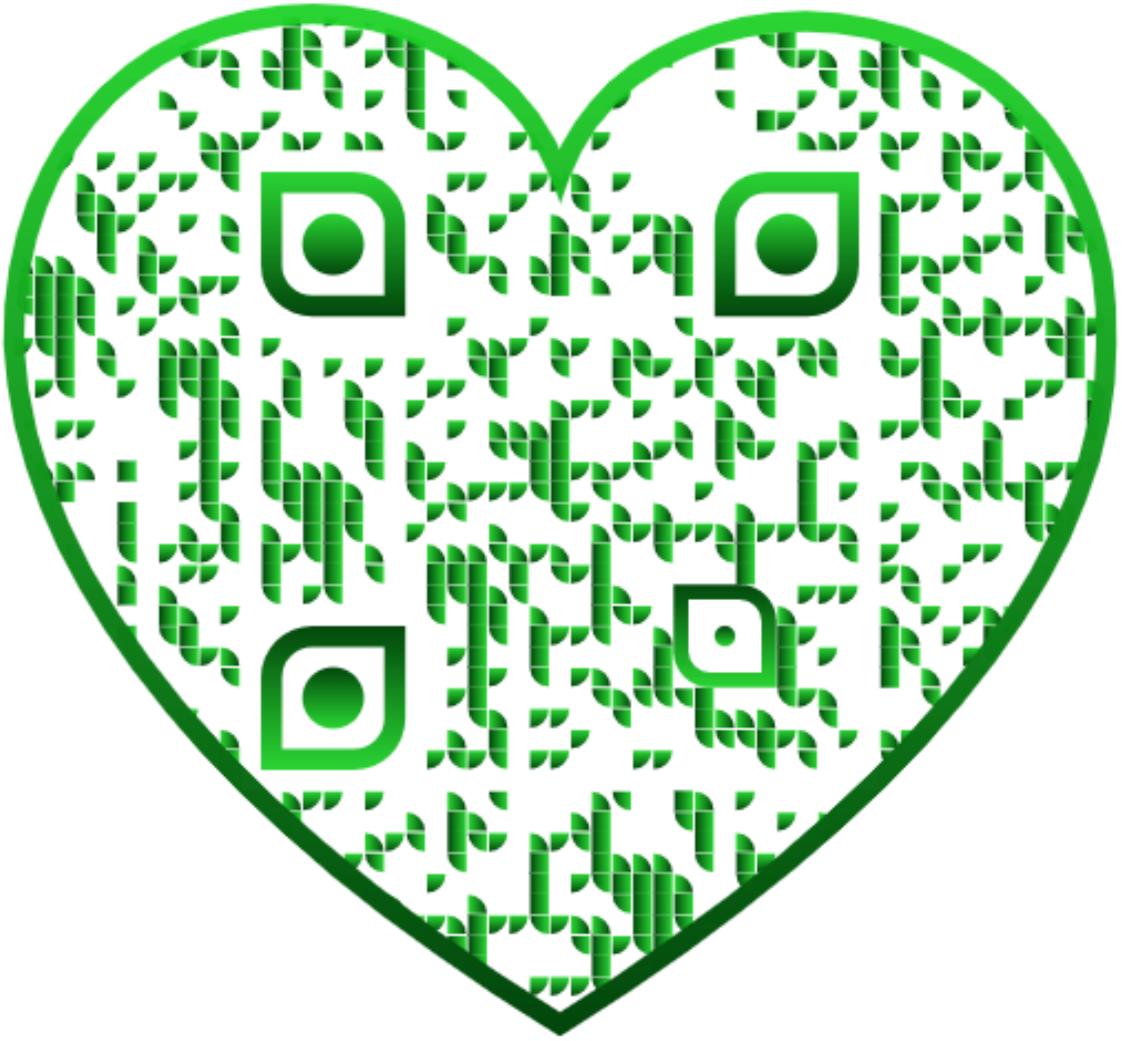
# COMBO

## GEORGE R.R. MARTIN

## AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO

livros 1 ao 5

LeYa



O INVERNO ESTÁ CHEGANDO...
GEORGE R.R.
MARTIN
A GUERRA DOS TRONOS
AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO
LIVRO UM
LeYa

# Ficha Técnica

Copyright © George R. R. Martin
Todos os direitos reservados.
Versão brasileira © 2010, Texto Editores Ltda.
Título original: *A Game of Thrones*

Diretor editorial: Pascoal Soto
Editora: Mariana Rolier
Produção editorial: Suria Scapin

Preparação de texto: Márcia Duarte
Revisão: Bel Ribeiro e André Albert
Diagramação: Ricardo Nakamiti
Adaptação de capa: Osmane Garcia Filho
Ilustração da capa: Marc Simonetti © Éditions J'ailu

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP-Brasil)
Ficha catalográfica elaborada por Oficina Miríade, RJ, Brasil.

M381 Martin, George R. R., 1948-
A guerra dos tronos / George R. R. Martin ; tradução: Jorge Candeias. − São Paulo : Leya, 2010.
592 p. : il. – (As crônicas de gelo e fogo ; 1)
Tradução de: A game of thrones.
ISBN 9788580442786
1. Literatura americana. 2. Ficção fantástica americana I. Título. II. Série
10-0030 CDD-813

2010
Todos os direitos desta edição reservados à
TEXTO EDITORES LTDA.
[Uma editora do grupo Leya]
Av. Angélica, 2163 − conj. 175/178
01227-200 − Santa Cecília − São Paulo − SP
www.leya.com

O NORTE
A COSTA GELADA
BAÍA DE GELO
Ilha dos Ursos
Floresta Assombrada
A MURALHA
Torre Sombria
Castelo Negro
Atalaia leste do Mar
Skane
BAÍA DAS FOCAS
Lago Longo
Colinas Solitárias
Rio Último
Karhold
Forte do Pavor
N
Matadelobos
Winterfell
Águas Chorosas
Praça de Torrhen
Estrada do Rei
Faca Branca
Ramo Partido
TERRAS ACIDENTADAS
Vila Acidentada
Aride
Porto Branco
Atalaia da Viúva
Fosso Cailin
Castelovelho
O GARGALO
DENTADA
Vilirmãs
Atalaia da Água Cinzenta
Três Irmãs
Os Dedos
As Gémeas
Pretamare
Ilhas de Ferro
Montrasgo
Guardamar
Ramo Verde
Ninho de Águia
VALE DE ARRYN
Ramo Azul
Passo Sangrento
Salésia
Pyke
Mapa por James Sinclair
Correrrio
Ramo Vermelho

# Prólogo

—Deveríamos regressar – insistiu Gared quando os bosques começaram a escurecer ao redor do grupo. – Os selvagens estão mortos.

– Os mortos o assustam? – perguntou Sor Waymar Royce com não mais do que uma sugestão de sorriso no rosto.

Gared não mordeu a isca. Era um homem velho, com mais de cinquenta anos, e vira os nobres chegarem e partirem.

– Um morto é um morto – respondeu. – Nada temos a tratar com os mortos.

– Mas estão mortos? – perguntou Royce com suavidade. – Que prova temos disso?

– Will os viu – disse Gared. – Se ele diz que estão mortos, é prova suficiente para mim.

Will já sabia que o arrastariam para a discussão mais cedo ou mais tarde. Desejou que tivesse sido mais tarde.

– Minha mãe me disse que os mortos não cantam – contou Will.

– Minha ama de leite disse a mesma coisa, Will – respondeu Royce. – Nunca acredite em nada do que ouvir junto ao peito de uma mulher. Há coisas a aprender mesmo com os mortos – sua voz criou ecos, alta demais na penumbra da floresta.

– Temos uma longa cavalgada pela frente – salientou Gared. – Oito dias, talvez nove. E a noite está para cair.

Sor Waymar Royce olhou para o céu de relance, com desinteresse.

– Isso acontece todos os dias a esta hora. Você perde a virilidade no escuro, Gared?

Will via a boca de Gared comprimida, a ira só a custo reprimida nos olhos que espreitavam sob o espesso capuz negro de seu manto. Ele passara quarenta anos na Patrulha da Noite, desde que era jovem até se tornar um homem, e não estava acostumado a ser desvalorizado. Mas era mais do que isso. Will conseguia detectar no homem mais velho algo

mais sob o orgulho ferido. Era possível sentir-lhe o gosto: uma tensão nervosa que se aproximava perigosamente do medo.

Will partilhava o desconforto do outro homem. Estava havia quatro anos na Muralha. Quando fora enviado para lá, todas as velhas histórias ressurgiram em sua mente, e suas entranhas tinham virado água. Era agora um veterano de cem patrulhas, e a sombria e infinita terra selvagem a que os homens do sul chamavam de floresta assombrada já não o aterrorizava.

Até aquela noite. Algo parecia diferente então. Havia naquela escuridão algo ameaçador que fazia os pelos de sua nuca eriçarem. Cavalgavam havia nove dias, para norte e noroeste, e depois de novo para norte, cada vez para mais distante da Muralha, seguindo sem desvios a trilha de um bando de salteadores selvagens. Cada dia fora pior que o anterior. Aquele tinha sido o pior de todos. Um vento frio soprava do norte e fazia as árvores sussurrarem como coisas vivas. Durante todo o dia, Will tivera a sensação de que alguma coisa o observava, algo frio e implacável que não gostava dele. Gared também sentira. Will desejava com toda a sua força cavalgar rapidamente de volta à segurança da Muralha, mas este não era um sentimento que poderia partilhar com um comandante.

Especialmente um comandante como aquele.

Sor Waymar Royce era o filho mais novo de uma Casa antiga com herdeiros demais. Era um jovem atraente de dezoito anos, olhos cinzentos, elegante e esbelto como uma faca. Montado em seu enorme corcel de batalha negro, o cavaleiro elevava-se bem acima de Will e Gared, montados em seus garranos de menores dimensões. Trajava botas negras de couro, calças negras de lã, luvas negras de pele de toupeira e uma cintilante cota de malha negra e flexível por cima de várias camadas de lã negra e couro fervido. Sor Waymar era um Irmão Juramentado da Patrulha da Noite havia menos de meio ano, mas ninguém poderia dizer que não se preparara para a sua vocação. Pelo menos no que dizia respeito ao guarda-roupa.

O manto constituía a consumação de sua glória: zibelina, espessa e negra, suave como pele. “Aposto que foi ele mesmo quem as matou todas, ah, com certeza”, dissera Gared na caserna, entre os vapores do

vinho, “torceu-lhes as cabecinhas e arrancou-as, o nosso poderoso guerreiro.” A gargalhada fora partilhada por todos.

“É difícil aceitar ordens de um homem de quem zombamos de copo na mão”, refletiu Will, sentado, tremendo, sobre o dorso do garrano. Gared devia sentir o mesmo.

– Mormont nos disse para os encontrarmos, e encontramos – disse Gared. – Estão mortos. Não voltarão a nos causar problemas. Temos uma dura cavalgada pela frente. Não gosto desse tempo. Se nevar, poderemos levar uma quinzena para regressar, e a neve é o melhor que podemos esperar. Alguma vez viu uma tempestade de gelo, senhor?

O nobre pareceu não ouvi-lo. Estudava o crepúsculo, o que acentuava aquele seu modo meio aborrecido e meio distraído. Will já cavalgava com o cavaleiro havia tempo suficiente para compreender que era melhor não o interromper quando tinha aquela expressão.

– Diga-me de novo o que viu, Will. Todos os detalhes. Não deixe nada de fora.

Will fora um caçador antes de se juntar à Patrulha da Noite. Bem, na verdade fora um caçador furtivo. Os cavaleiros livres de Mallister tinham-no apanhado com a boca na botija nos bosques do próprio Mallister, esfolando um de seus gamos, e pudera apenas escolher entre vestir-se de negro e perder uma mão. Ninguém conseguia se mover pela floresta tão silenciosamente como Will, e os irmãos negros não tinham demorado muito tempo para descobrir seu talento.

– O acampamento fica duas milhas mais à frente, para lá daquela cumeada, ao lado de um córrego – disse Will. – Cheguei o mais perto que me atrevi. Eles são oito, com homens e mulheres. Não vi crianças. Ergueram um abrigo contra a rocha. A neve já o cobriu bem, mesmo assim consegui descortiná-lo. Não vi nenhum fogo ardendo, mas a cova da fogueira ainda estava clara como o dia. Ninguém se movia. Observei durante muito tempo. Nunca um homem vivo ficou tão quieto.

– Viu algum sangue?

– Bem, não – admitiu Will.

– Viu armas?

– Algumas espadas, uns tantos arcos. Um homem tinha um machado. Parecia ser pesado, com duas lâminas, um cruel bocado de ferro. Estava no chão a seu lado, junto à sua mão.

– Prestou atenção à posição dos corpos?

Will encolheu os ombros.

– Um par deles está sentado junto ao rochedo. A maioria está no chão. Parecem caídos.

– Ou adormecidos – sugeriu Royce.

– Caídos – insistiu Will. – Há uma mulher numa árvore de pau-ferro, meio escondida entre os galhos. Uma olhos-longos – ele abriu um tênue sorriso. – Assegurei-me de que não conseguiria me ver. Quando me aproximei, notei que ela também não se movia – e sacudiu-se por um estremecimento involuntário.

– Está com frio? – perguntou Royce.

– Um pouco – murmurou Will. – É o vento, senhor.

O jovem cavaleiro virou-se para seu grisalho homem de armas. Folhas pesadas de geada suspiravam ao passar por eles, e o corcel de batalha movia-se de forma inquieta.

– Que lhe parece que possa ter matado aqueles homens, Gared? – perguntou Sor Waymar com ar casual, arrumando o longo manto de zibelina.

– Foi o frio – disse Gared com uma certeza férrea. – Vi homens congelar no inverno passado e no outro antes desse, quando eu era pequeno. Toda a gente fala de neve com doze metros de profundidade, e do modo como o vento de gelo chega do norte uivando, mas o verdadeiro inimigo é o frio. Aproxima-se em silêncio, mais furtivo do que o Will. A princípio, estremece-se e os dentes batem, e bate-se com os pés no chão e sonha-se com vinho aquecido e boas e quentes fogueiras. Ele queima, ah, como queima. Nada queima como o frio. Mas só durante algum tempo. Então penetra no corpo e começa a enchê-lo, e passado algum tempo já não se tem força suficiente para combatê-lo. É mais fácil limitarmo-nos a nos sentar ou a adormecer. Dizem que não se sente dor alguma perto do fim. Primeiro, fica-se fraco e sonolento, e tudo começa a se desvanecer, e depois é como afundar pacificamente num mar de leite morno.

– Quanta eloquência, Gared – observou Sor Waymar. – Nunca suspeitei que a tivesse dentro de si.

– Também tive o frio dentro de mim, senhor – Gared puxou para trás o capuz, oferecendo a Sor Waymar um longo vislumbre dos cotos onde as orelhas tinham estado. – Duas orelhas, três dedos dos pés e o mindinho

da mão esquerda. Tive sorte. Encontramos meu irmão congelado no seu posto de vigia, com um sorriso no rosto.

Sor Waymar encolheu os ombros.

– Deveria vestir roupas mais quentes, Gared.

Gared lançou ao nobre um olhar feroz, e as cicatrizes em redor de suas orelhas ficaram vermelhas de fúria nos locais onde Meistre Aemon as cortara.

– Veremos quão quente poderá se vestir quando chegar o inverno – puxou o capuz para cima e arqueou as costas sobre o garrano, silencioso e carrancudo.

– Se Gared diz que foi o frio… – começou Will.

– Você fez alguma vigia nesta última semana, Will?

– Sim, senhor – nunca havia uma semana em que ele não fizesse uma maldita dúzia de vigias. Aonde o homem queria chegar?

– E em que estado encontrou a Muralha?

– Úmida – Will respondeu, franzindo a sobrancelha. Agora que o nobre o fizera notar, via os fatos com clareza. – Eles não podem ter congelado. Se a Muralha está úmida, não podem. O frio não é suficiente.

Royce assentiu.

– Rapaz esperto. Tivemos alguns frios passageiros na semana passada, e uma rápida nevasca de vez em quando, mas com certeza não houve nenhum frio suficientemente forte para matar oito homens adultos. Homens vestidos de peles e couro, relembro, com um abrigo ali à mão e meios para fazer fogo – o sorriso do cavaleiro transbordava confiança. – Will, leve-nos lá. Quero ver esses mortos com meus próprios olhos.

E a partir desse momento nada mais havia a fazer. A ordem fora dada, e a honra os obrigava a obedecer.

Will seguiu à frente, com o pequeno garrano felpudo escolhendo com cuidado o caminho por entre a vegetação rasteira. Uma neve ligeira caíra na noite anterior, e havia pedras, raízes e buracos escondidos por baixo de sua crosta, à espreita dos descuidados e dos imprudentes. Sor Waymar Royce vinha logo atrás, com o grande corcel negro de batalha resfolegando de impaciência. Aquele cavalo era a montaria errada para uma patrulha, mas tentem dizer isso ao nobre. Gared fechava a retaguarda. O velho soldado resmungava para si mesmo enquanto avançava.

O crepúsculo aprofundava-se. O céu sem nuvens tomou um profundo tom de púrpura, a cor de uma velha mancha escura, e depois se dissolveu em negro. As estrelas começaram a surgir. Uma meia-lua se ergueu. Will estava grato pela luz.

– Certamente podemos avançar mais depressa do que isto – disse Royce depois de a lua se erguer por completo.

– Com este cavalo, não – respondeu Will. O medo tornara-o insolente. – Talvez meu senhor deseje tomar a dianteira?

Sor Waymar Royce não se dignou a responder.

Em algum lugar nos bosques, um lobo uivou.

Will levou o garrano para baixo de uma velha e nodosa árvore de pau-ferro e desmontou.

– Por que parou? – perguntou Sor Waymar.

– É melhor ir o resto do caminho a pé, senhor. O lugar é logo depois daquela colina.

Royce fez uma pausa momentânea, de olhos presos na distância e com o rosto pensativo. Um vento frio sussurrou por entre as árvores. O grande manto de zibelina agitou-se nas costas como uma coisa semiviva.

– Há alguma coisa errada aqui – murmurou Gared.

O jovem cavaleiro lhe sorriu desdenhosamente.

– É mesmo?

– Não sentiu? – perguntou Gared. – Escute a escuridão.

Will sentia. Em quatro anos na Patrulha da Noite, nunca sentira tanto medo. O que era aquilo?

– Vento. Ruído de árvores. Um lobo. Que som te apavora tanto, Gared? – como este não respondeu, Royce deslizou graciosamente da sela. Atou com segurança o corcel de batalha a um galho baixo, bem afastado dos outros cavalos, e desembainhou a espada. Joias cintilaram no punho e o luar percorreu o aço brilhante. Era uma arma magnífica, forjada num castelo e, segundo aparentava, novinha em folha. Will duvidava que alguma vez tivesse sido brandida em fúria.

– O arvoredo é espesso por aqui – preveniu Will. – Essa espada o atrapalhará, senhor. Uma faca é melhor.

– Se precisar de instruções, eu as pedirei – disse o jovem senhor. – Gared, fique aqui. Guarde os cavalos.

Gared desmontou.

– Precisamos de uma fogueira. Cuidarei disso.

– Quanta tolice tem nessa cabeça, velhote? Se houver inimigos nesta floresta, uma fogueira é a última coisa que queremos.

– Há alguns inimigos que uma fogueira manterá afastados – disse Gared. – Ursos, lobos gigantes e… e outras coisas…

A boca de Sor Waymar transformou-se numa linha dura.

– Não haverá fogo.

O capuz de Gared engolia-lhe o rosto, mas Will conseguia ver a cintilação dura nos olhos que se fixavam no cavaleiro. Por um momento, temeu que o homem mais velho puxasse a espada. Era uma coisa curta e feia, com o punho desbotado pelo suor e o gume denteado pelo uso frequente, mas Will não daria um pendão de ferro pela vida do nobre se Gared a desembainhasse.

Por fim, Gared olhou para baixo.

– Não haverá fogo – murmurou de forma quase inaudível.

Royce tomou aquilo como aquiescência e virou-se.

– Indique o caminho – disse a Will.

Will teceu uma trilha através de um matagal, depois subiu o declive da colina baixa onde encontrara seu ponto de vigia, por baixo de uma árvore sentinela. Sob a fina crosta de neve, o solo estava úmido e lamacento, escorregadio, com rochas e raízes escondidas, prontas para provocar tropeços.

Will não fez nenhum som enquanto subia. Atrás de si ouvia o suave roçar metálico da cota de malha do nobre, o restolhar de folhas e pragas murmuradas quando galhos se prendiam à espada e puxavam o magnífico manto de zibelina do outro homem.

A grande árvore estava mesmo no topo da colina onde Will sabia que estaria, com os galhos inferiores não mais que trinta centímetros acima do solo. Will deslizou por baixo, com a barriga apoiada na neve e na lama, e olhou a clareira vazia mais abaixo.

O coração parou em seu peito. Por um momento, não se atreveu a respirar. O luar brilhava acima da clareira, sobre as cinzas no buraco da fogueira, sobre o abrigo coberto de neve, sobre o grande rochedo e sobre o pequeno riacho meio congelado. Tudo estava como estivera algumas horas antes.

Eles não estavam lá. Todos os corpos tinham desaparecido.

– Deuses! – ouviu alguém dizer atrás de si. Uma espada golpeou um galho quando Sor Waymar Royce atingiu o topo da colina. Ficou em pé ao lado da árvore, de espada na mão, com o manto a ondular nas costas, soprado pelo vento que se levantava, nobremente delineado contra as estrelas para que todos o vissem.

– *Abaixe-se!* – sussurrou Will com urgência. – Há algo de errado.

Royce não se moveu. Olhou para a clareira vazia e deu risada.

– Parece que seus mortos levantaram acampamento, Will.

A voz de Will o abandonou. Procurou palavras que não vieram. Não era possível. Seus olhos percorreram toda a extensão do acampamento abandonado e pararam no machado. Um enorme machado de batalha de duas lâminas, ainda caído onde o vira pela última vez, intocado. Uma arma valiosa…

– De pé, Will – ordenou Sor Waymar. – Não há ninguém aqui. Não quero vê-lo escondido por baixo de um arbusto.

Relutante, Will obedeceu.

Sor Waymar olhou-o com aberta desaprovação:

– Não vou regressar a Castelo Negro com um fracasso em minha primeira patrulha. *Vamos* encontrar aqueles homens – olhou de relance em volta. – Suba na árvore. Seja rápido. Procure uma fogueira.

Will virou-se, sem palavras. Não valia a pena discutir. O vento movia-se. Trespassava-o. Dirigiu-se para a árvore, uma sentinela abobadada cinza-esverdeada, e começou a subir. Em pouco tempo tinha as mãos pegajosas de seiva e estava perdido entre as agulhas. O medo enchia-lhe o estômago como uma refeição que não conseguia digerir. Murmurou uma prece aos deuses sem nome da floresta e libertou o punhal da bainha. Colocou-o entre os dentes para manter as mãos livres para a escalada. O sabor do ferro frio na boca o confortou.

Embaixo, o nobre bruscamente gritou:

– Quem vem lá?

Will ouviu incerteza na pergunta. Parou de escalar; escutou; observou.

Os bosques responderam: um restolhar de folhas, o correr gelado do riacho, o pio distante de uma coruja das neves.

Os Outros não faziam som algum.

Will viu movimento com o canto do olho. Sombras pálidas que deslizavam pela floresta. Virou a cabeça, viu de relance uma sombra

branca na escuridão. Logo depois ela desapareceu. Galhos agitaram-se gentilmente ao vento, coçando uns aos outros com dedos de madeira. Will abriu a boca para gritar um aviso, mas as palavras pareceram congelar na garganta. Talvez estivesse errado. Talvez tivesse sido apenas uma ave, um reflexo na neve, um truque qualquer do luar. Afinal, o que vira?

– Will, onde está? – chamou Sor Waymar. – Vê alguma coisa? – o homem descrevia um círculo lento, cauteloso, de espada na mão. Deve tê-los pressentido, tal como Will os pressentia. Nada havia para ver. – Responda! Por que está tão frio?

E *estava* frio. Tremendo, Will agarrou-se com mais força ao seu poleiro. Apertou o rosto com força contra o tronco da árvore. Sentia a seiva doce e pegajosa na bochecha.

Uma sombra emergiu da escuridão da floresta. Parou na frente de Royce. Era alta, descarnada e dura como ossos velhos, com uma carne pálida como leite. Sua armadura parecia mudar de cor quando se movia; aqui era tão branca como neve recém-caída, ali, negra como uma sombra, por todo o lado salpicada com o escuro cinza-esverdeado das árvores. Os padrões corriam como o luar na água a cada passo que dava.

Will ouviu a exalação sair de Sor Waymar Royce num longo silvo.

– Não avance mais – preveniu o nobre. A voz estava esganiçada como a de um rapaz. Atirou o longo manto de zibelina para trás, por sobre os ombros, a fim de libertar os braços para a batalha, e pegou na espada com ambas as mãos. O vento parara. Estava muito frio.

O Outro deslizou para a frente sobre pés silenciosos. Na mão, trazia uma espada diferente de tudo que Will tivesse visto. Nenhum metal humano tinha entrado na forja daquela lâmina. Estava viva de luar, translúcida, um fragmento de cristal tão fino que parecia quase desaparecer quando visto de frente. Havia naquela coisa uma tênue cintilação azul, uma luz fantasmagórica que brincava com os seus limites, e de algum modo Will soube que era mais afiada do que qualquer navalha.

Sor Waymar enfrentou o inimigo com bravura.

– Neste caso, dance comigo.

Ergueu a espada bem alto, acima da cabeça, desafiador. As mãos tremiam com o peso da arma, ou talvez devido ao frio. Mas naquele

momento, pensou Will, Sor Waymar já não era um rapaz, e sim um homem da Patrulha da Noite. O Outro parou. Will viu seus olhos, azuis, mais profundos e mais azuis do que quaisquer olhos humanos, de um azul que queimava como gelo. Will fixou-se na espada que estremecia, erguida, e observou o luar que corria, frio, ao longo do metal. Durante um segundo, atreveu-se a ter esperança.

Emergiram em silêncio, das sombras, gêmeos do primeiro. Três… quatro… cinco… Sor Waymar talvez tivesse sentido o frio que vinha com eles, mas não chegou a vê-los, não chegou a ouvi-los. Will tinha de chamá-lo. Era seu dever. E sua morte, se o fizesse. Estremeceu, abraçou a árvore e manteve o silêncio.

A espada clara veio pelo ar, tremendo.

Sor Waymar parou-a com o aço. Quando as lâminas se encontraram, não se ouviu nenhum ressoar de metal com metal, apenas um som agudo e fino, quase inaudível, como um animal a guinchar de dor. Royce deteve um segundo golpe, e um terceiro, e depois recuou um passo. Outra chuva de golpes, e recuou outra vez.

Atrás dele, para a direita, para a esquerda, à sua volta, os observadores mantinham-se em pé, pacientes, sem rosto, silenciosos, com os padrões mutáveis de suas delicadas armaduras a torná-los quase invisíveis na floresta. Mas não faziam um gesto para intervir.

Uma vez e outra, as espadas encontraram-se, até Will querer tapar os ouvidos, protegendo-os do estranho e angustiado lamento de seus choques. Sor Waymar já arquejava por causa do esforço, e a respiração criava nuvens ao luar. Sua lâmina estava branca de gelo; a do Outro dançava com uma pálida luz azul.

Então, o golpe de Royce chegou um pouco tarde demais. A espada cristalina trespassou a cota de malha por baixo de seu braço. O jovem senhor gritou de dor. Sangue surgiu por entre os aros, jorrando no ar frio, e as gotas pareciam vermelhas como fogo onde tocavam a neve. Os dedos de Sor Waymar tocaram o flanco. Sua luva de pele de toupeira veio empapada de vermelho.

O Outro disse qualquer coisa numa língua que Will não conhecia; sua voz era como o quebrar do gelo num lago de inverno, e as palavras, escarnecedoras.

Sor Waymar Royce encontrou sua fúria.

– Por Robert! – gritou, e atacou, rosnando, erguendo com ambas as mãos a espada coberta de gelo e brandindo-a num golpe lateral paralelo ao chão, carregado com todo o seu peso. O golpe do Outro foi quase displicente.

Quando as lâminas se tocaram, o aço despedaçou-se.

Um grito ecoou pela noite da floresta, e a espada quebrou-se numa centena de pedaços, espalhando os estilhaços como uma chuva de agulhas. Royce caiu de joelhos, guinchando, e cobriu os olhos. Sangue jorrou-lhe por entre os dedos.

Os observadores aproximaram-se uns dos outros, como que em resposta a um sinal. Espadas ergueram-se e caíram, tudo num silêncio mortal.

Era um assassinato frio. As lâminas pálidas atravessaram a cota de malha como se fosse seda. Will fechou os olhos. Muito abaixo, ouviu as vozes e os risos, aguçados como pingentes.

Quando reuniu coragem para voltar a olhar, um longo tempo se passara, e a colina lá embaixo estava vazia.

Ficou na árvore, quase sem se atrever a respirar, enquanto a lua foi rastejando lentamente pelo céu negro. Por fim, com os músculos cheios de cãibras e os dedos dormentes de frio, desceu.

O corpo de Royce jazia de barriga para baixo na neve, com um braço aberto. O espesso manto de zibelina tinha sido cortado numa dúzia de lugares. Jazendo assim morto, via-se como era novo. Um rapaz.

Will encontrou o que restava da espada a alguns pés de distância, com a extremidade estilhaçada e retorcida, como uma árvore atingida por um relâmpago. Ajoelhou-se, olhou em volta com cautela e a apanhou. A espada quebrada seria sua prova. Gared saberia compreendê-la, e, se não soubesse, então haveria o velho urso do Mormont ou o Meistre Aemon. Estaria Gared ainda à espera com os cavalos? Tinha de se apressar.

Will endireitou-se. Sor Waymar Royce erguia-se sobre ele.

Suas belas roupas eram farrapos, o rosto, uma ruína. Um estilhaço da espada trespassara a agora branca e cega pupila do olho esquerdo.

O olho direito estava aberto. A pupila queimava, azul. Via.

A espada quebrada caiu de dedos despidos de força. Will fechou os olhos para rezar. Mãos longas e elegantes roçaram em sua bochecha e depois se fecharam em volta de sua garganta. Estavam enluvadas na mais

fina pele de toupeira e pegajosas de sangue, mas seu toque era frio como gelo.

# Bran

Amanhã chegara límpida e fria, com uma aspereza que sugeria o fim do verão. Partiram ao nascer do dia para assistir à decapitação de um homem, vinte ao todo, e Bran cavalgava com os outros, nervoso e excitado. Fora a primeira vez que se considerara que ele tinha idade suficiente para ir com o senhor seu pai e os irmãos ver fazer-se a justiça do rei. Era o nono ano de verão, e o sétimo da vida de Bran.

O homem tinha sido capturado no exterior de um pequeno povoado nos montes. Robb pensava que se tratava de um selvagem, com a espada a serviço de Mance Rayder, o Rei-para-lá-da-Muralha. Pensar nisso fazia a pele de Bran formigar. Lembrava-se das histórias que a Velha Ama lhes contava à lareira. Os selvagens eram homens cruéis, dizia, escravagistas, assassinos e ladrões. Faziam amizade com gigantes e vampiros, raptavam meninas na calada da noite e bebiam sangue em cornos polidos. E suas mulheres deitavam-se com os Outros durante a Longa Noite e geravam terríveis crianças meio humanas.

Mas o homem que encontraram amarrado pelos pés e mãos ao muro do povoado, à espera da justiça real, era velho e descarnado, não muito mais alto do que Robb. Perdera ambas as orelhas e um dedo, queimados pelo frio, e vestia-se todo de negro como um irmão da Patrulha da Noite, não estivessem as peles esfarrapadas e besuntadas de gordura.

As respirações de homens e cavalos misturavam-se em nuvens de vapor no ar frio da manhã quando o senhor seu pai ordenou que cortassem as cordas que prendiam o homem ao muro e o arrastassem até junto do grupo. Robb e Jon sentavam-se, altos e imóveis sobre os cavalos, com Bran entre eles, em seu pônei, tentando parecer ter mais do que os seus sete anos, e fingindo que já assistira a tudo aquilo. Um vento tênue soprava através do portão do povoado. Sobre suas cabeças agitava-se o estandarte dos Stark de Winterfell: um lobo gigante cinzento correndo por um campo branco de gelo.

O pai de Bran sentava-se solenemente sobre o cavalo, com longos cabelos castanhos a ondular ao vento. A barba bem aparada estava salpicada de branco, fazendo-o parecer mais velho do que os seus trinta e cinco anos. Hoje tinha uma sombra severa sobre os olhos cinzentos, e parecia bem diferente do homem que se sentava em frente ao fogo, à noite, e falava suavemente da era dos heróis e das crianças da floresta. Tirara a expressão de pai, pensou Bran, e colocara a de Lorde Stark de Winterfell.

Questões foram colocadas e respostas foram dadas ali, no frio da manhã, mas, mais tarde, Bran não recordaria muito do que fora dito. Por fim, o senhor seu pai deu uma ordem, e dois de seus guardas arrastaram o homem esfarrapado até o toco de pau-ferro no centro da praça. Empurraram-lhe a cabeça à força contra a madeira dura e negra. Lorde Eddard Stark desmontou, e seu protegido, Theon Greyjoy, apresentou-lhe a espada. Chamavam Gelo àquela espada. Era larga como a mão de um homem e mais alta do que Robb. A lâmina era de aço valiriano, forjado com feitiços e escuro como fumo. Nada mantinha o fio como o aço valiriano.

O pai de Bran descalçou as luvas e as entregou a Jory Cassel, o capitão da guarda de sua casa. Pegou Gelo com ambas as mãos e disse:

– Em nome de Robert da Casa Baratheon, o Primeiro do seu Nome, rei dos Ândalos e dos Roinares e dos Primeiros Homens, Senhor dos Sete Reinos e Protetor do Domínio, pela voz de Eddard da Casa Stark, Senhor de Winterfell e Guardião do Norte, condeno-o à morte – e ergueu a espada bem alto sobre a cabeça.

O irmão bastardo de Bran, Jon Snow, aproximou-se.

– Mantenha rédea curta sobre o pônei – sussurrou. – E não afaste os olhos. O pai saberá se assim fizer.

Bran manteve rédea curta sobre o pônei e não afastou os olhos.

Seu pai cortou a cabeça do homem com um único golpe, dado com segurança. O sangue borrifou a neve, tão vermelho como vinho de verão.

Um dos cavalos empinou-se e teve de ser segurado para que não fugisse. Bran não conseguia tirar os olhos do sangue. A neve que rodeava o poste bebia-o com sofreguidão, ficando cada vez mais vermelha enquanto ele observava.

A cabeça bateu numa raiz grossa e rolou. Parou perto dos pés de Greyjoy. Theon era um jovem esguio e escuro de dezenove anos que achava tudo divertido. Soltou uma gargalhada, pôs a bota sobre a cabeça e deu-lhe um pontapé.

– Cretino – resmungou Jon, suficientemente baixo para que Greyjoy não ouvisse. Pôs uma mão no ombro de Bran, que olhava o irmão bastardo. – Esteve bem – disse-lhe Jon solenemente. Jon tinha catorze anos, já era experiente na justiça.

O tempo parecia mais frio durante a longa viagem de regresso a Winterfell, embora o vento tivesse enfraquecido e o sol estivesse mais alto no céu. Bran cavalgava junto aos irmãos, bem adiantados em relação ao resto dos cavaleiros, com o pônei esforçando-se ao máximo para acompanhar o ritmo dos outros cavalos.

– O desertor morreu com bravura – disse Robb. Era grande e largo e crescia dia a dia, com as cores da mãe, a pele clara, os cabelos vermelho-acastanhados e os olhos azuis dos Tully de Correrrio. – Tinha coragem, pelo menos.

– Não – disse Jon Snow calmamente. – Não era coragem. O homem estava morto de medo. Podia-se ver em seus olhos, Stark – os de Jon eram de um cinza tão escuro que pareciam quase negros, mas pouco havia que não vissem. Tinha a mesma idade que Robb, mas os dois não eram parecidos. Jon era esguio e escuro, enquanto Robb era musculoso e claro; este era gracioso e ligeiro; seu meio-irmão, forte e rápido.

Robb não estava impressionado.

– Que os Outros levem seus olhos – praguejou. – Ele morreu bem. Fazemos uma corrida até a ponte?

– Fazemos – disse Jon, impulsionando o cavalo em frente. Robb praguejou e seguiu-o, e galoparam trilha afora, com Robb aos gritos e assobios, e Jon silencioso e concentrado. Os cascos dos cavalos levantavam nuvens de neve por onde passavam.

Bran não tentou segui-los. Seu pônei não poderia acompanhá-los.

Vira os olhos do homem esfarrapado, e agora pensava neles. Após algum tempo, o som das gargalhadas de Robb atenuou-se e os bosques ficaram silenciosos novamente.

Estava tão perdido em seus pensamentos que não ouviu o resto do grupo, até que seu pai colocou o cavalo a par com sua montaria.

– Está bem, Bran? – perguntou, não sem simpatia.

– Sim, pai – disse Bran. Olhou para cima. Envolto em peles e couros, montado no grande cavalo de guerra, o senhor seu pai pairava acima de si como um gigante. – Robb diz que o homem morreu bravamente, mas Jon disse que ele tinha medo.

– E o que você acha? – perguntou-lhe o pai.

Bran refletiu sobre o assunto.

– Pode um homem continuar a ser valente se tiver medo?

– Esta é a única maneira de um homem ser valente – seu pai respondeu. – Compreende por que o fiz?

– Ele era um selvagem – disse Bran. – Eles roubam mulheres e vendem-nas aos Outros.

Seu pai sorriu.

– A Velha Ama tem andado outra vez a lhe contar histórias. Na verdade, o homem era um insurreto, um desertor da Patrulha da Noite. Ninguém pode ser mais perigoso. O desertor sabe que sua vida está perdida se for capturado, e por isso não vacilará perante nenhum crime, por mais vil que seja. Mas você não me compreendeu bem. A pergunta não era sobre o motivo por que o homem tinha de morrer, mas sim por que *eu* tive de fazê-lo.

Bran não tinha resposta para aquilo.

– O rei Robert tem um carrasco – respondeu, em tom incerto.

– Tem – admitiu o pai. – E os reis Targaryen também tiveram antes dele. Mas o nosso costume é o mais antigo. O sangue dos Primeiros Homens ainda corre nas veias dos Stark, e mantemos a crença de que o homem que dita a sentença deve manejar a espada. Se tirar a vida de um homem, deve olhá-lo nos olhos e ouvir suas últimas palavras. E se não conseguir suportar fazê-lo, então talvez o homem não mereça morrer. Um dia, Bran, será vassalo de Robb, mantendo um domínio seu para o seu irmão e o seu rei, e a justiça caberá a você. Quando esse dia chegar, não deve ter nenhum prazer na tarefa, mas tampouco deverá desviar os olhos. Um governante que se esconde atrás de executores pagos logo se esquece do que é a morte.

Foi então que Jon reapareceu sobre o cume da colina à frente do grupo. Acenou e gritou-lhes:

– Pai, Bran, venham depressa ver o que Robb encontrou! – e depois desapareceu novamente.

Jory pôs-se ao lado de Bran e do pai.

– Problemas, senhor?

– Sem nenhuma dúvida – disse o senhor seu pai. – Vamos, vamos ver que velhacaria desenterraram agora os meus filhos – pôs o cavalo a trote. Jory, Bran e o resto do grupo seguiram-no.

Encontraram Robb na margem do rio, ao norte da ponte, com Jon ainda montado ao seu lado. As neves do fim do verão tinham sido pesadas naquela volta da lua. Robb estava enterrado em branco até os joelhos, com o capuz atirado para trás, e o sol brilhava em seus cabelos. Aconchegava alguma coisa no braço enquanto os rapazes conversavam em vozes excitadas, mas baixas.

Os cavaleiros escolheram o caminho com cuidado através dos detritos empilhados pelo rio, tateando em busca de apoio sólido no terreno escondido e irregular. Jory Cassel e Theon Greyjoy foram os primeiros a chegar perto dos rapazes. Greyjoy ria e gracejava enquanto se aproximava. Bran sentiu o fôlego sair-lhe do peito.

– *Deuses!* – exclamou, lutando para manter o controle do cavalo enquanto levava a mão à espada.

A espada de Jory já estava na mão.

– Robb, afaste-se disso! – gritou, enquanto o cavalo empinava entre suas pernas.

Robb sorriu e ergueu o olhar do volume que tinha nos braços.

– Ela não pode lhe fazer mal – disse. – Está morta, Jory.

Àquela altura, Bran já ardia de curiosidade. Teria esporeado o pônei para avançar mais depressa, mas o pai os fez desmontar junto à ponte e aproximar-se a pé. Bran saltou do animal e correu.

Também Jon, Jory e Theon Greyjoy já tinham desmontado.

– O que, pelos sete infernos, é isso? – perguntou Greyjoy.

– Uma loba – disse Robb.

– Uma aberração – disse Greyjoy. – Olha o *tamanho* da coisa.

O coração de Bran martelava-lhe no peito enquanto abria caminho através de uma pilha de detritos que lhe alcançava a cintura, até que chegou ao lado do irmão.

Meio enterrada na neve manchada de sangue, uma forma enorme atolava-se na morte. Em sua desgrenhada pelagem cinzenta formara-se gelo, e um tênue cheiro de putrefação impregnava-a como perfume de mulher. Bran viu de relance os olhos cegos repletos de vermes, uma grande boca cheia de dentes amarelados. Mas foi o tamanho da coisa que o fez ficar de boca aberta. Era maior que seu pônei, com o dobro do tamanho do maior cão de caça do canil de seu pai.

– Não é aberração nenhuma – disse Jon calmamente. – Isso é uma loba gigante. Esses animais crescem mais do que os da outra espécie.

Theon Greyjoy disse:

– Não é visto nenhum lobo gigante ao sul da Muralha há duzentos anos.

– Vejo um agora – respondeu Jon.

Bran desviou os olhos do monstro. Foi então que reparou no fardo que estava nos braços de Robb. Soltou um grito de deleite e aproximou-se. O filhote era uma minúscula bola de pelo cinza-escuro, ainda com os olhos fechados. Batia cegamente com o focinho contra o peito de Robb, procurando leite nos couros que o cobriam, soltando um pequeno som lamentoso e triste. Bran estendeu uma mão hesitante.

– Vamos – disse-lhe Robb. – Pode tocá-lo.

Bran fez um afago rápido e nervoso no filhote e depois se virou quando Jon disse:

– Ora, veja aqui – seu meio-irmão pôs um segundo filhote em seus braços. – Há cinco ao todo – Bran sentou-se na neve e abraçou a cria de lobo, encostando-a ao rosto. O pelo do animal era macio e morno.

– Lobos gigantes à solta no reino depois de tantos anos – murmurou Hullen, o mestre dos cavalos. – Não me agrada.

– É um sinal – disse Jory.

O pai franziu a sobrancelha.

– Isto é só um animal morto, Jory – disse, apesar de parecer perturbado. A neve rangia sob seus pés enquanto passeava ao redor do corpo. – Sabemos o que a matou?

– Há alguma coisa na garganta – disse Robb, orgulhoso de ter encontrado a resposta mesmo antes de o pai ter perguntado. – Ali, por baixo da mandíbula.

O pai ajoelhou-se e tateou sob a cabeça do animal. Deu um puxão e ergueu a coisa para que todos a vissem. Trinta centímetros de um chifre estilhaçado de veado, com as pontas partidas, todo vermelho de sangue. Um silêncio súbito caiu sobre o grupo. Os homens olharam inquietos para o corno, mas ninguém se atreveu a falar. Mesmo Bran pressentia seu medo, embora não compreendesse.

O pai atirou o chifre para o lado e limpou as mãos na neve.

– Surpreende-me que ela tenha vivido tempo suficiente para parir – disse, e sua voz quebrou o encantamento.

– Talvez não tenha – disse Jory. – Ouvi histórias… talvez a loba já estivesse morta quando os filhotes chegaram.

– Nascidos com os mortos – interveio outro homem. – Pior sorte.

– Não importa – disse Hullen. – Não tarda e estarão mortos também.

Bran soltou um grito inarticulado de desalento.

– Quanto mais depressa, melhor – concordou Theon Greyjoy e puxou a espada. – Dê-me o animal, Bran.

A criaturinha enroscou-se nele, como se tivesse ouvido e compreendido.

– *Não!* – gritou Bran ferozmente. – É meu.

– Guarde a espada, Greyjoy – disse Robb, que por um momento soou tão autoritário quanto o pai, como o senhor que viria a ser um dia. – Vamos ficar com esses filhotes.

– Não pode fazer isso, rapaz – disse Harwin, que era filho de Hullen.

– Será misericordioso matá-los – disse Hullen.

Bran olhou o senhor seu pai em busca de salvação, mas só recebeu um franzir de sombrancelhas, uma testa cheia de sulcos.

– Hullen fala a verdade, filho. É melhor uma morte rápida do que uma lenta, de frio e fome.

– *Não!* – sentia que lágrimas lhe brotavam dos olhos e afastou-se. Não queria chorar na frente do pai.

Robb resistia com teimosia.

– A cadela vermelha de Sor Rodrik pariu de novo na semana passada – disse. – Foi uma ninhada pequena, só com dois cachorros vivos. Ela terá leite suficiente.

– Ela os despedaçará quando tentarem mamar.

– Lorde Stark – disse Jon. Era estranho ouvi-lo chamar o pai assim, de modo tão formal. Bran olhou-o com uma esperança desesperada. – Há cinco crias. Três machos e duas fêmeas.

– E então, Jon?

– O senhor tem cinco filhos legítimos – disse Jon. – Três filhos e duas filhas. O lobo gigante é o selo da vossa Casa. Os vossos filhos estão destinados a ficar com essa ninhada, senhor.

Bran viu o rosto do pai mudar e os outros homens trocarem olhares. Naquele momento, amou Jon de todo o coração. Mesmo com seus sete anos, Bran compreendeu o que o irmão fizera. A conta estava certa apenas porque Jon se omitira. Incluíra as moças e até Rickon, o bebê, mas não o bastardo que usava o apelido Snow, o nome que, pelo costume, devia ser dado a todos aqueles que, no Norte, eram suficientemente infelizes para não possuir um nome seu.

O pai também o compreendera.

– Não quer uma cria para você, Jon? – perguntou brandamente.

– O lobo gigante honra os estandartes da Casa Stark – Jon retrucou. – Eu não sou um Stark, pai.

O senhor seu pai o olhou, pensativo. Robb apressou-se a preencher o silêncio que ele deixara.

– Cuidarei eu próprio dele, pai – prometeu. – Embeberei uma toalha em leite morno e assim lhe darei de mamar.

– Eu também! – disse Bran num eco.

O senhor avaliou os filhos longa e cuidadosamente com os olhos.

– É fácil dizer, mas é difícil fazer. Não quero vê-los desperdiçando com isto o tempo dos criados. Se querem esses filhotes, vocês os alimentarão. Entendido?

Bran acenou com ardor. O animal se contorceu em seus braços e lambeu-lhe o rosto com uma língua morna.

– Devem treiná-los também – disse-lhes o pai. – *Devem* ensiná-los. O mestre do canil não vai querer lidar com esses monstros, garanto a vocês. E que os deuses os protejam se negligenciarem, maltratarem ou treinarem mal esses animais. Esses não são cães que peçam festas ou se esquivem a um pontapé. Um lobo gigante é capaz de arrancar o braço de um homem com tanta facilidade como um cão mata uma ratazana. Têm certeza de que querem isso?

– Sim, pai – disse Bran.

– Sim – concordou Robb.

– Os filhotes podem morrer de qualquer modo, apesar de tudo que fizerem.

– Eles não morrerão – disse Robb. – Não *deixaremos* que morram.

– Fiquem então com eles. Jory, Desmond, recolham os demais. É tempo de regressarmos a Winterfell.

Foi só depois de terem montado e de se terem posto a caminho que Bran se permitiu saborear o doce ar da vitória. Nessa altura, seu filhote estava aconchegado entre seus couros, quente contra seu corpo, a salvo durante a longa viagem para casa. Bran perguntava-se como haveria de chamá-lo.

No meio da ponte, Jon puxou subitamente as rédeas.

– Que se passa, Jon? – perguntou o senhor seu pai.

– O senhor não ouviu?

Bran ouvia o vento nas árvores, o ruído dos cascos nas tábuas de pau-ferro, os lamentos da cria faminta, mas Jon escutava outra coisa.

– Ali – disse Jon. Fez o cavalo dar meia-volta e galopou pela ponte, pelo caminho por onde viera. Viram-no desmontar onde a loba gigante jazia morta na neve e ajoelhar-se. Um momento mais tarde, cavalgava de regresso, sorrindo. – Deve ter se afastado dos outros – ele disse.

– Ou sido afastado – disse o pai, olhando a sexta cria. A pelagem desta era branca, enquanto a do resto da ninhada era cinzenta. Seus olhos eram tão vermelhos quanto o sangue do homem esfarrapado que morrera naquela manhã. Bran achou curioso que só aquele cachorro tivesse aberto os olhos, enquanto os outros ainda estavam cegos.

– Um albino – disse Theon Greyjoy com um perverso divertimento. – Este vai morrer ainda mais depressa do que os outros.

Jon Snow deitou sobre o protegido de seu pai um olhar longo e gelado.

– Penso que não, Greyjoy – disse. – Este me pertence.

# Catelyn

Catelyn nunca gostara daquele bosque sagrado.

Nascera entre os Tully, em Correrrio, mais ao Sul, nas margens do Ramo Vermelho do Tridente. O bosque sagrado que havia ali era um jardim, luminoso e arejado, onde grandes árvores de pau-brasil espalhavam sombras sarapintadas por córregos que rumorejavam entre as margens, as aves cantavam em ninhos escondidos e o ar era perfumado pelo odor de flores.

Os deuses de Winterfell habitavam um tipo diferente de bosque. Era um lugar escuro e primordial, três acres de floresta antiga, intocada ao longo de dez mil anos, enquanto o castelo se levantava a toda sua volta. Cheirava a terra úmida e a decomposição. Ali não crescia o pau-brasil. Aquele era um bosque de obstinadas árvores sentinelas, revestidas de agulhas cinza-esverdeadas, de poderosos carvalhos, de árvores de pau-ferro tão velhas quanto o próprio reino. Ali, espessos troncos negros enroscavam-se uns aos outros, enquanto galhos retorcidos teciam um denso dossel elevado e raízes deformadas batalhavam sob o solo. Aquele era um lugar de profundo silêncio e sombras meditativas, e os deuses que ali viviam não tinham nomes.

Mas ela sabia que naquela noite encontraria ali seu marido. Sempre que ele tirava a vida de um homem, procurava depois o sossego do bosque sagrado.

Catelyn fora ungida com os sete óleos e recebera o nome no arco-íris de luz que enchia o septo de Correrrio. Pertencia à Fé, tal como o pai e o avô, e o pai deste antes dele. Seus deuses possuíam nomes, e seus rostos eram-lhe tão familiares como os de seus pais. O serviço religioso era um septão com um turíbulo, o cheiro do incenso, um cristal de sete lados animado com luz, vozes erguidas em canto. Os Tully mantinham um bosque sagrado, como todas as grandes casas, mas era apenas um lugar para passear, ler ou ficar deitado ao sol. A prece pertencia ao septo.

Para ela, Ned tinha construído um pequeno septo onde podia cantar às sete faces de deus, mas o sangue dos Primeiros Homens ainda corria nas veias dos Stark, e seus deuses eram os antigos, os deuses sem nome nem rosto da mata verde que partilhavam com os filhos desaparecidos da floresta.

No centro do bosque, um antigo represeiro reinava pensativo sobre uma pequena lagoa onde as águas eram negras e frias. Ned chamava-lhe "a árvore-coração". A casca do represeiro era branca como osso e suas folhas, vermelhas como mil mãos manchadas de sangue. Um rosto tinha sido esculpido no tronco da grande árvore, de traços compridos e melancólicos, com os olhos profundamente escavados, vermelhos de seiva seca e estranhamente vigilantes. Aqueles olhos eram velhos; mais velhos do que Winterfell. Se as lendas eram verdadeiras, tinham visto Brandon, o Construtor, assentar a primeira pedra; tinham visto as muralhas de granito do castelo crescer à sua volta. Dizia-se que os filhos da floresta tinham esculpido rostos nas árvores durante os séculos de alvorada, antes da chegada dos Primeiros Homens, vindos do mar estreito.

No sul, os últimos represeiros tinham sido derrubados ou queimados havia mil anos, exceto na Ilha das Caras, onde os homens verdes mantinham sua vigilância silenciosa e as coisas eram diferentes. Aqui, cada castelo possuía seu bosque sagrado, e cada bosque sagrado tinha sua árvore-coração, e cada árvore-coração, seu rosto.

Catelyn encontrou o marido sob o represeiro, sentado numa pedra coberta de musgo. Tinha Gelo, a espada, pousada sobre as coxas, e limpava-lhe a lâmina naquelas águas, negras como a noite. Mil anos de húmus jaziam numa grossa camada no solo do bosque sagrado, engolindo o som dos pés da mulher, mas os olhos vermelhos do represeiro pareciam segui-la enquanto se aproximava.

– Ned – ela chamou, com suavidade.

Ele ergueu a cabeça para olhá-la.

– Catelyn – disse. Sua voz era distante e formal. – Onde estão as crianças?

Ele sempre lhe perguntava aquilo.

– Na cozinha, discutindo nomes para as crias de lobo – ela estendeu o manto sobre o chão da floresta e sentou-se junto à lagoa, de costas

voltadas para o represeiro. Podia sentir os olhos a observá-la, mas fez o melhor que pôde para ignorá-los. – Arya já está apaixonada, e Sansa, enfeitiçada e apiedada, mas Rickon não está muito seguro.

– Tem medo? – Ned perguntou.

– Um pouco – admitiu ela. – Só tem três anos.

Ned franziu as sobrancelhas.

– Ele tem de aprender a enfrentar seus medos. Não terá três anos para sempre. E o inverno está chegando.

– Sim – concordou Catelyn. As palavras provocaram-lhe um arrepio, como sempre. O lema Stark. Todas as casas nobres tinham o seu. Lemas de família, pedras de toque, espécies de oração, que alardeavam honra e glória, prometiam lealdade e verdade, juravam fé e coragem. Todas, menos a dos Stark. *O inverno está chegando*, diziam as palavras Stark. Refletiu sobre como aqueles nortenhos eram um povo estranho, e já não era a primeira vez que o fazia.

– O homem morreu bem, posso lhe assegurar – disse Ned. Tinha na mão um bocado de couro oleado no qual deslizava com leveza a espada enquanto falava, polindo o metal até soltar um brilho escuro. – Fiquei contente por Bran. Teria ficado orgulhosa dele.

– Estou sempre orgulhosa de Bran – Catelyn respondeu, observando a espada enquanto ele a esfregava. Conseguia ver as ondulações profundas do aço, onde o metal fora dobrado sobre si mesmo cem vezes durante a forja. Catelyn não sentia qualquer amor por espadas, mas não podia negar que Gelo possuía sua beleza. Fora forjada em Valíria antes de a destruição ter caído sobre a antiga cidade franca, quando os ferreiros trabalhavam seus metais tanto com feitiços como com martelos. Tinha já quatrocentos anos, e era tão afiada como no dia em que fora forjada. O nome que ostentava era ainda mais antigo, um legado da era dos heróis, quando os Stark eram reis no Norte.

– Foi o quarto este ano – disse Ned sombriamente. – O pobre homem estava meio louco. Algo lhe incutiu um medo tão profundo que minhas palavras não o alcançaram – suspirou. – Ben escreveu-me dizendo que a força da Patrulha da Noite já não tem mil homens. Não são só deserções. Tem perdido homens também nas patrulhas.

– São os selvagens? – ela perguntou.

– Quem mais poderia ser? – Ned ergueu Gelo e observou o aço frio ao longo de todo o seu comprimento. – E só vai piorar. Pode chegar o dia em que eu não tenha escolha a não ser reunir os vassalos e marchar para o norte a fim de lidar de uma vez por todas com esse Rei-para-lá-da-Muralha.

– Para lá da Muralha? – a ideia fez Catelyn estremecer.

Ned viu o terror no seu rosto.

– Mance Rayder não é nada que devamos temer.

– Há coisas mais sombrias para lá da Muralha – ela olhou de relance a árvore-coração às suas costas, o tronco claro e os olhos vermelhos, observando, escutando, pensando seus longos e lentos pensamentos.

O sorriso dele era gentil.

– Você acredita demais nas histórias da Velha Ama. Os Outros estão tão mortos quanto os filhos da floresta, desaparecidos há oito mil anos. Meistre Luwin lhe diria que nunca sequer chegaram a estar vivos. Nenhum homem vivo sequer viu um.

– Até hoje de manhã, nenhum homem vivo tinha visto um lobo gigante – recordou Catelyn.

– Já devia saber que não se pode discutir com uma Tully – ele disse com um sorriso triste e devolveu Gelo à sua bainha. – Não veio até aqui para me contar histórias de ninar. Sei bem que não gosta deste lugar. Qual é o problema, minha senhora?

Catelyn tomou nas suas a mão do marido.

– Hoje chegaram dolorosas notícias, meu senhor. Não quis incomodá-lo até ter se purificado – não havia maneira de suavizar o golpe, e ela o disse sem rodeios. – Lamento tanto, meu amor. Jon Arryn está morto.

Os olhos dele encontraram os dela, e Catelyn viu como lhe custou, como sabia que custaria. Na juventude, Ned fora acolhido no Ninho da Águia, e Lorde Arryn, que não tinha filhos seus, tornara-se um segundo pai para ele e para o seu outro protegido, Robert Baratheon. Quando o Rei Aerys II Targaryen, o Louco, exigira suas cabeças, o Senhor do Ninho da Águia erguera em revolta os seus estandartes da lua e do falcão em vez de entregar aqueles que jurara proteger.

E um dia, há quinze anos, seu segundo pai tinha se transformado também num irmão, quando ele e Ned se juntaram no septo de Correrrio para desposar duas irmãs, as filhas de Lorde Hoster Tully.

– Jon… – Ned disse. – Esta notícia é segura?

– Trazia o selo do rei, e a carta foi escrita na caligrafia do próprio Robert. Guardei-a para você. Diz que Lorde Arryn partiu depressa. Nem Meistre Pycelle pôde fazer alguma coisa, mas deu-lhe leite de papoula, para que Jon não ficasse muito tempo em sofrimento.

– Isto foi uma pequena misericórdia, suponho – ele disse. Catelyn via o pesar em seu rosto, mas mesmo nesse momento seu primeiro pensamento era dedicado a ela. – A sua irmã – disse Ned. – E o filho de Jon. Que notícias há deles?

– A mensagem dizia apenas que estavam bem e que tinham regressado ao Ninho da Águia – ela respondeu. – Eu preferia que tivessem ido para Correrrio. O Ninho da Águia é um lugar alto e solitário, e sempre foi o lugar de Jon, não deles. A memória de Lorde Jon assombrará cada pedra. Conheço minha irmã. Ela precisa do conforto da família e dos amigos ao seu redor.

– Seu tio espera no Vale, não é verdade? Ouvi dizer que Jon o nomeou Cavaleiro do Portão.

Catelyn assentiu com a cabeça.

– Brynden fará por ela e pelo garoto o que puder. É algum conforto, mesmo assim…

– Vá encontrá-la – Ned tentou animá-la. – Leve as crianças. Encha aqueles salões de ruído, gritos e risos. Aquele garoto precisa de outras crianças à sua volta, e Lysa não deve ficar só na sua dor.

– Gostaria de poder fazer isso – disse Catelyn. – A carta trazia outras notícias. O rei viaja para Winterfell à sua procura.

Ned precisou de um momento para perceber o significado daquelas palavras, mas, quando as compreendeu, a escuridão abandonou seus olhos.

– Robert vem para cá? – quando ela assentiu, um sorriso abriu-se em seu rosto.

Catelyn desejou poder compartilhar da alegria do marido. Mas ouvira o que se dizia pelos pátios; um lobo gigante morto na neve, com um chifre partido na garganta. O terror retorcia-se em seu interior como uma serpente, mas forçou-se a sorrir para aquele homem que amava, aquele homem que não punha fé alguma nos sinais.

– Sabia que te agradaria – disse. – Deveríamos enviar uma mensagem ao seu irmão, na Muralha.

– Sim, claro – ele concordou. – Ben vai querer estar aqui. Direi a Meistre Luwin para enviar sua ave mais rápida – Ned ergueu-se e ajudou a esposa a se levantar. – Demônios, quantos anos já se passaram? E não nos dá mais notícias do que estas? A mensagem dizia quantos homens traz na comitiva?

– Penso que cem cavaleiros, pelo menos, com todos os seus servidores, e vez e meia esse número de cavaleiros livres. Cersei e as crianças viajam com eles.

– Robert virá em passo moderado por causa delas – disse Ned. – Ainda bem. Teremos mais tempo para nos preparar.

– Os irmãos da rainha também vêm na comitiva – ela completou.

Ao ouvir aquilo, Ned fez uma careta. Catelyn sabia que pouca simpatia havia entre ele e a família da rainha. Os Lannister de Rochedo Casterly aderiram tardiamente à causa de Robert, quando a vitória era praticamente certa, e ele nunca os perdoara por isso.

– Bem, se o preço a pagar pela companhia de Robert é uma infestação de Lannister, que seja. Parece que Robert traz metade da corte.

– Aonde o rei vai, o reino segue – ela respondeu.

– Será bom ver as crianças. O mais novo ainda mamava no peito da Lannister da última vez que o vi. Agora deve ter o quê? Cinco anos?

– O Príncipe Tommen tem sete anos. A mesma idade de Bran. Por favor, Ned, controle a língua. Lannister é nossa rainha, e dizem que seu orgulho cresce a cada ano que passa.

Ned apertou-lhe a mão.

– Terá de haver um banquete, bem organizado, com cantores, e Robert vai querer caçar. Enviarei Jory para o sul com uma guarda de honra ao seu encontro, a fim de escoltá-los no caminho até aqui pela estrada do rei. Deuses, como iremos alimentar a todos? Maldito seja o homem. Maldito seja o seu real couro.

# Daenerys

O irmão ergueu o vestido para que ela o inspecionasse.

– Isto é uma beleza! Toque-o. Vamos. Acaricie o tecido.

Dany o tocou. O tecido era tão macio que parecia correr-lhe pelos dedos como água. Não conseguia se lembrar de alguma vez ter usado algo tão suave. Assustou-se. Afastou a mão.

– É mesmo meu?

– Um presente do Magíster Illyrio – disse Viserys, sorrindo. Seu irmão estava de bom humor naquela noite. – A cor realçará o violeta de seus olhos. E você também terá ouro e joias de todos os tipos. Illyrio prometeu. Esta noite deve se parecer uma princesa.

*Uma princesa*, pensou Dany. Já se esquecera de como era aquilo. Talvez nunca tivesse realmente sabido.

– Por que ele nos dá tanto? – ela perguntou. – O que quer de nós? – há quase meio ano que viviam na casa do magíster, comiam de sua comida, eram paparicados por seus criados. Dany tinha treze anos, idade suficiente para saber que tais presentes raramente vêm sem preço ali, na cidade livre de Pentos.

– Illyrio não é nenhum tolo – Viserys respondeu. Era um jovem magro, com mãos nervosas e um ar febril nos olhos de um tom claro de lilás. – O magíster sabe que não esquecerei os amigos quando subir ao trono.

Dany não disse nada. Magíster Illyrio era um comerciante de especiarias, pedras preciosas, ossos de dragão e outras coisas menos palatáveis. Tinha amigos em todas as Nove Cidades Livres, dizia-se, e mesmo além delas, em Vaes Dothrak e nas terras das fábulas junto ao Mar de Jade. Também se dizia que nunca tinha tido um amigo que não fosse capaz de vender alegremente pelo preço justo. Dany escutava o falatório nas ruas e ouvia essas coisas, mas também sabia que era melhor não questionar o irmão enquanto ele tecia suas teias de sonho. Quando

era despertada, a ira de Viserys era algo terrível. Ele a chamava “o acordar do dragão”.

O irmão pendurou o vestido ao lado da porta.

– Illyrio enviará as escravas para lhe darem banho. Assegure-se de se livrar do fedor dos estábulos. Khal Drogo tem mil cavalos e hoje vem à procura de um tipo diferente de montaria – estudou-a criticamente. – Ainda tem as costas tortas. Endireite-se – pôs-lhe as mãos nos ombros e puxou-os para trás. – Deixe-os ver que agora tem a forma de uma mulher – os dedos do irmão roçaram levemente seus seios em botão e apertaram um mamilo. – Não me falhará esta noite. Senão, será ruim para você. Não quer acordar o dragão, quer? – os dedos torceram-se, um beliscão cruel e duro através do tecido grosseiro da túnica. – *Quer?* – ele repetiu.

– Não – respondeu Dany docilmente.

O irmão sorriu.

– Ótimo – tocou-lhe os cabelos, quase com afeição. – Quando escreverem a história do meu reinado, minha doce irmã, dirão que ela começou esta noite.

Quando ele saiu, Dany foi até a janela e olhou, melancólica, as águas da baía. As torres quadradas de tijolo de Pentos eram silhuetas negras delineadas contra o sol poente. Ela conseguia ouvir os sacerdotes vermelhos cantando, enquanto acendiam as fogueiras noturnas, e os gritos de crianças esfarrapadas que brincavam fora dos muros da propriedade. Por um momento desejou poder estar com elas, de pés nus, sem fôlego e vestida de farrapos, sem passado nem futuro, sem banquete para ir na mansão de Khal Drogo.

Em algum lugar além do pôr do sol, do outro lado do estreito mar, havia uma terra de colinas verdes e planícies cobertas de flores e grandes rios caudalosos, onde torres de pedra negra se erguiam por entre magníficas montanhas azul-acinzentadas e cavaleiros de armadura cavalgavam para a batalha sob os estandartes de seus senhores. Os dothrakis chamavam essa terra de *Rhaesh Andahli*, a terra dos ândalos. Nas Cidades Livres, falavam de Westeros e dos Reinos do Poente. O irmão tinha um nome mais simples. Chamava-lhe “nossa terra”. Para ele, as palavras eram como uma prece. Se as dissesse o número de vezes suficiente, os deuses certamente ouviriam. “É nosso direito de sangue,

usurpado por meios traiçoeiros. Não se rouba um dragão, ah, não. O dragão se lembra.”

E o dragão talvez recordasse mesmo, mas Dany não. Nunca vira aquela terra que o irmão dizia que lhes pertencia, esse domínio para lá do estreito mar. Os lugares de que ele falava, Rochedo Casterly e o Ninho da Águia, Jardim de Cima e o Vale de Arryn, Dorne e a Ilha das Caras, para ela eram apenas palavras. Viserys era um garoto de oito anos quando fugiram de Porto Real para escapar ao avanço dos exércitos do Usurpador, mas Daenerys não passava de uma partícula de vida no ventre da mãe.

Mesmo assim, por vezes, Dany conseguia visualizar os acontecimentos, tantas tinham sido as ocasiões em que ouvira o irmão contar as histórias. A fuga no meio da noite para a Pedra do Dragão, com o luar cintilando nas velas negras do navio. Seu irmão, Rhaegar, combatendo o Usurpador nas águas sangrentas do Tridente e morrendo pela mulher que amava. O saque de Porto Real por aqueles a quem Viserys chamava os cães do Usurpador, os senhores Lannister e Stark. A princesa Elia de Dorne suplicando misericórdia quando o herdeiro de Rhaegar lhe fora arrancado do seio e assassinado perante seus olhos. Os crânios polidos dos últimos dragões a olhar sem ver do alto das paredes da sala do trono quando o Regicida abrira a garganta do Pai com uma espada dourada.

Nascera em Pedra do Dragão quatro luas depois da fuga, durante a fúria de uma tempestade de verão que ameaçava destroçar a estabilidade da ilha. Diziam que aquela tempestade tinha sido terrível. A frota Targaryen fora esmagada enquanto estava ancorada e enormes blocos de pedra foram arrancados dos parapeitos e desabaram sobre as águas encapeladas do mar estreito. A mãe morrera ao dá-la à luz, e por esse fato Viserys nunca a perdoara.

Tampouco se lembrava de Pedra do Dragão. Tinham fugido de novo, imediatamente antes de o irmão do Usurpador zarpar com sua nova frota. A essa altura, dos Sete Reinos que tinham pertencido aos seus, restava apenas Pedra do Dragão, a antiga sede de sua Casa. Mas não por muito tempo. A guarnição estava preparada para vendê-los ao Usurpador, mas, uma noite, Sor Willem Darry e quatro homens leais invadiram o quarto

das crianças, raptaram-nas e sua ama de leite, e zarparam sob a escuridão da noite em busca da segurança da costa bravosiana.

Lembrava-se vagamente de Sor Willem, um homem que mais parecia um grande urso cinzento, meio cego, a rugir e berrar ordens de sua cama de doente. Os criados tinham vivido aterrorizados por causa dele, que sempre fora bondoso para Dany. Chamava-a de "pequena princesa" e, por vezes, "minha senhora", e suas mãos eram macias como couro velho. Mas nunca deixava a cama, e o cheiro da doença impregnava-o dia e noite, com um odor quente, úmido, de uma doçura doentia. Nessa época viviam em Bravos, na grande casa de porta vermelha. Dany tinha seu próprio quarto, com um limoeiro junto à janela. Depois da morte de Sor Willem, os criados roubaram o pouco dinheiro que lhes restava e em pouco tempo os irmãos foram postos fora da casa. Dany chorara quando a porta vermelha se fechara às suas costas para sempre.

Desde então, tinham andado de um lado para o outro, de Bravos para Myr, de Myr para Tyrosh e daí para Qohor, Volantis e Lys, sem nunca ficarem muito tempo no mesmo lugar. O irmão não permitia. Insistia que os traidores contratados pelo Usurpador viriam atrás deles, embora Dany nunca tivesse visto nenhum.

A princípio, os magísteres, arcontes e príncipes mercadores tinham se sentido felizes por dar as boas-vindas às suas casas e mesas aos últimos Targaryen, mas, à medida que os anos foram passando e o Usurpador continuou sentado no Trono de Ferro, as portas foram se fechando e suas vidas tornaram-se mais pobres. Anos antes, tinham se visto forçados a vender os últimos tesouros e, agora, até o dinheiro que tinham obtido pela coroa da mãe desaparecera. Nas vielas e tabernas de Pentos chamavam o irmão de "rei pedinte". Dany não queria saber do que a chamavam.

"Um dia teremos tudo de volta, minha doce irmã", prometia-lhe Viserys. Às vezes, as mãos tremiam-lhe quando falava daquilo. "As joias e as sedas, Pedra do Dragão e Porto Real, o Trono de Ferro e os Sete Reinos, tudo que nos roubaram, teremos tudo de volta." Ele vivia para esse dia. Tudo que Daenerys queria de volta era a grande casa de porta vermelha, com o limoeiro em frente à janela de seu quarto, a infância que nunca conhecera.

Ouviu-se um suave toque na porta.

– Entre – disse Dany, virando as costas à janela. As criadas de Illyrio entraram com reverências e começaram a tratar de suas tarefas. Eram escravas, um presente de um dos muitos amigos dothrakis do magíster. A escravatura não existia na cidade livre de Pentos. E, no entanto, elas eram escravas. A mulher mais velha, pequena e cinzenta como um rato, nunca dizia uma palavra, mas a moça compensava. Era a favorita de Illyrio, uma jovem de dezesseis anos, cabelos claros e olhos azuis, que tagarelava sem cessar enquanto trabalhava.

Encheram a banheira com água quente trazida da cozinha e perfumaram-na com óleos odoríferos. A moça puxou a túnica de algodão grosseiro pela cabeça de Dany e a ajudou a entrar na banheira. A água escaldava, mas Daenerys não hesitou nem gritou. Gostava do calor. Fazia-a sentir-se limpa. Além disso, o irmão dissera-lhe com frequência que nunca nada estava quente demais para um Targaryen. "A nossa é a Casa do dragão", dizia. "O fogo está em nosso sangue."

A mulher mais velha lavou seus longos cabelos esbranquiçados e removeu suavemente os nós com uma escova, sempre em silêncio. A moça esfregou-lhe as costas e os pés e disse-lhe como tinha sorte.

– Drogo é tão rico que até seus escravos usam colares de ouro. Seu *khalasar* tem cem mil cavaleiros, e seu palácio em Vaes Dothrak, duzentos quartos e portas de prata sólida – e houve mais do mesmo gênero, muito mais; como o *khal* era um homem bonito, alto e feroz, destemido em batalha, o melhor cavaleiro que alguma vez montara um cavalo, um arqueiro demoníaco. Daenerys nada disse. Sempre assumira que se casaria com Viserys quando chegasse à idade adulta. Durante séculos, os Targaryen tinham se casado entre si, desde que Aegon, o Conquistador, tomara as irmãs como noivas. Viserys dissera-lhe mil vezes que a pureza da linhagem devia ser mantida, que o sangue real era deles, o sangue dourado da antiga Valíria, o sangue do dragão. Os dragões não acasalavam com os animais do campo, e os Targaryen não misturavam seu sangue com o de homens menores. E, no entanto, agora Viserys conspirava para vendê-la a um estranho, a um bárbaro.

Quando ficou limpa, as escravas ajudaram-na a sair da água e secaram-na com toalhas. A moça escovou-lhe os cabelos até fazê-los brilhar como prata derretida, enquanto a mulher mais velha a untava com o perfume de flores de especiarias das planícies dothrakianas, um salpico em cada

pulso, atrás das orelhas, na ponta dos seios e, por fim, um refrescante, lá embaixo, entre as pernas. Vestiram-lhe a roupa de baixo que Magíster Illyrio lhe enviara e depois o vestido, de seda, com um profundo tom de ameixa para realçar o violeta de seus olhos. A moça enfiou-lhe as sandálias douradas nos pés enquanto a mulher mais velha lhe fixava a tiara na cabeça e fazia deslizar pulseiras douradas incrustadas de ametistas em seus pulsos. O último adorno foi o colar, um pesado cordão de ouro torcido ornado com antigos glifos valirianos.

– Agora sim se parece com uma princesa – disse a moça, sem fôlego, quando terminaram. Dany olhou de relance para sua imagem no espelho prateado que Illyrio tão previdentemente lhe fornecera. Uma princesa, pensou, mas lembrou-se do que a moça dissera, de como Khal Drogo era tão rico que até seus escravos usavam colares de ouro. Sentiu um súbito arrepio percorrer os braços nus.

O irmão a esperava na frescura do átrio, sentado à beira da fonte, arrastando a mão pela água. Pôs-se em pé quando ela surgiu e observou-a com olhos críticos.

– Venha aqui – disse. – Vire-se. Sim. Ótimo. Você tem um ar…

– Real – disse Magíster Illyrio, entrando por uma arcada. Movia-se com uma delicadeza surpreendente para um homem tão corpulento. Sob vestimentas soltas de seda cor de fogo, nuvens de gordura oscilavam enquanto ele caminhava. Pedras preciosas cintilavam em todos os dedos, e seu criado oleara-lhe a barba amarela bifurcada até que brilhasse como ouro verdadeiro.

– Que o Senhor da Luz a banhe em bênçãos neste tão afortunado dia, Princesa Daenerys – disse o magíster quando lhe tomou a mão. Inclinou a cabeça, mostrando um fino relance de dentes amarelos e tortos através do dourado da barba. – Ela é uma visão, Vossa Graça, uma visão – exclamou, dirigindo-se a Viserys. – Drogo ficará arrebatado.

– É magra demais – disse Viserys. Seus cabelos, do mesmo tom loiro-prateado dos dela, tinham sido puxados para trás e bem atados com uma presilha de osso de dragão. Era um visual severo, que dava ênfase às linhas duras e esguias de seu rosto. Pousou a mão no punho da espada que Illyrio lhe emprestara e disse: – Tem certeza de que Khal Drogo gosta de suas mulheres assim tão novas?

– Ela já teve o seu sangue. Tem idade suficiente para o *khal* – respondeu Illyrio, e já não era a primeira vez que dizia aquilo. – Olhe para ela. Eses cabelos loiro-prateados, esses olhos púrpuros… ela é do sangue da antiga Valíria, sem dúvida, sem dúvida… e bem-nascida, filha do antigo rei, irmã do novo, não é possível que não arrebate nosso Drogo – quando Illyrio soltou sua mão, Daenerys percebeu que estava tremendo.

– Suponho que sim – disse o irmão em tom duvidoso. – Os selvagens têm gostos estranhos. Rapazes, cavalos, ovelhas…

– É melhor não sugerir isso a Khal Drogo – disse Illyrio.

A ira flamejou nos olhos lilás de Viserys.

– Toma-me por tolo?

O magíster fez uma ligeira revêrencia.

– Tomo-o por um rei. Aos reis falta a cautela dos homens comuns. Minhas desculpas se o ofendi – virou-se e bateu palmas para chamar os carregadores.

As ruas de Pentos estavam escuras como breu quando saíram na elaboradamente esculpida liteira de Illyrio. Dois criados iam à frente para iluminar o caminho, transportando ornamentadas lanternas a óleo com vidraças de um azul-claro, e uma dúzia de homens fortes conduziam a liteira aos ombros. O espaço lá dentro, atrás das cortinas, era quente e apertado. Dany conseguia sentir o fedor da carne pálida de Illyrio sob seus pesados perfumes.

O irmão, esparramado em almofadas a seu lado, nada notava. Sua mente estava longe, do outro lado do mar estreito.

– Não necessitaremos de todo o seu *khalasar* – disse Viserys. Os dedos brincavam no punho da lâmina emprestada, embora Dany soubesse que ele nunca usara uma espada de verdade. – Dez mil serão suficientes, posso varrer os Sete Reinos com dez mil guerreiros dothrakis. O domínio se erguerá em nome do seu rei de direito. Tyrell, Redwyne, Darry, Greyjoy não sentem mais amor pelo Usurpador do que eu. Os homens de Dorne ardem pela possibilidade de vingar Elia e os seus filhos. E as pessoas simples estarão conosco. Elas choram por seu rei – olhou ansioso para Illyrio. – Choram, não é verdade?

– São o seu povo, e o amam bastante – disse amavelmente Magíster Illyrio. – Em povoados por todo o território, os homens fazem brindes

secretos à sua saúde, enquanto as mulheres cosem estandartes do dragão e os escondem até o dia de seu regresso do outro lado das águas – encolheu os maciços ombros. – Ou pelo menos é o que me dizem meus agentes.

Dany não tinha agentes, nenhuma maneira de saber o que alguém estaria fazendo ou pensando do outro lado do mar estreito, mas desconfiava das palavras doces de Illyrio do mesmo modo que desconfiava de tudo o que dizia respeito a ele. Mas o irmão gesticulava com ardor.

– Matarei eu mesmo o Usurpador – prometeu, ele que nunca matara ninguém –, tal como ele matou meu irmão Rhaegar. E também Lannister, o Regicida, pelo que fez ao meu pai.

– Isso será muito adequado – disse Magíster Illyrio. Dany viu a minúscula sugestão de sorriso que brincava nos lábios cheios do homem, mas o irmão não reparou em nada. Acenando, ele afastou uma cortina e perdeu o olhar na noite, e Dany soube que estava lutando de novo a Batalha do Tridente.

A mansão de nove torres de Khal Drogo erguia-se junto às águas da baía, com hera de tons claros cobrindo seus grandes muros de tijolo. Tinha sido oferecida ao *khal* pelos magísteres de Pentos, Illyrio lhes disse. As Cidades Livres eram sempre generosas com os senhores dos cavalos.

– Não que temamos esses bárbaros – explicava Illyrio com um sorriso. – O Senhor da Luz poderia defender nossas muralhas contra um milhão de dothrakis, ou pelo menos é isso que prometem os sacerdotes vermelhos… Mas para que correr riscos, quando a amizade deles sai tão barata?

A liteira em que seguiam foi parada no portão e as cortinas, puxadas rudemente para trás por um dos guardas da casa. Possuía a pele acobreada e os olhos escuros e amendoados de um dothraki, mas tinha o rosto livre de pelos e usava o capacete guarnecido de pontas agudas dos Imaculados. Avaliou-os friamente. Magíster Illyrio rosnou-lhe qualquer coisa no rude idioma dothraki; o guarda respondeu-lhe no mesmo tom e, com um gesto, lhes deu passagem através dos portões.

Dany reparou que a mão do irmão estava cerrada com força no punho de sua espada emprestada. Parecia quase tão assustado quanto ela se

sentia.

– Eunuco insolente – murmurou Viserys enquanto a liteira subia aos solavancos até a mansão.

As palavras de Magíster Illyrio eram mel.

– Esta noite estarão presentes no banquete muitos homens importantes. Homens assim têm inimigos. O *khal* deve proteger seus convidados, você acima de todos, Vossa Graça. Não há dúvidas de que o Usurpador pagaria bem por sua cabeça.

– Ah, sim – disse sombriamente Viserys. – Ele tentou, Illyrio, asseguro-lhe. Seus traidores contratados nos seguem para todo lado. Sou o último dragão, e ele não dormirá descansado enquanto eu viver.

A liteira desacelerou e parou. As cortinas foram puxadas e um escravo ofereceu a mão para ajudar Daenerys a sair. Seu colar, reparou ela, era de bronze comum. O irmão a seguiu, com uma das mãos ainda fortemente cerrada no punho da espada. Foram necessários dois homens fortes para pôr Magíster Illyrio de pé.

Dentro da mansão, o ar estava pesado com o cheiro de especiarias, noz-de-fogo, limão-doce e canela. Foram levados através do átrio, onde um mosaico de vidro colorido retratava a Destruição de Valíria. Óleo ardia em lanternas negras de ferro dispostas ao longo das paredes. Sob uma arcada composta por folhas de pedra interligadas, um eunuco anunciou a chegada:

– Viserys da Casa Targaryen, o Terceiro de seu Nome – gritou numa voz doce e aguda –, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Rei dos Sete Reinos e Protetor do Território. Sua irmã, Daenerys, Filha da Tormenta, Princesa de Pedra do Dragão. Seu honorável anfitrião, Illyrio Mopatis, Magíster da Cidade Livre de Pentos.

Passaram pelo eunuco e entraram num pátio orlado de pilares cobertos de hera clara. O luar pintava as folhas em tons de osso e prata enquanto os convidados vagueavam entre elas. Muitos eram senhores dos cavalos dothrakis, grandes homens de pele vermelho-acastanhada, com os bigodes pendentes presos por anéis de metal e os cabelos negros oleados, trançados e atados a campainhas. Mas, entre eles, moviam-se sicários e mercenários de Pentos, Myr e Tyrosh, um sacerdote vermelho ainda mais gordo que Illyrio, homens peludos vindos do Porto de Ibben e senhores das Ilhas do Verão com a pele negra como ébano. Daenerys olhou a todos

maravilhada… e compreendeu, com um súbito sobressalto de medo, que era a única mulher ali presente.

Illyrio sussurrou-lhes:

– Aqueles três são os companheiros de sangue de Drogo, ali – ele mostrou. – Junto ao pilar está Khal Moro com o filho Rhogoro. O homem de barba verde é irmão do Arconte de Tyrosh, e o homem que está atrás dele é Sor Jorah Mormont.

O último nome capturou a atenção de Daenerys.

– Um cavaleiro?

– Nem mais, nem menos – Illyrio sorriu sob a barba. – Ungido com os sete óleos pelo próprio Alto Septão.

– Que faz ele aqui? – ela perguntou.

– O Usurpador quis vê-lo morto – disse-lhes Illyrio. – Uma afrontazinha qualquer. Vendeu alguns caçadores furtivos a um negociante de escravos de Tyrosh em vez de entregá-los à Patrulha da Noite. Uma lei absurda. Um homem deve ser autorizado a fazer o que bem entender com seus bens.

– Quero falar com Sor Jorah antes do fim da noite – disse Viserys.

Dany deu por si olhando com curiosidade o cavaleiro. Era um homem velho, com mais de quarenta anos e quase calvo, mas mantinha-se forte e em forma. Em vez de sedas e algodão, trajava lã e couro. Sua túnica era verde-escura, bordada com a imagem de um urso negro em pé sobre duas patas.

Ainda observava aquele estranho homem proveniente da pátria que nunca conhecera quando Magíster Illyrio colocou a mão úmida em seu ombro nu.

– Ali, doce princesa – sussurrou –, está o próprio *khal*.

Dany quis fugir e se esconder, mas o irmão a observava, e ela sabia que acordaria o dragão se lhe desagradasse. Ansiosa, virou-se e olhou o homem que Viserys esperava que pedisse para desposá-la antes de a noite acabar.

A jovem escrava não se enganara muito, pensou. Khal Drogo era uma cabeça mais alto do que o mais alto dos presentes na sala, mas de certo modo leve de pés, tão gracioso como a pantera que havia na coleção de Illyrio. Era mais novo do que ela pensara, não tinha mais de trinta anos.

A pele era da cor de cobre polido, e o espesso bigode estava preso com anéis de ouro e bronze.

– Devo ir fazer as minhas apresentações – disse Magíster Illyrio. – Esperem aqui. Eu o trarei até vocês.

O irmão tomou-lhe o braço quando Illyrio se dirigiu, bamboleante, até o *khal*, e seus dedos apertaram-na com tanta força que a machucaram.

– Vê a sua trança, querida irmã?

A trança de Drogo era negra como a meia-noite, carregada de óleo perfumado e repleta de minúsculas campainhas que tiniam suavemente quando ele se movia. Chegava-lhe bem abaixo do cinto, até mesmo abaixo das nádegas; a ponta roçava-lhe a parte de trás das coxas.

– Vê como é longa? – continuou Viserys. – Quando os dothrakis são derrotados em combate, cortam a trança em desgraça, para que o mundo saiba da sua vergonha. Khal Drogo nunca perdeu um combate. É Aegon, o Senhor do Dragão regressado, e você será a sua rainha.

Dany olhou Khal Drogo. Seu rosto era duro e cruel, os olhos tão frios e escuros como ônix. O irmão às vezes a magoava, quando acordava o dragão, mas não a assustava como aquele homem.

– Não quero ser sua rainha – ouviu sua voz dizer num tom fraco e agudo. – Por favor, *por favor*, Viserys, não quero. Quero ir para casa.

– *Para casa?* – ele manteve a voz baixa, mas ela conseguia ouvir a fúria na entoação. – Como podemos ir para casa, minha doce irmã? Eles roubaram nossa casa! – levou-a para as sombras, para fora da vista dos convidados, com os dedos enterrados em sua pele. – *Como podemos ir para casa?* – repetiu, referindo-se a Porto Real, à Pedra do Dragão e a todo o território que tinham perdido.

Dany se referira apenas aos seus aposentos na propriedade de Illyrio, que certamente não era sua casa verdadeira, mas era tudo que possuíam; no entanto, seu irmão não quis ouvir. Para ele, ali não havia uma casa. Mesmo a grande casa com a porta vermelha não tinha sido uma casa para ele. Seus dedos enterravam-se com força no braço dela, exigindo uma resposta.

– Não sei… – Dany disse por fim, com a voz perdendo a firmeza. Lágrimas jorraram-lhe dos olhos.

– Mas eu sei – disse ele com voz cortante. – Vamos para casa com um exército, minha doce irmã. Com o exército de Khal Drogo, é assim que

vamos para casa. E se para isso tiver de se casar com ele e com ele dormir, é isso que fará. – sorriu-lhe. – Deixaria que todo o seu *khalasar* a fodesse se fosse preciso, minha doce irmã, todos os quarenta mil homens e também os seus cavalos, se isso fosse necessário para obter o meu exército. Fique grata que seja só o Drogo. Com o tempo, pode até aprender a gostar dele. Agora enxugue os olhos. Illyrio o está trazendo para cá, e ele *não vai* vê-la chorar.

Dany virou-se e viu que era verdade. Magíster Illyrio, todo sorrisos e reverências, escoltava Khal Drogo na direção do lugar onde se encontravam. Afastou com as costas da mão as lágrimas que não tinham escorrido de seus olhos.

– Sorria – murmurou Viserys nervosamente, com a mão caindo sobre o punho da espada. – E fique ereta. Deixe que ele veja que você tem seios. Bem sabem os deuses que os tem bem pequenos.

Daenerys sorriu e se aprumou.

# Eddard

Os visitantes entraram pelos portões do castelo como um rio de ouro e prata e aço polido, trezentos homens, um esplendor de vassalos e cavaleiros, soldados juramentados e cavaleiros livres. Sobre suas cabeças, uma dúzia de estandartes dourados esvoaçavam de um lado para o outro ao sabor do vento do Norte, adornados com o veado coroado de Baratheon.

Ned conhecia muitos dos cavaleiros. Ali vinha Sor Jaime Lannister, com os cabelos tão brilhantes como ouro batido, e ali estava Sandor Clegane, com a face terrivelmente queimada. O rapaz alto ao seu lado só podia ser o príncipe herdeiro, e aquele homenzinho atrofiado ao lado era certamente o Duende, Tyrion Lannister.

Mas o homem enorme que vinha à frente da coluna, flanqueado por dois cavaleiros que usavam o manto branco como a neve da Guarda Real, pareceu a Ned quase um estranho… Até saltar de cima de seu cavalo de guerra com um rugido familiar e o esmagar num abraço de partir os ossos.

– *Ned!* Ah, como é bom ver essa sua cara congelada – o rei o observou de cima a baixo e soltou uma gargalhada. – Não mudou nem um pouco.

Ned gostaria de poder dizer o mesmo. Quinze anos antes, quando tinham cavalgado juntos para conquistar um trono, o Senhor de Ponta Tempestade era um homem sem barba, de olhos claros e musculoso como um sonho de donzela. Com quase dois metros de altura, erguia-se acima dos outros homens e, quando punha a armadura e o grande capacete provido de chifres de sua Casa, transformava-se num autêntico gigante. Também tinha a força de um gigante, e sua arma predileta era um martelo de batalha com ponta afiada que Ned quase não conseguia erguer do chão. Naquela época, o cheiro do couro e do sangue aderia à sua pele como perfume.

Agora era perfume mesmo que aderia à sua pele, e ele tinha uma largura que se equiparava à altura. Ned vira o rei pela última vez nove anos antes, durante a rebelião de Balon Greyjoy, quando o veado e o lobo gigante tinham se juntado para acabar com as pretensões do autoproclamado Rei das Ilhas de Ferro. Desde a noite em que estiveram lado a lado no quartel-general derrotado de Greyjoy, quando Robert aceitara a rendição do senhor rebelde e Ned tomara seu filho Theon como refém e protegido, o rei ganhara pelo menos cinquenta quilos. Uma barba tão grosseira e negra como fio de ferro cobria-lhe a face, escondendo o duplo queixo e a flacidez das reais bochechas, mas nada conseguia esconder seu estômago ou os círculos escuros sob os olhos.

Mas Robert era agora o rei de Ned, e não apenas um amigo; portanto, limitou-se a dizer:

– Vossa Graça. Winterfell é seu.

A essa altura, os outros já desmontavam, e moços de estrebaria corriam para lhes recolher as montarias. A rainha de Robert, Cersei Lannister, entrou a pé com seus filhos mais novos. A caravana em que tinham viajado, uma enorme carruagem de dois pisos feita de carvalho untado e metal dourado, puxada por quarenta cavalos de tração pesada, era larga demais para passar pelo portão do castelo. Ned ajoelhou-se na neve a fim de beijar o anel da rainha, enquanto Robert abraçou Catelyn como a uma irmã há muito perdida. Depois, as crianças foram trazidas, apresentadas e aprovadas por ambas as partes.

Assim que aquelas formalidades se completaram, o rei disse ao anfitrião:

– Leve-me à sua cripta, Eddard. Quero prestar os meus respeitos.

Ned o adorou por isso, por ainda se lembrar dela, depois de tantos anos. Gritou por uma lanterna. Não foram necessárias mais palavras. A rainha começara a protestar. Que tinham viajado desde a madrugada, que estavam todos cansados e com frio, que decerto deveriam descansar primeiro. Que os mortos podiam esperar. Não disse mais que isso; Robert olhou-a, o irmão gêmeo Jaime pegou-lhe calmamente no braço e ela não disse mais nada.

Desceram juntos para a cripta, Ned e seu rei, que quase não reconhecia. Os degraus de pedra em espiral eram estreitos. Ned seguiu à frente com a lanterna.

– Já começava a pensar que nunca mais chegaríamos a Winterfell – queixou-se Robert enquanto desciam. – No Sul, do modo como falam de meus Sete Reinos, um homem se esquece de que a sua parte é tão grande quanto as outras seis juntas.

– Espero que tenha apreciado a viagem, Vossa Graça.

Robert resfolegou.

– Lodaçais, florestas e campos, e quase sem uma estalagem decente a norte do Gargalo. Nunca vi um vazio tão vasto. Onde estão todas as suas *gentes*?

– Provavelmente estavam muito acanhadas para sair – brincou Ned. Sentia o frio que subia as escadas, a respiração gelada vinda das profundezas da terra. – Os reis são uma visão rara no Norte.

Robert resfolegou.

– O mais certo é que estivessem escondidas debaixo da neve. *Neve*, Ned! – o rei pôs a mão na parede para se manter firme enquanto descia.

– As neves do fim do verão são bastante comuns – disse Ned. – Espero que não lhe tenham causado problemas. São geralmente suaves.

– Que os Outros carreguem as suas neves suaves – praguejou Robert. – Como será este lugar no inverno? Estremeço só de pensar.

– Os invernos são duros – admitiu Ned. – Mas os Stark os suportarão. Sempre os suportamos.

– Tem de vir até o Sul – disse Robert. – Precisa experimentar o verão antes que ele fuja. Em Jardim de Cima há campos de rosas douradas que se estendem até perder de vista. Os frutos estão tão maduros que explodem na boca: melões, pêssegos, ameixas-de-fogo, nunca saboreou tamanha doçura. Verá, eu trouxe alguns. Mesmo em Ponta Tempestade, com aquele bom vento da baía, os dias são tão quentes que quase não conseguimos nos mexer. E precisa ver as vilas, Ned! Flores por toda parte, os mercados a rebentar de comida, os vinhos estivais tão bons e baratos que podemos nos embebedar só de respirar o ar. Toda a gente é gorda, bêbada e rica – soltou uma gargalhada e deu uma palmada no amplo estômago. – E as *moças*, Ned! – exclamou com os olhos faiscando. – Juro, as mulheres perdem toda a modéstia no calor. Nadam nuas no rio, mesmo por baixo do castelo. Até nas ruas faz calor demais para se usar lã ou peles, e elas andam por aí com aqueles vestidos curtos de seda, se tiverem prata, ou algodão, se não tiverem, mas é tudo igual quando

começam a suar e o tecido lhes adere à pele, é como se andassem nuas – o rei riu, feliz.

Robert Baratheon sempre fora um homem de enormes apetites, um homem que sabia como conquistar seus prazeres. Essa não era uma acusação que alguém pudesse deixar à porta de Eddard Stark. No entanto, Ned não podia deixar de notar que esses prazeres estavam cobrando seu preço do rei. Robert respirava pesadamente quando chegaram ao fim das escadas, e com o rosto vermelho à luz da lanterna quando penetraram na escuridão da cripta.

– Vossa Graça – disse Ned respeitosamente. Moveu a lanterna num largo semicírculo. As sombras moveram-se e oscilaram. A vacilante luz tocou as pedras do chão e roçou numa longa procissão de pilares de granito que marchavam diante deles, dois a dois, na direção das trevas. Entre os pilares sentavam-se os mortos em seus tronos de pedra apoiados nas paredes, de costas voltadas para os sepulcros que continham seus restos mortais. – Ela está lá ao fundo, com o pai e Brandon.

Indicou o caminho por entre os pilares e Robert seguiu-o sem uma palavra, estremecendo com o frio subterrâneo. Ali fazia sempre frio. Seus passos ressoavam nas pedras e ecoavam na abóbada que se erguia sobre suas cabeças enquanto caminhavam por entre os mortos da Casa Stark. Os Senhores de Winterfell viam-nos passar. Suas imagens tinham sido esculpidas nas pedras que selavam as tumbas. Sentavam-se em longas filas, olhos cegos virados para a escuridão eterna, enquanto grandes lobos gigantes de pedra se aninhavam junto aos seus pés. As sombras móveis faziam com que as figuras de pedra parecessem mover-se quando os vivos passavam por elas.

Seguindo um costume antigo, uma espada de ferro tinha sido colocada sobre o colo de todos os que tinham sido Senhores de Winterfell, a fim de manter os espíritos vingativos em suas criptas. A mais antiga já havia muito enferrujara até a inexistência, deixando apenas algumas manchas vermelhas onde o metal tocara a pedra. Ned perguntou a si mesmo se isso significava que aqueles espíritos estavam agora livres para passear pelo castelo. Esperava que não. Os primeiros Senhores de Winterfell tinham sido homens tão duros como a terra que governavam. Nos séculos anteriores à vinda dos Senhores do Dragão do outro lado do mar, não tinham jurado fidelidade a ninguém, fazendo tratar-se por Reis do Norte.

Ned parou, finalmente, e ergueu a lanterna. A cripta continuava à sua frente, mergulhando na escuridão, mas para lá daquele ponto as tumbas estavam vazias e por selar; buracos negros à espera de seus mortos, à espera dele e de seus filhos. Ned não gostava de pensar naquilo.

– Aqui – disse ele ao seu rei.

Robert acenou em silêncio, ajoelhou-se e inclinou a cabeça.

Havia três tumbas, dispostas lado a lado. Lorde Rickard Stark, o pai de Ned, tinha um rosto longo e austero. O esculpidor conhecera-o bem. Estava sentado com uma calma dignidade, com os dedos de pedra agarrados com força à espada que trazia no colo, mas em vida todas as espadas lhe tinham falhado. Em dois sepulcros menores, de ambos os lados, estavam seus filhos.

Brandon morrera com vinte anos, estrangulado por ordem do Rei Louco Aerys Targaryen, poucos dias antes de se casar com Catelyn Tully de Correrrio. O pai fora obrigado a vê-lo morrer. Era ele o verdadeiro herdeiro, o mais velho, nascido para governar.

Lyanna tinha apenas dezesseis anos, uma menina-mulher de inigualável encanto. Ned amara-a de todo o coração. Robert amara-a ainda mais. Ela estava destinada a ser sua noiva.

– Era mais bela que isto – disse o rei após um silêncio. Seus olhos demoravam-se no rosto de Lyanna, como se pudesse trazê-la de volta à vida com sua força de vontade. Por fim, ergueu-se, com o peso a torná-lo desajeitado. – Ah, maldição, Ned, tinha de enterrá-la num lugar como *este*? – sua voz estava enrouquecida com a lembrança do desgosto. – Ela merecia mais que trevas…

– Ela era uma Stark de Winterfell – disse Ned calmamente. – Este é o seu lugar.

– Podia estar em algum lugar numa colina, sob uma árvore frutífera, com o sol e as nuvens acima dela e a chuva para lavá-la.

– Eu estava com ela quando morreu – lembrou Ned ao rei. – Queria regressar à nossa casa, para descansar ao lado de Brandon e do pai – por vezes ainda conseguia ouvi-la. *Prometa-me*, suplicara, num quarto que cheirava a sangue e a rosas. *Prometa-me, Ned*. A febre levara-lhe as forças e a voz era tênue como um suspiro, mas quando ele lhe dera sua palavra, o medo deixara os olhos da irmã. Ned recordava o modo como então sorrira, a força com que seus dedos agarraram os dele quando ela

desistira de se agarrar à vida, as pétalas de rosa que se derramaram de sua mão, mortas e negras. Depois daquilo, não se lembrava de mais nada. Tinham-no encontrado ainda abraçado ao seu corpo, silenciado pela dor. O pequeno cranogmano, Howland Reed, retirara a mão dela da dele. Ned nada recordava.

– Trago-lhe flores sempre que posso – disse. – Lyanna era… amiga das flores.

O rei tocou o rosto da estátua, roçando os dedos na pedra áspera tão suavemente como se fosse carne viva.

– Jurei matar Rhaegar pelo que lhe fez.

– E foi o que Vossa Graça fez – lembrou-lhe Ned.

– Só uma vez – disse Robert amargamente.

Tinham chegado juntos ao baixio do Tridente enquanto a batalha rugia à sua volta, Robert com seu martelo de batalha e seu grande elmo com chifres de veado, e o príncipe Targaryen revestido de armadura negra. No peitoral trazia o dragão de três cabeças de sua Casa, todo trabalhado com rubis que relampejavam como fogo à luz do sol. As águas do Tridente corriam vermelhas sob os cascos de seus cavalos de batalha, enquanto eles andavam em círculos e entrechocavam as armas, uma e outra vez, até que, por fim, um tremendo golpe do martelo de Robert abriu um rombo no dragão e no peito que estava por baixo. Quando Ned finalmente chegou ao local, Rhaegar jazia morto na corrente, enquanto homens de ambos os exércitos escarafunchavam as águas rodopiantes em busca de rubis que tivessem se soltado de sua armadura.

– Nos meus sonhos mato-o todas as noites – admitiu Robert. – Mil mortes ainda serão menos do que ele merece.

Não havia nada que Ned pudesse responder àquilo. Depois de uma pausa, disse:

– Devemos regressar, Vossa Graça. Sua esposa está à espera.

– Que os Outros carreguem minha esposa – murmurou Robert em tom azedo, mas encaminhou-se com passos pesados na direção de onde tinham vindo. – E se ouvir mais alguma vez “Vossa Graça”, enfio sua cabeça num espeto. Somos mais do que isso um para o outro.

– Não me esqueci – respondeu Ned calmamente. – Fale-me de Jon.

Robert sacudiu a cabeça.

– Nunca vi um homem adoecer tão depressa. Organizamos um torneio no dia do nome de meu filho. Se tivesse visto Jon nesse dia, poderia jurar que viveria para sempre. Uma quinzena depois, estava morto. A doença foi como um incêndio em suas tripas. Queimou-o todo por dentro – fez uma pausa junto a um pilar, em frente à tumba de um Stark havia muito morto. – Adorava aquele velho.

– Ambos o adorávamos – Ned fez uma pausa momentânea. – Catelyn teme pela irmã. Como Lysa está suportando a dor?

A boca de Robert fez um trejeito amargo.

– Não muito bem, na verdade – admitiu. – Penso que a perda de Jon levou a mulher à loucura, Ned. Ela voltou para o Ninho da Águia com o garoto. Contra os meus desejos. Tinha planejado criá-lo com Tywin Lannister em Rochedo Casterly. Jon não tinha irmãos nem outros filhos. Deveria permitir que fosse educado por mulheres?

Ned antes confiaria uma criança a uma víbora do que ao Lorde Tywin, mas guardou para si essa opinião. Algumas velhas feridas nunca chegavam a sarar de verdade, e voltavam a sangrar à primeira palavra.

– A mulher perdeu o marido – disse cuidadosamente. – Talvez a mãe tema perder o filho. O garoto é muito novo.

– Tem seis anos, é enfermiço e Senhor do Ninho da Águia, que os deuses o salvem – praguejou o rei. – Lorde Tywin nunca tomou um protegido. Lysa deveria se sentir honrada. Os Lannister são uma Casa grande e nobre. Ela recusou até ouvir falar no assunto. E, depois, foi-se embora na calada da noite, sem sequer um "com licença". Cersei ficou furiosa – soltou um profundo suspiro. – O garoto é meu homônimo, sabia? – "Robert Arryn." Jurei protegê-lo. Como poderei fazer isso se a mãe o rapta e o leva embora?

– Posso tomá-lo como protegido, se assim desejar – disse Ned. – Lysa certamente consentirá. Ela e Catelyn eram próximas quando moças, e ela mesma também será bem-vinda aqui.

– Uma oferta generosa, meu amigo – disse o rei –, mas chegou tarde demais. Lorde Tywin já deu seu consentimento. Criar o garoto em outro lugar seria uma grave afronta.

– Preocupa-me mais o bem-estar de meu sobrinho do que o orgulho de um Lannister – declarou Ned.

– Isso porque não dorme com uma Lannister – Robert soltou uma gargalhada, fazendo o som chocalhar por entre as sepulturas e ressoar no teto abobadado. – Ah, Ned, continua sério demais – pôs um braço maciço em torno dos ombros de Ned. – Tinha planejado esperar alguns dias antes de falar contigo, mas agora vejo que não há necessidade. Venha, acompanhe-me.

Os dois voltaram por entre os pilares. Cegos olhos de pedra pareciam segui-los quando por eles passavam. O rei manteve o braço ao redor dos ombros de Ned.

– Deve estar curioso sobre o motivo que finalmente me fez vir para o Norte, até Winterfell, depois de tanto tempo.

Ned tinha suas suspeitas, mas não disse nada.

– Pela alegria de minha companhia, certamente – disse, com ligeireza. – E há também a Muralha. Tem de vê-la, Vossa Graça, precisa caminhar entre suas ameias e falar com aqueles que a guarnecem. A Patrulha da Noite é uma sombra do que já foi. Benjen diz…

– Sem dúvida que ouvirei o que diz seu irmão muito em breve – respondeu Robert. – A Muralha está ali há, o quê?, oito mil anos? Pode esperar mais alguns dias. Tenho preocupações mais urgentes. Estes são tempos difíceis. Necessito de bons homens ao meu redor. Homens como Jon Arryn. Ele serviu como Senhor do Ninho da Águia, como Protetor do Leste, como a Mão do Rei. Não será fácil substituí-lo.

– Seu filho… – começou Ned.

– Seu filho herdará o Ninho da Águia e todos os seus rendimentos – disse Robert bruscamente. – Nada mais.

Aquilo pegou Ned de surpresa. Parou, surpreso, e virou-se para olhar o rei. As palavras saíram-lhe espontaneamente:

– Os Arryn sempre foram Protetores do Leste. O título vem com o domínio.

– Talvez quando tenha idade a honraria lhe seja restaurada – disse Robert. – Tenho este ano e o seguinte para pensar no assunto. Um garoto de seis anos não é um líder de guerra, Ned.

– Em tempo de paz, o título é apenas uma honraria. Deixe que o garoto o mantenha. Pelo seu pai, se não por ele. Decerto deve isto a Jon por seus serviços.

O rei não estava contente. Tirou o braço dos ombros de Ned.

– Os serviços de Jon constituíram seu dever para com seu senhor. Não sou ingrato, Ned. Você, de todos os homens, deveria sabê-lo. Mas o filho não é o pai. Um mero garoto não pode defender o Leste – então o tom suavizou-se. – Basta disto. Há um cargo mais importante sobre o qual conversar, e não desejo discutir contigo. – Robert agarrou Ned pelo cotovelo. – Preciso de você, Ned.

– Estou às vossas ordens, Vossa Graça. Sempre – eram palavras que tinha de pronunciar, e ficou apreensivo com o que poderia vir a seguir.

Robert quase não pareceu ouvi-lo.

– Aqueles anos que passamos no Ninho da Águia… *deuses*, foram bons anos. Quero você de novo a meu lado, Ned. Quero-o lá embaixo, em Porto Real, e não aqui no fim do mundo, onde não tem utilidade para ninguém – por um momento, Robert olhou a escuridão tão melancólico como um Stark. – Juro-lhe, estar sentado num trono é mil vezes mais difícil do que conquistar um. As leis são uma coisa entediante, e contar tostões é pior. E o povo… não tem fim. Sento-me naquela maldita cadeira de ferro e ouço-os se queixarem até ficar com a mente embotada e o rabo em carne viva. Todos querem alguma coisa, dinheiro, terra ou justiça. As mentiras que contam… e os meus senhores e senhoras não são melhores. Estou cercado de aduladores e idiotas. Aquilo pode levar um homem à loucura, Ned. Metade deles não se atreve a me dizer a verdade, e a outra metade não é capaz de encontrá-la. Há noites em que desejo que tivéssemos perdido no Tridente. Ah, não, não de verdade, mas…

– Compreendo – disse Ned com voz suave.

Robert olhou para ele.

– Penso que compreende. E se compreende, é o único, meu velho amigo – sorriu. – Lorde Eddard Stark, é meu desejo nomeá-lo Mão do Rei.

Ned caiu sobre um joelho. A oferta não o surpreendera; que outra razão teria Robert para viajar até tão longe? A Mão do Rei era o segundo homem mais poderoso nos Sete Reinos. Falava com a voz do rei, comandava seus exércitos, esboçava suas leis. Por vezes até se sentava no Trono de Ferro para fazer a justiça do rei, quando este se encontrava ausente, ou doente, ou indisposto de outra maneira qualquer. Robert agora oferecia uma responsabilidade tão grande quanto o próprio reino. Era a última coisa no mundo que desejava.

– Vossa Graça, não sou merecedor de tal honra.

Robert grunhiu com uma impaciência bem-humorada.

– Se quisesse honrá-lo, deixaria que se aposentasse? Planejo fazê-lo gerir o reino e lutar as guerras enquanto eu como, bebo e fornico a caminho de uma cova antecipada – deu uma palmada no estômago e abriu um sorriso. – Conhece aquele ditado sobre o rei e a sua Mão?

Ned conhecia o ditado:

– Aquilo que o rei sonha, a Mão constrói.

– Uma vez dormi com uma peixeira que me disse que os de baixo nascimento têm uma versão mais refinada. O rei come, dizem eles, e a Mão recolhe a merda – jogou a cabeça para trás e rebentou em sonoras gargalhadas. Os ecos ressoaram pela escuridão, e, ao seu redor, os mortos de Winterfell pareceram observar com olhos frios e desaprovadores.

Por fim, o riso diminuiu e cessou. Ned continuava sobre o joelho, sem alegria nos olhos.

– Que diabos, Ned – queixou-se o rei. – Podia ao menos brindar-me com um sorriso.

– Dizem que fica tão frio por aqui no inverno que as gargalhadas dos homens congelam em suas gargantas e os sufocam até a morte – disse Ned em tom monocórdio. – Talvez seja por isso que os Stark possuem tão pouco humor.

– Venha comigo para o Sul e o ensinarei de novo a rir – prometeu o rei. – Ajudou-me a ganhar este maldito trono, agora ajude-me a mantê-lo. Estamos destinados a governar juntos. Se Lyanna tivesse sobrevivido, teríamos sido irmãos, ligados pelo afeto e também pelo sangue. Pois bem, não é tarde demais. Eu tenho um filho. Você tem uma filha. Meu Joff e sua Sansa unirão as nossas Casas, como Lyanna e eu poderíamos ter feito em tempos.

Aquela oferta o surpreendeu.

– Sansa tem apenas onze anos.

Robert fez um gesto impaciente com a mão.

– Tem idade suficiente para ficar prometida. O casamento pode esperar alguns anos – ele sorriu. – Agora, ponha-se em pé e diga que sim, maldito.

– Nada me daria maior prazer, Vossa Graça – respondeu Ned. Mas hesitou. – Todas estas honrarias são tão inesperadas. Posso ter algum

tempo para refletir? Preciso contar à minha esposa…

– Sim, sim, claro, conte a Catelyn, durma sobre o assunto se for preciso – o rei estendeu a mão, agarrou a de Ned e puxou-o rudemente, pondo-o em pé. – Basta que não me deixe à espera tempo demais. Não sou o mais paciente dos homens.

Por um momento, Eddard Stark sentiu-se atacado por uma terrível sensação de mau presságio. *Aquele* era seu lugar, ali no Norte. Olhou as figuras de pedra que o rodeavam, inspirou profundamente no silêncio gelado da cripta. Conseguia sentir os olhos dos mortos. Sabia que todos eles escutavam. E o inverno estava chegando.

# Jon

Havia momentos – não muitos, mas alguns – em que Jon Snow ficava feliz por ser um bastardo. Enquanto enchia mais uma vez sua taça com o vinho de um jarro que ia passando, deu-se conta de que aquele poderia ser um desses momentos.

Voltou a se instalar em seu lugar ao banco, entre os escudeiros mais novos, e bebeu. O sabor doce e frutado do vinho estival encheu-lhe a boca e trouxe-lhe um sorriso aos lábios.

O ar no Grande Salão de Winterfell estava repleto de fumaça e pesado com os cheiros de carne assada e pão recém-assado. As grandes paredes de pedra do salão estavam adornadas com estandartes. Branco, dourado, carmesim: o lobo gigante de Stark, o veado coroado de Baratheon, o leão de Lannister. Um cantor tocava harpa e recitava uma balada, mas nesta ponta do salão quase não se conseguia ouvir sua voz acima do rugir do fogo, do clangor de pratos e taças de peltre, e do burburinho grave de uma centena de conversas ébrias.

Era a quarta hora do banquete de boas-vindas oferecido ao rei. Os irmãos e as irmãs de Jon tinham sido postos junto dos filhos do rei, por baixo da plataforma elevada onde o Senhor e a Senhora Stark recebiam o rei e a rainha. Em honra da ocasião, o senhor seu pai iria sem dúvida permitir a cada filho um copo de vinho, mas não mais do que isso. Ali, nos bancos, não havia ninguém para impedir que Jon bebesse tanto quanto sua sede exigisse.

E estava descobrindo que tinha uma sede de homem, para a áspera satisfação dos jovens que o rodeavam e que o incentivavam toda vez que esvaziava um copo. Eram boa companhia, e Jon apreciava as histórias que contavam, histórias de batalha, de cama e de caça. Tinha certeza de que os companheiros eram mais divertidos do que a prole do rei. Saciou sua curiosidade a respeito dos visitantes quando estes entraram. A

procissão passara a não mais de um pé do local que lhe fora atribuído no banco, e Jon lançara um intenso e demorado olhar para todos eles.

O senhor seu pai viera à frente, acompanhando a rainha. Ela era tão bela quanto os homens descreviam. Uma tiara cravejada de joias brilhava entre seus longos cabelos dourados, e as esmeraldas que continha combinavam perfeitamente com o verde de seus olhos. O pai de Jon a ajudou a subir os degraus que levavam ao tablado e indicou-lhe o caminho até seu lugar, mas a rainha nem sequer olhou para ele. Mesmo com catorze anos, Jon era capaz de ver além de seu sorriso.

Em seguida, veio o próprio Rei Robert, trazendo a Senhora Stark pelo braço. O rei foi uma grande desilusão para Jon. O pai falara dele com frequência: o inigualável Robert Baratheon, demônio do Tridente, o mais feroz guerreiro do reino, um gigante entre os príncipes. Jon viu apenas um homem gordo, com o rosto vermelho sob a barba, transpirando através de suas sedas. Caminhava como um homem meio embriagado.

Depois vieram os filhos. Primeiro o pequeno Rickon, dominando a longa caminhada com toda a dignidade que um garotinho de três anos é capaz de reunir. Jon teve de incentivá-lo a seguir, quando Rickon parou ao seu lado. Logo atrás veio Robb, vestido de lã cinzenta ornamentada de branco, as cores dos Stark. Trazia pelo braço a Princesa Myrcella. Era uma pequena menina, com quase oito anos, os cabelos como uma cascata de cachos dourados sob uma rede cravejada de joias. Jon reparou nos olhares acanhados que ela dirigia a Robb enquanto passavam por entre as mesas e no modo tímido como lhe sorria. Decidiu que a menina era insípida. Robb nem tinha o bom-senso de notar quão estúpida ela era, e sorria como um tolo.

Suas meias-irmãs acompanhavam os príncipes reais. Arya tinha como par o roliço jovem Tommen, cujos cabelos loiro-esbranquiçados eram mais longos que os dela. Sansa, dois anos mais velha, puxava o príncipe real, Joffrey Baratheon. Ele tinha doze anos, menos que Jon ou Robb, mas era mais alto do que qualquer um deles, para sua grande frustração. Príncipe Joffrey tinha os cabelos da irmã e os profundos olhos verdes da mãe. Uma espessa mata de cachos loiros caía para lá de sua gargantilha dourada e da alta gola de veludo. Sansa parecia radiante enquanto caminhava a seu lado, mas Jon não gostou dos lábios mal-humorados de

Joffrey nem do modo aborrecido e desdenhoso com que avaliou o Grande Salão de Winterfell.

Interessou-lhe mais o par que veio a seguir: os irmãos da rainha, os Lannister de Rochedo Casterly. O Leão e o Duende; não havia como confundi-los. Sor Jaime Lannister era gêmeo da Rainha Cersei; alto e dourado, com flamejantes olhos verdes e um sorriso que cortava como uma faca. Trajava seda carmesim, botas negras de cano alto, um manto de cetim negro. No peito da túnica, o leão de sua Casa estava bordado em fio de ouro, rugindo em desafio. Chamavam-lhe Leão de Lannister na sua presença e "Regicida" às suas costas.

Jon sentiu dificuldade em desviar o olhar do homem. *É este o aspecto que um rei deve ter*, pensou consigo mesmo quando Jaime passou por ele.

Então viu o outro, bamboleando ao lado do irmão, meio escondido por seu corpo. Tyrion Lannister, o mais novo dos filhos de Lorde Tywin e de longe o mais feio. Tudo que os deuses tinham dado a Cersei e Jaime negaram a Tyrion. Era um anão, com metade da altura do irmão, lutando para acompanhar seu passo sobre pernas atrofiadas. A cabeça era grande demais para o corpo, com um rosto animalesco esborrachado por baixo de sobrancelhas salientes. Um olho verde e um negro espreitavam sob uma cascata de cabelos escorridos e tão loiros que pareciam brancos. Jon o observou fascinado.

O último dos grandes senhores a entrar foi seu tio, Benjen Stark, da Patrulha da Noite, e o protegido do pai, o jovem Theon Greyjoy. Benjen dirigiu a Jon um sorriso caloroso quando passou por ele. Theon o ignorou por completo, mas nisso nada havia de novo. Depois de todos terem se sentado, foram feitos brindes, dados e devolvidos agradecimentos e, então, deu-se início ao festim.

Jon começara a beber nesse momento e ainda não parara. Algo roçou sua perna sob a mesa. Ele viu os olhos vermelhos que o encaravam.

– Outra vez com fome? – perguntou. Ainda havia meio frango com mel no centro da mesa. Jon esticou o braço para arrancar uma perna, mas depois teve uma ideia melhor. Espetou uma faca na ave inteira e a deixou escorregar para o chão por entre as pernas. Fantasma a atacou em silêncio selvagem. Não tinham permitido aos irmãos e às irmãs que trouxessem seus lobos para o banquete, mas naquela ponta do salão havia mais rafeiros do que Jon conseguia contar, e ninguém dissera uma

palavra sobre seu cachorro. Disse a si mesmo que também nisto era afortunado.

Seus olhos ardiam. Jon os esfregou furiosamente, amaldiçoando a fumaça. Engoliu outro trago de vinho e observou seu lobo gigante devorar o frango.

Cães moviam-se por entre as mesas, perseguindo as criadas. Um deles, uma cadela preta vira-lata com longos olhos amarelos, detectou o cheiro do frango. Parou e meteu-se por baixo do banco para obter uma parte. Jon observou o confronto. A cadela soltou uma rosnadela profunda e aproximou-se. Fantasma ergueu os olhos quentes e rubros, em silêncio, e se fixou nela. A cadela soltou um desafio irado. Tinha três vezes seu tamanho, mas Fantasma não se afastou. Ergueu-se sobre ela e abriu a boca, mostrando as presas. A cadela ficou tensa, latiu uma vez mais, e depois pensou melhor a respeito da luta. Virou-se e escapuliu, com um último latido desafiador para salvar o orgulho. Fantasma voltou a prestar atenção à refeição.

Jon sorriu e esticou o braço para lhe acariciar o pelo branco. O lobo gigante olhou para ele, deu-lhe uma dentadinha gentil na mão e pôs-se a comer novamente.

– Este é um dos lobos gigantes de que tanto ouvi falar? – perguntou perto dele uma voz familiar.

Jon ergueu seus olhos, feliz, quando tio Ben lhe pôs a mão na cabeça e desalinhou seus cabelos tanto quanto ele fizera com os pelos do lobo.

– Sim – disse. – Chama-se Fantasma.

Um dos escudeiros interrompeu a história obscena que estava contando para abrir lugar na mesa para o irmão de seu senhor. Benjen Stark escarranchou-se no banco com pernas longas e tirou a taça de vinho da mão de Jon.

– Vinho de verão – disse depois de provar. – Não há nada mais doce. Quantas taças já bebeu, Jon?

Jon sorriu.

Ben Stark soltou uma gargalhada.

– Tal como eu temia. Ah, bem. Acho que era mais novo do que você da primeira vez que fiquei verdadeira e sinceramente bêbado – surrupiou de uma travessa próxima uma cebola assada que pingava molho de carne e mordeu-a. A cebola estalou.

O tio de Jon tinha feições angulosas e era descarnado como um penhasco, mas havia sempre uma sugestão de riso em seus olhos azul-acinzentados. Vestia-se de negro, como era próprio de um homem da Patrulha da Noite. Hoje trajava um rico veludo negro, com grandes botas de couro e um cinto largo com fivela de prata. Uma pesada corrente de prata pendia de seu pescoço. Benjen observou Fantasma, divertido, enquanto comia a cebola.

– Um lobo muito sossegado – observou.

– Não é como os outros – disse Jon. – Nunca solta um som. Foi por isso que o chamei Fantasma. Por isso e porque é branco. Os outros são todos escuros, cinzentos ou pretos.

– Ainda há lobos gigantes para lá da Muralha. Nós os ouvimos em nossas patrulhas – Benjen Stark olhou longamente para Jon. – Não costuma comer à mesa de seus irmãos?

– Na maioria das vezes – respondeu Jon em voz monocórdia. – Mas hoje a Senhora Stark pensou que poderia ser um insulto para a família real se um bastardo se sentasse entre eles.

– Estou vendo – o tio olhou por sobre o ombro para a mesa elevada na outra ponta do salão. – Meu irmão não parece muito festivo hoje.

Jon também notara. Um bastardo tinha de aprender a reparar nas coisas, a ler a verdade que as pessoas escondiam por trás dos olhos. Seu pai cumpria todas as cortesias, mas havia nele uma rigidez que Jon raramente vira antes. Pouco falava, olhando o salão com olhos turvos, sem nada ver. A dois lugares de distância, o rei bebera durante toda a noite. O rosto largo estava corado por trás da barba negra. Fizera muitos brindes, rira sonoramente com todas as brincadeiras e atacara todos os pratos como um faminto, mas, ao seu lado, a rainha parecia tão fria como uma escultura de gelo.

– A rainha também está zangada – disse Jon ao tio, com uma voz calma e baixa. – Meu pai levou o rei às criptas esta tarde. A rainha não queria que ele fosse.

Benjen lançou um olhar cauteloso e avaliador a Jon.

– Não deixa passar muitas coisas, não é, Jon? Podíamos fazer uso de um homem como você na Muralha.

Jon inchou de orgulho.

– Robb é um lanceiro mais forte do que eu, mas sou melhor espadachim, e Hullen diz que monto um cavalo tão bem como qualquer outro no castelo.

– Notáveis realizações.

– Leve-me com você quando regressar à Muralha – disse Jon com súbita precipitação. – Meu pai me dará licença para ir se eu lhe pedir, sei que dará.

Tio Benjen estudou seu rosto com cuidado.

– A Muralha é um lugar duro para um rapaz, Jon.

– Sou quase um homem-feito – Jon protestou. – Vou fazer quinze anos no próximo dia do meu nome, e Meistre Luwin diz que os bastardos crescem mais depressa que as outras crianças.

– Isso é verdade – disse Benjen, retorcendo a boca para baixo. Tomou a taça de Jon, encheu-a de um jarro que encontrou ali perto e bebeu um longo gole.

– Daeren Targaryen tinha só quinze anos quando conquistou Dorne – disse Jon. O Jovem Dragão era um de seus heróis.

– Uma conquista que durou um verão – o tio ressaltou. – Seu Rei Rapaz perdeu dez mil homens na conquista do lugar e outros cinquenta ao tentar mantê-lo. Alguém devia ter lhe dito que a guerra não é um jogo – bebeu outro gole de vinho. – Além disso – disse, limpando a boca –, Daeren Targaryen tinha só dezoito anos quando morreu. Ou será que se esqueceu dessa parte?

– Não me esqueço de nada – vangloriou-se Jon. O vinho o deixava ousado. Tentou sentar-se muito ereto para parecer mais alto. – Quero servir na Patrulha da Noite, tio.

Tinha refletido sobre o assunto longa e duramente, deitado na cama à noite enquanto os irmãos dormiam à sua volta. Robb um dia herdaria Winterfell, comandaria grandes exércitos enquanto Protetor do Norte. Bran e Rickon seriam vassalos de Robb e governariam castros em seu nome. As irmãs, Arya e Sansa, se casariam com os herdeiros de outras grandes Casas e iriam para o Sul como senhoras de seus próprios castelos. Mas a que lugar podia um bastardo aspirar?

– Não sabe o que está pedindo, Jon. A Patrulha da Noite é uma irmandade juramentada. Não temos famílias. Nenhum de nós algum dia será pai. Somos casados com o dever. Nossa amante é a honra.

– Um bastardo também pode ter honra – disse Jon. – Estou pronto para prestar o juramento.

– Você é um rapaz de catorze anos – disse Benjen. – Não é um homem. Ainda não. Até ter conhecido uma mulher, não pode compreender o que estará deixando para trás.

– Isso não me interessa! – Jon respondeu ardentemente.

– Mas poderia se interessar se soubesse a que me refiro – disse Benjen. – Se soubesse o que o juramento lhe custará, estaria menos ansioso por pagar o preço, filho.

Jon sentiu a ira crescer no peito.

– Não sou seu filho!

Benjen Stark pôs-se em pé.

– Maior é a pena – pôs uma mão no ombro de Jon. – Venha ter comigo depois de ter sido pai de alguns bastardos seus e veremos então como se sente.

Jon estremeceu.

– Nunca serei pai de um bastardo – disse com cuidado. – *Nunca!* – cuspiu a palavra como se fosse veneno.

De repente, percebeu que a mesa caíra em silêncio e que todos o estavam olhando. Sentiu que as lágrimas começavam a jorrar por trás de seus olhos e pôs-se em pé.

– Devo me retirar – disse, com o resto de sua dignidade. Virou-se e fugiu antes que o vissem chorar. Devia ter bebido mais vinho do que se dera conta. Seus pés embaralhavam-se sob seu corpo quando tentou sair do salão e cambaleou de lado, esbarrando numa criada, atirando ao chão um jarro de vinho com especiarias. Gargalhadas trovejaram por todo o lado à sua volta, e Jon sentiu lágrimas quentes nas bochechas. Alguém tentou ampará-lo, mas ele saiu com violência daquelas mãos e correu meio cego para a porta. Fantasma o seguiu de perto para a noite.

O pátio estava silencioso e vazio. Uma sentinela solitária estava bem no alto, nas ameias da muralha interior, bem enrolada no manto contra o frio. O homem parecia aborrecido e infeliz ao apertar-se ali, sozinho, mas Jon teria rapidamente trocado de lugar com ele. Além da sentinela, o castelo estava escuro e deserto. Jon vira certa vez um castro abandonado, um lugar lúgubre onde nada se movia além do vento e as pedras

mantinham o silêncio acerca de quem vivera ali. Hoje, Winterfell lembrava-lhe aquele dia.

Os sons de música e cantos derramavam-se pelas janelas abertas em suas costas. Eram as últimas coisas que Jon queria ouvir. Limpou as lágrimas na manga da camisa, furioso por tê-las deixado fluir, e virou-se para ir embora.

– Rapaz – chamou uma voz. Jon voltou-se.

Tyrion Lannister estava sentado na saliência por cima da porta do grande salão, assemelhando-se por completo a uma gárgula. O anão sorriu-lhe.

– Esse animal é um lobo?

– Um lobo gigante – disse Jon. – Chama-se Fantasma – pôs-se a olhar o homenzinho, de súbito esquecido do desapontamento. – O que faz aí? Por que não está no banquete?

– Está quente demais, ruidoso demais e bebi muito vinho – disse o anão. – Aprendi há muito que se considera má-educação vomitar por cima do irmão. Posso ver o seu lobo mais de perto?

Jon hesitou, mas depois lentamente concordou.

– Consegue descer daí ou devo ir buscar uma escada?

– Ah, que se dane – disse o homenzinho. Atirou-se da saliência para o ar vazio. Jon sobressaltou-se, depois viu com um temor respeitoso como Tyrion Lannister rodopiou numa bola apertada, aterrissou ligeiro sobre as mãos e depois volteou para trás, caindo em pé.

Fantasma afastou-se dele com receio.

O anão sacudiu o pó e soltou uma gargalhada.

– Creio que assustei seu lobo. Minhas desculpas.

– Não está assustado – disse Jon. Ajoelhou-se e chamou seu lobo. – Fantasma, vem cá. Anda. Isso mesmo.

A cria de lobo aproximou-se e encostou o focinho no rosto de Jon, mas manteve um olho cuidadoso em Tyrion Lannister, e, quando o anão estendeu a mão para lhe fazer carinho, afastou-se e mostrou os caninos num rosnado silencioso.

– É tímido, não é? – observou Lannister.

– Senta, Fantasma – ordenou Jon. – Isso mesmo. Quieto – ergueu os olhos para o anão. – Pode tocá-lo agora. Ele não se mexerá até que eu lhe diga para fazê-lo. Eu o tenho treinado.

– Compreendo – disse o Lannister. Esfregou o pelo branco como a neve entre as orelhas de Fantasma e disse: – Bonito lobo.

– Se eu não estivesse aqui, ele rasgaria sua garganta – disse Jon. Ainda não era bem verdade, mas viria a ser.

– Nesse caso, é melhor que fique por perto – disse o anão. Inclinou a cabeça grande demais para um lado e observou Jon com seus olhos desiguais. – Chamo-me Tyrion Lannister.

– Eu sei – disse Jon. Ergueu-se. Em pé, era mais alto que o anão. Mas isso o fazia sentir-se estranho.

– E você é o bastardo de Ned Stark, não é?

Jon sentiu-se atravessado por uma sensação de frio. Apertou os lábios e não disse nada.

– Eu o ofendi? – disse Lannister. – Perdão. Os anões não têm de ter tato. Gerações de bobos variegados conquistaram para mim o direito de me vestir mal e de dizer qualquer maldita coisa que me venha à cabeça – ele sorriu. – Mas você *é* o bastardo.

–Lorde Eddard Stark é meu pai – admitiu Jon rigidamente.

Lannister estudou-lhe o rosto.

– Sim – disse. – Consigo ver. Você tem em si mais do Norte que seus irmãos.

– Meios-irmãos – Jon corrigiu. O comentário do anão o agradara, mas tentou não mostrar.

– Deixe-me lhe dar um conselho, bastardo – disse Lannister. – Nunca se esqueça de quem é, porque é certo que o mundo não se lembrará. Faça disso sua força. Assim, não poderá ser nunca a sua fraqueza. Arme-se com essa lembrança, e ela nunca poderá ser usada para magoá-lo.

Jon não estava com disposição de ouvir conselhos de ninguém.

– Que sabe você de ser um bastardo?

– Todos os anões são bastardos aos olhos dos pais.

– Você é filho legítimo de Lannister.

– Ah, sou? – respondeu o anão, sarcástico. – Vá dizer isso ao senhor meu pai. Minha mãe morreu ao dar-me à luz, e ele nunca teve certeza.

– Nem sequer sei quem foi minha mãe – disse Jon.

– Uma mulher qualquer, sem dúvida. A maior parte delas é isso – dirigiu a Jon um sorriso tristonho. – Lembre-se disso, rapaz. Todos os anões são bastardos, mas nem todos os bastardos precisam ser anões – e,

com essas palavras, virou as costas e regressou vagarosamente ao banquete, assobiando uma canção. Quando abriu a porta, a luz vinda de dentro atirou pátio afora sua sombra bem definida e, por um momento, Tyrion Lannister ergueu-se alto como um rei.

# Catelyn

Entre todos os quartos da Torre Grande de Winterfell, os aposentos de Catelyn eram os mais quentes. Ela raramente tinha de acender uma fogueira. O castelo tinha sido construído sobre nascentes naturais de água quente, e as águas escaldantes corriam por suas paredes e quartos como sangue pelo corpo de um homem, afastando o frio dos salões de pedra, enchendo os jardins de vidro com um calor úmido, impedindo o congelamento da terra. Lagoas ao ar livre fumegavam noite e dia numa dúzia de pequenos pátios. Isso, no verão, era coisa pouca; no inverno, era a diferença entre a vida e a morte.

O banho de Catelyn era sempre quente e cheio de vapor, e suas paredes, mornas ao toque. O calor lembrava-lhe Correrrio, dias ao sol com Lysa e Edmure, mas Ned nunca conseguira se habituar. Os Stark eram feitos para o frio, dizia-lhe, e ela ria e respondia que nesse caso tinham certamente construído seu castelo no lugar errado.

Por isso, quando terminaram, Ned rolou e saltou para fora da cama, como já fizera mil vezes antes. Atravessou o quarto, afastou as pesadas tapeçarias e abriu as altas e estreitas janelas uma a uma, deixando entrar o ar da noite.

O vento rodopiou à sua volta quando parou para olhar a escuridão, nu e de mãos vazias. Catelyn puxou as peles até o queixo e o observou. Parecia de certo modo menor e mais vulnerável, como o jovem com quem se casara no septo de Correrrio havia quinze longos anos. Seus rins ainda doíam da urgência do amor. Era uma dor boa. Conseguia sentir a semente dele dentro de si. Rezou para que pudesse aí brotar. Tinham se passado três anos desde Rickon. Ela não era velha demais. Podia lhe dar outro filho.

– Vou dizer-lhe que não – disse Ned quando se voltou de novo para ela. Tinha os olhos assombrados por fantasmas e a voz espessa de dúvidas.

Catelyn sentou-se na cama.

– Não pode. Não *deve*.

– Meus deveres estão aqui no Norte. Não tenho nenhum desejo de ser a Mão de Robert.

– Ele não o compreenderá. É agora um rei, e os reis não são como os outros homens. Se se recusar a servi-lo, ele quererá saber por que, e mais cedo ou mais tarde começará a suspeitar de que se opõe a ele. Não vê o perigo em que nos colocaria?

Ned balançou a cabeça, recusando-se a acreditar.

– Robert nunca me faria mal, nem a nenhum dos meus. Éramos mais próximos que irmãos. Ele me adora. Se lhe disser que não, ele rugirá, praguejará e estrondeará, e uma semana mais tarde estaremos juntos, rindo do assunto. Conheço o homem!

– Conhece o homem – disse ela. – O rei é um estranho para você – Catelyn recordava o lobo gigante morto na neve, com o chifre quebrado profundamente alojado na garganta. Tinha de fazê-lo compreender. – O orgulho é tudo para um rei, meu senhor. Robert percorreu essa distância toda para vê-lo, para lhe trazer essas grandes honrarias, não pode atirá-las à cara.

– Honrarias? – Ned soltou uma gargalhada amarga.

– Aos seus olhos, sim – disse ela.

– E aos seus?

– Aos meus *também* – exclamou ela, agora zangada. Por que ele não compreendia? – Oferece o próprio filho em casamento à nossa filha, que outro nome daria a isso? Sansa pode vir um dia a ser rainha. Os filhos deles poderão governar da Muralha até as montanhas de Dorne. O que tem isso de errado?

– Deuses, Catelyn, Sansa tem só *onze anos* – Ned respondeu. – E Joffrey… Joffrey é…

Ela terminou a frase por ele.

– … príncipe da coroa e herdeiro do Trono de Ferro. E eu tinha só doze anos quando meu pai me prometeu ao seu irmão Brandon.

Aquilo trouxe um sorriso amargo aos lábios de Ned.

– Brandon. Sim. Brandon saberia o que fazer. Sabia sempre. Tudo estava destinado a Brandon. Você, Winterfell, tudo. Ele nasceu para ser Mão do Rei e pai de rainhas. Eu nunca pedi para que esse cálice me fosse oferecido.

– Talvez não – disse Catelyn –, mas Brandon está morto, o cálice foi oferecido, e agora você deve beber dele, goste ou não.

Ned virou-lhe as costas, devolvendo o olhar para a noite. E ficou observando talvez a lua e as estrelas, talvez as sentinelas na muralha.

Então Catelyn enterneceu-se ao ver sua dor. Eddard Stark casara com ela ocupando o lugar de Brandon, como mandava o costume, mas a sombra do irmão morto ainda pairava entre eles tal como a outra, a sombra da mulher que dera à luz seu filho bastardo.

Preparava-se para se aproximar dele quando alguém bateu à porta, sonora e inesperadamente. Ned virou-se, franzindo o olho.

– Que é?

A voz de Desmond soou através da porta.

– Senhor, Meistre Luwin está lá fora e suplica uma audiência urgente.

– Disse a ele que deixei ordens para não ser incomodado?

– Sim, senhor. Ele insiste.

– Muito bem. Mande-o entrar.

Ned atravessou o quarto na direção de um armário e enfiou-se num roupão pesado. Catelyn subitamente percebeu como tinha esfriado. Sentou-se na cama e puxou as peles até o queixo.

– Talvez devêssemos fechar as janelas – sugeriu.

Ned assentiu de forma ausente. Meistre Luwin foi introduzido no aposento.

O meistre era um pequeno homem cinzento, como seus olhos, rápidos, que viam muito. Os cabelos, o pouco que os anos lhe tinham deixado, eram grisalhos. Sua toga era de lã cinza ornamentada com pelo branco, as cores dos Stark. As grandes mangas pendentes tinham bolsos escondidos no interior. Luwin passava a vida a enfiar coisas nessas mangas e a delas extrair outras mais: livros, mensagens, estranhos artefatos, brinquedos para as crianças. Com tudo que mantinha escondido nas mangas, Catelyn surpreendia-se de o Meistre Luwin ser capaz de erguer os braços.

O meistre esperou até que a porta fosse fechada atrás de si antes de falar.

– Meu senhor – disse a Ned –, perdoe-me por perturbar seu descanso. Foi-me deixada uma mensagem.

Ned parecia irritado.

– Foi-lhe *deixada*? Por quem? Chegou um cavaleiro? Não fui informado.

– Não houve nenhum cavaleiro, senhor. Apenas uma caixa de madeira esculpida, deixada sobre a mesa do meu observatório enquanto eu cochilava. Meus servos não viram ninguém, mas deve ter sido trazida por alguém da comitiva do rei. Não recebemos nenhum outro visitante vindo do Sul.

– Uma caixa de madeira, você diz? – falou Catelyn.

– Dentro dela havia uma nova lente de qualidade para o observatório, aparentemente proveniente de Myr. Os fabricantes de lentes de Myr não têm igual.

Ned franziu a testa. Catelyn sabia que ele tinha pouca paciência para aquele tipo de coisa.

– Uma lente – disse. – Que tem isso a ver comigo?

– Fiz-me a mesma questão – disse o Meistre Luwin. – Era claro que havia ali mais do que parecia.

Sob o peso de suas peles, Catelyn estremeceu.

– Uma lente é um instrumento para auxiliar a visão.

– De fato, é – o meistre levou os dedos ao colar de sua ordem; uma corrente pesada, apertada em torno do pescoço sob a toga, com cada elo forjado de um metal diferente.

Catelyn podia sentir o terror a agitar-se de novo dentro dela.

– O que é que eles querem que vejamos mais claramente?

– Foi isso mesmo o que me perguntei. – Meistre Luwin retirou um papel muito bem enrolado de dentro da manga. – Encontrei a verdadeira mensagem escondida num fundo falso quando desmantelei a caixa em que a lente tinha vindo, mas não é para os meus olhos.

Ned estendeu a mão.

– Então dê-me.

Luwin não se mexeu.

– Perdoe-me, senhor. A mensagem também não é para o senhor. Está marcada para os olhos da Senhora Catelyn, e apenas para ela. Posso me aproximar?

Catelyn assentiu, faltando-lhe a confiança necessária para falar. O meistre colocou o papel na mesa ao lado da cama. Estava selado com

uma pequena gota de cera azul. Luwin fez uma reverência e preparava-se para sair.

– Fique – ordenou-lhe Ned. Sua voz era grave. Olhou para Catelyn.

– O que houve? Senhora, está tremendo.

– Tenho medo – ela admitiu. Esticou o braço e pegou a carta com mãos trementes. As peles caíram, revelando sua nudez esquecida. Na cera azul encontrava-se o selo do falcão e da lua da Casa Arryn. – É de Lysa – Catelyn olhou para o marido. – Não o deixará contente – ela disse ao marido. – Há dor nesta mensagem, Ned. Posso senti-la.

Ned franziu a sobrancelha, e uma sombra cobriu seu rosto.

– Abra-a.

Catelyn rompeu o selo.

Seus olhos moveram-se sobre as palavras. A princípio pareceu não encontrar nenhum sentido. Mas depois se recordou.

– Lysa não deixou nada ao acaso. Quando éramos meninas, tínhamos uma língua privada.

– Consegue lê-la?

– Sim – admitiu Catelyn.

– Então nos conte o que diz.

– Talvez deva me retirar – disse o Meistre Luwin.

– Não – Catelyn pediu. – Precisaremos de seus conselhos – atirou as peles para o lado e saiu da cama. Ao caminhar pelo aposento, sentiu na pele nua o ar da noite, tão frio como uma sepultura.

Meistre Luwin afastou o olhar. Até Ned pareceu chocado.

– Que está fazendo? – perguntou.

– Estou acendendo o fogo – ela informou. Encontrou um roupão e encolheu-se para dentro dele, ajoelhando-se depois junto à lareira fria.

– O Meistre Luwin… – começou Ned.

– O Meistre Luwin pôs no mundo todos os meus filhos – disse Catelyn. – Agora não é hora para falsos pudores – enfiou o papel entre os gravetos e colocou os troncos mais pesados por cima.

Ned atravessou o quarto, agarrou-lhe o braço e a pôs de pé. Segurou-a assim, com o rosto a centímetros do dela.

– Minha senhora, diga! O que havia na mensagem?

Catelyn ficou tensa sob o aperto.

– Um aviso – disse com suavidade. – Se tivermos perspicácia para escutá-lo.

Os olhos dele perscrutaram seu rosto.

– Prossiga.

– Lysa diz que Jon Arryn foi assassinado.

Os dedos dele endureceram em seu braço.

– Por quem?

– Os Lannister – ela disse. – A rainha.

Ned largou o braço. Havia profundas marcas vermelhas na pele de Catelyn.

– Deuses – murmurou. Sua voz estava rouca. – Sua irmã está doente de dor. Não sabe o que diz.

– Sabe – disse Catelyn. – Lysa é impulsiva, sim, mas essa mensagem foi cuidadosamente planejada, e inteligentemente escondida. Ela sabia que, se a carta caísse nas mãos erradas, isso significaria a morte. Para arriscar tanto, deve ter mais do que meras suspeitas – Catelyn olhou para o marido. – Agora realmente não temos escolha. Você *tem* de ser a Mão de Robert. Tem de ir com ele para o Sul e descobrir a verdade.

Viu de imediato que Ned tinha chegado a uma conclusão muito diferente.

– As únicas verdades que conheço estão aqui. O Sul é um ninho de víboras que eu faria bem em evitar.

Luwin puxou a corrente de seu colar no local onde lhe irritara a delicada pele da garganta.

– A Mão do Rei possui grande poder, senhor. Poder para descobrir a verdade sobre a morte de Lorde Arryn, para trazer seus assassinos à justiça do rei. Poder para proteger a Senhora Arryn e seu filho, se o pior se confirmar.

Ned olhou desamparado em torno do aposento. O coração de Catelyn apiedou-se dele, mas sabia que ainda não podia tomá-lo nos braços. Primeiro a vitória tinha de ser conseguida, para o bem de seus filhos.

– Você diz que ama Robert como a um irmão. Gostaria de ver seu irmão cercado pelos Lannister?

– Que os Outros levem os dois – murmurou Ned em tom sombrio. Virou-lhes as costas e foi até a janela. Ela nada disse, assim como o meistre. Esperaram, calados, enquanto Eddard Stark silenciosamente se

despedia da casa que amava. Quando por fim se afastou da janela, tinha a voz cansada, repleta de melancolia, e um leve brilho úmido nos cantos dos olhos. – Meu pai foi para o Sul uma vez, a fim de responder à convocatória de um rei. Nunca mais regressou para sua casa.

– Um tempo diferente – disse Meistre Luwin. – Um rei diferente.

– Sim – disse Ned com uma voz entorpecida. Sentou-se numa cadeira perto da lareira. – Catelyn, você ficará aqui em Winterfell.

As palavras foram como um sopro gelado que atravessava seu coração.

– Não – respondeu, de súbito temerosa. Seria aquela a sua punição? Nunca voltar a ver o rosto dele, nem sentir seus braços em volta de seu corpo?

– Sim – disse Ned, num tom de quem não toleraria discussões. – Deve governar o Norte em meu nome enquanto trato dos recados de Robert. Tem de haver um Stark em Winterfell sempre. Robb tem catorze anos. Logo será homem-feito. Tem de aprender a governar, e eu não estarei aqui para ajudá-lo. Faça-o tomar parte dos conselhos. Ele precisa estar pronto quando sua hora chegar.

– Que os deuses permitam que ela não chegue por muitos anos – murmurou Meistre Luwin.

– Meistre Luwin, confio em você como no meu próprio sangue. Dê à minha esposa a sua voz em todas as coisas grandes e pequenas. Ensine a meu filho aquilo que ele precisa saber. O inverno está chegando.

Meistre Luwin assentiu com gravidade. Então caiu o silêncio, até Catelyn reunir coragem e colocar a questão cuja resposta mais temia.

– E as outras crianças?

Ned levantou-se e tomou-a nos braços, trazendo-lhe o rosto para junto do seu.

– Rickon é muito novo – disse, com suavidade. – Deve ficar aqui com você e Robb. Os outros levarei comigo.

– Eu não suportaria – disse Catelyn, tremendo.

– Tem de suportar – disse ele. – Sansa deverá desposar Joffrey, isto é evidente agora; não devemos lhes dar motivos para suspeitar de nossa devoção. E já é mais que tempo de Arya aprender os costumes de uma corte do Sul. Dentro de poucos anos ela também estará em idade de se casar.

Sansa brilharia no Sul, pensou Catelyn para si mesma, e os deuses bem sabiam como Arya precisava de requinte. Relutantemente, abriu mão delas no coração. Mas Bran não. Bran nunca.

– Sim – disse –, mas, por favor, Ned, pelo amor que me tem, deixe que Bran fique aqui em Winterfell. Ele só tem sete anos.

– Eu tinha oito quando meu pai me enviou para ser criado no Ninho da Águia – ele respondeu. – Sor Rodrik me disse que existem maus sentimentos entre Robb e o Príncipe Joffrey. Isso não é saudável. Bran pode construir uma ponte sobre essa distância. É um garoto amável, rápido para rir, fácil de amar. Deixe que cresça com os jovens príncipes, deixe que se torne seu amigo como Robert se tornou meu. Nossa Casa ficará mais segura assim.

Ele tinha razão, e Catelyn sabia. Mas isso não tornava a dor mais fácil de suportar. Então perderia todos os quatro: Ned e ambas as meninas, e o seu doce e amoroso Bran. Só lhe restariam Robb e o pequeno Rickon. Já se sentia só. Winterfell era um lugar tão vasto.

– Então mantenha-o longe das muralhas – ela disse com bravura. – Você sabe como Bran gosta de escalar.

Ned secou-lhe as lágrimas nos olhos com beijos, não lhes dando tempo de cair.

– Obrigado, senhora minha – murmurou. – Isso é duro, bem sei.

– E quanto a Jon Snow, senhor? – perguntou Meistre Luwin.

Catelyn retesou-se ao ouvir a menção ao nome. Ned sentiu a ira nela e afastou-se.

Muitos homens eram pais de bastardos. Catelyn crescera com esse conhecimento. Não tinha sido surpresa para ela, no primeiro ano do casamento, saber que Ned fora pai de uma criança nascida de uma mulher qualquer, encontrada por acaso em campanha. Afinal de contas, tinha as necessidades de um homem, e os dois tinham passado aquele ano afastados, com Ned no Sul, na guerra, enquanto ela permanecia em segurança no castelo do pai, em Correrrio. Seus pensamentos iam mais para Robb, o bebê que amamentava, do que para o marido, que pouco conhecia. Qualquer consolo que ele encontrasse entre batalhas era-lhe indiferente, e se algum bebê vingasse, ela esperava que Ned assegurasse as necessidades da criança.

Ele fez mais do que isso. Os Stark não eram como os outros homens. Ned trouxe o bastardo para casa consigo e chamou-o de “filho”, para que todo o Norte ouvisse. Quando as guerras enfim terminaram e Catelyn viajou para Winterfell, Jon e sua ama de leite já tinham estabelecido residência.

O golpe foi profundo. Ned não falava da mãe, nem uma palavra, mas um castelo não tem segredos, e Catelyn escutou suas aias repetirem histórias que tinham ouvido dos maridos soldados. Segredavam sobre Sor Arthur Dayne, a Espada da Manhã, o mais mortífero dos sete cavaleiros da Guarda Real de Aerys, e sobre o modo como seu jovem senhor o tinha matado em combate singular. E contavam como Ned levara depois a espada de Sor Arthur à bela jovem irmã que o esperava num castelo chamado Tombastela, na costa do Mar do Verão. A Senhora Ashara Dayne, alta e de pele clara, com assombrosos olhos cor de violeta. Levara uma quinzena para reunir coragem, mas, por fim, uma noite na cama, Catelyn perguntara ao marido se aquilo era verdade, confrontando-o com a história.

Fora a única vez em todos os anos passados juntos em que Ned a assustara.

– Nunca me pergunte sobre Jon – ele dissera, frio como gelo. – É do meu sangue, e é tudo que precisa saber. E agora vou saber onde ouviu esse nome, minha senhora – ela tinha jurado obedecer. Cumprira a promessa. E a partir daquele dia os segredos pararam, e o nome de Ashara Dayne nunca mais voltou a ser ouvido em Winterfell.

Quem quer que tivesse sido a mãe de Jon, Ned devia tê-la amado ferozmente, pois nada do que Catelyn dizia era capaz de convencê-lo a mandar o garoto embora. Era a única coisa que nunca lhe perdoaria. Tinha acabado por amar o marido de todo o coração, mas nunca encontrara em si lugar para amar Jon. Por Ned, poderia ter ignorado uma dúzia de bastardos, desde que fossem mantidos longe de sua vista. Jon nunca estava longe da vista, e à medida que crescia ficava mais parecido com o pai do que qualquer um dos filhos legítimos que Catelyn lhe dera. De algum modo isso tornava as coisas piores.

– Jon tem de ir – ela dizia agora.

– Ele e Robb são próximos – disse Ned. – Tive esperança…

– Ele não pode ficar aqui – disse Catelyn, interrompendo-o. – É seu filho, não meu. Não o quero aqui – ela sabia que era duro, mas não menos verdade por isso. Ned não faria bem algum ao rapaz deixando-o em Winterfell.

O olhar que Ned lhe lançou foi de angústia.

– Sabe que não posso levá-lo para o Sul. Não haverá lugar para ele na corte. Um rapaz com nome de bastardo… Sabe o que dirão dele. Será posto de lado.

Catelyn fortificou o coração contra o apelo mudo nos olhos do marido.

– Dizem que seu amigo Robert foi pai de uma dúzia de bastardos.

– E nenhum deles algum dia foi visto na corte! – exclamou Ned. – A Lannister assegurou-se disso. Como pode ser tão cruel, Catelyn? Ele não passa de um rapaz. Ele…

Ele tinha a fúria no corpo. Poderia ter dito mais, e pior, mas Meistre Luwin intrometeu-se:

– Outra solução se apresenta – disse, com voz calma. – Seu irmão Benjen veio há alguns dias falar-me de Jon. Parece que o rapaz aspira a vestir negro.

Ned pareceu chocado.

– Ele pediu para se juntar à Patrulha da Noite?

Catelyn nada disse. Que Ned trabalhe sozinho a ideia em sua mente; sua voz não seria agora bem-vinda. Mas de bom grado teria beijado o meistre naquele momento. Aquela era a solução perfeita. Benjen Stark era um Irmão Juramentado. Jon seria para ele um filho, o filho que nunca teria. E a seu tempo, o rapaz faria também o juramento. Não seria pai de filhos que poderiam um dia competir com os netos de Catelyn pela posse de Winterfell.

Meistre Luwin disse:

– Existe grande honra no serviço na Muralha, senhor.

– E mesmo um bastardo pode erguer-se a grande altura na Patrulha da Noite – refletiu Ned. Apesar disso, sua voz estava perturbada. – Jon é tão novo. Se o tivesse pedido depois de ter se tornado homem-feito, seria uma coisa, mas um rapaz de catorze anos…

– É um sacrifício duro – concordou Meistre Luwin. – Mas estes são tempos duros, senhor. O caminho dele não é mais cruel que o seu ou o de sua senhora.

Catelyn pensou nos três filhos que perderia. Não foi fácil se manter em silêncio.

Ned virou-lhes as costas para olhar pela janela, com o longo rosto silencioso e pensativo. Por fim, suspirou e virou-se novamente.

– Muito bem – disse a Meistre Luwin. – Suponho que é o melhor. Falarei com Ben.

– Quando devemos dizê-lo a Jon? – perguntou o meistre.

– Quando tiver de ser. Há que se fazer preparativos. Passará uma quinzena antes de estarmos prontos para partir. Prefiro deixar Jon usufruir desses últimos dias. O fim do verão já está próximo, e o da infância também. Quando o momento certo chegar, comunicarei a ele eu mesmo.

# Arya

Os pontos de Arya estavam de novo tortos.

Franziu a sobrancelha, desapontada, e olhou de relance para onde a irmã Sansa estava entre as outras moças. Os bordados de Sansa eram magníficos. Todos assim diziam. “O trabalho de Sansa é tão belo como ela”, dissera uma vez Septã Mordane à senhora sua mãe. “Ela tem mãos tão bonitas e delicadas.” Quando a Senhora Catelyn lhe perguntara por Arya, a septã fungara: “Arya tem as mãos de um ferreiro”.

Arya atravessou a sala com um olhar furtivo, com receio de que Septã Mordane pudesse ter lido seus pensamentos, mas hoje a septã não lhe prestava atenção. Estava sentada junto da Princesa Myrcella, toda sorrisos e admiração. Não era frequente que a septã fosse privilegiada com a instrução de uma princesa real nas artes femininas, como ela mesma afirmara quando a rainha trouxera Myrcella. A Arya pareceu que os pontos de Myrcella também estavam um pouco tortos, mas ninguém o adivinharia pelo modo como a Septã Mordane tanto elogiava.

Voltou a estudar o trabalho, procurando alguma maneira de salvá-lo, mas então suspirou e pousou a agulha. Olhou, carrancuda, para a irmã. Sansa tagarelava enquanto trabalhava, feliz. Beth Cassel, a filha mais nova de Sor Rodrik, estava sentada a seus pés, escutando cada palavra que ela dizia, e Jeyne Poole inclinava-se para lhe segredar qualquer coisa ao ouvido.

– De que vocês falam? – perguntou Arya de repente.

Jeyne olhou-a com ar sobressaltado, e depois soltou um risinho. Sansa pareceu atrapalhada. Beth corou. Ninguém respondeu.

– Digam-me – pediu Arya.

Jeyne olhou de relance para a Septã Mordane, a fim de se assegurar de que não a ouviria. Myrcella disse então qualquer coisa, e a septã riu como o resto das damas.

– Estávamos falando do príncipe – disse Sansa, com a voz suave como um beijo.

Arya sabia a que príncipe se referia: Joffrey, claro. O alto e bonito. Sansa pudera sentar-se a seu lado no banquete. Arya tivera que se sentar ao lado do pequeno e gordo. Naturalmente.

– Joffrey gosta da sua irmã – segredou Jeyne, tão orgulhosa como se tivesse alguma coisa a ver com o assunto. Era filha do intendente de Winterfell e a melhor amiga de Sansa. – Disse-lhe que é muito bonita.

– Vai casar com ela – disse a pequena Beth em tom sonhador, abraçando-se ao ar. – Depois Sansa será rainha de todo o reino.

Sansa teve a delicadeza de corar. E corava lindamente. Fazia tudo lindamente, pensou Arya com um ressentimento surdo.

– Beth, não devia inventar histórias – Sansa a censurou, afagando-lhe suavemente os cabelos para retirar a rispidez das palavras. Olhou para Arya: – Que pensa do Príncipe Joff, irmã? É muito galante, não acha?

– Jon diz que parece uma moça – Arya respondeu.

Sansa suspirou enquanto dava um pesponto.

– Pobre Jon. Ele tem ciúmes porque é um bastardo.

– Ele é nosso irmão – disse Arya, alto demais. Sua voz cortou o sossego da tarde na sala da torre.

Septã Mordane ergueu os olhos. Tinha o rosto ossudo, olhos aguçados e uma fina boca sem lábios, feita para ser franzida. E agora assim estava.

– Do que estão falando, crianças?

– De nosso meio-irmão – respondeu Sansa, suave e precisa. Sorriu para a septã. – Arya e eu estávamos observando como é agradável termos a princesa hoje conosco – disse.

Septã Mordane acenou com a cabeça.

– De fato. Uma grande honra para todas nós – a Princesa Myrcella recebeu o cumprimento com um sorriso pouco firme. – Arya, por que você não está trabalhando? – perguntou a septã. Pôs-se de pé, fazendo restolhar as saias engomadas ao atravessar a sala. – Deixe-me ver os seus pontos.

Arya quis gritar. Era mesmo do feitio de Sansa atrair a atenção da septã.

– Aqui está – disse, entregando o trabalho.

A septã examinou o tecido.

– Arya, Arya, Arya – disse. – Isto não serve. Isto não serve de modo nenhum.

Todas a observavam. Era demais. Sansa era educada demais para sorrir da desgraça da irmã, mas havia o sorriso afetado de Jeyne no seu lugar. Até a Princesa Myrcella parecia ter pena dela. Arya sentiu que seus olhos se enchiam de lágrimas. Saltou da cadeira e correu para a porta.

Septã Mordane a chamou.

– Arya, volte aqui! Nem mais um passo! A senhora sua mãe saberá disso. E na frente da nossa princesa real! Envergonha-nos a todos!

Arya parou à porta e voltou-se, mordendo o lábio. As lágrimas corriam-lhe agora pelo rosto. Conseguiu fazer uma pequena reverência rígida a Myrcella.

– Com a sua licença, minha senhora.

Myrcella pestanejou e olhou para suas damas em busca de orientação. Mas onde faltava segurança à princesa, não faltava à Septã Mordane.

– Exatamente aonde pensa que vai, Arya? – quis saber a septã.

Arya lançou-lhe um olhar furioso.

– Tenho de ir ferrar um cavalo – disse com doçura, obtendo uma breve satisfação da expressão chocada no rosto da septã. Então rodopiou e saiu, correndo degraus abaixo tão depressa quanto os pés a conseguiam levar.

Não era justo. Sansa tinha tudo. Sansa era dois anos mais velha; talvez, quando Arya nasceu, já nada restava. Era frequente sentir-se assim. Sansa sabia costurar, dançar e cantar. Escrevia poesia. Sabia como se vestir. Tocava harpa *e* sinos. Pior: era bela. Sansa recebera as formosas maçãs do rosto altas da mãe e os espessos cabelos arruivados dos Tully. Arya saíra ao senhor seu pai. Os cabelos eram de um castanho sem brilho, e o rosto, longo e solene. Jeyne costumava chamá-la Arya Cara de Cavalo, e relinchava sempre que ela se aproximava. A única coisa que Arya fazia melhor que a irmã era andar a cavalo, e isso doía. Bem, andar a cavalo e gerir uma casa. Sansa nunca tivera grande cabeça para números. Se se casasse com o Príncipe Joff, Arya esperava, para o bem dele, que o príncipe tivesse um bom intendente.

Nymeria estava à sua espera na casa da guarda que se erguia na base da escadaria, e pôs-se em pé de um salto assim que a viu. Arya sorriu. A cria de lobo a amava, mesmo se ninguém mais o fizesse. Iam juntas para todo lado, e Nymeria dormia em seu quarto, aos pés da cama. Se a mãe

não o tivesse proibido, Arya teria levado de bom grado a loba para a sala de costura. Gostaria de ver então Septã Mordane queixar-se de seus pontos.

Nymeria mordiscou-lhe a mão, ansiosa, enquanto Arya a desamarrava. O animal possuía olhos amarelos. Quando capturavam a luz do sol, cintilavam como duas moedas de ouro. Arya dera-lhe o nome da rainha guerreira dos roinares, que liderara seu povo na travessia do mar estreito. Também isso fora um grande escândalo. Sansa, naturalmente, chamara sua cria de "Lady". Arya fez uma careta e abraçou a lobinha com força. Nymeria lambeu-lhe a orelha e ela soltou um risinho.

Àquela altura, Septã Mordane com certeza já teria mandado uma mensagem à senhora sua mãe. Se fosse para o quarto, a encontrariam. Arya não queria ser encontrada. Teve uma ideia melhor. Os rapazes estavam treinando no pátio. Queria ver Robb atirar o galante Príncipe Joffrey ao chão. "Anda", sussurrou a Nymeria. Levantou-se e correu, com a loba a morder-lhe os calcanhares.

Havia uma janela, na ponte coberta entre o armeiro e a Torre Grande, de onde se podia ver todo o pátio. Foi para lá que se dirigiram.

Chegaram, coradas e sem fôlego, e foram encontrar Jon sentado no parapeito, com um joelho languidamente erguido até o queixo. Observava a ação tão absorvido que pareceu não se dar conta da aproximação da irmã até que o lobo branco foi ao encontro delas. Nymeria aproximou-se em passos cautelosos. Fantasma, já maior que os companheiros de ninhada, farejou-a, deu-lhe uma dentada cuidadosa na orelha, e voltou a instalar-se.

Jon lançou uma olhadela curiosa a Arya.

– Não devia estar trabalhando em seus pontos, irmãzinha?

Arya fez-lhe uma careta.

– Queria vê-los lutar.

Ele sorriu.

– Então venha cá.

Arya trepou na janela e sentou-se ao lado do irmão, no meio de um coro de estrondos e grunhidos vindos do pátio, lá embaixo.

Para sua desilusão, eram os rapazes mais novos que se exercitavam. Bran estava tão almofadado que parecia que tinha se afivelado a um colchão de penas, e Príncipe Tommen, que já era naturalmente

rechonchudo, parecia definitivamente redondo. Fanfarronavam, ofegavam e atacavam-se um ao outro com espadas de madeira almofadadas, sob o olhar vigilante de Sor Rodrik Cassel, o mestre de armas, um robusto homem em forma de barril, com magníficas suíças brancas. Uma dúzia de espectadores, homens e rapazes, os encorajavam, e, entre todas, a voz de Robb era a mais forte. Arya reconheceu Theon Greyjoy ao lado do irmão, de gibão negro ornamentado com a lula gigante dourada de sua Casa, ostentando no rosto um ar de retorcido desprezo. Ambos os combatentes cambaleavam. Arya concluiu que já lutavam havia algum tempo.

– É um pouquinho mais cansativo que o trabalho de agulhas – observou Jon.

– É um pouquinho mais divertido que o trabalho de agulhas – Arya retorquiu. Jon sorriu, esticou o braço e despenteou-lhe os cabelos. Arya corou. Sempre foram próximos. Jon tinha o rosto do pai, assim como ela. Eram os únicos. Robb, Sansa, Bran e até o pequeno Rickon, todos saíram aos Tully, com sorrisos fáceis e fogo nos cabelos. Quando pequena, Arya tivera medo de isso significar que também ela fosse bastarda. Fora a Jon que contara o medo, e fora ele quem a sossegara.

– Por que não está no pátio? – perguntou-lhe Arya.

Ele lhe deu um meio sorriso.

– Não se permite a bastardos danificar jovens príncipes – disse. – Quaisquer hematomas que recebam no pátio de treinos devem provir de espadas legítimas.

– Ah – Arya sentiu-se envergonhada. Devia ter compreendido. Pela segunda vez naquele dia pensou que a vida não era justa.

Observou o irmão mais novo bater em Tommen.

– Podia sair-me tão bem quanto Bran – disse. – Ele tem só sete anos. Eu tenho nove.

Jon olhou-a com toda a sua sabedoria de catorze anos.

– Você é magra demais – disse. Pegou seu braço para apalpar o músculo. Então suspirou e balançou a cabeça. – Duvido até que consiga levantar uma espada, irmãzinha, quanto mais brandi-la.

Arya recolheu o braço e lançou-lhe um olhar furioso. Jon voltou a despentear-lhe os cabelos. Observaram Bran e Tommen, que andavam em círculos ao redor um do outro.

– Vê o Príncipe Joffrey? – perguntou Jon.

Ao primeiro relance não o tinha visto, mas quando voltou a olhar, descobriu-o atrás dos outros, à sombra do alto muro de pedra. Estava cercado por homens que não reconheceu, jovens escudeiros com librés dos Lannister e dos Baratheon, todos eles estranhos. Havia entre eles alguns homens mais velhos; cavaleiros, presumiu.

– Olhe o brasão de sua capa – sugeriu Jon.

Arya olhou. Um escudo ornamentado tinha sido bordado na capa almofadada do príncipe. Não havia dúvida de que o bordado era magnífico. O brasão estava dividido ao meio: de um lado tinha o veado coroado da Casa real; do outro, o leão de Lannister.

– Os Lannister são orgulhosos – observou Jon. – Seria de se pensar que a chancela real seria suficiente, mas não. Ele faz a Casa da mãe igual em honra à do rei.

– A mulher também é importante! – protestou Arya.

Jon soltou um risinho.

– Talvez devesse fazer o mesmo, irmãzinha. Casa Tully e Stark no seu brasão.

– Um lobo com um peixe na boca? – a ideia a fez rir. – Pareceria disparatado. Além disso, se uma moça não pode lutar, por que haveria de ter um brasão de armas?

Jon encolheu os ombros.

– Às moças dão as armas, mas não as espadas. Aos bastardos dão as espadas, mas não as armas. Não fui eu que fiz as regras, irmãzinha.

Ouviu-se um grito no pátio, embaixo. Príncipe Tommen rebolava na poeira, tentando sem sucesso pôr-se em pé. Todos aqueles almofadados faziam-no assemelhar-se a uma tartaruga deitada sobre o casco. Bran estava sobre ele, com a espada de madeira erguida, pronto a bater-lhe de novo assim que se levantasse. Os homens desataram a rir.

– Basta! – gritou Sor Rodrik. Ofereceu a mão ao príncipe e o pôs de novo em pé. – Uma boa luta. Lew, Donnis, ajudem-nos a tirar as armaduras – olhou em volta. – Príncipe Joffrey, Robb, querem mais um assalto?

Robb, já suado de uma luta anterior, avançou com ardor.

– De bom grado.

Joffrey saiu para o sol em resposta à chamada de Rodrik. Seus cabelos brilharam como ouro tecido. Parecia aborrecido.

– Este é um jogo para crianças, Sor Rodrik.

Theon Greyjoy soltou uma súbita gargalhada.

– Vocês são crianças – disse, com ironia.

– Robb pode ser uma criança – disse Joffrey. – Eu sou um príncipe. E já estou cansado de dar pancada nos Stark com uma espada de brinquedo.

– Você levou mais pancada do que deu, Joff – disse Robb. – Será que tem medo?

Príncipe Joffrey olhou para ele:

– Ah, estou apavorado – disse. – Você é tão mais velho – alguns dos Lannister deram risada.

Jon afastou os olhos da cena com um olhar carrancudo.

– Joffrey é um verdadeiro merda – disse a Arya.

Sor Rodrik puxou, pensativo, pelas suíças brancas.

– O que sugere? – perguntou ao príncipe.

– Aço vivo.

– Feito – disparou Robb em resposta. – Vai se arrepender!

O mestre de armas pôs a mão no ombro de Robb, tentando acalmá-lo.

– Aço vivo é demasiado perigoso. Permitirei espadas de torneio, com gumes embotados.

Joffrey não disse nada, mas um homem que era estranho a Arya, um cavaleiro alto com cabelos negros e cicatrizes de queimaduras no rosto, avançou para a frente do príncipe.

– Este é o seu príncipe. Quem é você para lhe dizer que não pode ter um gume na espada, sor?

– Sou o mestre de armas de Winterfell, Clegane, e faria bem se não se esquecesse disso.

– Está aqui para treinar mulheres? – quis saber o homem queimado. Era musculoso como um touro.

– Treino *cavaleiros* – respondeu severamente Sor Rodrik. – Eles terão aço quando estiverem prontos. Quando tiverem idade.

O homem queimado olhou para Robb.

– Que idade você tem, rapaz?

– Catorze anos – disse Robb.

– Matei um homem aos doze. E pode ter certeza de que não foi com uma espada sem fio.

Arya conseguia ver que Robb se irritava. Seu orgulho estava ferido. Virou-se para Sor Rodrik.

– Deixe-me fazê-lo. Posso vencê-lo.

– Então, vença-o com uma lâmina de torneio – respondeu Sor Rodrik.

Joffrey encolheu os ombros.

– Venha ter comigo quando for mais velho, Stark. Se já não for velho *demais* – soaram gargalhadas vindas dos Lannister.

As pragas de Robb ressoaram pelo pátio. Arya cobriu a boca, chocada. Theon Greyjoy agarrou o braço de Robb a fim de mantê-lo afastado do príncipe. Sor Rodrik coçou as suíças, consternado.

Joffrey fingiu um bocejo e virou-se para o irmão mais novo.

– Venha, Tommen – disse. – A hora da brincadeira terminou. Deixe as crianças com seus divertimentos.

Aquilo provocou mais risos entre os Lannister, e mais pragas de Robb. O rosto de Sor Rodrik, por baixo do branco das suíças, estava vermelho como uma beterraba em fúria. Theon manteve Robb preso com mão de ferro até que os príncipes e sua comitiva partissem em segurança.

Jon observou-os partir, e Arya observou Jon. Seu rosto tinha ficado tão imóvel como a lagoa no coração do bosque sagrado. Por fim, ele desceu da janela.

– O espetáculo acabou – disse. Curvou-se para coçar Fantasma atrás das orelhas. O lobo branco pôs-se em pé e esfregou-se contra ele. – É melhor correr para o seu quarto, irmãzinha. Septã Mordane está sem dúvida à espreita. Quanto mais tempo ficar escondida, mais severa a penitência. Costurará durante todo o inverno. Quando chegar o degelo da primavera, encontrarão seu corpo ainda com uma agulha bem presa entre os dedos congelados.

Arya não achou graça.

– Detesto costura! – disse com paixão. – Não é justo!

– Nada é justo – disse Jon. Voltou a despentear-lhe os cabelos e afastou-se, com Fantasma a caminhar em silêncio ao seu lado. Nymeria também começou a segui-los, mas depois parou e regressou quando viu que Arya permanecia onde estava.

Arya virou-se relutantemente para a outra direção.

Foi pior do que Jon pensara. Não era Septã Mordane quem a esperava no quarto. Eram Septã Mordane *e* sua mãe.

# Bran

Os caçadores partiram de madrugada. O rei desejava javali para o festim da noite. Príncipe Joffrey ia com o pai, e, por esse motivo, Robb também foi autorizado a juntar-se ao grupo. Tio Benjen, Jory, Theon Greyjoy, Sor Rodrik e até o pequeno e engraçado irmão da rainha iam com eles. Afinal, era a última caçada. Na manhã seguinte, partiriam para o Sul.

Bran fora deixado para trás com Jon, as meninas e Rickon. Mas Rickon era só um bebê, as meninas eram apenas meninas, e não encontravam Jon e seu lobo em lugar nenhum. Bran não o procurou por muito tempo. Achava que Jon estivesse zangado com ele. Naqueles dias, Jon parecia estar zangado com todo mundo. Bran não sabia por quê. Ele ia com Tio Ben para a Muralha, juntar-se à Patrulha da Noite. Isso era quase tão bom quanto ir para o Sul com o rei. Era Robb quem ia ser deixado para trás, não Jon.

Nos últimos dias, Bran quase não conseguia esperar pela partida. Ia percorrer a estrada do rei montado num cavalo seu, não um pônei, mas um cavalo de verdade. O pai seria Mão do Rei, e viveriam no castelo vermelho em Porto Real, o castelo que os Senhores do Dragão tinham construído. A Velha Ama dizia que lá havia fantasmas, e masmorras onde tinham sido feitas coisas terríveis, e cabeças de dragão nas paredes. Bran arrepiava-se só de pensar nisso, mas não tinha medo. Como podia ter? O pai estaria com ele, e também o rei, com todos os seus cavaleiros e homens de armas.

O próprio Bran um dia seria um cavaleiro, um membro da Guarda Real. A Velha Ama dizia que eram os melhores espadachins de todo o reino. Eram apenas sete, usavam armaduras brancas e não tinham esposas nem filhos, viviam apenas para servir o rei. Bran conhecia todas as histórias. Os nomes deles eram como música para seus ouvidos. Serwyn do Escudo Espelhado; Sor Ryam Redwyne; Príncipe Aemon, o

Cavaleiro do Dragão; os gêmeos, Sor Erryk e Sor Arryk, que tinham morrido pelas espadas um do outro havia centenas de anos, quando irmãos lutavam contra irmãs na guerra que os poetas chamavam a Dança dos Dragões; Touro Branco, Gerold Hightower; Sor Arthur Dayne, a Espada da Manhã; e Barristan, o Ousado.

Dois dos Guardas do Rei tinham vindo para o Norte com Rei Robert. Bran observara-os, fascinado, sem chegar a se atrever a dirigir-lhes a palavra. Sor Boros era um homem calvo com um maxilar largo, e Sor Meryn tinha olhos oblíquos e uma barba cor de ferrugem. Sor Jaime Lannister parecia-se mais com os cavaleiros das histórias e também pertencia à Guarda do Rei, mas Robb dizia que ele tinha matado o velho rei louco e já não contava. O maior cavaleiro vivo era Sor Barristan Selmy, Barristan, o Ousado, o Senhor Comandante da Guarda do Rei. O pai prometera que conheceriam Sor Barristan quando chegassem a Porto Real, e Bran marcara a passagem dos dias na parede do quarto, ansioso por partir, por ver um mundo com que só sonhara e começar uma vida que quase nem conseguia imaginar.

Mas agora que o último dia se aproximava, repentinamente Bran sentia-se perdido. Winterfell era a única casa que conhecera. O pai dissera-lhe que devia fazer hoje as suas despedidas, e ele tentou. Depois de os caçadores terem partido, vagueou pelo castelo com o lobo a seu lado, tencionando visitar aqueles que ficariam ali, a Velha Ama e o cozinheiro Gage, Mikken na sua forja, Hodor, o cavalariço que tanto sorria, cuidava de seu pônei e nunca dizia nada que não fosse “Hodor”; o homem nas estufas que lhe dava uma amora silvestre sempre que ia visitá-lo…

Mas foi inútil. Dirigiu-se primeiro ao estábulo e viu seu pônei na baia, mas já não era *seu* pônei, pois teria um cavalo de verdade e deixaria o pônei para trás, e de repente quis apenas sentar e chorar. Virou-se e fugiu dali antes que Hodor e os outros moços da estrebaria vissem as lágrimas em seus olhos. Foi o fim das despedidas. No lugar delas, passou a manhã sozinho no bosque sagrado, tentando sem sucesso ensinar o lobo a buscar um pedaço de madeira. O lobinho era mais inteligente que qualquer dos cães no canil do pai, e Bran juraria que entendia cada palavra que lhe era dita, mas o animal mostrava muito pouco interesse em perseguir pedaços de madeira.

Ainda andava à procura de um nome. Robb chamara seu lobo de Vento Cinzento, porque ele corria muito depressa. Sansa chamara a sua cria de Lady, e Arya dera à sua o nome de uma rainha feiticeira qualquer das canções, e o pequeno Rickon batizara seu filhote de Cão Felpudo, o que Bran julgava ser um nome bastante estúpido para um lobo gigante. O lobo de Jon, o branco, chamava-se Fantasma. Bran gostaria de ter pensado primeiro nesse nome, apesar de seu lobo não ser branco. Tentara cem nomes ao longo da última quinzena, mas nenhum lhe parecera ideal.

Por fim, cansou-se de atirar pedaços de madeira e decidiu escalar. Havia semanas que não subia à torre quebrada, por causa de tudo que acontecera, e aquela poderia ser sua última oportunidade.

Atravessou correndo o bosque sagrado, escolhendo o caminho mais longo, a fim de evitar a lagoa onde crescia a árvore-coração. Ela sempre o assustara; as árvores não deveriam ter olhos, pensava Bran, nem folhas que se parecessem com mãos. O lobo corria junto aos seus calcanhares.

– Fique aqui – disse ao animal na base da árvore sentinela que crescia ao lado da parede do armeiro. – Deite. Isso. Agora *fique*.

O lobo fez o que lhe foi ordenado. Bran coçou-o atrás das orelhas e depois se virou, saltou, agarrou um galho baixo e içou-se. Estava no meio da árvore, deslocando-se com facilidade de galho em galho, quando o lobo se pôs em pé e começou a uivar.

Bran olhou para baixo. O lobo calou-se, olhando-o através das fendas de seus olhos amarelos. Um estranho arrepio o atravessou, mas recomeçou a trepar. Uma vez mais o lobo uivou.

– Quieto – gritou. – Senta. Fique. Você é pior que a minha mãe – os uivos seguiram Bran até o topo da árvore quando, por fim, saltou para o telhado do armeiro e para fora de vista.

Os telhados de Winterfell eram a segunda casa de Bran. A mãe dizia frequentemente que ele já era capaz de escalar antes de aprender a andar. Bran não se lembrava de quando começara a andar, mas tampouco se lembrava do momento em que começara a escalar; portanto, supunha que devia ser verdade.

Para um garoto, Winterfell era um labirinto de pedra cinzenta, com paredes, torres, pátios e túneis que se estendiam em todas as direções. Nas partes mais antigas do castelo, os salões inclinavam-se para cima e para baixo, de modo que nem era possível saber ao certo o andar em que

se estava. Meistre Luwin dissera-lhe uma vez que o edifício fora crescendo ao longo dos séculos como se fosse uma monstruosa árvore de pedra, com galhos nodosos, grossos e retorcidos, e raízes que se afundavam profundamente na terra.

Quando saía de baixo dessa espécie de árvore e subia até perto do céu, Bran conseguia ver todo Winterfell com um relance. E gostava do aspecto do lugar, estendido à sua frente, apenas com aves a rodopiar sobre sua cabeça enquanto toda a vida do castelo prosseguia lá embaixo. Bran podia ficar horas empoleirado entre as gárgulas sem forma, desgastadas pela chuva, que matutavam no topo da Primeira Torre, observando tudo: os homens que se exercitavam com madeira e aço no pátio, os cozinheiros que cuidavam de suas plantas nas estufas, cães irrequietos que corriam de um lado para o outro nos canis, o silêncio do bosque sagrado, as moças que mexericavam junto ao poço das lavagens. Fazia-o sentir-se senhor do castelo, de um modo que nem mesmo Robb conheceria.

E também lhe revelava os segredos de Winterfell. Os construtores nem sequer tinham nivelado a terra; havia colinas e vales por trás dos muros de Winterfell. Havia uma ponte coberta que ligava o quarto piso da torre sineira ao segundo piso do aviário. Bran a conhecia. E também sabia que podia entrar na muralha interior pelo portão sul, subir três pisos e correr por todo Winterfell dentro de um túnel estreito aberto na pedra, e depois sair *ao nível do chão* no portão norte com trinta metros de muralha a elevar-se acima de sua cabeça. Bran estava convencido de que nem mesmo Meistre Luwin sabia *disso*.

A mãe andava aterrorizada com a possibilidade de Bran um dia escorregar de um muro e matar-se. Ele dissera-lhe que isso não aconteceria, mas ela nunca acreditou. Uma vez o fez prometer que permaneceria no chão. Ele conseguiu cumprir a promessa durante quase uma quinzena, infeliz todos os dias, até que uma noite saiu pela janela do quarto quando os irmãos estavam mergulhados no sono.

Confessou o crime no dia seguinte, num ataque de remorso. O Senhor Eddard ordenou-lhe que fosse se purificar no bosque sagrado. Foram destacados guardas para assegurar que Bran permaneceria lá toda a noite, sozinho, a refletir sobre sua desobediência. Na manhã seguinte, Bran não se encontrava em lugar nenhum. Foram finalmente encontrá-lo,

profundamente adormecido, nos galhos superiores da mais alta árvore sentinela do bosque.

Por mais zangado que estivesse, o pai não conseguiu conter uma gargalhada.

– Você não é meu filho – disse a Bran quando o trouxeram para baixo –, é um esquilo. Que seja. Se tem de escalar, então escale, mas não deixe que sua mãe o veja.

Bran fez o melhor que pôde, embora achasse que nunca conseguira realmente enganá-la. Como o pai não o proibia, ela virara-se para outros lados. A Velha Ama contou-lhe uma história sobre um garotinho mau que escalou alto demais e foi atingido por um relâmpago, e sobre o modo como os corvos vieram bicar-lhe os olhos depois. Bran não se impressionou. Havia ninhos de corvo no topo da torre quebrada, onde nunca ninguém ia, além dele, e às vezes enchia os bolsos de milho antes de escalar até lá, e os corvos comiam de sua mão. Nenhum jamais mostrou a mais leve intenção de lhe bicar os olhos.

Mais tarde, Meistre Luwin moldou um pequeno garoto de barro, vestiu-o com as roupas de Bran e atirou-o do muro para o pátio, a fim de demonstrar o que aconteceria a Bran se caísse. Foi divertido, mas depois da demonstração Bran limitou-se a olhar para o meistre e dizer:

– Não sou feito de barro. E, seja como for, nunca caio.

Depois disso, durante algum tempo os guardas o perseguiam sempre que o viam nos telhados e tentavam puxá-lo para baixo. Foi a melhor época de todas. Era como brincar com os irmãos, exceto que naquele jogo era sempre Bran quem ganhava. Nenhum dos guardas era capaz de escalar tão bem como Bran, nem metade, nem mesmo Jory. E, fosse como fosse, a maior parte das vezes nem sequer o viam. As pessoas nunca olhavam para cima. Era outra coisa que apreciava em escalar; era quase como ser invisível.

E também gostava da sensação de se içar por um muro acima, pedra a pedra, com os dedos das mãos e dos pés enterrando-se com força nas pequenas fendas que havia entre elas. Quando escalava, sempre tirava as botas e subia descalço; aquilo o fazia se sentir como se tivesse quatro mãos em vez de duas. Gostava da dor profunda e doce que sentia depois nos músculos. Gostava do sabor que o ar tinha lá em cima, doce e frio como um pêssego de inverno. Gostava dos pássaros: os corvos na torre

quebrada, os minúsculos pardais que faziam ninho nas fendas entre as pedras, a velha coruja que dormia no sótão poeirento que ficava por cima do antigo armeiro. Bran conhecia-os todos.

E acima de tudo gostava de ir a lugares onde ninguém mais podia ir e de ver a extensão cinzenta de Winterfell de um modo que nunca ninguém vira. Transformava todo o castelo no lugar secreto de Bran. Seu local favorito era a torre quebrada. Antigamente tinha sido uma torre de atalaia, a mais alta de Winterfell. Há muito tempo, cem anos antes do nascimento de seu pai, um relâmpago a incendiara. O terço superior da estrutura tinha tombado para dentro, e a torre nunca fora reconstruída. Por vezes, seu pai mandava caçadores de ratos até a base dela para limpar os ninhos que sempre eram encontrados por entre a confusão de pedras caídas e traves queimadas e podres. Mas agora nunca ninguém ia até o topo irregular da estrutura, exceto Bran e os corvos.

Conhecia duas maneiras de chegar lá. Podia-se ir diretamente, escalando o lado da própria torre, mas as pedras estavam soltas, a argamassa que as mantivera juntas havia muito que tinha se transformado em cinzas, e Bran nunca gostara de pôr todo seu peso em cima delas.

A *melhor* maneira era partir do bosque sagrado, escalar a grande sentinela, atravessar o armeiro e o salão dos guardas, saltando de telhado em telhado descalço, para que os guardas não ouvissem. Depois disso, estava-se no lado oculto da Primeira Torre, a mais antiga parte do castelo, uma fortaleza quadrada e atarracada que era mais alta do que parecia. Só ratos e aranhas viviam ali agora, mas as velhas pedras ainda davam uma boa escalada. Podia-se ir diretamente até o local onde as gárgulas se inclinavam, cegas, sobre o espaço vazio, e balançar de gárgula em gárgula, uma mão depois da outra, até o lado norte. Daí, caso se esticasse bem, era possível alcançar a torre quebrada e içar-se em direção a ela no lugar onde se inclinava para mais perto. A última parte era engatinhar pelas pedras enegrecidas até o ponto mais elevado, não mais que três metros, e então os corvos chegariam, para ver se tinha trazido milho.

Bran estava passando de gárgula em gárgula com a facilidade de uma longa prática quando ouviu as vozes. Ficou tão sobressaltado que quase perdeu o apoio. A Primeira Torre estivera vazia durante toda a sua vida.

– Não estou gostando – uma mulher dizia. Havia uma fileira de janelas por baixo de Bran, e a voz saía da última janela daquele lado. – *Você* é que devia ser a Mão.

– Que os deuses o proíbam – respondeu indolentemente uma voz masculina. – Não é honra que eu deseje. Dá um trabalho desmedido.

Bran ficou ali, pendurado, à escuta, com medo de prosseguir. Eles poderiam ver de relance seus pés, se tentasse passar pela janela.

– Não vê o perigo em que isso nos coloca? – disse a mulher. – Robert adora o homem como a um irmão.

– Robert quase não tem estômago para os irmãos. Não que o censure. Stannis seria suficiente para dar uma indigestão a qualquer um.

– Não se faça de tolo. Stannis e Renly são uma coisa, Eddard Stark é outra totalmente diferente. Robert *escutará* Stark. Malditos sejam ambos. Eu devia ter *insistido* para que ele o nomeasse, mas tinha certeza de que Stark recusaria o cargo.

– Deveríamos agradecer por nossa sorte – disse o homem. – O rei podia perfeitamente ter nomeado um de seus irmãos, ou mesmo o Mindinho, que os deuses nos protejam. Dê-me inimigos honrados em vez de ambiciosos e dormirei melhor à noite.

Bran compreendeu que falavam de seu pai. Quis ouvir mais. Mais alguns pés… mas o veriam se balançasse na frente da janela.

– Teremos de vigiá-los cuidadosamente – disse a mulher.

– Eu preferiria vigiar você – disse o homem, soando aborrecido. – Volte aqui.

– Lorde Eddard nunca mostrou nenhum interesse em nada que acontecesse ao sul do Gargalo – disse a mulher. – Nunca. Escute-me bem, ele planeja uma jogada contra nós. Por que outro motivo aceitaria abandonar a sede do seu poder?

– Por cem motivos. O dever. A honra. Deseja escrever seu nome em letras grandes no livro da História, fugir da mulher ou ambas as coisas. Talvez não queira mais do que estar quente por uma vez na vida.

– A mulher é irmã da Senhora Arryn. É um milagre que Lysa não esteja aqui para nos receber com suas acusações.

Bran olhou para baixo. Havia um estreito parapeito por baixo da janela, com apenas algumas polegadas de largura. Tentou abaixar-se até lá. Estava longe demais. Nunca o alcançaria.

– Aborrece-se sem motivo. Lysa Arryn é uma vaca assustada.

– Essa vaca assustada partilhava a cama de Jon Arryn.

– Se soubesse alguma coisa, teria ido falar com Robert antes de fugir de Porto Real.

– Depois de já termos concordado em criar aquele fracote do seu filho em Rochedo Casterly? Não me parece. Ela sabia que a vida do garoto ficaria refém do seu silêncio. Mas pode se tornar mais ousada, agora que está a salvo no topo do Ninho da Águia.

– Mães – o homem fez a palavra soar como uma praga. – Acho que dar à luz faz qualquer coisa às suas mentes. São todas loucas – ele riu, um som amargo. – Que a Senhora Arryn se torne tão ousada quanto desejar. Seja o que for que ela sabe, seja o que for que ela pensa que sabe, não tem provas – fez uma pausa momentânea. – Ou será que tem?

– Você acha que o rei precisará de provas? – disse a mulher. – Já te disse que ele não me ama.

– E quem tem culpa disso, querida irmã?

Bran estudou o parapeito. Podia cair. Era estreito demais para aterrisar nele, mas se conseguisse se segurar ao passar por ele e depois içar-se… Mas isso faria barulho e os traria até a janela. Não tinha certeza do que estava ouvindo, mas sabia que não se destinava aos seus ouvidos.

– É tão cego como Robert – dizia a mulher.

– Se quer com isso dizer que vejo as mesmas coisas, então, sim – disse o homem. – Vejo um homem que mais depressa morreria do que trairia seu rei.

– Já traiu um, ou será que se esqueceu? – disse a mulher. – Ah, não nego que ele é leal ao Robert, isso é óbvio. O que acontecerá quando Robert morrer e Joff subir ao trono? E, quanto mais depressa *isso* acontecer, mais seguros estaremos todos. Meu marido torna-se cada vez mais inquieto. Stark a seu lado só o fará ficar pior. Ainda ama sua irmã, a insípida menininha de dezesseis anos morta. Quanto tempo demorará para decidir me pôr de lado em favor de alguma nova Lyanna?

De repente, Bran ficou muito assustado. Nada mais desejava do que regressar pelo caminho de onde tinha vindo e ir à procura dos irmãos. Mas o que poderia dizer a eles? Compreendeu que tinha de se aproximar mais. Tinha de ver quem estava falando.

O homem suspirou.

– Devia pensar menos no futuro e mais nos prazeres próximos.

– Para com isso! – disse a mulher.

Bran ouviu o súbito som de carne batendo em carne, e em seguida o riso do homem. Bran içou-se, escalou a gárgula, rastejou para o telhado. Era a maneira mais fácil. Deslocou-se ao longo do telhado até a gárgula seguinte, que ficava mesmo por cima da janela do quarto onde os dois conversavam.

– Todo esse falatório está se tornando muito cansativo, irmã – disse o homem. – Venha cá e se cale.

Bran sentou-se na gárgula com uma perna para cada lado, apertou-as em volta dela e deslizou até ficar de cabeça para baixo. Pendurou-se pelas pernas e esticou a cabeça lentamente até a janela. O mundo parecia estranho de pernas para o ar. Um pátio nadava vertiginosamente lá embaixo, com as lajes ainda úmidas da neve derretida.

Bran olhou pela janela.

Dentro do quarto, um homem e uma mulher lutavam. Estavam ambos nus. Bran não conseguia ver quem eram. As costas do homem estavam voltadas para ele, e seu corpo ocultou a mulher quando ele a empurrou contra a parede.

Ouviam-se sons suaves e úmidos. Bran percebeu que se beijavam. Observou, assustado e de olhos esbugalhados, com a respiração apertada na garganta. O homem tinha uma mão entre as pernas da mulher, e a devia estar machucando, porque ela começou a gemer, com voz profunda.

– Para – disse ela – para, para. Ah, *por favor*… – mas a voz era baixa e fraca, e ela não o empurrava para longe. As mãos enterraram-se nos emaranhados cabelos dourados dele e puxaram-lhe o rosto para o peito.

Bran viu-lhe o rosto. Os olhos dela estavam fechados e a boca aberta, gemendo. Os cabelos moviam-se de um lado para o outro quando a cabeça dela se deslocava para a frente e para trás, mas, mesmo assim, reconheceu a rainha.

Deve ter feito algum ruído. De repente, os olhos dela abriram-se e fitaram-no. Ela gritou.

Então, tudo aconteceu ao mesmo tempo. A mulher empurrou precipitadamente o homem, gritando e apontando. Bran tentou içar-se, dobrando-se sobre si mesmo ao tentar alcançar a gárgula. Mas o fez com

muita pressa. A mão arranhou inutilmente a pedra lisa, e no seu pânico as pernas deslizaram e, de repente, viu-se caindo. Houve um instante de vertigem, um desamparo nauseante quando a janela passou por ele. Esticou a mão, agarrou o parapeito, perdeu-o, voltou a agarrá-lo com a outra mão. Bateu com força no edifício. O impacto tirou-lhe o fôlego. Bran ficou suspenso por uma mão, arquejando.

Rostos surgiram na janela acima dele.

A rainha. E agora Bran reconhecia o homem a seu lado. Eram tão parecidos como reflexos num espelho.

– Ele *nos viu* – disse a mulher com voz esganiçada.

– Pois viu.

Os dedos de Bran começaram a deslizar. Agarrou o parapeito com a outra mão. Suas unhas enterraram-se na pedra dura. O homem estendeu um braço.

– Agarre a minha mão – disse. – Antes que caia.

Bran agarrou-lhe o braço com toda a sua força. O homem o puxou até o umbral.

– Que está fazendo? – quis saber a mulher.

O homem a ignorou. Era muito forte. Pôs Bran em pé sobre o parapeito.

– Que idade tem, garoto?

– Sete anos – disse Bran, tremendo de alívio. Seus dedos tinham marcado profundas estrias no braço do homem. Largou-o, envergonhado.

O homem olhou para a mulher.

– As coisas que faço por amor – disse, com repugnância. Deu um empurrão em Bran.

Gritando, Bran caiu da janela de costas para o vazio. Nada havia a que se pudesse agarrar. O pátio correu ao seu encontro.

Em algum lugar, a distância, um lobo uivava. Corvos voavam em círculos sobre a torre quebrada, esperando por milho.

# Tyrion

Em algum lugar no grande labirinto de pedra de Winterfell um lobo uivou. O som pairou sobre o castelo como uma bandeira de luto.

Tyrion Lannister ergueu os olhos dos seus livros e estremeceu, apesar de a biblioteca estar quente e aconchegante. Há algo no uivar de um lobo que tira um homem do seu aqui e agora e o transporta para uma sombria floresta da mente, correndo nu à frente da matilha.

Quando o lobo gigante voltou a uivar, Tyrion fechou o pesado livro encadernado a couro que estava lendo, um discurso com cem anos de um meistre havia muito morto sobre a mudança das estações. Abafou um bocejo com as costas da mão. Sua lanterna de leitura bruxuleava, com o óleo quase gasto, enquanto a luz da madrugada se esgueirava pelas janelas elevadas. Tinha passado a noite inteira lendo, mas isso não era novidade. Tyrion Lannister não era homem de dormir muito.

Quando deslizou do banco, sentiu as pernas rígidas e doloridas. Devolveu-lhes alguma vida com uma massagem e mancou pesadamente até a mesa onde o septão ressonava baixinho, com um livro aberto a servir-lhe de almofada. Tyrion lançou um olhar de relance ao título. Não admirava: era uma biografia do Grande Meistre Aethelmure.

– Chayle – disse, em voz baixa. O jovem ergueu-se de um salto, pestanejando, confuso, com o cristal de sua ordem balançando vigorosamente na ponta de sua corrente de prata. – Vou quebrar o jejum. Trate de pôr os livros de volta nas prateleiras. Tome cuidado com os rolos valirianos, porque o pergaminho está muito seco. O *Máquinas de Guerra* de Ayrmidon é bastante raro, e a sua é a única cópia completa que já vi – Chayle olhou-o de boca aberta, ainda meio adormecido. Pacientemente, Tyrion repetiu as instruções, depois deu ao septão uma palmada no ombro e o deixou com suas tarefas.

No exterior, Tyrion encheu os pulmões com o frio ar da manhã e começou sua laboriosa descida dos íngremes degraus de pedra que se

enrolavam em torno do exterior da torre da biblioteca. Era um avanço lento; os degraus eram altos e estreitos, ao passo que as pernas eram curtas e tortas. O sol nascente ainda não iluminava os muros de Winterfell, mas os homens já estavam muito ativos no pátio, lá embaixo. A voz áspera de Sandor Clegane vagueou até seus ouvidos.

– O garoto leva muito tempo para morrer. Gostaria que se fosse logo.

Tyrion olhou para baixo de relance e viu Cão de Caça em pé ao lado de Joffrey, enquanto escudeiros formigavam ao redor.

– Pelo menos morre em silêncio – respondeu o príncipe. – É o lobo que faz barulho. Quase não consegui dormir esta noite.

Clegane lançou uma longa sombra sobre a terra bem batida quando seu escudeiro levantou o elmo negro sobre sua cabeça.

– Posso silenciar a criatura, se o agradar – disse através do visor aberto. O ajudante colocou-lhe uma espada na mão. Clegane testou o seu peso cortando o frio ar da manhã. Atrás dele, o pátio ressoava com o som estridente de aço batendo em aço.

A ideia pareceu encher o príncipe de prazer.

– Mandar um cão matar um cão! – exclamou. – Winterfell está tão infestado de lobos que os Stark nunca perceberão a falta de um.

Tyrion saltou do último degrau para o pátio.

– Permita-me discordar, sobrinho – disse. – Os Stark são capazes de contar até seis. Ao contrário de certos príncipes que eu poderia citar.

Joffrey teve pelo menos a educação de corar.

– Uma voz vinda de lugar nenhum – disse Sandor. Espreitou através do elmo, olhando para um lado e para o outro. – Espíritos do ar!

O príncipe riu, como ria sempre que o guarda-costas fazia aquela farsa de pantomimeiro. Tyrion já estava habituado.

– Aqui embaixo.

O homem alto espreitou para o chão e fingiu reparar nele.

– O pequeno senhor Tyrion – disse. – As minhas desculpas. Não o vi aí.

– Hoje não tenho disposição para a sua insolência – Tyrion virou-se para o sobrinho. – Joffrey, já é mais que tempo de ir falar com Lorde Eddard e sua senhora, para lhes oferecer seu consolo.

Joffrey pareceu tão petulante como só um jovem príncipe podia ser.

– E que bem lhes faria o meu consolo?

– Nenhum – disse Tyrion. – Mas espera-se que faça isso. Sua ausência foi notada.

– O garoto Stark não é nada para mim – disse Joffrey. – Não consigo suportar o choro das mulheres.

Tyrion Lannister ergueu o braço e deu um forte tapa na cara do sobrinho. A bochecha do rapaz começou a corar.

– Uma palavra – disse Tyrion –, e bato outra vez.

– Vou contar para minha mãe! – exclamou Joffrey.

Tyrion bateu-lhe de novo. Agora ambas as bochechas ardiam.

– Vai lá contar para ela – disse-lhe Tyrion. – Mas primeiro vá falar com o Senhor e a Senhora Stark, ponha-se de joelhos e lhes diga quanto lamenta e que está a seu serviço se houver alguma coisa que possa fazer por eles nesta hora desventurada, e que lhes dedica todas as suas preces. Compreende? *Compreende*?

O rapaz fez cara de quem ia chorar. Mas, em vez disso, acenou fracamente com a cabeça. Depois se virou e fugiu correndo do pátio, com as mãos cobrindo o rosto. Tyrion ficou vendo-o correr.

Uma sombra caiu-lhe sobre o rosto. Virou-se e deparou com Clegane, que se erguia acima de sua cabeça como uma falésia. A armadura negra como fuligem do cavaleiro parecia embotar o sol. Ele tinha baixado o visor do elmo, moldado de forma a parecer-se com a cabeça de um cão de caça negro, de dentes arreganhados, assustador ao olhar, mas Tyrion sempre o considerara uma grande melhoria comparado à cara horrivelmente queimada de Clegane.

– O príncipe se recordará disso, pequeno senhor – preveniu Cão de Caça, e o elmo transformou sua gargalhada num estrondo oco.

– Rezo para que se recorde – respondeu Tyrion Lannister. – Caso se esqueça, seja um bom cãozinho e o relembre – passou os olhos pelo pátio. – Sabe onde posso encontrar meu irmão?

– Está no desjejum com a rainha.

– Ah – respondeu Tyrion. Inclinou negligentemente a cabeça para Sandor Clegane e afastou-se, assobiando, com tanta vivacidade quanto suas pernas deformadas permitiam. Sentia pena do primeiro cavaleiro a medir forças hoje com o Cão de Caça. O homem tinha gênio ruim.

Uma refeição fria e triste tinha sido servida na sala de estar da Casa de Hóspedes. Jaime estava sentado a uma mesa com Cersei e as crianças,

conversando em voz baixa e abafada.

– Robert ainda está deitado? – perguntou Tyrion ao sentar-se à mesa sem ser convidado.

A irmã o olhou com a mesma tênue expressão de desagrado que ostentava desde o dia em que ele nascera.

– O rei não chegou a dormir – informou. – Está com Lorde Eddard. O desgosto do amigo o atingiu profundamente no coração.

– Tem um grande coração o nosso Robert – disse Jaime com um sorriso indolente. Eram muito poucas as coisas que Jaime levava a sério. Tyrion conhecia essa característica do irmão, e o perdoava. Durante todos os terríveis longos anos da infância, só Jaime lhe mostrara o menor sinal de afeto ou respeito, e por isso Tyrion estava pronto a perdoar-lhe quase tudo.

Um servo aproximou-se.

– Pão – disse-lhe Tyrion –, e dois daqueles peixinhos, e uma caneca daquela bela cerveja preta para empurrá-los para baixo. Ah, e algum bacon. Queime-o até ficar preto – o homem fez uma reverência e afastou-se. Tyrion voltou-se novamente para os irmãos. Gêmeos, um homem e uma mulher. E, naquela manhã, estavam muito parecidos. Ambos tinham escolhido um verde profundo que combinava com seus olhos. Os cachos loiros de ambos eram uma confusão elegante, e ornamentos de ouro brilhavam em seus pulsos, dedos e gargantas.

Tyrion perguntou a si mesmo como seria ter um gêmeo, mas decidiu que preferia não saber. Já era suficientemente ruim encarar-se todos os dias no espelho. Outro dele era uma ideia terrível demais para imaginar.

Príncipe Tommen falou:

– Tem notícias de Bran, tio?

– Passei pela enfermaria ontem à noite – anunciou Tyrion. – Não havia mudança. O meistre acha que é sinal esperançoso.

– Não quero que Brandon morra – disse Tommen timidamente. Era um bom garoto. Não era como o irmão, mas Jaime e Tyrion também não eram propriamente a imagem um do outro.

– Lorde Eddard também tinha um irmão chamado Brandon – meditou Jaime. – Um dos reféns assassinados por Targaryen. Parece ser um nome sem sorte.

– Ah, certamente não é assim tão desafortunado – disse Tyrion. O servo trouxe-lhe o prato, e ele partiu um bocado de pão escuro.

Cersei o estudava com prudência.

– O que quer dizer?

Tyrion deu-lhe um sorriso torto.

– Ora, apenas que Tommen pode ver realizado seu desejo. O meistre pensa que o garoto talvez sobreviva – e bebeu um trago de cerveja.

Myrcella fez um arquejo de contentamento, e Tommen sorriu nervosamente, mas Tyrion não estava observando as crianças. O olhar que Jaime e Cersei trocaram não durou mais de um segundo, mas não lhe passou despercebido. Então, a irmã deixou cair seu olhar sobre a mesa.

– Isso não é nenhuma misericórdia. Esses deuses nortenhos são cruéis ao permitir que crianças passem por tamanha dor.

– Quais foram as palavras do meistre? – Jaime perguntou.

O bacon estalou ao ser mordido. Tyrion mastigou por um momento, pensativo, e disse:

– Ele pensa que se o garoto fosse morrer, já teria acontecido. E já se passaram quatro dias sem nenhuma mudança.

– Será que Bran ficará melhor, tio? – perguntou a pequena Myrcella, que tinha toda a beleza da mãe, mas nada de sua natureza.

– Ele quebrou a coluna, minha menina – informou Tyrion. – O meistre só tem esperança – Tyrion mastigou mais um pouco de pão. – Eu seria capaz de jurar que é o lobo do garoto que o mantém vivo. A criatura fica junto à sua janela dia e noite uivando. E sempre que o afugentam, ele volta. O meistre disse que uma vez fecharam a janela, para abafar o barulho, e Bran pareceu ficar mais fraco. Quando voltaram a abri-la, seu coração bateu com mais força.

A rainha estremeceu.

– Há qualquer coisa que não é natural nesses animais – disse. – São perigosos. *Não quero* que nenhum deles venha para o Sul conosco.

Jaime interveio:

– Teremos dificuldade em impedi-los de ir, irmã. Eles seguem aquelas moças para todo lado.

Tyrion atacou o peixe.

– Então partirão em breve?

– Não será breve o suficiente – disse Cersei. Então franziu a sobrancelha. – Não *vamos* partir? – ela disse alto. – E você? Deuses, não me diga que vai ficar *aqui*?

Tyrion encolheu os ombros.

– Benjen Stark regressará à Patrulha da Noite com o filho bastardo do irmão. Penso em ir com eles e ver essa Muralha de que tanto ouvimos falar.

Jaime sorriu.

– Espero que não esteja pensando em vestir o negro, querido irmão.

Tyrion soltou uma gargalhada.

– O quê, eu, celibatário? As prostitutas virarão pedintes entre Dorne e Rochedo Casterly. Não, só quero subir ao topo da Muralha e mijar do limite do mundo.

Cersei se pôs abruptamente em pé.

– As crianças não têm de ouvir essa nojeira. Tommen, Myrcella, venham – Cersei saiu da sala de estar em passo rápido, seguida pela cauda do vestido e pelas crias.

Jaime Lannister observou o irmão, pensativo, com seus frios olhos verdes.

– Stark nunca consentirá em abandonar Winterfell com o filho pairando sob as sombras da morte.

– Ele consentirá se Robert ordenar – disse Tyrion. – E Robert *ordenará*. De qualquer forma, não há nada que Lorde Eddard possa fazer pelo filho.

– Poderia pôr fim ao seu tormento – disse Jaime. – Era o que eu faria se fosse meu filho. Seria um ato de misericórdia.

– Aconselho-o a não sugerir essa ideia a Lorde Eddard, meu querido irmão – disse Tyrion. – Ele não a receberá de bom grado.

– Mesmo que o garoto sobreviva, será um aleijado. Pior que um aleijado. Uma coisa grotesca. Eu preferiria uma morte boa e limpa.

Tyrion respondeu com um encolher de ombros que acentuou o modo como eram deformados.

– Falando em nome das coisas grotescas – disse –, permito-me discordar. A morte é terrivelmente final, ao passo que a vida está cheia de possibilidades.

Jaime sorriu.

– Você é um duendezinho perverso, não é?

– Ah, sim – admitiu Tyrion. – Espero que o garoto acorde. E vou ficar muito interessado em ouvir o que ele pode ter a dizer.

O sorriso do irmão coagulou como leite azedo.

– Tyrion, meu querido irmão – disse ele em tom sombrio –, há momentos em que você me dá motivo para duvidar de que lado esteja.

A boca de Tyrion estava cheia de pão e de peixe. Bebeu um trago da forte cerveja preta para empurrar tudo para baixo e dirigiu a Jaime um sorriso de lobo.

– Ora, Jaime, meu querido irmão – disse –, assim você me magoa. Bem sabe como amo minha família.

# Jon

Jon subiu os degraus lentamente, tentando não pensar que aquela podia ser a última vez. Fantasma caminhava em silêncio ao seu lado. Lá fora, a neve rodopiava através dos portões do castelo, e o pátio era um lugar de barulho e caos, mas dentro das espessas paredes de pedra ainda havia calor e silêncio. Muito silêncio para o gosto de Jon.

Chegou ao patamar e ficou ali por um longo momento, com medo. Fantasma encostou o focinho em sua mão e Jon ganhou coragem com aquele contato. Endireitou-se e entrou no quarto.

A Senhora Stark estava lá, junto à cama. Estivera ali, noite e dia, ao longo de quase quinze dias. Nem por um momento abandonara a cabeceira de Bran. Ordenara que as refeições lhe fossem trazidas, e também os banhos e uma pequena cama dura, embora se dissesse que quase não tinha dormido. Ela mesma alimentava o filho com a mistura de mel, água e ervas que lhe sustentava a vida. Nem uma vez deixara o quarto. Por isso Jon mantivera-se afastado.

Mas agora não havia mais tempo.

Parou à porta por um momento, com medo de falar, de se aproximar. A janela estava aberta. Lá embaixo um lobo uivava. Fantasma o ouviu e ergueu a cabeça.

A Senhora Stark olhou para ele. Por um momento não pareceu reconhecê-lo. Por fim, pestanejou.

– O que *você* está fazendo aqui? – perguntou numa voz estranhamente monótona e despida de emoção.

– Vim ver Bran – Jon respondeu. – Dizer-lhe adeus.

O rosto dela não se alterou. Seus longos cabelos ruivos estavam opacos e emaranhados. Parecia ter envelhecido vinte anos.

– Acabou de dizer. Agora, vá embora.

Parte dele só desejava fugir, mas sabia que se o fizesse podia nunca mais ver Bran. Deu um nervoso passo para dentro do quarto.

– Por favor – ele pediu.

Algo frio se moveu nos olhos dela.

– Eu disse para sair. Não o queremos aqui.

Tempos atrás, aquilo o teria posto para correr, talvez até o tivesse feito chorar. Mas agora só o deixou zangado. Seria em breve um Irmão Juramentado da Patrulha da Noite, e enfrentaria perigos maiores que Catelyn Tully Stark.

– Ele é meu irmão – disse.

– Terei de chamar os guardas?

– Chame-os – disse Jon, em desafio. – Não pode me impedir de vê-lo – atravessou o quarto, mantendo a cama entre ele e a Senhora Stark, e olhou para Bran.

Ela segurava uma das mãos do filho. Parecia uma garra. Este não era o Bran de que Jon se lembrava. A carne tinha desaparecido por completo. A pele esticava-se, apertada, sobre ossos espetados. Por baixo do cobertor, as pernas dobravam-se de uma maneira que o enchia de náusea. Os olhos estavam profundamente afundados em poços negros; abertos, mas nada viam. A queda de algum modo o encolhera. Quase parecia uma folha, como se o primeiro vento forte o fosse levar para a tumba.

E, no entanto, sob a frágil gaiola daquelas costelas estilhaçadas, o peito subia e descia a cada respiração pouco profunda.

– Bran – disse Jon –, lamento não ter vindo antes. Tive medo – conseguia sentir as lágrimas rolarem pelo rosto. Já não se importava. – Não morra, Bran. Por favor. Estamos todos à espera de que você acorde. Robb e eu, e as meninas, todos…

A Senhora Stark observava. Não tinha gritado pelos guardas, e Jon tomou o fato por aceitação. Fora da janela, o lobo gigante voltou a uivar. O lobo a que Bran não tivera tempo de batizar.

– Tenho agora de ir embora – disse Jon. – Tio Benjen está à espera. Vou para o Norte, para a Muralha. Temos de partir hoje, antes da chegada das neves – lembrou-se de como Bran estivera excitado com a perspectiva da viagem. O pensamento de deixá-lo para trás assim era mais do que conseguia suportar. Jon limpou as lágrimas, inclinou-se e deu um beijo ligeiro nos lábios do irmão.

– Eu quis que ele ficasse aqui comigo – disse a Senhora Stark em voz baixa.

Jon a observou, desconfiado. Ela nem sequer o olhava. Não estava falando para ele, mas para uma parte de si, era como se ele nem estivesse no quarto.

– Rezei para que isso acontecesse – disse ela em voz baça. – Ele era o meu garotinho especial. Fui até o septo e rezei sete vezes aos sete rostos de deus para que Ned mudasse de ideia e o deixasse aqui comigo. Por vezes as preces são respondidas.

Jon não sabia o que dizer.

– A culpa não foi da senhora – conseguiu falar, depois de um silêncio incômodo.

Os olhos dela o encontraram. Estavam cheios de veneno.

– Não me faz falta a sua absolvição, bastardo.

Jon baixou os olhos. Ela embalava uma das mãos de Bran. Ele pegou na outra e a apertou. Dedos como ossos de pássaro.

– Adeus – ele se despediu.

Já tinha chegado à porta quando ela o chamou.

– Jon – ele devia ter continuado a andar, mas ela nunca antes o chamara pelo nome. Virou-se e a viu olhando-o no rosto, como se o visse pela primeira vez.

– Sim? – ele respondeu.

– Deveria ter sido você – ela disse, e então voltou a virar-se para Bran e começou a chorar, todo o corpo a estremecer com os soluços. Jon nunca antes a vira chorar.

Foi uma longa descida até o pátio.

Lá fora, tudo era barulho e confusão. Carregavam-se carroças, homens gritavam, eram postas armaduras e selas em cavalos tirados da cavalariça. Começara a cair uma neve ligeira, e toda a gente estava mergulhada no tumulto da partida.

Robb encontrava-se no meio da confusão, gritando ordens com os melhores desses homens. Parecia ter amadurecido ultimamente, como se a queda de Bran e o colapso da mãe o tivessem de algum modo tornado mais forte. Vento Cinzento estava a seu lado.

– Tio Benjen anda à sua procura – ele disse a Jon. – Queria ter partido há uma hora.

– Eu sei – Jon respondeu. – Em breve – olhou em volta, para todo o ruído e confusão. – Partir é mais difícil do que eu pensava.

– Para mim também – disse Robb. Tinha neve nos cabelos, que derretia com o calor do corpo. – Você o viu?

Jon fez um aceno, por não confiar na voz.

– Ele não vai morrer – disse Robb. – Eu sei.

– Vocês, os Stark, são difíceis de matar – concordou Jon. A voz saiu sem entoação e cansada. A visita tinha levado toda a sua força.

Robb percebeu que havia algo de errado.

– A minha mãe…

– Ela foi… muito amável – disse-lhe Jon.

Robb pareceu aliviado.

– Ótimo – sorriu. – Da próxima vez que o vir, estará todo de negro.

Jon forçou-se a devolver o sorriso.

– Sempre foi a minha cor. Daqui a quanto tempo pensa que isso acontecerá?

– Não muito – prometeu Robb. Puxou Jon para si e lhe deu um forte abraço. – Até a vista, Snow.

Jon devolveu o abraço.

– Até a vista, Stark. Cuide de Bran.

– Cuidarei – afastaram-se e olharam um para o outro, embaraçados. – Tio Benjen disse para mandá-lo para os estábulos se o visse – disse Robb por fim.

– Tenho mais uma despedida a fazer – informou Jon.

– Então não o vi – respondeu Robb. Jon o deixou ali, na neve, rodeado de carroças, lobos e cavalos. Era uma curta caminhada até o armeiro. Recolheu seu embrulho e dirigiu-se pela ponte coberta até a Torre.

Arya estava em seu quarto, enchendo uma arca de pau-ferro polido que era maior que ela. Nymeria a ajudava. Arya só tinha de apontar, e a loba atravessava o quarto de um salto, abocanhava algum bocado de seda e o trazia para a garota. Mas quando farejou Fantasma, sentou-se e soltou um ganido.

Arya olhou para trás, viu Jon e pôs-se em pé de um salto. Atirou-lhe os braços magros com força ao pescoço.

– Temia que já tivesse partido – ela disse, com um nó na garganta. – Não me deixaram sair para dizer adeus.

– O que foi que você fez agora? – a voz de Jon soava divertida.

Arya o largou e fez uma careta.

– Nada. Estava de malas feitas e tudo – indicou com um gesto a enorme arca, que não estava mais que um terço cheia, e as roupas espalhadas por todo o quarto. – Septã Mordane diz que tenho de fazer tudo outra vez. Não tinha as coisas dobradas como deve ser, uma senhora respeitável do Sul não se limita a atirar a roupa para dentro da arca como trapos velhos, ela me disse.

– E foi isso que você fez, irmãzinha?

– Bem, a roupa vai ficar toda amassada de qualquer modo – disse Arya. – Quem se importa como está dobrada?

– Septã Mordane – Jon respondeu. – E também não me parece que ela goste de ver Nymeria ajudando – a loba olhou-o em silêncio com seus escuros olhos dourados. – Mas ainda bem. Tenho uma coisa que quero que leve com você, e tem de ser muito bem embalada.

O rosto dela iluminou-se.

– Um presente?

– Pode chamar assim. Feche a porta.

Desconfiada, mas excitada, Arya verificou o átrio.

– Nymeria, aqui. Guarda – deixou a loba do lado de fora, a fim de avisá-los caso intrusos se aproximassem, e fechou a porta. Nessa altura, Jon tinha já removido os panos em que embrulhara a coisa. Apresentou-a à irmã.

Os olhos de Arya se arregalaram. Olhos negros, como os dele.

– Uma espada – disse ela numa voz baixa e segredada.

A bainha era de macio couro cinzento, tão maleável como o pecado. Jon desembainhou a lâmina devagar, para que Arya visse o profundo brilho azul do aço.

– Isto não é um brinquedo – disse-lhe. – Tenha cuidado para não se cortar. O gume é suficientemente afiado para fazer a barba.

– Meninas não fazem a barba – disse Arya.

– Mas talvez devessem. Já viu as pernas da septã?

Ela riu.

– É tão fininha.

– Tal como você – disse-lhe Jon. – Mandei Mikken fazer isto especialmente para você. Os espadachins usam espadas assim em Pentos, Myr e nas outras Cidades Livres. Não arrancará a cabeça de um homem, mas pode enchê-lo de buracos se for suficientemente rápida.

– Eu posso ser rápida – disse Arya.

– Terá de treinar todos os dias – colocou a espada em suas mãos, mostrou-lhe como segurar e deu um passo para trás. – Como você a sente? Gosta do equilíbrio?

– Acho que sim – disse Arya.

– Primeira lição – disse Jon. – Espete no adversário a ponta aguçada.

Arya deu-lhe uma pancada no braço com a parte plana da lâmina. O golpe doeu, mas Jon começou a sorrir como um idiota.

– Eu sei qual é a ponta que se usa – disse Arya. Um olhar de dúvida atravessou-lhe o rosto. – Septã Mordane vai tirá-la de mim.

– Não, se não souber que a tem – disse Jon.

– Com quem hei de treinar?

– Há de encontrar alguém – prometeu-lhe Jon. – Porto Real é uma verdadeira cidade, mil vezes maior que Winterfell. Até encontrar um parceiro, observe como lutam no pátio. Corra, ande a cavalo, fortaleça-se. E, faça o que fizer…

Arya sabia o que vinha a seguir. Os dois disseram ao mesmo tempo:

– *... não... conte... a... Sansa!*

Jon afagou-lhe os cabelos.

– Vou sentir sua falta, irmãzinha.

De repente, ela pareceu quase chorar.

– Queria que viesse conosco.

– Por vezes, estradas diferentes vão dar no mesmo castelo. Quem sabe? – estava se sentindo melhor agora. Não ia permitir a si mesmo ficar triste. – Tenho de ir. Acabarei passando o primeiro ano na Muralha limpando penicos se deixar Tio Benjen à espera mais tempo.

Arya correu para ele para um último abraço.

– Largue a espada primeiro – Jon a preveniu, rindo. Ela pôs a arma de lado quase timidamente e o encheu de beijos.

Quando ele se virou, já na porta, Arya estava de novo com a espada na mão, testando seu equilíbrio.

– Ia me esquecendo – disse. – Todas as melhores espadas têm nomes.

– Como a Gelo – disse ela. Olhou a espada que tinha na mão. – E esta, tem nome? Ah, diga-me.

– Não adivinha? – brincou Jon. – A sua coisa favorita.

Arya a princípio pareceu desorientada. Mas depois compreendeu. Era assim: rápida. Os dois disseram juntos:

– *Agulha!*

A memória da gargalhada dela o aqueceu ao longo da demorada viagem para o Norte.

# Daenerys

Daenerys Targaryen desposou Khal Drogo com medo, e um esplendor bárbaro, num descampado para lá das muralhas de Pentos, pois os dothrakis acreditavam que todas as coisas importantes na vida de um homem deviam ser feitas a céu aberto.

Drogo chamou seu *khalasar* para servi-lo e eles vieram, quarenta mil guerreiros dothrakis e incontáveis mulheres, crianças e escravos. Acamparam fora das muralhas da cidade com suas vastas manadas de gado, erguendo palácios de erva trançada, comendo tudo que encontravam e tornando o bom povo de Pentos mais ansioso a cada dia que passava.

– Meus colegas magísteres duplicaram o tamanho da guarda da cidade – informou Illyrio certa noite na mansão que pertencera a Drogo, entre bandejas de pato com mel e laranjas-pimenta. O *khal* juntara-se a seu *khalasar*, e sua propriedade fora oferecida a Daenerys e ao irmão até o casamento.

– É melhor que casemos depressa a Princesa Daenerys, antes que entreguem metade da riqueza de Pentos a mercenários e sicários – brincou Sor Jorah Mormont. O exilado pusera a espada a serviço do irmão de Dany na noite em que a garota fora vendida a Khal Drogo; Viserys aceitara-a com avidez. Mormont tornara-se desde então uma companhia constante.

Magíster Illyrio soltou uma ligeira gargalhada através da barba bifurcada, mas Viserys nem sequer sorriu.

– Pode tê-la amanhã, se assim desejar – disse o príncipe. Olhou de relance para Dany e ela abaixou os olhos. – Desde que pague o preço.

Illyrio ergueu uma mão lânguida, fazendo cintilar anéis em seus gordos dedos.

– Já lhe disse, tudo está acertado. Confie em mim. O *khal* lhe prometeu uma coroa, e a terá.

– Sim, mas quando?

– No momento que o *khal* escolher – Illyrio respondeu. – Ele terá primeiro a donzela, e depois do casamento deverá fazer sua procissão pela planície, para apresentá-la a *dosh khaleen* em Vaes Dothrak. Talvez depois disso. Se os presságios favorecerem a guerra.

Viserys fervilhou de impaciência.

– Eu cago nos presságios dothrakis. O Usurpador está sentado no trono de meu pai. Quanto tempo terei de esperar?

Illyrio encolheu os enormes ombros.

– Já esperou a maior parte da vida, grande rei. Que são mais alguns meses, mais alguns anos?

Sor Jorah, que viajara para o leste até Vaes Dothrak, concordou com um aceno.

– Aconselho-o a ser paciente, Vossa Graça. Os dothrakis cumprem com a palavra dada, mas fazem as coisas ao seu próprio ritmo. Um homem inferior pode suplicar um favor ao *khal*, mas nunca deve ter a presunção de censurá-lo.

Viserys eriçou-se.

– Cuidado com a língua, Mormont, ou acabará sem ela. Não sou nenhum homem inferior, sou o Senhor de direito dos Sete Reinos. O dragão não suplica.

Sor Jorah baixou respeitosamente os olhos. Illyrio deu um sorriso enigmático e arrancou uma asa do pato. Mel e gordura escorreram-lhe pelos dedos e pingaram-lhe na barba quando mordiscou a carne tenra. *Já não há dragões*, pensou Dany, de olhos fixos no irmão, embora não se atrevesse a dizê-lo em voz alta.

Apesar disso, naquela noite sonhara com um. Viserys batia nela, a machucava. Ela estava nua, atordoada de medo. Fugiu dele, mas o corpo parecia pesado e desajeitado. Ele bateu nela de novo. Ela tropeçou e caiu. “Você acordou o dragão”, gritava ele enquanto lhe dava pontapés. “Acordou o dragão, acordou o dragão.” Tinha as coxas escorregadias de sangue. Fechou os olhos e choramingou. Como que em resposta, ouviu-se um hediondo som de *rasgar* e o crepitar de um grande fogo. Quando voltou a olhar, Viserys tinha desaparecido, grandes colunas de chamas erguiam-se por toda a parte e, no meio delas, estava o dragão. Virou lentamente a grande cabeça. Quando os olhos fendidos do animal

encontraram os dela, Dany acordou, tremendo e coberta por uma fina película de suor. Nunca tivera tanto medo…

… Até o dia em que seu casamento por fim chegou.

A cerimônia iniciou-se de madrugada e prosseguiu até o crepúsculo, um dia que parecia não ter fim de bebida, comida e luta. Um monumental talude de terra fora erguido entre os palácios de erva e Dany foi colocada ali sentada, ao lado de Khal Drogo, sobre o fervente mar de dothrakis. Nunca vira tantas pessoas no mesmo lugar, nem pessoas tão estranhas e assustadoras. Os senhores dos cavalos vestiam tecidos ricos e usavam doces perfumes quando visitavam as Cidades Livres, mas a céu aberto mantinham os velhos costumes. Tanto os homens quanto as mulheres trajavam vestimentas de couro pintado sobre os peitos nus e polainas de pelo de cavalo cilhadas por cintos com medalhões de bronze, e os guerreiros untavam suas longas tranças com gordura que tiravam de fossas abertas. Empanturravam-se de carne de cavalo assada com mel e pimentões, bebiam leite fermentado de égua e os vinhos delicados de Illyrio até cair e cuspiam ditos de espírito uns aos outros, por cima das fogueiras, com vozes ásperas e estranhas aos ouvidos de Dany.

Viserys estava sentado logo abaixo dela, magnífico numa túnica nova de lã negra com um dragão escarlate no peito. Illyrio e Sor Jorah sentavam-se ao seu lado. Era deles o lugar de maior honra, logo abaixo dos companheiros de sangue do *khal*, mas Dany percebia a ira nos olhos lilás do irmão. Não gostava de estar sentado abaixo dela, e exasperava-se sempre que os escravos ofereciam os pratos primeiro ao *khal* e à noiva, e lhe faziam escolher entre as porções que eles recusavam. Nada podia fazer além de embalar o ressentimento, e foi isso que fez, com o humor a tornar-se mais negro com o passar das horas e dos insultos à sua pessoa.

Dany nunca se sentira tão só como enquanto esteve sentada no meio daquela vasta horda. Seu irmão lhe dissera para sorrir, por isso sorriu até lhe doer o rosto e as lágrimas lhe subirem aos olhos sem serem convidadas. Fez o melhor que pôde para escondê-las, sabendo como Viserys ficaria zangado se a visse chorando, aterrorizado com a possível reação de Khal Drogo. Era-lhe trazida comida, pedaços fumegantes de carne, grossas salsichas negras, tortas dothraki de sangue, e mais tarde frutos, guisados de erva-doce e delicadas tortas doces vindas das

cozinhas de Pentos, mas afastou tudo com gestos. Seu estômago dava voltas e sabia que não conseguiria manter nele qualquer alimento.

Não havia ninguém com quem falar. Khal Drogo gritava ordens e brincadeiras aos companheiros de sangue, e ria de suas respostas, mas quase não olhava para o seu lado. Não tinham nenhuma língua em comum. O dothraki era incompreensível para ela, e o *khal* sabia apenas algumas palavras do valiriano adulterado das Cidades Livres, e nem uma única do Idioma Comum dos Sete Reinos. Ela até teria acolhido bem a conversa de Illyrio e do irmão, mas estavam afastados demais para ouvi-la.

E assim ali ficou, sentada em suas sedas nupciais, embalando uma taça de vinho com mel, com medo de comer, falando consigo mesma. *Sou do sangue do dragão*, disse a si própria. *Sou Daenerys, Filha da Tormenta, Princesa da Pedra do Dragão, do sangue e semente de Aegon, o Conquistador.*

O sol estava apenas no primeiro quarto do céu quando viu o primeiro homem morrer. Soavam tambores acompanhando algumas das mulheres que dançavam para o *khal*. Drogo assistia sem expressão, mas seus olhos seguiam-lhes os movimentos e, de vez em quando, atirava-lhes um medalhão de bronze para que elas o disputassem.

Os guerreiros também assistiam. Por fim, um deles entrou no círculo, agarrou uma dançarina pelo braço, atirou-a no chão e montou-a ali mesmo, como um garanhão monta uma égua. Illyrio dissera-lhe que aquilo poderia acontecer. “Os dothrakis acasalam como os animais de suas manadas. Não há privacidade num *khalasar*, e eles não compreendem o pecado ou a vergonha como nós.”

Dany afastou o olhar da união, assustada ao compreender o que estava acontecendo, mas um segundo guerreiro avançou, e um terceiro, e logo não havia maneira de desviar os olhos. Então dois homens agarraram a mesma mulher. Ouviu um grito, viu um empurrão, e num piscar de olhos tinham sido empunhados os *arakhs*, longas lâminas afiadas como navalhas, meio espadas, meio foices. Começou uma dança de morte, e os guerreiros andaram em círculos, dando golpes, saltando um sobre o outro, fazendo rodopiar as lâminas sobre as cabeças, guinchando insultos a cada entrechocar de metal. Ninguém fez um gesto para interferir.

Acabou tão depressa como começou. Os *arakhs* estremeceram um contra o outro mais depressa do que Dany conseguia acompanhar, um dos homens falhou um passo, o outro brandiu a lâmina num arco horizontal. O aço mordeu a pele acima da cintura do dothraki e o abriu da espinha ao umbigo, derramando-lhe as entranhas na poeira. Enquanto o perdedor morria, o vencedor agarrou-se à mulher mais próxima – nem sequer aquela por quem tinha lutado – e a possuiu ali mesmo. Escravos levaram o corpo para longe e a dança recomeçou.

Magíster Illyrio também prevenira Dany sobre aquilo. "Uma boda dothraki sem pelo menos três mortes é considerada aborrecida", dissera. O casamento dela devia ter sido especialmente abençoado; antes de o dia terminar, tinha morrido uma dúzia de homens.

À medida que as horas foram passando, o terror cresceu em Dany, até que se transformou em tudo que a impedia de gritar. Tinha medo dos dothrakis, cujos modos pareciam estranhos e monstruosos, como se fossem animais em pele humana, e não verdadeiros homens. Tinha medo do irmão, do que ele poderia fazer se ela lhe falhasse. Acima de tudo, tinha medo do que poderia acontecer naquela noite, sob as estrelas, quando o irmão a desse ao pesado gigante que bebia a seu lado, com um rosto tão imóvel e cruel como uma máscara de bronze.

*Sou do sangue do dragão*, disse novamente a si mesma.

Quando o sol por fim baixou no céu, Khal Drogo bateu palmas, e os tambores, os gritos e o festim chegaram a um súbito fim. Drogo ergueu-se e pôs Dany de pé a seu lado. Tinha chegado o momento de seus presentes de noiva.

E ela sabia que depois dos presentes, depois do sol desaparecido no horizonte, chegaria o momento da primeira cavalgada e da consumação do casamento. Dany tentou afastar esse pensamento, mas ele não a abandonava. Apertou os braços contra o corpo, tentando evitar tremer.

O irmão Viserys ofereceu-lhe três aias. Dany sabia que nada lhe tinham custado, que sem dúvida fora Illyrio quem tinha oferecido as mulheres. Irri e Jhiqui eram dothrakis de pele acobreada, cabelos negros e olhos amendoados, Doreah era uma jovem lysena de cabelos claros e olhos azuis.

– Estas não são criadas comuns, minha doce irmã – disse-lhe o irmão enquanto as traziam uma por uma. – Illyrio e eu as selecionamos

pessoalmente para você. Irri a ensinará a montar, Jhiqui a treinará na língua dothraki e Doreah a instruirá nas artes femininas do amor – ele deu um tênue sorriso. – É muito boa. Tanto Illyrio como eu podemos jurar.

Sor Jorah Mormont desculpou-se pelo presente.

– É coisa pouca, minha princesa, mas é tudo de que um pobre exilado pode dispor – disse, ao pôr-lhe à frente uma pequena pilha de velhos livros. Viu que eram canções e histórias dos Sete Reinos, escritas no Idioma Comum. Agradeceu-lhe de todo o coração.

Magíster Illyrio murmurou uma ordem e quatro corpulentos escravos apressaram-se a avançar, trazendo entre eles uma grande arca de cedro com aplicações em bronze. Quando a abriu, encontrou pilhas dos mais finos veludos e damascos que as Cidades Livres podiam produzir… e, em cima de tudo, aninhados nos suaves panos, três enormes ovos. Dany ofegou. Eram as coisas mais belas que já vira, diferentes uns dos outros, com padrões de cores tão ricas que ela a princípio pensou que estivessem incrustados de joias, e tão grandes que precisava de ambas as mãos para pegar num. Ergueu um ovo delicadamente, à espera de encontrá-lo feito de algum tipo de fina porcelana ou delicado esmalte, ou até de vidro soprado, mas era muito mais pesado do que julgara, como se todo ele fosse rocha sólida. A superfície da casca estava coberta de minúsculas escamas, e quando rodou o ovo entre os dedos elas cintilaram como metal polido à luz do sol poente. Um ovo era de um verde profundo, com manchas de lustroso bronze que iam e vinham, dependendo do modo como Dany o virava. Outro era creme-claro listrado de dourado. O último era negro, tão negro como o mar da meia-noite, mas vivo, com ondulações e remoinhos escarlates.

– O que são? – perguntou, com a voz baixa e maravilhada.

– Ovos de dragão, vindos das Terras das Sombras para lá de Asshai – disse Magíster Illyrio. – As eras os transformaram em pedra, mas ainda possuem uma beleza ardente e brilhante.

– Serão preciosos a mim para sempre – Dany ouvira histórias sobre aqueles ovos, mas nunca vira nenhum, nem pensara que chegaria a vê-los. Era um presente realmente magnífico, embora ela soubesse que Illyrio podia ser generoso. Ganhara uma fortuna em cavalos e escravos pelo papel que desempenhara na sua venda a Khal Drogo.

Os companheiros de sangue do *khal* ofereceram-lhe as três armas tradicionais, e que estupendas armas eram. Haggo deu-lhe um grande chicote de couro com cabo de prata; Cohollo, um magnífico *arakh* com relevos em ouro; e Qotho, um arco de dupla curvatura, feito de osso de dragão, mais alto que ela. Magíster Illyrio e Sor Jorah tinham-lhe ensinado a recusa tradicional daquelas oferendas.

– Este é um presente digno de um grande guerreiro, ah, sangue do meu sangue, e eu não passo de uma mulher. Que o senhor meu marido o use em meu nome – e assim Khal Drogo também recebeu os seus "presentes de noiva".

Dany ainda ganhou uma profusão de outros presentes, oferecidos por outros dothrakis: chinelos, joias e anéis de prata para os cabelos, cintos de medalhão, vestes pintadas e peles macias, tecidos de sedareia e potes de perfume, agulhas, penas e minúsculas garrafas de vidro púrpuro, e um vestido feito da pele de mil ratos.

– Um belo presente, *khaleesi* – disse Magíster Illyrio deste último, depois de lhe dizer o que era. – Muito afortunado.

Os presentes amontoavam-se à sua volta em grandes pilhas, mais presentes do que poderia imaginar, desejar ou usar.

E, no fim de tudo, Khal Drogo trouxe-lhe o seu próprio presente de noiva. Um silêncio de expectativa se alastrou a partir do centro do acampamento quando ele saiu do lado de Dany, crescendo até engolir todo o *khalasar*. Quando regressou, a densa multidão de ofertantes abriu-se à sua frente, e ele levou o cavalo até ela.

Era uma potranca jovem, espirituosa e magnífica. Dany sabia apenas o suficiente sobre cavalos para reconhecer que aquele não era um animal vulgar. Havia algo nela que cortava a respiração. Era cinzenta como o mar de inverno, com uma crina que parecia fumaça prateada.

Hesitante, estendeu a mão e afagou o pescoço do cavalo, fazendo correr os dedos pelo prateado da crina. Khal Drogo disse qualquer coisa em dothraki e Magíster Illyrio traduziu.

– Prata para o prateado de seus cabelos, disse o *khal*.

– É belíssima – murmurou Dany.

– É o orgulho do *khalasar* – disse Illyrio. – O costume decreta que a *khaleesi* deve conduzir uma montaria digna de seu lugar ao lado do *khal*.

Drogo avançou e pôs-lhe as mãos na cintura. Levantou-a com tanta facilidade como se fosse uma criança e a pousou sobre a fina sela dothraki, muito menor do que aquelas a que estava acostumada. Dany ficou ali sentada, por um momento incerta. Ninguém lhe falara daquela parte.

– O que devo fazer? – perguntou a Illyrio.

Foi Sor Jorah Mormont quem respondeu.

– Pegue nas rédeas e cavalgue. Não precisa ir longe.

Nervosa, juntou as rédeas nas mãos e fez deslizar os pés para os pequenos estribos. Não passava de uma cavaleira razoável; passara muito mais tempo viajando em navios, carroças e liteiras do que sobre o dorso de cavalos. Rezando para não cair e envergonhar-se, deu à potranca o mais tímido dos toques com os joelhos.

E pela primeira vez nas últimas horas esqueceu-se de ter medo. Ou talvez pela primeira vez desde sempre.

A potranca cinza-prateada avançou com um porte suave e sedoso, enquanto a multidão abria alas para deixá-la passar, com todos os olhos postos nela. Dany deu por si avançando mais depressa do que tencionara, mas isso, de algum modo, era excitante, em vez de aterrador. O cavalo pôs-se a trote e ela sorriu. Os dothrakis precipitavam-se para abrir caminho. À mais ligeira pressão com as pernas, ao menor toque de rédeas, a égua respondia. Dany a colocara a galope, e agora os dothrakis assobiavam, gargalhavam e gritavam-lhe enquanto saltavam para longe do seu caminho. Quando virou para regressar, um buraco de fogueira surgiu-lhe à frente, diretamente em seu caminho. Estava cercada de ambos os lados, sem espaço para parar. Uma coragem que nunca conhecera encheu então Daenerys e ela deu liberdade à potranca.

A égua prateada saltou sobre as chamas como se tivesse asas.

Quando refreou o animal junto a Magíster Illyrio, a garota falou:

– Diga a Khal Drogo que me ofereceu o vento – o gordo pentoshi repetiu as palavras em dothraki enquanto afagava a barba amarela, e Dany viu o novo marido sorrir pela primeira vez.

Os últimos raios de sol desapareceram por trás das grandes muralhas de Pentos, para oeste. Dany perdera por completo a noção das horas. Khal Drogo ordenou aos companheiros de sangue para lhe trazerem o cavalo, um esguio garanhão vermelho. Enquanto o *khal* selava o cavalo,

Viserys esgueirou-se até junto de Dany, enterrou os dedos em sua perna e disse:

– Dê-lhe prazer, minha doce irmã, senão juro que verá o dragão acordar como nunca acordou antes.

O medo regressou com as palavras do irmão. Sentiu-se de novo uma criança, apenas com treze anos e completamente só, mal preparada para o que estava prestes a lhe acontecer.

Cavalgaram juntos sob as estrelas que surgiam, deixando para trás o *khalasar* e os palácios de erva. Khal Drogo não lhe dirigiu uma palavra, mas fez o garanhão atravessar num trote duro a penumbra que se aprofundava. As minúsculas campainhas de prata na longa trança ressoavam baixinho enquanto cavalgava.

– Sou do sangue do dragão – murmurou ela enquanto o seguia, tentando manter a coragem. – Sou do sangue do dragão. Sou do sangue do dragão – o dragão nunca tinha medo.

Mais tarde não soube dizer até que distância ou durante quanto tempo cavalgaram, mas a noite tinha já caído por completo quando pararam num gramado junto a um pequeno riacho. Drogo saltou do cavalo e a tirou do dela. Sentiu-se frágil como vidro nas mãos dele, com membros tão fracos como a água. Ficou ali, desamparada e tremendo sob as sedas nupciais enquanto ele prendia os cavalos. Quando Drogo se virou para olhá-la, ela começou a chorar.

Khal Drogo ficou olhando as lágrimas, com o rosto estranhamente vazio de emoção.

– Não – disse. Ergueu uma mão e limpou rudemente as lágrimas com um polegar calejado.

– Fala o Idioma Comum – disse Dany, espantada.

– Não – disse ele de novo.

Talvez soubesse apenas aquela palavra, pensou ela, mas era uma palavra, mais do que podia supor, e de algum modo a fez sentir-se um pouco melhor. Drogo tocou-lhe levemente os cabelos, fazendo deslizar as madeixas loiro-prateadas entre os dedos e murmurando suavemente em dothraki. Dany não compreendeu as palavras, mas havia calor na entoação, uma ternura que nunca esperara daquele homem.

Pôs um dedo sob seu queixo e ergueu-lhe a cabeça, para que ela o olhasse nos olhos. Drogo erguia-se acima dela como se erguia acima de

toda a gente. Pegando-a agilmente por baixo dos braços, ergueu-a e sentou-a numa rocha arredondada ao lado do riacho. Depois, sentou-se no chão diante dela, de pernas cruzadas sob o corpo, com o rosto de ambos ao mesmo nível.

– Não – disse ele.

– Esta é a única palavra que conhece? – ela perguntou.

Drogo não respondeu. Sua longa e pesada trança estava enrolada na terra ao seu lado. Puxou-a por sobre o ombro direito e começou a remover as campainhas do cabelo, uma a uma. Depois de um momento, Dany inclinou-se para a frente para ajudar. Quando terminaram, Drogo fez um gesto. Ela compreendeu. Devagar, com cuidado, começou a desfazer-lhe a trança.

Levou muito tempo. E durante todo o tempo, ele ficou ali sentado em silêncio, observando-a. Quando acabou, ele balançou a cabeça e os cabelos espalharam-se pelas costas como um rio de escuridão, oleoso e cintilante. Nunca vira cabelos tão longos, tão negros, tão espessos.

Depois foi a vez dele. Começou a despi-la.

Seus dedos eram hábeis e estranhamente ternos. Removeu-lhe as sedas, uma por uma, com cuidado, enquanto Dany permanecia sentada, imóvel, silenciosa, a olhá-lo nos olhos. Quando desnudou seus pequenos seios, não conseguiu evitá-lo. Desviou o olhar e cobriu-se com as mãos.

– Não – disse Drogo. Puxou-lhe as mãos para longe dos seios, com gentileza, mas firmemente, e depois ergueu-lhe de novo o rosto para fazer com que o olhasse. – Não – ele repetiu.

– Não – ela ecoou.

Então, ele a pôs de pé e a puxou, a fim de remover a última de suas sedas. Sentia o frio ar noturno na pele nua. Estremeceu, e um arrepio cobriu-lhe os braços e as pernas. Temia o que viria a seguir, mas durante algum tempo nada aconteceu. Drogo ficou sentado de pernas cruzadas, olhando-a, bebendo-lhe o corpo com os olhos.

Um pouco mais tarde, começou a tocá-la. A princípio ligeiramente, depois com mais força. Ela sentia o feroz poder de suas mãos, mas ele nunca chegou a machucá-la. Segurou uma mão na dele e afagou-lhe os dedos um a um. Correu-lhe a mão suavemente pela perna. Afagou-lhe o rosto, delineando a curva de suas orelhas, percorrendo-lhe a boca gentilmente com o dedo. Tomou-lhe os cabelos com ambas as mãos e os

penteou com os dedos. Virou-a de costas, massageou-lhe os ombros, deslizou o nó do dedo ao longo da coluna.

Pareceu que se passaram horas antes que as mãos dele se dirigissem por fim aos seus seios. Afagou a suave pele da base até deixá-la num torpor. Rodeou os mamilos com os polegares, beliscou-os entre o polegar e o indicador, depois começou a puxá-los, muito levemente a princípio, depois com maior insistência, até que enrijeceram e começaram a doer.

Então parou, e puxou-a para o seu colo. Dany estava corada e sem fôlego, com o coração a palpitar no peito. Ele envolveu seu rosto nas mãos enormes e ela o olhou nos olhos.

– Não? – disse ele, e ela soube que era uma pergunta.

Tomou-lhe a mão e a dirigiu para a umidade entre as coxas.

– Sim – sussurrou ao introduzir o dedo dele dentro de si.

# Eddard

A convocatória chegou na hora que precede a alvorada, quando o mundo estava quieto e cinzento.

Alyn arrancou-o rudemente dos sonhos com um chacoalhão, e Ned cambaleou para o frio da madrugada, tonto de sono, indo encontrar seu cavalo selado e o rei já montado. Robert vestia grossas luvas marrons e um pesado manto de peles com um capuz que lhe cobria as orelhas, e estava igualzinho a um urso sentado em cima de um cavalo.

– De pé, Stark! – rugiu. – De pé, de pé! Temos assuntos de Estado a tratar.

– Com certeza – disse Ned. – Entre, Vossa Graça – Alyn ergueu a aba da tenda.

– Não, não, *não* – disse Robert. Saía-lhe vapor da boca a cada palavra. – O acampamento está cheio de ouvidos. Além disso, quero afastar-me e saborear este seu país – Ned viu que Sor Boros e Sor Meryn esperavam atrás dele com uma dúzia de guardas. Nada havia a fazer exceto esfregar o sono para longe dos olhos, vestir-se e montar.

Robert marcou o passo, puxando com seu enorme cavalo de batalha negro, enquanto Ned galopava ao seu lado, tentando acompanhá-lo. Gritou uma pergunta enquanto cavalgavam, mas o vento levou suas palavras para longe e o rei não o ouviu. Depois disso, Ned seguiu em silêncio. Em pouco tempo abandonavam a estrada do rei e avançavam por onduladas planícies escuras de névoa. A essa altura, a guarda tinha ficado uma pequena distância para trás, suficiente para não ouvi-los, mas mesmo assim Robert não abrandava.

A alvorada chegou quando subiam ao cume de uma pequena elevação, e o rei finalmente parou. A essa altura, estavam várias milhas ao sul do grupo principal. Robert estava corado e animado quando Ned puxou as rédeas do cavalo a seu lado.

– Deuses – o rei praguejou, rindo –, faz bem sair e *cavalgar* como é suposto que um homem faça! Juro, Ned, este rastejar por aí é o suficiente para deixar um homem louco – Robert Baratheon nunca fora um homem paciente. – Aquela maldita casa rolante, o modo como range e geme, subindo cada aclive na estrada como se fosse uma montanha… prometo-lhe que, se aquela miserável coisa partir mais algum eixo, queimo-a, e Cersei que ande!

Ned soltou uma gargalhada.

– De bom grado acenderei a tocha por Vossa Graça.

– Bom homem! – o rei deu-lhe uma palmada no ombro. – Parte de mim quer deixá-los todos para trás e simplesmente continuar a andar.

Um sorriso tocou os lábios de Ned.

– E acho que fala a sério.

– Falo, falo – disse o rei. – Que lhe parece, Ned? Só você e eu, dois cavaleiros vagabundos na estrada do rei, com as espadas ao nosso lado e só os deuses sabem o que à nossa frente, e talvez uma filha de lavrador ou uma garota de taberna para nos aquecer a cama esta noite.

– Gostaria que fosse possível – disse Ned –, mas agora temos deveres, meu suserano… para com o reino, para com nossos filhos, eu para com a senhora minha esposa e você para com a sua rainha. Não somos mais os rapazes que fomos.

– Você nunca foi um rapaz – resmungou Robert. – Maior é pena. E, no entanto, houve aquela ocasião… Como se chamava aquela plebeia que teve? Becca? Não, essa foi uma das minhas, que os deuses a adorem, de cabelos negros e aqueles doces olhos grandes, podia-se afogar neles. A sua chamava-se… Aleena? Não. Você me disse uma vez. Seria Merryl? Sabe a quem me refiro, a mãe do seu bastardo.

– O nome era Wylla – respondeu Ned com fria cortesia –, e eu prefiro não falar dela.

– Wylla. Sim – o rei sorriu. – Devia ser uma mulher incomum, pois foi capaz de fazer Lorde Eddard Stark se esquecer de sua honra, ainda que por uma hora. Nunca me falou de sua aparência…

A boca de Ned apertou-se em ira.

– Nem o farei. Deixe esse assunto, Robert, pelo amor que diz ter por mim. Desonrei-me e desonrei Catelyn, aos olhos dos deuses e dos homens.

– Que os deuses sejam louvados, quase nem *conhecia* Catelyn.

– Tinha-a tomado por esposa. Ela esperava meu filho.

– É duro demais consigo, Ned. Sempre foi. Que diabo, nenhuma mulher quer ter na cama Baelor, o Bem-Aventurado – deu uma palmada no joelho. – Bem, não falarei mais no assunto se guarda sentimentos tão fortes a esse respeito, se bem que, juro, por vezes é tão espinhoso que devia adotar o ouriço como selo.

O sol nascente lançava dedos de luz através das pálidas neblinas brancas da alvorada. Uma larga planície estendia-se abaixo deles, nua e marrom, com a planura interrompida aqui e ali por longos outeiros baixos. Ned indicou-os ao seu rei.

– As elevações tumulares dos Primeiros Homens.

Robert franziu a sobrancelha.

– Viemos dar em um cemitério?

– No Norte há elevações tumulares por todo lado, Vossa Graça – Ned informou. – Esta terra é antiga.

– E fria – resmungou Robert, apertando mais o manto ao redor do corpo. A guarda tinha parado bem atrás deles, na base da elevação. – Bem, não o trouxe aqui para falar de sepulturas ou discutir sobre o seu bastardo. Chegou um mensageiro durante a noite com uma mensagem de Lorde Varys em Porto Real. Tome – o rei tirou um papel do cinto e o entregou a Ned.

Varys, o eunuco, era o mestre dos segredos do rei. Servia agora Robert da mesma forma que antes servira Aerys Targaryen. Ned desenrolou o papel, agitado, pensando em Lysa e sua terrível acusação, mas a mensagem não dizia respeito a Senhora Arryn.

– Qual é a fonte desta informação?

– Lembra-se de Sor Jorah Mormont?

– Gostaria de poder esquecê-lo – disse Ned sem cerimônia. Os Mormont da Ilha dos Ursos eram uma Casa antiga, orgulhosa e honrada, mas suas terras eram frias, distantes e pobres. Sor Jorah tentara encher os cofres da família vendendo alguns caçadores furtivos a um negociante de escravos tyroshi. Como os Mormont eram vassalos dos Stark, seu crime tinha desonrado o Norte. Ned fizera a longa viagem para o oeste até a Ilha dos Ursos só para descobrir, ao chegar, que Jorah havia zarpado,

escapando do alcance de Gelo e da justiça do rei. Desde então tinham se passado cinco anos.

– Sor Jorah está agora em Pentos, ansioso por ganhar um perdão real que lhe permita regressar do exílio – explicou Robert. – Lorde Varys faz bom uso dele.

– Então o negociante de escravos transformou-se em espião – disse Ned com antipatia. Devolveu a carta ao rei. – Preferia que tivesse se transformado em cadáver.

– Varys me disse que os espiões são mais úteis do que os cadáveres – disse Robert. – Jorah à parte, que acha do relatório?

– Daenerys Targaryen desposou um senhor dos cavalos dothraki qualquer. E então? Devemos enviar-lhe um presente de casamento?

O rei franziu a sobrancelha.

– Talvez uma faca. Uma boa faca afiada e um bom homem para manejá-la.

Ned não fingiu surpresa; o ódio de Robert pelos Targaryen era nele uma loucura. Lembrava-se das palavras iradas que tinham trocado quando Tywin Lannister presenteara Robert com os cadáveres da esposa e dos filhos de Rhaegar em sinal de fidelidade. Ned chamara aquilo de assassinato; Robert chamara de guerra. Quando protestara que o jovem príncipe e a jovem princesa não eram mais que bebês, o recém-coroado rei respondera: "Não vejo bebês. Somente filhotes de dragão". Nem mesmo Jon Arryn fora capaz de acalmar essa tempestade. Eddard Stark cavalgara para longe nesse mesmo dia, a fim de lutar sozinho as últimas batalhas da guerra no Sul. Fora preciso outra morte para reconciliá-los, a de Lyanna, e a dor que partilharam com o seu falecimento.

Dessa vez, Ned resolveu dominar o gênio.

– Vossa Graça, a moça é pouco mais que uma criança. Não é Vossa Graça um Tywin Lannister para chacinar inocentes – dizia-se que a filha de Rhaegar chorava quando a arrastaram de debaixo da cama para enfrentar as espadas. O garoto não era mais que um bebê de peito, mas os soldados de Lorde Tywin arrancaram-no dos braços da mãe e esmagaram-lhe a cabeça contra uma parede.

– E quanto tempo essa jovem permanecerá inocente? – a boca de Robert endureceu. – Essa *criança* irá em breve abrir as pernas e começar a parir mais filhotes de dragão para me atormentar.

– Seja como for – disse Ned –, o assassinato de crianças… seria vil… inqualificável…

– Inqualificável? – rugiu o rei. – O que Aerys fez ao seu irmão Brandon foi inqualificável. O modo como o senhor seu pai morreu, isso foi inqualificável. E Rhaegar… quantas vezes acha que ele violou sua irmã? Quantas *centenas* de vezes? – sua voz tornara-se tão alta que o cavalo que montava relinchou nervosamente. O rei puxou as rédeas com força, sossegando o animal, e apontou um dedo irado para Ned. – Matarei cada Targaryen em que puser as mãos até estarem tão mortos como os seus dragões, e então mijarei em suas tumbas.

Ned sabia que não era boa ideia desafiá-lo quando estava sob o domínio da ira. Se os anos não tinham amenizado a sede de vingança de Robert, nenhuma palavra sua poderia ajudar.

– Mas não pode pôr as mãos nesta, está bem? – disse ele em voz calma.

A boca do rei retorceu-se numa expressão amarga.

– Não, malditos sejam os deuses. Um pustulento queijeiro pentoshi qualquer mantém, ela e o irmão, fechados em sua propriedade com eunucos de chapéus bicudos por todo lado, e agora os entregou aos dothrakis. Devia ter mandado matá-los há anos, quando era fácil chegar até eles, mas Jon era tão mau como você. Maior tolo fui eu, por lhe dar ouvido.

– Jon Arryn era um homem sensato e uma boa Mão.

Robert resfolegou. A ira o deixava tão subitamente quanto tinha chegado.

– Diz-se que esse Khal Drogo tem cem mil homens em sua horda. O que diria Jon sobre *isso*?

– Diria que mesmo um milhão de dothrakis não são ameaça para o reino desde que fiquem do outro lado do mar estreito – replicou Ned com calma. – Os bárbaros não têm *navios*. Odeiam e temem o mar aberto.

O rei moveu-se desconfortavelmente na sela.

– Talvez. Mas podem obter navios nas Cidades Livres. Digo-lhe, Ned, esse casamento não me agrada. Ainda há nos Sete Reinos quem me chame Usurpador. Esqueceu-se de quantas casas lutaram pelos Targaryen durante a guerra? Por enquanto esperam a sua hora, mas dê-lhes meia chance e me assassinarão no leito, e a meus filhos também. Se o rei

pedinte atravessar o mar com uma horda dothraki atrás dele, os traidores a ele se juntarão.

– Não atravessará – prometeu Ned. – E, se por algum azar atravessar, nós o atiraremos de volta ao mar. Uma vez escolhido um novo Guardião do Leste…

O rei soltou um gemido.

– Pela última vez, não nomearei Guardião o garoto Arryn. Sei que ele é seu sobrinho, mas com os Targaryen usufruindo a cama dos dothrakis seria louco se deixasse um quarto do reino nas mãos de uma criança enfermiça.

Ned estava preparado para aquilo.

– E, no entanto, ainda precisamos de um Guardião do Leste. Se Robert Arryn não serve, nomeie um de seus irmãos. Stannis decerto provou seu valor no cerco à Ponta Tempestade.

Deixou o nome pairar por um momento. O rei franziu a testa e nada disse. Parecia desconfortável.

– Isto é – terminou Ned em voz baixa, observando –, a não ser que já tenha prometido a posição a outra pessoa.

Por um momento Robert teve a elegância de parecer surpreso. Quase no mesmo momento, o olhar passou a denotar aborrecimento.

– E se o fiz?

– É Jaime Lannister, não é?

Robert pôs de novo o cavalo em movimento com os calcanhares e desceu a colina em direção aos outeiros. Ned o acompanhou. O rei prosseguiu a cavalgada, com os olhos fixos em frente.

– Sim – disse por fim. Uma única palavra dura para pôr uma pedra sobre o assunto.

– O Regicida – retrucou Ned. Então os rumores eram verdadeiros. Sabia que trilhava agora terreno perigoso. – Um homem apto e corajoso, sem dúvida – disse com cuidado –, mas seu pai é Guardião do Oeste, Robert. A seu tempo Sor Jaime irá sucedê-lo nesse título. Nenhum homem deve defender tanto o leste como o oeste – deixou de dizer sua real preocupação; que a nomeação iria pôr metade dos exércitos do reino nas mãos dos Lannister.

– Tratarei dessa luta quando o inimigo aparecer no campo de batalha – disse o rei teimosamente. – Por ora, Lorde Tywin paira eterno sobre

Rochedo Casterly; portanto, duvido que Jaime lhe suceda em breve. Não me aborreça com isso, Ned, a pedra foi colocada.

– Vossa Graça, posso falar com franqueza?

– Pareço ser incapaz de te impedir – resmungou Robert. Cavalgavam através do mato alto e marrom.

– Pode mesmo confiar em Jaime Lannister?

– É irmão gêmeo de minha mulher, um Irmão Juramentado da Guarda Real, com a vida, a fortuna e a honra sujeitas às minhas.

– Tal como estavam sujeitas às de Aerys Targaryen – Ned ressaltou.

– Por que haveria de desconfiar dele? Fez tudo que lhe pedi. Sua espada ajudou a conquistar o trono em que me sento.

*Sua espada ajudou a manchar o trono em que se senta*, pensou Ned, mas não permitiu que as palavras lhe atravessassem os lábios.

– Fez o juramento de proteger a vida do rei com a dele próprio. Depois abriu a garganta desse mesmo rei com uma espada.

– Pelos sete infernos, *alguém* tinha de matar Aerys! – disse Robert, puxando as rédeas de sua montaria e fazendo-a parar abruptamente junto a um antigo outeiro. – Se Jaime não o fizesse, teríamos de ter sido você ou eu.

– Nós não éramos Irmãos Juramentados da Guarda Real – Ned respondeu. Decidiu naquele lugar que tinha chegado o momento de Robert ouvir toda a verdade. – Recorda-se do Tridente, Vossa Graça?

– Conquistei lá a minha coroa. Como posso esquecê-lo?

– Vossa Graça foi ferido por Rhaegar – recordou-lhe Ned. – E assim, quando a tropa Targaryen cedeu e fugiu, deixou a perseguição nas minhas mãos. O que restava do exército de Rhaegar apressou-se em regressar a Porto Real. Nós os seguimos. Aerys estava na Torre Vermelha com vários milhares de lealistas. Eu esperava encontrar os portões fechados às nossas forças.

Robert balançou impacientemente a cabeça.

– E, em vez disso, descobriu que os nossos homens já tinham conquistado a cidade. E então?

– Nossos homens, não – Ned disse pacientemente. – Os homens dos Lannister. Era o leão de Lannister que flutuava sobre os baluartes, e não o veado coroado. E eles conquistaram a cidade pela traição.

A guerra durara quase um ano. Senhores, grandes e pequenos, tinham se agrupado sob os estandartes de Robert; outros tinham permanecido leais aos Targaryen. Os poderosos Lannister de Rochedo Casterly, os Guardiães do Oeste, tinham permanecido à margem da luta, ignorando os apelos às armas vindos quer dos rebeldes quer dos lealistas. Aerys Targaryen devia ter pensado que os deuses respondiam às suas preces quando Lorde Tywin Lannister apareceu perante os portões de Porto Real com um exército de doze mil homens, declarando-lhe lealdade. E, assim, o rei louco ordenou seu último ato de loucura. Abriu sua cidade aos leões que estavam à porta.

– A traição era uma moeda que os Targaryen conheciam bem – disse Robert. A ira lhe subia novamente. – Os Lannister pagaram-lhes na mesma moeda. Não foi menos do que mereciam. Não será isso que perturbará meu sono.

– Você não estava lá – disse Ned, com amargura na voz. O sono perturbado não lhe era estranho. Vivera suas mentiras durante catorze anos, e à noite elas ainda o assombravam. – Não houve honra naquela conquista.

– Que os Outros carreguem a sua honra! – praguejou Robert. – Quando foi que algum Targaryen conheceu a honra? Desça à sua cripta e interrogue Lyanna sobre a honra do dragão!

– Vingou Lyanna no Tridente – disse Ned, parando ao lado do rei. *Prometa-me, Ned*, sussurrara ela.

– Isso não a trouxe de volta – Robert afastou o olhar para o horizonte cinzento. – Malditos sejam os deuses. Foi uma vitória vazia, a que me deram. Uma coroa… foi pela *donzela* que orei a eles. A sua irmã, salva… e minha de novo, como estava destinada a ser. Pergunto-lhe, Ned, de que serve usar uma coroa? Os deuses zombam tanto das preces de reis quanto das dos vaqueiros.

– Não posso responder pelos deuses, Vossa Graça… só por aquilo que encontrei quando entrei na sala do trono naquele dia – disse Ned. – Aerys estava morto no chão, afogado no próprio sangue. Seus crânios de dragão observavam das paredes. Havia homens dos Lannister por toda parte. Jaime trajava o manto branco da Guarda Real por cima da armadura dourada. Ainda o vejo. Até a espada era dourada. Estava sentado no

Trono de Ferro, bem acima dos cavaleiros, usando um elmo em forma de cabeça de leão. Como brilhava!

– Isso é bem sabido – protestou o rei.

– Eu ainda estava montado. Percorri todo o salão em silêncio, entre as longas fileiras de crânios de dragão. De algum modo, parecia que me observavam. Parei diante do trono, olhando-o por baixo. Tinha a espada dourada pousada sobre as pernas, com a lâmina vermelha do sangue do rei. Meus homens começavam a encher a sala atrás de mim. Os de Lannister afastaram-se. Nunca disse uma palavra. Olhei-o, ali sentado no trono, e esperei. Por fim, Jaime soltou uma gargalhada e se ergueu. Tirou o elmo e disse-me: "Nada tem a temer, Stark. Estava apenas mantendo-o quente para o nosso amigo Robert. Temo que não seja uma cadeira muito confortável".

O rei atirou a cabeça para trás e rugiu. Suas gargalhadas assustaram um bando de corvos que saltaram do meio da alta grama marrom num frenético bater de asas.

– Pensa que devo desconfiar de Lannister porque se sentou no meu trono por alguns momentos? – voltou a sacudir-se de riso. – Jaime não tinha mais de dezessete anos, Ned. Era pouco mais que um rapaz.

– Rapaz ou homem, não tinha direito àquele trono.

– Talvez estivesse cansado – sugeriu Robert. – Matar reis é trabalho pesado. Os deuses sabem que não há mais lugar onde descansar o traseiro naquela maldita sala. E ele falou a verdade: *é* uma cadeira brutalmente desconfortável. De todas as maneiras – o rei balançou a cabeça. – Bem, agora conheço o negro pecado de Jaime e o assunto pode ser esquecido. Estou mortalmente farto de segredos, questiúnculas e assuntos de Estado, Ned. É tudo tão entediante quanto contar moedas. Vem, vamos cavalgar, você costumava saber fazer isso. Quero voltar a sentir o vento nos cabelos – voltou a pôr o cavalo em movimento e galopou sobre o outeiro, fazendo saltar terra atrás de si.

Por um momento Ned não o seguiu. Tinha ficado sem palavras e sentia-se cheio de uma grande sensação de impotência. Uma vez mais perguntou a si mesmo o que fazia ali e qual seria o motivo de ter vindo. Não era nenhum Jon Arryn, capaz de pôr freio à impetuosidade do rei e de lhe inculcar sabedoria. Robert faria o que lhe apetecesse, como sempre fizera, e nada do que Ned pudesse fazer ou dizer mudaria isso.

Seu lugar era em Winterfell. Seu lugar era com Catelyn, na sua dor, e com Bran.

Mas um homem nem sempre podia estar no seu lugar. Resignado, Eddard Stark bateu com as botas no cavalo e foi atrás do rei.

# Tyrion

O Norte parecia não ter fim.

Tyrion Lannister conhecia os mapas tão bem como qualquer outra pessoa, mas uma quinzena na trilha irregular que naquela região se passava pela estrada do rei incutira profundamente nele a lição de que o mapa era uma coisa, mas o terreno, outra bem diferente.

Tinham partido de Winterfell no mesmo dia que o rei, no meio de toda a agitação da partida real, saindo ao som dos gritos dos homens e do resfolegar dos cavalos, entre a algazarra das carroças e os gemidos da enorme casa rolante da rainha, enquanto uma neve ligeira caía ao redor. A estrada do rei ficava logo à saída do castelo e da vila. Ali, os estandartes, as carroças e as colunas de cavaleiros da guarda e cavaleiros livres viraram para o sul, levando o tumulto com eles, enquanto Tyrion virara para o norte com Benjen Stark e o sobrinho.

Depois disso ficou mais frio, e muito mais silencioso.

A oeste da estrada estendiam-se colinas de sílex, cinzentas e escarpadas, com altas torres de vigia erguidas em seus cumes rochosos. Para leste o terreno era mais baixo, achatando-se até se transformar numa planície ondulada que se estendia até onde a vista alcançava. Pontes de pedra transpunham rios rápidos e estreitos, e pequenas chácaras espalhavam-se em anéis em torno de castros com fortificações de madeira e pedra. A estrada tinha muito tráfego, e à noite, para seu conforto, podia-se encontrar rudes estalagens.

Mas após três dias de viagem de Winterfell, as terras de cultivo deram lugar à densa floresta, e a estrada do rei transformou-se num lugar solitário. As colinas de sílex tornavam-se mais altas e selvagens a cada milha, até se transformarem em montanhas pelo quinto dia, gigantes frios, azul-acinzentados, com promontórios irregulares e neve sobre os ombros. Quando o vento soprava do norte, longas plumas de cristais de gelo voavam dos picos mais altos como se fossem estandartes.

Com as montanhas fazendo as vezes de muro, a oeste, a estrada desviava-se para nor-nordeste através da floresta, uma mistura de carvalhos com sempre-verdes e sarças negras, que parecia mais antiga e sombria que qualquer outra que Tyrion tivesse visto. “Mata de lobos”, chamara-lhe Benjen, e, de fato, as noites do grupo eram animadas com os uivos de alcateias distantes, e de outras não tanto assim. O lobo gigante albino de Jon Snow erguia as orelhas ao ouvir os uivos noturnos, mas nunca levantava a própria voz em resposta. Para Tyrion, havia qualquer coisa muito perturbadora naquele animal.

Àquela altura, o grupo era composto por oito membros, sem contar o lobo. Tyrion viajava com dois de seus homens, como era próprio a um Lannister. Benjen Stark tinha apenas o sobrinho bastardo e algumas montarias novas para a Patrulha da Noite, mas no limite da mata de lobos haviam passado uma noite protegidos pelos muros de madeira de um castro de floresta e juntou-se a eles outro dos irmãos negros, um tal Yoren. Yoren era corcunda e sinistro, e escondia as feições atrás de uma barba tão negra como as roupas que trajava, mas parecia resistente como uma velha raiz e duro como pedra. Com ele estava um par de jovens camponeses esfarrapados originários dos Dedos.

– Violadores – disse Yoren com uma olhadela fria aos rapazes a seu cargo. Tyrion compreendeu. Dizia-se que a vida na Muralha era dura, mas era sem dúvida preferível à castração.

Cinco homens, três rapazes, um lobo gigante, vinte cavalos e uma gaiola com corvos oferecidos a Benjen Stark pelo Meistre Luwin. Sem dúvida que constituíam uma irmandade incomum, para a estrada do rei ou para qualquer outra.

Tyrion reparou que Jon Snow observava Yoren e seus carrancudos companheiros com uma estranha expressão no rosto, que se parecia desconfortavelmente com desalento. Yoren tinha um ombro torcido e um cheiro fétido, os cabelos e a barba eram emaranhados, oleosos e cheios de piolhos, o vestuário era velho, remendado e raramente lavado. Os dois jovens recrutas cheiravam ainda pior, e pareciam tão estúpidos quanto cruéis.

Não havia dúvida de que o rapaz cometera o erro de pensar que a Patrulha da Noite era composta por homens como o tio. Se assim era, Yoren e os companheiros constituíam um brusco despertar. Tyrion sentiu

pena do rapaz. Escolhera uma vida dura… ou talvez fosse mais correto dizer que uma vida dura fora escolhida para ele.

Tinha bastante menos simpatia pelo tio. Benjen Stark parecia partilhar do desagrado do irmão pelos Lannister e não ficara contente quando Tyrion lhe declarara suas intenções.

– Previno-lhe, Lannister, de que não irá encontrar estalagens na Muralha – dissera, olhando-o de cima de toda a sua altura.

– Não duvido de que encontrará algum lugar onde possa me enfiar – respondera Tyrion. – Como talvez tenha notado, sou pequeno.

Não se dizia não ao irmão da rainha, claro, e isso pusera um ponto final no assunto, mas Stark não ficara feliz.

– Não vai gostar da viagem, isso lhe asseguro – dissera ele de modo conciso, e desde o momento da partida fizera tudo que pôde para cumprir a promessa.

Pelo fim da primeira semana, as coxas de Tyrion estavam em carne viva devido à dura cavalgada, as pernas ardiam de cãibras e sentia-se congelado até os ossos. Não se queixou. Maldito fosse se desse a Benjen Stark essa satisfação.

Obteve uma pequena vingança com a pele de montar, uma pele de urso velha, malcheirosa e que provocava coceira. Stark lhe oferecera num excesso de galanteria ao jeito da Patrulha da Noite, sem dúvida à espera de vê-lo declinar com elegância. Tyrion a aceitara com um sorriso. Ao partir de Winterfell, trouxera consigo suas roupas mais quentes, e logo descobriu que não eram, nem de longe, suficientes. Ali em cima fazia *frio*, e estava esfriando ainda mais. De noite, a temperatura caía bem abaixo do ponto de congelamento, e quando o vento soprava era como uma faca a trespassar suas lãs mais quentes. Stark com certeza já tinha se arrependido de seu impulso cavalheiresco. Talvez tivesse aprendido uma lição. Os Lannister nunca declinam, com ou sem elegância. Os Lannister aceitam o que lhes é oferecido.

As chácaras e os castros eram cada vez mais escassos e menores à medida que prosseguiam para o norte, penetrando cada vez mais profundamente na escuridão da mata de lobos, até que finalmente deixou de haver tetos onde pudessem se abrigar, e foram atirados para a necessidade de se valerem de seus próprios recursos.

Tyrion nunca fora de grande utilidade para montar ou desmontar um acampamento. Pequeno demais, manco demais, sempre no caminho dos demais. E assim, enquanto Stark, Yoren e os outros erguiam abrigos rústicos, tratavam dos cavalos e faziam uma fogueira, tornou-se seu hábito pegar a pele e um odre de vinho e afastar-se sozinho para ler.

Na décima oitava noite da viagem, o vinho era um raro âmbar doce das Ilhas do Verão que trouxera consigo ao longo de toda a viagem para o norte desde Rochedo Casterly, e o livro, uma meditação sobre a história e as propriedades dos dragões. Com a autorização de Lorde Eddard Stark, Tyrion pedira emprestados alguns volumes raros da biblioteca de Winterfell e os empacotara para a viagem ao norte.

Encontrou um lugar confortável longe do ruído do acampamento, ao lado de um córrego rápido cujas águas eram transparentes e frias como o gelo. Um carvalho grotescamente antigo o abrigava do vento cortante. Tyrion enrolou-se em sua pele com as costas apoiadas no tronco, bebeu um gole de vinho e pôs-se a ler sobre as propriedades do osso de dragão. *O osso de dragão é negro devido à grande quantidade de ferro que contém*, dizia o livro. *É forte como aço, mas é também leve e muito mais flexível, e, claro, completamente à prova de fogo. Os arcos de osso de dragão são muito apreciados pelos dothrakis, e sem surpresa. Um arqueiro assim armado pode alcançar mais longe do que com qualquer arco de madeira.*

Tyrion sentia um mórbido fascínio por dragões. Quando chegara pela primeira vez a Porto Real para o casamento da irmã com Robert Baratheon, fizera questão de procurar os crânios de dragão que haviam decorado as paredes da sala do trono dos Targaryen. O Rei Robert os substituíra por estandartes e tapeçarias, mas Tyrion insistira, até que encontrou os crânios na úmida e fria câmara subterrânea onde tinham sido armazenados.

Esperava achá-los impressionantes, talvez mesmo assustadores, mas não belos. Porém, eram. Negros como ônix, polidos até ficarem lisos, o osso parecia tremeluzir à luz de seu archote. Sentiu que gostavam do fogo. Atirara o archote para dentro da boca de um dos crânios maiores e fizera as sombras saltarem e dançarem na parede atrás de si. Os dentes eram longas facas curvas de diamante negro. A chama do archote não era nada para eles; tinham-se banhado no calor de fogos muito maiores.

Quando se afastou, Tyrion podia jurar que as órbitas vazias do animal o tinham visto partir.

Havia dezenove crânios. Os mais antigos tinham mais de três mil anos; os mais recentes, não mais de século e meio. Esses últimos eram também os menores: um par de crânios, não maiores do que os de mastins, e estranhamente deformados, tudo que restava das últimas duas crias nascidas em Pedra do Dragão. Eram os últimos dos dragões Targaryen, talvez os últimos dragões em todo o mundo, e não tinham vivido muito tempo.

A partir desses dois crânios, os outros aumentavam em tamanho até os três grandes monstros das canções e histórias, os dragões que Aegon Targaryen e as irmãs soltaram sobre os Sete Reinos de antigamente. Os poetas tinham-lhes atribuído nomes de deuses: Balerion, Meraxes, Vhaghar. Tyrion estivera entre suas maxilas escancaradas, sem palavras e cheio de respeitoso temor. Podia ter entrado a cavalo pela garganta de Vhaghar, embora não fosse possível voltar a sair. Meraxes era ainda maior. E o maior de todos, Balerion, o Terror Negro, podia ter engolido um auroque inteiro, ou até mesmo um dos mamutes peludos que diziam viver nas frias extensões para lá do Porto de Ibben.

Tyrion ficou naquela úmida câmara subterrânea durante muito tempo, de olhos fixos no enorme crânio de órbitas vazias de Balerion, até o archote se apagar, tentando abarcar o tamanho do animal vivo, imaginar a aparência que assumia quando estendia as grandes asas negras e varria os céus, a exalar fogo.

Seu remoto antepassado, Rei Loren do Rochedo, tinha tentado lutar contra o fogo quando uniu forças com o Rei Mern, da Campina, a fim de se opor à conquista Targaryen. Isso acontecera havia cerca de trezentos anos, quando os Sete Reinos *eram* reinos, e não meras províncias de um reino mais vasto. Entre ambos, os dois reis tinham seiscentos estandartes, cinco mil cavaleiros montados e dez vezes esse número em cavaleiros livres e homens de armas. Diziam os cronistas que Aegon, o Senhor dos Dragões, possuía talvez um quinto dessa força, e que a maioria de seus homens tinha sido recrutada das fileiras do último rei que matara, homens de fidelidade duvidosa.

As tropas encontraram-se nas planícies da Campina, entre campos dourados de milho pronto para a colheita. Quando os dois reis se

apresentaram, o exército Targaryen tremeu, estilhaçou-se e começou a fugir. Por alguns momentos, escreviam os cronistas, a conquista esteve por um fio… mas só por esses breves momentos, antes que Aegon Targaryen e as irmãs se juntassem à batalha.

Foi a única vez que Vhaghar, Meraxes e Balerion foram soltos ao mesmo tempo. Os poetas chamaram esse evento de o Campo de Fogo. Quase quatro mil homens morreram queimados naquele dia, e entre eles contava-se o Rei Mern da Campina. Rei Loren escapou e viveu tempo suficiente para se render, prestar vassalagem aos Targaryen e gerar um filho, fato que deixava Tyrion devidamente grato.

– Por que lê tanto?

Tyrion ergueu os olhos ao ouvir aquela voz. Jon Snow estava a alguns pés de distância, olhando-o com curiosidade. Fechou o livro sobre um dedo e disse:

– Olhe para mim e diga o que vê.

O rapaz observou-o com suspeita.

– Isso é algum truque? Vejo você. Tyrion Lannister.

Tyrion suspirou.

– Você é notavelmente gentil para um bastardo, Snow. O que vê é um anão. Você tem o quê? Doze anos?

– Catorze – disse o rapaz.

– Catorze, e é mais alto do que alguma vez serei. Minhas pernas são curtas e tortas, e caminho com dificuldade. Necessito de uma sela especial para não cair do cavalo. Uma sela de minha própria concepção, talvez lhe interesse saber. Era isso ou montar um pônei. Meus braços são suficientemente fortes, mas, uma vez mais, curtos demais. Nunca serei um espadachim. Se tivesse nascido camponês, provavelmente me teriam abandonado para que morresse, ou vendido para a coleção de aberrações de algum negociante de escravos. Mas, ai de mim! Nasci um Lannister de Rochedo Casterly, onde as coleções de aberrações são das mais pobres. Esperam-se coisas de mim. Meu pai foi Mão do Rei durante vinte anos. Aconteceu que, mais tarde, meu irmão matou esse mesmo rei, mas minha vida está cheia dessas pequenas ironias. Minha irmã casou-se com o novo rei e o meu repugnante sobrinho será rei depois dele. Devo cumprir minha parte pela honra da minha Casa, não concorda? Mas como? Bem, poderei ter as pernas pequenas demais para o corpo, mas

minha cabeça é grande demais, embora eu prefira pensar que tem o tamanho certo para a minha mente. Possuo um entendimento realista das minhas forças e fraquezas. A mente é a minha arma. Meu irmão tem a sua espada, o Rei Robert, o seu martelo de guerra, e eu tenho a mente… e uma mente necessita de livros da mesma forma que uma espada necessita de uma pedra de amolar para se manter afiada – Tyrion deu uma palmada na capa de couro do livro. – É por isso que leio tanto, Jon Snow.

O rapaz absorveu tudo aquilo em silêncio. Possuía o rosto dos Stark, mesmo que não tivesse o nome: comprido, solene, reservado, um rosto que nada revelava. Quem quer que tenha sido sua mãe, pouco dela ficara no rapaz.

– E está lendo sobre o quê?

– Dragões – disse-lhe Tyrion.

– De que serve isso? Já não há dragões – disse o rapaz, com as fáceis certezas da juventude.

– É o que dizem – respondeu Tyrion. – É triste, não? Quando tinha a sua idade, costumava sonhar em ter um dragão meu.

– É mesmo? – perguntou o rapaz com suspeita na voz. Talvez pensasse que Tyrion estava zombando dele.

– Mesmo. Até um garotinho enfezado, deformado e feio pode olhar o mundo de cima quando está sentado no dorso de um dragão – Tyrion afastou a pele de urso e pôs-se de pé. – Costumava acender fogueiras nas entranhas de Rochedo Casterly e ficar horas olhando as chamas, fazendo de conta que eram fogos de dragão. Por vezes imaginava meu pai a arder. Outras, minha irmã – Jon Snow olhava-o fixamente, submerso em partes iguais de horror e fascínio. Tyrion soltou uma brusca gargalhada. – Não me olhe assim, bastardo. Conheço o seu segredo. Você sonhou o mesmo tipo de sonho.

– Não – Jon Snow rebateu, horrorizado. – Nunca sonharia…

– Não? Nunca? – Tyrion ergueu uma sobrancelha. – Bem, sem dúvida que os Stark foram ótimos para você. Estou certo de que a Senhora Stark o trata como se fosse um de seus filhos. E seu irmão Robb sempre foi amável. Por que não? Ele fica com Winterfell e você com a Muralha. E seu pai… deve ter bons motivos para enviá-lo para a Patrulha da Noite…

– Pare com isso – Jon Snow ordenou, o rosto sombrio de ira. – A Patrulha da Noite é uma vocação nobre!

Tyrion deu risada.

– Você é esperto demais para acreditar nisso. A Patrulha da Noite é uma pilha de estrume para todos os inadaptados do reino. Vi-o olhando para Yoren e seus rapazes. São aqueles os seus novos irmãos, Jon Snow, o que acha deles? Camponeses mal-humorados, devedores, caçadores furtivos, violadores, ladrões e bastardos como você acabam todos na Muralha, à espreita de gramequins e *snarks* e todos os outros monstros contra os quais a sua ama de leite lhe preveniu. A parte boa é que não existem gramequins nem *snarks* e, portanto, o trabalho pouco perigo oferece. A parte ruim é que por causa do frio torna-se estéril, mas, seja como for, não está autorizado a se reproduzir, suponho que isso não importa.

– *Pare com isso!* – gritou o rapaz. Deu um passo adiante, com as mãos dobradas em punho, prestes a arrebentar em lágrimas.

De repente, absurdamente, Tyrion sentiu-se culpado. Deu um passo em frente, tencionando dar ao rapaz uma palmada tranquilizadora no ombro ou murmurar uma palavra qualquer de desculpa.

Não chegou a ver o lobo, onde estava nem como se aproximou. Num momento caminhava na direção de Snow e no seguinte estava caído de costas no duro chão pedregoso, com o livro a rodopiar para longe na queda, o fôlego a desaparecer com o súbito impacto, a boca cheia de terra, sangue e folhas apodrecidas. Quando tentou se levantar, sentiu um doloroso espasmo nas costas. Devia tê-las machucado na queda. Rangeu os dentes com frustração, agarrou-se a uma raiz e conseguiu puxar-se até uma posição sentada.

– Ajude-me – pediu a Jon, estendendo uma mão.

E de repente o lobo estava entre eles. Não rosnou. A maldita coisa nunca soltava um som. Limitou-se a olhá-lo com aqueles brilhantes olhos vermelhos, mostrou-lhe os dentes, e isso foi mais que suficiente. Tyrion deixou-se cair de novo ao chão com um gemido.

– Pronto, não me ajude. Fico aqui sentado até que vá embora.

Jon Snow afagou os espessos pelos brancos de Fantasma, agora com um sorriso.

– Peça-me com bons modos.

Tyrion Lannister sentiu a ira retorcer-se no seu interior, mas a esmagou com sua força de vontade. Não era a primeira vez na vida em que era humilhado, e não seria a última. Esta até talvez fosse merecida.

– Ficaria muito agradecido por sua amável assistência, Jon – ele disse com uma voz branda.

– Para baixo, Fantasma – disse o rapaz. O lobo gigante sentou-se. Aqueles olhos vermelhos nunca deixaram Tyrion. Jon veio por trás do anão, passou as mãos por baixo de seus braços e o pôs em pé com facilidade. Então pegou o livro e o entregou a Tyrion.

– Por que ele me atacou? – perguntou Tyrion com um olhar de relance ao lobo gigante. Limpou sangue e terra da boca com as costas da mão.

– Talvez achasse que você fosse um gramequim.

Tyrion lançou-lhe um olhar penetrante. Depois riu, um grosseiro e engraçado resfôlego que saiu de suas narinas completamente sem sua autorização.

– Ah, deuses – ele disse, estrangulando o riso e balançando a cabeça. – Suponho que realmente me pareço bastante com um gramequim. O que ele faz aos *snarks*?

– Não vai querer saber – Jon recolheu a pele de urso e a entregou a Tyrion.

Tyrion puxou a rolha, inclinou a cabeça e despejou um longo jorro de vinho na boca. A bebida era como fogo frio a gotejar garganta abaixo e aqueceu-lhe a barriga. Depois, ofereceu o odre a Jon Snow.

– Quer?

O rapaz pegou o odre e experimentou engolir um pouco, com cautela.

– É verdade, não é? – disse, quando terminou. – O que disse da Patrulha da Noite.

Tyrion assentiu.

Jon Snow fez da boca uma linha severa.

– Se isso é o que ela é, então é isso que é.

Tyrion deu um sorriso.

– Isso é bom, bastardo. A maioria dos homens prefere negar uma dura verdade do que enfrentá-la.

– A maioria dos homens – Jon respondeu. – Mas não você.

– Não – admitiu Tyrion. – Eu não. Já raramente sonho com dragões. Não existem dragões – recolheu a pele de urso do chão. – Venha, é

melhor regressarmos ao acampamento antes que seu tio chame os estandartes.

A caminhada era curta, mas o terreno sob seus pés era irregular, e tinha as pernas cheias de cãibras quando regressaram. Jon Snow ofereceu-lhe uma mão para ajudá-lo a atravessar um espesso emaranhado de raízes, mas Tyrion recusou. Abriria seu próprio caminho, como fizera toda a vida. Apesar disso, ver o acampamento diante de si foi agradável. Os abrigos tinham sido erguidos contra o muro em ruínas de um castro havia muito abandonado, um escudo contra o vento. Os cavalos tinham sido alimentados e uma fogueira acendida. Yoren estava sentado numa pedra, esfolando um esquilo. O saboroso cheiro de guisado encheu as narinas de Tyrion. Arrastou-se até onde um de seus homens, Morrec, estava cuidando da panela. Sem uma palavra, Morrec estendeu-lhe a concha. Tyrion provou e a devolveu.

– Mais pimenta – disse.

Benjen Stark emergiu do abrigo que partilhava com o sobrinho.

– Aí está você. Jon, que diabos, não desapareça sozinho dessa maneira. Pensei que os Outros o tivessem apanhado.

– Foram os gramequins – disse Tyrion, rindo. Jon Snow também sorriu. Stark lançou um olhar severo a Yoren. O homem mais velho grunhiu, encolheu os ombros e retomou ao seu sangrento trabalho.

O esquilo encorpou o guisado e, naquela noite, comeram-no com pão escuro e queijo duro à volta da fogueira. Tyrion partilhou seu odre de vinho, fazendo até mesmo Yoren relaxar. Um a um, os homens e rapazes foram se retirando para os abrigos e para o sono, todos, menos Jon Snow, que ficara com a primeira vigia da noite.

Tyrion foi o último a se retirar, como sempre. Quando entrou no abrigo que seus homens tinham construído, parou e olhou para Jon Snow. O rapaz estava em pé junto à fogueira, com o rosto imóvel e duro, e os olhos perdidos nas profundezas das chamas.

Tyrion Lannister deu-lhe um sorriso triste e foi se deitar.

# Catelyn

Ned e as meninas tinham partido havia oito dias quando Meistre Luwin veio ter com Catelyn uma noite, no quarto de doente de Bran, transportando uma candeia de leitura e os livros de contas.

– Já é mais que tempo de rever os números, minha senhora – ele disse. – Vai querer saber quanto nos custou essa visita real.

Catelyn olhou Bran em sua cama, afastou-lhe os cabelos da testa e percebeu que tinham crescido muito. Teria de cortá-los em breve.

– Não tenho nenhuma necessidade de olhar para números, Meistre Luwin – ela respondeu, sem nunca afastar os olhos de Bran. – Sei o que essa visita nos custou. Leve os livros daqui.

– Minha senhora, a comitiva do rei tinha apetites saudáveis. Temos de voltar a abastecer os nossos armazéns antes que…

Ela o interrompeu.

– Eu disse para levar os livros daqui. O intendente tratará de nossas necessidades.

– Não temos intendente – lembrou-lhe Meistre Luwin. Como uma pequena ratazana cinzenta, pensou ela, o homem não a largava. – Poole foi para o Sul a fim de organizar a casa de Lorde Eddard em Porto Real.

Catelyn assentiu de forma ausente.

– Ah, sim. Lembro-me – Bran parecia tão pálido. Perguntou a si mesma se poderiam deslocar a cama para junto da janela, de modo que ele recebesse o sol da manhã.

Meistre Luwin depositou a candeia num nicho perto da porta e ajustou seu pavio.

– Há várias nomeações que requerem sua atenção imediata, minha senhora. Além do intendente, precisamos de um capitão dos guardas para o lugar de Jory, um novo mestre dos cavalos…

Os olhos dela dardejaram à sua volta e o encontraram.

– Um mestre dos *cavalos*? – sua voz era um chicote.

O meistre ficou abalado.

– Sim, minha senhora. Hullen foi para o Sul com Lorde Eddard, por isso…

– Meu filho jaz aqui, em pedaços e agonizando, Luwin, e quer conversar sobre um novo mestre dos *cavalos*? Acha que me importa o que acontece nos estábulos? Acha que isso tem alguma importância para mim? De bom grado mataria com as minhas próprias mãos os cavalos de Winterfell um a um se isso fizesse com que os olhos de Bran se abrissem. Compreende isso? *Compreende*?

Ele inclinou a cabeça.

– Sim, minha senhora, mas as nomeações…

– Eu farei as nomeações – disse Robb.

Catelyn não o ouvira entrar, mas ali estava ele, na soleira da porta, olhando-a. Compreendeu com um súbito ataque de vergonha que estava gritando. O que estava acontecendo com ela? Estava tão cansada, e sua cabeça doía constantemente.

Meistre Luwin desviou o olhar de Catelyn para o filho.

– Preparei uma lista daqueles que podemos considerar para os cargos vagos – disse, entregando para Robb um papel retirado de dentro da manga.

O filho de Catelyn olhou os nomes. Ela percebeu que Robb viera de fora: tinha as bochechas vermelhas do frio e os cabelos desgrenhados pelo vento.

– São bons homens – disse. – Falaremos deles amanhã – devolveu a lista de nomes.

– Muito bem, senhor – o papel desapareceu dentro da manga.

– Agora, deixe-nos – disse Robb. Meistre Luwin fez uma reverência e partiu. Robb fechou a porta atrás de si e virou-se para a mãe. Catelyn reparou que o filho usava uma espada. – Mãe, o que está fazendo?

Catelyn sempre achara que Robb se parecia com ela; tal como Bran, Rickon e Sansa, possuía as cores dos Tully, os cabelos ruivos, os olhos azuis. Mas agora, pela primeira vez, via algo de Eddard Stark em seu rosto, algo tão resistente e duro como o Norte.

– Que estou fazendo? – respondeu num eco, confusa. – Como pode me perguntar isso? O que imagina que estou fazendo? Estou cuidando de seu irmão. Estou cuidando de Bran.

– É esse o nome que dá a isso? Não saiu deste quarto desde que Bran se machucou. Nem sequer foi ao portão quando o pai e as meninas partiram para o Sul.

– Dei-lhes as minhas despedidas aqui e os vi partir daquela janela – ela suplicara a Ned que não partisse, não agora, não depois do que acontecera; tudo tinha mudado, ele não compreendia isso? Sem sucesso. Ele dissera-lhe que não tinha escolha, e então saíra, fazendo sua escolha. – Não posso deixá-lo, nem por um momento, quando qualquer momento pode ser o último. Tenho de estar com ele, se… se… – pegou na mão flácida do filho, deslizando seus dedos entre os dele. Ele estava frágil e magro, não lhe restava nenhuma força na mão, mas ainda podia sentir o calor da vida em sua pele.

A voz de Robb suavizou-se.

– Ele não vai morrer, mãe. Meistre Luwin diz que o maior perigo já passou.

– E se Meistre Luwin se enganar? E se Bran precisar de mim e eu não estiver aqui?

– *Rickon* precisa da senhora – disse Robb em tom penetrante. – Só tem três anos, não compreende o que está se passando. Pensa que todos o abandonaram, e por isso me segue para todo lado, agarrando-se à minha perna e chorando. Não sei o que fazer com ele – fez uma pequena pausa, mordendo o lábio inferior como fazia quando era pequeno. – Mãe, *eu* também preciso da senhora. Estou tentando, mas não posso… não posso fazer tudo sozinho – sua voz falhou, com súbita emoção, e Catelyn lembrou-se de que ele tinha apenas catorze anos. Quis levantar-se e ir falar com ele, mas Bran ainda segurava sua mão, e não podia se mover.

Fora da torre, um lobo começou a uivar. Catelyn estremeceu, só por um segundo.

– É o de Bran – Robb abriu a janela e deixou entrar o ar da noite no abafado quarto da torre. Os uivos ficaram mais fortes. Era um som frio e solitário, cheio de melancolia e desespero.

– Não – disse ela. –Bran precisa ficar aquecido.

– Ele precisa ouvi-los cantar – disse Robb. Em outro ponto, em Winterfell, um segundo lobo começou a uivar em coro com o primeiro. Depois um terceiro, mais perto. – Cão Felpudo e Vento Cinzento – disse

Robb enquanto as vozes dos lobos se erguiam e caíam em conjunto. – É possível identificá-los se ouvirmos com atenção.

Catelyn tremia. Era a dor, o frio, os uivos dos lobos gigantes. Noite após noite, os uivos, o vento frio e o vazio castelo cinzento continuavam, imutáveis, e o seu garoto jazendo ali, quebrado, o mais doce de seus filhos, o mais gentil, o Bran que gostava de rir, de escalar, de sonhos de cavalaria, tudo agora desaparecido, nunca mais ouviria sua risada. Soluçando, libertou sua mão da dele e cobriu os ouvidos contra aqueles terríveis uivos.

– Faça-os parar! – gritou. – Não aguento mais, faça-os parar, faça-os parar, mate-os todos se for preciso, mas faça-os parar!

Não se lembrava de ter caído ao chão, mas era no chão que estava, e Robb erguia-a, segurando-a com braços fortes.

– Não tenha medo, mãe. Eles nunca lhe fariam mal – ajudou-a a caminhar até sua estreita cama no canto do quarto de doente. – Feche os olhos – disse, em voz branda. – Descanse. Meistre Luwin disse-me que quase não tem dormido desde a queda de Bran.

– Não *posso* – ela chorou. – Que os deuses me perdoem, Robb, mas não posso, e se ele morrer enquanto durmo, e se ele morrer, e se ele morrer… – os lobos ainda uivavam. Ela gritou e voltou a tapar os ouvidos. – Ah, deuses, feche a janela!

– Se me jurar que vai dormir – Robb foi até a janela, mas ao estender as mãos para os postigos, outro som foi acrescentado ao fúnebre uivar dos lobos gigantes. – Cães – ele disse, escutando. – Os cães estão todos ladrando. Nunca antes tinham agido assim… – Catelyn o ouviu prender a respiração. Quando ergueu os olhos, o rosto estava pálido à luz da candeia.

– *Fogo* – murmurou o jovem.

*Fogo*, pensou ela e, em seguida, *Bran*!

– Ajude-me – disse, com urgência na voz, sentando-se. – Ajude-me com Bran.

Robb não pareceu ouvi-la.

– A torre da biblioteca está em chamas – ele disse.

Catelyn podia ver agora a tremeluzente luz avermelhada pela janela aberta. Recostou-se, aliviada. Bran estava a salvo. A biblioteca ficava

para lá do muro exterior do castelo, não havia maneira de o fogo chegar até ali.

– Graças aos deuses – sussurrou.

Robb a olhou como se tivesse enlouquecido.

– Mãe, fique aqui. Volto assim que o fogo estiver extinto – depois correu. Ela o ouviu gritar para os guardas que estavam do lado de fora do quarto, ouviu-os descer juntos as escadas em desenfreado ímpeto, saltando os degraus, dois ou três de cada vez.

Lá fora, ouviam-se berros de "Fogo!" no pátio, gritos, passos apressados, os relinchos de cavalos assustados e o frenético ladrar dos cães do castelo. Enquanto escutava aquela cacofonia, percebeu que os uivos tinham desaparecido. Os lobos gigantes tinham-se silenciado.

Catelyn rezou uma silenciosa prece de agradecimento às sete faces de deus quando se encaminhou para a janela. Do lado de lá do muro do castelo, longas línguas de fogo jorravam das janelas da biblioteca. Viu a fumaça erguer-se para o céu e pensou com tristeza em todos os livros que os Stark tinham reunido ao longo dos séculos. Então fechou as janelas.

Quando virou as costas à janela, o homem estava no quarto com ela.

– Não devia 'tar aqui – ele murmurou amargamente. – Ninguém devia 'tar aqui.

Era um homem pequeno e sujo, vestido com imundas roupas pardas, e fedia a cavalos. Catelyn conhecia todos os homens que trabalhavam nas cavalariças, e aquele não era nenhum deles. Era magro, com cabelos loiros escorridos e olhos claros profundamente afundados num rosto ossudo, e trazia na mão um punhal.

Catelyn olhou para a faca, e depois para Bran.

– Não – disse. A palavra ficou presa em sua garganta, um mero sussurro.

Ele deve tê-la ouvido.

– É uma misericórdia – disse. – Ele já tá morto.

– Não – disse Catelyn, agora mais alto depois de ter reencontrado a voz. – Não, não *pode* – girou de volta à janela, a fim de gritar por ajuda, mas o homem se moveu mais depressa do que ela teria acreditado ser possível. Uma mão fechou-se sobre sua boca e atirou-lhe a cabeça para trás, a outra trouxe o punhal até sua traqueia. O fedor que o homem exalava era opressivo.

Ergueu ambas as mãos e agarrou a lâmina com todas as suas forças, afastando-a da garganta. Ouviu-o praguejar ao seu ouvido. Os dedos dela estavam escorregadios de sangue, mas não largava o punhal. A mão sobre sua boca apertou-se mais, tirando-lhe o ar. Catelyn torceu a cabeça para o lado e conseguiu pôr um pouco da carne do homem entre os dentes. Mordeu-lhe a palma da mão com força. O homem grunhiu de dor. Ela fez mais força e rasgou-lhe a pele, e, de repente, ele a largou. O gosto do sangue do homem enchia-lhe a boca. Ela bebeu uma golfada de ar e soltou um grito, e ele agarrou-lhe os cabelos e a empurrou para longe, fazendo-a tropeçar e cair. Então, saltou sobre ela, respirando com força, tremendo. A mão direita do homem ainda agarrava com força o punhal, escorregadio de sangue.

– Não devia ‘tar aqui – repetiu, estupidamente.

Catelyn viu a sombra deslizar pela porta aberta atrás dele. Houve um ruído surdo e baixo, menos que um rosnado, o menor murmúrio de ameaça, mas ele deve tê-lo ouvido, porque começou a virar-se no exato instante em que o lobo saltou. Caíram juntos, meio estatelados, sobre Catelyn, que continuava estendida onde tombara. O lobo o tinha preso nas maxilas. O guincho do homem durou menos de um segundo antes que o animal atirasse a cabeça para trás, arrancando-lhe metade da garganta.

O sangue dele foi como chuva quente quando se espalhou sobre o rosto de Catelyn.

O lobo a olhava. Suas maxilas estavam vermelhas e úmidas, e os olhos brilhavam, dourados, no quarto escuro. Catelyn percebeu que era o lobo de Bran. Claro que era.

– Obrigada – sussurrou, com a voz tênue e aguda. Ergueu a mão, estremecendo. O lobo aproximou-se, farejou-lhe os dedos e pôs-se a lamber o sangue com uma língua úmida e áspera. Depois de limpar todo o sangue de sua mão, ele virou-se em silêncio e saltou para a cama de Bran, deitando-se a seu lado. Catelyn desatou a rir histericamente.

Foi assim que os encontraram, quando Robb, Meistre Luwin e Sor Rodrik entraram num rompante no quarto, com metade dos guardas de Winterfell. Quando o riso finalmente lhe morreu na garganta, enrolaram-na em cobertores quentes e a levaram de volta para a Grande Torre, para

seus aposentos. A Velha Ama a despiu, ajudou-a a entrar no banho quente e limpou o sangue com um pano suave.

Mais tarde, Meistre Luwin chegou para cuidar de suas feridas. Os cortes nos dedos eram profundos, quase chegavam ao osso, e tinha o couro cabeludo em carne viva e sangrando no lugar onde o homem lhe arrancara um tufo de cabelo. O meistre disse-lhe que a dor estava agora apenas começando, e deu-lhe leite de papoula para ajudá-la a dormir.

E ela, finalmente, fechou os olhos.

Quando voltou a abri-los, disseram-lhe que dormira durante quatro dias. Catelyn fez um aceno com a cabeça e sentou-se na cama. Agora, tudo lhe parecia um pesadelo, tudo desde a queda de Bran, um terrível sonho de sangue e desgosto, mas tinha a dor nas mãos para lembrá-la de que era real. Sentia-se fraca e atordoada, mas estranhamente resoluta, como se um grande peso tivesse sido tirado de cima de seus ombros.

– Tragam-me um pouco de pão e mel – disse às criadas – e mandem um recado a Meistre Luwin, dizendo que minhas ataduras precisam ser trocadas – olharam-na, surpresas, e correram para cumprir suas ordens.

Catelyn lembrava-se de como estivera antes, e sentiu-se envergonhada. Falhara para com todos, os filhos, o marido, a Casa. Não voltaria a acontecer. Ia mostrar àqueles nortenhos como uma Tully de Correrrio podia ser forte.

Robb chegou antes dos alimentos. Rodrik Cassel veio com ele, bem como o protegido do marido, Theon Greyjoy, e por fim Hallis Mollen, um guarda musculoso com uma barba castanha e quadrada. Era o novo capitão da guarda, disse Robb. Reparou que o filho vinha vestido com couro fervido e cota de malha, e que trazia uma espada à cintura.

– Quem era ele? – perguntou-lhes Catelyn.

– Ninguém sabe seu nome – informou Hallis Mollen. – Não era homem de Winterfell, senhora, mas há quem diga que foi visto aqui e nas imediações do castelo ao longo dessas últimas semanas.

– Então é um dos homens do rei – disse ela –, ou dos Lannister. Pode ter ficado para trás, à espreita, quando os outros partiram.

– Pode ser – disse Hal. – Com todos aqueles estranhos a encher Winterfell nos últimos tempos, não há maneira de dizer a quem pertencia.

– Ele esteve escondido nas cavalariças – disse Greyjoy. – Podia-se sentir o cheiro nele.

– E como pôde passar despercebido? – disse ela em tom penetrante.

Hallis Mollen pareceu atrapalhado.

– Com os cavalos que o Senhor Eddard levou para o Sul e os que enviamos para o Norte para a Patrulha da Noite, as cavalariças ficaram meio vazias. Não seria grande truque se esconder dos moços da cavalariça. Pode ser que Hodor o tenha visto, dizem que o rapaz anda esquisito, mas simplório como é… – Hal abanou a cabeça.

– Encontramos o lugar onde ele dormia – interveio Robb. – Tinha noventa veados de prata num saco de couro escondido debaixo da palha.

– É bom saber que a vida de meu filho não foi vendida barato – disse Catelyn amargamente.

Hallis Mollen a olhou, confuso.

– As minhas desculpas, senhora, mas está dizendo que o homem foi mandado para matar o seu *garoto*?

Greyjoy mostrou dúvida.

– Isso é uma loucura.

– Ele veio por Bran – disse Catelyn. – Ficou o tempo todo resmungando que eu não devia estar ali. Provocou o incêndio da biblioteca pensando que eu correria para tentar apagá-lo, levando os guardas comigo. Se não estivesse meio louca de desgosto, teria funcionado.

– Por que haveria alguém de querer matar Bran? – Robb perguntou. – Deuses, não passa de um garotinho, indefeso, adormecido…

Catelyn lançou ao seu primogênito um olhar de desafio.

– Se quiser governar o Norte, Robb, precisa analisar essas coisas até o fim. Responda à sua pergunta. Por que haveria alguém de querer matar uma criança adormecida?

Antes que Robb pudesse responder, as criadas regressaram com uma bandeja de comida fresca recém-preparada na cozinha. Havia muito mais do que ela pedira: pão quente, manteiga, mel e conservas de amoras silvestres, uma fatia de bacon e um ovo cozido, uma porção de queijo, um bule de chá de menta. E com os alimentos chegou Meistre Luwin.

– Como está meu filho, Meistre? – Catelyn olhou toda aquela comida e descobriu que não tinha apetite.

Meistre Luwin baixou os olhos.

– Sem alterações, minha senhora.

Era a resposta que ela esperava, nem mais, nem menos. Suas mãos palpitaram de dor, como se a lâmina ainda estivesse nelas, cortando-as profundamente. Mandou as criadas embora e voltou a olhar para Robb.

– Já tem a resposta?

– Alguém tem medo de que Bran acorde – disse Robb –, medo do que ele possa dizer ou fazer, medo de qualquer coisa que ele sabe.

Catelyn sentiu orgulho do filho.

– Muito bem – virou-se para o novo capitão da guarda. – Temos de manter Bran a salvo. Se existiu um assassino, poderá haver outros.

– Quantos guardas serão necessários, senhora? – perguntou Hal.

– Enquanto o Senhor Eddard estiver fora, é o meu filho quem governa Winterfell – ela respondeu.

Robb pareceu crescer um pouco.

– Ponha um homem no quarto, de noite e de dia, um junto à porta, dois ao fundo das escadas. Ninguém pode ver Bran sem minha autorização, ou a de minha mãe.

– Certamente, senhor.

– Trate disso já – sugeriu Catelyn.

– E deixe que o lobo dele fique no quarto – acrescentou Robb.

– Sim – disse Catelyn. E depois mais uma vez: – Sim.

Hallis Mollen fez uma reverência e deixou o quarto.

– Senhora Stark – disse Sor Rodrik depois de o guarda sair –, teria a senhora, por acaso, reparado no punhal que o assassino usou?

– As circunstâncias não me permitiram examiná-lo de perto, mas posso afirmar com certeza que era afiado – respondeu Catelyn com um sorriso seco. – Por que pergunta?

– Encontramos a faca ainda na mão do vilão. Pareceu-me uma arma boa demais para um homem daqueles, e olhei-a longa e atentamente. A lâmina é de aço valiriano e o punho, de osso de dragão. Uma arma assim não tem nada a ver com um homem como ele. Alguém lhe deu.

Catelyn fez um aceno, pensativa.

– Robb, feche a porta.

Ele a olhou de um modo estranho, mas fez o que lhe foi pedido.

– O que vou dizer não deve sair deste quarto – ela avisou. – Quero que jurem. Se até mesmo parte daquilo de que suspeito for verdade, Ned e as minhas meninas viajaram para um perigo mortal, e uma palavra aos ouvidos errados poderá custar-lhes a vida.

– Lorde Eddard é como um segundo pai para mim – disse Theon Greyjoy. – Presto esse juramento.

– A senhora tem o meu juramento – disse Meistre Luwin.

– E o meu também, minha senhora – ecoou Sor Rodrik.

Ela olhou para o filho.

– E você, Robb?

Ele consentiu com um aceno de cabeça.

– Minha irmã Lysa acredita que os Lannister assassinaram seu marido, Lorde Arryn, a Mão do Rei – informou Catelyn. – Ocorre-me que Jaime Lannister não se juntou à caçada no dia em que Bran caiu. Permaneceu aqui no castelo – o quarto estava num silêncio mortal. – Não me parece que Bran tenha caído daquela torre – disse ela para o silêncio. – Penso que foi atirado.

O choque era claro no rosto dos quatro homens.

– Minha senhora, essa sugestão é monstruosa – disse Rodrik Cassel. – Até mesmo o Regicida hesitaria em assassinar uma criança inocente.

– Ah, hesitaria? – perguntou Theon Greyjoy. – Tenho dúvidas.

– Não há limites para o orgulho ou a ambição dos Lannister – disse Catelyn.

– O garoto sempre teve a mão segura – Meistre Luwin disse, pensativo. – Conhece todas as pedras de Winterfell.

– *Deuses* – praguejou Robb, com o jovem rosto sombrio de fúria. – Se isso for verdade, ele pagará – puxou a espada e a brandiu no ar. – Eu mesmo o matarei!

Sor Rodrik irritou-se com ele.

– Guarde isso! Os Lannister estão a cem léguas daqui. Nunca puxe a espada, a menos que tencione usá-la. Quantas vezes tenho de lhe dizer isso, meu tolo rapazinho?

Envergonhado, Robb embainhou a espada, subitamente transformado de novo numa criança. Catelyn disse a Sor Rodrik:

– Vejo que meu filho agora usa aço.

O velho mestre de armas respondeu:

– Achei que era tempo.

Robb a olhou ansiosamente:

– Já era mais que tempo. Winterfell pode necessitar de todas as suas espadas em breve, e é bom que elas não sejam feitas de madeira.

Theon Greyjoy pôs a mão no punho de sua espada e disse:

– Minha senhora, se chegar a tanto, minha Casa tem uma grande dívida para com a sua.

Meistre Luwin puxou a corrente do colar onde lhe irritava a pele do pescoço.

– Tudo que temos são conjecturas. Quem queremos acusar é o querido irmão da rainha. Ela não o aceitará de bom grado. Temos de encontrar provas, ou ficar em silêncio para sempre.

– Sua prova está no punhal – disse Sor Rodrik. – Uma bela lâmina como aquela não pode passar despercebida.

Catelyn compreendeu que havia apenas um lugar onde a verdade podia ser encontrada.

– Alguém tem de ir a Porto Real.

– Eu vou – disse Robb.

– Não – ela disse imediatamente. – Seu lugar é aqui. Deve haver sempre um Stark em Winterfell – olhou para Sor Rodrik com suas grandes suíças brancas, para Meistre Luwin com sua túnica cinzenta, para o jovem Greyjoy, magro, escuro e impetuoso. Quem enviar? Em quem acreditariam? Então soube. Catelyn esforçou-se por empurrar os cobertores, com os dedos tão rígidos e inflexíveis como pedra, e levantou-se da cama. – Devo ir eu mesma.

– Minha senhora – disse Meistre Luwin –, sua chegada será avisada? Os Lannister certamente encararão isso com suspeita.

– E Bran? – perguntou Robb. O pobre rapaz parecia agora completamente confundido. – Não pode ter a intenção de abandoná-lo.

– Fiz por Bran tudo que podia – ela disse, pousando sua mão ferida sobre o braço do filho. – Sua vida está nas mãos dos deuses e de Meistre Luwin. Como você mesmo me lembrou, Robb, tenho outros filhos em que pensar agora.

– Minha senhora vai precisar de uma forte escolta – lembrou Theon.

– Enviarei Hal com um pelotão de guardas – disse Robb.

– Não – Catelyn respondeu. – Um grupo grande atrai atenções indesejadas. Não quero que os Lannister saibam que estou a caminho.

Sor Rodrik protestou.

– Minha senhora, deixe-me pelo menos acompanhá-la. A estrada do rei pode ser perigosa para uma mulher sozinha.

– Não irei pela estrada do rei – ela retrucou. Pensou por um momento e consentiu com a cabeça. – Dois cavaleiros podem deslocar-se tão depressa como um, e bem mais depressa do que uma longa coluna sobrecarregada com carroças e casas rolantes. Aceito sua companhia, Sor Rodrik. Seguiremos o Faca Branca até o mar e alugaremos um navio em Porto Branco. Com cavalos fortes e ventos vivos, deveremos chegar a Porto Real bem antes de Ned e dos Lannister – *e então*, pensou, *veremos o que tivermos de ver.*

# Sansa

Septã Mordane informou Sansa, durante o desjejum, que Eddard Stark partira antes da madrugada.

– O rei mandou chamá-lo. Outra caçada, creio. Dizem que ainda há auroques selvagens nestas terras.

– Nunca vi um auroque – disse Sansa, dando uma fatia de bacon a Lady por baixo da mesa. A loba selvagem a tirou da mão tão delicadamente como uma rainha.

Septã Mordane fungou, desaprovando.

– Uma senhora nobre não alimenta cães à mesa – repreendeu a menina, partindo outro bocado de favo e deixando o mel pingar em sua fatia de pão.

– Ela não é um cão, é um lobo selvagem – Sansa a corrigiu enquanto Lady lhe lambia os dedos com uma língua áspera. – Seja como for, meu pai disse que podíamos mantê-los conosco se quiséssemos.

A septã não estava satisfeita.

– Você é uma boa moça, Sansa, mas, juro, no que toca a essa criatura, é tão teimosa como a sua irmã Arya – franziu a sobrancelha. – E onde está Arya hoje?

– Ela não tinha fome – Sansa respondeu, sabendo perfeitamente que a irmã tinha provavelmente se esgueirado até a cozinha horas antes e convencido algum ajudante de cozinheiro a dar-lhe um café da manhã.

– Lembre-a de que hoje deve se vestir bem. Talvez o vestido de veludo cinza. Estamos todas convidadas para acompanhar a rainha e a Princesa Myrcella na casa rolante real, e devemos apresentar nossa melhor aparência.

Sansa já apresentava sua melhor aparência. Escovara os longos cabelos ruivos até deixá-los brilhando e escolhera suas melhores sedas azuis. Esperava aquele dia havia mais de uma semana. Acompanhar a rainha era uma grande honra e, além disso, Príncipe Joffrey talvez lá estivesse.

O seu prometido. Só de pensar nisso sentia uma estranha agitação no peito, ainda que não pudessem se casar antes de se passarem anos e anos. Sansa ainda não *conhecia* realmente Joffrey, mas já estava apaixonada por ele. Era tudo como sonhara que seu príncipe poderia ser: alto, bonito e forte, com cabelos que pareciam ouro. Eram-lhe preciosas as oportunidades de passar algum tempo com ele, por poucas que fossem. A única coisa que a assustava naquele dia era Arya. Arya tinha tendência para estragar tudo. Nunca se sabia o que ela poderia fazer.

– Eu vou avisá-la – disse Sansa, em voz incerta –, mas ela vai vestir o mesmo de sempre – esperava que não fosse muito embaraçoso. – Com a sua licença.

– Com certeza – Septã Mordane serviu-se de mais pão e mel, e Sansa levantou-se do banco. Lady a seguiu de perto quando saiu correndo da sala de estar da estalagem.

Lá fora, parou por um momento entre os gritos e pragas e o ranger de rodas de madeira e a confusão dos homens desmontando as tendas e pavilhões e carregando as carroças para mais um dia de marcha. A estalagem era uma vasta estrutura de pedra clara, com três andares, a maior que Sansa já vira, mesmo assim só tivera lugar para menos de um terço da comitiva do rei, que aumentara para mais de quatrocentas pessoas com a adição da comitiva do pai e os cavaleiros livres que a eles se juntaram na estrada.

Encontrou Arya na margem do Tridente, tentando manter Nymeria quieta enquanto limpava seu pelo de lama seca com a ajuda de uma escova. A loba gigante não parecia gostar. Arya vestia os mesmos couros de montar que usara no dia anterior e no outro antes desse.

– É melhor que vista alguma coisa bonita – disse-lhe Sansa. – Foi Septã Mordane quem aconselhou. Hoje vamos viajar na casa rolante da rainha com a Princesa Myrcella.

– Eu não vou – disse Arya, tentando desfazer um nó no emaranhado pelo cinzento de Nymeria. – Mycah e eu vamos subir a corrente e procurar rubis no vau.

– Rubis – disse Sansa, pensativa. – Que rubis?

Arya a olhou como se ela fosse muito estúpida.

– Os rubis de *Rhaegar*. Foi aqui que o Rei Robert o matou e conquistou a coroa.

Sansa olhou sua magricela irmã mais nova, incrédula.

– Não pode ir à procura de rubis. A princesa nos espera. A rainha nos convidou a ambas.

– Não me importa – disse Arya. – A casa rolante nem sequer tem *janelas*, não se pode ver nada.

– O que você poderia querer ver? – perguntou Sansa, aborrecida. Ficara excitada com o convite, e a estúpida da irmã ia estragar tudo, tal como temera. – Só há campos, fazendas e castros.

– Não, *não é* só – Arya teimou. – Se viesse às vezes conosco, você veria.

– *Detesto* andar a cavalo – Sansa respondeu com fervor. – Tudo que isso faz é nos encher de terra, poeira e dores.

Arya encolheu os ombros.

– Fica *quieta* – ordenou a Nymeria –, não estou te machucando – depois se dirigiu a Sansa: – Quando atravessamos o Gargalo, contei trinta e seis flores que nunca tinha visto antes, e Mycah me mostrou um lagarto-leão.

Sansa estremeceu. Tinham levado doze dias para atravessar o Gargalo, chacoalhando por um talude torto ao longo de um lodaçal preto sem fim, e ela detestara cada momento da travessia. O ar era úmido e pegajoso, o talude tão estreito que sequer podiam fazer um acampamento digno desse nome à noite, e tiveram de parar na própria estrada do rei. Densas matas de árvores meio submersas apertavam-se contra eles, com os galhos pingando sob o peso de cortinas de fungos pálidos. Enormes flores desabrochavam na lama e flutuavam em poças de água parada, mas havia areias movediças à espera para apanhar quem fosse suficientemente estúpido para deixar o talude e ir colhê-las, e serpentes à espreita nas árvores, e lagartos-leões a flutuar, meio submersos na água, como troncos negros com olhos e dentes.

Nada daquilo era obstáculo para Arya, claro. Um dia regressara com seu sorriso de cavalo, o cabelo todo emaranhado e as roupas cobertas de lama, agarrada a um grosseiro buquê de flores purpúreas e verdes para o pai. Sansa acalentou a esperança de que ele dissesse a Arya para se comportar bem e agir como a senhora de boa família que era suposto ser, mas ele não fez isso, limitou-se a abraçá-la e a agradecer-lhe pelas flores. E isso só reforçou seus maus modos.

Então, descobriu-se que as flores purpúreas eram conhecidas por *beijos de veneno*, e Arya acabou com uma irritação nos braços. Sansa supôs que aquilo lhe ensinaria uma lição, mas Arya riu do assunto e no dia seguinte esfregou lama nos braços, de cima a baixo, como uma mulher ignorante qualquer do pântano, só porque o amigo Mycah lhe dissera que faria desaparecer a comichão. Também tinha manchas negras nos braços e ombros, vergões purpúreos escuros e manchas desbotadas verdes e amarelas; Sansa os viu quando a irmã se despiu para dormir. Como tinha arranjado *aquilo*, só os sete deuses sabiam.

Arya ainda continuava a falar sobre coisas que vira na viagem para o Sul enquanto desfazia com a escova os nós no pelo de Nymeria.

– Na semana passada, encontramos uma torre de vigia assombrada e, no dia anterior, perseguimos uma manada de cavalos selvagens. Devia tê-los visto correndo quando sentiram o cheiro de Nymeria – a loba retorceu-se e Arya ralhou com ela. – Para com isso, tenho de limpar o outro lado, você está cheia de lama.

– Você não deve abandonar a coluna – relembrou-lhe Sansa. – Foi o que o pai disse.

Arya encolheu os ombros.

– Não fui longe. Seja como for, Nymeria sempre esteve comigo. E nem sempre saio da coluna. Às vezes é divertido cavalgar junto às carroças e conversar com as pessoas.

Sansa sabia tudo sobre o tipo de gente com quem Arya gostava de falar: escudeiros, cavalariços e criadas, homens velhos e crianças nuas, cavaleiros livres de linguagem rude e nascimento incerto. Arya fazia amizade com *qualquer um*. Aquele Mycah era o pior; filho de um carniceiro, com treze anos e desenfreado, dormia na carroça das carnes e cheirava a matadouro. Bastava olhá-lo para Sansa sentir-se enjoada, mas Arya parecia preferir a companhia do rapaz à sua.

Sansa perdia a paciência.

– Você tem de vir comigo – disse firmemente à irmã. – Não pode dizer não à rainha. Septã Mordane conta com você.

Arya a ignorou. Puxou com força a escova. Nymeria rosnou e rodopiou para longe, irritada.

– Volta *já* aqui!

– Vai ter bolos de limão e chá – continuou Sansa, toda adulta e racional. Lady esfregou-se contra sua perna. Sansa coçou-lhe as orelhas do modo que a loba gostava, e Lady sentou-se ao seu lado, observando a perseguição entre Arya e Nymeria. – Por que motivo ia querer montar um velho cavalo malcheiroso e ficar toda dolorida e suada quando pode se encostar em almofadas de penas e comer bolos com a rainha?

– Não gosto da rainha – Arya respondeu com indiferença. Sansa prendeu a respiração, chocada por alguém, mesmo que fosse *Arya*, dizer uma coisa daquelas, mas sua irmã continuou a tagarelar, sem cuidado algum. – Ela nem sequer me deixa levar Nymeria – enfiou a escova no cinto e passou a perseguir a loba. Nymeria vigiava com prudência sua aproximação.

– Uma casa rolante real não é lugar para um *lobo* – disse Sansa. – E você bem sabe que a Princesa Myrcella tem medo deles.

– Myrcella é um bebezinho – Arya agarrou Nymeria pelo pescoço, mas no momento em que tirou a escova do cinto, a loba gigante libertou-se com uma contorção e saltou para longe dela. Frustrada, Arya atirou a escova ao chão. – Loba *má*! – gritou.

Sansa não conseguiu evitar um pequeno sorriso. O mestre do canil lhe dissera uma vez que um animal sai ao dono. Deu a Lady um pequeno e rápido abraço. Lady lambeu-lhe o rosto. Sansa soltou um risinho. Arya ouviu e deu meia-volta, olhando-a furiosa.

– Não me interessa o que você possa dizer, eu vou montar – seu longo rosto de cavalo tinha a expressão teimosa que significava que faria algo de propósito.

– Juro pelos deuses, Arya, às vezes você não passa de uma *criança* – Sansa a repreendeu. – Sendo assim, vou sozinha. Vai ser muito mais agradável. Lady e eu vamos comer todos os bolos de limão e passar sem você o melhor dos dias. – Virou-se para se afastar, mas Arya gritou às suas costas:

– Também não vão te deixar levar a Lady – e foi embora, antes de Sansa conseguir pensar numa resposta, perseguindo Nymeria ao longo do rio.

Sozinha e humilhada, Sansa iniciou a longa caminhada de volta à estalagem, onde sabia que Septã Mordane estava à espera. Lady andava em silêncio ao seu lado. Estava quase chorando. Tudo que desejava era

que as coisas fossem agradáveis e bonitas, como eram nas canções. Por que Arya não podia ser doce, delicada e bondosa, como a Princesa Myrcella? Ela gostaria de uma irmã assim.

Sansa nunca conseguira compreender como era possível que duas irmãs, nascidas apenas com dois anos de diferença, pudessem ser tão diferentes. Teria sido mais fácil se Arya fosse bastarda, como o meio-irmão Jon. Ela até era *parecida* com Jon, com o rosto longo e os cabelos castanhos dos Stark, e nada de sua mãe no rosto ou nas cores. E a mãe de Jon fora uma mulher *plebeia*, ou pelo menos era isso que se segredava. Uma vez, quando era pequena, Sansa até chegou a perguntar à mãe se não teria havido algum engano. Talvez os gramequins tivessem roubado sua irmã *verdadeira*. Mas sua mãe limitara-se a rir, dizendo que não, que Arya era sua filha e irmã legítima de Sansa, sangue do sangue delas. Sansa não era capaz de imaginar um motivo que levasse a mãe a querer mentir sobre aquilo, e assim concluíra que tinha de ser verdade.

Ao se aproximar do centro do acampamento, sua aflição foi rapidamente esquecida. Uma multidão tinha se reunido em torno da casa rolante da rainha. Sansa ouviu vozes excitadas que zumbiam como uma colmeia. Viu que as portas tinham sido escancaradas e que a rainha estava no topo dos degraus de madeira, sorrindo para alguém. Ouviu-a dizer:

– O conselho nos presta uma grande honra, meus bons senhores.

– O que esrá acontecendo? – perguntou Sansa a um escudeiro que conhecia.

– O conselho enviou cavaleiros de Porto Real para nos escoltar pelo resto do caminho – informou o homem. – Uma guarda de honra para o rei.

Ansiosa por vê-los, Sansa deixou Lady abrir-lhe caminho através da multidão. As pessoas afastavam-se às pressas da loba gigante. Quando se aproximou, viu dois cavaleiros que se ajoelhavam perante a rainha, usando armaduras tão bonitas e esplendorosas que a fizeram pestanejar.

Um dos cavaleiros usava um intricado conjunto de escamas brancas esmaltadas, brilhante como um campo de neve recém-caída, com relevos e fivelas de prata que brilhavam ao sol. Quando tirou o elmo, Sansa viu que era um homem idoso, de cabelos tão alvos como a armadura, mas,

apesar disso, parecia forte e gracioso. De seus ombros pendia o manto de um branco puro da Guarda Real.

O companheiro era um homem com cerca de vinte anos cuja armadura era uma placa de aço de um profundo verde-musgo. Era o homem mais bonito em que Sansa já pousara seus olhos; alto e de constituição poderosa, com cabelos negros como breu que lhe caíam sobre os ombros e emolduravam um rosto escanhoado, e risonhos olhos verdes que combinavam com a armadura. Aninhado debaixo do braço, estava um elmo provido de chifres, cuja magnífica viseira de ouro reluzia.

A princípio, Sansa não reparou no terceiro estranho. Não estava ajoelhado como os outros. Estava em pé, ao lado, junto aos cavalos dos recém-chegados, um homem magro e sombrio que observava os acontecimentos em silêncio. Tinha o rosto sem barba, marcado pela varíola, olhos encovados e bochechas descarnadas. Embora não fosse velho, restavam-lhe poucas madeixas de cabelo, brotando por cima das orelhas, mas deixara-o crescer como o de uma mulher. Sua armadura era uma cota de malha de um tom cinzento de ferro, posta sobre camadas de couro fervido, simples e sem adornos, que revelava a idade e os duros anos de uso. Sobre o ombro direito via-se o manchado punho de couro da lâmina que trazia atada às costas, uma espada de duas mãos, grande demais para ser presa ao flanco.

– O rei foi caçar, mas sei que ficará feliz em vê-los quando regressar – dizia a rainha aos dois cavaleiros que se ajoelhavam diante dela, mas Sansa não conseguia tirar os olhos do terceiro homem. Ele pareceu sentir o peso de seu olhar. Lentamente, virou a cabeça. Lady rosnou. Um terror tão esmagador como qualquer outra coisa que Sansa Stark já sentira encheu-a de repente. Deu um passo para trás e foi de encontro a alguém.

Fortes mãos agarraram-lhe os ombros e, por um momento, Sansa pensou que era o pai, mas, quando se virou, foi a face queimada de Sandor Clegane que encontrou olhando-a de cima, com a boca torcida num terrível simulacro de sorriso.

– Está tremendo, menina! – disse ele, com voz áspera. – Assusto-a tanto assim?

Assustava, e assustava desde que ela pusera os olhos pela primeira vez na ruína em que o fogo transformara seu rosto, embora agora lhe parecesse que não causava nem metade do terror daquela vez. Mesmo

assim, Sansa desviou-se para longe dele. Cão de Caça soltou uma gargalhada, e Lady interpôs-se entre ambos, rugindo um aviso. Sansa caiu de joelhos e abraçou a loba. As pessoas reuniram-se em volta dela, de boca aberta. Sansa sentia os olhos postos nela, e aqui e ali ouvia comentários murmurados e farrapos de risos.

"Um lobo", disse um homem, e alguém ecoou "Pelos sete infernos, isto é um lobo gigante", e o primeiro homem perguntou "Que faz ele no acampamento?", e a voz áspera do Cão de Caça replicou: "Os Stark usam-nos como amas de leite", e Sansa compreendeu que os dois cavaleiros desconhecidos olhavam para ela e para Lady, com as espadas nas mãos, e então ficou novamente assustada e envergonhada. Lágrimas encheram-lhe os olhos.

Ouviu a rainha dizer:

– Joffrey, vá falar com ela.

E ali estava seu príncipe.

– Deixem-na em paz – disse Joffrey. Erguia-se acima dela, belo em sua lã azul e couro negro, com os cachos dourados brilhando ao sol como uma coroa. Ofereceu-lhe a mão e a ajudou a ficar em pé. – Que houve, querida senhora? Por que tanto medo? Ninguém lhe fará mal. Guardem as espadas, todos. O lobo é seu animal de estimação, não passa disso – olhou para Sandor Clegane: – E você, cão, desapareça daqui, está assustando minha prometida.

Cão de Caça, sempre fiel, fez uma reverência e esgueirou-se em silêncio através da multidão. Sansa lutou por firmar-se. Sentia-se tão tola. Era uma Stark de Winterfell, uma senhora nobre, e um dia seria rainha.

– Não foi ele, meu querido príncipe – ela tentou explicar. – Foi o outro.

Os dois cavaleiros desconhecidos trocaram um olhar.

– Payne? – disse com um risinho abafado o homem mais novo, da armadura verde.

O homem mais velho vestido de branco falou gentilmente a Sansa.

– Por vezes, Sor Ilyn também me assusta, querida senhora. Tem um aspecto temível.

– E assim deve ser – a rainha descera da casa rolante. Os espectadores afastaram-se a fim de lhe abrir caminho. – Se os malvados não temerem o Magistrado do Rei, isso significa que o homem errado está no cargo.

Sansa finalmente encontrou o que dizer:

– Então, com certeza Vossa Graça encontrou o homem certo – ela terminou o que dizia e uma rajada de gargalhadas explodiu à sua volta.

– Bem dito, menina – disse o velho de branco. – Como é próprio de uma filha de Eddard Stark. Estou honrado por conhecê-la, por mais irregular que tenha sido o modo como nos encontramos. Sou Sor Barristan Selmy, da Guarda Real – o homem lhe fez uma reverência.

Sansa conhecia o nome, e agora as cortesias que Septã Mordane lhe ensinara ao longo dos anos vinham-lhe à memória.

– O Senhor Comandante da Guarda Real – disse – e conselheiro de nosso Rei Robert, e antes dele de Aerys Targaryen. A honra é minha, bom cavaleiro. Mesmo no longínquo Norte, os cantores gabam os feitos de Barristan, o Ousado.

O cavaleiro verde riu novamente.

– Barristan, o Usado, a senhora quer dizer. Não o lisonjeie com tanta doçura, criança, pois ele já tem uma opinião grande demais de si mesma – e sorriu-lhe. – E agora, menina-lobo, se conseguir também encontrar um nome para mim, então terei de reconhecer que é, sim, filha da nossa Mão.

Joffrey empertigou-se a seu lado.

– Tenha cuidado com o modo como se dirige à minha prometida.

– Eu posso responder – disse Sansa rapidamente, para aquietar a ira de seu príncipe. Sorriu para o cavaleiro verde. – Seu elmo tem chifres dourados, senhor. O veado é o selo da Casa Real. O Rei Robert tem dois irmãos. Por sua extrema juventude, só pode ser Renly Baratheon, senhor de Ponta Tempestade e conselheiro do rei, e assim o nomeio.

Sor Barristan soltou um risinho.

– Por sua extrema juventude, só pode ser um arrogante empinado, e é assim que o nomeio *eu*.

Ouviu-se uma gargalhada geral, liderada pelo próprio Lorde Renly. A tensão de momentos antes tinha desaparecido, e Sansa começava a se sentir confortável… até que Sor Ilyn Payne abriu caminho entre dois homens à força de seu ombro e surgiu à sua frente, sem sorrir. Não disse uma palavra. Lady mostrou os dentes e começou a rosnar, um rugido baixo cheio de ameaças, mas dessa vez Sansa silenciou a loba passando suavemente sua mão na cabeça dela.

– Lamento se o ofendi, Sor Ilyn – disse.

Esperou por uma resposta, mas nenhuma veio. Enquanto o executor a olhava, seus olhos claros sem cor pareciam despi-la, inclusive a pele, deixando-lhe a alma nua à sua frente. Ainda em silêncio, o homem se virou e foi embora.

Sansa não compreendeu. Olhou para seu príncipe.

– Disse algo de errado, Vossa Graça? Por que motivo ele não falou comigo?

– Sor Ilyn não tem sido tagarela nos últimos catorze anos – comentou Lorde Renly, com um sorriso irônico.

Joffrey lançou ao tio um olhar de pura repugnância, e depois tomou as mãos de Sansa nas suas.

– Aerys Targaryen mandou arrancar-lhe a língua com tenazes quentes.

– No entanto, fala de modo bem eloquente com a espada – disse a rainha –, e sua devoção por nosso reino inquestionável – então, sorriu amavelmente e disse: – Sansa, os bons conselheiros e eu temos de conversar até que o rei regresse com seu pai. Temo que tenhamos de adiar seu dia com Myrcella. Transmita, por favor, as minhas desculpas à sua querida irmã. Joffrey, talvez possa ter a amabilidade de entreter a nossa convidada.

– Com todo o prazer, mãe – disse Joffrey, muito formalmente. Tomou-a pelo braço e afastou-a da casa rolante, e o estado de espírito de Sansa alçou voo. Um dia inteiro com seu príncipe! Olhou para Joffrey com adoração. Ele é tão galante, pensou. O modo como a salvara de Sor Ilyn e do Cão de Caça, ora, fora quase como nas canções, como daquela vez em que Serwyn do Escudo Espelhado salvou a Princesa Daeryssa dos gigantes, ou quando Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, defendeu a honra da Rainha Naerys contra as calúnias do malvado Sor Morgil.

O toque da mão de Joffrey em sua manga fez seu coração bater mais depressa.

– O que gostaria de fazer?

*Estar com você*, pensou Sansa, mas, em vez disso, respondeu:

– O que quiser fazer, meu príncipe.

Joffrey refletiu por um momento.

– Podíamos ir montar a cavalo.

– Ah, eu *adoro* montar – ela exclamou.

Joffrey olhou de relance para Lady, que os seguia de perto.

– O lobo pode assustar os cavalos, e meu cão parece assustá-la. Deixemos ambos para trás e vamos os dois sozinhos, o que diz?

Sansa hesitou.

– Se assim desejar – disse, incerta. – Suponho que poderia amarrar Lady – no entanto, não tinha certeza de ter compreendido. – Não sabia que tinha um cão…

Joffrey riu.

– Na verdade, é da minha mãe. Ela o designou para me guardar, e é o que ele faz.

– Fala do Cão de Caça… – Sansa entendeu. Quis bater em si mesma por ser tão lenta. Seu príncipe nunca a amaria se parecesse ser estúpida. – É seguro deixá-lo para trás?

Príncipe Joffrey pareceu aborrecido por ela ter perguntado.

– Nada tema, senhora. Sou quase um homem-feito, e não luto com madeira como seus irmãos. Tudo de que necessito é isto – desembainhou a espada e a mostrou; uma espada longa destramente encolhida para se adequar a um rapaz de doze anos, aço azul brilhante, forjada em castelo e de duplo gume, com um punho de couro e um botão de ouro em forma de cabeça de leão. Sansa exclamou de admiração ao vê-la, e Joffrey pareceu satisfeito. – Chamo-a Dente de Leão – disse.

E assim deixaram para trás a loba gigante e o guarda-costas, e cavalgaram para leste ao longo da margem norte do Tridente sem outra companhia exceto Dente de Leão.

Estava um dia glorioso, um dia mágico. O ar estava quente e pesado com o odor das flores, e os bosques tinham ali uma beleza suave que Sansa nunca vira no Norte. A montaria do Príncipe Joffrey era um corcel baio vermelho, ligeiro como o vento, e ele o montava com destemido abandono, tão depressa que Sansa teve dificuldade em acompanhá-lo em sua égua. Era um dia perfeito para aventuras. Exploraram as grutas próximas da margem do rio e seguiram os rastros de um gato-das-sombras até sua toca, e quando ficaram com fome, Joffrey localizou um castro pela sua fumaça e, ao chegar, ordenou que trouxessem comida e vinho para o príncipe e sua senhora. Jantaram trutas frescas do rio, e Sansa bebeu mais vinho do que alguma vez já bebera.

– Meu pai só nos deixa beber uma taça, e apenas nos banquetes – confessou ao seu príncipe.

– Minha prometida pode beber tanto quanto desejar – disse Joffrey, voltando a encher-lhe a taça.

Depois de comer, prosseguiram mais lentamente seu caminho. Joffrey cantou para ela enquanto cavalgavam, com uma voz aguda, doce e pura. Sansa estava um pouco tonta do vinho.

– Não devíamos regressar? – perguntou.

– Em breve – ele respondeu. – O campo de batalha é logo ali à frente, na curva do rio. Foi ali que meu pai matou Rhaegar Targaryen, sabia? Esmagou-lhe o peito, *crás*, mesmo através da armadura – Joffrey brandiu um martelo de guerra imaginário para lhe mostrar como se fazia. – Depois, tio Jaime matou o velho Aerys e meu pai tornou-se rei. Que barulho é esse?

Sansa também o ouviu, flutuando através dos bosques, uma espécie de ruído de madeira, *snac, snac, snac*.

– Não sei – ela respondeu, já nervosa. – Joffrey, vamos embora.

– Quero ver o que é aquilo – Joffrey virou o cavalo na direção de onde vinha o som, e Sansa não teve escolha a não ser segui-lo. Os ruídos foram ficando mais fortes e mais distintos, o *clac* de madeira batendo em madeira, e quando se aproximaram ouviram também respirações pesadas e um gemido de vez em quando.

– Tem alguém ali – Sansa disse ansiosamente. Deu por si pensando em Lady, desejando que a loba gigante estivesse ali.

– Comigo está a salvo – Joffrey desembainhou sua Dente de Leão. O som do aço raspando em couro a fez tremer. – Por aqui – disse ele, levando o cavalo por entre um grupo de árvores.

Para além delas, numa clareira aberta ao lado do rio, encontraram um rapaz e uma menina brincando de cavaleiros. Suas espadas eram paus, aparentemente cabos de vassoura, e eles corriam pela clareira, batendo-se com vigor. O rapaz era bem mais velho, uma cabeça mais alto, e muito mais forte, e era ele quem atacava. A menina, uma coisinha magricela vestida de couro manchado, esquivava-se e conseguia pôr sua “espada” no caminho da maior parte dos golpes do rapaz, mas não de todos. Quando ela tentou uma estocada, ele parou o pedaço de madeira dela

com o seu, varreu-o para o lado e golpeou-lhe duramente os dedos. Ela gritou e deixou cair a “espada”.

Príncipe Joffrey soltou uma gargalhada. O rapaz olhou em volta, com os olhos muito abertos e sobressaltado, e deixou cair a “espada” sobre a relva. A menina olhou para eles furiosa, chupando os nós dos dedos para afastar a dor, e Sansa ficou horrorizada.

– *Arya?* – gritou, incrédula.

– Vá embora – gritou Arya de volta, com lágrimas de fúria nos olhos. – O que você está fazendo aqui? Deixe-nos em paz.

Joffrey olhou de relance para Arya, depois para Sansa, e depois de novo para Arya.

– É a sua irmã? – ela confirmou com um aceno, corando. Joffrey examinou o rapaz, um jovem desajeitado com um rosto grosseiro, sardento, e espessos cabelos ruivos. – E quem é você, rapaz? – perguntou, num tom de comando que não dava qualquer importância ao fato de o outro ser um ano mais velho.

– Mycah – o rapaz murmurou. Reconheceu o príncipe e desviou os olhos. – Senhor.

– É o filho do carniceiro – disse Sansa.

– É meu amigo – retrucou Arya em voz penetrante. – Deixem-no em paz.

– Um filho de carniceiro que deseja ser cavaleiro, é isso? – Joffrey saltou da montaria, de espada na mão. – Pegue a sua espada, filho de carniceiro – disse, com os olhos brilhantes de divertimento. – Vamos lá ver como se comporta.

Mycah ficou imóvel, congelado de medo.

Joffrey caminhou na sua direção.

– Vá lá, pega ela. Ou será que só luta com menininhas?

– Ela me pediu, senhor – disse Mycah. – Ela *pediu*.

Sansa só precisou olhar para Arya e ver seu rosto corado para saber que o rapaz falava a verdade, mas Joffrey não estava com disposição de ouvi-lo. O vinho o deixara excitado.

– Vai pegar sua espada?

Mycah balançou a cabeça.

– É só um pedaço de madeira, senhor. Não é espada nenhuma, é só um pedaço de madeira.

– E você é só o filho do carniceiro, não é nenhum cavaleiro – Joffrey ergueu Dente de Leão e pousou sua ponta na bochecha de Mycah, abaixo do olho, enquanto o filho do carniceiro permanecia imóvel, tremendo. – Aquela em quem batia é a irmã da minha senhora, você sabia disso? – um brilhante botão de sangue rebentou onde a espada fazia pressão na pele de Mycah e uma linha vermelha deslizou lentamente pela bochecha do rapaz.

– Para com isso! – gritou Arya, e agarrou seu pedaço de madeira que estava no chão.

Sansa sentiu medo.

– Arya, fique fora disso.

– Não vou machucá-lo… muito – disse o Príncipe Joffrey a Arya, sem desviar os olhos do filho do carniceiro.

Arya saltou sobre ele.

Sansa deslizou de cima da égua, mas foi lenta demais. Arya brandiu a "espada" com ambas as mãos. Ouviu-se um sonoro *crac* quando a madeira se quebrou contra a nuca do príncipe, e então tudo aconteceu ao mesmo tempo perante os horrorizados olhos de Sansa. Joffrey cambaleou e rodopiou, rugindo pragas. Mycah fugiu para as árvores tão depressa quanto as pernas podiam levá-lo. Arya atacou de novo o príncipe, mas dessa vez Joffrey parou o golpe com a Dente de Leão e arrancou-lhe a "espada" das mãos. Tinha a nuca cheia de sangue e os olhos em fogo. Sansa gritava: – Não, não, parem, parem os dois, estão estragando tudo –, mas ninguém a ouvia.

Arya pegou uma pedra e atirou-a na cabeça de Joffrey. Em vez de atingi-lo, acertou o cavalo, e o baio vermelho empinou-se e partiu a galope atrás de Mycah. – *Parem, não, parem! –,* gritou Sansa novamente. Joffrey avançou na direção de Arya, de espada em punho, gritando obscenidades, palavras terríveis, nojentas. Arya saltou para trás, agora assustada, mas Joffrey a seguiu, levando-a na direção do bosque, encurralando-a contra uma árvore. Sansa não sabia o que fazer. Ficou assistindo, impotente, quase cega pelas lágrimas.

Então, uma mancha cinzenta passou por ela como um relâmpago e, de súbito, Nymeria estava ali, saltando, cerrando as mandíbulas em torno do braço de Joffrey que manejava a espada. O aço caiu-lhe dos dedos

quando a loba o atirou ao chão, e rolaram na relva, com a loba rosnando e abocanhando o príncipe, que guinchava de dor.

– Tirem-na *daqui*! – ele gritou. – Tirem-na *daqui*!

A voz de Arya estalou como um chicote.

– *Nymeria*!

A loba gigante largou Joffrey e foi para junto de Arya. O príncipe ficou estendido na relva, choramingando, agarrado ao braço retalhado. Sua camisa estava empapada de sangue. Arya disse:

– Ela não te machucou… muito – ela ergueu Dente de Leão do lugar onde caíra e levantou-se sobre ele, segurando a espada com as duas mãos.

Joffrey soltou um som choroso e assustado quando olhou para cima, para Arya.

– Não – disse –, não me machuque. Vou contar para minha mãe.

– *Deixe-o em paz!* – gritou Sansa à irmã.

Arya girou e atirou a espada ao ar, colocando todo o seu corpo no movimento. O aço azul relampejou à luz do sol quando a espada rodopiou sobre o rio. Atingiu a água e desapareceu com um borbulhar. Joffrey gemeu. Arya correu para seu cavalo, com Nymeria a trotar logo atrás.

Depois de terem desaparecido, Sansa foi para junto do Príncipe Joffrey, que tinha os olhos cerrados de dor, a respiração entrecortada, e ajoelhou-se a seu lado.

– Joffrey – soluçou. – Ah, veja o que eles fizeram, veja o que eles fizeram. Meu pobre príncipe. Não tenha medo. Eu vou a cavalo até o castro e lhe trarei ajuda – com ternura, ela estendeu a mão e afastou para trás os macios cabelos loiros.

Os olhos dele abriram-se de repente e olharam-na, e neles nada havia além de repugnância, nada além do mais vil desprezo.

– Então *vá* – ele cuspiu. – E *não me toque*.

# Eddard

—Encontraram-na, senhor.

Ned levantou-se de um salto.

– Os nossos homens ou os dos Lannister?

– Foi Jory – respondeu o intendente Vayon Poole. – Não lhe fizeram mal.

– Graças aos deuses – Ned respondeu. Seus homens andavam à procura de Arya havia quatro dias, mas os homens da rainha também participavam da busca. – Onde ela está? Diga a Jory que traga-a para cá imediatamente.

– Lamento, senhor – disse Poole. – Os guardas do portão eram homens dos Lannister e informaram a rainha quando Jory a trouxe. Ela foi levada diretamente perante o rei…

– *Maldita seja* aquela mulher! – Ned amaldiçoou, caminhando a passos largos para a porta. – Vá à procura de Sansa e traga-a à sala de audiências. Sua versão pode ser necessária – desceu os degraus da torre submerso numa raiva rubra. Ele mesmo dirigira as buscas durante os primeiros três dias, e quase não dormira uma hora desde o desaparecimento de Arya. Naquela manhã estivera tão desanimado e cansado que quase não conseguira se levantar, mas agora tinha no corpo sua fúria, enchendo-o de força.

Homens o chamaram quando atravessou o pátio do castelo, mas, em sua pressa, Ned os ignorou. Teria corrido, mas ainda era a Mão do Rei, e uma Mão deve manter a dignidade. Estava consciente dos olhares que o seguiam, das vozes murmuradas que interrogavam sobre o que ele faria.

O castelo era um modesto domínio a meio dia de viagem para sul do Tridente. A comitiva real impusera-se como um hóspede não convidado do senhor do domínio, Sor Raymun Darry, enquanto eram conduzidas as buscas por Arya e pelo filho do carniceiro em ambas as margens do rio. Não eram visitantes bem-vindos. Sor Raymun vivia sob a paz do rei, mas

a família lutara no Tridente pelos estandartes do dragão de Rhaegar, e os três irmãos mais velhos tinham morrido ali, uma verdade que nem Robert nem Sor Raymun tinham esquecido. Com os homens do rei, os de Darry, os dos Lannister e os dos Stark, todos apinhados num castelo que era muito menor que o necessário para recebê-los juntos, as tensões ardiam quentes e pesadas.

O rei apropriara-se da sala de audiências de Sor Raymun, e foi ali que Ned os encontrou. A sala estava cheia de gente quando entrou num impulso. Cheia demais, pensou; a sós, ele e Robert poderiam ser capazes de tratar o assunto de forma amigável.

Robert estava afundado na cadeira alta de Darry, na extremidade mais distante da sala, com uma expressão fechada e carrancuda. Cersei Lannister e o filho encontravam-se em pé ao seu lado. A rainha tinha a mão pousada no ombro de Joffrey. Espessas ataduras de seda ainda cobriam o braço do rapaz.

Arya estava no centro da sala, só com Jory Cassel e todos os olhos pousados nela.

– Arya – chamou Ned em voz alta. E foi falar com ela, fazendo ressoar as botas no chão de pedra. Quando o viu, ela gritou e começou a soluçar.

Ned caiu sobre um joelho e a tomou nos braços. Ela tremia.

– Lamento – soluçou –, lamento, lamento.

– Eu sei – ele disse. Ela parecia tão minúscula em seus braços, nada mais que uma menininha magricela. Era difícil compreender como causara tantos problemas. – Está ferida?

– Não – seu rosto estava sujo, e as lágrimas deixaram trilhos cor-de-rosa nas bochechas. – Tenho um pouco de fome. Comi umas frutinhas, mas não havia mais nada.

– Logo a alimentaremos – prometeu Ned, erguendo-se para encarar o rei. – O que significa isto? – seus olhos varreram a sala em busca de rostos amistosos. Sem contar com seus homens, eram muito poucos. Sor Raymun Darry reservava bem a expressão. Lorde Renly ostentava um meio sorriso que podia significar qualquer coisa, e o velho Sor Barristan tinha uma expressão grave; o resto eram homens dos Lannister, hostis. Sua única sorte era que tanto Jaime Lannister como Sandor Clegane não se encontravam ali, porque ainda dirigiam buscas ao norte do Tridente. – Por que motivo não fui avisado de que minha filha foi encontrada? – Ned

exigiu saber, fazendo a voz ressoar. – Por que não me foi trazida de imediato?

Falava para Robert, mas foi Cersei Lannister quem respondeu.

– Como *ousa* falar assim ao seu rei?

Ao ouvir aquilo, o rei agitou-se.

– Silêncio, mulher – ele a silenciou. Endireitou-se no assento. – Lamento, Ned. Não quis assustar a menina. Pareceu melhor trazê-la aqui e despachar o assunto rapidamente.

– E que assunto é esse? – Ned tinha a voz gelada.

A rainha deu um passo à frente.

– Sabe perfeitamente bem, Stark. Essa sua menina atacou meu filho. Ela e o filho do carniceiro. E o animal dela tentou arrancar o braço de Joffrey.

– Isso não é verdade – disse Arya em voz alta. – Ela só o mordeu um pouco. Ele estava fazendo mal a Mycah.

– Joff contou-nos o que aconteceu – disse a rainha. – Você e o filho do carniceiro bateram nele com pedaços de madeira enquanto você atiçava o lobo.

– Não foi assim que as coisas se passaram – disse Arya, de novo quase em lágrimas. Ned pôs-lhe a mão no ombro.

– Foi, sim, senhora! – insistiu Príncipe Joffrey. – Todos me atacaram, e ela atirou a Dente de Leão ao rio! – Ned reparou que ele sequer olhava para Arya enquanto falava.

– Mentiroso! – gritou Arya.

– Cale-se! – gritou o príncipe.

– *Basta!* – rugiu o rei, erguendo-se da cadeira, com a voz carregada de irritação. Caiu o silêncio. Robert lançou um olhar ameaçador a Arya.

– E agora, criança, vai me contar o que aconteceu. Vai contar tudo, e somente a verdade. Mentir a um rei é um grande crime – depois olhou para o filho. – Quando ela acabar, será a sua vez. Até lá, tenha cuidado com a língua.

Quando Arya começou sua história, Ned ouviu a porta abrir atrás de si, olhou de relance por cima do ombro e viu Vayon Poole entrar com Sansa. Ficaram em silêncio no fundo da sala enquanto Arya falava. Quando chegou à parte em que atirava a espada de Joffrey no meio do Tridente, Renly Baratheon desatou a rir. O rei ficou irritado.

– Sor Barristan, escolte meu irmão para fora da sala antes que se engasgue.

Lorde Renly abafou o riso.

– Meu irmão é bondoso demais. Eu consigo encontrar a porta sozinho – fez uma reverência a Joffrey. – Talvez mais tarde tenha oportunidade de me contar como foi que uma menina de nove anos e do tamanho de um rato-d'água conseguiu desarmá-lo com um cabo de vassoura e atirar sua espada ao rio – quando a porta se fechava atrás dele, Ned o ouviu dizer: – Dente de Leão – e soltar outra gargalhada.

Príncipe Joffrey estava pálido ao iniciar sua versão muito diferente dos acontecimentos. Quando o filho acabou de falar, o rei ergueu-se pesadamente da cadeira com uma expressão de quem queria estar em qualquer lugar, menos ali.

– O que, com todos os sete infernos, devo eu pensar? Ele diz uma coisa e ela, outra.

– Eles não eram os únicos presentes – disse Ned. – Sansa, venha cá – Ned ouvira sua versão da história na noite em que Arya desaparecera. Conhecia a verdade. – Conte-nos o que se passou.

A filha mais velha deu um hesitante passo à frente. Vestia veludo azul debruado de branco e usava uma corrente de prata em volta do pescoço. Os espessos cabelos ruivos tinham sido escovados até brilharem. Olhou para a irmã, e depois para o jovem príncipe.

– Não sei – disse com voz chorosa, com uma expressão de quem queria fugir. – Não me lembro. Aconteceu tudo tão depressa, não vi…

– *Sua nojenta!* – Arya guinchou. Saltou sobre a irmã como uma seta, atirando Sansa ao chão, enchendo-a de socos. – Mentirosa, mentirosa, mentirosa, mentirosa.

– Arya, *pare com isso!* – Ned gritou. Jory a puxou de cima da irmã ainda agitando os braços. Sansa estava pálida e tremendo quando Ned a colocou de novo em pé. – Está machucada? – perguntou, mas ela estava de olhos fixos em Arya e não pareceu ouvi-lo.

– A menina é tão selvagem quanto aquele seu animal nojento – disse Cersei Lannister. – Robert, quero vê-la punida.

– Sete infernos – praguejou Robert. – Cersei, olhe para ela. É uma criança. Que quer que eu faça, que a chicoteie pelas ruas? Com os diabos, as crianças brigam. Já acabou. Não foi feito nenhum mal duradouro.

A rainha estava furiosa.

– Joff ficará com aquelas cicatrizes para o resto da vida.

Robert Baratheon olhou para o filho mais velho.

– Pois que fique. Talvez lhe ensinem uma lição. Ned, trate de disciplinar sua filha. Eu farei o mesmo com meu filho.

– De bom grado, Vossa Graça – Ned respondeu, bastante aliviado.

Robert começou a se afastar, mas a rainha ainda não tinha terminado.

– E o lobo gigante? – ela gritou para suas costas. – E o animal que mordeu seu filho?

O rei parou, virou-se, franziu a sobrancelha.

– Tinha me esquecido do maldito lobo.

Ned pôde ver Arya ficar tensa entre os braços de Jory, que falou rapidamente.

– Não encontramos nenhum sinal do lobo gigante, Vossa Graça.

O rei não pareceu infeliz com a notícia.

– Não? Pois que assim seja.

A rainha ergueu a voz.

– Cem dragões de ouro ao homem que me trouxer sua pele!

– Uma pele bem cara – resmungou Robert. – Não tomarei parte disso, mulher. Pode muito bem comprar as suas peles com o ouro dos Lannister.

A rainha o olhou com frieza.

– Eu não o imaginava capaz de tamanha avareza. O rei com quem pensei ter me casado teria disposto uma pele de lobo sobre a minha cama antes de o sol se pôr.

O rosto de Robert escureceu de ira.

– Isso seria um belo truque sem um lobo.

– Nós temos um lobo – disse Cersei Lannister. Sua voz estava muito calma, mas seus olhos verdes brilhavam de triunfo.

Todos precisaram de um momento para compreender suas palavras, mas, quando conseguiram, o rei encolheu os ombros, irritado.

– Como quiser. Que Sor Ilyn trate do assunto.

– Robert, não pode estar falando a sério – Ned protestou.

O rei não estava com disposição para mais discussões.

– Basta, Ned, não quero ouvir mais nada. Um lobo gigante é um animal selvagem. Mais cedo ou mais tarde teria se virado contra sua filha tal

como o outro se virou contra meu filho. Arranje-lhe um cão, ela ficará mais feliz assim.

Foi então que Sansa pareceu finalmente compreender. Seus olhos estavam assustados ao dirigi-los para o pai.

– Ele não está falando da Lady, está? – ela viu a verdade no rosto de Ned.

– Não – disse. – Não, a Lady não, a Lady não mordeu ninguém, ela é boa…

– Lady não estava lá – gritou Arya em tom zangado. – Deixem-na em paz!

– Impeça-os – suplicou Sansa. – Não deixe que façam isso, por favor, por favor, não foi a Lady, foi a Nymeria, foi Arya, não podem, não foi a Lady, não deixe que eles machuquem Lady, eu farei com que ela seja boa, prometo, prometo… – começou a chorar.

Tudo que Ned pôde fazer foi tomá-la nos braços e consolá-la enquanto chorava. Olhou para o outro lado da sala, para Robert. Seu velho amigo, mais próximo que um irmão.

– Por favor, Robert. Pelo amor que me tem. Pelo amor que tinha à minha irmã. Por favor.

O rei olhou para eles por um longo momento, depois virou-se para a mulher.

– Maldita seja, Cersei – disse com repugnância.

Ned pôs-se em pé, libertando-se gentilmente do abraço de Sansa. Todo o cansaço dos últimos quatro dias tinha regressado.

– Então o faça, Robert – disse, numa voz fria e afiada como aço. – Pelo menos, tenha a coragem de fazê-lo.

Robert olhou para Ned com olhos baços e mortos, e saiu sem uma palavra, com passos pesados como chumbo. O silêncio encheu a sala.

– Onde está o lobo gigante? – perguntou Cersei Lannister quando o marido saiu. Ao seu lado Príncipe Joffrey sorria.

– O animal está acorrentado ao lado da casa do portão, Vossa Graça – respondeu relutantemente Sor Barristan Selmy.

– Mande chamar Ilyn Payne.

– Não – disse Ned. – Jory, leve as meninas para os quartos e me traga Gelo – as palavras tinham o gosto da bílis na garganta, mas ele as forçou sair. – Se tem de ser feito, eu o farei.

Cersei Lannister olhou-o com suspeita.

– Você, Stark? Isso é algum truque? Por que faria uma coisa dessas?

Todos o olhavam, mas era o olhar de Sansa que cortava.

– Ela pertence ao Norte. Merece mais que um carrasco.

Saiu da sala com os olhos ardendo e os lamentos da filha ecoando em seus ouvidos, e encontrou a cria de lobo gigante onde a tinham acorrentado. Ned sentou-se a seu lado por um momento.

– Lady – disse, saboreando o nome. Nunca prestara grande atenção aos nomes que as crianças tinham escolhido, mas olhando-a agora compreendeu que Sansa tinha escolhido bem. Era a menor da ninhada, a mais bonita, a mais gentil e confiante. A loba o olhou com brilhantes olhos dourados, e ele afagou-lhe os espessos pelos cinzentos.

Pouco tempo depois, Jory trouxe-lhe Gelo.

Quando acabou, disse:

– Escolha quatro homens e ordene que transportem o corpo para o Norte. Enterrem-na em Winterfell.

– Toda essa distância? – perguntou Jory, espantado.

– Toda essa distância – Ned afirmou. – A mulher Lannister nunca terá *esta* pele.

Regressava à torre para se abandonar por fim ao sono, quando Sandor Clegane e seus cavaleiros atravessaram com estrondo o portão do castelo, regressando de sua caçada.

Havia algo jogado sobre a garupa de seu cavalo de batalha, uma forma pesada enrolada num manto ensanguentado.

– Nenhum sinal da sua filha, Mão – disse o Cão de Caça com voz áspera –, mas o dia não foi um desperdício completo. Encontramos seu animalzinho de estimação – esticou o braço para trás e atirou o fardo de cima do cavalo, fazendo-o cair com um baque surdo à frente de Ned.

Dobrando-se, Ned afastou o manto, temendo as palavras que teria de encontrar para Arya, mas afinal não se tratava de Nymeria. Era o filho do carniceiro, Mycah, com o corpo coberto de sangue seco. Tinha sido quase cortado ao meio, do ombro à cintura, por um terrível golpe dado de cima.

– Você o matou de cima do cavalo – disse Ned.

Os olhos do Cão de Caça pareceram cintilar através do aço daquele hediondo elmo em forma de cabeça de cão.

– Ele fugiu – olhou para o rosto de Ned e soltou uma gargalhada. – Mas não muito depressa.

# Bran

Era como se estivesse caindo havia anos.

*Voe*, sussurrou uma voz na escuridão, mas Bran não sabia voar e, portanto, tudo que podia fazer era cair.

Meistre Luwin moldou um garotinho de barro, cozeu-o até ficar duro e quebradiço, vestiu-o com a roupa de Bran e atirou-o de um telhado. Bran recordou o modo como se estilhaçara.

– Mas eu nunca caio – disse, já caindo.

O chão estava tão longe que quase não conseguia distingui-lo através das névoas cinzentas que turbilhonavam à sua volta, mas podia sentir que caía muito depressa, e sabia o que o esperava lá embaixo. Mesmo nos sonhos, não é possível cair para sempre. Sabia que acordaria um instante antes de atingir o solo. Sempre se acorda um instante antes de atingir o solo.

*E se não acordar?,* perguntou a voz.

O chão estava agora mais perto, ainda distante, a mil milhas de distância, mas mais perto do que estivera. Ali, na escuridão, fazia frio. Não havia sol, nem estrelas, apenas o solo, lá embaixo, que subia para esmagá-lo, e as névoas cinzentas, e a voz sussurrada. Teve vontade de chorar.

*Não chore. Voe.*

– Não posso voar – disse Bran. – Não posso, não posso…

*Como sabe? Alguma vez já tentou?*

A voz era aguda e fraca. Bran olhou em volta para ver de onde vinha. Um corvo descia com ele, em espiral, longe de seu alcance, seguindo-o na queda.

– Ajude-me – disse.

*Estou tentando*, respondeu o corvo. *Olha, tem algum milho?*

Bran levou a mão ao bolso enquanto a escuridão girava, estonteante, à sua volta. Quando tirou a mão, grãos dourados deslizaram por entre os

dedos, para o ar. E passaram a cair com ele.

O corvo pousou em sua mão e pôs-se a comer.

– É mesmo um corvo? – perguntou Bran.

*Está mesmo caindo?,* retorquiu o corvo.

– É só um sonho – disse Bran.

*Será?,* perguntou o corvo.

– Eu acordo quando atingir o chão – Bran respondeu à ave.

*Você morre quando atingir o chão*, disse o corvo. Pôs-se de novo a comer milho.

Bran olhou para baixo. Conseguia agora distinguir montanhas, com picos brancos de neve, e as fitas prateadas de rios em bosques escuros. Fechou os olhos e começou a chorar.

*Isso não serve para nada*, disse o corvo. *Já te disse, a resposta é voar, não chorar. Quão difícil pode ser? Eu estou voando.* O corvo entregou-se ao ar e esvoaçou em torno da mão de Bran.

– Você tem asas – fez notar Bran.

*Talvez você também tenha.*

Bran apalpou os ombros, à procura de penas.

*Há diferentes tipos de asas*, disse o corvo.

Bran olhava os braços e as pernas. Era tão magro, só pele, toda esticada por cima de ossos. Teria sido sempre assim tão magro? Tentou se lembrar. Um rosto nadou até ele, saído da névoa cinzenta, brilhando, luminoso, dourado.

– As coisas que eu faço por amor – disse o rosto.

Bran gritou.

O corvo levantou voo, grasnando.

*Isso, não*, guinchou para Bran. *Esquece, não precisa disso agora, ponha-o de lado, faça-o desaparecer*. Pousou no ombro de Bran, deu-lhe bicadas, e o brilhante rosto dourado desapareceu.

Bran estava caindo mais depressa do que nunca. As névoas cinzentas uivavam à sua volta enquanto mergulhava para a terra, embaixo.

– O que você está me fazendo? – perguntou ao corvo, choroso.

*Estou lhe ensinando a voar.*

– Não posso voar!

*Está voando agora mesmo.*

– Estou *caindo*!

*Todos os voos começam com uma queda*, disse o corvo. *Olhe para baixo.*

– Tenho medo…

*OLHE PARA BAIXO!*

Bran olhou para baixo e sentiu as entranhas se transformarem em água. O chão corria agora em sua direção. O mundo inteiro espalhava-se por baixo dele, uma tapeçaria de brancos, marrons e verdes. Via tudo com tanta clareza que, por um momento, se esqueceu de ter medo. Conseguia ver todo o reino e toda a gente que nele havia.

Viu Winterfell como as águias o viam, as grandes torres que pareciam baixas e atarracadas vistas de cima, as muralhas do castelo transformadas em simples linhas traçadas na terra. Viu Meistre Luwin em sua varanda, estudando o céu através de um tubo de bronze polido e franzindo a testa enquanto tomava notas num livro. Viu o irmão Robb, mais alto e mais forte do que se lembrava, praticando esgrima no pátio com aço verdadeiro nas mãos. Viu Hodor, o gigante simplório dos estábulos, transportando uma bigorna para a forja de Mikken, levando-a ao ombro com a mesma facilidade que outro homem levaria um fardo de palha. No coração do bosque sagrado, o grande represeiro branco pairava sobre o seu reflexo na lagoa negra, com as folhas a bater sob um vento gelado. Quando sentiu que Bran o observava, ergueu os olhos das águas paradas e devolveu-lhe um olhar sábio.

Olhou para leste e viu uma galé que se apressava através das águas do Dentada. Viu sua mãe, sentada, sozinha, numa cabine, olhando para uma faca manchada de sangue pousada sobre a mesa à sua frente, enquanto os remadores puxavam pelos remos e Sor Rodrik se dobrava sobre uma amurada, tremendo com convulsões. Erguia-se uma tempestade à frente do barco, um vasto bramido escuro flagelado por relâmpagos, mas, de alguma maneira, eles não conseguiam vê-la.

Olhou para o sul e viu a grande corrente azul-esverdeada do Tridente. Viu o pai suplicar ao rei, com dor gravada no rosto. Viu Sansa chorar até adormecer, à noite, e Arya guardar seus segredos bem fundo no coração. Havia sombras a toda volta. Uma das sombras era escura como cinzas, com o terrível rosto de um cão de caça. Outra estava armada como o sol, dourada e bela. Sobre ambas erguia-se um gigante numa armadura de

pedra, mas, quando abriu a viseira, nada havia lá dentro exceto escuridão e um espesso sangue negro.

Ergueu os olhos e viu com clareza para além do mar estreito, viu as Cidades Livres, o mar verde dothraki e, mais adiante, até Vaes Dothrak, no sopé de sua montanha, até as terras fabulosas do Mar de Jade, até Ashhai da Sombra, onde se agitam dragões ao nascer do sol.

Finalmente olhou para o norte. Viu a Muralha brilhar como cristal azul, e o irmão bastardo Jon dormir sozinho numa cama fria, com a pele ficando branca e dura à medida que a memória de todo o calor ia escapando dele. E olhou para lá da Muralha, para além de florestas sem fim sob um manto de neve, para além da costa gelada e dos grandes rios azuis esbranquiçados de gelo e das planícies mortas onde nada crescia nem vivia. Olhou para o norte, e para norte, e para norte, para a cortina de luz no fim do mundo, e então para lá dessa cortina. Olhou para as profundezas do coração do inverno, e então gritou, com medo, e o calor das lágrimas queimou-lhe o rosto.

*Agora você sabe*, sussurrou o corvo ao pousar no seu ombro. *Agora sabe por que deve viver*.

– Por quê? – perguntou Bran, sem compreender, e caindo, caindo.

*Porque o inverno está chegando.*

Bran olhou para o corvo em seu ombro, e o corvo devolveu-lhe o olhar. Possuía três olhos, e o terceiro estava cheio de uma terrível sabedoria. Bran olhou para baixo. Agora, nada havia abaixo dele além de neve, frio e morte, um vazio gelado onde agulhas denteadas de gelo azul esbranquiçado esperavam para abraçá-lo. Voavam em sua direção como lanças. Viu os ossos de mil outros sonhadores empalados em suas pontas. Sentia um medo desesperador.

– Pode um homem continuar a ser valente se tiver medo? – ouviu sua voz dizer, uma voz pequena e distante.

E a voz de seu pai lhe respondeu.

– Essa é a única maneira de um homem ser valente.

*E agora, Bran*, insistiu o corvo. *Escolha. Voe ou morra.*

A morte estendeu as mãos para ele, gritando.

Bran abriu os braços e voou.

Asas invisíveis beberam o vento e encheram-se, e empurraram-no para cima. As terríveis agulhas de gelo afastaram-se lá embaixo. O céu abriu-

se lá em cima. Bran pairou. Era melhor que escalar. Era melhor que qualquer outra coisa. O mundo encolheu por baixo dele.

– Estou voando! – gritou, deliciado.

*Já percebi*, disse o corvo de três olhos. Levantou voo, batendo as asas contra o rosto de Bran, reduzindo-lhe a velocidade, cegando-o. O garoto hesitou no ar quando as asas da ave bateram em seu rosto. O bico do corvo apunhalou-o ferozmente, e Bran sentiu uma súbita dor cegante no meio da testa, entre os olhos.

– O que está fazendo? – guinchou.

O corvo abriu o bico e grasnou, um estridente grito de medo, e as névoas cinzentas estremeceram, rodopiaram à sua volta e rasgaram-se como um véu, e ele viu que o corvo era na realidade uma mulher, uma criada com longos cabelos negros, e ele a conhecia de algum lugar, de Winterfell, sim, era isso, agora se lembrava dela, e então compreendeu que estava em Winterfell, numa cama, num quarto gelado qualquer, numa torre, e a mulher de cabelos negros deixara uma bacia de água estilhaçar-se no chão e corria pelos degraus abaixo gritando: "Ele está acordado, ele está acordado, ele está acordado".

Bran levou a mão à testa, entre os olhos. O lugar onde o corvo bicara ainda ardia, mas não havia nada, nem sangue, nem ferida. Sentiu-se fraco e tonto. Tentou sair da cama, mas nada aconteceu.

E então sentiu um movimento ao lado da cama, e algo pousou agilmente sobre suas pernas. Nada sentiu. Um par de olhos amarelos olhava os seus, brilhando como o sol. A janela estava aberta e fazia frio no quarto, mas o calor que vinha do lobo envolveu-o como um banho quente.

Bran compreendeu que se tratava de sua cria… ou não? O lobo estava tão *grande*. Estendeu a mão para lhe fazer carinho, uma mão que tremia como uma folha.

Quando o irmão Robb entrou correndo no quarto, sem fôlego por causa dos degraus da torre acima, o lobo gigante lambia o rosto de Bran.

Bran ergueu os olhos calmamente.

– O nome dele é Verão – ele disse.

# Catelyn

—Chegaremos a Porto Real dentro de uma hora.

Catelyn afastou-se da amurada e forçou-se a sorrir.

– Seus remadores trabalharam bem por nós, capitão. Cada um receberá um veado de prata, em sinal de minha gratidão.

Capitão Moreo Tumitis concedeu-lhe uma meia reverência.

– É demasiado generosa, Senhora Stark. A honra de transportar uma grande senhora como você é toda a recompensa de que necessitam.

– Mesmo assim receberão a prata.

Moreo sorriu.

– Como desejar – falava a língua comum fluentemente, com não mais que um ligeiro sinal de sotaque tyroshi. Dissera-lhe que já percorria o mar estreito havia trinta anos, como remador, contramestre e, finalmente, capitão de suas próprias galés comerciais. O *Dançarino da Tempestade* era seu quarto navio, e o mais rápido, uma galé de dois mastros e sessenta remos.

Fora certamente o mais rápido dos navios disponíveis em Porto Branco quando Catelyn e Sor Rodrik Cassel chegaram de seu impetuoso galope ao longo do rio. Os tyroshis eram célebres por sua avareza, e Sor Rodrik argumentara em favor de contratarem uma corveta de pesca vinda das Três Irmãs, mas Catelyn insistira na galé. Ainda bem. Os ventos tinham soprado contrários durante a maior parte da viagem, e sem os remos da galé ainda estariam tentando ultrapassar os Dedos, em vez de deslizarem em direção a Porto Real e ao fim da travessia.

*Tão perto*, pensou. Sob as ataduras de linho, seus dedos ainda latejavam nos lugares onde o punhal penetrara. Catelyn sentia a dor como seu chicote, que existia para que não esquecesse. Não conseguia dobrar os últimos dois dedos da mão esquerda, e os outros nunca mais seriam destros. Mas era um preço bem pequeno a pagar pela vida de Bran.

Sor Rodrik escolheu aquele momento para aparecer no convés.

– Meu bom amigo – disse Moreo através da barba verde e bifurcada. Os tyroshis adoravam cores vivas, mesmo nos pelos faciais. – É tão bom vê-lo com melhor aspecto.

– Sim – concordou Sor Rodrik. – Já há quase dois dias que não desejo morrer – fez uma reverência a Catelyn. – Minha senhora.

E *estava* com melhor aspecto. Um pouco mais magro do que era quando partiram de Porto Branco, mas quase ele próprio de novo. Os ventos fortes da Dentada e a dureza do mar estreito não se conjugavam com ele, e quase fora atirado borda afora quando a tempestade os apanhara inesperadamente ao largo de Pedra do Dragão, mas de algum modo conseguira agarrar-se a uma corda, até que três dos homens de Moreo conseguiram salvá-lo e o levaram em segurança para o interior do navio.

– O capitão acaba de me dizer que a nossa viagem está quase no fim – disse ela.

Sor Rodrik conseguiu lhe dar um sorriso fatigado.

– Tão depressa? – parecia estranho sem as grandes suíças brancas; de certo modo menor, menos feroz e dez anos mais velho. Mas na Dentada parecera prudente submetê-las à navalha de um tripulante depois de terem se sujado irremediavelmente, pela terceira vez, quando ele se inclinou sobre a amurada para vomitar contra os turbilhões de vento.

– Vou deixá-los discutindo seus assuntos – disse o capitão Moreo. Fez uma reverência e afastou-se.

A galé deslizava sobre a água como uma libélula, com os remos subindo e descendo em perfeita cadência. Sor Rodrik apoiou-se na amurada e observou a costa que ia passando.

– Não tenho sido o mais valente dos protetores.

Catelyn tocou-lhe o braço.

– Estamos aqui, Sor Rodrik, e em segurança. É tudo que realmente importa – sua mão tateou sob o manto, com os dedos rígidos e desajeitados. Ainda trazia o punhal junto a si. Descobrira que precisava tocá-lo de vez em quando para se tranquilizar. – Agora temos de encontrar o mestre de armas do rei e rezar para que ele seja de confiança.

– Sor Aron Santagar é um homem vaidoso, mas honesto – a mão de Sor Rodrik subiu ao rosto para afagar as suíças e descobriu uma vez mais que

elas tinham desaparecido. Pareceu atrapalhado. – Ele pode conhecer a lâmina, sim… mas, minha senhora, no momento em que desembarcarmos, ficaremos desprotegidos. E há quem, na corte, a reconheça à primeira vista.

A boca de Catelyn comprimiu-se.

– Mindinho – murmurou. Seu rosto surgiu-lhe diante dos olhos; um rosto de rapaz, embora já não o fosse. Seu pai morrera havia vários anos, e ele era agora Lorde Baelish, mas ainda o chamavam Mindinho. O irmão de Catelyn, Edmure, dera-lhe esse apelido, havia muito tempo, em Correrrio. Os modestos domínios da família de Petyr ficavam no menor dos Dedos, e ele tinha sido baixo e magro para sua idade.

Sor Rodrik limpou a garganta.

– Uma vez, Lorde Baelish, ah… – seu pensamento partiu, incerto, em busca das palavras delicadas. Mas Catelyn parecia buscar mais que delicadeza.

– Ele foi protegido de meu pai. Crescemos juntos em Correrrio. Eu pensava nele como um irmão, mas seus sentimentos por mim eram… mais do que fraternais. Quando foi anunciado que eu deveria me casar com Brandon Stark, Petyr lançou um desafio pelo direito à minha mão. Era uma loucura. Brandon tinha vinte anos, Petyr, pouco mais de quinze. Tive de suplicar a Brandon que poupasse a vida de Petyr. Mas ele o deixou com uma cicatriz. Depois disso, meu pai o mandou embora. Nunca mais o vi – ergueu o rosto contra os borrifos das ondas, como se o vento fresco pudesse levar as recordações para longe. – Escreveu-me quando eu estava em Correrrio, depois de Brandon ser morto, mas queimei a carta sem ler. Já sabia que Ned se casaria comigo no lugar do irmão.

Os dedos de Sor Rodrik tatearam uma vez mais em busca das suíças inexistentes.

– Hoje Mindinho tem assento no pequeno conselho.

– Eu sabia que ele iria longe – disse Catelyn. – Sempre foi inteligente, mesmo ainda rapaz, mas uma coisa é ser inteligente, e outra é ser sábio. Pergunto a mim mesma o que os anos lhe terão feito.

Bem acima de suas cabeças, os vigias cantaram do topo das velas. Capitão Moreo precipitou-se pelo convés, dando ordens, e o *Dançarino*

*da Tempestade* rebentou numa atividade frenética enquanto Porto Real surgia à vista, em cima de suas três grandes colinas.

Catelyn sabia que trezentos anos antes aquelas elevações estavam cobertas por florestas, e só um punhado de pescadores vivia na margem norte do Torrente da Água Negra, onde esse rio rápido e profundo desaguava no mar. Então, Aegon, o Conquistador, zarpara de Pedra do Dragão. Fora ali que seu exército desembarcara, e no topo da colina mais alta construíra seu primeiro e rústico baluarte de madeira e terra.

Agora a cidade cobria a costa até tão longe quanto Catelyn conseguia ver; mansões, caramanchões e celeiros, armazéns feitos de tijolo e estalagens e estábulos comerciais de madeira, tabernas, cemitérios e bordéis, tudo empilhado, uns edifícios sobre os outros. Mesmo àquela distância, conseguia ouvir o clamor do mercado de peixe. Entre os edifícios, estendiam-se estradas largas debruadas de árvores, sinuosas ruas vazias e vielas tão estreitas que dois homens não poderiam nelas caminhar lado a lado. A colina de Visenya estava coroada pelo Grande Septo de Baelor, com suas sete torres de cristal. Do outro lado da cidade, na colina de Rhaenys, erguiam-se os muros enegrecidos do Poço dos Dragões, com sua enorme cúpula em ruínas, as portas de bronze fechadas havia já um século. A Rua das Irmãs corria entre os dois edifícios, reta como uma seta. As muralhas da cidade erguiam-se a distância, altas e fortes.

Uma centena de desembarcadouros cobria a margem da cidade, e o porto estava repleto de navios. Barcos de pesca de águas profundas e correios do rio chegavam e partiam, barqueiros remavam de um lado para o outro no Torrente da Água Negra, galés comerciais descarregavam produtos vindos de Bravos, Pentos e Lys. Catelyn espiou a ornamentada barcaça da rainha, amarrada ao lado de um gordo baleeiro vindo do Porto de Ibben, com o casco enegrecido de piche, enquanto a montante uma dúzia de esbeltos navios de guerra dourados repousava em suas docas, com as velas enroladas e os cruéis esporões de ferro a afagar a água.

E acima de tudo, lançando um olhar carrancudo da grande colina de Aegon, estava a Fortaleza Vermelha, sete enormes torres cilíndricas coroadas por baluartes de ferro, um imenso e sombrio contraforte, salões abobadados e pontes cobertas, casernas, masmorras e celeiros, maciças muralhas de barragem cravejadas de guaritas para arqueiros, tudo

construído de pedra vermelho-clara. Aegon, o Conquistador, ordenara sua construção. Seu filho, Maegor, o Cruel, a completara. E depois exigira a cabeça de todos os pedreiros, carpinteiros e construtores que nela trabalharam. Jurara que só o sangue do dragão podia conhecer os segredos da fortaleza que os Senhores do Dragão tinham construído.

E, no entanto, os estandartes que agora esvoaçavam em suas ameias eram dourados, não negros, e onde o dragão de três cabeças antes exalara fogo, agora curveteava o veado coroado da Casa Baratheon.

Um navio de grandes mastros das Ilhas do Verão estava saindo do porto com suas enormes velas brancas. O *Dançarino da Tempestade* passou por ele, aproximando-se firmemente da costa.

– Minha senhora – disse Sor Rodrik –, enquanto estive acamado, planejei a melhor forma de proceder. Não deve entrar no castelo. Eu irei em seu lugar e trarei Sor Aron até algum lugar seguro.

Ela estudou o velho cavaleiro enquanto a galé se aproximava do cais. Moreo gritava no valiriano vulgar das Cidades Livres.

– Correrá tantos riscos quanto eu.

Sor Rodrik sorriu.

– Julgo que não. Há pouco olhei meu reflexo na água e quase não me reconheci a mim mesmo. Minha mãe foi a última pessoa a me ver sem suíças, e está morta há quarenta anos. Acredito que estou suficientemente seguro, minha senhora.

Moreo berrou uma ordem. Como se fossem um único, sessenta remos ergueram-se do rio, depois inverteram a rotação, e caíram. A galé perdeu velocidade. Outro grito. Os remos deslizaram para dentro do casco. No momento em que o navio esbarrava na doca, marinheiros tyroshis saltaram para terra a fim de amarrá-lo. Moreo aproximou-se em grande azáfama, todo sorrisos.

– Porto Real, minha senhora, tal como havia ordenado, e nunca nenhum navio fez viagem mais rápida e segura. Necessitará de assistência no transporte de suas coisas para o castelo?

– Não vamos para o castelo. Talvez possa me sugerir uma estalagem, um lugar limpo e confortável, e não muito longe do rio.

O tyroshi passou os dedos pela barba verde e bifurcada.

– Com certeza. Conheço vários estabelecimentos que podem lhe convir. Mas primeiro, se me permite a ousadia, há o assunto da segunda

parte do pagamento que combinamos. E, bem entendido, a prata extra que teve a bondade de prometer. Sessenta veados, julgo que era esse o montante.

– Para os remadores – lembrou-lhe Catelyn.

– Ah, com certeza – disse Moreo. – Embora eu talvez deva guardá-los para eles até regressarmos a Tyrosh. Para o bem de suas esposas e filhos. Se a prata lhes for dada aqui, minha senhora, irão perdê-la para os dados ou gastá-la por completo numa noite de prazer.

– Há coisas piores em que gastar dinheiro – interveio Sor Rodrik. – O inverno está chegando.

– Um homem deve fazer suas próprias escolhas – disse Catelyn. – Eles ganharam a prata. Como a gastam não me diz respeito.

– Como desejar, minha senhora – respondeu Moreo, fazendo uma reverência e sorrindo.

Para se assegurar de que o dinheiro chegaria ao destino, Catelyn pagou ela mesma aos remadores, um veado para cada homem e uma moeda de cobre para os dois homens que transportaram suas arcas até o meio da encosta de Visenya, onde ficava a estalagem que Moreo sugerira. Era um velho edifício de perfil irregular que se erguia na Viela das Enguias. A dona era uma velha enrugada com um olho preguiçoso, que os mirou com suspeita e mordeu a moeda que Catelyn lhe ofereceu a fim de se certificar de que era verdadeira. Mas seus quartos eram grandes e arejados, e Moreo jurava que seu guisado de peixe era o mais saboroso em todos os Sete Reinos. O melhor de tudo era que não tinha nenhum interesse em seus nomes.

– Julgo ser melhor que se mantenha afastada da sala comum – disse Sor Rodrik, depois de terem se instalado. – Mesmo num lugar como este, nunca se sabe quem pode estar à espreita – usava cota de malha, um punhal e uma espada sob um manto escuro com capuz que podia puxar sobre a cabeça. – Estarei de volta antes de cair a noite com Sor Aron – prometeu. – Agora descanse, minha senhora.

Catelyn *estava* cansada. A viagem fora longa e fatigante, e já não era tão jovem. As janelas de seu quarto davam para a viela e para telhados, com uma vista do Água Negra por cima deles. Observou Sor Rodrik partir e caminhar em passo vivo pelas ruas movimentadas até se perder

na multidão, e depois decidiu seguir seu conselho. O colchão era de palha, não de penas, mas não teve dificuldade em adormecer.

Acordou com uma batida na porta.

Catelyn sentou-se de repente. Da janela viam-se os telhados de Porto Real, vermelhos à luz do sol poente. Dormira durante mais tempo do que planejara. Um punho voltou a martelar na porta e uma voz gritou:

– Abra, em nome do rei.

– Um momento – ela gritou. Envolveu-se no manto. O punhal encontrava-se sobre a mesa de cabeceira. Agarrou-o antes de destrancar a pesada porta de madeira.

Os homens que entraram no quarto usavam a cota de malha negra e o manto dourado da Patrulha da Cidade. Seu líder sorriu ao ver o punhal na mão de Catelyn e disse:

– Não há necessidade disso, minha senhora. Temos ordens de escoltá-la até o castelo.

– Sob autoridade de quem? – ela perguntou.

Ele lhe mostrou uma fita. Catelyn sentiu que sua respiração estava presa na garganta. O selo era um tejo, em cera cinzenta.

– Petyr – disse. Tão depressa. Algo devia ter acontecido a Sor Rodrik. Olhou para o chefe dos guardas: – Sabe quem eu sou?

– Não, senhora – disse ele. – O Senhor Mindinho só disse para levá-la até ele, e evitar que seja maltratada.

Catelyn assentiu.

– Pode esperar lá fora enquanto me visto.

Lavou as mãos na bacia e enrolou-as em linho limpo. Sentiu os dedos grossos e desajeitados enquanto lutava para atar o corpete e prender um pesado manto marrom em torno do pescoço. Como Mindinho descobrira que estava ali? Sor Rodrik nunca lhe diria. Podia ser velho, mas era teimoso e impecavelmente leal. Teriam chegado tarde demais? Teriam os Lannister chegado a Porto Real antes deles? Não. Se fosse isso, Ned também estaria ali, e sem dúvida que viria vê-la. Como...?

Então pensou: *Moreo*. O maldito tyroshi sabia quem eles eram e onde estavam. Catelyn esperava que o homem tivesse obtido um bom preço pela informação.

Tinham lhe trazido um cavalo. Os candeeiros estavam sendo acesos ao longo das ruas por que caminhavam e Catelyn sentiu os olhos da cidade

postos nela enquanto avançava, rodeada pelos guardas de manto dourado. Quando chegaram à Fortaleza Vermelha, a porta levadiça estava abaixada e os grandes portões trancados para a noite, mas as janelas do castelo mostravam-se vivas com luzes tremeluzentes. Os guardas deixaram as montarias fora da muralha e escoltaram-na por uma estreita porta lateral, e depois ao longo de uma infinidade de degraus até uma torre.

Ele estava sozinho na sala, sentado a uma pesada mesa de madeira, com uma candeia de azeite a seu lado enquanto escrevia. Quando a introduziram no aposento, pousou a pena e olhou-a.

– Cat – disse em voz baixa.

– Por que motivo fui trazida aqui dessa maneira?

Ele se levantou e fez um gesto brusco para os guardas.

– Deixem-nos – os homens partiram. – Não foi maltratada, espero – disse, depois de os outros terem saído. – Dei instruções firmes – reparou nas ataduras. – Suas mãos…

Catelyn ignorou a pergunta implícita.

– Não estou habituada a ser convocada como uma meretriz – disse com voz gelada. – Quando rapaz sabia o que significava cortesia.

– Eu a aborreci, minha senhora. Essa nunca foi minha intenção – parecia arrependido. A expressão trouxe a Catelyn vivas memórias. Fora uma criança maliciosa, mas depois de suas travessuras parecia sempre arrependido; era um dom que possuía. Os anos não o tinham mudado muito. Petyr tinha sido um rapaz pequeno, e crescera até transformar-se num homem pequeno, quatro ou cinco centímetros mais baixo que Catelyn, esbelto e rápido, com as feições inteligentes que ela recordava e os mesmos olhos risonhos cinza-esverdeados. Usava agora uma pequena barbicha pontiaguda, e tinha traços de prata nos cabelos escuros, embora ainda não tivesse trinta anos. Combinavam bem com o tejo de prata que prendia ao manto. Mesmo quando criança, sempre gostara de sua prata.

– Como soube que eu estava na cidade? – ela perguntou.

– Lorde Varys sabe tudo – disse Petyr com um sorriso malicioso. – Ele se juntará a nós em breve, mas eu quis vê-la a sós primeiro. Foi há tanto tempo, Cat. Quantos anos?

Catelyn ignorou a familiaridade do homem. Havia perguntas mais importantes.

– Então foi a Aranha do Rei que me encontrou.

Mindinho encolheu-se.

– Não deve chamá-lo assim. Ele é muito sensível. Imagino que por ser um eunuco. Nada acontece nesta cidade sem que Varys fique sabendo. Por vezes, ele sabe das coisas *antes* de elas acontecerem. Tem informantes por todo lado. Chama-os de seus passarinhos. Um de seus passarinhos ouviu falar de sua visita. Felizmente, Varys veio falar comigo primeiro.

– Por que você?

Ele encolheu os ombros.

– E por que não? Sou o mestre da moeda, o conselheiro do rei. Selmy e Lorde Renly foram para o Norte ao encontro de Robert, e Lorde Stannis partiu para Pedra do Dragão, deixando só Meistre Pycelle e eu. Era a escolha óbvia. Sempre fui amigo de sua irmã Lysa, e Varys sabe disso.

– Saberá Varys sobre…

– Lorde Varys sabe tudo… exceto o motivo de estar aqui – ergueu uma sobrancelha. – E por que motivo *está* aqui?

– É permitido a uma esposa ansiar pelo marido, e se uma mãe precisar das filhas por perto, quem lhe negará isso?

Mindinho soltou uma gargalhada.

– Ah, muito bem, minha senhora, mas com certeza não espera que eu acredite nisso. Conheço-a bem demais. Como era o lema dos Tully?

A garganta dela estava seca.

– *Família, Dever, Honra* – recitou rigidamente. Ele de fato a conhecia bem demais.

– Família, Dever, Honra – repetiu ele. – E todas essas coisas requeriam que tivesse permanecido em Winterfell, onde a nossa Mão a deixou. Não, minha senhora, algo aconteceu. Esta sua súbita viagem sugere certa urgência. Suplico-lhe, deixe-me ajudar. Os velhos amigos íntimos nunca deveriam hesitar em apoiar-se uns nos outros – ouviu-se uma suave batida na porta. – Entre – disse Mindinho em voz alta.

O homem que atravessou a porta era roliço, perfumado, empoado e tão desprovido de cabelos como um ovo. Trajava uma veste de fio de ouro trançado sobre um vestido largo de seda púrpura e, nos pés, trazia chinelos pontiagudos de suave veludo.

– Senhora Stark – disse, tomando-lhe uma mão nas suas –, vê-la de novo após tantos anos é uma grande alegria – sua pele era mole e úmida,

e o hálito cheirava a lilases. – Ah, suas pobres mãos. Queimaduras, querida senhora? Os dedos são tão delicados… Nosso bom Meistre Pycelle faz um bálsamo maravilhoso, mando buscar um jarro?

Catelyn puxou a mão.

– Agradeço-lhe, senhor, mas meu Meistre Luwin já tratou de minhas dores.

Varys inclinou a cabeça.

– Fiquei atrozmente triste quando soube do que aconteceu ao seu filho. E ele é tão jovem. Os deuses são cruéis.

– Nisso concordamos, Senhor Varys – ela disse. O título não passava de uma cortesia que lhe era devida por ser membro do conselho; Varys não era senhor de coisa nenhuma, exceto da teia de aranha; mestre de ninguém, exceto de seus segredos.

O eunuco estendeu as mãos macias.

– Em mais do que isso, espero eu, querida senhora. Tenho grande estima por seu marido, nossa nova Mão, e sei que ambos amamos o Rei Robert.

– Sim – foi forçada a dizer. – Com certeza.

– Nunca um rei foi tão amado como o nosso Robert – observou Mindinho, sorrindo maliciosamente. – Pelo menos ao alcance dos ouvidos do Senhor Varys.

– Minha boa senhora – disse Varys com grande solicitude. – Há homens nas Cidades Livres com assombrosos poderes curativos. Basta que me diga uma palavra e mandarei chamar um para o seu querido Bran.

– Meistre Luwin está fazendo tudo que pode ser feito por Bran – ela informou. Não queria falar de Bran, não ali, não com aqueles homens. Confiava apenas um pouco em Mindinho, e absolutamente nada em Varys. Não queria deixá-los ver sua dor. – Lorde Baelish disse-me que é a você que devo agradecer por me trazerem até aqui.

Varys soltou um risinho de moça.

– Ah, sim. Suponho que sou culpado. Espero que me perdoe, bondosa senhora – instalou-se numa cadeira e juntou as mãos. – Pergunto a mim mesmo se podemos incomodá-la pedindo que nos mostre o punhal?

Catelyn Stark fitou o eunuco com uma descrença atordoada. Ele *era* uma aranha, pensou precipitadamente, um encantador, ou coisa pior. Sabia coisas que ninguém poderia de modo algum saber, a não ser que…

– O que fez a Sor Rodrik?

Mindinho tinha perdido o fio da meada.

– Sinto-me como o cavaleiro que chega ao campo de batalha sem sua lança. De que punhal estamos falando? Quem é Sor Rodrik?

– Sor Rodrik Cassel é mestre de armas em Winterfell – Varys respondeu. – Asseguro-lhe, Senhora Stark, que absolutamente nada foi feito ao bom cavaleiro. Ele veio até aqui esta tarde. Visitou Sor Aron Santagar no armeiro, e conversaram sobre um certo punhal. Por volta do pôr do sol, saíram juntos do castelo e dirigiram-se àquele pavoroso casebre onde estão alojados. Ainda estão lá, bebendo na sala de estar, à espera de seu regresso. Sor Rodrik ficou muito aflito quando não a encontrou lá.

– Como pode saber tudo isso?

– Os sussurros de passarinhos – disse Varys, sorrindo. – Eu sei coisas, querida senhora. É essa a natureza dos meus serviços – encolheu os ombros. – *Tem* o punhal com você, não é?

Catelyn puxou-o de dentro do manto e o atirou em cima da mesa à frente dele.

– Aqui está. Talvez seus passarinhos possam segredar o nome do homem a quem pertence.

Varys ergueu a faca com uma delicadeza exagerada e percorreu-lhe o gume com o polegar. Jorrou sangue, e ele deixou escapar um guincho e largou o punhal sobre a mesa.

– Cuidado – disse-lhe Catelyn –, é afiado.

– Nada mantém o gume como o aço valiriano – disse Mindinho enquanto Varys sugava o polegar ferido e lançava a Catelyn um olhar de carrancuda advertência. Mindinho sopesou a faca com ligeireza, sentindo-a. Atirou-a ao ar, e voltou a apanhá-la com a outra mão. – Que belo equilíbrio. Quer encontrar o dono, é esse o motivo desta visita? Não há necessidade de Sor Aron para isso, minha senhora. Devia ter me procurado.

– E se o tivesse feito – disse ela –, o que me teria dito?

– Teria dito que só existe uma faca como esta em Porto Real – pegou na lâmina com o polegar e o indicador, ergueu-a sobre o ombro e atirou-a pela sala com uma torção hábil de pulso. O punhal atingiu a porta e

enterrou-se profundamente na madeira de carvalho, estremecendo. – É minha.

– *Sua?* – não fazia sentido. Petyr não estivera em Winterfell.

– Até o torneio no dia do nome de Príncipe Joffrey – disse ele, atravessando a sala para arrancar o punhal da madeira. – Apostei em Sor Jaime na justa, tal como metade da corte – o sorriso acanhado de Petyr fazia-o parecer meio rapaz de novo. – Quando Loras Tyrell o fez cair do cavalo, muitos de nós ficamos um nadinha mais pobres. Sor Jaime perdeu cem dragões de ouro, a rainha perdeu um pendente de esmeralda, e eu perdi a minha faca. Sua Graça obteve a esmeralda de volta, mas o vencedor ficou com o resto.

– *Quem?* – Catelyn exigiu saber, com a boca seca de medo. Seus dedos latejavam de dor.

– O Duende – disse Mindinho, enquanto Lorde Varys observava o rosto dela. – Tyrion Lannister.

# Jon

O pátio ressoava com a canção das espadas.

Sob a lã negra, o couro fervido e a cota de malha, o suor corria gelado pelo peito de Jon, enquanto ele pressionava o ataque. Grenn cambaleava para trás, defendendo-se de forma desajeitada. Quando ergueu a espada, Jon fez passar por baixo dela um golpe circular que se esmagou contra a parte de trás da perna do outro rapaz e o deixou mancando. À estocada baixa de Grenn respondeu com um golpe de cima que lhe abriu um corte no elmo. Quando o outro tentou um golpe lateral, Jon afastou sua lâmina e atingiu-lhe o peito com o braço envolto em cota de malha. Grenn desequilibrou-se e caiu com força, de traseiro na neve. Jon arrancou-lhe a espada dos dedos com um golpe no pulso que o fez gritar de dor.

– Basta! – a voz de Sor Alliser Thorne tinha um gume que parecia feito de aço valiriano.

Grenn agarrou-se à mão.

– O bastardo quebrou meu pulso.

– O bastardo o cortou, abriu-lhe esse crânio vazio e decepou-lhe a mão. Ou o teria feito, se essas lâminas tivessem gume. É sorte sua que a Patrulha precise tanto de moços de estrebaria como de patrulheiros – Sor Alliser fez um gesto para Jeren e para o Sapo. – Ponham o Auroque em pé, que ele tem preparativos funerários a fazer.

Jon tirou o elmo enquanto os outros rapazes puxavam Grenn. Sentir o ar gelado da manhã no rosto lhe fez bem. Apoiou-se na espada, inspirou profundamente e permitiu-se um momento para saborear a vitória.

– Isso é uma espada, não a bengala de um velho – repreendeu-o Sor Alliser com voz penetrante. – Suas pernas doem, Lorde Snow?

Jon odiava aquele nome, uma zombaria que Sor Alliser pendurara nele no primeiro dia em que viera treinar. Os rapazes tinham-no adotado e agora o ouvia por todo lado. Enfiou a espada na bainha.

– Não – respondeu.

Thorne caminhou em sua direção, com o duro couro negro sussurrando levemente enquanto se movia. Era um homem compacto de cinquenta anos, seco e duro, com algum cinza nos cabelos negros e olhos que eram como lascas de ônix.

– Agora a verdade – ordenou.

– Estou cansado – Jon admitiu. Seu braço ardia por causa do peso da longa espada, e agora que a luta tinha acabado começava a sentir as contusões.

– Você é fraco.

– Ganhei.

– Não. O Auroque perdeu.

Um dos rapazes soltou um risinho abafado. Jon sabia que era melhor não responder. Vencera todos os que Sor Alliser enviara para lutar contra ele, mas nada ganhara com isso. O mestre de armas só oferecia escárnio. Thorne o odiava, concluíra Jon; e, claro, odiava ainda mais os outros rapazes.

– Chega – disse-lhes Thorne. – Não suporto mais que certa quantidade de inépcia por dia. Se os Outros alguma vez nos atacarem, rezo para que tenham arqueiros, porque vocês só servem para alvos de palha.

Jon seguiu os outros de volta ao armeiro, caminhando sozinho. Ali caminhava solitário com frequência. Havia quase vinte rapazes no grupo com quem treinava, mas a nenhum podia chamar de amigo. A maior parte deles era dois ou três anos mais velho, mas nenhum chegava a ser sequer metade do lutador que Robb fora aos catorze anos. Dareon era rápido, mas tinha medo de ser atingido. Pyp usava a espada como um punhal, Jeren era fraco como uma mulher e Grenn, lento e desastrado. Os golpes de Halder eram brutalmente duros, mas atirava-se diretamente aos ataques do adversário. Quanto mais tempo passava com eles, mais Jon os desprezava.

No armeiro, Jon pendurou a espada e a bainha num gancho na parede de pedra, ignorando os outros à sua volta. Metodicamente, começou a despir a cota de malha, o couro e as lãs encharcadas de suor. Bocados de carvão ardiam em braseiros de ferro em ambas as extremidades da longa sala, mas Jon começou a tremer. Ali, o frio o acompanhava sempre. Dentro de alguns anos iria se esquecer de como era sentir-se quente.

O cansaço o atingiu subitamente enquanto vestia os grosseiros tecidos negros que eram seu vestuário de todos os dias. Sentou-se num banco, brincando com as ataduras do manto. Tanto frio, pensou, recordando os salões de Winterfell, onde as águas quentes corriam pelas paredes como sangue pelo corpo de um homem. Pouco calor podia ser encontrado em Castelo Negro; ali, as paredes eram frias, e as pessoas, mais frias ainda.

Ninguém lhe dissera que a Patrulha da Noite seria assim; ninguém, exceto Tyrion Lannister. O anão oferecera-lhe a verdade na estrada para o Norte, mas então já era tarde demais. Jon perguntava a si mesmo se o pai saberia como era a Muralha. Achava que tinha de saber; e isso só aumentava sua dor.

Até o tio o abandonara naquele lugar frio no fim do mundo. Ali, o genial Benjen Stark que conhecia se transformara numa pessoa diferente. Era Primeiro Patrulheiro, e passava os dias e as noites com o Senhor Comandante Mormont, o Meistre Aemon e os outros altos oficiais, ao passo que Jon fora entregue ao comando bem pouco afável de Sor Alliser Thorne.

Três dias depois da chegada, Jon ouvira dizer que Benjen Stark ia levar meia dúzia de homens numa patrulha pela Floresta Assombrada. Naquela noite, procurou o tio na grande sala de estar de madeira e pediu para ir com ele. Benjen recusou rudemente.

– Aqui não é Winterfell – disse-lhe, enquanto cortava a carne com um garfo e o punhal. – Na Muralha, um homem só obtém aquilo que ganha. Você não é um patrulheiro, Jon, não passa de um rapaz verde ainda cheirando a verão.

Estupidamente, Jon argumentou:

– Farei quinze anos no dia do meu nome. Quase um homem-feito.

Benjen Stark franziu a sobrancelha.

– É e será um rapaz até que Sor Alliser diga que está apto para ser um homem da Patrulha da Noite. Se pensava que seu sangue Stark lhe traria favores fáceis, enganou-se. Quando fazemos nossos votos, deixamos de lado as velhas famílias. Seu pai terá sempre um lugar no meu coração, mas meus irmãos agora são *estes* – indicou com o punhal os homens que os rodeavam, todos eles duros, frios e vestidos de negro.

Jon levantou-se de madrugada para assistir à partida do tio. Um de seus homens, grande e feio, cantava uma canção obscena enquanto selava um

pequeno mas forte cavalo, com a respiração formando nuvens no ar frio da manhã. Ben Stark sorriu ao ouvi-lo, mas não teve sorrisos para o sobrinho.

– Quantas vezes terei de lhe dizer que não, Jon? Conversaremos quando eu regressar.

Enquanto observava o tio levar o cavalo para o túnel, Jon recordara as coisas que Tyrion Lannister lhe dissera na estrada do rei, e vira, com o olho da mente, Ben Stark morto, com o sangue vermelho na neve. O pensamento lhe provocou náusea. Em que estava se transformando? Mais tarde, procurou Fantasma na solidão da cela e enterrou o rosto nos espessos pelos brancos do animal.

Se tinha de permanecer sozinho, faria da solidão sua armadura. Castelo Negro não possuía um bosque sagrado, apenas um pequeno septo e um septão bêbado, mas Jon não sentia vontade de rezar a deuses, fossem velhos ou novos. Se existissem, pensava, eram tão cruéis e implacáveis como o inverno.

Tinha saudade de seus verdadeiros irmãos: o pequeno Rickon, com os olhos inteligentes brilhando enquanto suplicava um doce; Robb, seu rival, melhor amigo e constante companheiro; Bran, teimoso e curioso, sempre querendo seguir Jon e Robb e juntar-se ao que quer que fosse que estivessem fazendo. Também sentia falta das meninas, até de Sansa, que nunca o chamava de outra coisa a não ser "o meu meio-irmão", pois já tinha idade para saber o que *bastardo* queria dizer. E Arya… tinha ainda mais saudades dela que de Robb, aquela coisinha magricela, sempre de joelhos esfolados, cabelos emaranhados e roupas rasgadas, feroz e voluntariosa. Arya nunca parecera ajustada, nunca mais do que ele… mas sempre conseguia fazer Jon sorrir. Daria qualquer coisa para estar com ela agora, despentear-lhe os cabelos uma vez mais e observá-la fazer uma careta, ouvi-la terminar uma frase com ele.

– Quebrou meu pulso, bastardo.

Jon ergueu os olhos ao ouvir a voz carrancuda. Grenn erguia-se a seu lado, de pescoço grosso e rosto vermelho, com três dos amigos atrás dele. Reconheceu Todder, um rapaz baixo e feio, com uma voz desagradável. Todos os recrutas o chamavam Sapo. Lembrou-se de que os outros dois tinham sido trazidos por Yoren, violadores apanhados nos Dedos. Esquecera-se de seus nomes. Quase nunca falava com eles, exceto

quando não podia evitar. Eram brutos e rufiões, sem um resquício de honra.

Jon ergueu-se.

– E quebro-lhe o outro se pedir com jeitinho – Grenn tinha dezesseis anos e era uma cabeça mais alto que Jon. Todos os quatro eram mais altos que ele, mas não o assustavam. Batera em todos no pátio.

– Se nos for conveniente, podemos quebrar você – disse um dos violadores.

– Tentem – Jon puxou a mão para trás em busca da espada, mas um deles agarrou-lhe o braço e torceu-o atrás das costas.

– Você nos faz parecer maus – queixou-se Sapo.

– Você já parecia mau antes de conhecê-lo – disse-lhe Jon. O rapaz que agarrava seu braço deu-lhe um puxão para cima, com força. A dor o atingiu, mas Jon não queria gritar.

Sapo aproximou-se.

– O fidalgote tem boa boca – disse. Tinha olhos de porco, pequenos e brilhantes. – É a boca da sua mamãe, bastardo? O que ela era, alguma puta? Diga-nos seu nome. Talvez eu a tenha possuído uma vez ou duas – e riu.

Jon retorceu-se como uma enguia e esmagou um calcanhar no peito do pé do rapaz que o segurava. Ouviu-se um grito de dor, e Jon se livrou. Saltou sobre Sapo, atirou-o para trás por cima de um banco e pisou sobre seu peito, prendendo-lhe a garganta com ambas as mãos, e batendo a cabeça dele na terra batida.

Os dois dos Dedos puxaram-no, atirando-o rudemente ao chão. Grenn começou a dar-lhe pontapés. Jon rolava, tentando afastar-se dos golpes, quando uma voz trovejante soou na obscuridade do armeiro.

– PAREM COM ISTO *JÁ*!

Jon se levantou. Donal Noye os olhava furioso.

– O local das lutas é o pátio – disse o armeiro. – Mantenham suas disputas longe do meu armeiro, ou as transformarei em *minhas* disputas. Não gostariam que isso acontecesse.

Sapo sentou-se no chão, tateando a nuca com cuidado. Os dedos voltaram cheios de sangue.

– Ele tentou me matar.

– Verdade. Eu vi – interveio um dos violadores.

– Quebrou o meu pulso – disse de novo Grenn, mostrando-o a Noye.

O armeiro deu ao pulso o mais breve dos olhares.

– Uma contusão. Talvez uma entorse. Meistre Aemon lhe dará um unguento. Vai com ele, Sapo, essa cabeça precisa ser tratada. Os outros voltem às celas. Você não, Snow. Você fica.

Jon sentou-se pesadamente no longo banco de madeira enquanto os outros saíam, indiferente aos olhares dos outros, às promessas silenciosas de futuras desforras. Sentia seu braço latejar.

– A Patrulha necessita de todos os homens que consiga arranjar – disse Donal Noye quando ficaram a sós. – Mesmo de homens como o Sapo. Não ganhará honrarias se matá-lo.

A ira de Jon relampejou.

– Ele disse que minha mãe era…

– … uma puta. Eu ouvi. E daí?

– Lorde Eddard Stark não é homem de dormir com putas – disse Jon em tom gelado. – Sua honra…

– … não o impediu de ser pai de um bastardo. Não é?

Jon estava gelado de raiva.

– Posso ir?

– Vai quando eu disser para ir.

Jon observou carrancudo a fumaça erguendo-se do braseiro, até que Noye lhe tomou o queixo, com dedos grossos que lhe viraram a cabeça.

– Olhe para mim quando falo com você, rapaz.

Jon olhou. O armeiro tinha um peito que era como uma barrica de cerveja, e um estômago à altura. O nariz era largo e achatado, e parecia estar sempre precisando fazer a barba. A manga esquerda de sua túnica de lã negra estava presa ao ombro com um alfinete de prata em forma de espada.

– As palavras não farão de sua mãe uma puta. Ela era o que era, e nada que Sapo diga pode mudar isso. Sabe, temos homens na Muralha cujas mães *eram* putas.

*A minha mãe não*, pensou Jon, teimosamente. Nada sabia da mãe; Eddard Stark não falava dela. Mas por vezes sonhava com ela, com tanta frequência que quase podia ver seu rosto. Nos sonhos, era bela, bem-nascida e tinha olhos bondosos.

– Você pensa que tem azar por ser bastardo de um grande senhor? – prosseguiu o armeiro. – Aquele rapaz, Jeren, é descendente de um septão, e Cotter Pyke é filho ilegítimo de uma mulher de taberna. Hoje, comanda Atalaialeste do Mar.

– Não me importa – disse Jon. – Não me importo com eles, e não me importo com você ou Thorne ou Benjen Stark ou seja quem for. Detesto isto aqui. É muito… é frio.

– Sim. Frio, duro e miserável, é assim a Muralha e assim são os homens que a percorrem. Nada como as histórias que sua ama de leite te contou. Pois bem, cague nas histórias e cague na sua ama de leite. É assim que as coisas são, e está aqui para a vida toda, tal como o resto de nós.

– Vida – repetiu Jon amargamente. O armeiro podia falar da vida. Tivera uma. Só vestira o negro depois de perder um braço no cerco de Ponta Tempestade. Antes disso, fora ferreiro de Stannis Baratheon, o irmão do rei. Vira os Sete Reinos de uma ponta à outra, gozara de festins e mulheres, e lutara numa centena de batalhas. Dizia-se que fora Donal Noye quem forjara o martelo de batalha do Rei Robert, aquele que esmagara a vida de Rhaegar Targaryen no Tridente. Fizera tudo aquilo que Jon nunca faria, e depois, quando envelheceu, bem para lá dos trinta anos, recebeu um golpe de raspão de um machado, mas a ferida ulcerou até que todo o braço teve de ser amputado. Só então, aleijado, é que Donal Noye viera para a Muralha, quando tinha a vida praticamente acabada.

– Sim, vida – disse Noye. – Uma vida longa, ou curta, é contigo, Snow. Pelo caminho que está seguindo, um de seus irmãos abrirá sua garganta uma noite.

– Eles não são meus irmãos – Jon retorquiu bruscamente. – Odeiam-me porque sou melhor que eles.

– Não. Odeiam-no porque age como se fosse melhor que eles. Olham para você e veem um bastardo educado num castelo que pensa que é um fidalgo – o armeiro se aproximou. – Não é fidalgo nenhum. Lembre-se disso. É um Snow, não um Stark. É um bastardo e um arruaceiro.

– Um *arruaceiro*? – Jon quase se engasgou com a palavra. A acusação era tão injusta que lhe tirou a respiração. – Foram eles que me atacaram. Os quatro.

– Quatro que você humilhou no pátio. Quatro que provavelmente o temem. Vi você lutar. Contigo não há treinos. Um bom gume em sua espada, e eles estão mortos; você sabe, eu sei, eles sabem. Não lhes deixa nada. Envergonha-os. Isso o deixa orgulhoso?

Jon hesitou. Sentia-se orgulhoso quando ganhava. E por que não havia de se sentir? Mas o armeiro também estava lhe tirando isso, tentando convencê-lo de que estava fazendo algo errado.

– Eles são todos mais velhos que eu – disse, defensivamente.

– Mais velhos, maiores e mais fortes, é verdade. Mas aposto que seu mestre de armas em Winterfell o ensinou a lutar contra homens maiores. Quem é ele, algum velho cavaleiro?

– Sor Rodrik Cassel – disse Jon com prudência. Havia ali uma armadilha. Sentia-a fechar-se à sua volta.

Donal Noye inclinou-se para a frente, encarando Jon de perto.

– Pense agora nisto, rapaz. Nenhum dos outros teve alguma vez um mestre de armas até Sor Alliser. Os pais deles eram lavradores, carroceiros e caçadores furtivos, ferreiros, mineiros e remadores numa galé mercantil. O que conhecem da luta aprenderam entre os conveses, nas ruelas de Vilavelha e Lanisporto, em bordéis e tabernas na estrada do rei. Podem ter dado uns golpes com pedaços de madeira antes de chegarem aqui, mas garanto-lhe que nem um em cada vinte foi suficientemente rico para possuir uma espada verdadeira – seu olhar era sombrio. – Então, que lhe parecem agora as suas vitórias, Lorde Snow?

– Não me chame assim! – disse Jon em tom penetrante, mas sua ira perdera força. De repente, sentiu-se envergonhado e culpado. – Eu nunca… não pensei…

– É melhor que comece a pensar – Noye o preveniu. – É isso, ou passar a dormir com um punhal na cabeceira. Agora vá.

Quando Jon saiu do armeiro era quase meio-dia. O sol rompera as nuvens. Virou-lhe as costas e ergueu os olhos para a Muralha, que ardia azul e cristalina à luz do sol. Mesmo depois de todas aquelas semanas, vê-la ainda o fazia arrepiar-se. Séculos de poeira soprada pelo vento tinham-na marcado e polido, cobrindo-a como uma película, e parecia frequentemente ser de um cinza-claro, da cor do céu nublado… mas quando o sol caía sobre ela num dia luminoso, *brilhava*, viva de luz, um colossal penhasco azul-esbranquiçado que enchia metade do céu.

A maior estrutura alguma vez construída por mãos humanas, dissera Benjen Stark a Jon na estrada do rei quando, pela primeira vez, vislumbraram a Muralha a distância. “E, sem a menor dúvida, a mais inútil”, acrescentara Tyrion Lannister com um sorriso, mas até o Duende se remeteu ao silêncio quando se aproximaram. Podia-se vê-la de milhas de distância, uma linha azul-clara ao longo do horizonte norte, estendendo-se para leste e oeste e desaparecendo na distância longínqua, imensa e contínua. *Isto é o fim do mundo*, parecia dizer.

Quando finalmente viram Castelo Negro, suas fortificações de madeira e torres de pedra não pareciam mais que um punhado de blocos de brincar espalhados na neve sob a vasta muralha de gelo. A antiga fortaleza dos irmãos negros não era nenhum Winterfell, nem sequer era um castelo. Sem muralhas, não podia ser defendida, não pelo sul, leste ou oeste; mas era apenas o norte que preocupava a Patrulha da Noite, e para o norte erguia-se a Muralha. Erguia-se a cerca de duzentos metros, três vezes a altura da mais alta torre do forte que defendia. O tio dissera-lhe que o topo era suficientemente largo para que uma dúzia de cavaleiros cavalgassem lado a lado vestidos de armadura. As esguias silhuetas de enormes catapultas e monstruosas gruas de madeira montavam guarda lá em cima, como esqueletos de grandes aves, e entre elas caminhavam homens de negro, pequenos como formigas.

À porta do armeiro, olhando para cima, Jon sentiu-se quase tão esmagado como naquele dia na estrada do rei em que vira a Muralha pela primeira vez. A Muralha era assim. Por vezes quase conseguia se esquecer de que ela estava ali, do mesmo modo que uma pessoa se esquece do céu ou da terra onde pisa, mas havia outros momentos em que parecia que nada mais existia no mundo. Era mais velha que os Sete Reinos, e quando Jon olhava para cima, sentia-se entontecido. Conseguia sentir o enorme peso de todo aquele gelo fazendo pressão sobre ele, como se estivesse prestes a ruir, e de algum modo Jon sabia que se a Muralha caísse, o mundo cairia com ela.

– Faz-nos pensar no que está do outro lado – disse uma voz familiar. Jon olhou em volta.

– Lannister. Não vi… quer dizer, pensei que estivesse sozinho.

Tyrion Lannister estava enrolado em peles tão grossas que parecia um urso muito pequeno.

– Muito se pode dizer em defesa de apanhar as pessoas desprevenidas. Nunca se sabe o que se pode aprender.

– Não aprenderá nada comigo – disse-lhe Jon. Pouco vira o anão desde o fim da viagem. Na qualidade de irmão da rainha, Tyrion Lannister era convidado de honra da Patrulha da Noite. O Senhor Comandante destinara-lhe aposentos na Torre Real – embora, apesar do nome, nenhum rei a tivesse visitado em cem anos –, e Lannister jantava à mesa de Mormont, passava os dias percorrendo a Muralha e as noites jogando dados e bebendo com Sor Alliser, Bowen Marsh e os outros oficiais de alta patente.

– Ah, eu aprendo coisas onde quer que vá – o homenzinho indicou a Muralha com um cajado negro e nodoso. – Como estava dizendo… por que será que quando um homem constrói uma parede, o homem seguinte precisa imediatamente saber o que está do outro lado? – inclinou a cabeça e olhou Jon com seus olhos curiosos e desiguais. – Você *quer* saber o que está do outro lado, não quer?

– Não é nada de especial – disse Jon. Desejava partir com Benjen Stark em suas patrulhas, penetrar profundamente nos mistérios da Floresta Assombrada, desejava lutar com os selvagens de Mance Rayder e defender o reino contra os Outros, mas era melhor não mencionar as coisas que desejava. – Os patrulheiros dizem que é só floresta, montanhas e lagos gelados, com montes de neve e gelo.

– E os gramequins e os *snarks* – disse Tyrion. – Não nos esqueçamos deles, Lorde Snow, caso contrário, para que serve aquela grande coisa?

– Não me chame de Lorde Snow.

O anão ergueu uma sobrancelha.

– Preferiria ser tratado por Duende? Se deixá-los perceber que suas palavras o magoam, nunca se verá livre da troça. Se lhe quiserem atribuir um nome, aceite-o, faça-o seu. Assim, não poderão voltar a magoá-lo com ele – fez um gesto com o cajado. – Venha, ande comigo. A essa altura devem estar servindo um guisado nojento na sala de estar, e não recusarei uma tigela de qualquer coisa quente.

Jon também tinha fome, e assim se pôs ao lado do Lannister e moderou o passo para ajustá-lo aos desajeitados e bamboleantes do anão. O vento estava aumentando, e ouviam os velhos edifícios de madeira estalarem em toda a volta, e, a distância, uma porta pesada bater, uma e outra vez,

esquecida. A certa altura ouviu-se um *tump* abafado, quando uma camada de neve deslizou de um telhado e caiu perto deles.

– Não vejo seu lobo – disse o Lannister enquanto caminhavam.

– Amarro-o nos velhos estábulos quando estamos treinando. Agora alojam todos os cavalos nas cavalariças orientais e ninguém o incomoda. Durante o resto do tempo, fica comigo. Minha cela fica na Torre de Hardin.

– Essa é a que tem a ameia partida, não é? Pedra estilhaçada no pátio abaixo e uma inclinação que parece o nosso nobre Rei Robert depois de uma longa noite de bebida? Pensei que todos esses edifícios estivessem abandonados.

Jon encolheu os ombros.

– Ninguém liga para onde dormimos. A maior parte das velhas torres está vazia, e pode-se escolher qualquer cela que se deseje – em outros tempos, Castelo Negro alojara cinco mil guerreiros com todos os seus cavalos, servidores e armas. Agora era o lar de um décimo desse número, e partes do castelo estavam caindo em ruína.

A gargalhada de Tyrion Lannister evaporou como uma nuvem no ar frio.

– Direi ao seu pai para prender mais alguns pedreiros, antes que sua torre caia.

Jon podia sentir a troça que havia naquelas palavras, mas não adiantava negar a verdade. A Patrulha construíra dezenove grandes fortes ao longo da Muralha, mas apenas três se mantinham ocupados: Atalaialeste, em sua costa cinzenta varrida pelo vento; a Torre Sombria, junto às montanhas onde a Muralha terminava; e, entre elas, Castelo Negro, na extremidade da estrada do rei. As outras fortificações, havia muito desertas, eram lugares solitários e assombrados, onde os ventos frios assobiavam através de janelas negras e os espíritos dos mortos guarneciam os baluartes.

– É melhor que eu esteja sozinho – disse teimosamente Jon. – Os outros temem o Fantasma.

– Rapazes sensatos – disse o Lannister. Então, mudou de assunto. – Dizem que seu tio já está fora há tempo demais.

Jon recordou o desejo que tivera em sua ira, a visão de Benjen Stark morto na neve, e desviou o olhar rapidamente. O anão tinha maneiras de

perceber as coisas, e Jon não queria que ele visse a culpa em seus olhos.

– Ele disse que voltaria por volta do dia do meu nome – admitiu. O dia do seu nome chegara e partira, sem ser notado, havia uma quinzena. – Iam à procura de Sor Waymar Royce, cujo pai é vassalo de Lorde Arryn. Tio Benjen disse que poderiam ir à sua procura até tão longe como a Torre Sombria. Isso é todo o caminho até as montanhas.

– Ouvi dizer que têm desaparecido muitos patrulheiros nos últimos tempos – disse o Lannister enquanto subiam os degraus que levavam à sala comum. Sorriu e abriu a porta. – Talvez os gramequins estejam com fome este ano.

Lá dentro, o salão era imenso e cheio de correntes de ar, mesmo com um fogo a rugir na grande lareira. Corvos faziam ninhos nas vigas do majestoso teto. Jon ouviu seus gritos, enquanto aceitava uma tigela de guisado e uma fatia de pão preto dos cozinheiros do dia. Grenn, Sapo e alguns dos outros estavam sentados no banco mais próximo do calor, rindo e lançando pragas uns aos outros com vozes rudes. Jon os observou por um momento, pensativo. Depois, escolheu um local na ponta oposta do salão, bem afastado do resto dos presentes.

Tyrion Lannister sentou-se à sua frente, cheirando, desconfiado, o guisado.

– Cevada, cebola, cenoura – murmurou. – Alguém deveria dizer aos cozinheiros que nabo não é carne.

– É guisado de carneiro – Jon descalçou as luvas e aqueceu as mãos no vapor que subia da tigela. O cheiro lhe dava água na boca.

– Snow.

Jon reconheceu a voz de Alliser Thorne, mas havia nela uma curiosa nota que não ouvira antes. Virou-se.

– O Senhor Comandante deseja vê-lo. Já.

Por um momento, Jon ficou muito assustado para se mover. Por que o Senhor Comandante ia querer vê-lo? Tinham ouvido algo sobre Benjen, pensou, descontrolado. Estava morto, a visão tinha se tornado realidade.

– É o meu tio? – proferiu atabalhoadamente. – Regressou em segurança?

– O Senhor Comandante não está habituado a esperar – foi a resposta de Sor Alliser. – E eu não estou habituado a ver minhas ordens questionadas por bastardos.

Tyrion Lannister saltou do banco e pôs-se em pé.

– Pare com isso, Thorne. Está assustando o rapaz.

– Não se intrometa em assuntos que não lhe dizem respeito, Lannister. Não tem lugar aqui.

– Mas tenho um lugar na corte – disse o anão, sorrindo. – Uma palavra ao ouvido certo e morrerá como um velho amargo antes que tenha outro rapaz para treinar. E agora diga ao Snow porque é que o Velho Urso precisa vê-lo. Há notícias do tio?

– Não – Sor Alliser respondeu. – É um assunto totalmente diferente. Uma ave chegou esta manhã de Winterfell com uma mensagem sobre seu irmão – depois, corrigiu-se: – De seu meio-irmão.

– Bran – disse Jon sem fôlego, pondo-se em pé de um salto. – Alguma coisa aconteceu a Bran.

Tyrion Lannister pousou-lhe a mão no braço.

– Jon. Lamento muito.

Jon quase nem o ouviu. Afastou a mão de Tyrion e atravessou o salão a passos largos. Ao chegar às portas, já estava correndo. Precipitou-se na direção da Torre do Comandante, atravessando pequenas nuvens de neve velha soprada pelo vento. Quando os guardas o deixaram passar, subiu dois a dois os degraus da torre. Ao avançar pelo aposento do Senhor Comandante, tinha as botas empapadas, os olhos agitados, e arquejava.

– Bran – disse. – Que diz a mensagem de Bran?

Jeor Mormont, o Senhor Comandante da Patrulha da Noite, era um homem áspero e velho, com uma imensa cabeça calva e uma desgrenhada barba cinzenta. Tinha um corvo pousado no braço e alimentava-o com grãos de milho.

– Ouvi dizer que sabe ler – sacudiu o corvo, e a ave bateu as asas e voou até a janela, onde pousou, observando Mormont tirar do cinto um rolo de papel e entregá-lo a Jon. "*Grão*", resmungou o corvo em voz roufenha. "*Grão, grão.*"

O dedo de Jon percorreu o contorno do lobo gigante de cera branca do selo quebrado. Reconheceu a letra de Robb, mas as palavras pareciam sair de foco e fugir quando tentou lê-las. Percebeu que estava chorando. Então, através das lágrimas encontrou o sentido das palavras e ergueu a cabeça.

– Ele acordou – disse. – Os deuses o devolveram.

– Aleijado – disse Mormont. – Lamento, rapaz. Leia o resto da carta.

Olhou as palavras, mas não importavam. Bran ia sobreviver.

– Meu irmão vai viver – disse a Mormont. O Senhor Comandante balançou a cabeça, recolheu um punhado de milho e assobiou. O corvo voou até seu ombro, gritando "*Viver! Viver!*".

Jon correu escada abaixo, com um sorriso no rosto e a carta de Robb na mão.

– Meu irmão vai viver – disse aos guardas. Os homens entreolharam-se. Correu de volta à sala comum, onde encontrou Tyrion Lannister terminando sua refeição. Agarrou o homenzinho pelas axilas, ergueu-o no ar e rodopiou com ele nos braços. – Bran vai viver! – berrou. Lannister pareceu alarmado. Jon o colocou no chão e pôs-lhe o papel nas mãos. – Está aqui, leia – disse.

Outros se juntavam e olhavam para ele com curiosidade. Jon reparou em Grenn a poucos centímetros. Trazia uma atadura grossa de lã enrolada na mão. Parecia ansioso e desconfortável, nada ameaçador. Jon foi falar com ele. Grenn recuou e ergueu as mãos.

– Fica longe de mim, bastardo.

Jon sorriu para ele.

– Desculpe pelo pulso. Robb usou comigo o mesmo movimento uma vez, mas com uma lâmina de madeira. Doeu como os sete infernos, mas o seu deve ser pior. Olha, se quiser, posso lhe mostrar como se defender dele.

Alliser Thorne o ouviu.

– Lorde Snow quer ocupar meu lugar agora – fez um sorriso de escárnio. – Mais facilmente ensinaria eu um lobo a fazer malabarismos do que você treinaria esse auroque.

– Aceito a aposta, Sor Alliser – disse Jon. – Adoraria ver o Fantasma fazer malabarismos.

Jon ouviu Grenn prender a respiração, chocado. E o silêncio se fez.

Então, Tyrion Lannister soltou uma gargalhada. Três dos irmãos negros juntaram-se a ele numa mesa próxima. O riso espalhou-se pelos bancos, e até mesmo os cozinheiros riam. Os pássaros agitaram-se nas traves e, finalmente, até Grenn soltou um risinho.

Sor Alliser não tirou os olhos de Jon. Enquanto as gargalhadas ressoavam à sua volta, seu rosto tornou-se sombrio e a mão da espada

fechou-se num punho.

– Isso foi um enorme erro, Lorde Snow – disse, por fim, no tom ácido de um inimigo.

# Eddard

Eddard Stark entrou a cavalo pelas grandes portas de bronze da Fortaleza Vermelha, dolorido, cansado, faminto e irritado. Ainda estava montado, sonhando com um longo banho quente, um frango assado e uma cama de penas, quando o intendente do rei lhe disse que o Grande Meistre Pycelle tinha convocado uma reunião urgente do pequeno conselho. A honra da presença da Mão era requisitada assim que fosse conveniente.

– Será conveniente amanhã – exclamou Ned enquanto desmontava.

O intendente fez uma reverência muito grande.

– Transmitirei aos conselheiros as suas desculpas, senhor.

– Não, raios me partam – disse Ned. Não era boa ideia ofender o conselho ainda antes de começar. – Irei vê-los. Rogo que me concedam alguns momentos para vestir algo mais apresentável.

– Sim, senhor – disse o intendente. – Se desejar, oferecemos os antigos aposentos de Lorde Arryn, na Torre da Mão. Mandarei que suas coisas sejam levadas para lá.

– Agradeço – disse Ned enquanto arrancava as luvas de montar e as enfiava no cinto. O resto de sua comitiva entrava pelo portão atrás dele. Ned viu Vayon Poole, seu próprio intendente, e o chamou. – Parece que o conselho precisa urgentemente de mim. Certifique-se de que minhas filhas encontrem seus quartos e diga a Jory para mantê-las lá. Arya não deve sair – Poole fez uma reverência. Ned voltou-se novamente para o intendente real. – Minhas carroças ainda estão vagando pela cidade. Necessitarei de vestimentas apropriadas.

– Será um grande prazer – o intendente saiu.

E assim Ned entrou em passos largos na sala do conselho, cansado até os ossos e vestido com roupas emprestadas, e encontrou quatro membros do pequeno conselho à sua espera.

O aposento estava ricamente mobiliado. Tapetes myrianos cobriam o chão em vez de esteiras e, num canto, cem animais fabulosos saltavam em tintas vivas num biombo entalhado vindo das Ilhas do Verão. As paredes estavam cobertas por tapeçarias de Norvos, Qohor e Lys, e um par de esfinges valirianas flanqueava a porta, com olhos de granada polida ardendo em rostos de mármore negro.

O conselheiro de que Ned menos gostava, o eunuco Varys, o abordou no momento em que entrou.

– Senhor Stark, fiquei imensamente triste ao saber de seus problemas na estrada do rei. Temos todos visitado o septo a fim de acender velas pelo Príncipe Joffrey. Rezo por sua recuperação – sua mão esquerda deixou manchas de pó na manga de Ned, e exalava um odor tão repugnante e doce como flores numa sepultura.

– Seus deuses ouviram suas preces – respondeu Ned, frio mas delicado. – O príncipe fica mais forte a cada dia que passa – libertou-se do eunuco e atravessou a sala até onde Lorde Renly estava, junto ao biombo, conversando calmamente com um homem baixo que só podia ser Mindinho. Quando Robert conquistara o trono, Renly não era mais que um garoto de oito anos, mas transformara-se num homem tão parecido com o irmão que Ned o achava desconcertante. Sempre que o via, era como se os anos tivessem desaparecido e estivesse perante Robert, logo depois de obter a vitória no Tridente.

– Vejo que chegou em segurança, Lorde Stark – disse Renly.

– E você também – respondeu Ned. – Peço-lhe perdão, mas por vezes parece a mim a viva imagem de seu irmão Robert.

– Uma cópia malfeita – disse Renly com um encolher de ombros.

– Se bem que muito mais bem-vestida – brincou Mindinho. – Lorde Renly gasta mais em vestuário que metade das senhoras da corte.

E era verdade. Renly vestia veludo verde-escuro, com uma dúzia de veados dourados bordados no gibão. Uma meia capa de fio de ouro estava atirada casualmente por sobre um ombro, presa com um broche de esmeralda.

– Há crimes piores – disse Renly com uma gargalhada. – O modo como se traja, por exemplo.

Mindinho ignorou a piada. Observou Ned com um sorriso nos lábios que beirava à insolência.

– Há alguns anos que tenho alimentado a esperança de conhecê-lo, Lorde Stark. Certamente a Senhora Stark falou de mim.

– Falou – respondeu Ned com gelo na voz. A astuta arrogância do comentário o inflamou. – Pelo que sei, também conheceu meu irmão Brandon.

Renly Baratheon soltou uma gargalhada. Varys arrastou os pés para mais perto a fim de escutar.

– Bem demais – disse Mindinho. – Ainda carrego comigo um sinal de sua estima. Brandon também lhe falou de mim?

– Com frequência, e com algum calor – disse Ned, esperando que a frase pusesse fim à conversa. Não tinha paciência para aquele jogo, para aquele duelo de palavras.

– Julgava que o calor não se coadunava com os Stark – disse Mindinho. – Aqui no Sul, dizem que são todos feitos de gelo, e que derretem quando viajam para baixo do Gargalo.

– Não pretendo derreter em breve, Senhor Baelish. Pode contar com isso – Ned dirigiu-se até a mesa do conselho e disse: – Meistre Pycelle, confio que esteja bem de saúde.

O Grande Meistre sorriu gentilmente em seu cadeirão numa extremidade da mesa.

– Suficientemente bem para um homem da minha idade, senhor – respondeu –, mas receio que me canse facilmente – finos fios de cabelo branco rodeavam a larga cúpula calva da testa que se erguia sobre um rosto amável. Seu colar de meistre não era uma simples gargantilha de metal como o que Luwin usava, mas sim duas dúzias de pesadas correntes entretecidas num ponderoso colar de metal que o cobria da garganta ao peito. Os elos tinham sido forjados de todos os metais conhecidos do homem: ferro negro e ouro vermelho, cobre brilhante e chumbo baço, aço e estanho, prata, latão, bronze e platina. Granadas, ametistas e pérolas negras adornavam o metal, e aqui e ali se via uma esmeralda ou um rubi.

– Talvez possamos começar logo – disse o Grande Meistre, com as mãos entrelaçadas sobre a larga barriga. – Temo que adormeça se esperarmos muito mais tempo.

– Como desejar – a cadeira do rei estava vazia à cabeceira da mesa, com o veado coroado dos Baratheon bordado a fio de ouro nas

almofadas. Ned ocupou a cadeira ao lado, na qualidade de mão direita do rei. – Meus senhores – disse com formalidade –, lamento tê-los feito esperar.

– É a Mão do Rei – disse Varys. – Nós servimos à sua vontade, Lorde Stark.

Enquanto os outros ocupavam seus lugares habituais, Eddard Stark foi atingido violentamente pelo pensamento de o seu lugar não ser aquele, naquela sala, com aqueles homens. Recordou o que Robert dissera na cripta por baixo de Winterfell. *Estou cercado de aduladores e idiotas*, ele insistira. Ned olhou a mesa do conselho e perguntou a si mesmo quais seriam os aduladores e quais seriam os idiotas. Pensou já sabê-lo.

– Não somos mais que cinco – Ned observou.

– Lorde Stannis viajou para Pedra do Dragão não muito tempo depois de o rei ter partido para o Norte – disse Varys –, e o nosso galante Sor Barristan acompanha o rei na travessia da cidade, como é próprio do Senhor Comandante da Guarda Real.

– Talvez devêssemos esperar até que Sor Barristan e o rei se juntem a nós – sugeriu Ned.

Renly Baratheon riu em voz alta.

– Se esperarmos que meu irmão nos agracie com sua real presença, poderá ser uma longa espera.

– Nosso bom Rei Robert tem muitas preocupações – disse Varys. – Ele nos confia alguns assuntos de menor importância para lhe aliviar o fardo.

– O que Lorde Varys quer dizer é que todas essas conversas sobre moeda, colheitas e justiça aborrecem mortalmente o meu real irmão – disse Lorde Renly. – Por isso recai sobre nós o governo do reino. Ele nos envia uma ordem de vez em quando – retirou da manga um papel muito bem enrolado e o pôs na mesa. – Esta manhã ordenou-me que avançasse à coluna a toda pressa e pedisse ao Grande Meistre Pycelle para convocar imediatamente este conselho. Tem para nós uma tarefa urgente.

Mindinho sorriu e entregou o papel a Ned. Trazia o selo real. Ned quebrou a cera com o polegar e alisou a carta para analisar a urgente ordem do rei, lendo as palavras com descrença crescente. Não haveria fim para a loucura de Robert? E fazer *aquilo* em seu nome era pôr sal sobre a ferida.

– Que os deuses sejam bondosos – praguejou.

– O que o Senhor Eddard quer dizer – anunciou Lorde Renly – é que Sua Graça nos dá instruções para organizarmos um grande torneio em honra de sua nomeação como Mão do Rei.

– Quanto? – perguntou brandamente Mindinho.

Ned leu a resposta da carta.

– Quarenta mil dragões de ouro para o campeão. Vinte mil para o homem que ficar em segundo lugar, outros vinte mil para o vencedor da luta corpo a corpo e dez mil para o vencedor da competição de arqueiros.

– Noventa mil peças de ouro – Mindinho suspirou. – E não devemos negligenciar os outros custos. Robert certamente vai querer um banquete prodigioso. Isto significa cozinheiros, carpinteiros, criadas, cantores, malabaristas, bobos…

– Bobos temos com fartura – disse Lorde Renly.

O Grande Meistre Pycelle olhou para Mindinho e perguntou:

– O tesouro suporta a despesa?

– Que tesouro? – respondeu Mindinho com um meio sorriso na boca. – Poupe-me as tolices, Meistre. Sabe tão bem como eu que o tesouro está vazio há anos. Terei de pedir dinheiro emprestado. Não há dúvida de que os Lannister o adiantarão. Devemos atualmente ao Senhor Tywin cerca de três milhões de dragões, que importam mais cem mil?

Ned ficou estupefato.

– Está dizendo que a Coroa tem uma dívida de *três milhões* de peças de ouro?

– A Coroa tem uma dívida de mais de *seis* milhões de peças de ouro, Lorde Stark. Os Lannister são os maiores credores, mas também pedimos emprestado a Lorde Tyrell, ao Banco de Ferro de Bravos e a vários cartéis mercantis de Tyrosh. Nos últimos tempos, tive de me virar para a Fé. O Alto Septão é pior no regateio do que um pescador de Dorne.

Ned estava horrorizado.

– Aerys Targaryen deixou um tesouro repleto de ouro. Como pôde permitir que isso acontecesse?

Mindinho encolheu os ombros.

– O mestre da moeda arranja o dinheiro. O rei e a Mão o gastam.

– Não posso acreditar que Jon Arryn tenha permitido que Robert reduzisse o reino à miséria – exclamou Ned em tom acalorado.

O Grande Meistre Pycelle balançou a grande cabeça calva, fazendo tilintar suavemente as correntes.

– Lorde Arryn era um homem prudente, mas temo que Sua Graça nem sempre escute conselhos sábios.

– Meu real irmão adora torneios e festins – disse Renly Baratheon –, e abomina aquilo a que chama “contar cobres”.

– Falarei com Sua Graça – disse Ned. – Esse torneio é uma extravagância que o reino não pode pagar.

– Fale com ele como quiser – disse Lorde Renly –, mas ainda assim temos de fazer nossos planos.

– Outro dia – disse Ned. Talvez de forma muito incisiva, a julgar pelos olhares que lhe lançaram. Teria de se recordar de que já não estava em Winterfell, onde apenas o rei tinha uma posição superior; ali, não era mais que o primeiro entre iguais. – Perdoem-me, senhores – disse, num tom mais suave. – Estou cansado. Paremos por hoje e recomecemos quando estivermos mais descansados – não pediu o consentimento dos outros; em vez disso, levantou-se abruptamente, fez a todos um aceno e dirigiu-se à porta.

Lá fora, cavaleiros e carroças ainda jorravam através dos portões do castelo, e o pátio era um caos de lama, cavalos e homens gritando. O rei ainda não chegara, disseram-lhe. Desde os feios acontecimentos no Tridente, os Stark e sua comitiva tinham viajado bem à frente da coluna principal, a fim de se distanciarem dos Lannister e da crescente tensão. Robert quase não fora visto; dizia-se que viajava na enorme casa rolante, mais frequentemente bêbado que sóbrio. Se assim era, poderia estar várias horas atrasado, mas mesmo assim chegaria cedo demais para a vontade de Ned. Bastava-lhe olhar o rosto de Sansa para sentir a raiva retorcer-se de novo dentro de si. A última quinzena da viagem fora miserável. Sansa culpava Arya e dizia-lhe que devia ter sido Nymeria a morrer. E Arya estava desnorteada depois de saber o que havia acontecido ao seu amigo, filho do carniceiro. Sansa chorava até adormecer, Arya cismava em silêncio o dia inteiro, e Eddard Stark sonhava com um inferno gelado reservado para os Stark de Winterfell.

Atravessou o pátio exterior e passou sob uma porta levadiça, entrando no recinto do castelo, e, quando se encaminhava para aquilo que pensava ser a Torre da Mão, Mindinho apareceu à sua frente.

– Está indo na direção errada, Stark. Venha comigo.

Hesitante, Ned o seguiu. Mindinho o levou até uma torre, desceram uma escada, atravessaram um pequeno pátio rebaixado e caminharam por um corredor deserto onde armaduras vazias montavam guarda ao longo das paredes. Eram relíquias dos Targaryen, de aço negro com escamas de dragão coroando os elmos, agora empoeirados e esquecidos.

– Este não é o caminho para os meus aposentos – disse Ned.

– E eu disse que era? Estou levando você para as masmorras, a fim de abrir sua garganta e ocultar seu cadáver atrás de uma parede – respondeu Mindinho, com a voz sarcástica. – Não temos tempo para isso, Stark. Sua esposa o espera.

– Que jogo está jogando, Mindinho? Catelyn está em Winterfell, a centenas de léguas daqui.

– Ah! – os olhos cinza-esverdeados de Mindinho cintilaram de divertimento. – Então parece que alguém conseguiu realizar uma espantosa imitação. Pela última vez, venha. Ou, então, não, e eu a guardo para mim – e apressou-se a descer a escada.

Ned o seguiu, desconfiado, perguntando a si mesmo se aquele dia chegaria ao fim. Não tinha nenhum gosto por aquelas intrigas, mas começava a compreender que para um homem como Mindinho elas eram naturais como o ar que respirava.

Onde os degraus terminavam havia uma pesada porta de carvalho e ferro. Petyr Baelish ergueu a tranca e, com um gesto, pediu a Ned que a atravessasse. Saíram para o avermelhado brilho do crepúsculo, numa falésia rochosa bem acima do rio.

– Estamos fora do castelo – Ned observou.

– Você é um homem difícil de enganar, Stark – disse Mindinho com um sorriso afetado. – Foi o sol que o denunciou, ou terá sido o céu? Siga-me. Há vãos abertos na rocha. Tente não cair para a morte, Catelyn nunca compreenderia – e, ao acabar de falar, estava bem além do limite da falésia, descendo depressa como um macaco.

Ned estudou por um momento a face da escarpa, e depois o seguiu mais devagar. Os nichos estavam lá, tal como Mindinho prometera, ranhuras pouco profundas, invisíveis na parte de baixo, a menos que se soubesse onde procurá-las. O rio espraiava-se a uma longa e entontecedora distância lá embaixo. Ned manteve o rosto pressionado

contra a rocha e tentou não olhar para baixo com mais frequência do que era obrigado.

Quando finalmente chegou ao fim da descida e a uma estreita trilha enlameada que seguia pela margem do rio, Mindinho espreguiçava-se encostado a uma rocha, comendo uma maçã, já no caroço.

– Está ficando velho e lento, Stark – disse, atirando a maçã, com indiferença, para a corrente. – Não importa, o resto do caminho é a cavalo – tinha dois cavalos à espera. Ned montou e trotou atrás dele, ao longo da trilha, para a cidade.

Por fim, Baelish puxou as rédeas em frente a um edifício de madeira que ameaçava ruir, com três andares e janelas que brilhavam com a luz das lâmpadas no lusco-fusco que se aprofundava. Os sons de música e risos grosseiros abriam caminho até o exterior e flutuavam por sobre a água. Ao lado da porta, uma ornamentada candeia de azeite oscilava na ponta de uma corrente pesada, com um globo de cristal de chumbo vermelho.

Ned Stark desmontou furioso.

– Um bordel? – disse, e agarrou Mindinho pelo ombro, obrigando-o a se virar. – Você me trouxe por todo este caminho até um bordel?

– Sua esposa está lá dentro – disse Mindinho.

Aquilo foi o insulto final.

– Brandon foi demasiado gentil com você – disse Ned, e atirou o homenzinho contra uma parede e encostou o punhal em sua garganta, sob a pequena barbicha pontiaguda.

– Senhor, *não* – gritou uma voz. – Ele fala a verdade – ouviram-se passos vindo naquela direção.

Ned rodopiou, de faca na mão, enquanto um velho homem de cabelos brancos corria para eles. Estava vestido com grosseiro tecido marrom e a pele mole sob o queixo oscilava enquanto corria.

– Isto não é assunto seu – começou Ned a dizer, mas então, de repente, ele reconheceu o homem. Abaixou o punhal, espantado. – *Sor Rodrik?*

Rodrik Cassel confirmou com a cabeça.

– Sua senhora o espera lá em cima.

Ned sentia-se perdido.

– Catelyn está mesmo aqui? Não é uma estranha brincadeira de Mindinho? – embainhou a faca.

– Bem gostaria que fosse, Stark – Mindinho respondeu. – Siga-me, e tente parecer um pouco mais devasso e um pouco menos como a Mão do Rei. Não será bom que seja reconhecido. Talvez possa acariciar um peito ou outro, só de passagem.

Entraram por uma sala de estar cheia, onde uma mulher gorda cantava canções obscenas enquanto bonitas mulheres vestidas com camisas de linho e panos de seda colorida se encostavam nos amantes e eram embaladas em seus colos. Ninguém prestou a menor atenção em Ned. Sor Rodrik esperou embaixo enquanto Mindinho o levou até o terceiro andar por um corredor e através de uma porta.

Lá dentro, Catelyn esperava. Gritou quando o viu, correu para ele e o abraçou ferozmente.

– Minha senhora – sussurrou Ned, assombrado.

– Ah, muito bem – disse Mindinho, fechando a porta. – Conseguiu reconhecê-la.

– Temi que nunca mais chegasse, senhor – sussurrou ela, apertada contra seu peito. – Petyr tem me trazido notícias. Contou-me sobre os problemas com Arya e o jovem príncipe. Como estão minhas meninas?

– Ambas de luto, e cheias de raiva – Ned respondeu. – Cat, não compreendo. O que faz em Porto Real? O que aconteceu? – perguntou Ned à mulher. – É Bran? Ele está… – *morto* foi a palavra que veio aos seus lábios, mas não podia dizê-la.

– É Bran, mas não como pensa – disse Catelyn.

Ned não compreendia.

– Então como? Por que está aqui, meu amor? Que lugar é este?

– Precisamente o que parece – disse Mindinho, deixando-se cair numa cadeira perto da janela. – Um bordel. Consegue imaginar um lugar onde seria menos provável encontrar uma Catelyn Tully? – ele sorriu. – Por acaso, sou dono deste estabelecimento específico, portanto, foi fácil fazer os aranjos necessários. Desejo muito impedir que os Lannister saibam da presença de Cat aqui em Porto Real.

– Por quê? – perguntou Ned. Então viu as mãos da esposa, o modo estranho como se dobravam, as cicatrizes de um vermelho cru, a rigidez dos últimos dois dedos da mão esquerda. – Você foi ferida – tomou as mãos nas suas e as virou. – Deuses, estes cortes são profundos… uma ferida de uma espada ou… como aconteceu isto, minha senhora?

Catelyn tirou o punhal de dentro do manto e o colocou na mão dele.

– Esta lâmina estava destinada a abrir a garganta de Bran e derramar seu sangue.

A cabeça de Ned ergueu-se abruptamente.

– Mas… quem… por que faria…

Ela pousou um dedo em seus lábios.

– Deixe-me contar tudo, meu amor. Será mais rápido assim. Escute.

E ele escutou-a contar-lhe tudo, do incêndio na torre da biblioteca a Varys, aos guardas e ao Mindinho. E quando terminou, Eddard Stark sentou-se atordoado junto da mesa, com o punhal na mão. O lobo de Bran salvara a vida do garoto, pensou sombriamente. Que tinha Jon dito quando encontraram os filhotes na neve? *Seus filhos estão destinados a ficar com esta ninhada, senhor.* E ele matara a loba de Sansa, por quê? Seria culpa o que sentia? Ou medo? Se os deuses tinham enviado aqueles lobos, que loucura ele tinha feito?

Dolorosamente, Ned forçou os pensamentos a regressar ao punhal e àquilo que significava.

– O punhal do Duende – repetiu. Não fazia sentido. Sua mão dobrou-se em torno do suave cabo de osso de dragão, e ele bateu com a lâmina na mesa, sentindo-a morder a madeira. Estava ali zombando dele. – Por que Tyrion Lannister ia querer ver Bran morto? O garoto nunca lhe fez nenhum mal.

– Será que os Stark não têm mais que neve entre as orelhas? – perguntou Mindinho. – O Duende nunca teria agido sozinho.

Ned ergueu-se e pôs-se a percorrer o quarto de ponta a ponta.

– Se a rainha teve um papel nisto ou, que os deuses não o permitam, o próprio rei… não, não acreditarei nisso – mas, mesmo enquanto dizia as palavras, recordou-se daquela manhã gelada nas terras acidentadas, e da conversa de Robert a respeito de enviar assassinos contratados no encalço da princesa Targaryen. Lembrou-se do filho pequeno de Rhaegar, da ruína vermelha de seu crânio e do modo como o rei lhe virara as costas, tal como fizera na sala de audiências de Darry não há muito tempo. Ainda ouvia Sansa suplicando, como Lyanna suplicara tempos atrás.

– O mais provável é que o rei *não* soubesse – disse Mindinho. – Não seria a primeira vez. Nosso bom Robert tem como prática fechar os olhos

a coisas que prefere não ver.

Ned não tinha resposta para aquilo. O rosto do filho do carniceiro passou na frente dos olhos, quase rachado em dois, e depois o rei não dissera uma palavra. Sua cabeça latejava.

Mindinho caminhou vagarosamente até a mesa e arrancou a faca da madeira.

– Seja como for, a acusação constitui traição. Acuse o rei e dançará com Ilyn Payne antes de as palavras acabarem de sair de sua boca. A rainha… se forem apresentadas provas e *se for possível* fazer com que Robert escute, então, talvez…

– Temos provas – disse Ned. – Temos o punhal.

– Isto? –Mindinho atirou o punhal ao ar como se nada fosse. – Um belo bocado de aço, mas corta para dois lados, senhor. O Duende sem dúvida jurará que a lâmina foi perdida ou roubada enquanto permaneceram em Winterfell e, com o seu assassino morto, não haverá ninguém para desmenti-lo – atirou a faca com ligeireza a Ned. – Meu conselho é deixar isto cair no rio e esquecer que chegou a ser forjada.

Ned o olhou com frieza.

– Senhor Baelish, sou um Stark de Winterfell. Meu filho jaz aleijado, talvez à beira da morte. Estaria morto, e Catelyn também, não fosse uma cria de lobo que encontramos na neve. Se realmente acredita que posso esquecê-lo, é um tolo tão grande hoje como quando empunhou uma espada contra meu irmão.

– Talvez seja um tolo, Stark… e, no entanto, ainda aqui estou, ao passo que seu irmão se desfaz em pó na sua sepultura gelada há catorze anos. Se está assim tão ansioso para apodrecer ao lado dele, longe de mim dissuadi-lo, mas preferiria não ser incluído na festa, muito obrigado.

– Você seria o último homem que eu incluiria voluntariamente em qualquer festa, Lorde Baelish.

– Fere-me profundamente – Mindinho pousou a mão no coração. – Por minha parte, sempre os considerei, aos Stark, gente cansativa, mas Cat parece ter se afeiçoado a você, por motivos que não sou capaz de entender. Tentarei mantê-lo vivo para o bem dela. Uma tarefa de tolo, admito, mas nunca fui capaz de recusar o que quer que fosse à sua esposa.

– Contei a Petyr nossas suspeitas sobre a morte de Jon Arryn – disse Catelyn. – Ele prometeu ajudá-lo a descobrir a verdade.

Não era uma notícia que agradasse a Eddard Stark, mas era bem verdade que necessitavam de ajuda, e havia muito tempo Mindinho fora quase como um irmão para Cat. Não seria a primeira vez que Ned era forçado a fazer causa comum com um homem que desprezava.

– Muito bem – disse, enfiando o punhal no cinto. – Você falou de Varys. O eunuco sabe de tudo isso?

– Não dos meus lábios – disse Catelyn. – Você não se casou com uma tonta, Eddard Stark. Mas Varys tem maneiras de descobrir coisas que nenhum outro homem poderia conhecer. Ele possui alguma arte negra, Ned, sou capaz de jurar.

– Ele tem espiões, isso é bem conhecido – disse Ned, desvalorizando a capacidade de Varys.

– É mais que isso – insistiu Catelyn. – Sor Rodrik falou com Sor Aron Santagar em completo segredo, e de algum modo a Aranha ficou sabendo da conversa. Aquele homem me dá medo.

Mindinho sorriu.

– Deixe Lorde Varys comigo, querida senhora. Se me permitir uma pequena obscenidade. E que lugar melhor para uma que este? Tenho os bagos do homem na palma da mão – mostrou os dedos em taça, sorrindo. – Ou os teria, caso ele fosse um homem e tivesse bagos. Compreenda que, se descobrirmos a gaiola, os pássaros começarão a cantar, e ele não gostaria de tal coisa. Em seu lugar, me preocuparia mais com os Lannister e menos com o eunuco.

Ned não precisava que Mindinho lhe dissesse aquilo. Recordava o dia em que Arya fora encontrada, o olhar no rosto da rainha quando dissera: *Nós temos um lobo*, tão suave e calmamente. Pensava no rapaz Mycah, na morte súbita de Jon Arryn, na queda de Bran, no velho e louco Aerys Targaryen a agonizar no chão de sua sala do trono, enquanto o sangue de sua vida secava numa lâmina dourada.

– Minha senhora – disse, virando-se para Catelyn –, nada mais pode fazer aqui. Desejo que retorne a Winterfell imediatamente. Se houve um assassino, poderá haver outros. Quem quer que tenha ordenado a morte de Bran logo saberá que o garoto ainda vive.

– Eu tinha esperança de ver as meninas… – disse Catelyn.

– Isso seria muito insensato – interveio Mindinho. – A Fortaleza Vermelha está cheia de olhos curiosos, e as crianças falam.

– Ele fala a verdade, meu amor – disse-lhe Ned, abraçando-a. – Leve Sor Rodrik e corra para Winterfell. Eu vigiarei as meninas. Vá para casa, para junto de nossos filhos, e mantenha-os a salvo.

– Como quiser, senhor – Catelyn ergueu o rosto, e Ned a beijou. Os dedos estropiados dela apertaram as costas de Ned com uma força desesperada, como que para mantê-lo para sempre a salvo no abrigo de seus braços.

– O senhor e a senhora vão querer um quarto? – perguntou Mindinho. – Devo preveni-lo, Stark, de que por aqui geralmente cobramos por esse tipo de coisa.

– Um momento a sós, é tudo que peço – Catelyn solicitou.

– Muito bem – Mindinho seguiu na direção da porta. – Sejam breves. Já passa da hora em que a Mão e eu deveríamos estar de volta ao castelo para que nossa ausência não seja notada.

Catelyn foi até junto dele e tomou-lhe as mãos nas suas.

– Não me esquecerei de sua ajuda, Petyr. Quando seus homens vieram me chamar, não sabia se me levavam até um amigo ou um inimigo. Encontrei em você mais que um amigo. Encontrei o irmão que julgava perdido.

Petyr Baelish sorriu.

– Sou desesperadamente sentimental, querida senhora. É melhor não contar a ninguém. Passei anos convencendo a corte de que sou malvado e cruel, e detestaria ver todo esse árduo trabalho dar em nada.

Ned não acreditou numa palavra daquilo, mas manteve a voz delicada para dizer:

– Tem também os meus agradecimentos, Lorde Baelish.

– Ora, *aí* está um tesouro – disse Mindinho, saindo do quarto.

Depois de a porta se fechar, Ned virou-se para a mulher.

– Quando chegar em casa, mande uma mensagem a Helman Tallhart e Galbart Glover com o meu selo. Eles devem recrutar cem arqueiros cada um e fortificar o Fosso Cailin. Duzentos arqueiros determinados podem defender a Garganta contra um exército. Diga a Lorde Manderly que deve fortalecer e reparar todas as suas defesas no Porto Branco e assegurar-se de que elas estão bem guarnecidas de homens. E a partir

deste momento quero que uma vigilância cuidadosa seja mantida sobre Theon Greyjoy. Se houver guerra, teremos grande necessidade da frota de seu pai.

– *Guerra?* – o medo era evidente no rosto de Catelyn.

– Não chegará a tal ponto – prometeu-lhe Ned, rezando para que fosse verdade, e voltou a tomá-la nos braços. – Os Lannister não têm misericórdia perante a fraqueza, como Aerys Targaryen aprendeu para sua desgraça, mas não se atreverão a atacar o Norte sem estarem sustentados por todo o poder do reino, e não o terão. Devo representar este embuste como se nada houvesse de errado. Recorde o que me trouxe aqui, meu amor. Se encontrar provas de que os Lannister assassinaram Jon Arryn…

Sentiu Catelyn tremer em seus braços. Suas mãos marcadas o agarraram.

– Se isso acontecer – disse –, que acontecerá, meu amor?

Ned sabia que essa era a parte mais perigosa.

– Toda a justiça parte do rei – disse-lhe. – Quando eu souber a verdade, terei de ir ter com Robert – *e rezar para que seja o homem que penso que é*, concluiu em silêncio, *e não o homem em que temo que tenha se transformado.*

# Tyrion

—Está certo de que é preciso ir tão cedo? – perguntou-lhe o Senhor Comandante.

– Mais que certo, Lorde Mormont – respondeu Tyrion. – Meu irmão Jaime deve querer saber o que me aconteceu. Pode pensar que me convenceu a vestir o negro.

– Bem gostaria de fazê-lo. – Mormont pegou uma pinça de caranguejo e a partiu com a mão. Apesar de velho, o Senhor Comandante ainda possuía a força de um urso. – É um homem astuto, Tyrion. Homens assim fazem falta na Muralha.

Tyrion sorriu.

– Então percorrerei os Sete Reinos em busca de anões e os enviarei para cá, Lorde Mormont – enquanto os outros riam, ele sugou a carne de uma pata de caranguejo e apanhou outra. Os caranguejos tinham chegado de Atalaialeste naquela manhã, acondicionados num barril de neve, e eram suculentos.

Sor Alliser Thorne foi o único homem da mesa que sequer esboçou um sorriso.

– O Lannister zomba de nós.

– Só do senhor, Sor Alliser – disse Tyrion. Daquela vez, o riso que percorreu a mesa tinha um tom nervoso e incerto.

Os olhos negros de Thorne fixaram-se em Tyrion com repugnância.

– Tem uma língua ousada para alguém que é menos da metade de um homem. Talvez devêssemos visitar o pátio juntos, o senhor e eu.

– Por quê? – perguntou Tyrion. – Os caranguejos estão aqui.

O comentário arrancou mais gargalhadas. Sor Alliser levantou-se, com a boca transformada numa linha comprimida.

– Venha fazer seus gracejos com o aço na mão.

Tyrion olhou com intenção para a mão direita.

– Ora, mas eu *tenho* aço na mão, Sor Alliser, embora pareça ser um garfo para caranguejos. Fazemos um duelo? – saltou para cima da cadeira e pôs-se a espetar o peito de Thorne com o minúsculo garfo. Um rugido de gargalhadas encheu a sala. Pedaços de caranguejo voaram da boca do Senhor Comandante quando começou a arfar e engasgar-se. Até seu corvo se juntou, grasnando sonoramente de seu poleiro por cima da janela. "*Duelo! Duelo! Duelo!* "

Sor Alliser Thorne saiu da sala tão rigidamente que parecia ter um punhal espetado no traseiro.

Mormont ainda arquejava, tentando recuperar o fôlego. Tyrion deu-lhe uma palmada nas costas.

– Os despojos vão para o vencedor – gritou. – Reivindico a porção de caranguejos de Thorne.

Por fim, o Senhor Comandante venceu o engasgo.

– É um homem maldoso por provocar Sor Alliser assim– censurou.

Tyrion sentou-se e bebeu um trago de vinho.

– Se um homem pinta um alvo no peito, deve esperar que mais cedo ou mais tarde alguém lhe atire uma flecha. Já vi mortos com mais humor que Sor Alliser.

– Não é verdade – objetou o Senhor Intendente, Bowen Marsh, um homem redondo e vermelho como uma romã. – Devia ouvir os nomes engraçados que dá aos rapazes que treina.

Tyrion ouvira alguns desses nomes engraçados.

– Aposto que os rapazes também têm alguns nomes para ele – respondeu. – Arranquem o gelo dos olhos, meus bons senhores. Sor Alliser devia estar limpando o esterco das cavalariças, não treinando seus jovens guerreiros.

– A Patrulha não tem falta de moços de estrebaria – resmungou Lorde Mormont. – Parece ser tudo que nos mandam nos dias que correm. Moços de estrebaria, gatunos e violadores. Sor Alliser é um cavaleiro ungido, um dos poucos a vestir o negro desde que sou Comandante. Lutou bravamente em Porto Real.

– Do lado errado – comentou secamente Sor Jeremy Rykker. – Eu sei, pois estava lá nas ameias ao seu lado. Tywin Lannister nos deu uma excelente escolha. Vestir o negro ou ver nossa cabeça espetada em espigões antes do fim do dia. Não pretendo ofender, Tyrion.

– Não me ofende, Sor Jeremy. Meu pai gosta muito de cabeças espetadas em espigões, especialmente as de pessoas que o aborreceram de algum modo. E um rosto tão nobre como o seu, bem, sem dúvida que vos imaginou a decorar a muralha da cidade por cima do Portão do Rei. Penso que teria ficado impressionante lá em cima.

– Obrigado – respondeu Sor Jeremy com um sorriso sardônico.

Senhor Comandante Mormont limpou a garganta.

– Por vezes temo que Sor Alliser tenha visto a verdade em você, Tyrion. *Realmente* zomba de nós e de nosso nobre objetivo aqui.

Tyrion encolheu os ombros.

– Todos precisamos ser alvo de zombaria de vez em quando, Senhor Mormont, para evitar que comecemos a nos levar muito a sério. Mais vinho, por favor – estendeu a taça.

Enquanto Rykker a enchia, Bowen Marsh disse:

– Tem uma grande sede para um homem pequeno.

– Ah, eu penso que o Senhor Tyrion é um homem bastante grande – disse Meistre Aemon da ponta mais distante da mesa. Falou em voz baixa, mas todos os grandes oficiais da Patrulha da Noite se calaram para ouvir melhor o que o ancião tinha a dizer. – Penso que é um gigante que surgiu entre nós, aqui no fim do mundo.

Tyrion respondeu com delicadeza.

– Já me chamaram de muitas coisas, senhor, mas *gigante* raramente foi uma delas.

– Apesar disso – disse Meistre Aemon, enquanto seus olhos enevoados, brancos como o leite, se deslocavam para o rosto de Tyrion –, penso que é verdade.

Por uma vez na vida Tyrion Lannister deu por si sem palavras. Só conseguiu inclinar a cabeça polidamente e dizer:

– É bastante amável, Meistre Aemon.

O cego sorriu. Era um homenzinho minúsculo, enrugado e sem cabelo, encolhido sob o peso de cem anos, de tal modo que seu colar de meistre, com elos de muitos metais, pendia solto em torno do pescoço.

– Já me chamaram de muitas coisas, senhor – disse –, mas *amável* raramente foi uma delas – daquela vez foi o próprio Tyrion quem liderou as gargalhadas.

Muito mais tarde, depois de acabar o assunto sério que era comer e de os outros terem se retirado, Mormont ofereceu a Tyrion uma cadeira junto à lareira e uma taça de uma bebida aquecida tão forte que lhe trouxe lágrimas aos olhos.

– A estrada do rei pode ser perigosa aqui tão a norte – disse-lhe o Senhor Comandante enquanto bebiam.

– Tenho Jyck e Morrec – respondeu Tyrion –, e Yoren voltará para o sul.

– Yoren é apenas um homem. A Patrulha os escoltará até Winterfell – anunciou Mormont num tom que não admitia discussão. – Três homens deverão ser suficientes.

– Se insiste, senhor – disse Tyrion. – Pode enviar o jovem Snow. Ele ficará feliz por ter a chance de rever os irmãos.

Mormont assumiu um olhar severo por cima da espessa barba cinzenta.

– Snow? Ah, o bastardo Stark. Penso que não. Os jovens precisam esquecer da vida que deixaram para trás, os irmãos, a mãe e isso tudo. Uma visita à casa só irá agitar sentimentos que é melhor deixar em paz. Eu sei dessas coisas. Meus próprios parentes de sangue… minha irmã Marge governa agora a Ilha dos Ursos, desde a desonra de meu filho. Tenho sobrinhos que nunca vi – bebeu um trago. – Além disso, Jon Snow não passa de um rapaz. O senhor terá três espadas fortes para mantê-lo a salvo.

– Sua preocupação toca-me, Senhor Mormont – a forte bebida estava deixando Tyrion alegre, mas não tão bêbado que não compreendesse que o Velho Urso queria qualquer coisa dele. – Espero que possa pagar sua bondade.

– E pode – disse Mormont sem cerimônia. – Sua irmã senta-se ao lado do rei. Seu irmão é um grande cavaleiro e seu pai, o senhor mais poderoso dos Sete Reinos. Fale-lhes em nosso nome. Diga-lhes de nossas necessidades. O senhor as viu com seus próprios olhos. A Patrulha da Noite está morrendo. Nossa força é agora de menos de mil homens. Seiscentos aqui, duzentos na Torre Sombria, ainda menos em Atalaialeste, e só um escasso terço desses homens está pronto para o combate. A Muralha tem um comprimento de cem léguas. Pense nisso. Se um ataque vier, tenho três homens para defender cada légua de muralha.

– Três e um terço – disse Tyrion com um bocejo.

Mormont pareceu quase não ouvi-lo. O velho aquecia as mãos no fogo.

– Enviei Benjen Stark em busca do filho de Yohn Royce, perdido em sua primeira patrulha. O rapaz Royce estava verde como a grama de verão, mas insistiu na honra de seu próprio comando, dizendo que lhe era devido enquanto cavaleiro. Não desejei ofender o senhor seu pai e cedi. Enviei-o com dois homens que considerava dos melhores que temos na Patrulha. Mas fui tolo.

"*Tolo*", concordou o corvo. Tyrion ergueu o olhar. O pássaro o olhou com aqueles olhos negros, pequenos e brilhantes, agitando as asas. "*Tolo*", gritou de novo. Sem dúvida, o velho Mormont não ficaria feliz se ele esganasse a criatura. Uma pena.

O Senhor Comandante não pareceu reparar na irritante ave.

– Gared era quase tão velho como eu, e tinha mais anos de Muralha – prosseguiu –, mas parece que abjurou e fugiu. Nunca teria acreditado, com ele, não, mas Lorde Eddard me enviou sua cabeça de Winterfell. De Royce não há notícias. Um desertor e dois homens perdidos, e agora também Ben Stark está desaparecido – soltou um profundo suspiro. – Quem enviarei em busca *dele*? Daqui a dois anos farei setenta. Estou demasiado velho e cansado para o fardo que carrego, mas, se o entregar, quem o assumirá? Alliser Thorne? Bowen Marsh? Teria de ser tão cego como Meistre Aemon para não ver o que *eles* são. A Patrulha da Noite transformou-se num exército de rapazes rabugentos e velhos cansados. Além dos homens que partilharam nossa mesa esta noite, tenho talvez vinte que sabem ler, e ainda menos capazes de pensar, planejar ou liderar. Antes a Patrulha passava os verões construindo, e cada Senhor Comandante erguia a muralha mais alta do que a encontrara. Agora, tudo que podemos fazer é permanecer vivos.

Tyrion percebeu que o outro estava sendo mortalmente sincero. Sentiu-se vagamente embaraçado pelo velho. Lorde Mormont passara boa parte da vida na Muralha e precisava acreditar que aqueles anos tinham algum significado.

– Prometo que o rei ouvirá falar de suas necessidades – disse Tyrion gravemente –, e também falarei ao meu pai e ao meu irmão Jaime – e falaria. Tyrion Lannister era um homem de palavra. Deixou o resto por

dizer; que o Rei Robert o ignoraria, que Lorde Tywin perguntaria se ele tinha perdido o juízo, e que Jaime se limitaria a rir.

– É jovem, Tyrion – disse Mormont. – Quantos invernos já viu?

Encolheu os ombros.

– Oito, nove. Não me lembro.

– E todos eles curtos.

– É como disse, senhor – Tyrion nascera no auge do inverno, um inverno terrível e cruel que os meistres diziam que durara três anos, mas suas mais antigas memórias eram de primavera.

– Quando eu era garoto, dizia-se que um longo verão significava sempre que um longo inverno se seguiria. Este verão durou *nove anos*, Tyrion, e um décimo chegará em breve. Pense nisso.

– Quando *eu* era garoto – respondeu Tyrion –, minha ama de leite me disse que um dia, se os homens fossem bons, os deuses dariam ao mundo um verão sem fim. Talvez tenhamos sido melhores do que pensávamos, e talvez tenha chegado, enfim, o Grande Verão – sorriu.

O Senhor Comandante não pareceu se animar.

– Não é tolo o bastante para acreditar nisso, senhor. Os dias já estão ficando mais curtos. Não pode haver dúvida, Aemon recebeu cartas da Cidadela, com descobertas que estão de acordo com as dele mesmo. O fim do verão olha-nos nos olhos – Mormont estendeu um braço e agarrou com força a mão de Tyrion. – Tem de *fazê-los* compreender. Digo-lhe, senhor, a escuridão está chegando. Há coisas selvagens nos bosques, lobos gigantes, mamutes e ursos-da-neve do tamanho de auroques, e vi formas mais escuras nos meus sonhos.

– Nos seus sonhos – repetiu Tyrion, pensando na urgência que tinha de outra bebida forte.

Mormont estava completamente surdo à voz do anão.

– Os pescadores da região de Atalaialeste vislumbraram caminhantes brancos na costa.

Daquela vez, Tyrion não conseguiu segurar a língua.

– Os pescadores de Lanisporto vislumbram sereias com frequência.

– Denys Mallister escreve que o povo da montanha está se deslocando para o sul, passando pela Torre Sombria em maior número que em qualquer época. Estão fugindo, senhor… mas fugindo de *quê*? – Lorde Mormont dirigiu-se à janela e olhou perdido para a noite. – Estes meus

ossos são velhos, Lannister, mas nunca sentiram um arrepio como este. Conte ao rei o que eu digo, rogo-lhe. O inverno *está* chegando, e quando a Longa Noite cair, só a Patrulha da Noite se erguerá entre o reino e a escuridão que vem do norte. Que os deuses nos protejam a todos se não estivermos preparados.

– Que os deuses protejam a *mim* se não dormir um pouco esta noite. Yoren está decidido a partir ao raiar do dia – Tyrion pôs-se em pé, sonolento do vinho e farto de histórias lúgubres. – Agradeço-lhe por todas as cortesias que me concedeu, Senhor Mormont.

– Diga-lhes, Tyrion. Diga-lhes e os faça acreditar. Este é todo o agradecimento de que preciso – assobiou e o corvo foi empoleirar-se em seu ombro. Mormont sorriu e deu à ave algum milho que tirou do bolso, e foi assim que Tyrion o deixou.

Estava um frio de rachar lá fora. Bem enrolado nas espessas peles, Tyrion Lannister calçou as luvas e acenou com a cabeça para os pobres desgraçados que montavam guarda à porta da Torre do Comandante. Atravessou o pátio na direção de seus aposentos na Torre do Rei, caminhando o mais vivamente que suas pernas permitiam. Montes de neve rangiam sob seus pés quando as botas quebravam a crosta noturna, e a respiração condensava-se à sua frente como um estandarte. Enfiou as mãos embaixo dos braços e caminhou mais depressa, rezando para que Morrec tivesse se lembrado de aquecer sua cama com tijolos quentes retirados da lareira.

Por trás da Torre do Rei, a Muralha cintilava à luz da lua, imensa e misteriosa. Tyrion parou por um momento para olhá-la. As pernas doíam-lhe do frio e da pressa.

De repente, foi assaltado por uma estranha loucura, um desejo de olhar mais uma vez para lá do fim do mundo. Seria sua última oportunidade, pensou; no dia seguinte iria se dirigir para o sul, e não conseguia imaginar um motivo para alguma vez querer regressar àquela gelada desolação. A Torre do Rei estava à sua frente, com sua promessa de calor e de uma cama macia, mas Tyrion deu por si caminhando para além dela, na direção da vasta paliçada de cor clara da Muralha.

Uma escada de madeira subia pela face sul, ancorada em enormes vigas grosseiramente talhadas, que penetravam de maneira profunda no gelo. Ziguezagueava para um lado e para o outro, escalando a muralha

tão torta como um relâmpago. Os irmãos negros tinham-lhe assegurado que era muito mais resistente do que parecia, mas as pernas de Tyrion estavam com cãibras demais para que sequer pensasse em subi-la. Em vez disso, dirigiu-se à gaiola de ferro junto ao poço, pulou para dentro dela e puxou com força a corda do sino, três sacudidelas rápidas.

Teve de esperar o que pareceu ser uma eternidade ali, atrás das grades e com a Muralha nas costas. Tempo suficiente para começar a interrogar-se sobre o motivo que o levara a fazer aquilo. Estava quase decidido a esquecer aquele súbito capricho e ir para a cama quando a gaiola deu um solavanco e começou a subir.

Subiu lentamente, a princípio com paradas e arranques, mas depois mais suavemente. O chão desapareceu por baixo de seus pés, a gaiola oscilou e Tyrion enrolou as mãos nas grades de ferro. Conseguia sentir o frio do metal mesmo através das luvas. Percebeu, com aprovação, que Morrec tinha um fogo a arder em seu quarto, mas a torre do Senhor Comandante estava às escuras. Parecia que o Velho Urso tinha mais juízo do que ele.

E, então, viu-se acima das torres, ainda subindo lentamente. Castelo Negro jazia abaixo de si, delineado ao luar. Dali, via-se bem como era um lugar austero e vazio, com suas torres sem janelas, muros em ruínas, pátios entupidos de pedra partida. Mais longe, conseguia ver as luzes da Vila da Toupeira, um pequeno povoado a meia légua para sul ao longo da estrada do rei, e aqui e ali a brilhante cintilação do luar na água, onde córregos gelados desciam dos cumes das montanhas e cortavam as planícies. O resto do mundo era um vazio desolado de colinas varridas pelo vento e campos pedregosos manchados de neve.

– Sete infernos, é o anão – disse por fim uma voz grossa atrás dele, e a jaula parou com um salto súbito e ali ficou, oscilando lentamente de um lado para o outro, com as cordas rangendo.

– Tragam-no, raios – ouviu-se um grunhido e um sonoro gemido de madeira quando a gaiola deslizou de lado e a Muralha apareceu por baixo de seus pés. Tyrion esperou que a oscilação parasse antes de abrir a porta da gaiola e saltar para o gelo. Uma pesada figura vestida de negro apoiava-se no guincho, enquanto uma segunda segurava a gaiola com uma mão enluvada. Seus rostos estavam cobertos por lenços de lã que

deixavam ver apenas os olhos, e estavam inchados com as camadas de lã e couro que traziam, negro sobre negro.

– E o que o senhor há de querer a esta hora da noite? – perguntou o homem do guincho.

– Um último vislumbre.

Os homens trocaram olhares carrancudos.

– Olhe o que quiser – disse o outro. – Tenha apenas cuidado para não cair, homenzinho. O Velho Urso exigiria a nossa pele – uma pequena cabana de madeira erguia-se sob a grande grua. Tyrion viu o pálido brilho de um braseiro e sentiu uma breve lufada de calor quando os homens do guincho abriram a porta e voltaram para dentro. E então ficou só.

Estava um frio medonho ali em cima, e o vento o puxava pela roupa como uma amante insistente. O topo da Muralha era mais largo que a maior parte da estrada do rei, e Tyrion não tinha medo de cair, embora seus pés escorregassem mais do que gostaria. Os irmãos espalhavam pedra esmagada pelas passagens, mas o peso de incontáveis passos derretia a Muralha nesses locais e o gelo parecia crescer em torno do cascalho, engolindo-o, até que o caminho ficava liso novamente e era hora de esmagar mais pedra.

Mesmo assim, não era nada com que Tyrion não conseguisse lidar. Olhou para leste e oeste, para a Muralha que se estendia à sua frente, uma vasta estrada branca sem princípio nem fim e um abismo escuro de ambos os lados. Oeste, decidiu, por nenhum motivo em especial, e começou a andar nessa direção, seguindo o caminho mais próximo da extremidade norte, onde o cascalho parecia mais recente.

As bochechas nuas estavam coradas de frio, e as pernas queixavam-se mais alto a cada passo, mas Tyrion as ignorou. O vento rodopiava à sua volta, a brita rangia sob as botas, enquanto à frente a fita branca seguia os contornos das colinas, erguendo-se cada vez mais alta, até se perder para lá do horizonte ocidental. Passou por uma maciça catapulta, alta como uma muralha de cidade, com a base profundamente afundada na Muralha. O braço lançador tinha sido removido para passar por reparos, e depois fora esquecido; jazia ali como um brinquedo partido, meio embutido no gelo.

Do lado de lá da catapulta, uma voz abafada soltou um grito.

– Quem vem lá? Alto!

Tyrion parou.

– Se permanecer assim por muito tempo, congelo, Jon – disse, enquanto uma hirsuta silhueta clara deslizava silenciosamente em sua direção e farejava suas peles. – Olá, Fantasma.

Jon Snow se aproximou. Parecia maior e mais pesado dentro de suas camadas de peles e couro e com o capuz do manto sobre o rosto.

– Lannister – disse, soltando o lenço para descobrir a boca. – Este é o último lugar em que esperaria vê-lo – carregava uma pesada lança com ponta de ferro, maior que ele, e da cintura pendia uma espada numa bainha de couro. Atravessado no peito trazia um cintilante corno de guerra negro com faixas de prata.

– Este é o último lugar onde esperaria ser visto – admitiu Tyrion. – Fui tomado por um capricho. Se tocar no Fantasma, ele arranca minha mão?

– Comigo aqui, não – Jon assegurou.

Tyrion coçou o lobo branco atrás das orelhas. Os olhos vermelhos observaram-no, impassíveis. O animal já lhe chegava ao peito. Mais um ano e Tyrion tinha a sensação sombria de que teria de olhar para *cima* se quisesse ver sua cabeça.

– Que faz aqui esta noite? – perguntou. – Além de congelar seus órgãos viris?

– Calhou-me a guarda noturna – Jon respondeu. – Outra vez. Sor Alliser tratou gentilmente de arranjar as coisas de modo que o comandante da guarda ganhasse um especial interesse por mim. Parece pensar que, se me mantiverem acordado metade da noite, acabarei dormindo durante o exercício da manhã. Até agora o tenho desapontado.

Tyrion mostrou os dentes.

– E o Fantasma já aprendeu a fazer malabarismos?

– Não – disse Jon, sorrindo –, mas hoje de manhã Grenn conseguiu aguentar Halder, e Pyp já não deixa cair a espada tantas vezes como antes.

– Pyp?

– Seu verdadeiro nome é Pypar. O rapaz pequeno com grandes orelhas. Ele me viu trabalhando com Grenn e me pediu ajuda. Thorne nunca sequer lhe tinha mostrado a maneira certa de segurar uma espada – virou-se para olhar o norte. – Tenho uma milha de Muralha para guardar. Caminha comigo?

– Se andar devagar – disse Tyrion.

– O comandante da guarda diz que devo caminhar para impedir que o sangue congele, mas nunca me disse nada sobre a velocidade.

Puseram-se a caminho, com Fantasma caminhando ao lado de Jon como uma sombra branca.

– Parto de manhã – disse Tyrion.

– Eu sei – Jon soava estranhamente triste.

– Pretendo parar em Winterfell a caminho do sul. Se houver alguma mensagem que deseje que eu entregue…

– Diga a Robb que vou comandar a Patrulha da Noite e mantê-lo a salvo, e por isso ele bem pode aprender a tricotar com as moças e dar a espada a Mikken para que a derreta e faça ferraduras.

– Seu irmão é maior do que eu – disse Tyrion com uma gargalhada. – Declino a entrega de qualquer mensagem que possa me matar.

– Rickon perguntará quando volto para casa. Tente lhe explicar onde estou, se for possível. Diga-lhe que pode ficar com todas as minhas coisas enquanto eu estiver fora; ele gostará disso.

Tyrion pensou que as pessoas pareciam estar lhe pedindo muitas coisas naquele dia.

– Sabe que pode pôr tudo isso numa carta, não sabe?

– Rickon ainda não sabe ler. Bran… – parou subitamente. – Não sei que mensagem enviar a Bran. Ajude-o, Tyrion.

– Que ajuda eu poderia lhe dar? Não sou nenhum meistre para lhe atenuar as dores. Não possuo feitiços para lhe devolver as pernas.

– Ajudou-me quando precisei – disse Jon Snow.

– Não te dei nada – Tyrion respondeu. – Palavras.

– Nesse caso, dê também a Bran as suas palavras.

– Você está pedindo a um coxo que ensine um aleijado a dançar – Tyrion retrucou. – Por mais sincera que seja a lição, é provável que o resultado seja grotesco. Mas sei o que é amar um irmão, Lorde Snow. Darei a Bran qualquer pequena ajuda que esteja ao meu alcance.

– Obrigado, meu senhor de Lannister – Jon tirou a luva e ofereceu a mão nua. – Amigo.

Tyrion deu por si estranhamente comovido.

– A maioria de meus parentes são bastardos – disse com um sorriso cansado –, mas você é o primeiro que tive como amigo – descalçou uma

luva com os dentes e agarrou a mão de Snow, carne contra carne. A mão do rapaz era firme e forte.

Depois de voltar a calçar a luva, Jon Snow virou-se abruptamente e caminhou até o baixo e gelado parapeito norte. Para lá dele a Muralha caía bruscamente, havia apenas escuridão e regiões selvagens. Tyrion o seguiu, e lado a lado ergueram-se no limite do mundo.

A Patrulha da Noite não permitia que a floresta se aproximasse mais de uma milha da face norte da Muralha. Os matagais de pau-ferro, árvores sentinelas e carvalhos que em outros tempos cresceram ali, havia séculos tinham sido abatidos para criar uma vasta extensão de terreno aberto através do qual nenhum inimigo poderia esperar passar sem ser visto. Tyrion ouvira dizer que em outros locais da Muralha, entre as três fortalezas, a floresta viera se aproximando ao longo das décadas, que havia locais onde sentinelas cinza-esverdeadas e represeiros esbranquiçados tinham criado raízes à sombra da própria Muralha, mas Castelo Negro possuía um prodigioso apetite por lenha, e ali a floresta ainda era mantida afastada pelos machados dos irmãos negros.

Mas nunca estava longe. Dali, Tyrion podia vê-la, as árvores escuras que se erguiam para lá da extensão de terreno aberto, como uma segunda muralha construída em paralelo com a primeira, uma muralha de noite. Poucos machados tinham alguma vez sido brandidos *naquela* floresta negra, onde até o luar não conseguia penetrar o antigo emaranhado de raízes, espinhos e galhos. Lá onde as árvores cresciam enormes, e os patrulheiros diziam que pareciam meditar e que não conheciam os homens. Pouco surpreendia que a Patrulha da Noite lhe chamasse a Floresta Assombrada.

Ali, em pé, olhando para toda aquela escuridão sem um fogo a arder onde quer que fosse, com o vento soprando e o frio que era como uma lança nas entranhas, Tyrion Lannister sentiu que quase podia acreditar na conversa sobre os Outros, os inimigos da noite. Suas brincadeiras sobre gramequins e *snarks* já não lhe pareciam assim tão engraçadas.

– Meu tio está ali – disse Jon Snow em voz baixa, inclinando a lança enquanto mantinha os olhos fixos na escuridão. – Na primeira noite em que me mandaram aqui para cima, pensei que Tio Benjen voltaria, eu seria o primeiro a vê-lo e sopraria o corno. Mas ele não veio. Nem nessa noite nem em nenhuma das outras.

– Dê-lhe tempo – disse Tyrion.

Longe, para norte, um lobo começou a uivar. Outra voz juntou-se ao chamado, e depois uma terceira. Fantasma inclinou a cabeça e escutou.

– Se ele não regressar – prometeu Jon Snow –, Fantasma e eu vamos à sua procura – pousou a mão na cabeça do lobo gigante.

– Acredito – disse Tyrion, mas o que pensou foi: *E quem irá à sua procura?* Então estremeceu.

# Arya

Seu pai tinha estado outra vez lutando com o conselho. Arya podia ver isso em seu rosto quando chegou à mesa, de novo atrasado, como acontecia tantas vezes. O primeiro prato, uma espessa sopa suave feita com abóbora, já fora levado quando Ned Stark entrou a passos largos no Pequeno Salão. Chamavam-no assim para distingui-lo do Grande Salão, onde o rei podia dar um banquete para mil pessoas, mas era uma sala comprida com um teto alto e abobadado, e lugar para duzentos convivas às mesas.

– Senhor – disse Jory quando Stark entrou. Pôs-se de pé, e o resto da guarda ergueu-se com ele. Todos os homens usavam mantos novos, de pesada lã cinzenta com uma borda de cetim branco. Uma mão feita de prata batida se agarrava às dobras de lã dos mantos e marcava quem os usava como membro da guarda pessoal da Mão. Eram só cinquenta, e a maior parte dos bancos encontrava-se vazia.

– Sentem-se – disse Eddard Stark. – Vejo que começaram sem mim. Agrada-me ver que ainda há alguns homens de bom-senso nesta cidade – fez sinal para a refeição prosseguir. Os criados começaram a trazer bandejas de costeletas assadas em crosta de alho e ervas.

– Dizem no pátio que vamos ter um torneio, senhor – disse Jory quando voltou a se sentar. – Dizem que virão cavaleiros de todo o reino para a justa e para um banquete em honra de sua nomeação como Mão do Rei.

Arya percebeu que seu pai não estava muito feliz com aquilo.

– Também dizem que isso é a última coisa no mundo que eu desejaria? – o pai falou, e os olhos de Sansa se esbugalharam.

– Um *torneio* – suspirou. Estava sentada entre Septã Mordane e Jeyne Poole, o mais longe de Arya que podia sem receber uma reprimenda do pai. – Vão nos deixar ir, pai?

– Conhece os meus sentimentos, Sansa. Parece que devo organizar os jogos de Robert e fingir estar honrado com eles. Isso não quer dizer que deva submeter minhas filhas a essa loucura.

– Ah, *por favor* – Sansa pediu. – Eu quero ver.

Septã Mordane interveio.

– A Princesa Myrcella estará lá, senhor, e é mais nova que a Senhora Sansa. Num grande evento como este, espera-se a presença de todas as senhoras da corte, e como o torneio é em sua honra, parecerá estranho se sua família não comparecer.

O pai fez uma expressão sentida.

– Suponho que sim. Muito bem, arranjarei um lugar para você, Sansa – ele olhou para Arya. – Para as duas.

– Não me interessa o estúpido torneio deles – disse Arya. Sabia que Príncipe Joffrey estaria lá, e ela o odiava.

Sansa ergueu a cabeça.

– Será um evento *magnífico*. Não a quererão lá.

Um relâmpago de ira surgiu no rosto do pai.

– *Basta*, Sansa. Diga mais uma coisa dessas e mudo de ideia. Estou cansado demais dessa guerra sem fim que vocês duas travam. São irmãs. Espero que se comportem como tal, entendido?

Sansa mordeu o lábio e assentiu. Arya baixou o rosto para o prato e fitou-o, carrancuda. Sentia lágrimas a arder-lhe nos olhos. Esfregou-as, zangada, determinada a não chorar.

O único som que se ouvia era o ruído das facas e dos garfos.

– Por favor, desculpem-me – anunciou o pai à mesa. – Descobri que esta noite tenho pouco apetite – e saiu do salão.

Depois de ele partir, Sansa trocou segredos com Jeyne Poole. Ao fundo da mesa, Jory riu de uma piada e Hullen começou a falar de cavalos.

– Seu cavalo de guerra, preste atenção, pode não ser o melhor para a justa. Não é a mesma coisa, ah, não, realmente não é a mesma coisa – os homens tinham ouvido tudo aquilo antes; Desmond, Jacks e o filho de Hullen, Harwin, gritaram-lhe em uníssono que se calasse, e Porther pediu mais vinho.

Ninguém falou com Arya. Ela não se importou. Gostava das coisas assim. Teria feito suas refeições sozinha no quarto se lhe fosse permitido. E por vezes permitiam, quando o pai tinha de jantar com o rei, com

algum senhor ou com os enviados deste ou daquele lugar. No resto do tempo, comiam em seu solar, só ele, ela e Sansa. Era então que Arya mais sentia saudades dos irmãos. Queria provocar Bran, brincar com o bebê Rickon e fazer com que Robb lhe sorrisse. Queria que Jon despenteasse seus cabelos, chamasse-a de "irmãzinha" e completasse as frases com ela. Mas estavam todos longe. Não tinha ninguém, a não ser Sansa, e a irmã nem sequer lhe falava, a não ser que o pai a obrigasse.

Em Winterfell, quase metade das refeições era feita no Grande Salão. O pai costumava dizer que um senhor devia comer com seus homens se esperava conservá-los. Arya um dia o ouviu dizer a Robb: "Conheça os homens que o seguem e deixe que eles o conheçam. Não peça aos seus homens para morrer por um estranho". Em Winterfell, havia sempre um lugar extra à sua mesa, e todos os dias um homem diferente era convidado a juntar-se a eles. Uma noite seria Vayon Poole e a conversa versaria sobre cobres, reservas de pão e criados. Na próxima seria Mikken, e o pai o ouviria discorrer sobre armaduras e espadas, quão quente devia estar uma forja e qual a melhor maneira de temperar o aço. Outro dia seria Hullen com sua infinita conversa sobre cavalos, ou Septão Chayle da biblioteca, ou Jory, ou Sor Rodrik, ou até a Velha Ama com suas histórias.

Não havia nada que Arya mais gostasse do que se sentar à mesa do pai e ouvi-los falar. Também gostava de ouvir os homens que se sentavam nos bancos: cavaleiros livres, duros como couro; cavaleiros cortesãos; jovens e ousados escudeiros; velhos e grisalhos homens de armas. Costumava atirar-lhes bolas de neve e ajudá-los a roubar tortas da cozinha. As mulheres desses homens ofereciam-lhe bolinhos de aveia e trigo e ela inventava nomes para seus bebês e brincava com seus filhos de monstros e donzelas, ou busca do tesouro, ou vem ao meu castelo. Gordo Tom costumava chama-lá de "Arya Debaixo dos Pés", porque dizia que era aí que ela sempre estava. Gostava muito mais desse apelido do que de "Arya Cara de Cavalo".

Mas isso era Winterfell, a um mundo de distância, e agora tudo mudara. Aquela era a primeira vez que tinham comido uma refeição com os homens desde a chegada a Porto Real. E Arya detestou. Agora odiava o som de suas vozes, o modo como riam, as histórias que contavam. Tinham sido seus amigos, tinha se sentido segura junto deles, mas agora

sabia que isso era uma mentira. Tinham deixado a rainha matar Lady, e isso já fora suficientemente horrível, mas depois o Cão de Caça encontrara Mycah. Jeyne Poole dissera a Arya que o tinha cortado em tantos pedaços que o devolveram ao carniceiro dentro de um saco, e a princípio o pobre homem pensara tratar-se de um porco morto. E ninguém levantara uma voz ou puxara uma espada ou *qualquer coisa*, nem Harwin, que sempre falava tão ousadamente, nem Alyn, que ia ser um cavaleiro, ou Jory, que era capitão da guarda. Nem mesmo seu pai.

– Ele era meu amigo – sussurrou Arya para o prato, tão baixo que ninguém a ouviu. Suas costeletas estavam ali, intocadas, esfriando, uma fina película de gordura solidificando por baixo delas no prato. Arya as olhou e se sentiu mal. Afastou a cadeira da mesa.

– Perdão, onde pensa que vai, jovem senhora? – perguntou Septã Mordane.

– Não tenho fome – Arya sentia dificuldade em lembrar-se da boa educação. – Com a sua licença – recitou rigidamente.

– Não a tem – disse a septã. – Quase não tocou na comida. Sente-se e limpe o prato.

– Limpe-o você! – antes que alguém pudesse detê-la, Arya saltou para a porta enquanto os homens riam e Septã Mordane a chamava sonoramente, com a voz cada vez mais aguda.

Gordo Tom estava em seu posto, guardando a porta da Torre da Mão. Pestanejou ao ver Arya correr em sua direção por entre os gritos da septã.

– Ora, pequena, espere – começou a dizer, estendendo a mão, mas Arya deslizou entre suas pernas e precipitou-se pelos degraus em espiral da torre acima, com os pés martelando a pedra enquanto Gordo Tom bufava de irritação atrás dela.

Seu quarto era o único lugar de que Arya gostava em todo o Porto Real, e aquilo de que gostava mais nele era a porta, uma maciça prancha de carvalho escuro com reforços negros de ferro. Quando batia aquela porta e deixava cair a pesada tranca, ninguém podia entrar naquele quarto, nem Septã Mordane, nem Gordo Tom, nem Sansa, nem Jory, nem o Cão de Caça, *ninguém*! E a batia.

Depois de a tranca cair, Arya sentiu-se por fim suficientemente em segurança para chorar. Foi até o assento junto à janela e acomodou-se ali,

fungando, odiando todos e a si mesma acima de tudo. Era tudo culpa sua, tudo que acontecera. Era o que Sansa dizia, e Jeyne também.

Gordo Tom batia à porta.

– Menina Arya, o que houve? – gritou. – Está aí?

– *Não*! – gritou Arya. As batidas pararam. Um momento mais tarde, ouviu-o partir. Gordo Tom era sempre fácil de enganar.

Arya dirigiu-se à arca que tinha aos pés da cama. Ajoelhou-se, abriu o tampo e começou a tirar a roupa lá de dentro com ambas as mãos, agarrando seda, cetim, veludo e lã e atirando-as ao chão. Ali estava, no fundo da arca, onde a escondera. Arya ergueu-a quase com ternura e tirou a estreita lâmina de sua bainha.

Agulha.

Pensou de novo em Mycah e os olhos se encheram de lágrimas. Culpa sua, culpa sua, culpa sua. Se não tivesse pedido a ele para brincar de espadas…

Ouviu-se uma batida na porta, mais alta que antes.

– *Arya Stark, abra esta porta imediatamente, está ouvindo?*

Arya rodopiou, com Agulha na mão.

– É melhor não entrar aqui! – preveniu, e golpeou o ar ferozmente.

– *A Mão ouvirá falar disto!* – encolerizou-se Septã Mordane.

– Não me importa – gritou Arya. – Vá embora.

– *Vai se arrepender desse comportamento insolente, senhorita, é uma promessa que lhe faço* – Arya escutou atrás da porta até ouvir o som dos passos da septã se afastando.

Regressou para junto da janela, com Agulha na mão, e olhou o pátio lá embaixo. Se ao menos fosse capaz de escalar como Bran, pensou; sairia pela janela e desceria a torre, fugiria daquele lugar horrível, de Sansa, da Septã Mordane e do Príncipe Joffrey, de todos eles. Roubaria alguma comida da cozinha e levaria Agulha, botas boas e um manto quente. Poderia encontrar Nymeria nos bosques selvagens abaixo do Tridente e regressariam juntas a Winterfell, ou correriam até Jon, na Muralha. Deu por si a desejar que Jon estivesse ali consigo. Então talvez não se sentisse tão só.

Um suave toque na porta atrás dela fê-la virar as costas à janela e aos seus sonhos de fuga.

– Arya – soou a voz do pai. – Abra a porta. Temos de conversar.

Arya atravessou o quarto e ergueu a tranca. O pai estava só. Parecia mais triste que do zangado, fazendo Arya sentir-se ainda pior.

– Posso entrar? – Arya fez que sim com a cabeça e depois abaixou os olhos, envergonhada. O pai fechou a porta. – De quem é essa espada?

– Minha – Arya quase esquecera que tinha Agulha na mão.

– Dê-me.

Relutantemente, Arya entregou a espada, perguntando a si mesma se algum dia voltaria a pegar nela. O pai a fez rodar sob a luz, examinando ambos os lados da lâmina. Testou a ponta com o polegar.

– Uma lâmina de espadachim – disse. – No entanto, parece-me que conheço esta marca de fabricante. Isto é trabalho de Mikken.

Arya não podia mentir para o pai. Abaixou os olhos.

Lorde Eddard Stark suspirou.

– Minha filha de nove anos é armada por minha própria forja, e eu nada sei sobre o assunto. Espera-se que a Mão do Rei governe os Sete Reinos, mas parece que nem sequer é capaz de governar sua casa. Como foi que se tornou dona de uma espada, Arya? Onde arranjou isto?

Arya torceu os lábios e nada disse. Não queria trair Jon, nem mesmo ao pai. Depois de algum tempo, o pai disse:

– Não me parece que realmente importe – olhou gravemente para a espada que tinha nas mãos. – Isto não é brinquedo para uma criança, e muito menos para uma menina. Que diria Septã Mordane se soubesse que está brincando com espadas?

– Não estava *brincando* – insistiu Arya. – Odeio Septã Mordane.

– Basta – a voz do pai soou seca e dura. – A septã não faz mais que o seu dever, embora os deuses bem saibam que você o transformou numa luta para a pobre mulher. Sua mãe e eu a encarregamos da impossível tarefa de transformar você numa dama.

– Eu não *quero* ser uma dama! – inflamou-se Arya.

– Devia partir este brinquedo no joelho aqui e agora, e pôr fim a esse disparate.

– Agulha não se partiria – disse Arya em desafio, mas a voz traiu-lhe as palavras.

– Ah, tem até nome? – o pai suspirou. – Ah, Arya. Tem um ardor dentro de si, criança. Meu pai costumava chamá-lo “o sangue do lobo”. Lyanna tinha um pouco, e meu irmão Brandon, mais que um pouco. E

isso levou ambos a uma morte precoce – Arya ouviu tristeza na voz dele; não era frequente que falasse do pai ou do irmão e da irmã que tinham morrido antes de ela nascer. – Lyanna poderia ter usado uma espada, se o senhor meu pai o tivesse permitido. Você por vezes faz com que me lembre dela. Até se parece com ela.

– Lyanna era linda – disse Arya, surpresa. Todos afirmavam aquilo. E não era algo que alguma vez se dissesse de Arya.

– Era mesmo – concordou Eddard Stark –, linda e voluntariosa, e morta antes do tempo – ergueu a espada, segurou-a entre os dois. – Arya, o que pensa fazer com esta… Agulha? Quem planeja espetar nela? Sua irmã? Septã Mordane? Sabe alguma coisa sobre esgrima?

Apenas conseguiu lembrar-se da lição que Jon lhe dera.

– Espeta-se com a extremidade afiada – proferiu.

O pai respondeu com uma gargalhada.

– Essa *é* a essência da coisa, suponho.

Arya queria desesperadamente explicar, para que ele compreendesse.

– Eu estava tentando aprender, mas… – seus olhos se encheram de lágrimas. – Pedi a Mycah para praticar comigo – o desgosto assaltou-a por inteiro. Virou-se, tremendo: – Eu *lhe pedi* – chorou. – Foi culpa minha, fui eu…

De repente, os braços do pai estavam à sua volta. Abraçou-a gentilmente quando ela se virou e desatou a soluçar contra seu peito.

– Não, querida – murmurou. – Chore por seu amigo, mas nunca se culpe. Você não matou o filho do carniceiro. Esse assassinato cabe ao Cão de Caça, a ele e à cruel mulher que serve.

– Odeio-os – confidenciou Arya, com o rosto vermelho, fungando. – Ao Cão, à rainha, ao rei e ao Príncipe Joffrey. Odeio-os todos. Joffrey *mentiu*, as coisas não aconteceram como ele disse. E também odeio Sansa. Ela se *lembrava*, só mentiu para que Joffrey gostasse dela.

– Todos mentimos – seu pai disse. – Ou será que realmente pensa que acreditei que Nymeria tinha fugido?

Arya corou.

– Jory prometeu não contar.

– Jory manteve a promessa – confirmou o pai com um sorriso. – Há certas coisas que não preciso que me sejam ditas. Até um cego pode ver que aquele lobo nunca te deixaria de boa vontade.

– Tivemos de atirar-lhe pedras – disse ela em tom infeliz. – Eu lhe disse para fugir, para ser livre, que já não a queria. Havia outros lobos com quem brincar, ouvíamos seu uivo, e Jory disse que os bosques estavam cheios de caça, e ela teria veados para caçar. Mas ela continuava a nos seguir, e por fim tivemos que lhe atirar pedras. Atingi-a duas vezes. Ela gemeu e olhou para mim, e eu me senti tão envergonhada, mas foi a coisa certa a fazer, não foi? A rainha a teria matado.

– Foi a coisa certa a fazer – seu pai respondeu. – E mesmo a mentira foi… algo com certa honra – Ned colocou Agulha de lado para abraçar Arya. Depois, voltou a pegar a arma e caminhou até a janela, onde parou por um momento, olhando para além do pátio. Quando se virou, tinha os olhos pensativos. Sentou-se no assento de janela, com Agulha pousada no colo. – Arya, sente-se. Tenho de tentar lhe explicar algumas coisas.

Ela empoleirou-se ansiosamente na beira da cama.

– Você é nova demais para ser sobrecarregada com todos os meus problemas – disse-lhe –, mas também é uma Stark de Winterfell. Conhece o nosso lema.

– O inverno está chegando – sussurrou Arya.

– Os tempos duros e cruéis – disse o pai. – Provamo-los no Tridente, filha, e quando Bran caiu. Você nasceu durante o longo verão, querida, e nunca conheceu nada além dele, mas agora o inverno está realmente chegando. Lembra-se do selo de nossa Casa, Arya?

– O lobo gigante – ela respondeu, pensando em Nymeria. Abraçou os joelhos contra o peito, de repente sentindo medo.

– Deixe-me lhe dizer algumas coisas sobre os lobos, filha. Quando as neves caem e os ventos brancos sopram, o lobo solitário morre, mas a alcateia sobrevive. O verão é o tempo das frivolidades. No inverno, devemos proteger uns aos outros, nos manter quentes, partilhar nossas forças. Por isso, se tiver de odiar, Arya, odeie aqueles que realmente nos querem fazer mal. Septã Mordane é uma boa mulher, e Sansa… Sansa é sua irmã. Vocês podem ser tão diferentes como o Sol e a Lua, mas o mesmo sangue corre em seus corações. Você precisa dela, assim como ela precisa de você… e eu preciso de ambas, que os deuses me protejam.

Seu pai soava tão cansado que fez Arya sentir-se triste.

– Eu não odeio Sansa – disse-lhe. – Não de verdade – era só meia mentira.

– Não quero assustá-la, mas também não vou mentir. Viemos para um lugar sombrio e perigoso, filha. Aqui não é Winterfell. Temos inimigos que nos desejam mal. Não podemos travar uma guerra entre nós. Essa sua obstinação, as fugas, as palavras zangadas, a desobediência… em casa, eram só os jogos de verão de uma criança. Aqui e agora, com o inverno se aproximando, as coisas são diferentes. É tempo de começar a crescer.

– Eu cresço – prometeu Arya. Nunca o amara tanto como naquele instante. – Também posso ser forte. Posso ser tão forte como Robb.

Ele lhe estendeu Agulha, entregando-lhe o cabo.

– Tome.

Ela olhou para a espada com espanto nos olhos. Por um momento teve medo de tocá-la, medo de que, se estendesse a mão, ela lhe seria de novo arrebatada, mas então o pai disse:

– Vamos, é sua – e ela pegou na arma.

– Posso ficar com ela? – perguntou. – De verdade?

– De verdade – ele sorriu. – Se a tirasse de você, não tenho dúvidas de que em menos de uma quinzena encontraria uma maça escondida debaixo de sua almofada. Tente não apunhalar sua irmã, seja qual for a provocação.

– Não farei isso. Prometo – Arya apertou Agulha com força contra o peito enquanto o pai se retirava.

Na manhã seguinte, ao desjejum, pediu desculpas a Septã Mordane. A septã a olhou com suspeita, mas o pai acenou com a cabeça.

Três dias depois, ao meio-dia, o intendente do pai, Vayon Poole, mandou Arya até o Pequeno Salão. As mesas tinham sido desmanteladas e os bancos, arrumados junto às paredes. O salão parecia vazio, até que uma voz que não lhe era familiar disse:

– Está atrasado, garoto – um homem franzino com uma cabeça calva e um nariz que mais parecia um grande bico saiu das sombras segurando um par de estreitas espadas de madeira. – Amanhã deve estar aqui ao meio-dia – seu sotaque tinha a entoação das Cidades Livres, talvez Bravos, ou Myr.

– Quem é o senhor? – perguntou Arya.

– Sou seu mestre de dança – atirou-lhe uma das armas de madeira.

Ela tentou agarrá-la no ar, falhou, e a ouviu cair com estrondo no chão.

– Amanhã você a agarrará. Agora, apanhe-a.

Não era apenas um pedaço de madeira, mas uma verdadeira espada de madeira completa, com punho, guarda e botão. Arya a apanhou e a segurou nervosamente com ambas as mãos, erguendo-a à sua frente. Era mais pesada do que parecia, muito mais pesada do que Agulha.

O homem calvo estalou os dentes.

– Não é assim, garoto. Isto não é uma espada longa, que precisa de duas mãos para ser brandida. Pegue na arma com uma mão.

– É pesada demais – Arya justificou.

– É tão pesada quanto precisa ser para deixá-lo forte e para o equilíbrio. Um buraco aí dentro está cheio de chumbo exatamente para isso. Agora, uma mão é tudo que é preciso.

Arya tirou a mão direita do punho e limpou a palma suada nas calças. Segurou a espada com a mão esquerda. O homem pareceu aprovar.

– A esquerda é boa. Tudo que seja invertido atrapalhará mais seus inimigos. Mas está na posição errada. Vire o corpo de lado, isso, assim. Você é magro como o cabo de uma lança, sabia? Isso também é bom, o alvo é menor. Agora, o modo de agarrar. Mostre-me – aproximou-se e espiou-lhe a mão, afastando-lhe os dedos, rearranjando-os. – Assim mesmo, sim. Não aperte com muita força, não, deve segurá-la de forma hábil, delicada.

– E se a deixar cair? – perguntou Arya.

– O aço deve fazer parte do seu braço – disse-lhe o homem calvo. – Pode deixar cair parte do seu braço? Não. Durante nove anos, Syrio Forel foi primeira-espada do Senhor do Mar de Bravos, ele sabe dessas coisas. Escute-o, garoto.

Era a terceira vez que o homem a chamava de “garoto”.

– Sou uma menina – objetou Arya.

– Menino, menina – disse Syrio Forel. – É uma espada, é tudo – fez estalar os dentes. – Isso mesmo, é assim que se segura. Não está segurando um machado de batalha, mas uma…

– … *agulha* – terminou Arya por ele, ferozmente.

– Isso mesmo. Agora começamos a dança. Lembre-se, criança, não é a dança de ferro de Westeros que estamos aprendendo, a dança dos cavaleiros, que corta e bate, não. Esta é a dança do espadachim, a dança da água, rápida e súbita. Todos os homens são feitos de água, sabia disso?

Quando os perfura, a água jorra e eles morrem – deu um passo para trás, ergueu a própria lâmina de madeira. – Agora tente me atingir.

Arya tentou atingi-lo. Tentou durante quatro horas, até ficar com cada músculo do corpo dolorido, enquanto Syrio Forel fazia estalar os dentes e lhe dizia o que fazer.

No dia seguinte, começou o verdadeiro trabalho.

# Daenerys

—O Mar Dothraki – disse Sor Jorah Mormont ao puxar as rédeas do cavalo e parar ao lado dela no topo da colina.

A seus pés, a planície estendia-se imensa e vazia, uma vasta extensão plana que atingia e ultrapassava o horizonte distante. *Foi* um mar, pensou Dany. Para lá do lugar onde estavam não havia colinas nem montanhas, nem árvores, cidades ou estradas, apenas a mata sem fim, cujas folhas altas ondulavam como ondas quando o vento soprava.

– É tão verde – ela admirou.

– Aqui e agora – concordou Sor Jorah. – Tem de vê-lo quando floresce, flores vermelhas escuras de horizonte a horizonte, como um mar de sangue. E quando chega a estação seca, o mundo fica da cor de bronze velho. E isto é apenas a *hranna*, menina. Há ali cem tipos de plantas, amarelas como limão-siciliano e escuras como índigo, azuis e cor de laranja, e as que são como arco-íris. E dizem que nas Terras das Sombras, para lá de Asshai, há oceanos de erva-fantasma, mais alta que um homem a cavalo e com caules tão claros como vidro leitoso. Mata todas as outras plantas e brilha no escuro com os espíritos dos condenados. Os dothrakis dizem que um dia a erva-fantasma cobrirá o mundo inteiro, e então toda a vida terminará.

Essa ideia fez Dany se arrepiar.

– Não quero falar disso agora – ela retrucou. – Isto aqui é tão lindo que não quero pensar na morte de tudo.

– Como desejar, *khaleesi* – Sor Jorah disse respeitosamente.

Dany ouviu o som de vozes e virou-se para olhar para trás. Ela e Mormont tinham se distanciado do resto da comitiva, e agora os outros subiam a colina. Os movimentos da criada Irri e dos jovens arqueiros de seu *khas* eram fluidos como centauros, mas Viserys ainda lutava com os estribos curtos e a sela plana. O irmão era infeliz ali. Nunca deveria ter vindo. Magíster Illyrio insistira com ele para que esperasse em Pentos,

oferecera-lhe a hospitalidade de sua mansão, mas Viserys nem quisera ouvir falar do assunto. Queria ficar com Drogo até que a dívida fosse paga, até ter a coroa que lhe fora prometida. “E se ele tentar me enganar, aprenderá, para sua desgraça, o que significa acordar o dragão”, ele garantira, pousando a mão na espada emprestada. Illyrio pestanejara ao ouvir aquilo e lhe desejara boa sorte.

Dany percebeu que naquele momento não desejava ouvir nenhuma das queixas do irmão. O dia estava bastante perfeito. O céu era de um azul profundo, e muito acima deles um falcão caçador voava em círculos. O mar de plantas oscilava e suspirava a cada sopro do vento, o ar batia-lhe morno no rosto, e Dany sentia-se em paz. Não deixaria que Viserys estragasse tudo.

– Espere aqui – disse Dany a Sor Jorah. – Diga a todos para ficar. Diga que eu estou ordenando.

O cavaleiro sorriu. Sor Jorah não era um homem bonito. Tinha pescoço e ombros de touro e grossos pelos negros cobriam-lhe os braços e o pescoço de uma forma tão densa que nada restava para a cabeça. Mas seus sorrisos davam conforto a Dany.

– Está aprendendo a falar como uma rainha, Daenerys.

– Uma rainha, não – ela respondeu. – Uma *khaleesi* – fez girar o cavalo e galopou sozinha encosta abaixo.

A descida era íngreme e rochosa, mas Dany cavalgou destemidamente, e o júbilo e o perigo daquilo eram uma canção em seu coração. Por toda sua vida, Viserys lhe dissera que era uma princesa, mas só quando montou sua prata é que Daenerys Targaryen se sentira como uma.

A princípio não fora fácil. O *khalasar* levantara o acampamento na manhã seguinte ao casamento, dirigindo-se para leste em direção a Vaes Dothrak, e no terceiro dia Dany pensou que ia morrer. Feridas provocadas pela sela abriram-se em seu traseiro, hediondas e sangrentas. As coxas ficaram em carne viva, as rédeas fizeram nascer bolhas nas mãos, e os músculos das pernas e das costas estavam de tal forma doloridos que quase não era capaz de se sentar. Quando caía o crepúsculo, as criadas tinham de ajudá-la a desmontar.

Nem mesmo as noites traziam alívio. Khal Drogo ignorava-a enquanto viajavam, tal como a ignorara durante o casamento, e passava o começo da noite bebendo com seus guerreiros e companheiros de sangue,

competindo com seus melhores cavalos, vendo mulheres dançar e homens morrer. Dany não tinha lugar naquelas partes de sua vida. Era abandonada para jantar sozinha ou com Sor Jorah e o irmão, para depois chorar até adormecer. Mas todas as noites, em algum momento antes da alvorada, Drogo vinha à sua tenda e a acordava na escuridão para montá-la tão implacavelmente como montava seu garanhão. Possuía-a sempre por trás, à moda dothraki, e Dany sentia-se grata por isso; dessa maneira, o senhor seu marido não podia ver as lágrimas que lhe molhavam o rosto, e podia usar a almofada para abafar seus gritos de dor. Quando acabava, ele fechava os olhos e começava a ressonar baixinho, e Dany se deitava ao seu lado, com o corpo dolorido e machucado, com dores demais para dormir.

Os dias seguiram-se a outros, e as noites seguiram-se a outras, até Dany compreender que não conseguia suportar aquilo nem mais um momento. Uma noite decidiu que preferia se matar em vez de continuar…

Mas, quando conseguiu adormecer nessa noite, voltou a sonhar o sonho do dragão. Daquela vez Viserys não estava nele. Só ela e o dragão. Suas escamas eram negras como a noite, mas luzidias de sangue. Dany sentiu que aquele sangue era dela. Os olhos do animal eram lagoas de magma derretido, e, quando abriu a boca, a chama surgiu, rugindo, num jato quente. Dany podia ouvi-lo cantar para ela. Abriu os braços ao fogo, acolheu-o, para que ele a engolisse inteira e a lavasse, temperasse e polisse até ficar limpa. Podia sentir sua carne secar, enegrecer e descamar-se, sentia o sangue ferver e transformar-se em vapor, mas não havia nenhuma dor. Sentia-se forte, nova e feroz.

E no dia seguinte, estranhamente, pareceu-lhe que não doía tanto. Foi como se os deuses a tivessem escutado e tivessem se apiedado. Até as criadas repararam na mudança.

– *Khaleesi* – disse Jhiqui –, que houve? Está doente?

– Estava – ela respondeu, em pé junto aos ovos de dragão que Illyrio lhe oferecera quando se casara. Tocou um deles, o maior dos três, fazendo correr a mão sobre a casca. *Negro e escarlate*, pensou, *como o dragão no meu sonho*. A pedra parecia estranhamente quente sob seus dedos… ou estaria ainda sonhando? Retirou a mão, nervosamente.

Daquele momento em diante, cada dia foi mais fácil que o anterior. As pernas ficaram mais fortes; as bolhas arrebentaram e as mãos ganharam calos; as moles coxas enrijeceram, flexíveis como o couro.

O *khal* ordenara à criada Irri que ensinasse Dany montar à moda dothraki, mas sua verdadeira professora era a potranca. A égua parecia conhecer-lhe os estados de alma, como se partilhassem uma mente única. A cada dia que passava, Dany sentia-se mais segura sobre a sela. Os dothrakis eram um povo duro e sem sentimentalismos, e não tinham o costume de dar nome aos animais; portanto, Dany pensava no animal apenas como a prata. Nunca amara tanto coisa alguma.

À medida que a viagem foi deixando de ser uma provação, Dany começou a reparar nas belezas da terra que a rodeava. Cavalgava à frente do *khalasar* com Drogo e seus companheiros de sangue, e assim encontrava todas as regiões frescas e intactas. Atrás deles, a grande horda podia rasgar a terra e enlamear os rios e levantar nuvens de pó que dificultavam a respiração, mas os campos à sua frente estavam sempre viçosos e verdejantes.

Atravessaram as colinas onduladas de Norvos, deixando para trás fazendas de campos amurados e pequenas aldeias onde o povo observava ansioso, de cima de muros brancos de estuque. Atravessaram pelo vau três largos rios plácidos e um quarto que era rápido, estreito e traiçoeiro, acamparam ao lado de uma grande catarata azul e rodearam as ruínas tombadas de uma vasta cidade morta, onde se dizia que os fantasmas gemiam por entre enegrecidas colunas de mármore. Correram por estradas valirianas com mil anos de idade, retas como uma flecha dothraki. Ao longo de meia lua, atravessaram a Floresta de Qohor, onde as folhas formavam uma abóbada dourada muito acima deles e os troncos das árvores eram tão largos como portões de uma cidade. Havia grandes alces naqueles bosques, tigres malhados e lêmures de pelo prateado e enormes olhos púrpuros, mas todos fugiram antes que o *khalasar* se aproximasse e Dany não chegou a vislumbrá-los.

A essa altura, sua agonia era uma lembrança que se desvanecia. Ainda sentia-se dolorida depois de um longo dia de viagem, mas, de algum modo, agora a dor incorporava certa doçura, e ela subia de boa vontade para a sela todas as manhãs, ansiosa por saber que maravilhas a esperavam nas terras que se estendiam à frente. Começou a encontrar

prazer até mesmo nas noites, e embora ainda gritasse quando Drogo a possuía, nem sempre era de dor.

Na base da colina, as plantas ergueram-se à sua volta, altas e flexíveis. Trotando, Dany penetrou na planície, deixando-se perder na grama, abençoadamente só. No *khalasar* nunca estava só. Khal Drogo só vinha encontrá-la depois de o sol se pôr, mas as criadas a alimentavam, a banhavam e dormiam junto à porta de sua tenda; os companheiros de sangue de Drogo e os homens de seu *khas* nunca estavam muito distantes, e o irmão era uma sombra indesejada, dia e noite. Dany conseguia ouvi-lo no topo da colina, com a voz esganiçada de raiva enquanto gritava a Sor Jorah. Ela avançou, submergindo-se mais profundamente no Mar Dothraki.

O verde a engoliu. O ar estava enriquecido com os odores da terra e das plantas, misturados com o cheiro do cavalo, do suor de Dany e do óleo em seus cabelos. Cheiros dothrakis. Pareciam pertencer àquele lugar. Dany respirou tudo aquilo, rindo. Teve uma súbita vontade de sentir o chão debaixo dos pés, de fechar os dedos sobre aquele espesso solo negro. Desmontando, deixou a prata pastando enquanto descalçava as botas de cano alto.

Viserys chegou junto dela tão subitamente como uma tempestade de verão, com o cavalo se empinando quando puxou as rédeas com demasiada força.

– Como se *atreve*? – ele gritou com ela. – Dar ordens a *mim*? *A mim*? – saltou do cavalo, tropeçando ao pisar no chão. Seu rosto estava corado quando se pôs em pé. Agarrou-a e a sacudiu. – Esqueceu-se de quem é? Olhe para você. *Olhe para você!*

Dany não precisava se olhar. Estava descalça, com os cabelos oleados, usando couros dothrakis de montar e um vestido pintado que lhe fora dado como presente de noivado. Parecia pertencer àquele lugar. Viserys estava sujo e manchado, vestido com suas sedas citadinas e cota de malha.

Ele ainda gritava.

– Você *não dá* ordens ao dragão. Entende isto? Eu sou o Senhor dos Sete Reinos, não receberei ordens de uma puta qualquer de chefe de horda, está ouvindo? – introduziu a mão sob o vestido dela, enterrando dolorosamente os dedos no seio. – *Está ouvindo?*

Dany o afastou com um forte empurrão.

Viserys a fitou, com os olhos lilás incrédulos. Ela nunca o desafiara. Nunca lutara. A raiva distorceu-lhe as feições. Ela sabia que ele agora a machucaria, e muito.

*Crac*.

O chicote fez um som de trovão. A ponta enrolou-se no pescoço de Viserys e o atirou para trás. Ele se estatelou na grama, atordoado e estrangulado. Os cavaleiros dothrakis gritavam enquanto ele lutava por se libertar. O dono do chicote, o jovem Jhogo, arriscou uma pergunta. Dany não compreendeu suas palavras, mas então Irri chegou, com Sor Jorah e o resto de seu *khas*.

– Jhogo pergunta se deve matá-lo, *khaleesi* – disse Irri.

– Não – Dany respondeu. – Não.

Jhogo compreendeu aquilo. Um dos outros ladrou um comentário, e os dothrakis riram. Irri disse a Viserys:

– Quaro pensa que deve cortar uma orelha para lhe ensinar respeito.

O irmão estava de joelhos, com os dedos enterrados sob os anéis de couro, gritando incoerentemente, lutando por ar. O chicote enrolava-se apertado na traqueia.

– Diga-lhes que não o quero ferido – disse Dany.

Irri repetiu suas palavras em dothraki. Jhogo deu um puxão no chicote, sacudindo Viserys como uma marionete na ponta de uma corda. Ele se estatelou de novo, livre do abraço de couro, com uma fina linha de sangue sob o queixo, no local onde o chicote cortara profundamente a pele.

– Eu o preveni do que aconteceria, senhora – disse Sor Jorah Mormont. – Disse-lhe para ficar na colina, conforme havia ordenado.

– Eu sei que sim – respondeu Dany, observando Viserys, que jazia no chão, inspirando ruidosamente, corado e soluçando. Era uma coisa digna de pena. Sempre fora. Por que nunca antes tinha compreendido? Havia um lugar oco dentro dela, o lugar onde estivera seu medo.

– Tome o cavalo dele – ordenou Dany a Sor Jorah. Viserys a olhou de boca aberta. Não conseguia acreditar no que ouvia; e Dany tampouco conseguia acreditar muito bem no que dizia. No entanto, as palavras vieram. – Que meu irmão caminhe atrás de nós até o *khalasar* – entre os dothrakis, o homem que não monta a cavalo não é homem nenhum, o

mais vil dos seres vis, sem honra nem orgulho. – Que todos o vejam tal como é.

– *Não!* – Viserys gritou. Virou-se para Sor Jorah, suplicando na língua comum, com palavras que os cavaleiros não compreenderiam. – Bata-lhe, Mormont. Machuque-a. É seu rei que está ordenando. Mate esses cães dothrakis e dê-lhe uma lição.

Os olhos do cavaleiro exilado saltaram de Dany para o irmão; ela de pés nus, com terra entre os dedos dos pés e óleo nos cabelos, ele com suas sedas e seu aço. Dany conseguiu ver a decisão no rosto do homem.

– Ele andará, *khaleesi* – Sor Jorah decidiu. Agarrou as rédeas do cavalo do irmão, enquanto Dany montava sua prata.

Viserys o olhou de boca aberta e sentou-se na terra. Manteve-se em silêncio, mas recusou-se a andar, e seus olhos estavam cheios de veneno ao vê-los se afastar. Em pouco tempo estava perdido por entre as plantas altas. Quando deixaram de vê-lo, Dany ficou com receio.

– Ele conseguirá descobrir o caminho de volta? – perguntou a Sor Jorah enquanto caminhavam.

– Mesmo um homem tão cego como seu irmão deve ser capaz de seguir nosso rastro – respondeu o cavaleiro.

– Ele é orgulhoso. Pode se sentir muito envergonhado para regressar.

Jorah soltou uma gargalhada.

– Para onde mais pode ir? Se não conseguir encontrar o *khalasar*, certamente o *khalasar* o encontrará. É difícil morrer afogado no Mar Dothraki, menina.

Dany compreendeu a verdade daquelas palavras. O *khalasar* era como uma cidade em marcha, mas não marchava às cegas. Batedores patrulhavam o terreno bem à frente da coluna principal, alerta a qualquer sinal de caça ou inimigos, enquanto os outros guardavam os flancos. Não deixavam passar nada, especialmente ali, naquela terra, naquele lugar que lhes dera origem. Aquelas planícies eram uma parte deles… e agora também dela.

– Eu bati nele – disse Dany, com espanto na voz. Agora que o confronto terminara, parecia um estranho sonho que tivera. – Sor Jorah, pense… ele estará tão zangado quando regressar… – estremeceu. – Acordei o dragão, não acordei?

Sor Jorah resfolegou.

– É capaz de acordar os mortos, pequena? Seu irmão Rhaegar foi o último dragão e morreu no Tridente. Viserys é menos que a sombra de uma serpente.

Aquelas palavras bruscas sobressaltaram-na. Era como se tudo aquilo em que sempre acreditara fosse subitamente posto em causa.

– O senhor… lhe prestava vassalagem…

– É verdade, pequena – disse Sor Jorah. – E se seu irmão é a sombra de uma serpente, em que é que isso transforma os seus servos? – a voz dele soava amarga.

– Ele ainda é o verdadeiro rei. Ele é…

Jorah puxou as rédeas do cavalo e olhou para ela.

– Agora a verdade. Gostaria de ver Viserys sentado num trono?

Dany refletiu sobre a ideia.

– Não seria um rei lá muito bom, não é?

– Já houve piores… mas não muitos – o cavaleiro esporeou o cavalo e retomou a viagem.

Dany seguiu logo atrás dele.

– Mas, mesmo assim – disse –, o povo o espera. Magíster Illyrio diz que o povo borda estandartes do dragão e reza para que Viserys regresse através do mar estreito para libertá-lo.

– O povo reza por chuva, filhos saudáveis e um verão que nunca termine – disse-lhe Sor Jorah. – Não lhe interessa se os grandes senhores lutam suas guerras de tronos, desde que seja deixado em paz – encolheu os ombros. – E nunca é.

Dany seguiu em silêncio durante algum tempo, ordenando as palavras do companheiro como se fossem um quebra-cabeça. Pensar que o povo podia se importar tão pouco se seu soberano era um rei verdadeiro ou um usurpador ia contra tudo que Viserys lhe dissera. Mas quanto mais refletia sobre as palavras de Jorah, mais lhe soavam verdadeiras.

– E por quem reza *o senhor*, Sor Jorah? – perguntou.

– Pela pátria – disse ele, a voz carregada de saudade.

– Eu também rezo pela pátria – disse ela, acreditando no que dizia.

Sor Jorah soltou uma gargalhada.

– Então olhe em volta, *khaleesi*.

Mas não foram as planícies que Dany viu então. Foi Porto Real e a grande Fortaleza Vermelha que Aegon, o Conquistador, tinha construído.

Foi Pedra do Dragão, onde nascera. No olho de sua mente, esses lugares ardiam com mil luzes, um fogo em brasa em cada janela. No olho de sua mente, todas as portas eram vermelhas.

– Meu irmão nunca recuperará os Sete Reinos – ela disse, compreendendo que já sabia disso havia muito. Soubera-o por toda a vida. Nunca se permitira dizer as palavras, nem mesmo num sussurro, mas dizia-as agora para que Jorah Mormont e todo mundo as ouvisse.

Sor Jorah lançou-lhe um olhar avaliador.

– Pensa que não?

– Ele não lideraria um exército mesmo se o senhor meu marido lhe oferecesse – Dany respondeu. – Não tem nem uma moeda, e o único cavaleiro que o segue o insulta dizendo que é menos que uma serpente. Os dothrakis zombam de sua fraqueza. Ele nunca nos levará para casa.

– Criança sensata – o cavaleiro sorriu.

– Não sou criança nenhuma – disse-lhe com ferocidade.

Apertou com os calcanhares os flancos de sua montaria, pondo a prata a galope. Correu cada vez mais depressa, deixando Jorah, Irri e os outros muito para trás, com o vento quente nos cabelos e o sol que se punha vermelho no rosto. Quando alcançou o *khalasar*, o crepúsculo já chegara.

Os escravos tinham erguido sua tenda junto à margem de uma lagoa alimentada por uma nascente. Ouviam-se vozes grosseiras vindas do palácio de folhas trançadas, na colina. Logo se ouviriam gargalhadas, quando os homens de seu *khas* contassem o episódio que acontecera na base da colina. Quando Viserys chegasse, coxeando, todos os homens, mulheres e crianças do acampamento o reconheceriam como um caminhante. Não havia segredos no *khalasar*.

Dany entregou a prata aos escravos para que dela tratassem e foi para sua tenda. Sob a seda fazia frio, e estava escuro. Ao deixar cair a porta de pano atrás das costas, Dany viu um dedo de poeirenta luz vermelha estender-se para tocar os ovos de dragão do outro lado da tenda. Por um instante, mil gotículas de chama escarlate nadaram perante seus olhos. Pestanejou, e elas desapareceram.

*Pedra*, disse a si mesma. *São apenas pedra, até Illyrio lhe dissera, os dragões estão todos mortos*. Pousou a palma da mão no ovo negro, com os dedos suavemente abertos pela curva da casca. A pedra estava morna. Quase quente.

– O sol – sussurrou Dany. – O sol os aqueceu durante a viagem.

Ordenou às criadas que lhe preparassem um banho. Doreah fez uma fogueira fora da tenda, enquanto Irri e Jhiqui foram buscar a grande banheira de cobre – outro presente de noivado –, montadas em cavalos de carga, e trouxeram água da lagoa. Quando o banho começou a fumegar, Irri a ajudou a entrar e, em seguida, também entrou.

– Já viu alguma vez um dragão? – perguntou, enquanto Irri lhe esfregava as costas e Jhiqui lhe lavava abundantemente os cabelos com água para tirar a areia. Ouvira dizer que os primeiros dragões tinham vindo do leste, das Terras das Sombras para lá de Asshai e das ilhas do Mar de Jade. Talvez alguns ainda vivessem ali, em reinos estranhos e selvagens.

– Dragões já não há, *khaleesi* – disse Irri.

– Estão mortos – concordou Jhiqui. – Há muitos, muitos anos.

Viserys dissera-lhe que não fazia mais de século e meio que os últimos dragões Targaryen tinham morrido, durante o reinado de Aegon III, conhecido como Desgraça dos Dragões. E, para ela, não parecia tanto tempo assim.

– Em toda a parte? – perguntou, desapontada. – Mesmo no Leste? – a magia morrera no Oeste quando a Perdição caíra sobre Valíria e as Terras do Longo Verão, e nem o aço forjado com feitiços, nem os cantores de tempestade, nem os dragões conseguiram afastá-la, mas Dany sempre ouvira dizer que o Leste era diferente. Diziam que manticoras[1] percorriam as ilhas do Mar de Jade, que basiliscos infestavam as selvas de Yi Ti, que encantadores, feiticeiros e aeromantes praticavam abertamente suas artes em Asshai, ao passo que magos negros e de sangue elaboravam terríveis feitiçarias na escuridão da noite. Por que não haveria de ter também dragões?

– Dragão, não – disse Irri. – Bravos homens os matam, porque dragões são terríveis, animais malvados. É sabido.

– É sabido – concordou Jhiqui.

– Um mercador de Qarth disse-me certa vez que os dragões vinham da Lua – disse a loura Doreah enquanto aquecia uma toalha perto da fogueira.

Jhiqui e Irri eram da mesma idade de Dany, jovens dothrakis tomadas como escravas quando Drogo destruiu o *khalasar* do pai delas. Doreah era mais velha, com quase vinte anos. Magíster Illyrio a encontrara num palácio dos prazeres em Lys.

Molhados cabelos prateados caíram-lhe diante dos olhos quando Dany virou a cabeça, curiosa.

– Da Lua?

– Ele me disse que a Lua era um ovo, *khaleesi* – respondeu a jovem lysena. – Antes havia duas luas no céu, mas uma delas se aproximou demais do Sol e rachou com o calor. Mil milhares de dragões jorraram de dentro dela e beberam o fogo do Sol. É por isso que os dragões exalam chamas. Um dia essa Lua também beijará o Sol, e então rachará e os dragões regressarão.

As duas jovens dothrakis riram.

– É uma tola escrava de cabelos de palha – disse Irri. – Lua não é ovo. Lua é deus, mulher esposa do Sol. Todos sabem.

– Todos sabem – Jhiqui concordou.

A pele de Dany estava corada e cor-de-rosa quando saiu da banheira. Jhiqui a deitou para olear seu corpo e limpar os poros. Depois disso, Irri aspergiu-a com flor-de-especiaria e canela. Enquanto Doreah lhe escovava os cabelos até brilharem como seda fiada, Dany refletiu sobre a Lua, os ovos e os dragões.

O jantar foi uma simples refeição de frutas, queijo e pão frito, com um cântaro de vinho com mel para acompanhar.

– Doreah, fique e coma comigo – ordenou Dany quando mandou embora as outras criadas. A lysena tinha cabelos da cor de mel e olhos que eram como o céu do verão.

Ela abaixou os olhos quando ficaram sozinhas.

– Honra-me, *khaleesi* – disse, mas não era honra alguma, apenas serviço. Ficaram sentadas, juntas, até muito depois de a Lua nascer, conversando.

Naquela noite, quando Khal Drogo chegou, Dany o esperava. Ele parou à porta da tenda e a olhou, surpreso. Ela se levantou devagar, abriu suas sedas de dormir e as deixou cair ao chão.

– Esta noite, devemos ir lá para fora, meu senhor – disse-lhe, pois os dothrakis acreditavam que todas as coisas importantes na vida de um

homem devem ser feitas a céu aberto.

Khal Drogo a seguiu para a luz do luar, com os sinos nos cabelos a tilintar baixinho. A alguns metros da tenda havia uma cama com um macio colchão de ervas, e foi para lá que Dany o puxou. Quando ele tentou virá-la, ela pôs-lhe a mão no peito.

– Não. Esta noite quero olhá-lo no rosto.

Não há privacidade no coração do *khalasar*. Dany sentiu olhos sobre ela enquanto o despia, ouviu vozes baixas enquanto fazia as coisas que Doreah lhe dissera para fazer. Não tinha importância. Não era a *khaleesi*? Os dele eram os únicos olhos que importavam, e quando o montou viu algo neles que nunca vira antes. Cavalgou-o com tanto vigor como já cavalgara a sua prata, e quando chegou o momento do prazer, Khal Drogo gritou seu nome.

Estavam no lado mais distante do Mar Dothraki quando Jhiqui afagou com os dedos o suave inchaço na barriga de Dany e disse:

– *Khaleesi*, está à espera de um bebê.

– Eu sei – Dany respondeu.

Isso aconteceu no décimo quarto dia do seu nome.

1 Criatura mitológica com cabeça de homem e corpo de leão. (N. T.)

# Bran

No pátio, lá embaixo, Rickon corria com os lobos.

Bran observava, sentado diante da janela. Onde quer que seu irmão fosse, Vento Cinzento estava lá primeiro, saltando na frente para lhe cortar o caminho, até que Rickon o via, gritava de alegria e desatava a correr em outra direção. Cão Felpudo corria logo atrás dele, rodopiando e mordendo se os outros lobos se aproximassem demais. Seu pelo tinha escurecido até se tornar todo negro, e seus olhos eram fogueiras verdes.

O Verão, de Bran, vinha por último. Era prata e cinzento, com olhos amarelo-ouro que viam tudo, mas era menor que Vento Cinzento, e também mais cauteloso. Bran o achava o mais inteligente da ninhada. Ouvia o riso sem fôlego do irmão, enquanto corria pela terra batida com suas pequenas pernas de criança.

Seus olhos começaram a arder. Queria estar lá embaixo, rindo e correndo. Zangado com aquele pensamento, Bran esfregou as lágrimas antes que tivessem tempo de cair. O oitavo dia do seu nome tinha chegado e partido. Era agora quase um homem-feito, velho demais para chorar.

– Era só uma mentira – ele falou amargamente, lembrando-se do corvo de seu sonho. – Não posso voar. Sequer posso correr.

– Os corvos são todos mentirosos – concordou a voz da Velha Ama da cadeira onde tricotava. – Conheço uma história sobre um corvo.

– Não quero mais histórias – Bran exclamou, com petulância na voz. Antes, ele gostava da Velha Ama e de suas histórias. Antes. Agora era diferente. Agora a deixavam junto dele o dia todo, para vigiá-lo, limpá-lo e evitar que se sentisse só, mas ela só tornava as coisas piores. – Detesto suas histórias estúpidas.

A velha mulher mostrou-lhe um sorriso sem dentes.

– Minhas histórias? Não, meu pequeno senhor, minhas, não. As histórias *são*, antes de mim e depois de mim, e antes de você também.

Ela era uma velha muito feia, pensou Bran rancorosamente; encolhida e enrugada, quase cega, fraca demais para subir escadas, sem lhe restarem mais que alguns fios de cabelo branco para cobrir um couro cabeludo cor-de-rosa e pintalgado. Ninguém sabia bem que idade tinha, mas o pai dizia que já a chamavam Velha Ama quando ele próprio ainda era garoto.

Certamente era a pessoa mais velha de Winterfell, e talvez dos Sete Reinos. A Ama viera para o castelo como ama de leite de um Brandon Stark cuja mãe morrera ao dá-lo à luz, talvez o irmão mais velho de Lorde Rickard, o avô de Bran, ou o irmão mais novo, ou um irmão do pai de *Lorde Rickard*. Às vezes a Velha Ama contava a história de uma maneira, às vezes, de outra. Mas em todas o garotinho morria aos três anos de um resfriado de verão, mas a Velha Ama permanecera em Winterfell com seus próprios filhos. Perdera ambos os rapazes na guerra em que Rei Robert conquistara o trono, e o neto fora morto nas muralhas de Pyke durante a rebelião de Balon Greyjoy. As filhas já tinham se casado havia muito tempo, ido viver longe e morrido. Tudo que restava de seu sangue era Hodor, o gigante simplório que trabalhava nas cavalariças, mas a Velha Ama vivia e continuava a viver, com suas agulhas e suas histórias.

– Não me interessa saber de quem são as histórias – Bran respondeu –, eu as detesto – não queria as histórias e não queria a Velha Ama. Queria a mãe e o pai. Queria correr com Verão aos saltos a seu lado, subir a torre quebrada e dar milho aos corvos, voltar a montar seu pônei com os irmãos, e que tudo fosse como antes.

– Sei uma história sobre um garoto que detestava histórias – a Velha Ama insistiu com seu sorrisinho estúpido, enquanto as agulhas se moviam, *clic*, *clic*, *clic*, e Bran sentiu-se capaz de gritar com ela.

Sabia que as coisas nunca voltariam a ser como antes. O corvo o levara para voar, ledo engano, mas, quando acordou, estava quebrado, e o mundo mudado. Tinham-no abandonado todos, o pai, a mãe, as irmãs e até o irmão bastardo Jon. O pai prometera levá-lo para Porto Real montado num cavalo verdadeiro, mas tinham partido sem ele. Meistre Luwin enviara uma ave com uma mensagem para Lorde Eddard, outra para a mãe, e uma terceira para Jon, na Muralha, mas não houve respostas. “Muitas vezes as aves se perdem, criança”, dissera-lhe o

meistre. “Há muitas milhas e muitos falcões daqui a Porto Real, e a mensagem pode não ter chegado.” Mas, para Bran, era como se tivessem todos morrido enquanto dormia… ou talvez ele tivesse morrido e todos o tinham esquecido. Jory, Sor Rodrik e Vayon Poole também tinham partido, e Hullen, Harwin e Gordo Tom, e um quarto da guarda.

Só restavam Robb e o bebê Rickon, e Robb mudara, era agora o Senhor, ou tentava sê-lo. Usava uma espada de verdade e nunca sorria. Passava os dias exercitando a guarda e praticando esgrima, fazendo o pátio ressoar com o som do aço, enquanto Bran observava, desamparado, da janela. À noite fechava-se com Meistre Luwin, conversando, ou revendo os livros de contas. Por vezes saía a cavalo com Hallis Mollen e permanecia longe durante dias, visitando fortificações distantes. Sempre que estava longe por mais de um dia, Rickon chorava e perguntava a Bran se o irmão voltaria. E mesmo quando estava em Winterfell, Robb, o Senhor, parecia ter mais tempo para Hallis Mollen e Theon Greyjoy do que para os irmãos.

– Eu podia lhe contar a história de Brandon, o Construtor – disse a Velha Ama. – Esta sempre foi a sua favorita.

Milhares e milhares de anos antes, Brandon, o Construtor, erguera Winterfell e, segundo alguns diziam, a Muralha. Bran conhecia a história, mas nunca fora sua favorita. Talvez um dos outros Brandons tivesse gostado dela. Por vezes a Ama falava com ele como se fosse o *seu* Brandon, o bebê que amamentara havia tantos anos, e por vezes o confundia com o tio Brandon, que tinha sido morto pelo Rei Louco antes de Bran nascer. Ela vivera tanto tempo, dissera-lhe sua mãe uma vez, que todos os Brandons Stark tinham se transformado numa só pessoa em sua cabeça.

– Esta não é a minha favorita – Bran respondeu. – Minhas favoritas são as assustadoras – ouviu uma agitação qualquer lá fora e virou-se para a janela. Rickon corria para a guarita, com os lobos atrás, mas a torre ficava fora de seu campo de visão, por isso não podia ver o que estava acontecendo, e socou sua coxa, frustrado, mas não sentiu nada.

– Ah, minha querida criança de verão – disse a Velha Ama em voz baixa –, que sabe sobre o medo? O medo pertence ao inverno, meu pequeno senhor, quando as neves se acumulam até três metros de profundidade e o vento gelado uiva do norte. O medo pertence à longa

noite, quando o sol esconde o rosto durante anos e as crianças nascem, vivem e morrem sempre na escuridão, enquanto os lobos gigantes se tornam magros e famintos, e os caminhantes brancos se movem pelos bosques.

– Você está falando dos Outros – Bran falou, como que se lamentando.

– Os Outros – concordou a Velha Ama. – Há milhares e milhares de anos, caiu um inverno que era mais frio, duro e infinito que qualquer outro na memória do homem. Chegou uma noite que durou uma geração, e tanto tremeram e morreram os reis em seus castelos como os criadores de porcos em suas cabanas. As mulheres preferiram asfixiar os filhos a vê-los passar fome, e choraram, e sentiram as lágrimas congelarem em seu rosto – a voz e as agulhas calaram-se, ela olhou Bran com seus olhos claros e velados e perguntou: – Então, criança? Este é o tipo de história de que gosta?

– Bem… – disse Bran com relutância – sim, só que…

A Velha Ama acenou com a cabeça.

– Nessa escuridão, os Outros vieram pela primeira vez – a velha começou, enquanto as agulhas faziam *clic*, *clic*, *clic*. – Eram coisas frias, mortas, que odiavam o ferro, o fogo, o toque do sol e todas as criaturas com sangue quente nas veias. Arrasaram fortificações, cidades e reinos, derrubaram heróis e exércitos às centenas, montando seus pálidos cavalos mortos e liderando hostes de assassinados. Nem todas as espadas dos homens juntas logravam deter seu avanço, e até donzelas e bebês de peito neles não encontravam piedade. Perseguiam as donzelas através de florestas congeladas e alimentavam seus servos mortos com a carne de crianças.

A voz da Ama tinha se tornado muito baixa, quase um sussurro, e Bran deu por si inclinando-se para a frente para ouvir.

– Esses foram os tempos antes da chegada dos ândalos, e muito antes de as mulheres terem fugido das cidades do Roine através do mar estreito, e os cem reinos desses tempos eram os reinos dos Primeiros Homens, que tinham tomado essas terras dos filhos da floresta. Mas aqui e ali, nos bosques mais densos, os filhos ainda viviam em suas cidades de madeira e colinas ocas, e os rostos das árvores mantinham-se vigilantes. E assim, enquanto o frio e a morte enchiam a terra, o último herói decidiu procurar os filhos da floresta, na esperança de que sua antiga

magia pudesse reconquistar aquilo que os exércitos dos homens tinham perdido. Partiu para as terras mortas com uma espada, um cavalo, um cão e uma dúzia de companheiros. Procurou durante anos, até perder a esperança de chegar algum dia a encontrar os filhos da floresta em suas cidades secretas. Um por um os amigos morreram, e também o cavalo, e por fim até o cão, e sua espada congelou tanto que a lâmina se quebrou quando tentou usá-la. E os Outros cheiraram nele o sangue quente e seguiram-lhe o rastro em silêncio, perseguindo-o com matilhas de aranhas brancas, grandes como cães de caça…

De repente a porta se abriu com um *bang*, e o coração de Bran saltou-lhe até a boca num medo súbito, mas era apenas Meistre Luwin, com Hodor parado na escada atrás dele.

– Hodor! – anunciou o cavalariço, como era seu costume, com um enorme sorriso para todos.

Meistre Luwin não estava sorrindo.

– Temos visitantes – anunciou –, e sua presença é solicitada, Bran.

– Mas agora estou ouvindo uma história – o menino protestou.

– As histórias esperam, meu pequeno senhor, e quando regressar, elas estarão aqui – disse a Velha Ama. – Os visitantes não são assim tão pacientes, e muitas vezes trazem suas próprias histórias.

– Quem é? – Bran perguntou a Meistre Luwin.

– Tyrion Lannister e alguns homens da Patrulha da Noite, com notícias de seu irmão Jon. Robb os está recebendo. Hodor, ajude Bran a descer até o salão?

– Hodor! – o moço concordou alegremente e abaixou-se para passar sua grande cabeça desgrenhada pela porta. Hodor tinha quase dois metros e quinze. Era difícil acreditar que fosse parente da Velha Ama. Bran perguntou a si mesmo se, quando envelhecesse, encarquilharia até ficar tão pequeno como a bisavó. Não parecia provável, mesmo que Hodor vivesse até os mil anos.

Hodor levantou Bran tão facilmente como se fosse um pequeno amontoado de feno e aninhou-o no peito maciço. Hodor exalava um leve odor de cavalos, mas não era um cheiro desagradável. Seus braços eram grossos, cheios de músculos e atapetados com pelos castanhos.

– Hodor – o gigante disse uma vez mais. Theon Greyjoy comentara que Hodor não sabia muito, mas ninguém podia duvidar de que conhecesse

seu nome. A Velha Ama cacarejara como uma galinha quando Bran lhe contou isso, e ela então confessou que o verdadeiro nome de Hodor era Walder. Ninguém sabia de onde viera "Hodor", ela disse, mas quando ele começou a repetir Hodor, começaram a chamá-lo por esse nome. Era a única palavra que o gigante conhecia.

Deixaram a Velha Ama no quarto da torre com suas agulhas e suas memórias. Hodor cantarolava desafinadamente enquanto carregava Bran pelos degraus e através da galeria, com Meistre Luwin atrás, esforçando-se para acompanhar as longas passadas do cavalariço.

Robb estava sentado no cadeirão do pai, usando cota de malha, couro fervido e o rosto severo como o de um Senhor. Theon Greyjoy e Hallis Mollen estavam em pé a seu lado. Uma dúzia de guardas estava disposta ao longo das paredes de pedra cinzenta, sob janelas altas e estreitas. No centro da sala, encontravam-se o anão com seus criados e quatro estranhos vestidos com o negro da Patrulha da Noite. Bran sentiu a ira que pairava no salão no momento em que Hodor o carregou pela porta.

– Qualquer homem da Patrulha da Noite é bem-vindo aqui em Winterfell pelo tempo que desejar ficar – seu irmão dizia com a voz de Robb, o Senhor. Tinha a espada pousada sobre os joelhos, mostrando o aço para que todos vissem. Até Bran sabia o que significava receber um hóspede com uma espada desembainhada.

– Qualquer homem da Patrulha da Noite – repetiu o anão –, mas eu, não, percebo bem o que quer dizer, meu rapaz?

Robb pôs-se de pé e apontou para o homenzinho com a espada.

– Eu sou senhor aqui enquanto minha mãe e meu pai estiverem fora, Lannister. Não sou seu rapaz.

– Se é um senhor, bem podia aprender a cortesia de um – respondeu o homenzinho, ignorando a ponta da espada erguida para seu rosto. – Seu irmão bastardo ficou com toda a elegância do seu pai, ao que parece.

– *Jon* – Bran arquejou nos braços de Hodor.

O anão virou-se para olhá-lo.

– Então é verdade, o garoto está vivo. Quase não acreditei. Vocês, os Stark, são difíceis de matar.

– E é bom que vocês, os Lannister, se lembrem disso – disse Robb, baixando a espada. – Hodor, traga meu irmão aqui.

– Hodor – o gigante repetiu, e trotou em frente, sorrindo, e pousou Bran no cadeirão dos Stark, onde os Senhores de Winterfell se sentavam desde os tempos em que chamavam a si mesmos Reis do Norte. A cadeira era de pedra fria, polida por incontáveis traseiros; as cabeças esculpidas de lobos selvagens rosnavam nas pontas de seus maciços braços. Bran agarrou-as ao se sentar, com as inúteis pernas a balançar. O grande cadeirão o fez sentir-se quase como um bebê.

Robb pousou-lhe a mão no ombro.

– Você disse que tinha assuntos a tratar com Bran. Pois bem, aqui está ele, Lannister.

Bran estava desconfortavelmente consciente dos olhos de Tyrion Lannister. Um era negro e o outro, verde, e ambos o olhavam, estudando-o, pesando-o.

– Disseram-me que era um belo escalador, Bran – disse o homenzinho. – Diga-me, como caiu naquele dia?

– Eu *não* caí– insistiu Bran. Ele nunca caía, nunca, nunca, *nunca*.

– O garoto não se recorda nada da queda, nem da escalada que a precedeu – disse Meistre Luwin com gentileza.

– Curioso – Tyrion Lannister respondeu.

– Meu irmão não está aqui para responder a perguntas, Lannister – Robb foi conciso no aviso. – Trate logo do que o trouxe aqui e ponha-se a caminho.

– Tenho um presente para você – disse o anão a Bran. – Gosta de montar a cavalo, garoto?

Meistre Luwin adiantou-se.

– Senhor, a criança perdeu o uso das pernas. Não pode se sentar sobre um cavalo.

– Besteira – Lannister respondeu. – Com o cavalo e a sela certos, até um aleijado pode montar.

A palavra foi como uma faca espetada no coração de Bran. Sentiu lágrimas a subir-lhe aos olhos sem serem convidadas.

– Eu *não sou* um aleijado!

– Neste caso, eu não sou um anão – retrucou Tyrion, torcendo a boca.

– Meu pai se alegrará quando souber – Greyjoy riu.

– Que tipo de cavalo e sela está sugerindo? – perguntou Meistre Luwin.

– Um cavalo inteligente – Lannister respondeu. – O garoto não pode usar as pernas para dirigir o animal, portanto, tem de se ajustar o cavalo ao cavaleiro, ensinar-lhe a responder às rédeas, à voz. Eu começaria com um potro não domado de um ano, sem ensinamentos prévios – tirou do cinto um papel enrolado. – Entregue isto ao seu fabricante de selas. Ele tratará do resto.

Meistre Luwin recebeu o papel da mão do anão, curioso como um pequeno esquilo cinzento. Desenrolou-o e o estudou.

– Estou vendo. Desenha bem, senhor. Sim, isto deve funcionar. Deveria ter pensado nisto.

– Para mim é mais fácil, Meistre. Não é muito diferente das minhas selas.

– Serei mesmo capaz de montar? – perguntou Bran. Queria acreditar neles, mas tinha medo. Talvez fosse apenas mais uma mentira. O corvo prometera-lhe que poderia voar.

– Será – disse-lhe o anão. – E juro, meu garoto, sobre o dorso de um cavalo, será tão alto como qualquer cavaleiro.

Robb Stark pareceu confuso.

– Isto é alguma armadilha, Lannister? O que Bran representa para você? Por que quer ajudá-lo?

– Seu irmão Jon me pediu. E tenho um ponto fraco no coração por aleijados, bastardos e coisas quebradas – Tyrion Lannister pôs a mão sobre o coração e mostrou os dentes.

A porta que dava para o pátio foi escancarada. A luz do sol jorrou pelo salão no momento em que Rickon entrou de repente, sem fôlego. Os lobos gigantes vinham com ele. O garoto parou na porta, de olhos muito abertos, mas os lobos entraram. Seus olhos encontraram Lannister, ou talvez tivessem farejado seu odor. Verão foi o primeiro a começar a rosnar. Vento Cinzento juntou-se a ele. Aproximaram-se do homenzinho, um pela direita, o outro pela esquerda.

– Os lobos não apreciam seu cheiro, Lannister – comentou Theon Greyjoy.

– Talvez seja hora de me retirar – disse Tyrion. Deu um passo para trás… e Cão Felpudo saiu das sombras atrás dele, rosnando. Lannister recuou, e Verão precipitou-se sobre ele, vindo do outro lado. Cambaleou

para longe, sobre pernas instáveis, e Vento Cinzento atacou-lhe o braço, rasgando-lhe a manga com os dentes e arrancando um pedaço de pano.

– *Não!* – gritou Bran do cadeirão ao mesmo tempo que os homens de Lannister agarravam as armas. – Verão, *aqui*. Verão, venha!

O lobo gigante ouviu a voz, deu uma olhadela para Bran, e de novo para Lannister. Rastejou para trás, se afastando do homenzinho, e sentou-se sob os pés oscilantes de Bran.

Robb prendera a respiração. Largou-a num suspiro e chamou: "Vento Cinzento". Seu lobo gigante moveu-se em sua direção, rápido e silencioso.

Agora restava apenas Cão Felpudo rugindo ao pequeno homem, com os olhos ardendo como fogo verde.

– Rickon, chame-o – gritou Bran para o irmão mais novo, e Rickon, como que acordando, gritou:

– Para casa, Felpudo, anda, para casa – o lobo negro dirigiu a Lannister um último rosnado e saltou para Rickon, que lhe deu um abraço apertado em torno do pescoço.

Tyrion Lannister desenrolou o cachecol, limpou com ele a testa e disse em voz monocórdia:

– Que interessante.

– Está bem, senhor? – perguntou um de seus homens, de espada na mão. Olhava nervosamente os lobos gigantes enquanto falava.

– Tenho a manga rasgada e os calções úmidos por motivos inconfessáveis, mas nada foi ferido, além da minha dignidade.

Até Robb parecia abalado.

– Os lobos… não sei por que fizeram isso.

– Não há dúvida de que me confundiram com o jantar – Lannister fez uma reverência rígida a Bran. – Agradeço-lhe por tê-los chamado, meu jovem. Garanto-lhe que me teriam achado bastante indigesto. E agora, *realmente,* retiro-me.

– Um momento, senhor – disse Meistre Luwin. Aproximou-se de Robb e os dois conferenciaram muito, aos sussurros. Bran tentou ouvir o que diziam, mas suas vozes eram baixas demais.

Robb Stark finalmente embainhou a espada:

– Eu… eu posso ter me precipitado com o senhor. Foi bondoso com Bran e, bem… – Robb reconciliava-se com esforço. – Ofereço-lhe a

hospitalidade de Winterfell se assim desejar, Lannister.

– Poupe-me de sua falsa cortesia, rapaz. Não gosta de mim e não me quer aqui. Vi uma estalagem fora de suas muralhas, na vila de inverno. Encontrarei ali uma cama e ambos dormiremos mais facilmente. Por alguns cobres talvez até encontre uma mulher agradável que me aqueça os lençóis – virou-se para um dos irmãos negros, um homem idoso com a coluna torcida e a barba emaranhada. – Yoren, seguimos para o sul ao nascer do dia. Encontre-me na estrada – e retirou-se, atravessando o salão com dificuldade sobre as curtas pernas, passando por Rickon e pela porta. Seus homens o seguiram.

Os quatro da Patrulha da Noite ficaram. Robb virou-se para eles aparentando incerteza.

– Mandei preparar aposentos, e não lhes faltará água quente para lavar a poeira da estrada. Espero que nos honrem com sua presença à mesa esta noite – Robb disse aquelas palavras de forma tão desastrada que até Bran notou; era um discurso que tinha aprendido, não palavras que lhe viessem do coração, mas os irmãos negros agradeceram-lhe da mesma forma.

Verão seguiu pelos degraus da torre quando Hodor levou Bran de volta para sua cama. A Velha Ama tinha adormecido na cadeira. Hodor disse "Hodor", recolheu a bisavó e a levou, ressonando baixinho, deixando Bran com seus pensamentos. Robb lhe prometera que poderia participar do festim com a Patrulha da Noite no Grande Salão.

– Verão – ele chamou. O lobo saltou para junto da cama. Bran o abraçou com tanta força que sentiu o hálito quente do animal na bochecha. – Agora posso montar – sussurrou para o amigo. – Logo poderemos ir caçar na floresta, espere e verá.

Não demorou e Bran adormeceu. No sonho estava de novo escalando, alçando-se para o alto numa velha torre sem janelas, forçando os dedos entre pedras enegrecidas, com os pés lutando por um ponto de apoio. Escalou mais alto, e mais alto ainda, atravessando as nuvens e penetrando no céu noturno, mas a torre continuava a erguer-se à sua frente. Quando fez uma pausa para olhar para baixo, sentiu a cabeça girar, entontecida, e seus dedos escorregarem. Bran gritou e agarrou-se à vida. A terra estava a mil milhas de seus pés, e ele não sabia voar. *Não sabia voar*. Esperou até que o coração parasse de saltar no peito, até

poder respirar, e recomeçou a escalada. Não havia caminho que não fosse para cima. Bem alto, delineadas contra uma lua esbranquiçada, parecia poder ver formas de gárgulas. Tinha os braços machucados, doendo, mas não se atrevia a descansar. Forçou-se a subir mais depressa. As gárgulas o observaram. Seus olhos brilhavam vermelhos como carvões quentes num braseiro. Talvez tivessem sido leões antes, mas agora estavam retorcidas e grotescas. Bran conseguia ouvi-las segredarem umas às outras em suaves vozes de pedra, terríveis de ouvir. Não devia ouvir, disse a si mesmo, não devia ouvir; desde que não as ouvisse, estaria a salvo. Mas, quando as gárgulas se libertaram da pedra e percorreram o lado da torre até onde Bran se agarrava, compreendeu que afinal não estava a salvo. "Eu não ouvi", choramingou, enquanto elas se aproximavam cada vez mais. "Eu não ouvi, não ouvi."

Acordou sem fôlego, perdido na escuridão, e viu uma vasta sombra que se erguia sobre ele.

– Não ouvi – sussurrou, tremendo de medo, mas então a sombra disse "Hodor" e acendeu a vela ao lado da cama, e Bran suspirou de alívio.

Hodor limpou-lhe o suor com um pano morno e úmido e o vestiu com mãos hábeis e gentis. Quando chegou a hora, transportou-o até o Grande Salão, onde uma longa mesa tinha sido montada perto da fogueira. O lugar do senhor à cabeceira da mesa estava vazio, mas Robb sentava-se à direita, com Bran à sua frente. Naquela noite, comeram leitão, torta de pombo e nabos nadando em manteiga, e, para depois, o cozinheiro prometera favos de mel. Verão abocanhava restos da mesa que Bran lhe dava, enquanto Vento Cinzento e Cão Felpudo lutavam por um osso num canto. Os lobos de Winterfell já não vinham para junto da mesa. Bran achara aquilo estranho a princípio, mas já começava a se habituar.

Yoren era o irmão negro de maior patente, e assim o intendente fizera-o sentar-se entre Robb e Meistre Luwin. O velho tinha um cheiro azedo, como se há muito não tomasse banho. Rasgava a carne com os dentes, quebrava as costeletas para sugar o tutano dos ossos, e encolheu os ombros quando o nome de Jon Snow foi mencionado.

– A desgraça de Sor Alliser – grunhiu, e dois de seus companheiros partilharam uma gargalhada que Bran não compreendeu. Mas, quando Robb lhes perguntou por notícias de seu tio Benjen, os irmãos negros fecharam-se num silêncio agourento.

– O que está acontecendo? – Bran perguntou.

Yoren limpou os dedos em suas vestes.

– Há más notícias, senhores, uma maneira cruel de retribuir-lhes a carne e o hidromel, mas o homem que faz a pergunta deve aguentar a resposta. O Stark desapareceu.

Um dos outros homens disse:

– O Velho Urso o enviou para o exterior em busca de Waymar Royce, e ele ainda não voltou, senhor.

– Está muito atrasado – disse Yoren. – O mais certo é que esteja morto.

– Meu tio não está morto – exclamou Robb Stark em voz alta e num tom irritado. Ergueu-se no banco e pousou a mão no cabo da espada. – Ouviram-me? *Meu tio não está morto!* – sua voz ressoou nas paredes de pedra, e Bran subitamente sentiu medo.

O velho e malcheiroso Yoren olhou para Robb sem se impressionar:

– Com certeza, senhor – respondeu, e sugou os dentes para soltar um fiapo de carne preso.

O mais novo dos irmãos negros moveu-se desconfortavelmente no assento:

– Não há homem na Muralha que conheça a Floresta Assombrada melhor que Benjen Stark. Ele encontrará o caminho de volta.

– Bem – disse Yoren –, talvez sim, talvez não. Já houve bons homens que entraram nesses bosques e jamais voltaram.

Tudo em que Bran conseguiu pensar foi na história da Velha Ama sobre os Outros e o último herói, perseguido através dos bosques brancos por mortos e aranhas tão grandes como cães de caça. Sentiu medo por um momento, até se lembrar de como a história terminava.

– Os filhos o ajudarão – Bran exclamou –, os filhos da floresta!

Theon Greyjoy soltou um riso abafado, e Meistre Luwin disse:

– Bran, os filhos da floresta morreram e desapareceram há milhares de anos. Tudo que deles resta são os rostos nas árvores.

– Aqui pode ser que seja verdade, Meistre – Yoren respondeu –, mas lá, depois da Muralha, quem pode dizer? Lá em cima, um homem nem sempre consegue saber o que está vivo e o que está morto.

Naquela noite, depois de os pratos terem sido retirados, Robb levou, ele mesmo, Bran para a cama. Vento Cinzento abria caminho e Verão vinha logo atrás. O irmão era forte para a idade, e Bran era tão leve como

uma trouxa de trapos, mas a escada era íngreme e estreita, e Robb resfolegava quando chegaram ao topo.

Robb colocou Bran na cama, cobriu-o e soprou a vela. Durante algum tempo, ficou sentado ao seu lado no escuro. Bran quis falar com ele, mas não soube o que dizer.

– Vamos encontrar um cavalo para você, prometo – Robb lhe disse finalmente.

– Será que eles algum dia voltarão? – Bran perguntou.

– Sim – Robb disse, com tamanha esperança na voz que Bran soube que estava ouvindo o irmão, e não apenas Robb, o Senhor. – Nossa mãe virá para casa em breve. Talvez possamos sair a cavalo ao seu encontro quando ela chegar. Não acha que a surpreenderia vê-lo montado? – mesmo no quarto escuro Bran podia sentir o sorriso do irmão. – E depois iremos para o norte, ver a Muralha. Nem sequer avisaremos Jon, um dia simplesmente chegaremos lá, você e eu. Será uma aventura.

– Uma aventura – repetiu Bran em tom ansioso. Então ouviu seu irmão soluçar. O quarto estava tão escuro que não conseguia ver as lágrimas no rosto de Robb, por isso estendeu a mão e encontrou a do irmão. Seus dedos entrelaçaram-se.

# Eddard

—A morte de Lorde Arryn foi uma grande tristeza para todos nós, senhor – disse o Grande Meistre Pycelle. – Ficarei mais que feliz contando-lhe tudo que puder sobre seu falecimento. Mas, por favor, sente-se. Aceita um refresco? Talvez algumas tâmaras? Tenho também uns caquis muito bons. Temo que o vinho não seja bom para minha digestão, mas posso lhe oferecer uma taça de leite gelado adoçado com mel, na minha opinião, muito refrescante neste calor.

O calor era inegável. Ned sentia a túnica de seda aderir ao seu peito. Um ar pesado e úmido cobria a cidade como um cobertor molhado de lã, e a margem do rio tinha se tornado ingovernável quando os pobres fugiram de suas casas quentes e sem ar para se acotovelarem por um lugar para dormir perto da água, onde o único sopro de vento podia ser encontrado.

– É muita gentileza – Ned agradeceu, sentando-se.

Pycelle ergueu uma minúscula campainha de prata com o indicador e o polegar e a fez soar suavemente. Uma jovem e esbelta serva apressou-se a entrar no aposento privado.

– Leite gelado para a Mão do Rei e para mim, por favor, filha. Bem doce.

Enquanto a jovem ia buscar as bebidas, o Grande Meistre entrelaçou os dedos e pousou as mãos na barriga.

– O povo diz que o último ano do verão é sempre o mais quente. Não é bem assim, mas muitas vezes parece que é, não é verdade? Em dias como este, invejo-os, nortenhos, por suas neves de verão – a corrente pesadamente carregada de joias em torno do pescoço do velho tilintou suavemente quando ele mudou de posição. – O certo é que o verão do Rei Maekar foi mais quente do que este, e quase tão longo. Houve tolos, até mesmo na Cidadela, que pensaram que isso significava que o Grande Verão tinha enfim chegado. O verão que nunca termina, mas, no sétimo

ano, o tempo mudou subitamente e tivemos um curto outono e um inverno terrivelmente longo. De qualquer modo, o calor foi feroz enquanto durou. Vilavelha fumegava e sufocava durante o dia, e ganhava vida à noite. Costumávamos passear nos jardins junto ao rio e discutir sobre os deuses. Recordo os *cheiros* dessas noites, senhor, perfume e suor, melões prontos para estourar, de tão maduros, pêssegos e romãs, erva-moura e flor-de-lua. Eu era então um jovem, ainda forjando minha corrente. O calor então não me deixava exausto como hoje em dia – os olhos de Pycelle tinham pálpebras tão pesadas que ele parecia meio adormecido. – Minhas desculpas, Senhor Eddard. Não veio ouvir divagações disparatadas acerca de um verão que já tinha sido esquecido antes do nascimento de seu pai. Perdoe-me, se possível, os devaneios de um velho. Temo que as mentes sejam como espadas. As velhas enferrujam. Ah, e aqui está o nosso leite – a criada depositou a bandeja entre eles e Pycelle lhe concedeu um sorriso. – Querida criança – ergueu uma taça, saboreou-a e acenou com a cabeça: – Obrigado. Pode ir.

Depois de a jovem se retirar, Pycelle dirigiu a Ned seus olhos claros e cheios de remela.

– Bem, onde estávamos? Ah, sim. Falávamos de Lorde Arryn…

– É verdade – Ned tomou um gole bem-educado do leite gelado. Estava agradavelmente frio, mas doce demais para seu gosto.

– A bem da verdade, a Mão já não parecia bem havia algum tempo – disse Pycelle. – Já nos sentávamos juntos no conselho havia muitos anos, ele e eu, e os sinais estavam à vista, mas os debitei na conta dos grandes fardos que suportara tão fielmente durante tanto tempo. Aqueles largos ombros estavam sobrecarregados com todas as preocupações do reino, e mais ainda. Seu filho andava sempre adoentado, e a senhora sua esposa, tão ansiosa, que quase não deixava que a criança saísse de sua vista. Era o bastante para cansar até um homem forte, e Lorde Jon não era jovem. Não era de se admirar que parecesse melancólico e cansado. Pelo menos era o que eu pensava nesse tempo. Agora, no entanto, tenho menos certeza – balançou gravemente a cabeça.

– O que pode me dizer sobre sua doença final?

O Grande Meistre abriu as mãos num gesto de desamparada mágoa:

– Ele veio ter comigo um dia em busca de certo livro, tão robusto e sadio como sempre, embora me parecesse que algo o perturbava

profundamente. Na manhã seguinte, estava retorcido de dores, doente demais para sair da cama. Meistre Colemon pensou que se tratasse de um calafrio no estômago. O tempo estivera quente, e a Mão costumava gelar o vinho, o que pode perturbar a digestão. Quando Lorde Jon continuou a enfraquecer, fui até ele, mas os deuses não me concederam o poder de salvá-lo.

– Ouvi dizer que afastou Meistre Colemon.

O aceno do Grande Meistre foi tão lento e deliberado como geleira se derretendo.

– Sim, o afastei, e temo que a Senhora Lysa nunca me perdoe. Talvez tivesse cometido um erro, mas naquele momento foi o que me pareceu mais adequado. Meistre Colemon é para mim como um filho, e não há ninguém que mais estime suas capacidades, mas ele é jovem, e muitas vezes os jovens não se dão conta da fragilidade de um corpo mais velho. Ele estava tratando Lorde Arryn com poções desgastantes e sumo de pimenta. Temi que pudesse matá-lo.

– Lorde Arryn lhe disse alguma coisa durante suas últimas horas?

Pycelle enrugou uma sobrancelha.

– No estágio final de sua febre, a Mão gritou várias vezes o nome *Robert*, mas eu não saberia dizer se chamava pelo filho ou pelo rei. A Senhora Lysa não permitia que seu filho entrasse no quarto, temendo que também ele caísse doente. O rei veio e ficou sentado ao lado da cama durante horas, falando e gracejando de tempos há muito passados, na esperança de alimentar o ânimo de Lorde Jon. Seu amor era digno de se ver.

– Nada mais aconteceu? Nenhuma última palavra?

– Quando vi que toda esperança tinha escapado, dei à Mão o leite de papoula, para que não sofresse. Antes de fechar os olhos pela última vez, segredou algo ao rei, e à senhora sua esposa, uma bênção para o filho. *A semente é forte*, ele disse. No fim, seu discurso estava por demais confuso para ser compreendido. A morte só chegou na manhã seguinte, mas, depois disso, Sor Jon ficou em paz. Não voltou a falar.

Ned bebeu mais um pouco de leite, tentando não se engasgar com sua doçura.

– Pareceu-lhe haver algo de não natural na morte de Lorde Arryn?

– Não natural? – a voz do idoso meistre era fina como um suspiro. – Não, não diria isso. Triste, com toda a certeza. Mas, à sua maneira, a morte é a coisa mais natural de todas, Lorde Eddard. Jon Arryn agora descansa em paz, por fim aliviado de seus fardos.

– Essa doença que o acometeu – Ned voltou a falar. – Alguma vez viu algo de semelhante em outros homens?

– Sou Grande Meistre dos Sete Reinos há quase quarenta anos – Pycelle respondeu. – Sob o reinado de nosso bom Robert, antes dele sob Aerys Targaryen, sob o pai deste, Jaehaerys Segundo, e até durante curtos meses sob o reinado do pai de Jaehaerys, Aegon, o Afortunado, o Quinto de Seu Nome. Vi mais doença do que gostaria de recordar, senhor. Digo-lhe apenas isto: cada caso é diferente, e todos os casos são semelhantes. A morte de Lorde Jon não foi mais estranha que qualquer outra.

– Sua esposa pensa o contrário.

O Grande Meistre acenou com a cabeça.

– Agora me lembro, a viúva é irmã de sua nobre esposa. Se se pode perdoar a um velho seu discurso direto, permita-me que lhe diga que a dor pode desequilibrar até a mais forte e disciplinada das mentes, e a da Senhora Lysa nunca foi assim. Desde o seu último natimorto que vê inimigos em cada sombra, e a morte do senhor seu esposo a deixou destroçada e perdida.

– Então, tem total certeza de que Jon Arryn morreu de uma doença súbita?

– Tenho – Pycelle respondeu gravemente. – Se não foi doença, meu bom senhor, que mais poderia ser?

– Veneno – sugeriu Ned com a voz calma.

Os olhos sonolentos de Pycelle abriram-se de súbito. O idoso meistre agitou-se desconfortavelmente no assento.

– Um pensamento perturbador. Não estamos nas Cidades Livres, onde tais coisas são comuns. O Grande Meistre Aethelmure escreveu que todos os homens carregam o homicídio no coração, mas mesmo assim o envenenador merece menos que desprezo – o velho caiu em silêncio por um momento, pensando de olhos perdidos. – O que está sugerindo é possível, senhor, mas não penso que seja provável. Qualquer meistre ignorante conhece os venenos comuns, e o Senhor Arryn não mostrava nenhum dos sintomas. E a Mão era amada por todos. Que tipo de

monstro em forma humana se atreveria a assassinar um senhor tão nobre?

– Tenho ouvido dizer que veneno é uma arma de mulher.

Pycelle afagou a barba pensativamente.

– É o que se diz. Mulheres, covardes… e eunucos – limpou a garganta e cuspiu um espesso globo de muco para os juncos. Acima deles, um corvo grasnou sonoramente. – Lorde Varys nasceu escravo em Lys, sabia? Nunca deposite confiança em aranhas, senhor.

Aquilo não era propriamente algo que Ned precisava que lhe fosse dito. Havia qualquer coisa em Varys que o arrepiava.

– Eu me lembrarei do conselho, Meistre. E agradeço-lhe pela ajuda. Já tomei bastante do seu tempo – Ned pôs-se em pé.

O Grande Meistre Pycelle ergueu-se lentamente da cadeira e acompanhou Ned até a porta.

– Espero que tenha ajudado um pouco a acalmar a sua mente. Se houver algum outro serviço que eu lhe possa prestar, basta pedir.

– Há uma coisa – disse-lhe Ned. – Tenho curiosidade em examinar o livro que emprestou a Jon um dia antes de cair enfermo.

– Temo que seja de pouco interesse – disse Pycelle. – Foi um solene volume escrito pelo Grande Meistre Malleon sobre as linhagens das grandes Casas.

– De qualquer modo, gostaria de vê-lo.

O velho abriu a porta.

– Como desejar. Tenho-o guardado por aqui. Quando encontrá-lo, mandarei imediatamente entregar-lhe.

– O senhor foi de grande cortesia – disse-lhe Ned. E então, como se algo lhe tivesse ocorrido de repente, disse: – Uma última pergunta, se sua bondade me permite. O senhor mencionou que o rei esteve à cabeceira de Lorde Arryn quando morreu. Pergunto se a rainha o acompanhava.

– Ora, não – Pycelle respondeu. – Ela e os filhos estavam a caminho de Rochedo Casterly, em companhia do pai. O Senhor Tywin tinha trazido um séquito até a cidade para o torneio do dia do nome do Príncipe Joffrey, sem dúvida esperando ver o filho Jaime ganhar a coroa de campeão. Mas ficou tristemente desapontado. Caiu sobre mim a tarefa de enviar à rainha a notícia da morte súbita de Lorde Arryn. Nunca antes enviei uma ave de coração mais pesado.

– Asas escuras, palavras escuras – Ned murmurou. Era um provérbio que a Velha Ama lhe ensinara quando ainda era um garoto.

– É o que dizem as mulheres dos pescadores – concordou o Grande Meistre Pycelle –, mas sabemos que nem sempre é assim. Quando a ave de Meistre Luwin trouxe a notícia sobre seu filho Bran, a mensagem aqueceu todos os corações verdadeiros do castelo, não é verdade?

– É sim, Meistre.

– Os deuses são misericordiosos – Pycelle inclinou a cabeça. – Visite-me sempre que desejar, Senhor Eddard. Estou aqui para servir.

*Sim*, pensou Ned quando a porta se fechou, *mas a quem?*

No caminho de volta aos seus aposentos, deparou com a filha Arya nos degraus em espiral da Torre da Mão, girando os braços enquanto lutava para se equilibrar sobre uma perna. A pedra áspera tinha esfolado seus pés nus. Ned parou e olhou para ela.

– Arya, o que está fazendo?

– Syrio diz que um dançarino de água é capaz de se apoiar num dedo do pé durante horas – suas mãos bateram o ar em busca de equilíbrio.

Ned foi obrigado a sorrir.

– Qual dos dedos? – ele brincou.

– *Qualquer* dedo – Arya respondeu, exasperada com a pergunta. Saltou da perna direita para a esquerda, oscilando perigosamente antes de recuperar o equilíbrio.

– Precisa fazer isso aqui? – ele perguntou. – Uma queda por estes degraus é longa e dura.

– Syrio diz que um dançarino de água *nunca* cai – ela abaixou a perna para se apoiar nas duas. – Pai, Bran virá viver conosco agora?

– Não durante algum tempo, querida – ele respondeu. – Ele precisa recuperar as forças.

Arya mordeu o lábio.

– O que Bran fará quando for crescido?

Ned ajoelhou-se ao seu lado.

– Ele tem muitos anos para encontrar essa resposta, Arya. Por ora, basta saber que viverá – na noite em que a ave chegara de Winterfell, Eddard Stark levara as filhas ao bosque sagrado do castelo, um acre de olmos, amieiros e choupos que pairavam sobre o rio. Ali, a árvore-coração era um grande carvalho, cujos antigos galhos estavam cobertos

de trepadeiras de bagas-fumo; eles ali se ajoelharam para dar graças, como se fosse um represeiro.

Sansa adormeceu ao nascer da lua, Arya, várias horas mais tarde, enrolando-se na erva sob o manto de Ned. Ele manteve a vigília sozinho pelo resto das horas de sombra. Quando a madrugada surgiu sobre a cidade, os botões vermelho-escuros de sopros-de-dragão rodeavam as filhas.

– Sonhei com Bran – segredara-lhe Sansa. – Eu o vi sorrindo.

– Ele ia ser um cavaleiro – Arya agora estava dizendo. – Um cavaleiro da Guarda Real. Ainda pode ser um cavaleiro?

– Não – Ned respondeu. Não via nenhuma razão para mentir. – Mas um dia pode ser senhor de um grande castelo e sentar-se no conselho do rei. Pode erguer castelos como Brandon, o Construtor, ou dirigir um navio pelo Mar do Poente, ou entrar para a Fé de sua mãe e tornar-se Alto Septão – *mas nunca mais correrá ao lado de seu lobo*, pensou com uma tristeza tão profunda que as palavras não eram suficientes, *ou deitar-se com uma mulher, ou tomar nos braços o próprio filho.*

Arya inclinou a cabeça para um lado.

– E eu posso ser conselheira do rei, construir castelos ou me tornar Alta Septã?

– Você – disse Ned, dando-lhe um suave beijo na testa – casará com um rei e governará seu castelo, e seus filhos serão cavaleiros, príncipes e senhores e, sim, talvez mesmo um Alto Septão.

Arya fez uma careta.

– Não – ela protestou –, esta é a *Sansa* – dobrou a perna direita e voltou aos exercícios de equilíbrio. Ned suspirou e a deixou ali.

No interior de seus aposentos, despiu as sedas manchadas de suor e despejou água pela cabeça abaixo. Alyn entrou no momento em que secava o rosto.

– Senhor – disse –, Lorde Baelish está lá fora e pede audiência.

– Acompanhe-o ao meu aposento privado – disse Ned, estendendo a mão para uma túnica fresca do mais leve linho que conseguiu encontrar. – Eu o receberei de imediato.

Quando Ned entrou, encontrou Mindinho empoleirado no assento na frente da janela, observando o treino com espadas dos cavaleiros da Guarda Real no pátio lá embaixo.

– Se ao menos a mente do velho Selmy fosse tão ágil como sua arma – ele disse com melancolia na voz –, as reuniões de nosso conselho seriam bem mais animadas.

– Sor Barristan é tão valente e respeitável como qualquer homem em Porto Real – Ned tinha um profundo respeito pelo idoso e grisalho Senhor Comandante da Guarda Real.

– E igualmente cansativo – acrescentou Mindinho. – Embora me atreva a dizer que ele deverá conseguir bons resultados no torneio. No ano passado derrubou o Cão de Caça, e foi campeão há não mais de quatro anos.

A questão de quem poderia vencer o torneio não interessava nem um pouco a Eddard Stark.

– Há algum motivo para esta visita, Lorde Petyr, ou está aqui apenas para apreciar a vista da minha janela?

Mindinho sorriu.

– Prometi a Cat que o ajudaria na sua investigação, e foi o que fiz.

Ned foi pego de surpresa. Com ou sem promessas, não era capaz de confiar em Lorde Petyr Baelish, que lhe parecia muitíssimo mais inteligente do que deveria.

– Tem algo para mim?

– Al*guém* – Mindinho o corrigiu. – Quatro, na verdade. Chegou a pensar em interrogar os criados da Mão?

Ned franziu as sobrancelhas.

– Gostaria de poder fazê-lo. A Senhora Arryn levou sua comitiva de volta para o Ninho da Águia. – Nisso Lysa não lhe fez nenhum favor. Todos os que tinham sido próximos do marido partiram com ela quando fugiu: o meistre de Jon, seu intendente, o capitão de sua guarda, seus cavaleiros e criados.

– A *maior parte* da sua comitiva – disse Mindinho –, mas não toda. Há alguns que continuam aqui. Uma criada de cozinha grávida, casada às pressas com um dos cavalariços de Lorde Renly, um moço que se juntou à Patrulha da Cidade, um ajudante de taberna expulso por roubo e o escudeiro de Lorde Arryn.

– Seu escudeiro? – Ned estava agradavelmente surpreso. Um escudeiro com frequência sabia muito das idas e vindas de seu senhor.

– Sor Hugh do Vale – Mindinho o identificou. – O rei o armou cavaleiro após a morte de Lorde Arryn.

– Mandarei buscá-lo – disse Ned. – E os outros.

Mindinho estremeceu.

– Senhor, venha até a janela, por favor.

– Por quê?

– Venha e lhe mostrarei, senhor.

De cenho franzido, Ned atravessou a sala até a janela. Petyr Baelish fez um gesto casual.

– Ali, do outro lado do pátio, na frente da porta do armeiro, vê o rapaz acocorado junto aos degraus, passando uma pedra de afiar pela espada?

– Que tem ele?

– Responde a Varys. A Aranha tomou grande interesse pelo senhor e por tudo que faz – mudou de lugar no assento. – Olhe agora para o muro. Mais atrás para oeste, por cima das cavalariças. Vê o guarda encostado ao parapeito?

Ned viu o homem.

– Outro dos sopradores de segredos do eunuco?

– Não, este pertence à rainha. Note que ele se beneficia de uma boa visão para a porta desta torre a fim de melhor anotar quem o procura. Há outros, muitos deles desconhecidos mesmo para mim. A Fortaleza Vermelha está cheia de olhos. Por que acha que escondi Cat num bordel?

Eddard Stark não sentia nenhum apreço por aquelas intrigas.

– Pelos sete infernos – praguejou. *Realmente* parecia que o homem sobre o muro o observava. Subitamente desconfortável, Ned afastou-se da janela. – Será que todo mundo é informante de alguém nesta maldita cidade?

– Quase – Mindinho respondeu, e contou com os dedos da mão. – Ora, o senhor, eu, o rei… se bem que, agora que penso nisso, o rei conta à rainha muito mais do que devia, e não estou totalmente seguro a respeito dele – pôs-se em pé e continuou: – Há algum homem a seu serviço em quem confie por inteiro?

– Sim – Ned respondeu.

– Neste caso, possuo um palácio encantador em Valíria que adoraria lhe vender – disse Mindinho com um sorriso irônico. – A resposta mais sensata seria *não*, senhor, mas, que seja. Envie este seu modelo de

perfeição a Sor Hugh e aos outros. Suas idas e vindas serão detectadas, mas nem mesmo Varys, a Aranha, é capaz de vigiar todos os homens ao seu serviço todas as horas do dia – e dirigiu-se para a porta.

– Lorde Petyr – Ned chamou. – … Sinto-me grato por sua ajuda. Talvez tivesse sido errado de minha parte desconfiar de você.

Mindinho afagou sua pequena barba pontiaguda.

– É lento para aprender, Senhor Eddard. Desconfiar de mim foi a coisa mais sensata que fez desde que desceu de seu cavalo.

# Jon

Jon mostrava a Dareon a melhor maneira de dar um golpe lateral quando o novo recruta entrou no pátio de treinos.

– Seus pés precisam estar mais afastados – ele insistia. – Não vai querer perder o equilíbrio. Assim está bom. Agora, gire ao golpear, ponha todo o seu peso atrás da arma.

Dareon parou e levantou o visor.

– Pelos sete deuses – Dareon murmurou. – Olha só para aquilo, Jon.

Jon se virou. Pela fenda do elmo contemplou o rapaz mais gordo que já vira, parado à porta do armeiro. Pelo aspecto, devia pesar uns cento e trinta quilos. O colarinho de peles de sua capa bordada perdia-se sob seus múltiplos queixos. Olhos claros moviam-se nervosamente naquela grande cara redonda que mais parecia uma lua, e dedos rechonchudos e suados limpavam-se no veludo do gibão.

– Diss… disseram-me que devia vir até aqui para… para o treino – ele falou, para ninguém em especial.

– Um fidalgo – Pyp falou para Jon. – Do Sul, mais provável da zona de Jardim de Cima – Pyp viajara pelos Sete Reinos com uma trupe de pantomimeiros e vangloriava-se de ser capaz de dizer quem eram e de onde vinham as pessoas com quem falava só pelo som de suas vozes.

Um caçador andante tinha sido bordado em fio escarlate no peito do manto de peles do rapaz gordo. Jon não reconheceu o símbolo. Sor Alliser Thorne deu uma olhadela no novo rapaz a seu cargo e disse:

– Parece que ficaram sem caçadores furtivos e ladrões lá no Sul. Agora nos mandam porcos para guarnecer a Muralha. Serão as peles e o veludo sua noção de armadura, meu Senhor do Presunto?

Não demorou muito e todos perceberam que o novo recruta trouxera consigo sua própria armadura: um gibão almofadado, couro fervido, cota de malha, chapa metálica e um elmo, e até um grande escudo de madeira e couro decorado com o mesmo caçador andante que usava no manto.

Como nada daquilo era negro, Sor Alliser insistiu que o rapaz se reequipasse no armeiro, o que demorou metade da manhã. Sua largura levou Donal Noye a ter de desmontar uma cota de malha para nela adicionar painéis de couro dos dois lados. Para lhe pôr um elmo na cabeça, o armeiro teve de remover o visor. Os couros ficaram tão apertados nas pernas e por baixo dos braços que o rapaz quase não conseguia se mexer. Vestido para a batalha, o novo recruta parecia uma salsicha inchada depois de tanto cozimento, a ponto de arrebentar.

– Esperemos que não seja tão inepto quanto parece – disse Sor Alliser. – Halder, veja o que Sor Porquinho sabe fazer.

Jon estremeceu. Halder tinha nascido numa pedreira e fora aprendiz de pedreiro. Tinha dezesseis anos, era alto e musculoso, e seus golpes eram os mais duros que Jon já experimentara.

– Isto vai ser mais feio que a bunda de uma puta – murmurou Pyp. E foi mesmo.

Demorou menos de um minuto de luta até o gordo cair no chão, com seu corpo tremendo enquanto sangue jorrava através do elmo estilhaçado e por entre os dedos rechonchudos.

– Rendo-me – ele guinchou. – Basta, rendo-me, não me batam – Rast e alguns dos outros rapazes começaram a rir.

Mas mesmo assim Sor Alliser não pôs fim ao assunto.

– Em pé, Sor Porquinho – gritou. – Pegue a espada – ao ver que o rapaz continuava inerte no chão, Thorne fez um gesto para Halder.

– Bata-lhe com o lado da espada até encontrar seus pés – Halder deu uma pancada exploratória na inchada bochecha do adversário. – Você é capaz de bater com mais força que isso – censurou Thorne. Halder pegou a espada com ambas as mãos e a deixou cair com tanta força que o golpe rasgou o couro, mesmo estando do lado contrário ao corte. O novo recruta guinchou de dor.

Jon deu um passo à frente. Pyp pousou a mão revestida de cota de malha em seu braço.

– Jon, *não* – o pequeno rapaz falou em tom sussurrante, com um ansioso olhar de relance para Sor Alliser Thorne.

– Em pé – repetiu Thorne. O gordo lutou para se erguer, escorregou e voltou a cair pesadamente no chão. – Sor Porquinho começa a compreender a ideia – Sor Alliser observou. – Outra vez.

Halder ergueu a espada para desferir outro golpe.

– Corte um presunto para nós! – pediu Rast, rindo.

Jon afastou a mão de Pyp.

– Halder, *basta*.

Halder olhou para Sor Alliser.

– O bastardo fala e os camponeses tremem – disse o mestre de armas em sua voz aguçada e fria. – Recordo-lhe que o mestre de armas aqui sou eu, Lorde Snow.

– Olhe para ele, Halder – pediu Jon, ignorando Thorne o melhor que pôde. – Não há honra em espancar um adversário caído. Ele se rendeu – ajoelhou-se ao lado do rapaz gordo.

Halder baixou a espada.

– Ele se rendeu – repetiu num eco.

Os olhos cor de ônix de Sor Alliser estavam fixos em Jon Snow:

– Diria que nosso bastardo se apaixonou – ele disse, enquanto Jon ajudava o gordo a pôr-se em pé. – Mostre-me seu aço, Lorde Snow.

Jon puxou a espada. Atrevia-se a desafiar Sor Alliser só até certo ponto, e temia que tivesse acabado de ultrapassar muito esse ponto.

Thorne sorriu.

– O bastardo deseja defender sua amada, portanto, vamos fazer disto um exercício. Rato, Borbulha, ajudem aqui o Cabeça-Dura – Rast e Albett juntaram-se a Halder. – Três de vocês devem ser suficientes para fazer a Senhora Porquinha guinchar. Tudo que têm a fazer é passar pelo Bastardo.

– Fique atrás de mim – Jon disse para o gordo. Sor Alliser com frequência enviava dois adversários contra ele, mas nunca três. Sabia que provavelmente iria dormir ferido e ensanguentado naquela noite. E preparou-se para o assalto.

De repente, Pyp pôs-se ao seu lado.

– Três contra dois fazem uma disputa melhor – disse alegremente o pequeno rapaz. Abaixou o visor e puxou a espada. Antes que Jon conseguisse sequer pensar em protestar, Grenn tinha se juntado a eles.

O pátio ficou mortalmente silencioso. Jon conseguia sentir o olhar de Sor Alliser.

– Estão à espera do quê? – perguntou o mestre de armas a Rast e aos outros, numa voz que se tornara enganadoramente suave, mas foi Jon

quem se moveu primeiro. Halder quase não conseguiu erguer a espada a tempo.

Jon o fez recuar, atacando a cada golpe, mantendo o rapaz mais velho na defesa. *Conheça o seu adversário*, ensinara-lhe havia tempos Sor Rodrik; e Jon conhecia Halder, brutalmente forte, mas de paciência curta, sem gosto pela defesa. Frustre-o e ele se abre como o pôr do sol.

O tinir do aço ressoou pelo pátio quando os outros à sua volta se juntaram à batalha. Jon parou um violento golpe lançado à sua cabeça, sentindo o impacto a correr-lhe pelo braço quando as espadas se chocaram. Lançou um golpe lateral nas costelas de Halder e foi recompensado com um grunhido abafado de dor. O contra-ataque apanhou Jon no ombro. A cota de malha ressoou como se algo a triturasse, e um relâmpago de dor subiu-lhe ao pescoço. Por um instante Halder perdeu o equilíbrio, e Jon golpeou-lhe a perna esquerda, fazendo-o cair com uma praga e um estrondo.

Grenn mantinha-se firme como Jon lhe ensinara, dando mais trabalho a Albett do que este gostaria. Mas Pyp estava sob grande pressão, Rast tinha dois anos e quase vinte quilos a mais que ele. Jon aproximou-se dele por trás e fez ressoar seu elmo como se fosse um sino. Quando Rast começou a cambalear, Pyp passou por baixo de sua guarda, atirou-o ao chão e apontou a espada para sua garganta. A essa altura Jon já tinha passado adiante. Enfrentando duas espadas, Albett recuou.

– Rendo-me – ele gritou.

Sor Alliser Thorne inspecionou a cena com repugnância.

– A pantomima já se prolongou o suficiente por hoje – ele protestou e se afastou.

A sessão tinha chegado ao fim.

Dareon ajudou Halder a se levantar. O filho do pedreiro arrancou o elmo e atirou-o para o outro lado do pátio.

– Por um instante pensei que finalmente o tinha pegado, Snow.

– Por um instante pegou mesmo – Jon respondeu. Sob a cota de malha e o couro seu ombro latejava. Embainhou a espada e tentou tirar o elmo, mas, quando ergueu o braço, a dor o fez ranger os dentes.

– Permite-me? – perguntou uma voz. Mãos de dedos grossos desataram o elmo do gorjal[2] e ergueram-no cuidadosamente. – Ele o feriu?

– Já fui ferido antes – Jon tocou no ombro e estremeceu. O pátio à sua volta se esvaziava.

Sangue manchava os cabelos do rapaz gordo no local onde Halder lhe quebrara o elmo.

–Meu nome é Samwell Tarly, de Monte… – calou-se e lambeu os lábios. – Quer dizer, eu *era* de Monte Chifre até que… parti. Vim vestir o negro. Meu pai é Lorde Randyll, um vassalo dos Tyrell de Jardim de Cima. Era seu herdeiro, só que… – sua voz se extinguiu.

– Sou Jon Snow, bastardo de Ned Stark, de Winterfell.

Samwell Tarly fez um aceno com a cabeça.

– Eu… se quiser pode me chamar de Sam. Minha mãe me chama assim.

– E você pode chamá-lo *de* Lorde Snow – disse Pyp enquanto se aproximava. – Não vai querer saber como a mãe o chama.

– Estes dois são Grenn e Pypar – disse Jon.

– Grenn é o feio – disse Pyp.

Grenn franziu as sobrancelhas.

– Você é mais feio do que eu. Pelo menos não tenho orelhas de morcego.

– Os meus agradecimentos a todos – o rapaz gordo disse gravemente.

– Por que não se levantou e lutou? – Grenn quis saber.

– Eu queria, garanto. Só que… não pude. Não queria que ele me batesse mais – Sam abaixou os olhos. – Eu… temo que seja um covarde. O senhor meu pai sempre disse isso.

Grenn pareceu atingido por um raio. Até Pyp não conseguiu encontrar palavras para responder àquilo, ele, que tinha palavras para tudo. Que tipo de homem se proclama um covarde?

Samwell Tarly deve ter lido os pensamentos naqueles rostos. Seus olhos encontraram-se com os de Jon e fugiram, rápidos como animais assustados.

– Eu… eu lamento – ele se desculpou. – Não queria ser… ser como sou – e caminhou pesadamente na direção do armeiro.

Jon gritou:

– Você foi ferido – ele disse. – Amanhã fará melhor.

Sam olhou por sobre o ombro com ar fúnebre.

– Não, não farei – o rapaz respondeu, piscando para reter as lágrimas. – Eu nunca faço melhor.

Depois de ele sair, Grenn franziu as sobrancelhas.

– Ninguém gosta de covardes – disse desconfortavelmente. – Era melhor que não o tivéssemos ajudado. E se os outros pensarem que também somos covardes?

– Você é estúpido demais para ser covarde – disse-lhe Pyp.

– Não sou nada – Grenn rebateu.

– É, sim. Se um urso o atacasse nos bosques, seria estúpido demais para fugir.

– Não seria nada – Grenn insistiu. – Fugiria mais depressa que você – e parou de repente, piscando os olhos ao ver o sorriso de Pyp e ao perceber o que acabara de dizer. Seu grosso pescoço ficou vermelho-escuro. Jon os deixou ali discutindo e voltou ao armeiro, pendurou a espada e tirou a armadura deformada.

A vida em Castelo Negro seguia certos padrões; as manhãs eram dedicadas à esgrima, e as tardes, ao trabalho. Os irmãos negros atribuíam aos novos recrutas muitas tarefas diferentes, para ver o que sabiam fazer. Jon adorava as raras tardes em que era enviado para a floresta com Fantasma a fim de trazer caça para a mesa do Senhor Comandante, mas para cada dia passado a caçar, doze eram de Donal Noye, no armeiro, girando a roda de amolar enquanto o ferreiro de um braço só afiava machados cegos pelo uso, ou manejando o fole enquanto Noye batia o metal de uma nova espada. Nos outros dias, distribuía mensagens, montava guarda, limpava estábulos, colocava penas nas flechas, dava assistência a Meistre Aemon com suas aves ou a Bowen Marsh com suas contas e inventários.

Naquela tarde, o comandante da guarda o enviou para a gaiola do guindaste com quatro barris de pedra recém-esmagada, para que espalhasse cascalho sobre os caminhos gelados do topo da Muralha. Era um trabalho solitário e aborrecido, mesmo com Fantasma lhe fazendo companhia, mas Jon descobriu que não se importava. Num dia claro, podia-se ver metade do mundo do topo da Muralha, e o ar estava sempre frio e revigorante. Ali podia pensar, e deu por si pensando em Samwell Tarly… e, estranhamente, em Tyrion Lannister. Gostaria de saber o que Tyrion faria com o rapaz gordo. *A maioria dos homens prefere negar uma*

*verdade dura do que enfrentá-la*, dissera-lhe o anão com um sorriso. O mundo estava cheio de covardes que fingiam ser heróis; era preciso uma singular forma de coragem para se admitir covarde, como fizera Samwell Tarly.

O ombro machucado fazia com que o trabalho avançasse lentamente. A tarde já chegava ao fim quando Jon terminou de encher os caminhos de cascalho. Deixou-se ficar lá em cima para ver o sol se pôr, colorindo o céu ocidental com a cor do sangue. Por fim, enquanto o ocaso caía sobre o norte, Jon rolou os barris vazios de volta à gaiola e fez sinal aos homens do guindaste para que o baixassem.

A refeição da noite tinha quase acabado quando ele e Fantasma chegaram à sala comum. Um grupo de irmãos negros jogava dados sob o efeito do vinho quente perto do fogo. Seus amigos, dando risada, encontravam-se no banco mais próximo da parede oeste. Pyp estava no meio de uma história. O orelhudo filho do pantomimeiro era um mentiroso nato, possuía cem vozes diferentes, e vivia suas histórias mais que as contava, representando todos os papéis à medida que iam surgindo, num momento um rei e no seguinte um criador de porcos. Quando o personagem era uma criada de cervejaria ou uma princesa virgem, usava uma aguda voz de falsete que levava todos às lágrimas com as gargalhadas que eram incapazes de evitar, e seus eunucos eram sempre caricaturas fantasmagoricamente fiéis de Sor Alliser. Jon tirava tanto prazer das palhaçadas de Pyp como qualquer outro, mas naquela noite afastou-se e, em vez de se juntar aos amigos, dirigiu-se para a ponta do banco, onde Samwell Tarly estava sentado sozinho, tão longe dos outros quanto podia.

Terminava a última das tortas de porco que os cozinheiros tinham servido no jantar quando Jon sentou-se à sua frente. Os olhos do gordo esbugalharam-se ao ver Fantasma.

– Isto é um lobo?

– Um lobo gigante – Jon respondeu. – Chama-se Fantasma. O lobo gigante é o símbolo da Casa do meu pai.

– O nosso é um caçador andante – disse Samwell Tarly.

– Gosta de caçar?

O gordo estremeceu.

– Detesto – parecia outra vez prestes a chorar.

– Que se passa agora? – perguntou-lhe Jon. – Por que está sempre tão assustado?

Sam fixou os olhos no resto de sua torta de porco e balançou a cabeça debilmente, assustado demais até para falar. Um estrondo de gargalhadas encheu o salão. Jon ouviu Pyp guinchando com voz aguda. Pôs-se em pé.

– Vamos lá para fora.

A gorda cara redonda olhou-o com suspeita.

– Por quê? Que vamos fazer lá fora?

– Conversar – disse Jon. – Já viu a Muralha?

– Sou gordo, não sou cego – Samwell Tarly retrucou. – Claro que a vi, tem duzentos metros de altura – mas levantou-se mesmo assim, enrolou um manto debruado de peles em volta dos ombros e saiu da sala comum atrás de Jon, ainda desconfiado, como se suspeitasse de que algum truque cruel o esperava na noite. Fantasma caminhou ao lado deles.

– Nunca pensei que fosse assim – Sam disse enquanto caminhavam, com as palavras transformando-se em vapor no ar frio. Já bufava e arquejava, tentando acompanhar Jon. – Os edifícios estão todos ruindo, e é tão… tão…

– Frio? – uma dura geada caía sobre o castelo, e Jon ouvia o suave ranger de ervas cinzentas sob suas botas.

Sam confirmou com a cabeça, ostentando uma expressão infeliz.

– Detesto o frio – disse. – Na noite passada acordei na escuridão e o fogo tinha se apagado, e tive certeza de que ia congelar antes que a manhã chegasse.

– Deve ser mais quente no lugar de onde você vem.

– Nunca tinha visto neve até o mês passado. Vínhamos atravessando as terras acidentadas, eu e os homens que meu pai enviou para me trazerem para o Norte, e essa coisa branca começou a cair como uma leve chuva. A princípio pensei que era belíssima, como penas caindo do céu, mas continuou, e continuou, até que fiquei gelado até os ossos. Os homens tinham crostas de neve nas barbas e mais sobre os ombros, e ela continuava a cair. Temi que nunca mais parasse.

Jon sorriu.

A Muralha erguia-se à frente deles, brilhando fracamente à luz de uma meia-lua. No céu, as estrelas cintilavam, límpidas e nítidas.

– Eles vão me obrigar a subir até lá em cima? – Sam perguntou. Seu rosto azedou como leite velho quando olhou para as grandes escadas de madeira. – Eu morro se tiver de subir aquilo.

– Há um guindaste – Jon o apontou. – Podem subi-lo numa gaiola.

Samwell Tarly fungou.

– Não gosto de lugares altos.

Aquilo foi demais. Jon franziu as sobrancelhas, incrédulo.

– Mas você tem medo de *tudo*? – perguntou. – Não consigo entender. Se é mesmo tão covarde, o que está fazendo aqui? Por que um covarde haveria de querer se juntar à Patrulha da Noite?

Samwell Tarly o olhou por um longo momento, e seu rosto redondo pareceu afundar para dentro de si próprio. Sentou-se no chão coberto de geada e desatou a chorar, com enormes soluços estrangulados que lhe estremeciam todo o corpo. Jon Snow só pôde parar e assistir. Tal como a queda de neve nas terras acidentadas, aquelas lágrimas pareciam não ter fim.

Foi Fantasma que soube o que fazer. Silencioso como uma sombra, o lobo gigante branco aproximou-se e começou a lamber as lágrimas quentes no rosto de Samwell Tarly. O rapaz gordo gritou, surpreso… E, por algum milagre, seus soluços transformaram-se em gargalhadas.

Jon Snow riu com ele. Depois, sentaram-se no chão gelado, aconchegados aos mantos com Fantasma entre ambos. Jon contou a história de como ele e Robb tinham encontrado os lobinhos recém-nascidos no meio da neve do fim do verão. Parecia agora terem se passado mil anos. Pouco depois, deu por si falando de Winterfell.

– Às vezes sonho com o castelo – ele disse. – Caminho por seu longo salão vazio. Minha voz ecoa pelo lugar, mas ninguém responde, e eu ando mais depressa, abrindo portas, gritando nomes. Nem sequer sei quem procuro. Na maior parte das noites é meu pai, mas às vezes é Robb, ou minha irmã mais nova, Arya, ou meu tio – pensar em Benjen Stark o entristeceu, ele continuava desaparecido. O Velho Urso enviara patrulhas à sua procura. Sor Jeremy Rykker liderara duas buscas e Qhorin Meia-Mão partira da Torre Sombria, mas nada tinham encontrado além de um punhado de sinais que o tio deixara nas árvores para marcar o caminho. Nas terras altas pedregosas do noroeste as marcas paravam abruptamente, e todos os sinais de Ben Stark esvaneciam-se.

– Alguma vez encontra alguém em seu sonho? – Sam quis saber.

Jon balançou a cabeça.

– Nem uma só pessoa. O castelo está sempre vazio – nunca falara a ninguém sobre aquele sonho, e não compreendia por que o contava agora a Sam, mas de algum modo sentia-se bem falando dele. – Até os corvos desapareceram da colônia, e as cavalariças estão cheias de ossos. Isso sempre me assusta. Então começo a correr, abrir portas com violência, subir os degraus da torre três de cada vez, gritando por alguém, por quem quer que seja. Então, dou por mim em frente à porta para as criptas. Lá dentro tudo está negro, e vejo os degraus que descem em espiral. Sem saber como, sei que tenho de descer, mas não quero fazê-lo. Tenho medo do que pode haver lá à minha espera. Os velhos Reis do Inverno estão lá, sentados em seus tronos com lobos de pedra a seus pés e espadas de ferro sobre os joelhos, mas não é deles que tenho medo. Grito que não sou um Stark, que aquele não é o meu lugar, mas não serve de nada, tenho de ir, seja como for, e, portanto, começo a descer, tateando as paredes enquanto vou avançando, sem uma tocha para iluminar meu caminho. Fica cada vez mais escuro, até que me dá vontade de gritar – parou, de cenho franzido, embaraçado. – E é então que sempre acordo – com a pele fria e pegajosa, tremendo na escuridão de sua cela. Fantasma salta para a cama, ao seu lado, e seu calor é tão reconfortante como o nascer do dia. Ele volta a adormecer com o rosto enterrado nos pelos brancos e espessos do lobo gigante. – Você sonha com Monte Chifre? – Jon perguntou.

– Não – a boca de Sam comprimiu-se e endureceu. – Detestava aquilo – coçou Fantasma atrás da orelha, pensando, e Jon deixou o silêncio respirar. Depois de um longo tempo, Samwell Tarly começou a falar. Jon Snow escutou em silêncio, e ficou sabendo como foi que um covarde confesso veio parar na Muralha.

Os Tarly eram uma família antiga na honra, vassalos de Mace Tyrell, Senhor de Jardim de Cima e Protetor do Sul. Como filho mais velho de Lorde Randyll Tarly, Samwell nascera herdeiro de ricas terras, uma sólida fortaleza e uma grande espada cheia de histórias chamada Veneno de Coração, forjada de aço valiriano e passada de pai para filho havia quase quinhentos anos.

Mas todo o orgulho que o senhor seu pai poderia ter sentido com o nascimento de Samwell desapareceu quando o garoto cresceu roliço, mole e desajeitado. Sam gostava de ouvir música e criar as próprias canções, vestir suaves veludos, brincar na cozinha do castelo ao lado dos cozinheiros, absorvendo os cheiros doces enquanto ia roubando bolos de limão e tortas de mirtilo. Suas paixões eram os livros, os gatos e a dança, mesmo desastrado como era. Mas ficava doente à vista de sangue e chorava até ao ver uma galinha ser morta. Uma dúzia de mestres de armas chegou e partiu de Monte Chifre tentando transformar Samwell no cavaleiro que o pai desejava. O garoto recebeu insultos e bengaladas, bateram-lhe e fizeram-no passar fome. Um homem o obrigou a dormir vestido de cota de malha para deixá-lo mais belicoso. Outro vestiu-lhe a roupa da mãe e o obrigou a percorrer o muro exterior do castelo, a fim de lhe incutir valor através da vergonha. Mas ele só foi se tornando mais gordo e mais assustado, até que o desapontamento de Lorde Randyll se transformou em ira, e a ira em desprezo.

– Uma vez – confidenciou Sam, com a voz transformada num murmúrio – vieram dois homens ao castelo, bruxos de Qarth, de pele branca e lábios azuis. Mataram um auroque macho e obrigaram-me a tomar banho no sangue quente, mas isso não me deu a coragem que tinham prometido. Fiquei doente e com vômitos. Meu pai mandou açoitá-los.

Por fim, depois de três meninas em outros tantos anos, a Senhora Tarly deu ao senhor seu esposo um segundo filho. Desse dia em diante, Lorde Randyll ignorou Sam, dedicando todo o seu tempo ao filho mais novo, uma criança feroz e robusta, mais a seu gosto. Samwell conheceu vários anos de uma doce paz, com sua música e seus livros.

Até a madrugada do décimo quinto dia do seu nome, quando foi acordado e lhe apresentaram o cavalo selado e pronto. Três homens de armas o acompanharam até um bosque próximo de Monte Chifre, onde o pai esfolava um veado. “Você é agora quase um homem-feito, e o meu herdeiro”, disse Lorde Randyll Tarly ao filho mais velho, enquanto tirava a pele da carcaça.

“Não me deu motivo algum para deserdá-lo, mas também não lhe permitirei herdar a terra e o título que devem pertencer a Dickon. A Veneno de Coração deve passar para as mãos de um homem

suficientemente forte para brandi-la, e você nem é digno de lhe tocar o punho. Portanto, decidi que hoje anunciará seu desejo de vestir o negro. Irá renunciar a qualquer pretensão à herança de seu irmão e partirá para o Norte antes do cair da noite. Se assim não fizer, então amanhã teremos uma caçada, e em algum lugar nestes bosques seu cavalo tropeçará e você será atirado da sela para a morte… ou pelo menos será isso que direi à sua mãe. Ela tem um coração de mulher, encontra nele lugar até para estimá-lo, e não tenho nenhum desejo de lhe causar desgosto. Mas que não passe por sua cabeça que será realmente assim tão fácil se pensar em me desafiar. Nada me dará mais prazer que caçá-lo como o porco que você é." Seus braços estavam vermelhos até os cotovelos quando pousou a faca de esfolar. "E é assim. A escolha é sua. A Patrulha da Noite", o pai enfiou a mão no veado, arrancou-lhe o coração e apertou-o na mão, vermelho e a pingar, "ou isto."

Sam contou a história com uma voz calma e sem vida, como se fosse algo que tivesse acontecido a outra pessoa, e não a ele. E estranhamente, pensou Jon, não chorou, nem mesmo uma vez. Quando terminou, ficaram sentados lado a lado escutando o vento por um tempo. Não havia mais nenhum som no mundo inteiro.

Por fim, Jon disse:

– Devíamos voltar para a sala comum.

– Por quê? – Sam perguntou.

Jon encolheu os ombros.

– Há cidra quente para beber, ou vinho temperado, se preferir. Em algumas noites, Dareon canta para nós, se lhe agradar. Era um cantor antes… bem, não era mesmo, mas quase; era um aprendiz de cantor.

– Como veio parar aqui? – Sam quis saber.

– Lorde Rowan de Bosquedouro o encontrou na cama com sua filha. A moça era dois anos mais velha, e Dareon jura que ela o ajudou a entrar pela janela, mas, aos olhos do pai, foi violação, e aqui está ele. Quando Meistre Aemon o ouviu cantar, disse que tinha uma voz que era mel derramado sobre o trovão – Jon sorriu. – Sapo às vezes também canta, se é que se pode chamar aquilo de canto. Canções de taberna que aprendeu com seu pai bêbado. Pyp diz que tem uma voz que é mijo derramado sobre um peido – e os dois riram juntos daquilo.

– Gostaria de ouvi-los – Sam admitiu –, mas eles não vão me querer lá – tinha o rosto perturbado. – Ele vai me fazer lutar outra vez amanhã, não vai?

– Vai – Jon foi forçado a dizer.

Sam pôs-se desajeitadamente em pé.

– É melhor que eu tente dormir – enrolou-se atabalhoadamente no manto e arrastou-se para longe.

Os outros ainda estavam na sala comum quando Jon regressou, acompanhado apenas por Fantasma.

– E onde *você* estava? – Pyp perguntou.

– Conversando com Sam – ele respondeu.

– Ele é mesmo um covarde – Grenn interveio. – Na hora do jantar, ainda havia lugares no banco quando ele recebeu sua torta, mas estava assustado demais para vir se sentar conosco.

– O Senhor do Presunto pensa que é bom demais para se juntar a gente como nós – sugeriu Jeren.

– Vi-o comer uma torta de porco – Sapo disse com um sorrisinho. – Acham que ele seria um irmão? – e desatou a soltar grunhidos.

– *Parem com isso!* – exclamou Jon com voz zangada.

Os outros rapazes calaram-se, surpreendidos pela súbita fúria.

– Ouçam-me – disse Jon mais calmo, e contou-lhes como as coisas deveriam acontecer. Pyp o apoiou, como já sabia que faria, mas, quando Halder falou, foi uma surpresa agradável. Grenn a princípio mostrou-se preocupado, mas Jon conhecia as palavras que o fariam mudar de ideia. Um por um, todos cerraram fileiras. Jon persuadiu alguns, lisonjeou outros, envergonhou os restantes, e fez ameaças onde eram necessárias. No fim, estavam todos de acordo… Todos, menos Rast.

– Vocês, meninas, façam o que quiserem – ele disse –, mas se Thorne me mandar lutar com a Senhora Porquinha, vou cortar para mim uma fatia de bacon – riu na cara de Jon e deixou todos ali.

Horas mais tarde, enquanto o castelo dormia, três dos rapazes fizeram uma visita à cela de Rast. Grenn segurou-lhe os braços, enquanto Pyp se sentava sobre suas pernas. Jon conseguiu ouvir a respiração acelerada de Rast quando Fantasma saltou para cima de seu peito. Os olhos do lobo selvagem ardiam como brasas enquanto os dentes mordiscavam a lisa pele da garganta do rapaz, o suficiente apenas para fazê-lo sangrar.

– Lembra-se? Nós sabemos onde você dorme – disse Jon em voz baixa.

Na manhã seguinte, Jon ouviu Rast contar a Albett e a Sapo como a navalha tinha escorregado enquanto se barbeava.

Daquele dia em diante, nem Rast nem nenhum dos outros machucou Samwell Tarly. Quando Sor Alliser os fazia confrontá-lo, defendiam-se e afastavam seus golpes lentos e desajeitados. Se o mestre de armas gritava por um ataque, dançavam em frente e davam uma pancadinha ligeira na placa de peito, no elmo ou na perna de Sam. Sor Alliser irritava-se, ameaçava-os e os chamava de covardes, mulheres e coisas piores, mas Sam permaneceu incólume. Algumas noites mais tarde, a pedido de Jon, juntou-se a eles para a refeição da noite, sentando-se no banco ao lado de Halder. Passaram-se mais quinze dias até ganhar coragem para se juntar à conversa, e, ao fim de algum tempo, já ria das caretas de Pyp e brincava com Grenn como qualquer outro.

Samwell Tarly podia ser gordo, desajeitado e assustado, mas não era nenhum tolo. Uma noite visitou Jon em sua cela.

– Não sei o que você fez – disse –, mas sei que fez alguma coisa – e afastou timidamente seus olhos. – Nunca tinha tido um amigo.

– Nós não somos amigos – disse Jon, pousando a mão no amplo ombro de Sam. – Somos irmãos.

E eram, pensou consigo mesmo depois de Sam se retirar. Robb, Bran e Rickon eram os filhos de seu pai, e ainda os amava, mas Jon sabia que nunca fora realmente um deles. Catelyn Stark assegurara-se disso. Os muros cinzentos de Winterfell podiam ainda assombrar seus sonhos, mas Castelo Negro era agora a sua vida, e seus irmãos eram Sam, Grenn, Halder e Pyp, e os outros renegados que vestiam o negro da Patrulha da Noite.

– Meu tio disse a verdade – ele segredou a Fantasma, perguntando a si mesmo se algum dia voltaria a ver Benjen Stark para lhe dizer isso.

2 Gorjal: nas armaduras, a parte que protege o pescoço.

# Eddard

—É o torneio da Mão que está causando todos os problemas, senhores – queixou-se o Comandante da Patrulha da Cidade ao conselho do rei.

– O torneio do rei – corrigiu Ned, já estremecendo. – Garanto-lhes, a Mão não deseja desempenhar nele nenhum papel.

– Chame como desejar, senhor. Têm chegado cavaleiros de todo o reino, e para cada cavaleiro recebemos dois cavaleiros livres, três artesãos, seis homens de armas, uma dúzia de mercadores, duas dúzias de meretrizes e mais ladrões do que me atrevo a adivinhar. Esse maldito calor já tinha tomado a cidade inteira numa febre, e agora, com todos esses visitantes… na noite passada tivemos um afogamento, uma rixa de taberna, três lutas com facas, um estupro, dois incêndios, incontáveis assaltos e uma corrida bêbada de cavalos ao longo da Rua das Irmãs. Na noite anterior uma cabeça de mulher foi encontrada no Grande Septo, flutuando na lagoa do arco-íris. Ninguém parece saber como foi parar lá ou a quem pertence.

– Que horror – exclamou Varys com um estremecimento.

Lorde Renly Baratheon foi menos compreensivo.

– Se não é capaz de manter a paz do rei, Janos, talvez a Patrulha da Cidade deva ser comandada por alguém que seja.

Janos Slynt, um homem robusto e de fortes maxilares, inchou como um sapo irritado, com sua grande cabeça calva começando a enrubescer.

– Nem o próprio Aegon, o Dragão, seria capaz de manter a paz, Senhor Renly. Preciso de mais homens.

– Quantos? – Ned perguntou, inclinando-se para a frente. Como sempre, Robert não se incomodara em estar presente na sessão do conselho, e assim cabia à sua Mão falar por ele.

– Tantos quantos for possível obter, Senhor Mão.

– Contrate cinquenta novos homens – disse-lhe Ned. – Lorde Baelish lhe arranjará o dinheiro.

– Ah, sim? – Mindinho retrucou.

– Sim. Se foi capaz de encontrar quarenta mil dragões de ouro para uma bolsa de campeão, certamente também o será para reunir alguns cobres a fim de manter a paz do rei – Ned voltou a se virar para Janos Slynt. – Também lhe darei vinte boas espadas da guarda de minha própria Casa para servir com a Patrulha até que a multidão parta.

– Muito agradecido, Senhor Mão – disse Slynt com uma reverência. – Prometo-lhe que será dado bom uso.

Quando o Comandante se retirou, Eddard virou-se para o resto do conselho.

– Quanto mais depressa essa loucura terminar, melhor me sentirei – como se a despesa e os problemas não fossem aborrecimento bastante, todos insistiam em dizer "o torneio da Mão", como se fosse ele sua causa. E Robert parecia pensar honestamente que devia se sentir honrado!

– O reino prospera com tais eventos, senhor – disse o Grande Meistre Pycelle. – Trazem aos grandes a oportunidade de alcançar a glória e aos pequenos um intervalo em suas aflições.

– E põem moedas em muitos bolsos – acrescentou Mindinho. – Todas as estalagens da cidade estão cheias, e as prostitutas caminham de pernas arqueadas, tinindo seus bolsos a cada passo.

Lorde Renly soltou uma gargalhada.

– É uma sorte que meu irmão Stannis não esteja entre nós. Lembram-se daquela ocasião em que propôs que se proibissem os bordéis? O rei lhe perguntou se gostaria talvez de proibir também que se comesse, cagasse e respirasse, já que estava com a mão na massa. A bem da verdade, por vezes pergunto a mim mesmo como foi que Stannis conseguiu arranjar aquela feia mulher que tem. Vai para a cama de casado como quem marcha para o campo de batalha, com uma expressão sombria nos olhos e determinado a cumprir seu dever.

Ned não se juntou às gargalhadas.

– Também me interrogo a respeito de seu irmão Stannis. Pergunto a mim mesmo quando é que ele pretende dar por terminada sua visita à Pedra do Dragão e recuperar seu lugar neste conselho.

– Sem dúvida assim que tenhamos escorraçado todas essas prostitutas para o mar – Mindinho respondeu, provocando mais gargalhadas.

– Já ouvi falar de prostitutas mais que o suficiente para um dia – disse Ned, levantando-se. – Até amanhã.

Harwin guardava a porta quando Ned regressou à Torre da Mão.

– Chame Jory aos meus aposentos e diga ao seu pai para me selar o cavalo – ordenou-lhe Ned com demasiada brusquidão.

– Será feita a sua vontade, senhor.

A Fortaleza Vermelha e o "torneio da Mão" estavam desgastando-o até o osso, refletiu Ned enquanto subia. Ansiava pelo conforto dos braços de Catelyn, pelos sons de Robb e Jon cruzando espadas no pátio de treinos, pelos dias frescos e noites frias do Norte.

Em seus aposentos, despiu as sedas que usava no conselho e sentou-se um momento com o livro enquanto esperava a chegada de Jory. *As linhagens e histórias das Grandes Casas dos Sete Reinos, com descrições de muitos grandes senhores e nobres senhoras e de seus filhos*, pelo Grande Meistre Malleon. Pycelle falara a verdade: era uma leitura tediosa. Mas Jon Arryn se interessara pelo livro, e Ned tinha certeza de que ele tinha seus motivos. Ali havia algo, alguma verdade enterrada naquelas quebradiças páginas amarelas, se ao menos conseguisse vê-la. Mas, *o quê*? O volume tinha mais de um século. Poucos homens de hoje eram nascidos quando Malleon compilara suas poeirentas listas de casamentos, nascimentos e mortes.

Voltou a abri-lo na seção sobre a Casa Lannister e virou as páginas lentamente, atento, mesmo sem esperança de que algo lhe saltasse à vista. Os Lannister eram uma família antiga, seguindo sua linhagem até Lann, o Esperto, um trapaceiro da Era dos Heróis que era, sem dúvida, tão lendário como Bran, o Construtor, embora fosse muito mais amado por cantores e contadores de histórias. Nas canções, Lann era o tipo que tinha arrancado os Casterly de Rochedo Casterly sem nenhuma arma além da esperteza, e que roubara ouro do sol para tornar mais claros os cabelos cacheados. Ned desejou que o homem estivesse ali agora, para arrancar a verdade daquele maldito livro.

Uma sonora pancada na porta anunciou Jory Cassel. Ned fechou o livro de Malleon e disse a Jory para entrar.

– Prometi à Patrulha da Cidade vinte homens da minha guarda até o fim do torneio – ele disse. – Confio em você para fazer a escolha. Dê o comando a Alyn e assegure-se de que os homens são necessários para dar

fim às lutas, e não para iniciá-las – erguendo-se, Ned abriu uma arca de cedro e tirou de lá uma leve túnica interior de linho. – Encontrou o cavalariço?

– O guarda, senhor – disse Jory. – Ele jura que nunca mais tocará num cavalo.

– Que tinha ele a dizer?

– Diz que conhecia bem Lorde Arryn. Que eram bons amigos – Jory resfolegou. – Diz que a Mão dava sempre aos rapazes uma moeda de cobre nos dias de seus nomes. Que tinha jeito para os cavalos. Que nunca exigia demais das montarias, e lhes trazia cenouras e maçãs para que se sentissem sempre contentes por vê-lo.

– Cenouras e maçãs – repetiu Ned. Esse rapaz parecia ainda mais inútil que os outros. E era o último dos quatro que Mindinho tinha descoberto. Jory falara com todos eles, um de cada vez. Sor Hugh fora brusco, pouco informativo e arrogante, como só um homem que acabara de ser armado cavaleiro sabe ser. Se a Mão desejava falar com ele, o receberia com agrado, mas não seria interrogado por um mero capitão da guarda… mesmo se o dito capitão fosse dez anos mais velho e cem vezes melhor espadachim.

A criada fora pelo menos agradável. Disse que Lorde Jon tinha andado lendo mais do que seria bom para sua saúde, que andara perturbado e melancólico por causa da fragilidade do filho e impaciente com a senhora sua esposa. O ajudante de taverna, agora sapateiro, nunca chegara a trocar uma palavra com Lorde Jon, mas estava cheio de retalhos de mexericos de cozinha: que o senhor andara discutindo com o rei, que só provava a comida, que ia enviar o filho para ser criado em Pedra do Dragão, que tomara um grande interesse pela criação de cães de caça, que tinha visitado um mestre armeiro a fim de encomendar uma nova armadura, toda trabalhada em prata branca com um falcão azul de jaspe e uma lua de madrepérola no peito. O próprio irmão do rei fora com ele para ajudá-lo a escolher o desenho, dissera o cavalariço. Não, não tinha sido o Senhor Renly; tinha sido o outro, o Senhor Stannis.

– Nosso guarda disse mais alguma coisa digna de nota?

– O rapaz jura que Lorde Jon era tão forte como um homem com metade de sua idade. Diz que montava frequentemente com Lorde Stannis.

*De novo Stannis*, pensou Ned. Achou aquilo curioso. Jon Arryn e ele tinham tido uma relação cordial, mas nunca amigável. E quando Robert partira para o norte, para Winterfell, Stannis afastara-se para Pedra do Dragão, a fortaleza insular dos Targaryen que conquistara em nome do irmão. Não dissera uma palavra sobre quando poderia estar de volta.

– Onde iam nesses passeios? – Ned perguntou.

– O rapaz diz que visitavam um bordel.

– Um bordel? – Ned exclamou. – O Senhor do Ninho da Águia e Mão do Rei visitava um bordel com *Stannis Baratheon*? – balançou a cabeça, incrédulo, perguntando a si mesmo o que Lorde Renly faria daquele boato. Os desejos de Robert eram assunto para obscenas canções de taberna por todo o reino, mas Stannis pertencia a um tipo diferente de homem; somente um ano mais novo que o rei, mas completamente diferente dele, austero, sem senso de humor, inflexível, severo na sua ideia de dever.

– O rapaz insiste que é verdade. A Mão levava consigo três guardas, e o rapaz diz que brincavam sobre a visita quando ele ia buscar seus cavalos depois de regressarem.

– Qual era o bordel? – Ned perguntou.

– O rapaz não sabia. Os guardas é que talvez saibam.

– É uma pena que Lysa os tenha levado para o Vale – disse Ned secamente. – Os deuses estão fazendo tudo que podem para nos contrariar. Senhora Lysa, Meistre Colemon, Lorde Stannis… todos os que poderiam realmente conhecer a verdade sobre o que aconteceu a Jon Arryn estão a mil léguas de distância.

– O senhor irá convocar Lorde Stannis a regressar de Pedra do Dragão?

– Ainda não – Ned respondeu. – Só quando tiver uma noção mais precisa sobre o que se passa aqui e onde ele se encaixa – o assunto o importunava. Por que Stannis partira? Teria desempenhado algum papel no assassinato de Jon Arryn? Ou estaria com receio? Ned achava difícil imaginar o que poderia assustar Stannis Baratheon, que já aguentara Ponta Tempestade durante um ano de cerco, sobrevivendo à custa de ratazanas e botas de couro enquanto os senhores Tyrell e Redwyne esperavam fora do castelo com suas tropas, banqueteando-se à vista das muralhas.

– Traga-me meu gibão, por favor. O cinza, com o símbolo do lobo gigante. Quero que o armeiro saiba quem sou. Talvez o torne mais cooperante.

Jory dirigiu-se ao guarda-roupa.

– Lorde Renly é irmão tanto de Lorde Stannis quanto do rei.

– No entanto, parece que não foi convidado para esses passeios – Ned não sabia bem o que pensar de Renly, com seus modos amistosos e sorrisos fáceis. Alguns dias antes, ele o tinha chamado de canto para lhe mostrar um requintado medalhão de ouro rosa. Lá dentro encontrava-se uma miniatura pintada no vigoroso estilo myriano, mostrando uma bela e jovem mulher com olhos de corça e uma cascata de macios cabelos castanhos.

Renly parecera ansioso por saber se a jovem lhe lembrava alguém, e ficara desapontado quando Ned não encontrou resposta melhor que um encolher de ombros. Confessara que a senhora era irmã de Loras Tyrell, Margaery, mas havia quem dissesse que se parecia com Lyanna. "Não", dissera-lhe Ned, assombrado. Seria possível que Lorde Renly, que tanto se assemelhava a um Robert jovem, tivesse imaginado uma paixão por uma garota que achava ser uma Lyanna jovem? Aquilo lhe pareceu mais que um pouco bizarro.

Jory ergueu o gibão e Ned enfiou as mãos nas mangas.

– Lorde Stannis talvez regresse para o torneio de Robert – disse, enquanto Jory lhe atava a peça de roupa nas costas.

– Isso seria um golpe de sorte, senhor – Jory respondeu.

Ned afivelou uma espada à cintura.

– Em outras palavras, não é provável – seu sorriso era sombrio.

Jory colocou o manto de Ned em torno de seus ombros e o prendeu ao pescoço com o distintivo da Mão do Rei.

– O armeiro vive sobre sua loja, numa casa grande que se ergue no topo da Rua do Aço. Alyn conhece o caminho, senhor.

Ned acenou com a cabeça.

– Que os deuses ajudem aquele ajudante de taberna se estiver me fazendo correr atrás de sombras – não seria grande ajuda, mas o Jon Arryn que Ned Stark conhecera não era alguém que usasse armaduras incrustadas de joias e prata. Aço era aço; destinava-se à proteção, não à ostentação. Era verdade que podia ter mudado de ponto de vista.

Certamente não seria o primeiro homem a olhar de forma diferente para as coisas depois de alguns anos passados na corte… mas a mudança era suficientemente significativa para levantar dúvidas em Ned.

– Há mais algum serviço que eu lhe possa prestar?

– Suponho que é melhor que comece a visitar prostíbulos.

– Penoso dever, senhor – Jory sorriu. – Os homens ficarão felizes por ajudar. Porther já fez um bom começo.

O cavalo preferido de Ned estava selado e à espera no pátio. Varly e Jacks puseram-se a seu lado quando avançou pelo pátio. Seus capacetes de aço e cotas de malha deviam estar abrasadores, mas não soltaram uma palavra de queixa. Quando Lorde Eddard passou sob o Portão do Rei e entrou no fedor da cidade, com o manto cinza e branco pendendo de seus ombros, viu olhos em toda a parte e esporeou a montaria até que trotasse. Os guardas o seguiram.

Foi olhando para trás com frequência enquanto abriam caminho pelas ruas cheias de gente da cidade. Tomard e Desmond tinham deixado o castelo mais cedo, de manhã, a fim de tomar posições no caminho que devia percorrer e verificar se alguém os seguia, mesmo assim Ned não se sentia confiante. A sombra da Aranha do Rei e de seus passarinhos o deixava inquieto como uma donzela na noite de núpcias.

A Rua do Aço começava na praça do mercado, ao lado do Portão do Rio, como era chamado nos mapas, ou Portão da Lama, o nome que recebia habitualmente. Um saltimbanco sobre pernas-de-pau caminhava por entre a multidão como um grande inseto, arrastando uma horda de crianças descalças aos gritos. Em outro lugar, dois garotos esfarrapados que não eram mais velhos que Bran duelavam com pedaços de madeira, perante o sonoro encorajamento de alguns e as furiosas pragas de outros. Uma velha acabou com a competição ao se debruçar em uma janela e despejar um balde de restos de cozinha sobre a cabeça dos combatentes. À sombra da muralha, agricultores berravam ao lado de suas carroças: “Maçãs, as melhores maçãs, baratas, metade do preço”; “Melões-de-sangue, doces como mel”; “Nabos, cebolas, raízes, aqui tem, aqui, aqui temos nabos, cebolas, raízes, aqui tem”.

O Portão da Lama estava aberto e um esquadrão de Patrulheiros da Cidade vestidos com seus mantos dourados apoiava-se nas lanças sob a porta levadiça. Quando uma coluna de homens a cavalo apareceu vinda

do leste, os guardas desataram numa atividade frenética, gritando ordens e afastando as carroças e o tráfego pedestre a fim de deixar entrar o cavaleiro e sua escolta. O primeiro cavaleiro a entrar pelo portão transportava um longo estandarte negro. A seda ondeava ao vento como uma coisa viva; o tecido estava ornado com um céu noturno cortado por um relâmpago de cor púrpura.

– *Abram alas para Lorde Beric!* – gritou o cavaleiro. – *Abram alas para Lorde Beric!* – e logo atrás vinha o jovem senhor em pessoa, uma fogosa figura montada num corcel negro, de cabelos ruivos alourados, vestindo um manto de cetim negro pontilhado de estrelas.

– Veio para lutar no torneio da Mão, senhor? – gritou-lhe um guarda.

– Vim para *ganhar* o torneio da Mão – gritou Lorde Beric de volta por entre as aclamações da multidão.

Ned virou as costas à praça onde a Rua do Aço começava e seguiu seu trajeto sinuoso por uma longa colina acima, passando por ferreiros que trabalhavam em forjas abertas, cavaleiros livres que regateavam os preços de cotas de malha e grisalhos ferrageiros que vendiam lâminas e navalhas velhas em suas carroças. Quanto mais subiam, maiores iam ficando os edifícios. O homem que procuravam encontrava-se no ponto mais alto da colina, numa enorme casa de madeira e estuque, cujos andares superiores pairavam por cima da rua estreita. As portas duplas mostravam uma cena de caça esculpida em ébano. Um par de cavaleiros de pedra montava guarda à entrada, envergando armaduras extravagantes de aço vermelho polido que os transformavam num grifo[3] e num unicórnio. Ned deixou o cavalo com Jacks e abriu caminho à força de seu ombro até o interior.

A jovem e esbelta criada deu uma rápida olhadela no distintivo de Ned e no símbolo em seu gibão, e o mestre apressou-se a vir ao seu encontro, todo sorrisos e reverências.

– Vinho para a Mão do Rei – disse à jovem, indicando com gestos um sofá a Ned. – Chamo-me Tobho Mott, senhor, por favor, por favor, fique à vontade – ele vestia um casaco de veludo negro com martelos bordados nas mangas em fio de prata. Em torno do pescoço trazia uma pesada corrente de prata com uma safira tão grande como um ovo de pombo. – Se necessitar de novas armas para o torneio da Mão, veio à loja certa –

Ned não se incomodou em corrigi-lo. – Meu trabalho é dispendioso, e não me desculpo por isso, senhor – o homem disse, enquanto enchia dois cálices de prata iguais. – Não encontrará trabalho igual ao meu em nenhum local dos Sete Reinos, garanto-lhe. Visite cada uma das forjas de Porto Real, se desejar, e compare com seus próprios olhos. Qualquer ferreiro de aldeia é capaz de fazer uma cota de malha; o meu trabalho é arte.

Ned bebericou seu vinho e deixou o homem continuar a falar. O Cavaleiro das Flores comprava ali todas as suas armaduras, gabou-se Tobho, assim como muitos grandes senhores, aqueles que conheciam o bom aço, até Lorde Renly, o irmão do próprio rei. A Mão teria talvez visto a nova armadura de Lorde Renly, a de chapa verde com os cornos dourados? Nenhum outro armeiro da cidade era capaz de alcançar um verde tão profundo; ele conhecia o segredo de dar cor ao próprio aço, a tinta e o esmalte eram as muletas de um artífice contratado. Ou porventura a Mão desejaria uma lâmina? Tobho aprendera a trabalhar o aço valiriano nas forjas de Qohor, quando ainda rapaz. Só um homem que conhecia os feitiços era capaz de pegar em armas antigas e forjá-las de novo.

– O lobo gigante é o símbolo da Casa Stark, não é assim? Poderia fabricar um elmo com a forma de um lobo gigante tão perfeita que as crianças fugiriam do senhor na rua – jurou.

Ned sorriu.

– Você fez um elmo em forma de falcão para Lorde Arryn?

Tobho Mott fez uma longa pausa e pôs de lado seu vinho.

– A Mão realmente veio me procurar, com Lorde Stannis, o irmão do rei. Mas, lamento dizer, não me honraram com o seu patrocínio.

Ned o olhou sem expressão, calado, à espera. Ao longo dos anos, descobrira que o silêncio por vezes recompensava mais que as perguntas. E foi o que aconteceu dessa vez.

– Pediram para ver o rapaz – disse o armeiro –, e então os levei até a forja.

– O rapaz – ecoou Ned. Não fazia ideia alguma de quem poderia ser o rapaz. – Também gostaria de vê-lo.

Tobho Mott dirigiu-lhe um olhar frio e cauteloso.

– Será feita sua vontade, senhor – disse, sem sinal de sua anterior simpatia. Levou Ned por uma porta dos fundos e um pátio estreito até o cavernoso edifício de pedra onde era realizado o trabalho. Quando o armeiro abriu a porta, o sopro de ar quente que veio de dentro do edifício fez com que Ned sentisse que estava entrando na boca de um dragão. Lá dentro, uma forja ardia em cada canto, e o ar fedia a fumaça e enxofre. Armeiros contratados ergueram o olhar de seus martelos e tenazes apenas tempo suficiente para limpar o suor das testas, enquanto aprendizes com o tronco nu manuseavam os foles.

O mestre chamou um rapaz alto, mais ou menos da idade de Robb, com os braços e o peito repletos de músculos.

– Este homem é Lorde Stark, a nova Mão do Rei – ele disse, quando o rapaz observou Ned através de olhos carrancudos e atirou para trás, com os dedos, os cabelos ensopados de suor. Cabelos espessos, espetados e despenteados, negros como tinta. A sombra de uma barba recente escurecia-lhe o maxilar.

– Este é Gendry. Forte para a idade, e trabalha duramente. Mostra à Mão aquele capacete que você fez, rapaz – quase com timidez, o rapaz os levou até sua bancada e um elmo de aço em forma de cabeça de touro, com dois grandes cornos curvos.

Ned virou o elmo nas mãos. Era de aço cru, não polido, mas habilidosamente esculpido.

– Este é um belo trabalho. Ficarei feliz se me deixar comprá-lo.

O rapaz arrancou o elmo de suas mãos.

– Não está à venda.

Tobho Mott pareceu horrorizado.

– Rapaz, este homem é a Mão do Rei. E se ele deseja esse elmo, ofereça-o de presente. Ele o está honrando só por pedi-lo.

– Eu o fiz para mim – disse o rapaz teimosamente.

– Cem perdões, senhor – disse o mestre apressadamente a Ned. – O rapaz é rude como aço novo e, como o aço novo, seria benéfico que levasse um pouco de pancada. Aquele elmo é, quando muito, trabalho de contratado. Perdoe-o, e eu prometo que fabricarei para o senhor um elmo diferente de qualquer um que tenha visto.

– Ele não fez nada que requeira meu perdão. Gendry, quando Lorde Arryn veio vê-lo, de que falaram?

– Ele só me fez perguntas, senhor.

– Que tipo de perguntas?

O rapaz encolheu os ombros.

– Como eu estava, se era bem tratado, se gostava do trabalho, e coisas sobre minha mãe. Quem ela era, qual era o seu aspecto, e tudo isso.

– E que lhe disse? – perguntou Ned.

O rapaz afastou da testa uma nova cascata de cabelos negros.

– Ela morreu quando eu era pequeno. Tinha cabelos amarelos e lembro-me de que às vezes cantava para mim. Trabalhava numa cervejaria.

– Lorde Stannis também o interrogou?

– O careca? Não, ele não. Não disse uma palavra, só olhou para mim como se eu fosse algum estuprador que lhe tivesse deflorado a filha.

– Cuidado com essa língua suja – disse o mestre. – Este homem é a Mão do Rei – o rapaz abaixou os olhos. – É um rapaz inteligente, mas teimoso. Esse elmo… quando lhe dizem que é teimoso como um touro, ele o atira em suas cabeças.

Ned tocou a cabeça do rapaz, passando os dedos pelos espessos cabelos negros.

– Olhe para mim, Gendry – o aprendiz ergueu o rosto. Ned estudou a forma de seu maxilar, seus olhos, que eram como gelo azul. *Sim*, pensou, *agora vejo*. – Volte ao seu trabalho, rapaz. Peço desculpas por tê-lo incomodado – e assim Ned regressou à casa com o mestre. – Quem lhe pagou para contratá-lo como aprendiz? – perguntou em tom ameno.

Mott pareceu inquieto.

– O senhor viu o rapaz. É muito forte. Aquelas mãos, aquelas mãos foram feitas para os martelos. Era tão promissor que o recebi sem pagamento algum.

– Agora quero a verdade – insistiu Ned. – As ruas estão cheias de rapazes fortes. O dia em que você receber um aprendiz sem pagamento será o dia em que a Muralha cairá. Quem pagou por ele?

– Um senhor – disse o mestre, com relutância. – Não deixou nome, e não usava nenhum símbolo no casaco. Pagou em ouro, duas vezes o montante habitual, e disse que estava pagando uma vez pelo rapaz e uma vez por meu silêncio.

– Descreva-o.

– Era corpulento, redondo de ombros, não tão alto como o senhor. Com uma barba castanha, mas eu podia jurar que havia nela um pouco de ruivo. Trajava um rico manto, recordo bem, um pesado veludo púrpuro trabalhado com fios de prata, mas o capuz escondia-lhe o rosto e não cheguei a vê-lo claramente – hesitou um momento. – Senhor, não desejo problemas.

– Nenhum de nós deseja problemas, mas temo que estejamos vivendo tempos problemáticos, Mestre Mott – Ned respondeu. – Você sabe quem o rapaz é.

– Eu sou apenas um armeiro, senhor. Sei aquilo que me é dito.

– Você sabe quem o rapaz é – repetiu pacientemente Ned. – Isto não é uma pergunta.

– O rapaz é meu aprendiz – disse o mestre. Olhou Ned nos olhos, obstinado como ferro velho. – Quem ele era antes de vir trabalhar comigo não é da minha conta.

Ned fez um aceno. Decidiu que gostava de Tobho Mott, o mestre armeiro.

– Se chegar o dia em que Gendry prefira empunhar uma espada em vez de forjá-la, envie-o até mim. Ele tem o olhar de um guerreiro. Até lá, tem os meus agradecimentos, Mestre Mott, e a minha promessa. Se alguma vez desejar um elmo para assustar crianças, este será o primeiro lugar que visitarei.

Seus guardas esperavam lá fora com os cavalos.

– Encontrou alguma coisa, senhor? – perguntou Jacks enquanto Ned montava.

– Encontrei – disse-lhe Ned, sentindo-se curioso. O que teria Jon Arryn querido de um bastardo real e por que isso teria valido sua vida?

3 Animal com cabeça, bico e asas de águia e corpo de leão. Ser fabuloso, como o unicórnio. (N. T.)

# Catelyn

—Minha senhora, deveria cobrir a cabeça – disse-lhe Sor Rodrik enquanto os cavalos os levavam para o norte. – Acabará apanhando um resfriado.

– É só água, Sor Rodrik – respondeu Catelyn. Seus cabelos pendiam molhados e pesados, uma madeixa solta prendia-se à testa, e era capaz de imaginar como devia parecer andrajosa e selvagem, mas, naquele momento, não se importava. A chuva do Sul era suave e morna. Catelyn gostava da sensação da chuva no rosto, gentil como os beijos de uma mãe. Levava-a de volta à infância, aos longos dias cinzentos em Correrrio. Recordava o bosque sagrado, com os galhos pendentes, pesados de umidade, e o som do riso do irmão enquanto a perseguia sobre pilhas de folhas encharcadas. Lembrava-se de fazer bolos de lama com Lysa, do peso deles, da lama escorregadia e marrom em seus dedos. Certa vez elas os serviram a Mindinho, aos risinhos, e ele comera tanta lama que ficou doente durante uma semana. Eram todos tão jovens.

Catelyn quase esquecera. No Norte, a chuva caía fria e dura, e por vezes, à noite, transformava-se em gelo. Era tão capaz de matar uma colheita como de alimentá-la, e punha homens-feitos correndo em busca do abrigo mais próximo. Não era chuva em que meninas pequenas brincassem.

– Estou completamente encharcado – queixou-se Sor Rodrik. – Até os ossos estão molhados – as árvores os rodeavam, cerradas, e o contínuo bater da chuva nas folhas era acompanhado pelos pequenos sons de sucção que os cavalos faziam ao libertar os cascos da lama. – Esta noite precisaremos de fogo, senhora, e uma refeição quente será boa para ambos.

– Há uma estalagem no cruzamento mais à frente – disse Catelyn. Dormira ali muitas noites na juventude, quando viajava com o pai. Na flor da idade, Lorde Hoster Tully fora um homem inquieto, sempre a

caminho de algum lugar. Ainda se recordava da estalajadeira, uma mulher gorda chamada Masha Heddle, que mascava folhamarga noite e dia e parecia possuir um fornecimento infinito de sorrisos e bolos doces para as crianças. Os bolos eram embebidos em mel e pousavam ricos e pesados na língua. Mas como Catelyn temera aqueles sorrisos! A folhamarga manchara os dentes de Masha de um tom escuro de vermelho e transformara-lhe o sorriso num horror sangrento.

– Uma estalagem – repetiu Sor Rodrik em tom melancólico. – Se pudéssemos… mas não me atrevo a arriscar. Se desejarmos permanecer incógnitos, penso que é melhor procurarmos algum lugar pequeno… – calou-se quando ouviram sons na estrada à frente; água chapinhando, o tinir de uma cota de malha, um relincho. – Cavaleiros – ele a preveniu, deixando cair a mão sobre o punho da espada. Mesmo na estrada real não fazia mal nenhum ser cuidadoso.

Seguiram os sons por uma lenta curva na estrada e os viram; uma coluna de homens armados que atravessava ruidosamente um caudaloso curso de água. Catelyn puxou as rédeas do cavalo para deixá-los passar. O estandarte transportado pelo cavaleiro que seguia à frente pendia ensopado e inerte, mas os guardas usavam mantos de cor índigo e nos ombros tremulava a águia prateada de Guardamar.

– Mallister – segredou-lhe Sor Rodrik, como se ela não soubesse. – Minha senhora, é melhor pôr o capuz.

Catelyn não se mexeu. O próprio Lorde Jason Mallister seguia na coluna, rodeado por seus cavaleiros, com o filho Patrick a seu lado e os escudeiros logo atrás. Ela sabia que se dirigiam a Porto Real para o torneio da Mão. Ao longo da última semana, os viajantes na estrada real tinham transitado tão densamente como nuvens de moscas; cavaleiros da guarda e cavaleiros livres, cantores com suas harpas e tambores, pesadas carroças carregadas de pilhas de milho ou pipas de mel, negociantes, artesãos e prostitutas; todos a caminho do sul.

Estudou Lorde Jason com ousadia. Da última vez que o vira, ele brincava com o tio em seu banquete de casamento; os Mallister eram vassalos dos Tully, e seus presentes tinham sido pródigos. Agora, tinha os cabelos castanhos salpicados de branco e o tempo descarnara-lhe o rosto, mas os anos não lhe tinham tocado no orgulho. Montava como um homem que nada temia. Catelyn invejava-o por isso; tinha passado a

temer tantas coisas. Ao passar por eles, Lorde Jason fez uma brusca saudação com a cabeça, mas não foi mais que a cortesia de um grande senhor por estranhos encontrados por acaso na estrada. Não houve nenhum reconhecimento naqueles olhos intensos, e o filho nem sequer desperdiçou um olhar.

– Ele não a reconheceu – disse depois Sor Rodrik, surpreso.

– Viu um par de viajantes sujos de lama, molhados e cansados à beira da estrada. Nunca lhe ocorreria suspeitar que um de nós seria a filha de seu suserano. Julgo que estaremos suficientemente seguros na estalagem, Sor Rodrik.

Era já quase noite quando lá chegaram, no cruzamento de estradas que ficava a norte da grande confluência do Tridente. Masha Heddle estava mais gorda e mais grisalha do que Catelyn recordava, ainda mascando sua folhamarga, mas lançou-lhes apenas o mais precipitado dos olhares, sem sequer uma sugestão de seu sinistro sorriso vermelho.

– Dois quartos no topo das escadas, é tudo que há – disse, enquanto mastigava. – Ficam abaixo da torre sineira, portanto, não perderão refeições, mas há quem os ache demasiado barulhentos. Não posso fazer nada. Estamos cheios, ou tão perto disso que não faz diferença. São esses quartos ou a estrada.

Foram aqueles quartos, poeirentas águas-furtadas de teto baixo no topo de uma escada estreita e escura.

– Deixem as botas aqui embaixo – disse-lhes Masha depois de recolher o dinheiro. – O rapaz as limpará. Não quero as escadas cheias de lama. Atenção ao sino. Os que chegam tarde às refeições não comem – não havia sorrisos, e nenhuma menção a bolos doces.

Quando o sino tocou para o jantar, o som foi ensurdecedor. Catelyn vestira roupas secas. Estava sentada junto à janela, vendo a chuva a cair. O vidro era leitoso e cheio de bolhas, e lá fora caía um crepúsculo úmido. Catelyn apenas conseguia entrever o lamacento cruzamento onde as duas grandes estradas se encontravam.

O cruzamento a fez hesitar. Se virassem ali para oeste, era um caminho fácil até Correrrio. O pai sempre lhe dera conselhos sábios quando mais precisava, e ansiava por falar com ele, por preveni-lo da tempestade que se formava. Se Winterfell precisava se preparar para a guerra, o que dizer de Correrrio, tão mais próximo de Porto Real, com o poder de Rochedo

Casterly erguendo-se a oeste como uma sombra. Se seu pai fosse mais forte, talvez tivesse arriscado, mas Hoster Tully passara os últimos dois anos na cama, e Catelyn não estava disposta a sobrecarregá-lo agora.

A estrada que seguia para leste era mais selvagem e perigosa, subindo ao longo de sopés rochosos e espessas florestas até as Montanhas da Lua, atravessando passagens elevadas e profundos desfiladeiros até o Vale de Arryn e os pedregosos Dedos, que se projetavam para além do Vale. Por cima deste erguia-se o Ninho da Águia, altaneiro e inexpugnável, com torres que se erguiam ao céu. Ali, encontraria a irmã… e, talvez, algumas das respostas que Ned procurava. Certamente Lysa sabia mais do que se atrevera a colocar na carta. Podia até possuir as provas de que Ned necessitava para levar a ruína aos Lannister; e, se chegassem à guerra, necessitariam dos Arryn e dos senhores orientais que lhes prestavam vassalagem.

Mas a estrada da montanha era perigosa. Gatos-das-sombras patrulhavam essas passagens, avalanches de rochas eram comuns, e os clãs das montanhas eram salteadores sem lei, descendo das alturas para roubar e matar, e derretendo como neve sempre que os cavaleiros partiam do Vale à sua procura. Mesmo Jon Arryn, um senhor tão grande como os melhores que o Ninho da Águia conhecera, viajara sempre escoltado quando atravessava as montanhas. A única escolta de Catelyn era um cavaleiro idoso, armado de lealdade.

Não, pensou, Correrrio e Ninho da Águia teriam de esperar. Seu caminho corria para o norte até Winterfell, onde os filhos e o dever a esperavam. Assim que tivessem passado o Gargalo em segurança, poderia anunciar-se a um dos vassalos de Ned e enviar homens a cavalo na frente com ordens para montar uma vigia na estrada do rei.

A chuva obscurecia os campos para lá do cruzamento, mas Catelyn via o terreno com suficiente clareza na memória. O mercado era justamente do outro lado da estrada, e a aldeia, a uma milha mais para a frente, meia centena de casas brancas rodeando um pequeno septo de pedra. Agora deveria haver mais; o verão fora longo e pacífico. Para norte dali, a estrada real acompanhava o Ramo Verde do Tridente através de vales férteis e bosques verdes, passando por aldeias cheias de vida, sólidas fortificações e os castelos dos senhores do rio.

Catelyn conhecia-os todos: os Blackwood e os Bracken, eternos inimigos, cujas disputas o pai era obrigado a mediar; a Senhora Whent, a última de sua linhagem, que vivia com seus fantasmas nas abóbadas cavernosas de Harrenhal; o irascível Lorde Frey, que sobrevivera a sete esposas e enchera seus castelos gêmeos de filhos, netos e bisnetos, e também de bastardos, filhos e netos. Todos eles eram vassalos dos Tully, com as espadas juramentadas a serviço de Correrrio. Catelyn perguntou a si mesma se seria suficiente, caso se chegasse à guerra. O pai era o homem mais firme que já vivera, e não tinha dúvida de que chamaria os vassalos… mas será que estes viriam? Também os Darry, os Ryger e os Mooton tinham prestado juramento a Correrrio, e no entanto tinham lutado com Rhaegar Targaryen no Tridente, enquanto Lorde Frey chegara com seus recrutas muito depois de a batalha ter chegado ao fim, deixando algumas dúvidas quanto ao exército a que planejara juntar-se (o deles, assegurara solenemente aos vencedores depois de tudo terminar, mas daí em diante o pai chamara-o sempre o Atrasado Lorde Frey). *Não* se devia chegar à guerra, pensou fervorosamente Catelyn. Não deveriam deixar que isso acontecesse.

Sor Rodrik veio falar com ela no momento em que o sino terminava o seu chamado.

– É melhor que nos apressemos se quisermos comer esta noite, minha senhora.

– Talvez seja mais seguro se não nos apresentarmos como cavaleiro e senhora até passarmos o Gargalo – ela disse. – Viajantes comuns atraem menos atenção. Um pai e uma filha que tomaram a estrada por causa de algum assunto de família, por exemplo.

– Como desejar, minha senhora – concordou Sor Rodrik. Só quando ela riu é que compreendeu o que acabara de dizer. – A velha cortesia custa a morrer, minha… minha filha – tentou puxar pela barba desaparecida e suspirou, exasperado.

Catelyn tomou-lhe o braço.

– Venha, pai – ela disse. – Descobrirá que Masha Heddle serve bem sua mesa, penso eu, mas procure não elogiá-la. Garanto que não vai querer vê-la sorrir.

A sala de estar era longa e cheia de correntes de ar, com uma fila de enormes barris de madeira numa ponta e uma lareira na outra. Um criado

corria de um lado para o outro com espetos de carne, enquanto Masha tirava cerveja dos barris, sem jamais parar de mascar sua folhamarga.

Os bancos estavam cheios de gente, com pessoas da aldeia e agricultores misturando-se livremente com todos os tipos de viajantes. Os cruzamentos geravam estranhos companheiros; tintureiros de mãos negras e purpúreas partilhavam o banco com homens do rio que fediam a peixe; um ferreiro musculoso apertava-se ao lado de um mirrado velho septão; experimentados mercenários e moles e rechonchudos mercadores trocavam notícias como alegres companheiros.

A companhia incluía mais homens de armas do que Catelyn teria preferido. Três junto ao fogo usavam o símbolo do garanhão vermelho dos Bracken, e havia um grande grupo em cota de malha de aço azul e capas de um cinza-prateado. Em seus ombros ostentavam outro selo familiar, as torres gêmeas da Casa Frey. Estudou-lhes os rostos, mas eram todos novos demais para a terem conhecido. O mais velho entre eles não teria mais idade que Bran na época em que ela partiu para o Norte.

Sor Rodrik encontrou um lugar vago para eles no banco que ficava perto da cozinha. Do outro lado da mesa, um jovem bem-apessoado dedilhava uma harpa.

– Sete bênçãos aos bons senhores – disse, quando se sentaram. Uma taça de vinho vazia estava na mesa à sua frente.

– E para você também, cantor – retorquiu Catelyn. Sor Rodrik gritou por pão, carne e cerveja num tom que queria dizer *já*. O cantor, um jovem de cerca de dezoito anos, olhou para eles com ousadia e perguntou-lhes de onde vinham, para onde iam e que novas traziam, atirando as perguntas, rápidas como flechas, sem deixar uma pausa para as respostas. – Deixamos Porto Real há uma quinzena – respondeu Catelyn à pergunta que mais lhe dava segurança.

– É para onde eu vou – disse o jovem. Tal como Catelyn suspeitara, ele estava mais interessado em contar sua própria história do que ouvir a deles. Nada havia que os cantores mais amassem que o som de suas vozes. – O torneio da Mão significa senhores ricos com bolsas gordas. Da última vez, regressei com mais prata do que conseguia transportar… ou teria regressado, se não tivesse perdido tudo ao apostar na vitória do Regicida.

– Os deuses franzem as sobrancelhas aos jogadores – Sor Rodrik disse severamente. Era um homem do Norte e comungava das ideias dos Stark acerca dos torneios.

– E com certeza a franziram para mim – disse o cantor. – Seus deuses cruéis e o Cavaleiro das Flores deram cabo de mim completamente.

– Decerto isso lhe serviu de lição – disse Sor Rodrik.

– Serviu. Dessa vez, minhas moedas apoiarão Sor Loras.

Sor Rodrik tentou puxar as barbas que não estavam lá, mas, antes de poder compor uma reprimenda, o criado chegou numa correria. Pôs na frente deles fatias de pão e as encheu com bocados de carne tirada de um espeto pingando molho quente. Outro espeto continha minúsculas cebolas, pimentões de fogo e gordos cogumelos. Sor Rodrik preparou-se para se refestelar, enquanto o rapaz corria de volta para lhes trazer cerveja.

– Meu nome é Marillion – disse o cantor, fazendo soar uma corda de sua harpa. – Com certeza já me ouviram tocar em algum lugar…

Seus modos fizeram Catelyn sorrir. Poucos cantores errantes se aventuravam tão para norte até Winterfell, mas conhecera esse tipo de homem durante a infância passada em Correrrio.

– Receio que não – ela respondeu.

Ele arrancou um lamentoso acorde da harpa.

– A perda é sua – ele retrucou. – Quem foi o melhor cantor que já ouviu?

– Alia de Bravos – respondeu Sor Rodrik de imediato.

– Ah, eu sou *muito* melhor que esse pau velho – disse Marillion. – Se tiver prata para uma canção, de bom grado a mostrarei.

– Talvez eu tenha um cobre ou dois, mas prefiro atirá-los a um poço do que pagar por seus uivos – resmungou Sor Rodrik.

Sua opinião sobre cantores era bem conhecida; a música era uma coisa adorável para mulheres, mas não era capaz de compreender por que um rapaz saudável ocuparia as mãos com uma harpa quando poderia empunhar uma espada.

– Seu avô tem uma natureza amarga – disse Marillion para Catelyn. – Pretendia honrá-los. Uma homenagem à sua beleza. A bem da verdade, fui feito para cantar para reis e grandes senhores.

– Ah, consigo ver isso – disse Catelyn. – Ouvi dizer que Lorde Tully é amigo das canções. Sem dúvida que já esteve em Correrrio.

– Cem vezes – disse o jovem com desenvoltura. – Mantêm um aposento à minha espera, e o jovem senhor é como um irmão.

Catelyn sorriu, perguntando a si mesma o que Edmure pensaria daquilo. Outro cantor certa vez dormira com uma moça de que seu irmão gostava; desde então passara a odiar a raça.

– E Winterfell? – perguntou-lhe. – Já viajou para o Norte?

– E por que haveria de ir para o Norte? – perguntou Marillion. – Lá em cima são só neves e peles de urso, e a única música que os Stark conhecem é o uivar dos lobos – de um modo longínquo, ela percebeu a porta que se abria na ponta mais distante da sala.

– Estalajadeiro – disse uma voz de criado atrás dela –, temos cavalos que precisam de estábulo, e meu senhor Lannister deseja um quarto e um banho quente.

– Ah, deuses – disse Sor Rodrik antes que Catelyn o conseguisse silenciar, seus dedos apertando-se com força em torno de seu braço.

Masha Heddle desfazia-se em reverências e sorria seu hediondo sorriso vermelho.

– Lamento, senhor, de verdade, estamos cheios, todos os quartos.

Eram quatro, Catelyn viu. Um velho trajando o negro da Patrulha da Noite, dois criados… e ele, ali em pé, pequeno e descarado como a vida.

– Meus homens dormirão em seu estábulo, e quanto a mim, bem, não preciso propriamente de um quarto *grande*, como pode ver bem – mostrou um sorriso zombeteiro. – Desde que o fogo aqueça e a palha esteja razoavelmente livre de pulgas, sou um homem feliz.

Masha Heddle estava fora de si.

– Senhor, não há nada, é o torneio, não há nada a fazer, ah…

Tyrion Lannister tirou uma moeda da bolsa, atirou-a por cima da cabeça, apanhou-a, e a atirou de novo. Mesmo na outra ponta da sala, onde Catelyn se encontrava, o cintilar do ouro era inconfundível.

Um cavaleiro livre com um desbotado manto azul pôs-se em pé:

– É bem-vindo ao meu quarto, senhor.

– Ora, aqui está um homem inteligente – disse Lannister, e atirou a moeda a rodopiar pela sala fora. O cavaleiro livre a apanhou no ar. – E,

além disso, ligeiro de movimentos – o anão virou-se para Masha Heddle: – Confio que seja capaz de arranjar comida?

– Tudo que desejar, senhor, tudo e mais alguma coisa – prometeu a estalajadeira. E que ele sufoque com a comida, pensou Catelyn, mas foi Bran quem ela viu sufocar, afogando-se no próprio sangue.

Lannister lançou um rápido olhar pelas mesas mais próximas.

– Meus homens comerão seja o que for que esteja servindo a essa gente. Porções duplas, porque tivemos um longo dia de viagem. Quero uma ave assada… galinha, pato, pombo, não importa. E mande-me um jarro do seu melhor vinho. Yoren, janta comigo?

– Sim, senhor, janto – respondeu o irmão negro.

O anão nem sequer olhara de relance para a extremidade mais distante da sala, e Catelyn pensava em como se sentia grata pelos bancos apinhados que havia entre eles, quando subitamente Marillion deu um salto e pôs-se em pé.

– Meu senhor Lannister! – ele gritou. – Ficarei feliz em entretê-lo enquanto se alimenta. Deixe-me cantar o lai[4] sobre a grande vitória de seu pai em Porto Real.

– Nada me arruinaria mais o jantar – o anão disse secamente. Seus olhos desiguais avaliaram brevemente o cantor, começaram a se afastar… e deram com Catelyn. Olhou-a por um momento, confuso. Ela virou o rosto, mas era tarde demais. O anão sorria. – Senhora Stark, mas que prazer inesperado – ele disse. – Lamentei não tê-la encontrado em Winterfell.

Marillion a olhou de boca aberta, com a confusão dando lugar ao desgosto enquanto Catelyn se levantava. Ouviu Sor Rodrik praguejar. Se ao menos o homem tivesse se demorado na Muralha, pensou ela, se ao menos…

– Senhora… Stark? – disse Masha Heddle, sem compreender.

– Ainda era Catelyn Tully da última vez que pernoitei aqui – ela disse à estalajadeira. Ouvia os murmúrios, sentia os olhos postos em si. Lançou um olhar pela sala, olhando para o rosto dos cavaleiros e as espadas juramentadas, e inspirou profundamente para abrandar as frenéticas batidas do coração. Atrever-se-ia a correr o risco? Não havia

tempo para pensar bem, apenas o momento e o som de sua voz a ressoar em seus ouvidos.

– O senhor aí, no canto – disse para um homem mais velho em que não reparara até agora. – É o morcego negro de Harrenhal que vejo bordado em seu manto, senhor?

O homem ergueu-se.

– É sim, senhora.

– E é a Senhora Whent uma verdadeira e honesta amiga de meu pai, Lorde Hoster Tully de Correrrio?

– É, sim – o homem respondeu resolutamente.

Sor Rodrik ergueu-se em silêncio e desapertou a espada em sua bainha. O anão piscava, sem expressão, com os olhos desiguais repletos de perplexidade.

– O garanhão vermelho foi sempre uma visão bem-vinda em Correrrio – disse Catelyn ao trio perto do fogo. – Meu pai conta Jonos Bracken entre os seus mais antigos e leais vassalos.

Os três homens de armas trocaram olhares incertos.

– Nosso senhor sente-se honrado por sua confiança – disse um deles, hesitantemente.

– Invejo ao seu pai todos esses bons amigos – observou Lannister –, mas não compreendo bem o objetivo disto, Senhora Stark.

Ela o ignorou, virando-se para o grande grupo vestido de azul e cinza. Residia neles o fulcro da questão; eram mais de vinte.

– Também conheço seu símbolo: as torres gêmeas de Frey. Como passa seu bom senhor, senhores?

O capitão pôs-se em pé.

– Lorde Walder está bem, senhora. Planeja tomar uma nova esposa no nonagésimo dia do seu nome, e pediu ao senhor seu pai para honrar o casamento com sua presença.

Tyrion Lannister soltou um risinho abafado. Foi nesse momento que Catelyn soube que o tinha na mão.

– Este homem chegou como convidado a minha casa e ali conspirou para matar meu filho, um garoto de sete anos – proclamou para toda a sala, apontando. Sor Rodrik deslocou-se para o seu lado, de espada na mão. – Em nome do Rei Robert e dos bons senhores que servem, solicito-

lhes que o capturem e me ajudem a devolvê-lo a Winterfell, onde esperará a justiça do rei.

Não saberia dizer o que lhe deu maior satisfação: se o som de uma dúzia de espadas a serem empunhadas como uma só, ou se a expressão no rosto de Tyrion Lannister.

4 Poema narrativo lírico tocado em harpa ou viola. (N. T.)

# Sansa

Sansa chegou ao torneio da Mão, com a Septã Mordane e Jeyne Poole, numa liteira com cortinas de uma seda amarela tão fina que se conseguia ver através delas. Transformavam o mundo inteiro em ouro. Para lá das muralhas da cidade, tinha sido erguida uma centena de pavilhões junto ao rio, e a plebe chegou aos milhares para assistir aos jogos. O esplendor de tudo aquilo tirou o fôlego de Sansa; as armaduras brilhantes, os grandes cavalos ornados com prata e ouro, os gritos da multidão, os estandartes esvoaçando ao vento… e os próprios cavaleiros, acima de tudo os cavaleiros.

– É melhor do que nas canções – ela sussurrou quando encontraram os lugares que o pai lhe prometera, entre os grandes senhores e senhoras.

Sansa estava belamente vestida naquele dia, num vestido verde que lhe realçava o arruivado dos cabelos, e estava consciente de que a admiravam e sorriam.

Viram os heróis de cem canções avançar, cada um mais fabuloso que o anterior. Os sete cavaleiros da Guarda Real desceram ao campo, todos, menos Sor Jaime Lannister, com armaduras de escamas da cor do leite e mantos tão alvos como neve recém-caída. Sor Jaime vestia também o manto branco, mas por baixo brilhava em ouro da cabeça aos pés, com um elmo em forma de cabeça de leão e uma espada dourada. Sor Gregor Clegane, a Montanha Que Cavalga, trovejou como uma avalanche ao passar por eles. Sansa reconheceu Lorde Yohn Royce, que visitara Winterfell dois anos antes.

– Sua armadura é de bronze, com milhares e milhares de anos, com runas mágicas gravadas que o protegem do perigo – sussurrou para Jeyne. Septã Mordane indicou-lhes Lorde Jason Mallister, vestido de índigo com relevos de prata e com as asas de uma águia no elmo. Abatera três dos vassalos de Rhaegar no Tridente. As moças rebentaram em risinhos ao ver o sacerdote guerreiro Thoros de Myr, com sua larga

toga vermelha e a cabeça raspada, até que a septã lhes contou que certa vez tinha escalado as muralhas de Pyke com uma espada em chamas na mão.

Havia outros competidores que Sansa não conhecia; pequenos cavaleiros dos Dedos, de Jardim de Cima ou das montanhas de Dorne, cavaleiros livres jamais celebrados e homens recém-nomeados escudeiros, os filhos mais novos de grandes senhores e os herdeiros de Casas menores. Homens mais jovens, muitos ainda não tinham realizado grandes feitos, mas Sansa e Jeyne concordaram que um dia os Sete Reinos ressoariam ao som de seus nomes. Sor Balon Swann, Lorde Bryce Caron, das Marcas. O herdeiro do bronze de Yohn, Sor Andar Royce, e o irmão mais novo, Sor Robar, cujas placas de aço prateado traziam a mesma filigrana em bronze de antigas runas que protegia o pai. Os gêmeos, Sor Horas e Sor Hobber, cujos escudos exibiam o símbolo do cacho de uvas dos Redwyne, bordô sobre azul. Patrek Mallister, filho de Lorde Jason. Os seis Frey da Travessia: Sor Jared, Sor Hosteen, Sor Danwell, Sor Emmon, Sor Theo, Sor Perwyn, filhos e netos do velho Lorde Walder Frey, e também o filho bastardo, Martyn Rivers.

Jeyne Poole confessou-se assustada pelo aspecto de Jalabhar Xho, um príncipe exilado das Ilhas do Verão que usava uma capa de penas em verde e escarlate por cima de uma pele escura como a noite, mas quando viu o jovem Lorde Beric Dondarrion, com os cabelos como ouro vermelho e o escudo negro atravessado por um relâmpago, anunciou-se pronta para se casar com ele naquele momento.

Cão de Caça também integrava a lista de participantes, e igualmente dela constava o irmão do rei, o atraente Lorde Renly de Ponta Tempestade. Jory, Alyn e Harwin competiam por Winterfell e pelo Norte.

– Jory parece um pedinte ao lado dos outros – fungou Septã Mordane quando ele surgiu. Sansa só podia concordar. A armadura de Jory era feita de metal azul-acinzentado sem distintivos ou ornamentos, e um fino manto cinza pendia-lhe dos ombros como um trapo sujo. Mas saiu-se bem, derrubando Horas Redwyne na primeira justa e um dos Frey na segunda. No terceiro encontro, fez três passagens por um cavaleiro livre chamado Lothor Brune, cuja armadura era tão sem graça como a sua. Nenhum dos homens caiu do cavalo, mas a lança de Brune era mais firme e seus golpes, mais bem colocados, e o rei concedeu-lhe a vitória.

Alyn e Harwin não estiveram tão bem; Harwin foi desmontado ao primeiro golpe por Sor Meryn, da Guarda Real, ao passo que Alyn caiu perante Sor Balon Swann.

A justa prolongou-se por todo o dia e entrou pelo crepúsculo, com os cascos dos grandes cavalos de batalha batendo o terreno até transformá-lo num descampado irregular de terra revolta. Uma dúzia de vezes Jeyne e Sansa gritaram em uníssono quando cavaleiros chocaram as lanças com estrondo, explodindo-as em lascas, enquanto os plebeus gritavam por seus favoritos. Jeyne cobria os olhos sempre que um homem caía, como uma menininha assustada, mas Sansa era feita de material mais firme. Uma grande senhora sabia como se comportar em torneios. Até Septã Mordane reparou em sua compostura e fez um aceno de aprovação.

O Regicida competiu brilhantemente. Derrotou Sor Andar Royce e Lorde Bryce Caron, das Marcas, tão facilmente como se estivesse investindo sobre aros, e depois teve um duro encontro com o experiente Barristan Selmy, que vencera os dois primeiros embates contra homens trinta e quarenta anos mais novos.

Sandor Clegane e o imenso irmão, Sor Gregor, a Montanha, também pareciam imbatíveis, derrotando adversário atrás de adversário num estilo feroz. O mais aterrador momento do dia chegou durante a segunda justa de Sor Gregor, quando sua lança se ergueu e atingiu, sob o gorjal, um jovem cavaleiro vindo do Vale, com tanta força que lhe trespassou a garganta, matando-o instantaneamente. O jovem caiu a menos de três metros de onde Sansa se encontrava. A ponta da lança de Sor Gregor quebrara-se no pescoço do jovem e o sangue de sua vida fluiu em lentas golfadas, cada uma mais fraca que a anterior. Sua armadura brilhava de tão nova; uma brilhante faixa de fogo corria pelo braço estendido onde o aço capturava a luz. Então, o sol se escondeu atrás de uma nuvem, que desapareceu. O manto era azul, da cor do céu num dia límpido de verão, ornamentado com uma borda de luas crescentes, mas quando o sangue o encharcou, o tecido escureceu e as luas foram se tornando vermelhas, uma a uma.

Jeyne Poole chorou tão histericamente que Septã Mordane acabou por levá-la dali até que recuperasse a compostura, mas Sansa ficou sentada, com as mãos fechadas sobre o colo, observando com um estranho fascínio. Nunca antes tinha visto um homem morrer. Também devia

chorar, pensou, mas as lágrimas não vinham. Talvez tivesse gasto todas elas com Lady e Bran. Disse a si mesma que seria diferente se tivesse sido Jory, Sor Rodrik ou seu pai. O jovem cavaleiro do manto azul não era nada para ela, um estranho qualquer vindo do Vale de Arryn, cujo nome esquecera assim que o ouvira. E agora o mundo também esqueceria seu nome, concluiu; não haveria canções em sua honra. Era triste.

Depois de levarem o corpo, um rapaz com uma pá correu para o campo e atirou terra sobre o local onde o jovem caíra, para cobrir o sangue. E então recomeçaram as justas.

Sor Balon Swann também caiu perante Gregor, e Lorde Renly, perante Cão de Caça. Renly foi desmontado tão violentamente que pareceu voar para trás, para longe do adversário, com as pernas para o ar. A cabeça bateu no chão com um *crac* audível que fez a multidão prender a respiração, mas era apenas o chifre de ouro do elmo. Um dos galhos tinha se partido sob seu peso. Quando Lorde Renly se pôs em pé, o público aplaudiu ruidosamente, pois o bonito irmão mais novo do Rei Robert era muito popular. Entregou o chifre partido ao seu vencedor com uma reverência cortês. Cão de Caça resfolegou e atirou a haste partida à multidão, onde a arraia-miúda desatou aos socos e aos empurrões na disputa pelo pequeno bocado de ouro, até que Lorde Renly surgiu entre eles para restaurar a paz. A essa altura Septã Mordane já regressara, sozinha. Jeyne sentira-se doente, explicou; ajudara-a a voltar ao castelo. Sansa quase se esquecera de Jeyne.

Mais tarde, um pequeno cavaleiro com um manto xadrez caiu em desgraça ao matar o cavalo de Beric Dondarrion e foi desclassificado. Lorde Beric mudou a sela para uma nova montaria, apenas para ser derrubado logo a seguir por Thoros de Myr. Sor Aron Santugar e Lothor Brune investiram três vezes sem resultado; Sor Aron caiu depois perante Lorde Jason Mallister, e Brune, perante o filho mais novo de Yohn Royce, Robar.

No fim, restaram quatro: Cão de Caça; seu monstruoso irmão Gregor; Jaime Lannister, o Regicida; e Sor Loras Tyrell, o jovem a quem chamavam Cavaleiro das Flores.

Sor Loras era o filho mais novo de Mace Tyrell, senhor de Jardim de Cima e Protetor do Sul. Com dezesseis anos, era o mais novo cavaleiro em campo, mas naquela manhã, em suas primeiras três justas, tinha

derrubado três cavaleiros da Guarda Real. Sansa nunca vira ninguém tão belo. Sua placa de peito estava primorosamente moldada e adornada como um buquê de mil flores diferentes, e seu garanhão branco como a neve estava envolvido em uma manta de rosas vermelhas e brancas. Depois de cada vitória, Sor Loras tirava o elmo, cavalgava devagar em torno do alambrado, e por fim tirava uma única rosa branca da manta e a atirava a alguma bela donzela que visse na multidão. Seu último encontro do dia foi com o Royce mais novo. As runas ancestrais de Sor Robar pouca proteção providenciaram, pois Sor Loras quebrou-lhe o escudo e o arrancou da sela, fazendo-o cair com um horrível estrondo. Robar ficou gemendo enquanto o vencedor fazia seu circuito do campo. Por fim, chamaram uma liteira e levaram o vencido para sua tenda, aturdido e imóvel. Sansa nem o viu. Só tinha olhos para Sor Loras. Quando o cavalo branco parou na sua frente, pensou que seu coração arrebentaria.

Às outras donzelas dera rosas brancas, mas a que escolheu para ela era vermelha.

– Querida senhora – disse –, nenhuma vitória possui sequer metade de sua beleza – Sansa recebeu a rosa timidamente, estupidificada pelo galanteio. Os cabelos do jovem eram uma massa de grandes cachos castanhos, seus olhos eram como ouro líquido. Inalou a doce fragrância da rosa e ficou agarrada a ela até muito depois de Sor Loras ter se afastado.

Quando Sansa acabou por finalmente olhar para cima, um homem estava em pé à sua frente, sem desviar o olhar. Era baixo, com uma barba pontiaguda e um fio de prata nos cabelos, quase tão velho como seu pai.

– A senhora deve ser uma de suas filhas – o homem lhe disse. Tinha olhos cinza-esverdeados que não sorriam quando a boca o fazia. – Tem o jeito dos Tully.

– Sou Sansa Stark – ela disse, pouco à vontade. O homem usava um manto pesado, com colarinho de peles, atado com um tejo de prata, e possuía as maneiras fáceis de um grande senhor, mas ela não o conhecia. – Não tive a honra, senhor.

Septã Mordane foi rápida em vir em seu auxílio.

– Querida menina, este é o Senhor Petyr Baelish, do pequeno conselho do rei.

– Sua mãe foi em tempos passados a *minha* rainha da beleza – disse o homem calmamente. Seu hálito cheirava a menta. – Tem os cabelos dela – Sansa sentiu os dedos dele no rosto quando lhe afagou uma madeixa arruivada. De forma bastante abrupta, virou-se e afastou-se.

A essa altura, a lua já ia bastante alta e a multidão estava cansada, e o rei acabava de decretar que os últimos três encontros seriam disputados na manhã seguinte, antes do corpo a corpo. Enquanto os plebeus se dirigiam para suas casas, conversando sobre as justas do dia e os embates da manhã seguinte, a corte deslocou-se até as margens do rio a fim de dar início ao festim. Seis monumentais auroques estavam assando havia horas, girando lentamente em espetos de madeira, enquanto os ajudantes de cozinha os untavam com manteiga e ervas até a carne começar a crepitar. Mesas e bancos tinham sido montados fora dos pavilhões, e neles tinham sido colocadas grandes pilhas de ervamel, morangos e pão fresco.

Sansa e Septã Mordane receberam lugares de grande honra, à esquerda do estrado elevado onde o próprio rei se sentava com sua rainha. Quando Príncipe Joffrey se sentou à sua direita, Sansa sentiu sua garganta apertar. Ele não lhe dirigira uma palavra desde aqueles terríveis eventos, e ela não se atrevia a falar com ele. A princípio pensou que o odiava pelo que fizera a Lady, mas depois de chorar até ficar sem lágrimas dissera a si mesma que não tinha sido obra de Joffrey, não verdadeiramente. Fora a rainha quem fizera aquilo; era ela que devia odiar, ela e Arya. Nada de mal teria acontecido se não fosse Arya.

Naquela noite não podia odiar Joffrey. Era bonito demais para ser odiado. Vestia um gibão de um profundo tom de azul ornamentado com uma fileira dupla de cabeças de leão, e trazia em volta da testa uma estreita coroa feita de ouro e safiras. Os cabelos eram tão brilhantes como metal. Sansa olhou para ele e estremeceu, com medo de que a ignorasse ou, pior ainda, voltasse a ficar detestável e a fizesse fugir da mesa chorando.

Mas, em vez disso, Joffrey sorriu e beijou-lhe a mão, belo e galante como qualquer príncipe das canções, e disse:

– Sor Loras tem bom olho para a beleza, querida senhora.

– Ele foi muito gentil – ela objetou, tentando permanecer modesta e calma, embora seu coração cantasse. – Sor Loras é um verdadeiro

cavaleiro. Julga que ele ganha amanhã, senhor?

– Não – disse Joffrey. – Meu cão dará conta dele, ou talvez meu tio Jaime. E dentro de alguns anos, quando tiver idade para entrar no torneio, darei conta de todos eles – ergueu a mão para chamar um criado que trazia um jarro de vinho de verão gelado e serviu-se de uma taça. Ela olhou ansiosa para Septã Mordane, até que Joffrey se inclinou e encheu também a taça da septã, que lhe fez um aceno de cabeça, agradeceu-lhe amavelmente, mas não disse uma palavra.

Os criados mantiveram as taças cheias toda a noite, mas, mais tarde, Sansa não conseguiu se lembrar sequer de ter provado o vinho. Não precisava de vinho. Estava ébria da magia da noite, entontecida por seus encantos, arrebatada por belezas com que sonhara toda a vida e nunca se atrevera a ter esperança de conhecer. Cantores sentavam-se perante o pavilhão do rei, enchendo o crepúsculo de música. Um malabarista manteve uma cascata de clavas em chamas rodopiando no ar. O bobo privado do rei, o simplório de rosto em forma de torta, chamado Rapaz Lua, dançou por ali equilibrado em pernas-de-pau, vestido de cores variadas, fazendo troça de toda a gente com tão hábil crueldade que Sansa perguntou a si mesma se o homem seria mesmo lento. Até Septã Mordane foi impotente contra ele; quando cantou sua cançoneta acerca do Grande Septão, ela riu tanto que derramou vinho no vestido.

E Joffrey era a alma da cortesia. Falou toda a noite com Sansa, derramando elogios, fazendo-a rir, partilhando com ela bocadinhos dos mexericos da corte, explicando as brincadeiras do Rapaz Lua. Sansa ficou tão cativada que esqueceu toda a educação e ignorou Septã Mordane, sentada à sua esquerda.

E durante todo o tempo os pratos iam e vinham. Uma espessa sopa de cevada e veado. Saladas de ervamel, espinafre e ameixas, salpicadas de nozes esmagadas. Caracóis em alho e mel. Sansa nunca antes tinha comido caracóis; Joffrey mostrou-lhe como tirar o animal da casca e levou à boca a primeira daquelas delicadas porções. Depois vieram trutas recém-pescadas do rio, cozidas em barro; seu príncipe a ajudou a partir a dura crosta escamosa para expor a carne branca que se encontrava no interior. E, quando foi trazido o prato de carne, foi ele que a serviu, cortando uma porção digna de uma rainha e sorrindo ao depositá-la em

seu prato. Ela podia ver, pelo modo como se movia, que o braço direito ainda o incomodava, mas ele não se queixou uma única vez.

Mais tarde chegaram timo de vitela, tortas de pombo, maçãs cozidas aromatizadas com canela e bolos de limão cobertos de açúcar, mas Sansa já estava tão cheia que não conseguiu comer mais que dois pequenos bolos de limão, por mais que os adorasse. Perguntava a si mesma se poderia arriscar um terceiro quando o rei começou a gritar.

O Rei Robert tornava-se mais ruidoso a cada prato. De vez em quando, Sansa o ouvia rir ou rugir uma ordem por cima da música e do tinir dos pratos e talheres, mas estava longe demais para entender as palavras. Agora todos o ouviam.

– *Não* – trovejou, numa voz que abafava todas as outras conversas.

Sansa ficou chocada ao ver o rei em pé, de rosto vermelho, cambaleando. Tinha uma taça de vinho na mão e estava bêbado como um gambá.

– A senhora não me diz o que fazer, mulher – gritou à Rainha Cersei. – Sou eu aqui o rei, entende? Eu é que governo aqui, e se digo que amanhã luto, *luto mesmo*!

Toda a gente o olhava. Sansa viu Sor Barristan, o irmão do rei, Renly, e o homem baixo que falara tão estranhamente com ela e lhe tocara os cabelos, mas ninguém fez um movimento para interferir. O rosto da rainha era uma máscara, tão vazia de sangue que poderia ter sido esculpida em neve. Ergueu-se da mesa, recolheu as saias e saiu em silêncio, seguida por um bando de criados.

Jaime Lannister pousou a mão no ombro do rei, mas este o empurrou com violência. O Regicida tropeçou e caiu. O rei soltou uma gargalhada grosseira.

– O grande cavaleiro. Ainda posso atirá-lo ao chão. Lembre-se disso, Regicida – bateu no peito com o cálice cravejado de joias, enchendo de vinho a túnica de cetim. – Deem-me meu martelo, e não há um homem no reino que me vença.

Jaime Lannister ergueu-se e sacudiu sua roupa.

– É como diz, Vossa Graça – sua voz estava rígida.

Lorde Renly adiantou-se, sorrindo.

– Derramou seu vinho, Robert. Permita-me que lhe traga um novo cálice.

Sansa sobressaltou-se quando Joffrey pousou a mão em seu braço.

– Está ficando tarde – disse o príncipe. Tinha uma expressão estranha no rosto, como se não a visse de todo. – Precisa de escolta na volta ao castelo?

– Não – começou Sansa. Procurou pela Septã Mordane e ficou surpresa ao vê-la com a cabeça pousada na mesa, soltando roncos suaves e dignos. – Quero dizer… sim, muito obrigada, seria muito gentil de sua parte. Eu *estou* cansada e o caminho é tão escuro. Ficaria grata por alguma proteção.

Joffrey gritou:

– *Cão!*

Sandor Clegane pareceu materializar-se dentro da noite, tão rápido foi seu surgimento. Tinha trocado a armadura por uma túnica de lã vermelha com uma cabeça de cão em couro cosida na frente. A luz dos archotes fazia com que seu rosto queimado brilhasse num tom vermelho sem vida.

– Sim, Vossa Graça?

– Leve minha prometida de volta para o castelo e assegure-se de que nenhum mal caia sobre ela – o príncipe disse-lhe bruscamente. E sem mesmo uma palavra de despedida Joffrey afastou-se, deixando-a ali.

Sansa podia *sentir* que o Cão de Caça a observava.

– A senhora esperava que Joff a levaria em pessoa? – ele riu. Tinha um riso que era como o rosnar de cães de luta. – Há pouca chance de isso acontecer – colocou-a em pé, sem admitir resistência. – Anda, não é a única que precisa dormir. Bebi demais e posso ter de matar meu irmão amanhã – e riu novamente.

De súbito aterrorizada, Sansa puxou o ombro de Septã Mordane, esperando acordá-la, mas a mulher limitou-se a ressonar mais alto. Rei Robert tinha se afastado aos tropeções e metade dos bancos estava subitamente vazia. O festim tinha terminado, e o belo sonho terminara com ele.

Cão de Caça apanhou um archote para iluminar o caminho. Sansa o seguiu de perto. O chão era rochoso e irregular, e a luz tremeluzente fazia com que parecesse mudar e mover-se sob seus pés. Manteve os olhos baixos, verificando onde punha os pés. Caminharam por entre os pavilhões, cada um com seu estandarte e sua armadura pendurada à porta, com o silêncio ficando mais pesado a cada passo. Sansa não

suportava olhá-lo, assustava-a demais, mas tinha sido educada com todas as regras da cortesia. Disse a si mesma que uma verdadeira senhora não repararia em seu rosto.

– Hoje o senhor montou galantemente, Sor Sandor – obrigou-se a dizer.

Sandor Clegane rosnou-lhe.

– Poupe-me de seus elogiozinhos vazios, menina… ofereça-os aos seus senhores. Não sou nenhum cavaleiro. Escarro neles e em seus juramentos. Meu irmão é um cavaleiro. Você o viu montar hoje?

– Sim – sussurrou Sansa, tremendo. – Ele foi…

– Galante? – terminou Cão de Caça.

Sansa compreendeu que o homem zombava dela.

– Ninguém conseguiu resistir a ele – conseguiu dizer, por fim, orgulhosa de si mesma. Não era mentira.

Sandor Clegane parou de repente no meio de um descampado escuro e vazio. Ela não teve escolha a não ser parar ao seu lado.

– Uma septã qualquer a treinou bem. É como um daqueles pássaros das Ilhas do Verão, não é? Um passarinho bonito e falante que repete todas as palavrinhas bonitas que lhe ensinaram a recitar.

– Isso não foi amável – Sansa sentia o coração palpitando no peito. – Está me assustando. Quero ir, agora.

– Ninguém conseguiu resistir a ele – repetiu o Cão de Caça em voz áspera. – É uma verdade razoável. Ninguém nunca conseguiu resistir a Gregor. Aquele rapaz hoje, a segunda justa, ah, aquilo foi uma bela coisinha. Você viu, não viu? O pateta do rapaz não tinha nada que montar nesta companhia. Sem dinheiro, sem escudeiro, sem ninguém que o ajudasse com aquela armadura. Aquele gorjal não estava preso como deve ser. Você acha que Gregor não reparou? Acredita que a lança de *Sor* Gregor subiu por acaso, não é verdade? Linda garotinha falante, se acredita nisso, tem realmente a cabeça tão oca como um pássaro. A lança de Gregor vai onde Gregor quer que ela vá. Olhe para mim. *Olhe para mim!* – Sandor Clegane pôs a mão enorme sob seu queixo e a forçou a erguer o rosto. Acocorou-se à sua frente e aproximou o archote. – Aqui tem a beleza. Olhe bem, e olhe por muito tempo. Bem sabe que é o que deseja. Vi você virando a cara durante todo o caminho ao longo da estrada do rei. Morrendo de medo. Veja o que quiser.

Os dedos dele seguravam-lhe o queixo com tanta força como se fossem uma armadilha de ferro. Os olhos observavam os dela. Olhos ébrios, carregados de ira. Ela tinha de olhar.

O lado direito de seu rosto era magro, com ossos aguçados e um olho cinzento sob uma pesada sobrancelha. O nariz era grande e adunco, os cabelos, finos e escuros. Usava-os longos e escovava-os para o lado, porque nenhum cabelo crescia do *outro* lado daquele rosto.

O lado esquerdo de sua face era uma ruína. A orelha tinha desaparecido, queimada; nada restava a não ser um buraco. O olho ainda estava em bom estado, mas em volta dele havia uma retorcida massa de cicatrizes, pele lisa e negra, dura como couro, semeada de crateras e rasgada por profundas fendas que cintilavam em tons de vermelho quando ele se movia. Na região do maxilar podia-se ver um pouco de osso onde a carne fora arrancada.

Sansa começou a chorar. Ele então a largou e apagou o archote no chão.

– Não há palavras bonitas para isto, menina? Nenhum elogiozinho que a septã lhe tenha ensinado? – sem obter resposta, prosseguiu. – A maior parte deles julga que foi uma batalha. Um cerco, uma torre ardendo, um inimigo com um archote. Um palerma me perguntou se tinha sido fogo de um dragão – daquela vez a gargalhada foi mais fraca, mas não menos amargurada. – Eu lhe conto o que foi, menina – disse, uma voz vinda da noite, uma sombra que agora se inclinava para tão perto que conseguia sentir o fedor amargo do vinho em seu hálito. – Era mais novo do que você, com seis anos, talvez sete. Um marceneiro montou uma loja na aldeia que ficava abaixo da fortaleza de meu pai e, para comprar favores, enviou-nos presentes. O velho fazia brinquedos maravilhosos. Não me lembro do que recebi, mas era o presente de Gregor que eu desejava. Um cavaleiro de madeira, todo pintado, com cada articulação presa em separado e fixada com cordas para que se pudesse pô-lo a lutar. Gregor é mais velho que eu cinco anos, o brinquedo não significava nada para ele, já era um escudeiro com quase um metro e oitenta e musculoso como um touro. Portanto, tirei dele o cavaleiro, mas posso lhe dizer que não houve nenhuma alegria nisso. Tive medo o tempo todo, e realmente ele me encontrou. Havia um braseiro na sala. Gregor não disse uma única palavra, limitou-se a me colocar debaixo do braço e a enfiar o lado da minha cara nos carvões em brasa, deixando-me lá enquanto eu gritava

sem parar. Viu como ele é forte. Mesmo naquele tempo, foram precisos três homens fortes para afastá-lo de mim. Os septões pregam sobre os sete infernos. Que sabem eles? Só um homem que já tenha sido queimado sabe realmente como é o inferno. "Meu pai disse a todos que meus cobertores tinham pegado fogo, e o nosso meistre me deu unguentos. *Unguentos!* Gregor também recebeu seus unguentos. Quatro anos mais tarde, ungiram-no com os sete óleos, recitou seus votos de cavaleiro e Rhaegar Targaryen bateu em seu ombro e disse: 'Erguei-vos, Sor Gregor'. "

A voz áspera extinguiu-se. Ficou acocorado em silêncio na frente dela, uma pesada silhueta negra envolta na noite, escondido de seus olhos. Sansa ouvia a respiração irregular do homem. Compreendeu que se sentia triste por ele. De algum modo, o medo tinha desaparecido.

O silêncio prolongou-se durante muito tempo, tanto que começou de novo a sentir medo, mas agora seu medo era por ele, não por si própria. Encontrou o massivo ombro dele com a mão.

– Ele não era um verdadeiro cavaleiro – sussurrou-lhe.

Cão de Caça atirou a cabeça para trás e rugiu. Sansa tropeçou para trás, afastando-se dele, mas ele pegou seu braço.

– Não – rosnou –, não, passarinho, ele não era um verdadeiro cavaleiro.

Ao longo do resto do caminho até a cidade Sandor Clegane não disse uma palavra. Levou-a até onde as carroças esperavam, disse a um condutor para levá-los à Fortaleza Vermelha e subiu na carroça atrás dela. Atravessaram em silêncio o Portão do Rei e as ruas iluminadas por archotes da cidade. Abriu a porta de acesso e a levou para dentro do castelo, com o rosto queimado a contrair-se em espasmos e os olhos alertas, sempre um passo atrás enquanto subiram as escadas da torre. Levou-a em segurança ao longo de todo o caminho até o corredor que dava aos seus aposentos.

– Obrigada, senhor – Sansa disse humildemente.

Cão de Caça agarrou-lhe o braço e inclinou-se para a frente.

– As coisas que te disse esta noite – falou, com a voz ainda mais áspera que de costume. – Se algum dia contá-las a Joffrey… a sua irmã, ao seu pai… a algum deles…

– Não conto – sussurrou Sansa. – Prometo.

Não era o suficiente.

– Se algum dia contar a *alguém* – terminou ele –, eu a mato.

# Eddard

—Eu mesmo o velei – disse Sor Barristan Selmy, olhando o corpo que jazia na parte de trás da carroça. – Ele não tinha mais ninguém. Falaram-me que talvez uma mãe, no Vale.

À fraca luz da madrugada, o jovem cavaleiro parecia estar dormindo. Não fora bonito em vida, mas a morte suavizara-lhe as feições rudemente talhadas, e as irmãs silenciosas o tinham vestido com sua melhor túnica de veludo, com um colarinho elevado para cobrir a ruína em que a lança tinha transformado sua garganta. Eddard Stark olhou seu rosto e perguntou a si mesmo se teria sido ele o causador da morte do rapaz. Morto por um vassalo dos Lannister antes que Ned pudesse falar com ele; seria possível que não passasse de mero acaso? Supôs que nunca chegaria a saber.

– Hugh foi escudeiro de Jon Arryn durante quatro anos – prosseguiu Selmy. – O rei o armou cavaleiro antes de partir para o Norte, em memória de Jon. O rapaz desejava aquilo desesperadamente, mas temo que não estivesse pronto.

Ned dormira mal na noite anterior e sentia um cansaço maior do que seria de esperar da idade.

– Nenhum de nós jamais está pronto.

– Para ser armado cavaleiro?

– Para a morte – com gentileza, Ned cobriu o rapaz com seu manto azul manchado de sangue e debruado por luas crescentes. Refletiu amargamente que, quando a mãe perguntasse por que razão o filho estava morto, lhe diriam que tinha lutado em honra da Mão do Rei, Eddard Stark. – Isso foi desnecessário. A guerra não devia ser um jogo – Ned virou-se para a mulher que estava ao lado da carroça, envolta em cinza, com o rosto escondido, apenas os olhos à mostra. As irmãs silenciosas preparavam os homens para a sepultura, e era má sorte olhar a morte no rosto.

– Envie sua armadura para casa, para o Vale. A mãe deve querê-la.

– Vale uma boa quantia em prata – disse Sor Barristan. – O rapaz mandou-a forjar especialmente para o torneio. Um trabalho simples, mas bom. Não sei se acabou de pagar ao ferreiro.

– Pagou ontem, senhor, e pagou caro – respondeu Ned. E à irmã silenciosa disse: – Envie a armadura à sua mãe. Lidarei com o ferreiro – a mulher fez-lhe uma reverência.

Mais tarde, Sor Barristan acompanhou Ned até o pavilhão do rei. O acampamento começava a se agitar. Salsichas gordas chiavam e pingavam sobre fogueiras, temperando o ar com os odores do alho e da pimenta. Jovens escudeiros caminhavam apressados por ali, conversando, enquanto seus senhores acordavam, bocejando e espreguiçando-se, saudando o dia. Um criado com um ganso debaixo do braço dobrou o joelho ao vê-los. "Senhores", murmurou, enquanto o ganso grasnava e lhe bicava os dedos. Os escudos exibidos à porta de todas as tendas anunciavam seus ocupantes: a águia de prata de Guardamar, o campo de rouxinóis de Bryce Caron, um cacho de uvas para os Redwyne, o javali malhado, o touro vermelho, a árvore flamejante, o carneiro branco, a espiral tripla, o unicórnio roxo, as donzelas dançantes, a víbora negra, as torres gêmeas, a coruja chifruda e, por fim, os brasões de um branco puro da Guarda Real, brilhando como a madrugada.

– O rei pretende participar do corpo a corpo hoje – disse Sor Barristan enquanto passavam pelo escudo de Sor Meryn, com a tinta maculada por um profundo golpe onde a lança de Loras Tyrell marcara a madeira ao derrubá-lo da sela.

– Sim – disse Ned em tom sombrio. Jory acordara-o na noite anterior para lhe dar a notícia. Não admirava que tivesse dormido tão mal.

O olhar de Sor Barristan estava perturbado.

– Diz-se que as belezas da noite esmorecem de madrugada, e que os filhos do vinho são frequentemente renegados à luz da manhã.

– É o que dizem – concordou Ned –, mas não de Robert – outros homens poderiam reconsiderar as palavras ditas em bravatas ébrias, mas Robert Baratheon as recordaria e, recordando-as, nunca recuaria.

O pavilhão do rei erguia-se perto da água, e as neblinas matinais que o rio gerava tinham-no rodeado de colunas cinza. Era todo de seda

dourada, a maior e mais imponente estrutura no acampamento. À porta, o martelo de batalha de Robert encontrava-se em exibição, junto a um imenso escudo de ferro decorado com o veado coroado da Casa Baratheon.

Ned tivera esperança de encontrar o rei ainda na cama, num sono ensopado em vinho, mas a sorte não estava com ele. Encontraram Robert bebendo cerveja de um corno polido e rugindo seu descontentamento com dois jovens escudeiros que tentavam atar-lhe a armadura.

– Vossa Graça – dizia um, quase em lágrimas –, é muito pequena, não vamos conseguir – atrapalhou-se, e o gorjal que tentava prender em torno do grosso pescoço de Robert caiu no chão.

– *Pelos sete infernos!* – Robert praguejou. – Terei de fazer tudo eu mesmo? Vão os dois para o raio que os parta. Pegue isso. Não fique aí de boca aberta, Lancel, *pegue isso!* – o rapaz deu um salto e o rei reparou na companhia. – Olhe para estes imbecis, Ned. Minha mulher insistiu que tomasse estes dois como escudeiros, e são menos que inúteis. Sequer são capazes de pôr a armadura de um homem sobre seu corpo. Escudeiros, dizem eles. *Eu* digo que são mais é criadores de porcos vestidos de seda.

Ned não precisou mais que uma olhadela para compreender a dificuldade.

– Não é culpa dos rapazes – disse ao rei. – Você está gordo demais para a sua armadura, Robert.

Robert Baratheon bebeu um longo trago de cerveja, atirou o corno vazio para cima de suas peles de dormir, limpou a boca nas costas da mão e disse em tom sombrio:

– Gordo? *Gordo*, é isso? É assim que você fala com seu rei? – e soltou sua gargalhada, súbita como uma tempestade. – Ah, maldito seja, Ned, por que é que você sempre tem razão?

Os escudeiros sorriram nervosamente, até que o rei se virou para eles.

– Vocês. Sim, vocês dois. Ouviram a Mão. O rei está muito gordo para a sua armadura. Vão à procura de Sor Aron Santagar. Digam-lhe que preciso do esticador de peitorais. *Já! O que estão esperando?*

Os rapazes tropeçaram um no outro com a pressa de sair da tenda. Robert conseguiu manter uma expressão severa até eles saírem. Então caiu numa cadeira, tremendo de tanto rir.

Sor Barristan Selmy riu com ele. Até Eddard Stark deu um sorriso. Mas os pensamentos mais graves imiscuíam-se sempre. Não conseguiu deixar de reparar nos dois escudeiros: rapazes bonitos, loiros e bem constituídos. Um tinha a idade de Sansa, com longos cachos dourados; o outro teria talvez uns quinze anos, cabelos cor de areia, um fio de bigode e os olhos verde-esmeralda da rainha.

– Ah, gostaria de estar lá para ver a cara de Santagar – disse Robert. – Espero que tenha a esperteza de enviá-los a outra pessoa qualquer. Deveríamos mantê-los correndo o dia inteiro!

– Aqueles rapazes – Ned lhe perguntou– são Lannister?

Robert assentiu, limpando as lágrimas dos olhos.

– Primos. Filhos do irmão de Lorde Tywin. Um dos mortos. Ou talvez o vivo, agora que penso nisso. Não me lembro. Minha esposa vem de uma família muito grande, Ned.

Uma família muito ambiciosa, Ned pensou. Nada tinha contra os escudeiros, mas perturbava-o ver Robert cercado por parentes da rainha, tanto acordado quanto dormindo. O apetite dos Lannister por cargos e honrarias parecia não conhecer limites.

– Diz-se que Vossa Graça e a rainha trocaram duras palavras ontem à noite.

A vontade de rir coalhou no rosto de Robert.

– A mulher tentou me proibir de participar do corpo a corpo. Agora está amuada no castelo, maldita seja. Sua irmã nunca teria me envergonhado assim.

– Não chegou a conhecer Lyanna como eu conheci, Robert. Você viu sua beleza, mas não o ferro que tinha por baixo. Ela lhe teria dito que não tem nada a fazer no corpo a corpo.

– Você também? – o rei franziu as sobrancelhas. – É um homem amargo, Stark. Tempo demais no Norte, todos os fluidos congelaram dentro de você. Pois bem, os *meus* continuam a correr – deu uma batida no peito para prová-lo.

– É o rei – recordou-lhe Ned.

– Sento-me no maldito Trono de Ferro quando é preciso. Isso significa que não tenho os mesmos apetites dos outros homens? Um pouco de vinho de vez em quando, uma mulher a gemer na cama, a sensação de ter

um cavalo entre as pernas? Pelos sete infernos, Ned, quero *bater* em alguém.

Sor Barristan Selmy interveio.

– Vossa Graça – disse –, não é conveniente que o rei participe do corpo a corpo. Não seria uma competição justa. Quem se atreveria a atingi-lo?

Robert pareceu sinceramente surpreso.

– Ora, todos eles, que raio. Se puderem. E o último homem em pé…

– … será você – concluiu Ned. Compreendera de imediato que Selmy atingira o ponto certo. Os perigos do corpo a corpo eram apenas um atrativo para Robert, mas aquilo lhe tocou o orgulho. – Sor Barristan tem razão. Não há um homem nos Sete Reinos que se atreva a arriscar desagradá-lo por tê-lo ferido.

O rei pôs-se em pé, de rosto rubro.

– Está me dizendo que aqueles arrogantes covardes vão me *deixar ganhar*?

– Com toda a certeza – disse Ned, e Sor Barristan Selmy abaixou a cabeça num acordo silencioso.

Por um momento, Robert ficou tão zangado que não conseguiu falar. Atravessou a tenda, rodopiou, voltou a atravessá-la, com o rosto sombrio e irado. Apanhou do chão o peitoral da armadura e o arremessou a Barristan Selmy numa fúria sem palavras. Selmy esquivou-se.

– Saia – disse então o rei, friamente. – Saia antes que o mate.

Sor Barristan saiu com rapidez. Ned preparava-se para segui-lo quando o rei voltou a falar.

– Você não, Ned.

Ned virou-se. Robert recuperou o corno, encheu-o com cerveja, que tirou de um barril que se encontrava a um canto da tenda, e o arremessou a Ned.

– Beba – disse ele em tom brusco.

– Não tenho sede…

– *Beba.* É o seu rei quem ordena.

Ned virou o corno e bebeu. A cerveja era negra e espessa, tão forte que fazia arder os olhos.

Robert voltou a se sentar.

– Maldito seja, Ned Stark. Você e Jon Arryn, amei a ambos. E que fizeram de mim? Você é que devia ter sido rei, você ou Jon.

– A mais forte pretensão era sua, Vossa Graça.

– Disse-lhe para beber, não para discutir. Já que me fez rei, podia ao menos ter a cortesia de me escutar enquanto falo, maldito seja. Olhe para mim, Ned. Olhe para o que ser rei fez de mim. Deuses, gordo demais para a minha armadura, como foi que cheguei a isto?

– Robert…

– Beba e fique quieto, o rei está falando. Juro-lhe, nunca me senti tão vivo como quando estava ganhando este trono, nem tão morto como agora que o possuo. E Cersei… devo-a a Jon Arryn. Não tinha nenhum desejo de casar depois de Lyanna me ter sido roubada, mas Jon disse que o reino precisava de um herdeiro. Cersei Lannister seria um bom partido, ele me disse, me ligaria a Lorde Tywin para o caso de Viserys Targaryen tentar recuperar o trono do pai – o rei balançou a cabeça. – Adorava aquele velho, juro, mas agora penso que era um idiota maior que o Rapaz Lua. Ah, Cersei é adorável de se contemplar, de verdade, mas *fria*… pelo modo como se defende na cama, diria que tem todo o ouro de Rochedo Casterly entre as pernas. Dê-me essa cerveja se não for beber – tomou o corno, virou-o, arrotou e limpou a boca. – Lamento por sua filha, Ned. De verdade. Refiro-me ao lobo. Meu filho estava mentindo, sou capaz de apostar a alma nisso. Meu filho… você ama seus filhos, não é verdade?

– De todo o coração – Ned respondeu.

– Deixe-me lhe contar um segredo, Ned. Mais de uma vez sonhei em renunciar à coroa. Embarcar para as Cidades Livres com meu cavalo e meu martelo, passar o tempo fazendo guerra e entre vadias. Foi para isso que nasci. O rei mercenário. Como me adorariam os cantores! Sabe o que me impediu? A ideia de ver Joffrey no trono, com Cersei atrás dele a segredar-lhe ao ouvido. Meu filho. Como pude fazer um filho assim, Ned?

– Ele não passa de um rapaz – disse Ned desajeitadamente. Pouco gostava de Príncipe Joffrey, mas percebia a dor na voz de Robert. – Esqueceu de como você era bravo na idade dele?

– Não me perturbaria se ele fosse bravo, Ned. Não o conhece tão bem como eu – suspirou e balançou a cabeça. – Ah, talvez tenha razão. Jon perdeu a paciência comigo com bastante frequência e, no entanto, acabei por me tornar um bom rei – Robert olhou para Ned e franziu as sobrancelhas perante seu silêncio. – Agora pode falar e concordar.

– Vossa Graça… – Ned começou cuidadosamente.

Robert deu-lhe uma palmada nas costas.

– Ah, diz que sou melhor rei que Aerys e terminamos o assunto. Você nunca conseguiu mentir por amor ou por honra, Ned Stark. Ainda sou novo, e agora que está aqui comigo as coisas serão diferentes. Tornaremos este reinado num que seja digno de canções, e que os Lannister vão para os sete infernos. Sinto cheiro de bacon. Quem lhe parece que será nosso campeão hoje? Viu o filho de Mace Tyrell? Chamam-lhe o Cavaleiro das Flores. Ora, aí está um filho que qualquer homem ficaria orgulhoso de reclamar. No último torneio, fez o Regicida cair sobre sua dourada garupa, devia ter visto a cara de Cersei. Ri até me doer o peito. Renly diz que ele tem uma irmã, uma donzela de catorze anos, adorável como uma madrugada…

Quebraram o jejum com pão escuro, ovos de ganso cozidos, peixe frito com cebolas e bacon, numa mesa montada junto à margem do rio. A melancolia do rei dissipou-se com a névoa da manhã e não demorou muito até Robert se tornar amistoso, recordando uma manhã no Ninho da Águia, quando eram rapazes, enquanto comia uma laranja.

– … tinha dado a Jon um barril de laranjas, lembra-se? Só que tinham apodrecido, e por isso atirei a minha por cima da mesa e atingi Dacks bem no nariz. Lembra-se do escudeiro perebento de Redfort? Atirou-me uma de volta e, antes que Jon pudesse sequer soltar um peido, havia laranjas voando pelo Grande Salão em todas as direções – o rei riu tumultuosamente, e até Ned sorriu ao recordar.

Era este o rapaz com quem tinha crescido, pensou; era este o Robert Baratheon que conhecera e amara. Se conseguisse provar que os Lannister estavam por trás do ataque a Bran, provar que tinham assassinado Jon Arryn, este homem escutaria. Então Cersei cairia, e com ela o Regicida, e se Lorde Tywin se atrevesse a sublevar o Oeste, Robert o esmagaria tal como esmagara Rhaegar Targaryen no Tridente. Via isso com toda clareza.

Há muito tempo que Eddard Stark não comia tão bem, e depois seus sorrisos chegaram com maior facilidade e frequência, até a hora de retomar o torneio. Ned acompanhou o rei até o terreno das justas. Prometera assistir com Sansa aos confrontos finais; Septã Mordane sentia-se doente, e a filha estava determinada a não perder o fim das

justas. Ao acompanhar Robert ao seu lugar, notou que Cersei Lannister decidira não comparecer; o lugar ao lado do rei estava vago. Isto também deu a Ned motivos de esperança.

Abriu caminho até onde a filha estava sentada e a encontrou no momento em que as trombetas soavam para a primeira justa do dia. Sansa estava tão absorta que quase pareceu não notar sua chegada.

Sandor Clegane foi o primeiro cavaleiro a aparecer. Trazia um manto verde-oliva sobre a armadura de um cinza-fuliginoso. O manto e o elmo em forma de cabeça de cão eram as suas únicas concessões à ornamentação.

– Cem dragões de ouro pelo Regicida – Mindinho anunciou sonoramente quando Jaime Lannister entrou na arena, montando um elegante cavalo de batalha baio puro-sangue, que trazia uma cobertura de cota de malha dourada, e Jaime cintilava da cabeça aos pés. Até a lança tinha sido feita com a madeira dourada das Ilhas do Verão.

– Está apostado – gritou de volta Lorde Renly. – Cão de Caça traz hoje um ar faminto.

– Mesmo os cães famintos sabem que não é boa ideia morder a mão que os alimenta – Mindinho gritou secamente.

Sandor Clegane fez cair o visor com um *clac* audível e tomou posição. Sor Jaime atirou um beijo a uma mulher qualquer que estava entre os plebeus, abaixou com cuidado o visor e encaminhou-se para a ponta da arena. Os dois homens abaixaram as lanças.

Nada seria melhor para Ned Stark do que ver ambos perder, mas Sansa observava de olhos úmidos e ansiosa. A galeria erguida à pressa estremeceu quando os cavalos romperam a galope. Cão de Caça inclinou-se para a frente enquanto avançava, com a lança firme como uma rocha, mas Jaime mudou habilmente de posição no instante anterior ao impacto. A ponta da lança de Clegane foi inofensivamente atirada contra o escudo dourado com o desenho do leão, enquanto a do Regicida atingia o adversário em cheio. A madeira estilhaçou-se e Cão de Caça cambaleou, lutando para se manter sentado. Sansa prendeu a respiração. Uma rude aclamação ergueu-se entre os plebeus.

– Estou aqui pensando em que poderei gastar seu dinheiro – gritou Mindinho a Lorde Renly.

Cão de Caça conseguiu manter-se sobre a sela. Fez seu cavalo dar meia-volta com dureza e regressou à arena para a segunda passagem. Jaime Lannister atirou ao chão a lança quebrada e apanhou uma nova, brincando com o escudeiro. Cão de Caça esporeou o cavalo para um galope duro. Lannister avançou para enfrentá-lo. Dessa vez, quando Jaime Lannister mudou de posição, Sandor Clegane mudou com ele. Ambas as lanças explodiram, e quando os estilhaços assentaram, um baio puro-sangue sem cavaleiro trotava para longe em busca de grama, enquanto Sor Jaime Lannister rolava na terra, dourado e amassado.

Sansa disse:

– Eu sabia que Cão de Caça ia ganhar.

Mindinho a ouviu.

– Se sabe quem vai ganhar o segundo encontro, fale agora, antes que Lorde Renly me depene – ele gritou para ela. Ned sorriu.

– É uma pena que o Duende não esteja aqui conosco – disse Lorde Renly. – Teria ganhado o dobro.

Jaime Lannister estava de novo em pé, mas seu ornamentado elmo de leão tinha sido torcido e amassado na queda, e agora não conseguia tirá-lo. A plebe gritava e apontava, os senhores e as senhoras tentavam abafar o riso, sem conseguir, e, sobre toda aquela algazarra, Ned ouvia o Rei Robert às gargalhadas, mais alto que todos os demais. Por fim, tiveram de levar o Leão de Lannister a um ferreiro, cego e aos tropeções.

A essa altura, Sor Gregor Clegane já estava em posição no topo da arena. Era enorme, o maior homem que Eddard Stark já vira. Robert Baratheon e os irmãos eram todos homens grandes, tal como Cão de Caça, e em Winterfell havia um ajudante de cavalariça simplório chamado Hodor que era maior que todos eles, mas o cavaleiro a quem chamavam Montanha Que Cavalga teria olhado de cima para Hodor. Devia ter por volta de dois metros e trinta, com ombros maciços e braços tão grossos como troncos de pequenas árvores. Seu cavalo de batalha parecia um pônei entre suas pernas cobertas de armadura, e a lança que trazia parecia tão pequena quanto um cabo de vassoura.

Ao contrário do irmão, Sor Gregor não vivia na corte. Era um homem solitário que raramente saía de suas terras, exceto para travar guerras e participar de torneios. Estivera com Lorde Tywin quando Porto Real caíra, era então um cavaleiro recém-armado de dezessete anos, mas já

notável pelo tamanho e por sua implacável ferocidade. Havia quem dissesse que fora Gregor que atirara a cabeça do príncipe Argon Targaryen contra uma parede e quem murmurasse que depois disso violara a mãe, a princesa Elia, de Dorne, antes de lhe cravar a espada. Não se diziam essas coisas ao alcance dos ouvidos de Gregor.

Ned Stark não se lembrava de alguma vez ter falado com o homem, embora Gregor o tivesse acompanhado durante a rebelião de Balon Greyjoy, um cavaleiro no meio de milhares. Observou-o inquieto. Não era seu costume dar grande atenção a mexericos, mas as coisas que se diziam de Sor Gregor eram mais que sinistras. Preparava-se para casar pela terceira vez, e ouviam-se sombrios sussurros sobre as mortes das duas primeiras esposas. Dizia-se que sua fortaleza era um lugar sombrio onde criados desapareciam para nunca mais serem vistos, e até os cães tinham medo de entrar no salão. E tinha havido uma irmã que morrera jovem em estranhas circunstâncias, e o fogo que desfigurara o irmão, e o acidente de caça que matara o pai. Gregor herdara a fortaleza, o ouro e as propriedades da família. O irmão mais novo, Sandor, partira no mesmo dia para servir os Lannister como cavaleiro juramentado, e dizia-se que nunca mais regressara, nem mesmo para visita.

Quando o Cavaleiro das Flores fez sua entrada, um murmúrio percorreu a multidão, e Ned ouviu o sussurro fervente de Sansa:

– Ah, ele é tão *lindo*.

Sor Loras Tyrell era esbelto como um junco, vestido numa fabulosa armadura de prata polida até cegar, gravada com uma filigrana de sinuosas trepadeiras negras e minúsculos miosótis azuis. A plebe percebeu, no mesmo instante que Ned, que o azul das flores provinha de safiras; um suspiro escapou de um milhar de gargantas. Dos ombros do rapaz pendia o manto pesado. Era tecido de miosótis, miosótis verdadeiros, centenas de flores frescas entrelaçadas numa pesada capa de lã.

Seu corcel era tão esguio como o cavaleiro, uma bela égua cinzenta, feita para a velocidade. O enorme garanhão de Sor Gregor relinchou ao captar seu cheiro. O rapaz de Jardim de Cima fez qualquer coisa com as pernas e o cavalo curveteou de lado, ágil como um dançarino. Sansa agarrou o braço de Ned.

– Pai, não deixe que Sor Gregor lhe faça mal – ela pediu. Ned viu que ela trazia a rosa que Sor Loras lhe dera no dia anterior. Jory também lhe contara aquilo.

– Aquelas são lanças de torneio – disse à filha. – São feitas para que se estilhacem com o impacto, para que ninguém se fira – mas lembrou-se do rapaz morto na carroça, com seu manto de luas crescentes, e as palavras arranharam-lhe a garganta.

Sor Gregor estava com problemas para controlar o cavalo. O garanhão berrava e batia com as patas no chão, balançando a cabeça. A Montanha espetou-lhe ferozmente os calcanhares envolvidos em armadura. O cavalo empinou-se e quase o derrubou.

O Cavaleiro das Flores saudou o rei, dirigiu-se à extremidade mais distante da arena e abaixou a lança, pronto. Sor Gregor trouxe seu animal até a linha, lutando com as rédeas. E de súbito começou. O garanhão da Montanha rompeu num galope duro, atirando-se furiosamente à frente, enquanto o passo da égua era suave como o deslizar da seda. Sor Gregor pôs o escudo em posição e equilibrou a lança com dificuldade, ao mesmo tempo que continuava a lutar para manter a fogosa montaria numa linha reta, então, de repente, Loras Tyrell estava sobre ele, colocando a ponta da lança precisamente *lá*, e num piscar de olhos a Montanha estava caindo. Era tão imenso que levou o cavalo consigo, num emaranhado de aço e carne.

Ned ouviu aplausos, aclamações, assobios, suspiros chocados, murmúrios excitados, e sobretudo as ásperas e roufenhas gargalhadas de Cão de Caça. O Cavaleiro das Flores puxou as rédeas no fim da arena. Sua lança nem sequer estava partida. As safiras cintilaram ao sol quando ergueu o visor, sorrindo. Os plebeus pareciam ter enlouquecido por ele.

No meio do campo, Sor Gregor Clegane desembaraçou-se e pôs-se de pé, fervendo de raiva. Arrancou o elmo e esmagou-o contra o chão. Tinha o rosto escuro de fúria, e os cabelos caíam-lhe nos olhos.

– Minha espada – gritou para o escudeiro, e o rapaz correu para ele. A essa altura o garanhão já estava em pé também.

Gregor Clegane matou o cavalo com um único golpe, de tamanha violência que quase decepou o pescoço do animal. As aclamações transformaram-se em guinchos num piscar de olhos. O garanhão caiu de joelhos, berrando enquanto morria. Mas então Gregor já atravessava a

arena a passos largos, dirigindo-se para Sor Loras Tyrell, de espada ensanguentada em punho.

– Pare-o! – gritou Ned, mas suas palavras perderam-se no burburinho. Todos também gritavam, e Sansa chorava.

Tudo aconteceu num átimo. O Cavaleiro das Flores gritava pela espada no momento em que Sor Gregor empurrou para o lado seu escudeiro e tentou agarrar as rédeas do cavalo. A égua cheirou sangue e empinou-se. Loras Tyrell mal se manteve montado. Sor Gregor brandiu a espada, um violento golpe a duas mãos que atingiu o rapaz no peito e o derrubou da sela. O corcel fugiu em pânico, enquanto Sor Loras jazia atordoado no chão. Mas, quando Gregor ergueu a espada para o golpe fatal, uma voz áspera advertiu: *"Deixe-o em paz"*, e uma mão revestida de aço atirou-o para longe do rapaz.

A Montanha rodopiou numa fúria sem palavras, brandindo a espada num arco mortífero com toda a sua maciça força posta no golpe, mas Cão de Caça aparou o golpe e contra-atacou, e durante o que pareceu uma eternidade, os dois irmãos trocaram golpes, enquanto um entontecido Loras Tyrell era ajudado a pôr-se em segurança. Três vezes Ned viu Sor Gregor lançar violentos golpes no elmo da cabeça de Cão, mas nem uma vez Sandor deu uma estocada ao rosto desprotegido do irmão.

Foi a voz do rei que pôs fim àquilo… a voz do rei e vinte espadas. Jon Arryn dissera-lhes que um comandante precisa de uma boa voz de batalha, e Robert provara no Tridente que era verdade. Era essa a voz que usava agora.

– *PAREM COM ESTA LOUCURA* – trovejou – *EM NOME DO SEU REI!*

Cão de Caça caiu sobre um joelho. O golpe de Sor Gregor cortou o ar, e por fim caiu em si. Deixou cair a espada, olhou intensamente para Robert, cercado por sua Guarda Real e uma dúzia de outros cavaleiros e guardas. Sem uma palavra, virou-se e afastou-se em passo rápido, abrindo caminho junto a Barristan Selmy com um encontrão.

– Deixe-o ir – disse Robert, e nesse mesmo momento tudo terminou.

– O campeão agora é Cão de Caça? – Sansa perguntou a Ned.

– Não – ele respondeu. – Haverá uma justa final, entre Cão de Caça e o Cavaleiro das Flores.

Mas Sansa afinal tinha razão. Alguns momentos mais tarde, Sor Loras Tyrell regressou ao campo num simples gibão de linho e disse a Sandor

Clegane:

– Devo-lhe a vida. O dia é seu, sor.

– Não sou *sor* nenhum – respondeu Cão de Caça, mas aceitou a vitória e a bolsa de campeão e, talvez pela primeira vez na vida, a adoração dos plebeus. Aclamaram-no quando deixou a arena para se dirigir ao seu pavilhão.

Enquanto Ned caminhava com Sansa para o campo de tiro ao alvo, Mindinho, Lorde Renly e alguns dos outros juntaram-se a eles.

– Tyrell sabia que a égua estava no cio – Mindinho dizia. – Juro que o rapaz planejou tudo. Gregor sempre preferiu enormes garanhões de mau temperamento, com mais vigor que bom-senso – a ideia parecia divertilo.

Mas não divertia Sor Barristan Selmy.

– Pouca honra existe em truques – o velho disse rigidamente.

– Pouca honra e vinte mil peças de ouro – Lorde Renly sorriu.

Naquela tarde, um rapaz chamado Anguy, um plebeu, não anunciado, proveniente da Marca de Dorne, venceu a competição de tiro ao alvo, suplantando Sor Balon Swann e Jalabhar Xho a cem passos, depois de todos os outros arqueiros terem sido eliminados a distâncias mais curtas. Ned mandou que Alyn o procurasse e lhe oferecesse um lugar na guarda da Mão, mas o rapaz estava inebriado de vinho, vitória e riquezas com que nem sonhara, e recusou.

O corpo a corpo durou três horas. Participaram quase quarenta homens, cavaleiros livres, pequenos cavaleiros e novos escudeiros em busca de uma reputação. Lutaram com armas embotadas num caos de lama e sangue, em pequenos grupos que lutavam juntos e depois se viravam uns contra os outros à medida que as alianças se formavam e eram quebradas, até que apenas um homem ficou de pé. O vencedor foi o sacerdote vermelho, Thoros de Mys, um louco que raspava a cabeça e lutava com uma espada em chamas. Já antes tinha vencido lutas corpo a corpo; a espada em fogo assustava as montarias dos outros cavaleiros, mas nada assustava Thoros. O balanço final foi de três membros partidos, uma clavícula estilhaçada, uma dúzia de dedos esmagados, dois cavalos que tiveram de ser abatidos e mais cortes, entorses e hematomas do que alguém se preocupou em contar. Ned ficou imensamente feliz por Robert não ter participado.

Naquela noite, no festim, Eddard Stark sentia-se mais esperançoso do que se sentira havia muito tempo. Robert estava de ótimo humor, não se viam Lannister em lado nenhum, e até as filhas estavam se portando bem. Jory trouxera Arya para se juntar a eles e Sansa dirigiu-se à irmã de maneira agradável.

– O torneio foi *magnífico* – suspirou. – Devia ter vindo. Como foi seu treinamento?

– Estou toda dolorida – relatou Arya em tom feliz, exibindo, orgulhosa, um enorme hematoma púrpura que tinha na perna.

– Deve ser uma principiante horrível – disse Sansa, com ar de dúvida.

Mais tarde, enquanto Sansa ouvia uma trupe de cantores interpretar a complexa série de baladas interligadas chamada "Dança dos Dragões", Ned inspecionou o hematoma da filha.

– Espero que Forel não esteja sendo muito duro com você.

Arya equilibrou-se numa perna. Nos últimos tempos, estava ficando muito melhor naquilo.

– Syrio diz que cada ferida é uma lição, e cada lição nos torna melhores.

Ned franziu as sobrancelhas. Aquele Syrio Forel tinha chegado com uma reputação excelente, e seu brilhante estilo bravosiano adequava-se bem à lâmina esguia de Arya, mas, mesmo assim… Alguns dias antes, ela andara vagueando com uma tira de seda negra atada sobre os olhos. Arya dissera-lhe que Syrio a estava ensinando a ver com os ouvidos, o nariz e a pele. Antes disso, tinha-a posto para fazer piruetas e saltos mortais.

– Arya, tem certeza de que quer persistir nisto?

Ela confirmou com a cabeça.

– Amanhã vamos apanhar gatos.

– Gatos – Ned suspirou. – Talvez tenha sido um erro contratar esse bravosi. Se quiser, pedirei a Jory para substituí-lo nas suas aulas. Ou posso ter uma discreta conversa com Sor Barristan Selmy. Quando jovem, foi o melhor espadachim dos Sete Reinos.

– Não quero ninguém – disse Arya. – Quero Syrio.

Ned passou os dedos pelos cabelos. Qualquer mestre de armas decente podia ensinar a Arya os rudimentos sobre estocadas e paradas sem esse disparate de vendas, rodas e saltos de um pé só, mas conhecia

suficientemente bem a filha mais nova para saber que não havia discussão com aquela obstinada projeção de queixo.

– Como quiser – ele respondeu. Certamente iria se cansar daquilo em breve. – Tente ter cuidado.

– Terei – ela prometeu solenemente enquanto saltava do pé direito para o esquerdo num movimento fluido.

Muito mais tarde, depois de atravessar a cidade com as filhas e colocá-las em segurança na cama, Sansa com seus sonhos e Arya com seus hematomas, Ned subiu até os próprios aposentos, no topo da Torre da Mão. O dia estivera quente, e o quarto fechado estava abafado. Ned dirigiu-se à janela e abriu as pesadas venezianas a fim de deixar entrar o ar fresco da noite. Do outro lado do Grande Pátio reparou no tremeluzente brilho da luz de velas nas janelas de Mindinho. Já passava bastante da meia-noite. Junto ao rio, as festas estavam apenas começando a murchar e morrer.

Pegou o punhal e o estudou. A arma de Mindinho, que Tyrion Lannister ganhara dele numa aposta de torneio, enviada para matar Bran em seu sono. *Por quê?* Por que queria o anão ver Bran morto? Por que *alguém* ia querer ver Bran morto?

O punhal, a queda de Bran, tudo aquilo estava de algum modo ligado ao assassinato de Jon Arryn, podia senti-lo nas entranhas, mas a verdade sobre a morte de Jon permanecia para ele tão envolta em brumas como quando começara a investigar. Lorde Stannis não voltara a Porto Real para o torneio. Lysa Arryn mantinha-se em silêncio, por trás das muralhas do Ninho da Águia. O escudeiro estava morto e Jory continuava a investigar os prostíbulos. Que tinha ele além do bastardo de Robert?

Ned não tinha dúvida de que o carrancudo aprendiz do armeiro era filho do rei. Os traços dos Baratheon estavam estampados em seu rosto, no queixo, nos olhos, nos cabelos negros. Renly era novo demais para ser pai de um rapaz daquela idade. Stannis, demasiado frio e orgulhoso em sua honra. Gendry tinha de ser de Robert.

Mas, ao saber tudo isso, o que aprendera? O rei tinha outros filhos ilegítimos espalhados pelos Sete Reinos. Tinha reconhecido abertamente um de seus bastardos, um rapaz da idade de Bran, cuja mãe era bem-nascida. O garoto estava sendo criado pelo castelão de Lorde Renly em Ponta Tempestade.

Ned também recordava a primeira criança gerada por Robert, uma filha nascida no Vale quando ainda era pouco mais que um rapaz. Uma doce garotinha; o jovem senhor de Ponta Tempestade a amara perdidamente. Costumava fazer visitas diárias para brincar com o bebê, muito depois de ter perdido interesse pela mãe. Era frequente arrastar Ned para lhe fazer companhia, independentemente de sua vontade. Compreendeu de súbito que a menina devia ter agora dezessete ou dezoito anos; mais velha que Robert era quando ela nascera. Estranho pensamento.

Cersei podia não estar contente com as escapadelas do senhor seu esposo, mas no fim das contas pouco importava se o rei tinha um bastardo ou uma centena. A lei e o costume poucos direitos davam aos filhos ilegítimos. Gendry, a moça no Vale, o garoto em Ponta Tempestade, nenhum deles podia ameaçar os filhos legítimos de Robert…

Suas reflexões foram interrompidas por um suave toque na porta.

– Um homem para vê-lo, senhor – chamou Harwin. – Não quer dizer o nome.

– Mande-o entrar – Ned respondeu, curioso.

O visitante era um homem corpulento com botas molhadas e completamente enlameadas, um pesado manto marrom da ráfia mais grosseira, as feições escondidas por um capuz, as mãos enfiadas em volumosas mangas.

– Quem é você? – Ned perguntou.

– Um amigo – disse o homem encapuzado numa estranha voz. – Temos de conversar a sós, Lorde Stark.

A curiosidade era mais forte que a cautela.

– Harwin, deixe-nos – ordenou. Só depois de estarem a sós, por trás de portas fechadas, é que o visitante tirou o capuz.

– Lorde Varys? – Ned exclamou, estupefato.

– Lorde Stark – disse Varys polidamente enquanto se sentava. – Posso lhe pedir uma bebida?

Ned encheu duas taças de vinho do verão e entregou uma delas a Varys.

– Poderia ter passado por você que nunca o reconheceria – ele disse, incrédulo. Nunca vira o eunuco vestido de outra coisa que não fosse seda, veludo e os mais ricos damascos; e este homem cheirava a suor, não a lilases.

– Era esta a minha maior esperança – Varys respondeu. – Não seria bom se certas pessoas soubessem que conversamos em particular. A rainha o vigia de perto. Este vinho é de primeira escolha. Obrigado.

– Como passou pelos meus guardas? – Ned perguntou. Porther e Cayn tinham sido colocados fora da torre, e Alyn, nas escadas.

– A Fortaleza Vermelha tem caminhos que só são conhecidos por fantasmas e aranhas – Varys sorriu como quem pede perdão. – Não lhe tomarei muito tempo, senhor. Há coisas que precisa saber. É a Mão do Rei, e o rei é um tolo – a voz do eunuco tinha perdido o timbre rico; agora era fina e aguçada como um chicote. – É seu amigo, eu sei, mas apesar disso, um tolo… e está perdido, a menos que o salve. Hoje foi por pouco. Alimentavam a esperança de matá-lo durante a luta corpo a corpo.

Por um momento Ned ficou sem fala, de tão chocado.

– *Quem?*

Varys bebericou o vinho.

– Se realmente preciso lhe dizer isso, então é um tolo ainda maior que Robert, e eu estou do lado errado.

– Os Lannister – Ned falou. – A rainha… não, não acredito nisso, nem mesmo de Cersei. Ela lhe pediu para não lutar!

– Ela o *proibiu* de lutar, na presença do irmão, dos cavaleiros e de metade da corte. Diga-me francamente: conhece alguma maneira mais segura de forçar o Rei Robert a participar do corpo a corpo? É o que lhe pergunto.

Ned tinha uma sensação doentia nas entranhas. O eunuco descobrira uma verdade; dizer a Robert Baratheon que não conseguia, não devia ou não podia fazer uma coisa era o mesmo que lhe ordenar que fizesse.

– Mesmo que ele tivesse lutado, quem se atreveria a atingir o rei?

Varys encolheu os ombros.

– Havia quarenta participantes no corpo a corpo. Os Lannister têm muitos amigos. No meio de todo aquele caos, com cavalos a relinchar, ossos a se partirem e Thoros de Myr a brandir aquela sua absurda espada flamejante, quem poderia falar em assassinato se algum golpe casual caísse sobre Sua Graça? – o eunuco dirigiu-se ao jarro e voltou a encher a taça. – Depois de a coisa feita, o assassino estaria fora de si de desgosto. Quase consigo ouvi-lo chorar. Tão triste. Mas não haveria dúvida de que a amável e compassiva viúva se apiedaria, poria o pobre infeliz em pé e o

abençoaria com um gentil beijo de perdão. O bom Rei Joffrey não teria escolha exceto perdoá-lo – Varys passou a mão no rosto. – Ou talvez Cersei deixasse Sor Ilyn cortar-lhe a cabeça, haveria assim menos riscos para os Lannister, embora fosse uma surpresa bem desagradável para seu pequeno amigo.

Ned sentiu sua ira aumentar.

– Conhecia essa conspiração e, no entanto, não fez nada.

– Eu governo murmuradores, não guerreiros.

– Podia ter vindo falar comigo mais cedo.

– Ah, sim, confesso. E o senhor teria ido correndo falar com o rei, não é verdade? E quando Robert ouvisse dizer que estava em perigo, o que teria feito? Gostaria de saber.

Ned pensou naquilo.

– Teria mandado todos para os sete infernos e lutado de qualquer maneira, para mostrar que não os temia.

Varys abriu as mãos.

– Vou fazer outra confissão, Lorde Eddard. Tinha curiosidade em ver o que o senhor faria. *Por que não veio falar comigo?*, me perguntou, e devo responder: *Ora, porque não confiava no senhor.*

– *Não confiava em mim?* – Ned estava francamente estupefato.

– A Fortaleza Vermelha abriga dois tipos de pessoas, Lorde Eddard – Varys continuou. – Aqueles que são leais ao reino e os que são leais apenas a si mesmos. Até hoje de manhã não sabia dizer a que grupo o senhor pertencia… e por isso esperei para ver… e agora sei com toda certeza – deu um rechonchudo sorrisinho apertado e, por um momento, seu rosto privado e sua máscara pública foram iguais. – Começo a compreender por que a rainha o teme tanto. Ah, sim, como começo.

– Quem ela deve temer é você – disse Ned.

– Não. Eu sou aquilo que sou. O rei utiliza-me, mas isso o envergonha. Nosso Robert é guerreiro muito poderoso, e um homem tão viril pouca amizade sente por denunciantes, espiões e eunucos. Se chegar o dia em que Cersei sussurre “Mate aquele homem”, Ilyn Payne me cortará a cabeça num piscar de olhos. E quem faria então luto pelo pobre Varys? Seja no Norte, seja no Sul, não se cantam canções sobre aranhas – estendeu uma mão suave e tocou em Ned. – Mas o senhor, Lorde Stark…

penso… não, *sei*… ele não o mataria, nem mesmo por sua rainha, e pode residir aí a nossa salvação.

Aquilo tudo era demais. Por um momento, Eddard Stark nada mais desejou que voltar a Winterfell, à simplicidade limpa do Norte, onde os inimigos eram o inverno e os selvagens do lado de lá da Muralha.

– Certamente Robert tem outros amigos leais – protestou. – Os irmãos, a…

– … mulher? – terminou Varys, com um sorriso cortante. – Os irmãos odeiam os Lannister, é certo, mas odiar a rainha e amar o rei não são bem a mesma coisa, não é? Sor Barristan ama a sua honra, o Grande Meistre Pycelle ama o seu cargo, e Mindinho ama Mindinho.

– A Guarda Real…

– Um escudo de papel – disse o eunuco. – *Procure* não parecer tão chocado, Lorde Stark. O próprio Jaime Lannister é um Irmão Juramentado das Espadas Brancas, e todos sabemos o que os votos *dele* valem. Os dias em que homens como Ryam Redwyne e Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, usavam o manto branco estão perdidos na poeira e nas canções. Daqueles sete, só Sor Barristan Selmy é feito do aço verdadeiro, e Selmy é *velho*. Sor Boros e Sor Meryn são criaturas da rainha até os ossos, e tenho profundas suspeitas sobre os outros. Não, senhor, quando as espadas forem realmente desembainhadas, será o único amigo verdadeiro que Robert Baratheon terá.

– Robert tem de ser informado – disse Ned. – Se o que diz for verdade, e ainda que apenas parte do que diz for verdade, então o próprio rei terá de ouvir.

– E que provas lhe apresentaremos? As minhas palavras contra as deles? Os meus passarinhos contra a rainha e o Regicida, contra os irmãos e o conselho do rei, contra os Guardiães do Leste e do Oeste, contra todo o poderio de Rochedo Casterly? Rogo-lhe, mande buscar diretamente Sor Ilyn, pois nos poupará tempo. Sei onde termina essa estrada.

– Mas se o que diz for verdade, eles se limitarão a esperar seu tempo e farão outra tentativa.

– Certamente farão – Varys confirmou. – E temo que o façam mais cedo que tarde. O senhor os está deixando muito ansiosos, Lorde Eddard. Mas meus passarinhos estarão à escuta, e em conjunto, o senhor e eu,

talvez sejamos capazes de nos adiantarmos a eles – pôs-se em pé e puxou o capuz até voltar a esconder o rosto. – Agradeço-lhe o vinho. Voltaremos a conversar. Quando voltar a me ver no conselho, assegure-se de me tratar com o desprezo habitual. Não deverá achar difícil.

O eunuco já se encontrava junto à porta quando Ned o chamou:

– *Varys* – o homem encapuzado virou-se. – Como morreu Jon Arryn?

– Perguntava a mim mesmo quando chegaria a esse assunto.

– Diga-me.

– Chamam-lhe lágrimas de Lys. Coisa rara e dispendiosa, límpida e doce como a água, e não deixa rastro nenhum. Supliquei a Lorde Arryn que usasse um provador, foi nesta mesma sala que lhe supliquei, mas ele não queria ouvir falar do assunto. Só alguém que fosse menos que um homem podia sequer pensar em tal coisa, ele me disse.

Ned tinha de saber o resto.

– Quem lhe deu o veneno?

– Algum amigo querido, sem dúvida, alguém que partilhasse com frequência comida e bebida com ele. Ah, mas qual? Havia muitos assim. Lorde Arryn era um homem bondoso e confiante – o eunuco suspirou. – Mas havia um rapaz. Tudo que era devia a Jon Arryn, mas quando a viúva fugiu para o Ninho da Águia com os seus, ficou em Porto Real e prosperou. Alegra-me sempre o coração ver os jovens subir neste mundo – o chicote estava de novo em sua voz; cada palavra era uma chicotada. – Deve ter feito uma figura galante no torneio, em sua brilhante armadura nova, com aqueles crescentes no manto. Uma pena que tenha morrido tão intempestivamente, antes que o senhor tivesse a oportunidade de falar com ele…

Ned sentiu-se quase como se ele mesmo tivesse sido envenenado.

– O escudeiro – ele exclamou. – Sor Hugh – os mecanismos começaram a girar. A cabeça de Ned latejava. – Por quê? Por quê agora? Jon Arryn foi Mão durante catorze anos. Que andava fazendo ele para que tivessem de matá-lo?

– Andava fazendo perguntas – respondeu Varys, esgueirando-se porta afora.

# Tyrion

Em pé, no frio de antes da alvorada, observando Chiggen, que matava seu cavalo, Tyrion Lannister tomou nota de mais uma dívida para os Stark. Viu-se um vapor subir de dentro da carcaça quando o mercenário acocorado abriu a barriga com sua faca de esfolar. Movia as mãos com habilidade, sem desperdiçar um único golpe; o trabalho tinha de ser feito rapidamente, antes que o fedor do sangue trouxesse gatos-das-sombras das colinas.

– Nenhum de nós passará fome esta noite – disse Bronn. Ele mesmo era quase uma sombra; magro e duro como um osso, com olhos e cabelos negros e barba por fazer.

– Alguns de nós talvez passem – disse-lhe Tyrion. – Não me agrada comer cavalo. Especialmente o *meu* cavalo.

– Carne é carne – disse Bronn, encolhendo os ombros. – Os dothrakis gostam mais de cavalo que de vaca ou porco.

– Toma-me por um dothraki? – perguntou Tyrion em tom irritado. Os dothrakis comiam cavalo, era verdade; também deixavam crianças deformadas para os cães selvagens que corriam atrás de seus *khalasares*. Pouco apreço sentia pelos costumes dothrakis.

Chiggen cortou uma fina fatia de carne sangrenta da carcaça e ergueu-a para inspeção.

– Quer provar, anão?

– Meu irmão Jaime me deu essa égua pelo vigésimo terceiro dia do meu nome – Tyrion respondeu numa voz despida de emoção.

– Então, agradeça-lhe em nosso nome. Se voltar a vê-lo – Chiggen deu um sorriso, mostrando dentes amarelos, e engoliu a carne crua em duas dentadas. – Tem sabor de égua de boa criação.

– É melhor fritá-la com cebolas – interveio Bronn.

Sem uma palavra, Tyrion afastou-se coxeando. O frio instalara-se profundamente em seus ossos, e tinha as pernas tão doloridas que quase

não conseguia andar. Talvez a égua morta fosse quem tinha mais sorte. *Ele* tinha perante si mais horas a cavalo, seguidas por um pouco de comida e um curto sono frio sobre solo duro, e depois outra noite igual, e outra, e outra, e só os deuses sabiam quando aquilo terminaria.

– Maldita seja – resmungou enquanto lutava para avançar pela estrada a fim de se juntar aos seus captores, remoendo recordações –, maldita seja ela e todos os Stark.

A memória ainda lhe era amarga. Num momento encomendava o jantar, e um piscar de olhos mais tarde defrontava uma sala cheia de homens armados, com Jyck levando a mão à espada e a estalajadeira gorda guinchando:

– Espadas, não, *aqui*, não, por favor, senhores.

Tyrion torcera o braço de Jyck, apressado, antes que o outro fizesse com que fossem ambos transformados em carne picada.

– Onde estão as suas maneiras, Jyck? Nossa boa anfitriã disse que espadas, não. Faça o que ela pede – forçara um sorriso que devia ter parecido tão nauseado como o sentia. – Está cometendo um triste erro, Senhora Stark. Não desempenhei nenhum papel em nenhum ataque ao seu filho. Pela minha honra…

– Honra Lannister – foi tudo que ela disse. Ergueu as mãos para que toda a sala as visse. – Seu punhal deixou estas cicatrizes. A lâmina que ele enviou para abrir a garganta do meu filho.

Tyrion sentira a fúria em volta de si, espessa e fumacenta, alimentada pelos profundos golpes nas mãos da mulher Stark. “Matem-no”, sibilara do fundo da sala uma desmazelada bêbada qualquer, e outras vozes começaram a repetir a palavra mais depressa que ele julgaria possível. Todos eles estranhos, amigáveis até um momento antes, e agora gritavam por seu sangue como cães de caça perseguindo uma presa.

Tyrion falara em voz alta, tentando mantê-la firme.

– Se a Senhora Stark acredita que tenho de responder por algum crime, então a acompanharei e responderei por ele.

Era a única atitude possível. Tentar sair daquilo na base da espada era um convite seguro para uma sepultura antecipada. Uma boa dúzia de espadas tinha respondido ao apelo da Stark por ajuda: os homens de Harrenhal, os três Bracken, um par de fétidos mercenários que pareciam poder matá-lo com a mesma facilidade com que cuspiriam no chão, e

alguns estúpidos camponeses que sem dúvida não tinham a mínima ideia do que estavam fazendo. Contra aquilo, que tinha Tyrion? Um punhal no cinto e dois homens. Jyck brandia uma espada suficientemente bem, mas Morrec pouco contava, era em parte cavalariço, em parte cozinheiro, em parte criado de quarto e em nenhuma parte soldado. Quanto a Yoren, fossem quais fossem seus sentimentos, os irmãos negros tinham jurado não participar nas querelas do reino. Yoren nada faria.

E, de fato, o irmão negro afastara-se em silêncio quando o idoso cavaleiro ao lado de Catelyn Stark dissera:

– Tomem-lhes as armas – e o mercenário Bronn avançara para arrancar a espada dos dedos de Jyck e aliviar todos de seus punhais. – Muito bem – dissera o velho, enquanto a tensão na sala comum refluía de modo palpável –, excelente. – Tyrion reconhecera então aquela voz rude; o mestre de armas de Winterfell, de barbas raspadas.

Gotas de saliva tingidas de escarlate voaram da boca da estalajadeira gorda quando ela suplicou a Catelyn Stark:

– Não o mate aqui!

– Não o mate em lugar nenhum – exortara Tyrion.

– Leve-o para qualquer outro lugar, sangue aqui, não, senhora, não quero confusões de fidalgos aqui.

– Vamos levá-lo de volta a Winterfell – Cat dissera, e Tyrion pensou: *Bem, talvez…* Àquela altura, já tivera um momento para passar os olhos pela sala e obter uma ideia melhor da situação. E não tinha ficado totalmente descontente com o que vira. Ah, a Stark tinha sido inteligente, sem sombra de dúvida. Forçá-los a fazer uma afirmação pública dos votos jurados ao pai pelos senhores que serviam e então lhes pedir socorro e, sendo ela uma mulher, sim, essa parte era um docinho. Mas o sucesso não tinha sido tão completo como poderia desejar. Havia perto de cinquenta homens na sala comum, segundo sua contagem aproximada. O apelo de Catelyn Stark tinha reunido uma simples dúzia; os outros pareciam confusos, ou assustados, ou carrancudos. Só dois dos Frey tinham se agitado, notara Tyrion, e sentado assim que viram que o capitão não se movia. Poderia ter sorrido, se se atrevesse a tanto.

– Seja então Winterfell – ele disse, e não sorriu. Era uma longa viagem, como podia atestar perfeitamente, tendo acabado de percorrer o caminho inverso. Muitas coisas podiam acontecer ao longo do caminho.

– Meu pai vai querer saber o que me aconteceu – acrescentou, olhando nos olhos o homem de armas que se oferecera para lhe ceder o quarto. – Pagará uma boa recompensa a qualquer homem que lhe leve notícias do que aconteceu hoje aqui – Lorde Tywin não faria nada disso, claro, mas Tyrion o compensaria se ganhasse a liberdade.

Sor Rodrik olhara de relance para sua senhora, um olhar preocupado, como devia ser.

– Seus homens vêm com ele – anunciou o velho cavaleiro. – E agradeceremos a todos aqui se ficarem em silêncio quanto ao que viram aqui.

Tyrion fez tudo que pôde para não rir. *Silêncio?* Velho tonto. A menos que capturasse a estalagem inteira, a notícia começaria a se espalhar no instante em que dali saíssem. O cavaleiro livre com a moeda de ouro no bolso voaria como uma flecha para Rochedo Casterly. Se não fosse ele, então qualquer outro o faria. Yoren levaria a história para o Sul. Aquele estúpido cantor poderia fazer daquilo um lai. Os Frey fariam um relatório ao seu senhor, e só os deuses sabiam o que este faria. Lorde Walder Frey podia ser vassalo de Correrrio, mas era um homem cauteloso que vivera muito tempo por assegurar-se de estar sempre ao lado dos vencedores. No mínimo, enviaria suas aves para o sul até Porto Real, e poderia bem atrever-se a mais.

Catelyn Stark não perdera tempo.

– Devemos partir imediatamente. Vamos querer montarias descansadas e provisões para a estrada. Quanto aos senhores, saibam que têm a eterna gratidão da Casa Stark. Se algum dos senhores quiser nos ajudar a guardar os cativos e levá-los em segurança até Winterfell, prometo que serão bem recompensados – e foi o suficiente, os tontos atiraram-se à frente. Tyrion estudou-lhes os rostos; seriam de fato bem recompensados, jurara a si mesmo, mas talvez não propriamente do modo que imaginavam.

Mas, mesmo enquanto o empurravam para fora, selando os cavalos na chuva e atando-lhe as mãos com uma corda grossa, Tyrion Lannister não estava realmente com medo. Poderia ter apostado que não conseguiriam levá-lo até Winterfell. Haveria cavaleiros no seu encalço em menos de um dia, aves levantariam voo, e certamente um dos senhores do rio teria suficiente vontade de ganhar os favores de seu pai para dar uma ajuda.

Tyrion congratulava-se por sua sutileza quando alguém lhe puxara um capuz sobre os olhos e o subira para uma sela.

Tinham partido em meio à chuva num duro galope, e não demorou muito até que as coxas de Tyrion ficassem rígidas e doídas e seu traseiro latejasse de dor. Mesmo depois de estarem suficientemente afastados da estalagem para se sentirem em segurança, e de Catelyn ter abrandado a marcha até um trote, foi uma miserável viagem por terreno irregular, piorada por sua cegueira. Cada curva o deixava a ponto de cair do cavalo. O capuz abafava os sons, e não conseguia distinguir o que era dito à sua volta, e a chuva encharcava o tecido, que lhe grudava no rosto, até que mesmo respirar se tornara uma luta. A corda deixara seus pulsos em carne viva, e parecia ficar mais apertada à medida que a noite avançava. *Preparava-me para me instalar diante de um fogo quente e uma ave assada, mas aquele maldito cantor tinha de abrir a boca*, pensava tristemente. O maldito cantor viera com eles.

– Há uma grande canção por fazer a partir disto, e eu sou aquele que a fará – dissera a Catelyn Stark quando anunciara sua intenção de viajar para o Norte com eles para ver como se desenrolaria a "esplêndida aventura".

Tyrion gostaria de saber se o rapaz acharia a aventura assim tão esplêndida quando os cavaleiros dos Lannister os apanhassem.

A chuva tinha finalmente parado e a luz da alvorada já se infiltrava através do pano molhado que tinha sobre os olhos quando Catelyn Stark deu ordem para desmontar. Mãos rudes o tiraram do cavalo, desataram-lhe os pulsos e arrancaram-lhe o capuz da cabeça. Quando Tyrion viu a estreita estrada pedregosa, os sopés das colinas que se erguiam altas e selvagens por toda volta, e os picos escarpados e cobertos de neve no horizonte longínquo, toda a sua esperança se evaporou num instante.

– Esta é a estrada de altitude – arquejara, olhando para a Senhora Stark com olhos acusadores. – A estrada do *leste*. A senhora disse que nos dirigíamos para Winterfell!

Catelyn Stark concedeu-lhe o mais tênue dos sorrisos.

– Em alto e bom som – ela concordou. – Não há dúvida de que seus amigos seguirão esse caminho quando vierem em nosso encalço. Desejo-lhes boa viagem.

Mesmo agora, muitos dias mais tarde, a recordação o enchia de amarga raiva. Por toda a vida Tyrion se orgulhara de sua astúcia, o único presente que os deuses tinham se dignado a conceder-lhe e, no entanto, aquela sete vezes maldita loba Catelyn Stark o sobrepujara durante todo o tempo. Saber aquilo era mais humilhante do que o simples fato de ter sido raptado.

Pararam apenas tempo suficiente para alimentar e dar de beber aos cavalos, e puseram-se imediatamente a caminho. Daquela vez, Tyrion foi poupado do capuz. Após a segunda noite, deixaram de atar-lhe as mãos, e uma vez chegados às alturas, já pouco se preocupavam em guardá-lo. Pareciam não temer que fugisse. E por que haveriam de temer? Ali a terra era dura e selvagem, e a estrada de altitude pouco passava de uma trilha pedregosa. Se fugisse, até onde chegaria, sozinho e sem provisões? Os gatos-das-sombras o veriam como uma guloseima, e os clãs que habitavam os baluartes da montanha eram salteadores e assassinos que não se dobravam a nenhuma lei além da da espada.

Mas, apesar disso, a Stark os fez avançar de forma implacável. Sabia para onde se dirigiam. Soubera desde o momento em que lhe tinham arrancado o capuz. Aquelas montanhas eram o domínio da Casa Arryn, e a viúva da falecida Mão era uma Tully, irmã de Catelyn Stark… e nada amiga dos Lannister. Tyrion conhecera vagamente a Senhora Lysa durante os anos que ela passara em Porto Real, e não se sentia ansioso por reatar o convívio.

Seus captores aglomeravam-se em torno de um riacho um pouco mais à frente. Os cavalos tinham se enchido da água fria como gelo e pastavam feixes de mato marrom que crescia em fendas na rocha. Jyck e Morrec estavam muito juntos, carrancudos e infelizes. Mohor erguia-se sobre eles, apoiado na lança e usando um capacete de ferro arredondado que fazia com que parecesse ter uma tigela na cabeça. Perto deles, Marillion, o cantor, estava sentado oleando sua harpa, queixando-se do que a umidade estava fazendo às cordas do instrumento.

– Temos de descansar um pouco, senhora – o pequeno cavaleiro Sor Willis Wode dizia a Catelyn Stark quando Tyrion se aproximou.

Era o homem da Senhora Whent, obstinado e imperturbável, e o primeiro a saltar em socorro de Catelyn Stark na pousada.

– Sor Willis diz a verdade, minha senhora – disse Sor Rodrik. – Este foi o terceiro cavalo que perdemos…

– Perderemos mais que cavalos se formos alcançados pelos Lannister – ela os lembrou. Tinha o rosto queimado pelo vento e descarnado, mas não perdera nada de sua determinação.

– Há poucas chances de isso acontecer aqui – Tyrion interveio.

– A senhora não pediu sua opinião, anão – exclamou Kurleket, um grande idiota gordo, de cabelos curtos e cara de porco. Era um dos Bracken, um homem de armas a serviço de Lorde Jonos. Tyrion tinha feito um esforço especial para aprender o nome de todos, a fim de lhes agradecer mais tarde pelo terno modo como o tratavam. Um Lannister sempre pagava suas dívidas. Kurleket saberia disso um dia, assim como os amigos Lharys e Mohor, o bom Sor Willis e os mercenários Bronn e Chiggen. Planejava uma lição especialmente severa para Marillion, o da harpa e da bela voz de tenor, que lutava tão virilmente por arranjar rimas para *duende, coxo* e *manco*, a fim de poder criar uma canção sobre o seu ultraje.

– Deixe-o falar – a Senhora Stark ordenou.

Tyrion Lannister sentou-se numa rocha.

– A essa altura nossos perseguidores estão provavelmente avançando pelo Gargalo, perseguindo sua mentira ao longo da estrada do rei… assumindo que *existe* uma perseguição, o que não é de todo certo. Ah, não há dúvida de que a notícia chegou ao meu pai… mas ele não me estima tanto assim, e não estou nada convencido de que tenha se incomodado em agir – era apenas meia mentira; Lorde Tywin Lannister não se importava nem um pouco com o filho deformado, mas não tolerava desrespeitos à honra de sua Casa. – Estamos numa terra cruel, Senhora Stark. Não encontrará socorro até chegar ao Vale, e cada montaria perdida sobrecarrega ainda mais as restantes. Pior, arrisca-se perder a *mim*. Sou pequeno, não sou forte e, se morrer, qual é o objetivo de tudo isto? – aquilo não era mentira nenhuma; Tyrion não sabia quanto tempo mais conseguiria suportar aquele ritmo.

– Pode-se argumentar que a sua morte *é* o objetivo, Lannister – respondeu Catelyn Stark.

– Penso que não. Se me quisesse morto, bastaria dizer uma palavra, e um desses seus leais amigos de bom grado me daria um sorriso vermelho

– olhou para Kurleket, mas o homem era obtuso demais para saborear a ironia.

– Os Stark não assassinam ninguém em suas camas.

– Nem eu – Tyrion retrucou. – Repito-lhe: não participei da tentativa de matar o seu filho.

– O assassino estava armado com o seu punhal.

Tyrion sentiu o calor subir em seu interior.

– O punhal não era meu – insistiu. – Quantas vezes tenho de jurar? Senhora Stark, seja o que for que pense a meu respeito, saiba que não sou um homem estúpido. Só um idiota armaria um simples peão com a própria arma.

Apenas por um momento pensou ver uma cintilação de dúvida nos olhos dela, mas Catelyn disse:

– Por que haveria Petyr de mentir para mim?

– Por que é que um urso caga na floresta? – ele quis saber. – Porque é esta a sua natureza. Para um homem como Mindinho, mentir é tão natural como respirar. Se há alguém neste mundo que devia saber isso, *é a senhora*.

Ela deu um passo em sua direção, com o rosto fechado.

– E o que isso quer dizer, Lannister?

Tyrion inclinou a cabeça para o lado.

– Ora, todos os homens na corte ouviram-no contar como tirou sua virgindade, minha senhora.

– *Isso é uma mentira!* – Catelyn Stark retrucou.

– Ah, que duendezinho malvado – disse Marillion, chocado.

Kurleket desembainhou seu punhal, uma perigosa peça de ferro negro.

– A uma palavra, senhora, atirarei a seus pés aquela língua mentirosa – seus olhos de porco estavam úmidos de excitação perante a ideia.

Catelyn Stark observou fixamente Tyrion, com um olhar frio como ele nunca vira.

– Petyr Baelish amou-me em tempos passados. Era apenas um garoto. Sua paixão foi uma tragédia para todos nós, mas foi real, e pura, e nada de que se deva zombar. Desejava minha mão. É esta a verdade. É realmente um homem vil, Lannister.

– A senhora é realmente uma tola, Senhora Stark. Mindinho nunca amou ninguém a não ser Mindinho, e garanto que não é da sua *mão* que

ele se gaba, é sim desses seus maduros seios, da sua doce boca e do calor que tem entre as pernas.

Kurleket agarrou-lhe numa madeixa de cabelo e puxou com força sua cabeça para trás, expondo-lhe a garganta. Tyrion sentiu o frio beijo do aço sob o queixo.

– Devo sangrá-lo, senhora?

– Mate-me, e a verdade morre comigo – Tyrion arquejou.

– Deixe-o falar – Catelyn Stark ordenou.

Kurleket largou com relutância os cabelos de Tyrion.

Tyrion inspirou profundamente.

– Como foi que Mindinho lhe disse que obtive esse seu punhal? Responda-me isso.

– Disse que você o ganhou numa aposta, durante o torneio no dia do nome de Príncipe Joffrey.

– Quando meu irmão Jaime foi derrubado pelo Cavaleiro das Flores. Foi essa a sua história, não?

– Foi – ela admitiu. E uma ruga surgiu em sua testa.

– *Cavaleiros!*

O grito veio da cumeada esculpida pelo vento que se erguia acima deles. Sor Rodrik mandara Lharys escalar a face da rocha para vigiar a estrada enquanto descansavam.

Durante um longo segundo, ninguém se moveu. Catelyn Stark foi a primeira a reagir.

– Sor Rodrik, Sor Willis, a cavalo – gritou. – Ponham as outras montarias atrás de nós. Mohor, guarde os prisioneiros…

– Armem-nos! – Tyrion pôs-se em pé de um salto e a agarrou pelo braço. – Irá precisar de todas as espadas.

Ela sabia que ele tinha razão, Tyrion conseguia ver isso em sua expressão. Os clãs da montanha não tinham o menor interesse pelas inimizades das grandes Casas; matariam Stark e Lannister com igual fervor, idêntico ao que tinham para matar uns aos outros. Poderiam poupar a própria Catelyn, era ainda suficientemente jovem para gerar filhos. Mas, mesmo assim, ela hesitou.

– *Estou ouvindo-os!* – gritou Sor Rodrik. Tyrion virou a cabeça para escutar e lá estavam, sons de cascos, uma dúzia de cavalos ou mais,

aproximando-se. De repente, todos se mexiam, pegando as armas, correndo para os cavalos.

Pedrinhas caíram neles quando Lharys desceu o declive, aos saltos e às escorregadelas. Parou sem fôlego diante de Catelyn Stark, um homem de ar desajeitado com desordenados tufos de cabelo cor de ferrugem por baixo de um capacete cônico de aço.

– Vinte homens, talvez vinte e cinco – ele disse, sem fôlego. – Serpentes de Leite ou Irmãos da Lua, parece-me. Devem ter olhos nas montanhas, senhora… vigias ocultos… sabem que estamos aqui.

Sor Rodrik Cassel já estava montado, de espada na mão. Mohor agachou-se por trás de um pedregulho, agarrado com ambas as mãos à sua lança de ponta de ferro, um punhal entre os dentes.

– Você, cantor – chamou Sor Willis Wode. – Ajude-me com este peitoral – Marillion estava sentado, imóvel, agarrado com força à sua harpa, com o rosto pálido como leite, mas o homem de Tyrion, Morrec, pôs-se em pé de um pulo e foi ajudar o cavaleiro a vestir a armadura.

Tyrion manteve a mão agarrada a Catelyn Stark.

– Não tem escolha – disse-lhe. – Somos três, e mais um homem desperdiçado para nos vigiar… quatro homens podem fazer a diferença entre a vida e a morte aqui em cima.

– Dê-me sua palavra de que voltará a baixar as armas quando a luta acabar.

– A minha palavra? – podia-se agora ouvir as batidas dos cascos mais alto. Tyrion deu um sorriso torto. – Ah, tem minha palavra, minha senhora… sobre a minha honra como Lannister.

Por um momento ele pensou que ela cuspiria na sua cara, mas em vez disso ela exclamou:

– Deem-lhes armas – e no mesmo momento afastou-se. Sor Rodrik atirou a Jyck sua espada embainhada e rodopiou para enfrentar o inimigo. Morrec tratou de se armar com um arco e uma aljava, e caiu sobre um joelho junto à estrada. Era melhor arqueiro que espadachim. E Bronn veio a cavalo oferecer a Tyrion um machado de lâmina dupla.

– Nunca lutei com um machado – a arma em suas mãos parecia desajeitada e pouco familiar. Tinha um cabo curto, uma cabeça pesada e no topo uma haste pontiaguda de aspecto perigoso.

– Faça de conta que está partindo lenha – disse Bronn, puxando a espada da bainha que trazia amarrada às costas. Cuspiu e trotou para juntar-se à formação esboçada por Chiggen e Sor Rodrik. Sor Willis montou e também foi juntar-se a eles, enquanto se atrapalhava com o capacete, um vaso de metal com uma estreita fenda para os olhos e uma longa pluma negra de seda.

– A lenha não sangra – disse Tyrion para ninguém em especial. Sentia-se nu sem uma armadura. Olhou em volta à procura de uma rocha e correu para onde Marillion se escondia. – Dê-me lugar.

– Sai daqui! – respondeu-lhe o rapaz aos gritos. – Sou um cantor, não quero participar desta luta!

– O quê? Perdeu o gosto pela aventura? – Tyrion começou a dar pontapés no jovem até que ele cedeu um lugar, e não sem tempo. Um instante depois os cavaleiros caíam sobre eles.

Não houve arautos, nem estandartes, nem cornos ou tambores, apenas o ressoar das cordas dos arcos quando Morrec e Lharys dispararam, e repentinamente os homens dos clãs vieram trovejando pela madrugada, esguios e escuros, vestidos de couro fervido e armaduras feitas com partes de outras armaduras, os rostos escondidos por trás de meios-elmos fechados. Mãos enluvadas empunhavam uma grande variedade de armas: espadas longas, lanças e foices afiadas, clavas, punhais e pesados malhos de ferro. À frente vinha um homem grande com um manto listrado de pele de gato-das-sombras, armado com uma grande espada de duas mãos.

Sor Rodrik gritou *"Winterfell!"*, e avançou ao seu encontro com Bronn e Chiggen a seu lado, soltando um grito qualquer de batalha. Sor Willis Wode os seguiu, brandindo uma clava por cima da cabeça. "Harrenhal! Harrenhal!", cantava. Tyrion sentiu um súbito impulso de saltar, brandir o machado e trovejar "Rochedo Casterly!", mas aquela insanidade passou rapidamente, e ele se agachou mais.

Ouviu os relinchos de cavalos assustados e o estrondo de metal batendo em metal. A espada de Chiggen varreu o rosto descoberto de um cavaleiro em cota de malha, e Bronn mergulhou através dos homens dos clãs como um pé de vento, ferindo inimigos à esquerda e à direita. Sor Rodrik atacava o homem grande de manto de pele de gato-das-sombras, e seus cavalos dançavam em círculos enquanto os homens respondiam um ao outro, golpe a golpe. Jyck saltou para um cavalo e galopou em pelo

para o meio da batalha. Tyrion viu uma flecha projetar-se do pescoço do homem do manto de pele de gato-das-sombras. Quando abriu a boca para gritar, só viu sangue saindo dela. No instante em que caiu ao chão, Sor Rodrik já lutava com outro homem.

Subitamente, Marillion guinchou, cobrindo a cabeça com a harpa, enquanto um cavalo saltava por cima da rocha que os protegia. Tyrion pôs-se em pé com dificuldade no momento em que o cavaleiro dava meia-volta para atacá-los, erguendo um malho com várias hastes pontiagudas. Tyrion volteou o machado com ambas as mãos. A lâmina, dirigida para cima, apanhou o cavalo na garganta com um *tunc* úmido, e Tyrion quase largou a arma quando o cavalo guinchou e caiu, mas conseguiu libertar o machado e cambaleou desajeitadamente para fora de seu caminho. Marillion teve menos sorte. Cavalo e cavaleiro despencaram no chão, num emaranhado de membros por cima do cantor. Tyrion avançou enquanto a perna do salteador ainda se encontrava presa sob o cavalo caído e enterrou o machado no pescoço do homem, logo acima das omoplatas.

Enquanto lutava para libertar o machado, ouviu Marillion gemer sob os corpos.

– Alguém me ajude – o cantor arquejou. – Que os deuses tenham piedade de mim, estou *sangrando*.

– Creio que é sangue de cavalo – disse Tyrion. A mão do cantor arrastou-se por sob o animal morto, arranhando a terra como uma aranha de cinco pernas. Tyrion calcou os dedos com o salto da bota e sentiu um estalido satisfatório. – Feche os olhos e finja que está morto – aconselhou ao cantor antes de erguer o machado e se afastar.

Depois daquilo, aconteceu tudo ao mesmo tempo. A madrugada encheu-se de gritos e berros, o ar ficou pesado com o cheiro de sangue e o mundo transformou-se em caos. Flechas voaram silvando junto à sua orelha e ricochetearam nas rochas. Viu Bronn derrubado do cavalo, lutando com uma espada em cada mão. Tyrion manteve-se ao largo da luta, deslizando de rochedo em rochedo e saltando das sombras para atingir as pernas dos cavalos que passavam. Encontrou um homem dos clãs ferido e o deixou morto, apropriando-se do seu meio-elmo. Estava muito apertado, mas Tyrion sentia-se grato por qualquer proteção que encontrasse. Jyck foi atingido por trás no momento em que abatia um

homem à sua frente, e mais tarde Tyrion tropeçou no corpo de Kurleket. A cara de porco tinha sido esmagada por uma maça, mas Tyrion reconheceu o punhal ao arrancá-lo dos dedos mortos do homem. Estava enfiando-o no cinto quando ouviu um grito de mulher.

Catelyn Stark estava encurralada contra a superfície de pedra da montanha, cercada por três homens, um ainda montado. Segurava desajeitadamente um punhal com as mãos mutiladas, mas tinha agora as costas apoiadas contra a rocha e estava cercada pelos três lados restantes. *Que fiquem com a cadela*, pensou Tyrion, *e que façam bom proveito*, mas, apesar disso, avançou. Apanhou o primeiro homem pela parte de trás do joelho antes que eles percebessem que se encontrava ali, e a pesada cabeça do machado rompeu carne e osso como madeira podre. *Lenha que sangra*, pensou Tyrion estupidamente enquanto o segundo homem se aproximava. Tyrion esquivou-se sob sua espada, brandiu o machado, o homem cambaleou para trás… e Catelyn Stark surgiu pelas suas costas e abriu-lhe a garganta. O cavaleiro lembrou-se de um compromisso urgente em outro lugar, e afastou-se rapidamente a galope.

Tyrion olhou em volta. Os inimigos estavam vencidos, ou desaparecidos. De algum modo, a luta terminara sem que ele percebesse. Cavalos moribundos e homens feridos jaziam por toda parte, gritando ou gemendo. Para seu grande espanto, não era um deles. Abriu os dedos e deixou cair o machado ao chão com um *tunc*. Tinha as mãos pegajosas de sangue. Podia jurar que a luta tinha durado metade de um dia, mas o Sol parecia quase não se ter movido.

– Sua primeira batalha? – mais tarde Bronn perguntou, enquanto se inclinava sobre o corpo de Jyck, descalçando-lhe as botas. Eram boas botas, como era próprio de um dos homens de Lorde Tywin; couro pesado, untado e flexível, muito melhores que as de Bronn.

Tyrion confirmou com a cabeça.

– Meu pai ficará orgulhosíssimo – ele disse. Tinha tantas cãibras nas pernas que mal conseguia se manter em pé. Estranho, durante a batalha não reparara na dor uma única vez.

– Agora você precisa de uma mulher – disse Bronn com uma cintilação nos olhos negros, enfiando as botas no alforje. – Não há nada como uma mulher depois de matar um homem, acredite no que lhe digo.

Chiggen parou de saquear os cadáveres dos salteadores apenas tempo suficiente para resfolegar e lamber os lábios.

Tyrion olhou de relance para onde a Senhora Stark se encontrava cobrindo as feridas de Sor Rodrik.

– Estou disposto, se ela estiver – Tyrion disse. Os cavaleiros livres arrebentaram em gargalhadas; ele sorriu e pensou: *É um começo*.

Mais tarde, ajoelhou-se junto ao córrego e lavou o sangue do rosto em água fria como gelo. Enquanto coxeava de volta para junto dos outros, olhou novamente para os mortos. Os homens dos clãs eram magros e esfarrapados, seus cavalos, descarnados e pequenos demais, com todas as costelas à mostra. As armas que Bronn e Chiggen lhes tinham deixado não eram nada impressionantes. Malhos, clavas, uma *foice*… Lembrou-se do homem grande com o manto de pele de gato-das-sombras que combatera Sor Rodrik com uma grande espada de duas mãos, mas, quando encontrou seu cadáver esparramado no chão pedregoso, o homem afinal não era assim tão grande, seu manto tinha desaparecido, e Tyrion reparou que a lâmina estava cheia de entalhes e o aço barato, pintalgado de ferrugem. Pouco admirava que os homens dos clãs tivessem deixado nove corpos sem vida no chão.

Eles tinham apenas três mortos: dois dos homens de armas de Lorde Bracken, Kurleket e Mohor, e seu homem, Jyck, que tão ousado se mostrara com sua cavalgada em pelo. *Um tolo até o fim*, pensou Tyrion.

– Senhora Stark, insisto para que prossigamos a toda velocidade – disse Sor Willis Wode, com os olhos perscrutando cautelosamente o cume das colinas através da fenda do elmo. – Nós os afastamos por ora, mas não devem estar muito longe.

– Temos de enterrar nossos mortos, Sor Willis – ela disse. – Estes eram homens corajosos. Não os deixarei para os corvos e os gatos-das-sombras.

– Este solo é pedregoso demais para cavar – Sor Willis respondeu.

– Então juntaremos pedras para cobri-los.

– Juntem todas as pedras que quiserem – disse-lhe Bronn –, mas o farão sem mim e Chiggen. Tenho coisa melhor para fazer que empilhar pedras em cima de mortos… Respirar, por exemplo – olhou para os demais sobreviventes. – Aqueles que quiserem estar vivos ao cair da noite, venham conosco.

– Minha senhora, temo que ele esteja certo – Sor Rodrik disse com cautela. O velho cavaleiro fora ferido na luta, um golpe profundo no braço esquerdo e outro de lança que lhe resvalara o pescoço, e sua voz mostrava o peso da idade. – Se ficarmos aqui, cairão de novo sobre nós com toda certeza, e podemos não sobreviver a um segundo ataque.

Tyrion via a ira no rosto de Catelyn, mas a mulher não tinha escolha.

– Então, que os deuses nos perdoem. Partiremos de imediato.

Agora não faltavam cavalos. Tyrion mudou a sela para o castrado malhado de Jyck, que parecia suficientemente forte para durar mais três ou quatro dias pelo menos. Preparava-se para montar quando Lharys avançou e lhe disse:

– Agora eu fico com este punhal, anão.

– Deixe-o ficar com ele – Catelyn Stark os olhava de cima do cavalo. – E devolva-lhe também o machado. Podemos vir a precisar dele se voltarmos a ser atacados.

– Tem os meus agradecimentos, senhora – disse Tyrion, montando.

– Guarde-os – ela disse em tom rude. – Não confio mais em você do que antes – e afastou-se antes de ele ter tempo para formular uma resposta.

Tyrion ajustou o elmo roubado e recebeu o machado das mãos de Bronn. Recordou o modo como iniciara a viagem, com os pulsos atados e um capuz sobre a cabeça, e concluiu que aquilo era decididamente uma melhoria. A Senhora Stark podia conservar sua confiança; desde que ele pudesse conservar o machado, consideraria que mantinha algum avanço naquele jogo.

Sor Willis Wode tomou a dianteira. Bronn instalou-se à retaguarda, com a Senhora Stark em segurança no meio e Sor Rodrik ao lado dela como uma sombra. Marillion, de vez em quando, lançava olhares mal-humorados a Tyrion enquanto avançavam. O cantor partira várias costelas, sua harpa e os quatro dedos da mão com que tocava, mas, apesar disso, o dia não lhe fora uma perda completa; de algum lugar tinha adquirido um magnífico manto de pele de gato-das-sombras, espessos pelos negros rasgados por listras brancas. Aconchegava-se em silêncio sob suas dobras, pela primeira vez sem ter nada a dizer.

Ouviram os profundos rugidos dos gatos-das-sombras atrás deles antes de terem andado meia milha, e mais tarde os rosnados ferozes dos

animais que lutavam pelos cadáveres que lá haviam deixado.

Marillion ficou visivelmente pálido.

– *Poltrão* – disse Tyrion – rima bem com *canção* – esporeou o cavalo e ultrapassou o cantor, juntando-se a Sor Rodrik e a Catelyn Stark.

Ela o olhou com os lábios bem comprimidos.

– Como ia dizendo antes de sermos tão rudemente interrompidos – começou Tyrion –, há uma séria falha na fábula de Mindinho. Independentemente do que pensa sobre mim, Senhora Stark, uma coisa lhe garanto: eu *nunca* aposto contra a minha família.

# Arya

O gato preto de uma só orelha arqueou o dorso e silvou para ela.

Arya avançou pela ruela, equilibrada com leveza nas pontas dos pés nus, escutando as batidas irregulares do coração, respirando lenta e profundamente. *Silenciosa como uma sombra*, disse a si mesma, *leve como uma pena*. O gato observou seu avanço, com olhos cautelosos.

Apanhar gatos era difícil. Tinha as mãos cobertas de arranhões meio cicatrizados e ambos os joelhos estavam cheios de crostas onde os esfolara nos tombos que levara. A princípio, até o enorme e gordo gato do cozinheiro fora capaz de lhe escapar, mas Syrio a manteve caçando noite e dia. Quando correra até ele com as mãos sangrando, dissera-lhe:

– Tão lenta! Mais depressa, garota. Seus inimigos lhe farão mais que arranhões.

Então, Syrio passou fogo de Myr em suas feridas, e ardeu tanto que Arya teve de morder o lábio para não gritar. Depois, ele mandou que apanhasse mais gatos.

A Fortaleza Vermelha estava *cheia* deles: velhos gatos preguiçosos dormitando ao sol, caçadores de ratos de olhos frios retorcendo as caudas, gatinhos rápidos cujas garras eram como agulhas, gatos de senhora, todos escovados e confiantes, sombras esfarrapadas que caçavam nas pilhas de dejetos. Um a um, Arya os perseguiu, agarrou e trouxe todos, orgulhosamente, para Syrio Forel… todos, menos aquele, aquele endemoniado gato negro de uma orelha só.

– Este é o verdadeiro rei do castelo que aí está – dissera-lhe um dos homens de manto dourado. – Mais velho que o pecado e duas vezes mais maldoso. Certa vez, o rei organizou um banquete em honra do pai da rainha, e este bastardo preto saltou para a mesa e roubou uma codorna assada justamente dos dedos de Lorde Tywin. Robert riu tanto que quase explodiu. Afaste-se desse bicho, miúda.

Ela correu atrás dele por metade do castelo; duas vezes em volta da Torre da Mão, através da muralha interior, pelos estábulos, pelos degraus sinuosos abaixo, até para lá da cozinha pequena, da pocilga e dos aquartelamentos dos homens de manto dourado, ao longo da base da muralha do rio e por mais degraus acima, e de um lado para o outro pelo Caminho dos Traidores, e depois desceu novamente, atravessando um portão e rodeando um poço, entrando e saindo de estranhos edifícios, até que não soube mais onde se encontrava.

Agora, por fim, tinha-o encurralado. Muros altos apertavam os dois de ambos os lados, e na frente não havia mais que uma massa de pedra lisa e sem janelas. *Silenciosa como uma sombra*, repetiu enquanto deslizava em frente, *leve como uma pena*.

Quando estava a não mais de três passos, o gato se pôs em movimento. Saltou para a esquerda e depois para a direita; e Arya saltou para a direita e depois para a esquerda, interrompendo sua fuga. O animal voltou a silvar e tentou passar como um raio entre suas pernas. *Rápida como uma cobra*, pensou. Suas mãos fecharam-se em volta dele. Apertou-o contra o peito, rodopiando e rindo em voz alta enquanto as garras do gato raspavam na parte da frente de seu colete de couro. Rapidamente beijou o gato bem entre os olhos, atirando a cabeça para trás um instante antes de as garras do animal encontrarem seu rosto. O gato miou e bufou.

– O que ele está fazendo com aquele gato?

Sobressaltada, Arya deixou cair o gato e rodopiou na direção da voz. O gato desapareceu num piscar de olhos. No fim da ruela encontrava-se uma jovem com uma massa de cachos dourados, trajando um vestido de boneca de cetim azul. Tinha ao lado um garotinho loiro e roliço, com um veado empinado bordado a pérolas no peito do gibão e uma miniatura de espada ao cinto. *Princesa Myrcella e Príncipe Tommen*, pensou Arya. Uma septã grande como um cavalo de tração pairava sobre ambos, e atrás dela viam-se dois homens grandes com manto carmesim, guardas da Casa Lannister.

– O que você estava fazendo com aquele gato, garoto? – perguntou de novo Myrcella com severidade. Dirigindo-se ao irmão, disse: – É um garoto esfarrapado, não é? Olhe para ele – e soltou um risinho.

– Um garoto esfarrapado, sujo e malcheiroso – concordou Tommen.

*Eles não me reconhecem*, Arya se deu conta. *Nem sequer percebem que sou uma menina*. Mas não era de se estranhar, ela estava descalça e suja, com os cabelos emaranhados da longa correria pelo castelo, vestida com um colete rasgado por garras de gato e com calças marrons de ráfia cortadas grosseiramente acima dos joelhos cobertos de crostas. Não se usam saias e sedas quando se está apanhando gatos. Num movimento rápido, abaixou a cabeça e caiu sobre um joelho. Talvez acabassem por não reconhecê-la *mesmo*. Caso contrário, estaria metida numa grande enrascada. Septã Mordane se sentiria humilhada, e Sansa nunca mais voltaria a falar com ela, de tanta vergonha.

A velha septã gorda avançou.

– Garoto, como chegou aqui? Não deve vir a esta parte do castelo.

– Não é possível manter esse tipo de moleque lá fora – disse um dos homens de manto vermelho. – É como tentar evitar a entrada de ratazanas.

– A quem você pertence, garoto? – exigiu saber a septã. – Responda-me. O que se passa com você, é mudo?

A voz de Arya ficou presa na garganta. Se respondesse, Tommen e Myrcella certamente a reconheceriam.

– Godwyn, traga-o aqui – ordenou a septã. O mais alto dos guardas avançou pela ruela.

O pânico apertou sua garganta como uma mão gigante. Não consegui falar nem que sua vida dependesse disso. *Calma como águas paradas*, pensou, movendo a boca em silêncio.

No momento em que Godwyn estendeu a mão para agarrá-la, Arya pôs-se em movimento. *Rápida como uma cobra*. Inclinou-se para a esquerda, e os dedos do homem roçaram seu braço, e então girou em volta dele. *Suave como seda de verão*. Quando o homem conseguiu se virar, ela já seguia numa correria ruela afora. *Ligeira como uma corça*. A septã gritou. Arya deslizou por entre pernas tão grossas e brancas como colunas de mármore, pôs-se em pé de um salto, atirou-se em direção ao Príncipe Tommen e saltou por cima dele, fazendo-o cair de traseiro no chão, com força, soltando um "*Uf* ". Arya rodopiou, ficando fora do alcance do segundo guarda, e então já tinha passado por todos eles e corria a toda velocidade.

Ouviu gritos, depois passos que corriam e se aproximavam. Deixou-se cair e rolou. O homem do manto vermelho passou por ela de lado, tropeçando. Arya pôs-se em pé como uma mola. Viu uma janela acima de sua cabeça, alta e estreita, pouco mais que uma fresta. Saltou, pendurou-se no peitoril e subiu. Segurou a respiração enquanto se retorcia para passar. *Escorregadia como uma enguia*. Caindo no chão em frente de uma surpresa criada, endireitou-se de um salto, sacudiu as sujeiras das roupas e desatou de novo a correr, atravessando a porta e um longo salão, descendo escadas, atravessando um pátio escondido, rodeando uma esquina, percorrendo um muro, e atravessando uma janela baixa e estreita para dentro de um porão escuro como breu. Os sons foram ficando cada vez mais distantes atrás de Arya.

Ela estava sem fôlego e completamente perdida. Estaria metida em uma grande enrascada se a tivessem reconhecido, mas não lhe parecia haver motivo para preocupações. Movera-se muito rápido. *Ligeira como uma corça*.

Agachou-se no escuro de encontro a uma úmida parede de pedra e pôs-se a escutar, mas os únicos sons que ouviu foram o bater do seu coração e um pingo distante de água. *Silenciosa como uma sombra*, disse a si mesma. Gostaria de saber onde estava. Na época de sua chegada a Porto Real, costumava ter pesadelos em que se perdia no castelo. Seu pai dizia que a Fortaleza Vermelha era menor que Winterfell, mas em seus sonhos ela era imensa, um infinito labirinto de pedra com paredes que pareciam se mover e mudar atrás dela. Dava por si vagando ao longo de salões sombrios, passando por tapeçarias desbotadas, descendo escadas circulares sem fim, correndo por pátios ou sobre pontes, e seus gritos ecoavam sem resposta. Em algumas das salas, as paredes de pedra vermelha pareciam pingar sangue, e ela não encontrava janelas em parte alguma. Por vezes, ouvia a voz de seu pai, mas era sempre de muito longe e, por mais depressa que corresse, a voz ficava cada vez mais fraca, até desaparecer no nada e Arya ficar sozinha no escuro.

Percebeu que agora estava muito escuro. Abraçou com força os joelhos nus contra o peito e estremeceu. Resolveu que esperaria em silêncio e contaria até dez mil. Então seria seguro rastejar para fora dali e encontrar o caminho para casa.

Quando chegou a oitenta e sete, a sala começou a clarear, porque seus olhos tinham se adaptado à escuridão. Lentamente, os vultos que a rodeavam tomaram forma. Enormes olhos vazios fixavam-se nela, famintos, através das sombras, e viu vagamente as sombras pontiagudas de longos dentes. Tinha perdido a conta. Fechou os olhos, mordeu o lábio e mandou o medo embora. Quando voltasse a olhar, os monstros teriam partido. Nunca teriam existido. Fez de conta que Syrio estava ao seu lado no escuro, sussurrando-lhe ao ouvido. *Calma como as águas paradas*, disse a si mesma. *Forte como um urso. Feroz como um glutão*. Voltou a abrir os olhos.

Os monstros ainda lá estavam, mas o medo tinha desaparecido.

Arya pôs-se em pé, movendo-se com cuidado. As cabeças estavam todas em volta dela. Tocou em uma, curiosa, perguntando-se se seria verdadeira. As pontas de seus dedos roçaram um maxilar maciço, *sentindo-o* bastante real. O osso era suave sob sua mão, frio e duro ao toque. Percorreu um dente com os dedos, negro e aguçado, um punhal feito de escuridão. Aquilo a fez estremecer.

– Está morto – disse em voz alta. – É só um crânio, não pode me fazer mal – mas, de algum modo, o monstro parecia saber que ela estava ali. Podia sentir seus olhos vazios observando-a por entre as sombras, e havia qualquer coisa naquela sala escura e cavernosa que não gostava dela. Afastou-se do crânio com cuidado e bateu as costas num segundo, maior que o primeiro. Por um instante sentiu os dentes se enterrarem em seu ombro, como se aquilo desejasse mordê-la. Arya rodopiou, sentiu o couro prender-se e se rasgar quando uma enorme presa mordeu seu colete, e então desatou a correr. Outro crânio ergueu-se na sua frente, o maior de todos os monstros, mas Arya nem sequer titubeou. Saltou sobre uma fileira de dentes negros altos como espadas, precipitou-se por entre maxilas famintas e atirou-se contra a porta.

Suas mãos alcançaram um pesado anel de ferro incrustado na madeira, e ela o puxou. A porta resistiu por um momento, antes de começar lentamente a se abrir para dentro, com um rangido tão alto que Arya teve certeza de que poderia ser ouvido em toda a cidade. Abriu a porta apenas o suficiente para se esgueirar e sair para o átrio à sua frente.

Se a sala com os monstros era escura, o átrio era a mais negra fossa dos sete infernos. *Calma como as águas paradas*, disse Arya a si mesma,

e segundos depois de seus olhos se adaptarem, percebeu que nada havia para ver além do vago contorno cinzento da porta que acabara de atravessar. Agitou os dedos na frente do rosto, sentiu o ar, mas nada viu. Estava cega. *Uma dançarina de água vê com todos os sentidos*, lembrou-se. Fechou os olhos e sossegou a respiração… um, dois, três; sentiu o silêncio e estendeu as mãos.

Seus dedos roçaram pedras ásperas, sem acabamento, à sua esquerda. Seguiu a parede tocando levemente a superfície, avançando com pequenos passos deslizantes pela escuridão. *Todos os átrios levam a algum lado. Onde há uma entrada, há uma saída. O medo golpeia mais profundamente que as espadas*. Arya decidiu que não teria medo. Parecia já ter percorrido um longo caminho quando a parede terminou abruptamente e uma aragem de ar frio soprou seu rosto. Cabelos soltos agitaram-se levemente contra sua pele.

Vindos de algum lugar, muito abaixo, ouviu ruídos. O raspar de botas, o som distante de vozes. Uma luz vacilante passou pela parede, ligeira, e ela viu que se encontrava no topo de um grande poço negro, um precipício com seis metros de lado a lado, que mergulhava profundamente na terra. Enormes pedras tinham sido enfiadas nas paredes curvas para formar degraus, espiralando para baixo, e mais para baixo, escuras como os degraus do inferno sobre os quais a Velha Ama costumava lhe falar. E *algo* subia, vindo da escuridão, das entranhas da terra…

Arya espreitou por sobre a borda e sentiu a fria aragem negra no rosto. Muito abaixo viu a luz de um único archote, pequeno como a chama de uma vela. Distinguiu dois homens. Suas sombras se contorciam contra os lados do poço, altas como gigantes. Conseguia ouvir suas vozes ecoando pela chaminé acima.

– … encontrou um bastardo – disse um deles. – O resto virá em breve. Um dia, dois, uma quinzena…

– E quando souber a verdade, o que vai fazer? – perguntou uma segunda voz no sotaque fluido das Cidades Livres.

– Só os deuses sabem – disse a primeira voz. Arya conseguiu ver um filamento de fumaça cinzenta que saía do archote, contorcendo-se como uma serpente enquanto subia. – Os idiotas tentaram matar seu filho e, o que é pior, fizeram da tentativa uma farsa. Ele não é homem que ponha

de lado algo assim. Pode ter certeza de que o lobo e o leão logo se atirarão à garganta um do outro, quer queiramos ou não.

– É cedo demais, cedo demais – queixou-se a voz com o sotaque. – De que serviria uma guerra *agora*? Não estamos preparados. Faça com que se demore a vir.

– Isto é o mesmo que me pedir para parar o tempo. Acha que sou um feiticeiro?

O outro soltou um risinho.

– Sim, não mais que isso. – Labaredas lamberam o ar frio. As sombras altas estavam quase em cima de Arya. Logo depois, o homem que segurava o archote surgiu em seu campo de visão, com o companheiro ao seu lado. Arya arrastou-se para trás, afastando-se do poço, e encostou-se à parede. Prendeu a respiração no momento em que os homens chegavam ao topo das escadas.

– Que quer que eu faça? – perguntou o homem, robusto, com uma capa curta de couro, que levava o archote. Mesmo calçando botas pesadas, seus pés pareciam deslizar pelo chão sem um som sequer. Seu rosto era redondo, desfigurado por cicatrizes, e um tufo de barba negra espreitava por baixo do capacete de aço. Ele usava cota de malha sobre couro fervido, com um punhal e uma espada curta enfiados no cinto. Arya sentiu qualquer coisa estranhamente familiar nele.

– Se uma Mão pode morrer, por que não uma segunda? – respondeu o homem com sotaque e a barba amarela bifurcada. – Você já dançou essa dança, meu amigo – não era alguém que Arya tivesse visto antes, disso tinha certeza. Era extremamente gordo, mas parecia caminhar com rapidez, transportando o peso nas bolas que eram seus pés, como o faria um dançarino de água. Seus anéis cintilavam à luz do archote, ouro vermelho e prata branca, incrustados de rubis, safiras, olhos de tigre amarelos e listrados. Todos os dedos traziam um anel; alguns tinham dois.

– Antes não é agora, e esta Mão não é a outra – respondeu o homem desfigurado quando entraram no átrio. *Imóvel como uma pedra*, disse Arya a si mesma, *silenciosa como uma sombra*. Cegos pela luz do archote, os homens não a viram encostada à pedra, a poucos centímetros de distância.

– Talvez seja assim – respondeu o homem da barba bifurcada, fazendo uma pausa para recuperar o fôlego depois da longa subida. – Seja como for, precisamos de tempo. A princesa espera uma criança. O *khal* não se mexerá até que seu filho nasça. Você sabe como são aqueles selvagens.

O homem do archote empurrou qualquer coisa. Arya ouviu um profundo estrondo. Uma enorme laje de pedra, vermelha à luz do archote, deslizou do teto com um barulho tão estridente que quase a fez gritar. Onde ficava a entrada do poço agora só havia pedra, sólida e sem nenhuma fenda.

– Se ele não se mexer logo, poderá ser tarde demais – disse o homem robusto com o capacete de aço. – Isto já não é um jogo com dois jogadores, se é que alguma vez tenha sido. Stannis Baratheon e Lysa Arryn fugiram para fora do meu alcance, e os murmúrios dizem que reúnem espadas à sua volta. O Cavaleiro das Flores escreve para Jardim de Cima, insistindo com o senhor seu pai para que envie a irmã para a corte. A moça é uma donzela de catorze anos, doce, bela e maleável, e Lorde Renly e Sor Loras pretendem que Robert a leve para a cama, case-se com ela e faça dela uma nova rainha. Mindinho… só os deuses sabem que jogo Mindinho está jogando. Mas é Lorde Stark que me atrapalha o sono. Ele tem o bastardo, tem o livro e, em breve, terá a verdade. E agora a mulher dele raptou Tyrion Lannister, graças à interferência de Mindinho. Lorde Tywin tomará isso como um ultraje, e Jaime tem uma estranha afeição pelo Duende. Se os Lannister agirem contra o Norte, os Tully se envolverão também. Você me pede que eu faça demorar para acontecer. *Apresse-se então*, respondo eu. Nem mesmo o melhor dos malabaristas consegue manter para sempre cem bolas no ar.

– Você é mais que um malabarista, velho amigo. É um verdadeiro feiticeiro. Tudo que peço é que aplique sua magia durante um pouco mais de tempo – começaram a atravessar o átrio na direção de onde Arya viera, passando pela sala com os monstros.

– Farei o que puder – o homem do archote disse suavemente.

– Preciso de ouro e de mais cinquenta aves.

Arya esperou que eles se afastassem bastante e depois rastejou atrás deles.

*Silenciosa como uma sombra.*

– Tantas? – as vozes tornavam-se mais fracas à medida que a luz diminuía à sua frente. – Aquelas de que necessita são difíceis de encontrar… tão novas. Para entender as suas cartas… talvez mais velhas… não morrem tão facilmente…

– Não. As mais novas são mais seguras… trate-as com cuidado.

– … se se mantivessem de boca fechada…

– … o risco…

Muito depois de as vozes desaparecerem, Arya ainda via a luz do archote, uma estrela fumegante pedindo-lhe que a seguisse. Duas vezes parecia ter desaparecido, mas ela prosseguiu em frente, e nas duas vezes encontrou-se no topo de escadas íngremes e estreitas, com o archote cintilando muito abaixo. Apressou-se em segui-lo para baixo, e mais para baixo. Uma vez tropeçou numa pedra e caiu contra a parede, e sua mão encontrou terra nua escorada por troncos, já não mais o túnel revestido de pedra.

Rastejou atrás deles por milhas. Por fim, eles desapareceram, mas não havia lugar para onde ir a não ser em frente. Encontrou de novo a parede e a seguiu, cega e perdida, fazendo de conta que Nymeria caminhava ao seu lado na escuridão. Por fim, mergulhou até o joelho em uma água malcheirosa, desejando poder dançar sobre ela como Syrio talvez pudesse, e perguntando-se se alguma vez voltaria a ver a luz. Já estava completamente escuro quando Arya finalmente emergiu para o ar noturno.

Descobriu que se encontrava na desembocadura de um esgoto, no local onde os resídous eram despejados no rio. Cheirava tão mal que ela se despiu ali mesmo, atirando a roupa suja para a margem do rio antes de mergulhar nas profundas águas negras. Nadou até sentir-se limpa, e saiu da água tremendo. Alguns cavaleiros passaram pela estrada do rio enquanto Arya lavava a roupa, mas, se a viram, magricela e nua, esfregando os farrapos ao luar, não lhe deram importância.

Estava a milhas do castelo, mas, onde quer que se estivesse em Porto Real, bastava olhar para cima para ver a Fortaleza Vermelha no topo do Monte Aegon, e assim não havia perigo de não encontrar o caminho de volta. A roupa já estava quase seca quando chegou aos portões do castelo. A porta levadiça encontrava-se descida e os portões, trancados, mas dirigiu-se para a porta lateral de entrada. Os homens de manto

dourado que estavam de vigia zombaram dela quando lhes pediu que a deixassem entrar.

– Desapareça – disse um deles. – Já não há restos da cozinha, e não queremos pedintes depois do cair da noite.

– Não sou pedinte – ela disse. – Eu vivo aqui.

– Eu mandei *desaparecer*. Precisa de um cascudo na orelha para que me escute?

– Quero ver meu pai.

Os guardas trocaram um olhar.

– E eu queria dormir com a rainha, mas isso não me atrasa nem adianta – disse o mais novo.

O outro a encarou.

– E quem é esse seu pai, garoto? O caçador de ratos da cidade?

– A Mão do Rei – Arya respondeu.

Os dois homens riram, mas então o mais velho deu um soco no outro, casualmente, como quem dá uma pancada num cão. Arya viu o golpe antes que se formasse, e pulou para trás, para fora do seu alcance, intocada.

– Não sou um garoto – ela cuspiu as palavras. – Sou Arya Stark de Winterfell, e se me puserem as mãos o senhor meu pai ordenará ver suas cabeças na ponta de lanças. Se não acreditam em mim, vão buscar Jory Cassel ou Vayon Poole na Torre da Mão – pôs as mãos na cintura. – E agora, abram o portão, ou vão precisar de um cascudo na orelha para ajudá-los a ouvir?

Seu pai estava sozinho na sala privada quando Harwin e Gordo Tom marcharam com Arya até lá, com uma candeia de azeite brilhando suavemente junto ao seu cotovelo. Estava inclinado sobre o maior livro que Arya vira na vida, um volume grosso com páginas amarelas e duras escritas numa letra complicada, encadernadas em couro desbotado. Eddard Stark fechou o livro para ouvir o relatório de Harwin. Tinha o rosto severo quando mandou os homens embora com agradecimentos.

– Você sabe que coloquei metade da minha guarda à sua procura? – disse Eddard Stark quando ficaram sozinhos. – Septã Mordane está fora de si de tanto medo. Está no septo orando para que regresse sã e salva. Arya, você *sabe* que nunca deve sair dos portões do castelo sem minha permissão.

– Eu não saí dos portões – ela disse. – Bem, não tive intenção de sair. Estava lá embaixo nas masmorras, só que elas se transformaram, assim, num túnel. Estava tudo escuro e eu não tinha um archote ou uma vela para iluminar, e por isso tive de continuar. Não podia voltar por onde tinha vindo, por causa dos monstros. Pai, eles estavam falando de *matá-lo*! Os monstros, não, os dois homens. Eles não me viram, porque estava imóvel como uma pedra e silenciosa como uma sombra, mas eu os ouvi. Disseram que o senhor tem um livro e um bastardo, e que se uma Mão podia morrer, por que não uma segunda? O livro é esse? Aposto que o bastardo é Jon.

– Jon? Arya, do que está falando? Quem foi que disse isso?

– Eles disseram. Era um gordo com anéis e uma barba amarela bifurcada, e outro com cota de malha e um capacete de aço. E o gordo disse que tinham de fazer que demorasse mais, mas o outro respondeu que não podiam continuar fazendo malabarismos, e o lobo e o leão iam atacar-se um ao outro, e que era uma farsa – tentou se lembrar do resto. Não tinha compreendido bem tudo que ouvira, e agora tudo se misturava em sua cabeça. – O gordo disse que a princesa está esperando bebê. O do capacete de aço, que tinha o archote, disse que tinham de se apressar. Acho que ele era um feiticeiro.

– Um feiticeiro – disse Ned, sem sorrir. – Tinha uma longa barba branca e um chapéu alto e pontiagudo salpicado de estrelas?

– Não! Não foi como nas histórias da Velha Ama. Ele não *parecia* um feiticeiro, mas o gordo disse que ele era.

– Vou previni-la, Arya, se estiver inventando histórias…

– Não, eu já lhe *disse*, foi nas masmorras, perto do lugar com a parede secreta. Eu estava caçando gatos e, bem… – torceu o nariz. Se admitisse ter derrubado Príncipe Tommen, seu pai ficaria *realmente* zangado com ela. – … bem, entrei assim por uma janela. Foi onde encontrei os monstros.

– Monstros *e* feiticeiros – o pai disse. – Parece que você teve uma bela aventura. Esses homens que disse ter ouvido, falaram de malabarismos e pantomimas?

– Sim – Arya admitiu – só que…

– Arya, eles eram pantomimeiros – seu pai a repreendeu. – Deve haver por esses dias uma dúzia de trupes em Porto Real, vindas para ganhar

algumas moedas com o público do torneio. Não tenho certeza do que esses dois faziam no castelo, mas talvez o rei tenha pedido um espetáculo.

– Não – ela balançou a cabeça obstinadamente. – Eles não eram…

– Seja como for, não devia seguir pessoas e espioná-las. E tampouco me agrada a ideia de minha filha andar se enfiando por janelas desconhecidas atrás de gatos vadios. Olhe para você, querida. Seus braços estão cobertos de arranhões. Isto já se prolongou o suficiente. Diga a Syrio Forel que quero conversar com ele…

Seu pai foi interrompido por uma súbita e curta batida na porta.

– Senhor Eddard, meus perdões – chamou Desmond, abrindo uma fresta da porta –, mas está aqui um irmão negro suplicando uma audiência. Diz que o assunto é urgente. Pensei que talvez quisesse saber.

– Minha porta está sempre aberta para a Patrulha da Noite – ele respondeu.

Desmond introduziu o homem na sala. Era corcunda e feio, com uma barba malcuidada e roupas sujas, mas Eddard Stark o recebeu de forma agradável e perguntou seu nome.

– Yoren, a serviço de vossa senhoria. Minhas desculpas pela hora – fez uma reverência para Arya. – E este deve ser o seu filho. Ele se parece com o senhor.

– Sou uma *menina* – Arya disse, exasperada. Se aquele velho vinha da Muralha, devia ter passado por Winterfell. – Conhece meus irmãos? – perguntou em tom excitado. – Robb e Bran estão em Winterfell, e Jon está na Muralha. Jon Snow. Ele também pertence à Patrulha da Noite, deve conhecê-lo, tem um lobo gigante, branco, de olhos vermelhos. Jon já é um patrulheiro? Eu sou Arya Stark – o velho, com suas malcheirosas roupas negras, a olhava de um modo estranho, mas a garota parecia não conseguir parar de falar. – Quando o senhor voltar à Muralha, pode levar uma carta minha para Jon? – desejava que Jon estivesse ali naquele momento. *Ele* acreditaria no que ela dizia sobre as masmorras e o homem gordo com a barba bifurcada e o feiticeiro do capacete de aço.

– Minha filha esquece-se com frequência da educação – disse Eddard Stark com um ligeiro sorriso que suavizava suas palavras. – Peço-lhe perdão, Yoren. Foi meu irmão Benjen que o enviou?

– Ninguém me enviou, senhor, além do velho Mormont. Estou aqui para encontrar homens para a Muralha, e da próxima vez que Robert fizer um torneio, dobrarei o joelho e gritarei aquilo que nos faz falta, para ver se o rei e sua Mão têm alguma escória nas masmorras de que queiram se ver livres. Mas pode-se dizer que Benjen Stark é o motivo de estarmos nos falando. O sangue dele corre negro, o que fez com que fosse tanto meu irmão como seu. Foi por ele que vim. E cavalguei duramente, e como, quase matei a égua de tanto fazê-la correr, mas deixei os outros muito para trás.

– Os outros?

Yoren cuspiu:

– Mercenários, cavaleiros livres e lixo dessa espécie. Aquela estalagem estava cheia deles, e os vi farejando o cheiro. O cheiro de sangue ou de ouro, no fim das contas sempre dá no mesmo. E nem todos vieram para Porto Real. Alguns foram a galope para Rochedo Casterly, e lá é mais perto. A essa altura, Lorde Tywin já deve ter recebido a notícia, pode contar com isso.

Eddard franziu a testa.

– E que notícia é essa?

Yoren lançou um olhar a Arya.

– É melhor que eu a dê em particular, senhor, se me permite.

– Como quiser. Desmond, leve minha filha aos seus aposentos – Ned deu um beijo na testa da filha. – Acabaremos nossa conversa amanhã.

Arya ficou no mesmo lugar, como se tivesse criado raízes.

– Não aconteceu nada ao Jon, não é? – perguntou a Yoren. – Ou ao Tio Benjen?

– Bem, quanto ao Stark não sei dizer. O rapaz Snow estava razoavelmente bem quando deixei a Muralha. Não são eles a minha preocupação.

Desmond pegou-lhe na mão.

– Venha, senhora. Ouviu o senhor seu pai.

Arya não tinha escolha exceto ir com ele, desejando que tivesse sido Tom Gordo a ir buscá-la. Com Tom podia ter conseguido, com alguma desculpa, ficar junto à porta e ouvir o que Yoren tinha a dizer, mas Desmond era inflexível demais para ser enganado.

– Quantos guardas meu pai tem? – ela perguntou a Desmond enquanto desciam para o seu quarto.

– Aqui em Porto Real? Cinquenta.

– Não deixariam que alguém o matasse, não é? – ela quis saber.

Desmond riu.

– Disso não precisa ter medo, senhorinha. Lorde Eddard está guardado noite e dia. Não lhe acontecerá nenhum mal.

– Os Lannister têm mais de cinquenta homens.

– Têm, mas cada nortenho vale tanto quanto dez desses soldados do Sul, por isso pode dormir tranquila.

– E se um feiticeiro fosse enviado para matá-lo?

– Bem, quanto a isso – Desmond respondeu, puxando da espada –, os feiticeiros morrem como os outros homens depois de lhes cortarmos a cabeça.

# Eddard

—Robert, eu lhe peço – suplicou Ned –, atente ao que está dizendo. Está falando de assassinar uma criança.

– *A puta está prenha!* – o punho do rei bateu contra a mesa do conselho, fazendo um estrondo de trovão. – Eu o avisei de que isso ia acontecer, Ned. Lá nas terras acidentadas, eu disse, mas você não me ouviu. Pois bem, agora terá de me escutar. Quero-os mortos, a mãe ou a criança, e aquele palerma do Viserys também. Está claro o suficiente para você? *Quero-os mortos*.

Os outros conselheiros estavam fazendo o seu melhor para fingir que estavam em outro lugar qualquer. Sem dúvida eram mais sábios que Eddard Stark, que raramente se sentira tão só então.

– Será desonrado para sempre se fizer isso.

– Então que isso paire sobre minha cabeça, desde que eles morram. Não sou tão cego que não consiga ver a sombra do machado quando o tenho sobre o pescoço.

– Não há machado nenhum – disse Ned a seu rei. – Há apenas a sombra de uma sombra, velha, de vinte anos… se é que existe de todo.

– *Se?* – perguntou Varys com suavidade, apertando as mãos empoadas. – Senhor, está me ofendendo. Traria eu mentiras ao rei e ao conselho?

Ned olhou friamente para o eunuco.

– Traria os murmúrios de um traidor que está a meio mundo de distância, senhor. Talvez Mormont esteja enganado. Talvez esteja mentindo.

– Sor Jorah não se atreveria a me enganar – disse Varys com um sorriso manhoso. – Pode confiar nisso, senhor. A princesa espera um bebê.

– Você já disse. Se estiver enganado, nada temos a temer. Se a jovem abortar, nada temos a temer. Se der à luz uma filha, e não um filho, nada temos a temer. Se o bebê morrer na infância, nada temos a temer.

– Mas e se *for* um garoto? – insistiu Robert. – E se ele sobreviver?

– O mar estreito ainda estará entre nós. Temerei os dothrakis no dia em que ensinarem os seus cavalos a correr sobre a água.

O rei bebeu um trago de vinho e olhou carrancudo para Ned.

– Então me aconselha a não fazer nada até que o filho do dragão desembarque seu exército nas minhas costas, é isso?

– Esse "filho do dragão" está na barriga da mãe – Ned retrucou. – Nem mesmo Aegon conquistou alguma coisa até ter sido desmamado.

– *Deuses!* Você é teimoso como um auroque, Stark – o rei olhou em volta da mesa do conselho. – Terá o resto dos senhores perdido a língua? Ninguém incutirá bom-senso neste tolo de cara congelada?

Varys dirigiu ao rei um sorriso bajulador e pousou a suave mão na manga de Ned.

– Compreendo suas apreensões, Lorde Eddard, realmente compreendo. Não senti nenhuma alegria por trazer ao conselho esta grave notícia. O que estamos discutindo é uma coisa terrível, uma coisa *vil*. Mas aqueles que ousam governar têm de fazer coisas vis para o bem do reino, por mais que isso lhes custe.

Lorde Renly encolheu os ombros.

– Para mim o assunto parece suficientemente simples. Devíamos ter mandado matar Viserys e a irmã há anos, mas Sua Graça, meu irmão, cometeu o erro de ouvir o que dizia Jon Arryn.

– A misericórdia nunca é um erro, Lorde Renly – Ned respondeu. – No Tridente, Sor Barristan abateu uma dúzia de bons homens, amigos de Robert e meus. Quando o trouxeram até nós, gravemente ferido e próximo da morte, Roose Bolton insistiu que lhe cortássemos a garganta, mas seu irmão disse: "Não matarei um homem por ser leal nem por lutar bem", e enviou seu próprio meistre para tratar das feridas de Sor Barristan – dirigiu ao rei um longo olhar frio. – Gostaria que esse homem estivesse aqui hoje.

Robert ainda tinha vergonha suficiente para corar.

– Não é a mesma coisa – queixou-se. – Sor Barristan era um cavaleiro da Guarda Real.

– Ao passo que Daenerys é uma garota de catorze anos – Ned sabia que estava insistindo muito, para além do que era sensato, mas não conseguia

ficar calado. – Robert, pergunto-lhe, para que nos erguemos contra Aerys Targaryen, se não foi para pôr um fim ao assassinato de crianças?

– Para pôr um fim aos *Targaryen*! – o rei rosnou.

– Vossa Graça, nunca o vi temer Rhaegar – Ned lutou por manter o desdém afastado da voz, mas falhou. – Será que os anos o emascularam tanto que agora treme com a sombra de uma criança por nascer?

Robert ficou roxo.

– Já chega, Ned – o rei o preveniu, apontando seu dedo em riste. – Nem mais uma palavra. Esqueceu quem é o rei aqui?

– Não, Vossa Graça – respondeu Ned. – E Vossa Graça, se esqueceu?

– *Basta!* – o rei berrou. – Estou farto de conversa. Que eu seja maldito se não acabar com isto. Que dizem todos?

– Ela tem de ser morta – Lorde Renly declarou.

– Não temos escolha – Varys murmurou. – É triste, é triste…

Sor Barristan Selmy ergueu seus olhos azul-claros e disse:

– Vossa Graça, existe honra em enfrentar um inimigo no campo de batalha, mas não há nenhuma em matá-lo no ventre da mãe. Perdoe-me, mas devo colocar-me ao lado de Lorde Eddard.

O Grande Meistre Pycelle limpou a garganta, um processo que pareceu demorar vários minutos.

– Minha ordem serve o reino, não o governante. Há tempos, aconselhei o Rei Aerys tão lealmente como aconselho agora o Rei Robert, e por isso não nutro por essa moça nenhuma má vontade. Mas pergunto-lhes o seguinte: se a guerra voltar, quantos soldados morrerão? Quantas vilas serão queimadas? Quantas crianças serão arrancadas das mães para morrer na ponta de uma lança? – afagou a luxuriante barba branca, infinitamente triste, infinitamente cansado. – Não será mais sensato, até mais *bondoso*, que Daenerys Targaryen morra agora para que dezenas de milhares possam viver?

– Mais bondoso – disse Varys. – Ah, que bem-dito, e que verdadeiro, Grande Meistre. Esta é uma verdade muito grande. Se os deuses tiverem o capricho de conceder um filho a Daenerys Targaryen, o reino sangrará.

Mindinho foi o último. Quando Ned olhou para ele, Lorde Petyr abafou um bocejo.

– Quando um homem vai parar na cama com uma mulher feia, a melhor coisa a fazer é fechar os olhos e despachar o assunto – declarou. –

Esperar não tornará a donzela mais bonita. Beije-a e faça o que tem de ser feito.

– *Beije-a?* – repetiu Sor Barristan, horrorizado.

– Um beijo de aço – Mindinho esclareceu.

Robert encarou a sua Mão.

– Ora, eis aqui, Ned. Você e Sor Selmy estão sozinhos nisto. A única questão que permanece é quem poderemos enviar para matá-la?

– Mormont suspira por um perdão real – lembrou-lhes Lorde Renly.

– Desesperadamente – Varys confirmou –, mas ainda suspira mais pela vida. A essa altura, a princesa aproxima-se de Vaes Dothrak, onde puxar uma lâmina significa a morte. Se eu lhes contasse o que os dothrakis fariam a um pobre homem que a usasse numa *khaleesi*, nenhum dos senhores dormiria esta noite – afagou uma bochecha empoada. – Agora, veneno… as lágrimas de Lys… Digamos que Khal Drogo nunca precisaria saber que não foi uma morte natural.

Os olhos sonolentos do Grande Meistre Pycelle abriram-se de repente. Olhou de soslaio para o eunuco.

– Veneno é a arma de um covarde – queixou-se o rei.

Ned já ouvira o suficiente.

– Quer enviar assassinos contratados para matar uma garota de catorze anos e ainda se encobre em subterfúgios acerca da honra? – empurrou a cadeira para trás e pôs-se em pé. – Faça-o você, Robert. O homem que decreta a sentença deve brandir a espada. Olhe-a nos olhos antes de matá-la. Observe suas lágrimas, escute suas últimas palavras. Pelo menos isso você lhe deve.

– *Deuses* – praguejou o rei, com a palavra explodindo em sua boca como se mal conseguisse conter a fúria. – E você ainda fala sério, raios o partam – estendeu a mão para o jarro de vinho que tinha junto do cotovelo, encontrou-o vazio e o atirou à parede, estilhaçando-o. – Já não tenho vinho nem paciência. Basta disto. Só me interessa que a coisa seja feita.

– Não participarei de um assassinato, Robert. Faça o que quiser, mas não me peça que coloque meu selo nisto.

Por um momento Robert pareceu não entender o que Ned estava dizendo. O desafio não era um prato que ele saboreasse com frequência. Lentamente, seu rosto mudou à medida que a compreensão chegava. Seus

olhos se estreitaram e uma vermelhidão subiu-lhe pelo pescoço por trás da gola de veludo. Irado, apontou o dedo para Ned.

– É a Mão do Rei, Lorde Stark. Fará o que ordeno ou encontrarei uma Mão que o faça.

– Desejo-lhe sucesso – Ned retirou o pesado prendedor que unia as extremidades de seu manto, a ornamentada mão de prata que era o distintivo do seu cargo. Colocou-o na mesa em frente do rei, entristecido pela memória do homem que o colocara em sua roupa, do amigo que amara. – Julgava-o melhor homem que isto, Robert. Julgava que tínhamos encontrado um rei mais nobre.

O rosto de Robert estava roxo.

– *Rua* – coaxou, engasgando-se em sua raiva. – Rua, maldito, estou farto de você. O que está esperando? Sai, corre de volta para Winterfell. E assegure-se de que eu nunca mais olhe para a sua cara, ou juro que terei a sua cabeça na ponta de uma lança!

Ned fez uma reverência e virou-se, sem dizer uma palavra. Conseguia sentir os olhos de Robert postos em suas costas. Enquanto saía a passos largos da sala do conselho, a discussão foi reatada quase sem uma pausa.

– Em Bravos há uma sociedade conhecida como os Homens Sem Rosto – sugeriu o Grande Meistre Pycelle.

– Faz alguma ideia do preço que eles *cobram*? – protestou Mindinho. – Poderíamos contratar um exército de mercenários comuns por metade do preço, e isso para dar cabo de um mercador. Nem me atrevo a pensar no que pediriam por uma princesa.

O barulho da porta se fechando em suas costas silenciou as vozes. Sor Soros Blount montava guarda fora da sala, usando o longo manto branco e a armadura da Guarda Real. Deu uma rápida olhadela curiosa pelo canto do olho, mas não fez nenhuma pergunta a Ned.

O tempo estava pesado e opressivo quando Ned atravessou a muralha interior, de volta à Torre da Mão. Podia sentir no ar a ameaça de chuva, que agora receberia de bom grado. Poderia fazê-lo sentir-se um pouco menos sujo. Quando entrou em sua sala privada, mandou chamar Vayon Poole. O intendente veio de imediato.

– Mandou me chamar, senhor Mão?

– Já não sou a Mão – disse-lhe Ned. – O rei e eu discutimos. Vamos regressar a Winterfell.

– Começarei a fazer os preparativos de imediato, senhor. Precisaremos de uma quinzena para preparar tudo para a viagem.

– Talvez não tenhamos uma quinzena. Talvez nem tenhamos um dia. O rei mencionou algo sobre ver minha cabeça na ponta de uma lança – Ned franziu as sobrancelhas. Não acreditava verdadeiramente que o rei lhe fizesse mal. Robert não. Agora estava zangado, mas, uma vez que Ned estivesse em segurança, longe de sua vista, sua raiva arrefeceria, como acontecia sempre.

*Sempre?* Súbita e desconfortavelmente, deu por si lembrando-se de Rhaegar Targaryen. *Morto há quinze anos, e Robert o odeia tanto como sempre odiou*. Era uma ideia perturbadora… e havia o outro assunto, que envolvia Catelyn e o anão, do qual Yoren o prevenira na noite anterior. Isso viria à luz em breve, era tão certo como o nascer do sol, e com o rei numa fúria negra daquelas… Robert podia não se importar nem um pouco com Tyrion Lannister, mas sentiria o orgulho atingido, e não havia modo de dizer o que a rainha faria.

– Talvez seja mais seguro se eu partir mais cedo – ele disse a Poole. – Levarei minhas filhas e alguns guardas. O resto de vocês podem nos seguir quando estiverem prontos. Informe Jory, mas não diga a mais ninguém, e não faça nada antes que eu parta com as meninas. O castelo está cheio de olhos e ouvidos, e prefiro que ninguém mais saiba de meus planos.

– Será feito conforme ordena, senhor.

Depois de Poole partir, Eddard Stark foi até a janela e sentou-se, pensativo. Robert não lhe deixara alternativa que conseguisse vislumbrar. Devia agradecê-lo. Ia ser bom regressar a Winterfell. Nunca devia ter partido. Seus filhos o esperavam lá. Talvez fizesse com Catelyn um novo filho quando regressasse, ainda não eram velhos demais. E, nos últimos tempos, sempre dava por si sonhando frequentemente com neve, com o profundo sossego da mata de lobos à noite.

E, no entanto, a ideia de partir também o irritava. Ainda havia tanto a fazer. Robert e seu conselho de covardes e aduladores iam reduzir o reino à miséria se ninguém os controlasse… ou, o que era pior, iam vendê-lo aos Lannister em pagamento de seus empréstimos. E a verdade sobre a morte de Jon Arryn ainda lhe fugia. Encontrara alguns fragmentos, o bastante para convencer-se de que Jon tinha sido de fato assassinado,

mas isso nada mais era que o rastro de um animal no chão da floresta. Ainda não avistara o animal propriamente dito, embora o sentisse ali, à espreita, escondido, traiçoeiro.

Lembrou-se de repente que podia regressar a Winterfell pelo mar. Ned não era nenhum marinheiro e, em circunstâncias normais, teria preferido a estrada do rei, mas, se embarcasse, poderia passar por Pedra do Dragão e falar com Stannis Baratheon. Pycelle enviara um corvo através das águas com uma carta delicada de Ned pedindo a Lorde Stannis para regressar ao seu lugar no pequeno conselho. Até aquele momento não houvera resposta, mas o silêncio só lhe aprofundava as suspeitas. Estava certo de que Lorde Stannis partilhava do segredo que levara à morte de Jon Arryn. A verdade que procurava podia bem estar à sua espera na antiga fortaleza insular da Casa Targaryen.

*E quando a tiver nas mãos, o que acontecerá? É mais seguro que alguns segredos se mantenham escondidos. Estes são por demais perigosos para partilhar, mesmo com aqueles que ama e em quem confia*. Ned tirou da bainha, que tinha presa ao cinto, o punhal que Catelyn lhe trouxera. A faca do Duende. Por que quereria o anão ver Bran morto? Decerto para silenciá-lo. Outro segredo, ou apenas um fio diferente da mesma teia?

Poderia Robert estar envolvido? Não lhe parecia, mas há algum tempo tampouco lhe parecera que Robert seria capaz de ordenar o assassinato de mulheres e crianças. Catelyn tentara preveni-lo. “Conhece o homem?”, ela dissera. “O rei é um estranho para você.” Quanto mais depressa saísse de Porto Real, melhor. Se algum navio zarpasse para o Norte de manhã, seria bom estar a bordo. Voltou a chamar Vayon Poole e o enviou às docas para investigar, discreta, mas rapidamente.

– Encontre-me um navio rápido com um capitão hábil – disse ao intendente. – Não me interessa o tamanho das cabines ou a qualidade de seus equipamentos, desde que seja rápido e seguro. Desejo partir imediatamente.

Poole tinha acabado de se retirar quando Tomard anunciou um visitante.

– Lorde Baelish deseja vê-lo, senhor.

Ned sentiu-se tentado a mandá-lo embora, mas pensou melhor. Ainda não estava livre; até que estivesse, tinha de fazer os jogos deles.

– Mande-o entrar, Tom.

Lorde Petyr entrou na sala privada tão à vontade que era como se nada de incomum tivesse acontecido de manhã. Trajava um gibão fendido de veludo em tons de creme e prata, um manto cinza de seda debruado de pele negra de raposa, e seu habitual sorriso irônico.

Ned o saudou friamente.

– Posso saber o motivo desta visita, Lorde Baelish?

– Não lhe tomarei muito tempo, estou a caminho do jantar com a Senhora Tanda. Empadão de lampreia e leitão assado. Ela alimenta algumas ideias de me casar com a filha mais nova, e por isso tem sempre uma mesa espantosa. A bem da verdade, prefiriria me casar com um porco, mas que ela não saiba. Gosto muito de empadão de lampreia.

– Que eu não o afaste de suas enguias, senhor – disse Ned com um desdém gelado. – Neste momento não consigo pensar em ninguém cuja companhia menos deseje do que a sua.

– Ah, estou certo de que se pensar um pouco será capaz de arranjar alguns nomes. Varys, por exemplo. Cersei. Ou Robert. Sua Graça está muito irada. Falou do senhor durante algum tempo depois de ter se retirado esta manhã. Julgo recordar que as palavras *insolência* e *ingratidão* surgiram com frequência.

Ned não lhe deu qualquer resposta, nem ofereceu ao hóspede uma cadeira. Mas Mindinho sentou-se mesmo assim.

– Depois de sair, coube a mim convencê-los a não contratar os Homens Sem Rosto – prosseguiu alegremente. – Em vez disso, Varys fará discretamente saber que transformaremos em um nobre quem quer que cuide da jovem Targaryen.

Ned sentiu-se repugnado.

– Então agora concedemos títulos a assassinos.

Mindinho encolheu os ombros.

– Os títulos são baratos. Os Homens Sem Rosto, ao contrário, são caros. Na verdade, fiz mais pela jovem Targaryen do que o senhor com toda a sua conversa sobre a honra. Pois que algum mercenário bêbado com visões de nobreza tente matá-la. O mais provável é que a tentativa seja um desastre, e depois os dothrakis ficarão em guarda. Se enviássemos um Homem Sem Rosto contra ela, seria o mesmo que enterrá-la.

Ned franziu as sobrancelhas.

– Senta-se no conselho e fala de mulheres feias e beijos de aço, e agora espera que eu acredite que tentou proteger a moça? Por que espécie de tolo me toma?

– Bem, na verdade, por um enorme – disse Mindinho, rindo.

– Acha sempre o assassinato assim tão divertido, Lorde Baelish?

– Não é o assassinato que acho divertido, Lorde Stark, é o senhor. Governa como um homem que dança em uma fina camada de gelo. Arrisco-me a dizer que causará um nobre barulho. Julgo que ouvi abrir-se a primeira fenda esta manhã.

– A primeira e a última – disse Ned. – Para mim, basta.

– Quando pretende regressar a Winterfell, senhor?

– Assim que puder. Que lhe interessa isso?

– Não interessa… mas se, por acaso, ainda aqui estiver quando cair a noite, ficarei feliz em levá-lo ao bordel que o seu homem Jory tem procurado com tanta ineficácia – Mindinho sorriu. – E nem sequer contarei à Senhora Catelyn.

# Catelyn

—Senhora, devia ter avisado sobre sua vinda – disse-lhe Sor Donnel Waynwood enquanto os cavalos subiam a passagem. – Teríamos enviado uma escolta. A estrada de altitude já não é tão segura para um grupo tão pequeno como o seu.

– Para nossa tristeza, descobrimos isso, Sor Donnel – Catelyn respondeu. Por vezes sentia-se como se o coração tivesse se transformado em pedra; seis bravos homens tinham morrido para trazê-la até ali, e nem sequer conseguia arranjar dentro de si forças para chorar as suas mortes. Até seus nomes se desvaneciam. – Os homens dos clãs atormentaram-nos noite e dia. Perdemos três homens no primeiro ataque, e mais dois no segundo, e o criado do Lannister morreu de uma febre quando suas feridas ulceraram. Quando ouvimos a aproximação de seus homens, julguei que estivéssemos perdidos – tinham se preparado para uma última luta desesperada, com as armas na mão e as costas coladas a uma rocha. O anão amolava o gume de seu machado e dizia uma brincadeira mordaz qualquer quando Bronn distinguiu o estandarte que precedia os cavaleiros, a lua e o falcão da Casa Arryn, azul-celeste e branco. Catelyn nunca vira algo mais bem-vindo.

– Os clãs tornaram-se mais ousados desde que Lorde Jon morreu – disse Sor Donnel. Era um jovem atarracado de vinte anos, diligente e modesto, de nariz largo e cabelos castanhos espessos e abundantes. – Se dependesse de mim, levaria cem homens até as montanhas, os arrancaria de seus esconderijos e lhes daria algumas valentes lições, mas sua irmã proibiu. Ela nem sequer permitiu que seus cavaleiros participassem do torneio da Mão. Quer manter todas as nossas espadas perto de casa, para defender o Vale… contra o que, ninguém sabe bem. Sombras, dizem alguns – olhou-a com ansiedade, como se subitamente tivesse se lembrado de quem ela era. – Espero não ter sido inconveniente, senhora. Não pretendi ofender.

– Palavras francas não me ofendem, Sor Donnel – Catelyn sabia o que a irmã temia. *Sombras, não, os Lannister*, pensou, olhando de relance para onde o anão seguia junto a Bronn. Os dois tinham se tornado íntimos como ladrões desde que Chiggen morrera. O homenzinho era astuto demais para o seu gosto. Ao chegarem às montanhas, era seu cativo, atado e indefeso. E agora? Ainda seu cativo, mas cavalgava com um punhal enfiado no cinto e um machado atado à sela, usando o manto de pele de gato-das-sombras que ganhara do cantor nos dados e a cota de malha que recuperara do cadáver de Chiggen. Quarenta homens flanqueavam o anão e o resto de seu esfarrapado bando, cavaleiros e homens de armas a serviço de sua irmã Lysa e do jovem filho de Jon Arryn, e no entanto Tyrion não mostrava sinal de medo. *Poderei ter me enganado?*, interrogou-se Catelyn, e não seria a primeira vez. Poderia ele afinal ser inocente em relação a Bran, a Jon Arryn e a todo o resto? E se fosse, o que isso faria dela? Seis homens tinham morrido para trazê-lo até ali.

Resoluta, afastou as dúvidas.

– Quando chegarmos à sua fortaleza, ficaria grata se pudesse mandar chamar imediatamente Meistre Colemon. Sor Rodrik está febril devido às feridas – mais de uma vez temera que o galante velho cavaleiro não sobrevivesse à viagem. Ao final, já quase não se aguentava sobre o cavalo, e Bronn insistira para que ela o abandonasse à sua sorte, mas Catelyn não quisera ouvi-lo. Em vez de abandoná-lo, tinham-no atado à sela, e ordenara ao cantor Marillion que o vigiasse.

Sor Donnel hesitou antes de responder.

– A Senhora Lysa ordenou que o meistre permanecesse permanentemente no Ninho da Águia para tratar de Lorde Robert – ele respondeu. – Temos um septão no portão que trata dos nossos feridos. Ele poderá cuidar dos ferimentos de Sor Rodrik.

Catelyn depositava mais fé nos conhecimentos de um meistre que nas orações de um septão. Ia dizer isso quando viu as ameias na frente deles, longos parapeitos construídos diretamente na rocha das montanhas, de ambos os lados da estrada. Onde a passagem se estreitava, até se transformar num desfiladeiro que quase não era largo o bastante para que quatro homens cavalgassem lado a lado, torres de vigia idênticas agarravam-se às vertentes rochosas, unidas por uma ponte coberta de

pedra cinzenta desgastada pelo tempo que se arqueava sobre a estrada. Rostos silenciosos vigiavam através de seteiras nas torres, nas ameias e na ponte. Quando já tinham quase subido até o topo, um cavaleiro saiu ao seu encontro. O cavalo e a armadura eram cinza, mas no manto trazia o ondulado azul e vermelho de Correrrio, e um brilhante peixe negro trabalhado em ouro e obsidiana prendia as dobras do manto ao ombro do homem.

– Quem quer passar pelo Portão Sangrento? – ele gritou.

– Sor Donnel Waynwood, com a Senhora Catelyn Stark e seus companheiros – respondeu o jovem cavaleiro.

O Cavaleiro do Portão ergueu o visor.

– Bem que a senhora me parecia familiar. Está longe de casa, pequena Cat.

– Assim como o senhor, tio – disse ela sorrindo, apesar de tudo por que passara. Voltar a ouvir aquela rouca voz de fumo a levava de volta vinte anos, até os dias de sua infância.

– Minha casa está às minhas costas – disse ele rudemente.

– Sua casa está no meu coração – disse-lhe Catelyn. – Tire o elmo. Quero voltar a ver seu rosto.

– Temo que os anos não o tenham melhorado – disse Brynden Tully, mas quando ergueu o elmo Catelyn viu que mentia. Tinha as feições enrugadas e gastas, e o tempo roubara-lhe o tom ruivo dos cabelos e deixara-os apenas grisalhos, mas o sorriso era o mesmo, tal como as espessas sobrancelhas, grossas como lagartas, e o riso em seus olhos, de um azul profundo.

– Avisou Lysa de sua chegada?

– Não houve tempo para enviar a notícia – disse-lhe Catelyn. Os outros aproximavam-se atrás dela. – Temo que cavalguemos à frente da tempestade, tio.

– Peço autorização para entrar no Vale – disse Sor Donnel. Os Waynwood estavam sempre prontos para a cerimônia.

– Em nome de Robert Arryn, Senhor do Ninho da Águia, Defensor do Vale, Verdadeiro Protetor do Leste, convido-os a entrar livremente e encarrego-os de manter a paz – respondeu Sor Brynden. – Venham.

E assim Catelyn o seguiu por sob a sombra do Portão Sangrento, onde uma dúzia de exércitos se desfez em pedaços durante a Era dos Heróis.

Do outro lado das fortificações, as montanhas abriam-se repentinamente numa paisagem de campos verdejantes, céu azul e montanhas de cumes nevados que a fez ficar sem respiração. O Vale de Arryn, banhado na luz da manhã.

Estendia-se à sua frente, até as névoas do leste, uma terra tranquila de rico solo negro, rios lentos e largos e centenas de pequenos lagos que brilhavam como espelhos ao sol, protegida por todos os lados pelos picos que a aconchegavam. Em seus campos crescia alto o trigo, o milho e a cevada, e nem mesmo em Jardim de Cima as abóboras eram maiores ou os frutos, mais doces do que ali. Estavam na extremidade ocidental do vale, onde a estrada de altitude ultrapassava a última passagem de montanha e começava a sinuosa descida até as terras planas, duas milhas mais abaixo. O Vale ali era estreito, não tinha mais de meio dia de viagem de largura, e as montanhas setentrionais pareciam tão próximas que Catelyn quase podia estender a mão e tocá-las. Erguendo-se acima de todos encontrava-se o pico escarpado chamado Lança do Gigante, uma montanha que obrigava até as outras montanhas a olhar para cima, com o cume perdido em névoas geladas três milhas e meia acima do fundo do vale. Por sua maciça vertente ocidental corria a torrente fantasmagórica conhecida como Lágrimas de Alyssa. Mesmo daquela distância Catelyn distinguia o brilhante fio prateado, uma linha clara na rocha escura.

Quando o tio percebeu que ela parara, aproximou o cavalo e apontou.

– Fica ali, junto às Lágrimas de Alyssa. Tudo que se vê daqui é um lampejo branco de vez em quando, se se olhar com atenção e o sol bater nas paredes da maneira certa.

*Sete torres*, dissera-lhe Ned, *como punhais brancos atirados na barriga do céu, tão altas que, ao se subir aos parapeitos e olhar para baixo, vê-se as nuvens*.

– A viagem demora quanto tempo? – ela perguntou.

– Podemos chegar ao sopé da montanha ao cair da noite – disse Tio Brynden –, mas a subida demorará mais um dia.

A voz de Sor Rodrik Cassel soou vinda de trás.

– Senhora – disse –, temo que não possa avançar mais hoje – tinha o rosto abatido sob as novas barbas irregulares, e parecia tão cansado que Catelyn temeu que caísse do cavalo.

– Nem deve fazê-lo – ela disse. – Já fez cem vezes mais do que eu poderia pedir. Meu tio me acompanhará o resto do caminho até o Ninho da Águia. O Lannister tem de vir comigo, mas você e os outros devem descansar aqui e recuperar as forças.

– Será uma honra tê-los como hóspedes – disse Sor Donnel com a grave cortesia dos jovens. Do grupo que partira com ela da estalagem junto ao entroncamento, além de Sor Rodrik, só Bronn, Sor Willis Wode e o cantor Marillion restavam.

– Senhora – disse Marillion, fazendo o cavalo avançar. – Peço-lhe permissão para acompanhá-los até o Ninho da Águia, para que possa assistir ao fim da história como assisti ao seu início – o rapaz parecia fatigado, mas estranhamente determinado; tinha um brilho febril nos olhos.

Catelyn nunca pedira ao cantor que os acompanhasse; era uma escolha que ele próprio tinha feito, e não saberia dizer como tinha conseguido sobreviver à viagem quando tantos homens mais corajosos jaziam mortos e esperando por seus enterros na estrada. E, no entanto, ali estava, com uma barbinha mal-arranjada que quase o fazia parecer um homem. Talvez lhe devesse alguma coisa por ele ter chegado até ali.

– Muito bem – ela respondeu.

– Eu também vou – anunciou Bronn.

Daquilo ela já gostava menos. Bem sabia que sem Bronn nunca teria chegado ao Vale; o mercenário era o mais feroz guerreiro que já vira, e sua espada os ajudara a abrir caminho até a segurança. Mas, apesar de tudo, Catelyn não gostava do homem. Era certo que possuía coragem, e força, mas não havia bondade nele, e pouca lealdade. E vira-o cavalgar junto do Lannister com demasiada frequência, conversando em voz baixa e rindo de algum gracejo privado. Teria preferido separá-lo do anão ali e agora, mas depois de aceitar que Marillion prosseguisse até o Ninho da Águia não encontrava nenhum modo amável de negar a Bronn o mesmo direito.

– Como quiser – ela respondeu, embora tenha notado que ele não lhe pedira propriamente autorização.

Sor Willis Wode permaneceu na companhia de Sor Rodrik, e, com eles, um septão de fala mansa, já tratando das feridas de ambos. Os cavalos, pobres animais em farrapos, também foram deixados para trás. Sor

Donnel prometeu enviar aves até o Ninho da Águia e os Portões da Lua com a notícia de sua chegada. Montarias descansadas foram trazidas dos estábulos, cavalos de montanha de pernas seguras e pelos grossos, e uma hora depois se puseram de novo a caminho. Catelyn pôs-se ao lado do tio ao começarem a descida até o fundo do vale. Atrás vinham Bronn, Tyrion Lannister, Marillion e seis dos homens de Brynden.

Só quando já tinham percorrido um terço do caminho pela trilha da montanha, bem fora do alcance dos ouvidos dos outros, é que Brynden Tully se virou para ela e disse:

– Então, criança. Fale-me dessa sua tempestade.

– Já não sou uma criança há muitos anos, tio – Catelyn lhe disse, mas contou-lhe tudo. Levou mais tempo do que poderia acreditar falando da carta de Lysa, da queda de Bran, do punhal do assassino, e de Mindinho, e de seu encontro acidental com Tyrion Lannister na estalagem do entroncamento.

O tio ouviu em silêncio, com as pesadas sobrancelhas projetando uma sombra sobre os olhos à medida que iam se franzindo mais. Brynden Tully sempre soubera escutar todos… menos o pai de Catelyn. Era irmão de Lorde Hoster, cinco anos mais novo, mas os dois travavam uma guerra desde sempre, desde que Catelyn se recordava. Durante uma de suas discussões mais acaloradas, Catelyn tinha então oito anos, Lorde Hoster chamara Brynden "a ovelha negra do rebanho Tully". Rindo, Brynden fez notar que o símbolo de sua casa era uma truta saltante e, portanto, deveria ser um peixe negro, e não uma ovelha, e desse dia em diante tornara-o seu emblema pessoal.

A guerra não terminara até o dia dos casamentos de Catelyn e de Lysa. Foi no banquete de casamento que Brynden disse ao irmão que abandonaria Correrrio para servir Lysa e o novo marido, o Senhor do Ninho da Águia. Lorde Hoster não pronunciara o nome do irmão desde esse dia, segundo o que lhe dizia Edmure em suas raras cartas.

E no entanto, durante todos os anos de infância e juventude, foi Brynden, o Peixe Negro, que os filhos de Hoster procuraram com suas lágrimas e suas histórias, quando o pai estava muito ocupado ou a mãe doente demais. Catelyn, Lysa, Edmure… e, sim, até mesmo Petyr Baelish, o protegido do pai deles… Escutara-os a todos pacientemente,

tal como a escutava agora, rindo de seus triunfos e solidarizando-se com seus infantis infortúnios.

Quando ela acabou, o tio permaneceu em silêncio por muito tempo, enquanto o cavalo escolhia o caminho pela íngreme trilha rochosa.

– Seu pai precisa ser informado – ele disse por fim. – Se os Lannister se puserem em marcha, Winterfell é remoto, e o Vale está protegido atrás de suas montanhas, mas Correrrio fica exatamente no caminho deles.

– Tive o mesmo receio – admitiu Catelyn. – Pedirei a Meistre Colemon que envie uma ave quando chegarmos ao Ninho da Águia – tinha também outras mensagens para enviar: as ordens que Ned lhe dera para seus vassalos, para que preparassem as defesas do Norte. – Como está o ambiente no Vale? – ela perguntou.

– Hostil – admitiu Brynden Tully. – Lorde Jon era muito amado, e sentiu-se o insulto intensamente quando o rei nomeou Jaime Lannister para um cargo que os Arryn tiveram durante quase trezentos anos. Lysa nos ordenou que chamássemos seu filho de o *Verdadeiro* Protetor do Leste, mas ninguém se deixa enganar. E sua irmã não está sozinha nas dúvidas sobre o modo como a Mão morreu. Ninguém se atreve a dizer que Jon foi assassinado, pelo menos abertamente, mas a suspeita lança uma longa sombra – olhou para Catelyn, de boca apertada. – E há o garoto.

– O garoto? Que há com o ele? – ela abaixou a cabeça ao passar sob uma projeção de rocha e por uma curva apertada.

A voz do tio estava perturbada.

– Lorde Robert – ele suspirou. – Seis anos, enfermiço e propenso a chorar quando lhe tiram as bonecas. O herdeiro legítimo de Jon Arryn, por todos os deuses, mas há quem diga que ele é fraco demais para se sentar na cadeira do pai. Nestor Royce foi intendente supremo durante os últimos catorze anos, enquanto Lorde Arryn servia em Porto Real, e muitos sussurram que ele deveria governar até que o garoto fosse maior de idade. Outros creem que Lysa deveria voltar a se casar, e depressa. Os pretendentes já se aglomeram como corvos num campo de batalha. O Ninho da Águia está cheio deles.

– Eu podia ter previsto isso – disse Catelyn. Não era de admirar, Lysa ainda era nova, e o reino da Montanha e do Vale era um belo presente de casamento. – Lysa vai tomar outro marido?

– Ela diz que sim, desde que encontre um homem que lhe convenha – disse Brynden Tully –, mas já rejeitou Lorde Nestor e uma dúzia de outros homens adequados. Jura que dessa vez será *ela* a escolher o senhor seu marido.

– O senhor, mais que todos, dificilmente pode censurá-la por isso.

Sor Brynden resfolegou.

– E não censuro, mas… parece-me que Lysa só está jogando o jogo da corte. Aprecia o divertimento, mas creio que sua irmã pretende ser ela a governante até que o filho tenha idade suficiente para ser Senhor do Ninho da Águia na realidade, e não apenas no título.

– Uma mulher pode governar tão sabiamente como um homem – Catelyn retrucou.

– A mulher *certa* pode fazê-lo – disse o tio, olhando-a de soslaio. – Não tenha ilusões, Cat. Lysa não é como você – hesitou por um momento. – A bem da verdade, temo que não vá achar sua irmã tão… prestativa como gostaria.

Catelyn não compreendeu.

– O que o senhor quer dizer?

– A Lysa que regressou de Porto Real não é a mesma mulher que foi para o Sul quando o marido foi nomeado Mão. Aqueles anos lhe foram duros. Você deve saber. Lorde Arryn foi um esposo cumpridor, mas o casamento deles era feito de política, não de paixão.

– Tal como o meu.

– Começaram do mesmo modo, mas o resultado do seu foi mais feliz que o de sua irmã. Dois natimortos, quatro abortos, a morte de Lorde Arryn… Catelyn, os deuses concederam a Lysa só aquele filho, e agora ela vive apenas por ele, pobre garoto. Não admira que tenha preferido fugir a vê-lo entregue aos Lannister. Sua irmã tem *medo*, filha, e são os Lannister que ela mais teme. Correu para o Vale, esgueirando-se da Fortaleza Vermelha como um ladrão na noite, e tudo para tirar o filho da boca do leão… e agora você trouxe o leão até sua porta.

– Acorrentado – Catelyn o corrigiu. Uma fenda abriu-se à sua direita, caindo até a escuridão. Puxou as rédeas do cavalo e escolheu o caminho com passos cautelosos.

– Ah! – o tio deu uma olhadela por sobre o ombro, para onde Tyrion Lannister fazia sua lenta descida atrás deles. – Vejo um machado em sua

sela, um punhal no cinto e um mercenário que o segue como uma sombra faminta. Onde estão as correntes, querida?

Catelyn moveu-se desconfortável na sela.

– O anão está aqui, não por vontade dele. Com ou sem correntes, é meu prisioneiro. Lysa não desejará menos que ele responda por seus crimes que eu. Foi seu marido que os Lannister assassinaram, e foi a sua carta que primeiro nos preveniu a respeito deles.

Brynden Peixe Negro dirigiu-lhe um sorriso cansado.

– Espero que tenha razão, filha – suspirou, num tom que dizia que ela se enganava.

O sol já estava bem a oeste quando a ladeira começou a perder a inclinação sob os cascos dos cavalos. A estrada alargou-se e endireitou-se e, pela primeira vez, Catelyn reparou em flores silvestres e ervas que cresciam ao redor. Depois de atingirem o fundo do vale, o avanço tornou-se mais rápido e andaram um bom tempo a meio galope por bosques verdejantes e pequenos lugarejos sonolentos, passando por pomares e trigais dourados, patinhando através de uma dúzia de córregos banhados pelo sol. O tio enviou um porta-estandarte à frente deles, com um estandarte duplo esvoaçando no mastro: o falcão e a lua da Casa Arryn no topo, e por baixo seu peixe negro. Carroças de agricultores, mercadores e cavaleiros de Casas menores afastavam-se para lhes dar passagem.

Mesmo assim, já tinha anoitecido por completo quando atingiram o robusto castelo que se erguia no sopé da Lança do Gigante. Archotes tremeluziam no topo de suas muralhas e o crescente da lua dançava nas águas escuras de seu fosso. A ponte levadiça estava içada e a porta, descida, mas Catelyn viu luzes ardendo na guarita, derramando-se das janelas das torres quadradas que ficavam por trás.

– Os Portões da Lua – disse o tio quando o grupo puxou as rédeas dos cavalos. Seu porta-estandarte dirigiu-se para a borda do fosso, a fim de saudar os homens na guarita. – O domínio de Lorde Nestor. Ele deve estar à nossa espera. Olhe para cima.

Catelyn dirigiu os olhos para cima, e mais para cima, e mais ainda. A princípio tudo que viu foram rocha e árvores, a massa da grande montanha envolvida na noite, tão negra como um céu sem estrelas. Mas depois reparou no brilho de fogos distantes muito acima deles; uma torre

fortificada, construída na íngreme vertente da montanha, cujas luzes eram como olhos cor de laranja que observavam das alturas. Acima dessa torre havia outra, mais elevada e mais distante, e uma terceira ainda mais alta, não mais que uma tremeluzente centelha contra o céu. E por fim, lá onde os falcões pairavam, um lampejo branco ao luar. Foi assaltada pela vertigem ao olhar para as torres claras tão longe acima dela.

– O Ninho da Águia – ouviu Marillion murmurar, espantado.

A voz penetrante de Tyrion Lannister intrometeu-se.

– Os Arryn não devem ser lá muito amigos de companhia. Se planeja nos fazer escalar aquela montanha no escuro, preferia que me matasse aqui.

– Passaremos a noite aqui e subiremos de manhã – disse-lhe Brynden.

– Mal consigo esperar – respondeu o anão. – Como é que subimos até lá em cima? Não tenho experiência em montar cabras.

– Mulas – disse Brynden, sorrindo.

– Há degraus escavados na montanha – Catelyn completou. Ned falara-lhe deles quando lhe contara sobre a juventude passada ali com Robert Baratheon e Jon Arryn.

O tio confirmou com a cabeça.

– Está muito escuro para vê-los, mas os degraus estão lá. São bastante íngremes e estreitos para cavalos, mas as mulas conseguem subi-los ao longo da maior parte do caminho. A trilha é guardada por três castelos intermédios, Pedra, Neve e Céu. As mulas nos levarão até Céu.

Tyrion Lannister olhou de relance para cima, com ar de dúvida.

– E depois disso?

Brynden sorriu.

– Depois disso, o caminho é íngreme demais até para mulas. Fazemos a pé o resto do trajeto. Ou talvez você prefira subir num cesto. O Ninho da Águia agarra-se à montanha diretamente por cima de Céu, e em seus subterrâneos há seis grandes guinchos com longas correntes de ferro para transportar mantimentos a partir do castelo inferior. Se preferir, senhor de Lannister, posso organizar as coisas para que suba com o pão, a cerveja e as maçãs.

O anão soltou uma gargalhada.

– Bem gostaria de ser uma abóbora – ele respondeu. – Infelizmente, o senhor meu pai ficaria sem dúvida muito desgostoso se seu filho

Lannister fosse ao encontro de seu destino como um carregamento de nabos. Se vão subir a pé, receio que deva fazer o mesmo. Nós, os Lannister, somos dotados de algum orgulho.

– Orgulho? – retrucou Catelyn em tom duro. A ironia e as maneiras fáceis do anão a tinham irritado. – Alguns chamariam isso de arrogância. Arrogância e avareza, e desejo de poder.

– Meu irmão é sem dúvida arrogante – respondeu Tyrion Lannister. – Meu pai é a alma da avareza, e minha querida irmã Cersei deseja o poder em cada momento que passa acordada. Eu, no entanto, sou inocente como um cordeirinho. Devo balir agora? – e sorriu.

A ponte levadiça começou a descer, rangendo, antes que Catelyn pudesse responder, e ouviram o som de correntes oleadas quando a porta levadiça foi puxada para cima. Homens de armas trouxeram tochas para iluminar o caminho, e o tio os levou através do fosso. Lorde Nestor Royce, Intendente Supremo do Vale e Guardião dos Portões da Lua, esperava por eles no pátio, rodeado por seus cavaleiros.

– Senhora Stark – ele a cumprimentou, fazendo uma reverência. Era um homem maciço, com o peito em forma de barril, e sua reverência era desajeitada.

Catelyn desmontou à sua frente.

– Lorde Nestor – ela retribuiu. Só conhecia o homem por reputação. Primo de Bronze Yohn, pertencente a um ramo menor da Casa Royce, mas mesmo assim um senhor formidável por direito próprio. – Tivemos uma viagem longa e cansativa. Peço a hospitalidade de seu teto por esta noite, se possível.

– Meu teto é seu, senhora – retorquiu bruscamente Lorde Nestor –, mas sua irmã, a Senhora Lysa, enviou uma mensagem do Ninho da Águia. Deseja vê-la de imediato. O resto de seu grupo ficará alojado aqui e será enviado para cima à primeira luz da madrugada.

O tio saltou do cavalo.

– Que loucura é essa? – disse ele sem cerimônia. Brynden Tully nunca fora homem que suavizasse as palavras. – Uma subida noturna, sem sequer uma lua cheia? Até Lysa deve saber que isso é um convite para um pescoço quebrado.

– As mulas conhecem o caminho, Sor Brynden – uma moça seca e dura, de dezessete ou dezoito anos, adiantou-se ao lado de Lorde Nestor.

Tinha os cabelos escuros cortados curtos, lisos, e usava couros de montar e uma leve cota de malha prateada. Fez uma reverência a Catelyn, mais graciosa que a do seu senhor. – Prometo, senhora, que nenhum mal lhe acontecerá. Será minha honra levá-la para cima. Fiz a subida às escuras centenas de vezes. Mychel diz que meu pai deve ter sido um bode.

A moça soava tão pretensiosa que Catelyn teve de sorrir.

– E tem um nome, jovem?

– Mya Stone, ao seu dispor, senhora.

Mas a disposição era amarga; foi um esforço para Catelyn manter o sorriso. *Stone* era um nome de bastardo no Vale, tal como *Snow* no Norte e *Flowers* em Jardim de Cima; em cada um dos Sete Reinos o costume tinha criado uma denominação para as crianças nascidas sem nome de família. Catelyn não tinha nada contra aquela jovem, mas de repente não pôde deixar de pensar no bastardo de Ned na Muralha, e o pensamento a fez sentir-se ao mesmo tempo zangada e culpada. Lutou para encontrar palavras para uma resposta.

Lorde Nestor preencheu o silêncio.

– Mya é uma moça inteligente e, se promete levá-la em segurança até a Senhora Lysa, eu acredito. Até hoje nunca me deixou na mão.

– Então, coloco-me nas suas mãos, Mya Stone – disse Catelyn. – Lorde Nestor, encarrego-o de manter meu prisioneiro sob guarda estrita.

– E eu o encarrego de trazer ao prisioneiro uma taça de vinho e um capão bem torrado antes que morra de fome – disse o Lannister. – Uma mulher também seria agradável, mas suponho que isso seja pedir demais – o mercenário Bronn riu em voz alta.

Lorde Nestor ignorou o gracejo.

– Conforme desejar, minha senhora, assim será feito – só então olhou para o anão. – Levem o senhor de Lannister para uma cela na torre e deem-lhe comida e bebida.

Catelyn despediu-se do tio e dos outros no momento em que Tyrion Lannister era levado, e seguiu a bastarda através do castelo. Duas mulas esperavam junto à muralha superior, seladas e prontas. Mya a ajudou a montar uma delas enquanto um guarda num manto azul-celeste abria o estreito portão dos fundos. Do outro lado do portão estendia-se uma densa floresta de pinheiros e abetos, e a montanha era como uma

muralha negra, mas os degraus estavam lá, profundamente entalhados na rocha, subindo até o céu.

– Algumas pessoas acham mais fácil com os olhos fechados – disse Mya ao levar as mulas através do portão e para a floresta escura. – Quando ficam assustadas ou tontas, por vezes agarram-se à mula com muita força. E as mulas não gostam disso.

– Eu nasci uma Tully e me casei com um Stark – disse Catelyn. – Não me assusto facilmente. Você vai acender um archote? – os degraus eram negros como breu.

A moça fez uma careta.

– Os archotes só nos cegam. Numa noite clara como esta, a lua e as estrelas são o suficiente. Mychel diz que tenho os olhos de uma coruja – montou e instigou a mula a subir o primeiro degrau. O animal de Catelyn seguiu-a por vontade própria.

– Você já tinha falado de Mychel antes – disse Catelyn. As mulas marcaram o ritmo, lento mas constante. Estava perfeitamente satisfeita com isso.

– Mychel é o meu amor – Mya explicou. – Mychel Redfort. É escudeiro de Sor Lyn Corbray. Devemos nos casar assim que seja armado cavaleiro, no ano que vem ou no seguinte.

Parecia Sansa, tão feliz e inocente com seus sonhos. Catelyn sorriu, mas seu sorriso estava tingido de tristeza. Sabia que Redfort era um nome antigo no Vale, com o sangue dos Primeiros Homens nas veias. Ele até podia ser o seu amor, mas nenhum Redfort jamais desposaria uma bastarda. Sua família encontraria uma esposa adequada para ele, uma Corbray, Waynwood ou Royce, ou talvez a filha de alguma Casa maior de fora do Vale. Se Mychel Redfort chegasse a deitar com aquela moça, seria do lado errado dos lençóis.

A subida era mais fácil do que Catelyn esperava. As árvores estavam muito próximas, inclinando-se sobre o caminho e criando assim um sussurrante teto verde que afastava até a lua, e por isso parecia que estavam se deslocando através de um longo túnel negro. Mas as mulas tinham pernas seguras e eram incansáveis, e Mya Stone parecia de fato ter sido abençoada com olhos da noite. Arrastaram-se para cima, percorrendo um caminho sinuoso ao longo da face da montanha à medida que os degraus iam se torcendo e curvando. Uma espessa camada de

musgo-de-pinheiro atapetava o solo, e as ferraduras das mulas faziam apenas o mais suave dos sons contra a rocha. O silêncio a acalmou, e o balanço gentil do animal embalou Catelyn na sela. Não muito tempo depois, estava tentando combater o sono.

Talvez tenha cochilado por um momento, porque, repentinamente, um maciço portão de ferro ergueu-se à sua frente.

– Pedra – anunciou alegremente Mya, desmontando. As poderosas muralhas de pedra estavam coroadas por lanças de ferro, e duas grossas torres redondas elevavam-se acima da fortaleza. O portão abriu-se com o grito de Mya. Lá dentro, o corpulento cavaleiro que comandava o castelo intermédio saudou Mya pelo nome e ofereceu-lhes espetos de carne assada e cebolas recém-saídas do fogo. Catelyn até então não percebera a fome que sentia. Comeu no pátio, em pé, enquanto os cavalariços colocavam suas selas em mulas descansadas. O molho quente correu-lhe pelo queixo abaixo e pingou sobre seu manto, mas estava faminta demais para se importar.

Depois, foi montar numa nova mula e voltou a sair para a luz das estrelas. A segunda parte da subida pareceu a Catelyn mais traiçoeira. A trilha era mais íngreme, os degraus, mais desgastados, e aqui e ali estavam cobertos por cascalho e pedra partida. Mya teve de desmontar meia dúzia de vezes para tirar pedras caídas do caminho.

– Não vai querer que sua mula quebre uma pata aqui em cima – ela disse.

Catelyn foi obrigada a concordar. Agora sentia mais a altitude. As árvores cresciam mais dispersas ali, e o vento soprava com maior vigor, em rajadas intensas que a puxavam pela roupa e lhe atiravam os cabelos nos olhos. De tempos em tempos, os degraus dobravam-se sobre si mesmos e conseguia ver Pedra abaixo delas e, mais abaixo, os Portões da Lua, cujos archotes não eram mais brilhantes que velas.

Neve era menor que Pedra, uma única torre fortificada, com uma fortaleza e um estábulo de madeira escondidos atrás de um muro baixo de pedra solta. Mas apertava-se de encontro à Lança do Gigante de modo a dominar toda a escada de pedra acima do castelo intermédio inferior. Um ataque inimigo sobre o Ninho da Águia teria de lutar a partir de Pedra, degrau a degrau, enquanto pedras choviam de Neve. Seu comandante, um jovem cavaleiro ansioso de face esburacada, ofereceu-

lhes pão e queijo e a possibilidade de se aquecerem em sua fogueira, mas Mya declinou.

– Devemos continuar, senhora – disse. – Se lhe for conveniente – e Catelyn assentiu.

De novo foram-lhes dadas outras mulas. A dela, um macho, era branca. Mya sorriu ao vê-lo.

– O Branquinho é um bom macho, minha senhora. Pernas firmes, até mesmo no gelo, mas precisa ter cuidado. Ele escoiceará se não gostar da senhora.

O macho branco pareceu gostar de Catelyn, não houve coices, graças aos deuses. Também não havia gelo, e por isso também se sentia grata.

– Minha mãe diz que, há centenas de anos, era aqui que a neve começava – disse-lhe Mya. – Aqui em cima estava sempre branco, e o gelo nunca derretia – encolheu os ombros. – Nem sequer me lembro de alguma vez ter visto neve abaixo da montanha, mas talvez tenha sido assim em épocas passadas.

*Tão jovem*, pensou Catelyn, tentando imaginar se já fora assim. A moça vivera metade da vida no verão, e isso era tudo que conhecia. Quis aconselhá-la: *O inverno está chegando, filha*. As palavras subiram-lhe aos lábios, e quase as disse. Talvez estivesse por fim transformando-se numa Stark.

Acima de Neve, o vento era uma coisa viva, uivando em torno delas como um lobo na campina, e depois se transformando em nada, como se as atraísse para a complacência. Ali as estrelas pareciam mais brilhantes, tão próximas que quase podia tocá-las, e o crescente da lua era enorme no céu negro e limpo. Enquanto subiam, Catelyn descobriu que era melhor olhar para cima que para baixo. Os degraus estavam fendidos e quebrados, de séculos de gelo e degelo e dos passos de incontáveis mulas, e a altitude lhe trazia o coração à garganta, até mesmo na escuridão. Quando chegaram a uma depressão entre duas agulhas de rocha, Mya desmontou.

– É melhor levar as mulas pelas rédeas – ela avisou. – O vento pode ser um pouco assustador aqui, minha senhora.

Catelyn desmontou rigidamente nas sombras e olhou para o caminho que as esperava: seis metros de comprimento e quase um de largura, mas com um precipício de cada lado. Ouvia o vento gritar. Mya avançou com

ligeireza, seguida por uma mula, tão calmamente como se estivessem percorrendo uma muralha. Agora era a vez de Catelyn. Mas, assim que deu o primeiro passo, o medo endureceu suas mandíbulas. Conseguia *sentir* o vazio, os vastos abismos negros de ar que se abriam ao redor. Parou, tremendo, com medo de se mover. O vento gritava-lhe e a puxava pelo manto, tentando empurrá-la para fora daquela crista. Catelyn arrastou o pé para trás, no mais tímido dos passos, mas o macho estava atrás dela, e não podia recuar. *Vou morrer aqui*, pensou. Sentia os suores frios que lhe escorriam costas abaixo.

– Senhora Stark – chamou Mya por sobre o abismo. A voz da moça parecia vir de uma distância de mil léguas. – Está bem?

Catelyn Tully Stark engoliu o que restava de seu orgulho.

– Eu… eu não sou capaz de fazer isto, criança – ela gritou.

– É sim – disse a bastarda. – Eu sei que é capaz. Veja como o caminho é largo.

– Não quero olhar – o mundo parecia girar à sua volta, montanha, céu e mulas rodopiando como o pião de uma criança. Catelyn fechou os olhos para recuperar a firmeza da respiração entrecortada.

– Vou buscá-la – disse Mya. – Fique imóvel, senhora.

Mover-se era talvez a última coisa que Catelyn faria naquele momento. Ouviu o grito agudo do vento e o som arrastado do couro roçando na rocha. E então Mya estava ali, tomando-a gentilmente pelo braço.

– Mantenha os olhos fechados, se preferir. Largue a corda agora. O Branquinho tomará conta de si próprio. Muito bem, minha senhora. Eu a levo, é fácil, a senhora verá. Dê agora um passo. Isso mesmo, mexa o pé, faça-o deslizar para frente. Vê? Agora o outro. É fácil. Poderia atravessar correndo. Outro, vamos. Sim – e dessa maneira, pé ante pé, passo a passo, a bastarda levou Catelyn a atravessar, cega e tremendo, enquanto o macho branco seguia placidamente atrás delas.

O castelo intermédio chamado Céu não era mais que um muro alto de pedra solta em forma de crescente, erguido contra a vertente da montanha, mas nem mesmo as torres sem topo de Valíria teriam parecido mais belas a Catelyn Stark. Ali começava finalmente a neve; as pedras desgastadas de Céu estavam cobertas de geada, e longos pingentes de gelo pendiam das encostas mais acima.

A alvorada rompia no leste quando Mya Stone gritou um *olá* aos guardas, e os portões se abriram para deixá-las entrar. Dentro das muralhas havia apenas uma série de rampas e uma grande confusão de rochedos e pedregulhos de todos os tamanhos. Não havia dúvida de que seria a coisa mais fácil do mundo começar uma avalanche ali. Uma gruta abria-se na face da rocha à frente delas.

– Os estábulos e as casernas ficam ali – disse Mya. – A última parte do caminho é por dentro da montanha. Pode ficar um pouco escuro, mas pelo menos estará livre do vento. As mulas não vão mais além. Depois daqui, bem, é uma espécie de chaminé, mais parecida com uma escada de mão feita em pedra do que com degraus propriamente ditos, mas não é tão ruim. Mais uma hora e estaremos lá.

Catelyn olhou para cima. Conseguia ver as fundações do Ninho da Águia diretamente por cima da cabeça, claras à luz da alvorada. Não podiam ser mais de uns cento e oitenta metros até lá. A parte de baixo parecia uma pequena colmeia branca. Lembrou-se do que seu tio dissera sobre cestos e guinchos.

– Os Lannister podem ter seu orgulho, mas os Tully nascem com mais bom-senso. Cavalguei o dia inteiro e a maior parte da noite. Diga-lhes para baixar um cesto. Subirei com os nabos.

Quando Catelyn Stark finalmente chegou ao Ninho da Águia, o sol estava bem acima das montanhas. Um homem atarracado, de cabelos grisalhos, com um manto azul-celeste e a lua e o falcão no peitoral de ferro martelado, a ajudou a sair do cesto. Era Sor Vardis Egen, capitão da guarda de Jon Arryn. A seu lado estava Meistre Colemon, magro e nervoso, com cabelos de menos e pescoço de mais.

– Senhora Stark – disse Sor Vardis –, o prazer é tão grande quanto inesperado.

Meistre Colemon inclinou a cabeça em sinal de acordo.

– De fato é, minha senhora, de fato é. Enviei uma mensagem à sua irmã. Ela deixou ordens para ser acordada no instante de sua chegada.

– Espero que tenha tido uma boa noite de repouso – disse Catelyn com certa acidez no tom que pareceu passar despercebida.

Saiu da sala dos guinchos acompanhada pelos homens e subiu uma escada em espiral. O Ninho da Águia era um castelo pequeno para os padrões das grandes casas; sete esguias torres brancas, tão juntas como

flechas numa aljava, sobre uma saliência da grande montanha. Não tinha necessidade de estábulos, oficinas de ferrreiros ou canis, mas Ned dizia que seu celeiro era tão grande quanto o de Winterfell e suas torres podiam albergar quinhentos homens. A Catelyn, no entanto, pareceu estranhamente deserto quando o atravessou, com os salões de pedra clara cheios de ecos e vazios.

Lysa a esperava sozinha no aposento privado, ainda vestida com a camisa de dormir. Seus longos cabelos ruivos caíam-lhe soltos sobre os ombros brancos e pelas costas. Uma criada estava em pé atrás dela, escovando os nós da noite, mas, quando Catelyn entrou, a irmã pôs-se em pé, sorrindo.

– Cat – disse. – Ah, Cat, como é bom vê-la. Minha querida irmã – correu quarto afora e envolveu a irmã nos braços. – Tanto tempo – murmurou Lysa contra seu corpo. – Ah, tanto, tanto tempo.

Na verdade, tinham sido cinco anos; cinco anos cruéis para Lysa, que lhe tinham cobrado seu preço. A irmã era dois anos mais nova, mas agora parecia a mais velha. Mais baixa que Catelyn, o corpo de Lysa tornara-se mais largo, e o rosto, pálido e inchado. Tinha os olhos azuis dos Tully, mas os dela eram claros e aguados, sem nunca parar quietos. A pequena boca tornara-se petulante. Enquanto a abraçava, Catelyn recordou a garota magra de peito erguido que esperara a seu lado naquele dia, no septo de Correrrio. Tão encantadora e cheia de esperança. Tudo que restava da beleza da irmã era a grande cascata de espessos cabelos ruivos que lhe caíam até a cintura.

– Está muito bem – mentiu Catelyn –, mas… parece cansada.

A irmã se afastou do abraço.

– Cansada. Sim. Ah, sim – pareceu então reparar nos outros; a criada, Meistre Colemon, Sor Vardis. – Deixem-nos – disse-lhes. – Desejo conversar com minha irmã a sós – permaneceu de mãos dadas com Catelyn enquanto eles se retiravam…

… e deixou-a cair no instante em que a porta se fechou. Catelyn viu seu rosto mudar. Era como se o sol tivesse se escondido atrás de uma nuvem.

– Será que perdeu o *juízo*? – exclamou Lysa. – Trazê-lo para *cá*, sem permissão, sem sequer um aviso, arrastando-nos para as suas disputas com os Lannister…

– *Minhas* disputas? – Catelyn mal podia acreditar no que acabara de ouvir. Um grande fogo ardia na lareira, mas não havia sinal de calor na voz de Lysa. – As disputas começaram por serem suas, irmã. Foi você quem me enviou aquela maldita carta, foi você quem escreveu que os Lannister assassinaram seu marido.

– Para preveni-la, para que pudesse ficar longe deles! Nunca pretendi *lutar* com eles! Deuses, Cat, sabe o que *você fez*?

– Mãe? – disse uma vozinha. Lysa virou-se, com o pesado roupão rodopiando à sua volta. Robert Arryn, Senhor do Ninho da Águia, estava na porta, agarrado a uma esfarrapada boneca de pano e olhando-as com grandes olhos. Era uma criança dolorosamente magra, pequena para a idade e toda a vida enfermiça, e de tempos em tempos estremecia. Os meistres chamavam àquilo a doença dos tremores. – Ouvi vozes.

Não era de se espantar, pensou Catelyn, Lysa estivera quase gritando. Mesmo assim sua irmã a olhou com punhais nos olhos.

– Esta é sua tia Catelyn, querido. Minha irmã, a Senhora Stark. Lembra-se?

O menino a olhou de relance, sem expressão.

– Acho que sim – respondeu, pestanejando. Da última vez que Catelyn o vira ele tinha menos de um ano de idade.

Lysa sentou-se junto ao fogo e disse:

– Venha com sua mãe, meu doce – endireitou-lhe a roupa de dormir e mexeu em seus finos cabelos castanhos. – Ele não é lindo? E também é forte. Não acredite no que dizem por aí. Jon sabia. *A semente é forte*, ele me disse. Foram suas últimas palavras. Só dizia o nome de Robert, e me agarrou o braço com tanta força que deixou marcas. *Diga-lhes, a semente é forte*. Sua semente. Ele queria que todos soubessem como o meu bebê se tornaria um rapaz bom e forte.

– Lysa – disse Catelyn –, se você tiver razão quanto aos Lannister, isto é mais um motivo para agirmos rapidamente. Nós…

– Na frente da criança, *não* – Lysa a repreendeu. – Ele tem um humor delicado, não tem, querido?

– Este menino é Senhor do Ninho da Águia e Defensor do Vale – lembrou-a Catelyn –, e estes não são tempos para delicadezas. Ned pensa que se poderá chegar à guerra.

– *Silêncio!* – Lysa exclamou. – Está assustando o menino – o pequeno Robert espreitou Catelyn por sobre o ombro e começou a tremer. Sua boneca caiu sobre a esteira e ele se apertou contra a mãe. – Não tenha medo, meu bebê adorado – Lysa sussurrou. – Sua mãe está aqui, nada te fará mal – abriu o roupão e expôs um seio pálido e pesado, completamente vermelho. O menino agarrou-se a ela ansiosamente, enterrou o rosto em seu peito e começou a sugar. Lysa afagou-lhe os cabelos.

Catelyn estava sem palavras. O filho de Jon Arryn, pensou, incrédula. Recordou seu filho Rickon, de três anos, com metade da idade daquele menino e cinco vezes mais feroz. Não admirava que os senhores do Vale estivessem nervosos. Pela primeira vez compreendeu a razão por que o rei tentara tirar a criança da mãe e criá-la com os Lannister…

– Aqui estamos a salvo – disse Lysa. Catelyn não tinha certeza se para si mesma ou se para o filho.

– Não seja estúpida – disse Catelyn, com a ira crescendo dentro dela. – Ninguém está a salvo. Se pensa que se esconder aqui fará com que os Lannister a esqueçam, está muito enganada.

Lysa cobriu a orelha do filho com a mão.

– Mesmo se conseguissem trazer um exército pelas montanhas e atravessassem o Portão Sangrento, o Ninho da Águia é inexpugnável. Você viu com seus próprios olhos. Nenhum inimigo poderá nos atingir aqui em cima.

Catelyn quis bater na irmã. Então percebeu que seu tio Brynden tentara preveni-la daquilo.

– Nenhum castelo é inexpugnável.

– Este é – insistiu Lysa. – Todos assim dizem. A única questão é: o que farei com este Duende que você me trouxe?

– Ele é um homem mau? – perguntou o Senhor do Ninho da Águia, com o seio da mãe saltando-lhe da boca, com o mamilo molhado e vermelho.

– Um homem muito mau – disse-lhe Lysa enquanto se cobria –, mas eu não vou deixar que ele faça mal ao bebê.

– Faça-o voar – disse Robert em tom ansioso.

Lysa afagou os cabelos do filho.

– Talvez façamos – murmurou. – Talvez seja isso mesmo o que faremos.

# Eddard

Foi encontrar Mindinho na sala comum do bordel, conversando amigavelmente com uma mulher alta e elegante que usava um vestido de penas sobre uma pele tão negra como tinta. Perto da lareira, Heward e uma jovem roliça jogavam prendas. Segundo parecia, ele por enquanto tinha perdido o cinto, o manto, a cota de malha e a bota direita, ao passo que a jovem tinha sido forçada a desabotoar a camisa até o peito. Jory Cassel estava em pé, junto a uma janela riscada pela chuva, com um sorriso perverso no rosto, observando Heward virar as peças e gostando do que via.

Ned parou na base da escada e calçou as luvas.

– É hora de nos retirarmos. Meu assunto aqui está tratado.

Heward pôs-se em pé de um salto, recolhendo apressadamente suas coisas.

– Como quiser, senhor – disse. – Vou ajudar Wyl a trazer os cavalos – e encaminhou-se para a porta a passos largos.

Mindinho gastou seu tempo nas despedidas. Beijou a mão da mulher negra, sussurrou um gracejo qualquer que a fez rir alto, e dirigiu-se vagarosamente para Ned.

– Seu assunto – disse com ligeireza –, ou de Robert? Diz-se que a Mão sonha os sonhos do rei, fala com a voz do rei e governa com a espada do rei. Será que isso também significa que fode com a…

– Lorde Baelish – interrompeu Ned –, o senhor tem muito atrevimento. Não sou ingrato por sua ajuda. Poderíamos ter levado anos para encontrar este bordel sem o senhor. Mas isso não quer dizer que pretendo suportar sua zombaria. E já não sou a Mão do Rei.

– O lobo gigante deve ser um animal irritadiço – disse Mindinho, torcendo a boca.

Caía uma chuva morna de um céu negro sem estrelas quando se encaminharam para os estábulos. Ned puxou o capuz do manto sobre a

cabeça. Jory trouxe-lhe seu cavalo. O jovem Wyl veio logo atrás, trazendo a égua de Mindinho com uma mão, enquanto a outra lutava com o cinto e as ataduras das calças. Uma prostituta barata espreitava da porta do estábulo, rindo para ele.

– Vamos regressar agora ao castelo, senhor? – Jory perguntou. Ned confirmou com a cabeça e saltou para a sela. Mindinho, ao seu lado, também montou. Jory e os outros os acompanharam.

– Chataya dirige um estabelecimento de primeira linha – disse Mindinho enquanto avançavam. – Estou meio decidido a comprá-lo. Descobri que os bordéis são um investimento muito mais lucrativo que os navios. As prostitutas raramente se afundam, e quando são abordadas por piratas, ora, os piratas pagam em boa moeda como qualquer outra pessoa – Lorde Petyr riu da própria piada.

Ned deixou que continuasse a tagarelar. Passado algum tempo, o homem sossegou, e prosseguiram em silêncio. As ruas de Porto Real estavam escuras e desertas. A chuva empurrara as pessoas para dentro das casas e batia na cabeça de Ned, morna como sangue e inexorável como as velhas culpas. Gordas gotas de água escorriam por seu rosto.

"Robert nunca se limitará a uma cama", dissera-lhe Lyanna, havia muito tempo, em Winterfell, na noite em que seu pai prometera a mão da filha ao jovem Senhor de Ponta Tempestade. "Ouvi dizer que fez um filho em uma moça qualquer no Vale." Ned segurara o bebê nos braços; dificilmente poderia negá-lo, e tampouco mentiria à irmã, mas assegurara-lhe que o que Robert fizera antes da promessa não tinha importância, que era um homem bom e fiel, e que a amaria de todo o coração. Lyanna apenas sorrira. "O amor é doce, querido Ned, mas não pode mudar a natureza de um homem."

A moça era tão jovem que Ned não se atrevera a lhe perguntar a idade. Não havia dúvida de que tinha começado virgem; os melhores bordéis eram sempre capazes de encontrar uma virgem, se a bolsa fosse suficientemente gorda. Tinha cabelos ruivo-claros e o nariz salpicado de sardas, e quando soltou um seio para dar o mamilo ao bebê, Ned vira que também o peito era sardento.

– Dei-lhe o nome Barra – dissera, enquanto a criança mamava. – Parece-se tanto com ele, não parece, senhor? Tem o seu nariz, seus cabelos…

– Parece – Eddard Stark tocara os cabelos finos e escuros do bebê. Fluía entre seus dedos como seda negra. Julgava recordar-se de que a primeira filha de Robert tivera o mesmo cabelo fino.

– Conte-lhe quando o vir, senhor, se lhe… se lhe for conveniente. Conte-lhe como ela é linda.

– Contarei – Ned prometeu à moça. Era esta a sua maldição. Robert era capaz de jurar um amor eterno e esquecê-lo antes do cair da noite, mas Ned Stark mantinha seus votos. Pensou nas promessas que fizera a Lyanna quando ela jazia, à morte, e no preço que pagara para cumpri-las.

– E diga-lhe que não tive mais ninguém. Juro, senhor, pelos deuses antigos e pelos novos. Chataya disse que eu podia tirar meio ano, por causa do bebê e por ter esperança de que ele volte. Por isso, o senhor vai lhe dizer que estou à espera, não é verdade? Não quero joias nem nada disso, só quero ele. Sempre foi bom para mim, de verdade.

*Bom para você*, pensou Ned de um modo vazio.

– Direi, filha, e prometo-lhe que Barra não passará necessidades.

Então ela sorrira, um sorriso tão trêmulo e doce que lhe destroçara o coração. Cavalgando pela noite chuvosa, Ned viu o rosto de Jon Snow à sua frente, tão semelhante a uma versão mais nova do seu. Se os deuses eram tão duros com os bastardos, pensou sombriamente, por que enchiam os homens de tais apetites?

– Lorde Baelish, o que sabe dos bastardos de Robert?

– Bem, para começar, ele tem mais do que o senhor.

– Quantos?

Mindinho encolheu os ombros. Fios de chuva puxavam para baixo a parte de trás de seu manto.

– Será que importa? Quando se dorme com mulheres suficientes, algumas lhe darão presentes, e Sua Graça nunca foi tímido nesse aspecto. Sei que ele reconheceu aquele garoto em Ponta Tempestade, aquele que gerou na noite do casamento de Lorde Stannis. Dificilmente poderia fazer outra coisa. A mãe é uma Florent, sobrinha da Senhora Selyse, uma de suas camareiras. Renly diz que Robert levou a moça para cima durante o banquete e estreou o leito de núpcias enquanto Stannis e a noiva ainda dançavam. Lorde Stannis pareceu pensar que isso manchou a honra da Casa da esposa, e quando o garoto nasceu, o enviou para Renly – dirigiu a Ned uma olhadela pelo canto do olho. – Também ouvi

segredar que Robert arranjou um par de gêmeos com uma criada em Rochedo Casterly, há três anos, quando viajou para oeste, para o torneio de Lorde Tywin. Cersei mandou matar os bebês e vendeu a mãe a um negociante de escravos que estava de passagem. Era afronta demais ao orgulho dos Lannister, tão perto de casa.

Ned Stark fez uma careta. Contavam-se histórias feias como aquela de todos os grandes senhores no reino. Ele conseguia acreditar com suficiente facilidade que Cersei Lannister seria capaz de tal coisa… Mas o rei permitiria que algo assim acontecesse? O Robert que conhecera não teria permitido, mas este mesmo Robert também nunca tivera, como agora, tanta prática de fechar os olhos às coisas que não desejava ver.

– Por que teria Jon Arryn tomado um súbito interesse pelos filhos ilegítimos do rei?

O homem mais baixo encolheu um par de ombros encharcados.

– Ele era a Mão do Rei. Sem dúvida, Robert pedira-lhe que lhes assegurasse a subsistência.

Ned estava molhado até os ossos e sua alma tinha se arrefecido.

– Tinha de ser mais que isso, caso contrário, por que matá-lo?

Mindinho sacudiu a chuva dos cabelos e soltou uma gargalhada.

– Agora compreendo. Lorde Arryn soube que Sua Graça enchera a barriga de umas quantas prostitutas e mulheres de pescadores e por isso teve de ser silenciado. Não surpreende. Permita a um homem assim que viva e, em seguida, é provável que ele diga que o sol nasce no oriente.

Ned não podia dar àquilo nenhuma resposta além de um olhar carregado. Pela primeira vez em anos, deu por si pensando em Rhaegar Targaryen. Gostaria de saber se Rhaegar frequentara bordéis; não sabia bem por que, mas achava que não.

A chuva caía agora com mais força, fazendo arder os olhos e tamborilando no chão. Rios de água negra corriam colina abaixo quando Jory gritou "*Senhor*", com a voz rouca de alarme. E, no instante seguinte, a rua estava cheia de soldados.

Ned vislumbrou cotas de malha sobre couro, luvas e caneleiras, capacetes de aço coroados por leões dourados. Seus mantos aderiam-lhes às costas, ensopados de chuva. Não teve tempo de contar, mas havia pelo menos dez, uma fila deles, a pé, bloqueando a rua, com espadas e lanças de ponta de ferro. Ouviu Wyl gritar *"Atrás!",* e quando virou o cavalo

havia mais atrás deles, barrando-lhes a retirada. A espada de Jory saiu da bainha, tilintando.

– Deixem-nos passar, ou morrerão!

– Os lobos estão uivando – disse o líder. Ned podia ver a chuva que lhe escorria pelo rosto. – Mas é uma alcateia muito pequena.

Mindinho fez avançar seu cavalo, um passo cuidadoso de cada vez.

– Que significa isto? Este homem é a Mão do Rei.

– Este homem *era* a Mão do Rei – a lama abafava o ruído dos cascos do garanhão baio puro-sangue. A linha abriu-se para deixá-lo passar. Num peitoral dourado, o leão de Lannister rugia em desafio. – Agora, a bem da verdade, não tenho certeza do que ele é.

– Lannister, isso é uma loucura – disse Mindinho. – Deixe-nos passar. Somos esperados no castelo. Que pensa que está fazendo?

– Ele sabe o que está fazendo – disse Ned calmamente.

Jaime Lannister sorriu.

– É bem verdade. Estou à procura de meu irmão. Lembra-se do meu irmão, não é mesmo, Lorde Stark? Esteve comigo em Winterfell. De cabelos claros, olhos desiguais, uma língua afiada. Um homem baixo.

– Lembro-me bem dele – respondeu Ned.

– Parece que encontrou alguns problemas na estrada. O senhor meu pai está bastante aborrecido. Não tem por acaso alguma ideia de quem possa desejar mal a meu irmão, não é?

– Seu irmão foi capturado às minhas ordens, a fim de responder por seus crimes – disse Ned Stark.

Mindinho grunhiu de consternação.

– Meus senhores…

Sor Jaime arrancou a espada da bainha e incitou o garanhão a avançar.

– Mostre-me o seu aço, Lorde Eddard. Eu o matarei como a Aerys se tiver de ser, mas preferiria que morresse com uma lâmina na mão – dirigiu a Mindinho um olhar frio e desdenhoso. – Lorde Baelish, eu sairia daqui com alguma pressa se não quisesse ficar com manchas de sangue nas dispendiosas roupas.

Mindinho não precisava ser instado.

– Chamarei a Patrulha da Cidade – prometeu a Ned. A linha dos Lannister abriu-se para deixá-lo passar e se fechou atrás dele. Mindinho enterrou os calcanhares na égua e desapareceu atrás de uma esquina.

Os homens de Ned tinham puxado as espadas, mas eram três contra vinte. Olhos observavam de janelas e portas próximas, mas ninguém pensava em intervir. Seu grupo estava montado, os Lannister, a pé, exceto o próprio Jaime. Uma investida poderia libertá-los, mas pareceu a Eddard Stark que tinham uma tática mais segura.

– Mate-me – disse ele ao Regicida –, e Catelyn com certeza matará Tyrion.

Jaime Lannister empurrou o peito de Ned com a espada dourada que derramara o sangue do último dos reis-dragão.

– Mataria? A nobre Catelyn Tully de Correrrio, matar um refém? Penso… que não – suspirou. – Mas não estou disposto a arriscar a vida de meu irmão com a honra de uma mulher – Jaime recolheu a espada dourada à bainha. – Portanto, suponho que o deixarei correr para Robert, para lhe contar como o assustei. Pergunto-me se ele se importará – Jaime atirou os cabelos molhados para trás e virou o cavalo. Depois de ultrapassar a linha dos homens de armas, dirigiu-se ao capitão. – Tregar, certifique-se de que nenhum mal aconteça a Lorde Stark.

– Como quiser, senhor.

– Apesar disso… não vamos querer que ele saia daqui *inteiramente* impune, portanto – através da noite e da chuva, Ned vislumbrou o branco do sorriso de Jaime –, mate seus homens.

– *Não!* – Ned Stark gritou, levando a mão à espada. Jaime já seguia a galope lento pela rua quando ouviu Wyl gritar. Homens aproximavam-se de ambos os lados. Ned abateu um, lançando estocadas nos fantasmas em manto vermelho que caíam diante de si. Jory Cassel enterrou os calcanhares no cavalo e saiu em disparada. Um casco ferrado com aço atingiu um guarda Lannister na cara, com um *crunch* repugnante. Um segundo homem afastou-se cambaleando, e por um instante Jory esteve livre. Wyl praguejou quando o puxaram de cima do cavalo moribundo, com espadas golpeando entre a chuva. Ned galopou para ele, fazendo cair sua espada sobre o elmo de Tregar. A sacudidela do impacto o fez ranger os dentes. Tregar caiu de joelhos, com o leão do capacete fendido ao meio e o sangue escorrendo-lhe pelo rosto. Heward golpeava as mãos que tinham agarrado o freio de seu cavalo quando uma lança o acertou na barriga. De repente, Jory estava de novo entre eles, com uma chuva vermelha caindo de sua espada.

– *Não!* – gritou Ned. – Jory, *afaste-se!* – o cavalo de Ned escorregou debaixo dele e estatelou-se na lama. Por um momento, sentiu uma dor lancinante e o sabor de sangue na boca.

Ned os viu cortar as pernas do cavalo de Jory e arrastá-lo para o chão, as espadas subindo e descendo no momento em que o cercaram. Quando o cavalo de Ned voltou a se levantar, o Senhor Stark tentou se pôr em pé, mas voltou a cair, sufocado em seu grito. Viu o osso quebrado que espreitava da barriga de sua perna. Foi a última coisa que viu por algum tempo. A chuva caía, e caía, e caía.

Quando voltou a abrir os olhos, Lorde Eddard Stark estava só com seus mortos. Seu cavalo aproximou-se, detectou o desagradável cheiro de sangue e afastou-se a galope. Ned começou a arrastar-se pela lama, rangendo os dentes com a agonia que sentia na perna. Pareceu demorar anos. Rostos observavam de janelas iluminadas por velas, e então começou a aparecer gente de vielas e de portas, mas ninguém fez um gesto para ajudar.

Mindinho e a Patrulha da Cidade encontraram-no ali, na rua, embalando nos braços o corpo de Jory Cassel.

Os homens de manto dourado tiraram de algum lugar uma maca, mas a viagem de volta ao castelo foi uma névoa de agonia, e Ned perdeu os sentidos mais de uma vez. Lembrava-se de ver a Fortaleza Vermelha erguer-se à sua frente à primeira luz cinzenta da alvorada. A chuva escurecera a pedra cor-de-rosa claro das maciças muralhas, deixando-as da cor do sangue.

Logo a seguir era o Grande Meistre Pycelle quem se erguia à sua frente, segurando uma taça e sussurrando:

– Beba, senhor. Aqui. O leite de papoula, para suas dores – lembrava-se de engolir e de Pycelle dizer a alguém para aquecer o vinho até ferver e lhe arranjar seda limpa, e foi a última coisa que ouviu.

# Daenerys

O Portão dos Cavalos de Vaes Dothrak era composto por dois gigantescos garanhões de bronze, empinados, cujos cascos encontravam-se trinta metros acima da estrada, formando um arco pontiagudo.

Dany não saberia explicar por que a cidade necessitava de portão se não tinha muralhas… tampouco edifícios que ela conseguisse ver. Mas ali estava, imenso e belo, com os grandes cavalos enquadrando a distante montanha púrpura atrás deles. Os garanhões de bronze atiravam longas sombras sobre a grama ondulante quando Khal Drogo fez o *khalasar* passar sob seus cascos e avançar ao longo do caminho dos deuses, ladeado por seus companheiros de sangue.

Dany seguia-os montada em sua prata, escoltada por Sor Jorah Mormont e o irmão Viserys, de novo a cavalo. Depois do dia em que o abandonara, naquele mar de plantas, para que regressasse a pé ao *khalasar*, os dothrakis tinham passado a chamá-lo, entre risos, *Khal Rhae Mhar*, o Rei dos Pés Feridos. Khal Drogo oferecera-lhe um lugar numa carroça no dia seguinte, e Viserys aceitara. Em sua teimosa ignorância, não compreendera que zombavam dele: as carroças destinavam-se a eunucos, aleijados, mulheres prestes a dar à luz, os muito jovens e os muito velhos. Assim, ganhou mais um nome: *Khal Rhaggat*, o Rei Carroça. O irmão de Dany pensara que o gesto era a maneira de o *khal* se desculpar pelo mal que a irmã lhe fizera. Ela pedira a Sor Jorah que não lhe contasse a verdade, para que não se sentisse envergonhado. O cavaleiro respondeu que um pouco de vergonha não faria mal nenhum ao rei… mas acabou fazendo o que ela pediu. Foram necessárias muitas súplicas, e todos os truques de cama que Doreah lhe ensinara, para que Dany conseguisse fazer com que Drogo aceitasse que Viserys voltasse a se juntar à cabeça da coluna.

– Onde está a cidade? – perguntou ao passarem sob o arco de bronze.

Não havia edifícios à vista, nem pessoas, via-se apenas o campo e a estrada, delimitada por fileiras de antigos monumentos provenientes de todas as terras que os dothrakis tinham saqueado ao longo dos séculos.

– Lá à frente – respondeu Sor Jorah. – No sopé da montanha.

Para lá do portão dos cavalos, deuses pilhados e heróis roubados erguiam-se de ambos os lados da coluna. Divindades esquecidas de cidades mortas ameaçavam o céu com seus relâmpagos quebrados quando Dany passou com sua prata a seus pés. Reis de pedra olhavam-na do alto de seus tronos, com os rostos lascados e manchados, e até os nomes perdidos na névoa do tempo. Donzelas ágeis e jovens dançavam em pedestais de mármore, vestidas apenas de flores, ou despejavam ar de jarras estilhaçadas. Monstros erguiam-se no campo junto à estrada; dragões negros de ferro com joias no lugar dos olhos, grifos rugidores, manticoras com suas caudas de espinhos prontas para atacar e outras bestas de que não conhecia o nome. Algumas das estátuas eram tão belas que lhe roubavam a respiração; outras, tão disformes e horríveis que Dany quase não suportava olhá-las. Estas últimas, disse Sor Jorah, tinham provavelmente vindo das Terras das Sombras para lá de Asshai.

– São tantas – ela disse, enquanto sua prata avançava lentamente –, e de tantas terras.

Viserys estava menos impressionado.

– O lixo de cidades mortas – disse com desprezo, e tomando cuidado de falar no Idioma Comum, que poucos dothrakis compreendiam, mas, mesmo assim, Dany deu por si olhando de relance os homens do seu *khal* para se assegurar de que não o tinham ouvido. Ele prosseguiu em tom jovial: – Tudo que esses selvagens sabem fazer é roubar as coisas que homens melhores construíram… e matar – soltou uma gargalhada. – Eles sabem *mesmo* como matar. De outro modo não teriam utilidade alguma para mim.

– Eles agora são o meu povo – disse Dany. – Não devia chamá-los de selvagens, irmão.

– O dragão fala como lhe apetece – disse Viserys… no Idioma Comum. Deu uma olhadela por cima do ombro a Aggo e Rakharo, que seguiam atrás deles, e concedeu-lhes um sorriso gozador. – Como veem, aos selvagens falta a esperteza para compreender o discurso dos homens civilizados – um monólito de pedra desgastada pelo musgo, com quinze

metros de altura, erguia-se sobre a estrada. Viserys olhou-o com tédio. – Quanto tempo teremos de nos arrastar por entre essas ruínas antes que Drogo me dê o meu exército? Estou ficando farto de esperar.

– A princesa tem de ser apresentada ao *dosh khaleen*…

– Às feiticeiras, pois – interrompeu o irmão –, e vai haver uma pantomima qualquer de profecias por causa do cachorrinho que ela tem na barriga, já sei. Que tenho eu com isso? Estou farto de comer carne de cavalo, e o fedor desses selvagens me deixa doente – cheirou a larga manga pendente de sua túnica, onde tinha por hábito colocar um sachê. Não ajudou grande coisa. A túnica estava nojenta. Todas as sedas e pesadas lãs que Viserys tinha trazido de Pentos estavam manchadas pela dura viagem e apodrecidas pelo suor.

Sor Jorah Mormont disse:

– O Mercado Ocidental terá alimentos mais do seu agrado, Vossa Graça. Os mercadores das Cidades Livres vão até lá vender seus produtos. A seu tempo, o *khal* honrará sua promessa.

– É melhor que o faça – disse Viserys em tom sombrio. – Foi-me prometida uma coroa, e pretendo possuí-la. Ninguém escarnece do dragão – ao ver a obscena imagem de uma mulher com seis seios e cabeça de furão, afastou-se para inspecioná-la mais de perto.

Dany sentiu-se aliviada, mas não menos ansiosa.

– Rezo para que o meu sol-e-estrelas não o deixe à espera por muito tempo – disse a Sor Jorah quando o irmão se afastou o suficiente para não ouvi-la.

O cavaleiro olhou com dúvida para Viserys.

– Seu irmão deveria ter esperado em Pentos. Não há lugar para ele num *khalasar*. Illyrio tentou preveni-lo.

– Ele partirá assim que tiver seus dez mil homens. O senhor meu esposo prometeu uma coroa dourada.

Sor Jorah soltou um grunhido.

– Sim, *Khaleesi*, mas… os dothrakis olham para essas coisas de forma diferente de nós, ocidentais. Já lhe disse isso, tal como Illyrio, mas seu irmão não escuta. Os senhores dos cavalos não são mercadores. Viserys pensa que a vendeu, e agora quer receber seu pagamento. Mas Khal Drogo diria que a obteve de presente. Sim, dará em troca um presente a

Viserys… no momento que escolher. Não se *exige* um presente, em especial a um *khal*. Não se exige nada de um *khal*.

– Não está certo fazê-lo esperar – Dany não sabia por que estava defendendo o irmão, mas estava. – Viserys diz que poderia varrer os Sete Reinos com dez mil guerreiros dothrakis.

Sor Jorah resfolegou.

– Viserys nem conseguiria varrer um estábulo com dez mil vassouras.

Dany não podia fingir surpresa com o desdém na voz do cavaleiro.

– E se… e se não fosse Viserys? – perguntou. – Se fosse outra pessoa a liderá-los? Alguém mais forte? Poderiam realmente os dothrakis conquistar os Sete Reinos?

O rosto de Sor Jorah tomou uma expressão pensativa enquanto seus cavalos avançavam juntos pelo caminho dos deuses.

– Nos meus primeiros anos de exílio, olhava para os dothrakis e via bárbaros seminus, tão selvagens como seus cavalos. Se me tivesse feito essa pergunta naquela época, princesa, eu teria dito que mil bons cavaleiros não teriam dificuldade em pôr em debandada cem vezes mais dothrakis.

– Mas e agora?

– Agora – disse o cavaleiro – estou menos seguro. Eles montam a cavalo melhor que qualquer cavaleiro, são completamente destemidos, e seus arcos têm maior alcance que os nossos. Nos Sete Reinos, a maior parte dos arqueiros guerreia a pé, protegida por uma muralha ou por uma barricada de pedaços de madeira aguçados. Os dothrakis disparam do dorso dos cavalos, avançando ou em retirada, não importa, são tão mortíferos de uma forma como de outra… e há *tantos*, senhora. Só o senhor seu esposo conta com quarenta mil guerreiros montados em seu *khalasar*.

– É realmente tanto assim?

– Seu irmão Rhaegar levou esse número de homens para o Tridente – admitiu Sor Jorah –, mas os cavaleiros não eram mais que um décimo. O resto eram arqueiros, cavaleiros livres e soldados desmontados, armados de lanças e piques. Quando Rhaegar caiu, muitos deixaram as armas e fugiram do campo de batalha. Quanto tempo pensa que uma tal gentalha aguentaria contra o ataque de quarenta mil guerreiros, uivando com sede

de sangue? Quão bem os protegeriam seus coletes de couro fervido e as cotas de malha quando as flechas caíssem como chuva?

– Não muito tempo – ela respondeu –, e mal.

Ele confirmou com a cabeça.

– Mas note, princesa, que, se os senhores dos Sete Reinos tiverem a esperteza que os deuses concederam a um ganso, nunca se chegará a esse ponto. Os cavaleiros do mar de plantas não apreciam as artes do cerco. Duvido que conseguissem tomar até mesmo o mais fraco dos castelos dos Sete Reinos. Mas se Robert Baratheon fosse suficientemente tolo para lhes dar batalha…

– E é? – perguntou Dany. – Um tolo?

Sor Jorah ponderou por um momento.

– Robert deveria ter nascido dothraki – disse por fim. – Seu *khal* diria que só um covarde se esconde atrás de muralhas de pedra em vez de enfrentar o inimigo de espada na mão. O Usurpador concordaria. É um homem forte, bravo… e suficientemente imprudente para defrontar uma horda dothraki em campo aberto. Mas os homens em volta dele, bem, os seus flautistas tocam outra melodia. O irmão Stannis, Lorde Tywin Lannister, Eddard Stark… – cuspiu.

– O senhor odeia esse Lorde Stark – disse Dany.

– Roubou-me tudo que amava por causa de uns quantos caçadores furtivos piolhentos e de sua preciosa honra – disse Sor Jorah em tom amargo. Ela compreendeu que a perda ainda lhe doía. O cavaleiro mudou rapidamente de tema. – Ali está – anunciou, apontando. – Vaes Dothrak. A cidade dos senhores dos cavalos.

Khal Drogo e seus companheiros de sangue levaram-nos através do grande bazar e do Mercado Ocidental, e pelas largas ruas em frente. Dany os seguia de perto em sua prata, observando a estranheza que a rodeava. Vaes Dothrak era ao mesmo tempo a maior e a menor cidade que já vira. Calculou que devia ser dez vezes maior que Pentos, uma vastidão sem muralhas nem limites, com largas ruas varridas pelo vento, pavimentadas de capim e lama e atapetadas de flores silvestres. Nas Cidades Livres do Oeste, as torres, as mansões, os casebres, as pontes e as lojas amontoavam-se umas em cima das outras, mas Vaes Dothrak espalhava-se langorosamente, tostando ao calor do sol, antiga, arrogante e vazia.

Até os edifícios eram muito estranhos aos seus olhos. Viu pavilhões de pedra talhada, mansões de capim entrelaçado tão grandes como castelos, vacilantes torres de madeira, pirâmides de degraus revestidas de mármore, longos salões abertos ao céu. Em lugar de muros, alguns locais estavam rodeados por sebes espinhosas.

– Nenhum deles é parecido com outro – disse.

– Em parte, seu irmão disse a verdade – admitiu Sor Jorah. – Os dothrakis não constroem. Há mil anos, quando queriam fazer uma casa, escavavam um buraco na terra e cobriam-no com um teto de capim entrelaçado. Esses edifícios foram construídos por escravos trazidos das terras que saquearam, e cada um foi erguido segundo o estilo do respectivo povo.

A maioria das casas, até as maiores, parecia deserta.

– Onde estão as pessoas que vivem aqui? – Dany perguntou. O bazar estava cheio de crianças correndo e homens gritando, mas fora dele vira apenas alguns eunucos tratando de seus assuntos.

– Só as feiticeiras do *dosh khaleen* vivem permanentemente na cidade sagrada, elas e seus escravos e criados – respondeu Sor Jorah –, mas Vaes Dothrak é suficientemente grande para alojar todos os homens de todos os *khalasares*, caso todos os *khals* decidam regressar ao mesmo tempo à Mãe. As feiticeiras profetizaram que um dia isso aconteceria e, portanto, Vaes Dothrak deve estar pronta para acolher todos os seus filhos.

Khal Drogo finalmente parou perto do Mercado Oriental, onde as caravanas vindas de Yi Ti, Asshai e das Terras das Sombras vinham fazer negócio com a Mãe das Montanhas erguida sobre suas cabeças. Dany sorriu ao recordar a jovem escrava de Magíster Illyrio e sua conversa sobre um palácio com duzentos quartos e portas de prata maciça. O "palácio" era um cavernoso salão de festas feito de madeira, cujas paredes rudemente talhadas se elevavam a mais de dez metros de altura, com um teto de seda cosida, uma vasta tenda ondulada que podia ser montada para afastar as raras chuvas, ou desmontada para acolher o céu sem fim. Em volta do salão havia grandes pátios para cavalos, cheios de capim, delimitados por sebes altas, buracos para fogueira e centenas de redondas casas de terra que se projetavam do chão como colinas em miniatura, cobertas de hera.

Um pequeno exército de escravos adiantara-se à coluna para realizar os preparativos para a chegada de Khal Drogo. Cada guerreiro que saltasse da sela tirava do cinto o *arakh* e o entregava a um escravo que se encontrava à espera, fazendo o mesmo com as demais armas que transportava. Nem o próprio Khal Drogo estava isento daquela obrigação. Sor Jorah explicara que em Vaes Dothrak era proibido transportar uma lâmina ou derramar o sangue de um homem livre. Até *khalasares* em guerra punham de lado suas divergências e partilhavam a comida e a bebida à vista da Mãe das Montanhas. Naquele lugar, segundo o que as feiticeiras do *dosh khaleen* tinham decretado, todos os dothrakis eram um só sangue, um só *khalasar*, uma só manada.

Cohollo aproximou-se de Dany quando Irri e Jhiqui a ajudavam a descer de sua prata. Era o mais velho dos três companheiros de sangue de Drogo, um homem atarracado e calvo, com um nariz torcido e a boca cheia de dentes partidos, estilhaçados por uma clava vinte anos antes, quando salvara o jovem *khalakka* de mercenários que esperavam vendê-lo aos inimigos do pai. Sua vida ficara ligada à de Drogo no dia em que o senhor esposo de Dany nascera.

Todos os *khals* tinham os seus companheiros de sangue. A princípio Dany os via como uma espécie de Guarda Real Dothraki, sob o juramento de proteger seu senhor, mas eram mais que isso. Jhiqui ensinara-lhe que o companheiro de sangue era mais que um guarda; eram os irmãos do *khal*, suas sombras, os mais ferozes de seus amigos. “Sangue do meu sangue”, era como Drogo lhes chamava, e assim era; partilhavam uma só vida. As antigas tradições dos senhores dos cavalos exigiam que quando o *khal* morresse seus companheiros de sangue morressem com ele, para cavalgar a seu lado nas terras da noite. Se o *khal* morresse pelas mãos de algum inimigo, viveriam apenas o suficiente para vingá-lo, e então o seguiriam alegremente para a sepultura. Jhiqui dizia que, em alguns *khalasares*, os companheiros de sangue partilhavam o vinho do *khal*, sua tenda e até suas esposas, embora nunca os seus cavalos. A montaria de um homem era apenas sua.

Daenerys sentia-se feliz por Khal Drogo não aderir a esses costumes antigos. Não teria gostado de ser partilhada. E embora o velho Cohollo a tratasse com bastante gentileza, os outros a assustavam; Haggo, enorme e silencioso, fitava-a com frequência com um ar ameaçador, como se

tivesse se esquecido de quem ela era, e Qotho tinha olhos cruéis e mãos rápidas que gostavam de machucar. Deixava manchas negras na macia pele branca de Doreah sempre que a tocava, e por vezes deixava Irri soluçando à noite. Até seus cavalos pareciam temê-lo.

No entanto, estavam ligados a Drogo para a vida e para a morte, e Daenerys não tinha alternativa senão aceitá-los. E por vezes dava por si desejando que o pai tivesse sido protegido por homens assim. Nas canções, os cavaleiros brancos da Guarda Real eram sempre nobres, valentes e leais, mas o Rei Aerys tinha sido assassinado por um deles, o rapaz bonito a quem chamavam agora Regicida, e um segundo, Sor Barristan, o Ousado, passara para o lado do Usurpador. Gostaria de saber se nos Sete Reinos todos os homens eram assim tão falsos. Quando seu filho ocupasse o Trono de Ferro, iria assegurar-se de que teria seus próprios companheiros de sangue, a fim de protegê-lo contra a traição na Guarda Real.

– *Khaleesi* – disse-lhe Cohollo, em dothraki. – Drogo, sangue do meu sangue, ordena-me que lhe diga que ele tem de subir esta noite a Mãe das Montanhas, a fim de sacrificar aos deuses por seu regresso em segurança.

Dany sabia que só se permitia aos homens pôr o pé na Mãe. Os companheiros de sangue do *khal* iriam com ele, e regressariam na alvorada.

– Diz ao meu sol-e-estrelas que sonho com ele e espero ansiosa seu regresso – ela respondeu, agradecida. Dany ia se cansando mais facilmente à medida que a criança crescia dentro de si; a verdade era que uma noite de descanso seria muito bem-vinda. A gravidez só parecia ter inflamado o desejo de Drogo por ela, e nos últimos tempos seus abraços a deixavam exausta.

Doreah a levou para a colina oca que tinha sido preparada para ela e para o *khal*. Lá dentro fazia frio e estava escuro, como numa tenda feita de terra.

– Jhiqui, um banho, por favor – ordenou, para lavar da pele a poeira da viagem e encharcar os ossos cansados. Era agradável saber que ficariam ali por algum tempo, que não precisaria montar sua prata quando a manhã chegasse.

A água escaldava, tal como ela gostava.

– Darei esta noite os presentes ao meu irmão – decidiu, enquanto Jhiqui lhe lavava os cabelos. – Ele deve parecer um rei na cidade sagrada. Doreah, corra à sua procura e o convide para jantar comigo – Viserys era mais simpático com a lysena do que com suas aias dothrakis, talvez porque Magíster Illyrio o deixara dormir com ela em Pentos. – Irri, vá ao bazar e compre frutas e carne. Qualquer coisa, menos carne de cavalo.

– Cavalo é melhor – Irri retrucou. – Cavalo torna um homem mais forte.

– Viserys detesta carne de cavalo.

– Como quiser, *khaleesi*.

Regressou com um pernil de carneiro e um cesto de frutas e legumes. Jhiqui assou a carne com ervamel e vagem-de-fogo, untando-a com mel enquanto assava; e havia melões, romãs e ameixas, e uma estranha fruta oriental que Dany não conhecia. Enquanto as aias preparavam a refeição, Dany desempacotou a roupa que tinha mandado fazer sob medida para o irmão: uma túnica e calções de fresco linho branco, sandálias de couro atadas no joelho, um cinto com medalhão de bronze, um colete de couro pintado com dragões que exalavam fogo. Esperava que os dothrakis o respeitassem mais caso se parecesse menos com um pedinte, e talvez a perdoasse por tê-lo envergonhado naquele dia no campo. Afinal de contas, ainda era o seu rei e seu irmão. Eram ambos sangue do dragão.

Estava preparando o último dos presentes, um manto de sedareia, verde como a mata, com um debrum cinza-claro que realçaria o prateado de seus cabelos, quando Viserys chegou, arrastando Doreah pelo braço. O olho da mulher estava vermelho onde ele lhe batera.

– Como se *atreve* a enviar esta prostituta para me dar ordens? – disse e atirou rudemente a aia ao tapete.

A ira apanhou Dany completamente de surpresa.

– Só quis… Doreah, o que você lhe disse?

– *Khaleesi*, mil desculpas, perdoe-me. Fui falar com ele, como me pediu, e lhe disse que a senhora mandou que se juntasse a ela para o jantar.

– Ninguém manda no dragão – rosnou Viserys. – *Eu sou o seu rei!* Devia ter lhe devolvido a cabeça dela!

A jovem lysena vacilou, mas Dany a acalmou com um toque.

– Não tenha medo, ele não te fará mal. Querido irmão, por favor, perdoe, a moça se confundiu nas palavras, eu lhe disse que *pedisse* a você que se juntasse a mim para o jantar, se isso fosse do agrado de Vossa Graça – pegou-o pela mão e o fez atravessar o quarto. – Olhe. Isto é para você – Viserys franziu as sobrancelhas, cheio de suspeita.

– Que é tudo isso?

– Roupas novas. Mandei fazer para você – Dany sorriu timidamente. Ele a olhou e escarneceu.

– Trapos dothrakis. Agora se atreve a me vestir?

– Por favor… Ficará mais fresco e confortável, e pensei… talvez, que, se se vestisse como eles, os dothrakis… – Dany não sabia como dizer o que pretendia sem acordar o dragão.

– Daqui a pouco, vai querer entrançar meus cabelos.

– Eu nunca… – por que ele era sempre tão cruel? Ela só queria ajudar. – Não tem direito a uma trança, ainda não obteve nenhuma vitória.

Foi a coisa errada a dizer. A fúria brilhou nos olhos lilases do irmão, mas ele não se atreveu a bater nela com as criadas observando e os guerreiros do seu *khas* à porta. Viserys apanhou o manto e o cheirou.

– Isto fede a estrume. Talvez o use como coberta para o cavalo.

– Mandei que Doreah o cosesse especialmente para você – ela disse, ferida. – São roupas dignas de um *khal*.

– Eu sou o Senhor dos Sete Reinos, não um selvagem manchado pelo mato e com campainhas no cabelo – Viserys gritou e agarrou o braço da irmã. – Esquece-se de quem você é, sua puta. Acha que aquele barrigudo te protegerá se acordar o dragão?

Os dedos dele enterraram-se dolorosamente em seu braço, e por um instante Dany sentiu-se de novo criança, vacilando perante sua raiva. Estendeu a outra mão e agarrou a primeira coisa que tocou, o cinto que esperara lhe oferecer, uma pesada corrente de medalhões ornamentados de bronze. Brandiu-o com toda a sua força.

Atingiu-o em cheio no rosto. Viserys a largou. Sangue escorreu de sua bochecha, onde a saliência de um dos medalhões a cortou.

– É você quem se esquece de quem é – ela disse. – Não aprendeu *nada* naquele dia no campo? Saia daqui imediatamente, antes que eu chame meu *khas* para te arrastar para a rua. E reze para que Khal Drogo não

ouça falar disto, porque, se ouvir, lhe abrirá a barriga e lhe dará para comer suas próprias entranhas.

Viserys pôs-se em pé atabalhoadamente.

– Quando ganhar o meu reino, lamentará este dia, puta – e saiu, apoiando o rosto ferido, deixando os presentes para trás.

Gotas de seu sangue tinham borrifado o belo manto de sedareia. Dany encostou o suave tecido na face e sentou-se de pernas cruzadas sobre as esteiras de dormir.

– Seu jantar está pronto, *khaleesi* –Jhiqui anunciou.

– Não tenho fome – disse Dany com voz triste. Ficara subitamente muito cansada. – Divida a comida entre vocês, e envie alguma a Sor Jorah, por favor – após um momento, acrescentou: – Por favor, alguém me traga um dos ovos de dragão.

Irri foi buscar o ovo com a casca de um profundo tom verde, que mostrava salpicos de bronze entre as escamas quando o virava nas pequenas mãos. Dany enrolou-se de lado, puxando o manto de sedareia sobre o corpo e aninhando o ovo no espaço entre a barriga inchada e os pequenos e tenros seios. Gostava de pegar neles. Eram tão belos, e, por vezes, o simples fato de estar junto deles a fazia sentir-se mais forte, mais corajosa, como se de alguma forma retirasse força dos dragões de pedra encerrados lá dentro.

Estava ali deitada, agarrada ao ovo, quando sentiu o bebê mover-se na barriga… como se estivesse estendendo uma mão, irmão para irmão, sangue para sangue.

– Você *é* o dragão – segredou Dany para o filho –, o dragão *verdadeiro*. Eu sei. Eu sei – sorriu, e adormeceu sonhando com a terra natal.

# Bran

Caía uma neve ligeira. Bran conseguia sentir os flocos derretendo em seu rosto quando tocavam sua pele como a mais leve das chuvas. Endireitou-se em cima do cavalo, observando a porta levadiça ser içada. Esforçou-se o máximo que pôde para permanecer calmo, o coração palpitava-lhe no peito.

– Estamos prontos? – Robb perguntou.

Bran acenou, tentando não mostrar o medo que sentia. Não estivera fora de Winterfell desde a queda, mas estava determinado a sair com tanto orgulho como qualquer cavaleiro.

– Então vamos – Robb encostou os calcanhares em seu grande castrado cinzento e branco, e o cavalo avançou trotando sob a porta levadiça.

– Vai – sussurrou Bran ao seu cavalo. Tocou-lhe levemente o pescoço e a pequena potra castanha avançou. Bran a chamara Dançarina. Tinha dois anos, e Joseth dizia que era mais inteligente do que um cavalo tinha direito de ser. Tinham lhe dado um treinamento especial para responder às rédeas, à voz e ao toque. Até aquele momento, Bran só a montara no pátio. A princípio, Joseth ou Hodor a puxavam com a mão, enquanto Bran se sentava em seu dorso amarrado à grande sela que o Duende tinha desenhado para ele, mas na última quinzena montara-a sozinho, fazendo-a trotar, às voltas, tornando-se mais ousado a cada circuito.

Passaram sob a porta levadiça, sobre a ponte levadiça e através das muralhas exteriores. Verão e Vento Cinzento vinham aos saltos ao lado deles, farejando o vento. Logo atrás vinha Theon Greyjoy, com seu arco e uma aljava cheia de flechas de ponta larga; segundo lhes dissera, tinha em mente abater um veado. Era seguido por quatro guardas revestidos de cota de malha na cabeça e no tronco, e por Joseth, um cavalariço magro como um espeto que Robb nomeara mestre dos cavalos enquanto Hullen estava longe. Meistre Luwin ocupava a retaguarda, montado num burro. Bran teria preferido que ele e Robb tivessem saído sozinhos, só os dois,

mas Hal Mollen nem quisera ouvir falar da ideia, e Meistre Luwin o apoiara. Se Bran caísse do cavalo ou se ferisse, o meistre estava determinado a estar junto dele.

À porta do castelo ficava a praça do mercado, cujas barracas de madeira se encontravam agora desertas. Avançaram pelas ruas lamacentas da aldeia, passando por fileiras de pequenas casas bem-arranjadas feitas de troncos e pedra nua. Menos de uma em cinco estava ocupada, com finas linhas de fumaça enrolando-se sobre sua chaminé. As outras se encheriam, uma a uma, à medida que fosse ficando mais frio. Quando a neve caísse e os ventos gelados uivassem do norte, dizia a Velha Ama, os agricultores deixariam seus campos congelados e fortificações distantes, carregariam suas carroças e então a Vila de Inverno ganharia vida. Bran nunca o vira, mas Meistre Luwin dizia que esse dia se aproximava. O fim do longo verão estava próximo. *O inverno está chegando*.

Alguns aldeões seguiram ansiosamente com os olhos os lobos gigantes enquanto os cavaleiros passavam por eles, e um homem deixou cair a lenha que transportava, fugindo com medo, mas a maior parte das gentes da terra já se habituara àquela visão. Dobravam o joelho ao ver os rapazes, e Robb saudava cada um com um aceno senhorial.

Com as pernas incapazes de apertar, o movimento oscilante do cavalo a princípio fez com que Bran se sentisse instável, mas a enorme sela com seu grosso arção dianteiro e o elevado apoio nas costas o embalava confortavelmente, e as presilhas em torno do peito e das coxas não lhe permitiriam cair. Após algum tempo, o ritmo começou a parecer quase natural. A ansiedade desvaneceu-se e um sorriso trêmulo nasceu em seu rosto.

Duas criadas estavam paradas sob o letreiro do Tronco Fumegante, a cervejaria da aldeia. Quando Theon Greyjoy as chamou, a mais nova ficou toda vermelha e cobriu o rosto. Theon esporeou a montaria para se pôr ao lado de Robb.

– Doce Kyra – disse, com uma gargalhada. – Contorce-se como uma doninha na cama, mas basta dizer-lhe uma palavra na rua para ficar cor-de-rosa como uma donzela. Já te falei daquela noite em que ela e Bessa…

– Aqui, onde meu irmão pode ouvir, não, Theon – preveniu Robb, olhando para Bran de relance.

Bran afastou o olhar e fingiu não ter escutado, mas podia sentir os olhos de Greyjoy postos nele. Estaria sem dúvida sorrindo. Sorria muito, como se o mundo fosse uma piada secreta que só ele era suficientemente inteligente para compreender. Robb parecia admirar Theon e gostar de sua companhia, mas Bran nunca simpatizara com o protegido do pai.

Robb aproximou-se.

– Está indo bem, Bran.

– Quero ir mais depressa – ele respondeu.

Robb sorriu.

– Como quiser – pôs o castrado a trote. Os lobos correram atrás dele. Bran agitou bruscamente as rédeas e Dançarina acelerou o passo. Ouviu um grito de Theon Greyjoy e os cascos dos outros cavalos atrás dele.

O manto de Bran enfunou-se, ondulando ao vento, e a neve pareceu correr de encontro ao seu rosto. Robb estava bem adiantado, lançando relances ocasionais por sobre o ombro a fim de se assegurar de que Bran e os outros o seguiam. Bran voltou a sacudir as rédeas. Suave como seda, Dançarina pôs-se a galope. A distância diminuiu. Quando alcançou Robb no limiar da Mata de Lobos, a duas milhas da Vila de Inverno, tinham deixado os outros muito para trás.

– *Posso montar!* – gritou Bran, sorrindo. Era quase tão bom quanto voar.

– Eu faria uma corrida com você, mas temo que possa ganhar – o tom de Robb era ligeiro e brincalhão, mas Bran viu sob o sorriso do irmão que alguma coisa o perturbava.

– Não quero corridas – Bran olhou em volta à procura dos lobos gigantes. Tinham ambos desaparecido na floresta. – Ouviu Verão uivar ontem à noite?

– Vento Cinzento também estava inquieto – disse Robb. Tinha os cabelos ruivos espetados e despenteados, e uma barba avermelhada cobria-lhe o queixo, fazendo-o parecer ter mais que os seus quinze anos. – Às vezes penso que eles sabem coisas… que sentem coisas… – Robb suspirou. – Nunca sei bem quanto posso lhe dizer, Bran. Gostaria que fosse mais velho.

– Já tenho oito anos! – Bran retrucou. – Oito não é muito mais novo que quinze, e sou o herdeiro de Winterfell depois de você.

– É mesmo – Robb parecia triste, e até um pouco assustado. – Bran, preciso te contar uma coisa. Chegou uma ave ontem à noite. De Porto Real. Meistre Luwin me acordou.

Bran sentiu um temor súbito. *Asas escuras, palavras escuras*, dizia sempre a Velha Ama, e nos últimos tempos os corvos mensageiros provavam que o provérbio era verdadeiro. Quando Robb escrevera ao Senhor Comandante da Patrulha da Noite, a ave que regressou trouxe a notícia de que Tio Benjen continuava desaparecido. Depois chegara uma mensagem do Ninho da Águia, da mãe, mas também não trazia boas notícias. Ela não dizia quando pretendia regressar, apenas que tomara o Duende prisioneiro. Bran de certo modo simpatizara com o homenzinho, mas o nome Lannister punha-lhe dedos frios passeando pela espinha. Havia algo a respeito dos Lannister, algo de que se devia lembrar, mas quando tentava pensar no que, sentia-se tonto e o estômago ficava duro como pedra. Robb passara a maior parte daquele dia trancado com Meistre Luwin, Theon Greyjoy e Hallis Mollen. Depois, cavaleiros partiram em montarias rápidas, levando as ordens de Robb a todo o Norte. Bran ouviu falar de Fosso Cailin, a antiga fortaleza que os Primeiros Homens tinham construído no topo do Gargalo. Ninguém chegara a lhe dizer o que se passava, mas sabia que boa coisa não era.

E agora outro corvo, outra mensagem. Bran agarrou-se à esperança.

– Era a ave da mãe? Ela vai voltar para casa?

– A mensagem é de Alyn, em Porto Real. Jory Cassel está morto. E Wyl e Heward também. Assassinados pelo Regicida – Robb levantou o rosto para a neve e os flocos derreteram em suas bochechas. – Que os deuses lhes deem descanso.

Bran não soube o que dizer. Sentia-se como se tivesse levado um murro. Jory era capitão da guarda doméstica de Winterfell desde antes de Bran nascer.

– Mataram Jory? – lembrou-se de todas as vezes em que Jory o perseguira pelos telhados. Via-o caminhando pelo pátio, em passos largos, vestido de cota de malha e armadura, ou sentado no seu lugar de costume no banco do Grande Salão, gracejando enquanto comia. – Por que haveria alguém de matar Jory?

Robb balançou a cabeça com um ar entorpecido e uma evidente dor nos olhos.

– Não sei, e… Bran, isso não é o pior. Nosso pai ficou preso debaixo de um cavalo que caiu na luta. Alyn diz que ele ficou com a perna destroçada e… Meistre Pycelle deu-lhe o leite de papoula, mas não têm certeza de quando é que… quando é que ele… – o som de cascos o fez deitar um relance pela estrada, por onde Theon e os outros se aproximavam. – Quando é que ele vai acordar – concluiu. Pousou então a mão no punho da espada e prosseguiu na voz solene de Robb, o Senhor. – Bran, prometo-lhe, aconteça o que acontecer, não deixarei que isto seja esquecido.

Algo no seu tom fez com que Bran ficasse com mais medo ainda.

– Que vai fazer? – o garoto perguntou, enquanto Theon Greyjoy refreava seu cavalo ao lado deles.

– Theon pensa que devo chamar os vassalos – disse Robb.

– Sangue por sangue – pela primeira vez Greyjoy não sorria. O rosto magro e sombrio tomara um aspecto faminto, e cabelos negros caíram-lhe sobre os olhos.

– Só o senhor pode chamar os vassalos – Bran disse enquanto a neve caía lentamente ao redor do grupo.

– Se o senhor seu pai morrer – disse Theon –, Robb será o Senhor de Winterfell.

– Ele *não* morrerá! – Bran gritou.

Robb tomou-lhe a mão.

– Ele não morrerá, nosso pai não morrerá – ele disse calmamente. – Mesmo assim… a honra do Norte agora está em minhas mãos. Quando o senhor nosso pai se afastou de nós, disse-me para ser forte por você e por Rickon. Sou quase um homem-feito, Bran.

Bran estremeceu.

– Gostaria que nossa mãe retornasse – disse, com ar infeliz. Olhou em volta à procura de Meistre Luwin; via-se o seu burro muito ao longe, trotando sobre uma colina. – Meistre Luwin também diz para chamar os vassalos?

– O meistre é medroso como uma velha – Theon interveio.

– Nosso pai sempre escutou seus conselhos – recordou Bran ao irmão. – E a mãe também.

– Eu o escuto – insistiu Robb. – Eu escuto todo mundo.

A alegria que Bran sentira com a cavalgada tinha desaparecido, derretida como os flocos de neve em seu rosto. Não muito tempo antes, a ideia de Robb chamar os vassalos e partir para a guerra o teria enchido de excitação, mas agora sentia apenas terror.

– Podemos retornar? – perguntou. – Sinto frio.

Robb olhou em volta.

– Temos de encontrar os lobos. Pode continuar um pouco mais?

– Posso continuar tanto quanto você. – Meistre Luwin avisara-o de que devia montar durante pouco tempo, temendo as assaduras provocadas pela sela, mas Bran não admitiria sua fraqueza perante o irmão. Estava farto do modo como todos andavam sempre à sua volta, perguntando como se sentia.

– Vamos então à caça dos caçadores – disse Robb. Lado a lado, incitaram as montarias a sair da Estrada do Rei e entrar na Mata de Lobos. Theon deixou-se ficar para trás e os seguiu muito depois, conversando e gracejando com os guardas.

Estava agradável sob as árvores. Bran manteve Dançarina trotando devagar, segurando as rédeas e olhando em volta enquanto avançavam. Conhecia aquela floresta, mas tinha estado tanto tempo confinado em Winterfell que era como se a visse pela primeira vez. Os cheiros enchiam-lhe as narinas; o aroma forte, penetrante e fresco das agulhas de pinheiro, o odor de folhas úmidas apodrecendo na terra, os vestígios do cheiro de almíscar e dos fogos das cozinhas distantes. Viu de relance um esquilo negro que se movia entre os galhos cobertos de neve de um carvalho e parou para estudar a teia prateada de uma aranha imperatriz.

Theon e os outros ficaram cada vez mais para trás, até que Bran deixou de conseguir ouvir suas vozes. De longe, chegou-lhe o tênue som de águas correntes. Foi ficando mais alto até chegarem ao córrego. Lágrimas brotaram em seus olhos.

– Bran? – perguntou Robb. – O que aconteceu?

Bran balançou a cabeça.

– Estava só me lembrando – disse ele. – Jory nos trouxe uma vez aqui para pescar trutas. Você, eu e Jon. Lembra?

– Lembro – disse Robb, com a voz baixa e triste.

– Eu não apanhei nada – disse Bran –, mas Jon me deu o peixe dele no caminho de volta a Winterfell. Vamos voltar a ver Jon?

– Vimos Tio Benjen quando o rei esteve aqui – salientou Robb. – Jon também nos visitará, você vai ver.

O córrego corria cheio e rápido. Robb desmontou e levou seu castrado para atravessar o lado mais raso. Na parte mais profunda da travessia, a água chegava-lhe até o meio das coxas. Amarrou o cavalo a uma árvore do outro lado e voltou para buscar Bran e Dançarina. A corrente espumava em torno das rochas e das pernas, e Bran conseguia sentir os salpicos no rosto enquanto Robb o levava pelo riacho. Isso o fez sorrir. Por um momento voltou a sentir-se forte e inteiro. Olhou para as árvores e sonhou subir até suas copas, com toda a floresta estendida abaixo.

Tinham já chegado ao outro lado do córrego quando ouviram o uivo, um longo lamento que se erguia por entre as árvores como um vento frio. Bran ergueu a cabeça para escutar.

– Verão – disse. E assim que falou, uma segunda voz juntou-se à primeira.

– Mataram qualquer coisa – disse Robb enquanto voltava a montar. – É melhor que eu vá buscá-los. Espere aqui, Theon e os outros devem estar chegando.

– Quero ir com você – disse Bran.

– Eu os encontro mais depressa sozinho – Robb esporeou seu castrado e desapareceu por entre as árvores.

Depois de o irmão partir, as árvores pareceram apertar-se ao redor de Bran. Agora a neve caía com mais força. Onde tocava o solo, derretia, mas, por todo lado, pedras, raízes e galhos estavam cobertos por um fino manto branco. Enquanto esperava, estava consciente de como se sentia desconfortável. Não sentia as pernas, que pendiam, inúteis, nos estribos, mas a presilha que lhe rodeava o peito estava apertada e provocava-lhe escoriações, e a neve que derretia tinha-se infiltrado nas luvas e gelava-lhe as mãos. Perguntou-se por que Theon, Meistre Luwin, Joseth e os outros demoravam.

Quando ouviu o restolhar de folhas, Bran usou as rédeas para fazer Dançarina virar-se, esperando ver os amigos, mas os homens esfarrapados que saíram para a margem do córrego eram-lhe estranhos.

– Bons dias para os senhores – disse ele nervosamente. Bastou uma olhadela para Bran compreender que os homens não eram lenhadores nem agricultores. De repente, se deu conta da riqueza das roupas que envergava. Tinha uma capa nova, de lã cinza-escura com botões de prata, e um pesado alfinete de prata prendia aos ombros o manto forrado de peles. As botas e as luvas também eram forradas de peles.

– Então tá sozinho, hã? – disse o maior dos homens, um careca de semblante rude, com a pele queimada pelo vento. – Perdido na Mata de Lobos, pobre garoto.

– Não estou perdido – Bran não gostava da maneira como os estranhos o olhavam. Contou quatro, mas, quando virou a cabeça, viu outros dois atrás dele. – Meu irmão se afastou por um momento e minha guarda estará aqui em breve.

– Sua guarda, hã? – disse um segundo homem. Uma barba cinzenta cobria seu rosto magro. – E que é que ela guarda, senhorzinho? Isso que vejo em seu manto é um alfinete de prata?

– Bonito – disse uma voz de mulher. Pouco se parecia com uma mulher; era alta e esguia, com a mesma expressão dura dos outros, e tinha os cabelos escondidos por baixo de um meio elmo em forma de tigela. A lança que segurava era feita de dois metros e meio de carvalho negro, com uma ponta de aço enferrujado.

– Vamos lá ver – disse o grande homem careca.

Bran observou-o ansiosamente. A roupa do homem estava imunda, quase desfeita em pedaços, remendada aqui de marrom, ali de azul e acolá de verde-escuro, e desbotada por todo lado até ficar cinzenta, mas antes talvez aquele manto tivesse sido negro. Percebeu, com um súbito sobressalto, que o homem atarracado e grisalho também usava farrapos negros. De repente, Bran lembrou-se do desertor que seu pai decapitara no dia em que tinham encontrado os filhotes de lobo; esse homem também usava negro, e seu pai dissera que era um desertor da Patrulha da Noite. *Ninguém pode ser mais perigoso*, lembrou-se de ter ouvido Lorde Eddard dizer. *O desertor sabe que sua vida está perdida se for capturado, e por isso não vacilará perante nenhum crime, por mais vil ou cruel que seja*.

– O alfinete, garoto – disse o homem grande. E estendeu a mão.

– Vamos ficar com o cavalo também – disse uma mulher menor que Robb, com um rosto largo e achatado e cabelos lisos e amarelos. – Desce, e depressa – uma faca, de gume irregular como uma serra, deslizou-lhe para a mão de dentro da manga.

– Não – proferiu Bran. – Eu não posso…

O homem grande agarrou-lhe as rédeas antes que Bran pudesse pensar em fazer Dançarina rodopiar e galopar para longe.

– Pode sim, senhorzinho… e é o que vai fazer, se souber o que é bom para você.

– Stiv, olha como ele está atado – a mulher alta apontou com a lança. – Isso que ele diz pode ser verdade.

– Com que, hã? Presilhas? – disse Stiv. Tirou um punhal de uma bainha que trazia ao cinto. – Há maneiras de lidar com presilhas.

– Você é alguma espécie de aleijado? – perguntou a mulher baixa.

Bran inflamou-se.

– Sou Brandon Stark de Winterfell, e é melhor que largue meu cavalo, ou farei com que sejam todos mortos.

O homem magro de barba cinzenta riu.

– O garoto é um Stark, não há dúvida. Só um Stark seria suficientemente tolo para fazer ameaças onde homens mais inteligentes suplicariam.

– Corte-lhe o pintinho e o enfie na boca – sugeriu a mulher baixa. – Isso deve calá-lo.

– É tão estúpida quanto feia, Hali – disse a mulher alta. – O garoto não serve para nada morto; agora, vivo… malditos sejam os deuses, pensem no que o Mance daria para ter como refém o próprio sangue de Benjen Stark!

– Que o Mance se dane – praguejou o homem grande. – Quer voltar para lá, Osha? Mais tola é você. Acha que os caminhantes brancos se importam se tem um refém? – virou-se para Bran e golpeou a presilha que lhe envolvia a coxa. O couro rompeu-se com um suspiro.

O golpe foi rápido e descuidado, cortando profundamente. Olhando para baixo, Bran viu de relance a pele clara onde a lã dos calções se rompera. Então, o sangue começou a fluir. Observou a mancha vermelha se espalhando, sentindo-se tonto, curiosamente distante; não tinha havido

dor, nem mesmo uma ligeira sensação. O homem grande grunhiu surpreso.

– Deponham as armas agora e lhes prometo uma morte rápida e indolor – gritou Robb.

Bran ergueu os olhos com uma esperança desesperada, e ali estava ele. A força das palavras era diminuída pela maneira como a voz soava quebrada de tensão. Estava montado, com a carcaça sangrenta de um alce depositada sobre a garupa do cavalo, e com a espada na mão enluvada.

– O irmão – disse o homem da barba cinzenta.

– É um tipo feroz, ah, se é – troçou a mulher baixa, aquela a quem chamavam Hali. – Pretende lutar com a gente, rapaz?

– Não seja tonto, jovem. É um contra seis – a mulher alta, Osha, baixou a lança. – Salte do cavalo e jogue a espada ao chão. Agradeceremos educadamente pela montaria e pelo veado, e você e seu irmão podem seguir caminho.

Robb assobiou. Ouviram o tênue som de patas suaves sobre folhas úmidas. A vegetação rasteira abriu-se, galhos baixos deixaram cair sua neve acumulada, e Vento Cinzento e Verão emergiram do verde. Verão farejou o ar e rosnou.

– Lobos – arfou Hali.

– Lobos gigantes – disse Bran. Ainda com metade do tamanho de adultos, eram tão grandes como qualquer lobo que já tivesse visto, mas era fácil detectar as diferenças, caso se soubesse em que reparar. Meistre Luwin e Farlen, o mestre dos canis, lhe tinham ensinado. Um lobo gigante tinha a cabeça maior e as patas mais compridas em proporção com o corpo, e o focinho era marcadamente mais estreito e pronunciado. Havia algo neles de lúgubre e terrível, ali parados por entre a neve que caía lentamente. Sangue fresco pintalgava o focinho de Vento Cinzento.

– Cães – disse o homem grande e careca com desprezo. – E houve quem me dissesse que não há nada como um manto de pele de lobo para aquecer um homem à noite – fez um gesto brusco. – Apanhem-nos.

Robb gritou "*Winterfell!*" e esporeou o cavalo. O castrado mergulhou pela margem do córrego ao mesmo tempo que os homens esfarrapados se aproximavam. Um homem com um machado correu contra ele, gritando e sem prudência. A espada de Robb o apanhou em cheio no rosto com um nauseante *crunch* e um borrifo de sangue brilhante. O homem de rosto

magro e barba cinzenta estendeu a mão para agarrar as rédeas, e conseguiu, durante meio segundo… mas então Vento Cinzento saltou sobre ele, desequilibrando-o. Caiu de costas no córrego com um *chap* e um grito, brandindo loucamente a faca quando a cabeça submergiu. O lobo gigante mergulhou atrás dele, e a água branca tornou-se vermelha onde os dois desapareceram.

Robb e Osha trocavam golpes no meio do córrego. A longa lança da mulher era uma serpente de cabeça de aço que atacava o peito de Robb, uma, duas, três vezes, mas ele parava cada estocada com a espada, desviando a ponta para o lado. À quarta ou quinta estocada, a mulher alta fez um movimento largo demais e perdeu o equilíbrio, só por um segundo. Robb investiu, derrubando-a.

A pouca distância, Verão surgiu como um relâmpago e mordeu Hali. A faca caiu-lhe sobre as costas. Verão esquivou-se, rosnando, e voltou a atacar. Dessa vez suas mandíbulas fecharam-se em volta da barriga da perna da pequena mulher. Segurando a faca com ambas as mãos, ela tentou apunhalá-lo, mas o lobo selvagem pareceu pressentir a lâmina. Libertou-a por um instante, com a boca cheia de couro, tecido e carne ensanguentada. Quando Hali tropeçou e caiu, atacou-a de novo, atirando-a para trás, rasgando sua barriga com os dentes.

O sexto homem fugiu da carnificina… mas não foi longe. Enquanto subia pela margem mais distante do córrego, Vento Cinzento emergiu da água, pingando. Sacudiu-se e saltou sobre o homem que fugia, abocanhando-o com uma única dentada e atirando-se à sua garganta quando o homem deslizou, aos gritos, de volta para a água.

E então restou apenas o homem grande, Stiv. Golpeou a presilha de peito de Bran, agarrou-lhe o braço e puxou. De repente, Bran caiu. Estatelou-se no chão, com as pernas enlaçadas debaixo do corpo e um pé dentro do córrego. Não conseguia sentir o frio da água, mas sentiu o aço quando Stiv lhe encostou o punhal na garganta.

– Afaste-se – preveniu o homem –, ou juro que abro a traqueia do garoto.

Robb puxou as rédeas do cavalo, respirando com força. A fúria desapareceu de seus olhos e o braço que segurava a espada caiu.

Nesse momento, Bran viu tudo. Verão estava atacando ferozmente Hali, puxando reluzentes serpentes azuis de sua barriga. Os olhos dela

estavam muito abertos, mas não se moviam. Bran não sabia dizer se a mulher estava viva ou morta. O atarracado homem grisalho e o do machado jaziam, imóveis, mas Osha estava de joelhos, rastejando em direção à sua lança caída. Vento Cinzento caminhou até ela, com os pelos encharcados, pingando.

– Chame-o! – gritou o homem grande. – Chame os dois ou o aleijado morre agora mesmo!

– Vento Cinzento, Verão, aqui – disse Robb.

Os lobos gigantes pararam, viraram a cabeça. Vento Cinzento saltou para junto de Robb. Verão ficou onde estava, com os olhos fitos em Bran e no homem a seu lado. Rosnou. Tinha o focinho molhado e vermelho, mas seus olhos ardiam.

Osha usou a base da lança como apoio para se levantar. Jorrava sangue de uma ferida no braço, onde Robb a golpeara. Bran conseguia ver o suor que escorria pelo rosto do homem grande. Compreendeu que Stiv estava tão assustado quanto ele.

– Stark – murmurou o homem –, malditos Stark – levantou a voz. – Osha, mate os lobos e apanhe a espada dele.

– Mate-os você – ela respondeu. – Eu não chego perto desses monstros.

Por um momento Stiv sentiu-se perdido. Sua mão tremia; Bran sentiu um fio de sangue onde a faca fazia pressão contra seu pescoço. O fedor do homem enchia-lhe as narinas; cheirava a medo.

– Você – gritou a Robb. – Tem um nome?

– Sou Robb Stark, herdeiro de Winterfell.

– Este é seu irmão?

– Sim.

– Se o quiser vivo, faça o que digo. Salte do cavalo.

Robb hesitou por um momento. Então, lenta e deliberadamente desmontou e virou-se para o homem, de espada na mão.

– Agora mate os lobos.

Robb não se moveu.

– Faça o que eu digo. Os lobos ou o garoto.

– *Não!* – gritou Bran. Se Robb fizesse o que ele pedia, Stiv os mataria a ambos de qualquer modo depois de os lobos serem mortos.

O careca o agarrou pelos cabelos com a mão livre e o puxou cruelmente, até Bran soluçar de dor.

– Cale essa boca, aleijado, está me ouvindo? – puxou com mais força. – *Está me ouvindo?*

Um *vrum* baixo veio das árvores atrás deles. Stiv soltou um arquejo engasgado quando quinze centímetros de uma flecha de ponta larga explodiram de repente em seu peito. A flecha era vermelha viva, como se tivesse sido pintada com sangue.

O punhal caiu da garganta de Bran. O homem grande cambaleou e caiu no córrego de barriga para baixo. A flecha partiu-se sob seu corpo. Bran viu sua vida esvair, aos redemoinhos, água abaixo.

Osha olhou em volta quando os guardas de seu pai surgiram por entre as árvores, de armas na mão, e deixou cair a lança.

– Misericórdia, senhor – ela gritou para Robb.

Os guardas tinham uma expressão estranha, pálida, no rosto ao depararem com aquela cena de morticínio. Olhavam para os lobos, inseguros, e quando Verão regressou para junto do cadáver de Hali para comer, Joseth deixou cair a faca e precipitou-se para as árvores, vomitando. Até Meistre Luwin pareceu chocado ao surgir por trás de uma árvore, mas só por um instante. Então balançou a cabeça e atravessou o córrego até junto de Bran.

– Está ferido?

– Ele cortou minha perna – Bran respondeu–, mas não senti nada.

Enquanto Meistre se ajoelhava para examinar a ferida, Bran virou a cabeça. Theon Greyjoy estava ao lado de uma árvore-sentinela, de arco na mão, e sorrindo. Sempre sorrindo. Meia dúzia de flechas encontravam-se espetadas no chão macio a seus pés, mas ele só precisara de uma.

– Um inimigo morto é uma beleza – anunciou.

– Jon sempre disse que você era um cretino, Greyjoy – disse Robb em voz alta. – Devia acorrentá-lo no pátio e deixar Bran praticar um pouco de tiro ao alvo em *você*.

– Devia me agradecer por ter salvado a vida de seu irmão.

– E se seu tiro tivesse falhado? – disse Robb. – E se só o tivesse ferido? E se tivesse feito sua mão saltar ou ferido Bran em vez dele? Sabia que o homem podia estar usando uma placa no peito, porque tudo que você conseguia ver era a parte de trás de seu manto. Que teria acontecido então ao meu irmão? Chegou a pensar *nisso*, Greyjoy?

O sorriso de Theon desaparecera. Encolheu os ombros, carrancudo, e começou a arrancar as flechas do chão, uma a uma.

Robb olhou então para os guardas.

– Onde vocês estavam? – exigiu saber. – Eu tinha certeza de que vinham logo atrás de nós.

Os homens trocaram olhares infelizes.

– Nós os seguíamos, senhor – disse Quent, o mais novo, cuja barba não passava de uma suave penugem castanha. – Só que primeiro esperamos por Meistre Luwin e por seu asno, com a sua licença, e depois, bem, aconteceu que… – deu uma olhadela para Theon e desviou rapidamente o olhar, envergonhado.

– Eu vi um peru – disse Theon, aborrecido pela pergunta. – Como haveria de saber que ia deixá-lo sozinho?

Robb tornou o olhar para Theon. Bran nunca o vira tão zangado, mas não disse nada. Finalmente, ajoelhou ao lado de Meistre Luwin.

– Qual é a gravidade da ferida do meu irmão?

– Não passa de um arranhão – disse o meistre. Molhou um pano no córrego para limpar o corte. – Dois deles vestem-se de negro – disse a Robb enquanto trabalhava.

Robb lançou um olhar para onde Stiv jazia, estatelado no córrego, com o esfarrapado manto negro a mover-se irregularmente, puxado pela corrente.

– Desertores da Patrulha da Noite – disse em tom sombrio. – Deviam ser loucos para vir tão perto de Winterfell.

– A loucura e o desespero são muitas vezes difíceis de distinguir – disse Meistre Luwin.

– Enterramos os corpos, senhor? – perguntou Quent.

– Eles não nos teriam enterrado – disse Robb. – Corte-lhes as cabeças, vamos mandá-las de volta para a Muralha. Deixe o resto para os corvos.

– E esta? – Quent sacudiu o polegar na direção de Osha.

Robb aproximou-se dela. Era uma cabeça mais alta que ele, mas caiu sobre os joelhos quando o viu caminhar em sua direção.

– Conceda-me a vida, Senhor de Stark, e serei sua.

– Minha? Que faria eu com uma traidora?

– Eu não quebrei juramento nenhum. Stiv e Wallen fugiram da Muralha, eu não. Os corvos negros não têm lugar para mulheres.

Theon Greyjoy aproximou-se devagar.

– Dê-a aos lobos – ele disse a Robb. Os olhos da mulher saltaram para o que restava de Hali e afastaram-se com a mesma velocidade. Estremeceu. Até os guardas pareceram nauseados.

– Ela é uma mulher – disse Robb.

– Uma selvagem – disse-lhe Bran. – Ela disse que deviam me manter vivo para me levarem a Mance Rayder.

– Você tem um nome? – perguntou-lhe Robb.

– Osha, ao seu dispor – ela murmurou em tom amargo.

Meistre Luwin se levantou.

– Faríamos bem em interrogá-la.

Bran conseguiu ver o alívio no rosto do irmão.

– Será como diz, meistre. Wayn, ate-lhe as mãos. Ela volta conosco para Winterfell… e viverá ou morrerá conforme as verdades que nos ofereça.

# Tyrion

—Quer comer? – perguntou Mord, carrancudo. Segurava um prato de feijão cozido com a mão grossa de dedos curtos.

Tyrion Lannister estava faminto, mas recusou-se a deixar que aquele bruto o visse rebaixado.

– Uma perna de carneiro seria agradável – disse ele da pilha de palha suja que se acumulava a um canto de sua cela. – Talvez um prato de ervilhas com cebola, um pouco de pão fresco cozido com manteiga e um jarro de vinho com açúcar para empurrar tudo para baixo. Ou cerveja, se for mais fácil. Tento não ser exigente demais.

– Há feijões – disse Mord. – Tome – e estendeu o braço.

Tyrion suspirou. O carcereiro não passava de cento e trinta quilos de grosseira estupidez, com dentes podres escurecidos e pequenos olhos escuros. O lado esquerdo do rosto era liso, com uma cicatriz no local em que um machado lhe cortara a orelha e parte da bochecha. Era tão previsível quanto feio, mas Tyrion *tinha* fome. Estendeu a mão para o prato.

Mord o puxou para longe, sorrindo.

– Tá aqui – disse, segurando-o fora do alcance de Tyrion.

O anão pôs-se rigidamente em pé, sentindo dores em todas as articulações.

– Temos de jogar o mesmo jogo idiota a cada refeição? – tentou de novo apanhar os feijões.

Mord afastou-se, arrastando os pés, mostrando os dentes podres.

– Tá aqui, homem anão – esticou o braço sobre a borda onde terminava a cela e começava o céu. – Não quer comer? Toma. Ande para pegar.

Os braços de Tyrion eram curtos demais para alcançar o prato, e não ia se aproximar tanto assim da borda. Bastaria um empurrão rápido da pesada barriga branca de Mord, e ele acabaria seus dias como uma

repugnante mancha vermelha nas pedras de Céu, como acontecera com tantos outros prisioneiros do Ninho da Águia ao longo dos tempos.

– Pensando bem, não tenho fome – declarou, retirando-se para o canto da cela.

Mord grunhiu e abriu os dedos grossos. O vento capturou o prato, virando-o ao contrário enquanto caía. Um punhado de feijões borrifou os dois enquanto a comida tombava para longe dos seus olhos. O carcereiro desatou a rir, fazendo a barriga tremer como uma taça de pudim.

Tyrion sentiu um súbito ataque de raiva.

– Filho duma mula lazarenta – cuspiu. – Espero que morra de caganeira.

Por aquilo Mord lhe deu um pontapé ao encaminhar-se para a saída, enterrando com força a ponta de aço da bota nas costelas de Tyrion.

– Retiro o que disse! – arquejou, enquanto se retorcia na palha. – Hei de matá-lo eu mesmo, juro! – a pesada porta reforçada de ferro fechou-se com estrondo. Tyrion ouviu o ruído de chaves.

Para um homem pequeno, tinha sido amaldiçoado com uma boca perigosamente grande, refletiu enquanto rastejava de volta ao canto daquilo que os Arryn chamavam ridiculamente de masmorras. Aconchegou-se sob um cobertor fino que era sua única roupa de cama, olhando um deslumbrante céu azul sem uma nuvem e montanhas distantes que pareciam se prolongar até o infinito, desejando ainda possuir o manto de pele de gato-das-sombras que ganhara de Marillion nos dados depois de o cantor tê-lo roubado do corpo daquele chefe salteador. A pele cheirava a sangue e mofo, mas era quente e grossa. Mord ficara com ela no momento em que lhe pusera os olhos em cima.

O vento puxava-lhe o cobertor com rajadas aguçadas como garras. A cela era miseravelmente pequena, até para um anão. A menos de um metro e meio de distância, onde deveria existir uma parede, onde uma parede *estaria* em uma masmorra de verdade, o chão terminava e o céu começava. Não tinha falta de ar fresco e luz do sol, e da lua e das estrelas à noite, mas Tyrion teria trocado tudo isso num instante pelo mais úmido e sombrio fosso nas entranhas de Rochedo Casterly.

– Você vai voar – garantira-lhe Mord, quando o enfiara na cela. – Vinte dias, trinta, se calhar, cinquenta. Depois vai voar.

Os Arryn mantinham a única masmorra no reino de onde os prisioneiros eram livres para fugir se bem entendessem. Naquele primeiro dia, depois de levar horas cobrindo-se de coragem, Tyrion deitara-se de barriga para baixo e rastejara até a borda para pôr a cabeça para fora e espreitar para baixo. O Céu estava cento e oitenta metros mais abaixo, sem nada, a não ser o ar para separá-lo do castelo. Se esticasse o pescoço o máximo possível, conseguia ver outras celas à direita, à esquerda e acima. Era uma abelha numa colmeia de pedra, e alguém lhe arrancara as asas.

Fazia frio na cela, o vento uivava noite e dia e, pior que tudo, o chão era *inclinado*. Só um pouco, mas o suficiente. Tinha medo de fechar os olhos, medo da possibilidade de rolar durante o sono e acordar em total terror no momento em que deslizasse pela borda. Pouco admirava que as celas abertas enlouquecessem os homens.

*Que os deuses me salvem*, escrevera na parede um inquilino anterior qualquer, usando algo que se parecia, de forma suspeita, com sangue, *o azul está chamando*. A princípio Tyrion interrogou-se sobre quem teria sido ele e o que lhe teria acontecido; mais tarde, decidiu que preferia não saber.

Se ao menos tivesse calado a boca…

O maldito garoto começara tudo, olhando-o de cima de um trono esculpido em represeiro sob os estandartes da lua e do falcão da Casa Arryn. Tinham olhado de cima para Tyrion Lannister ao longo de toda a sua vida, mas era raro que quem o fizesse fosse um menino remelento de seis anos que precisava enfiar grossas almofadas debaixo das nádegas para se elevar à altura de um homem.

– Este é o homem mau? – perguntou o garoto, agarrando-se à sua boneca.

– É – respondeu a Senhora Lysa de seu trono menor, ao seu lado. Vestia-se toda de azul e estava empoada e perfumada para os pretendentes que lhe enchiam a corte.

– Ele é tão *pequeno* – observou o Senhor do Ninho da Águia, aos risinhos.

– Este é Tyrion, o Duende, da Casa Lannister, que assassinou o senhor seu pai – ela levantou a voz para que chegasse a todo o comprimento do Alto Salão do Ninho da Águia, ressoando nas paredes de um branco

leitoso e nos estreitos pilares, para que todos os homens pudessem ouvi-la. – *Ele assassinou a Mão do Rei!*

– Ah, e também o matei? – disse Tyrion, como um bobo.

Esta teria sido uma ótima ocasião para manter a boca fechada e a cabeça abaixada. Agora compreendia isso; pelos sete infernos, agora o compreendia. O Alto Salão dos Arryn era longo e austero, com uma frieza sinistra nas paredes de mármore branco com veios azuis, mas os rostos que o rodeavam eram de longe mais frios. O poder de Rochedo Casterly estava distante, e não havia amigos dos Lannister no Vale de Arryn. A submissão e o silêncio teriam sido suas melhores defesas.

Mas o humor de Tyrion estava negro como a noite mais escura. Para sua vergonha, fraquejara durante a última etapa de seu dia de subida ao Ninho da Águia, e as pernas atrofiadas se tinham mostrado incapazes de levá-lo mais alto. Bronn o transportara o resto do caminho, e a humilhação despejara óleo nas chamas de sua ira.

– Parece que fui um tipinho bastante atarefado – disse com um sarcasmo amargo. – Pergunto a mim mesmo onde teria arranjado tempo para tratar de todos esses assassinatos e mortes.

Deveria ter se lembrado de com quem estava lidando. Lysa Arryn e seu débil filho enfermiço não tinham ficado conhecidos na corte pelo seu amor por frases espirituosas, especialmente quando lhes eram dirigidas.

– Duende – Lysa disse friamente –, cuidado com essa língua trocista e fale respeitosamente com meu filho, ou prometo que se arrependerá. Lembre-se de onde está. Aqui é o Ninho da Águia e estes ao seu redor são os cavaleiros do Vale, homens leais que queriam bem a Jon Arryn. Todos eles morreriam por mim.

– Senhora Arryn, se algum mal me acontecer, meu irmão Jaime ficará feliz por se assegurar de que morram – no exato momento em que cuspia as palavras, Tyrion soube que eram uma loucura.

– É capaz de voar, senhor de Lannister? – perguntou a Senhora Lysa. – Um anão tem asas? Se não, mais sensato seria engolir a próxima ameaça que lhe vier à cabeça.

– Não fiz ameaça nenhuma – ele respondeu. – Isso foi uma promessa.

Ao ouvir aquilo, o pequeno Lorde Robert pusera-se em pé de um salto, tão perturbado que a boneca caíra ao chão.

– Não pode nos machucar – o menino gritou. – Ninguém pode nos machucar aqui. Diga-lhe, mãe, diga-lhe que não pode nos machucar aqui – o garoto começara a estremecer.

– O Ninho da Águia é inexpugnável – declarou calmamente Lysa Arryn. Puxou o filho para junto dela, envolvendo-o com a segurança de seus rechonchudos braços brancos. – O Duende está tentando nos assustar, meu querido. Todos os Lannister são mentirosos. Ninguém vai machucar meu lindo filho.

O inferno era que não havia dúvida de que a mulher tinha razão. Depois de ver o que era preciso fazer para chegar até ali, Tyrion podia imaginar como seria um cavaleiro tentando abrir caminho até lá, lutando, revestido de armadura, enquanto pedras e flechas choviam sobre ele dos pontos altos e inimigos o enfrentavam a cada passo. A palavra *pesadelo* nem começava a descrever a situação. Não surpreendia que o Ninho da Águia nunca tivesse sido tomado.

Mas, mesmo assim, Tyrion foi incapaz de se calar.

– Inexpugnável, não – bradou –, meramente inconveniente.

O jovem Robert apontou para baixo, com a mão tremendo.

– Você é um mentiroso. Mãe, quero vê-lo voar – dois guardas vestidos com manto azul-celeste agarraram Tyrion pelos braços, levantando-o do chão.

Só os deuses sabiam o que poderia ter acontecido se não fosse Catelyn Stark.

– Irmã – ela chamou de seu lugar abaixo dos tronos. – Peço que se lembre de que este homem é *meu* prisioneiro. Não o quero ferido.

Lysa Arryn olhou de relance e friamente para a irmã por um momento, depois se ergueu e caminhou imponentemente na direção de Tyrion, arrastando as longas saias atrás de si. Por um instante, o anão temeu que ela lhe batesse, mas, em vez disso, ordenou que o largassem. Os homens atiraram-no ao chão, as pernas fugiram-lhe e Tyrion caiu.

Deve ter apresentado um belo espetáculo quando lutou para se pôr de pé e a perna direita entrou em espasmos, atirando-o de novo ao chão. Gargalhadas rebentaram em todo o Alto Salão dos Arryn.

– O hospedezinho de minha irmã está cansado demais para se manter em pé – anunciou a Senhora Lysa. – Sor Vardis, leve-o para a masmorra. Um descanso em uma de nossas celas abertas lhe fará muito bem.

Os guardas o puxaram com brusquidão. Tyrion Lannister ficou pendurado entre eles, lançando fracos pontapés, com o rosto vermelho de vergonha.

– Eu me lembrarei disso – disse a todos quando o levaram.

E lembrava-se, por mais inútil que isso fosse.

A princípio consolou-se com a ideia de que seu encarceramento não podia durar muito tempo. Lysa Arryn queria humilhá-lo, era tudo. Voltaria para buscá-lo, e logo. Se não o fizesse, então Catelyn Stark desejaria interrogá-lo. Daquela vez dominaria melhor a língua. Elas não se atreveriam a matá-lo sem mais nem menos; ainda era um Lannister de Rochedo Casterly, e se derramassem seu sangue, isso significaria guerra. Pelo menos era o que dizia a si mesmo.

Agora já não tinha tanta certeza.

Talvez seus captores só pretendessem deixá-lo ali, apodrecendo, mas temia não ter forças para apodrecer por muito tempo. A cada dia que passava ficava um pouco mais fraco, e era só uma questão de tempo até que os pontapés e golpes de Mord o ferissem seriamente, partindo-se do princípio de que o carcereiro não o mataria antes de fome. Mais algumas noites de frio e fome, e o azul também começaria a chamar por ele.

Gostaria de saber o que estava acontecendo para lá das paredes (as que havia) de sua cela. Lorde Tywin teria certamente enviado patrulhas quando a notícia lhe chegara. Jaime poderia estar naquele momento liderando uma tropa na travessia das Montanhas da Lua… a menos que em vez disso se dirigisse para o norte, contra Winterfell. Será que alguém fora do Vale chegaria a suspeitar do local para onde Catelyn Stark o levara? Gostaria de saber o que faria Cersei quando soubesse. O rei podia ordenar sua libertação, mas Robert daria ouvidos à mulher ou à Mão? Tyrion não tinha ilusões quanto ao amor de Robert pela irmã.

Se Cersei usasse a cabeça, insistiria que o próprio rei julgasse Tyrion. Até Ned Stark pouco podia objetar a isso sem pôr em causa a honra do rei. E Tyrion, de bom grado, tentaria sua sorte num julgamento. Fossem quais fossem os assassinatos que lhe atribuíam, os Stark não tinham nenhuma prova, até onde ele soubesse. Que apresentassem seu caso perante o Trono de Ferro e os senhores da terra. Seria o fim deles. Se ao menos Cersei fosse suficientemente inteligente para ver isso…

Tyrion Lannister suspirou. Sua irmã não era desprovida de certa astúcia, mas o orgulho a cegava. Veria naquilo o insulto, mas não a oportunidade. E Jaime era ainda pior, impetuoso, teimoso e de ira fácil. Seu irmão nunca desataria um nó se pudesse abri-lo em dois a golpes de espada.

Perguntava a si mesmo qual deles teria enviado o salteador para silenciar o garoto Stark, e se teriam de fato conspirado para matar Jon Arryn. Se a antiga Mão foi assassinada, a coisa tinha sido feita com habilidade e sutileza. Homens da idade dele andavam sempre morrendo de doença súbita. Por outro lado, enviar um imbecil qualquer com uma faca roubada para matar Brandon Stark parecia-lhe inacreditavelmente tosco. E, pensando melhor, não seria *isso* peculiar…?

Tyrion estremeceu. Ora, *aí estava* uma suspeita sórdida. Talvez o lobo gigante e o leão não fossem os únicos animais na floresta, e, se isso fosse verdade, alguém o estava usando como bode expiatório. Tyrion Lannister detestava ser usado.

Tinha de sair dali, e depressa. Suas chances de dominar Mord eram baixas ou nulas, e ninguém se preparava para lhe fazer chegar cento e oitenta metros de corda, portanto, teria de convencê-los a libertá-lo. Sua boca o tinha metido naquela cela, bem podia tirá-lo de lá também.

Tyrion pôs-se em pé, fazendo o possível para ignorar a inclinação do chão, com seu tão sutil empurrãozinho para o abismo. Bateu na porta com o punho.

– *Mord!* – gritou. – *Carcereiro! Mord, preciso de você!* – teve de continuar durante uns bons dez minutos até ouvir passos. Tyrion deu um passo para trás um instante antes de a porta se abrir com estrondo.

– Você está fazendo barulho – grunhiu Mord, com sangue nos olhos. Pendurada à sua mão carnuda estava uma correia de couro, larga e grossa, enrolada no punho.

*Nunca lhes mostre que tem medo*, lembrou-se Tyrion.

– Gostaria de ser rico? – ele perguntou.

Mord bateu nele. Balançou a correia para trás com a mão, preguiçosamente, mas o couro apanhou Tyrion na parte de cima do braço. A força que trazia o fez cambalear, e a dor o fez ranger os dentes.

– Boca não, homem anão – preveniu Mord.

– Ouro – disse Tyrion, imitando um sorriso. – O Rochedo Casterly está cheio de ouro… ahhh… – daquela vez o golpe foi dado para a frente, e Mord colocou mais força no balanço, fazendo o couro estalar e saltar. Atingiu Tyrion nas costelas e o pôs de joelhos, choramingando. Forçou-se a olhar para o carcereiro. – Tão rico como os Lannister – arquejou. – É o que se diz, Mord…

Mord grunhiu. A correia assobiou pelo ar e acertou em cheio o rosto de Tyrion. A dor foi tamanha que ele nem se deu conta de ter caído, mas, quando voltou a abrir os olhos, estava no chão da cela. O ouvido ressoava e a boca estava cheia de sangue. Apalpou em busca de um apoio para se erguer, e os dedos roçaram… coisa nenhuma. Tyrion puxou a mão para trás tão depressa como se a tivesse escaldado, e fez o possível para prender a respiração. Tinha caído bem na borda, a centímetros do azul.

– Mais a dizer? – Mord segurou a correia entre os punhos e deu-lhe um forte puxão, que fez Tyrion saltar. O carcereiro riu.

*Ele não vai me empurrar*, disse Tyrion desesperadamente a si mesmo enquanto se afastava da borda engatinhando. *Catelyn Stark me quer vivo, ele não se atreverá a me matar*. Limpou o sangue dos lábios com as costas da mão, sorriu e disse:

– Essa foi forte, Mord – o carcereiro o olhou de soslaio, desconfiando de estar sendo escarnecido. – Podia dar bom uso a um homem forte como você – a correia voou, mas dessa vez Tyrion conseguiu esquivar-se. Levou um golpe de raspão no ombro, nada mais. – Ouro – repetiu, afastando-se da borda sobre os pés e as mãos como um caranguejo –, mais ouro do que verá aqui em toda a vida. O suficiente para comprar terras, mulheres, cavalos… Podia ser um senhor. Lorde Mord – Tyrion reuniu ruidosamente um globo de sangue e muco e cuspiu-o para o céu.

– Não há ouro – Mord respondeu.

*Ele está ouvindo!*, pensou Tyrion.

– Tiraram-me a bolsa quando me capturaram, mas o ouro ainda é meu. Catelyn Stark pode tomar um homem prisioneiro, mas nunca se rebaixaria a roubá-lo. Isso não seria honroso. Ajude-me, e todo o ouro será seu – a correia de Mord saltou, mas foi um golpe hesitante, isolado, lento e desdenhoso. Tyrion apanhou o couro e o manteve preso à mão. – Não haverá risco para você. Tudo que tem a fazer é entregar uma mensagem.

O carcereiro libertou a tira de couro da mão de Tyrion.

– Mensagem – repetiu, como se nunca tivesse ouvido a palavra. A carranca abria-lhe profundas fendas na testa.

– O senhor me ouviu. Basta que leve minhas palavras à sua senhora. Diga-lhe… – *o quê? O que poderia levar Lysa Arryn a se mostrar flexível?* A inspiração chegou de súbito a Tyrion Lannister. – … Diga-lhe que desejo confessar meus crimes.

Mord ergueu o braço e Tyrion preparou-se para mais um golpe, mas o carcereiro hesitou. A suspeita e a cobiça guerreavam em seus olhos. Desejava aquele ouro, mas temia um truque; seu aspecto era de um homem que tinha sido frequentemente enganado.

– É mentira – resmungou em tom sombrio. – Homem anão me engana.

– Posso pôr minha promessa por escrito – garantiu Tyrion.

Alguns iletrados sentiam desdém pela escrita; outros pareciam ter por ela uma reverência supersticiosa, como se fosse algum tipo de magia. Felizmente, Mord pertencia ao segundo tipo. O carcereiro abaixou a correia.

– Escrever ouro. Muito ouro.

– Ah, *muito* ouro – assegurou-lhe Tyrion. – A bolsa é só um aperitivo, meu amigo. Meu irmão usa uma armadura de folha de ouro – na verdade, a armadura de Jaime era aço dourado, mas aquele imbecil nunca saberia a diferença.

Mord passou os dedos pela correia, pensativo, mas por fim cedeu e foi buscar papel e tinta. Depois da carta escrita, o carcereiro franziu as sobrancelhas ao vê-la, desconfiado.

– Agora, vá entregar minha mensagem – Tyrion ordenou.

Estava tremendo no sono quando vieram buscá-lo naquela noite. Mord abriu a porta, mas manteve-se em silêncio. Sor Vardis Egen acordou Tyrion com a ponta da bota.

– Em pé, Duende. Minha senhora deseja vê-lo.

Tyrion esfregou o sono dos olhos e afivelou um sorriso que não sentia.

– Sem dúvida que sim, mas o que o faz pensar que eu desejo vê-la?

Sor Vardis franziu as sobrancelhas. Tyrion lembrava-se bem dele, dos anos que passara em Porto Real como capitão da guarda doméstica da Mão. Uma face quadrada e simples, cabelos grisalhos, constituição pesada e sem sombra de humor.

– Seus desejos não são da minha conta. Em pé, ou mandarei que o carreguem.

Tyrion pôs-se desajeitadamente em pé.

– Uma noite fria – disse em tom casual –, e o Alto Salão tem tantas correntes de ar. Não quero apanhar um resfriado. Mord, se me fizer um favor, vá buscar o meu manto.

O carcereiro o olhou de soslaio, com uma expressão estúpida e desconfiada.

– O meu *manto* – repetiu Tyrion. – A pele de gato-das-sombras que tirou de mim para guardar em segurança. Você se lembra.

– Vá buscar o maldito manto – disse Sor Vardis.

Mord não se atreveu a resmungar. Lançou a Tyrion um olhar que prometia uma retribuição futura, mas foi buscar o manto. Quando o enrolou em torno do pescoço do prisioneiro, Tyrion sorriu.

– Muito obrigado. Pensarei em você sempre que o usar – atirou a parte da frente da longa pele por sobre o ombro direito e sentiu-se quente pela primeira vez em vários dias. – Mostre o caminho, Sor Vardis.

O Alto Salão dos Arryn brilhava à luz de cinquenta archotes, que ardiam em suportes presos às paredes. A Senhora Lysa trajava-se de seda negra, com a lua e o falcão bordados com pérolas no peito. Como não parecia ser do tipo que se juntaria à Patrulha da Noite, Tyrion só conseguia imaginar que ela decidira que roupas fúnebres eram um traje apropriado para uma confissão. Os longos cabelos ruivos, presos numa trança elaborada, caíam-lhe sobre o ombro esquerdo. O trono mais alto ao seu lado estava vazio; sem dúvida que o pequeno Senhor do Ninho da Águia estava embalado em seu sono. Pelo menos por isso Tyrion sentia-se grato.

Fez uma profunda reverência e demorou-se um momento passando os olhos pelo salão. A Senhora Arryn convocara seus cavaleiros e servidores para ouvir a confissão, tal como ele esperara. Viu o rosto escarpado de Sor Brynden Tully e o abrupto de Lorde Nestor Royce. Ao lado de Nestor estava um homem mais novo com ferozes suíças negras que só podia ser seu herdeiro, Sor Albar. Encontrava-se ali representada a maior parte das principais Casas do Vale. Tyrion reconheceu Sor Lyn Corbray, esguio como uma espada, Lorde Hunter, com suas pernas artríticas, a viúva Senhora Waynwood, cercada pelos filhos. Outros exibiam símbolos que

não conhecia: uma lança quebrada, uma víbora verde, uma torre ardente, um cálice alado.

Entre os senhores do Vale encontravam-se vários dos que tinham sido seus companheiros na estrada de altitude: Sor Rodrik Cassel, pálido dos ferimentos mal curados, tinha Sor Willis Wode a seu lado. Marillion, o cantor, encontrara uma nova harpa. Tyrion sorriu. Acontecesse o que acontecesse ali naquela noite, não queria que fosse em segredo, e não havia ninguém melhor que um cantor para espalhar uma história aos sete ventos.

Ao fundo da sala, Bronn preguiçava sob um pilar. Os olhos negros do cavaleiro livre estavam fixos em Tyrion, e a mão pousava levemente no botão do punho da espada. Tyrion olhou-o longamente, interrogando-se…

Catelyn Stark foi a primeira a falar.

– Foi nos dito que deseja confessar seus crimes.

– Desejo, senhora – Tyrion respondeu.

Lysa Arryn sorriu para a irmã.

– As celas abertas os quebram sempre. Os deuses podem vê-los lá, e não há escuridão onde se refugiem.

– Ele não me parece quebrado – disse Catelyn.

Lysa não lhe prestou atenção.

– Diga o que tem a dizer – ela ordenou.

*E agora façamos rolar os dados*, pensou com outro rápido relance para Bronn.

– Por onde começar? Sou um homenzinho vil, confesso. Meus crimes são incontáveis, senhores e senhoras. Deitei-me com prostitutas, não uma, mas centenas de vezes. Desejei a morte do senhor meu pai e também de minha irmã, nossa piedosa rainha – atrás dele, alguém soltou um risinho. – Nem sempre tratei meus criados com delicadeza. Joguei jogos de azar. Até cheguei a roubar neles, admito, envergonhado. Disse muitas coisas cruéis e maliciosas a respeito dos nobres senhores e senhoras da corte – aquilo provocou abertas gargalhadas. – Uma vez…

– *Silêncio!* – o pálido rosto redondo de Lysa Arryn tomara um tom ardente, cor-de-rosa. – O que imagina que está fazendo, anão?

Tyrion inclinou a cabeça para o lado.

– Ora, confessando os meus crimes, senhora.

Catelyn Stark deu um passo à frente.

– Você é acusado de enviar um assassino contratado para matar meu filho Bran em sua própria cama e de conspirar para o assassinato de Lorde Jon Arryn, a Mão do Rei.

Tyrion encolheu os ombros com ar impotente.

– Temo que *esses* crimes não possa confessar. Nada sei de assassinatos.

A Senhora Lysa ergueu-se de seu trono de represeiro.

– Não serei alvo de troça. Já teve a sua brincadeirinha, Duende. Creio que tenha gostado dela. Sor Vardis, leve-o de volta para as masmorras… mas dessa vez arranje-lhe uma cela menor, com o chão mais inclinado.

– É *assim* que se faz justiça no Vale? – rugiu Tyrion, tão alto que Sor Vardis se imobilizou por um instante. – Será que a honra fica à porta do Portão Sangrento? Acusam-me de crimes, eu os nego e, portanto, atiram-me em uma cela a céu aberto para que congele e morra de fome – ergueu a cabeça, para mostrar bem a todos as manchas negras que Mord deixara em seu rosto. – Onde está a justiça do rei? Será que o Ninho da Águia não faz parte dos Sete Reinos? Afirma que sou acusado. Muito bem. *Exijo um julgamento!* Deixe-me falar, e deixe que a minha verdade ou falsidade seja julgada abertamente, à vista dos deuses e dos homens.

Um murmúrio baixo encheu o Alto Salão. Tyrion soube que tinha ganhado. Era bem-nascido, filho do mais poderoso senhor do reino, irmão da rainha. Não lhe podia ser negado um julgamento. Guardas de manto azul-celeste tinham começado a se dirigir a Tyrion, mas Sor Vardis ordenou que parassem e olhou para a Senhora Lysa.

A pequena boca da senhora torceu-se num sorriso petulante.

– Se for julgado e considerado culpado dos crimes pelos quais é acusado, então, pelas leis do próprio rei, deverá pagar com o sangue de sua vida. Não temos carrasco no Ninho da Águia, senhor de Lannister. Que seja aberta a Porta da Lua.

A aglomeração de espectadores separou-se. Uma estreita porta surgiu à vista, entre dois esguios pilares de mármore, com um crescente esculpido na madeira branca. Aqueles que estavam mais perto da porta recuaram quando um par de guardas marchou até ela. Um dos homens removeu as pesadas barras de bronze; o segundo puxou a porta para dentro. Seus mantos azuis ergueram-se dos ombros, ondulando, apanhados pela súbita rajada de vento que entrou uivando pela porta aberta. Do outro lado havia o vazio do céu noturno, salpicado de estrelas frias e indiferentes.

– Admire a justiça do rei – disse Lysa Arryn. Chamas de archotes flutuaram como flâmulas ao longo das paredes, e aqui e ali um ou outro archote foi apagado.

– Lysa, penso que isto é insensato – disse Catelyn Stark enquanto o vento negro rodopiava pelo salão.

Sua irmã a ignorou.

– Deseja um julgamento, senhor de Lannister. Muito bem, terá um. Meu filho ouvirá o que tem a dizer e dará seu julgamento. Então, pode sair… por uma porta ou pela outra.

Ela parecia tão contente consigo mesma, pensou Tyrion, e não admirava. Como poderia um julgamento ameaçá-la, quando o senhor juiz era o fracote do filho? Tyrion olhou de relance para a Porta da Lua. *Mãe, quero vê-lo voar!*, dissera o garoto. Quantos homens o ranhento canalhinha já teria mandado atravessar aquela porta?

– Agradeço, minha boa senhora, mas não vejo necessidade de incomodar Lorde Robert – disse Tyrion delicadamente. – Os deuses conhecem a verdade da minha inocência. Desejo o seu veredicto, não o julgamento dos homens. Exijo um julgamento por combate.

Uma tempestade de súbitas gargalhadas encheu o Alto Salão dos Arryn. Lorde Nestor Royce resfolegou, Sor Willis gargalhou, Sor Lyn Corbray relinchou e outros atiraram a cabeça para trás e uivaram até que lágrimas lhes correram pelo rosto. Com os dedos da mão quebrada, Marillion arrancou desajeitadamente uma nota alegre de sua nova harpa. Até o vento pareceu assobiar com zombaria ao entrar, aos gritos, pela Porta da Lua.

Os olhos de um azul aguado de Lysa Arryn pareceram incertos. Tinha sido apanhada de surpresa.

– Certamente tem esse direito.

O jovem cavaleiro com a víbora verde bordada na capa deu um passo adiante e caiu sobre o joelho.

– Minha senhora, peço a honra de ser o campeão de sua causa.

– A honra deve ser minha – disse o velho Lorde Hunter. – Pelo amor que sentia pelo senhor seu marido, deixe-me vingar a sua morte.

– Meu pai serviu fielmente a Lorde Jon como Supremo Intendente do Vale – trovejou Sor Albar Royce. – Deixe-me servir agora o seu filho.

– Os deuses favorecem o homem com a causa justa – disse Sor Lyn Corbray –, mas é comum que este acabe por ser o homem com a espada mais hábil. Todos sabemos quem esse homem é – e sorriu modestamente.

Uma dúzia de outros homens falou ao mesmo tempo, clamando para serem ouvidos. Tyrion achou desanimador que tantos estranhos estivessem ansiosos por matá-lo. Este afinal talvez não tivesse sido um plano tão inteligente como parecera.

A Senhora Lysa ergueu a mão exigindo silêncio.

– Agradeço, senhores, como sei que meu filho agradeceria se estivesse entre nós. Não há homens nos Sete Reinos tão ousados e leais como os cavaleiros do Vale. Gostaria de poder conceder a todos essa honra. Mas só posso escolher um – fez um gesto. – Sor Vardis Egen, foi sempre um bom braço direito do senhor meu marido. Será o nosso campeão.

Sor Vardis tinha estado singularmente silencioso.

– Minha senhora – ele disse gravemente, deixando-se cair sobre o joelho –, peço para livrar-me desse fardo, pois não o aprecio. O homem não é guerreiro nenhum. Olhe-o. Um anão, com metade do meu tamanho e coxo das pernas. Seria vergonhoso matar um homem assim e dar-lhe o nome de justiça.

Ah, *excelente*, pensou Tyrion.

– Concordo.

Lysa olhou-o furiosa.

– Você exigiu um julgamento por combate.

– E agora exijo um campeão, tal como a senhora arranjou um. Sei que meu irmão Jaime tomará de bom grado o meu partido.

– Seu precioso Regicida está a centenas de léguas daqui – exclamou Lysa Arryn.

– Envie uma ave até ele. De bom grado esperarei sua chegada.

– Defrontará Sor Vardis pela manhã.

– Cantor – disse Tyrion, virando-se para Marillion –, quando escrever uma balada sobre isto, não se esqueça de dizer como a Senhora Arryn negou ao anão o direito a um campeão, e o enviou, aleijado, ferido e coxo, para defrontar seu melhor cavaleiro.

– Não estou lhe negando nada! – disse Lysa Arryn, com a voz esganiçada de irritação. – Indique seu campeão, Duende… Se achar que há um homem que morra por você…

– Se não fizer diferença, preferia encontrar um que mate por mim – Tyrion olhou em volta do comprido salão. Ninguém se mexeu. Por um longo momento, perguntou a si mesmo se tudo aquilo não teria sido um colossal disparate.

Então, houve uma agitação na parte de trás da sala.

– Eu luto pelo anão – gritou Bronn.

# Eddard

Sonhou um sonho antigo, sobre três cavaleiros de manto branco, uma torre há muito caída e Lyanna em sua cama de sangue.

No sonho, os amigos cavalgavam com ele, como o tinham feito em vida. O orgulhoso Martyn Cassel, pai de Jory; o fiel Theo Will; Ethan Glover, que fora escudeiro de Brandon; Sor Mark Ryswell, de fala mansa e coração gentil; o cranogmano, Howland Reed; Lorde Dustin, no seu grande garanhão vermelho. Ned conhecera tão bem o rosto de cada um deles como conhecia o seu, mas os anos sugam as memórias de um homem, mesmo aquelas que ele jurou nunca esquecer. No sonho, eram apenas sombras, espectros cinzentos montados em cavalos feitos de névoa.

Eram sete, enfrentando três. No sonho, tal como acontecera na vida. Mas aqueles três não eram homens comuns. Esperavam diante da torre redonda, com as montanhas vermelhas de Dorne às suas costas e os mantos brancos ondulando ao vento. E esses três vultos não eram sombras; seus rostos eram claros como brasas, mesmo agora. Sor Arthur Dayne, a Espada da Manhã, tinha um sorriso triste nos lábios. O cabo da grande espada chamada Alvorada espreitava-o por sobre o ombro direito. Sor Oswell Whent apoiava-se no joelho, afiando sua lâmina com uma pedra de polir. O morcego negro de sua Casa estendia as asas sobre o elmo esmaltado de branco. Entre os dois, erguia-se o velho e feroz Sor Gerold Hightower, o Touro Branco, Senhor Comandante da Guarda Real.

– Procurei-os no Tridente – disse-lhes Ned.

– Não estávamos lá – respondeu Sor Gerold.

– Seria uma aflição para o Usurpador se tivéssemos estado – continuou Sor Oswell.

– Quando Porto Real caiu, Sor Jaime matou o seu rei com uma espada dourada, e eu me pergunto onde estariam.

– Longe – disse Sor Gerold –, caso contrário, Aerys ainda possuiria o Trono de Ferro e o nosso falso irmão estaria ardendo nos sete infernos.

– Eu vim a Ponta Tempestade para levantar o cerco – disse-lhes Ned –, e os senhores Tyrell e Redwyne baixaram os estandartes, e todos os seus cavaleiros dobraram os joelhos para nos jurar fidelidade. Tinha certeza de que os encontraria entre eles.

– Nossos joelhos não se dobram facilmente – disse Sor Arthur Dayne.

– Sor Willem Darry fugiu para Pedra do Dragão, com a sua rainha e o Príncipe Viserys. Pensei que pudessem ter velejado com ele.

– Sor Willem é um homem bom e leal – disse Sor Oswell.

– Mas não pertence à Guarda Real – fez notar Sor Gerold. – A Guarda Real não foge.

– Nem ontem, nem hoje – confirmou Sor Arthur, e preparou o elmo.

– Fizemos um juramento – explicou o velho Sor Gerold.

Os espectros de Ned puseram-se ao seu lado, com espadas fantasmagóricas nas mãos. Eram sete contra três.

– E hoje começa – disse Sor Arthur Dayne, a Espada da Manhã. Desembainhou Alvorada e a segurou com ambas as mãos. A lâmina era pálida como vidro leitoso, viva de luz.

– Não – disse Ned com tristeza na voz. – Hoje termina – no momento em que eles atacaram juntos numa confusão de aço e sombras, pôde ouvir Lyanna gritar.

– *Eddard!* – ela chamou. Uma tempestade de pétalas de rosa soprou através de um céu riscado de sangue, azul como os olhos da morte.

– Lorde Eddard – Lyanna chamou de novo.

– Prometo – sussurrou ele. – Lya, prometo…

– Lorde Eddard – ecoou a voz de um homem, vinda da escuridão.

Gemendo, Eddard Stark abriu os olhos. O luar escorria através das altas janelas da Torre da Mão.

– Lorde Eddard? – uma sombra erguia-se sobre a cama.

– Quanto… quanto tempo? – os lençóis estavam presos, a perna revestida de talas e gesso. Um surdo latejar de dor subia-lhe pelo flanco.

– Seis dias e sete noites – a voz pertencia a Vayon Poole. O intendente encostou uma taça nos lábios de Ned. – Beba, senhor.

– Quê…?

– Apenas água. Meistre Pycelle disse que teria sede.

Ned bebeu. Tinha os lábios secos e rachados. A água era doce como mel.

– O rei deixou ordens – disse-lhe Vayon Poole quando a taça ficou vazia. – Deseja falar com o senhor.

– Amanhã – disse Ned. – Quando estiver mais forte – naquele momento não podia enfrentar Robert. O sonho deixara-o fraco como um gatinho.

– Senhor – disse Poole –, ele nos ordenou que o enviássemos até ele no momento em que abrisse os olhos – o intendente tratava de acender uma vela de cabeceira.

Ned praguejou lentamente. Robert nunca fora conhecido por sua paciência.

– Diga-lhe que estou fraco demais para ir vê-lo. Se deseja falar comigo, ficarei feliz por recebê-lo aqui. Espero que o acorde de um sono profundo. E chame… – preparava-se para dizer *Jory* quando se lembrou. – Chame o capitão da minha guarda.

Alyn entrou no quarto pouco depois de o intendente se retirar.

– Senhor.

– Poole disse-me que se passaram seis dias – disse Ned. – Tenho de saber em que pé estão as coisas.

– O Regicida fugiu da cidade – disse-lhe Alyn. – Diz-se que voltou a Rochedo Casterly para se juntar ao pai. A história sobre o modo como a Senhora Catelyn capturou o Duende está em todas as bocas. Reforcei a guarda, com a sua licença.

– Está dada – assegurou-lhe Ned. – As minhas filhas?

– Têm estado com o senhor todos os dias. Sansa reza em silêncio, mas Arya… – hesitou. – Ela não disse uma palavra desde que o trouxeram. É uma coisinha feroz, senhor. Nunca vi tamanha ira numa menina.

– Aconteça o que acontecer – disse Ned –, quero que minhas filhas sejam mantidas a salvo. Temo que isto seja apenas o princípio.

– Nenhum mal lhes acontecerá, Lorde Eddard – disse Alyn. – Coloco nisso a minha vida.

– Jory e os outros…

– Entreguei-os às irmãs silenciosas, a fim de serem enviados para o Norte, para Winterfell. Jory gostaria de jazer junto ao avô.

Teria de ser o avô, pois o pai de Jory estava enterrado muito ao sul. Martyn Cassel perecera com os outros. Ned colocara depois a torre abaixo, e usara suas pedras sangrentas para construir oito montes sepulcrais no topo daquela colina. Dizia-se que Rhaegar chamara àquele lugar de torre da alegria, mas para Ned era uma memória amarga. Tinham sido sete contra três, mas só dois sobreviveram: o próprio Eddard Stark e o pequeno cranogmano, Howland Reed. Não lhe parecia um bom presságio voltar a sonhar aquele sonho depois de tantos anos.

– Agiu bem, Alyn – dizia Ned quando Vayon Poole regressou. O intendente fez uma reverência profunda.

– Sua Graça está lá fora, senhor, e a rainha está com ele.

Ned ergueu-se mais, retraindo-se quando a perna tremeu de dor. Não esperava a vinda de Cersei. Não vaticinava nada de bom que tivesse vindo.

– Mande-os entrar, e depois nos deixe. O que temos a dizer não deve sair destas paredes – Poole assentiu e se retirou em silêncio.

Robert levara tempo para se vestir. Usava um gibão negro de veludo com o veado coroado de Baratheon trabalhado em fio de ouro no peito e uma capa dourada com um manto de quadrados negros e dourados. Trazia um jarro de vinho na mão e a face já corada da bebida. Cersei Lannister entrou atrás dele, com uma tiara incrustada de joias nos cabelos.

– Vossa Graça – Ned o saudou. – As minhas desculpas. Não posso me levantar.

– Não importa – disse o rei bruscamente. – Um pouco de vinho? Da Árvore. Uma boa colheita.

– Um pequeno copo – Ned respondeu. – Ainda tenho a cabeça pesada do leite de papoula.

– Um homem em sua posição devia se achar afortunado por ainda ter a cabeça sobre os ombros – declarou a rainha.

– Calada, mulher – exclamou Robert, entregando a Ned um copo de vinho. – A perna ainda dói?

– Um pouco – disse Ned. Sentia a cabeça girando, mas não seria bom admitir fraqueza perante a rainha.

– Pycelle jura que vai se curar bem – Robert franziu as sobrancelhas. – Presumo que saiba o que Catelyn fez?

– Sei – Ned bebeu um pouco de vinho. – A senhora minha esposa não tem culpa, Vossa Graça. Tudo que fez foi às minhas ordens.

– Eu *não* estou satisfeito, Ned – Robert resmungou.

– Com que direito se atreve a pôr as mãos no meu sangue? – Cersei exigiu saber. – Quem pensa que é?

– A Mão do Rei – disse-lhe Ned com uma cortesia gelada. – Encarregado pelo próprio senhor seu marido de manter a paz do rei e executar sua justiça.

– Era a Mão – começou Cersei –, mas agora…

– *Silêncio!* – o rei rugiu. – Você fez uma pergunta e ele respondeu – Cersei calou-se, com uma ira fria, e Robert voltou-se para Ned. – Manter a paz do rei, você diz. É assim que mantém a minha paz, Ned? Sete homens estão mortos…

– Oito – corrigiu a rainha. – Tregar morreu esta manhã, do golpe que Lorde Stark lhe deu.

– Raptos na Estrada do Rei e bêbados promovendo chacinas em minhas ruas – disse o rei. – Não admitirei isso, Ned.

– Catelyn tinha bons motivos para capturar o Duende…

– Eu disse que *não* admitirei! Que os motivos dela vão para o inferno. Você vai lhe ordenar que liberte imediatamente o anão, *e* vai fazer as pazes com Jaime.

– Três dos meus homens foram massacrados diante de meus olhos porque Jaime Lannister desejou *punir-me*. Deverei esquecer isso?

– Meu irmão não provocou essa disputa – disse Cersei ao rei. – Lorde Stark regressava bêbado de um bordel. Seus homens atacaram Jaime e seus guardas, tal como a mulher dele atacou Tyrion na Estrada do Rei.

– Você me conhece melhor do que isso, Robert – disse Ned. – Pergunte a Lorde Baelish, se duvida de mim. Ele estava lá.

– Já falei com Mindinho – disse Robert. – Ele diz que se afastou para ir buscar os homens de manto dourado antes do início da luta, mas admite que regressavam de uma casa de prostitutas qualquer.

– De uma casa de prostitutas *qualquer*? Malditos sejam os seus olhos, Robert, eu fui lá para ver a sua filha! A mãe a chamou Barra. Parece-se com aquela primeira moça que você teve, quando éramos rapazes no Vale – Ned observou a rainha enquanto falava; seu rosto era uma máscara, imóvel e pálida, sem nada trair.

Robert corou.

– Barra – resmungou. – Supõe que isso me agrada? Maldita moça. Pensei que tivesse mais bom-senso.

– Ela não deve ter mais que quinze anos, e é uma prostituta, como poderia ter *bom-senso*? – disse Ned, incrédulo. A perna começava a doer fortemente. Era difícil manter-se calmo. – A tola da moça está apaixonada por você, Robert.

O rei olhou de relance para Cersei.

– Isso não é um assunto adequado para os ouvidos da rainha.

– Sua Graça não gostará de nada do que tenho a dizer – respondeu Ned. – Disseram-me que o Regicida fugiu da cidade. Dê-me licença para trazê-lo à justiça.

O rei fez girar o vinho no copo, refletindo. Bebeu um trago.

– Não – respondeu. – Não quero que isso continue. Jaime matou três de seus homens, você matou cinco dos dele. E acaba aqui.

– É essa a sua ideia de justiça? – inflamou-se Ned. – Se é, sinto-me contente por já não ser a sua Mão.

A rainha olhou para o marido.

– Se algum homem tivesse se atrevido a falar a um Targaryen do modo como ele fala com você…

– Toma-me por Aerys? – interrompeu Robert.

– Tomo-lhe por um rei. Jaime e Tyrion são seus *irmãos*, segundo todas as leis do casamento e dos laços que partilhamos. Os Stark afastaram um e capturaram o outro. Este homem o desonra a cada vez que respira, e aqui está você humildemente perguntando se sua perna dói e se quer vinho.

O rosto de Robert estava escuro de cólera.

– Quantas vezes tenho de lhe dizer para ter tento na língua, mulher?

A face de Cersei era a imagem do desprezo.

– Que brincadeira fizeram os deuses de nós dois – disse. – Por direito, você devia estar de saias e eu, de cota de malha.

Roxo de raiva, o rei estendeu a mão e deu um violento golpe no rosto da rainha. Cersei Lannister tropeçou na mesa e estatelou-se, mas não gritou. Seus dedos magros afagaram a bochecha, onde a pele pálida e macia já começava a ficar vermelha. No dia seguinte o hematoma cobriria metade do rosto.

– Vou usar isto como um distintivo de honra – ela anunciou.

– Use-o em silêncio, ou volto a honrá-la – prometeu Robert. Gritou por um guarda. Sor Moryn Trant entrou no quarto, alto e melancólico em sua armadura branca. – A rainha está cansada. Leve-a para o seu quarto – o cavaleiro ajudou Cersei a se levantar e a levou sem uma palavra.

Robert estendeu a mão para o jarro e voltou a encher seu copo.

– Está vendo o que ela me faz, Ned – o rei sentou-se, embalando o copo de vinho. – Minha querida esposa. E mãe dos meus filhos – a raiva tinha agora desaparecido; em seus olhos Ned viu algo triste e assustado. – Não devia ter batido. Não foi… não foi *régio* – fixou os olhos nas mãos, como se não soubesse bem o que elas eram. – Sempre fui forte… ninguém conseguia me enfrentar, ninguém. Como se luta contra alguém em quem não se pode bater? – confuso, o rei balançou a cabeça. – O Rhaegar… o Rhaegar *ganhou*, maldito seja. Matei-o, Ned, enterrei o espigão naquela armadura negra, espetei-o em seu coração negro, e ele morreu aos meus pés. Fizeram canções sobre isso. Mas de algum modo ele conseguiu ganhar. E agora tem Lyanna, e eu tenho *ela* – o rei esvaziou o copo.

– Vossa Graça – disse Ned Stark –, temos de conversar…

Robert apertou as têmporas com as pontas dos dedos.

– Estou mortalmente farto de conversas. Amanhã vou a Mataderrei caçar. Seja o que for que tenha a dizer, pode esperar até o meu regresso.

– Se os deuses forem bondosos, não estarei aqui quando regressar. Ordenou-me que voltasse para Winterfell, esqueceu?

Robert pôs-se em pé, agarrando-se a um dos pilares da cama para se firmar nas pernas.

– Os deuses raramente são bondosos, Ned. Tome, isto é seu – tirou do bolso no forro do manto o pesado broche da mão de prata e o jogou sobre a cama. – Goste ou não, você é a minha Mão, maldito seja. Proíbo-o de partir.

Ned pegou o broche de prata. Parecia que não lhe era dada escolha. A perna latejou e sentiu-se tão impotente quanto uma criança.

– A moça Targaryen…

O rei gemeu.

– Pelos sete infernos, não comece com ela outra vez. Está feito, não quero mais ouvir falar do assunto.

– Por que me quer como sua Mão se se recusa a ouvir meus conselhos?

– Por quê? – Robert riu. – E por que não? Alguém tem de governar este maldito reino. Coloque o distintivo, Ned. Fica-lhe bem. E se alguma vez voltar a jogá-lo na minha cara, espeto essa maldita coisa em Jaime Lannister.

# Catelyn

O céu oriental era rosa e ouro quando o sol surgiu sobre o Vale de Arryn. Catelyn Stark viu a luz espalhar-se, com as mãos pousadas na delicada balaustrada de pedra esculpida, fora da janela. Embaixo, o mundo passou de negro a índigo e a verde à medida que a alvorada rastejava por campos e florestas. Pálidas névoas brancas ergueram-se das Lágrimas de Alyssa, onde as fantasmagóricas águas mergulhavam em uma saliência na montanha para começar sua longa queda pela vertente da Lança do Gigante. Catelyn conseguia sentir o tênue toque do vapor no rosto.

Alyssa Arryn vira o marido, os irmãos e todos os filhos assassinados, mas em vida nunca derramara uma lágrima. Por isso, na morte, os deuses tinham decretado que não conheceria descanso até que seu choro regasse a terra negra do Vale, onde estavam enterrados os homens que amara. Alyssa estava morta havia seis mil anos, e nem uma gota da torrente atingira o fundo do vale, muito abaixo. Catelyn perguntou a si mesma qual seria o tamanho da cascata que suas lágrimas fariam quando morresse.

– Conte-me o resto – disse.

– O Regicida está reunindo uma hoste em Rochedo Casterly – respondeu Sor Rodrik Cassel do quarto atrás dela. – Seu irmão escreve que enviou cavaleiros ao Rochedo exigindo que Lorde Tywin proclamasse suas intenções, mas não obteve resposta. Edmure ordenou a Lorde Vance e a Lorde Piper que aguardassem sob o Dente Dourado. Jura que não cederá nem um pé da terra Tully sem primeiro regá-la com sangue Lannister.

Catelyn virou as costas ao nascer do sol. Sua beleza pouco fazia para melhorar seu humor; parecia cruel que um dia amanhecesse tão belo e terminasse tão feio como aquele prometia.

– Edmure enviou cavaleiros e fez juramentos – disse –, mas não é Edmure o senhor de Correrrio. E o senhor meu pai?

– A mensagem não menciona Lorde Hoster, senhora – Sor Rodrik puxou as suíças. Tinham crescido brancas como a neve e espetadas como um espinheiro enquanto ele se recuperava dos ferimentos; já quase parecia ele mesmo de novo.

– Meu pai não teria dado a Edmure a defesa de Correrrio a menos que estivesse muito doente – disse ela, preocupada. – Devia ter sido acordada assim que essa ave chegou.

– Meistre Colemon disse-me que a senhora sua irmã achou melhor deixá-la dormir.

– Devia ter sido acordada – insistiu Catelyn.

– O meistre disse-me que sua irmã planeja ter uma conversa com a senhora depois do combate – Sor Rodrik respondeu.

– Então ainda pretende ir em frente com essa farsa? – Catelyn fez uma careta. – O anão a tocou como se fosse uma gaita, mas ela é surda demais para ouvir a melodia. Aconteça o que acontecer esta manhã, Sor Rodrik, já é mais que tempo de nos retirarmos. Meu lugar é em Winterfell com meus filhos. Se estiver suficientemente forte para viajar, pedirei a Lysa uma escolta para nos levar a Vila Gaivotas. Podemos embarcar em um navio lá.

– Outro navio? – Sor Rodrik ficou ligeiramente verde, mas conseguiu não estremecer. – Como quiser, senhora.

O velho cavaleiro esperou à porta dos aposentos enquanto Catelyn chamava os criados que Lysa lhe designara. Enquanto a vestiam, pensou que, se falasse com a irmã antes do duelo, talvez fosse capaz de fazê-la mudar de ideia. Os planos de Lysa mudavam com os seus humores, e estes mudavam de hora em hora. A acanhada jovem que conhecera em Correrrio tinha se transformado numa mulher que era alternadamente orgulhosa, atemorizada, cruel, sonhadora, imprudente, medrosa, teimosa, vaidosa e, acima de tudo, *inconstante*.

Quando aquele seu nojento carcereiro viera rastejando lhes dizer que Tyrion Lannister desejava confessar, Catelyn insistira com Lysa para que o anão fosse trazido somente a elas, mas não, nada estaria bom a menos que a irmã conseguisse um espetáculo para metade do Vale. E agora isso…

– O Lannister é *meu* prisioneiro – disse a Sor Rodrik enquanto desciam as escadas da torre e avançavam através dos frios salões brancos do Ninho da Águia. Catelyn vestia lã cinzenta sem ornamentos e um cinto prateado. – Minha irmã tem de ser lembrada disso.

À porta dos aposentos de Lysa, encontraram o tio saindo, furioso.

– Vai se juntar ao festival de tolos? – proferiu bruscamente Sor Brynden. – Eu lhe diria para enfiar algum bom senso em sua irmã à força, se pensasse que isso teria algum resultado, mas só machucaria sua mão.

– Chegou uma ave de Correrrio – começou Catelyn –, uma carta de Edmure…

– Eu sei, filha – o peixe negro que prendia seu manto era a única concessão que Brynden fazia aos ornamentos. – Tive de ouvir a notícia da boca de Meistre Colemon. Pedi à sua irmã permissão para levar mil homens experimentados para Correrrio a toda pressa. Sabe o que ela me disse? *O Vale não pode prescindir de mil espadas, nem mesmo de uma, Tio. É o Cavaleiro do Portão. Seu lugar é aqui* – uma rajada de risos infantis soprou pelas portas abertas atrás dele, e Brynden lançou um relance sombrio por sobre o ombro. – Bem, disse-lhe que bem poderia arranjar um novo Cavaleiro do Portão. Peixe Negro ou não, ainda sou um Tully. Partirei para Correrrio ao cair da noite.

Catelyn não podia fingir surpresa.

– Sozinho? Sabe tão bem como eu que nunca sobreviveria à estrada de altitude. Sor Rodrik e eu vamos regressar a Winterfell. Venha conosco, tio. Eu lhe darei os seus mil homens. Correrrio não lutará sozinho.

Brynden refletiu por um momento e depois concordou com um aceno brusco.

– Será como diz. É o caminho mais longo para casa, mas assim é mais provável que lá chegue. Espero por você lá embaixo – foi-se embora a passos largos, com o manto rodopiando atrás dele.

Catelyn trocou um olhar com Sor Rodrik. Atravessaram as portas na direção do agudo e nervoso som do riso de uma criança.

Os aposentos de Lysa abriam-se para um pequeno jardim, um círculo de terra e plantas plantado com flores azuis e cercado por todos os lados de grandes torres brancas. Os construtores tinham-no planejado como um bosque sagrado, mas o Ninho da Águia era rodeado da pedra dura da

montanha, e não importava quanta terra era trazida do Vale, não conseguiam que um represeiro ganhasse raízes ali. Assim, os senhores do Ninho da Águia plantaram grama e espalharam estátuas por entre pequenos arbustos floridos. Seria ali que os dois campeões se defrontariam para colocar suas vidas, e a de Tyrion Lannister, nas mãos dos deuses.

Lysa, recém-escovada e vestida de veludo creme com um cordão de safiras e selenita ao redor do pescoço leitoso, encontrava-se no terraço que dava para o local do combate, rodeada por seus cavaleiros, servidores e senhores, grandes e pequenos. A maior parte ainda acalentava a esperança de desposá-la, dormir com ela e governar o Vale de Arryn a seu lado. Pelo que Catelyn vira durante sua estadia no Ninho da Águia, era uma vã esperança.

Uma plataforma de madeira fora construída para elevar a cadeira de Robert; era aí que se sentava o Senhor do Ninho da Águia, rindo e batendo as mãos enquanto um corcunda, vestido de retalhos azuis e brancos, fazia suas marionetes, dois cavaleiros de madeira, se golpearem mutuamente. Tinham sido trazidos grandes jarros de um creme espesso e cestos de amoras silvestres, e os convidados bebiam um vinho doce, com aroma de laranja, de taças de prata com gravuras. Brynden chamara àquilo *um festival de tolos*, e não era de admirar.

Do outro lado do terraço, Lysa riu alegremente de alguma brincadeira de Lorde Hunter, e mordiscou uma amora espetada na ponta do punhal de Sor Lyn Corbray. Eram os pretendentes que se encontravam em melhor posição nas graças de Lysa… hoje, pelo menos. Catelyn teria dificuldades para decidir qual dos homens era mais inadequado. Eon Hunter era ainda mais velho que Jon Arryn, meio estropiado pela gota e amaldiçoado por três filhos conflituosos, cada um mais ganancioso que o outro. Sor Lyn era um tipo de loucura diferente; esbelto e atraente, herdeiro de uma Casa antiga mas empobrecida, porém vaidoso, imprudente, de temperamento quente… e, segundo se sussurrava, notoriamente desinteressado nos encantos íntimos das mulheres.

Quando Lysa viu Catelyn, recebeu-a com um abraço fraternal e um beijo úmido na face.

– Não está uma manhã adorável? Os deuses nos sorriem. Experimente uma taça de vinho, querida irmã. Lorde Hunter teve a amabilidade de

mandá-lo buscar de sua própria adega.

– Obrigada, mas não. Lysa, temos de conversar.

– Depois – prometeu a irmã, já começando a virar-lhe as costas.

– Agora – Catelyn falou mais alto do que desejara. Os homens viraram-se para olhar. – Lysa, não pode querer seguir em frente com essa loucura. Vivo, o Duende tem valor. Morto, não passa de comida para corvos. E se o campeão dele prevalecer aqui…

– Há poucas chances de isso acontecer, senhora – assegurou-lhe Lorde Hunter, dando-lhe pancadinhas no ombro com uma mão cheia de sardas. – Sor Vardis é um valente lutador. Ele dará cabo do mercenário.

– Dará? – disse friamente Catelyn. – Tenho dúvidas – ela vira Bronn lutar na estrada de altitude; não fora por acaso que sobrevivera à viagem, enquanto outros homens tinham morrido. Movia-se como uma pantera, e aquela sua feia espada parecia fazer parte de seu braço.

Os pretendentes de Lysa reuniam-se à volta delas como abelhas em torno de uma flor.

– As mulheres pouco sabem dessas coisas – disse Sor Morton Waynwood. – Sor Vardis é um cavaleiro, querida senhora. Esse outro homem, bem, no fundo os homens desse tipo são todos covardes. São suficientemente úteis em batalha, com milhares de companheiros em volta, mas basta pô-los em combate individual e a virilidade lhes escoa do corpo.

– Suponhamos então que seja verdade o que diz – disse Catelyn com uma cortesia que lhe fez doer a boca. – O que ganharíamos com a morte do anão? Imagina que Jaime se interessará um pouco que seja por termos dado ao irmão um *julgamento* antes de o atirarmos da montanha?

– Decapitem o homem – sugeriu Sor Lyn Corbray. – Quando o Regicida receber a cabeça do Duende, isso lhe servirá de aviso.

Lysa sacudiu impacientemente os longos cabelos ruivos.

– Lorde Robert quer vê-lo voar – disse, como se isso decidisse tudo. – E o Duende só pode culpar a si mesmo. Foi ele que exigiu julgamento por combate.

– A Senhora Lysa não tinha maneira honrosa de lhe negar, mesmo se o desejasse fazer – entoou solenemente Lorde Hunter.

Ignorando-os todos, Catelyn concentrou todas as suas forças na irmã.

– Lembro-lhe de que Tyrion Lannister é *meu* prisioneiro.

– E eu lembro a *você* que o anão assassinou o senhor meu marido! – a voz dela se ergueu. – Envenenou a Mão do Rei e deixou meu querido bebê sem pai, e agora pretendo vê-lo pagar por isso! – rodopiando, com as saias balançando em volta das pernas, Lysa atravessou o terraço a passos rápidos. Sor Lyn, Sor Morton e os outros pretendentes despediram-se com acenos frios e a seguiram.

– Você acha que ele fez isso? – perguntou-lhe Sor Rodrik em voz baixa quando ficaram de novo a sós. – Refiro-me a assassinar Jon Arryn. O Duende ainda nega, e com grande veemência…

– Acredito que os Lannister assassinaram Lorde Arryn – respondeu Catelyn –, mas se foi Tyrion, Sor Jaime, a rainha, ou todos juntos, nem posso começar a decidir – Lysa tinha mencionado o nome de Cersei na carta que enviara para Winterfell, mas agora parece certa de que Tyrion é o autor do crime… talvez porque o anão estava ali, ao passo que a rainha se encontrava a salvo atrás das muralhas da Fortaleza Vermelha, a milhares de léguas ao sul. Catelyn quase desejava ter queimado a carta da irmã *antes* de tê-la lido.

Sor Rodrik puxou as suíças.

– O veneno, bem… é verdade que isso podia ser trabalho do anão. Ou de Cersei. Diz-se que veneno é a arma das mulheres, com o seu perdão, minha senhora… Agora, o Regicida… não tenho grande apreço pelo homem, mas ele não é desse tipo. Gosta muito de ver sangue naquela sua espada dourada. *Terá sido* veneno, senhora?

Catelyn franziu a testa, vagamente incomodada.

– De que outra forma teriam eles feito com que a morte parecesse natural? – atrás dela Lorde Robert guinchou, deliciado, quando um dos cavaleiros fantoches cortou o outro ao meio, derramando uma enchente de serragem vermelha no terraço. Catelyn olhou de relance para o sobrinho e suspirou. – O garoto não tem absolutamente disciplina nenhuma. Nunca será suficientemente forte para governar, a menos que seja afastado da mãe por algum tempo.

– O senhor seu pai concordaria com a senhora – disse uma voz vinda por trás de Catelyn. Virou-se e deparou com Meistre Colemon com uma taça de vinho na mão. – Planejava mandar o garoto para a Pedra do Dragão, para ser criado, sabia… Ah, mas não devia ter dito isto – o pomo-de-adão oscilou ansiosamente sob a larga corrente de meistre. –

Temo que tenha bebido demais do excelente vinho de Lorde Hunter. A perspectiva do derramamento de sangue deixou-me os nervos todos em desordem…

– Está enganado, meistre – disse Catelyn. – Era Rochedo Casterly, não Pedra do Dragão, e essas combinações foram feitas depois da morte da Mão, sem o consentimento da minha irmã.

A cabeça do meistre deu uma sacudidela tão vigorosa sobre o pescoço absurdamente longo que ele mesmo se pareceu por um momento com uma marionete.

– Não, com a sua licença, minha senhora, mas foi Lorde Jon que…

Um sino soou com estrondo abaixo deles. Tanto os grandes senhores como as criadas interromperam o que estavam fazendo e se dirigiram para a balaustrada. Embaixo, dois guardas de manto azul-celeste trouxeram Tyrion Lannister. O rechonchudo septão do Ninho da Águia o escoltou até a estátua no centro do jardim, uma mulher chorosa esculpida num mármore cheio de veios, sem dúvida uma representação de Alyssa.

– O homenzinho mau – disse Lorde Robert, entre risinhos. – Mãe, posso fazê-lo voar? Quero vê-lo voar.

– Mais tarde, meu doce bebê – prometeu-lhe Lysa.

– Primeiro o julgamento – pronunciou vagarosamente Sor Lyn Corbray –, *depois* a execução.

Um momento mais tarde, os dois campeões surgiram de lados opostos do jardim. O cavaleiro era servido por dois jovens escudeiros; o mercenário, pelo mestre de armas do Ninho da Águia.

Sor Vardis Egen vestia aço dos pés à cabeça, enfiado numa pesada armadura couraçada sobre cota de malha e uma capa almofadada. Grandes ornamentos esmaltados de creme e azul com o símbolo da lua e do falcão da Casa Arryn protegiam a vulnerável articulação do braço com o peito. Uma saia de tiras de metal cobria-lhe o corpo desde a cintura até o meio da coxa, ao passo que um sólido gorjal lhe envolvia a garganta. Asas de falcão projetavam-se das têmporas de seu elmo, e a viseira era um pontiagudo bico de metal com uma estreita fenda para dar visibilidade.

Bronn tinha uma proteção tão simples que parecia quase nu ao lado do cavaleiro. Usava apenas uma cota de malha, negra e oleada, cobrindo-lhe o torso sobre couro cozido, um meio elmo redondo de aço com proteção

para o nariz e uma rede de cota de malha na cabeça. Botas de couro de cano alto com anteparos de aço davam-lhe alguma proteção às pernas, e tinha discos de ferro negro cosidos aos dedos das luvas. Mas Catelyn reparou que o mercenário era meia mão mais alto que o adversário, com maior alcance… e, ou ela não sabia avaliar idades, ou Bronn era uns quinze anos mais novo.

Ajoelharam-se na grama sob a mulher chorosa, de frente um para o outro, com o Lannister entre ambos. O septão tirou uma esfera de cristal facetada do leve saco de tecido que trazia à cintura. Ergueu-a bem alto acima da cabeça, e a luz estilhaçou-se. Arcos-íris dançaram pelo rosto do Duende. Com voz sonora, solene e melodiosa, o septão pediu aos deuses que olhassem para baixo e testemunhassem, a fim de encontrar a verdade na alma daquele homem, para conceder-lhe a vida e a liberdade, se fosse inocente, ou a morte, se culpado. Sua voz ecoava nas torres ao redor.

Depois de o último eco se desvanecer, o septão baixou o cristal e partiu às pressas. Tyrion inclinou-se e segredou qualquer coisa ao ouvido de Bronn antes que os guardas o levassem. O mercenário pôs-se em pé, rindo, e sacudiu uma folha de grama do joelho.

Robert Arryn, Senhor do Ninho da Águia e Defensor do Vale, mexia-se impacientemente em sua cadeira elevada.

– Quando é que eles vão lutar? – ele perguntou em tom lamentoso.

Sor Vardis foi ajudado a se erguer por um dos escudeiros. O outro lhe trouxe um escudo triangular com quase um metro e vinte de altura, feito de pesado carvalho pontilhado com rebites de ferro. Os escudeiros ataram o escudo ao braço esquerdo do cavaleiro. Quando o mestre de armas de Lysa ofereceu a Bronn um escudo semelhante, o mercenário cuspiu e afastou-o com um gesto. Uma grosseira barba negra de três dias cobria-lhe o maxilar e as bochechas, mas, se não a cortava, não era por falta de navalha; o gume de sua espada possuía o perigoso brilho de aço amolado todos os dias durante horas até ficar afiado demais para ser tocado.

Sor Vardis estendeu a mão enluvada, e o escudeiro colocou-lhe entre os dedos uma comprida e bela espada de dois gumes. A lâmina estava gravada com o delicado rendilhado em prata de um céu de montanha; o botão do punho era uma cabeça de falcão, a guarda tinha sido esculpida com a forma de asas.

– Mandei fabricar aquela espada para Jon em Porto Real – disse Lysa orgulhosamente aos convidados enquanto observavam Sor Vardis experimentar um golpe. – Ele a usava sempre que se sentava no Trono de Ferro no lugar do Rei Robert. Não é adorável? Achei adequado que nosso campeão vingue Jon com sua própria lâmina.

A lâmina com prata gravada era sem dúvida bela, mas a Catelyn parecia que Sor Vardis talvez tivesse se sentido mais confortável com sua própria espada. No entanto, nada disse; estava cansada de discussões inúteis com a irmã.

– Faça-os lutar! – gritou Lorde Robert.

Sor Vardis virou-se para o Senhor do Ninho da Águia e ergueu a espada numa saudação.

– Pelo Ninho da Águia e pelo Vale!

Tyrion Lannister sentou-se na varanda do outro lado do jardim, flanqueado pelos guardas. Foi para ele que Bronn se virou com uma saudação apressada.

– Eles esperam a sua ordem – disse a Senhora Lysa ao senhor seu filho.

– *Lutem!* – gritou o garoto, com as mãos tremendo, agarradas à cadeira.

Sor Vardis girou, erguendo o pesado escudo. Bronn virou-se para enfrentá-lo. As espadas ressoaram, uma, duas vezes, testando-se. O mercenário recuou um passo. O cavaleiro avançou, segurando o escudo à sua frente. Tentou um golpe, mas Bronn saltou para trás, bem para longe de seu alcance, e a lâmina prateada apenas cortou o ar. Bronn rodeou-o pela direita. Sor Vardis virou-se, seguindo-o, mantendo o escudo entre ambos. O cavaleiro avançou, pousando com cuidado os pés no chão irregular. O mercenário cedeu, com um tênue sorriso brincando em seus lábios. Sor Vardis atacou, lançando cutiladas, mas Bronn saltou para fora de seu alcance, pulando com ligeireza por cima de uma pedra baixa, coberta de musgo. Agora, o mercenário flanqueava pela esquerda, para longe do escudo, na direção do lado desprotegido do cavaleiro. Sor Vardis tentou uma estocada em suas pernas, mas não tinha alcance suficiente. Bronn dançou mais para a esquerda. Sor Vardis girou no mesmo lugar.

– O homem é um medroso – declarou Lorde Hunter. – Pare e lute, covarde! – outras vozes fizeram eco àquele sentimento.

Catelyn olhou para Sor Rodrik. O mestre de armas deu uma concisa sacudidela na cabeça.

– Ele quer fazer com que Sor Vardis o persiga. O peso da armadura e do escudo cansará até o mais forte dos homens.

Ele vira homens treinar esgrima quase todos os dias de sua vida, assistira, em sua época, a meia centena de torneios, mas isso era algo diferente e mais mortífero, uma dança na qual o menor passo em falso significaria a morte. E, enquanto observava, a memória de outro duelo, em outro tempo, regressou ao espírito de Catelyn Stark, tão nítida como se tivesse acontecido no dia anterior.

Tinham se encontrado na muralha inferior de Correrrio. Quando Brandon viu que Petyr usava apenas elmo, peitoral e cota de malha, despiu a maior parte de sua armadura. Petyr o lembrou que podia usá-la, mas ele rejeitara. O senhor seu pai a prometera a Brandon Stark, e por isso foi a ele que deu o seu sinal, um lenço azul-claro que bordara com a truta saltante de Correrrio. No momento em que apertava o lenço entre os dedos, ela confessou: “Ele não passa de um rapaz insensato, mas amei-o como a um irmão. Sofreria demais se o visse morrer”. E seu prometido a olhou com os frios olhos cinzentos de um Stark e lhe prometeu poupar a vida do rapaz que a amava.

Aquela luta terminara quase tão depressa como começara. Brandon era um homem-feito, e empurrou Mindinho ao longo de toda a muralha e pela escada da água abaixo, fazendo chover aço sobre ele a cada passo, até deixá-lo cambaleando e sangrando de uma dúzia de ferimentos. “Renda-se!”, ele gritou, mais de uma vez, mas Petyr limitara-se a balançar a cabeça e continuou lutando, carrancudo. Quando o rio já lhes batia nos tornozelos, Brandon finalmente acabou com a luta, com um golpe brutal dado por trás que cortou a malha e o couro de Petyr e se enterrou na carne mole sob suas costelas, tão profundamente que Catelyn teve certeza de que a ferida era mortal. Ele a olhara ao cair e murmurara “Cat”, enquanto o sangue vermelho vivo brotava por entre os dedos recobertos de cota de malha. Catelyn julgara que tivesse esquecido aquilo.

Fora a última vez em que vira seu rosto… até o dia em que foi trazida à sua presença em Porto Real.

Decorrera uma quinzena até Mindinho estar suficientemente forte para abandonar Correrrio, mas o senhor seu pai a proibira de visitá-lo na torre onde convalescia. Lysa ajudara o meistre a tratar dele; naquela época, era mais suave e tímida. Edmure também tentara visitá-lo, mas Petyr o mandara embora. O irmão de Catelyn atuara como escudeiro de Brandon no duelo, e Mindinho não o perdoaria. Assim que ficou suficientemente forte para ser movido, Lorde Hoster Tully mandou Petyr Baelish embora em uma liteira fechada, para terminar de se curar nos Dedos, no promontório rochoso varrido pelo vento onde nascera.

O ressoante estrondo de aço trouxe Catelyn de volta ao presente. Sor Vardis atacava Bronn com força, caindo-lhe em cima com o escudo e a espada. O mercenário recuava, parando todos os golpes, saltando agilmente sobre pedras e raízes, sem nunca afastar os olhos do inimigo. Catelyn viu que ele era o mais rápido; a espada prateada do cavaleiro nunca chegava perto de tocá-lo, mas sua feia lâmina cinzenta fizera um entalhe na placa de ombro de Sor Vardis.

A breve agitação do combate terminou tão depressa como começara, quando Bronn deu um passo para o lado e deslizou para trás da estátua da mulher chorosa. Sor Vardis golpeou o local onde ele estivera, fazendo saltar uma faísca do mármore claro da coxa de Alyssa.

– Eles não estão lutando bem, mãe – queixou-se o Senhor do Ninho da Águia. – Quero que eles *lutem*.

– Vão lutar, querido filho – ela tentou sossegá-lo. – O mercenário não pode fugir o dia todo.

Bronn saiu de trás da estátua, duro e rápido, ainda deslocando-se para a esquerda, desferindo um golpe a duas mãos no desprotegido lado direito do cavaleiro. Sor Vardis o parou, mas de forma desajeitada, e a espada do mercenário relampejou para cima, na direção de sua cabeça. Metal ressoou, e uma asa de falcão quebrou-se com estrondo. Sor Vardis deu meio passo para trás a fim de se recuperar do golpe e ergueu o escudo. Lascas de carvalho voaram quando a espada de Bronn fez um entalhe na muralha de madeira. O mercenário voltou a dar um passo para a esquerda, para longe do escudo, e apanhou Sor Vardis no estômago, abrindo um corte brilhante quando o aguçado gume da espada penetrou no peitoral do cavaleiro.

Sor Vardis apoiou-se no pé para avançar, fazendo descer sua lâmina prateada num arco violento. Bronn afastou-o para o lado e dançou para longe. O cavaleiro esbarrou na mulher chorosa, fazendo-a oscilar sobre a base. Entontecido, deu um passo para trás, virando a cabeça para os lados em busca do adversário. A ranhura na viseira do elmo estreitava-lhe o campo de visão.

– Atrás de si, senhor! – gritou Lorde Hunter, tarde demais. Bronn fez cair a espada, com ambas as mãos, apanhando Sor Vardis no cotovelo do braço que empunhava a arma. As finas tiras de metal que protegiam a articulação se quebraram com um *crunch*. O cavaleiro soltou um grunhido, virando-se, torcendo a espada para cima. Dessa vez, Bronn manteve-se firme. As espadas voaram uma contra a outra, e a canção de aço encheu o jardim e ressoou nas torres brancas do Ninho da Águia.

– Sor Vardis está ferido – disse Sor Rodrik, com voz grave.

Catelyn não precisava que isso lhe fosse dito; tinha olhos, via o brilhante sangue que corria ao longo do braço do cavaleiro, a umidade dentro da articulação do cotovelo. Cada parada era um pouco mais lenta e um pouco mais baixa que a anterior. Sor Vardis virou o flanco ao adversário, tentando usar o escudo para bloquear a espada do mercenário, mas Bronn deslizou à sua volta, rápido como um gato. Parecia ficar cada vez mais forte. Seus golpes agora deixavam marcas. Profundos golpes brilhantes cintilavam por todo lado, na armadura do cavaleiro, em sua coxa direita, na viseira em forma de bico, cruzando-lhe o peitoral, um longo percorrendo-lhe o gorjal. O ornamento da lua e do falcão sobre o braço direito de Sor Vardis tinha sido quebrado ao meio, pendendo da presilha. Conseguia-se ouvir sua respiração laboriosa rouquejando através das fendas de ar da viseira.

Mesmo cegos pela arrogância, os cavaleiros e senhores do Vale eram capazes de ver o que estava acontecendo diante de seus olhos, mas Lysa, não.

– Basta, Sor Vardis! – ela gritou para baixo. – Acabe com ele já, meu filhinho está ficando cansado.

E há que ser dito em honra de Sor Vardis que ele foi fiel às ordens de sua senhora até o fim. Num momento cambaleava para trás, meio acocorado atrás do escudo cheio de marcas de golpe, e no seguinte avançou. O súbito ímpeto de touro apanhou Bronn desequilibrado. Sor

Vardis chocou-se contra ele e atirou a aresta do escudo contra o rosto do mercenário. Bronn quase, *quase*, perdeu o apoio… cambaleou para trás, tropeçou numa pedra e agarrou-se à mulher chorosa para manter o equilíbrio. Atirando fora o escudo, Sor Vardis guinou sobre ele, usando ambas as mãos para erguer a espada. O braço direito estava agora com sangue do cotovelo aos dedos, mas seu último golpe desesperado teria talhado Bronn do pescoço ao umbigo… se o mercenário tivesse se levantado para recebê-lo.

Mas Bronn saltou para trás. A bela espada gravada em prata de Jon Arryn resvalou no cotovelo de mármore da mulher chorosa e um terço da ponta se quebrou. Bronn empurrou as costas da estátua com o ombro. O desgastado retrato de Alyssa vacilou e caiu com grande estrondo, e Sor Vardis Egen tombou por baixo dele.

Num instante, Bronn estava sobre o cavaleiro, chutando para o lado o que restava do ornamento partido a fim de expor o ponto fraco entre o braço e o peitoral. Sor Vardis jazia de lado, preso sob o tronco quebrado da mulher chorosa. Catelyn ouviu o cavaleiro gemer quando o mercenário ergueu sua arma com ambas as mãos e a baixou, pondo no golpe todo o seu peso, por baixo do braço e por entre as costelas. Sor Vardis Egen estremeceu e ficou imóvel.

Sobre o Ninho da Águia pairou o silêncio. Bronn arrancou o meio elmo e o deixou cair na grama. Tinha o lábio amassado e sangrento onde fora atingido pelo escudo, e os cabelos negros como o carvão estavam empapados de suor. Cuspiu um dente partido.

– Acabou, mãe? – perguntou o Senhor do Ninho da Águia.

*Não*, Catelyn quis lhe dizer, *está apenas começando*.

– Sim – disse Lysa sombriamente, com a voz tão fria e morta como o capitão de sua guarda.

– Posso fazer o homenzinho voar agora?

Do outro lado do jardim, Tyrion Lannister pôs-se em pé.

– *Este* homenzinho, não – disse. – Este homenzinho irá para baixo no cesto dos nabos, muito obrigado.

– Presume… – começou Lysa.

– Presumo que a Casa Arryn recorde suas próprias palavras – disse o Duende. – *Tão Alto Como a Honra.*

– A senhora me prometeu que eu o faria voar – gritou o Senhor do Ninho da Águia à mãe, e começou a tremer.

O rosto da Senhora Lysa estava corado de fúria.

– Os deuses acharam por bem proclamá-lo inocente, filho. Não temos outra escolha que não seja libertá-lo – ergueu a voz. – Guardas. Levem o senhor Lannister e o seu… a sua *criatura* para longe da minha vista. Escoltem-nos até o Portão Sangrento e os libertem. Cuidem para que tenham cavalos e abastecimentos suficientes para alcançar o Tridente, e assegurem-se de que todos os seus bens e armas lhes sejam devolvidos. Precisarão deles na estrada de altitude.

– A estrada de altitude – disse Tyrion Lannister. Lysa permitiu-se um tênue sorriso satisfeito. Catelyn compreendeu que era outro tipo de sentença de morte. Tyrion Lannister devia sabê-lo também. Mas o anão concedeu à Senhora Arryn uma reverência trocista. – Que seja conforme ordena, minha senhora. Julgo que conhecemos o caminho.

# Jon

—São os rapazes mais incapazes que já treinei – anunciou Sor Alliser Thorne depois de se reunirem todos no pátio. – Suas mãos foram feitas para pegar em pás de recolher estrume, não em espadas, e se dependesse de mim, iriam todos criar porcos. Mas ontem à noite me foi dito que Gueren traz cinco rapazes novos pela Estrada do Rei. Um ou dois podem até valer o preço de um mijo. Para abrir lugar para eles, decidi passar oito de vocês ao Senhor Comandante, para que faça de vocês o que bem entenda – chamou pelos nomes um a um. – Sapo. Cabeça Dura. Auroque. Amante. Espinha. Macaco. Sor Vadio – por fim, olhou para Jon. – E o bastardo.

Pyp soltou um *uuup*, e espetou a espada no ar. Sor Alliser fitou-o com um olhar de réptil.

– Vão se chamar agora homens da Patrulha da Noite, mas se acreditarem nisso, são tolos maiores ainda do que o Macaco de Saltimbanco. Ainda são rapazes, verdes e fedendo a verão, mas quando o inverno vier, morrerão como moscas – e com aquilo Sor Alliser Thorne retirou-se.

Os outros rapazes reuniram-se em torno dos oito que tinham sido nomeados, rindo, praguejando e dando-lhes os parabéns. Halder deu uma pancada no traseiro de Sapo com o lado da espada e gritou:

– O Sapo, da Patrulha da Noite!

Gritando que um irmão negro precisava de um cavalo, Pyp saltou para os ombros de Grenn e caíram ambos ao chão, rolando, aos socos e aos gritos. Dareon precipitou-se para o armeiro e regressou com um odre de tinto amargo. Enquanto passavam o vinho de mão em mão, sorrindo como idiotas, Jon reparou em Samwell Tarly, que estava sozinho debaixo de uma árvore morta sem folhas, a um canto do pátio. Ofereceu-lhe o odre.

– Um trago de vinho?

Sam balançou a cabeça.

– Não, obrigado, Jon.

– Você está bem?

– Muito bem, garanto – mentiu o rapaz gordo. – Estou feliz por todos vocês – a face redonda tremeu quando forçou um sorriso. – Um dia você será Primeiro Patrulheiro, tal como era o seu tio.

– Tal como *é* – corrigiu Jon. Não aceitava que Benjen Stark estivesse morto. Antes de poder continuar, Halder gritou:

– Dê aqui, pensa que vai beber tudo sozinho? – Pyp arrancou-lhe o odre da mão e afastou-se dançando, rindo. Enquanto Grenn lhe agarrava o braço, Pyp deu um apertão no odre e um fino jato vermelho esguichou no rosto de Jon. Halder urrou em protesto contra o desperdício do bom vinho. Jon cuspiu e debateu-se. Matthar e Jeren subiram no muro e começaram a jogar bolas de neve em todos eles.

Quando conseguiu se libertar, com neve nos cabelos e manchas de vinho na capa, Samwell Tarly tinha desaparecido.

Nessa noite, o Hobb Três Dedos cozinhou para os rapazes uma refeição especial, a fim de marcar a ocasião. Quando Jon chegou à sala comum, foi o próprio Senhor Intendente que o levou para o banco junto ao fogo. Os homens mais velhos deram-lhe palmadas no braço quando passou por eles. Os oito que em breve seriam irmãos banquetearam-se com uma peça de cordeiro assada em crosta de alho e ervas, guarnecida com raminhos de menta e rodeada com purê de nabo nadando em manteiga.

– Da mesa do próprio Senhor Comandante – disse-lhes Bowen Marsh. Havia saladas de espinafre, grão-de-bico e nabos-redondos, e de sobremesa, tigelas de amoras silvestres geladas e creme doce.

– Acham que vão nos manter juntos? – Pyp quis saber enquanto se empanturravam com todo o gosto.

Sapo fez uma careta.

– Espero que não. Estou cansado de olhar para essas suas orelhas.

– Ah – disse Pyp. – Vejam o corvo chamando o melro de preto. Você será com certeza um patrulheiro, Sapo. Vão querê-lo tão longe do castelo quanto for possível. Se Mance Rayder atacar, levante a viseira e mostre-lhe sua cara, ele há de fugir aos gritos.

Todos riram, menos Grenn.

– Espero que *eu* me torne patrulheiro.

– Você e todo mundo – disse Matthar. Todos os homens que vestiam negro percorriam a Muralha, e esperava-se de todos que estivessem prontos para lidar com aço em sua defesa, mas os patrulheiros eram o verdadeiro coração lutador da Patrulha da Noite. Eram eles que se atreviam a patrulhar para lá da Muralha, percorrendo a Floresta Assombrada e as geladas altitudes da montanha a oeste da Torre Sombria, lutando contra selvagens, gigantes e monstruosos ursos das neves.

– Nem todos – disse Halder. – Para mim são os construtores. De que serviriam os patrulheiros se a Muralha caísse?

A Ordem dos Construtores fornecia pedreiros e carpinteiros para reparar fortalezas e torres, mineiros para escavar túneis e esmagar pedra para estradas e caminhos, lenhadores para limpar as novas árvores sempre que a floresta se aproximava demais da Muralha. Uma vez, dizia-se, tinham cortado imensos blocos de gelo de lagos congelados, bem no interior da Floresta Assombrada, arrastando-os para o sul em trenós, para que a Muralha pudesse ser erguida ainda mais alta. Mas esses dias tinham terminado havia séculos; agora, tudo que podiam fazer era percorrer a Muralha de Atalaialeste até a Torre Sombria, em busca de fendas ou sinais de degelo, e realizar os reparos que conseguissem.

– O Velho Urso não é nenhum tolo – observou Daeron. – Você com certeza será construtor, e Jon será certamente patrulheiro. É, de todos nós, o melhor espadachim e o melhor cavaleiro, e o tio foi o primeiro antes de… – sua voz sumiu, de forma desajeitada, quando ele percebeu o que quase ia dizendo.

– Benjen Stark ainda é Primeiro Patrulheiro – disse-lhe Jon Snow, brincando com sua tigela de amoras silvestres. Os outros podiam ter perdido toda a esperança de que o tio regressasse são e salvo, mas ele não. Afastou as amoras, quase sem tocá-las, e levantou-se do banco.

– Não vai comer isso? – Sapo perguntou.

– São suas – Jon quase não saboreara o grande festim de Hobb. – Não consigo dar nem mais uma colherada – tirou o manto do gancho perto da porta e abriu caminho para fora.

Pyp o seguiu.

– Jon, o que se passa?

– O Sam – admitiu. – Esta noite não esteve à mesa.

– Não é do feitio dele faltar a uma refeição – Pyp disse pensativamente. – Acha que está doente?

– Está assustado. Estamos o abandonando – recordou o dia em que deixou Winterfell, todas as despedidas agridoces; Bran que jazia todo quebrado, Robb com neve nos cabelos, Arya fazendo chover beijos sobre ele depois de lhe dar Agulha. – Depois de fazermos nosso juramento, todos teremos deveres a cumprir. Alguns de nós poderão ser enviados para longe, para Atalaialeste ou para a Torre Sombria. Sam continuará em treinamento, com gente como Rast, Cuger e esses rapazes novos que vêm pela Estrada do Rei. Só os deuses sabem como serão, mas pode apostar que Sor Alliser vai colocá-los contra ele na primeira oportunidade que tiver.

Pyp fez uma careta.

– Você fez o que podia.

– O que podíamos fazer não bastou – Jon respondeu.

Tinha em si um profundo desassossego quando regressou à Torre de Hardin para buscar Fantasma. O lobo gigante caminhou ao seu lado até os estábulos. Alguns dos cavalos mais nervosos escoicearam as baias e abaixaram as orelhas quando eles entraram. Jon colocou a sela na sua égua, montou e cavalgou para fora de Castelo Negro, dirigindo-se para o sul na noite iluminada pela lua. Fantasma correu à sua frente, voando sobre o solo, desaparecendo num piscar de olhos. Jon o deixou ir. Um lobo precisa caçar.

Não tinha nenhum destino em mente. Só queria cavalgar. Seguiu o riacho durante algum tempo, escutando o gotejar gelado da água sobre as pedras, e depois cortou pelos campos até a Estrada do Rei. Estendia-se à sua frente, estreita, pedregosa e marcada por ervas daninhas, uma estrada que não prometia nada de especial, mas o fato de vê-la encheu Jon Snow de uma imensa saudade. Aquela estrada ia dar em Winterfell, e depois em Correrrio, Porto Real e Ninho da Águia, e em tantos outros lugares; o Rochedo Casterly, as Ilhas das Caras, as montanhas vermelhas de Dorne, as cem ilhas de Bravos, no mar, as ruínas fumegantes da velha Valíria. Todos os lugares que Jon nunca veria. Chegava-se ao mundo por aquela estrada… e ele estava ali.

Uma vez feito o juramento, a Muralha seria seu lar até ficar velho como Meistre Aemon.

– Ainda não o fiz – murmurou. Não era nenhum fora da lei, obrigado a vestir o negro ou pagar o preço por seus crimes. Fora para lá livremente, e assim poderia partir… até dizer as palavras. Só precisava avançar, e deixaria tudo para trás. Quando a lua cheia voltasse, estaria de novo em Winterfell com os irmãos.

Com os *meios*-irmãos, lembrou-lhe uma voz interior. *E com a Senhora Stark, que não lhe dará as boas-vindas*. Não havia lugar para ele em Winterfell, e também não o havia em Porto Real. Nem sequer a própria mãe tivera lugar para ele. Pensar nela o deixou triste. Quis saber quem ela era, qual era seu aspecto, por que o pai a abandonara. *Porque era uma prostituta ou uma adúltera, idiota. Qualquer coisa obscura e desonrosa, caso contrário, por que teria Lorde Stark tanta vergonha de falar dela?*

Jon Snow virou as costas à Estrada do Rei para olhar para trás. Os fogos de Castelo Negro estavam escondidos por detrás de uma colina, mas via-se a Muralha, clara sob a lua, vasta e fria, correndo de horizonte a horizonte.

Fez o cavalo dar meia-volta e dirigiu-se para casa.

Fantasma regressou no momento em que ultrapassava uma elevação e via o distante brilho de uma lamparina na Torre do Senhor Comandante. Enquanto o lobo gigante trotava ao lado do cavalo, viu que tinha o focinho vermelho de sangue. Depois, deu por si pensando de novo em Samwell Tarly. Ao chegar aos estábulos, já sabia o que devia fazer.

Os aposentos de Meistre Aemon ficavam numa sólida torre de madeira sob o viveiro dos corvos. Idoso e frágil, ele partilhava a habitação com dois dos intendentes mais novos, que atendiam às suas necessidades e o ajudavam a desempenhar seus deveres. Os irmãos gracejavam, dizendo que lhe tinham sido atribuídos os dois homens mais feios da Patrulha da Noite; como era cego, era poupado de ter de olhar para eles. Clydas era baixo, calvo e sem queixo, com pequenos olhos cor-de-rosa como uma toupeira. Chett tinha um quisto no pescoço do tamanho de um ovo de pombo, e uma cara vermelha com furúnculos e espinhas. Talvez fosse por isso que parecia sempre tão zangado.

Foi Chett quem respondeu ao toque de Jon.

– Preciso falar com Meistre Aemon – disse-lhe Jon.

– O meistre está na cama, onde você devia estar. Volte de manhã e ele talvez o receba – e começou a fechar a porta.

Jon pôs a bota na soleira, mantendo-a aberta.

– Preciso falar com ele agora. De manhã será tarde demais.

Chett franziu as sobrancelhas.

– O meistre não está habituado a ser acordado durante a noite. Sabe que idade ele tem?

– Idade suficiente para tratar os visitantes com mais educação do que você – disse Jon. – Transmita-lhe as minhas desculpas. Não perturbaria seu descanso se não fosse importante.

– E se eu recusar?

Jon tinha a bota solidamente apoiada contra a porta.

– Posso ficar aqui a noite inteira se for preciso.

O irmão negro fez um som de repugnância e abriu a porta para deixá-lo entrar.

– Espere na biblioteca. Há lenha. Acenda o fogo. Não quero que o meistre apanhe um resfriado por sua causa.

Jon já tinha a lenha estalando animadamente quando Chett fez entrar Meistre Aemon. O velho vinha vestido com seu roupão de cama, mas em volta da garganta trazia o colar de correntes da sua Ordem. Um meistre não o tirava nem mesmo para dormir.

– A cadeira junto ao fogo seria agradável – disse ao sentir o calor na face. Depois de estar confortavelmente instalado, Chett cobriu-lhe as pernas com uma pele e foi para junto da porta.

– Lamento tê-lo acordado, meistre – disse Jon Snow.

– Não me acordou – respondeu Meistre Aemon. – Descobri que necessito de menos sono à medida que envelheço, e já envelheci muito. É frequente passar metade da noite na companhia de fantasmas, recordando tempos idos há cinquenta anos como se tivessem sido ontem. O mistério de um visitante da meia-noite é uma diversão bem-vinda. Por isso, diga-me, Jon Snow, por que veio falar comigo a esta estranha hora?

– Para pedir que Samwell Tarly seja tirado dos treinos e admitido como irmão da Patrulha da Noite.

– Isso não diz respeito ao Meistre Aemon – Chett protestou.

– Nosso Senhor Comandante pôs o treino dos recrutas nas mãos de Sor Alliser Thorne – disse o meistre com gentileza. – Só ele pode dizer quando um rapaz está pronto para fazer seu juramento, como seguramente você já sabe. Por que então veio me procurar?

– O Senhor Comandante escuta o que o senhor tem a dizer – disse-lhe Jon. – E os feridos e doentes da Patrulha da Noite estão a seu cargo.

– E está o seu amigo Samwell ferido ou doente?

– Ficará – garantiu Jon –, a menos que o ajude.

E contou-lhe tudo, até a parte quando incitara Fantasma à garganta de Rast. Meistre Aemon escutou em silêncio, de olhos cegos fitos no fogo, mas o rosto de Chett foi se fechando a cada palavra.

– Sem nós para mantê-lo em segurança, Sam não terá nenhuma chance – Jon terminou. – Ele é absolutamente *incapaz* com uma espada na mão. Minha irmã Arya poderia desarmá-lo, e ela sequer tem dez anos. Se Sor Alliser o fizer lutar, é só questão de tempo até Sam ser ferido ou morto.

Chett não aguentou mais.

– Já vi esse rapaz gordo na sala comum – disse. – Ele *é* um porco, e se o que diz for verdade, é também um irremediável covarde.

– Talvez o seja – disse Meistre Aemon. – Diga-me, Chett, o que sugere que façamos com um rapaz desses?

– Deixe-o onde está – Chett respondeu. – A Muralha não é lugar para os fracos. Que ele treine até estar preparado, e não importa quantos anos sejam necessários. Sor Alliser fará dele um homem ou o matará, conforme a vontade dos deuses.

– Isso é *estúpido* – disse Jon. Inspirou profundamente para ordenar os pensamentos. – Lembro-me de que há algum tempo perguntei a Meistre Luwin por que usava uma corrente em volta da garganta.

Meistre Aemon tocou ligeiramente seu colar, fazendo passar os dedos ossudos e enrugados pelos pesados elos de metal.

– Continue.

– Ele me disse que um colar de meistre é feito de elos para lembrá-lo de seu juramento de servir – disse Jon, recordando. – Perguntei por que cada elo era feito de um metal diferente. Disse-lhe que uma corrente de prata combinaria muito melhor com a sua toga cinza. Meistre Luwin deu risada. Disse-me que um meistre forja sua corrente com o estudo. Cada um dos diferentes metais representa um tipo diferente de aprendizagem: o ouro é o estudo do dinheiro e das contas, a prata são as artes curativas, o ferro, as da guerra. E disse que havia também outros significados. O colar seria para recordar a um meistre o reino que serve, não é assim? Os Senhores são o ouro e os cavaleiros, o aço, mas dois aros não podem

fazer uma corrente. Também é necessária a prata, o ferro e o chumbo, o estanho, o cobre, o bronze e todo o resto, e esses são os agricultores, ferreiros, mercadores e demais tipos de pessoas. Uma corrente precisa de todos os tipos de metal, e uma terra precisa de todos os tipos de pessoa.

Meistre Aemon sorriu.

– E então?

– A Patrulha da Noite também precisa de todos os tipos de pessoa. De outro modo, por que haveria patrulheiros, intendentes e construtores? Lorde Randyll não seria capaz de transformar Sam num guerreiro, e Sor Alliser também não será. Não é possível martelar o estanho e transformá-lo em ferro, por mais força que se ponha no martelo, mas isso não significa que o estanho seja inútil. Por que não haverá Sam de ser um intendente?

Chett franziu uma sobrancelha, irritado.

– *Eu* sou um intendente. Pensa que é trabalho fácil, adequado para covardes? A Ordem dos Intendentes mantém a patrulha viva. Caçamos e cultivamos, tratamos dos cavalos, ordenhamos as vacas, recolhemos lenha, cozinhamos as refeições. Quem você pensa que faz as suas roupas? Quem traz abastecimentos do sul? Os intendentes.

Meistre Aemon foi mais gentil.

– Seu amigo é um caçador?

– Ele detesta caçar – Jon teve que admitir.

– É capaz de arar um terreno? – perguntou o meistre. – Sabe conduzir uma carroça ou navegar num navio? Seria capaz de matar uma vaca?

– Não.

Chett soltou uma gargalhada desagradável.

– Já vi o que acontece aos fidalgos moles quando são postos para trabalhar. Mandem-nos fazer manteiga, as mãos se enchem de bolhas e começam a sangrar. Deem-lhes um machado para partir lenha, eles cortam o próprio pé.

– Eu sei de uma coisa que Sam poderia fazer melhor que ninguém.

– Sim? – disse Meistre Aemon.

Jon lançou um olhar cauteloso a Chett, que estava junto à porta, com os furúnculos vermelhos e zangado.

– Ele podia ajudá-lo – disse rapidamente. – Sabe fazer conta, e sabe ler e escrever. Sei que Chett não sabe ler, e Clydas tem olhos fracos. Sam leu

todos os livros da biblioteca do pai. Também seria bom com os corvos. Os animais parecem gostar dele. Fantasma o adotou logo. Há muito que ele pode fazer além de lutar. A Patrulha da Noite precisa de todos os homens. Para que matar um sem justificativa? Em vez disso, por que não usá-lo?

Meistre Aemon fechou os olhos, e por um breve momento Jon temeu que tivesse adormecido. Por fim, ele disse:

– Meistre Luwin o ensinou bem, Jon Snow. Parece que sua mente é tão hábil quanto sua espada.

– Isso quer dizer que…?

– Quer dizer que vou pensar no que disse – o meistre respondeu firmemente. – E agora creio que estou pronto para dormir. Chett, acompanhe nosso jovem irmão até a porta.

# Tyrion

Tinham se abrigado sob uma pequena mata de faias pretas ao lado da estrada de altitude. Tyrion recolhia lenha enquanto os cavalos bebiam de um córrego cujas águas desciam da montanha. Inclinou-se para apanhar um galho quebrado e o examinou criticamente.

– Este serve? Não tenho prática em fazer fogueiras. Morrec cuidava disso para mim.

– Uma fogueira? – disse Bronn, cuspindo. – Tem assim tanta sede de morte, anão? Ou terá perdido o juízo? Uma fogueira atrairá sobre nós homens dos clãs vindos de milhas ao redor. Pretendo sobreviver a esta viagem, Lannister.

– E como espera fazer isso? – Tyrion perguntou. Enfiou o galho debaixo do braço e espreitou através da pouco densa vegetação rasteira em busca de mais. Doíam-lhe as costas do esforço de se dobrar; cavalgavam desde o nascer do dia, quando um Sor Lyn Corbray com o rosto duro como pedra os fizera atravessar o Portão Sangrento e lhes ordenara que jamais voltassem.

– Não temos nenhuma chance de abrir caminho lutando – disse Bronn –, mas dois homens podem cobrir maior distância do que dez, e atrair menos atenções. Quanto menos dias passarmos nestas montanhas, mais provável é que alcancemos as terras fluviais. Digo para cavalgarmos duramente e depressa. Para viajarmos de noite e nos escondermos de dia, para evitarmos a estrada sempre que pudermos, para não fazermos barulho e não acendermos fogueiras.

Tyrion Lannister suspirou.

– Um magnífico plano, Bronn. Experimente-o, se quiser… e perdoe-me que não me detenha para enterrá-lo.

– Pensa sobreviver mais tempo do que eu, anão? – o mercenário sorriu. Tinha um buraco escuro no sorriso onde a borda do escudo de Sor Vardis Egen partira um dente ao meio.

Tyrion encolheu os ombros.

– Cavalgar duramente e depressa à noite é uma maneira segura de despencar de uma montanha e partir o crânio. Prefiro fazer minha travessia lenta e facilmente. Sei que gosta do sabor do cavalo, Bronn, mas dessa vez, se nossas montarias morrerem, teremos de tentar colocar selas em gatos-das-sombras… e, a bem da verdade, penso que os clãs nos encontrarão, não importa o que façamos. Seus vigias estão por todo lado – com um gesto largo da mão enluvada, indicou os altos penhascos esculpidos pelo vento que os rodeavam.

Bronn fez uma careta.

– Então somos homens mortos, Lannister.

– Se assim for, prefiro morrer confortável – respondeu Tyrion. – Precisamos de uma fogueira. As noites são frias aqui em cima, e comida quente nos aquecerá a barriga e animará o espírito. Supõe que haverá caça? A Senhora Lysa nos bondosamente forneceu um verdadeiro banquete de carne de vaca salgada, queijo duro e pão seco, mas eu detestaria quebrar um dente tão longe do meistre mais próximo.

– Eu consigo encontrar carne – sob uma cascata de cabelos negros, os olhos de Bronn olharam Tyrion com suspeita. – Devia deixá-lo aqui com a sua estúpida fogueira. Se levasse seu cavalo, teria duas vezes mais chances de fazer a travessia. Que faria então, anão?

– Morreria, provavelmente – Tyrion inclinou-se para apanhar outro graveto.

– Acha que eu não o faria?

– Faria num instante, se isso lhe salvasse a vida. Foi bastante rápido ao silenciar seu amigo Chiggen quando ele foi atingido por aquela flecha na barriga – Bronn agarrara os cabelos do homem, puxara-lhe a cabeça para trás e enterrara a ponta do punhal sob a orelha, e depois dissera a Catelyn Stark que o mercenário morrera do ferimento.

– Ele não sobreviveria – disse Bronn –, e seus gemidos os estavam atraindo para onde estávamos. Chiggen teria feito o mesmo por mim… e não era amigo nenhum, só um homem com quem viajava. Não se iluda, anão. Lutei por você, mas não sou seu amigo.

– Era da sua espada que eu precisava – disse Tyrion –, não da sua amizade – deixou cair a braçada de lenha.

Bronn sorriu.

– Você é tão corajoso quanto qualquer mercenário, tenho de reconhecer. Como sabia que eu ficaria do seu lado?

– Saber? – Tyrion acocorou-se desajeitadamente nas pernas atrofiadas para fazer a fogueira. – Lancei os dados. Na estalagem, você e Chiggen ajudaram a me tomar como cativo. Por quê? Os outros viram nisso seu dever, pela honra dos senhores que serviam, mas vocês dois não. Não tinham senhor nem dever, e, quanto à honra, era preciosamente pequena, portanto, por que se incomodaram envolvendo-se no assunto? – puxou a faca e raspou algumas lascas de um dos gravetos que reunira, para acender o fogo. – Bem, por que é que os mercenários fazem seja o que for? Pelo ouro. Pensavam que a Senhora Catelyn os recompensaria pela ajuda, ou talvez até os tomasse a seu serviço. Pronto, isso deve servir, espero eu. Tem pedra de fogo?

Bronn enfiou dois dedos na bolsa do cinto e atirou-lhe uma pedra. Tyrion apanhou-a no ar.

– Muito obrigado – disse. – Mas acontece que vocês não conheciam os Stark. Lorde Eddard é um homem orgulhoso, honrado e honesto, e a senhora sua esposa é pior. Ah, não há dúvida de que teria encontrado uma ou duas moedas para vocês quando tudo terminasse e as enfiaria em suas mãos com umas palavras bem-educadas e um olhar de desagrado, mas isso é o máximo que poderiam esperar. Os Stark procuram coragem, lealdade e honra nos homens que escolhem para servi-los, e, a bem da verdade, você e Chiggen são escória malnascida – Tyrion bateu com a pedra de fogo no punhal, tentando obter uma faísca. Nada.

Bronn resfolegou.

– Você tem uma língua audaciosa, homenzinho. É provável que algum dia alguém a corte e o obrigue a engoli-la.

– Todo mundo me diz isso – Tyrion olhou para o mercenário de relance. – Ofendi-o? Minhas desculpas… mas você *é* escória, Bronn, não se iluda. O dever, a honra, a amizade, que é isso para você? Não, não se incomode, ambos sabemos a resposta. Apesar disso, não é estúpido. Ao chegarmos ao Vale, a Senhora Stark deixou de ter necessidade de você… mas eu tinha, e se há coisa que nunca faltou aos Lannister é ouro. Quando chegou o momento de lançar os dados, contei que fosse suficientemente esperto para saber onde residiam os seus interesses. Felizmente para mim, você era – voltou a bater com a pedra no aço, mas sem obter frutos.

– Dê aqui – disse Bronn, agachando-se –, eu cuido disso – tirou a faca e a pedra de fogo das mãos de Tyrion e conseguiu faíscas na primeira tentativa. Uma espiral de casca começou a inflamar-se.

– Muito bem – disse Tyrion. – Até pode ser escória, mas é inegável que é útil, e com uma espada na mão é quase tão bom quanto meu irmão Jaime. Que deseja, Bronn? Ouro? Terras? Mulheres? Mantenha-me vivo, e o terá.

Bronn soprou suavemente sobre o fogo, e as chamas saltaram mais alto.

– E se você morrer?

– Ora, nesse caso terei um carpidor cuja dor é sincera – disse Tyrion, sorrindo. – O ouro acaba quando eu acabar.

O fogo queimava bem. Bronn ergueu-se, voltou a enfiar a pedra na bolsa e atirou o punhal a Tyrion.

– É justo – disse. – Minha espada é sua, então… mas não espere que eu ande por aí dobrando o joelho e tratando-o por meu *senhor* cada vez que for cagar. Não lambo as botas de ninguém.

– Nem é amigo de ninguém – disse Tyrion. – Não tenho dúvidas de que me trairia tão depressa como traiu a Senhora Stark se visse nisso lucro. Se chegar o dia em que se sinta tentado a me vender, lembre-se do seguinte, Bronn: eu cubro o preço deles, seja qual for. *Gosto* de viver. E agora, acha que poderia arranjar nosso jantar?

– Cuide dos cavalos – disse Bronn, desembainhando o longo punhal que usava na cintura e dirigindo-se para as árvores.

Uma hora mais tarde, os cavalos tinham sido escovados e alimentados, a fogueira estalava alegremente e o quadril de uma cabra jovem era virado sobre as chamas, deixando cair gordura e silvando.

– Só o que nos falta agora é um bom vinho para empurrar nossa cabrita para baixo – disse Tyrion.

– Isso, uma mulher e mais uma dúzia de espadas – Bronn completou. Estava sentado de pernas cruzadas junto à fogueira, afiando o gume da espada com uma pedra de amolar. Havia algo de estranhamente tranquilizador no som de raspar que fazia ao percorrer o aço com a pedra. – Logo será noite cerrada – fez notar o mercenário. – Eu fico com o primeiro turno… sirva isto para o que servir. Provavelmente seria melhor deixá-los nos matar durante o sono.

– Ah, suponho que estejam aqui muito antes de chegarmos a dormir – o cheiro da carne que assava fazia com que a boca de Tyrion se enchesse de água.

Bronn observou-o por cima da fogueira.

– Você tem um plano – disse em tom monocórdio, acompanhando as palavras com um raspar de aço em pedra.

– Chama-se esperança – disse Tyrion. – Outro lançamento de dados.

– Com nossas vidas como aposta?

Tyrion encolheu os ombros.

– E que escolha temos? – inclinou-se sobre a fogueira e cortou uma fina fatia de carne do cabrito. – Ahhhh – suspirou, feliz, enquanto mastigava. Gordura escorreu-lhe queixo abaixo. – Um pouco mais dura do que eu gostaria, e falta tempero, mas não me queixarei alto demais. Se estivesse no Ninho da Águia, estaria dançando num precipício com a esperança de receber um feijão cozido.

– E apesar disso, deu ao carcereiro uma bolsa de ouro – disse Bronn.

– Um Lannister sempre paga as suas dívidas.

Até Mord quase não acreditou quando Tyrion lhe atirou a bolsa de couro. Os olhos do carcereiro tinham se esbugalhado quando puxou o cordel e admirou o brilho do ouro.

– Fiquei com a prata – dissera-lhe Tyrion com um sorriso torto –, mas lhe foi prometido o ouro, e aí está ele – era mais que um homem como Mord poderia esperar ganhar ao longo de uma vida de abuso sobre os prisioneiros. – E lembre-se do que eu disse: isso é só um aperitivo. Se alguma vez se cansar do serviço da Senhora Arryn, apresente-se no Rochedo Casterly e pagarei o resto do que lhe devo – com dragões de ouro derramando-se das mãos, Mord caíra de joelhos e prometera que seria isso mesmo o que faria.

Bronn sacou o punhal e puxou a carne da fogueira. Começou a cortar grossos pedaços de carne chamuscada enquanto Tyrion arrumava duas fatias de pão duro para servir de tabuleiros.

– Se chegarmos ao rio, o que fará? – perguntou o mercenário enquanto cortava.

– Ah, para começar, uma prostituta, uma cama de penas e um jarro de vinho – Tyrion estendeu seu tabuleiro e Bronn o encheu de carne. – E depois penso que irei para Rochedo Casterly ou Porto Real. Tenho

algumas perguntas que precisam de respostas a respeito de um certo punhal.

O mercenário mastigou e engoliu.

– Então estava falando a verdade? Não era sua a faca?

Tyrion abriu um pequeno sorriso.

– Pareço-lhe um mentiroso?

Quando suas barrigas ficaram cheias, as estrelas já tinham surgido e uma meia-lua erguia-se sobre as montanhas. Tyrion estendeu no chão o manto de pele de gato-das-sombras e deitou-se, usando a sela como almofada.

– Nossos amigos estão ganhando tempo.

– Se eu estivesse no lugar deles, temeria uma armadilha – disse Bronn. – Que motivo haveria para estarmos tão abertos, além de funcionarmos como isca?

Tyrion soltou um risinho.

– Então deveríamos cantar, para que fugissem aterrorizados – e começou a assobiar uma melodia.

– Você é louco, anão – disse Bronn, enquanto limpava a gordura sob as unhas com o punhal.

– Onde está o seu amor pela música, Bronn?

– Se era música o que queria, devia ter ficado com o cantor como campeão.

Tyrion sorriu.

– Isso teria sido divertido. Estou mesmo vendo-o parar as estocadas de Sor Vardis com a harpa – reatou os assobios. – Conhece esta canção? – perguntou.

– Ouve-se aqui e ali, em estalagens e bordéis.

– É de Myr. “As Estações do Meu Amor.” Doce e triste, se compreender as palavras. A primeira mulher com que me deitei costumava cantá-la, e nunca fui capaz de tirá-la da cabeça – Tyrion olhou para o céu. Estava uma noite fria e límpida, e as estrelas brilhavam sobre as montanhas, tão brilhantes e sem misericórdia como a verdade. – Encontrei-a numa noite como esta – ouviu-se dizer. – Jaime e eu voltávamos de Lannisporto quando ouvimos um grito, e ela apareceu correndo pela estrada com dois homens no seu encalço, e gritando ameaças. Meu irmão desembainhou a espada e foi atrás deles, enquanto

eu desmontava para proteger a jovem. Era quase um ano mais velha que eu, de cabelos escuros, esguia, com um rosto que te partiria o coração. Certamente partiu o meu. Malnascida, meio morta de fome, suja… mas mesmo assim adorável. Tinham lhe arrancado metade das costas dos farrapos que vestia, e por isso enrolei-a no meu manto enquanto Jaime perseguia os homens na floresta. Quando regressou, a trote, já tinha arrancado dela um nome e uma história. Era filha de um pequeno caseiro, tornada órfã quando o pai morrera de febre, a caminho de… bem, na verdade de lugar nenhum. Jaime estava todo eriçado para ir à caça dos homens. Não era frequente que bandos de fora da lei se atrevessem a atacar os viajantes tão perto de Rochedo Casterly, e ele tomou aquilo como um insulto. Mas a moça estava assustada demais para partir sozinha, e por isso me ofereci para levá-la até a estalagem mais próxima e alimentá-la enquanto meu irmão cavalgava de volta ao Rochedo para buscar ajuda. Ela estava com mais fome do que eu julgaria possível. Acabamos com dois frangos inteiros e parte de um terceiro, e bebemos um jarro de vinho, conversando. Eu só tinha treze anos, e temo que o vinho me tenha subido à cabeça. Quando dei por mim, partilhava a sua cama. Se ela era tímida, mais tímido era eu. Nunca saberei onde encontrei coragem. Quando lhe rompi a virgindade, ela chorou, mas depois me beijou e cantou a sua cançãozinha, e quando a manhã chegou, eu estava apaixonado.

– Você? – a voz de Bronn soava divertida.

– Absurdo, não é? – Tyrion recomeçou a assobiar a canção. – Casei com ela – admitiu por fim.

– Um Lannister de Rochedo Casterly casado com a filha de um caseiro – disse Bronn. – Como conseguiu isso?

– Ah, ficaria espantado com o que um rapaz pode fazer com algumas mentiras, cinquenta peças de prata e um septão bêbado. Não me atrevi a levar minha noiva para casa, em Rochedo Casterly, por isso lhe arranjei uma casa de campo e durante uma quinzena brincamos de marido e mulher. E então passou a bebedeira do septão, que confessou tudo ao senhor meu pai – Tyrion surpreendeu-se com o modo como dizer aquilo o fazia sentir-se desolado, mesmo depois de tantos anos. Talvez estivesse apenas cansado. – Esse foi o fim do meu casamento – sentou-se e fixou os olhos na fogueira que se extinguia, piscando.

– Mandou a moça embora?

– Fez melhor que isso – disse Tyrion. – Primeiro, obrigou meu irmão a me contar a verdade. A moça era uma prostituta, percebe? Jaime organizou tudo, a estrada, os fora da lei, tudo. Achou que já era tempo de eu provar uma mulher. Pagou o dobro por uma donzela, sabendo que seria minha primeira vez. Depois de Jaime ter feito sua confissão, para que a lição ficasse bem aprendida, Lorde Tywin trouxe minha esposa e a deu aos guardas. Pagaram-lhe bem. Uma peça de prata por cada homem; quantas prostitutas exigem um preço tão elevado? Sentou-me a um canto da caserna e obrigou-me a assistir e, no final, ela tinha tantas peças de prata que as moedas escorregavam entre seus dedos e rolavam para o chão, ela… – a fumaça estava ardendo em seus olhos. Tyrion limpou a garganta e desviou o olhar do fogo, perdendo-o na escuridão. – Lorde Tywin me obrigou a ser o último – disse em voz baixa. – E me deu uma moeda de ouro para pagá-la, porque era um Lannister, e por isso valia mais.

Depois de algum tempo, ele voltou a ouvir o barulho, o raspar de aço na pedra em que Bronn afiava a espada.

– Com treze, trinta ou três anos, eu teria matado o homem que me fizesse isso.

Tyrion virou-se para encará-lo.

– Pode ter essa chance um dia. Lembre-se do que lhe disse. Um Lannister sempre paga suas dívidas – bocejou. – Acho que vou tentar dormir. Acorde-me se estivermos prestes a morrer.

Enrolou-se na pele de gato-das-sombras e fechou os olhos. O chão era pedregoso e frio, mas passado algum tempo Tyrion Lannister adormeceu. Sonhou com a cela aberta. Dessa vez ele era o carcereiro, não o prisioneiro, *grande*, com uma correia na mão, e batia no pai, empurrando-o para trás, na direção do abismo…

– *Tyrion* – o aviso de Bronn era baixo e urgente.

Tyrion acordou num piscar de olhos. A fogueira tinha se reduzido a brasas, e as sombras aproximavam-se de todos os lados. Bronn apoiara-se no joelho, com a espada em uma mão e o punhal na outra. Tyrion ergueu a mão: *fica quieto*, ela dizia.

– Venham partilhar de nossa fogueira, a noite está fria – gritou para as sombras que se aproximavam. – Temo que não tenhamos vinho para lhes

oferecer, mas podem servir-se de um pouco da nossa cabra.

Todo o movimento parou. Tyrion viu a cintilação do luar vinda de um metal.

– A montanha é nossa – gritou uma voz das árvores, profunda, dura e nada amistosa. – A cabra é nossa.

– A cabra é sua – concordou Tyrion. – Quem são?

– Quando se encontrarem com os seus deuses – respondeu uma voz diferente –, digam que foi Gunthor, filho de Gurn, dos Corvos de Pedra, quem os enviou até eles – um galho se quebrou quando ele avançou para a luz; um homem magro com um capacete provido de chifres, armado com uma longa faca.

– E Shagga, filho de Dolf – aquela era a primeira voz, profunda e mortífera. Um pedregulho deslocou-se para a esquerda, pôs-se de pé e transformou-se num homem. Parecia maciço, lento e forte, todo vestido de peles, com uma clava na mão direita e um machado na esquerda. Bateu as armas uma contra a outra ao se aproximar.

Outras vozes gritaram nomes diferentes, Cronn, Torrek, Jaggot e mais, que Tyrion esqueceu no instante em que os ouviu; pelo menos dez. Alguns traziam espadas e facas; outros brandiam forquilhas, foices e lanças de madeira. Esperou até que tivessem terminado de gritar seus nomes antes de lhes dar resposta.

– Sou Tyrion, filho de Tywin, do Clã Lannister, os Leões do Rochedo. De bom grado lhes pagaremos pela cabra que comemos.

– Que tem você para nos dar, Tyrion, filho de Tywin? – perguntou aquele que chamara a si mesmo de Gunthor, que parecia ser o chefe do bando.

– Há prata na minha bolsa – disse-lhes Tyrion. – Esta cota de malha que uso está grande para mim, mas deve servir bem a Conn, e o machado de batalha que carrego se adequará à poderosa mão de Shagga muito melhor que o machado de cortar lenha que ele tem.

– O meio homem quer nos pagar com nossas próprias moedas – disse Cronn.

– Cronn fala a verdade – disse Gunthor. – Sua prata é nossa. Seus cavalos são nossos. Sua cota de malha, seu machado de batalha e a faca que tem no cinto também são nossos. Não têm nada para nos dar exceto suas vidas. Como quer morrer, Tyrion, filho de Tywin?

– Na minha cama, com a barriga cheia de vinho e meu membro na boca de uma donzela, aos oitenta anos de idade – respondeu.

O grandalhão, Shagga, foi o primeiro a rir e o que riu mais alto. Os outros pareceram menos animados.

– Cronn, cuide dos cavalos – ordenou Gunthor. – Matem o outro e capturem o meio homem. Ele poderá ordenhar as cabras e divertir as mães.

Bronn pôs-se em pé de um salto.

– Quem morre primeiro?

– Não! – disse Tyrion em tom penetrante. – Gunthor, filho de Gurn, escute-me. Minha Casa é rica e poderosa. Se os Corvos de Pedra nos levarem em segurança através destas montanhas, o senhor meu pai os encherá de ouro.

– O ouro de um senhor das Terras Baixas é tão inútil como as promessas de um meio homem – Gunthor respondeu.

– Posso até ser meio homem – disse Tyrion –, mas tenho a coragem de enfrentar os meus inimigos. O que fazem os Corvos de Pedra enquanto os cavaleiros do Vale passam por eles, além de se esconderem atrás das rochas e tremerem de medo?

Shagga soltou um rugido de raiva e atirou a clava contra o machado. Jaggot cutucou o rosto de Tyrion com a ponta endurecida pelo fogo de uma longa lança de madeira. O anão fez o possível para não vacilar.

– Essas são as melhores armas que conseguem roubar? – disse. – Talvez sirvam para matar ovelhas… se as ovelhas não lutarem. Os ferreiros do meu pai cagam melhor aço que esse.

– Homenzinho – rugiu Shagga –, continuará caçoando do meu machado depois de lhe cortar o membro viril e dá-lo de comer às cabras?

Mas Gunthor ergueu a mão.

– Não. Quero ouvir suas palavras. As mães passam fome, e o aço enche mais bocas que o ouro. O que nos daria em troca de suas vidas, Tyrion, filho de Tywin? Espadas? Lanças? Cotas de malha?

– Tudo isso, e mais, Gunthor, filho de Gurn – respondeu Tyrion Lannister, sorrindo. – Eu lhe darei o Vale de Arryn.

# Eddard

Entrando pelas altas e estreitas janelas da cavernosa sala do trono da Fortaleza Vermelha, a luz do pôr do sol derramava-se pelo chão, depositando listras vermelhas escuras nas paredes onde as cabeças dos dragões ficavam penduradas antes. Agora, a pedra encontrava-se coberta por tapeçarias que mostravam vívidas cenas de caça, cheias de azuis, verdes e marrons, mas, mesmo assim, parecia a Ned Stark que a única cor existente no salão era o vermelho do sangue.

Estava sentado bem alto, no imenso e antigo cadeirão de Aegon, o Conquistador, uma monstruosidade trabalhada em ferro, toda ela hastes, arestas irregulares e metal grotescamente retorcido. Era, tal como Robert prevenira, uma cadeira infernalmente desconfortável, e nunca o tinha sido mais do que naquele momento em que sua perna estilhaçada latejava mais penetrantemente a cada minuto. O metal em que se apoiava tornava-se mais duro com o passar do tempo, e o aço coberto de dentes que tinha atrás das costas tornava impossível recostar-se. Um rei nunca deve se sentar à vontade, dissera Aegon, o Conquistador, quando ordenara aos armeiros que forjassem um grande trono a partir das espadas depostas por seus inimigos. *Maldito seja Aegon por sua arrogância*, pensou Ned, carrancudo, *e maldito seja também Robert e suas caçadas*.

– Tem certeza absoluta de que eram mais que salteadores? – perguntou suavemente Varys da mesa do conselho abaixo do trono. O Grande Meistre Pycelle agitou-se ao seu lado, pouco à vontade, e Mindinho pôs-se a brincar com uma pena. Eram os únicos conselheiros presentes. Fora avistado um veado branco na Mataderrei, e Lorde Renly e Sor Barristan tinham se juntado ao rei na caçada, bem como Príncipe Joffrey, Sandor Clegane, Balon Swann e metade da corte. E assim, Ned tinha de ocupar o Trono de Ferro na sua ausência.

Pelo menos *podia* se sentar. À exceção do conselho, os outros tinham de ficar respeitosamente em pé ou de joelhos. Os peticionários que se aglomeravam perto das grandes portas, os cavaleiros e grandes senhores e senhoras sob as tapeçarias, a arraia-miúda na galeria, os guardas cobertos de cota de malha e manto dourado ou cinzento, todos estavam em pé.

Os aldeãos estavam ajoelhados: homens, mulheres e crianças, igualmente esfarrapados e ensanguentados, com o rosto distorcido pelo medo. Os três cavaleiros que os tinham trazido até ali para prestar testemunho estavam em pé atrás deles.

– *Salteadores*, Lorde Varys? – a voz de Sor Raymun Darry pingava desprezo. – Ah, eram salteadores, para além de qualquer dúvida. Salteadores Lannister.

Ned conseguia sentir o desconforto no salão enquanto, dos grandes senhores aos criados, todos se esforçavam para escutar. Não podia fingir surpresa. O Ocidente transformara-se num barril de pólvora desde que Catelyn capturara Tyrion Lannister. Tanto Correrrio como Rochedo Casterly tinham convocado os vassalos, e reuniam-se exércitos no desfiladeiro sob o Dente Dourado. Fora apenas uma questão de tempo até que o sangue começasse a jorrar. A única questão que restava sem resposta era qual a melhor forma de estancá-lo.

Sor Karyl Vance, de olhos tristes, que teria sido bonito não fosse a marca de nascença que lhe roubava a cor do rosto, indicou com um gesto os aldeãos ajoelhados.

– Isto é tudo que resta do castro de Sherrer, Lorde Eddard. Os outros estão mortos, tal como o povo de Vila Vêneda e do Vau do Saltimbanco.

– Ergam-se – ordenou Ned aos aldeãos. Nunca confiara no que os homens lhe diziam de joelhos. – Todos em pé.

Um a um ou aos pares, o castro de Sherrer pôs-se em pé com dificuldade. Um ancião precisou ser ajudado, e uma menininha com o vestido ensanguentado ficou de joelhos, olhando sem expressão para Sor Arys Oakheart, que se aprumava junto à base do trono na armadura branca da Guarda Real, pronto a proteger e defender o rei… ou, ao que Ned supunha, a Mão do Rei.

– Joss – disse Sor Raymun Darry, dirigindo-se a um homem roliço que começava a perder os cabelos, vestido com um avental de cervejeiro. –

Conte à Mão o que aconteceu em Sherrer.

Joss inclinou a cabeça.

– Se Vossa Graça permitir…

– Sua Graça está caçando para lá do Água Negra – disse Ned, perguntando a si mesmo como era possível que um homem passasse a vida inteira a poucos dias de viagem da Fortaleza Vermelha e não fizesse ideia alguma da aparência de seu rei. Ned trajava um gibão de linho branco com o lobo gigante dos Stark no peito; seu manto de lã negra estava preso ao colarinho pela mão de prata do cargo. Negro, branco e cinza, todos os tons da verdade. – Sou Lorde Eddard Stark, a Mão do Rei. Diga-me quem é e o que sabe sobre esses salteadores.

– Eu tenho… *tinha*… eu tinha uma cervejaria, senhor, em Sherrer, junto à ponte de pedra. A melhor cerveja ao sul do Gargalo, todos diziam, com a sua licença, senhor. Agora já não existe, como todo o resto, senhor. Eles chegaram, beberam o que quiseram e derramaram o resto antes de atear fogo ao meu telhado, e teriam também derramado meu sangue se me tivessem apanhado, senhor.

– Eles queimaram tudo – disse um agricultor ao seu lado. – Saíram a cavalo na escuridão, do sul, e atearam fogo tanto nos campos como nas casas, matando quem tentava impedi-los. Mas não eram salteadores, não, senhor. Não pretendiam roubar nosso gado, estes, não, mataram minha vaca leiteira no lugar em que a encontraram e a deixaram para os corvos e as moscas.

– Mataram meu aprendiz – disse um homem atarracado com músculos de ferreiro e uma atadura em torno da cabeça. Vestira suas melhores roupas para vir até a corte, mas tinha as calças remendadas e o manto manchado e empoeirado pela viagem. – Perseguiram-no a cavalo, de um lado para o outro, pelos campos, espetando-lhe as lanças como se fosse um jogo, eles rindo e o rapaz tropeçando e gritando, até que o grande o trespassou.

A jovem ajoelhada ergueu a cabeça para Ned, muito acima dela, no trono.

– Também mataram minha mãe, Vossa Graça. E eles… eles… – a voz extinguiu-se, como se se tivesse esquecido do que ia dizer, e começou a soluçar.

Sor Raymun Darry retomou a história.

– Em Vila Vêneda o povo procurou refúgio no castro, mas os muros eram de madeira. Os atacantes empilharam palha contra a madeira e queimaram todos vivos. Quando as pessoas de Vêneda abriram os portões para fugir do fogo, foram abatidas com flechas à medida que corriam, até mesmo mulheres com bebês de colo.

– Ah, que horror – murmurou Varys. – Quão cruéis podem ser os homens?

– Gostariam de ter feito o mesmo com a gente, mas o castro de Sherrer é feito de pedra – disse Joss. – Alguns queriam nos fazer sair com nuvens de fumaça, mas o grande disse que havia fruta madura mais acima no rio, e seguiram para o Vau do Saltimbanco.

Ned sentiu o aço frio entre os dedos quando se inclinou para a frente. Entre cada dedo havia uma lâmina, pontas de espadas retorcidas que se projetavam em leque, como garras, dos braços do trono. Mesmo após três séculos, algumas ainda eram suficientemente afiadas para cortar. O Trono de Ferro estava cheio de armadilhas para os incautos. Segundo as canções, tinham sido necessárias mil lâminas para fazê-lo, aquecidas até brilharem, brancas, pelo sopro de fornalha de Balerion, o Terror Negro. A batedura levara cinquenta e nove dias. E o resultado fora aquela besta negra e corcovada feita de gumes de lâminas, farpas e tiras de metal aguçado; uma cadeira capaz de matar um homem, e que já o fizera, se fosse possível acreditar nas histórias.

Eddard Stark nunca conseguiria compreender o que fazia sentado nela, mas ali estava, e aquelas pessoas buscavam nele justiça.

– Que prova há de serem Lannister? – perguntou, tentando manter a fúria controlada. – Usavam manto carmesim ou ostentavam um estandarte do leão?

– Nem mesmo os Lannister são assim tão imbecis – exclamou Sor Marq Piper. Era um jovem garnisé arrogante, novo demais e com o sangue quente demais para o gosto de Ned, apesar de ser grande amigo do irmão de Catelyn, Edmure Tully.

– Todos eles estavam a cavalo e usavam cotas de malha, senhor – respondeu calmamente Sor Karyl. – Estavam armados com lanças de pontas de aço e espadas longas, e machados de batalha para o massacre – fez um gesto para um dos esfarrapados sobreviventes. – Você. Sim, você, ninguém vai lhe fazer mal. Diga à Mão o que me contou.

O velho homem inclinou a cabeça.

– A respeito dos cavalos – disse –, o que montavam eram cavalos de batalha. Trabalhei muitos anos nos estábulos do velho Sor Willum e sei qual é a diferença. Nenhum daqueles animais algum dia puxou um arado, que os deuses sejam testemunhas do que digo.

– Salteadores bem montados – observou Mindinho. – Talvez tenham roubado os cavalos do último lugar que saquearam.

– Quantos homens tinha esse grupo? – perguntou Ned.

– Uma centena, pelo menos – respondeu Joss, no mesmo instante em que o ferreiro com a atadura dizia "Cinquenta" e a velha atrás dele, "Centos e centos, senhor, eram um exército, ah, se eram".

– A senhora tem mais razão do que pensa, boa mulher – disse-lhe Lorde Eddard. – Dizem que não ostentavam estandartes. Então, e as armaduras? Alguém reparou em ornamentos ou distintivos, divisas em escudos ou elmos?

O cervejeiro Joss balançou a cabeça.

– Entristece-me dizê-lo, senhor, mas não, as armaduras que usavam eram simples, só… aquele que os liderava, sua armadura era igual à dos outros, mesmo assim não era possível confundi-lo. Era o tamanho, senhor. Os que dizem que todos os gigantes estão mortos nunca viram aquele, juro. Era grande como um touro, era sim, e tinha uma voz como pedra se partindo.

– *A Montanha!* – disse Sor Marq ruidosamente. – Poderá alguém duvidar? Isso foi trabalho de Gregor Clegane.

Ned ouviu os murmúrios que emanaram sob as janelas e da extremidade mais distante do salão. Até na galeria se trocaram sussurros nervosos. Tanto os grandes senhores como a gente simples sabiam o que poderia significar provar que Sor Marq tinha razão. Sor Gregor Clegane era vassalo de Lorde Tywin Lannister.

Estudou os rostos assustados dos aldeãos. Pouco admirava que estivessem tão aterrorizados; pensavam que tinham sido arrastados até ali para chamar Lorde Tywin de carniceiro perante um rei que era seu filho por casamento. Perguntou a si mesmo se os cavaleiros lhes tinham dado alguma escolha.

O Grande Meistre Pycelle ergueu-se solenemente da mesa do conselho, com a corrente do seu cargo a tilintar.

– Sor Marq, com o devido respeito, não há como saber se esse fora da lei era Sor Gregor. Há muitos homens grandes no reino.

– Tão grandes como a Montanha Que Cavalga? – perguntou Sor Karyl. – Nunca encontrei nenhum.

– Nem nenhum dos presentes – acrescentou Sor Raymun em tom acalorado. – Até o irmão é um cachorrinho ao seu lado. Senhores, abram os olhos. Será preciso ver o seu selo nos cadáveres? Foi Gregor.

– Por que haveria Sor Gregor de se transformar em salteador? – perguntou Pycelle. – Pela graça de seu suserano, possui uma fortaleza robusta e terras próprias. O homem é um cavaleiro ungido.

– Um falso cavaleiro! – disse Sor Marq. – O cão raivoso de Lorde Tywin.

– Senhor Mão – declarou Pycelle numa voz rígida –, peço-lhe recordar a este *bom* cavaleiro que Lorde Tywin Lannister é o pai de nossa graciosa rainha.

– Obrigado, Grande Meistre Pycelle – disse Ned. – Temo que pudéssemos nos esquecer desse fato se não nos tivesse feito notar.

De cima do trono podia ver homens que se esgueiravam pela porta, no fundo do salão. Lebres que regressavam às tocas, supôs… ou ratazanas que partiam para mordiscar o queijo da rainha. Viu de relance Septã Mordane na galeria, com a filha Sansa ao seu lado. Ned sentiu uma ira repentina; aquele não era lugar para uma menina. Mas a septã não poderia saber que a audiência de hoje seria diferente do habitual tédio de escutar petições, resolver disputas entre proprietários de terras rivais e arbitrar a colocação de pedras de demarcação de terras.

Na mesa do conselho, abaixo, Petyr Baelish perdeu o interesse em sua pena e inclinou-se para a frente.

– Sor Marq, Sor Karyl, Sor Raymun… será que posso colocar uma questão? Esses lugares estavam sob a sua proteção. Onde estavam enquanto decorriam esses massacres e incêndios?

Sor Karyl Vance respondeu:

– Eu estava prestando serviço ao senhor meu pai no desfiladeiro sob o Dente Dourado, tal como Sor Marq. Quando a notícia desses ultrajes chegou a Sor Edmure Tully, ordenou que levássemos uma pequena força a fim de encontrar os sobreviventes que conseguíssemos e trazê-los até o rei.

Sor Raymun Darry interveio.

– Sor Edmure tinha me chamado a Correrrio com todos os meus homens. Estava acampado perto de suas muralhas, do outro lado do rio, à espera de suas ordens, quando a notícia chegou a mim. Quando consegui regressar às minhas terras, Clegane e a sua ralé já tinham atravessado o Ramo Vermelho, de volta aos montes dos Lannister.

Mindinho afagou pensativamente a ponta da barba.

– E se voltarem, sor?

– Então, usaremos o seu sangue para regar os campos que queimaram – declarou acaloradamente Sor Marq Piper.

– Sor Edmure enviou homens para todas as aldeias e castelos a um dia de viagem da fronteira – explicou Sor Karyl. – Para o próximo atacante as coisas já não serão assim tão fáceis.

*E isso pode ser precisamente o que Lorde Tywin quer*, pensou Ned, *para reduzir a força de Correrrio, levando o rapaz a espalhar as suas armas*. O irmão de sua esposa era jovem, e mais valente que sábio. Tentaria guardar cada polegada de seu solo, defender todos os homens, mulheres e crianças que o chamavam de senhor, e Tywin Lannister era suficientemente astuto para saber disso.

– Se os seus campos e propriedades estão a salvo – dizia Lorde Petyr –, o que querem então da coroa?

– Os senhores do Tridente mantêm a paz do rei – disse Sor Raymun Darry. – Os Lannister a quebraram. Pedimos licença para lhes responder, aço contra aço. Pedimos justiça para o povo de Sherrer, Vila Vêneda e Vau do Saltimbanco.

– Edmure concorda que devemos pagar a Gregor Clegane em sua sangrenta moeda – declarou Sor Marq –, mas o velho Lorde Hoster ordenou que viajássemos até aqui para pedir licença ao rei antes de atacar.

*Então, graças aos deuses pelo velho Lorde Hoster*. Tywin Lannister era tanto raposa como leão. Se tinha de fato enviado Sor Gregor para incendiar e pilhar, e Ned não duvidava que o tivesse feito, tivera o cuidado de garantir que Clegane avançasse na cobertura da noite, sem estandartes, sob o disfarce de um salteador comum. Se Correrrio respondesse ao ataque, Cersei e o pai insistiriam em que tinham sido os

Tully e não os Lannister a quebrar a paz do rei. Só os deuses sabiam no que acreditaria Robert.

O Grande Meistre Pycelle estava de novo em pé.

– Senhor Mão, se esta boa gente acredita que Sor Gregor esqueceu seus votos sagrados para se dedicar ao saque e à violação, que vão se queixar ao seu suserano. Esses crimes não dizem respeito à coroa. Que procurem a justiça de Lorde Tywin.

– Tudo é a justiça do rei – disse-lhe Ned. – No norte, no sul, no oeste e no leste, tudo que fazemos, fazemos em nome de Robert.

– A justiça do *rei* – disse o Grande Meistre Pycelle. – É bem verdade, e por isso deveríamos adiar esse assunto até que o rei…

– O rei está caçando para lá do rio e talvez regresse só daqui a dias – observou Lorde Eddard. – Robert pediu-me que sentasse aqui em seu lugar, para ouvir com os seus ouvidos e falar com a sua voz. Pretendo fazer isso mesmo… embora concorde que ele deva ser informado – então viu um rosto familiar sob as tapeçarias. – Sor Robar.

Sor Robar Royce avançou e fez uma reverência.

– Senhor.

– Seu pai está caçando com o rei – disse Ned. – Pode fazer chegar até ele a notícia do que foi aqui dito e feito hoje?

– Imediatamente, senhor.

– Temos então a sua licença para exercer vingança contra Sor Gregor? – perguntou Marq Piper à Mão.

– Vingança? – disse Ned. – Pensei que estávamos falando de justiça. Queimar os campos de Clegane e matar a sua gente não restaurará a paz do rei, mas apenas o seu orgulho ferido – afastou o olhar antes que o jovem cavaleiro desse voz ao seu ultrajado protesto e dirigiu-se aos aldeãos. – Povo de Sherrer, não posso devolver as casas e colheitas nem sou capaz de trazer os mortos de volta à vida. Mas talvez possa conceder um pouco de justiça, em nome do nosso rei, Robert.

Todos os olhos no salão estavam postos nele, à espera. Lentamente, Ned lutou para se pôr em pé, erguendo-se do trono com a força dos braços, com a perna quebrada gritando dentro do gesso. Fez o que pôde para ignorar a dor; não era o momento de deixar que vissem a sua fraqueza.

– Os Primeiros Homens acreditavam que o juiz que clamasse pela morte devia manejar a espada, e no Norte ainda mantemos esse costume. Não me agrada enviar outro para matar em meu nome… mas parece que não tenho escolha – indicou com um gesto a perna quebrada.

– *Lorde Eddard!* – o grito veio da ala leste do salão quando um bonito adolescente avançou ousadamente a passos largos. Sem a armadura, Sor Loras Tyrell parecia ter menos ainda do que os seus dezesseis anos. Trajava seda azul-clara, e o cinto era uma corrente de rosas douradas, o símbolo de sua Casa. – Suplico a honra de agir em seu lugar. Atribua-me essa tarefa, senhor, e juro que não o deixarei ficar mal.

Mindinho soltou um risinho.

– Sor Loras, se o enviarmos sozinho, Sor Gregor nos mandará de volta a sua cabeça com uma ameixa enfiada nessa linda boca. A Montanha não é do tipo que dobra o pescoço perante a justiça de qualquer homem.

– Não temo Gregor Clegane – disse Sor Loras altivamente.

Ned deixou-se cair lentamente sobre o duro assento de ferro do deformado trono de Aegon. Seus olhos procuraram entre os rostos junto à parede.

– Lorde Beric – chamou –, Thoros de Myr. Sor Gladden. Lorde Lothar – os homens nomeados avançaram um por um. – Cada um de vocês deverá reunir vinte homens para levar as minhas ordens à fortaleza de Gregor. Vinte dos meus guardas irão junto. Lorde Beric Dondarrion, o comando é seu, como é próprio de sua posição.

O jovem senhor de cabelos ruivos aloirados fez uma reverência.

– Às suas ordens, Lorde Eddard.

Ned ergueu a voz para que fosse levada até a extremidade mais distante da sala do trono.

– Em nome de Robert, o Primeiro do seu Nome, Rei dos Ândalos e dos Roinares e dos Primeiros Homens, Senhor dos Sete Reinos e Protetor do Território, pela voz de Eddard da Casa Stark, sua Mão, encarrego os senhores de seguirem a toda pressa às terras do Ocidente, atravessarem o Ramo Vermelho do Tridente sob a bandeira do rei e de lá levarem a justiça do rei ao falso cavaleiro Gregor Clegane e a todos os que partilharam de seus crimes. Denuncio-o, acuso-o e despojo-o de sua posição e seus títulos, de todas as terras, rendimentos e domínios, e sentencio-o à morte. Que os deuses se apiedem de sua alma.

Quando o eco de suas palavras se extinguiu, o Cavaleiro das Flores pareceu perplexo.

– Lorde Eddard, e eu?

Ned o olhou. De sua posição elevada, Loras Tyrell parecia quase tão novo quanto Robb.

– Ninguém duvida de seu valor, Sor Loras, mas nosso assunto aqui é a justiça, e o que você busca é a vingança – voltou a olhar para Lorde Beric. – Partirão à primeira luz. Essas coisas são mais bem tratadas depressa – ergueu a mão. – A coroa não ouvirá mais petições hoje.

Alyn e Porther subiram os íngremes degraus de ferro para ajudá-lo a descer. Enquanto desciam, conseguia sentir o carrancudo olhar de Loras Tyrell, mas quando chegou ao chão da sala do trono o rapaz já se afastara a passos largos.

Na base do Trono de Ferro Varys recolhia papéis da mesa do conselho. Mindinho e o Grande Meistre Pycelle já tinham se retirado.

– É um homem mais corajoso que eu, senhor – disse suavemente o eunuco.

– Por que, Lorde Varys? – Ned perguntou bruscamente. Sentia a perna latejar e não estava com disposição para jogos de palavras.

– Se fosse eu a estar ali em cima, teria enviado Sor Loras. Ele queria *tanto* ir… e um homem que tem os Lannister como inimigos faria bem em fazer dos Tyrell seus amigos.

– Sor Loras é jovem – disse Ned. – Atrevo-me a dizer que ele superará o desapontamento.

– E Sor Ilyn? – o eunuco afagou a bochecha rechonchuda e empoada. – Afinal de contas, ele é o Magistrado do Rei. Enviar outros homens para desempenhar o seu trabalho… alguns poderiam interpretá-lo como um grave insulto.

– Não houve intenção alguma de lhe faltar com o respeito – na verdade, Ned não confiava no cavaleiro mudo, embora esse fato talvez se devesse apenas ao seu desagrado por carrascos. – Recordo-lhe que os Payne são vassalos da Casa Lannister. Julguei que seria melhor escolher homens que não devessem lealdade a Lorde Tywin.

– Muito prudente, sem dúvida – disse Varys. – Mesmo assim, vi, por um acaso, Sor Ilyn ao fundo do salão, olhando-nos com aqueles seus olhos claros, e devo dizer que não parecia contente, embora seja bem

verdade que é difícil ter certeza com o nosso silencioso cavaleiro. Espero que também ele supere o desapontamento. Ele *ama* tanto o trabalho que faz…

# Sansa

—Ele não quis enviar Sor Loras – disse Sansa a Jeyne Poole naquela noite, enquanto partilhavam um jantar frio à luz das candeias. – Acho que foi por causa da perna.

Lorde Eddard jantara no quarto, com Alyn, Harwin e Vayon Poole, a fim de repousar a perna quebrada, e Septã Mordane queixara-se de ter os pés doloridos depois de ficar o dia inteiro em pé na galeria. Esperava-se que Arya se juntasse a elas, mas seu regresso da aula de dança estava atrasado.

– A perna? – disse Jeyne em tom incerto. Era uma menina bonita, de cabelos escuros, e tinha a mesma idade de Sansa. – Sor Loras machucou a perna?

– Não é a perna *dele* – disse Sansa, mordiscando delicadamente uma coxa de galinha. – É a perna do meu *pai*, tontinha. Dói-lhe tanto que o faz praguejar. Se não fosse isso, tenho certeza de que teria enviado Sor Loras.

A decisão do pai ainda a confundia. Quando o Cavaleiro das Flores falou, teve certeza de que estava prestes a ver as histórias da Velha Ama tomar vida. Sor Gregor era o monstro e Sor Loras, o herói leal que o mataria. Ele até *parecia* um herói leal, tão magro e belo, com rosas douradas em volta do peito esguio e os ricos cabelos castanhos caindo sobre os olhos. E então o pai o *rejeitara*! Aquilo a perturbara imensamente. Dissera isso à Septã Mordane enquanto desciam as escadas da galeria, mas ela lhe respondera apenas que não lhe competia questionar as decisões do senhor seu pai.

Foi então que Lorde Baelish disse:

– Ah, não sei, septã. Algumas das decisões do senhor seu pai podiam bem ser um pouco questionadas. A jovem senhora é tão sábia quanto adorável – fez uma elaborada reverência a Sansa, tão profunda que ela ficou na dúvida sobre se estaria sendo cumprimentada ou escarnecida.

Septã Mordane ficara *muito* perturbada ao se dar conta de que Lorde Baelish a ouvira.

– A menina estava apenas falando, senhor – ela retrucou. – Tagarelice sem importância. Ela não quis dizer nada com o comentário.

Lorde Baelish afagara a pequena barba pontiaguda e disse:

– Nada? Diga-me, filha, por que queria enviar Sor Loras?

Sansa não vira alternativa senão lhe falar de heróis e monstros. O conselheiro do rei sorrira.

– Bem, não seriam essas as razões que eu daria, mas… – tocara seu rosto, fazendo o polegar percorrer com suavidade a linha da maçã. – A vida não é uma canção, querida. Aprenderá isso um dia, para sua tristeza.

Mas não apetecia a Sansa contar tudo aquilo a Jeyne; só de pensar na conversa sentia-se desconfortável.

– O Magistrado do Rei é Sor Ilyn, não Sor Loras – disse Jeyne. – Lorde Eddard devia tê-lo enviado.

Sansa estremeceu. Todas as vezes que olhava para Sor Ilyn Payne estremecia. O homem a fazia sentir como se alguma coisa morta lhe rastejasse sobre a pele nua.

– Sor Ilyn é quase um *segundo* monstro. Estou feliz que meu pai não o tenha escolhido.

– Lorde Beric é tão herói quanto Sor Loras. É tão bravo e galante.

– Suponho que sim – disse Sansa em tom de dúvida. Beric Dondarrion era bem bonito, mas terrivelmente *velho*, com quase vinte e dois anos; o Cavaleiro das Flores teria sido muito melhor. Claro, Jeyne estava enamorada de Lorde Beric desde o momento em que o vislumbrara na arena. Pensava que a amiga estava sendo tola; afinal de contas, Jeyne era apenas filha de um intendente, e por mais que suspirasse por ele, Lorde Beric nunca repararia em alguém tão abaixo dele, mesmo se não tivesse metade de sua idade.

Mas teria sido indelicado dizê-lo, por isso Sansa sorveu um pouco de leite e mudou de assunto.

– Tive um sonho em que era Joffrey quem ganhava o veado branco – disse. Na verdade, fora mais um desejo, mas soava melhor chamar de sonho. Todos sabiam que os sonhos eram proféticos. Acreditava-se que os veados brancos fossem muito raros e mágicos, e ela sabia, de coração, que seu galante príncipe era mais digno do que o bêbado do pai.

– Um sonho? De verdade? E o Príncipe Joffrey foi até o animal, tocou-o com a mão nua e não lhe fez nenhum mal?

– Não – disse Sansa. – Abateu-o com uma flecha dourada e o trouxe de volta para mim – nas canções, os cavaleiros nunca matavam os animais mágicos, limitavam-se a encontrá-los e tocá-los, sem lhes fazer nenhum mal, mas ela sabia que Joffrey gostava de caçar, e especialmente da parte da matança. Mas só animais. Sansa tinha certeza de que seu príncipe não tivera nenhum papel no assassinato de Jory e dos outros pobres homens; quem fizera aquilo fora seu tio malvado, o Regicida. Sansa sabia que o pai ainda estava zangado com o que acontecera, mas não era justo culpar Joff. Seria como culpá-la de algo que Arya tivesse feito.

– Esta tarde vi sua irmã – Jeyne falou, como se estivesse lendo os pensamentos de Sansa. – Estava caminhando pelos estábulos de pernas para o ar. Por que haveria de fazer uma coisa dessas?

– Estou certa de que não sei por que motivo Arya faz seja o que for – Sansa detestava estábulos, lugares malcheirosos cheios de estrume e de moscas. Mesmo quando ia montar, gostava que o rapaz da estrebaria selasse o cavalo e o trouxesse até o pátio. – Quer que lhe conte sobre a audiência ou não?

– Quero – Jeyne assentiu.

– Estava lá um irmão negro – disse Sansa –, em busca de homens para a Muralha, só que era mais ou menos velho e malcheiroso – não gostara nada daquilo. Sempre imaginara que a Patrulha da Noite era composta por homens como Tio Benjen. Nas canções, eram chamados os cavaleiros negros da Muralha. Mas aquele homem era corcunda e hediondo, e pelo aspecto podia bem ter piolhos. Se a verdadeira Patrulha da Noite era assim, sentia pena do meio-irmão bastardo, Jon. – Meu pai perguntou se havia cavaleiros no salão que quisessem honrar suas casas vestindo o negro, mas ninguém se apresentou, e ele disse ao homem, Yoren, que fizesse sua escolha nas masmorras do rei e o mandou embora. E mais tarde houve dois irmãos que vieram perante ele, cavaleiros livres vindos da Marca de Dorne, que colocaram suas espadas a serviço do rei. Meu pai aceitou seus juramentos…

Jeyne bocejou.

– Haverá bolos de limão?

Sansa não gostava de ser interrompida, mas tinha de admitir que bolos de limão soavam mais interessantes que a maior parte do que se tinha passado na sala do trono.

– Vamos ver – ela respondeu.

A cozinha não tinha bolos de limão, mas encontraram metade de uma torta fria de morangos, e isso era quase igualmente bom. Comeram-na nos degraus da torre, entre risinhos, mexericos e segredos partilhados, e naquela noite Sansa foi para a cama sentido-se quase tão malvada como Arya.

Na manhã seguinte, acordou antes da primeira luz e deslizou, sonolenta, até a janela, a fim de observar Lorde Beric, que punha os homens em formação. Partiram quando a aurora raiava sobre a cidade, com três estandartes à cabeça da coluna: o veado coroado do rei esvoaçava no poste maior; o lobo gigante dos Stark e o estandarte do relâmpago bifurcado de Lorde Beric, nos postes mais curtos. Tudo aquilo era excitante, uma canção trazida à vida; o tinir das espadas, o tremeluzir dos archotes, estandartes dançando ao vento, cavalos resfolegando e relinchando, o brilho dourado da alvorada trespassando através das barras da porta levadiça quando foi puxada para cima. Os homens de Winterfell tinham especialmente bom aspecto, com cotas de malha prateadas e longos mantos cinzentos.

Alyn transportava o estandarte dos Stark. Quando o viu puxar as rédeas ao lado de Lorde Beric para trocar algumas palavras com ele, Sansa sentiu um grande orgulho. Alyn era mais bonito do que Jory fora; e um dia seria um cavaleiro.

A Torre da Mão parecia tão vazia depois de os homens terem partido que Sansa até ficou contente por ver Arya quando desceu para o desjejum.

– Onde estão todos? – quis saber sua irmã enquanto arrancava a casca de uma laranja sanguínea. – Nosso pai os mandou em perseguição de Jaime Lannister?

Sansa suspirou.

– Partiram com Lorde Beric para decapitar Sor Gregor Clegane – virou-se para Septã Mordane, que estava comendo mingau de aveia com uma colher de pau. – Septã, Lorde Beric vai espetar a cabeça de Sor

Gregor no portão dele ou vai trazê-la para cá e dá-la ao rei? – ela e Jeyne Poole tinham discutido sobre aquilo na noite anterior.

A septã ficou horrorizada.

– Uma senhora não discute essas coisas à mesa. Onde está sua educação, Sansa? Juro, nos últimos tempos tem sido quase tão má quanto a sua irmã.

– Que fez Gregor? – Arya perguntou.

– Queimou um castelo e assassinou uma porção de pessoas, mulheres e crianças também.

Arya fechou o rosto numa carranca.

– Jaime Lannister assassinou Jory, Heward e Wyl, e Cão de Caça assassinou o Mycah. Alguém devia *tê-los* decapitado.

– Não é a mesma coisa – disse Sansa. – Cão de Caça é por juramento o escudo de Joffrey. Seu amigo, filho de carniceiro, atacou o príncipe.

– Mentirosa – disse Arya. Agarrou a laranja sanguínea com tanta força que sumo vermelho escorreu entre seus dedos.

– Vá em frente, me insulte com os nomes que quiser – disse Sansa em tom alegre. – Quando eu estiver casada com Joffrey, não se atreverá. Terá de me fazer reverências e me chamar de Vossa Graça – soltou um gemido estridente quando Arya lhe arremessou a laranja. O fruto a atingiu no meio da testa com um salpico molhado e tombou no seu colo.

– Tem sumo na cara, Vossa Graça – Arya disse.

O sumo escorria pelo rosto e fazia arder os olhos. Sansa se limpou com um guardanapo. Quando viu o que o fruto tinha feito em seu belo vestido de seda cor de marfim, soltou outro gemido.

– Você é *horrível* – gritou para a irmã. – Deviam ter matado *você* em vez da Lady!

Septã Mordane pôs-se subitamente em pé.

– O senhor seu pai ouvirá falar disto! Vão imediatamente para os seus aposentos. *Imediatamente!*

– Eu também? – lágrimas jorraram dos olhos de Sansa. – Não é justo.

– Não haverá discussão. Vá!

Sansa foi embora a passos largos, de cabeça levantada. Seria uma rainha, e as rainhas não choram. Pelo menos onde as pessoas vissem. Quando chegou ao quarto, trancou a porta e despiu o vestido. A laranja sanguínea deixara uma grande mancha vermelha na seda.

– Eu a odeio! – gritou. Amarfanhou o vestido numa bola e atirou-o para a lareira fria, para cima das cinzas do fogo da noite anterior. Quando viu que a mancha tinha escorrido para a saia de baixo, não conseguiu resistir e começou a soluçar. Arrancou furiosamente o resto da roupa, atirou-se na cama e chorou até dormir.

Era meio-dia quando Septã Mordane bateu à sua porta.

– Sansa. O senhor seu pai a receberá agora.

Sansa sentou-se.

– Lady – sussurrou. Por um momento, foi como se o lobo selvagem estivesse ali no quarto, olhando-a com seus olhos dourados, tristes e sábios. Compreendeu que tinha sonhado. Lady estava com ela e corriam juntas e… e… tentar recordar era como tentar apanhar chuva com os dedos. O sonho desvaneceu-se e Lady estava morta de novo.

– Sansa – a pancada voltou, sonora. – Está me ouvindo?

– Sim, Septã – gritou. – Posso, por favor, ter um momento para me vestir? – tinha os olhos vermelhos de tanto chorar, mas fez tudo que pôde para se pôr bonita.

Lorde Eddard estava inclinado sobre um enorme livro de capa de couro, com a perna engessada, rígida, sobre a mesa, quando Septã Mordane a introduziu no aposento privado.

– Venha cá, Sansa – ele disse, num tom que não era desprovido de delicadeza, depois de a septã partir para ir buscar a irmã. – Sente-se ao meu lado – fechou o livro.

Septã Mordane regressou com Arya, que se debatia em suas mãos. Sansa vestia um belo vestido verde-claro de damasco e um ar de remorso, mas a irmã ainda trajava as maltrapilhas roupas de couro e ráfia que usara na refeição matinal.

– Aqui está a outra – anunciou a septã.

– Agradeço-lhe, Septã Mordane. Gostaria de falar com minhas filhas a sós, com a sua licença – a septã fez uma reverência e saiu.

– Foi Arya que começou – Sansa disse rapidamente, ansiosa por ter a primeira palavra. – Chamou-me de mentirosa, atirou-me uma laranja e estragou meu vestido, o de seda cor de marfim, aquele que a Rainha Cersei me deu quando fui prometida ao Príncipe Joffrey. Ela detesta o fato de que eu vá me casar com o príncipe. Ela quer estragar *tudo*, pai, não suporta que nada seja belo, ou amável, ou esplêndido.

– *Basta*, Sansa – a voz de Lorde Eddard estava carregada de impaciência.

Arya ergueu os olhos.

– Lamento, pai. Eu estava errada e peço o perdão de minha querida irmã.

Sansa ficou tão surpresa que por um momento perdeu a fala. Por fim, recuperou a voz.

– Então, e o meu vestido?

– Talvez… eu possa lavá-lo – disse Arya em tom de dúvida.

– Lavá-lo não resolve nada – disse Sansa. – Nem que o esfregasse dia e noite. A seda está *arruinada*.

– Então eu… faço-lhe um novo – Arya tentou.

Sansa atirou a cabeça para trás com desdém.

– Você? Nem seria capaz de coser um vestido bom para limpar os chiqueiros.

O pai suspirou.

– Não as chamei aqui para falar de vestidos. Enviarei ambas de volta para Winterfell.

Pela segunda vez Sansa ficou surpresa demais para falar. Sentiu que seus olhos se umedeciam de novo.

– Não *pode* – Arya reagiu.

– Por favor, pai – Sansa conseguiu dizer por fim. – Não, por favor.

Eddard Stark concedeu às filhas um sorriso cansado.

– Finalmente encontramos alguma coisa em que estão de acordo.

– Eu não fiz nada de mal – Sansa argumentou. – Não quero voltar – adorava Porto Real; o aparato da corte, os grandes senhores e senhoras com seus veludos, sedas e pedras preciosas, a grande cidade com toda a sua gente. O torneio constituíra o período mais mágico de toda a sua vida, e havia tantas coisas que ainda não vira, festas das colheitas, bailes de máscaras e espetáculos de pantomima. Não suportava a ideia de perder tudo aquilo. – Mande Arya embora, foi ela quem começou, pai, juro. Eu serei boa, verá, deixe-me ficar e prometo ser tão agradável, nobre e cortês como a rainha.

A boca do pai retorceu-se de um modo estranho.

– Sansa, não estou mandando vocês embora por causa das brigas, embora os deuses bem saibam como estou farto de suas disputas. Quero

que voltem a Winterfell para a sua segurança. Três dos meus homens foram abatidos como cães a menos de uma légua de onde estamos, e que fez Robert? Foi à *caça*.

Arya mordiscava o lábio daquela sua maneira nojenta.

– Podemos levar Syrio de volta conosco?

– Quem se importa com seu estúpido *mestre de dança*? – Sansa disparou. – Pai, acabei de me lembrar, *não posso* ir embora, vou me casar com o Príncipe Joffrey – tentou sorrir com bravura para ele. – Eu o amo, pai, amo mesmo, mesmo, tanto quanto a Rainha Naerys amou o Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, tanto quanto Jonquil amou Sor Florian. Quero ser a sua rainha e ter os seus bebês.

– Querida – disse o pai gentilmente –, escute-me. Quando tiver idade, lhe arranjarei casamento com algum grande senhor que seja digno de você, alguém que seja corajoso, gentil e forte. Essa promessa a Joffrey foi um erro terrível. Aquele rapaz não é nenhum Príncipe Aemon, acredite no que digo.

– É, *sim*! – Sansa insistiu. – Não quero alguém corajoso e gentil, quero *ele*. Seremos tão felizes, assim como nas canções, o senhor verá. Darei a ele um filho de cabelos dourados, que um dia será o rei de todo o reino, o maior rei que já existiu, bravo como o lobo e orgulhoso como o leão.

Arya fez uma careta.

– Só se Joffrey não for o pai – ela rebateu. – Joffrey é um mentiroso e um covarde, e de qualquer forma é um veado, não um leão.

Sansa sentiu lágrimas nos olhos.

– Não é *nada*! Não é nem um pouquinho como aquele velho rei bêbado – gritou para a irmã, perdida em seu desgosto.

O pai a olhou com uma expressão estranha.

– Deuses – praguejou em voz baixa –, e da boca das crianças… – gritou pela Septã Mordane. Às meninas, disse: – Estou à procura de uma galé mercante que seja rápida para levá-las para casa. Nos dias que correm, o mar é mais seguro do que a Estrada do Rei. Partirão assim que eu encontrar um navio adequado, com Septã Mordane e uma guarnição de guardas… e, sim, com Syrio Forel, se ele concordar em entrar a meu serviço. Mas não digam nada sobre isto. É melhor que ninguém saiba dos nossos planos. Amanhã voltaremos a conversar.

Sansa chorou enquanto Septã Mordane as levava pelas escadas. Iam tirar-lhe tudo; os torneios, a corte e o seu príncipe, tudo, iam enviá-la de volta para os gelados muros cinzentos de Winterfell e trancá-la para sempre. Sua vida tinha terminado antes mesmo de começar.

– Pare com esse choro, menina – Septã Mordane disse severamente. – Tenho certeza de que o senhor seu pai sabe o que é melhor para vocês.

– Não vai ser assim tão ruim, Sansa – Arya disse. – Vamos viajar numa galé. Será uma aventura, e depois estaremos outra vez com Bran e Robb, e a Velha Ama, Hodor e os outros – tocou-lhe o braço.

– *Hodor*! – Sansa berrou. – Devia casar com o Hodor, é mesmo como ele, estúpida, peluda e feia! – escapuliu da mão da irmã, entrou correndo no quarto e trancou a porta atrás de si.

# Eddard

—A dor é um presente dos deuses, Lorde Eddard – disse o Grande Meistre Pycelle. – Significa que o osso está cicatrizando, a carne sarando. Deveria ser grato por isso.

– Ficarei grato quando a perna deixar de latejar.

Pycelle depositou um frasco tampado com uma rolha na mesa junto à cama.

– O leite de papoula, para quando a dor ficar muito pesada.

– Já durmo demais.

– O sono é o grande curandeiro.

– Tinha esperança de que fosse o senhor.

Pycelle deu um sorriso triste.

– É bom vê-lo com um humor tão vigoroso, senhor – inclinou-se para mais perto e abaixou a voz. – Chegou um corvo hoje de manhã, uma carta para a rainha do senhor seu pai. Pensei que deveria saber.

– Asas escuras, palavras escuras – disse Ned em tom sombrio. – Que tem a mensagem?

– Lorde Tywin está muito irado com os homens que o senhor enviou contra Sor Gregor Clegane – confidenciou o meistre. – Temi que ficasse. Disse isso mesmo no conselho.

– Deixe-o irar-se – Ned respondeu. Cada vez que a perna latejava, lembrava-se do sorriso de Jaime Lannister e de Jory morto em seus braços. – Que escreva todas as cartas que quiser à rainha. Lorde Beric avança sob o estandarte do rei. Se Lorde Tywin tentar interferir na justiça do rei, terá de responder perante Robert. A única coisa de que Sua Graça gosta mais do que caçar é de promover guerra aos senhores que o desafiam.

Pycelle afastou-se, com a corrente de meistre chocalhando.

– Como quiser. Virei visitá-lo de novo amanhã – o velho homem recolheu apressadamente suas coisas e se retirou. Ned tinha poucas

dúvidas de que se dirigia diretamente aos aposentos reais para segredar à rainha. *Pensei que deveria saber*, realmente… como se Cersei não o tivesse instruído para entregar as ameaças do pai. Esperava que a resposta fizesse ranger aqueles seus dentes perfeitos. Ned não estava, nem de perto, tão confiante como fingira estar, mas não havia motivo para que Cersei soubesse disso.

Depois de Pycelle sair, Ned mandou vir uma taça de vinho com mel. Aquilo também enevoava a mente, mas não tanto. Precisava estar capaz para pensar. Mil vezes perguntara a si mesmo o que teria feito Jon Arryn se tivesse vivido o suficiente para agir com base no que descobrira. Ou talvez *tivesse* agido e morrido por isso.

Era estranho como por vezes os olhos inocentes de uma criança eram capazes de ver coisas a que os adultos eram cegos. Um dia, quando Sansa crescesse, teria de lhe contar como ela fizera com que tudo se tornasse claro. *Não é nem um pouquinho como aquele velho rei bêbado*, declarara zangada e sem consciência do que dizia, e a simples verdade daquelas palavras retorcera-se dentro dele, fria como a morte. *Foi esta a espada que matou Jon Arryn*, pensara Ned então, *e matará também Robert, uma morte mais lenta, mas não menos certa*. Pernas quebradas podem sarar com o tempo, mas certas traições ulceram e envenenam a alma.

Mindinho veio vê-lo uma hora depois de o Grande Meistre partir, vestindo um gibão cor de ameixa, com um tejo bordado de negro no peito e uma capa listrada de preto e branco.

– Não posso me demorar, senhor – anunciou. – A Senhora Tanda espera-me para o almoço. Sem dúvida assará uma vitela de engorda. Se a engorda se aproximar da filha dela, é provável que eu arrebente e morra. E como vai a perna?

– Inflamada e dolorida, com uma comichão que me deixa louco.

Mindinho ergueu uma sobrancelha.

– No futuro, tente evitar que os cavalos caiam em cima dela. Gostaria que sarasse rapidamente. O reino inquieta-se. Varys escutou murmúrios de mau agouro vindos do Ocidente. Cavaleiros livres e mercenários estão afluindo ao Rochedo Casterly, e não é pelo simples prazer de conversar com Lorde Tywin.

– Há notícias do rei? – Ned perguntou. – Por quanto tempo Robert ainda pretende continuar caçando?

– Dadas as suas preferências, creio que gostaria de permanecer na floresta até que tanto o senhor quanto a rainha morram de velhice – Lorde Petyr respondeu com um leve sorriso. – Não sendo isso possível, creio que regressará assim que tiver matado alguma coisa. Ao que parece, encontraram o veado branco… ou, antes, o que restou dele. Uns lobos o encontraram primeiro e deixaram a Sua Graça pouco mais que um casco e um chifre. Robert ficou furioso, até ouvir falar de um javali monstruoso que vive mais no interior da floresta. Daí em diante, nada estaria bem a não ser que ele o capturasse. Príncipe Joffrey regressou hoje de manhã, com os Royce, Sor Balon Swann e uns vinte outros membros do grupo. O restante continua com o rei.

– E Cão de Caça? – Ned franziu a testa. De todo o grupo dos Lannister, era Sandor Clegane quem mais o preocupava, agora que Sor Jaime fugira da cidade para ir se juntar ao pai.

– Ah, regressou com Joffrey e foi logo ter com a rainha – Mindinho sorriu. – Teria dado cem veados de prata para ser uma barata nas esteiras quando ele soube que Lorde Beric partiu para decapitar o irmão.

– Até um cego vê que Cão de Caça detesta o irmão.

– Ah, mas Gregor é para *ele* detestar, não para o senhor matar. Depois de Dondarrion desbastar o cume de nossa Montanha, as terras e os rendimentos dos Clegane passarão para Sandor, mas não prenderia a respiração à espera de agradecimentos daquele, não. E agora, perdoe-me. A Senhora Tanda aguarda com as suas gordas vitelas.

A caminho da porta, Lorde Petyr pousou os olhos no maciço volume do Grande Meistre Malleon que estava sobre a mesa e fez uma pausa para abrir vagarosamente a capa.

– *As linhagens e histórias das Grandes Casas dos Sete Reinos, com descrições de muitos grandes senhores e nobres senhoras e de seus filhos* – leu. – Se alguma vez vi uma leitura entediante, aqui está ela. Uma poção para dormir, senhor?

Por um breve momento Ned considerou a hipótese de lhe contar tudo, mas havia algo nas brincadeiras de Mindinho que o aborrecia. O homem era muito mais esperto do que devia, sempre com um sorriso de troça nos lábios.

– Jon Arryn estudava esse volume quando adoeceu – disse Ned em tom cauteloso, para ver como o outro responderia.

E o outro respondeu como respondia sempre: com um gracejo.

– Neste caso – disse –, a morte deve ter chegado como um abençoado alívio – Lorde Petyr Baelish fez uma reverência e se retirou.

Eddard Stark permitiu-se uma praga. Além de seus próprios vassalos, não havia ninguém naquela cidade em quem confiasse. Mindinho escondera Catelyn e ajudara Ned em suas investigações, mas a pressa em salvar a própria pele quando Jaime saíra da chuva com os soldados ainda lhe irritava as feridas. Varys era pior. Com todas as suas declarações solenes de lealdade, o eunuco sabia demais e fazia muito pouco. O Grande Meistre Pycelle parecia-se mais com uma criatura de Cersei a cada dia que passava, e Sor Barristan era velho e rígido. Diria a Ned para cumprir seu dever.

O tempo era perigosamente curto. O rei devia regressar em breve da caçada, e a honra obrigava Ned a contar-lhe tudo que descobrira. Vayon Poole organizara as coisas de modo que Sansa e Arya embarcassem na *Bruxa dos Ventos*, de Bravos, dali a três dias. Estariam de volta a Winterfell antes das colheitas. Ned já não podia usar a preocupação com a segurança delas como desculpa para o atraso.

Mas na noite anterior sonhara com os filhos de Rhaegar. Lorde Tywin depositara os corpos sob o Trono de Ferro, envolvidos nos mantos carmesins de sua guarda. Fora uma atitude inteligente; o sangue não se notava tanto no pano vermelho. A pequena princesa estava descalça, ainda vestida com a camisola, e o garoto… o garoto…

Ned não podia deixar que aquilo voltasse a acontecer. O reino não suportaria um segundo rei louco, outra dança de sangue e vingança. Tinha de encontrar algum modo de salvar as crianças.

Robert podia ser misericordioso. Sor Barristan estava longe de ser o único homem que perdoara. O Grande Meistre Pycelle, Varys, a Aranha, Lorde Balon Greyjoy; cada um deles esteve um dia entre os inimigos de Robert, e todos foram bem-vindos à amizade e autorizados a manter as honrarias e os cargos em troca de um juramento de fidelidade. Desde que um homem fosse bravo e honesto, Robert o trataria com toda a honra e o respeito devidos a um inimigo valente.

Isto era outra coisa: veneno no escuro, uma faca arremessada à alma. Isto ele nunca poderia perdoar, assim como não era capaz de perdoar Rhaegar. *Matará a todos*, compreendeu Ned.

E, no entanto, sabia que não podia se manter em silêncio. Tinha um dever para com Robert, para com o reino, para com a sombra de Jon Arryn… e para com Bran, que sem dúvida devia ter tropeçado em alguma parte dessa verdade. Que outro motivo teriam para tentar assassiná-lo?

Durante a tarde mandou chamar Tomard, o guarda corpulento de suíças ruivas a quem os filhos chamavam Gordo Tom. Com Jory morto e Alyn distante, Gordo Tom tinha o comando de sua guarda pessoal. A ideia encheu Ned com uma vaga inquietação. Tomard era um homem sólido, afável, leal, incansável, capaz a seu modo limitado, mas tinha quase cinquenta anos e nem mesmo na juventude fora enérgico. Talvez Ned não devesse ter se precipitado a enviar para longe metade de seus guardas, e com todos os melhores espadachins entre eles.

– Vou precisar da sua ajuda – disse Ned quando Tomard apareceu, com o ar levemente apreensivo que tinha sempre que era chamado à presença do seu senhor. – Leve-me ao bosque sagrado.

– Será sensato, Lorde Eddard? Com a sua perna e tudo?

– Talvez não. Mas é necessário.

Tomard chamou Varly. Com os braços em volta dos ombros dos dois homens, Ned conseguiu descer os íngremes degraus da torre e atravessar a muralha coxeando.

– Quero a guarda duplicada – disse a Gordo Tom. – Ninguém entra ou sai da Torre da Mão sem a minha autorização.

Tom pestanejou.

– Senhor, com Alyn e os outros longe, já estamos sobrecarregados…

– Será só por pouco tempo. Aumente os turnos.

– Como quiser, senhor – respondeu Tom. – Posso perguntar por quê…?

– É melhor não – Ned respondeu bruscamente.

O bosque sagrado estava vazio, como sempre estava naquela cidadela dos deuses do sul. A perna de Ned gritava quando o depositaram na grama ao lado da árvore-coração.

– Obrigado – tirou um papel da manga, lacrado com o selo de sua Casa. – Tenha a bondade de entregar isto imediatamente.

Tomard olhou para o nome que Ned escrevera no papel e lambeu ansiosamente os lábios.

– Senhor…

– Faça o que lhe peço, Tom – disse Ned.

Não saberia dizer quanto tempo esperou no sossego do bosque sagrado. Era um lugar tranquilo. As espessas muralhas mantinham do lado de fora o clamor do castelo, e conseguia ouvir aves cantando, o murmúrio dos grilos, o farfalhar das folhas sob um vento fraco. A árvore-coração era um carvalho, castanho e sem rosto, mas Ned Stark sentia nela a presença de seus deuses. A perna não parecia doer-lhe tanto.

Ela veio ao pôr do sol, quando as nuvens se avermelhavam sobre as muralhas e torres. Veio só, como ele lhe pedira. Pela primeira vez estava vestida de forma simples, com botas de couro e roupas verdes de caça. Quando puxou para trás o capuz da capa marrom, Ned viu a mancha negra onde o rei lhe batera. A zangada cor de ameixa esmaecera até tomar um tom de amarelo, e o inchaço reduzira-se, mas não era possível confundir a marca com outra coisa qualquer.

– Por que aqui? – perguntou Cersei Lannister, em pé, a seu lado.

– Para que os deuses possam ver.

Ela sentou-se a seu lado na grama. Cada um dos seus movimentos era gracioso. Os cabelos loiros encaracolados moviam-se ao vento, e os olhos eram verdes como as folhas do verão. Passara-se muito tempo desde que Ned Stark lhe vira a beleza, mas a via agora.

– Conheço a verdade pela qual Jon Arryn morreu – disse-lhe.

– Ah, sim? – a rainha observou-lhe o rosto, cuidadosa como um gato. – Foi por isso que me chamou aqui, Lorde Stark? Para me propor enigmas? Ou será sua intenção raptar-me, como sua esposa raptou meu irmão?

– Se acreditasse mesmo nisso, nunca teria vindo – Ned tocou-lhe a face com gentileza. – Ele já tinha feito isso antes?

– Uma ou duas vezes – ela se afastou de sua mão. – Nunca no rosto. Jaime o mataria, mesmo se isso lhe custasse a vida – Cersei olhou-o em desafio. – Meu irmão vale cem vezes mais que o seu amigo.

– Seu irmão? – disse Ned. – Ou seu amante?

– As duas coisas – ela não vacilou perante a verdade. – Desde crianças. E por que não? Os Targaryen casaram irmão com irmã ao longo de trezentos anos para manter o sangue puro. Jaime e eu somos mais que irmão e irmã. Somos uma pessoa em dois corpos. Partilhamos um ventre. Nosso velho meistre dizia que ele chegou ao mundo agarrado ao meu pé.

Quando está em mim, sinto-me… completa – o fantasma de um sorriso passou rapidamente sobre seus lábios.

– Meu filho Bran…

Para seu crédito, Cersei não desviou o olhar.

– Ele nos viu. Ama seus filhos, não é verdade?

Robert fizera-lhe a mesmíssima pergunta na manhã do corpo a corpo. Deu a Cersei a mesma resposta.

– De todo o coração.

– Não mais do que eu amo os meus.

Ned pensou: *Se chegasse a esse ponto, colocando a vida de uma criança que não conheço contra Robb, Sansa, Arya, Bran e Rickon, o que faria? Mais, que faria Catelyn, se fosse a vida de Jon contra a dos filhos de seu corpo?* Não sabia. E rezava para nunca saber.

– Todos os três são de Jaime – ele disse. E não era uma pergunta.

– Graças aos deuses.

A semente é forte, gritara Jon Arryn em seu leito de morte, e de fato era. Todos aqueles bastardos, todos de cabelos negros como a noite. O Grande Meistre Malleon registrou a última união entre veado e leão havia cerca de noventa anos, quando Tya Lannister se casou com Gowen Baratheon, terceiro filho do detentor do título. Sua única descendência, um garoto sem nome descrito no volume de Malleon como *um garoto grande e vigoroso, nascido com a cabeça cheia de cabelos negros*, morrera na infância. Trinta anos antes, um Lannister tomara uma donzela Baratheon como esposa. Ela lhe dera três filhas e um filho, todos de cabelos negros. Não importava quanto Ned recuasse nas quebradiças páginas amareladas, encontrava sempre o ouro cedendo perante o carvão.

– Uma dúzia de anos – disse Ned. – Como foi que não teve filhos do rei?

Ela ergueu a cabeça, em desafio.

– Seu Robert deixou-me uma vez à espera de bebê – disse, com a voz cheia de desprezo. – Meu irmão encontrou uma mulher para me purificar. Ele nunca soube. A bem da verdade, quase não suporto que me toque, e há anos que não o deixo entrar em mim. Conheço outras maneiras de lhe dar prazer, quando abandona suas putas durante tempo suficiente para cambalear até meu quarto de dormir. Não importa o que façamos, o rei está geralmente tão bêbado que na manhã seguinte já esqueceu tudo.

Como podiam ter sido todos tão cegos? A verdade estivera sempre ali na sua frente, escrita no rosto das crianças. Ned sentiu-se enjoado.

– Lembro-me de Robert como era no dia em que ocupou o trono, cada centímetro dele um rei – disse em voz baixa. – Mil outras mulheres o teriam amado de todo o coração. O que ele fez para que o odiasse tanto?

Os olhos dela ardiam, fogo verde na penumbra, como a leoa que era o seu símbolo.

– Na noite de nosso banquete de casamento, na primeira vez que partilhamos a cama, chamou-me pelo nome de sua irmã. Estava em cima de mim, *dentro* de mim, fedendo a vinho, e sussurrou *Lyanna*.

Ned Stark pensou em rosas azul-claras, e por um momento quis chorar.

– Não sei de qual dos dois sinto mais pena.

A rainha divertiu-se ao ouvir aquilo.

– Guarde sua piedade para você, Lorde Stark. Não quero nem um pouco dela.

– Sabe o que devo fazer.

– O que *deve*? – Cersei pousou a mão em sua perna boa, logo acima do joelho. – Um homem de verdade faz o que quer, não o que deve – seus dedos deslizaram levemente por sua coxa, na mais suave das promessas. – O reino precisa de uma Mão forte. Joff não terá idade durante anos. Ninguém quer uma nova guerra, especialmente eu – a mão dela tocou-lhe o rosto, os cabelos. – Se amigos podem se transformar em inimigos, inimigos podem se tornar amigos. Sua esposa está a mil léguas de distância, e o meu irmão fugiu. Seja bom para mim, Ned. Juro que nunca se arrependerá.

– Você fez a mesma oferta a Jon Arryn?

Ela o esbofeteou.

– Vou usar isto como um distintivo de honra – Ned disse secamente.

– *Honra* – ela cuspiu. – Como se atreve a fazer comigo o jogo do senhor honrado? Por quem me toma? Também você tem um bastardo, eu o vi. Sempre quis saber quem era a mãe. Alguma camponesa de Dorne que você violou enquanto seu castelo ardia? Uma prostituta? Ou teria sido a irmã desgostosa, a Senhora Ashara? Dizem que se atirou ao mar. Por quê? Pelo irmão que você assassinou ou pelo filho que lhe roubou? Diga-me, meu *honrado* Lorde Eddard, em que medida é diferente de Robert, de mim ou de Jaime?

– Para começar – disse Ned –, não mato crianças. Seria bom me escutar, senhora. Direi isto apenas uma vez. Quando o rei regressar de sua caçada, pretendo colocar a verdade perante ele. Nesse momento já deverá estar longe. A senhora e seus filhos, os três, e não em Rochedo Casterly. Se fosse você, embarcaria para as Cidades Livres, ou até para mais longe, para as Ilhas do Verão ou o Porto de Ibben. Até tão longe quanto os ventos soprarem.

– Exílio – disse ela. – Uma taça amarga de onde beber.

– Uma taça mais doce do que a que o seu pai serviu aos filhos de Rhaegar – Ned disse –, e mais bondosa do que merece. Seu pai e seus irmãos fariam bem em ir com você. O ouro de Lorde Tywin lhe comprará conforto e contratará soldados para mantê-la em segurança. Irá precisar deles. Garanto-lhe, não importa para onde fuja, a ira de Robert a seguirá até o fim do mundo se necessário.

A rainha se levantou.

– E a minha ira, Lorde Stark? – perguntou num tom suave. Seus olhos esquadrinharam o rosto dele. – Devia ter ficado com o reino. Estava livre para quem o tomasse. Jaime contou-me como você o encontrou no Trono de Ferro no dia em que Porto Real caiu e o obrigou a cedê-lo. Esse foi o seu momento. Tudo que tinha de fazer era subir aqueles degraus e se sentar. Um erro tão triste.

– Cometi mais erros do que pode imaginar, mas este não foi um deles.

– Ah, mas foi, senhor – Cersei insistiu. – Quando se joga o jogo dos tronos, ganha-se ou morre. Não existe meio-termo.

Ergueu o capuz para esconder o rosto inchado e o deixou ali, na escuridão, sob o carvalho, no sossego do bosque sagrado, sob um céu quase negro. As estrelas começavam a surgir.

# Daenerys

O coração fumegava no ar frio da noite quando Khal Drogo o depositou à sua frente, cru e sangrento. Os braços dele estavam vermelhos até o cotovelo. Atrás, os companheiros de sangue ajoelhavam ao lado do cadáver do garanhão selvagem com facas de pedra nas mãos. O sangue do garanhão parecia negro sob o oscilante clarão laranja dos archotes que rodeavam as altas paredes de calcário do recinto.

Dany tocou o suave inchaço da barriga. Tinha a pele coberta de gotículas de suor que lhe escorriam pela testa. Podia sentir as velhas observando-a, as antigas feiticeiras de Vaes Dothrak, com olhos que brilhavam, escuros como sílex polido, nos rostos enrugados. Não devia vacilar nem parecer assustada. *Sou do sangue do dragão*, disse a si mesma quando tomou o coração do garanhão em ambas as mãos, o levou à boca e mergulhou os dentes na carne dura e fibrosa.

Sangue quente encheu-lhe a boca e escorreu-lhe pelo queixo. O sabor ameaçou nauseá-la, mas obrigou-se a mastigar e a engolir. O coração de um garanhão tornaria seu filho forte, ágil e destemido, ou pelo menos era isso que os dothrakis pensavam, mas só se a mãe conseguisse comê-lo todo. Caso se engasgasse com o sangue ou vomitasse a carne, os presságios eram menos favoráveis; a criança podia nascer morta ou, se sobrevivesse, podia vir fraca, deformada, ou mulher.

As aias tinham-na ajudado a se preparar para a cerimônia. Apesar do seu estômago fraco de mãe que a afligira ao longo das últimas duas luas, Dany jantara tigelas de sangue meio coagulado para se habituar ao sabor, e Irri a fizera mastigar bocados de carne-seca de cavalo até deixá-la com os maxilares doloridos. Antes da cerimônia, jejuara durante um dia e uma noite, na esperança de que a fome a ajudasse a manter a carne crua no estômago.

O coração do garanhão selvagem era puro músculo, e Dany tinha de dilacerá-lo com os dentes e mastigar cada bocado durante muito tempo.

Nenhum aço era permitido dentro das sagradas fronteiras de Vaes Dothrak, sob a sombra da Mãe das Montanhas; tinha de rasgar o coração com os dentes e as unhas. O estômago irritava-se e se nauseava, mas ela insistiu, com o rosto manchado de sangue, que por vezes parecia explodir contra os lábios.

Khal Drogo estava em pé ao seu lado enquanto ela comia, com o rosto duro como um escudo de bronze. A longa trança negra brilhava de óleo. Usava anéis de ouro no bigode, campainhas de ouro na trança e um pesado cinto de medalhões de puro ouro em torno da cintura, mas o tronco estava nu. Dany olhava-o sempre que sentia que as forças lhe faltavam; olhava-o, e mastigava e engolia, mastigava e engolia, mastigava e engolia. Por fim, julgou vislumbrar um orgulho feroz em seus olhos escuros e amendoados, mas não tinha certeza. Não era frequente que o rosto do *khal* traísse os pensamentos interiores.

E, por fim, foi feito. Sentia o rosto e os dedos pegajosos enquanto forçava os últimos bocados para baixo. Só então voltou a olhar para as velhas mulheres, as feiticeiras do *dosh khaleen*.

– *Khalakka dothrae mr'anha!* – Dany proclamou no seu melhor dothraki. *Um príncipe cavalga dentro de mim!* Treinara a frase durante dias com a aia Jhiqui.

A mais velha das feiticeiras, uma mulher que mais parecia um pedaço de madeira dobrado e seco, com um único olho negro, ergueu bem alto os braços.

– *Khalakka dothrae!* – guinchou. *O príncipe cavalga!*

– *Ele cavalga!* – responderam as outras mulheres. – *Rakh! Rakh! Rakh haj!* – proclamaram. *Um garoto, um garoto, um forte garoto*.

Soaram sinos, um súbito clangor de aves de bronze. Uma trombeta de guerra de som profundo ressoou com sua longa nota grave. As velhas iniciaram um cântico. Sob as vestes de couro pintado, os seios murchos balançaram de um lado para o outro, brilhantes de óleo e suor. Os eunucos que as serviam atiraram feixes de ervas secas sobre um grande braseiro de bronze, e nuvens de fumaça odorífera ergueram-se na direção da lua e das estrelas. Os dothrakis acreditavam que as estrelas eram cavalos feitos de fogo, uma grande manada que galopava pelo céu durante a noite.

Enquanto a fumaça subia, o cântico morreu e a feiticeira mais velha fechou o único olho, a fim de melhor espreitar o futuro. O silêncio que caiu foi total. Dany ouvia os chamamentos distantes de aves noturnas, os silvos e estalidos dos archotes, o suave bater da água do lago. Os dothrakis olharam-na com olhos de noite, à espera.

Khal Drogo pousou a mão sobre o braço de Dany. Ela sentia a tensão de seus dedos. Mesmo um *khal* tão poderoso como Drogo conhecia o medo quando a *dosh khaleen* espreitava a fumaça do futuro. Atrás dela, as aias agitavam-se ansiosamente.

Por fim, a feiticeira abriu o olho e ergueu os braços.

– Vi seu rosto e ouvi o troar de seus cascos – proclamou numa voz fina e vacilante.

– O troar de seus cascos! – responderam os outros em coro.

– Cavalga veloz como o vento, e atrás dele seu *khalasar* cobre a terra, homens sem-número, com *arakhs* brilhando nas mãos como folhas de um gramado afiado. Será feroz como a tempestade, esse príncipe. Os inimigos tremerão perante ele e suas esposas chorarão lágrimas de sangue e rasgarão a carne de desgosto. Os sinos de seus cabelos cantarão a sua chegada, e os homens de leite nas tendas de pedra temerão o seu nome – a velha tremeu e olhou para Dany quase como se tivesse medo. – O príncipe cavalga, e será ele o garanhão que monta o mundo.

– *O garanhão que monta o mundo!* – gritaram em eco os espectadores, até que a noite ressoou ao som de suas vozes.

A feiticeira de um olho só espreitou na direção de Dany.

– Como será chamado o garanhão que monta o mundo?

Dany ergueu-se para responder.

– Será chamado Rhaego – disse, usando as palavras que Jhiqui lhe ensinara. Tocou protetoramente o inchaço sob os seios quando um rugido chegou de entre os dothrakis.

– *Rhaego* – gritaram. – *Rhaego. Rhaego. Rhaego!*

O nome ainda ressoava em seus ouvidos quando Khal Drogo a levou para fora do recinto. Seus companheiros de sangue puseram-se atrás deles. Uma procissão os seguiu pelo caminho dos deuses, a larga estrada coberta de grama que corria pelo coração de Vaes Dothrak, do portão dos cavalos até a Mãe das Montanhas. As feiticeiras do *dosh khaleen* vinham à frente, com seus eunucos e escravos. Algumas se apoiavam em altos

cajados esculpidos enquanto avançavam com dificuldade sobre pernas antigas e trêmulas, ao passo que outras caminhavam com um porte tão orgulhoso como o de um senhor dos cavalos. Cada uma das velhas mulheres tinha sido uma *khaleesi*. Quando os senhores seus maridos morreram e novos *khals* lhes tomaram os lugares à frente de seus cavaleiros, com novas *khaleesi* montadas a seu lado, foram enviadas para lá, a fim de reinar sobre a vasta nação dothraki. Mesmo o mais poderoso dos *khals* se dobrava perante a sabedoria e a autoridade do *dosh khaleen*. Apesar disso, pensar que um dia poderia ser enviada para lá, quer quisesse quer não, causava arrepios em Dany.

Atrás das sábias vinham os outros: Khal Ogo e o filho, o *khalakka* Fogo, Khal Jommo e as esposas, os homens mais importantes do *khalasar* de Drogo, as aias de Dany, os servos e escravos do *khal*, e mais pessoas. Sinos tocavam e tambores ressoavam numa cadência imponente enquanto marchavam ao longo do caminho dos deuses. Heróis roubados e os deuses de povos mortos meditavam na escuridão atrás da estrada. Ao lado da procissão, escravos corriam pela grama com pés ligeiros e archotes nas mãos, e as chamas oscilantes faziam com que os grandes monumentos quase parecessem estar vivos.

– Que significado tem esse nome Rhaego? – perguntou Khal Drogo enquanto caminhavam, usando o Idioma Comum dos Sete Reinos. Dany tinha procurado lhe ensinar algumas palavras sempre que podia. Drogo aprendia depressa quando se decidia a isso, embora seu sotaque fosse tão forte e bárbaro que nem Sor Jorah nem Viserys entendessem uma palavra do que dizia.

– Meu irmão Rhaegar era um feroz guerreiro, meu sol-e-estrelas – ela disse. – Morreu antes de eu nascer. Sor Jorah diz que ele foi o último dos dragões.

Khal Drogo a olhou. O rosto era uma máscara de cobre, mas sob o longo bigode negro, pesado por causa de seus anéis de ouro, ela julgou vislumbrar a sombra de um sorriso.

– É bom nome, esposa Dan Ares, lua da minha vida – ele disse.

Caminharam até o lago a que os dothrakis chamavam o Ventre do Mundo, rodeado por uma orla de juncos, de água silensiosa e calma. Um milhar de milhares de anos antes, dissera-lhe Jhiqui, o primeiro homem

emergira das suas profundezas, montado sobre o dorso do primeiro cavalo.

A procissão aguardou na costa coberta de mato enquanto Dany se despia e deixava cair ao chão a roupa manchada. Nua, entrou cuidadosamente na água. Irri dizia que o lago não tinha fundo, mas Dany sentiu lama mole espirrando entre os dedos dos pés enquanto abria caminho por entre os grandes juncos. A lua flutuava nas negras águas paradas, estilhaçando-se e recompondo-se enquanto as ondulações que Dany provocava a varriam. A pele branca arrepiou-se quando o frio deslizou pelas coxas e lhe beijou os lábios de baixo. O sangue do garanhão havia secado em suas mãos e em torno da boca. Dany fez uma taça com os dedos e ergueu as águas sagradas acima da cabeça, purificando a si e ao filho que trazia no ventre enquanto o *khal* e os outros olhavam. Ouviu as velhas do *dosh khaleen* murmurarem umas com as outras enquanto a observavam, e sentiu curiosidade de saber o que estariam dizendo.

Quando emergiu do lago, tremendo e pingando, a aia Doreah correu para ela com um roupão de sedareia pintada, mas Khal Drogo mandou-a embora com um gesto. Olhava com admiração para seus seios inchados e a curva de sua barriga, e Dany conseguia ver a forma de seu membro viril fazendo pressão contra as calças de couro de cavalo, sob os pesados medalhões de ouro do cinto. Foi até ele e o ajudou a despir-se. Então, seu enorme *khal* a pegou pelas ancas e ergueu-a no ar, como se ela fosse uma criança. As campainhas que trazia nos cabelos tiniram suavemente.

Dany envolveu-lhe os ombros com os braços e encostou o rosto ao seu pescoço enquanto ele a penetrava. Três rápidos impulsos e estava feito.

– O garanhão que monta o mundo – sussurrou Drogo em voz rouca. As mãos ainda cheiravam a sangue de cavalo. Mordeu-lhe a garganta, com força, no momento do prazer e, quando a ergueu de novo, seu sêmen a encheu e escorreu por suas coxas. Só então Doreah foi autorizada a envolvê-la em sedareia perfumada e Irri, a calçar-lhe chinelos macios.

Khal Drogo atou as calças e deu uma ordem, e foram trazidos cavalos até a margem do lago. Cohollo teve a honra de ajudar a *khaleesi* a montar sua prata. Drogo esporeou o garanhão e partiu ao longo do caminho dos deuses, sob a lua e as estrelas. Sobre a prata, Dany acompanhou seu ritmo com facilidade.

A cobertura de seda que fornecia um teto ao salão de Khal Drogo fora enrolada naquela noite, e a lua os seguiu ao entrar. Chamas saltavam até uma altura de três metros, vindas de três enormes buracos rodeados por pedras. O ar estava pesado com os cheiros de carne assando e de leite de égua coalhado e fermentado. O salão estava cheio de gente e ruidoso quando entraram; as almofadas apinhadas daqueles cujo estatuto e nome não eram suficientes para lhes permitir a presença na cerimônia. Quando Dany passou por baixo do arco da entrada e caminhou pela nave central, todos os olhos a seguiram. Os dothrakis gritavam comentários sobre sua barriga e seus seios, saudando a vida em seu interior. Não compreendia tudo que gritavam, mas uma frase era clara. "*O garanhão que monta o mundo*", ouviu, palavras berradas por um milhar de vozes.

Os sons de tambores e trompas giraram noite adentro. Mulheres seminuas rodopiaram e dançaram sobre as mesas baixas, por entre peças de carne e bandejas apinhadas de ameixas, tâmaras e romãs. Muitos dos homens estavam bêbados de leite coalhado de égua, mas Dany sabia que naquela noite os *arakhs* não se chocariam, não ali na cidade sagrada, onde as lâminas e o derramamento de sangue eram proibidos.

Khal Drogo desmontou e ocupou seu lugar no banco elevado. Khal Jommo e Khal Ogo, que já estavam em Vaes Dothrak com seus *khalasares* quando o deles chegara, ficaram nos lugares de grande honra, à esquerda e à direita de Drogo. Os companheiros de sangue dos três *khals* sentaram-se abaixo deles e, mais abaixo, as quatro esposas de Khal Jommo.

Dany desceu de sua prata e entregou as rédeas a um dos escravos. Enquanto Doreah e Irri lhe preparavam as almofadas, procurou pelo irmão. Mesmo do outro lado do salão apinhado, Viserys seria fácil de se notar com a sua pele clara, cabelos prateados e farrapos de pedinte, mas não o via em lugar nenhum.

Seu olhar vagueou pelas mesas apinhadas junto às paredes, onde homens cujas tranças eram ainda mais curtas que seus membros se sentavam sobre tapetes puídos e almofadas achatadas em torno das mesas baixas, mas todos os rostos que viu tinham olhos negros e pele acobreada. Vislumbrou Sor Jorah Mormont perto do centro do salão, nas imediações da fogueira do meio. Era um lugar de respeito, se não de grande honra; os dothrakis estimavam a perícia do cavaleiro com uma

espada. Dany mandou Jhiqui trazê-lo para sua mesa. Mormont veio de imediato e caiu sobre o joelho à sua frente.

– *Khaleesi* – disse –, estou às suas ordens.

Dany deu palmadinhas na grossa almofada de couro de cavalo que tinha ao lado.

– Sente-se e converse comigo.

– Será uma honra – o cavaleiro sentou-se na almofada com as pernas cruzadas. Um escravo ajoelhou-se à sua frente, oferecendo uma bandeja de madeira cheia de figos maduros. Sor Jorah pegou um e arrancou metade com uma dentada.

– Onde está meu irmão? – Dany perguntou. – Já deveria ter chegado para o banquete.

– Vi Sua Graça hoje de manhã – ele respondeu. – Disse-me que ia ao Mercado Ocidental, em busca de vinho.

– Vinho? – a voz de Dany tinha tom de dúvida. Sabia que Viserys não conseguia se habituar ao gosto do leite fermentado de égua que os dothrakis bebiam, e por aqueles dias era frequente encontrá-lo nos bazares bebendo com os mercadores que chegavam nas grandes caravanas do leste e do oeste. Parecia achar a companhia deles mais agradável que a sua.

– Vinho – confirmou Sor Jorah –, e alimenta algumas ideias de recrutar homens para o seu exército entre os mercenários que guardam as caravanas – uma criada depositou uma torta de sangue na sua frente, e o cavaleiro a atacou com ambas as mãos.

– Será isso sensato? – Dany perguntou. – Ele não tem ouro para pagar a soldados. E se for traído? – os guardas das caravanas raramente eram muito perturbados por pensamentos sobre honra, e o Usurpador em Porto Real pagaria bem pela cabeça do irmão. – Devia ter ido com ele, para mantê-lo a salvo. O senhor é seu juramentado.

– Estamos em Vaes Dothrak – lembrou-lhe. – Aqui ninguém pode transportar uma lâmina ou derramar o sangue de um homem.

– Apesar disso, os homens morrem. Jhogo contou-me. Alguns dos mercadores têm consigo eunucos, homens enormes que estrangulam ladrões com faixas de seda. Desse modo, nenhum sangue é derramado e os deuses não se zangam.

– Então, esperemos que seu irmão seja suficientemente sensato para não roubar nada – Sor Jorah limpou a gordura da boca com as costas da mão e aproximou-se por sobre a mesa. – Ele tinha planejado roubar seus ovos de dragão, mas o preveni de que lhe cortaria a mão se os tocasse.

Por um momento Dany sentiu-se tão chocada que não encontrou palavras.

– Os meus ovos… mas são *meus*, Magíster Illyrio os deu para mim, um presente de noivado, por que quereria Viserys… são apenas pedras…

– O mesmo poderia ser dito de rubis, diamantes e opalas de fogo, princesa… e ovos de dragão são de longe mais raros. Aqueles mercadores com quem ele tem bebido venderiam os próprios membros viris por apenas uma dessas *pedras*, e, com as três, Viserys poderia comprar tantos mercenários quanto quisesse.

Dany não sabia, nem sequer suspeitara.

– Então… ele devia ficar com eles. Não precisa roubá-los. Só tinha de pedir. Ele é meu irmão… e o meu verdadeiro rei.

– Ele é seu irmão – reconheceu Sor Jorah.

– Não compreende, sor – ela disse. – Minha mãe morreu ao dar-me à luz, e meu pai e meu irmão Rhaegar morreram ainda antes. Nunca teria aprendido sequer seus nomes se Viserys não estivesse lá para me ensinar. Foi o único que restou. O único. É tudo que tenho.

– Outrora, sim – disse Sor Jorah. – Mas agora não, *khaleesi*. Agora pertence aos dothrakis. Em seu ventre cavalga o garanhão que monta o mundo – ergueu a taça e uma escrava a encheu de leite de égua fermentado, de cheiro azedo e espesso de grumos.

Dany mandou a escrava embora com um gesto. Até o cheiro da bebida a fazia sentir-se agoniada, e não queria correr nenhum risco de pôr para fora o coração de cavalo que se forçara a comer.

– Que significa isso? – ela perguntou. – O que é esse garanhão? Todo mundo estava gritando isso, mas eu não compreendo.

– O garanhão é o *khal* dos *khals* prometido numa antiga profecia, menina. Ele vai unir os dothrakis num único *khalasar* e cavalgar até o fim do mundo, ou pelo menos é essa a promessa. Todas as pessoas do mundo serão a sua manada.

– Ah – disse Dany com voz fraca. A mão alisou o roupão sobre a barriga inchada. – Chamei-o Rhaego.

– Um nome que congelará o sangue do Usurpador.

De repente, Doreah começou a puxá-la pelo cotovelo.

– *Senhora* – sussurrou a aia em tom urgente –, seu irmão…

Dany olhou para a extremidade do longo salão sem teto e ali estava ele, encaminhando-se a passos largos na sua direção. Pelo desequilíbrio no andar, compreendeu de imediato que Viserys encontrara o seu vinho… e algo que se passava por coragem.

Vestia suas sedas escarlates, sujas e manchadas pela viagem. A capa e as luvas eram de veludo negro, desbotado pelo sol. As botas estavam secas e fendidas, os cabelos prateados, baços e emaranhados. Uma espada balançava, presa ao cinto, enfiada numa bainha de couro. Os dothrakis fitavam a espada enquanto ele passava. Dany ouviu pragas, ameaças e murmúrios zangados que se erguiam de todos os lados, como uma maré. A música extinguiu-se num gaguejo nervoso de tambores.

Uma sensação de terror apertou-se em torno de seu coração.

– Vá até ele – ordenou a Sor Jorah. – Pare-o. Traga-o aqui. Diga-lhe que pode ficar com os ovos de dragão se for isso que deseja – o cavaleiro pôs-se rapidamente em pé.

– Onde está minha irmã? – gritou Viserys, com a voz arrastada de vinho. – Cheguei para o seu banquete. Como se atrevem a começar sem mim? Ninguém come antes do rei. Onde está ela? A puta não pode se esconder do dragão.

Parou ao lado da maior das três fogueiras, olhando os rostos dos dothrakis em volta. Havia cinco mil homens no salão, mas só um punhado conhecia o Idioma Comum. No entanto, mesmo que suas palavras fossem incompreensíveis, bastava olhá-lo para ver que estava bêbado.

Sor Jorah foi até ele rapidamente, segredou qualquer coisa ao seu ouvido e o tomou pelo braço, mas Viserys o empurrou.

– Mantenha as mãos longe de mim! Ninguém toca no dragão sem permissão.

Dany lançou um relance ansioso para o banco elevado. Khal Drogo dizia qualquer coisa aos outros *khals* a seu lado. Khal Jommo sorriu e Khal Ogo rebentou em sonoras gargalhadas.

O som do riso fez Viserys erguer os olhos.

– Khal Drogo – disse em voz pesada, num tom quase educado. – Estou aqui para o banquete – afastou-se cambaleando de Sor Jorah para juntar-se aos três *khals* no banco elevado.

Khal Drogo ergueu-se, cuspiu uma dúzia de palavras em dothraki, mais depressa do que Dany conseguiria compreender, e apontou.

– Khal Drogo diz que seu lugar não é no banco elevado – traduziu Sor Jorah para Viserys. – Khal Drogo diz que o seu lugar é ali.

Viserys dirigiu os olhos para onde o *khal* apontava. Ao fundo do longo salão, num canto junto à parede, mergulhados em profundas sombras para que homens melhores não os vissem, sentavam-se os mais baixos dos baixos; rapazes inexperientes que ainda não tinham feito correr sangue, velhos de olhos enevoados e articulações entrevadas, os idiotas e os estropiados. Longe da carne, e mais longe da honra.

– Aquele não é lugar para um rei – Viserys declarou.

– É lugar – respondeu Khal Drogo, no Idioma Comum que Dany lhe ensinara – para o Rei Pés-Feridos – bateu palmas. – Uma carroça! Tragam uma carroça para *Khal Rhaggat*!

Cinco mil dothrakis desataram a rir e a gritar. Sor Jorah estava em pé ao lado de Viserys, gritando-lhe ao ouvido, mas o ruído na sala era tão estrondoso que Dany não conseguia ouvir o que ele estava dizendo. Seu irmão gritou de volta e os dois homens engalfinharam-se, até que Mormont atirou Viserys ao chão.

O irmão de Dany puxou a espada.

O aço nu brilhou num temível clarão vermelho à luz das fogueiras.

– *Mantenha-se longe de mim!* – Viserys sibilou. Sor Jorah recuou um passo, e Viserys ergueu-se em pés instáveis. Brandiu a espada por sobre a cabeça, a lâmina emprestada que Magíster Illyrio lhe dera para que parecesse mais régio. Os dothrakis gritavam com ele de todos os lados, berrando pesadas pragas.

Dany soltou um grito inarticulado de terror. Sabia o que uma espada desembainhada significava ali, mesmo que o irmão não soubesse.

Sua voz fez com que o irmão virasse a cabeça e a visse pela primeira vez.

– Ali está ela – disse, sorrindo. Caminhou na sua direção, golpeando o ar como que para abrir caminho através de uma muralha de inimigos, apesar de ninguém tentar barrar-lhe o caminho.

– A lâmina… não deve – suplicou-lhe. – Por favor, Viserys. É proibido. Largue a espada e venha partilhar minhas almofadas. Há bebida, comida… são os ovos de dragão que quer? Pode ficar com eles, mas jogue a espada fora.

– Faça o que ela lhe diz, louco – gritou Sor Jorah –, antes que nos mate a todos.

Viserys riu.

– Eles não podem nos matar. Não podem derramar sangue aqui na cidade sagrada… mas *eu* posso – encostou a ponta da espada entre os seios de Daenerys e a deslizou para baixo, sobre a curva da barriga. – Quero aquilo que vim buscar – disse-lhe. – Quero a coroa que ele me prometeu. Ele a comprou, mas nunca me pagou. Diga a ele que quero aquilo que negociei, caso contrário, levo-a de volta. Você e os ovos. Ele pode ficar com o seu maldito potro. Corto a barriga, tiro daí o bastardo e o deixo para ele – a ponta da espada fez pressão através das sedas de Dany e picou-lhe o umbigo. Dany viu que Viserys chorava; chorava e ria, tudo ao mesmo tempo, este homem que outrora fora seu irmão.

De forma distante, como que de muito longe, Dany ouviu a aia Jhiqui soluçar de medo, alegando que não se atrevia a traduzir, porque o *khal* a amarraria e a arrastaria atrás de seu cavalo ao longo de todo o caminho até o cume da Mãe das Montanhas. Dany pôs o braço em torno da jovem:

– Não tenha medo. Eu direi a ele.

Não sabia se tinha palavras suficientes, mas, quando terminou, Khal Drogo proferiu algumas frases bruscas em dothraki, e soube que ele compreendera. O sol de sua vida desceu do banco elevado.

– Que disse ele? – perguntou-lhe o homem que fora seu irmão, vacilando.

O salão ficara tão silencioso que se conseguia ouvir os sinos dos cabelos de Khal Drogo tilintando suavemente a cada passo que dava. Seus companheiros de sangue o seguiram, como três sombras de cobre. Daenerys gelara por completo.

– Disse que você terá uma magnífica coroa de ouro, que os homens tremerão ao contemplá-la.

Viserys sorriu e abaixou a espada. Isso foi o mais triste, o que a despedaçou mais tarde… o modo como ele sorriu.

– Era tudo que eu queria – ele disse. – O que me foi prometido.

Quando o sol de sua vida a alcançou, Dany pôs o braço em torno de sua cintura. O *khal* disse uma palavra e seus companheiros de sangue seguiram na frente. Qotho agarrou pelos braços o homem que fora seu irmão. Haggo estilhaçou-lhe o pulso com uma única torção brusca de suas enormes mãos. Cohollo tirou a espada dos dedos sem força. Mesmo agora, Viserys não compreendia.

– Não – ele gritou –, não podem me tocar, eu sou o dragão, o *dragão*, e vou ser *coroado*!

Khal Drogo desatou o cinto. Os medalhões eram de ouro puro, maciços e ornamentados, todos tão grandes como a mão de um homem. Gritou uma ordem. Escravos cozinheiros tiraram um pesado caldeirão de ferro da fogueira, despejaram o guisado no chão e o devolveram às chamas. Drogo atirou o cinto lá dentro e ficou observando sem expressão os medalhões que se tornavam vermelhos e começavam a perder a forma. Dany conseguia ver chamas dançando no ônix de seus olhos. Uma escrava lhe entregou um par de espessas luvas de pelo de cavalo, e ele as calçou, sem chegar a deitar um relance que fosse ao homem.

Viserys começou a gritar o agudo e inarticulado grito do covarde que enfrenta a morte. Esperneou e retorceu-se, ganiu como um cão e berrou como uma criança, mas os dothrakis o mantiveram bem seguro entre eles. Sor Jorah abrira caminho até junto de Dany. Pousou-lhe a mão no ombro.

– Afaste os olhos, minha princesa. Eu lhe peço.

– Não – Dany dobrou os braços sobre o inchaço na barriga, protetora.

No último momento, Viserys olhou para ela.

– Irmã, por favor… Dany, diga a eles… faça-os… querida irmã…

Quando o ouro fundiu parcialmente e começou a correr, Drogo estendeu o braço para as chamas, agarrou o caldeirão.

– Coroa! – rugiu. – Toma. Uma coroa para o Rei Carroça! – e virou o caldeirão sobre a cabeça do homem que fora irmão da *khaleesi*.

O som que Viserys Targaryen fez quando aquele hediondo capacete de metal lhe cobriu a cabeça não se assemelhava a nada de humano. Seus pés martelaram uma batida frenética contra o chão de terra, abrandaram, pararam. Grossos glóbulos de ouro fundido pingaram sobre seu peito, pondo a seda escarlate em brasa… mas nenhuma gota de sangue foi derramada.

*Ele não era dragão nenhum*, pensou Dany, estranhamente calma. *O fogo não pode matar um dragão.*

# Eddard

Caminhava pelas criptas por baixo de Winterfell, como caminhara mil vezes antes. Os Reis do Inverno olhavam-no ao passar com olhos de gelo, e os lobos gigantes a seus pés viravam as grandes cabeças de pedra e rosnavam. Por fim, chegou à tumba onde o pai dormia, com Brandon e Lyanna a seu lado. "*Prometa-me, Ned*", sussurrou a estátua de Lyanna. Trazia uma grinalda de rosas azul-claras e seus olhos choravam sangue.

Eddard Stark saltou na cama, com o coração acelerado, os cobertores emaranhados à sua volta. O quarto estava negro como breu, e alguém batia à porta com força.

– Lorde Eddard – chamou sonoramente uma voz.

– Um momento – sonolento e nu, atravessou aos tropeções o quarto escurecido. Quando abriu a porta, deparou com Tomard de punho erguido e com Cayn com uma grande vela na mão. Entre os dois encontrava-se o intendente do rei.

O rosto do homem podia ter sido esculpido em pedra, de tão pouco que mostrava.

– Senhor Mão – entoou. – Sua Graça, o Rei, exige a sua presença. De imediato.

Então Robert tinha regressado da caçada. Era mais que hora.

– Necessitarei de um momento para me vestir – Ned deixou o homem à espera lá fora. Cayn o ajudou com a roupa, uma túnica de linho branco e uma capa cinza, calças cortadas na perna envolvida em gesso, o distintivo de seu cargo e por fim um cinto de pesados aros de prata. Embainhou o punhal valiriano à cintura.

A Fortaleza Vermelha estava escura e quieta quando Cayn e Tomard o escoltaram através da muralha interior. A lua pendia baixa sobre as muralhas, quase cheia. Nos baluartes, um guarda de manto dourado fazia a sua ronda.

Os aposentos reais ficavam na Fortaleza de Maegor, um maciço e quadrado forte que se aninhava no coração da Fortaleza Vermelha por trás de muralhas com três metros e meio de espessura e um fosso seco coberto de espigões de ferro, um castelo dentro do castelo. Sor Boros Blount guardava a extremidade mais afastada da ponte, com a armadura de aço branco que o fazia parecer um fantasma à luz da lua. Lá dentro, Ned passou por dois outros cavaleiros da Guarda Real: Sor Preston Greenfield estava ao fundo das escadas, e Sor Barristan Selmy esperava à porta do quarto do rei. Três homens de manto branco, pensou, recordando, e sentiu-se atravessado por um estranho frio. O rosto de Sor Barristan estava tão pálido como a sua armadura. Ned não precisou mais do que olhá-lo para saber que alguma coisa estava horrivelmente errada. O intendente real abriu a porta.

– Lorde Eddard Stark, a Mão do Rei – anunciou.

– Traga-o aqui – disse a voz de Robert, estranhamente pesada.

O fogo ardia nas lareiras gêmeas situadas nas duas pontas do quarto, enchendo-o com um lúgubre clarão vermelho. O calor que ali fazia era sufocante. Robert jazia na cama coberta. Junto a ela pairava o Grande Meistre Pycelle, enquanto Lorde Renly andava agitadamente em frente às janelas fechadas. Criados iam de um lado para o outro, alimentando o fogo com lenha e fervendo vinho. Cersei Lannister estava sentada à beira da cama, ao lado do marido. Tinha os cabelos em desordem, como se tivesse acabado de se levantar, mas nada havia de sonolento nos olhos. Seguiram Ned quando Tomard e Cayn o ajudaram a atravessar a sala. Parecia-lhe que se movia muito lentamente, como se ainda estivesse sonhando.

O rei ainda trazia as botas. Ned viu lama seca e folhas de grama agarradas ao couro onde os pés de Robert se projetavam da manta que o cobria. Um gibão verde jazia no chão, rasgado e jogado fora, com o tecido coberto de manchas vermelho-amarronzadas. O quarto cheirava a fumaça, a sangue e a morte.

– Ned – sussurrou o rei quando o viu. O rosto estava pálido como leite. – Venha… mais perto.

Seus homens levaram-no para mais perto. Ned equilibrou-se com a mão na coluna da cama. Bastava olhar para Robert para perceber como estava mal.

– Quê…? – começou, com um nó na garganta.

– Um javali – Lorde Renly ainda trazia as roupas verdes de caça, com o manto pintalgado de sangue.

– Um demônio – revelou o rei. – Culpa minha. Vinho demais, maldito seja eu. Errei a estocada.

– E onde estava o resto de vocês? – Ned exigiu saber de Lorde Renly. – Onde estava Sor Barristan e a Guarda Real?

A boca de Renly retorceu-se.

– Meu irmão ordenou que nos afastássemos e o deixássemos abater o javali sozinho.

Eddard Stark ergueu a manta.

Tinham feito o possível para fechar suas feridas, mas nem chegava perto de ser suficiente. O javali devia ter sido um animal temível. Rasgara o rei, com as presas, da virilha ao mamilo. As ataduras embebidas em vinho que o Grande Meistre Pycelle aplicara já estavam negras de sangue, e o cheiro a ferida exalava era hediondo. O estômago de Ned deu uma volta. Deixou cair a manta.

– Fede – Robert disse. – O fedor da morte. Não pense que não o sinto. O maldito me pegou, hã? Mas eu… eu paguei-lhe na mesma moeda, Ned – o sorriso do rei era tão terrível quanto sua ferida, com dentes vermelhos. – Enfiei-lhe a faca bem no olho. Pergunte-lhes se não é verdade. Pergunte-lhes.

– É verdade – murmurou Lorde Renly. – Trouxemos a carcaça conosco, por ordem do meu irmão.

– Para o banquete – sussurrou Robert. – Agora saiam. Todos. Preciso falar com Ned.

– Robert, meu querido senhor… – começou Cersei.

– Eu disse *saiam* – insistiu Robert com uma sugestão de sua antiga ferocidade. – Que parte não entendeu, mulher?

Cersei recolheu as saias e a dignidade e foi a primeira a se dirigir para a porta. Lorde Renly e os outros a seguiram. O Grande Meistre Pycelle deixou-se ficar, com as mãos tremendo quando ofereceu ao rei uma taça de um espesso líquido branco.

– O leite de papoula, Vossa Graça – disse. – Beba. Para as dores – Robert afastou a taça com uma pancada dada com as costas da mão.

– Vá embora. Dormirei em breve, velho tonto. Saia.

O Grande Meistre Pycelle lançou a Robert um olhar ferido e saiu do quarto, arrastando os pés.

– Maldito seja, Robert – disse Ned quando ficaram a sós. A perna latejava tanto que estava quase cego de dor. Ou talvez fosse o pesar que lhe enevoava os olhos. Deixou-se cair na cama, ao lado do amigo. – Por que tem de ser sempre tão teimoso?

– Ah, vai se foder, Ned – disse o rei em voz rouca. – Matei o maldito, não matei? – uma madeixa de cabelos emaranhados caiu-lhe sobre os olhos quando os dirigiu para Ned. – Devia fazer o mesmo com você. Não pode deixar um homem caçar em paz? Sor Robar me encontrou. A cabeça de Gregor. Feio pensamento. Não contei a Cão de Caça. Que Cersei o surpreenda – sua gargalhada transformou-se num grunhido quando um espasmo de dor o atingiu. – Que os deuses tenham misericórdia – murmurou, engolindo a dor. – A menina. Daenerys. Só uma criança, tinha razão… foi por isso, a menina… os deuses mandaram o javali… mandaram-no para me punir… – o rei tossiu, trazendo sangue à boca. – Errado, foi errado, eu… só uma menina… Varys, Mindinho, até meu irmão… incapazes… ninguém para me dizer *não*, a não ser você, Ned… só você… – ergueu a mão, um gesto doloroso e fraco. – Papel e tinta. Ali, na mesa. Escreva o que vou lhe ditar.

Ned alisou o papel no joelho e pegou a pena.

– Às suas ordens, Vossa Graça.

– Esta é a vontade e a palavra de Robert, da Casa Baratheon, o Primeiro do Seu Nome, Rei dos Ândalos e todo o resto… põe aí os malditos títulos, você sabe como é. Ordeno por meio desta que Eddard, da Casa Stark, Senhor de Winterfell e Mão do Rei, sirva como Senhor Regente e Protetor do Território após a minha… após a minha morte… a fim de governar no meu… no meu lugar até que meu filho Joffrey tenha idade…

– Robert… – ele quis dizer *Joffrey não é seu filho*, mas as palavras não vieram. A agonia estava escrita de forma muito clara no rosto de Robert; não podia feri-lo mais. E assim Ned abaixou a cabeça e escreveu, mas no lugar em que o rei dissera “o meu filho Joffrey”, escreveu “o meu herdeiro”. O engano fê-lo sentir-se sujo. *As mentiras que contamos por amor*, pensou. *Que os deuses me perdoem*. – Que mais quer que eu escreva?

– Escreva… o que tiver de ser. Proteger e defender, antigos e novos deuses, você conhece as palavras. Escreva. Eu assino. Entregue-a ao conselho quando eu morrer.

– Robert – Ned disse, numa voz pesada de desgosto –, não pode fazer isso. Não morra. O reino precisa de você.

Robert pegou sua mão, apertando com força.

– Você é… um péssimo mentiroso, Ned Stark – ele disse através da dor. – O reino… o reino sabe… que rei miserável eu fui. Tão ruim quanto Aerys, que os deuses me poupem.

– Não – Ned disse ao amigo moribundo –, não tão ruim quanto Aerys, Vossa Graça. Nem de perto tão ruim quanto Aerys.

Robert conseguiu esboçar um frágil sorriso vermelho.

– Pelo menos, dirão eles… esta última coisa… isso fiz bem. Você não me falhará. Irá governar. agora Irá detestar, mais ainda do que eu… mas o fará bem. Já escreveu tudo?

– Sim, Vossa Graça – Ned ofereceu o papel a Robert. O rei escrevinhou a assinatura cegamente, deixando uma mancha de sangue na carta. – O selo deve ter testemunhas.

– Sirva o javali no meu banquete fúnebre – disse o rei em voz áspera. – Uma maçã na boca, pele seca e estalando. Comam o maldito. Não importa se se engasgarem com ele. Prometa-me, Ned.

– Prometo – *Prometa-me, Ned*, disse a voz de Lyanna num eco.

– A menina – disse o rei. – Daenerys. Deixe-a viver. Se puder, se… não for tarde demais… fale com eles… Varys, Mindinho… não deixe que a matem. E ajude meu filho, Ned. Faça com que seja… melhor que eu – estremeceu. – Que os deuses tenham misericórdia.

– Terão, meu amigo – disse Ned. – Terão.

O rei fechou os olhos e pareceu descontrair-se.

– Morto por um porco – murmurou. – Deveria rir, mas dói demais.

Ned não estava rindo.

– Devo chamá-los?

Robert fez um fraco aceno com a cabeça.

– Como quiser. Deuses, por que está tão *frio* aqui?

Os criados entraram correndo e apressaram-se a alimentar os fogos. A rainha tinha partido; isso, pelo menos, era um pequeno alívio. Se tivesse

algum bom-senso, Cersei pegaria os filhos e fugiria antes do raiar do dia, pensou Ned. Já se deixara ficar tempo demais.

O rei Robert não pareceu sentir sua falta. Pediu ao irmão Renly e ao Grande Meistre Pycelle para servirem de testemunhas enquanto pressionava seu selo na quente cera amarela que Ned derramara sobre a carta.

– Dê-me agora qualquer coisa para as dores e deixe-me morrer.

Apressado, o Grande Meistre Pycelle preparou-lhe outra porção de leite de papoula. Dessa vez o rei bebeu tudo. A barba negra estava semeada de espessas gotas brancas quando atirou a taça vazia para o lado.

– Sonharei?

Ned deu-lhe a resposta.

– Sonhará, senhor.

– Ótimo – o rei disse, sorrindo. – Saudarei Lyanna por você, Ned. Tome conta dos meus filhos por mim.

As palavras retorceram-se na barriga de Ned como uma faca. Por um momento sentiu-se perdido. Não conseguia mentir. Então se lembrou dos bastardos: a pequena Barra ao colo da mãe, Mya no Vale, Gendry em sua forja, e todos os outros.

– Eu… defenderei seus filhos como se fossem meus – respondeu lentamente.

Robert fez um aceno e fechou os olhos. Ned observou o velho amigo afundar-se suavemente nas almofadas à medida que o leite de papoula lhe lavava a dor do rosto. Fora tomado pelo sono.

Pesadas correntes tilintaram suavemente quando o Grande Meistre Pycelle se aproximou de Ned.

– Farei tudo o que estiver ao meu alcance, senhor, mas a ferida gangrenou. Levaram dois dias para trazê-lo de volta. Quando o vi, era tarde demais. Posso aliviar o sofrimento de Sua Graça, mas agora só os deuses podem curá-lo.

– Quanto tempo? – perguntou Ned.

– Numa situação normal, ele já deveria estar morto. Nunca vi um homem agarrar-se à vida tão ferozmente.

– Meu irmão sempre foi forte – disse Lorde Renly. – Sensato talvez não, mas forte, sim – no calor abrasador do quarto, tinha a testa molhada

de suor. Podia ser o fantasma de Robert, ali em pé, jovem, escuro e bonito. – Ele matou o javali. Tinha as entranhas saindo pela barriga, mas de algum modo matou o javali – a voz estava plena de espanto.

– Robert nunca foi homem de abandonar o campo de batalha enquanto um inimigo permanecesse em pé – disse-lhe Ned.

À porta, Sor Barristan Selmy ainda guardava as escadas da torre.

– Meistre Pycelle deu a Robert o leite de papoula – disse-lhe Ned. – Assegure-se de que ninguém perturbe o seu descanso sem a minha autorização.

– Será como ordena, senhor – Sor Barristan parecia mais velho do que a sua idade. – Falhei na minha obrigação sagrada.

– Nem mesmo o cavaleiro mais leal pode proteger um rei contra si próprio – Ned disse. – Robert adorava caçar javalis. Vi-o matar um milhar deles – Robert mantinha sua posição sem vacilar, de pernas firmes, a grande lança nas mãos, e normalmente amaldiçoava o javali enquanto este o ameaçava, esperando até o último segundo possível, até o animal estar quase sobre ele, para matá-lo com uma única estocada, segura e feroz. – Ninguém poderia saber que este o levaria à morte.

– É bondoso de sua parte dizer isso, Lorde Eddard.

– Foi o próprio rei quem disse. Ele culpou o vinho.

O cavaleiro grisalho fez um aceno cansado.

– Sua Graça cambaleava na sela quando espantamos o javali para fora do covil, mas ordenou a todos que nos mantivéssemos afastados.

– Estou curioso, Sor Barristan – perguntou Varys, em voz muito baixa –, quem deu esse vinho ao rei?

Ned não ouvira o eunuco se aproximar, mas quando olhou em volta, ali estava ele. Trazia uma toga de veludo negro que roçava pelo chão, e o rosto tinha acabado de ser empoado.

– O vinho veio do odre do próprio rei – Sor Barristan respondeu.

– Só um odre? Caçar é tarefa que desperta tanta sede…

– Não os contei. Mais que um, certamente. Seu escudeiro levava-lhe um novo odre sempre que ele pedia.

– Que rapaz atencioso – disse Varys –, por se certificar de que não faltava ao rei o seu refresco.

Ned tinha um sabor amargo na boca. Lembrava-se dos dois rapazes de cabelos claros que Robert enviara à procura de um extensor de placa de

peito. O rei contara a história a todo mundo, no banquete daquela noite, rindo até perder o equilíbrio.

– Que escudeiro?

– O mais velho – disse Sor Barristan. – Lancel.

– Conheço bem o rapaz – disse Varys. – Um jovem vigoroso, filho de Sor Kevan Lannister, sobrinho de Lorde Tywin e primo da rainha. Espero que o querido rapaz não se culpe. As crianças são tão vulneráveis na inocência da juventude, se bem me lembro.

Certamente que Varys fora jovem em tempos passados. Mas Ned duvidava de que algum dia tivesse sido inocente.

– Por falar em crianças, Robert teve uma mudança de opinião a respeito de Daenerys Targaryen. Quaisquer que sejam as combinações que tenha feito, quero-as desfeitas. De imediato.

– Ai de mim – disse Varys. – De imediato pode ser tarde demais. Temo que essas aves tenham levantado voo. Mas farei o que puder, senhor. Com sua licença – fez uma reverência e desapareceu pelos degraus, com os chinelos de sola mole sussurrando contra a pedra enquanto descia.

Cayn e Tomard ajudavam Ned a atravessar a ponte quando Lorde Renly emergiu da Fortaleza de Maegor.

– Lorde Eddard – chamou atrás de Ned –, um momento, por obséquio.

Ned parou.

– Como quiser.

Renly caminhou até ele.

– Mande embora os seus homens – estavam no centro da ponte, com o fosso seco por baixo. O luar envolvia de prata os cruéis gumes das hastes que lhe cobriam o fundo.

Ned fez um gesto. Tomard e Cayn inclinaram a cabeça e afastaram-se respeitosamente. Lorde Renly olhou de relance para Sor Boros, que se encontrava na extremidade mais distante da ponte, e para a arcada atrás deles, onde Sor Preston montava guarda.

– Essa carta – aproximou-se. – É a regência? Meu irmão o nomeou Protetor? – não esperou por uma resposta. – Senhor, tenho trinta homens na minha guarda pessoal e mais alguns amigos, cavaleiros e senhores. Dê-me uma hora e posso pôr cem espadas em suas mãos.

– E que farei eu com cem espadas, senhor?

– *Atacará!* Agora, enquanto o castelo dorme – Renly voltou a olhar para trás, para Sor Boros, e abaixou a voz, transformando-a num murmúrio urgente. – Temos de afastar Joffrey da mãe e ficar com ele na mão. Protetor ou não, o homem que possuir o rei possui o reino. Devíamos capturar também Myrcella e Tommen. Com os filhos em nossa posse, Cersei não se atreverá a se opor a nós. O conselho o confirmará como Lorde Protetor e colocará Joffrey sob sua guarda.

Ned o olhou friamente.

– Robert ainda não está morto. Os deuses podem poupá-lo. Se não o fizerem, convocarei o conselho para escutar suas últimas palavras e refletir sobre o assunto da sucessão, mas não desonrarei suas últimas horas na terra derramando sangue em seus salões e arrancando crianças assustadas de suas camas.

Lorde Renly deu um passo para trás, tenso como a corda de um arco.

– Quanto mais demorarmos, mais tempo Cersei tem para se preparar. Quando Robert morrer, poderá ser tarde demais… para ambos.

– Então devíamos rezar para que Robert não morra.

– Há poucas chances de isso acontecer – Renly justificou.

– Por vezes os deuses são misericordiosos.

– Mas os Lannister não são – Lorde Renly virou-se e voltou a atravessar o fosso, dirigindo-se à torre onde o irmão agonizava.

Quando Ned regressou aos seus aposentos, sentia-se cansado e desolado, mas não se permitia voltar ao sono, não agora. *Quando se joga o jogo dos tronos, ganha-se ou morre*, dissera-lhe Cersei Lannister no bosque sagrado. Deu por si sem saber se agira corretamente ao recusar a oferta de Lorde Renly. Não tinha gosto algum por aquelas intrigas, e não havia honra em ameaçar crianças, no entanto… se Cersei escolhesse lutar em vez de fugir, podia bem necessitar das cem espadas de Renly, e de mais ainda.

– Quero Mindinho – disse a Cayn. – Se não estiver em seus aposentos, leve os homens que forem necessários e o procure em todas as tabernas e bordéis de Porto Real até encontrá-lo. Quero vê-lo antes do raiar do dia – Cayn fez uma reverência e retirou-se, e Ned virou-se para Tomard. – A *Bruxa dos Ventos* zarpa na maré da noite. Já escolheu a escolta?

– Dez homens, com Porther no comando.

– Vinte, e você estará no comando – Ned ordenou. Porther era um homem corajoso, mas teimoso. Queria um homem mais sólido e sensível para vigiar as filhas.

– Como queira, senhor – Tom respondeu. – Não posso dizer que fique triste por dar as costas a este lugar. Tenho saudades da mulher.

– Passará perto da Pedra de Dragão quando virar para o norte. Quero que entregue uma carta em meu nome.

Tom fez um ar apreensivo.

– Em Pedra do Dragão, senhor? – a fortaleza insular da Casa Targaryen tinha uma reputação sinistra.

– Diga ao Capitão Qos para hastear a minha bandeira assim que estiver à vista da ilha. Eles poderão estar desconfiados de visitantes inesperados. Se ele se mostrar relutante, ofereça-lhe o que quiser. Vou lhe dar uma carta para colocar na mão de Lorde Stannis Baratheon. De mais ninguém. Nem do intendente, nem do capitão da guarda, nem da senhora sua esposa, só do próprio Lorde Stannis.

– Às suas ordens, senhor.

Depois de Tomard deixá-lo, Lorde Eddard Stark sentou-se, de olhos fixos na chama de uma vela que ardia ao seu lado sobre a mesa. Por um momento foi subjugado pelo desgosto. Não desejou nada com mais força do que ir até o bosque sagrado, ajoelhar-se perante a árvore-coração e orar pela vida de Robert Baratheon, que fora mais que um irmão para ele. Mais tarde, os homens sussurrariam que Eddard Stark traíra a amizade do seu rei e lhe deserdara os filhos; ele só podia ter esperança de que os deuses fossem mais sábios, e de que Robert soubesse da verdade nas terras de além-túmulo.

Ned pegou a última carta do rei. Um rolo de quebradiço pergaminho branco, selado com cera dourada, algumas curtas palavras e uma mancha de sangue. Como era pequena a diferença entre vitória e derrota, entre a vida e a morte.

Puxou uma folha limpa de papel e mergulhou a pena no tinteiro. *Para Sua Graça, Stannis da Casa Baratheon*, escreveu. *Quando receber esta carta, seu irmão Robert, nosso rei durante os últimos quinze anos, estará morto. Foi ferido por um javali enquanto caçava no bosque do rei…*

As letras pareceram estremecer e contorcer-se no papel quando a mão abrandou e parou. Lorde Tywin e Sor Jaime não eram homens para cair

docilmente em desgraça; prederiam lutar do que fugir. Não havia dúvida de que Lorde Stannis se tornara cuidadoso depois do assassinato de Jon Arryn, mas era imperativo que embarcasse imediatamente para Porto Real com todo o seu poderio, antes que os Lannister se pusessem em marcha.

Ned escolheu cada palavra com cuidado. Quando terminou, assinou a carta como *Eddard Stark, Senhor de Winterfell, Mão do Rei e Protetor do Território*, esperou a tinta secar no papel, dobrou-o duas vezes e fundiu a cera na chama da vela para selar a carta.

Sua regência seria curta, refletiu enquanto a cera amolecia. O novo rei escolheria sua própria Mão. Ned estaria livre para ir para casa. Pensar em Winterfell trouxe-lhe um sorriso abatido no rosto. Desejava ouvir uma vez mais o riso de Bran, ir caçar com Robb e os falcões, observar Rickon brincando. Desejava cair num sono sem sonhos em sua própria cama, com os braços bem apertados em torno de sua senhora, Catelyn.

Cayn regressou no momento em que ele se encontrava pressionando o selo do lobo gigante contra a cera mole e branca. Desmond estava com ele, e entre ambos encontrava-se Mindinho. Ned agradeceu aos guardas e os mandou embora.

Lorde Petyr trazia uma túnica de veludo azul com mangas estufadas e uma capa prateada com desenho de tejos.

– Suponho que devo congratulá-lo – disse enquanto se sentava. Ned franziu a testa.

– O rei está ferido e próximo da morte.

– Eu sei – disse Mindinho. – E também sei que Robert o nomeou Protetor do Território.

Os olhos de Ned desviaram-se para a carta do rei pousada sobre a mesa ao seu lado, com o selo inteiro.

– E como é que sabe disso, senhor?

– Varys sugeriu – disse Mindinho –, e o senhor acabou de confirmar.

A boca de Ned retorceu-se de ira.

– Maldito seja Varys e seus passarinhos. Catelyn falou a verdade, o homem possui alguma arte negra. Não confio nele.

– Excelente. Está aprendendo – Mindinho inclinou-se para a frente. – No entanto, aposto que não me arrastou até aqui, na noite cerrada, para discutir sobre o eunuco.

– Não – admitiu Ned. – Conheço o segredo pelo qual Jon Arryn foi assassinado. Robert não deixará nenhum filho legítimo. Joffrey e Tommen são bastardos de Jaime Lannister, nascidos de sua união incestuosa com a rainha.

Mindinho ergueu uma sobrancelha.

– Chocante – disse, num tom que sugeria que não estava absolutamente nada chocado. – E a menina também? Sem dúvida. Então, quando o rei morrer…

– O trono passa por direito para Lorde Stannis, o mais velho dos dois irmãos de Robert.

Lorde Petyr afagou a barba pontiaguda enquanto refletia sobre o assunto.

– É o que parece. A não ser que…

– *A não ser o quê*, senhor? Não há *parece* aqui. Stannis é o herdeiro. Nada pode mudar isso.

– Stannis não pode tomar o trono sem a sua ajuda. Se for sensato, assegure-se de que a sucessão seja de Joffrey.

Ned lançou-lhe um olhar de pedra.

– Será que não possui nem um farrapo de honra?

– Ah, um *farrapo*, certamente – respondeu Mindinho com negligência. – Escute-me. Stannis não é seu amigo, nem meu. Até os irmãos dificilmente o suportam. O homem é de ferro, duro e inflexível. Elegerá uma nova Mão e um novo conselho, com certeza. Sem dúvida que lhe agradecerá por lhe entregar a coroa, mas não lhe terá amizade por isso. E sua ascensão significará a guerra. Stannis não ficará sossegado no trono enquanto Cersei e seus bastardos não estiverem mortos. Julga que Lorde Tywin ficará indolentemente sentado enquanto tiram as medidas da cabeça da filha para espetá-la numa lança? Rochedo Casterly se erguerá em armas, e não estará sozinho. Robert achou por bem perdoar homens que serviram o Rei Aerys, desde que lhe jurassem fidelidade. Stannis é menos clemente. Não deve ter esquecido o cerco a Ponta Tempestade; e os Senhores Tyrell e Redwyne não se atrevem a esquecê-lo. Cada homem que lutou sob o estandarte do dragão ou se revoltou com Balon Greyjoy terá bons motivos para temer. Coloque Stannis no Trono de Ferro e garanto-lhe que o reino sangrará. Olhe agora para o outro lado da moeda. Joffrey tem apenas doze anos, e Robert deu a regência ao *senhor*. É a

Mão do Rei e Protetor do Território. O poder é seu, Lorde Stark. Tudo que precisa fazer é estender a mão e apanhá-lo. Faça a paz com os Lannister. Liberte o Duende. Case Joffrey com a sua Sansa. Case sua filha mais nova com o Príncipe Tommen e seu herdeiro com Myrcella. Passarão quatro anos até que o Príncipe Joffrey seja maior de idade. A essa altura, ele o verá como um segundo pai, e se não o fizer, bem… quatro anos é um tempo bastante longo, senhor. Suficientemente longo para nos vermos livres de Lorde Stannis. Então, se Joffrey se revelar problemático, nós poderemos revelar seu pequeno segredo e colocar Lorde Renly no trono.

– *Nós?* – Ned repetiu.

Mindinho encolheu os ombros.

– Precisará de alguém para partilhar seus fardos. Asseguro-lhe que meu preço será modesto.

– Seu preço – a voz de Ned era gelo. – Lorde Baelish, o que está sugerindo é traição.

– Só se perdermos.

– Esquece-se – disse-lhe Ned –, esquece-se de Jon Arryn. Esquece-se de Jory Cassel. E se esquece disto – desembainhou o punhal e o pousou na mesa entre eles; um bocado de osso de dragão e de aço valiriano, tão afiado quanto a diferença entre o certo e o errado, entre a verdade e a mentira, entre a vida e a morte. – Eles enviaram um homem *para cortar a garganta do meu filho*, Lorde Baelish.

Mindinho suspirou.

– Temo que realmente tenha me esquecido, senhor. Peço-lhe perdão. Por um momento não me lembrei de que estava falando com um Stark – a boca torceu-se. – Será então Stannis e a guerra?

– Não é uma escolha. Stannis é o herdeiro.

– Longe de mim entrar em disputa com o Lorde Protetor. Que quer de mim então? Não é certamente a minha sabedoria.

– Farei o possível para esquecer a sua… sabedoria – disse Ned com desagrado. – Chamei-o aqui para pedir a ajuda que prometeu a Catelyn. É uma hora perigosa para todos nós. Robert nomeou-me Protetor, é verdade, mas aos olhos do mundo Joffrey ainda é seu filho e herdeiro. A rainha tem uma dúzia de cavaleiros e uma centena de homens de armas que farão tudo que ordenar… o bastante para esmagar o que resta da

guarda de minha casa. E pelo que sei, seu irmão Jaime pode bem estar a caminho de Porto Real neste exato momento, à frente de uma tropa Lannister.

– E o senhor sem um exército – Mindinho brincou com o punhal sobre a mesa, fazendo-o girar lentamente com o dedo. – Pouco amor se perde entre Lorde Renly e os Lannister. Bronze Yohn Royce, Sor Balon Swann, Sor Loras, a Senhora Tanda, os gêmeos Redwyne… todos eles têm um séquito de cavaleiros e soldados aqui na corte.

– Renly tem trinta homens em sua guarda pessoal, e os outros, ainda menos. Não chega, mesmo se tivesse certeza de que todos eles escolheriam aliar-se a mim. Tenho de controlar os homens de manto dourado. A Patrulha da Cidade tem dois mil homens que juraram defender o castelo, a cidade e a paz do rei.

– Ah, mas quando a rainha proclamar um rei e outra Mão, de quem será a paz que eles protegerão? – Lorde Petyr deu um piparote no punhal, pondo-o a girar no mesmo lugar. Girou e girou, oscilando enquanto rodopiava. Quando por fim abrandou e parou, a ponta apontou para Mindinho. – Ora, aí está a resposta – ele disse, sorrindo. – Seguirão o homem que lhes paga – recostou-se e olhou diretamente para o rosto de Ned, com os olhos cinza-esverdeados brilhantes de troça. – Use sua honra como uma armadura, Stark. Julga que o mantém a salvo, mas tudo que ela faz é torná-lo pesado e dificultar-lhe os movimentos. Olhe para você agora. Sabe por que me convocou a vir até aqui. Sabe o que quer me pedir para fazer. Sabe que isso tem de ser feito… mas não é *honroso*, por isso as palavras se prendem em sua garganta.

O pescoço de Ned estava rígido de tensão. Por um momento ficou tão zangado que não teve suficiente confiança em si mesmo para falar.

Mindinho soltou uma gargalhada.

– Devia obrigá-lo a dizê-lo, mas seria uma crueldade… Por isso, nada tema, meu bom senhor. Em nome do amor que sinto por Catelyn, falarei com Janos Slynt agora mesmo e me assegurarei de que a Patrulha da Cidade seja sua. Seis mil peças de ouro deverão bastar. Um terço para o Comandante, um terço para os oficiais, um terço para os homens. Talvez conseguíssemos comprá-los por metade desse preço, mas prefiro não arriscar – sorrindo, pegou o punhal e o ofereceu a Ned, com o cabo para a frente.

# Jon

Jon comia bolo de maçã e morcela de café da manhã quando Samwell Tarly se deixou cair no banco.

– Fui chamado ao septo – Sam disse num sussurro excitado. – Vão me tirar do treino. Vou ser feito irmão com você. Acredita?

– Não! É verdade?

– É verdade. Vou ajudar Meistre Aemon com a biblioteca e as aves. Ele precisa de alguém que saiba ler e escrever cartas.

– Será bom nisso – disse Jon, sorrindo.

Sam lançou em volta uma olhadela ansiosa.

– Já está na hora? Não devo me atrasar, eles podem mudar de ideia – mostrou-se bastante vigoroso quando atravessaram o pátio salpicado de capim. O dia estava morno e ensolarado. Regatos escorriam pelos lados da Muralha, e o gelo parecia cintilar.

Dentro do septo, o grande cristal capturava a luz da manhã que jorrava através da janela virada para o sul e a espalhava num arco-íris pelo altar. A boca de Pyp escancarou-se ao ver Sam, e Sapo cutucou Grenn nas costelas, mas ninguém se atreveu a dizer uma palavra. Septão Celladar fazia oscilar um turíbulo, enchendo o ar de incenso odorífero que fazia lembrar a Jon o pequeno septo da Senhora Stark em Winterfell. Pela primeira vez o septão parecia estar sóbrio.

Os grandes oficiais chegaram em conjunto: Meistre Aemon, apoiado em Clydas, Sor Alliser, com olhos frios e sombrio, o Senhor Comandante Mormont, resplandecente num gibão de lã negra com presilhas de prata em forma de garra de urso. Atrás deles vinham os membros superiores das três ordens: Bowen Marsh, o Senhor Intendente com seu rosto vermelho, o Primeiro Construtor, Othell Yarwyck, e Sor Jaremy Rykker, que comandava os patrulheiros na ausência de Benjen Stark.

Mormont parou em frente do altar, com o arco-íris brilhando sobre a grande calva.

– Chegaram até nós como um bando de fora da lei – começou –, caçadores furtivos, violadores, devedores, assassinos e ladrões. Chegaram até nós como crianças. Chegaram até nós sozinhos, acorrentados, sem amigos nem honra. Chegaram até nós ricos e chegaram até nós pobres. Alguns ostentam o nome de Casas orgulhosas. Outros têm apenas nome de bastardos ou não têm nome algum. Não importa. Tudo isso agora é passado. Na Muralha, somos todos uma Casa. Ao cair da noite, quando o sol se puser e enfrentarmos a noite que se aproxima, farão seus juramentos. Desse momento em diante, serão Irmãos Juramentados da Patrulha da Noite. Seus crimes serão limpos e suas dívidas, perdoadas. De igual modo, devem também limpar-se de suas antigas lealdades, pôr de lado seus ressentimentos, esquecer igualmente as antigas ofensas e os antigos amores. Aqui começam de novo. Um homem da Patrulha da Noite vive sua vida pelo reino. Não por um rei, nem por um senhor, nem pela honra desta ou daquela Casa, nem por ouro ou por glória ou pelo amor de uma mulher, mas pelo *reino* e por todas as pessoas que há nele. Um homem da Patrulha da Noite não toma uma esposa nem gera filhos. Nossa esposa é o dever. Nossa amante é a honra. E vocês são os únicos filhos que algum dia conheceremos. Aprenderam as palavras do juramento. É preciso refletir com cuidado antes de dizê-las, pois uma vez envergado o negro, não haverá caminho de volta. O castigo pela deserção é a morte – o Velho Urso fez uma pausa momentânea antes de dizer: – Existe alguém entre vocês que deseja deixar a nossa companhia? Se sim, vá agora, e ninguém pensará menos de você.

Ninguém se moveu.

– Muito bem – disse Mormont. – Podem fazer seu juramento aqui, ao cair da noite, perante Septão Celladar e o chefe da sua Ordem. Algum de vocês é fiel aos velhos deuses?

Jon levantou-se.

– Eu sou, senhor.

– Suponho que desejará proferir suas palavras perante uma árvore-coração, como fez seu tio – disse Mormont.

– Sim, senhor – disse Jon. Os deuses do septo não tinham nada a ver com ele; o sangue dos Primeiros Homens corria nas veias dos Stark.

Ouviu Grenn sussurrar atrás dele.

– Não há um bosque sagrado aqui. Ou há? Nunca vi um bosque sagrado.

– Não veria uma manada de auroques até que o pisoteassem contra a neve – Pyp sussurrou em resposta.

– Veria, sim – insistiu Grenn. – Eu os veria a longa distância.

O próprio Mormont confirmou as dúvidas de Grenn.

– Castelo Negro não tem necessidade de um bosque sagrado. Para lá da Muralha, a Floresta Assombrada encontra-se como se encontrava na Idade da Alvorada, muito antes de os ândalos trazerem os Sete através do mar estreito. Encontrará um bosque de represeiros a meia légua desse local, e talvez encontre lá também os seus deuses.

– Senhor – a voz fez Jon olhar para trás, surpreendido. Samwell Tarly estava de pé. O gordo rapaz esfregou as palmas suadas na túnica. – Poderei… poderei ir também? Dizer as minhas palavras junto a essa árvore-coração?

– A Casa Tarly também é fiel aos velhos deuses? – perguntou Mormont.

– Não, senhor – Sam respondeu numa voz fina e nervosa. Jon sabia que os grandes oficiais o assustavam, e o Velho Urso acima de todos. – Recebi o nome à luz dos Sete no septo de Monte Chifre, tal como meu pai, e o pai dele, e todos os Tarly ao longo de mil anos.

– Por que quer abandonar os deuses de seu pai e de sua Casa? – quis saber Sor Jaremy Rykker.

– A Patrulha da Noite é agora a minha Casa – Sam respondeu. – Os Sete nunca responderam às minhas preces. Talvez os deuses antigos o façam.

– Como quiser, rapaz – disse Mormont. Sam voltou a se sentar e o mesmo fez Jon. – Colocamos cada um de vocês numa Ordem que mais se adapta às nossas necessidades e aos seus pontos fortes e perícias – Bowen Marsh avançou e entregou-lhe um papel. O Senhor Comandante desenrolou-o e começou a ler. – Halder, para os construtores – começou. Halder fez um aceno rígido de aprovação. – Grenn, para os patrulheiros. Albett, para os construtores. Pypar, para os patrulheiros – Pyp olhou para Jon e mexeu as orelhas. – Samwell, para os intendentes – Sam despencou de alívio, limpando a testa com um lenço de seda. – Matthar, para os

patrulheiros. Daeron, para os intendentes. Todder, para os patrulheiros. Jon, para os intendentes.

Os *intendentes*? Por um momento Jon não conseguiu acreditar no que ouvira. Mormont devia ter lido errado. Começou a erguer-se, a abrir a boca, a dizer-lhes que tinha havido um engano… e então viu que Sor Alliser o estudava, com os olhos brilhantes como duas lascas de obsidiana, e compreendeu.

O Velho Urso enrolou o papel.

– Seus chefes irão instruí-los quanto aos seus deveres. Que todos os deuses os protejam, irmãos – o Senhor Comandante concedeu-lhes uma meia reverência e se retirou. Sor Alliser foi com ele, com um tênue sorriso no rosto. Jon nunca vira o mestre de armas com um ar tão feliz.

– Patrulheiros, comigo – gritou Sor Jaremy Rykker depois de eles partirem. Pyp não tirou os olhos de Jon enquanto se pôs lentamente em pé. Tinha as orelhas vermelhas. Grenn, com um largo sorriso, não parecia compreender que havia algo errado. Matt e Sapo juntaram-se a eles e saíram do septo atrás de Sor Jaremy.

– Construtores – anunciou Othell Yarwyck, com seu queixo em forma de lanterna. Halder e Albett saíram em seu rastro.

Jon olhou em volta com incredulidade nauseada. Os olhos cegos de Meistre Aemon estavam erguidos para a luz que não podia ver. O septão arrumava cristais no altar. Só Sam e Daeron permaneciam nos bancos; um gordo, um cantor… e ele.

O Senhor Intendente Bowen Marsh esfregou as mãos roliças.

– Samwell, vai prestar assistência a Meistre Aemon no viveiro dos corvos e na biblioteca. Chett vai para os canis, ajudar com os cães de caça. Deverá ter sua cela, para estar perto do meistre noite e dia. Espero que tome conta dele bem. É muito velho e muito precioso para nós. Daeron, dizem-me que cantou à mesa de muitos grandes senhores e partilhou de sua comida e bebida. Vamos enviá-lo para Atalaialeste. Pode ser que o seu paladar seja útil a Cotter Pyke quando as galés mercantes chegarem para fazer negócio. Estamos pagando demais por carne salgada e peixe de salmoura, e a qualidade do azeite que temos recebido tem sido tenebrosa. Apresente-se a Borcas quando chegar, ele o manterá ocupado entre navios.

Marsh virou seu sorriso para Jon.

– O Senhor Comandante Mormont requisitou-o como seu intendente pessoal, Jon. Dormirá numa cela sob seus aposentos, na torre do Senhor Comandante.

– E quais serão meus deveres? – perguntou Jon em tom cortante. – Servirei as refeições do Senhor Comandante, o ajudarei a prender suas roupas, irei buscar água quente para seu banho?

– Com certeza – Marsh franziu as sobrancelhas perante o tom de Jon. – E transmitirá suas mensagens, manterá um fogo ardendo em seus aposentos, trocará seus lençóis e cobertores todos os dias e fará tudo que o Senhor Comandante lhe ordenar.

– Toma-me por um criado?

– Não – disse Meistre Aemon do fundo do septo. Clydas o ajudou a pôr-se em pé. – Tomamos-o por um homem da Patrulha da Noite… mas talvez nos tenhamos enganado.

Tudo que Jon conseguiu fazer foi impedir-se de sair. Esperariam que batesse leite para fazer manteiga e cosesse gibões como uma moça para o resto de seus dias?

– Posso ir? – perguntou rigidamente.

– Como quiser – respondeu Bowen Marsh.

Daeron e Sam saíram com ele. Desceram em silêncio até o pátio. Lá fora, Jon olhou a Muralha que brilhava ao sol, com o gelo que derretia escorrendo pelo flanco numa centena de estreitos dedos. A raiva de Jon era tanta que teria esmagado tudo aquilo num instante, e o mundo que se danasse.

– Jon – disse Samwell Tarly num tom excitado. – Espere. Não percebe o que eles estão fazendo?

Jon virou-se para ele, em fúria.

– Vejo a maldita mão de Sor Alliser, é o que vejo. Quis me envergonhar, e conseguiu.

Daeron deu-lhe um olhar carrancudo.

– Ser intendente é bom para gente como você e eu, Sam, mas não para Lorde Snow.

– Sou melhor espadachim e melhor cavaleiro que qualquer um de vocês – exclamou Jon em resposta. – Não é *justo*!

– Justo? – disse Daeron em tom de escárnio. – A moça estava à minha espera, nua como no dia em que nascera. Puxou-me pela janela, e fala do

que é *justo*? – e afastou-se.

– Não há vergonha em ser um intendente – disse Sam.

– Pensa que quero passar o resto da vida lavando as roupas de baixo de um velho?

– O velho é o Senhor Comandante da Patrulha da Noite – relembrou-lhe Sam. – Estará com ele dia e noite. Sim, servirá seu vinho e verificará se sua roupa de cama está lavada, mas também transportará suas cartas, o ajudará em reuniões, servirá como seu escudeiro em batalha. Estará tão perto dele como uma sombra. Saberá de tudo, fará parte de tudo… e o Senhor Intendente disse que Mormont o pediu *pessoalmente*! Quando eu era pequeno, meu pai costumava insistir que o ajudasse na sala de audiências sempre que as concedesse. Quando ia a Jardim de Cima dobrar o joelho ao Lorde Tyrell, obrigava-me a ir também. Mas mais tarde começou a levar Dickon e me deixar em casa, e já não se importava se eu estava presente em suas audiências, desde que Dickon lá estivesse. Queria seu *herdeiro* a seu lado, não vê? Para observar e ouvir, e aprender com aquilo que fazia. Aposto que é por isso que Lorde Mormont requisitou você, Jon. Que outra coisa poderia ser? Quer prepará-lo para o *comando*!

Jon foi apanhado de surpresa. Era verdade, Lorde Eddard fizera com frequência com que Robb participasse de seus conselhos em Winterfell. Poderia Sam ter razão? Mesmo um bastardo podia ascender a grande altura na Patrulha da Noite, dizia-se.

– Nunca pedi isso – disse teimosamente.

– Nenhum de nós está aqui por ter *pedido* – relembrou-lhe Sam.

E de repente Jon Snow sentiu-se envergonhado.

Covarde ou não, Samwell Tarly encontrara a coragem para enfrentar seu destino como um homem. *Na Muralha, um homem só obtém aquilo que ganha*, dissera Benjen Stark na última noite em que Jon o vira vivo. *Não é nenhum patrulheiro, Jon, não passa de um rapaz verde ainda cheirando a verão*. Ouvira dizer que os bastardos cresciam mais depressa que as outras crianças; na Muralha, ou se crescia ou se morria.

Jon soltou um profundo suspiro.

– Tem razão. Agi como uma criança.

– Então ficará e dirá as suas palavras comigo?

– Os velhos deuses estão à nossa espera – obrigou-se a sorrir.

Partiram ao fim da tarde. A Muralha não tinha portões propriamente ditos, nem ali em Castelo Negro nem em ponto algum de suas trezentas milhas. Levaram os cavalos por um túnel estreito cortado no gelo, com paredes frias e escuras apertando-se à volta deles enquanto a passagem se retorcia e curvava. Três vezes viram o caminho bloqueado por grades de ferro, e tiveram que parar enquanto Bowen Marsh pegava as chaves e destrancava as maciças correntes que as seguravam. Jon conseguia sentir o vasto peso que se encontrava sobre sua cabeça enquanto esperava atrás do Senhor Intendente. O ar estava mais frio do que uma tumba, e mais parado também. Sentiu um estranho alívio quando voltaram a emergir para a luz da tarde do lado norte da Muralha.

Sam piscou com o súbito clarão e olhou em volta com apreensão.

– Os selvagens… eles não… eles nunca se atreveriam a aproximar-se tanto da Muralha, não é?

– Nunca o fizeram – Jon subiu na sela. Depois de Bowen Marsh e sua escolta de patrulheiros terem montado, Jon pôs dois dedos na boca e assobiou. Fantasma saiu aos saltos do túnel.

O cavalo do Senhor Intendente relinchou e afastou-se do lobo selvagem.

– Pretende trazer esse animal?

– Sim, senhor – disse Jon. A cabeça de Fantasma ergueu-se. Parecia saborear o ar. Num piscar de olhos tinha partido, correndo através do largo campo coberto de ervas daninhas até desaparecer entre as árvores.

Uma vez na floresta, encontraram-se num mundo diferente. Jon caçara frequentemente com o pai, Jory e o irmão Robb. Conhecia a Mata de Lobos que rodeava Winterfell tão bem como qualquer outro homem. A floresta assombrada era muito parecida, mas a sensação que projetava era muito diferente.

Talvez tudo estivesse no conhecimento. Tinham cavalgado até depois do fim do mundo; de certa forma, isso mudava tudo. Cada sombra parecia mais escura, cada som, mais agourento. As árvores apertavam-se e afastavam a luz do sol poente. Uma fina crosta de neve fendia-se sob os cascos dos cavalos, com um som que fazia lembrar o quebrar de ossos. Quando o vento fazia as folhas farfalharem, era como se um dedo gelado desenhasse um percurso ao longo da espinha de Jon. A Muralha estava nas suas costas, e só os deuses sabiam o que encontrariam adiante.

O sol afundava-se atrás das árvores quando alcançaram seu destino, uma pequena clareira nas profundezas da floresta, onde nove represeiros cresciam num círculo grosseiro. Jon prendeu a respiração e viu Sam Tarly olhar fixamente. Mesmo na Mata de Lobos, nunca se viam mais de duas ou três das árvores brancas crescerem juntas; um grupo de nove era inaudito. O chão da floresta encontrava-se atapetado de folhas caídas, vermelhas como sangue no topo, negras de podridão por baixo. Os grandes troncos lisos eram pálidos como ossos, e nove rostos olhavam para dentro. A seiva seca que se encrostou nos olhos era vermelha e dura como rubi. Bowen Marsh ordenou-lhes que deixassem os cavalos fora do círculo.

– Este é um lugar sagrado, não o profanaremos.

Quando entraram no bosque, Samwell Tarly virou-se lentamente, olhando para os rostos, um de cada vez. Não havia dois iguais.

– Eles nos observam – sussurrou. – Os deuses antigos.

– Sim – Jon ajoelhou, e Sam ajoelhou a seu lado.

Proferiram as palavras juntos, enquanto a última luz desaparecia a oeste e o dia cinzento se transformava em noite negra.

– Escutem as minhas palavras e testemunhem meu juramento – recitaram, com as vozes enchendo o bosque penumbroso. – A noite chega, e agora começa a minha vigia. Não terminará até minha morte. Não tomarei esposa, não possuirei terras, não gerarei filhos. Não usarei coroas e não conquistarei glórias. Viverei e morrerei no meu posto. Sou a espada na escuridão. Sou o vigilante nas muralhas. Sou o fogo que arde contra o frio, a luz que traz consigo a alvorada, a trombeta que acorda os que dormem, o escudo que defende os reinos dos homens. Dou a minha vida e a minha honra à Patrulha da Noite, por esta noite e por todas as noites que estão para vir.

A floresta caiu no silêncio.

– Ajoelharam como rapazes – entoou solenemente Bowen Marsh. – Ergueram-se agora como homens da Patrulha da Noite.

Jon estendeu a mão para ajudar Sam a se levantar. Os patrulheiros aproximaram-se para oferecer sorrisos e parabéns; todos, menos o velho e áspero lenhador Dywen.

– É melhor nos colocarmos a caminho, senhor – disse ele a Bowen Marsh. – A escuridão está caindo e há qualquer coisa no cheiro da noite

que não me agrada.

E, de repente, Fantasma estava de volta, caminhando silenciosamente entre dois represeiros. *Pelo branco e olhos vermelhos*, Jon percebeu, intranquilo. *Como as árvores…*

O lobo tinha qualquer coisa entre as mandíbulas. Qualquer coisa negra.

– Que tem ele ali? – perguntou Bowen Marsh, franzindo a testa.

– Aqui, Fantasma. – Jon ajoelhou. – Traga aqui.

O lobo selvagem trotou até ele. Jon ouviu a brusca inspiração de Samwell Tarly.

– Que os deuses sejam bons – murmurou Dywen. – Isto é uma mão.

# Eddard

A luz cinzenta da alvorada jorrava através de sua janela quando o trovão dos cascos acordou Eddard Stark de seu breve sono exausto. Ergueu a cabeça da mesa para olhar para o pátio. Lá embaixo, homens revestidos de cota de malha e manto carmesim faziam a manhã ressoar ao som de espadas e derrubavam falsos guerreiros recheados de palha. Ned observou Sandor Clegane, que galopava pela dura terra batida e espetava uma lança de ponta de aço na cabeça de um espantalho. A tela foi rompida e palha se espalhou ao som das piadas e pragas dos guardas Lannister.

*Será esse bravo espetáculo para meu benefício?*, perguntou a si mesmo. Se fosse, Cersei era mais tola do que ele imaginara. *Maldita seja*, pensou, *por que essa mulher não fugiu? Dei-lhe oportunidade atrás de oportunidade…*

A manhã estava encoberta e sombria. Ned tomou o café da manhã com as filhas e Septã Mordane. Sansa, ainda desconsolada, ficou olhando, carrancuda, para a comida e recusou-se a comer, mas Arya devorou tudo que lhe foi posto à frente.

– Syrio diz que temos tempo para uma última lição antes de embarcarmos esta noite – ela disse. – Posso, pai? Tenho todas as coisas embaladas.

– Uma lição curta, e assegure-se de que terá tempo para tomar banho e trocar de roupa. Quero-a pronta para partir ao meio-dia, entendido?

– Ao meio-dia – Arya confirmou.

Sansa ergueu os olhos da comida.

– Se ela pode ter uma lição de dança, por que não me deixa dizer adeus ao Príncipe Joffrey?

– De bom grado a acompanharia, Lorde Eddard – ofereceu-se Septã Mordane. – Não haveria como ela perder o navio.

– Não seria sensato encontrar Joffrey agora, Sansa. Lamento.

Os olhos de Sansa encheram-se de lágrimas.

– Mas *por quê*?

– Sansa, o senhor seu pai sabe o que é melhor – disse Septã Mordane. – Não deve questionar suas decisões.

– Não é *justo*! – Sansa empurrou a mesa, derrubou a cadeira e fugiu chorando do aposento privado.

Septã Mordane levantou-se, mas Ned fez-lhe sinal para que voltasse a se sentar.

– Deixe-a ir, septã. Tentarei fazê-la compreender quando estivermos todos a salvo de volta a Winterfell – a septã inclinou a cabeça e sentou-se para terminar a refeição.

Uma hora mais tarde, o Grande Meistre Pycelle foi encontrar Eddard Stark em seu aposento privado. Trazia os ombros caídos, como se o peso da grande corrente de meistre em volta do pescoço se tivesse tornado grande demais para ele.

– Senhor – disse –, o Rei Robert partiu. Que os deuses lhe deem descanso.

– Não – respondeu Ned. – Ele detestava o descanso. Que os deuses lhe deem amor e risos, e a alegria de batalhas justas – era estranho como se sentia vazio. Já esperava aquela visita, mas com aquelas palavras algo morrera dentro dele. Teria trocado todos os seus títulos pela liberdade de chorar… mas era a Mão de Robert, e a hora que temia chegara. – Tenha a bondade de convocar os membros do conselho aqui para os meus aposentos – disse a Pycelle. A Torre da Mão estava tão segura quanto ele e Tomard a tinham conseguido deixar. Não podia dizer o mesmo das salas do conselho.

– Senhor? – Pycelle pestanejou. – Certamente que os assuntos do reino podem esperar até amanhã, quando o nosso luto não for tão recente.

Ned mostrou-se calmo, mas firme.

– Temo que tenhamos de nos reunir de imediato.

Pycelle fez uma reverência.

– Às ordens da Mão – chamou os criados e os despachou rapidamente, e em seguida aceitou com gratidão a oferta que Ned lhe fez de uma cadeira e de uma taça de cerveja doce.

Sor Barristan Selmy foi o primeiro a responder à convocatória, imaculado em seu manto branco e escamas esmaltadas:

– Senhores – disse –, o meu lugar agora é ao lado do jovem rei. Peço licença para cuidar dele.

– O seu lugar é aqui, Sor Barristan – disse-lhe Ned.

Mindinho chegou em seguida, ainda vestido com o veludo azul e a capa prateada com os tejos que usara na noite anterior, com as botas empoeiradas de andar a cavalo.

– Senhores – disse, sorrindo para nada em particular antes de se virar para Ned. – Aquela pequena tarefa que me atribuiu está realizada, Lorde Eddard.

Varys entrou numa nuvem de alfazema, rosado do banho, com o rosto rechonchudo esfregado e empoado, os chinelos; tudo nada discreto.

– Os passarinhos cantam hoje uma canção penosa – disse enquanto se sentava. – O reino chora. Começamos?

– Quando Lorde Renly chegar – Ned disse.

Varys dirigiu-lhe um olhar pesaroso.

– Temo que Lorde Renly tenha abandonado a cidade.

– Abandonado a *cidade*? – Ned contava com o apoio de Renly.

– Retirou-se por uma poterna uma hora antes da alvorada, acompanhado por Sor Loras Tyrell e cerca de cinquenta criados – contou-lhes Varys. – Quando foram vistos pela última vez, galopavam para o sul com alguma pressa, dirigindo-se sem dúvida para Ponta Tempestade ou Jardim de Cima.

*Lá se ia Renly e seus cem soldados*. Ned não gostou do cheiro daquilo, mas nada havia que pudesse fazer. Pegou a última carta de Robert.

– O rei chamou-me ontem à noite e ordenou-me que registrasse suas últimas palavras. Lorde Renly e o Grande Meistre Pycelle testemunharam enquanto Robert selou a carta, a ser aberta pelo conselho após a sua morte. Sor Barristan, por bondade?

O Senhor Comandante da Guarda Real examinou o papel.

– É o selo do Rei Robert, e está intacto – abriu a carta e leu. – Lorde Eddard Stark é aqui nomeado Protetor do Território, para governar como regente até que o herdeiro se torne maior de idade.

*E por acaso ele já é maior de idade*, Ned refletiu, mas não deu voz ao pensamento. Não confiava nem em Pycelle nem em Varys, e Sor Barristan estava obrigado pela honra a proteger e defender o rapaz que julgava ser seu novo rei. O velho cavaleiro não abandonaria Joffrey

facilmente. A necessidade de mentir deixava-lhe um sabor amargo na boca, mas Ned sabia que ali tinha de pisar com cuidado, tinha de guardar para si os seus projetos e jogar o jogo até estar firmemente estabelecido como regente. Haveria tempo de tratar da sucessão depois de Arya e Sansa estarem a salvo, de volta a Winterfell, e de Lorde Stannis regressar a Porto Real com todo o seu poder.

– Desejo pedir a este conselho que me confirme como Lorde Protetor, segundo a vontade de Robert – Ned disse, observando o rosto dos outros, perguntando a si mesmo que pensamentos se esconderiam por trás dos olhos meio fechados de Pycelle, do meio sorriso indolente de Mindinho e da nervosa agitação dos dedos de Varys.

A porta abriu-se. Gordo Tom entrou no aposento.

– Perdão, senhores, o intendente do rei insiste…

O intendente real entrou e fez uma reverência.

– Estimados senhores, o rei exige a presença imediata do seu pequeno conselho na sala do trono.

Ned esperava que Cersei atacasse rapidamente; a convocatória não era surpresa.

– O rei está morto – disse –, mas iremos mesmo assim. Tom, reúna uma escolta, por favor.

Mindinho emprestou a Ned o braço para ajudá-lo a descer os degraus. Varys, Pycelle e Sor Barristan seguiam logo atrás. Uma coluna dupla de homens de armas envergando cota de malha e capacetes de aço esperava à porta da torre, oito ao todo. Os mantos cinza bateram ao vento enquanto os guardas os acompanharam através do pátio. Não havia nenhum carmesim Lannister à vista, mas Ned sentiu-se tranquilizado pelo número de mantos dourados que estavam visíveis nos baluartes e nos portões.

Janos Slynt os recebeu à porta da sala do trono, coberto com uma ornamentada armadura em tons de ouro e negro, com um elmo de crista alta debaixo do braço. O comandante fez uma reverência rígida. Seus homens empurraram as grandes portas de carvalho, com seis metros de altura e reforçadas a bronze.

O intendente real os fez entrar.

– Saúdem Sua Graça, Joffrey das Casas Baratheon e Lannister, o Primeiro do Seu Nome, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros

Homens, Senhor dos Sete Reinos e Protetor do Território – cantou.

Era uma longa caminhada até o fundo do salão, onde Joffrey esperava sentado no Trono de Ferro. Apoiado por Mindinho, Ned Stark coxeou e saltitou lentamente na direção do rapaz que chamava a si mesmo de rei. Os outros os seguiram. A primeira vez que percorrera aquele caminho tinha sido a cavalo, de espada na mão, e os dragões Targaryen observavam das paredes quando ele forçara Jaime Lannister a descer do trono. Perguntou a si próprio se Joffrey desceria com a mesma facilidade.

Cinco cavaleiros da Guarda Real – todos, menos Sor Jaime e Sor Barristan – dispunham-se em meia-lua em torno da base do trono. Trajavam armadura completa, aço esmaltado do elmo às botas de ferro, longas capas claras sobre os ombros, brilhantes escudos brancos atados ao braço esquerdo. Cersei Lannister e os dois filhos mais novos estavam em pé atrás de Sor Boros e de Sor Meryn. A rainha trazia um vestido de seda verde-mar, debruada com renda de Myr clara como espuma. No dedo, tinha um anel dourado com uma esmeralda do tamanho de um ovo de pombo, e na cabeça usava uma tiara condizente.

Acima deles, o Príncipe Joffrey sentava-se no meio das farpas e das hastes pontiagudas trajando um gibão de tecido de ouro e uma capa vermelha de cetim. Sandor Clegane estava posicionado na base da íngreme escada estreita do trono. Trazia cota de malha e armadura cinza fuliginosa e o seu elmo em forma de cabeça de cão rosnando.

Atrás do trono esperavam vinte guardas Lannister com espadas longas presas aos cintos. Mantos carmesins envolviam-lhes os ombros e leões de aço encimavam seus elmos. Mas Mindinho cumprira a promessa; ao longo das paredes, à frente das tapeçarias de Robert com suas cenas de caça e batalha, as fileiras de mantos dourados da Patrulha da Cidade estavam rigidamente em sentido, cada homem com a mão agarrada à haste de uma lança de dois metros e meio de comprimento terminada em ferro negro. Eram cinco para cada homem dos Lannister.

A perna de Ned era um braseiro de dor quando parou. Manteve a mão sobre o ombro de Mindinho para ajudar a suportar o peso.

Joffrey se levantou. Sua capa de cetim vermelho tinha um desenho em fio de ouro; cinquenta leões rugindo de um lado, cinquenta veados empinados do outro.

– Ordeno ao conselho que faça todos os preparativos necessários para a minha coroação – proclamou o rapaz. – Desejo ser coroado esta quinzena. Hoje, receberei juramentos de fidelidade dos meus leais conselheiros.

Ned apresentou a carta de Robert.

– Lorde Varys, tenha a bondade de mostrar isto à senhora de Lannister – o eunuco levou a carta a Cersei. A rainha deitou um relance às palavras.

– Protetor do Território – leu. – Isto pretende ser o seu escudo, senhor? Um pedaço de papel? – rasgou a carta ao meio, depois as metades em quartos e deixou os pedaços flutuarem até o chão.

– Essas eram as palavras do rei – disse Sor Barristan, chocado.

– Temos agora um novo rei – respondeu Cersei Lannister. – Lorde Eddard, da última vez que conversamos, deu-me um conselho. Permita-me que lhe devolva a cortesia. Dobre o joelho, senhor. Dobre o joelho e jure fidelidade ao meu filho, e aceitaremos sua demissão do cargo de Mão e seu retorno ao deserto cinzento a que chama casa.

– Bem gostaria de poder fazê-lo – disse Ned sombriamente. Se ela estava tão determinada a forçar o assunto aqui e agora, não lhe deixava escolha. – Seu filho não tem direito ao trono em que se senta. Lorde Stannis é o verdadeiro herdeiro de Robert.

– *Mentiroso!* – Joffrey gritou, com o rosto ficando vermelho.

– Mãe, o que ele quer dizer? – perguntou a Princesa Myrcella à rainha num tom lamuriento. – Joff não é o rei agora?

– Condenou-se com sua própria boca, Lorde Stark – disse Cersei Lannister. – Sor Barristan, prenda esse traidor.

O Senhor Comandante da Guarda Real hesitou. Num piscar de olhos, ficou rodeado de guardas Stark, com aço nu nos punhos revestidos de malha.

– E agora a traição passa das palavras às ações – disse Cersei. – Julga que Sor Barristan está só, senhor? – com um agourento raspar de metal em metal, Cão de Caça desembainhou a espada. Os cavaleiros da Guarda Real e vinte guardas Lannister vestidos de carmesim moveram-se em sua ajuda.

– *Matem-no!* – gritou o jovem rei de cima do Trono de Ferro. – *Matem-nos a todos, sou eu quem ordeno!*

– Não me deixa escolha – disse Ned a Cersei Lannister, e gritou para Janos Slynt: – Comandante, prenda a rainha e seus filhos. Não lhes faça mal, mas escolte-os de volta aos aposentos reais e mantenha-os lá, guardados.

– Homens da Patrulha! – gritou Janos Slynt, colocando o elmo. Uma centena de homens de manto dourado apontaram as lanças e se aproximaram.

– Não desejo derramamento de sangue – disse Ned à rainha. – Diga a seus homens para abaixar as espadas, e ninguém precisa…

Com uma única estocada violenta, o mais próximo dos homens de manto dourado espetou a lança nas costas de Tomard. A arma de Gordo Tom caiu de seus dedos sem força no momento em que a úmida ponta vermelha surgiu dentre suas costelas, perfurando couro e cota de malha. Estava morto antes de sua espada atingir o chão.

O grito de Ned chegou tarde demais. O próprio Janos Slynt abriu a garganta de Varly. Cayn rodopiou, fazendo relampejar o aço, e obrigou o lanceiro mais próximo a recuar com uma saraivada de golpes; por um instante, pareceu que talvez conseguisse abrir caminho até a liberdade. Mas então Cão de Caça caiu sobre ele. O primeiro golpe de Sandor Clegane cortou a mão da espada de Cayn pelo pulso; o segundo fê-lo cair de joelhos e o rasgou do ombro ao esterno.

Enquanto seus homens morriam à sua volta, Mindinho tirou o punhal de Ned da bainha e o apontou para sua garganta. Seu sorriso como que pedia perdão.

– *Avisei* para não confiar em mim.

# Arya

—Alto – gritou Syrio Forel, atirando um golpe à sua cabeça. As espadas de madeira fizeram *clac* quando Arya o parou.

– Esquerda – ele gritou, e sua lâmina aproximou-se assobiando. A dela precipitou-se para pará-la. O *clac* fez Syrio estalar os dentes.

– Direita – ele disse, e "Baixo" e "Esquerda" e de novo "Esquerda", mais e mais depressa, avançando. Arya recuou, parando todos os golpes.

– Estocada – preveniu Syrio, e quando o golpe veio, ela se esquivou para o lado, afastou a lâmina dele e atirou um contragolpe ao seu ombro. Quase o tocou, *quase*, ficou tão perto que sorriu. Uma madeixa pendeu-lhe sobre os olhos, pesada de suor, afastou-a com as costas da mão.

– Esquerda – Syrio cantou. – Baixo – sua espada era uma mancha indistinta, e o Pequeno Salão ecoava com os *clac*, *clac*, *clac*. – Esquerda. Esquerda. Alto. Esquerda. Direita. Esquerda. Baixo. *Esquerda*!

A lâmina de madeira a atingiu na parte superior do peito, num súbito golpe que era mais doloroso por ter vindo do lado errado.

– *Ai* – ela gritou. Teria ali um novo hematoma quando fosse dormir, em algum lugar no mar. *Um hematoma é uma lição*, disse a si mesma, *e todas as lições nos melhoram*.

Syrio deu um passo para trás.

– Agora está morta.

Arya fez uma careta.

– Você me enganou – disse com veemência. – Disse esquerda e foi pela direita.

– Precisamente. E agora é uma garota morta.

– Mas *você mentiu!*

– Minhas palavras mentiram. Os olhos e o braço gritaram a verdade, mas você não estava vendo.

– Estava sim – Arya rebateu. – Observei-o segundo a segundo!

– Observar não é ver, garota morta. O dançarino da água vê. Anda, deixe a espada, agora é hora de escutar.

Arya o seguiu até junto da parede, onde ele se instalou num banco.

– Syrio Forel foi a primeira espada do Senhor do Mar de Bravos, mas saberá você como isso aconteceu?

– Você era o melhor espadachim da cidade.

– Precisamente. Mas por quê? Outros homens eram mais fortes, mais rápidos, mais jovens. Por que Syrio Forel era o melhor? Vou lhe dizer – tocou ligeiramente a pálpebra com a ponta do mindinho. – Ver, ver realmente, é o coração de tudo. Escute-me. Os navios de Bravos navegam até tão longe quanto os ventos sopram, até terras estranhas e maravilhosas, e, quando regressam, seus capitães trazem animais bizarros para a coleção do Senhor do Mar. Animais como você nunca viu, cavalos listrados, grandes coisas malhadas com pescoços longos como pernas-de-pau, ratos-porcos peludos do tamanho de vacas, manticoras com espinhos, tigres que transportam as crias numa bolsa, terríveis lagartos que caminham com foices no lugar das garras. Syrio Forel viu essas coisas. No dia do qual falo, a primeira espada tinha morrido havia pouco tempo e o Senhor do Mar mandou me chamar. Muitos espadachins tinham sido levados à sua presença e a todos mandara embora, sem que nenhum soubesse por quê. Quando foi a minha vez, encontrei-o sentado com um gordo gato amarelo ao colo. Disse-me que um dos capitães lhe tinha trazido o animal de uma ilha para lá do sol nascente. “Já viu algum animal como ela?”, ele perguntou. E eu lhe respondi: “Todas as noites, nas vielas de Bravos, vejo mil como ele”, e o Senhor do Mar riu e nesse mesmo dia fui nomeado primeira espada.

Arya contraiu o rosto.

– Não entendi.

Syrio rangeu os dentes.

– O gato era um gato comum, nada mais. Os outros esperavam um animal fabuloso, e era isso que viam. Era tão grande, diziam. Não era maior que qualquer outro gato, tinha apenas engordado devido à indolência, pois o Senhor do Mar o alimentava de sua própria mesa. Que curiosas pequenas orelhas possuía, diziam. Suas orelhas tinham sido roídas em lutas entre crias. E era claramente um macho, mas o Senhor do Mar dizia “ela”, e era isso que os outros viam. Está ouvindo?

Arya refletiu sobre aquilo.

– Viu o que havia para ver.

– Precisamente. Abrir os olhos era o que bastava. O coração mente e a cabeça usa truques conosco, mas os olhos veem a verdade. Olhe com os olhos. Ouça com os ouvidos. Saboreie com a boca. Cheire com o nariz. Sinta com a pele. É *então*, depois, que chega o momento de pensar e de, assim, conhecer a verdade.

– Precisamente – Arya respondeu sorrindo.

Syrio Forel permitiu-se um sorriso.

– Estou pensando que quando chegarmos a esse seu Winterfell será tempo de pôr esta agulha em sua mão.

– Sim! – Arya disse, entusiasmada. – Espere só para eu mostrar a Jon…

Atrás dela, as grandes portas de madeira do Pequeno Salão abriram-se bruscamente com um estrondo ressonante. Arya virou-se sobre si mesma.

Um cavaleiro da Guarda Real encontrava-se sob o arco da porta, com cinco guardas dos Lannister enfileirados atrás dele. Trazia armadura completa, mas o visor estava erguido. Arya lembrava-se de seus olhos caídos e das suíças cor de ferrugem de quando estivera em Winterfell com o rei: Sor Meryn Trant. Os homens de manto vermelho usavam cota de malha sobre couro fervido e capacetes de aço decorados com leões.

– Arya Stark – disse o cavaleiro –, venha conosco, filha.

Arya mordeu o lábio, insegura.

– O que vocês querem?

– Seu pai quer vê-la.

Arya deu um passo adiante, mas Syrio Forel a segurou pelo braço.

– E por que é que Lorde Eddard enviaria homens dos Lannister em lugar dos seus? Estou curioso.

– Ponha-se no seu lugar, mestre de dança – disse Sor Meryn. – Isto não lhe diz respeito.

– Meu pai não os enviaria – Arya disse. E agarrou a espada de madeira. Os Lannister riram.

– Pouse e espada, menina – disse-lhe Sor Meryn. – Sou um Irmão Juramentado da Guarda Real, as Espadas Brancas.

– Também o Regicida o era quando matou o antigo rei – Arya lembrou. – Não tenho de ir com vocês se não quiser.

Sor Meryn Trant ficou sem paciência.

– Capturem-na – ordenou a seus homens e abaixou o visor do elmo.

Três dos homens avançaram, fazendo tilintar suavemente a cota de malha a cada passo. Arya sentiu um medo súbito. *O medo golpeia mais profundamente que as espadas*, disse a si mesma a fim de acalmar as batidas do coração.

Syrio Forel interpôs-se entre os homens e Arya, que batia levemente com a espada de madeira na bota.

– Parem aí mesmo. São homens ou cães para ameaçar uma criança?

– Saia da frente, velho – disse um dos homens de manto vermelho.

A espada de madeira de Syrio subiu assobiando e ressoou contra o elmo do homem.

– Chamo-me Syrio Forel, e vai se dirigir a mim com mais respeito.

– Maldito careca – o homem puxou a espada. A madeira voltou a movimentar-se com uma rapidez que cegava. Arya ouviu um sonoro *crac* quando a espada bateu ruidosamente no chão de pedra. – Minha *mão* – gemeu o guarda, agarrando os dedos quebrados.

– É rápido para um mestre de dança – Sor Meryn disse.

– É lento para um cavaleiro – Syrio respondeu.

– Matem o bravosiano e tragam-me a menina – ordenou o cavaleiro da armadura branca.

Quatro guardas Lannister desembainharam as espadas. O quinto, o dos dedos quebrados, cuspiu e puxou um punhal com a mão esquerda.

Syrio Forel rangeu os dentes, pondo-se em sua posição de dançarino da água, apresentando apenas o flanco ao inimigo.

– Arya, minha filha – chamou, sem olhar para ela, sem nunca tirar os olhos dos Lannister –, basta de dança por hoje. É melhor que vá embora. Corra para junto de seu pai.

Arya não queria deixá-lo, mas Syrio a ensinara a fazer o que lhe dizia.

– *Ligeira como uma corça* – sussurrou.

– Precisamente – disse Syrio Forel, enquanto os Lannister se aproximavam.

Arya recuou, com a espada de madeira bem apertada na mão. Ao vê-lo agora, compreendeu que Syrio se limitara a brincar com ela em seus duelos. Os homens de manto vermelho aproximavam-se dele por três lados, de aço nas mãos. Tinham o peito e os braços revestidos de cota de

malha, e uma malha de aço cosida às calças, mas apenas couro nas pernas. As mãos estavam nuas, e os capacetes que usavam tinham protetores para o nariz, mas não uma viseira sobre os olhos.

Syrio não esperou que o alcançassem e girou para a esquerda. Arya nunca vira alguém mover-se tão depressa. O bravosiano parou um golpe de espada com seu pedaço de madeira e rodopiou para longe de uma segunda lâmina. Desequilibrado, o segundo homem cambaleou sobre o primeiro. Syrio deu-lhe com uma bota nas costas, e os homens de vermelho caíram juntos. O terceiro guarda saltou por cima dos companheiros, dando um golpe na cabeça do dançarino de água. Syrio esquivou-se sob a lâmina e deu uma estocada de baixo para cima. O guarda caiu aos gritos, jorrando sangue do úmido buraco vermelho que se abrira onde estivera seu olho esquerdo.

Os homens que tinham caído estavam se levantando. Syrio chutou um deles na cara e arrancou o capacete de aço da cabeça do outro. O homem da adaga tentou apunhalá-lo. Syrio defendeu-se com o capacete e partiu-lhe a rótula com a espada de madeira. O último homem de vermelho gritou uma praga e avançou, brandindo a espada de cima para baixo com as duas mãos. Syrio rolou para a direita, e aquele golpe de carniceiro atingiu entre o pescoço e o ombro do homem sem capacete, que tentava se ajoelhar. A longa espada triturou cota de malha, couro e carne. O homem de joelhos guinchou. Antes que seu assassino conseguisse libertar a espada, Syrio deu-lhe uma estocada no pomo-de-adão. O guarda soltou um grito sufocado e cambaleou para trás, agarrado ao pescoço, com o rosto já enegrecendo.

Quando Arya alcançou a porta dos fundos, que dava para a cozinha, cinco homens estavam caídos, mortos ou agonizando. Ouviu Sor Meryn Trant praguejar.

– Malditos idiotas – resmungou, sacando a espada da bainha.

Syrio Forel regressou à sua posição e rangeu os dentes.

– Arya, minha filha – chamou, sem nunca olhar para ela –, vá embora agora.

*Olhe com os olhos*, dissera ele. E ela via: o cavaleiro coberto dos pés à cabeça pela armadura branca, com as pernas, garganta e mãos revestidas de metal, os olhos escondidos atrás do grande elmo branco, e aço afiado

nas mãos. Contra aquilo: Syrio, vestido de couro, com uma espada de madeira na mão.

– Syrio, *fuja* – ela gritou.

– A primeira espada de Bravos não foge – ele cantou, enquanto Sor Meryn lhe desferia um golpe. Syrio pulou para longe, fazendo da espada de madeira uma mancha indistinta. Num instante, tinha lançado golpes contra a têmpora, o cotovelo e a garganta do cavaleiro, fazendo a madeira ressoar contra elmo, manopla e gorjal. Arya não conseguia se mexer. Sor Meryn avançou; Syrio recuou. Parou o golpe seguinte, rodopiou para longe do alcance do segundo e se desviou do terceiro.

O quarto cortou a espada em dois pedaços, estilhaçando a madeira e estraçalhando-a através do núcleo de chumbo.

Aos soluços, Arya virou-se e fugiu.

Mergulhou através das cozinhas e da despensa, cega de pânico, serpenteando entre cozinheiros e aprendizes. Um ajudante de padeiro surgiu na sua frente, segurando um tabuleiro de madeira. Arya atirou-o ao chão, espalhando por todo lado cheirosos pães frescos. Ouviu gritos atrás de si enquanto rodopiava em torno de um corpulento carniceiro que ficou a olhá-la de boca aberta com um cutelo na mão. Tinha os braços vermelhos até o cotovelo.

Tudo que Syrio Forel lhe ensinara passou-lhe num instante pela cabeça. *Ligeira como uma corça. Silenciosa como uma sombra. O medo golpeia mais profundamente que as espadas. Forte como um urso. Feroz como um glutão. O medo golpeia mais profundamente que as espadas. O homem que teme perder já perdeu. O medo golpeia mais profundamente que as espadas. O medo golpeia mais profundamente que as espadas. O medo golpeia mais profundamente que as espadas.* O punho da espada de madeira estava escorregadio de suor, e Arya respirava com força quando chegou à escada da torre. Por um instante, congelou. Para cima ou para baixo? O caminho para cima levaria à ponte coberta que atravessava o pátio pequeno até a Torre da Mão, mas este seria certamente o trajeto que esperavam que seguisse. *Nunca faça o que eles esperam*, dissera Syrio uma vez. Arya desceu, numa longa espiral, saltando sobre os estreitos degraus de pedra, dois e três de cada vez. Emergiu numa cavernosa adega abobadada e viu-se rodeada por barris de cerveja empilhados até chegar a

seis metros de altura. A única luz que havia ali atravessava estreitas janelas oblíquas, abertas bem alto nas paredes.

A adega era um beco sem saída. Não havia caminho exceto aquele por onde viera. Não se atrevia a voltar e subir aqueles degraus, mas também não poderia ficar ali. Tinha de encontrar seu pai e lhe contar o que acontecera. Ele a protegeria.

Arya enfiou a espada de madeira no cinto e começou a escalar, saltando de barril em barril até conseguir alcançar uma janela. Agarrando-se à pedra com as duas mãos, subiu. A parede tinha quase um metro de espessura, e a janela era um túnel inclinado para cima e para fora. Arya torceu-se em direção à luz do dia. Quando a cabeça atingiu o nível do chão, espreitou a Torre da Mão, do outro lado da muralha.

A robusta porta de madeira pendia, lascada e partida, como se tivesse sido derrubada por machados. Um homem jazia morto nos degraus, de barriga para baixo, com a capa enrolada debaixo do corpo e as costas da cota de malha ensopadas de vermelho. Arya viu com terror que a capa do cadáver era de lã cinza, debruada de cetim branco. Não conseguia ver quem ele era.

– *Não* – sussurrou. O que estava acontecendo? Onde estava seu pai? Por que os homens de manto vermelho tinham ido buscá-la? Lembrou-se do que dissera o homem da barba amarela no dia em que encontrara os monstros. *Se uma Mão pode morrer, por que não uma segunda?* Sentiu lágrimas nos olhos. Prendeu a respiração para escutar. Ouviu sons de luta, berros, gritos, o clangor do aço batendo em aço, atravessando as janelas da Torre da Mão.

Não podia regressar. Seu pai…

Arya fechou os olhos. Durante um instante, ficou assustada demais para se mover. Tinham matado Jory, Wyl e Heward, e aquele guarda no degrau, quem quer que ele fosse. Podiam também matar seu pai, e ela, se a apanhassem.

– *O medo golpeia mais profundamente que as espadas* – disse em voz alta, mas de nada servia fingir que era uma dançarina da água; Syrio fora um dançarino da água e àquela altura era provável que o cavaleiro branco o tivesse matado, e de qualquer forma ela era apenas uma garotinha com um pedaço de madeira, sozinha e assustada.

Escalou até o pátio, olhando em volta com cuidado enquanto se punha em pé. O castelo parecia deserto. A Fortaleza Vermelha *nunca* ficava deserta. Todo mundo devia estar escondido atrás de portas trancadas. Arya deu uma espiada ansiosa à janela do seu quarto e depois afastou-se da Torre da Mão, mantendo-se junto ao muro enquanto deslizava de sombra em sombra. Fez de conta que estava à caça de gatos… exceto que agora ela era o gato, e, se fosse apanhada, a matariam.

Movimentando-se entre os edifícios e por cima de muros, mantendo-se encostada às paredes sempre que possível para que ninguém fosse capaz de surpreendê-la, Arya chegou aos estábulos quase sem incidentes. Uma dúzia de homens de manto dourado protegidos por armaduras e cota de malha passou por ela correndo, enquanto avançava com cuidado pela muralha interior, mas, como não sabia de que lado eles estavam, agachou-se nas sombras e os deixou passar.

Hullen, que fora mestre dos cavalos em Winterfell desde que Arya conseguia recordar, estava esparramado no chão junto à porta dos estábulos. Fora apunhalado tantas vezes que sua túnica parecia ter um padrão de flores escarlates. Arya tinha certeza de que ele estava morto, mas quando se aproximou seus olhos se abriram.

– Arya Debaixo dos Pés – ele sussurrou. – Tem… prevenir o… senhor seu pai… – uma espumosa saliva vermelha saiu borbulhando de sua boca. O mestre dos cavalos voltou a fechar os olhos e nada mais disse.

Lá dentro havia mais corpos: um cavalariço com quem brincara e três dos guardas da Casa de seu pai. Uma carroça, carregada de caixotes e arcas, estava abandonada perto da porta do estábulo. Os mortos a deviam estar carregando para a viagem até as docas quando foram atacados. Arya esgueirou-se para mais perto. Um dos cadáveres era Desmond, o homem que lhe mostrara a espada e prometera proteger seu pai. Jazia de costas, com os olhos cegos fixos no teto enquanto moscas caminhavam por cima deles. Um morto vestido com o manto vermelho e o elmo do leão dos Lannister estava perto dele. Mas era só um. *Cada nortenho vale tanto como dez desses soldados do sul*, dissera-lhe Desmond.

– *Mentiroso*! – Arya disse e, numa fúria súbita, deu um pontapé no corpo.

Os animais estavam inquietos nas cocheiras, relinchando e resfolegando devido ao cheiro de sangue. O único plano de Arya era selar

um cavalo e fugir, para longe do castelo e da cidade. Tudo que tinha a fazer era permanecer na Estrada do Rei, que a levaria até Winterfell. Tirou da parede um freio e arreios.

Ao passar pela parte de trás da carroça, uma arca caída chamou sua atenção. Devia ter sido atirada ao chão durante a luta, ou então caíra enquanto estava sendo carregada. A madeira quebrara-se e a tampa abrira-se, derramando o conteúdo pelo chão. Arya reconheceu sedas, cetins e veludos que nunca usava. Mas poderia precisar de roupas quentes na Estrada do Rei… e além disso…

Ajoelhou-se na terra por entre a roupa espalhada. Encontrou uma capa pesada de lã, uma saia de veludo, uma túnica de seda e alguma roupa de baixo, um vestido que sua mãe tinha bordado para ela, uma pulseira de criança em prata que poderia vender. Atirando a tampa partida para longe, apalpou dentro da arca, em busca da Agulha. Tinha-a escondido bem no fundo, debaixo de tudo, mas as coisas tinham se misturado todas quando a arca caíra. Por um momento Arya temeu que alguém tivesse encontrado e roubado a espada. Mas então seus dedos detectaram a dureza do metal sob um vestido de cetim.

– Aí está ela – sibilou uma voz, bem perto, às suas costas.

Sobressaltada, Arya rodopiou. Um cavalariço estava em pé atrás dela, com um sorriso estúpido no rosto e uma imunda túnica de baixo branca espreitando de sob um colete manchado. Tinha as botas cobertas de estrume e uma forquilha na mão.

– Quem é você? – ela perguntou.

– Ela não me conhece – ele disse –, mas eu a conheço, ah, sim. A menina-lobo.

– Ajude-me a selar um cavalo – Arya pediu, enfiando a mão na arca, procurando a Agulha às apalpadelas. – Meu pai é a Mão do Rei, ele te dará uma recompensa.

– Seu pai tá *morto* – disse o rapaz. Aproximou-se, arrastando os pés. – É a rainha que vai me dar recompensa. Vem cá, menina.

– Fica aí! – os dedos dela fecharam-se em torno do cabo da Agulha.

– Eu disse *vem* – ele agarrou seu braço com força.

Tudo que Syrio Forel lhe ensinara desapareceu num instante. Naquele momento de súbito terror, a única lição que Arya conseguiu recordar foi aquela que Jon Snow lhe dera, a primeira de todas.

Espetou nele a ponta aguçada, empurrando a lâmina para cima com uma força selvagem e histérica.

A Agulha trespassou o colete de couro e a carne branca da barriga do rapaz e saiu entre as omoplatas. Ele deixou cair a forquilha e fez um som suave, algo entre um arquejo e um suspiro. As mãos fecharam-se em torno da lâmina.

– Ah, deuses – gemeu, quando a túnica de baixo começou a ficar vermelha. – Tire-a de mim.

Quando ela puxou a espada, ele morreu.

Os cavalos relinchavam. Arya ficou em pé junto ao corpo, imóvel e assustada perante a morte. Jorrara sangue da boca do rapaz quando caíra, e mais sangue saía da incisão em sua barriga, acumulando-se num charco por baixo do corpo. Tinha as palmas das mãos cortadas onde se agarrara à lâmina. Arya recuou lentamente, com Agulha, vermelha, na mão. Tinha de sair dali, ir para algum lugar distante, para algum lugar seguro, longe dos olhos acusadores do cavalariço.

Voltou a pegar o freio e os arreios e correu para a sua égua, mas, ao erguer a sela por cima do dorso do cavalo, Arya compreendeu com um súbito terror que os portões do castelo estariam fechados. Mesmo as portas da entrada falsa provavelmente estariam guardadas. Os guardas talvez não a reconhecessem. Se pensassem que era um rapaz, talvez a deixassem… não, teriam ordens para não deixar *ninguém* sair, não importaria se a conheciam ou não.

Mas havia outra saída do castelo…

A sela escorregou dos dedos de Arya e caiu ao chão com um baque e uma nuvem de pó. Seria capaz de voltar a encontrar a sala com os monstros? Não tinha certeza, mas sabia que precisava tentar.

Encontrou as roupas que tinha reunido e enrolou-se na capa, escondendo Agulha sob as suas dobras. Atou o resto numa trouxa. Com o embrulho debaixo do braço, esgueirou-se para o fundo do estábulo. Destrancando a porta dos fundos, espreitou para fora, ansiosa. Conseguia ouvir os sons distantes de espadas e o trêmulo pranto de um homem que gritava de dor do outro lado da muralha. Teria que descer a escada em espiral, atravessar a cozinha pequena e o pátio dos porcos; fora esse o caminho que tomara da outra vez, quando perseguia o gato preto… só que isso a levaria a passar justamente em frente à caserna dos homens de

manto dourado. Não podia ir por ali. Arya tentou pensar em outro caminho. Se atravessasse o castelo até o outro lado, poderia avançar ao longo da muralha do rio e através do pequeno bosque sagrado… mas primeiro tinha de atravessar o pátio, bem à vista dos guardas nas muralhas.

Nunca vira tantos homens nas muralhas. A maioria usava manto dourado e estava armada com lanças. Alguns a conheciam de vista. Que fariam se a vissem correndo através do pátio? Vista lá de cima, ela devia parecer muito pequena; seriam eles capazes de reconhecê-la? E se importariam?

Disse a si mesma que tinha de se pôr andando *agora*, mas quando o momento chegou descobriu-se assustada demais para se mover.

*Calma como águas paradas*, sussurrou-lhe uma vozinha ao ouvido. Arya ficou tão sobressaltada que quase deixou cair a trouxa. Olhou vivamente em volta, mas não havia ninguém no estábulo além dela, dos cavalos e dos homens mortos.

*Silenciosa como uma sombra*, ouviu. Seria a sua voz ou a de Syrio? Não saberia dizer, mas de algum modo a voz acalmou-lhe os receios.

Deu um passo para fora do estábulo.

Foi a coisa mais assustadora que já fizera. Quis fugir e esconder-se, mas obrigou-se a *caminhar* através do pátio, lentamente, colocando um pé à frente do outro como se tivesse todo o tempo do mundo e nenhuma razão para temer fosse quem fosse. Pareceu-lhe que conseguia sentir os olhos deles, como bichos rastejando por sua pele sob a roupa. Nunca olhou para cima. Sabia que, se os visse, toda a coragem a abandonaria, e deixaria cair a trouxa de roupa e fugiria chorando como um bebê, e então eles a teriam nas mãos. Manteve os olhos no chão. Quando atingiu a sombra do septo real, do outro lado do pátio, estava gelada de suor, mas ninguém dera o alarme.

O septo estava aberto e vazio. Lá dentro, meia centena de velas de oração ardia num silêncio odorífero. Arya achou que os deuses nunca dariam pela falta de duas. Apagou-as, enfiou-as nas mangas e saiu por uma janela dos fundos. Esgueirar-se até a viela onde encurralara o gato zarolho foi fácil, mas depois disso se perdeu. Rastejou para dentro e para fora de janelas, saltou por cima de muros e atravessou câmaras escuras às apalpadelas, silenciosa como uma sombra. Ouviu uma mulher chorar.

Levou mais de uma hora para encontrar a janela baixa e estreita que se inclinava para a masmorra onde os monstros a esperavam.

Atirou a trouxa pela janela e voltou atrás para acender a vela. Foi um risco; a fogueira que se lembrava de ter visto tinha se reduzido a brasas, e ouviu vozes quando soprava os carvões. Pondo os dedos em taça em volta da tremeluzente vela, saiu pela janela no momento em que os donos das vozes entravam pela porta, mas não chegou a vê-los, nem mesmo de relance.

Daquela vez os monstros não a assustaram. Pareciam quase velhos amigos. Arya segurou a vela acima da cabeça. A cada passo que dava, as sombras moviam-se contra as paredes, como se se virassem para vê-la passar.

– Dragões – sussurrou. Tirou Agulha de dentro da capa. A esguia lâmina parecia muito pequena e os dragões, muito grandes, mas de alguma forma ela se sentia melhor com o aço na mão.

O longo salão sem janelas que se estendia para lá da porta era tão negro como Arya recordava. Empunhou Agulha com a mão esquerda, sua mão da espada, e a vela com a direita. Cera quente escorria-lhe pelos nós dos dedos. A boca do poço ficava do lado esquerdo; portanto, virou para a direita. Parte dela queria correr, mas tinha medo de apagar a vela. Ouviu os tênues guinchos das ratazanas e vislumbrou um par de minúsculos olhos brilhantes no limite da luz, mas ratazanas não a assustavam. Outras coisas sim. Seria tão fácil esconder-se ali, como ela se escondera do feiticeiro e do homem com a barba bifurcada. Quase conseguia ver o cavalariço em pé contra a parede, de mãos enroladas em garras, com o sangue ainda pingando dos profundos golpes nas palmas, onde Agulha as cortara. Podia estar à espera de agarrá-la quando passasse. Veria sua vela se aproximando de uma grande distância. Arya talvez ficasse melhor sem a luz…

*O medo golpeia mais profundamente que as espadas*, segredou a voz baixa dentro dela. De repente, Arya lembrou-se das criptas de Winterfell. Disse a si mesma que eram muito mais assustadoras que aquele lugar. Era apenas uma menininha quando as vira pela primeira vez. Seu irmão Robb os levara até lá embaixo, ela, Sansa e o bebê Bran, que na época não era maior que Rickon era agora. Carregavam apenas uma vela para todos, e os olhos de Bran tinham se tornado grandes como pires quando

ele olhara os rostos de pedra dos Reis do Inverno, com os lobos a seus pés e as espadas de ferro sobre as pernas.

Robb levara-os até o fundo, para lá do avô, de Brandon e de Lyanna, para lhes mostrar suas próprias sepulturas. Sansa não tirara os olhos da velinha atarracada, temendo que se apagasse. A Velha Ama dissera-lhe que ali embaixo havia aranhas e ratazanas do tamanho de cães. Robb sorrira quando ela disse aquilo. "Há coisas piores que aranhas e ratazanas", sussurrara. "É aqui que os mortos caminham." Foi então que ouviram o som, baixo, profundo e trêmulo. O pequeno Bran agarrara-se à mão de Arya.

Quando o espírito saíra da tumba aberta, branco e gemendo por sangue, Sansa fugira aos gritos para a escada, e Bran enrolara-se na perna de Robb, soluçando. Arya mantivera-se firme e dera um murro no espírito. "Seu *estúpido*", dissera-lhe, "assustou o bebê", mas Jon e Robb limitaram-se a rir, e logo Bran e Arya também começaram a rir.

A recordação a fez sorrir, e dali em diante a escuridão deixou de ocultar terrores. O cavalariço estava morto, ela o matara e, se ele saltasse sobre ela, o mataria de novo. Arya ia para casa. Tudo seria melhor quando estivesse de novo em casa, segura entre as muralhas cinzentas de granito de Winterfell.

Seus passos fizeram correr suaves ecos à frente enquanto mergulhava mais profundamente na escuridão.

# Sansa

Vieram buscar Sansa no terceiro dia.

Escolheu um vestido simples de lã cinza-escura, com um corte despretensioso, mas ricamente bordado em volta do colarinho e das mangas. Sentiu os dedos grossos e desajeitados enquanto lutava com as presilhas de prata sem a ajuda de criados. Jeyne Poole fora confinada com ela, mas Jeyne não servia para nada. Tinha o rosto inchado de tanto chorar, e não parecia ser capaz de parar de soluçar por causa do pai.

– Estou certa de que seu pai está bem – Sansa lhe disse, quando finalmente conseguiu abotoar bem o vestido. – Pedirei à rainha que a deixe vê-lo – pensou que a gentileza talvez melhorasse o estado de espírito de Jeyne, mas a moça limitou-se a olhá-la com olhos vermelhos e inchados, e pôs-se a chorar ainda mais. Era uma *criança*.

Sansa também tinha chorado, no primeiro dia. Mesmo dentro dos robustos muros da Fortaleza de Maegor, com a porta fechada e trancada, era difícil não ficar aterrorizada quando a matança começou. Crescera ao som do aço, no pátio, e dificilmente se passara um dia de sua vida em que não tivesse escutado o estrondo de espadas que se cruzavam, mas saber que a luta era real fazia toda a diferença do mundo. Ouvira esse som como nunca o tinha ouvido antes, e também outros, grunhidos de dor, pragas iradas, gritos por ajuda e os gemidos dos feridos e moribundos. Nas canções os cavaleiros nunca gritavam nem suplicavam por misericórdia.

Por isso, chorou, suplicando, através da porta, que lhe dissessem o que estava acontecendo, chamando pelo pai, pela Septã Mordane, pelo rei, por seu galante príncipe. Se os homens que a guardavam ouviram suas súplicas, não lhes deram resposta. A única vez que a porta se abriu já era tarde, naquela noite, quando atiraram Jeyne Poole para dentro do quarto, machucada e tremendo. "*Estão matando todo mundo*", choramingou a filha do intendente. E falou, e continuou a falar. Dissera que Cão de Caça

lhe derrubara a porta com um machado de guerra. Que havia corpos na escada da Torre da Mão e que os degraus estavam escorregadios de sangue. Sansa secou as lágrimas enquanto tentava confortar a amiga. Adormeceram na mesma cama, aninhadas nos braços uma da outra, como irmãs.

O segundo dia foi ainda pior. O quarto em que Sansa foi confinada ficava no topo da torre mais alta do castelo de Maegor. Da janela podia ver que a pesada porta levadiça do portão estava descida e que a ponte levadiça estava içada sobre o profundo fosso seco que separava a fortaleza-dentro-de-uma-fortaleza do castelo maior que a rodeava. Guardas dos Lannister percorriam as muralhas armados de lanças e atiradeiras. A luta tinha terminado, e um silêncio de túmulo caíra sobre a Fortaleza Vermelha. Os únicos sons que se ouviam eram os intermináveis choros e soluços de Jeyne Poole.

Eram alimentadas – queijo duro, pão fresco e leite no café da manhã, galinha assada e verduras ao meio-dia e uma ceia com carne de vaca e cevada –, mas os criados que traziam as refeições não respondiam às perguntas de Sansa. Naquela noite, algumas mulheres trouxeram-lhe roupas da Torre da Mão, e também algumas das coisas de Jeyne, mas pareciam quase tão assustadas quanto Jeyne, e quando Sansa tentou falar com elas, fugiram como se ela tivesse a praga cinzenta. Os guardas, lá fora, continuavam se recusando a deixá-la sair do quarto.

– Por favor, preciso falar de novo com a rainha – Sansa lhes disse, tal como o dissera a todas as pessoas que vira naquele dia. – Ela vai querer falar comigo, eu sei que vai. Diga-lhe que desejo vê-la, por favor. Se não a rainha, então o Príncipe Joffrey, por obséquio. Deveremos nos casar quando formos mais velhos.

Ao pôr do sol do segundo dia um grande sino começou a repicar. Tinha um tom profundo e sonoro, e o longo e lento repique encheu Sansa com uma sensação de pavor. O toque soou e ressoou, e ao fim de algum tempo ouviram outros sinos que respondiam do Grande Septo de Baelor, na Colina de Visenya. O som retumbou pela cidade como um trovão, avisando que a tempestade se aproximava.

– O que está acontecendo? – perguntou Jeyne, cobrindo os ouvidos. – Por que os sinos estão tocando?

– O rei está morto – Sansa não poderia dizer como sabia aquilo, mas sabia. O lento repique, que parecia não ter fim, enchia o quarto, tão pesaroso como uma poesia fúnebre. Teria algum inimigo assaltado o castelo e matado o Rei Robert? Seria este o significado da luta que tinham ouvido?

Foi dormir curiosa, inquieta e com medo. Seu belo Joffrey agora seria rei? Ou talvez estivesse morto também? Sentia medo por ele e pelo pai. Se ao menos lhe dissessem o que estava acontecendo…

Naquela noite, Sansa sonhou com Joffrey no trono, com ela sentada ao seu lado num vestido de ouro trançado. Tinha uma coroa na cabeça, e todas as pessoas que conhecera tinham vindo à sua presença, para se ajoelhar e proferir suas cortesias.

Na manhã seguinte, do terceiro dia, Sor Boros Blount, da Guarda Real, veio escoltá-la até a presença da rainha.

Sor Boros era um homem feio, com peito largo e pernas curtas e arqueadas. Tinha nariz achatado, bochechas caídas, cabelos grisalhos e quebradiços. Naquele dia trajava veludo branco, e sua capa nevada estava presa com um broche em forma de leão. O animal possuía o brilho suave do ouro, e seus olhos eram minúsculos rubis.

– O senhor está muito garboso e magnífico hoje, Sor Boros – Sansa lhe disse.

Uma senhora lembrava-se da boa educação, e ela estava decidida a ser uma senhora, acontecesse o que acontecesse.

– A senhora também – disse Sor Boros numa voz sem expressão. – Sua Graça a espera. Venha comigo.

Havia guardas à sua porta, homens de armas Lannister com capas carmesins e elmos decorados com leões. Sansa forçou-se a sorrir-lhes agradavelmente e desejou-lhes um bom-dia ao passar. Era a primeira vez que era autorizada a sair do aposento desde que Sor Arys Oakheart lá a deixara, duas manhãs antes. “Para mantê-la em segurança, minha querida”, dissera-lhe a Rainha Cersei. “Joffrey nunca me perdoaria se alguma coisa acontecesse à sua preciosa dama.”

Sansa esperava que Sor Boros a escoltasse aos aposentos reais, mas, em vez disso, a levou para fora do castelo de Maegor. A ponte estava de novo abaixada. Um grupo de trabalhadores içava um homem preso com cordas para dentro do fosso seco. Quando Sansa espreitou, viu um corpo

empalado nas enormes hastes de ferro, lá embaixo. Desviou o olhar rapidamente, com medo de perguntar, com medo de olhar por muito tempo, com medo de que pudesse ser alguém que conhecia.

Foram encontrar a Rainha Cersei na câmara do conselho, sentada à cabeceira de uma longa mesa apinhada de papéis, velas e blocos de cera para selos. A sala era mais magnífica que qualquer outra que Sansa tivesse visto. Fitou, maravilhada, o painel de madeira entalhada e as esfinges gêmeas sentadas ao lado da porta.

– Vossa Graça – disse Sor Boros quando foram introduzidos na sala por outro membro da Guarda Real, Sor Mandon, com a sua curiosa cara morta. – Trouxe a jovem.

Sansa tivera esperança de que Joffrey estivesse com a mãe. Seu príncipe não se encontrava ali, mas três dos conselheiros do rei, sim. Lorde Petyr Baelish sentava-se à esquerda da rainha, o Grande Meistre Pycelle ao fundo da mesa, enquanto Lorde Varys pairava sobre eles, cheirando a flores. Todos trajavam preto, Sansa viu com uma sensação de pavor. Roupas de luto…

A rainha trazia um vestido de seda negra de colarinho alto, com uma centena de rubis vermelhos escuros bordados no corpete, cobrindo-a do pescoço até os seios. Tinham sido cortados em forma de lágrimas, como se a rainha estivesse chorando sangue. Cersei sorriu ao vê-la, e Sansa pensou que aquele era o sorriso mais doce e triste que jamais vira.

– Sansa, minha querida filha – disse –, sei que tem perguntado por mim. Lamento não ter podido mandar chamá-la mais cedo. As coisas têm estado muito agitadas, e não tive um momento livre. Espero que meu pessoal tenha tratado bem de você.

– Foram todos muito bons e agradáveis, Vossa Graça, muito agradecida pelo cuidado – Sansa disse polidamente. – Só que, bem, ninguém quer falar conosco ou nos contar o que aconteceu…

– Conosco? – Cersei parecia confusa.

– Ela está com a filha do intendente – disse Sor Boros. – Não sabíamos o que fazer com ela.

A rainha franziu as sobrancelhas.

– Da próxima vez, pergunte – sua voz soou dura. – Só os deuses sabem com que tipo de histórias ela tem enchido a cabeça de Sansa.

– Jeyne está assustada – Sansa disse logo. – Não para de chorar. Prometi-lhe que perguntaria se pode ver o pai.

O velho Grande Meistre Pycelle baixou os olhos.

– O pai dela está bem, não está? – Sansa perguntou ansiosamente. Sabia que tinha havido luta, mas certamente ninguém faria mal a um intendente. Vayon Poole nem sequer usava uma espada.

A rainha Cersei olhou para os conselheiros, um de cada vez.

– Não quero que Sansa se aflija sem necessidade. Que faremos com esta sua amiguinha, senhores?

Lorde Petyr inclinou-se para a frente.

– Encontrarei um lugar para ela.

– Na cidade, não – a rainha se exaltou.

– Toma-me por um tolo?

A rainha ignorou aquilo.

– Sor Boros, escolte essa moça até os aposentos de Lorde Petyr e instrua seu pessoal para mantê-la lá até que ele vá buscá-la. Diga-lhe que Mindinho a levará para ver o pai, isso deve acalmá-la. Quero-a longe quando Sansa regressar ao seu quarto.

– Às vossas ordens, Vossa Graça – disse Sor Boros. Fez uma reverência profunda, rodou nos calcanhares e retirou-se, com a longa capa agitando o ar atrás dele.

Sansa estava confusa.

– Não compreendo – disse. – Onde está o pai de Jeyne? Por que Sor Boros não pode levá-la até ele, em vez de ter de ser Lorde Petyr a fazê-lo? – tinha prometido a si mesma que seria uma senhora, tão gentil como a rainha e tão forte como a mãe, a Senhora Catelyn, mas de repente sentiu-se novamente assustada. Por um segundo pensou que ia chorar. – Para onde a enviará? Ela não fez nada de mal, é uma boa moça.

– Ela perturbou você – a rainha disse gentilmente. – Não pode ser. Agora nem mais uma palavra. Lorde Baelish se assegurará de que cuidarão de Jeyne, prometo – bateu com a mão na cadeira ao seu lado. – Sente-se, Sansa. Quero falar com você.

Sansa sentou-se ao lado da rainha. Cersei voltou a sorrir, mas isso não a fez sentir-se menos ansiosa. Varys apertava as mãos suaves, o Grande Meistre Pycelle mantinha os olhos ensonados nos papéis que tinha à sua frente, mas conseguia sentir que Mindinho a olhava fixamente. Algo na

maneira como o pequeno homem a olhava fazia Sansa sentir-se como se estivesse despida. Sua pele arrepiou-se.

– Querida Sansa – disse a Rainha Cersei, pousando a mão suave no seu pulso. – Uma criança tão bela. Espero que saiba como Joffrey e eu gostamos de você.

– *Gostam*? – disse Sansa, sem fôlego. Mindinho fora esquecido. Seu príncipe a amava. Nada mais importava.

A rainha sorriu.

– Penso em você quase como minha filha. E sei do amor que tem por Joffrey – balançou a cabeça com ar fatigado. – Temo que tenhamos notícias graves a respeito do senhor seu pai. É preciso ter coragem, filha.

As palavras calmas da rainha provocaram um arrepio em Sansa.

– O que é?

– Seu pai é um traidor, querida – disse Lorde Varys.

O Grande Meistre Pycelle ergueu sua cabeça antiga.

– Com meus próprios ouvidos escutei Lorde Eddard jurar ao nosso amado Rei Robert que protegeria os jovens príncipes como se fossem seus filhos. E, no entanto, no momento em que o rei morreu, convocou o pequeno conselho a fim de roubar do Príncipe Joffrey o trono que lhe pertence por direito.

– Não – Sansa exclamou. – Ele não faria isso. Não *faria*!

A rainha pegou uma carta. O papel estava rasgado e tinha sido endurecido por sangue seco, mas o selo quebrado era do seu pai, o lobo gigante timbrado em cera clara.

– Encontramos isto com o capitão da guarda de sua Casa, Sansa. É uma carta para o irmão de meu falecido marido, Stannis, convidando-o a ocupar o trono.

– Por favor, Vossa Graça, houve algum erro – um pânico súbito a deixou tonta e fraca. – Por favor, mande buscar meu pai, ele contará, ele nunca escreveria uma carta assim, o rei era seu amigo.

– Robert pensava que sim – a rainha disse. – Essa traição teria partido seu coração. Os deuses foram bondosos por o terem levado antes que assistisse a ela – suspirou. – Sansa, querida, você deve compreender a posição terrível em que isso nos deixa. Você é inocente de todo o mal, todos sabemos, mas é filha de um traidor. Como poderei permitir que se case com meu filho?

– Mas eu o *amo* – Sansa lamentou-se, confusa e assustada. Que planejavam fazer a ela? Que tinham feito a seu pai? Não devia ser assim. Tinha de se casar com Joffrey, estavam noivos, ele lhe tinha sido prometido, ela até tinha sonhado com o casamento. Não era justo que o roubassem dela por causa do que quer que seu pai tivesse feito.

– E eu sei disso muito bem, filha – disse Cersei, com a voz muito bondosa e doce. – Por que motivo teria vindo me contar os planos de seu pai para enviá-la para longe de nós, se não fosse por amor?

– *Foi* por amor – Sansa respondeu apressadamente. – Meu pai nem me queria dar licença para dizer adeus – ela era a boa moça, a moça obediente, mas naquela manhã sentira-se tão má como Arya, esgueirando-se para longe de Septã Mordane, desafiando o senhor seu pai. Nunca antes fizera algo tão voluntarioso, e nunca teria feito aquilo se não amasse tanto Joffrey. – Ele ia me levar de volta para Winterfell e casar-me com um cavaleiro de baixa categoria qualquer, mesmo sabendo que é Joffrey quem eu quero. Eu lhe disse, mas ele não quis ouvir – o rei era a sua última esperança. O rei podia *ordenar* ao pai que a deixasse ficar em Porto Real e casar com o Príncipe Joffrey, Sansa sabia que ele podia fazê-lo, mas o rei sempre a assustara. Era barulhento, tinha uma voz rude, estava mais vezes bêbado que sóbrio e provavelmente a teria enviado de volta a Lorde Eddard, mesmo que a deixassem falar com ele. Portanto, fora até a rainha e abrira-lhe o coração, e Cersei escutara e agradecera-lhe amavelmente… só que depois Sor Arys escoltara-a para o quarto no topo do castelo de Maegor e colocara os guardas, e algumas horas mais tarde tinha começado a luta lá fora. – Por favor – terminou –, a senhora *tem* de me deixar casar com Joffrey, serei a melhor esposa que ele poderá ter, verá. Serei uma rainha tal como a senhora, prometo.

A Rainha Cersei olhou para os outros.

– Senhores do conselho, que dizem à súplica dela?

– Pobre criança – murmurou Varys. – Um amor tão verdadeiro e inocente, Vossa Graça, seria cruel negar-lhe… e, no entanto, que podemos fazer? O pai está condenado – suas mãos suaves esfregaram-se uma à outra num gesto de impotente aflição.

– Uma criança nascida da semente de um traidor achará que a traição lhe é natural – disse o Grande Meistre Pycelle. – Agora ela é uma doçura, mas, dentro de dez anos, quem sabe que traições poderá maquinar?

– *Não* – Sansa disse, horrorizada. – Não sou, nunca… não trairia Joffrey, eu o amo, juro, eu o amo.

– Ah, tão pungente – disse Varys. – E, no entanto, diz-se deveras que o sangue é mais fiel que os juramentos.

– Ela lembra-me a mãe, não o pai – disse em voz baixa Lorde Petyr Baelish. – Olhe-a. Os cabelos, os olhos. É a perfeita imagem de Cat na mesma idade.

A rainha a olhou, perturbada, e no entanto Sansa conseguia ver bondade nos olhos verde-claros.

– Filha – disse –, se eu pudesse realmente acreditar que não é como seu pai, ora, nada me daria maior prazer do que vê-la casada com meu Joffrey. Sei que ele a ama de todo o coração – suspirou. – No entanto, temo que Lorde Varys e o Grande Meistre tenham razão. O sangue dirá. Basta-me recordar como sua irmã atiçou o lobo dela ao meu filho.

– Não sou como Arya – exclamou Sansa. – Ela tem o sangue do traidor, eu não. Eu sou *boa*, pergunte à Septã Mordane, ela lhes dirá, eu só desejo ser a esposa leal e dedicada de Joffrey.

Sentiu o peso dos olhos de Cersei quando a rainha estudou seu rosto.

– Acredito que fale a sério, filha – virou-se para os outros. – Meus senhores, parece-me que se o resto de sua família permanecer leal nestes tempos terríveis, isso muito contribuiria para aquietar nossos receios.

Grande Meistre Pycelle afagou a comprida barba, com os pensamentos abrindo sulcos na larga testa.

– Lorde Eddard tem três filhos.

– Meros rapazes – disse Lorde Petyr com um encolher de ombros. – Eu me preocuparia mais com Catelyn e com os Tully.

A rainha tomou a mão de Sansa nas suas.

– Filha, conhece as letras?

Sansa confirmou nervosamente com a cabeça. Sabia ler e escrever melhor que qualquer um dos irmãos, apesar de ser um desastre nas somas.

– Agrada-me ouvir isso. Talvez ainda haja esperança para você e para Joffrey…

– Que quer que eu faça?

– Deve escrever à senhora sua mãe e ao seu irmão, o mais velho… como ele se chama?

– Robb – Sansa repondeu.

– A notícia da traição do senhor seu pai logo chegará a eles. É melhor que seja você a dá-la. Deve contar-lhes como Lorde Eddard traiu seu rei.

Sansa desejava desesperadamente Joffrey, mas não lhe parecia que tivesse coragem para fazer o que a rainha pedia.

– Mas ele nunca… eu não… Vossa Graça, eu não saberia o que dizer…

A rainha deu-lhe palmadinhas na mão.

– Nós lhe diremos o que deve escrever, filha. O mais importante é que peça à Senhora Catelyn e ao seu irmão para manterem a paz do rei.

– Será duro para eles se assim não fizerem – disse o Grande Meistre Pycelle. – Pelo amor que tem a eles, deve insistir para que percorram o caminho da sabedoria.

– A senhora sua mãe temerá terrivelmente por você, sem dúvida – disse a rainha. – Deve dizer-lhe que está bem e aos nossos cuidados, que a estamos tratando bem e satisfazendo todos os seus desejos. Peça-lhes para vir a Porto Real jurar lealdade a Joffrey quando ele ocupar o trono. Se o fizerem… ora, então saberemos que seu sangue não tem mácula, e quando sua feminilidade desabrochar, casará com o rei no Grande Septo de Baelor, perante os olhos dos deuses e dos homens.

*… casar com o rei…* Aquelas palavras aceleraram sua respiração, mas Sansa ainda hesitava.

– Talvez… se eu pudesse ver meu pai, falar com ele sobre…

– Traição? – sugeriu Lorde Varys.

– Você me decepciona, Sansa – disse a rainha, com olhos que tinham se tornado duros como pedra. – Falamos a você dos crimes de seu pai. Se fosse realmente tão leal como diz, por que iria querer vê-lo?

– Eu… eu só quis dizer… – Sansa sentiu que os olhos se umedeciam. – Ele não… por favor, ele não foi… ferido, ou… ou…

– Lorde Eddard não foi ferido – a rainha respondeu.

– Mas… o que vai lhe acontecer?

– Isso cabe ao rei decidir – anunciou solenemente o Grande Meistre Pycelle.

O *rei*! Sansa estancou as lágrimas, piscando. Joffrey agora era o rei, pensou. Seu galante príncipe nunca faria mal a seu pai, independentemente do que ele tivesse feito. Se lhe suplicasse por misericórdia, estava certa de que a escutaria. *Tinha* de escutá-la, amava-

a, até a rainha confirmara. Joff teria de punir o pai, era algo que os senhores esperariam, mas talvez pudesse mandá-lo de volta para Winterfell, ou exilá-lo para uma das Cidades Livres para lá do mar estreito. Só teria de ser durante alguns anos. Depois, ela e Joffrey estariam casados. Uma vez rainha, ela poderia convencer Joff a trazer o pai de volta e a conceder-lhe o perdão.

Só que… se sua mãe ou Robb fizessem algo de traiçoeiro, se convocassem os vassalos ou se recusassem a jurar fidelidade ou *qualquer coisa*, tudo estaria acabado. Seu Joffrey era bom e amável, disso estava certa, mas um rei tinha de ser severo com rebeldes. Tinha de fazer com que compreendessem, *tinha* de fazê-lo!

– Eu… eu escrevo as cartas – Sansa disse a todos.

Com um sorriso quente como um nascer do sol, Cersei Lannister inclinou-se e beijou-a suavemente na bochecha.

– Eu sabia que faria. Joffrey ficará todo orgulhoso quando lhe falar da coragem e do bom-senso que mostrou aqui hoje.

Acabou por escrever quatro cartas. Para a mãe, a Senhora Catelyn Stark, para os irmãos em Winterfell e também para a tia e para o avô, a Senhora Lysa Arryn do Ninho da Águia e o Lorde Hoster Tully de Correrrio. Quando acabou, tinha os dedos rígidos, com cãibras e manchados de tinta. Varys tinha consigo o selo do seu pai. Aqueceu a cera branca numa vela, despejou-a com cuidado e ficou observando enquanto o eunuco selava as cartas com o lobo gigante da Casa Stark.

Jeyne Poole e todas as suas coisas tinham desaparecido quando Sor Mandon Moore levou Sansa à grande torre do castelo de Maegor. Não haveria mais choros, pensou, grata. Mas de alguma forma o quarto parecia mais frio sem Jeyne lá, mesmo depois de ter acendido um fogo. Puxou uma cadeira para perto da lareira, pegou um de seus livros preferidos e perdeu-se nas histórias de Florian e Jonquil, da Senhora Sheila e do Cavaleiro do Arco-Íris, do valente Príncipe Aemon e de seu amor sem esperança pela rainha do irmão.

Foi só mais tarde naquela noite, enquanto deslizava para o sono, que Sansa percebeu que se esquecera de perguntar pela irmã...

# Jon

—Othor – anunciou Sor Jaremy Rykker –, sem dúvida alguma. E este era Jafer Flowers – virou o cadáver com a bota, e o pálido rosto morto fitou o céu encoberto com olhos muito azuis. – Eram ambos homens de Ben Stark.

*Homens do meu tio*, pensou Jon, aturdido. Lembrava-se de como pedira para ir com eles. *Deuses, era um rapazinho tão verde. Se me tivesse levado, podia ser eu a jazer aqui…*

O pulso direito de Jafer terminava numa ruína de carne rasgada e osso estilhaçado deixada pelos maxilares de Fantasma. A mão direita flutuava num frasco de vinagre na torre de Meistre Aemon. A esquerda, ainda agarrada à extremidade do braço, era tão negra como seu manto.

– Que os deuses tenham misericórdia – murmurou o Velho Urso. Desceu de seu pequeno cavalo, entregando as rédeas a Jon. A manhã estava anormalmente quente; gotas de suor salpicavam a larga testa do Senhor Comandante como orvalho num melão. Seu cavalo estava nervoso, rolando os olhos, afastando-se dos mortos o mais que a rédea permitia. Jon o levou alguns passos para trás, lutando para evitar que fugisse. Os cavalos não gostavam daquele lugar. Na verdade, Jon também não.

Os cães eram os que gostavam menos. Fantasma levara o grupo até ali; a matilha de cães de caça mostrara-se inútil. Quando Bass, o mestre dos canis, tentou fazer com que sentissem o cheiro da mão cortada, tinham enlouquecido, uivando e ladrando, lutando para escapar. Mesmo agora, ora rosnavam ora ganiam, puxando as correias enquanto Chett os amaldiçoava, chamando-os de covardes.

*É só uma floresta*, disse Jon a si mesmo, *e eles são só cadáveres*. Já vira cadáveres antes…

Na noite anterior, tivera de novo o sonho de Winterfell. Vagueava pelo castelo vazio, à procura do pai, descendo até as criptas. Só que dessa vez

o sonho tinha ido mais longe do que nas anteriores. Na escuridão, ele ouviu o raspar de pedra em pedra. Quando se virou, viu que os jazigos estavam se abrindo, um após o outro. Quando os reis mortos começaram a sair, aos tropeções, de suas sepulturas frias e negras, Jon acordou numa escuridão de breu, com o coração batendo fortemente no peito. Nem quando Fantasma saltou para a cama e lhe encostou o focinho no rosto conseguiu afastar aquele profundo sentimento de horror. Não se atreveu a dormir novamente. Em vez disso, subiu à Muralha e caminhou, inquieto, até ver a luz da alvorada surgir no leste. *Foi só um sonho. Sou agora um irmão da Patrulha da Noite, não um rapaz assustado.*

Samwell Tarly encolhia-se sob as árvores, meio escondido atrás dos cavalos. Seu rosto gordo e redondo estava da cor de leite coalhado. Ainda não tinha cambaleado até a floresta para vomitar, mas também não olhara para os mortos, nem de relance.

– Não posso olhar – sussurrou com ar infeliz.

– Tem de olhar – disse-lhe Jon, mantendo a voz baixa para que os outros não o ouvissem. – Meistre Aemon o enviou para lhe servir de olhos, não foi? De que servem os olhos se estiverem fechados?

– Sim, mas… sou tão covarde, Jon.

Jon pousou a mão no ombro de Sam.

– Temos conosco uma dúzia de patrulheiros, os cães, e até Fantasma. Ninguém te fará mal, Sam. Vá e olhe. A primeira olhadela é a mais difícil.

Sam fez um aceno trêmulo, tentando ganhar coragem com um esforço visível. Lentamente girou a cabeça. Os olhos abriram-se muito, mas Jon segurou seu braço para que não pudesse se virar.

– Sor Jaremy – perguntou bruscamente o Velho Urso –, Ben Stark tinha consigo seis homens quando se afastou da Muralha. Onde estão os outros?

Sor Jaremy balançou a cabeça.

– Bem gostaria de saber.

Ficou evidente que a resposta não agradou a Mormont.

– Dois de nossos irmãos assassinados quase à vista da Muralha, e no entanto seus patrulheiros não ouviram nem viram nada. Foi a isso que a Patrulha da Noite se reduziu? Ainda varremos estes bosques?

– Sim, senhor, mas…

– Ainda montamos vigias?

– Montamos, mas…

– Este homem tem um corno de caça – Mormont apontou para Othor. – Deverei supor que ele morreu sem o fazer soar? Ou será que seus patrulheiros não só ficaram todos cegos, mas também surdos?

Sor Jaremy eriçou-se e seu rosto ficou tenso de ira.

– Não foi soprado nenhum corno, senhor, caso contrário, meus patrulheiros teriam ouvido. Não tenho homens suficientes para montar tantas patrulhas como gostaria… e desde que Benjen se perdeu, temos permanecido mais perto da Muralha do que costumávamos ficar, por ordem sua.

O Velho Urso soltou um grunhido.

– Sim. Bom. Seja como quiser – fez um gesto impaciente. – Diga-me como eles morreram.

Agachando-se ao lado do homem que se chamava Jafer Flowers, Sor Jaremy o agarrou pelos cabelos, que se quebraram entre os dedos como palha. O cavaleiro praguejou e bateu-lhe no rosto com o pulso. Um grande golpe abriu-se na parte lateral do pescoço do cadáver, como uma boca coberta por uma crosta de sangue seco. Só alguns tendões brancos ainda prendiam a cabeça ao pescoço.

– Isso foi feito com um machado.

– Sim – murmurou Dywen, o velho lenhador. – Talvez o machado que Othor levava, senhor.

Jon sentia o café da manhã revirando no estômago, mas apertou os lábios e obrigou-se a olhar para o segundo corpo. Othor era um homem grande e feio, e transformara-se num cadáver grande e feio também. Não se via nenhum machado. Jon lembrava-se de Othor; era um dos que berravam a canção obscena quando os patrulheiros partiram. Seus dias de cantor tinham terminado. A pele empalidecera até se tornar branca como leite em todo o corpo, menos nas mãos, que estavam negras, como as de Jafer. Gotas de sangue gretado decoravam as feridas fatais que o cobriam como num ataque de brotoeja, no peito, nas virilhas e na garganta. Mas os olhos ainda estavam abertos. Fixos no céu, azuis como safiras.

Sor Jaremy pôs-se em pé.

– Os selvagens também têm machados.

Sor Mormont curvou-se para ele.

– Acredita então que isto foi obra de Mance Rayder? Tão perto da Muralha?

– Quem mais poderia ser, senhor?

Jon podia ter lhe dito. Sabia, todos eles sabiam; mas nenhum deles queria proferir as palavras. *Os Outros são só uma história, uma fábula para assustar as crianças. Se alguma vez viveram de fato, desapareceram há oito mil anos*. Só de pensar nessa hipótese, sentiu-se tolo; era agora um homem-feito, um irmão negro da Patrulha da Noite, não o rapaz que outrora se sentou aos pés da Velha Ama com Bran, Robb e Arya.

Mas o Senhor Comandante Mormont bufou.

– Se Ben Stark tivesse sido atacado por selvagens a meio dia de viagem de Castelo Negro, teria regressado em busca de mais homens, teria perseguido os assassinos até os sete infernos e teria me trazido suas cabeças.

– A não ser que também tenha sido morto.

As palavras machucaram, mesmo naquela altura. Passara-se tanto tempo que parecia loucura agarrar-se à esperança de que Ben Stark ainda estivesse vivo, mas se havia algo a dizer sobre Jon Snow, era como era teimoso.

– Já se passou quase meio ano desde que Benjen nos deixou, senhor – prosseguiu Sor Jaremy. – A floresta é vasta. Os selvagens podem ter caído sobre ele em qualquer lugar. Aposto que estes dois foram os últimos sobreviventes do grupo e retornavam… mas o inimigo os apanhou antes que pudessem atingir a segurança da Muralha. Os cadáveres ainda estão frescos, estes homens não podem estar mortos há mais de um dia…

– *Não* – Samwell Tarly protestou.

Jon sobressaltou-se. A voz nervosa e aguda de Sam era a última coisa que esperava ouvir. O rapaz gordo sentia-se atemorizado pelos oficiais, e Sor Jaremy não era conhecido por sua paciência.

– Não lhe pedi opinião, rapaz – Rykker disse friamente.

– Deixe-o falar, senhor – exclamou Jon.

Os olhos de Mormont saltitaram de Sam para Jon e de volta a Sam.

– Se o moço tem alguma coisa a dizer, quero ouvi-lo. Aproxime-se, rapaz. Não conseguimos vê-lo aí atrás dos cavalos.

Sam passou por Jon e pelos pequenos cavalos, suando profusamente.

– Senhor, não… não pode ser um dia, ou… olhe… o sangue…

– Sim? – Mormont resmungou impacientemente. – Que tem o sangue?

– Ele suja a roupa de baixo ao vê-lo – gritou Chett, e os patrulheiros riram.

Sam limpou o suor da testa.

– Vocês… vocês podem ver o lugar onde Fantasma… o lobo gigante de Jon… podem ver onde ele arrancou a mão daquele homem, e no entanto… o toco não sangrou… olhem… – sacudiu uma mão. – Meu pai… L-lorde Randyll, ele, ele me obrigava às vezes a assistir enquanto esquartejava animais, quando… depois… – Sam balançou a cabeça de um lado para o outro, fazendo tremer o duplo queixo. Agora que olhara para os cadáveres, não parecia ser capaz de afastar os olhos. – Em uma morte recente… o sangue ainda fluiria, senhores. Mais tarde… mais tarde estaria coagulado, como uma… uma geleia, espesso e… e… – parecia estar prestes a vomitar. – Este homem… olhe para o pulso, está todo… em *crosta*… seco… como…

Jon compreendeu de imediato o que Sam queria dizer. Via as veias rasgadas no pulso do morto, vermes de ferro na carne clara. O sangue era um pó negro. Mas Jaremy Rykker não estava convencido.

– Se eles estivessem mortos há muito mais de um dia, estariam agora decompostos, rapaz. Nem sequer cheiram.

Dywen, o velho e deformado lenhador que gostava de se vangloriar de ser capaz de cheirar a neve chegando, aproximou-se dos cadáveres e farejou.

– Bom, não são nenhuns amores-perfeitos, mas… o senhor tem razão. Não há fedor de cadáver.

– Eles… eles não estão apodrecendo – Sam apontou, com o gordo dedo tremendo só um pouco. – Olhe, não há… não há larvas, nem… nem… vermes, nem nada… têm estado aqui na floresta, mas não… não foram mordidos nem comidos por animais… só Fantasma… fora isso, estão… estão…

– Intocados – disse Jon em voz baixa. – E Fantasma é diferente. Os cães e os cavalos não se aproximam deles.

Os patrulheiros trocaram olhares; viam que era verdade, todos eles. Mormont franziu as sobrancelhas, olhando de relance para os cadáveres e

os cães.

– Chett, traga os cães para mais perto.

Chett tentou, praguejando, puxando-os pelas correias, dando um pontapé em um deles. A maioria dos cães limitou-se a ganir e fincar as patas no chão. Então ele tentou arrastar um só. A cadela resistiu, rosnando e contorcendo-se como que para se libertar da coleira. Por fim, o atacou. Chett largou a correia e tropeçou para trás. O cão saltou por cima dele e desapareceu por entre as árvores.

– Isto… isto está tudo errado – disse Sam Tarly, muito sério. – O sangue… há manchas de sangue nas roupas e… e na pele, secas e duras, mas… não há nenhuma no chão, ou… em lado nenhum. Com aquelas… aquelas… aquelas… – Sam obrigou-se a engolir e inspirou profundamente. – Com aquelas *feridas*… terríveis feridas… deveria haver sangue por todo lado. Não deveria?

Dywen chupou os dentes de madeira.

– Pode ser que não tenham morrido aqui. Pode ser que alguém os tenha trazido e deixado para nós. Como um aviso – o velho lenhador espreitou para baixo com ar de suspeita. – E pode ser que eu esteja doido, mas não me lembro de Othor ter olhos azuis.

Sor Jaremy pareceu surpreso.

– Nem Flowers – exclamou, virando-se para fitar o morto.

O silêncio caiu na floresta. Por um momento, tudo que ouviram foi a respiração pesada de Sam e o som úmido de Dywen chupando os dentes. Jon acocorou-se ao lado de Fantasma.

– *Queime-os* – sussurrou alguém. Um dos patrulheiros; Jon não saberia dizer qual. – Sim, queime-os – insistiu uma segunda voz.

O Velho Urso balançou teimosamente a cabeça.

– Ainda não. Quero que Meistre Aemon os examine. Vamos levá-los de volta para a Muralha.

Há ordens que são dadas mais facilmente do que obedecidas. Enrolaram os mortos em mantos, mas quando Hake e Dywen tentaram atar um deles a um cavalo, o animal enlouqueceu, berrando e empinando-se, escoiceando, chegando a morder Ketter quando este correu para ajudar. Os patrulheiros não tiveram melhor sorte com os outros cavalos; nem o mais plácido dentre eles queria ter algo a ver com aqueles fardos. Por fim, foram forçados a quebrar galhos e improvisar trenós para levar

os cadáveres a pé. O meio-dia já passara havia muito quando se puseram a caminho.

– Quero que sejam feitas buscas nesta floresta – ordenou Mormont a Sor Jaremy ao partir. – Em todas as árvores, em todas as rochas, em todos os arbustos e em todos os metros de terreno lamacento num raio de dez léguas. Use todos os homens que tiver, e se não forem suficientes, peça caçadores e lenhadores aos intendentes. Se Ben e os outros estiverem aqui, mortos ou vivos, quero que sejam encontrados. E se houver alguém *mais* nestes bosques, quero ficar sabendo. Devem persegui-los e capturá-los, vivos, se possível. Compreendido?

– Sim, senhor – Sor Jaremy respondeu. – Assim será feito.

Depois disso, Mormont cavalgou em silêncio, refletindo. Jon seguia logo atrás dele; como intendente do Senhor Comandante, era este o seu lugar. O dia estava cinzento, úmido, encoberto, um daqueles dias que o fazia desejar a chuva. Nenhum vento agitava os bosques; o ar pairava úmido e pesado, e a roupa de Jon aderia-lhe à pele. Estava morno. Morno demais. A Muralha gotejava copiosamente, havia dias, e por vezes Jon até imaginava que estava encolhendo.

Os velhos chamavam àquele tempo o *verão dos espíritos*, e diziam que significava que a estação estava enfim despedindo-se de seus fantasmas. Depois viria o frio, preveniam, e um longo verão significava sempre um longo inverno. Aquele verão tinha durado dez anos. Jon era bebê de colo quando começara.

Fantasma correu ao lado deles durante algum tempo e depois desapareceu por entre as árvores. Sem o lobo gigante, Jon sentiu-se quase nu. Deu por si olhando para cada sombra com desconforto. Involuntariamente, pôs-se a recordar as histórias que a Velha Ama costumava contar quando era pequeno em Winterfell. Quase conseguia ouvir de novo sua voz, e o *clic-clic-clic* de suas agulhas. *Naquela escuridão, os Outros atacaram*, costumava dizer, com a voz cada vez mais baixa. *Eram frios e estavam mortos, e odiavam o ferro, e o fogo, e o toque do sol, e todas as criaturas vivas que possuíssem sangue quente nas veias. Os castelos, as cidades e os reinos dos homens caíram perante eles à medida que iam se deslocando para o sul sobre pálidos cavalos mortos, à frente de hostes de cadáveres. Alimentavam os criados mortos com carne de crianças humanas…*

Quando viu o primeiro sinal da Muralha pairar acima da copa de um antigo carvalho nodoso, Jon sentiu-se muito aliviado. Mormont puxou subitamente as rédeas do cavalo e virou-se na sela.

– Tarly – bradou –, venha cá.

Jon viu o medo no sobressaltado rosto de Sam enquanto se aproximava pesadamente em sua égua; não havia dúvida de que pensava estar metido em encrenca.

– Você é gordo, mas não é estúpido, rapaz – disse bruscamente o Velho Urso. – Apresentou-se bem lá atrás. E você também, Snow.

Sam corou, ficando com o rosto vermelho-vivo, e tropeçou na própria língua ao tentar gaguejar uma cortesia. Jon teve de sorrir.

Quando emergiram de sob as árvores, Mormont pôs o pequeno mas resistente cavalo a trote. Fantasma saiu da floresta a toda velocidade, ao encontro do grupo, lambendo os beiços, com o focinho vermelho da caça. Muito acima, os homens na Muralha viram a coluna que se aproximava. Jon ouviu o chamamento profundo e gutural do grande corno do vigia, ressoando através das milhas; um único e longo sopro que estremecia entre as árvores e arrancava ecos do gelo.

*UUUUUUUUUUoooooooooooooooooooooooooooooo*

O som atenuou-se lentamente até silenciar. Um sopro significava patrulheiros de regresso, e Jon pensou: *Pelo menos fui patrulheiro por um dia. Aconteça o que acontecer, não podem me tirar isso.*

Bowen Marsh os aguardava no primeiro portão quando levaram os cavalos pelo túnel de gelo. O Senhor Intendente estava com o rosto vermelho e agitado.

– Senhor – exclamou para Mormont ao abrir as barras de ferro –, chegou uma ave, precisa vir imediatamente.

– O que se passa, homem? – Mormont perguntou bruscamente.

De uma forma estranha, Marsh lançou um relance a Jon antes de responder.

– Meistre Aemon tem a carta. Espera no seu aposento privado.

– Muito bem. Jon, cuide do meu cavalo e diga a Sor Jaremy para pôr os mortos em um armazém até que o meistre esteja pronto para eles – Mormont afastou-se a passos largos, resmungando.

Enquanto levavam os cavalos de volta ao estábulo, Jon ficou desconfortavelmente consciente de que as pessoas o observavam. Sor

Alliser Thorne exercitava seus rapazes no pátio, mas parou para fitar Jon, com um tênue meio sorriso nos lábios. Donal Noye, o maneta, estava em pé à porta do armeiro.

– Que os deuses estejam contigo, Snow – ele gritou.

*Há alguma coisa errada*, pensou Jon. *Há alguma coisa muito errada*.

Os mortos foram levados para um dos depósitos que se abriam ao longo da base da Muralha, uma cela escura e fria esculpida no gelo e usada para conservar a carne, os grãos e por vezes até a cerveja. Jon assegurou-se de que o cavalo de Mormont fosse alimentado e tratado antes de cuidar do seu. Depois, foi à procura dos amigos. Grenn e Sapo estavam de vigia, mas encontrou Pyp na sala comum.

– O que aconteceu? – perguntou.

Pyp baixou a voz.

– O rei está morto.

Jon ficou aturdido. Robert Baratheon parecera velho e gordo quando visitara Winterfell, mas também com boa saúde, e não se falara de doenças.

– Como é que você sabe?

– Um dos guardas ouviu Clydas ler a carta para Meistre Aemon – Pyp inclinou-se para mais perto. – Jon, lamento. Ele era amigo do seu pai, não era?

– Tinham sido próximos como irmãos em tempos passados – Jon sentiu curiosidade em saber se Joffrey manteria o pai como Mão do Rei. Não parecia provável. Isso poderia querer dizer que Lorde Eddard regressaria a Winterfell, e as irmãs também. Podiam até permitir que ele os visitasse, com autorização de Lorde Mormont. Seria bom voltar a ver o sorriso de Arya e falar com seu pai. *Vou perguntar-lhe sobre minha mãe*, decidiu. *Agora sou um homem, e já é mais que hora que me conte. Mesmo que ela fosse uma prostituta, não me importo. Quero saber.*

– Ouvi Hake dizer que os mortos eram do seu tio – Pyp disse.

– Sim. São dois dos seis que ele levou consigo. Já devem estar mortos há muito, só que… os corpos são estranhos.

– Estranhos? – Pyp era todo curiosidade. – Estranhos como?

– Sam te contará – Jon não queria falar daquilo. – Eu tenho de ir ver se o Velho Urso precisa de mim.

Dirigiu-se sozinho para a Torre do Senhor Comandante, curiosamente apreensivo. Os irmãos que estavam de guarda olharam-no solenemente quando se aproximou.

– O Velho Urso está no aposento privado – anunciou um deles. – Perguntou por você.

Jon fez um aceno, e pensou que, ao sair dos estábulos, devia ter ido logo para lá. Subiu vivamente os degraus da torre. *Ele quer vinho ou um fogo na lareira, é tudo*, disse a si mesmo.

Quando entrou no aposento, o corvo de Mormont gritou:

– *Grão! Grão! Grão! Grão!*

– Não lhe dê ouvidos, acabei de alimentá-lo – resmungou o Velho Urso. Estava sentado à janela, lendo uma carta. – Traga-me uma taça de vinho e encha uma para você.

– Para mim, senhor?

Mormont ergueu os olhos da carta e os fixou em Jon. Havia piedade naquele olhar; podia senti-la.

– Ouviu o que eu disse.

Jon despejou o vinho com cuidado exagerado, vagamente consciente de que estava prolongando aquele ato. Quando as taças se enchessem, não teria escolha a não ser enfrentar o que quer que estivesse naquela carta. Mas elas se encheram depressa demais.

– Sente-se, rapaz – ordenou-lhe Mormont. – Beba.

Jon permaneceu em pé.

– É o meu pai, não é?

O Velho Urso tamborilou na carta com o dedo.

– É o seu pai e o rei – respondeu, com voz cavernosa. – Não quero mentir para você, as notícias são dolorosas. Nunca pensei que conheceria outro rei, com os anos que tenho, tendo Robert metade da minha idade e sendo forte como um touro – bebeu um gole de vinho. – Dizem que o rei adorava caçar. Aquilo que amamos nos destrói sempre, rapaz. Lembre-se disso. Meu filho amava aquela sua jovem esposa. Vaidosa mulher. Se não fosse por ela, nunca teria pensado em vender os caçadores furtivos.

Jon quase não conseguia seguir o que o comandante estava dizendo.

– Senhor, não compreendo. Que aconteceu ao meu pai?

– Pedi que se sentasse – resmungou Mormont. "*Senta*", gritou o corvo. – E beba, raios te partam. É uma ordem, Snow.

Jon sentou-se e bebericou o vinho.

– Lorde Eddard foi aprisionado. Está sendo acusado de traição. Diz-se que conspirou com os irmãos de Robert para negar o trono ao Príncipe Joffrey.

– Não – disse Jon de imediato. – Não pode ser. Meu pai nunca trairia o rei.

– Seja como for – disse Mormont –, não cabe a mim decidir. Nem a você.

– Mas é uma *mentira* – Jon insistiu. Como podiam pensar que seu pai era um traidor, teriam todos enlouquecido? Lorde Eddard Stark nunca se desonraria… não é?

*Gerou um bastardo*, sussurrou uma pequena voz em seu interior. *Onde está a honra nisso? E a sua mãe, o que lhe aconteceu? Ele nem sequer pronuncia seu nome*.

– Senhor, o que vai lhe acontecer? Vão matá-lo?

– Quanto a isso não sei responder, rapaz. Pretendo enviar uma carta. Quando jovem, conheci alguns dos conselheiros do rei. O velho Pycelle, Lorde Stannis, Sor Barristan… Seja o que for que seu pai fez ou deixou de fazer, é um grande senhor. Tem de ser autorizado a vestir o negro e a juntar-se a nós. Só os deuses sabem como precisamos de homens com a capacidade de Lorde Eddard.

Jon sabia que outros homens acusados de traição tinham sido autorizados a redimir sua honra na Muralha em outros tempos. Por que não Lorde Eddard? Seu pai, *ali*. Era um pensamento incomum, e estranhamente incômodo. Seria uma injustiça monstruosa despojá-lo de Winterfell e forçá-lo a vestir o negro, mas se isso significasse a sua vida…

E Joffrey, permitiria? Lembrava-se do príncipe em Winterfell, do modo como troçara de Robb e de Sor Rodrik no pátio. Em Jon quase não reparara; os bastardos estavam abaixo até de seu desprezo.

– Senhor, o rei o ouvirá?

O Velho Urso encolheu os ombros.

– Um rei rapaz… imagino que ouvirá a mãe. É uma pena que o anão não esteja com eles. É tio do moço e viu as nossas necessidades quando nos visitou. Foi ruim que a senhora sua mãe o tivesse tomado cativo…

– A Senhora Stark não é minha mãe – recordou-lhe Jon em tom cortante. Tyrion Lannister fora um amigo para ele. Se Lorde Eddard fosse morto, ela teria tanta culpa quanto a rainha. – Senhor, e minhas irmãs? Arya e Sansa estavam com meu pai. Sabe…

– Pycelle não as menciona, mas sem dúvida que serão bem tratadas. Perguntarei por elas quando escrever – Mormont balançou a cabeça. – Isso não podia ter acontecido em pior hora. Se algum dia o reino precisou de um rei forte… há dias sombrios e noites frias à nossa frente, sinto-o nos ossos… – deu a Jon um longo olhar perspicaz. – Espero que não esteja pensando em fazer alguma coisa estúpida, rapaz.

*Ele é meu pai*, Jon quis dizer, mas sabia que Mormont não ia querer ouvi-lo. Tinha a garganta seca. Obrigou-se a beber outro gole de vinho.

– Seu dever agora é aqui – lembrou-lhe o Senhor Comandante. – Sua vida antiga terminou quando vestiu o negro – sua ave soltou um eco rouco. "*Negro*." Mormont não lhe prestou atenção. – O que quer que façam em Porto Real, não nos diz respeito – como Jon não respondeu, o idoso homem terminou o vinho e disse: – Está livre para sair. Não vou mais precisar de você hoje. De manhã, poderá ajudar-me a escrever a tal carta.

Mais tarde, Jon não se lembrava de ter se levantado ou saído do aposento privado. Quando caiu em si, descia os degraus da torre, pensando. *É meu pai, são minhas irmãs, como é que pode não me dizer respeito?*

Lá fora, um dos guardas olhou para ele e disse:

– Força, rapaz. Os deuses são cruéis.

*Eles sabem*, Jon compreendeu.

– Meu pai não é nenhum traidor – disse em voz rouca. Até as palavras ficavam presas na garganta, como que para sufocá-lo. A intensidade do vento aumentava e parecia estar mais frio no pátio do que quando entrara. O verão dos espíritos aproximava-se do fim.

O resto da tarde passou como num sonho. Jon não poderia dizer por onde caminhara, o que fizera, com quem falara. Fantasma esteve com ele, ao menos isso sabia. A presença silenciosa do lobo gigante deu-lhe conforto. *As meninas nem isso têm*, pensou. *Seus lobos poderiam tê-las mantido a salvo, mas Lady está morta e Nymeria, perdida, e elas estão completamente sozinhas*.

Um vento do norte começara a soprar quando o sol desceu no horizonte. Jon ouvia-o uivar contra a Muralha e sobre as ameias geladas enquanto se encaminhava para a sala comum para a refeição da noite. Hobb fizera um espesso guisado de veado com cevada, cebola e cenoura. Quando despejou uma porção extra no prato de Jon e lhe deu uma ponta de pão, entendeu o que isso queria dizer. *Ele sabe*. Olhou em volta da sala, viu cabeças que se viravam depressa, olhos polidamente desviados. *Todos eles sabem*.

Os amigos convergiram na sua direção.

– Pedimos ao septão para acender uma vela pelo seu pai – disse-lhe Matthar.

– É mentira, todos sabemos que é mentira, até o *Grenn* sabe que é mentira – acrescentou Pyp. Grenn confirmou com a cabeça, e Sam agarrou a mão de Jon.

– Você é agora meu irmão, portanto, ele é também meu pai – disse o rapaz gordo. – Se quiser ir até os represeiros e orar aos deuses antigos, irei com você.

Os represeiros ficavam para lá da Muralha, mas Jon sabia que Sam era sincero. *São meus irmãos*, pensou. *Tanto como Robb, Bran e Rickon…*

E então ouviu a gargalhada, afiada e cruel como um chicote, e a voz de Sor Alliser Thorne.

– Não basta ser bastardo, é bastardo de um *traidor* – dizia aos homens que o rodeavam.

Num piscar de olhos Jon tinha saltado para cima da mesa, de punhal na mão. Pyp tentou agarrá-lo, mas ele libertou a perna e correu a toda velocidade pela mesa e arrancou a tigela da mão de Sor Alliser com um pontapé. Saltou guisado para todo lado, salpicando os irmãos. Thorne recuou. Soavam gritos, mas Jon Snow não os ouvia. Atacou o rosto de Sor Alliser com o punhal, mirando naqueles frios olhos de ônix, mas Sam atirou-se entre os dois e, antes que Jon conseguisse acertá-lo, Pyp saltou sobre suas costas, agarrando-se como um macaco, e Grenn segurou seu braço enquanto Sapo lhe arrancava a faca das mãos.

Mais tarde, muito mais tarde, depois de o terem escoltado até sua cela, Mormont desceu para visitá-lo, com o corvo ao ombro.

– Disse-lhe para não fazer nada estúpido, moço – resmungou o Velho Urso. "*Moço*", papagueou o pássaro. Mormont abanou a cabeça,

desgostoso. – E pensar que tinha grandes esperanças para você.

Tiraram-lhe a faca e a espada e disseram-lhe que não devia deixar a cela até que os grandes oficiais se reunissem para decidir o que fariam com ele. E depois colocaram um guarda à sua porta para se assegurarem de que obedeceria. Os amigos não estavam autorizados a visitá-lo, mas o Velho Urso cedeu e o deixou ficar com Fantasma; portanto, não estava completamente só.

– Meu pai não é traidor nenhum – disse ao lobo selvagem quando os outros se foram. Fantasma o olhou em silêncio. Jon deixou-se cair, encostado à parede, com as mãos em volta dos joelhos, e fixou os olhos na vela que estava sobre a mesa ao lado de sua cama estreita. A chama oscilou e tremeluziu, as sombras moveram-se à sua volta, a sala pareceu ficar mais escura e mais fria. *Esta noite não vou dormir*, Jon pensou.

Mas deve ter adormecido. Quando acordou, sentia as pernas rígidas e com cãibras, e a vela havia muito ardera por completo. Fantasma estava em pé sobre as patas traseiras, arranhando a porta. Jon ficou surpreso ao ver como o animal estava alto.

– Fantasma, o que se passa? – disse em voz baixa. O lobo selvagem virou a cabeça e o olhou, mostrando as presas num rosnido silencioso. *Terá enlouquecido?*, Jon perguntou a si mesmo. – Sou eu, Fantasma – murmurou, tentando não mostrar medo na voz. Mas estava tremendo, e violentamente. Quando o ar ficara tão frio?

Fantasma afastou-se da porta. Havia profundos sulcos onde ele raspara a madeira. Jon o observou com uma inquietação crescente.

– Há alguém lá fora, não há? – sussurrou. Apertando-se contra o chão, o lobo gigante rastejou para trás, com os pelos brancos eriçando-se na parte de trás do pescoço. *O guarda*, pensou, *deixaram um homem de guarda à minha porta. Fantasma cheira-o através da porta, é só isso.*

Lentamente, Jon pôs-se em pé. Tremia incontrolavelmente, desejando ainda ter uma espada. Três passos rápidos levaram-no até junto da porta. Agarrou a maçaneta e puxou para dentro. O ranger das dobradiças quase o fez saltar.

O guarda estava estatelado nos degraus estreitos, olhando para cima, para Jon. Olhando para *cima*, embora jazesse de bruços. A cabeça tinha sido completamente virada ao contrário.

*Não pode ser*, disse Jon a si mesmo. *Aqui é a Torre do Senhor Comandante, é guardada dia e noite, isso não pode acontecer, é um sonho, estou tendo um pesadelo.*

Fantasma deslizou para o seu lado. O lobo começou a subir os degraus, parou e olhou para Jon. Foi então que ouviu os sons; o suave arrastar de uma bota na pedra, o som de uma pequena tranca rodando. Os sons vinham de cima. Dos aposentos do Senhor Comandante.

Aquilo até podia ser um pesadelo, mas não era sonho nenhum.

A espada do guarda estava em sua bainha. Jon ajoelhou e a pegou. O peso do aço na mão deu-lhe coragem. Subiu os degraus, com Fantasma abrindo caminho silenciosamente. Sombras espreitavam em todas as voltas das escadas. Jon deslizou com precaução, testando todos os recantos suspeitosamente escuros com a ponta da espada.

De repente, ouviu o guincho do corvo de Mormont. "*Grão*", gritava a ave. "*Grão, grão, grão, grão, grão, grão*." Fantasma deu um salto para a frente e Jon seguiu atabalhoadamente logo atrás. A porta para o aposento privado de Mormont estava escancarada. O lobo gigante mergulhou através dela. Jon parou à porta, de espada na mão, dando aos olhos um momento para se ajustarem. Pesadas cortinas tinham sido descidas sobre as janelas, e a escuridão era negra como tinta.

– *Quem está aí?* – Jon gritou.

Então viu: uma sombra nas sombras, deslizando na direção da porta interior que dava para a cela de dormir de Mormont, a forma de um homem todo de negro, coberto com um manto e encapuzado… mas sob o capuz os olhos brilhavam com um gelado brilho azul…

Fantasma saltou. Homem e lobo caíram juntos sem um grito e sem um rosnido, rolando, esmagando-se de encontro a uma cadeira, fazendo cair uma mesa coberta de papéis. O corvo de Mormont agitava as asas por cima da cabeça, gritando "*Grão, grão, grão, grão*". Jon sentiu-se tão cego como Meistre Aemon. Mantendo as costas na parede, deslizou em direção à janela e arrancou a cortina. O luar encheu o aposento. Viu de relance mãos negras enterradas em pelos brancos, dedos escuros e inchados que se apertavam em torno da garganta de seu lobo gigante. Fantasma retorcia-se e mordia, esperneando no ar, mas não conseguia se libertar.

Jon não teve tempo de sentir medo. Atirou-se para a frente, gritando, pondo todo o seu peso na espada. O aço cortou a manga, a pele e o osso, mas o som estava de certo modo *errado*. O cheiro que o envolveu era tão estranho e frio que quase vomitou. Viu o braço e a mão no chão, com dedos negros retorcendo-se num charco de luar. Fantasma libertou-se da outra mão e afastou-se rastejando, com a língua vermelha pendendo da boca.

O homem encapuzado ergueu a pálida cara de lua e Jon golpeou-a sem hesitar. A espada cortou o intruso até o osso, arrancando-lhe metade do nariz e abrindo um rasgão de um lado a outro da face, sob aqueles olhos… olhos… olhos como estrelas azuis brilhando. Jon conhecia aquele rosto. *Othor*, pensou, cambaleando para trás. *Deuses, ele está morto, ele está morto, eu o vi morto.*

Sentiu qualquer coisa vasculhando seu tornozelo. Dedos negros agarraram-se à barriga de sua perna. O braço rastejava perna acima, rasgando a lã e a carne. Gritando de repugnância, Jon empurrou os dedos com a ponta da espada e atirou aquela coisa para longe, que lá ficou retorcendo-se, com os dedos abrindo e fechando.

O cadáver inclinou-se para a frente. Não havia sangue. Com apenas um braço e o rosto quase cortado ao meio, não parecia sentir nada. Jon estendeu a espada à sua frente.

– Fique onde está! – ordenou, com a voz tornando-se estridente. "*Grão*", gritou o corvo, "*grão, grão.*" O braço cortado arrastava-se para fora da manga arrancada, uma serpente branca com uma cabeça negra de cinco dedos. Fantasma precipitou-se sobre ela e a abocanhou. Ossos de dedos foram triturados. Jon golpeou o pescoço do cadáver, sentindo o aço morder profunda e duramente.

Othor morto caiu sobre ele, fazendo-o perder o equilíbrio.

Jon ficou sem ar quando as costas atingiram a mesa caída. A espada, onde ela estava? Perdera a maldita *espada*! Quando abriu a boca para gritar, a criatura enfiou os cadavéricos dedos negros nela. Nauseado, tentou afastá-lo, mas o morto era pesado demais. A mão forçou-se mais para dentro de sua garganta, fria como gelo, sufocando-o. Tinha o rosto encostado ao seu, enchendo o mundo. Os olhos estavam cobertos de geada, cintilando de azul. Jon arranhou sua pele fria com as unhas e deu

pontapés nas pernas da coisa. Tentou morder, tentou socar, tentou respirar…

E, de repente, o peso do cadáver desapareceu e os dedos foram arrancados de sua garganta. Tudo que Jon conseguiu fazer foi rolar, com ânsia de vômito e tremendo. Fantasma estava de novo sobre a coisa. Viu o lobo gigante enterrar os dentes na barriga da criatura e começar a rasgá-la. Observou, apenas meio consciente, por um longo momento, até que finalmente se lembrou de procurar a espada…

… e viu Lorde Mormont, nu e sonolento, em pé, à porta do quarto, com uma candeia de azeite na mão. Roído e sem dedos, o braço agitava-se violentamente pelo chão, avançando em contorções na sua direção.

Jon tentou gritar, mas não tinha voz. Pondo-se em pé com dificuldade, chutou o braço para longe e arrancou a candeia das mãos do Velho Urso. A chama tremeluziu e quase se extinguiu. "*Queime!* ", grasnou o corvo. "*Queime, queime, queime!* "

Rodopiando, Jon viu as cortinas que arrancara da janela. Atirou com ambas as mãos a candeia para cima do monte de pano. Metal rangeu, vidro estilhaçou-se, óleo derramou-se e as cortinas se transformaram numa enorme chama. O calor do fogo no rosto era mais doce que qualquer dos beijos que Jon recebera.

– Fantasma! – gritou.

O lobo gigante libertou-se e aproximou-se enquanto a criatura tentava se erguer, com serpentes negras jorrando do grande golpe que tinha na barriga. Jon mergulhou a mão nas chamas, agarrou a cortina em chamas e a atirou sobre o morto. *Que arda*, rezou, enquanto o pano envolvia o cadáver, *deuses, por favor, por favor, que arda*.

# Bran

Os Karstark chegaram numa manhã fria e ventosa, trazendo de seu castelo em Karhold trezentos homens a cavalo e quase dois mil a pé. As pontas de aço de suas lanças tremeluziam à pálida luz do sol enquanto a coluna se aproximava. Um homem seguia à frente, marcando um ritmo de marcha lento e gutural num tambor que era maior que ele, *buum, buum, buum*.

Bran os viu chegar de uma torre de guarda no topo da muralha exterior, vigiando através da luneta de bronze de Meistre Luwin enquanto se equilibrava nos ombros de Hodor. Era o próprio Lorde Rickard que os liderava, com os filhos Harrion, Eddard e Tosshen cavalgando ao seu lado sob estandartes negros como a noite, adornados com o resplendor branco de sua Casa. A Velha Ama dizia que eles possuíam sangue Stark há centenas de anos, mas aos olhos de Bran não se pareciam com os Stark. Eram homens grandes e ferozes, com os rostos cobertos por barbas espessas, e usavam os cabelos soltos abaixo dos ombros. Seus mantos eram feitos de peles de urso, foca e lobo.

Sabia que eram os últimos. Os outros senhores já estavam lá com as suas tropas. Bran ansiava por cavalgar entre eles, para ver as casas da Vila de Inverno cheias até rebentar, as multidões aos encontrões no mercado todas as manhãs, as ruas rasgadas e corroídas pelas rodas e pelos cascos. Mas Robb proibira-o de deixar o castelo.

– Não temos homens que possamos dispensar para protegê-lo – seu irmão explicou.

– Eu levo Verão – Bran insistiu.

– Não aja como um garotinho comigo, Bran – Robb pediu. – Você sabe muito bem que não é assim tão simples. Não faz mais de dois dias que um dos homens de Lorde Bolton esfaqueou um dos de Lorde Cerwyn no Barrote Fumegante. Nossa mãe me esfolaria se deixasse que você se

pusesse em perigo – dissera aquilo com a voz de Robb, o Senhor; Bran sabia que isso queria dizer que não adiantava insistir.

Sabia que era por causa do que acontecera na Mata de Lobos. A recordação ainda lhe causava pesadelos. Sentira-se impotente como um bebê, não tinha sido mais capaz de se defender do que Rickon o teria. Menos até… Rickon pelo menos os teria chutado. Isso o envergonhava. Era apenas alguns anos mais novo que Robb; se o irmão era quase um homem-feito, também ele o era. Devia ter sido capaz de proteger a si mesmo.

Um ano antes, *antes*, teria visitado a vila mesmo que isso significasse subir as muralhas pelos seus próprios meios. Naquela época, podia correr escadas abaixo, subir e descer sozinho do pônei, e brandir uma espada de madeira suficientemente bem para atirar o Príncipe Tommen ao chão. Agora, só podia observar, espreitando pelo tubo das lentes de Meistre Luwin. O meistre ensinara-lhe todos os estandartes: o punho revestido de cota de malha dos Glover, prateado sobre escarlate; o urso negro da Senhora Mormont; o hediondo homem esfolado que precedia Roose Bolton, do Forte do Pavor; um alce macho para os Hornwood; um machado de batalha para os Cerwyn; três árvores-sentinelas para os Tallhart; e o temível símbolo da Casa Umber, um gigante a rugir com correntes quebradas.

E logo também conheceu os rostos, quando os senhores e seus filhos e cavaleiros vieram a Winterfell para os banquetes. Nem o Grande Salão tinha tamanho que chegasse para que todos se sentassem ao mesmo tempo e, por isso, Robb recebeu os principais vassalos um de cada vez. A Bran era sempre dado o lugar de honra, à direita do irmão. Alguns dos senhores vassalos davam-lhe estranhos e duros olhares quando se sentava ali, como se se perguntassem com que direito um garotinho ainda verde, e ainda por cima aleijado, era colocado acima deles.

– Quantos são agora? – perguntou Bran a Meistre Luwin quando Lorde Karstark e os filhos entraram a cavalo pelos portões da muralha exterior.

– Doze mil homens, ou tão perto disso que não faz diferença.

– Quantos cavaleiros?

– Bem poucos – disse o meistre com um ar de impaciência. – Para ser armado cavaleiro, é preciso ficar de vigília num septo e ser ungido com os sete óleos para consagrar os votos. No Norte, só um punhado das

grandes Casas reza aos Sete. Os outros honram os deuses antigos e não armam cavaleiros… mas esses senhores, seus filhos e seus soldados não são menos ferozes, leais ou honrados por causa disso. O valor de um homem não se determina por um *sor* antes de seu nome. Tal como já lhe disse cem vezes.

– Mesmo assim – disse Bran –, quantos cavaleiros?

Meistre Luwin suspirou.

– Trezentos, talvez quatrocentos… entre três mil homens com armadura que não são cavaleiros.

– Lorde Karstark é o último – disse Bran, pensativo. – Robb dará um banquete em sua honra esta noite.

– Sem dúvida que sim.

– Quanto tempo falta até que… até que partam?

– Têm de marchar logo, ou não marcharão – disse Meistre Luwin. – A Vila de Inverno está cheia até rebentar, e esse exército comerá tudo que há nos campos se acampar aqui durante muito tempo. Há outros à espera, para se juntarem a eles ao longo da Estrada do Rei, cavaleiros das Terras Acidentadas, cranogmanos e os senhores Manderly e Flint. Já se luta nas terras do rio, e seu irmão tem muitas léguas a transpor.

– Eu sei – Bran sentia-se tão infeliz como soava. Devolveu a luneta de bronze ao meistre e reparou como seus cabelos haviam se tornado finos no topo da cabeça. Conseguia ver o rosado do couro cabeludo começando a aparecer. Era estranho olhar assim de cima para ele, quando passara toda a vida a olhá-lo de baixo; mas quando se andava "de cavalinho" sobre Hodor, olhava-se de cima para todo mundo. – Não quero observar mais. Hodor, leve-me de volta à fortaleza.

– Hodor – Hodor ecoou.

Meistre Luwin enfiou a luneta na manga.

– Bran, o senhor seu irmão não terá tempo para você agora. Tem de receber Lorde Karstark e os filhos e fazer com que se sintam bem-vindos.

– Não vou incomodar Robb. Quero visitar o bosque sagrado – pousou a mão no ombro de Hodor. – Hodor.

Uma série de apoios de mão cortados a cinzel no granito formava uma escada na parede interna da torre. Hodor desceu, uma mão após outra, enquanto cantarolava sem melodia e Bran balançava de encontro às suas

costas no assento de madeira que Meistre Luwin fizera para ele. Luwin se baseara na ideia dos cestos que as mulheres usavam para transportar lenha nas costas; depois disso, recortar buracos para as pernas e adicionar algumas correias novas para distribuir o peso de Bran mais uniformemente fora coisa simples. Não era tão bom quanto montar a Dançarina, mas havia lugares onde a Dançarina não podia ir, e assim Bran não ficava tão envergonhado como quando Hodor o transportava nos braços como se fosse um bebê. Hodor também parecia gostar, se bem que com ele era difícil ter certeza. A única parte complicada eram as portas. Às vezes, Hodor *esquecia-se* de que levava Bran nas costas, e isso podia ser doloroso quando atravessavam uma porta.

Ao longo de quase uma quinzena tinha havido tantas entradas e saídas que Robb ordenara que ambas as portas levadiças se mantivessem içadas e a ponte levadiça entre elas, descida, mesmo na noite profunda. Uma longa coluna de lanceiros cobertos de armadura atravessava o fosso entre as muralhas quando Bran saiu da torre; homens dos Karstark, seguindo seus senhores para dentro do castelo. Usavam meios elmos de ferro negro e mantos negros de lã adornados com o sol raiado branco. Hodor trotou ao lado deles, sorrindo para si mesmo, fazendo ressoar as botas na madeira da ponte levadiça. Os soldados lançaram-lhes olhares estranhos ao vê-los passar, e uma vez Bran ouviu alguém soltar uma gargalhada. Recusou-se a deixar que aquilo o perturbasse.

– Os homens olharão para você – prevenira-o Meistre Luwin da primeira vez que tinham atado o assento ao peito de Hodor. – Olharão e falarão, e alguns zombarão – *pois que zombem*, pensara Bran. Ninguém zombava dele em seu quarto, mas não queria viver a vida na cama.

Ao passarem sob a porta levadiça da casa da guarda, Bran pôs dois dedos na boca e assobiou. Verão veio aos saltos pelo pátio afora. De repente, os lanceiros Karstarks lutavam para manter o controle dos cavalos, enquanto os animais viravam os olhos e relinchavam de medo. Um garanhão empinou-se, gritando, enquanto o cavaleiro praguejava e se agarrava desesperadamente. O cheiro dos lobos selvagens punha os cavalos num frenesi de medo se não estivessem habituados, mas se aquietariam rapidamente quando Verão fosse embora.

– O bosque sagrado – Bran lembrou a Hodor.

Até mesmo Winterfell estava cheio de gente. O pátio ressoava com o som de espadas e machados, com o estrondear das carroças e o ladrar dos cães. As portas do armeiro estavam abertas, e Bran viu de relance Mikken na sua forja, fazendo tinir o martelo enquanto suor lhe pingava do peito nu. Bran nunca vira tantos estranhos em toda a sua vida, nem mesmo quando o Rei Robert viera visitar seu pai.

Tentou não vacilar quando Hodor se abaixou para atravessar uma porta baixa. Caminharam por um longo átrio sombrio, com Verão acompanhando facilmente o passo. O lobo olhava para cima de vez em quando, com os olhos ardendo como ouro líquido. Bran teria gostado de tocá-lo, mas estava alto demais para que a mão nele chegasse.

O bosque sagrado era uma ilha de paz no mar de caos em que Winterfell tinha se transformado. Hodor abriu caminho através dos densos maciços de carvalho, pau-ferro e árvores-sentinelas até a lagoa parada junto à árvore-coração. Parou sob os galhos nodosos do represeiro cantarolando. Bran ergueu os braços acima da cabeça e alçou-se para fora do assento, fazendo passar o peso morto das pernas através dos buracos do cesto. Ficou pendurado por um momento, oscilando, com as folhas vermelho-escuras roçando-lhe no rosto, até que Hodor o pegou e o abaixou até a pedra lisa ao lado da água.

– Quero ficar um pouco sozinho – disse. – Vá se molhar. Vá até as lagoas.

– Hodor – o gigante seguiu através das árvores e desapareceu. Do outro lado do bosque sagrado, sob as janelas da Casa de Hóspedes, uma nascente quente subterrânea alimentava três pequenos charcos. Saía vapor das águas dia e noite, e o muro que se erguia ao lado estava coberto de musgo. Hodor detestava água fria e lutava como um gato selvagem refugiado numa árvore sempre que era ameaçado com sabão, mas entrava alegremente no charco mais quente e ficava lá sentado durante horas, soltando um sonoro arroto para fazer eco à nascente sempre que uma bolha se erguia das sombrias profundezas verdes e se quebrava na superfície.

Verão bebeu um pouco de água e deitou-se ao lado de Bran. Este fez um afago sob o focinho do lobo, e por um momento garoto e animal sentiram-se em paz. Bran sempre gostara do bosque sagrado, mesmo *antes*, mas nos últimos tempos achara-se cada vez mais atraído para lá.

Até a árvore-coração já não o assustava como antes. Os profundos olhos vermelhos esculpidos no tronco claro ainda o observavam, mas, de algum modo, agora tirava conforto disso. Os deuses olhavam por ele, dizia a si mesmo, os deuses antigos, deuses dos Stark, dos Primeiros Homens e dos Filhos da Floresta, os deuses do seu *pai*. Sentia-se seguro à vista deles, e o profundo silêncio das árvores o ajudava a pensar. Bran passara a refletir muito desde a queda; a refletir, a sonhar e a falar com os deuses.

– Por favor, façam com que Robb não vá embora – rezou em voz baixa. Moveu a mão pela água fria, criando ondinhas que atravessaram a lagoa. – Por favor, façam com que ele fique. Ou, se tiver de ir, tragam-no a salvo para casa, com a mãe e o pai e as meninas. E façam com que… façam com que Rickon compreenda.

O irmão mais novo tornara-se incontrolável como uma tempestade de inverno desde que soubera que Robb ia partir para a guerra, ora choroso, ora zangado. Recusava-se a comer, chorava e gritava noite adentro, chegara mesmo ao ponto de dar um soco na Velha Ama quando ela tentou embalá-lo com canções, e no dia seguinte desapareceu. Robb pusera metade do castelo à sua procura, e quando finalmente o encontraram lá embaixo, nas criptas, Rickon golpeara-os com uma enferrujada espada que tirara da mão de um rei morto, e Cão Felpudo saltara da escuridão, babando como um demônio de olhos verdes. O lobo estava quase tão fora de controle quanto Rickon; mordera Gage no braço e arrancara um pedaço da coxa de Mikken. Só o próprio Robb e Vento Cinzento tinham conseguido acalmá-lo. Farlen mantinha-o agora acorrentado nos canis, e Rickon chorava ainda mais por estar sem ele.

Meistre Luwin aconselhara Robb a permanecer em Winterfell, e Bran também lhe pedira, tanto por si como por Rickon, mas o irmão limitara-se a balançar teimosamente a cabeça e a dizer:

– Não quero ir. *Tenho* de ir.

Era só meia mentira. Alguém tinha de ir, para defender o Gargalo e ajudar os Tully contra os Lannister, Bran compreendia isso, mas não *tinha* de ser Robb. O irmão podia ter dado o comando a Hal Mollen ou a Theon Greyjoy, ou a um dos senhores seus vassalos. Meistre Luwin insistiu para que fizesse isso mesmo, mas Robb não queria ouvir falar no assunto.

– O senhor meu pai nunca enviaria homens para a morte a fim de se esconder como um covarde atrás das muralhas de Winterfell – dissera, todo ele Robb, o Senhor.

Robb agora parecia a Bran quase um estranho, transformado, um senhor de verdade, embora não tivesse ainda passado pelo décimo sexto dia do seu nome. Até os vassalos do pai pareciam senti-lo. Muitos tentavam testá-lo, cada um à sua maneira. Tanto Roose Bolton quanto Robett Glover exigiram a honra do comando de batalha, o primeiro de forma brusca, o segundo com um sorriso e um gracejo. A resoluta e grisalha Maege Mormont, vestida de cota de malha como se fosse um homem, disse abruptamente a Robb que ele tinha idade para ser seu neto e que não tinha nada que lhe dar ordens… mas acontecia que tinha uma neta com a qual estava disposta a deixá-lo se casar. Lorde Cerwyn, um homem de fala mansa, tinha até mesmo trazido consigo a filha, uma donzela rechonchuda e desajeitada de trinta anos, que se sentou à esquerda do pai e nunca levantou os olhos do prato. O jovial Lorde Hornwood não tinha filhas, mas trouxe presentes, um dia um cavalo, no seguinte um quadril de veado, no outro um corno de caça com relevos de prata, e nada pediu em troca… nada exceto uma extensão de terra que fora tirada de seu avô, e direitos de caça ao norte de uma certa serra, e licença para construir uma represa no Faca Branca, se agradasse ao senhor.

Robb respondia a todos com fria cortesia, muito à semelhança do que o pai poderia fazer, e de alguma forma dobrava-os à sua vontade.

E quando Lorde Umber, cujos homens o alcunhavam de Grande-Jon, tão alto quanto Hodor e duas vezes mais largo, ameaçou levar suas forças para casa se fosse colocado atrás dos Hornwood ou dos Cerwyn na ordem de marcha, Robb disse-lhe que o fizesse, se assim desejasse.

– E quando resolvermos o assunto dos Lannister – prometera, coçando Vento Cinzento atrás da orelha –, marcharemos outra vez para o norte e os arrancaremos de sua fortaleza e os enforcaremos por quebra de juramento – praguejando, Grande-Jon atirara um jarro de cerveja ao fogo e berrara que Robb era tão verde que devia urinar erva. Quando Hallis Mollen se aproximara para refreá-lo, atirara-o ao chão, virara uma mesa e desembainhara a maior e mais feia espada longa que Bran jamais vira.

Por toda a sala, seus filhos, irmãos e soldados puseram-se em pé de um salto, puxando seu aço.

Mas Robb dissera apenas uma palavra em voz baixa, e com um rosnido e num piscar de olhos, Lorde Umber deu por si estatelado de costas, com a espada girando no chão a um metro de distância e a mão pingando sangue no lugar de onde Vento Cinzento arrancara dois dedos.

– O senhor meu pai me ensinou que empunhar o aço contra o seu suserano significa a morte – Robb dissera–, mas sem dúvida que o senhor queria apenas cortar-me a carne – as entranhas de Bran fizeram-se em água quando Grande-Jon lutara para se erguer, chupando os tocos vermelhos dos dedos… mas então, espantosamente, o enorme homem soltou uma *gargalhada*.

– A sua carne – o homem rugiu – é *dura* como um raio.

E de algum modo, depois daquilo, Grande-Jon transformara-se no braço direito de Robb, no seu campeão mais dedicado, dizendo sonoramente a todo mundo que o senhor rapaz era afinal um Stark, e que fariam melhor em dobrar o raio dos joelhos se não quisessem vê-los arrancados à dentada.

Mas, nessa mesma noite, Robb viera ao quarto de Bran, pálido e abalado, depois de os fogos se terem consumido no Grande Salão.

– Pensei que ia me matar – Robb confessara. – Viu a maneira como ele atirou o Hal ao chão, como se não fosse maior que Rickon? Deuses, fiquei tão assustado. E Grande-Jon não é o pior dentre eles, é só o mais barulhento. Lorde Roose nunca diz uma palavra, limita-se a olhar para mim, e tudo em que eu consigo pensar é naquela sala que eles têm no Forte do Pavor, onde os Bolton penduram as peles de seus inimigos.

– Isso é só uma das histórias da Velha Ama – Bran dissera. Mas uma nota de dúvida insinuara-se na sua voz. – Não é?

– Não sei – o irmão balançara a cabeça com ar cansado. – Lorde Cerwyn quer levar a filha conosco para o sul. Para cozinhar, diz ele. Theon tem certeza de que, uma noite, hei de encontrar a moça na minha cama. Gostaria… gostaria que nosso pai estivesse aqui.

Isso era uma coisa em que eles podiam concordar, Bran, Rickon e Robb, o Senhor; todos eles desejavam que o pai estivesse ali. Mas Lorde Eddard estava a mil léguas de distância, preso numa masmorra qualquer, fugitivo perseguido procurando manter-se vivo, ou até estivesse morto.

Ninguém parecia saber ao certo; cada viajante contava uma história diferente, cada uma mais aterrorizante que a outra. Que as cabeças dos guardas do pai apodreciam nas muralhas da Fortaleza Vermelha, empaladas em lanças. Que o Rei Robert tinha morrido nas mãos do pai. Que os Baratheon tinham montado cerco a Porto Real. Que Lorde Eddard fugira para o sul com o irmão malvado do rei, Renly. Que Arya e Sansa tinham sido assassinadas pelo Cão de Caça. Que a mãe matara Tyrion, o Duende, e pendurara seu corpo nas muralhas de Correrrio. Que Lorde Tywin Lannister marchava sobre o Ninho da Águia, queimando e matando tudo à sua passagem. Um contador de histórias encharcado de vinho até afirmara que Rhaegar Targaryen regressara dos mortos e liderava uma vasta tropa de antigos heróis contra Pedra do Dragão para reclamar o trono do pai.

Quando o corvo chegara, trazendo uma carta marcada com o selo do pai e escrita com a letra de Sansa, a verdade cruel não parecera menos incrível. Bran nunca se esqueceria da expressão de Robb quando vira as palavras da irmã.

– Ela diz que nosso pai conspirou para cometer traição com os irmãos do rei – lera. – O Rei Robert está morto, e a mãe e eu somos convocados à Fortaleza Real para jurar fidelidade a Joffrey. Diz que devemos ser leais e que, quando casar com Joffrey, suplicará a ele que poupe a vida do senhor nosso pai – seus dedos fecharam-se em punho, esmagando a carta de Sansa. – E nada diz de Arya, *nada*, nem uma única palavra. Maldita seja! Que se passa com ela?

Bran sentira-se completamente frio por dentro.

– Perdeu seu lobo – ele respondeu, a voz fraca, recordando o dia em que quatro dos guardas do pai tinham regressado do sul com os ossos de Lady. Verão, Vento Cinzento e Cão Felpudo tinham começado a uivar antes de eles atravessarem a ponte levadiça, com sons arrastados e desolados. À sombra da Primeira Torre ficava um antigo cemitério, com as lajes semeadas de liquens, onde os antigos Reis do Inverno tinham enterrado seus criados fiéis. Lady fora enterrada ali, enquanto os irmãos caminhavam por entre as tumbas como sombras inquietas. Partira para o sul, mas só os ossos tinham regressado.

O avô, o velho Lorde Rickard, também partira, com o filho Brandon, que era irmão do seu pai, e duzentos de seus melhores homens. Nenhum

regressara. E o pai fora para o sul, com Arya e Sansa, e Jory, Hullen, Gordo Tom e os outros, e mais tarde a mãe e Sor Rodrik tinham partido, e *eles* também não tinham regressado. E agora era Robb quem queria partir. Não para Porto Real, e não para jurar fidelidade, mas para Correrrio, com uma espada na mão. E se o senhor pai de ambos fosse de fato prisioneiro, isso significaria com certeza a sua morte. Assustava Bran mais do que era capaz de exprimir.

– Se Robb tem de ir, olhem por ele – suplicou Bran aos deuses antigos enquanto o observavam com os olhos vermelhos da árvore-coração –, e olhem por seus homens, por Hal, Quent e os outros, e por Lorde Umber, pela Senhora Mormont e pelos outros senhores. E também por Theon, acho. Observem e os mantenham a salvo, se vos agradar, deuses. Ajudem-nos a derrotar os Lannister e a salvar meu pai, e a trazê-lo para casa.

Um leve vento suspirou pelo bosque sagrado e as folhas vermelhas agitaram-se e sussurraram. Verão mostrou os dentes.

– Pode ouvi-los, garoto? – perguntou uma voz.

Bran ergueu a cabeça. Osha estava em pé do outro lado da lagoa, sob um antigo carvalho, com o rosto obscurecido por folhas. Mesmo presa a grilhões, a selvagem movia-se silenciosamente como uma gata. Verão deu a volta na lagoa e a farejou. A mulher alta vacilou.

– Verão, aqui – chamou Bran. O lobo selvagem fungou uma última vez, girou sobre si mesmo e voltou. Bran envolveu os braços nele. – Que faz aqui? – não tinha visto Osha desde a sua captura na Mata de Lobos, embora soubesse que a tinham posto para trabalhar nas cozinhas.

– Também são os meus deuses – Osha disse. – Para lá da Muralha, são os únicos deuses – os cabelos estavam crescendo, castanhos e desgrenhados. Faziam-na parecer mais feminina, isso e o vestido simples de ráfia marrom que lhe tinham dado quando lhe tiraram a cota de malha e a roupa de couro. – Às vezes, Gage deixa-me orar, quando sinto falta, e eu o deixo fazer o que quiser debaixo da minha saia quando sente falta. Para mim não significa nada. Gosto do cheiro da farinha em suas mãos, e é mais gentil que o Stiv – fez uma reverência desajeitada. – Vou deixá-lo sozinho. Há panelas que precisam ser esfregadas.

– Não, fique – ordenou-lhe Bran. – Explique-me o que queria dizer com ouvir os deuses.

Osha o estudou.

– Você fez um pedido e eles estão respondendo. Abra os ouvidos, escute, e ouvirá.

Bran escutou.

– É só o vento – disse após um momento, inseguro. – As folhas estão batendo.

– Quem você pensa que envia o vento, se não os deuses? – ela sentou do outro lado da lagoa, tilintando levemente enquanto se movia. Mikken prendera grilhetas de ferro em seus tornozelos, com uma corrente pesada entre elas; podia caminhar, desde que mantivesse os passos pequenos, mas não havia chance de correr, de subir ou de montar um cavalo. – Eles o veem, garoto. Ouvem-no falar. Esse bater? Isso são eles respondendo.

– Que estão dizendo?

– Estão tristes. O senhor seu irmão não terá sua ajuda no lugar para onde vai. Os velhos deuses não têm poder no Sul. Lá, os represeiros foram todos derrubados há milhares de anos. Como poderiam vigiar seu irmão se não têm olhos?

Bran não tinha pensado naquilo. E ficou assustado. Se nem mesmo os deuses podiam ajudar o irmão, que esperança havia? Talvez Osha não estivesse ouvindo corretamente. Inclinou a cabeça e tentou escutar de novo. Julgou conseguir ouvir agora a tristeza, mas nada além disso.

O bater das folhas tornou-se mais sonoro. Bran ouviu passos abafados e um cantarolar em voz baixa, e Hodor saiu desajeitadamente por entre as árvores, sorrindo e nu.

– Hodor!

– Deve ter ouvido nossas vozes – disse Bran. – Hodor, esqueceu a roupa.

– Hodor – o gigante concordou. Estava encharcado do pescoço para baixo, fumegando no ar gelado. Tinha o corpo coberto de pelos castanhos, espessos como os da pele de um animal. Entre as pernas, o membro viril pendia, longo e pesado.

Osha o olhou com um sorriso azedo.

– Ora, aí está um homem grande – disse. – Se não tem nele o sangue dos gigantes, eu sou a rainha.

– Meistre Luwin diz que já não há gigantes. Diz que estão todos mortos, como os filhos da floresta. Tudo que resta deles são velhos ossos

que os homens desenterram com arados de vez em quando.

– Que Meistre Luwin viaje até para lá da Muralha – Osha rebateu. – Encontrará então gigantes, ou será encontrado por eles. Meu irmão matou uma. Tinha três metros de altura, e mesmo assim era enfezada. Sabe-se que crescem até três metros e meio ou quatro metros. E também são criaturas ferozes, todas pelos e dentes, e as mulheres têm barbas como os maridos, de modo que não há como os distinguir. As mulheres tomam homens humanos como amantes, e é daí que vêm os mestiços. É mais duro para as mulheres que eles apanham. Os homens são tão grandes que é mais provável rasgarem uma donzela em duas do que a deixarem com bebê – deu-lhe um sorriso. – Mas você não sabe do que falo, não é, garoto?

– Sei, sim – Bran insistiu. Compreendia o acasalamento; vira os cães no pátio, e observara um garanhão montando uma égua. Mas falar disso o deixava desconfortável. Olhou para Hodor. – Volte e traga sua roupa, Hodor – ele ordenou. – Vá se vestir.

– Hodor – o simplório voltou pelo caminho de onde tinha vindo, abaixando-se para passar sob o galho baixo de uma árvore.

Ele *era* muitíssimo grande, pensou Bran enquanto o observava partir.

– Há mesmo gigantes para lá da Muralha? – perguntou a Osha, incerto.

– Há gigantes e coisas piores que gigantes, senhorzinho. Tentei dizer a seu irmão quando me interrogou, a ele, ao seu meistre e àquele rapaz sorridente, Greyjoy. Os ventos frios estão se levantando, e homens afastam-se de seus fogos e nunca mais regressam… ou, quando regressam, já não são homens, são só criaturas, com olhos azuis e mãos frias e negras. Por que você acha que fugi para o sul com Stiv, Hali e o resto daqueles idiotas? Mance pensa que vai lutar, o bravo, querido, teimoso homem, como se os caminhantes brancos não fossem mais que patrulheiros. Mas, que sabe ele? Pode chamar a si próprio Rei-para-lá-da-Muralha se bem entender, mas ainda é apenas mais um dos velhos corvos negros que fugiram da Torre Sombria. Nunca experimentou o inverno. Eu *nasci* lá em cima, filho, assim como a minha mãe e a minha avó antes dela, e a minha *bisavó* antes dela, nascida entre o Povo Livre. Nós recordamos – Osha pôs-se em pé, fazendo tinir as correntes. – Tentei dizer ao senhorzinho seu irmão. Ontem mesmo, quando o encontrei no pátio. “Senhor Stark”, chamei, com todo o respeito, mas ele olhou

através de mim, e aquele imbecil suado do Grande-Jon Umber afastou-me de seu caminho. Assim seja. Usarei meus ferros e terei tento na língua. Um homem que não quer escutar não pode ouvir.

– Diga-*me*. Robb me escutará, eu sei que sim.

– Será? Veremos. Diga isto a ele, senhor. Diga que ele está decidido a marchar na direção errada. É para o norte que ele devia levar suas espadas. Para o *norte*, não para o sul. Está me ouvindo?

Bran assentiu.

– Direi a ele.

Mas naquela noite, durante o banquete no Grande Salão, Robb não se encontrava lá. Em vez disso, fez sua refeição no aposento privado, com Lorde Rickard, Grande-Jon e os outros senhores vassalos, a fim de preparar os últimos planos para a longa marcha que se aproximava. Bran ficou com a tarefa de ocupar seu lugar à cabeceira da mesa e agir como anfitrião perante os filhos e amigos de honra de Lorde Karstark. Já estavam em seus lugares quando Hodor o transportou às costas para o salão e ajoelhou ao lado do cadeirão. Dois dos criados ajudaram a erguê-lo do cesto. Bran conseguia sentir os olhos de todos os estranhos presentes no salão. O silêncio se fizera.

– Senhores – anunciou Hallis Mollen –, Brandon Stark, de Winterfell.

– Dou-lhes as boas-vindas às nossas fogueiras – disse Bran rigidamente – e ofereço-lhes comida e bebida em honra da nossa amizade.

Harrion Karstark, o mais velho dos filhos de Lorde Karstark, fez uma reverência, e os irmãos seguiram o seu exemplo, mas, enquanto se instalavam em seus lugares, ouviu os dois mais novos conversando em voz baixa sobre o tinir de taças de vinho.

– … preferia morrer a viver assim – murmurou um deles, o que tinha o nome do pai, Eddard, e o irmão Torrhen disse que era provável que o garoto fosse tão quebrado por dentro como por fora, covarde demais para tirar a própria vida.

*Quebrado*, Bran pensou amargamente enquanto se agarrava à faca. Seria isso agora? Bran, o Quebrado?

– Não quero ser quebrado – sussurrou com veemência a Meistre Luwin, que estava sentado à sua direita. – Quero ser um cavaleiro.

– Há quem chame à nossa Ordem os cavaleiros da mente – respondeu Luwin. – É um garoto extremamente inteligente quando se esforça, Bran. Alguma vez pensou na possibilidade de usar uma corrente de meistre? Não há limite para o que pode aprender.

– Quero aprender *magia* – disse-lhe Bran. – O corvo prometeu que eu voaria.

Meistre Luwin suspirou.

– Posso ensinar história, artes de curar, as ervas. Posso ensinar a língua dos corvos, e como construir um castelo, e o modo como um marinheiro orienta o navio pelas estrelas. Posso ensinar a medir os dias e a marcar a passagem das estações, e na Cidadela, em Vilavelha, podem lhe ensinar outras mil coisas. Mas, Bran, ninguém pode lhe ensinar magia.

– Os filhos podiam – Bran respondeu. – Os filhos da floresta – aquilo lhe lembrou a promessa que fizera a Osha no bosque sagrado, e contou a Luwin o que ela dissera.

Meistre o ouviu educadamente.

– Parece-me que a selvagem podia dar lições de contar histórias à Velha Ama – ele disse quando Bran terminou. – Voltarei a falar com ela, se desejar, mas seria melhor se não incomodasse seu irmão com essa loucura. Ele tem preocupações mais que suficientes sem se aborrecer com gigantes e mortos na floresta. São os Lannister que têm o senhor seu pai cativo, Bran, não os filhos da floresta – pousou a mão gentil no braço do garoto. – Pense no que eu disse, menino.

Dois dias mais tarde, enquanto uma alvorada vermelha surgia num céu varrido pelo vento, Bran deu por si no pátio junto ao portão, atado à Dançarina, enquanto se despedia do irmão.

– Você é agora senhor de Winterfell – disse-lhe Robb. Estava montado num hirsuto garanhão cinzento, com o escudo pendurado no seu flanco; madeira reforçada a ferro, branca e cinzenta, com o desenho da cabeça de um lobo gigante a rosnar. O irmão de Bran usava cota de malha cinza sobre couros branqueados, uma espada e um punhal à cintura, um manto debruado de pele sobre os ombros. – Você tem de ocupar o meu lugar, como ocupei o de nosso pai, até regressarmos.

– Eu sei – respondeu Bran em tom infeliz. Nunca se sentira tão pequeno, tão só ou tão assustado. Não sabia como ser um senhor.

– Escute os conselhos de Meistre Luwin e tome conta de Rickon. Diga a ele que volto assim que a luta acabar.

Rickon recusara-se a descer. Estava lá em cima, em seu quarto, de olhos vermelhos e rebelde.

– *Não!* – gritara quando Bran lhe perguntara se não queria dizer adeus a Robb. – *Adeus*, *NÃO!*

– Eu lhe disse – Bran respondeu. – Ele diz que nunca ninguém volta.

– Não pode ser um bebê para sempre. É um Stark, e tem quase quatro anos – Robb suspirou. – Bem, nossa mãe estará em casa em breve. E eu trarei nosso pai, prometo.

Deu meia-volta com o cavalo e afastou-se a trote. Vento Cinzento o seguiu, saltitando ao lado do cavalo de guerra, esbelto e ligeiro. Hallis Mollen atravessou o portão à frente da coluna, transportando a ondulante bandeira branca da Casa Stark no topo de um grande poste de freixo cinzento. Theon Greyjoy e Grande-Jon puseram-se ao lado de Robb, e seus cavaleiros formaram uma coluna dupla atrás deles, com lanças de ponta de aço brilhando ao sol.

De um modo desconfortável recordou as palavras de Osha. *Ele marcha na direção errada*, pensou. Por um instante quis galopar atrás dele e gritar o aviso, mas quando Robb desapareceu sob a porta levadiça o momento passou.

Para lá das muralhas do castelo ergueu-se um rugido. Bran sabia que os soldados apeados e os habitantes da vila saudavam Robb enquanto ele passava; saudavam Lorde Stark, o Senhor de Winterfell em seu grande garanhão, com seu manto ondulante e Vento Cinzento, que corria ao seu lado. Compreendeu com uma dor surda que nunca o saudariam daquele modo. Ele podia ser Senhor de Winterfell enquanto o irmão e o pai estivessem ausentes, mas era ainda Bran, o Quebrado. Nem sequer podia sair de cima do cavalo se não fosse para cair.

Depois de as saudações distantes se reduzirem ao silêncio, e o pátio ficar por fim vazio, Winterfell pareceu deserto e morto. Bran olhou em volta, para o rosto dos que ficaram, mulheres, crianças e velhos… e Hodor. O enorme cavalariço tinha uma expressão perdida e assustada no rosto.

– Hodor? – disse ele, com voz triste.

– Hodor – concordou Bran, perguntando a si mesmo que significado teria aquilo.

# Daenerys

Depois de obter seu prazer, Khal Drogo levantou-se dos tapetes de dormir e ficou em pé, acima dela. Sua pele brilhava, escura como bronze, à luz avermelhada que vinha do braseiro, e podiam-se ver as tênues linhas de antigas cicatrizes no peito largo. Cabelos negros como tinta, soltos e sem nós, caíam em cascata sobre os ombros e ao longo das costas, até bem depois da cintura. O membro viril cintilava de umidade. A boca do *khal* torceu-se numa expressão mal-humorada sob o longo bigode.

– O garanhão que monta o mundo não precisa de cadeiras de ferro para nada.

Dany apoiou-se sobre o braço para olhá-lo, tão alto e magnífico. Adorava especialmente os seus cabelos. Nunca foram cortados; ele nunca conhecera a derrota.

– Foi profetizado que o garanhão cavalgará até os confins da terra – ela disse.

– A terra termina no mar negro de sal – Drogo respondeu imediatamente. Molhou um pano numa bacia de água morna para limpar o suor e o óleo da pele. – Nenhum cavalo pode atravessar a água venenosa.

– Nas Cidades Livres há navios aos milhares – disse-lhe Dany, tal como já tinha lhe dito antes. – Cavalos de madeira com cem pernas, que voam pelo mar em asas cheias de vento.

Khal Drogo não queria ouvir falar no assunto.

– Não falaremos mais de cavalos de madeira e cadeiras de ferro – deixou cair o pano e começou a se vestir. – Hoje irei para o campo caçar, mulher esposa – anunciou enquanto se enfiava num colete pintado e afivelava um cinto largo com pesados medalhões de prata, ouro e bronze.

– Sim, meu sol-e-estrelas – Dany respondeu. Drogo levaria os companheiros de sangue e partiriam em busca do *hrakkar*, o grande leão

branco das planícies. Se regressassem em triunfo, a alegria do senhor seu marido seria feroz, e talvez estivesse disposto a escutá-la.

Ele não temia animais selvagens ou nenhum homem que já respirara, mas o mar era outra coisa. Para os dothrakis, água que um cavalo não pudesse beber era algo de impuro; as agitadas planícies verde-acinzentadas do oceano enchiam-nos com uma repugnância supersticiosa. Dany descobrira que Drogo era mais corajoso que os outros senhores dos cavalos em meia centena de maneiras diferentes… mas naquilo, não. Se ao menos conseguisse fazer com que embarcasse num navio…

Depois de o *khal* e os companheiros de sangue terem partido com seus arcos, Dany mandou chamar as aias. Sentia agora o corpo tão gordo e desajeitado que acolhia de bom grado a ajuda de seus fortes braços e mãos hábeis, ao passo que antes se sentia frequentemente desconfortável com o modo como elas se agitavam e volteavam ao seu redor. Limparam-na e vestiram-na com sedareia, leve e solta. Enquanto Doreah lhe escovava os cabelos, mandou Jhiqui à procura de Sor Jorah Mormont.

O cavaleiro veio de imediato. Trazia calções de pelo de cavalo e um colete pintado, como um dothraki. Rudes pelos negros cobriam-lhe o peito largo e os braços musculosos.

– Minha princesa. Como posso servi-la?

– Precisa falar com o senhor meu marido. Drogo diz que o garanhão que monta o mundo terá todas as terras para governar e não precisará atravessar a água venenosa. Fala em levar o *khalasar* para o leste depois de Rhaego nascer, a fim de saquear as terras em torno do Mar de Jade.

O cavaleiro ficou pensativo.

– O *khal* nunca viu os Sete Reinos – ele respondeu. – Para ele, não são nada. Se chega a pensar neles, não há dúvida de que pensa em ilhas, algumas cidades pequenas agarradas às rochas à maneira de Lorath ou Lys, cercadas por mares tempestuosos. As riquezas do leste devem parecer-lhe uma possibilidade mais tentadora.

– Mas ele tem de ir para *oeste* – disse Dany, desesperada. – Por favor, ajude-me a fazê-lo compreender – ela também nunca vira os Sete Reinos, tal como Drogo, mas era como se os conhecesse de todas as histórias que o irmão lhe contara. Viserys prometera-lhe mil vezes que um dia a

levaria de volta, mas agora estava morto e as promessas tinham morrido com ele.

– Os dothrakis fazem as coisas ao seu ritmo, por suas razões – respondeu o cavaleiro. – Tenha paciência, princesa. Não cometa o erro do seu irmão. Iremos para casa, prometo-lhe.

Casa? A palavra a fez sentir-se triste. Sor Jorah tinha sua Ilha dos Ursos, mas o que era casa para ela? Algumas histórias, nomes recitados tão solenemente como as palavras de uma prece, a lembrança que se desvanecia de uma porta vermelha… Estaria Vaes Dothrak destinada a ser a sua casa para sempre? Quando olhava para as feiticeiras do *dosh khaleen*, estaria olhando para o seu futuro?

Sor Jorah deve ter visto a tristeza em seu rosto.

– Uma grande caravana chegou durante a noite, *khaleesi*. Quatrocentos cavalos vindos de Pentos, via Norvos e Qohor, sob o comando do Capitão Mercador Byan Votyris. Illyrio pode ter enviado uma carta. Deseja visitar o Mercado Ocidental?

Dany agitou-se.

– Sim. Gostaria – os mercados ganhavam vida quando uma caravana chegava. Nunca se sabia que tesouros os comerciantes poderiam trazer, e seria bom voltar a ouvir homens a falar valiriano, como nas Cidades Livres. – Irri, diga-lhes para prepararem uma liteira.

– Vou dizer ao seu *khas* – falou Sor Jorah, retirando-se.

Se Khal Drogo estivesse com ela, Dany teria montado sua prata. Entre os dothrakis, as mães permaneciam montadas quase até o momento do parto, e ela não queria parecer fraca aos olhos do marido. Mas com o *khal* longe, na caça, era agradável encostar-se a almofadas macias e ser transportada através de Vaes Dothrak, com cortinas de seda vermelha para protegê-la do sol. Sor Jorah selou o cavalo e seguiu a seu lado, com os quatro jovens do seu *khas* e as aias.

O dia estava quente e sem nuvens, o céu de um azul profundo. Quando o vento soprava, Dany conseguia sentir os ricos odores das plantas e da terra. À medida que a liteira ia passando sob os monumentos roubados, passava da sombra para o sol, e de volta à sombra, balançando, estudando o rosto de heróis mortos e de reis esquecidos. Perguntou a si mesma se os deuses de cidades queimadas ainda podiam atender a preces.

*Se eu não fosse do sangue do dragão*, pensou, melancólica, *esta poderia ser a minha casa*. Era *khaleesi*, tinha um homem forte e um cavalo rápido, aias para servi-la, guerreiros para mantê-la a salvo, um lugar de honra no *dosh khaleen* à sua espera quando envelhecesse… e no seu ventre crescia o filho que um dia montaria o mundo. Isso seria suficiente para qualquer mulher… mas não para o dragão. Com Viserys morto, Daenerys era a última, a última mesmo. Pertencia à linhagem de reis e conquistadores, e o mesmo acontecia ao filho que trazia na barriga. Não podia esquecê-lo.

O Mercado Ocidental era uma grande praça de terra batida rodeada por coelheiras de tijolo de barro cozido, recintos para animais, salas caiadas para se refrescar. Outeiros elevavam-se do chão como se fossem dorsos de grandes animais subterrâneos que rompiam a superfície, com bocejantes bocas negras que levavam a frios e cavernosos armazéns subterrâneos. O interior da praça era um labirinto de barracas e passagens retorcidas, ensombradas por toldos de hera entretecida.

Uma centena de mercadores e comerciantes descarregavam suas mercadorias e instalavam-se em barracas depois que chegaram, mas, mesmo assim, o grande mercado parecia silencioso e deserto quando comparado com os bazares apinhados que Dany recordava dos tempos passados em Pentos e nas outras Cidades Livres. As caravanas dirigiam-se a Vaes Dothrak, vindas do leste e do oeste, tanto para vender aos dothrakis como para comerciar umas com as outras, explicou Sor Jorah. Os cavaleiros deixavam-nas ir e vir sem ser incomodadas, desde que mantivessem a paz da cidade sagrada, não profanassem a Mãe das Montanhas ou o Ventre do Mundo e honrassem as feiticeiras do *dosh khaleen* com os presentes tradicionais de sal, prata e sementes. Os dothrakis não compreendiam verdadeiramente esse negócio de compras e vendas.

Dany também gostava da estranheza do Mercado Oriental, com todas as invulgares visões, sons e cheiros que lá havia. Passava com frequência suas manhãs ali, mordiscando ovos de árvore, torta de gafanhotos e tiras de massa verde, escutando as agudas vozes ululantes dos encantores, embasbacando-se perante manticoras em jaulas de prata, imensos elefantes cinzentos e os cavalos listrados de preto e branco de Jogos Nhai. Também gostava de observar as pessoas: os escuros e solenes

Asshai'i e os altos e claros Qartheens, os homens de olhos brilhantes de Yi Ti com seus chapéus de cauda de macaco, as donzelas guerreiras de Bayasabhad, Shamyriana e Kayakayanaya com anéis de ferro nos mamilos e rubis nas bochechas, e até mesmo os severos e assustadores Homens das Sombras, que cobriam os braços e as pernas com tatuagens e escondiam o rosto atrás de máscaras. Para Dany, o Mercado Oriental era um lugar de maravilha e magia.

Mas o Mercado Ocidental cheirava à casa.

Enquanto Irri e Jhiqui a ajudavam a sair da liteira, inspirou e reconheceu os cheiros vivos do alho e da pimenta, fragrâncias que lhe lembravam dias havia muito passados nas vielas de Tyrosh e Myr e lhe trouxeram um leve sorriso aos lábios. Por baixo daqueles odores sentiu os pesados perfumes doces de Lys. Viu escravos transportando braçadas da intrincada renda de Myr e boas lãs numa dúzia de cores ricas. Guardas de caravana vagueavam pelas passagens com capacetes de cobre e túnicas até os joelhos de algodão amarelo acolchoado, com bainhas de espadas vazias pendendo de cintos de couro trançado. Atrás de uma barraca, um armeiro exibia placas peitorais de aço, trabalhadas com ouro e prata em padrões intrincados, e elmos batidos até tomar a forma de animais extravagantes. Ao seu lado estava uma jovem bonita vendendo ourivesaria de Lannisporto, anéis, broches, colares e medalhões magnificamente trabalhados, bons para fazer cintos. Um enorme eunuco guardava-lhe a barraca, mudo e calvo, vestido com veludos manchados de suor e fechando a cara a todos que se aproximassem. Em frente, um gordo comerciante de tecidos de Yi Ti regateava com um pentoshi o preço de um corante verde qualquer, fazendo oscilar de um lado para o outro a cauda de macaco do chapéu quando balançava a cabeça.

– Quando era menina adorava brincar no bazar – disse Dany a Sor Jorah enquanto vagueavam pela passagem coberta entre as barracas. – Era um lugar tão *vivo*, com todo mundo gritando e rindo, tantas coisas maravilhosas para admirar… embora raramente tivéssemos dinheiro suficiente para comprar alguma coisa… Bem, exceto uma salsicha de vez em quando, ou dedos-de-mel… Há dedos-de-mel nos Sete Reinos, como os que fazem em Tyrosh?

– São bolos? Não sei dizer, princesa – o cavaleiro fez uma reverência. – Se me liberar por algum tempo, irei em busca do capitão para ver se

tem letras para nós.

– Muito bem. Ajudarei a encontrá-lo.

– Não há necessidade de se incomodar. – Sor Jorah afastou o olhar com impaciência. – Desfrute do mercado. Volto quando concluir os meus assuntos.

*Curioso*, pensou Dany enquanto o observava afastar-se a passos largos por entre a multidão. Não compreendia por que não devia ir com ele. Talvez Sor Jorah pretendesse encontrar uma mulher depois de se reunir com o capitão mercador. Sabia que era frequente prostitutas viajarem com as caravanas, e alguns homens eram estranhamente tímidos a respeito de suas vidas íntimas. Encolheu os ombros.

– Venham – disse aos outros.

As aias seguiram-na quando Dany reatou o passeio pelo mercado.

– Ah, olha – exclamou para Doreah –, é aquele o tipo de salsicha de que falava – apontava para uma barraca onde uma mulherzinha mirrada grelhava carne e cebolas numa pedra quente. – São preparadas com montes de alho e malaguetas – deliciada com a descoberta, Dany insistiu para que os outros a acompanhassem para comer salsicha. As aias devoraram as suas, aos risinhos e sorrisinhos, embora os homens do seu *khas* cheirassem com suspeita a carne grelhada. – Têm um sabor diferente do que eu recordava – disse Dany depois das primeiras dentadas.

– Em Pentos, eu as fazia com carne de porco – disse a velha –, mas todos os meus porcos morreram no mar dothraki. Estas são feitas com carne de cavalo, *khaleesi*, mas eu as tempero da mesma forma.

– Ah – Dany sentiu-se desapontada, mas Quaro gostou tanto de sua salsicha que decidiu comer outra, e Rakharo o superou, comendo mais três e arrotando sonoramente. Dany riu.

– É a primeira vez que ri desde que seu irmão, o *Khal Rhaggat*, foi coroado por Drogo – disse Irri. – É bom de ver, *khaleesi*.

Dany deu um sorriso tímido. Realmente era bom rir. Sentia-se quase menina de novo.

Vaguearam durante metade da manhã. Dany viu um belo manto de penas das Ilhas do Verão e o obteve de presente. Em troca, deu ao mercador um medalhão de prata que tirou do cinto. Era assim que as coisas eram feitas entre os dothrakis. Um vendedor de aves ensinou um

papagaio verde e vermelho a dizer o seu nome, e Dany voltou a rir, mas recusou-se a ficar com ele. Que faria ela com um papagaio vermelho e verde num *khalasar*? Já ficara com uma dúzia de frascos de óleos aromáticos, os perfumes de sua infância; bastava fechar os olhos e senti-los para voltar a ver a casa grande de porta vermelha. Quando Doreah se pôs a olhar ansiosamente para um amuleto de fertilidade na tenda de um mago, Dany também ficou com ele e o deu à aia, pensando que agora tinha de encontrar também qualquer coisa para Irri e Jhiqui.

Ao virar uma esquina, depararam com um negociante de vinhos que oferecia taças do tamanho de dedais de seus produtos a quem passava por ali.

– Tintos doces – gritou em fluente dothraki –, tenho tintos doces, de Lys, de Volantis e da Árvore. Brancos de Lys. Aguardente de pera de Tyrosh, vinhardente, vinho apimentado e os néctares verde-claros de Myr. Castanhos de baga-fumo e amargos dos ândalos, tenho todos – era um homem pequeno, esguio e bonito, com cabelos loiros ondulados e perfumados à maneira de Lys. Quando Dany parou na frente da barraca, o homem fez uma profunda reverência. – A *khaleesi* deseja experimentar? Tenho um tinto doce de Dorne, senhora, que canta uma canção de passas, cerejas e rico carvalho escuro. Um barril, uma taça, um gole? Bastará que o prove, e darei a seu filho o meu nome.

Dany sorriu.

– Meu filho já tem nome, mas vou experimentar o vinho de verão – disse, em valiriano, aquele valiriano que falavam nas Cidades Livres. Sentiu as palavras estranhas na língua, depois de tanto tempo. – Só uma gota, por gentileza.

O mercador devia tê-la tomado por uma dothraki, devido aos seus trajes, aos cabelos oleados e à pele bronzeada. Quando falou, o homem abriu a boca de espanto.

– Senhora, é… tyroshi? Poderá ser?

– Minha fala pode ser tyroshi, e os meus trajes, dothrakis, mas sou de Westeros, dos Reinos do Poente – disse-lhe Dany.

Doreah aproximou-se.

– Tem a honra de se dirigir a Daenerys da Casa Targaryen, Daenerys, Filha da Tormenta, *khaleesi* dos homens e cavalo e princesa dos Sete Reinos.

O mercador de vinhos caiu de joelhos.

– Princesa – disse, abaixando a cabeça.

– Erga-se – Dany ordenou. – Ainda gostaria de provar esse vinho de verão de que falou.

O homem pôs-se em pé de um salto.

– Isso? Zurrapa de Dorne. Não é digno de uma princesa. Tenho um tinto seco da Árvore, vivo e agradável. Por favor, deixe-me oferecer um barril.

As visitas de Khal Drogo às Cidades Livres tinham lhe deixado o gosto por bom vinho, e Dany sabia que uma colheita tão nobre lhe agradaria.

– Honra-me, sor – murmurou docemente.

– A honra é minha – o mercador esquadrinhou os fundos da barraca e voltou com uma pequena barrica de carvalho. Via-se um cacho de uvas desenhado a fogo na madeira. – O símbolo dos Redwyne – disse, apontando –, da Árvore. Não há bebida mais fina.

– Khal Drogo e eu a partilharemos. Aggo, leve isto para a liteira, por gentileza – o vendedor de vinhos mostrou-se radiante quando o dothraki ergueu o barril.

Dany só reparou que Sor Jorah tinha regressado quando ouviu o cavaleiro dizer:

– *Não* – tinha a voz estranha, brusca. – Aggo, deixe esse barril aí.

Aggo olhou para Dany. Ela assentiu, hesitante.

– Sor Jorah, o que há?

– Tenho sede. Abra-o, vendedor.

O mercador franziu as sobrancelhas.

– O vinho é para a *khaleesi*, não para homens da sua laia, sor.

Sor Jorah aproximou-se da barraca.

– Se não o abrir, parto-o na sua cabeça – ali, na cidade sagrada, não se transportavam armas a não ser as mãos… mas as mãos eram o bastante, grandes, duras e perigosas, com os nós dos dedos cobertos de rudes pelos escuros. O vendedor de vinhos hesitou um momento, mas depois pegou no martelo e arrancou o tampão do barril.

– Sirva – ordenou Sor Jorah. Os quatro jovens guerreiros do *khas* de Dany dispuseram-se atrás dele, franzindo as sobrancelhas, observando com seus olhos escuros e amendoados.

– Seria um crime beber um vinho tão rico sem deixá-lo respirar – o vendedor de vinhos não largara o martelo.

Jhogo estendeu a mão para o chicote que trazia à cintura, mas Dany o fez parar com um ligeiro toque no braço.

– Faça como diz Sor Jorah – disse. Havia pessoas que paravam para ver o que se passava.

O homem deu um olhar rápido e carrancudo.

– Às ordens da princesa – teve de pôr de lado o martelo para erguer o barril. Encheu duas taças de prova do tamanho de dedais, despejando tão habilmente o vinho que não derramou uma gota.

Sor Jorah ergueu uma taça e cheirou o vinho, de testa franzida.

– É doce, não é? – disse o vendedor de vinhos, sorrindo. – Conseguiu sentir o aroma da fruta, sor? O perfume da Árvore. Prove-o, senhor, e diga-me se não é o mais fino, o mais rico vinho que alguma vez tocou sua língua.

Sor Jorah ofereceu-lhe a taça.

– Prove-o você primeiro.

– Eu? – o homem soltou uma gargalhada. – Eu não sou digno deste vinho, senhor. E o mercador de vinhos que bebe a própria mercadoria é um pobre mercador – seu sorriso era amigável, mas Dany conseguia ver o reflexo do suor em sua testa.

– *Irá* beber – disse Dany, fria como gelo. – Esvazie a taça, senão lhes digo para que o segurem enquanto Sor Jorah despeja o barril inteiro por sua goela abaixo.

O vendedor de vinhos encolheu os ombros, estendeu a mão para a taça… mas agarrou o barril, atirando-o com as duas mãos. Sor Jorah atirou-se sobre Dany, afastando-a com um empurrão. A barrica quicou no ombro do cavaleiro e esmagou-se no chão. Dany tropeçou e perdeu o equilíbrio.

– Não – gritou, atirando as mãos para a frente a fim de aparar a queda… Doreah a agarrou pelo braço e a puxou para trás, de modo que Dany caiu sobre as costas, e não sobre a barriga.

O mercador saltou sobre a bancada, passando como um dardo entre Aggo e Rakharo. Quaro estendeu a mão para um *arakh,* que não se encontrava lá, ao mesmo tempo que o homem loiro o afastava com um encontrão. Dany ouviu o estalido do chicote de Jhogo, viu o couro

estender-se e enrolar-se em volta da perna do vendedor de vinhos. O homem estatelou-se de bruços na terra batida.

Uma dúzia de guardas da caravana tinha chegado correndo. Com eles viera o próprio mestre, o Capitão Mercador Byan Votyris, um minúsculo norvoshi cuja pele era como couro velho e que tinha um farto bigode azul que lhe chegava às orelhas. Pareceu compreender o que se passara sem que uma palavra fosse dita.

– Levem-no daqui para esperar a vontade do *khal* – ordenou, fazendo um gesto para o homem que estava no chão. Dois guardas puseram o vendedor de vinhos em pé. – Também a presenteio com os seus bens, princesa – continuou o capitão mercador. – É um pequeno sinal de pesar por um dos meus ter feito uma coisa dessas.

Doreah e Jhiqui ajudaram Dany a se erguer. O vinho envenenado jorrava da barrica partida no chão.

– Como soube? – ela perguntou a Sor Jorah, tremendo. – *Como?*

– Não sabia, *khaleesi*, pelo menos até que o homem se recusou a beber, mas assim que li a carta de Magíster Illyrio, tive receio – seus olhos escuros varreram os rostos estranhos no mercado. – Venha. É melhor não falar disto aqui.

Dany estava quase às lágrimas quando a levaram de volta. O sabor que trazia na boca era um que já conhecera: o medo. Vivera anos sob o terror de Viserys, com medo de acordar o dragão. Isto era ainda pior. Agora não temia apenas por si mesma, mas pelo bebê. Ele devia ter sentido seu medo, porque se movia sem descanso no seu interior. Dany afagou suavemente o inchaço da barriga, desejando poder alcançá-lo, tocá-lo, acalmá-lo.

– Você é do sangue do dragão, pequeno – segredou enquanto a liteira balançava pelo caminho, de cortinas bem cerradas. – Você é do sangue do dragão, e o dragão não sente medo.

Sob o outeiro oco de terra que era a sua casa em Vaes Dothrak, Dany ordenou-lhes que a deixassem… todos, menos Sor Jorah.

– Diga-me – ordenou, enquanto se deixava cair sobre as almofadas. – Foi o Usurpador?

– Sim – o cavaleiro pegou um pergaminho dobrado. – Uma carta para Viserys, de Magíster Illyrio. Robert Baratheon oferece terras e títulos por sua morte ou a de seu irmão.

– Do meu irmão? – o soluço soou como meia gargalhada. – Ele ainda não sabe, não é? O Usurpador deve a Drogo um título – agora, a gargalhada foi meio soluço. Apertou os braços em volta do corpo, num gesto protetor. – E pela minha, o senhor disse. Só a minha?

– A sua e a da criança – respondeu Sor Jorah, sombrio.

– Não. Ele não pode ter o meu filho – não choraria, Dany decidiu. Não tremeria de medo. *O Usurpador agora acordou o dragão*, disse a si mesma… e seus olhos desviaram-se para os ovos de dragão que descansavam em seu ninho de veludo escuro. A oscilante luz da candeia iluminava as escamas de pedra, e grãos de pó que tremeluziam em jade, escarlate e ouro dançavam no ar à sua volta, como cortesãos em torno de um rei.

Teria sido a loucura que a tomara naquele momento, nascida do medo? Ou alguma estranha sabedoria enterrada em seu sangue? Dany não saberia dizer. Ouviu a própria voz dizendo:

– Sor Jorah, acenda o braseiro.

– *Khaleesi?* – o cavaleiro olhou-a de um modo estranho. – Está tão quente. Tem certeza?

Nunca tivera tanta certeza na vida.

– Sim, eu… eu estou com frio. Acenda o braseiro.

Ele fez uma reverência.

– Às suas ordens.

Quando os carvões se incendiaram, Dany mandou Sor Jorah embora. Tinha de estar só para fazer o que tinha de fazer. *Isto é uma loucura*, disse a si mesma enquanto tirava do veludo o ovo negro e escarlate. *Só vai partir-se e arder, e é tão belo, Sor Jorah me chamará de tonta se estragá-lo*, no entanto, no entanto…

Embalando o ovo com as mãos, levou-o para o fogo e o empurrou para o interior dos carvões ardentes. As escamas negras pareceram brilhar quando beberam o calor. Chamas lamberam a pedra com pequenas línguas vermelhas. Dany depositou os outros dois ovos ao lado do negro, no fogo. Quando deu um passo para longe do braseiro, a respiração tremeu-lhe na garganta.

Observou até que os carvões se transformaram em cinzas. Fagulhas flutuavam para cima e seguiam pelo orifício de saída da fumaça. Ondas de calor estremeciam em torno dos ovos de dragão. E foi tudo.

*Seu irmão Rhaegar foi o último dragão*, dissera Sor Jorah. Dany fitou tristemente os ovos. Que esperava? Um milhar de milhares de anos antes tinham estado vivos, mas agora eram apenas rochas bonitas. Não podiam fazer um dragão. Um dragão era ar e fogo. Carne viva, não pedra morta.

Quando Khal Drogo regressou, o braseiro estava frio de novo. Cohollo levava um cavalo de carga à sua frente com a carcaça de um grande leão branco presa ao dorso. No céu, as estrelas começavam a surgir. O *khal* soltou uma gargalhada ao saltar do cavalo e mostrou-lhe as cicatrizes na perna, onde o *hrakkar* o arranhara através dos calções.

– Farei para você um manto de sua pele, lua da minha vida – ele jurou.

Quando Dany lhe contou o que acontecera no mercado, todos os risos pararam, e Khal Drogo ficou muito silencioso.

– Esse envenenador foi o primeiro – preveniu-o Sor Jorah Mormont –, mas não será o último. Os homens arriscarão muito por um título.

Drogo ficou em silêncio durante algum tempo. Por fim, disse:

– Esse vendedor de venenos fugiu da lua da minha vida. Melhor seria que corresse atrás dela. E é o que vai fazer. Jhogo, Jorah, o ândalo, a ambos eu digo, escolham qualquer cavalo que desejarem das minhas manadas, e ele é seu. Qualquer cavalo, exceto o meu vermelho e a prata que foi presente de casamento à lua da minha vida. Dou-lhes este presente pelo que fizeram. E a Rhaego, filho de Drogo, o garanhão que montará o mundo, também a ele prometo um presente. A ele darei essa cadeira de ferro onde se sentou o pai de sua mãe. Darei a ele Sete Reinos. Eu, Drogo, *khal*, farei isso – sua voz ergueu-se e ele levantou o punho para o céu. – Levarei meu *khalasar* para o oeste, até onde o mundo termina, e montarei os cavalos de madeira através da negra água salgada como nenhum *khal* fez antes. Matarei os homens das roupas de ferro e derrubarei suas casas de pedra. Violarei suas mulheres, tomarei seus filhos como escravos e trarei seus deuses quebrados para Vaes Dothrak, para que se verguem sob a Mãe das Montanhas. É isso que prometo, eu, Drogo, filho de Bharbo. É isso que juro perante a Mãe das Montanhas, com as estrelas por testemunhas.

O *khalasar* partiu de Vaes Dothrak dois dias depois, dirigindo-se para o sul e para o oeste pelas planícies. Khal Drogo os liderou em seu grande garanhão vermelho, com Daenerys a seu lado na sua prata. O vendedor de vinhos corria atrás deles, nu, a pé, acorrentado pela garganta e pelos

pulsos. As correntes estavam presas à sela da prata de Dany. Enquanto ela cavalgava, ele corria a seu lado, de pés nus e aos tropeções. Nenhum mal lhe aconteceria… enquanto conseguisse acompanhá-la.

# Catelyn

Estava longe demais para distinguir claramente as bandeiras, mas mesmo através do nevoeiro podia ver que eram brancas com uma mancha escura no centro, que só podia ser o lobo gigante dos Stark, cinzento sobre seu fundo de gelo. Quando viu aquilo com os próprios olhos, Catelyn puxou as rédeas do cavalo e inclinou a cabeça num agradecimento. Os deuses eram bons. Não chegara tarde demais.

– Esperam a nossa vinda, senhora – disse Sor Wylis Manderly –, como o senhor meu pai jurou que fariam.

– Não os deixemos à espera por mais tempo, sor – Sor Brynden Tully esporeou o cavalo e dirigiu-se a trote vivo para os estandartes. Catelyn o acompanhou.

Sor Wylis e o irmão, Sor Wendel, seguiram-nos, à frente de seus soldados, quase mil e quinhentos homens: pouco mais de vinte cavaleiros e outros tantos escudeiros, duzentos cavaleiros livres e lanceiros e espadachins a cavalo e o resto dos homens a pé, armados com lanças, piques e tridentes. Lorde Wyman tinha ficado para trás, a fim de organizar as defesas de Porto Branco. Com quase sessenta anos, tornara-se corpulento demais para montar um cavalo.

– Se julgasse que voltaria a ver a guerra na minha vida, teria comido um pouco menos de enguias – dissera a Catelyn quando recebeu seu navio, batendo na enorme barriga com as mãos. Tinha os dedos gordos como salsichas. – Mas os meus rapazes os levarão a salvo até o seu filho, nada tema.

Os "rapazes" dele eram ambos mais velhos que Catelyn, e ela teria preferido que não saíssem tanto ao pai. Sor Wylis estava apenas a algumas enguias de não ser capaz de montar seu cavalo; Catelyn sentia pena do pobre animal. Sor Wendel, o filho mais novo, teria sido o homem mais gordo que vira na vida, não tivesse deparado com o pai e o irmão. Wylis era silencioso e formal, Wendel, ruidoso e grosseiro; ambos

ostentavam bigodes de morsa e cabeças tão lisas como o bumbum de um bebê; nenhum parecia possuir uma única peça de roupa que não estivesse salpicada com manchas de comida. Mas gostava bastante deles; tinham-na trazido até Robb, como o pai prometera, e nada mais importava.

Ficou satisfeita por constatar que o filho enviara espiões até mesmo para o leste. Os Lannister, quando viessem, viriam pelo sul, mas era bom que Robb estivesse sendo cauteloso. *Meu filho está levando uma tropa para a guerra*, pensou, ainda sem bem acreditar. Temia desesperadamente por ele, e por Winterfell, mas não podia negar que também sentia certo orgulho. Um ano antes, ele era apenas um garoto. Que seria agora?, perguntava a si mesma.

Batedores detectaram os estandartes dos Manderly – o tritão branco de tridente na mão, erguendo-se do mar azul-esverdeado – e saudaram-nos calorosamente. Foram levados para um ponto elevado e suficientemente seco para um acampamento. Sor Wylis anunciou uma parada e ficou para trás com os homens, a fim de supervisionar o acender das fogueiras e os cuidados com os cavalos, ao passo que o irmão Wendel prosseguiu com Catelyn e o tio para apresentar os cumprimentos do pai ao seu suserano.

O terreno sob os cascos dos cavalos era mole e úmido. Cedia devagar enquanto iam passando por fumarentos fogos de turfa, filas de cavalos e carroças carregadas de biscoitos e carne de vaca salgada. Em um afloramento rochoso mais alto que o terreno circundante, passaram por um pavilhão senhorial com paredes de lona pesada. Catelyn reconheceu o estandarte, o alce macho dos Hornwood, castanho em seu campo laranja-escuro.

Logo depois, por entre a névoa, vislumbrou as muralhas e torres de Fosso Cailin… ou o que restava delas. Imensos blocos de basalto negro, cada um deles tão grande como uma cabana de caseiro, jaziam espalhados e tombados como os blocos de madeira de uma criança, meio enfiados no solo mole pantanoso. Nada mais restava de uma muralha exterior que outrora se erguera tão alta como a de Winterfell. A fortaleza de madeira tinha desaparecido por completo, apodrecida havia mil anos, sem sequer deixar uma viga para marcar o local onde estivera. Tudo que restava do grande castro dos Primeiros Homens eram três torres… três que antes tinham sido vinte, caso seja possível crer nos contadores de histórias.

A Torre do Portão parecia em muito bom estado, e até podia se vangloriar de alguns metros de muralha de ambos os lados. A Torre do Bêbado, no pântano, onde outrora se encontravam as muralhas sul e oeste, inclinava-se como um homem empanturrado de vinho prestes a vomitar na sarjeta. E a alta e esguia Torre dos Filhos, onde segundo a lenda os filhos da floresta tinham um dia convocado seus deuses sem nome para enviar o martelo das águas, tinha perdido metade de sua coroa. Era como se algum grande animal tivesse dado uma dentada nas ameias ao longo do topo da torre e cuspido o cascalho para o pântano. As três torres estavam verdes de musgo. Uma árvore crescia entre as pedras do lado norte da Torre do Portão, com galhos retorcidos ornados com mantos viscosos e brancos de pele-de-fantasma.

– Que os deuses tenham piedade – exclamou Sor Brynden quando viu o que se estendia à sua frente. – *Isto* é Fosso Cailin? Não passa de…

– … uma armadilha mortal – terminou Catelyn. – Eu sei o que parece, tio. Pensei o mesmo da primeira vez que o vi, mas Ned assegurou-me de que esta *ruína* é mais poderosa do que parece. As três torres sobreviventes dominam o talude de todos os lados, e qualquer inimigo tem de passar entre elas. Os pântanos, aqui, são impenetráveis, cheios de areia movediça e poços, e repletos de serpentes. Para assaltar qualquer uma das torres, um exército teria de avançar através de esterco negro que chega ao peito dos homens, atravessar um fosso repleto de lagartos-leões e escalar muralhas escorregadias com musgo, e tudo isso enquanto fica exposto ao fogo dos arqueiros nas outras torres – deu um sorriso sombrio para o tio. – E quando a noite cai, dizem que há fantasmas, espíritos frios e vingativos do Norte que têm fome de sangue sulista.

Sor Brynden soltou um risinho.

– Lembre-me de não ficar muito tempo por aqui. Da última vez que verifiquei, eu mesmo era sulista.

Tinham sido desfraldados estandartes nas três torres. O resplendor dos Karstark esvoaçava da Torre do Bêbado sob o lobo gigante; na Torre das Crianças, era o gigante com as correntes quebradas de Grande-Jon. Mas na Torre do Portão a bandeira dos Stark esvoaçava sozinha. Fora ali que Robb estabelecera sua base. Catelyn dirigiu-se para lá, com Sor Brynden e Sor Wendel atrás, levando os cavalos a passo lento pela estrada de

tábuas e troncos que tinha sido disposta sobre o verde e o negro dos campos de lama.

Encontrou o filho rodeado pelos senhores vassalos do pai, em um salão cheio de correntes de ar, com um fogo de turfa fumegando em uma lareira negra. Estava sentado a uma maciça mesa de pedra, com uma pilha de papéis e mapas à sua frente, conversando seriamente com Roose Bolton e Grande-Jon. A princípio não reparou nela… mas o lobo, sim. O grande animal cinzento estava deitado perto do fogo, mas, quando Catelyn entrou, ergueu a cabeça, e os olhos dourados encontraram os dela. Os senhores calaram-se, um por um, e Robb ergueu os olhos perante o súbito silêncio e a viu.

– *Mãe?* – disse, com a voz pesada de emoção.

Catelyn quis correr para ele, beijar sua querida testa, envolvê-lo nos braços e apertá-lo com força para que nunca lhe acontecesse nenhum mal… mas ali, na frente de seus senhores, não se atrevia. Ele agora desempenhava um papel de homem, e ela não lhe queria tirar isso. Por esse motivo, deteve-se na ponta mais distante da laje de basalto que estavam usando como mesa. O lobo selvagem pôs-se em pé e caminhou pela sala até ela. Parecia maior do que um lobo deveria ser.

– Deixou crescer a barba – disse ela para Robb, enquanto Vento Cinzento lhe farejava a mão.

Ele esfregou o queixo, de repente atrapalhado.

– Sim – os pelos no queixo eram mais vermelhos que os cabelos.

– Gostei – Catelyn afagou suavemente a cabeça do lobo. – Torna-o parecido com meu irmão Edmure – Vento Cinzento mordiscou-lhe os dedos, de um jeito brincalhão, e regressou a trote para seu lugar perto do fogo.

Sor Haleman Tallhart foi o primeiro a seguir o lobo gigante, atravessando a sala para saudá-la, ajoelhando à sua frente e encostando a testa à sua mão.

– Senhora Catelyn – disse –, está bela como sempre, uma visão bem-vinda em tempos conturbados – seguiram-se os Glover, Galbart e Robett, e Grande-Jon Umber, e os outros, um por um. Theon Greyjoy foi o último.

– Não esperava vê-la aqui, senhora – disse enquanto se ajoelhava.

– Não pensei em vir – disse Catelyn –, até que desembarquei em Porto Branco e Lorde Wyman me disse que Robb convocara os vassalos. Conheça seu filho, Sor Wendel – Wendel Manderly avançou e fez uma reverência tão profunda quanto a barriga lhe permitia. – E meu tio, Sor Brynden Tully, que trocou o serviço de minha irmã pelo meu.

– O Peixe Negro – Robb disse. – Obrigado por se juntar a nós, sor. Precisamos de homens com a sua coragem. E o senhor também, Sor Wendel, estou contente por tê-lo aqui. Sor Rodrik também está com a senhora, mãe? Senti a sua falta.

– Sor Rodrik saiu de Porto Branco para o Norte. Nomeei-o castelão e ordenei-lhe que defendesse Winterfell até o nosso regresso. Meistre Luwin é um sábio conselheiro, mas não tem experiência nas artes da guerra.

– Nada tema a esse respeito, Senhora Stark – disse-lhe Grande-Jon, em seu grave rugido. – Winterfell está seguro. Logo vamos enfiar nossas espadas em Tywin Lannister, com a sua licença, e depois seguiremos a caminho da Fortaleza Vermelha para libertar Ned.

– Senhora, uma pergunta, se me permite – Roose Bolton, senhor do Forte do Pavor, tinha voz fraca, mas, quando falava, os homens maiores silenciavam-se para ouvir. Seus olhos eram curiosamente claros, quase desprovidos de cor, e o olhar era perturbador. – Diz-se que a senhora tem o filho anão de Lorde Tywin cativo. Trouxe o Duende até nós? Juro, faríamos bom uso de tal refém.

– É verdade que capturei Tyrion Lannister, mas já não o tenho em meu poder – Catelyn foi forçada a admitir. Um coro de consternação recebeu a notícia. – Não fiquei mais satisfeita do que os senhores. Os deuses acharam por bem libertá-lo, com alguma ajuda da tola da minha irmã – não devia exprimir tão abertamente o seu desprezo, bem o sabia, mas a partida do Ninho da Águia não fora agradável. Oferecera-se para levar consigo Lorde Robert, para criá-lo em Winterfell durante alguns anos. Atrevera-se a sugerir que a companhia de outros garotos lhe faria bem. A ira de Lysa fora uma visão assustadora. “Irmã ou não”, replicara, “se tentar roubar-me meu filho, sairá pela Porta da Lua.” Depois daquilo nada mais tivera a dizer.

Os senhores estavam ansiosos por lhe fazer mais perguntas, mas Catelyn ergueu a mão.

– Sem dúvida que teremos tempo para tudo isso mais tarde, mas a viagem fatigou-me. Gostaria de falar a sós com meu filho. Sei que me perdoarão, senhores – não lhes deixou escolha. Liderados pelo sempre prestativo Lorde Hornwood, os vassalos fizeram suas reverências e se retiraram. – Você também, Theon – acrescentou, quando Greyjoy se deixou ficar. Ele sorriu e os deixou.

Havia cerveja e queijo sobre a mesa. Catelyn encheu um corno, sentou-se, bebeu um gole e estudou o filho. Parecia mais alto do que quando ela partira, e os fiapos de barba faziam-no parecer mais velho.

– Edmure tinha dezesseis anos quando deixou crescer as primeiras suíças.

– Farei dezesseis em breve – Robb respondeu.

– Mas agora tem quinze. Quinze, e levando uma tropa para a batalha. Compreende por que tenho motivo para temer, Robb?

O olhar dele ficou obstinado.

– Não havia mais ninguém.

– Ninguém? – ela disse. – Diga-me quem eram aqueles homens que vi aqui há um momento? Roose Bolton, Rickard Karstark, Galbart e Robett Glover, Grande-Jon, Helman Tallhart… podia ter dado o comando a *qualquer um* deles. Que os deuses sejam bondosos, podia até ter enviado Theon, embora ele não tivesse sido a minha escolha.

– Eles não são Stark.

– São *homens*, Robb, experientes em batalha. Você lutava com espadas de madeira há menos de um ano.

Viu a ira nos olhos dele ao ouvir aquilo, mas desapareceu tão depressa como surgiu, e subitamente o filho tornou-se de novo um garoto.

– Eu sei – disse ele, desconcertado. – Está… está me mandando de volta para Winterfell?

Catelyn suspirou.

– Era o que devia fazer. Você nunca devia ter partido. Mas não me atrevo, agora não. Você chegou longe demais. Um dia, aqueles senhores o verão como seu suserano. Se mandá-lo embora agora, como uma criança que é mandada para a cama sem jantar, eles se recordarão e rirão desse fato. Chegará o dia em que necessitará que o respeitem, e até que o temam um pouco. O riso é veneno para o medo. Não lhe farei tal coisa, por mais que possa desejar mantê-lo a salvo.

– Meus agradecimentos, mãe – disse ele, com o alívio transparecendo, evidente, sob a formalidade.

Ela estendeu o braço por cima da mesa e tocou seus cabelos.

– É meu primogênito, Robb. Basta olhar para você para me lembrar do dia em que chegou ao mundo, de rosto vermelho e berrando.

Ele se levantou, claramente desconfortável com o toque dela, e caminhou até a lareira. Vento Cinzento esfregou a cabeça em sua perna.

– Sabe… do pai?

– Sim – os relatos sobre a morte súbita de Robert e a queda de Ned tinham assustado Catelyn mais do que era capaz de exprimir, mas não deixaria que o filho visse seu medo. – Lorde Manderly contou-me quando desembarquei em Porto Branco. Teve alguma notícia de suas irmãs?

– Houve uma carta – Robb respondeu, coçando o lobo gigante sob o focinho. – E uma também para a senhora, mas foi entregue em Winterfell com a minha – dirigiu-se à mesa, vasculhou entre alguns mapas e papéis e voltou com um pergaminho amarrotado. – Esta é a que escreveu para mim, não pensei em trazer a sua.

Houve algo no tom de Robb que a perturbou. Alisou o papel e leu. A preocupação deu lugar à descrença, depois à ira, e por fim ao medo.

– Isto é uma carta de Cersei, não de sua irmã – disse ao terminar. – A verdadeira mensagem está naquilo que Sansa não diz. Tudo isto sobre como os Lannister a estão tratando delicada e gentilmente… conheço o som de uma ameaça, mesmo sussurrada. Têm Sansa refém e pretendem mantê-la.

– Não há menção a Arya – Robb fez notar, em tom infeliz.

– Não – Catelyn não queria pensar no que isso poderia querer dizer, não naquele momento, não ali.

– Tive esperança… se ainda tivesse o Duende, uma troca de reféns… – pegou a carta de Sansa e a amassou, e Catelyn percebeu pelo modo como o fez que não era a primeira vez. – Há notícias do Ninho da Águia? Escrevi à tia Lysa, pedindo ajuda. Sabe se ela convocou os vassalos de Lorde Arryn? Os cavaleiros do Vale virão juntar-se a nós?

– Só um – disse ela –, o melhor deles, meu tio… mas Brynden Peixe Negro é em primeiro lugar um Tully. Minha irmã não pretende mexer um dedo fora do Portão Sangrento.

Robb recebeu aquilo duramente.

– Mãe, o que vamos *fazer*? Reuni todo esse exército, dezoito mil homens, mas não vou… não estou certo… – olhou-a, com os olhos brilhando, o orgulhoso jovem senhor evaporado num instante, e igualmente depressa se transformou novamente em uma criança, um rapaz de quinze anos procurando respostas com a mãe.

Não podia ser.

– De que tem tanto medo, Robb? – perguntou Catelyn, gentilmente.

– Eu… – ele virou a cabeça para esconder a primeira lágrima. – Se marcharmos… mesmo se ganharmos… os Lannister têm Sansa e meu pai. Vão matá-los, não vão?

– Querem que pensemos que sim.

– Quer dizer que estão mentindo?

– Não sei, Robb. O que sei é que você não tem escolha. Se for até Porto Real e jurar fidelidade, nunca será autorizado a partir. Se meter o rabo entre as pernas e se retirar para Winterfell, seus senhores perderão todo o respeito por você. Alguns até poderão passar para o lado dos Lannister. Então, a rainha, com muito menos a perder, pode fazer dos prisioneiros o que quiser. Nossa melhor esperança, nossa *única* verdadeira esperança, é que consiga derrotar o inimigo no campo de batalha. Se acontecer de capturar Lorde Tywin ou o Regicida, então uma troca poderá ser perfeitamente possível, mas este não é o âmago da questão. Enquanto tiver suficiente poder para que o temam, Ned e sua irmã deverão estar seguros. Cersei é bastante sensata para saber que pode precisar deles para fazer a paz, caso a luta lhe seja desfavorável.

– E se a luta *não* lhe for desfavorável? – Robb perguntou. – E se for desfavorável a nós?

Catelyn tomou-lhe a mão nas suas.

– Robb, não vou suavizar a verdade para você. Se perder, não há esperança para nenhum de nós. Dizem que não há nada exceto pedra no coração de Rochedo Casterly. Lembre-se do destino dos filhos de Rhaegar.

Então ela viu o medo naqueles jovens olhos, mas neles havia também uma força.

– Nesse caso, não perderei – prometeu.

– Conte-me o que sabe da luta nas terras do rio – ela pediu. Tinha de saber se ele estava realmente pronto.

– Há menos de uma quinzena, travou-se uma batalha nos montes sob o Dente Dourado. Tio Edmure enviou Lorde Vance e Lorde Piper para defender o desfiladeiro, mas o Regicida caiu sobre eles e os pôs em fuga. Lorde Vance foi morto. A última notícia que recebemos dizia que Lorde Piper recuava para se juntar ao seu irmão e a seus outros vassalos em Correrrio, com Jaime Lannister em seu encalço. Mas isso não é o pior. Enquanto lutavam no desfiladeiro, Lorde Tywin trazia um segundo exército Lannister pelo sul. Dizem que é ainda maior que a tropa de Jaime. Meu pai deve ter sabido disso, porque enviou alguns homens para se opor a eles, sob a bandeira do próprio rei. Deu o comando a um fidalgo qualquer do sul, um Lorde Erik, ou Derik, ou algo assim, mas Sor Raymun Darry ia com ele, e a carta dizia que havia também outros cavaleiros e uma força de guardas do pai. Mas era uma armadilha. Assim que Lorde Derik atravessou o Ramo Vermelho, os Lannister caíram sobre ele, com bandeira do rei e tudo, e Gregor Clegane os apanhou pela retaguarda quando tentaram se retirar pelo Vau do Saltimbanco. Esse Lorde Derik e alguns outros podem ter escapado, ninguém sabe ao certo, mas Sor Raymun foi morto, tal como a maior parte dos nossos homens de Winterfell. Dizem que Lorde Tywin bloqueou a Estrada do Rei e agora marcha para o norte, na direção de Harrenhal, queimando tudo à sua passagem.

*Sinistro e ameaçador*, pensou Catelyn. Era pior do que imaginara.

– Pretende esperar por ele aqui? – ela perguntou.

– Se ele vier até tão longe, sim, mas ninguém pensa que virá. Enviei uma mensagem para Howland Reed, de Atalaia da Água Cinzenta, um velho amigo do pai. Se os Lannister subirem o Gargalo, os cranogmanos os sangrarão ao longo de todo o caminho, mas Galbart Glover diz que Lorde Tywin é inteligente demais para isso, e Roose Bolton concorda. Acreditam que vai permanecer perto do Tridente, tomando os castelos dos senhores do rio um por um, até Correrrio ficar sozinho. Precisamos marchar para o sul ao seu encontro.

A simples ideia gelou Catelyn até os ossos. Que chances teria um rapaz de quinze anos contra comandantes de batalha experientes como Jaime e Tywin Lannister?

– Será isso sensato? Aqui você tem uma posição forte. Dizem que os velhos Reis do Norte poderiam instalar-se em Fosso Cailin e repelir tropas dez vezes maiores que a sua.

– Sim, mas nossa provisão está diminuindo, e esta não é terra de que possamos viver facilmente. Estivemos à espera de Lorde Manderly, mas agora que seus filhos se juntaram a nós, temos de marchar.

Catelyn compreendeu que estava ouvindo os senhores vassalos falarem pela voz do filho. Ao longo dos anos, recebera muitos deles em Winterfell, e ela e Ned tinham sido acolhidos às suas mesas e junto de seus fogos. Sabia que tipo de homens eram, cada um deles. Gostaria de saber se Robb também o sabia.

E, no entanto, havia sentido no que diziam. Essa tropa que o filho reunira não era um exército regular como os que as Cidades Livres estavam habituadas a manter, nem uma força de guardas pagos em dinheiro. A maioria era gente simples: pequenos caseiros, trabalhadores rurais, pescadores, pastores de ovelhas, filhos de estalajadeiros, comerciantes e curtidores, complementados por um punhado de mercenários e cavaleiros livres ansiosos pelo saque. Quando seus senhores chamavam, eles vinham… mas não para sempre.

– Marchar está muito bem – disse ao filho –, mas para *onde*, e com que propósito? Que pensa em fazer?

Robb hesitou.

– Grande-Jon acha que devíamos levar a batalha até Lorde Tywin e surpreendê-lo, mas os Glover e os Karstark pensam que seríamos mais sensatos em cercar o seu exército e juntar forças com Sor Edmure contra o Regicida – passou os dedos pela farta cabeleira ruiva com um ar infeliz. – Embora, quando finalmente atingirmos Correrrio… não tenho certeza.

– *Pois tenha* – disse Catelyn ao filho –, ou então volte para casa e pegue de novo a espada de madeira. Não pode se dar ao luxo de parecer indeciso perante homens como Roose Bolton e Rickard Karstark. Não se iluda, Robb… esses homens são seus vassalos, não seus amigos. Chamou-se a si mesmo comandante de batalha. *Comande*.

O filho olhou para ela, sobressaltado, como se não conseguisse acreditar no que ouvia.

– Será como diz, mãe.

– Pergunto de novo. O que é que *você* pensa em fazer?

Robb abriu um mapa sobre a mesa, um esfarrapado pedaço de couro antigo, coberto com linhas de tinta desbotada. Uma das pontas teimava em enrolar-se; segurou-a pondo-lhe o punhal em cima.

– Ambos os planos têm virtudes, mas… olhe, se tentarmos cercar a tropa de Lorde Tywin, corremos o risco de ficar presos entre ele e o Regicida, e se o atacarmos… segundo todos os relatos, ele tem mais homens do que eu, e muito mais cavalaria armada. Grande-Jon diz que isso não importa se o apanharmos de calças curtas, mas parece-me que um homem que travou tantas batalhas como Tywin Lannister não será apanhado de surpresa com toda essa facilidade.

– Muito bem – disse ela. Enquanto ele estava ali, debruçado sobre o mapa, conseguia ouvir em sua voz ecos de Ned. – Diga-me mais.

– Eu deixaria aqui uma pequena força defendendo Fosso Cailin, principalmente arqueiros, e marcharia com o resto pelo talude. Mas assim que estivéssemos abaixo do Gargalo, dividiria a nossa tropa em duas. A infantaria pode prosseguir pela Estrada do Rei, ao passo que nossos cavaleiros atravessam o Ramo Verde nas Gêmeas – apontou. – Quando Lorde Tywin receber a notícia de que seguimos para o sul, marchará para o norte a fim de dar batalha à nossa divisão principal, deixando nossos cavaleiros livres para avançar rapidamente pela margem ocidental até Correrrio – Robb recostou-se, sem se atrever propriamente a sorrir, mas satisfeito consigo mesmo e ansioso pelo elogio da mãe.

Catelyn franziu as sobrancelhas para o mapa.

– Colocaria um rio entre as duas partes do seu exército.

– *E* entre Jaime e Lorde Tywin – disse ele ardentemente. O sorriso enfim chegou. – Não há travessias do Ramo Verde a norte do Vau Rubi, onde Robert conquistou sua coroa. Só nas Gêmeas, bem aqui em cima, e Lorde Frey controla essa ponte. Ele é vassalo de seu pai, não é verdade?

*O Atrasado Lorde Frey*, pensou Catelyn.

– É – admitiu –, mas meu pai nunca confiou nele. E você também não devia fazê-lo.

– Não confiarei – prometeu Robb. – Que acha?

Contra a sua vontade, estava impressionada. *Ele parece um Tully*, pensou, *mas não deixa de ser filho de seu pai, e Ned o ensinou bem.*

– Que força comandaria?

– A cavalaria – respondeu de imediato. De novo como o pai; Ned guardaria sempre a tarefa mais perigosa para si.

– E a outra?

– Grande-Jon está constantemente dizendo que deveríamos esmagar Lorde Tywin. Pensei em atribuir-lhe a honra.

Era seu primeiro tropeção, mas como fazê-lo ver isso sem ferir a confiança do primeiro voo?

– Seu pai uma vez me disse que Grande-Jon era o homem mais destemido que já conhecera.

Robb deu um sorriso.

– Vento Cinzento comeu dois de seus dedos, e ele *riu*. Então concorda?

– Seu pai não é destemido – Catelyn fez notar. – É bravo, mas isso é bem diferente.

O filho pesou aquilo por um momento.

– A tropa oriental será tudo que estará entre Lorde Tywin e Winterfell – disse ele, pensativo. – Bem, eles e o punhado de arqueiros que deixarmos aqui no Fosso. Portanto, não quero alguém destemido, certo?

– Não. Quer astúcia fria, julgo eu, e não coragem.

– Roose Bolton – disse Robb de imediato. – Aquele homem me assusta.

– Então oremos para que também assuste Tywin Lannister.

Robb assentiu e enrolou o mapa.

– Vou dar as ordens e reunir uma escolta para levá-la para Winterfell.

Catelyn lutara por manter-se forte, para o bem de Ned e deste teimoso e corajoso filho de ambos. Pusera de lado o desespero e o medo, como se fossem roupas que escolhera não vestir… mas agora descobria que afinal de contas as usava.

– Não vou para Winterfell – ouviu-se dizer, surpresa com a súbita torrente de lágrimas que lhe cobriu a visão. – Meu pai pode estar morrendo atrás das muralhas de Correrrio. Meu irmão está cercado de inimigos. Tenho de ir encontrá-los.

# Tyrion

Chella, filha de Cheyk, dos Orelhas Negras, tinha se adiantado para reconhecer o terreno, e foi ela quem trouxe a notícia sobre o exército na encruzilhada.

– Pelas fogueiras, digo que são vinte mil homens – ela disse. – Os estandartes são vermelhos, com um leão dourado.

– Seu pai? – perguntou Bronn.

– Ou meu irmão Jaime – Tyrion respondeu. – Saberemos em breve – examinou seu andrajoso bando de salteadores: quase trezentos Corvos de Pedra, Irmãos da Lua, Orelhas Negras e Homens Queimados, e estes eram apenas a semente do exército que esperava cultivar. Gunthor, filho de Gurn, ainda recrutava os outros clãs. Perguntou a si mesmo o que o senhor seu pai acharia deles, com suas peles e pedaços de aço roubado. A bem da verdade, ele mesmo não sabia o que achar. Seria seu comandante ou seu prisioneiro? Durante a maior parte do tempo, parecia ser um pouco de ambos. – Pode ser melhor que eu desça sozinho – sugeriu.

– Melhor para Tyrion, filho de Tywin – disse Ulf, que falava pelos Irmãos da Lua.

Shagga apertou as sobrancelhas, o que era uma visão assustadora.

– Shagga, filho de Dolf, não gosta disso. Shagga irá com o homem-rapaz, e se o homem-rapaz mente, Shagga lhe cortará o membro viril…

– … e o dará de comer às cabras, já sei – disse Tyrion num tom fatigado. – Shagga, eu voltarei, dou a minha palavra como Lannister.

– E por que deveríamos confiar na sua palavra? – Chella era uma mulher pequena e dura, reta como um rapaz, e não era nada tola. – Os senhores das terras baixas já mentiram antes aos clãs.

– Você me magoa, Chella – disse Tyrion. – E eu que pensava que nos tínhamos tornado tão bons amigos. Mas seja como quiser. Virá comigo, e também Shagga e Cronn pelos Corvos de Pedra, Ulf pelos Irmãos da Lua e Timett, filho de Timett, pelos Homens Queimados – os homens dos

clãs trocaram olhares cautelosos à medida que os ia nomeando. – Os outros ficarão aqui até que os mande chamar. *Tentem* não se matar ou mutilar uns aos outros enquanto eu estiver fora.

Esporeou o cavalo e afastou-se a trote, não lhes deixando escolha exceto segui-lo ou ficar para trás. Uma ou outra coisa para ele estava bem, bastava que não se sentassem para *conversar* durante um dia e uma noite. Era este o problema dos clãs; tinham a ideia absurda de que a voz de todos os homens devia ser ouvida em conselho, e por isso discutiam sem fim sobre *tudo*. Até as mulheres eram autorizadas a falar. Pouco admirava que se tivessem passado centenas de anos desde a última vez que ameaçaram o Vale com algo mais que uma incursão ocasional. Tyrion pretendia mudar isso.

Bronn o acompanhou. Atrás deles, depois de uma rápida sessão de resmungos, os cinco homens dos clãs seguiram-nos em seus pequenos cavalos, umas coisas magricelas que pareciam pôneis e subiam vertentes pedregosas como cabras.

Os Corvos de Pedra iam juntos, e Chella e Ulf também se mantinham perto um do outro, uma vez que os Irmãos da Lua e os Orelhas Negras tinham laços fortes entre si. Timett, filho de Timett, ia só. Todos os clãs das Montanhas da Lua temiam os Homens Queimados, que flagelavam a carne com fogo para provar sua coragem e (segundo os outros) assavam bebês em seus banquetes. E mesmo os outros Homens Queimados temiam Timett, que arrancara o próprio olho esquerdo com uma faca incandescente quando chegou à idade adulta. Tyrion deduzira que era mais comum que um rapaz arrancasse a fogo um mamilo, um dedo ou (se fosse realmente bravo, ou realmente louco) uma orelha. Os outros Homens Queimados ficaram tão atemorizados por sua escolha de um olho que imediatamente o nomearam Mão Vermelha, o que parecia ser algum tipo de chefe de guerra.

– Pergunto a mim mesmo o que o rei deles queimou – dissera Tyrion a Bronn quando ouviu a história. Sorrindo, o mercenário agarrara a virilha… mas até Bronn mantinha um respeitoso cuidado com a língua perto de Timett. Se um homem era suficientemente louco para destruir o próprio olho, era pouco provável que se mostrasse gentil para com os inimigos.

Vigias distantes espreitavam de torres de pedra solta quando o grupo desceu pelo sopé dos montes, e uma vez Tyrion viu um corvo levantando voo. Onde a estrada de altitude se retorcia entre dois afloramentos rochosos, chegaram ao primeiro ponto fortificado. Um muro baixo de terra com um metro e vinte de altura fechava a estrada, e uma dúzia de soldados com atiradeiras guarnecia os pontos altos. Tyrion fez seus homens parar fora do alcance e se dirigiu sozinho para a muralha.

– Quem comanda aqui? – gritou.

O capitão foi rápido para surgir, e ainda mais rápido para providenciar uma escolta a Tyrion quando reconheceu o filho do seu senhor. Passaram a trote por campos enegrecidos e fortificações queimadas, até as terras do rio e o Ramo Verde do Tridente. Tyrion não viu cadáveres, mas o ar estava cheio de corvos e gralhas-pretas; tinha havido luta ali, e recentemente.

A meia légua da encruzilhada, tinha sido erigida uma barricada de estacas aguçadas, guarnecida por lanceiros e arqueiros. Atrás dessa linha, o acampamento estendia-se até perder de vista. Esguios pilares de fumaça erguiam-se de centenas de fogueiras para cozinhar; homens vestidos de cota de malha sentavam-se à sombra de árvores e amolavam suas lâminas; estandartes familiares ondulavam em mastros enfiados no terreno lamacento.

Um grupo de cavaleiros avançou ao seu encontro quando se aproximaram das estacas. O cavaleiro que os liderava usava uma armadura prateada com ametistas encravadas e um manto listrado de púrpura e prata. Seu escudo mostrava o símbolo do unicórnio, e um corno em espiral com sessenta centímetros de comprimento projetava-se da testa de seu elmo em forma de cabeça de cavalo. Tyrion puxou as rédeas para saudá-lo.

– Sor Flement.

Sor Flement Brax ergueu o visor.

– Tyrion – disse, espantado. – Senhor, todos temíamos que estivesse morto, ou… – olhou incerto para os homens dos clãs. – Estes… seus companheiros…

– Amigos do peito e vassalos leais – disse Tyrion. – Onde poderei encontrar o senhor meu pai?

– Usa a estalagem no entroncamento como abrigo.

Tyrion soltou uma gargalhada. A estalagem no entroncamento! Talvez os deuses afinal fossem justos.

– Desejo vê-lo de imediato.

– Às suas ordens, senhor – Sor Flement virou o cavalo e gritou ordens. Três filas de estacas foram arrancadas do chão para abrir um buraco na linha. Tyrion o atravessou com o grupo.

O acampamento de Lorde Tywin espalhava-se ao longo de léguas. A estimativa de Chella de vinte mil homens não podia estar muito longe da verdade. Os plebeus acampavam a céu aberto, mas os cavaleiros possuíam tendas e alguns dos grandes senhores tinham erigido pavilhões grandes como casas. Tyrion vislumbrou o touro vermelho dos Prester, o javali malhado de Lorde Crakehall, a árvore ardente de Marbrand, o texugo de Lynden. Cavaleiros chamavam-no enquanto passava a meio galope, e homens de armas embasbacavam-se perante os homens dos clãs, em evidente espanto.

Shagga respondia-lhes também abrindo a boca; com toda certeza nunca tinha visto tantos homens, cavalos e armas em sua vida. Os outros salteadores da montanha faziam melhor trabalho em manter uma expressão neutra, mas Tyrion não tinha dúvidas de que estavam tão cheios de espanto quanto Shagga. Cada vez melhor. Quanto mais impressionados estivessem com o poder dos Lannister, mais fácil seria comandá-los.

A estalagem e seus estábulos estavam muito parecidos com o que ele recordava, embora pouco restasse da aldeia além de pedras derrubadas e fundações enegrecidas. Fora erigida uma forca no pátio, e o corpo que dela pendia estava coberto de corvos. Quando Tyrion se aproximou, levantaram voo, guinchando e batendo as asas negras. Desmontou e olhou de relance para o que restava do cadáver. As aves tinham-lhe comido os lábios, os olhos e a maior parte das bochechas, deixando arreganhados os dentes manchados de vermelho, num hediondo sorriso.

– Um quarto, uma refeição e um jarro de vinho, foi tudo que lhe pedi – disse ao cadáver com um suspiro de censura.

Rapazes emergiram hesitantemente dos estábulos para tratar de seus cavalos. Shagga não queria entregar o seu.

– O rapaz não roubará sua égua – garantiu-lhe Tyrion. – Só quer dar-lhe um pouco de aveia e água, e escovar-lhe o pelo – o pelo de Shagga

também precisava de uma boa escovada, mas mencioná-lo teria demonstrado pouco tato. – Tem a minha palavra, não farão mal ao cavalo.

Irritado, Shagga largou as rédeas.

– Este é o cavalo de Shagga, filho de Dolf – rugiu para o cavalariço.

– Se ele não o devolver, arranca-lhe o membro viril e o dá de comer às cabras – sugeriu Tyrion. – Desde que consiga encontrar alguma.

Um par de guardas domésticos, usando mantos carmesins e elmos encimados por leões, encontrava-se sob a tabuleta da estalagem, de ambos os lados da porta. Tyrion reconheceu o capitão.

– Meu pai?

– Na sala comum, senhor.

– Meus homens querem comer e beber – disse-lhe Tyrion. – Cuide disso – e entrou na estalagem, ali estava seu pai.

Tywin Lannister, Senhor de Rochedo Casterly e Protetor do Oeste, tinha cinquenta e poucos anos, mas era duro como um homem de vinte. Mesmo sentado, era alto, com pernas longas, ombros largos e barriga lisa. Os braços finos estavam envolvidos por músculos. Quando os cabelos dourados, antes espessos, começaram a cair, ordenara ao barbeiro que lhe rapasse a cabeça; Lorde Tywin não acreditava em meias medidas. Também escanhoava o queixo e o bigode, mas conservava as suíças, dois grandes matagais de rijos pelos dourados que lhe cobriam a maior parte das bochechas, das orelhas à maxila. Os olhos eram verde-claros salpicados de ouro. Um bobo mais tolo que a maioria certa vez dissera brincando que até a merda de Lorde Tywin era salpicada de ouro. Havia quem dissesse que o homem ainda estava vivo, enterrado bem fundo nas entranhas de Rochedo Casterly.

Sor Kevan Lannister, o único irmão sobrevivente do pai, partilhava um jarro de cerveja com Lorde Tywin quando Tyrion entrou na sala comum. O tio era corpulento e estava perdendo cabelo, com uma barba amarela cortada curta que seguia a linha do maciço maxilar. Sor Kevan foi o primeiro a vê-lo.

– Tyrion – disse, surpreso.

– Tio – disse Tyrion, fazendo uma reverência. – E o senhor meu pai. Que prazer encontrá-los aqui.

Lorde Tywin não se mexeu da cadeira, mas lançou ao filho anão um longo olhar perscrutador.

– Vejo que os rumores sobre seu falecimento eram infundados.

– Lamento desapontá-lo, pai – disse Tyrion. – Não há necessidade de saltar da cadeira e vir me abraçar, não desejo que se canse – atravessou a sala até a mesa onde eles estavam, agudamente consciente do modo como as pernas deformadas o faziam oscilar a cada passo. Sempre que os olhos do pai caíam sobre ele, ficava desconfortavelmente consciente de todas as suas deformidades e imperfeições. – Foi amável de sua parte ir à guerra por mim – disse, enquanto subia em uma cadeira e se servia de uma taça da cerveja do pai.

– Segundo vejo as coisas, foi você quem começou isto – respondeu Lorde Tywin. – Seu irmão Jaime nunca teria se submetido docilmente a ser capturado por uma mulher.

– Esta é uma das coisas em que diferimos, Jaime e eu. Ele também é mais alto, talvez tenha notado.

O pai ignorou o aparte.

– A honra de nossa Casa estava em causa. Não tive alternativa exceto ir para a guerra. Ninguém derrama impunemente sangue Lannister.

– *Ouça-me rugir* – disse Tyrion, sorrindo, as palavras Lannister. – A bem da verdade, nenhuma gota do meu sangue chegou a ser derramada, embora estivesse perto disso uma ou duas vezes. Morrec e Jyck foram mortos.

– Suponho que vá querer novos homens.

– Não se incomode, pai, adquiri alguns homens meus – experimentou um gole da cerveja. Era marrom e cheia de levedura, tão espessa que quase se conseguia mastigá-la. Muito boa, realmente. Uma pena que o pai tivesse enforcado a estalajadeira. – Como anda a sua guerra?

Foi o tio quem respondeu.

– Bastante bem, até aqui. Sor Edmure tinha espalhado pequenas companhias ao longo das fronteiras para parar as nossas incursões, e o senhor seu pai e eu conseguimos destruir, pouco a pouco, a maior parte antes que conseguissem se reagrupar.

– Seu irmão tem se coberto de glória – disse o pai. – Esmagou os lordes Vance e Piper no Dente Dourado e defrontou o poderio conjunto dos Tully à sombra das muralhas de Correrrio. Os senhores do Tridente

foram postos em fuga. Sor Edmure Tully foi feito cativo, com muitos de seus cavaleiros e vassalos. Lorde Blackwood levou alguns sobreviventes para Correrrio, onde Jaime os tem sob cerco. O resto fugiu para suas próprias terras.

– Seu pai e eu temos marchado contra um deles de cada vez – disse Sor Kevan. – Com Lorde Blackwood fora, Corvarbor caiu de imediato, e a Senhora Whent rendeu Harrenhal por falta de homens para defender o castelo. Sor Gregor incendiou os Piper e os Bracken…

– Deixando-os sem oposição? – disse Tyrion.

– Não totalmente – disse Sor Kevan. – Os Mallister ainda detêm Guardamar e Walder Frey põe em ordem seus recrutas nas Gêmeas.

– Não importa – disse Lorde Tywin. – Frey só se põe em campo quando o cheiro da vitória paira no ar, e tudo que cheira agora é a ruína. E a Jason Mallister falta força para lutar sozinho. Uma vez Correrrio seja tomado por Jaime, ambos dobrarão o joelho bem depressa. A menos que os Stark e os Arryn avancem para nos confrontar, esta guerra está ganha.

– Não me preocuparia muito com os Arryn se estivesse em seu lugar – disse Tyrion. – Os Stark são outra coisa. Lorde Eddard…

– … é nosso refém – disse o pai. – Não comandará exércitos enquanto apodrece numa masmorra sob a Fortaleza Vermelha.

– Não – concordou Sor Kevan –, mas o filho convocou os vassalos e está em Fosso Cailin com uma tropa forte em volta dele.

– Nenhuma espada é forte até ser temperada – declarou Lorde Tywin. – O rapaz Stark é uma criança. Sem dúvida que gosta bastante do som das trombetas de guerra e de ver suas bandeiras esvoaçarem ao vento, mas, no fim das contas, tudo se resume a trabalho de carniceiro. Duvido que tenha estômago para tanto.

Tyrion pensou que as coisas *tinham se* tornado interessantes enquanto estivera longe.

– E o que faz nosso destemido monarca enquanto todo este "trabalho de carniceiro" se desenrola? – quis saber. – Como foi que minha adorável e persuasiva irmã levou Robert a concordar com o aprisionamento de seu querido amigo Ned?

– Robert Baratheon está morto – seu pai respondeu. – Seu sobrinho reina em Porto Real.

Aquilo apanhou *mesmo* Tyrion de surpresa.

– Minha irmã, quer dizer – bebeu outro gole de cerveja. O reino seria um lugar muito diferente com Cersei governando no lugar do marido.

– Se tem intenção de se tornar útil, dou-lhe um comando – seu pai continuou. – Marq Piper e Karyl Vance andam à solta em nossa retaguarda, saqueando as terras ao longo do Ramo Vermelho.

Tyrion soltou um *tsc*.

– Que descaramento deles responder lutando. Em circunstâncias normais, ficaria feliz por punir tanta falta de educação, pai, mas a verdade é que tenho negócios mais prementes em outro local.

– Ah, sim? – Lorde Tywin não parecia surpreso. – Também temos um par de ideias tardias de Ned Stark que tentam se tornar um obstáculo atormentando meus destacamentos logísticos. Beric Dondarrion, um jovem fidalgote qualquer com ilusões de valor. Tem com ele aquela caricatura gorda de um sacerdote, aquele que gosta de pôr fogo na espada. Acha que poderia tratar deles enquanto foge? Sem estragar demais o serviço?

Tyrion limpou a boca com as costas da mão e sorriu.

– Pai, aquece-me o coração pensar que poderia me confiar… o que, vinte homens? Cinquenta? Está certo de que pode dispensar tantos assim? Bem, não importa. Se encontrar Thoros e Lorde Beric, espancarei ambos – desceu da cadeira e bamboleou até o aparador, onde uma rodela de queijo fresco raiado estava cercada de frutas. – Mas primeiro tenho algumas promessas minhas a cumprir – disse, enquanto cortava um pedaço. – Preciso de três mil elmos e outras tantas camisas de cota de malha, mais espadas, lanças, pontas de lança em aço, maças, machados de batalha, manoplas, gorjais, grevas,[5] placas de peito, carroças para transportar isso tudo…

A porta atrás dele abriu-se com estrondo, tão violentamente que Tyrion quase deixou cair o queijo. Sor Kevan saltou do banco, praguejando, enquanto o capitão da guarda atravessou a sala voando e foi de encontro à lareira. Enquanto caía sobre as cinzas frias, com o elmo de leão torto, Shagga partiu a espada do homem em duas num joelho grosso como um tronco de árvore, atirou os pedaços ao chão e entrou pesadamente na sala comum. Foi precedido pelo fedor que exalava, mais forte que o do queijo e avassalador naquele espaço fechado.

– Pequeno capa-vermelha – rosnou –, da próxima vez que desembainhar o aço contra Shagga, filho de Dolf, cortarei seu membro viril e o assarei numa fogueira.

– O quê? Nada de cabras? – disse Tyrion, dando uma dentada no queijo.

Os outros homens dos clãs seguiram Shagga para a sala comum, com Bronn entre eles. O mercenário encolheu tristemente os ombros na direção de Tyrion.

– E quem são vocês? – perguntou Lorde Tywin, frio como a neve.

– Seguiram-me até em casa, pai – explicou Tyrion. – Posso ficar com eles? Não comem muito.

Ninguém estava sorrindo.

– Com que direito, seus selvagens, se intrometem em nossos concílios? – exigiu saber Sor Kevan.

– Selvagens, homem das planícies? – Cronn bem poderia se parecer com um se tivesse tomado um banho. – Somos homens livres, e os homens livres, por direito, tomam parte em todos os concílios de guerra.

– Qual deles é o senhor dos leões? – perguntou Chella.

– São os dois velhos – anunciou Timett, filho de Timett, que ainda não tinha visto seu vigésimo ano.

A mão de Sor Kevan caiu sobre o cabo da espada, mas o irmão pousou dois dedos em seu pulso e o segurou. Lorde Tywin parecia imperturbável.

– Tyrion, esqueceu a boa educação? Seja amável e nos apresente os nossos… honrados hóspedes.

Tyrion lambeu os dedos.

– Com prazer – respondeu. – A bela donzela é Chella, filha de Cheyk, dos Orelhas Negras.

– Não sou donzela coisa nenhuma – protestou Chella. – Meus filhos já somam ao todo cinquenta orelhas.

– Que somem outras cinquenta – Tyrion bamboleou para longe dela. – Este é Cronn, filho de Coratt. Shagga, filho de Dolf, é aquele que se parece com um Rochedo Casterly de cabelos. São Corvos de Pedra. Aqui está Ulf, filho de Umar, dos Irmãos da Lua, e aqui, Timett, filho de Timett, Mão Vermelha dos Homens Queimados. E este é Bronn, um mercenário sem nenhuma fidelidade em especial. Já mudou de lado duas vezes no breve período em que o conheço; o senhor e ele vão se entender maravilhosamente, pai – para Bronn e para os homens dos clãs, disse: –

Apresento-lhes o senhor meu pai, Tywin, filho de Tytos, da Casa Lannister, Senhor de Rochedo Casterly, Protetor do Oeste, Escudo de Lannisporto, e antiga e futura Mão do Rei.

Lorde Tywin ergueu-se, digno e correto.

– Mesmo no Oeste conhecemos a intrepidez dos clãs guerreiros das Montanhas da Lua. Que os traz do alto de suas terras, senhores?

– Cavalos – disse Shagga.

– A promessa de seda e aço – disse Timett, filho de Timett.

Tyrion se preparara para contar ao senhor seu pai como propunha reduzir o Vale de Arryn a um deserto fumegante, mas não lhe foi dada essa oportunidade. A porta abriu-se de novo com estrondo. O mensageiro deu uma olhadela rápida e estranha aos homens dos clãs de Tyrion enquanto caía sobre o joelho perante Lorde Tywin.

– Senhor, Sor Addam pede-me para avisar que a tropa Stark desce pelo talude.

Lorde Tywin Lannister não sorriu. Ele *nunca* sorria, mas Tyrion aprendera a ler o prazer do pai mesmo assim, e ele estava ali, em seu rosto.

– Então o lobinho está deixando a toca para vir brincar entre os leões – disse, numa voz de calma satisfação. – Magnífico. Regresse para junto de Sor Addam e diga-lhe para se retirar. Não deverá dar combate aos nortenhos até chegarmos, mas quero que lhes atormente os flancos e os atraia mais para o sul.

– Será feito conforme ordena – o mensageiro respondeu e se retirou.

– Aqui estamos bem situados – fez notar Sor Kevan. – Perto do rio raso e rodeados de fossos e lanças. Se vierem para o sul, pois que venham e se quebrem contra nós.

– O rapaz pode esperar ou perder a coragem quando vir nossos números – respondeu Lorde Tywin. – Quanto mais depressa quebrarmos os Stark, mais depressa estarei livre para lidar com Stannis Baratheon. Que rufem os tambores para o agrupamento, e envie uma mensagem a Jaime dizendo-lhe que marcho contra Robb Stark.

– Às suas ordens – disse Sor Kevan.

Tyrion observou com um fascínio sombrio quando o senhor seu pai se virou em seguida para os meio selvagens homens dos clãs.

– Dizem que os homens dos clãs de montanha são guerreiros destemidos.

– Dizem a verdade – respondeu Cronn, dos Corvos de Pedra.

– E as mulheres também – acrescentou Chella.

– Acompanhem-me contra os meus inimigos e terão tudo que meu filho lhes prometeu, e mais ainda – disse-lhes Lorde Tywin.

– Pagará com a nossa própria moeda? – disse Ulf, filho de Umar. – Por que necessitaríamos da promessa do pai, quando temos a do filho?

– Nada disse sobre *necessidade* – respondeu Lorde Tywin. – Minhas palavras eram uma cortesia, nada mais. Não precisam se juntar a nós. Os homens das terras de inverno são feitos de ferro e gelo, e até meus cavaleiros mais corajosos temem defrontá-los.

*Ah, mas que habilidade*, pensou Tyrion, com um sorriso torto.

– Os Homens Queimados nada temem. Timett, filho de Timett, acompanhará os leões.

– Onde quer que os Homens Queimados forem, os Corvos de Pedra estarão lá primeiro – declarou acaloradamente Cronn. – Também vamos.

– Shagga, filho de Dolf, lhes cortará os órgãos viris e os dará de comer aos corvos.

– Vamos acompanhá-lo, senhor leão – concordou Chella, filha de Cheyk –, mas só se seu filho meio-homem vier conosco. Comprou o ar que respira com promessas. Até termos o aço que nos prometeu, sua vida nos pertence.

Lorde Tywin virou os olhos semeados de ouro para o filho.

– Alegria – disse Tyrion com um sorriso resignado.

5 Partes da armadura que recobrem as pernas, do joelho para baixo.

# Sansa

As paredes da sala do trono tinham sido desnudadas, removeram-se as tapeçarias com cenas de caça que o Rei Robert adorava, amontoadas a um canto, numa pilha desordenada.

Sor Mandon Moore tomou seu lugar sob o trono ao lado de dois de seus companheiros da Guarda Real. Sansa permaneceu perto da porta, pela primeira vez sem ser guardada. A rainha lhe tinha dado liberdade de castelo como recompensa por se comportar bem, mas mesmo assim era escoltada para todo lado. "Guardas de honra para minha futura filha", chamava-os a rainha, mas não faziam com que Sansa se sentisse honrada.

"Liberdade de castelo" significava que podia ir aonde quisesse dentro da Fortaleza Vermelha, desde que prometesse não atravessar suas muralhas, uma promessa que Sansa estivera mais que disposta a fazer. Fosse como fosse, não poderia ter atravessado as muralhas. Os portões eram vigiados dia e noite pelos homens de manto dourado de Janos Slynt, e também havia sempre por perto guardas da Casa Lannister. Além disso, mesmo se pudesse sair do castelo, para onde iria? Bastava que pudesse andar pelo pátio, apanhar flores no jardim de Myrcella e visitar o septo para rezar pelo pai. Às vezes, rezava também no bosque sagrado, visto que os Stark eram fiéis aos antigos deuses.

Aquela era a primeira audiência do reinado de Joffrey, e Sansa olhou nervosamente em volta. Uma fileira de guardas Lannister alinhava-se sob as janelas ocidentais e uma fileira de Patrulheiros da Cidade trajando manto dourado, sob as orientais. De plebeus e gente comum não viu sinal, mas, sob a galeria, um aglomerado de grandes e pequenos senhores andava incansavelmente em círculos. Não eram mais de vinte, quando uma centena costumava esperar pelo Rei Robert.

Sansa deslizou entre eles, murmurando saudações enquanto abria caminho para a frente. Reconheceu a pele negra de Jalabhar Xho, o sombrio Sor Aron Santagar, os irmãos Redwyne, Horror e Babeiro… mas

nenhum deles pareceu reconhecê-la. Ou, se o fizeram, esquivaram-se como se tivesse a praga cinzenta. O enfermiço Lorde Gyles cobriu o rosto quando ela se aproximou e fingiu um ataque de tosse, e quando o engraçado e ébrio Sor Dontos começou a saudá-la, Sor Balon Swann segredou-lhe ao ouvido e ele se virou.

E havia tantos outros que não estavam ali. Sansa perguntou a si mesma para onde teriam ido. Em vão, procurou rostos amistosos. Nem um lhe sustentou o olhar. Era como se tivesse se transformado em fantasma, morta antes da hora.

O Grande Meistre Pycelle estava sentado, sozinho, à mesa do conselho, aparentemente adormecido, com as mãos apertadas sobre a barba. Viu Lorde Varys entrar às pressas na sala, sem fazer o mínimo som com os pés. Um momento mais tarde, Lorde Baelish entrou pelas grandes portas sorrindo. Conversou amigavelmente com Sor Balon e Sor Dontos enquanto abria caminho para a frente. Borboletas esvoaçaram nervosamente dentro da barriga de Sansa. *Não devia ter medo*, repreendeu-se. *Não tenho nada a temer, tudo ficará bem, Joff me ama e a rainha também, foi ela quem disse*.

A voz de um arauto ressoou.

– Saúdem Sua Graça, Joffrey das Casas Baratheon e Lannister, o Primeiro de Seu Nome, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens e Senhor dos Sete Reinos. Saúdem a senhora sua mãe, Cersei da Casa Lannister, Rainha Regente, Luz do Oeste e Protetora do Território.

Sor Barristan Selmy, resplandecente em sua armadura branca, entrou à frente deles. Sor Arys Oakheart escoltava a rainha, ao passo que Sor Boros Blount caminhava ao lado de Joffrey; portanto, havia agora na sala seis dos membros da Guarda Real, todas as Espadas Brancas, menos Jaime Lannister. Seu príncipe – não, agora era seu rei! – subiu de dois em dois os degraus até o Trono de Ferro, enquanto a mãe se sentava com o conselho. Joffrey vestia veludo negro intercalado com carmesim, uma capa de colarinho alto, de cintilante tecido de ouro, e na cabeça tinha uma coroa dourada incrustada de rubis e diamantes negros.

Quando Joffrey se virou para olhar para a sala, os olhos encontraram-se com os de Sansa. Sorriu, sentou-se, e falou.

– É dever de um rei punir os desleais e recompensar os fiéis. Grande Meistre Pycelle, ordeno que leia meus decretos.

Pycelle pôs-se em pé. Vestia uma magnífica toga de grosso veludo vermelho, com um colarinho de arminho e brilhantes presilhas douradas. Retirou um pergaminho da manga pendente, pesada com arabescos dourados, e começou a ler uma longa lista de nomes, ordenando a todos, em nome do rei e do conselho, que se apresentassem e jurassem lealdade a Joffrey. Caso não o fizessem, seriam declarados traidores e teriam suas terras e títulos confiscados pela coroa.

Os nomes que leu fizeram Sansa prender a respiração. Lorde Stannis Baratheon, a senhora sua esposa e sua filha. Lorde Renly Baratheon. Ambos os lordes Royce e seus filhos. Sor Loras Tyrell. Lorde Mace Tyrell, seus irmãos, tios e filhos. O sacerdote vermelho, Thoros de Myr. Lorde Beric Dondarrion. Senhora Lysa Arryn e o filho, o pequeno Lorde Robert. Lorde Hoster Tully, o irmão, Sor Brynden, e o filho, Sor Edmure. Lorde Jason Mallister. Lorde Bryce Caron, da Marca. Lorde Tytos Blackwood. Lorde Walder Frey e o herdeiro, Sor Stevron. Lorde Karyl Vance. Lorde Jonos Bracken. A Senhora Shella Whent. Doran Martell, Príncipe de Dorne, e todos os seus filhos. *Tantos*, pensou, enquanto Pycelle continuava a ler, *que será preciso um bando inteiro de corvos para enviar essas ordens*.

E por fim, quase em último, chegaram os nomes que Sansa temia. A Senhora Catelyn Stark. Robb Stark. Brandon Stark, Rickon Stark, Arya Stark. Sansa abafou um arquejo. *Arya*. Queriam que Arya se apresentasse e fizesse um juramento… isso significava que a irmã tinha fugido na galé, já devia estar a salvo em Winterfell…

O Grande Meistre Pycelle enrolou a lista, enfiou-a na manga esquerda e retirou outro pergaminho da direita. Limpou a garganta e prosseguiu.

– No lugar do traidor Eddard Stark, é desejo de Sua Graça que Tywin Lannister, Senhor de Rochedo Casterly e Protetor do Oeste, ocupe o posto de Mão do Rei, para falar com a sua voz, liderar seus exércitos contra os inimigos e pôr em prática a sua real vontade. Assim decretou o rei. O pequeno conselho consente. No lugar do traidor Stannis Baratheon, é desejo de Sua Graça que a senhora sua mãe, a Rainha Regente Cersei Lannister, que sempre foi a sua mais dedicada apoiadora, se sente em seu pequeno conselho, para que possa ajudá-lo a governar sabiamente e com justiça. Assim decretou o rei. E o pequeno conselho consente.

Sansa ouviu murmúrios dos senhores que a rodeavam, mas foram rapidamente abafados. Pycelle prosseguiu.

– É também desejo de Sua Graça que o seu leal servidor, Janos Slynt, Comandante da Patrulha da Cidade de Porto Real, seja de imediato promovido à categoria de lorde e que lhe seja atribuído o antigo domínio de Harrenhal com todas as suas terras e rendimentos, e que seus filhos e netos mantenham essas honrarias após a sua morte e até o fim dos tempos. Ordena ainda que *Lorde* Slynt se sente imediatamente em seu pequeno conselho, para ajudar no governo do reino. Assim decretou o rei. E o pequeno conselho consente.

Sansa detectou movimento pelo canto do olho quando Janos Slynt fez sua entrada. E então os murmúrios foram mais sonoros e mais zangados. Senhores orgulhosos, cujas casas remontavam há milhares de anos, abriram relutantemente caminho ao plebeu meio careca com cara de sapo que passava por eles. Escamas douradas tinham sido cosidas ao veludo negro de seu gibão e ressoavam suavemente a cada passo. O manto era de cetim xadrez, negro e dourado. Dois rapazes feios, que deviam ser seus filhos, caminhavam à sua frente, lutando com o peso de um sólido escudo de metal tão alto quanto eles. Como símbolo tinha escolhido uma lança ensanguentada, de ouro em fundo negro como a noite. Ao vê-la, Sansa sentiu arrepios.

Enquanto Lorde Slynt tomava seu lugar, o Grande Meistre Pycelle prosseguiu:

– Por fim, nestes tempos de traição e perturbação, com o nosso querido Robert tão recentemente morto, é opinião do conselho que a vida e a segurança do Rei Joffrey é de suprema importância… – olhou para a rainha.

Cersei pôs-se em pé.

– Sor Barristan Selmy, apresente-se.

Sor Barristan tinha estado na base do Trono de Ferro, tão imóvel como uma estátua, mas agora caía sobre o joelho e inclinava a cabeça.

– Vossa Graça, estou às suas ordens.

– Erga-se, Sor Barristan – disse Cersei Lannister. – Pode tirar o elmo.

– Senhora? – erguendo-se, o velho cavaleiro tirou o grande elmo branco, embora não parecesse compreender por quê.

– Tem servido o reino longa e fielmente, meu bom sor, e todos os homens e mulheres nos Sete Reinos lhe devem agradecimentos. Mas, agora, temo que seu serviço esteja no fim. É desejo do rei e do conselho que se alivie do seu pesado fardo.

– O meu… fardo? Temo que… que não…

O recém-nomeado lorde, Janos Slynt, falou com a voz pesada e brusca.

– Sua Graça está tentando dizer que está demitido do posto de Senhor Comandante da Guarda Real.

O alto cavaleiro de cabelos brancos pareceu encolher, ali, em pé, quase sem respirar.

– Vossa Graça – disse por fim. – A Guarda Real é uma Irmandade Juramentada. Nossos votos são feitos para a vida. Só a morte pode demitir o Senhor Comandante de sua responsabilidade sagrada.

– A morte de quem, Sor Barristan? – a voz da rainha era suave como seda, mas as palavras soaram em todo o salão. – A sua ou a de seu rei?

– O senhor deixou meu pai morrer – disse Joffrey acusadoramente de cima do Trono de Ferro. – É velho demais para proteger alguém.

Sansa viu o cavaleiro olhar para seu novo rei. Nunca como agora o vira aparentar a idade que tinha.

– Vossa Graça – disse. – Fui escolhido para as Espadas Brancas no meu vigésimo terceiro ano. Sempre sonhara com isso, desde o primeiro momento em que empunhei uma espada. Renunciei a qualquer pretensão à minha fortaleza ancestral. A donzela com quem ia me casar desposou meu primo, eu não tinha falta de terras ou filhos, viveria pelo reino. Foi o próprio Sor Gerold Hightower quem ouviu meu juramento… de proteger o rei com todas as minhas forças… de dar meu sangue pelo dele… Lutei ao lado do Touro Branco e do Príncipe Lewyn de Dorne… ao lado de Sor Arthur Dayne, a Espada da Manhã. Antes de servir seu pai, ajudei a proteger o Rei Aerys, e antes dele o pai, Jaehaerys… três reis…

– E todos estão mortos – recordou Mindinho.

– Seu tempo acabou – anunciou Cersei Lannister. – Joffrey precisa de homens jovens e fortes ao seu redor. O conselho decidiu que Sor Jaime Lannister tome o seu lugar como Senhor Comandante dos Irmãos Juramentados das Espadas Brancas.

– O Regicida – disse Sor Barristan, com a voz dura de desprezo. – O falso cavaleiro que profanou sua lâmina com o sangue do rei que jurou

defender.

– Tenha cuidado com o que diz, senhor – avisou a rainha. – Fala de nosso amado irmão, do sangue de seu rei.

Lorde Varys falou, mais suavemente que os outros.

– Não esquecemos os seus serviços, meu bom senhor. Lorde Tywin Lannister concordou generosamente em lhe conceder um bom trecho de terras ao norte de Lannisporto, junto ao mar, com ouro e homens suficientes para construir uma robusta fortaleza e criados para lhe satisfazer todas as necessidades.

Sor Barristan ergueu vivamente os olhos.

– Um salão onde morrer, e homens para me enterrar. Agradeço-lhes, senhores… mas escarro em sua piedade – ergueu as mãos e abriu as fivelas que mantinham o manto no lugar, e o pesado pano branco deslizou-lhe dos ombros e foi cair num monte, no chão. Seu capacete caiu com um *clang*. – Sou um cavaleiro – disse-lhes. Abriu as presilhas de prata da placa de peito e também a deixou cair. – Morrerei como cavaleiro.

– Um cavaleiro nu, aparentemente – observou Mindinho.

Todos riram, Joffrey de seu trono, os senhores presentes, Janos Slynt, a Rainha Cersei e Sandor Clegane, e mesmo os outros homens da Guarda Real, os cinco que tinham sido seus irmãos até um momento antes. *Certamente isso foi o que mais lhe magoou*, pensou Sansa. Seu coração compadeceu-se do galante senhor, que ali estava envergonhado e corado, zangado demais para falar. Por fim, puxou a espada.

Sansa ouviu alguém ofegar. Sor Boros e Sor Meryn avançaram para enfrentá-lo, mas Sor Barristan congelou-os no lugar com um olhar que pingava desprezo.

– Nada temam, senhores, seu rei está a salvo… mas não graças a vocês. Mesmo agora, poderia abrir caminho através dos cinco tão facilmente como um punhal corta o queijo. Se aceitam servir às ordens do Regicida, então nenhum de vocês é digno de usar o branco – atirou a espada aos pés do Trono de Ferro. – Tome, rapaz. Funda-a e junte-a às outras, se quiser. Fará melhor serviço que as espadas nas mãos destes cinco. Talvez Lorde Stannis se sente em cima dela quando lhe tomar o trono.

Atravessou toda a sala para sair, com os passos ressoando ruidosamente no chão, arrancando ecos das paredes de pedra nua.

Senhores e senhoras abriram alas para ele passar. Sansa só voltou a ouvir sons depois de os pajens fecharem as grandes portas de carvalho e bronze às suas costas: vozes baixas, movimentos incomodados, o rumor de papéis vindo da mesa do conselho.

– Ele me chamou de *rapaz* – disse Joffrey em tom rabugento, soando mais novo do que era. – E também falou de meu tio Stannis.

– Conversa fiada – disse Varys, o eunuco. – Sem significado…

– Pode estar conspirando com meus tios. Quero-o capturado e interrogado – ninguém se moveu. Joffrey ergueu a voz. – Eu disse *que o quero capturado!*

Janos Slynt levantou-se da mesa do conselho.

– Meus homens tratarão disso, Vossa Graça.

– Ótimo – disse o Rei Joffrey. Lorde Janos saiu do salão, com os filhos feios correndo para acompanhar seu passo enquanto arrastavam com dificuldade o grande escudo de metal com as armas da Casa Slynt.

– Vossa Graça – relembrou Mindinho ao rei. – Se pudéssemos recomeçar, os sete são agora seis. Falta-nos uma nova espada para a Guarda Real.

Joffrey sorriu.

– Diga-lhes, mãe.

– O rei e o conselho decidiram que não há homem nos Sete Reinos mais capaz de guardar e proteger Sua Graça do que o seu escudo juramentado, Sandor Clegane.

– Que acha disso, Cão? – perguntou o Rei Joffrey.

Era difícil ler o rosto cheio de cicatrizes de Cão de Caça, que levou um longo momento refletindo.

– E por que não? Não tenho terras nem esposa para deixar, e quem se importaria se tivesse? – o lado queimado da boca retorceu-se. – Mas aviso que não farei juramento de cavaleiro.

– Os Irmãos Juramentados da Guarda Real sempre foram cavaleiros – disse firmemente Sor Boros.

– Até agora – disse Cão de Caça em sua profunda voz áspera, e Sor Boros calou-se.

Quando o arauto do rei avançou, Sansa compreendeu que o momento tinha quase chegado. Alisou nervosamente o tecido da saia. Estava vestida de luto, em sinal de respeito pelo rei morto, mas tinha tido

especial cuidado em ficar bela. O vestido era o de seda cor de marfim que a rainha lhe dera, aquele que Arya estragara, mas havia mandado tingir de negro e não era possível ver a mancha. Levara horas atormentada com as joias, e por fim decidira-se pela elegante simplicidade de uma corrente de prata sem adornos.

A voz do arauto retumbou.

– Se algum homem neste salão tem outros assuntos para colocar a Sua Graça, que fale agora ou se mantenha em silêncio.

Sansa vacilou. *Agora*, disse a si mesma, *tenho de fazê-lo agora. Que os deuses me deem coragem*. Deu um passo, depois outro. Senhores e cavaleiros afastaram-se silenciosamente para deixá-la passar, e sentiu o peso daqueles olhos em cima de si. *Tenho de ser tão forte quanto a senhora minha mãe*.

– Vossa Graça – chamou, numa voz suave e trêmula.

A altura do Trono de Ferro dava a Joffrey uma visão melhor que a qualquer outro dos presentes no salão. Foi o primeiro a vê-la.

– Avance, senhora – disse, sorrindo.

O sorriso dele a encorajou, a fez sentir-se bela e forte. *Ele me ama mesmo, ama mesmo*. Sansa ergueu a cabeça e caminhou em sua direção, nem devagar nem depressa demais. Não podia deixá-los ver como estava nervosa.

– A Senhora Sansa, da Casa Stark – gritou o arauto.

Parou sob o trono, no lugar onde o manto branco de Sor Barristan estava amontoado no chão, ao lado de seu elmo e de sua placa de peito.

– Tem algum assunto para o rei e o conselho, Sansa? – perguntou a rainha da mesa do conselho.

– Tenho – ajoelhou-se sobre o manto, para não estragar o vestido, e olhou para seu príncipe naquele temível trono negro. – Se for desejo de Vossa Graça, peço misericórdia para meu pai, Lorde Eddard Stark, que foi Mão do Rei – treinara as palavras uma centena de vezes.

A rainha suspirou.

– Sansa, você me desaponta. O que lhe disse a respeito do sangue do traidor?

– Seu pai cometeu graves e terríveis crimes, senhora – entoou o Grande Meistre Pycelle.

– Ah, pobre coisinha triste – suspirou Varys. – Não é mais que uma criança inocente, senhores, não sabe o que está pedindo.

Sansa só tinha olhos para Joffrey. *Ele tem de me ouvir, tem de me ouvir*, pensou. O rei mudou de posição.

– Deixe-a falar – ordenou. – Quero ouvir o que ela diz.

– Obrigada, Vossa Graça – Sansa sorriu, um tímido sorriso secreto, só para ele. Ele estava ouvindo. Ela sabia que ouviria.

– A traição é uma erva daninha – declarou solenemente Pycelle. – Tem de ser arrancada, raiz, caule e semente, para que novos traidores não nasçam na beira de cada estrada.

– Nega o crime de seu pai? – perguntou Lorde Baelish.

– Não, senhores – Sansa não era assim tão tola. – Sei que ele deve ser punido. Tudo que peço é misericórdia. Sei que o senhor meu pai deve se arrepender do que fez. Era amigo do Rei Robert, e adorava-o, todos sabem que o adorava. Nunca quis ser Mão até que o rei lhe pediu. Devem ter mentido para ele. Lorde Renly, ou Lorde Stannis, ou… ou *alguém*, deve ter mentido, de outra forma…

O Rei Joffrey inclinou-se para a frente, com as mãos agarrando os braços do trono. Pontas de espadas quebradas projetaram-se entre seus dedos.

– Ele disse que eu não era o rei. Por que ele disse isso?

– Tinha a perna quebrada – respondeu ansiosamente Sansa. – Doía tanto que Meistre Pycelle dava-lhe leite de papoula, e dizem que o leite de papoula enche a cabeça de devaneios. De outra forma, nunca o teria dito.

Varys disse:

– A fé de uma criança… que doce inocência… e, no entanto, dizem que a sabedoria surge frequentemente das bocas dos inexperientes.

– Traição é traição – Pycelle respondeu imediatamente.

Joffrey agitava-se no trono.

– Mãe?

Cersei Lannister avaliou Sansa pensativamente.

– Se Lorde Eddard confessasse seu crime – acabou por dizer –, saberíamos que se arrependeu de sua loucura.

Joffrey pôs-se em pé. *Por favor*, pensou Sansa, *por favor, por favor, seja o rei que sei que é, bom, amável e nobre, por favor*.

– Tem algo mais a dizer? – perguntou-lhe.

– Só que… se me ama, conceda-me essa gentileza, meu príncipe – ela disse.

O Rei Joffrey olhou-a de cima a baixo.

– Suas doces palavras me comoveram – disse galantemente, acenando, como que dizendo que tudo ficaria bem. – Farei como pede… Mas primeiro seu pai tem de confessar. Tem de confessar e dizer que eu sou o rei, ou não haverá misericórdia para ele.

– Ele o fará – disse Sansa, com o coração aos saltos. – Ah, eu sei que o fará.

# Eddard

A palha no chão fedia a urina. Não havia janela, nem cama, nem mesmo um balde para os dejetos. Lembrava-se de paredes de pedra vermelho-clara respingadas com manchas de salitre, uma porta cinza de madeira rachada, com dez centímetros de espessura e reforçada com ferro. Vira esses detalhes num rápido relance enquanto o atiravam lá. Depois de a porta ser fechada com estrondo, nada mais vira. A escuridão era absoluta. Era como se estivesse cego.

Ou morto. Enterrado com o seu rei.

– Ah, Robert – murmurou enquanto a mão apalpava uma parede fria de pedra, com a perna latejando a cada movimento. Recordou a brincadeira do rei nas criptas de Winterfell, enquanto os Reis do Inverno os olhavam com frios olhos de pedra. *O rei come*, dissera Robert, *e a Mão recolhe a merda*. Como ele rira. Mas enganara-se. *O rei morre*, pensou Ned Stark, *e a Mão é enterrada*.

A masmorra ficava sob a Fortaleza Vermelha, mais fundo do que se atrevia a imaginar. Lembrava-se das velhas histórias sobre Maegor, o Cruel, que assassinara todos os pedreiros que tinham trabalhado em seu castelo para que nunca pudessem revelar os seus segredos.

Maldizia-os a todos: Mindinho, Janos Slynt e seus homens, a rainha, o Regicida, Pycelle, Varys e Sor Barristan, até Lorde Renly, do próprio sangue de Robert, que fugira quando era mais necessário. Mas, no fim das contas, culpava-se a si mesmo.

– *Estúpido* – gritou para a escuridão –, três vezes maldito, cego e estúpido.

O rosto de Cersei Lannister pareceu flutuar à sua frente na escuridão. Tinha os cabelos cheios de sol, mas havia escárnio no sorriso. “Quando se joga o jogo dos tronos, ganha-se ou morre”, sussurrou. Ned jogara e perdera, e seus homens tinham pagado o preço de sua loucura com o sangue de suas vidas.

Quando pensou nas filhas, teria chorado de bom grado, mas as lágrimas não vinham. Mesmo agora, era um Stark de Winterfell, e a dor e a raiva congelavam dentro dele.

Se se mantivesse muito quieto, a perna não doía tanto, por isso fez o que pôde para permanecer imóvel. Não saberia dizer durante quanto tempo. Não havia sol nem lua. Não conseguia enxergar para fazer marcas nas paredes. Ned fechou e abriu os olhos; não havia diferença. Adormeceu, acordou e voltou a adormecer. Não sabia o que era mais doloroso, se estar acordado ou dormindo. Quando dormia, sonhava, sonhos escuros e perturbadores sobre sangue e promessas quebradas. Quando acordava, nada havia a fazer a não ser pensar, e os pensamentos despertos eram piores que pesadelos. Pensar em Cat era tão doloroso como uma cama de urtigas. Perguntava a si mesmo onde ela poderia estar, o que estaria fazendo. Perguntava-se se voltaria a vê-la.

As horas transformaram-se em dias, ou pelo menos era o que parecia. Sentia uma dor surda na perna quebrada, uma comichão por baixo do gesso. Quando tocava a coxa, sentia a pele quente. O único som era o de sua respiração. Após algum tempo, começou a falar em voz alta, só para ouvir uma voz. Fez planos para se manter são, construiu castelos de esperança na escuridão. Os irmãos de Robert andavam pelo mundo, recrutando exércitos em Pedra do Dragão e em Ponta Tempestade. Alyn e Harwin regressariam a Porto Real com o resto de sua guarda depois de tratarem de Sor Gregor. Catelyn rebelaria o Norte quando as notícias lhe chegassem, e os senhores do rio, da montanha e do Vale se juntariam a ela.

Deu por si a pensar cada vez mais em Robert. Via o rei como ele fora na flor da juventude, alto e bonito, com o grande elmo guarnecido de chifres na cabeça, de machado de guerra na mão, montado no cavalo como um deus cornudo. Ouviu seu riso na escuridão, viu seus olhos, azuis e cristalinos como lagos de montanha. “Olha para nós, Ned”, disse Robert. “Deuses, como chegamos a isto? Você aqui e eu morto por um porco. Conquistamos juntos um trono…”

*Falhei com você, Robert*, pensou Ned. Não podia dizer aquelas palavras. *Menti, escondi a verdade. Deixei que te matassem.*

O rei o ouviu. “Seu tolo de pescoço duro”, murmurou, “orgulhoso demais para escutar. Pode-se comer orgulho, Stark? Será que a honra

protege seus filhos?” Rachaduras correram pelo rosto, fissuras que se abriam na carne, e ele ergueu a mão e arrancou a máscara. Não era Robert; era Mindinho, sorrindo, zombando dele. Quando abriu a boca para falar, as mentiras transformaram-se em mariposas cinzentas, quase brancas, e levantaram voo.

Ned estava meio adormecido quando ouviu passos. A princípio pensou que fosse sonho; passara-se tanto tempo desde que ouvira algo mais que o som da própria voz. Ned sentia-se febril, com a perna transformada em uma agonia surda e os lábios secos e rachados. Quando a pesada porta de madeira abriu com um rangido, a súbita luz fez seus olhos doerem.

Um carcereiro atirou-lhe um cântaro. O barro era fresco e salpicado de umidade. Ned agarrou-o com as duas mãos e emborcou avidamente. Água escorreu-lhe da boca e pingou através da barba. Bebeu até pensar que ficaria maldisposto.

– Quanto tempo…? – perguntou, numa voz fraca, quando não mais conseguiu beber.

O carcereiro era um homem com ar de espantalho, cara de rato e barba desordenada, vestindo uma camisa de cota de malha e meia capa de couro.

– Não se fala – disse enquanto arrancava o cântaro dos dedos de Ned.

– Por favor – disse Ned –, as minhas filhas… – a porta fechou-se com estrondo. Ned piscou quando a luz desapareceu, baixou a cabeça até o peito e enrolou-se na palha. Já não fedia a urina e a merda. Já não cheirava a nada.

Já não era capaz de distinguir a diferença entre estar acordado e estar dormindo. A lembrança caiu sobre ele na escuridão, tão viva como um sonho. Era o ano da falsa primavera, e ele tinha de novo dezoito anos e descera do Ninho da Águia para o torneio em Harrenhal. Via o profundo verde da campina e cheirava o pólen no vento. Dias tépidos, noites frescas e o gosto doce do vinho. Lembrava-se das gargalhadas de Brandon e do enlouquecido valor de Robert na luta corpo a corpo, do modo como ria enquanto derrubava dos cavalos homem atrás de homem. Lembrava-se de Jaime Lannister, um jovem dourado numa armadura branca com escamas, ajoelhado na grama em frente ao pavilhão do rei, fazendo seu juramento de defender e proteger o Rei Aerys. Depois, Sor Oswell Whent ajudou Jaime a pôr-se em pé, e o próprio Touro Branco, o

Senhor Comandante Sor Gerold Hightower, prendeu o nevado manto da Guarda Real em volta de seus ombros. Todas as seis Espadas Brancas estavam lá para dar as boas-vindas ao seu irmão mais novo.

Mas quando a justa começou, o dia foi de Rhaegar Targaryen. O príncipe herdeiro usava a armadura em que acabaria por morrer: cintilante placa negra com o dragão de três cabeças de sua Casa trabalhado em rubis no peito. Uma pluma de seda escarlate estendia-se atrás dele enquanto cavalgava, e parecia que nenhuma lança conseguia tocá-lo. Brandon caiu perante ele, tal como Bronze Yohn Royce e até o magnífico Sor Arthur Dayne, a Espada da Manhã.

Robert tinha feito comentários jocosos com Jon e o velho Lorde Hunter enquanto o príncipe dava a volta ao campo depois de derrubar Sor Barristan na última justa pela coroa de campeão. Ned lembrava-se do momento em que todos os risos tinham morrido, quando o Príncipe Rhaegar Targaryen fez o cavalo passar por sua esposa, a princesa dorniana Elia Martell, e depositou a coroa da rainha da beleza no colo de Lyanna. Ainda conseguia vê-la: uma coroa de rosas de inverno, azuis como a geada.

Ned Stark estendeu a mão para agarrar a coroa de flores, mas sob as pétalas azul-claras estavam escondidos espinhos. Sentiu-os penetrar-lhe a pele, aguçados e cruéis, viu o lento fio de sangue correr por seus dedos e acordou, tremendo, na escuridão.

*Prometa-me, Ned*, sussurrara a irmã de sua cama de sangue. Ela adorava o odor de rosas de inverno.

– Que os deuses me salvem – chorou Ned. – Estou enlouquecendo.

Os deuses não se dignaram a responder.

Cada vez que o carcereiro lhe trazia água, dizia a si mesmo que se passara mais um dia. A princípio suplicava ao homem alguma notícia sobre as filhas e o mundo fora de sua cela. As únicas respostas eram grunhidos e pontapés. Mais tarde, quando começaram as dores de estômago, começou a suplicar por comida. Não fazia diferença; não era alimentado. Os Lannister talvez pretendessem que ele morresse de fome. “Não”, disse para si mesmo. Se Cersei o quisesse morto, teria sido abatido na sala do trono com seus homens. Ela o queria vivo. Fraco, desesperado, mas vivo. Catelyn tinha seu irmão; não se atreveria a matá-lo, ou a vida do Duende também estaria perdida.

De fora de sua cela chegou-lhe o chocalhar de correntes de ferro. Quando a porta se abriu, rangendo, Ned pôs a mão na parede úmida e empurrou-se para a luz. O clarão de um archote o fez desviar o rosto.

– Comida – grasnou.

– Vinho – respondeu uma voz. Não era o homem com cara de rato.

Aquele carcereiro era mais robusto e mais baixo, embora usasse a mesma meia capa de couro e o mesmo capacete de aço com espigão.

– Beba, Lorde Eddard – enfiou um odre de vinho nas mãos de Ned.

A voz do homem era estranhamente familiar, mas Ned Stark precisou de um momento para a identificar.

– Varys? – disse, vacilante, quando o reconhecimento chegou. Tocou o rosto do homem. – Não estou… não estou sonhando. Está aqui – as rechonchudas bochechas do eunuco estavam cobertas com uma barba cheia e escura. Ned sentiu os pelos rudes com os dedos. Varys transformara-se num carcereiro grisalho, que fedia a suor e a vinho amargo. – Como conseguiu… Que tipo de mago é você?

– Um mago sedento – disse Varys. – Beba, senhor.

As mãos de Ned apalparam o odre.

– Este é o mesmo veneno que deram a Robert?

– Ofende-me – disse Varys num tom triste. – É verdade que ninguém gosta de um eunuco. Dê-me o odre – ele bebeu, com um fio vermelho escorrendo pelo canto da boca gorda. – Não se compara à safra que me você ofereceu na noite do torneio, mas não é mais venenoso que a maioria – concluiu, limpando os lábios. – Aqui está.

Ned experimentou um gole.

– Borras – sentiu-se a ponto de regurgitar o vinho.

– Qualquer homem deve engolir o amargo com o doce. Tanto os grandes senhores quanto os eunucos. Sua hora chegou, senhor.

– As minhas filhas…

– A mais nova escapou de Sor Meryn e fugiu – disse-lhe Varys. – Não fui capaz de encontrá-la. Nem os Lannister. Uma coisa boa, essa. Nosso novo rei não a ama. Sua filha mais velha continua prometida a Joffrey. Cersei a mantém por perto. Veio a uma audiência há alguns dias suplicar que o senhor fosse poupado. Uma pena que não pudesse estar lá, ficaria comovido – inclinou-se para a frente com uma expressão séria. – Creio que o senhor compreende que é um homem morto, Lorde Eddard?

– A rainha não me matará – disse Ned. Sentia a cabeça flutuar; o vinho era forte, e passara-se muito tempo desde que comera. – Cat… Cat tem o irmão dela…

– O irmão *errado* – suspirou Varys. – E de qualquer modo, está perdido. Ela deixou que o Duende lhe fugisse por entre os dedos. Suponho que esteja morto agora, em algum lugar nas Montanhas da Lua.

– Se isso é verdade, corte-me a garganta e acabe com isto – estava tonto do vinho, cansado e desolado.

– Seu sangue é a última coisa que desejo.

Ned franziu as sobrancelhas.

– Quando assassinaram minha guarda, você ficou ao lado da rainha, observando, sem dizer uma palavra.

– E o faria de novo. Julgo recordar que estava desarmado, sem armadura e rodeado por espadas dos Lannister – o eunuco olhou-o de forma curiosa, inclinando a cabeça. – Quando era um garotinho, antes de ser cortado, viajei com uma trupe de pantomimeiros pelas Cidades Livres. Ensinaram-me que cada homem tem um papel a desempenhar, quer na vida quer na pantomima. Assim é na corte. O Magistrado do Rei tem de ser temível, o mestre da moeda deve ser frugal, o Senhor Comandante da Guarda Real tem de ser valente… e o mestre dos espiões deve ser dissimulado, obsequioso e sem escrúpulos. Um informante corajoso seria tão inútil quanto um cavaleiro covarde – recuperou o odre e bebeu.

Ned estudou o rosto do eunuco, procurando a verdade sob as cicatrizes de pantomimeiro e a barba falsa. Bebeu mais um pouco de vinho. Dessa vez desceu mais facilmente.

– É capaz de me libertar deste buraco?

– Seria… Mas vou fazê-lo? Não. Seriam feitas perguntas, e as respostas levariam até mim.

Ned não esperava outra coisa.

– Você é direto.

– Um eunuco não tem honra, e uma aranha não se beneficia do luxo dos escrúpulos, senhor.

– Ao menos poderia levar uma mensagem minha?

– Dependeria da mensagem. De bom grado lhe fornecerei papel e tinta. E depois de escrita, levarei a carta, lerei e a entregarei ou não, conforme

o que melhor sirva aos meus fins.

– Seus fins. E que fins são esses, Lorde Varys?

– A paz – respondeu Varys sem hesitação. – Se havia uma alma em Porto Real verdadeiramente desesperada por manter Robert Baratheon vivo era eu – suspirou. – Protegi-o de seus inimigos durante quinze anos, mas não consegui protegê-lo de seus amigos. Que estranho ataque de loucura o levou a dizer à rainha que sabia da verdade sobre o nascimento de Joffrey?

– A loucura da misericórdia – admitiu Ned.

– Ah – disse Varys. – Com certeza. É um homem honesto e honroso, Lorde Eddard. Por vezes me esqueço disso. Conheci tão poucos ao longo da vida – lançou uma olhadela pela cela. – Quando vejo o que a honestidade e a honra lhe trouxeram, compreendo por quê.

Ned Stark encostou a cabeça à úmida parede de pedra e fechou os olhos. Sentia a perna latejar.

– O vinho do rei… interrogou Lancel?

– Ah, decerto. Cersei deu-lhe os odres e lhe disse que eram da safra favorita de Robert – o eunuco encolheu os ombros. – Um caçador vive uma vida perigosa. Se o javali não tivesse acabado com Robert, teria sido uma queda do cavalo, a picada de uma víbora da mata, uma flecha perdida… a floresta é o matadouro dos deuses. Não foi o vinho que matou o rei. Foi a sua *misericórdia*.

Era o que Ned temia.

– Que os deuses me perdoem.

– Se os deuses existirem – disse Varys –, suponho que o farão. Em todo caso, a rainha não teria esperado muito tempo. Robert estava se tornando incontrolável, e ela precisava se ver livre dele para lidar com seus irmãos. Formam uma bela dupla, Stannis e Renly. A manopla de ferro e a luva de seda – limpou a boca com as costas da mão. – Foi tonto, senhor. Devia ter escutado Mindinho quando lhe sugeriu apoiar a sucessão de Joffrey.

– Como… como soube disso?

Varys sorriu.

– Sei, e é tudo que precisa saber. Também sei que de manhã a rainha virá visitá-lo.

Lentamente, Ned ergueu os olhos.

– Por quê?

– Cersei o teme, senhor… mas tem outros inimigos que teme ainda mais. Seu querido Jaime está lutando contra os senhores do rio neste exato momento. Lysa Arryn mantém-se no Ninho da Águia, cercada de pedra e aço, e não há nenhum amor entre ela e a rainha. Em Dorne, os Martell ainda alimentam ressentimentos pelo assassinato da Princesa Elia e de seus bebês. E agora o seu filho marcha pelo Gargalo com uma tropa de nortenhos atrás.

– Robb é só um rapaz – disse Ned, horrorizado.

– Um rapaz com um exército – disse Varys. – Mas apenas um rapaz, como diz. Os irmãos do rei são quem causa a Cersei noites sem dormir… particularmente Lorde Stannis. Sua pretensão é a verdadeira, é conhecido por seu valor como comandante de batalha e é completamente desprovido de misericórdia. Não há na terra criatura que seja, nem de longe, tão aterradora como um homem verdadeiramente justo. Ninguém sabe o que Stannis tem feito em Pedra do Dragão, mas apostaria com o senhor que reuniu mais espadas que conchas. Eis o pesadelo de Cersei: enquanto o pai e o irmão gastam seu poderio batalhando com os Stark e os Tully, Lorde Stannis desembarca, proclama-se rei e arranca a cabeça loira e cacheada do filho… e junta a dela ao negócio, embora eu realmente creia que se preocupa mais com o filho.

– Stannis Baratheon é o verdadeiro herdeiro de Robert – disse Ned. – O trono é dele por direito. Eu veria com agrado a sua coroação.

Varys soltou um estalido com a língua.

– Cersei não vai querer ouvir isso, garanto. Stannis poderá conquistar o trono, mas só restará a sua cabeça podre para lhe dar as boas-vindas, a menos que tenha cuidado com a língua. Sansa suplicou tão docemente que seria uma pena que pusesse tudo a perder. Poderá ter a vida de volta, se a quiser. Cersei não é estúpida. Sabe que um lobo domado é mais útil que um morto.

– Quer que *sirva* a mulher que assassinou o meu rei, massacrou meus homens e fez do meu filho um aleijado? – a voz de Ned estava carregada de incredulidade.

– Quero que sirva o reino – disse Varys. – Diga à rainha que confessará sua vil traição, ordene a seu filho que pouse a espada e proclame Joffrey o herdeiro verdadeiro. Proponha denunciar Stannis e Renly como

usurpadores sem fé. Nossa leoa de olhos verdes sabe que é um homem de honra. Dando-lhe a paz de que precisa e o tempo para lidar com Stannis, e jurando levar seu segredo para a tumba, creio que lhe será permitido vestir o negro e viver o resto de seus dias na Muralha, com seu irmão e aquele seu filho ilegítimo.

Pensar em Jon encheu Ned com um sentimento de vergonha e uma mágoa profunda demais para ser expressa em palavras. Se ao menos pudesse voltar a vê-lo, sentar-se e falar com ele… Uma dor atacou-lhe a perna quebrada sob o imundo gesso cinzento que a cobria. Estremeceu, abrindo e fechando os dedos, impotente.

– Esse plano é seu – arquejou para Varys – ou está aliado a Mindinho?

Aquilo pareceu divertir o eunuco.

– Prefiro me casar com a Cabra Negra de Qohor. Mindinho é o segundo homem mais traiçoeiro dos Sete Reinos. Ah, alimento-o com sussurros escolhidos, o suficiente para que ele *pense* que estou do seu lado… tal como permito que Cersei pense que estou do dela.

– E tal como me deixou acreditar que estava do meu. Diga-me, Lorde Varys, a quem serve realmente?

Varys fez um fino sorriso.

– Ora, o reino, meu bom senhor, como pode duvidar disso? Juro por meu membro viril perdido. Sirvo o reino, e o reino precisa de paz – bebeu o último gole de vinho e atirou o odre vazio para o lado. – Então, qual é a sua resposta, Lorde Eddard? Dê-me a sua palavra de que dirá à rainha aquilo que ela quer ouvir quando vier visitá-lo.

– Se o fizesse, minha palavra seria tão oca como uma armadura vazia. Minha vida não me é assim tão preciosa.

– É pena – o eunuco pôs-se em pé. – E a vida de sua filha, senhor? Quão preciosa é?

Uma agulha de gelo perfurou o coração de Ned.

– Minha filha…

– Certamente não pensou que havia me esquecido de sua doce inocente, senhor? A rainha com toda a certeza não o esqueceu.

– Não – suplicou Ned, com a voz debilitada. – Varys, que os deuses tenham misericórdia, faça o que quiser comigo, mas deixe minha filha fora de suas intrigas. Sansa não é mais que uma criança.

– Rhaenys também era uma criança. Filha do Príncipe Rhaegar. Uma coisinha preciosa, mais nova que suas meninas. Tinha um pequeno gatinho negro a quem chamava Balerion, sabia? Sempre senti curiosidade em saber o que lhe teria acontecido. Rhaenys gostava de fingir que ele era o verdadeiro Balerion, o Terror Negro de outrora, mas imagino que os Lannister lhe tenham ensinado rapidamente a diferença entre um gatinho e um dragão no dia em que lhe arrombaram a porta – Varys soltou um longo suspiro cansado, o suspiro de um homem que transportava toda a tristeza do mundo em um saco sobre os ombros. – O Alto Septão disse-me certa vez que à medida que vamos pecando, assim sofremos. Se isso for verdade, Lorde Eddard, diga-me… por que são sempre os inocentes a sofrer mais, quando vocês, os grandes senhores, jogam o seu jogo dos tronos? Pense sobre isso, se quiser, enquanto espera a rainha. Mas guarde também um pensamento: o visitante seguinte poderá trazer pão, queijo e leite de papoula para as suas dores… ou a cabeça de Sansa. A escolha, meu caro senhor Mão, é *inteiramente* sua.

# Catelyn

Enquanto a tropa marchava pelo talude através dos pântanos negros do Gargalo e se derramava nos terrenos fluviais que se estendiam para lá dele, as apreensões de Catelyn cresciam. Ela mascarava seus medos com uma expressão impassível e severa, mas estavam lá, crescendo a cada légua de caminho. Seus dias eram ansiosos, as noites, inquietas, e cada corvo que voava sobre sua cabeça a fazia cerrar os dentes.

Temia pelo senhor seu pai e interrogava-se acerca de seu silêncio agourento. Temia pelo irmão Edmure e rezava para que os deuses olhassem por ele se tivesse de enfrentar o Regicida em batalha. Temia por Ned e pelas meninas, e pelos queridos filhos que deixara em Winterfell. E, no entanto, nada havia que pudesse fazer por qualquer um deles, e por isso forçava-se a pôr de lado aqueles pensamentos. *Precisa guardar as forças para Robb*, dizia a si mesma. *Ele é o único que pode ajudar. Tem de ser tão feroz e dura como o Norte, Catelyn Tully. Agora tem de ser uma Stark de verdade, como seu filho.*

Robb cavalgava à cabeça da coluna, sob a esvoaçante bandeira branca de Winterfell. Pedia todos os dias que um de seus senhores se juntasse a ele para que pudessem conferenciar enquanto marchavam; honrava um homem de cada vez, sem mostrar favoritismos, escutando como o senhor seu pai escutara, pesando as palavras de um contra as de outro. *Ele aprendeu tanto com Ned*, pensou ela enquanto o observava, *mas terá aprendido o suficiente?*

O Peixe Negro levara cem homens com lanças e cem cavalos rápidos e correra na frente para ocultar os movimentos do exército e reconhecer o terreno. Os relatórios que os mensageiros de Sor Brynden traziam não a sossegavam. A tropa de Lorde Tywin estava ainda a muitos dias ao sul… mas Walder Frey, Senhor da Travessia, reunira uma força de quase quatro mil homens em seus castelos debruçados sobre o Ramo Verde.

– De novo atrasado – murmurou Catelyn quando ouviu a notícia. Era a repetição do Tridente, maldito homem. O irmão Edmure chamara os vassalos; por direito, Lorde Frey deveria ter partido para se juntar à tropa Tully em Correrrio, e no entanto aqui estava ele.

– Quatro mil homens – repetiu Robb, mais perplexo que zangado. – Lorde Frey não pode esperar combater sozinho os Lannister. Decerto pretende juntar seu poder ao nosso.

– Será? – perguntou Catelyn. Cavalgara adiante para se juntar a Robb e a Robett Glover, seu companheiro do dia. A vanguarda espalhava-se atrás deles, uma floresta lenta de lanças, estandartes e espadas. – Tenho minhas dúvidas. Não espere nada de Walder Frey, e nunca será surpreendido.

– Ele é vassalo de seu pai.

– Alguns homens encaram seu juramento com mais seriedade que outros, Robb. Lorde Walder sempre se mostrou mais amigável para com o Rochedo Casterly do que meu pai teria gostado. Um de seus filhos está casado com a irmã de Tywin Lannister. É verdade que isso pouco significa, pois Lorde Walder gerou ao longo dos anos um grande número de filhos que têm de casar com alguém. Mas mesmo assim…

– Julga que ele pretende nos trair pelos Lannister, senhora? – perguntou Robett Glover em voz grave.

Catelyn suspirou.

– A bem da verdade, duvido que o próprio Lorde Frey saiba o que pretende fazer. Tem a cautela de um velho e a ambição de um jovem, e nunca pecou por falta de astúcia.

– Temos de ter as Gêmeas, mãe – disse Robb acaloradamente. – Não há outra maneira de atravessar o rio. Bem sabe.

– Sim. E Walder Frey também sabe, pode estar certo disso.

Naquela noite acamparam no limite sul dos pântanos, a meio caminho entre a Estrada do Rei e o rio. Foi aí que Theon Greyjoy lhes trouxe mais notícias do tio de Catelyn.

– Sor Brynden pede para lhes dizer que cruzou espadas com os Lannister. Há uma dúzia de batedores que não irão se apresentar a Lorde Tywin tão cedo. Ou nunca mais – sorriu. – Sor Addam Marbrand comanda os batedores deles e está se retirando para o sul, incediando à

sua passagem. Sabe onde estamos, mais ou menos, mas o Peixe Negro jura que não saberá quando nos dividirmos.

– A menos que Lorde Frey lhe diga – disse Catelyn em tom cortante. – Theon, quando regressar para junto de meu tio, diga-lhe que ele deve estacionar seus melhores arqueiros em volta das Gêmeas, dia e noite, com ordens para abater qualquer corvo que deixe as ameias. Não quero aves levando a Lorde Tywin notícias sobre os movimentos do meu filho.

– Sor Brynden já tratou disso, senhora – respondeu Theon com um sorriso pretensioso. – Mais alguns pássaros negros e teremos o suficiente para fazer uma torta. Guardarei para a senhora suas penas para um chapéu.

Catelyn devia saber que Brynden Peixe Negro estaria bem adiantado em relação a ela.

– O que fazem os Frey enquanto os Lannister queimam seus campos e saqueiam seus castros?

– Houve algumas lutas entre os homens de Sor Addam e os de Lorde Walder – respondeu Theon. – A menos de um dia de viagem daqui encontramos dois batedores Lannister servindo de alimento aos corvos onde os Frey os amarraram. Mas a maior parte das forças de Lorde Walder permanece reunida nas Gêmeas.

Isso trazia o selo de Walder Frey sem a menor dúvida, pensou amargamente Catelyn; conter-se, esperar, observar, não correr riscos, a menos que seja forçado a isso.

– Se ele tem combatido os Lannister, então talvez planeje mesmo manter-se fiel ao seu juramento – disse Robb.

Catelyn sentia-se menos encorajada.

– Defender as próprias terras é uma coisa, uma batalha aberta contra Lorde Tywin é outra bem diferente.

Robb voltou a virar-se para Theon Greyjoy.

– O Peixe Negro encontrou alguma outra maneira de atravessar o Ramo Verde?

Theon balançou a cabeça.

– O rio corre cheio e rápido. Sor Brynden diz que não pode ser atravessado pelo baixio, não tão a norte.

– *Tenho* de ter aquela travessia! – declarou Robb, furioso. – Ah, suponho que os nossos cavalos serão capazes de atravessar o rio a nado,

mas não com homens vestidos de armadura sobre o dorso. Precisaríamos construir jangadas para fazer passar o nosso aço, os elmos, as cotas de malha e as lanças, e não temos árvores para isso. *Ou* tempo. Lorde Tywin marcha para o norte… – cerrou a mão em punho.

– Lorde Frey teria de ser um louco para tentar nos barrar o caminho – disse Theon Greyjoy com sua habitual confiança fácil. – Temos cinco vezes mais homens. Podemos tomar as Gêmeas se for preciso, Robb.

– Não seria fácil – preveniu-os Catelyn – nem rápido. Enquanto montassem seu cerco, Tywin Lannister traria sua tropa e cairia sobre nós pela retaguarda.

Robb olhou para ela e depois para Greyjoy em busca de uma resposta, mas sem encontrar nenhuma. Por um momento pareceu ter ainda menos que os seus quinze anos, apesar da cota de malha, da espada e da barba que trazia.

– Que faria o senhor meu pai? – perguntou à mãe.

– Encontraria uma maneira de atravessar – ela respondeu. – Custasse o que custasse.

Na manhã seguinte foi o próprio Sor Brynden Tully quem regressou para junto deles. Pusera de lado a armadura pesada e o elmo que usara como Cavaleiro do Portão em favor da proteção mais leve do couro e da cota de malha de um batedor, mas seu peixe de obsidiana ainda prendia seu manto.

O rosto do tio de Catelyn mostrava-se grave ao descer do cavalo.

– Houve uma batalha sob as muralhas de Correrrio – disse, com uma expressão sinistra na boca. – Ouvimos de um batedor Lannister que capturamos. O Regicida destruiu a tropa de Edmure e pôs os senhores do Tridente em fuga.

Uma mão fria apertou o coração de Catelyn.

– E meu irmão?

– Foi ferido e feito prisioneiro – disse Sor Brynden. – Lorde Blackwood e os outros sobreviventes estão sob cerco no interior de Correrrio, cercados pela hoste de Jaime.

Robb mostrou-se insatisfeito.

– Temos de atravessar esse maldito rio se queremos ter alguma esperança de socorrê-los a tempo.

– Isso não será fácil – preveniu o tio. – Lorde Frey chamou todas as suas forças para o interior dos castelos e tem os portões fechados e trancados.

– Maldito seja esse homem – praguejou Robb. – Se o velho tonto não cede e me deixa atravessar, não me deixa alternativa a não ser assaltar suas muralhas. Hei de pôr as Gêmeas abaixo à volta dele, veremos se gosta disso!

– Parece um garoto birrento, Robb – disse Catelyn em tom cortante. – Uma criança vê um obstáculo e a primeira coisa em que pensa é correr à sua volta ou pô-lo abaixo. Um senhor tem de aprender que por vezes as palavras são capazes de alcançar o que as espadas não são.

O pescoço de Robb ficou vermelho ao ouvir a reprimenda.

– Explique-me o que quer dizer, mãe – disse ele brandamente.

– Os Frey possuem a travessia há seiscentos anos, e desde então nunca deixaram de cobrar a sua taxa.

– Que taxa? O que é que ele *quer*?

Ela sorriu.

– É isso que temos de descobrir.

– E se eu preferir não pagar essa taxa?

– Então é melhor que se retire de volta para Fosso Cailin, disponha as tropas para enfrentar Lorde Tywin em batalha… ou arranje asas. Não vejo outras alternativas – Catelyn esporeou o cavalo e afastou-se, deixando o filho refletir sobre o que dissera. Não seria bom fazê-lo sentir que a mãe estava usurpando seu lugar. *Ensinou-lhe sabedoria como lhe ensinou valor, Ned?*, perguntou a si mesma. *Ensinou-lhe a ajoelhar-se?* Os cemitérios dos Sete Reinos estavam cheios de homens corajosos que nunca aprenderam essa lição.

Era perto do meio-dia quando a vanguarda chegou à vista das Gêmeas, onde os Senhores da Travessia tinham a sua sede.

Ali, o Ramo Verde corria rápido e profundo, mas os Frey tinham construído uma ponte sobre ele havia muitos séculos e enriquecido com o dinheiro que os homens pagavam para atravessar. A ponte era um sólido arco de pedra lisa e cinzenta, suficientemente largo para que duas carroças passassem lado a lado; a Torre da Água erguia-se no centro da ponte, dominando quer a estrada, quer o rio com suas seteiras, alçapões e portas levadiças. Os Frey levaram três gerações para completar a ponte;

quando terminaram, construíram robustas fortalezas de madeira em cada extremidade, para que ninguém a atravessasse sem sua autorização.

Havia muito tempo a madeira tinha dado lugar à pedra. As Gêmeas, dois castelos atarracados, feios e fortes, idênticos em todos os aspectos, com a ponte unindo-os em arco, guardavam a travessia havia séculos. Grandes muralhas exteriores, profundos fossos e pesados portões de carvalho e ferro protegiam os caminhos, as bases da ponte erguiam-se do interior de robustas fortalezas internas, havia um antemuro e uma porta levadiça em cada margem, e a Torre da Água defendia o arco propriamente dito.

Um relance foi o suficiente para Catelyn compreender que o castelo não seria tomado de assalto. As ameias eriçavam-se de lanças, espadas e atiradeiras, havia um arqueiro em cada ameia e seteira, a ponte levadiça estava erguida, a porta levadiça, descida, e os portões encontravam-se fechados e trancados.

Grande-Jon começou a praguejar assim que viu o que os esperava. Lorde Rickard Karstark olhava, carrancudo e em silêncio.

– Aquilo não pode ser assaltado, senhores – anunciou Roose Bolton.

– E tampouco podemos tomá-lo por cerco sem um exército na margem de lá para investir contra a outra fortaleza – Helman Tallhart disse sombriamente. Do outro lado das profundas águas verdes, a gêmea ocidental era como um reflexo de sua irmã do oriente. – Mesmo se dispuséssemos de tempo. Do qual, na verdade, não dispomos.

Enquanto os senhores do Norte estudavam o castelo, uma porta abriu-se, uma ponte de pranchas deslizou através do fosso e uma dúzia de cavaleiros a atravessou a cavalo para enfrentá-los, liderados por quatro dos muitos filhos de Lorde Walder. Seu estandarte exibia torres gêmeas azul-escuras em fundo cinza-prateado claro. Sor Stevron Frey, herdeiro de Lorde Walder, falou por eles. Todos os Frey tinham cara de fuinha; Sor Stevron, já com mais de sessenta anos e com netos seus, assemelhava-se a uma fuinha particularmente velha e cansada, mas foi bastante educado.

– O senhor meu pai me enviou para saudá-los e perguntar quem lidera esta poderosa hoste.

– Sou eu – Robb esporeou o cavalo e avançou. Usava sua armadura, com o escudo do lobo gigante de Winterfell atado à sela, e Vento

Cinzento caminhava ao seu lado.

O velho cavaleiro olhou para o filho de Catelyn com uma leve cintilação de divertimento nos aguados olhos cinzentos, embora seu cavalo castrado relinchasse, inquieto, e se afastasse, de lado, do lobo gigante.

– O senhor meu pai ficaria muito honrado se pudessem partilhar a sua comida e bebida no castelo e explicar o que os traz aqui.

Aquelas palavras caíram sobre os senhores vassalos como uma grande pedra atirada por uma catapulta. Nenhum deles aprovou a ideia. Praguejaram, discutiram e gritaram uns com os outros.

– Não deve fazer isso, senhor – argumentou Galbart Glover com Robb. – Lorde Walder não é de confiança.

Roose Bolton assentiu com a cabeça.

– Entre ali sozinho e pertencerá a eles. Poderá vendê-lo aos Lannister, atirá-lo para uma masmorra ou cortar-lhe a garganta, como quiser.

– Se quiser conversar conosco, que abra os portões e partilharemos *todos* a sua comida e bebida – declarou Sor Wendel Manderly.

– Ou que saia e converse com Robb aqui, à vista de seus homens e dos nossos – sugeriu o irmão, Sor Wylis.

Catelyn Stark partilhava todas aquelas dúvidas, mas bastava-lhe olhar de relance para Sor Stevron para saber que não lhe agradava o que estava ouvindo. Mais algumas palavras e a chance estaria perdida. Tinha de agir, e depressa.

– *Eu vou* – disse em voz alta.

– A senhora? – Grande-Jon enrugou a testa.

– Mãe, tem certeza? – era claro que Robb não tinha.

– Nunca tive tanta – mentiu Catelyn com leveza. – Lorde Walder é vassalo de meu pai. Conheço-o desde menina. Nunca me faria nenhum mal – *a menos que visse nisso algum lucro*, acrescentou em silêncio, mas algumas verdades não podiam ser ditas, e algumas mentiras eram necessárias.

– Estou certo de que o senhor meu pai ficaria feliz por falar com a Senhora Catelyn – disse Sor Stevron. – A fim de atestar as nossas boas intenções, meu irmão, Sor Perwyn, permanecerá aqui até que ela lhes seja devolvida em segurança.

– Ele será nosso hóspede de honra – disse Robb. Sor Perwyn, o mais novo dos quatro Frey do grupo, desmontou e entregou as rédeas do cavalo a um dos irmãos. – Desejo o retorno de minha mãe até o cair da noite, Sor Stevron – prosseguiu Robb. – Não pretendo ficar aqui por muito tempo.

Sor Stevron fez um aceno polido.

– Como quiser, senhor – Catelyn esporeou o cavalo e não olhou para trás. Os filhos e enviados de Lorde Walder rodearam-na.

O pai de Catelyn tinha dito uma vez que Walder Frey era o único senhor dos Sete Reinos que podia tirar um exército dos calções. Quando o Senhor da Travessia recebeu Catelyn no grande salão do castelo oriental, rodeado por vinte filhos sobreviventes (menos Sor Perwyn, que teria sido o vigésimo primeiro), trinta e seis netos, dezenove bisnetos e numerosas filhas, netas, bastardos e bastardos-netos, compreendeu exatamente o que o pai quis dizer.

Lorde Walder tinha noventa anos, uma mirrada fuinha cor-de-rosa de cabeça calva e manchada, artrítico demais para se erguer sem ajuda. A última esposa, uma pálida e delicada jovem de dezesseis anos, caminhou ao lado de sua liteira quando o trouxeram para o salão. Era a oitava Senhora Frey.

– É um grande prazer voltar a vê-lo depois de tanto tempo, senhor – disse Catelyn.

O velho a olhou de soslaio com uma expressão de suspeita.

– Ah é? Duvido. Poupe-me de suas palavras doces, Senhora Catelyn, sou velho demais. Por que está aqui? Será o seu rapaz orgulhoso demais para vir ele mesmo apresentar-se? Que farei eu *com a senhora?*

Catelyn era uma menina da última vez que visitara as Gêmeas, mas já então Lorde Frey era irascível, tinha uma língua aguçada e maneiras bruscas. A idade o tinha tornado pior que nunca, ao que parecia. Precisaria escolher as palavras com cuidado e fazer o possível para não se ofender com as dele.

– Pai – disse Sor Stevron em tom reprovador –, controle o gênio. A Senhora Stark está aqui a nosso convite.

– Perguntei-lhe alguma coisa? Ainda não é Lorde Frey, e não o será até que eu morra. Pareço-lhe morto? Não ouvirei instruções vindas de você.

– Isso não é maneira de falar na frente de nossa nobre convidada, pai – disse um dos filhos mais novos.

– Agora meus bastardos acham-se no direito de me dar lições de cortesia – queixou-se Lorde Walder. – Falarei como bem entender, malditos. Já hospedei três reis ao longo da minha vida, e rainhas também, julga que preciso de lições de gente como você, Ryger? Sua mãe ordenhava cabras da primeira vez que lhe dei minha semente – rechaçou o jovem corado com um movimento súbito de dedos e fez um gesto para dois de seus outros filhos. – Danwell, Whalen, ajudem-me a sentar na cadeira.

Ergueram Lorde Walder da liteira e o transportaram para o cadeirão dos Frey, uma cadeira elevada de carvalho negro, cujo espaldar estava esculpido como duas torres ligadas por uma ponte. A jovem esposa subiu timidamente para junto dele e cobriu-lhe as pernas com uma manta. Depois de se sentar, o velho acenou para que Catelyn se aproximasse e deu-lhe um beijo na mão, seco como papel.

– Pronto – anunciou. – Agora que observei a cortesia, senhora, talvez meus filhos me deem a honra de calar a boca. Por que está aqui?

– Para lhe pedir para abrir os portões, senhor – respondeu Catelyn polidamente. – Meu filho e os senhores seus vassalos estão muito impacientes para atravessar o rio e prosseguir caminho.

– Para Correrrio? – soltou um risinho abafado. – Ah, não é preciso dizer, não é preciso. Ainda não sou cego. O velho ainda consegue ler um mapa.

– Para Correrrio – confirmou Catelyn. Não via motivo para negar. – Onde teria esperado encontrá-lo, senhor. Ainda é vassalo de meu pai, não é?

– *Heh* – disse Lorde Walder, um ruído a meio caminho entre uma gargalhada e um grunhido. – Chamei as minhas espadas, sim, chamei, aqui estão elas, você as viu nas muralhas. Era minha intenção marchar assim que todas as minhas forças estivessem reunidas. Bem, enviar meus filhos. Eu já estou há muito para lá das marchas, Senhora Catelyn – olhou em volta em busca de confirmação e apontou para um homem alto e curvado de cinquenta anos. – Diga-lhe, Jared. Diga-lhe que eram essas as minhas intenções.

– Eram, senhora – disse Sor Jared Frey, um dos filhos de sua segunda mulher. – Por minha honra.

– Será culpa minha que o tonto do seu irmão tenha perdido sua batalha antes de podermos nos pôr em marcha? – recostou-se nas almofadas e franziu as sobrancelhas, como que desafiando-a a contestar a sua versão dos acontecimentos. – Disseram-me que o Regicida o atravessou como um machado atravessa queijo podre. Por que haveriam meus rapazes de correr para o sul para morrer? Todos aqueles que foram para o sul estão de novo correndo para o norte.

Catelyn teria de bom grado enfiado o lamuriento do velho num espeto e colocado para assar numa fogueira, mas só tinha até o cair da noite para abrir a ponte. Calmamente, disse:

– Mais uma razão para que possamos chegar a Correrrio, e depressa. Onde podemos conversar, senhor?

– Estamos conversando agora – queixou-se Lorde Frey. A cabeça malhada e rosada dardejou em volta. – O que estão todos olhando? – gritou para a família. – Saiam daqui. A Senhora Stark deseja falar-me em privado. Pode ser que tenha planos para a minha fidelidade, *heh*. Vão, todos, encontrem algo útil para fazer. Sim, você também, mulher. Fora, fora, *fora* – enquanto os filhos, netos, filhas, bastardos, sobrinhas e sobrinhos jorraram da sala, inclinou-se para perto de Catelyn e confessou: – Estão todos à espera de que eu morra. Stevron aguarda há quarenta anos, mas continuo a desapontá-lo. *Heh*. Por que haveria de morrer só para que ele seja um senhor?, pergunto. Não o farei.

– Tenho toda a esperança de que sobreviva até os cem anos.

– *Isso* os irritaria, não há dúvida. Ah, não há dúvida. Bem, o que queria dizer?

– Queremos atravessar – disse-lhe Catelyn.

– Ah, *sim*? Isso é ser direto. Por que haveria eu de deixar?

Por um momento a ira dela relampejou.

– Se fosse suficientemente forte para subir a uma de suas ameias, Lorde Frey, veria que meu filho tem vinte mil homens junto de suas muralhas.

– Serão vinte mil cadáveres frescos quando Lorde Tywin chegar aqui – disparou o velho em resposta. – Não tente me assustar, senhora. Seu marido está numa cela de traidor qualquer debaixo da Fortaleza

Vermelha, seu pai está doente, pode estar morrendo, Jaime Lannister capturou seu irmão. Que tem a senhora que eu deva temer? Aquele seu filho? Se der um filho meu para cada um dos seus, ainda terei dezoito depois de os seus estarem todos mortos.

– O senhor prestou juramento perante meu pai – recordou-lhe Catelyn.

Ele inclinou a cabeça para um lado, sorrindo.

– Ah, sim, disse algumas palavras, mas também prestei juramentos à coroa, assim me parece. Joffrey é agora o rei, e isso faz da senhora, do seu rapaz e de todos aqueles tontos lá fora nada mais que rebeldes. Se eu tivesse o bom-senso que os deuses deram aos peixes, ajudaria os Lannister a fervê-los a todos.

– E por que não o faz? – ela desafiou.

Lorde Walder bufou de desdém.

– Lorde Tywin, o orgulhoso e magnífico, Protetor do Oeste, Mão do Rei, ah, que grande homem *este* é, ele e o seu ouro para lá e para cá, e leões para cá e acolá. Aposto que se comer feijão demais solta peidos tal como eu solto, mas nunca o ouvirá *admitir* tal coisa, ah, não. Que tem *ele* para ser tão empolado? Só dois filhos, e um deles é um monstrinho retorcido. Se lhe der um filho meu por cada um dos *dele*, ainda terei vinte *e meio* quando todos os dele estiverem mortos! – soltou um cacarejo. – Se Lorde Tywin quiser a minha ajuda, bem pode *pedi-la*.

Era tudo que Catelyn precisava ouvir.

– Eu estou pedindo a sua ajuda, senhor – disse humildemente. – E meu pai, meu irmão, o senhor meu marido e meus filhos pedem pela minha voz.

Lorde Walder brandiu o dedo ossudo em seu rosto.

– Poupe suas palavras doces, senhora. Palavras doces ouço de minha esposa. Já a viu? Tem dezesseis, uma florzinha, e o seu mel é só para mim. Aposto que me dá um filho em menos de um ano. Talvez faça dele *herdeiro*, isso não irritaria os outros?

– Estou certa de que lhe dará muitos filhos.

A cabeça dele oscilou para cima e para baixo.

– O senhor seu pai não veio ao casamento. Cá para mim, é um insulto. Mesmo que esteja morrendo. Também não veio ao meu último casamento. Chama-me o Atrasado Lorde Frey, sabe? Julgará que perdi o juízo? Que estou meio morto e a cabeça já não funciona bem? Não estou,

garanto, hei de sobreviver-lhe tal como sobrevivi a seu pai. Sua família sempre se cagou para mim, não negue, não minta, sabe que é verdade. Há anos fui visitar seu pai e sugeri um casamento entre o seu filho e a minha filha. Por que não? Tinha uma filha em mente, uma querida jovem, só alguns anos mais velha que Edmure, mas se seu irmão não se engraçasse com ela, tinha outras que ele podia escolher, novas, velhas, virgens, viúvas, o que quisesse. Não, Lorde Hoster não quis ouvir falar disso. Deu-me doces palavras, desculpas, mas o que eu *queria* era ver-me livre de uma filha. E sua irmã, esta é tão má quanto o pai. Foi, ah, há um ano, não mais, ainda Jon Arryn era Mão do Rei, fui à cidade assistir à participação de meus filhos no torneio. Stevron e Jared estão velhos demais para a arena, mas Danwell e Hosteen participaram, Perwyn, também, e dois de meus bastardos experimentaram o corpo a corpo. Se soubesse como iam me envergonhar, nunca me teria incomodado a fazer a viagem. Que necessidade tinha eu de cavalgar toda aquela distância para ver Hosteen ser derrubado do cavalo por aquele cachorrinho do Tyrell?, pergunto-lhe. O rapaz tem metade da idade dele, chamam-no Sor Margarida, ou qualquer coisa do gênero. E Danwell foi derrubado por um cavaleiro menor! Há dias em que pergunto a mim mesmo se aqueles dois são realmente meus filhos. Minha terceira mulher era uma Crakehall, e todas as mulheres Crakehall são umas vacas. Bem, não importa, ela morreu antes do seu nascimento, que lhe interessa isto? Estava falando de sua irmã. Propus que o Senhor e a Senhora Arryn criassem dois de meus netos na corte, e ofereci-me para criar o filho deles aqui nas Gêmeas. Serão os meus netos indignos de serem vistos na corte do rei? São bons rapazes, calmos e bem-educados. Walder é filho de Merrett, deram-lhe o nome em minha honra, e o outro… *heh*, não me lembro… pode ter sido outro Walder, que andam sempre a chamá-lo Walder para que eu os favoreça, mas o pai dele… qual deles era o pai dele? – seu rosto enrugou-se. – Bem, fosse quem fosse, Lorde Arryn não o quis, e nem ao outro, e por isso culpo a senhora sua irmã. Gelou como se eu tivesse sugerido vender o filho a uma trupe de saltimbancos ou fazer dele um eunuco, e quando Lorde Arryn disse que a criança ia para Pedra do Dragão, para ser criada por Stannis Baratheon, ela saiu precipitadamente da sala sem uma palavra de desculpa, e tudo que a Mão pôde me dar foram lamentos. De que servem lamentos?, pergunto-lhe.

Catelyn franziu as sobrancelhas, inquieta.

– Tinha entendido que o filho de Lysa deveria ser criado por Lorde Tywin, em Rochedo Casterly.

– Não, era Lorde Stannis – disse Walder Frey num tom irritável. – Julga que não distingo Lorde Stannis de Lorde Tywin? São os dois uns rolhas de poço que se acham nobres demais para cagar, mas deixe isso, eu sei ver a diferença. Ou será que me julga muito velho para me lembrar? Tenho noventa anos e lembro-me muito bem. E também me lembro do que se faz com uma mulher. Aquela minha esposa há de me dar um filho em menos de um ano, aposto. Ou uma filha, que isso não se pode controlar. Menino ou menina, há de ser vermelho, encarquilhado e aos berros, e o mais certo é que lhe queira chamar Walder ou Walda.

Catelyn não se importava com o nome que a Senhora Frey daria ao filho.

– Jon Arryn ia criar o filho com Lorde Stannis, tem certeza disso?

– Sim, sim, sim – disse o velho. – Só que morreu, portanto, que importa? Disse que quer atravessar o rio?

– Quero.

– Pois bem, não pode! – anunciou Lorde Walder vivamente. – A menos que eu deixe, e por que haveria de deixar? Os Tully e os Stark nunca foram meus amigos – recostou-se na cadeira e cruzou os braços, com um sorriso afetado, à espera da resposta dela.

O resto foi só regateio.

Um sol vermelho e inchado pendia, baixo, sobre os montes ocidentais quando os portões do castelo se abriram. A ponte levadiça foi descida, guinchando, a porta levadiça ergueu-se, e a Senhora Catelyn Stark avançou para ir juntar-se ao filho e aos senhores seus vassalos. Atrás dela vinham Sor Jared Frey, Sor Hosteen Frey, Sor Danwell Frey e o filho bastardo de Lorde Walder, Ronel Rivers, à frente de uma longa coluna de lanceiros, fileira atrás de fileira de homens arrastando os pés com cotas de malha de aço azul e mantos cinza-prateados.

Robb avançou a galope ao seu encontro, com Vento Cinzento correndo ao lado de seu garanhão.

– Está feito – disse-lhe Catelyn. – Lorde Walder o deixa passar. Suas espadas são também suas, exceto quatrocentas, que deseja deixar ficar para defender as Gêmeas. Sugiro que deixe aqui quatrocentos de seus

homens, uma força mista de arqueiros e espadachins. Ele dificilmente pode levantar objeções a uma oferta para aumentar a sua guarnição… mas assegure-se de dar o comando a um homem em quem possa confiar. Lorde Walder pode precisar de ajuda para manter a fé.

– Será como diz, mãe – respondeu Robb, olhando pasmado para as fileiras de lanceiros. – Talvez… Sor Helman Tallhart, que lhe parece?

– Uma boa escolha.

– Que… que quis ele de nós?

– Se puder dispensar um tanto de seus soldados, preciso de alguns homens para escoltar dois dos netos de Lorde Frey para o norte até Winterfell – disse-lhe ela. – Concordei em recebê-los como protegidos. São novos, com oito e sete anos. Parece que ambos se chamam Walder. Julgo que seu irmão Bran acolherá bem a companhia de garotos próximos da idade dele.

– É tudo? Dois protegidos? Este é um preço bastante pequeno por…

– O filho de Lorde Frey, Olyvar, virá conosco – ela prosseguiu. – Deverá servir como seu escudeiro pessoal. O pai quer vê-lo feito cavaleiro a seu tempo.

– Um escudeiro – encolheu os ombros. – Certo, está bem, se ele…

– Além disso, se sua irmã Arya regressar em segurança para junto de nós, está acordado que se casará com o filho mais novo de Lorde Walder, Elmar, quando ambos tiverem idade.

Robb pareceu embaraçado.

– Arya não vai gostar nem um pouco disso.

– E você deverá se casar com uma das filhas dele quando a luta terminar – Catelyn terminou. – Sua senhoria consentiu amavelmente em deixá-lo escolher a moça que preferir. Tem uma quantidade delas que julga serem adequadas.

Para seu crédito, Robb não vacilou.

– Entendo.

– Consente?

– Posso recusar?

– Se quiser atravessar, não.

– Consinto – disse solenemente Robb. Nunca lhe parecera mais homem do que naquele momento. Rapazes podem brincar com espadas, mas era

preciso ser um senhor para fazer um pacto de casamento com a consciência do que ele significava.

Atravessaram ao cair da noite enquanto um quarto de lua flutuava sobre o rio. A dupla coluna serpenteou pelo portão da gêmea oriental como uma grande serpente de aço, deslizando pelo pátio, no interior da fortaleza e através da ponte, irrompendo de novo do segundo castelo na margem ocidental.

Catelyn seguiu à cabeça da serpente, com o filho, o tio, Sor Brynden e Sor Stevron Frey. Atrás, seguiam nove décimos da cavalaria; cavaleiros, lanceiros, cavaleiros livres e arqueiros montados. Foram necessárias horas para que todos atravessassem. Mais tarde, Catelyn se recordaria do barulho de incontáveis cascos na ponte levadiça, de Lorde Walder Frey, em sua liteira, vendo-os passar, do brilho de olhos que espreitavam entre as tábuas dos alçapões no teto enquanto cavalgavam através da Torre da Água.

A maioria da tropa nortenha, lanceiros, arqueiros e grandes massas de homens de armas a pé, permaneceu na margem oriental sob o comando de Roose Bolton. Robb ordenara-lhe que prosseguisse a marcha para o sul, a fim de defrontar o enorme exército Lannister que vinha para o norte sob o comando de Lorde Tywin.

Para o bem ou para o mal, seu filho lançara os dados.

# Jon

—Está bem, Snow? – perguntou Lorde Mormont, franzindo as sobrancelhas.

"*Bem*", grasnou o corvo. "*Bem*."

– Estou, senhor – mentiu Jon… muito alto, como se isso pudesse transformar a mentira em verdade. – E o senhor?

Mormont franziu a testa.

– Um morto tentou me matar. Como poderia estar bem? – coçou o queixo. Sua barba cinzenta tinha sido chamuscada pelo fogo e ele a cortara. Os curtos pelos brancos de suas novas suíças faziam-no parecer velho, pouco confiável e mal-humorado. – Não parece estar bem. Como está sua mão?

– Vai sarando – Jon dobrou os dedos enfaixados para lhe mostrar. Tinha se queimado mais do que supunha ao atirar as cortinas em chamas, e a mão direita estava enfaixada com seda até a metade do antebraço. Na hora nada sentira; a agonia chegara mais tarde. A pele vermelha e fendida segregou fluido, e bolhas negras com um aspecto terrível surgiram entre os dedos, grandes como baratas. – O meistre diz que vou ficar com cicatrizes, mas fora isso a mão deve ficar tão boa como era antes.

– Uma mão com cicatrizes não é nada. Na Muralha usará luvas com frequência.

– É como diz, senhor – não eram as cicatrizes que perturbavam Jon; era o resto. Meistre Aemon dera-lhe leite de papoula, mas mesmo assim a dor fora terrível. A princípio sentira como se a mão ainda estivesse em chamas, ardendo dia e noite. Só mergulhá-la em bacias de neve e gelo moído lhe dava algum alívio. Jon estava agradecido aos deuses por ninguém, além de Fantasma, tê-lo visto se contorcer na cama, choramingando de dor. Quando por fim dormiu, sonhou, e isso foi ainda

pior. No sonho, o cadáver com que lutara tinha olhos azuis, mãos negras e o rosto do pai, mas não se atrevia a contar *isso* a Mormont.

– Dywen e Hake regressaram ontem à noite – disse o Velho Urso. – Não encontraram nenhum sinal de seu tio, tal como os outros.

– Eu sei – Jon arrastara-se até a sala comum para jantar com os amigos, e o fracasso na busca dos patrulheiros fora o único tema das conversas.

– Você sabe – resmungou Mormont. – Como é que todo mundo sabe de tudo por aqui? – não parecia esperar uma resposta. – Parece que havia só dois… duas dessas *criaturas*, fossem elas o que fossem, não os chamarei de homens. E devemos dar graças aos deuses. Mas e… bom, não vale a pena pensar nisso. Mas vai haver mais. Posso senti-lo nestes meus velhos ossos, e Meistre Aemon concorda. Os ventos frios estão se erguendo. O verão está no fim e um inverno como o mundo nunca viu se aproxima.

*O inverno está chegando*. As palavras dos Stark nunca tinham soado a Jon tão sombrias e de mau agouro como agora.

– Senhor – perguntou, hesitante –, ouvi dizer que chegou uma ave ontem à noite…

– Chegou. Por quê?

– Tinha esperança de que trouxesse alguma notícia de meu pai.

"*Pai*", escarneceu o velho corvo, inclinando a cabeça enquanto passeava pelos ombros de Mormont. "*Pai*."

O Senhor Comandante levantou a mão para lhe fechar o bico, mas o corvo saltou para cima de sua cabeça, sacudiu as asas e voou através do aposento para ir se empoleirar sobre uma janela.

– Dor e ruído – resmungou Mormont. – É só para isso que servem os corvos. Por que aguento esse pestilento pássaro…? Se houvesse notícias de Lorde Eddard, não acha que teria mandado te chamar? Bastardo ou não, pertence ao seu sangue. A mensagem dizia respeito a Sor Barristan Selmy. Parece que foi destituído da Guarda Real. Deram seu lugar àquele cão negro Clegane, e agora Selmy é procurado por traição. Os tontos mandaram um grupo de vigias para capturá-lo, mas ele matou dois e escapou – Mormont bufou, não deixando lugar a dúvidas a respeito do que pensava de homens que mandavam guardas de manto dourado contra um cavaleiro de tanto renome como Barristan, o Ousado. – Temos sombras brancas na floresta e mortos irrequietos que caminham

furtivamente por nossos salões, e é um *rapaz* que ocupa o Trono de Ferro – disse, desgostoso.

O corvo riu estridentemente. "*Rapaz, rapaz, rapaz, rapaz*."

Jon recordou que Sor Barristan fora a melhor esperança do Velho Urso; se caíra, que chance havia de que a carta de Mormont recebesse atenção? Fechou a mão em punho. A dor rompeu dos dedos queimados.

– E minhas irmãs?

– A mensagem não fazia menção alguma a Lorde Eddard ou às meninas – encolheu os ombros, irritado. – Talvez não tenham chegado a receber minha carta. Aemon mandou duas cópias, com as suas melhores aves, mas, quem sabe? O mais provável é que Pycelle não tenha se dignado a responder. Não seria nem a primeira nem a última vez. Temo que contemos com menos que nada em Porto Real. Contam-nos o que querem que saibamos, e isso é bem pouco.

*E você me conta o que quer que* eu *saiba, e isso é ainda menos*, pensou Jon com ressentimento. Seu irmão Robb convocara os vassalos e partira para o sul, para a guerra, e nem uma palavra sobre isso lhe fora ventilada… exceto por Samwell Tarly, que lera a carta para Meistre Aemon e sussurrara o conteúdo a Jon naquela noite, em segredo, enquanto repetia que não devia fazê-lo. Não havia dúvida de que pensavam que a guerra do irmão não lhe dizia respeito. Perturbava-o mais do que conseguia exprimir. Robb marchava, e ele, não. Não importava quantas vezes Jon dissesse a si mesmo que seu lugar agora era ali, com seus novos irmãos na Muralha, sentia-se um covarde do mesmo jeito.

"*Grão*", gritava o corvo. "*Grão, grão*."

– Ah, cale-se – disse-lhe o Velho Urso. – Snow, daqui a quanto tempo, segundo Meistre Aemon, terá essa mão em boas condições?

– Em breve – Jon respondeu.

– Ótimo – sobre a mesa, entre os dois, Lorde Mormont depositou uma grande espada numa bainha de metal negro ligado com prata. – Tome. Neste caso, está pronto para isto.

O corvo desceu e aterrissou sobre a mesa, pavoneando-se na direção da espada, com a cabeça inclinada de um modo curioso. Jon hesitou. Não fazia nem uma vaga ideia do que aquilo significava.

– Senhor?

– O fogo derreteu a prata do botão e queimou a guarda e o punho. Bem, que se podia esperar de couro seco e madeira velha? Mas a lâmina… seria necessário um fogo cem vezes mais quente que aquele para danificar a lâmina – Mormont empurrou a bainha sobre as tábuas grossas de carvalho. – Mandei fazer o resto de novo. Tome.

"*Tome*", repetiu o corvo num eco, arranjando as penas com o bico.

"*Tome, tome.*"

Com movimentos inábeis Jon pegou a espada. Pegou-a com a mão esquerda, pois a direita, envolta em ataduras, estava ainda muito dolorida e desajeitada. Com cuidado, puxou-a da bainha e ergueu-a até os olhos.

O botão da espada era um pedaço de pedra clara recheado de chumbo para equilibrar a longa lâmina. Fora esculpida à semelhança de uma cabeça de lobo rosnando, com lascas de granada para os olhos. O punho era de couro virgem, macio e negro, ainda sem manchas de suor ou sangue. A lâmina propriamente dita era cerca de quinze centímetros mais longa que aquelas a que Jon estava habituado, delgada de forma a poder trespassar tão bem como cortar, com três caneluras profundamente entalhadas no metal. Enquanto Gelo era uma verdadeira espada longa de duas mãos, esta era uma espada de mão e meia, por vezes denominada "espada bastarda". Mas a espada do lobo, na verdade, parecia mais leve que as que manejara antes. Quando Jon a virou de lado, conseguiu ver as ondulações do aço escuro, onde o metal fora dobrado sobre si próprio uma e outra vez.

– Isto é aço valiriano, senhor – disse, espantado. Seu pai o deixara segurar Gelo muitas vezes; conhecia o aspecto e a sensação.

– É – disse-lhe o Velho Urso. – Foi a espada de meu pai, e antes, do pai dele. Os Mormont a usaram ao longo de cinco séculos. Manejei-a nos meus tempos, e a passei a meu filho quando vesti o negro.

*Está me dando a espada do filho*. Jon quase não conseguia acreditar. A lâmina tinha um equilíbrio magnífico. As arestas cintilavam levemente quando beijavam a luz.

– Seu filho…

– Meu filho trouxe desonra à Casa Mormont, mas pelo menos teve a elegância de deixar a espada quando fugiu. Minha irmã a devolveu à minha guarda, mas bastava que a visse para me recordar da desgraça de Jorah, então a coloquei de lado e não voltei a pensar nela até que a

encontramos nas cinzas do meu quarto. O botão original era uma cabeça de urso, em prata, mas tão desgastada que seus traços estavam praticamente indistinguíveis. Para você, pensei que um lobo branco seria mais adequado. Um de nossos construtores é um escultor razoável.

Quando Jon tinha a idade de Bran, sonhara com a realização de grandes feitos, como os garotos sonhavam sempre. Os detalhes de seus feitos mudavam em cada sonho, mas era frequente imaginar que salvava a vida do pai. Depois, Lorde Eddard declararia que Jon provara ser um verdadeiro Stark e colocaria Gelo em suas mãos. Mesmo então soubera que aquilo não passava de delírio de criança; nenhum bastardo poderia jamais esperar manejar a espada do pai. Até a recordação o envergonhava. Que tipo de homem roubava os direitos de nascença do próprio irmão? *Não tenho direito a isto*, pensou, *assim como não tenho direito a Gelo*. Contraiu subitamente os dedos, sentindo uma palpitação de dor bem fundo sob a pele.

– Senhor, honra-me, mas…

– Poupe-me de seus *mas*, rapaz – interrompeu Lorde Mormont. – Não estaria aqui se não fosse você e aquele seu animal. Lutou bravamente… e, mais importante, pensou depressa. *Fogo*! Sim, maldição. Já devíamos saber. Devíamos ter *lembrado*. A Longa Noite já caíra antes. Ah, oito mil anos é bastante tempo, com certeza… mas, se a Patrulha da Noite não recorda, quem recordará?

"*Quem recordará*", concordou o corvo falador. "*Quem recordará*."

Na verdade, os deuses tinham atendido às preces de Jon naquela noite; o fogo pegara nas roupas do morto e o consumira como se a carne fosse cera e os ossos, madeira velha e seca. Bastava a Jon fechar os olhos para ver a coisa cambalear no aposento privado, esbarrando contra a mobília e batendo nas chamas. Era o rosto que mais o assombrava; rodeado por uma auréola de fogo, com os cabelos em brasa como se fossem palha, a carne morta derretendo e escorrendo do crânio, revelando o brilho do osso que estava por baixo.

Qualquer que fosse a força demoníaca que animava Othor, fora expulsa pelas chamas; a coisa retorcida que tinham encontrado nas cinzas não passava de carne queimada e ossos carbonizados. Mas em seus pesadelos voltava a enfrentá-la… e dessa vez o cadáver em chamas tinha as feições de Lorde Eddard. Era a pele do pai que estourava e enegrecia, os olhos do

pai que escorriam pelo rosto como lágrimas de gelatina. Jon não compreendia por que era assim, ou o que aquilo significava, mas o assustava mais do que era capaz de exprimir.

– Uma espada é pagamento pequeno por uma vida – concluiu Mormont. – Fique com ela. Não quero mais ouvir falar disso, compreendido?

– Sim, senhor – o couro macio cedeu sob os dedos de Jon, como se a espada já estivesse se moldando à sua mão. Sabia que devia sentir-se honrado, e se sentia, no entanto…

*Ele não é meu pai*. O pensamento surgiu sem ser convidado na mente de Jon. *Lorde Eddard Stark é meu pai. Não o esquecerei, e não importa quantas espadas me ofereçam*. Mas não podia dizer a Lorde Mormont que era com a espada de outro homem que sonhava…

– Também não quero cortesias – disse Mormont –, por isso, não me agradeça. Honre o aço com ações, não com palavras.

Jon fez um aceno com a cabeça.

– Tem nome, senhor?

– Em tempos passados teve. Chamava-se Garralonga.

"*Garra*", gritou o corvo. "*Garra*."

– Garralonga é um bom nome – Jon experimentou um golpe. Era desastrado e sentia-se desconfortável com a mão esquerda, mas mesmo assim o aço pareceu fluir pelo ar, como se tivesse vontade própria. – Os lobos têm garras, tal como os ursos.

O Velho Urso parecia satisfeito.

– Suponho que sim. Imagino que vá preferir usar isso sobre o ombro. É longa demais para a coxa, pelo menos até que cresça um pouco mais. E será preciso praticar seus golpes com as duas mãos. Sor Endrew pode lhe mostrar alguns movimentos quando as queimaduras sararem.

– Sor Endrew? – Jon não conhecia o nome.

– Sor Endrew Tarth, um bom homem. Vem a caminho, desde a Torre das Sombras, para assumir o cargo de mestre de armas. Sor Alliser Thorne partiu ontem de manhã para Atalaialeste do Mar.

Jon baixou a espada.

– Por quê? – perguntou, estupidamente.

Mormont resfolegou.

– Por que o *mandei*, o que acha? Transporta a mão que o seu Fantasma arrancou do pulso de Jafer Flowers. Ordenei-lhe que embarcasse para Porto Real e a apresentasse a esse rei rapaz. *Isso* deve chamar a atenção do jovem Joffrey, julgo eu… e Sor Alliser é um cavaleiro, bem-nascido, ungido, com velhos amigos na corte, muito mais difícil de ignorar que uma gralha com fama de grandeza.

"*Gralha.*" Pareceu a Jon que o corvo soava vagamente indignado.

– E, além disso – prosseguiu o Senhor Comandante, ignorando o protesto da ave –, coloca mil léguas entre você e ele sem que pareça uma reprimenda – sacudiu o dedo no rosto de Jon. – E não pense que isso quer dizer que aprovo aquele disparate na sala comum. O valor compensa um bom bocado de tolice, mas já não é um rapaz, independentemente da idade que tenha. Isso que tem aí é uma espada de homem, e é preciso ser homem para brandi-la. Espero que de hoje em diante desempenhe esse papel.

– Sim, senhor – Jon voltou a enfiar a espada na bainha ligada com prata. Mesmo que não fosse a lâmina que ele teria escolhido, era de qualquer forma um presente nobre, e libertá-lo da malevolência de Alliser Thorne era mais nobre ainda.

O Velho Urso coçou o queixo.

– Tinha me esquecido de como uma barba nova dá coceira – disse. – Bem, não há como evitá-la. Estará essa sua mão suficientemente sã para retomar seus deveres?

– Sim, senhor.

– Ótimo. A noite será fria e vou querer vinho quente com especiarias. Arranje-me um jarro de tinto que não seja amargo demais, e não seja sovina com as especiarias. E diga a Hobb que, se voltar a me enviar carneiro cozido, o mais certo é que *eu o* cozinhe. Aquele último quadril estava cinzento. Nem o pássaro o tocou – afagou a cabeça do corvo com o polegar, e a ave soltou um *quorc* de satisfação. – Desapareça. Tenho trabalho a fazer.

Os guardas sorriram-lhe de seus nichos enquanto ia serpenteando pela escada da torre abaixo, levando a espada na mão boa.

– Bom aço – disse um homem.

– Você ganhou isso, Snow – disse-lhe outro. Jon obrigou-se a sorrir-lhes de volta, mas não pôs o coração nos sorrisos. Sabia que devia estar

contente, mas não se sentia assim. A mão doía-lhe, e tinha na boca o sabor da ira, embora não pudesse explicar com o que estava irritado, ou por quê.

Meia dúzia de seus amigos estava à espreita lá fora quando saiu da Torre do Rei, onde o Senhor Comandante Mormont residia agora. Tinham pendurado um alvo na porta do celeiro, para que parecessem estar afinando a sua perícia como arqueiros, mas Jon reconhecia tocaias quando as via. Assim que surgiu, Pyp chamou:

– Então, venha cá, deixe-me ver.

– O quê? – perguntou Jon.

Sapo aproximou-se de lado.

– Sua bunda rosada, o que havia de ser?

– A espada – declarou Grenn. – Queremos ver a espada.

Jon varreu-os com um olhar acusador.

– Todos sabiam.

Pyp sorriu.

– Nem todos somos tão estúpidos como Grenn.

– São, sim – insistiu Grenn. – São mais estúpidos.

Halder encolheu os ombros como que pedindo desculpa.

– Ajudei o Pate a esculpir a pedra para o botão – disse o construtor –, e seu amigo Sam comprou as granadas em Vila Toupeira.

– Mas já sabíamos mesmo antes disso – disse Grenn. – Rudge tem ajudado Donal Noye na forja. Estava lá quando o Velho Urso lhe levou a lâmina queimada.

– A *espada*! – insistiu Matt. Os outros se juntaram ao cântico. – A *espada*, a *espada*, a *espada*.

Jon desembainhou Garralonga e a mostrou, virando-a de um lado para o outro para que pudessem admirá-la. A lâmina bastarda cintilava à luz clara do dia, escura e mortífera.

– Aço valiriano – declarou solenemente, tentando soar tão satisfeito e orgulhoso como deveria se sentir.

– Ouvi falar de um homem que tinha uma navalha feita de aço valiriano – Sapo declarou. – Cortou a cabeça ao tentar fazer a barba.

Pyp deu um sorriso.

– A Patrulha da Noite tem milhares de anos de idade – disse –, mas aposto que Lorde Snow é o primeiro irmão a receber honrarias por

destruir a Torre do Senhor Comandante com um incêndio.

Os outros riram, e até Jon teve de sorrir. O incêndio que iniciara não tinha, na verdade, destruído aquela formidável torre de pedra, mas fizera um bom trabalho em devastar o interior dos dois andares superiores, onde o Velho Urso tinha seus aposentos. Isso não parecia preocupar ninguém por lá, visto que também destruíra o cadáver assassino de Othor.

A outra criatura, a coisa com uma mão só que outrora fora um patrulheiro chamado Jafer Flowers, também foi destruída, quase cortada aos pedaços por uma dúzia de espadas… mas não antes de ter matado Sor Jaremy Rykker e mais quatro homens. Sor Jaremy concluíra o serviço de lhe arrancar a cabeça, mas morrera mesmo assim quando o cadáver sem cabeça lhe tirara o punhal da bainha e o enterrara nas entranhas. A força e a coragem não eram grande vantagem contra inimigos que não caíam porque já estavam mortos; até as armas e as armaduras davam pouca proteção. Esse sombrio pensamento amargava o frágil humor de Jon.

– Tenho de falar com Hobb sobre o jantar do Velho Urso – anunciou bruscamente, devolvendo Garralonga à bainha. Os amigos tinham boas intenções, mas não compreendiam. Não era culpa deles, na verdade; não tinham tido de enfrentar Othor, não tinham visto o pálido brilho daqueles olhos mortos e azuis, não tinham sentido o frio daqueles dedos mortos e negros. Nem sabiam da luta nas terras fluviais. Como poderia esperar que compreendessem? Virou-lhes as costas abruptamente e afastou-se a passos largos, carrancudo. Pyp o chamou, mas Jon não lhe deu atenção.

Depois do incêndio, tinham-no instalado de novo em sua antiga cela, na arruinada Torre de Hardin, e foi para lá que regressou. Fantasma estava adormecido, enrolado sobre si mesmo junto à porta, mas ergueu a cabeça ao ouvir as botas de Jon. Os olhos vermelhos do lobo selvagem eram mais escuros que granadas e mais sábios que os dos homens. Jon ajoelhou, coçou sua orelha e mostrou-lhe o botão da espada.

– Olha. É você.

Fantasma farejou o retrato de rocha esculpida e experimentou lambê-lo. Jon sorriu.

– É você quem merece a honra – disse ao lobo… e subitamente lembrou-se de como o encontrara, naquele dia, na neve do fim do verão. Afastavam-se com as outras crias, mas Jon ouvira um ruído e se virara, e ali estava ele, de pelos brancos, quase invisível no meio da neve. *Estava*

*sozinho*, pensou, *longe do resto da ninhada. Era diferente, e por isso fora afastado.*

– Jon? – ele ergueu o olhar. Samwell Tarly estava lá, balançando-se nervosamente nos calcanhares. Tinha as bochechas coradas e enrolava-se num pesado manto de peles que fazia com que parecesse estar pronto para a hibernação.

– Sam – Jon pôs-se em pé. – O que foi? Quer ver a espada? – se os outros tinham descobrido, sem dúvida Sam também sabia.

O rapaz gordo balançou a cabeça.

– Em tempos passados fui herdeiro da lâmina de meu pai – disse ele num tom soturno. – Coração da Morte. Lorde Randyll deixou-me pegá-la algumas vezes, mas sempre me assustou. Era de aço valiriano, bela, mas tão aguçada que tinha medo de machucar uma de minhas irmãs. Deve ser Dickon quem a tem agora – esfregou as mãos suadas no manto. – Eu… ah… Meistre Aemon quer vê-lo.

Não era o momento de mudar as ataduras. Jon franziu as sobrancelhas, com suspeita.

– Por quê? – quis saber. Sam fez uma expressão infeliz. Era resposta suficiente. – Você lhe disse, não foi? – perguntou Jon em tom zangado. – Você disse que me contou.

– Eu… ele… Jon, eu não queria… ele perguntou… ou melhor… eu acho que ele *sabia*, ele vê coisas que mais ninguém vê…

– Ele é cego – Jon rebateu energicamente, descontente. – Eu sei o caminho – deixou Sam ali, de pé, de boca aberta e tremendo.

Encontrou Meistre Aemon no viveiro, alimentando os corvos. Clydas estava com ele, levando um balde de carne picada de gaiola em gaiola.

– Sam disse que quer falar comigo.

O meistre confirmou com um meneio.

– É verdade. Clydas, dê o balde a Jon. Talvez ele tenha a bondade de me ajudar – o irmão corcunda de olhos rosados entregou o balde a Jon e desceu precipitadamente a escada. – Atire a carne nas gaiolas – instruiu Aemon. – As aves farão o resto.

Jon passou o balde para a mão direita e enfiou a esquerda nos pedaços ensanguentados. Os corvos desataram a crocitar ruidosamente e a voar de encontro às grades, batendo no metal com asas negras como a noite. A carne tinha sido cortada em pedaços que não eram maiores que uma

falange. Encheu a mão e atirou as fatias cruas para dentro da gaiola, e os grasnidos e as brigas tornaram-se mais acalorados. Voaram penas quando dois dos pássaros maiores começaram a lutar por um pedaço. Com rapidez, Jon agarrou um segundo punhado e atirou-o para a gaiola.

– O corvo de Lorde Mormont gosta de fruta e milho.

– É uma ave rara – disse o meistre. – A maioria dos corvos come grãos, mas prefere carne. Torna-os fortes, e temo que apreciem o gosto do sangue. Nisso, são como os homens… e tal como os homens, nem todos os corvos são iguais.

Jon nada tinha a responder àquilo. Atirou carne, perguntando a si mesmo por que teria sido chamado. Não havia dúvida de que o velho acabaria dizendo, a seu próprio tempo. Meistre Aemon não era homem que se pudesse apressar.

– Os pombos também podem ser treinados para transportar mensagens – prosseguiu o meistre –, embora o corvo seja um voador mais forte, maior, mais ousado, muito mais inteligente, mais capaz de se defender contra falcões… mas os corvos são negros, e comem os mortos, por isso alguns homens piedosos os detestam. Baelor, o Bem-Aventurado, tentou substituir todos os corvos por pombas, sabia? – o meistre virou os olhos brancos para Jon, sorrindo. – A Patrulha da Noite prefere corvos.

Os dedos de Jon estavam no balde, com sangue até o pulso.

– Dywen diz que os selvagens nos chamam de gralhas – ele disse em tom incerto.

– A gralha é a prima pobre do corvo. São ambos pedintes de negro, odiados e incompreendidos.

Jon quis compreender qual era o assunto da conversa, e o motivo. Que lhe interessavam corvos e pombas? Se o velho tivesse alguma coisa a lhe dizer, por que não podia simplesmente dizê-la?

– Jon, alguma vez perguntou a si mesmo *por que é* que os homens da Patrulha da Noite não têm esposas nem geram filhos? – perguntou Meistre Aemon.

Jon encolheu os ombros.

– Não – espalhou mais um pouco de carne. Tinha os dedos da mão esquerda escorregadios com o sangue, e a direita latejava por causa do peso do balde.

– Para que não amem – respondeu o velho –, pois o amor é o veneno da honra, a morte do dever.

Aquilo não lhe soava correto, mas nada disse. O meistre tinha cem anos e era um grande oficial da Patrulha da Noite; não lhe competia contradizê-lo.

O homem idoso pareceu sentir suas dúvidas.

– Diga-me, Jon, se chegar o dia em que o senhor seu pai tiver de escolher entre a honra e aqueles que ama, o que fará?

Jon hesitou. Queria dizer que Lorde Eddard nunca se desonraria, nem mesmo por amor, mas dentro de si uma pequena voz zombeteira segredou: *Ele foi pai de um bastardo, onde está a honra nisso? E sua mãe, que foi feito dos deveres dele para com ela, se nem sequer lhe pronuncia o nome?*

– Faria o que fosse certo – disse… com uma voz ressonante, para compensar a hesitação. – Acontecesse o que acontecesse.

– Então Lorde Eddard é um homem entre dez mil. A maioria de nós não é tão forte. O que é a honra comparada com o amor de uma mulher? O que é o dever contra sentir um filho recém-nascido nos braços… ou a memória do sorriso de um irmão? Vento e palavras. Vento e palavras. Somos apenas humanos, e os deuses nos moldaram para o amor. Esta é a nossa grande glória e a nossa grande tragédia. Os homens que criaram a Patrulha da Noite sabiam que só a coragem defenderia o reino da escuridão do Norte. Sabiam que não podiam ter as lealdades divididas que lhes enfraquecessem a determinação. Por isso juraram não ter esposas nem filhos. Mas tinham irmãos e irmãs. Mães que os tinham dado à luz, pais que lhes tinham dado nomes. Chegavam de uma centena de reinos conflituosos e sabiam que os tempos podiam mudar, mas os homens não mudam. Por isso juraram também que a Patrulha da Noite não participaria das batalhas dos reinos que guardava. Mantiveram o juramento. Quando Aegon assassinou o Negro Harren e lhe conquistou o reino, o irmão de Harren era Senhor Comandante na Muralha, com dez mil espadas à mão. Não se pôs em marcha. Nos dias em que os Sete Reinos *eram* sete reinos, não se passava uma geração sem que três ou quatro deles estivessem em guerra. A Patrulha não participou. Quando os ândalos atravessaram o Mar Estreito e varreram os reinos dos Primeiros Homens, os filhos dos reis caídos mantiveram-se fiéis ao seu juramento e

permaneceram em seus postos. Sempre foi assim, ao longo de anos incontáveis. É este o preço da honra. Um covarde pode ser tão bravo como qualquer homem quando não há nada a temer. E todos cumprimos o nosso dever quando ele não tem um preço. Como parece fácil então seguir o caminho da honra. Mas, cedo ou tarde, na vida de todos os homens chega um dia em que *não é* fácil, um dia em que ele tem de escolher.

Alguns dos corvos ainda estavam comendo, com longos pedaços fibrosos de carne balançando dos bicos. Os outros pareciam observá-lo. Jon conseguia sentir o peso de todos aqueles minúsculos olhos negros.

– E este é o meu dia… é isso o que está dizendo?

Meistre Aemon virou a cabeça e o olhou com aqueles alvos olhos mortos. Era como se estivesse olhando diretamente para o seu coração. Jon sentiu-se nu e exposto. Pegou o balde com as duas mãos e atirou o resto do conteúdo por entre as grades. Pedaços de carne e sangue voaram para todo lado, espantando os corvos. Levantaram voo, gritando como loucos. As aves mais rápidas apanharam nacos em pleno voo e engoliram avidamente. Jon deixou o balde vazio tinir no chão.

O velho pousou a mão murcha e manchada em seu ombro.

– Dói, rapaz – disse ele em voz baixa. – Ah, sim. Escolher… sempre doeu. E sempre doerá. Eu sei.

– O senhor *não* sabe – disse Jon com amargura. – Ninguém sabe. Mesmo que eu seja seu bastardo, ainda assim ele é meu *pai*…

Meistre Aemon suspirou.

– Não ouviu nada do que eu disse, Jon? Pensa que é o primeiro? – sacudiu a velha cabeça, gesto de um cansaço impossível de descrever. – Três vezes acharam os deuses por bem testar meu juramento. Uma vez quando era rapaz, uma vez em plena idade adulta e uma vez depois de envelhecer. Nessa altura, já as forças me tinham fugido, já os olhos viam mal, mas essa última escolha foi tão cruel como a primeira. Meus corvos traziam as notícias do Sul, palavras mais escuras que suas asas, a ruína de minha Casa, a morte dos meus, desgraça e desolação. Que poderia eu ter feito, velho, cego e frágil? Estava tão impotente como um bebê de colo, mas mesmo assim me machucava permanecer imóvel e esquecido enquanto abatiam o pobre neto de meu irmão, e o filho *dele*, e até as crianças pequenas…

Jon ficou chocado ao ver o brilho de lágrimas nos olhos do idoso.

– Quem é o senhor? – perguntou em voz baixa, quase aterrorizado.

Um sorriso sem dentes estremeceu naqueles velhos lábios.

– Apenas um meistre da Cidadela a serviço do Castelo Negro e da Patrulha da Noite. Na minha ordem, pomos de lado o nome de nossas Casas quando fazemos o juramento e colocamos o colar – o velho tocou a corrente de meistre que pendia solta em torno do pescoço fino e descarnado. – Meu pai foi Mekar, o Primeiro de Seu Nome, e meu irmão Aegon reinou depois dele em meu lugar. Meu avô deu-me o nome em honra do Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, que era seu tio, ou seu pai, depende da lenda em que se acredite. Chamou-me Aemon…

– Aemon… *Targaryen*? – Jon quase não conseguia acreditar.

– Outrora – disse o velho. – Outrora. Portanto, como vê, Jon, eu *sei*… e, sabendo, não lhe direi *fique* ou *vá*. Você tem de fazer essa escolha, e viver com ela pelo resto de seus dias. Como eu – a voz reduziu-se a um suspiro. – Como eu…

# Daenerys

Depois da batalha, Dany levou a sua prata pelos campos de mortos. As aias e os homens do seu *khas* vinham atrás, sorrindo e brincando uns com os outros.

Cascos dothrakis tinham rasgado a terra e esmagado o centeio e as lentilhas, enquanto *arakhs* e flechas semeavam uma terrível nova cultura e a regavam com sangue. Cavalos moribundos erguiam a cabeça e gritavam quando ela passava por eles. Homens feridos gemiam e rezavam. *Jaqqa rhan* deslocavam-se entre eles, os homens da misericórdia com seus pesados machados, fazendo colheita da cabeça dos mortos e moribundos. Depois deles, viria um bando de mocinhas, arrancando flechas dos cadáveres até encher os cestos. E por fim viriam os cães, farejando, magros e famintos, a matilha selvagem que nunca andava muito longe do *khalasar*.

As ovelhas eram as que estavam mortas havia mais tempo. Parecia ter milhares delas, negras de moscas, com flechas espetadas em todas as carcaças. Dany sabia que os homens de Khal Ogo tinham feito aquilo; nenhum homem do *khalasar* de Drogo seria tão tolo para desperdiçar flechas em ovelhas quando ainda havia pastores para matar.

A vila estava em chamas, com negras colunas de fumaça rodopiando enquanto se erguiam ao céu de um tom duro de azul. À sombra de muros derrubados de barro seco, cavaleiros galopavam para lá e para cá, brandindo seus longos chicotes enquanto pastoreavam os sobreviventes para fora do entulho fumegante. As mulheres e crianças do *khalasar* de Ogo caminhavam com um orgulho taciturno, mesmo derrotadas e amarradas; eram agora escravas, mas não pareciam temer essa condição. Com o povo da vila era diferente. Dany sentia pena deles; lembrava-se do terror. Mães avançavam aos tropeções, com o rosto vazio e morto, puxando pela mão crianças soluçando. Havia apenas um punhado de homens entre eles, aleijados, covardes e avôs.

Sor Jorah dizia que o povo daquele país chamava a si próprio lhazareno, mas os dothrakis o chamavam de *haesh rakhi*, os Homens-Ovelhas. Em outros tempos, Dany poderia tê-los tomado por dothraki, pois possuíam a mesma pele acobreada e os olhos amendoados. Agora, pareciam-lhe estranhos, atarracados e de rosto achatado, com os cabelos negros cortados curtos de forma estranha. Eram pastores de ovelhas e comedores de vegetais, e Khal Drogo dizia que pertenciam ao sul da curva do rio. O capim do mar dothraki não se destinava a ovelhas.

Dany viu um rapaz saltar e correr para o rio. Um cavaleiro cortou-lhe o caminho e o fez virar-se, e os outros o encurralaram, fazendo estalar os chicotes em seu rosto, obrigando-o a correr para lá e para cá. Um galopou atrás dele, chicoteando-o nas nádegas até lhe deixar as coxas vermelhas de sangue. Outro o apanhou pelo tornozelo, com uma chicotada que o fez estatelar-se. Por fim, quando o rapaz conseguia somente rastejar, fartaram-se da brincadeira e enfiaram-lhe uma flecha nas costas.

Encontrou Sor Jorah junto ao portão despedaçado. Usava uma capa verde-escura sobre a cota de malha. Suas manoplas, grevas e elmo eram de aço cinza-escuro. Os dothrakis o tinham chamado de covarde quando pusera a armadura, mas o cavaleiro cuspira insultos de volta, os ânimos tinham se exaltado, a espada longa colidira com o *arakh*, e o guerreiro cuja troça fora mais sonora tinha sido deixado para trás, sangrando até a morte.

Sor Jorah ergueu o visor de seu elmo de topo achatado ao se aproximar.

– O senhor seu marido a espera na vila.

– Drogo não se feriu?

– Alguns golpes – respondeu Sor Jorah –, nada de mais. Matou hoje dois *khals*. Primeiro Khal Ogo, e depois o filho, Fogo, que se tornou *khal* quando Ogo caiu. Seus companheiros de sangue cortaram os sinos dos cabelos deles, e agora cada passo de Khal Drogo ressoa mais alto que antes.

Ogo e o filho tinham partilhado o banco elevado com Drogo no banquete de batismo onde Viserys fora coroado, mas isso acontecera em Vaes Dothrak, à sombra da Mãe das Montanhas, onde todos os cavaleiros são irmãos e todas as querelas são postas de lado. No campo, as coisas eram diferentes. O *khalasar* de Ogo estava atacando a vila quando Khal

Drogo o pegou. Dany perguntava a si mesma o que teriam pensado os Homens-Ovelhas quando viram pela primeira vez a poeira levantada por seus cavalos de cima daquelas muralhas de barro rachado. Talvez alguns, os mais novos e mais tolos, que ainda julgavam que os deuses escutavam as preces dos homens desesperados, a tivessem tomado por salvamento.

Do outro lado da estrada, uma jovem que não era mais velha que Dany soluçou numa voz fina e frágil quando um cavaleiro a atirou para cima de uma pilha de cadáveres, de barriga para baixo, e se enterrou nela. Outros cavaleiros desmontaram para aguardar a sua vez. Era aquele o tipo de salvamento que os dothrakis traziam aos Homens-Ovelhas.

*Sou do sangue do dragão*, recordou Daenerys Targaryen a si mesma enquanto virava o rosto. Apertou os lábios, endureceu o coração e continuou a seguir para o portão.

– A maior parte dos guerreiros de Ogo fugiu – disse Sor Jorah. – Mesmo assim, pode haver até dez mil cativos.

Escravos, pensou Dany. Khal Drogo os levaria ao longo do rio até uma das vilas da Baía dos Escravos. Quis chorar, mas disse a si mesma que tinha de ser forte. *Isto é a guerra, é assim que ela é, é este o preço do Trono de Ferro*.

– Disse ao *khal* que devíamos rumar a Meereen – Sor Jorah continuou. – Pagarão melhor preço do que ele obteria de uma caravana de escravos. Illyrio escreve que tiveram uma praga no ano passado, e por isso os bordéis estão pagando o dobro por garotas saudáveis, e o triplo por garotos com menos de dez anos. Se crianças suficientes sobreviverem à viagem, o ouro pagará todos os navios de que precisarmos e contratará os homens para navegá-los.

Atrás deles, a moça que estava sendo violentada soltou um som de cortar o coração, um longo lamento soluçante que perdurava, perdurava, perdurava. A mão de Dany apertou as rédeas com força e virou a cabeça da prata.

– Faça-os parar – ordenou a Sor Jorah.

– *Khaleesi*? – o cavaleiro parecia perplexo.

– Faça o que digo. Quero que os pare agora – falou ao seu *khas* com o tom duro dos dothrakis. – Jhogo, Quaro, vão ajudar Sor Jorah. Não quero mais violações.

Os guerreiros trocaram um olhar desconcertado.

Jorah Mormont trouxe seu cavalo para mais perto.

– Princesa – disse –, tem um coração gentil, mas não compreende. Foi sempre assim. Estes homens derramaram sangue pelo *khal*. Agora reclamam a recompensa.

Do outro lado da estrada a jovem ainda chorava, numa língua aguda e cantante, estranha aos ouvidos de Dany. O primeiro homem já tinha se despachado, e o segundo tomara-lhe o lugar.

– Ela é uma mulher-ovelha – disse Quaro em dothraki. – Não é nada, *khaleesi*. Os cavaleiros a estão honrando. Os Homens-Ovelhas dormem com ovelhas, é sabido.

– É sabido – ecoou a aia Irri.

– É sabido – concordou Jhogo, escarranchado no grande garanhão cinzento que Drogo lhe oferecera. – Se seus lamentos ofendem seus ouvidos, Jhogo cortará sua língua – e puxou o *arakh*.

– Não quero que a machuquem – disse Dany. – Eu a reivindico. Façam o que lhes ordeno, ou Khal Drogo saberá disso.

– *Sim, khaleesi* – respondeu Jhogo, batendo com os calcanhares no cavalo. Quaro e os outros o seguiram, com os sinos nos cabelos a repicar.

– Vá com eles – ordenou a Sor Jorah.

– Às suas ordens – o cavaleiro lançou-lhe um olhar estranho. – É mesmo irmã de seu irmão.

– Viserys? – Dany não compreendeu.

– Não – respondeu ele. – Rhaegar – e afastou-se a galope.

Dany ouviu Jhogo gritar. Os violadores riram dele. Um homem gritou de volta. O *arakh* de Jhogo relampejou, e a cabeça do homem tombou de cima de seus ombros. Os risos transformaram-se em pragas quando os cavaleiros levaram a mão às armas, mas, nessa altura, Quaro, Aggo e Rakharo já se encontravam lá. Viu Aggo apontar para o lugar, do outro lado da estrada, onde ela se encontrava montada em sua prata. Os cavaleiros olharam-na com frios olhos negros. Um cuspiu. Os outros retornaram às suas montarias, resmungando.

Enquanto isso, o homem que estava sobre a jovem continuava a entrar e a sair dela, tão concentrado em seu prazer que parecia não se dar conta do que se passava à sua volta. Sor Jorah desmontou e arrancou-o da moça com a mão revestida de cota de malha. O dothraki estatelou-se na lama, saltou com a faca na mão e morreu com uma flecha de Aggo na garganta.

Mormont puxou a moça da pilha de cadáveres e a enrolou em seu manto salpicado de sangue. Levou-a até Dany.

– Que quer que façamos com ela?

A jovem tremia, de olhos dilatados e vagos. Os cabelos estavam empastados de sangue.

– Doreah, trate de suas feridas. Não se parece com um cavaleiro, ela talvez não a tema. O resto, comigo – e levou a prata através do portão quebrado de madeira.

Dentro da vila era pior. Muitas das casas estavam em chamas, e os *jaqqa rhan* já tinham desempenhado o seu macabro serviço. Cadáveres sem cabeça enchiam as ruelas estreitas e sinuosas. Passaram por outras mulheres que estavam sendo violentadas. Em todas as vezes, Dany puxava as rédeas, mandava seu *khas* pôr fim àquilo e levava a vítima como escrava. Uma delas, uma mulher de quarenta anos, de corpo largo e nariz achatado, abençoou hesitantemente Dany no Idioma Comum, mas das outras obteve apenas olhares negros e sem vida. Compreendeu com tristeza que suspeitavam dela; temiam que as tivesse poupado para um destino pior.

– Não pode levar todas, menina – disse Sor Jorah da quarta vez que pararam, enquanto os guerreiros de seu *khas* reuniam as novas escravas atrás dela.

– Sou *khaleesi*, herdeira dos Sete Reinos, do sangue do dragão – recordou-lhe Dany. – Não lhe cabe dizer o que eu não posso fazer – do outro lado da cidade um edifício ruiu numa grande nuvem de fogo e fumaça, e ouviam-se gritos distantes e lamentos de crianças assustadas.

Encontraram Khal Drogo sentado fora de um templo quadrado sem janelas, com muros largos de barro e uma cúpula bulbosa que parecia uma imensa cebola marrom. A seu lado encontrava-se uma pilha de cabeças mais alta que ele. Uma das flechas curtas dos Homens-Ovelhas estava espetada na carne de seu antebraço, e sangue cobria o lado esquerdo do peito nu como um salpico de tinta. Seus três companheiros de sangue estavam com ele.

Jhiqui ajudou Dany a desmontar; tinha se tornado desajeitada à medida que a barriga se tornava maior e mais pesada. Ajoelhou-se perante o *khal*.

– O meu sol-e-estrelas está ferido – o golpe de *arakh* era longo, mas pouco profundo; o mamilo esquerdo desaparecera, e uma aba sangrenta de carne e pele pendia-lhe do peito como um trapo molhado.

– É arranhão, lua da minha vida, de *arakh* de companheiro de sangue de Khal Ogo – disse Khal Drogo no Idioma Comum. – Matar ele por isso, e Ogo também – virou a cabeça, com as campainhas da trança a ressoar suavemente. – É Ogo que ouve, e Fogo, seu *khalakka*, que era *khal* quando o matei.

– Não há homem capaz de enfrentar o sol da minha vida – disse Dany –, o pai do garanhão que monta o mundo.

Um guerreiro montado aproximou-se e saltou da sela. Falou com Haggo, uma torrente de dothraki zangado rápida demais para Dany compreender. O enorme companheiro de sangue lançou-lhe um olhar pesado antes de se virar para seu *khal*.

– Este é Mago, que cavalga no *khas* de Ko Jhaqo. Diz que *khaleesi* ficou com sua presa, uma filha das ovelhas que era para ele montar.

O rosto de Khal Drogo estava imóvel e duro, mas os olhos negros estavam curiosos quando se dirigiram a Dany.

– Conte-me a verdade disto, lua da minha vida – ordenou em dothraki.

Dany contou-lhe o que fizera, em sua língua, para que o *khal* a compreendesse melhor, com palavras simples e diretas.

Quando terminou, a testa de Drogo estava franzida.

– São estes os costumes da guerra. Essas mulheres são agora nossas escravas, para que façamos o que quisermos delas.

– Gostaria de mantê-las a salvo – disse Dany, perguntando-se se estaria se atrevendo demais. – Se seus guerreiros quiserem montar essas mulheres, que as tomem com gentileza e as mantenham como esposas. Que lhes deem lugares no *khalasar* e que lhes façam filhos.

Qotho era sempre o mais cruel dos companheiros de sangue. Foi ele que riu.

– Será que o cavalo se reproduz com ovelhas?

Algo no tom dele lembrou-lhe Viserys. Dany virou-se para ele, zangada.

– O dragão alimenta-se quer de cavalos quer de ovelhas.

Khal Drogo sorriu.

– Vejam como ela se faz feroz! – disse. – É meu filho dentro dela, o garanhão que monta o mundo, que a enche com o seu fogo. Monta devagar, Qotho… se a mãe não te queimar no lugar onde se senta, o filho te esmagará na lama. E você, Mago, recolhe a língua e encontra outra ovelha para montar. Estas pertencem à minha *khaleesi* – começou a estender a mão para Daenerys, mas, ao erguer o braço, Drogo fez um súbito esgar de dor e virou a cabeça.

Dany quase conseguia sentir a agonia dele. As feridas eram piores do que Sor Jorah dissera.

– Onde estão os curandeiros? – exigiu saber. O *khalasar* tinha dois tipos: mulheres estéreis e escravos eunucos. As ervanárias lidavam com poções e feitiços; os eunucos, com facas, agulhas e fogo. – Por que não tratam do *khal*?

– O *khal* mandou o homem sem cabelo embora, *khaleesi* – garantiu-lhe o velho Cohollo. Dany viu que o companheiro de sangue também tinha sido ferido; um golpe profundo no ombro esquerdo.

– Há muitos guerreiros feridos – disse teimosamente Khal Drogo. – Que sejam tratados primeiro. Esta flecha não é mais que uma picada de mosca; este pequeno corte é só uma nova cicatriz de que me gabar perante meu filho.

Dany via os músculos de seu peito onde a pele fora arrancada. Um fio de sangue corria da flecha que lhe perfurara o braço.

– Não cabe ao Khal Drogo esperar – proclamou. – Jhogo, procure esses eunucos e os traga imediatamente.

– Senhora de prata – disse uma voz de mulher atrás dela –, eu posso ajudar o Grande Cavaleiro com as suas feridas.

Dany virou a cabeça. Quem falava era uma das novas escravas, a mulher pesada de nariz achatado que a abençoara.

– O *khal* não precisa da ajuda de mulheres que dormem com ovelhas – ladrou Qotho. – Aggo, corte-lhe a língua.

Aggo agarrou-lhe os cabelos e empurrou uma faca contra a garganta da mulher.

Dany ergueu a mão.

– Não. Ela é minha. Deixem-na falar.

Os olhos de Aggo saltaram dela para Qotho, então abaixou a faca.

– Não pretendo fazer nenhum mal, ferozes cavaleiros – a mulher falava dothraki bem. Os trajes que usava tinham sido feitos das mais leves e melhores lãs, ricas de bordados, mas agora estavam cobertos de lama, ensanguentados e rasgados. A mulher apertou o pano esfarrapado do corpete contra os pesados seios. – Tenho alguns conhecimentos nas artes curativas.

– Quem é você? – perguntou-lhe Dany.

– Chamam-me Mirri Maz Duur. Sou esposa de deus neste templo.

– *Maegi* – grunhiu Haggo, passando os dedos pelo *arakh*. Tinha o olhar escuro. Dany lembrava-se da palavra de uma história aterrorizadora que Jhiqui lhe contara uma noite junto à fogueira. Uma *maegi* era uma mulher que dormia com demônios e praticava a mais negra das feitiçarias, uma coisa vil, maldosa e sem alma, que vinha até os homens no escuro da noite e sugava a vida e a força de seus corpos.

– Sou uma curandeira – disse Mirri Maz Duur.

– Uma curandeira de ovelhas – escarneceu Qotho. – Sangue do meu sangue, eu digo que matemos esta *maegi* e que esperemos pelos homens sem cabelo.

Dany ignorou a explosão do companheiro de sangue. Aquela mulher idosa, modesta e gorda não lhe parecia uma *maegi*.

– Onde aprendeu a sua arte, Mirri Maz Duur?

– Minha mãe foi esposa de deus antes de mim e ensinou-me todas as canções e feitiços que mais agradam ao Grande Pastor, e como fazer as fumaças sagradas e os unguentos das folhas, raízes e frutas. Quando era mais nova e mais bonita, fui numa caravana a Asshai da Sombra, para estudar com os magos de lá. Chegam navios de muitas terras a Asshai, e fiquei durante muito tempo estudando os costumes de curar dos povos distantes. Uma cantora de lua de Jogos Nhai deu-me de presente as suas canções de parto, uma mulher do seu povo cavaleiro ensinou-me as magias do capim, dos grãos e dos cavalos, e um meistre das Terras do Poente abriu um cadáver e mostrou-me todos os segredos que se escondem sob a pele.

Sor Jorah Mormont interveio.

– Um meistre?

– Chamava-se Marwyn – respondeu a mulher no Idioma Comum. – Do mar. Do outro lado do mar. As Sete Terras, disse ele. Terras do Poente.

Onde os homens são de ferro e os dragões governam. Ensinou-me esta língua.

– Um meistre em Asshai – meditou Sor Jorah. – Diga-me, Esposa de Deus, que usava este Marwyn em volta do pescoço?

– Uma corrente tão apertada que quase o sufocava, Senhor de Ferro, com elos de muitos metais.

O cavaleiro olhou para Dany.

– Só um homem treinado na Cidadela de Vilavelha usa uma corrente assim – disse –, e esses homens realmente sabem muito sobre curar.

– Por que quer ajudar meu *khal*?

– Todos os homens pertencem ao mesmo rebanho, ou pelo menos é isso que nos é ensinado – respondeu Mirri Maz Duur. – O Grande Pastor enviou-me para a Terra para curar suas ovelhas, onde quer que as encontre.

Qotho deu-lhe uma forte bofetada.

– Não somos ovelhas, *maegi*.

– Pare com isso – disse Dany com voz zangada. – Ela é minha. Não quero que lhe façam mal.

Khal Drogo grunhiu.

– A flecha tem de sair, Qotho.

– Sim, Grande Cavaleiro – respondeu Mirri Maz Duur, tocando a face dolorida. – E seu peito tem de ser lavado e costurado para que não ulcere.

– Trate disso então – ordenou Khal Drogo.

– Grande Cavaleiro – disse a mulher –, meus instrumentos e poções estão dentro da casa de deus, onde os poderes curativos são mais fortes.

– Eu o levo, sangue do meu sangue – ofereceu-se Haggo.

Khal Drogo afastou-o com um gesto.

– Não preciso da ajuda de nenhum homem – disse, com uma voz dura e orgulhosa. Pôs-se em pé, sem ajuda, mais alto que todos os outros. Uma nova onda de sangue escorreu por seu peito, jorrando de onde o *arakh* de Ogo lhe cortara o mamilo. Dany pôs-se depressa a seu lado.

– Eu não sou um homem – sussurrou ela –, por isso pode se apoiar em mim – Drogo pousou a enorme mão em seu ombro. Ela suportou um pouco do peso dele durante a caminhada até o grande templo de barro. Os três companheiros de sangue os seguiram. Dany ordenou a Sor Jorah e

aos guerreiros de seu *khas* que guardassem a entrada para garantir que ninguém incendiaria o edifício enquanto estivessem lá dentro.

Passaram por uma série de átrios até o alto aposento central, sob a cebola. Uma luz tênue vinha de janelas escondidas, lá em cima. Alguns archotes ardiam, fumacentos, em candeeiros fixos às paredes. Havia peles de ovelha espalhadas pelo chão de barro.

– Ali – disse Mirri Maz Duur, apontando para o altar, uma maciça pedra com veios azuis, esculpida com imagens de pastores e de seus rebanhos. Khal Drogo deitou-se em cima dela. A velha mulher atirou um punhado de folhas secas em um braseiro, enchendo o aposento de fumaça odorífera. – É melhor esperarem lá fora – disse aos outros.

– Somos sangue do seu sangue – disse Cohollo. – Esperamos aqui.

Qotho aproximou-se de Mirri Maz Duur.

– É melhor que saiba isto, mulher do Deus Ovelha. Se fizer mal ao *khal*, sofrerá o mesmo destino – puxou a faca de esfolar e mostrou-lhe a lâmina.

– Ela não fará mal – Dany sentia que podia confiar naquela velha mulher de semblante simples, com o nariz achatado; afinal de contas, salvara-a das mãos dos violadores.

– Se têm de ficar, então ajudem – disse Mirri aos companheiros de sangue. – O Grande Cavaleiro é forte demais para mim. Mantenham-no imóvel enquanto arranco a flecha de sua carne – deixou os farrapos de seu vestido caírem até a cintura enquanto abria um cofre esculpido, e atarefou-se com garrafas e caixas, facas e agulhas. Quando estava pronta, partiu a ponta farpada da flecha e puxou a haste, enquanto entoava um cântico na língua cantante dos lhazarenos. Aqueceu no braseiro uma garrafa de vinho até ferver e despejou-a sobre as feridas de Khal Drogo. Drogo amaldiçoou-a, mas não se mexeu. Ela grudou na ferida da flecha um emplastro de folhas úmidas e virou-se para o golpe no peito, untando-o com uma pasta verde-clara antes de voltar a pôr a aba de pele no lugar. O *khal* rangeu os dentes e engoliu um grito. A esposa de deus pegou uma agulha de prata e um fuso de fio de seda e começou a fechar a ferida. Quando terminou, pintou a pele com unguento vermelho, cobriu-o com mais folhas e atou o peito com um pedaço esfarrapado de couro de ovelha. – Deve dizer as preces que vou lhe dar e manter o couro de

ovelha no lugar durante dez dias e dez noites – disse. – Vai haver febre, coceira e uma grande cicatriz quando a ferida sarar.

Khal Drogo sentou-se, com os sinos a tilintar.

– Eu canto sobre as minhas cicatrizes, mulher-ovelha – dobrou o braço e fez uma careta.

– Não pode beber nem vinho nem leite de papoula – preveniu-o a mulher. – Terá dores, mas deve manter o corpo forte para combater os espíritos do veneno.

– Sou *khal* – disse Drogo. – Cuspo na dor e bebo o que quiser. Cohollo, traga-me a roupa – o homem mais velho apressou-se a sair.

– Antes – disse Dany à feia lhazarena – ouvi você falar de canções de parto…

– Conheço todos os segredos da cama sangrenta, Senhora de Prata, e nunca perdi um bebê – respondeu Mirri Maz Duur.

– A minha hora está próxima – disse Dany. – Quero que cuide de mim quando chegar, se quiser.

Khal Drogo deu risada.

– Lua da minha vida, não se pede a uma escrava, ordena-lhe. Ela fará o que mandar – saltou do altar. – Venha, meu sangue. Os garanhões chamam, este lugar é cinzas. É hora de montar.

Haggo seguiu o *khal* para fora do templo, mas Qotho deixou-se ficar tempo suficiente para brindar Mirri Maz Duur com um olhar duro.

– Lembre-se, *maegi*, como passar o *khal*, assim passará você.

– Seja como diz, cavaleiro – respondeu-lhe a mulher, recolhendo seus jarros e garrafas. – O Grande Pastor guarda o rebanho.

# Tyrion

Em uma colina com vista sobre a Estrada do Rei, uma longa mesa tosca de pinho tinha sido montada sob um olmo e coberta com um tecido dourado. Era lá, ao lado de seu pavilhão, que Lorde Tywin fazia a refeição da noite com os mais importantes de seus cavaleiros e senhores vassalos, com a sua grande bandeira carmesim e dourada flutuando por cima, atada a uma majestosa lança.

Tyrion chegou tarde, dolorido da cavalgada e amargo, consciente demais de como devia ser ridículo seu aspecto enquanto se bamboleava encosta acima para junto do pai. A marcha do dia fora longa e cansativa. Pensava que talvez fosse se embebedar bastante naquela noite. Era crepúsculo, e o ar encontrava-se vivo, cheio de vaga-lumes.

Os cozinheiros serviam o prato de carne: cinco leitões, com a pele ressequida e estalando, um fruto diferente em cada boca. O cheiro trouxe-lhe água na boca.

– As minhas desculpas – começou, tomando seu lugar no banco ao lado do tio.

– Talvez deva encarregá-lo de enterrar os mortos, Tyrion – disse Lorde Tywin. – Caso se atrase tanto na batalha como à mesa, a luta já terá terminado quando chegar.

– Ah, com certeza pode guardar um camponês ou dois para mim, pai – respondeu Tyrion. – Não muitos, pois não pretendo ser ganancioso – encheu a taça de vinho e observou um criado que trinchava o leitão. A pele quebradiça estalava sob a faca, e da carne jorrou molho quente. Era a paisagem mais adorável que Tyrion vira em séculos.

– Os batedores de Sor Addam dizem que a tropa Stark se deslocou para o sul das Gêmeas – anunciou o pai enquanto lhe enchiam o prato de fatias de porco. – Os recrutados de Lorde Frey juntaram-se a eles. Não devem estar a mais de um dia de marcha a norte de nossa posição.

– Por favor, pai – disse Tyrion. – Preparo-me para comer.

– Será que a ideia de enfrentar a tropa Stark o desencoraja, Tyrion? Seu irmão Jaime estaria ansioso para lidar com eles.

– Gostaria primeiro de lidar com aquele porco. Robb Stark não é, nem de perto, tão tenro, e nunca cheirou tão bem.

Lorde Lefford, a ave agourenta que tinha a responsabilidade pelas provisões e pelo abastecimento, inclinou-se para a frente.

– Espero que seus selvagens não partilhem de sua relutância, caso contrário desperdiçamos bom aço com eles.

– Meus selvagens darão excelente uso ao seu aço, senhor – respondeu Tyrion. Quando dissera a Lefford que precisava de armas e armaduras para equipar os trezentos homens que Ulf tinha trazido das montanhas, parecia que lhe tinha pedido que entregasse as filhas donzelas para lhes dar prazer.

Lorde Lefford franziu as sobrancelhas.

– Vi hoje o grande e cabeludo, aquele que insistiu em ficar com dois machados de batalha, os de aço negro pesado com lâminas gêmeas em crescente.

– Shagga gosta de matar com ambas as mãos – disse Tyrion, enquanto um prato de fumegante carne de porco era depositado na sua frente.

– Ele ainda tinha aquele seu machado de cortar lenha atado às costas.

– Shagga é da opinião de que três machados são ainda melhores que dois – Tyrion mergulhou os dedos no prato do sal e salpicou sua carne com uma boa pitada.

Sor Kevan inclinou-se para a frente.

– Pensamos em colocá-lo, com seus selvagens, na vanguarda quando formos para a batalha.

Sor Kevan raramente “pensava” algo que Lorde Tywin não tivesse pensado antes. Tyrion espetara um bocado de carne na ponta do punhal e o levara à boca. Agora o abaixava.

– Na vanguarda? – repetiu em tom incerto. Ou o senhor seu pai descobrira um novo respeito por suas capacidades, ou decidira ver-se livre do embaraço de sua descendência de uma vez por todas. Tyrion tinha a sombria sensação de que conhecia a verdade.

– Parecem suficientemente ferozes – disse Sor Kevan.

– Ferozes? – Tyrion percebeu que estava repetindo as palavras do tio como um pássaro treinado. O pai observava, julgando-o, pesando cada

palavra. – Deixe-me contar como eles são ferozes. Na noite passada, um Irmão da Lua apunhalou um Corvo de Pedra por causa de uma salsicha. Portanto, hoje, quando acampamos, três Corvos de Pedra apanharam o homem e abriram-lhe a garganta. Talvez esperassem recuperar a salsicha, não sei. Bronn conseguiu impedir Shagga de cortar o membro do morto, o que foi uma sorte, mas mesmo assim Ulf exige dinheiro de sangue, que Cronn e Shagga se recusam pagar.

– Quando falta disciplina aos soldados, a falha reside em seu comandante – disse o pai de Tyrion.

O irmão Jaime sempre fora capaz de fazer com que os homens o seguissem alegremente, e que morressem por ele se necessário. Esse dom faltava a Tyrion. Comprava a lealdade com ouro, e forçava a obediência com seu nome.

– Um homem *maior* seria capaz de lhes causar temor, é isso que está dizendo, senhor?

Lorde Tywin Lannister virou-se para o irmão.

– Se os homens de meu filho não obedecerem às suas ordens, talvez a vanguarda não seja lugar para ele. Sem dúvida que estaria mais confortável na retaguarda, guardando a coluna com a nossa bagagem.

– Não me faça gentilezas, pai – disse Tyrion, irritado. – Se não tem nenhum outro comando para me oferecer, liderarei a sua primeira linha.

Lorde Tywin estudou o filho anão.

– Nada disse sobre comandos. Servirá sob as ordens de Sor Gregor.

Tyrion deu uma dentada no leitão, mastigou por um momento e depois cuspiu-o, zangado.

– Afinal, parece que não tenho fome – disse, erguendo-se desajeitadamente do banco. – Com a sua permissão, senhores.

Lorde Tywin inclinou a cabeça, concedendo-a. Tyrion virou-se e afastou-se. Desceu a colina bamboleando, consciente dos olhos dos homens às suas costas. Uma grande rajada de gargalhadas ergueu-se atrás dele, mas não virou a cabeça. Que todos eles se engasgassem com seus leitões.

O crepúsculo caíra, pintando de negro todos os estandartes. O acampamento Lannister estendia-se ao longo de milhas entre o rio e a Estrada do Rei. Por entre os homens, os cavalos e as árvores, era fácil perder-se, e foi o que aconteceu a Tyrion. Passou por uma dúzia de

grandes pavilhões e por uma centena de fogueiras para cozinhar. Vagalumes esvoaçavam por entre as tendas como estrelas vagabundas. Detectou um cheiro de salsichas de alho, temperado e saboroso, tão tentador que lhe fez rugir o estômago vazio. Ouviu, a distância, vozes que se erguiam numa canção obscena qualquer. Uma mulher passou por ele correndo, aos risinhos, nua sob uma capa escura, com um perseguidor bêbado que tropeçava nas raízes das árvores. Mais adiante, dois lanceiros enfrentavam-se por sobre um fiozinho de água, treinando sua estocada-e-parada à luz que se desvanecia, com os peitos nus lustrosos de suor.

Ninguém olhou para ele. Ninguém lhe falou. Ninguém lhe prestou a mínima atenção. Estava cercado por homens que tinham prestado vassalagem à Casa Lannister, uma vasta tropa de vinte mil, e no entanto estava sozinho.

Quando ouviu o profundo estrondo do riso de Shagga ressoando na escuridão, seguiu-o até os Corvos de Pedra e o pequeno canto que ocupavam na noite. Cronn, filho de Coratt, acenou com uma caneca de cerveja.

– Tyrion Meio-Homem! Venha, sente-se junto à minha fogueira, partilhe a carne com os Corvos de Pedra. Temos um boi.

– Estou vendo, Cronn, filho de Coratt – a enorme carcaça vermelha estava suspensa sobre um fogo que rugia, enfiada num espeto do tamanho de uma pequena árvore. Sem dúvida que *era* uma pequena árvore. Sangue e gordura pingavam sobre as chamas enquanto dois Corvos de Pedra viravam a carne. – Agradeço-lhe. Mande me chamar quando o boi estiver pronto – pelo aspecto, isso talvez acontecesse ainda antes da batalha. Continuou a andar.

Cada clã tinha sua própria fogueira; os Orelhas Negras não comiam com os Corvos de Pedra, os Corvos de Pedra não comiam com os Irmãos da Lua, e ninguém comia com os Homens Queimados. A modesta tenda que tinha arrancado dos armazéns de Lorde Lefford depois de algumas bajulações fora erigida no centro das quatro fogueiras. Tyrion encontrou Bronn partilhando um odre de vinho com os novos criados. Lorde Tywin enviara-lhe um cavalariço e um criado pessoal para atender às suas necessidades, e até insistira para que aceitasse um escudeiro. Estavam sentados em torno das brasas de uma pequena fogueira. Tinham uma jovem com eles; magra, de cabelos escuros, aparentemente com não mais

de dezoito anos. Tyrion estudou-lhe o rosto por um momento, antes de ver espinhas de peixe entre as cinzas.

– O que comeram?

– Trutas, senhor – disse o cavalariço. – Bronn as apanhou.

*Truta*, pensou. *Leitão. Maldito seja o meu pai*. Olhou com ar fúnebre para as espinhas, com a barriga rugindo.

O escudeiro, um garoto com o infeliz nome de Podrick Payne, engoliu o que quer que se preparava para dizer. Era um primo distante de Sor Ilyn Payne, o carrasco do rei… e quase tão silencioso quanto ele, embora não por falta de uma língua. Tyrion obrigara-o a colocá-la para fora uma vez, só para ter certeza. "É definitivamente uma língua", dissera. "Algum dia vai ter de aprender a usá-la."

No momento não tinha paciência para tentar arrancar um pensamento do garoto, que suspeitava que lhe tinha sido imposto como uma brincadeira cruel. Tyrion voltou sua atenção à moça.

– É ela? – perguntou a Bronn.

Ela se ergueu num movimento gracioso e olhou para ele, da majestosa altura de um metro e meio ou mais.

– É, senhor, e ela pode falar por si mesma, se assim quiser.

Tyrion inclinou a cabeça para um lado.

– Sou Tyrion, da Casa Lannister. Os homens chamam-me Duende.

– Minha mãe chamou-me Shae. Os homens chamam-me… com frequência.

Bronn deu risada, e Tyrion teve de sorrir.

– Para a tenda, Shae, por favor – levantou a aba e a manteve erguida para ela passar. Lá dentro, ajoelhou-se para acender uma vela.

A vida de soldado não era desprovida de certas compensações. Onde quer que se erguesse um acampamento, era certo aparecerem seguidores. Ao fim da marcha do dia, Tyrion enviara Bronn de volta, a fim de lhe arranjar uma prostituta apropriada. "Preferia uma razoavelmente jovem, tão bonita quanto consiga encontrar", dissera. "Se se lavou em algum momento deste ano, ficarei contente. Se não, lave-a. Assegure-se de lhe dizer quem sou e a previna do *que* sou." Jyck nem sempre se incomodara em fazer aquilo. Havia um olhar que as moças por vezes davam quando vislumbravam pela primeira vez o fidalgo a quem tinham sido

contratadas para satisfazer… um olhar que Tyrion Lannister não queria ver nunca mais.

Ergueu a vela e a observou. Bronn fizera um trabalho bastante bom; a jovem tinha olhos de corça e era magra, com pequenos seios firmes e um sorriso que alternava entre tímido, insolente e malvado. Gostava daquilo.

– Devo tirar o vestido, senhor? – ela perguntou.

– A seu tempo. É donzela, Shae?

– Se isso lhe agradar, senhor – disse ela com um ar recatado.

– O que me agradaria seria obter de você a verdade, garota.

– Está bem, mas isso custará o dobro.

Tyrion decidiu que iam se dar otimamente bem.

– Sou um Lannister. Tenho ouro com fartura, e pode descobrir que sou generoso… mas quero mais de você do que aquilo que tem entre as pernas, embora também queira isso. Partilhará a minha tenda, encherá meu copo de vinho, rirá dos meus gracejos, massageará as minhas pernas doloridas depois de cada dia de marcha… e quer se mantenha comigo durante um dia ou um ano, enquanto estivermos juntos, não levará nenhum outro homem para a sua cama.

– É justo – ela estendeu a mão até a bainha do vestido de ráfia e tirou-o pela cabeça, num movimento suave, atirando-o para o lado. Por baixo, nada havia a não ser Shae. – Se não apoiar essa vela, meu senhor vai queimar os dedos.

Tyrion apoiou a vela, tomou-lhe a mão nas suas e puxou-a gentilmente para si. Ela se dobrou para beijá-lo. Sua boca recendia a mel e a cravo-da-índia, e os dedos mostraram-se hábeis e cheios de prática ao encontrar os fechos de suas roupas.

Quando a penetrou, ela o recebeu com sussurros afetuosos e pequenos e trêmulos arquejos de prazer. Tyrion suspeitava que aquele deleite era fingido, mas ela o fazia tão bem que não importava. Não desejava *tanta* verdade assim.

Mais tarde, deitado em silêncio com a mulher nos braços, Tyrion percebeu que precisava dela. Dela ou de alguém como ela. Já se passara quase um ano desde que dormira com uma mulher, desde antes de sua partida para Winterfell com o irmão e o Rei Robert. Podia bem morrer no dia seguinte ou no outro, e se isso acontecesse, preferia partir para a

cova pensando em Shae do que no senhor seu pai, em Lysa Arryn ou na Senhora Catelyn Stark.

Sentia a suavidade dos seios dela comprimidos contra seu braço. Era uma sensação boa. Uma canção encheu-lhe a cabeça. Suavemente, baixinho, pôs-se a assobiar.

– Que é isso, senhor? – murmurou Shae contra seu corpo.

– Nada – respondeu. – Uma canção que aprendi quando era rapaz, nada demais. Durma, querida.

Quando os olhos dela se fecharam e sua respiração se tornou profunda e regular, Tyrion deslizou por debaixo dela, gentilmente, com cuidado para não lhe perturbar o sono. Nu, rastejou para fora, passou por cima do escudeiro e deu a volta ao redor da tenda a fim de urinar.

Bronn estava sentado de pernas cruzadas por baixo de um castanheiro, perto do lugar onde tinham os cavalos presos. Amolava o gume da espada, bem acordado; o mercenário não parecia dormir como os outros homens.

– Onde a encontrou? – perguntou-lhe Tyrion enquanto urinava.

– Tirei-a de um cavaleiro. O homem estava relutante em desistir dela, mas o seu nome mudou um pouco a maneira dele de pensar… isso e o meu punhal em sua garganta.

– Magnífico – disse secamente Tyrion, sacudindo as últimas gotas. – Acho que me lembro de ter dito *encontre-me uma prostituta*, e não *me faça um inimigo*.

– As bonitas estavam todas tomadas – disse Bronn. – De bom grado a levarei de volta, se preferir uma porca desdentada.

Tyrion coxeou até perto do mercenário.

– O senhor meu pai chamaria a isso insolência, e o mandaria para as minas por impertinência.

– Ainda bem para mim que não é o seu pai – respondeu Bronn. – Vi uma com o nariz cheio de furúnculos. Quer essa?

– O quê? E quebrar seu coração? – atirou Tyrion de volta. – Vou ficar com Shae. Por acaso reparou no *nome* desse cavaleiro de quem a roubou? Preferia não tê-lo a meu lado na batalha.

Bronn ergueu-se, rápido e gracioso como um gato, fazendo a espada girar na mão.

– Terá a mim a seu lado na batalha, anão.

Tyrion fez um aceno. Sentia o ar da noite tépido na pele nua.

– Certifique-se de que eu sobreviva a essa batalha, e poderá escolher a recompensa que desejar.

Bronn atirou a espada da mão direita para a esquerda e experimentou um golpe.

– Quem iria querer matar alguém como você?

– O senhor meu pai, para começar. Pôs-me na vanguarda.

– Eu faria o mesmo. Um homem pequeno com um grande escudo. Vai causar ataques de fúria nos arqueiros.

– Acho-o estranhamente alegre – disse Tyrion. – Devo estar louco.

Bronn embainhou a espada.

– Sem dúvida.

Quando Tyrion regressou à tenda, Shae rolou sobre o cotovelo e murmurou em voz sonolenta:

– Acordei e o senhor não estava aqui.

– O senhor agora está aqui – deitou-se ao seu lado.

A mão dela enfiou-se entre as suas pernas atrofiadas e o encontrou duro.

– Ah, aí está – sussurrou, afagando-o.

Tyrion perguntou-lhe pelo homem de quem Bronn a tirara, e ela disse o nome de um servidor de um fidalgo insignificante.

– Não é preciso temer homens como ele, senhor – disse Shae, com os dedos atarefados em seu membro. – É um homem pequeno.

– Então, e eu, o que sou? – perguntou-lhe Tyrion. – Um gigante?

– Ah, sim – ronronou ela –, o meu gigante Lannister – então o montou e durante algum tempo quase conseguiu fazer com que ele acreditasse. Tyrion adormeceu sorrindo…

… e acordou na escuridão com o toque das trombetas. Shae sacudia-lhe o ombro.

– Senhor – sussurrou. – Acorde, senhor. Estou assustada.

Grogue, sentou-se e atirou o cobertor para o lado. As trombetas chamavam na noite, tempestuosas e urgentes, um grito que dizia *rápido, rápido, rápido*. Ouviu gritos, o tinir de lanças, o relinchar de cavalos, embora ainda nada que parecesse luta.

– As trombetas do senhor meu pai – disse. – Toque de batalha. Pensava que o Stark ainda estivesse a um dia de marcha.

Shae balançou a cabeça, sem compreender. Seus olhos estavam bem abertos e brancos.

Gemendo, Tyrion pôs-se em pé e abriu caminho para fora da tenda, gritando pelo escudeiro. Farrapos de pálido nevoeiro moviam-se à deriva pela noite, longos dedos brancos que saíam do rio. Homens e cavalos atravessavam aos tropeções o frio da madrugada; selas eram apertadas, carroças eram carregadas, fogueiras eram extintas. As trombetas tocaram de novo: *rápido, rápido, rápido*. Cavaleiros saltavam para cima de corcéis que resfolegavam, e homens de armas afivelavam o cinto de suas espadas enquanto corriam. Quando encontrou Pod, o garoto ressonava suavemente. Tyrion deu-lhe um bom pontapé nas costelas.

– A minha armadura – disse –, e mexa-se depressa – Bronn saiu da névoa a trote, já armado e montado, com o seu meio elmo amassado na cabeça. – Sabe o que aconteceu? – perguntou-lhe Tyrion.

– O rapaz Stark roubou-nos uma marcha – disse Bronn. – Esgueirou-se ao longo da Estrada do Rei durante a noite, e agora sua tropa está a menos de uma milha a norte daqui, em formação de batalha.

*Rápido*, gritaram as trombetas, *rápido, rápido, rápido*.

– Certifique-se de que os homens dos clãs estão prontos para partir – Tyrion voltou a enfiar-se na tenda. – Onde está minha roupa? – ladrou para Shae. – Ali. Não, o couro, raios partam. Sim. Traga-me as botas.

Quando acabou de se vestir, o escudeiro tinha lhe preparado a armadura, ou o que passava por tal coisa. Tyrion era dono de uma boa armadura de placa pesada, habilmente manufaturada para se ajustar ao seu corpo deformado. Infelizmente, estava em segurança em Rochedo Casterly, mas ele não. Tinha de se arranjar com peças avulsas encontradas nas carroças de Lorde Lefford: camisa e touca de cota de malha, o gorjal de um cavaleiro morto, grevas e manoplas articuladas e botas pontiagudas de aço. Algumas das peças eram ornamentadas, outras eram simples; nada condizia ou se ajustava como devia. A placa de peito destinava-se a um homem mais alto; para a sua cabeça grande demais tinham encontrado um enorme elmo em forma de balde, culminado por uma haste triangular com trinta centímetros de comprimento.

Shae ajudou Pod a lidar com as fivelas e as braçadeiras.

– Se eu morrer, chore por mim – disse Tyrion à prostituta.

– Como ia saber? Estaria morto.

– Eu saberia.

– Acredito que sim – Shae baixou o elmo sobre sua cabeça, e Pod ajustou o gorjal. Tyrion afivelou o cinto, pesado sob o peso da espada curta e do punhal. Quando terminou, o cavalariço já lhe trouxera a montaria, um formidável corcel negro com uma armadura tão pesada quanto a sua. Precisou de ajuda para montar; sentia-se como se pesasse uma tonelada. Pod entregou-lhe o escudo, uma maciça prancha de pesado pau-ferro com tiras de aço, e, por fim, o machado de batalha. Shae deu um passo para trás e o admirou.

– O senhor parece temível.

– O senhor parece um anão numa armadura desemparelhada – Tyrion respondeu amargamente –, mas agradeço-lhe a bondade. Podrick, se a batalha nos correr mal, leve a senhora em segurança para casa – saudou-a com o machado, fez o cavalo dar meia-volta e afastou-se a trote. Tinha o estômago transformado num duro nó, tão apertado que doía. Atrás dele, os criados começaram a desmontar a tenda às pressas. Pálidos dedos carmesins espalharam-se pelo leste quando os primeiros raios de sol surgiram no horizonte. O céu ocidental tinha um profundo tom púrpura, salpicado de estrelas. Tyrion perguntou a si mesmo se aquele seria o último nascer do sol que veria… e se essa dúvida era sinal de covardia. Seu irmão Jaime alguma vez contemplara a morte antes de uma batalha?

Uma trompa de guerra soou a distância, uma profunda nota fúnebre que gelava a alma. Os homens dos clãs subiram em seus ossudos cavalos de montanha, berrando pragas e piadas grosseiras. Vários pareciam estar bêbados. Quando Tyrion deu sinal de partida, o sol nascente queimava os últimos elos de nevoeiro. O campo que os cavalos tinham deixado estava carregado de orvalho, como se algum deus de passagem tivesse espalhado um saco de diamantes pela terra. Os homens das montanhas alinharam-se atrás dele, com cada clã enfileirado atrás de seu líder.

À luz da alvorada, o exército de Lorde Tywin Lannister desdobrou-se como uma rosa de ferro, com os espinhos a raiar.

O tio de Tyrion liderava o centro. Sor Kevan erguera seus estandartes acima da Estrada do Rei. Com aljavas pendendo dos cintos, os arqueiros apeados dispuseram-se em três longas linhas, para leste e para oeste da estrada, e ali estavam calmamente encordoando os arcos. Entre eles, lanceiros formavam quadrados; atrás estava fileira após fileira de

homens de armas com lanças, espadas e machados. Trezentos cavalos pesados rodeavam Sor Kevan e os senhores vassalos Lefford, Lydden e Serrett, com todos os seus subordinados.

A ala direita era toda de cavalaria, cerca de quatro mil homens, carregados com o peso de suas armaduras. Estavam ali mais de três quartos dos cavaleiros, agrupados como um grande punho revestido de aço. Sor Addam Marbrand tinha o comando. Tyrion viu seu estandarte desenrolar-se quando seu porta-estandartes o sacudiu: uma árvore ardendo, laranja e esfumaçada. Atrás dele esvoaçava o unicórnio púrpura de Sor Flement, o javali malhado de Crakehall, o galo anão dos Swyft e outros.

O senhor seu pai tomou posição na colina onde dormira. À sua volta reunia-se a reserva; uma força enorme, metade montada, metade a pé, de cinco mil homens. Lorde Tywin escolhia quase sempre comandar a reserva; ocupava o terreno elevado e observava o desenrolar da batalha a seus pés, enviando suas forças quando e para onde eram mais necessárias.

Mesmo visto de longe, o senhor seu pai era resplandecente. A armadura de batalha de Tywin Lannister envergonhava a armadura dourada do filho Jaime. Sua grande capa tinha sido tecida de incontáveis camadas de pano de ouro, e era tão pesada que quase não se agitava, mesmo quando ele avançava, e tão grande que as pregas cobriam a maior parte do traseiro do garanhão quando se sentava sobre a sela. Nenhuma braçadeira comum seria suficiente para tanto peso, e a capa era mantida no lugar por um par idêntico de leoas em miniatura, acocoradas sobre os ombros, como que em posição de ataque. O companheiro das leoas, um macho com uma magnífica juba, reclinava-se no topo do elmo de Lorde Tywin, com a pata varrendo o ar enquanto rugia. Os três leões eram trabalhados em ouro, com olhos de rubi. A armadura era de pesada placa de aço, esmaltada de carmim-escuro; as grevas e as manoplas tinham decorativos arabescos dourados embutidos. As ombreiras eram sóis raiados dourados, todas as suas presilhas eram douradas, e o aço vermelho tinha sido polido a tal ponto que brilhava como fogo à luz do sol nascente.

Tyrion conseguia agora ouvir o rufar dos tambores do inimigo. Recordou-se de Robb Stark como o vira pela última vez, sentado no

cadeirão do pai no Grande Salão de Winterfell, com uma espada nua brilhando nas mãos. Recordou-se de como os lobos selvagens tinham saltado sobre ele vindos das sombras, e de repente voltou a vê-los, rosnando e abocanhando, com os dentes descobertos na frente de seu rosto. Traria o rapaz os lobos consigo para a guerra? A ideia o deixou perturbado.

Os nortenhos deviam estar exaustos depois de sua longa marcha insone. Tyrion perguntou-se o que o rapaz pensara. Teria esperado apanhá-los de surpresa durante o sono? Havia poucas chances de isso acontecer; não importa o que se dissesse dele, Tywin Lannister não era nenhum tolo.

A vanguarda reunia-se à esquerda. Viu primeiro a bandeira, três cães negros sobre fundo amarelo. Sor Gregor encontrava-se por baixo, montado no maior cavalo que Tyrion jamais vira. Bronn deu-lhe uma olhadela e sorriu.

– Siga sempre um homem grande para a batalha.

Tyrion respondeu com um olhar duro.

– E por quê?

– Fazem uns alvos magníficos. Aquele vai atrair os olhares de todos os arqueiros presentes no campo.

Rindo, Tyrion olhou a Montanha com novos olhos.

– Confesso que não o tinha visto sob essa luz.

Clegane não possuía esplendor nenhum; sua armadura era de placa de aço de um cinza baço, marcada pelo uso duro, e não exibia nem símbolos nem ornamentos. Indicava aos homens as suas posições com a arma, uma espada longa de duas mãos que Sor Gregor brandia como um homem menor poderia brandir um punhal.

– Eu mesmo matarei qualquer homem que fuja – ele estava rugindo quando viu Tyrion. – Duende! Para a esquerda. Mantenha o rio. Se for capaz.

A esquerda da esquerda. Para flanqueá-los, os Stark precisariam de cavalos capazes de correr sobre a água. Tyrion levou seus homens para a margem do rio.

– Olhem – gritou, apontando com o machado. – O rio – uma camada de névoa pálida ainda aderia à superfície da água, com a corrente verde-escura rodopiando por baixo. Os baixios eram lamacentos e afogados em

juncos. – Aquele rio é nosso. Aconteça o que acontecer, mantenham-se perto da água. Não a percam nunca de vista. Impeçam o inimigo de se interpor entre nós e o nosso rio. Se eles conspurcarem nossas águas, arranquem seus membros e alimentem os peixes com eles.

Shagga tinha um machado em cada mão. Bateu um de encontro ao outro, fazendo-os ressoar.

– *Meio-Homem!* – gritou. Outros Corvos de Pedra acompanharam o grito, e os Orelhas Negras e Irmãos da Lua também. Os Homens Queimados não gritaram, mas fizeram chocalhar as espadas e as lanças. – *Meio-Homem! Meio-Homem! Meio-Homem!*

Tyrion fez o corcel descrever um círculo para observar o terreno. Ali, era ondulado e irregular; mole e lamacento perto do rio, subindo em ligeiro declive até a Estrada do Rei, pedregoso e quebrado do outro lado, a leste. Algumas árvores manchavam as vertentes das colinas, mas a maior parte da terra fora limpa e plantada. Seu coração batia no peito em uníssono com os tambores, e sentia a testa fria de suor sob as camadas de couro e aço. Observou Sor Gregor enquanto a Montanha cavalgava para cima e para baixo ao longo das fileiras, gritando e gesticulando. Também essa ala era toda de cavalaria, mas se a direita era um punho revestido de malha, de cavaleiros e lanceiros pesados, a vanguarda era composta pelo lixo do Ocidente: arqueiros montados com coletes de couro, um enxame indisciplinado de cavaleiros livres e mercenários, trabalhadores rurais montados em cavalos de arar e armados com foices e espadas enferrujadas dos pais, rapazes meio treinados vindos dos prostíbulos de Lannisporto… e Tyrion e seus homens dos clãs a cavalo.

– Comida para corvos – murmurou Bronn a seu lado, dando voz ao que Tyrion deixara por dizer. Só pôde concordar com um aceno. Teria o senhor seu pai perdido o juízo? Nenhum lanceiro, arqueiros insuficientes, não mais que um punhado de cavaleiros, os mal armados e os sem armadura, comandados por um bruto sem cabeça que liderava com base na raiva… Como podia o pai esperar que aquela imitação grotesca de uma companhia segurasse o flanco esquerdo?

Não teve tempo para pensar no assunto. Os tambores estavam tão próximos que a batida se infiltrava sob sua pele e deixava suas mãos em convulsões. Bronn desembainhou a espada, e de repente o inimigo surgiu

à frente deles, transbordando sobre o cume das colinas, avançando a passo medido por trás de um muro de escudos e lanças.

*Malditos sejam os deuses, olhe para todos eles*, pensou Tyrion, embora soubesse que o pai tinha mais homens no terreno. Seus capitães lideravam-nos montados em cavalos de batalha revestidos de armadura, com os porta-estandartes transportando as bandeiras a seu lado. Vislumbrou o alce macho dos Hornwood, o sol raiado dos Karstark, o machado de batalha de Lorde Cerwyn e o punho revestido de malha dos Glover… *e* as torres gêmeas de Frey, azuis em fundo cinza. Lá se ia a certeza do pai de que Lorde Walder nada faria. Podia ver-se o branco da Casa Stark por todo lado, com os lobos gigantes cinzentos parecendo correr e saltar à medida que os estandartes se reviravam e se agitavam no topo dos grandes mastros. *Onde está o rapaz?*, interrogou-se Tyrion.

Uma trompa de guerra soou. *Haruuuuuuuuuuuuu*, gritou, com uma voz tão longa, grave e arrepiante como um vento frio vindo do norte. As trombetas dos Lannister responderam-lhe, *da-DA da-DA da-DAAAAAAA*, um som de bronze e desafio, mas a Tyrion pareceu que de algum modo soavam menores, mais ansiosas. Sentia uma agitação nas entranhas, uma sensação de náusea líquida; esperava que não fosse morrer enjoado.

Quando as trombetas se calaram, um silvo encheu o ar; uma vasta nuvem de flecha subiu em arco, à direita de Tyrion, de onde os arqueiros flanqueavam a estrada. Os nortenhos desataram a correr, gritando enquanto se aproximavam, mas as flechas dos Lannister caíram sobre eles como chuva, centenas de flechas, milhares, e os gritos de guerra iam se transformando em gritos de dor à medida que os homens tropeçavam e caíam. Então já uma segunda nuvem estava no ar, e os arqueiros colocavam uma terceira flecha na corda de seus arcos.

As trombetas gritaram de novo, *da-DAAA da-DAAA da-DA da-DA da-DAAAAAAAA*. Sor Gregor brandiu sua enorme espada e berrou uma ordem, e um milhar de outras vozes respondeu aos gritos. Tyrion esporeou o cavalo, acrescentou mais uma voz à cacofonia, e a vanguarda avançou.

– O rio! – gritou a seus homens enquanto avançavam. – Lembrem-se, exterminem tudo até o rio – continuou a liderar quando passaram a galope leve, até que Chella deu um grito de congelar o sangue e o ultrapassou, e Shagga uivou e a seguiu. Os homens dos clãs avançaram atrás deles, deixando Tyrion no meio da poeira que levantaram.

Em frente, tinha se formado um crescente de lanceiros inimigos, um duplo ouriço de aço, à espera, atrás de escudos altos de carvalho marcados com o sol raiado de Karstark. Gregor Clegane foi o primeiro a atingi-los, liderando uma cunha de veteranos revestidos de armadura. Metade dos cavalos recuou no último momento, quebrando o avanço em frente da fila de lanças. Os outros morreram, com afiadas pontas de aço rasgando-lhes o peito. Tyrion viu uma dúzia de homens cair. O garanhão da Montanha empinou-se, escoiceando com cascos calçados de aço quando uma ponta de lança farpada lhe varreu o pescoço. Enlouquecido, o animal lançou-se a galope sobre as fileiras inimigas. Lanças o atingiram vindas de todas as direções, mas a muralha de escudos quebrou-se sob o seu peso. Os nortenhos fugiram dos estertores de morte do animal aos tropeções. Enquanto o cavalo caía, resfolegando sangue e mordendo com o seu último fôlego vermelho, a Montanha ergueu-se incólume, varrendo as redondezas com sua grande espada de duas mãos.

Shagga arremeteu pela abertura antes que os escudos conseguissem fechá-la, com os outros Corvos de Pedra logo atrás. Tyrion gritou:

– Homens Queimados! Irmãos da Lua! Atrás de mim! – mas a maior parte deles estava à sua *frente*. Viu de relance Timett, filho de Timett, saltar quando a sua montaria morreu em pleno galope entre suas pernas; viu um Irmão da Lua empalado por uma lança Karstark; observou o cavalo de Cronn estilhaçando as costelas de um homem com um coice. Uma nuvem de flechas caiu sobre eles; não saberia dizer de onde vinham, mas caíram tanto sobre homens dos Stark como dos Lannister, matraqueando nas armaduras ou encontrando carne. Tyrion ergueu o escudo e escondeu-se sob ele.

O ouriço estava ruindo, e os nortenhos recuavam sob o impacto do assalto a cavalo. Tyrion viu Shagga apanhar um lanceiro em cheio no peito quando o louco correu sobre ele; viu o machado cortar cota de malha, couro, músculo e pulmões. O homem morreu em pé, com a cabeça do machado alojada no peito, mas Shagga continuou a avançar, abrindo um escudo em dois com o machado de batalha da mão esquerda, enquanto o cadáver balançava e tropeçava molemente do seu lado direito. Por fim, o morto deslizou e caiu. Shagga fez ressoar os dois machados um contra o outro e rugiu.

Então, o inimigo já havia caído sobre ele, e a batalha de Tyrion minguou para os poucos centímetros de terreno que rodeavam seu cavalo. Um homem de armas lançou-lhe uma estocada no peito, e seu machado saltou, afastando a lança. O homem recuou dançando, para outra tentativa, mas Tyrion esporeou o cavalo, fazendo-o passar por cima dele. Bronn estava rodeado por três inimigos, mas cortou a cabeça da primeira lança que veio contra ele e, no contragolpe, varreu a cara de um segundo homem com sua lâmina.

Uma lança de arremesso precipitou-se sobre Tyrion, vinda da esquerda, e alojou-se em seu escudo com um *tunc* na madeira. Virou-se e lançou-se em perseguição do atirador, mas o homem ergueu o escudo sobre a cabeça. Tyrion fez chover golpes de machado sobre a madeira, movendo-se em círculos em redor do homem. Lascas de carvalho saltaram e partiram voando, até que o nortenho perdeu o equilíbrio e escorregou, caindo de costas sob o escudo. Encontrava-se abaixo do alcance do machado de Tyrion, e desmontar era incômodo demais, de modo que o deixou ali e foi atrás de outro homem, apanhando-o pelas costas com um golpe em arco de cima para baixo que lhe sacudiu o braço com o impacto. Conseguiu com isso um momento de pausa. Puxando as rédeas, procurou o rio. E ali estava ele, à direita. Sem saber por que, virara-se para trás.

Um Homem Queimado passou por ele, caído sobre o cavalo. Uma lança penetrara-lhe a barriga e saía pelas costas. Estava além de qualquer ajuda, mas quando Tyrion viu um dos nortenhos correndo e tentando agarrar-lhe as rédeas, avançou.

Sua presa enfrentou-o de espada na mão. Era alto e seco, com uma longa camisa de cota de malha e manoplas articuladas de aço, mas perdera o elmo e sangue escorria sobre seus olhos, vindo de uma ferida na testa. Tyrion lançou-lhe um golpe no rosto, mas o homem alto o afastou.

– Anão – gritou. – Morra – virou-se em círculo, enquanto Tyrion o rodeava montado no cavalo, lançando-lhe golpes na cabeça e nos ombros. Aço ressoava contra aço, e Tyrion logo percebeu que o homem alto era mais rápido e mais forte do que ele. Onde, nos sete infernos, estava Bronn? – Morra – grunhiu o homem novamente, atacando-o furiosamente. Tyrion quase não conseguiu erguer o escudo a tempo, e a

madeira pareceu explodir para dentro com a força do golpe. Os estilhaços do escudo caíram-lhe do braço. – *Morra!* – berrou o espadachim, avançando e dando uma pancada tão forte nas têmporas de Tyrion que lhe deixou a cabeça ressoando. A lâmina fez um hediondo som de arranhar quando o homem a puxou. O homem alto sorriu… até ser mordido pelo corcel de batalha de Tyrion, rápido como uma serpente, que lhe abriu a bochecha até o osso. Então gritou. Tyrion enterrou-lhe o machado na cabeça.

– Morra *você* – disse-lhe, e foi o que ele fez.

Ao libertar a lâmina, ouviu um grito.

– *Eddard!* – ressoou uma voz. – *Por Eddard e Winterfell!* – o cavaleiro caiu sobre ele como um trovão, fazendo rodopiar por cima da cabeça a bola eriçada de hastes de uma maça de armas. Os cavalos de batalha se chocaram antes que Tyrion conseguisse sequer abrir a boca para gritar por Bronn. O cotovelo direito explodiu de dor quando as hastes penetraram através do metal fino que protegia a articulação. O machado foi perdido naquele instante. Estendeu a mão para a espada, mas a maça fazia de novo um arco, dirigido ao seu rosto. Não se deu conta de ter atingido o chão, mas quando olhou para cima viu apenas céu. Rolou sobre o flanco e tentou se erguer, mas o corpo estremeceu-lhe de dor e o mundo começou a latejar. O cavaleiro que o derrubara aproximou-se. – Tyrion, o Duende – trovejou. – É meu. Rende-se, Lannister?

*Sim*, pensou Tyrion, mas a palavra ficou presa na garganta. Fez um som semelhante a um coaxar e pôs-se de joelhos com dificuldade, procurando desajeitadamente uma arma. A espada, o punhal, qualquer coisa…

– Rende-se? – o cavaleiro pairava sobre ele em seu cavalo de guerra recoberto de armadura. Ambos, homem e cavalo, pareciam imensos. A bola de hastes rodopiava num círculo lento. As mãos de Tyrion estavam dormentes, a visão, desfocada, a bainha da espada vazia. – Renda-se ou morrerá – declarou o cavaleiro, fazendo rodopiar o malho cada vez mais depressa.

Tyrion conseguiu se levantar, atirando a cabeça contra a barriga do cavalo. O animal soltou um grito terrível e empinou-se. Tentou libertar-se da agonia da dor, retorcendo-se, choveram sangue e vísceras sobre o rosto de Tyrion e o cavalo caiu como uma avalanche. Quando deu por si,

tinha o visor tapado com lama e algo lhe esmagava o pé. Conseguiu libertar-se, com a garganta tão apertada que quase não conseguia falar.

– … rend… – coaxou por fim, num fio de voz.

– Sim – gemeu uma voz, espessa de dor.

Tyrion raspou a lama do visor para conseguir ver. O cavalo tombara para o outro lado, para cima do cavaleiro. Este tinha a perna presa e o braço que usara para amparar a queda torcido num ângulo grotesco.

– Rendo-me – repetiu. Apalpando o cinto com a mão capaz, sacou uma espada e lançou-a aos pés de Tyrion. – Rendo-me, senhor.

Aturdido, o anão ajoelhou-se e ergueu a arma. A dor atacou-lhe o cotovelo quando moveu o braço. A batalha parecia ter se deslocado para a frente. Ninguém permanecia naquela parte do terreno, salvo um grande número de cadáveres. Os corvos já voavam em círculos e aterrissavam para se alimentar. Viu que Sor Kevan trouxera seu centro em auxílio da vanguarda; sua enorme massa de lanceiros tinha empurrado os nortenhos contra os montes. Lutava-se nas encostas, com lanças atacando outra muralha de escudos, agora ovais e reforçados com rebites de ferro. Enquanto observava, o ar voltou a encher-se de flechas, e os homens atrás da muralha de carvalho ruíram sob aquele fogo assassino.

– Creio que está perdendo, senhor – disse ao cavaleiro sob o cavalo. O homem não lhe deu resposta.

O som de cascos vindo às suas costas o fez rodopiar, embora quase não conseguisse levantar a espada devido à tremenda dor que sentia no cotovelo. Bronn puxou as rédeas e o olhou.

– Acabou por ser de pouco uso – disse-lhe Tyrion.

– Parece que se desembaraçou suficientemente bem sozinho – respondeu Bronn. – Mas perdeu a haste do elmo.

Tyrion apalpou o topo do elmo. A haste tinha sido completamente arrancada.

– Não a perdi. Sei perfeitamente onde ela está. Onde está meu cavalo?

Quando encontraram o animal, as trombetas tinham voltado a soar, e a reserva de Lorde Tywin desceu numa larga curva ao longo do rio. Tyrion observou o pai, que passou por ele a grande velocidade, com o estandarte carmesim e dourado dos Lannister ondulando sobre sua cabeça enquanto trovejava pelo campo afora. Rodeavam-no quinhentos cavaleiros, com a

luz do sol arrancando relâmpagos da ponta de suas lanças. Os restos das linhas dos Stark estilhaçaram-se como vidro sob o poder daquele ataque.

Com o cotovelo inchado e latejando dentro da armadura, Tyrion não fez nenhuma tentativa de se juntar ao massacre. Ele e Bronn partiram em busca de seus homens. Encontrou muitos entre os mortos. Ulf, filho de Umar, jazia num charco de sangue que coagulava, com o braço desaparecido até o cotovelo, e uma dúzia de seus Irmãos da Lua espalhados ao redor. Shagga estava estatelado embaixo de uma árvore, cravejado de flechas, abraçado à cabeça de Cronn. Tyrion pensou que estivessem ambos mortos, mas, quando desmontou, Shagga abriu os olhos e disse:

– Mataram Cronn, filho de Coratt – o belo Cronn não ostentava nenhuma marca além da mancha vermelha que tinha no peito, onde a lança o matara. Quando Bronn puxou Shagga e o pôs de pé, o grande homem pareceu reparar nas flechas pela primeira vez. Arrancou-as uma a uma, amaldiçoando os buracos que tinham feito em suas camadas de cota de malha e couro e berrando como um bebê com as poucas que haviam se enterrado na carne. Chella, filha de Cheyk, aproximou-se enquanto arrancavam as flechas de Shagga e mostrou-lhes quatro orelhas que conseguira. Descobriram Timett saqueando os cadáveres com seus Homens Queimados. Dos trezentos homens dos clãs que tinham seguido Tyrion Lannister para a batalha, talvez metade tivesse sobrevivido.

Deixou os vivos cuidando dos mortos, mandou Bronn tomar conta do cavaleiro prisioneiro e foi sozinho em busca do pai. Lorde Tywin encontrava-se sentado junto ao rio, bebericando vinho de uma taça cravejada de joias enquanto o escudeiro desprendia sua placa de peito.

– Uma bela vitória – disse Sor Kevan quando viu Tyrion. – Seus selvagens lutaram bem.

Os olhos do pai estavam postos nele, verde-claros manchados de dourado, tão frios que Tyrion se arrepiou.

– Isso o surpreendeu, pai? – perguntou. – Estragou seus planos? Deveríamos ter sido massacrados, não é verdade?

Lorde Tywin esvaziou a taça, sem expressão no rosto.

– Sim, pus os homens menos disciplinados na esquerda. Previ que quebrariam. Robb Stark é um rapaz verde, provavelmente mais ousado que sábio. Tive esperança de que, se ele visse nossa ala esquerda ruir,

pudesse mergulhar pela abertura, ansioso por uma debandada. Depois de ter se entregado por completo, as lanças de Sor Kevan dariam meia-volta e o apanhariam pelo flanco, empurrando-o para o rio enquanto eu trazia a reserva.

– E achou que o melhor seria me colocar no meio dessa carnificina, mantendo-me ignorante de seus planos.

– Uma debandada fingida é menos convincente – disse o pai –, e não me sinto inclinado a confiar meus planos a um homem que se associa a mercenários e selvagens.

– Pena que meus selvagens arruinaram a sua dança – Tyrion tirou a manopla de aço e a deixou cair ao chão, encolhendo-se com a dor que lhe apunhalou o braço.

– O rapaz Stark mostrou ser mais cauteloso do que eu esperava de alguém da sua idade – admitiu Lorde Tywin –, mas uma vitória é uma vitória. Parece que está ferido.

O braço direito de Tyrion estava ensopado de sangue.

– Que bom que reparou, pai – disse ele entre dentes cerrados. – Seria muito incômodo pedir a seus meistres para me atenderem? A menos que lhe dê prazer a ideia de ter um anão *maneta* como filho…

Um grito urgente de "*Lorde Tywin!* " fez o pai virar a cabeça antes que pudesse responder. Tywin Lannister pôs-se em pé quando Sor Addam Marbrand saltou de seu corcel. O cavalo estava espumando e sangrava na boca. Sor Addam, um homem alto de cabelos escuros acobreados que lhe caíam sobre os ombros, coberto por uma lustrosa armadura de aço bronzeado com a árvore em chamas de sua Casa gravada em negro na placa de peito, caiu sobre o joelho.

– Meu suserano, capturamos alguns de seus comandantes. Lorde Cerwyn, Sor Wylis Manderly, Harrion Karstark, quatro dos Frey. Lorde Hornwood está morto, e temo que Roose Bolton nos tenha escapado.

– E o rapaz? – perguntou Lorde Tywin.

Sor Addam hesitou.

– O rapaz Stark não estava com eles, senhor. Dizem que atravessou o rio nas Gêmeas com a maior parte da cavalaria, avançando rapidamente para Correrrio.

*Um rapaz verde*, recordou Tyrion, *provavelmente mais ousado que sábio*. Teria soltado uma gargalhada, se não doesse tanto.

# Catelyn

Os bosques estavam cheios de murmúrios.

O luar tremeluzia nas águas agitadas do córrego enquanto este abria seu caminho rochoso pelo fundo do vale. Sob as árvores, cavalos de guerra relinchavam baixinho e escavavam o solo úmido e coberto de folhas, e homens trocavam palavras nervosas em vozes segredadas. De quando em quando ouvia-se o tinir de lanças, o leve deslizar metálico da cota de malha, mas até esses sons eram abafados.

– Já não deve demorar, senhora – disse Hallis Mollen. Pedira a honra de protegê-la durante a batalha que se aproximava; era seu direito, como capitão da guarda de Winterfell, e Robb não lhe recusara. Tinha trinta homens à sua volta, encarregados da tarefa de mantê-la segura e levá-la a salvo até Winterfell se a luta corresse mal. Robb quisera cinquenta; Catelyn insistira que dez seriam suficientes, que ele necessitaria de todas as espadas para a luta. Tinham chegado aos trinta, nenhum deles satisfeito com o resultado.

– Chegará quando chegar – disse-lhe Catelyn. Sabia que, quando chegasse, significaria a morte. Talvez a morte de Hal… ou a sua, ou a de Robb. Ninguém estava a salvo. Nenhuma vida era certa. Catelyn estava satisfeita por esperar, por escutar os murmúrios nos bosques e a tênue música do regato, por sentir o vento morno nos cabelos.

Afinal de contas, esperar não lhe era estranho. Seus homens sempre a tinham feito esperar. “Espere por mim, gatinha”, dizia-lhe sempre o pai quando partia para a corte, para as feiras ou para batalhas. E ela esperava, pacientemente em pé nas ameias de Correrrio, enquanto as águas do Ramo Vermelho e do Pedregoso passavam pelo castelo. Ele nem sempre chegava quando dizia, e por vezes passavam-se vários dias enquanto Catelyn mantinha sua vigília, espreitando por ameias e seteiras até vislumbrar Lorde Hoster sobre seu velho castrado castanho, trotando pela

margem do rio até o atracadouro. “Esperou por mim?”, perguntava quando se dobrava para abraçá-la. “Esperou, gatinha?”

Brandon Stark também lhe pedira para esperar. “Não demorarei, senhora”, garantira. “Casaremos quando eu regressar.” Mas quando o dia por fim chegara, era seu irmão Eddard quem estava a seu lado no septo.

Ned permanecera pouco mais de uma quinzena com sua nova esposa antes de também ele partir para a guerra com promessas nos lábios. Pelo menos, a deixara com mais do que palavras; dera-lhe um filho. Nove luas tinham crescido e minguado, e Robb nascera em Correrrio enquanto o pai ainda guerreava no sul. Dera-o à luz, em sangue e dor, sem saber se Ned chegaria a vê-lo. Seu filho. Fora tão pequeno…

E agora era por Robb que esperava… por Robb e por Jaime Lannister, o cavaleiro dourado que os homens diziam que nunca aprendera a esperar. “O Regicida é irrequieto e irrita-se facilmente”, dissera tio Brynden a Robb. E apostara suas vidas e suas melhores esperanças de vitória na verdade do que dissera.

Se Robb estava assustado, não mostrava sinal disso. Catelyn observou o filho enquanto se movia por entre os homens, tocando um no ombro, trocando um gracejo com outro, ajudando um terceiro a acalmar um cavalo ansioso. Sua armadura tinia levemente quando se movia. Só a cabeça se encontrava descoberta. Catelyn viu uma brisa agitar seus cabelos ruivos, tão parecidos com os dela, e perguntou a si mesma quando fora que o filho crescera tanto. Quinze anos, e quase tão alto quanto ela.

*Deixem que cresça mais*, pediu aos deuses. *Deixem que conheça os dezesseis anos, e os vinte, e os cinquenta. Deixem que cresça tão alto quanto o pai, e que erga o próprio filho nos braços. Por favor, por favor, por favor*. Enquanto o observava, aquele jovem alto com a barba nova e o lobo selvagem que lhe seguia os calcanhares, tudo que conseguia ver era o bebê que fora colocado em seu peito em Correrrio havia tanto tempo.

A noite estava quente, mas pensar em Correrrio era o suficiente para fazê-la estremecer. *Onde estão eles?*, perguntou-se. Poderia o tio ter se enganado? Tanta coisa dependia da verdade do que lhes tinha dito. Robb dera ao Peixe Negro trezentos homens com lanças e os enviara à frente para ocultar sua marcha.

– Jaime não sabe – dissera Sor Brynden quando regressara. – Aposto nisso a minha vida. Nenhuma ave lhe chegou, meus arqueiros certificaram-se disso. Vimos alguns de seus batedores, mas os que nos viram não sobreviveram para ir lhe contar. Ele deveria tê-los mandado em maior número. Não sabe.

– De que tamanho é a tropa? – perguntara o filho de Catelyn.

– Doze mil homens a pé, espalhados em torno do castelo em três acampamentos separados, com os rios entre eles – respondera o tio, com o sorriso assimétrico de que se lembrava tão bem. – Não há outra forma de montar cerco a Correrrio, mas, mesmo assim, isso será a ruína deles. Dois ou três mil homens a cavalo.

– O Regicida tem três homens contra cada um dos nossos – dissera Galbart Glover.

– É verdade – dissera Sor Brynden –, mas há uma coisa que falta a Sor Jaime.

– Sim? – perguntara Robb.

– Paciência.

A tropa do Norte era maior do que quando deixara as Gêmeas. Lorde Jason Mallister trouxera as suas forças de Guardamar para se juntar a eles quando rodeavam a nascente do Ramo Azul e se dirigiam a galope para o sul, e outros também haviam se juntado, pequenos cavaleiros e senhores, homens de armas sem chefe que tinham fugido para o norte quando o exército de seu irmão Edmure fora desfeito sob as muralhas de Correrrio. Tinham exigido o mais que se atreviam dos cavalos, a fim de chegar àquele lugar antes que Jaime Lannister soubesse de sua vinda, e agora a hora estava próxima.

Catelyn viu o filho montar. Olyvar Frey segurava-lhe o cavalo. Era filho de Lorde Walder, dois anos mais velho que Robb, e dez anos mais jovem e ansioso. Atou o escudo de Robb no lugar e entregou-lhe o elmo. Quando o baixou sobre o rosto que ela amava tanto, um jovem e alto cavaleiro surgiu montado no garanhão cinzento no lugar onde o filho estivera. Estava escuro entre as árvores, aonde a lua não chegava. Quando Robb virou a cabeça para vê-la, só enxergava negro dentro de seu visor.

– Tenho de percorrer a fileira, mãe – ele disse. – Meu pai diz que devemos deixar que os homens nos vejam antes das batalhas.

– Então vá – disse ela. – Deixe que te vejam.

– Isso lhes dará coragem – disse Robb.

*E quem dará coragem a mim?*, ela perguntou a si mesma, mas manteve o silêncio e obrigou-se a sorrir. Robb virou o grande garanhão cinzento e afastou-se lentamente dela, com Vento Cinzento a seguir-lhe os movimentos como uma sombra. Atrás dele, a guarda de batalha entrou em formação. Quando forçara Catelyn a aceitar seus protetores, ela insistira que ele também fosse guardado, e os senhores vassalos tinham concordado. Muitos de seus filhos tinham clamado pela honra de acompanhar o Jovem Lobo, como tinham começado a chamá-lo. Torrhen Karstark e o irmão Eddard encontravam-se entre os trinta, tal como Patrek Mallister, Pequeno-Jon Umber, Daryn Hornwood, Theon Greyjoy, não menos que cinco dos muitos descendentes de Walder Frey, bem como homens mais velhos, como Sor Wendel Manderly e Robin Flint. Um de seus companheiros era até mesmo uma mulher: Dacey Mormont, a filha mais velha da Senhora Maege e herdeira da Ilha dos Ursos, uma esguia mulher de um metro e oitenta a quem fora dada uma maça de armas numa idade em que à maioria das mulheres eram oferecidas bonecas. Alguns dos outros senhores resmungavam a esse respeito, mas Catelyn não queria ouvir suas queixas.

– Isso não tem a ver com a honra de suas Casas – dissera-lhes. – Tem a ver com manter meu filho vivo e inteiro.

*E se chegar a esse ponto*, perguntou-se, *trinta serão suficientes? Seis mil serão suficientes?*

Uma ave soltou um grito fraco a distância, um trinado agudo e sonoro que foi como uma mão de gelo no pescoço de Catelyn. Outra ave respondeu; uma terceira, uma quarta. Conhecia bastante bem o seu chamado dos anos que passara em Winterfell. Picanços das neves. Por vezes eram vistos em pleno inverno, quando o bosque sagrado estava branco e imóvel. Eram aves do norte.

*Vêm aí*, pensou Catelyn.

– Vêm aí, senhora – segredou Hal Mollen. Estava sempre pronto a afirmar o óbvio. – Que os deuses nos acompanhem.

Catelyn concordou com um aceno enquanto os bosques sossegavam ao seu redor. No silêncio, conseguiu ouvi-los, distantes, mas aproximando-se; os passos de muitos cavalos, o chocalhar das espadas, lanças e

armaduras, o murmúrio de vozes humanas, com uma gargalhada aqui, uma praga ali.

Parecia durar uma eternidade. Os sons tornaram-se mais altos. Ouviu mais risos, uma ordem gritada, o respingar de água quando atravessaram e voltaram a atravessar o pequeno córrego. Um cavalo resfolegou. Um homem praguejou. E então o viu por fim… só por um instante, enquadrado entre os galhos das árvores enquanto olhava para o fundo do vale, mas sabia que era ele. Mesmo a distância, Sor Jaime Lannister era inconfundível. O luar tornara prateados sua armadura e o dourado dos cabelos, e transformara o manto carmesim em negro. Não trazia elmo.

Estivera ali e voltara a desaparecer, com a armadura prateada escondida de novo pelas árvores. Outros seguiam atrás dele, em longas colunas, cavaleiros, espadas juramentadas e cavaleiros livres, três quartos da cavalaria Lannister.

– Ele não é homem para ficar sentado em uma tenda enquanto seus carpinteiros constroem torres de cerco – prometera Sor Brynden. – Já por três vezes acompanhou os cavaleiros em investidas, para perseguir atacantes ou assaltar uma fortaleza obstinada.

Meneando, Robb estudara o mapa que o tio lhe desenhara. Ned ensinara-lhe a ler mapas.

– Ataquem-no *aqui* – dissera, apontando. – Algumas centenas de homens, não mais. Estandartes Tully. Quando vier atrás de vocês, estaremos à espera – o dedo movera-se uma polegada para a esquerda – aqui.

*Aqui* era uma quietude na noite, luar e sombras, um espesso tapete de folhas mortas no chão, vertentes densamente cobertas por floresta, descendo suavemente até o leito do córrego, com a vegetação rasteira rarefazendo-se à medida que a altitude diminuía.

*Aqui* estava o filho de Catelyn em seu garanhão, dando-lhe um último olhar e erguendo a espada numa saudação.

*Aqui* era o chamamento do corno de guerra de Maege Mormont, um longo sopro grave que trovejou pelo vale vindo do leste, para lhes dizer que os últimos cavaleiros de Jaime tinham entrado na armadilha.

E Vento Cinzento atirou a cabeça para trás e uivou.

O som pareceu atravessar Catelyn Stark, e ela deu por si tremendo. Era um som terrível, um som assustador, mas também havia música nele. Por

um segundo, sentiu algo semelhante à piedade pelos Lannister lá embaixo. *Então é assim que soa a morte*, pensou.

*HAAruuuuuuuuuuuuuuuuuuuu*, veio a resposta da outra cumeada quando Grande-Jon soprou seu corno. Para leste e oeste, as trombetas dos Mallister e dos Frey sopraram vingança. A norte, onde o vale se estreitava e se dobrava como um cotovelo erguido, os cornos de guerra de Lorde Karstark adicionaram suas vozes profundas e fúnebres àquele coro sombrio. No córrego, lá embaixo, homens gritavam e cavalos empinavam-se.

O bosque sussurrante deixou escapar todo o seu fôlego de repente, quando os arqueiros que Robb escondera nos galhos das árvores dispararam suas flechas e a noite entrou em erupção com os gritos de dor de homens e cavalos. A toda volta dela, os cavaleiros ergueram as suas lanças, e a terra e as folhas que tinham coberto as cruéis pontas cintilantes caíram e revelaram o brilho do aço afiado. Ouviu Robb gritar "*Winterfell!* " no momento em que as flechas voltaram a suspirar. Afastou-se dela a trote, levando os homens para baixo.

Catelyn ficou imóvel sobre o cavalo, com Hal Mollen e a sua guarda em torno de si, e esperou como esperara antes, por Brandon, por Ned, pelo pai. Encontrava-se em um ponto elevado da colina, e as árvores escondiam a maior parte do que se passava lá embaixo. Um segundo, dois, quatro, e de repente foi como se ela e seus protetores estivessem sozinhos na floresta. Os outros tinham se fundido com o verde.

Mas quando ergueu os olhos para a vertente oposta, viu os cavaleiros de Grande-Jon emergirem da escuridão sob as árvores. Vinham em uma longa linha, uma linha infinita, e quando jorraram da floresta, houve um instante, a menor parte de um segundo, em que tudo que Catelyn viu foi o luar refletido na ponta de suas lanças, como se um milhar de fogos-fátuos descessem a vertente, enfeitados pelas chamas prateadas.

Então piscou, e eram apenas homens, correndo para matar ou morrer.

Mais tarde, não poderia afirmar que vira a batalha. Mas a ouviu, e o vale ressoou com ecos. O *crac* de uma lança quebrada, o tinir das espadas, os gritos de "Lannister", "Winterfell" e "Tully! Correrrio e Tully!". Quando compreendeu que nada mais havia para ver, fechou os olhos e escutou. A batalha ganhou vida à sua volta. Ouviu batidas de cascos, botas de ferro chapinhando em água pouco profunda, o som de

espadas batendo em escudos de carvalho e o raspar de aço contra aço, os silvos das flechas, o trovejar dos tambores, os gritos aterradores de mil cavalos. Homens berravam pragas e suplicavam por misericórdia, e a recebiam (ou não), e sobreviviam (ou morriam). As vertentes pareciam fazer truques estranhos com o som. Uma vez, ouviu a voz de Robb, tão claramente como se estivesse em pé a seu lado, gritando "Aqui! Aqui!". E ouviu seu lobo gigante, rosnando e rugindo, escutou o estalar daqueles longos dentes, o rasgar da carne, gritos de medo e de dor tanto de homem como de cavalo. Haveria apenas um lobo? Era difícil dizer com certeza.

Pouco a pouco, os sons diminuíram e desapareceram, até por fim restar apenas o lobo. Quando uma aurora vermelha surgiu no leste, Vento Cinzento começou a uivar de novo.

Robb regressou para junto dela em outro cavalo, montando um malhado castrado em vez do garanhão cinzento com que descera o vale. Metade da cabeça de lobo no seu escudo tinha sido despedaçada, vendo-se madeira nua onde profundos sulcos tinham sido abertos no carvalho, mas o próprio Robb parecia não estar ferido. No entanto, quando se aproximou, Catelyn viu que sua luva de cota de malha e a manga de sua capa estavam negras de sangue.

– Está ferido – disse.

Robb ergueu a mão, abriu e fechou os dedos.

– Não. Isto é… sangue de Torrhen, talvez, ou… – balançou a cabeça. – Não sei.

Uma multidão de homens seguia-o ao longo da vertente, sujos, amassados e sorridentes, com Theon e Grande-Jon à frente. Entre os dois, arrastavam Sor Jaime Lannister. Atiraram-no ao chão diante do cavalo de Catelyn.

– O Regicida – anunciou Hal, sem necessidade.

O Lannister levantou a cabeça.

– Senhora Stark – disse, de joelhos. Corria-lhe sangue por uma face, de um golpe no couro cabeludo, mas a luz pálida da aurora devolvera-lhe o brilho do ouro aos cabelos. – Ofereceria à senhora minha espada, mas parece que a perdi.

– Não é a sua espada que desejo, sor – disse-lhe ela. – Dê-me o meu pai e o meu irmão Edmure. Dê-me as minhas filhas. Dê-me o meu marido.

– Temo que os tenha perdido também.

– Uma pena – disse Catelyn friamente.

– Mate-o, Robb – pediu Theon Greyjoy. – Arranque-lhe a cabeça.

– Não – respondeu o filho de Catelyn, enquanto tirava a luva ensanguentada. – Ele é mais útil vivo que morto. E o senhor meu pai nunca perdoou o assassinato de prisioneiros após uma batalha.

– Um homem sensato – disse Jaime Lannister – e honrado.

– Leve-o e acorrente-o – disse Catelyn.

– Faça como diz a senhora minha mãe – ordenou Robb – e cuide para que haja uma guarda forte à volta dele. Lorde Karstark quererá sua cabeça num espeto.

– Isso sem dúvida – concordou Grande-Jon, gesticulando. O Lannister foi levado para ser tratado e acorrentado.

– Por que motivo Lorde Karstark o quer morto? – perguntou Catelyn.

Robb afastou os olhos para a floresta, com a mesma expressão pensativa que Ned fazia com frequência.

– Ele… ele os matou…

– Os filhos de Lorde Karstark – explicou Galbart Glover.

– Os dois – disse Robb. – Torrhen e Eddard. E Daryn Hornwood também.

– Ninguém pode acusar o Lannister de falta de coragem – disse Glover. – Quando viu que estava perdido, reuniu os vassalos e abriu caminho pela vertente acima, esperando chegar a Lorde Robb e abatê-lo. E quase conseguiu.

– *Perdeu* a espada no pescoço de Eddard Karstark, depois de arrancar a mão de Torrhen e de abrir o crânio de Daryn Hornwood – disse Robb. – E todo o tempo gritava por mim. Se não tivessem tentado detê-lo…

– … Eu estaria agora de luto em vez de Lorde Karstark – disse Catelyn. – Seus homens fizeram o que juraram fazer, Robb. Morreram protegendo seu suserano. Chore por eles. Honre-os pelo valor demonstrado. Mas agora não. Não há tempo para o luto. Pode ter cortado a cabeça da serpente, mas três quartos do corpo ainda estão enrolados ao redor do castelo de meu pai. Ganhamos uma batalha, não a guerra.

– Mas *que* batalha! – disse Theon Greyjoy com ardor. – Senhora, o reino não viu tamanha vitória desde o Campo de Fogo. Garanto, os Lannister perderam dez homens para cada um dos nossos que caíram. Capturamos quase cem cavaleiros, e uma dúzia de senhores vassalos.

Lorde Westerling, Lorde Banefort, Sor Garth Greenfield, Lorde Estren, Sor Tytos Brax, Malor, o Dorneano… *e* três Lannister além de Jaime, sobrinhos de Lorde Tywin, dois dos filhos da irmã e um do irmão morto…

– E Lorde Tywin? – interrompeu Catelyn. – Terá por acaso capturado Lorde Tywin, Theon?

– Não – respondeu Greyjoy.

– Até que o faça, esta guerra está longe do fim.

Robb ergueu a cabeça e afastou os cabelos dos olhos.

– Minha mãe tem razão. Ainda temos Correrrio.

# Daenerys

As moscas voavam lentamente em volta de Khal Drogo, com as asas zumbindo, um ruído baixo, no limiar da audição, que enchia Dany de terror.

O sol ia alto e impiedoso. O calor tremulava em ondas que subiam dos afloramentos rochosos de colinas baixas. Um estreito fio de suor escorria lentamente entre os seios inchados de Dany. Os únicos sons que se ouviam eram o ruído regular dos cascos dos cavalos, o tinir ritmado dos sinos nos cabelos de Drogo e as vozes distantes atrás deles.

Dany observou as moscas. Eram grandes como abelhas, volumosas, arroxeadas, brilhantes. Os dothrakis as chamavam de *moscas de sangue*. Viviam em pântanos e lagoas de águas paradas, sugavam sangue tanto de homens como de cavalos, e punham os ovos nos mortos e nos moribundos. Drogo as odiava. Sempre que alguma se aproximava dele, a mão disparava, rápida como um ataque de serpente, e fechava-se à sua volta. Nunca o vira falhar. Mantinha a mosca dentro de seu enorme punho durante tempo suficiente para ouvir seus frenéticos zumbidos. Depois, os dedos apertavam-se, e quando voltava a abrir a mão, a mosca era apenas uma mancha vermelha na palma.

Agora, uma rastejava pela garupa de seu garanhão, e o cavalo deu uma sacudidela irritada na cauda para enxotá-la. As outras voaram em volta de Drogo, cada vez mais perto. O *khal* não reagiu. Os olhos fixavam-se em distantes colinas marrons, e as rédeas estavam soltas nas mãos. Sob o colete pintado, um emplastro de folhas de figueira e lama seca azul cobria a ferida que tinha no peito. As ervanárias o tinham feito. O cataplasma de Mirri Maz Duur ardia e provocava-lhe coceira, e ele o arrancara havia seis dias, amaldiçoando-a e chamando-a de *maegi*. O emplastro de lama era mais calmante, e as ervanárias fizeram também leite de papoula para ele. Tinha bebido muito nos últimos três dias;

quando não era leite de papoula, era leite de égua fermentado ou cerveja picante.

Mas quase não tocava na comida, e agitava-se e gemia durante a noite. Dany via como seu rosto se tornara cansado. Rhaego estava inquieto dentro de sua barriga, dando pontapés como um garanhão, mas nem isso despertava o interesse de Drogo como antes. Todas as manhãs, os olhos dela encontravam novas rugas de dor em seu rosto quando acordava de seu sono perturbado. E agora aquele silêncio. Estava ficando assustada. Desde que tinham montado, de madrugada, ele não dissera uma palavra. Quando ela falava, não obtinha nenhuma resposta além de um grunhido, e desde o meio-dia nem isso.

Uma das moscas de sangue pousou na pele nua do ombro do *khal*. Outra, voando em círculos, pousou em seu pescoço e rastejou para cima, na direção da boca. Khal Drogo oscilava na sela, fazendo soar as campainhas, enquanto o garanhão prosseguia o caminho num passo regular.

Dany empurrou os calcanhares contra a sua prata e aproximou-se.

– Senhor – disse em voz suave. – Drogo. Meu sol-e-estrelas.

Ele não pareceu ouvir. A mosca de sangue rastejou para baixo do bigode pendente e instalou-se na prega ao lado do nariz. Dany arfou:

– *Drogo* – estendeu a mão, desajeitadamente, e tocou seu braço.

Khal Drogo cambaleou sobre a sela, inclinou-se devagar, e caiu pesadamente do cavalo. As moscas espalharam-se por um segundo, e depois regressaram, aos círculos, pousando em cima dele.

– Não – disse Dany, puxando as rédeas. Sem prestar atenção à barriga pela primeira vez, saltou do cavalo e correu para ele.

A erva em sua pele estava marrom e seca. Drogo gritou de dor quando Dany se ajoelhou a seu lado. A respiração raspava-lhe, áspera, na garganta, e ele olhou para ela sem reconhecê-la.

– Meu cavalo – arquejou. Dany enxotou as moscas de seu peito, esmagando uma como ele teria feito. A pele dele ardia sob seus dedos.

Os companheiros de sangue do *khal* seguiam logo atrás. Dany ouviu Haggo gritar enquanto se aproximava a galope. Cohollo saltou do cavalo.

– Sangue do meu sangue – disse, enquanto caía de joelhos. Os outros dois continuaram montados.

– Não – grunhiu Khal Drogo, lutando nos braços de Dany. – Tenho de montar. Montar. Não.

– Ele caiu do cavalo – disse Haggo, olhando fixamente para baixo. O largo rosto estava impassível, mas a voz era de chumbo.

– Não deve dizer isso – disse-lhe Dany. – Já avançamos o bastante hoje. Acamparemos aqui.

– Aqui? – Haggo olhou em volta. A terra era parda e ressequida, inóspita. – Isto não é lugar para acampar.

– Não cabe a uma mulher nos pedir para parar – disse Qotho –, nem mesmo uma *khaleesi*.

– Acampamos aqui – repetiu Dany. – Haggo, diga-lhes que Khal Drogo ordenou a parada. Se alguém perguntar por que, diga que o meu tempo se aproxima e não consigo prosseguir. Cohollo, traga os escravos, eles devem montar a tenda do *khal* de imediato. Qotho…

– Não me dê ordens, *khaleesi* – disse Qotho.

– Procure Mirri Maz Duur – disse-lhe ela. A esposa de deus devia estar entre os outros Homens-Ovelhas, na longa coluna de escravos. – Traga-a até mim com o seu cofre.

Qotho lançou-lhe um olhar intenso, com os olhos duros como sílex.

– A *maegi* – cuspiu. – Não farei isso.

– Fará – disse Dany –, senão, quando Drogo acordar, saberá por que razão me desafiou.

Furioso, Qotho virou o garanhão e afastou-se a galope… mas Dany sabia que regressaria com Mirri Maz Duur, por mais que não gostasse disso. Os escravos erigiram a tenda de Khal Drogo sob um afloramento recortado de rocha negra cuja sombra providenciava algum alívio do calor do sol da tarde. Mesmo assim, estava sufocante sob a sedareia quando Irri e Doreah ajudaram Dany a amparar Drogo até o interior da tenda. Espessos tapetes ornamentados tinham sido colocados sobre o chão, e almofadas estavam espalhadas pelos cantos. Eroeh, a jovem tímida que Dany salvara fora das muralhas de barro dos Homens-Ovelhas, acendeu um braseiro. Estenderam Drogo em uma esteira trançada.

– Não – resmungou ele no Idioma Comum. – Não, não – foi tudo que disse, tudo que parecia capaz de dizer.

Doreah desprendeu seu cinto de medalhões e o despiu do colete e dos calções, enquanto Jhiqui ajoelhava junto a seus pés para desatar os nós das sandálias de montar. Irri quis deixar as abas da tenda abertas para a aragem poder entrar, mas Dany a proibiu. Não queria que ninguém visse Drogo assim, em delírio e fraco. Quando o seu *khas* chegou, manteve-os lá fora, de guarda.

– Não deixe entrar ninguém sem a minha permissão – disse a Jhogo. – Ninguém.

Eroeh fitou Drogo, temerosa.

– Ele morre – sussurrou.

Dany a esbofeteou.

– O *khal* não pode morrer. Ele é o pai do garanhão que monta o mundo. Seus cabelos nunca foram cortados. Ainda usa as campainhas que o pai lhe deu.

– *Khaleesi* – disse Jhiqui –, ele caiu do cavalo.

Tremendo, com os olhos subitamente cheios de lágrimas, Dany virou o rosto para elas. *Ele caiu do cavalo!* Tinha acontecido, ela tinha visto, e os companheiros de sangue, e sem dúvida que as aias e os homens de seu *khas* também. Quantos mais? Não podia manter segredo, e Dany sabia o que isso significava. Um *khal* que não conseguia montar não conseguia governar, e Drogo caíra do cavalo.

– Temos de lhe dar banho – disse ela teimosamente. Não podia permitir-se o desespero. – Irri, mande trazer a banheira imediatamente. Doreah, Eroeh, encontrem água, água fria, ele está tão quente – era uma fogueira em pele humana.

As escravas instalaram a pesada banheira de cobre no canto da tenda. Quando Doreah trouxe o primeiro jarro de água, Dany umedeceu um pano de seda e o pousou na testa de Drogo, sobre a pele que queimava. Os olhos dele olharam para ela, mas não a viram. Quando a boca se abriu, não deixou escapar nenhuma palavra, só um gemido.

– Onde está Mirri Maz Duur? – ela exigiu saber, com a paciência encurtada pelo medo.

– Qotho há de encontrá-la – disse Irri.

As aias encheram a banheira com água tépida que fedia a enxofre, purificando-a com jarros de óleo amargo e punhados de folhas de menta esmagadas. Enquanto o banho era preparado, Dany ajoelhou-se

desajeitadamente ao lado do senhor seu marido, a barriga inchada com o filho de ambos lá dentro. Desfez-lhe a trança com dedos ansiosos, como fizera na noite em que ele a possuíra pela primeira vez, sob as estrelas. Pôs de lado as campainhas com cuidado, uma a uma. Ele iria querê-las de novo quando estivesse bem, disse Dany a si mesma.

Um sopro de ar entrou na tenda quando Aggo enfiou a cabeça através da seda.

– *Khaleesi* – disse –, o ândalo chegou e pede licença para entrar.

"O ândalo" era como os dothrakis chamavam Sor Jorah.

– Sim – disse ela, erguendo-se desajeitadamente –, mande-o entrar – confiava no cavaleiro. Ele saberia o que fazer se mais ninguém soubesse.

Sor Jorah Mormont entrou, baixando a cabeça sob a aba da entrada da tenda, e esperou um momento para que os olhos se ajustassem à escuridão. No feroz calor do sul, usava calças largas de sedareia de várias cores e sandálias abertas de montar atadas ao joelho. A bainha de sua espada pendia de um cinto de pelo de cavalo trançado. Sob um colete branqueado, o peito estava nu, com a pele vermelha por causa do sol.

– Fala-se ao ouvido por todo o *khalasar* – disse ele. – Dizem que Khal Drogo caiu do cavalo.

– Ajude-o – suplicou Dany. – Pelo amor que diz ter por mim, ajude-o agora.

O cavaleiro ajoelhou a seu lado. Olhou para Drogo com atenção durante muito tempo e depois virou os olhos para Dany.

– Mande as aias embora.

Sem palavras, com a garganta apertada pelo medo, Dany fez um gesto. Irri empurrou as outras para fora da tenda.

Quando ficaram a sós, Sor Jorah puxou o punhal. Habilmente, com uma delicadeza surpreendente para um homem tão grande, começou a raspar do peito de Drogo as folhas negras e a lama seca azul. O emplastro tornara-se tão duro como os muros de barro dos Homens-Ovelhas, e, tal como esses muros, rachava facilmente. Sor Jorah quebrou a lama seca com a faca, afastou os pedaços da pele, puxou as folhas uma a uma. Um cheiro doce e desagradável elevou-se da ferida, tão forte que quase a sufocou. As folhas estavam cobertas de sangue e pus, e o peito de Drogo, negro e cintilante de decomposição.

– Não – sussurrou Dany enquanto as lágrimas lhe corriam pelo rosto. – Não, por favor, deuses, ouçam-me, *não*.

Khal Drogo agitou-se, lutando contra algum inimigo invisível. O sangue escorreu, lento e espesso, da ferida aberta.

– Seu *khal* é um homem morto, princesa.

– Não, ele não pode morrer, não *pode*, era só um corte – Dany tomou a grande mão calosa de Drogo em suas pequenas mãos e apertou-a com força. – Não deixarei que morra…

Sor Jorah soltou uma gargalhada amarga.

– *Khaleesi* ou rainha, essa ordem está além de seu poder. Poupe as lágrimas, menina. Chore por ele amanhã, ou daqui a um ano. Não temos tempo para o luto. Temos de partir, e depressa, antes que morra.

Dany não compreendeu.

– Partir? Para onde partiríamos?

– Para Asshai, diria eu. Fica bem para o sul, no fim do mundo conhecido, mas os homens dizem que é um grande porto. Encontraremos um navio que nos leve de volta a Pentos. Será uma viagem dura, não tenha ilusões. Confia em seu *khas*? Virão conosco?

– Khal Drogo ordenou-lhes que me mantivessem a salvo – respondeu Dany em tom inseguro –, mas se morrer… – tocou o inchaço na barriga. – Não compreendo. Por que haveríamos de fugir? Sou *khaleesi*. Estou grávida do herdeiro de Drogo. Ele será *khal* após Drogo…

Sor Jorah franziu as sobrancelhas.

– Princesa, escute-me. Os dothrakis não seguirão um bebê de peito. Eles se curvavam perante a força de Drogo, e só perante isso. Quando ele desaparecer, Jhaqo, Pono e o outro *kos* lutarão por seu lugar, e seu *khalasar se* devorará. O vencedor não quererá rivais. O garoto será tirado de seu seio no momento em que nascer. Eles o darão aos cães.

Dany abraçou-se.

– Mas *por quê*? – gritou com voz queixosa. – Por que haveriam de matar um bebezinho?

– É filho de Drogo, e as feiticeiras dizem que será o garanhão que monta o mundo. Foi profetizado. É melhor matar a criança do que se arriscar à sua fúria quando se tornar um homem.

O bebê deu um pontapé, como se tivesse ouvido. Dany recordou a história que Viserys lhe contara sobre o que os cães do Usurpador tinham

feito aos filhos de Rhaegar. O filho dele também fora um bebê, e mesmo assim o tinham arrancado do peito da mãe e esmagado a cabeça contra uma parede. Assim eram os costumes dos homens.

– Não podem fazer mal ao meu filho! – gritou. – Ordenarei ao meu *khas* que o mantenha a salvo, e os companheiros de sangue de Drogo irão…

Sor Jorah agarrou-a pelos ombros.

– Um companheiro de sangue morre com o seu *khal*. Sabe disso, filha. É certo que o levarão para Vaes Dothrak, para as feiticeiras, é o último dever que têm para com ele em vida… quando o cumprirem, se juntarão a Drogo nas terras da noite.

Dany não queria voltar para Vaes Dothrak e viver o resto da vida entre aquelas terríveis velhas, mas sabia que o cavaleiro falava a verdade. Drogo fora mais que o seu sol-e-estrelas; fora o escudo que a mantivera a salvo.

– Não deixarei que isso aconteça – disse ela teimosamente, numa voz infeliz. Voltou a pegar-lhe a mão. – Não deixarei.

Uma agitação na aba da tenda fez Dany virar a cabeça. Mirri Maz Duur entrou, com uma profunda reverência. Dias de marcha atrás do *khalasar* a tinham deixado coxa e exausta, com bolhas sangrentas nos pés e covas sob os olhos. Atrás dela entraram Qotho e Haggo, transportando o cofre da esposa de deus entre ambos. Quando os companheiros de sangue repararam na ferida de Drogo, o cofre deslizou dos dedos de Haggo e tombou ao chão da tenda, e Qotho soltou uma praga tão furiosa que empestou o ar.

Mirri Maz Duur estudou Drogo, mantendo o rosto imóvel e morto.

– A ferida ulcerou.

– Isto é trabalho seu, *maegi* – disse Qotho. Haggo atirou o punho contra o queixo de Mirri com um estalo carnudo que a jogou ao chão. Depois a pontapeou.

– Pare com isso! – gritou Dany.

Qotho afastou Haggo da mulher, dizendo:

– Pontapés são muita misericórdia para uma *maegi*. Leve-a lá para fora. Vamos prendê-la a uma estaca, para que sirva de montaria a todos os homens que passarem por ela. E quando já nenhum a quiser, os cães a usarão também. Doninhas rasgarão suas entranhas e gralhas pretas se

deliciarão com seus olhos. As moscas do rio depositarão os ovos no ventre dela e beberão pus das ruínas de seus seios… – enterrou dedos duros como ferro na carne mole e oscilante do braço da esposa de deus e a pôs em pé.

– Não – disse Dany. – Não a quero machucada.

Os lábios de Qotho mostraram seus dentes tortos e escuros numa terrível caricatura de sorriso.

– Não? Diz a mim que *não*? É melhor que reze para não a prendermos ao lado de sua *maegi*. Você fez isto, tanto como ela.

Sor Jorah interpôs-se, desapertando a espada na bainha.

– Puxe as rédeas da língua, companheiro de sangue. A princesa ainda é sua *khaleesi*.

– Só enquanto o sangue-do-meu-sangue sobreviver – disse Qotho ao cavaleiro. – Quando morrer, não será nada.

Dany sentiu um aperto dentro de si.

– Antes de ser *khaleesi*, era do sangue do dragão. Sor Jorah, chame o meu *khas*.

– Não – disse Qotho. – Nós saímos. Por enquanto… *khaleesi* – Haggo seguiu-o, carrancudo.

– Aquele a quer mal, princesa – disse Mormont. – Os dothrakis acreditam que um homem e os seus companheiros de sangue partilham uma vida, e Qotho a vê terminar. Um homem morto está além do medo.

– Ninguém morreu – disse Dany. – Sor Jorah, posso precisar de sua lâmina. É melhor colocar a armadura – estava mais assustada do que se atrevia a admitir, até para si mesma.

O cavaleiro fez uma reverência.

– Às suas ordens – saiu a passos largos da tenda.

Dany virou-se para Mirri Maz Duur. Os olhos da mulher estavam atentos.

– E assim me salvou outra vez.

– E agora você tem de salvá-lo – disse Dany. – Por favor…

– Não se pede a uma escrava – respondeu bruscamente Mirri –, ordena – aproximou-se de Drogo, que ardia sobre a esteira, e olhou longamente para a ferida. – Pedir ou ordenar, não faz diferença. Ele está além das capacidades de um curandeiro – os olhos do *khal* estavam fechados. Ela abriu um com os dedos. – Tem atenuado a dor com leite de papoula.

– Sim – Dany admitiu.

– Fiz-lhe um cataplasma de vagem-de-fogo e não-me-piques, e atei-o com uma pele de ovelha.

– Ele dizia que ardia. Arrancou-o. As ervanárias fizeram-lhe uma nova, úmida e calmante.

– Sim, ardia. Há grande magia curativa no fogo, até seus homens sem cabelo sabem disso.

– Faça um novo cataplasma – pediu Dany. – Dessa vez eu lhe asseguro de que ele não o arrancará.

– O tempo para isso passou, senhora – disse Mirri. – Tudo que posso fazer agora é tornar mais fácil o escuro caminho que ele tem a percorrer, para que possa cavalgar sem dor para as terras da noite. Terá partido pela manhã.

As palavras da mulher foram como uma faca espetada no peito de Dany. Que tinha ela feito para tornar os deuses tão cruéis? Por fim encontrara um lugar seguro, e por fim experimentara o amor e a esperança. Finalmente estava a caminho de casa. E agora perdia tudo…

– Não – suplicou. – Salve-o, e juro que a liberto. Deve conhecer uma maneira… alguma magia, algum…

Mirri Maz Duur apoiou o peso nos calcanhares e estudou Daenerys com os olhos negros como a noite.

– Existe um feitiço – a voz era silenciosa, pouco mais que um suspiro. – Mas é duro, senhora, e escuro. Alguns diriam que a morte é mais limpa. Aprendi-o em Asshai, e paguei caro pela lição. Meu professor foi um mago de sangue vindo das Terras da Sombra.

Dany sentiu-se congelar.

– Então você é mesmo uma *maegi*…

– Serei? – Mirri Maz Duur sorriu. – Só uma *maegi* pode salvar o seu cavaleiro agora, Senhora de Prata.

– Não há nenhuma outra maneira?

– Nenhuma.

Khal Drogo soltou um arquejo trêmulo.

– Faça-o – exclamou Dany. Não podia ter medo, era do sangue do dragão. – Salve-o.

– Há um preço – preveniu-a a esposa de deus.

– Terá ouro, cavalos, o que quiser.

– Não é questão de ouro ou cavalos. Isto é magia de sangue, senhora. Só a morte pode pagar a vida.

– A morte? – Dany enrolou protetoramente os braços em torno de si própria e balançou para trás e para a frente sobre os calcanhares. – A minha morte? – disse a si mesma que morreria por ele se tivesse de ser. Era do sangue do dragão, não teria medo. O irmão Rhaegar morrera pela mulher que amava.

– Não – prometeu Mirri Maz Duur. – Sua morte, não, *khaleesi*.

Dany tremeu de alívio.

– Faça-o.

A *maegi* assentiu solenemente.

– Será feito como diz. Chame seus servos.

Khal Drogo contorceu-se debilmente quando Rakharo e Quaro o puseram no banho.

– Não – murmurou – não. Tenho de montar – uma vez dentro da água, toda a força pareceu escoar-se de seu corpo.

– Traga seu cavalo – ordenou Mirri Maz Duur, e foi o que fizeram. Jhiqui levou o grande garanhão vermelho para o interior da tenda. Quando o animal sentiu o cheiro da morte, relinchou e recuou, revirando os olhos. Foram precisos três homens para subjugá-lo.

– Que pretende fazer? – perguntou Dany.

– Precisamos do sangue – respondeu Mirri. – É este o caminho.

Jhogo afastou-se com cautela, com a mão sobre o *arakh*. Era um jovem de dezesseis anos, magro como um chicote, destemido, de riso fácil, com a leve sombra do primeiro bigode no lábio superior. Caiu de joelhos diante de Dany.

– *Khaleesi* – suplicou –, não deve fazer isto. Deixe-me matar esta *maegi*.

– Se a matar, matará o seu *khal* – disse Dany.

– Isto é magia de sangue – disse ele. – É proibido.

– Sou *khaleesi*, e digo que não é proibido. Em Vaes Dothrak, Khal Drogo matou um garanhão e eu comi seu coração, para dar a nosso filho força e coragem. Isto é a mesma coisa. A *mesma*.

O garanhão escoiceou e recuou quando Rakharo, Quaro e Aggo o puxaram para perto da banheira onde o *khal* flutuava como se já estivesse morto, com sangue e pus escorrendo da ferida e sujando as águas. Mirri

Maz Duur entoou um cântico com palavras numa língua que Dany não conhecia, e uma faca surgiu-lhe na mão. Dany não chegou a ver de onde a retirara. Parecia velha; bronze vermelho batido, em forma de folha, com a lâmina coberta de antigos glifos. A *maegi* rasgou com ela a garganta do garanhão, sob sua nobre cabeça, e o cavalo gritou e estremeceu enquanto o sangue jorrava numa torrente vermelha. Teria caído, mas os homens do *khas* de Dany mantiveram-no sobre as patas.

– Força da montaria, passa para o cavaleiro – cantou Mirri enquanto o sangue do cavalo rodopiava para dentro das águas do banho de Drogo. – Força do animal, passa para o homem.

Jhogo parecia aterrorizado enquanto lutava contra o peso do garanhão, com medo de tocar na carne morta, mas também com medo de largar. *É só um cavalo*, pensou Dany. Se podia comprar a vida de Drogo com a morte de um cavalo, pagaria esse preço mil vezes.

Quando deixaram o garanhão cair, o banho estava vermelho-escuro, e nada se via de Drogo a não ser o rosto. Mirri Maz Duur não precisava da carcaça.

– Queime-a – disse-lhes Dany. Sabia que era o que faziam. Quando um homem morria, a montaria era abatida e colocada sob o seu corpo na pira funerária, a fim de transportá-lo para as terras da noite. Os homens do seu *khas* arrastaram a carcaça para fora da tenda. Havia sangue por todo lado. Até as paredes de sedareia estavam manchadas de vermelho, e as esteiras sob seus pés estavam negras e úmidas.

Foram acesos braseiros. Mirri Maz Duur atirou um pó vermelho sobre os carvões. Dava à fumaça um odor de especiaria, um cheiro bastante agradável, mas Eroeh fugiu aos soluços, e Dany encheu-se de medo. Mas fora longe demais para voltar atrás agora. Mandou as aias embora.

– Vá com elas, Senhora de Prata – disse-lhe Mirri Maz Duur.

– Eu fico – disse Dany. – O homem possuiu-me sob as estrelas e deu vida à criança que trago dentro de mim. Não o abandonarei.

– É preciso sair. Quando eu começar a cantar, ninguém deve entrar nesta tenda. A canção acordará poderes antigos e escuros. Os mortos dançarão aqui esta noite. Nenhum vivente deve vê-los.

Dany inclinou a cabeça, impotente.

– Ninguém entrará – dobrou-se sobre a banheira, sobre Drogo e seu banho de sangue, e o beijou suavemente na testa. – Traga-o de volta para

mim – sussurrou a Mirri Maz Duur antes de sair.

Lá fora, o sol estava baixo no horizonte, e o céu era de um vermelho ferido. O *khalasar* acampara. Havia tendas e esteiras de dormir até onde o olhar chegava. Soprava um vento quente. Jhogo e Aggo cavavam um buraco de fogueira para incinerar o garanhão morto. Uma multidão se reunira para olhar para Dany com olhos negros e duros, com rostos como máscaras de cobre martelado. Viu Sor Jorah Mormont, trajando agora cota de malha e couro, com a larga testa de quem vai perdendo cabelo salpicada de suor. Ele abriu caminho aos empurrões por entre os dothrakis para se pôr ao lado de Dany. Quando viu as pegadas escarlates que as botas dela tinham deixado no chão, a cor pareceu esvair de seu rosto.

– O que fez, pequena louca? – perguntou ele em voz rouca.

– Tinha de salvá-lo.

– Podíamos ter fugido – disse ele. – Podia tê-la levado a salvo até Asshai, princesa. Não havia necessidade…

– Sou mesmo sua princesa? – ela perguntou.

– Sabe que sim, que os deuses nos salvem a ambos.

– Então me ajude agora.

Sor Jorah fez uma careta.

– Bem gostaria de saber como.

A voz de Mirri Maz Duur ergueu-se num lamento agudo e ululante, fazendo passar um arrepio pelas costas de Dany. Alguns dos dothrakis começaram a resmungar e a recuar. A tenda brilhava com a luz vinda dos braseiros que havia no interior. Através da sedareia salpicada de sangue, Dany viu sombras que se moviam.

Mirri Maz Duur dançava, e não estava só.

Dany viu um medo nu no rosto dos dothrakis.

– Isto *não pode ser* – trovejou Qotho.

Não vira o companheiro de sangue voltar. Tinha Haggo e Cohollo com ele. Haviam trazido os homens sem cabelo, os eunucos que curavam com facas, agulhas e fogo.

– Isto *será* – respondeu Dany.

– *Maegi* – rosnou Haggo. E o velho Cohollo, o Cohollo que ligara a vida à de Drogo no dia de seu nascimento, o Cohollo que sempre fora bondoso com ela, cuspiu-lhe em cheio no rosto.

– Morrerá, *maegi* – prometeu Qotho –, mas a outra tem de morrer primeiro – puxou o *arakh* e dirigiu-se à tenda.

– Não – gritou Dany –, não *pode* – pegou-o pelo ombro, mas Qotho a empurrou. Dany caiu de joelhos, cruzando os braços sobre a barriga para proteger a criança que tinha lá dentro. – Parem-no – ordenou ao seu *khas* –, matem-no.

Rakharo e Quaro encontravam-se ao lado da aba da tenda. Quaro deu um passo em frente, levando a mão ao cabo do chicote, mas Qotho rodopiou, gracioso como uma bailarina, fazendo subir o *arakh* curvo. A lâmina apanhou Quaro debaixo do braço, o brilhante aço afiado cortou couro e pele, músculo e osso da costela. Sangue jorrou quando o jovem cavaleiro cambaleou para trás, arquejando.

Qotho libertou a lâmina.

– *Senhor dos cavalos* – chamou Sor Jorah Mormont. – Tente comigo – a espada longa deslizou de sua bainha.

Qotho girou, praguejando. O *arakh* moveu-se tão depressa que o sangue de Quaro foi projetado num borrifo fino, como chuva em vento quente. A espada o parou a trinta centímetros do rosto de Sor Jorah, e segurou-o, estremecendo por um instante enquanto Qotho uivava de fúria. O cavaleiro estava revestido por cota de malha, com manoplas e grevas de aço articulado e um pesado gorjal em volta da garganta, mas não se lembrara de colocar o elmo.

Qotho dançou para trás, fazendo girar o *arakh* por cima da cabeça num borrão cintilante, brilhando como um relâmpago, quando o cavaleiro arremeteu numa investida. Sor Jorah fez a melhor parada que foi capaz, mas os golpes sucediam-se tão depressa que parecia a Dany que Qotho tinha quatro *arakhs* em outras tantas mãos. Ouviu o barulho de uma espada atingir uma cota de malha, viu faíscas saltarem quando a longa lâmina curva atingiu de raspão uma manopla. De repente, era Mormont quem tropeçava para trás e Qotho que saltava para um ataque. A face esquerda do cavaleiro ficou vermelha de sangue e um golpe abriu uma fenda na cota de malha e o deixou coxeando. Qotho gritou insultos, chamando-o de covarde, homem de leite, eunuco em traje de ferro.

– Vai morrer agora! – prometeu, com o *arakh* tremendo no ocaso vermelho. Dentro do ventre de Dany, o filho deu um pontapé selvagem. A

lâmina curva esquivou-se à direita e mordeu profundamente a anca do cavaleiro, onde a cota de malha fora cortada.

Mormont grunhiu, tropeçou. Dany sentiu uma dor aguda na barriga, uma sensação úmida nas coxas. Qotho berrou de triunfo, mas seu *arakh* batera em osso, e durante meio segundo ficou preso.

Foi o bastante. Sor Jorah fez cair sua espada com toda a força que lhe restava, fazendo-a cortar pele, músculo e osso, e o braço de Qotho pendeu solto, balançando, preso a um fino cordão de pele e tendões. O golpe seguinte do cavaleiro foi dirigido à orelha do dothraki, e levava tanta fúria que pareceu que o rosto de Qotho explodiria.

Os dothrakis gritavam, Mirri Maz Duur uivava dentro da tenda como se não tivesse nada de humano, Quaro pedia água enquanto morria. Dany gritou por ajuda, mas ninguém a ouviu. Rakharo lutava com Haggo, *arakh* dançando com *arakh*, até que o chicote de Jhogo estalou, sonoro como um trovão, enrolando-se em volta da garganta de Haggo. Um puxão, e o companheiro de sangue tropeçou para trás, perdendo o equilíbrio e a espada. Rakharo saltou para a frente, uivando, empurrando o *arakh* para baixo com ambas as mãos através do topo da cabeça de Haggo. A ponta prendeu-se entre os olhos, vermelha, estremecendo. Alguém atirou uma pedra, e, quando Dany viu, tinha o ombro rasgado e ensanguentado.

– Não – chorou –, não, por favor, parem, é demais, o preço é alto demais – mais pedras vieram pelo ar. Tentou rastejar na direção da tenda, mas Cohollo a segurou. Com os dedos em seus cabelos, puxou sua cabeça para trás, e Dany sentiu o frio toque da faca na garganta. – Meu bebê – gritou, e os deuses talvez tivessem ouvido, pois, no mesmo instante, Cohollo morreu. A flecha de Aggo atingiu-o debaixo do braço e trespassou-lhe os pulmões e o coração.

Quando por fim Daenerys encontrou forças para erguer a cabeça, viu a multidão se dispersar; os dothrakis se esgueirando em silêncio de volta às suas tendas e esteiras de dormir. Alguns selavam cavalos, montavam e afastavam-se. O sol se pusera. Fogueiras ardiam por todo o *khalasar*; grandes chamas cor de laranja que crepitavam com fúria e cuspiam fagulhas para o céu. Tentou erguer-se, mas uma dor imensa capturou-a e a esmagou como o punho de um gigante. Ficou sem fôlego; não

conseguiu fazer mais que arquejar. O som da voz de Mirri Maz Duur era como uma poesia fúnebre. Dentro da tenda, as sombras rodopiavam.

Sentiu um braço sob a cintura, e Sor Jorah a ergueu. Tinha o rosto pegajoso de sangue, e Dany viu que metade de sua orelha tinha desaparecido. Contorceu-se em seus braços quando a dor voltou e ouviu o cavaleiro gritar para que as aias o ajudassem. Todos *têm tanto medo assim?* Conhecia a resposta. Outra dor a assaltou, e Dany reprimiu um grito. Era como se o filho tivesse uma faca em cada mão, como se estivesse golpeando-a para abrir caminho para o exterior.

– Doreah, maldita seja – rugiu Sor Jorah. – Ande. Vá buscar as parteiras.

– Elas não virão. Dizem que ela está amaldiçoada.

– Se não vierem, arranco-lhes a cabeça.

– Elas se foram, senhor – chorou Doreah.

– A *maegi* – disse alguém. Teria sido Aggo? – Leve-a à *maegi*.

*Não*, quis dizer Dany, *não, isso não, não podem*, mas quando abriu a boca, escapou dela um longo lamento de dor, e surgiu suor em sua pele. *Que se passa com eles, não veem?* Dentro da tenda, as formas dançavam, escuras contra a sedareia, rodeando o braseiro e o banho sangrento, e algumas não pareciam humanas. Vislumbrou a sombra de um grande lobo, e outra que era como um homem envolvido em chamas.

– A Mulher-Ovelha conhece os segredos da cama de partos – disse Irri. – Foi ela que disse, eu a ouvi dizer.

– Sim – concordou Doreah –, também a ouvi.

*Não*, gritou Dany, ou talvez tivesse apenas pensado em gritar, pois nem um sussurro lhe escapou dos lábios. Agora a levavam. Seus olhos abriram-se para um céu vazio e morto, negro, triste e sem estrelas. *Por favor, não*. O som da voz de Mirri Maz Duur ficou mais forte até encher o mundo. *As formas!*, gritou. *Os dançarinos!*

Sor Jorah entrou com ela na tenda.

# Arya

O cheiro de pão quente que vinha das lojas na Rua da Farinha era mais doce que qualquer perfume que Arya tivesse sentido. Inspirou profundamente e aproximou-se do pombo. Era um pombo rechonchudo, pintalgado de marrom, atarefado bicando uma casca de pão que tinha caído entre duas pedras do pavimento, mas quando a sombra de Arya o tocou, levantou voo.

Sua espada de madeira assobiou e apanhou o pombo a meio metro do chão, e a ave tombou numa confusão de penas marrons. Num piscar de olhos Arya estava em cima dele, agarrando uma asa enquanto o pombo tentava voar. A ave deu-lhe uma bicada na mão. A menina agarrou-lhe o pescoço e o torceu até sentir os ossos quebrarem.

Comparado com apanhar gatos, apanhar pombos era *fácil*.

Um septão que passava a olhava de soslaio.

– Este é o melhor lugar para encontrar pombos – disse-lhe Arya enquanto batia o pó de si e apanhava a espada de madeira. – Vêm à procura de migalhas – o homem rapidamente se afastou.

Arya atou o pombo ao cinto e começou a descer a rua. Um homem passou por ela, empurrando um carregamento de tortas em um carrinho de duas rodas; cheiravam a mirtilos, limões e damascos. Seu estômago soltou um trovejar oco.

– Pode me dar uma? – ouviu-se dizer. – De limão ou… ou qualquer uma.

O homem do carrinho de mão olhou-a dos pés à cabeça. Deixou claro que não gostou do que viu.

– Três cobres.

Arya bateu com a espada de madeira contra o lado da bota.

– Troco-a por um pombo gordo – disse.

– Que os Outros levem o seu pombo – disse o homem do carrinho de mão.

As tortas ainda vinham quentes do forno. Os cheiros enchiam-lhe a boca de água, mas ela não tinha três cobres… ou um que fosse. Olhou para o homem do carrinho de mão, lembrando-se do que lhe dissera Syrio sobre *ver*. Era um homem baixo, com uma pequena barriga redonda, e quando se movia parecia favorecer um pouco a perna esquerda. Estava justamente pensando que, se agarrasse uma torta e fugisse, ele nunca conseguiria apanhá-la, quando o homem disse:

– Tenha tento nessas suas mãozinhas nojentas. Os homens de manto dourado sabem bem como lidar com ratazanazinhas gatunas de sarjeta, ah, sabem.

Arya olhou de relance para trás. Dois dos membros da Patrulha da Cidade estavam parados na esquina de uma viela. Os mantos chegavam quase ao chão, com a pesada lã tingida de um rico tom de dourado; as botas, luvas e cotas de malha eram negras. Um trazia uma espada longa na cintura, o outro, uma clava de ferro. Com um último relance ávido para as tortas, Arya afastou-se do carrinho e apressou-se em ir embora. Os homens de manto dourado não estavam prestando nenhuma atenção especial nela, mas vê-los deu-lhe nós no estômago. Arya andara para tão longe do castelo quanto pudera, mas mesmo a distância conseguia ver as cabeças que apodreciam no topo das grandes muralhas vermelhas. Bandos de corvos brigavam ruidosamente por cima de cada uma delas, densos como moscas. Dizia-se na Baixada das Pulgas que os homens de manto dourado tinham se aliado aos Lannister, que seu comandante fora feito senhor, com terras no Tridente e lugar no conselho do rei.

Arya também ouvira outras coisas, coisas assustadoras, que não faziam sentido para ela. Havia quem dissesse que o pai assassinara o Rei Robert e que fora morto por Lorde Renly. Outros insistiam que fora *Renly* que matara o rei numa briga de bêbados entre irmãos. Por que outro motivo teria fugido durante a noite como um ladrão comum? Uma história dizia que o rei fora morto por um javali enquanto caçava, outra afirmava que morrera enquanto *comia* javali, empanturrando-se tanto que explodira à mesa. Não, o rei morrera à mesa, diziam outros, mas só porque Varys, a Aranha, o envenenara. Não, tinha sido *a rainha* quem o envenenara. Não, morrera de varíola. Não, sufocara com uma espinha de peixe.

Numa coisa todas as histórias concordavam: o Rei Robert estava morto. Os sinos nas sete torres do Grande Septo de Baelor tinham

repicado durante um dia e uma noite, fazendo troar sua dor pela cidade numa maré de bronze. Só faziam soar os sinos assim quando um rei morria, dissera-lhe um aprendiz de curtidor.

Tudo que ela queria era voltar para casa, mas deixar Porto Real não era tão fácil como esperara. Todo mundo falava de guerra, e a quantidade de homens de manto dourado era tão grande nas muralhas da cidade como a de moscas em… bem, nela, por exemplo. Vinha passando as noites na Baixada das Pulgas, sobre telhados e em estábulos, onde quer que conseguisse encontrar um lugar para se deitar, e não demorara muito tempo para compreender que o distrito tinha o nome certo.

Todos os dias, desde a fuga da Fortaleza Vermelha, Arya visitava os sete portões da cidade, um de cada vez. Os Portões do Dragão, do Leão e o Velho estavam fechados e trancados. O da Lama e o dos Deuses estavam abertos, mas só para aqueles que quisessem entrar na cidade; os guardas não deixavam ninguém sair. Os que estavam autorizados a sair o faziam pelo Portão do Rei ou pelo Portão de Ferro, mas eram homens de armas Lannister, de manto carmesim e elmo encimado por um leão, que lá guarneciam os postos de guarda. Espiando do telhado de uma estalagem próxima do Portão do Rei, Arya os viu vasculhar carroças e carruagens, forçar cavaleiros a abrir seus alforjes e interrogar todos os que tentavam passar a pé.

Por vezes pensava em atravessar o rio a nado, mas o Torrente da Água Negra era largo e profundo, e todos concordavam que suas correntes eram perigosas e traiçoeiras. Não tinha dinheiro para pagar a um barqueiro ou comprar uma passagem de navio. O senhor seu pai a ensinara a nunca roubar, mas estava se tornando cada vez mais difícil lembrar por quê. Se não saísse logo dali, teria de arriscar a sorte com os homens de manto dourado. Não tinha passado muita fome desde que aprendera a derrubar aves com a espada de madeira, mas temia que tanto pombo a estivesse deixando doente. Comera dois deles crus antes de encontrar a Baixada das Pulgas.

Na Baixada havia casas de pasto espalhadas pelas vielas, onde enormes banheiras de guisado ferviam havia anos, e podia-se trocar metade de uma ave por uma fatia de pão do dia anterior e uma “tigela de castanho”, e até torravam a outra metade no fogo, desde que o cliente depenasse o pombo. Arya teria dado qualquer coisa por uma xícara de leite e um bolo

de limão, mas o castanho não era de todo ruim. Costumava ter cevada e pedaços de cenoura, cebola e nabo, e às vezes tinha até maçã com uma película de gordura por cima. Em geral, tentava não pensar na carne. Uma vez obtivera um pedaço de peixe.

O único problema era que essas casas nunca estavam vazias, e mesmo enquanto devorava a comida podia senti-los observando-a. Alguns deles não tiravam os olhos de suas botas ou de seu manto, e sabia no que estavam pensando. Com outros, quase conseguia sentir os olhos rastejando sob seus couros; *não* sabia em que eles estavam pensando, e isso a assustava ainda mais. Umas duas vezes fora seguida até as vielas e perseguida depois, mas até então ninguém tinha sido capaz de apanhá-la.

A pulseira de prata que esperava vender fora roubada na primeira noite que passara fora do castelo, juntamente com a trouxa de roupa boa, surrupiada enquanto dormia em uma casa queimada, perto da Viela dos Porcos. Tudo que lhe tinham deixado foram o manto em que se enrolara, os couros que vestia, a espada de treino de madeira… e a Agulha. Dormia em cima da Agulha, e se não fosse isso, também a teria perdido; valia mais que todo o resto. Desde então, Arya acostumara-se a caminhar com o manto enrolado no braço direito, a fim de esconder a lâmina que trazia à cintura. A espada de madeira era levada na mão esquerda, onde todos a pudessem ver, para assustar ladrões, mas havia homens nas casas de pasto que não se assustariam nem que ela tivesse um machado de batalha. Era o suficiente para lhe fazer perder o gosto por pombo e pão duro. Era mais comum ir dormir com fome do que se arriscar aos olhares.

Uma vez fora da cidade, encontraria frutas do bosque prontas para serem colhidas, ou pomares que poderia assaltar em busca de maçãs ou cerejas. Arya lembrava-se de ver alguns da Estrada do Rei durante a viagem para o sul. E poderia escavar em busca de raízes na floresta, ou até caçar alguns coelhos. Na cidade, as únicas coisas que podia caçar eram ratazanas, gatos e cães descarnados. Ouvira dizer que as casas de pasto ofereciam um punhado de cobre por uma ninhada de cachorros, mas não gostava de pensar nisso.

Abaixo da Rua da Farinha ficava um labirinto de vilas retorcidas e travessas. Arya lutou para atravessar a multidão, tentando colocar distância entre si e os homens de manto dourado. Aprendera a manter-se

no centro da rua. Por vezes tinha de se desviar de carroças e cavalos, mas pelo menos podia vê-los aproximarem-se. Quem caminhasse junto aos edifícios era agarrado pelas pessoas. Em algumas vielas não havia maneira de não roçar nas paredes; os edifícios aproximavam-se tanto que quase se encontravam.

Um ruidoso bando de crianças pequenas passou por ela correndo, brincando de arco. Arya ficou olhando para eles com ressentimento, lembrando-se dos tempos em que assim brincara com Bran, Jon e o irmão mais novo, Rickon. Perguntou a si mesma quanto teria crescido Rickon, e se Bran estaria triste. Teria dado tudo por ter Jon ali, chamando-a de "irmãzinha" e despenteando-lhe os cabelos. Não que precisasse ser despenteada. Vira seu reflexo em poças, e não lhe parecia que pudesse haver cabelos mais despenteados que os dela.

Tentara falar com as crianças que via na rua, esperando fazer um amigo que lhe arranjasse lugar para dormir, mas devia falar errado ou qualquer coisa do gênero. Os pequenos limitavam-se a mirá-la com olhos rápidos e cuidadosos, e fugiam caso se aproximasse demais. Os irmãos e irmãs mais velhos faziam perguntas que Arya não podia responder, davam-lhe apelidos e tentavam roubá-la. No dia anterior uma menina magricela e descalça, com o dobro de sua idade, a tinha atirado ao chão e tentara arrancar-lhe as botas, mas Arya dera-lhe uma pancada na orelha com a espada de madeira que a afastara aos soluços e sangrando.

Uma gaivota voou em círculos por cima de sua cabeça quando desceu a colina em direção à Baixada das Pulgas. Arya olhou-a de relance, pensativa, mas estava bem longe do alcance de sua espada. A ave a fez pensar no mar. Talvez fosse esse o caminho para fora dali. A Velha Ama costumava contar histórias sobre rapazes que se escondiam em galés mercantes e zarpavam para todo o tipo de aventuras. Talvez Arya pudesse fazer o mesmo. Decidiu visitar a margem do rio. De qualquer forma, ficava a caminho do Portão da Lama, que ainda não verificara hoje.

Os cais estavam estranhamente sossegados quando Arya chegou lá. Viu outro par de mantos dourados, caminhando lado a lado pelo mercado de peixe, mas nem sequer olharam para ela. Metade das bancas estava vazia, e parecia-lhe que havia menos navios atracados do que recordava. No Água Negra três das galés de guerra do rei moviam-se em formação, com os cascos pintados de dourado rasgando as águas à medida que os remos

subiam e desciam. Arya observou-as durante algum tempo, depois se pôs a caminho ao longo do rio.

Quando viu os guardas no terceiro cais, vestidos com mantos de lã cinza debruada de cetim branco, o coração quase parou em seu peito. Ver as cores de Winterfell trouxe-lhe lágrimas aos olhos. Atrás dos guardas, uma lustrosa galé mercante de três remos balançava em suas amarras. Arya não conseguia ler o nome pintado no casco; as palavras eram estranhas, em miriano, bravosiano, talvez mesmo alto valiriano. Agarrou pela manga um estivador que passava.

– Por favor – disse –, que navio é este?

– É a *Bruxa dos Ventos*, de Myr – disse o homem.

– *Ainda* está aqui – exclamou Arya. O estivador olhou-a de modo estranho, deu de ombros e afastou-se. Arya correu para o cais. A *Bruxa dos Ventos* era o navio que o pai contratara para levá-la para casa… ainda à espera! Julgara que tinha zarpado havia séculos.

Dois dos guardas jogavam dados enquanto o terceiro fazia rondas, com a mão pousada no botão da espada. Com vergonha de que a vissem chorar como um bebê, Arya parou para esfregar os olhos. Os olhos, os olhos, os olhos, por que era que…

*Olhe com os olhos*, ouviu Syrio sussurrar.

Arya olhou. Conhecia todos os homens do pai. Os três com os mantos cinzentos eram estranhos.

– Você – chamou aquele que fazia rondas. – Que quer aqui, garoto? – os outros dois ergueram os olhos dos dados.

A única coisa que Arya conseguiu fazer foi evitar saltar e fugir, pois sabia que se o fizesse eles viriam imediatamente atrás dela. Obrigou-se a se aproximar. Estavam à espera de uma menina, mas a tomaram por um garoto. Neste caso, *seria* um garoto.

– Quer comprar um pombo? – mostrou-lhe a ave morta.

– Saia daqui – disse o guarda.

Arya fez o que lhe foi dito. Não teve de fingir estar assustada. Atrás dela, os homens retornaram aos seus dados.

Não saberia dizer como voltou à Baixada das Pulgas, mas respirava com força quando chegou às estreitas e retorcidas ruas de terra batida entre as colinas. A Baixada tinha um fedor característico, o cheiro de pocilgas, estábulos e barracas de curtumes, misturado ao odor azedo das

tabernas e de bordéis baratos. Arya abriu caminho pelo labirinto com a mente entorpecida. Só percebeu que o pombo tinha desaparecido quando lhe chegou um odor de castanho borbulhante vindo da porta de uma casa de pasto. Devia ter escorregado do cinto enquanto corria, ou alguém lhe roubara sem que se desse conta. Por um momento quis chorar de novo. Teria de percorrer todo o caminho de volta à Rua da Farinha e encontrar outro pombo que estivesse tão gordo como aquele.

Longe, do outro lado da cidade, sinos começaram a tocar.

Arya olhou para cima, à escuta, perguntando-se o que o toque significaria daquela vez.

– Que é isto agora? – gritou um homem gordo de dentro da casa de pasto.

– Outra vez os sinos, que os deuses nos salvem – lamentou-se uma velha.

Uma prostituta de cabelos vermelhos enfiada em um fiapo de seda pintada abriu uma janela de segundo andar.

– Foi o rei rapaz que morreu? – gritou ela para baixo, debruçando-se sobre a rua. – Ah, os rapazes são assim, nunca duram muito tempo – enquanto ria, um homem nu a envolveu com os braços por detrás, mordendo-lhe o pescoço e esfregando-lhe os pesados seios brancos que pendiam soltos sob a camisa.

– Vadia estúpida – gritou o gordo. – O rei não está morto, aquilo são só sinos de chamar. É só uma torre repicando. Quando o rei morre, tocam todos os sinos da cidade.

– Olha, para de morder, senão faço tocar os *seus* sinos – disse a mulher da janela para o homem atrás dela, afastando-o com um cotovelo. – Então, quem é que morreu, se não foi o rei?

– É uma chamada – repetiu o gordo.

Dois garotos com quase a mesma idade de Arya passaram por ali correndo, patinhando numa poça. Uma velha os amaldiçoou, mas eles prosseguiram seu caminho. Outras pessoas também se punham em movimento, subindo a colina para ver o que era aquele barulho. Arya correu atrás do garoto mais lento.

– Onde você vai? – ela gritou quando se pôs atrás dele. – O que está acontecendo?

Ele olhou de relance para trás sem diminuir o passo.

– Os mantos dourados estão levando ele para o septo.

– Quem? – berrou Arya, correndo a toda velocidade.

– A *Mão*! O Buu diz que vão cortar a cabeça dele.

Uma carroça que passara pela rua deixara um sulco profundo na rua. O garoto saltou por cima, mas Arya não chegou a ver a fenda. Tropeçou e caiu, de cabeça, esfolando o joelho numa pedra e esmagando os dedos quando as mãos atingiram a terra batida. A Agulha se emaranhou em suas pernas. Arya soluçou enquanto lutava para se pôr de joelhos. O polegar da mão esquerda estava coberto de sangue. Quando o pôs na boca, viu que metade da unha tinha desaparecido, arrancada na queda. As mãos latejavam, e o joelho também estava cheio de sangue.

– *Abram alas!* – gritou alguém da travessa. – *Abram alas para os senhores Redwyne!* – Arya conseguiu sair da rua a tempo de não ser atropelada por quatro guardas montados em cavalos enormes, passando a galope. Usavam manto xadrez, azul e vinho. Atrás deles, dois jovens fidalgos cavalgavam lado a lado num par de éguas marrons, parecidos como duas gotas de água. Arya vira-os na muralha do castelo uma centena de vezes; os gêmeos Redwyne, Sor Horas e Sor Hobber, jovens desajeitados de cabelos cor de laranja e rosto quadrado e sardento. Sansa e Jeyne Poole costumavam chamá-los Sor Horror e Sor Babeiro, e explodiam em risinhos sempre que os viam. Agora não pareciam engraçados.

Todo mundo se movia na mesma direção, todos com pressa para ver o que motivava o repique dos sinos, que agora pareciam tocar mais alto, tinindo, chamando. Arya juntou-se à corrente de gente. Doía-lhe tanto o polegar onde a unha se partira que só com esforço evitava chorar. Mordeu o lábio enquanto coxeava, escutando as vozes excitadas ao seu redor.

– … a Mão do Rei, Lorde Stark. Estão levando-o para o Septo de Baelor.

– Ouvi dizer que ele estava morto.

– Não tarda, não tarda. Olha, tenho aqui um veado de prata que diz que vão lhe arrancar a cabeça.

– Já vai tarde, o traidor – o homem cuspiu.

Arya lutou por encontrar a voz.

– Ele *nunca*… – começou, mas era apenas uma criança, e os homens continuaram a falar por cima dela.

– *Palerma!* Não vão cortar-lhe a cabeça coisa nenhuma. Desde quando eles dão um jeito em traidores nos degraus do Grande Septo?

– Bem, não vão ungi-lo cavaleiro, com certeza. Ouvi dizer que foi o Stark que matou o velho Rei Robert. Que lhe abriu a garganta na floresta e que, quando o encontraram, estava lá, frio, dizendo que tinha sido um javali velho que matara Sua Graça.

– Ah, isso não é verdade, foi o irmão que tratou dele, aquele Renly, o dos chifres de ouro.

– Cala essa boca mentirosa, mulher. Não sabe o que diz, sua senhoria é um homem bom e fiel.

Quando chegaram à Rua das Irmãs, a multidão aglomerava-se, ombro contra ombro. Arya deixou-se levar pela corrente humana até o topo da Colina de Visenya. A praça de mármore branco era uma massa sólida de gente, todos tagarelando excitadamente uns com os outros e fazendo força para chegar mais perto do Grande Septo de Baelor. Os sinos soavam muito alto ali.

Arya contorceu-se através da multidão, esgueirando-se entre as patas dos cavalos e agarrando-se bem à espada de madeira. Do meio da multidão, tudo que via eram braços, pernas e barrigas, e as sete esguias torres do septo que se erguiam por cima da praça. Vislumbrou uma carroça de madeira e pensou em subir nela para conseguir ver, mas outros tiveram a mesma ideia. O carroceiro os amaldiçoou e os afastou a golpes de chicote.

Arya ficou frenética. Ao forçar passagem até a frente da multidão, foi empurrada contra a pedra de um pedestal. Ergueu o olhar para Baelor, o Abençoado, o rei septão. Enfiou a espada de madeira no cinto e começou a subir. A unha quebrada deixou manchas de sangue no mármore pintado, mas conseguiu subir e enfiou-se entre os pés do rei.

Foi então que viu o pai.

Lorde Eddard encontrava-se em pé no púlpito do Alto Septão, à porta do septo, apoiado em dois homens de manto dourado. Vestia um gibão de rico veludo cinza com um lobo branco cosido com contas na parte da frente, e um manto de lã cinza debruado de peles, mas estava mais magro do que Arya jamais o vira, com a longa face tensa de dor. Eram mais os

homens mantendo-o em pé do que ele se sustentando; o gesso que envolvia a perna quebrada mostrava-se encardido e apodrecido.

O próprio Alto Septão estava atrás dele, um homem atarracado, grisalho pela idade e enormemente gordo, usando uma longa túnica branca e uma imensa coroa de ouro encordoado e cristal que lhe decorava a cabeça com um arco-íris sempre que se movia.

Em volta das portas do septo, um grupo de cavaleiros e de grandes senhores aglomerava-se na frente do elevado púlpito de mármore. Entre eles destacava-se Joffrey, vestido todo de carmesim, seda e cetim adornados com veados empinados e leões rugindo, e uma coroa de ouro na cabeça. Ao seu lado via-se a rainha sua mãe, trajando um negro vestido de luto com fendas carmesins e um véu de diamantes negros nos cabelos. Arya reconheceu Cão de Caça, que usava um manto branco como a neve sobre a armadura cinza-escura, com quatro dos membros da Guarda Real à sua volta. Viu Varys, o eunuco, deslizando entre os senhores em chinelos macios e com uma toga de damasco estampada, e achou que o homem baixo com a capa prateada e barba pontiaguda devia ser aquele que tinha um dia lutado em duelo por sua mãe.

E ali, entre eles, estava Sansa, vestida de seda azul-celeste, com os longos cabelos ruivos lavados e encaracolados, usando braceletes de prata nos pulsos. Arya fechou a cara, perguntando a si mesma o que a irmã estaria fazendo ali, e por que parecia tão feliz.

Uma longa fileira de lanceiros de manto dourado segurava a multidão, comandada por um homem forte, com uma armadura elaborada, toda ela de laca negra e filigrana dourada. O manto tinha o brilho metálico de ouro verdadeiro.

Quando o sino parou de soar, um silêncio foi lentamente cobrindo a grande praça, e seu pai ergueu a cabeça e começou a falar, com a voz tão fraca que Arya quase não conseguia ouvir. As pessoas atrás dela começaram a gritar "*Quê?*", "*Mais alto!* ". O homem com a armadura de negro e dourado aproximou-se do pai e aguilhoou-o com força. Arya quis gritar *Deixe-o em paz!*, mas sabia que ninguém a ouviria. Mordeu o lábio.

O pai ergueu a voz e recomeçou.

– Sou Eddard Stark, Senhor de Winterfell e Mão do Rei – disse, mais alto, fazendo a voz chegar a toda a praça –, e venho até vós para

confessar minha traição perante os deuses e os homens.

– *Não* – choramingou Arya. Por baixo dela, a multidão desatou a berrar e a gritar. Insultos e obscenidades encheram o ar. Sansa escondera o rosto nas mãos.

O pai ergueu a voz ainda mais alto, esforçando-se por ser ouvido.

– Traí a fé do meu rei e a confiança do meu amigo Robert – gritou. – Jurei defender e proteger seus filhos, mas antes ainda que seu sangue arrefecesse conspirei para depor e matar seu filho, e tomar o trono para mim. Que o Alto Septão, Baelor, o Amado, e os Sete sejam testemunhas da verdade que digo: Joffrey Baratheon é o verdadeiro herdeiro do Trono de Ferro, e, pela graça de todos os deuses, Senhor dos Sete Reinos e Protetor do Território.

Uma pedra saltou da multidão. Arya gritou quando viu o pai ser atingido. Os homens de manto dourado evitaram que caísse. Sangue escorreu-lhe pelo rosto, vindo de um profundo golpe na testa. Mais pedras se seguiram. Uma atingiu o guarda à esquerda do pai. Outra retiniu na placa de peito do cavaleiro com a armadura negra e dourada. Dois homens da Guarda Real puseram-se na frente de Joffrey e da rainha, protegendo-os com os escudos.

A mão de Arya deslizou sob o manto e encontrou a Agulha na bainha. Apertou os dedos em volta do cabo, com mais força do que jamais tivera de usar. *Por favor, deuses, mantenham-no a salvo*, orou. *Não permitam que façam mal ao meu pai*.

O Alto Septão ajoelhou perante Joffrey e sua mãe.

– Como pecamos, assim sofremos – entoou, numa voz profunda e empolada, muito mais forte que a de Stark. – Este homem confessou seus crimes à vista dos deuses e dos homens, aqui neste lugar sagrado – arco-íris dançaram em volta de sua cabeça quando ergueu as mãos numa súplica. – Os deuses são justos, mas o Abençoado Baelor ensinou-nos que também são misericordiosos. O que será feito com este traidor, Vossa Graça?

Mil vozes gritavam, mas Arya não as ouviu. O Príncipe Joffrey… não, o Rei Joffrey… saiu de trás dos escudos de sua Guarda Real.

– Minha mãe pede-me que permita a Lorde Eddard que vista o negro, e a Senhora Sansa suplicou misericórdia para o pai – olhou então à direita para Sansa e *sorriu*, e por um momento Arya pensou que os deuses

tinham ouvido sua prece, até que Joffrey voltou a virar-se para a multidão e disse: – Mas elas têm o coração piedoso de mulher. Enquanto eu for rei, a traição nunca passará impune. Sor Ilyn, traga-me a cabeça dele.

A multidão rugiu, e Arya sentiu a estátua de Baelor balançar quando todas aquelas pessoas a empurraram. O Alto Septão agarrou a capa do rei, e Varys aproximou-se correndo, sacudindo os braços, e até a rainha estava lhe dizendo alguma coisa, mas Joffrey balançou a cabeça. Senhores e cavaleiros afastaram-se quando *ele* passou, alto e descarnado, um esqueleto em cota de malha, o Magistrado do Rei. Indistintamente, mesmo que de uma grande distância, Arya ouviu a irmã gritar. Sansa caíra de joelhos, soluçando histericamente. Sor Ilyn Payne subiu os degraus do púlpito.

Arya contorceu-se entre os pés de Baelor e atirou-se sobre a multidão, puxando a Agulha. Caiu em cima de um homem com um avental de açougueiro, atirando-o ao chão. De imediato, alguém esbarrou em suas costas, e quase que ela mesma caiu também. Corpos apertavam-se em volta, tropeçando e empurrando, pisoteando o pobre açougueiro. Arya atacou-os com a Agulha.

Bem no alto do púlpito, Sor Ilyn Payne fez um gesto, e o cavaleiro de negro e dourado deu uma ordem. Os homens de manto dourado atiraram Lorde Eddard ao mármore, projetando-lhe a cabeça e o peito sobre a borda.

– Ei, você! – gritou uma voz irritada a Arya, mas ela passou rapidamente pelo homem, empurrando pessoas para o lado, esgueirando-se entre elas, batendo em qualquer um que atravessasse seu caminho. Uma mão tentou agarrar-lhe a perna, mas ela deu um pontapé na canela dele. Uma mulher tropeçou e Arya correu por cima das costas dela, atirando golpes para um lado e para o outro, mas não havia jeito, *não havia jeito*, tinha gente demais, assim que abria um buraco, ele voltava a se fechar. Alguém a empurrou com uma bofetada. Ainda conseguia ouvir os gritos de Sansa.

Sor Ilyn puxou uma espada longa da bainha que usava atada às costas. Quando ergueu a lâmina acima da cabeça, a luz do sol pareceu ondular e dançar no metal escuro, tremeluzindo num gume mais afiado que

qualquer navalha. *Gelo*, pensou Arya, *ele tem Gelo!* Jorraram-lhe lágrimas pelo rosto, cegando-a.

E então uma mão projetou-se da multidão e fechou-se em torno de seu braço como uma armadilha para lobos, com tanta força que a Agulha lhe saltou da mão. Arya foi erguida no ar. Teria caído se ele não a tivesse mantido suspensa com tanta facilidade como se fosse uma boneca. Um rosto aproximou-se do dela, cabelos negros e longos, uma barba emaranhada e dentes podres.

– *Não olhe!* – rosnou-lhe uma voz espessa.

– Eu… eu… eu… – soluçou Arya.

O velho a sacudiu com tanta força que a fez bater os dentes.

– Cala a boca e fecha os olhos, *garoto* – indistintamente, como que vindo de uma grande distância, ouviu um… um *ruído*… um som suave como um suspiro, como se um milhão de pessoas tivesse expirado ao mesmo tempo. Os dedos do velho enterraram-se em seu braço, rígidos como ferro. – Olhe para mim. Sim, é isso mesmo, para *mim* – vinho azedo perfumava-lhe o hálito. – Lembrou-se, *garoto*?

Foi o cheiro que avivou a memória. Arya viu os cabelos despenteados e oleosos, o remendado e empoeirado manto negro que lhe cobria os ombros tortos, os duros olhos negros que a olhavam de soslaio. E lembrou-se do irmão negro que viera visitar seu pai.

– Agora já me reconhece? Ora, aí está um garoto inteligente – cuspiu. – Isto aqui já acabou. Você vem comigo, e vai manter a boca calada – quando ela começou a responder, ele a sacudiu outra vez, ainda com mais força. – Eu disse *calada*.

A praça começava a esvaziar-se. A multidão dissolveu-se em volta deles à medida que as pessoas iam regressando às suas vidas. Mas a vida de Arya tinha desaparecido. Entorpecida, arrastou-se ao lado de… *Yoren, sim, o nome dele é Yoren*. Não se deu conta de ele ter encontrado a Agulha até lhe entregar a espada.

– Espero que saiba usar isso, garoto.

– Eu não sou… – começou ela.

Ele a enfiou na reentrância de uma porta, enterrou-lhe dedos sujos nos cabelos e os torceu, puxando-lhe a cabeça para trás.

– … não é um *garoto* esperto, é isso o que quer dizer?

Tinha uma faca na outra mão.

Quando a lâmina relampejou na direção de seu rosto, Arya atirou-se para trás, escoiceando desesperadamente, sacudindo a cabeça de um lado para o outro, mas ele a tinha presa pelos cabelos, com tanta *força* que sentia o couro cabeludo rasgar-se, e nos lábios o sabor salgado das lágrimas.

# Bran

Os mais velhos eram homens-feitos, com dezessete ou dezoito anos vividos desde o dia em que receberam os nomes. Um tinha mais de vinte anos. A maioria era mais nova, com dezesseis anos ou menos.

Bran observava-os da varanda da torre de Meistre Luwin, ouvindo-os grunhir, esforçar-se e praguejar enquanto brandiam os bastões e as espadas de madeira. O pátio ganhava vida com os *clacs* de madeira batendo em madeira, interrompidos com bastante frequência por *fuacs* e uivos de dor quando um golpe atingia couro ou carne. Sor Rodrik caminhava a passos largos entre os rapazes, com o rosto corando sob as suíças brancas, resmungando para todos. Bran nunca vira o velho cavaleiro com um ar tão feroz.

– Não – não parava de dizer. – Não. Não. Não.

– Eles não lutam lá muito bem – disse Bran em tom de dúvida. Deu uma coçadela à toa atrás das orelhas de Verão enquanto o lobo gigante rasgava um pedaço de carne. Ossos esmagavam-se entre os dentes do animal.

– Com certeza – concordou Meistre Luwin com um profundo suspiro. O meistre espiava através de sua grande luneta miriana, medindo sombras e anotando a posição do cometa que pairava, baixo, no céu da manhã. – Mas se lhes dermos tempo… Sor Rodrik tem razão, precisamos de homens para patrulhar as muralhas. O senhor seu pai levou a nata de sua guarda para Porto Real, e seu irmão levou o resto, juntamente com todos os rapazes aptos de léguas ao redor. Muitos não regressarão, e temos de arranjar homens que os substituam.

Bran olhou com ressentimento para os rapazes suados.

– Se ainda tivesse as minhas pernas, poderia derrotá-los todos – recordou a última vez que tivera uma espada na mão, quando o rei viera a Winterfell. Fora apenas uma espada de madeira, mas derrubara o Príncipe Tommen meia centena de vezes. – Sor Rodrik devia ensinar-me

a usar uma acha-de-armas. Se a tivesse com um cabo suficientemente comprido, Hodor poderia ser as minhas pernas. Juntos, podíamos ser um cavaleiro.

– Acho isso… improvável – disse Meistre Luwin. – Bran, quando um homem luta, seus braços, pernas e pensamentos devem ser um só.

Embaixo, no pátio, Sor Rodrik gritava.

– Você luta como um ganso. Ele te dá bicadas e você dá bicadas mais fortes nele. *Pare!* Bloqueie o golpe. Luta de gansos não será suficiente. Se essas espadas fossem verdadeiras, a primeira bicada arrancava-lhe o braço! – um dos outros rapazes soltou uma gargalhada, e o velho cavaleiro virou-se para ele. – Você ri. Logo você. É preciso descaramento. *Você* luta como um porco-espinho…

– Havia um cavaleiro que não enxergava – disse teimosamente Bran, enquanto Sor Rodrik continuava a ofender os rapazes lá embaixo. – A Velha Ama contou-me. Tinha uma haste longa com lâminas nas duas extremidades que podia fazer rodopiar com as mãos e cortar dois homens ao mesmo tempo.

– Symeon Olhos-de-Estrela – disse Luwin enquanto anotava números num livro. – Quando perdeu os olhos, pôs safiras em forma de estrelas nas órbitas vazias, ou pelo menos é o que afirmam os cantores. Bran, isso é só uma história, como os contos de Florian, o Tolo. Uma fábula da Era dos Heróis – o meistre soltou um estalido com a língua. – É preciso que deixe esses sonhos de lado, só vão lhe partir o coração.

A menção a sonhos despertou-lhe a memória.

– Sonhei outra vez com o corvo na noite passada. Aquele com três olhos. Voou até o meu quarto e me disse para ir com ele, e foi o que fiz. Descemos às criptas. Meu pai estava lá, e conversamos. Ele estava triste.

– E por quê? – Luwin espreitou por sua luneta.

– Tinha qualquer coisa a ver com Jon, parece-me – o sonho fora profundamente perturbador, mais que qualquer outro dos sonhos com o corvo. – Hodor não quer descer às criptas.

O meistre estivera desatento, Bran percebeu. Tirou o olho da luneta, pestanejando.

– Hodor não quer…

– Descer às criptas. Quando acordei, disse-lhe para me levar até lá embaixo, para ver se meu pai estava mesmo lá. A princípio, não entendia

o que eu dizia, mas levei-o até os degraus dizendo-lhe para ir por ali e depois adiante, só que, lá chegando, não quis descer. Limitou-se a ficar no degrau superior e a dizer "Hodor", como se estivesse com medo do escuro, mas eu *tinha* um archote. Deixou-me tão furioso que quase lhe dei uma pancada na cabeça, como a Velha Ama sempre faz – viu o modo como o meistre franzia as sobrancelhas e acrescentou depressa: – Mas não dei.

– Ótimo. Hodor é um homem, não uma mula que se possa espancar.

– No sonho, voei até lá embaixo com o corvo, mas não posso fazer isso quando estou acordado – Bran explicou.

– Por que quer descer às criptas?

– Já disse. Para ir atrás do meu pai.

O meistre puxou a corrente que lhe envolvia o pescoço, como fazia muitas vezes quando se sentia desconfortável.

– Bran, querida criança, um dia, Lorde Eddard se sentará lá embaixo, na pedra, ao lado de seu pai e do pai de seu pai e de todos os Stark até os velhos Reis do Norte… mas, se os deuses forem bondosos, isso não acontecerá senão daqui a muitos anos. Seu pai é prisioneiro da rainha em Porto Real. Não está nas criptas.

– Ele estava lá ontem à noite. Conversei com ele.

– Garoto teimoso – suspirou o meistre, pondo o livro de lado. – Quer ir ver?

– Não posso. Hodor não quer ir, e os degraus são estreitos e tortuosos demais para a Dançarina.

– Acho que posso resolver esse problema.

Em vez de Hodor, chamaram a selvagem Osha. Era alta, dura e não se queixava, indo de bom grado onde quer que a mandassem.

– Vivi a minha vida para lá da Muralha, um buraco no chão não há de me aborrecer, senhores – ela disse.

– Verão, anda – chamou Bran quando ela o ergueu em braços fortes como metal. O lobo gigante largou o osso e seguiu Osha, que atravessou o pátio com Bran e desceu os degraus em espiral até a fria abóbada subterrânea. Meistre Luwin seguia à frente com um archote. Bran nem se importou – *muito* – que ela o transportasse nos braços, e não às costas. Sor Rodrik ordenara que tirassem as correntes de Osha, pois a mulher servira bem e fielmente desde que estava em Winterfell. Ainda usava as

pesadas grilhetas de ferro em torno dos tornozelos – um sinal de que ainda não confiavam inteiramente nela –, mas não prejudicavam seus passos seguros nos degraus.

Bran não recordava a última vez em que estivera nas criptas. Fora *antes*, com certeza. Quando era pequeno, costumava brincar ali com Robb, Jon e as irmãs.

Desejou que estivessem ali agora; a cripta talvez não parecesse tão escura e assustadora. Verão avançou pelas sombras cheias de ecos, e então parou, ergueu a cabeça e farejou o ar gelado e morto. Mostrou os dentes e rastejou para trás, com os olhos brilhando, dourados à luz do archote do meistre. Até Osha, dura como ferro velho, parecia desconfortável.

– Gente sombria – disse ao observar a longa fila Stark em granito, nos seus tronos de pedra.

– Eram os Reis do Inverno – sussurrou Bran. Por algum motivo, parecia errado falar alto naquele lugar.

Osha sorriu.

– O inverno não tem rei. Se o tivesse visto, saberia, garoto de verão.

– Eles foram os Reis do Norte durante milhares de anos – disse Meistre Luwin, erguendo o archote bem alto para que a luz brilhasse nos rostos de pedra. Alguns eram homens cabeludos e barbudos, desgrenhados como os lobos que se agachavam a seus pés. Outros se apresentavam escanhoados, com traços magros e aguçados como as espadas longas que tinham sobre as pernas. Homens duros para tempos duros. Venham – caminhou vivamente pela cripta, passando pela procissão de pilares de pedra e pelas infinitas figuras esculpidas. Uma língua de chamas projetava-se do archote erguido enquanto ele prosseguia.

A abóbada era cavernosa, mais longa que o próprio Winterfell, e Jon dissera-lhe uma vez que havia outros níveis abaixo, criptas ainda mais profundas e mais escuras onde estavam enterrados os outros reis. Não seria bom perder a luz. Verão recusou-se a se afastar dos degraus, mesmo quando Osha seguiu o archote com Bran nos braços.

– Lembra de suas histórias, Bran? – perguntou o meistre enquanto caminhavam. – Conte a Osha quem eles eram e o que fizeram, se puder.

Bran olhou para os rostos que passavam e as histórias vieram-lhe à memória. O meistre contara-as, e a Velha Ama dera-lhes vida.

– Aquele é Jon Stark. Quando os atacantes vindos do mar desembarcaram no leste, expulsou-os e construiu o castelo em Porto Branco. O filho foi Rickard Stark, não o pai do meu pai, mas outro Rickard, que conquistou o Gargalo do Rei do Pântano e casou-se com sua filha. Theon Stark é aquele muito magro de cabelos compridos e barba estreita. Chamavam-no "Lobo Faminto", porque estava sempre em guerra. Aquele é um Brandon, o alto com ar sonhador, era Brandon, o Construtor Naval, porque adorava o mar. Sua tumba está vazia. Tentou navegar para oeste, através do Mar do Poente, e nunca mais foi visto. O filho era Brandon, o Incendiário, porque passou o archote em todos os navios do pai por desgosto. Ali está Rodrik Stark, que conquistou a Ilha dos Ursos num combate de luta livre e a deu aos Mormont. E aquele é Torrhen Stark, o Rei Que Ajoelhou. Foi o último Rei do Norte e o primeiro Senhor de Winterfell, depois de se render a Aegon, o Conquistador. Ah, ali, aquele é Cregan Stark. Lutou uma vez contra o Príncipe Aemon, e o Cavaleiro do Dragão disse que nunca tinha defrontado melhor espadachim – estavam agora quase no fim, e Bran sentiu-se submergir em tristeza. – E ali está o meu avô, Lorde Rickard, que foi decapitado pelo Rei Louco Aerys. A filha Lyanna e o filho Brandon estão nas sepulturas ao seu lado. Eu, não, outro Brandon, irmão do meu pai. Não era previsto que tivessem estátuas, pois isso é só para os senhores e reis, mas meu pai os amava tanto que as mandou fazer.

– A donzela é bonita – disse Osha.

– Estava prometida a Robert, mas o Príncipe Rhaegar a raptou e a violentou – explicou Bran. – Robert lutou uma guerra para reconquistá-la. Matou Rhaegar no Tridente com o seu martelo, mas Lyanna morreu e ele nunca a teve de volta.

– Uma história triste – disse Osha –, mas aqueles buracos vazios são mais tristes.

– A tumba de Lorde Eddard, para quando seu dia chegar – disse Meistre Luwin. – Foi aqui que viu seu pai no sonho, Bran?

– Sim – a memória o fez estremecer. Olhou desconfortavelmente em volta, com os pelos da nuca eriçados. Ouvira um ruído? Estaria alguém ali?

Meistre Luwin aproximou-se do sepulcro aberto, com o archote na mão.

– Como pode ver, ele não está aqui. Nem estará, durante muitos anos. Os sonhos são apenas sonhos, menino – enfiou o braço na escuridão do interior da tumba, como se fosse a boca de um grande animal qualquer. – Vê? Está bem vaz…

A escuridão saltou sobre ele, rosnando.

Bran viu olhos que eram como fogo verde, uma cintilação de dentes, pelo tão negro como o breu que os rodeava. O archote saltou dos dedos do meistre, rolou pelo rosto de pedra de Brandon Stark e caiu aos pés da estátua, com as chamas lambendo-lhe as pernas. À luz ébria e irregular do archote, viram Luwin lutar com o lobo gigante, batendo-lhe no focinho com a mão enquanto os maxilares se fechavam sobre a outra.

– *Verão!* – Bran gritou.

E Verão veio, precipitando-se das trevas atrás deles, uma sombra em salto. Esbarrou em Cão Felpudo e atirou-o para trás, e os dois lobos gigantes rolaram e voltaram a rolar num emaranhado de pelo cinzento e negro, mordendo-se um ao outro, enquanto Meistre Luwin se punha em pé com dificuldade, com o braço rasgado e ensanguentado. Osha apoiou Bran no lobo de pedra de Lorde Rickard e correu para prestar assistência ao meistre. À luz do archote que se extinguia, lobos de sombra com seis metros de altura lutavam na parede e no teto.

– Felpudo – chamou uma voz sumida. Quando Bran ergueu os olhos, o irmão mais novo estava em pé na abertura da sepultura do pai. Dando uma última dentada no focinho de Verão, Cão Felpudo afastou-se e pôs-se ao lado de Rickon. – Deixe meu pai em paz – avisou Rickon a Luwin. – Deixe-o em paz.

– Rickon – disse Bran suavemente. – O pai não está aqui.

– Está, sim. Eu o vi – lágrimas brilhavam no rosto de Rickon. – Eu o vi ontem à noite.

– No seu sonho...?

Rickon confirmou com a cabeça.

– Deixe-o. Deixe-o em paz. Ele agora vem para casa, como prometeu. Vem para casa.

Bran nunca antes vira Meistre Luwin com uma expressão tão incerta. Sangue pingava-lhe do braço, onde Cão Felpudo rasgara a lã da manga e a carne que estava por baixo.

– Osha, o archote – ele pediu, mordendo a dor, e ela o apanhou antes que se apagasse. Manchas de fuligem enegreciam ambas as pernas do retrato do tio de Bran. – Aquele… aquele *animal* – prosseguiu Luwin – devia estar acorrentado nos canis.

Rickon deu uma palmadinha no focinho de Cão Felpudo, úmido de sangue.

– Eu o libertei. Ele não gosta de correntes – o lobo lambeu-lhe os dedos.

– Rickon – disse Bran –, quer vir comigo?

– Não. Gosto daqui.

– Aqui está escuro. E frio.

– Não tenho medo. Tenho de esperar pelo pai.

– Pode esperar comigo – disse Bran. – Vamos esperar juntos, eu, você e nossos lobos – ambos os lobos lambiam as feridas, e precisavam de um exame atento.

– Bran – disse firmemente o meistre –, eu sei que você tem boas intenções, mas Cão Felpudo é selvagem demais para andar à solta. Eu sou o terceiro homem que ele ataca. Dê-lhe a liberdade do castelo, e é só questão de tempo antes que mate alguém. A verdade é dura, mas o lobo tem de ser acorrentado, ou… – hesitou.

… *ou morto*, pensou Bran, mas o que disse foi:

– Ele não foi feito para correntes. Esperaremos em sua torre, todos nós.

– Isso é completamente impossível – disse Meistre Luwin.

Osha sorriu.

– Se bem me lembro, o pequeno lorde aqui é o garoto – devolveu o archote a Luwin e voltou a pegar Bran. – À torre do meistre.

– Você vem, Rickon?

O irmão concordou.

– Se Felpudo vier também – disse, correndo atrás de Osha e Bran, e não houve nada que Meistre Luwin pudesse fazer exceto segui-los, mantendo um olho cauteloso nos lobos.

A torre de Luwin estava tão atravancada que Bran se espantava de o meistre conseguir encontrar o que quer que fosse. Instáveis pilhas de livros cobriam mesas e cadeiras, fileiras de frascos tampados revestiam as prateleiras, tocos de vela e poças de cera seca estavam espalhados pela mobília, a luneta miriana, feita de bronze, apoiava-se num tripé perto da

porta da varanda, cartas estelares pendiam das paredes, mapas sombreados encontravam-se espalhados por entre as esteiras, havia papéis, penas e potes de tinta por toda parte, e tudo se achava manchado pelos excrementos dos corvos que se empoleiravam nas traves. Seus estridentes *quorcs* soaram, vindos do teto, enquanto Osha limpava e enfaixava as feridas do meistre, seguindo suas concisas instruções.

– Isto é uma loucura – disse o pequeno homem cinzento enquanto ela pincelava as mordidas do lobo com um unguento que provocava ardência. – Concordo que é estranho que ambos tenham sonhado o mesmo sonho, mas quando paramos para pensar, vemos que é natural. Sentem saudade do senhor seu pai, e sabem que ele está preso. O medo pode tornar febril a mente de um homem e lhe dar estranhos pensamentos. Rickon é novo demais para perceber…

– Já tenho quatro anos – disse Rickon. Espiava as gárgulas na Primeira Fortaleza pela luneta. Os lobos selvagens estavam instalados em lados opostos da grande sala redonda, lambendo as feridas e roendo ossos.

– …novo demais e… *ooh*, pelos sete infernos, isso arde, não, não pare, continue. Novo demais, como dizia, mas você, Bran, já tem idade para saber que sonhos são apenas sonhos.

– Alguns são, outros, não – Osha jogou leite de fogo vermelho-claro num longo corte. Luwin arquejou. – Os filhos da floresta podiam lhe dizer uma coisa ou duas a respeito dos sonhos.

Corriam lágrimas pelo rosto do meistre, mas ele sacudiu a cabeça teimosamente.

– Os filhos… sobrevivem apenas em sonhos. Hoje. Mortos e enterrados. Chega, já chega. Agora as ataduras. Unguentos e depois as faixas, e aperte-as bem, porque vai sangrar.

– A Velha Ama diz que os filhos conheciam as canções das árvores, que podiam voar como aves e nadar como peixes e falar com os animais – disse Bran. – Diz que criavam música tão bela que nos fazia chorar como bebês só de ouvi-la.

– E faziam tudo isso com magia – disse Meistre Luwin, distraído. – Gostaria que estivessem aqui agora. Um feitiço curaria meu braço com menos dor, e poderiam falar com Cão Felpudo e dizer-lhe para não morder – lançou ao grande lobo negro um relance zangado pelo canto do olho. – Aprenda o seguinte, Bran: o homem que confia em feitiços luta

com espada de vidro. E os filhos confiavam. Venha cá, deixe-me mostrar uma coisa – pôs-se abruptamente em pé, atravessou a sala e regressou com um frasco verde na mão boa. – Olhe para isto – disse, enquanto tirava a rolha e, com um movimento brusco, fazia cair um punhado de pontas de flecha brilhantes e negras.

Bran pegou uma.

– É feita de vidro – curioso, Rickon aproximou-se da mesa para espiar.

– Vidro de dragão – disse Osha ao sentar-se ao lado de Luwin, com as ataduras na mão.

– Obsidiana – insistiu Meistre Luwin, estendendo o braço ferido. – Forjada nas fogueiras dos deuses, nas profundezas da terra. Os filhos da floresta caçavam com isso há milhares de anos. Eles não trabalhavam o metal. Em lugar de cota de malha, usavam longas camisas de folhas entrelaçadas e envolviam as pernas com cortiça, para que parecessem se fundir com a floresta. No lugar de espadas, usavam lâminas de obsidiana.

– E ainda usam – Osha colocou unguentos suaves sobre as mordidas no braço do meistre e os atou bem apertados com longas faixas de linho.

Bran aproximou a ponta de seta dos olhos. O vidro negro era liso e brilhante. Achou-o belo.

– Posso ficar com uma?

– Como quiser – disse o meistre.

– Também quero uma – disse Rickon. – Quero quatro. Tenho quatro anos.

Luwin o obrigou a contá-las.

– Cuidado, ainda são afiadas, podem cortá-lo.

– Fale mais dos filhos – Bran pediu. Era importante.

– O que quer saber?

– Tudo.

Meistre Luwin puxou o colar de correntes onde lhe irritava o pescoço.

– Eram pessoas da Era da Aurora, as primeiras, de antes dos reis e dos reinos. Naquele tempo, não havia castelos ou fortalezas, não havia cidades, nem sequer se encontrava uma vila mercantil entre aqui e o mar de Dorne. Não havia homens nenhuns. Só os filhos da floresta habitavam as terras a que hoje chamamos de Sete Reinos. Eram um povo escuro e belo, de baixa estatura, não eram mais altos que crianças, mesmo na idade adulta. Viviam nas profundezas dos bosques, em cavernas, no meio

dos lagos e em aldeias secretas nas árvores. Como eram leves, os filhos eram ligeiros e graciosos. Os dois sexos caçavam juntos, com arcos de represeiros e laços. Seus deuses eram os deuses da floresta, dos rios e das pedras, os velhos deuses cujos nomes são secretos. Seus sábios chamavam-se *videntes verdes*, e esculpiam estranhos rostos nos represeiros para vigiar os bosques. Ninguém sabe durante quanto tempo os filhos reinaram aqui nem de onde vieram. Mas, há cerca de doze mil anos, os Primeiros Homens chegaram do oriente, atravessando o Braço Partido de Dorne antes de ele ter sido partido. Chegaram com espadas de bronze e grandes escudos de couro, montados em cavalos. Nenhum cavalo fora alguma vez visto deste lado do mar estreito. Não há dúvida que os filhos ficaram tão atemorizados pelos cavalos como os Primeiros Homens, ao vislumbrar os rostos nas árvores. Quando os Primeiros Homens construíram fortalezas e fazendas, abateram os rostos e os queimaram. Horrorizados, os filhos partiram para a guerra. As antigas canções dizem que os videntes verdes usaram magia negra para fazer o mar subir e varrer a terra, quebrando o Braço, mas era tarde demais para fechar a porta. As guerras prolongaram-se até a terra ficar rubra com o sangue de homens e filhos da floresta, mais destes do que daqueles, pois os homens eram maiores e mais fortes, e madeira, pedra e obsidiana eram fraca oposição contra o bronze. Por fim, prevaleceu a sensatez das duas raças, e os chefes e heróis dos Primeiros Homens encontraram-se com os videntes verdes e dançarinos da floresta nos bosques de represeiros de uma ilhota no grande lago chamado Olho de Deus. Foi aí que forjaram o Pacto. Aos Primeiros Homens foram dadas as terras costeiras, os planaltos e os prados luminosos, as montanhas e os pântanos, mas a floresta profunda ficaria para sempre nas mãos dos filhos, e nenhum outro represeiro seria destruído pelo machado em todo o território. Para que os deuses testemunhassem a assinatura, a todas as árvores da ilha foi dada uma cara e, mais tarde, foi formada a sagrada Ordem dos Homens Verdes para vigiar a Ilha das Caras. O Pacto iniciou quatro mil anos de amizade entre os homens e os filhos da floresta. Com o tempo, os Primeiros Homens até puseram de lado os deuses que tinham trazido consigo e passaram a adorar os deuses secretos da floresta. A assinatura do Pacto pôs fim à Era da Aurora e iniciou a Era dos Heróis.

O punho de Bran enrolou-se em volta da brilhante ponta de seta negra.

– Mas o senhor disse que os filhos da floresta agora estão todos mortos.

– Aqui estão – disse Osha, enquanto cortava com os dentes a extremidade da última atadura. – A norte da Muralha as coisas são diferentes. Foi para lá que os filhos se deslocaram, tal como os gigantes e as outras raças antigas.

Meistre Luwin suspirou.

– Mulher, por favor, devia estar morta ou encarcerada. Os Stark a trataram com mais bondade do que merece. Não é bom retribuir-lhes a simpatia enchendo a cabeça dos garotos de besteiras.

– Diga para onde eles foram – Bran desafiou. – Quero saber.

– Eu também – disse Rickon, num eco.

– Ah, muito bem – resmungou Luwin. – Enquanto os reinos dos Primeiros Homens mantiveram o poder, o pacto manteve-se ao longo de toda a Era dos Heróis, da Longa Noite e do nascimento dos Sete Reinos, mas por fim chegou uma época, muitos séculos mais tarde, em que outros povos atravessaram o mar estreito. Os ândalos foram os primeiros; uma raça de guerreiros altos de cabelos claros que chegaram com aço, fogo e a estrela de sete pontas dos novos deuses pintada no peito. As guerras prolongaram-se ao longo de centenas de anos, mas, no fim, todos os seis reinos do Sul caíram perante eles. Só aqui, onde o Rei do Norte repeliu todos os exércitos que tentaram atravessar o Gargalo, permaneceu a lei dos Primeiros Homens. Os ândalos incendiaram os bosques de represeiros, destruíram os rostos a machadadas, mataram os filhos da floresta onde os encontraram e proclamaram por todo lado o triunfo dos Sete sobre os velhos deuses. Por isso, os filhos fugiram para o norte…

Verão começou a uivar.

Meistre Luwin interrompeu-se, sobressaltado. Quando Cão Felpudo se ergueu de um salto e juntou sua voz à do irmão, o terror apertou o coração de Bran.

– *Está chegando* – sussurrou, com a certeza do desespero. Compreendeu que o sabia desde a noite anterior, desde que o corvo o levara até as criptas para dizer adeus. Sabia, mas não acreditara. Desejava que Meistre Luwin tivesse razão. *O corvo*, pensou, *o corvo de três olhos*…

Os uivos pararam tão subitamente como tinham começado. Verão atravessou o chão da torre até junto de Cão Felpudo e pôs-se a lamber um emaranhado de pelo ensanguentado no pescoço do irmão. Da janela veio um ruído de asas.

Um corvo pousou no parapeito de pedra cinzenta, abriu o bico e soltou um ruído duro e rouco de aflição.

Rickon começou a chorar. As pontas de seta caíram de sua mão uma por uma e tamborilaram no chão. Bran o puxou para si e o abraçou.

Meistre Luwin olhou para a ave negra como se fosse um escorpião com penas. Ergueu-se, lento como um sonâmbulo, e dirigiu-se à janela. Quando assobiou, o corvo saltou para cima de seu braço enfaixado. Trazia sangue seco nas asas.

– Um falcão – murmurou Luwin –, talvez uma coruja. Pobre animal, é incrível que tenha sobrevivido – tirou-lhe a carta da perna.

Bran deu por si tremendo enquanto o meistre desenrolava o papel.

– O que é? – perguntou, apertando o irmão com mais força ainda.

– Você sabe o que é, garoto – disse Osha, de uma forma que não era desprovida de bondade, e pousou-lhe a mão na cabeça.

Meistre Luwin olhou-os, perplexo, um homenzinho cinzento com sangue na manga da veste de lã cinza e lágrimas nos olhos brilhantes e cinzentos.

– Senhores – disse aos garotos, numa voz que tinha se tornado rouca e sem força –, nós… teremos de encontrar um escultor que conheça bem as suas feições…

# Sansa

No quarto da torre, no coração da Fortaleza de Maegor, Sansa entregou-se às trevas.

Fechou as cortinas em volta da cama, dormiu, acordou chorando e voltou a adormecer. Quando não mais conseguiu dormir, ficou deitada sob os cobertores, tremendo de desgosto. Os criados iam e vinham trazendo refeições, mas a visão de comida era mais do que conseguia suportar. Os pratos empilhavam-se na mesa junto à janela, intocados, estragando, até que os criados os levassem de volta.

Por vezes, seu sono era de chumbo e sem sonhos, e acordava mais cansada do que estivera quando fechara os olhos. Mas esses eram os melhores momentos, pois, quando sonhava, sonhava com o pai. Acordada ou dormindo, via-o, via os homens de manto dourado empurrá-lo para baixo, via Sor Ilyn avançar a passos largos, desembainhando Gelo da bainha que levava às costas, via o momento… o momento em que… quisera afastar os olhos, *quisera* fazê-lo, perdera o apoio das pernas e caíra de joelhos, mas de algum modo não fora capaz de virar a cabeça, e todo mundo gritava e berrava, e o seu príncipe sorrira-lhe, ele *sorrira* e ela se sentira segura, mas só por um momento, até dizer aquelas palavras, e as pernas do pai… era isso que recordava, as pernas, a maneira como elas tinham se *sacudido* quando Sor Ilyn… quando a espada…

*Talvez eu também morra*, disse a si mesma, e a ideia não lhe pareceu assim tão terrível. Se se atirasse da janela, poderia pôr fim ao sofrimento, e nos anos vindouros os cantores escreveriam canções sobre o seu pesar. Seu corpo jazeria sobre as pedras, lá embaixo, quebrado e inocente, envergonhando todos aqueles que a tinham traído. Sansa chegara a atravessar o quarto e a abrir as venezianas… mas então a coragem a deixara, e correra de volta à cama, aos soluços.

As criadas tentavam conversar com ela quando lhe traziam as refeições, mas nunca lhes deu resposta. Uma vez, o Grande Meistre Pycelle veio ao quarto com uma caixa cheia de frascos e garrafas, para perguntar se estava doente. Pôs a mão em sua testa, obrigou-a a despir-se e tocou-a por todo lado enquanto a criada a segurava. Quando saiu, deu-lhe uma poção de aguamel e ervas e disse-lhe para beber um gole todas as noites. Ela a bebeu toda de uma vez e voltou a adormecer.

Sonhou com passos na escada da torre, um agourento raspar de couro em pedra feito por um homem que subia lentamente até seu quarto, degrau por degrau. Tudo que podia fazer era comprimir-se contra a porta e escutar, tremendo, enquanto ele se aproximava cada vez mais. Sabia que era Sor Ilyn Payne vindo buscá-la, com Gelo na mão, para cortar-lhe a cabeça. Não havia para onde fugir, não havia esconderijo nenhum, nenhuma maneira de trancar a porta. Por fim, os passos pararam e ela soube que ele estava mesmo do outro lado, ali, em pé, silencioso, com seus olhos mortos e a longa cara marcada. Foi então que se percebeu nua. Agachou-se, tentando cobrir-se com as mãos, ao mesmo tempo que a porta começava a se abrir, rangendo, com a ponta da espada espreitando…

Acordou murmurando:

– Por favor, por favor, serei boa, serei *boa*, por favor, não – mas não havia ninguém para ouvi-la.

Quando por fim vieram realmente buscá-la, Sansa não chegou a ouvir os passos. Foi Joffrey quem abriu a porta, não Sor Ilyn, e sim o rapaz que fora o seu príncipe. Estava na cama, enrolada sobre si mesma, com as cortinas cerradas, e não soube dizer se era meio-dia ou meia-noite. A primeira coisa que ouviu foi a porta batendo. Depois, as colchas da cama foram puxadas, e ela ergueu a mão contra a súbita luz e os viu em pé a seu lado.

– Esta tarde a apresentarei na audiência – disse Joffrey. – Trate de se banhar e vestir algo apropriado para minha prometida – Sandor Clegane estava ao lado dele com um gibão simples marrom e uma capa verde, com o rosto queimado hediondo à luz da manhã. Atrás deles encontravam-se dois cavaleiros da Guarda Real trajando longos mantos de cetim branco.

Sansa puxou a manta até o queixo para se cobrir.

– Não – choramingou –, por favor… deixe-me em paz.

– Se recusar a se levantar e se vestir, meu Cão de Caça fará isso por você – disse Joffrey.

– Suplico-lhe, meu príncipe…

– Eu agora sou rei. Cão, tire-a da cama.

Sandor Clegane agarrou-a pela cintura e a ergueu da cama de penas enquanto ela se debatia numa luta frágil. O cobertor caiu ao chão. Por baixo, tinha apenas uma fina camisa de dormir cobrindo-lhe a nudez.

– Faça o que lhe pedem, criança – disse Clegane. – Vista-se – empurrou-a até o roupeiro, quase com gentileza.

Sansa afastou-se deles.

– Eu fiz o que a rainha pediu, escrevi as cartas, escrevi o que ela me disse para escrever. Vossa Graça prometeu que seria misericordioso. Por favor, deixe-me ir para casa. Não cometerei traições, serei boa, juro, não tenho sangue de traidor, *não tenho*. Só quero ir para casa – recordando-se da boa educação, baixou a cabeça. – Se for sua vontade – terminou em voz fraca.

– *Não* é – disse Joffrey. – A mãe diz que eu ainda devo me casar com você, portanto, ficará aqui e obedecerá.

– Eu não *quero* me casar com você – choramingou Sansa. – Cortou a cabeça do meu *pai*!

– Ele era um traidor. Nunca prometi poupá-lo, só ser misericordioso, e isso fui. Se ele não fosse seu pai, teria mandado dilacerá-lo ou flagelá-lo, mas lhe ofereci uma morte limpa.

Sansa fixou os olhos nele, vendo-o pela primeira vez. Vestia um gibão carmesim almofadado com um padrão de leões e uma capa de pano de ouro com um colarinho elevado que lhe enquadrava o rosto. Perguntou a si mesma como pôde alguma vez tê-lo achado bonito. Tinha lábios tão moles e vermelhos como os vermes encontrados depois das chuvas, e os olhos eram vaidosos e cruéis.

– Eu o odeio – sussurrou.

O rosto do Rei Joffrey endureceu.

– Minha mãe me disse que não é próprio que um rei bata na esposa. Sor Meryn.

O cavaleiro estava em cima dela antes sequer de ter tempo de pensar, puxando-lhe a mão para trás quando tentou proteger o rosto e dando-lhe

um murro na orelha com as costas de um punho enluvado. Sansa não se lembrava de ter caído, mas, quando deu por si, estava estatelada nas esteiras. A cabeça ressoava. Sor Meryn Trant pairava sobre ela, com sangue nos nós dos dedos de sua luva de seda branca.

– Irá me obedecer agora, ou terei de mandá-lo castigá-la de novo?

Sansa sentia a orelha dormente. Tocou-a, e as pontas dos dedos vieram úmidas e vermelhas.

– Eu… como… às suas ordens, senhor.

– *Vossa Graça* – corrigiu Joffrey. – Procurarei por você na audiência – virou-se e saiu.

Sor Meryn e Sor Arys seguiram-no, mas Sandor Clegane ficou por tempo suficiente para a colocá-la em pé.

– Poupe-se da dor, menina, e dê ao rei o que ele quer.

– O que… o que ele quer? Diga-me, por favor.

– Quer vê-la sorrindo, perfumada, e sendo a senhora sua amada – rouquejou Cão de Caça. – Quer ouvi-la recitar todas as palavrinhas bonitas da maneira que a septã lhe ensinou. Quer que o ame… e que o tema.

Depois de ele sair, Sansa voltou a estender-se nas esteiras, olhando fixamente para a parede, até que duas criadas de quarto deslizaram timidamente para dentro do aposento.

– Vou precisar de água quente para o meu banho, por favor – disse-lhes –, e de perfume, e algum pó para esconder este roxo – o lado direito do rosto estava inchado e começava a doer, mas sabia que Joffrey queria vê-la bela.

A água quente a fez pensar em Winterfell, e retirou forças da lembrança. Não se lavara desde o dia em que o pai morrera, e ficou sobressaltada ao ver como a água ficara suja. As criadas limparam o sangue do rosto, rasparam a sujeira das costas, lavaram os cabelos e os escovaram até saltarem em espessos cachos ruivos. Sansa não falou nada, exceto para lhes dar ordens; eram criadas Lannister, não suas, e não confiava nelas. Quando chegou a hora de se vestir, escolheu o vestido de seda verde que usara no torneio. Lembrou-se de como Joff fora galante naquela noite no banquete. Talvez o vestido o fizesse se lembrar também e talvez a tratasse com mais gentileza.

Bebeu um copo de soro de leite coalhado e beliscou alguns biscoitos doces enquanto esperava, para acalmar o estômago. Era meio-dia quando Sor Meryn regressou. Trajava a armadura branca; um camisão de escamas esmaltadas com relevos em ouro, um elmo alto com um esplendor dourado como timbre, grevas, gorjal, manoplas e botas de metal reluzente, um pesado manto de lã preso com um leão dourado. O visor fora removido do elmo para exibir seu rosto severo; bolsas sob os olhos, uma boca larga e amarga, cabelos cor de ferrugem pintalgados de cinza.

– Minha senhora – disse, fazendo uma reverência, como se não a tivesse espancado havia menos de três horas. – Sua Graça ordenou-me que a escoltasse até a sala do trono.

– Ordenou também que me batesse se me recusasse a ir?

– Está se recusando a me acompanhar, senhora? – o olhar não tinha expressão alguma. Nem sequer olhou de relance a marca que lhe deixara.

Sansa compreendeu que o homem não a odiava; nem a amava. Não sentia absolutamente nada por ela. Para ele, era apenas uma… uma *coisa*.

– Não – respondeu, pondo-se em pé. Quis exaltar-se, machucá-lo como ele a machucara, preveni-lo de que, quando fosse rainha, o mandaria para o exílio se alguma vez se atrevesse a lhe bater de novo… mas lembrou-se do que Cão de Caça lhe dissera, e tudo que disse foi: – Farei tudo que Sua Graça ordene.

– Assim como eu – ele respondeu.

– Sim… mas o senhor não é um verdadeiro cavaleiro, Sor Meryn.

Sansa sabia que Sandor Clegane teria rido se tivesse ouvido aquilo. Outros homens a teriam amaldiçoado, avisado para que se calasse, até suplicado perdão. Sor Meryn Trant não fez nada disso. Ele simplesmente não se importou.

Além de Sansa, o balcão estava deserto. Ficou em pé, de cabeça baixa, lutando por segurar as lágrimas, enquanto lá embaixo Joffrey se sentava em seu Trono de Ferro e distribuía o que lhe aprazia chamar justiça. Nove casos em dez pareciam aborrecê-lo; esses, permitia que o conselho deles tratasse, contorcendo-se continuamente enquanto Lorde Baelish, o Grande Meistre Pycelle ou a Rainha Cersei resolviam o assunto. Mas quando escolhia decidir, nem mesmo a rainha sua mãe era capaz de influenciá-lo.

Um ladrão foi trazido à sua presença e ele mandou Sor Ilyn cortar-lhe a mão, ali mesmo, na sala de audiências. Dois cavaleiros vieram apresentar-lhe uma disputa sobre terras, e ele decretou que deveriam decidi-la em duelo na manhã seguinte.

– Até a *morte* – acrescentou. Uma mulher caiu de joelhos para pedir a cabeça de um homem executado por traição. Que o amava, disse ela, e que o queria ver decentemente enterrado. – Se amou um traidor, deve ser também traidora – disse Joffrey. Dois homens de manto dourado arrastaram-na para as masmorras.

Lorde Slynt, o da cara de sapo, sentava-se ao fundo da mesa do conselho, usando um gibão de veludo negro e uma reluzente capa de pano de ouro, acenando com aprovação cada vez que o rei pronunciava uma sentença. Sansa fitou duramente aquele rosto feio, lembrando-se de como o homem atirara o pai ao chão para que Sor Ilyn o decapitasse, desejando poder feri-lo, desejando que algum herói *lhe* atirasse ao chão e lhe cortasse a cabeça. Mas uma voz em seu interior sussurrou: *Não há heróis*, e ela se lembrou do que Lorde Petyr lhe dissera, ali naquela mesma sala: "A vida não é uma canção, querida. Poderá aprender isso um dia, para sua decepção". *Na vida, os monstros vencem*, disse a si mesma, e agora era a voz de Cão de Caça que ouvia, um raspar frio, de metal em pedra. "Poupe-se da dor, menina, e dê ao rei o que ele quer."

O último caso foi o de um roliço cantor de taberna, acusado de fazer uma canção que ridicularizava o falecido Rei Robert. Joff ordenou-lhe que fosse buscar sua harpa e o obrigou a cantar a canção perante a corte. O cantor chorou e jurou que nunca mais voltaria a cantá-la, mas o rei insistiu. Era uma canção mais ou menos engraçada, toda ela sobre Robert lutando com um porco. Sansa sabia que o porco era o javali que o matara, mas em alguns versos quase parecia que o que o homem cantava era sobre a rainha. Depois de a canção terminar, Joffrey anunciou que decidira ser misericordioso. O cantor poderia ficar ou com os dedos ou com a língua. Teria um dia para escolher. Janos Slynt acenou.

Sansa viu, aliviada, que aquele foi o último caso da tarde, mas sua provação ainda não tinha terminado. Quando a voz do arauto pôs fim à audiência, ela fugiu do balcão, mas se deparou com Joffrey à sua espera no fundo da escada curva. Cão de Caça encontrava-se com ele, bem como Sor Meryn. O jovem rei a examinou com ar crítico dos pés à cabeça.

– Está com aspecto muito melhor do que de manhã.

– Obrigada, Vossa Graça – disse Sansa. Palavras ocas, mas que o fizeram acenar e sorrir.

– Acompanhe-me – ordenou Joffrey, oferecendo-lhe o braço. Ela não teve alternativa a não ser aceitar. O toque da mão dele a teria arrebatado em outros tempos; agora lhe causava arrepios. – O dia do meu nome chegará em breve – disse Joffrey enquanto se esgueiravam pelos fundos da sala do trono. – Haverá um grande banquete e presentes. Que irá me oferecer?

– Eu… eu não pensei nisso, senhor.

– *Vossa Graça* – disse ele em tom cortante. – É mesmo uma menina estúpida, não é? É o que a minha mãe diz.

– Diz? – depois de tudo que acontecera, aquelas palavras deviam ter perdido o poder de machucá-la, mas de algum modo não era assim. A rainha sempre fora tão boa para ela.

– Ah, sim. Preocupa-se com os nossos filhos, com a hipótese de serem estúpidos como você, mas eu lhe disse que não se preocupasse – o rei fez um gesto, e Sor Meryn abriu uma porta para eles passarem.

– Obrigada, Vossa Graça – murmurou Sansa. *Cão de Caça tinha razão*, pensou. *Sou só um passarinho, repetindo as palavras que me ensinaram*. O sol descera abaixo da muralha ocidental, e as pedras da Fortaleza Vermelha brilhavam, escuras como sangue.

– Eu a engravidarei assim que seja capaz de conceber – disse Joffrey enquanto a levava pelo pátio de treinos. – Se o primeiro for estúpido, cortarei sua cabeça e arranjarei uma esposa mais inteligente. Quando será capaz de ter filhos?

Sansa não conseguia olhar para ele, de tanto que se envergonhava.

– Septã Mordane diz que a maioria… a maioria das moças bem-nascidas tem o desabrochar aos doze ou treze anos.

Joffrey acenou com a cabeça.

– Por aqui – levou-a para dentro da guarita, até a base dos degraus que levavam às ameias.

Sansa sacudiu-o, tremendo. Só agora compreendera para onde se dirigiam.

– *Não* – disse, com a voz transformada num arquejo assustado. – Por favor, não, não me obrigue, suplico-lhe…

Joffrey apertou os lábios.

– Quero lhe mostrar o que acontece aos traidores.

Sansa sacudiu violentamente a cabeça.

– Não vou. Não *vou*.

– Posso dizer a Sor Meryn que a arraste até lá em cima – disse. – Não gostaria disso. É melhor que faça o que eu digo – Joffrey estendeu o braço para ela, e Sansa esquivou-se, recuando até esbarrar em Cão de Caça.

– Obedeça, menina – disse-lhe Sandor Clegane, voltando a empurrá-la para o rei. Sua boca torceu-se no lado queimado do rosto, e Sansa quase foi capaz de ouvir o resto. *Ele conseguirá que suba, aconteça o que acontecer; portanto, dê ao rei o que ele quer*.

Forçou-se a tomar a mão do Rei Joffrey. A subida era algo saído de um pesadelo; cada degrau era uma luta, como se puxasse os pés para dentro da lama que lhe chegava aos tornozelos, e havia mais degraus do que teria acreditado, um milhão de degraus, e o horror que a esperava nas muralhas.

Visto das altas ameias da guarita, o mundo inteiro estendia-se abaixo deles. Sansa via o Grande Septo de Baelor, na colina de Visenya, onde o pai morrera. Na outra extremidade da Rua das Irmãs erguiam-se as ruínas enegrecidas pelo fogo do Poço dos Dragões. A oeste, o sol, vermelho e inchado, estava meio escondido por trás do Portão dos Deuses. Tinha o mar salgado nas costas, e ao sul via-se o mercado dos peixes, as docas e a corrente cheia de remoinhos da Torrente da Água Negra. E ao norte…

Virou-se para esse lado, e viu apenas a cidade, ruas, vielas, colinas e vales, e mais ruas e mais vielas, e a pedra de muralhas distantes. Mas sabia que para lá delas havia campo aberto, fazendas, prados e florestas, e além de tudo isso, ao norte, ao norte e depois ainda mais para o norte, ficava Winterfell.

– Está olhando para onde? – Joffrey perguntou. – O que queria que visse é isto, aqui mesmo.

Um espesso parapeito de pedra protegia o limite exterior da muralha, erguendo-se até o queixo de Sansa, com fendas abertas a cada metro e meio para os arqueiros. As cabeças estavam encravadas entre as fendas, ao longo do topo da muralha, empaladas em hastes de ferro para ficarem

viradas para a cidade. Sansa as vira no momento em que pusera os pés ali, mas o rio, as ruas agitadas e o sol poente eram muito mais bonitos. *Ele pode me obrigar a olhar para as cabeças*, disse consigo mesma, *mas não pode me obrigar a vê-las*.

– Este é seu pai – disse. – Este aqui. Cão, vire-o para que ela consiga vê-lo.

Sandor Clegane pegou na cabeça pelos cabelos e a virou. A cabeça cortada fora mergulhada em alcatrão para se manter preservada durante mais tempo. Sansa olhou-a calmamente, sem vê-la totalmente. Não se assemelhava mesmo a Lorde Eddard, pensou; nem sequer parecia *real*.

– Tenho de olhar durante quanto tempo?

Joffrey pareceu desapontado.

– Quer ver os outros? – havia uma longa fileira.

– Se der prazer a Vossa Graça…

Joffrey marchou com ela ao longo do muro, passando por mais uma dúzia de cabeças e duas hastes vazias.

– Estou reservando aquelas para meus tios Stannis e Renly – explicou. As outras cabeças estavam mortas e encravadas na muralha havia muito mais tempo que a de seu pai. Apesar do alcatrão, a maioria estava irreconhecível. O rei apontou para uma e disse: – Ali está sua septã – mas Sansa nem teria percebido que se tratava de uma mulher. O maxilar apodrecera e caíra, e as aves tinham comido uma orelha e a maior parte de uma bochecha.

Sansa se perguntara o que teria acontecido a Septã Mordane, embora agora lhe parecesse que sempre o soubera.

– Por que foi morta? – perguntou. – Jurara perante os deuses…

– Era uma traidora – Joffrey parecia mal-humorado. De algum modo, Sansa o estava aborrecendo. – Não disse o que pretende me dar pelo dia do meu nome. Em vez disso, talvez deva ser eu a lhe dar algo, gostaria?

– Se lhe agradar, senhor – disse Sansa.

Quando ele sorriu, Sansa compreendeu que caçoava dela.

– Seu irmão também é um traidor, compreende? – voltou a virar a cabeça de Septã Mordane ao contrário. – Lembro-me de seu irmão de Winterfell. Meu cão o chamou de senhor da espada de madeira. Não é verdade, cão?

– Chamei? – respondeu Cão de Caça. – Não me lembro.

Joffrey deu petulantemente de ombros.

– Seu irmão derrotou meu tio Jaime. Minha mãe diz que foi por traição e engano. Chorou quando ouviu a notícia. As mulheres são todas fracas, até ela, embora finja que não é. Diz que temos de ficar em Porto Real para o caso de meus outros tios atacarem, mas eu não me importo. Depois do banquete do dia do meu nome, vou reunir uma tropa e matarei eu mesmo seu irmão. Será isso que lhe darei, Senhora Sansa. A cabeça de seu irmão.

Uma espécie de loucura tomou conta de Sansa naquele instante, e ouviu-se a dizer:

– Talvez meu irmão me dê a *vossa* cabeça.

O rosto de Joffrey tornou-se sombrio.

– Nunca deve zombar de mim dessa maneira. Uma esposa fiel não zomba de seu senhor. Sor Meryn, ensine-lhe.

Daquela vez, o cavaleiro a agarrou pelo queixo e manteve sua cabeça imóvel enquanto lhe batia. Bateu-lhe duas vezes, da esquerda para a direita e, com mais força, da direita para a esquerda. O lábio de Sansa abriu-se e correu-lhe sangue pelo queixo, misturando-se com o sal de suas lágrimas.

– Não devia passar o tempo todo chorando – disse-lhe Joffrey. – É mais bela quando sorri.

Sansa obrigou-se a sorrir, com medo de que ele pudesse dizer a Sor Meryn para que batesse de novo se não o fizesse, mas não bastou, o rei ainda balançou a cabeça.

– Limpe o sangue, está toda descomposta.

O parapeito exterior chegava-lhe ao peito, mas ao longo da borda interna do caminho não havia nada, nada, a não ser um longo mergulho até o chão, vinte ou vinte e cinco metros mais abaixo. Bastaria um empurrão, disse a si mesma. Ele estava ali mesmo, bem *ali*, sorrindo-lhe afetadamente com aqueles lábios que eram como vermes gordos. *Podia fazê-lo. Podia. Faça-o agora mesmo*. Nem importaria se caísse com ele. Não importaria nem um pouquinho.

– Venha cá, menina – Sandor Clegane ajoelhou à sua frente, *entre* ela e Joffrey. Com uma delicadeza surpreendente para um homem tão grande, limpou o sangue que lhe escorria do lábio aberto.

O momento passara. Sansa baixou os olhos.

– Obrigada – disse quando ele acabou. Era uma boa menina, e lembrava-se sempre da boa educação.

# Daenerys

Asas encobriram seus sonhos febris.

*– Você não quer acordar o dragão, não é?*

Caminhava por um longo corredor sob grandes arcos de pedra. Não devia olhar para trás, não *podia* olhar para trás. À frente havia uma porta, minúscula àquela distância, mas mesmo de longe viu que estava pintada de vermelho. Caminhou mais depressa, e seus pés nus deixaram pegadas ensanguentadas na pedra.

*– Você não quer acordar o dragão, quer?*

Viu a luz do sol no mar dothraki, na planície viva, rica com os odores da terra e da morte. O vento agitava o capim, que ondulava como água. Drogo a envolvia em braços fortes, e a mão dele afagou-lhe o sexo e o abriu, e acordou aquela doce umidade que era só dele, e as estrelas lhes sorriram, estrelas num céu diurno. "Casa", ela sussurrou quando ele a penetrou e a encheu com o seu sêmen, mas de repente as estrelas desapareceram, e as grandes asas varreram o céu azul e o mundo pegou fogo.

*– ... não quer acordar o dragão, quer?*

O rosto de Sor Jorah estava contraído e desgostoso. "Rhaegar foi o último dragão", disse-lhe. Aquecia suas mãos translúcidas num braseiro brilhante onde ovos de pedra cintilavam, vermelhos como carvões. Num momento estava ali, e no seguinte desvanecia-se, sem cor na pele, menos sólido que o vento. "O último dragão", sussurrou, em um frágil fio de voz, e desapareceu. Dany sentiu a escuridão atrás de si, e a porta vermelha parecia mais longínqua que nunca.

*– ... não quer acordar o dragão, quer?*

Viserys estava à sua frente, gritando. "O dragão não pede, puta. Você não dá ordens ao dragão. Eu sou o dragão e serei coroado." O ouro derretido escorria-lhe pelo rosto como cera, abrindo profundos canais em sua carne. "Eu sou o dragão e serei coroado!", guinchou, e seus dedos

saltaram como serpentes, apertando-lhe os mamilos, beliscando, torcendo, mesmo depois de os olhos estourarem e escorrerem como gelatina por bochechas secas e enegrecidas.

– *... não quer acordar o dragão...*

A porta vermelha estava tão longe à sua frente, e Dany sentia a respiração gelada atrás de si, aproximando-se pesadamente. Se a apanhasse, teria uma morte que seria mais que morte, uivando para sempre sozinha na escuridão. Pôs-se a correr.

– *... não quer acordar o dragão...*

Conseguia sentir o calor dentro de si, um terrível ardor no ventre. O filho era alto e orgulhoso, com a pele acobreada de Drogo e os cabelos loiro-prateados dela, com olhos violeta em forma de amêndoas. E sorriu-lhe, e começou a erguer a mão na direção da dela, mas quando abriu a boca, o fogo jorrou. Viu o coração arder-lhe no peito, e num instante ele desaparecera, consumido como uma traça por uma vela, transformado em cinzas. Chorou pelo filho, pela promessa de uma boca querida em seu seio, mas as lágrimas transformaram-se em vapor quando lhe tocaram a pele.

– *... quer acordar o dragão...*

Fantasmas alinhavam-se ao longo do corredor, vestidos com as vestes desbotadas de reis. Nas mãos traziam espadas de fogo pálido. Tinham cabelos de prata, cabelos de ouro e cabelos brancos de platina, e seus olhos eram de opala e ametista, de turmalina e jade. "Mais depressa", gritaram, "mais depressa, mais depressa." Ela correu, com os pés derretendo a pedra onde a tocavam. "*Mais depressa!* ", gritavam os fantasmas como se fossem um só, e ela gritou e atirou-se em frente. Uma grande faca de dor rasgou-lhe as costas, e sentiu a pele abrir-se, cheirou o fedor de sangue ardendo e viu a sombra de asas. E Daenerys Targaryen levantou voo.

– *... acordar o dragão...*

A porta erguia-se na sua frente, a porta vermelha, tão próxima, tão próxima, o corredor era um borrão à sua volta, o frio ficava para trás. E agora já não havia pedra, e ela voava pelo mar dothraki, cada vez mais alto, com o verde ondulando por baixo, e tudo que vivia e respirava fugia aterrorizado da sombra de suas asas. Conseguia sentir o cheiro de casa, conseguia vê-la, ali, por trás daquela porta, campos verdejantes e grandes

casas de pedra e braços que a mantivessem quente, *ali*. Escancarou a porta.

– *... o dragão...*

E viu o irmão Rhaegar, montado num garanhão tão negro como a sua armadura. Fogo cintilava, vermelho, através da fenda estreita da viseira de seu elmo. "O último dragão", sussurrou, tênue, a voz de Sor Jorah. "O último, o último." Dany ergueu o polido visor negro do irmão. O rosto que estava lá dentro era o dela.

Depois daquilo, durante muito tempo, só houve dor, o fogo em seu interior e os sussurros das estrelas.

Acordou sentindo o sabor das cinzas.

– Não – gemeu –, por favor, não.

– *Khaleesi?* – Jhiqui pairou sobre ela, como uma corça assustada.

A tenda estava mergulhada em sombras, silenciosa e fechada. Flocos de cinzas saltavam de um braseiro, e Dany seguiu-os com os olhos enquanto atravessavam o buraco da fumaça, no topo da tenda. *Voar*, pensou. *Tinha asas, estava voando*. Mas fora apenas um sonho.

– Ajude-me – sussurrou, lutando por se erguer. – Traga-me… – tinha a voz em sangue como uma ferida, e não conseguia pensar no que queria. Por que doía tanto? Era como se seu corpo tivesse sido rasgado em fatias e reconstruído. – Quero…

– Sim, *khaleesi* – e nesse mesmo instante Jhiqui partira, saltando da tenda, aos gritos.

Dany precisava… de alguma coisa… de alguém… de quê? Sabia que era importante. Era a única coisa do mundo que importava. Rolou de lado, apoiando-se sobre um cotovelo, lutando contra a manta que se emaranhava nas pernas. Mexer-se era tão difícil. O mundo nadou, entontecido. *Tenho de*…

Encontraram-na caída sobre o tapete, rastejando na direção de seus ovos de dragão. Sor Jorah Mormont ergueu-a nos braços e a levou de volta às sedas de dormir, enquanto ela lutava debilmente contra ele. Por cima do ombro do cavaleiro, viu as três aias, Jhogo, com sua pequena sombra de bigode, e o rosto largo e achatado de Mirri Maz Duur.

– Tenho – tentou dizer-lhes –, preciso…

– … dormir, princesa – disse Sor Jorah.

– Não – disse Dany. – Por favor. Por favor.

– Sim – cobriu-a com seda, apesar de ela estar ardendo. – Durma e ficará de novo forte, *khaleesi*. Volte para nós – e então Mirri Maz Duur estava ali, a *maegi*, inclinando uma taça contra seus lábios. Sentiu o sabor de leite azedo e mais alguma outra coisa, algo espesso e amargo. Líquido quente escorreu-lhe pelo queixo. Sem saber bem como, engoliu. A tenda ficou mais sombria, e o sono tomou-a de novo. Dessa vez não sonhou. Flutuou, serena e em paz, num mar negro que não conhecia litorais.

Depois de algum tempo, uma noite, um dia, um ano, não saberia dizer, voltou a acordar. A tenda estava escura, com as paredes de seda batendo como asas quando as rajadas de vento sopravam lá fora. Dessa vez Dany não tentou se levantar.

– Irri – chamou –, Jhiqui, Doreah – chegaram imediatamente. – Tenho a garganta seca, tão seca – e trouxeram-lhe água. Estava morna e sem sabor, mas Dany bebeu sofregamente e mandou Jhiqui buscar mais. Irri umedeceu um pano macio e afagou-lhe a testa. – Estive doente – disse Dany. A jovem dothraki confirmou com um gesto. – Quanto tempo? – o pano era calmante, mas Irri parecia tão triste que a assustou.

– *Muito* – sussurrou a jovem. Quando Jhiqui regressou com mais água, Mirri Maz Duur veio com ela, com olhos pesados de sono.

– Beba – disse a *maegi*, voltando a levantar a cabeça de Dany até a taça, mas dessa vez era só vinho. Doce, doce vinho. Dany bebeu e voltou a deitar-se, ouvindo o suave som da própria respiração. Sentiu o peso nos membros quando o sono deslizou para voltar a tomá-la.

– Traga-me… – murmurou, com a voz embaraçada e sonolenta. – Traga… quero segurar…

– Sim? – perguntou a *maegi*. – Que deseja, *khaleesi*?

– Traga-me… ovo… ovo de dragão… por favor… – as pestanas transformaram-se em chumbo, e ficou cansada demais para segurá-las.

Quando acordou pela terceira vez, um dardo de luz dourada do sol jorrava pelo buraco de fumaça da tenda, e tinha os braços enrolados em volta de um ovo de dragão. Era o mais claro, com escamas da cor de creme de manteiga, com veios em volutas de ouro e bronze, e Dany conseguia sentir seu calor. Sob as sedas de dormir, uma fina película de transpiração cobria-lhe a pele nua. Orvalho de dragão, pensou. Passou levemente os dedos sobre a superfície da casca, seguindo as volutas de

ouro, e na profundidade da rocha sentiu que algo se torcia e esticava em resposta. Não se assustou. Todo o seu medo tinha desaparecido, ardera.

Dany tocou a testa. Sob a película de suor a pele estava fria ao toque, a febre desaparecera. Esforçou-se para sentar. Houve um momento de tontura, e uma dor profunda entre as coxas. Mas sentia-se forte. As aias se precipitaram ao som de sua voz.

– Água – disse-lhes –, um jarro de água, a mais fria que consigam encontrar. E fruta, acho eu. Tâmaras.

– Às suas ordens, *khaleesi*.

– Quero ver Sor Jorah – disse, pondo-se em pé. Jhiqui trouxe-lhe um roupão de sedareia e envolveu-lhe os ombros com ele. – E também quero um banho quente, e Mirri Maz Duur, e… – as recordações chegaram-lhe todas ao mesmo tempo, e ela vacilou. – Khal Drogo – forçou-se a dizer, observando o rosto delas com terror. – Ele…?

– O *khal* vive – respondeu Irri em voz baixa… Mas Dany viu-lhe uma escuridão nos olhos quando disse as palavras, e assim que acabou de falar, a jovem fugiu para ir buscar água.

Dany virou-se para Doreah.

– Conte-me.

– Eu… eu vou buscar Sor Jorah – disse a jovem lysena, inclinando a cabeça e fugindo da tenda.

Jhiqui teria fugido também, mas Dany a segurou pelo pulso e a manteve presa.

– O que está acontecendo? Tenho de saber. Drogo… e meu filho – por que não teria se lembrado da criança até agora? – O meu filho… Rhaego… onde está ele? Quero vê-lo.

A aia baixou os olhos.

– O menino… não sobreviveu, *khaleesi* – a voz dela era um murmúrio assustado.

Dany soltou-lhe o pulso. *Meu filho está morto*, pensou, enquanto Jhiqui saía da tenda. De algum modo já o sabia. Soubera desde que acordara pela primeira vez com as lágrimas de Jhiqui. Não, soubera-o antes de acordar. O sonho regressou-lhe, súbito e vívido, e lembrou-se do homem alto com a pele acobreada e a longa cabeleira de prata dourada, rebentando em chamas.

Sabia que devia chorar, mas tinha os olhos secos como cinza. Chorara no sonho, e as lágrimas tinham se transformado em vapor no rosto. *Todo o pesar foi queimado em mim*, disse a si mesma. Sentia-se triste, e no entanto… conseguia perceber Rhaego afastando-se dela, como se nunca tivesse existido.

Sor Jorah e Mirri Maz Duur entraram alguns momentos mais tarde, e deram com Dany em pé junto aos outros ovos de dragão, os que ainda estavam dentro do cofre. Pareciam-lhe tão quentes como aquele com o qual dormira, o que era muito estranho.

– Sor Jorah, venha cá – disse. Tomou-lhe a mão e pousou-a no ovo negro com as volutas escarlates. – O que sente?

– Casca, dura como pedra – o cavaleiro estava cauteloso. – Escamas.

– Calor?

– Não. Pedra fria – afastou a mão. – Princesa, está bem? Devia estar de pé, assim tão fraca?

– Fraca? Sinto-me forte, Jorah – para agradá-lo, reclinou-se numa pilha de almofadas. – Conte-me como meu filho morreu.

– Não chegou a viver, minha princesa. As mulheres dizem… – vacilou, e Dany reparou como a carne pendia solta em seu corpo, e como coxeava quando se movia.

– Conte-me. Conte-me o que as mulheres dizem.

Ele virou o rosto. Tinha os olhos assombrados.

– Elas dizem que a criança era…

Dany esperou, mas Sor Jorah não foi capaz de dizer. Seu rosto escureceu de vergonha. Ele próprio parecia quase um cadáver.

– Monstruosa – terminou Mirri Maz Duur por ele. O cavaleiro era um homem poderoso, mas Dany compreendeu naquele momento que a *maegi* era mais forte, e mais cruel, e infinitamente mais perigosa. – Deformada. Fui eu quem a puxou. Tinha escamas como um lagarto, era cega, trazia um vestígio de cauda e pequenas asas de couro como as de um morcego. Quando o toquei, a carne desprendeu-se do osso, e por dentro estava cheia de vermes e fedia a decomposição. Estava morta havia anos.

*Escuridão*, pensou Dany. A terrível escuridão que vinha por trás para devorá-la. Se olhasse para trás, estaria perdida.

– Meu filho estava vivo e forte quando Sor Jorah me trouxe para esta tenda – disse. – Sentia-o dar pontapés e lutar para nascer.

– Pode ser que sim, pode ser que não – respondeu Mirri Maz Duur –, mas a criatura que saiu de seu ventre era como eu disse. Havia morte naquela tenda, *khaleesi*.

– Só sombras – desvendou Sor Jorah, mas Dany conseguia sentir a dúvida em sua voz. – Eu vi, *maegi*. Vi-a, sozinha, dançando com as sombras.

– A sepultura produz longas sombras, Senhor de Ferro – disse Mirri. – Longas e escuras, e no fim nenhuma luz consegue resistir a elas.

Dany sabia que Sor Jorah matara seu filho. Fizera aquilo por amor e lealdade, mas a transportara para um lugar onde nenhum homem vivo devia ir e entregara seu filho às trevas. Ele também o sabia; o rosto cinzento, os olhos vazios, o coxear.

– As sombras também o tocaram, Sor Jorah – disse-lhe Dany. O cavaleiro não deu resposta. Ela se virou para a esposa de deus. – Preveniu-me de que só a morte podia pagar pela vida. Pensei que se referisse ao cavalo.

– Não – disse Mirri Maz Duur. – Era nisso que queria acreditar. Conhecia o preço.

Conhecia? Conhecia? *Se olhar para trás, estou perdida*.

– O preço foi pago – disse Dany. – O cavalo, meu filho, Quaro e Qotho, Haggo e Cohollo. O preço foi pago, pago e pago – ergueu-se das almofadas. – Onde está Khal Drogo? Mostre-me, esposa de deus, *maegi*, maga de sangue, o que quer que seja. Mostre-me Khal Drogo. Mostre-me o que comprei com a vida de meu filho.

– Às suas ordens, *khaleesi* – disse a velha. – Venha, a levarei até ele.

Dany estava mais fraca do que julgara. Sor Jorah pôs o braço ao seu redor e a ajudou a ficar em pé.

– Há tempo suficiente para isto mais tarde, princesa – disse ele em voz baixa.

– Quero vê-lo agora, Sor Jorah.

Depois da escuridão da tenda, o mundo lá fora era tão brilhante que cegava. O sol queimava como ouro derretido, e a terra estava seca e vazia. As aias esperavam com frutas, vinho e água, e Jhogo aproximou-se para ajudar Sor Jorah a suportar-lhe o peso. Aggo e Rakharo seguiam atrás. O clarão do sol na areia fez com que lhe fosse difícil enxergar mais, até Dany erguer a mão para fazer sombra aos olhos. Viu as cinzas

de uma fogueira, alguns cavalos que andavam às voltas, apaticamente, em busca de um pouco de capim, tendas e esteiras espalhadas. Uma pequena multidão de crianças reunira-se para vê-la, e atrás delas vislumbrou mulheres que tratavam de seus deveres e velhos mirrados que olhavam o céu azul uniforme com olhos cansados, enxotando fracamente moscas de sangue. Uma contagem mostraria cerca de cem pessoas, não mais. Onde as outras quarenta mil tinham montado acampamento, só o vento e a poeira restavam agora.

– O *khalasar* de Drogo desapareceu – disse ela.

– Um *khal* que não pode montar não é um *khal* – disse Jhogo.

– Os dothrakis seguem apenas os fortes – disse Sor Jorah. – Lamento, minha princesa. Não havia maneira de detê-los. Ko Pono foi o primeiro a partir, chamando a si mesmo Khal Pono, e muitos o seguiram. Jhaqo não esperou muito tempo para fazer o mesmo. O resto foi se esgueirando noite após noite, em bandos grandes e pequenos. Há uma dúzia de novos *khalasares* no mar dothraki, no lugar que em tempos passados foi apenas de Drogo.

– Os velhos ficaram – disse Aggo. – Os assustados, os fracos e os doentes. E nós, que juramos. Nós ficamos.

– Levaram as manadas de Khal Drogo, *khaleesi* – disse Rakharo. – Não éramos suficientes para impedir. É direito dos fortes roubar dos fracos. Levaram também muitos escravos, do *khal* e seus, mas deixaram alguns.

– Eroeh? – perguntou Dany, lembrando-se da criança assustada que salvara fora da cidade dos Homens-Ovelhas.

– Mago, que é agora companheiro de sangue de Khal Jhaqo, capturou-a para si – disse Jhogo. – Montou-a por cima e por baixo e a deu ao seu *khal*, e Jhaqo a deu aos seus outros companheiros de sangue. Eram seis. Quando ficaram satisfeitos, cortaram-lhe a garganta.

– Era o destino dela, *khaleesi* – disse Aggo.

*Se olhar para trás, estou perdida.*

– Foi um destino cruel – disse Dany –, mas não tão cruel como será o de Mago. Prometo, pelos velhos deuses e pelos novos, pelo deus-ovelha e pelo deus-cavalo e por todos os deuses que vivem. Juro pela Mãe das Montanhas e o Ventre do Mundo. Antes de acabar com eles, Mago e Ko Jhaqo suplicarão pela clemência que mostraram a Eroeh.

Os dothrakis trocaram olhares inseguros.

– *Khaleesi* – explicou a aia Irri, como se estivesse falando com uma criança. – Jhaqo é agora um *khal*, à frente de vinte mil cavaleiros.

Dany ergueu a cabeça.

– E eu sou Daenerys, nascida na Tempestade, Daenerys da Casa Targaryen, do sangue de Aegon, o Conquistador, e Maegor, o Cruel, e da velha Valíria antes deles. Sou a filha do dragão, e, juro-lhes, esses homens morrerão aos gritos. Agora leve-me a Khal Drogo.

Jazia sobre a terra vermelha e nua, de olhos fixos no sol.

Uma dúzia de moscas de sangue pousara em seu corpo, embora ele não parecesse senti-las. Dany enxotou-as e ajoelhou-se a seu lado. Os olhos dele estavam muito abertos, mas não viam, e ela compreendeu de imediato que Drogo estava cego. Quando sussurrou seu nome, não pareceu ouvir. A ferida no peito estava curada como jamais poderia estar, com a cicatriz que a cobria cinzenta e vermelha e hedionda.

– Por que ele está aqui sozinho ao sol? – perguntou-lhes.

– Parece gostar do calor, princesa – disse Sor Jorah. – Seus olhos seguem o sol, embora não o veja. Consegue fazer algo semelhante ao andar. Vai para onde o levam, mas não mais longe. Come se lhe puserem comida na boca e bebe se lhe despejarem água nos lábios.

Dany beijou o seu sol-e-estrelas suavemente na testa, e ergueu-se para encarar Mirri Maz Duur.

– Seus feitiços são caros, *maegi*.

– Ele vive – disse Mirri Maz Duur. – Você pediu vida, e pagou por vida.

– Isto não é vida para quem era como Drogo. Sua vida eram gargalhadas e carne assando numa fogueira, e um cavalo entre as pernas. Sua vida eram um *arakh* na mão e as campainhas tinindo nos cabelos enquanto cavalgava ao encontro de um inimigo. Sua vida eram os seus companheiros de sangue, e eu, e o filho que lhe devia ter dado.

Mirri Maz Duur não deu resposta.

– Quando voltará a ser como era? – quis saber Dany.

– Quando o sol nascer no ocidente e se puser no oriente – disse Mirri Maz Duur. – Quando os mares secarem e as montanhas forem sopradas pelo vento como folhas. Quando seu ventre voltar a ganhar vida para dar à luz um filho vivo. Então, e não antes, ele regressará.

Dany fez um gesto para Sor Jorah e os outros.

– Deixem-nos. Quero falar a sós com esta *maegi* – Mormont e os dothrakis retiraram-se. – Você *sabia* – disse Dany depois de eles irem embora. Sentia dor, por dentro e por fora, mas a fúria dava-lhe forças. – Você sabia o que eu estava comprando e conhecia o preço, e mesmo assim me deixou pagá-lo.

– Foi errado da parte deles terem queimado meu templo – disse placidamente a pesada mulher de nariz achatado. – Isso enfureceu o Grande Pastor.

– Isto não foi trabalho de nenhum deus – Dany disse friamente.

*Se olhar para trás, estou perdida*.

– Enganou-me. Assassinou meu filho dentro de mim.

– O garanhão que monta o mundo já não queimará cidades. Seu *khalasar* não transformará nações em poeira.

– Eu intervim por você – disse Dany, angustiada. – Salvei-a.

– Salvou-me? – cuspiu a lhazarena. – Três guerreiros já tinham me possuído, não como um homem possui uma mulher, mas por trás, como um cão possui uma cadela. O quarto estava dentro de mim quando você passou por ali. Como foi que me salvou? Vi a casa do meu deus arder, o lugar onde curei homens bons sem conta. Também me queimaram a casa, e na rua vi pilhas de cabeças. Vi a cabeça de um padeiro que me fazia o pão. Vi a cabeça de um rapaz que salvei da febre do olho morto havia só três luas. Ouvi crianças chorando quando os guerreiros as arrancaram de casa à chicotada. Diga-me lá outra vez o que salvou.

– A sua vida.

Mirri Maz Duur soltou uma gargalhada cruel.

– Olhe para o seu *khal* e veja de que serve a vida quando todo o resto desapareceu.

Dany chamou os homens do seu *khas* e lhes pediu para prenderem Mirri Maz Duur e atarem seus pés e mãos, mas a *maegi* sorriu-lhe quando a levaram, como se partilhassem um segredo. Uma palavra, e Dany podia ter feito com que a decapitassem… mas o que teria então? Uma cabeça? Se a vida não tinha valor, que valor tinha a morte?

Levaram Khal Drogo até sua tenda, e Dany ordenou-lhes que enchessem uma banheira, e dessa vez não houve sangue na água. Foi ela mesma quem lhe deu o banho, lavando a terra e o pó dos braços e do peito, limpando o rosto com um pano macio, ensopando os longos

cabelos negros e escovando os nós e embaraços até ficarem de novo brilhantes como os recordava. Quando acabou, o sol já tinha se posto havia muito, e Dany estava exausta. Parou para beber e comer, mas só conseguiu mordiscar um figo e engolir um gole de água. O sono teria sido uma libertação, mas já dormira o suficiente… na verdade, até demais. Devia aquela noite a Drogo, por todas as noites que tinham existido e ainda poderiam existir.

A memória da primeira cavalgada juntos a acompanhou quando o levou para a escuridão do exterior, pois os dothrakis acreditavam que todas as coisas de importância na vida de um homem tinham de ser realizadas a céu aberto. Disse a si mesma que havia poderes mais fortes que o ódio, e feitiços mais velhos e verdadeiros que qualquer um que a *maegi* tivesse aprendido em Asshai. A noite estava negra e sem lua, mas por cima de sua cabeça mil estrelas ardiam, brilhantes. Tomou aquilo como um presságio.

Nenhum suave cobertor verde lhes deu as boas-vindas, só o chão duro e poeirento, nu e semeado de pedras. Não havia árvores agitando-se ao vento, e não havia um córrego que lhe acalmasse os medos com a música suave das águas. Dany disse a si mesma que as estrelas bastariam.

– Lembre-se, Drogo – murmurou. – Lembre-se de nossa primeira cavalgada juntos, no dia em que casamos. Lembre-se da noite em que fizemos Rhaego, com o *khalasar* à nossa volta e os seus olhos no meu rosto. Lembre-se de como a água estava fria e limpa no Ventre do Mundo. Lembre-se, meu sol-e-estrelas. Lembre-se e volte para mim.

O parto a tinha deixado demasiado dolorida e rasgada para introduzi-lo dentro de si como teria desejado, mas Doreah ensinara-lhe outras maneiras. Dany usou as mãos, a boca, os seios. Arranhou-o com as unhas, cobriu-o de beijos e segredou-lhe, rezou e contou-lhe histórias, e quando terminou, o tinha banhado com as suas lágrimas. Mas Drogo nem sentiu, nem falou, nem se ergueu.

E quando a alvorada sem vida surgiu num horizonte vazio, Dany compreendeu que ele estava realmente perdido.

– Quando o sol nascer a oeste e se puser a leste – disse tristemente. – Quando os mares secarem e as montanhas forem sopradas pelo vento como folhas. Quando meu ventre voltar a ganhar vida e der à luz um filho vivo. Então regressará, meu sol-e-estrelas, e não antes.

*Nunca*, gritou a escuridão, *nunca, nunca, nunca*.

Dentro da tenda Dany encontrou uma almofada de penas estofada de seda suave. Apertou-a contra os seios enquanto voltava para junto de Drogo, para junto do seu sol-e-estrelas. *Se olhar para trás, estou perdida*. Até andar lhe doía, e queria dormir, dormir e não sonhar.

Ajoelhou, beijou Drogo nos lábios e apertou a almofada contra o rosto.

# Tyrion

—Eles têm o meu filho – disse Tywin Lannister.

– Têm, senhor – a voz do mensageiro estava abafada de exaustão. No peito de seu manto rasgado o javali malhado de Crakehall encontrava-se meio obscurecido por sangue seco.

*Um* dos seus filhos, pensou Tyrion. Bebeu um gole de vinho e não disse uma palavra, pensando em Jaime. Quando ergueu o braço, uma dor atacou-lhe o cotovelo, lembrando-o da sua própria breve experiência de batalha. Amava o irmão, mas não gostaria de estar com ele no Bosque dos Murmúrios nem por todo o ouro de Rochedo Casterly.

Os capitães e vassalos do senhor seu pai tinham se tornado muito silenciosos à medida que o emissário ia contando sua história. O único som que se ouvia eram os estalidos e silvos do tronco que ardia na lareira ao fundo da longa e arejada sala comum.

Depois das dificuldades do longo e implacável avanço para o sul, a ideia de passar nem que fosse uma só noite numa estalagem tinha animado imensamente Tyrion… embora tivesse preferido que não fosse outra vez *aquela* estalagem, com todas as recordações que trazia. O pai estabelecera um ritmo desgastante, que cobrara seu preço. Homens feridos na batalha o acompanhavam o melhor que podiam, ou eram abandonados à própria sorte. Todas as manhãs deixavam mais alguns à beira da estrada, homens que adormeciam para nunca mais acordar. Todas as tardes eram mais alguns os que caíam no caminho. E todas as noites mais alguns desertavam, esgueirando-se na direção das sombras. Tyrion sentira-se quase tentado a ir com eles.

Estava no primeiro andar, desfrutando o conforto de uma cama de penas e do calor do corpo de Shae a seu lado, quando o escudeiro o acordara para dizer que chegara um mensageiro com terríveis notícias de Correrrio. Queria dizer que tudo fora em vão. A corrida para o sul, as marchas forçadas que pareciam não ter fim, os cadáveres abandonados

junto à estrada… tudo para nada. Robb Stark chegara a Correrrio havia vários dias.

– Como isso pôde acontecer? – gemeu Sor Harys Swyft – *Como*? Mesmo depois do Bosque dos Murmúrios, Correrrio estava cercado por um anel de ferro, rodeado por uma grande tropa… Que loucura fez Sor Jaime decidir dividir seus homens em três acampamentos separados? Certamente sabia como isso os deixaria vulneráveis.

*Melhor que você, seu covarde sem queixo*, pensou Tyrion. Jaime podia ter perdido Correrrio, mas enfurecia-o ouvir o irmão ser caluniado por gente como aquele Swyft, um lambe-botas sem vergonha, cuja maior realização fora casar a filha, igualmente desprovida de queixo, com Sor Kevan, ligando-se assim aos Lannister.

– Eu teria feito o mesmo – respondeu o tio, de forma bem mais calma do que Tyrion teria respondido. – O senhor nunca viu Correrrio, Sor Harys, caso contrário saberia que Jaime pouca escolha teve. O castelo ergue-se na extremidade da ponta de terra onde o Pedregoso deságua no Ramo Vermelho do Tridente. Os rios formam dois lados de um triângulo, e quando o perigo espreita, os Tully abrem as comportas a montante para criar um fosso largo no terceiro lado, transformando Correrrio numa ilha. As muralhas erguem-se a pique da água, e de suas torres os defensores controlam as margens opostas ao longo de muitas milhas. Para cortar todos os caminhos, um sitiante tem de erguer um acampamento a norte do Pedregoso, outro a sul do Ramo Vermelho, e um terceiro entre os rios, a oeste do fosso. Não há outra maneira, nenhuma.

– Sor Kevan fala a verdade, senhores – disse o emissário. – Construímos paliçadas de hastes aguçadas em volta dos acampamentos, mas não foi o suficiente, em especial sem aviso e com os rios a nos separar uns dos outros. Caíram primeiro sobre o acampamento norte. Ninguém esperava um ataque. Marq Piper andara atacando nossos comboios de abastecimentos, mas não tinha mais de cinquenta homens. Sor Jaime saíra para lidar com eles na noite anterior… bem, com o que *pensávamos* que fossem eles. Fora-nos dito que a tropa Stark se encontrava a leste do Ramo Verde, marchando para o sul…

– E seus batedores? – o rosto de Sor Gregor Clegane poderia ter sido talhado em pedra. O fogo na lareira dava-lhe à pele um sombrio tom

alaranjado e profundas sombras sobre os olhos. – Não viram nada? Não lhes avisaram de nada?

O mensageiro manchado de sangue balançou a cabeça.

– Nossos batedores estavam desaparecendo. Pensávamos que fosse obra de Marq Piper. Aqueles que voltavam nada tinham visto.

– Um homem que nada vê não tem necessidade de olhos – declarou Montanha. – Arranque-os e os dê ao batedor seguinte. Diga-lhe que espera que quatro olhos possam ver melhor que dois… caso contrário, o homem que vier depois terá seis.

Lorde Tywin Lannister virou a cabeça para estudar Sor Gregor. Tyrion viu uma cintilação de ouro quando a luz brilhou nas pupilas do pai, mas não saberia dizer se o olhar era de aprovação ou repugnância. Era frequente que Lorde Tywin se mantivesse em silêncio em conselho, preferindo escutar antes de falar, um hábito que o próprio Tyrion tentava imitar. Mas aquele silêncio não era comum, até para ele, e não tinha tocado no vinho.

– Disse que chegaram de noite? – interveio Sor Kevan.

O homem, cansado, confirmou com a cabeça.

– O Peixe Negro comandou a vanguarda, abatendo as nossas sentinelas e afastando as paliçadas para o assalto principal. Quando nossos homens perceberam o que estava acontecendo, já jorravam cavaleiros das margens, e galopavam pelo acampamento de espadas e archotes na mão. Eu estava dormindo no acampamento ocidental, entre os rios. Quando ouvimos a luta e vimos as tendas que eram incendiadas, Lorde Brax nos levou para as jangadas e tentamos atravessar, mas a corrente nos puxou para jusante e os Tully começaram a atirar pedras com as catapultas que tinham nas muralhas. Vi uma jangada ser esmagada até restarem apenas gravetos, e mais três que foram viradas, e os homens atirados ao rio e afogados… e aqueles que conseguiram atravessar encontraram os Stark à sua espera nas margens do rio.

Sor Flement Brax usava uma capa prateada e roxa e tinha a expressão de um homem que não conseguia compreender o que acabara de ouvir.

– O senhor meu pai…

– Lamento, senhor – disse o mensageiro. – Lorde Brax envergava armadura e cota de malha quando sua jangada virou. Era muito nobre.

*Era um tolo*, pensou Tyrion, movendo a taça em círculos e fitando as profundezas do vinho. Atravessar um rio à noite numa jangada tosca, usando armadura, com um inimigo à espera do outro lado… se isso era nobreza, escolheria sempre a covardia. Perguntou a si mesmo se Lorde Brax teria se sentido particularmente nobre quando o peso de seu aço o puxou para baixo nas águas negras.

– O acampamento entre os rios também foi derrotado – dizia o mensageiro. – Enquanto tentávamos fazer a travessia, mais homens dos Stark vieram do oeste, duas colunas de cavalaria armada. Vi o gigante acorrentado de Lorde Umber e a águia dos Mallister, mas era o rapaz quem os comandava, com um lobo monstruoso correndo ao seu lado. Não estava lá para ver, mas diz-se que o animal matou quatro homens e dilacerou uma dúzia de cavalos. Nossos lanceiros formaram uma linha de defesa e aguentaram a primeira investida deles, mas quando os Tully os viram em combate, abriram os portões de Correrrio e Tytos Blackwood comandou um ataque pela ponte levadiça e os apanhou pela retaguarda.

– Que os deuses nos protejam – exclamou Lorde Lefford.

– Grande-Jon Umber incendiou as torres de cerco que estávamos construindo. Lorde Blackwood encontrou Edmure Tully acorrentado entre os outros cativos, e fugiu com todos eles. Nosso acampamento ao sul estava sob o comando de Sor Forley Prester. Retirou em boa ordem quando viu que os outros acampamentos estavam perdidos, com dois mil lanceiros e outros tantos arqueiros, mas o mercenário tyroshi que comandava seus cavaleiros livres abaixou seus estandartes e passou para o lado do inimigo.

– Maldito seja o homem – o tio Kevan soava mais zangado que surpreso. – Preveni Jaime para não confiar nele. Um homem que luta por dinheiro é leal apenas à sua bolsa.

Lorde Tywin entrecruzou os dedos sob o queixo. Só os olhos se moviam enquanto escutava. As suíças eriçadas e douradas emolduravam um rosto tão imóvel que poderia ter sido uma máscara, mas Tyrion via minúsculas gotículas de suor que salpicavam a cabeça raspada do pai.

– Como isso pôde *acontecer*? – gemeu de novo Sor Harys Swyft. – Sor Jaime aprisionado, o cerco quebrado… isso é uma *catástrofe*!

Sor Addam Marbrand disse:

– Estou certo de que todos nos sentimos gratos por sua reafirmação do óbvio, Sor Harys. A questão é: o que vamos fazer agora?

– Que *podemos* fazer? A tropa de Jaime está toda massacrada, capturada ou posta em fuga, e os Stark e os Tully instalaram-se bem no meio da nossa linha de abastecimento. Estamos separados do oeste! Eles podem marchar sobre Rochedo Casterly se bem entenderem, e quem os impedirá? Senhores, estamos derrotados. Temos de pedir a paz.

– Paz? – Tyrion fez rodar o vinho pensativamente, bebeu um grande trago e atirou a taça vazia ao chão, estilhaçando-a em mil pedaços. – Aí está a sua paz, Sor Harys. Meu querido sobrinho a quebrou de vez quando decidiu ornamentar a Fortaleza Vermelha com a cabeça de Lorde Eddard. Será mais fácil beber vinho desta taça do que convencer Robb Stark a fazer a paz *agora*. Ele está *ganhando*… ou não reparou ainda?

– Duas batalhas não fazem uma guerra – insistiu Sor Addam. – Estamos longe da derrota. Eu gostaria de ter a oportunidade de experimentar meu aço contra esse rapaz Stark.

– Talvez consintam numa trégua e nos permitam trocar nossos prisioneiros pelos deles – sugeriu Lorde Lefford.

– A menos que troquem três por um, ainda sairemos perdendo – disse Tyrion em voz ácida. – E que temos nós para oferecer pelo meu irmão? A cabeça podre de Lorde Eddard?

– Ouvi dizer que a Rainha Cersei tem as filhas da Mão – disse esperançosamente Lefford. – Se devolvêssemos as irmãs ao rapaz…

Sor Addam soltou uma fungadela de desdém.

– Teria de ser um completo idiota para trocar a vida de Jaime Lannister por duas meninas.

– Então temos de pagar resgate por Sor Jaime, custe o que custar – disse Lorde Lefford.

Tyrion revirou os olhos.

– Se os Stark sentirem necessidade de ouro, podem derreter a armadura de Jaime.

– Se pedirmos uma trégua, nos julgarão fracos – argumentou Sor Addam. – Devíamos marchar imediatamente contra eles.

– Certamente que os nossos amigos na corte podem ser persuadidos a juntar tropas frescas às nossas – disse Sor Harys. – E alguém poderia regressar a Rochedo Casterly a fim de recrutar uma nova tropa.

Lorde Tywin Lannister pôs-se em pé.

– *Eles têm o meu filho* – voltou a dizer, numa voz que cortou a conversa como uma espada corta sebo. – Deixem-me. Todos vocês.

Como se fosse a própria alma da obediência, Tyrion levantou-se para sair com os outros, mas o pai fixou os olhos nele.

– Você não, Tyrion. Fique. E você também, Kevan. O resto, fora.

Tyrion voltou a deixar-se cair no banco, surpreendido até ficar sem fala. Sor Kevan atravessou a sala até as barricas de vinho.

– Tio – chamou Tyrion –, se fizesse o favor…

– Tome – o pai ofereceu-lhe a sua taça, com o vinho intocado.

Agora Tyrion estava *realmente* perplexo. Bebeu.

Lorde Tywin sentou-se.

– Tem razão quanto ao Stark. Vivo, podíamos ter usado Lorde Eddard para forjar uma paz com Winterfell e Correrrio, uma paz que nos daria o tempo de que precisamos para lidar com os irmãos de Robert. Morto… – sua mão enrolou-se num punho. – Loucura. Completa loucura.

– Joff é só um rapaz – lembrou Tyrion. – Na sua idade também fiz alguns disparates.

O pai lançou-lhe um olhar penetrante.

– Suponho que devamos nos sentir gratos por ele ainda não ter se casado com uma prostituta.

Tyrion bebericou o vinho, perguntando-se qual seria a reação de Lorde Tywin se lhe atirasse a taça na cara.

– Nossa posição é pior do que julga – continuou o pai. – Parece que temos um novo rei.

Sor Kevan pareceu abatido.

– Um novo… *quem*? Que fizeram a Joffrey?

A mais tênue das centelhas de desagrado brincou nos finos lábios de Lorde Tywin.

– Nada… por enquanto. Meu neto ainda ocupa o Trono de Ferro, mas o eunuco ouviu sussurros vindos do sul. Renly Baratheon casou-se com Margaery Tyrell em Jardim de Cima nesta quinzena que passou, e agora reivindicou a coroa. O pai e os irmãos da noiva dobraram os joelhos e lhe prestaram juramento.

– Essas são notícias graves – quando Sor Kevan franzia a testa, as rugas que nela havia aprofundavam-se como precipícios.

– Minha filha ordena que cavalguemos para Porto Real de imediato, a fim de defender a Fortaleza Vermelha contra o Rei Renly e o Cavaleiro das Flores – sua boca apertou-se. – *Ordena*, notem bem. Em nome do rei e do conselho.

– Como está o Rei Joffrey com essas notícias? – perguntou Tyrion, com certo humor negro.

– Cersei ainda não achou por bem contar-lhe – disse Lorde Tywin. – Teme que ele possa insistir em marchar ele mesmo contra Renly.

– Com que exército? – perguntou Tyrion. – Espero que não tenha em mente lhe dar *este*.

– Ele fala em comandar a Patrulha da Cidade – disse Lorde Tywin.

– Se ele levar a Patrulha, deixará a cidade indefesa – disse Sor Kevan. – E com Lorde Stannis em Pedra do Dragão…

– Sim – Lorde Tywin baixou o olhar para o filho. – Eu pensava que fosse você aquele que nasceu para bobo, Tyrion, mas parece que me enganei.

– Ora, pai – disse Tyrion –, isso quase que soa como um elogio – inclinou-se para a frente, concentrado. – E Stannis? É ele o mais velho, não Renly. Que sente ele a propósito da pretensão do irmão?

O pai franziu as sobrancelhas.

– Desde o princípio sinto que Stannis é maior ameaça do que todos os outros juntos. E, no entanto, não faz nada. Ah, Varys ouve os seus sussurros. Que Stannis está construindo navios, que Stannis está contratando mercenários, que Stannis mandou vir um umbromante[6] de Asshai. Que significa isso? Será alguma parte verdade? – encolheu os ombros, irritado. – Kevan, traga o mapa.

Sor Kevan fez o que lhe foi pedido. Lorde Tywin desenrolou o couro, alisando-o.

– Jaime deixou-nos em péssima situação. Roose Bolton e o resto de sua tropa estão a norte de nós. Nossos inimigos possuem as Gêmeas e Fosso Cailin. Robb Stark está instalado a oeste, portanto não podemos retirar para Lannisporto e para o Rochedo, a menos que decidamos dar batalha. Jaime encontra-se prisioneiro, e o seu exército, para todos os fins práticos, deixou de existir. Thoros de Myr e Beric Dondarrion continuam a incomodar nossos destacamentos logísticos. Para leste temos os Arryn,

Stannis Baratheon ocupa Pedra do Dragão e, no sul, Jardim de Cima e Ponta Tempestade convocam os vassalos.

Tyrion deu um sorriso torto.

– Anime-se, pai. Pelo menos Rhaegar Targaryen continua morto.

– Tive esperança de que tivesse mais que gracejos a oferecer, Tyrion – disse Lorde Tywin Lannister.

Sor Kevan franziu as sobrancelhas sobre o mapa, com a testa abrindo sulcos.

– Robb Stark já terá agora consigo Edmure Tully e os senhores do Tridente. Seu poderio combinado pode exceder o nosso. E com Roose Bolton atrás de nós… Tywin, se permanecermos aqui, temo que possamos ser apanhados entre três exércitos.

– Não tenho nenhuma intenção de permanecer aqui. Temos de tratar dos nossos assuntos com o jovem Lorde Stark antes que Renly Baratheon tenha a chance de se pôr em marcha desde Jardim de Cima. Bolton não me preocupa. É um homem cuidadoso, e o tornamos mais cuidadoso no Ramo Verde. Ele será lento na perseguição. Portanto… de manhã partimos para Harrenhal. Kevan, quero que os batedores de Sor Addam nos ocultem os movimentos. Dê-lhe todos os homens que te peça, e mande-os em grupos de quatro. Não quero desaparecimentos.

– Às suas ordens, senhor, mas… por que Harrenhal? É um lugar sombrio e sem sorte. Há quem diga que está amaldiçoado.

– Que digam – disse Lorde Tywin. – Mande Sor Gregor à nossa frente com os seus salteadores. Mande também Vargo Hoat e os seus cavaleiros livres, e Sor Amory Lorch. Cada um deve ter trezentos homens a cavalo. Diga-lhes que quero ver as terras do rio em chamas do Olho de Deus ao Ramo Vermelho.

– Elas arderão, senhor – disse Sor Kevan, pondo-se em pé. – Darei as ordens – fez uma reverência e dirigiu-se à porta.

Quando ficaram sozinhos, Lorde Tywin olhou de relance para Tyrion.

– Seus selvagens podem apreciar um pouco de rapina. Diga-lhes que podem acompanhar Vargo Hoat e saquear à vontade… bens, gado, mulheres, podem ficar com o que quiserem e queimar o resto.

– Dizer a Shagga e a Timett como pilhar é como dizer a um galo como cantar – comentou Tyrion –, mas preferia mantê-los comigo – os selvagens podiam ser grosseiros e indisciplinados, mas eram *dele*, e

confiava mais neles do que em quaisquer dos homens do pai. Não iria abrir mão de seus homens.

– Então é melhor que aprenda a controlá-los. Não quero ver a cidade saqueada.

– A cidade? – Tyrion sentiu-se perdido. – Que cidade seria essa?

– Porto Real. Vou mandá-lo para a corte.

Era a última coisa em que Tyrion Lannister teria pensado. Estendeu a mão para o vinho e pensou no assunto por um momento, enquanto bebia.

– E que devo eu fazer lá?

– Governar – seu pai disse concisamente.

Tyrion estremeceu de riso.

– Minha querida irmã pode ter uma coisa ou duas a dizer a respeito disso.

– Deixe-a dizer o que quiser. O filho dela tem de ser controlado antes que nos arruíne a todos. Culpo esses tolos do conselho… o nosso amigo Petyr, o venerável Grande Meistre e aquela maravilha castrada, Lorde Varys. Que tipo de conselhos eles estão dando a Joffrey enquanto ele salta de loucura em loucura? De quem foi a ideia de fazer senhor aquele Janos Slynt? O pai do homem era um *açougueiro*, e dão a ele Harrenhal. *Harrenhal*, que foi a sede de reis! Não que ele algum dia ponha os pés no castelo enquanto eu tiver algo a dizer sobre o assunto. Dizem-me que escolheu para símbolo uma lança ensanguentada. Minha escolha teria sido um cutelo ensanguentado – o pai não levantara a voz, mas Tyrion conseguia ver a ira no ouro de seus olhos. – E demitir Selmy, qual é o sentido disso? Sim, o homem está velho, mas o nome de Barristan, o Ousado, ainda tem peso no reino. Emprestava honra a qualquer homem que servisse. Poderá alguém dizer o mesmo de Cão de Caça? Alimenta-se o cão com ossos por baixo da mesa, não se dá a ele um lugar ao lado do trono – brandiu o dedo na cara de Tyrion. – Se Cersei não conseguir domar o rapaz, você tem de fazê-lo. E se esses conselheiros estiverem fazendo jogo duplo…

Tyrion sabia.

– Hastes – suspirou. – Cabeças. Muralhas.

– Vejo que aprendeu algumas lições comigo.

– Mais do que pensa, pai – respondeu Tyrion em voz baixa. Terminou o vinho e pôs a taça de lado, pensativo. Uma parte de si estava mais

satisfeita do que queria admitir. A outra recordava a batalha a montante do rio, e perguntava a si mesmo se estava sendo de novo enviado para defender o flanco esquerdo. – Por que eu? – perguntou, inclinando a cabeça para o lado. – Por que não meu tio? Por que não Sor Addam, Sor Flement ou Lorde Serrett? Por que não um homem… *maior*?

Lorde Tywin pôs-se abruptamente em pé.

– É meu filho.

Foi então que compreendeu. *Desistiu dele*, pensou. *Seu maldito canalha, julga que Jaime é um homem morto, e portanto eu sou tudo que lhe resta*. Tyrion quis esbofeteá-lo, cuspir-lhe na cara, puxar o punhal, arrancar-lhe o coração e ver se era feito de ouro velho e duro como diziam os plebeus. Mas ficou ali sentado, em silêncio e imóvel.

Os cacos da taça partida rangeram sob os saltos do pai quando Lorde Tywin atravessou a sala.

– Uma última coisa – disse ele da porta. – Não levará a prostituta para a corte.

Tyrion ficou sozinho na sala comum durante um longo tempo depois de o pai ir embora. Por fim, subiu os degraus até suas acolhedoras águas-furtadas sob a torre sineira. O teto era baixo, mas isso para um anão não chegava a ser um problema. Da janela via o cadafalso que o pai erigira no pátio. O cadáver da estalajadeira girava lentamente na ponta de uma corda sempre que o vento noturno soprava. Sua carne tornara-se tão escassa e esfarrapada como as esperanças dos Lannister.

Shae soltou um murmúrio sonolento e rolou para ele quando se sentou na beira da cama de penas. Enfiou a mão sob a manta e envolveu com ela um seio macio, e os olhos dela se abriram.

– Senhor – disse, com um sorriso sonolento.

Quando sentiu o mamilo enrijecer, Tyrion beijou-a.

– Tenho em mente levá-la para Porto Real, querida – sussurrou.

6 Leitor de sombras.

# Jon

A égua relinchou baixinho quando Jon apertou a cilha.

– Calma, querida senhora – disse ele em voz suave, acalmando-a com um afago. O vento sussurrava no estábulo, uma fria respiração de morte em seu rosto, mas Jon não lhe prestou atenção. Atou o rolo à sela, sentindo os dedos cheios de cicatrizes rígidos e desastrados. – Fantasma – chamou, em voz baixa –, aqui – e o lobo ali estava, com olhos que eram como brasas.

– Jon, por favor. Não pode fazer isso.

Ele montou, com as rédeas na mão, e fez o cavalo girar para a noite. Samwell Tarly estava à porta do estábulo, com a lua cheia espreitando-lhe sobre o ombro. Lançava uma sombra de gigante, imensa e negra.

– Saia da minha frente, Sam.

– Jon, *não pode* – disse Sam. – Não vou deixar que faça isso.

– Eu preferia não machucá-lo – disse-lhe Jon. – Afaste-se, Sam, ou o atropelo.

– Não fará. Precisa me ouvir. Por favor…

Jon enterrou as esporas na carne da égua, que saltou para a porta. Por um instante Sam manteve-se imóvel, com o rosto tão redondo e pálido como a lua que tinha atrás, a boca transformada num O de perplexidade que se alargava. No último momento, quando já estavam quase sobre ele, saltou para o lado como Jon soubera que faria, tropeçou e caiu. A égua saltou sobre ele, penetrando na noite.

Jon vestiu o capuz de seu pesado manto e deixou as rédeas soltas. Castelo Negro encontrava-se silencioso e imóvel quando cavalgou para o exterior, com Fantasma correndo a seu lado. Sabia que havia homens observando na muralha atrás de si, mas os olhos deles estavam virados para o norte, não para o sul. Ninguém o veria partir, ninguém além de Sam Tarly, que lutava para se pôr de pé na poeira dos velhos estábulos. Esperava que Sam não tivesse se machucado ao cair daquela maneira.

Era tão pesado e desajeitado que seria mesmo coisa de Sam quebrar o pulso ou torcer o tornozelo ao sair do caminho.

– Eu o preveni – disse Jon em voz alta. – De qualquer forma, isso não tinha nada a ver com ele – flexionou a mão queimada enquanto cavalgava, abrindo e fechando os dedos cheios de cicatrizes. Ainda lhe doíam, mas era bom não ter as ataduras.

O luar prateava os montes enquanto ele seguia a fita retorcida da estrada real. Precisava se afastar o máximo possível da Muralha antes que percebessem que desaparecera. De manhã deixaria a estrada e avançaria por campos, florestas e córregos a fim de despistar os perseguidores, mas no momento a velocidade era mais importante que a dissimulação. Afinal, não era como se eles não soubessem para onde se dirigia.

O Velho Urso estava habituado a se levantar à primeira luz da aurora, portanto, Jon tinha até essa hora para pôr tantas léguas quantas pudesse entre si e a Muralha… se Sam Tarly não o traísse. O gordo rapaz era obediente e fácil de assustar, mas amava Jon como a um irmão. Se fosse interrogado, não havia dúvida de que Sam lhes diria a verdade, mas Jon não o imaginava desafiando os guardas à porta da Torre do Rei para acordar Mormont.

Quando Jon não aparecesse na cozinha para ir buscar o café da manhã do Velho Urso, procurariam em sua cela e encontrariam Garralonga sobre a cama. Tinha sido duro abandoná-la, mas Jon não estava suficientemente despido de honra para levá-la consigo. Nem mesmo Jorah Mormont o fizera quando fugira em desgraça. Sem dúvida que Lorde Mormont encontraria alguém mais merecedor daquela lâmina. Jon sentia-se mal ao pensar no velho. Sabia que sua deserção seria como sal na ferida, ainda em carne viva, da desgraça do filho. Parecia uma pobre maneira de lhe pagar pela confiança, mas nada havia a fazer. Não importa o que fizesse, Jon sentia-se como se estivesse traindo alguém.

Nem mesmo agora sabia se estava fazendo a coisa honrosa. Os sulistas tinham a vida mais facilitada. Tinham seus septões com quem falar, alguém para lhes desvendar a vontade dos deuses e os ajudar a distinguir o bem do mal. Mas os Stark adoravam os velhos deuses, os deuses sem nome, e se as árvores-coração ouviam, não falavam.

Quando as últimas luzes de Castelo Negro desapareceram atrás dele, Jon refreou a égua, pondo-a a trote. Tinha uma longa viagem à sua frente e só aquele cavalo para transportá-lo. Havia fortificações e aldeias de agricultores ao longo do caminho para o sul, onde conseguiria trocar a égua por uma montaria descansada quando precisasse de uma, mas não se estivesse ferida ou arrebentada.

Precisaria encontrar novas roupas em breve; o mais provável era que tivesse de roubar. Estava vestido de negro dos pés à cabeça; botas altas de montar em couro, calças e túnica de ráfia, um colete de couro e um pesado manto de lã. A espada e o punhal estavam embainhados em pele negra de toupeira, e a camisa e a touca que tinha guardados no alforje eram de cota de malha negra. Qualquer uma daquelas peças significaria sua morte se fosse apanhado. Um estranho vestido de negro era visto com uma fria suspeita em todas as aldeias e fortalezas a norte do Gargalo, e logo haveria homens à sua procura. Assim que os corvos de Meistre Aemon levantassem voo, Jon sabia que não encontraria porto seguro. Nem mesmo em Winterfell. Bran poderia querer deixá-lo entrar, mas Meistre Luwin tinha mais bom-senso. Trancaria os portões e o mandaria embora, tal como devia fazer. Era melhor nem passar por lá.

Mas via claramente o castelo com o olho da mente, como se tivesse partido no dia anterior; as grandes muralhas de granito, o Grande Salão com os seus cheiros de fumaça, de cães e de carne assando, o aposento privado do pai, o quarto na torre onde dormira. Parte de si nada mais desejava do que ouvir de novo a gargalhada de Bran, jantar uma das tortas de carne com bacon de Gage, ouvir a Velha Ama contar as suas histórias sobre os filhos da floresta e Florian, o Tolo.

Mas não abandonara a Muralha para isso; partira porque era, no fim das contas, filho de seu pai e irmão de Robb. O presente de uma espada, mesmo de uma espada tão boa como Garralonga, não fazia dele um Mormont. Tampouco era Aemon Targaryen. Três vezes o velho escolhera, e três vezes escolhera a honra, mas isso era ele. Mesmo agora Jon não conseguia decidir se o meistre ficara por ser fraco e covarde ou por ser forte e leal. Mas compreendia o que o velho quisera dizer quando falara da dor da escolha; compreendia isso bem demais.

Tyrion Lannister afirmara que a maioria dos homens preferia negar uma verdade dura a ter de encará-la, mas Jon estava farto de negações.

Ele era quem era: Jon Snow, bastardo e traidor, sem mãe, sem amigos e perdido. Durante o resto de sua vida, não importa quanto durasse, estaria condenado a viver como um estranho, o homem silencioso nas sombras que não se atreve a pronunciar o seu verdadeiro nome. Aonde quer que fosse nos Sete Reinos precisaria viver uma mentira, para que todas as mãos não se levantassem contra ele. Mas não importava, desde que vivesse tempo suficiente para ocupar o seu lugar ao lado do irmão e ajudar a vingar o pai.

Lembrava-se de Robb como o vira pela última vez, em pé, no pátio, com neve derretendo nos cabelos ruivos. Jon teria de encontrá-lo em segredo, disfarçado. Tentava imaginar a expressão no rosto de Robb quando ele se revelasse. O irmão sacudiria a cabeça e sorriria, e diria… diria…

Não conseguia ver o sorriso. Por mais que tentasse, não conseguia vê-lo. Deu por si pensando no desertor que o pai decapitara no dia em que encontraram os lobos gigantes.

– Você disse as palavras – dissera-lhe Lorde Eddard. – Você fez um juramento perante os seus irmãos, perante os velhos deuses e os novos – Desmond e Gordo Tom tinham arrastado o homem até o toco. Os olhos de Bran estavam bem dilatados, e Jon tivera de lhe lembrar que mantivesse o cavalo sob controle. Lembrava-se da expressão no rosto do pai quando Theon Greyjoy lhe dera Gelo, dos salpicos de sangue na neve, do modo como Theon chutara a cabeça quando ela rolara até junto de seus pés.

Perguntou-se o que teria feito Lorde Eddard se o desertor fosse o irmão Benjen em vez daquele estranho esfarrapado. Teria sido diferente? Tinha de ser, com certeza, *com certeza*… e Robb lhe daria as boas-vindas, sem dúvida. *Tinha* de fazê-lo, caso contrário…

Não valia a pena pensar nisso. A dor latejou, bem no interior dos dedos, quando se agarrou com força às rédeas. Jon bateu com os calcanhares no cavalo e pôs-se a galope, correndo pela estrada real como que para fugir de suas dúvidas. Não tinha medo da morte, mas não queria morrer assim, amarrado e decapitado como um simples ladrão. Se tinha de perecer, que fosse de espada na mão, lutando contra os assassinos do pai. Não era um verdadeiro Stark, nunca o fora… mas podia morrer

como um. Que dissessem que Eddard Stark fora pai de quatro filhos, não de três.

Fantasma manteve o ritmo durante quase meia légua, com a língua vermelha pendendo da boca. O homem e o cavalo abaixaram a cabeça quando ele pediu mais velocidade à égua. O lobo desacelerou, parou, observando, com os olhos brilhando, vermelhos, o luar. Desapareceu atrás dele, mas Jon sabia que o seguiria, em seu próprio ritmo.

Luzes dispersas cintilaram através das árvores em frente, de ambos os lados da estrada: Vila Toupeira. Um cão latiu quando Jon passou por ele, e ouviu o zurro rouco de uma mula vindo do estábulo, mas fora isso a vila estava silenciosa. Aqui e ali, a cintilação das lareiras brilhava em janelas cobertas, esgueirando-se por entre ripas de madeira, mas eram só um punhado.

Vila Toupeira era maior do que parecia, pois três quartos dela eram subterrâneos, estendendo-se em profundas e quentes câmaras ligadas por um labirinto de túneis. Até o bordel ficava lá embaixo, sem nada na superfície além de uma cabana de madeira que não era maior que uma latrina, com uma lanterna vermelha pendurada sobre a porta. Na Muralha podia-se ouvir os homens chamando às prostitutas "tesouros enterrados". Jon perguntou a si mesmo se algum de seus irmãos de negro estaria lá embaixo naquela noite, escavando. Isso também era quebra de juramento, mas ninguém parecia se importar.

Só bem depois de passar pela vila é que Jon voltou a reduzir o passo. Nessa altura ele e a montaria já estavam úmidos de suor. Desmontou, tremendo, com a mão queimada doendo. Encontrou um monte de neve que derretia sob as árvores, clara ao luar, pingando água que formava pequenos charcos pouco profundos. Jon acocorou-se e juntou as mãos em taça, aprisionando a água corrente entre os dedos. A neve derretida estava fria como gelo. Bebeu, espalhou um pouco no rosto, até sentir um formigamento nas bochechas. Os dedos latejavam mais do que em qualquer dos últimos dias, e também sentia a cabeça palpitar. *Estou fazendo o que é certo*, disse a si mesmo, *então, por que me sinto tão mal?*

O cavalo estava espumando, e Jon pegou nas rédeas e o levou a pé durante algum tempo. A estrada quase não era suficientemente larga para que dois cavaleiros passassem lado a lado, com o piso entrecortado por pequenos córregos e cheio de pedras. Aquela corrida fora realmente

estúpida, um convite para um pescoço quebrado. Jon se questionou o que lhe teria dado. Estaria assim com tanta pressa de morrer? No meio das árvores, o grito distante de um animal assustado qualquer o fez erguer os olhos. A égua relinchou nervosamente. Teria o lobo encontrado alguma presa? Envolveu a boca nas mãos.

– *Fantasma!* – gritou. – Fantasma, aqui – a única resposta foi um rumor de asas atrás de si quando uma coruja levantou voo.

Franzindo as sobrancelhas, Jon prosseguiu caminho. Levou a égua durante meia hora, até que ela secou. Fantasma não apareceu. Jon queria montar e voltar a cavalgar, mas estava preocupado com o lobo desaparecido.

– *Fantasma* – voltou a chamar. – Onde está? Aqui! *Fantasma!* – nada naquela floresta podia incomodar um lobo gigante, até um lobo gigante meio crescido, a menos que… não, Fantasma era inteligente demais para atacar um urso, e se houvesse uma alcateia de lobos nas imediações, Jon certamente os teria ouvido uivar.

Devia comer, decidiu. Os alimentos lhe acalmariam o estômago e dariam a Fantasma a chance de alcançá-lo. Ainda não havia perigo; Castelo Negro ainda dormia. No alforje encontrou um biscoito, um pedaço de queijo e uma pequena maçã escura e murcha. Trouxera também carne de vaca salgada e uma fatia de bacon que surrupiara das cozinhas, mas queria poupar a carne para o dia seguinte. Depois de ficar sem ela, teria de caçar, e isso por ora o atrasaria.

Jon sentou-se sob as árvores e comeu biscoito e queijo enquanto a égua pastava ao longo da Estrada do Rei. Deixou a maçã para o fim. Tinha se tornado um pouco mole, mas a polpa ainda estava ácida e suculenta. Já chegara ao caroço quando ouviu os sons: cavalos, vindos do norte. Rapidamente, Jon saltou e correu para a égua. Poderia fugir? Não, estavam perto demais, certamente os ouviriam, e se viessem de Castelo Negro…

Levou a égua para longe da estrada, para trás de uma espessa mata de árvores-sentinela cinza-esverdeadas.

– Agora silêncio – disse, numa voz abafada, agachando-se a fim de espreitar por entre os galhos. Se os deuses fossem bondosos, os cavaleiros passariam sem detectá-lo. O mais provável era que fossem apenas pessoas simples de Vila Toupeira, lavradores a caminho dos

campos, se bem que, o que estariam fazendo na estrada no meio da noite…

Ficou ouvindo o som dos cascos que aumentava a um ritmo constante, enquanto os cavalos se aproximavam a trote rápido pela Estrada do Rei. Julgando pelo ruído, eram pelo menos cinco ou seis cavaleiros. As vozes esgueiraram-se por entre as árvores.

– … certeza de que ele veio por aqui?

– Não *podemos* ter certeza.

– Tanto quanto sabem, pode bem ter se dirigido para o leste. Ou abandonado a estrada para cortar através da floresta. Era o que eu faria.

– Na escuridão? Estúpido. Se não caísse do cavalo e quebrasse o pescoço, se perderia e acabaria de volta à Muralha quando o sol nascesse.

– Não acabava nada – Grenn soava irritado. – Cavalgava para o sul. Pode-se guiar pelas estrelas.

– E se o céu estivesse nublado? – perguntou Pyp.

– Então não ia.

Outra voz interrompeu.

– Sabem onde eu estaria, se fosse comigo? Em Vila Toupeira, escavando tesouros enterrados – o riso estridente do Sapo trovejou através das árvores. A égua de Jon resfolegou.

– Calem-se todos – disse Halder. – Acho que ouvi qualquer coisa.

– Onde? Não ouvi nada – os cavalos pararam.

– *Você* não consegue ouvir o próprio peido.

– Consigo, sim – insistiu Grenn.

– *Calem-se!*

Caíram todos no silêncio, à escuta. Jon deu por si prendendo a respiração. *Sam*, pensou. Não fora até o Velho Urso, mas também não fora para a cama, acordara os outros rapazes. Malditos sejam todos. Chegada a alvorada, se não estivessem nas camas, também seriam considerados desertores. Que pensavam eles que estavam fazendo?

O silêncio abafado pareceu esticar-se e voltar a esticar-se. De onde Jon espreitava, conseguia ver as pernas dos cavalos deles através dos galhos. Por fim, Pyp falou.

– Que foi que ouviu?

– Não sei – admitiu Halder. – Um som, pensei que pudesse ser um cavalo, mas…

– Ali não há nada.

Pelo canto do olho Jon vislumbrou uma forma branca que se deslocava por entre as árvores. Ouviu-se o restolhar de folhas, e Fantasma saiu das sombras aos saltos, tão subitamente que a égua de Jon se assustou e soltou um relincho.

– *Ali!* – gritou Halder.

– Também ouvi!

– Traidor – disse Jon ao lobo gigante enquanto saltava para a sela. Virou a cabeça da égua para escapulir por entre as árvores, mas eles estavam em cima antes que avançasse três metros.

– *Jon!* – gritou Pyp às suas costas.

– Pare – disse Grenn. – Não pode escapar de todos.

Jon fez rodopiar a montaria para enfrentá-los, puxando a espada.

– Voltem. Não quero machucar ninguém, mas o farei se tiver de ser.

– Um contra sete? – Halder fez um sinal. Os rapazes espalharam-se, cercando-o.

– Que querem de mim? – Jon quis saber.

– Queremos levá-lo de volta para o seu lugar – disse Pyp.

– Meu lugar é com meu irmão.

– Seus irmãos agora somos *nós* – disse Grenn.

– Eles cortam sua cabeça se o apanharem, sabia? – Sapo soltou uma gargalhada nervosa. – Isso é tão estúpido, é como alguma coisa que um auroque faria.

– Não é nada – disse Grenn. – Não sou nenhum traidor. Disse as palavras e foi a sério.

– Eu também – disse-lhes Jon. – Não compreendem? Eles assassinaram meu *pai*. É a guerra, meu irmão Robb está lutando nas terras do rio…

– Nós sabemos – disse Pyp solenemente. – Sam nos contou tudo.

– Temos pena por seu pai – disse Grenn –, mas não importa. Depois de dizer as palavras, não pode partir, aconteça o que acontecer.

– *Tenho* de partir – disse Jon fervorosamente.

– Você disse as palavras – lembrou-lhe Pyp. – *Agora começa a minha vigia*, foi isso que disse. *Não terminará até a minha morte*.

– *Viverei e morrerei no meu posto* – acrescentou Grenn, concordando com a cabeça.

– Não é preciso me dizer as palavras, conheço-as tão bem quanto vocês – agora estava zangado. Por que não podiam deixá-lo ir em paz? Só tornavam as coisas mais difíceis.

– *Sou a espada na escuridão* – entoou Halder.

– *O vigilante nas muralhas* – piou Sapo.

Jon insultou-os a todos. Eles não lhe deram atenção. Pyp fez avançar o cavalo, recitando:

– *Sou o fogo que arde contra o frio, a luz que traz consigo a alvorada, a trombeta que acorda os que dormem, o escudo que defende os reinos dos homens*.

– Não se aproxime – preveniu-o Jon, brandindo a espada. – Falo sério, Pyp – eles nem sequer traziam armaduras, podia cortá-los aos pedacinhos se tivesse de ser.

Matthar cercara-o por trás. E juntou-se ao coro.

– *Dou a minha vida e a minha honra à Patrulha da Noite.*

Jon bateu com os calcanhares na égua, fazendo-a descrever um círculo. Os rapazes estavam agora em toda a sua volta, aproximando-se por todos os lados.

– *Por esta noite*… – Halder aproximou-se a trote, vindo da esquerda.

– … *e por todas as noites que estão por vir* – terminou Pyp. Estendeu a mão para as rédeas de Jon. – Portanto, sua escolha é esta. Ou me mata ou retorna comigo.

Jon ergueu a espada… e a abaixou, impotente.

– Maldito seja – disse. – Malditos sejam todos.

– Temos de atar suas mãos ou promete que voltará pacificamente? – perguntou Halder.

– Não fugirei, se é isso que quer saber – Fantasma saiu das árvores e Jon lançou-lhe um olhar zangado. – Pouca ajuda você me deu – disse. Os profundos olhos vermelhos olharam-no com inteligência.

– É melhor que nos apressemos – disse Pyp. – Se não estivermos de volta antes da primeira luz da aurora, o Velho Urso terá *todas* as nossas cabeças.

Da viagem de regresso Jon Snow pouco recordaria. Pareceu mais curta que a viagem para o sul, talvez por ter a cabeça em outro lugar. Pyp marcou o ritmo, galopando, ritmando o passo, trotando e depois rebentando de novo a galope. Vila Toupeira chegou e partiu, com a

lanterna por cima do bordel havia muito apagada. Fizeram um bom tempo. A alvorada ainda estava a uma hora de distância quando Jon vislumbrou as torres de Castelo Negro à frente do grupo, escuras contra a pálida imensidão da Muralha. Dessa vez não as sentia como uma casa.

Podiam levá-lo de volta, disse Jon a si mesmo, mas não podiam obrigá-lo a ficar. A guerra não terminaria de manhã, nem no dia seguinte, e os amigos não podiam vigiá-lo dia e noite. Esperaria a sua hora, faria com que pensassem que se sentia satisfeito por permanecer ali… e então, quando relaxassem, partiria de novo. Da próxima vez, evitaria a Estrada do Rei. Seguiria a Muralha para o leste, talvez até mesmo ao mar, uma trajetória mais longa, mas mais segura. Ou talvez até para o oeste, para as montanhas, e depois para o sul pelos passos de altitude. Era esse o caminho dos selvagens, duro e perigoso, mas pelo menos ninguém o seguiria. Não se aproximaria cem léguas de Winterfell ou da Estrada do Rei.

Samwell Tarly os esperava nos estábulos velhos, abandonado no chão e de encontro a um fardo de feno, ansioso demais para dormir. Ergueu-se e sacudiu-se.

– Eu… estou feliz por terem te encontrado, Jon.

– Mas eu não – disse Jon, desmontando.

Pyp saltou do cavalo e olhou para o céu que clareava, descontente.

– Ajude-nos a cuidar dos cavalos, Sam – disse o pequeno rapaz. – Temos um longo dia pela frente e nenhum descanso para enfrentá-lo, graças a Lorde Snow.

Quando o dia rompeu, Jon dirigiu-se às cozinhas como fazia todas as madrugadas. Hobb Três-Dedos não lhe disse nada quando lhe deu a refeição matinal do Velho Urso. Naquele dia eram três ovos vermelhos cozidos, com pão frito, uma fatia de presunto e uma tigela de ameixas secas. Jon levou a comida para a Torre do Rei. Foi encontrar Mormont no banco da janela, escrevendo. O corvo caminhava de um lado para o outro por cima de seus ombros, resmungando "*Grão, grão, grão*". A ave soltou um guincho quando Jon entrou.

– Deixe a comida na mesa – disse o Velho Urso, olhando-o de relance. – Quero um pouco de cerveja.

Jon abriu uma janela que tinha os tapumes corridos, tirou o jarro de cerveja do parapeito exterior e encheu um corno. Hobb dera-lhe um

limão, ainda frio da Muralha. Jon o esmagou no punho. O sumo escorreu-lhe por entre os dedos. Mormont bebia cerveja com limão todos os dias, e dizia que era por isso que ainda tinha os dentes.

– Sem dúvida que amava seu pai – disse Mormont quando Jon lhe trouxe o corno. – As coisas que amamos destroem-nos sempre, rapaz. Lembra-se de quando lhe disse isso?

– Lembro – disse Jon em tom carrancudo. Não queria falar da morte do pai, nem mesmo com Mormont.

– Nunca se esqueça. As verdades duras são aquelas que se deve guardar bem. Vá buscar meu prato. É outra vez presunto? Que seja. Está com um ar cansado. Seu passeio ao luar foi assim tão cansativo?

Jon sentiu a garganta seca.

– Você sabe?

"*Saber*", disse o corvo dos ombros de Mormont. "*Saber.*"

O Velho Urso bufou.

– Julga que me escolheram para Senhor Comandante da Patrulha da Noite por ser estúpido como um toco, Snow? Aemon disse-me que partiria. Eu lhe disse que regressaria. Conheço os meus homens… e também os meus *rapazes*. A honra o levou à Estrada do Rei… e a honra o trouxe de volta.

– Foram os meus amigos que me trouxeram de volta – disse Jon.

– Acaso disse que tinha sido a *sua* honra? – Mormont inspecionou o prato.

– Mataram meu pai. Esperavam que eu não fizesse nada?

– Na verdade, esperávamos que fizesse exatamente o que fez – Mormont experimentou uma ameixa e cuspiu o caroço. – Ordenei que fosse vigiado. Você foi visto saindo. Se seus irmãos não o tivessem ido buscar, teria sido apanhado no caminho, e não por amigos. A menos que tenha um cavalo com asas como um corvo. Tem?

– Não – Jon sentia-se um idiota.

– É pena, um cavalo assim nos seria útil.

Jon empertigou-se. Disse a si mesmo que morreria bem; isso, pelo menos, podia fazer.

– Conheço a pena por deserção, senhor. Não tenho medo de morrer.

"*Morra!* ", gritou o corvo.

– Nem de viver, espero eu – disse Mormont, cortando o presunto com o punhal e dando um pedaço à ave. – Não desertou… ainda. Está aqui. Se decapitássemos todos os rapazes que vão a Vila Toupeira durante a noite, só fantasmas patrulhariam a Muralha. Mas talvez pretenda fugir de novo amanhã, ou daqui a uma quinzena. É isso? É essa a sua esperança, rapaz?

Jon manteve-se em silêncio.

– Era o que eu pensava – Mormont tirou a casca de um ovo cozido. – Seu pai está morto, rapaz. Acha que pode trazê-lo de volta?

– Não – respondeu, carrancudo.

– Ótimo – disse Mormont. – Vimos os mortos regressar, você e eu, e não é algo que eu queira ver de novo – comeu o ovo em duas dentadas e arrancou um pedaço de casca do meio dos dentes. – Seu irmão está em campo com todo o poder do Norte com ele. Qualquer um dos senhores seus vassalos comanda mais espadas do que poderá encontrar em toda a Patrulha da Noite. Por que imaginará você que precisam de sua ajuda? É um guerreiro assim tão poderoso, ou tem um gramequim no bolso para dar magia à sua espada?

Jon não tinha resposta para lhe dar. O corvo bicava um ovo, quebrando a casca. Enfiando o bico através do buraco, puxou pedaços de clara e de gema.

O Velho Urso suspirou.

– Não é o único atingido por essa guerra. Quer eu goste quer não, minha irmã marcha na tropa de seu irmão, ela e aquelas suas filhas, vestidas com cota de malha de homem. Maege é uma velha *snark* grisalha, teimosa, com gênio ruim e voluntariosa. A bem da verdade, quase não consigo ficar perto da maldita mulher, mas isso não quer dizer que meu amor por ela seja menor que o amor que sente por suas meias-irmãs – franzindo as sobrancelhas, Mormont pegou o último ovo e o esmagou no punho até que a casca estalou. – Ou talvez queira. Mas, seja como for, me desgostaria da mesma forma se ela fosse morta, e você não me vê fugir. Eu disse as palavras, tal como você. Meu lugar é aqui… Onde é o seu, rapaz?

*Não tenho lugar nenhum*, Jon quis dizer. *Sou um bastardo, não tenho direitos, nem nome, nem mãe, e agora nem sequer um pai*. Mas as palavras não vinham.

– Não sei.

– Eu sei – disse o Senhor Comandante Mormont. – Os ventos frios se levantam, Snow. Para lá da Muralha, as sombras alongam-se. Cotter Pyke escreve sobre vastas manadas de alces correndo ao sul e a leste na direção do mar, e também de mamutes. Diz que um de seus homens descobriu enormes pegadas deformadas a menos de três léguas de Atalaialeste. Patrulheiros da Torre Sombria encontraram aldeias inteiras abandonadas, e à noite Sor Denys diz que veem fogueiras nas montanhas, enormes clarões que ardem do pôr do sol até a alvorada. Qhorin Meia-Mão trouxe um cativo das profundezas da Garganta, e o homem jura que Mance Rayder está reunindo toda a sua gente num novo forte secreto que acreditam ter encontrado, para que fim só os deuses sabem. Acha que seu tio Benjen foi o único patrulheiro que perdemos neste último ano?

"*Ben Jen*", crocitou o corvo, inclinando a cabeça, com pedacinhos de ovo caindo do bico. "*Ben Jen. Ben Jen*."

– Não – disse Jon. Tinha havido outros. Muitos.

– Julga que a guerra do seu irmão é mais importante que a nossa? – ladrou o velho.

Jon mordeu o lábio. O corvo bateu as asas em sua direção. "*Guerra, guerra, guerra, guerra*", cantou.

– Não é – disse-lhe Mormont. – Os deuses nos salvem, rapaz, você não é cego e não é estúpido. Quando os mortos andam à caça na noite, acha que importa quem se senta no Trono de Ferro?

– Não – Jon não pensara no assunto daquela maneira.

– O senhor seu pai o enviou até nós, Jon. O motivo, quem poderá dizê-lo?

"*Por quê? Por quê? Por quê?*", gritou o corvo.

– Tudo que sei é que o sangue dos Primeiros Homens corre nas veias dos Stark. Os Primeiros Homens construíram a Muralha, e diz-se que se lembram de coisas que os outros esqueceram. E aquele seu animal… foi ele que nos levou às criaturas, que o preveniu do morto nas escadas. Sor Jaremy sem dúvida chamaria isso de um acaso, mas ele está morto, e eu não – Lorde Mormont espetou a ponta do punhal num pedaço de presunto. – Acho que era o seu destino estar aqui, e quero você e seu lobo conosco quando avançarmos para lá da Muralha.

As palavras fizeram com que as costas de Jon se arrepiassem de excitação.

– Para lá da Muralha?

– Você ouviu o que eu disse. Pretendo encontrar Ben Stark, vivo ou morto – mastigou e engoliu. – Não vou ficar aqui docilmente sentado à espera das neves e dos ventos gelados. Temos de saber o que está acontecendo. Dessa vez, a Patrulha da Noite avançará em força, contra o Rei-para-lá-da-Muralha, os Outros, ou seja o que for que se encontre por lá. Pretendo ser eu mesmo a comandá-los – apontou o punhal para o peito de Jon. – Segundo o costume, o intendente do Senhor Comandante é também o seu escudeiro… mas não pretendo acordar todas as manhãs perguntando a mim mesmo se terá fugido de novo. Por isso quero uma resposta de você, Lorde Snow, e quero-a já. É um irmão da Patrulha da Noite… ou só um rapazinho bastardo que deseja brincar de guerra?

Jon Snow endireitou-se e inspirou profunda e longamente. *Perdoem-me, pai, Robb, Arya, Bran… perdoem-me, não posso ajudá-los. Ele tem razão. Este é o meu lugar*.

– Eu sou… seu, senhor. Seu homem. Juro. Não voltarei a fugir.

O Velho Urso resfolegou.

– Ótimo. Agora vá buscar sua espada.

# Catelyn

Parecia terem se passado mil anos desde que Catelyn Stark levara o filho bebê de Correrrio, atravessando o Pedregoso num pequeno barco para dar início à viagem para o norte até Winterfell. E era pelo Pedregoso que regressavam agora para casa, embora o rapaz vestisse armadura e cota de malha em vez de cueiros.

Robb estava sentado à proa com Vento Cinzento, descansando a mão na cabeça do lobo gigante enquanto os remadores puxavam os remos. Theon Greyjoy encontrava-se com ele. O tio Brynden vinha depois, no segundo barco, com Grande-Jon e Lorde Karstark.

Catelyn ocupou um lugar perto da popa. Correram pelo Pedregoso, deixando a forte corrente empurrá-los para lá da Torre da Roda. O trovejar da grande roda de água que havia lá dentro era um som de infância que trouxe um sorriso triste ao rosto de Catelyn. Das muralhas de arenito do castelo, soldados e criados gritavam o nome dela, e o de Robb, e "Winterfell!". Em todos os baluartes esvoaçava o estandarte da Casa Tully: uma truta saltante, de prata, em fundo ondulado de azul e vermelho. Era uma visão estimulante; no entanto, não lhe alegrava o coração. Gostaria de saber se o coração voltaria a alegrar-se algum dia. *Ah, Ned…*

Abaixo da Torre da Roda descreveram uma curva larga e cortaram as águas agitadas. Os homens puseram os ombros no esforço. O largo arco do Portão da Água surgiu à vista, e Catelyn ouviu o tinir de pesadas correntes quando a grande porta levadiça de ferro foi içada. Ergueu-se lentamente enquanto se aproximavam, e Catelyn viu que a parte de baixo estava vermelha de ferrugem. Os trinta centímetros inferiores pingaram lama sobre eles quando passaram por baixo, com as pontas farpadas a meros centímetros de suas cabeças. Catelyn ergueu o olhar para as barras e se perguntou até que profundidade iria a ferrugem, como aguentaria a porta levadiça um aríete e se deveria ser substituída. Nos dias que

corriam, era raro que pensamentos como aquele andassem longe de sua mente.

Passaram sob o arco e as muralhas, saindo do sol para a sombra e de novo para o sol. Havia barcos, grandes e pequenos, amarrados em toda a volta, presos a anéis de ferro incrustados na pedra. Os guardas do pai esperavam com o irmão na escada da água. Sor Edmure Tully era um jovem troncudo, de cabelos ruivos desgrenhados e barba cor de fogo. Sua placa de peito tinha arranhões e amassados de batalha, e o manto azul e vermelho estava manchado de sangue e de cinzas. Tinha ao lado Lorde Tytos Blackwood, um homem duro e espigado, de suíças cinzentas cortadas rente e nariz adunco. Sua armadura, de um amarelo vivo, era incrustada de azeviche em elaborados padrões que lembravam trepadeiras e folhas, e um manto feito de penas de corvo envolvia os ombros magros. Fora Lorde Tytos quem liderara a investida que arrancara o irmão de Catelyn do acampamento Lannister.

– Traga-os – ordenou Sor Edmure. Três homens precipitaram-se pelas escadas, entraram na água até os joelhos e puxaram o barco para perto com longos ganchos. Quando Vento Cinzento saltou para a terra, um deles deixou cair o cabo e cambaleou para trás, tropeçando e sentando-se abruptamente no rio. Os outros riram, e o homem ficou com expressão envergonhada. Theon Greyjoy saltou por cima da borda do barco e ergueu Catelyn pela cintura, pousando-a num degrau seco acima dele enquanto a água lhe batia nas botas.

Edmure desceu os degraus para abraçá-la.

– Querida irmã – murmurou com voz rouca. Possuía profundos olhos azuis e uma boca feita para sorrisos, mas agora não sorria. Parecia desgastado e cansado, consumido pela batalha e macilento de tensão. Tinha um curativo no pescoço, no local onde fora ferido. Catelyn o abraçou com toda a força.

– Sua dor é minha, Cat – disse quando se separaram. – Quando soubemos o que aconteceu a Lorde Eddard… os Lannister pagarão, juro, terá a sua vingança.

– Isso me trará Ned de volta? – ela disse em tom cortante. A ferida ainda era recente demais para palavras mais suaves. Agora não conseguia pensar em Ned. Não queria. Não seria bom. Tinha de ser forte. – Tudo isso pode esperar. Tenho de ver meu pai.

– Ele a espera em seu aposento privado – disse Edmure.

– Lorde Hoster está acamado, senhora – explicou o intendente do pai. Quando ficara aquele bom homem tão grisalho? – Deu-me instruções para levá-la até ele imediatamente.

– Eu a levo – Edmure a acompanhou pela escada da água e pela muralha inferior, onde Petyr Baelish e Brandon Stark tinham no passado cruzado espadas por sua estima. As maciças muralhas de arenito da fortaleza erguiam-se ao redor. Ao atravessarem uma porta, entre dois guardas com elmos encimados por peixes, ela perguntou:

– Como está ele? – já temendo a resposta enquanto pronunciava as palavras.

O olhar de Edmure era melancólico.

– Os meistres dizem que não ficará conosco muito tempo. A dor é… constante, e atroz.

Uma raiva cega a devastou, uma raiva contra o mundo inteiro, contra o irmão Edmure e a irmã Lysa, contra os Lannister, contra os meistres, contra Ned e contra o pai e contra os deuses monstruosos que queriam lhe roubar os dois.

– Devia ter me contado – disse. – Devia ter enviado uma mensagem assim que soube.

– Ele nos proibiu. Não queria que os inimigos soubessem que estava morrendo. Com o reino tão perturbado, temeu que, se os Lannister soubessem como estava frágil…

– … pudessem atacar? – terminou Catelyn, dura. *Foi obra sua, sua*, sussurrou uma voz dentro dela. *Se não tivesse decidido capturar o anão…*

Subiram em silêncio a escada em espiral.

A fortaleza tinha três lados, como o próprio Correrrio, e o aposento privado de Lorde Hoster era também triangular, com uma varanda de pedra que se projetava ao leste como se fosse a proa de um grande navio de arenito. Dali, o senhor do castelo podia olhar de cima para as suas muralhas e ameias, e para lá delas, onde as águas se encontravam. Tinham posto a cama do pai na varanda.

– Ele gosta de ficar ao sol, observando os rios – explicou Edmure. – Pai, olhe quem eu trouxe. Cat veio vê-lo…

Hoster Tully sempre fora um homem grande, alto e largo na juventude, corpulento quando envelheceu. Agora parecia encolhido, com músculos e carne arrancados dos ossos. Até o rosto cedera. Da última vez que Catelyn o vira, os cabelos e a barba eram castanhos, profusamente grisalhos. Agora tinham se tornado brancos como a neve.

Os olhos dele se abriram ao som da voz de Edmure.

– Gatinha – murmurou numa voz fraca e fina, arruinada pela dor. – Minha gatinha – um sorriso trêmulo tocou-lhe o rosto enquanto a mão procurava a dela às apalpadelas. – Fiquei à sua espera…

– Vou deixá-los conversar – disse o irmão, beijando suavemente o senhor seu pai na testa antes de se retirar.

Catelyn ajoelhou e tomou a mão do pai nas suas. Era uma mão grande, mas estava agora sem carne, com os ossos movendo-se soltos sob a pele, desaparecida toda a sua força.

– Devia ter me contado – disse ela. – Um mensageiro, um corvo…

– Os mensageiros são capturados e interrogados – ele respondeu. – Os corvos são abatidos… – foi tomado por um espasmo de dor, e os dedos apertaram os dela com força. – Tenho caranguejos na barriga… mordendo, sempre mordendo. Dia e noite. Têm garras duras, os caranguejos. Meistre Vyman faz-me vinho de sonhos, leite de papoula… durmo muito… Mas quis estar acordado para vê-la, quando chegasse. Tive medo… Quando os Lannister capturaram seu irmão, com os acampamentos a toda a volta… tive medo de partir antes de poder voltar a vê-la… tive medo…

– Estou aqui, pai – ela disse. – Com Robb, o meu filho. Ele também virá vê-lo.

– O seu rapaz – ele sussurrou. – Se bem me lembro, ele tinha os meus olhos…

– Tinha e ainda tem. E trouxemos Jaime Lannister acorrentado. Correrrio está de novo livre, pai.

Lorde Holster sorriu.

– Eu vi. Ontem à noite, quando começou, eu lhes disse … tinha de ver. Levaram-me para a guarita… Observei das ameias. Ah, foi uma beleza… os archotes chegaram numa onda, conseguia ouvir os gritos que pairavam sobre o rio… doces gritos… Quando aquela torre de cerco pegou fogo,

deuses… teria morrido então, e contente, se pudesse tê-la visto primeiro, criança. Foi o seu rapaz que fez tudo aquilo? Foi o seu Robb?

– Sim – disse Catelyn, imensamente orgulhosa. – Foi Robb… e Brynden. Seu irmão também está aqui, senhor.

– Ele – a voz do pai era um tênue sussurro. – O Peixe Negro… regressou? Do Vale?

– Sim.

– E Lysa? – um vento frio moveu-se através de seus finos cabelos brancos. – Que os deuses sejam bondosos, a sua irmã… ela também veio?

A voz dele estava tão cheia de esperança e desejo que foi duro dizer-lhe a verdade.

– Não. Lamento…

– Ah – o rosto descaiu, e alguma luz desapareceu dos olhos. – Tive esperança… teria gostado de vê-la, antes de…

– Ela está com o filho, no Ninho da Águia.

Lorde Hoster fez um aceno cansado.

– Agora Lorde Robert, com o pobre Arryn falecido… eu me lembro… Por que é que ela não veio com você?

– Está assustada, senhor. No Ninho da Águia sente-se segura – beijou a testa enrugada do pai. – Robb deve estar à espera. Quer vê-lo? E Brynden?

– O seu filho – segredou ele. – Sim. O filho de Cat. Lembro-me que ele tinha os meus olhos. Quando nasceu. Traga-o… sim.

– E seu irmão?

O pai olhou de relance para os rios.

– Peixe Negro – disse. – Já se casou? Tomou alguma… mulher como esposa?

*Até no leito de morte*, pensou Catelyn com tristeza.

– Ele não se casou. Sabe disso, pai. Nem nunca casará.

– Eu lhe disse… *ordenei*. Case! Era o seu senhor. Ele sabe. Era meu direito, arranjar-lhe um partido. Um bom partido. Uma Redwyne. Casa antiga. Uma doce jovem, bonita… sardas… Bethany, sim. Pobre criança. Ainda espera. Sim. Ainda…

– Bethany Redwyne casou há anos com Lorde Rowan – lembrou-lhe Catelyn. – Tem três filhos dele.

– Mesmo assim – resmungou Lorde Hoster. – Mesmo assim. Cuspiu na moça. Nos Redwyne. Cuspiu em *mim*. O seu senhor, seu irmão… esse Peixe Negro. Tinha outras ofertas. A filha de Lorde Bracken. Walder Frey… qualquer uma das três, disse ele… Casou? Com alguém? Alguém?

– Ninguém – disse Catelyn. – Mas percorreu muitas léguas para vê-lo, abrindo caminho, lutando até Correrio. Eu não estaria aqui agora se Sor Brynden não nos tivesse ajudado.

– Ele sempre foi um guerreiro – sussurrou o pai. – Isso podia fazer. Cavaleiro do Portão, sim – reclinou-se e fechou os olhos, extremamente fatigado. – Mande-o vir. Mais tarde. Agora quero dormir. Estou muito doente para discutir. Mande-o vir aqui mais tarde, o Peixe Negro…

Catelyn deu-lhe um beijo suave, alisou-lhe os cabelos e deixou-o ali, à sombra de sua fortaleza, com os seus rios a correr embaixo. Adormecera antes ainda de ela sair do aposento.

Quando voltou à muralha inferior, Sor Brynden Tully encontrava-se na escada da água com as botas molhadas, conversando com o capitão dos guardas de Correrrio. Foi imediatamente ao seu encontro.

– Ele está…?

– Morrendo – disse ela. – Como temíamos.

O rosto escarpado do tio mostrou claramente a dor que sentia. Fez correr os dedos pelos espessos cabelos grisalhos.

– Vai me receber?

Ela confirmou com a cabeça.

– Diz que está muito doente para discutir.

Brynden Peixe Negro soltou um risinho.

– Sou um soldado velho demais para acreditar nisso. Hoster há de ralhar comigo a respeito da jovem Redwyne até quando acendermos a sua pira funerária, malditos sejam os seus ossos.

Catelyn sorriu, sabendo que aquilo era verdade.

– Não vejo Robb.

– Acho que foi com Greyjoy até o salão.

Theon Greyjoy estava sentado num banco no Grande Salão de Correrrio, saboreando um corno de cerveja e oferecendo à guarnição do pai de Catelyn um relato do massacre no Bosque dos Murmúrios.

– Alguns tentaram fugir, mas nós tínhamos fechado o vale pelos dois lados, e saltamos da escuridão com espadas e lanças. Os Lannister deviam ter pensado que eram os Outros quem os atacava quando aquele lobo do Robb surgiu entre eles. Vi-o arrancar o braço de um homem, e os cavalos deles enlouqueceram com o seu cheiro. Não sei dizer quantos homens foram atirados…

– Theon – interrompeu Catelyn –, onde posso encontrar meu filho?

– Lorde Robb foi visitar o bosque sagrado, senhora.

Era o que Ned teria feito. *Tenho de me lembrar de que ele é tanto filho de seu pai como meu. Ah, deuses, Ned…*

Encontrou Robb sob a verde abóbada de folhas, rodeado de altas sequoias e grandes e velhos olmos, ajoelhado perante a árvore-coração, um esguio represeiro com um rosto que era mais triste que feroz. Tinha a espada à sua frente, com a ponta espetada na terra, e as mãos enluvadas a agarravam pelo punho. Ao seu redor, ajoelhavam-se também: Grande-Jon Umber, Rickard Karstark, Maege Mormont, Galbart Glover e outros. Até Tytos Blackwood se encontrava entre eles, com o grande manto de corvo aberto atrás de si. Estes são os que fazem culto aos velhos deuses, percebeu Catelyn. Perguntou-se que deuses ela cultuava nos dias que corriam, e não encontrou resposta.

Não podia perturbá-los em suas preces. Os deuses têm de receber o que lhes é devido… mesmo deuses cruéis que quiseram lhe roubar Ned e também o senhor seu pai. Por isso, Catelyn esperou. O vento do rio soprava através dos galhos mais altos, e olhou para a Torre da Roda, à sua direita, com hera subindo pela parede. Enquanto esperava, foi inundada por todas as lembranças. O pai lhe ensinara a montar entre aquelas árvores, e aquele era o olmo de onde Edmure caíra quando quebrara o braço, e mais adiante, sob aquele caramanchão, Lysa e ela tinham brincado aos beijos com Petyr.

Havia anos que não pensava naquilo. Como eram todos novos então… ela não seria mais velha que Sansa, Lysa, mais nova que Arya, e Petyr, ainda mais novo, mas ávido. As meninas tinham-no trocado entre elas, por vezes sérias, por vezes aos risinhos. A recordação era tão viva que quase conseguia sentir os dedos suados dele em seus ombros e saborear a menta de seu hálito. Havia sempre menta crescendo no bosque sagrado, e Petyr gostava de mascá-la. Fora um garoto tão ousado, sempre metido

em confusões. “Ele tentou enfiar a língua na minha boca”, confessara Catelyn à irmã mais tarde, quando ficaram a sós. “Fez o mesmo comigo”, segredara Lysa, tímida e sem fôlego. “Eu gostei.”

Robb pôs-se lentamente em pé e embainhou a espada, e Catelyn perguntou-se se o filho teria alguma vez beijado uma moça no bosque sagrado. Com certeza. Vira Jeyne Poole lançar-lhe olhares úmidos, e algumas das criadas, mesmo as que já tinham feito dezoito anos… Ele participara de batalhas e matara homens com uma espada, com certeza já fora beijado. Havia lágrimas nos olhos dela. Limpou-as, zangada.

– Mãe – chamou Robb quando a viu ali em pé. – Temos de convocar um conselho. Há coisas para decidir.

– Seu avô gostaria de vê-lo – ela disse. – Robb, ele está muito doente.

– Sor Edmure me disse. Lamento, mãe… por Lorde Hoster e pela senhora. Mas primeiro temos de nos reunir. Recebemos notícias do sul. Renly Baratheon reivindicou o trono do irmão.

– Renly? – ela disse, chocada. – Pensei que seria certamente Lorde Stannis…

– Todos nós pensávamos o mesmo, senhora – disse Galbart Glover.

O conselho de guerra reuniu-se no Grande Salão, em quatro longas mesas de montar dispostas num quadrado quebrado. Lorde Hoster estava muito fraco para participar e dormia em sua varanda, sonhando com o sol nos rios de sua juventude. Edmure ocupava o cadeirão dos Tully, com Brynden Peixe Negro a seu lado e os vassalos do pai dispostos à esquerda e à direita e ao longo das mesas laterais. A notícia da vitória em Correrrio chegara aos senhores fugitivos do Tridente, atraindo-os de volta. Karyl Vance entrou, agora um lorde, com o pai morto sob o Dente Dourado. Sor Marq Piper estava com ele, e trouxeram um Darry, filho de Sor Raymun, um garoto que não era mais velho que Bran. Lorde Jonos Bracken chegou das ruínas da Barreira de Pedra, carrancudo e fanfarrão, e ocupou um lugar tão afastado de Tytos Blackwood quanto as mesas permitiam.

Os senhores do Norte sentaram-se do lado oposto, com Catelyn e Robb em frente ao irmão dela. Eram menos numerosos. Grande-Jon sentou-se à esquerda de Robb, e em seguida Theon Greyjoy; Galbart Glover e a Senhora Mormont estavam à direita de Catelyn. Lorde Rickard Karstark, desolado e de olhos vazios em sua dor, ocupou seu lugar como um

homem perdido num pesadelo, com a longa barba por lavar e pentear. Deixara dois filhos mortos no Bosque dos Murmúrios e não havia notícias do terceiro, o mais velho, que liderara os lanceiros Karstark contra Tywin Lannister no Ramo Verde.

A discussão prolongou-se noite dentro. Cada senhor tinha direito a falar, e foi o que fizeram… e também gritaram, e praguejaram, e argumentaram, e lisonjearam, e brincaram, e regatearam, e bateram na mesa com canecas de cerveja, e ameaçaram, e saíram, e regressaram, mal-humorados ou sorrindo. Catelyn permaneceu sentada ouvindo tudo.

Roose Bolton tinha reunido os restos de sua maltratada tropa no início do talude. Sor Helman Tallhart e Walder Frey ainda mantinham as Gêmeas, o exército de Lorde Tywin atravessara o Tridente e dirigia-se para Harrenhal. E havia dois reis no reino. Dois reis e nenhum acordo.

Muitos dos senhores vassalos queriam marchar sobre Harrenhal de imediato, a fim de defrontar Lorde Tywin e terminar com o poderio dos Lannister de uma vez por todas. O jovem e temperamental Marq Piper sugeria, em vez disso, um ataque a oeste contra Rochedo Casterly. Outros ainda aconselhavam paciência. Correrrio estava atravessado nas linhas de abastecimento dos Lannister, lembrou Jason Mallister; que aguardassem o tempo certo, negando a Lorde Tywin provisões e soldados frescos, enquanto iam fortalecendo as defesas e descansando as tropas fatigadas. Lorde Blackwood não queria ouvir falar daquilo. Deveriam terminar o trabalho que tinham começado no Bosque dos Murmúrios. Marchar contra Harrenhal e trazer também para baixo o exército de Roose Bolton. Àquilo que Blackwood sugeria, Bracken opunha-se, como sempre; Lorde Jonos Bracken pôs-se em pé a fim de insistir que deviam declarar lealdade ao Rei Renly e ir para o sul juntar as suas forças às dele.

– Renly não é o rei – disse Robb. Era a primeira vez que o filho de Catelyn falava. Tal como o pai, sabia ouvir.

– Não pode pretender aderir a Joffrey, senhor – disse Galbart Glover. – Ele ordenou a morte de seu pai.

– Isso faz dele um mal – respondeu Robb. – Não sei se faz de Renly rei. Joffrey ainda é o filho legítimo mais velho de Robert, por isso o trono é dele segundo todas as leis do reino. Se ele morresse, e pretendo fazer com que morra, tem um irmão mais novo. Tommen segue na linha de sucessão a Joffrey.

– Tommen não é menos Lannister que o irmão – exclamou Sor Marq Piper.

– É como diz – disse Robb, perturbado. – Mas, mesmo assim, se nenhum deles for rei, como pode Lorde Renly sê-lo? Ele é o irmão *mais novo* de Robert. Bran não pode ser Senhor de Winterfell antes de mim, e Renly não pode ser rei antes de Lorde Stannis.

A Senhora Mormont concordou.

– Lorde Stannis tem a melhor pretensão.

– Renly foi *coroado* – disse Marq Piper. – Jardim de Cima e Ponta Tempestade apoiam sua pretensão, e os de Dorne não ficarão atrás. Se Winterfell e Correrrio acrescentarem suas forças às dele, teremos cinco das sete grandes casas atrás dele. *Seis*, se os Arryn se moverem! Seis contra o Rochedo! Senhores, dentro de um ano teremos todas as suas cabeças em lanças, a rainha e o rei rapaz, Lorde Tywin, o Duende, o Regicida, Sor Kevan, *todos*! Será isso que ganharemos se nos juntarmos ao Rei Renly. Que tem Lorde Stannis contra isso para que ponhamos tudo de lado?

– O direito – disse teimosamente Robb. Catelyn achou que o filho soara estranhamente como o pai.

– Pretende então nos declarar a favor de Stannis? – perguntou Edmure.

– Não sei – disse Robb. – Rezei para saber o que fazer, mas os deuses não responderam. Os Lannister mataram meu pai por traição, e sabemos que isso foi uma mentira, mas se Joffrey for o rei de direito e lutarmos contra ele, nós *seremos* traidores.

– O senhor meu pai aconselharia cautela – disse o idoso Sor Stevron, com o sorriso de fuinha de um Frey. – Esperem, deixem que esses dois reis joguem o seu jogo de tronos. Quando terminarem de lutar, podemos dobrar os joelhos ao vencedor, ou podemos nos opor a ele, conforme seja a nossa escolha. Com Renly armando-se, é provável que Lorde Tywin acolha bem uma trégua… e a devolução em bom estado de seu filho. Nobres senhores, permitam-me que vá conferenciar com ele em Harrenhal e nos arranje bons termos e resgates…

Um rugido de afronta afogou a sua voz.

– *Covarde!* – trovejou Grande-Jon.

– Suplicar por uma trégua só fará com que pareçamos fracos – declarou a Senhora Mormont.

– Que se danem os resgates, *não devemos* abdicar do Regicida – gritou Rickard Karstark.

– Por que não fazer a paz? – perguntou Catelyn.

Os senhores olharam-na, mas foram os olhos de Robb que sentiu, os dele, e apenas os dele.

– Senhora, eles assassinaram o senhor meu pai, seu marido – disse ele em tom sombrio. Desembainhou a espada e pousou-a na mesa à sua frente, fazendo cintilar o aço brilhante contra a madeira rústica. – Esta é a única paz que eu tenho a dar aos Lannister.

Grande-Jon berrou a sua concordância, e outros homens acrescentaram suas vozes, gritando, desembainhando espadas e batendo na mesa com os punhos. Catelyn esperou até que se calassem.

– Senhores – disse ela então –, Lorde Eddard era seu suserano, mas eu partilhei sua cama e dei à luz os seus filhos. Julgam que o amo menos que os senhores? – sua voz quase se quebrou, mas Catelyn inspirou longamente e se acalmou. – Robb, se esta espada pudesse trazê-lo de volta, eu nunca deixaria que a embainhasse até que Ned estivesse de novo ao meu lado… Mas ele partiu, e uma centena de Bosques dos Murmúrios não mudarão isso. Ned partiu, tal como Daryn Hornwood, tal como os valentes filhos de Lorde Karstark, tal como muitos outros bons homens, e nenhum deles regressará para nós. Precisaremos ainda de mais mortes?

– É uma mulher, senhora – estrondeou Grande-Jon com sua voz grave. – As mulheres não compreendem essas coisas.

– É o sexo gentil – disse Lorde Karstark, com rugas de dor frescas no rosto. – Um homem tem necessidade de vingança.

– Dê-me Cersei Lannister, Lorde Karstark, e verá quão *gentil* uma mulher pode ser – respondeu Catelyn. – Eu talvez não compreenda as táticas e a estratégia… mas compreendo a futilidade. Partimos para a guerra quando os exércitos Lannister assolavam as terras do rio, e Ned era um prisioneiro, falsamente acusado de traição. Lutamos para nos defender e para conquistar a liberdade do meu senhor. Pois bem, uma parte está feita, e a outra, para sempre além do nosso alcance. Farei luto por Ned até o fim dos meus dias, mas tenho de pensar nos vivos. Quero as minhas filhas de volta, e a rainha ainda as tem. Se tiver de trocar os nossos quatro Lannister pelas duas Stark deles, chamarei isso de uma

pechincha e darei graças aos deuses. Quero-o a salvo, Robb, governando em Winterfell do assento de seu pai. Quero que desfrute sua vida, que beije uma moça, case com uma mulher e gere um filho. Quero pôr fim a isto. Quero ir para casa, senhores, e chorar pelo meu marido.

O salão ficou muito silencioso quando Catelyn parou de falar.

– Paz – disse o tio Brynden. – A paz é doce, minha senhora… mas em que termos? De nada serve forjar um arado a partir de uma espada se for necessário forjar de novo a espada no dia seguinte.

– Para que morreram Torrhen e o meu Eddard, se tiver de regressar a Karhold sem nada a não ser os seus ossos? – perguntou Rickard Karstark.

– Sim – disse Lorde Bracken. – Gregor Clegane arrasou meus campos, massacrou meu povo e transformou Barreira de Pedra em uma ruína fumegante. Deverei agora dobrar o joelho àqueles que lhe deram as ordens? Para que lutamos, se deixarmos tudo como era antes?

Lorde Blackwood concordou, para surpresa e desânimo de Catelyn.

– E se fizéssemos a paz com o Rei Joffrey, não seríamos então traidores para o Rei Renly? E se o veado vencer o leão, em que situação ficaremos?

– Seja o que for que decidirem, nunca chamarei um Lannister de rei – declarou Marq Piper.

– Nem eu! – gritou o pequeno Derry. – Nunca o farei!

De novo começaram os gritos. Catelyn sentou-se, desesperada. Estivera tão perto, pensou. Tinham quase escutado, quase… mas o momento passara. Não haveria paz, não haveria possibilidade de cicatrizar, não haveria segurança. Olhou para o filho, observou-o enquanto escutava o debate dos senhores, de sobrancelha franzida, perturbado, mas casado com a sua guerra. Tinha prometido desposar uma filha de Walder Frey, mas agora Catelyn via claramente a sua esposa: a espada que pousara na mesa.

Catelyn estava pensando nas filhas, perguntando-se se alguma vez voltaria a vê-las, quando Grande-Jon se pôs em pé de um salto.

– *SENHORES!* – gritou, fazendo a voz reverberar nas traves. – Eis o que eu digo a esses dois reis! – cuspiu. – Renly Baratheon não é nada para mim, e Stannis também não. Por que haveriam de governar a mim e aos meus de uma cadeira florida qualquer em Jardim de Cima ou Dorne? Que sabem eles da Muralha ou da Mata de Lobos, ou das sepulturas dos

Primeiros Homens? Até os seus *deuses* estão errados. Que os Outros levem também os Lannister, já tive deles mais do que a minha conta – esticou a mão atrás do ombro e puxou a sua imensa e longa espada de duas mãos. – Por que não havemos de nos governar de novo a nós mesmos? Foi com os dragões que casamos, e os dragões estão todos mortos! – apontou com a lâmina para Robb. – Está *ali* o único rei perante o qual pretendo vergar o *meu* joelho, senhores – trovejou. – O Rei do Norte!

Ajoelhou-se, e depositou a espada aos pés do filho de Catelyn.

– Aceitarei a paz nesses termos – disse Lorde Karstark. – Podem ficar com o seu castelo vermelho e com a sua cadeira de ferro também – tirou a espada da bainha. – O Rei do Norte! – disse, ajoelhando-se ao lado de Grande-Jon.

Maege Mormont pôs-se em pé.

– O Rei do Inverno! – declarou, e pousou sua maça de espigões ao lado das espadas. E os senhores do rio também estavam se erguendo, Blackwood, Bracken e Mallister, casas que nunca tinham sido governadas por Winterfell, mas Catelyn viu-os erguer-se e puxar as lâminas, dobrando os joelhos e gritando as velhas palavras que não eram ouvidas no reino havia mais de trezentos anos, desde que Aegon, o Dragão, chegara para fazer dos Sete Reinos um só… mas agora eram ouvidas de novo, ressoando no madeirame do salão de seu pai:

– O Rei do Norte!

– O Rei do Norte!

– *O REI DO NORTE!*

# Daenerys

A terra era vermelha, morta e ressequida, e era difícil encontrar boa madeira. Os forrageiros regressaram com algodoeiros nodosos, arbustos roxos, feixes de grama seca. Abateram as duas árvores menos retorcidas, desbastaram os galhos, arrancaram a casca e dividiram-nas, dispondo as toras em quadrado. Encheram o centro com palha, arbustos, aparas de casca de árvore e fardos de mato seco. Rakharo escolheu um garanhão da pequena manada que lhes restava; não era tão nobre como o vermelho de Khal Drogo, mas poucos cavalos o eram. No centro do quadrado, Aggo deu-lhe uma maçã mirrada e o abateu num instante com um golpe de machado dado entre os olhos.

Atada de pés e mãos, Mirri Maz Duur observava da poeira com inquietação em seus olhos negros.

– Não basta matar um cavalo – disse a Dany. – Em si mesmo, o sangue não é nada. Não sabe as palavras para fazer um feitiço, nem tem a sabedoria para encontrá-las. Julga que a magia de sangue é um jogo de crianças? Chamam-me *maegi* como se fosse uma praga, mas tudo que isso significa é *sábio*. É uma criança, com a ignorância de uma criança. Seja o que for que pretenda fazer, não dará resultado. Solte-me destes nós, e eu a ajudarei.

– Estou farta dos zurros da *maegi* – disse Dany a Jhogo. Ele brindou-a com o chicote, e depois daquilo a esposa de deus manteve-se em silêncio.

Por cima da carcaça do cavalo, construíram uma plataforma de toras decepadas; troncos de árvores menores e braços das maiores, e os mais grossos e retos galhos que conseguiram encontrar. Dispuseram a madeira de leste para oeste, do nascente ao poente. Sobre a plataforma, empilharam os tesouros de Khal Drogo: sua grande tenda, os coletes pintados, as selas e arreios, o chicote que o pai lhe dera quando se fizera um homem, o *arakh* que usara para matar Khal Ogo e o filho, um grande arco de osso de dragão. Aggo queria juntar também as armas que os

companheiros de sangue de Drogo tinham dado a Dany como presente de noivado, mas ela o proibiu.

– Essas são minhas – disse-lhe – e quero ficar com elas – outra camada de arbustos foi depositada em volta dos tesouros do *khal*, e feixes de mato seco foram espalhados sobre eles.

Sor Jorah Mormont puxou-a de lado quando o sol se aproximava do zênite.

– Princesa… – começou.

– Por que me chama assim? – desafiou Dany. – Meu irmão Viserys era seu rei, não é verdade?

– Era, senhora.

– Viserys está morto. Eu sou sua herdeira, o último sangue da Casa Targaryen. O que quer que fosse dele é agora meu.

– Minha… rainha – disse Sor Jorah, caindo sobre um joelho. – Minha espada, que era dele, é sua, Daenerys. E o meu coração também, que nunca pertenceu a seu irmão. Sou apenas um cavaleiro, e nada tenho a oferecer-lhe exceto o exílio, mas escute-me, suplico-lhe. Esqueça Khal Drogo. Não estará só. Prometo-lhe que nenhum homem a levará para Vaes Dothrak a menos que deseje ir. Não tem de se juntar às *dosh khaleen*. Venha para o leste comigo. Yi Ti, Qarth, o Mar de Jade, Asshai da Sombra. Veremos todas as maravilhas que ainda há para ver, e beberemos os vinhos que os deuses achem por bem nos oferecer. Por favor, *khaleesi*. Sei o que pretende fazer. Não o faça. *Não o faça*.

– Tenho de fazê-lo – disse-lhe Dany. Tocou-lhe o rosto, com carinho, com tristeza. – O senhor não compreende.

– Compreendo que o amava – disse Sor Jorah com uma voz carregada de desespero. – Há tempos amei a senhora minha esposa, mas não morri com ela. É a minha rainha, minha espada é sua, mas não me peça para me afastar enquanto sobe para a pira de Drogo. Não a verei arder.

– É isso que teme? – Dany deu-lhe um leve beijo na testa larga. – Não sou assim tão infantil, querido sor.

– Não planeja morrer com ele? Jura, minha rainha?

– Juro – disse ela no Idioma Comum dos Sete Reinos que por direito eram seus.

O terceiro nível da plataforma foi tecido com galhos que não eram mais grossos que um dedo, e coberto com folhas e raminhos secos.

Dispuseram-nos de norte a sul, do gelo ao fogo, e em cima colocaram uma grande pilha de macias almofadas e sedas de dormir. O sol começava a baixar em direção a oeste quando terminaram. Dany chamou os dothrakis. Restavam menos de uma centena. Com quantos começara Aegon?, perguntou ela a si mesma. Não importava.

– Serão o meu *khalasar* – disse-lhes. – Vejo os rostos de escravos. Liberto-os. Tirem as coleiras. Partam se quiser, ninguém lhes fará mal. Se ficarem, serão como irmãos e irmãs, maridos e esposas – os olhos negros observavam, cautelosos, sem expressão. – Vejo crianças, mulheres, os rostos enrugados dos idosos. Ontem era uma criança. Hoje sou uma mulher. Amanhã serei velha. A cada um de vocês digo: deem-me suas mãos e seus corações, e haverá sempre lugar para todos – virou-se para os três jovens guerreiros do seu *khas*. – Jhogo, a você ofereço o chicote de cabo de prata que foi meu presente de noivado, nomeio-o *ko* e peço que jure que viverá e morrerá como sangue do meu sangue, cavalgando ao meu lado para me manter a salvo do mal.

Jhogo aceitou o chicote de suas mãos, mas o rosto mostrava confusão.

– *Khaleesi* – disse hesitantemente –, isto não se faz. Seria uma vergonha ser companheiro de sangue de uma mulher.

– Aggo – chamou Dany, sem prestar atenção às palavras de Jhogo. *Se olhar para trás, estou perdida*. – A você ofereço o arco de osso de dragão que foi meu presente de noivado – tinha dupla curvatura, era de um negro brilhante e requintado, mais alto que ela. – Nomeio-o *ko*, e peço que jure que viverá e morrerá como sangue do meu sangue, cavalgando ao meu lado para me manter a salvo do mal.

Aggo aceitou o arco com os olhos baixos.

– Não posso dizer essas palavras. Só um homem pode liderar um *khalasar* ou nomear um *ko*.

– Rakharo – disse Dany, virando as costas à recusa –, você ficará com o grande *arakh* que foi meu presente de noivado, com ouro incrustado no cabo e na lâmina. E também o nomeio *ko*, e peço que jure que viverá e morrerá como sangue do meu sangue, cavalgando ao meu lado para me manter a salvo do mal.

– É *khaleesi* – disse Rakharo, recebendo o *arakh*. – Cavalgarei ao seu lado até Vaes Dothrak sob a Mãe das Montanhas, e a manterei a salvo do

mal até ocupar o seu lugar com as feiticeiras do *dosh khaleen*. Não posso prometer mais.

Ela acenou, tão calmamente como se não tivesse ouvido sua resposta, e virou-se para o último de seus campeões.

– Sor Jorah Mormont – disse –, primeiro e maior dos meus cavaleiros, não tenho presente de noivado para lhe oferecer, mas juro que um dia receberá das minhas mãos uma espada longa como o mundo nunca viu outra igual, forjada por um dragão e feita de aço valiriano. E quero pedir também seu juramento.

– É seu, minha rainha – disse Sor Jorah, ajoelhando-se para depositar a espada aos pés dela. – Juro servi-la, obedecê-la, morrer pela senhora se for necessário.

– Aconteça o que acontecer?

– Aconteça o que acontecer.

– Lembrarei desse juramento. Rezo para que nunca se arrependa de tê-lo feito – Dany o fez se levantar. Pondo-se na ponta dos pés para lhe alcançar os lábios, deu um leve beijo no cavaleiro e disse: – É o primeiro da minha Guarda Real.

Conseguia sentir os olhos do *khalasar* postos nela ao entrar na tenda. Os dothrakis resmungavam e lançavam-lhe estranhos olhares de soslaio com seus olhos escuros e amendoados. Dany compreendeu que a julgavam louca. Talvez estivesse. Saberia em breve. *Se olhar para trás, estou perdida*.

O banho estava escaldando quando Irri a ajudou a entrar na banheira, mas Dany não vacilou nem gritou. Gostava do calor. Fazia-a sentir-se limpa. Jhiqui aromatizara a água com os óleos que Dany encontrara no mercado em Vaes Dothrak; o vapor subia úmido e odorífero. Doreah lavou-lhe os cabelos e os escovou, soltando os nós e os desembaraçando. Irri escovou-lhe as costas. Dany fechou os olhos e deixou que o cheiro e a tepidez a envolvessem. Sentia o calor ensopando a região machucada entre as coxas. Estremeceu quando a penetrou, e sua dor e rigidez pareceram se dissolver. Flutuou.

Quando ficou limpa, as aias ajudaram-na a sair da água. Irri e Jhiqui secaram-na, enquanto Doreah lhe escovava os cabelos até deixá-los como um rio de prata que lhe descia pelas costas. Perfumaram-na com flores, especiarias e canela; uma gota em cada pulso, atrás das orelhas, na ponta

dos seios pesados de leite. O último salpico destinava-se ao sexo. O dedo de Irri foi tão ligeiro e fresco como o beijo de um amante ao deslizar suavemente entre seus lábios.

Depois, Dany mandou todos embora para que pudesse preparar Khal Drogo para a sua última cavalgada às terras da noite. Lavou-lhe o corpo e escovou e oleou seus cabelos, fazendo correr os dedos por eles uma última vez, sentindo-lhes o peso, recordando a primeira vez que os tocara, na noite da cavalgada de casamento. Seus cabelos nunca foram cortados. Quantos homens podiam morrer sem nunca terem cortado os cabelos? Submergiu o rosto neles e inalou a escura fragrância dos óleos. Cheirava a erva e a terra quente, a fumaça, a sêmen e a cavalos. Cheirava a Drogo. *Perdoa-me, sol da minha vida*, pensou. *Perdoa-me por tudo o que fiz e por tudo o que tenho de fazer. Paguei o preço, minha estrela, mas foi alto demais, alto demais…*

Dany entrançou seus cabelos, prendeu seus anéis de prata no bigode e pendurou as campainhas, uma a uma. Tantas campainhas, de ouro, prata e bronze. Campainhas para que os inimigos o ouvissem chegar e ficassem fracos de medo. Vestiu-o com calções de pelo de cavalo e botas altas, afivelando à cintura um pesado cinto de medalhões de ouro e prata. Sobre seu peito marcado por cicatrizes, enfiou um colete pintado, velho e desbotado, aquele de que Drogo mais gostava. Para si escolheu calças largas de sedareia, sandálias atadas até o meio da perna e um colete como o de Drogo.

O sol estava descendo quando voltou a chamá-los para levarem o corpo dele até a pira. Os dothrakis observaram em silêncio quando Jhogo e Aggo o trouxeram da tenda. Dany os seguia. Depositaram-no nas almofadas e sedas, com a cabeça voltada para a Mãe das Montanhas, lá longe para nordeste.

– Óleo – ordenou ela, e trouxeram os jarros e despejaram o óleo sobre a pira, empapando as sedas, os arbustos e os feixes de mato seco, até que pingou sob as toras e o ar ficou rico de fragrâncias. – Tragam-me os meus ovos – ordenou Dany às aias. Algo em sua voz as fez correr.

Sor Jorah pegou-lhe no braço.

– Minha rainha, Drogo não terá nenhuma utilidade para ovos de dragão nas terras da noite. É melhor vendê-los em Asshai. Venda um, e poderá

comprar um navio que nos leve de volta para as Cidades Livres. Venda os três, e será uma mulher abastada até o fim dos seus dias.

– Não me foram dados para vender – disse-lhe Dany.

Subiu ela mesma na pira para colocar os ovos em volta do seu sol-e-estrelas. O negro junto ao coração, debaixo do braço. O verde ao lado da cabeça, com a trança enrolada nele. O creme e dourado entre as pernas. Quando o beijou pela última vez, Dany sentiu a doçura do óleo em seus lábios.

Ao descer da pira, reparou que Mirri Maz Duur a observava.

– É louca – disse roucamente a esposa de deus.

– Há assim tão grande distância entre a loucura e a sabedoria? – perguntou Dany. – Sor Jorah, ate esta *maegi* à pira.

– À pir… minha rainha, não, escute-me…

– Faça o que eu digo – mesmo assim, ele hesitou até que a ira dela flamejou. – Jurou me obedecer, acontecesse o que acontecesse. Rakharo, ajude-o.

A esposa de deus não gritou quando a arrastaram para a pira de Khal Drogo e a prenderam entre os seus tesouros. Foi a própria Dany quem despejou o óleo na cabeça da mulher.

– Agradeço-lhe, Mirri Maz Duur – disse –, pelas lições que me ensinou.

– Não me ouvirá gritar – respondeu Mirri enquanto o óleo lhe pingava da cabeça e ensopava as suas roupas.

– Ouvirei – disse Dany –, mas o que quero não são os seus gritos, só a sua vida. Lembro-me do que me disse. Só a morte pode pagar pela vida – Mirri Maz Duur abriu a boca, mas não respondeu. Ao se afastar, Dany viu que o desprezo tinha desaparecido dos olhos negros e achatados da *maegi*; no seu lugar havia algo que poderia ser medo. Depois, nada ficou por fazer, a não ser observar o sol e procurar a primeira estrela. Quando um senhor dos cavalos morre, seu cavalo é morto com ele, para que possa montar orgulhoso nas terras da noite. Os corpos são queimados a céu aberto, e o *khal* ergue-se em sua montaria de chamas para ocupar o seu lugar entre as estrelas. Quanto mais ferozmente o homem tiver queimado em vida, mais brilhante sua estrela será na escuridão.

Jhogo a viu primeiro.

– *Ali* – disse ele numa voz abafada. Dany olhou e a viu, baixa, no leste. A primeira estrela era um cometa que ardia, vermelho. Vermelho de sangue; vermelho de fogo; a cauda do dragão. Não poderia ter pedido um sinal mais forte.

Dany tirou o archote da mão de Aggo e o enfiou entre as toras. O óleo pegou fogo de imediato, os arbustos e o mato seco um instante depois. Minúsculas chamas correram pela madeira como velozes ratos vermelhos, patinando sobre o óleo e saltando de casca para galho, de galho para folha. Um calor que aumentava soprou-lhe no rosto, suave e súbito como o hálito de um amante, mas em segundos se tornara quente demais para suportar. Dany deu um passo atrás. A madeira estalou, cada vez mais alto. Mirri Maz Duur começou a cantar numa voz estridente e ululante. As chamas rodopiaram e contorceram-se, fazendo corridas umas com as outras pela plataforma acima. O ocaso ondulou quando o próprio ar pareceu liquefazer-se com o calor. Dany ouviu toras que se fendiam e estalavam. O fogo envolveu Mirri Maz Duur. A canção dela tornou-se mais sonora, mais estridente… e então arquejou, uma vez e outra, e a canção transformou-se num lamento trêmulo, agudo, sonoro e cheio de agonia.

E agora as chamas chegavam ao seu Drogo, e o rodeavam por completo. Suas roupas pegaram fogo, e por um instante o *khal* ficou vestido com farrapos de flutuante seda cor de laranja e elos de fumaça rodopiante, cinzenta e oleosa. Os lábios de Dany abriram-se, e ela deu por si prendendo a respiração. Parte de si queria ir com ele, como Sor Jorah temera, correr para as chamas para lhe pedir perdão e introduzi-lo em seu corpo uma última vez, deixando o fogo derreter a carne até se tornarem um só, para sempre.

Conseguia sentir o cheiro de carne queimada, em nada diferente da carne de cavalo assando numa fogueira. A pira rugia no crepúsculo que se aprofundava como um grande animal, afogando o som mais fraco dos gritos de Mirri Maz Duur e projetando longas línguas de fogo para lamber a barriga da noite. Quando a fumaça se tornou mais espessa, os dothrakis se afastaram, tossindo. Grandes gotas de fogo cor de laranja desenrolaram seus estandartes naquele vento infernal, com as toras silvando e estalando, e fagulhas brilhantes erguendo-se na fumaça e afastando-se, flutuando como outros tantos vaga-lumes recém-nascidos.

O calor batia o ar com grandes asas vermelhas, afastando os dothrakis, afastando até Mormont, mas Dany ficou em seu lugar. Era do sangue do dragão, e tinha o fogo em si.

Sentira a verdade havia muito, pensou Dany quando deu um passo para mais perto do incêndio, mas o braseiro nunca estivera suficientemente quente. As chamas contorciam-se à sua frente como as mulheres que dançaram em seu casamento, rodopiando, cantando e fazendo girar seus véus amarelos, laranja e carmins, terríveis de admirar, mas ao mesmo tempo adoráveis, tão adoráveis, vivas de calor. Dany abriu os braços, com a pele corada e brilhando. *Isto também é um casamento*, pensou. Mirri Maz Duur caíra em silêncio. A esposa de deus a julgara uma criança, mas as crianças crescem, e aprendem.

Outro passo, e Dany sentiu o calor da areia nas solas dos pés, apesar das sandálias. Suor escorreu-lhe pelas coxas, por entre os seios e em regatos pelas bochechas, onde antes tinham corrido lágrimas. Sor Jorah gritava atrás dela, mas ele já não importava, somente o fogo. As chamas eram tão belas, as coisas mais lindas que jamais vira, cada uma delas uma feiticeira vestida de amarelo, laranja e escarlate, fazendo rodopiar longos mantos fumarentos. Viu leões de fogo carmesins e grandes serpentes amarelas e unicórnios feitos de chamas azul-claras; viu peixes e raposas e monstros, lobos e aves brilhantes e árvores floridas, cada uma mais bela que a anterior. Viu um cavalo, um grande garanhão cinzento retratado na fumaça, com uma auréola de chama azul no lugar da crina. *Sim, meu amor, meu sol-e-estrelas, sim, monte agora, cavalgue agora*.

Seu colete começara a pegar fogo, e Dany o tirou e deixou cair ao chão. O couro pintado rebentou em súbitas chamas quando deu um pequeno salto para mais perto do fogo, com os seios nus perante as chamas, córregos de leite a jorrar dos mamilos vermelhos e inchados. Agora, pensou, agora, e por um instante vislumbrou Khal Drogo à sua frente, montado em seu garanhão de fumaça, com um chicote de fogo na mão. Ele sorriu, e o chicote serpenteou para a pira, silvando.

Ouviu um *crac*, o som de pedra que se quebra. A plataforma de árvores, arbustos e mato começou a deslocar-se e a colapsar sobre si mesma. Pedaços de madeira ardendo deslizaram até junto dela, e Dany foi salpicada por cinzas e fagulhas. E algo mais caiu, saltando e rolando, parando a seus pés; um pedaço de rocha curva, de cor clara e com veios

de ouro, quebrada e fumegante. O rugido enchia o mundo, mas, de um modo tênue, Dany ouviu através da catarata de fogo gritos de mulheres e choros de crianças, incrédulas.

*Só a morte pode pagar pela vida.*

E então se ouviu um segundo *crac*, tão sonoro e cortante como um trovão, e a fumaça agitou-se e rodopiou em torno dela e a pira oscilou, com as toras explodindo quando o fogo atingiu os seus corações secretos. Ouviu os gritos de cavalos assustados e as vozes dos dothrakis em gritos de medo e terror, e Sor Jorah chamando por seu nome e praguejando. *Não*, quis gritar, *não, meu bom cavaleiro, não tema por mim. O fogo é meu. Sou Daenerys, nascida na Tempestade, filha de dragões, noiva de dragões, mãe de dragões, não vê? Não VÊ?* Com um vômito de chamas e fumaça que subiu a nove metros de altura, a pira ruiu e caiu à sua volta. Sem medo, Dany deu um passo para a tempestade de fogo, chamando por seus filhos.

O terceiro *crac* foi tão sonoro e cortante como se o mundo se rasgasse.

Quando o fogo enfim morreu e o chão ficou suficientemente frio para poder ser atravessado, Sor Jorah Mormont encontrou-a entre as cinzas, rodeada por toras enegrecidas, fagulhas de brasas incandescentes e os ossos queimados de homem, mulher e garanhão. Estava nua, coberta de fuligem, com as roupas transformadas em cinzas, os belos cabelos torrados até desaparecer… mas incólume.

O dragão creme e dourado chupava-lhe o seio esquerdo, o verde e cor de bronze, o direito. Os braços dela os embalavam bem perto. O animal negro e escarlate envolvia-lhe os ombros, com o longo pescoço sinuoso enrolado sob seu queixo. Quando viu Jorah, ergueu a cabeça e o encarou com olhos vermelhos como brasas.

Sem palavras, o cavaleiro caiu de joelhos. Os homens de seu *khas* vieram atrás dele. Jhogo foi o primeiro a depositar o *arakh* a seus pés.

– Sangue do meu sangue – murmurou, inclinando o rosto à terra fumegante.

– Sangue do meu sangue – ouviu Aggo repetir num eco.

– Sangue do meu sangue – gritou Rakharo.

E depois dele vieram as aias, e depois os outros, todos os dothrakis, homens, mulheres e crianças, e Dany não teve mais que olhar para os

seus olhos para saber que eram seus agora, hoje, amanhã e para sempre, seus como nunca tinham sido de Drogo.

Quando Daenerys Targaryen se levantou, seu dragão negro silvou, com fumaça clara saindo da boca e das narinas. Os outros dois afastaram-se dos seios e somaram suas vozes ao chamamento, com asas translúcidas abrindo-se e agitando o ar, e pela primeira vez em centenas de anos a noite ganhou vida com a música dos dragões.

# APÊNDICE

# Casa Baratheon

A mais nova das Grandes Casas, surgida durante as Guerras da Conquista. Havia rumores de que seu fundador, Orys Baratheon, era irmão bastardo de Aegon, o Dragão. Orys subiu na hierarquia até se tornar um dos mais ferozes comandantes de Aegon. Quando derrotou e matou Argilac, o Arrogante, o último Rei da Tempestade, Aegon o recompensou com o castelo, as terras e a filha de Argilac. Orys tomou a moça como noiva e adotou o estandarte, os títulos e o lema de sua linhagem. O selo dos Baratheon é um veado coroado, negro, em fundo dourado. Seu lema é *Nossa é a Fúria*.

REI ROBERT BARATHEON, o Primeiro do Seu Nome,
– sua esposa, RAINHA CERSEI, da Casa Lannister,
– seus filhos:
  – PRÍNCIPE JOFFREY, herdeiro do Trono de Ferro, doze anos,
  – PRINCESA MYRCELLA, uma menina de oito anos,
  – PRÍNCIPE TOMMEN, um garoto de sete anos,
– seus irmãos:
  – STANNIS BARATHEON, Senhor de Pedra do Dragão,
    – sua esposa, SENHORA SELYSE, da Casa Florent,
    – sua filha, SHIREEN, uma menina de nove anos,
  – RENLY BARATHEON, Senhor de Ponta Tempestade,
– seu pequeno conselho:
  – GRANDE MEISTRE PYCELLE,

– LORDE PETYR BAELISH, chamado MINDINHO, mestre da moeda,
– LORDE STANNIS BARATHEON, mestre dos navios,
– LORDE RENLY BARATHEON, mestre das leis,
– SOR BARRISTAN SELMY, Senhor Comandante da Guarda Real,
– VARYS, um eunuco, chamado ARANHA, mestre dos segredos,

– sua corte e vassalos:
– SOR ILYN PAYNE, o Magistrado do Rei, um carrasco,
– SANDOR CLEGANE, chamado CÃO DE CAÇA, Escudo Juramentado do Príncipe Joffrey,
– JANOS SLYNT, um plebeu, comandante da Patrulha da Cidade de Porto Real,
– JALABHAR XHO, um príncipe exilado das Ilhas do Verão,
– RAPAZ LUA, um bobo,
– LANCEL e TYREK LANNISTER, escudeiros do rei, primos da rainha,
– SOR ARON SANTAGAR, mestre de armas,
– SOR BARRISTAN SELMY, Senhor Comandante,
– SOR JAIME LANNISTER, chamado REGICIDA,
– SOR BOROS BLOUNT,
– SOR MERYN TRANT,
– SOR ARYS OAKHEART,
– SOR PRESTON GREENFIELD,
– SOR MANDON MOORE.

As principais Casas vassalas de Ponta Tempestade são: Selmy, Wylde, Trant, Penrose, Errol, Estermont, Tarth, Swann, Dondarrion e Caron.

As principais Casas vassalas de Pedra do Dragão são: Celtigar, Velaryon, Seaworth, Bar Emmon e Sunglass.

# Casa Stark

A ascendência dos Stark remonta a Brandon, o Construtor, e aos antigos Reis do Inverno. Governaram Winterfell como Reis do Norte durante milhares de anos, até que Torrhen Stark, o Rei Que Ajoelhou, escolheu jurar fidelidade a Aegon, o Dragão, em vez de lhe dar batalha. Suas armas são um lobo gigante cinzento em campo branco de gelo. O lema dos Stark é *O Inverno Está Chegando*.

EDDARD STARK, Senhor de Winterfell, Protetor do Norte,
- sua esposa, SENHORA CATELYN, da Casa Tully,
- seus filhos:
  - ROBB, herdeiro de Winterfell, catorze anos de idade,
  - SANSA, a filha mais velha, onze anos,
  - ARYA, a filha mais nova, nove anos,
  - BRANDON, chamado BRAN, sete anos,
  - RICKON, um garotinho de três anos,
- seu filho bastardo, JON SNOW, um rapaz de catorze anos,
- seu protegido, THEON GREYJOY, herdeiro das Ilhas de Ferro,
- seus irmãos:
  - {BRANDON}, o irmão mais velho, assassinado por ordem de Aerys II Targaryen,
  - {LYANNA}, a irmã mais nova, morta nas Montanhas de Dorne,
  - BENJEN, o irmão mais novo, um homem da Patrulha da Noite,
- o pessoal de sua casa:
  - MEISTRE LUWIN, conselheiro, curandeiro e tutor,

– VAYON POOLE, intendente de Winterfell,
  – JEYNE, sua filha, a melhor amiga de Sansa,
– JORY CASSEL, capitão da guarda,
  – HALLIS MOLLEN, DESMOND, JACKS, PORTHER, QUENT, ALYN, TOMARD, VARLY, HEWARD, CAYN, WYL, guardas,
– SOR RODRIK CASSEL, mestre de armas, tio de Jory,
  – BETH, sua jovem filha,
– SEPTÃ MORDANE, tutora das filhas de Lorde Eddard,
– SEPTÃO CHAYLE, guardião do septo e da biblioteca do castelo,
– HULLEN, mestre dos cavalos,
  – seu filho, HARWIN, um guarda,
  – JOSETH, um cavalariço e treinador de cavalos,
– FARLEN, mestre do canil,
– VELHA AMA, contadora de histórias, antiga ama de leite,
  – HODOR, seu bisneto, um cavalariço simplório,
– GAGE, o cozinheiro,
– MIKKEN, ferreiro e armeiro,
– os principais senhores seus vassalos:
  – SOR HELMAN TALLHART,
  – RICKARD KARSTARK, Senhor de Karhold,
  – ROOSE BOLTON, Senhor do Forte do Pavor,
  – JON UMBER, chamado Grande-Jon,
  – GALBART e ROBETT GLOVER,
  – WYMAN MANDERLY, Senhor de Porto Branco,
  – MAEGE MORMONT, Senhora da Ilha dos Ursos.

As principais Casas vassalas de Winterfell são: Karstark, Umber, Flint, Mormont, Hornwood, Cerwyn, Reed, Manderly, Glover, Tallhart e Bolton.

# Casa Lannister

De cabelos claros, altos e de boa aparência, os Lannister são do sangue de aventureiros ândalos que esculpiram um reino poderoso nos montes e vales do ocidente, muito embora a linha feminina de que se vangloriam descenda de Lann, o Esperto, o legendário trapaceiro da Era dos Heróis. O ouro de Rochedo Casterly e de Dente Dourado fez dela a mais rica entre as Grandes Casas. Seu selo é um leão dourado num campo carmesim. O lema Lannister é *Ouça-me Rugir!*

TYWIN LANNISTER, Senhor de Rochedo Casterly, Protetor do Oeste, Escudo de Lanisporto,

- sua esposa, {SENHORA JOANNA}, uma prima, morta durante um parto,
- seus filhos:
  - SOR JAIME, chamado REGICIDA, herdeiro de Rochedo Casterly, irmão gêmeo de Cersei,
  - RAINHA CERSEI, esposa do Rei Robert I Baratheon, gêmea de Jaime,
  - TYRION, chamado DUENDE, um anão,
- seus irmãos:
  - SOR KEVAN, seu primeiro irmão,
    - sua esposa, DORNA, da Casa Swyft,
    - seu filho mais velho, LANCEL, escudeiro do rei,
    - seus filhos gêmeos, WILLEM e MARTYN,

– sua filha pequena, JANEI,
– GENNA, sua irmã, casada com Sor Emmon Frey,
– seu filho, SOR CLEOS FREY,
– seu filho, TION FREY, um escudeiro,
– {SOR TYGETT}, seu segundo irmão, morto de varíola,
– sua viúva, DARLESSA, da Casa Marbrand,
– seu filho, TYREK, escudeiro do rei,
– {GERION}, seu irmão mais novo, perdido no mar,
– sua filha bastarda, JOY, uma menina de dez anos,
– seu primo, SOR STAFFORD LANNISTER, irmão da falecida Senhora Joanna,
– suas filhas, CERENNA e MYRIELLE,
– seu filho, SOR DAVEN LANNISTER,
– seu conselheiro, MEISTRE CREYLEN,
– seus principais cavaleiros e senhores vassalos:
– LORDE LEO LEFFORD,
– SOR ADDAM MARBRAND,
– SOR GREGOR CLEGANE, a Montanha Que Cavalga,
– SOR HARYS SWYFT, sogro de Sor Kevan,
– LORDE ANDROS BRAX,
– SOR FORLEY PRESTER,
– SOR AMORY LORCH,
– VARGO HOAT, da Cidade Livre de Qohor, um mercenário.

As principais Casas vassalas de Rochedo Casterly são: Payne, Swyft, Marbrand, Lydden, Banefort, Lefford, Crakehall, Serrett, Broom, Clegane, Prester e Westerling.

# Casa Arryn

Os Arryn são descendentes dos Reis da Montanha e Vale, uma das mais antigas e puras linhagens da nobreza ândala. Seu selo é a lua e o falcão, de branco, em fundo azul-celeste. O lema dos Arryn é: *Tão Alto Como a Honra*.

{JON ARRYN}, Senhor do Ninho da Águia, Defensor do Vale, Protetor do Leste, Mão do Rei, recentemente falecido,

- sua primeira esposa, {SENHORA JEYNE}, da Casa Royce, morta durante o parto, com a – filha natimorta,
- sua segunda esposa, {SENHORA ROWENA}, da Casa Arryn, sua prima, morta por um resfriado de inverno, sem filhos,
- sua terceira esposa e viúva, SENHORA LYSA, da Casa Tully,
  - seu filho, ROBERT ARRYN, um garoto enfermiço de seis anos, o novo Senhor do Ninho da Águia e Defensor do Vale,
- seus vassalos e o pessoal de sua casa:
  - MEISTRE COLEMON, conselheiro, curandeiro e tutor,
  - SOR VARDIS EGEN, capitão da guarda,
  - SOR BRYNDEN TULLY, chamado Peixe Negro, Cavaleiro do Portão e tio da Senhora Lysa,
  - LORDE NESTOR ROYCE, Supremo Intendente do Vale,
    - SOR ALBAR ROYCE, seu filho,
    - MYA STONE, uma bastarda a seu serviço,
  - LORDE EON HUNTER, pretendente da Senhora Lysa,

– SOR LYN CORBRAY, pretendente da Senhora Lysa,
  – MYCHEL REDFORT, seu escudeiro,
– SENHORA ANYA WAYNWOOD, uma viúva,
  – SOR MORTON WAYNWOOD, seu filho, pretendente da Senhora Lysa,
  – SOR DONNEL WAYNWOOD, seu filho,
– MORD, um carcereiro brutal.

As principais Casas vassalas do Ninho da Águia são: Royce, Baelish, Egen, Waynwood, Hunter, Redfort, Corbray, Belmore, Melcolm e Hersy.

# Casa Tully

Os Tully nunca governaram como reis, embora possuíssem terras ricas e o grande castelo de Correrrio ao longo de mil anos. Durante as Guerras da Conquista, as terras fluviais pertenciam a Herren, o Negro, Rei das Ilhas. O avô de Herren, o Rei Harwyn Harthand, tomara o Tridente de Arrec, o Rei Tempestade, cujos ancestrais tinham conquistado todas as terras até Gargalo trezentos anos antes, matando o último dos antigos Reis do Rio. Tirano vaidoso e sangrento, Harren, o Negro, era pouco amado por aqueles que governava, e muitos dos senhores do rio o abandonaram para se juntar à tropa de Aegon. O primeiro entre eles foi Edmyn Tully de Correrrio. Quando Harren e sua linhagem pereceram no incêndio de Harrenhal, Aegon recompensou a Casa Tully concedendo a Lorde Edmyn o domínio sobre as terras do Tridente e exigindo dos outros senhores do rio que lhe jurassem fidelidade. O símbolo dos Tully é uma truta saltante, prateada, em fundo ondulado de azul e vermelho. O mote dos Tully é: *Família, Dever, Honra*.

HOSTER TULLY, Senhor de Correrrio,
- – sua esposa, {SENHORA MINISA}, da Casa Whent, morta durante um parto,
- – seus filhos:
  - – CATELYN, a filha mais velha, casada com Lorde Eddard Stark,
  - – LYSA, a filha mais nova, casada com Lorde Jon Arryn,
  - – SOR EDMURE, herdeiro de Correrrio,
- – seu irmão, SOR BRYNDEN, chamado PEIXE NEGRO,

– o pessoal de sua casa:
  – MEISTRE VYMAN, conselheiro, curandeiro e tutor,
  – SOR DESMOND GRELL, mestre de armas,
  – SOR ROBIN RYGER, capitão da guarda,
  – UTHERYDES WAYN, intendente de Correrrio,
– seus cavaleiros e senhores vassalos:
  – JASON MALLISTER, Senhor de Guardamar,
    – PATREK MALLISTER, seu filho e herdeiro,
  – WALDER FREY, Senhor de Travessia,
    – seus numerosos filhos, netos e bastardos,
  – JONOS BRACKEN, Senhor de Barreira de Pedra,
  – TYTOS BLACKWOOD, Senhor de Corvarbor,
  – SOR RAYMUN DARRY,
  – SOR KARYL VANCE,
  – SOR MARQ PIPER,
  – SHELLA WHENT, Senhora de Harrenhal,
    – SOR WILLIS WODE, um cavaleiro a seu serviço.

As Casas menores vassalas de Correrrio incluem: Darry, Frey, Mallister, Bracken, Blackwood, Whent, Ryger, Piper e Vance.

# Casa Tyrell

Os Tyrell ascenderam ao poder como intendentes dos Reis da Campina, cujos domínios incluíam as planícies férteis desde a Marca de Dorne e da Torrente da Água Negra até as costas do Mar do Poente. Através da linha feminina, dizem descender de Garth Greenhand, o rei jardineiro dos Primeiros Homens, que usava uma coroa de trepadeiras e flores e fazia a terra florescer. Quando o Rei Mern, o último da antiga linhagem, pereceu no Campo de Fogo, seu intendente Harlen Tyrell rendeu Jardim de Cima a Aegon Targaryen, jurando-lhe fidelidade. Aegon concedeu-lhe o castelo e o domínio sobre a Campina. O símbolo dos Tyrell é uma rosa dourada em fundo verde-relva. Seu lema é: *Crescendo Fortes*.

MACE TYRELL, Senhor de Jardim de Cima, Protetor do Sul, Defensor das Marcas, Supremo Marechal da Campina.

–sua esposa, SENHORA ALERIE, da Casa Hightower de Vilavelha,

– seus filhos:

  – WILLAS, o filho mais velho, herdeiro de Jardim de Cima,

  – SOR GARLAN, chamado GALANTE, o segundo filho,

  – SOR LORAS, o Cavaleiro das Flores, o filho mais novo,

  – MARGAERY, sua filha, uma donzela de catorze anos,

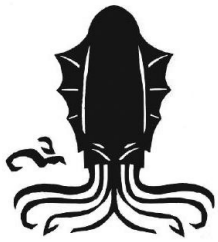
– sua mãe viúva, a SENHORA OLENNA, da Casa Redwyne, chamada Rainha dos Espinhos,

– suas irmãs:

  – MINA, casada com Lorde Paxter Redwyne,

– JANNA, casada com Sor Jon Fossoway,
– seus tios:
  – GARTH, chamado o GROSSO, Senhor Senescal de Jardim de Cima,
    – seus filhos bastardos, GARSE e GARRETT FLOWERS,
  – SOR MORYN, Senhor Comandante da Patrulha da Cidade de Vilavelha,
  – MEISTRE GORMON, um erudito da Cidadela,
– o pessoal de sua casa:
  – MEISTRE LOMYS, conselheiro, curandeiro e tutor,
  – IGON VYRWELL, capitão da guarda,
  – SOR VORTIMER CRANE, mestre de armas,
– seus cavaleiros e senhores vassalos:
  – PAXTER REDWYNE, Senhor de Árvore,
    – seus filhos com a Senhora Mina:
      – SOR HORAS, escarnecido como HORROR, gêmeo de Hobber,
      – SOR HOBBER, escarnecido como BABEIRO, gêmeo de Horas,
      – DESMERA, uma donzela de quinze anos,
  – RANDYLL TARLY, Senhor de Monte Chifre,
    – SAMWELL, seu filho mais velho, da Patrulha da Noite,
    – DICKON, seu filho mais novo, herdeiro de Monte Chifre,
  – ARWYN OAKHEART, Senhora de Carvalho Velho,
  – MATHIS ROWAN, Senhor de Bosquedouro,
  – LEYTON HIGHTOWER, Voz de Vilavelha, Senhor do Porto,
  – SOR JON FOSSOWAY.

As principais Casas vassalas de Jardim de Cima são: Vyrwel, Florent, Oakheart, Hightower, Crane, Tarly, Redwyne, Rowan, Fossoway e Mullendore.



# Casa Greyjoy

Os Greyjoy de Pyke dizem descender do Rei Cinzento da Era dos Heróis. Segundo a lenda, o Rei Cinzento governava não só as ilhas ocidentais, mas também o próprio mar, e tomou uma sereia como esposa. Durante milhares de anos, piratas das Ilhas de Ferro – chamados "homens de ferro" por aqueles que saqueavam – foram os terrores dos mares, navegando até paragens tão distantes como o Porto de Ibben e as Ilhas do Verão. Orgulhavam-se de sua ferocidade em batalha e de suas sagradas liberdades. Cada ilha tinha seus próprios "rei do sal" e "rei da rocha". O Rei Supremo das Ilhas era escolhido entre aqueles, até que o Rei Urron tornou o trono hereditário ao assassinar os outros reis quando se reuniram para uma escolha. A linhagem de Urron foi extinta mil anos mais tarde, quando os ândalos varreram as ilhas. Os Greyjoy, tal como outros senhores das ilhas, misturaram-se com os conquistadores pelo casamento. Os Reis de Ferro estenderam seus domínios bem para lá das ilhas propriamente ditas, esculpindo reinos no continente através do fogo e da espada. O Rei Qhored podia vangloriar-se sem faltar à verdade que seu decreto era válido "onde quer que os homens consigam cheirar a água salgada ou ouvir o bater das ondas". Nos séculos seguintes, os descendentes de Qhored perderam a Árvore, Vilavelha, a Ilha dos Ursos e a maior parte da costa ocidental. Mesmo assim, ao chegarem as Guerras da Conquista, o Rei Harren, o Negro, governava todas as terras entre montanhas, do Gargalo até a Torrente da Água Negra. Quando Harren e os filhos pereceram na queda de Harrenhal, Aegon Targaryen concedeu

as terras fluviais à Casa Tully e permitiu que os senhores sobreviventes das Ilhas de Ferro retomassem o antigo costume e escolhessem quem devia deter a primazia entre eles. Escolheram Lorde Vickon Greyjoy de Pyke. O selo dos Greyjoy é uma lula gigante dourada em fundo negro. Seu lema é *Nós Não Semeamos*.

BALON GREYJOY, Senhor das Ilhas de Ferro, Rei do Sal e da Rocha, Filho do Vento Marinho, Senhor Ceifeiro de Pyke,

- sua esposa, SENHORA ALANNYS, da Casa Harlaw,
- seus filhos:
  - {RODRIK}, o filho mais velho, morto em Guardamar durante a Rebelião Greyjoy,
  - {MARON}, o segundo filho, morto nas muralhas de Pyke durante a Rebelião Greyjoy,
  - ASHA, sua filha, capitã do *Vento Negro*,
  - THEON, seu único filho sobrevivente, herdeiro de Pyke, protegido de Lorde Eddard Stark,
- seus irmãos:
  - EURON, chamado OLHO DE CORVO, capitão do *Silêncio*, um fora da lei, pirata e corsário,
  - VICTARION, Senhor Capitão da Frota de Ferro,
  - AERON, chamado CABELO MOLHADO, um sacerdote do Deus Afogado.

Entre as Casas menores vassalas de Pyke incluem-se: Harlaw, Stonehouse, Merlyn, Sunderly, Botley, Tawney, Wynch e Goodbrother.

# Casa Martell

Nymeria, a rainha guerreira de Roine, trouxe seus dez mil navios até a costa de Dorne, o mais meridional dos Sete Reinos, e tomou Lorde Mors Martell por marido. Com a ajuda dela, ele derrotou os rivais pelo domínio de todo o Dorne. A influência roinar permanece forte. Assim, os governantes de Dorne chamam a si mesmos "Príncipes", e não "Reis". Sob a lei de Dorne, as terras e os títulos passam para o filho mais velho, e não para o varão mais velho. Dorne é o único dos Sete Reinos que nunca foi conquistado por Aegon, o Dragão. Só se juntou permanentemente ao reino duzentos anos mais tarde e, quando isso aconteceu, foi pelo casamento e por um tratado, não pela espada. O pacífico Rei Daeron II teve sucesso onde os guerreiros tinham falhado, ao casar-se com a princesa de Dorne, Myriah, e ao dar a irmã em casamento ao Príncipe reinante de Dorne. O estandarte Martell é um sol vermelho trespassado por uma lança dourada. Seu lema é *Insubmissos, Não Curvados, Não Quebrados*.

DORAN NYMEROS MARTELL, Senhor de Lançassolar, Príncipe de Dorne,
- – sua esposa, MELLARIO, da Cidade Livre de Norvos,
- – seus filhos:
  - – PRINCESA ARIANNE, a filha mais velha, herdeira de Lançassolar,
  - – PRÍNCIPE QUENTYN, o filho mais velho,
  - – PRÍNCIPE TRYSTANE, o filho mais novo,
- – seus irmãos:

    - {PRINCESA ELIA}, sua irmã, casada com o Príncipe Rhaegar Targaryen, morta durante o Saque de Porto Real,
    - seus filhos:
      - {PRINCESA RHAENYS}, uma jovem garota, morta durante o Saque de Porto Real,
      - {PRÍNCIPE AEGON}, um bebê, morto durante o Saque de Porto Real,
  - PRÍNCIPE OBERYN, seu irmão, o Víbora Negra,
- o pessoal de sua casa:
  - AREO HOTAH, um mercenário morvoshi, capitão dos guardas,
  - MEISTRE CALEOTTE, conselheiro, curandeiro e tutor,
- seus cavaleiros e senhores vassalos:
  - EDRIC DAYNE, Senhor de Tombastela.

As principais Casas vassalas de Lançassolar incluem: Jordayne, Santagar, Allyrion, Toland, Yronwood, Wyl, Fowler e Dayne.

A Antiga Dinastia

# Casa Targaryen

Os Targaryen são do sangue do dragão, descendentes dos grandes senhores da antiga Cidade Franca de Valíria, exibindo sua herança em uma beleza notável (alguns diriam inumana), com olhos lilás, índigo ou violeta e cabelos ouro-prateados ou branco-platinados.

Os antepassados de Aegon, o Dragão, escaparam à Condenação de Valíria e ao caos e morticínio que se seguiu e instalaram-se em Pedra do Dragão, uma ilha rochosa no mar estreito. Foi daí que Aegon e as irmãs Visenya e Rhaenys se lançaram ao mar para conquistar os Sete Reinos. A fim de preservar o sangue real e mantê-lo puro, a Casa Targaryen seguiu com frequência o costume valiriano de casar os irmãos com as irmãs. O próprio Aegon tomou as duas irmãs como esposas e teve filhos de ambas. O estandarte Targaryen é um dragão de três cabeças, vermelho sobre negro, sendo as três cabeças representativas de Aegon e das irmãs. O lema Targaryen é *Fogo e Sangue*.

## A LINHA DE SUCESSÃO TARGARYEN

Datada segundo os anos passados após o Desembarque de Aegon

1-37 Aegon I Aegon, o Conquistador, Aegon, o Dragão,

37- Aenys I Filho de Aegon e Rhaenys,

42

42-48 Maegor I Maegor, o Cruel, filho de Aegon e Visenya,

48-103 Jaehaerys I O Velho Rei, o Conciliador, filho de Aenys,

103-129 Viserys I Neto de Jaehaerys,

129-131 Aegon II Filho mais velho de Viserys,
[A ascensão de Aegon II ao trono foi disputada pela irmã Rhaenyra, um ano mais velha. Ambos pereceram na guerra que travaram, chamada pelos cantores Dança dos Dragões.]

131-157 Aegon III A Desgraça dos Dragões, filho de Rhaenyra,
[O último dos dragões Targaryen morreu durante o reinado de Aegon III.]

157-161 Daeron I O Jovem Dragão, o Rei Rapaz, filho mais velho de Aegon III,
[Daeron conquistou Dorne, mas foi incapaz de manter o país e morreu jovem.]

161-171 Baelor I O Amado, o Abençoado, septão e rei, segundo filho de Aegon III,

171-172 Viserys II Quarto filho de Aegon III,

172-184 Aegon IV O Indigno, filho mais velho de Viserys II,
[Seu irmão mais novo, Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, era campeão e, há quem diga, amante da Rainha Naerys.]

184-209 Daeron II Filho da Rainha Naerys, e de Aegon ou Aemon,
[Daeron trouxe Dorne para o reino ao casar com a princesa Myriah de Dorne.]

209-221 Aerys I Segundo filho de Daeron II (não deixou descendência),

221-233 Maekar I Quarto filho de Daeron II,

233-259 Aegon V O Improvável, quarto filho de Maekar,

259-262 Jaehaerys II Segundo filho de Aegon, o Improvável,

262-283 Aerys II O Rei Louco, filho único de Jaehaerys.

Aqui terminou a linhagem dos reis dragões, quando Aerys II foi destronado e morto, bem como seu primogênito, o príncipe herdeiro Rhaegar Targaryen, morto por Robert Baratheon no Tridente.

# Os Últimos Targaryen

{REI AERYS TARGARYEN}, o Segundo do Seu Nome, morto por Jaime Lannister durante o Saque de Porto Real,

- sua irmã e esposa, {RAINHA RHAELLA}, da Casa Targaryen, morta durante um parto em
- Pedra do Dragão,
- seus filhos:
  - {PRÍNCIPE RHAEGAR}, herdeiro do Trono de Ferro, morto por Robert Baratheon no Tridente,
    - sua esposa, {PRINCESA ELIA}, da Casa Martell, morta durante o Saque de Porto Real,
    - seus filhos:
      - {PRINCESA RHAENYS}, uma menina pequena, morta durante o Saque de Porto Real,
      - {PRÍNCIPE AEGON}, um bebê, morto durante o Saque de Porto Real,
  - PRÍNCIPE VISERYS, apresenta-se como Viserys, o Terceiro do Seu Nome, Senhor dos Sete Reinos, chamado Rei Pedinte,
  - PRINCESA DAENERYS, chamada Daenerys, Filha da Tormenta, uma donzela de treze anos.

# AGRADECIMENTOS DO AUTOR

Diz-se que o diabo está nos detalhes.

Um livro deste tamanho tem *muitos* diabos, e cada um deles morderá o autor se ele não tiver cuidado. Felizmente, conheço muitos anjos.

Os meus agradecimentos e estima, portanto, vão para todas aquelas boas pessoas que tão amavelmente me emprestaram seus ouvidos e sua sabedoria (e, em alguns casos, seus livros) para que pudesse colocar todos os pequenos detalhes nos lugares certos – para Sage Walker, Martin Wright, Melinda Snodgrass, Carl Keim, Bruce Baugh, Tim O'Brien, Roger Zelazny, Jane Lindskold e Laura J. Mixon e, claro, para Parris.

E um agradecimento especial a Jennifer Hershey, por esforços muito além do dever.

# NOTA DO TRADUTOR

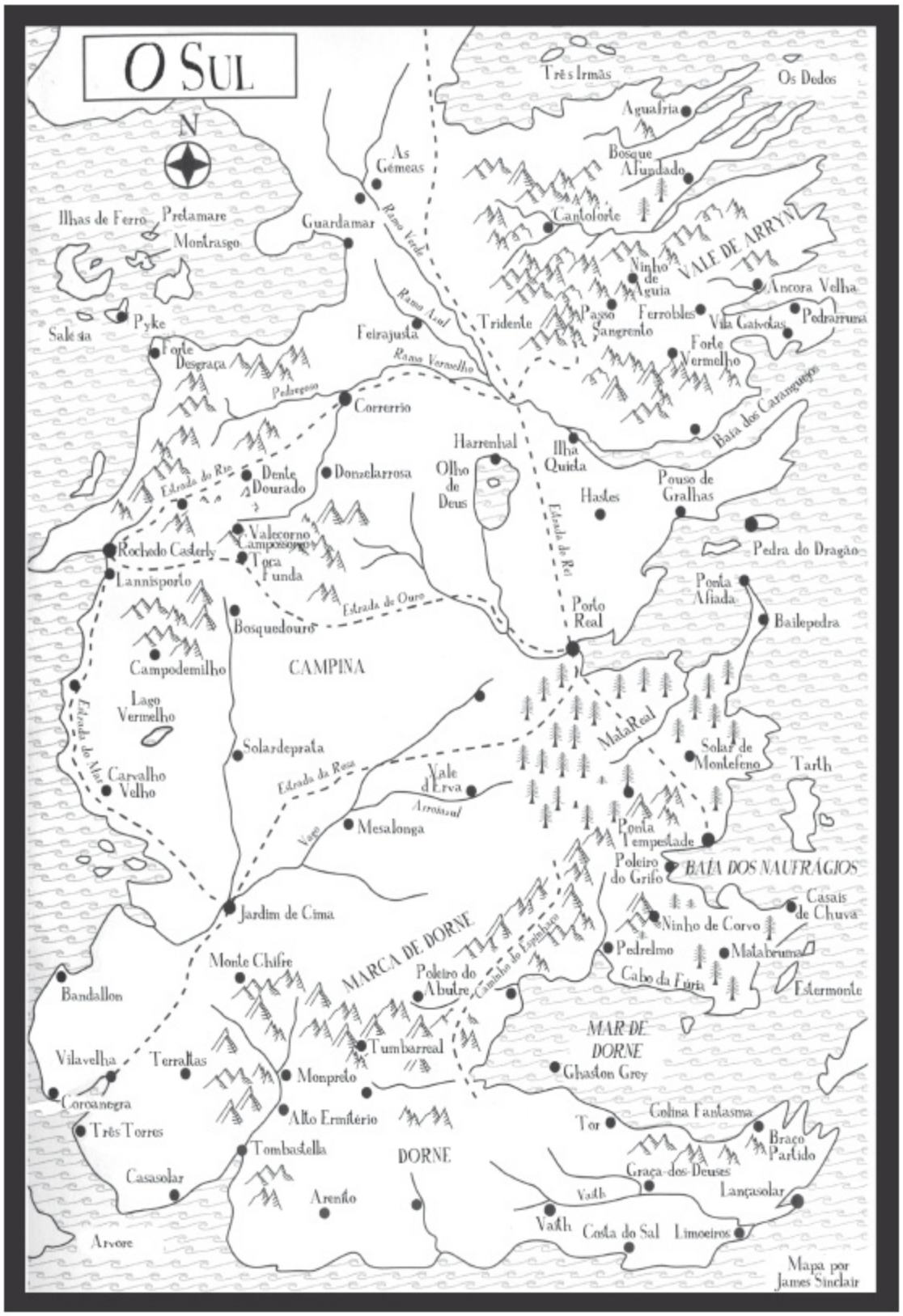
Uma das regras básicas da tradução dita que nomes e topônimos não devem ser traduzidos. Mas os escritores nem sempre estão dispostos a facilitar a vida dos tradutores tanto assim, e por vezes escrevem histórias passadas em mundos de fantasia, nos quais se falam línguas que não são aquela em que a história é contada. Alguns, por esse motivo, encontram nomes exóticos para seus personagens e locais; outros preferem "traduzi-los", implícita ou explicitamente. Nesses casos, o tradutor é confrontado com um dilema: respeitar a regra que o escritor viola ou violá-la também?

Aqui, optou-se por violá-la até certo ponto. Como a maior parte (mas não todos) dos topônimos de Martin é ou inglês puro ou uma derivação próxima, e dado que ele utiliza muitos desses nomes como uma forma rápida de caracterização do ambiente, considerou-se que, se não fossem traduzidos, estaríamos privando o leitor dessa ajuda à ambientação. Por outro lado, a tradução de nomes é assunto delicado: não convém que, ao ser traduzido, o nome perca credibilidade e mine a suspensão da descrença necessária para apreciar a história. Assim, traduziram-se apenas aqueles nomes para os quais foi encontrado um equivalente viável em português. Topônimos sem tradução (Dorne, Pentos etc.) permaneceram em grande medida inalterados, e o mesmo aconteceu àqueles raros topônimos para os quais nenhum bom equivalente português foi encontrado, entre os quais se destaca, pela centralidade que possui neste romance, Winterfell.

O caso do sobrenome das personagens é semelhante, mas o critério foi outro, pois só uma minoria desses sobrenomes vem num inglês provido de significado (Stark, Snow, Flowers e poucos mais) e não faria grande sentido ter na mesma história, e nos mesmos reinos, as famílias Targaryen, Lannister e Arryn, e Fortes, Neves e Flores, tanto mais que, além desses dois tipos de sobrenome, existe ainda um número

considerável de alcunhas e apelidos, e esses devem ser sempre traduzidos. A tradução de alguns sobrenomes, deixando intacto nos outros o “sabor” inglês, geraria uma situação ambígua para os primeiros e não se achou isso aconselhável.

Naturalmente, tudo isso é discutível. Em uma tradução poucas são as coisas que não o são.


O Sul
N
Três Irmãs
Os Dedos
Aguafria
Bosque Afundado
As Gémeas
Guardamar
Ramo Verde
Ilhas de Ferro
Prelamare
Montrasgo
Cantoforte
VALE DE ARRYN
Ninho de Águia
Âncora Velha
Pyke
Salésia
Tridente
Ramo Azul
Feirajusta
Passo Sangrento
Ferrobles
Vila Gaivotas
Pedrarruna
Forte Desgraça
Ramo Vermelho
Forte Vermelho
Pelagesso
Correrrio
Baía dos Caranguejos
Harrenhal
Ilha Quieta
Olho de Deus
Donzelarrosa
Estrada do Rei
Dente Dourado
Hastes
Pouso de Gralhas
Valecorno
Campossorgo
Rochedo Casterly
Toca Funda
Pedra do Dragão
Lannisporto
Estrada de Ouro
Porto Real
Ponta Afiada
Bosquedouro
Bailepedra
Campodemilho
CAMPINA
Lago Vermelho
Estrada do Mar
Solardeprata
MataReal
Solar de Montefeno
Tarth
Carvalho Velho
Estrada da Rosa
Vale d'Erva
Arroiozal
Vago
Mesalonga
Ponta Tempestade
Poleiro do Grifo
BAÍA DOS NAUFRÁGIOS
Jardim de Cima
Casais de Chuva
Ninho de Corvo
MARCA DE DORNE
Caminho do Espinheiro
Pedrelmo
Malabruma
Monte Chifre
Poleiro do Abutre
Cabo da Fúria
Estermonte
Bandallon
MAR DE DORNE
Tumbarreal
Vilavelha
Terraltas
Monpreto
Ghaston Grey
Corcanegra
Alto Ermitério
Tor
Colina Fantasma
Três Torres
Tombastella
DORNE
Braço Partido
Graça-dos-Deuses
Casasolar
Areníto
Vaith
Lançasolar
Vaith
Costa do Sal
Limoeiros
Árvore
Mapa por James Sinclair

GEORGE R.R.
MARTIN
A FÚRIA DOS REIS
AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO
LIVRO DOIS
LeYa

GEORGE R.R.

# MARTIN

# A FÚRIA DOS REIS

## AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO

*LIVRO DOIS*

# Ficha Técnica

Copyright © George R. R. Martin
Todos os direitos reservados.
Versão brasileira © 2011, Texto Editores Ltda.
Título original: A Clash of Kings

Diretor editorial: Pascoal Soto
Editora: Mariana Rolier
Produção editorial: Sonnini Ruiz

Preparação de texto: André Albert e Suria Scapin
Revisão: Bel Ribeiro, Margô Negro e Vivian Miwa Matsushita
Diagramação: Ricardo Nakamiti
Adaptação de capa: Osmane Garcia Filho
Ilustração da capa: Marc Simonetti © Éditions J'ailu

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP-Brasil)
Ficha catalográfica elaborada por Oficina Miríade, RJ, Brasil.

M381 Martin, George R. R., 1948-
A fúria dos reis / George R. R. Martin ; tradução: Jorge Candeias. − São Paulo : Leya, 2011.
656 p. : il. – (As crônicas de gelo e fogo ; 2)
Tradução de: A clash of kings.
ISBN 9788580442793
1. Literatura americana. 2. Ficção fantástica americana I. Título. II. Série
11-0087 CDD-813

Todos os direitos desta edição reservados à
texto editores ltda.
[Uma editora do grupo Leya]
Av. Angélica, 2163 − conj. 175/178
01227-200 − Santa Cecília − São Paulo − SP
www.leya.com

O NORTE
A COSTA GELADA
BAÍA DE GELO
Ilha dos Ursos
Floresta Assombrada
A MURALHA
Torre Sombria
Castelo Negro
Atalaia leste do Mar
Skane
BAÍA DAS FOCAS
Lago Longo
Colinas Solitárias
Rio Último
Karhold
Forte do Pavor
N
Matadelobos
Winterfell
Águas Chorosas
Praça de Torrhen
Estrada do Rei
Faca Branca
Ramo Partido
TERRAS ACIDENTADAS
Vila Acidentada
Aride
Porto Branco
Atalaia da Viúva
Fosso Cailin
Castelovelho
O GARGALO
DENTADA
Vilirmãs
Atalaia da Água Cinzenta
Três Irmãs
Os Dedos
As Gémeas
Pretamare
Ilhas de Ferro
Montrasgo
Guardamar
Ramo Verde
Ninho de Águia
VALE DE ARRYN
Ramo Azul
Passo Sangrento
Salésia
Pyke
Mapa por James Sinclair
Correrrio
Ramo Vermelho

# Prólogo

A cauda do cometa espraiava-se pela madrugada, um corte vermelho que sangrava por cima dos penhascos da Pedra do Dragão como uma ferida num céu cor-de-rosa e púrpura.

O meistre estava em pé, na varanda varrida pelo vento, do lado de fora dos seus aposentos. Era ali que chegavam os corvos, depois de longos voos. Os excrementos das aves salpicavam as gárgulas, que se erguiam a uma altura de três metros e meio, de ambos os lados; um mastim do inferno e uma serpe,[1] dois dos mil exemplares que se empoleiravam nas muralhas da antiga fortaleza. Quando chegara à Pedra do Dragão, o exército de grotescas esculturas de pedra costumava deixá-lo incomodado, mas, com a passagem dos anos, foi se acostumando. Agora, pensava nelas como em velhas amigas. Os três observaram juntos o céu, tomados por pressentimentos.

O meistre não acreditava em presságios. E, no entanto… Apesar de ser tão velho, Cressen nunca vira um cometa com metade do brilho daquele, nem daquela cor, aquela cor terrível, do sangue, da chama e dos crepúsculos. Perguntou a si mesmo se suas gárgulas já teriam visto algo parecido. Já estavam ali muito tempo antes de ele chegar, e ainda lá permaneceriam muito depois de ele partir. Se línguas de pedra falassem…

*Que tolice*. Encostou-se nas ameias, com o mar batendo lá embaixo e a pedra negra áspera sob os seus dedos. Gárgulas falantes e profecias no céu. *Sou um velho acabado que se tornou de novo leviano como uma criança*. Teria a sabedoria duramente conquistada ao longo de uma vida inteira fugido com a saúde e a força? Era um meistre, treinado e

acorrentado na grande Cidadela de Vilavelha. A que ponto chegara, se a superstição lhe enchia a cabeça como se fosse um camponês ignorante?

E no entanto… No entanto… Agora, o cometa brilhava até durante o dia, enquanto o vapor cinza-claro se erguia da cratera quente do Monte Dragão, atrás do castelo. E na manhã anterior, um corvo branco tinha trazido notícias da própria Cidadela, há muito esperadas, mas não menos temíveis por isso, notícias do fim do verão. Tudo presságios. Demasiados para ser negados. *Que significa tudo isso?*, ele quis gritar.

– Meistre Cressen, temos visitantes – Pylos falou suavemente, como se estivesse relutante em perturbar as meditações solenes de Cressen. Se soubesse dos disparates que lhe enchiam a cabeça, teria gritado. – A princesa deseja ver o corvo branco.

Sempre correto, Pylos a chamava agora *princesa*, visto que o senhor seu pai era um rei. Rei de um rochedo fumegante no grande mar salgado, mas ainda assim rei.

– O bobo veio junto.

O velho virou as costas à alvorada, mantendo uma mão pousada sobre a serpe a fim de se equilibrar.

– Ajude-me a chegar até a cadeira e mande-os entrar.

Tomando seu braço, Pylos o levou para dentro. Na juventude, Cressen caminhara com vigor, mas agora não estava longe do octogésimo dia do seu nome, e tinha as pernas frágeis e instáveis. Há dois anos um tombo lhe causara fratura de um lado da bacia, da qual nunca chegou a ficar curado totalmente. No ano anterior, quando tinha adoecido, a Cidadela enviara Pylos de Vilavelha, apenas dias antes de Lorde Stannis ter fechado a ilha… para ajudá-lo nas suas tarefas, tinham dito, mas Cressen sabia a verdade. Pylos viera para substituí-lo quando morresse. Não se importava. Alguém teria de ocupar seu lugar, e em menos tempo do que teria gostado…

Deixou que o homem mais novo o acomodasse atrás dos seus livros e papéis.

– Vá buscá-la. É feio deixar uma senhora esperando.

O meistre acenou, um frágil gesto de pressa de um homem que já não era capaz de se apressar. Tinha a pele enrugada e manchada, tão fina como papel, de modo que se podia ver a teia de veias e a forma dos ossos por baixo. E agora tremiam, aquelas suas mãos que tempos atrás tinham sido tão seguras e hábeis…

Quando Pylos voltou, a garota veio com ele, tímida como sempre. Atrás dela, arrastando os pés e saltitando daquele seu estranho jeito torto, veio o bobo. Trazia na cabeça uma imitação de elmo, feito de um velho balde de estanho, com um par de chifres de veado atado ao topo e decorado com guizos que a cada passo deslizante soavam, cada um num tom diferente, *clang-a-dang*, *bong-dong*, *ring-a-ling*, *clong-clong-clong*.

– Quem vem nos visitar tão cedo, Pylos? – Cressen perguntou.

– Sou eu e o Malhas, Meistre.

Olhos azuis sinceros piscaram na sua direção. Infelizmente, o rosto dela não era belo. A menina possuía o queixo quadrado e projetado do senhor seu pai e as infelizes orelhas da mãe, bem como uma deformação só sua, o legado do ataque de um escamagris, um tipo de crocodilo, que quase a matara quando bebê. Da metade inferior de uma bochecha até bem abaixo no pescoço, tinha a carne rígida e morta, com a pele rachada e escamando, manchada de negro e cinza, lembrando pedra ao toque.

– Pylos disse que podíamos ver o corvo branco.

– Realmente podem – respondeu Cressen. Como se alguma vez pudesse lhe negar algo. A menina tinha enfrentado negativas demais na vida. Chamava-se Shireen. Faria dez anos no próximo dia do seu nome, e era a criança mais triste que Meistre Cressen conhecera. *Sua tristeza é a minha vergonha*, pensou o velho, *outro sinal do meu fracasso*. – Meistre Pylos, faça-me a gentileza de trazer a ave do viveiro para mostrar à Senhora Shireen.

– Será um prazer.

Pylos era um jovem educado, com não mais de vinte e cinco anos, mas era solene como um homem de sessenta. Se ao menos houvesse nele mais humor, mais *vida*; era isso que fazia falta ali. Os lugares sombrios precisavam de vivacidade, não de solenidade, e Pedra do Dragão era

indubitavelmente um lugar sombrio, uma cidadela solitária no deserto de água, rodeada por tempestades e sal, com a sombra fumegante da montanha às suas costas. Um meistre tinha de ir para onde era enviado, e Cressen acompanhara seu senhor havia cerca de doze anos, e bem lhe servira. Mas nunca tinha amado Pedra do Dragão, nem se sentia verdadeiramente em casa ali. Nos últimos tempos, quando acordava de sonhos inquietos, nos quais a mulher vermelha tinha uma participação perturbadora, era frequente não saber onde estava.

O bobo virou sua cabeça manchada e malhada para observar Pylos subindo os íngremes degraus de ferro que levavam ao viveiro. Seus guizos soaram com o movimento.

– Debaixo do mar, as aves têm escamas em lugar de penas – ele disse, clangorejando. – Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

Mesmo para um bobo, o Cara-Malhada era digno de pena. Talvez em outros tempos tivesse sido capaz de arrancar gargalhadas com uma frase de efeito, mas o mar lhe tinha roubado esse poder, juntamente com metade da imaginação e toda a memória. Mole e obeso, vítima de convulsões e tremores, era mais comum mostrar-se incoerente do que o contrário. A garota era a única que agora ria dele, a única que se importava com ele estar vivo ou morto.

*Uma menininha feia e um bobo triste, e com o meistre faz três… eis uma história boa para fazer os homens chorar.*

– Sente-se comigo, filha – Cressen fez-lhe sinal para se aproximar. – É cedo para vir me visitar, o dia mal amanheceu. Você deveria estar aconchegada na cama.

– Tive pesadelos – Shireen respondeu. – Com os dragões. Vinham me comer.

Cressen se lembrava de a criança sofrer com pesadelos desde muito pequena.

– Já conversamos sobre isso – ele disse com gentileza. – Os dragões não podem ganhar vida. São feitos de pedra, filha. Antigamente, nossa ilha era o posto avançado mais ocidental da grande Cidade Franca de Valíria. Foram os valirianos que ergueram esta cidadela, e eles tinham maneiras

de esculpir a pedra que desde então se perderam. Um castelo tem de ter torres sempre que duas muralhas se encontrem num ângulo, para defendê-las. Os valirianos deram forma de dragões a estas torres para fazer com que sua fortaleza parecesse mais temível, tal como coroaram as muralhas com mil gárgulas, em vez de simples ameias.

O meistre tomou a pequena mão cor-de-rosa da menina na sua, manchada e frágil, e deu um apertão suave.

– Viu só? Não há nada a temer.

Shireen não estava convencida.

– Mas... E a coisa no céu? Dalla e Matrice estavam conversando perto do poço, e Dalla disse que ouviu a mulher vermelha dizer à mãe que aquilo é respiração de dragão. Se os dragões estão respirando, não quer dizer que estão ganhando vida?

*A mulher vermelha*, pensou amargamente Meistre Cressen. *Já é ruim o bastante que tenha enchido a cabeça da mãe com as suas loucuras, terá de envenenar também os sonhos da filha?* Teria uma conversa severa com Dalla, para que não ficasse espalhando essas histórias.

– A coisa no céu é um cometa, minha doce menina. Uma estrela com uma cauda, perdida nos céus. Desaparecerá em breve, para não voltar a ser vista enquanto estivermos vivos. Espere e verá.

Shireen fez um pequeno, mas corajoso aceno com a cabeça.

– A mãe diz que o corvo branco quer dizer que já não é verão.

– É verdade, senhora. Os corvos brancos só voam da Cidadela.

Os dedos de Cressen alcançaram a corrente que rodeava seu pescoço; cada um de seus elos havia sido forjado com um metal diferente, cada um simbolizando o seu domínio de mais um ramo do conhecimento; o colar de meistre, a marca da sua ordem. No orgulho da juventude, usara-o com facilidade, mas agora parecia-lhe pesado, e o metal era frio no contato com sua pele.

– São maiores do que os outros corvos, mais inteligentes, e criados apenas para transportar as mensagens mais importantes. Este veio nos dizer que o Conclave se reuniu, avaliou os relatórios e as medições feitas pelos meistres de todo o reino e declarou que este longo verão finalmente

terminou. Durou dez anos, duas rotações e dezesseis dias, o mais longo verão já registrado.

– Agora vai ficar frio?

Shireen era uma criança do verão, e nunca tinha experimentado o verdadeiro frio.

– A seu tempo – Cressen respondeu. – Se os deuses forem bondosos, oferecerão um Outono quente e colheitas abundantes para que possamos nos preparar para o inverno que virá depois – o povo dizia que um verão longo significava um inverno ainda mais longo, mas o meistre não tinha por que assustar a criança com histórias como essa.

Cara-Malhada fez soar seus guizos.

– É *sempre* verão debaixo do mar – entoou. – As sereias casadas usam enfeites no cabelo e cosem vestidos de algas prateadas. Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

Shireen soltou um risinho.

– Eu gostaria de ter um vestido de algas prateadas.

– Debaixo do mar, neva para cima – disse o bobo –, e a chuva é seca como um osso. Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

– Vai mesmo nevar? – ela perguntou.

– Vai – Cressen confirmou. *Mas espero que ainda demore anos, e que não neve por muito tempo*. – Ah, ali vem Pylos com a ave.

Shireen soltou um grito de alegria. Até Cressen tinha de admitir que a ave era impressionante, branca como a neve e maior do que qualquer falcão, com os brilhantes olhos negros que significavam não se tratar de uma ave albina, mas sim de um corvo branco puro-sangue da Cidadela.

– Aqui – chamou o meistre. O corvo abriu as asas, deu um salto e bateu-as ruidosamente pela sala até pousar na mesa ao lado dele.

– Vou agora tratar do seu café da manhã – Pylos anunciou, e Cressen anuiu com a cabeça.

– Esta é a Senhora Shireen – disse ao corvo. A ave balançou a cabeça para cima e para baixo, como se a estivesse reverenciando. *"Senhora"*, crocitou. *"Senhora."*

A criança ficou de queixo caído.

– Ele *fala*!

– Algumas palavras. Como eu disse, estas aves são espertas.

– Ave esperta, homem esperto, bobo esperto, esperto – cantarolou Cara-Malhada com uma voz desagradável. – Oh, bobo esperto, esperto, esperto – e começou a cantar: – *As sombras vêm dançar, senhor, dançar, senhor, dançar, senhor* – cantou, saltitando de um pé para outro. – *As sombras vêm ficar, senhor, ficar, senhor, ficar, senhor*.

Inclinava a cabeça a cada palavra, fazendo ressoar os guizos presos aos chifres.

O corvo branco soltou um grito e voou para longe, indo empoleirar-se no corrimão de ferro das escadas do viveiro. Shireen pareceu encolher-se.

– Ele canta isso o tempo todo. Disse-lhe para parar, mas ele não para. Ele me assusta. Faça-o parar.

*E como faço isso?*, perguntou-se o velho. *Em outros tempos poderia tê-lo silenciado para sempre, mas agora…*

Cara-Malhada chegara até eles ainda jovem. Lorde Steffon, de boa lembrança, encontrara-o em Volantis, do outro lado do mar estreito. O rei, o antigo rei, Aerys II Targaryen, que não era tão louco assim naqueles tempos, enviara sua senhoria em busca de uma noiva para o Príncipe Rhaegar, que não tinha irmãs com quem casar. "Encontramos o mais magnífico dos bobos", escrevera a Cressen, uma quinzena antes da hora de regressar da infrutífera missão. "É ainda jovem, mas ágil como um macaco, e espirituoso como uma dúzia de cortesãos. Sabe malabarismo, adivinhas e magia, e é capaz de cantar agradavelmente em quatro línguas. Compramos a sua liberdade e esperamos trazê-lo conosco para casa. Robert vai adorá-lo; com o tempo, o bobo talvez até consiga ensinar Stannis a rir."

Recordar aquela carta enchia Cressen de tristeza. Ninguém conseguira ensinar Stannis a rir, muito menos o jovem Cara-Malhada. A tempestade chegara de repente, uivando, e a Baía dos Naufrágios provara a verdade do seu nome. A galé de dois mastros do senhor, *Orgulho do Vento*, quebrara-se à vista do castelo. Das varandas, os dois filhos mais velhos

tinham observado o navio do pai ser esmagado de encontro aos rochedos e engolido pelas águas. Uma centena de remadores e marinheiros afundaram com Lorde Steffon Baratheon e a senhora sua esposa, e ao longo de vários dias cada maré deixava uma nova colheita de cadáveres inchados na costa de Ponta Tempestade.

O rapaz chegara à costa no terceiro dia. Meistre Cressen tinha descido com os outros, a fim de ajudar a reconhecer os mortos. Quando encontraram o bobo, estava nu, com a pele branca, enrugada e cheia de areia molhada. Cressen julgou que se tratava de mais um cadáver, mas, quando Jommy o agarrou pelos tornozelos a fim de arrastá-lo para o carro fúnebre, o rapaz tossiu água e se sentou. Até o dia da sua morte, Jommy jurou que a pele de Cara-Malhada estava fria e pegajosa.

Ninguém jamais conseguiu explicar aqueles dois dias que o bobo passou perdido no mar. Os pescadores gostavam de dizer que uma sereia havia lhe ensinado a respirar água em troca de seu sêmen. O próprio Cara-Malhada nada disse. O jovem espirituoso e inteligente nunca chegou a Ponta Tempestade; o rapaz que encontraram era outra pessoa, quebrado de corpo e de mente, quase incapaz de falar, muito menos de gracejar. Mas sua cara de bobo não deixava dúvidas sobre quem era. Era costume da Cidade Livre de Volantis tatuar o rosto dos escravos e dos servos; do pescoço ao couro cabeludo, a pele do rapaz tinha sido marcada com quadrados vermelhos e verdes.

– O desgraçado está louco, e com dores, e não presta para ninguém, nem para si mesmo – tinha declarado o velho Sor Harbert, naqueles tempos castelão de Ponta Tempestade. – A coisa mais bondosa que se pode fazer com esse tipo é encher sua taça com o leite da papoula. Um sono sem dor, e acaba tudo. Ele iria abençoá-lo se tivesse esperteza para isso.

Mas Cressen se recusou e acabou vencendo. Não saberia dizer se Cara-Malhada tinha sido feliz com essa vitória, nem mesmo agora, tantos anos depois.

– *As sombras vêm dançar, senhor, dançar, senhor, dançar, senhor* – continuou o bobo a cantar, balançando a cabeça e fazendo os guizos

ressoar. *Bong-dong*, *ring-a-ling*, *bong-dong*.

"*Senhor*", guinchou o corvo branco. "*Senhor, senhor, senhor*."

– Um bobo canta o que quer – disse o meistre à sua ansiosa princesa. – Não deve levar suas palavras a sério. De manhã, ele poderá se lembrar de outra canção, e esta nunca mais será ouvida.

"Ele é capaz de cantar agradavelmente em quatro línguas", escrevera Lorde Steffon…

Pylos entrou a passos largos:

– Meistre, as minhas desculpas.

– Você se esqueceu do mingau – Cressen completou, rindo. Aquilo não era do feitio de Pylos.

– Meistre, Sor Davos regressou ontem à noite. Estavam falando disso na cozinha. Achei que gostaria de saber de imediato.

– Davos… Ontem à noite, você diz? Onde está ele?

– Com o rei. Passaram juntos a maior parte da noite.

Em tempos passados, Lorde Stannis teria mandado acordá-lo a qualquer hora, para tê-lo junto a si, a fim de aconselhá-lo.

– Eu devia ter sido informado – queixou-se Cressen. – Devia ter sido acordado – desprendeu seus dedos dos de Shireen: – As minhas desculpas, senhora, mas tenho de falar com o senhor seu pai. Pylos, dê-me o braço. Há degraus demais neste castelo, e parece-me que acrescentam uns tantos todas as noites, só para me aborrecer.

Shireen e Cara-Malhada seguiram-nos, mas a menina rapidamente se cansou do passo rastejante do velho e correu na frente, com o bobo a balançar atrás dela, fazendo os guizos tinir loucamente.

Enquanto descia a escada em espiral da Torre do Dragão Marinho, Cressen percebeu, mais uma vez, que os castelos não são lugares amigáveis para homens frágeis. Lorde Stannis deveria estar na Sala da Mesa Pintada, no topo do Tambor de Pedra, a fortaleza central de Pedra do Dragão, assim chamada devido ao modo como suas paredes antigas estrondeavam e ressoavam durante as tempestades. Para chegar até ele, teria de cruzar a galeria, atravessar as muralhas intermediária e interna, com as suas gárgulas de guarda e portões de ferro negro, e subir mais

degraus do que queria imaginar. Os jovens subiam degraus de dois em dois; para velhos com quadris em mau estado, cada degrau era um tormento. Mas Lorde Stannis não pensaria em encontrá-lo; então, o meistre resignava-se à provação. Pelo menos tinha Pylos para ajudá-lo, e sentia-se grato por isso.

Arrastando os pés ao longo da galeria, passaram na frente de uma fileira de altas janelas arqueadas com uma vista privilegiada sobre a muralha exterior e a aldeia de pescadores, que se erguia mais adiante. No pátio, arqueiros disparavam contra alvos de treino aos gritos de "Encaixar, puxar, largar". As flechas faziam um som que era como o de um bando de pássaros levantando voo. Guardas caminhavam sobre as muralhas, espreitando, por entre as gárgulas, a tropa acampada lá fora. O ar da manhã estava enevoado com a fumaça de fogueiras para cozinhar, num momento em que três mil homens se sentavam para quebrar o jejum sob os estandartes dos seus senhores. Para lá do acampamento, o ancoradouro encontrava-se repleto de navios. Nenhuma embarcação que tivesse sido avistada da Pedra do Dragão ao longo do último semestre fora autorizada a partir de novo. A *Fúria* de Lorde Stannis, uma galé de guerra com três conveses e trezentos remos, quase parecia pequena ao lado de alguns dos galeões e pesqueiros de casco largo que a rodeavam.

Os guardas à porta do Tambor de Pedra conheciam o meistre e o deixaram entrar.

– Espere aqui – disse Cressen a Pylos, já dentro da sala. – É melhor que eu fale com ele a sós.

– É uma longa subida, meistre.

Cressen sorriu:

– Pensa que me esqueci? Subi tantas vezes estes degraus que conheço cada um pelo nome.

No meio da subida, arrependeu-se da decisão. Tinha parado, para recuperar o fôlego e aliviar a dor na bacia, quando ouviu o raspar de botas na pedra e ficou cara a cara com Sor Davos Seaworth, que descia.

Davos era um homem franzino; a origem plebeia estava escrita em seu rosto comum. Um manto verde puído, manchado de sal e maresia, e

desbotado pelo sol, envolvia seus ombros estreitos, por cima de um gibão e uns calções castanhos que combinavam com os cabelos e olhos da mesma cor. Uma bolsa de couro gasto pendia de uma correia passada em volta do pescoço. Sua barba curta estava bem salpicada de cinza, e usava uma luva de couro na mão esquerda mutilada. Quando viu Cressen, interrompeu a descida.

– Sor Davos – cumprimentou-o o meistre. – Quando retornou?

– Na escuridão da madrugada. A minha hora preferida.

Dizia-se que ninguém jamais manobrara um navio de noite com metade da destreza de Davos Mão-Curta. Antes de Lorde Stannis tê-lo armado cavaleiro, Sor Davos era o mais notório e esquivo contrabandista de todos os Sete Reinos.

– E?

O homem balançou a cabeça.

– É como o preveni. Não se levantarão, Meistre. Por ele, não. Não gostam dele.

*Não*, pensou Cressen. *Nem nunca gostarão. Ele é forte, capaz, mesmo… sim, mesmo para além da sabedoria… Mas não basta. Nunca bastou.*

– Falou com todos?

– Todos? Não. Só os que quiseram se encontrar comigo. Aqueles bem-nascidos também não gostam de mim. Para eles serei sempre o Cavaleiro das Cebolas.

A mão esquerda fechou-se, com os dedos curtos formando um punho; Stannis cortara suas pontas, exceto a do polegar.

– Dividi a mesa com Guilan Swann e o velho Penrose, e os Tarth consentiram num encontro à meia-noite num bosque. Os outros… Bem, Beric Dondarrion desapareceu, alguns dizem que está morto, e Lorde Caron está com Renly. Bryce, o Laranja, da Guarda Arco-Íris.

– A Guarda Arco-Íris?

– Renly criou sua própria Guarda Real – explicou o ex-contrabandista –, mas esses sete não usam o branco. Cada um tem a sua cor. Loras Tyrell é o seu Senhor Comandante.

Era justamente o tipo de ideia que atrairia Renly Baratheon; uma magnífica nova ordem de cavalaria, com maravilhosos novos trajes para proclamá-la. Ainda quando garoto, Renly já adorava cores brilhantes e tecidos belos, e também os seus jogos. “Olhem para mim!”, ele gritava enquanto corria às gargalhadas pelos salões de Ponta Tempestade. “Olhem, sou um dragão”, ou “Olhem, sou um feiticeiro”, ou “Olhem, olhem, sou o deus das chuvas”.

O ousado rapazinho com cabelo negro bagunçado e risada nos olhos era agora um marmanjo, com vinte e um anos, e ainda jogava seus jogos. *Olhem, sou um rei*, pensou Cressen tristemente. *Ah, Renly, Renly, querido filho, sabe o que está fazendo? E se importaria se soubesse? Haverá alguém que se preocupe com ele além de mim?*

– Que motivos deram os senhores para as recusas? – perguntou a Sor Davos.

– Bem, quanto a isso, alguns usaram palavras suaves, e outros, rudes; alguns arranjaram desculpas, outros fizeram promessas; outros limitaram-se a mentir – e encolheu os ombros. – No fim das contas, as palavras não passam de vento.

– Não poderia lhe trazer alguma esperança?

– Só do tipo falso, e eu não faria isso – Davos respondeu. – De mim, ouviu a verdade.

Meistre Cressen recordou o dia em que Davos fora feito cavaleiro, depois do cerco a Ponta Tempestade. Lorde Stannis e uma pequena guarnição defenderam o castelo durante quase um ano contra a grande tropa dos senhores Tyrell e Redwyne. Até o mar lhes estava bloqueado, vigiado noite e dia por galés dos Redwyne, que ostentavam as bandeiras bordô da Árvore. Dentro de Ponta Tempestade, os cavalos há muito tinham sido comidos, os cães e os gatos desaparecido, e a guarnição, limitada a raízes e ratazanas. Então, chegou uma noite em que a lua era nova e nuvens negras escondiam as estrelas. Envolto nessa escuridão, Davos, o contrabandista, desafiou o bloqueio Redwyne e os rochedos da Baía dos Naufrágios. Seu pequeno navio tinha casco, velas e remos negros e um porão apinhado de cebolas e peixe salgado. Era pouco, mas

manteve a guarnição viva durante tempo suficiente para que Eddard Stark chegasse a Ponta Tempestade e quebrasse o cerco.

Lorde Stannis recompensou Davos com terras de boa qualidade em Cabo da Fúria, uma pequena fortaleza e o título de cavaleiro… Mas também decretou que perdesse uma falange de todos os dedos da mão esquerda, a fim de pagar por todos seus anos de contrabando. Davos aceitou se submeter, com a condição de que o próprio Stannis manejasse a faca; não aceitaria nenhuma punição vinda de mãos menores. O senhor usou um cutelo de açougueiro, a fim de fazer um corte limpo e completo. Depois, Davos escolheu o nome Seaworth para sua nova casa, e tomou como estandarte um navio negro em fundo cinza-claro… com uma cebola desenhada nas velas. O antigo contrabandista gostava de dizer que Lorde Stannis lhe fizera um favor, dando-lhe quatro unhas a menos para cortar e limpar.

*Não*, pensou Cressen, *um homem assim não daria falsas esperanças, nem suavizaria uma verdade dura*.

– Sor Davos, a verdade pode ser uma bebida amarga, mesmo para um homem como Lorde Stannis. Ele só pensa em retornar a Porto Real investido de todo o seu poder, a fim de derrubar os inimigos e reclamar o que é seu de direito. Mas agora…

– Se levar sua tropa minguada para Porto Real, será apenas para morrer. Não tem homens em número suficiente. Disse-lhe isso, mas conhece o orgulho dele – Davos ergueu a mão enluvada. – Meus dedos voltarão a crescer antes que aquele homem se vergue ao bom-senso.

O velho soltou um suspiro:

– O senhor fez tudo o que podia. Agora devo somar a minha voz à sua – e, fatigadamente, retomou a subida.

O refúgio de Lorde Stannis Baratheon era uma grande sala redonda com paredes de pedra negra nua e quatro janelas altas e estreitas, que se abriam para as quatro pontas da bússola. No centro do aposento encontrava-se a grande mesa que lhe dava o nome, uma enorme prancha de madeira esculpida às ordens de Aegon Targaryen nos dias anteriores à Conquista. A Mesa Pintada tinha mais de quinze metros de comprimento,

talvez metade dessa medida no ponto mais largo, mas menos de um metro e vinte no mais estreito. Os carpinteiros de Aegon tinham lhe dado a forma das terras de Westeros, serrando cada baía e península até que em nenhuma parte a mesa estivesse reta. Na sua superfície, escurecida pelo verniz de quase trezentos anos, estavam pintados os Sete Reinos tal como tinham sido na época de Aegon; rios e montanhas, castelos e cidades, lagos e florestas.

Havia uma única cadeira na sala, cuidadosamente posicionada no local preciso que Pedra do Dragão ocupava em relação à costa de Westeros, e levantada a fim de fornecer uma boa visão do tampo da mesa. Sentado na cadeira encontrava-se um homem vestido com um gibão de couro bem apertado e calções de grosseira lã marrom. Quando Meistre Cressen entrou, o lorde olhou de relance para cima.

– Eu sabia que *você* viria, velho, fosse convocado ou não – não havia sinal de calor na sua voz; raramente havia.

Stannis Baratheon, Senhor de Pedra do Dragão e pela graça dos deuses o legítimo herdeiro do Trono de Ferro dos Sete Reinos de Westeros, tinha ombros largos e membros fortes, com o rosto e a pele tão tensos que lembravam couro curado ao sol até ficar duro como aço. A palavra que os homens usavam quando falavam de Stannis era *duro*, e ele de fato o era. Embora ainda não tivesse trinta e cinco anos, só lhe restava na cabeça uma orla de fino cabelo negro, rodeando a parte de trás das orelhas como a sombra de uma coroa. Seu irmão, o falecido Rei Robert, tinha deixado crescer uma barba nos seus últimos anos. Meistre Cressen nunca a vira, mas dizia-se que era uma coisa emaranhada, espessa e feroz. Como que em resposta, Stannis mantinha suas suíças bem aparadas. Espalhavam-se como uma sombra negro-azulada pelo maxilar quadrado e pelas bochechas secas e ossudas. Seus olhos eram feridas abertas sob as pesadas sobrancelhas, de um azul tão escuro como o do mar à noite. A boca teria levado ao desespero o mais bufão dos bobos; era uma boca feita para ser franzida e apertada, e para ordens ríspidas, toda ela lábios finos e pálidos e músculos contraídos, uma boca que tinha se esquecido de como se sorria e que nunca soube como era rir. Por

vezes, quando o mundo ficava muito quieto e silencioso de noite, Meistre Cressen imaginava que conseguia ouvir Lorde Stannis rangendo os dentes a meio castelo de distância.

– Em outros tempos o senhor teria mandado me acordar – disse o velho.

– Em outros tempos o meistre foi novo. Agora é velho e doente e precisa dormir – Stannis nunca aprendera a suavizar o discurso, disfarçar ou lisonjear; dizia o que pensava, e quem não gostasse que se danasse. – Eu sabia que você descobriria em breve o que Davos tinha a dizer. É sempre assim, não é?

– Eu não lhe teria nenhuma utilidade se assim não fosse – Cressen respondeu. – Encontrei Davos na escada.

– E ele contou tudo, suponho. Devia ter encurtado a língua do homem junto com os dedos.

– Assim teria sido um enviado inútil.

– De qualquer forma foi um enviado inútil. Os senhores da tempestade não se levantarão por mim. Parece que não simpatizam comigo, e a justiça da minha causa não significa nada para eles. Os covardes ficarão quietos atrás das suas muralhas, esperando ver como se ergue o vento e quem tem mais chances de triunfar. Os corajosos já se declararam por Renly. Por *Renly*! – cuspiu o nome como se fosse veneno que tivesse na língua.

– Seu irmão tem sido senhor de Ponta Tempestade ao longo destes últimos treze anos. Esses senhores são vassalos juramentados dele…

– *Dele* – interrompeu Stannis. – Quando de direito deveriam ser meus. Nunca pedi Pedra do Dragão. Nunca quis este castelo. Tomei-o porque os inimigos de Robert estavam aqui, e ele me ordenou que os escorraçasse. Construí sua frota e fiz o seu trabalho, obediente como um irmão mais novo deve ser a um mais velho, como Renly devia ser a mim. E como Robert me agradeceu? Nomeou-me Senhor de Pedra do Dragão e deu Ponta Tempestade e seus rendimentos a *Renly*. Ponta Tempestade pertenceu à Casa Baratheon durante trezentos anos; de direito devia ter passado para mim quando Robert tomou o Trono de Ferro.

Era uma velha ofensa, profundamente sentida, e nunca antes tanto como agora. Ali estava o cerne da fraqueza do seu senhor; Pedra do Dragão, embora antiga e forte, detinha a lealdade de apenas um punhado de pequenos senhores, cujos domínios pedregosos e insulares tinham uma população escassa demais para fornecer os homens de que Stannis necessitava. Mesmo com os mercenários que trouxera do outro lado do mar estreito, das Cidades Livres de Myr e Lys, a hoste acampada junto às suas muralhas era muito menor do que necessitava ser para derrubar o poderio da Casa Lannister.

– Robert foi injusto com o senhor – respondeu cuidadosamente Meistre Cressen –, mas tinha bons motivos. Pedra do Dragão era há muito a sede da Casa Targaryen. Ele precisava da força de um homem para governar aqui, e Renly era apenas uma criança.

– Ele ainda é uma criança – declarou Stannis, com a ira ressoando alto no salão vazio –, uma criança ladra que pensa em surrupiar a coroa da minha cabeça. Que fez Renly para ganhar um trono? Senta-se no conselho e troca gracejos com Mindinho, e nos torneios enverga sua magnífica armadura e permite que um homem melhor o derrube do cavalo. Meu irmão Renly é isto, o meu irmão que pensa que deveria ser um rei. Pergunto-lhe, por que os deuses me puniram com *irmãos*?

– Não posso responder pelos deuses.

– Pois me parece que hoje em dia é raro que responda a qualquer coisa. Quem é o meistre de Renly? Talvez deva mandar buscá-lo, talvez eu venha a gostar mais dos seus conselhos. Que acha que esse meistre disse quando meu irmão decidiu roubar minha coroa? Que conselho terá o seu colega oferecido àquele traiçoeiro sangue do meu sangue?

– Eu ficaria surpreso se Lorde Renly procurasse conselhos, Vossa Graça.

O mais novo dos três filhos de Lorde Steffon havia se tornado um homem corajoso, mas impetuoso, que agia por impulso, e não por cálculo. Nisso, tal como em muitas outras coisas, Renly era como o irmão Robert, e completamente diferente de Stannis.

– *Vossa Graça* – Stannis rebateu amargamente. – Zomba de mim com o tratamento devido a um rei, mas sou rei de quê? Pedra do Dragão e um punhado de rochedos no mar estreito, eis o meu reino.

Desceu os degraus da cadeira e parou junto da mesa, fazendo sombra sobre a foz da Torrente de Água Negra e sobre a floresta pintada onde agora se erguia Porto Real. Ficou ali, pairando sobre o território que pretendia reclamar, tão perto, e no entanto tão longe.

– Esta noite devo jantar com os senhores meus vassalos, aqueles que tenho. Celtigar, Velaryon, Bar Emmon, todo o insignificante bando. Colheita fraca, pra dizer a verdade, mas são aquilo que meus irmãos me deixaram. Aquele pirata liseno, Salladhor Saan, estará lá com a fatura mais recente do que lhe devo, e Morosh, o mirano, vai me advertir com histórias sobre marés e ventanias de Outono, enquanto Lorde Sunglass resmunga piedosamente sobre a Fé dos Sete. Celtigar quererá saber quantos dos senhores da tempestade irão se juntar a nós. Velaryon ameaçará levar seus recrutas para casa a menos que ataquemos de imediato. Que hei de dizer a eles? Que devo fazer agora?

– Seus verdadeiros inimigos são os Lannister, senhor – foi a resposta de Meistre Cressen. – Se você e seu irmão se unissem contra eles…

– Não negociarei com Renly – respondeu Stannis num tom que não admitia discussão. – Pelo menos enquanto ele se disser rei.

– Nesse caso, com Renly não – cedeu o meistre. Seu senhor era teimoso e orgulhoso; quando se decidia por alguma coisa, não havia jeito de fazê-lo mudar de ideia. – Outros poderão também servir às suas necessidades. O filho de Eddard Stark foi proclamado Rei no Norte e conta com todo o poderio de Winterfell e Correrrio.

– Um jovenzinho verde – Stannis ironizou. – E outro falso rei. Devo aceitar um reino mutilado?

– Certamente metade de um reino é melhor do que nada – Cressen observou. – E se ajudar o rapaz a vingar o assassinato do pai…

– Por que eu deveria vingar Eddard Stark? O homem não era nada para mim. Ah, *Robert* adorava-o, com certeza. Adorava-o como a um irmão, quantas vezes ouvi isso? *Eu* é que era o irmão dele, não Ned Stark, mas,

pela maneira como me tratava, nunca ninguém adivinharia. Defendi Ponta Tempestade em seu nome, vendo bons homens passar fome, enquanto Mace Tyrell e Paxter Redwyne se banqueteavam à vista das minhas muralhas. E por acaso Robert me agradeceu? Não. Agradeceu ao *Stark*, por romper o cerco quando estávamos reduzidos a ratazanas e rabanetes. Construí uma frota às ordens de Robert, tomei Pedra do Dragão em seu nome. Por acaso ele pegou minha mão e disse "Muito bem, irmão, o que eu faria sem você?" Não. Culpou-me por ter deixado que Willem Derry raptasse Viserys e o bebê, como se eu tivesse podido impedi-lo. Fiz parte de seu conselho durante quinze anos, ajudando Jon Arryn a governar o reino, enquanto Robert bebia e visitava prostitutas, mas, quando Jon morreu, será que meu irmão me nomeou sua Mão? Não. Partiu a galope atrás do seu querido amigo Ned Stark e lhe ofereceu essa honra. Que de pouco valeu para ambos.

– Seja como for, senhor – Meistre Cressen disse gentilmente. – Grandes injustiças foram cometidas contra você, mas o passado é poeira. O futuro ainda pode ser conquistado, caso se junte aos Stark. Há outros que também poderia sondar. E a Senhora Arryn? Se a rainha assassinou seu marido, ela certamente desejará obter justiça. Tem um filho novo, herdeiro de Jon Arryn. Se prometesse Shireen ao rapaz…

– O rapaz é fraco e doente – retrucou Lorde Stannis. – Mesmo seu pai sabia como ele era quando me pediu para criá-lo em Pedra do Dragão. O serviço como escudeiro poderia ter-lhe feito bem, mas aquela maldita Lannister mandou envenenar Lorde Arryn antes de o trato ser fechado, e agora Lysa esconde-o no Ninho da Águia. Nunca se separará do rapaz, garanto.

– Então, terá de enviar Shireen para o Ninho da Águia – sugeriu o meistre. – Pedra do Dragão é um lar lúgubre para uma criança. Deixe que o bobo vá com ela, para que tenha por perto um rosto familiar.

– Familiar e medonho – Stannis franziu a testa enquanto refletia. – Mesmo assim… Talvez valha a pena tentar…

– Deverá o senhor de direito dos Sete Reinos suplicar a ajuda de viúvas e usurpadores? – perguntou rispidamente uma voz de mulher.

Meistre Cressen virou-se e inclinou a cabeça.

– Minha senhora – disse, desgostoso por não tê-la ouvido entrar.

Lorde Stannis carregou o olhar.

– Eu não suplico. De ninguém. Tente se lembrar disso, mulher.

– Agrada-me ouvir isso, senhor.

A Senhora Selyse era tão alta como o marido, com corpo e feição magros, orelhas proeminentes, o nariz afilado e a mais leve sugestão de um bigode sobre o lábio superior. Arrancava os pelos todos os dias e os amaldiçoava regularmente, mas eles nunca deixavam de voltar. Seus olhos eram claros; a boca, severa; a voz, um chicote. Agora, fazia-o estalar.

– A Senhora Arryn deve-lhe lealdade, tal como os Stark, seu irmão Renly e todos os outros. O senhor é o verdadeiro rei deles. Não seria adequado argumentar e negociar com eles aquilo que é seu por direito, pela graça de Deus.

*Deus*, ela disse, e não *deuses*. A mulher vermelha tinha conquistado Selyse de alma e coração, afastando-a dos deuses dos Sete Reinos, tanto os velhos como os novos, para que adorasse aquele a quem chamavam Senhor da Luz.

– Seu deus pode ficar com a sua graça – Lorde Stannis desdenhou; não partilhava a fervorosa nova fé da mulher. – É de espadas que preciso, não de bênçãos. Teria escondido em algum lugar um exército de que não me falou antes?

Não havia afeto no seu tom de voz. Stannis sempre se sentira desconfortável junto das mulheres, até mesmo da sua própria esposa. Quando partiu para Porto Real a fim de integrar o conselho de Robert, deixou Selyse em Pedra do Dragão com a filha. As cartas tinham sido escassas, as visitas mais ainda; cumpria seu dever de marido na cama uma ou duas vezes por ano, mas não retirava disso nenhum prazer, e os filhos homens que no passado esperara nunca vieram.

– Meus irmãos, tios e primos têm exércitos – ela disse. – A Casa Florent vai se juntar à sua bandeira.

– A Casa Florent pode pôr em campo, no máximo, duas mil espadas – dizia-se que Stannis conhecia a força de cada casa dos Sete Reinos –, e você tem bem mais fé nos seus irmãos e tios do que eu, minha senhora. As terras dos Florent ficam próximas demais de Jardim de Cima para que o senhor seu tio se arrisque a despertar a ira de Mace Tyrell.

– Há outra forma – disse a Senhora Selyse, aproximando-se. – Olhe pelas suas janelas, senhor. Ali está o sinal que esperava, estampado no céu. É vermelho, o vermelho da chama, o vermelho do coração flamejante do verdadeiro deus. É o estandarte *dele*… e o seu! Veja como se desenrola pelos céus como o sopro quente de um dragão, e você é Senhor de Pedra do Dragão. Significa que a sua hora chegou, Vossa Graça. Nada é mais certo do que isso. Está destinado a zarpar deste rochedo desolado como Aegon, o Conquistador, zarpou um dia, para varrer todos à sua frente como ele o fez. Basta dizer a palavra e acolher o poder do Senhor da Luz.

– Quantas espadas porá o Senhor da Luz nas minhas mãos? – Stannis a desafiou novamente.

– Quantas forem necessárias – prometeu a mulher. – As espadas de Ponta Tempestade e de Jardim de Cima, para começar, e de todos os senhores seus vassalos.

– Davos discordaria – Stannis retrucou. – Essas espadas estão juramentadas a Renly. Adoram o meu encantador e jovem irmão, como anteriormente adoravam Robert… e como nunca me adoraram.

– Sim – ela respondeu. – Mas, e se Renly morresse…

Stannis olhou sua senhora estreitando os olhos, até que Cressen não conseguiu dominar a língua.

– Não se deve pensar em tal coisa. Vossa Graça, sejam quais forem as loucuras que Renly cometeu…

– *Loucuras*? Eu chamo de traições – então, Stannis voltou-se para a mulher. – Meu irmão é jovem e forte e tem um vasto exército ao seu redor, e aqueles seus cavaleiros do arco-íris.

– Melisandre estudou as chamas e o viu morto.

Cressen ficou horrorizado.

– Fratricídio… Senhor, isso é uma *maldade*, impensável… Por favor, escute-me.

A Senhora Selyse olhou-o fixamente.

– E o que lhe diria, Meistre? Como ele poderá conquistar metade de um reino se for até os Stark de joelhos e vender nossa filha a Lysa Arryn?

– Já ouvi os seus conselhos, Cressen – Lorde Stannis os interrompeu. – Agora ouvirei os dela. Está dispensado.

Meistre Cressen dobrou o joelho rígido. Conseguia sentir os olhos da Senhora Selyse nas suas costas enquanto se arrastava lentamente até a saída da sala. Quando chegou ao fim da escada, só com muito esforço conseguia se manter em pé.

– Ajude-me – pediu a Pylos.

Depois de estar de novo a salvo nos seus aposentos, Cressen mandou o jovem embora e coxeou até a varanda novamente, para observar o mar junto de suas gárgulas. Um dos navios de guerra de Salladhor Saan passava pelo castelo, com o casco pintado com cores alegres, abrindo as águas cinza-esverdeadas enquanto os remos subiam e desciam. Ficou olhando-o até que desapareceu atrás de um promontório. *Gostaria que os meus temores desaparecessem assim tão facilmente*. Teria vivido tanto tempo para isso?

Quando um meistre colocava seu colar, punha de lado a esperança de ter filhos; apesar disso, Cressen sentira-se frequentemente como um pai. Robert, Stannis, Renly… Três filhos que acabou educando depois de o mar em fúria ter reclamado Lorde Steffon para si. Teria feito um trabalho tão ruim, para agora ser forçado a ver um deles matar o outro? Não poderia permitir isso, não permitiria isso.

A mulher era a chave. Não a Senhora Selyse, a *outra*. A mulher vermelha, como os criados a apelidaram, com medo de dizer seu nome.

– Eu direi seu nome – disse Cressen ao seu mastim do inferno de pedra. – Melisandre. *Ela*.

Melisandre de Asshai, feiticeira, umbromante e sacerdotisa de R'hllor, o Senhor da Luz, o Coração de Fogo, o Deus da Chama e da Sombra.

Melisandre, cuja loucura não se podia deixar espalhar para lá de Pedra do Dragão.

Os aposentos pareciam sombrios e lúgubres depois do brilho da manhã. Com mãos desajeitadas, o velho acendeu uma vela e a levou para a sala de trabalho sob a escada do viveiro, onde seus unguentos, poções e medicamentos estavam bem-organizados nas estantes. Na prateleira de baixo, atrás de uma fileira de bálsamos guardados em atarracadas vasilhas de barro, encontrou um frasco de vidro anil que não era maior do que seu dedo mindinho. Chocalhava quando o balançava. Cressen soprou uma camada de pó e o levou para a mesa. Deixando-se cair na cadeira, tirou a rolha do vidro e despejou o conteúdo do frasco. Um punhado de cristais, de tamanho próximo ao de sementes, tamborilou no pergaminho que ele acabara de ler. Brilhavam como joias à luz da vela, tão purpúreos que o meistre pensou jamais ter realmente visto aquela cor antes.

A corrente em torno do pescoço parecia-lhe muito pesada. Tocou ligeiramente em um dos cristais com a ponta do mindinho. *Que coisa pequena para conter o poder da vida e da morte*. Era feito de uma certa planta que crescia apenas nas ilhas do Mar de Jade, a meio mundo de distância. As folhas tinham de ser envelhecidas e embebidas numa loção de visgo, água de açúcar e certas especiarias raras vindas das Ilhas do Verão. Depois, podiam ser descartadas, mas a poção tinha de ser engrossada com cinzas e deixada cristalizar. O processo era lento e trabalhoso, e os ingredientes, caros e difíceis de adquirir. Mas os alquimistas de Lys conheciam-no, bem como os Homens Sem Cara de Bravos… E os meistres da sua ordem, apesar de não se tocar nesse assunto para lá das muralhas da Cidadela. O mundo inteiro sabia que um meistre forjava seu elo de prata quando aprendia a arte de curar… Mas o mundo preferia esquecer que os homens encarregados de curar também sabiam matar.

Cressen já não se lembrava do nome que os Asshai'i davam à folha, ou os envenenadores de Lys ao cristal. Na Cidadela, era simplesmente chamado "o estrangulador". Dissolvido em vinho, fazia os músculos da

garganta de um homem se fechar com mais força do que qualquer punho, obstruindo a traqueia. Dizia-se que o rosto da vítima ficava tão roxo como a pequena semente de cristal de onde tinha nascido sua morte, mas o mesmo acontecia com um homem que sufocasse com uma garfada de comida.

Naquela mesma noite, Lorde Stannis iria oferecer um banquete aos seus vassalos, à senhora sua esposa… E à mulher vermelha, Melisandre de Asshai.

*Tenho de descansar*, disse Meistre Cressen para si mesmo. *Tenho de estar na posse de todas as minhas forças quando a noite chegar. Minhas mãos não podem tremer, minha coragem não pode fraquejar. É uma coisa horrível, mas tem de ser feita. Se existirem deuses, certamente me perdoarão*. Andava dormindo tão mal ultimamente, que uma soneca seria restauradora para a provação que o esperava. Exausto, cambaleou até a cama. Porém, quando fechou os olhos, ainda conseguia ver a luz do cometa, vermelha, fogosa e vívida por entre a escuridão dos seus sonhos. *Talvez seja o meu cometa*, pensou, por fim, sonolentamente, momentos antes de ser tomado pelo sono. *Um presságio de sangue, predizendo o homicídio… sim…*

Quando acordou, era noite fechada, o quarto estava negro, e cada articulação do seu corpo doía. Cressen sentou-se com esforço, sentindo a cabeça latejar. Agarrando a bengala com força, pôs-se em pé, cambaleante. *É tão tarde*, pensou. *Não me chamaram*. Era sempre chamado para os banquetes, e sentava-se perto do sal, ao lado de Lorde Stannis. O rosto do seu senhor oscilou na sua frente, não o do homem que era, mas o do jovem que havia sido, sempre no frio da sombra, enquanto o sol jorrava sobre o irmão mais velho. Fizesse o que fizesse, Robert havia feito primeiro, e melhor. Pobre rapaz… Tinha de se apressar, para o bem *dele*.

O meistre encontrou os cristais onde os tinha deixado e os recolheu de cima do pergaminho. Cressen não tinha anéis ocos, daqueles que se dizia que os envenenadores de Lys preferiam, mas uma miríade de bolsos, grandes e pequenos, tinham sido costurados do lado de dentro das

grandes mangas da sua toga. Escondeu as sementes de estrangulador num deles, escancarou a porta e chamou:

– Pylos? Onde está você? – diante da falta de resposta, voltou a chamar, mais alto: – Pylos, preciso de ajuda.

Continuou a não haver resposta. Era estranho; a cela do jovem meistre ficava apenas meia-volta da escada abaixo, bem ao alcance da sua voz. Por fim, Cressen foi forçado a chamar os criados.

– Apressem-se – disse-lhes. – Dormi demais. A esta altura já estão no banquete… bebendo… Deviam ter me acordado – que teria acontecido ao Meistre Pylos? Realmente não compreendia.

De novo teve de atravessar a longa galeria. Um vento noturno sussurrava através das grandes janelas, trazendo o cheiro vivo do mar. Tochas tremeluziam ao longo das muralhas de Pedra do Dragão, e no acampamento, que se estendia para lá delas, era possível ver centenas de fogueiras de cozinhar ardendo, como se um campo de estrelas tivesse caído sobre a terra. No alto, o cometa brilhava, vermelho e malévolo. *Sou velho e sábio demais para temer esse tipo de coisa*, disse o meistre para si mesmo.

As portas que abriam para o Grande Salão ficavam na boca de um dragão de pedra. Disse aos criados para que o deixassem do lado de fora. Seria melhor entrar sozinho; não devia aparentar fraqueza. Apoiando-se pesadamente na bengala, Cressen subiu os últimos degraus e coxeou por baixo dos dentes da entrada. Um par de guardas abriu as pesadas portas vermelhas à sua frente, libertando uma súbita explosão de som e de luz. Cressen penetrou no estômago do dragão.

Por sobre o tinir de facas e pratos, e o profundo burburinho das conversas de mesa, ouviu Cara-Malhada cantando "… *dançar, senhor, dançar, senhor*", acompanhado por guizos dissonantes. A mesma canção horrível que cantara de manhã. "*As sombras vêm ficar, senhor, ficar, senhor, ficar, senhor*." As mesas inferiores estavam apinhadas de cavaleiros, arqueiros e capitães mercenários, que desfaziam nacos de pão preto para ensopar nos seus guisados de peixe. Ali não havia risos

sonoros nem gritos obscenos, como os que acabavam com a dignidade dos banquetes de outros homens, Lorde Stannis não permitia tais coisas.

Cressen abriu caminho na direção da plataforma elevada onde os senhores se sentavam com o rei. Teve de fazer um desvio em volta de Cara-Malhada. Dançando, com os guizos tocando, o bobo não o viu nem ouviu seus passos. Enquanto saltitava de uma perna para outra, guinou sobre Cressen, chutando a bengala em que o meistre se apoiava. No meio da afobação, caíram juntos, num emaranhado de braços e pernas, enquanto uma súbita explosão de risos se ergueu à volta deles. Não havia dúvida de que o espetáculo era cômico.

Cara-Malhada estatelou-se meio por cima do meistre, com a sua cara tatuada de bobo comprimida contra a de Cressen. Tinha perdido o elmo de latão com chifres e guizos.

– Debaixo do mar, caímos para *cima* – declarou. – Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

Aos risinhos, o bobo rolou para longe, pôs-se em pé de um salto e fez uma pequena dança.

Tentando tirar o melhor proveito da situação, o meistre deu um frágil sorriso e esforçou-se para se erguer, mas sua bacia doía tanto que, por um momento, chegou a temer que a tivesse quebrado de novo. Sentiu-se sendo agarrado por baixo dos braços por mãos fortes que o puseram em pé.

– Obrigado, sor – murmurou, virando-se para ver qual dos cavaleiros tinha vindo ajudá-lo…

– Meistre – disse a Senhora Melisandre, com a voz profunda temperada com a música do mar de Jade. – Deveria tomar mais cuidado.

Como sempre, trajava vermelho dos pés à cabeça, com um longo vestido solto de seda esvoaçante, brilhante como fogo, com longas mangas pendentes e profundos cortes no corpete, pelos quais se entrevia um tecido mais escuro, vermelho-sangue, que usava por baixo. Tinha em torno da garganta uma gargantilha de ouro vermelho, mais apertada do que qualquer corrente de meistre, ornamentada com um único grande rubi. O cabelo não era de tom alaranjado ou cor de morango dos ruivos

comuns, mas de um profundo acobreado lustroso que brilhava à luz das tochas. Até seus olhos eram vermelhos… Mas a pele era lisa e branca, imaculada, clara como leite. E era esguia, graciosa, mais alta que a maior parte dos cavaleiros, com seios fartos, cintura estreita e um rosto em forma de coração. Os olhos dos homens que a encontravam não se afastavam facilmente, nem mesmo os de um meistre. Muitos diziam que era bela. Mas não era. Era vermelha, e terrível, e vermelha.

– Eu… lhe agradeço, senhora.

– Um homem da sua idade deve ver onde pisa – Melisandre disse cortesmente. – A noite é escura e cheia de terrores.

Ele conhecia a frase, uma prece qualquer da fé dela. *Não importa, tenho minha própria fé.*

– Só as crianças temem a escuridão – Cressen respondeu. Mas, mesmo enquanto proferia aquelas palavras, ouviu Cara-Malhada retomar sua canção "*As sombras vêm dançar, senhor, dançar, senhor, dançar, senhor*".

– Eis um mistério – disse Melisandre. – Um bobo esperto e um sábio tolo.

Dobrando-se, pegou do chão o elmo de Cara-Malhada e o colocou na cabeça de Cressen. Os guizos ressoaram suavemente quando o balde de latão deslizou sobre suas orelhas.

– Uma coroa para combinar com a sua corrente, Senhor Meistre – ela anunciou. Por todos os lados, os homens riam.

Cressen apertou os lábios e lutou para controlar a ira. Ela o via como frágil e impotente, mas aprenderia que não era assim, antes de a noite acabar. Podia ser velho, mas ainda era um meistre da Cidadela.

– Não necessito de coroa alguma além da verdade – ele respondeu, tirando o elmo do bobo da cabeça.

– Há verdades neste mundo que não se ensinam em Vilavelha.

Melisandre virou as costas num redemoinho de seda vermelha e abriu caminho de volta à mesa elevada, onde se encontravam o Rei Stannis e sua rainha. Cressen entregou o balde de latão com chifres a Cara-Malhada e fez menção de segui-la.

Meistre Pylos estava sentado no seu lugar.

O velho só conseguiu ficar parado, encarando-o.

– Meistre Pylos – disse por fim. – Você… você não me acordou.

– Sua Graça ordenou-me que o deixasse repousar – Pylos teve pelo menos a cortesia de corar. – Disse-me que sua presença aqui não era necessária.

Cressen examinou por cima os cavaleiros, capitães e senhores que se sentavam em silêncio. Lorde Celtigar, idoso e amargo, vestia um manto com um padrão de caranguejos vermelhos realçados com granadas. O belo Lorde Velaryon tinha escolhido seda verde-mar, e o cavalo-marinho de ouro branco que trazia à garganta combinava com seus longos cabelos claros. Lorde Bar Emmon, um roliço rapaz de catorze anos, estava coberto de veludo roxo debruado com pele de foca branca; Sor Axell Florent permanecia modesto, mesmo vestido de cor ferrugem e pele de raposa. O piedoso Lorde Sunglass usava selenite na garganta, no pulso e nos dedos, e o capitão liseno Salladhor Saan era um esplendor de cetim escarlate, ouro e joias. Só Sor Davos vestia-se de forma simples, com um gibão marrom e um manto de lã verde, e só ele enfrentou seu olhar, com piedade nos olhos.

– Está doente e confuso demais para me ser útil, velho – soava tanto como a voz de Lorde Stannis, mas não podia ser, não podia. – Daqui em diante, Pylos irá me aconselhar. Já cuida dos corvos, uma vez que você já não é capaz de subir até o viveiro. Não deixarei que se mate a meu serviço.

Meistre Cressen pestanejou. *Stannis, meu senhor, meu triste rapaz carrancudo, filho que nunca tive, não pode fazer isso. Não sabe como me preocupei com você, vivi para você, amei você apesar de tudo? Sim, amei-o, mais até do que a Robert, ou a Renly, pois você era o mal-amado, aquele que mais precisava*. Mas tudo o que disse foi:

– Às suas ordens, senhor, mas… Tenho fome. Poderia ocupar um lugar à sua mesa? – *ao seu lado, o meu lugar é ao seu lado…*

Sor Davos levantou-se do banco.

– Ficaria honrado se o meistre se sentasse aqui ao meu lado, Vossa Graça.

– Como quiser – Lorde Stannis respondeu e se virou para dizer qualquer coisa a Melisandre, que tinha se sentado do seu lado direito, lugar de grande honra. A Senhora Selyse estava à sua esquerda, ostentando um sorriso tão brilhante e anguloso como as suas joias.

*Longe demais*, pensou Cressen, atordoado, olhando para onde Sor Davos estava sentado. Metade dos senhores vassalos separava o contrabandista da mesa elevada. *Tenho de ficar mais perto dela se quiser pôr o estrangulador na sua taça. Mas como?*

Cara-Malhada dava piruetas por ali, enquanto o meistre fazia seu lento trajeto em volta da mesa até Davos Seaworth.

– Aqui comemos peixe – declarou o bobo em tom feliz, brandindo um bacalhau como se fosse um cetro. – Debaixo do mar, os peixes nos comem. Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

Sor Davos afastou-se para o lado, a fim de arranjar espaço no banco.

– Hoje devíamos estar todos vestidos de bufões – ele disse lugubremente quando Cressen se sentou –, pois o que estamos fazendo é coisa de bobo. A mulher vermelha viu vitória nas suas chamas; portanto, Stannis deseja insistir na sua pretensão, sem se importar com os números. Receio que, antes de ela terminar, é provável que todos vejamos o que o Cara-Malhada viu… o fundo do mar.

Cressen enfiou as mãos nas mangas, como se procurasse aquecê-las. Os dedos encontraram os caroços que os cristais faziam na lã.

– Lorde Stannis.

Stannis afastou o olhar da mulher vermelha, mas foi Selyse quem respondeu.

– *Rei* Stannis. Esqueceu-se do seu lugar, meistre.

– Ele é velho, sua mente divaga – disse-lhe o rei num tom rabugento. – Que foi, Cressen? Diga o que está pensando.

– Visto que pretende zarpar, é vital que faça causa comum com Lorde Stark e a Senhora Arryn…

– Não faço causa comum com ninguém – Stannis Baratheon respondeu.

– Assim como a luz não faz causa comum com a escuridão – a Senhora Selyse tomou sua mão.

Stannis concordou com a cabeça.

– Os Stark tentam roubar metade do meu reino, tal como os Lannister me roubaram o trono e o meu querido irmão, as espadas, servidores e fortalezas, que são meus de direito. São todos usurpadores, e são todos meus inimigos.

*Perdi-o*, Cressen pensou, desesperando-se. Se ao menos conseguisse, de algum modo, se aproximar de Melisandre sem ser visto… Não precisava de mais do que um instante de proximidade da sua taça.

– O senhor é o herdeiro legítimo do seu irmão Robert, o verdadeiro Senhor dos Sete Reinos, e Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens – Cressen disse, desesperadamente. – Mas, mesmo assim, não pode crer em um triunfo sem aliados.

– Ele tem um aliado – interveio a Senhora Selyse. – R'hllor, o Senhor da Luz, o Coração do Fogo, o Deus da Chama e da Sombra.

– Os deuses são, na melhor das hipóteses, aliados incertos – insistiu o velho. – E *esse* não tem poder nenhum aqui.

– Acredita que não?

O rubi preso ao pescoço de Melisandre capturou a luz quando ela virou a cabeça, e por um instante pareceu brilhar tão luminoso como o cometa.

– Se acredita em tal besteira, Meistre, deveria voltar a colocar sua coroa.

– Sim – concordou a Senhora Selyse. – O elmo do Malhada. Cai bem em você, velho. Volte a colocá-lo, eu ordeno.

– Debaixo do mar ninguém usa chapéus – cantarolou Cara-Malhada. – Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

Os olhos de Lorde Stannis estavam na sombra das suas pesadas sobrancelhas, sua boca, apertada, enquanto o maxilar trabalhava em silêncio. Rangia os dentes sempre que se zangava.

– Bobo – ele rosnou por fim –, a senhora minha esposa ordena. Dê o elmo a Cressen.

*Não*, pensou o velho meistre, *este não é você, não é o seu jeito, sempre foi justo, sempre duro, mas nunca cruel, nunca, não compreendia a gozação, assim como não compreendia o riso.*

Cara-Malhada se aproximou dançando, fazendo soar os guizos, *clang-a-clang*, *ding-ding*, *clinc-clanc-clinc-clanc*. O meistre ficou sentado, em silêncio, enquanto o bobo punha o balde com chifres na sua cabeça. Cressen abaixou a cabeça com o peso. Os sinos ressoaram.

– Talvez ele deva, daqui para a frente, cantar os seus conselhos – disse a Senhora Selyse.

– Foi longe demais, mulher – repreendeu-a Lorde Stannis. – É um velho, e serviu-me bem.

*E servirei até o fim, meu querido senhor, meu pobre filho solitário*, pensou Cressen. E, de repente, descobriu um jeito. A taça de Sor Davos estava na sua frente, ainda com tinto amargo pela metade. Encontrou uma dura lasca de cristal na manga, apertou-a bem entre o indicador e o polegar enquanto estendia a mão para a taça. *Movimentos suaves, hábeis, agora não posso me atrapalhar*, rezou, e os deuses mostraram-se bondosos. Num piscar de olhos, os dedos ficaram vazios. Havia anos que suas mãos não tinham estado tão firmes, nem com metade daquela leveza. Davos viu, mas mais ninguém, tinha certeza. De taça na mão, levantou-se.

– Talvez tenha sido um tolo. Senhora Melisandre, quer partilhar comigo uma taça de vinho? Uma taça em honra do seu deus, do seu Senhor da Luz? Uma taça para brindar ao poder dele?

A mulher vermelha o estudou.

– Se quiser...

Podia sentir que todos o observavam. Davos agarrou-o quando se levantou do banco, prendendo sua manga com os dedos que Lord Stannis tinha encurtado.

– O que está fazendo? – sussurrou.

– Uma coisa que tem de ser feita – respondeu meistre Cressen. – Para o bem do reino e da alma do meu senhor – sacudiu a mão de Davos, derramando uma gota de vinho nas esteiras.

Encontraram-se sob a mesa elevada, com os olhos de todos os homens sobre eles. Mas Cressen só via a mulher. Seda vermelha, olhos vermelhos, o rubi vermelho no pescoço, lábios vermelhos encurvados

num tênue sorriso quando colocou a mão sobre a dele, em torno da taça. A pele dela pareceu-lhe quente, febril.

– Não é tarde demais para jogar o vinho fora, meistre.

– Não –murmurou roucamente. – Não.

– Como quiser.

Melisandre de Asshai tirou a taça de suas mãos e bebeu, longa e profundamente. Quando a devolveu, restava apenas meio gole de vinho no fundo.

– E agora você.

As mãos de Cressen tremiam, mas obrigou-se a ser forte. Um meistre da Cidadela não devia ter medo. Sentiu o vinho amargo na língua. Deixou a taça vazia cair dos seus dedos e se estilhaçar no chão.

– Ele *tem* poder aqui, senhor – disse a mulher. – E o fogo purifica – na sua garganta, o rubi cintilava, vermelho.

Cressen tentou responder, mas as palavras ficaram presas na garganta. Sua tosse transformou-se num terrível assobio agudo quando tentou inspirar. Dedos de ferro apertaram-se em torno do seu pescoço. Quando caiu de joelhos, ainda balançava a cabeça, negando-a, negando seu poder, sua magia, negando o seu deus. E os guizos tiniam nos chifres, cantando *tolo*, *tolo*, *tolo,* enquanto a mulher vermelha o olhava com piedade, e as chamas das velas dançavam nos seus olhos tão... tão vermelhos.

1 Serpe: criatura mitológica semelhante a um dragão, mas de porte menor e mais longilíneo, com apenas duas patas. (N. E.)

# Arya

Em Winterfell tinha sido chamada “Arya Cara de Cavalo”, e Arya pensara, então, que nada poderia ser pior. Mas isso foi antes de o órfão Lommy Mãos-Verdes tê-la apelidado de “Cabeça de Caroço”.

Sua cabeça *parecia* ter caroços quando a tocava. Quando Yoren a arrastara para aquele beco, Arya achou que quisesse matá-la, mas o amargo velho limitou-se a segurá-la firme, abrindo caminho com o punhal pelas suas madeixas emaranhadas. Lembrava-se de como a brisa tinha soprado os punhados de cabelo castanho sujo sobre as pedras do pavimento, em direção ao septo onde o pai morrera.

– Estou levando homens e rapazes da cidade – Yoren tinha resmungado, enquanto o aço afiado raspava sua cabeça. – Agora fica quieto, *rapaz*.

Quando ele terminou, não havia nada na cabeça além de tufos de cabelos cortados curtos. Mais tarde, Yoren disse que dali até Winterfell ela seria Arry, o órfão.

– O portão não deve ser difícil, mas a estrada é outra coisa. Tem muito chão pela frente com más companhias. Desta vez tenho trinta, homens e garotos, todos a caminho da Muralha, e não pense que são como aquele seu irmão bastardo – ele a sacudiu. – Lorde Eddard me deixou escolher nas masmorras, e lá embaixo não encontrei nenhum cavalheiro. Desses aí, metade entregava você pra rainha num piscar de olhos em troca de um perdão e, de quebra, umas moedas de prata. A outra metade fazia o mesmo, só que te estuprava primeiro. Por isso, fique quieta e só tire água do joelho na floresta, sozinha. Isso deve ser o mais difícil, o xixi, então, não beba mais do que precisa.

Deixar Porto Real foi fácil, como ele tinha dito. Os guardas Lannister no portão mandavam parar todo mundo, mas Yoren chamou um deles

pelo nome, e com um gesto mandaram as carroças em que seguiam avançar. Ninguém olhou sequer de relance para Arya. Estavam à procura de uma moça bem-nascida, filha da Mão do Rei, não de um rapaz magricela com o cabelo cortado. Arya não olhou para trás. Gostaria que a Torrente transbordasse e levasse a cidade inteira, o Baixio das Pulgas, a Fortaleza Vermelha, o Grande Septo, *tudo*, e *todos* também, especialmente o Príncipe Joffrey e a mãe dele. Mas sabia que isso não aconteceria, e, de qualquer modo, Sansa ainda estava na cidade, e seria levada também. Quando se lembrou disso, Arya decidiu que o melhor era desejar chegar a Winterfell.

Mas Yoren tinha se enganado sobre o xixi. Não era a parte mais difícil, mas, sim Lommy Mãos-Verdes e o Torta Quente. Órfãos. Yoren pescara alguns das ruas, prometendo comida para as barrigas e sapatos para os pés. Os demais, tinha encontrado acorrentados.

– A Patrulha precisa de bons homens – ele lhes disse quando se puseram a caminho –, mas vocês terão que servir.

Yoren também tirara marmanjos das masmorras, ladrões, caçadores furtivos, estupradores e afins. Os piores eram os três que tinha encontrado nas celas negras, que até a ele deviam assustar, porque os mantinha acorrentados pelos pés e pelas mãos na parte de trás de uma carroça, e garantia que os manteria presos ao longo de todo o caminho até a Muralha. Um deles não tinha nariz, mas apenas um buraco onde ele havia sido cortado, e o careca gordo com dentes pontiagudos e feridas úmidas nas bochechas tinha olhos nada humanos.

Saíram de Porto Real com cinco carroças carregadas com abastecimento para a Muralha: peles e rolos de tecido, barras de ferro-gusa, uma gaiola de corvos, livros, papel e tinta, um fardo de folhamarga, vasilhas de óleo e baús de medicamentos e especiarias. Parelhas de cavalos de tração puxavam as carroças, e Yoren comprou dois corcéis e meia dúzia de burros para os rapazes. Arya teria preferido um cavalo verdadeiro, mas o burro era melhor do que seguir numa carroça.

Os homens não prestavam atenção nela, mas não teve a mesma sorte com os garotos. Era dois anos mais nova do que o órfão mais jovem, sem

contar que também era menor e mais magra, e Lommy e Torta Quente julgavam que seu silêncio significava que estava assustada, ou que era estúpida ou surda.

– Olha aquela espada que o Cabeça de Caroço tem – disse Lommy uma manhã, enquanto abriam seu penoso caminho por entre pomares e campos de trigo. Tinha sido aprendiz de tintureiro antes de ser apanhado roubando, e seus braços eram salpicados de verde até o cotovelo. Quando ria, zurrava como os burros que montavam. – Onde é que um rato de esgoto como o Cabeça de Caroço arranjou uma espada?

Arya mordeu o lábio, carrancuda. Podia ver as costas do manto negro desbotado de Yoren à frente das carroças, mas estava decidida a não ir implorar por sua ajuda.

– Talvez seja um escudeirozinho – sugeriu Torta Quente. Sua mãe tinha sido padeira até morrer, e ele tinha passado dias inteiros empurrando o carrinho de mão pelas ruas, gritando "*Tortas quentes! Tortas quentes!*". – Um escudeirozinho de um senhorzinho de nada, é isso.

– Escudeiro, nada, olha pra ele. Aposto que aquilo nem é uma espada de verdade. Aposto que é uma espada de brincar feita de latão.

Arya detestava que zombassem de Agulha.

– É aço forjado em castelo, seu estúpido – exclamou, virando-se na sela para encará-los. – E é melhor que cale a boca.

Os órfãos vaiaram.

– Onde arranjou uma arma dessas, Cara de Caroço? – quis saber Torta Quente.

– É *Cabeça* de Caroço – Lommy corrigiu. – Deve ter roubado.

– Não roubei *nada*! – Arya gritou. Jon Snow tinha lhe dado Agulha. Talvez tivesse de deixar que a chamassem Cabeça de Caroço, mas não ia deixar que chamassem Jon de ladrão.

– Se roubou a espada, podíamos pegá-la dele – Torta Quente sugeriu. – De qualquer maneira, não é dele. Eu não me importava de ter uma dessas na mão.

Lommy o incitou.

– Vai lá, duvido que pegue.

Torta Quente enfiou os calcanhares no burro, aproximando-se.

– Ei, Cabeça de Caroço, me dá essa espada – seu cabelo era cor de palha e a cara gorda, queimada pelo sol, descamava. – Você não sabe usá-la.

*Sei, sim*, Arya podia ter dito. *Matei um garoto, um garoto gordo como você. Dei uma estocada na barriga dele e ele morreu, e mato você também se não me deixar em paz.* Mas não se atreveu. Yoren não sabia nada sobre o cavalariço, e ela tinha medo do que pudesse fazer se descobrisse. Arya tinha certeza de que alguns dos outros homens também eram assassinos, os três das algemas com certeza, mas a rainha não estava à procura *deles*, então não era a mesma coisa.

– Olha pra ele – zurrou Lommy Mãos-Verdes. – Aposto que vai começar a chorar. Quer chorar, Cabeça de Caroço?

Arya tinha chorado durante o sono na noite anterior, sonhando com o pai. Ao amanhecer, acordou de olhos vermelhos e secos, e não teria conseguido derramar nem mais uma lágrima, nem que sua vida dependesse disso.

– Vai molhar as calças – sugeriu Torta Quente.

– Deixem-no em paz – disse o rapaz com o cabelo preto crespo, que cavalgava atrás. Lommy lhe dera o apelido de Touro, por causa do elmo com cornos que tinha e que polia o tempo todo, mas nunca usava. Lommy não se atrevia a caçoar do Touro. Era mais velho, e grande para a idade, com um peito largo e braços de aspecto forte.

– É melhor dar a espada ao Torta Quente, Arry – Lommy disse. – O Torta Quente a quer muito. Matou um rapaz a chutes. Aposto que vai fazer o mesmo com você.

– Atirei-o ao chão e chutei suas bolas, e continuei a chutá-lo até estar morto – vangloriou-se Torta Quente. – Estraçalhei o cara a pontapés. Ficou com as bolas estouradas, sangrando, e o pinto preto. É melhor me dar a espada.

Arya puxou a espada de treino do cinto.

– Pode ficar com esta – ela respondeu, sem querer lutar.

– Isso é só um pau qualquer.

O rapaz se aproximou e tentou alcançar o cabo da Agulha.

Arya fez o pau assobiar ao bater com a madeira nas ancas do burro dele. O animal soltou um zurro e deu um salto, arqueando o dorso e atirando Torta Quente no chão. Arya fez seu próprio burro dar meia-volta e espetou o pau na barriga do rapaz quando tentava se levantar, obrigando-o a se sentar de novo com um grunhido. Então, bateu na sua cara, e o nariz dele estalou como um galho quando se quebra. Sangue escorreu de suas narinas. Quando Torta Quente começou a gemer, Arya virou-se para Lommy Mãos-Verdes, que continuava montado no burro, de boca aberta:

– Também quer provar um pouco da espada? – ela gritou, mas ele não queria. Ergueu as mãos tingidas de verde na frente da cara e guinchou que ela se afastasse.

Touro gritou:

– Atrás de você!

Arya rodopiou. Torta Quente estava de joelhos, com o punho fechado segurando uma grande pedra irregular. Arya deixou que a atirasse, abaixando a cabeça quando a pedra passou. Depois, saltou para cima dele. Ele levantou uma mão, e Arya bateu nela, e depois na cara, e depois no joelho. Ele tentou agarrá-la, mas ela se afastou, dançando, e deu com a madeira na nuca dele. Ele caiu, se levantou e tropeçou ao ir atrás dela, com a cara vermelha toda manchada de terra e sangue. Arya adotou uma pose de dançarina de água e esperou. Quando ele chegou suficientemente perto, lançou uma estocada, bem no meio das pernas, com tanta força que, se a espada de madeira tivesse uma ponta, teria saído por entre as nádegas dele.

Quando Yoren a puxou para cima, Torta Quente estava estatelado no chão, com os calções marrons e fedidos, chorando, enquanto Arya batia e voltava a bater.

– *Basta* – rugiu o irmão negro, arrancando a espada de madeira dos dedos dela. – Quer matar esse babaca? – quando Lommy e alguns dos outros começaram a chiar, o velho virou-se também para eles. – Calem a boca vocês também, senão vou fazer com que se calem. Se continuarem com isso, amarro todos atrás das carroças e *arrasto vocês* até a Muralha

– Yoren cuspiu. – E isso vale em dobro para você, Arry. Anda comigo, rapaz. *Já.*

Estavam todos olhando para ela, até os três acorrentados e algemados na parte de trás da carroça. O gordo bateu os dentes pontiagudos uns nos outros e *silvou*, mas Arya o ignorou.

O velho a arrastou até bem longe, num emaranhado de árvores longe da estrada, praguejando e resmungando o tempo inteiro.

– Se eu tivesse um pingo de juízo, tinha deixado você em Porto Real. Está me ouvindo, *rapaz*? – Yoren rosnava sempre aquela palavra, dando-lhe peso para que ela não deixasse de ouvi-la. – Desamarre o calção e abaixe-o. Vai, aqui não tem ninguém vendo. Faz o que eu digo.

Carrancuda, Arya fez o que ele dizia.

– Ali, junto do carvalho. Isso, assim mesmo – Arya abraçou o tronco e comprimiu a cara contra a madeira rugosa. – Agora grita. Grita com força.

*Não gritarei*, pensou Arya teimosamente, mas, quando Yoren bateu com o pau na parte de trás das suas coxas nuas, o guincho saiu, mesmo sem permissão.

– Acha que isso doeu? – ele perguntou. – Experimenta isto.

O pau caiu assobiando. Arya voltou a guinchar, agarrando-se à árvore para não cair.

– Mais uma vez.

Ela se agarrou mais, mordendo o lábio, estremecendo quando ouviu o pau chegando. A pancada fez Arya saltar e uivar. *Não chorarei*, pensou, *não farei isso. Sou uma Stark de Winterfell, nosso símbolo é o lobo gigante, e os lobos gigantes não choram*. Sentia um estreito fio de sangue escorrendo pela perna esquerda. Suas coxas e nádegas ardiam de dor.

– Pode ser que agora eu tenha a sua atenção – disse Yoren. – Da próxima vez que levantar o pau contra um dos seus irmãos, levará o dobro do que der, está me ouvindo? Agora, vista-se.

*Eles não são meus irmãos*, Arya pensou, enquanto se dobrava para puxar os calções, mas sabia que não devia dizer aquilo. As mãos atrapalharam-se com o cinto e os cordões.

Yoren estava olhando para ela:

– Tá sentindo dor?

*Calma como águas paradas*, disse ela a si mesma, como Syrio Forel lhe ensinara.

– Um pouco.

Ele cuspiu.

– Aquele menino das tortas sentiu mais. Não foi ele que matou seu pai, menina, nem o ladrão do Lommy. Bater neles não vai trazê-lo de volta.

– Eu sei – Arya resmungou, carrancuda.

– Mas tem uma coisa que você não sabe. Aquilo não deveria ter acontecido como aconteceu. Tava pronto para ir embora, com as carroças compradas e carregadas, e chega um homem com um rapaz pra mim, uma bolsa de dinheiro e uma mensagem, não me pergunte de quem. "O Lorde Eddard deve vestir o negro", ele me disse, "espera, ele vai contigo". Por que você acha que eu tava lá? Só que alguma coisa deu errado.

– *Joffrey* – Arya exclamou. – Alguém deveria matá-*lo*!

– Alguém vai matar, mas não será você nem eu – Yoren jogou de volta para ela a espada de madeira. – Tem folhamarga nas carroças – ele disse, enquanto voltavam à estrada. – Mastiga um pouco, vai ser bom para a dor.

De fato foi bom, um pouco, embora o gosto fosse ruim e deixasse seu cuspe parecido com sangue. Mesmo assim, seguiu o resto do dia a pé, e o dia seguinte, e o outro depois *desse*, dolorida demais para se sentar num burro. Torta Quente estava pior. Yoren teve de mudar algumas barricas de lugar para que ele pudesse deitar na parte de trás de uma carroça, em cima de umas sacas de cevada, e choramingava cada vez que as rodas batiam numa pedra. Lommy Mãos-Verdes não estava sequer machucado, mas mantinha-se o mais longe possível de Arya.

– Sempre que olha para ele, ele se encolhe – Touro disse a Arya enquanto caminhava ao lado do seu burro. Ela não respondeu. Parecia ser mais seguro não falar com ninguém.

Naquela noite, ficou deitada na sua manta fina no chão duro, fitando o grande cometa vermelho. Era magnífico e assustador ao mesmo tempo. “A Espada Vermelha”, assim Touro o chamara; dizia que parecia uma espada, com a lâmina ainda incandescente da forja. Quando Arya o olhava de soslaio, da maneira certa, também conseguia ver a espada, mas não era uma espada nova, era Gelo, a espada longa do pai, toda feita de aço valiriano ondulado, e o vermelho era o sangue de Lorde Eddard na lâmina depois de Sor Ilyn, o Magistrado do Rei, ter cortado sua cabeça. Yoren a obrigara a afastar o olhar quando aquilo aconteceu, mas ela acreditava que o aspecto do cometa devia ser como o que a espada deve ter tomado depois.

Quando por fim adormeceu, sonhou com seu lar. A estrada do rei serpenteava ao longo de Winterfell a caminho da Muralha, e Yoren havia prometido que a deixaria lá sem que ninguém ficasse sabendo nada sobre quem era. Ansiava por voltar a ver a mãe, e Robb, Bran e Rickon… mas era em Jon Snow que mais pensava. Desejava que de algum modo pudessem chegar à Muralha *antes* de Winterfell, para que Jon pudesse despentear seu cabelo e chamá-la de “irmãzinha”. Diria “tive saudades de você”, e ele diria a mesma coisa no mesmo instante, do modo como costumavam sempre dizer as coisas juntos. Ela gostaria disso. Gostaria mais disso do que de qualquer outra coisa.

# Sansa

O dia do nome do Rei Joffrey amanheceu claro e ventoso, com a longa cauda do grande cometa visível por entre nuvens altas e rápidas. Sansa a observava da janela de sua torre quando Sor Arys Oakheart chegou para escoltá-la até o campo de torneios.

– O que você acha que significa? – ela lhe perguntou.

– Glória para o seu prometido – Sor Arys respondeu de imediato. – Veja como flameja pelo céu hoje, no dia do nome de Sua Graça, como se os próprios deuses tivessem içado um estandarte em sua honra. O povo o chamou Cometa do Rei Joffrey.

Sem dúvida era isso que diziam a Joffrey, mas Sansa não tinha tanta certeza de que fosse verdade.

– Ouvi criados chamarem de Cauda do Dragão.

– Rei Joffrey ocupa o lugar que antigamente foi de Aegon, o Dragão, no castelo construído por seu filho – disse Sor Arys. – É ele o herdeiro do dragão… E o carmim é a cor da Casa Lannister, outro sinal. Este cometa foi enviado para anunciar a ascensão de Joffrey ao trono, não tenho qualquer dúvida. Significa que triunfaremos sobre os seus inimigos.

*Será verdade?*, perguntou Sansa a si mesma. *Seriam os deuses tão cruéis assim?* Sua mãe era agora um dos inimigos de Joffrey, e seu irmão Robb, outro. Seu pai tinha morrido por ordem do rei. Deveriam Robb e sua mãe morrer em seguida? O cometa *era* vermelho, mas Joffrey era tanto Baratheon como Lannister, e o símbolo Baratheon era um veado negro em fundo dourado. Não deveriam os deuses ter mandado a Joff um cometa dourado?

Sansa fechou as venezianas e deu as costas à janela bruscamente.

– Está adorável hoje, minha senhora – Sor Arys a elogiou.

– Obrigada, sor.

Sabendo que Joffrey exigiria que ela comparecesse ao torneio organizado em sua honra, Sansa tinha tomado especial cuidado com seu rosto e suas roupas. Usava um vestido de seda lilás e uma rede de selenitas para o cabelo, presente de Joffrey. O vestido tinha mangas compridas para esconder os hematomas que trazia nos braços. Estes também presentes de Joffrey. Quando lhe disseram que Robb tinha sido proclamado Rei no Norte, sua ira havia sido terrível, e mandara Sor Boros bater nela.

– Vamos? – Sor Arys ofereceu o braço, e Sansa deixou que a levasse dos seus aposentos. Se tinha de ter um membro da Guarda Real seguindo seus passos, preferia que fosse ele. Sor Boros tinha um temperamento irritável, Sor Meryn era frio, e os estranhos olhos mortos de Sor Mandon deixavam-na pouco à vontade, enquanto Sor Preston a tratava como uma criança estúpida. Arys Oakheart era cortês e falava com ela cordialmente. Uma vez até questionou quando Joffrey lhe ordenara que batesse nela. Acabou batendo, mas não com tanta força como Sor Meryn ou Sor Boros teriam feito, e pelo menos discutira. Os outros obedeciam sem questionar… Exceto Cão de Caça, mas Joff nunca pedia a ele para puni-la. Para isso usava os outros cinco.

Sor Arys tinha cabelo castanho-claro e um rosto que não era desagradável de contemplar. Hoje, estava um tanto elegante, com o manto de seda branca preso ao ombro por uma folha dourada, e um grande carvalho bordado no peito da sua túnica em brilhante fio de ouro.

– Quem acha que conquistará as honras do dia? – Sansa perguntou, enquanto desciam os degraus de braços dados.

– Eu – Sor Arys respondeu, sorrindo. – Mas temo que o triunfo não tenha sabor. Esta será uma competição pequena e pobre. Não mais de duas vintenas entrarão na arena, incluindo escudeiros e cavaleiros livres. Pouca honra se conquista derrubando garotinhos inexperientes.

Sansa lembrou-se de que o último torneio tinha sido diferente. O Rei Robert organizara-o em honra a seu pai. Grandes senhores e campeões famosos tinham vindo de todo o reino para competir, e a cidade inteira

apareceu para assistir. Recordava o esplendor. O parque de pavilhões ao longo do rio, com o escudo de um cavaleiro pendurado na frente de cada porta, as longas fileiras de flâmulas de seda esvoaçando ao vento, o brilho do sol em aço cintilante e esporas douradas. Os dias ressoaram ao som das trombetas e de cascos de cavalos, e as noites tinham se enchido de banquetes e canções. Aqueles tinham sido os dias mais mágicos da sua vida, mas agora pareciam a recordação de uma outra era. Robert Baratheon estava morto, e seu pai também, decapitado como traidor nos degraus do Grande Septo de Baelor. Agora havia três reis na nação, e a guerra assolava o Tridente, enquanto a cidade se enchia de homens desesperados. Não surpreendia que tivessem tido de montar o torneio de Joff atrás das espessas muralhas de pedra da Fortaleza Vermelha.

– Acha que a rainha comparecerá? – Sansa sentia-se sempre mais segura quando Cersei estava presente para refrear o filho.

– Temo que não, senhora. O conselho está reunido, algum assunto urgente – Sor Arys baixou a voz. – Lorde Tywin instalou-se em Harrenhal, em vez de trazer seu exército para a cidade, como a rainha ordenou. Sua Graça está furiosa.

Ele ficou em silêncio, enquanto uma coluna de guardas Lannister passava por eles marchando, vestidos com mantos carmesim e elmos encimados por leões. Sor Arys adorava fofocar, mas só quando tinha certeza de que ninguém o estava ouvindo.

Os carpinteiros tinham erigido uma galeria e uma arena entre as muralhas. Era, de fato, uma coisa medíocre, e a magra afluência de pessoas que tinha vindo assistir ao torneio não enchia mais do que metade dos lugares. A maior parte dos espectadores era de guardas de mantos dourados da Patrulha da Cidade, ou de mantos carmesim da Casa Lannister; senhores e senhoras não eram mais do que um punhado insignificante, os poucos que permaneciam na corte. Lorde Gyles Rosby, com sua cara cinzenta, tossia em um quadrado de seda cor-de-rosa. A Senhora Tanda estava rodeada pelas filhas, a plácida e aborrecida Lollys, e a mordaz Falyse. Jalabhar Xho, de pele de ébano, era um exilado que não tinha nenhum outro refúgio, a Senhora Ermesande, e um bebê,

sentado no colo da ama de leite. Segundo se dizia, ela deveria ser casada em breve com um dos primos da rainha, para que os Lannister pudessem reclamar as suas terras.

O rei estava protegido do sol por uma abóbada carmesim, com uma perna jogada negligentemente sobre o braço de madeira esculpida da cadeira. A Princesa Myrcella e o Príncipe Tommen estavam sentados atrás dele. No fundo do camarote real, Sandor Clegane montava guarda, descansando as mãos no cinto da espada. Tinha o manto branco da Guarda Real enrolado sobre os ombros largos e preso com um broche cravejado de joias. O pano, branco como a neve, parecia de certo modo pouco natural sobre sua túnica marrom de tecido grosseiro e justilho de couro com rebites.

– Senhora Sansa – anunciou secamente Cão de Caça quando a viu. Sua voz era áspera como o som de uma serra na madeira. As cicatrizes de queimaduras no seu rosto faziam com que um dos lados da boca se torcesse quando falava.

A Princesa Myrcella fez um tímido aceno de saudação ao ouvir o nome de Sansa, mas o pequeno e roliço Príncipe Tommen saltou, cheio de entusiasmo.

– Sansa, já te disseram? Hoje devo participar do torneio. A mãe disse que eu podia.

Tommen não tinha mais do que oito anos. Fazia Sansa lembrar-se do irmão mais novo, Bran. Eram da mesma idade. Bran estava em Winterfell, aleijado, mas em segurança, e ela daria qualquer coisa para estar com ele.

– Temo pela vida do seu oponente – ela lhe disse solenemente.

– O oponente dele estará estofado com palha – disse Joff a se colocar de pé. O rei trajava uma placa de peito dourada com um leão rugindo gravado, como se esperasse que a guerra o tragasse a qualquer momento. Fazia naquele dia treze anos, e era alto para a idade, com os olhos verdes e o cabelo dourado dos Lannister.

– Vossa Graça – disse ela, fazendo uma reverência.

Sor Arys também fez uma reverência.

– Peço que me perdoe, Vossa Graça. Tenho de ir me equipar para a arena.

Joffrey o mandou embora com um aceno brusco, enquanto estudava Sansa da cabeça aos pés.

– Fico contente que tenha usado as minhas pedras.

Então, o rei decidira desempenhar hoje um papel galante. Sansa sentiu-se aliviada.

– Agradeço-lhe por elas… e pelas suas ternas palavras. Desejo-lhe um afortunado dia do seu nome, Vossa Graça.

– Sente-se – Joffrey ordenou, indicando-lhe com um gesto a cadeira vazia ao lado da sua. – Já lhe informaram? O Rei Pedinte está morto.

– Quem? – por um momento, Sansa sentiu receio de que ele se referisse a Robb.

– Viserys. O último filho do Rei Louco Aerys. Esteve andando pelas Cidades Livres desde antes do meu nascimento, chamando a si próprio rei. Bem, a mãe diz que os dothrakis finalmente o coroaram. Com ouro derretido – soltou uma gargalhada. – É engraçado, não é? O dragão era o seu símbolo. É quase tão bom como se um lobo qualquer matasse o traidor do seu irmão. Talvez eu o dê de comida aos lobos depois de capturá-lo. Já lhe disse que pretendo desafiá-lo para um duelo?

– Gostaria de assistir a isso, Vossa Graça – *mais do que você pensa*. Sansa manteve o tom calmo e educado, mas mesmo assim os olhos de Joffrey estreitaram-se enquanto tentava decidir se estaria caçoando dele. – Vai participar da justa hoje? – ela perguntou rapidamente.

O rei franziu a testa.

– A senhora minha mãe disse que não seria adequado, pois o torneio é em minha honra. De outro modo, eu seria o campeão. Não é verdade, Cão?

A boca do Cão de Caça retorceu-se.

– Contra esses aí? E por que não?

Sansa lembrou-se de que *ele* tinha sido campeão no torneio do pai.

– Irá competir hoje, senhor? – ela lhe perguntou.

A voz de Clegane soou repleta de desprezo.

– Nem valeria o esforço de me armar. Isto é um torneio de mosquitos.

O rei soltou uma gargalhada.

– Meu cão ladra ferozmente. Talvez eu deva lhe ordenar que combata o campeão do dia. Até a morte – Joffrey gostava de obrigar os homens a lutar até a morte.

– Ficaria com um cavaleiro a menos.

Cão de Caça nunca tinha prestado juramento de cavalaria. O irmão era um cavaleiro, e ele o odiava.

Soou um toque de trombeta. O rei voltou a se instalar na sua cadeira e tomou a mão de Sansa na sua. Em outros tempos, aquilo teria feito seu coração disparar, mas isso havia sido antes de ele ter respondido à sua súplica por misericórdia apresentando-lhe a cabeça do pai. Agora, aquele toque enchia-a de repulsa, mas sabia que não devia demonstrá-la. Obrigou-se a ficar sentada, muito quieta.

– *Sor Meryn Trant, da Guarda Real* – gritou um arauto.

Sor Meryn entrou, vindo do lado ocidental do pátio, usando uma placa de cintilante aço branco com filetes dourados, montando um cavalo branco leitoso com uma crina cinza esvoaçante. O manto fluía atrás dele como um campo de neve. Portava uma lança de três metros e meio.

– *Sor Hobber, da Casa Redwyne, da Árvore* – cantou o arauto. Sor Hobber surgiu a trote, vindo do leste, montando um garanhão negro coberto de tecido borgonha e azul. Sua lança era listrada nas mesmas cores, e o escudo ostentava o símbolo do cacho de uvas da sua Casa. Os gêmeos Redwyne eram hóspedes involuntários da rainha, tal como Sansa. Perguntou a si mesma de quem teria sido a ideia da sua participação no torneio de Joffrey. *Deles, aposto que não*, pensou.

A um sinal do mestre das festividades, os combatentes assentaram as lanças e esporearam as montarias. Ouviram-se gritos vindos da assistência de guardas e de senhores e senhoras na galeria. Os cavaleiros chocaram-se no centro do pátio com um grande estrondo de madeira e aço. As lanças branca e a listrada explodiram em lascas com um segundo de diferença uma da outra. Hobber Redwyne oscilou com o impacto, mas de algum modo conseguiu se manter montado. Dando a volta com os

cavalos na extremidade da arena, os cavaleiros jogaram fora as lanças quebradas e receberam substitutas das mãos dos escudeiros. Sor Horas Redwyne, irmão gêmeo de Sor Hobber, gritou incentivos ao irmão.

Mas, na segunda passagem, Sor Meryn balançou a ponta da sua lança para atingir Sor Hobber no peito, derrubando-o da sela e fazendo-o estatelar-se com um retumbante estrondo no chão. Sor Horas soltou uma praga e correu para ajudar o irmão exaurido a sair do campo.

– Cavalo mal montado – Rei Joffrey declarou.

– *Sor Balon Swann, de Pedrelmo, na Atalaia Vermelha* – soou o grito do arauto. Grandes asas brancas ornamentavam o elmo de Sor Balon, e cisnes negros e brancos lutavam no seu escudo. – *Morros, da Casa Slynt, herdeiro de Lorde Janos de Harrenhal*.

– Olhe para aquele arrivista imbecil – exclamou Joff, alto o suficiente para que metade do pátio o ouvisse. Morros, um mero escudeiro, e ainda por cima novato nessa posição, tinha dificuldade em manejar a lança e o escudo. Sansa sabia que a lança era uma arma de cavaleiro, e os Slynt eram homens de baixo nascimento. Lorde Janos não havia sido mais do que comandante da Patrulha da Cidade antes de Joffrey tê-lo trazido para o conselho e lhe ter dado Harrenhal.

*Espero que caia e se envergonhe*, pensou com amargura. *Espero que Sor Balon o mate*. Quando Joffrey proclamou a morte do pai, foi Janos Slynt quem agarrou a cabeça cortada de Lorde Eddard pelo cabelo e a ergueu bem alto para que o rei e a multidão a contemplassem, enquanto Sansa chorava e gritava.

Morros usava uma capa com xadrez preto e dourado sobre uma armadura negra, incrustada de arabescos dourados. O escudo exibia a lança ensanguentada que o pai havia escolhido como símbolo da sua nova casa. Mas ele parecia não saber o que fazer com o escudo, enquanto incitava o cavalo a avançar, e a ponta de Sor Balon atingiu o brasão em cheio. Morros soltou a lança, lutou para manter o equilíbrio, mas perdeu. Um pé ficou preso no estribo quando caiu, e o cavalo em fuga arrastou o jovem até o fim da arena, com a cabeça quicando no chão. Joff soltou gritos de escárnio. Sansa ficou aterrorizada, perguntando-se se os deuses

teriam escutado sua prece vingativa. Porém, quando desprenderam Morros Slynt do cavalo, encontraram-no coberto de sangue, mas vivo.

– Tommen, escolhemos o adversário errado para você – disse o rei ao irmão. – O cavaleiro de palha compete melhor do que aquele ali.

Em seguida, chegou a vez de Sor Horas Redwyne. Esteve melhor do que o irmão, vencendo um cavaleiro idoso, cuja montaria estava adornada com grifos de prata sobre fundo listrado de azul e branco. Apesar da magnificência que ostentava, o velho foi um oponente frágil. Joffrey franziu o lábio.

– Este espetáculo está medíocre.

– Eu o preveni – disse Cão de Caça. – Mosquitos.

O rei estava ficando entediado, o que deixava Sansa ansiosa. Abaixou os olhos e decidiu manter-se em silêncio, acontecesse o que acontecesse. Quando o humor de Joffrey Baratheon se fechava, qualquer palavra à toa podia disparar uma das suas iras.

– *Lothor Brune, cavaleiro livre ao serviço de Lorde Baelish* – gritou o arauto. – *Sor Dontos, o Vermelho, da Casa Hollard.*

O cavaleiro livre, um homem pequeno numa armadura amassada e sem símbolos, surgiu como devia ser, na extremidade ocidental do pátio, mas do seu oponente não havia sinal. Por fim, um garanhão alazão surgiu trotando no meio de um redemoinho de sedas carmim e escarlate, mas Sor Dontos não se encontrava sobre ele. O cavaleiro apareceu um momento mais tarde, praguejando e cambaleando, equipado com a placa de peito e o elmo com plumas, mas nada mais. Suas pernas eram brancas e magras, e o membro balançava obscenamente enquanto perseguia o cavalo. A audiência rugiu e berrou insultos. Apanhando o cavalo pelo freio, Sor Dontos tentou montar, mas o animal não ficava quieto, e o cavaleiro estava tão bêbado que o pé descalço não acertava o estribo.

Então, a multidão já uivava de rir… Todos, menos o rei. Joffrey tinha uma expressão nos olhos de que Sansa se lembrava bem, a mesma que mostrara no Grande Septo de Baelor no dia em que sentenciou Lorde Eddard Stark à morte. Por fim, Sor Dontos, o Vermelho, desistiu, sentou-se na terra e tirou o elmo emplumado.

– Perdi – gritou. – Tragam-me vinho.

O rei se levantou.

– Um casco da adega! Quero vê-lo afogado nele.

Sansa ouviu-se arquejar.

– *Não*, não pode.

Joffrey virou a cabeça.

– O que você disse?

Sansa não conseguia acreditar que havia falado. Estaria louca? Dizer-lhe *não* na frente de metade da corte? Não pretendera dizer nada, mas… Sor Dontos estava bêbado, bobo e incapaz, mas não tinha sido mal-intencionado.

– Você disse que *não posso*? Disse?

– Por favor – disse Sansa. – Eu só quis dizer… seria má sorte, Vossa Graça… Matar um homem no dia do seu nome.

– Está mentindo – disse Joffrey. – Deveria afogá-la também, se você se preocupa tanto com ele.

– Eu não me preocupo com ele, Vossa Graça – as palavras saíram aos trancos, desesperadamente. – Afogue-o, ou mande cortar sua cabeça, mas… Mate-o amanhã, se quiser, mas, por favor… hoje não, não no dia do seu nome. Não poderia suportar que tivesse má sorte… Uma sorte terrível, mesmo para reis. Todos os cantores o dizem…

Joffrey franziu o cenho. Ele sabia que ela estava mentindo, percebeu. Faria Sansa sangrar por aquilo.

– A moça diz a verdade – Cão de Caça interveio. – O que um homem semeia no dia do seu nome, colhe ao longo do ano – a voz era monocórdica, como se não lhe importasse nem um pouco se o rei acreditava ou não. Poderia ser *verdade*? Sansa não sabia. Tinha sido apenas algo que dissera, desesperada por evitar uma punição.

Pouco feliz, Joffrey moveu-se na cadeira e fez um gesto brusco com os dedos na direção de Sor Dontos.

– Levem-no. Mandarei matar esse tolo amanhã.

– E é o que ele é – disse Sansa. – Um tolo. Um bobo. Você é tão inteligente por ver isso. Ele fica melhor como bobo do que como

cavaleiro, não fica? Deveria vesti-lo com retalhos e fazer dele seu palhaço. Não merece a piedade de uma morte rápida.

O rei a estudou por um momento.

– Talvez não seja tão estúpida como a mãe diz – e levantou a voz: – Ouviu a minha senhora, Dontos? Deste dia em diante, é o meu novo bobo. Pode dormir com o Rapaz-Lua e vestir-se de retalhos.

Sor Dontos, tornado sóbrio depois de roçar a morte de perto, caiu de joelhos.

– Agradeço-lhe, Vossa Graça. E a você também, minha senhora. Obrigado.

Enquanto um par de guardas Lannister o levava, o mestre de cerimônias aproximou-se do camarote:

– Vossa Graça – disse –, deverei chamar um novo adversário para Brune ou prosseguir com a próxima justa?

– Nem uma coisa nem outra. Esses aí são mosquitos, e não cavaleiros. Teria condenado todos à morte se não fosse o dia do meu nome. O torneio acabou. Leve todos para longe da minha vista.

O mestre de cerimônias fez uma reverência, mas o Príncipe Tommen foi menos obediente.

– Eu ia enfrentar o homem de palha.

– Hoje não.

– Mas eu quero.

– Não me interessa o que você quer.

– A mãe *disse* que eu podia.

– É verdade – concordou a Princesa Myrcella.

– A mãe *disse* – zombou o rei. – Não seja infantil.

– Somos crianças – Myrcella declarou com altivez. – *Espera-se* que sejamos infantis.

Cão de Caça soltou uma gargalhada:

– Ela pegou você.

Joffrey aceitou a derrota.

– Muito bem. Nem meu irmão poderá combater pior que os outros. Mestre, traga o manequim. Tommen quer ser um mosquito.

Tommen soltou um grito de alegria e correu para ser preparado, com as pequenas pernas roliças batendo com força no chão.

– Boa sorte – Sansa gritou para ele.

Colocaram o manequim na extremidade mais distante da arena, enquanto o pônei do príncipe era selado. O oponente de Tommen era um guerreiro de couro do tamanho de uma criança, estofado com palha e montado num eixo, com um escudo numa mão e uma maça acolchoada na outra. Alguém tinha prendido um par de chifres de veado na cabeça do cavaleiro. Sansa lembrava-se que o pai de Joffrey, o Rei Robert, usava chifres no elmo, mas também os usava Lorde Renly, irmão de Robert, que tinha se tornado traidor e se coroado rei.

Um par de escudeiros afivelou no príncipe sua ornamentada armadura prateada e carmim. Uma grande crista de penas vermelhas brotava do topo do seu elmo, e o leão de Lannister e o veado coroado de Baratheon brincavam juntos no seu escudo. Os escudeiros ajudaram-no a montar, e Sor Aron Santagar, mestre de armas da Fortaleza Vermelha, avançou e entregou a Tommen uma espada prateada, sem fio, com uma lâmina em forma de folha, concebida para se ajustar a uma mão de oito anos.

Tommen ergueu a lâmina bem alto.

– Rochedo Casterly – gritou, numa aguda voz de garoto, ao bater com os calcanhares no pônei e começar a investida contra o manequim. A Senhora Tanda e Lorde Gyles soltaram vivas desencontrados, e Sansa juntou sua voz às deles. O rei caiu no silêncio.

Tommen fez o pônei seguir a trote ligeiro, brandiu vigorosamente a espada e deu um golpe sólido no escudo do cavaleiro quando passou por ele. O manequim rodopiou, a maça voou e foi dar uma poderosa cacetada na nuca do príncipe. Tommen caiu da sela, fazendo sua armadura nova retinir como um saco de penicos velhos ao atingir o chão. A espada voou para longe, o pônei fugiu a meio galope pelo pátio afora, e uma grande rajada de escárnio agitou o ar. Rei Joffrey foi, de todos, quem riu mais e durante mais tempo.

– Oh – gritou a Princesa Myrcella. Saltou do camarote e correu até o irmão mais novo.

Sansa deu por si possuída por uma estranha e leviana coragem.

– Devia ir com ela – disse ao rei. – Seu irmão pode estar ferido.

Joffrey encolheu os ombros.

– E se estiver?

– Devia ajudá-lo a ficar em pé e lhe dizer que montou bem – Sansa parecia não conseguir se conter.

– Foi derrubado do cavalo e caiu no chão – ressaltou o rei. – Isso não é montar bem.

– Olhe – Cão de Caça os interrompeu. – O rapaz tem coragem. Vai tentar novamente.

Estavam ajudando o Príncipe Tommen a montar no seu pônei. *Se ao menos Tommen fosse o mais velho em vez de Joffrey*, pensou Sansa. *Não me importaria de me casar com Tommen.*

Os sons vindos da guarita apanharam-nos de surpresa. Correntes retiniram quando a porta levadiça foi içada, e os grandes portões abriram-se entre rangidos de dobradiças de ferro.

– Quem lhes disse para abrir o portão? – Joff exigiu saber. Com a agitação na cidade, os portões da Fortaleza Vermelha estavam fechados havia dias.

Uma coluna de homens a cavalo emergiu por baixo da porta levadiça, com tinidos de aço e ruídos de cascos. Clegane se aproximou do rei, com uma mão no cabo da espada. Os visitantes vinham descompostos, rotos e empoeirados, mas o estandarte que transportavam era o leão de Lannister, dourado no seu fundo carmesim. Alguns usavam os mantos vermelhos e a cota de malha dos soldados Lannister, mas a maioria era de cavaleiros livres e mercenários, com armaduras desemparelhadas e eriçados com seu aço afiado… E havia outros, selvagens monstruosos saídos de uma das histórias da Velha Ama, aquelas assustadoras que Bran antes adorava. Trajavam peles puídas e couro fervido e usavam cabelo comprido e barbas ferozes. Alguns tinham ataduras manchadas de sangue na testa ou enroladas nas mãos e braços, e a outros faltavam olhos, orelhas e dedos.

No meio dos homens, montado num grande cavalo vermelho com uma estranha sela alta que o embalava para trás e para a frente, estava o irmão anão da rainha, Tyrion Lannister, aquele a quem chamavam Duende. Deixara a barba crescer até deixar sua cara enterrada e se transformar num hirsuto emaranhado de pelos amarelos e negros, duros como arame. Às suas costas, caía um manto de pele de gato-das-sombras, de pelo negro rajado de branco. As rédeas estavam na mão esquerda, e o braço direito vinha enfiado numa tira de seda branca, mas, fora isso, parecia tão grotesco como Sansa recordava da época de sua visita a Winterfell. Com sua testa proeminente e olhos de cores diferentes, ainda era o homem mais feio que já vira na vida.

Mas Tommen espetou as esporas no pônei e galopou precipitadamente pelo pátio afora, gritando de alegria. Um dos selvagens, um homem enorme e desajeitado, tão peludo que a cara quase desaparecia no meio da barba, puxou o rapaz da sela, com armadura e tudo, e depositou-o no chão ao lado do tio. O riso sem fôlego de Tommen ecoou nas muralhas quando Tyrion lhe deu uma palmada na placa das costas, e Sansa espantou-se ao notar que os dois eram da mesma altura. Myrcella veio correndo atrás do irmão, e o anão pegou-a pela cintura e fez a princesa rodopiar, gritando.

Quando a devolveu ao chão, o pequeno homem deu um beijo leve na sua testa e bamboleou através do pátio, na direção de Joffrey. Dois dos seus homens seguiram-no de perto; um mercenário de cabelo e olhos negros, que se movia como um gato caçando, e um jovem magro com uma órbita vazia no local onde um olho deveria estar. Tommen e Myrcella vieram atrás deles.

O anão caiu sobre um joelho em frente do rei.

– Vossa Graça.

– Você – disse Joffrey.

– Eu – concordou o Duende –, se bem que uma saudação mais cortês talvez fosse mais apropriada para um tio e um homem mais velho.

– Dizia-se que estava morto – disse Cão de Caça.

O pequeno homem lançou um olhar ao grande. Um dos seus olhos era verde, o outro, negro, e ambos eram frios.

– Falava com o rei, não com o cachorro dele.

– *Eu* estou feliz por não estar morto – disse a Princesa Myrcella.

– Compartilhamos essa opinião, querida filha.

Tyrion virou-se para Sansa.

– Minha senhora, lamento as suas perdas. Os deuses são realmente cruéis.

Sansa não conseguiu encontrar uma só palavra para lhe dizer. Como podia ele lamentar as suas perdas? Estaria caçoando dela? Não eram os deuses que eram cruéis, era Joffrey.

– Lamento também a sua perda, Joffrey – disse o anão.

– Que perda?

– O seu real pai? Um homem grande e impetuoso com uma barba negra; recordará dele se fizer um esforço. Foi rei antes do senhor.

– Ah, *ele*. Sim, foi muito triste, um javali o matou.

– É isso *o que se* diz, Vossa Graça?

Joffrey franziu a testa. Sansa sentiu que devia dizer qualquer coisa. O que a Septã Mordane costumava lhe dizer? *A armadura de uma senhora é a cortesia*, era isso. Colocou sua armadura e disse:

– Lamento que a senhora minha mãe o tenha tomado prisioneiro, senhor.

– Há muitas pessoas que lamentam isso – Tyrion respondeu. – E antes que eu termine o que tenho a fazer, algumas poderão lamentá-lo um pouco mais… No entanto, agradeço o sentimento. Joffrey, onde poderei encontrar sua mãe?

– Ela está com o conselho – o rei respondeu. – Seu irmão Jaime anda só perdendo batalhas – lançou a Sansa um olhar zangado, como se fosse culpa *dela*. – Foi capturado pelos Stark e perdemos Correrrio. Agora o estúpido irmão dela intitula-se rei.

O anão deu um sorriso torto.

– Nos dias que correm todo tipo de gente se intitula rei.

Joff não soube o que pensar daquilo, embora tivesse uma expressão de suspeita e insatisfação.

– Sim. Bem. Fico feliz que não esteja morto, tio. Trouxe-me algum presente para o dia do meu nome?

– Sim. A minha inteligência.

– Preferiria a cabeça de Robb Stark – Joff rebateu, com um relance maldoso para Sansa. – Tommen, Myrcella, venham.

Sandor Clegane deixou-se ficar um momento para trás:

– Eu teria cuidado com essa sua língua, homenzinho – preveniu-o, antes de se afastar a passos largos atrás do seu senhor.

Sansa foi deixada com o anão e seus monstros. Tentou pensar no que poderia dizer mais.

– Está com o braço ferido – ela disse, por fim.

– Um dos seus nortenhos atingiu-me com uma maça de guerra durante a batalha no Ramo Verde. Escapei dele caindo do cavalo – seu sorriso malicioso transformou-se em algo mais suave enquanto estudava o rosto dela. – É o pesar pelo senhor seu pai que a deixa tão triste?

– Meu pai era um traidor – Sansa respondeu imediatamente. – E meu irmão e a senhora minha mãe são também traidores – tinha aprendido depressa aquele reflexo. – Eu sou leal ao meu amado Joffrey.

– Sem dúvida. Tão leal como uma corça rodeada de lobos.

– Leões – sussurrou ela, sem pensar. Olhou em volta nervosamente, mas ninguém estava suficientemente perto para ouvir.

O Lannister estendeu a mão, tomou a dela na sua e a apertou.

– Eu sou só um pequeno leão, filha, e juro que não a morderei – e, com uma reverência, disse: – Mas agora deve me desculpar. Tenho assuntos urgentes a tratar com a rainha e o conselho.

Sansa ficou vendo o anão afastar-se, com o corpo oscilando pesadamente de um lado para o outro a cada passo, como algo saído de um circo de aberrações. *Fala com mais gentileza do que Joffrey*, pensou, *mas a rainha também falou comigo com gentileza. É ainda um Lannister, irmão dela e tio de Joff, e não é amigo*. Antes, tinha amado o Príncipe Joffrey de todo o coração e admirara e confiara em sua mãe, a rainha.

Tinham lhe devolvido esse amor e confiança com a cabeça do seu pai. Sansa nunca mais voltaria a cometer o mesmo erro.

# Tyrion

No gelado traje branco da Guarda Real, Sor Mandon Moore parecia um cadáver envolto numa mortalha.

– Sua Graça deixou ordens; a sessão do conselho não deverá ser perturbada.

– Eu seria apenas uma pequena perturbação, sor – Tyrion tirou o pergaminho da manga. – Trago uma carta do meu pai, Lorde Tywin Lannister, a Mão do Rei. Aqui está o seu selo.

– Sua Graça não deseja ser perturbada – repetiu lentamente Sor Mandon, como se Tyrion fosse um bronco e não o tivesse ouvido da primeira vez.

Jaime, certa vez, tinha lhe dito que Moore era o mais perigoso membro da Guarda Real, além dele próprio, naturalmente, porque sua cara não revelava nenhum sinal do que poderia fazer a seguir. Tyrion teria acolhido bem algum sinal. Bronn e Timett teriam boas chances de matar o cavaleiro caso se chegasse a cruzar espadas, mas dificilmente seria bom presságio começar assassinando um dos protetores de Joffrey. E no entanto, se deixasse que o homem o mandasse embora, onde estaria sua autoridade? Obrigou-se a sorrir.

– Sor Mandon, não conhece os meus companheiros. Este é Timett, filho de Timett, Mão Vermelha dos Homens Queimados. E este é Bronn. Lembra-se de Sor Vardis Egen, que era capitão da guarda doméstica de Lorde Arryn?

– Conheço o homem.

Os olhos de Sor Mandon eram cinza-claros, estranhamente descorados e sem vida.

– Conhecia – corrigiu Bronn, com um fino sorriso.

Sor Mandon não se rebaixou a mostrar que o tinha ouvido.

– Que seja – disse Tyrion com certa inconsequência. – Eu realmente preciso encontrar minha irmã e lhe apresentar a carta, sor. Teria a bondade de abrir a porta para nos deixar entrar?

O cavaleiro branco não respondeu. Tyrion estava quase a ponto de tentar forçar passagem, quando Sor Mandon se afastou abruptamente:

– Você pode entrar. Eles não.

*Uma pequena vitória*, pensou, *mas saborosa*. Tinha passado pelo primeiro teste. Tyrion Lannister atravessou a porta, sentindo-se quase alto. Cinco membros do pequeno conselho do rei interromperam subitamente uma discussão.

– Você – disse sua irmã Cersei, num tom que incluía partes iguais de descrença e desagrado.

– Estou vendo com quem Joffrey aprendeu a boa educação – Tyrion fez uma pausa para admirar o par de esfinges valirianas que guardavam a porta, aparentando um ar de confiança casual. Cersei conseguia farejar fraqueza tão bem como um cão farejava o medo.

– O que você está fazendo aqui? – os belos olhos verdes da irmã estudavam-no sem o menor sinal de afeto.

– Sou portador de uma carta do senhor nosso pai.

Deslocou-se vagarosamente até a mesa e depositou o pergaminho bem enrolado entre ele e a irmã. O eunuco Varys pegou a carta e a revirou nas mãos delicadas e empoadas.

– Que gentileza da parte de Lorde Tywin. E a cera do seu selo é de um tom dourado tão delicado – Varys inspeccionou o selo de perto. – Tem todo o jeito de ser genuíno.

– Claro que é genuíno – Cersei arrancou a carta das mãos do eunuco, quebrou a cera e desenrolou o pergaminho.

Tyrion observou-a enquanto lia. A irmã tinha ocupado a cadeira do rei. Tyrion concluiu que Joffrey não se importava, tanto quanto Robert, em estar presente nas reuniões do conselho, e subiu na cadeira da Mão. Parecia apropriado.

– Isto é absurdo – a rainha disse por fim. – O senhor meu pai enviou meu irmão para ocupar o seu lugar neste conselho. Pede-nos para aceitar Tyrion como Mão do Rei até o momento em que possa se juntar a nós.

O Grande Meistre Pycelle afagou sua longa barba branca e fez um aceno solene:

– Aparentemente, temos que lhe dar as boas-vindas.

– Realmente – Janos Slynt, com seu grande queixo e falta de cabelo, assemelhava-se bastante a uma rã, uma rã presunçosa que tinha subido muito mais alto do que deveria. – Sentimos grandemente a sua falta, senhor. A rebelião grassa por todo o lado, há este sinistro presságio no céu, tumultos nas ruas da cidade…

– E de quem é a culpa disso, Lorde Janos? – atacou Cersei. – Seus homens de manto dourado estão encarregados de manter a ordem. Quanto a você, Tyrion, poderia nos servir melhor no campo de batalha.

Tyrion soltou uma gargalhada:

– Não, chega de campos de batalha para mim, muito obrigado. Sento-me melhor numa cadeira do que num cavalo, e gosto mais de segurar uma taça de vinho do que um machado de batalha. Toda aquela conversa a respeito do rufar dos tambores, da luz do sol brilhando nas armaduras, de magníficos corcéis de batalha resfolegando e empinando? Pois bem, os tambores me dão dor de cabeça, a luz do sol brilhando na minha armadura me cozinha como se fosse um ganso no dia da colheita, e esses magníficos corcéis cagam *por todo lado*. Não que esteja me queixando. Comparando com a hospitalidade de que desfrutei no Vale de Arryn, tambores, cocô de cavalo e picadas de moscas são as minhas coisas favoritas.

Mindinho soltou uma gargalhada.

– Bem dito, Lannister. Um homem que partilha dos meus sentimentos.

Tyrion sorriu, lembrando-se de um certo punhal com um cabo de osso de dragão e uma lâmina de aço valiriano. *Teremos de ter uma conversa sobre isso, e em breve*. Perguntou a si mesmo se Lorde Petyr também acharia esse assunto divertido.

– Por favor – disse-lhes então. – Deixem-me ser útil, de qualquer *pequeno* modo que me seja possível.

Cersei voltou a ler a carta.

– Quantos homens trouxe consigo?

– Algumas centenas. Principalmente homens meus. Meu pai se mostrou renitente em se separar de alguns dos seus. Afinal de contas, ele *está* travando uma guerra.

– De que servirão algumas centenas de homens se Renly marchar sobre a cidade, ou se Stannis zarpar de Pedra do Dragão? Peço um exército, e meu pai me manda um anão. O *rei* nomeia a Mão, com o consentimento do conselho. Joffrey nomeou o senhor nosso pai.

– E o senhor nosso pai me nomeou.

– Ele não pode fazer isso. Não sem o consentimento de Joffrey.

– Lorde Tywin está em Harrenhal com a sua tropa, se quiser levar o assunto à sua consideração – disse Tyrion amavelmente. – Senhores, queiram me permitir uma palavra a sós com minha irmã?

Varys pôs-se em pé com um movimento deslizante, exibindo aquele seu sorriso engordurado.

– Como deve ter ansiado pelo som da voz da sua doce irmã. Senhores, por favor, vamos lhes dar uns instantes. As desgraças do nosso perturbado reino esperarão.

Janos Slynt levantou-se com hesitação, e o Grande Meistre Pycelle com solenidade, mas levantaram-se. Mindinho foi o último.

– Devo ordenar ao intendente que prepare aposentos na Fortaleza de Maegor?

– Agradeço, Lorde Petyr, mas ocuparei os antigos aposentos de Lorde Stark na Torre da Mão.

Mindinho soltou uma gargalhada.

– É um homem mais corajoso do que eu, Lannister. *Conhece* o destino dos dois últimos Mãos?

– Dois? Se deseja me assustar, por que não dizer quatro?

– Quatro? – Mindinho ergueu uma sobrancelha. – Os Mãos anteriores a Lorde Arryn tiveram algum terrível fim na Torre? Creio que era jovem

demais para prestar muita atenção neles.

– O último Mão de Aerys Targaryen foi morto durante o saque a Porto Real, embora eu duvide de que tenha tido tempo para se instalar na Torre. Só foi Mão durante uma quinzena. Seu antecessor foi queimado vivo. E antes desse houve outros dois, que morreram sem terras e sem dinheiro no exílio, e ainda consideravam-se sortudos. Creio que o senhor meu pai foi o último Mão a abandonar Porto Real com seu nome, propriedades e corpo intactos.

– Fascinante – Mindinho respondeu. – Mais uma razão para que eu prefira passar as noites na masmorra.

*Talvez se possa satisfazer esse seu desejo*, Tyrion pensou, mas disse:

– A coragem e a loucura são primas, ou pelo menos foi o que ouvi dizer. Seja qual for a praga que paira sobre a Torre da Mão, rezo para ser suficientemente pequeno para não chamar sua atenção.

Janos Slynt riu, Mindinho sorriu, e o Grande Meistre Pycelle os seguiu para fora da sala, com uma reverência grave.

– Espero que nosso pai não tenha feito você percorrer toda esta distância para me atormentar com lições de história – disse a irmã quando ficaram sós.

– Como ansiei pelo som da sua doce voz – Tyrion suspirou.

– Como ansiei por arrancar a língua daquele eunuco com tenazes em brasa – Cersei respondeu. – Nosso pai perdeu o juízo? Ou será que você falsificou esta carta? – voltou a lê-la, com um aborrecimento crescente. – Por que ele me imporia a *sua* presença? Queria que viesse em pessoa – amarrotou a carta de Lorde Tywin nas mãos. – Sou regente de Joffrey e dei a ele uma *ordem* real!

– E ele a ignorou – Tyrion observou. – Tem um exército bastante grande, pode fazer isso. E não é o primeiro. Ou é?

A boca de Cersei apertou-se. Tyrion viu sua cor mudando.

– Se eu declarar que esta carta é uma falsificação e lhes disser para atirá-lo em uma masmorra, ninguém ignorará *isso*, garanto.

Tyrion sabia que agora caminhava sobre gelo quebradiço. Um passo em falso, e perderia o apoio.

– Ninguém – concordou amigavelmente –, muito menos nosso pai. Aquele que tem o exército. Mas, por que haveria de querer me atirar em uma masmorra, querida irmã, quando percorri todo este caminho para ajudá-la?

– Não pedi *sua* ajuda. Foi a presença do nosso pai que exigi.

– Sim – Tyrion disse em voz baixa. – Mas quem você quer é Jaime.

Sua irmã achava que era sutil, mas eles tinham crescido juntos. Podia ler seu rosto como se fosse um dos seus livros preferidos, e aquilo que lia agora era raiva, medo e desespero.

– Jaime…

– … é tanto meu irmão como seu – Tyrion interrompeu. – Apoie-me, e prometo que obteremos a libertação e devolução de Jaime, são e salvo.

– Como? – Cersei quis saber. – O rapaz Stark e a mãe não esquecerão facilmente que decapitamos Lorde Eddard.

– É verdade – concordou Tyrion –, mas ainda tem suas filhas, não tem? Vi a menina mais velha no pátio com o Joffrey.

– Sansa – disse a rainha. – Divulguei que também tenho a fedelha mais nova, mas é mentira. Mandei Meryn Trant capturá-la quando Robert morreu, mas o maldito do seu mestre de dança interferiu e a garota fugiu. Nunca mais ninguém a viu. Provavelmente está morta. Morreu muita gente naquele dia.

Tyrion esperava ter ambas as meninas Stark, mas supunha que uma teria de servir.

– Fale dos nossos amigos no conselho.

Sua irmã lançou um relance para a porta.

– Que tem eles?

– Nosso pai parece que ganhou antipatia por eles. Quando o deixei, estava pensando sobre o aspecto que aquelas cabeças teriam na muralha ao lado da cabeça de Lorde Stark – inclinou-se para a frente, por cima da mesa. – Está certa da lealdade deles? Confia neles?

– Não confio em ninguém – Cersei exclamou. – Preciso deles. Meu pai acredita que estejam nos enganando?

– Não acredita, suspeita.

– Por quê? Ele sabe alguma coisa?

Tyrion encolheu os ombros:

– Sabe que o curto reinado do seu filho tem sido uma longa parada de loucuras e desastres. Isso sugere que alguém está dando a Joffrey conselhos muito ruins.

Cersei sondou-o com o olhar.

– Não faltaram bons conselhos a Joff. Sempre foi obstinado. Agora que é o rei, acha que deve fazer o que bem entende, não o que lhe é pedido.

– As coroas fazem coisas estranhas às cabeças que estão por baixo delas – concordou Tyrion. – Esta história do Eddard Stark… Foi obra de Joffrey?

A Rainha fez uma careta.

– Ele foi instruído a perdoar o Stark, a deixá-lo vestir o negro. O homem ficaria para sempre fora do nosso caminho, e poderíamos ter feito a paz com aquele seu filho, mas Joff resolveu dar à multidão um espetáculo melhor. O que eu poderia fazer? Ele exigiu a cabeça de Lorde Eddard na frente de metade da cidade. Janos Slynt e Sor Ilyn avançaram alegremente, e encurtaram o homem sem uma palavra minha! – sua mão fechou-se num punho. – O Alto Septão afirma que profanamos o Septo de Baelor com sangue, depois de termos mentido a ele quanto às nossas intenções.

– E parece que tem razão – Tyrion disse. – Quer dizer então que este *Lorde* Slynt fez parte da coisa? Diga-me, de quem foi a magnífica ideia de lhe dar Harrenhal e o nomear para o conselho?

– Foi Mindinho quem arranjou tudo. Precisávamos dos homens de manto dourado de Slynt. Eddard Stark estava conspirando com Renly, e tinha escrito a Lorde Stannis, oferecendo-lhe o trono. Se Sansa não tivesse vindo até mim e contado todos os planos do pai…

Tyrion estava surpreso.

– Ah, é? Sua própria filha? – Sansa sempre lhe parecera uma doce menina, terna e delicada.

– A garota estava louca de amor. Teria feito *qualquer coisa* por Joffrey, até que ele cortou a cabeça do seu pai, e chamou o ato de misericórdia.

Isso pôs fim ao romance.

– Sua Graça tem um modo único de conquistar os corações dos súditos – Tyrion observou com um sorriso torto. – Foi também por desejo de Joffrey que Sor Barristan Selmy foi demitido da Guarda Real?

Cersei suspirou.

– Joff queria culpar alguém pela morte de Robert. Varys sugeriu Sor Barristan. E por que não? Isso dava a Jaime o comando da Guarda Real e um lugar no pequeno conselho e permitia que Joff atirasse um osso ao seu Cão. Gosta muito de Sandor Clegane. Estávamos preparados para oferecer a Selmy algumas terras e uma fortaleza, mais do que o inútil velho tolo merecia.

– Ouvi dizer que esse inútil velho tolo matou dois dos homens de mantos dourados de Slynt quando tentaram capturá-lo no Portão da Lama.

Sua irmã fez uma expressão muito infeliz.

– Janos devia ter enviado mais homens. Não é tão competente como seria desejável.

– Sor Barristan era Senhor Comandante da Guarda Real de Robert Baratheon – Tyrion lembrou contundentemente à irmã. – Ele e Jaime são os únicos sobreviventes dos sete de Aerys Targaryen. O povo fala dele da mesma forma que se referem a Serwyn do Escudo de Espelhos ou ao Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão. O que imagina que eles pensarão quando virem Barristan, o Ousado, cavalgando ao lado de Robb Stark ou de Stannis Baratheon?

Cersei afastou o olhar.

– Não tinha levado isso em conta.

– Nosso pai levou – Tyrion rebateu. – Foi por isso que me enviou. Para pôr fim a essas loucuras e obrigar seu filho a nos obedecer.

– Joff não será mais tratável por você do que por mim.

– Poderá ser.

– Por quê?

– Sabe que você nunca lhe faria mal.

Os olhos de Cersei estreitaram-se.

– Se acha que eu permitiria que fizesse mal ao meu filho, você está doente e com febre.

Tyrion suspirou. Ela não tinha entendido, como acontecia frequentemente.

– Joffrey está tão seguro comigo como está com você – assegurou-lhe –, mas, desde que se *sinta* ameaçado, vai ficar mais disposto a escutar – tomou a mão dela. – Eu *também* sou seu irmão, sabe? Precisa de mim, quer queira admitir isso quer não. Seu filho precisa de mim, se quiser ter alguma esperança de conservar aquela feia cadeira de ferro.

Sua irmã pareceu chocada por ele tê-la tocado.

– Sempre foi astuto.

– Ao meu pequeno modo – Tyrion deu um sorriso.

– Talvez valha a pena tentar… Mas não se iluda, Tyrion. Se aceitá-lo, será Mão do Rei no título, mas, na verdade, a *minha* Mão. Dividirá comigo todos os seus planos e intenções antes de agir e não fará *nada* sem o meu consentimento. Compreende?

– Ah, sim.

– Concorda?

– Com certeza – ele mentiu. – Sou seu, mana – *durante o tempo que tiver de ser.* – Então, agora que temos os mesmos propósitos, não devíamos ter mais segredos entre nós. Você diz que Joffrey mandou matar Lorde Eddard, que Varys demitiu Sor Barristan, e que Mindinho nos deu de presente Lorde Slynt. Quem assassinou Jon Arryn?

Cersei atirou a cabeça para trás.

– Como hei de saber?

– A viúva de luto no Ninho da Águia parece pensar que fui eu. Pergunto-me de onde ela tirou tal ideia…

– Posso garantir que não sei. Aquele imbecil do Eddard Stark me acusou da mesma coisa. Sugeriu que Lorde Arryn suspeitava ou… bem, acreditava…

– Que andava fodendo o nosso querido Jaime?

Ela o esbofeteou.

– Achava que eu era tão cego como nosso pai? – Tyrion esfregou a bochecha. – Com quem você se deita não é problema meu… Se bem que não pareça muito justo que abra as pernas a um irmão e não ao outro.

Ela o esbofeteou novamente.

– Seja gentil, Cersei. Só estou brincando com você. A bem da verdade, preferiria ter uma boa vadia. Nunca entendi o que Jaime via em você, além do seu próprio reflexo.

Mais uma bofetada.

Tyrion tinha as bochechas vermelhas e ardendo, mas sorria, e disse:

– Se continuar a fazer isso, pode ser que me irrite.

Então, ela conteve sua mão.

– Por que deveria ligar para isso?

– Tenho alguns amigos novos – Tyrion confessou. – Não vai gostar nada deles. Como matou Robert?

– Isso ele fez por conta própria. Nós só ajudamos. Quando Lancel viu que Robert ia atrás do javali, deu-lhe vinho forte. Seu tinto azedo preferido, mas fortificado, três vezes mais potente do que ele estava habituado. O bobalhão fedorento adorou. Podia ter parado de engolir o vinho em qualquer momento, mas não, entornou um odre e disse a Lancel para ir buscar outro. O javali fez o resto. Devia ter estado no banquete, Tyrion. Nunca houve javali mais delicioso. Cozinharam-no com cogumelos e maçãs, e tinha sabor de triunfo.

– A verdade, minha irmã, é que você nasceu para viúva – Tyrion gostava bastante de Robert Baratheon, por mais que se tratasse de um grande idiota fanfarrão… Sem dúvida, em parte porque a irmã o desprezava tanto. – Bom, se já parou de me esbofetear, vou embora – virou as pernas e desceu desajeitadamente da cadeira.

Cersei franziu a testa.

– Não te dei licença para sair. Quero saber como pretende libertar Jaime.

– Direi quando souber. As intrigas são como a fruta, requerem um certo amadurecimento. Agora, tenho em mente percorrer as ruas a cavalo e tomar o pulso desta cidade – Tyrion pousou a mão na cabeça da esfinge

ao lado da porta. – Um pedido de despedida. Faça o favor de se assegurar de que nenhum mal aconteça a Sansa Stark. Não seria bom perder *ambas* as filhas.

Fora da sala do conselho, Tyrion fez um aceno de cabeça a Sor Mandon e seguiu pelo longo átrio abobadado. Bronn pôs-se a seu lado. De Timett, filho de Timett, não havia sinal.

– Onde está a nossa Mão Vermelha? – Tyrion perguntou.

– Sentiu vontade de explorar. Não é o tipo de homem feito para esperar em salões.

– Espero que não mate ninguém importante.

Os homens dos clãs que Tyrion havia trazido dos seus baluartes nas Montanhas da Lua eram leais, à sua maneira feroz, mas também orgulhosos e brigões, dados a responder com aço a insultos, reais ou imaginários.

– Tente encontrá-lo. E, enquanto isso, certifique-se de que os outros foram aquartelados e alimentados. Quero-os na caserna sob a Torre da Mão, mas não deixe que o intendente instale os Corvos de Pedra perto dos Irmãos da Lua, e diga-lhe que os Homens Queimados precisam ter um salão somente para si.

– Onde você estará?

– Vou voltar para a Bigorna Quebrada.

Bronn exibiu um sorriso insolente.

– Precisa de escolta? Segundo se diz, as ruas estão perigosas.

– Chamarei o capitão da guarda doméstica da minha irmã e vou lembrá-lo de que sou tão Lannister quanto ela. Ele tem de se lembrar de que prestou juramento a Rochedo Casterly, e não a Cersei ou a Joffrey.

Uma hora mais tarde, Tyrion saía da Fortaleza Vermelha acompanhado por uma dúzia de guardas Lannister usando mantos carmesim e meios-elmos com leões em cima. Quando passaram por baixo da porta levadiça, ele reparou nas cabeças espetadas no topo das muralhas. Negras de podridão e alcatrão, já tinham se tornado irreconhecíveis há muito tempo.

– Capitão Vylarr – Tyrion chamou –, quero aquilo tirado dali de manhã. Entregue-as às irmãs silenciosas para que as limpem.

Supunha que seria um inferno fazê-las corresponder aos corpos, mas isso tinha de ser feito. Mesmo no meio de uma guerra, uma certa decência tinha de ser mantida.

Vylarr mostrou-se hesitante.

– Sua Graça disse-nos que deseja que as cabeças dos traidores permaneçam nas muralhas até encher aqueles três últimos espigões que estão ali, na ponta.

– Deixe-me adivinhar. Um é para Robb Stark, e os outros para os Lordes Stannis e Renly. Estou certo?

– Sim, senhor.

– Meu sobrinho fez hoje treze anos, Vylarr. Tente se lembrar disso. Quero aquelas cabeças tiradas dali de manhã; caso contrário, um daqueles espigões poderá ter um inquilino diferente. Compreende aonde quero chegar, capitão?

– Vou me assegurar pessoalmente de que sejam tiradas, senhor.

– Ótimo – Tyrion encostou os calcanhares no cavalo e afastou-se a trote, obrigando os homens de manto vermelho a segui-lo o melhor que pudessem.

Tinha dito a Cersei que pretendia tomar o pulso da cidade. Não era uma mentira completa. Tyrion Lannister não ficou satisfeito com muito do que viu. As ruas de Porto Real sempre tinham sido lugares apinhados, desagradáveis e ruidosos, mas agora fediam a perigo, de um modo que ele não recordava de visitas anteriores. Um cadáver nu estava estatelado na sarjeta perto da Rua dos Teares, e era devorado por uma matilha de cães ferozes, mas ninguém parecia se importar. A patrulha estava bem evidente, deslocando-se aos pares pelas vielas, com seu manto dourado e camisas de cota de malha negra, as mãos sempre perto dos porretes. Os mercados encontravam-se repletos de homens esfarrapados, que vendiam os bens das suas casas por qualquer preço que conseguissem alcançar… e notoriamente vazios de fazendeiros vendendo alimentos. Os poucos produtos que via eram três vezes mais caros do que tinham sido um ano

antes. Um vendedor ambulante anunciava ratazanas assadas no espeto. "*Ratazanas frescas*", gritava o homem sonoramente, "*ratazanas frescas*". Não restavam dúvidas de que ratazanas frescas eram preferíveis a velhas ratazanas fedidas e podres. O que era assustador era que as ratazanas pareciam mais apetitosas do que a maior parte daquilo que os açougueiros vendiam. Na Rua da Farinha, Tyrion viu guardas porta sim porta não. Quando as vacas estão magras, até os padeiros acham mercenários mais baratos do que pão, refletiu.

– Não há comida chegando à cidade, não é? – disse a Vylarr.

– Muito pouca – admitiu o capitão. – Com a guerra nas terras fluviais e Lorde Renly recrutando rebeldes em Jardim de Cima, as estradas estão fechadas para sul e para oeste.

– E o que fez minha boa irmã quanto a isso?

– Está tomando medidas para restaurar a paz do rei – assegurou-lhe Vylarr. –Lorde Slynt triplicou o tamanho da Patrulha da Cidade, e a rainha pôs mil artesãos para trabalhar nas nossas defesas. Os pedreiros estão reforçando as muralhas, os carpinteiros constroem balistas e catapultas às centenas, fabricantes de flechas as produzem, ferreiros forjam lâminas e a Guilda dos Alquimistas prometeu dez mil frascos de fogovivo.

Tyrion remexeu-se desconfortavelmente na sela. Agradava-lhe ver que Cersei não tinha ficado de braços cruzados, mas o fogovivo era um material traiçoeiro, e dez mil frascos eram o suficiente para transformar Porto Real inteiro em brasas.

– Onde minha irmã achou dinheiro para pagar por tudo isso?

Não era segredo para ninguém que Rei Robert deixara a coroa muito endividada, e os alquimistas não costumavam ser confundidos com altruístas.

– Lorde Mindinho sempre acha uma maneira, senhor. Criou um imposto sobre todos aqueles que desejem entrar na cidade.

– Sim, isso deve funcionar – Tyrion respondeu, pensando: *Esperto. Esperto e cruel*. Dezenas de milhares tinham fugido da luta em troca da suposta segurança de Porto Real. Vira-os na estrada do rei, grupos de

mães, filhos e pais ansiosos, que olhavam para os seus cavalos e carroças com olhos cobiçosos. Quando chegassem à cidade, não havia dúvida de que pagariam tudo o que possuíam para colocar aquelas muralhas altas e reconfortantes entre eles e a guerra… Embora, talvez, pensassem duas vezes se tivessem conhecimento do fogovivo.

A estalagem que ficava por baixo do letreiro da Bigorna Quebrada erguia-se à vista dessas muralhas, perto do Portão dos Deuses, por onde tinham entrado nessa manhã. Quando adentraram o pátio, um rapaz correu a fim de ajudar Tyrion a desmontar do cavalo.

– Leve seus homens de volta para o castelo – disse a Vylarr. – Passarei a noite aqui.

O capitão parecia em dúvida.

– Ficará a salvo, senhor?

– Bem, quanto a isso, capitão, quando deixei a estalagem, esta manhã, estava cheia de Orelhas Negras. Nunca se está propriamente a salvo quando Chella, filha de Cheyk, se encontra por perto – Tyrion bamboleou na direção da porta, deixando Vylarr sozinho, tentando compreender aquela resposta.

Uma rajada de alegria o acolheu quando entrou na sala comum da estalagem. Reconheceu o riso gutural de Chella, e a música mais leve da risada de Shae. A moça estava sentada perto da lareira, bebendo vinho, em uma mesa redonda de madeira, com três dos Orelhas Negras, que Tyrion havia deixado guardando-a, e um homem rechonchudo que estava de costas para a porta. Pensou que fosse o estalajadeiro… Até que Shae chamou Tyrion pelo nome, e o intruso se ergueu.

– Meu bom senhor, estou *tão* contente por ver você – disse efusivamente o homem, com um suave sorriso de eunuco no rosto empoado.

Tyrion tropeçou.

– Lorde Varys. Não esperava encontrar você aqui – *que os Outros o carreguem. Como os encontrara tão depressa?*

– Perdoe-me a intromissão – disse Varys. – Fui tomado por uma súbita vontade de conhecer sua jovem senhora.

– Jovem senhora – repetiu Shae, saboreando as palavras. – Está meio certo, senhor. Sou jovem.

*Dezoito anos*, pensou Tyrion. *Dezoito anos e uma prostituta, mas com uma inteligência rápida, ágil como uma gata entre os lençóis, com grandes olhos escuros, um belo cabelo negro e uma boquinha doce, suave e faminta… E é minha! Maldito seja, eunuco.*

– Receio que seja eu o intruso, Lorde Varys – disse com uma cortesia forçada. – Quando entrei, estavam no meio de algo muito divertido.

– O senhor Varys elogiou Chella pelas orelhas e disse que deve ter matado muitos homens para ter um colar tão bonito – Shae explicou. Tyrion ficou irritado ao ouvi-la chamar Varys de *senhor* naquele tom; era como o chamava entre os travesseiros. – E Chella disse que só covardes matam os vencidos.

– É mais valente deixar o homem vivo, com chance de lavar a humilhação se reconquistar a orelha – explicou Chella, uma pequena mulher escura, cujo macabro colar pendia sob o peso de nada menos que quarenta e seis orelhas secas e enrugadas. Tyrion contara-as uma vez. – Só assim pode provar que não teme os seus inimigos.

Shae soltou uma gargalhada.

– E, então, o senhor diz que se fosse um Orelha Negra nunca dormiria, por causa dos sonhos com homens sem uma orelha.

– Um problema que eu nunca precisarei encarar – Tyrion retrucou. – Os meus inimigos me aterrorizam, portanto mato todos.

Varys soltou um risinho.

– Toma um pouco de vinho conosco, senhor?

– Tomo um pouco de vinho.

Tyrion sentou-se ao lado de Shae. Compreendia o que estava acontecendo ali, ainda que Chella e a moça não. Varys entregava uma mensagem. Quando disse: *Fui tomado por uma súbita vontade de conhecer sua jovem senhora*, quis na verdade dizer: *Tentou escondê-la, mas eu sabia onde ela estava e quem era, e aqui estou*. Perguntou-se quem o teria traído. O estalajadeiro, o cavalariço, um guarda no portão… Ou algum dos seus?

– Gosto sempre de voltar à cidade pelo Portão dos Deuses – disse Varys a Shae, enquanto enchia as taças de vinho. – As esculturas na guarita são magníficas, fazem-me chorar sempre que as vejo. Os olhos… tão expressivos, não acha? Quase parecem nos seguir quando passamos por baixo da porta levadiça.

– Nunca reparei, senhor – Shae respondeu. – De manhã volto a olhar, se quiser.

*Não se incomode, querida*, Tyrion pensou, girando o vinho na taça. *Ele não está nem aí para esculturas. Os olhos de que se orgulha são os dele. O que quer dizer é que* ele *estava observando, que soube que estávamos aqui no momento em que atravessamos o portão.*

– Tenha cuidado, menina – advertiu Varys. – Porto Real não está totalmente seguro nos dias que correm. Conheço bem estas ruas, e, no entanto, quase tive medo de vir hoje até aqui, só e desarmado como estou. Há homens sem lei por todo lado nesses tempos escuros, ah, sim. Homens com aço frio e corações mais frios ainda – *onde eu posso ir só e desarmado, outros podem ir com espadas nas mãos*, ele estava dizendo.

Shae limitou-se a rir.

– Se tentarem me incomodar, ficarão com uma orelha a menos quando Chella botá-los para correr.

Varys riu como se aquilo fosse a coisa mais divertida que já tivesse ouvido, mas não havia riso nos seus olhos quando os virou para Tyrion.

– Sua jovem senhora tem um jeitinho tão agradável. Se fosse você, tomaria conta dela muito bem.

– É o que pretendo fazer. Qualquer homem que tente machucá-la… Bem, eu sou pequeno demais para ser um Orelha Negra, e não me considero valente – *vê? Falo a mesma língua que você, eunuco. Se lhe fizer mal, sua cabeça será minha.*

– Vou deixá-lo – Varys se levantou. – Sei como deve estar cansado. Só quis lhe dar as boas-vindas, senhor, e dizer como me sinto feliz pela sua chegada. Precisamos demais de você no conselho. Viu o cometa?

– Eu sou baixo, mas não cego – Tyrion devolveu.

Na estrada do rei, parecia cobrir metade do céu, superando em brilho o crescente da lua.

– Nas ruas é chamado de Mensageiro Vermelho – Varys continuou. – Dizem que chegou como um arauto perante um rei, a fim de prevenir do sangue e fogo que estão para vir – o eunuco esfregou as mãos empoadas. – Posso deixá-lo com um pequeno enigma, Lorde Tyrion? – não esperou resposta. – Numa sala estão sentados três grandes homens, um rei, um sacerdote e um homem rico com o seu ouro. Entre eles está um mercenário, um homem pequeno, de nascimento comum e sem grande inteligência. Cada um dos grandes pede a ele para matar os outros dois. "Faça isso", diz o rei, "pois eu sou seu governante por direito". "Faça isso", diz o sacerdote, "pois estou ordenando em nome dos deuses". "Faça isso", diz o rico, "e todo este ouro será seu". Agora, diga-me: Quem sobrevive e quem morre?

Com uma profunda reverência, o eunuco apressou-se em sair da sala comum, os pés com chinelos macios.

Depois de ele sair, Chella fungou, e Shae franziu seu lindo rosto.

– O rico sobrevive, não é?

Tyrion bebericou o vinho, pensativo.

– Talvez. Ou talvez não. Parece que dependeria do mercenário – ele pousou a taça. – Anda, vamos para cima.

Ela teve de esperá-lo no topo da escada, pois tinha pernas magras e flexíveis, ao passo que as dele eram curtas, deformadas e cheias de dores. Mas sorria quando Tyrion a alcançou.

– Sentiu a minha falta? – ela brincou quando pegou a mão dele.

– Desesperadamente – admitiu Tyrion. Shae tinha pouco mais de um metro e meio, e mesmo assim ele era obrigado a olhar para cima… Mas, no caso dela, descobriu que não se importava. Era um motivo lindo para se erguer o olhar.

– Vai sentir a minha falta durante todo o tempo que passar na sua Fortaleza Vermelha – ela disse enquanto o levava para o quarto. – Sozinho, na sua cama fria, na sua Torre da Mão.

– É bem verdade.

Tyrion teria levado Shae junto de bom grado, mas o senhor seu pai o proibira. *Não vai levar a prostituta para a corte*, ordenara Lorde Tywin. Trazê-la para a cidade era o máximo de desafio que ousava. Toda sua autoridade derivava do pai, e a moça teria de compreendê-lo.

– Não estará longe – prometeu. – Terá uma casa, com guardas e criados, e visitarei você tantas vezes quantas conseguir.

Shae fechou a porta com um chute. Através da moldura enevoada da estreita janela, conseguia ver o Grande Septo de Baelor coroando a Colina de Visenya, mas Tyrion estava distraído por uma vista diferente. Dobrando-se, Shae pegou o vestido pela bainha, despiu-o pela cabeça e o atirou para o lado. Não acreditava em roupa de baixo.

– Nunca vai conseguir descansar – ela disse, em pé, à sua frente, cor-de-rosa, nua e adorável, com uma mão apoiada no quadril. – Vai pensar em mim sempre que for para a cama. Depois, ficará duro, e não terá ninguém para ajudá-lo, e nunca será capaz de dormir, a não ser que… – e sorriu aquele sorriso malicioso de que Tyrion tanto gostava. – É por *isso* que a chamam de Torre da Mão, senhor?

– Cale a boca e me beije – ele ordenou.

Saboreou o vinho nos seus lábios e sentiu aqueles pequenos seios apertados contra ele, enquanto as mãos dela desciam até o cordão dos seus calções.

– Meu leão – Shae sussurrou quando ele interrompeu o beijo para se despir. – Meu querido senhor, meu gigante de Lannister.

Tyrion empurrou-a sobre a cama. Quando a penetrou, ela gritou alto o suficiente para acordar Baelor, o Abençoado, na sepultura, e as unhas deixaram marcas nas costas dele. Ele nunca sentira uma dor de que gostasse tanto.

*Idiota*, disse depois a si mesmo, enquanto descansavam no meio do colchão afundado, entre lençóis amarrotados. *Nunca aprenderá, anão? Ela é uma prostituta, maldito seja, é o seu dinheiro que ama, não o seu pau. Lembra de Tysha?* Mas quando seus dedos roçaram levemente por um mamilo, este endureceu, e Tyrion viu seu seio marcado onde a mordera durante o ato.

– Então, o que vai fazer senhor, agora que é a Mão do Rei? – Shae perguntou, enquanto ele enchia a mão com aquela carne quente e adorável.

– Uma coisa que Cersei jamais esperará – murmurou Tyrion suavemente contra seu pescoço magro. – Vou fazer… justiça.

# Bran

Bran preferia a pedra dura do banco junto à janela aos confortos do seu colchão de penas e dos cobertores. Na cama, as paredes apertavam-no e o teto caía, pesado, sobre ele; na cama, o quarto era sua cela, e Winterfell, uma prisão. Mas do outro lado da janela, o grande mundo ainda o chamava.

Não podia andar, nem escalar, nem caçar, nem lutar com uma espada de madeira como antigamente, mas ainda podia *olhar*. Gostava de observar as janelas que começavam a cintilar por toda Winterfell, à medida que velas e lareiras eram acesas atrás das vidraças em forma de losango de torres e salões, e adorava escutar o canto dos lobos gigantes sob as estrelas.

Nos últimos tempos, sonhava frequentemente com lobos. *Estão falando comigo, de irmão para irmão*, dizia consigo mesmo quando os lobos gigantes uivavam. Quase conseguia compreendê-los… Não conseguia de verdade, não propriamente, mas *quase*… Como se cantassem numa língua que ele tivesse conhecido em outros tempos e de algum modo esquecera. Os Walder podiam ter medo deles, mas os Stark tinham sangue de lobo. Foi a Velha Ama quem lhe dissera.

– Mas é mais forte em alguns do que em outros – ela o prevenira.

Os uivos de Verão eram longos e tristes, cheios de dor e saudade. Os de Cão Felpudo eram mais selvagens. Suas vozes ecoavam pelos pátios e salões, até todo o castelo ressoar e parecer que uma grande matilha de lobos selvagens assombrava Winterfell, em vez de serem apenas dois… dois, onde antes tinham existido seis. *Será que eles também sentem falta dos irmãos e irmãs?*, perguntava-se Bran. *Será que estão chamando*

*Vento Cinzento e Fantasma, Nymeria e a Sombra de Lady? Será que querem que venham para casa e formem uma matilha, todos juntos?*

– Quem pode saber o que pensa um lobo? – tinha dito Sor Rodrik Cassel quando Bran lhe perguntou por que uivavam. A senhora sua mãe nomeara-o castelão de Winterfell na sua ausência, e os deveres do velho cavaleiro deixavam-lhe pouco tempo para perguntas inúteis.

– É pela liberdade que chamam – declarara Farlen, que era mestre dos canis e tinha tão pouca afeição aos lobos gigantes quanto aos seus cães. – Eles não gostam de estar cercados por muros, e quem pode culpá-los? O lugar das coisas selvagens é a natureza, não um castelo.

– Querem caçar – concordara o cozinheiro Gage, enquanto despejava cubos de sebo numa grande caldeira de guisado. – Um lobo tem o olfato melhor que qualquer homem. O mais certo é que tenham sentido cheiro de presa.

Meistre Luwin tinha outra opinião.

– Os lobos uivam frequentemente à lua. Esses estão uivando para o cometa. Vê como é brilhante, Bran? Talvez pensem que *é* a lua.

Quando Bran repetiu esta ideia a Osha, ela riu com gosto.

– Seus lobos têm mais juízo do que seu meistre – tinha dito a selvagem. – Conhecem verdades que o homem cinzento esqueceu – a maneira como ela dissera aquilo tinha feito Bran estremecer, e, quando perguntou o que significava o cometa, ela respondeu: – Sangue e fogo, rapaz, e nada de bom.

Bran tinha perguntado ao Septão Cheyle sobre o cometa, enquanto organizavam alguns rolos salvos do incêndio da biblioteca.

– É a espada que mata a estação – o septão respondera, e pouco tempo depois chegava o corvo branco de Vilavelha, trazendo a notícia sobre o Outono, portanto ele tinha razão.

Mas a Velha Ama achava que não, e ela vivera mais tempo do que qualquer um dos outros.

– Dragões – ela disse, erguendo a cabeça e fungando. Estava quase cega, e não conseguia ver o cometa, mas se dizia capaz de *cheirá-lo*. –

São dragões, menino – insistiu. Bran não ouvia *príncipes* da Ama, não como antigamente.

Hodor disse apenas “Hodor”. Era o que ele dizia sempre.

E, contudo, os lobos gigantes uivavam. Os guardas nas muralhas praguejavam, os cães, nos canis, latiam furiosamente, nos estábulos, os cavalos escoiceavam, os Walder estremeciam junto à lareira, e até Meistre Luwin se queixava de noites sem dormir. Só Bran não se importava. Sor Rodrik tinha confinado os lobos no bosque sagrado depois de Cão Felpudo ter mordido o Pequeno Walder, mas as pedras de Winterfell faziam estranhos truques com o som, e às vezes os animais pareciam estar no pátio logo abaixo da sua janela. Em outras, poderia jurar que eles estavam na muralha exterior, trotando em voltas, como sentinelas. Gostaria de conseguir vê-los.

*Conseguia* ver o cometa que pairava sobre o Salão dos Guardas, a Torre do Sino e a Primeira Fortaleza, que ficava mais além, atarracada e redonda, com as gárgulas transformadas em silhuetas negras contra o crepúsculo purpúreo ferido. Bran conhecera cada pedra daqueles edifícios, por dentro e por fora; escalara todos, correndo parede acima com a mesma facilidade com que outros rapazes corriam escada abaixo. Aqueles telhados tinham sido seus esconderijos, e os corvos que viviam no topo da torre em ruínas, seus amigos especiais.

E então caíra.

Bran não se lembrava de ter caído, mas diziam que sim, então supunha que fosse verdade. Quase morrera. Quando viu as gárgulas desgastadas pelas intempéries no topo da Primeira Fortaleza, onde tudo tinha acontecido, sentiu um estranho aperto na barriga. E agora não podia escalar, nem caminhar, nem correr, nem lutar com uma espada, e os sonhos de cavalaria que sonhara tinham se azedado na sua cabeça.

Verão tinha uivado no dia em que Bran caiu, e durante muito tempo depois, enquanto ele jazia inconsciente na cama; Robb tinha lhe contado antes de partir para a guerra. Verão velou por ele, e Cão Felpudo e Vento Cinzento tinham se juntado na dor. E na noite em que o corvo ensanguentado trouxe a notícia da morte do pai, os lobos também

souberam. Bran estava no torreão do meistre com Rickon, conversando sobre os filhos da floresta, quando Verão e Cão Felpudo abafaram a voz de Luwin com seus uivos.

*Por quem eles estão de luto agora?* Teria algum inimigo matado o Rei do Norte, que antes havia sido seu irmão Robb? Teria o irmão bastardo Jon caído da Muralha? Teria a mãe, ou uma das suas irmãs, morrido? Ou teria sido outra coisa, como pareciam pensar o meistre, o septão e a Velha Ama?

*Se eu fosse mesmo um lobo gigante, compreenderia a canção*, Bran pensou com melancolia. Nos seus sonhos de lobo, conseguia correr pelas vertentes de montanhas, recortadas cobertas de neve, mais altas do que qualquer torre, e erguer-se no cume, sob a lua cheia, com todo o mundo a seus pés, como costumava acontecer.

– *Uuuuu* – gritou Bran experimentalmente. Pôs as mãos em torno da boca e ergueu a cabeça para o cometa. – *Uuuuuuuuuuuuuuu, ahuuuuuuuuuuuu* – uivou. Soava estúpido, agudo, vazio e inseguro, o uivo de um garotinho, não de um lobo. Mas Verão respondeu, com sua profunda voz sobrepondo-se ao timbre fino de Bran, e Cão Felpudo juntou-se ao coro. Bran voltou a soltar um a*huuuu*. Uivaram juntos, os últimos da matilha.

O barulho trouxe um guarda à sua porta, Hayhead, com seu quisto no nariz. Espreitou para dentro, viu Bran uivando na janela e disse:

– O que é isso, meu príncipe?

Bran sentia-se estranho quando o chamavam de príncipe, embora ele *fosse* herdeiro de Robb, e Robb fosse agora Rei do Norte. Virou a cabeça para uivar ao guarda.

– *Uuuuuuu. Uu-uu-uuuuuuuuuuu.*

Hayhead contraiu o cenho.

– Pare já com isso.

– *Uuu-uuu-uuuuuu. Uuu-uuu-uuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu.*

O guarda retirou-se. Quando voltou, trazia consigo Meistre Luwin, todo de cinza, com a corrente apertada em volta do pescoço.

– Bran, aqueles animais já fazem barulho suficiente sem a sua ajuda – atravessou a sala e pôs a mão na testa do rapaz. – Está ficando tarde, devia estar dormindo.

– Estou falando com os lobos – Bran afastou a mão.

– Devo mandar que Hayhead leve você para a cama?

– Consigo ir para a cama sozinho – Mikken tinha pregado uma fileira de barras de ferro na parede, para que Bran fosse capaz de se deslocar pelo quarto apoiando-se nos braços. Era lento e duro, e fazia seus ombros doer, mas detestava ser transportado. – Seja como for, não tenho de dormir se não quiser.

– Todos os homens têm de dormir, Bran. Até os príncipes.

– Quando durmo, me transformo num lobo – Bran afastou o rosto e devolveu o olhar à noite. – Os lobos sonham?

– Todas as criaturas sonham, penso eu, mas não como os homens.

– Os homens mortos sonham? – o menino quis saber, pensando no pai, cujo retrato um pedreiro esculpia, em granito, nas criptas escuras por baixo de Winterfell.

– Alguns dizem que sim, outros que não – respondeu o meistre. – Os próprios mortos não se manifestam sobre o assunto.

– As árvores sonham?

– As árvores? Não…

– Sonham – Bran o corrigiu com uma certeza súbita. – Sonham sonhos de árvore. Eu sonho às vezes com uma árvore. Um represeiro, como aquele que há no bosque sagrado. Ele me chama. Os sonhos de lobo são melhores. Farejo coisas, e às vezes consigo sentir o gosto de sangue.

Meistre Luwin puxou a corrente que incomodava seu pescoço.

– Se ao menos passasse mais tempo com as outras crianças…

– Detesto as outras crianças – Bran retrucou, referindo-se aos Walder. – Exigi que você as mandasse embora.

Luwin mostrou-se severo.

– Os Frey são protegidos da senhora sua mãe e foram mandados para cá para serem criados sob ordens expressas dela. Não cabe a você expulsá-

los, nem seria educado fazer isso. Se os mandássemos embora, para onde iriam?

– Para casa. É culpa deles que não me deixe ter o Verão.

– O garoto Frey não pediu para ser atacado – respondeu o meistre –, e eu também não.

– Mas isso foi o Cão Felpudo – o grande lobo negro de Rickon era tão selvagem que às vezes assustava até Bran. –Verão nunca mordeu ninguém.

– Verão rasgou a garganta de um homem neste exato aposento, ou será que você se esqueceu? A verdade é que esses adoráveis filhotes que você e seus irmãos encontraram na neve cresceram e se transformaram em animais perigosos. Os rapazes Frey são sensatos por terem cuidado com eles.

– Deveríamos pôr os Walder no bosque sagrado. Poderiam brincar de senhor da travessia o quanto quisessem, e Verão poderia voltar a dormir comigo. Se eu sou o príncipe, por que não me obedece? Quis montar a Dançarina, mas Alebelly não me deixou atravessar o portão.

– E com razão. A mata de lobos está cheia de perigos. Sua última cavalgada deveria lhe ter ensinado isso. Gostaria que algum fora da lei o capturasse e o vendesse aos Lannister?

– Verão me salvaria – Bran insistiu teimosamente. – Os príncipes deviam ser autorizados a velejar pelos mares, a caçar javalis na mata de lobos e a justar com lanças.

– Bran, meu filho, por que se aflige assim? Um dia poderá fazer algumas dessas coisas, mas agora é apenas um garoto de oito anos.

– Preferia ser um lobo. Assim, eu poderia viver na floresta e dormir quando quisesse, e poderia encontrar Arya e Sansa. *Farejaria* onde elas estavam e iria salvá-las, e quando Robb partisse para a batalha, lutaria a seu lado, como Vento Cinzento. Rasgaria a garganta do Regicida com os dentes, *zás*, e depois a guerra chegaria ao fim e todo mundo voltaria a Winterfell. Se eu fosse um lobo… – o menino voltou a uivar. – *Uuu-uu-uuuuuuuuuuuu.*

Luwin levantou a voz.

– Um verdadeiro príncipe daria as boas-vindas…

– *AAHUUUUUU* – Bran uivou, com mais força. – *UUUUUUU-UUUUUU*.

O meistre se rendeu:

– Como quiser, menino – com um olhar que era em parte tristeza e em parte aborrecimento, saiu do quarto.

Uivar perdeu a graça depois que Bran ficou sozinho. Algum tempo depois, aquietou-se. *Eu dei as boas-vindas a eles*, disse a si mesmo, com ressentimento. *Fui senhor de Winterfell, um verdadeiro senhor, ele não pode dizer que não*. Quando os Walder tinham chegado das Gêmeas, fora Rickon quem quis que fossem embora. Rickon, um garotinho de quatro anos, gritou que queria a mãe, o pai e Robb, não aqueles estranhos. Bran teve de acalmá-lo e desejar as boas-vindas aos Frey. Ofereceu-lhes comida e bebida, e uma cadeira junto ao fogo, e até Meistre Luwin dissera, depois, que ele se portara bem.

Só que isso tinha sido antes do jogo.

Para o jogo, eram necessários um tronco, um bastão, um curso d'água e muitos gritos. A água era o mais importante, asseguraram Walder e Walder a Bran. Podia-se usar uma prancha, ou até uma série de pedras, e um galho podia servir de bastão. Não era *preciso* gritar. Mas, sem água, não havia jogo. Como Meistre Luwin e Sor Rodrik não iam deixar as crianças vaguear pela mata de lobos em busca de um riacho, tinham de se virar com uma das lagoas sombrias que havia no bosque sagrado. Walder e Walder nunca antes tinham visto água quente sair do chão borbulhando, mas ambos acharam que tornaria o jogo ainda melhor.

Ambos se chamavam Walder Frey. O Grande Walder dizia que havia vários Walder nas Gêmeas, todos batizados em homenagem ao avô dos rapazes, Lorde Walder Frey.

– Em Winterfell, temos os *nossos* nomes – disse-lhes Rickon, com altivez, quando ouviu a história.

Para jogar, punha-se o tronco atravessando a água e um jogador ia para o meio com o bastão. Era o senhor da travessia, e, quando um dos outros jogadores se aproximava, ele tinha de dizer: "Eu sou o senhor da travessia, quem vem lá?". E o outro jogador tinha de inventar um

discurso sobre quem era e o motivo pelo qual devia ser autorizado a atravessar. O senhor podia obrigá-los a prestar juramento e a responder a perguntas. Não tinham de dizer a verdade, mas os juramentos deviam ser cumpridos, a não ser que incluíssem a palavra "talvez". Portanto, o truque era dizer essa palavra sem que o senhor da travessia notasse. Então, podia-se tentar atirá-lo na água, e quem conseguisse passaria a ser o senhor da travessia, mas só se tivesse dito "talvez". Caso contrário, ficaria fora do jogo. O senhor podia atirar qualquer um na água sempre que quisesse, e era o único que podia usar um bastão.

Na prática, o jogo parecia resumir-se a empurrões, pancadas e quedas na água, acompanhados de sonoras discussões sobre se alguém tinha ou não dito "talvez". Normalmente, era o Pequeno Walder o senhor da travessia.

Apesar do nome, Pequeno Walder era alto e troncudo, com uma cara vermelha e uma grande barriga redonda. Já Grande Walder tinha feições angulosas, era magro, e quinze centímetros mais baixo.

– Ele é cinquenta e dois dias mais velho que eu – explicou Pequeno Walder –, e por isso, a princípio, era maior, mas eu cresci mais depressa.

– Nós somos primos, não irmãos – acrescentou Grande Walder, o menor. – Eu sou Walder, filho de Jammos. Meu pai é filho de Lorde Walder e da sua quarta esposa. Ele é Walder, filho de Merrett. A avó dele era a terceira esposa de Lorde Walder, a Crakehall. Ele está na minha frente na linha de sucessão, apesar de eu ser mais velho.

– Só por cinquenta e dois dias – retrucou Pequeno Walder. – E nenhum de nós jamais ficará com as Gêmeas, seu estúpido.

– Eu ficarei – declarou Grande Walder. – E não somos os únicos Walder. Sor Stevron tem um neto, Walder Negro, que é o quarto na linha de sucessão; e há o Walder Vermelho, filho de Sor Emmon; e Walder Bastardo, que não está na linha. Chama-se Walder Rivers, e não Walder Frey. Além disso, há meninas chamadas Walda.

– E o Tyr. Você esquece sempre do Tyr.

– Ele é Wal*tyr*, não Walder – Grande Walder respondeu com rapidez. – E está depois de nós, portanto não importa. Seja como for, nunca gostei

dele.

Sor Rodrik decretou que os protegidos dividiriam o antigo quarto de Jon Snow, já que este estava na Patrulha da Noite e nunca voltaria. Bran detestou a ideia; sentia que era como se os Frey estivessem roubando o lugar de Jon.

Bran observava, tristonho, enquanto os Walder lutavam com Nabo, o filho do cozinheiro, e as filhas de Joseth, Bandy e Shyra. Os donos do jogo tinham decretado que Bran seria o juiz e decidiria se os jogadores tinham dito "talvez", mas, assim que começaram a jogar, esqueceram-no por completo.

Os ruídos e espirros d'água em breve atraíram outros: Palla, a moça do canil; o filho de Cayn, Calon; e também Tom, cujo pai, Gordo Tom, tinha morrido com o pai de Bran em Porto Real. Não demorou muito tempo até ficarem todos encharcados e enlameados. Palla estava marrom da cabeça aos pés, com musgo no cabelo, sem fôlego, de tanto rir. Bran não ouvia tantas gargalhadas desde a noite em que chegara o corvo ensanguentado. *Se tivesse as minhas pernas, atiraria todos na água*, pensou amargamente. *Ninguém seria senhor da travessia, a não ser eu*.

Por fim, Rickon chegou correndo ao bosque sagrado, com Cão Felpudo logo atrás. Ficou vendo Nabo e o Pequeno Walder lutarem pelo bastão, até que Nabo se desequilibrou e caiu, provocando um grande esguicho de água, balançando os braços. Rickon gritou:

– Eu! Agora eu! Quero jogar! – Pequeno Walder fez sinal para ele subir, e Cão Felpudo começou a segui-lo. – Não, Felpudo – mandou o irmão. – Os lobos não podem brincar. Fica com Bran.

E o lobo ficou…

… até o momento em que o Pequeno Walder bateu com o bastão em Rickon, bem em cheio, na barriga. Antes que Bran piscasse os olhos, o lobo negro voou sobre a prancha. Havia sangue na água, e os Walder guinchavam como se fosse o fim do mundo. Rickon sentou-se na lama, rindo, e Hodor chegou pisando pesado, gritando "Hodor! Hodor! Hodor!".

Depois daquilo, estranhamente, Rickon decidiu que *gostava* dos Walder. Não voltaram a brincar de senhor da travessia, mas jogavam outros jogos – monstros e donzelas, gatos e ratos, entra-no-meu-castelo, todo o tipo de coisas. Com Rickon a seu lado, os Walder saqueavam as cozinhas em busca de tortas e favos de mel, faziam corridas em volta das muralhas, atiravam ossos aos cachorros nos canis e treinavam com espadas de madeira sob o olhar atento de Sor Rodrik. Rickon até lhes mostrou as profundas abóbadas debaixo da terra onde o pedreiro esculpia a sepultura do pai.

– Você não tinha o direito! – gritou Bran ao irmão quando soube. – Aquele lugar é nosso, dos *Stark*!

Mas Rickon não tinha se importado.

A porta do seu quarto abriu-se. Meistre Luwin entrou, carregando um bule verde, e desta vez Osha e Hayhead vinham com ele.

– Fiz uma poção para você dormir, Bran.

Osha pegou-o com seus braços ossudos. Era muito alta para uma mulher, e forte como metal, e o levou sem esforço para a cama.

– Isto vai lhe dar um sono sem sonhos – disse Meistre Luwin, tirando a rolha do bule. – Um bom sono sem sonhos.

– Vai? – Bran perguntou, querendo acreditar.

– Sim. Beba.

Bran bebeu. A poção era espessa e calcária, mas continha mel, e desceu facilmente.

– Quando chegar a manhã, vai se sentir melhor.

Luwin deu a Bran um sorriso e uma palmadinha antes de se retirar.

Osha ficou por ali.

– São os sonhos do lobo de novo?

Bran confirmou com a cabeça.

– Não devia lutar tanto, rapaz. Vejo você falando com a árvore-coração. Talvez os deuses estejam tentando responder.

– Os deuses? – ele murmurou, já sonolento. A cara de Osha ficou embaçada e cinzenta. *Um bom sono sem sonhos*, Bran pensou.

Mas, quando a escuridão se fechou ao seu redor, deu por si no bosque sagrado, movendo-se em silêncio sob árvores-sentinela cinza-esverdeadas e carvalhos nodosos, velhos como o tempo. *Estou andando*, pensou, exultante. Parte dele sabia que era apenas um sonho, mas mesmo o sonho de andar era melhor do que a verdade do seu quarto, com as paredes, o teto e a porta.

Estava escuro entre as árvores, mas o cometa iluminava seu caminho, e seus pés eram firmes. Deslocava-se em quatro boas pernas, fortes e rápidas, e conseguia sentir o chão debaixo das patas, o suave crepitar das folhas caídas, as grossas raízes e as pedras duras, as profundas camadas de húmus. Era uma sensação boa.

Os cheiros enchiam sua cabeça, vivos e inebriantes; o fedor verde e lamacento das lagoas quentes, o perfume da rica terra que apodrecia sob as suas patas, os esquilos no topo dos carvalhos. O cheiro de esquilo fez com que recordasse o sabor do sangue quente e o jeito como os ossos estalariam entre os seus dentes. Sua boca encheu-se de saliva. Não comia há mais de meio dia, mas não havia qualquer graça na carne morta, mesmo que fosse de veado. Era capaz de ouvir os esquilos pipilando e sussurrando por cima da sua cabeça, em segurança entre as suas folhas, mas eram suficientemente prudentes para não descer até onde ele e o irmão rondavam.

Também cheirava o irmão, um odor familiar, forte e terroso, um odor tão negro como a sua pelagem. O irmão rondava ao redor dos muros, cheio de fúria. Dava voltas e mais voltas, noite e dia, incansável, à procura… de uma presa, de uma saída, da mãe, dos companheiros de ninhada, da matilha… à procura, à procura, sem nunca encontrar.

Atrás das árvores erguiam-se os muros, pilhas de rocha-de-homem morta que apareciam ao redor de toda aquela mancha de bosque vivo. Erguiam-se manchadas de cinza e salpicadas de musgo, mas espessas, fortes e mais altas do que qualquer lobo pudesse imaginar saltar. Ferro frio e madeira lascada fechavam os únicos buracos que havia entre as pedras empilhadas que os encerravam. O irmão parava junto a cada

buraco e mostrava as presas, tomado de fúria, mas os caminhos permaneciam fechados.

Ele tinha feito o mesmo na primeira noite, e descobriu que não valia a pena. Ali, rosnados não abriam caminhos. Dar a volta junto aos muros não os faria recuar. Levantar uma pata e demarcar as árvores não manteria nenhum homem afastado. O mundo apertara-se em volta deles, mas para lá do bosque murado ainda se estendiam as grandes cavernas cinzentas da rocha-de-homem. *Winterfell*, lembrou-se, com o som chegando subitamente. E para lá das suas falésias altas como o céu, o verdadeiro mundo chamava, e ele sabia que tinha de responder, ou morreria.

# Arya

Viajaram do nascer ao pôr do sol, passando por florestas, pomares e campos bem-cuidados, atravessando pequenas aldeias, vilas livres cheias de gente e robustos castros. Quando a noite chegava, montavam o acampamento e comiam à luz da Espada Vermelha. Os homens faziam turnos de guarda. Arya vislumbrava as fogueiras dos acampamentos de outros viajantes tremeluzindo por entre as árvores. Parecia haver mais acampamentos todas as noites, e mais tráfego na estrada do rei durante o dia.

Chegavam de manhã, à tarde e à noite, velhos e crianças, homens grandes e pequenos, garotas de pés descalços e mulheres com bebês no peito. Alguns conduziam carroças de campo ou eram sacudidos na parte de trás de carros de bois. Um número maior vinha montado em cavalos de tração, pôneis, mulas, burros, em qualquer coisa capaz de andar, correr ou rolar. Uma mulher puxava uma vaca leiteira com uma menininha no lombo. Arya viu um ferreiro que empurrava um carro de mão com suas ferramentas lá dentro, martelos e tenazes, e até uma bigorna, e pouco depois via outro homem com outro carro de mão, dessa vez contendo dois bebês enrolados numa manta. A maior parte vinha a pé, com as posses sobre os ombros e expressões muito, muito cansadas nos rostos. Caminhavam para o sul, na direção da cidade, para Porto Real, e só um em cem chegava a dirigir uma palavra a Yoren e àqueles que estavam sob sua responsabilidade, viajando para o norte. Perguntou a si mesma por que é que mais ninguém seguia na mesma direção que eles.

Muitos dos viajantes vinham armados; Arya viu punhais e adagas, foices e machados, e aqui e ali uma espada. Alguns tinham feito tacapes de galhos de árvore, ou esculpido bastões nodosos. Passavam os dedos

pelas armas e lançavam olhares demorados às carroças que por eles passavam, mas, no fim, deixavam a coluna avançar. Contavam-se trinta, seja lá o que fosse que transportavam naquelas carroças.

*Olha com os olhos*, dizia Syrio, *escuta com os ouvidos*.

Um dia, uma louca desatou a gritar para eles da beira da estrada.

– Doidos! Eles matam vocês, doidos! – era magra como um espantalho, com olhos vazios e pés ensanguentados.

Na manhã seguinte, um mercador de rosto liso montado numa égua cinzenta parou ao lado de Yoren e ofereceu-se para comprar as carroças e tudo o que continham por um quarto do seu valor.

– É a guerra, eles levam o que quiserem, seria melhor se vendesse para mim, meu amigo.

Yoren lhe deu as costas com um giro dos ombros encurvados, e cuspiu.

Arya reparou na primeira sepultura nesse mesmo dia; um pequeno monte ao lado da estrada, escavado para uma criança. Um cristal tinha sido depositado na terra fofa, e Lommy insistiu para ficar com ele, até que o Touro lhe disse que faria melhor em deixar os mortos em paz. Algumas léguas mais à frente, Praed apontou para mais sepulturas, uma fileira inteira recém-cavada. Depois disso, quase não se passou um dia sem verem outras.

Certa vez, Arya acordou no escuro, assustada por algo que não conseguia definir. No alto, a Espada Vermelha dividia o céu com meio milhar de estrelas. A noite lhe parecia estranhamente silenciosa, embora conseguisse ouvir os roncos resmungados de Yoren, o crepitar do fogo e até os movimentos abafados dos burros. Mas, de algum modo, sentia-se como se o mundo inteiro estivesse segurando a respiração, e o silêncio a fazia tremer. Voltou ao sono agarrada à Agulha.

Ao chegar a manhã, quando Praed não acordou, Arya compreendeu que aquilo de que sentira falta tinha sido a tosse do homem. Então, cavaram eles mesmos a sepultura de Praed, enterrando o mercenário no local onde dormira. Yoren despiu-o das coisas de valor que possuía antes de jogarem terra sobre ele. Um homem ficou com suas botas, outro, com o

punhal. A cota de malha e o elmo foram distribuídos. A espada longa foi entregue por Yoren a Touro.

– Pode ser que braços como os seus aprendam a usar isso – disse-lhe.

Um menino chamado Tarber atirou um punhado de bolotas sobre o corpo de Praed, para que um carvalho pudesse nascer e marcar o lugar em que jazia.

Naquela noite, pararam em uma aldeia, numa estalagem coberta de hera. Yoren contou as moedas que trazia na bolsa e decidiu que tinham o suficiente para uma refeição quente.

– Vamos dormir aqui fora, como sempre, mas eles têm uma casa de banhos aqui, se algum de vocês estiver sentindo falta de água quente e de uma esfregadinha com sabão.

Arya não se atreveu, embora já cheirasse tão mal como Yoren, toda ela acre e fedorenta. Algumas das criaturas que viviam na sua roupa a acompanhavam desde a Baixada das Pulgas; não parecia certo afogá-las. Tarber, Torta Quente e Touro juntaram-se à fila de homens que se dirigiam para as tinas. Outros instalaram-se na frente da casa de banhos. O resto amontoou-se na sala comum. Yoren até mandou Lommy levar canecas de cerveja aos três homens presos que tinham sido deixados acorrentados na parte de trás da carroça.

Os lavados e os por se lavar jantaram empadões quentes de porco e maçãs cozidas. O estalajadeiro ofereceu-lhes uma rodada de cerveja por conta da casa.

– Tive um irmão que vestiu o negro, há anos. Era criado de refeições, esperto, mas um dia foi visto surrupiando pimenta da mesa do senhor. Gostava do sabor, nada mais. Só uma pitada de pimenta, mas Sor Malcolm era um homem duro. Tem pimenta na Muralha? – quando Yoren balançou a cabeça, o homem soltou um suspiro. – Que pena. Lync adorava pimenta.

Arya bebericou cautelosamente da caneca, entre uma e outra colherada de empadão ainda quente do forno. Lembrou-se de que o pai, às vezes, os deixava beber uma taça de cerveja. Sansa costumava fazer uma careta,

dizendo que o vinho era muito melhor, mas Arya gostava bastante. Pensar em Sansa e no pai deixava-a triste.

A estalagem estava cheia de gente que rumava para o sul, e a sala comum irrompeu em escárnio quando Yoren disse que viajavam na direção oposta.

– Voltará em breve – garantiu o estalajadeiro. – Não há como ir para o norte. Metade dos campos está queimada, e as pessoas que restam estão trancadas dentro das muralhas dos seus castros. Um grupo afasta-se de madrugada, e outro aparece ao anoitecer.

– Isso não é nada pra nós – Yoren insistiu teimosamente. – Tully ou Lannister, não importa. A Patrulha não participa.

*Lorde Tully é meu avô*, pensou Arya. A *ela* importava, mas mordeu o lábio e ficou quieta, ouvindo.

– É mais do que Lannister e Tully – rebateu o estalajadeiro. – Há selvagens das Montanhas da Lua. Tente lhes dizer que não participa. E os Stark também estão metidos no assunto, o jovem senhor desceu, o filho do Mão morto…

Arya endireitou-se no lugar, esforçando-se para ouvir. Estaria ele se referindo a *Robb*?

– Ouvi dizer que o rapaz monta um lobo nas batalhas – disse um homem de cabelo amarelo, com uma caneca na mão.

– Conversa de gente imbecil – Yoren cuspiu.

– O homem que me disse isso viu com seus próprios olhos. Um lobo grande como um cavalo, ele jurou.

– Jurar não torna isso verdade, Hod – disse o estalajadeiro. – Você anda sempre jurando que vai pagar o que me deve, e ainda não vi um único vintém.

A sala comum explodiu em gargalhadas, e o homem de cabelo amarelo ficou vermelho.

– Tem sido um ano ruim para lobos – interveio um homem pálido com seu manto verde manchado pela viagem. – Nas redondezas do Olho de Deus, as matilhas tornaram-se mais ousadas do que se tem registro. Ovelhas, vacas, cães, não importa, matam o que bem quiserem, e não têm

medo dos homens. Entrar naqueles bosques durante a noite é arriscar a vida.

– Ah, isso são mais histórias, e são tão pouco reais quanto a outra.

– Eu ouvi o mesmo da minha prima, e ela não é do tipo que mente – disse uma velha. – Diz que há uma grande matilha, com centenas de lobos, matadores de homens. O animal que os lidera é uma loba, uma cadela do sétimo inferno.

*Uma loba*. Arya bebeu sua cerveja, refletindo. Será que Olho de Deus ficava perto do Tridente? Gostaria de ter um mapa. Tinha sido perto do Tridente que deixara Nymeria. Não queria fazê-lo, mas Jory disse que não tinha alternativa, que se a loba voltasse com eles seria morta por ter mordido Joffrey, apesar de ele ter merecido. Tinham tido de gritar, e berrar, e atirar pedras, e só depois de ser atingida por algumas delas, atiradas por Arya, é que a loba gigante deixou de segui-los. *Ela provavelmente nem me reconheceria agora*, Arya pensou. *Ou, se reconhecesse, iria me odiar.*

O homem do manto verde disse:

– Ouvi falar de como esta cadela do inferno entrou um dia numa aldeia… Um dia de mercado, com gente por todo o lado, e ela entrou, na cara dura, e arrancou um bebê dos braços da mãe. Quando Lorde Mooton ouviu a história, ele e os filhos juraram que acabariam com ela. Seguiram-na até a toca com uma matilha de lobeiros, e foi por pouco que conseguiram salvar a própria pele. Nem um dos cães voltou, nem um.

– Isso é só uma história – Arya exclamou, antes de conseguir se controlar. – Os lobos não comem bebês.

– E o que você sabe disso, moço? – perguntou o homem do manto verde.

Antes que Arya conseguisse pensar numa resposta, Yoren agarrou seu braço.

– O rapaz tem cerveja na cabeça, é só isso.

– Não tenho nada. Eles *não* comem bebês…

– Lá pra fora, *rapaz*… E vê se fica lá até aprender a calar a boca quando os homens estão conversando – Yoren deu-lhe um empurrão firme, na

direção da porta lateral que levava de volta aos estábulos. – Vá. E veja se o cavalariço deu água aos cavalos.

Arya saiu, dura de fúria.

– *Não comem* – resmungou, chutando uma pedra no momento em que saía. A pedra foi rolando, e só parou debaixo das carroças.

– Menino – chamou uma voz amistosa. – Menino adorável.

Um dos homens presos estava falando com ela. Cuidadosamente, Arya aproximou-se da carroça, com uma mão no cabo da Agulha.

O prisioneiro ergueu uma caneca vazia, tilintando as correntes.

– Um homem faria bom proveito de outro gole de cerveja. Um homem tem muita sede quando usa essas pulseiras pesadas.

Era o mais novo dos três, esguio, com traços delicados, sempre a sorrir. Tinha o cabelo vermelho de um lado e branco do outro, todo embaraçado e sujo da cadeia e da viagem.

– Um homem também não se importaria com um banho – ele disse quando viu o modo como Arya o olhava. – Um garoto poderia fazer um amigo.

– Já tenho amigos – ela respondeu.

– Nenhum que eu consiga ver – disse o que não tinha nariz. Era atarracado e troncudo, com umas mãos enormes. Pelos negros cobriam seus braços, pernas, peito e até mesmo as costas. Fazia Arya lembrar-se de um desenho que tinha visto num livro, de um macaco das Ilhas do Verão. O buraco no seu rosto tornava difícil olhá-lo durante muito tempo.

O careca abriu a boca e *silvou,* como se fosse um imenso lagarto branco. Quando Arya vacilou para trás, sobressaltada, ele abriu a boca e sacudiu a língua na sua direção, mas aquilo era mais um coto que uma língua.

– Para com isso! – ela exclamou.

– Um homem não escolhe os companheiros nas celas negras – disse o bonito, com o cabelo vermelho e branco. Qualquer coisa no jeito como falava lembrou-lhe Syrio; era o mesmo, mas ao mesmo tempo diferente. – Estes dois não têm educação. Um homem tem de pedir perdão. Chamam você de Arry, não é verdade?

– Cabeça de Caroço – disse o que não tinha nariz. – Cabeça de Caroço, Cara de Caroço, Rapaz Pau. Toma cuidado, Lorath, que ele bate em você com o pau.

– Um homem tem de sentir vergonha das companhias que tem, Arry – voltou a falar o bonito. – Este homem tem a honra de ser Jaqen H'ghar, antigamente habitante da Cidade Livre de Lorath. Bem que gostaria de estar em casa. Os malcriados companheiros de cativeiro deste homem chamam-se Rorge – indicou com a caneca o homem sem nariz – e Dentadas – Dentadas voltou a *silvar* para ela, mostrando uma boca cheia de dentes amarelos, limados até ficar pontiagudos. – Um homem tem de ter algum nome, não é? O Dentadas não pode falar, e nem sabe escrever, mas seus dentes são muito afiados, e por isso um homem o chama de Dentadas, e ele sorri. Está encantado?

Arya afastou-se da carroça.

– Não – *eles não podem me fazer mal*, disse a si mesma, *estão todos acorrentados*.

Ele virou a caneca ao contrário.

– Um homem tem de lamentar.

Rorge, o que não tinha nariz, atirou a caneca nela com uma praga. As algemas o atrapalhavam, mas mesmo assim a teria acertado em cheio na cabeça com a pesada caneca de estanho se Arya não tivesse saltado para o lado.

– Traga-nos cerveja, seu bolha. *Já*!

– Cala boca! – Arya tentou imaginar o que Syrio teria feito. Puxou a espada de treino, de madeira.

– Chegue perto – disse Rorge –, e eu enfio esse pau pelo seu rabo acima, até ver você sangrar.

*O medo golpeia mais profundamente do que as espadas*. Arya obrigou-se a se aproximar da carroça. Cada passo era mais difícil que o anterior. *Feroz como um glutão, calma como águas paradas*. As palavras cantavam na sua cabeça. Syrio não teria medo.

Estava quase perto o suficiente para tocar a roda, quando Dentadas se pôs em pé de um salto, e tentou agarrá-la, fazendo os ferros tinir e

chocalhar. As algemas cortaram seu movimento a quinze centímetros da cara dela. O homem silvou.

Arya o atingiu. Com força, bem entre seus pequenos olhos.

Gritando, Dentadas cambaleou para trás e depois atirou todo seu peso contra as correntes. Os aros deslizaram, torceram-se e se retesaram, e Arya ouviu o ranger de madeira velha e seca quando os grandes anéis de ferro forçaram as pranchas do chão da carroça. Enormes mãos brancas tentaram agarrá-la, enquanto veias se projetavam ao longo dos braços de Dentadas, mas os grilhões aguentaram, e, por fim, o homem caiu para trás. Escorria sangue das feridas úmidas que tinha no rosto.

– Um rapaz tem mais coragem do que bom-senso – observou aquele que tinha se identificado como Jaqen H'ghar.

Arya afastou-se da carroça, andando de costas. Quando sentiu uma mão no ombro, rodopiou, voltando a erguer a espada de pau, mas era apenas Touro.

– O que você está fazendo?

Ele ergueu as mãos em defesa.

– Yoren disse que nenhum de nós devia se aproximar daqueles três.

– Eles não me assustam – ela respondeu.

– Então você é estúpido, porque eles *me* assustam – a mão de Touro caiu sobre o punho da espada, e Rorge desatou a rir. – Vamos sair de perto deles.

Arya o seguiu, arrastando os pés pelo chão, e deixou que Touro a conduzisse ao redor da estalagem até a parte da frente. O riso de Rorge e os silvos do Dentadas seguiram-nos.

– Quer lutar? – Arya perguntou a Touro. Queria bater em qualquer coisa.

Ele olhou para ela, piscando, surpreso. Madeixas de espesso cabelo negro, ainda úmido do banho, caíam sobre seus olhos profundamente azuis.

– Eu machucaria você.

– Não machucaria nada.

– Você não conhece a minha força.

– Você não conhece a minha rapidez.

– Está pedindo, Arry – ele puxou a espada de Praed. – Isto é aço barato, mas é uma espada verdadeira.

Arya desembainhou Agulha.

– Esta é de bom aço, e por isso é mais verdadeira do que a sua.

Touro balançou a cabeça:

– Promete que não chora se eu te ferir?

– Prometo, se você também prometer – Arya virou-se de lado, adotando a pose de dançarina de água, mas Touro não se mexeu. Estava olhando para qualquer coisa atrás dela. – Que foi?

– Homens de manto dourado – ele fechou a cara.

*Não pode ser*, Arya pensou, mas, quando olhou para trás, viu os homens cavalgando pela estrada do rei, seis, usando a cota de malha negra e os mantos dourados da Patrulha da Cidade. Um deles era um oficial, usava uma placa peitoral esmaltada preta, ornamentada com quatro discos dourados. Pararam os cavalos em frente à estalagem. *Olha com os olhos*, pareceu sussurrar-lhe a voz de Syrio. Seus olhos viram espuma branca debaixo das selas; os cavalos tinham corrido durante muito tempo, e duramente. Calma como águas paradas, pegou Touro pelo braço e o puxou para trás de uma cerca viva alta e florida.

– O que é isso? – ele perguntou. – O que está fazendo? Me larga.

– Silencioso como uma sombra – ela sussurrou, puxando-o para baixo.

Alguns dos outros a cargo de Yoren estavam sentados em frente à casa de banhos, esperando sua vez de entrar numa tina.

– Vocês, homens – gritou um dos de manto dourado. – São os que partiram para vestir o negro?

– Talvez sejamos – foi a resposta cautelosa.

– Preferíamos nos juntar a vocês, rapazes – disse o velho Reysen. – Ouvimos dizer que faz *frio* naquela Muralha.

O oficial de manto dourado desmontou.

– Tenho um mandado a respeito de um certo rapaz…

Yoren saiu da estalagem, afagando sua emaranhada barba negra.

– Quem é que quer esse rapaz?

Os outros homens de manto dourado estavam desmontando e colocando-se ao lado dos cavalos.

– Por que nós estamos escondidos? – Touro sussurrou.

– Sou eu que eles querem – Arya respondeu, também sussurrando. A orelha dele cheirava a sabão. – Fica quieto.

– É a rainha quem o quer, velho, não que isso te diga respeito – disse o oficial, tirando uma faixa do cinto. – Aqui está, o selo e mandado de Sua Graça.

Atrás da cerca viva, Touro balançou a cabeça, duvidando.

– Por que motivo a rainha haveria de te querer, Arry?

Ela esmurrou seu ombro.

– Fica *quieto*!

Yoren passou os dedos pela faixa do mandado com a gota de cera dourada.

– Bonito – cuspiu. – Acontece que o rapaz está agora na Patrulha da Noite. O que ele fez lá na cidade não importa mais.

– A rainha não está interessada nas suas opiniões, velho, e eu também não – disse o oficial. – Vou levar o rapaz.

Arya pensou em fugir, mas sabia que não iria longe no seu burro quando os homens de manto dourado tinham cavalos. E estava tão cansada de fugir. Tinha fugido quando Sor Meryn havia ido buscá-la e voltou a fugir quando tinham matado seu pai. Se fosse uma verdadeira dançarina de água, sairia dali com a Agulha na mão, mataria todos, e nunca mais fugiria de ninguém.

– Não vai levar ninguém – Yoren respondeu teimosamente. – Há leis sobre essas coisas.

O homem do manto dourado puxou uma espada curta.

– Aqui está a sua lei.

Yoren olhou para a lâmina:

– Isso não é lei nenhuma, é só uma espada. Acontece que eu também tenho uma.

O oficial sorriu.

– Velho tonto. Eu tenho cinco homens comigo.

Yoren cuspiu.

– Acontece que eu tenho trinta.

O homem de manto dourado soltou uma gargalhada.

– Esses aí? – disse um grandalhão desajeitado com o nariz quebrado. – Quem é o primeiro? – gritou, mostrando o aço.

Tarber puxou uma forquilha de uma pilha de feno.

– Sou eu.

– Não, sou eu – gritou Cutjack, o pedreiro rechonchudo, tirando o martelo do avental de couro que usava sempre.

– Eu – Kurz surgiu com sua faca de esfolar na mão.

– Eu e ele – Koss retesou a corda do seu arco.

– Todos nós – disse Reysen, agarrando o grande bastão de madeira dura em que se apoiava ao caminhar.

Dobber saiu nu da casa de banhos com as roupas numa trouxa, viu o que estava acontecendo e deixou tudo cair, menos a adaga.

– É uma luta? – ele quis saber.

– Parece que sim – disse Torta Quente, caindo de quatro à procura de uma pedra que pudesse atirar. Arya não acreditava no que estava vendo. *Odiava* Torta Quente! Por que motivo se arriscaria por ela?

O homem do nariz quebrado ainda achava aquilo engraçado.

– Ponham de lado essas pedras e paus, *meninas*, antes que apanhem. Nenhum de vocês sabe por qual lado se pega numa espada.

– Eu sei! – Arya não os deixaria morrer por ela, como Syrio. Não deixaria! Abrindo caminho através da cerca viva com a Agulha na mão, adotou a pose da dançarina de água.

O de nariz quebrado soltou uma gargalhada roufenha. O oficial olhou-a de cima a baixo.

– Guarde a espada, menininha, ninguém quer machucar você.

– *Não sou* uma menina! – Arya gritou, furiosa. Qual era o problema deles? Tinham percorrido todo aquele caminho à sua procura, ali estava ela, e limitavam-se a sorrir para ela. – Sou eu quem procuram.

– É *a ele* que procuramos – o oficial indicou Touro com a espada, que tinha avançado para se colocar ao lado de Arya, com o aço barato de

Praed na mão.

Mas foi um erro o oficial tirar os olhos de Yoren, mesmo que por um instante. Foi o tempo que a espada do irmão negro demorou para ser pressionada contra seu pomo de adão.

– Não vai ficar com nenhum deles, a não ser que queira que eu veja se o seu pomo já está maduro. Tenho mais dez ou quinze irmãos naquela estalagem, se ainda precisa ser convencido. Se fosse você, largava esse corta-tripas, botava as bochechas em cima daquele cavalinho gordo e galopava de volta à cidade – Yoren cuspiu, e fez mais pressão com a ponta da espada. – Já.

Os dedos do oficial abriram-se. A espada caiu na poeira.

– Nós ficamos com isso – disse Yoren. – Bom aço sempre faz falta na Muralha.

– Como quiser. Por enquanto. Homens – os homens de manto dourado embainharam as armas e montaram. – É melhor que galope em disparada até essa sua Muralha, velho. Da próxima vez que o apanhar, creio que sua cabeça terá o mesmo destino da do jovem bastardo.

– Homens melhores que você já tentaram.

Yoren bateu na garupa do cavalo do oficial com o lado da espada, fazendo-o desembestar pela estrada do rei afora, enquanto os outros o seguiram.

Quando os perderam de vista, Torta Quente começou a gritar, mas Yoren pareceu mais zangado que nunca.

– Idiota! Acha que estamos livres dele? Da próxima vez, ele não vai se pavonear nem me dar nenhuma faixa maldita. Tirem os outros do banho, temos de ir andando. Cavalgando a noite toda, talvez possamos ficar à frente deles por um tempo – Yoren apanhou a espada que o oficial deixara cair. – Quem quer isto?

– Eu! – Torta Quente berrou.

– Não use no Arry – Yoren entregou a espada ao rapaz, com o cabo para a frente, e dirigiu-se a Arya, mas foi com Touro que falou. – A rainha o quer muito, rapaz.

Arya não entendia nada.

– Por que *ele*?

Touro olhou bravo para ela.

– E por que iria querer *você*? Não passa de um ratinho de sarjeta!

– Bom, e você não passa de um garoto bastardo! – ou talvez apenas *fingisse* ser um rapaz bastardo. – Qual é o seu nome de verdade?

– Gendry – ele respondeu, como se não estivesse muito certo daquilo.

– Não vejo por que alguém haveria de querer algum de vocês – Yoren os interrompeu. – Mas não podem ficar com vocês de qualquer jeito. Montem aqueles dois corcéis. Ao primeiro sinal de um manto dourado, sigam para a Muralha como se um dragão os perseguisse. O resto de nós não têm importância para eles.

– Menos você – Arya o corrigiu. – Aquele homem disse que também queria sua cabeça.

– Bem, quanto a isso, se conseguir arrancá-la dos meus ombros, que faça bom proveito.

# Jon

—Sam? – Jon chamou em voz baixa.

O ar tinha cheiro de papel, de pó e dos anos. À sua frente, altas estantes de madeira erguiam-se até desaparecer nas sombras, entulhadas de livros encadernados em couro e caixas de antigos rolos. Um tênue brilho amarelo era filtrado pelas pilhas de livros, vindo de uma lâmpada escondida. Jon apagou com um sopro a vela que trazia, preferindo não correr o risco de uma chama livre no meio de tanto papel velho e seco. E seguiu a luz, ziguezagueando pelas estreitas passagens sob a abóbada cilíndrica do teto. Todo vestido de preto, era uma sombra entre as sombras, com seu cabelo escuro, rosto longo e olhos cinzentos. Luvas negras de pele de toupeira cobriam suas mãos; a direita porque estava queimada, a esquerda porque um homem se sentia meio tolo usando apenas uma luva.

Samwell Tarly estava debruçado sobre uma mesa num nicho esculpido na pedra da parede, iluminado pelo brilho que vinha da lâmpada pendurada sobre sua cabeça. Ergueu o olhar ao ouvir os passos de Jon.

– Passou a noite toda aqui?

– Passei? – Sam pareceu surpreso.

– Não esteve conosco no desjejum, e ninguém dormiu na sua cama.

Rast sugeriu que Sam talvez tivesse desertado, mas Jon nunca acreditou na ideia. A deserção requeria um tipo diferente de coragem, e isso era algo que Sam possuía em quantidade insuficiente.

– Já é de manhã? Aqui embaixo não há como saber.

– Sam, você é um bobo, mas simpático. Vai sentir falta daquela cama quando estivermos dormindo no chão frio e duro, garanto.

Sam bocejou.

– Meistre Aemon mandou-me encontrar mapas para o Senhor Comandante. Nunca pensei… Jon, os *livros*, já viu alguma coisa assim? Há *milhares*!

Jon olhou em volta.

– A biblioteca em Winterfell tem mais de cem. Encontrou os mapas?

– Ah, sim – Sam passou a mão, com dedos grossos como salsichas, por sobre a mesa, indicando o amontoado de livros e rolos à sua frente. – Pelo menos uma dúzia – ele desenrolou um pergaminho quadrado. – A tinta desbotou, mas ainda se vê onde o cartógrafo assinalou os locais de aldeias selvagens, e há outro livro… Onde está? Eu o estava lendo agora mesmo – Sam afastou alguns rolos para o lado, revelando um volume poeirento, com uma encadernação em couro apodrecido. – Este – ele exclamou com reverência – é o relato de uma viagem desde a Torre Sombria até o Cabo Desolado, na Costa Gelada, escrito por um patrulheiro chamado Redwyn. Não está datado, mas menciona um Dorren Stark como Rei do Norte. Portanto, deve ter sido escrito antes da Conquista. Jon, eles lutaram com *gigantes*! Redwyn até comerciou com os filhos da floresta, está tudo aqui – com toda delicadeza, Sam virou as páginas com um dedo. – Também desenhou mapas, veja…

– Talvez escreva um relato da nossa patrulha, Sam.

Pretendia soar encorajador, mas aquilo tinha sido a coisa errada a dizer. Tudo o que Sam menos precisava era ser lembrado do que os esperava na manhã seguinte. Então, pensativo, Sam moveu os rolos de um lado para o outro, sem propósito.

– Há mais mapas. Se tivesse tempo de procurar… Está tudo uma confusão. Mas *eu* poderia pôr tudo em ordem; sei que poderia, mas levaria tempo… Bem, na verdade, levaria *anos*.

– Mormont gostaria de ter esses mapas um pouco mais depressa do que isso – Jon tirou um rolo de uma caixa e soprou o grosso da poeira. Um canto desprendeu-se entre os seus dedos quando o desenrolou. – Olha, este está se desfazendo – disse, franzindo a testa diante das letras desbotadas.

– Tome cuidado – Sam rodeou a mesa e tirou o rolo da sua mão, pegando-o como se fosse um animal ferido. – Os livros importantes costumavam ser copiados quando precisavam deles. Alguns dos mais velhos foram copiados meia centena de vezes, provavelmente.

– Bem, não perca tempo copiando esse. Vinte e três barricas de bacalhau em conserva, dezoito jarras de óleo de peixe, uma pipa de sal…

– Um inventário – Sam concluiu. – Ou talvez uma conta de venda.

– Quem se importa com quanto bacalhau em conserva comeram há seiscentos anos? – Jon perguntou.

– Eu – Sam devolveu cuidadosamente o rolo à caixa de onde Jon o tirara. – Pode-se aprender muitas coisas com registros como este. É sério. Eles podem te dizer quantos homens havia na Patrulha da Noite nessa época, como viviam, o que comiam…

– Comiam comida – Jon rebateu. – E viviam como nós vivemos.

– Talvez você se surpreendesse. Esta galeria é um tesouro, Jon.

– Se você diz...

Jon tinha dúvidas. Tesouro queria dizer ouro, prata e joias, não poeira, aranhas e couro apodrecido.

– Digo sim – exclamou o gordo rapaz. Era mais velho do que Jon, legalmente um homem-feito, mas era difícil pensar nele como algo mais que um garoto. – Encontrei desenhos de caras nas árvores, e um livro a respeito da língua dos filhos da floresta… Trabalhos que nem a Cidadela possui, pergaminhos da antiga Valíria, contagens das estações feitas por meistres mortos há mil anos…

– Os livros ainda estarão aqui quando voltarmos.

– *Se* voltarmos…

– O Velho Urso vai levar duzentos homens experimentados, e três quartos deles são patrulheiros. Qhorin Halfhand trará mais cem irmãos da Torre Sombria. Estará tão seguro como estava no castelo do senhor seu pai, em Monte Chifre.

Samwell Tarly conseguiu dar um sorrisinho triste.

– Também nunca estive muito seguro, lá, no castelo do meu pai.

*Os deuses fazem brincadeiras cruéis*, Jon pensou. Pyp e Sapo, todos ansiosos por participar da grande patrulha, iam ficar em Castelo Negro. Era Samwell Tarly, o autoproclamado covarde, extremamente gordo, tímido. e quase tão ruim em montar a cavalo como com uma espada na mão, que teria de enfrentar a floresta assombrada. O Velho Urso ia levar duas gaiolas de corvos para que pudessem ir enviando notícias à medida que avançassem. Meistre Aemon era cego e frágil demais para ir com eles, portanto, seu intendente tinha de seguir no seu lugar.

– Precisamos de você para os corvos, Sam. E alguém terá de me ajudar a manter Grenn no seu devido lugar.

Os queixos de Sam estremeceram.

– Você poderia cuidar dos corvos, ou Grenn, ou *qualquer um* – ele disse com uma ponta de desespero na voz. – Eu poderia ensiná-lo como se faz. Você também conhece as letras, poderia escrever as mensagens de Lorde Mormont tão bem quanto eu.

– Eu sou o intendente do Velho Urso. Terei de ser seu escudeiro, cuidar do seu cavalo, montar sua tenda; não terei tempo para também vigiar pássaros. Sam, você pronunciou as palavras. Agora é um irmão da Patrulha da Noite.

– Um irmão da Patrulha da Noite não deveria estar tão assustado.

– Estamos todos assustados. Seríamos loucos se não estivéssemos.

Muitos patrulheiros tinham se perdido nos últimos dois anos, até Benjen Stark, tio de Jon. Tinham encontrado dois dos homens do tio na floresta, mortos, mas os cadáveres haviam se levantado na noite gelada. Os dedos queimados de Jon se contraíam quando se lembrava daquilo. Ainda via a criatura nos seus sonhos. Othor morto, com seus ardentes olhos azuis e frias mãos negras. Mas esta era a última coisa que ele deveria fazer Sam se lembrar.

– Meu pai ensinou-me que não há vergonha no medo, o que importa é o modo como o enfrentamos. Venha, eu ajudo você a reunir os mapas.

Sam fez um aceno infeliz. As estantes estavam tão próximas umas das outras, que tiveram de sair um atrás do outro. A galeria dava para um dos túneis, que os irmãos chamavam caminhos de minhoca, sinuosas

passagens subterrâneas que ligavam as fortalezas e torres de Castelo Negro por baixo da terra. No verão, os caminhos de minhoca raramente eram usados, exceto por ratazanas e outras pragas, mas no inverno era diferente. Quando a neve chegava a dez ou quinze metros de altura, e os ventos gelados uivavam do norte, os túneis eram tudo o que mantinha Castelo Negro em funcionamento.

*Em breve*, Jon pensou, enquanto subiam. Tinha visto o mensageiro que chegara a Meistre Aemon com a notícia do fim do verão, o grande corvo da Cidadela, branco e silencioso como o Fantasma. Jon já vivera um inverno, quando era muito novo, mas todos concordavam que aquele tinha sido curto e suave. Este seria diferente. Conseguia senti-lo nos ossos.

Os íngremes degraus de pedra deixaram Sam bufando como um fole de ferreiro quando chegaram à superfície. Depararam-se com um vento fresco, que fez o manto de Jon rodopiar e esvoaçar. Fantasma estava adormecido junto à parede de taipa do celeiro, mas acordou quando Jon apareceu, mantendo a felpuda cauda branca rigidamente erguida enquanto trotava na direção deles.

Sam olhou a Muralha de canto de olho. Erguia-se acima das suas cabeças, uma escarpa gelada com duzentos metros de altura. Às vezes, parecia a Jon quase uma coisa viva, dotada de humores próprios. A cor do gelo tinha o costume de mudar a cada alteração da luz. Ora era o azul-profundo, dos rios gelados, ora o branco sujo da neve antiga, e quando uma nuvem passava à frente do sol, escurecia até o cinza-claro de pedra quebrada. A Muralha estendia-se para leste e para oeste, até tão longe quanto o olhar alcançava; tão imensa, que reduzia à insignificância as fortalezas de madeira e torres de pedra do castelo. Era o fim do mundo.

*E nós vamos para além dela.*

O céu da manhã estava riscado por finas nuvens cinzentas, mas a clara linha vermelha estava lá, por trás delas. Os irmãos negros tinham apelidado o cometa de Archote de Mormont, dizendo (só em parte de brincadeira) que os deuses deviam tê-lo enviado para iluminar o caminho do velho através da floresta assombrada.

– O cometa está tão brilhante que já é visível durante o dia – Sam disse, protegendo os olhos do sol com um punhado de livros.

– Não se preocupe com cometas, o que o Velho Urso quer são mapas.

Fantasma trotava à frente deles. A região parecia deserta naquela manhã, com tantos patrulheiros fora, no bordel de Vila Toupeira, escavando tesouros enterrados e embebedando-se até cair. Grenn tinha ido com eles. Pyp, Halder e Sapo se ofereceram para lhe pagar a sua primeira mulher, a fim de celebrar sua primeira patrulha. Queriam que Jon e Sam os acompanhassem, mas Sam sentia-se quase tão amedrontado por prostitutas como pela floresta assombrada, e Jon não quis participar daquilo.

– Façam o que quiser – disse a Sapo. – Mas eu fiz um juramento.

Ao passar pelo septo, ouviu vozes que cantavam. *Alguns homens querem prostitutas na véspera da batalha, e outros querem deuses*. Jon perguntou a si mesmo quais se sentiriam melhor depois. O septo não o tentava mais do que o bordel; seus deuses mantinham seus templos nos lugares selvagens, onde os represeiros estendiam seus galhos brancos como ossos. *Os Sete não têm nenhum poder para lá da Muralha,* pensou*, mas os meus deuses estarão esperando*.

À frente do arsenal, Sor Endrew Tarth trabalhava com alguns novos recrutas. Tinham chegado na noite anterior com Conwy, um dos corvos errantes que percorriam os Sete Reinos reunindo homens para a Muralha. Esta nova colheita consistia de um homem de barba grisalha apoiado em um bastão, dois rapazes loiros que pareciam irmãos, um jovem afetado, vestido de cetim sujo, outro esfarrapado, com um pé torto, e um simplório sorridente, que devia se achar um guerreiro. Sor Endrew estava lhe mostrando o erro dessa presunção. Era um mestre de armas mais gentil do que Sor Alliser Thorne, mas suas lições geravam hematomas igualmente. Sam estremecia a cada golpe, mas Jon Snow observou com atenção o duelo das espadas.

– O que acha deles, Snow?

Donal Noye estava em pé na porta do arsenal, com o peito nu sob um avental de couro e, pela primeira vez, com o toco do braço descoberto.

Com sua grande barriga e o peito em forma de barril, o nariz achatado e queixo hirsuto e negro, Noye não era coisa bonita de se ver, mas mesmo assim era uma visão bem-vinda. O armeiro tinha provado ser um bom amigo.

– Têm cheiro de verão – Jon respondeu, enquanto Sor Endrew investia sobre o seu oponente e o fazia estatelar-se no chão. – Onde Conwy os encontrou?

– Na masmorra de um senhor, perto de Vila Gaivota – respondeu o ferreiro. – Um bandoleiro, um barbeiro, um pedinte, dois órfãos e um michê. É com esta gente que defendemos os domínios dos homens.

– Devem servir – Jon dirigiu a Sam um sorriso privado. – Nós servimos.

Noye o chamou para mais perto.

– Ouviu as notícias sobre o seu irmão?

– Na noite passada.

Conwy e os homens a seu cargo tinham trazido as notícias do norte, e quase não se falou em outra coisa na sala comum. Jon ainda não estava seguro dos seus sentimentos àquele respeito. Robb, um rei? O irmão com quem brincara, com quem lutara, com quem dividira a primeira taça de vinho? *Mas não o leite da mãe, isso não. E, portanto, Robb agora beberica vinho do verão em cálices cravejados de joias, enquanto eu me ajoelho junto a um riacho qualquer, sugando água do degelo com as mãos em taça*.

– Robb será um bom rei – Jon afirmou, com sinceridade.

– Será? – o ferreiro olhou-o com franqueza. – Espero que sim, rapaz, mas em outra época posso ter dito o mesmo de Robert.

– Dizem que forjou para ele o martelo de guerra – Jon recordou.

– Sim. Era seu homem, um homem dos Baratheon, ferreiro e armeiro em Ponta Tempestade, até perder o braço. Tenho idade suficiente para me lembrar de Lorde Steffon antes de o mar levá-lo, e conheço aqueles três filhos dele desde que receberam seus nomes. E lhe digo o seguinte: Robert nunca mais voltou a ser o mesmo depois de colocar aquela coroa

na cabeça. Alguns homens são como espadas, feitos para lutar. Pendure-os, e enferrujam.

– E os irmãos? – Jon quis saber.

O armeiro refletiu por um momento.

– Robert era verdadeiro aço. Stannis é de ferro puro, negro, duro e forte, é verdade, mas quebradiço, como acontece com o ferro. Quebrará antes de dobrar. E Renly, esse é cobre, claro e brilhante, bonito de ver, mas, no fim das contas, sem grande valor.

*E que metal é Robb?* Jon não perguntou. Noye era um homem dos Baratheon; o mais certo era que considerasse Joffrey o rei de direito, e Robb, um traidor. Na irmandade da Patrulha da Noite, havia um pacto tácito de não sondar com muita profundidade esses assuntos. Os homens que chegavam à Muralha vinham de todos os Sete Reinos, e os antigos amores e lealdades não eram esquecidos com facilidade, não importava quantos juramentos um homem fizesse… Assim como o próprio Jon tinha bons motivos para saber. Até Sam… A Casa do pai estava juramentada a Jardim de Cima, e Lorde Tyrell apoiava o Rei Renly. Era melhor não falar dessas coisas. A Patrulha da Noite não tomava partido.

– Lorde Mormont nos espera – Jon disse.

– Que não seja por mim que se atrase a encontrar o Velho Urso – Noye deu uma batidinha no seu ombro e sorriu. – Que os deuses o acompanhem amanhã, Snow. Traz de volta esse seu tio, está me ouvindo?

– Traremos – Jon prometeu.

O Senhor Comandante Mormont tinha se instalado na Torre do Rei depois do incêndio que havia devastado a sua. Jon deixou Fantasma com os guardas na porta.

– Mais escadas – Sam reclamou em tom infeliz quando começaram a subir. – Detesto escadas.

– Bem, essa é uma coisa que não enfrentaremos na floresta.

Quando entraram no aposento privado, o corvo os viu de imediato. *"Snow!"*, guinchou a ave. Mormont interrompeu a conversa.

– Demorou bastante tempo com esses mapas – afastou os restos do café da manhã para arranjar espaço na mesa. – Ponha-os aqui. Darei uma

olhada neles mais tarde.

Thoren Smallwood, um patrulheiro nervoso, com um queixo fraco e uma boca ainda mais fraca, escondida sob uma fina barba desordenada, dirigiu a Jon e a Sam um olhar frio. Tinha sido um dos homens de confiança de Alliser Thorne, e não nutria nenhuma amizade por nenhum deles.

– O lugar do Senhor Comandante é em Castelo Negro, senhoreando e comandando – disse a Mormont, ignorando os recém-chegados –, me parece.

O corvo bateu suas asas negras. "*Me, me, me.*"

– Se algum dia se tornar Senhor Comandante, poderá fazer o que desejar – Mormont respondeu ao patrulheiro. – Mas, *parece-me* que ainda não morri, e que os irmãos não puseram você no meu lugar.

– Com Ben Stark perdido e Sor Jaremy morto, sou agora Primeiro Patrulheiro – teimou Smallwood. – O comando devia ser meu.

Mormont não concordava.

– Enviei Ben Stark, e Sor Waymar antes dele. Não pretendo mandar você atrás deles e ficar aqui sentado, perguntando a mim mesmo quanto tempo deverei esperar até considerá-lo perdido também. E Stark continua a ser Primeiro Patrulheiro, até sabermos com certeza que está morto. Se esse dia chegar, serei eu, e não você, quem nomeará o seu sucessor. E agora, pare de me fazer perder tempo. Partimos à primeira luz da aurora, ou será que se esqueceu?

Smallwood pôs-se em pé.

– Às ordens do meu senhor.

Enquanto se encaminhava para a saída, franziu as sobrancelhas para Jon, como se aquilo de alguma maneira fosse culpa sua.

– Primeiro Patrulheiro! – os olhos do Velho Urso fixaram-se em Sam. – Antes nomearia *você* Primeiro Patrulheiro. Tem o topete de me dizer na cara que sou velho demais para ir com ele. Pareço velho para você, rapaz? – os pelos que tinham desaparecido do couro cabeludo manchado de Mormont tinham se reagrupado sob seu queixo, numa hirsuta barba

cinza que cobria a maior parte do seu peito. Então, deu uma pancada forte no próprio peito. – Pareço *frágil*?

Sam abriu a boca e soltou um pequeno guincho. O Velho Urso aterrorizava-o.

– Não, senhor – Jon interveio rapidamente. – Parece forte como um… um…

– Não tente me enganar, Snow, sabe bem que não consegue. Deixe-me dar uma olhada nesses mapas – Mormont passou os olhos rapidamente, dando não mais do que um grunhido para cada um deles. – Isto foi tudo o que conseguiu encontrar?

– Eu… m-m-meu senhor – Sam gaguejou –, havia… havia mais, m-m-mas… a des-desordem…

– Estes são velhos – queixou-se Mormont, e o corvo serviu de eco com um grito penetrante de "*Velhos, velhos"*.

– As aldeias podem ir e vir, mas os montes e os rios estarão sempre nos mesmos lugares – Jon observou.

– É verdade. Já escolheu seus corvos, Tarly?

– O M-m-meistre Aemon p-pretende e-escolhê-los ao cair da noite, depois de a-a-alimentá-los.

– Quero os melhores que tiver. Aves inteligentes e fortes.

"*Fortes*", disse a ave dele, alisando as penas. "*Fortes, fortes*."

– Se acabarmos sendo todos massacrados lá fora, quero que meu sucessor saiba onde e como morremos.

A conversa sobre massacres deixou Samwell Tarly sem fala. Mormont inclinou-se para a frente.

– Tarly, quando eu era um rapaz com metade da sua idade, a senhora minha mãe disse-me que, se andasse por aí de boca aberta, era provável que uma doninha a confundisse com a sua toca e descesse pela minha garganta. Se tem alguma coisa a dizer, diga. Caso contrário, cuidado com as doninhas – o velho fez um brusco gesto de dispensa. – Fora daqui, estou ocupado demais para tolices. Sem dúvida o meistre terá algum trabalho para você.

Sam engoliu em seco, deu um passo para trás e saiu correndo, tão depressa que quase tropeçou nas esteiras.

– Aquele rapaz é tão pateta quanto parece? – o Senhor Comandante perguntou depois de ele sair. "*Pateta*", lamentou-se o corvo. Mormont não esperou a resposta de Jon. – O senhor pai dele tem uma posição elevada nos conselhos do Rei Renly, e eu estava pensando em enviá-lo… Não, é melhor não. É pouco provável que Renly escute um rapaz gordo e trêmulo. Mandarei Sor Arnell. É um tanto mais firme, e a mãe dele era uma das Fossoway da maçã verde.

– Se for do seu desejo me responder, o que quer do Rei Renly?

– O mesmo que quero de todos eles, moço. Homens, cavalos, espadas, armaduras, cereais, queijo, vinho, lã, cotas de malha… a Patrulha da Noite não é orgulhosa, aceitamos aquilo que nos é oferecido – os dedos tamborilaram nas pranchas mal cortadas da mesa. – Se os ventos tiverem ajudado, Sor Alliser deverá chegar a Porto Real na virada da lua, mas não sei se o jovem Joffrey prestará atenção nele. A Casa Lannister nunca foi amiga da Patrulha.

– Thorne tem a mão da criatura para lhes mostrar.

Era uma coisa horrível e branca, com dedos negros, que se agitava e torcia no frasco como se ainda estivesse viva.

– Seria bom que tivéssemos outra mão para enviar a Renly.

– Dywen diz que é possível encontrar qualquer coisa para lá da Muralha.

– Sim, Dywen diz. E da última vez que saiu em patrulha, disse que viu um urso com quatro metros e meio de altura – Mormont fungou. – Dizem que minha irmã tomou um urso como amante. Antes acredito *nisso,* do que num urso com quatro metros de altura. Se bem que num mundo onde os mortos andam… Ah... Mesmo assim, um homem tem de acreditar nos seus olhos. Vi o morto andando. Não vi nenhum urso gigante – dirigiu a Jon um longo olhar perscrutador. – Mas estávamos falando de mãos. Como está a sua?

– Melhor – Jon tirou a luva de pele de toupeira e a mostrou. O braço estava coberto de cicatrizes, desde a mão até metade do antebraço, e

ainda sentia a salpicada pele cor-de-rosa esticada e sensível, mas estava sarando. – Mas ainda dá comichão. Meistre Aemon diz que isso é bom. Deu-me um unguento para levar comigo quando partirmos.

– Consegue manejar a Garralonga apesar da dor?

– Suficientemente bem – Jon flexionou os dedos, abrindo e fechando o pulso, como o meistre tinha lhe ensinado. – Tenho de trabalhar os dedos todos os dias para mantê-los flexíveis, como Meistre Aemon recomendou.

– Aemon pode ser cego, mas sabe do seu ofício. Rezo para que os deuses nos permitam conservá-lo por mais vinte anos. Você sabe que podia ter sido rei?

Jon foi pego de surpresa.

– Ele contou-me que o pai foi rei, mas não… Julguei que talvez fosse um filho mais novo.

– E era. O pai do pai era Daeron Targaryen, o Segundo do Seu Nome, que incorporou Dorne no reino. Parte do pacto determinava que casasse com uma princesa de Dorne. Ela deu-lhe quatro filhos. O pai de Aemon, Maekar, era o mais novo desses quatro, e Aemon foi o terceiro filho *dele*. Note que tudo isso aconteceu muito antes de eu ter nascido, por mais antigo que o Smallwood pense que eu seja.

– Meistre Aemon recebeu o nome em honra do Cavaleiro do Dragão.

– É verdade. Há quem diga que o Príncipe Aemon, e não Aegon, o Indigno, foi o verdadeiro pai do Rei Daeron. Seja como for, ao nosso Aemon faltava o temperamento marcial do Cavaleiro do Dragão. Gosta de dizer que possuía uma espada lenta, mas uma inteligência rápida. Não à toa o avô o enviou para a Cidadela. Tinha nove ou dez anos, creio… e também era o nono ou décimo na linha de sucessão.

Jon sabia que Meistre Aemon contava mais de uma centena de dias do seu nome. Frágil, mirrado, murcho e cego, era difícil imaginá-lo como um garotinho da idade de Arya.

Mormont continuou:

– Aemon estava às voltas com seus livros quando o mais velho dos seus tios, herdeiro da coroa, foi morto num acidente de torneio. Deixou dois

filhos, mas seguiram-no para a sepultura não muito tempo depois, durante a Grande Peste da Primavera. O Rei Daeron também foi levado, e por isso a coroa passou para o segundo filho de Daeron, Aerys.

– O Rei Louco? – Jon estava confuso. Aerys tinha sido rei antes de Robert, e isso não há muito tempo atrás.

– Não, este foi Aerys Primeiro. O que Robert depôs foi o segundo desse nome.

– Há quanto tempo isso se passou?

– Oitenta anos, ou perto disso – disse o Velho Urso. – E, não, eu *ainda* não tinha nascido, embora Aemon já tivesse forjado meia dúzia de aros da sua corrente de meistre nessa época. Aerys casou com a irmã, como os Targaryen costumavam fazer, e reinou durante dez ou doze anos. Aemon fez seus votos e deixou a Cidadela para servir na corte de algum fidalguinho… até que seu real tio morreu sem deixar descendência. O Trono de Ferro passou para o último dos quatro filhos do Rei Daeron. Esse era Maekas, pai de Aemon. O novo rei convocou todos os filhos para a corte, e queria que Aemon participasse do seu conselho, mas este recusou, dizendo que isso usurparia o lugar que pertencia por direito ao Grande Meistre. Em vez disso, serviu na fortaleza do irmão mais velho, outro Daeron. Bem, esse também morreu, deixando como herdeira só uma filha de fraco entendimento. Alguma sífilis que pegou de uma puta, acho. O irmão seguinte era Aerion.

– Aerion, o Monstruoso? – Jon conhecia aquele nome. “O Príncipe que Pensava Ser Dragão” era uma das histórias mais horrendas da Velha Ama. Bran, seu irmão mais novo, adorava-a.

– Esse mesmo, embora chamasse a si próprio Aerion Chama-Viva. Uma noite, bem mamado, bebeu um frasco de fogovivo, depois de dizer aos amigos que isso o transformaria num dragão, mas os deuses foram misericordiosos, e o transformaram num cadáver. Menos de um ano depois, Rei Maekar morreu em batalha contra um lorde fora da lei.

Jon não era completamente ignorante em relação à história do reino; seu meistre tinha se assegurado disso.

– Esse foi o ano do Grande Conselho – ele completou. – Os senhores passaram por cima do filho pequeno do Príncipe Aerion e da filha do Príncipe Daeron e deram a coroa a Aegon.

– Sim e não. Primeiro, ofereceram-na, discretamente, a Aemon. E ele, também discretamente, a recusou. Disse-lhes que os deuses queriam que servisse, não que governasse. Que tinha prestado um juramento e não o quebraria, apesar de o próprio Alto Septão ter se oferecido para absolvê-lo. Bem, nenhum homem são queria um pingo do sangue de Aerion no trono, e a filha de Daeron era tola, além de ser mulher. Por isso não tiveram outra escolha que não fosse recorrer ao irmão mais novo de Aemon… Aegon, o Quinto do Seu Nome. Foi chamado de Aegon, o Improvável, nascido quarto filho de um quarto filho. Aemon sabia, e corretamente, que, se ficasse na corte, aqueles a quem o governo do irmão desagradava procurariam usá-lo, por isso veio para a Muralha. E aqui permaneceu, enquanto o irmão, o filho do irmão e o filho *deste* reinaram e morreram um atrás do outro, até Jaime Lannister pôr fim à linha dos Reis-Dragão.

"*Rei*", crocitou o corvo. A ave atravessou o aposento privado e foi pousar no ombro de Mormont. "*Rei*", voltou a palrear, pavoneando-se de um lado para outro.

– Ele gosta dessa palavra – Jon sorriu.

– Uma palavra fácil de dizer, e fácil de gostar.

"*Rei*", a ave voltou a se manifestar.

– Acho que ele deseja que tenha uma coroa, senhor.

– O reino já tem três reis, e isso são dois a mais para o meu gosto.

Mormont afagou o corvo sob o bico com um dedo, mas os olhos nunca deixaram Jon Snow. Aquilo fez Jon se sentir estranho.

– Senhor, por que me disse isso sobre o Meistre Aemon?

– Preciso ter um motivo? – Mormont mexeu-se na cadeira, franzindo a testa. – Seu irmão Robb foi coroado Rei do Norte. Você e Aemon têm isso em comum. Um rei como irmão.

– E também – Jon completou: – um voto.

O Velho Urso soltou uma sonora bufada, e o corvo levantou voo, batendo as asas em círculo pela sala.

– Dê-me um homem por cada voto que vi quebrado, e a Muralha nunca mais sentirá falta de defensores.

– Sempre soube que Robb seria Senhor de Winterfell.

Mormont soltou um assobio, e a ave voou de novo para ele, instalando-se no seu braço.

– Um senhor é uma coisa, um rei é outra – ele deu ao corvo um punhado de milho tirado do bolso. – Vão vestir seu irmão Robb em sedas, cetins e veludos de cem cores diferentes, enquanto você vive e morre em cota de malha negra. Ele se casará com alguma bela princesa e será pai dos seus filhos. Você não terá esposa, nem segurará nos braços um filho do seu próprio sangue. Robb governará, você servirá. Os homens chamarão você de corvo. Ele, de *Vossa Graça*. Cantores elogiarão cada coisinha que ele fizer, enquanto os maiores dos seus feitos passarão despercebidos. Diga-me que nada disso o perturba, Jon… e eu chamarei você de mentiroso, e saberei que tenho razão.

Jon endireitou-se, tenso como a corda de um arco.

– E se me perturbar, que posso fazer, bastardo como sou?

– O que você *vai* fazer? – Mormont o desafiou. – Bastardo como é?

– Ficar perturbado – Jon respondeu. – E respeitar os meus votos.

# Catelyn

A coroa do filho ainda estava fresca da forja, e parecia a Catelyn Stark que seu peso pressionava com força a cabeça de Robb.

A antiga coroa dos Reis do inverno tinha sido perdida há três séculos, entregue a Aegon, o Conquistador, quando Torrhen Stark se ajoelhou em submissão. Ninguém saberia dizer o que Aegon fizera dela. O ferreiro de Lorde Hoster fizera bem seu trabalho, e a coroa de Robb parecia-se muito com a descrição da outra nas histórias que eram contadas sobre os reis Stark de antigamente; um anel aberto de bronze martelado, gravado com as runas dos Primeiros Homens, coroado por espigões negros de ferro, forjados em forma de espadas longas. De ouro, prata e pedras preciosas, nada tinha; o bronze e o ferro eram os metais do inverno, escuros e fortes para lutar contra o frio.

Enquanto esperavam no Grande Salão de Correrrio que o prisioneiro fosse trazido até eles, Catelyn viu Robb empurrando a coroa para trás, para que repousasse no espesso esfregão ruivo que era seu cabelo; momentos depois, voltou a puxá-la para a frente; mais tarde, deu um quarto de volta nela, como se isso pudesse fazer com que se assentasse mais facilmente na sua testa. *Usar uma coroa não é nada fácil*, pensou Catelyn, *especialmente para um rapaz de quinze anos*.

Quando os guardas trouxeram o cativo, Robb pediu sua espada. Olyvar Frey a ofereceu pelo punho, e o filho de Cat desembainhou-a e a pousou, nua, nos joelhos, uma clara ameaça para que todos vissem.

– Vossa Graça, aqui está o homem que requisitou – anunciou Sor Robin Ryger, capitão da guarda doméstica dos Tully.

– Ajoelhe-se perante o rei, Lannister! – gritou Theon Greyjoy. Sor Robin forçou o prisioneiro a cair de joelhos.

Catelyn refletiu que o homem não parecia um leão. Este Sor Cleos Frey era filho da Senhora Genna, irmã de Lorde Tywin Lannister, mas não possuía nada da afamada beleza dos Lannister, nem o cabelo claro e os olhos verdes. Em vez disso, herdara as viscosas madeixas castanhas, o queixo recuado e o rosto estreito do pai, Sor Emmon Frey, o segundo filho do velho Lorde Walder. Seus olhos eram claros e úmidos, e pareciam não ser capazes de parar de piscar, mas talvez fosse só por causa da luz. As celas sob Correrrio eram escuras e úmidas… E, naqueles dias, cheias de gente.

– Erga-se, Sor Cleos – a voz do filho não era tão gelada como a do pai teria sido, mas também não soava como a de um rapaz de quinze anos. A guerra tinha feito dele um homem antes da hora. A luz da manhã cintilava levemente no gume do aço que tinha sobre os joelhos.

Mas não era a espada que deixava Sor Cleos Frey ansioso; era o animal. Seu filho o tinha chamado Vento Cinzento. Um lobo gigante, tão grande como um cão da raça elkhound, esguio e escuro como fumaça, com olhos que eram como ouro derretido. Quando a fera avançou e farejou o cavaleiro cativo, todos os homens presentes na sala conseguiram sentir o cheiro do medo. Sor Cleos tinha sido capturado durante a batalha do Bosque dos Murmúrios, onde Vento Cinzento rasgou a garganta de meia dúzia de homens.

O cavaleiro levantou-se com dificuldade, afastando-se com tanta rapidez, que alguns dos que assistiam riram alto.

– Obrigado, senhor.

– *Vossa Graça* – ladrou Lorde Umber, o Grande-Jon, sempre o mais sonoro dos vassalos nortenhos de Robb… e também o mais leal e feroz, ou pelo menos era o que insistia em dizer. Tinha sido o primeiro a proclamar o filho de Catelyn Rei do Norte, e não tolerava nenhuma afronta à honra do seu novo soberano.

– Vossa Graça – corrigiu-se rapidamente Sor Cleos. – Perdão.

*Este não é um homem corajoso*, pensou Catelyn. Na verdade, mais um Frey do que um Lannister. Com o primo, o Regicida, teria sido bem

diferente. Aquela honraria nunca teria passado através dos dentes perfeitos de Jaime Lannister.

– Tirei-o da sua cela para levar uma mensagem minha à sua prima Cersei Lannister, em Porto Real. Viajará sob uma bandeira de paz, com trinta dos meus melhores homens para escoltá-lo.

Sor Cleos ficou visivelmente aliviado.

– Nesse caso, será com grande alegria que levarei a mensagem de Vossa Graça à rainha.

– Compreenda – disse Robb – que não estou lhe oferecendo a liberdade. Seu avô, Lorde Walder, garantiu-me seu apoio e o da Casa Frey. Muitos dos seus primos e tios os acompanharam no Bosque dos Murmúrios, mas o senhor escolheu lutar sob o estandarte do leão. Isso faz de você um Lannister, não um Frey. Quero a sua garantia, pela sua honra como cavaleiro, que depois de entregar minha mensagem retornará com a resposta da rainha e voltará ao cativeiro.

Sor Cleos respondeu de imediato:

– Juro.

– Todos os homens presentes neste salão o ouviram – preveniu o irmão de Catelyn, Sor Edmure Tully, que falava por Correrrio e pelos senhores do Tridente no lugar do pai moribundo. – Se não retornar, todo o reino saberá que perjurou.

– Farei o que jurei fazer – Sor Cleos respondeu rigidamente. – Que mensagem é essa?

– Uma oferta de paz – Robb ficou de pé, com a espada na mão. Vento Cinzento pôs-se ao seu lado. O salão silenciou-se. – Diga à Rainha Regente que, se aceitar as minhas condições, embainharei esta espada e encerrarei a guerra entre nós.

No fundo da sala, Catelyn vislumbrou a figura alta e esquelética de Lorde Rickard Karstark esgueirando-se por entre uma fileira de guardas e saindo pela porta. Ninguém mais se moveu. Robb não prestou atenção à distração.

– Olyvar, o papel – ele ordenou. O escudeiro apresentou a espada e entregou-lhe um pergaminho enrolado.

Robb o desenrolou.

– Em primeiro lugar, a rainha deverá libertar minhas irmãs e oferecer-lhes transporte por mar de Porto Real até Porto Branco. Deve ficar claro que a promessa da mão de Sansa a Joffrey Baratheon chegou ao fim. Quando receber do meu castelão a notícia de que minhas irmãs foram devolvidas incólumes a Winterfell, libertarei os primos da rainha, o escudeiro Willem Lannister e seu irmão, Tion Frey, e lhes darei uma escolta segura até Rochedo Casterly, ou qualquer outro local onde ela deseje que sejam entregues.

Catelyn Stark gostaria de ser capaz de ler os pensamentos que se escondiam por trás de cada rosto, de cada testa sulcada e de cada par de lábios apertados.

– Em segundo lugar, os ossos do senhor meu pai nos devem ser devolvidos, para que possa repousar ao lado do seu irmão e de sua irmã nas criptas sob Winterfell, como teria desejado. Assim como devem sê-los os restos mortais dos homens da guarda doméstica que morreram ao seu serviço em Porto Real.

Homens vivos tinham partido para o sul, e ossos frios regressariam. *Ned tinha razão*, pensou. *Seu lugar era Winterfell, e foi o que ele disse, mas, por acaso, eu quis escutá-lo? Não. Vai, eu disse, você tem de ser Mão de Robert, para o bem da nossa Casa, para o bem dos nossos filhos… Fui eu que fiz isto. Eu, e mais ninguém…*

– Em terceiro lugar, a espada do meu pai, Gelo, será entregue em minhas mãos, aqui em Correrrio.

Catelyn observou o irmão, Edmure Tully, que estava em pé com os polegares enfiados no cinto da espada, o rosto imóvel como pedra.

– Em quarto lugar, a rainha ordenará a seu pai, Lorde Tywin, que liberte meus cavaleiros e senhores vassalos que capturou na batalha do Ramo Verde do Tridente. Assim que fizer isso, libertarei os seus prisioneiros capturados no Bosque dos Murmúrios e na Batalha dos Acampamentos, exceto apenas Jaime Lannister, que permanecerá meu refém a fim de garantir o bom comportamento do pai.

Ela estudou o sorriso zombeteiro de Theon Greyjoy, perguntando-se o que significaria. Aquele jovem tinha um jeito de se apresentar como se soubesse de algum gracejo secreto só seu; Catelyn nunca gostou dele.

– E, por fim, o Rei Joffrey e a Rainha Regente devem renunciar a todas as exigências de domínio sobre o Norte. De agora em diante, não fazemos parte do seu reino. Somos um reino livre e independente, como nos tempos antigos. Nossos domínios incluem todas as terras Stark a norte do Gargalo, às quais se somam as terras banhadas pelo Rio Tridente e seus afluentes, limitadas a oeste pelo Dente Dourado e a leste pelas Montanhas da Lua.

– *O REI DO NORTE!* – trovejou Grande-Jon Umber, com um punho do tamanho de um presunto socando o ar enquanto gritava: – *Stark! Stark! O Rei do Norte!*

Robb voltou a enrolar o pergaminho.

– Meistre Wyman desenhou um mapa, mostrando as fronteiras que reclamamos. Levará uma cópia para entregar à rainha. Lorde Tywin deverá se retirar para lá dessas fronteiras e pôr fim aos ataques, incêndios e pilhagens. A Rainha Regente e seu filho não cobrarão impostos, rendimentos ou serviços do meu povo e libertarão os meus senhores e cavaleiros de todos os votos de lealdade, juramentos, penhores, dívidas e obrigações devidas ao Trono de Ferro e às Casas Baratheon e Lannister. Além disso, os Lannister entregarão dez reféns de alto nascimento, a se determinar por mútuo acordo, como garantia de paz. Irei tratá-los como hóspedes de honra, de acordo com suas posições sociais. Desde que os termos deste pacto sejam respeitados fielmente, libertarei dois reféns por ano, e eles serão devolvidos a salvo às suas famílias – Robb atirou o pergaminho enrolado aos pés do cavaleiro. – As condições são estas. Se ela as aceitar, terá a paz. Se não – assobiou, e Vento Cinzento avançou, rosnando –, terá outro Bosque dos Murmúrios.

– *Stark!* – voltou a rugir Grande-Jon, e agora outras vozes o acompanharam no grito: – *Stark. Stark. Rei do Norte!* – o lobo gigante jogou a cabeça para trás e uivou.

Sor Cleos tinha ficado da cor de leite coalhado.

– A rainha ouvirá a sua mensagem, senh… Vossa Graça.

– Ótimo – Robb respondeu. – Sor Robin, providencie uma boa refeição e roupa limpa para ele. Deverá partir ao raiar do dia.

– Às suas ordens, Vossa Graça – sor Robin Ryger aquiesceu.

– Então terminamos.

Os cavaleiros e senhores vassalos dobraram os joelhos quando Robb se virou para sair, seguido de perto por Vento Cinzento. Olyvar Frey precipitou-se na frente, para abrir a porta. Catelyn os seguiu, com o irmão ao seu lado.

– Você foi bem – disse ao filho, na galeria que levava para a parte de trás do salão –, embora aquela coisa com o lobo fosse uma brincadeira mais adequada a um garoto do que a um rei.

Robb coçou Vento Cinzento atrás das orelhas.

– Você viu a cara dele, mãe? – ele perguntou, sorrindo.

– O que vi foi Lorde Karstark saindo.

– Eu também.

Robb ergueu a coroa com ambas as mãos e a entregou a Olyvar.

– Leve esta coisa para o meu quarto.

– Imediatamente, Vossa Graça – o escudeiro afastou-se a passos rápidos.

– Aposto que havia outros que sentiam o mesmo que Lorde Karstark – Edmure declarou. – Como podemos falar de paz enquanto os Lannister se espalham como uma peste pelos domínios do meu pai, roubando suas colheitas e massacrando seu povo? Volto a dizer, deveríamos marchar sobre Harrenhal.

– Não temos força para isso – Robb retrucou, em tom infeliz.

Edmure insistiu:

– Será que ficamos mais fortes aqui, parados? Nossa tropa diminui todos os dias.

– E de quem é a responsabilidade disso? – Catelyn se dirigiu ao irmão. Foi por insistência de Edmure que Robb tinha dado aos senhores do rio licença para partir após a coroação, para que cada um defendesse suas terras. Sor Marq Piper e Lorde Karyl Vance tinham sido os primeiros a

partir. Seguiu-os Lorde Jonos Bracken, prometendo recuperar o esqueleto queimado do seu castelo e enterrar os mortos, e agora Lorde Jason Mallister tinha anunciado sua intenção de voltar aos seus domínios em Guardamar, ainda misericordiosamente intocados pela luta.

– Não pode pedir aos senhores do rio que não façam nada enquanto seus campos são pilhados e seu povo é passado na espada – Sor Edmure rebateu. – Mas Lorde Karstark é do Norte. Seria ruim se nos deixasse.

– Falarei com ele – Robb se adiantou. – Perdeu dois filhos no Bosque dos Murmúrios. Quem pode censurá-lo por não querer fazer a paz com os seus assassinos… Com os assassinos do meu pai…

– Mais derramamento de sangue não trará seu pai de volta para nós, nem os filhos de Lorde Rickard – Catelyn o alertou. – Uma proposta tinha de ser feita… Embora um homem mais sábio tivesse oferecido termos mais agradáveis.

– Mais agradável do que aquilo teria me dado náuseas.

A barba do filho tinha se tornado mais vermelha do que seu cabelo ruivo. Robb devia pensar que lhe dava um ar feroz, régio… mais velho. Mas, com ou sem barba, era ainda um jovem de quinze anos, e não desejava menos a vingança do que Rickard Karstark. Não tinha sido fácil convencê-lo a fazer até mesmo aquela proposta, por mais que fosse fraca.

– Cersei Lannister *nunca* consentirá em trocar suas irmãs por um par de primos. É o irmão que ela quer, como você sabe muito bem – Catelyn já lhe tinha dito exatamente isso, mas estava descobrindo que os reis não escutavam com a mesma atenção que os filhos.

– Não posso libertar o Regicida, nem mesmo se quisesse. Meus senhores nunca admitiriam isso.

– Os seus senhores fizeram de você o rei deles.

– E podem *desfazer* com a mesma facilidade.

– Se a coroa for o preço a pagar para que Arya e Sansa nos sejam devolvidas sãs e salvas, deveríamos pagá-lo de boa vontade. Metade dos seus senhores gostaria de assassinar o Lannister na sua cela. Se ele morrer enquanto for nosso prisioneiro, os homens dirão…

– … que teve o que merecia – Robb concluiu.

– E suas irmãs? – Catelyn perguntou rispidamente. – Também merecem a morte? Garanto-lhe que se algum mal acontecer ao irmão, Cersei pagará sangue com sangue…

– Lannister não morrerá – Robb parecia ter certeza do que dizia. – Ninguém sequer fala com ele sem a minha autorização. Tem comida, água, palha limpa, mais conforto do que teria direito. Mas não o libertarei, nem mesmo por Arya e Sansa.

Catelyn compreendeu que o filho a olhava *de cima*. *Será que foi a guerra que o fez crescer tão depressa,* perguntou a si mesma*, ou a coroa que puseram na sua cabeça?*

– Será que tem medo de ver Lannister de novo em batalha? É esta a verdade?

Vento Cinzento rosnou, como se tivesse pressentido a ira de Robb, e Edmure Tully pôs uma mão fraternal sobre o ombro de Catelyn.

– Cat, pare. O menino tem razão nisso.

– Não me chame de *menino* – Robb reagiu, virando-se para o tio, derramando toda a ira de uma vez só sobre o pobre Edmure, que só tinha querido apoiá-lo. – Sou quase um homem-feito, e um rei… o *seu* rei, sor. E não temo Jaime Lannister. Derrotei-o uma vez, vou derrotá-lo de novo se precisar. É só que… – afastou uma mecha de cabelo dos olhos e balançou a cabeça – poderia ter trocado o Regicida pelo pai, mas…

– … mas não pelas meninas? – a voz de Catelyn era calma e gelada. – Meninas não são importantes o suficiente, não é?

Robb não respondeu, mas havia dor nos seus olhos. Olhos azuis, olhos Tully, que ela lhe dera. Tinha-o ferido, mas ele era filho de seu pai em excesso para admitir.

*Isso foi indigno de mim*, disse a si mesma. *Que os deuses sejam bons... No que foi que me tornei? Ele está fazendo o melhor que pode, está tentando tanto, eu sei, eu vejo, e no entanto… Perdi meu Ned, o rochedo sobre o qual minha vida estava construída, não posso suportar perder também as meninas…*

– Farei tudo o que puder pelas minhas irmãs – Robb se recompôs. – Se a rainha tiver algum bom-senso, aceitará meus termos. Se não, farei com

que ela lamente o dia em que os recusou – era evidente que estava farto do assunto. – Mãe, tem certeza de que não aceita partir para as Gêmeas? Estaria mais longe da luta e poderia se familiarizar com as filhas de Lorde Frey a fim de me ajudar a escolher minha noiva quando a guerra terminar.

*Ele me quer longe*, pensou Catelyn, cansada. *Não se espera que os reis tenham mães, ao que parece, e eu lhe digo coisas que não quer ouvir.*

– Já tem idade suficiente para decidir qual das filhas de Lorde Walder prefere sem a ajuda da sua mãe, Robb.

– Então vá com Theon. Ele parte de manhã. Irá ajudar os Mallister a escoltar aquele grupo de cativos para Guardamar e depois embarcará para as Ilhas de Ferro. Poderia também encontrar um navio e chegar a Winterfell em uma virada da lua, se os ventos forem bons. Bran e Rickon precisam da senhora.

*E você não precisa, é isso o que quer dizer?*

– Resta ao senhor meu pai muito pouco tempo. Enquanto seu avô for vivo, meu lugar é em Correrrio, com ele.

– Poderia ordenar que partisse. Como rei, poderia.

Catelyn ignorou aquilo.

– Digo de novo que preferia que mandasse outra pessoa a Pyke e mantivesse Theon por perto.

– Quem seria melhor do que o filho para lidar com Balon Greyjoy?

– Jason Mallister – Catelyn sugeriu. – Tytos Blackwood. Stevron Frey. Qualquer um… mas Theon não.

Seu filho agachou-se ao lado de Vento Cinzento, afagando o pelo do lobo, e como que por acaso evitando seu olhar.

– Theon lutou corajosamente por nós. Contei como ele salvou Bran daqueles selvagens na mata de lobos. Se os Lannister não quiserem fazer a paz, precisarei dos dracares* de Lorde Greyjoy.

– Seria mais fácil tê-los se mantivesse seu filho como refém.

– Ele foi refém metade da vida.

– Por bons motivos – Catelyn respondeu. – Balon Greyjoy não é homem em quem se possa confiar. Lembre-se de que também usou uma coroa,

ainda que só durante uma estação. Pode aspirar a usá-la novamente.

Robb ficou em pé.

– Não tenho rancor dele por isso. Se sou Rei do Norte, que ele seja Rei das Ilhas de Ferro, se é isso o que deseja. De bom grado lhe darei uma coroa, desde que nos ajude a derrubar os Lannister.

– Robb…

– Vou enviar Theon. Bom dia, mãe. Vento Cinzento, vem.

Robb afastou-se rapidamente, com o lobo gigante caminhando a seu lado. Catelyn só pôde vê-lo partir. Seu filho, agora o seu rei. Como era estranho. *Comande*, tinha-lhe dito em Fosso Cailin. E era o que ele fazia.

– Vou visitar meu pai – ela disse abruptamente. – Vem comigo, Edmure?

– Tenho de ir falar com aqueles novos arqueiros que Sor Desmond está treinando. Irei visitá-lo mais tarde.

*Se ainda estiver vivo*, pensou Catelyn, mas nada disse. O irmão preferia enfrentar uma batalha àquele quarto de doente.

O caminho mais curto para a fortaleza central onde o pai jazia moribundo passava pelo bosque sagrado, com sua relva, flores silvestres e bosques densos de olmos e paus-brasis. Uma grande quantidade de folhas sussurrantes ainda se pendurava nos galhos das árvores, completamente alheias à notícia que o corvo branco tinha trazido a Correrrio uma quinzena atrás. O Conclave declarara que o Outono tinha chegado, mas os deuses ainda não tinham achado bom informar isso aos ventos e aos bosques. Catelyn sentia-se devidamente grata por isso. O Outono era sempre uma época temível, com o espectro do inverno pairando no futuro. Mesmo os homens mais sábios nunca sabiam se a colheita seguinte seria a última.

Hoster Tully, Senhor de Correrrio, jazia acamado no seu aposento privado, com vista para leste, para onde os rios Pedregoso e Ramo Vermelho se juntavam para lá das muralhas do seu castelo. Estava dormindo quando Catelyn entrou, com o cabelo e barba tão brancos como a cama, e sua aparência, antes majestosa, estava reduzida e fragilizada pela morte que crescia no seu interior.

Junto à cama, ainda vestindo cota de malha e um manto manchado pela viagem, sentava-se o irmão do pai, o Peixe Negro. As botas estavam empoeiradas e salpicadas de lama seca.

– Robb sabe que voltou, tio? – Sor Brynden Tully era os olhos e os ouvidos de Robb, o comandante dos seus batedores.

– Não. Vim para cá diretamente dos estábulos, quando me disseram que o rei estava em audiência. Creio que Sua Graça vai querer primeiro ouvir minhas notícias em particular – Peixe Negro era um homem alto e magro, de cabelo grisalho e movimentos precisos, com o rosto bem barbeado e cheio de linhas de expressão, queimado pelo vento. – Como está ele? – perguntou, e ela sabia que não se referia a Robb.

– Na mesma. O meistre dá vinho de sonhos e leite de papoula para suas dores, então ele passa a maior parte do tempo dormindo, e não come o suficiente. Parece enfraquecer a cada dia que passa.

– Fala?

– Sim… Mas há cada vez menos sentido naquilo que diz. Fala dos seus arrependimentos, de tarefas incompletas, de pessoas há muito mortas e de tempos há muito passados. Às vezes, não sabe em que estação estamos ou quem eu sou. Uma vez chamou-me pelo nome da minha mãe.

– Ainda sente saudades dela – respondeu Sor Brynden. – Você tem o rosto dela. Posso vê-la nos seus malares e no queixo…

– Lembra-se mais dela do que eu. Já faz muito tempo – sentou-se na cama e afastou uma madeixa de fino cabelo branco do rosto do pai.

– Toda vez que parto me pergunto se o encontrarei vivo ou morto na volta.

Apesar das suas desavenças, existia uma profunda ligação entre seu pai e o irmão que antes havia renegado.

– Pelo menos fez as pazes com ele.

Ficaram sentados durante algum tempo em silêncio, até Catelyn levantar a cabeça:

– Falou de notícias que Robb precisava ouvir? – Lorde Hoster gemeu e virou-se de lado, quase como se a tivesse ouvido.

Brynden se levantou:

– Vamos lá fora. É melhor não o acordarmos.

Ela o seguiu até a varanda de pedra que se projetava triangularmente do aposento privado, como a proa de um navio. O tio olhou de relance para cima, franzindo o cenho.

– Agora é possível vê-lo de dia. Meus homens o chamam o Mensageiro Vermelho… Mas, qual será a mensagem?

Catelyn ergueu o olhar, para onde a tênue linha vermelha do cometa traçava um caminho pelo profundo azul do céu como se fosse um longo arranhão no rosto de deus.

– Grande-Jon disse a Robb que os deuses antigos hastearam uma bandeira vermelha de vingança por Ned. Edmure pensa que é um presságio de vitória para Correrrio… vê um peixe com uma longa cauda nas cores dos Tully, vermelho sobre azul – suspirou. – Gostaria de ter a fé deles. O carmesim é a cor dos Lannister.

– Aquilo ali não é carmesim – Sor Brynden respondeu. – Nem vermelho Tully, o vermelho lamacento do rio. Aquilo ali em cima é sangue, filha, espalhado pelo céu.

– O nosso sangue ou o deles?

– Houve alguma guerra em que só um dos lados sangrou? – o tio balançou a cabeça. – As terras fluviais estão lavadas de sangue e fogo por toda a volta do Olho de Deus. A luta espalhou-se para o Sul até a Torrente de Água Negra, e para o Norte pelo Tridente, quase até as Gêmeas. Marq Piper e Karyl Vance conseguiram algumas pequenas vitórias, e aquele fidalgo do sul, Beric Dondarrion, tem assediado os invasores, caindo sobre os destacamentos logísticos de Lorde Tywin e voltando a desaparecer na floresta. Dizem que Sor Burton Crakehall andava se gabando de ter matado Dondarrion, até cair com a sua coluna numa das armadilhas de Lorde Beric e terminar com todos os homens mortos.

– Alguns dos guardas que estavam com Ned em Porto Real acompanham este Lorde Beric – Catelyn se lembrou. – Que os deuses os protejam.

– Dondarrion e o sacerdote vermelho, que anda com ele, são suficientemente espertos para se protegerem, se o que se conta for verdade – disse o tio –, mas a história dos vassalos do seu pai é mais triste. Robb nunca devia ter deixado que partissem. Espalharam-se como codornas, cada um tentando proteger os seus, e é uma loucura, Cat, uma loucura. Jonos Bracken foi ferido na luta entre as ruínas do seu castelo, e seu sobrinho Hendry foi morto. Tytos Blackwood expulsou os Lannister das suas terras, mas levaram todas as vacas, porcos e grãos de cereais, não lhe deixaram nada para defender além do castelo de Corvarbor e um deserto esturricado. Os homens de Darry recapturaram a fortaleza do seu senhor, mas só a mantiveram durante uma quinzena, até Gregor Clegane cair sobre eles e passar a guarnição inteira na espada, incluindo o senhor.

Catelyn ficou horrorizada.

– Darry não passava de uma criança.

– Sim, e era também o último da sua linhagem. O rapaz teria dado um ótimo resgate, mas o que significa o ouro para um cão raivoso como Gregor Clegane? Juro que a cabeça daquela besta seria um nobre presente para todo o povo do reino.

Catelyn conhecia a péssima reputação de Sor Gregor, mas, mesmo assim…

– Não me fale de cabeças, tio. Cersei enfiou a de Ned num espigão sobre as muralhas da Fortaleza Vermelha, e a deixou lá para os corvos e as moscas.

Até agora era difícil para ela acreditar que ele tinha realmente ido. Algumas noites acordava na escuridão, meio adormecida, e por um momento esperava encontrá-lo lá, ao seu lado.

– Clegane não passa de um fantoche de Lorde Tywin.

Por sua vez, Catelyn acreditava que Tywin Lannister, Senhor de Rochedo Casterly, Protetor do Ocidente, pai da Rainha Cersei, de Sor Jaime, o Regicida, e de Tyrion, o Duende, e avô de Joffrey Baratheon, o recém-coroado rei menino, era o verdadeiro perigo.

– É verdade – admitiu Sor Brynden. – E Tywin Lannister não é nada tolo. Permanece a salvo atrás das muralhas de Harrenhal, alimentando

sua tropa com as nossas colheitas e queimando aquilo que não rouba. Gregor não é o único cão que deixou à solta. Sor Amory Lorch também está em campo, e há ainda um mercenário qualquer de Qohor que prefere mutilar um homem a matá-lo. Vi o que deixam para trás. Aldeias inteiras queimadas, mulheres estupradas e mutiladas, crianças massacradas largadas, sem ser enterradas, para atrair lobos e cães selvagens… São coisas que nauseariam até os mortos.

– Quando Edmure ouvir isso, ficará furioso.

– E isso é exatamente o que Lorde Tywin deseja. Até o terror tem seu objetivo, Cat. Lannister quer nos atrair para a batalha.

– É provável que Robb lhe conceda esse desejo – Catelyn disse, irritada. – Aqui, parado, está inquieto como um gato, e Edmure, Grande-Jon e os outros vão incentivá-lo a avançar – seu filho conquistara duas grandes vitórias, esmagando Jaime Lannister no Bosque dos Murmúrios e desbaratando sua tropa sem líder junto às muralhas de Correrrio, na Batalha dos Acampamentos, mas, pelo modo como alguns dos seus vassalos falavam dele, parecia que era Aegon, o Conquistador, renascido.

Brynden Peixe Negro arqueou uma espessa sobrancelha grisalha:

– Mais tolos são. Minha primeira regra da guerra, Cat: *nunca* dar ao inimigo o que ele deseja. Lorde Tywin gostaria de lutar num campo à sua escolha. Quer que marchemos sobre Harrenhal.

– Harrenhal – todos os filhos do Tridente conheciam as histórias que se contavam de Harrenhal, a vasta fortaleza que o Rei Harren, o Negro, erguera junto às águas do Olho de Deus trezentos anos antes, quando os Sete Reinos eram mesmo sete reinos, e as terras fluviais governadas pelos homens de ferro das ilhas. Por orgulho, Harren desejara o salão mais elevado e as torres mais altas de todo o Westeros. Levara quarenta anos, sendo erguida como uma grande sombra na margem do lago, enquanto os exércitos de Harren saqueavam os vizinhos em busca de pedra, madeira, ouro e trabalhadores. Milhares de cativos morreram nas pedreiras, acorrentados aos trenós de carga ou trabalhando nas cinco torres colossais. Os homens congelavam no inverno e sufocavam no verão. Represeiros que resistiam há três mil anos eram abatidos para

fazer vigas e esteios. Harren reduzira à miséria tanto as terras fluviais como as Ilhas de Ferro para ornamentar seu sonho. E quando Harrenhal por fim ficou completo, no mesmo dia em que o Rei Harren ali se instalou, Aegon, o Conquistador, desembarcou em Porto Real.

Catelyn lembrava-se de ouvir a Velha Ama contando a história aos filhos em Winterfell. "E o Rei Harren aprendeu que muralhas grossas e torres elevadas pouco servem contra dragões", e sempre terminava a história dizendo: "Pois os dragões *voam*". Harren e toda sua linhagem tinham perecido nos incêndios, que engoliram sua monstruosa fortaleza, e todas as Casas que desde então possuíram Harrenhal tinham sido vítimas de infortúnio. Podia ser forte, mas era um local sombrio e amaldiçoado.

– Não quero que Robb trave uma batalha à sombra dessa fortaleza – Catelyn admitiu. – Mas temos de fazer *alguma coisa*.

– E logo – concordou seu tio. – Não lhe contei o pior, filha. Os homens que enviei para oeste trouxeram notícias de que uma nova tropa está sendo reunida em Rochedo Casterly.

*Outro exército Lannister*. A ideia deixou-a doente.

– Robb tem de ser imediatamente informado. Quem a comanda?

– Sor Stafford Lannister, segundo se diz – Sor Brynden virou-se para olhar os rios, com o manto vermelho e azul se agitando com a brisa.

– Outro sobrinho? – os Lannister de Rochedo Casterly eram uma casa odiosamente grande e fértil.

– Um primo – ele corrigiu. – Irmão da falecida esposa de Lorde Tywin, portanto, parente por duas vias. Velho e um pouco estúpido, mas com um filho, Sor Daven, que é mais temível.

– Então, esperemos que seja o pai, e não o filho, quem coloca este exército em campo.

– Ainda dispomos de algum tempo antes que tenhamos de enfrentá-los. Esta leva será de mercenários, cavaleiros livres e rapazes verdes saídos dos lupanares de Lanisporto. Sor Stafford tem de se assegurar de que estejam armados e treinados antes de se arriscar a ir para a batalha… Mas não se iluda, Lorde Tywin não é o Regicida. Ele não se precipitará.

Vai esperar pacientemente que Sor Stafford se ponha em marcha antes de sair da proteção das muralhas de Harrenhal.

– A menos que… – Catelyn começou a falar.

– Sim? – Sor Brynden a incitou.

– A menos que *tenha* de deixar Harrenhal – ela completou. – Para enfrentar outra ameaça qualquer.

O tio a olhou, pensativo:

– Lorde Renly.

– *Rei* Renly – se quisesse pedir ajuda ao homem, Catelyn teria de lhe conceder o tratamento que ele tinha reivindicado para si.

– Talvez – Peixe Negro deu um sorriso perigoso. – Mas ele vai querer alguma coisa.

– Ele vai querer o que os reis querem sempre – ela disse. – Homenagens.

# Tyrion

Janos Slynt era filho de um açougueiro e ria como um homem fatiando carne.

– Mais vinho? – Tyrion perguntou.

– Não me oponho – disse Lorde Janos, estendendo a taça. Tinha a constituição de um barril, e uma capacidade semelhante. – Não me oponho mesmo. É um ótimo tinto. Da Árvore?

– De Dorne – Tyrion fez um gesto, e seu criado serviu. Fora os criados, ele e Lorde Janos estavam sozinhos no Salão Pequeno, sentados em volta de uma pequena mesa à luz de vela, rodeados pela escuridão. – Um belo achado. Os vinhos de Dorne não costumam ser tão ricos.

– Rico – repetiu o grande homem com cara de sapo, bebendo um grande gole. Não era homem de bebericar, Janos Slynt. Tyrion tinha notado isso imediatamente. – Sim, rico é a palavra exata que eu estava procurando. A palavra *exata*. Tem um dom para as palavras, Lorde Tyrion, se me permite dizer. E conta uma história divertida. Divertida, sim.

– Fico agradecido que pense assim… Mas não sou um lorde, como você. Um simples *Tyrion* basta para mim, Lorde Janos.

– Como quiser – o homem bebeu outro gole, derramando vinho no peito do seu gibão de cetim negro. Envergava uma meia capa de pano dourado presa com uma lança em miniatura, com a ponta esmaltada vermelho-escura. E estava muito, verdadeiramente bêbado.

Tyrion cobriu a boca e soltou um arroto delicado. Ao contrário de Lorde Janos, tinha maneirado no vinho, mas já estava cheio. A primeira coisa que fizera depois de estabelecer residência na Torre da Mão foi saber quem era a melhor cozinheira da cidade e contratá-la para o seu serviço. Naquela noite tinham jantado rabada, verduras de verão com nozes, uvas,

funcho e queijo ralado, empadão quente de caranguejo, abóbora com especiarias e codornas cozidas em manteiga. Cada prato tinha vindo acompanhado com o vinho mais adequado. Lorde Janos admitiu que nunca comera tão bem.

– Sem dúvida tudo isso mudará quando fizer de Harrenhal sua residência.

– Com certeza. Talvez deva pedir a esta sua cozinheira para entrar para o meu serviço. O que me diz?

– Guerras foram travadas por menos – Tyrion respondeu, e os dois partilharam uma boa e longa gargalhada. – É um homem de coragem por aceitar Harrenhal como morada. Um lugar tão sombrio. E *enorme*… Custoso de manter. E há quem diga também que está amaldiçoado.

– Deveria temer uma pilha de pedras? – Lorde Janos riu da ideia. – Um homem de coragem diz que é preciso ter coragem para subir, como eu fiz. Para Harrenhal, sim! E por que não? Você sabe. Sinto que também é um homem de coragem. Pequeno, talvez, mas *corajoso*.

– É gentil demais de sua parte. Mais vinho?

– Não. Não, de verdade, eu… Ah, danem-se os deuses, *sim*. Por que não? Um homem de coragem bebe à sua conta!

– Certamente – Tyrion encheu a taça de Lorde Slynt até a borda. – Tenho passado os olhos pelos nomes que sugeriu para tomar o seu lugar como Comandante da Patrulha da Cidade.

– Bons homens. Belos homens. Qualquer um dos seis servirá, mas eu escolheria Allar Deem. O meu braço direito. Homem bom, bom. Leal. Escolha-o, e não vai se arrepender. Se agradar ao rei.

– Com certeza – Tyrion bebeu um pequeno gole do seu vinho. – Tenho pensado em Sor Jacelyn Bywater. É capitão do Portão da Lama há três anos, e serviu com valor durante a Rebelião de Balon Greyjoy. Rei Robert armou-o cavaleiro em Pyke. E, no entanto, seu nome não aparece na sua lista.

Lorde Janos Slynt sorveu um gole de vinho e bochechou-o por um momento antes de engolir.

– Bywater. Bem. É um homem bravo, com certeza, mas… Esse é rígido. Um cão esquisito. Os homens não gostam dele. E também é aleijado, perdeu a mão em Pyke, foi isso que fez dele cavaleiro. Uma troca ruim, a meu ver, uma mão por um *sor* – ele gargalhou. – Sor Jacelyn dá valor demais a si mesmo e à sua honra, penso eu. Seria melhor se deixasse esse aí onde está, lor… Tyrion. Allar Deem é o homem que quer.

– Ouvi dizer que Deem é pouco querido nas ruas.

– É temido. É preferível.

– O que foi que ouvi falar dele? Um problema qualquer num bordel?

– Isso? A culpa não foi dele, lor… Tyrion. Não. Ele nunca quis matar a mulher, foi obra dela. Ele a preveniu para se afastar e deixar que cumprisse o seu dever.

– Mesmo assim… mães e filhos... Ele devia ter previsto que ela tentaria salvar o bebê – Tyrion sorriu. – Coma um pouco deste queijo, é ótimo com o vinho. Diga-me, por que escolheu Deem para essa tarefa infeliz?

– Um bom comandante conhece os seus homens, Tyrion. Alguns são bons para um trabalho, outros para outro. Tratar de um bebê, e ainda de colo, isso requer um tipo especial. Não era qualquer um que serviria. Mesmo que fosse só uma puta e a sua cria.

– Imagino que assim seja – Tyrion falou, ouvindo *só uma puta,* e pensando em Shae, e em Tysha, de muito tempo atrás, e em todas as mulheres que tinham recebido seu dinheiro e seu sêmen ao longo dos anos.

Slynt prosseguiu, absorto.

– Deem é um homem duro para um trabalho duro. Faz o que lhe pedem e, depois, nem uma palavra – o homem cortou uma fatia de queijo. – *Isto* é bom. Picante. Dê-me uma boa faca afiada e um bom queijo forte, e serei um homem feliz.

Tyrion encolheu os ombros.

– Aproveite enquanto pode. Com as terras fluviais em chamas e Renly rei em Jardim de Cima, bom queijo será em breve difícil de achar. Mas, então, quem o mandou atrás do bastardo da vadia?

Lorde Janos lançou a Tyrion um olhar cauteloso, depois riu e brandiu um triângulo de queijo na sua direção.

– É um astuto. Pensava que conseguiria me pegar, não é? É preciso mais do que vinho e queijo para fazer com que Janos Slynt diga mais do que deve. Orgulho-me disso. Nunca uma pergunta, e depois nunca uma palavra. Comigo é assim.

– Tal como Deem.

– Exatamente igual. Faça dele seu Comandante quando eu for para Harrenhal, e não se arrependerá.

Tyrion cortou um pequeno pedaço de queijo. Era realmente picante, e com veios de vinho; de primeiríssima linha.

– Vejo que, seja quem for que o rei nomeie, não terá vida fácil para se encaixar na *sua* armadura. Lorde Mormont enfrenta o mesmo problema.

Lorde Janos pareceu confuso.

– Pensava eu que era uma senhora. Mormont. A que vai para a cama com ursos, é essa?

– Era do irmão dela que eu falava. Jeor Mormont, o Senhor Comandante da Patrulha da Noite. Quando o visitei na Muralha, confidenciou-me como o preocupava encontrar um bom homem para tomar o seu lugar. A Patrulha recebe tão poucos homens bons hoje em dia – Tyrion deu um sorriso. – Imagino que ele dormiria melhor se tivesse um homem como você. Ou o valente Allar Deem.

Lorde Janos rugiu.

– Há pouca chance de isso acontecer!

– É o que parece – Tyrion devolveu. – Mas a vida realmente dá reviravoltas estranhas. Pense em Eddard Stark, senhor. Não acredito que ele alguma vez tenha imaginado que sua vida terminaria nos degraus do Septo de Baelor.

– Muito pouca gente imaginava tal coisa – Lorde Janos concordou, com um risinho.

Tyrion também soltou um risinho.

– Pena que eu não estivesse lá para ver. Dizem que até Varys foi surpreendido.

Lorde Janos riu tanto que sua barriga tremeu.

– A Aranha – ele disse. – Sabe tudo, dizem. Bem, *aquilo* não sabia.

– E como poderia? – Tyrion colocou o primeiro indício de frieza na voz. – Tinha ajudado a persuadir minha irmã de que Stark devia ser perdoado, na condição de vestir o negro.

– Hã? – Janos Slynt piscou com uma expressão vaga.

– Minha irmã, Cersei – Tyrion repetiu, com uma voz um tantinho mais forte, caso o idiota tivesse alguma dúvida sobre a quem se referia. – A Rainha Regente.

– Sim – Slynt bebeu um trago. – Quanto a isso, bem… O rei ordenou, senhor. O rei em pessoa.

– O rei tem treze anos – lembrou-lhe Tyrion.

– Mesmo assim. Ele *é* o rei – a papada de Slynt tremeu quando franziu a testa. – O Senhor dos Sete Reinos.

– Bem, pelo menos de um ou dois deles – Tyrion o corrigiu com um sorriso amargo. – Posso ver a sua lança?

– Minha lança? – Lorde Janos pestanejou, confuso.

Tyrion apontou.

– O broche que prende a sua capa.

Hesitante, Lorde Janos tirou o ornamento e o entregou a Tyrion.

– Temos ourives em Lanisporto que fazem trabalho melhor – ele opinou. – O esmalte vermelho do sangue é um pouco exagerado, se me permite. Diga-me, senhor, foi você mesmo quem espetou a lança nas costas do homem, ou se limitou a dar a ordem?

– Dei a ordem, e daria de novo. Lorde Stark era um traidor – o ponto calvo no meio da cabeça de Slynt estava da cor de beterraba, e sua capa de pano dourado tinha deslizado dos ombros para o chão. – O homem tentou me comprar.

– Nem sonhava que já tinha sido vendido.

Slynt bateu com a taça de vinho na mesa:

– Está bêbado? Se pensa que vou ficar aqui sentado ouvindo minha honra ser questionada…

– E que honra é essa? Admito, faz negócios melhor do que Sor Jacelyn. Um título e um castelo por uma lança espetada nas costas, e nem sequer precisou pegar na lança – Tyrion atirou o ornamento dourado na direção de Janos Slynt. O objeto bateu no seu peito e tilintou no chão, enquanto o homem se punha de pé.

– Não me agrada o tom da sua voz, lor… *Duende*. Sou o Senhor de Harrenhal e um membro do conselho do rei. Quem é você para me castigar assim?

Tyrion inclinou a cabeça para o lado:

– Acho que sabe bastante bem quem eu sou. Quantos filhos tem?

– O que importam meus filhos para você, anão?

– *Anão*? – a ira de Tyrion explodiu. – Devia ter parado em Duende. Sou Tyrion, da Casa Lannister, e um dia, se tiver o bom-senso de um caramujo, cairá de joelhos, grato por ter sido comigo que teve de lidar, e não com o senhor meu pai. *Quantos filhos tem?*

Tyrion viu o súbito medo nos olhos de Janos Slynt.

– T-três, senhor. E uma filha. Por favor, senhor…

– Não precisa implorar – o Duende deslizou de cima da cadeira. – Dou a minha palavra de que nenhum mal cairá sobre eles. Os rapazes mais novos serão criados como escudeiros. Se servirem bem e com lealdade, poderão eventualmente se tornar cavaleiros. Que nunca se diga que a Casa Lannister não recompensa aqueles que a servem. Seu filho mais velho herdará o título de Lorde Slynt, e este seu terrível brasão – Tyrion chutou a pequena lança de ouro e fez com que deslizasse pelo chão. – Serão arrumadas terras para ele, e poderá construir uma sede. Não será Harrenhal, mas será suficiente. Arranjar casamento para a moça será tarefa dele.

A cara de Janos Slynt tinha ido de vermelha para branca.

– O que… Q que pretende…? – sua papada tremia como montículos de sebo.

– O que pretendo fazer com o *senhor*? – Tyrion deixou o imbecil tremer por um instante antes de responder. – O galeão *Sonho de Verão* zarpa na maré da manhã. Seu mestre me disse que passará por Vila Gaivotas, as

Três Irmãs, a ilha de Skagos e Atalaialeste do Mar. Quando encontrar o Comandante Mormont, dê-lhe os meus amistosos cumprimentos e diga que não me esqueci das necessidades da Patrulha da Noite. Desejo-lhe uma longa vida e bons serviços, senhor.

Assim que Janos Slynt compreendeu que não seria sumariamente executado, a cor voltou ao seu rosto, e ele projetou o queixo.

– Quanto a isso, veremos, Duende. *Anão*. Talvez seja você quem viajará nesse navio. O que acha disso? Talvez seja você que vai para a Muralha – soltou uma gargalhada ansiosa. – Você e as suas ameaças. Bem, vamos ver. Sou amigo do rei, sabe. Vamos ouvir o que Joffrey tem a dizer sobre isso. E Mindinho, e a rainha, ah, sim. Janos Slynt tem muitos amigos. Vamos ver quem vai velejar, prometo. Veremos. Ah! Sim, veremos.

Slynt girou sobre os calcanhares como o vigia que tinha sido um dia e atravessou o Salão Pequeno a passos largos, fazendo ressoar as botas na pedra. Subiu os degraus com estrondo, abriu violentamente a porta… E deu de cara com um homem alto, de rosto chupado, usando uma placa de peito negra e um manto dourado. Presa ao toco do seu pulso direito via-se uma mão de ferro.

– Janos – o homem disse, com os olhos encovados brilhando sob supercílios proeminentes e um abundante cabelo grisalho. Seis homens de mantos dourados entraram calmamente no Salão Pequeno atrás dele quando Janos Slynt recuou.

– Lorde Slynt – Tyrion chamou –, creio que conhece Sor Jacelyn Bywater, nosso novo Comandante da Patrulha da Cidade.

– Temos uma liteira à sua espera, senhor – disse Sor Jacelyn a Slynt. – As docas são escuras e distantes, e as ruas não são seguras à noite. Homens.

Enquanto os homens de manto dourado conduziam seu antigo comandante para fora da sala, Tyrion chamou Sor Jacelyn para perto e lhe entregou um rolo de pergaminho.

– É uma longa viagem, e Lorde Slynt vai querer companhia. Certifique-se de que estes seis se juntem a ele no *Sonho de Verão*.

Bywater deu uma olhada nos nomes e sorriu:

– Às suas ordens.

– Um deles – disse Tyrion em voz baixa –, Deem. Diga ao capitão que não seria levado a mal se por acaso este cair borda afora antes de chegarem a Atalaialeste.

– Ouvi dizer que essas águas do norte são muito tempestuosas, senhor.

Sor Jacelyn fez uma reverência e se retirou, fazendo esvoaçar o manto atrás de si. No caminho, pisou na capa de pano dourado de Slynt.

Tyrion ficou sentado sozinho, bebericando o que restava do ótimo vinho doce de Dorne. Criados entravam e saíam, tirando os pratos da mesa. Disse-lhes para que deixassem o vinho. Quando terminaram, Varys entrou, deslizando no salão, usando uma toga cor de lavanda, que combinava com o seu cheiro.

– Ah, que bem-feito, meu bom senhor.

– Então, por que tenho este sabor amargo na boca? – Tyrion passou os dedos pelas têmporas. – Disse-lhes para atirar Allar Deem ao mar. Estou intensamente tentado a fazer o mesmo com você.

– Talvez ficasse desapontado com o resultado – Varys respondeu. – As tempestades vêm e vão, as ondas rebentam sobre as nossas cabeças, os peixes grandes comem os pequenos, e eu continuo chapinhando na água. Posso lhe pedir um pouco do vinho que Lorde Slynt tanto apreciou?

Tyrion fez um gesto para o frasco, franzindo a testa.

Varys encheu uma taça.

– Ah! Doce como o verão – bebeu outro gole. – Consigo ouvir as uvas cantando na minha língua.

– Estava me perguntando o que seria esse ruído. Diga às uvas para ficarem quietas, minha cabeça está prestes a rachar. Foi a minha irmã. Foi isso que o Ah... tão... leal Lorde Janos se recusou a dizer. *Cersei* enviou os homens de manto dourado àquele bordel.

Varys sufocou um riso nervoso. Então, ele sempre soubera.

– Não me havia contado essa parte – Tyrion disse, acusadoramente.

– A sua querida irmã – Varys respondeu, tão desgostoso que parecia perto das lágrimas. – É duro contar isso a um homem, senhor. Tive receio de como receberia a notícia. É capaz de me perdoar?

– Não – Tyrion exclamou. – Maldito seja. Maldita seja *ela*.

Sabia que não podia tocar em Cersei. Ainda não, nem mesmo se quisesse, e estava longe de ter certeza de querer. Mas irritava-o ficar ali, fazendo uma pantomima de justiça, punindo uns infelizes da laia de Janos Slynt e Allar Deem, enquanto a irmã prosseguia no seu rumo selvagem.

– Da próxima vez, diga-me o que sabe, Lorde Varys. *Tudo* o que sabe.

O sorriso do eunuco era malicioso.

– Isso poderá demorar um tempo bastante longo, meu bom senhor. Sei muita coisa.

– Não o suficiente para salvar esta criança, parece.

– Infelizmente, não. Havia outro bastardo, um rapaz, mais velho. Tomei medidas para afastá-lo e mantê-lo em segurança… Mas, confesso, nunca sonhei que o bebê pudesse correr riscos. Uma menina de baixo nascimento, com menos de um ano de idade, com uma mãe prostituta. Que ameaça poderia representar?

– Era de Robert – disse Tyrion amargamente. – O suficiente para Cersei, ao que parece.

– Sim. É muito triste. Tenho de me culpar pelo pobre doce bebê e por sua mãe, que era tão nova e amava o rei.

– Amava? – Tyrion não chegou a ver o rosto da moça morta, mas na sua imaginação era uma combinação de Shae e Tysha. – Uma prostituta pode realmente amar alguém? Não, não responda. Há coisas que prefiro não saber.

Tinha instalado Shae numa vasta mansão de pedra e madeira, com poço, estábulos e jardim próprios; dera-lhe criados para satisfazer as suas necessidades, um pássaro branco das Ilhas do Verão para lhe fazer companhia, sedas, prata e pedras preciosas para enfeitá-la e guardas para protegê-la. E, no entanto, parecia impaciente. Queria passar mais tempo com ele, tinha dito; queria servi-lo e ajudá-lo. “Ajuda-me mais aqui, entre os lençóis”, disse-lhe uma noite depois do amor, deitado a seu lado, com a cabeça apoiada no seu seio e uma doce dor nas virilhas. Ela não

tinha respondido, exceto com os olhos. Foi aí que viu que aquilo não era o que ela queria ter ouvido.

Suspirando, Tyrion fez um movimento para o vinho, mas então lembrou-se de Lorde Janos e afastou o frasco.

– Parece que minha irmã falou a verdade a respeito da morte do Stark. Devemos agradecer ao meu sobrinho por essa loucura.

– Rei Joffrey deu a ordem. Janos Slynt e Sor Ilyn Payne cumpriram-na, rapidamente, sem hesitar…

– … Quase como se já a esperassem. Sim, já percorremos este caminho, e sem chegar a lugar nenhum. Uma tolice.

– Com a Patrulha da Cidade nas mãos, senhor, está bem colocado para se assegurar de que Sua Graça não cometerá mais… tolices? É verdade que ainda é preciso considerar a guarda doméstica da rainha…

– Os homens de manto vermelho? – Tyrion encolheu os ombros. – A lealdade de Vylarr é para com Rochedo Casterly. Ele sabe que estou aqui com a autoridade do meu pai. Cersei teria dificuldade em usar seus homens contra mim… E, além disso, não passam de uma centena. Tenho uma vez e meia esse número de homens meus. *E* seis mil mantos dourados, se Bywater for o homem que você afirma ser.

– Achará Sor Jacelyn corajoso, honroso, obediente… E muito grato.

– Gostaria de saber a quem – Tyrion não confiava em Varys, embora não fosse possível negar seu valor. Sabia coisas, sem a menor dúvida. – Por que você é *tão* prestativo, senhor Varys? – perguntou, estudando as mãos suaves do homem, a cara nua e empoada, o sorrisinho servil.

– És a Mão. Eu sirvo ao reino, ao rei e ao senhor.

– Tal como serviu a Jon Arryn e Eddard Stark?

– Servi a Lorde Arryn e a Lorde Stark o melhor que pude. Fiquei triste e horrorizado pelas suas mortes tão precoces.

– Imagine como *eu* me sinto. É provável que seja o próximo.

– Ah, penso que não – Varys respondeu, agitando o vinho na sua taça. – O poder é uma coisa curiosa, senhor. Terá, por acaso, pensado no enigma que lhe deixei naquele dia na estalagem?

– Passou pela minha cabeça uma ou duas vezes – Tyrion admitiu. – O rei, o sacerdote, o rico… Quem sobrevive e quem morre? A quem obedecerá o mercenário? É um enigma sem resposta, ou melhor, com muitas respostas. Tudo depende do homem que tem a espada.

– E, no entanto, ele não é ninguém – Varys concluiu. – Não tem uma coroa, nem ouro, nem o favor dos deuses, mas apenas um pedaço de aço afiado.

– Esse pedaço de aço é o poder da vida e da morte.

– Precisamente… E, no entanto, se são realmente os homens de armas que nos governam, por que fingimos que nossos reis têm o poder? Por que um homem forte com uma espada obedeceria a um rei criança como Joffrey, ou a um idiota encharcado em vinho como o pai?

– Porque esses reis crianças e idiotas bêbados podem chamar outros homens fortes, com outras espadas.

– Então são esses outros homens de armas que têm o verdadeiro poder. Ou será que não? De onde vieram as suas espadas? Por que é que *eles* obedecem? – Varys sorriu. – Há quem diga que o conhecimento é poder. Outros, que todo o poder provém dos deuses. Outros, ainda, afirmam que deriva da lei. Mas, naquele dia, nos degraus do Septo de Baelor, nosso devoto Alto Septão, a legítima Rainha Regente e este seu sempre tão sabedor criado viram-se tão impotentes como qualquer sapateiro ou tanoeiro da multidão. Quem você acha que realmente matou Eddard Stark? Joffrey, que foi quem deu a ordem? Sor Ilyn Payne, que foi quem brandiu a espada? Ou… outra pessoa?

Tyrion inclinou a cabeça para o lado.

– Pretende responder ao seu maldito enigma, ou quer apenas fazer com que a minha dor de cabeça piore?

Varys sorriu.

– Eis, então. O poder reside onde os homens *acreditam* que reside. Nem mais, nem menos.

– Então o poder é um truque de mímica?

– Uma sombra na parede – Varys murmurou. – Mas as sombras podem matar. E, muitas vezes, um homem muito pequeno pode lançar uma

sombra muito grande.

Tyrion sorriu.

– Lorde Varys, estou ficando estranhamente seu amigo. Ainda posso acabar matando-o, mas creio que isso me entristeceria.

– Tomarei isso como um grande elogio.

– O que é você, Varys? – Tyrion descobriu que queria mesmo saber. – Uma aranha, segundo dizem?

– Os espiões e informantes raramente são amados, senhor. Não sou mais do que um servidor leal do reino.

– E um eunuco. Não nos esqueçamos disso.

– Raramente me esqueço.

– Também já me chamaram meio homem, mas acho que os deuses foram mais gentis comigo. Sou pequeno, tenho as pernas tortas e as mulheres não me olham com grande desejo… Mas ainda sou um homem. Shae não é a primeira a embelezar minha cama, e um dia poderei vir a ter uma esposa e gerar um filho. Se os deuses forem bons, será parecido com o tio e pensará como o pai. Você não tem uma esperança semelhante para se apoiar. Os anões são uma brincadeira dos deuses… Mas são os homens que fazem eunucos. Quem o cortou, Varys? Quando e por quê? Quem *é* você, na verdade?

O sorriso do eunuco nunca vacilou, mas seus olhos cintilaram com algo que não era riso.

– É gentil por perguntar, senhor, mas a história é longa e triste, e há traições que precisamos discutir – ele tirou um pergaminho da manga da sua túnica. – O mestre da Galé Real *Veado Branco* conspira para levantar âncora daqui a três dias, a fim de oferecer a espada e o navio a Lorde Stannis.

Tyrion suspirou.

– Suponho que temos de dar ao homem algum tipo de lição sangrenta.

– Sor Jacelyn poderia fazê-lo desaparecer, mas um julgamento perante o rei ajudaria a assegurar uma continuada lealdade por parte dos outros capitães.

*E também manteria ocupado meu real sobrinho.*

– Será como diz. Encomende para ele uma dose da justiça de Joffrey.

Varys rabiscou um tique no pergaminho.

– Sor Horas e Sor Hobber Redwyne subornaram um guarda para deixá-los sair por uma porta dos fundos daqui a duas noites. Foram feitos preparativos para que embarcassem na galé *Corredor da Lua*, de Pentos, disfarçados de remadores.

– Poderíamos *mantê-los* nesses remos durante alguns anos para ver se gostam? – Tyrion sorriu. – Não. Minha irmã ficaria perturbada por perder hóspedes tão preciosos. Informe Sor Jacelyn. Capture o homem que subornaram e explique a honra que é servir como um irmão da Patrulha da Noite. Coloque homens em torno do *Corredor da Lua*, para o caso de os Redwyne encontrarem um segundo guarda com falta de moedas.

– Será como deseja – outro tique no pergaminho. – Seu homem, Timett, matou o filho de um vendedor de vinho esta noite, num antro de jogo na Rua da Prata. Acusou-o de trapacear nas pedras.

– É verdade?

– Ah, sem a menor dúvida.

– Então os homens honestos da cidade têm uma dívida de gratidão para com Timett. Vou me assegurar de que receba os agradecimentos do rei.

O eunuco soltou uma pequena gargalhada nervosa e fez outro tique.

– Também temos uma súbita praga de homens santos. Aparentemente, o cometa gerou toda espécie de sacerdotes estranhos, pregadores e profetas. Mendigam nas tavernas e refeitórios e predizem o fim do mundo e a destruição a todos os que param para ouvir.

Tyrion encolheu os ombros:

– Estamos perto do tricentenário do Desembarque de Aegon, imagino que era de esperar. Deixe-os pregar.

– Estão espalhando o medo, senhor.

– Pensei que este fosse o seu trabalho.

Varys cobriu a boca com a mão.

– É muito cruel por dizer isso. Um último assunto. A Senhora Tanda organizou um pequeno jantar ontem à noite. Tenho o menu e a lista de convidados para sua inspeção. Quando o vinho foi servido, Lorde Gyles

levantou-se para fazer um brinde ao rei, e Sor Balon Swann foi ouvido comentando: "*Iremos precisar de três taças para isso*". Muitos riram…

Tyrion levantou uma mão:

– Basta. Sor Balon disse uma frase de efeito. Não estou interessado em conversas de mesa traiçoeiras, Lorde Varys.

– É tão sensato como gentil, senhor – o pergaminho desapareceu na manga do eunuco. – Ambos temos muito o que fazer. Vou deixá-lo a sós.

Depois de o eunuco sair, Tyrion ficou durante muito tempo sentado, observando a vela e se perguntando como sua irmã receberia a notícia da dispensa de Janos Slynt. Se bem a conhecia, não ficaria feliz, mas nem perto de enviar um protesto irado a Lorde Tywin em Harrenhal. Não via o que Cersei podia esperar fazer a respeito. Tyrion controlava agora a Patrulha da Cidade, mais uma centena e meia de ferozes homens dos clãs e uma crescente força de mercenários recrutados por Bronn. Aparentemente, estava bem protegido.

*Sem dúvida Eddard Stark achava o mesmo.*

A Fortaleza Vermelha estava escura e silenciosa quando Tyrion saiu do Pequeno Salão. Bronn esperava-o no aposento privado.

– Slynt? – perguntou.

– Lorde Janos zarpará para a Muralha na maré da manhã. Varys quis me fazer acreditar que substituí um dos homens de Joffrey por um meu. O mais provável é que tenha substituído um homem do Mindinho por um pertencente a Varys. Mas, que seja.

– É bom que saiba que Timett matou um homem…

– Varys me disse – o mercenário não mostrou surpresa. – O palerma achou que um homem com um olho só seria mais fácil de enganar. Timett cravou seu pulso na mesa com um punhal e rasgou sua garganta com as mãos nuas. Ele faz um truque em que enrijece os dedos…

– Poupe-me dos detalhes macabros, meu jantar mal parou quieto dentro da barriga – Tyrion protestou. – Como vai seu recrutamento?

– Bastante bem. Esta noite arranjei três novos homens.

– Como sabe quem recrutar?

– Examino-os. Interrogo-os para saber onde lutaram e como são mentindo – Bronn sorriu. – E então dou-lhes uma chance de me matar, enquanto faço o mesmo com eles.

– Matou algum?

– Ninguém que pudéssemos ter usado.

– E se um deles matá-lo?

– Será esse que vai querer contratar.

Tyrion estava um pouco bêbado, e muito cansado.

– Diga-me, Bronn, se lhe dissesse para matar um bebê… digamos, uma menina, ainda no peito da mãe… Mataria? Sem questionar?

– Sem questionar? Não – o mercenário esfregou o polegar no indicador. – Perguntava o preço.

*E para que eu precisaria do seu Allar Deem*, *Lorde Slynt?*, pensou Tyrion. *Tenho cem meus*. Desejou rir; desejou chorar; mas, acima de tudo, desejou Shae.

# Arya

A estrada era pouco mais do que dois sulcos no meio do mato.

A parte boa era que, com tão pouco tráfego, não haveria ninguém para apontar e dizer para onde tinham ido. A enchente humana que jorrara para o sul pela estrada do rei era ali apenas um riacho.

A parte ruim era que a estrada ziguezagueava de um lado para outro, emaranhando-se em trilhas ainda menores e, às vezes, parecendo desaparecer por completo, para reaparecer apenas meia légua adiante, quando já tinham quase perdido a esperança. Arya detestava aquilo. O terreno era bastante suave, colinas onduladas e campos em terraços intercalados com prados, bosques e pequenos vales, onde salgueiros se aglomeravam junto a riachos rasos e vagarosos. Mesmo assim, o caminho era tão estreito e tortuoso, que o ritmo do grupo tinha diminuído até quase parar.

Eram as carroças que os atrasavam, arrastando-se penosamente, com os eixos estalando sob o peso das suas cargas pesadas. Uma dúzia de vezes ao dia tinham de parar para soltar uma roda que se prendera num sulco, ou duplicar as parelhas para subir uma encosta barrenta. Uma vez, no meio de um denso bosque de carvalhos, deram de frente com três homens que traziam uma carga de lenha num carro de bois, sem que houvesse espaço para que nenhum dos grupos se desviasse. Não puderam fazer nada, a não ser esperar que os lenhadores soltassem os bois, os levassem por entre as árvores, virassem o carro de lado, voltassem a prender os bois e seguissem o caminho por onde tinham vindo. Os bois ainda eram *mais lentos* do que as carroças, e nesse dia quase não avançaram nada.

Arya não conseguia evitar olhar por sobre o ombro, imaginando quando os homens de manto dourado os apanhariam. Durante a noite, acordava

com qualquer ruído e agarrava o cabo da Agulha. Agora, nunca acampavam sem colocar sentinelas, mas Arya não confiava nelas, principalmente nos órfãos. Eles podiam ter se dado bastante bem nas vielas de Porto Real, mas aqui estavam perdidos. Quando era silenciosa como uma sombra, podia passar por todos eles, esgueirando-se à luz das estrelas para urinar nos bosques, onde ninguém a visse. Uma vez, quando era turno de Lommy Mãos-Verdes, subiu num carvalho e passou de árvore em árvore até estar bem em cima da sua cabeça, e ele não chegou a ver nada. Podia ter caído em cima dele, mas sabia que o grito do rapaz acordaria todo o acampamento, e Yoren podia voltar a bater nela com um pau.

Lommy e os outros órfãos agora tratavam Touro como alguém especial, porque a rainha queria a sua cabeça, embora ele detestasse isso.

– Nunca fiz nada à rainha – dizia, zangado. – Fazia o meu trabalho, só isso. Foles e tenazes, buscar e carregar. Deveria ter me tornado armeiro e, um dia, mestre Mott diz que tenho de me alistar na Patrulha da Noite. É tudo que sei.

Depois, ia polir seu elmo. Era um belo elmo, arredondado e curvo, com um visor em fenda e dois grandes cornos de touro em metal. Arya observava-o polir o metal com um pouco de oleado, deixando-o tão brilhante que se podia ver as chamas da fogueira refletidas no aço. Mas nunca o colocava na cabeça.

– Aposto que é bastardo daquele traidor – disse Lommy uma noite, numa voz abafada para que Gendry não o ouvisse. – O senhor lobo, aquele que bateu as botas nos degraus de Baelor.

– Não é nada – declarou Arya. *Meu pai só teve um bastardo, o Jon*. Caminhou a passos largos por entre as árvores, desejando poder simplesmente selar o cavalo e cavalgar para casa. Era um bom animal, uma égua alazã com uma mancha branca na testa. E Arya sempre foi boa cavaleira. Poderia se afastar a galope e nunca mais ver nenhum deles, a menos que quisesse. Só que, então, não teria ninguém para bater o terreno à sua frente, ou vigiar a retaguarda, ou ficar de guarda enquanto

cochilava, e quando os homens de manto dourado a apanhassem, estaria só. Era mais seguro ficar com Yoren e os outros.

– Não estamos longe do Olho de Deus – disse o irmão negro uma manhã. – A estrada real não será segura até atravessarmos o Tridente. Por isso, rodearemos o lago pela margem ocidental. Não é provável que nos procurem lá.

No ponto seguinte onde dois sulcos se cruzaram, viraram as carroças para oeste.

Ali, as terras de cultivo deram lugar à floresta, as aldeias e os castros eram menores e mais espaçados, as colinas, mais altas, e os vales, mais profundos. Tornou-se mais difícil arranjar comida. Na cidade, Yoren tinha carregado as carroças com peixe salgado, pão duro, toucinho, nabos, sacos de feijão e cevada e discos de queijo amarelo, mas tudo já tinha sido comido. Forçado a viver da terra, Yoren recorreu a Koss e Kurz, que tinham sido presos por caça furtiva. Mandava-os para a floresta à frente da coluna, e ao cair da noite eles estavam de volta, carregando entre os dois um veado pendurado em uma vara, ou com um par de codornas penduradas nos cintos. Os rapazes mais novos eram colocados para apanhar frutos silvestres ao longo da estrada, ou pulavam cercas para encher uma saca de maçãs se acaso se deparassem com um pomar.

Arya era hábil em subir em árvores e apanhava frutas com rapidez, e gostava de andar sozinha. Um dia, encontrou um coelho, por puro acaso. Era marrom e gordo, com longas orelhas e um nariz nervoso. Os coelhos corriam mais depressa do que os gatos, mas não eram nem de perto tão bons em subir nas árvores. Bateu nele com o pau e o agarrou pelas orelhas; e Yoren o cozinhou com cogumelos e cebolas silvestres. Arya recebeu uma perna inteira, já que o coelho era seu. Dividiu-a com Gendry. Os outros receberam uma colherada cada, até os três que seguiam algemados. Jaqen H'ghar agradeceu-lhe educadamente pelo acepipe, e o Dentadas lambeu a gordura dos dedos sujos com um ar feliz, mas Rorge, o que não tinha nariz, limitou-se a rir e a dizer:

– Ai está, um caçador agora. Cabeça de Caroço Cara de Caroço Mata Coelhos.

Perto de um castro chamado Sarçabranca, um grupo de camponeses os cercou num campo de milho, exigindo dinheiro pelas espigas que tinham cortado. Yoren deu uma espiada nas suas foices e atirou-lhes algumas moedas de cobre.

– Em outros tempos, um homem vestido de negro era banqueteado de Dorne a Winterfell, e até os grandes senhores achavam uma honra abrigá-lo sob seu teto – ele disse amargamente. – Agora, covardes como vocês querem dinheiro vivo por uma dentada numa maçã bichada – cuspiu.

– Isto é milho doce, mais do que um pássaro preto fedorento como você merece – um deles respondeu rudemente. – Some das nossas terras e leve junto esses gatunos e assassinos, senão a gente te espeta no milharal pra espantar os outros corvos.

Naquela noite, assaram o milho doce na casca, virando as espigas com longos paus bifurcados, e comeram-no quente, direto do sabugo. Arya achou delicioso, mas Yoren estava zangado demais para comer. Uma nuvem parecia pairar sobre ele, esfarrapada e negra como o seu manto. Andou pelo acampamento, inquieto, murmurando consigo mesmo.

No dia seguinte, Koss voltou correndo para avisar Yoren de um acampamento mais à frente.

– Vinte ou trinta homens, com cota de malha e capacetes – ele disse. – Alguns estão muito feridos, e um deles, moribundo. Com todo o barulho que ele estava fazendo, consegui chegar bem perto. Têm lanças e escudos, mas só um cavalo, e está coxo. Acho que estão ali há algum tempo, pelo fedor que vem do lugar.

– Viu um estandarte?

– Gato-das-árvores malhado, preto e amarelo, em fundo marrom lamacento.

Yoren dobrou uma folhamarga, enfiou-a na boca e começou a mascar.

– Não conheço – admitiu. – Podem ser de um lado ou do outro. Se estão assim tão feridos, o mais certo é que roubem nossas montarias, sejam

quem forem. Pode ser que roubem mais do que isso. Acho que vamos rodeá-los de longe – isso lhes custaria milhas fora do caminho, e pelo menos dois dias, mas o velho disse que o preço era baixo. – Vocês vão ter tempo suficiente na Muralha. O resto das suas vidas, provavelmente. Parece-me que não há pressa em chegar lá.

Arya viu cada vez mais homens guardando os campos quando voltaram a seguir para o norte. Muitas vezes ficavam em silêncio junto à estrada, lançando olhares frios a quem passava. Em outros locais, faziam patrulhas a cavalo, percorrendo as cercas com machados presos nas selas. Em um lugar, viu um homem empoleirado numa árvore morta, com um arco na mão e uma aljava pendurada no galho a seu lado. No momento em que os viu, encaixou uma flecha no arco e não afastou os olhos até que a última carroça estivesse fora de vista. Durante todo o tempo, Yoren praguejou.

– Aquele na árvore, vamos ver se ele gosta daquilo ali em cima quando os Outros vierem levá-lo. Vai gritar pela Patrulha, ah, se vai.

Um dia depois, Dobber vislumbrou um clarão vermelho no céu do fim da tarde.

– Ou esta estrada mudou de direção, ou aquele sol está se pondo no Norte.

Yoren subiu em um morro para ver melhor.

– Fogo – anunciou. Lambeu um polegar e o levantou. – O vento deve soprá-lo pra longe da gente. Mesmo assim, é melhor vigiar.

E vigiaram. À medida que o mundo escurecia, o incêndio foi se tornando cada vez mais brilhante, até parecer que tudo ao norte estava em chamas. De tempos em tempos, conseguiam até sentir o cheiro da fumaça, embora o vento se mantivesse firme e as chamas nunca chegassem a se aproximar. Pela alvorada, o incêndio apagou-se, mas nenhum deles dormiu muito bem naquela noite.

Era meio-dia quando chegaram ao local onde antes existia a aldeia. Os campos eram uma desolação carbonizada ao longo de milhas em todas as direções, e as casas, conchas enegrecidas. As carcaças de animais queimados e abatidos coloriam o chão, sob mantas vivas de gralhas

pretas necrófagas que levantavam voo, crocitando furiosamente, quando eram perturbadas. Ainda saía fumaça de dentro do castro. Sua paliçada de madeira parecia forte de longe, mas provara não ser o suficiente.

Avançando a cavalo em frente das carroças, Arya viu cadáveres queimados empalados em estacas afiadas no topo das muralhas, com as mãos na frente do rosto, como que tentando afastar as chamas que os consumiram. Yoren mandou que parassem quando ainda estavam a alguma distância e disse a Arya e aos outros rapazes para vigiar as carroças enquanto ele, Murch e Cutjack avançavam a pé. Um bando de corvos levantou voo de dentro das muralhas quando escalaram o portão quebrado, e os corvos engaiolados nas carroças chamaram-nos com *quorcs* e guinchos roucos.

– Não devíamos ir atrás deles? – Arya perguntou a Gendry depois de Yoren e os outros terem desaparecido há muito tempo.

– Yoren disse para esperar.

A voz de Gendry soou oca. Quando Arya se virou para ele, viu que tinha colocado o elmo, todo de aço brilhante e com grandes cornos curvos.

Quando finalmente retornaram, Yoren trazia uma menininha nos braços e Murch e Cutjack carregavam uma mulher numa espécie de maca improvisada com uma velha colcha rasgada. A menina não devia ter mais do que dois anos, e não parava de chorar, um som lamuriento, como se tivesse alguma coisa presa na garganta. Ou talvez ainda não soubesse falar, ou se esquecido do que aprendera. O braço direito da mulher terminava em um coto sangrento no cotovelo e seus olhos pareciam não ver nada, mesmo quando olhava diretamente para as coisas. Falava, mas dizia apenas duas palavras. “Por favor”, e chorava, sem parar. “Por favor. Por favor.” Rorge achou aquilo divertido. Riu através do buraco que tinha na cara no lugar do nariz, e Dentadas começou a rir também, até que Murch os amaldiçoou e lhes disse para calar a boca.

Yoren fez com que arranjassem um lugar para a mulher numa carroça.

– E depressa – ele disse. – Quando cair a noite, certamente haverá lobos por aqui e coisas piores.

– Estou assustado – Torta Quente murmurou quando viu a mulher com um só braço debater-se na carroça.

– Eu também – Arya confessou.

Ele apertou seu ombro.

– Nunca matei um menino aos chutes de verdade, Arry. Só vendia as tortas da minha mamãe, mais nada.

Arya cavalgou à frente das carroças, o mais longe que ousava, para não ter de ouvir o choro da garotinha ou escutar a mulher sussurrando "Por favor". Lembrou-se de uma história que a Velha Ama tinha contado um dia, sobre um homem aprisionado num castelo escuro por gigantes malvados. Era muito corajoso e inteligente, enganou os gigantes e escapou… Mas, assim que saiu do castelo, os Outros o capturaram e beberam seu sangue quente e vermelho. Agora sabia como ele devia ter se sentido.

A mulher sem um braço morreu ao cair da noite. Gendry e Cutjack cavaram a sua sepultura na encosta de uma colina, à sombra de um chorão. Quando o vento soprava, Arya pensava ouvir os longos ramos pendentes sussurrando: "Por favor. Por favor. Por favor". Os cabelinhos da sua nuca eriçavam-se, e quase fugiu do local.

– Nada de fogueira esta noite – disse-lhes Yoren. O jantar foi um punhado de rabanetes silvestres que Koss encontrou, uma taça de feijões secos e água de um riacho que corria ali perto. A água tinha um gosto esquisito, e Lommy disse que era o sabor de cadáveres apodrecendo em algum lugar próximo à nascente. Torta Quente teria batido nele se o velho Reysen não os tivesse apartado.

Arya bebeu água demais, só para encher a barriga com alguma coisa. Nunca achou que fosse capaz de dormir, mas de algum modo foi. Quando acordou, a noite estava fechada e sua bexiga estava estourando de cheia. Corpos adormecidos amontoavam-se ao seu redor, enrolados em cobertores e mantos. Arya encontrou a Agulha, levantou-se e escutou. Ouviu os passos suaves de uma sentinela, homens que se viravam num sono inquieto, os ruidosos roncos de Rorge, e o estranho som sibilante que Dentadas fazia quando dormia. De outra carroça vinha o constante e

ritmado raspar de aço em pedra feito por Yoren enquanto mascava folhamarga e afiava o gume do punhal.

Torta Quente era um dos rapazes que estavam de vigia.

– Aonde vai? – ele perguntou quando viu que Arya se encaminhava para as árvores.

Arya fez um aceno vago para a floresta.

– Não vai, não – Torta Quente lhe disse. Agora, tinha se tornado de novo mais corajoso, por causa da espada presa ao cinto, mesmo que não passasse de uma espada curta e ele a manejasse como se fosse um cutelo. – O velho disse para todo mundo ficar por perto hoje.

– Tenho de urinar – explicou Arya.

– Bom, use aquela árvore ali – apontou. – Não sabe o que tem por aí, Arry? Já ouvi lobos.

Yoren não gostaria que lutasse com ele. Tentou parecer assustada.

– Lobos? De verdade?

– Eu ouvi – ele confirmou.

– Acho que na verdade não preciso ir.

Voltou à sua manta e fingiu dormir até ouvir os passos de Torta Quente se afastarem. Então, rolou sobre si própria e esgueirou-se para a floresta pelo outro lado do acampamento, silenciosa como uma sombra. Também havia sentinelas por ali, mas Arya não teve dificuldade em evitá-las. Só para garantir, foi até duas vezes mais longe do que de costume. Quando estava certa de que não havia ninguém por perto, abaixou os calções e acocorou-se para tratar do assunto.

Estava urinando, com a roupa amontoada em volta dos tornozelos, quando ouviu um restolhar vindo de debaixo das árvores. *Torta Quente*, pensou, em pânico, *ele me seguiu*. Então viu os olhos brilhando de dentro da floresta, vivos do luar refletido. Sentiu a barriga apertar-se enquanto agarrava a Agulha, sem se importar em se molhar ou não, contando olhos, dois, quatro, oito, doze, uma alcateia inteira…

Um deles saiu de debaixo das árvores. Encarou-a e mostrou os dentes, e tudo em que ela conseguiu pensar foi em como tinha sido estúpida e em como Torta Quente se regozijaria quando encontrassem seu corpo meio

devorado na manhã seguinte. Mas o lobo se virou e correu de volta para a escuridão, e num instante os olhos tinham desaparecido. Tremendo, limpou-se, vestiu-se e seguiu um distante som de raspar ao voltar ao acampamento e a Yoren. Arya pulou para dentro da carroça ao lado dele, abalada.

– Lobos – sussurrou em voz rouca. – Na floresta.

– É. Deve haver – o homem nem a olhou.

– Me assustaram.

– Ah, é? – cuspiu. – Pensava que a sua gente gostava de lobos.

– Nymeria era um lobo gigante – Arya se abraçou. – É diferente. Seja como for, ela sumiu. Jory e eu atiramos pedras nela até que fugiu, senão a rainha a teria matado – falar sobre aquilo deixava-a triste. – Aposto que se ela estivesse na cidade, não teria deixado que cortassem a cabeça do meu pai.

– Meninos órfãos não têm pais – Yoren disse. – Ou será que se esqueceu? – a folhamarga tinha deixado sua saliva vermelha, e parecia que sua boca sangrava. – Os únicos lobos que temos de temer são os que usam pele de homem, como os que acabaram com aquela aldeia.

– Queria estar em casa – Arya disse em tom infeliz. Tentava com tanta força ser corajosa, ser feroz como um glutão ou algo assim, mas, às vezes, no final das contas, sentia-se como se fosse só uma garotinha.

O irmão negro puxou uma nova folhamarga do fardo e a enfiou na boca.

– Talvez eu devesse ter deixado você onde o encontrei, rapaz. Todos vocês. Parece que estavam mais seguros na cidade.

– Não me importo. Quero ir para casa.

– Faz quase trinta anos que levo homens para a Muralha – a espuma brilhou nos lábios de Yoren, como bolhas de sangue. – Todo esse tempo, e só perdi três. Um velho morreu de uma febre, um garoto da cidade foi mordido por uma cobra enquanto cagava e um imbecil tentou me matar durante o sono, e ficou com um sorriso vermelho por ter me incomodado – Yoren passou o punhal pela garganta, para lhe mostrar. – Três, em trinta anos – cuspiu a folhamarga gasta. – Agora, um navio teria sido mais responsável. Não há como encontrar mais homens no caminho, mas,

mesmo assim… Um homem esperto tinha ido de barco, mas eu… há trinta anos que ando por esta estrada do rei – ele embainhou o punhal. – Vai dormir, rapaz. Está me ouvindo?

Ela tentou. Mas enquanto jazia sob a manta, ouvia os lobos uivando… e um outro som, mais tênue, que não era mais do que um sussurro no vento... podiam ter sido gritos.

# Davos

O ar da manhã estava escuro com a fumaça dos deuses que ardiam.

Estavam agora todos em chamas, a Donzela e a Mãe, o Guerreiro e o Ferreiro, a Velha, com os seus olhos de pérola, e o Pai, com a sua barba dourada; até o Estranho, esculpido para ter um aspecto mais animal do que humano. A velha madeira seca e incontáveis camadas de tinta e verniz ardiam com uma feroz luz esfomeada. O calor subia, iluminando vagamente o ar frio; por trás, as gárgulas e dragões de pedra do castelo pareciam borrados, como se Davos os estivesse vendo através de um véu de lágrimas. *Ou como se os monstros estivessem tremendo, agitando-se…*

– Uma coisa doentia – declarou Allard, embora tivesse pelo menos o bom-senso de manter a voz baixa. Dale concordou com um murmúrio.

– Silêncio – Davos ordenou. – Lembre-se de onde está.

Os filhos eram bons homens, mas jovens, e Allard, em especial, era impetuoso. *Se eu tivesse continuado contrabandista, Allard teria acabado na Muralha. Stannis poupou-o desse fim, mais uma coisa que lhe devo…*

Centenas de pessoas tinham vindo até os portões do castelo para testemunhar o incêndio dos Sete. O cheiro no ar era pestilento. Mesmo para os soldados, era difícil não sentir desconforto perante tamanha afronta aos deuses que a maioria havia adorado durante toda a vida.

A mulher vermelha caminhou três vezes em volta do fogo, rezando uma vez na língua de Asshai, outra em Alto Valiriano, e mais outra no Idioma Comum. Davos só compreendeu a última oração.

– R'hllor, venha até nós na escuridão – evocou a mulher. – Senhor da Luz, oferecemos-lhe estes falsos deuses, estes sete que são um, e esse um

é o inimigo. Receba-os e lance a sua luz sobre nós, pois a noite é escura e cheia de terrores.

A Rainha Selyse repetiu as palavras num eco. A seu lado, Stannis observava impassível, com o queixo duro como pedra sob a sombra negra-azulada da sua barba rente. Tinha se vestido mais ricamente do que de costume, como se fosse ao septo.

O septo de Pedra do Dragão erguia-se no local onde Aegon, o Conquistador, se ajoelhara para rezar na noite antes de se lançar ao mar. Isso não salvou o templo dos homens da rainha. Tinham virado os altares, derrubado as estátuas e estraçalhado os vitrais com martelos de guerra. O Septão Barre só conseguiu amaldiçoá-los, mas Sor Hubard Rambton levou os três filhos ao septo para defender seus deuses. Os Rambton tinham matado quatro dos homens da rainha antes de os demais os subjugarem. Depois daquilo, Guncer Sunglass, o mais conciliador e mais devoto dos senhores, disse a Stannis que já não podia apoiar sua pretensão. Agora, dividia uma cela sufocante com o septão e os dois filhos sobreviventes de Sor Hubard. Os outros senhores não demoraram a aprender a lição.

Os deuses nunca tinham significado muito para Davos, o contrabandista, embora, tal como a maioria dos homens, fizesse oferendas ao Guerreiro, antes da batalha, ao Ferreiro, quando lançava um navio ao mar, e à Mãe, sempre que sua mulher engravidava. Sentiu-se mal enquanto os via arder, e não apenas por causa da fumaça.

*Meistre Cressen teria impedido isso*. O que as fofocas diziam era que o velho desafiara o Senhor da Luz e tinha sido abatido pela sua falta de fé. Davos conhecia a verdade. Tinha visto o meistre derramar alguma coisa na taça de vinho. *Veneno. O que mais poderia ser? Bebeu uma taça de morte para libertar Stannis de Melisandre, mas de alguma forma o deus dela a protegeu.* Teria matado com prazer a mulher vermelha por aquilo, mas que chance teria onde um meistre da Cidadela falhara? Era apenas um contrabandista que tinha subido na vida, Davos da Baixada das Pulgas, o Cavaleiro das Cebolas.

Os deuses que ardiam brilhavam com uma luz bonita, envoltos nas suas vestes de chamas em movimento, vermelhas, laranjas e amarelas. O Septão Barre uma vez lhe contara como eles tinham sido esculpidos dos mastros dos navios que tinham trazido os primeiros Targaryen de Valíria. Ao longo dos séculos, tinham sido pintados e repintados, tinham sido dourados, prateados e cravejados de joias.

– Sua beleza vai torná-los mais agradáveis a R'hllor – tinha afirmado Melisandre quando disse a Stannis para derrubá-los e arrastá-los para fora dos portões do castelo.

A Donzela estava atravessada sobre o Guerreiro, com os braços abertos, como que para abraçá-lo. A Mãe parecia quase tremer enquanto as chamas vinham lamber seu rosto. Uma espada tinha sido cravada no seu coração, e seu punho de couro estava vivo de chamas. O Pai estava embaixo, tinha sido o primeiro a cair. Davos viu a mão do Estranho retorcer-se e se enrolar enquanto os dedos enegreciam e se desprendiam, um por um, reduzidos a outros tantos pedaços de carvão em brasa. Ali perto, Lorde Celtigar teve um ataque de tosse e cobriu a cara enrugada com um lenço de linho bordado com caranguejos vermelhos. Os homens de Myr trocavam piadas enquanto desfrutavam do calor do fogo, mas o jovem Lorde Bar Emmon ficara num tom sujo de cinza, e Lorde Velaryon observava o rei, e não o incêndio.

Davos teria dado muito para saber o que ele estaria pensando, mas um homem como Velaryon nunca lhe faria confidências. O Senhor das Marés era do sangue da antiga Valíria, e sua Casa havia fornecido noivas aos príncipes Targaryen três vezes; Davos Seaworth fedia a peixe e cebolas. Com os outros fidalgos era a mesma coisa. Não podia confiar em nenhum deles, nem o incluiriam algum dia nas suas reuniões privadas. Também menosprezavam seus filhos. *Mas os meus netos lutarão com os deles em justas, e um dia o sangue deles poderá desposar o meu. Um dia, meu pequeno navio negro voará tão alto como o cavalo-marinho de Velaryon ou os caranguejos vermelhos de Celtigar.*

Isso, se Stannis conquistar seu trono. Se perder…

*Tudo o que sou devo a ele*. Stannis armara-o cavaleiro. Dera-lhe um lugar de honra à sua mesa, uma galé de guerra, no lugar de um esquife de contrabandista, para navegar. Dale e Allard eram também capitães de galés, Maric era mestre dos remadores na *Fúria*, Matthos servia o pai na *Betha Negra*, e o rei tinha escolhido Devan como escudeiro real. Um dia seria armado cavaleiro, assim como os dois rapazes mais novos. Marya era senhora de uma pequena fortaleza em Cabo da Fúria, com criados que a chamavam *sinhá*, e Davos podia caçar veados vermelhos nos seus próprios bosques. Recebera tudo aquilo de Stannis Baratheon pelo preço de algumas falanges. *O que me fez foi justo. Tinha zombado das leis do rei a vida inteira. Ele ganhou a minha lealdade*. Davos tocou a pequena bolsa pendurada na tira de couro em seu pescoço. Os dedos eram a sua sorte, e agora precisava de sorte. *Tal como todos nós. E, acima de todos, Lorde Stannis*.

Chamas pálidas lambiam o céu cinzento. Uma fumaça preta subia, retorcendo-se e enrolando-se. Quando o vento a empurrava contra eles, os homens piscavam, lacrimejavam e esfregavam os olhos. Allard virou o rosto, tossindo e praguejando. *Um gostinho do que está por vir*, pensou Davos. Muitas outras coisas arderiam antes que aquela guerra chegasse ao fim.

Melisandre estava toda vestida de cetim escarlate e veludo cor de sangue, com os olhos tão vermelhos como o grande rubi que cintilava na sua garganta, como se estivesse em chamas.

– Nos livros antigos de Asshai está escrito que chegará um dia, após um longo Verão, em que as estrelas sangrarão e o bafo frio da escuridão cairá, pesado, sobre o mundo. Nessa hora de terror, um guerreiro retirará do fogo uma espada em chamas. E essa espada será a Luminífera, a Espada Vermelha dos Heróis, e aquele que a pegar será Azor Ahai renascido, e a escuridão fugirá perante ele – e levantou a voz, para que fosse ouvida pela tropa ali reunida. – *Azor Ahai, o amado de R'hllor! O Guerreiro da Luz, o Filho do Fogo! Avance, a sua espada o espera! Avance, e tome-a em sua mão!*

Stannis Baratheon avançou como um soldado marchando para a batalha. Seus escudeiros se aproximaram para servi-lo. Davos observou seu filho Devan enfiando a mão direita do rei numa longa luva almofadada. O rapaz usava um gibão creme com um coração em chamas cosido no peito. Byran Farrin, vestido de um modo semelhante, atava uma rígida capa de couro em torno do pescoço de Sua Graça. Atrás dele, Davos ouviu um tênue tinir de sinetas.

– Debaixo do mar, a fumaça sobe em bolhas e as chamas ardem verdes, azuis e pretas – cantou em algum lugar o Cara-Malhada. – Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

O rei mergulhou no fogo de dentes cerrados, segurando o manto de couro à sua frente para manter as chamas afastadas. Dirigiu-se diretamente à Mãe, agarrou a espada com a mão enluvada e a libertou da madeira ardente com um único puxão forte. Então recuou, com a espada bem erguida e chamas verde-jade a rodopiar em volta do aço cor de cereja. Guardas correram na sua direção a fim de sacudir as fagulhas que se prendiam à roupa do rei.

– *Uma espada de fogo!* – gritou a Rainha Selyse. Sor Axell Florent e os outros homens da rainha acompanharam-na no grito. – *Uma espada de fogo! Ela arde! Ela arde! Uma espada de fogo!*

Melisandre ergueu as mãos sobre a cabeça.

– *Contemplem! Um sinal foi prometido, e agora um sinal é visto! Contemplem a Luminífera! Azor Ahai regressou! Deem vivas ao Guerreiro da Luz! Deem vivas ao Filho do Fogo!*

Uma onda irregular de gritos respondeu no momento em que a luva de Stannis começava a ficar incandescente. Praguejando, o rei enterrou a ponta da espada na terra úmida e apagou as chamas com pancadas na perna.

– Senhor, lance sobre nós a sua luz! – Melisandre gritou.

– Pois a noite é escura e cheia de terrores – responderam Selyse e seus homens.

*Deveria eu dizer as palavras também?*, perguntou-se Davos. *Deverei tanto assim a Stannis? Será este deus de fogo realmente o seu?* Seus

dedos encurtados contorceram-se.

Stannis descalçou a luva e a deixou cair ao chão. Os deuses na pira já quase não podiam ser reconhecidos. A cabeça do Ferreiro desprendeu-se, levantando uma nuvem de cinzas e fagulhas. Melisandre cantou na língua de Asshai, com a voz subindo e descendo como as marés do mar. Stannis soltou-se da sua chamuscada capa de couro e escutou em silêncio. Espetada no chão, a Luminífera ainda brilhava, rubra de calor, mas as chamas presas à espada minguavam e morriam.

Quando a canção terminou, dos deuses só restava madeira carbonizada, e a paciência do rei tinha se esgotado. Pegou a rainha pelo braço e a levou de volta a Pedra do Dragão, deixando Luminífera onde estava. A mulher vermelha ficou um momento para trás, a fim de vigiar Devan e Bryen Farrung, que se ajoelharam e enrolaram a espada queimada e enegrecida no manto de couro do rei. *A Espada Vermelha dos Heróis parece uma bela porcaria*, Davos pensou.

Alguns dos senhores ficaram conversando em voz baixa fora do alcance do vento que soprava da fogueira. Todos caíram em silêncio quando viram que Davos os olhava. *Se Stannis cair, vão me puxar para baixo num instante*. Também não fazia parte do grupo dos homens da rainha, aquele grupo de cavaleiros ambiciosos e fidalgos menores que tinham se entregado àquele Senhor da Luz e ganhado assim o favor e a proteção da Senhora… *não, Rainha, lembra-se?*... Selyse.

O fogo tinha começado a morrer quando Melisandre e os escudeiros se afastaram com a preciosa espada. Davos e os filhos juntaram-se à multidão que se dirigia à costa e aos navios que os aguardavam.

– Devan portou-se bem – ele disse enquanto caminhavam.

– Sim, pegou a luva sem deixá-la cair – Dale confirmou.

Allard concordou com um meneio.

– Aquele símbolo no gibão de Devan, o coração em chamas, o que era aquilo? O brasão Baratheon é um veado coroado.

– Um senhor pode escolher mais do que um símbolo – Davos respondeu.

Dale sorriu.

– Um navio negro *e* uma cebola, pai?

Allard chutou uma pedra.

– Que os Outros levem a nossa cebola… *e* aquele coração em chamas. Foi coisa feia queimar os Sete.

– Quando foi que se tornou tão devoto? – perguntou Davos. – O que sabe um filho de contrabandista das coisas dos deuses?

– Eu sou filho de um cavaleiro, pai. Se o senhor não se recorda, por que eles o fariam?

– É filho de um cavaleiro, mas não é um cavaleiro – disse Davos. – E nem será nunca, caso se meta em assuntos que não lhe dizem respeito. Stannis é nosso rei de direito, não nos compete questioná-lo. Nós manobramos os seus navios e fazemos o que ordena. Só isso.

– Quanto a isso, pai – Dale falou –, não gostei daqueles barris de água que me deram para o *Espectro*. Pinho verde. A água vai estragar em qualquer viagem que se faça.

– Eu recebi o mesmo para o *Senhora Marya* – retrucou Allard. – Os homens da rainha apoderaram-se de toda a madeira seca.

– Falarei sobre isso com o rei – Davos prometeu. Era melhor que viesse dele do que de Allard. Os filhos eram bons guerreiros e melhores marinheiros, mas não sabiam como falar aos senhores. *São malnascidos, como eu, mas não gostam de se lembrar disso. Quando olham para o nosso estandarte, tudo o que veem é um grande navio negro voando com o vento. Fecham os olhos à cebola.*

O porto estava mais cheio do que Davos jamais o vira. Todas as docas lotadas de marinheiros carregando provisões, e todas as estalagens cheias de soldados jogando dados, bebendo ou em busca de uma prostituta… Uma busca vã, pois Stannis não autorizava prostitutas na sua ilha. Navios alinhavam-se na margem; galés de guerra e barcos de pesca, robustos galeões e cocas de fundo chato. Os melhores ancoradouros tinham sido ocupados pelos maiores navios: o navio almirante de Stannis, *Fúria*, balançava entre o *Lorde Steffon* e o *Veado do Mar*; o navio de casco prateado de Lorde Velaryon e seus três irmãos, *Orgulho de Derivamarca*; o ornamentado *Garra Vermelha*, de Lorde Celtigar; o pesado *Peixe-*

*Espada*, com sua longa proa de ferro. Ancorada ao largo da costa, via-se a grande *Valiriana*, de Salladhor Saan, entre os cascos listrados de duas dúzias de galés lisenas menores.

Uma pequena e velha estalagem ficava na extremidade do cais de pedra, onde o *Betha Negra*, o *Espectro* e o *Senhora Marya* partilhavam a área de ancoragem com meia dúzia de outras galés de cem remos ou menos. Davos tinha sede. Despediu-se dos filhos e voltou para a estalagem. Junto à porta, acocorava-se uma gárgula que chegava à sua cintura, tão desgastada pela chuva e o sal que seus traços tinham sido praticamente obliterados. Mas ela e Davos eram velhos amigos. Deu uma palmadinha na cabeça de pedra ao entrar.

– Sorte – ele murmurou.

Na zona mais distante da ruidosa sala comum, Salladhor Saan estava em uma mesa, comendo uvas de uma tigela de madeira. Quando viu Davos, chamou-o com um gesto.

– Sor cavaleiro, venha comer comigo. Coma uma uva. Coma duas. Estão maravilhosamente doces.

O liseno era um homem lisonjeiro e sorridente, cuja ostentação era proverbial dos dois lados do mar estreito. Hoje, trajava um cintilante pano de prata com mangas pendentes tão longas, que as extremidades se amontoavam no chão. Os botões eram macacos esculpidos em jade, e no topo dos seus finos caracóis brancos empoleirava-se uma alegre boina verde decorada com um leque de penas de pavão.

Davos abriu caminho por entre as mesas até uma cadeira. Nos dias anteriores à sua nomeação como cavaleiro, trouxera frequentemente cargas de Salladhor Saan. O próprio liseno era contrabandista, bem como comerciante, banqueiro, notório pirata e o autoproclamado Príncipe do Mar Estreito. *Quando um pirata enriquece o suficiente, fazem dele um príncipe*. Tinha sido Davos quem fizera a viagem até Lys, a fim de recrutar o velho tratante para a causa de Lorde Stannis.

– Não viu os deuses arderem, senhor? – ele perguntou.

– Os sacerdotes vermelhos têm um grande templo em Lys. Andam sempre queimando isso e aquilo, chamando o seu R'hllor. Aborrecem-me

com as suas fogueiras. Em breve, aborrecerão também o Rei Stannis, espera-se – não parecia nada preocupado em ser ouvido de outras mesas, comendo as uvas e empurrando os caroços para os lábios, jogando-os fora com um dedo. – Minha *Ave de Mil Cores* chegou ontem, meu bom sor. Não é um navio de guerra, mas mercante, e aportou em Porto Real. Tem certeza de que não quer uma uva? Dizem que as crianças passam fome na cidade – o homem balançou as uvas na frente de Davos e sorriu.

– É de cerveja que preciso, e de notícias.

– Os homens de Westeros estão sempre com pressa – lamentou-se Salladhor Saan. – De que serve, pergunto-lhe? Aquele que se apressa na vida, apressa-se a chegar à sepultura – arrotou. – O Senhor de Rochedo Casterly mandou seu anão tratar de Porto Real. Talvez tenha esperança de que a cara feia do homem assuste os atacantes, hã? Ou que morramos de rir quando o Duende der piruetas nas ameias, quem sabe? O anão botou o troglodita que comandava os homens de mantos dourados para correr e pôs no seu lugar um cavaleiro com uma mão de ferro – tirou uma uva do cacho e apertou-a entre o polegar e o indicador até fazer a pele estourar. O sumo correu entre seus dedos.

Uma criada abriu caminho até eles, dando tapas nas mãos que a apalpavam durante o percurso. Davos encomendou uma caneca de cerveja, virou-se de volta para Saan e disse:

– Como estão as defesas da cidade?

O outro encolheu os ombros:

– As muralhas são altas e fortes, mas quem irá guarnecê-las? Andam construindo balistas e catapultas de fogo, ah, claro, mas os homens de mantos dourados são poucos demais, verdes demais, e não há outros. Um ataque rápido, como um falcão caindo sobre uma galinha, e a grande cidade será nossa. Dê-nos vento para encher nossas velas, e seu rei poderá sentar no seu Trono de Ferro amanhã ao cair da noite. Poderíamos vestir o anão de quadriculado e espetar suas bochechinhas com as pontas das nossas lanças para obrigá-lo a dançar para nós, e talvez seu piedoso rei possa me presentear com a bela Rainha Cersei para aquecer a minha

cama por uma noite. Há tempo demais que estou longe das minhas esposas, e sempre a seu serviço.

– Pirata – disse Davos. – Você não tem esposas, só concubinas, e foi bem pago por todos os dias e por todos os navios.

– Só em promessas – disse Salladhor Saan com ar fúnebre. – Meu bom senhor, é ouro que desejo, não palavras em papéis – enfiou uma uva na boca.

– Terá o seu ouro quando capturarmos o tesouro em Porto Real. Não há nos Sete Reinos homem mais honrado do que Stannis Baratheon. Ele manterá sua promessa.

Mesmo enquanto falava, Davos pensava: *Este mundo está para lá de toda a esperança quando contrabandistas de baixo nascimento têm de garantir a honra de reis.*

– Foi o que ele disse e voltou a dizer. E o que eu digo é: Vamos em frente. Nem estas uvas podem estar mais maduras do que aquela cidade, velho amigo.

A criada voltou com a cerveja, e Davos lhe deu uma moeda de cobre.

– Talvez conseguíssemos capturar Porto Real, como diz – Davos continuou, enquanto erguia a caneca –, mas por quanto tempo conservaríamos a cidade? Sabe-se que Tywin Lannister está em Harrenhal com uma grande tropa, e Lorde Renly…

– Ah, sim, o jovem irmão – Salladhor Saan o interrompeu. – Essa parte não é tão boa, meu amigo. Rei Renly se apressa. Não, aqui ele é *Lorde* Renly, as minhas desculpas. Com tantos reis, minha língua se cansa da palavra. O irmão Renly deixou Jardim de Cima com a sua bela e jovem rainha, os seus senhores floridos e reluzentes cavaleiros, e uma poderosa tropa de infantaria. Marcha pela sua estrada das rosas em direção à mesmíssima cidade de que falamos.

– Ele leva a *noiva*?

O outro encolheu os ombros.

– Não me disse por quê. Talvez esteja relutante em se separar, nem que seja por uma noite, da quente toca que ela tem entre as pernas. Ou talvez tenha uma absoluta certeza de vitória.

– O rei deve ser informado.

– Já tratei disso, meu bom sor. Embora Sua Graça franza tanto o cenho sempre que me vê, tremo de ir à sua presença. Acha que ele gostaria mais de mim se eu usasse uma camisa de crina e nunca sorrisse? Bem, não o farei. Sou um homem honesto, tem de me aguentar vestido de seda e samito. Caso contrário, levarei meus navios para onde me apreciem mais. Aquela espada não era a Luminífera, meu amigo.

A súbita mudança de assunto deixou Davos pouco à vontade.

– Espada?

– Uma espada arrancada do fogo, sim. Os homens contam-me coisas, é o meu sorriso agradável. Como irá uma espada queimada servir Stannis?

– Uma espada *ardente* – Davos corrigiu.

– Queimada – Salladhor Saan o corrigiu –, e fique feliz por isso, meu amigo. Conhece a lenda sobre a forja de Luminífera? Vou contá-la. Era num tempo em que a escuridão caíra, pesada, sobre o mundo. Para enfrentá-la, o herói tinha de ter uma lâmina de herói, ah, como nenhuma que já tivesse existido. E assim, durante trinta dias e trinta noites, Azor Ahai trabalhou sem dormir no templo, forjando uma lâmina nas fogueiras sagradas. Aquecer, martelar e dobrar, aquecer, martelar e dobrar, ah, sim, até a espada ficar pronta. Mas, quando a mergulhou na água para temperar o aço, ela se partiu em pedaços. Como era um herói, não era do seu feitio desistir e ir atrás de excelentes uvas como estas, e, portanto, recomeçou. Da segunda vez levou cinquenta dias e cinquenta noites, e essa espada parecia ainda melhor do que a primeira. Azor Ahai capturou um leão, para temperar a lâmina mergulhando-a no coração vermelho da fera. Mas mais uma vez o aço se estilhaçou e se dividiu. Grande foi sua aflição e grande foi seu desgosto, pois sabia o que tinha de fazer. Trabalhou na terceira lâmina durante cem dias e cem noites e, enquanto ela brilhava, incandescente, nas fogueiras sagradas, chamou a mulher. “Nissa Nissa”, disse-lhe, pois era esse o seu nome, “Desnude o peito, e fique sabendo que a amo mais do que a qualquer outra coisa no mundo”. Ela obedeceu, não faço ideia do porquê, e Azor Ahai enfiou a espada fumegante no seu coração vivo. Diz-se que o grito de angústia e

êxtase que ela soltou abriu uma fenda no rosto da lua, mas seu sangue, sua alma, sua força e sua coragem penetraram no aço. Esta é a lenda sobre a forja da Luminífera, a Espada Vermelha dos Heróis. Compreende agora o que quero dizer? Fique feliz por ter sido apenas uma espada queimada que Sua Graça tirou do fogo. Luz demais pode machucar os olhos, meu amigo, e o fogo *queima* – Salladhor Saan comeu a última uva e estalou os lábios. – Quando pensa que o rei nos dará a ordem para zarpar, meu bom sor?

– Em breve, penso – disse Davos –, se o deus dele quiser.

– O deus *dele*, sor amigo? Não o seu? Onde está o deus de Sor Davos Seaworth, cavaleiro do navio de cebola?

Davos bebeu um gole de cerveja para se dar um momento. *A estalagem está lotada, e você não é Salladhor Saan*, lembrou a si mesmo. *Tenha cuidado com o que responde.*

– O meu deus é o Rei Stannis. Foi ele que me fez e me abençoou com a sua confiança.

– Lembrarei disso – Salladhor Saan pôs-se em pé. – As minhas desculpas. Estas uvas deram-me fome, e o jantar aguarda na minha *Valiriana*. Picadinho de carneiro com pimenta, e gaivota assada recheada com cogumelos, funcho e cebola. Em breve comeremos juntos em Porto Real, sim? Vamos nos banquetear na Fortaleza Vermelha, enquanto o anão nos canta uma cantiga alegre. Quando falar com o Rei Stannis, mencione, por favor, que me deverá mais trinta mil dragões quando a lua ficar negra. Ele devia ter me dado aqueles deuses. Eram belos demais para queimar e podiam ter obtido um bom preço em Pentos ou Myr. Bem, se me der a Rainha Cersei por uma noite, vou perdoá-lo.

O liseno deu uma palmada nas costas de Davos e saiu da estalagem como se fosse seu dono. Sor Davos Seaworth ficou debruçado bastante tempo sobre sua caneca, pensando. Um ano antes, estivera com Stannis em Porto Real, quando o Rei Robert organizou um torneio no dia do nome do Príncipe Joffrey. Lembrava-se do sacerdote vermelho Thoros de Myr e da espada flamejante que ele brandiu no corpo a corpo. O homem rendeu um espetáculo colorido, com as vestes vermelhas esvoaçando,

enquanto a espada estremecia com chamas verde-claras. Mas todos sabiam que não havia ali verdadeira magia, e no fim o fogo esgotou-se, e Bronze Yohn Royce abriu sua cabeça com uma maça vulgar.

*Agora, uma verdadeira espada de fogo, isso seria uma maravilha digna de se ver. Mas a um custo tão alto…* Quando pensava em Nissa Nissa, era sua Marya que imaginava, uma mulher rechonchuda e de boa índole, com seios caídos e um sorriso amável, a melhor mulher do mundo. Tentou se imaginar enfiando uma espada nela, e estremeceu. *Não sou feito do material de que se fazem os heróis*, decidiu. Se esse era o preço de uma espada mágica, era mais do que ele queria pagar.

Davos terminou sua cerveja, empurrou a caneca para longe e abandonou a estalagem. Ao sair, deu uma palmadinha na cabeça da gárgula e murmurou:

– Sorte.

Todos iriam precisar dela.

Já era noite bem avançada quando Devan chegou a *Bertha Negra*, conduzindo um palafrém branco como a neve.

– Senhor meu pai – anunciou –, Sua Graça ordena que compareça perante ele na Sala da Mesa Pintada. Deve montar o cavalo e ir de imediato.

Era bom ver Devan com um aspecto tão magnífico nas suas vestes de escudeiro, mas a convocatória deixou Davos apreensivo. *Ordenará que zarpemos?*, Davos perguntou-se. Salladhor Saan não era o único capitão que sentia que Porto Real estava maduro para um ataque, mas um contrabandista tem de aprender a ter paciência. *Não temos nenhuma esperança de vitória. Disse isso ao Meistre Cressen no dia em que voltei a Pedra do Dragão, e nada mudou. Somos poucos demais, e os inimigos são muitos. Se mergulharmos os remos, morreremos*. Mesmo assim, subiu no cavalo.

Quando Davos chegou ao Tambor de Pedra, uma dúzia de cavaleiros nobres e grandes vassalos acabavam de sair. Os Lordes Celtigar e Velaryon deram-lhe, cada um, apenas um aceno seco enquanto os outros

o ignoraram por completo, mas Sor Axell Florent parou para trocar algumas palavras.

O tio da rainha Selyse era um autêntico barril, com braços grossos e pernas arqueadas. Possuía as orelhas proeminentes de um Florent, ainda maiores do que as da sobrinha. Os pelos grossos que brotavam das dele não o impediam de saber da maior parte das coisas que se passavam no castelo. Sor Axell servira durante dez anos como castelão em Pedra do Dragão, enquanto Stannis participava do conselho de Robert em Porto Real, mas nos últimos tempos tinha se tornado o mais destacado dos homens da rainha.

– Sor Davos, é bom vê-lo, como sempre – o homem disse.

– Igualmente, senhor.

– Também reparei em você hoje de manhã. Os falsos deuses arderam com uma luz feliz, não é verdade?

– Arderam brilhantemente – Davos não confiava naquele homem, apesar de toda sua cortesia. A Casa Florent tinha se declarado partidária de Renly.

– A Senhora Melisandre disse-nos que às vezes R'hllor permite que seus servos fiéis vislumbrem o futuro nas chamas. Pareceu-me, enquanto observava o fogo de manhã, que estava olhando para uma dúzia de belas dançarinas, donzelas vestidas de seda amarela que rodopiavam e redemoinhavam perante um grande rei. Penso que foi uma verdadeira visão, sor. Um vislumbre da glória que espera Sua Graça depois de tomarmos Porto Real e o trono, que é seu de direito.

*Stannis não gosta nada de tais danças*, pensou Davos, mas não se atreveu a ofender o tio da rainha.

– Eu vi apenas fogo – ele respondeu –, mas a fumaça estava deixando meus olhos com lágrimas. Perdoe-me, senhor, o rei aguarda – passou por Sor Axell, perguntando-se por que ele teria lhe dado trela. *Ele é um homem da rainha, e eu sou do rei.*

Stannis estava sentado à sua Mesa Pintada com o Meistre Pylos espreitando por sobre seu ombro, e uma pilha desordenada de papéis à frente dos dois.

– Sor – disse o rei quando Davos entrou –, venha dar uma olhada nesta carta.

Obedientemente, Davos escolheu um papel ao acaso.

– Parece bastante bonita, Vossa Graça, mas temo que não saiba ler as palavras – Davos podia decifrar mapas tão bem como qualquer outro, mas as cartas e os outros escritos estavam além do seu poder. *Mas o meu Devan aprendeu as letras, e os jovens Steffon e Stannis também.*

– Esqueci – um sulco de irritação apareceu entre as sobrancelhas do rei. – Pylos, leia.

– Vossa Graça – o meistre pegou um dos pergaminhos e pigarreou. – *Todos sabem que sou filho legítimo de Steffon Baratheon, Senhor de Ponta Tempestade, e da senhora sua esposa, Cassana, da Casa Estermont. Declaro pela honra da minha Casa que meu querido irmão Robert, nosso falecido rei, não deixou legítima descendência do seu sangue, sendo o garoto Joffrey, o garoto Tommen e a moça Myrcella abominações nascidas de incesto entre Cersei Lannister e seu irmão Jaime, o Regicida. Pelo direito do nascimento e do sangue, reclamo neste dia o Trono de Ferro dos Sete Reinos de Westeros. Que todos os homens fiéis declarem a sua lealdade. Feito à Luz do Senhor, com a assinatura e o selo de Stannis da Casa Baratheon, o Primeiro do Seu Nome, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, e Senhor dos Sete Reinos* – o pergaminho fez um suave ruído quando Pylos o pousou sobre a mesa.

– Escreva *Sor* Jaime, o Regicida, daqui em diante – disse Stannis, franzindo a sobrancelha. – Seja o que for além disso, o homem ainda é um cavaleiro. E também não sei se devíamos chamar Robert de meu *querido* irmão. Não me queria mais do que era forçado a querer, nem eu a ele.

– Uma cortesia inofensiva, Vossa Graça – Pylos observou.

– Uma mentira. Retire-a – Stannis virou-se para Davos. – O meistre disse-me que temos à disposição cento e dezessete corvos. Pretendo usar todos. Cento e dezessete corvos levarão cento e dezessete cópias da minha carta a todos os cantos do reino, da Árvore à Muralha. Talvez uma centena vença as tempestades, os falcões e as flechas. Se assim for, uma

centena de meistres lerão as minhas palavras a outros tantos senhores em outros tantos aposentos privados e quartos de dormir… E então, o mais provável é que as cartas sejam entregues às chamas e os lábios se comprometam com o silêncio. Esses grandes senhores amam Joffrey, Renly ou Robb Stark. Eu sou o seu legítimo rei, mas vão me recusar se puderem. Por isso preciso de você.

– Estou às suas ordens, meu rei. Como sempre.

Stannis acenou com a cabeça.

– Desejo que leve o *Bertha Negra* para o norte, para Vila Gaivotas, os Dedos, as Três Irmãs, até Porto Branco. Seu filho Dale irá para o sul no *Espectro*, para lá de Cabo da Fúria e do Braço Partido, ao longo de toda a costa de Dorne até a Árvore. Cada um de vocês levará um baú cheio de cartas e entregará uma em cada porto, castro e aldeia de pescadores. Pregue-as nas portas dos septos e estalagens para que cada homem que saiba ler possa fazê-lo.

Davos respondeu:

– Serão bem poucos.

– Sor Davos fala a verdade, Vossa Graça – confirmou Meistre Pylos. – Seria melhor que as cartas fossem lidas em voz alta.

– Melhor, mas mais perigoso – Stannis retrucou. – Estas palavras não serão bem recebidas.

– Dê-me cavaleiros para a leitura – Davos pediu. – Isso terá mais peso do que qualquer coisa que eu possa dizer.

Stannis pareceu contente com a ideia.

– Sim, posso lhe dar esses homens. Tenho uma centena de cavaleiros que preferem ler a lutar. Seja direto onde puder, e furtivo onde for necessário. Use todos os truques de contrabandista que conhece, as velas negras, as enseadas escondidas, o que for preciso. Se faltarem cartas, capture alguns septões e faça-os copiar mais. Pretendo usar também seu segundo filho. Ele atravessará o Mar Estreito no *Senhora Marya*, até Bravos e as outras Cidades Livres, para entregar outras cartas aos homens que lá governam. O mundo passará a saber da minha pretensão, e da infâmia de Cersei.

*Pode lhes contar*, pensou Davos, *mas acreditarão?* Lançou um relance pensativo a Meistre Pylos. O rei reparou no olhar.

– Meistre, talvez devesse começar sua escrita. Necessitaremos de muitas cartas, e em breve.

– Como desejar – Pylos fez uma reverência e se retirou.

O rei esperou até ele sair, para só então dizer:

– O que é que não queria dizer na frente do meu meistre, Davos?

– Meu suserano, Pylos é bastante agradável, mas não consigo olhar para a corrente que ele tem em volta do pescoço sem sentir luto por Meistre Cressen.

– É culpa dele que o velho tenha morrido? – Stannis deu uma olhada para o fogo. – Nunca quis Cressen naquele banquete. Sim, ele tinha me irritado, tinha me dado maus conselhos, mas não o queria morto. Tive esperança de que lhe pudessem ser concedidos alguns anos de tranquilidade e conforto. Merecia pelo menos isso, mas… – rangeu os dentes – morreu. E Pylos serve-me com competência.

– Pylos é o de menos. A carta… Pergunto-me o que seus senhores pensaram dela.

Stannis fungou.

– Celtigar declarou-a admirável. Se lhe mostrasse o conteúdo da minha latrina, iria declará-lo igualmente admirável. Os outros sacudiram as cabeças para cima e para baixo como um bando de gansos, todos, menos Velaryon, que disse que o assunto seria decidido com aço, e não com palavras num pergaminho. Como se eu nunca tivesse suspeitado de tal coisa. Que os Outros levem os meus senhores. Quero ouvir a sua opinião.

– Suas palavras foram diretas e fortes.

– E verdadeiras.

– E verdadeiras. Mas não tem provas. Desse incesto. Não tem mais do que tinha há um ano.

– Há uma espécie de prova em Ponta Tempestade. O bastardo de Robert. O que ele gerou na minha noite de núpcias, exatamente na cama que tinham preparado para mim e para a minha noiva. Delena era uma Florent, e uma donzela quando ele a tomou, por isso Robert reconheceu o

bebê. Chamam-no Edric Storm. Dizem que é a imagem e semelhança do meu irmão. Se os homens o vissem e depois voltassem a olhar para Joffrey e Tommen, não teriam como duvidar, penso eu.

– Mas como os homens poderão vê-lo se ele está em Ponta Tempestade?

Stannis tamborilou na Mesa Pintada com os dedos.

– É uma dificuldade. Uma de muitas – ergueu os olhos. – Tem mais a dizer a respeito da carta. Bem, prossiga com isso. Não o fiz cavaleiro para que aprendesse a proferir cortesias vazias. Para isso tenho meus senhores. Diga o que quer dizer, Davos.

Davos fez uma reverência:

– Há uma frase no fim. Como era? *Feito à Luz do Senhor*…

– Sim – o maxilar do rei estava apertado.

– Seu povo não gostará dessas palavras.

– Assim como você? – Stannis perguntou rispidamente.

– Se, em vez delas, dissesse: *Feito à vista dos deuses e dos homens*, ou *Pela graça dos deuses, antigos e modernos*…

– Tornou-se agora devoto, contrabandista?

– Essa era a pergunta que eu queria fazer ao senhor, meu suserano.

– Ah, era? Parece que não gosta mais do meu novo deus do que do meu novo meistre.

– Não conheço este Senhor da Luz – Davos admitiu –, mas conhecia os deuses que queimamos hoje de manhã. O Ferreiro manteve meus navios a salvo, ao passo que a Mãe me deu sete filhos fortes.

– Sua esposa lhe deu sete filhos fortes. Reza para ela? O que queimamos hoje de manhã foi madeira.

– Pode ser que sim – Davos respondeu –, mas, quando eu era rapaz no Fundo das Pulgas e andava pedindo moedas de cobre, às vezes os septões alimentavam-me.

– Quem o alimenta agora sou *eu*.

– O senhor me deu um lugar de honra à sua mesa. E, em troca, eu lhe dou a verdade. Seu povo não o amará se tirar dele os deuses que sempre adorou, e lhe der um que tem até um nome que soa estranho na língua que falam.

Stannis ficou em pé bruscamente.

– *R'hllor*. Por que será assim tão difícil? Eles não me amarão, você diz? Como posso perder algo que nunca possuí? – deslocou-se até a janela sul e ficou olhando o mar iluminado pela lua. – Deixei de acreditar em deuses no dia em que vi o *Orgulho do Vento* quebrar-se do outro lado da baía. Jurei que quaisquer deuses que fossem monstruosos a ponto de afogar minha mãe e meu pai nunca teriam a *minha* adoração. Em Porto Real, o Alto Septão gostava de tagarelar comigo sobre o modo como toda justiça e bondade emanavam dos Sete, mas tudo o que sempre vi foi que ambas eram feitas pelos homens.

– Se não acredita em deuses…

– … por que me perturbar com este novo? – Stannis o interrompeu. – Perguntei-me a mesma coisa. Pouco sei sobre deuses, e me preocupo com eles ainda menos, mas a sacerdotisa vermelha tem poder.

*Sim, mas que tipo de poder?*

– Cressen tinha sabedoria.

– Confiei na sabedoria dele e nas suas artimanhas, e o que foi que me trouxeram, contrabandista? Os senhores da tempestade mandaram-me embora. Fui até eles como pedinte e riram de mim. Pois bem, não haverá mais pedidos, e também não haverá mais risos. O Trono de Ferro é legitimamente meu. Mas como vou obtê-lo? Há quatro reis no reino, e três deles têm mais homens e ouro do que eu. Tenho navios… e tenho *ela*. A mulher vermelha. Metade dos meus cavaleiros tem medo até de dizer seu nome, sabia? Mesmo se não puder fazer mais nada, uma feiticeira que é capaz de inspirar tal terror em adultos não pode ser desprezada. Um homem assustado é um homem vencido. E talvez *possa* fazer mais. Pretendo verificar. Quando era rapaz, encontrei um açor ferido e tratei dele até que recuperasse a saúde. Chamei-o Asaltiva. Costumava se empoleirar no meu ombro, esvoaçar de sala em sala atrás de mim e comer na minha mão, mas não voava alto. Uma vez ou outra levei-o à caça, mas nunca subiu mais alto do que as copas das árvores. Robert chamou-o Asafraca. Ele tinha um falcão-gerifalte chamado Trovão que nunca errava um ataque. Um dia, nosso tio-avô, Sor Harbert,

disse-me para experimentar outra ave. Disse que estava fazendo papel de idiota com Asaltiva, e tinha razão.

Stannis Baratheon virou as costas para a janela e para os fantasmas que se deslocavam pelo mar do sul.

– Os Sete nunca me trouxeram nem um pardal. É tempo de experimentar outro falcão, Davos. Um falcão *vermelho*.

# Theon

Não havia ancoradouro seguro em Pyke, mas Theon Greyjoy queria ver do mar o castelo do pai, para voltar a observá-lo como o vira pela última vez, dez anos antes, quando a galé de guerra de Robert Baratheon o levara da ilha para se tornar protegido de Eddard Stark. Naquele dia, tinha permanecido junto à amurada, escutando o bater dos remos e o ressoar do tambor do mestre enquanto via Pyke se tornar cada vez menor com a distância. Agora queria vê-lo crescer, erguer-se do mar à sua frente.

Obediente aos seus desejos, o *Myraham* abriu caminho para lá do cabo com as velas batendo, com o capitão amaldiçoando o vento, a sua tripulação e as loucuras dos fidalgos bem-nascidos. Theon puxou o capuz do manto, protegendo-se dos borrifos, e procurou a sua casa.

O litoral era todo feito de rochedos aguçados e falésias carrancudas, e o castelo parecia ser um só com as torres, muralhas e pontes esculpidas da mesma rocha cinza-escuro, umedecido pelas mesmas ondas salgadas, com as mesmas manchas de musgo verde-escuro que se espalhavam parecendo uma grinalda, salpicado pelos excrementos das mesmas aves marinhas. A ponta de terra onde os Greyjoy tinham erguido sua fortaleza projetara-se em outra época como uma espada pelas entranhas do oceano, mas as grandes ondas tinham-na martelado dia e noite até que a terra se quebrou e se estilhaçou, milhares de anos antes. Apenas restaram três ilhas nuas e estéreis e uma dúzia de grandes pilares de rocha que se erguiam da água como as colunas do templo de algum deus marinho, enquanto as ondas iradas espumavam e quebravam ao redor.

Lúgubre, escuro, ameaçador, Pyke erguia-se sobre essas ilhas e pilares, quase como se fizesse parte delas, com a muralha exterior fechando o

promontório para defender a base da grande ponte de pedra que se lançava do topo da falésia até a maior das ilhotas, dominada pelo sólido núcleo da Grande Fortaleza. Mais adiante ficavam a Fortaleza da Cozinha e a Fortaleza Sangrenta, cada uma erguida na sua própria ilha rochosa. Torres e edifícios externos agarravam-se aos rochedos que os rodeavam, ligados uns aos outros por arcadas cobertas quando os pilares ficavam perto, ou por longas pontes suspensas de madeira e corda quando eram distantes.

A Torre do Mar erguia-se da ilha mais afastada, na ponta da espada quebrada; a mais antiga parte do castelo, alta e redonda, com o pilar de faces abruptas sobre o qual se erguia, meio corroído, pelo interminável bater das ondas. A base da torre tinha se tornado branca com séculos de acúmulo de sal, os andares superiores verdes com o musgo que rastejava sobre eles como um espesso cobertor, o topo irregular negro com a fuligem do fogo das vigias noturnas.

Por cima da Torre do Mar esvoaçava o estandarte do pai. O *Myraham* estava distante demais para que Theon visse mais do que o pano, mas sabia qual símbolo ostentava: a lula gigante dourada da Casa Greyjoy, com os tentáculos contorcendo-se e se esticando no fundo negro. A bandeira voava presa a um mastro de ferro, tremendo e retorcendo-se quando era atingida por uma rajada de vento, como uma ave que lutava para levantar voo. O melhor de tudo era que, aqui, o lobo gigante dos Stark não voava mais alto, não lançava sua sombra sobre a lula gigante dos Greyjoy.

Theon nunca tinha visto algo mais entusiástico. No céu atrás do castelo, a bela cauda vermelha do cometa era visível através de nuvens esparsas e rápidas. Ao longo de todo o caminho entre Correrrio e Guardamar, os Mallister tinham discutido seu significado. *É o meu cometa*, disse Theon a si mesmo, enfiando uma mão no manto debruado de peles para tocar a bolsa de oleado acomodada no seu bolso. Lá dentro estava a carta que Robb Stark lhe dera, um papel que valia uma coroa.

– O castelo está como se recorda dele, senhor? – perguntou a filha do capitão enquanto se apertava contra o seu braço.

– Parece menor – Theon confessou. – Embora talvez seja só a distância.

*Myraham* era um navio mercantil de casco largo, do sul, vindo de Vilavelha com um carregamento de vinho, especiarias e sementes, que pretendia trocar por minério de ferro. O capitão era também um mercador de casco largo do sul, e o mar pedregoso que espumava aos pés do castelo fazia seus lábios rechonchudos tremerem, por isso permanecia bem afastado, mais longe do que Theon teria preferido. Um capitão de ferro com um dracar os teria levado ao longo das falésias e sob a alta ponte que ligava a guarita à Grande Fortaleza, mas aquele rechonchudo vilavelhense não tinha nem o navio, nem a tripulação, nem a coragem de tentar tal coisa. Portanto, passaram a distância segura, e Theon teve de se contentar em ver Pyke de longe. Mesmo assim, o *Myraham* foi obrigado a lutar ferozmente para se manter afastado daqueles rochedos.

– Ali deve ser ventoso – observou a filha do capitão.

Ele riu.

– Ventoso, frio e úmido. Um lugar duro e miserável, para falar a verdade… Mas o senhor meu pai me disse um dia que lugares duros geram homens duros, e homens duros governam o mundo.

A cara do capitão estava verde como o mar quando se aproximou, às reverências, de Theon e perguntou:

– Podemos nos dirigir ao porto agora, senhor?

– Podemos – Theon respondeu, com um tênue sorriso a brincar nos seus lábios. A promessa de ouro tinha transformado o vilavelhense num lambe-botas sem vergonha. Teria sido uma viagem muito diferente se um dracar das ilhas o aguardasse em Guardamar, como ele tinha esperado. Os capitães de ferro eram orgulhosos e voluntariosos, e não reverenciavam ninguém pelo sangue. As ilhas eram pequenas demais para a reverência, e um dracar era ainda menor. Se qualquer capitão era um rei a bordo do seu navio, como era costume dizer, pouco admirava que chamassem as ilhas de terra dos dez mil reis. E quando se via seus reis cagando por cima da amurada e ficando enjoados durante uma tempestade, era difícil ajoelhar-se e fingir que eram deuses. “O Deus

Afogado faz homens”, tinha dito, um dia, o velho rei Urron Redhand, há milhares de anos, “mas são os homens que fazem coroas”.

Um dracar também teria feito a travessia em metade do tempo. A bem da verdade, o *Myraham* era uma banheira chafurdante, e Theon não gostaria de estar a bordo dele numa tempestade. Apesar de tudo, não podia se sentir muito infeliz. Estava ali, não se afogara, e a viagem tinha oferecido alguns outros divertimentos. Pôs um braço em volta da filha do capitão.

– Chame-me quando chegarmos a Fidalporto – disse ao pai dela. – Estaremos lá embaixo, na minha cabine – e empurrou a garota para a popa, enquanto o pai os via partir num silêncio taciturno.

A cabine, na verdade, era do capitão, mas tinha sido entregue a Theon quando partiram de Guardamar. A filha do capitão não lhe tinha sido entregue, mas viera de vontade própria para sua cama mesmo assim. Uma taça de vinho, alguns murmúrios, e lá estava ela. A garota era um pouco rechonchuda para o seu gosto, com uma pele tão manchada como mingau de aveia, mas seus seios enchiam muito bem suas mãos, e ela era donzela da primeira vez que a teve. Isso era surpreendente, considerando a idade que tinha, mas Theon achou o fato divertido. Não lhe parecia que o capitão aprovasse, e isso também era divertido, observar o homem lutando para engolir o ultraje enquanto desempenhava as suas cortesias para com o grande senhor, sem nunca ter longe do pensamento a rica bolsa de ouro que lhe tinha sido prometida.

Enquanto Theon se livrava do manto molhado, a moça disse:

– Deve estar muito feliz por voltar a ver seu lar, senhor. Quantos anos esteve fora?

– Dez, ou tão perto disso que não faz diferença – ele respondeu. – Era um menino de dez anos quando fui levado para Winterfell como protegido de Eddard Stark.

Um protegido no nome, um refém na realidade. Metade dos seus dias como refém… Mas não mais. Sua vida era de novo sua, e não se via um Stark em nenhum canto. Puxou a filha do capitão para mais perto e beijou-a na orelha.

– Tire o manto.

Ela abaixou os olhos, subitamente tímida, mas fez o que lhe pedia. Quando a pesada veste, ensopada de maresia, caiu dos seus ombros e se amontoou no convés, ela fez uma pequena reverência e deu um sorriso ansioso. Ficava com um ar bastante estúpido quando sorria, mas ele nunca tinha exigido das mulheres que fossem espertas.

– Vem cá.

Ela foi:

– Nunca vi as Ilhas de Ferro.

– Considere-se sortuda – Theon afagou seu cabelo. Era fino e escuro, embora o vento o tivesse embaraçado. – As ilhas são lugares austeros e pedregosos, de conforto escasso e perspectivas desanimadoras. Aqui a morte nunca está longe, e a vida é má e magra. Os homens passam as noites bebendo cerveja e discutindo sobre qual dos grupos é pior, o dos pescadores que lutam contra o mar ou o dos agricultores, que tentam arrancar uma colheita do solo pobre e raso. Na realidade, os mineiros vivem pior do que ambos, quebrando suas costas no escuro, e para quê? Ferro, chumbo, estanho, são esses os nossos tesouros. Não é de espantar que os homens de ferro de outrora tivessem se voltado para o saque.

A estúpida moça não parecia estar ouvindo.

– Podia ir para a terra firme com você – ela disse. – Faria isso, se lhe agradasse…

– Podia ir para terra firme – concordou Theon, apertando seu seio –, mas receio que não comigo.

– Trabalharia no seu castelo, senhor. Sei limpar peixe, cozer pão e bater manteiga. O pai diz que meu guisado de caranguejo com pimenta é o melhor que já provou. Poderia encontrar um lugar para mim nas suas cozinhas, e eu poderia preparar guisado de caranguejo com pimenta para o senhor.

– E aquecer minha cama à noite? – estendeu a mão para as fitas do seu corpete e começou a desatá-las, com dedos hábeis e experientes. – Antigamente, poderia tê-la levado para casa como saque e tê-la mantido como esposa, quer você quisesse quer não. Os homens de ferro de outrora

faziam coisas assim. Um homem tinha sua esposa da rocha, a verdadeira consorte, nascida de ferro como ele, mas também possuía suas esposas de sal, mulheres capturadas em saques.

Os olhos da moça abriram-se muito, e não era porque ele tinha desnudado seus seios.

– Eu seria sua esposa de sal, senhor.

– Temo que esses dias tenham passado – o dedo de Theon moveu-se ao redor de uma mama pesada, numa espiral que se dirigia para o gordo mamilo marrom. – Já não podemos montar o vento com fogo e espada, roubando o que quisermos. Agora arranhamos o solo e atiramos linhas ao mar como os outros homens e consideramo-nos sortudos se tivermos bacalhau salgado e mingau suficientes para nos sustentar durante um inverno.

Tomou o mamilo na boca e mordeu-o, até ela arfar.

– Pode pôr em mim de novo, se desejar – sussurrou a garota ao seu ouvido, enquanto ele chupava seu seio.

Quando afastou a cabeça do seio dela, a pele estava vermelho-escura onde a boca a marcara.

– Desejo ensinar uma coisa nova a você. Dispa-me, e me dê prazer com a boca.

– Com a boca?

O polegar dele roçou levemente nos lábios carnudos da moça.

– Foi para isso que estes lábios foram feitos, doçura. Se fosse minha esposa de sal, faria o que eu ordenasse.

Ela, a princípio, se mostrou tímida, mas aprendia depressa para uma garota tão estúpida, o que o agradava. Tinha a boca tão úmida e doce como a boceta, e assim não tinha de ouvir sua tagarelice tediosa. *Antigamente, teria realmente ficado com ela como esposa de sal*, pensou consigo mesmo, enquanto enfiava os dedos no seu cabelo embaraçado. *Antigamente. Quando ainda mantínhamos o Costume Antigo, vivíamos pelo machado e não pela picareta, roubando o que quiséssemos, fossem riquezas, mulheres ou glória*. Naqueles dias, os homens de ferro não trabalhavam nas minas; isso era tarefa para os cativos trazidos das

incursões, assim como o lamentável trabalho na agricultura e na criação de cabras e ovelhas. A guerra era o ofício próprio para um homem de ferro. O Deus Afogado fizera-os para saquear e violar, para esculpir reinos e escrever seus nomes em fogo, sangue e canções.

Aegon, o Dragão, destruira o Costume Antigo quando queimou o Harren Negro, devolveu o reino de Harren aos fracos homens do rio e reduziu as Ilhas de Ferro a um grotão insignificante de um reino muito maior. Mas as velhas histórias vermelhas ainda eram contadas em torno de fogueiras feitas com madeira levada à costa e lareiras fumacentas por todas as ilhas, até no interior dos altos salões de pedra de Pyke. O pai de Theon tinha entre seus títulos o de Senhor Ceifeiro, e as palavras Greyjoy gabavam-se de que *Nós Não Semeamos*.

Fora mais para trazer de volta o Costume Antigo do que pela vaidade vazia de uma coroa que Lorde Balon desencadeara sua grande rebelião. Robert Baratheon escreveu um fim sangrento para essa esperança, com a ajuda do seu amigo Eddard Stark, mas ambos estavam agora mortos. Meros rapazes governavam nos seus lugares, e o reino que Aegon, o Conquistador, tinha forjado encontrava-se esmagado e dividido. *É esta a estação*, pensou Theon, enquanto os lábios da filha do capitão deslizavam para cima e para baixo, por todo o seu comprimento, *a estação, o ano, o dia, e eu sou o homem*. Deu um sorriso torto, perguntando-se o que o pai falaria quando Theon lhe dissesse que ele, o caçula, o bebê e o refém, *ele* tinha obtido sucesso onde o próprio Lorde Balon falhara.

O clímax veio súbito como uma tempestade, e encheu a boca da moça com o seu sêmen. Surpreendida, ela tentou se afastar, mas Theon a segurou bem pelo cabelo. Depois, ela aninhou-se ao seu lado.

– Satisfiz o senhor?

– Bastante bem.

– Tinha um gosto salgado – ela murmurou.

– Como o mar?

A moça confirmou com a cabeça.

– Sempre adorei o mar, senhor.

– Como eu – ele disse, girando indolentemente o mamilo dela entre os dedos. Era verdade. O mar significava liberdade para os homens das Ilhas de Ferro. Theon havia se esquecido disso, até o *Myraham* desfraldar as velas em Guardamar. Os sons tinham trazido de volta velhos sentimentos; o ranger da madeira e das cordas, as ordens gritadas pelo capitão, o bater das velas quando o vento as enchia; tudo era tão familiar como o bater do seu próprio coração, e tão reconfortante quanto. *Tenho de me lembrar disto*, jurou Theon a si mesmo. *Nunca mais deverei me afastar do mar*.

– Leve-me junto, senhor – suplicou a filha do capitão. – Não preciso ir para o seu castelo. Posso ficar em alguma vila e ser a sua esposa de sal – ela estendeu a mão para acariciar seu rosto.

Theon Greyjoy afastou a mão para o lado e desceu do beliche.

– Meu lugar é em Pyke, e o seu, neste navio.

– Agora não posso ficar aqui.

Ele amarrou os calções.

– E por que não?

– O meu pai. Depois que for embora, ele vai me castigar, senhor. Vai me chamar de nomes feios e me bater.

Theon tirou o manto do cabide e o colocou sobre os ombros.

– Os pais são assim – ele admitiu, enquanto prendia as dobras com uma fivela de prata. – Diga que ele devia ficar contente. Fodi você tantas vezes que é provável que já esteja esperando. Não é qualquer um que tem a honra de criar um bastardo real.

Ela o olhou estupidamente, e ele, simplesmente a deixou ali.

O *Myraham* rodeava um cabo arborizado. Sob as escarpas cobertas de pinheiros, uma dúzia de barcos de pesca puxava suas redes. O grande navio mercante permaneceu bem afastado deles enquanto manobrava. Theon foi até a proa para ver melhor. Viu primeiro o castelo, o castro dos Botley, uma Casa menor juramentada a seu pai. Quando criança, o castelo era feito de madeira e vime, mas Robert Baratheon tinha arrasado essa estrutura por completo. Lorde Sawane reconstruíra-a em pedra, e agora a colina era coroada por uma pequena fortaleza quadrada.

Bandeiras verde-claras pendiam das atarracadas torres dos cantos, cada uma decorada com um cardume de peixes prateados.

Sob a proteção incerta do pequeno castelo repleto de peixes ficava a aldeia de Fidalporto, com o porto apinhado de navios. Da última vez que vira Fidalporto, era um deserto fumegante, com esqueletos de galés queimadas e galés esmagadas jazendo na costa pedregosa, como os ossos de leviatãs mortos, e as casas transformadas em nada mais que paredes quebradas e cinzas frias. Dez anos depois, poucos sinais da guerra restavam. O povo tinha construído novas choupanas com as pedras dos antigos e cortara novos colmos para os telhados. Uma nova estalagem tinha sido erguida junto ao desembarcadouro, o dobro do tamanho da antiga, com um andar inferior de pedra cortada e dois superiores de madeira. Mas o septo que ficava atrás nunca foi reconstruído; só restava uma fundação com sete lados para indicar o lugar onde antes existira. A fúria de Robert Baratheon, ao que parecia, tinha azedado o gosto dos homens de ferro pelos novos deuses.

Theon estava mais interessado em navios do que em deuses. Por entre os mastros de incontáveis barcos de pesca, vislumbrou uma galé mercantil de Tyrosh, que descarregava junto de um pesado navio pesqueiro ibbenês com o casco coberto de piche negro. Um grande número de dracares, pelo menos cinquenta ou sessenta, encontravam-se ao largo ou encalhados na costa pedregosa ao norte. Algumas das velas ostentavam símbolos das outras ilhas; a lua de sangue de Wynch, o corno de guerra negro enfaixado de Lorde Goodbrother, a foice prateada de Harlaw. Theon tentou vislumbrar o *Silêncio*, do tio Euron. Desse esguio e terrível navio vermelho não viu sinal, mas a *Grande Lula Gigante* do pai estava lá, pairando sobre embarcações menores, com a proa ornamentada por um esporão cinza de ferro esculpido na forma do monstro marinho que dava nome ao navio.

Teria Lorde Balon se antecipado e convocado os vassalos Greyjoy quando recebeu de Correrrio a mensagem de Robb? Sua mão voltou a introduzir-se no manto para tocar a bolsa de oleado. Ninguém conhecia aquela sua carta além de Robb Stark; não eram tolos, e só um tolo

confiaria seus segredos a uma ave. Em todo caso, Lorde Balon também não era nenhum tolo. Podia perfeitamente ter adivinhado o motivo por que o filho regressava finalmente à casa, e agido de acordo.

A ideia não lhe agradou. A guerra do pai tinha há muito terminado, e estava perdida. Aquela era a hora de Theon; seu plano, sua glória e, a seu tempo, sua coroa. *Mas se os dracares estão reunidos…*

Agora que pensava nisso, podia ser apenas uma precaução. Uma medida defensiva, caso a guerra se derramasse pelo mar. Os velhos eram cautelosos por natureza. Seu pai era agora velho, assim como o tio Victarion, que comandava a Frota de Ferro. Seu tio Euron tocava outra música, certamente, mas o *Silêncio* parecia não estar no porto. *Ainda bem*, disse Theon a si mesmo. *Assim, poderei atacar ainda mais depressa*.

Enquanto o *Myraham* abria caminho em direção à terra firme, Theon passeou, agitado, pelo convés, examinando a costa. Não esperava encontrar o próprio Lorde Balon à espera no cais, mas seu pai teria certamente enviado alguém ao seu encontro. O Velho Sylas Boca Azeda, o intendente, ou talvez Lorde Botley, ou até mesmo Dagmer Boca Rachada. Seria bom ver a cara horrenda de Dagmer novamente. Eles sabiam que estava chegando. Robb tinha mandado uma mensagem antes de Theon partir de Correrrio, e quando não encontraram nenhum dracar à espera em Guardamar, Lorde Jason Mallister enviara as suas próprias aves para Pyke, supondo que as de Robb tivessem se perdido.

Mas Theon não viu rostos familiares no porto, nenhuma guarda de honra de cavaleiros para escoltá-lo de Fidalporto até Pyke, só plebeus que tratavam dos seus assuntos banais. Carregadores desembarcavam cascos de vinho do navio mercante de Tyrosh, pescadores anunciavam aos gritos a mercadoria do dia, crianças corriam e brincavam. Um sacerdote com a toga marinha do Deus Afogado levava um par de cavalos ao longo da costa pedregosa, e por cima da sua cabeça uma prostituta debruçava-se de uma janela na estalagem, chamando marinheiros ibbeneses de passagem.

Um punhado de mercadores de Fidalporto havia se reunido para receber o navio. Gritaram perguntas enquanto o *Myraham* era amarrado.

– Viemos de Vilavelha – gritou-lhes o capitão em resposta –, trazendo maçãs e laranjas, vinhos da Árvore, penas das Ilhas do Verão. Tenho pimenta, couro trançado, um rolo de renda de Myr, espelhos para as senhoras, um par de harpas de madeira de Vilavelha com um som doce como nunca ouviram – a prancha de embarque desceu com um rangido e um estrondo. – E trouxe-lhes de volta o seu herdeiro.

Os homens de Fidalporto olharam Theon com olhos vazios e bovinos, e ele percebeu que não sabiam quem era. Aquilo o deixou irritado. Enfiou um dragão de ouro na palma da mão do capitão e lhe disse:

– Mande seus homens trazerem as minhas coisas – e, sem esperar resposta, desceu a prancha a passos largos. – Estalajadeiro – ele esbravejou –, quero um cavalo.

– Como quiser, senhor – respondeu o homem, sem sequer fazer uma reverência. Theon tinha se esquecido de como os homens de ferro podiam ser descarados. – Tenho um que deve servir. Para onde vai, senhor?

– Pyke – o imbecil *ainda* não o reconhecia. Devia ter vestido o gibão bom, com a lula gigante bordada no peito, e então não teria deixado margem a dúvidas.

– Desejará partir em breve, para chegar a Pyke antes de escurecer – disse o estalajadeiro. – Meu rapaz irá junto para lhe mostrar o caminho.

– Seu rapaz não será necessário – gritou uma voz profunda –, nem seu cavalo. Eu levo meu sobrinho à casa do pai.

Quem falava era o sacerdote que Theon tinha visto levando os cavalos ao longo da costa. Quando o homem se aproximou, os plebeus fizeram reverência, e Theon ouviu o estalajadeiro murmurar:

– Cabelo Molhado...

Alto e magro, com ferozes olhos negros e um nariz em forma de bico, o sacerdote usava vestimentas em verde, cinza e azul, o torvelinho de cores do Deus Afogado. Um odre de água pendia do seu ombro, de uma correia

de couro, e cordões de algas secas estavam trançados no seu cabelo negro, que chegava à cintura, e na barba por fazer.

Theon franziu a testa enquanto vasculhava a memória. Numa das suas sucintas cartas, Lorde Balon havia escrito algo sobre seu irmão mais novo ter naufragado numa tempestade e se tornado um homem santo quando foi encontrado vivo na costa.

– Tio Aeron? – a voz de Theon soou incerta.

– Sobrinho Theon – respondeu o sacerdote. – O senhor seu pai pediu-me para vir buscá-lo. Venha.

– Um momento, tio – Theon se virou para o *Myraham*. – As minhas coisas – ordenou ao capitão.

Um marinheiro entregou-lhe o grande arco de teixo e a aljava, mas foi a filha do capitão quem lhe trouxe o pacote com a roupa boa.

– Senhor.

Os olhos da menina estavam vermelhos. Quando pegou o pacote, ela fez um gesto para abraçá-lo, ali mesmo, na frente do pai, do tio sacerdote de Theon e de metade da ilha.

Theon virou-se habilmente de lado.

– Os meus agradecimentos.

– Por favor – ela pediu. – Eu o amo, senhor.

– Tenho de ir – Theon apressou-se em seguir o tio, que já avançara bastante ao longo do cais, alcançando-o com uma dúzia de longas passadas. – Não esperava encontrá-lo, tio. Depois de dez anos, pensei que talvez o senhor meu pai ou a senhora minha mãe pudessem vir em pessoa, ou mandassem Dagmer com uma guarda de honra.

– Não cabe a você questionar as ordens do Senhor Ceifeiro de Pyke – os modos do sacerdote eram gélidos, bem diferentes dos do homem que Theon recordava. Aeron Greyjoy fora o mais amigável dos seus tios, fútil e de riso rápido, dado a canções, cerveja e mulheres. – E quanto a Dagmer, o Boca Rachada, partiu para a Velha Wyk a mando do seu pai, a fim de chamar os Stonehouse e os Drumm.

– Com que objetivo? Por que os dracares estão reunidos?

– Por que se reúnem os dracares desde sempre? – o tio tinha deixado os cavalos atados em frente à estalagem. Quando lá chegaram, virou-se para Theon: – Diga-me a verdade, sobrinho. Agora reza aos deuses dos lobos?

Theon raramente rezava, e ponto. Mas isso não era algo que se pudesse confessar a um sacerdote, mesmo ao irmão do pai.

– Ned Stark rezava a uma árvore. Não, não me importo nada com os deuses dos Stark.

– Ótimo. Ajoelhe-se.

O chão era todo de pedra e lama.

– Tio, eu…

– *Ajoelha*. Ou será agora orgulhoso demais um fidalgo das terras verdes que veio para junto de nós?

Theon ajoelhou-se. Tinha ali um propósito e podia necessitar da ajuda de Aeron para alcançá-lo. Supunha que uma coroa valia um pouco de lama e bosta de cavalo nos calções.

– Abaixe a cabeça.

Erguendo o odre, o tio tirou a rolha e apontou um fino jorro de água do mar para a cabeça de Theon. O fluxo da água ensopou seu cabelo e correu pela sua testa até os olhos. Escorreu pelo rosto, e um suave fluxo de água deslizou sob o manto e o gibão, e pelas costas abaixo, um riacho frio ao longo da espinha. O sal fez seus olhos arderem, até que só com grande dificuldade evitou gritar. Sentiu nos lábios o sabor do oceano.

– Que Theon, seu servo, renasça do mar, como o senhor renasceu – entoou Aeron Greyjoy. – Abençoe-o com o sal, abençoe-o com a pedra, abençoe-o com o aço. Sobrinho, ainda conhece as palavras?

– O que está morto não pode morrer – Theon respondeu, lembrando-se.

– O que está morto não pode morrer – ecoou o tio –, mas volta a se erguer, mais duro e mais forte. Erga-se.

Theon ergueu-se, piscando, reprimindo lágrimas causadas pelo sal que tinha nos olhos. Sem uma palavra, o tio arrolhou o odre, desatou o cavalo e montou. Theon fez o mesmo. Arrancaram juntos, deixando a estalagem e o porto para trás, passando pelo castelo de Lorde Botley e entrando nas colinas pedregosas. O sacerdote não disse nem mais uma palavra.

– Passei metade da vida longe de casa – arriscou Theon por fim. – Vou encontrar as ilhas mudadas?

– Os homens pescam no mar, escavam na terra e morrem. As mulheres dão à luz crianças em sangue e dor, e morrem. A noite segue o dia. Os ventos e as marés permanecem. As ilhas são como nosso deus as fez.

*Deuses... Agora ele se tornou sombrio*, pensou Theon.

– Encontrarei minha irmã e a senhora minha mãe em Pyke?

– Não. Sua mãe mora em Harlaw com a irmã dela. É menos úmido por lá, e a tosse a atormenta. Sua irmã levou *Vento Negro* para Grande Wyk com mensagens do senhor seu pai. Voltará em breve, pode ter certeza disso.

Theon não precisava que lhe dissessem que *Vento Negro* era o dracar de Asha. Não via a irmã há dez anos, mas, pelo menos isso, sabia dela. Era estranho que tivesse dado esse nome ao navio, quando Robb Stark tinha um lobo chamado Vento Cinzento.

– Stark é cinza, e Greyjoy é negro – ele murmurou, sorrindo –, mas parece que ambos somos ventosos.

O sacerdote nada tinha a responder àquilo.

– E você, tio? – perguntou Theon. – Não era nenhum sacerdote quando fui levado de Pyke. Lembro-me de como cantava as velhas canções de saque em pé sobre a mesa com um corno de cerveja na mão.

– Era jovem e frívolo – Aeron Greyjoy respondeu. – Mas o mar lavou minhas loucuras e frivolidades. Aquele homem se afogou, sobrinho. Seus pulmões encheram-se de água do mar, e os peixes comeram as escamas que cobriam seus olhos. Quando me reergui, via com clareza.

*É tão louco como amargo*, pensou Theon, entristecido. Gostava do que recordava do antigo Aeron Greyjoy.

– Tio, por que meu pai convocou as espadas e as velas?

– Sem dúvida ele lhe dirá, em Pyke.

– Gostaria de saber dos seus planos agora – disse Theon.

– De mim não saberá. Foi-nos ordenado que não falássemos disso com nenhum homem.

– Nem *comigo*?

A ira de Theon se fez notar. Comandara homens na guerra, caçara com um rei, conquistara a honra em lutas corpo a corpo de torneios, cavalgara com Brynden Peixe Negro e o Grande-Jon Umber, lutara no Bosque dos Murmúrios, dormira com mais garotas do que conseguia recordar, e mesmo assim o tio tratava-o como se ainda fosse uma criança de dez anos.

– Se meu pai faz planos para a guerra, devo conhecê-los. Não sou "*um homem*", mas o herdeiro de Pyke e das Ilhas de Ferro.

– Quanto a isso, veremos – o tio respondeu.

As palavras foram uma bofetada no seu rosto.

–V*eremos*? – Theon repetiu, em tom desdenhoso. – Ambos os meus irmãos estão mortos. Sou o único filho sobrevivente do senhor meu pai.

– Sua irmã está viva – Aeron nem sequer ofereceu a Theon a cortesia de um relance.

*Asha*, Theon pensou, confuso. Era três anos mais velha do que ele, mas, mesmo assim…

– Uma mulher só pode herdar se não houver nenhum herdeiro varão em linha direta – ele insistiu em voz alta. – Não aceitarei que me privem dos meus direitos, aviso.

O tio soltou um grunhido.

– *Avisa* um servo do Deus Afogado, rapaz? Você se esqueceu mais do que pensa. E é um grande idiota se acredita que o senhor seu pai algum dia entregará estas ilhas sagradas a um Stark. E agora cale-se. A viagem já é suficientemente longa mesmo sem a sua tagarelice de pombo.

Theon controlou a língua, embora não sem esforço. *Então é assim*, pensou. Quase riu. Como se dez anos em Winterfell pudessem gerar um Stark. Lorde Eddard podia tê-lo criado entre os filhos, mas Theon nunca se sentira um deles. Todo o castelo, desde a Senhora Stark ao mais baixo dos ajudantes de cozinha, sabia que ele estava ali como refém do bom comportamento do pai e tratava-o de acordo. Até o bastardo Jon Snow recebia mais honras do que ele.

Lorde Eddard tentara fazer o papel de pai algumas poucas vezes, mas, para Theon, sempre foi o homem que havia trazido sangue e fogo a Pyke

e o tirado de casa. Quando garoto, tinha vivido sob o medo do rosto severo e da grande espada escura do Stark. E a senhora sua esposa era, se possível, ainda mais distante e suspeita.

Quanto aos filhos, os mais novos não tinham sido mais do que bebês chorões ao longo da maior parte da sua estada em Winterfell. Só Robb e o meio-irmão ilegítimo Jon Snow tinham idade suficiente para merecer a sua atenção. O bastardo era um rapaz carrancudo, rápido em detectar uma desfeita, invejoso do nascimento elevado de Theon e da amizade que Robb nutria por ele. Por Robb Theon tinha uma certa afeição, como a que se sente por um irmão mais novo… mas seria melhor não mencioná-la. Em Pyke, ao que parecia, as velhas guerras ainda estavam sendo travadas. Isso não devia surpreendê-lo. As Ilhas de Ferro viviam no passado; o presente era duro e amargo demais para ser suportável. Além disso, o pai e os tios eram velhos, e os velhos senhores eram assim; levavam suas contendas poeirentas para a sepultura, sem esquecer nada, e perdoando menos ainda.

Tinha sido assim com os Mallister, seus companheiros na viagem de Correrrio para Guardamar. Patrek Mallister era, não raro, um companheiro; dividiam o gosto por prostitutas, vinho e caça com falcões. Mas, quando o velho Lorde Jason viu seu herdeiro se tornando cada vez mais feliz com a companhia de Theon, puxou Patrek a um canto para lembrá-lo de que Guardamar havia sido construído para defender a costa dos saqueadores das Ilhas de Ferro, os Greyjoy de Pyke principalmente. Sua Torre Retumbante tinha esse nome por causa do imenso sino de bronze, que há muito tempo tocava para avisar o povo da vila e os agricultores no castelo quando os dracares eram avistados no horizonte a oeste.

– Não ligue, pois o sino só foi tocado uma única vez em trezentos anos – Patrek contou a Theon no dia seguinte, quando compartilhou os avisos de seu pai e um jarro de sidra.

– Quando meu irmão assaltou Guardamar – Theon respondeu. Lorde Jason matara Rodrik Greyjoy sob as muralhas do castelo e expulsara os homens de ferro de volta para a baía. – Se seu pai acha que tenho alguma

inimizade em relação a ele só por causa disso, é só porque nunca conheceu Rodrik.

Eles riram muito daquilo enquanto corriam até uma afetuosa esposa de um moleiro que Patrek conhecia. *Gostaria que Patrek estivesse comigo agora*. Mallister ou não, era uma companhia de cavalgada mais amigável que este velho sacerdote azedo em que o tio Aeron se transformara.

O caminho que seguiam retorcia-se cada vez mais para cima, por montes nus e pedregosos. Logo estavam fora da vista do mar, embora o odor do sal ainda pairasse, vivo, no ar úmido. Mantinham um ritmo pesado e constante, passando pelo cercado de um pastor e pelas instalações abandonadas de uma mina. Este novo e santo Aeron Greyjoy não era muito de falar. Por isso avançavam numa melancolia de silêncio. Finalmente, Theon não conseguiu suportá-la mais.

– Robb Stark é agora senhor de Winterfell – ele finalmente disse.

Aeron prosseguiu seu caminho.

– Os lobos são muito iguais uns aos outros.

– Robb quebrou a lealdade ao Trono de Ferro e se fez coroar Rei do Norte. Há guerra.

– Os corvos do meistre voam tão bem sobre o sal como sobre a rocha. Essa notícia é velha e fria.

– Significa um novo dia, tio – Theon falou em tom de promessa.

– Todas as manhãs trazem um novo dia, muito igual ao velho.

– Em Correrrio, diriam outra coisa – Theon respondeu. – Ouvi dizer que o cometa vermelho é um arauto de uma nova era. Um mensageiro dos deuses, dizem.

– É um sinal – concordou o sacerdote –, mas do nosso deus, não dos deles. É uma tocha ardente, como as que a nossa gente transportava nos tempos antigos. É a chama do Deus Afogado trazida do mar e proclama uma maré cheia. É tempo de içar as velas e avançar para o mundo com fogo e espada, como ele fez.

Theon sorriu.

– Concordo em gênero e número.

– Um homem concorda com deus como uma gota de chuva com a tempestade.

*Esta gota de chuva será rei um dia, velho*. Theon suportara mais do que conseguia a melancolia do tio. Então, enfiou as esporas no cavalo e trotou em frente, sorrindo.

O sol estava prestes a se pôr quando chegaram às muralhas de Pyke, um crescente de pedra escura que corria de falésia a falésia, com a guarita ao centro e três torres quadradas de cada lado. Theon ainda conseguia distinguir as cicatrizes deixadas pelas pedras das catapultas de Robert Baratheon. Uma nova torre sul tinha sido erguida das ruínas da antiga, feita de pedras com um tom de cinza mais claro e ainda limpa de manchas de liquens. Fora ali que Robert abrira sua brecha, subindo depois sobre o entulho e os cadáveres com o martelo de guerra na mão, e Ned Stark a seu lado. Theon observara, da segurança da Torre do Mar, e por vezes ainda via os archotes em sonhos e ouvia o estrondo abafado do colapso.

Os portões estavam abertos para ele entrar, com a porta levadiça de ferro enferrujado erguida. Os guardas no topo das ameias observaram, sem o reconhecer, quando Theon Greyjoy voltou finalmente para casa.

Para lá da muralha exterior estendia-se meia centena de acres de promontório, empurrado contra o céu e o mar. Os estábulos ficavam ali, bem como os canis e alguns outros edifícios espalhados. Ovelhas e porcos amontoavam-se nos seus currais, enquanto os cães do castelo corriam em liberdade. Ao sul ficavam as falésias e a larga ponte de pedra que levava à Grande Fortaleza. Theon conseguia ouvir o bater das ondas quando saltou da sela. Um cavalariço veio levar o cavalo. Um par de crianças esqueléticas e alguns servos ficaram olhando-o sem expressão, mas não viu sinal do senhor seu pai nem de mais ninguém que reconhecesse da sua infância. *Um retorno ao lar gelado e amargo*, pensou.

O sacerdote não desmontou.

– Não vai ficar esta noite para partilhar da nossa comida e bebida, tio?

– Disseram-me traga-o. E eu o trouxe. Agora volto aos assuntos do nosso deus – Aeron Greyjoy virou o cavalo e saiu lentamente do castelo sob os espigões enlameados da porta levadiça.

Uma velha corcunda enfiada num vestido cinza sem forma aproximou-se dele com cautela:

– Senhor, mandaram-me levá-lo aos seus aposentos.

– A pedido de quem?

– Do senhor seu pai, senhor.

Theon puxou as luvas.

– Então você *sabe* quem eu sou. Por que meu pai não está aqui para me receber?

– Espera-o na Torre do Mar, senhor. Quando estiver descansado da viagem.

*E eu achava Ned Stark frio.*

– E você, quem é?

– Helya, que mantém o castelo para o senhor seu pai.

– Sylas era o intendente daqui. Chamavam-no de Boca Azeda – mesmo agora, Theon recordava o fedor de vinho do hálito do velho.

– Está morto há cinco anos, senhor.

– E Meistre Qalen, onde está?

– Dorme no mar. Wendamyr cuida agora dos corvos, mas foi para o sul, para Vilavelha, tratar de uns assuntos quaisquer de meistre.

*É como se eu fosse um estranho aqui*, Theon pensou. *Nada mudou, mas tudo mudou.*

– Leve-me aos meus aposentos, mulher – ele ordenou.

Com uma reverência rígida, ela o levou através do promontório em direção à ponte. Isso, pelo menos, era como ele recordava; as antigas pedras escorregadias com os borrifos de água do mar e manchadas por liquens, o mar espumando sob seus pés como um grande animal selvagem, o vento salgado agarrando-se à sua roupa.

Quando pensava no regresso à sua casa, sempre se imaginava voltando ao quarto confortável da Torre do Mar onde dormia quando criança. Mas, em vez disso, a velha o levou para a Fortaleza Sangrenta. Os salões eram

maiores e mais bem mobilados, ainda que não fossem menos frios e úmidos. Foi-lhe dada uma suíte de salas gélidas com tetos tão altos que se perdiam na escuridão. Poderia ter ficado mais impressionado, caso não soubesse que aqueles eram exatamente os aposentos que tinham dado nome à Fortaleza Sangrenta. Mil anos antes, os filhos do Rei do Rio tinham sido ali massacrados, cortados em pedaços nas suas camas para que as partes dos seus corpos fossem enviadas de volta ao pai, no continente.

Mas Theon era um Greyjoy, e os Greyjoy não eram assassinados em Pyke, exceto muito de vez em quando pelos irmãos, e seus irmãos estavam ambos mortos. Não era o medo de fantasmas que o fazia olhar em volta com desagrado. Os reposteiros estavam verdes de bolor, o colchão cheirava a mofo e fazia uma cova e as esteiras eram velhas e quebradiças. Tinham-se passado anos desde que aqueles aposentos tinham sido abertos pela última vez. A umidade atacava os ossos.

– Quero uma bacia de água quente e um fogo nesta lareira – disse à velha. – Mande que acendam braseiros nas outras salas para expulsar um pouco deste frio. E, que os deuses sejam bondosos, mande alguém aqui imediatamente para trocar estas esteiras.

– Sim, senhor. Às suas ordens – ela respondeu e fugiu.

Algum tempo depois, trouxeram a água quente que pedira. Estava apenas tépida, em breve esfriaria, e ainda por cima era água do mar, mas serviu para lavar a poeira da longa cavalgada da sua cara, cabelo e mãos. Enquanto dois servos corriam ao redor acendendo braseiros, Theon despiu as roupas manchadas pela viagem e vestiu-se para o encontro com o pai. Escolheu botas de couro negro flexível, calções suaves de lã de carneiro, cinza-prateados, um gibão de veludo negro com a lula gigante dourada dos Greyjoy bordada no peito. Em volta da garganta prendeu um fino fio de ouro, e em torno da cintura, um cinto de couro branco. Pendurou uma adaga de um lado da cintura e uma espada longa do outro, em bainhas com riscas negras e douradas. Puxando o punhal, testou seu fio com o polegar, pegou uma pedra de amolar da bolsa de cinto e

deslizou-a algumas vezes pela lâmina. Orgulhava-se por manter as armas afiadas.

– Quando voltar, espero encontrar uma sala quente e esteiras limpas – avisou aos servos, enquanto calçava um par de luvas pretas, cuja seda era decorada com delicados arabescos em fio de ouro.

Theon retornou à Grande Fortaleza por uma passarela de pedra coberta, ouvindo os ecos dos seus passos misturados ao incessante rumor do mar lá embaixo. Para chegar à Torre do Mar, erguida no topo do seu pilar torto, tinha de atravessar outras três pontes, cada uma mais estreita do que a anterior. A última era feita de madeira e cordas, e o vento úmido e salgado a fazia oscilar sob seus pés como se estivesse viva. Quando chegou na metade, Theon tinha o coração na boca. Muito abaixo, as ondas atiravam grandes plumas de borrifos quando se quebravam de encontro às rochas. Ainda garoto, costumava *correr* por aquela ponte, mesmo quando noite cerrada. *As crianças acham que nada pode machucá-las*, segredavam-lhe suas dúvidas. *Os homens sabem que não é assim.*

A porta era feita de madeira cinza com rebites de ferro, e Theon encontrou-a trancada por dentro. Bateu com um punho e praguejou quando uma lasca rasgou a fina seda da sua luva. A madeira estava úmida e bolorenta, e os rebites, enferrujados.

Passado um momento, a porta foi aberta de dentro por um guarda com uma placa de peito e um capacete redondo de ferro negro.

– É o filho?

– Saia da frente, ou ficará sabendo quem sou para seu desgosto.

O homem abriu-lhe caminho. Theon subiu os degraus em espiral até o aposento privado de seu pai. Encontrou-o sentado ao lado de um braseiro, sob um roupão de velhas peles de foca que o cobria dos pés até o queixo. Ao ouvir o som das botas na pedra, o Senhor das Ilhas de Ferro ergueu os olhos para contemplar seu último filho homem sobrevivente. Era mais baixo do que Theon recordava. E tão descarnado. Balon Greyjoy sempre fora magro, mas agora parecia que os deuses o tinham depositado num caldeirão, fervendo cada grama de carne não imprescindível e

arrancando-a dos ossos, até que nada restasse, a não ser cabelo e pele. Era magro e duro como um osso, com um rosto que podia ter sido esculpido em sílex. Seus olhos eram também de sílex, negros e penetrantes, mas os anos e os ventos salgados tinham deixado seu cabelo cinza como um mar de inverno, salpicado de espuma branca, e, quando solto, caía abaixo da cintura.

– Nove anos, é isso? – disse por fim Lorde Balon.

– Dez – Theon respondeu, descalçando as luvas rasgadas.

– Levaram um garoto – o pai falou. – O que você é agora?

– Um homem. Do seu sangue, e seu herdeiro.

Lorde Balon soltou um grunhido.

– Veremos.

– Verás – Theon prometeu.

– Dez anos, diz você. Stark teve você durante tanto tempo quanto eu. E agora chega como seu enviado.

– Dele, não – Theon o corrigiu. – Lorde Eddard está morto, decapitado pela rainha Lannister.

– Estão ambos mortos – Lorde Balon recordou. – O Stark e aquele Robert que quebrou minhas muralhas com as suas pedras. Um dia jurei que viveria para ver ambos sepultados, e vivi – fez uma careta. – E, no entanto, o frio e a umidade ainda fazem minhas articulações doerem, como quando eram vivos. Portanto, de que serve?

– Serve – Theon aproximou-se. – Trago uma carta…

– Foi Ned Stark quem o vestiu assim? – seu pai o interrompeu, olhando-o de soslaio de dentro do roupão. – Era desejo dele enfiá-lo em veludos e sedas e fazer de você sua querida filha?

Theon sentiu o sangue subir ao seu rosto.

– Não sou filha de ninguém. Se não gosta do meu traje, vou trocá-lo.

– Trocará – concordou Lorde Balon. Libertando-se do roupão de peles, ficou de pé. Não era tão alto como Theon recordava. – Essa porcaria em volta do seu pescoço… Comprou-a com ouro ou com ferro?

Theon tocou o fio de ouro, sem encontrar palavras. Tinha esquecido. *Foi há tanto tempo…* Pelo Costume Antigo, só as mulheres se

decoravam com ornamentos comprados com moeda. Um guerreiro usava apenas as joias que tirasse dos cadáveres de inimigos mortos pelas suas mãos. Chamava-se isso de *pagar o preço de ferro*.

– Fica vermelho como uma donzela, Theon – seu pai ralhou. – Foi feita uma pergunta. Foi o preço de ouro que pagou ou o de ferro?

– O de ouro – Theon admitiu.

O pai enfiou os dedos sob o colar e deu um puxão tão forte, que poderia ter arrancado a cabeça de Theon se a corrente não tivesse se quebrado primeiro.

– Minha filha tomou um machado como amante. Não permitirei que meu filho se enfeite como uma prostituta – deixou o fio partido cair no braseiro, onde desapareceu por entre os carvões. – É como eu temia. As terras verdes tornaram-no mole, e os Stark transformaram-no em um deles.

– Engana-se – Theon reagiu. – Ned Stark era meu carcereiro, mas meu sangue ainda é de sal e ferro.

Lorde Balon virou-se e aqueceu as mãos ossudas sobre o braseiro.

– E, no entanto, o filhote Stark manda você até mim como um corvo bem treinado, agarrado à sua pequena mensagem.

– Não há nada de pequeno na carta que trago. E a oferta que faz foi a que *eu* lhe sugeri.

– Então, este rei lobo presta atenção aos seus conselhos? – a ideia parecia divertir Lorde Balon.

– Sim, ele presta atenção em mim. Cacei e treinei com ele, partilhei comida e bebida com ele, guerreei ao seu lado. Conquistei a sua confiança. Olha para mim como a um irmão mais velho, ele…

– *Não* – seu pai brandiu um dedo em frente dos seus olhos. – Não aqui, não em Pyke, não onde eu puder ouvir, não vai chamá-lo de *irmão*, este filho do homem que passou seus verdadeiros irmãos na espada. Ou terá se esquecido de Rodrik e de Maron, que eram do seu sangue?

– Não me esqueci de nada.

Ned Stark, na verdade, não havia matado nenhum dos seus filhos. Rodrik fora morto por Lorde Jason Mallister em Guardamar, e Maron

morrera esmagado no colapso da antiga torre sul… Mas Stark *teria* acabado com eles com a mesma facilidade, caso a maré da batalha tivesse calhado de juntá-los.

– Lembro-me muito bem dos meus irmãos – Theon continuou. Lembrava-se principalmente das bofetadas que Rodrik lhe dava quando se embebedava e das brincadeiras cruéis e mentiras sem fim de Maron. – Também me lembro de quando meu pai era um rei – tirou a carta que Robb tinha lhe dado e a apresentou. – Aqui está. Leia-a… Vossa Graça.

Lorde Balon quebrou o selo e desdobrou o pergaminho. Seus olhos negros saltitaram de um lado para outro.

– Então o rapaz quer me dar uma coroa de volta. E tudo o que tenho de fazer é destruir os seus inimigos – seus lábios finos retorceram-se num sorriso.

– A esta altura, Robb deve estar montando cerco ao Dente Dourado – Theon disse. – Quando o Dente cair, atravessará os montes em um dia. Lorde Tywin e sua tropa estão em Harrenhal, separados do oeste. O Regicida é mantido cativo em Correrrio. Só resta Sor Stafford Lannister e os recrutas inexperientes, que tem andado reunindo para enfrentar Robb no oeste. Sor Stafford não terá alternativa a não ser colocar-se entre o exército de Robb e Lanisporto… O que significa que a cidade estará indefesa quando cairmos sobre ela vindos do mar. Se os deuses estiverem conosco, até o próprio Rochedo Casterly poderá cair antes que os Lannister consigam sequer perceber que estamos em cima deles.

Lorde Balon soltou um grunhido.

– Rochedo Casterly nunca caiu.

– Até agora – Theon sorriu. *E como isso seria bom*.

Seu pai não devolveu o sorriso.

– Então é para isso que Robb Stark manda você de volta para mim depois de tanto tempo? Para que ganhe meu consentimento para este seu plano?

– O plano é meu, não de Robb – Theon falou orgulhosamente. *Meu, tal como a vitória será minha, e, a seu tempo, a coroa*. – Eu mesmo vou dirigir o ataque, se lhe agradar. Como recompensa, gostaria de pedir que

me conceda domínio sobre Rochedo Casterly, depois de tomarmos o castelo dos Lannister – com o Rochedo, poderia dominar Lanisporto e as terras verdes do oeste, bem como os montes ricos em ouro que as rodeavam. Significaria riqueza e poder tais como a Casa Greyjoy nunca conhecera.

– Você se recompensa bem, por uma ideia e umas poucas linhas de garranchos – seu pai voltou a ler a carta. – O lobinho não diz nada sobre uma recompensa. Diz só que fala em seu nome, que devo escutá-lo e lhe dar minhas velas e espadas, e que, em troca, me dará uma coroa – seus olhos de sílex levantaram-se até encontrar os do filho. – Que me *dará* uma coroa – ele repetiu, com a voz tornando-se ríspida.

– Uma escolha ruim de palavras. O que quer dizer é…

– O que se quer dizer é o que se diz. O rapaz quer me *dar* uma coroa. E o que é dado pode ser tirado.

Lorde Balon atirou a carta no braseiro, juntando-a ao colar. O pergaminho encurvou-se, enegreceu e queimou-se. Theon ficou horrorizado.

– Enlouqueceu?

Seu pai lhe deu um forte tapa na cara com as costas da mão.

– Cuidado com a língua. Agora não está em Winterfell, e eu não sou Robb, o Rapaz, para que possa falar assim comigo. Sou Greyjoy, Senhor Ceifeiro de Pyke, Rei do Sal e Rocha, Filho do Vento Marinho e ninguém me dá uma coroa. Eu pago o preço de ferro. *Tomarei* a minha coroa, como Urron Redhand fez há cinco mil anos.

Theon recuou, afastando-se da fúria súbita no tom da voz de seu pai:

– Tome-a, então – cuspiu, sua face ainda formigando. – Proclame-se Rei das Ilhas de Ferro, ninguém vai se importar... Até que a guerra acabe, e o vencedor procure e encontre o velho tolo empoleirado em sua costa com uma coroa de ferro na cabeça.

Lorde Balon riu.

– Bem, pelo menos você não é um covarde. Não mais do que eu sou um tolo. Você acha que juntei meus navios para vê-los ancorar? Pretendo burilar um reino com fogo e espada... Mas não do oeste, e não a pedido

do Rei Robb, o Rapaz. Rochedo Casterly é forte demais, e Lorde Tywin, muito astuto. Ah, podemos tomar Lannisporto, mas jamais o manteríamos. Não. Desejo uma ameixa diferente... Não tão suculenta nem doce, para ser sincero, mas que está lá no pé, madura e indefesa

*Onde?* Theon podia ter perguntado, mas então já sabia.

Daenerys

Os dothrakis chamaram o cometa de *shierak qiya*, a Estrela que Sangra. Os velhos resmungavam que era um prenúncio do mal, mas Daenerys Targaryen vira-o pela primeira vez na noite em que cremara Khal Drogo, quando então seus dragões despertaram. *É o arauto da minha chegada*, dizia a si mesma enquanto fixava os olhos no céu da noite com o coração maravilhado. *Os deuses enviaram-no para me indicar o caminho*.

Mas, quando expressou o pensamento em palavras, sua aia Doreah tremeu:

– Naquela direção ficam as terras vermelhas, *Khaleesi*. Um lugar sombrio e terrível, dizem os cavaleiros.

– A direção que o cometa aponta é a que temos de seguir – Dany insistiu, embora, na verdade, fosse a única aberta para ela.

Não se atrevia a virar para o norte, para o vasto oceano de mato que chamavam de mar dothraki. O primeiro *khalasar* que encontrassem engoliria seu esfarrapado bando, matando os guerreiros e escravizando os outros. As terras dos Homens-Ovelha ao sul do rio estavam igualmente proibidas. Eram poucos demais para se defenderem até desse povo pacífico, e os lhazarenos tinham poucos motivos para gostar deles. Poderia ter descido o rio na direção dos portos de Meereen, Yunkai e Astapor, mas Rakharo a prevenira de que o *khalasar* de Pono havia partido nessa direção, levando à sua frente milhares de cativos para vender nos mercados de gente que infestavam a costa da Baía dos Escravos.

– Por que devo temer Pono? – Dany quis saber. – Ele era *ko* de Drogo, e sempre falou comigo com gentileza.

– Ko Pono falou com você com gentileza – Sor Jorah Mormont respondeu. – Khal Pono matará você. Ele foi o primeiro a abandonar

Drogo. Foram com ele dez mil guerreiros. Você tem cem.

*Não*, Dany pensou. *Tenho quatro. O resto são mulheres, velhos doentes e garotos cujo cabelo nunca foi trançado.*

– Tenho os dragões.

– Crias – corrigiu-a Sor Jorah. – Um golpe de *arakh* daria cabo deles, embora seja mais provável que Pono os capture para si. Seus ovos de dragão eram mais preciosos do que rubis. Um dragão vivo não tem preço. No mundo inteiro há apenas três. Todos os homens que os virem vão desejá-los, minha rainha.

– São meus – ela disse ferozmente. Tinham nascido da sua fé e da sua necessidade, tinham recebido a vida das mortes do marido, do filho natimorto e da *maegi* Mirri Maz Duur. Dany tinha penetrado nas chamas no momento em que nasciam, e eles tinham bebido leite dos seus seios inchados. – Ninguém vai tirá-los de mim enquanto eu viver.

– Não viverá por muito tempo caso se encontre com Khal Pono. Nem com Khal Jhaqo, ou qualquer um dos outros. Tem de ir para onde eles não forem.

Dany nomeara-o o primeiro da sua Guarda Real… E quando os conselhos duros de Mormont e os presságios coincidiam, seu caminho ficava claro. Reuniu seu povo e montou a égua prateada. Seu cabelo tinha ardido na pira de Drogo, por isso as aias envolveram-na na pele do *hrakkar* que Drogo havia matado, o leão branco do mar dothraki. A medonha cabeça do animal formava um capuz para cobrir seu couro cabeludo nu, e a pele era um manto que escorria pelos seus ombros e costas. O dragão de cor creme enfiou suas negras garras afiadas na juba do leão e enrolou a cauda no braço de Dany, enquanto Sor Jorah ocupava a seu lado o lugar de costume.

– Seguimos o cometa – Dany falou ao *khalasar*. Depois da frase pronunciada, não se levantou uma única palavra de discórdia. Eles tinham sido o povo de Drogo, mas agora eram dela. Chamavam-na de *A Não Queimada* e de *Mãe dos Dragões*. Sua palavra era a lei deles.

Avançavam durante a noite, e de dia refugiavam-se do sol sob as tendas. Em breve, Dany viu a verdade das palavras de Doreah. Aquela não era

uma região receptiva. Deixaram atrás de si um rastro de cavalos mortos e moribundos, pois Pono, Jhaqo e os outros tinham levado o que havia de melhor nas manadas de Drogo, deixando para Dany os animais velhos e esqueléticos, os doentes e os coxos, os animais inutilizados e os de mau temperamento. Era o mesmo com as pessoas. *Não são fortes*, Dany disse a si mesma, *portanto, eu devo ser a sua força. Não posso mostrar medo, nem fraqueza, nem dúvida. Por mais assustado que esteja meu coração, quando olharem meu rosto, devem ver apenas a rainha de Drogo.* Sentia-se mais velha do que os seus catorze anos. Se alguma vez tinha sido realmente uma menina, esse tempo já passara.

Três dias depois de iniciarem a marcha, o primeiro homem morreu. Um velho desdentado, com olhos azuis enevoados, caiu exausto da sela e não conseguiu se levantar. Uma hora mais tarde, partiu. Moscas de sangue enxamearam em volta do seu cadáver e transportaram sua má sorte para os vivos.

– Já tinha passado seu tempo – a aia Irri declarou. – Nenhum homem deve viver mais do que os seus dentes.

Os outros concordaram. Dany ordenou-lhes que matassem o mais fraco dos cavalos moribundos, para que o morto pudesse partir montado para as terras da noite.

Duas noites mais tarde, foi uma menina pequena quem pereceu. Os lamentos angustiados da mãe duraram o dia inteiro, mas não havia o que fazer. A pobre criança era pequena demais para montar a cavalo. O mato negro sem fim das terras da noite não era para ela; teria de voltar a nascer.

Havia pouco alimento no deserto vermelho e ainda menos água. Era uma terra ressequida e desolada de montes baixos e planícies estéreis varridas pelo vento. Os rios que cruzaram estavam secos como ossos de cadáveres. As montarias subsistiam da dura erva-do-diabo marrom que crescia em moitas na base dos rochedos e de árvores mortas. Dany enviou batedores à frente da coluna, mas não encontraram poços nem nascentes, apenas charcos amargos, rasos e parados, minguando ao sol quente. Quanto mais profundamente penetravam no deserto, menores se

tornavam os charcos, enquanto a distância entre eles crescia. Se havia deuses nessa vastidão sem trilhas feita de pedra, areia e barro vermelho, eram duros e secos, surdos às preces que pediam chuva.

O vinho foi o primeiro a acabar, e pouco depois terminava o leite coalhado de égua que os senhores dos cavalos apreciavam mais do que hidromel. Então esgotaram-se também as reservas de pão frito e carne-seca. Os caçadores não encontravam caça, e só a carne dos cavalos mortos enchia suas barrigas. As mortes sucediam-se. Crianças fracas, velhas encarquilhadas, doentes, estúpidos e imprudentes, a terra cruel reclamava-os todos. Doreah tornou-se magra e de olhos encovados, e seu delicado cabelo dourado ficou quebradiço como palha.

Dany passava fome e sede como os outros. O leite secou nos seus seios, seus mamilos racharam e sangraram, e a carne foi desaparecendo do seu corpo dia após dia, até ficar magra e dura como um pau, mas era pelos dragões que temia. O pai tinha sido morto antes de ela nascer, e seu magnífico irmão Rhaegar também. A mãe morrera trazendo-a ao mundo, enquanto lá fora a tempestade rugia. O gentil Sor Willem Darry, que a seu modo devia tê-la amado, fora levado por uma doença debilitante quando era muito nova. O irmão Viserys, Khal Drogo, que era o sol-e-estrelas de Daenerys, até o filho natimorto, os deuses tinham reclamado todos eles. *Não terão os meus dragões*, Dany jurou. *Não os terão*.

Os dragões não eram maiores do que os gatos magros que via antigamente esgueirando-se junto aos muros da propriedade do Magíster Illyrio em Pentos… Até abrirem as asas. A envergadura era três vezes maior que o comprimento do corpo, e cada asa era um delicado leque de pele translúcida, maravilhosamente colorida, bem retesada entre longos ossos finos. Quando se olhava com atenção, via-se que a maior parte do corpo dos animais era pescoço, cauda e asas. Coisas tão pequenas, ela pensou, enquanto os alimentava na mão. Ou melhor, tentava alimentá-los, pois os dragões não queriam comer. Silvavam e cuspiam todos os pedaços de carne de cavalo, exalando vapor pelas narinas, mas não aceitavam a comida… Até que Dany se recordou de algo que Viserys lhe tinha dito quando eram crianças.

*Só os dragões e os homens comem carne cozida*.

Quando mandou as aias torrarem a carne de cavalo até deixá-la preta, os dragões devoraram-na avidamente, projetando as cabeças como serpentes. Desde que a carne estivesse crestada, engoliam várias vezes seu próprio peso todos os dias, e por fim começaram a crescer e a se fortalecer. Dany maravilhava-se com a maciez das suas escamas, e com o *calor* que emanavam, tão palpável que, em noites frias, os corpos inteiros pareciam gerar vapor.

Sempre que caía a noite, quando o *khalasar* se punha em movimento, escolhia um dragão para seguir empoleirado no seu ombro. Irri e Jhiqui levavam os outros numa gaiola de madeira trançada, pendurada entre as suas montarias, e seguiam logo atrás dela, para que Dany sempre pudesse ser vista. Era a única maneira de mantê-los tranquilos.

– Os dragões de Aegon foram batizados em homenagem aos deuses da antiga Valíria – Dany contou aos companheiros de sangue uma manhã, depois de uma longa noite de viagem. – O dragão de Visenya era Vhagar, Rhaenys tinha Meraxes e Aegon montava Balerion, o Terror Negro. Dizia-se que o sopro de Vhagar era tão quente, que era capaz de derreter a armadura de um cavaleiro e cozinhar o homem lá dentro; que Meraxes engolia cavalos inteiros; e quanto a Balerion… Seu fogo era negro como suas escamas, as asas tão vastas que vilas inteiras eram engolidas pela sua sombra quando passava por cima delas.

Os dothrakis olhavam incomodados para as crias. O maior dos três era de um negro luzidio, com as escamas rasgadas por faixas de um escarlate vivo que combinava com as asas e os chifres.

– *Khaleesi* – Aggo murmurou –, ali está Balerion redivivo.

– Pode ser como diz, sangue do meu sangue – Dany respondeu gravemente –, mas terá um novo nome para esta nova vida. Quero batizá-los evocando aqueles que os deuses levaram. O verde será Rhaegal, em homenagem ao meu valente irmão, que morreu nas margens verdes do Tridente. Ao creme e dourado chamo Viserion. Viserys era cruel, fraco e assustado, mas, ainda assim, era meu irmão. Seu dragão fará o que ele não pôde fazer.

– E o animal negro? – Sor Jorah Mormont quis saber.

– O negro é Drogon.

Mas, enquanto os dragões prosperavam, o *khalasar* definhava e morria. Em volta deles, a terra se tornava ainda mais desolada. Até a erva-do-diabo escasseava; os cavalos caíam mortos no caminho, sobrando tão poucos, que alguns dos seus tinham de se arrastar a pé. Doreah pegou uma febre e foi piorando a cada légua que venciam. Em seus lábios e mãos estouraram pústulas de sangue, seu cabelo caiu em chumaços e num entardecer faltaram-lhe forças para montar o cavalo. Jhogo disse que tinham de abandoná-la, ou atá-la à sela, mas Dany se lembrou de uma noite no mar dothraki, quando a moça lisena lhe ensinara segredos para que Drogo a amasse mais. Deu a Doreah água do seu próprio odre, refrescou sua testa com um pano úmido e segurou sua mão até que a moça morreu, tremendo. E só então permitiu que o *khalasar* prosseguisse viagem.

Não viram sinal de outros viajantes. Os dothrakis começavam a murmurar, temerosos, que o cometa os levava para algum inferno. Uma manhã, Dany foi falar com Sor Jorah Mormont, enquanto montavam acampamento no meio de um amontoado de rochas pretas polidas pelo vento:

– Estamos perdidos? Será que este deserto não tem fim?

– Tem um fim – ele respondeu com a voz cansada. – Eu vi os mapas que os mercadores desenham, minha rainha. Poucas caravanas vêm nesta direção, isso é certo, mas há grandes reinos para leste, e cidades cheias de maravilhas. Yi Ti, Qarth, Asshai da Sombra…

– Sobreviveremos o suficiente para vê-las?

– Não vou mentir. O caminho é mais duro do que me atrevi a imaginar.

O rosto do cavaleiro estava cinzento e exausto. A ferida que tinha sofrido no quadril, na noite em que lutara com os companheiros de sangue de Khal Drogo, nunca chegou a sarar por completo. Dany via as caretas que Mormont fazia quando montava, e parecia andar encurvado na sela enquanto avançavam.

– Talvez estejamos condenados se prosseguirmos… Mas sei, com toda certeza, que estaremos condenados se voltarmos.

Dany deu um leve beijo no rosto de Mormont. Sentiu-se animada ao vê-lo sorrir. *Também tenho de ser forte por ele*, pensou amargamente. *Pode ser um cavaleiro, mas eu sou do sangue do dragão.*

O charco seguinte que encontraram estava fervendo e fedia a enxofre, mas seus odres já estavam quase vazios. Os dothrakis arrefeceram a água em vasilhas e cântaros e beberam-na tépida. O sabor não ficou melhor, mas água era água, e todos tinham sede. Dany olhou o horizonte com desespero. O número do seu grupo tinha se reduzido a um terço, e o deserto ainda se estendia à sua frente, ermo, vermelho, e sem fim. *O cometa zomba das minhas esperanças*, ela pensou, erguendo os olhos para onde o astro riscava o céu. *Será que atravessei metade do mundo e vi o nascimento de dragões apenas para morrer com eles neste deserto duro e quente?* Não podia acreditar.

No dia seguinte, a alvorada surgiu quando atravessavam uma planície de dura terra vermelha, cheia de rachaduras e fissuras. Dany preparava-se para ordenar ao *khalasar* que montassem o acampamento quando os batedores voltaram a galope.

– Uma cidade, *Khaleesi* – gritaram. – Uma cidade pálida como a lua e adorável como uma donzela. A uma hora de cavalgada, não mais.

– Mostrem-me – ela pediu.

Quando a cidade surgiu à sua frente, com as muralhas e torres tremeluzindo, brancas, por trás de um véu de calor, parecia tão bela que Dany estava certa de se tratar de uma miragem.

– Sabe que lugar pode ser este? – perguntou a Sor Jorah.

O cavaleiro exilado sacudiu fatigadamente a cabeça.

– Não, minha rainha. Nunca viajei até tão longe para leste.

As distantes muralhas brancas prometiam descanso e segurança, uma chance de cura e fortalecimento, e não havia nada que Dany desejasse mais do que correr para elas. Mas, em vez disso, virou-se para os seus companheiros de sangue:

– Sangue do meu sangue, vão à nossa frente e investiguem o nome desta cidade e que tipo de recepção devemos esperar.

– *Sim, Khaleesi* – Aggo respondeu.

Os companheiros não levaram muito tempo para voltar. Rakharo saltou do cavalo. Do seu cinto de medalhões pendia o grande *arakh* curvo, que Dany lhe tinha oferecido quando o nomeou companheiro de sangue.

– Esta cidade está morta, *Khaleesi*. Encontramo-la sem nome e sem deus, com os portões quebrados, e não mais do que vento e moscas se movendo pelas ruas.

Jhiqui estremeceu.

– Quando os deuses vão embora, os espíritos do mal banqueteiam-se à noite. É melhor evitar esses lugares. É sabido.

– É sabido – Irri concordou.

– Não por mim – Dany esporeou o cavalo e indicou-lhes o caminho, trotando sob o arco estilhaçado de um antigo portão e avançando ao longo de uma rua silenciosa. Sor Jorah e os companheiros de sangue seguiram-na, e depois, mais lentamente, o resto dos dothrakis.

Não podia saber há quanto tempo a cidade estava deserta, mas as muralhas brancas, tão belas quando vistas de longe, estavam rachadas e arruinadas quando vistas de perto. Lá dentro havia um labirinto de ruelas retorcidas. Os edifícios apertavam-se uns contra os outros, com fachadas caiadas nuas, sem janelas. Tudo era branco, como se o povo que aí vivera não conhecesse cores. Passaram por pilhas de entulho lavados pelo sol onde casas tinham ruído e em outros pontos viram as desbotadas cicatrizes do fogo. Num lugar onde seis vielas se juntavam, Dany passou por um pedestal vazio de mármore. Ao que parecia, os dothrakis já tinham visitado aquele local. Talvez a estátua que ali faltava estivesse entre os outros deuses roubados em Vaes Dothrak. Podia ter passado por ela cem vezes, sem saber. Sobre seu ombro, Viserion silvou.

Acamparam em frente aos restos de um palácio devastado, numa praça varrida pelo vento, onde a erva-do-diabo crescia entre as pedras do pavimento. Dany enviou homens para explorar as ruínas. Alguns foram com relutância, mas foram… Um velho cheio de cicatrizes voltou pouco

tempo depois, saltando e sorrindo, com as mãos repletas de figos. Eram umas coisinhas pequenas e mirradas, mas o povo de Dany atirou-se avidamente sobre eles, puxando-se e empurrando-se, enfiando a fruta na boca e mastigando em êxtase.

Outros exploradores regressaram com histórias sobre outras árvores frutíferas, escondidas atrás de portas fechadas em jardins secretos. Aggo mostrou-lhe um pátio repleto de videiras retorcidas e minúsculas uvas verdes, e Jhogo descobriu um poço onde a água era pura e gelada. Mas também encontraram ossos, os crânios dos mortos por enterrar, embranquecidos e quebrados.

– Fantasmas – murmurou Irri. – Terríveis fantasmas. Não podemos ficar aqui, *Khaleesi*, este lugar é deles.

– Não temo fantasmas. Os dragões são mais poderosos do que fantasmas – *e os figos são mais importantes*. – Vá com Jhiqui e encontre para mim um pouco de areia limpa para um banho, e não me incomode mais com conversas bestas.

Na frescura da sua tenda, Dany esturricou carne de cavalo sobre um braseiro e refletiu sobre suas alternativas. Ali havia comida e água para sustentá-los, e grama suficiente para os cavalos recuperarem as forças. Como seria agradável acordar todos os dias no mesmo lugar, passear por jardins sombreados, comer figos e beber água fresca, tanta quanta quisesse.

Quando Irri e Jhiqui retornaram com vasilhas cheias de areia branca, Dany despiu-se e deixou que esfregassem sua sujeira.

– Seu cabelo está voltando, *Khaleesi* – Jhiqui lhe disse enquanto sacudia areia das suas costas. Dany passou a mão pela cabeça, tateando os novos cabelos. Os homens dothrakis usavam o cabelo preso em longas tranças oleadas e só o cortavam quando eram derrotados. *Talvez deva fazer o mesmo*, ela pensou. *Para lembrá-los de que a força de Drogo vive agora em mim*. Khal Drogo tinha morrido com o cabelo sem cortar, algo de que poucos homens podiam se vangloriar.

Do outro lado da tenda, Rhaegal abriu suas asas verdes, bateu-as e flutuou num voo curto até voltar a cair no tapete. Quando aterrissou, a

cauda chicoteou em fúria, e ele levantou a cabeça e gritou. *Se eu tivesse asas, também iria querer voar*, Dany pensou. Os Targaryen de outrora tinham montado no lombo de dragões quando partiam para a guerra. Tentou imaginar como seria pôr as pernas em torno do pescoço de um dragão e voar alto no céu. *Seria como estar no topo de uma montanha, mas melhor. O mundo inteiro ia se espalhar por baixo. Se voasse alto o suficiente, poderia até ver os Sete Reinos, erguer a mão e tocar o cometa*.

Irri interrompeu sua divagação para lhe dizer que Sor Jorah Mormont estava lá fora, à espera das suas ordens.

– Mande-o entrar – Dany ordenou, sentindo um formigamento na pele esfregada com areia. Envolveu-se na pele de leão. O *hrakkar* tinha sido muito maior do que Dany, então a pele cobria tudo o que precisava ser coberto.

– Trouxe-lhe um pêssego – disse Sor Jorah, ajoelhando-se. Era tão pequeno que Dany quase podia escondê-lo na palma da mão, e também estava maduro demais, mas, quando deu a primeira dentada, o miolo era tão doce que quase chorou. Comeu-o lentamente, saboreando cada pedaço, enquanto Sor Jorah lhe falava da árvore de onde o arrancara, num jardim perto da muralha ocidental.

– Fruta, água e sombra – Dany disse, com o rosto melado de sumo de pêssego. – Os deuses foram bons por nos trazer para este lugar.

– Devemos descansar aqui até ficarmos mais fortes – sugeriu o cavaleiro. – As terras vermelhas não são gentis para com os fracos.

– Minhas aias dizem que aqui há fantasmas.

– Há fantasmas por todo o lado – Sor Jorah respondeu em voz baixa. – Iremos levá-los conosco para onde quer que formos.

*Sim*, Dany pensou. *Viserys, Khal Drogo, meu filho Rhaego, estão sempre comigo.*

– Diga-me o nome do seu fantasma, Jorah. Conhece todos os meus.

O rosto dele ficou muito quieto.

– O nome dela era Lynesse.

– Sua esposa?

– Minha segunda esposa.

*Dói-lhe falar dela*, Dany percebeu, mas queria conhecer a verdade.

– Isso é tudo o que quer dizer dela? – a pele de leão deslizou por um ombro e ela a puxou de volta para seu lugar. – Era bonita?

– Muito bonita – Sor Jorah ergueu os olhos do seu ombro para o rosto. – Da primeira vez que a contemplei, pensei que fosse uma deusa descida à terra, a própria Donzela transformada em carne. Seu nascimento era muito acima do meu. Era a filha mais nova de Lorde Leyton Hightower, de Vilavelha. O Touro Branco, que comandava a Guarda Real do senhor seu pai, era tio-avô dela. Os Hightower são uma família antiga, muito rica e muito orgulhosa.

– E leal – Dany completou. – Eu me lembro. Viserys dizia que os Hightower estiveram entre aqueles que permaneceram fiéis ao meu pai.

– É verdade – o cavaleiro admitiu.

– Foram seus pais que arranjaram o casamento?

– Não. Nosso casamento… Essa é uma história longa e aborrecida, Vossa Graça. Não quero incomodá-la com isso.

– Não tenho de ir a nenhum lugar. Por favor – Dany insistiu.

– Às ordens da minha rainha – Sor Jorah franziu a sobrancelha. – Meu lar… precisa compreender isso para entender o resto. A Ilha dos Ursos é bela, mas remota. Imagine velhos carvalhos retorcidos e pinheiros altos, espinheiros em flor, pedras cinzentas recobertas de musgo, pequenos riachos correndo, gelados, por vertentes íngremes. O salão dos Mormont é feito de enormes toras, rodeado por uma paliçada de terra. Fora alguns arrendatários, minha gente vive ao longo da costa e pesca no mar. A ilha fica muito ao norte, e nossos invernos são mais terríveis do que você possa imaginar, *Khaleesi*. Apesar disso, a ilha servia-me bem, e nunca me faltaram mulheres. Tive a minha cota de mulheres de pescadores e de filhas de arrendatários, antes e depois de casado. Casei-me novo, com uma noiva escolhida por meu pai, uma Glover de Bosque Profundo. Ficamos casados durante dez anos, ou tão perto disso que não faz diferença. Ela era uma mulher de rosto comum, mas não desagradável. Creio que acabei amando-a depois de um tempo, embora nossas relações fossem mais respeitosas do que apaixonadas. Abortou três vezes ao

tentar me dar um herdeiro. Da última vez não chegou a se recuperar. Morreu não muito tempo depois.

Dany pousou sua mão na dele e a apertou.

– Lamento por você, de verdade.

Sor Jorah fez um aceno com a cabeça.

– A essa altura, meu pai tinha vestido o negro, então eu era o legítimo Senhor da Ilha dos Ursos. Não me faltaram ofertas de casamento, mas, antes de chegar a me decidir, Lorde Balon Greyjoy rebelou-se contra o Usurpador, e Ned Stark convocou seus vassalos para ajudar o amigo Robert. A batalha final ocorreu em Pyke. Quando as catapultas de Robert abriram uma brecha na muralha do Rei Balon, um sacerdote de Myr foi o primeiro homem a entrar, mas eu não estava muito atrás. E por isso fui armado cavaleiro. Para celebrar sua vitória, Robert ordenou que se realizasse um torneio fora das muralhas de Lanisporto. Foi aí que vi Lynesse, uma donzela com metade da minha idade. Ela tinha vindo de Vilavelha com o pai, a fim de ver as justas dos irmãos. Eu não conseguia tirar os olhos dela. Num ataque de loucura, supliquei seu distintivo para usar no torneio, sem sonhar que atenderia ao meu pedido, mas ela atendeu. Luto tão bem como qualquer outro, *Khaleesi*, mas nunca fui um cavaleiro de torneios. No entanto, com o distintivo de Lynesse atado em volta do braço, fui um homem diferente. Ganhei justa atrás de justa. Lorde Jason Mallister caiu perante mim, assim como Bronze Yohn Royce. Sor Ryman Frey, o irmão, Sor Hosteen, Lorde Whent, o Javali Forte, até Sor Boros Blount, da Guarda Real. Derrubei todos do cavalo. No último desafio, quebrei nove lanças contra Jaime Lannister sem resultado, e o Rei Robert deu-me os louros de vencedor. Coroei Lynesse Rainha do Amor e da Beleza, e nessa mesma noite fui falar com seu pai e pedi a sua mão. Estava bêbado, tanto de glória como de vinho. Pelo direito, devia ter obtido uma recusa desdenhosa, mas Lorde Leyton aceitou minha proposta. Casamo-nos lá, em Lanisporto, e durante uma quinzena fui o homem mais feliz do mundo inteiro.

– Só uma quinzena? – Dany perguntou. *Até a mim foi dada mais felicidade do que isso, com Drogo, meu sol-e-estrelas*.

– Uma quinzena foi o tempo que levamos para velejar de Lanisporto à Ilha dos Ursos. Meu lar foi uma grande decepção para Lynesse. Era frio demais, úmido demais, longe demais, com um castelo que nada mais era do que um salão de madeira. Não tínhamos bailes de máscaras, nem de pantominas, nem bailes, nem feiras. Estações inteiras podiam passar sem que um cantor viesse tocar para nós, e não há na ilha um ourives. Até as refeições foram julgadas. Meu cozinheiro pouco sabia além dos seus assados e guisados, e Lynesse perdeu rapidamente o gosto por peixe e carne de veado. Eu vivia para os seus sorrisos, por isso mandei buscar um novo cozinheiro em Vilavelha, e trouxe um harpista de Lanisporto. Ourives, joalheiros, modistas, tudo o que ela queria eu encontrei, mas nunca era suficiente. A Ilha dos Ursos é rica em ursos e árvores, mas pobre em tudo o mais. Construí um belo navio para ela, e viajamos a Lanisporto e Vilavelha para festivais e feiras, e uma vez até fomos a Braavos, onde recebi um grande empréstimo dos agiotas. Tinha sido como campeão de torneio que conquistara sua mão e seu coração, então, por ela participei de outros torneios, mas a magia tinha desaparecido. Não voltei a me destacar, e cada derrota significava a perda de mais um cavalo e de outra armadura para justas, que tinham de ser resgatados ou substituídos. Não podia arcar com os custos. Por fim, insisti que voltássemos para casa, mas aí as coisas ficaram ainda piores do que antes. Já não podia pagar ao cozinheiro e ao harpista, e Lynesse ficou furiosa quando falei em empenhar suas joias. O resto… Fiz coisas que me envergonho de contar. Por ouro. Para que Lynesse pudesse conservar suas joias, seu harpista e seu cozinheiro. No fim, custou-me tudo. Quando ouvi dizer que Eddard Stark se dirigia à Ilha dos Ursos, estava tão desprovido de honra que, em vez de ficar e enfrentar seu julgamento, trouxe-a comigo para o exílio. Nada importava a não ser o nosso amor, disse eu a mim mesmo. Fugimos para Lys, onde vendi o navio em troca de ouro para nos manter.

A voz do cavaleiro estava pesada de desgosto, e Dany sentiu-se relutante em pressioná-lo a continuar, mas tinha de saber como tudo acabou.

– Ela morreu lá? – perguntou-lhe, gentilmente.

– Só para mim – ele respondeu. – Em meio ano, meu ouro tinha acabado e fui obrigado a prestar serviços como mercenário. Enquanto lutava com bravosianos em Roine, Lynesse mudou-se para a mansão de um príncipe mercador chamado Tregar Ormollen. Dizem que agora é a sua concubina principal, e até a esposa dele a teme.

Dany estava horrorizada.

– Você a odeia?

– Quase tanto quanto a amo. Peço que me desculpe, minha rainha. Parece-me que estou muito cansado.

Dany lhe deu licença para ir, mas quando ele levantou a aba da tenda, não conseguiu evitar chamá-lo para uma última pergunta.

– Como era a aparência da sua Senhora Lynesse?

Sor Jorah deu um sorriso triste.

– Ora, parecia um pouco a senhora, Daenerys – ele fez uma profunda reverência. – Durma bem, minha rainha.

Dany estremeceu e apertou bem a pele de leão à sua volta. *Ela se parecia comigo*. Isso explicava muito do que ainda não tinha entendido bem. *Ele me deseja*, compreendeu. *Ama-me como a amou, não como um cavaleiro ama sua rainha, mas como um homem ama uma mulher*. Tentou imaginar-se nos braços de Sor Jorah, beijando-o, dando-lhe prazer, deixando-o penetrá-la. Mas era em vão. Quando fechava os olhos, o rosto dele se transformava sempre no de Drogo.

Khal Drogo tinha sido seu sol-e-estrelas, seu primeiro homem, e talvez devesse ser o último. *Maegi* Mirri Maz Duur jurara que nunca daria à luz uma criança viva. Que homem iria querer uma mulher estéril? E que homem poderia aspirar a rivalizar com Drogo, que morreu com o cabelo por cortar e agora cavalgava pelas terras da noite, com as estrelas como *khalasar*?

Ouvira saudade na voz de Sor Jorah enquanto falava da Ilha dos Ursos. *Ele nunca poderá me ter, mas um dia posso lhe devolver o lar e a honra. Isso posso fazer por ele.*

Nenhum fantasma perturbou seu sono naquela noite. Sonhou com Drogo e com a primeira cavalgada que tinham feito juntos na noite em que se casaram. No sonho não eram cavalos que montavam, mas dragões.

Na manhã seguinte, convocou seus três companheiros de sangue.

– Sangue do meu sangue, preciso de vocês. Cada um deverá escolher três cavalos, os mais resistentes e saudáveis que nos restarem. Carreguem tanta água e alimentos quanto as montarias aguentarem e partam por mim. Aggo irá para sudoeste, Rakharo para sul. Jhogo, você deverá seguir o *shierak qiya* para sudeste.

– O que devemos procurar, *Khaleesi*? – perguntou Jhogo.

– O que houver – respondeu Dany. – Procurem outras cidades, vivas ou mortas. Procurem caravanas e pessoas, rios, lagos e o grande mar salgado. Procurem saber até onde se estende este deserto à nossa frente e o que há do outro lado. Quando deixar este lugar, não pretendo partir às cegas de novo. Quero saber para onde vou e qual é a melhor maneira de chegar lá.

E eles foram, com os guizos nos cabelos tilintando suavemente, enquanto Dany se instalava com seu pequeno bando de sobreviventes no lugar que chamaram de *Vaes Tolorro*, a cidade dos ossos. Os dias seguiram-se às noites, e estas aos dias. As mulheres colhiam frutos dos jardins dos mortos. Os homens cuidavam das suas montarias e consertavam selas, estribos e sapatos. As crianças vagueavam pelas ruelas retorcidas e encontraram velhas moedas de bronze, pedaços de vidro roxo e canecas de pedra com alças esculpidas em forma de serpentes. Uma mulher foi picada por um escorpião vermelho, mas essa foi a única morte. Os cavalos começaram a ganhar alguma musculatura. Dany cuidou pessoalmente da ferida de Sor Jorah, e ela começou a sarar.

Rakharo foi o primeiro a voltar. Ao sul, o deserto vermelho estendia-se por uma longa distância, ele relatou, até terminar numa costa desolada junto à água venenosa. Entre aquele lugar e a costa havia apenas turbilhões de areia, rochedos polidos pelo vento e plantas eriçadas de espinhos pontudos. Tinha passado junto às ossadas de um dragão, jurou,

tão imensas que havia conduzido o cavalo por entre as suas grandes maxilas negras. Além disso, nada viu.

Dany o encarregou, e mais uma dúzia dos seus homens mais fortes, de remover o pavimento da praça a fim de chegar à terra que tinha por baixo. Se a erva-do-diabo crescia entre as pedras, outras ervas poderiam crescer depois de se remover as pedras. Tinham bastantes poços, não faltava água. Se houvesse sementes, poderiam fazer a praça florescer.

Aggo retornou em seguida. O sudoeste era estéril e queimado, jurou. Havia encontrado as ruínas de mais duas cidades, menores do que Vaes Tolorro, mas, tirando isso, iguais. Uma era protegida por um anel de crânios montados em lanças de ferro enferrujadas, então ele não se atreveu a entrar, mas explorou a segunda tanto quanto pôde. Mostrou a Dany uma pulseira de ferro que encontrara, ornamentada com uma opala de fogo bruta do tamanho do seu polegar. Também havia rolos de pergaminho, mas estavam secos e desfazendo-se, por isso Aggo os deixou onde estavam.

Dany agradeceu-lhe e lhe disse para tratar do conserto dos portões. Se inimigos tinham atravessado o deserto para destruir aquelas cidades nos tempos antigos, podiam perfeitamente regressar.

– Se assim for, devemos estar preparados – ela declarou.

Jhogo ficou longe tanto tempo, que Dany temeu que tivesse se perdido, mas, por fim, quando já tinham quase desistido de esperar por ele, chegou a cavalo vindo do sudeste. Um dos guardas que Aggo havia colocado de sentinela nos portões foi o primeiro a vê-lo e soltou um grito, e Dany correu para as muralhas para ver com seus próprios olhos. Era verdade. Jhogo regressava, mas não vinha sozinho. Atrás dele, três estranhos vestidos de modo esquisito, montados em feias criaturas com corcundas, maiores do que qualquer cavalo.

Puxaram as rédeas diante dos portões da cidade e ergueram o olhar para contemplar Dany, na muralha acima deles.

– Sangue do meu sangue – chamou Jhogo. – Estive na grande cidade de Qarth e voltei com três homens que queriam vê-la com seus próprios olhos.

Dany fitou os estranhos.

– Aqui estou. Olhem, se é essa a sua vontade… Mas primeiro digam-me seus nomes.

O homem pálido com lábios azuis respondeu em um dothraki gutural:

– Sou Pyat Pree, o grande mago.

O calvo com joias no nariz respondeu no valiriano das Cidades Livres:

– Sou Xaro Xhoan Daxos, dos Treze, um príncipe mercador de Qarth.

A mulher com a máscara laqueada de madeira falou no Idioma Comum dos Sete Reinos:

– Sou Quaithe da Sombra. Viemos em busca de dragões.

– Não procurem mais – Daenerys Targaryen respondeu. – Encontraram-nos.

# Jon

B*rancarbor*, era como a aldeia se chamava nos mapas antigos de Sam. Jon não a achava grande coisa como aldeia. Quatro casas de um único cômodo em ruínas, feitas de pedra sem argamassa, rodeavam um curral vazio e um poço. As casas eram cobertas com grama, e as janelas, fechadas com esfarrapadas peças de couro cru. E, por cima, pairavam os galhos claros e as folhas vermelho-escuras de um represeiro monstruosamente grande.

Era a maior árvore que Jon já vira, com um tronco com quase dois metros e meio de largura, e galhos que se estendiam tanto, que a aldeia inteira descansava à sombra de sua copa. O tamanho não o perturbava tanto como o rosto… Especialmente a boca, que não era uma simples fenda esculpida, mas um buraco irregular suficientemente grande para engolir uma ovelha.

*Mas aqueles ossos não são de ovelha. E aquilo nas cinzas não é um crânio de ovelha*.

– Uma árvore velha – Mormont estava montado, franzindo o cenho. "*Velha*", concordou o corvo empoleirado no seu ombro. "*Velha, velha, velha.*"

– E poderosa – Jon conseguia sentir o poder.

Thoren Smallwood, escuro na sua placa e cota de malha, desmontou ao lado do tronco.

– Olhem aquela cara. Pouco admira que os homens a temessem quando chegaram pela primeira vez a Westeros. Eu mesmo gostaria de dar uma machadada nessa coisa maldita.

– O senhor meu pai acreditava que nenhum homem podia dizer uma mentira perante uma árvore-coração. Os deuses antigos sabem quando os

homens mentem – Jon falou.

– Meu pai acreditava nisso também – disse o Velho Urso. – Deixe-me dar uma olhada naquele crânio.

Jon desmontou. Presa às suas costas, em uma bainha de ombro de couro negro, encontrava-se Garralonga, a lâmina bastarda de mão e meia que o Velho Urso tinha lhe oferecido por ter salvo sua vida. *Uma espada bastarda para um bastardo*, brincavam os homens. O punho tinha sido feito de novo para ele, adornado com um botão em forma de cabeça de lobo esculpido em pedra clara, mas a lâmina propriamente dita era de aço valiriano, velha, leve e mortalmente afiada.

Ajoelhou-se e enfiou uma mão enluvada na goela. O interior do buraco estava vermelho da seiva seca e enegrecido pelo fogo. Sob o crânio viu outro, menor, com o maxilar arrancado. Estava meio enterrado em cinzas e pedaços de osso.

Quando trouxe o crânio a Mormont, o Velho Urso o ergueu com ambas as mãos e fitou as órbitas vazias.

– Os selvagens queimam seus mortos. Sempre soubemos disso. Agora gostaria de lhes ter perguntado por que, quando ainda havia alguns a quem perguntar.

Jon Snow lembrou da criatura se levantando, com os olhos azuis cintilando na face morta e pálida. Ele sabia por que, tinha certeza.

– Se ao menos os ossos falassem – resmungou o Velho Urso. – Este aqui poderia nos dizer muitas coisas. Como morreu. Quem o queimou e por quê. Para onde foram os selvagens – suspirou. – Dizem que os filhos da floresta podiam falar com os mortos. Mas eu não posso – atirou o crânio de volta para a boca da árvore, onde aterrissou com uma nuvem de cinza fina. – Revistem todas estas casas. Gigante, suba ao topo desta árvore e olhe em volta. Também quero que os cães sejam trazidos para cá. Talvez dessa vez o rastro esteja mais fresco – seu tom de voz não sugeria que tivesse grande esperança nisso.

Dois homens revistaram todas as casas, para ter certeza de que não deixariam escapar nada. Jon fez par com o severo Eddison Tollett, um

escudeiro de cabelo grisalho e magro como uma lança, a quem os outros irmãos chamavam Edd Doloroso.

– Já é ruim o bastante quando os mortos caminham – disse a Jon enquanto atravessavam a aldeia –, e agora o Velho Urso quer vê-los também falando? Nada de bom viria *disso*, garanto. E quem poderá dizer que os ossos não mentiriam? Por que a morte deixaria um homem honesto, ou mesmo esperto? O mais provável é que os mortos sejam aborrecidos, cheios de queixas chatas… a terra está fria demais, minha lápide devia ser maior, por que é que *ele* tem mais vermes do que eu…

Jon teve de se abaixar para passar sob a porta baixa. Lá dentro, encontrou um chão de terra batida. Não havia mobília, nenhum sinal de que ali tinha vivido gente, além de algumas cinzas por baixo do buraco para a fumaça que terminava no teto.

– Que lugar triste para se viver – Jon disse.

– Eu nasci numa casa muito parecida com esta – Edd Doloroso contou. – Foram meus anos encantados. Mais tarde, acabei em tempos duros – um ninho de palha seca enchia um canto da sala como um colchão. Edd o olhou com saudade. – Trocaria todo o ouro de Rochedo Casterly por dormir de novo numa cama.

– Chama aquilo de cama?

– Se é mais mole do que o chão e tem um teto por cima, eu chamo de cama – Edd Doloroso farejou o ar. – Sinto cheiro de estrume.

O cheiro era muito fraco.

– Estrume antigo – Jon observou.

A casa parecia estar vazia há algum tempo. Ajoelhando-se, ele revolveu a palha com as mãos, para ver se alguma coisa tinha sido escondida por baixo, e depois percorreu as paredes. Não levou muito tempo.

– Não há nada aqui.

Nada daquilo era o que esperava; Brancarbor era a quarta aldeia por onde tinham passado, e em todas tinha sido a mesma coisa. As pessoas tinham desaparecido, desvanecendo com suas escassas posses e os animais que talvez tivessem. Nenhuma das aldeias dava sinais de ter sido atacada. Estavam... simplesmente vazias.

– O que acha que pode ter acontecido com eles? – Jon perguntou.

– Alguma coisa pior do que podemos imaginar – Edd Doloroso sugeriu. – Bem, *eu* talvez fosse capaz de imaginá-lo, mas prefiro não. Já é ruim o bastante saber que se vai ter um fim horrível qualquer sem se pensar nele com antecedência.

Dois dos cães farejavam em volta da porta quando saíram do casebre. Outros cães patrulhavam a aldeia. Chett amaldiçoava-os sonoramente, com a voz pesada da ira que nunca parecia pôr de lado. A luz filtrada pelas folhas vermelhas do represeiro fazia os furúnculos no seu rosto parecerem ainda mais inflamados do que de costume. Quando viu Jon, seus olhos estreitaram-se; não havia nenhuma amizade entre eles.

As outras casas não trouxeram nenhuma informação. "*Foram*" gritou o corvo de Mormont, esvoaçando até o represeiro e empoleirando-se acima de suas cabeças. "*Foram, foram, foram.*"

– Havia selvagens em Brancarbor há não mais que um ano – Thoren Smallwood parecia-se com um lorde mais do que Mormont, vestindo a cintilante cota de malha negra e placa de peito gravada em relevo de Sor Jaremy Rykker. Seu manto pesado era ricamente debruado de zibelina, preso com os martelos cruzados trabalhados em prata dos Rykker. Antes havia sido o manto de Sor Jaremy… Mas a criatura havia reclamado Sor Jaremy, e a Patrulha da Noite não desperdiçava nada.

– Há um ano, Robert era rei, e o reino estava em paz – declarou Jarman Buckwell, o homem impassível e quadrado que comandava os batedores. – Muitas coisas podem mudar num ano.

– Uma coisa não mudou – insistiu Sor Mallador Locke. – Menos selvagens quer dizer menos preocupações. Não farei luto, seja o que for que lhes tenha acontecido. São saqueadores e assassinos, todos eles.

Jon ouviu um restolhar vindo das folhas vermelhas acima. Dois ramos afastaram-se, e ele vislumbrou um homem pequeno que se deslocava de galho em galho com a facilidade de um esquilo. Bedwyck não tinha mais do que um metro e meio de altura, mas os fios grisalhos no seu cabelo mostravam sua idade. Os outros patrulheiros chamavam-no de Gigante. Sentou-se numa bifurcação da árvore, por cima das suas cabeças e disse:

– Há água ao norte. Pode ser um lago. Alguns montes de sílex se erguem a oeste, não muito altos. Nada mais para se ver, senhores.

– Poderíamos acampar aqui esta noite – sugeriu Smallwood.

O Velho Urso olhou de relance para cima, em busca de um vislumbre de céu por entre os galhos brancos e folhas vermelhas do represeiro:

– Não. Gigante, quanta luz do dia nos resta?

– Três horas, senhor.

– Avançamos para o norte – Mormont decidiu. – Se chegarmos a esse lago, poderemos montar o acampamento perto da margem e talvez pegar alguns peixes. Jon, vá buscar papel, já é mais que hora de escrever ao Meistre Aemon.

Jon tirou um pergaminho, uma pena e tinta da sua alforja e trouxe-os ao Senhor Comandante. *Em Brancarbor*, escreveu Mormont. *A quarta aldeia. Tudo vazio. Os selvagens desapareceram.*

– Procure Tarly e certifique-se de que ele ponha isto a caminho – Mormont disse enquanto entregava a mensagem a Jon. Quando assobiou, o corvo desceu batendo as asas e foi pousar na cabeça do cavalo. *"Milho"*, sugeriu a ave, balançando-se. O cavalo relinchou.

Jon montou seu garrano, deu meia-volta e afastou-se a trote. Para lá da sombra do grande represeiro os homens da Patrulha da Noite espalhavam-se por baixo de árvores menores, tratando dos cavalos, mastigando tiras de carne de vaca salgada, urinando, coçando-se e conversando. Quando foi dada a ordem de partida, as conversas morreram, e os homens voltaram a subir nas selas. Os batedores de Jarman Buckwell foram os primeiros a avançar, com a vanguarda comandada por Thoren Smallwood, encabeçando a coluna propriamente dita. Depois vinha o Velho Urso com a força principal, Sor Mallador Locke com o comboio de abastecimentos e os cavalos de carga e, por fim, Sor Ottyn Wythers e a retaguarda. Duzentos homens ao todo, com uma vez e meia esse número em montarias.

Durante o dia, seguiam rastros de animais e leitos de córregos, as "estradas dos patrulheiros", que os levavam a penetrar cada vez mais profundamente na natureza selvagem das folhas e raízes. À noite,

acampavam sob um céu estrelado e admiravam o cometa. Os irmãos negros tinham deixado Castelo Negro com boa moral, brincando e trocando histórias, mas nos últimos dias o silêncio pensativo dos bosques parecia ter deixado todos melancólicos. As brincadeiras tinham se tornado mais escassas, e a paciência, mais curta. Ninguém admitia que tinha medo, afinal de contas, eram homens da Patrulha da Noite. Mas Jon conseguia sentir o mal-estar. Quatro aldeias vazias, nem um selvagem em parte alguma, até a caça parecia ter fugido. Mesmo os patrulheiros veteranos concordavam que a floresta assombrada nunca parecera tão sombria.

Enquanto avançava, Jon descalçou a luva para arejar os dedos queimados. *Coisas feias*. De repente lembrou-se de como costumava despentear o cabelo de Arya. A varetinha da sua irmã. Perguntou-se como ela estaria. Deixou-o um pouco triste pensar que talvez não voltasse a despentear seu cabelo. Ficou flexionando a mão, abrindo e fechando os dedos. Sabia que se deixasse que sua mão da espada se tornasse rígida e desajeitada, isso poderia significar o seu fim. Para lá da Muralha, um homem necessitava da sua espada.

Foi encontrar Samwell Tarly, com os outros intendentes, dando água aos cavalos. Tinha de cuidar de três: a sua montaria e dois cavalos de carga, cada um carregado com uma grande gaiola de metal e vime cheia de corvos. As aves bateram as asas ao ver que Jon se aproximava e gritaram para ele através das barras. Alguns dos guinchos soavam de forma suspeita, como palavras.

– Tem ensinado as aves a falar? – perguntou a Sam.

– Algumas palavras. Três deles já conseguem dizer *neve*.

– Um pássaro crocitando meu nome já era ruim o suficiente – disse Jon –, e a neve não é nada de que um irmão negro queira ouvir falar – ela significava frequentemente a morte no Norte.

– Havia alguma coisa em Brancarbor?

– Ossos, cinzas e casas vazias – Jon entregou a Sam o rolo de pergaminho. – O Velho Urso quer enviar notícias a Aemon.

Sam retirou uma ave de uma das gaiolas, afagou suas penas, prendeu a mensagem nela e disse:

– Voa agora para casa, meu bravo. Para casa – o corvo crocitou qualquer coisa ininteligível em resposta, e Sam o atirou ao ar. Batendo as asas, abriu caminho para o céu por entre as árvores. – Gostaria que pudesse me levar com ele.

– Ainda?

– Bem – Sam respondeu –, sim, mas… Na verdade, já não estou tão assustado como antes. Na primeira noite, sempre que ouvia alguém se levantar para ir urinar pensava que eram selvagens que se esgueiravam e vinham cortar minha garganta. Tinha medo de fechar os olhos e não poder voltar a abri-los, só que… bem… a alvorada chegava, no fim – deu um sorriso abatido. – Posso ser um covarde, mas não sou *estúpido*. Estou dolorido e minhas costas doem de montar e de dormir no chão, mas já estou muito pouco assustado. Olha – Sam estendeu uma mão para Jon ver como estava firme. – Tenho andado trabalhando nos meus mapas.

*O mundo é estranho*, Jon pensou. Duzentos homens de coragem tinham deixado a Muralha para trás, e o único que não estava ficando mais temeroso era Sam, o covarde confesso.

– Ainda faremos de você um patrulheiro – brincou. – Daqui a pouco vai querer ser um batedor como Grenn. Devo falar com o Velho Urso?

– Não se atreva! – Sam puxou o capuz do seu enorme manto negro e subiu afobadamente no cavalo. Era um cavalo de trabalho, grande, lento e desajeitado, porém mais capaz de suportar seu peso do que os pequenos garranos que os patrulheiros montavam. – Tinha esperança de que pudéssemos passar a noite na aldeia – ele disse, melancólico. – Seria agradável voltar a dormir sob um teto.

– Não há tetos suficientes para todos.

Jon voltou a montar, ofereceu a Sam um sorriso de despedida e afastou-se. A coluna já tinha avançado bastante, por isso deu uma volta larga em torno da aldeia para evitar o congestionamento maior. Já tinha visto o bastante de Brancarbor.

Fantasma emergiu dos arbustos tão subitamente que o garrano se assustou e empinou. O lobo branco caçava bem longe da linha de marcha, mas não andava tendo melhor sorte do que os forrageadores que Smallwood enviava em busca de caça. Os bosques estavam tão vazios como as aldeias, disse-lhe Dywen junto ao fogo numa noite.

– Somos um grupo grande – Jon lhe respondera. – A caça provavelmente assustou-se com todo o barulho que fizemos na marcha.

– Assustou-se por causa de *alguma coisa*, sem dúvida – Dywen rebateu.

Depois que o cavalo se acalmou, Fantasma saltitou com facilidade a seu lado. Jon alcançou Mormont no momento em que o comandante ziguezagueava em torno de uma moita de espinheiros.

– A ave está a caminho? – perguntou o Velho Urso.

– Sim, senhor. Sam anda ensinando-as a falar.

O Velho Urso fungou:

– Vai se arrepender. Esses malditos fazem muito barulho, mas nunca dizem nada que valha a pena ouvir.

Avançaram em silêncio, até que Jon voltou a falar:

– Se meu tio também encontrou todas estas aldeias vazias…

– … teria assumido a missão de investigar por que – Lorde Mormont terminou por ele –, e pode bem ser que algo ou alguém não quisesse que se soubesse do motivo. Bem, seremos trezentos quando Qhorin se juntar a nós. Qualquer que seja o inimigo que nos espera adiante, não achará assim tão fácil lidar conosco. Vamos encontrá-los, Jon, prometo.

*Ou eles vão nos encontrar*, Jon pensou, mas não falou.

# Arya

O rio era uma fita azul-esverdeada brilhando ao sol da manhã. Juncos cresciam espessos nos baixios ao longo das margens, e Arya viu uma cobra-d'água deslizar pela superfície, criando ondulações que se alargavam atrás de si. No alto, um falcão voava em círculos preguiçosos.

Parecia um lugar pacífico… Até Koss ver o morto.

– Ali, nos juncos – ele apontou, e Arya viu o corpo de um soldado, sem forma e inchado. Seu manto verde encharcado estava preso num tronco apodrecido, e um cardume de minúsculos peixes prateados mordiscava sua face.

– Eu disse a vocês que havia corpos – Lommy anunciou. – Podia sentir o gosto deles na água.

Quando Yoren viu o cadáver, cuspiu:

– Dobber, vê se ele tem alguma coisa que valha a pena levar. Cota de malha, faca, umas moedas, qualquer coisa.

Esporeou seu castrado e avançou pelo rio adentro, mas o cavalo sentiu dificuldades com a lama mole, e para lá dos juncos a água aprofundava-se. Yoren voltou, zangado, com o cavalo coberto de lodo marrom até os joelhos.

– Não vamos atravessar aqui. Koss, venha comigo, para cima, em busca de um vau. Woth, Gerren, vocês vão para baixo. O resto espera aqui. Fiquem de guarda.

Dobber encontrou uma bolsa de couro no cinto do morto. Lá dentro havia quatro moedas de cobre e uma pequena madeixa de cabelo louro atada em uma fita vermelha. Lommy e Tarber tiraram a roupa e entraram na água. Lommy pegou punhados de lama viscosa e atirou-os em Torta Quente, aos gritos de "Torta de Lama! Torta de Lama!". Na sua carroça,

Rorge praguejou, ameaçou-os e disse-lhes para o desacorrentarem enquanto Yoren estava longe, mas ninguém lhe deu atenção. Kurz pegou um peixe com as mãos. Arya viu como ele fez, em pé numa poça rasa, calmo como águas paradas, lançando a mão, rápida como uma serpente, quando o peixe nadou por perto. Não parecia ser tão difícil como apanhar gatos. Os peixes não tinham garras.

Era meio-dia quando os outros voltaram. Woth falou de uma ponte de madeira a meia milha para jusante, mas alguém a tinha queimado. Yoren puxou uma folhamarga do seu fardo:

– Podíamos passar os cavalos a nado e, talvez, também os burros, mas não tem como fazer passar as carroças. E há fumaça a norte e a oeste, mais incêndios. Pode ser que este lado do rio seja o lugar onde queremos ficar – Yoren pegou um longo pau e desenhou um círculo na lama, com uma linha saindo dele pela parte de baixo. – Isto é o Olho de Deus, com o rio seguindo ao sul. Estamos aqui – fez um buraco ao lado da linha do rio, abaixo do círculo. – Não podemos dar a volta pela margem oeste do lago, como eu pensava. Para leste, voltamos à estrada do rei – ele deslocou o pau para onde a linha e o círculo se encontravam. – Se me lembro bem, há aqui uma vila. O castro é de pedra, e há um fidalgo que tem casa ali, é só uma casa-torre, mas deve ter sua guarda, e pode haver um cavaleiro ou dois. Seguimos o rio para norte, devemos chegar lá antes da noite. Devem ter barcos, e vou tentar vender tudo o que temos para alugar um para nós – agora Yoren riscava por cima do círculo que representava o lago, de baixo para cima. – Se os deuses forem bons, vamos ter vento para velejar e atravessar o Olho de Deus até Vila de Harren – espetou a ponta do pau no topo do círculo. – Lá podemos comprar novas montarias, ou então procurar refúgio em Harrenhal. É o domínio da Senhora Whent, e ela sempre foi amiga da Patrulha.

Os olhos de Torta Quente esbugalharam-se.

– Há fantasmas em Harrenhal.

Yoren cuspiu:

– Ao diabo com os seus fantasmas – ele atirou o pau na lama. – Montem.

Arya estava lembrando das histórias que a Velha Ama costumava contar de Harrenhal. O malvado Rei Harren tinha se trancado lá dentro, e por isso Aegon soltou os dragões e transformou o castelo numa pira. A Ama dizia que os espíritos do fogo ainda assombravam as torres enegrecidas. Às vezes, os homens iam dormir seguros em suas camas e eram encontrados mortos pela manhã, completamente queimados. Arya não acreditava nisso de verdade, e, fosse como fosse, tinha acontecido muito tempo atrás. Torta Quente estava sendo bobo; não haveria fantasmas em Harrenhal, mas sim *cavaleiros*. Arya poderia se revelar à Senhora Whent, e os cavaleiros iriam escoltá-la para casa e mantê-la a salvo. Era o que os cavaleiros faziam; mantinham-nos a salvo, especialmente as mulheres. Talvez a Senhora Whent até pudesse ajudar a menina chorona.

A trilha do rio não era nenhuma estrada do rei, mas também não era ruim e, no final, as carroças puderam avançar com rapidez. Viram a primeira casa uma hora antes do cair da noite, uma pequena e confortável casa de campo, com telhado de sapé e rodeada de campos de trigo. Yoren avançou na frente, chamando, mas não obteve resposta.

– Mortos, talvez. Ou escondidos. Dobber, Rey, comigo – os três homens entraram na casa. – Não há vasilhas nem sinal de moedas – Yoren resmungou quando retornaram. – Nenhum animal. O mais certo é que fugiram. Talvez encontremos essa gente na estrada do rei.

Pelo menos a casa e os campos não tinham sido queimados e não havia cadáveres por ali. Tarber encontrou um jardim no fundo. Desenterraram algumas cebolas e rabanetes e encheram um saco com repolhos antes de seguirem caminho.

Um pouco adiante, vislumbraram uma cabana de lenhador rodeada de árvores antigas e de troncos ordenadamente empilhados, prontos para virar lenhas, e mais tarde viram uma casa de palafitas decrépita, que se debruçava sobre o rio, apoiada em estacas com três metros de altura, ambos desertos. Passaram por mais campos, de trigo, milho e cevada amadurecendo ao sol, mas não havia homens sentados nas árvores ou percorrendo as fileiras com foices. Por fim, a vila surgiu à vista; um aglomerado de casas brancas espalhadas em torno das muralhas de um

castro, um grande septo com um telhado de madeira, a casa-torre do senhor empoleirada numa pequena elevação a oeste… E nenhum sinal de gente em parte alguma.

Yoren ficou sentado no cavalo, franzindo o cenho por entre o emaranhado da barba:

– Não gosto disso. Mas está aí. Vamos dar uma espiada. E que seja *cuidadosa*. Ver se há alguém escondido. Pode ser que tenham deixado um barco para trás ou algumas armas que possamos usar.

O irmão negro deixou dez homens guardando as carroças e a garotinha chorona e dividiu o resto em grupos de cinco para fazer uma busca na vila.

– Fiquem de olhos e ouvidos abertos – Yoren os preveniu, antes de se dirigir à casa-torre a fim de ver se havia algum sinal do fidalgo ou dos seus guardas.

Arya viu-se na companhia de Gendry, Torta Quente e Lommy. O atarracado Woth, com sua barriga redonda, tinha antigamente puxado remos numa galé, o que fazia dele o mais próximo que tinham de um marinheiro. Por isso Yoren lhe disse para levá-los até a margem do lago e ver se conseguiam encontrar um barco. Enquanto avançavam a cavalo por entre as silenciosas casas brancas, um arrepio percorreu os braços de Arya. Aquela vila vazia assustava-a quase tanto como o castro queimado onde tinham encontrado a menina chorona e a mulher sem um braço. Por que as pessoas teriam fugido, abandonando suas casas e tudo o mais? O que poderia tê-las assustado tanto?

O sol estava baixo para oeste, e as casas lançavam longas sombras escuras. Um súbito estrondo fez Arya levar a mão à Agulha, mas era apenas uma veneziana batendo com o vento. Depois da margem aberta do rio, a proximidade da vila a deixava cada vez mais nervosa.

Quando vislumbrou o lago à sua frente, por entre as casas e as árvores, Arya bateu os calcanhares no cavalo e passou a galope por Woth e Gendry. Irrompeu no relvado junto à margem pedregosa. O sol poente fazia a superfície tranquila da água cintilar como uma folha de cobre martelado. Era o maior lago que já vira, sem sinal da margem oposta. Viu

uma estalagem torta à sua esquerda, construída sobre a água em pesados pilares de madeira. À direita, um longo cais projetava-se lago adentro e havia outras docas mais a leste, dedos de madeira que se estendiam da vila. Mas o único barco que estava visível era um a remo, virado ao contrário, abandonado nas pedras sob a estalagem, com o casco completamente apodrecido.

– Desapareceram – disse Arya, abatida. O que faremos agora?

– Há uma estalagem – disse Lommy quando os outros se aproximaram. – Acham que deixaram alguma comida? Ou cerveja?

– Vamos ver – sugeriu Torta Quente.

– Não liguem para a estalagem – Woth exclamou. – Yoren disse para encontrarmos um barco.

– Eles levaram os barcos.

De algum modo, Arya sabia que era verdade; poderiam revistar a vila inteira, e não encontrariam mais do que o bote a remo de ponta-cabeça. Desanimada, saltou do cavalo e se ajoelhou junto ao lago. A água bateu suavemente em volta das suas pernas. Alguns vaga-lumes estavam surgindo, com suas luzinhas piscando. A água verde estava morna como lágrimas, mas nela não havia sal. Tinha gosto de verão, lama e coisas que cresciam. Arya mergulhou o rosto para lavar a poeira, a sujeira e o suor do dia. Quando se inclinou para trás, a água escorreu por seu pescoço e entrou pelo colarinho. Era bom. Desejou poder tirar a roupa e nadar, deslizando pela água morna como uma lontra cor-de-rosa e magricela. Talvez pudesse percorrer a nado todo o caminho até Winterfell.

Woth estava gritando para que ela o ajudasse a procurar, e foi o que ela fez, espreitando docas e barracões para barcos, enquanto seu cavalo pastava na margem. Encontraram algumas velas e cavilhas, além de alguns baldes de alcatrão endurecido e uma gata com uma ninhada de gatinhos recém-nascidos. Mas nada de barcos.

A vila estava escura como uma floresta quando Yoren e os outros reapareceram.

– A torre está vazia. O senhor saiu para lutar, talvez, ou para deixar seu povo em segurança, não há como saber. Não ficou nem um cavalo ou

porco na vila, mas vamos comer. Vi um ganso solto, e algumas galinhas, e há peixe bom no Olho de Deus.

– Os barcos desapareceram – Arya relatou.

– Podíamos remendar o casco daquele bote a remo – Koss sugeriu.

– Podia servir para quatro de nós – Yoren confirmou.

– Tem cavilhas – Lommy interveio – e árvores por todo o lado. Poderíamos fazer barcos para todos.

Yoren cuspiu:

– Sabe alguma coisa sobre construção de barcos, filho de tintureiro?

Lommy ficou sem expressão.

– Uma jangada – Gendry sugeriu. – Qualquer um pode construir uma jangada e varas compridas para empurrá-la.

Yoren pareceu pensativo.

– O lago é fundo demais para se atravessar com varas, mas, se ficássemos nos baixios junto à margem… Isso significaria abandonar as carroças. Pode ser o melhor. Vou dormir com a ideia.

– Podemos ficar na estalagem? – Lommy perguntou.

– Ficaremos no castro, com os portões trancados – Yoren respondeu. – Gosto de sentir muralhas de pedra à minha volta quando durmo.

Arya não conseguiu ficar calada:

– Não deveríamos ficar aqui. As pessoas não ficaram. Fugiram todos, até o seu senhor.

– Arry tem medo – Lommy gritou, com uma gargalhada rouca.

– Não tenho *nada* – ela exclamou –, mas *eles* tiveram.

– Garoto esperto – Yoren observou. – Mas o fato é que os que viviam aqui estavam em guerra, gostassem ou não. Nós, não. A Patrulha da Noite não toma partido, de modo que nenhum homem é nosso inimigo.

*E nenhum homem é nosso amigo*, Arya pensou, mas dessa vez segurou a língua. Lommy e os outros a estavam encarando, e não queria parecer covarde na frente deles.

Os portões do castro eram reforçados com cravos de ferro. Lá dentro, encontraram um par de barras de ferro do tamanho de arbustos, com buracos de encaixe no chão e suportes de metal no portão. Quando

enfiaram as barras nos suportes, formaram uma enorme escora em X. Não era nenhuma Fortaleza Vermelha, declarou Yoren depois de explorarem o castro de cima a baixo, mas era melhor do que a maioria e devia servir bastante bem para uma noite. As muralhas eram de pedra grosseira sem argamassa, com três metros de altura e uma passarela de madeira na parte de dentro das ameias. Havia uma porta traseira ao norte, e Gerren descobriu um alçapão, sob a palha no velho celeiro de madeira, que levava para um túnel estreito e sinuoso. Seguiu-o por um longo trajeto subterrâneo e emergiu junto ao lago. Yoren fez com que pusessem uma carroça por cima do alçapão, a fim de se certificar de que ninguém entraria por ali. Dividiu-os em três turnos de vigia e mandou Tarber, Kurz e Cutjack para a casa-torre abandonada, a fim de manter vigilância lá em cima. Kurz tinha um berrante para soprar se algum perigo os ameaçasse.

Conduziram as carroças e os animais para dentro e trancaram os portões. O celeiro estava caindo aos pedaços, mas era suficientemente grande para guardar metade dos animais da vila. O abrigo, onde o povo da vila se refugiaria em tempos difíceis, era ainda maior, baixo, longo e feito de pedra, com telhado de sapé. Koss saiu pela porta traseira e voltou com o ganso e duas galinhas, e Yoren permitiu que fizessem uma fogueira para cozinhar. Havia uma grande cozinha dentro do castro, mas todas as panelas e chaleiras tinham sido levadas. Gendry, Dobber e Arya ficaram com os deveres de cozinha. Dobber disse a Arya para depenar as aves enquanto Gendry cortava lenha.

– Por que não posso ser eu quem corta a lenha? – ela perguntou, mas ninguém lhe deu atenção. Carrancuda, começou a depenar uma galinha enquanto Yoren, sentado na ponta do banco, afiava o gume do punhal com uma pedra de amolar.

Quando a comida ficou pronta, Arya comeu uma coxa de galinha e um pouco de cebola. Ninguém falou muito, nem mesmo Lommy. Gendry saiu depois, sozinho, polindo o elmo com uma expressão distante, como se nem estivesse ali. A menina chorona lamentou-se e choramingou, mas

quando Torta Quente lhe ofereceu um pedaço de ganso, ela devorou-o e olhou para o garoto, querendo mais.

Arya ficou com o segundo turno, por isso logo se deitou num colchão rústico de palha no abrigo. O sono não chegou facilmente, então, pediu emprestada a pedra de Yoren e ficou afiando a Agulha. Syrio Forel dizia que uma lâmina cega era como um cavalo coxo. Torta Quente agachou-se no colchão a seu lado, vendo-a trabalhar.

– Onde é que arranjou uma espada boa como essa? – ele perguntou. Mas, quando viu o olhar que Arya lhe deu, levantou as mãos num gesto defensivo: – Nunca disse que a roubou, só quis saber onde a arranjou, mais nada.

– Foi meu irmão quem me deu – Arya murmurou.

– Não sabia que tinha um irmão.

Arya fez uma pausa para se coçar por baixo da camisa. Havia pulgas na palha, embora não conseguisse entender por que algumas a mais haveriam de incomodá-la.

– Tenho um monte de irmãos.

– Ah, tem? E são maiores ou menores do que você?

*Eu não devia estar falando assim. Yoren disse que eu devia manter a boca fechada.*

– Maiores – ela mentiu. – E também têm espadas, grandes espadas longas, e mostraram-me como matar quem me incomoda.

– Eu estava conversando, não incomodando.

Torta Quente afastou-se e a deixou sozinha, e Arya enrolou-se na sua colcha. Conseguia ouvir a menina chorona do outro lado do abrigo. *Gostaria que ela se calasse. Por que tem de passar o tempo todo chorando?*

Devia ter dormido, embora não se lembrasse de ter fechado os olhos. Sonhou que um lobo estava uivando, e o som era tão terrível, que a acordou de imediato. Arya sentou-se no colchão de palha com o coração aos saltos.

– Torta Quente, acorda – Arya levantou-se desajeitadamente. – Woth, Gendry, não ouviram? – tentou calçar uma bota.

Em volta dela, homens e garotos agitaram-se e saíram dos colchões.
– O que foi? – Torta Quente perguntou.
– Ouvimos o quê? – Gendry quis saber.
– Arry teve um pesadelo – alguém disse.
– Não, eu ouvi. Um lobo.
–Arry tem lobos na cabeça – Lommy zombou.
– Deixe-os uivar – Gerren falou. – Eles estão lá fora, e nós aqui dentro.
Woth concordou:
– Nunca vi nenhum lobo capaz de assaltar um castro.
Torta Quente estava dizendo:
– Eu não cheguei a ouvir nada.
– *Era um lobo* – Arya gritou para eles, enquanto puxava a outra bota para perto. – Alguma coisa está acontecendo, alguém vem aí, *levantem-se*!
Antes que tivessem tempo para contestá-la, o som chegou até eles, estremecendo na noite… Mas dessa vez não era lobo nenhum, mas Kurz, que soprava seu berrante, avisando do perigo. Num instante, todos foram se vestir e pegar todas as armas que possuíam. Arya correu para o portão enquanto o berrante voltava a soar. Quando passou em disparada pelo celeiro, Dentadas atirou-se furiosamente contra as correntes, e Jaqen H'ghar chamou do fundo da sua carroça:
– Rapaz! Querido rapaz! É a guerra, a guerra vermelha? Rapaz, liberte-nos. Um homem pode lutar. *Rapaz*!
Ela o ignorou, e continuou a correr, já ouvindo cavalos e gritos do outro lado da muralha. Subiu para a passarela. A balaustrada era um pouco alta demais e Arya, um tanto baixa demais, teve de enfiar os pés nos espaços entre as pedras para conseguir ver. Por um momento, pensou que a vila estivesse cheia de vaga-lumes. Mas então compreendeu que eram homens com tochas, galopando entre as casas. Viu um telhado incendiar-se, com chamas lambendo a barriga da noite, com quentes línguas cor de laranja quando o sapé pegou fogo. Seguiu-se um outro, e depois outro, e em breve havia fogos ardendo em toda parte.
Gendry subiu a seu lado, com o elmo posto.

– Quantos são?

Arya tentou contar, mas cavalgavam depressa demais, com as tochas rodopiando pelo ar quando as atiravam.

– Cem. Duzentos, não sei – sobre o rugido das chamas conseguia ouvir gritos. – Em breve virão atrás de nós.

– Ali – Gendry apontou.

Uma coluna de cavaleiros movia-se por entre os edifícios em chamas, na direção do castro. A luz do fogo relampejava nos elmos de metal e salpicava as cotas de malha e as armaduras com pontos brilhantes laranjas e amarelos. Um deles transportava um estandarte numa grande lança. Arya achou que fosse vermelho, mas era difícil ter certeza durante a noite, com os incêndios rugindo ao seu redor. Tudo parecia vermelho, negro ou laranja.

O fogo saltava de uma casa para a seguinte. Arya viu uma árvore ardendo, com as chamas rastejando pelos seus galhos até se erguer na noite vestida com uma túnica de um laranja vivo. Agora, todos estavam acordados, guarnecendo as passarelas ou lutando com os animais assustados lá embaixo. Conseguia ouvir Yoren gritando ordens. Algo esbarrou em sua perna e, ao olhar para baixo, descobriu a menina chorona agarrada a ela.

– Vá embora! – Arya livrou a perna. – O que está fazendo aqui em cima? Corra e se esconda em qualquer lugar, sua imbecil – empurrou a menina para longe.

Os cavaleiros refrearam os animais perante os portões.

– *Vocês, no castro!* – gritou um cavaleiro com um elmo alto encimado por um espigão. – *Abram, em nome do rei!*

– Bem, e que rei é esse? – berrou de volta o velho Reysen antes que Woth conseguisse lhe dar uma pancada para calá-lo.

Yoren subiu à ameia junto ao portão, com o desbotado manto negro atado a uma vara de madeira.

– *Vocês, parem aí!* – gritou. – *O povo da vila foi embora.*

– E você quem é, velho? Um dos covardes de Lorde Beric? – gritou o cavaleiro com o elmo de espigão. – Se aquele gordo idiota do Thoros

estiver aí, pergunte-lhe se gosta *desses* fogos.

– Não tenho nenhum Thoros aqui – gritou Yoren de volta. – Só uns moços para a Patrulha. Não participo da sua guerra – ergueu a vara, para que os outros vissem a cor do seu manto. – Olhe. Isto é negro, da Patrulha da Noite.

– Ou o negro da Casa Dondarrion – gritou o homem que transportava o estandarte inimigo. Arya via agora mais claramente suas cores à luz da vila que ardia: um leão dourado sobre vermelho. – O brasão de Lorde Beric é um relâmpago roxo em fundo negro.

De repente, Arya recordou-se da manhã em que atirou uma laranja na cara de Sansa e a irmã ficou com o estúpido vestido cor de marfim cheio de sumo. Havia no torneio um fidalgo qualquer do Sul, e a amiga tonta de Sansa, Jeyne, estava apaixonada por ele. Tinha um relâmpago no escudo, e seu pai enviara-o em busca do irmão do Cão de Caça para decapitá-lo. Aquilo agora parecia ter acontecido há mil anos, algo que acontecera a uma pessoa diferente, numa vida diferente… a Arya Stark, a filha da Mão, não a Arry, o garoto órfão. Como Arry conheceria os senhores e coisas como essas?

– Está cego, homem? – Yoren sacudiu sua vara de um lado para o outro, fazendo o manto ondular. – Vê algum maldito relâmpago?

– De noite todos os estandartes parecem negros – observou o cavaleiro do elmo de espigão. – Abra, ou serão considerados foras da lei aliados aos inimigos do rei.

Yoren cuspiu.

– Quem está no comando?

– Sou eu – os reflexos de casas ardendo cintilaram, embaçados, na armadura do cavalo de guerra do homem, quando os outros se afastaram para deixá-lo passar. Era um homem robusto, com uma manticora no escudo e arabescos ornamentais rastejando na placa de peito de aço. Através do visor aberto do elmo, uma cara pálida e porcina espreitou para cima. – Sor Amory Lorch, vassalo de Lorde Tywin Lannister, de Rochedo Casterly, Mão do Rei. Do rei *verdadeiro*, Joffrey – tinha uma voz aguda e fraca. – Em seu nome, ordeno-lhe que abra esses portões.

Em toda a volta dos homens, a vila ardia. O ar da noite estava cheio de fumaça, e havia fagulhas vermelhas em maior número do que as estrelas. Yoren fechou a cara.

– Não vejo necessidade. Faça o que quiser da vila, não significa nada para mim, mas deixe-nos em paz. Não somos seus adversários.

*Olha com os olhos*, Arya quis gritar ao homem lá embaixo.

– Mas eles não *veem* que não somos senhores nem cavaleiros? – ela sussurrou.

– Não acho que se importem, Arry – Gendry sussurrou em resposta.

Ela olhou para Sor Amory, da maneira como Syrio a ensinara a olhar, e viu que Touro tinha razão.

– Se não são traidores, abram os portões – gritou Sor Amory. – Vamos nos certificar de que estão dizendo a verdade e seguiremos caminho.

Yoren estava mastigando folhamarga.

– Já disse, não há ninguém aqui além de nós. Dou a minha palavra.

O cavaleiro com o elmo de espigão riu:

– O corvo nos dá a sua *palavra*.

– Está perdido, velho? – zombou um dos lanceiros. – A Muralha fica muito longe, a Norte daqui.

– Ordeno-lhe uma vez mais, em nome do Rei Joffrey, que prove a lealdade que alega e que abra esses portões – gritou Sor Amory.

Por um longo momento Yoren refletiu, mastigando. Então, cuspiu.

– Acho que não.

– Assim seja. Desafiam as ordens do rei, e assim proclamam-se rebeldes, com ou sem mantos negros.

– Tenho garotos novos aqui dentro – gritou Yoren.

– Garotos novos e homens velhos morrem da mesma forma.

Sor Amory ergueu um punho frouxo e uma lança voou das sombras brilhantes de fogo atrás dele. Yoren devia ser o alvo, mas foi Woth, a seu lado, quem foi atingido. A ponta da lança penetrou na sua garganta e explodiu na parte de trás do pescoço, escura e úmida. Woth agarrou o cabo e caiu, sem forças, da passarela.

– Assaltem as muralhas e matem todos – ordenou Sor Amory numa voz entediada. Mais lanças voaram. Arya puxou Torta Quente para baixo pela parte de trás da túnica. De fora veio o clangor das armaduras, o roçar de espadas em bainhas, o bater de lanças em escudos, misturados com xingamentos e o ruído dos cascos de cavalos a galope. Um archote voou, rodopiando, por cima das suas cabeças, arrastando dedos de fogo enquanto atingia a terra do pátio.

– *Lâminas!* – Yoren gritou. – Espalhem-se, defendam a muralha onde quer que eles ataquem. Koss, Urreg, guardem a porta traseira. Lommy, arranque aquela lança de Woth e suba para o lugar onde ele estava.

Torta Quente deixou cair sua espada curta quando tentou desembainhá-la. Arya tentou enfiar a espada de volta na sua mão.

– Eu não sei lutar com espada – ele disse, os olhos esbugalhados.

– É fácil – Arya respondeu, mas a mentira morreu na sua garganta quando uma *mão* agarrou o topo da balaustrada. Viu-a à luz de uma vila que ardia, com tanta clareza que era como se o tempo tivesse parado. Os dedos eram rudes, cheios de calos, hirsutos pelos negros cresciam entre os nós e havia sujeira sob a unha do polegar. *O medo corta mais profundamente do que as espadas*, recordou quando o topo de um elmo redondo surgiu atrás da mão.

Brandiu a espada com força para baixo, e o aço forjado em castelo da Agulha atingiu os dedos entre as articulações.

– *Winterfell!* – ela gritou. Jorrou sangue, dedos voaram, e o rosto com o elmo desapareceu tão subitamente como surgira.

– Atrás de você! – berrou Torta Quente. Arya rodopiou. O segundo homem tinha barba, não possuía um elmo e trazia o punhal entre os dentes, a fim de deixar ambas as mãos livres para escalar. No momento em que passava a perna sobre o parapeito, ela apontou a espada em direção aos seus olhos. A Agulha não chegou a tocá-lo; o homem recuou e caiu. *Espero que caia de cara e corte a língua*.

– Olhe para *eles*, não para mim! – ela gritou para Torta Quente. Na vez seguinte em que alguém tentou escalar sua parte da muralha, o garoto golpeou as mãos do invasor com a espada curta até que o homem caiu.

Sor Amory não tinha escadas, mas as muralhas do castro eram rudes e sem argamassa, fáceis de escalar, e os inimigos pareciam não ter fim. A cada um que Arya cortava, apunhalava ou empurrava para trás, outro surgia sobre a muralha. O cavaleiro do elmo com espigão atingiu o baluarte, mas Yoren prendeu seu estandarte negro em volta do espigão dele e forçou a ponta do punhal a penetrar na sua armadura, enquanto o homem lutava com o tecido. Toda vez que Arya olhava para cima, via mais tochas voando, arrastando longas línguas de chamas que persistiam em seus olhos. Viu um leão dourado numa bandeira vermelha e pensou em Joffrey, desejando que ele estivesse ali para que pudesse enfiar Agulha na sua cara desdenhosa. Quando quatro homens assaltaram o portão com machados, Koss abateu-os com flechas, um por um. Dobber lutou com um homem corpo a corpo, conseguindo empurrá-lo para fora da muralha, e Lommy esmagou sua cabeça com uma pedra antes que pudesse se levantar e festejou, até ver a faca na barriga de Dobber e compreender que ele também não voltaria a se levantar. Arya saltou por cima de um rapaz morto, que não devia ser mais velho do que Jon, que jazia com o braço arrancado. Não achava que tivesse sido ela quem fizera aquilo, mas não tinha certeza. Ouviu Qyle suplicar por misericórdia antes que um cavaleiro com uma vespa no escudo esmagasse sua cara com uma maça de guerra. Tudo cheirava a sangue, fumaça, ferro e mijo, mas depois de algum tempo aquilo parecia ser um cheiro só. Não chegou a ver como o homem magro subiu a muralha, mas quando o fez, caiu sobre ele com Gendry e Torta Quente. A espada de Gendry estilhaçou-se no elmo do homem, arrancando-o da sua cabeça. Por baixo, era careca e parecia assustado, com dentes faltando e uma barba salpicada de cinza. Embora sentisse pena dele, Arya o matou, gritando "*Winterfell! Winterfell!*", enquanto Torta Quente gritava "*Torta Quente!*" a seu lado, dando estocadas no pescoço esquelético do homem.

Depois que o homem magro morreu, Gendry roubou sua espada e saltou para o pátio, para lutar com mais alguns. Arya olhou para além dele e viu sombras de aço que corriam pelo castro, luz do fogo brilhando em cota de malha e em lâminas e compreendeu que tinham subido a muralha em

algum ponto, ou aberto caminho pela porta traseira. Saltou para baixo, para junto de Gendry, aterrissando do modo que Syrio lhe ensinara. A noite ressoava com o estrondo de aço e os gritos dos feridos e dos moribundos. Por um momento, Arya ficou perdida, sem saber para onde ir. Havia morte por todo o lado.

E então Yoren estava ali, sacudindo-a, gritando na sua cara.

– *Rapaz!* – ele gritou, do jeito que gritava sempre aquela palavra. – *Sai*, acabou, perdemos. Reúna todos os que puder, você, ele e os outros, os garotos, e tire-os daqui. *Já!*

– Como? – Arya não sabia o que fazer.

– O alçapão – ele gritou. – Debaixo do celeiro!

E nesse mesmo instante desapareceu, correndo de volta à luta, de espada na mão. Arya agarrou Gendry pelo braço.

– Ele disse para *irmos!* O celeiro, a rota de fuga!

Através das fendas no elmo, os olhos do Touro brilharam com fogo refletido e ele fez sinal que entendera. Chamaram Torta Quente da muralha e encontraram Lommy Mãos-Verdes onde jazia, sangrando por causa de uma lança atravessada na panturrilha. Também encontraram Gerren, mas estava ferido demais para se mover. Enquanto corriam na direção do celeiro, Arya vislumbrou a menina chorona sentada no meio do caos, rodeada de fumaça e matança. Pegou-a pela mão e botou-a em pé, enquanto os outros se apressavam em seguir em frente. A menina não queria andar, mesmo depois de estapeada. Arya arrastou-a com a mão direita enquanto segurava a Agulha com a esquerda. Em frente, a noite era de um vermelho lúgubre. *O celeiro está ardendo*, pensou. Chamas lambiam as paredes de onde uma tocha havia caído na palha, e Arya conseguia ouvir os gritos dos animais encurralados lá dentro. Torta Quente saiu do celeiro.

– Arry, *anda*! Lommy *já saiu*, deixe-a se ela não quiser vir!

Teimosamente, Arya puxou a menina chorona com mais força, arrastando-a consigo. Torta Quente correu de volta para dentro do celeiro, abandonando-as… Mas Gendry voltou, com o fogo brilhando tão

intensamente no seu elmo polido que os cornos pareciam cintilar em tons de laranja. Correu para elas e içou a menina chorona por sobre o ombro.

– *Corre!*

Atravessar as portas do celeiro era como correr para o interior de uma fornalha. O ar rodopiava com fumaça, e a parede dos fundos era uma torrente de fogo do chão ao teto. Os cavalos e os burros escoiceavam, empinavam-se e berravam. *Pobres animais*, pensou Arya. Então viu a carroça e os três homens agrilhoados às suas traves. Dentadas estava se atirando contra as correntes, com sangue correndo dos seus braços onde os ferros prendiam seus pulsos. Rorge berrava pragas, chutando a madeira.

– Rapaz! – chamou Jaqen H'ghar. – Querido rapaz!

O alçapão aberto estava a apenas pouco mais de um metro de distância, mas o fogo espalhava-se rapidamente, consumindo a velha madeira e a palha seca mais depressa do que Arya teria acreditado. Lembrou-se do horrível rosto queimado do Cão de Caça.

– O túnel é estreito – gritou Gendry. – Como é que a faremos passar?

– Puxe-a – Arya gritou. – Empurre-a.

– Bons rapazes, amáveis rapazes – Jaqen H'gar falava e tossia ao mesmo tempo.

– *Tire de mim essas porras dessas correntes!* – gritou Rorge.

Gendry os ignorou.

– Vá primeiro, depois vai ela e depois eu. Apresse-se, o caminho é longo.

– Quando cortou a lenha – Arya lembrou-se –, onde deixou o machado?

– Lá fora, junto ao abrigo – e olhou de relance para os homens acorrentados. – Eu antes salvaria os burros. Não há tempo.

– Leve-a! – Arya gritou. – Tire-a daqui! Vá!

O fogo bateu nas suas costas com quentes asas vermelhas quando saiu correndo do celeiro em chamas. Lá fora estava abençoadamente fresco, mas havia homens morrendo em toda parte. Viu Koss atirar a espada no chão em rendição e viu os homens matando-o ali mesmo. Havia fumaça por toda parte. Nem sinal de Yoren, mas o machado estava onde Gendry

o deixara, perto da pilha de lenha do lado de fora do abrigo. Quando o libertou da tora, uma mão revestida de cota de malha agarrou seu braço. Rodopiando, Arya brandiu a cabeça do machado e enterrou-a entre as pernas do homem. Não chegou a ver seu rosto, viu apenas o sangue escuro vazando entre os aros da sua cota de malha. Voltar àquele celeiro foi a coisa mais difícil que já tinha feito. Jorrava fumaça pela porta aberta como uma serpente negra que se contorcia. Arya conseguia ouvir os gritos dos pobres animais lá dentro, burros, cavalos e homens. Mordeu o lábio e atravessou as portas como uma flecha, abaixando-se até onde a fumaça não era tão espessa.

Um burro estava encurralado no interior de um anel de fogo, gritando de terror e dor. Arya conseguia sentir o fedor de pelo queimado. O telhado também tinha se incendiado, e havia coisas caindo, fragmentos de madeira em chamas e montes de palha e feno. Arya pôs uma mão sobre a boca e o nariz. Não podia ver a carroça com a fumaça, mas ainda conseguia ouvir os gritos do Dentadas e rastejou na direção do som.

Então, uma roda surgiu na sua frente. A carroça *saltou* e moveu-se uns quinze centímetros quando Dentadas se atirou de novo contra as correntes. Jaqen a viu, mas era difícil demais respirar, quanto mais falar. Atirou o machado para dentro da carroça. Rorge o apanhou e o ergueu acima da cabeça, com rios de suor fuliginoso jorrando do seu rosto sem nariz. Arya corria, tossindo. Ouviu o aço atravessando a madeira velha, e de novo, e de novo. Um instante depois, veio um *crac* sonoro como um trovão e o leito da carroça rasgou-se numa explosão de lascas.

Arya atirou-se de cabeça pelo túnel adentro e deslizou pelo chão um metro e meio. Ficou com terra na boca, mas não se importou, o gosto era bom, era um sabor de lama, água, minhocas e vida. Debaixo da terra, o ar estava fresco e escuro. Por cima nada havia a não ser sangue, um rugido vermelho, fumaça sufocante e os gritos de cavalos moribundos. Rodou o cinto para que Agulha não ficasse no seu caminho e começou a rastejar. Tinha penetrado uns três metros no túnel quando ouviu o som, como o rugido de alguma fera monstruosa, e uma nuvem de fumaça quente e poeira negra formou uma onda atrás dela, com o cheiro do inferno. Arya

segurou a respiração, beijou a lama do chão do túnel e chorou. Por quem, não sabia dizer.

# Tyrion

A rainha não estava disposta a esperar por Varys.

– A traição já é vil o suficiente – Cersei declarou, furiosa –, mas isso é vilania da mais nua e descarada, e não preciso daquele eunuco afetado para me dizer o que deve ser feito com vilões.

Tyrion tirou as cartas da mão da irmã e comparou-as, lado a lado. Eram duas cópias, com exatamente as mesmas palavras, embora tivessem sido escritas por mãos diferentes.

– Meistre Franken recebeu a primeira mensagem em Castelo Stokeworth – explicou o Grande Meistre Pycelle. – A segunda cópia chegou até nós por Lorde Gyles.

Mindinho passou os dedos pela barba.

– Se Stannis se incomodou com *eles*, é mais do que certo que todos os senhores dos Sete Reinos também viram uma cópia.

– Quero essas cartas queimadas, todas elas – Cersei declarou. – Nem um sinal disso deve chegar aos ouvidos do meu filho ou do meu pai.

– Imagino que nosso pai tenha ouvido bem mais do que um sinal a essa altura – Tyrion disse secamente. – Certamente Stannis enviou uma ave para Rochedo Casterly e outra para Harrenhal. Quanto a queimar as cartas, para quê? A canção está cantada, o vinho, derramado, a meretriz, grávida. E isso não é tão terrível como parece, na verdade.

Cersei virou-se para ele com seus olhos verdes em fúria.

– É completamente imbecil? Leu o que ele diz? *O garoto Joffrey*, ele diz. E atreve-se a *me* acusar de incesto, adultério e traição!

*Só porque é culpada*. Era espantoso ver como Cersei conseguia ficar zangada por causa de acusações que sabia serem perfeitamente

verdadeiras. *Se perdermos a guerra, ela devia se dedicar à pantomima, pois tem o dom*. Tyrion esperou até que a irmã terminasse e disse:

– Stannis precisa ter algum pretexto para justificar sua rebelião. Que esperava que ele escrevesse? "Joffrey é o filho e herdeiro legítimo do meu irmão, mas, apesar de tudo, pretendo tirar o trono dele"?

– Não admitirei que me chamem de prostituta!

*Ora, mana, ele nunca disse que Jaime lhe pagou.* Tyrion fingiu que voltava a passar os olhos pelo texto. Havia uma certa frase…

– "Feito à Luz do Senhor" – leu em voz alta. – Estranha escolha de palavras, esta.

Pycelle pigarreou.

– Essas palavras aparecem com frequência em cartas e documentos vindos das Cidades Livres. Não significam mais do que, digamos, *escrito à vista de deus*. O deus dos sacerdotes vermelhos. É o costume deles, creio.

– Varys contou-nos há alguns anos que a Senhora Selyse tinha se tornado devota de uma sacerdotisa vermelha – Mindinho lembrou-lhes.

Tyrion bateu levemente no papel.

– E agora, ao que parece, o senhor seu esposo fez o mesmo. Podemos usar isso contra ele. Instigue o Alto Septão a revelar como Stannis se virou contra os deuses, tal como se virou contra seu legítimo rei…

– Sim, sim – a rainha disse impacientemente. – Mas, primeiro, temos de impedir que esta sujeirada se espalhe mais. O conselho deve emitir um édito. Qualquer homem que for ouvido falando de incesto ou chamando Joff de bastardo deverá perder a língua.

– Uma medida prudente – disse o Grande Meistre Pycelle, com a corrente do seu cargo tilintando enquanto balançava a cabeça.

– Uma loucura – Tyrion suspirou. – Quando arranca a língua de um homem, não está provando que ele é mentiroso, mas apenas dizendo ao mundo que teme o que ele possa dizer.

– Então o que *você* acha que devemos fazer? – quis saber sua irmã.

– Muito pouco. Deixe-os cochichar, pois vão se cansar da história em breve. Qualquer homem com um pingo de bom-senso verá nela uma

tentativa desastrada de justificar a usurpação de uma coroa. Por acaso Stannis mostra provas? Como poderia, se nunca aconteceu? – Tyrion dirigiu à irmã seu sorriso mais doce.

– É verdade – ela se obrigou dizer. –Mas, mesmo assim…

– Vossa Graça, seu irmão tem razão nisso – Petyr Baelish juntou os dedos. – Se tentarmos silenciar este boato, isso só lhe dará crédito. É melhor tratá-lo com desprezo, como a patética mentira que é. E, enquanto isso, combater o fogo com fogo.

Cersei mediu-o com o olhar.

– Que tipo de fogo?

– Talvez uma história da mesma natureza. Mas mais fácil de se acreditar. Lorde Stannis passou a maior parte do seu casamento afastado da esposa. Não que o culpe, pois faria o mesmo se fosse casado com a Senhora Selyse. Em todo caso, se espalharmos que a filha dela é bastarda, e Stannis um marido traído, bem… o povo está sempre ansioso por acreditar no pior em relação aos seus senhores, em especial àqueles que são tão rígidos, amargos e orgulhosos, como Stannis Baratheon.

– Ele nunca foi muito amado, é verdade – Cersei refletiu por um momento. – Então, revidamos na sua própria moeda. Sim, gosto disso. Quem podemos indicar como amante da Senhora Selyse? Creio que tem dois irmãos. E um dos seus tios tem estado com ela em Pedra do Dragão durante todo este tempo…

– Sor Axell Florent é seu castelão – embora Tyrion relutasse em admitir, o plano de Mindinho tinha potencial. Stannis nunca tinha se apaixonado pela esposa, mas era eriçado como um porco-espinho quando se tratava da sua honra e desconfiado por natureza. Se conseguissem semear a discórdia entre ele e seus seguidores, isso só fortaleceria a causa deles. – Disseram-me que a criança tem as orelhas dos Florent.

Mindinho fez um gesto desinteressado.

– Um enviado comercial de Lys, uma vez observou, para mim, que Lorde Stannis devia amar muito a filha, pois erigiu centenas de estátuas dela ao longo das muralhas de Pedra do Dragão. “Senhor”, tive de lhe dizer, “aquilo são gárgulas” – e soltou uma pequena gargalhada. – Sor

Axell poderia servir para pai de Shireen, mas, segundo a minha experiência, quanto mais bizarra e chocante for a história, mais provável é que a repitam. Stannis tem um bobo especialmente grotesco, um imbecil com a cara tatuada.

Grande Meistre Pycelle olhou-o boquiaberto, horrorizado.

– Com certeza não pretende sugerir que a Senhora Selyse levaria um *bobo* para sua cama?

– É preciso ser um bobo para querer se deitar com Selyse Florent – Mindinho respondeu. – Sem dúvida, Cara-Malhada fez-me lembrar de Stannis. E as melhores mentiras contêm dentro de si pepitas de verdade, suficientes para dar o que pensar ao ouvinte. Ora, acontece que este bobo é completamente devoto à menina e a segue para todo lado. Até se parecem um pouco. Shireen também tem uma cara malhada e meio congelada.

Pycelle estava perdido.

– Mas isso foi da escamagris, que quase a matou quando bebê, pobrezinha.

– Gosto mais da minha história – disse Mindinho. – E o mesmo acontecerá com o povo. A maioria acredita que, se uma mulher comer coelho durante a gravidez, dará à luz um filho com grandes orelhas de abano.

Cersei sorriu o tipo de sorriso que costumava reservar para Jaime.

– Lorde Petyr, você é uma criatura perversa.

– Obrigado, Vossa Graça.

– E um mentiroso de grande talento – acrescentou Tyrion, com menos calor. *Esse aí é mais perigoso do que eu pensava*, refletiu.

Os olhos cinza-esverdeados de Mindinho enfrentaram o olhar desigual do anão sem sinal de desconforto.

– Todos temos nossos dons, senhor.

A rainha estava envolvida demais na sua vingança para reparar na conversa.

– Chifrado por um bobo imbecil! Vão rir de Stannis em todas as tabernas deste lado do mar estreito.

– A história não deve partir de nós – Tyrion observou –, pois seria vista como uma mentira contada em proveito próprio – *que é o que ela é, é claro*.

De novo, foi Mindinho quem forneceu a resposta.

– As prostitutas adoram fofocar, e acontece que possuo alguns bordéis. Sem dúvida Varys poderá plantar sementes nas cervejarias e refeitórios.

– Varys – Cersei franziu a sobrancelha. – Onde *está* Varys?

– Eu próprio tenho pensado nisso, Vossa Graça.

– A Aranha tece suas teias secretas de dia e de noite – disse o Grande Meistre Pycelle em tom sinistro. – Não confio nesse homem, senhores.

– E ele fala tão bem de você... – Tyrion empurrou-se da cadeira. Acontece que sabia o que o eunuco andava fazendo, mas não era nada que os outros conselheiros precisassem ouvir. – Peço-lhes perdão, senhores. Outros assuntos me chamam.

Cersei ficou imediatamente desconfiada:

– Assuntos do rei?

– Nada com que tenha de se preocupar.

– Prefiro eu mesma avaliar isso.

– Quer estragar minha surpresa? Vou mandar fazer um presente para Joffrey. Uma pequena corrente.

– Para que ele precisaria de mais uma corrente? Tem correntes de ouro e de prata em maior número do que consegue usar. Se pensa por um instante que pode comprar o amor de Joff com presentes…

– Ora, certamente *tenho* o amor do rei, tal como ele tem o meu. E creio que ele um dia apreciará *esta* corrente mais do que todas as outras.

O homenzinho fez uma reverência e bamboleou-se em direção à porta.

Bronn esperava na entrada da sala do conselho para escoltá-lo de volta à Torre da Mão.

– Os ferreiros estão na sua sala de audiências, no aguardo da sua vontade – ele disse enquanto atravessavam o pátio.

– No aguardo da minha vontade. Gosto de como isso soa, Bronn. Quase parece um cortesão de verdade. A seguir, vai se ajoelhar.

– Vá se foder, anão.

– Isso é tarefa de Shae – Tyrion ouviu a Senhora Tanda chamando-o alegremente do topo dos degraus em espiral. Fingindo não reparar nela, bamboleou-se um pouco mais depressa. – Mande aprontar minha liteira. Deixarei o castelo assim que me livrar disso – dois dos Irmãos da Lua estavam de guarda na porta. Tyrion os saudou simpaticamente e fez uma careta antes de começar a subir as escadas. A subida até seu quarto fazia suas pernas doerem.

Lá dentro, deparou-se com um rapaz de doze anos que punha roupas sobre sua cama, como uma espécie de escudeiro. Podrick Payne era tão tímido que se tornava furtivo. Tyrion nunca tinha se livrado da suspeita de que o pai lhe impusera o rapaz como piada.

– Seus trajes, senhor – murmurou o rapaz, fitando as próprias botas, quando Tyrion entrou. Mesmo quando conseguia arranjar coragem para falar, Pod nunca era capaz de olhar o interlocutor. – Para a audiência. E o seu colar. Seu colar de Mão.

– Muito bem. Ajude-me a me vestir.

O gibão era de veludo negro coberto de botões dourados em forma de cabeças de leão, e o colar, um aro de mãos de ouro maciço, com os dedos de cada uma apertando o pulso da seguinte. Pod trouxe um manto de seda carmesim debruada de dourado, cortado sob medida. Num homem normal, não seria mais do que uma meia capa.

A sala privativa de audiências da Mão não era tão grande como a do rei, nem chegava a um fragmento da imensidão da sala do trono, mas Tyrion gostava dos seus tapetes de Myr, dos reposteiros nas paredes e da impressão de intimidade que dava. Quando entrou, seu intendente gritou:

– Tyrion Lannister, Mão do Rei.

Também gostava disso. O bando de ferreiros, armeiros e ferrageiros que Bronn havia reunido ficou de joelhos. Tyrion içou-se para a cadeira elevada, que ficava abaixo da redonda janela dourada, e ordenou que se levantassem.

– Bons homens, sei que estão todos atarefados, portanto, serei sucinto. Pod, por favor – o rapaz entregou-lhe um saco de pano. Tyrion puxou o cordão que o fechava e o abriu, seu conteúdo derramou-se no tapete com

um *tunc* abafado de metal batendo em lã. – Mandei fazer isso na forja do castelo. Quero outros mil iguaizinhos.

Um dos ferreiros ajoelhou-se para inspecionar o objeto: três imensos elos de aço trançavam-se, unidos.

– Uma poderosa corrente.

– Poderosa, mas curta – respondeu o anão. – Como eu, de certo modo. Desejo uma bastante mais longa. Tem um nome?

– Chamam-me Pança de Ferro, senhor – o ferreiro era largo e atarracado, vestido simplesmente com lã e couro, mas seus braços eram tão grossos como o pescoço de um touro.

– Quero todas as forjas em Porto Real dedicadas a fazer estes elos e a uni-los. Todo o trabalho restante deverá ser posto de lado. Quero todos os homens que conheçam a arte de trabalhar o metal voltados para esta tarefa, sejam eles mestres, empregados ou aprendizes. Quando subir a Rua do Aço, quero ouvir martelos tinindo dia e noite. E quero um homem, um homem forte, para me certificar de que tudo isso seja feito. Esse homem é você, Pança de Ferro?

– Pode ser que seja, senhor. Mas, então, e a cota de malha e as espadas que a rainha queria?

Outro ferreiro interveio:

– Sua Graça ordenou-nos que fizéssemos cotas de malha e armaduras, espadas, punhais e machados, tudo em grande quantidade. Para armar o novo corpo de manto dourado, senhor.

– Esse trabalho pode esperar – Tyrion respondeu. – A corrente primeiro.

– Senhor, com a sua licença. Sua Graça disse que aqueles que não cumprissem as suas metas teriam as mãos esmagadas – insistiu o ansioso ferreiro. – Esmagadas nas suas próprias bigornas, ela disse.

*Querida Cersei, sempre se esforçando para que o povo nos ame.*

– Ninguém terá as mãos esmagadas. Tem a minha palavra quanto a isso.

– O ferro tornou-se caro – declarou Pança de Ferro –, e essa corrente irá precisar de muito e também de coque, para os fogos.

– Lorde Baelish vai se assegurar de que tenham dinheiro à medida que forem necessitando dele – Tyrion prometeu. Esperava poder contar com

Mindinho para isso. – Ordenarei à Patrulha da Cidade que os ajude a encontrar ferro. Derretam todas as ferraduras da cidade, se for necessário.

Um homem mais velho avançou, ricamente vestido com uma túnica de damasco com presilhas de prata e um manto forrado de pele de raposa. Ajoelhou-se para examinar os grandes elos de aço que Tyrion havia despejado no chão:

– Senhor – anunciou com gravidade –, isto é no máximo trabalho cru. Não possui arte. É tarefa adequada a ferreiros comuns, sem dúvida, a homens que dobram ferraduras e dão forma a tachos. Mas eu sou um mestre armeiro, se aprouver ao senhor. Isto não é trabalho para mim, nem para os mestres meus colegas. Fazemos espadas afiadas como canções, armaduras tais que um deus poderia usar. Mas *isto* não.

Tyrion inclinou a cabeça para o lado e ofereceu ao homem uma dose dos seus olhos desiguais.

– Qual é o seu nome, mestre armeiro?

– Salloreon, se agradar ao senhor. Se a Mão do Rei permitir, ficaria *extremamente* honrado em lhe forjar uma armadura adequada à sua Casa e elevado cargo – dois dos outros soltaram um riso abafado, mas Salloreon prosseguiu sem prestar atenção neles. – Placas e escamas, acho. As escamas douradas, brilhantes como o sol, as placas esmaltadas com um profundo carmim Lannister. Para o elmo, sugeriria uma cabeça de demônio, coroada com altos chifres dourados. Quando cavalgar para a batalha, os homens vão se encolher de medo.

*Uma cabeça de demônio*, pensou Tyrion, triste, *que diz isso de mim?*

– Mestre Salloreon, pretendo lutar o resto das minhas batalhas a partir desta cadeira. É de elos que preciso, não de chifres de demônio. Por isso, permita-me que coloque nesses termos: Você irá fazer elos, ou então irá usá-los. A escolha é sua.

Levantou-se e se retirou, sem dar sequer uma olhada para trás. Bronn esperava-o perto do portão com a liteira e uma escolta de Orelhas Negras a cavalo.

– Sabe para onde vamos – disse-lhe Tyrion, aceitando ajuda para entrar na liteira.

Ele tinha feito tudo o que podia para alimentar a cidade faminta. Pusera várias centenas de carpinteiros para construir barcos de pesca em vez de catapultas, abrira a floresta do rei a qualquer caçador que se atrevesse a atravessar o rio e até enviara homens de manto dourado em busca de abastecimentos para oeste e para sul. Mas ainda via olhos acusadores onde quer que fosse. As cortinas da liteira afastavam-no deles e, além disso, davam-lhe tempo livre para pensar.

Enquanto abriam o sinuoso caminho pela retorcida Rua da Sombra Negra até o sopé da Grande Colina de Aegon, Tyrion refletiu sobre os acontecimentos da manhã. A ira de sua irmã a levara a não prestar atenção no verdadeiro significado da carta de Stannis Baratheon. Sem provas, suas acusações não eram nada; o que interessava era que tinha se denominado rei. *E o que Renly achará disso?* Não podiam se sentar *ambos* no Trono de Ferro.

Ociosamente, puxou a cortina um pouco para trás, a fim de espreitar as ruas. Orelhas Negras cavalgavam de ambos os lados, com os macabros colares em volta dos pescoços, enquanto Bronn seguia na frente para abrir caminho. Observou os transeuntes que o olhavam e fez um pequeno jogo consigo mesmo, tentando distinguir os informantes dos demais. *Aqueles que parecem mais suspeitos são provavelmente inocentes*, decidiu. *É com os que parecem inocentes que tenho de ter cuidado*.

Seu destino ficava atrás da colina de Rhaenys, e as ruas estavam cheias de gente. Passou-se quase uma hora até que a liteira parasse de balançar. Tyrion dormitava, mas acordou abruptamente quando o movimento cessou, esfregou a areia dos olhos e aceitou a ajuda de Bronn para sair.

A casa tinha dois andares, o de baixo em pedra e o de cima em madeira. Um torreão redondo erguia-se de um canto da estrutura. Muitas das janelas tinham vitrais. Por cima da porta balançava uma lâmpada ornamentada, um globo de metal dourado e vidro escarlate.

– Um bordel – Bronn identificou. – Que pretende fazer aqui?

– O que é que normalmente se faz num bordel?

O mercenário soltou uma gargalhada.

– Shae não é suficiente?

– Ela era bastante bonita para uma acompanhante de acampamento militar, mas já não estou num acampamento. Homens pequenos têm grandes apetites, e ouvir dizer que as garotas daqui são dignas de um rei.

– O garoto já tem idade suficiente?

– Joffrey não. Robert. Esta casa era uma das suas favoritas – *muito embora Joffrey talvez tenha mesmo idade suficiente. Uma ideia interessante, essa*. – Se você e os Orelhas Negras quiserem se divertir, sintam-se à vontade, mas as moças da Chataya são caras. Encontrarão casas mais baratas ao longo da rua. Deixe aqui um homem que saiba onde encontrar os outros quando eu quiser retornar.

Bronn anuiu com um aceno.

– Como queira – os Orelhas Negras eram só sorrisos.

Lá dentro, uma mulher alta, vestida de sedas esvoaçantes, o esperava. Tinha pele de ébano e olhos de sândalo.

– Sou Chataya – ela se apresentou, com uma profunda reverência. – E o senhor é…

– Não vamos cair no hábito dos nomes. Eles são perigosos – o ar tinha cheiro de alguma especiaria exótica, e o chão sob seus pés mostrava um mosaico com duas mulheres entrelaçadas no amor. – Tem um estabelecimento agradável.

– Trabalhei longamente para deixá-lo assim. Fico feliz que a Mão esteja satisfeita – a voz dela era um fluxo de âmbar, líquida, com o sotaque das longínquas Ilhas do Verão.

– Os títulos podem ser tão perigosos como os nomes – Tyrion a preveniu. – Mostre-me algumas das suas garotas.

– Será um grande prazer. Descobrirá que todas elas são tão doces como belas e conhecedoras de todas as artes do amor.

Afastou-se com movimentos graciosos, obrigando Tyrion a bambolear-se o melhor que podia em cima de pernas com metade do comprimento das dela. Por detrás de um ornamentado biombo de Myr, esculpido com flores, fantasias e donzelas sonhadoras, espreitaram, sem ser vistos, uma

sala comum, onde um velho tocava uma melodia alegre numa flauta. Numa alcova coberta de almofadas, um tyroshi bêbado com sua barba roxa embalava uma roliça prostituta sobre o joelho. Tinha desatado seu corpete e inclinava a taça para derramar um fino fio de vinho sobre os seios dela a fim de lambê-los. Outras duas moças jogavam damas em frente a uma janela de vitral. A sardenta usava uma cadeia de flores azuis no cabelo cor de mel. A outra tinha uma pele tão suave e negra como azeviche polido, grandes olhos escuros e pequenos seios pontudos. Vestiam seda leve presa à cintura com cintos de contas. A luz do sol que jorrava através do vidro colorido delineava seus belos corpos jovens através do tecido fino, e Tyrion sentiu uma agitação na virilha.

– Sugeriria, respeitosamente, a garota da pele escura – Chataya falou.

– É nova.

– Tem dezesseis anos, senhor.

*Uma boa idade para Joffrey*, pensou, lembrando-se do que Bronn tinha dito. Sua primeira garota tinha sido ainda mais nova. Tyrion lembrou-se de como ela pareceu tímida quando ele tirou seu vestido da primeira vez. Longos cabelos escuros e uns olhos azuis nos quais um homem podia se afogar, e foi o que aconteceu com ele. Fazia tanto tempo… *Que idiota desgraçado você é, anão*.

– Esta moça vem da sua terra natal?

– O sangue é o do Verão, senhor, mas minha filha nasceu aqui em Porto Real – a surpresa dele deve ter transparecido no seu rosto, pois Chataya prosseguiu: – Meu povo considera que não há vergonha em ser visto na casa dos travesseiros. Nas Ilhas do Verão, aqueles que são treinados na dádiva do prazer são muito estimados. Muitos jovens e donzelas de elevado nascimento servem durante alguns anos após seu florescimento, para honrar os deuses.

– O que os deuses têm a ver com isso?

– Os deuses fizeram nossos corpos, tal como nossas almas, não é assim? Deram-nos vozes para que possamos adorá-los com canções. Deram-nos mãos para que possamos construir-lhes templos. E deram-nos desejo para que possamos acasalar e adorá-los dessa forma.

– Lembre-me de dizer isso ao Alto Septão – Tyrion retrucou. – Se pudesse orar com o meu pau, seria muito mais religioso – fez um gesto com a mão. – Vou aceitar com prazer sua sugestão.

– Chamarei minha filha. Venha.

A moça encontrou-se com ele ao pé da escada. Mais alta do que Shae, embora não tão alta quanto a mãe, teve de se ajoelhar para que Tyrion a beijasse.

– Meu nome é Alayaya – disse, apenas com o mais leve toque do sotaque da mãe. – Venha, senhor – pegou sua mão e o levou por dois lances de escadas e por um longo salão. Arquejos e guinchos de prazer vinham de trás de uma das portas fechadas, risinhos e sussurros de outra. O pênis de Tyrion fez pressão contra os cordões dos seus calções. *Isso pode ser humilhante*, pensou, enquanto seguia Alayaya por outra escada acima até o quarto do torreão. Havia apenas uma porta. Ela o conduziu para dentro e a fechou. Dentro do quarto havia uma grande cama com dossel, um guarda-roupa alto, decorado com gravuras eróticas, e uma janela estreita de vitral num padrão de diamantes vermelhos e amarelos.

– É muito bela, Alayaya – disse-lhe Tyrion quando ficaram a sós. – Dos pés à cabeça, cada parte sua é adorável. Mas, agora, a parte que mais me interessa é a língua.

– O senhor achará minha língua bem instruída. Quando era menina, aprendi quando usá-la e quando não.

– Isso me agrada – Tyrion sorriu. – Então, o que fazemos agora? Talvez tenha alguma sugestão?

– Sim. Se o senhor quiser abrir o guarda-roupa, encontrará o que procura.

Tyrion beijou sua mão e subiu para dentro do guarda-roupa vazio. Alayaya fechou-o nas suas costas. Apalpou em busca do painel traseiro, sentiu-o deslizar sob seus dedos e o empurrou para o lado até o fim. O espaço vazio por trás da parede estava negro como breu, mas Tyrion tateou até encontrar o metal. Sua mão fechou-se em torno de uma escada vertical. Encontrou um degrau mais baixo com o pé e começou a descer.

Bem abaixo do nível da rua, o poço desembocou num túnel de terra inclinado, onde foi encontrar Varys à espera com uma vela na mão.

Varys não parecia em nada consigo próprio. Via-se uma cara marcada por cicatrizes e uma barba negra por fazer sob seu capacete de espigão, e usava cota de malha sobre couro fervido, com um punhal e uma espada curta no cinto.

– Chataya o satisfez, senhor?

– Quase demais – Tyrion admitiu. – Está certo de que podemos confiar nesta mulher?

– Não estou certo de nada neste mundo volúvel e traiçoeiro, senhor. Mas Chataya não tem motivo para gostar da rainha e sabe que tem de agradecer ao senhor por livrá-la de Allar Deem. Vamos? – ele avançou pelo túnel adentro.

*Até seu jeito de andar é diferente*, observou Tyrion. O cheiro de vinho amargo e alho grudava em Varys no lugar da lavanda.

– Gosto deste seu novo traje – Tyrion mencionou enquanto caminhavam.

– O trabalho que faço não me permite que cruze as ruas no meio de uma coluna de cavaleiros. Portanto, quando deixo o castelo, adoto aparências mais adequadas, e assim sobrevivo para servi-lo por mais tempo.

– O couro fica bem em você. Devia ir assim à nossa próxima sessão do conselho.

– Sua irmã não aprovaria, senhor.

– Minha irmã sujaria a roupa de baixo – ele sorriu na escuridão. – Não vi sinais de nenhum dos seus espiões me seguindo.

– Fico grato por ouvir isso, senhor. Alguns dos homens a soldo da sua irmã também estão ao meu, sem que ela o saiba. Detestaria pensar que tivessem se tornado tão descuidados que se deixassem ver.

– Bem, *eu* detestaria pensar que tivesse escalado por dentro de guarda-roupas e sofrido os tormentos do desejo frustrado para coisa nenhuma.

– Dificilmente será para coisa nenhuma – assegurou-lhe Varys. – Eles sabem que está aqui. Se algum será ousado o bastante para entrar na casa

de Chataya disfarçado de cliente, não sei dizer, mas prefiro pecar pelo excesso de cautela.

– Como é que um bordel pode ter uma entrada secreta?

– O túnel foi escavado para outra Mão do Rei, cuja honra não lhe permitia entrar abertamente numa casa dessas. Chataya guardou com cuidado o conhecimento da sua existência.

– E, no entanto, você sabia.

– Os passarinhos voam por muitos túneis escuros. Cuidado, os degraus são íngremes.

Emergiram por um alçapão no fundo de um estábulo, depois de percorrerem talvez uma distância de três quarteirões por baixo da Colina de Rhaenys. Um cavalo relinchou na sua cocheira quando Tyrion deixou que o alçapão se fechasse com estrondo. Varys soprou a vela e escondeu-a numa viga, e Tyrion olhou em volta. As cocheiras estavam ocupadas por uma mula e três cavalos. Bamboleou-se até o castrado malhado e examinou seus dentes.

– Velho – disse – e tenho as minhas dúvidas quanto ao seu fôlego.

– Não é uma montaria apta a transportá-lo em batalha, é verdade – Varys respondeu –, mas servirá, e não chamará a atenção. Tal como os outros. E os cavalariços veem e ouvem apenas os animais – o eunuco tirou um manto de um cabide. Era de tecido grosseiro, desbotado pelo sol e puído, mas de corte muito amplo. – Se me der licença – passou o manto sobre os ombros de Tyrion, que o envolveu dos pés à cabeça, com um capuz que podia ser puxado para a frente de modo que escondesse seu rosto em sombras. – Os homens veem aquilo que esperam ver – disse Varys enquanto puxava e ajustava o manto. – Os anões não são uma visão tão frequente como as crianças, então, o que verão será uma criança. Um garoto com um manto velho no cavalo do pai, indo tratar dos assuntos do pai. Embora fosse melhor se desse preferência a vir de noite.

– Planejo fazê-lo… depois de hoje. Nesse momento, no entanto, Shae me espera. – Tyrion instalara-a numa mansão murada no canto nordeste de Porto Real, não muito longe do mar, mas não tinha se atrevido a visitá-la por receio de ser seguido.

– Que cavalo quer?

Tyrion encolheu os ombros.

– Este serve.

– Vou selá-lo para você – Varys tirou sela e arreios presos em um prego.

Tyrion ajustou o pesado manto e ficou andando impacientemente de um lado para o outro.

– Perdeu um conselho animado. Stannis coroou-se, ao que parece.

– Eu sei.

– Acusa meus irmãos de incesto. Pergunto a mim mesmo como terá chegado a tal suspeita.

– Talvez tenha lido um livro e visto a cor do cabelo de um bastardo, como Ned Stark e Jon Arryn antes dele. Ou talvez alguém tenha sussurrado ao seu ouvido – o riso do eunuco não foi a pequena gargalhada habitual, mas mais profundo e gutural.

– Alguém como você, por acaso?

– Sou suspeito? Não fui eu.

– Se tivesse sido, admitiria?

– Não. Mas por que trairia um segredo que guardei durante tanto tempo? Uma coisa é enganar um rei, outra bem diferente é esconder-se do grilo nos caniços ou do passarinho na chaminé. Além disso, os bastardos estavam aí para que todos os vissem.

– Bastardos de Robert? O que há sobre eles?

– Ele gerou oito, até onde sei – Varys respondeu enquanto lutava com a sela. – As mães eram de cobre e mel, castanha e manteiga, e, no entanto, os bebês eram todos negros como corvos… e igualmente de mau agouro, ao que parece. Portanto, quando Joffrey, Myrcella e Tommen deslizaram por entre as coxas da sua irmã, todos tão dourados como o sol, não foi difícil vislumbrar a verdade.

Tyrion balançou a cabeça. *Se ela tivesse dado à luz um filho para o marido, teria sido o suficiente para desarmar a suspeita… Mas, nesse caso, não seria Cersei.*

– Se não foi você quem soprou no ouvido dele, quem foi?

– Algum traidor, sem dúvida – Varys apertou a cilha.

– Mindinho?

– Não mencionei nenhum nome.

Tyrion deixou que o eunuco o ajudasse a montar.

– Lorde Varys – disse de cima da sela –, às vezes sinto que é o melhor amigo que tenho em Porto Real, e, às vezes, que é meu pior inimigo.

– Que estranho. Penso em você praticamente da mesma forma.

# Bran

Muito antes que os primeiros pálidos dedos de luz se intrometessem através das venezianas de Bran, seus olhos já estavam abertos.

Havia convidados em Winterfell, visitantes vindos para o festim das colheitas. De manhã, iriam lutar com manequins no pátio. Em outros tempos, essa perspectiva teria enchido o garoto de entusiasmo, mas isso havia sido *antes*.

Agora não. Os Walder iriam quebrar lanças com os escudeiros da escolta de Lorde Manderly, mas Bran não participaria. Teria de fazer o papel de príncipe no aposento privado do pai.

– Escute, e talvez aprenda alguma coisa sobre o que significa ser um senhor – Meistre Luwin lhe tinha dito.

Bran nunca pedira para ser um príncipe. Era com a cavalaria que sempre sonhara; armaduras reluzentes e estandartes tremulando, lanças e espadas, um cavalo de guerra entre as pernas. Por que teria de desperdiçar seus dias ouvindo velhos falando de coisas que só compreendia parcialmente? *Porque está enfraquecido*, lembrou-lhe uma voz no seu interior. Um senhor na sua cadeira almofadada podia ser aleijado. Os Walder diziam que o avô era tão frágil que tinha de ser levado para todo o lado numa liteira. Mas um cavaleiro no seu corcel de batalha não podia. Além disso, era o seu dever.

– É herdeiro do seu irmão e o Stark em Winterfell – Sor Rodrik dissera, recordando-lhe como Robb costumava acompanhar o senhor seu pai quando os vassalos vinham vê-lo.

Lorde Wyman Manderly chegara de Porto Branco dois dias antes, viajando de saveiro e liteira, pois era gordo demais para montar a cavalo. Consigo viera uma longa coluna de servidores: cavaleiros, escudeiros,

senhores e senhoras de menor importância, arautos, músicos, até um malabarista, num esplendor de estandartes e capas que pareciam ter meia centena de cores. Bran lhes tinha dado as boas-vindas a Winterfell sentado no cadeirão de pedra do pai, com os lobos gigantes esculpidos nos braços, e mais tarde Sor Rodrik disse que tinha se portado bem. Se tivesse sido só aquilo, não teria se importado. Mas foi apenas o começo.

– O festim é um pretexto agradável – explicara Sor Rodrik –, mas um homem não atravessa cem léguas por uma fatia de pato e um gole de vinho. Só aqueles que têm assuntos importantes para sumeter à nossa consideração fazem tal viagem.

Bran olhou para cima, para o rude teto de pedra sobre sua cabeça. Sabia que Robb lhe diria para não agir como um garotinho. Quase conseguia ouvi-lo, e também o senhor seu pai. *O inverno está chegando, e você é quase um homem-feito, Bran. Tem um dever a cumprir.*

Quando Hodor entrou pela porta, apressado, sorrindo e cantarolando sem melodia, encontrou o rapaz resignado ao seu destino. Juntos, deixaram-no lavado e escovado.

– Hoje quero o gibão de lã branca – Bran ordenou. – E o broche de prata. Sor Rodrik vai querer que eu tenha um ar senhorial.

Até onde era capaz, Bran preferia se vestir sozinho, mas havia algumas tarefas, como vestir os calções e amarrar as botas, que o atormentavam. Eram mais rápidas com a ajuda de Hodor. Uma vez ensinado a fazer alguma coisa, o gigante fazia-a com habilidade. Suas mãos eram sempre suaves, embora tivesse uma força espantosa.

– Você também poderia ter sido um cavaleiro, aposto – disse-lhe Bran. – Se os deuses não tivessem levado sua esperteza, teria sido um grande cavaleiro.

– Hodor? – o gigante piscou para ele seus olhos castanhos e francos, olhos inocentes de compreensão.

– Sim. Hodor – Bran apontou.

Na parede ao lado da porta estava pendurado um cesto, feito de vime e couro, muito firme, com buracos cortados para as pernas de Bran. Hodor enfiou os braços nas correias, cingiu bem o grande cinto ao peito, e

depois ajoelhou-se ao lado da cama. Bran usou as barras presas na parede para se segurar, enquanto balançava o peso morto das suas pernas para dentro do cesto e através dos buracos.

– Hodor – repetiu o gigante, erguendo-se.

O cavalariço tinha quase dois metros e dez; às suas costas, a cabeça de Bran quase raspava no teto. Abaixou-se bem quando passaram pela porta. Certa vez, Hodor sentira o cheiro de pão assando e *correu* para as cozinhas, e Bran acabou por dar uma pancada tão forte na cabeça, que Meistre Luwin teve de dar pontos no seu couro cabeludo. Mikken dera-lhe um velho elmo enferrujado e sem visor que tinha no armeiro, mas Bran raramente o usava. Os Walder riam sempre que o viam em sua cabeça.

Bran colocou as mãos nos ombros de Hodor enquanto desciam a escada em caracol. Lá fora, no pátio, já soavam os sons das espadas, dos escudos e dos cavalos. Faziam uma doce música. *Vou só dar uma espiada*, Bran pensou, *uma espiada rápida, só isso*.

Os fidalgos de Porto Branco sairiam mais tarde, com seus cavaleiros e homens de armas. Até lá, o pátio pertencia aos seus escudeiros, cujas idades iam dos dez aos quarenta anos. Bran desejou tanto ser um deles, que seu estômago doeu.

Tinham sido colocados no pátio dois manequins, e cada um deles era composto por um robusto poste, que sustentava uma trave mestra giratória com um escudo numa ponta e um alvo almofadado na outra. Os escudos tinham sido pintados de vermelho e dourado, embora os leões Lannister fossem granulosos e deformados e já estivessem bem marcados pelos primeiros rapazes que arremeteram contra eles.

A visão de Bran no cesto atraiu olhares daqueles que não o tinham visto antes, mas ele tinha aprendido a ignorar olhares. Pelo menos tinha uma boa vista; às costas de Hodor, ficava acima de todo mundo. Viu que os Walder estavam montando. Tinham trazido boas armaduras das Gêmeas, placas brilhantes e prateadas com relevos em esmalte azul. A cimeira do elmo do Grande Walder tinha formato de um castelo, enquanto o Pequeno Walder preferia flâmulas de seda azul e cinza. Seus escudos e

capas também os distinguiam um do outro. O Pequeno Walder esquartelava as torres gêmeas de Frey com o javali malhado da Casa da avó e o lavrador da Casa da mãe: Crakehall e Darry, respectivamente. Os quartéis do Grande Walder eram a árvore com corvos da Casa Blackwood e as sinuosas serpentes dos Paege. *Devem estar famintos de honra*, Bran pensou, enquanto os observava pegando as lanças. *Um Stark necessita apenas do lobo gigante*.

Seus corcéis cinza-rajados eram rápidos, fortes e otimamente treinados. Lado a lado, carregaram contra os manequins. Ambos atingiram bem os escudos e já tinham passado à vontade quando os alvos almofadados rodopiaram por trás deles. O Grande Walder deu o golpe mais forte, mas Bran achou que o Pequeno Walder montou melhor. Teria dado ambas as suas pernas inúteis pela oportunidade de defrontar qualquer um deles.

O Pequeno Walder jogou fora a lança estilhaçada, viu Bran e freou o cavalo.

– Ora, eis aí um cavalo feio – disse, referindo-se a Hodor.

– Hodor não é nenhum cavalo – Bran respondeu.

– Hodor – Hodor ecoou.

O Grande Walder juntou-se ao primo a trote.

– Bem, ele não é tão *esperto* quanto um cavalo, isso é certo – alguns dos rapazes de Porto Branco acotovelaram-se e riram.

– Hodor – sorrindo jovialmente, Hodor olhou um Frey após outro, sem reparar na zombaria. – Hodor Hodor?

A montaria do Pequeno Walder relinchou.

– Está vendo, eles estão falando um com o outro. Talvez *hodor* queira dizer “te amo” em cavalês.

– Cala a boca, Frey – Bran sentia que estava ficando vermelho.

O Pequeno Walder esporeou o cavalo e aproximou-se, empurrando Hodor para trás.

– E o que você vai fazer se eu não me calar?

– Soltar o lobo em cima de você, primo – avisou Grande Walder.

– Deixa. Sempre quis um manto de pele de lobo.

– Verão arrancaria essa sua cabeça gorda – Bran retrucou.

O Pequeno Walder bateu na placa de peito com um punho revestido de cota de malha.

– Seu lobo tem dentes de aço para morder através de placa de aço e cota de malha?

– *Basta!* – a voz do Meistre Luwin abriu caminho através do clangor do pátio, sonora como um trovão. Bran não sabia dizer quanto da conversa o meistre tinha ouvido, mas era claro que havia sido o bastante para irritá-lo. – Essas ameaças são impróprias e não quero ouvir mais nenhuma. É assim que se comporta nas Gêmeas, Walder Frey?

– Se eu quiser.

De cima do seu corcel, o Pequeno Walder lançou a Luwin um olhar mal-humorado, como se dissesse: *Você é só um meistre. Quem se julga para repreender um Frey da Travessia?*

– Bem, mas não é assim que os protegidos da Senhora Catelyn devem se comportar em Winterfell. O que causou isso? – o meistre olhou para os garotos, um a um. – Um de vocês vai me contar, juro, senão…

– Estávamos brincando com Hodor – confessou Grande Walder. – Lamento se ofendemos o Príncipe Bran. Só queríamos ser divertidos – ele tinha, pelo menos, a elegância de parecer envergonhado.

O Pequeno Walder parecia apenas impertinente:

– Eu também – disse. – Só estava sendo divertido.

Bran via que o ponto calvo no topo da cabeça do meistre tinha se tornado vermelho; se havia alguma diferença, Luwin estava mais zangado do que antes.

– Um bom senhor conforta e protege os fracos e indefesos – ele disse aos Frey. – Não vou admitir que façam de Hodor o alvo de brincadeiras cruéis, estão me ouvindo? Ele é um rapaz de bom coração, cumpridor e obediente, o que é mais do que posso dizer de qualquer um de vocês – o meistre brandiu um dedo para o Pequeno Walder. – E você vai ficar *fora* do bosque sagrado e longe daqueles lobos, senão responderá por isso – com as mangas esvoaçando, girou sobre os calcanhares, deu alguns passos rápidos e lançou um olhar para trás. – Bran. Venha. Lorde Wyman espera.

– Hodor, siga o meistre – Bran ordenou.

– Hodor – o gigante ecoou. Seus longos passos alcançaram o bater furioso dos pés do meistre nos degraus da Grande Fortaleza. Meistre Luwin manteve a porta aberta, Bran abraçou o pescoço de Hodor e abaixou-se enquanto a atravessavam.

– Os Walder… – começou.

– Não quero ouvir mais nada sobre isso, acabou – Meistre Luwin parecia desgastado e esgotado. – Teve razão em defender Hodor, mas nunca deveria ter ido lá. Sor Rodrik e Lorde Wyman já quebraram o jejum enquanto o aguardavam. Tenho de vir em pessoa buscá-lo, como se fosse uma criança pequena?

– Não – Bran respondeu, envergonhado. – Lamento. Eu só queria…

– Eu sei o que queria – a voz de Meistre Luwin soou mais gentil. – Gostaria que isso fosse possível, Bran. Quer me fazer alguma pergunta antes de darmos início a esta audiência?

– Iremos falar de guerra?

– *Você* não irá falar de nada – a aspereza tinha voltado à voz de Luwin. – Você é ainda uma criança de oito anos…

– Quase nove!

– Oito – repetiu o meistre com firmeza. – Não diga nada além de cortesias, a menos que Sor Rodrik ou Lorde Wyman lhe façam uma pergunta.

Bran fez um aceno.

– Lembrarei disso.

– Não direi nada a Sor Rodrik sobre o que houve entre você e os rapazes Frey.

– Obrigado.

Puseram Bran na cadeira de carvalho do pai, com as almofadas de veludo cinza, por trás de uma longa mesa de armar. Sor Rodrik sentou-se ao seu lado direito e Meistre Luwin, ao esquerdo, armado com penas, frascos de tinta e um molho de pergaminhos em branco para escrever tudo o que acontecesse. Bran passou uma mão pela madeira áspera da mesa e pediu desculpas a Lorde Wyman pelo atraso.

– Ora, nenhum príncipe jamais se atrasa – o Senhor de Porto Branco respondeu amavelmente. – Os que chegam antes dele chegaram cedo, só isso – Wyman Manderly tinha uma grandiosa gargalhada ressonante. Pouco admirava que não conseguisse se sentar numa sela; parecia pesar mais do que a maioria dos cavalos. Tão eloquente como era vasto, começou pedindo a Winterfell que confirmasse os novos meirinhos que tinha nomeado para Porto Branco. Os antigos tinham andado segurando prata para Porto Real em vez de pagá-la ao novo Rei no Norte. – Rei Robb também precisa da sua própria moeda – declarou –, e Porto Branco é o lugar ideal para cunhá-la – ofereceu-se para se encarregar do assunto, se o rei desejasse, e depois passou a falar de como havia reforçado as defesas do porto, detalhando o custo de cada melhoramento.

Além de uma casa de cunhagem, Lorde Manderly também propôs construir uma frota de guerra para Robb.

– Há centenas de anos que não temos força no mar, desde que Brandon, o Incendiário, tocou fogo nos navios do pai. Concedam-me o ouro necessário, e ainda este ano porei para flutuar galés em número suficiente para tomar tanto Pedra do Dragão como Porto Real.

O interesse de Bran foi despertado pela menção feita a navios de guerra. Ninguém lhe perguntou, mas achou a ideia de Lorde Wyman magnífica. Na imaginação já conseguia vê-los e se perguntava se um aleijado havia alguma vez comandado um navio de guerra. Mas Sor Rodrik prometeu apenas enviar a proposta para consideração de Robb, enquanto Meistre Luwin arranhava o pergaminho.

O meio-dia chegou e passou. Meistre Luwin mandou Poxy Tym para as cozinhas e almoçaram no aposento privado queijo, capões e pão preto de aveia. Enquanto estraçalhava uma ave com dedos gordos, Lorde Wyman inquiriu polidamente a respeito da Senhora Hornwood, que era sua prima.

– Ela nasceu como uma Manderly, sabe? Talvez, quando seu luto terminar, queira voltar a ser uma Manderly, hein? – arrancou uma mordida da asa e deu um largo sorriso. – Ora, acontece que eu sou viúvo há oito anos. Já é mais que hora de tomar outra esposa, não concordam,

senhores? Um homem se sente só – pondo os ossos de lado, estendeu a mão até a perna. – Ou se a senhora preferir um rapaz mais novo, bem, meu filho Wendel também não está casado. Ele foi para o sul a fim de guardar a Senhora Catelyn, mas sem dúvida desejará arranjar uma noiva na volta. Um rapaz valente e alegre, o homem certo para ensiná-la a rir de novo, hein? – limpou um pouco de gordura do queixo com a manga da túnica.

Bran ouvia o estrondo distante de armas que entrava pelas janelas. Não tinha o menor interesse em casamentos. *Gostaria de estar lá embaixo no pátio*.

O senhorio esperou, até que a mesa fosse limpa, antes de puxar o assunto de uma carta que tinha recebido de Lorde Tywin Lannister, que mantinha prisioneiro seu filho mais velho, Sor Wylis, capturado no Ramo Verde.

– Oferece-me sem resgate, sob a condição de eu retirar de Sua Graça meus recrutas e jurar parar de lutar.

– Irá recusar, é claro – Sor Rodrik exclamou.

– A esse respeito, nada temam – garantiu-lhes o lorde. – Rei Robb não tem servidor mais leal do que Wyman Manderly. No entanto, reluto em deixar meu filho em Harrenhal mais tempo do que o devido. Aquele lugar é mau. Dizem que é amaldiçoado. Não que eu seja o tipo de homem que engula essas histórias, mas, mesmo assim, é o que é. Vejam o que aconteceu àquele Janos Slynt. Feito Senhor de Harrenhal pela rainha e deposto pelo irmão dela. Enviado para a Muralha, segundo dizem. Peço para que alguma troca equitativa de prisioneiros possa ser acordada em breve. Sei que Wylis não gostaria de ficar esperando até a guerra acabar. Aquele meu filho é galante e feroz como um mastim.

Bran sentia os ombros rígidos por ter ficado sentado na mesma cadeira durante toda a audiência. E naquela noite, quando se sentava à mesa para jantar, soou uma trompa para anunciar a chegada de outro hóspede. A Senhora Donella Hornwood não trazia uma comitiva de cavaleiros e servidores; era apenas ela e seis fatigados homens de armas com uma cabeça de alce nas suas poeirentas fardas laranja.

– Lamentamos muito tudo o que tem sofrido, senhora – disse Bran quando ela veio à sua presença para saudá-lo. Lorde Hornwood havia sido morto na batalha do Ramo Verde, e seu único filho abatido no Bosque dos Murmúrios. – Winterfell vai se lembrar.

– É bom saber disso – era uma pálida casca de mulher, com o rosto marcado pelo luto. – Estou muito cansada, senhor. Se me der licença para descansar, ficarei grata.

– Com certeza – Sor Rodrik respondeu. – Há tempo bastante para conversar amanhã.

Quando o dia seguinte chegou, a maior parte da manhã foi dedicada a falar de cereais, verduras e da salga de carne. Quando os meistres na sua Cidadela proclamavam a chegada do outono, os homens sensatos separavam uma parte de cada colheita… Se bem que o tamanho dessa parte era assunto que parecia necessitar de muita discussão. A Senhora Hornwood estava armazenando um quinto da sua colheita. Obedecendo à sugestão de Meistre Luwin, prometeu aumentar esse valor para um quarto.

– O bastardo de Bolton está reunindo homens no Forte do Pavor – preveniu-os. – Espero que pretenda levá-los para o sul e ir se juntar ao pai nas Gêmeas, mas quando mandei saber quais eram as suas intenções, mandou-me dizer que nenhum Bolton seria alguma vez interrogado por uma mulher. Como se fosse legítimo e tivesse direito àquele nome.

– Lorde Bolton nunca reconheceu o rapaz, que eu saiba – Sor Rodrik disse. – Confesso que não o conheço.

– Poucos conhecem – ela respondeu. – Viveu com a mãe até dois anos atrás, quando o jovem Domeric morreu e deixou Bolton sem herdeiro. Foi aí que trouxe o bastardo para o Forte do Pavor. Todos dizem que o rapaz é uma criatura ardilosa e tem um criado que é quase tão cruel como ele. Chamam o homem de Fedor. Dizem que nunca toma banho. Os dois caçam juntos, o Bastardo e este Fedor, e não são veados o que caçam. Ouvi histórias, coisas em que quase não acredito, mesmo dizendo respeito a um Bolton. E agora que o senhor meu esposo e o meu querido

filho foram encontrar os deuses, o Bastardo olha com fome para as minhas terras.

Bran desejou dar à senhora cem homens para defender os seus direitos, mas Sor Rodrik disse apenas:

– Ele pode olhá-las, mas, se fizer mais do que isso, prometo-lhe que as consequências serão severas. Estará bastante segura, senhora… Embora talvez, a seu tempo, quando seu luto passar, fosse prudente voltar a se casar.

– Já passei do tempo em que podia dar à luz, e a beleza que tive há muito fugiu – ela respondeu com um meio sorriso fatigado –, mas os homens vêm me farejar como nunca fizeram quando era donzela.

– Não vê com bons olhos esses pretendentes? – Luwin perguntou.

– Casarei de novo se Sua Graça ordenar – ela respondeu –, mas Mors Crowfood é um bruto bêbado, e mais velho do que meu pai. Quanto ao meu nobre primo Manderly, a cama do meu senhor não é suficientemente grande para aguentar um homem de tal majestade, e eu sou certamente pequena e frágil demais para me deitar por baixo dele.

Bran sabia que os homens dormiam em cima das mulheres quando dividiam a cama. Imaginava que dormir debaixo de Lorde Manderly seria como estar embaixo de um cavalo caído. Sor Rodrik dirigiu à viúva um aceno compreensivo.

– Terá outros pretendentes, senhora. Tentaremos encontrar um pretendente mais do seu agrado.

– Talvez não precise procurar muito longe, sor.

Depois de ela ter se retirado, Meistre Luwin sorriu.

– Sor Rodrik, creio que a senhora o aprecia.

Sor Rodrik pigarreou e pareceu desconfortável.

– Ela estava muito triste – Bran comentou.

Sor Rodrik anuiu.

– Triste e honrada. E nada deselegante para uma mulher da sua idade, apesar de toda sua modéstia. Mas, mesmo assim, um perigo para a paz do reino do seu irmão.

– Ela? – Bran se espantou.

Foi Meistre Luwin quem respondeu.

– Sem herdeiro direto, haverá com certeza muitos pretendentes disputando as terras dos Hornwood. Tanto os Tallhart como os Flint e os Karstark têm ligações com a Casa Hornwood por linha feminina, e os Glover estão criando o bastardo de Lorde Harys em Bosque Profundo. O Forte do Pavor não tem nenhuma pretensão, que eu saiba, mas as terras são contíguas, e Roose Bolton não é homem que deixaria passar uma chance dessas.

Sor Rodrik puxou as suíças.

– Em casos assim, seu suserano deverá encontrar para ela um par adequado.

– Por que o *senhor* não poderia desposá-la? – Bran quis saber. – Disse que é elegante e Beth teria uma mãe.

O velho cavaleiro pôs uma mão no braço de Bran.

– Uma ideia amável, meu príncipe, mas sou apenas um cavaleiro e, além disso, velho demais. Poderia manter as terras dela durante alguns anos, mas, assim que morresse, a Senhora Hornwood voltaria ao mesmo atoleiro, e os pretendentes de Beth poderiam também ser perigosos.

– Então deixe que o bastardo de Lorde Hornwood seja o herdeiro – Bran sugeriu, pensando no seu meio-irmão Jon.

Sor Rodrik disse:

– Isso agradaria aos Glover e talvez à sombra de Lorde Hornwood, mas não creio que a Senhora Hornwood iria simpatizar conosco. O garoto não é do seu sangue.

– Em todo caso – disse Meistre Luwin –, essa possibilidade tem de ser levada em conta. A Senhora Donella já passou dos seus anos férteis, como ela própria disse. Se não for o bastardo, então, quem?

– Posso me retirar? – Bran conseguia ouvir os escudeiros treinando com as espadas no pátio lá embaixo, o ressoar de aço batendo em aço.

– Como quiser, meu príncipe – Sor Rodrik anuiu. – Esteve bem.

Bran corou de prazer. Ser um senhor não era tão entediante como temia, e a Senhora Hornwood tinha sido muito mais rápida do que Lorde Manderly, até lhe restavam algumas horas de dia para ir visitar Verão.

Gostava de passar algum tempo com seu lobo todos os dias, quando Sor Rodrik e o meistre lhe permitiam.

Assim que Hodor entrou no bosque sagrado, Verão emergiu de debaixo de um carvalho, quase como se soubesse que eles estavam chegando. Bran vislumbrou um esguio vulto negro que também os observava de dentro dos arbustos.

– Felpudo – chamou. – Vem cá, Cão Felpudo. Aqui – mas o lobo de Rickon desapareceu tão rapidamente como havia surgido.

Hodor sabia qual era o lugar favorito de Bran e o levou para a margem da lagoa sob a grande sombra da árvore-coração, onde Lorde Eddard costumava se ajoelhar para rezar. Marolas corriam pela superfície da água quando chegaram, fazendo o reflexo do represeiro tremer e dançar. Mas não havia vento. Por um instante, Bran sentiu-se desconcertado.

Então, Osha surgiu de dentro da lagoa com um grande espirrar de água, tão subitamente que até Verão saltou para trás, rosnando. Hodor afastou-se aos pulos, gemendo "*Hodor*, *Hodor*", consternado, até que Bran deu palmadinhas no seu ombro para acalmar seus medos.

– Como pode nadar aí? – perguntou a Osha. – Não é frio?

– Quando era bebê, mamei pingentes de gelo, garoto. Gosto do frio – Osha nadou para as rochas e saiu da água, pingando. Estava nua, com pele enrugada. Verão aproximou-se com cuidado e a farejou. – Quis tocar o fundo.

– Não sabia que havia um fundo.

– Talvez não haja – ela sorriu. – O que está olhando, rapaz? Nunca viu uma mulher?

– Vi, claro – Bran tinha tomado banho com as irmãs centenas de vezes e também tinha visto criadas nas lagoas quentes. Mas Osha parecia diferente, dura e angulosa, em vez de macia e cheia de curvas. Suas pernas eram só tendões, os seios achatados como duas bolsas vazias. – Tem um monte de cicatrizes.

– Todas elas duramente conquistadas – Osha pegou a camisa marrom, sacudiu dela algumas folhas e a enfiou pela cabeça.

– Lutando contra gigantes? – Osha dizia que ainda havia gigantes para lá da Muralha. *Um dia talvez eu até veja um…*

– Lutando contra homens – amarrou um pedaço de corda em torno da cintura para fazer de cinto. – Corvos negros, normalmente. E matei um, sim – Osha se vangloriou, sacudindo o cabelo. Tinha crescido desde que viera para Winterfell, e já passava das suas orelhas. Parecia mais suave do que a mulher que antes tentara assaltá-lo e matá-lo na mata de lobos. – Ouvi algum falatório hoje na cozinha a respeito de você e daqueles Frey.

– Quem? O que disseram?

Osha dirigiu-lhe um sorriso amargo.

– Que um garoto que caçoa de um gigante é um tolo, e que é um mundo louco aquele em que um aleijado tem de defendê-lo.

– Hodor não chegou a perceber que estavam caçoando dele – Bran respondeu. – Seja como for, ele nunca luta.

Lembrou-se de uma vez, quando era pequeno, a caminho da praça do mercado com a mãe e a Septã Mordane. Tinham trazido Hodor como carregador, mas ele tinha se afastado e, quando foram encontrá-lo, uns garotos tinham-no encurralado numa viela, atormentando-o com paus. "*Hodor!*", gritava o gigante, enrolando-se com medo e cobrindo-se com os braços, mas não chegou a levantar uma mão contra aqueles que o atormentavam.

– Septão Chayle diz que ele tem um espírito bondoso.

– Sim – ela confirmou –, e mãos com força suficiente para arrancar do pescoço a cabeça de um homem, se resolver fazê-lo. Em todo caso, é melhor que ele tome cuidado perto daquele Walder. Ele, e você também. O grande a quem chamam pequeno, cá para mim, tem o nome bem dado. Grande por fora, pequeno por dentro, e malvado até os ossos.

– Ele nunca se atreveria a me fazer mal. Tem medo do Verão, não importa o que diga.

– Então, pode ser que não seja tão estúpido como parece – Osha era sempre cautelosa perto dos lobos gigantes. No dia em que tinha sido capturada, Verão e Vento Cinzento tinham rasgado três selvagens em

pedaços ensanguentados. – Ou pode ser que seja. E isso também cheira a problema – ela prendeu o cabelo. – Teve mais daqueles sonhos de lobo?

– Não – Bran não gostava de falar dos sonhos.

– Um príncipe deveria mentir melhor que isso – Osha soltou uma gargalhada. – Bem, seus sonhos são assunto seu. Os meus estão nas cozinhas, e é melhor que vá voltando antes que Gage comece a gritar e a sacudir aquela sua grande colher de madeira. Com a sua licença, meu príncipe.

*Ela nunca devia ter falado dos sonhos de lobo*, Bran pensou, enquanto Hodor subia com ele os degraus que levavam ao seu quarto. Lutou contra o sono o máximo que pôde, mas, por fim, foi tomado por ele, como sempre. Naquela noite, sonhou com o represeiro. A árvore o estava olhando com seus profundos olhos vermelhos, chamando-o com sua retorcida boca de madeira, e dos galhos brancos desceu voando o corvo de três olhos, dando bicadas na sua cara e gritando seu nome com uma voz afiada como espadas.

O som das trombetas o acordou. Bran ficou de lado, grato pelo adiamento do sonho. Ouviu cavalos e gritos rudes. *Chegaram mais hóspedes e, pelo barulho que fazem, vêm meio bêbados*. Agarrando-se às barras, puxou-se da cama e foi até o banco de janela. No estandarte dos recém-chegados via-se um gigante com correntes quebradas que lhe disse que aqueles eram homens de Umber, vindos das terras do norte para lá do Rio Último.

No dia seguinte, dois deles vieram juntos à audiência; os tios do Grande-Jon, homens fanfarrões no inverno dos seus dias, com barbas tão brancas como os mantos de pele de urso que usavam. Um corvo tinha um dia julgado que Mors estivesse morto e bicou seu olho, por isso usava um pedaço de vidro de dragão em seu lugar. De acordo com a versão da Velha Ama, ele tinha agarrado o corvo com uma mão e arrancado sua cabeça com os dentes, por isso o chamavam Papa-Corvos. A Ama nunca dissera a Bran por que chamavam o irmão Hother de Terror das Rameiras.

Mal tinham se sentado, Mors já pedia licença para casar com a Senhora Hornwood.

– Grande-Jon é o forte braço direito do Jovem Lobo, todos sabem que é assim. Quem melhor para proteger as terras da viúva do que um Umber, e que melhor Umber do que eu?

– A Senhora Donella ainda está de luto – Meistre Luwin respondeu.

– Tenho uma cura para o luto por baixo das minhas peles – Mors gargalhou. Sor Rodrik agradeceu-lhe com cortesia e prometeu levar o assunto à consideração da senhora e do rei.

Hother queria navios.

– Selvagens andam se esgueirando do norte, em maior número do que jamais vi. Atravessam a Baía das Focas em barcos pequenos e vêm dar à nossa costa. Os corvos de Atalaialeste não são suficientes para pará-los, e eles são rápidos como doninhas para se esconder. É de dracares que precisamos, sim, e de homens fortes para manobrá-los. Grande-Jon levou muitos. Metade da nossa colheita perdeu-se por falta de braços para manejar as foices.

Sor Rodrik puxou as suíças:

– Vocês têm florestas de pinheiros altos e velhos carvalhos. Lorde Manderly tem construtores navais e marinheiros com fartura. Juntos, deveriam ser capazes de pôr na água dracares em número suficiente para defender as costas de ambos.

– Manderly? – Mors Umber fungou. – Esse grande saco bamboleante de banha? Seu próprio povo caçoa dele, chamando-o de Lorde Lampreia, segundo ouvi dizer. O homem quase não consegue andar. Se espetasse uma espada na sua barriga, dez mil enguias torceriam-se para fora.

– Ele é gordo – admitiu Sor Rodrik –, mas não é bobo. Irá trabalhar com ele, caso contrário o rei ficará sabendo o por quê.

E, para espanto de Bran, os truculentos Umber concordaram em fazer o que ele ordenava, embora não sem resmungos. Enquanto decorria a audiência, os homens dos Glover chegaram de Bosque Profundo, e um grande grupo dos Tallhart, de Praça de Torrhen. Galbart e Robett Glover

tinham deixado Bosque Profundo nas mãos da esposa de Robett, mas foi seu intendente que veio até Winterfell.

– Minha senhora pede que perdoem sua ausência. Seus bebês são novos demais para uma viagem dessas e ela estava relutante em se separar deles.

Bran compreendeu rapidamente que era o intendente, e não a Senhora Glover, quem realmente governava em Bosque Profundo. O homem admitiu que estava, por enquanto, armazenando apenas um décimo da colheita. Afirmou que um vidente lhe tinha dito que haveria um farto verão dos espíritos antes que o frio se instalasse. Meistre Luwin tinha uma quantidade de coisas interessantes a dizer acerca de videntes. Sor Rodrik ordenou ao homem que separasse um quinto e o interrogou detalhadamente a respeito do bastardo de Lorde Hornwood, o garoto Larence Snow. No Norte, todos os bastardos de elevado nascimento adotavam o sobrenome *Snow*. Este rapaz tinha quase doze anos, e o intendente elogiou sua inteligência e coragem.

– Sua ideia sobre o bastardo pode ter mérito, Bran – Meistre Luwin disse mais tarde. – Um dia será um bom senhor para Winterfell, penso eu.

– Não serei, não – Bran sabia que nunca seria um senhor, tal como não podia ser um cavaleiro. – Robb deverá se casar com uma moça Frey qualquer, foi você quem me disse, e os Walder dizem o mesmo. Ele terá filhos e serão eles os senhores de Winterfell depois dele, não eu.

– Pode ser assim, Bran – Sor Rodrik interveio. – Mas eu fui casado por três vezes, e as minhas esposas deram-me filhas. Agora só me resta Beth. Meu irmão Martyn foi pai de quatro filhos fortes, mas só Jory sobreviveu até ser homem. Quando foi morto, a linhagem de Martyn morreu também. Quando falamos do amanhã, nada é certo.

Leobald Tallhart teve sua vez no dia seguinte. Falou de presságios meteorológicos e do juízo indolente dos plebeus e contou como seu sobrinho ansiava por batalhas.

– Benfred recrutou sua própria companhia de lanceiros. Garotos, nenhum deles com mais de dezenove anos, mas todos pensam que ele é

outro jovem lobo. Quando lhes disse que eram apenas jovens coelhos, riram de mim. Agora chamam-se de Bravas Lebres e galopam pelos campos com peles de coelho atadas às pontas das lanças, cantando canções de cavalaria.

Bran pensou que aquilo soava grandioso. Lembrou-se de Benfred Tallhart, um grande rapaz fanfarrão e barulhento que visitava frequentemente Winterfell com o pai, Sor Helman, e tinha sido amigável com Robb e Theon Greyjoy. Mas Sor Rodrik ficou claramente descontente com o que ouviu.

– Se o rei precisasse de mais homens, pediria – ele disse. – Diga ao seu sobrinho que deverá permanecer em Praça de Torrhen conforme ordenou o senhor seu pai.

– Farei isso, sor – Leobald respondeu, e só então puxou o assunto da Senhora Hornwood. Pobrezinha, sem um marido que defenda suas terras ou um filho que as herde. Sua própria esposa era uma Hornwood, irmã do falecido Lorde Halys, com certeza todos se lembravam. – Um salão vazio é um salão triste. Tive a ideia de mandar meu filho mais novo para que a Senhora Donella crie como seu. Beren tem quase dez anos, é um moço promissor, e seu sobrinho. Iria animá-la, estou certo, e talvez até adotasse o nome Hornwood…

– Se fosse nomeado herdeiro? – sugeriu Meistre Luwin.

– … para que a Casa possa se manter – Leobald terminou.

Bran sabia o que dizer.

– Obrigado pela ideia, senhor – falou antes que Sor Rodrik tivesse tempo de abrir a boca. – Levaremos o assunto ao meu irmão Robb. Ah, e à Senhora Hornwood.

Leobald pareceu surpreso por ele falar.

– Agradeço, meu príncipe – ele disse, mas Bran viu piedade nos seus olhos azuis-claros, talvez misturada com um pouco de alegria pelo aleijado não ser, afinal, *seu* filho. Por um momento, odiou o homem.

Mas Meistre Luwin gostou mais.

– Beren Tallhart pode bem ser a nossa melhor escolha – disse-lhes depois de Leobald partir. – Pelo sangue, é meio Hornwood. Se adotar o

nome do tio…

– … será mesmo assim um garoto – Sor Rodrik observou –, e sob grande pressão para defender as suas terras contra gente como Mors Umber ou aquele bastardo de Roose Bolton. Temos de pensar bem nisto. Robb deve ter os nossos melhores conselhos antes de tomar sua decisão.

– Pode depender de detalhes de ordem prática – disse Meistre Luwin. – De qual dos senhores mais precisa na corte. As terras fluviais fazem parte do seu reino, e pode querer cimentar a aliança casando a Senhora Hornwood com um dos senhores do Tridente. Um Blackwood, talvez, ou um Frey…

– A Senhora Hornwood pode ficar com um dos nossos Frey – Bran interveio. – Pode ficar com os dois, se quiser.

– Não está sendo gentil, meu príncipe – Sor Rodrik o censurou levemente.

*Os Walder também não*. Carrancudo, Bran fitou a mesa e nada disse.

Nos dias que se seguiram, chegaram corvos de outras casas senhoriais, trazendo pedidos de desculpa. O bastardo do Forte do Pavor não viria; os Mormont e os Karstark tinham ido todos para o sul com Robb; Lorde Locke era idoso demais para arriscar a viagem; a Senhora Flint estava com a gravidez avançada, havia doença na Atalaia da Viúva. Por fim, todos os principais vassalos da Casa Stark tinham dado notícias, exceto Howland Reed, o cranogmano, que não punha os pés para fora dos seus pântanos havia muitos anos, e os Cerwyn, cujo castelo ficava a meio dia de viagem de Winterfell. Lorde Cerwyn era cativo dos Lannister, mas seu filho, um rapaz de catorze anos, chegou uma bela manhã à frente de duas dúzias de lanças. Bran montava a Dançarina no pátio quando atravessaram o portão. Foi a trote encontrá-los para lhes dar as boas-vindas. Cley Cerwyn sempre foi amigo de Bran e dos irmãos.

– Bom dia, Bran – Cley gritou alegremente. – Ou será que tenho de chamá-lo agora de Príncipe Bran?

– Só se quiser.

Cley soltou uma gargalhada.

– E por que não? Todo mundo é rei ou príncipe nos dias que correm. Stannis também escreveu para Winterfell?

– Stannis? Não sei.

– Ele também é agora um rei – Cley confidenciou. – Diz que a Rainha Cersei se deitou com o irmão, e, portanto, Joffrey é um bastardo.

– Joffrey, o Mal-Nascido – rosnou um dos cavaleiros dos Cerwyn. – Não é de admirar que seja desleal, com o Regicida como pai.

– Sim – disse outro –, os deuses detestam o incesto. Veja como derrubaram os Targaryen.

Por um momento, Bran sentiu-se incapaz de respirar. Uma mão gigantesca esmagava seu peito. Sentiu-se caindo e agarrou-se desesperadamente às rédeas da Dançarina.

Seu terror deve ter transparecido no rosto.

– Bran? – Cley Cerwyn o chamou. – Está se sentindo mal? É só mais um rei.

– Robb também o derrotará.

Virou a cabeça da Dançarina na direção dos estábulos, sem notar os olhares confusos que os Cerwyn lhe dirigiram. O sangue rugia em suas orelhas e, se não estivesse preso à sela, poderia muito bem ter caído.

Naquela noite, Bran rezou aos deuses do pai, pedindo um sono sem sonhos. Se os deuses ouviram, zombaram da sua esperança, pois o pesadelo que enviaram foi pior do que qualquer sonho de lobo.

"*Voe ou morra!*", gritava o corvo de três olhos enquanto o bicava. Chorou e suplicou, mas o corvo não tinha piedade. Destroçou seu olho esquerdo, e depois o direito, e quando ficou cego na escuridão, a ave começou a bicá-lo na testa, enfiando o bico terrivelmente afiado no seu crânio. Bran gritou até ficar certo de que seus pulmões iriam estourar. A dor era como um machado que abria sua cabeça, mas quando o corvo puxou o bico, todo pegajoso com pedaços de osso e cérebro, Bran conseguia ver de novo. O que viu fez com que arquejasse de medo. Estava agarrado a uma torre com muitos metros de altura, seus dedos escorregavam, com as unhas arranhando a pedra, e as pernas puxavam-no para baixo, as estúpidas e inúteis pernas mortas. "*Socorro!*", gritou. Um

homem dourado surgiu no céu por cima dele e o puxou. “As coisas que eu faço por amor”, murmurou suavemente enquanto o atirava, esperneando, para o vazio.

# Tyrion

—Já não durmo como dormia quando era novo – disse-lhe o Grande Meistre Pycelle, em tom de desculpa pela reunião à alvorada. – Prefiro estar de pé, mesmo que o mundo esteja escuro, a deitar inquieto na cama, preocupado com tarefas a cumprir – ele disse, embora seus olhos de pálpebras pesadas fizessem-no parecer meio adormecido enquanto falava.

Nos arejados aposentos sob o viveiro de corvos, a criada lhes serviu ovos cozidos, ameixas em compota e mingau de aveia, enquanto Pycelle pontificava.

– Nestes tristes tempos, quando tantos passam fome, penso ser adequado que mantenha minha mesa frugal.

– Louvável – Tyrion admitiu, quebrando o grande ovo marrom que lhe lembrava muito a cabeça calva e manchada do Grande Meistre. – Eu adoto um ponto de vista diferente. Se há comida, eu como, para o caso de não haver nenhuma amanhã – sorriu. – Diga-me, seus corvos também são madrugadores?

Pycelle afagou a barba branca como a neve que caía pelo seu peito abaixo.

– Com certeza. Devo mandar buscar pena e tinta depois de comermos?

– Não há necessidade – Tyrion pousou as cartas na mesa ao lado do mingau, pergaminhos gêmeos bem enrolados e selados com cera em ambas as extremidades. – Mande sua moça embora para que possamos conversar.

– Deixe-nos, filha – Pycelle ordenou, e a criada apressou-se em sair da sala. – Então, essas cartas…

– São para os olhos de Doran Martell, Príncipe de Dorne – Tyrion tirou a casca rachada do ovo e deu uma mordida. Estava sem sal. – Uma carta, em duas cópias. Envie suas aves mais rápidas. O assunto é de grande importância.

– Vou enviá-las assim que quebrarmos o jejum.

– Envie-as já. Ameixas em compota podem esperar. O reino talvez não. Lorde Renly está trazendo sua tropa pela estrada das rosas, e ninguém sabe dizer quando Lorde Stannis zarpará de Pedra do Dragão.

Pycelle pestanejou.

– Se o senhor prefere…

– Prefiro.

– Estou aqui para servir – o meistre ficou solenemente em pé, fazendo tilintar suavemente o colar do seu cargo. Era coisa pesada, uma dúzia de colares de meistre enrolados uns nos outros e ornamentados com pedras preciosas. E parecia a Tyrion que os elos de ouro, prata e platina eram em número muito superior aos de metais inferiores.

Pycelle mexia-se tão devagar que Tyrion teve tempo de terminar o ovo e experimentar as ameixas, cozidas e aguadas demais para o seu gosto, antes que o som de asas o fizesse se levantar. Olhou o corvo, escuro no céu da alvorada, e dirigiu-se rapidamente para o labirinto de prateleiras que havia na outra ponta da sala.

Os medicamentos que o meistre tinha formavam uma vitrine impressionante; dúzias de potes selados com cera, centenas de frascos arrolhados, outras tantas garrafas de vidro opaco, incontáveis potes de ervas secas, com cada recipiente ordenadamente etiquetado na letra precisa de Pycelle. *Uma mente metódica*, Tyrion refletiu, e, de fato, uma vez decodificada a arrumação, era fácil ver que cada poção tinha o seu lugar. *E coisas tão interessantes*. Viu sonodoce e beladona, leite da papoula, lágrimas de Lys, grisalheira em pó, acônito e dança do demo, veneno de basilisco, olhocego, sangue de viúva…

Pondo-se nas pontas dos pés e esticando-se, conseguiu puxar uma pequena garrafa empoeirada da prateleira mais elevada. Quando leu a etiqueta, sorriu e enfiou-a na manga.

Estava de volta à mesa, descascando outro ovo, quando o Grande Meistre Pycelle desceu lentamente as escadas.

– Está feito, senhor – o velho sentou-se. – Um assunto como este… é melhor realizá-lo prontamente, de fato, de fato… de grande importância, foi o que disse?

–Ah, sim – Tyrion achou que o mingau estava grosso demais e faltando manteiga e mel. Também era verdade que manteiga e mel eram raramente vistos em Porto Real nos últimos tempos, embora Lorde Gyles mantivesse o castelo bem abastecido de ambos os produtos. Metade da comida que ingeriam nos dias que corriam provinha das terras dele ou da Senhora Tanda. Rosby e Stokeworth ficavam perto da cidade, para o norte, e ainda não tinham sido tocadas pela guerra.

– O próprio Príncipe de Dorne. Posso perguntar…

– É melhor não.

– Como quiser – a curiosidade de Pycelle estava tão madura, que Tyrion quase conseguia saboreá-la. – Talvez… o conselho do rei…

Tyrion batucou com a colher de madeira na borda da tigela.

– O conselho existe para *aconselhar* o rei, Meistre.

– Precisamente – Pycelle concordou –, e o rei…

– … é um garoto de treze anos. Eu falo com a sua voz.

– É bem verdade. De fato. A Mão do Próprio Rei. No entanto… Sua mui graciosa irmã, nossa Rainha Regente, ela…

– … carrega um grande fardo naqueles seus adoráveis ombros brancos. Não tenho nenhum desejo de somar mais peso a esse fardo. Você tem? – Tyrion inclinou a cabeça e lançou ao Grande Meistre um olhar interrogador.

Pycelle baixou os olhos para a comida. Havia algo nos desiguais olhos verde e negro de Tyrion que deixava o homem desconfortável. Sabendo disso, o anão dava-lhes bom uso.

– Ah – murmurou o velho para as suas ameixas. – Sem dúvida que tem razão, senhor. É muita atenção sua… poupá-la deste… fardo.

– É esse o tipo de pessoa que sou – Tyrion voltou a dedicar-se ao pouco satisfatório mingau. – Atencioso. Afinal de contas, Cersei é minha irmã

querida.

– E uma mulher, com certeza – disse o Grande Meistre Pycelle. – Uma mulher muito incomum, mas… não é pouca coisa, tratar de todas as necessidades do reino, apesar da fragilidade do seu sexo…

*Ah, sim, ela é uma frágil pomba, basta perguntar a Eddard Stark.*

– Agrada-me que compartilhe da minha preocupação. E agradeço-lhe pela hospitalidade da sua mesa. Mas um longo dia me espera – balançou as pernas para baixo e desceu da cadeira. – Terá a bondade de me informar de imediato caso recebamos uma resposta de Dorne?

– Às suas ordens, senhor.

– E *apenas* a mim?

– Ah… com certeza.

A mão manchada de Pycelle agarrava a barba como um homem que se afoga agarra uma corda. Aquilo alegrou o coração de Tyrion. *Um*, pensou.

Bamboleou-se até o pátio, lá embaixo; suas pernas atrofiadas queixaram-se dos degraus. O sol estava agora bem alto, e o castelo agitava-se. Guardas patrulhavam as muralhas e cavaleiros e homens de armas treinavam com armas cegas. Ali perto, Bronn estava sentado na borda de um poço. Um par de formosas criadas passou por ele devagar, transportando entre ambas um cesto de vime cheio de esteiras, mas o mercenário nem as olhou.

– Bronn, perco a esperança em você – Tyrion fez um gesto para as moças. – Com uma bela vista como aquelas duas à sua frente, e tudo o que vê é um bando de palhaços fazendo barulho.

– Há uma centena de bordéis nesta cidade onde, com uma moeda cortada de cobre, posso comprar a boceta que quiser – Bronn respondeu. – Mas, um dia, minha vida pode depender da atenção com que observei os seus palhaços – enquanto se levantava, perguntou: – Quem é o rapaz da capa azul quadriculada com os três olhos no escudo?

– Um pequeno cavaleiro qualquer. Chama a si próprio de Tallad. Por quê?

Bronn afastou uma madeixa dos olhos.

– É o melhor de todos. Mas, observe-o, ele cai num mesmo ritmo, dando em todas as vezes que ataca os mesmos golpes na mesma ordem – o homem sorriu. – Isso será a sua morte no dia em que me enfrentar.

– Ele está juramentado a Joffrey, não é provável que o enfrente.

Começaram a atravessar o pátio, com Bronn ajustando seus passos longos aos curtos de Tyrion. Nesses dias, o mercenário parecia quase respeitável. Seu cabelo escuro lavado e escovado, estava recém-barbeado e usava a placa de peito preta de um oficial da Patrulha da Cidade. Dos seus ombros pendia um manto do carmim Lannister com um padrão de mãos douradas, que Tyrion lhe oferecera quando o nomeou capitão da sua guarda pessoal.

– Quantos suplicantes temos hoje?

– Trinta e tantos – Bronn respondeu. – A maior parte com queixas ou querendo alguma coisa, como sempre. Seu animal de estimação voltou.

Tyrion gemeu.

– A Senhora Tanda?

– O pajem. Convida-o outra vez para jantar com ela. Deve haver uma peça de veado, diz ela, um par de gansos recheados com molho de amoras e…

– … a filha – Tyrion finalizou num tom azedo. Desde o instante em que tinha chegado à Fortaleza Vermelha, a Senhora Tanda o andava perseguindo, armada com um arsenal sem fim de tortas de lampreia, javalis selvagens e apetitosos guizados com creme. De alguma forma, tinha ficado com a ideia de que um fidalgo anão seria o consorte perfeito para sua filha Lollys, uma moça grande, mole e pouco inteligente que, segundo os rumores, ainda era donzela aos trinta e três anos. – Mande-lhe as minhas desculpas.

– Não gosta de ganso recheado? – Bronn deu um sorriso maldoso.

– Talvez você devesse comer o ganso e casar com a donzela. Ou, melhor ainda, mandar Shagga.

– É mais provável que Shagga coma a donzela e se case com o ganso. E, de qualquer forma, Lollys é mais pesada do que ele.

– Também há isso – admitiu Tyrion enquanto passavam pela sombra de uma passarela que ligava duas torres. – Quem mais me procura?

O mercenário ficou mais sério:

– Há um agiota vindo de Braavos, trazendo uns papéis e coisas do gênero, que pede para se encontrar com o rei a propósito do pagamento de um empréstimo qualquer.

– Como se Joff conseguisse contar até mais de vinte. Mande-o a Mindinho, ele encontrará uma maneira de se livrar do homem. O que mais?

– Um fidalgo vindo do Tridente, diz que os homens do seu pai queimaram sua fortaleza, estupraram sua mulher e mataram todos os camponeses.

– Creio que chamam isso de *guerra* – aquilo tinha cheiro do trabalho de Gregor Clegane, ou de Sor Amory Lorch, ou do outro mastim do inferno de estimação do pai, o que veio de Qohor. – O que ele quer de Joffrey?

– Camponeses novos. Percorreu todo o caminho a pé para cantar sua lealdade e pedir uma recompensa.

– Arranjarei tempo para ele amanhã – quer fosse realmente leal ou meramente desesperado, um senhor do rio obediente poderia ser útil. – Organize as coisas para que lhe seja dado um quarto confortável e uma refeição quente. Envie-lhe também um novo par de botas, das boas, uma delicadeza do Rei Joffrey – uma exibição de generosidade nunca é má.

Bronn fez um aceno rápido:

– Também há um grande bando de padeiros, açougueiros e vendedores de verduras clamando por serem ouvidos.

– Da última vez já lhes disse que não tenho nada para lhes dar.

Só um pequena quantidade de comida chegava a Porto Real, a maior parte dela destinada ao castelo e à guarnição. Os preços das verduras, tubérculos, farinha e frutas tinham subido assustadoramente, e Tyrion não queria pensar nos tipos de carne que deviam estar sendo despejados nas caldeiras dos refeitórios da Baixada das Pulgas. Peixe, ele esperava. Ainda tinham o rio e o mar… pelo menos até que Lorde Stannis zarpasse.

– Eles querem proteção. Ontem à noite um padeiro foi assado no seu próprio forno. O povo dizia que ele estava cobrando muito caro pelo pão.

– E estava?

– Ele não está em condições de negar.

– Não o comeram, certo?

– Que eu saiba, não.

– Da próxima vez comerão – Tyrion falou num tom sinistro. – Dou-lhes toda a proteção que posso dar. Os homens de manto dourado…

– Dizem que havia mantos dourados na multidão – Bronn completou. – Exigem falar com o rei em pessoa.

– Loucos.

Tyrion despacharia-os com desculpas; o sobrinho iria despachá-los com chicotes e lanças. Sentiu-se meio tentado a permitir isso… mas não, não se atrevia. Mais cedo ou mais tarde, algum inimigo marcharia sobre Porto Real, e a última coisa que queria era traidores solícitos dentro das muralhas da cidade.

– Diga-lhes que o Rei Joffrey partilha dos seus temores e fará tudo o que puder por eles.

– Eles querem pão, não promessas.

– Se lhes der pão hoje, amanhã terei o dobro batendo nos portões. Quem mais?

– Um irmão negro vindo da Muralha. O intendente diz que ele trouxe uma mão apodrecida num frasco.

Tyrion deu um sorriso triste.

– Surpreende-me que ninguém a tenha comido. Suponho que deva recebê-lo. Não será Yoren, por acaso?

– Não. Um cavaleiro qualquer. Thorne.

– Sor *Alliser* Thorne? – de todos os irmãos negros que tinha conhecido na Muralha, Sor Alliser Thorne tinha sido aquele de que Tyrion Lannister menos gostara. Um homem amargo, de gênio ruim, com apreço excessivo pelo seu próprio valor. – Pensando melhor, não me apetece receber Sor Alliser por enquanto. Arranje-lhe uma cela razoável onde

ninguém tenha mudado as esteiras durante um ano e deixe que a mão que ele traz apodreça um pouco mais.

Bronn deu uma gargalhada roncada e foi embora, enquanto Tyrion subia com dificuldade a escada em caracol. Enquanto coxeava através do pátio exterior, ouviu o matraquear da porta levadiça sendo içada. A irmã e um grande grupo de pessoas esperavam junto ao portão principal.

Montada no seu palafrém branco, a irmã elevava-se muito acima de todos, uma deusa vestida de verde.

– Irmão – ela chamou, sem calor na voz. A rainha não tinha ficado feliz com a forma como ele havia lidado com Janos Slynt.

– Vossa Graça – Tyrion fez uma polida reverência. – Tem um aspecto adorável nesta manhã – a coroa dela era de ouro, o manto, de arminho. A comitiva ocupava as suas montarias atrás dela: Sor Boros Blount da Guarda Real, usando uma armadura de escamas brancas e sua carranca preferida; Lorde Gyles Rosby, pior do que nunca da sua tosse asmática; Hallyne, o Piromante da Guilda dos Alquimistas; e o mais recente favorito da rainha, o primo Sor Lancel Lannister, escudeiro do seu falecido marido elevado à condição de cavaleiro por insistência da viúva. Vylarr e vinte guardas formavam a escolta. – Onde vai hoje, irmã? – Tyrion perguntou.

– Vou fazer uma ronda pelos portões, a fim de inspecionar as novas balistas e catapultas de fogo. Não gostaria de pensar que estamos todos tão indiferentes perante as defesas da cidade como você parece estar – Cersei fitou-o com aqueles seus límpidos olhos verdes, belos, mesmo no desprezo. – Fui informada de que Renly Baratheon se pôs em marcha de Jardim de Cima. Está percorrendo a estrada das rosas, à frente de toda a sua força.

– Varys deu-me a mesma notícia.

– Pode estar aqui pela lua cheia.

– Não no ritmo vagaroso atual – Tyrion lhe garantiu. – Banqueteia-se cada noite num castelo diferente e dá audiência em cada encruzilhada por que passa.

– E todos os dias, mais homens se reúnem em volta dos seus estandartes. Diz-se que sua tropa tem agora cem mil homens.

– Esse número parece bastante elevado.

– Tem atrás de si o poderio de Ponta Tempestade e Jardim de Cima, meu pequeno tolo – Cersei soou irritada. – Todos os vassalos dos Tyrell, exceto os Redwyne, e deve-me agradecimentos por isso. Enquanto eu mantiver comigo aquelas pestes daqueles seus gêmeos, Lorde Paxter ficará agachado na Árvore e achará que tem sorte de estar fora de tudo isto.

– Uma pena que tenha deixado o Cavaleiro das Flores escapulir entre seus belos dedos. Em todo caso, Renly tem outras preocupações além de nós. Nosso pai em Harrenhal, Robb Stark em Correrrio… se eu estivesse no lugar dele, agiria de forma muito semelhante, exibindo meu poder para que o reino visse, observando, esperando. Deixaria que meus rivais lutassem, enquanto esperava minha bela hora. Se o Stark nos derrotar, o sul cairá nas mãos de Renly como um presente dos deuses, e sem que ele perca um único homem. E, se as coisas acontecerem de outro modo, pode cair sobre nós enquanto estivermos enfraquecidos.

Cersei não estava apaziguada.

– Quero que obrigue nosso pai a trazer seu exército para Porto Real.

*Onde não servirá para nada além de fazer com que você se sinta em segurança.*

– Quando fui capaz de *obrigá-lo* a fazer seja o que for?

Ela ignorou a pergunta.

– E quando planeja libertar Jaime? Ele vale cem de você.

Tyrion deu um sorriso torto.

– Não diga isso à Senhora Stark, peço-lhe. Não temos cem de mim para trocar.

– Nosso pai devia estar louco para tê-lo enviado. É pior do que inútil – a rainha sacudiu as rédeas e fez o palafrém dar meia-volta. Saiu pelo portão num trote rápido, fazendo esvoaçar o manto de arminho atrás de si. A comitiva apressou-se atrás dela.

Na verdade, Renly Baratheon não assustava Tyrion nem metade do que o irmão Stannis. Renly era amado pelos plebeus, mas nunca antes tinha liderado homens em batalha. Stannis era diferente: duro, frio, inexorável. Se ao menos tivessem alguma forma de saber o que estava acontecendo em Pedra do Dragão… Mas nem um dos pescadores a quem pagara para espiar a ilha tinha voltado, e até os informantes que o eunuco dizia ter colocado entre o pessoal de Stannis se mantinham num silêncio agourento. No entanto, os cascos listrados de galés de guerra lisenas tinham sido vistos ao largo da ilha, e Varys possuía relatórios de Myr que falavam de capitães mercenários sendo contratados por Pedra do Dragão. *Se Stannis atacar por mar enquanto o irmão Renly assalta os portões, montarão em breve a cabeça de Joffrey num espigão. Pior: a minha estará ao lado da dele*. Um pensamento deprimente. Devia fazer planos para tirar Shae em segurança da cidade, caso o pior parecesse provável.

Podrick Payne estava na porta do seu aposento privado, estudando o chão.

– Ele está lá dentro – anunciou para a fivela de Tyrion. – Aposento privado. Senhor. Perdão.

Tyrion suspirou.

– Olhe para mim, Pod. Enerva-me quando fala para o meu tapa-sexo, especialmente se não estou usando um. Quem está no meu aposento privado?

– Lorde Mindinho – Podrick conseguiu dar um relance rápido em seu rosto, e depois baixou rapidamente os olhos. – Isto é, Lorde Petyr. Lorde Baelish. O mestre da moeda.

– Faz com que o homem pareça uma multidão – o rapaz encolheu-se como se lhe tivessem batido, fazendo com que Tyrion se sentisse absurdamente culpado.

Lorde Petyr estava sentado no seu banco de janela, indolente e elegante num gibão de pelúcia cor de ameixa e uma capa de cetim amarelo, com uma mão enluvada descansando no joelho.

– O rei está lutando contra lebres com uma besta – disse. – As lebres estão ganhando. Venha ver.

Tyrion teve de ficar nas pontas dos pés para dar uma espiada. Uma lebre morta jazia no chão, lá embaixo; outra, com as longas orelhas retorcendo-se, estava morrendo da flecha espetada no flanco. Viam-se flechas jogadas pela terra batida como palha espalhada por uma tempestade.

– Agora! – Joff gritou. O ajudante soltou a lebre que segurava e ela fugiu aos saltos. Joffrey puxou o gatilho da besta. A flecha falhou por mais de meio metro. A lebre ficou de pé nas patas traseiras e retorceu o focinho na direção do rei. Praguejando, Joff girou a manivela para voltar a retesar a corda, mas o animal desapareceu antes que conseguisse carregar a arma. – Outra! – o ajudante enfiou a mão na coelheira. Aquela pareceu um risco marrom contra as pedras, enquanto o tiro apressado de Joffrey quase acertava a virilha de Sor Preston.

Mindinho voltou-se:

– Rapaz, gosta de lebre em conserva? – perguntou a Podrick Payne.

Pod fitou as botas do visitante, magníficas, de couro tingido e ornamentadas com arabescos negros.

– Para comer, senhor?

– Invista em potes – aconselhou Mindinho. – As lebres conquistarão o castelo em breve. Comeremos lebre três vezes por dia.

– É melhor do que ratazanas no espeto – Tyrion retrucou. – Pod, deixe-nos. A menos que Lorde Petyr deseje algum refresco?

– Obrigado, mas não – Mindinho exibiu seu sorriso zombeteiro. – Beba com o anão, dizem, e acabará na Muralha. O negro realça minha palidez doentia.

*Não tenha medo, senhor*, Tyrion pensou, *não é a Muralha que tenho em mente para você*. Sentou-se num cadeirão cheio de almofadas e disse:

– Está muito elegante hoje, senhor.

– Sinto-me ferido. Tento parecer elegante *todos* os dias.

– O gibão é novo?

– Sim. É muito observador.

– Cor de ameixa e amarelo. São essas as cores da sua Casa?

– Não. Mas um homem cansa de usar as mesmas cores o tempo todo, ou pelo menos é o que descobri.

– Essa também é uma bela faca.

– Ah, é? – havia travessura nos olhos de Mindinho. Puxou a faca e olhou-a num relance casual, como se nunca a tivesse visto antes. – Aço valiriano e um cabo de osso de dragão. Um pouco simples, no entanto. É sua, se quiser.

– Minha? – Tyrion deu-lhe um longo olhar. – Não. Penso que não. Minha, nunca – *ele sabe, o canalha insolente. Ele sabe, e sabe que eu sei, e pensa que não posso encostar nele*.

Se alguma vez um homem tinha mesmo se armado em ouro, havia sido Petyr Baelish, não Jaime Lannister. A famosa armadura de Jaime não passava de aço dourado, mas Mindinho, ah… Para sua crescente inquietação, Tyrion descobrira algumas coisas a respeito do querido Petyr.

Dez anos antes, Jon Arryn dera-lhe uma breve sinecura no fisco, onde Lorde Petyr em breve se distinguiu ao arrecadar três vezes mais do que os outros coletores. O Rei Robert era um gastador prodigioso. Um homem como Petyr Baelish, que tinha o dom de esfregar dois dragões de ouro para fazer nascer um terceiro, não tinha preço para a sua Mão. A ascensão de Mindinho tinha sido rápida como uma flecha. Três anos depois da sua chegada à corte, era mestre da moeda e membro do pequeno conselho, e, hoje, as receitas da coroa eram dez vezes maiores do que tinham sido sob seu ausente predecessor… embora as dívidas da coroa também tivessem se tornado vastas. Petyr Baelish era um mestre do malabarismo.

Ah, ele era esperto. Não se limitava a coletar o ouro e trancá-lo num cofre do tesouro, não. Pagava as dívidas do rei com promessas e punha o ouro para trabalhar. Comprou carroças, lojas, navios, casas. Comprou cereais quando havia fartura e vendeu pão quando ele escasseou. Comprou lã do norte, linho do sul e renda de Lys, armazenou-os, movimentou-os, tingiu-os e os vendeu. Os dragões de ouro

reproduziram-se e se multiplicaram, e Mindinho os emprestou e trouxe-os para casa com crias.

E, enquanto o fazia, colocou seus homens em posição. Os Guardiães das Chaves eram dele, todos os quatro. O Real Contador e o Real Balança eram homens que ele tinha nomeado. Tal como os funcionários a cargo das três casas de cunhagem. Mestres do porto, coletores de impostos, sargentos fiscais, administradores de lã, cobradores de pedágio, intendentes navais, administradores de vinho; nove em dez lhe pertenciam. Eram homens de médio nascimento, na sua grande maioria; filhos de mercadores, fidalgos menores, às vezes até estrangeiros, mas, considerando os resultados que obtinham, muito mais capazes do que seus predecessores bem-nascidos.

Ninguém tinha pensado em questionar as nomeações. E por que deveriam? Mindinho não era ameaça para ninguém. Um homem inteligente, sorridente e simpático, amigo de todos, sempre capaz de encontrar o ouro que o rei ou a sua Mão requeriam, e, no entanto, de um nascimento tão pouco distinto, um degrau acima de cavaleiro menor. Não era um homem a se temer. Não tinha vassalos que pudesse convocar, nenhum exército de servidores, nenhum grande castelo, nenhuma terra de que valesse a pena falar, nenhuma perspectiva de grande casamento.

*Mas será que me atrevo a encostar nele?*, Tyrion se perguntou. *Mesmo se for um traidor?* Não tinha nenhuma certeza de poder fazê-lo e muito menos agora, enquanto a guerra se desenrolava. Com o tempo, poderia substituir os homens de Mindinho pelos seus em posições chave, mas…

Um grito soou no pátio.

– Ah, Sua Graça matou uma lebre – observou Lorde Baelish.

– Sem dúvida, uma lenta – Tyrion retrucou. – Senhor, foi criado em Correrrio. Ouvi dizer que cresceu próximo dos Tully.

– Pode-se dizer que sim. Especialmente das moças.

– Quão próximo?

– Deflorei-as. É próximo o suficiente?

A mentira, Tyrion estava bastante certo de se tratar de uma mentira, era dita com um tal ar de indiferença que alguém podia quase acreditar.

Poderia ter sido Catelyn Stark quem mentiu? A respeito da sua defloração e também do punhal? Quanto mais tempo vivia, mais Tyrion percebia que nada era simples e que poucas coisas eram verdadeiras.

– As filhas de Lorde Hoster não gostam de mim – Tyrion confessou. – Duvido que dessem ouvidos a qualquer proposta que eu possa fazer. Mas, vindas de você, as mesmas palavras poderiam cair mais docemente nos seus ouvidos.

– Isso iria depender das palavras. Se tem em mente oferecer Sansa em troca do seu irmão, desperdice o tempo de outra pessoa. Joffrey nunca abrirá mão do seu brinquedo, e a Senhora Catelyn não é tão tola a ponto de trocar o Regicida por uma menina insignificante.

– Pretendo ter também Arya. Pus homens à procura dela.

– Procurar não é encontrar.

– Lembrarei disso, senhor. Em todo caso, era a Senhora Lysa que eu esperava que pudesse influenciar. Para ela, tenho uma oferta melhor.

– Lysa é mais tratável do que Catelyn, sem dúvida… mas também mais temerosa, e, pelo que sei, odeia-o.

– Ela crê que tem bons motivos para isso. Quando fui seu hóspede no Ninho da Águia, insistiu que eu tinha assassinado seu marido e não se mostrou disposta a dar ouvidos a negações – Tyrion inclinou-se para a frente. – Se lhe entregar o verdadeiro assassino de Jon Arryn, poderá pensar melhor de mim.

Aquilo fez Mindinho endireitar-se.

– O verdadeiro assassino? Confesso que me deixa curioso. Quem tem em mente?

Foi a vez de Tyrion sorrir:

– Os presentes dou aos meus amigos, livremente. Lysa Arryn terá de compreender isso.

– É a amizade dela que lhe interessa, ou as suas espadas?

– Ambas.

Mindinho afagou o espigão bem tratado da sua barba.

– Lysa tem suas próprias aflições. Homens dos clãs que descem das Montanhas da Lua, em maior número do que há memória… e mais bem

armados.

– Perturbador – disse Tyrion Lannister, que os armara. – Poderia ajudá-la com isso. Uma palavra minha…

– E o que lhe custaria essa palavra?

– Quero que a Senhora Lysa e o filho aclamem Joffrey como rei, que lhe jurem lealdade e que…

– … façam guerra aos Stark e aos Tully? – Mindinho balançou a cabeça. – Aí está a mosca na sua sopa, Lannister. Lysa nunca enviará seus cavaleiros contra Correrrio.

– Nem eu pediria isso. Não nos faltam inimigos. Usarei as suas forças para enfrentar Lorde Renly ou Lorde Stannis, caso ele saia de Pedra do Dragão. Em troca, darei justiça por Jon Arryn e paz no Vale. Até nomearei aquele seu pavoroso filho Protetor do Leste, como o pai era antes dele – *quero vê-lo voar*, sussurrou, tênue, uma voz de garoto na sua memória. – E para selar o acordo, darei a ela minha sobrinha.

Teve o prazer de ver uma expressão de genuína surpresa nos olhos cinza-esverdeados de Petyr Baelish.

– Myrcella?

– Quando tiver idade, poderá casar com o pequeno Lorde Robert. Até lá, será protegida da Senhora Lysa no Ninho da Águia.

– E que pensa Sua Graça, a rainha, desta manobra? – quando Tyrion encolheu os ombros, Mindinho explodiu em gargalhadas. – Era o que eu pensava. É um homenzinho perigoso, Lannister. Sim, eu poderia cantar esta canção a Lysa – de novo, o sorriso manhoso, a travessura no olhar. – Se quisesse.

Tyrion acenou com a cabeça, à espera, sabendo que Mindinho nunca tolerava um longo silêncio.

– Então – prosseguiu Mindinho após uma pausa, completamente impassível –, o que há para mim na sua panela?

– Harrenhal.

Foi interessante observar o rosto dele. O pai de Lorde Petyr tinha sido o menor dos pequenos senhores, o avô, um pequeno cavaleiro sem terras; pelo nascimento, não possuía mais do que alguns acres pedregosos na

costa varrida pelo vento dos Dedos. Harrenhal era uma das mais ricas peças dos Sete Reinos, com terras vastas, ricas e férteis, e seu grande castelo mais formidável que qualquer outro do reino… e tão grande, que reduzia à insignificância Correrrio, onde Petyr Baelish tinha sido criado pela Casa Tully, até ser bruscamente expulso quando se atreveu a erguer os olhos para a filha de Lorde Hoster.

Mindinho demorou um instante ajustando as pregas da capa, mas Tyrion viu a cintilação da fome naqueles olhos manhosos de gato. *Está na minha mão*, compreendeu.

– Harrenhal está amaldiçoado – disse Lorde Petyr após um momento, tentando soar entediado.

– Então arrase o castelo e construa de novo como lhe for melhor. Não lhe faltará poder para tanto. Pretendo fazer de você suserano do Tridente. Aqueles senhores do rio provaram que não são de confiança. Que lhe prestem vassalagem pelas suas terras.

– Até os Tully?

– Se restar algum Tully quando terminarmos.

Mindinho parecia um garotinho que tivesse acabado de dar uma mordida furtiva num favo de mel. Estava *tentando* ficar atento às abelhas, mas o mel era tão doce...

– Harrenhal e todas as suas terras e rendimentos – sua voz saiu em tom de meditação. – De uma tacada, faria de mim um dos maiores senhores do reino. Não que seja ingrato, senhor, mas… Por quê?

– Serviu bem à minha irmã no problema da sucessão.

– Janos Slynt também o fez. A quem este mesmo castelo de Harrenhal foi outorgado muito recentemente… Só para ser arrebatado dele assim que deixou de ser útil.

Tyrion soltou uma gargalhada:

– Pegou-me, senhor. Que posso dizer? Preciso que me entregue a Senhora Lysa. Não precisava de Janos Slynt – encolheu os ombros tortos. – Prefiro ter você sentado no cadeirão de Harrenhal do que Renly no Trono de Ferro. O que poderia ser mais simples?

– De fato, o quê? Compreende que posso necessitar deitar de novo com Lysa Arryn para conquistar seu consentimento sobre este casamento?

– Tenho poucas dúvidas de que será capaz de realizar tal tarefa.

– Há algum tempo disse a Ned Stark que, quando nos encontramos nus com uma mulher feia, a única coisa a fazer é fechar os olhos e tratar do assunto – Mindinho juntou os dedos e fitou os olhos desiguais de Tyrion. – Dê-me uma quinzena para concluir os meus negócios e arranjar um navio que me leve a Vila Gaivotas.

– Está ótimo.

O hóspede se levantou.

– Foi uma manhã muito agradável, Lannister. E lucrativa… para ambos, confio – fez uma reverência e transformou a capa num torvelinho amarelo quando saiu a passos largos.

*Dois*, Tyrion pensou.

Subiu para o quarto a fim de esperar por Varys, que em breve faria sua aparição. Supunha que ao cair da noite. Talvez mais tarde, ao nascer da lua, embora esperasse que não. Tinha esperança de visitar Shae naquela noite. Ficou agradavelmente surpreso quando Galt, dos Corvos de Pedra, o informou, nem uma hora depois, que o homem empoado estava à sua porta.

– É um homem cruel por fazer o Grande Meistre sofrer assim – ralhou o eunuco. – O homem não aguenta um segredo.

– Por acaso estou ouvindo uma gralha chamando de preto um corvo? Ou será que prefere não saber o que propus a Doran Martell?

Varys soltou um risinho.

– Talvez meus passarinhos tenham me dito.

– Ah, disseram? – Tyrion queria ouvir aquilo. – Continue.

– Até agora, os homens de Dorne têm se mantido à parte dessas guerras. Doran Martell convocou os vassalos, e nada mais. É bem conhecido seu ódio pela Casa Lannister, e a opinião geral é de que irá se juntar a Lorde Renly. Você quer dissuadi-lo.

– Tudo isso é óbvio – Tyrion concluiu.

– O único enigma é o que pode ter oferecido em troca da sua fidelidade. O príncipe é um homem sentimental e ainda chora pela irmã Elia e seu querido filho.

– Meu pai disse-me um dia que um senhor nunca deixa que o sentimento entre no caminho da ambição… E acontece que temos um lugar vago no pequeno conselho, agora que Lorde Janos vestiu o negro.

– Um lugar no conselho não é de se desprezar – Varys admitiu –, mas será o suficiente para fazer com que um homem orgulhoso esqueça o assassinato da irmã?

– Por que esquecer? – Tyrion sorriu. – Prometi entregar-lhe os assassinos da irmã, vivos ou mortos, como ele preferir. *Depois* que a guerra acabar, é claro.

Varys lançou-lhe um olhar astuto.

– Meus passarinhos dizem que a Princesa Elia gritou um… certo nome… quando vieram buscá-la.

– Um segredo é ainda segredo se todos o conhecem? – em Rochedo Casterly, era de conhecimento geral que Gregor Clegane tinha matado Elia e o filho. Dizia-se que tinha violado a princesa com o sangue e os miolos do filho ainda nas mãos.

– *Este* segredo é um homem juramentado ao senhor seu pai.

– Meu pai seria o primeiro a dizer que cinquenta mil homens de Dorne valem o preço de um cão raivoso.

Varys afagou uma bochecha empoada.

– E se o Príncipe Doran exigir tanto o sangue do senhor que deu a ordem como o do cavaleiro que cometeu o ato…

– Robert Baratheon liderou a rebelião. No fim das contas, todas as ordens vieram dele.

– Robert não estava em Porto Real.

– Doran Martell também não.

– Muito bem. Sangue para o seu orgulho, um cargo para a ambição. Ouro e terras, isso nem é preciso dizer. Uma bela oferta… Mas o que é doce pode estar envenenado. Se eu fosse o príncipe, exigiria mais alguma coisa antes de pegar esse favo. Algum sinal de boa-fé, alguma

salvaguarda segura contra a traição – Varys deu seu sorriso mais viscoso. – Qual deles lhe dará, pergunto eu?

Tyrion suspirou.

– Você sabe, não é mesmo?

– Já que põe as coisas nesses termos… Sim. Tommen. Seria difícil oferecer Myrcella tanto a Doran Martell como a Lysa Arryn.

– Lembre-me de nunca mais jogar de adivinhas com você. Você trapaceia.

– Príncipe Tommen é um bom garoto.

– Se arrancá-lo de Cersei e Joffrey enquanto ainda for novo, pode até se tornar um bom homem.

– E um bom rei?

– Joffrey é o rei.

– E Tommen, seu herdeiro, caso algo de mal caia sobre Sua Graça. Tommen, cuja natureza é tão doce, e notavelmente… tratável.

– Tem uma mente desconfiada, Varys.

– Tomarei isso como um elogio, senhor. Em todo caso, Príncipe Doran dificilmente ficará insensível à grande honra que lhe presta. Muito hábil, devo dizer… Não fosse por uma pequena falha.

O anão soltou uma gargalhada.

– Chamada Cersei?

– De que serve a política contra o amor de uma mãe pelo doce fruto do seu ventre? Talvez, pela glória da sua Casa e pela segurança do reino, a rainha possa ser persuadida a enviar para longe Tommen ou Myrcella. Mas ambos? Certamente não.

– O que Cersei não sabe nunca poderá me fazer mal.

– E se Sua Graça descobrir as suas intenções antes de seus planos amadurecerem?

– Ora... Então saberei que o homem que lhe contou é decerto meu inimigo – e quando Varys soltou um risinho, Tyrion pensou: *Três*.

# Sansa

Venha esta noite ao bosque sagrado, se quiser ir para casa.

As palavras na centésima leitura eram as mesmas que tinham sido na primeira, quando Sansa descobriu a folha de pergaminho dobrada debaixo do travesseiro. Não sabia como tinha ido parar lá ou quem a enviara. O bilhete não estava assinado nem selado, e a letra não lhe era familiar. Esmagou o pergaminho contra o peito e sussurrou as palavras para si própria.

– Venha esta noite ao bosque sagrado, se quiser ir para casa – segredou quase inaudivelmente.

O que aquilo poderia significar? Deveria levar a mensagem à rainha para provar que estava sendo boa? Nervosamente, esfregou a barriga. O machucado roxo que Sor Meryn lhe dera tinha se desvanecido até tomar um feio tom amarelo, mas ainda doía. Quando bateu, seu punho estava coberto por cota de malha. A culpa era dela. Tinha de aprender a esconder melhor os sentimentos, para não enfurecer Joffrey. Quando ouviu dizer que o Duende tinha enviado Lorde Slynt para a Muralha, distraiu-se e disse:

– Espero que os Outros o peguem.

O rei não ficou contente.

*Venha esta noite ao bosque sagrado, se quiser ir para casa.*

Sansa tinha rezado tanto. Poderia aquilo ser a resposta, por fim, um verdadeiro cavaleiro enviado para salvá-la? Talvez fosse um dos gêmeos Redwyne, ou o ousado Sor Balon Swann… ou até Beric Dondarrion, o jovem senhor que sua amiga Jeyne Poole amava, com seu cabelo ruivo-alourado e o manto negro borrifado de estrelas.

*Venha esta noite ao bosque sagrado, se quiser ir para casa.*

E se fosse alguma brincadeira cruel de Joffrey, como no dia em que a fizera ir até as ameias para lhe mostrar a cabeça do pai? Ou talvez uma sutil armadilha para provar que não era leal. Se fosse ao bosque sagrado, encontraria Sor Ilyn Payne à espera, sentado em silêncio sob a árvore-coração, com a Gelo na mão e os olhos claros vigiando para ver se ela vinha?

*Venha esta noite ao bosque sagrado, se quiser ir para casa.*

Quando a porta se abriu, enfiou apressadamente o bilhete sob o lençol e sentou-se por cima. Era sua criada de quarto, aquela que parecia um rato com o cabelo castanho escorrido.

– O que você quer?

– A senhora vai querer um banho esta noite?

– Um fogo, creio… sinto frio – *estava* tremendo, embora o dia tivesse sido quente.

– Às suas ordens.

Sansa observou a moça com suspeita. Teria visto o bilhete? Teria sido ela quem o colocara sob a almofada? Não era provável; a moça parecia ser estúpida e não alguém que se quisesse usar para entregar bilhetes secretos, mas Sansa não a conhecia. A rainha mudava seus criados a cada quinzena, a fim de se assegurar que nenhum deles se tornaria seu amigo.

Quando o fogo cintilou na lareira, Sansa agradeceu secamente à criada e ordenou-lhe que saísse. A moça foi rápida em obedecer, como sempre, mas Sansa decidiu que havia algo de dissimulado nos seus olhos. Sem dúvida corria para apresentar o relatório à rainha, ou talvez a Varys. Tinha certeza de que todas as criadas a espiavam.

Uma vez sozinha, atirou o bilhete nas chamas, observando o pergaminho enrolar-se e enegrecer. *Venha esta noite ao bosque sagrado, se quiser ir para casa.* Deslocou-se até a janela. Lá embaixo, conseguia ver um cavaleiro baixo com uma armadura branca como a lua e um pesado manto branco patrulhando a ponte levadiça. Pela altura, só podia ser Sor Preston Greenfield. A rainha dera-lhe liberdade no castelo, mas, mesmo assim, ele quereria saber onde ela ia se tentasse sair da Fortaleza

de Maegor àquela hora da noite. O que lhe diria? De repente sentiu-se contente por ter queimado o bilhete.

Desatou o vestido e enfiou-se na cama, mas não adormeceu. *Será que ele ainda está lá?*, interrogou-se. *Quanto tempo esperará?* Era tão cruel enviar-lhe um bilhete e não lhe dizer nada. Os pensamentos andavam às voltas na sua cabeça.

Se ao menos tivesse alguém para lhe dizer o que fazer. Sentia falta da Septã Mordane, e ainda mais de Jeyne Poole, sua amiga mais fiel. A septã tinha perdido a cabeça com os outros, pelo crime de servir à Casa Stark. Sansa não sabia o que acontecera a Jeyne, que desapareceu dos seus aposentos depois do ataque para não voltar a ser mencionada. Tentava não pensar muito nelas, mas de vez em quando as memórias vinham sem ser convidadas, e então era difícil segurar as lágrimas. Ocasionalmente, Sansa até sentia saudades da irmã. Àquela altura, Arya estaria a salvo, de volta a Winterfell, dançando e cosendo, brincando com Bran e o bebê Rickon, até cavalgando pela vila de inverno, se quisesse. Sansa também era autorizada a montar, mas só no pátio, e era chato passar o dia inteiro trotando em círculos.

Estava bem acordada quando ouviu os gritos. A princípio distantes, mas tornando-se mais sonoros. Muitas vozes gritando em conjunto. Não conseguia distinguir as palavras. E havia também cavalos e ruído de passos, gritos de comando. Deslocou-se até a janela e viu homens correndo nas muralhas, transportando lanças e tochas. *Volte para a cama*, disse a si mesmaa, *isso não é nada que lhe diga respeito, não passa de mais uma perturbação na cidade.* Nos poços só se falava da agitação na cidade nos últimos tempos. As pessoas aglomeravam-se, fugindo da guerra, e muitas não tinham como sobreviver a não ser roubando e matando-se umas às outras. *Volte para a cama.*

Mas, quando olhou, o cavaleiro branco tinha desaparecido, e a ponte sobre o fosso seco estava abaixada, mas sem guarda.

Sansa virou-se sem pensar e correu para o guarda-roupa. *Ah, que estou fazendo?*, perguntou a si mesma enquanto se vestia. *Isso é uma loucura*. Podia ver as luzes de muitas tochas nas muralhas exteriores. Teriam

Stannis e Renly enfim chegado para matar Joffrey e reclamar o trono do irmão? Se fosse isso, os guardas ergueriam a ponte levadiça, separando a Fortaleza de Maegor do castelo exterior. Sansa atirou um manto cinza liso por sobre os ombros e pegou a faca que usava para cortar carne. *Se isso for alguma armadilha, prefiro morrer a deixar que me machuquem mais*, disse consigo mesma e escondeu a lâmina sob o manto.

Uma coluna de espadachins de manto vermelho passou por ela correndo quando saiu para a noite. Esperou até estarem bem longe, antes de atravessar como uma flecha a ponte levadiça sem guarda. No pátio, homens afivelavam cintos de espadas e cingiam as selas dos seus cavalos. Vislumbrou Sor Preston perto dos estábulos com mais três homens da Guarda Real, com os mantos brancos brilhantes como a lua, enquanto ajudavam Joffrey a vestir a armadura. Ficou sem fôlego quando viu o rei. Felizmente, ele não a viu. Gritava pela espada e pela besta.

O ruído foi diminuindo enquanto se deslocava mais para o interior do castelo, sem se atrever a olhar para trás, com medo de que Joffrey pudesse estar observando… ou, pior, seguindo-a. A escada em espiral enrolava-se à sua frente, riscada por linhas de luz tremeluzente, vinda de janelas estreitas mais acima. Sansa arquejava quando chegou ao topo. Correu por uma colunata sombria e encostou-se com força na parede para recuperar o fôlego. Quando algo roçou em sua perna, quase saltou para fora da sua pele, mas era apenas um gato, um macho preto esfarrapado com uma orelha roída. A criatura bufou para ela e afastou-se com um salto.

Quando chegou ao bosque sagrado, o ruído tinha se reduzido a um tênue tinir de aço e gritos distantes. Sansa apertou-se mais no manto. O ar estava rico com os cheiros da terra e das folhas. *Lady teria gostado deste lugar*, pensou. Havia algo de selvagem num bosque sagrado; mesmo ali, no coração do castelo que se erguia no centro da cidade, podia-se sentir os deuses antigos observando com mil olhos invisíveis.

Sansa preferiu os deuses da mãe aos do pai. Adorava as estátuas, as imagens nos vitrais, a fragrância de incenso ardendo, os septões com suas togas e cristais, o mágico jogo de arco-íris nos altares incrustados

de madrepérola, ônix e lápis-lazúli. Mas não podia negar que o bosque sagrado também possuía um certo poder. Especialmente à noite. *Ajude-me*, rezou, *envie-me um amigo, um verdadeiro cavaleiro para ser meu campeão…*

Deslocou-se de árvore em árvore, sentindo a aspereza da casca sob os dedos. Folhas rasparam no seu rosto. Teria vindo tarde demais? Ele não teria ido embora tão cedo, não é? Ou sequer teria vindo? Ousaria chamá-lo? O bosque estava tão silencioso e calmo…

– Temi que não viesse, menina.

Sansa rodopiou. Um homem saiu das sombras, corpulento, de pescoço grosso, trôpego. Usava uma toga cinza-escura com o capuz puxado para a frente, mas quando uma fina fatia de luar tocou seu rosto, ela o reconheceu de imediato, pela pele manchada e pela teia de veias rompidas por baixo dela.

– Sor Dontos – sussurrou, de coração despedaçado. – É o senhor?

– Sim, minha senhora – quando ele se aproximou, ela sentiu o fedor amargo do vinho no seu hálito. – Eu – o homem lhe estendeu uma mão.

Sansa encolheu-se.

– *Não!* – ela enfiou a mão sob o manto, agarrando a faca escondida. – O que… o que quer de mim?

– Apenas ajudá-la – Dontos respondeu. – Tal como me ajudou.

– Está bêbado, não está?

– Só bebi uma taça de vinho, para ajudar a ganhar coragem. Se me apanharem agora, esfolarão minhas costas.

*E o que farão a mim?* Sansa deu por si pensando de novo em Lady. A loba podia farejar a falsidade, *podia*, mas estava morta, seu pai matara-a por causa de Arya. Puxou a faca e segurou-a na sua frente com ambas as mãos.

– Vai me apunhalar? – Dontos perguntou.

– Vou. Diga-me quem o enviou.

– Ninguém, querida senhora. Juro, pela minha honra como cavaleiro.

– Cavaleiro? – Joffrey tinha decretado que ele já não seria cavaleiro, apenas um bobo, ainda mais baixo do que o Rapaz Lua. – Orei aos deuses

por um cavaleiro que viesse me salvar – Sansa disse. – Orei e orei. Por que me enviariam um velho bobo bêbado?

– Eu mereço isso, se bem que… Eu sei que é estranho, mas… durante todos estes anos em que fui cavaleiro, fui na verdade um bobo, e agora que sou um bobo, acho… acho que posso encontrar em mim o que é preciso para voltar a ser um cavaleiro, querida senhora. E tudo por causa da senhora… da sua graça, da sua coragem. A senhora me salvou, não apenas de Joffrey, mas de mim mesmo – a voz tornou-se mais baixa. – Os cantores dizem que houve antigamente outro bobo que foi o maior cavaleiro de todos…

– *Florian* – Sansa sussurrou, e um arrepio percorreu sua pele.

– Querida senhora, quero ser o seu Florian – disse Dontos humildemente, caindo de joelhos à sua frente.

Lentamente, Sansa abaixou a faca. Sentia a cabeça muito leve, como se estivesse flutuando. *Confiar-me a este bêbado é uma loucura, mas se virar as costas para ele, será que a possibilidade voltará a surgir?*

– Como… Como o faria? Levar-me para fora daqui?

Sor Dontos ergueu o rosto.

– Tirá-la do castelo será o mais difícil. Uma vez fora, há navios que poderão levá-la para casa. Só necessitaria arranjar o dinheiro e fazer os preparativos, nada mais.

– Podemos ir já? – ela perguntou, quase sem se atrever a ter esperança.

– Hoje à noite? Não, senhora, temo que não. Primeiro tenho de arranjar uma maneira segura de tirá-la do castelo quando a hora chegar. Não será fácil nem rápido. Eles também me vigiam – lambeu os lábios com nervosismo. – Não quer guardar a sua lâmina?

Sansa enfiou a faca sob o manto.

– Levante-se, senhor.

– Obrigado, querida senhora – Sor Dontos pôs-se desajeitadamente em pé, sacudindo terra e folhas dos joelhos. – O senhor seu pai era um dos homens mais leais que o reino conheceu, mas eu fiquei e vi-os matá-lo. Nada disse, nada fiz… E, no entanto, quando Joffrey quis me matar, você falou. Senhora, nunca fui um herói, nunca fui nenhum Ryam Redwyne ou

Barristan, o Ousado. Não ganhei torneios ou renome na guerra… Mas fui um dia cavaleiro, e a senhora me ajudou a recordar o que isso significava. Minha vida é coisa pouca, mas é sua – Sor Dontos pôs uma mão no tronco nodoso da árvore-coração. Sansa viu que ele estava tremendo. – Juro, com os deuses do seu pai por testemunhas, que a mandarei para casa.

*Ele jurou*. Um voto solene, perante os deuses.

– Nesse caso… vou me colocar nas suas mãos, sor. Mas como saberei que é tempo de ir? Vai me enviar outro bilhete?

Sor Dontos lançou um relance ansioso em volta.

– O risco é grande demais. Deve vir aqui, ao bosque sagrado. O tanto quanto puder. Este é o lugar mais seguro. O *único* lugar seguro. Mais nenhum. Nem nos seus aposentos, nem nos meus, nem nas escadas, nem no pátio, mesmo se parecer que estamos sozinhos. Na Fortaleza Vermelha as pedras têm ouvidos, e só aqui podemos falar livremente.

– Só aqui – Sansa repetiu. – Lembrarei.

– E se eu lhe parecer cruel, trocista ou indiferente quando os homens estiverem observando, perdoe-me, menina. Tenho um papel a desempenhar, e você deve fazer o mesmo. Um passo em falso e nossas cabeças adornarão as muralhas, assim como aconteceu com a do seu pai.

Ela fez um meneio.

– Compreendo.

– Terá de ser corajosa e forte… e paciente. Acima de tudo paciente.

– Serei – Sansa prometeu. – Mas… por favor… apresse-se o máximo possível. Tenho medo…

– Também tenho – Sor Dontos confessou, com um sorriso triste no rosto. – E agora deve ir, antes que notem sua ausência.

– Não vem comigo?

– É melhor que nunca sejamos vistos juntos.

Anuindo, Sansa deu um passo… Depois, girou nos calcanhares, nervosa, e deixou suavemente um beijo na cara dele, de olhos fechados.

– Meu Florian – sussurrou. – Os deuses ouviram as minhas preces.

Fugiu ao longo do passeio do rio, passando pela cozinha pequena e atravessando o pátio dos porcos, com os passos apressados perdendo-se por entre os roncos dos porcos nas suas pocilgas. *Casa*, pensou, *casa, ele vai me levar para casa, ele vai me manter a salvo, o meu Florian*. As canções sobre Florian e Jonquil eram as suas favoritas. *Florian também era modesto, embora não fosse tão velho.*

Corria em disparada ao longo da escada em caracol, quando um homem saiu de uma porta escondida. Sansa enroscou-se nele e perdeu o equilíbrio. Dedos de ferro seguraram seu pulso antes que caísse, e uma voz profunda rouquejou:

– É uma longa queda pelo caracol abaixo, passarinho. Quer nos matar? – a gargalhada dele era áspera como uma serra serrando pedra. – Talvez queira.

*Cão de Caça.*

– Não, senhor, mil perdões, nunca o faria – Sansa afastou os olhos, mas era tarde demais, ele tinha visto seu rosto. – Por favor, está me machucando – tentou se soltar.

– E o que faz o passarinho de Joff voando pelo caracol abaixo na noite escura? – quando ela não respondeu, ele a sacudiu. – *Onde estava?*

– No b-b-bosque sagrado, senhor – ela respondeu, sem se atrever a mentir. – Rezando… rezando pelo meu pai e… pelo rei, rezando para que não seja ferido.

– Acha que estou tão bêbado que acredito *nisso*? – o homem largou seu braço, cambaleando ligeiramente, com listras de luz e escuridão caindo sobre sua terrível cara queimada. – Parece quase uma mulher… cara, tetas e também está mais alta, quase… Ah, ainda é um estúpido passarinho, não é? Cantando todas as canções que lhe ensinaram… Cante-me uma canção, por que não canta? Vai. Cante para mim. Alguma canção sobre cavaleiros e belas donzelas. Gosta de cavaleiros, não gosta?

Sansa ficava cada vez mais assutada.

– De cavaleiros v-verdadeiros, senhor.

– Cavaleiros *verdadeiros* – ele caçoou. – E eu não sou senhor nenhum, assim como não sou nenhum cavaleiro. Será que preciso enfiar isso na

sua cabeça na marra? – Clegane oscilou e quase caiu. – *Deuses* – praguejou –, vinho demais. Gosta de vinho, passarinho? De vinho *verdadeiro*? Um jarro de tinto amargo, escuro como sangue, é tudo do que um homem precisa. Ou uma mulher – riu, sacudindo a cabeça. – Bêbado que nem um cão, maldito seja. Vem agora. De volta à sua gaiola, passarinho. Eu a levo lá. Mantenho-a a salvo para o rei.

Cão de Caça deu-lhe um empurrão, estranhamente gentil, e seguiu-a pela escada. Quando chegaram ao fundo, ele tinha caído num silêncio meditativo, como se tivesse se esquecido de que ela estava ali.

Quando chegaram à Fortaleza de Maegor, ela ficou alarmada por ver que era Sor Boros Blount quem agora patrulhava a ponte. Seu grande elmo branco virou-se rigidamente ao ouvir o som dos passos deles. Sansa vacilou perante seu olhar. Sor Boros era o pior dos homens da Guarda Real, um homem feio, com um gênio mau, todo ele carranca e papada.

– Aquele não é nada a temer, moça – Cão de Caça pôs uma mão pesada no ombro dela. – Se pintar listras num sapo, ele não se transforma em tigre.

Sor Boros ergueu a viseira.

– Sor, onde…

– Que se foda o seu *sor*, Boros. Você é o cavaleiro, não eu. Eu sou o cão do rei, lembra?

– O rei andava há um tempo à procura do seu cão.

– O cão estava bebendo. Era a sua noite de defendê-lo, *sor*. Sua e dos meus outros *irmãos*.

Sor Boros virou-se para Sansa.

– Por que motivo não está nos seus aposentos a esta hora, senhora?

– Fui ao bosque sagrado rezar pela segurança do rei – a mentira daquela vez soou melhor, quase verdadeira.

– Espera que ela durma, com todo este barulho? – Clegane perguntou. – O que houve?

– Idiotas ao portão – Sor Boros admitiu. – Algumas línguas soltas espalharam histórias a respeito dos preparativos para o banquete de casamento de Tyrek, e aqueles infelizes puseram na cabeça que também

deviam ser banqueteados. Sua Graça liderou um ataque surpresa e os escorraçou.

– Rapaz corajoso – disse Clegane, com a boca se retorcendo.

*Veremos como ele é corajoso quando defrontar meu irmão*, Sansa pensou. Cão de Caça a levou através da ponte levadiça. Enquanto subiam os degraus, ela disse:

– Por que deixa que as pessoas o chamem de cão? E não aceita que *ninguém* o chame de cavaleiro?

– Gosto mais de cães do que de cavaleiros. O pai do meu pai era mestre dos canis no Rochedo. Num ano de outono, Lorde Tytos interpôs-se entre uma leoa e a sua presa. A leoa estava se cagando por ser o próprio símbolo dos Lannister. Rasgou o cavalo do meu senhor às dentadas e teria dado cabo também do senhor, mas meu avô chegou com os cães de caça. Três dos seus cães morreram ao afugentá-la. Meu avô perdeu uma perna, por isso o Lannister pagou-lhe com terras e uma casa-torre e tomou seu filho como escudeiro. Os três cães no nosso estandarte são os três que morreram, no amarelo da grama de outono. Um cão de caça morrerá por você, mas nunca mentirá a você. E olhará diretamente no seu rosto – agarrou-a pelo queixo, erguendo-o, com os dedos beliscando-a dolorosamente. – E isso é mais do que os passarinhos podem fazer, não é? Não cheguei a ouvir a minha canção.

– Eu… eu sei uma canção sobre Florian e Jonquil.

– Florian e Jonquil? Um idiota e a sua boceta. Poupe-me. Mas um dia vou conseguir uma canção de você, quer queira quer não.

– Cantarei de bom grado.

Sandor Clegane fungou.

– Coisinha linda, e tão má, mentirosa. Um cão consegue farejar uma mentira, você sabe. Olhe em volta e dê uma boa cheirada. Aqui são todos mentirosos… e todos eles são melhores do que você.

# Arya

Quando subiu até o galho mais alto, Arya conseguiu ver chaminés espreitando por entre as árvores. Telhados de sapé aglomeravam-se ao longo das margens do lago e do pequeno riacho que nele desaguava, e um embarcadouro de madeira projetava-se pela água ao lado de um longo edifício baixo com telhado de ardósia.

Arrastou-se mais para a frente, até o galho começar a ceder sob seu peso. Não havia barcos amarrados ao embarcadouro, mas conseguia ver finos anéis de fumaça que se erguiam de algumas das chaminés e parte de uma carroça que se mostrava por detrás de um estábulo.

*Tem alguém ali*. Arya mordeu o lábio. Todos os outros lugares a que tinham chegado estavam vazios e desolados. Quintas, aldeias, castelos, septos, celeiros, não fazia diferença. Se pudesse arder, os Lannister tinham posto fogo; se pudesse morrer, tinham matado. Tinham incendiado a floresta até onde puderam, embora as folhas ainda estivessem verdes e úmidas de chuvas recentes e os incêndios não tivessem se espalhado.

– Se pudessem, teriam queimado o lago – Gendry dissera, e Arya sabia que ele tinha razão. Na noite da fuga, as chamas da vila incendiada tinham brilhado tanto na água, que parecia que o lago *estava* ardendo.

Quando, por fim, reuniram coragem para se esgueirar de volta às ruínas na noite seguinte, nada restava, a não ser pedras enegrecidas, as cascas vazias de casas e cadáveres. Em alguns lugares, fiapos de fumaça branca ainda subiam das cinzas. Torta Quente tinha insistido com eles para que não regressassem; Lommy chamara-os de loucos e jurara que Sor Amory os apanharia e os mataria também, mas Lorch e seus homens já tinham partido havia muito quando chegaram ao castro. Encontraram os portões

arrombados, as muralhas parcialmente demolidas e o interior polvilhado de mortos por enterrar. Uma olhadela tinha sido o bastante para Gendry:

– Foram mortos, todos eles. E cães também estiveram aqui, olhem.

– Ou lobos.

– Cães, lobos, não faz diferença. Isso aqui acabou.

Mas Arya não quis partir até encontrarem Yoren. Não podiam tê-lo matado, dissera a si mesma, ele era duro e rígido demais e, além disso, um irmão da Patrulha da Noite. Tinha dito isto a Gendry enquanto procuravam por entre os cadáveres.

O golpe de machado que o matara abriu seu crânio, mas a grande barba emaranhada não podia pertencer a mais ninguém e o vestuário também, remendado, sujo, e tão desbotado que era mais cinza do que negro. Sor Amory Lorch não perdera mais tempo enterrando seus mortos do que aqueles que tinha assassinado, e os cadáveres de quatro homens de armas Lannister estavam empilhados perto do de Yoren. Arya perguntou-se quantos teriam sido necessários para abatê-lo.

*Ele ia me levar para casa*, ela pensou enquanto escavavam a cova do velho. Havia mortos demais para enterrar todos, mas Arya insistira que pelo menos Yoren tinha de ter uma sepultura. *Ele prometeu que ia me levar a salvo para Winterfell*. Uma parte de si quis chorar, a outra, chutá-lo.

Foi Gendry quem pensou na casa-torre do senhor e nos três que Yoren enviara para defendê-la. Tinham sido atacados também, mas a torre redonda tinha apenas uma entrada, uma porta no segundo andar à qual se chegava por uma escada. Uma vez a escada puxada para dentro, os homens de Sor Amory não podiam chegar até eles. Os Lannister tinham empilhado galhos em volta da base da torre e colocado fogo, mas a pedra não ardia, e Lorch não tivera paciência nem quis levá-los para passar fome. Cutjack abriu a porta ao grito de Gendry e, quando Kurz disse que era melhor continuarem para norte do que voltar, Arya agarrou-se à esperança de que ainda pudesse chegar a Winterfell.

Bem, aquela aldeia não era Winterfell, mas os telhados de sapé prometiam calor e abrigo e talvez mesmo comida, se tivessem coragem

de se arriscar. *A menos que seja Lorch quem esteja ali. Ele tinha cavalos; teria viajado mais depressa do que nós.*

Observou da árvore durante muito tempo, à espera de ver alguma coisa, um homem, um cavalo, um estandarte, qualquer coisa que a ajudasse a saber. Vislumbrou algumas vezes movimento, mas os edifícios estavam tão distantes que era difícil ter certeza. Uma vez, com clareza, ouviu o relincho de um cavalo.

O céu estava cheio de aves, principalmente corvos. De longe, não pareciam maiores que moscas, enquanto rodopiavam e batiam as asas por cima dos telhados de sapé. Para leste, o Olho de Deus era um lençol azul batido pelo sol que enchia metade do mundo. Certos dias, enquanto avançam lentamente pela margem lamacenta (Gendry não queria ouvir falar de estradas, e até Torta Quente e Lommy viam o bom-senso disso), Arya sentia que o lago a chamava. Queria saltar naquelas águas plácidas e azuis, sentir-se limpa de novo, nadar, chapinhar e tostar ao sol. Mas não se atrevia a tirar a roupa onde os outros pudessem ver, nem mesmo para lavá-la. No fim do dia, era frequente sentar-se numa pedra e balançar os pés na água fria. Tinha finalmente jogado fora seus sapatos rachados e apodrecidos. A princípio, caminhar descalça foi difícil, mas as bolhas finalmente estouraram, os cortes sararam e as solas dos pés transformaram-se em couro. A lama era agradável entre seus dedos e gostava de sentir a terra sob os pés quando caminhava.

Dali de cima, podia ver uma pequena ilha coberta por floresta a nordeste. A trinta metros da costa, três cisnes negros deslizavam pela água, tão serenos… ninguém lhes dissera que a guerra havia chegado e em nada lhes importava vilas ardendo e homens massacrados. Olhou-os com desejo. Parte dela queria ser um cisne. A outra, comer um. Tinha quebrado o jejum com um pouco da pasta de bolota e um punhado de insetos. Os insetos não eram muito ruins depois de se habituar a eles. As minhocas eram piores, mas, mesmo assim, não eram tão ruins como a dor na barriga depois de dias sem alimento. Encontrar insetos era fácil, bastava dar um pontapé numa pedra. Um dia, quando era pequena, Arya tinha comido um inseto, só para fazer Sansa guinchar, e por isso não teve

medo de comer outro. A Doninha também não tinha, mas Torta Quente vomitou o besouro que estava tentando engolir, enquanto Lommy e Gendry nem queriam experimentar. No dia anterior, Gendry apanhara uma rã e a dividira com Lommy, e, alguns dias antes, Torta Quente encontrara amoras silvestres e limpara completamente o arbusto, mas tinham subsistido principalmente de água e bolotas. Kurz lhes ensinara como usar pedras para fazer uma espécie de pasta de bolota. O gosto era horrível.

Gostaria que o caçador furtivo não tivesse morrido. Ele sabia mais sobre a floresta do que todos os outros juntos, mas tinha sido atingido por uma flecha no ombro enquanto puxava para dentro a escada da casa-torre. Tarber tinha feito nele um emplastro de lama e musgo do lago, e durante um dia ou dois Kurz jurou que o ferimento não era nada, embora a carne do seu pescoço estivesse se tornando escura, ao passo que fortes vergões vermelhos subiam pelo seu queixo e desciam para o peito. Então, uma manhã não conseguiu encontrar forças para se levantar e na seguinte estava morto.

Enterraram-no sob um montículo de pedras. Cutjack ficou com a sua espada e o berrante, enquanto Tarber se servia do arco, das botas e da faca. Levaram tudo quando partiram. A princípio, pensaram que os dois tinham ido caçar, que em breve voltariam com caça e os alimentariam a todos. Mas esperaram, e esperaram, até que, por fim, Gendry os obrigou a prosseguir. Talvez Tarber e Cutjack tivessem pensado que teriam melhores oportunidades sem um bando de órfãos para pastorear. E provavelmente teriam, mas isso não impedia que Arya os odiasse por terem partido.

Debaixo da árvore, Torta Quente latiu como um cão. Kurz lhes havia dito para usar sons de animais para se comunicar uns com os outros. Um velho truque de caçador furtivo, disse, mas morreu antes de poder lhes ensinar a fazer os sons direito. Os chamamentos de pássaro de Torta Quente eram horríveis. O cachorro era melhor, mas não muito.

Arya saltou do galho mais elevado para o inferior, com os braços abertos para manter o equilíbrio. *Uma dançarina de água nunca cai*.

Ligeira, com os pés bem encaixados em volta do galho, deu alguns passos, deixou-se cair para um ramo maior e depois balançou com uma mão atrás da outra através do emaranhado de folhas até chegar ao tronco. A casca era áspera sob seus dedos das mãos e dos pés. Desceu com rapidez, saltando os últimos dois metros e rolando ao aterrissar.

Gendry a ajudou a se levantar.

– Esteve lá em cima muito tempo. O que viu?

– Uma aldeia de pescadores, um lugar pequeno, para norte, ao longo da costa. Contei vinte e seis telhados de sapé e um de ardósia. Vi parte de uma carroça. Tem alguém ali.

Ao ouvir sua voz, Doninha saiu dos arbustos. Lommy lhe dera aquele nome. Dizia que ela parecia uma doninha, o que não era verdade, mas não podiam continuar chamando-a de menina chorona depois de ela finalmente ter parado de chorar. Sua boca estava nojenta. Arya esperava que não tivesse andado outra vez comendo lama.

– Viu gente? – Gendry quis saber.

– Quase só os telhados – Arya respondeu –, mas saía fumaça de algumas chaminés e ouvi um cavalo – Doninha pôs os braços em volta da perna dela, agarrando-se bem. Agora fazia aquilo às vezes.

– Se há pessoas, há comida – disse, alto demais, Torta Quente. Gendry sempre lhe dizia para fazer menos barulho, mas não adiantava nada. – Pode ser que nos deem alguma.

– Também pode ser que nos matem – Gendry rebateu.

– Se nos rendermos, não – Torta Quente tinha um ar esperançoso na voz.

– Está parecendo Lommy.

Lommy Mãos-Verdes estava sentado, apoiado entre duas grossas raízes na base de um carvalho. Uma lança tinha penetrado sua panturrilha esquerda durante a luta no castro. Ao fim do dia seguinte, tinha de coxear sobre uma perna só, com um braço em volta de Gendry, e agora não conseguia sequer fazer *isso*. Tinham cortado galhos de árvores para lhe fazer uma liteira, mas levá-lo era trabalho lento e duro, e choramingava cada vez que davam um solavanco.

– Temos de nos render – Lommy insistiu. – Era isso o que Yoren devia ter feito. Devia ter aberto os portões, como eles disseram.

Arya estava farta de ouvir Lommy dizer que Yoren devia ter se rendido. Era só disso que falava enquanto o transportavam; disso, da perna e da barriga vazia.

Torta Quente concordou.

– Eles *disseram* a Yoren para abrir os portões, disseram-lhe em nome do rei. A culpa foi daquele velho fedorento. Se tivesse se rendido, tinham-nos deixado em paz.

Gendry franziu o cenho.

– Os cavaleiros e fidalgos tomam-se uns aos outros como cativos e pagam resgates, mas não se importam se gente como nós se rende ou não – virou-se para Arya: – O que mais viu?

– Se for uma aldeia de pescadores, aposto que nos venderiam peixe – Torta Quente falou antes dela. O lago estava cheio de peixe fresco, mas não tinham nada com que pudessem apanhá-los. Arya tentara usar as mãos, como tinha visto Koss fazer, mas os peixes eram mais rápidos do que pombos, e a água enganava seus olhos.

– Quanto a peixe não sei – Arya deu um puxão no cabelo emaranhado da Doninha, pensando que talvez fosse melhor cortá-lo. – Há corvos perto da água. Tem alguma coisa morta lá.

– Peixes que foram levados à margem – Torta Quente interveio de novo. – Se os corvos os comem, aposto que nós também poderíamos.

– Deveríamos apanhar alguns corvos, poderíamos *comê-los* – a sugestão veio de Lommy. – Poderíamos fazer uma fogueira e assá-los como se fossem galinhas.

Gendry parecia feroz quando se mostrava carrancudo. Sua barba tinha crescido, espessa e negra como sarça.

– Eu já disse, nada de fogos.

– Lommy *tem fome* – lamentou-se Torta Quente –, e eu também.

– Todos temos fome – Arya confirmou.

– *Você* não tem – Lommy cuspiu no chão. – Bafo de minhoca.

Arya podia ter dado um pontapé na sua ferida.

– Eu *disse* que desenterrava minhocas também para você, se quisesse.

Lommy fez cara de nojo.

– Se não fosse a minha perna, caçava uns javalis para nós.

– Uns javalis? – ela zombou. – Para caçá-los, precisa de uma lança para javalis e de cães e cavalos e de homens para fazer o javali sair da toca – seu pai caçava javali no bosque de lobos com Robb e Jon. Uma vez até tinha levado Bran, mas Arya nunca, embora ela fosse mais velha. Septã Mordane dizia que a caça ao javali não era para senhoras, e sua mãe limitava-se a prometer que, quando fosse mais velha, poderia ter seu próprio falcão. Agora era mais velha, mas, se tivesse um falcão, iria *comê-lo.*

– O que *você* sabe sobre caçar javalis? – Torta Quente a desafiou.

– Mais do que você.

Gendry não estava disposto a ouvir:

– Calem-se os dois, tenho de pensar no que fazer – parecia sempre dolorido quando tentava pensar, como se algo o machucasse muito.

– Renda-se – Lommy insistiu.

– Falei para se calar com a rendição. Nem sequer sabemos quem está lá. Talvez possamos roubar alguma comida.

– Lommy podia roubar, não fosse a perna – Torta Quente falou. – Na cidade ele era ladrão.

– Um mau ladrão – Arya rebateu –, senão, não tinha sido pego.

Gendry olhou o sol de soslaio.

– O cair da noite será a melhor hora para ir até lá. Eu vou fazer um reconhecimento quando escurecer.

– Não, eu vou – Arya protestou. – Você é muito barulhento.

Gendry pôs sua expressão conhecida no rosto.

– Vamos os dois.

– Devia ir o Arry – Lommy sugeriu. – É mais furtivo do que você.

– Vamos *os dois*, já disse.

– Mas e se não voltarem? Torta Quente não pode me levar sozinho, sabem disso…

– E há lobos – Torta Quente acrescentou. – Ouvi-os ontem à noite quando estive no meu turno. Pareciam estar perto.

Arya também os ouvira. Estava dormindo nos galhos de um olmo, mas os uivos tinham-na acordado. Tinha ficado acordada, sentada, durante uma hora, escutando-os, com um formigamento percorrendo sua espinha.

– E nem sequer nos deixa fazer uma fogueira para mantê-los afastados – Torta Quente reclamou. – Não está certo nos abandonar aos lobos.

– Ninguém os está abandonando – Gendry respondeu, descontente. – Lommy tem a sua lança para o caso de os lobos se aproximarem, e você estará com ele. Vamos só ver, só isso, vamos voltar.

– Seja quem for que está lá, deveríamos nos render – Lommy choramingou – Preciso de uma poção qualquer para a minha perna, dói muito.

– Se acharmos alguma poção para pernas, vamos trazê-la – Gendry prometeu. – Arry, vamos, quero me aproximar antes que o sol baixe. Torta Quente, mantenha a Doninha aqui, não quero que nos siga.

– Da última vez ela me deu um chute.

– *Eu* é que lhe darei um chute se não a mantiver aqui.

Sem esperar resposta, Gendry colocou seu elmo de aço e se afastou.

Arya teve de correr para acompanhá-lo. Ele era cinco anos mais velho, e trinta centímetros mais alto do que ela, e também tinha pernas longas. Durante algum tempo, não disse nada, limitou-se a abrir caminho por entre as árvores com uma expressão zangada no rosto, fazendo barulho demais. Mas, por fim, parou e disse:

– Acho que Lommy vai morrer.

Arya não ficou surpresa. Kurz tinha morrido do seu ferimento, e ele era muito mais forte do que Lommy. Sempre que era sua vez de ajudar a transportá-lo, Arya via como sua pele estava quente e sentia o fedor que a perna exalava.

– Talvez encontremos um meistre.

– Só se encontram meistres em castelos e, mesmo se encontrássemos um, não sujaria as mãos em alguém como Lommy – Gendry esquivou-se de um galho baixo.

– Isso não é verdade – Arya estava certa de que o Meistre Luwin teria ajudado qualquer pessoa que o procurasse.

– Ele vai morrer e, quanto mais depressa isso acontecer, melhor para o resto de nós. Devíamos abandoná-lo e pronto, como ele mesmo diz. Se fosse eu ou você quem estivesse ferido, bem sabe que ele nos abandonaria – desceram uma fenda profunda e subiram do outro lado, usando raízes como corrimãos. – Estou farto de carregá-lo e também de toda aquela conversa sobre rendição. Se ele pudesse ficar em pé, enfiava seus dentes para dentro. Lommy não serve para ninguém. E aquela menina chorona também não.

– Deixe a Doninha em paz, ela está só assustada e com fome, é isso.

Arya olhou para trás, pela primeira vez a garota não os estava seguindo. Torta Quente devia tê-la agarrado, como Gendry lhe tinha dito para fazer.

– Não serve para nada – Gendry repetiu teimosamente. – Ela, Torta Quente e Lommy estão nos atrasando e ainda vão fazer com que nos matem. Você é o único membro do grupo que vale alguma coisa. Mesmo sendo uma menina.

Arya congelou.

– *Não sou uma menina!*

– É sim. Acha que sou tão estúpido quanto eles?

– Não, é mais. A Patrulha da Noite não aceita meninas, todo mundo sabe disso.

– É verdade. Não sei por que Yoren a trouxe, mas deve ter tido algum motivo. Continua sendo uma menina.

– Não sou!

– Então tira o pinto pra fora e dá uma mijada. Vai lá.

– Não tenho vontade de mijar. Se tivesse, podia.

– Mentirosa. Não pode tirar o pinto porque não tem um. Nunca tinha reparado quando éramos trinta, mas você vai sempre para a floresta quando quer urinar. Não vejo Torta Quente fazer isso, e nem eu faço. Se não é uma menina, deve ser um eunuco.

– Eunuco é *você*.

– Sabe muito bem que não sou – Gendry sorriu. – Quer que tire o pau para fora para provar? Não tenho nada a esconder.

– Tem, sim – Arya exclamou, desesperada para sair daquela conversa sobre o pinto que não tinha. – Aqueles homens de manto dourado o procuravam na estalagem e não nos quer dizer por quê.

– Bem que gostaria de saber. Acho que Yoren sabia, mas nunca me disse. Mas por que você achou que eles estavam à sua procura?

Arya mordeu o lábio. Lembrava-se do que Yoren lhe dissera no dia em que cortou seu cabelo. *Desses aí, metade entregava você à rainha num piscar de olhos em troca de um perdão e, se der, umas moedas de prata. A outra metade fazia o mesmo, só que te estuprava primeiro.* Só Gendry era diferente, e a rainha também o procurava.

– Eu conto se você me contar – ela respondeu, com cautela.

– Contava se soubesse, Arry… É assim mesmo que se chama, ou tem algum nome de menina?

Arya fitou a raiz nodosa junto aos seus pés. Compreendeu que o fingimento tinha chegado ao fim. Gendry sabia, e ela nada tinha dentro das calças que pudesse convencê-lo do contrário. Podia puxar a Agulha e matá-lo ali mesmo ou, então, confiar nele. Não tinha certeza de que conseguiria matá-lo, mesmo se tentasse; ele tinha sua própria espada e era *muito* mais forte. Tudo o que restava era a verdade.

– Lommy e Torta Quente não podem saber – ela pediu.

– Não saberão – ele jurou. – Por mim, não saberão.

– Arya – ela o encarou. – Meu nome é Arya. Da Casa Stark.

– Da Casa… – Gendry precisou de um momento antes de falar: – A Mão do Rei se chamava Stark. Aquele a quem mataram por traição.

– Nunca foi um traidor. Era meu pai.

Os olhos de Gendry esbugalharam-se.

– Então *por isso* é que você pensou…

Ela confirmou com a cabeça.

– Yoren estava me levando para casa, para Winterfell.

– Eu… Então, é nobre, uma… vai ser uma senhora…

Arya olhou sua roupa esfarrapada e pés descalços, rachados e cheios de calos. Viu a sujeira sob as unhas, as crostas nos cotovelos, os arranhões nas mãos. *Septã Mordane nem sequer me reconheceria, aposto. Sansa talvez reconhecesse, mas fingiria que não*.

– Minha mãe é uma senhora e minha irmã também, mas eu nunca fui.

– Foi, sim. Era filha de um senhor e viveu num castelo, não foi? E você… que os deuses sejam bons, eu nunca… – de repente Gendry pareceu incerto, quase com medo. – Toda aquela conversa sobre pintos, nunca devia ter dito aquilo. E andei mijando na sua frente e tudo. Eu… lhe peço perdão, senhora.

– Para com isso! – Arya ralhou com ele. Estaria caçoando dela?

– Eu conheço as cortesias, senhora – Gendry disse, teimoso como sempre. – Sempre que moças nobres vinham à loja com os pais, meu mestre dizia que eu devia dobrar o joelho, só falar quando falassem comigo e chamá-las de *senhora*.

– Se começar a me chamar de senhora, até *Torta Quente* vai reparar. E é melhor também que continue mijando da mesma maneira.

– Como a senhora ordenar.

Arya bateu no peito de Gendry com ambas as mãos. Ele tropeçou numa pedra e sentou-se no chão com um baque.

– Que tipo de filha de lorde é você? – ele perguntou, rindo.

– *Deste* tipo – Arya chutou seu quadril, mas isso só fez com que ele risse mais. – Ria o quanto quiser. *Eu* vou ver quem está na aldeia – o sol já tinha se escondido atrás das árvores; o ocaso chegaria num instante. Pela primeira vez, foi Gendry quem teve de correr atrás dela. – Sente o cheiro? – ela perguntou.

Ele farejou o ar.

– Peixe podre?

– Você sabe que não é.

– É melhor termos cuidado. Vou dar a volta pelo oeste, para ver se encontro alguma estrada. Deve haver, porque você viu uma carroça. Você vai pela margem. Se precisar de ajuda, lata como um cachorro.

– Isso é estúpido. Se precisar de ajuda, gritarei *socorro*.

Arya afastou-se como uma flecha, os pés nus silenciosos no mato. Quando olhou para trás por sobre o ombro, ele a estava observando com aquele ar de dor no rosto que significava que estava pensando. *Provavelmente está pensando que não devia deixar a* senhora *ir roubar comida*. Arya sabia que Gendry passaria a ser estúpido.

O cheiro ficou mais forte quando se aproximou da aldeia. Não era de peixe podre. Aquele fedor era mais fétido, mais repugnante. Franziu o nariz.

Onde as árvores começaram a rarear, usou a vegetação rasteira, deslizando de arbusto em arbusto, silenciosa como uma sombra. A cada poucos metros parava para escutar. Da terceira vez, ouviu cavalos e também uma voz de homem. E o cheiro piorava. *Fedor de mortos é o que isto é*. Já tinha sentido esse cheiro antes, com Yoren e os outros.

Uma densa moita de espinheiros crescia ao sul da aldeia. Quando a alcançou, as longas sombras do pôr do sol tinham começado a se desvanecer, e os vaga-lumes estavam surgindo. Conseguia ver telhados de sapé logo depois da cerca viva. Deslizou em volta até ver uma abertura e atravessou, rastejando sobre a barriga, mantendo-se bem escondida até ver de onde vinha o cheiro.

Junto às águas do Olho de Deus, que batiam levemente contra a margem, tinha sido erguido um longo cadafalso de madeira tosca e coisas que um dia tinham sido homens pendiam dela, com correntes nos pés, enquanto corvos bicavam sua carne e esvoaçavam de cadáver em cadáver. Para cada corvo havia cem moscas. Quando o vento soprava do lago, o mais próximo dos cadáveres retorcia-se ligeiramente nas suas correntes. Os corvos tinham comido a maior parte do seu rosto e outra coisa também tinha se alimentado dele, uma coisa muito maior. A garganta e o peito tinham sido rasgados; entranhas verdes e brilhantes e fitas de carne esfarrapada pendiam de onde a barriga tinha sido aberta. Um braço tinha sido arrancado pelo ombro; Arya viu os ossos alguns metros à sua frente, roídos e fendidos, completamente limpos de carne.

Forçou-se a olhar para o homem seguinte, e para o outro além dele, e para o outro depois *desse*, dizendo a si mesma que era dura como uma

pedra. Todos cadáveres, tão brutalizados e apodrecidos, que precisou de um momento para perceber que tinham sido despidos antes de ser pendurados. Não pareciam pessoas nuas; quase nem pareciam pessoas. Os corvos tinham comido seus olhos e às vezes o rosto. Do sexto, na longa fila, nada restava, a não ser uma única perna, ainda presa às suas correntes, oscilando a cada brisa.

*O medo corta mais profundamente do que as espadas*. Os mortos não podiam lhe fazer mal, mas quem quer que os tivesse matado podia. Para além do cadafalso, dois homens com camisas de cota de malha apoiavam-se nas suas lanças em frente ao longo edifício baixo junto à água, aquele que tinha o telhado de ardósia. Um par de grandes mastros tinha sido enfiado no terreno lamacento, com bandeiras penduradas em cada um. Uma parecia vermelha e a outra mais clara, talvez branca ou amarela, mas ambas estavam murchas e, com o crepúsculo aprofundando-se, nem sequer podia ter certeza de que o vermelho fosse o carmim dos Lannister. *Não preciso ver o leão, vejo todos os mortos. Quem mais poderia ser que não os Lannister?*

Então, ouviu-se um grito.

Os dois lanceiros se viraram ao ouvi-lo, e um terceiro homem surgiu, empurrando um prisioneiro à sua frente. Estava ficando escuro demais para distinguir rostos, mas o prisioneiro usava um brilhante elmo de aço, e quando Arya viu os cornos, soube que era Gendry. *Seu estúpido, estúpido, estúpido, ESTÚPIDO!*, pensou. Se estivesse ali, o chutaria novamente.

Os guardas falavam em voz alta, mas ela estava afastada demais para distinguir as palavras, especialmente com os corvos tagarelando e esvoaçando bem mais perto. Um dos lanceiros arrancou o elmo da cabeça de Gendry e lhe fez uma pergunta, mas não deve ter gostado da resposta, porque bateu na sua cara com o cabo da lança e o atirou ao chão. Aquele que o capturara lhe deu um pontapé, enquanto o segundo lanceiro experimentava o elmo de cabeça de touro. Por fim, puseram-no em pé e o levaram para o armazém. Quando abriram as pesadas portas de madeira, um garotinho saltou como uma flecha, mas um dos guardas agarrou seu

braço e o atirou de volta lá para dentro. Arya ouviu soluços vindos de dentro do edifício e depois um grito tão alto e cheio de dor que a fez morder o lábio.

Os guardas atiraram Gendry lá para dentro, com o menino, e trancaram as portas. Nesse momento, um sopro de vento veio suspirando do lago, e as bandeiras agitaram-se e se ergueram. Aquela que estava no mastro maior exibia o leão dourado, tal como Arya temera. Na outra, três formas negras e lisas corriam por um fundo amarelo como manteiga. Cães, pensou. Arya já vira aqueles cães antes. Mas onde?

Não importava. A única coisa importante era que tinham capturado Gendry. Mesmo que ele *fosse* teimoso e estúpido, tinha de tirá-lo dali. Gostaria de saber se aqueles homens sabiam que a rainha o procurava.

Um dos guardas tirou seu elmo e colocou o de Gendry. Ver o homem usando-o a irritou, mas sabia que nada podia fazer para impedi-lo. Pensou ouvir mais gritos vindos de dentro do armazém sem janelas, abafados pelas paredes de pedra, mas era difícil ter certeza.

Permaneceu ali durante tempo suficiente para ver a mudança da guarda e muito mais coisas. Homens chegaram e partiram. Levaram os cavalos para beber no riacho. Um grupo de caçadores voltou da floresta, trazendo a carcaça de uma corça pendurada em uma vara. Viu quando eles a limparam, eviscerando-a e acendendo uma fogueira do outro lado do riacho, e o cheiro da carne assando misturou-se de forma estranha com o fedor da decomposição. A barriga vazia de Arya ficou embrulhada, e sentiu-se prestes a vomitar. A perspectiva de alimento trouxe outros homens de dentro das casas, quase todos usando peças de cota de malha ou couro fervido. Quando a corça ficou pronta, os melhores pedaços foram levados para uma das casas.

Arya achou que a escuridão pudesse permitir que rastejasse para mais perto e libertasse Gendry, mas os guardas acenderam archotes na fogueira. Um escudeiro trouxe carne e pão aos dois que guardavam o armazém, e mais tarde outros dois homens juntaram-se a eles, e os quatro passaram um odre de vinho de mão em mão. Quando se esvaziou,

os outros foram embora, mas os dois guardas ficaram, apoiados nas lanças.

Os braços e as pernas de Arya estavam rígidos quando ela finalmente se contorceu para sair de debaixo do espinheiro e penetrar na escuridão da floresta. Estava uma noite escura, com uma fina lasca de lua aparecendo e desaparecendo à medida que as nuvens passavam por ela. *Silenciosa como uma sombra*, disse a si mesma enquanto se deslocava por entre as árvores. Naquela escuridão não se atrevia a correr, com receio de tropeçar em alguma raiz invisível ou de se perder. À esquerda, o Olho de Deus batia calmamente contra as suas margens. À direita, um vento suspirava através dos galhos, e folhas restolhavam e agitavam-se. Ao longe, ouviu os uivos de lobos.

Lommy e Torta Quente quase se borraram quando ela saiu das árvores atrás deles.

– Silêncio – Arya lhes disse, pondo um braço em volta da Doninha quando a garotinha correu para ela.

Torta Quente a encarou com os olhos muito abertos.

– Pensávamos que tinham nos abandonado – ele tinha a espada curta na mão, aquela que Yoren havia roubado do homem de manto dourado. – Tive medo de que fosse um lobo.

– Onde está o Touro? – Lommy perguntou.

– Pegaram-no – Arya sussurrou. – Temos de tirá-lo de lá. Torta Quente, vai ter de ajudar. Esgueiramo-nos até lá e matamos os guardas, e depois eu abro a porta.

Torta Quente e Lommy trocaram um olhar.

– Quantos?

– Não consegui contar – ela admitiu. – Pelo menos vinte, mas só dois estão na porta.

Torta Quente pareceu prestes a chorar.

– Não podemos lutar contra *vinte*.

– Só vai ter de lutar com *um,* eu trato do outro. Tiramos Gendry de lá e fugimos.

– Deveríamos nos render – Lommy protestou. – Vá até lá e renda-se.

Arya negou teimosamente com a cabeça.

– Então, deixe-o, Arry – Lommy suplicou. – Eles não sabem do resto de nós. Se nos escondermos, vão embora, sabe que vão. Não é culpa nossa que Gendry tenha sido capturado.

– Você é idiota, Lommy – Arya estava irritada. – Vai *morrer* se não o tirarmos de lá. Quem vai carregá-lo?

– Você e o Torta Quente.

– O tempo inteiro, sem mais ninguém para ajudar? Nunca conseguiremos. Gendry era o mais forte. Seja como for, não me interessa o que você diz, eu vou buscá-lo – Arya estava decidida. Então, olhou para Torta Quente: – Você vem?

Torta Quente olhou para Lommy de relance, depois para Arya, e depois, de novo, para Lommy.

– Vou – ele respondeu, relutante.

– Lommy, mantenha Doninha aqui.

Ele agarrou a garotinha pela mão e a puxou para perto de si.

– E se os lobos vierem?

– Renda-se – Arya sugeriu.

Encontrar o caminho de volta à aldeia pareceu demorar horas. Torta Quente ficou o tempo todo tropeçando na escuridão e se perdendo, e Arya tinha de esperar por ele ou voltar para buscá-lo. Por fim, pegou sua mão e o levou por entre as árvores.

– Limite-se a ficar calado e a me seguir.

Quando conseguiram distinguir o primeiro brilho tênue das fogueiras da aldeia contra o céu, ela disse:

– Há mortos pendurados do outro lado da cerca viva, mas não tem por que se assustar, lembre-se só de que o medo corta mais profundamente do que as espadas. Temos de ir em silêncio e lentamente – Torta Quente concordou com a cabeça.

Arya penetrou primeiro no espinheiro e esperou por ele do outro lado, bem agachada. Torta Quente surgiu, pálido e ofegante, com longos arranhões sangrentos na cara e nos braços. Começou a dizer qualquer coisa, mas Arya pôs um dedo nos seus lábios. Apoiando-se nas mãos e

nos pés, rastejaram ao longo do cadafalso, sob os mortos oscilantes. Torta Quente não olhou para cima nem uma vez e não soltou um som sequer.

Até o corvo pousar nas suas costas e ele soltar um arquejo abafado:

– *Quem está aí?* – trovejou de súbito uma voz vinda das trevas.

Torta Quente ficou de pé num salto.

– *Rendo-me!* – jogou fora a espada enquanto dúzias de corvos se ergueram no ar aos guinchos e lamentos e esvoaçarem em volta dos cadáveres. Arya agarrou sua perna e tentou arrastá-lo outra vez para baixo, mas ele se soltou e correu em frente, agitando os braços. – Rendo-me, rendo-me.

Arya também ficou em pé e puxou Agulha, mas, àquela altura, já havia homens por toda volta. Arya golpeou o mais próximo, mas ele a conteve com um braço revestido de aço, outro dos homens esbarrou nela e a atirou ao chão, e um terceiro arrancou a espada da sua mão. Quando tentou morder, seus dentes fecharam-se sobre cota de malha fria e suja.

– Oh-ho, esse é feroz – disse o homem, rindo. O golpe do seu punho revestido de ferro quase arrancou sua cabeça.

Conversaram por cima dela enquanto jazia com dores, mas Arya não parecia ser capaz de compreender as palavras. Seus ouvidos ressoavam. Quando tentou rastejar para fora dali, a terra moveu-se debaixo de si. *Eles tiraram a Agulha de mim*. A vergonha daquilo doía mais do que as dores físicas e estas doíam muito. Jon tinha lhe dado aquela espada. Syrio ensinara-lhe a usá-la.

Por fim, alguém agarrou o peito do seu justilho e a deixou de joelhos. Torta Quente também estava ajoelhado, na frente do homem mais alto que Arya já tinha visto na vida, um monstro saído de uma das histórias da Velha Ama. Não chegou a ver de onde tinha vindo o gigante. Três cães negros corriam pela sua desbotada capa amarela e seu rosto parecia tão duro como se tivesse sido esculpido em pedra. De súbito, Arya lembrou-se de onde já vira aqueles cães. Na noite do torneio em Porto Real, todos os cavaleiros tinham pendurado seus escudos na porta dos seus pavilhões. “Aquele pertence ao irmão do Cão de Caça”, confidenciara

Sansa quando passaram pelos cães negros em fundo amarelo. “Ele é ainda maior do que Hodor, verá. Chamam-no de a *Montanha que Cavalga*.”

Arya deixou a cabeça cair, só meio consciente do que se passava à sua volta. Torta Quente estava se rendendo um pouco mais. Montanha disse:

– Vai nos levar a esses outros – e afastou-se. Em seguida, Arya tropeçava pelos mortos no cadafalso, enquanto Torta Quente dizia aos captores que lhes faria empadões e tortas se não lhe fizessem mal. Foram quatro homens com eles. Um transportava um archote, outro, uma espada longa; dois tinham lanças.

Encontraram Lommy onde o tinham deixado, debaixo do carvalho.

– Rendo-me – ele gritou de imediato assim que os viu. Jogou longe sua lança e levantou as mãos, manchadas de verde por antigas tintas. – Rendo-me. Por favor.

O homem com o archote procurou em volta, debaixo das árvores.

– É o último? O filho do padeiro disse que havia uma menina.

– Ela fugiu quando os ouviu chegando – Lommy respondeu. – Fizeram muito barulho – e Arya pensou: *foge, Doninha, foge o máximo que puder, foge, esconda-se e não volte.*

– Diga-nos onde encontrar aquele filho de puta do Dondarrion e haverá uma refeição quente para você.

– Quem? – Lommy perguntou, sem expressão.

– Eu disse. Estes aí não sabem mais do que aqueles cuzões da aldeia. Uma merda de uma perda de tempo.

Um dos lanceiros se aproximou indolentemente de Lommy.

– Tem alguma coisa com a sua perna, rapaz?

– Está ferida.

– Pode andar? – o homem parecia preocupado.

– Não. Terá de me carregar.

– Acha mesmo?

O homem ergueu displicentemente a lança e enfiou a ponta na garganta mole do rapaz. Lommy nem teve tempo de se render novamente.

Sacudiu-se uma vez, e foi tudo. Quando o homem soltou a lança, jorrou sangue numa fonte escura.

– Carregá-lo, ele disse – resmungou, com um risinho.

# Tyrion

Tinham-no prevenido para vestir roupas quentes. E Tyrion Lannister seguiu fielmente o que lhe disseram. Usava pesados calções forrados e um gibão de lã, e tinha posto por cima o manto de pele de gato-das-sombras que arranjara nas Montanhas da Lua. O manto era absurdamente longo, feito para um homem com o dobro da sua altura. Quando não estava montado, a única maneira de usá-lo era enrolá-lo à sua volta várias vezes, o que o deixava parecido com uma bola de pelo rajado.

Mesmo assim, sentia-se contente por ter escutado o que lhe tinham dito. O frio na longa adega úmida atacava os ossos. Timett decidiu recuar para a superfície depois de experimentar brevemente o frio que fazia lá embaixo. Estavam em algum lugar sob a colina de Rhaenys, nos fundos do palácio da Guilda dos Alquimistas. As paredes de pedra úmida estavam salpicadas de salitre, e a única luz que havia ali vinha da lamparina selada de ferro e vidro que Hallyne, o Piromante, transportava tão delicadamente.

*Delicadamente, sim… e aqueles eram, com certeza, frascos delicados*. Tyrion pegou um para inspecioná-lo. Era redondo e avermelhado, uma gorda toranja de barro. Um pouco grande demais para sua mão, mas Tyrion sabia que caberia confortavelmente na de um homem normal. A cerâmica era fina, tão frágil, que mesmo ele tinha sido prevenido para não apertar com muita força para que não a esmagasse. Sentia o barro áspero, granuloso. Hallyne disse-lhe que era intencional.

– Um frasco liso é mais passível de escapar da mão de alguém.

Fogovivo escorreu lentamente para a boca do frasco quando Tyrion o inclinou para espiar lá dentro. Sabia que a cor devia ser um verde lodoso, mas a luz fraca impossibilitava-lhe confirmar.

– É espesso – ele observou.

– É por causa do frio, senhor – foi a resposta de Hallyne, um homem pálido, com mãos moles e úmidas, e maneiras obsequiosas. Estava vestido com uma toga listrada de preto e escarlate, ornamentada com zibelina, mas a pele já estava um tanto remendada e roída pelas traças. – À medida que for aquecendo, a substância fluirá com mais facilidade, como o azeite para as lâmpadas.

*Substância* era o termo que os piromantes usavam para o fogovivo. Também chamavam uns aos outros de *sábios*, o que Tyrion achava quase tão irritante como o costume que tinham de sugerir as vastas reservas secretas de conhecimento que queriam que ele pensasse que possuíam. Em outra época, aquela tinha sido uma guilda poderosa, mas nos séculos recentes os meistres da Cidadela tinham suplantado os alquimistas em quase tudo. Agora, restava apenas um punhado de membros da antiga ordem, e já nem sequer fingiam transmutar metais…

… Mas *sabiam* fazer fogovivo.

– A água não o apaga, segundo me disseram.

– Assim é. Uma vez que se incendeie, a substância arderá violentamente até se extinguir. E vai, ainda, se infiltrar em roupa, madeira, couro, até mesmo aço, para que também se incendeiem.

Tyrion recordou o sacerdote vermelho Thoros de Myr e sua espada flamejante. Até mesmo um fino revestimento de fogovivo podia arder durante uma hora. Thoros precisava sempre de uma espada nova depois de um combate, mas Robert gostava do homem e estava sempre feliz em fornecê-las.

– Por que não se infiltra também no barro?

– Ah, mas infiltra – Hallyne respondeu. – Há uma adega por baixo desta onde armazenamos os frascos mais antigos. Os do tempo de Rei Aerys. Ele preferia mandar fazer os frascos em forma de frutas. Umas frutas muito perigosas mesmo, senhor Mão, e, hummm, hoje mais *maduras* do que nunca, se compreende aonde quero chegar. Selamos com cera e enchemos a adega inferior de água, mas, mesmo assim… Na verdade, eles deviam ter sido destruídos, mas tantos dos nossos mestres foram

assassinados durante o Saque de Porto Real, que os poucos acólitos que restaram não deram conta da tarefa. Muitas das reservas que fizemos para Aerys foram perdidas. Só no ano passado, duzentos frascos foram descobertos num armazém situado por baixo do Grande Septo de Baelor. Ninguém foi capaz de se lembrar de como eles tinham ido parar lá, mas estou certo de que não preciso dizer que o Alto Septão estava fora de si por causa do terror. Assegurei-me pessoalmente de que os frascos fossem transportados em segurança. Mandei encher uma carroça de areia e enviei nossos acólitos mais capazes. Trabalhamos apenas de noite, nós…

– … Fizeram um magnífico trabalho, não duvido – Tyrion pôs o frasco que estava segurando no meio dos outros. Cobriam a mesa, em filas ordenadas de quatro, que se estendiam pelas sombras subterrâneas adentro. E para lá daquela havia outras mesas, muitas outras mesas. – Estas, ah... *frutas* do falecido Rei Aerys, ainda podem ser usadas?

– Ah, sim, com toda certeza… Mas *com cuidado*, senhor, com o máximo de cuidado. À medida que envelhece, a substância fica ainda mais, hummmm, *instável*, digamos. Qualquer chama pode incendiá-la. Qualquer faísca. Calor em excesso, e os frascos se incendeiam espontaneamente. Não é sensato deixá-los ao sol, mesmo que por um curto período. Uma vez que o fogo se inicie no seu interior, o calor faz com que a substância se expanda violentamente, e em instantes os frascos voam em cacos. Se outros frascos estiverem armazenados nas vizinhanças, também explodirão, e assim…

– Quantos frascos vocês têm atualmente?

– Esta manhã, o Sábio Munciter disse-me que tínhamos sete mil, oitocentos e quarenta. Esse número inclui quatro mil frascos dos dias do Rei Aerys, com certeza.

– As nossas frutas *maduras demais*?

Hallyne assentiu com a cabeça.

– O Sábio Malliard crê que sejamos capazes de fornecer um total de dez mil frascos, como foi prometido à rainha. E eu concordo – o Piromante parecia estar indecentemente satisfeito com aquela expectativa.

*Considerando que nossos inimigos lhe deem o tempo necessário.* Os piromantes mantinham a receita do fogovivo como um segredo bem guardado, mas Tyrion sabia que o processo era demorado e perigoso. Partira do princípio de que a promessa de dez mil frascos era um alarde vazio, como o do vassalo que jura reunir dez mil espadas para o seu senhor e aparece no dia da batalha com cento e duas. *Se nos puderem realmente dar dez mil…*

Não sabia se devia estar deliciado ou apavorado. *Talvez um pouco de ambos*.

– Confio que seus irmãos da guilda não estejam trabalhando com uma pressa inconveniente, Sábio. Não queremos dez mil frascos de fogovivo defeituoso, nem mesmo um… E, com toda certeza, não queremos acidentes.

– Não haverá acidentes, senhor Mão. A substância é preparada numa série de celas nuas de pedra por acólitos treinados, e cada frasco é levado por um aprendiz e trazido para cá no instante em que fica pronto. Por cima de cada cela de trabalho fica uma sala completamente cheia de areia. Um feitiço protetor foi depositado nos pisos... Hummm... Muito poderoso. Qualquer incêndio na cela abaixo faz com que os pisos caiam, e a areia apaga imediatamente o fogo.

– Sem falar do descuidado acólito – com *feitiço*, Tyrion imaginava que Hallyne quisesse dizer *truque inteligente*. Pensou que gostaria de inspecionar uma dessas celas com teto falso para ver como funcionava, mas aquele não era o momento para isso. Talvez depois da guerra vencida.

– Meus irmãos nunca são descuidados – insistiu Hallyne. – Se posso ser, hummmm, *franco*…

– Ah, claro.

– A substância flui nas minhas veias e vive no coração de todos os piromantes. Respeitamos seu poder. Mas o soldado comum... hummm, os que manejam uma das catapultas de fogo da rainha, por exemplo, no frenesi sem raciocínio da batalha… Qualquer pequeno erro pode originar uma catástrofe. Mas isso é coisa que não se diz com muita frequência.

Meu pai disse isso mesmo, várias vezes, ao Rei Aerys, assim como o pai *dele* disse ao Rei Jaehaerys.

– Eles devem ter escutado – Tyrion observou. – Se tivessem queimado a cidade, alguém teria me informado. Então, seu conselho é que sejamos cuidadosos?

– Sejam *muito* cuidadosos – Hallyne reiterou. – Sejam *muito, muito* cuidadosos.

– Esses frascos de barro… Há muitos por aqui?

– Sim, senhor. Obrigado por perguntar.

– Então não se importará se eu levar alguns. Alguns milhares.

– Alguns *milhares*?

– Ou o número que sua guilda possa ceder sem interferir na produção. Mas, compreenda, são frascos *vazios* que peço. Mande que sejam enviados aos capitães de todos os portões da cidade.

– Farei isso, senhor, mas, por quê…?

Tyrion sorriu-lhe.

– Quando me diz para vestir roupa quente, eu assim me visto. Quando me diz para ser cuidadoso, bem… – encolheu os ombros. – Já vi o suficiente. Talvez queira ter a bondade de me acompanhar de volta à minha liteira?

– Terei grande, hummm, prazer, senhor – Hallyne pegou a lamparina e seguiu à frente de volta à escada. – Foi bom da sua parte nos visitar. Uma grande honra, hummm. Passou-se muito tempo desde a última vez que a Mão do Rei nos agraciou com sua presença. Não acontecia desde Lorde Rossart, e ele pertencia à nossa ordem. Isso foi nos tempos do Rei Aerys, que tinha grande interesse pelo nosso trabalho.

*Rei Aerys os usou para assar a carne dos seus inimigos*. Seu irmão, Jaime, contara-lhe algumas histórias a respeito do Rei Louco e dos seus piromantes de estimação.

– Joffrey também se interessará, não duvido – *e é por isso mesmo que é bom que o mantenha bem longe de você.*

– É nossa grande esperança que o rei visite nosso palácio na sua real pessoa. Falei sobre isso à sua real irmã. Um grande banquete…

Estava ficando mais quente à medida que subiam.

– Sua Graça proibiu todos os banquetes até que a guerra esteja ganha – *por insistência minha*. – O rei não pensa ser adequado banquetear-se com alimentos de primeira linha enquanto seu povo passa sem pão.

– Um gesto muito, hummm, *dedicado*, senhor. Talvez, em vez disso, alguns de nós possamos visitar o rei na Fortaleza Vermelha. Uma pequena demonstração dos nossos poderes, por assim dizer, a fim de distrair Sua Graça das suas muitas preocupações durante uma noite. O fogovivo é apenas um dos temidos segredos da nossa antiga ordem. Muitas e maravilhosas são as coisas que poderíamos lhe mostrar.

– Levarei o assunto à consideração da minha irmã – Tyrion não tinha nenhuma objeção a alguns truques de magia, mas o gosto de Joff por obrigar homens a lutar até a morte já era aflição suficiente; não tinha nenhuma intenção de permitir que o rapaz experimentasse a possibilidade de queimá-los vivos.

Quando enfim chegaram ao topo dos degraus, Tyrion livrou-se da pele de gato-das-sombras e dobrou-a sobre o braço. A Guilda dos Alquimistas era um majestoso labirinto de pedra negra, mas Hallyne indicou-lhe o caminho pelas suas curvas e contracurvas até chegarem à Galeria dos Archotes de Ferro, um longo salão ecoante, onde espirais de fogo verde dançavam em torno de colunas de metal negro com seis metros de altura. Chamas fantasmagóricas refletiam-se no mármore negro polido das paredes e do chão e banhavam o salão com um esplendor esmeralda. Tyrion teria ficado mais impressionado se não soubesse que os grandes archotes de ferro só tinham sido acesos naquela manhã em honra da sua visita, mas seriam extintos no instante em que as portas se fechassem nas suas costas. O fogovivo era caro demais para se esbanjar.

Emergiram no topo da larga escadaria curva que dava para a Rua das Irmãs, perto do sopé da Colina de Visenya. Tyrion disse adeus a Hallyne e bamboleou-se até onde Timett, filho de Timett, esperava com uma escolta de Homens Queimados. Dado seu propósito hoje, tinha-lhe parecido uma escolha singularmente apropriada para sua guarda. Além disso, as cicatrizes deles inspiravam terror nos corações do populacho.

Nos dias que corriam, isso era ótimo. Não mais do que três noites antes, outra multidão tinha se reunido nos portões da Fortaleza Vermelha, clamando por comida. Joff soltara uma tempestade de flechas contra eles, matando quatro, e depois gritara-lhes que tinham sua autorização para comer os mortos. *Ganhando-nos ainda mais amigos*.

Tyrion ficou surpreso ao ver, agora, Bronn, em pé, ao lado da liteira.

– O que você está fazendo aqui?

– Venho entregar suas mensagens. – A Mão de Ferro quer você com urgência no Portão dos Deuses. Não quis me dizer por quê. E Maegor também foi convocado.

– *Convocado?* – Tyrion só conhecia uma pessoa que se atreveria a usar essa palavra. – E o que Cersei quer de mim?

Bronn encolheu os ombros.

– A rainha ordena-lhe que regresse imediatamente ao castelo e se ponha a seu serviço nos seus aposentos. Foi aquele seu primo moleque quem entregou a mensagem. Quatro pelos debaixo do nariz, e se julga um homem.

– Quatro pelos e um título de cavaleiro. Ele agora é *Sor* Lancel, nunca se esqueça disso – Tyrion sabia que Sor Jacelyn nunca mandaria chamá-lo a menos que o assunto fosse importante. – É melhor que eu vá ver o que Bywater quer. Informe minha irmã que me porei a seu serviço quando retornar.

– Ela não vai gostar disso – Bronn preveniu.

– Ótimo. Quanto mais tempo Cersei esperar, mais zangada ficará, e a ira torna-a estúpida. Prefiro-a de longe zangada e estúpida, a tranquila e astuta – Tyrion atirou o manto dobrado para dentro da liteira, e Timett o ajudou a subir depois.

A praça do mercado, que ficava junto ao Portão dos Deuses, e que em tempos normais estaria atulhada de agricultores vendendo legumes, estava quase deserta quando Tyrion a atravessou. Sor Jacelyn foi ao seu encontro no portão e ergueu a mão de ferro numa saudação brusca.

– Senhor. Seu primo Cleos Frey está aqui, vindo de Correrrio, sob uma bandeira de paz, trazendo uma carta de Robb Stark.

– Condições de paz?
– É o que ele diz.
– Meu primo querido. Leve-me até ele.
Os homens de manto dourado tinham confinado Sor Cleos em uma sala da guarda sem janelas e dentro da guarita. Ele se levantou quando entraram.
– Tyrion, como é bom vê-lo.
– Isso não é algo que eu ouça com frequência, primo.
– Cersei veio junto?
– Minha irmã tem outras ocupações. Esta é a carta do Stark? – pegou-a da mesa. – Sor Jacelyn, pode nos deixar.
Bywater fez uma reverência e saiu.
– Pediram-me para trazer a oferta de paz à Rainha Regente – disse Sor Cleos quando a porta se fechou.
– Farei isso – Tyrion passou os olhos pelo mapa que Robb Stark tinha enviado com a carta. – Tudo a seu tempo, primo. Sente-se. Descanse. Está com uma aparência desgastada e fatigada – *na verdade, parecia pior do que isso*.
– Sim – Sor Cleos deixou-se cair num banco. – As coisas estão más nas terras fluviais, Tyrion. Em especial em torno do Olho de Deus e ao longo da estrada do rei. Os senhores do rio andam queimando as próprias colheitas para tentar nos fazer passar fome, e os destacamentos logísticos do seu pai incendeiam todas as aldeias que conquistam e passam o povo na espada.
Era o costume da guerra. O povo era massacrado e os nobres, aprisionados, para obter resgates. *Lembre-me de agradecer aos deuses por ter nascido um Lannister*.
Sor Cleos passou uma mão pelo fino cabelo castanho:
– Mesmo com uma bandeira de paz, fomos atacados duas vezes. Lobos em cota de malha, famintos por morder qualquer um mais fraco que eles. Só os deuses sabem de que lado começaram, mas agora estão do seu próprio lado. Perdemos três homens, e temos muitos mais feridos.

– Que novidades há do nosso inimigo? – Tyrion volveu a atenção às condições do Stark. *O rapaz não quer muito. Só metade do reino, a libertação dos nossos cativos, reféns, a espada do pai… ah, sim, e as irmãs.*

– O rapaz está em Correrrio sem fazer nada – Sor Cleos respondeu. – Creio que teme enfrentar seu pai no campo de batalha. Sua força diminui todos os dias. Os senhores do rio partiram, cada um para defender suas próprias terras.

*Seria isto o que meu pai pretendia?* Tyrion enrolou o mapa de Stark.

– Estas condições nunca serão aceitas.

– Consentirá pelo menos em trocar as garotas Stark por Tion e Willem? – Sor Cleos perguntou em tom de lamento.

Tyrion recordou que Tion Frey era seu irmão mais novo.

– Não – Tyrion respondeu gentilmente –, mas proporemos nossa própria troca de cativos. Deixe-me consultar Cersei e o conselho. Enviaremos você de volta a Correrrio com as *nossas* condições.

Era claro que a perspectiva não o alegrava.

– Senhor, não creio que Robb Stark ceda com facilidade. É a Senhora Catelyn quem quer esta paz, não ele.

– A Senhora Catelyn quer as filhas – Tyrion desceu do banco, com a carta e o mapa na mão. – Sor Jacelyn tratará de providenciar comida e fogo para você. Parece-me terrivelmente que precisa dormir, primo. Mandarei chamá-lo quando soubermos mais.

Tyrion foi encontrar Sor Jacelyn nas ameias, observando várias centenas de novos recrutas que treinavam no campo abaixo. Com tanta gente procurando refúgio em Porto Real, não havia falta de homens com vontade de se juntar à Patrulha da Cidade em troca de uma barriga cheia e uma cama de palha na caserna, mas Tyrion não tinha ilusões quanto à forma como aqueles defensores esfarrapados lutariam se chegasse a haver uma batalha.

– Fez bem em mandar me chamar – disse Tyrion. – Deixarei Sor Cleos nas suas mãos. Ele deverá receber toda a hospitalidade.

– E a escolta? – quis saber o comandante.

– Dê-lhes comida e trajes limpos e arranje um meistre para tratar dos seus ferimentos. Eles não deverão pôr os pés dentro da cidade, entendido? – não seria nada bom deixar que a verdade sobre as condições existentes em Porto Real chegasse a Robb Stark, em Correrrio.

– Está bem entendido, senhor.

– Ah, e mais uma coisa. Os alquimistas irão enviar um grande abastecimento de frascos de argila para todos os portões da cidade. Use-os para treinar os homens que irão manobrar as suas catapultas de fogo. Encha os frascos com tinta verde e treine-os a carregar as armas e disparar. Qualquer homem que provocar respingos deverá ser substituído. Quando tiverem dominado os frascos de tinta, substitua-a por azeite de lâmpada e ponha-os a trabalhar na ignição dos frascos e no seu disparo em chamas. Uma vez tendo aprendido a fazer isso sem se queimar, estarão preparados para o fogovivo.

Sor Jacelyn coçou o queixo com a mão de ferro.

– Medidas sensatas. Embora eu não sinta nenhuma afeição por aquele mijo de alquimista.

– Nem eu, mas uso o que me é dado.

De volta à liteira, Tyrion Lannister fechou as cortinas e apoiou-se com o cotovelo numa almofada. Cersei ficaria descontente por saber que ele interceptara a carta de Stark, mas seu pai o mandara ali para governar, não para contentar Cersei.

Parecia-lhe que Robb Stark lhes dera uma oportunidade de ouro. Que o rapaz ficasse em Correrrio sonhando com uma paz fácil. Tyrion responderia nos seus próprios termos, dando ao Rei do Norte apenas o bastante do que queria para mantê-lo esperançoso. Que Sor Cleos desgastasse seu ossudo traseiro de Frey cavalgando para lá e para cá com ofertas e contraofertas. Enquanto isso, seu primo Sor Stafford treinaria e armaria a nova tropa que tinha recrutado em Rochedo Casterly. Quando estivesse pronta, ele e Lorde Tywin poderiam esmagar os Tully e os Stark entre ambos.

*Se ao menos os irmãos de Robert fossem tão amáveis*. Por mais glacial que fosse sua progressão, Renly Baratheon continuava se arrastando para

o norte e para o leste com sua enorme tropa do sul, e quase não se passava uma noite sem que Tyrion temesse ser acordado com a notícia de que Lorde Stannis subia a Torrente da Água Negra com a sua frota. *Bem, ao que parece tenho uma considerável reserva de fogovivo, mas, mesmo assim…*

O som de um tumulto qualquer na rua intrometeu-se nas suas preocupações. Tyrion espiou cautelosamente por entre as cortinas da liteira. Passavam pela Praça dos Sapateiros, onde uma multidão de bom tamanho se reunira por baixo dos toldos de couro para assistir às arengas de um profeta. Uma toga de lã não tingida, cintada por uma corda de cânhamo, identificava-o como um dos irmãos mendicantes.

– *Corrupção!* – o homem gritou estridentemente. – Ali está o aviso! Admirem o flagelo do Pai! – apontou para a esfiapada ferida vermelha no céu. De onde estava, o castelo distante na Colina de Aegon ficava diretamente por trás dele, com o cometa agourentamente pendurado por cima das suas torres. *Uma escolha de palco inteligente*, refletiu Tyrion. – Tornamo-nos inchados, intumecidos, impuros. Irmão copula com irmã na cama de reis, e o fruto do seu incesto faz piruetas no seu palácio ao som da flauta de um retorcido macaquinho demoníaco. Senhoras de alto nascimento fornicam com bobos e dão à luz monstros! Até o Alto Septão esqueceu os deuses! Banha-se em águas perfumadas e engorda com cotovias e lampreias, enquanto seu povo passa fome! O orgulho vem antes da oração, vermes governam nossos castelos, e o ouro é tudo… Mas *basta*! O verão putrefato chegou ao fim, e o Rei Devasso foi derrubado! Quando o javali o abriu, um grande fedor subiu ao céu, e mil serpentes deslizaram da sua barriga, silvando e mordendo! – ele voltou a balançar o dedo ossudo na direção do cometa e do castelo. – Ali vem o Mensageiro! Purifiquem-se a si mesmos, gritam os deuses, para que não tenham de ser purificados! Banhem-se no vinho da probidade, ou serão banhados em fogo! *Fogo*!

– Fogo! – repetiram outras vozes num eco, mas os gritos de zombaria quase os afogaram.

Tyrion retirou daquilo consolação. Deu ordem para prosseguir, e a liteira balançou como um navio em mar revolto, enquanto os Homens Queimados abriam caminho. *Retorcido macaquinho demoníaco, certo*. Mas o desgraçado tinha realmente alguma razão no que dizia do Alto Septão. O que foi que o Rapaz Lua tinha dito dele no outro dia? *Um homem devoto que adora tão fervorosamente os Sete que come uma refeição por cada um sempre que se senta à mesa*. A memória da piada do bobo fez Tyrion sorrir.

Ficou contente por chegar à Fortaleza Vermelha sem mais incidentes. Enquanto subia os degraus que levavam aos seus aposentos, Tyrion sentia-se um pouco mais esperançoso do que de madrugada. *Tempo. É tudo aquilo de que realmente preciso, tempo para juntar as peças. Assim que a corrente estiver pronta*… Abriu a porta do seu aposento privado.

Cersei virou as costas para a janela, fazendo rodopiar as saias em torno das suas ancas esguias.

– Como se *atreve* a ignorar minhas convocatórias?

– Quem a deixou entrar na minha torre?

– Na *sua* torre? Este é o castelo real do meu filho.

– É o que me dizem – Tyrion não soou divertido. Crawn ficaria ainda menos; eram seus Irmãos da Lua que hoje estavam de guarda. – Acontece que me preparava para ir encontrá-la.

– Ah, é?

Ele fechou a porta atrás de si.

– Duvida de mim?

– Sempre, e com bons motivos.

– Sinto-me ferido – Tyrion bamboleou-se até o aparador para se servir de uma taça de vinho. Não conhecia melhor maneira de ficar com sede do que conversar com Cersei. – Se a ofendi, gostaria de saber como.

– Que vermezinho repugnante você é. Myrcella é minha única filha. Realmente imaginava que eu permitiria que a vendesse como um saco de aveia?

*Myrcella*, Tyrion pensou. *Bom, esse ovo eclodiu. Vejamos de que cor é o pinto*.

– Como um saco de aveia? Nem perto disso. Myrcella é uma princesa. Há quem diga que foi para isto que nasceu. Ou será que planejava casá-la com Tommen?

Cersei avançou e arrancou a taça de vinho da mão do irmão, atirando-a ao chão.

– Irmão ou não, devia mandar cortar sua língua por isso. *Eu* sou regente de Joffrey, não você, e eu digo que Myrcella não será enviada para este dornense como eu fui para Robert Baratheon.

Tyrion sacudiu vinho dos dedos e suspirou.

– Por que não? Estaria bastante mais segura em Dorne do que aqui.

– Você é completamente ignorante ou apenas perverso? Sabe tão bem como eu que os Martell não têm motivos para simpatizar conosco.

– Os Martell têm todos os motivos para nos odiar. Mesmo assim, espero que concordem. As razões da mágoa do Príncipe Doran em relação à Casa Lannister remontam apenas a uma geração, mas os homens de Dorne vêm guerreando contra Ponta Tempestade e Jardim de Cima há mil anos, e Renly tomou como pressuposto que teria a fidelidade de Dorne. Myrcella tem nove anos, Trystane Martell, onze. Propus que se casassem quando ela atingisse seu décimo quarto ano. Até essa altura, seria hóspede de honra em Lançasolar, sob a proteção do Príncipe Doran.

– Uma refém – Cersei o corrigiu, com a boca apertando-se.

– Uma hóspede de honra – insistiu Tyrion. – E suspeito que Martell tratará Myrcella mais gentilmente do que Joffrey tem tratado Sansa Stark. Pensei em mandar com ela Sor Arys Oakheart. Com um cavaleiro da Guarda Real como escudo juramentado, não é provável que alguém se esqueça de quem ou do que ela é.

– De pouco servirá Sor Arys, se Doran Martell decidir que a morte da minha filha compensará a da sua irmã.

– Martell é honrado demais para assassinar uma menina de nove anos, especialmente se for tão doce e inocente como Myrcella. Enquanto a tiver em sua posse, pode ficar razoavelmente certo de que do nosso lado honraremos o acordo, cujos termos são ricos demais para recusar.

Myrcella é a menor parte do trato. Também lhe ofereci o assassino da irmã, um lugar no conselho, alguns castelos na Marca…

– É demais! – Cersei afastou-se dele, irrequieta como uma leoa, com as saias rodopiando. – Ofereceu demais, e sem a minha autorização ou consentimento.

– É do Príncipe de Dorne que estamos falando. Se lhe oferecesse menos, o mais certo era que cuspisse na minha cara.

– *É demais!* – Cersei insistiu, rodopiando para olhar o irmão de frente.

– O que você lhe teria oferecido? Esse buraco que tem entre as pernas? – Tyrion a desafiou, com sua própria fúria rebentando.

Dessa vez ele viu o tabefe chegando. A cabeça oscilou, soltando um *crac*.

– Querida, querida irmã... Garanto-lhe que esta foi a última vez que me bateu na vida.

A irmã riu.

– Não me ameace, homenzinho. Acredita que a carta de nosso pai o mantém a salvo? Um pedaço de papel. Eddard Stark também tinha um pedaço de papel, e olhe o bem que lhe fez.

*Eddard Stark não tinha a Patrulha da Cidade*, Tyrion pensou, *nem os meus homens dos clãs, nem os mercenários que Bronn contratou. Eu tenho*. Ou assim ele esperava, confiando em Varys, em Sor Jacelyn Bywater, em Bronn. Lorde Stark provavelmente também tivera suas desilusões.

Mas nada disse. Um homem sensato não lançava fogovivo num braseiro. Em vez disso, serviu-se de outra taça de vinho.

– Em que segurança julga que Myrcella estará se Porto Real cair? Renly e Stannis pendurarão a cabeça dela ao lado da sua.

Cersei começou a chorar.

Tyrion Lannister não teria ficado mais estupefato se o próprio Aegon, o Conquistador, tivesse entrado de rompante na sala, montado num dragão e fazendo malabarismos com tortas de limão. Não via a irmã chorar desde que eram crianças em Rochedo Casterly. Acanhadamente, deu um

passo na sua direção… Mas aquela mulher era *Cersei!* Estendeu uma mão hesitante para o seu ombro.

– Não me *toque* – ela reagiu, afastando-se. Não devia, mas aquela reação magoou mais do que qualquer tapa. De rosto afogueado, tão zangada como atingida pela dor, Cersei lutou para respirar: – Não me olhe, não… assim, não… *você*, não.

Delicadamente, Tyrion voltou-lhe as costas:

– Não pretendia assustá-la. Prometo que nada acontecerá a Myrcella.

– Mentiroso – ela disse atrás dele. – Não sou uma criança para ser acalmada com promessas ocas. Também me disse que libertaria Jaime. Pois bem. Onde está ele?

– Em Correrrio, eu calculo. A salvo e sob vigilância, até que eu encontre uma maneira de libertá-lo.

Cersei fungou:

– Eu devia ter nascido homem. Não teria necessidade de nenhum de vocês. Não permitiria que nada disso acontecesse. Como Jaime pôde se deixar capturar por aquele *garoto*? E meu pai? Confiei nele, como uma idiota, mas onde está agora, justamente quando é necessário aqui? O que ele está *fazendo*?

– A guerra.

– De dentro das muralhas de Harrenhal? – Cersei exclamou desdenhosamente. – Curiosa maneira de lutar. A meu ver, parece, de forma suspeita, com se esconder.

– Pois veja de novo.

– Do que mais chamaria? Nosso pai está num castelo, e Robb Stark em outro, e nenhum deles *faz* coisa alguma.

– Assim deve ser – Tyrion sugeriu. – Cada um espera que o outro se mova, mas o leão está quieto, equilibrado, retorcendo a cauda, enquanto o corço está paralisado pelo medo, com as tripas transformadas em gelatina. Qualquer que seja o lado onde saltar, o leão vai capturá-lo, e ele sabe disso.

– E você tem mesmo certeza de que nosso pai é o *leão*?

Tyrion sorriu.

– Está em todos os nossos estandartes.

Ela ignorou a brincadeira.

– Se tivesse sido nosso pai o capturado, Jaime não estaria parado, garanto-lhe.

*Jaime estaria desfazendo sua tropa em pedaços sangrentos contra as muralhas de Correrrio, e os Outros teriam sua chance. Nunca teve paciência, tal como você, querida irmã.*

– Nem todos podemos ser tão ousados como Jaime. Mas há outras maneiras de ganhar guerras. Harrenhal é forte e está bem situado.

– E Porto Real *não*, como ambos sabemos perfeitamente. Enquanto nosso pai brinca de leão e corço com o garoto Stark, Renly marcha pela estrada das rosas. Pode estar junto aos nossos portões a qualquer momento!

– A cidade não cairá em um dia. De Harrenhal até aqui é uma marcha rápida e reta pela estrada do rei. Renly quase não terá tempo de preparar suas máquinas de cerco antes que nosso pai o pegue pela retaguarda. A tropa dele será o martelo; as muralhas da cidade, a bigorna. É uma linda imagem.

Os olhos verdes de Cersei penetraram-no, desconfiados, mas com fome da confiança com que ele a alimentava.

– E se Robb Stark se puser em marcha?

– Harrenhal está suficientemente perto dos vaus do Tridente para que Roose Bolton possa atravessá-lo com a infantaria nortenha e ir se juntar à cavalaria do Jovem Lobo. Stark não pode marchar sobre Porto Real sem tomar primeiro Harrenhal, e mesmo com Bolton não tem força suficiente para fazer isso – Tyrion experimentou o mais conquistador dos seus sorrisos. – Nesse meio-tempo, nosso pai se alimenta da gordura das terras fluviais enquanto nosso tio Stafford reúne recrutas frescos no Rochedo.

Cersei olhou-o com suspeita.

– Como pode saber tudo isso? Nosso pai falou das suas intenções quando o enviou para cá?

– Não. Passei os olhos por um mapa.

O olhar dela transformou-se em desdém.

– Imaginou cada uma dessas palavras nessa sua cabeça grotesca, não foi, Duende?

Tyrion deu um pequeno estalo com a língua.

– Querida irmã, eu pergunto: se não estivéssemos ganhando, teriam os Stark pedido a paz? – puxou a carta que Sor Cleos Frey trouxera. – O Jovem Lobo enviou-nos condições, entende? Condições inaceitáveis, com certeza, mas é um começo, mesmo assim. Quer vê-las?

– Sim – e assim, subitamente, Cersei era de novo uma rainha. – Como é que *você* as tem? Deviam ter sido entregues a mim.

– Para que serve uma Mão se não for para lhe entregar coisas?

Tyrion entregou-lhe a carta. A bochecha ainda latejava onde a mão de Cersei havia deixado sua marca. *Que me esfole a cara se for esse o pequeno preço a pagar pelo seu consentimento com o casamento de Dorne*. Agora iria obtê-lo, podia senti-lo.

E também o conhecimento certo a respeito de um informante… Bem, isso era a cereja do bolo.

# Bran

A Dançarina estava envolvida em jaezes de lã branca como a neve, adornada com o lobo gigante cinza da Casa Stark, ao passo que Bran usava calções cinza e um gibão branco, com as mangas e o colarinho debruados de veiros. Sobre o coração estava seu broche de prata e azeviche polido em forma de cabeça de lobo. Preferiria o Verão a um lobo de prata ao peito, mas Sor Rodrik mostrou-se inflexível.

Os degraus baixos de pedra detiveram a Dançarina apenas por um momento. Quando Bran a incentivou a avançar, ultrapassou-os com facilidade. Para lá das largas portas de carvalho e ferro, oito longas filas de mesas recém-montadas enchiam o Grande Salão de Winterfell, quatro de cada lado da galeria central. Homens aglomeravam-se nos bancos, ombro contra ombro.

– Stark! – gritavam, pondo-se em pé, enquanto Bran passava por eles a trote. – Winterfell! *Winterfell!*

Já tinha idade suficiente para saber que não era realmente por *ele* que gritavam… Era a colheita que festejavam, Robb e suas vitórias, o senhor seu pai e o avô e todos os Stark desde há oito mil anos que aclamavam. Mas, mesmo assim, aquilo fez com que inchasse de orgulho. Durante o tempo que levou para atravessar a cavalo aquele salão, esqueceu-se de que era aleijado. Mas a realidade se fez presente quando alcançou o estrado, com todos os olhos postos nele, e Osha e Hodor desprenderam as suas correias e presilhas, ergueram-no do dorso da Dançarina e o transportaram para o cadeirão dos seus antepassados.

Sor Rodrik estava sentado à esquerda de Bran, com a filha Beth a seu lado. Rickon estava à direita, com o cabelo ruivo, parecendo um esfregão felpudo tão comprido que roçava sua capa de arminho. Recusara-se a

deixar que alguém o cortasse desde que a mãe tinha partido. A última moça que tentou, tinha recebido uma dentada em troca dos seus esforços.

– Também queria montar – Rickon disse enquanto Hodor levava a Dançarina. – Monto melhor do que você.

– Não monta, por isso cale-se – Bran disse ao irmão. Sor Rodrik soltou um brado, pedindo silêncio. Bran ergueu a voz. Deu a todos as boas-vindas em nome do irmão, o Rei do Norte, e lhes pediu para agradecer aos deuses, antigos e novos, pelas vitórias de Robb e pela dádiva das colheitas. – Que haja mais uma centena – Bran terminou, erguendo a taça de prata do pai.

– *Mais uma centena!* – canecas de estanho, xícaras de cerâmica e cornos de beber com reforços de ferro bateram uns nos outros. O vinho de Bran estava adoçado com mel e aromatizado com canela e cravo, mas era mais forte do que ele estava habituado. Sentia os quentes dedos serpenteantes da bebida contorcendo-se através do seu peito à medida que ia engolindo. Quando apoiou a taça, sua cabeça parecia boiar em águas calmas.

– Esteve bem, Bran – disse-lhe Sor Rodrik. – Lorde Eddard teria se sentido muito orgulhoso – um pouco adiante, na mesa, Meistre Luwin acenou concordando, enquanto os criados começavam a trazer a comida.

Comida como Bran nunca vira; pratos e mais pratos, e mais pratos. Tantos, que não conseguia engolir mais do que uma garfada ou duas de cada um. Havia grandes peças de auroque assadas com alho-poró, empadões de veado com pedaços de cenoura, toucinho e cogumelos, costelas de carneiro com molho de mel e cravo, pato com tomilho, javali apimentado, ganso, espetos de pombo e capão, guisado de carne de vaca e cevada, sopa fria de fruta. Lorde Wyman havia trazido de Porto Branco vinte barricas de peixe conservado em sal e algas marinhas; pescadas e caramujos, caranguejos e mexilhões, amêijoas, arenques, bacalhaus, salmões, lagostas e lampreias. Havia pão preto, bolos de mel e biscoitos de aveia; nabos, ervilhas e beterrabas, feijões, abóboras e enormes cebolas vermelhas; maçãs cozidas, tortas de frutos silvestres e peras embebidas em vinho-forte. Havia queijos brancos em todas as mesas, da

mais nobre à mais humilde, e jarros de vinho quente com especiarias e cerveja gelada de outono eram passados de um lado para o outro nas mesas.

Os músicos de Lorde Wyman tocavam com bravura e bem, mas a harpa, a rabeca e a trompa foram em breve afogadas por uma maré de conversas e risos, o tinir de taças e pratos, e os rosnados de cães que lutavam pelos restos. O cantor cantava boas canções, *Lanças de Ferro*, *O Incêndio dos Navios* e *O Urso e a Bela Donzela*, mas só Hodor parecia estar ouvindo. Estava em pé ao lado do tocador de trompa, saltando de um pé para outro.

O ruído aumentou até se transformar num rugido trovejante e constante, um grande e entontecedor guisado de som. Sor Rodrik conversava com Meistre Luwin por cima dos cabelos cacheados de Beth, enquanto Rickon gritava alegremente com os Walder. Bran não quisera os Frey na mesa principal, mas o meistre lembrara-lhe que seriam em breve parentes. Robb devia casar com uma das tias deles, e Arya, com um dos tios.

– Ela nunca o fará – Bran tinha respondido. – Arya não – mas Meistre Luwin não cedeu, e assim ali estavam ao lado de Rickon.

Os criados traziam todos os pratos primeiro a Bran, para que ele pudesse se servir da porção do senhor se assim quisesse. Quando chegaram aos patos, já não conseguia comer mais. Depois disso, acenou positivamente perante cada prato e os mandou embora. Se o prato exalasse um cheiro particularmente apetitoso, mandava-o a um dos senhores sentados no estrado, um gesto de amizade e favor que Meistre Luwin lhe recomendara fazer. Mandou um pouco de salmão à pobre e triste Senhora Hornwood; o javali aos ruidosos Umber; um prato de ganso com frutos do bosque a Cley Cerwyn; e uma enorme lagosta a Joseth, o mestre dos cavalos, que não era senhor nem hóspede, mas tinha se encarregado do treino da Dançarina e tornara possível que Bran a montasse. Mandou doces a Hodor e também à Velha Ama, por nenhum motivo além de gostar deles. Sor Rodrik lembrou-lhe também que mandasse qualquer coisa aos seus irmãos adotivos. Então, enviou ao

Pequeno Walder beterrabas cozidas e ao Grande Walder os nabos com manteiga.

Nos bancos, lá embaixo, os homens de Winterfell misturavam-se com gente comum da vila de Inverno, amigos vindos de castros próximos e as escoltas dos senhores hóspedes. Alguns dos rostos Bran nunca tinha visto antes, outros, conhecia tão bem como o seu, mas todos lhe pareciam igualmente desconhecidos. Observou-os como se ainda estivesse sentado na janela do seu quarto, a distância, olhando para o pátio, embaixo, vendo tudo, mas não fazendo parte de nada.

Osha deslocava-se por entre as mesas, servindo cerveja. Um dos homens de Leobald Tallhart enfiou uma mão pelas suas saias, e ela quebrou o jarro na sua cabeça, por entre o rugido das gargalhadas. Mas Mikken tinha enfiado a mão no corpete de uma mulher qualquer, e ela não parecia se importar. Bran observou Farlen obrigando sua cadela vermelha a implorar ossos, e sorriu ao ver a Velha Ama beliscar a crosta de uma torta quente com dedos enrugados. No estrado, Lorde Wyman atacou um prato fumegante de lampreias como se fossem uma tropa inimiga. O homem era tão gordo, que Sor Rodrik mandara construir uma cadeira especialmente larga para que nela se sentasse, mas ria sonora e frequentemente, e Bran concluiu que gostava dele. A pobre e abatida Senhora Hornwood estava sentada ao seu lado, com o rosto transformado numa máscara de pedra enquanto bicava a comida com indiferença. Do outro lado da mesa elevada, Hothen e Mors competiam para ver quem bebia mais, batendo com tanta força os berrantes um no outro que pareciam cavaleiros numa justa.

*Está quente demais aqui, e barulhento demais, e estão todos se embebedando*. Bran sentiu comichão debaixo da lã cinza e branca e, de repente, desejou estar em qualquer lugar, menos ali. *Agora está fresco no bosque sagrado. O vapor sobe das lagoas quentes, e as folhas vermelhas do represeiro restolham. Os cheiros são mais ricos do que aqui, e em breve a lua vai se erguer, e meu irmão cantará para ela.*

– Bran? – Sor Rodrik o chamou. – Não come?

O sonho acordado tinha sido tão vivo, que por um momento Bran não soube onde se encontrava.

– Comerei mais tarde – ele respondeu. – Minha barriga está quase estourando.

O bigode branco do velho cavaleiro estava cor-de-rosa devido ao vinho.

– Esteve bem, Bran. Aqui e nas audiências. Penso que um dia será um senhor particularmente bom.

*Quero ser um cavaleiro*. Bran bebeu da taça do pai outro gole do vinho com mel e especiarias, grato por ter algo em que se agarrar. Uma cabeça de traço realista de um lobo gigante rosnando estava esculpida em relevo num dos lados da taça. Sentiu o focinho de prata fazendo pressão contra a palma da sua mão, e se lembrou da última vez que tinha visto o senhor seu pai beber daquela taça.

Havia sido na noite do banquete de boas-vindas, quando o Rei Robert trouxera a corte a Winterfell. Então, ainda reinava o verão. Seus pais tinham dividido o estrado com Robert e sua rainha, com os irmãos dela a seu lado. Tio Benjen também estivera lá, todo vestido de preto. Bran e os irmãos e irmãs tinham se sentado com os filhos do rei, Joffrey, Tommen e a Princesa Myrcella, que passou a refeição inteira olhando Robb com olhos de adoração. Arya fazia caretas do outro lado da mesa quando ninguém estava olhando; Sansa escutava, em êxtase, as canções de cavalaria que o grande harpista do rei cantava, e Rickon não parava de perguntar por que motivo Jon não estava com eles.

– Porque é um bastardo – Bran teve de segredar-lhe por fim.

*E, agora, todos haviam partido*. Era como se algum deus cruel tivesse esticado uma grande mão até aqui embaixo e varrido todos; as meninas para o cativeiro, Jon para a Muralha, Robb e a mãe para a guerra, Rei Robert e seu pai para as respectivas sepulturas, e talvez Tio Benjen também…

Mesmo nos bancos havia novos homens às mesas. Jory estava morto, bem como Gordo Tom e Porther, Alyn, Desmond, Hullen, que era mestre dos cavalos, e seu filho, Harwin… Todos os que tinham ido para o sul com seu pai, até Septã Mordane e Vayon Poole. Os outros tinham partido

para a guerra com Robb e, até onde Bran sabia, podiam em breve estar mortos também. Gostava bastante de Hayhead, de Poxy Tym, de Skittrick e dos outros novos homens, mas sentia saudades dos seus velhos amigos.

Percorreu os bancos com os olhos, para cima e para baixo, para todos os rostos, felizes e tristes, e perguntou-se quem faltaria no ano seguinte e no outro. Sentiu vontade de chorar, mas não podia. Era um Stark em Winterfell, filho do seu pai e herdeiro do irmão e quase um homem-feito.

No fundo do salão, as portas abriram-se e um sopro de ar frio deixou a luz dos archotes mais brilhante por um momento. Alebelly introduziu dois novos convidados no banquete.

– A Senhora Meera da Casa Reed – berrou o corpulento guarda por sobre o clamor na sala. – Com o irmão, Jojen, da Atalaia da Água Cinzenta.

Homens ergueram os olhos das suas taças e tabuleiros para ver os recém-chegados. Bran ouviu o Pequeno Walder murmurar "Papa-rãs" para o Grande Walder. Sor Rodrik levantou-se.

– Sejam bem-vindos, amigos, e partilhem esta colheita conosco – criados correram para aumentar a mesa do estrado, indo buscar armações e cadeiras.

– Quem são *eles*? – Rickon quis saber.

– Homens da lama – respondeu Pequeno Walder, com desdém. – São ladrões e covardes, e seus dentes são verdes de comer rãs.

Meistre Luwin agachou-se junto à cadeira de Bran para lhe segredar conselhos ao ouvido:

– Deve saudar estes calorosamente. Não imaginava vê-los aqui, mas… Sabe quem são?

Bran confirmou com um aceno.

– Cranogmanos. Vindos do Gargalo.

– Howland Reed foi um grande amigo do seu pai – disse-lhe Sor Rodrik. – Ao que parece, estes dois são seus filhos.

Enquanto os recém-chegados atravessavam o salão, Bran viu que um deles era de fato uma moça, ainda que jamais tivesse percebido isso pelo modo como se vestia. Usava calções de pele de carneiro, amaciados pelo

longo uso, e um justilho sem mangas reforçado com escamas de bronze. Embora estivesse perto da idade de Robb, era esguia como um garoto, com um longo cabelo castanho amarrado atrás da cabeça, e só um pequeno sinal de seios. De uma das magras ancas pendia uma rede trançada, e da outra, uma longa faca de bronze; debaixo do braço trazia um velho elmo de ferro salpicado de ferrugem; um tridente e um escudo redondo de couro estavam atados às suas costas.

O irmão era vários anos mais novo e não trazia armas. Todo seu vestuário era verde, até mesmo o couro das botas, e quando se aproximou Bran viu que os olhos eram da cor do musgo, embora os dentes parecessem tão brancos como os de todos os outros. Ambos os Reed eram de constituição leve, esguios como espadas e pouco mais altos do que Bran. Ajoelharam-se em frente ao estrado.

– Senhores de Stark – disse a garota. – Os anos se passaram às centenas e aos milhares desde que meu povo jurou lealdade ao Rei do Norte. O senhor meu pai enviou-nos aqui a fim de proferir novamente essas palavras, em nome de todo o nosso povo.

*Ela está olhando para mim*, Bran percebeu. Tinha de responder alguma coisa.

– Meu irmão Robb está lutando no sul – ele disse –, mas pode proferir as palavras perante a mim, se quiser.

– A Winterfell juramos a fidelidade da Água Cinzenta – disseram os dois em uníssono. – Cedemos-lhe a lareira, o coração e a colheita, senhor. Nossas espadas, lanças e flechas estão às suas ordens. Conceda misericórdia aos nossos fracos, ajude nossos impotentes e faça justiça a todos, e nunca lhe faltaremos.

– Juro pela terra e pela água – disse o rapaz vestido de verde.

– Juro pelo bronze e pelo ferro – disse a irmã.

– Juramos pelo gelo e pelo fogo – os dois terminaram em conjunto.

Bran não soube o que dizer. Esperava-se que lhes respondesse jurando algo? Não lhe tinham ensinado a responder àqueles votos.

– Que seus invernos sejam curtos, e os verões, fartos – Bran finalmente assim se manifestou. Isso era geralmente uma coisa boa para se dizer. –

Ergam-se. Sou Brandon Stark.

A moça, Meera, se levantou e ajudou o irmão a fazer o mesmo. O garoto não tirava os olhos de Bran.

– Trazemos-lhe peixe, rãs e aves de capoeira de presente.

– Agradeço – Bran se perguntou se teria de comer uma rã para ser delicado. – Ofereço-lhes a comida e a bebida de Winterfell – tentou recordar tudo o que lhe tinha sido ensinado a respeito dos cranogmanos, que viviam nos pântanos do Gargalo e raramente saíam das suas terras úmidas. Eram um povo pobre, pescadores e caçadores de rãs que viviam em casas de sapé e junco trançados, em ilhas flutuantes escondidas nas profundezas do pântano. Dizia-se que eram um povo covarde que lutava com armas envenenadas e preferia se esconder dos inimigos a enfrentá-los em batalha aberta. E, no entanto, Howland Reed havia sido um dos mais dedicados companheiros do pai durante a guerra pela coroa do rei Robert, antes de Bran nascer.

O rapaz, Jojen, passou com curiosidade os olhos pelo salão enquanto ocupava sua cadeira.

– Onde estão os lobos gigantes?

– No bosque sagrado – Rickon respondeu. – Felpudo comportou-se mal.

– Meu irmão gostaria de vê-los – disse a garota.

O Pequeno Walder interveio em voz alta:

– Ele que se assegure de que os lobos não o vejam, senão o mordem até arrancar um pedaço.

– Eles não mordem se eu estiver lá – Bran sentia-se satisfeito por os cranogmanos quererem ver os lobos. – Pelo menos o Verão não morde, e ele mantém o Cão Felpudo a distância.

Estava curioso com aqueles homens da lama. Não se lembrava de alguma vez ter visto um. O pai enviara cartas ao Senhor de Água Cinzenta ao longo dos anos, mas nenhum dos cranogmanos chegara a visitar Winterfell. Teria gostado de falar mais com eles, mas o Grande Salão estava tão barulhento, que era difícil ouvir alguém que não estivesse bem ao lado. Sor Rodrik estava bem ao lado de Bran.

– Eles comem rãs mesmo? – perguntou ao velho cavaleiro.

– Sim – Sor Rodrik respondeu. – Rãs, peixe e lagartos-leões, e todo o tipo de aves.

Talvez não tenham gado, Bran pensou. Ordenou que os criados lhes servissem costelas de carneiro e um bife de auroque, e lhes enchesse os tabuleiros com guisado de carne de vaca e cevada. Pareceram gostar bastante daquilo. A garota o supreendeu quando a olhava, e sorriu. Bran corou e afastou os olhos.

Muito mais tarde, depois de todos os doces terem sido servidos e empurrados para baixo com galões de vinho de verão, a comida foi levada e as mesas encostadas às paredes para abrir espaço para a dança. A música tornou-se mais animada, os tambores juntaram-se a ela, e Hother Umber apresentou um enorme corno de guerra encurvado com faixas de prata. Quando o cantor chegou à parte de *A Noite que Terminou,* em que a Patrulha da Noite avançava ao encontro dos Outros na Batalha da Madrugada, deu um sopro tão forte que fez todos os cães latirem.

Dois dos homens dos Glover deram início a uma dança de roda com gaita de foles e harpa. Mors Umber foi o primeiro a se levantar. Agarrou pelo braço uma criada que passava, atirando ao chão o jarro de vinho que ela levava. Por entre as esteiras, ossos e pedaços de pão se espalhavam pelo chão, rodopiou com ela, girou-a e a atirou ao ar. A moça guinchou de rir e corou, enquanto suas saias rodavam e se levantavam.

Logo outros se juntaram à dança. Hodor começou a dançar sozinho, enquanto Lorde Wyman pediu à pequena Beth Cassel para ser seu par. Apesar de todo seu tamanho, movia-se com graça. Quando se cansou, Cley Cerwyn tomou seu lugar e dançou com a menina. Sor Rodrik abordou a Senhora Hornwood, que se desculpou e retirou-se. Bran ficou vendo durante tempo suficiente para ser educado e depois mandou chamar Hodor. Sentia-se quente e cansado, corado do vinho, e a dança o deixara triste. Era outra coisa que nunca poderia fazer.

– Quero ir embora.

– Hodor – o gigante gritou em resposta, ajoelhando-se. Meistre Luwin e Hayhead ergueram-no para o seu cesto. As pessoas de Winterfell tinham visto aquilo meia centena de vezes, mas não havia dúvida de que parecia

estranho aos visitantes, alguns dos quais eram mais curiosos do que educados. Bran sentiu todos os olhares.

Em vez de atravessar o salão, saíram pelos fundos, com Bran abaixando a cabeça quando atravessaram a porta do senhor. Na galeria pouco iluminada, fora do Grande Salão, encontraram Joseth, o mestre dos cavalos, entretido com outro tipo de montaria. Uma mulher qualquer que Bran não conhecia estava encostada na parede, com as saias em volta da cintura, aos risinhos. Até Hodor parar para ver. Então, Bran gritou:

– Deixe-os em paz, Hodor. Leve-me para o meu quarto.

Hodor o levou pela escada em caracol até a sua torre e ajoelhou-se ao lado de uma das barras de ferro que Mikken tinha prendido à parede. Bran usou as barras para se deslocar até a cama, e Hodor tirou suas botas e seus calções.

– Pode voltar para a festa, mas não vá incomodar Joseth e aquela mulher – Bran lhe recomendou.

– Hodor – ele respondeu, sacudindo a cabeça.

Quando Bran soprou a vela de cabeceira, as trevas o cobriram como uma manta suave e familiar. O tênue som de música penetrava pelas venezianas.

De repente, recordou-se de uma coisa que o pai lhe tinha dito um dia, quando ainda era pequeno. Perguntara a Lorde Eddard se os homens da Guarda Real eram realmente os melhores cavaleiros dos Sete Reinos.

– Não são mais – seu pai respondera. – Mas, antigamente, foram uma maravilha, uma brilhante lição para o mundo.

– Havia algum que fosse o melhor de todos?

– O melhor cavaleiro que já vi foi Sor Arthur Dayne, que lutava com uma lâmina chamada Alvorada, forjada do coração de uma estrela caída. Chamavam-no Espada da Manhã, e teria me matado se não fosse Howland Reed.

O pai então tinha ficado triste e não quis dizer mais nada. Bran gostaria de ter perguntado o que queria dizer aquilo.

Adormeceu com a cabeça cheia de cavaleiros em reluzentes armaduras, lutando com espadas que brilhavam como o fogo das estrelas, mas,

quando o sonho chegou, estava de novo no bosque sagrado. Os cheiros da cozinha e do Grande Salão eram tão fortes, que era quase como se não tivesse saído do banquete. Caminhou sob as árvores, com o irmão logo atrás. Aquela noite estava muito viva, cheia com os uivos do grupo de homens que brincava. Os sons deixavam-no inquieto. Queria correr, caçar, queria…

O tinir do ferro fez com que seus ouvidos se aguçassem. O irmão também ouviu. Correram através dos arbustos na direção do som. Enquanto saltava sobre as águas paradas que havia na base da velha árvore branca, detectou o odor de um estranho, um cheiro de homem bem misturado com couro, terra e ferro.

Os intrusos tinham penetrado alguns metros no bosque quando caíram sobre eles; uma fêmea e um jovem macho, sem sinal de medo, mesmo quando lhes mostrou o branco dos dentes. O irmão soltou um rosnado profundo, mas nem assim fugiram.

– Aí vêm eles – disse a fêmea. *Meera*, sussurrou alguma parte dele, algum resquício do garoto adormecido perdido no sonho de lobo. – Imaginava que fossem tão grandes?

– Ainda serão maiores quando forem adultos – disse o jovem macho, observando-os com olhos grandes, verdes e sem medo. – O negro está cheio de medo e raiva, mas o cinza é forte… Mais forte do que imagina… Consegue sentir, irmã?

– Não – ela respondeu, levando uma mão ao cabo da longa faca marrom que usava. – Vá com cuidado, Jojen.

– Ele não me fará mal. Não é hoje o dia da minha morte.

O macho caminhou até eles, sem medo, e estendeu a mão para o seu focinho, um toque tão suave como uma brisa de verão. Mas, ao roçar aqueles dedos, a mata dissolveu-se e o próprio chão se transformou em fumaça por baixo dos seus pés e rodopiou para longe, rindo. E, então, ele estava girando e caindo, caindo, *caindo*…

# Catelyn

Enquanto dormia nas pradarias onduladas, Catelyn sonhou que Bran estava de novo inteiro, Arya e Sansa andavam de mãos dadas, e Rickon era ainda um bebê no seu peito. Robb, sem coroa, brincava com uma espada de madeira, e quando todos estavam dormindo, a salvo, encontrou Ned na sua cama, sorrindo.

Era doce, mas acabou cedo demais. A alvorada chegou cruel, um punhal de luz. Acordou com dores, só e cansada; cansada de montar a cavalo, cansada da dor, do dever. *Quero chorar*, pensou. *Quero ser confortada, estou tão cansada de ser forte. Quero ser tonta e assustada, por uma vez. Só um pouquinho, é tudo… um dia… uma hora…*

Fora da sua tenda, homens agitavam-se. Ouviu os relinchos de cavalos, Shadd queixando-se da rigidez nas suas costas, Sor Wendel pedindo o arco. Catelyn desejou que todos fossem embora. Eram bons homens, leais, mas estava cansada de todos eles. Era os filhos que desejava. Um dia, prometeu a si mesma enquanto estava deitada na cama, ia se permitir ser menos do que forte.

Mas hoje, não. Não podia ser hoje.

Os dedos pareciam mais desajeitados do que de costume enquanto lutava com a roupa. Achava que devia se sentir grata por ainda conseguir mexer as mãos. O punhal era feito de aço valiriano, que corta profunda e limpamente. Bastava olhar suas cicatrizes para se lembrar.

Lá fora, Shadd mexia aveia numa caldeira, enquanto Sor Wendel Manderly colocava a corda no seu arco.

– Senhora – ele disse quando Catelyn saiu da tenda. – Há aves neste mato. Deseja uma codorna assada para o desjejum hoje?

– Aveia e pão são suficientes… Para todos nós, penso eu. Temos ainda muitas léguas a percorrer, Sor Wendel.

– Como quiser, senhora – a cara de lua do cavaleiro pareceu abatida, as pontas do seu grande bigode de morsa torceram-se de desapontamento. – Aveia e pão, e o que poderia ser melhor? – era um dos homens mais gordos que Catelyn já tinha conhecido, mas, por mais que amasse comida, amava mais sua honra.

– Encontrei umas urtigas e fiz um chá – Shadd anunciou. – A senhora deseja uma xícara?

– Sim. Agradeço.

Aninhou o chá nas mãos cobertas de cicatrizes e soprou para esfriá-lo. Shadd era um dos homens de Winterfell. Robb mandara vinte dos seus melhores homens para levá-la em segurança até Renly. Mandara também cinco fidalgos, cujos nomes e elevado nascimento dariam peso e honra à sua missão. Enquanto abriam caminho para o sul, permanecendo bem longe de vilas e castros, tinham visto, mais de uma vez, bandos de homens vestidos de cota de malha e vislumbraram fumaça no horizonte oriental, mas ninguém se atreveu a molestá-los. Eram fracos demais para constituir uma ameaça, e muitos para ser presa fácil. Depois de atravessarem o Água Negra, o pior tinha ficado para trás. Ao longo dos últimos quatro dias, não tinham visto sinais de guerra.

Catelyn nunca quisera aquilo. E tinha dito isso a Robb, em Correrrio.

– Da última vez que vi Renly, ele era um garoto da idade de Bran. Não o conheço. Envie outra pessoa. Meu lugar é aqui, com meu pai, pelo tempo que lhe restar.

O filho olhara-a pouco satisfeito.

– Não há mais ninguém. Não posso ir em pessoa. Seu pai está doente demais. Peixe Negro é os meus olhos e ouvidos, não me atrevo a perdê-lo. Preciso do seu irmão para defender Correrrio quando nos pusermos em marcha…

– Em marcha? – ninguém lhe tinha dito uma palavra a respeito de marchas.

– Não posso ficar em Correrrio à espera da paz. Faz parecer que tenho medo de voltar ao campo de batalha. Meu pai me disse que, quando não há batalhas para lutar, os homens começam a pensar nas lareiras e nas colheitas. Até meus homens do Norte começam a ficar desassossegados.

*Meus homens do Norte*, ela pensou. *Ele até começa a falar como um rei.*

– Nunca ninguém morreu de desassossego, mas a precipitação é diferente. Plantamos sementes, é preciso deixá-las crescer.

Robb sacudiu a cabeça com teimosia:

– Atiramos algumas sementes ao vento, é tudo. Se sua irmã Lysa viesse nos ajudar, já teríamos tido notícias. Quantas aves enviamos para o Ninho da Águia? Quatro? Eu também quero a paz, mas por que os Lannister me dariam *seja lá o que for* se tudo o que fizer for ficar aqui à espera, enquanto meu exército se derrete à minha volta tão depressa como a neve do verão?

– Então, em vez de parecer covarde, vai dançar ao som da flauta de Lorde Tywin? – ela atirou em resposta. – Ele *quer* que marche sobre Harrenhal. Pergunte ao seu tio Brynden se…

– Nada disse de Harrenhal – Robb respondeu. – Bem, vai falar por mim com Renly, ou terei de mandar Grande-Jon?

A recordação lhe trouxe um sorriso abatido ao rosto. Aquela havia sido uma manobra tão óbvia, porém hábil para um rapaz de quinze anos. Robb sabia como um homem como Grande-Jon Umber era pouco adequado para tratar com um homem como Renly Baratheon, e sabia que ela também reconhecia isso. O que podia fazer a não ser concordar, rezando para que seu pai sobrevivesse até sua volta? Catelyn sabia que, se Lorde Hoster estivesse bem de saúde, teria ido ele próprio. Mas, mesmo assim, aquela partida foi dura, muito dura. Ele nem a reconheceu quando foi lhe dizer adeus.

– Minisa – ele a tinha chamado –, onde estão as crianças? Minha pequena Cat, minha querida Lysa…

Catelyn o beijou na testa e disse que seus bebês estavam bem.

– Espere por mim, senhor – ela dissera, enquanto os olhos dele se fechavam. – Esperei por você... Ah, tantas vezes.... Agora tem de esperar

por mim.

*O destino empurra-me para o sul, e mais para o sul*, Catelyn pensou enquanto bebericava o chá adstringente. *Quando é para o norte que eu devia ir, para o norte, para casa*. Tinha escrito a Bran e Rickon na última noite que passara em Correrrio. *Não esqueço de vocês, meus queridos, têm de acreditar nisso. É só que seu irmão precisa mais de mim.*

– Devemos chegar hoje ao Vago superior, senhora – anunciou Sor Mandel quando Shadd servia o mingau. – Lorde Renly não estará longe, se o que dizem for verdade.

*E o que lhe direi quando o encontrar? Que meu filho não o considera um verdadeiro rei?* Não sentia prazer naquele encontro. Precisavam de amigos, não de mais inimigos, mas Robb nunca dobraria o joelho em homenagem a um homem que sentia não ter pretensão legítima ao trono.

Sua tigela estava vazia, embora quase não se lembrasse de saborear o mingau. Deixou-a de lado.

– É hora de seguirmos caminho.

Quanto mais depressa falasse com Renly, mais depressa poderia voltar para casa. Foi a primeira a montar, e determinou o ritmo da coluna. Hal Mollen cavalgava ao seu lado, transportando o estandarte da Casa Stark, o lobo gigante cinza num campo branco de gelo.

Estavam ainda a meio dia de viagem do acampamento de Renly, quando foram capturados.

Robin Flint tinha avançado para bater terreno, e regressou a galope com a notícia de um vigia que observava do telhado de um moinho de vento distante. Quando o grupo de Catelyn chegou ao moinho, o homem há muito tinha partido. Seguiram caminho, mas ainda não tinham percorrido uma milha quando os batedores de Renly caíram sobre eles, vinte homens a cavalo com cota de malha, liderados por um envelhecido cavaleiro de barba grisalha com gaios azuis na capa.

Quando o cavaleiro viu as bandeiras deles, trotou sozinho até junto de Catelyn.

– Senhora – ele se apresentou –, sou Sor Colen de Lagoas Verdes, ao seu dispor. Estas terras que atravessa são perigosas.

– Nosso assunto é urgente – respondeu-lhe Catelyn. – Venho como enviada do meu filho, Robb Stark, Rei do Norte, para tratar com Renly Baratheon, o Rei do Sul.

– Rei Renly é o senhor coroado e ungido de *todos* os Sete Reinos, senhora – respondeu Sor Colen, embora com cortesia suficiente. – Sua Graça está acampada com a sua tropa perto de Ponteamarga, onde a estrada das rosas atravessa o Vago. Será uma grande honra escoltá-la até ele – o cavaleiro levantou uma mão coberta de cota de malha e seus homens formaram uma dupla coluna a flanquear Catelyn e sua guarda. *Escolta ou captor?*, ela se perguntou. Nada havia a fazer a não ser confiar na honra de Sor Colen e na de Lorde Renly.

Viram a fumaça das fogueiras do acampamento quando ainda estavam a uma hora do rio. Então, chegou-lhes o som, pairando sobre fazendas, campos e planície ondulada, indistinto como o murmúrio de um mar distante, mas aumentando à medida que se aproximavam. Quando viram as águas barrentas do Vago cintilando ao sol, já conseguiam distinguir as vozes dos homens, o tinir do aço, os relinchos de cavalos. Mas nem o som nem a fumaça os prepararam para a tropa propriamente dita.

Milhares de fogueiras enchiam o ar com uma neblina fumacenta. Só as linhas de cavalaria estendiam-se ao longo de léguas. Sem dúvida, uma floresta havia sido abatida para fazer os grandes mastros de onde voavam as bandeiras. Grandes máquinas de cerco delineavam a beira relvada da estrada das rosas, catapultas, trabuquetes e aríetes rolantes montados em rodas que eram mais altas do que um homem a cavalo. As pontas de aço dos piques incendiavam-se, vermelhas, com a luz do sol, como se já estivessem ensanguentadas, ao passo que os pavilhões dos cavaleiros e dos grandes senhores nasciam da grama como cogumelos de seda. Viu homens com lanças, outros com espadas, e outros, ainda, com capacetes de aço e camisas de cota de malha, seguidoras de acampamentos exibindo seus encantos, arqueiros colocando penas em flechas, condutores levando carroças, pastores de suínos guardando porcos, pajens entregando mensagens, escudeiros afiando espadas, cavaleiros

montando palafréns, cavalariços conduzindo corcéis de mau temperamento.

– É uma quantidade assustadora de homens – observou Sor Wendel Manderly enquanto atravessavam a antiga ponte de pedra da qual Ponteamarga retirara o nome.

– É verdade – Catelyn concordou.

Ao que parecia, quase toda a cavalaria do sul tinha respondido ao chamado de Renly. A rosa dourada de Jardim de Cima era vista por toda parte, cosida do lado direito do peito de homens de armas e criados, batendo e esvoaçando dos estandartes de seda verde que adornavam lanças e piques, pintada nos escudos pendurados à porta dos pavilhões dos filhos, irmãos, primos e tios da Casa Tyrell. Catelyn viu também a raposa e as flores da Casa Florent, as maçãs vermelha e verde dos Fossoway, o caçador andante de Lorde Tarly, folhas de carvalho dos Oakheart, os grous dos Crane, a nuvem de borboletas negras e laranjas dos Mullendore.

Na outra margem do Vago, os senhores da tempestade tinham erguido seus estandartes, os vassalos de Renly, juramentados à Casa Baratheon e a Ponta Tempestade. Catelyn reconheceu os rouxinóis de Bryce Caron, as penas dos Penrose e a tartaruga marinha de Lorde Estermont, verde em fundo verde. Mas, para cada escudo que reconhecia, havia uma dúzia que lhe eram estranhos, usados pelos pequenos senhores juramentados aos vassalos e por cavaleiros menores e outros livres que tinham se reunido aos montes para transformar Renly Baratheon num rei de fato, e não apenas de nome.

A bandeira do próprio Renly voava bem alto, acima de todas. Do topo da mais alta das suas torres de cerco, uma imensidão de carvalho com rodas cobertas de peles cruas esvoaçava o maior estandarte de guerra que Catelyn já tinha visto – um pano suficientemente grande para cobrir o chão de muitos salões, de um dourado reluzente, com o veado coroado dos Baratheon em negro, empinando-se, orgulhoso e alto.

– Senhora, ouve esse barulho? – perguntou Hallis Mollen, aproximando-se a trote. – O que é aquilo?

Catelyn pôs-se a escutar. Gritos, cavalos berrando, o tinir do aço e…

– Aplausos – ela disse. Tinham subido uma ladeira pouco inclinada na direção de uma fileira de pavilhões de cores brilhantes erguidos no cume. Enquanto passavam entre eles, a multidão tornou-se mais densa, e os sons, mais fortes. E então Catelyn viu.

Embaixo, à sombra das ameias de pedra e madeira de um pequeno castelo, desenrolava-se uma luta corpo a corpo.

Um campo havia sido limpo, e cercas, galerias e barreiras de torneio tinham sido construídas. Centenas de pessoas, talvez milhares, tinham se reunido para assistir. Pelo aspecto do terreno, rasgado, lamacento e semeado de partes de armadura e lanças quebradas, aquilo durava há um dia, ou mais, mas agora o fim se aproximava. Menos de vinte cavaleiros permaneciam montados, lançando-se uns sobre os outros, golpeando-se, enquanto espectadores e combatentes caídos os incentivavam. Viu dois corcéis de batalha com armadura completa colidir e cair num emaranhado de aço e carne de cavalo.

– Um torneio – Hal Mollen declarou. Tinha predileção por anunciar o óbvio em voz alta.

–Ah, magnífico – Sor Wendel Manderly exclamou, quando um cavaleiro com um manto de riscas multicoloridas se virou para trás para golpear, com um machado de cabo longo estilhaçando o escudo do homem que o perseguia, deixando-o cambaleando nos estribos.

A multidão à frente do grupo tornava difícil avançar.

– Senhora Stark – Sor Colen pediu –, se seus homens tiverem a bondade de esperar aqui, vou apresentá-la ao rei.

– Como quiser.

Ela deu a ordem, embora tivesse sido obrigada a levantar a voz para ser ouvida por cima do burburinho do torneio. Sor Colen levou o cavalo lentamente pela mão através da multidão, com Catelyn montada logo atrás. Um rugido subiu da multidão quando um homem de barba vermelha, sem capacete e um grifo no escudo, caiu perante um grande cavaleiro revestido de armadura azul. O aço que usava era de um cobalto profundo, assim como a maça de guerra que manejava com efeitos

mortíferos, e os arreios da montaria exibiam a heráldica esquartelada do sol e da lua da Casa Tarth.

– Malditos sejam os deuses, Ronnet Vermelho caiu – praguejou um homem.

– Loras vai tratar desse azul… – respondeu um companheiro, antes que um rugido abafasse o resto das suas palavras.

Outro homem estava no chão, preso por baixo do seu cavalo ferido, ambos gritando de dor. Escudeiros apressaram-se para ajudá-los.

*Isto é uma loucura*, Catelyn pensou. *Com inimigos verdadeiros por todos os lados e metade do reino em chamas, Renly fica aqui brincando de guerra, como um menino com a sua primeira espada de madeira.*

Os senhores e senhoras na galeria estavam tão absortos na luta como os homens no terreno. Catelyn observou-os bem. Seu pai tratara com frequência com os senhores do sul, e não tinham sido poucos os que visitaram Correrrio. Reconheceu Lorde Mathis Rowan, mais corpulento e florido que nunca, com a árvore dourada da sua Casa desenhada no gibão branco. Abaixo dele encontrava-se a Senhora Oakheart, minúscula e delicada, e à sua esquerda Lorde Randyll Tarly, de Monte Chifre, com a espada longa, Veneno do Coração, apoiada no encosto da cadeira. Outros ela conhecia apenas pelos símbolos, e alguns lhe eram quase estranhos.

No meio, observando e rindo com sua jovem rainha ao lado, estava um fantasma com uma coroa dourada.

*Não é de admirar que os senhores se reúnam em volta dele com tanto fervor*, pensou, *ele é Robert redivivo*. Renly era bonito como Robert havia sido; de membros longos e ombros largos, com o mesmo cabelo negro como carvão, fino e liso, os mesmos profundos olhos azuis e o mesmo sorriso fácil. O estreito aro que envolvia sua testa parecia lhe ficar bem. Era de ouro maciço, um anel de rosas magnificamente trabalhadas; na parte da frente erguia-se uma cabeça de veado em jade verde-escuro, adornada com olhos e chifres dourados.

O veado coroado também decorava a túnica de veludo do rei, bordado em fios de ouro no peito; o símbolo Baratheon nas cores de Jardim de Cima. A moça que dividia o cadeirão com ele também era de Jardim de

Cima, sua jovem rainha, Margaery, filha de Lorde Mace Tyrell. Catelyn sabia que aquele casamento era a argamassa que mantinha unida a grande aliança do sul. Renly tinha vinte e um anos, e a moça não era mais velha do que Robb, muito bonita, com suaves olhos de corça e uma crina de cabelo castanho encaracolado que caía sobre seus ombros em largos anéis. Seu sorriso era tímido e doce.

No campo, outro homem foi derrubado pelo cavaleiro do manto de arco-íris listrado, e o rei gritou de satisfação, como todos os outros. "*Loras!*", Catelyn o ouviu chamar. "*Loras! Jardim de Cima!*" A rainha bateu palmas de excitação.

Catelyn virou-se para ver o fim da luta. Só restavam agora quatro homens, e havia poucas dúvidas quanto a quem era o favorito do rei e dos plebeus. Não conhecera Sor Loras Tyrell, mas, mesmo no longínquo norte, ouviam-se histórias sobre a maestria do jovem Cavaleiro das Flores, que agora montava um garanhão branco e alto revestido de cota de malha prateada e lutava com um machado de cabo longo. Uma crista de rosas douradas corria pelo meio do seu elmo.

Dois dos outros sobreviventes tinham se alinhado. Esporearam as montarias na direção do cavaleiro da armadura de cobalto. Enquanto se aproximavam de ambos os lados, o cavaleiro azul puxou as rédeas com força, atingindo um homem em cheio no rosto com seu escudo rachado, enquanto seu cavalo negro de batalha escoiceava o outro com um casco calçado de aço. Num piscar de olhos, um combatente foi derrubado do cavalo e o outro ficou cambaleando no seu. O cavaleiro azul deixou seu escudo partido cair no chão para liberar o braço esquerdo, e, então, o Cavaleiro das Flores caiu sobre ele. O peso do aço que usava parecia quase não diminuir a graça e a rapidez com que Sor Loras se movia, com o manto de arco-íris rodopiando atrás de si.

Os cavalos branco e negro giraram como amantes numa dança das colheitas, com os cavaleiros atirando aço um ao outro em vez de beijos. O machado longo cintilou, e a maça de guerra rodopiou. Ambas as armas estavam embotadas, mas, mesmo assim, causavam um terrível estrondo. Sem escudo, o cavaleiro azul estava ficando com a pior parte. Sor Loras

fazia chover golpes sobre sua cabeça e seus ombros, aos gritos de "*Jardim de Cima!*" vindos da multidão. O outro respondia com a maça, mas, onde quer que a bola chegasse, Sor Loras interpunha seu escudo verde entalhado, adornado com três rosas douradas. Quando o machado atingiu a mão do cavaleiro azul na preparação de um golpe e arrancou dele a maça de armas, a multidão berrou como um animal no cio. O Cavaleiro das Flores ergueu o machado para o golpe final.

O cavaleiro azul lançou-se sobre ele. Os garanhões esbarraram um no outro, a cabeça embotada do machado esmagou-se contra a placa de peito azul arranhada… Mas, de algum modo, o cavaleiro azul conseguiu agarrar o cabo com dedos enluvados em aço. Arrancou-o das mãos de Sor Loras, e de repente os dois estavam lutando sem armas em cima das montarias e um instante depois caíam. Quando os cavalos se afastaram, estatelaram-se no chão com uma força de sacudir os ossos. Loras Tyrell, que ficou por baixo, sofreu com o maior peso do impacto. O cavaleiro azul desembainhou uma longa adaga e abriu o visor de Tyrell. O bramido da multidão era alto demais para Catelyn ouvir o que Sor Loras dissera, mas ela pôde ver a palavra nos seus lábios rachados e ensanguentados: *Rendo-me*.

O cavaleiro azul ficou em pé, meio cambaleante, e levantou a adaga na direção de Renly Baratheon, a saudação de um campeão ao seu rei. Escudeiros entraram como flechas no campo a fim de ajudar o cavaleiro vencido a erguer-se. Quando tiraram seu elmo, Catelyn ficou surpresa ao ver como ele era novo. Não podia ser dois anos mais velho do que Robb. O rapaz podia ser tão agradável à vista como a irmã, mas o lábio rachado, os olhos desfocados e o sangue pingando através do cabelo emaranhado dificultavam a certeza de tal conclusão.

– Aproxime-se – disse o Rei Renly ao campeão.

Este coxeou na direção da galeria. De perto, a brilhante armadura azul parecia bem menos magnífica; mostrava marcas por todo lado, os amassados de maças e martelos de guerra, as longas ranhuras deixadas por espadas, lascas no esmalte da placa de peito e do elmo. O manto se pendurava em farrapos. Julgando pela maneira como se movia, o homem

lá dentro não estava menos desgastado. Algumas vozes saudavam-no com gritos de "*Tarth!*" e, estranhamente, "*Uma Beleza! Uma Beleza!*", mas a maior parte da assistência estava em silêncio. O cavaleiro azul ajoelhou perante o rei.

– Graça – disse, com a voz abafada pelo elmo amassado.

– És tudo o que o senhor seu pai afirmou que seria – a voz de Renly atravessava o campo. – Vi Sor Loras ser derrubado uma vez ou duas, mas nunca propriamente *dessa* forma.

– Aquilo não foi uma derrubada correta – queixou-se um arqueiro bêbado que estava por perto, com uma rosa Tyrell costurada no justilho. – Um truque vil, isso de puxar o homem para baixo.

A aglomeração começava a se tornar menos compacta.

– Sor Colen – disse Catelyn ao seu acompanhante –, quem é aquele homem e por que gostam tão pouco dele?

Sor Colen franziu a testa:

– Porque não é homem nenhum, senhora. Aquela é Brienne de Tarth, filha de Lorde Selwyn, a Estrela da Tarde.

– *Filha?* – Catelyn ficou horrorizada.

– Chamam-na Brienne, a Beleza… embora não na frente dela, com receio de serem chamados a defender essas palavras com os corpos.

Catelyn ouviu Rei Renly declarar a Senhora Brienne de Tarth a vencedora da grande luta em Ponteamarga, a última a permanecer montada entre cento e dezesseis cavaleiros.

– Como campeã, pode me pedir qualquer favor que desejar. Se estiver ao meu alcance concedê-lo, o farei certamente.

– Vossa Graça – Brienne respondeu –, peço a honra de um lugar na sua Guarda Arco-Íris. Desejo ser um dos seus sete, dedicar minha vida à sua, ir aonde for, cavalgar ao seu lado e mantê-lo a salvo de todo o mal.

– Concedido – o rei respondeu. – Erga-se e tire o elmo.

Ela fez o que lhe foi pedido. E quando o elmo foi erguido, Catelyn compreendeu as palavras de Sor Colen.

Chamavam-na de Beleza… mas caçoavam. O cabelo sob o visor era um ninho de esquilo de palha suja, e o rosto… os olhos de Brienne eram

grandes e muito azuis, olhos de menininha, confiantes e sem malícia, mas o resto… seus traços eram brutos e grosseiros, os dentes, proeminentes e tortos, a boca grande demais, os lábios tão grossos que pareciam inchados. Um milhar de sardas salpicava suas bochechas e sua testa, e o nariz tinha sido quebrado mais do que uma vez. O coração de Catelyn encheu-se de piedade. *Existe na terra alguma criatura mais infeliz do que uma mulher feia?*

E, no entanto, quando Renly arrancou seu manto rasgado e prendeu um manto arco-íris no seu lugar, Brienne de Tarth não parecia infeliz. O sorriso iluminou seu rosto, e sua voz soou forte e orgulhosa:

– Minha vida pela sua, Vossa Graça. Deste dia em diante, sou o seu escudo, juro pelos velhos deuses e pelos novos.

Era doloroso ver a maneira como olhava o rei… como o olhava *para baixo*, pois era um bom palmo mais alta, embora Renly fosse quase tão alto como o irmão tinha sido.

– Vossa Graça! – Sor Colen de Lagoas Verdes saltou do cavalo para se dirigir à galeria. – Peço-lhe licença – ajoelhou-se. – Tenho a honra de lhe trazer a Senhora Catelyn Stark, viajando como enviada do seu filho Robb, Senhor de Winterfell.

– Senhor de Winterfell e Rei do Norte, sor – Catelyn o corrigiu. Desmontou e pôs-se ao seu lado.

Rei Renly pareceu surpreso.

– Senhora Catelyn? Estamos muito contentes – virou-se para sua jovem rainha: – Margaery, minha querida, esta é a Senhora Catelyn Stark, de Winterfell.

– É muito bem-vinda aqui, Senhora Stark – disse a moça, toda ela suave cortesia. – Lamento a sua perda.

– É amável – Catelyn agradeceu.

– Senhora, juro-lhe, tratarei de que os Lannister respondam pelo assassinato do seu marido – o rei declarou. – Quando tomar Porto Real, mandarei à senhora a cabeça de Cersei.

*E será que isso me trará Ned de volta?*, Catelyn pensou.

– Será suficiente saber que a justiça foi feita, senhor.

– *Vossa Graça* – corrigiu Brienne, a Azul, num tom ríspido. – Devia se ajoelhar ao se dirigir ao rei – ela falou olhando para Catelyn.

– A distância entre um *senhor* e um *graça* é pequena, senhora – Catelyn respondeu. – Lorde Renly usa uma coroa, tal como meu filho. Se desejar, poderemos ficar aqui, na lama, debatendo que honrarias e títulos são por direito devidos a cada um, mas parece-me que temos assuntos mais prementes a discutir.

Alguns dos senhores de Renly irritaram-se com aquilo, mas o rei limitou-se a rir.

– Bem-dito, minha senhora. Haverá tempo suficiente para *graças* quando estas guerras chegarem ao fim. Diga-me, quando seu filho pretende marchar sobre Harrenhal?

Até saber se este rei era amigo ou inimigo, Catelyn não revelaria a menor parte das intenções de Robb.

– Não participo dos conselhos de guerra do meu filho, senhor.

– Desde que deixe alguns Lannister para mim, não me queixarei. O que ele fez ao Regicida?

– Jaime Lannister é mantido prisioneiro em Correrrio.

– Ainda vivo? – Lorde Mathis Rowan parecia consternado.

Assombrado, Renly disse:

– Ao que parece, o lobo gigante é mais brando do que o leão.

– Ser mais brando do que os Lannister – murmurou a Senhora Oakheart, com um sorriso amargo – é ser mais seco do que o mar.

– A mim, parece que é ser fraco – disse Lorde Randyll Tarly, que tinha uma barba curta, eriçada e cinzenta, e a reputação de não ter papas na língua. – Sem desrespeito para com a senhora, Senhora Stark, mas pareceria mais conveniente que Lorde Robb tivesse vindo em pessoa prestar homenagem ao rei, em vez de se esconder atrás das saias da mãe.

– O *Rei* Robb está fazendo a guerra, senhor – Catelyn respondeu com gélida cortesia –, não brincando em torneios.

Renly deu um sorriso.

– Vá devagar, Lorde Randyll, pois temo que será vencido – o rei chamou um intendente com a farda de Ponta Tempestade. – Encontre

lugar para os companheiros da senhora e assegure-se de que tenham todo o conforto. A Senhora Catelyn ficará com o meu próprio pavilhão. Não me faz falta, uma vez que Lorde Caswell teve a gentileza de me oferecer o seu castelo. Senhora, depois que estiver descansada, ficarei honrado se partilhar a nossa comida e bebida no banquete que Lorde Caswell vai nos dar hoje à noite. Um banquete de despedida. Temo que sua senhoria esteja ansiosa por ver minha faminta horda pelas costas.

– Não é verdade, Vossa Graça – protestou um homem novo e delgado, que devia ser Caswell. – O que é meu pertence ao senhor.

– Sempre que alguém disse isso ao meu irmão Robert, ele acreditou, palavra por palavra – o rei respondeu. – Tem filhas?

– Sim, Vossa Graça. Duas.

– Então, agradeça aos deuses por eu não ser Robert. Minha futura rainha é a única mulher que desejo – Renly estendeu a mão para ajudar Margaery a se levantar. – Voltaremos a falar depois de ter a possibilidade de se refrescar, Senhora Catelyn.

Renly levou a noiva de volta ao castelo, enquanto seu intendente conduzia Catelyn para o pavilhão de seda verde do rei.

– Se tiver necessidade de algo, só precisa pedir, senhora.

Catelyn quase não conseguia imaginar o que poderia necessitar que já não tivesse sido providenciado. O pavilhão era maior do que as salas comuns de muitas estalagens e estava provido de todos os confortos: um colchão de penas e peles para dormir, uma banheira de madeira e cobre com tamanho suficiente para duas pessoas, braseiros para manter afastado o frio da noite, cadeiras de acampamento em couro, uma mesa de escrever com penas e um frasco de tinta, tigelas de pêssegos, ameixas e peras, um jarro de vinho com um conjunto de taças de prata condizente, arcas de cedro cheias com a roupa de Renly, livros, mapas, tabuleiros de jogo, uma harpa, um grande arco e uma aljava de flechas, um par de falcões de caça de cauda vermelha, um verdadeiro depósito de armas de boa qualidade. *Este Renly não se põe limites*, ela pensou enquanto olhava em volta. *Não é à toa que sua tropa se desloque tão devagar*.

Ao lado da entrada, a armadura do rei mantinha-se de sentinela; uma armadura de aço verde-bandeira, as presilhas entalhadas em ouro, e o elmo coroado por uma grande armação dourada. O aço estava de tal modo polido, que podia ver seu reflexo na placa de peito, olhando-a como que do fundo de uma profunda lagoa verde. *O rosto de uma mulher afogada*, Catelyn pensou. *Podemos nos afogar em pesar?* Virou-se bruscamente, zangada com sua fragilidade. Não tinha tempo para o luxo da autopiedade. Tinha de lavar o cabelo da poeira e envergar um vestido mais adequado a um banquete real.

Sor Wendel Manderly, Lucas Blackwood, Sor Perwyn Frey e o resto dos seus companheiros nobres acompanharam-na ao castelo. O grande salão da fortaleza de Lorde Caswell era grande apenas por cortesia, mas encontrou-se espaço nos bancos apinhados para os homens de Catelyn, entre os cavaleiros de Renly. A Catelyn foi atribuído um lugar no estrado entre a cara vermelha de Lorde Mathis Rowan e a simpatia de Sor Jon Fossoway, dos Fossoway da maçã verde. Sor Jon fez gracinhas, enquanto Lorde Mathis inquiriu delicadamente a respeito da saúde do seu pai, irmão e filhos.

Brienne de Tarth tinha sido colocada na ponta mais distante da mesa principal. Não se vestia como uma senhora; em vez disso, escolhera os adornos de um cavaleiro, um gibão de veludo esquartelado de rosa e azul, calções e botas e um cinto de espada bem trabalhado, com seu novo manto arco-íris fluindo pelas costas. Mas nenhum traje podia disfarçar sua falta de atrativos; as enormes mãos sardentas, o rosto largo e achatado, a saliência dos seus dentes. Sem armadura, seu corpo parecia desajeitado, com quadris largos e membros grossos, ombros curvados e musculosos, mas sem seios que valessem a pena mencionar. E era claro por tudo o que fazia que Brienne sabia e sofria com isso. Falava apenas em resposta a alguém e raramente levantava os olhos da comida.

Comida havia, sim, com fartura. A guerra não tocara a fabulosa fartura de Jardim de Cima. Enquanto cantores cantavam e acrobatas faziam acrobacias, começaram por pêssegos embebidos em vinho e passaram a minúsculos e saborosos peixes passados no sal e assados até ficarem

crocantes e capões recheados com cebolas e cogumelos. Havia grandes pães marrons, montes de nabos, milho doce e ervilhas, imensos presuntos, gansos assados e tabuleiros abarrotados de veado guisado com cerveja e cevada. Para a sobremesa, os criados de Lorde Caswell trouxeram bandejas de doces das cozinhas do seu castelo, cisnes de creme e unicórnios de algodão doce, bolos de limão em forma de rosas, biscoitos de mel com especiarias, tortas de amoras silvestres e de maçã e queijos amanteigados.

A comida rica deixou Catelyn enjoada, mas não seria bom mostrar fragilidade quando tantas coisas dependiam da sua força. Comeu frugalmente, enquanto observava aquele homem que queria ser rei. Renly tinha a jovem noiva sentada à sua esquerda e o irmão dela à direita. Fora a atadura de linho branco que usava em volta da cabeça, Sor Loras não parecia ter sofrido nada com as desventuras do dia. Era de fato tão bonito como Catelyn suspeitara que poderia ser. Quando não estavam vidrados, seus olhos eram vivos e inteligentes, e o cabelo, um despretensioso emaranhado de caracóis castanhos que muitas donzelas teriam invejado. Tinha trocado o esfarrapado manto do torneio por um novo; a mesma seda brilhantemente listrada da Guarda Arco-Íris de Renly, presa com a rosa dourada de Jardim de Cima.

De tempos em tempos, Rei Renly dava de comer a Margaery algum pedaço especial, com a ponta da adaga, ou se inclinava para colocar o mais leve dos beijos no seu rosto, mas era com Sor Loras que dividia a maior parte dos gracejos e confidências. O rei apreciava sua comida e bebida, era evidente, mas não parecia glutão nem bêbado. Ria com frequência e bastante e falava amigavelmente, quer aos senhores nobres, quer às humildes moças de servir.

Alguns dos seus convidados eram menos moderados. Bebiam demais e gabavam-se alto demais para o gosto de Catelyn. Os filhos de Lorde Willum, Josua e Elyas, discutiram calorosamente quem seria o primeiro a ultrapassar as muralhas de Porto Real. Lorde Varner embalou uma criada nos joelhos, enterrando o nariz no seu pescoço enquanto uma mão exploratória invadia o interior do seu corpete. Guyard, o Verde, que se

achava cantor, dedilhou uma harpa e mostrou-lhes uns versos acerca de dar nós em caudas de leões, alguns dos quais até rimavam. Sor Mark Mullendore havia trazido um macaco preto e branco e o alimentava com pedaços do seu próprio prato, enquanto Sor Tanton, dos Fossoway da maçã vermelha, saltou para cima da mesa e jurou matar Sandor Clegane em combate singular. O voto poderia ter sido recebido com mais solenidade se Sor Tanton não tivesse enfiado um pé numa molheira enquanto o proferia.

O ápice da tolice foi atingido quando um bobo rechonchudo chegou às cambalhotas, revestido de lata pintada de dourado com uma cabeça de leão de pano, e perseguiu um anão ao redor das mesas, batendo na sua cabeça com uma bexiga. Por fim, Rei Renly quis saber por que ele estava batendo no irmão.

– Ora, Vossa Graça, sou o Fratricida – o bobo respondeu.

– É *Regi*cida, bobo pateta – Renly o corrigiu, e o salão ressoou com gargalhadas.

Lorde Rowan, ao lado de Catelyn, não se juntou à folia:

– São todos tão novos – ele disse.

Era verdade. O Cavaleiro das Flores não devia ter chegado ao segundo dia do seu nome quando Robert matara o Príncipe Rhaegar no Tridente. Poucos dos outros eram muito mais velhos. Eram bebês durante o Saque de Porto Real e não passavam de garotos quando Balon Greyjoy tinha levantado a rebelião nas Ilhas de Ferro. *Ainda não derramaram sangue*, Catelyn refletiu, enquanto observava Lorde Bryce, que incitava Sor Robar a fazer malabarismo com um par de adagas. *Para eles isso ainda é um jogo, um torneio com um grande cenário, e tudo o que veem é uma possibilidade de glória, honra e despojos. São rapazes bêbados de canções e histórias e, como todos os rapazes, julgam-se imortais.*

– A guerra vai torná-los velhos – Catelyn respondeu. – Como nos tornou – ela era uma garota quando Robert, Ned e Jon Arryn ergueram os estandartes contra Aerys Targaryen e uma mulher quando a luta terminou. – Sinto pena deles.

– Por quê? – perguntou-lhe Lorde Rowan. – Olhe para eles. São jovens e fortes, cheios de vida e de risos. E de luxúria, sim, tanta, que não sabem o que fazer dela. Muitos bastardos serão gerados hoje, garanto. Pena por quê?

– Porque não durará – Catelyn disse com tristeza. – Porque eles são os cavaleiros do verão, e o inverno está chegando.

– Senhora Catelyn, está enganada – Brienne olhava-a com uns olhos tão azuis como sua armadura. – O inverno nunca chegará para gente como nós. Se morrermos em batalha, certamente cantarão sobre nós, e nas canções é sempre verão. Nas canções, todos os cavaleiros são galantes, todas as donzelas são belas, e o sol sempre brilha.

*O inverno chega para todos nós*, Catelyn ponderou. *Para mim, chegou quando Ned morreu. Chegará para você também, filha, e mais cedo do que gostaria*. Mas não teve coragem de verbalizar seu pensamento.

O rei a salvou.

– Senhora Catelyn – Renly chamou. – Sinto que preciso tomar um pouco de ar. Vem comigo?

Catelyn ficou imediatamente em pé.

– Ficarei honrada.

Brienne também se levantou.

– Vossa Graça, dê-me apenas um momento para vestir a cota de malha. Não deve andar sem proteção.

Rei Renly sorriu.

– Se não estiver a salvo no coração do castelo de Lorde Caswell, com minha tropa ao meu redor, uma espada não fará diferença… Nem mesmo a *sua* espada, Brienne. Sente-se e coma. Se tiver necessidade, mandarei chamá-la.

As palavras dele pareceram atingir a moça com mais força do que qualquer golpe que tivesse recebido naquela tarde.

– Às suas ordens, Vossa Graça – Brienne sentou-se, com os olhos baixos.

Renly tomou o braço de Catelyn e saiu do salão, passando por um guarda desleixado que se endireitou tão apressadamente que quase

deixou cair a lança. Renly deu uma palmada no ombro do homem e fez um gracejo com a situação.

– Por aqui, senhora – ele a levou por uma porta baixa em direção a uma escada da torre. Ao começarem a subir, disse: – Por acaso Sor Barristan Selmy está com seu filho em Correrrio?

– Não – ela respondeu, confusa. – Ele não está mais com Joffrey? Era o Senhor Comandante da Guarda Real.

Renly sacudiu a cabeça:

– Os Lannister disseram-lhe que era velho demais e deram seu manto ao Cão de Caça. Disseram-me que abandonou Porto Real, jurando entrar para o serviço do verdadeiro rei. Aquele manto que Brienne reclamou hoje era o que eu estava guardando para Selmy, na esperança de que ele me oferecesse sua espada. Quando não apareceu em Jardim de Cima, pensei que talvez tivesse ido para Correrrio.

– Nós não o vimos.

– Ele era velho, é certo, mas ainda um bom homem. Espero que não lhe tenha acontecido nenhum mal. Os Lannister são grandes idiotas – subiram mais alguns degraus. – Na noite da morte de Robert, ofereci ao seu esposo cem espadas e incentivei-o a colocar Joffrey em seu poder. Se tivesse escutado, seria hoje regente, e eu não teria tido necessidade de reclamar o trono.

– Ned recusou – Catelyn não precisava que aquilo lhe fosse dito.

– Tinha jurado proteger os filhos de Robert – Renly continuou. – Faltava-me força para agir sozinho e por isso, quando Lorde Eddard me repeliu, não tive escolha e fugi. Se tivesse ficado, sabia que a rainha trataria de que não vivesse muito tempo mais do que meu irmão.

*Se tivesse ficado e dado seu apoio a Ned, ele podia ainda estar vivo*, Catelyn pensou amargamente.

– Gostava bastante do seu esposo, senhora. Era um amigo leal de Robert, eu sei… Mas não quis me escutar, nem se dobrar. Venha, quero lhe mostrar algo.

Tinham atingido o topo da escadaria. Renly abriu uma porta de madeira e saíram para o telhado. A fortaleza de Lorde Caswell quase não era

suficientemente alta para ser chamada de torre, mas a região era baixa e plana, e Catelyn podia ver ao longo de léguas em todas as direções. Para onde quer que olhasse, via fogueiras. Cobriam a terra como estrelas caídas e, como as estrelas, não tinham fim.

– Conte-as se quiser, senhora – disse Renly em voz baixa. – Ainda estará contando quando a alvorada surgir a leste. Quantas fogueiras ardem esta noite em volta de Correrrio, eu pergunto?

Catelyn ouvia tenuemente a música que saía do Grande Salão, infiltrando-se na noite. Não se atreveu a contar as estrelas.

– Disseram-me que seu filho atravessou o Gargalo à frente de vinte mil espadas – prosseguiu Renly. – Agora que os senhores do Tridente estão com ele, talvez comande quarenta mil.

*Não*, ela pensou, *nem perto disso, perdemos homens em batalha e outros para as colheitas.*

– Eu tenho aqui o dobro desse número – Renly continuou. – E isso é apenas parte das minhas forças. Mace Tyrell permanece em Jardim de Cima com mais dez mil homens, tenho uma forte guarnição protegendo Ponta Tempestade, e em breve os homens de Dorne vão se juntar a mim com todo seu poder. E não se esqueça do meu irmão Stannis, que defende Pedra do Dragão e comanda os senhores do mar estreito.

– Parece-me que é o senhor quem esqueceu Stannis – Catelyn retrucou, num tom mais duro do que pretendera.

– Refere-se à sua pretensão? – Renly soltou uma gargalhada. – Sejamos sinceros, senhora. Stannis daria um rei terrível. E não é provável que chegue a tal. Os homens respeitam Stannis, até o temem, mas os que chegaram a gostar dele eram poucos, e por isso, preciosos.

– É ainda assim seu irmão mais velho. Se se pode dizer que algum de vocês tem direito ao Trono de Ferro, tem de ser Lorde Stannis.

Renly encolheu os ombros.

– Diga-me, que direito teve alguma vez meu irmão Robert ao Trono de Ferro? – ele não esperou resposta. – Ah, falou-se em laços de sangue entre os Baratheon e os Targaryen, de casamentos de cem anos atrás, de segundos filhos e filhas mais velhos. Ninguém se interessa por nada

disso, a não ser os meistres. Robert conquistou o trono com seu martelo de guerra – indicou com uma mão as fogueiras que ardiam de horizonte a horizonte. – Pois bem, eis a minha pretensão, tão boa como a de Robert sempre foi. Se seu filho me apoiar como o pai dele apoiou Robert, não me achará desprovido de generosidade. Vou confirmá-lo de bom grado em todas as suas terras, títulos e honrarias. Pode governar em Winterfell como bem entender. Até pode continuar a se chamar de Rei do Norte se quiser, desde que dobre o joelho e me preste homenagem como seu suserano. *Rei* é apenas uma palavra, mas fidelidade, lealdade, serviço… essas coisas tenho de ter.

– E se não as der, senhor?

– Pretendo ser rei, senhora, e não de um reino amputado. Não posso dizê-lo mais claramente do que isso. Há trezentos anos, um rei Stark ajoelhou-se perante Aegon, o Dragão, quando viu que não tinha esperança de vencer. Foi sensato. Seu filho deve ser sensato também. Uma vez que se juntar a mim, esta guerra estará praticamente acabada. Nós… – Renly calou-se de súbito, distraído. – Que está acontecendo agora?

O retinir de correntes anunciava o içar da porta levadiça. Lá embaixo, no pátio, um cavaleiro com um elmo alado esporeou o cavalo coberto de espuma para passar por baixo dos espigões.

– Chamem o rei! – gritou.

Renly saltou para cima de uma seteira.

– Estou aqui, sor.

– Vossa Graça – o cavaleiro esporeou mais a montaria para que se aproximasse. – Vim tão depressa como pude. De Ponta Tempestade. Estamos cercados, Vossa Graça. Sor Cortnay enfrenta-os, mas…

– Mas… Isso não é possível. Eu teria sido informado se Lorde Tywin tivesse deixado Harrenhal.

– Estes não são Lannister, meu suserano. É Lorde Stannis quem está nos seus portões. O *Rei* Stannis, como chama agora a si mesmo.

# Jon

Um sopro de chuva chicoteou o rosto de Jon quando esporeou o cavalo para atravessar o córrego em cheia. Ao seu lado, o Senhor Comandante Mormont deu um puxão no capuz do seu manto, resmungando pragas contra o tempo. Seu corvo empoleirava-se no seu ombro, com as penas eriçadas, tão empapado e rabugento como o próprio Velho Urso. Uma rajada de vento fez folhas molhadas voarem em volta deles como um bando de aves mortas. *A floresta assombrada*, Jon refletiu lugubremente. *A floresta afogada seria um nome mais apropriado*.

Esperava que Sam estivesse aguentando lá no fim da coluna. Não era um bom cavaleiro mesmo com tempo firme, e seis dias de chuva tinham tornado o terreno traiçoeiro, todo transformado em lama mole e pedras escondidas. Quando o vento soprava, arremessava água diretamente nos olhos. A Muralha devia estar escorrendo para o sul, com o gelo que derretia misturado com a chuva morna, fluindo em rios e riachos. Pyp e Sapo estariam sentados junto ao fogo na sala comum, bebendo taças de vinho condimentado antes do jantar. Jon invejava-os. A lã molhada aderia à sua pele ensopada, provocando-lhe coceira, o pescoço e ombros doíam fortemente devido ao peso da cota de malha e da espada, e estava farto de bacalhau salgado, carne salgada e queijo duro.

Adiante, um berrante soltou uma nota trêmula, meio afogada pelo bater constante da chuva.

– O berrante de Buckwell – anunciou o Velho Urso. – Os deuses são bons; Craster ainda está ali – o corvo bateu as asas uma vez, crocitou "*Milho*" e voltou a eriçar as penas.

Jon ouvira frequentemente os irmãos negros contarem histórias sobre Craster e sua fortaleza. Agora, iria vê-la com seus próprios olhos. Depois de sete aldeias vazias, tinham todos começado a temer encontrar a de Craster tão morta e desolada como as outras, mas parecia que seriam poupados disso. *O Velho Urso, enfim, talvez consiga algumas respostas*, ele pensou. *Seja como for, estaremos abrigados da chuva*.

Thoren Smallwood jurava que Craster era amigo da Patrulha, apesar da sua reputação indecente.

– O homem é meio louco, não nego – tinha dito ao Velho Urso –, mas o senhor também seria se passasse a vida nesta floresta amaldiçoada. Seja como for, nunca afastou um patrulheiro da sua fogueira e não tem amizade por Mance Rayder. Ele vai nos dar bons conselhos.

*Desde que nos dê uma refeição quente e uma oportunidade de secar a roupa, ficarei feliz*. Dywen dizia que Craster era um fratricida, mentiroso, estuprador e covarde, e sugeria que traficava com comerciantes de escravos e com demônios.

– E, pior – acrescentava o velho guarda da floresta, batendo os seus dentes de madeira –, aquele homem tem um cheiro *frio*, ah, se tem.

– Jon – ordenou Lorde Mormont –, percorra a coluna e espalhe a notícia. E lembre aos oficiais que não quero caso com as mulheres de Craster. Os homens deverão ter tento nas mãos e falar o mínimo possível com aquelas mulheres.

– Sim, senhor – Jon virou o cavalo e seguiu por onde tinha vindo. Era agradável deixar de ter a chuva na cara, mesmo que por pouco tempo. Todos aqueles por que passava pareciam estar chorando. A fila estendia-se ao longo de meia milha de floresta.

No meio da caravana com a bagagem, Jon passou por Samwell Tarly, afundado na sela sob um grande chapéu mole. Montava um cavalo de carga e levava os outros pelas correias. O tamborilar da chuva nas coberturas das gaiolas fazia os corvos crocitarem e baterem as asas.

– Pôs uma raposa lá dentro com eles?

Escorreu água da aba do chapéu de Sam quando ele ergueu a cabeça.

– Ah, olá, Jon. Não, eles só detestam a chuva, assim como nós.

– Como é que você está, Sam?

– Molhado – o rapaz gordo conseguiu dar um sorriso. – Mas nada me matou ainda.

– Ótimo. A Fortaleza de Craster fica logo ali na frente. Se os deuses forem bons, ele vai nos deixar dormir junto à sua lareira.

Sam fez uma expressão de dúvida.

– Edd Doloroso diz que Craster é um terrível selvagem. Casa com as filhas e não obedece a lei nenhuma além das suas. E Dywen disse a Grenn que ele tinha sangue negro nas veias. A mãe dele era uma selvagem que dormiu com um patrulheiro, e, portanto, ele é um bas… – de repente, o rapaz percebeu o que estava prestes a dizer.

– Um bastardo – Jon completou, com uma gargalhada. – Pode falar, Sam. Já tinha ouvido a palavra – esporeou seu pequeno garrano de patas seguras. – Tenho de ir atrás de Sor Ottyn. Tenha cuidado perto das mulheres de Craster – como se Samwell Tarly precisasse ser avisado disso. – Conversamos mais tarde, depois de termos montado o acampamento.

Jon levou a notícia a Sor Ottyn Wythers, que avançava penosamente com a retaguarda. Homem pequeno, com cara de ameixa seca e a mesma idade de Mormont, Sor Ottyn parecia sempre cansado, mesmo em Castelo Negro, e a chuva o derrubara sem misericórdia.

– Notícias bem-vindas – o velho disse. – Esta umidade empapou meus ossos e até minhas dores de sela queixam-se de dores de sela.

No caminho de volta, Jon afastou-se da linha de marcha da coluna e seguiu por um caminho mais curto através da floresta densa. Os sons de homens e cavalos diminuíram, engolidos pela úmida natureza verde, e em pouco tempo tudo o que ouvia era o contínuo bater da chuva contra folhas, madeira e rochas. Era o meio da tarde, mas a floresta parecia tão escura como se fosse o anoitecer. Jon abriu caminho por entre rochedos e poças d'água, passando por grandes carvalhos, árvores-sentinela cinza-esverdeadas e árvores de pau-ferro de casca negra. Em certos lugares, os ramos teciam uma abóbada por cima dele e era-lhe dado um momento de alívio do tamborilar da chuva na sua cabeça. Ao passar por um

castanheiro abatido por um relâmpago e coberto de rosas selvagens brancas, ouviu qualquer coisa restolhando na vegetação rasteira.

– *Fantasma* – chamou. – Fantasma, vem.

Mas foi Dywen quem emergiu do verde, trazendo pela trela um garrano cinza felpudo, com Grenn montado a seu lado. O Velho Urso dispusera batedores de ambos os lados da coluna principal, a fim de ocultar sua marcha e preveni-los da aproximação de algum inimigo, e mesmo nisso não correra riscos, enviando os homens aos pares.

– Ah, é você, Lorde Snow – Dywen sorriu um sorriso de carvalho; seus dentes tinham sido esculpidos em madeira e estavam mal assentados na sua boca. – Pensei que eu e o rapaz teríamos que lidar com um daqueles Outros. Perdeu o lobo?

– Saiu para caçar – Fantasma não gostava de viajar com a coluna, mas não devia estar longe. Quando montassem o acampamento para a noite, encontraria o caminho de volta para junto de Jon na tenda do Senhor Comandante.

– Nesta umidade, eu chamo isso de pescar – Dywen respondeu.

– Minha mãe sempre disse que a chuva era boa para fazer crescer a safra – interveio Grenn com otimismo.

– Sim, uma boa safra de bolor – Dywen rebateu. – A melhor coisa de uma chuva como essa é que livra um homem de tomar banho – completou, e fez um estalido com seus dentes de madeira.

– Buckwell encontrou Craster – Jon lhes disse.

– Tinha-o perdido? – Dywen soltou um risinho. – Vocês, seus cabras novos, vejam se não vão farejar em volta das mulheres de Craster, estão ouvindo?

Jon sorriu.

– Quer ficar com todas para si, Dywen?

Dywen fez mais estalidos com os dentes.

– Talvez queira. Craster tem dez dedos e um pau, portanto não sabe contar até mais do que onze. Nunca dará falta de um par delas.

– Quantas mulheres ele tem realmente? – Grenn quis saber.

– Mais do que você jamais terá, irmão. Bem, não é assim tão difícil quando se faz criação delas. Ali está o seu bicho, Snow.

Fantasma trotava ao lado do cavalo de Jon, com a cauda bem erguida e o pelo branco levantado em tufos espessos contra a chuva. Deslocava-se tão silenciosamente que Jon não saberia dizer quando tinha surgido. A montaria de Grenn recuou ao sentir seu cheiro; mesmo agora, após mais de um ano, os cavalos sentiam-se desconfortáveis na presença do lobo gigante.

– Vem comigo, Fantasma – Jon esporeou o cavalo e dirigiu-se à Fortaleza de Craster.

Nunca pensara encontrar um castelo de pedra do outro lado da Muralha, mas tinha imaginado *algum* tipo de fosso com uma paliçada de troncos e uma torre fortificada de madeira. Em vez disso, o que encontraram foi uma pilha de estrume, uma pocilga, um curral de ovelhas vazio e um edifício de pau a pique, sem janelas, que quase não merecia aquele nome. Era longo e baixo, com uma estrutura de troncos de árvores e teto de colmo. O complexo erguia-se no topo de uma elevação modesta demais para receber o nome de colina, rodeada por um dique de terra. Riachos marrons corriam pela vertente nos lugares onde a chuva tinha aberto buracos escancarados nas defesas e iam se juntar a um arroio rápido que se curvava para o norte, com as grossas águas transformadas pela chuva numa torrente lamacenta.

A sudoeste, encontrou um portão aberto flanqueado por um par de crânios de animais enfiados na ponta de grandes mastros: um urso de um lado e um carneiro do outro. Jon notou que pedaços de carne ainda se prendiam ao crânio de urso quando se juntou à fileira de cavaleiros que passava por ele. Lá dentro, os batedores de Jarmen Buckwell e homens da vanguarda de Thoren Smallwood estavam instalando amarradouros para cavalos e lutando para erguer tendas. Um grande grupo de leitões fuçava em volta de três enormes porcas no chiqueiro. Ali perto, uma menina pequena arrancava cenouras de um jardim, nua sob a chuva, enquanto duas mulheres amarravam um porco para a matança. Os guinchos do animal eram agudos e horríveis, quase humanos na sua

aflição. Os cães de Chett desataram a latir desenfreadamente em resposta, rosnando e dando mordidas, apesar das pragas do rapaz, com um par de cães de Craster respondendo aos latidos com mais latidos. Quando viram Fantasma, alguns dos cães calaram-se e fugiram, enquanto outros começaram a ladrar-lhe e a rosnar. O lobo gigante ignorou-os, assim como Jon.

*Bem, trinta de nós ficarão quentes e secos*, pensou Jon depois de dar uma boa olhada no edifício. *Talvez cinquenta*. O lugar era pequeno demais para abrigar duzentos homens durante a noite, e a maioria teria de permanecer ali fora. Mas onde colocá-los? A chuva havia transformado metade do pátio do complexo em poças onde a água chegava aos tornozelos, e o resto, em lama movediça. Antevia-se outra noite triste.

O Senhor Comandante confiou a montaria a Edd Doloroso, que limpava lama dos cascos do cavalo quando Jon desmontou.

– Lorde Mormont está no edifício – Edd anunciou. – Disse para você se juntar a ele. É melhor deixar o lobo aqui fora, ele parece suficientemente faminto para comer um dos filhos de Craster. Bem, para falar a verdade, *eu* estou suficientemente faminto para comer um dos filhos de Craster, desde que o sirvam quente. Vá lá, eu trato do seu cavalo. Se lá dentro estiver quente e seco, não me diga, não fui convidado a entrar – ele arrancou uma bola de lama úmida de uma ferradura. – Esta lama não parece merda? Será que toda esta colina é feita da merda de Craster?

Jon sorriu.

– Bem, ouvi dizer que ele está aqui há muito tempo.

– Não me anima. Vai lá encontrar o Velho Urso.

– Fantasma, fica – Jon ordenou. A porta da Fortaleza de Craster era feita de duas abas de pele de veado. Jon enfiou-se entre elas, abaixando-se para passar sob o batente baixo. Duas dúzias dos principais patrulheiros tinham-no precedido e estavam em pé, em volta da fogueira no centro do chão de terra, enquanto poças cresciam em volta das suas botas. O salão fedia a fuligem, esterco e cães molhados. O ar estava pesado de fumaça, mas de algum modo mantinha-se úmido. Entrava

chuva pelo buraco para a saída da fumaça que havia no telhado. Era uma sala única, com um sótão para dormir em cima, ao qual se chegava por um par de escadas lascadas.

Jon recordou como se sentira no dia em que tinham partido da Muralha, nervoso como uma donzela, mas ansioso por ver os mistérios e maravilhas que se escondiam para lá de cada novo horizonte. *Bem, eis uma das maravilhas*, disse a si mesmo, olhando em volta do salão esquálido e malcheiroso. A fumaça acre estava fazendo-o lacrimejar. *É uma pena que Pyp e Sapo não possam ver tudo o que estão perdendo*.

Craster estava sentado na frente da fogueira, o único homem a desfrutar de uma cadeira individual. Até o Senhor Comandante Mormont tinha de se sentar no banco comum, com o corvo resmungando sobre seu ombro. Jarman Buckwell estava em pé, atrás dele, com a cota de malha remendada pingando e o couro molhado e brilhante, ao lado de Thoren Smallwood, que usava a placa de peito e o manto debruado de zibelina do falecido Sor Jaremy.

O justilho de pele de ovelha e o manto de peles cosidas de Craster contrastavam pobremente, mas em torno de um dos seus grossos pulsos havia uma pulseira pesada que tinha o brilho do ouro. Aparentava ser um homem poderoso, embora já bem avançado no inverno dos seus dias, com a cabeleira cinza tornando-se branca. Um nariz achatado e uma boca descaída davam-lhe um aspecto cruel, e tinha uma orelha a menos. *Então isto é um selvagem*. Jon lembrou-se das histórias da Velha Ama sobre o povo selvagem que bebia sangue de crânios humanos. Craster parecia estar bebendo uma cerveja diluída e amarela de uma taça de pedra lascada. Talvez não tivesse ouvido as histórias.

– Há três anos que não vejo Benjen Stark – estava dizendo a Mormont. – E para falar a verdade, nunca senti falta dele – meia dúzia de cachorros filhotes pretos e um ou dois porcos ocultavam-se por entre os bancos, enquanto mulheres vestidas com esfarrapadas peles de veado distribuíam cornos de cerveja, avivavam o fogo e cortavam cenouras e cebolas para dentro de uma caldeira.

– Devia ter passado por aqui no ano passado – disse Thoren Smallwood. Um cão veio farejar sua perna, e ele lhe deu um chute e o botou em fuga, ganindo.

Lorde Mormont disse:

– Ben andava à procura de Sor Waymar Royce, que tinha desaparecido com Gared e o jovem Will.

– Sim, desses três me lembro. O fidalgo não era mais velho do que um destes cachorros. Orgulhoso demais para dormir debaixo do meu teto, aquele, com seu manto de zibelina e aço negro. Ainda assim, minhas mulheres ficaram de olho grande – olhou de soslaio a mais próxima das mulheres. – Gared disse que iam caçar salteadores. Eu lhe disse que com um comandante assim tão verde era melhor que não os pegassem. Gared não era mau para um corvo. Tinha menos orelhas do que eu. O frio as levou, como à minha – Craster soltou uma gargalhada. – Agora dizem que também não tem cabeça. Foi também o frio que fez isso?

Jon recordou um esguicho de sangue vermelho na neve branca e o modo como Theon Greyjoy chutara a cabeça do morto. *O homem era um desertor*. No caminho de volta a Winterfell, Jon e Robb tinham apostado uma corrida e encontraram seis filhotes de lobo gigante na neve. Parecia ter sido há mil anos.

– Quando Sor Waymar partiu, para onde se dirigiu?

Craster encolheu os ombros:

– Acontece que tenho mais que fazer do que tratar das idas e vindas dos corvos – bebeu um trago de cerveja e pôs a taça de lado. – Há uma noite de urso que não tenho aqui bom vinho do sul. Faria bom uso de algum vinho e de um machado novo. O meu perdeu o gume, e assim não pode ser, tenho mulheres para proteger – passou os olhos pelas esposas que corriam por todo o lado.

– São poucos aqui, e isolados – disse Mormont. – Se desejar, destacarei alguns homens para os escoltarem para sul até a Muralha.

O corvo pareceu gostar da ideia. "*Muralha*", gritou, abrindo as asas negras como se fossem um colarinho elevado atrás da cabeça de Mormont.

O anfitrião deu um sorriso desagradável, mostrando uma boca cheia de dentes quebrados e escuros.

– E o que é que nós faríamos lá? Serviríamos o seu jantar? Aqui somos gente livre. Craster não serve a ninguém.

– Estes tempos são ruins para viver sozinho em zonas selvagens. Os ventos frios se levantam.

– Que se levantem. Minhas raízes são bem fundas – Craster agarrou uma mulher que passava pelo pulso. – Conte-lhe, mulher. Conte ao Lorde Corvo como estamos satisfeitos.

A mulher passou a língua por lábios finos.

– Este é o nosso lugar. Craster nos mantém a salvo. É melhor morrer livre do que viver como um escravo.

"*Escravo*", o corvo resmungou.

Mormont inclinou-se para a frente.

– Todas as aldeias por que passamos estão abandonadas. São as primeiras almas vivas que vimos desde que deixamos a Muralha. As pessoas desapareceram… Se estão mortas, fugiram ou foram capturadas, não sei dizer. Os animais também. Não sobrou nada. E, antes de partirmos, encontramos os corpos de dois dos patrulheiros de Ben Stark a apenas algumas léguas da Muralha. Estavam brancos e frios, com mãos e pés pretos, e ferimentos que não sangravam. Mas, quando os levamos para o Castelo Negro, ergueram-se na noite e mataram. Um matou Sor Jaremy Rykker, e o outro me atacou, o que me diz que se lembravam de parte do que sabiam em vida, mas não restava neles nenhuma piedade humana.

A boca da mulher escancarou-se, uma gruta úmida e cor-de-rosa, mas Craster limitou-se a bufar.

– Aqui não tivemos problemas desses… E agradeceria se não contassem histórias malignas como essa debaixo do meu teto. Sou um homem temente aos deuses, e os deuses me mantêm a salvo. Se mortos-vivos vierem até mim, saberei como mandá-los de volta para suas sepulturas. Se bem que não me importaria de ter um machado novo e

afiado – ele pôs a mulher para correr com uma palmada na perna e um grito: – Mais cerveja, e rápido.

– Não houve problemas com os mortos – disse Jarmen Buckwell –, mas e os vivos, senhor? E o seu rei?

"*Rei!*", gritou o corvo de Mormont. "*Rei, rei, rei*."

– Aquele Mance Rayder? – Craster escarrou na fogueira. – Rei-para-lá-da-Muralha. O que os homens livres querem ter a ver com reis? – virou os olhos para Mormont. – Havia muita coisa que podia lhe dizer sobre Rayder e o que ele anda fazendo, se estivesse disposto. Isso das aldeias vazias é trabalho dele. Teria também encontrado este edifício abandonado, se eu fosse homem de fazer reverências a gente assim. Ele mandou um homem a cavalo, disse-me que tinha de largar minha fortaleza para ir rastejando aos pés dele. Mandei o homem embora, mas fiquei com a sua língua. Está ali, pregada na parede – ele apontou. – Pode ser que pudesse lhe dizer onde procurar Mance Rayder. Se estivesse disposto – de novo o sorriso escuro. – Mas teremos tempo suficiente para isso. Talvez queiram dormir debaixo do meu teto e comer meus porcos todos.

– Um teto será muito bem-vindo, senhor – disse Mormont. – A viagem foi dura, e úmida demais.

– Então serão hóspedes aqui por uma noite. Mais não, que não sou assim tão amigo de corvos. O sótão é para mim e para os meus, mas podem ficar com todo o chão que quiserem. Tenho carne e cerveja para vinte, não mais que isso. O resto de vocês, seus corvos negros, pode bicar seu próprio milho.

– Trouxemos nossos abastecimentos, senhor – disse o Velho Urso. – Ficaríamos felizes por partilhar nossa comida e vinho.

Craster limpou sua boca caída com as costas de uma mão peluda.

– Eu provo do seu vinho, Lorde Corvo, isso faço. Mais uma coisa. Qualquer homem que puser uma mão nas minhas mulheres fica sem ela.

– O teto é seu, a lei é sua – disse Thoren Smallwood, e Lorde Mormont anuiu rigidamente, embora não parecesse lá muito contente.

– Então está acertado – Cruster concedeu-lhes um grunhido. – Tem algum homem que saiba desenhar um mapa?

– Sam Tarly sabe – Jon avançou. – Ele adora mapas.

Mormont mandou Jon se aproximar.

– Mande-o aqui depois de comer. Diga-lhe para trazer penas e pergaminho. E procure também Tollett. Diga-lhe para trazer meu machado. Um presente de hóspede para nosso anfitrião.

– Quem é este aí? – Craster perguntou, antes que Jon pudesse se afastar. – Tem o ar dos Stark.

– É o meu intendente e escudeiro, Jon Snow.

– Quer dizer então que é um bastardo? – Craster olhou Jon de cima a baixo. – Se um homem quer se deitar com uma mulher, parece que a devia tomar como esposa. É o que eu faço – enxotou Jon com um gesto. – Bom, corre a cuidar do seu serviço, bastardo, e vê se esse machado está bom e afiado, que não tenho serventia para aço cego.

Jon Snow fez uma reverência rígida e se retirou. Sor Ottyn Wythers vinha entrando quando ele ia saindo, e quase se chocaram na porta de pele de veado. Lá fora, a chuva parecia ter abrandado. Tinham surgido tendas por todo o complexo. Jon conseguia ver a parte de cima de mais tendas debaixo das árvores.

Edd Doloroso estava alimentando os cavalos:

– Dar ao selvagem um machado, e por que não? – indicou com um dedo a arma de Mormont, um machado de batalha de cabo curto com arabescos de ouro incrustados na lâmina de aço negro. – Ele vai devolvê-lo, garanto. Provavelmente enfiado no crânio do Velho Urso. Por que não dar *todos* os nossos machados e as espadas também? Não gosto do modo como matraqueiam e retinem quando cavalgamos. Viajaríamos mais depressa sem eles, direto para a porta do inferno. Pergunto-me se chove no inferno. Talvez Craster queira um bom chapéu em vez do machado.

Jon sorriu.

– Ele quer um machado. E vinho também.

– Vê? O Velho Urso é esperto. Se deixarmos o selvagem bem bêbado, talvez só corte uma orelha quando tentar nos matar com aquele machado.

Tenho duas orelhas, mas só uma cabeça.

– Smallwood diz que Craster é amigo da Patrulha.

– Sabe qual é a diferença entre um selvagem que é amigo da patrulha e um que não é? – perguntou o severo escudeiro. – Nossos inimigos abandonam nossos corpos aos corvos e aos lobos. Nossos amigos nos enterram em sepulturas secretas. Eu me pergunto há quanto tempo aquele urso está pregado naquele portão, e o que Craster tinha ali antes de virmos dizer olá – Edd olhou com uma expressão de dúvida para o machado, com a chuva correndo pela sua longa cara. – Está seco lá dentro?

– Mais seco do que aqui fora.

– Se me esgueirar por lá depois, sem chegar muito perto do fogo, talvez não prestem atenção em mim até de manhã. Aqueles que ficarem sob o seu teto serão os primeiros que ele matará, mas pelo menos morreremos secos.

Jon teve de rir.

– Craster é um homem só. Nós somos duzentos. Duvido que ele assassine alguém.

– Alegra-me – Edd disse, com um ar completamente taciturno. – E, além disso, há muito a dizer em favor de um bom machado afiado. Detestaria ser assassinado com uma marreta. Vi uma vez um homem atingido na testa por uma. Quase não arranhou a pele, mas a cabeça dele se tornou mole e inchou até ficar do tamanho de uma abóbora, só que com uma cor vermelho-arroxeada. Um homem bem-apessoado, mas morreu feio. Que bom que não estamos lhe dando marretas – Edd afastou-se balançando a cabeça, com o manto negro encharcado jorrando chuva atrás de si.

Jon alimentou os cavalos antes de parar para pensar no seu jantar. Estava se perguntando onde poderia encontrar Sam, quando ouviu um grito de medo.

– *Lobo!* – Jon correu na direção do grito, dando a volta no edifício, com a terra prendendo suas botas. Uma das mulheres de Craster estava encostada na parede salpicada de lama da fortaleza. – Fica aí – estava

gritando para Fantasma. – Fica aí! – o lobo gigante tinha um coelho na boca e outro morto e ensanguentado no chão à sua frente. – Leve-o para longe, senhor – suplicou a mulher quando viu Jon.

– Ele não lhe fará mal – percebeu imediatamente o que tinha acontecido; uma coelheira de madeira, com as ripas despedaçadas, estava a lado de Fantasma na grama molhada. – Deve ter tido fome. Não encontramos muita caça – Jon assobiou. O lobo gigante devorou o coelho, esmagando os pequenos ossos entre os dentes, e caminhou para junto dele.

A mulher os mirou com olhos nervosos. Era mais nova do que Jon pensara a princípio. Uma garota de quinze ou dezesseis anos, parecia, com cabelo escuro que a chuva colava a um rosto magro e pés descalços enlameados até os tornozelos. O corpo sob as peles costuradas mostrava os primeiros sinais da gravidez.

– É uma das filhas de Craster? – ele perguntou.

Ela pôs a mão na barriga.

– Agora sou mulher dele – afastando-se com cuidado do lobo, ajoelhou-se com um ar desolado junto à coelheira quebrada. – Ia criar esses coelhos. Já não há ovelhas.

– A Patrulha vai pagá-los – Jon não tinha dinheiro seu, mas, se tivesse, teria lhe dado, embora não soubesse bem de que lhe serviriam alguns cobres, ou até uma peça de prata, para lá da Muralha. – Falarei com Lorde Mormont amanhã.

Ela limpou as mãos na saia:

– Senhor…

– Eu não sou senhor nenhum.

Mas outros tinham se juntado ao redor, atraídos pelo grito da mulher e pelo esmagamento da coelheira.

– Não acredite nele, moça – gritou Lark, o homem das Irmãs, um patrulheiro maldoso como um cão. – Este é Lorde Snow em pessoa.

– Bastardo de Winterfell e irmão de reis – zombou Chett, que tinha deixado seus cães para ver o que se passava.

– Esse lobo está olhando para você com cara de fome, moça – Lark voltou a falar. – Pode ser que lhe apeteça o pedacinho tenro que tem na barriga.

Jon não estava achando graça.

– Estão assustando-a.

– Acho que estamos mais é lhe avisando – o sorriso de Chett era tão feio como os furúnculos que cobriam a maior parte do seu rosto.

– Não devemos falar com vocês – lembrou-se a moça de repente.

– Espere – Jon pediu, tarde demais. Ela já tinha se soltado e fugiu.

Lark tentou agarrar o segundo coelho, mas Fantasma foi mais rápido. Quando mostrou os dentes, o homem das Irmãs deslizou na lama e caiu sobre o ossudo traseiro. Os outros gargalharam. O lobo gigante abocanhou o coelho e o levou para Jon.

– Não havia necessidade de assustar a moça – ele disse aos outros.

– Não ouviremos sermões de você, bastardo – Chett culpava Jon pela perda da sua posição confortável com Meistre Aemon, e não sem justiça. Se não tivesse ido falar com Aemon sobre Sam Tarly, Chett ainda estaria cuidando de um velho cego, em vez de uma matilha de cães de caça de mau temperamento. – Pode ser o animal de estimação do Senhor Comandante, mas não é o Senhor Comandante… e não falaria com todo esse maldito descaramento, se não andasse sempre com esse seu monstro por perto.

– Não vou lutar com um irmão enquanto estivermos além da Muralha – Jon respondeu, mantendo mais calma na voz do que sentia.

Lark ajoelhou-se.

– Ele tem medo de você, Chett. Nas Irmãs, temos um nome para gente assim.

– Conheço todos os nomes. Poupe seu fôlego.

Jon se afastou com Fantasma a seu lado. A chuva tinha se transformado numa garoinha fina quando ele chegou ao portão. O ocaso chegaria em breve, seguido por outra noite úmida, escura e triste. As nuvens esconderiam a lua, as estrelas e o Archote de Mormont, tornando a

floresta negra como breu. Qualquer mijadinha seria uma aventura, ainda que não propriamente do tipo que Jon imaginava antigamente.

Sob as árvores, alguns patrulheiros tinham encontrado húmus e galhos secos suficientes para fazer uma fogueira por baixo de uma saliência de ardósia. Outros tinham erguido tendas ou feito abrigos rudimentares, estendendo os mantos sobre ramos baixos. O Gigante tinha se enfiado num buraco de um carvalho morto.

– O que acha do meu castelo, Lorde Snow?

– Parece aconchegante. Sabe onde está Sam?

– Continue em frente. Se chegar ao pavilhão de Sor Ottyn, já andou demais – o Gigante sorriu. – A não ser que Sam também tenha arranjado uma árvore. E que árvore *essa* seria.

Acabou sendo Fantasma quem encontrou Sam. O lobo gigante saira disparado como um projétil de uma besta. Sob uma saliência de rocha que providenciava algum abrigo da chuva, Sam alimentava os corvos. As botas faziam ruídos úmidos quando se movia.

– Meus pés estão completamente ensopados – ele admitiu em tom infeliz. – Quando desmontei, caí num buraco que chegava aos meus joelhos.

– Tire as botas e seque as meias. Eu vou à procura de um pouco de madeira seca. Se o chão não estiver molhado por baixo da rocha, talvez sejamos capazes de fazer uma fogueira arder – Jon mostrou a Sam o coelho. – E vamos nos banquetear.

– Não vai servir Lorde Mormont no edifício?

– Não, mas você, sim. O Velho Urso quer que faça um mapa para ele. Craster diz que encontra Mance Rayder para nós.

– Ah... – Sam não parecia ansioso por conhecer Craster, nem mesmo se isso significasse uma lareira quente.

– Mas ele disse para comer primeiro. Seque os pés.

Jon foi apanhar combustível, esgravatando por baixo de troncos caídos em busca de madeira mais seca e removendo camadas de agulhas de pinheiro encharcadas até encontrar alguma razoável. Mesmo assim, até que uma faísca pegasse pareceu demorar uma eternidade. Pendurou o

manto na rocha a fim de manter a chuva afastada da sua pequena fogueira fumacenta, criando assim para os dois um pequeno recanto confortável.

Enquanto se ajoelhava para esfolar o coelho, Sam tirou as botas.

– Acho que tem musgo crescendo entre os meus dedos – o jovem gordo declarou em tom fúnebre, mexendo os dedos. – O coelho vai ficar bom. Nem me importo com o sangue e tudo o mais – ele afastou os olhos. – Bem, só um pouquinho…

Jon enfiou o coelho num espeto, limitou a fogueira com um par de pedras e equilibrou a refeição em cima delas. O coelho era uma tanto descarnado, mas enquanto assava cheirava como um banquete de rei. Outros patrulheiros deram-lhes olhares invejosos. Até Fantasma levantava a cabeça com ar faminto, com as chamas brilhando nos seus olhos vermelhos enquanto farejava.

– Já comeu o seu – Jon lembrou-lhe.

– Craster é tão selvagem como os patrulheiros dizem? – Sam quis saber. O coelho estava um pouco malpassado, mas tinha um gosto maravilhoso. – Como é o castelo dele?

– Um monte de estrume com um telhado e um buraco para a fumaça sair – Jon contou a Sam o que tinha visto e ouvido na Fortaleza de Craster.

Quando terminou a história, lá fora estava escuro e Sam lambia os dedos.

– Isso estava gostoso, mas agora tenho vontade de uma perna de carneiro. Uma perna inteira, só para mim, com molho de menta, mel e cravo. Viu carneiros?

– Havia um curral, mas sem ovelhas.

– Como é que ele alimenta todos os seus homens?

– Não vi homem nenhum. Só Craster, suas mulheres e algumas meninas pequenas. Espanta-me que ele seja capaz de manter o lugar. As defesas não são nada que valha a pena mencionar, só um dique lamacento. É melhor que vá até a casa e desenhe o mapa. Consegue encontrar o caminho?

– Se não cair na lama...

Sam voltou a calçar as botas com dificuldade e, munido de pena e pergaminho, penetrou na noite, com a chuva tamborilando no seu manto e no chapéu mole.

Fantasma apoiou a cabeça nas patas e adormeceu junto à fogueira. Jon estendeu-se a seu lado, grato pelo calor. Sentia-se frio e molhado, mas não tão frio nem tão molhado como se sentira pouco tempo antes. *Talvez esta noite o Velho Urso fique sabendo de alguma coisa que nos leve ao Tio Benjen*.

A primeira coisa que viu quando acordou foi sua respiração formando névoa no ar frio da manhã. Quando se moveu, seus ossos doeram. Fantasma tinha desaparecido e a fogueira apagara-se. Jon estendeu o braço para afastar o manto que tinha pendurado no rochedo, e o sentiu rígido e congelado. Rastejou por baixo dele e ficou em pé numa floresta transformada em cristal.

A pálida luz rosada da alvorada cintilava em galhos, folhas e pedras. Cada folha de mato estava esculpida em esmeralda, cada gota d'água tinha se transformado em diamante. Tanto as flores como os cogumelos usavam casacos de vidro. Mesmo as poças de lama tinham um brilhante reflexo marrom. Por entre o verde cintilante, as tendas negras dos seus irmãos estavam revestidas por um fino esmalte de gelo.

*No fim das contas, há magia para lá da Muralha*. Deu por si pensando nas irmãs, talvez porque tivesse sonhado com elas na noite anterior. Sansa chamaria aquilo de um encantamento, e lágrimas encheriam seus olhos perante aquela maravilha, mas Arya correria aos risos e aos gritos, querendo tocar em tudo.

– Lorde Snow? – Jon ouviu uma voz chamar, suave e submissa, e se virou.

A guardadora de coelhos estava acocorada no topo do rochedo que o abrigara durante a noite, enrolada num manto negro tão grande que a submergia. *O manto de Sam*, Jon percebeu de imediato. *Por que ela o está usando?*

– O gordo disse-me que o encontraria aqui, senhor.

– Comemos o coelho, se é isso que veio procurar – admitir aquilo fez Jon sentir-se absurdamente culpado.

– O velho Lorde Corvo, aquele que tem o pássaro falante, deu a Craster uma besta que vale cem coelhos – os braços da menina se cruzaram sobre a barriga inchada. – É verdade, senhor? É irmão de um rei?

– Meio-irmão – Jon admitiu. – Sou bastardo de Ned Stark. Meu irmão Robb é Rei do Norte. Por que está aqui?

– O gordo, o tal do Sam, disse para vir falar com o senhor. Deu-me este manto, para que ninguém dissesse que não pertenço a este lugar.

– Craster não vai ficar zangado com você?

– Meu pai bebeu demais do vinho do Lorde Corvo na noite passada. Vai passar a maior parte do dia dormindo – a respiração dela congelava no ar em pequenas nuvens nervosas. – Dizem que o rei faz justiça e protege os fracos – ela começou a descer o rochedo, desajeitadamente, mas o gelo tornara-o escorregadio e seu pé deslizou. Jon apanhou-a antes que caísse e a ajudou a descer o resto em segurança. A mulher ajoelhou no chão gelado. – Senhor, suplico-lhe…

– Não me suplique nada. Volte para sua casa, não devia estar aqui. Foi-nos ordenado que não falássemos com as mulheres de Craster.

– Não tem de falar comigo, senhor. Só me leve com você quando partir, é tudo o que peço.

*Tudo o que ela pede*, Jon pensou. *Como se não fosse nada*.

– Eu… eu serei sua mulher, se quiser. Meu pai agora tem dezenove, uma a menos não lhe fará falta.

– Os irmãos negros juram nunca tomar esposas, não sabia? E, além disso, somos hóspedes na casa do seu pai.

– *O senhor* não – ela disse. – Eu vi. Não comeu à mesa dele nem dormiu junto à sua fogueira. Ele nunca lhe ofereceu direito de hóspede, por isso não tem obrigações perante ele. É pelo bebê que tenho de partir.

– Nem sequer sei o seu nome.

– Ele chamou-me de Goiva. Vem da flor de goivo.

– É bonito – Jon se lembrou de Sansa, quando lhe disse, um dia, que devia dizer aquilo sempre que uma senhora revelasse seu nome. Não

podia ajudar a moça, mas talvez a cortesia lhe agradasse. – É Craster quem a assusta, Goiva?

– É pelo bebê, não por mim. Se for uma menina não é muito ruim, crescerá durante alguns anos e depois ele casa com ela. Mas Nella diz que vai ser um menino, e ela teve seis, e sabe dessas coisas. Ele dá os garotos aos deuses. Quando chega o frio branco, faz isso, e nos últimos tempos tem chegado mais vezes. Foi por isso que começou a dar-lhes ovelhas, apesar de gostar de carne de carneiro. Só que agora já não há ovelhas. A seguir vão ser os cães, até… – abaixou os olhos e afagou a barriga.

– Que deuses? – Jon estava se lembrando que não tinham visto meninos na Fortaleza de Craster e também nenhum homem além do próprio Craster.

– Os deuses frios – ela respondeu. – Os da noite. As sombras brancas.

De repente, Jon imaginou-se de volta à Torre do Senhor Comandante. Uma mão cortada subia pela barriga da sua perna e, quando a afastou com a ponta da espada, ela ficou se contorcendo, com os dedos abrindo e fechando. O homem morto levantou-se, com os olhos azuis brilhando naquela cara talhada e inchada. Cordões de carne rasgada pendiam do grande ferimento que tinha na barriga, mas não havia sangue.

– De que cor são os seus olhos? – Jon perguntou à menina.

– Azuis. Brilhantes como estrelas azuis, e tão frios como elas.

*Ela os viu*, pensou. *Craster mentiu*.

– Vai me levar? Só até a Muralha…

– Não nos dirigimos para a Muralha. Vamos para o norte, atrás de Mance Rayder e desses Outros, dessas sombras brancas e das suas criaturas. Nós os estamos *procurando*, Goiva. Seu bebê não estaria a salvo conosco.

O medo dela era claro em seu rosto.

– Mas voltará. Quando a luta terminar, voltará a passar por aqui.

– Talvez – *se algum de nós sobreviver*. – Isso cabe ao Velho Urso decidir, aquele a quem chama de Lorde Corvo. Sou só seu escudeiro. Não escolho o caminho a seguir.

– Não – Jon conseguia ouvir a derrota na voz dela. – Desculpe por tê-lo incomodado, senhor. Eu só… dizem que o rei mantém as pessoas a salvo, e pensei… – desesperada, fugiu, com o manto de Sam pairando atrás dela como grandes asas negras.

Jon ficou vendo a menina partir, desaparecida sua alegria com a beleza quebradiça da manhã. *Maldita seja*, pensou, ressentido, *e duplamente maldito seja Sam por mandá-la falar comigo. O que será que pensou que eu poderia fazer por ela? Estamos aqui para lutar contra selvagens, não para salvá-los.*

Outros homens engatinhavam para fora dos seus abrigos, bocejando e espreguiçando-se. A magia já tinha se desvanecido, com o brilho do gelo transformado em orvalho comum à luz do sol nascente. Alguém tinha acendido uma fogueira; conseguia sentir o cheiro de fumaça que pairava entre as árvores e o odor defumado de toucinho. Jon desprendeu o manto e bateu com ele na rocha, despedaçando a fina crosta de gelo que se formara durante a noite. Depois, pegou Garralonga e enfiou um braço em uma correia de ombro. A alguns metros dali, urinou contra um arbusto gelado, com a urina fumegando no ar frio e derretendo o gelo onde caía. Depois, amarrou os calções de lã negra e seguiu os cheiros.

Grenn e Dywen encontravam-se entre os irmãos que tinham se reunido em volta da fogueira. Hake entregou a Jon uma fatia de pão cheia de toucinho queimado e pedaços de peixe salgado aquecido na gordura do toucinho. Devorou-a enquanto ouvia Dywen gabar-se de ter tido três das mulheres de Craster durante a noite.

– Não teve nada – Grenn quis desmenti-lo, fechando o cenho. – Se tivesse, eu teria visto.

Dywen deu uma pancada na sua orelha com as costas da mão.

– Você? Teria visto? Você é tão cego quanto Meistre Aemon. Nem sequer viu aquele urso.

– Que urso? Teve um urso?

– Sempre tem um urso – Edd Doloroso declarou, no seu tom habitual de melancólica resignação. – Um matou meu irmão quando eu era novo. Depois, usei os dentes dele em volta do pescoço numa tira de couro. E

eram bons dentes, melhores do que os meus. Só tive problemas com meus dentes.

– Sam dormiu no salão na noite passada? – Jon lhe perguntou.

– Não chamaria de dormir. O chão era duro, as esteiras cheiravam mal e meus irmãos ressonavam assustadoramente. Fale de ursos o que quiserem, o certo é que nenhum rosnou de forma tão feroz como Bernarr Castanho. Mas estava quente. Uns cães subiram em cima de mim durante a noite. Meu manto estava quase seco quando um deles mijou em cima. Ou talvez tenha sido Bernarr Castanho. Reparou que a chuva parou no instante em que eu tive um teto por cima da cabeça? Vai recomeçar, agora que estou de novo aqui fora. Tanto os cães como os deuses adoram mijar em cima de mim.

– É melhor que eu vá encontrar Lorde Mormont – Jon disse.

A chuva podia ter parado, mas o complexo ainda era um atoleiro de lagos rasos e lama escorregadia. Irmãos negros dobravam as tendas, alimentavam os cavalos e mastigavam pedaços de carne salgada. Os batedores de Jarman Buckwell apertavam as correias das selas, preparando-se para partir.

– Jon – Buckwell o saudou, já montado. – Mantenha um bom fio nessa sua espada bastarda. Vamos precisar dela em breve.

O salão de Craster parecia sombrio depois da luz do dia. Lá dentro, as tochas da noite tinham ardido quase por completo e era difícil saber que o sol já tinha nascido. O corvo de Lorde Mormont foi o primeiro a vê-lo entrar. Três batidas preguiçosas das suas grandes asas negras, e empoleirou-se no topo do punho de Garralonga. *“Milho?”* Deu uma bicada numa madeixa de cabelo de Jon.

– Ignore esse desgraçado desse pássaro mendigo, Jon, ele acabou de comer metade do meu toucinho – o Velho Urso estava sentado à mesa de Craster, quebrando o jejum na companhia dos outros oficiais, com pão frito, toucinho e salsichas de carneiro. O novo machado de Craster estava sobre a mesa, com os relevos de ouro brilhando levemente à luz das tochas. Seu dono estava estendido, inconsciente, no sótão para dormir,

mas as mulheres estavam todas de pé, movendo-se em volta e servindo. – Como está nosso dia?

– Frio, mas a chuva parou.

– Muito bem. Certifique-se de que meu cavalo esteja selado e pronto. Pretendo partir dentro de uma hora. Já comeu? Craster serve comida simples, mas que enche.

*Não comerei da comida de Craster*, Jon decidiu de pronto.

– Comi com os homens, senhor – ele enxotou o corvo de Garralonga. A ave saltou de volta para o ombro de Mormont, onde prontamente defecou.

– Podia ter feito isso no Snow em vez de guardar para mim – resmungou o Velho Urso. O corvo soltou um *cuorc*.

Foi encontrar Sam atrás do salão, em pé, junto a Goiva e à coelheira quebrada. Ela o estava ajudando a vestir o manto de novo, mas, quando viu Jon, esgueirou-se para longe. Sam deu-lhe um olhar de censura ferida.

– Pensei que quisesse ajudá-la.

– E como é que eu poderia fazer isso? – Jon perguntou num tom ríspido. – Levá-la conosco, embrulhada no seu manto? Foi-nos ordenado que não…

– Eu sei – Sam respondeu com uma expressão culpada –, mas ela tem medo. Eu sei o que é ter medo. Disse a ela... – engoliu em seco.

– *O quê*? Que a levaríamos conosco?

A cara gorda de Sam corou, com um tom profundo de vermelho.

– No caminho de volta – não era capaz de olhar Jon nos olhos. – Ela vai ter um bebê.

– Sam, perdeu todo o bom-senso? Podemos nem sequer voltar por aqui. E se voltarmos, acha que o Velho Urso vai deixá-lo levar embora uma das mulheres de Craster?

– Eu pensei que… talvez, até lá eu pudesse pensar numa maneira…

– Não tenho tempo para isso, há cavalos para tratar e selar – Jon se afastou, tão confuso quanto zangado. O coração de Sam era tão grande como o resto, mas, apesar de todas as suas leituras, às vezes conseguia

ser tão obtuso como Grenn. Era impossível, e, além disso, desonroso. *Então, por que me sinto tão envergonhado?*

Jon tomou sua posição de costume ao lado de Mormont quando a Patrulha da Noite passou pelos crânios no portão de Craster. Avançaram para norte e oeste ao longo de uma trilha torta de caça. O gelo, derretendo-se, pingava por todo lado, um tipo mais lento de chuva com sua própria música suave. A norte do complexo, o córrego estava em plena cheia, afogado de folhas e pedaços de madeira, mas os batedores tinham encontrado o lugar do vau e a coluna conseguiu chapinhar até o outro lado. A água corria tão alta que tocava a barriga dos cavalos. Fantasma nadou, emergindo na margem com seu pelo branco pingando uma água amarronzada. Quando se sacudiu, espalhando lama e água para todas as direções, Mormont não disse nada, mas no seu ombro o corvo soltou um guincho.

– Senhor – Jon falou em voz baixa, enquanto a floresta se fechava em volta deles mais uma vez. – Craster não tem ovelhas. Nem filhos homens.

Mormont não respondeu.

– Em Winterfell, uma das criadas nos contou histórias. Ela costumava dizer que havia selvagens que dormiam com os Outros para gerar filhos meio humanos.

– Histórias para contar em torno da lareira. Craster parecia menos do que humano?

*De meia centena de formas.*

– Ele dá os filhos à floresta.

Um longo silêncio. E então:

– Sim – "*Sim*", o corvo resmungou, pavoneando-se. "*Sim, sim, sim*".

– O senhor sabia?

– Smallwood me disse. Há muito tempo. Todos os patrulheiros sabem, embora poucos falem disso.

– Meu tio sabia?

– Todos os patrulheiros – Mormont repetiu. – Acha que eu devia impedi-lo. Matá-lo, se necessário? – o Velho Urso suspirou. – Se fosse só

o caso de ele querer se livrar de algumas bocas, de bom grado mandaria Yoren ou Conwys recolher os garotos. Poderíamos criá-los para o negro, e a Patrulha teria essa força a mais. Mas os selvagens servem a deuses mais cruéis do que eu ou você. Aqueles garotos são as oferendas de Craster. As suas preces, se preferir.

*Suas mulheres devem fazer preces diferentes*, Jon pensou.

– Como foi que ficou sabendo disto? – perguntou-lhe o Velho Urso. – Por uma das mulheres de Craster?

– Sim, senhor – Jon confessou. – Preferia não lhe dizer qual. Ela estava assustada e queria ajuda.

– Este vasto mundo está cheio de pessoas que querem ajuda, Jon. Seria bom que algumas encontrassem coragem para se ajudar a si próprias. Craster está deitado no seu sótão agora mesmo, fedendo a vinho e inconsciente. Sobre a sua mesa, na parte de baixo, há um machado novo e afiado. Se fosse eu, chamaria isso de "Prece atendida" e daria um fim nele.

*Sim*. Jon pensou em Goiva. Nela e nas suas irmãs. Eram dezenove, e Craster apenas um, mas…

– No entanto, seria um dia ruim para nós se Craster morresse. Seu tio poderia lhe contar as vezes em que a Fortaleza de Craster constituiu a diferença entre a vida e a morte para nossos patrulheiros.

– Meu pai… – Jon hesitou.

– Continue, Jon. Diga o que quer dizer.

– Meu pai, uma vez, disse-me que há homens que não valem a pena – ele concluiu. – Um vassalo que é brutal ou injusto desonra tanto seu suserano como a si mesmo.

– Craster é somente dele mesmo. Não nos prestou juramento. Nem está sujeito às nossas leis. Seu coração é nobre, Jon, mas aprenda aqui uma lição. Não podemos pôr o mundo nos eixos. Não é esse o nosso propósito. A Patrulha da Noite tem outras guerras a travar.

*Outras guerras. Sim. Tenho de me lembrar disso.*

– Jarman Buckwell disse que posso precisar da minha espada em breve.

– Ah, ele disse? – Mormont não parecia contente. – Craster disse muitas coisas, e mais algumas, ontem à noite, e confirmou o suficiente dos meus temores para me condenar a uma noite sem sono no seu piso. Mance Rayder está reunindo seu povo nas Presas de Gelo. É por isso que as aldeias estão vazias. É a mesma história que Sor Denys Mallister obteve da selvagem que seus homens capturaram na Garganta, mas Craster acrescentou o *onde*, e isso faz toda a diferença.

– Está criando uma cidade, ou um exército?

– Bem, esta é questão. Quantos selvagens há lá? Quantos homens em idade de lutar? Ninguém sabe com certeza. As Presas de Gelo são cruéis, inóspitas, um deserto de pedra e gelo. Não sustentarão um número grande de pessoas por muito tempo. Só vejo um propósito nesta reunião. Mance Rayder pretende atacar em direção ao sul, para o interior dos Sete Reinos.

– Os selvagens já invadiram o reino antes – Jon ouvira histórias tanto da Velha Ama como de Meistre Luwin, em Winterfell. – Raymun Barba-Vermelha os levou ao sul nos tempos do avô do meu avô, e antes dele houve um rei chamado Bael, o Bardo.

– Sim, e muito antes deles houve Lorde Chifrudo e os reis irmãos Gendel e Gorne, e nos tempos antigos Joramun, que soprava o Berrante do inverno e evocava gigantes da terra. Cada um desses homens teve sua força quebrada na Muralha, ou foi quebrado pelo poder de Winterfell, do outro lado… Mas a Patrulha da Noite é apenas uma sombra do que foi. E quem resta para se opor aos selvagens além de nós? O Senhor de Winterfell está morto, e seu herdeiro levou suas forças para o sul a fim de lutar contra os Lannister. Os selvagens podem não ter uma chance como esta de novo. Eu conheci Mance Rayder, Jon. Ele é um perjuro, é certo… mas tem olhos para ver, e nenhum homem se atreveu alguma vez a chamá-lo de medroso.

– O que faremos? – Jon quis saber.

– Vamos encontrá-lo – Mormont respondeu. – Lutaremos com ele. Vamos pará-lo.

*Trezentos*, Jon pensou, *contra a fúria dos selvagens*. Seus dedos se abriram e se fecharam.

# Theon

Era inegavelmente uma beleza. *Mas o primeiro é sempre belo*, Theon Greyjoy pensou.

– Ora, aí está um sorriso bonito – disse uma voz de mulher atrás de si. – O fidalgo gosta do que vê, é isso?

Theon virou-se para avaliar. Gostou do que viu. Percebeu, num relance, que era natural das ilhas; esguia, de pernas longas, com cabelo negro cortado curto, pele esfolada pelo vento, mãos fortes e seguras, uma adaga no cinto. O nariz era grande e afilado demais para sua cara magra, mas o sorriso compensava. Estimou que seria alguns anos mais velha do que ele, mas com menos de vinte e cinco anos. Movia-se como se estivesse habituada a ter um convés debaixo dos pés.

– Sim, é uma coisa bela – ele disse. – Embora nem de perto tão encantadora como você.

– O-ho – ela sorriu. – É melhor eu ter cuidado. Este fidalgo tem mel na língua.

– Prove-a, e verá.

– Então é assim? – ela perguntou, olhando-o com ousadia. Havia mulheres nas Ilhas de Ferro, não muitas, mas algumas, que tripulavam os dracares com seus homens, e dizia-se que o sal e o mar as modificavam, dando-lhes os apetites de um homem. – O fidalgo passou tanto tempo assim no mar? Ou não havia mulheres no lugar de onde veio?

– Havia bastante mulheres, mas nenhuma como você.

– E como o fidalgo pode saber como eu sou?

– Meus olhos podem ver seu rosto. Meus ouvidos podem escutar seu riso. E minha pica ficou dura como um mastro por você.

A mulher se aproximou e empurrou uma mão contra a parte da frente dos calções dele.

– Bem, não é mentiroso – ela confirmou, dando um apertão através do pano. – Dói muito?

– Violentamente.

– Pobre fidalgo – a mulher o largou e deu um passo para trás. – Acontece que sou mulher casada e recém-engravidada.

– Os deuses são bons – Theon respondeu. – Assim não há hipótese de lhe dar um bastardo.

– Mesmo assim, meu homem não lhe agradeceria.

– Não, mas você talvez sim.

– E por que faria isso? Já tive senhores antes. São feitos da mesma maneira que os outros homens.

– Alguma vez já teve um príncipe? – Theon quis saber. – Quando for enrugada e grisalha, e seus seios caírem para baixo da barriga, poderá contar aos filhos dos seus filhos que um dia amou um rei.

– Oh, é de amor que estamos falando agora? E eu que pensava que era só de picas e de bocetas.

– É amor o que lhe agrada? – Theon decidiu que gostava daquela mulher, fosse quem fosse; sua perspicácia aguçada era uma pausa bem-vinda na melancolia úmida de Pyke. – Devo dar seu nome ao meu dracar, tocar harpa para você e mantê-la numa sala de torre do meu castelo apenas com joias para vestir, como uma princesa numa canção?

– O fidalgo *devia* dar meu nome ao seu navio – ela disse, ignorando todo o resto. – Fui eu quem o construiu.

– Quem o construiu foi Sigrin. O carpinteiro do senhor meu pai.

– Sou Esgred. Filha de Ambrode e mulher de Sigrin.

Theon não sabia que Ambrode tinha uma filha, ou Sigrin uma mulher… Havia se encontrado apenas uma vez com o construtor de navios, o mais novo, e do mais velho quase não se lembrava.

– É desperdiçada com Sigrin.

– O-ho. Sigrin disse-me que este belo navio é desperdiçado com você.

Theon ficou irritado.

– Sabe quem eu sou?

– Príncipe Theon, da Casa Greyjoy. Quem haveria de ser? Diga-me a verdade, senhor, até que ponto ama esta sua nova donzela? Sigrin vai querer saber.

O dracar era tão novo, que ainda cheirava a piche e resina. Tio Aeron iria abençoá-lo na manhã seguinte, mas Theon tinha vindo de Pyke para dar uma olhada nele antes de ser lançado ao mar. Não era tão grande como o *Grande Lula Gigante* de Lorde Balon, ou o *Vitória de Ferro* do tio Victarion, mas parecia rápido e manobrável, mesmo parado sobre seu berço de madeira, na praia; um casco negro e esguio com cem pés de comprimento, um único grande mastro, cinquenta remos longos, um convés com capacidade para cem homens… e, à proa, o grande espigão de ferro em forma de ponta de seta.

– Sigrin fez um bom serviço para mim – admitiu. – É tão rápido como parece?

– Mais rápido… para um mestre que saiba como manejá-lo.

– Já se passaram alguns anos desde que velejei pela última vez – *e nunca capitaneei um navio, na verdade*. – Em todo caso, sou um Greyjoy, e um homem de ferro. O mar está no meu sangue.

– E seu sangue estará no mar, se velejar da maneira como fala – ela retrucou.

– Nunca trataria mal uma donzela tão bela.

– Bela donzela? – ela soltou uma gargalhada. – Esta beleza é uma cadela do mar, isso sim.

– Aí está, acabou de lhe dar o nome. *Cadela do Mar*.

Aquilo divertiu a mulher; ele viu o brilho nos seus olhos escuros.

– E o fidalgo que tinha dito que queria batizá-la em minha honra – disse a mulher numa voz de censura magoada.

– Foi o que fiz – Theon pegou sua mão. – Ajude-me, senhora. Nas terras verdes, acredita-se que uma mulher à espera de um bebê significa boa fortuna para qualquer homem que se deite com ela.

– E o que sabem de navios nas terras verdes? Ou de mulheres, aliás? Seja como for, parece-me que inventou isso.

– Se eu confessar, ainda me amará?

– Ainda? Quando foi que o amei?

– Nunca – Theon admitiu. – Mas estou tentando reparar essa falta, minha querida Esgred. O vento é frio. Venha a bordo do meu navio e deixe-me aquecê-la. De manhã, meu tio Aeron despejará água do mar na sua proa e resmungará uma prece ao Deus Afogado, mas eu preferiria abençoá-lo com o leite da minha virilha, e da sua.

– O Deus Afogado pode não ver isso com bons olhos.

– Que se lixe o Deus Afogado. Se nos incomodar, afogo-o de novo. Partimos para a guerra dentro de uma quinzena. Quer me enviar para a batalha sem conseguir dormir, cheio de desejo?

– De bom grado.

– Donzela cruel. Meu navio tem o nome certo. Se conduzi-lo para os rochedos distraído por sua causa, poderá se culpar.

– Pretende conduzir com isto? – Esgred voltou a roçar a parte da frente dos calções de Theon e sorriu quando um dedo delineou o contorno de ferro do seu membro.

– Volte para Pyke comigo – ele disse de repente, pensando: *O que dirá Lorde Balon? E por que devo me importar? Sou um homem-feito, se quiser trazer uma mulher para a cama é problema meu e de mais ninguém.*

– E o que eu faria em Pyke? – a mão dela ficou onde estava.

– Meu pai vai dar esta noite um banquete aos seus capitães – banqueteava-os todas as noites enquanto esperava a chegada dos retardatários, mas Theon não viu necessidade de lhe dizer isso.

– Quer me nomear seu capitão por uma noite, senhor meu príncipe? – ela tinha o sorriso mais malicioso que Theon já vira numa mulher.

– Poderia fazê-lo. Se soubesse que me levaria a salvo até o porto.

– Bem, sei qual é a ponta do remo que entra no mar, e não há ninguém melhor do que eu com cordas e nós – com uma mão só, desamarrou os cordões dos calções dele, depois sorriu, e afastou-se com um movimento ligeiro. – Pena que seja uma mulher casada e recém-engravidada.

Excitado, Theon voltou a se amarrar.

– Tenho de voltar ao castelo. Se não vier comigo, posso me perder por desgosto, e todas estas ilhas ficarão mais pobres.

– Isso não pode ser… Mas eu não tenho cavalo, senhor.

– Pode levar a montaria do meu escudeiro.

– E obrigar seu pobre escudeiro a voltar a Pyke a pé?

– Então divida a minha.

– O senhor gostaria bastante disso – de novo o sorriso. – Bom... Eu iria atrás de você, ou à sua frente?

– Você faria o que quisesse.

– Gosto de ficar por cima.

*Onde esta devassa esteve durante toda a minha vida?*

– O palácio do meu pai é sombrio e úmido. Precisa de Esgred para fazer o fogo arder.

– O fidalgo tem mel na língua.

– Não foi assim que começamos?

Ela ergueu as mãos:

– E é aqui que terminamos. Esgred é sua, querido príncipe. Leve-me para o seu castelo. Deixe-me ver as suas orgulhosas torres que se erguem do mar.

– Deixei o cavalo na estalagem. Venha.

Caminharam juntos ao longo da margem, e quando Theon tomou seu braço, ela não se afastou. Gostava do modo como ela caminhava; havia naquele andar uma ousadia, em parte passeio, em parte balanço, que sugeria que ela seria igualmente ousada sob os lençóis.

Theon nunca vira Fidalporto tão cheio de gente, repleto das tripulações dos dracares que enchiam a costa pedregosa e balançavam, ancorados bem para lá da rebentação. Os homens de ferro não dobravam os joelhos frequentemente ou com facilidade, mas Theon reparou que tanto remadores como o povo da vila caíam no silêncio quando eles passavam e o cumprimentavam inclinando respeitosamente a cabeça. *Finalmente aprenderam quem eu sou*, pensou. *E já era mais que hora*.

Lorde Goodbrother de Grande Wyk tinha chegado na noite anterior com sua força principal, quase quarenta dracares. Seus homens estavam por

toda a parte, ilustres com suas faixas listradas de pelo de cabra. Dizia-se na estalagem que as prostitutas de Otter Gimpknee estavam sendo comidas, até ficarem com as pernas tortas, por rapazes sem barbas com faixas. Theon só desejava que fizessem bom proveito. Pior antro de rameiras esperava nunca ver. A atual companhia era mais do seu agrado. Que fosse casada com o carpinteiro do pai, e além disso estivesse grávida, só lhe despertava mais a curiosidade.

– O senhor meu príncipe já começou a escolher sua tripulação? – Esgred perguntou enquanto abriam caminho para os estábulos. – Ei, Bluetooth – ela gritou para um navegador que passou por perto, um homem alto com traje de pele de urso e capacete com asas de corvo. – Como vai sua noiva?

– Com uma grande barriga, e falando em gêmeos.

– Já? – Esgred deu aquele sorriso malicioso. – Meteu depressa o remo na água.

– Sim, e remei, remei e *remei* – rugiu o homem.

– Um homem grande – observou Theon. – Bluetooth, não é? Deveria escolhê-lo para a minha *Cadela do Mar*?

– Só se pretender insultá-lo. Bluetooth tem um belo navio só dele.

– Estive longe tempo demais para distinguir um homem dos outros – Theon admitiu. Procurara por alguns dos amigos com quem brincava quando criança, mas tinham partido, morrido ou se transformado em estranhos. – Meu tio Victarion emprestou-me seu timoneiro.

– Rymolf Stormdrunk? Um bom homem, desde que esteja sóbrio – a mulher viu mais rostos que conhecia e chamou um trio que passava: – Uller, Qarl. Onde está seu irmão, Skyte?

– Temo que o Deus Afogado tenha precisado de um remador forte – respondeu o homem troncudo com veios grisalhos na barba.

– O que ele quer dizer é que Eldiss bebeu vinho demais e sua gorda barriga estourou – disse o jovem de bochechas rosadas ao seu lado.

– O que está morto não pode morrer – Esgred rebateu.

– O que está morto não pode morrer.

Theon murmurou as palavras com eles.

– Parece conhecer muita gente – ele disse à mulher depois de os homens passarem.

– Todos os homens gostam da mulher do construtor de navios. E é bom que gostem, a menos que queiram que seu navio afunde. Se precisa de homens para puxar os seus remos, encontrará piores do que aqueles três.

– Fidalporto não tem falta de braços fortes – Theon já pensara bastante no assunto. Era guerreiros que queria, e homens que *lhe* fossem leais, e não ao senhor seu pai ou aos tios. Por ora representava o papel de um jovem príncipe obediente, enquanto esperava que Lorde Balon revelasse seus planos por inteiro. Mas se por acaso não gostasse desses planos ou da parte que neles desempenhava, bem…

– A força não basta. Os remos de um dracar devem se mover como um só para obter a velocidade máxima. Se for sensato, escolherá homens que já remaram juntos antes.

– Sábio conselho. Talvez queira me ajudar a escolhê-los – *que ela acredite que quero a sua sabedoria; as mulheres gostam disso.*

– Talvez. Se me tratar com gentileza.

– De que outra forma a trataria?

Theon acelerou o passo ao se aproximarem do *Myraham*, que balançava alto e vazio junto ao cais. O capitão tentara zarpar há uma quinzena, mas Lorde Balon não permitiu. Nenhum dos mercadores que aportaram em Fidalporto tinha sido autorizado a voltar a partir; o pai não queria que nenhuma notícia da reunião das suas forças chegasse ao continente antes de estar pronto para atacar.

– Senhora – chamou uma voz suplicante vinda do castelo de proa do navio mercante. A filha do capitão debruçava-se sobre a amurada, olhando-o. O pai a proibira de ir à terra firme, mas sempre que Theon vinha a Fidalporto vislumbrava-a vagando desamparadamente pelo convés. – Senhora, um momento – ela chamou novamente. – Se agradar ao senhor.

– Agradou? – Esgred perguntou, enquanto Theon a apressava para passar pelo barco pesqueiro. – Ela agradou ao senhor?

Não viu motivo para ser recatado com aquela mulher.

– Durante algum tempo. Agora quer ser a minha esposa de sal.

– O-ho. Bem, ela sem dúvida precisa de um pouco de sal. Essa é branda e doce demais. Ou será que me engano?

– Não – *branda e doce. Exatamente. Como foi que ela soube?*

Tinha dito a Wex para esperar na estalagem. A sala comum estava tão cheia de gente, que Theon precisou abrir caminho até a porta aos empurrões. Não havia nenhum lugar vago nas mesas ou no banco. E também não viu o escudeiro.

– *Wex* – Theon gritou, por cima do burburinho e do tinir de louça. *Se ele estiver lá em cima com uma daquelas vadias sifilíticas, esfolo-o*, Theon estava pensando, quando finalmente vislumbrou o rapaz, jogando dados perto da lareira… e ganhando, a julgar pela pilha de moedas que tinha à frente.

– É hora de ir – Theon anunciou.

Quando o rapaz não prestou atenção, puxou-o por uma das orelhas e o arrancou do jogo. Wex agarrou um punhado de moedas de cobre e seguiu, sem uma palavra. Esta era uma das coisas que Theon mais gostava nele. A maioria dos escudeiros tinha a língua solta, mas Wex nasceu mudo… o que não parecia impedi-lo de ser tão esperto como qualquer rapaz de doze anos tinha direito de ser. Era filho ilegítimo de um dos meios-irmãos de Lorde Botley. Tomá-lo como escudeiro tinha sido parte do preço que Theon pagara pelo cavalo.

Quando Wex viu Esgred, seus olhos ficaram redondos. *Dá para dizer que nunca viu uma mulher*, pensou Theon.

– Esgred vai comigo para Pyke. Sele os cavalos, rápido.

O rapaz tinha vindo montado num pequeno garrano ossudo dos estábulos de Lorde Balon, mas a montaria de Theon era um tipo de animal bem diferente.

– Onde encontrou esse cavalo dos infernos? – perguntou-lhe Esgred quando o viu, mas, pelo modo como riu, Theon soube que tinha ficado impressionada.

– Lorde Botley comprou-o em Lanisporto há um ano, mas ele se mostrou cavalo demais, e Botley ficou feliz por vendê-lo – as Ilhas de

Ferro eram pobres e rochosas demais para a criação de bons cavalos. A maior parte dos ilhéus não passava de cavaleiros inexpressivos, mais confortáveis no convés de um dracar do que sobre uma sela. Até os senhores montavam garranos ou pôneis peludos de Harlaw, e os carros de bois eram mais comuns do que os puxados a cavalo. Os plebeus que eram pobres demais para possuir uma coisa ou outra puxavam eles próprios as charruas pelo solo raso e pedregoso.

Mas Theon passara dez anos em Winterfell e não pretendia ir para a guerra sem uma boa montaria entre as pernas. O engano de Lorde Botley tinha sido sua boa sorte: um garanhão com um temperamento tão negro como seu pelo, maior do que um corcel, ainda que não tão grande como a maioria dos cavalos de batalha. Como Theon não era tão grande como a maioria dos cavaleiros, servia-lhe admiravelmente bem. O animal tinha fogo nos olhos. Quando conheceu seu novo dono, arreganhou os beiços e tentou arrancar sua cabeça com dentadas.

– Ele tem nome? – Esgred perguntou a Theon enquanto ele montava.

– Sorridente – o jovem lhe ofereceu a mão e a puxou para a sua frente, onde poderia pôr os braços em volta dela enquanto cavalgavam. – Um dia conheci um homem que me disse que eu sorria das coisas erradas.

– E é verdade?

– Só à luz daqueles que não sorriem de nada – ele pensou no pai e no tio Aeron.

– Está agora sorrindo, senhor meu príncipe?

–Ah, sim – Theon passou os braços em volta dela para pegar as rédeas. A mulher era quase da mesma altura que ele. Seu cabelo precisava ser lavado, e tinha uma leve cicatriz cor-de-rosa no bonito pescoço, mas ele gostou do seu cheiro, de sal, suor e mulher.

A cavalgada de volta a Pyke prometia ser bastante mais interessante do que a viagem de vinda.

Quando já tinham se afastado bastante de Fidalporto, Theon pôs uma mão no seu seio. Esgred a afastou.

– Eu manteria ambas as mãos nas rédeas, senão esta sua fera preta é bem capaz de nos atirar ao chão e de nos escoicear até a morte.

– Eu já o domei.

Divertido, Theon portou-se bem durante algum tempo, tagarelando amigavelmente acerca do tempo (cinzento e encoberto, como estivera desde a sua chegada, com chuvas frequentes) e falando-lhe dos homens que tinha matado no Bosque dos Murmúrios. Quando chegou à parte sobre chegar assim *tão* perto do Regicida em pessoa, deslizou a mão para onde estivera. Os seios dela eram pequenos, mas gostou da sua firmeza.

– Não quer fazer isso, senhor meu príncipe.

– Ah, se quero – Theon deu um apertão.

– Seu escudeiro está observando.

– Que observe. Nunca contará nada, juro.

Esgred arrancou a mão dele do seu seio. E desta vez a manteve firmemente aprisionada. Ela tinha mãos fortes.

– Gosto de uma mulher com uma pegada forte.

Ela deu uma fungada:

– Nunca teria imaginado, por aquelazinha no cais.

– Não deve me julgar por ela. Era a única mulher no navio.

– Fale-me do seu pai. Vai me dar boas-vindas gentis ao seu castelo?

– Por que haveria de dar? Quase não *me* deu boas-vindas, sangue do seu sangue, herdeiro de Pyke e das Ilhas de Ferro.

– Ah, é? – ela returcou com uma voz branda. – Dizem que o senhor tem tios, irmãos, uma irmã.

– Meus irmãos estão há muito mortos, e minha irmã… Bem, dizem que o vestido favorito de Asha é um camisão de cota de malha que cai até abaixo dos joelhos, com roupa íntima de couro fervido por baixo. Mas vestir-se de homem não faz dela um. Farei um bom casamento de aliança para ela depois de ganharmos a guerra, se encontrar algum homem que a queira. Pelo que me lembro, tinha um nariz que mais parecia um bico de abutre, uma colheita madura de espinhas, e não tinha mais peito do que um rapaz.

– Pode se ver livre da irmã por casamento – Esgred disse –, mas não dos tios.

– Meus tios… – a pretensão de Theon tinha precedência sobre as dos três irmãos do pai, mas, mesmo assim, a mulher tinha tocado num ponto sensível. Nas ilhas era longe de ser ignorado que um tio forte e ambicioso despojasse um sobrinho fraco dos seus direitos, geralmente assassinando-o no processo. *Mas não sou fraco*, disse Theon a si próprio, *e pretendo ser ainda mais forte quando meu pai morrer*. – Meus tios não são ameaça para mim. Aeron está bêbado de água do mar e santidade. Vive apenas para o deus dele…

– O deus *dele*? Não o seu?

– Meu também. O que está morto não pode morrer – deu um ligeiro sorriso. – Se eu soltar ruídos piedosos quando me for pedido, Cabelo-Molhado não me dará problemas. E meu tio Victarion…

– Senhor Comandante da Frota de Ferro, e um temível guerreiro. Ouvi canções sobre ele nas cervejarias.

– Durante a rebelião do senhor meu pai, ele navegou até Lanisporto com meu tio Euron e incendiou a frota Lannister no ancoradouro – Theon recordou. – Mas o plano era de Euron. Victarion é como um grande boi castrado cinza, forte, incansável e obediente, mas pouco capaz de ganhar corridas. Sem dúvida que me servirá tão lealmente como serviu ao senhor meu pai. Não tem nem a inteligência nem a ambição para maquinar traições.

– No entanto, a Euron Olho de Corvo não falta astúcia. Ouvi os homens contarem coisas terríveis sobre ele.

Theon se mexeu na sela.

– Meu tio Euron não é visto nas ilhas há cerca de dois anos. Pode estar morto – se assim fosse, talvez fosse melhor. O irmão mais velho de Lorde Balon nunca abandonou o Costume Antigo, nem sequer por um dia. Dizia-se que seu *Silêncio*, com suas velas negras e casco vermelho-escuro, era infame em todos os portos entre Ibben e Asshai.

– Pode estar morto – concordou Esgred. – Mas, se for vivo, ora, passou tanto tempo no mar que seria quase um estranho aqui. Os homens de ferro nunca poriam um estranho na Cadeira de Pedra do Mar.

– Suponho que não – Theon respondeu, antes de lhe ocorrer que alguns também *o* chamariam de estranho. A ideia fez com que franzisse a testa. *Dez anos é muito tempo, mas agora estou de volta, e meu pai está longe de estar morto. Tenho tempo para provar quanto valho.*

Pensou em voltar a acariciar o seio de Esgred, mas o mais certo era que ela se limitasse a afastar sua mão, e toda aquela conversa sobre os tios tinha esfriado um pouco seu ardor. Haveria tempo suficiente para aquelas brincadeiras no castelo, na privacidade dos seus aposentos.

– Falarei com Helya quando chegarmos a Pyke, e vou me assegurar de que tenha um lugar de honra no banquete – ele disse. – Tenho de me sentar no estrado, à direita do meu pai, mas descerei para junto de você quando ele sair do salão. Ele raramente fica por muito tempo. Hoje em dia, não tem barriga para a bebida.

– É coisa penosa quando um grande homem envelhece.

– Lorde Balon não é mais do que *o pai* de um grande homem.

– Um fidalgo modesto.

– Só um tolo se rebaixa quando o mundo está tão cheio de homens ansiosos por fazer esse serviço por ele – deu um pequeno beijo na parte de trás do seu pescoço.

– O que usarei nesse grande banquete? – ela esticou a mão para trás e empurrou seu rosto para longe.

– Pedirei a Helya para vesti-la. Um dos vestidos da senhora minha mãe talvez sirva. Ela está em Harlaw, e não se espera que retorne.

– Ouvi dizer que os ventos frios a afastaram. Não vai visitá-la? Os navios chegam a Harlaw em um dia, e decerto a Senhora Greyjoy anseia por um último vislumbre do seu filho.

– Bem que gostaria de poder. Mantêm-me aqui ocupado demais. Meu pai depende de mim, agora que voltei. Quando chegar a paz, talvez…

– Sua chegada poderá trazer paz *a ela*.

– Agora está soando como uma mulher – Theon se lamentou.

– Confesso, é o que sou… e recém-engravidada.

Sem saber por que, aquilo o excitava.

– É o que diz, mas seu corpo não mostra nenhum sinal de estar grávida. Como vai provar? Antes que acredite em você, terei de ver seus seios crescendo e saborear seu leite de mãe.

– E o que dirá disso meu marido? Um servo do seu pai e a ele juramentado?

– Daremos tantos navios para ele construir que nem notará que foi abandonado.

Ela soltou uma gargalhada.

– É um fidalgo cruel, este que me raptou. Se lhe prometer que um dia poderá ver meu bebê mamando, vai me contar mais da sua guerra, Theon da Casa Greyjoy? Ainda temos quilômetros e montanhas à nossa frente e gostaria de ouvir falar desse rei lobo a quem tem servido e dos leões dourados que ele combate.

Ansioso por agradar, Theon fez sua vontade. O resto da longa cavalgada passou rapidamente, enquanto ele enchia a bonita cabeça dela com histórias sobre Winterfell e a guerra. Algumas das coisas que ela disse o espantaram. *É fácil falar com ela, que os deuses a louvem*, refletiu. *Sinto-me como se a conhecesse há anos. Se as brincadeiras de alcova da moça forem metade da sua esperteza, terei de ficar com ela…* Pensou em Sigrin, o carpinteiro naval, um homem grosso de corpo e de mente, de cabelo louro como linho já recuando numa testa cheia de espinhas, e balançou a cabeça. *Um desperdício. Um trágico desperdício*.

Pareceu quase não ter passado tempo algum quando a grande muralha exterior de Pyke se avolumou à frente deles.

Os portões estavam abertos. Theon esporeou Sorridente e os atravessou a trote rápido. Os cães latiam como loucos enquanto ele ajudava Esgred a desmontar. Vários vieram até eles aos saltos, abanando as caudas. Passaram por ele como se não estivesse ali, e quase atiraram a mulher ao chão, saltando em volta dela, latindo e lambendo.

– Fora – Theon gritou, dando um chute ineficiente em uma grande cadela marrom, mas Esgred ria e brincava com eles.

Um palafreneiro veio atrás dos cães.

– Leve os cavalos – ordenou-lhe Theon – e afaste estes malditos cães…

O rústico não prestou atenção nele. Seu rosto abriu-se num enorme sorriso esburacado e disse:

– Senhora Asha. Regressou.

– Na noite passada – ela disse. – Vim de Grande Wyk com Lorde Goodbrother e passei a noite na estalagem. Meu irmãozinho teve a bondade de me deixar vir de Fidalporto com ele – beijou um dos cães no focinho e sorriu para Theon.

Tudo o que ele conseguiu fazer foi ficar ali, congelado, olhando-a de boca aberta. *Asha. Não. Ela não pode ser Asha*. Compreendeu de repente que havia duas Ashas na sua cabeça. Uma era a menininha que conhecera. A outra, imaginada de forma mais vaga, parecia-se um pouco com a mãe. Nenhuma tinha qualquer semelhança com esta… esta… esta…

– As espinhas desapareceram quando os seios surgiram – ela explicou, enquanto lutava com um cão –, mas mantive o bico de abutre.

Theon encontrou a voz.

– Por que não me contou?

Asha largou o cão e se endireitou.

– Quis ver primeiro quem você era. E vi – dirigiu-lhe uma meia reverência zombeteira. – E agora, irmãozinho, peço que me desculpe. Tenho de tomar banho e me vestir para o banquete. Será que ainda tenho aquele vestido de cota de malha que gosto de vestir por cima da roupa íntima de couro fervido? – deu-lhe seu sorriso perverso e atravessou a ponte com aquele andar que Theon tanto tinha gostado, em parte passeio, em parte balanço.

Quando Theon se virou, Wex estava sorrindo. Deu uma pancada na orelha do garoto:

– Isto é por estar se divertindo tanto – e outra, com mais força. – E isto é por não me avisar. Da próxima vez, arranje uma língua.

Seus aposentos na Fortaleza dos Hóspedes nunca tinham parecido tão gelados, apesar de os servos terem deixado um braseiro ardendo. Theon arrancou as botas, deixou que o manto caísse no chão e serviu-se de uma taça de vinho, recordando uma garota desajeitada com joelhos salientes e

espinhas. *Ela desamarrou meus calções*, pensou, ultrajado, *e disse… oh, deuses, e* eu *disse*… Gemeu. Não poderia ter feito maior papel de idiota.

*Não*, ele continuou seu embate. *Foi ela quem fez de mim um idiota. A cadela perversa deve ter adorado cada momento. E a maneira como não parava de pôr a mão na minha pica…*

Pegou a taça e se dirigiu ao banco da janela, onde se sentou, bebendo e observando o mar enquanto o sol escurecia sobre Pyke. *Não tenho lugar aqui*, pensou, *e Asha é o motivo. Que os Outros a levem!* A água, lá embaixo, mudou de verde para cinza e de cinza para preto. Àquela altura já ouvia música distante e percebeu que era hora de trocar de roupa para o banquete.

Theon escolheu botas simples e roupas ainda mais simples, sóbrios tons de negro e cinza para combinar com seu humor. Nenhum ornamento; nada possuía que tivesse sido comprado com ferro. *Devia ter tirado qualquer coisa daquele selvagem que matei para salvar Bran Stark, mas ele não tinha nada que valesse a pena. É a minha maldita sorte, mato os pobres.*

O longo salão fumacento estava apinhado com os senhores e capitães do pai quando Theon entrou, quase quatrocentos. Dagmer Boca Rachada ainda não tinha voltado de Velha Wyk com os Stonehouse e os Drumm, mas todos os outros se encontravam ali; os Harlaw de Harlaw, os Blacktyde de Pretamare, os Sparr, Merlyn e Goodbrother de Grande Wyk, os Saltcliff e Sunderlie de Salésia, e os Botley e Wynch do outro lado de Pyke. Os servos ofereciam cerveja, e havia música, rabecas, foles e tambores. Três homens corpulentos dançavam a dança dos dedos, atirando uns aos outros machados de cabo curto. O truque era pegar o machado ou saltar sobre ele sem errar um passo. Chamava-se dança dos dedos porque geralmente terminava quando um dos dançarinos perdia um dedo… ou dois, ou cinco.

Nem os dançarinos nem os homens que bebiam prestaram grande atenção a Theon Greyjoy quando ele se dirigiu ao estrado. Lorde Balon ocupava a Cadeira de Pedra do Mar, esculpida em forma de uma grande lula gigante a partir de um imenso bloco de pedra negra oleosa. Rezava a

lenda que os Primeiros Homens tinham-na encontrado na costa de Velha Wyk quando chegaram às Ilhas de Ferro. À esquerda do cadeirão estavam os tios de Theon. Asha estava aninhada à direita, no lugar de honra.

– Chega tarde, Theon – observou Lorde Balon.

– Peço-lhe perdão – Theon ocupou o lugar vazio ao lado de Asha. Aproximando-se, sibilou ao seu ouvido: – Está no meu lugar.

Ela se virou para ele com olhos inocentes.

– Irmão, certamente se engana. Seu lugar é em Winterfell – o sorriso de Asha cortava. – E onde estão todas as roupas bonitas? Ouvi dizer que gostava de sentir seda e veludo contra a pele – ela estava vestida de suave lã verde, com um corte simples que fazia o tecido aderir ao esbelto contorno do seu corpo.

– Seu camisão deve ter enferrujado, irmã – Theon atirou em resposta. – Uma grande pena. Gostaria de vê-la toda vestida de ferro.

Asha limitou-se a soltar uma gargalhada.

– Talvez ainda veja, irmãozinho… Se acha que sua *Cadela do Mar* consegue acompanhar meu *Vento Negro* – um dos servos do pai se aproximou, transportando um jarro de vinho. – Hoje bebe cerveja ou vinho, Theon? – ela se aproximou mais. – Ou será que ainda sente sede de um pouco do leite da minha mãe?

Theon corou.

– Vinho – ele disse ao servo. Asha virou a cabeça e bateu na mesa, gritando por cerveja.

Theon partiu um pão ao meio, tirou uma côdea do miolo e chamou um cozinheiro para enchê-la com guisado de peixe. O cheiro do molho espesso o deixou um pouco agoniado, mas forçou-se a comer alguma coisa. Tinha bebido vinho suficiente para continuar flutuando ao longo de duas refeições. *Se vomitar, será sobre ela*.

– O pai sabe que se casou com aquele carpinteiro? – perguntou à irmã.

– Não mais do que Sigrin – ela encolheu os ombros. – *Esgred* foi o primeiro navio que ele construiu. Deu-lhe o nome da mãe. Dificilmente conseguiria dizer de qual das duas ele gosta mais.

– Cada palavra que me disse foi uma mentira.

– *Cada* palavra não. Lembra-se de quando lhe disse que gosto de ficar por cima? – Asha sorriu.

Isso só o irritou mais.

– Toda aquela conversa sobre ser uma mulher casada e recém-engravidada…

– Ah, essa parte é bem verdadeira – Asha pôs-se em pé de um salto. – Rolfe, aqui – gritou para um dos dançarinos dos dedos, erguendo uma mão. Ele a viu, rodopiou, e de repente um machado levantou voo da sua mão, com a lâmina cintilando enquanto rodopiava à luz dos archotes. Theon teve tempo apenas para se sobressaltar antes de Asha roubar o machado do ar e atirá-lo à mesa, quebrando seu tabuleiro ao meio e respingando o conteúdo sobre o manto dele. – Este é o senhor meu esposo – a irmã de Theon enfiou a mão no vestido e puxou um punhal de entre os seios. – E este é o meu querido bebê de peito.

Theon Greyjoy não conseguiria imaginar sua cara naquele momento, mas subitamente percebeu que o Grande Salão ressoava com gargalhadas, todas à sua custa. Até o pai sorria, malditos fossem os deuses, e tio Victarion ria em voz alta. A melhor resposta que conseguiu arranjar foi um esgar enjoado. *Veremos quem vai rir quando tudo isso chegar ao fim, cachorra.*

Asha arrancou o machado da mesa e voltou a atirá-lo aos dançarinos, por entre assobios e sonoros vivas.

– Faria bem em prestar atenção ao que lhe disse sobre a escolha de uma tripulação – um servo ofereceu-lhes uma bandeja; ela apunhalou um peixe salgado e o comeu diretamente da ponta da adaga. – Se tivesse se incomodado em aprender alguma coisa a respeito de Sigrin, nunca teria se enganado. Um lobo durante dez anos, e desembarca aqui pensando que reina sobre as ilhas, mas não conhece nada nem ninguém. Por que os homens iriam lutar e morrer por você?

– Sou seu legítimo príncipe – Theon respondeu rigidamente.

– Segundo as leis das terras verdes, pode ser que seja. Mas nós aqui fazemos nossas próprias leis, ou será que se esqueceu?

De cara fechada, Theon virou-se para contemplar o tabuleiro que derramava líquido à sua frente. Não tardava, poderia ter guisado caindo no seu colo. Gritou por um servo que limpasse tudo aquilo. *Esperei poder voltar para casa durante metade da minha vida, e para quê? Troça e desprezo?* Aquela não era a Pyke de que se lembrava. Mas lembraria *mesmo*? Era tão novo quando o levaram como refém.

O banquete foi uma coisa bastante pobre, uma sucessão de guisados de peixe, pão preto e cabra sem tempero. A coisa mais saborosa que Theon encontrou para comer foi uma torta de cebola. Cerveja e vinho continuaram a fluir bem depois do último dos pratos ter sido levado.

Lorde Balon Greyjoy levantou-se da Cadeira de Pedra do Mar:

– Terminem as suas bebidas e venham até meu aposento privado – ordenou aos que o acompanhavam no estrado. – Temos planos a traçar – deixou-os sem mais uma palavra, flanqueado por dois dos seus guardas. Os irmãos seguiram-no pouco depois. Theon levantou-se para ir atrás deles.

– Meu irmãozinho está com pressa de ir embora – Asha ergueu o corno e gesticulou por mais cerveja.

– O senhor nosso pai está esperando.

– E tem estado, há muitos anos. Não lhe fará mal nenhum esperar um pouco mais… Mas, se teme a sua ira, corra atrás dele, vá. Não deve ter problemas em alcançar nossos tios – ela sorriu. – Afinal, um deles está bêbado de água do mar, e o outro é um grande boi castrado cinza, tão obtuso que provavelmente se perderá.

Theon voltou a se sentar, aborrecido.

– Não corro atrás de homem nenhum.

– De homem nenhum, mas de todas as mulheres?

– Não fui eu quem agarrou o seu pau.

– Não tenho um, lembra? Mas foi bem rápido em agarrar todas as outras partes de mim.

Theon sentiu o sangue subindo ao rosto.

– Sou um homem com os apetites de um homem. Que tipo de criatura desnaturada é você?

– Apenas uma tímida donzela – a mão de Asha dardejou sob a mesa e deu um apertão no seu sexo. Theon quase saltou da cadeira. – O quê? Não quer que o conduza para o porto, irmão?

– O casamento não é para você – decidiu Theon. – Quando eu governar, acho que a mandarei para as irmãs silenciosas – ficou em pé e foi embora, um pouco desequilibrado, em busca do pai.

Chovia quando chegou à ponte oscilante que levava à Torre do Mar. Seu estômago estava agitado e batendo como as ondas lá embaixo, e o vinho tinha deixado seus pés pouco firmes. Theon rangeu os dentes e agarrou-se bem à corda ao longo da travessia, fazendo de conta que era o pescoço de Asha que estava apertando.

O aposento privado estava muito úmido e cheio de correntes de ar como sempre. Enterrado em seu roupão de pele de foca, seu pai encontrava-se sentado à frente do braseiro, ladeado pelos irmãos. Victarion falava de ventos e marés quando Theon entrou na sala, mas Lorde Balon fez-lhe sinal para que se calasse.

– Já fiz meus planos. É hora que os ouçam.

– Eu tenho algumas sugestões…

– Quando eu precisar do seu conselho, vou pedi-lo – respondeu seu pai. – Chegou-nos uma ave de Velha Wyk. Dagmer está a caminho com os Drumm e os Stonehouse. Se o deus nos der bons ventos, zarparemos quando eles chegarem… *Você* zarpará. Quero que dê o primeiro golpe, Theon. Levará oito dracares para norte…

– *Oito*? – seu rosto ficou vermelho. – O que posso esperar conseguir com apenas oito dracares?

– Deverá assolar a Costa Rochosa, saqueando as aldeias de pescadores e afundando qualquer navio que possa encontrar. Pode ser que faça com que alguns dos senhores do norte saiam das suas muralhas de pedra. Aeron vai acompanhá-lo, bem como Dagmer Boca Rachada.

– Que o Deus Afogado abençoe nossas espadas – o sacerdote se manifestou.

Theon sentiu-se como se lhe tivessem dado um tabefe. Estavam mandando que fizesse trabalho de salteador, queimando os casebres dos

pescadores e estuprando suas feias filhas, e mesmo assim parecia que Lorde Balon não confiava nele o suficiente até para fazer isso. Já era ruim o bastante ter de aguentar as sobrancelhas franzidas e as reprimendas do Cabelo-Molhado. Com Dagmer Boca Rachada junto, seu comando seria puramente nominal.

– Asha, minha filha – prosseguiu Lorde Balon, e Theon virou-se para ver que a irmã tinha entrado em silêncio na sala. – Você leva trinta dracares com homens escolhidos para lá da Ponta do Dragão Marinho. Desembarque nas planícies de maré a norte de Bosque Profundo. Marche rapidamente, e o castelo pode cair antes mesmo que saibam que está atacando.

Asha sorriu como um gato diante do leite.

– Sempre quis um castelo – ela respondeu, com voz doce.

– Então tome um.

Theon teve de morder a língua. Bosque Profundo era a fortaleza dos Glover. Com Robett e Galbart guerreando no sul, estaria fracamente defendido, e uma vez tomado o castelo, os homens de ferro teriam uma base segura no coração do norte. *Devia ser eu o enviado para tomar Bosque Profundo*. *Ele* conhecia Bosque Profundo, tinha visitado os Glover várias vezes com Eddard Stark.

– Victarion – disse Lorde Balon ao irmão –, o ataque principal caberá a você. Quando meus filhos tiverem dado seus golpes, Winterfell terá de responder. Deverá encontrar pouca oposição enquanto subir a Lança de Sal e o Rio Febre. Na nascente estará a menos de vinte milhas de Fosso Cailin. O Gargalo é a chave do reino. Já dominamos os mares ocidentais. Uma vez que estivermos na posse de Fosso Cailin, o filhote não será capaz de reconquistar o Norte… E, se for suficientemente louco para tentar, seus inimigos selarão a extremidade sul do talude nas suas costas, e Robb, o Rapaz, se verá encurralado como uma ratazana numa garrafa.

Theon não conseguiu continuar em silêncio.

– Um plano ousado, pai, mas os senhores nos seus castelos…

Lorde Balon o interrompeu:

– Os senhores foram ao sul com o filhote. Os que ficaram para trás são os covardes, velhos e garotos imaturos. Vão se render, ou cairão um por um. Winterfell pode resistir durante um ano, mas, e daí? O resto será nosso, florestas, campos e palácios, e faremos do povo nossos servos e esposas de sal.

Aeron Cabelo-Molhado ergueu as mãos:

– E as águas da ira vão se erguer, e o Deus Afogado espalhará seu domínio pelas terras verdes!

– O que está morto não pode morrer – Victarion entoou.

Lorde Balon e Asha fizeram coro, e Theon não teve escolha a não ser resmungar as palavras com eles. E então acabou-se.

Lá fora, a chuva caía com mais força do que nunca. A ponte de corda balançava e torcia-se sob seus pés. Theon Greyjoy parou no meio do caminho e contemplou as rochas lá embaixo. O ruído das ondas era um rugido esmagador, e sentia o sal nos lábios. Uma súbita rajada de vento fez com que perdesse o equilíbrio, e caiu de joelhos.

Asha ajudou-o a ficar em pé.

– Também não consegue aguentar o vinho, irmão.

Theon apoiou-se no ombro dela e a deixou guiá-lo pelas tábuas escorregadias da chuva.

– Gostava mais de você quando era Esgred – disse-lhe acusadoramente.

Ela riu.

– É justo. Eu gostava mais de você quando era um menino de nove anos.

# Tyrion

O som suave da harpa vertical atravessava a porta, misturado com trinados de flauta. A voz do cantor era abafada pelas paredes espessas, mas Tyrion conhecia os versos. *Amei uma donzela bela como o verão*, recordou, *com a luz do sol nos cabelos*…

Naquela noite era Sor Meryn Trant quem guardava a porta da rainha. Seu resmungo de "Senhor" pareceu a Tyrion conter alguma má vontade, mas abriu a porta. A canção interrompeu-se abruptamente quando ele entrou no quarto de dormir da irmã.

Cersei estava reclinada numa pilha de almofadas. Tinha os pés descalços, os cabelos dourados cuidadosamente desordenados, e vestia um roupão de samito verde e dourado que capturava a luz das velas, e cintilou quando ela ergueu os olhos.

– Querida irmã – disse Tyrion –, como está bela esta noite – virou-se para o cantor: – E você também, primo. Não fazia ideia de que tivesse uma voz tão adorável.

O elogio deixou Sor Lancel carrancudo; talvez pensasse que estava sendo escarnecido. Parecia a Tyrion que o rapaz tinha crescido sete centímetros desde que fora armado cavaleiro. Lancel tinha cabelos espessos cor de areia, verdes olhos de Lannister e uma suave penugem loura sobre o lábio superior. Aos dezesseis anos, era amaldiçoado por todas as certezas da juventude, sem o tempero do menor traço de humor ou de autocrítica, e estava casado com a arrogância que enchia com tanta naturalidade aqueles que nasciam louros, fortes e bonitos. Sua recente ascensão social só o tinha deixado pior.

– Sua Graça mandou chamá-lo? – o rapaz exigiu saber.

– Que me lembre, não – Tyrion admitiu. – Dói-me perturbar seu divertimento, Lancel, mas acontece que tenho assuntos de importância a discutir com minha irmã.

Cersei o encarou com suspeita:

– Se veio aqui por causa daqueles irmãos suplicantes, Tyrion, poupe-me as suas censuras. Não aceitarei que espalhem pelas ruas suas imundas traições. Podem pregar uns aos outros nas masmorras.

– E têm sorte por terem uma rainha tão piedosa – Lancel acrescentou. – Eu teria arrancado suas línguas.

– Um deles até se atreveu a dizer que os deuses estavam nos punindo porque Jaime assassinou o legítimo rei – Cersei declarou. – Não suportarei mais isto, Tyrion. Dei-lhe ampla oportunidade para tratar destes piolhos, mas você e seu Sor Jacelyn não fizeram nada, portanto, ordenei que Vylarr tratasse do assunto.

– E foi o que ele fez – Tyrion ficara aborrecido quando os homens de manto vermelho arrastaram meia dúzia dos escabrosos profetas para as masmorras sem consultá-lo, mas não eram suficientemente importantes para lutar por causa deles. – Sem dúvida ficaremos todos melhor com um pouco de sossego nas ruas. Não foi por isso que vim. Trago novas que sei estará desejosa por ouvir, querida irmã, mas é melhor que sejam dadas em particular.

– Muito bem – o harpista e o flautista fizeram reverências e apressaram-se a sair, enquanto Cersei beijava castamente o sobrinho na bochecha. – Deixe-nos, Lancel. Meu irmão é inofensivo quando está sozinho. Se tivesse trazido seus animais de estimação, conseguiríamos sentir o fedor deles.

O jovem cavaleiro dirigiu um olhar maligno ao primo e bateu com a porta ao sair.

– Quero que saiba que obriguei Shagga a tomar banho de quinze em quinze dias – disse Tyrion quando Lancel saiu.

– Está muito satisfeito consigo mesmo, não está? Por quê?

– E por que não? – Tyrion respondeu. Todos os dias, e todas as noites, ressoavam martelos na Rua do Aço, e a grande corrente crescia. Saltou

para cima da grande cama de dossel. – Foi nesta cama que Robert morreu? Surpreende-me que a tenha mantido.

– Dá-me sonhos cor-de-rosa. Agora, cuspa o que tem a dizer e se bamboleie daqui para fora, Duende.

Tyrion sorriu.

– Lorde Stannis zarpou de Pedra do Dragão.

Cersei pôs-se em pé como uma mola.

– E você fica aí sorrindo como uma abóbora do dia das colheitas? Bywater já chamou a Patrulha da Cidade? Temos que enviar imediatamente uma ave para Harrenhal – Tyrion já estava rindo. Ela o agarrou pelos ombros e o sacudiu. – Pare com isso. Está louco, ou bêbado? *Pare com isso!*

Tyrion quase não conseguiu botar as palavras para fora.

– Não posso – arquejou. – É demais… deuses, é engraçado demais… Stannis…

– *O quê?*

– Ele não zarpou contra nós – finalmente Tyrion conseguiu dizer. – Montou cerco a Ponta Tempestade. Renly avança contra ele.

As unhas da irmã enterraram-se dolorosamente em seus braços. Por um momento fitou-o, incrédula, como se ele tivesse começado a tagarelar numa língua desconhecida.

– Stannis e Renly estão lutando *um contra o outro*? – quando Tyrion confirmou com a cabeça, Cersei começou a soltar risadinhas. – Que os deuses sejam bons – suspirou. – Começo a achar que Robert era o *inteligente* da família.

Tyrion jogou a cabeça para trás e desatou a gargalhar. Os dois riram juntos. Cersei arrancou-o da cama e rodopiou com ele, e até o abraçou, por um momento, insensata como uma menina. Quando o largou, Tyrion estava sem fôlego e tonto. Cambaleou até o aparador e estendeu uma mão para se firmar.

– Crê que chegarão a travar uma batalha entre si? Se chegarem a algum acordo…

– Não chegarão – Tyrion afirmou. – São diferentes demais, e ao mesmo tempo muito parecidos, e nenhum jamais suportou o outro.

– E Stannis sempre se sentiu espoliado de Ponta Tempestade – Cersei disse, pensativa. – A sede ancestral da Casa Baratheon, legitimamente sua… Se soubesse quantas vezes foi até Robert para cantar essa canção tediosa naquele tom sombrio e ofendido que tem. Quando Robert deu o lugar a Renly, Stannis apertou tanto os dentes que pensei que fossem se estilhaçar.

– Encarou isso como uma desfeita.

– Foi pensado como uma desfeita – Cersei afirmou.

– Fazemos um brinde ao amor fraternal?

– Sim – ela respondeu, sem fôlego. – Oh, deuses, sim.

Estava de costas para ela enquanto enchia duas taças com tinto doce da Árvore. Foi a coisa mais fácil do mundo polvilhar a dela com uma pitada de pó fino.

– A Stannis! – ele exclamou ao entregar-lhe o vinho. *Quer dizer então que sou inofensivo quando estou sozinho?*

– A Renly! – ela respondeu, rindo. – Que batalhem longa e duramente, e que os Outros carreguem ambos!

*Será esta a Cersei que Jaime vê?* Quando sorria, via-se realmente como era bela. *Amei uma donzela bela como o verão, com a luz do sol nos cabelos*. Quase teve pena de envenená-la.

Foi na manhã seguinte, enquanto Tyrion tomava o desjejum, que o mensageiro dela chegou. A rainha sentia-se indisposta, e não seria capaz de sair de seus aposentos. *O mais certo é dizer que não será capaz de sair da latrina*. Tyrion soltou os ruídos apropriados de compreensão e mandou dizer a Cersei que ficasse descansada, ele trataria com Sor Cleos conforme tinham planejado.

O Trono de Ferro de Aegon, o Conquistador, era um emaranhado de farpas perigosas e dentes irregulares de metal à espera de qualquer tolo que tentasse se sentar com excessivo conforto, e os degraus enchiam suas pernas atrofiadas de cãibras enquanto subia, consciente demais do

espetáculo absurdo que aquilo devia constituir. Mas havia uma coisa a dizer em seu favor. Era *alto*.

Guardas Lannister estavam a postos e em silêncio nos seus mantos carmesim e meios elmos encimados por leões. Os homens de manto dourado de Sor Jacelyn defrontavam-nos do outro lado do salão. Os degraus até o trono eram flanqueados por Bronn e Sor Preston, da Guarda Real. Os cortesãos enchiam a galeria, ao passo que os suplicantes se aglomeravam perto das grandes portas de carvalho e bronze. Sansa Stark estava particularmente linda naquela manhã, embora seu rosto se mostrasse pálido como leite. Lorde Gyles tossia, enquanto o pobre primo Tyrek vestia sua capa de noivo de pele de esquilo e veludo. Desde seu casamento com a pequena Senhora Ermesande, três dias antes, os outros escudeiros tinham começado a chamá-lo de "Ama de Leite", perguntando-lhe que tipo de cueiros sua noiva usara na noite de núpcias.

Tyrion olhou todos de cima, e descobriu que gostava.

– Chamem Sor Cleos Frey – sua voz ressoou nas paredes de pedra e ao longo do salão. Também gostou disso. *Uma pena que Shae não possa estar aqui para ver isto*, refletiu. Ela pedira para vir, mas era impossível.

Sor Cleos fez a longa caminhada entre os homens de manto dourado e os de carmim, sem olhar para os lados. Quando se ajoelhou, Tyrion reparou que o primo estava perdendo o cabelo.

– Sor Cleos – disse Mindinho, da mesa do conselho –, tem os nossos agradecimentos por nos trazer esta oferta de paz de Lorde Stark.

O Grande Meistre Pycelle pigarreou:

– A Rainha Regente, a Mão do Rei e o pequeno conselho refletiram sobre os termos apresentados por este autoproclamado Rei do Norte. Infelizmente, eles não servirão, e você terá de dizer isso a esses nortenhos, sor.

– Eis os *nossos* termos – Tyrion anunciou. – Robb Stark deve baixar a espada, jurar lealdade e retornar a Winterfell. Deve libertar meu irmão, incólume, e colocar sua tropa sob o comando de Jaime, a fim de marchar contra os rebeldes Renly e Stannis Baratheon. Cada um dos vassalos dos Stark deverá nos enviar um filho como refém. Uma filha servirá quando

não houver um filho. Serão bem tratados e receberão posições importantes aqui na corte, desde que seus pais não voltem a cometer traição.

Cleos Frey fez uma expressão agoniada:

– Senhor Mão, Lorde Stark nunca aceitará esses termos.

*Nunca esperamos que os aceitasse, Cleos.*

– Diga-lhe que recrutamos outra grande tropa em Rochedo Casterly, que em breve marchará sobre ele, vinda do oeste, enquanto o senhor meu pai avança do leste. Diga-lhe que está só, sem esperança de obter aliados. Stannis e Renly Baratheon guerreiam um contra o outro, e o Príncipe de Dorne consentiu em casar seu filho Trystane com a Princesa Myrcella – murmúrios de satisfação e consternação foram ouvidos na galeria e ao fundo do salão.

– E quanto ao assunto dos meus primos – prosseguiu Tyrion –, oferecemos Harrion Karstark e Sor Wylis Manderly por Willem Lannister, e Lorde Cerwyn e Sor Donnal Locke por seu irmão Tion. Diga ao Stark que dois Lannister valem por quatro nortenhos em qualquer época – esperou que o riso morresse. – E receberá os ossos do pai de qualquer modo, em sinal de boa-fé de Joffrey.

– Lorde Stark pediu também as irmãs e a espada do pai – recordou-lhe Sor Cleos.

Sor Ilyn Payne estava mudo, com o cabo da espada de Eddard Stark espreitando por sobre um ombro.

– Gelo – Tyrion confirmou. – Ele a receberá quando fizer a paz conosco, nunca antes.

– Às suas ordens. E as irmãs?

Tyrion olhou Sansa de relance, e sentiu uma ferroada de piedade enquanto falava:

– Até que liberte meu irmão Jaime, incólume, permanecerão aqui como reféns. O modo como serão tratadas depende dele – *e se os deuses forem bondosos, Bywater encontrará Arya viva, antes que Robb fique sabendo que ela desapareceu.*

– Levarei sua mensagem até eles, senhor.

Tyrion segurou uma das lâminas retorcidas que se projetavam dos braços do trono. *E agora, o ataque.*

– Vylarr – ele chamou.

– Senhor.

– Os homens que Stark enviou são suficientes para proteger os ossos de Lorde Eddard, mas um Lannister deve ter uma escolta digna do nome – Tyrion declarou. – Sor Cleos é primo da rainha, e também meu. Dormiremos mais tranquilos se o levasse em segurança até Correrrio.

– Às suas ordens. Quantos homens devo levar?

– Ora, todos!

Vylarr ficou imóvel, como um homem feito de pedra. Foi Grande Meistre Pycelle quem se ergueu, arquejando:

– Senhor Mão, isso não pode… Seu pai, o próprio Lorde Tywin, enviou esses bons homens para a nossa cidade, a fim de proteger a Rainha Cersei e os seus filhos…

– A Guarda Real e a Patrulha da Cidade protegem-nos suficientemente bem. Que os deuses apressem a sua viagem, Vylarr.

Na mesa do conselho, Varys sorria, com ar sabedor, Mindinho fingia enfado, e Pycelle abria a boca como um peixe, pálido e confuso. Um arauto avançou.

– Se algum homem tem outros assuntos a colocar à Mão do Rei, que fale agora ou mantenha o silêncio.

– *Eu* serei ouvido – um homem esbelto, todo vestido de negro, abriu caminho por entre os gêmeos Redwyne.

– Sor *Alliser!* – Tyrion exclamou. –Ah, não fazia ideia de que tinha vindo à corte. Deveria ter me enviado uma nota.

– Foi o que fiz, como o senhor bem sabe – Thorne era tão espinhoso como seu nome, um homem seco, de feições angulosas, com cinquenta anos, de olhos e mãos duros, com o cabelo preto rajado de cinza. – Fui evitado, ignorado e deixado à espera como se fosse um criado plebeu qualquer.

– É verdade? Bronn, isto não está certo. Sor Alliser e eu somos velhos amigos. Percorremos juntos a Muralha.

– Querido Sor Alliser – Varys murmurou –, não deve pensar muito mal de nós. Há tantos que procuram a graça do nosso Joffrey nestes tempos conturbados.

– Mais conturbados do que imagina, eunuco.

– Na frente dele chamamos de *Lorde* Eunuco – gracejou Mindinho.

– Como podemos ajudá-lo, bom irmão? – perguntou Grande Meistre Pycelle num tom de voz apaziguador.

– O Senhor Comandante enviou-me à Sua Graça, o rei – Thorne respondeu. – O assunto é grave demais para ser deixado a criados.

– O rei está brincando com sua nova besta – Tyrion disse. Ver-se livre de Joffrey tinha custado apenas uma desajeitada besta de Myr que disparava três projéteis de uma só vez, e o rei não quis saber de mais nada até ir experimentá-la de imediato. – Pode falar aos criados ou manter-se em silêncio.

– Como quiser – Sor Alliser concordou, mostrando desagrado em cada palavra. – Fui enviado para lhes dizer que encontramos dois patrulheiros, há muito desaparecidos. Estavam mortos, mas quando trouxemos os cadáveres para a Muralha, voltaram a se levantar na noite. Um deles matou Sor Jaremy Rykker, enquanto o segundo tentou assassinar o Senhor Comandante.

A distância, Tyrion ouviu o riso abafado de alguém. *Pretende caçoar de mim com esta loucura?* Mexeu-se, incomodado, no trono, e lançou um olhar para Varys, para Mindinho e para Pycelle, perguntando a si mesmo se algum deles desempenhara algum papel naquilo. Um anão conseguia, no máximo, segurar a dignidade de forma tênue. Se a corte e o reino começassem a rir dele, estava condenado. E, no entanto… no entanto…

Tyrion lembrou-se de uma noite fria sob as estrelas, quando parou com o rapaz Jon Snow e um grande lobo branco no topo da Muralha no fim do mundo, olhando a escuridão sem trilhos que se estendia adiante. Sentira… o quê?... *algo*, certamente, um pavor que cortava como aquele vento gelado do norte. Um lobo tinha uivado na noite, e o som dera-lhe arrepios.

*Não seja tonto*, disse a si mesmo. *Um lobo, um vento, uma floresta escura, não queriam dizer nada. E, no entanto*… Tinha simpatizado com o velho Jeor Mormont durante o tempo que passara em Castelo Negro.

– Confio que o Velho Urso sobreviveu a esse ataque?

– Sobreviveu.

– E que seus irmãos mataram estes, ah, mortos?

– Matamos.

– Estão certos de que desta vez estão mortos? – Tyrion perguntou num tom suave. Quando Bronn engasgou, estrangulando uma gargalhada, compreendeu como devia agir. – Mortos, mortos mesmo?

– Estavam mortos da primeira vez – Sor Alliser exclamou. – Pálidos e frios, com mãos e pés negros. Trouxe a mão de Jared, arrancada do seu cadáver pelo lobo do bastardo.

Mindinho deu sinal de vida.

– E onde está essa encantadora lembrança?

Sor Aliser franziu a testa, com desconforto.

– Ela… desfez-se em pedaços, podre, enquanto eu esperava sem ser ouvido. Nada resta para mostrar, a não ser ossos.

Risos abafados ecoaram pelo salão.

– Lorde Baelish – disse Tyrion a Mindinho –, compre para o nosso bravo Sor Alliser uma centena de pás para levar consigo de volta à Muralha.

– Pás? – Sor Alliser estreitou os olhos com suspeita.

– Se *enterrar* seus mortos, eles não ficarão andando por aí – disse-lhe Tyrion, e a corte riu abertamente. – Pás, com algumas costas fortes para manejá-las, darão fim aos seus problemas. Sor Jacelyn, deixe o bom irmão escolher os homens que quiser nas masmorras da cidade.

Sor Jacelyn Bywater respondeu:

– Como quiser, senhor, mas as celas estão quase vazias. Yoren levou todos os homens adequados.

– Então prenda mais alguns – disse-lhe Tyrion. – Ou espalhe a notícia de que há pão e nabos na Muralha, e eles irão por vontade própria – a cidade tinha bocas demais para alimentar, e a Patrulha da Noite, uma

perpétua necessidade de homens. Ao sinal de Tyrion, o arauto anunciou o fim da audiência, e o salão começou a se esvaziar.

Sor Alliser Thorne não era mandado embora com tanta facilidade. Estava à espera, na base do Trono de Ferro, quando Tyrion desceu.

– Acha que fiz toda a viagem de Atalaialeste do Mar para ser ridicularizado por gente como você? – esbravejou, bloqueando a passagem. – Isto não é nenhuma brincadeira. Vi-os com meus próprios olhos. E repito: os mortos caminham.

– Devia tentar matá-los mais completamente – Tyrion abriu caminho para passar. Sor Alliser fez um gesto para agarrar sua manga, mas Preston Greenfield afastou-o com um empurrão.

– Mais perto, não, sor.

Thorne tinha suficiente bom-senso para não desafiar um cavaleiro da Guarda Real.

– É um tolo, Duende – gritou para as costas de Tyrion.

Tyrion virou-se para encará-lo.

– Eu? Verdade? Então, por que eles estavam rindo de você? – deu um sorriso triste. – Veio em busca de homens, não foi?

– Os ventos frios se levantam. A Muralha tem de ser defendida.

– E para defendê-la precisam de homens, que eu lhes dei… Como talvez tivesse notado, se suas orelhas ouvissem algo mais que insultos. Leve-os, agradeça-me, e desapareça antes que eu seja forçado a enfrentá-lo outra vez com um garfo para caranguejos. Dê meus melhores cumprimentos a Lorde Mormont… e também a Jon Snow – Bronn agarrou Sor Alliser pelo cotovelo e o tirou à força do salão.

Grande Meistre Pycelle já tinha corrido para fora do salão, mas Varys e Mindinho observaram tudo, do princípio ao fim.

– Cada vez o admiro mais, senhor – confessou o eunuco. – Apazigua o rapaz Stark com os ossos do pai e priva sua irmã dos seus protetores de um só golpe rápido. Dá àquele irmão negro os homens de que necessita, livrando a cidade de algumas bocas famintas, e faz com que tudo pareça troça para que ninguém diga que o anão teme os *snarks* e os gramequins. Oh, muito hábil.

Mindinho afagou a barba.

– Pretende mesmo mandar todos os seus guardas embora, Lannister?

– Não, pretendo mandar embora todos os guardas *da minha irmã*.

– A rainha nunca permitirá tal coisa.

–Ah, penso que talvez permita. Eu *sou* seu irmão, e quando me conhecer melhor, saberá que sou sempre sincero naquilo que digo.

– Mesmo nas mentiras?

– *Especialmente* nas mentiras. Lorde Petyr, sinto que está descontente comigo.

– Gosto tanto de você como sempre gostei, senhor. Embora não aprecie que me façam de bobo. Se Myrcella se casar com Trystane Martell, dificilmente poderá se casar com Robert Arryn, não é mesmo?

– Não sem causar um grande escândalo – admitiu. – Lamento meu pequeno estratagema, Lorde Petyr, mas, quando conversamos, não tinha como saber que os homens de Dorne aceitariam minha oferta.

Aquilo não apaziguou Mindinho.

– Não gosto que mintam para mim, senhor. Deixe-me fora do seu próximo logro.

*Só se você fizer o mesmo comigo*, pensou Tyrion, olhando de relance o punhal embainhado junto ao quadril de Mindinho.

– Se o ofendi, lamento profundamente. Todos sabem quanto o apreciamos, senhor. E quanto precisamos do senhor.

– Tente se lembrar disso – com aquelas palavras, Mindinho os deixou.

– Venha comigo, Varys – disse Tyrion. Saíram pela porta do rei, por detrás do trono, com os chinelos do eunuco raspando levemente na pedra.

– Lorde Baelish tem razão, sabia? A rainha nunca permitirá que mande embora sua guarda.

– Permitirá. O senhor vai cuidar disso.

Um sorriso tremeluziu nos lábios fartos de Varys.

– Ah, sim?

– Oh, com certeza. Dirá que faz parte do meu plano para libertar Jaime.

Varys afagou uma bochecha empoada.

– Isto envolverá, sem dúvida, os quatro homens que o seu Bronn procurou com tanta diligência em todos os lugares de má fama de Porto Real. Um ladrão, um envenenador, um pantomimeiro e um assassino.

– Enfie-os em manto carmesim e elmos com leões, e não parecerão nada diferentes dos outros guardas. Procurei durante algum tempo por um estratagema que pudesse introduzi-los em Correrrio antes de me lembrar de escondê-los à vista de todos. Entrarão pelo portão principal, exibindo estandartes Lannister e escoltando os ossos de Lorde Eddard – Tyrion deu um sorriso torto. – Quatro homens sós seriam bem vigiados. Quatro, no meio de uma centena, podem se perder. Por isso preciso mandar os guardas verdadeiros com os falsos… O que você dirá à minha irmã.

– E pelo seu amado irmão, ela consentirá, apesar das desconfianças – os dois caminhavam por uma colunata deserta. – Apesar disso, a perda de seus homens de manto vermelho certamente irá deixá-la inquieta.

– Gosto dela inquieta – Tyrion respondeu.

Sor Cleos Frey partiu naquela mesma tarde, escoltado por Vylarr e cem guardas Lannister de manto vermelho. Os homens que Robb Stark enviara juntaram-se a eles no Portão do Rei, para a longa viagem rumo ao oeste.

Tyrion encontrou Timett na caserna, jogando dados com seus Homens Queimados.

– Venha ao meu aposento privado à meia-noite.

Timett lançou-lhe um olhar duro e zarolho, e um pequeno aceno com a cabeça. Não era homem de longos discursos.

Naquela noite, Tyrion banqueteou-se com os Corvos de Pedra e os Irmãos da Lua no Salão Pequeno, embora por uma vez tenha evitado o vinho. Queria se manter na posse de todas as suas faculdades.

– Shagga, em que lua estamos?

O franzir da testa de Shagga era uma coisa feroz.

– Negra, acho eu.

– No oeste, chamam de lua do traidor. Tente não se embebedar muito esta noite, e garanta que seu machado esteja afiado.

– O machado de um Corvo de Pedra está sempre afiado, e os machados de Shagga são os mais afiados de todos. Uma vez cortei a cabeça de um homem, mas ele só soube quando tentou escovar o cabelo. Porque, então, a cabeça caiu.

– É por isso que nunca escova o seu? – os Corvos de Pedra rugiram gargalhadas e bateram os pés, com Shagga fazendo mais barulho do que todos os outros.

À meia-noite, o castelo estava silencioso e escuro. Certamente alguns homens de manto dourado nas muralhas viram-no saindo da Torre da Mão, mas ninguém ergueu a voz. Ele era a Mão do Rei, e aonde ia era assunto seu.

A fina porta de madeira quebrou-se com um *crac* trovejante sob o salto da bota de Shagga. Pedaços voaram para dentro, e Tyrion ouviu um arquejo feminino de medo. Shagga desfez a porta com três poderosos golpes do seu machado e abriu caminho a chutes por entre as ruínas. Timett o seguiu, e depois entrou Tyrion, caminhando com cuidado por entre as lascas de madeira. A lareira tinha ardido até restarem apenas alguns carvões em brasa, e as sombras no quarto de dormir eram pesadas. Quando Timett arrancou as pesadas cortinas da cama, a criada nua sentou-se com grandes olhos brancos.

– Por favor, senhores – suplicou –, não me façam mal – afastou-se de Shagga, corada e temerosa, tentando cobrir seus encantos com as mãos, mas faltando-lhe uma.

– Vá – disse-lhe Tyrion. – Não é você que queremos.

– Shagga quer esta mulher.

– Shagga quer todas as putas desta cidade de putas – queixou-se Timett, filho de Timett.

– Sim – disse Shagga, impassível. – Shagga dava-lhe um filho forte.

– Se ela quiser um filho forte, saberá quem procurar – Tyrion interveio. – Timett, leve-a lá para fora… com gentileza, por favor.

O Homem Queimado puxou a moça da cama e quase a arrastou pelo aposento. Shagga ficou vendo-os partir, desolado como um cachorrinho. A moça tropeçou na porta estilhaçada, e saiu para o átrio, ajudada por um

empurrão firme de Timett. Por cima de sua cabeça, os corvos crocitavam.

Tyrion arrancou o macio cobertor da cama, descobrindo o Grande Meistre Pycelle.

– Diga-me, a Cidadela aprova que se deite com as moças de servir, meistre?

O velho estava tão nu como a moça, embora fosse uma visão marcadamente menos atraente. Por uma vez, seus olhos de pálpebras pesadas estavam escancarados.

– Q-que significa isto? Sou um velho, seu servo leal…

Tyrion içou-se para cima da cama.

– Tão leal que enviou apenas uma de minhas cartas a Doran Martell. A outra entregou à minha irmã.

– N-não – Pycelle guinchou. – Não, é uma falsidade, juro, não fui eu. Varys, foi Varys, a Aranha, eu avisei…

– Será que todos os meistres mentem tão mal assim? Eu disse a Varys que ia dar ao Príncipe Doran meu sobrinho Tommen para criar. Disse a Mindinho que planejava casar Myrcella com Lorde Robert no Ninho da Águia. Não disse a ninguém que tinha oferecido Myrcella aos Dorne… Essa verdade encontrava-se apenas na carta que confiei *ao senhor*.

Pycelle agarrou-se a um canto do cobertor.

– As aves se perdem, as mensagens são roubadas ou vendidas… Foi Varys. Há coisas que poderia lhe dizer sobre esse eunuco que gelariam seu sangue…

– Minha senhora prefere meu sangue quente.

– Não se iluda, para cada segredo que o eunuco murmura ao seu ouvido, retém sete. E Mindinho, esse…

– Sei tudo sobre Lorde Petyr. É quase tão indigno de confiança quanto você. Shagga, corte seu membro viril e o dê às cabras.

Shagga levantou o enorme machado de lâmina dupla.

– Não há cabras, Meio Homem.

– Vire-se com o que houver.

Rugindo, Shagga saltou. Pycelle soltou um guincho e molhou a cama, fazendo a urina jorrar em todas as direções quando tentou se encolher e ficar fora de alcance. O selvagem o agarrou pela ponta da revolta barba branca e cortou três quartos dela com um único golpe de machado.

– Timett, acha que nosso amigo será mais cooperativo sem essa barba atrás da qual se esconde? – Tyrion usou um pedaço do lençol para limpar a urina das botas.

– Ele vai contar a verdade em breve – a escuridão enchia o poço vazio do olho queimado de Timett. – Consigo cheirar o fedor do seu medo.

Shagga atirou um punhado de cabelo nas esteiras, e agarrou a barba que restava.

– Fique quieto, meistre – Tyrion pediu. – Quando Shagga se irrita, suas mãos tremem.

– As mãos de Shagga nunca tremem – ecoou o enorme homem num tom indignado, empurrando a grande lâmina em forma de crescente contra o queixo trêmulo de Pycelle e cortando mais um emaranhado de pelos.

– Há quanto tempo espiona para minha irmã? – Tyrion perguntou.

A respiração de Pycelle era rápida e superficial:

– Tudo o que fiz foi pela Casa Lannister – uma película de suor cobria a larga cúpula da cabeça do velho, e madeixas de cabelo branco aderiam à sua pele enrugada. – Sempre… durante anos… o senhor seu pai, pergunte-lhe, fui sempre seu servo fiel… fui eu quem pediu a Aerys para abrir os portões…

Aquilo pegou Tyrion de surpresa. Não era mais do que um menino feio em Rochedo Casterly quando a cidade caiu.

– Então o Saque de Porto Real também foi obra sua?

– Pelo reino! Uma vez morto Rhaegar, a guerra estava terminada. Aerys era louco; Viserys, novo demais; Príncipe Aegon, um bebê de colo, mas o reino necessitava de um rei… Rezei para que fosse seu pai, mas Robert era forte demais, e Lorde Stark movimentou-se muito depressa…

– Pergunto a mim mesmo quantos já traiu. Aerys, Eddard Stark, eu… Rei Robert também? Lorde Arryn, Príncipe Rhaegar? Onde começa, Pycelle? – Tyrion *sabia* onde acabava.

O machado arranhou o pomo de adão de Pycelle e atingiu a suave pele trêmula sob o queixo, raspando os últimos pelos.

– Você… não estava aqui – o homem arquejou quando a lâmina subiu até suas bochechas. – Robert… os seus ferimentos… se os tivesse visto e cheirado, não teria nenhuma dúvida…

– Ah, eu sei que o javali fez o trabalho por você… mas se o animal tivesse deixado o trabalho meio feito, sem dúvida você o teria terminado.

– Ele era um rei deplorável… fútil, bêbado, libertino… Teria posto sua irmã de lado, sua própria rainha… Por favor… Renly estava conspirando para trazer a donzela de Jardim de Cima para a corte, para seduzir o irmão… É a verdade dos deuses…

– E o que conspirava Lorde Arryn?

– Ele *sabia* – Pycelle começou a responder. – Que… que…

– Eu sei o que ele sabia – Tyrion o interrompeu, sem muita vontade que Shagga e Timett também descobrissem.

– Ele ia enviar a esposa de volta para o Ninho da Águia, e o filho para ser criado em Pedra do Dragão… Pretendia agir…

– Portanto, envenenou-o primeiro.

– *Não*.

Pycelle debateu-se debilmente. Shagga rosnou e agarrou-o pela cabeça. A mão do homem dos clãs era tão grande que podia ter esmagado o crânio do meistre como uma casca de ovo. Tyrion deu um estalido com a língua.

– Eu vi as lágrimas de Lys entre as suas poções. Mandou embora o meistre de Lorde Arryn e cuidou dele em pessoa, para que pudesse se assegurar de que morria.

– Uma falsidade!

– Barbeie-o melhor – sugeriu Tyrion. – De novo a garganta.

O machado voltou a descer, raspando a pele. Uma fina película de cuspe borbulhou nos lábios de Pycelle quando sua boca tremeu.

– Tentei salvar Lorde Arryn. Juro…

– Cuidado, Shagga, você o cortou.

Shagga soltou um rosnado.

– Dolf gerou guerreiros, não barbeiros.

Quando sentiu o sangue escorrer pelo pescoço e para o peito, o velho estremeceu e as últimas forças o abandonaram. Parecia encolhido, menor e mais frágil do que quando caíram sobre si.

– Sim – choramingou –, sim. Colemon o estava purgando, e por isso mandei-o embora. A rainha precisava de Lorde Arryn morto, ela não disse em palavras, não podia, Varys estava ouvindo, sempre ouvindo, mas quando a olhei, compreendi. Mas não fui eu quem lhe deu o veneno, juro – o velho desatou a chorar. – Varys dirá, foi o rapaz, o escudeiro, chamava-se Hugh, deve ter sido ele, certamente, pergunte à sua irmã, pergunte.

Tyrion sentiu-se repugnado.

– Amarre-o e o leve daqui – ordenou. – Atire-o em uma das celas negras.

Arrastaram-no pela porta estilhaçada.

– Lannister – gemeu o velho –, tudo o que fiz foi pelos Lannister.

Depois que ele saiu, Tyrion calmamente fez uma busca nos aposentos e recolheu mais alguns pequenos frascos das prateleiras. Os corvos resmungavam por cima de sua cabeça enquanto trabalhava, um ruído estranhamente pacífico. Precisaria encontrar alguém para cuidar das aves até que a Cidadela enviasse um homem para substituir Pycelle.

*Era nele que eu esperava confiar*. Suspeitava que Varys e Mindinho não eram mais leais, apenas mais sutis, e por isso mais perigosos. O jeito do pai talvez tivesse sido o melhor: chamar Ilyn Payne, montar três cabeças sobre os portões e encerrar o assunto. *E não seria essa uma bela visão?*, pensou.

# Arya

O *medo corta mais profundamente do que as espadas*, dizia Arya a si mesma, mas aquilo não fazia com que a sensação de temor desaparecesse. Fazia tanto parte dos seus dias como pão bolorento e as bolhas nos pés, depois de um longo dia de caminhada pela estrada dura e sulcada.

Achava que sabia o que era estar assustada, mas tinha aprendido melhor naquele armazém junto ao Olho de Deus. Permaneceu lá oito dias antes de a Montanha dar a ordem de marcha, e todos os dias viu alguém morrer.

A Montanha chegava ao armazém depois do desjejum e escolhia um dos prisioneiros para interrogatório. As pessoas da aldeia não o olhavam. Talvez pensassem que se não o vissem, ele não as veria… Mas via-as de qualquer jeito, e escolhia quem quisesse. Não havia esconderijos, não havia truques a usar, não havia como estar a salvo.

Uma moça dividiu a cama com um soldado durante três noites consecutivas; a Montanha a escolheu no quarto dia, e o soldado nada disse.

Um velho sorridente remendava suas roupas e tagarelava a respeito do filho que estaria a serviço dos mantos dourados em Porto Real.

– É um homem do rei, ah, pois é – dizia –, um bom homem do rei como eu, todo por Joffrey – dizia isso com tanta frequência que os outros cativos começaram a chamá-lo de Todo-por-Joffrey sempre que os guardas não estavam ouvindo. Todo-por-Joffrey foi escolhido no quinto dia.

Uma jovem mãe com o rosto marcado pela varíola tinha se oferecido para lhes contar voluntariamente tudo o que sabia se prometessem não

fazer mal à sua filha. A Montanha a ouviu, e, na manhã seguinte, escolheu a filha, para se assegurar de que a mulher não tinha guardado nada para si.

Os escolhidos eram interrogados à vista dos outros prisioneiros, para que estes vissem o destino reservado aos rebeldes e traidores. Um homem a que os outros chamavam Cócegas fazia as perguntas. Tinha um rosto tão comum e trajes tão simples, que Arya podia ter achado que fosse um dos aldeãos antes de vê-lo trabalhando.

– O Cócegas os faz uivar tanto que se mijam – falara-lhe o velho corcunda Chiswyck. Era o homem que ela tentara morder, aquele que dissera que ela era feroz, e esmagara um punho revestido de cota de malha na sua cabeça. Às vezes ajudava o Cócegas. Às vezes eram outros a fazê-lo. O próprio Sor Gregor Clegane ficava em pé, imóvel, observando e escutando, até a vítima morrer.

As perguntas eram sempre as mesmas. Havia ouro escondido na aldeia? Prata, pedras preciosas? Havia mais comida? Onde estava Lorde Beric Dondarrion? Qual dos moradores da aldeia o tinha ajudado? Quando ele partiu, para que lado tinha ido? Quantos homens estavam com ele? Quantos cavaleiros, quantos arqueiros, quantos homens de armas? Como estavam armados? Quantos estavam montados? Quantos estavam feridos? Que outros inimigos tinham visto? Quantos? Quando? Que estandartes hasteavam? Para onde tinham ido? Havia ouro escondido na aldeia? Prata, pedras preciosas? Onde estava Lorde Beric Dondarrion? Quantos homens estavam com ele? Pelo terceiro dia, Arya já poderia ela mesma fazer as perguntas.

Encontraram um pouco de ouro, um pouco de prata, uma grande saca de moedas de cobre, e uma taça chanfrada incrustada de granadas, pela qual dois soldados quase chegaram às vias de fato. Ficaram sabendo que Lorde Beric tinha consigo dez mortos de fome, ou então uma centena de cavaleiros montados; que tinha partido para o Oeste, ou para o Norte, ou para o Sul; que tinha atravessado o lago num barco; que estava forte como um auroque, ou fraco por causa do sangue que perdera. Ninguém sobrevivia aos interrogatórios do Cócegas; fossem homens, mulheres ou

crianças. Os mais fortes duravam até depois do cair da noite. Seus corpos eram pendurados para lá das fogueiras, para os lobos.

Quando se puseram em marcha, Arya sabia que não era nenhuma dançarina de água. Syrio Forel nunca teria permitido que o derrubassem e roubassem sua espada, nem ficaria sem ação enquanto matavam Lommy Mãos-Verdes. Syrio nunca teria ficado sentado, em silêncio, naquele armazém, nem teria se arrastado docilmente por entre os outros cativos. O lobo gigante era o símbolo dos Stark, mas Arya sentia-se mais como uma ovelha, rodeada por uma manada de outras iguais. Odiava os aldeãos por sua falta de coragem, quase tanto quanto odiava a si mesma.

Os Lannister tinham lhe roubado tudo: pai, amigos, casa, esperança, coragem. Um roubara-lhe a Agulha, enquanto o outro quebrara sua espada de madeira no joelho. Tinham até lhe tirado o estúpido segredo. O armazém era suficientemente grande para ela se esgueirar até um canto qualquer e urinar quando ninguém estivesse olhando, mas na estrada era diferente. Aguentou-se o máximo que pôde, mas, por fim, teve de se acocorar perto de um arbusto e abaixar as calças na frente de todo mundo. Era isso, ou molhar-se toda. Torta Quente ficou de boca aberta, olhando para ela com grandes olhos de lua, mas ninguém mais se incomodou. Ovelha menina ou ovelha menino, Sor Gregor e seus homens não pareciam se importar.

Os captores não autorizavam conversas. Um lábio rachado ensinou Arya a dominar a língua. Outros não chegaram a aprender. Um garoto de um grupo de três não parava de chamar pelo pai, e esmagaram sua cabeça com uma maça de guerra. Então, a mãe do garoto desatou a gritar, e Raff, o Querido, a matou também.

Arya os viu morrer, e não fez nada. De que servia ter coragem? Uma das mulheres escolhidas para o interrogatório tentou ter coragem, mas morreu aos gritos como todos os outros. Não havia gente de coragem naquela marcha, só gente assustada e faminta. A maioria era de mulheres e crianças. Os poucos homens eram muito velhos ou muito novos; o resto tinha sido acorrentado àquele cadafalso e abandonado aos lobos e aos corvos. Gendry só foi poupado porque admitira ter sido ele quem forjou

o elmo dos chifres; ferreiros, e até aprendizes de ferreiro, eram valiosos demais para matar.

A Montanha disse-lhes que estavam sendo levados para servir a Lorde Tywin Lannister em Harrenhal.

– São traidores e rebeldes, por isso agradeçam aos deuses que Lorde Tywin esteja lhes dando essa oportunidade. É mais do que obteriam dos foras da lei. Obedeçam, sirvam, e sobreviverão.

– Não é justo, não é – ouviu uma velha mirrada queixar-se a outra depois de se deitarem à noite. – Não cometemos traição nenhuma, os outros vieram e levaram o que quiseram, tal como estes.

– Mas Lorde Beric não nos fez mal nenhum – sussurrou a amiga. – E aquele sacerdote vermelho que vinha com ele pagou por tudo o que levaram.

– Pagou? Levou duas das minhas galinhas e me deu um pedaço de papel com uma marca nele. Pergunto a você: posso comer um pedaço de papel esfarrapado? Bota ovos, o papel? – olhou em volta para ver se não havia guardas por perto, e cuspiu três vezes: – Isto é para os Tully, isto é para os Lannister, e isto é para os Stark.

– É um pecado e uma pena – sibilou um velho. – Quando o velho rei ainda estava vivo, não teria admitido isso.

– Rei Robert? – Arya perguntou, quebrando sua reserva.

– O Rei Aerys, que os deuses o tenham – o velho respondeu, alto demais. Um guarda se aproximou vagarosamente a fim de calá-los. O velho perdeu ambos os dentes que tinha, e não houve mais conversas naquela noite.

Além dos cativos, Sor Gregor levava também uma dúzia de porcos, uma gaiola de galinhas, uma vaca leiteira esquelética e nove carroças de peixe salgado. A Montanha e seus homens tinham cavalos, mas os cativos iam todos a pé, e aqueles fracos demais para caminhar eram imediatamente mortos, assim como quem fosse suficientemente tolo para tentar fugir. Os guardas levavam mulheres para os arbustos, à noite, e a maior parte parecia esperar isso, e os acompanhava com bastante docilidade. Uma moça, mais bonita do que as outras, era obrigada a ir com quatro ou

cinco homens diferentes todas as noites, até que acabou batendo num deles com uma pedra. Sor Gregor obrigou todo mundo a assistir enquanto cortava sua cabeça com um golpe da sua imensa espada longa de duas mãos.

– Deixe o corpo para os lobos – ele ordenou quando terminou, entregando a espada para o escudeiro limpar.

Arya deu uma olhada de canto de olho em Agulha, embainhada no quadril de um homem de armas de barba negra, mas careca, chamado Polliver. *É bom que a tenham levado*, pensou. De outra forma, teria tentado espetá-la em Sor Gregor, que teria cortado Arya ao meio, e os lobos também a comeriam.

Polliver não era tão mau como alguns dos outros, apesar de ter roubado sua Agulha. Na noite em que foi capturada, os homens Lannister tinham sido estranhos sem nome, com rostos tão iguais uns aos outros como sua proteção de nariz, mas Arya acabou por conhecer todos. Era preciso saber quem era preguiçoso e quem era cruel, quem era inteligente e quem era burro. Era preciso saber que, muito embora aquele a quem chamavam Boca de Merda tivesse a língua mais suja que ela já ouvira, lhe dava uma porção extra de pão se lhe pedisse, enquanto o velho brincalhão do Chiswyck e Raff das falinhas mansas só lhe dariam as costas da mão.

Arya observava e escutava, e polia seus ódios como Gendry antes polira seu elmo chifrudo. Dunsen agora usava esses cornos de touro, e ela o odiava por isso. Odiava Polliver pela Agulha, e o velho Chiswyck, que se achava engraçado. E odiava ainda mais Raff, o Querido, que espetara a lança na garganta de Lommy. Odiava Sor Amory Lorch por causa de Yoren, e Sor Meryn Trant por Syrio, o Cão de Caça, por ter matado o filho do açougueiro, Mycah. Sor Ilyn, o Príncipe Joffrey e a rainha por causa do pai, do Gordo Tom, de Desmond e dos outros, e até por Lady, o lobo de Sansa. Cócegas era quase assustador demais para se odiar. Às vezes, quase conseguia se esquecer de que ele ainda os acompanhava; quando não fazia perguntas, era apenas mais um soldado, mais calmo do que a maioria, com um rosto igual ao de mil outros homens.

Todas as noites, Arya dizia seus nomes.

– Sor Gregor – sussurrava para sua almofada de pedra. – Dunsen, Polliver, Chiswyck, Raff, o Querido. Cócegas e Cão de Caça. Sor Amory, Sor Ilyn, Sor Meryn, Rei Joffrey, Rainha Cersei – em Winterfell, Arya rezava com a mãe no septo e com o pai no bosque sagrado, mas não havia deuses na estrada para Harrenhal, e os nomes eram a única oração que se importava de lembrar.

Marchavam todos os dias, e ela dizia os nomes todas as noites, até que, finalmente, as árvores se tornaram menos densas e deram lugar a uma paisagem colorida de colinas onduladas, meandros de rios e campos de cultivo iluminados pelo sol, onde as cascas de castros queimados se erguiam negras como dentes apodrecidos. Mais um longo dia de marcha, e vislumbraram as torres de Harrenhal a distância, sólidas junto às águas azuis do lago.

Os cativos diziam uns aos outros que as coisas seriam melhores quando chegassem a Harrenhal, mas Arya não tinha tanta certeza. Lembrava-se das histórias da Velha Ama sobre o castelo construído sobre medo. Harren, o Negro, misturara sangue humano na argamassa, costumava dizer a Ama, abaixando tanto a voz que as crianças tinham de se inclinar para a frente para ouvir, mas os dragões de Aegon tinham assado Harren e todos os seus filhos dentro de suas grandes muralhas de pedra. Arya mordia o lábio enquanto avançava sobre pés tornados duros pelos calos. Disse a si mesma que não demoraria muito mais tempo; aquelas torres não podiam estar a mais de algumas milhas de distância.

Mas caminharam o dia inteiro e a maior parte do seguinte até que, por fim, chegaram às franjas do exército de Lorde Tywin, acampado a oeste do castelo, por entre os restos calcinados de uma vila. Por ser tão *enorme*, Harrenhal enganava quando visto de longe. Sua colossal muralha exterior erguia-se junto ao lago, a pique e súbita como penhascos de montanha, enquanto no topo de suas ameias as fileiras de balistas de madeira e ferro pareciam pequenas, como escorpiões.

O fedor da tropa dos Lannister chegou a Arya bem antes de ela conseguir distinguir os símbolos nos estandartes que germinavam ao longo da margem do lago, no topo dos pavilhões dos homens do oeste.

Pelo cheiro, Arya poderia dizer que Lorde Tywin já estava ali havia algum tempo. As latrinas que cercavam o acampamento transbordavam e enchiam-se de moscas, e ela viu uma tênue penugem esverdeada em muitas das estacas que protegiam os perímetros.

A guarita de Harrenhal, tão grande quanto a Grande Fortaleza de Winterfell, era tão marcada quanto imensa, com pedras fissuradas e descoloridas. Do lado de fora, só era possível ver o topo de cinco imensas torres do outro lado da muralha. A menor era vez e meia mais alta do que a mais alta torre de Winterfell, mas não se projetavam como uma torre devia se projetar. Arya pensou que pareciam os dedos deformados e nodosos de um velho tentando agarrar uma nuvem passageira. Lembrou da Ama contando como a pedra derretera e fluíra pelos degraus e para dentro das janelas, como cera de uma vela, brilhando num vermelho soturno de brasa enquanto procurava Harren no seu esconderijo. Arya conseguia acreditar em cada palavra; cada torre era mais grotesca e deformada do que a anterior, grumosa, escorrida e rachada.

– Não quero entrar ali – guinchou Torta Quente quando Harrenhal lhes abriu os portões. – Há fantasmas lá dentro.

Chiswyck ouviu, mas, para variar, limitou-se a sorrir.

– Pequeno pasteleiro, eis a sua escolha. Junte-se aos fantasmas ou se transformará em um.

Torta Quente entrou com todos os outros.

Na casa de banhos cheia de ecos, feita de pedra e madeira, os cativos foram despidos e obrigados a escovar-se e raspar-se em banheiras cheias de água escaldante, até ficarem com a pele em carne viva. Duas velhas ferozes supervisionavam o processo, discutindo sem-cerimônia o que fariam com eles, como se fossem burros recém-comprados. Quando chegou a vez de Arya, a Governanta Amabel cacarejou, consternada, ao ver seus pés, ao passo que a Governanta Harra apalpou seus calos nos dedos, conquistados após longas horas de treino com a Agulha.

– Arranjou isto batendo manteiga, aposto – disse. – É cachorrinha de algum agricultor? Bem, não importa, menina, tem uma oportunidade de

ganhar um lugar mais elevado neste mundo se trabalhar duramente. Se não, levará pancada. E como é que a chamam?

Arya não se atrevia a dizer seu nome verdadeiro, mas Arry também não servia, era um nome de garoto, e eles podiam ver que ela não era nenhum garoto.

– Doninha – disse, usando o nome da primeira menina em que conseguiu pensar. – Lommy chamava-me de Doninha.

– Entendo por quê – fungou a Governanta Amabel. – Esses cabelos são um horror, um ninho de piolhos. Vamos cortá-los, e depois vai para as cozinhas.

– Preferia cuidar dos cavalos – Arya gostava de cavalos, e se estivesse nos estábulos talvez conseguisse roubar um e fugir.

A Governanta Harra deu-lhe um tabefe com tanta força que seu lábio inchado voltou a se abrir.

– E segure essa língua, ou será pior. Ninguém pediu sua opinião.

O sangue na sua boca tinha gosto de sal e metal. Arya abaixou os olhos e nada disse. *Se ainda tivesse a Agulha, ela não se atreveria a me bater*, pensou, carrancuda.

– Lorde Tywin e seus cavaleiros têm palafreneiros e escudeiros para cuidar dos cavalos, não precisam de gente como você – disse a Governanta Amabel. – As cozinhas são confortáveis e limpas, e há sempre um fogo quente perto do qual dormir e muito para comer. Podia ter ficado bem lá, mas estou vendo que não é uma menina esperta. Harra, acho que devíamos dá-la a Weese.

– Se acha isso, Amabel – deram-lhe um vestido grosseiro de lã cinza e um par de sapatos que não lhe serviam bem, e mandaram-na embora.

Weese era subintendente para a Torre dos Lamentos, um homem atarracado com o nariz que mais parecia um tumor gangrenoso e carnudo, e um ninho de furúnculos irritados e vermelhos perto de um canto de seus lábios grossos. Arya foi uma de seis prisioneiros que lhe foram enviados. Olhou-os com olhos perspicazes.

– Os Lannister são generosos para os que lhes servem bem, uma honra que ninguém do seu tipo merece, mas na guerra um homem arranja-se

com o que tem à mão. Trabalhem duramente, e ponham-se no seu lugar, e pode ser que um dia subam tão alto como eu. Mas, se pensarem em abusar da bondade de sua senhora, vão *me* encontrar à sua espera depois de o senhor partir, verão – ele caminhou de um lado para o outro diante deles, dizendo-lhes como nunca podiam olhar os fidalgos nos olhos, nem falar antes que falassem com eles, nem atravessar-se no caminho de sua senhoria. – Meu nariz nunca mente – gabou-se. – Consigo cheirar desafio, consigo cheirar orgulho, consigo cheirar desobediência. Se perceber sinal de algum desses fedores, responderão por ele. Quando os farejar, tudo o que quero cheirar é medo

# Daenerys

Nas muralhas de Qarth, homens tocavam gongos para anunciar sua chegada, enquanto outros tocavam curiosas trompas que rodeavam seus corpos como grandes serpentes de bronze. Uma coluna de homens montados em camelos saiu da cidade como uma guarda de honra. Os cavaleiros usavam armaduras de cobre, feitas de escamas, e elmos com bocal, presas de cobre e longas plumas de seda negra, e sentavam-se bem alto em selas incrustadas de rubis e granadas. Seus camelos estavam cobertos com mantas de uma centena de tons diferentes.

– Qarth é a maior cidade que já existiu ou existirá – Pyat Pree disse entre os ossos de Vaes Tolorro. – É o centro do mundo, o portão entre o Norte e o Sul, a ponte entre o Leste e o Oeste, mais antiga do que a memória do homem, e tão magnífica que Saathos, o Sábio, arrancou os olhos depois de vê-la pela primeira vez, porque sabia que tudo o que veria daí para a frente pareceria miserável e feio.

Dany aceitou as palavras do mago com certa reserva, mas a magnificência da grande cidade não podia ser negada. Três reforçadas muralhas rodeavam Qarth, elaboradamente esculpidas. A exterior era de arenito vermelho, com nove metros de altura, e estava decorada com animais: serpentes rastejando, gaviões voando, peixes nadando, misturados com lobos do deserto vermelho, cavalos rajados e monstruosos elefantes. A intermediária, com doze metros de altura, era de granito cinza e mostrava-se viva com cenas de guerra: o entrecruzar de espadas, escudos e lanças, flechas em voo, heróis em batalha, bebês sendo massacrados e piras de mortos. A interna era feita de quinze metros de mármore negro, com esculturas que fizeram Dany corar, até dizer a si mesma que estava sendo tola. Não era nenhuma donzela; se

podia olhar para as cenas de massacre da muralha cinzenta, por que haveria de desviar os olhos ao ver homens e mulheres dando prazer uns aos outros?

Os portões exteriores eram reforçados com cobre; os intermediários, com ferro; e os interiores eram guarnecidos com olhos dourados. Todos se abriram à aproximação de Dany. Enquanto avançava montada na sua prata para o interior da cidade, crianças pequenas correram para espalhar flores no caminho. Usavam sandálias douradas e pinturas de cores vivas, nada mais.

Todas as cores que faltavam em Vaes Tolorro tinham encontrado o caminho para chegar a Qarth; edifícios aglomeravam-se ao redor, fantásticos como um sonho febril, em tons de rosa, violeta e ocre. Dany passou sob um arco de bronze esculpido em forma de duas serpentes acasalando, com delicados flocos de jade, obsidiana e lápis-lazúli como escamas. Torres esguias subiam mais alto do que quaisquer outras que ela tivesse visto, e elaborados chafarizes, esculpidos na forma de grifos, dragões e manticoras, enchiam todas as praças.

Os qartenos ladeavam as ruas e observavam as delicadas varandas, que pareciam frágeis demais para suportar seu peso. Eram um povo alto e de pele clara, vestido de linho, samito e pele de tigre, cada um deles um senhor ou uma senhora aos olhos de Dany. As mulheres usavam vestidos e deixavam um seio nu, enquanto os homens preferiam saias de seda com contas. Dany sentiu-se esfarrapada e bárbara ao avançar por entre eles, com sua veste de pele de leão e o negro Drogon sobre o ombro. Seus dothrakis chamavam os qartenos de "Homens de Leite" devido à sua brancura. Khal Drogo sonhara com o dia em que poderia saquear as grandes cidades do leste. Olhou de relance seus companheiros de sangue, cujos olhos escuros em forma de amêndoa não mostravam sinal do que estariam pensando. *Será só o saque que veem?*, interrogou-se. *Como devemos parecer selvagens a esses qartenos.*

Pyat Pree conduziu seu pequeno *khalasar* pelo centro de uma grande arcada, onde os antigos heróis da cidade se erguiam num tamanho três vezes superior ao de um homem, sobre colunas de mármore branco e

verde. Atravessaram uma feira localizada num edifício cavernoso, cujo teto entrançado servia de lar a um milhar de aves de cores alegres. Árvores e flores desabrochavam nos muros em terraços por cima das barracas, enquanto, embaixo, parecia que tudo o que os deuses tinham colocado no mundo estava à venda.

Sua prata assustou-se quando o príncipe mercador Xaro Xhoan Daxos se aproximou; Dany tinha descoberto que os cavalos não suportavam a proximidade de camelos.

– Se vir aqui algo que deseje, oh, mais bela das mulheres, basta-lhe dizer e será seu – gritou Xaro do alto de sua ornamentada sela com chifres.

– A própria Qarth é dela, não tem necessidade de ninharias – entoaram os lábios azuis de Pyat Pree do outro lado. – Será como prometi, *Khaleesi*. Venha comigo para a Casa dos Imortais, e beberá verdade e sabedoria.

– Para que ela precisaria do seu Palácio de Pó, quando posso lhe dar a luz do sol, água doce e sedas em que dormir? – Xaro desafiou o mago. – Os Treze colocarão uma coroa de jade negro e opalas de fogo sobre a sua adorável cabeça.

– O único palácio que desejo é o castelo vermelho em Porto Real, senhor Pyat – Dany desconfiava do mago; a *maegi* Mirri Maz Duur azedara sua relação para com aqueles que lidavam com feitiçaria. – E se os grandes de Qarth quiserem me dar presentes, Xaro, que me deem navios e espadas para reconquistar o que é meu por direito.

Os lábios azuis de Pyat encurvaram-se para cima, num sorriso amável:

– Será como ordena, *Khaleesi* – e se afastou, oscilando com os movimentos do camelo, seguido pela longa veste coberta de contas.

– A jovem rainha tem uma sabedoria superior à idade – murmurou Xaro Xhoan Daxos de sua grande sela. – Há um ditado em Qarth: a casa de um mago é feita de ossos e mentiras.

– Então, por que motivo os homens abaixam a voz quando falam dos magos de Qarth? Por todo o leste seu poder e sabedoria são reverenciados.

– Antigamente foram poderosos – Xaro concordou –, mas agora são tão ridículos como aqueles velhos soldados frágeis que se gabam de suas capacidades muito depois que a força e a habilidade os abandonaram. Leem os seus pergaminhos em ruínas, bebem sombra-da-noite até ficar com os lábios azuis e sugerem terríveis poderes, mas são cascas vazias se comparados com os do passado. Os presentes de Pyat Pree vão se transformar em poeira em suas mãos, previno-a – o homem deu uma pequena chicotada no camelo e se afastou.

– A gralha chama de preto o corvo – murmurou Sor Jorah no Idioma Comum de Westeros. O cavaleiro exilado seguia ao seu lado direito, como sempre. Para a entrada em Qarth, tinha posto de lado suas vestes dothraki e voltara a vestir a armadura, a cota de malha e a lã dos Sete Reinos, a meio mundo de distância. – Faria bem em evitar ambos esses homens, Vossa Graça.

– Esses homens vão me ajudar a recuperar a coroa – Dany respondeu. – Xaro tem uma vasta riqueza, e Pyat Pree…

– … finge ter poder – o cavaleiro disse bruscamente. Em sua capa verde-escura, o urso da Casa Mormont erguia-se nas patas traseiras, negro e feroz. Jorah não parecia menos feroz ao franzir o cenho para a multidão que enchia a feira. – Não quero ficar aqui muito tempo, minha rainha. Nem sequer gosto do cheiro deste lugar.

Dany sorriu.

– Talvez seja o cheiro dos camelos que sente. O odor dos qartenos propriamente ditos parece-me bastante bom.

– Bons cheiros são às vezes usados para encobrir os maus.

*Meu grande urso*, pensou Dany. *Eu sou sua rainha, mas serei sempre também sua cria, e ele sempre me protegerá*. Fazia-a sentir-se segura, mas também triste. Desejou poder amá-lo mais do que amava.

Xaro Xhoan Daxos oferecera a Dany a hospitalidade de sua casa enquanto estivesse na cidade. Ela esperava algo grandioso, mas não um palácio maior do que muitas vilas mercantis. *Faz a mansão do Magíster Illyrio em Pentos parecer o casebre de um criador de porcos*, ela pensou. Xaro jurara que sua casa podia alojar confortavelmente todo o povo de

Dany, e também seus cavalos; na verdade, engolia-os. Foi-lhe oferecida uma ala inteira. Teria seus próprios jardins, uma piscina em mármore para banhos, uma torre de adivinho e um labirinto de mago. Escravos satisfariam todas as suas necessidades. Em seus aposentos privados, o piso era de mármore verde, e as paredes estavam cobertas com coloridos reposteiros de seda que oscilavam a cada brisa.

– É muito generoso – Dany disse a Xaro Xhoan Daxos.

– Para a Mãe de Dragões nenhum presente é demais – Xaro era um homem lânguido e elegante, com a cabeça calva e um grande nariz em forma de bico incrustado de rubis, opalas e lascas de jade. – Amanhã, vai se banquetear com pavão e língua de cotovia, e ouvir música digna da mais bela das mulheres. Os Treze virão para homenageá-la, bem como todos os grandes de Qarth.

*Todos os grandes de Qarth virão para ver os meus dragões*, Dany pensou, mas agradeceu a Xaro a bondade antes de mandá-lo embora. Pyat Pree também se retirou, prometendo que pediria uma audiência aos Imortais. "Uma honra rara como neves de Verão." Antes de sair, beijou seus pés nus com lábios pálidos e azuis, e insistiu para que aceitasse seu presente, um frasco de unguento que jurou ser capaz de lhe permitir ver os espíritos do ar. A última dos três a partir foi Quaithe, a umbromante. Dela, Dany recebeu apenas um aviso.

– Cuidado – disse a mulher da máscara de laca vermelha.

– Com quem?

– Com todos. Virão dia e noite para ver a maravilha que renasceu para o mundo, e quando a virem, vão desejá-la. Pois dragões são fogo feito carne, e o fogo é poder.

Quando todos saíram, Sor Jorah disse:

– Ela fala a verdade, minha rainha… embora não goste mais dela do que dos outros.

– Não a compreendo.

Pyat e Xaro fizeram chover promessas sobre Dany desde o momento em que viram pela primeira vez seus dragões, declarando-se seus fiéis criados em todas as coisas, mas de Quaithe ela obtivera apenas uma rara

palavra crítica. E perturbava-a que nunca tivesse visto o rosto da mulher. *Lembre-se de Mirri Maz Duur*, ela dissera. *Lembre-se da traição*.

Dany se virou para seus companheiros de sangue:

– Vamos montar nossa própria guarda enquanto estivermos aqui. Certifiquem-se de que ninguém entre nesta ala do palácio sem o meu consentimento, e tomem especial cuidado para que os dragões estejam sempre bem guardados.

– Assim será, *Khaleesi* – Aggo respondeu.

– Só vimos as partes de Qarth que Pyat Pree quis que víssemos – ela prosseguiu. – Rakharo, vá ver o resto e conte-me o que encontrar. Leve junto bons homens… e mulheres, para ir aos lugares proibidos aos homens.

– Farei como pede, sangue do meu sangue – Rakharo concordou.

– Sor Jorah, procure as docas e veja que tipo de navios lá estão ancorados. Passou-se meio ano desde a última vez que tive notícias dos Sete Reinos. Talvez os deuses tenham soprado até aqui algum bom capitão vindo de Westeros com um navio que nos leve para casa.

O cavaleiro franziu a sobrancelha:

– Isso não seria nenhuma bondade. O Usurpador iria matá-la, tão certo como o sol nascente – Mormont enfiou os polegares no cinto da espada. – Meu lugar é aqui, ao seu lado.

– Jhogo também pode me guardar. Você conhece mais línguas do que meus companheiros de sangue, e os dothraki desconfiam do mar e daqueles que por ele navegam. Só você pode me prestar este serviço. Vá andar por entre os navios e conversar com as tripulações, saiba de onde vêm, para onde vão e que tipo de homens as comandam.

Relutante, o exilado anuiu.

– Será como diz, minha rainha.

Depois de todos os homens terem partido, as aias despiram as sedas manchadas pela viagem que ela usava, e Dany se dirigiu ao lugar onde ficava a piscina de mármore, à sombra de um pórtico. A água estava deliciosamente fresca, e a piscina, abastecida com minúsculos peixes dourados que mordiscavam, curiosos, sua pele, e a faziam rir. Era bom

fechar os olhos e flutuar, sabendo que podia descansar durante o tempo que quisesse. Perguntou a si mesma se a Fortaleza Vermelha de Aegon teria uma piscina daquelas, e fragrantes jardins cheios de lavanda e menta. *Certamente. Viserys sempre disse que os Sete Reinos eram mais belos do que qualquer outro lugar do mundo*.

Pensar em sua terra a perturbou. Se o seu sol-e-estrelas tivesse sobrevivido, teria levado o *khalasar* através da água venenosa e varrido os inimigos dela, mas a força de Drogo abandonara o mundo. Seus companheiros de sangue permaneciam, ligados a Dany para a vida e peritos em matança, mas apenas à maneira dos senhores dos cavalos. Os dothraki saqueavam cidades e pilhavam reinos, não os governavam. Dany não tinha nenhum desejo de reduzir Porto Real a uma ruína enegrecida, cheia de fantasmas inquietos. Já tinha se alimentado de lágrimas o suficiente. *Quero tornar meu reino belo, enchê-lo de homens gordos, belas donzelas e crianças sorridentes. Quero que meu povo sorria quando me vir passar, como Viserys dizia que sorriam ao meu pai*.

Mas, antes de poder fazer isso, teria de conquistar.

*O Usurpador a mataria, tão certo como o sol nascente*, dissera Mormont. Robert matara seu galante irmão Rhaegar, e uma de suas criaturas tinha atravessado o mar dothraki para envenená-la e ao seu filho por nascer. Diziam que Robert Baratheon era forte como um touro e destemido em batalha, um homem que não gostava de nada mais do que da guerra. E com ele estavam os grandes senhores que o irmão chamava de cães do Usurpador, Eddard Stark de olhos frios com seu coração gelado, e os dourados Lannister, pai e filho, tão ricos, tão poderosos, tão traiçoeiros.

Como podia esperar derrubar tais homens? Quando Khal Drogo vivia, os homens tremiam e faziam-lhe ofertas para apaziguar sua ira. Se não o fizessem, ele tomava suas cidades, riqueza, mulheres e tudo o mais. Mas o *khalasar* dele tinha sido vasto, ao passo que o dela era escasso. Seu povo seguira-a através do deserto vermelho enquanto perseguia o cometa, e também a seguiria através da água venenosa, mas não seria o suficiente. Mesmo os dragões podiam não ser suficientes. Viserys

acreditara que o reino se ergueria em apoio ao rei legítimo… Mas ele era um tolo, e os tolos acreditam em tolices.

As dúvidas fizeram-na estremecer. De súbito, a água pareceu-lhe fria e os peixinhos que mordiscavam sua pele, irritantes. Dany ergueu-se e saiu da piscina.

– Irri – chamou –, Jhiqui.

Enquanto as aias a enxugavam com uma toalha e a envolviam num roupão de sedareia, os pensamentos de Dany derivaram para os três que a tinham procurado na Cidade dos Ossos. *A Estrela Sangrenta trouxe-me a Qarth por um motivo. Aqui encontrarei aquilo de que preciso, se tiver a força para aceitar o que me é oferecido e a sabedoria para evitar as armadilhas e os ardis. Se os deuses quiserem que eu vença, vão me fornecer os meios, enviar um sinal, e se não… se não…*

Era quase noite, Dany estava alimentando os dragões, quando Irri atravessou as cortinas de seda para lhe dizer que Sor Jorah voltara das docas… e não vinha sozinho.

– Mande-o entrar, com quem quer que tenha trazido – ela ordenou, curiosa.

Quando entraram, encontraram-na sentada num monte de almofadas, com os dragões ao redor. O homem que o exilado trouxera consigo usava um manto de penas verdes e amarelas e tinha uma pele tão negra como azeviche polido.

– Vossa Graça – disse o cavaleiro –, trago Quhuru Mo, capitão do *Vento de Canela*, vindo da Vila das Árvores Altas.

O negro se ajoelhou.

– Sinto-me muito honrado, minha rainha – ele disse; não na língua das Ilhas do Verão, que Dany não conhecia, mas no valiriano líquido das Nove Cidades Livres.

– A honra é minha, Quhuru Mo – ela retrucou na mesma língua. – Vem das Ilhas do Verão?

– É verdade, Vossa Graça, mas, antes, há menos de meio ano, aportamos em Vilavelha. Daí lhe trago um maravilhoso presente.

– Um presente?

– Um presente em forma de notícia. Mãe de Dragões, Filha da Tormenta, digo-lhe a verdade, Robert Baratheon está morto.

Fora dos muros o ocaso caía sobre Qarth, mas um sol acabava de nascer no coração de Dany.

– Morto? – ela repetiu. Sobre as suas coxas o negro Drogon silvou, e uma fumaça branca ergueu-se em frente ao seu rosto como um véu. – Tem certeza? O Usurpador está morto?

– É o que se diz em Vilavelha, e em Dorne, e em Lys, e em todos os outros portos a que aportamos.

*Ele enviou-me vinho envenenado, mas eu vivo, e ele partiu.*

– De que modo morreu? – sobre seu ombro o branco Viserion bateu as asas da cor do creme, agitando o ar.

– Rasgado por um javali monstruoso enquanto caçava em seu bosque do rei, ou pelo menos foi o que me disseram em Vilavelha. Outros dizem que a sua rainha o traiu, ou o irmão, ou Lorde Stark, que era sua Mão. Mas todas as histórias concordam numa coisa: o Rei Robert está morto e sepultado.

Dany nunca olhara o rosto do Usurpador, mas raramente se passava um dia em que não pensasse nele. Sua grande sombra pairava sobre ela desde a hora em que tinha nascido, quando chegara entre sangue e tempestade a um mundo que já não tinha lugar para ela. E, agora, este estranho de ébano levantava essa sombra.

– O garoto agora ocupa o Trono de Ferro – disse Sor Jorah.

– O Rei Joffrey reina – concordou Quhuru Mo –, mas os Lannister governam. Os irmãos de Robert fugiram de Porto Real. Segundo se diz, pretendem reclamar a coroa. E a Mão caiu, Lorde Stark, que era amigo do Rei Robert. Foi preso e acusado de traição.

– Ned Stark, um traidor? – Sor Jorah resfolegou. – Pouco provável. O Longo Verão voltará antes que este manche sua preciosa honra.

– Que honra poderá ter? – disse Dany. – Era um traidor do seu legítimo rei, tal como esses Lannister – agradava-lhe ouvir dizer que os cães do Usurpador lutavam uns contra os outros, embora não a surpreendesse. O mesmo tinha acontecido quando seu Drogo morreu e seu grande *khalasar*

se partiu em pedaços. – Meu irmão também está morto, Viserys, que era o rei legítimo – disse ao homem das Ilhas do Verão. – Khal Drogo, o senhor meu esposo, o matou com uma coroa de ouro derretido – se seu irmão tivesse sido mais sensato, teria ficado sabendo que a vingança pela qual rezara estava tão próxima?

– Então choro pela senhora, Mãe de Dragões, e pelo ensanguentado Westeros, privado do seu legítimo rei.

Sob os dedos gentis de Dany, o verde Rhaegal olhou o estranho com olhos de ouro derretido. Quando abriu a boca, os dentes cintilaram como agulhas negras.

– Quando seu navio retorna a Westeros, capitão?

– Temo que só dentro de um ano, ou mais. Daqui, o *Vento de Canela* segue para leste, a fim de percorrer a volta do mercador em torno do Mar de Jade.

– Compreendo – disse Dany, desapontada. – Nesse caso, desejo-lhe belos ventos e bons negócios. Trouxe-me um presente precioso.

– Fui amplamente recompensado, grande rainha.

Dany não compreendeu aquilo.

– Como?

Os olhos dele cintilaram:

– Vi dragões.

Dany soltou uma gargalhada.

– E voltará a vê-los um dia, espero. Venha até mim em Porto Real quando estiver no trono do meu pai, e obterá uma grande recompensa.

O homem das Ilhas do Verão prometeu que o faria, e deu um suave beijo em seus dedos quando se retirou. Jhiqui mostrou-lhe o caminho, enquanto Sor Jorah Mormont permaneceu com Daenerys.

– *Khaleesi* – disse o cavaleiro quando ficaram a sós –, eu não falaria tão livremente de meus planos se estivesse em seu lugar. Este homem espalhará a história onde quer que vá.

– Que espalhe – Dany respondeu. – Que o mundo inteiro conheça as minhas intenções. O Usurpador está morto, o que importa?

– Nem todas as histórias de marinheiro são verdadeiras – alertou-a Sor Jorah –, e mesmo se Robert estiver realmente morto, o filho governa em seu lugar. Isso, na verdade, nada muda.

– Isso muda *tudo* – Dany se levantou de repente, guinchando, os dragões desenrolaram-se e abriram as asas. Drogon voou e empoleirou-se na padieira sobre a arcada. Os outros correram pelo chão, com as pontas das asas roçando no mármore. – Antes, os Sete Reinos eram como o *khalasar* do meu Drogo, cem mil feitos um pela sua força. Agora, voam em pedaços, tal como aconteceu ao *khalasar* depois do meu *khal* cair morto.

– Os grandes senhores sempre lutaram. Diga-me quem ganhou, e direi o que isso significa. *Khaleesi*, os Sete Reinos não cairão nas suas mãos como outros tantos pêssegos maduros. Precisará de uma frota, de ouro, de exércitos, de alianças…

– Sei de tudo isso – Dany tomou as mãos do cavaleiro nas suas e olhou em seus olhos escuros e desconfiados. *Às vezes pensa em mim como uma criança que tem de proteger, e às vezes como uma mulher com quem gostaria de se deitar. Mas, alguma vez me vê realmente como a sua rainha?* – Não sou a menina assustada que conheceu em Pentos. Contei apenas quinze anos do meu nome, é verdade… mas sou tão velha como as velhas no *dosh khaleen* e tão nova como os meus dragões, Jorah. Dei à luz um filho, queimei um *khal* e atravessei o deserto vermelho e o mar dothraki. Meu sangue é o sangue do dragão.

– Tal como era o do seu irmão – ele retrucou com teimosia.

– Eu não sou Viserys.

– Não – o cavaleiro admitiu. – Penso que há na senhora mais de Rhaegar, mas mesmo Rhaegar podia ser morto. Robert provou isso no Tridente, apenas com um martelo de guerra. Até os dragões podem morrer.

– Os dragões morrem – ela ficou na ponta dos pés para lhe dar um pequeno beijo no rosto por barbear. – Mas a mesma coisa acontece aos matadores de dragões.

# Bran

Meera movia-se num círculo cuidadoso, com a rede pendendo, solta, da mão esquerda, e o esguio tridente equilibrado na direita. Verão seguia-a com seus olhos dourados, mantendo-se virado para ela, com a cauda erguida bem alto, hirta. Observando, observando…

– Iai! – gritou a garota, erguendo o tridente. O lobo esquivou-se para a esquerda e saltou antes que ela conseguisse puxar a arma. Meera lançou a rede, fazendo-a desenrolar-se no ar à sua frente. O salto de Verão levou-o para dentro dela. Arrastou a rede consigo quando caiu sobre o peito da menina e a fez cair para trás. O tridente rodopiou para longe. A grama úmida amorteceu a queda, mas o ar saiu de seus pulmões num "uf". O lobo agachou-se sobre ela.

Bran aplaudiu:

– Perdeu.

– Ela ganhou – disse o irmão, Jojen. – Verão está enredado.

Bran viu que o garoto tinha razão. Agitando-se e rosnando contra a rede, tentando se libertar, Verão só conseguia se enredar mais. E também não era capaz de morder através das malhas.

– Deixe-o sair.

Rindo, a menina Reed abraçou o lobo enleado e rolou junto dele. Verão soltou um ganido de dar dó, escoiceando as cordas que prendiam suas patas. Meera ajoelhou-se, desfez uma volta, deu um tranco num canto, puxou habilmente aqui e ali, e de repente o lobo gigante estava aos saltos, livre.

– Verão, aqui – Bran abriu os braços. – Olhem – ele disse, um instante antes de o lobo esbarrar nele. Agarrou-se com todas as suas forças enquanto o animal o arrastava aos encontrões pela grama. Lutaram e

rolaram, um rosnando e latindo, o outro rindo. No fim, foi Bran quem ficou por cima, com o lobo salpicado de lama por baixo. – Bom lobo – arquejou. Verão lambeu sua orelha.

Meera balançou a cabeça.

– Ele alguma vez se zanga?

– Comigo, não – Bran agarrou o lobo pelas orelhas e Verão lançou-lhe uma mordida feroz, mas era tudo brincadeira. – Às vezes rasga minha roupa, mas nunca derrama sangue.

– O s*eu* sangue, você quer dizer. Se tivesse passado pela minha rede…

– Não a machucaria. Ele sabe que gosto de você – todos os outros senhores e cavaleiros partiram um ou dois dias após a festa das colheitas, mas os Reed permaneceram e se transformaram em constantes companheiros de Bran. Jojen era tão solene que a Velha Ama o chamava de "pequeno avô", mas Meera lembrava-lhe a irmã, Arya. Não tinha medo de se sujar, e podia correr, lutar e arremessar coisas tão bem como um rapaz. Mas era mais velha do que Arya; tinha quase dezesseis anos, uma mulher-feita. Eram ambos mais velhos do que Bran, embora o nono dia de seu nome já tivesse finalmente chegado e partido, mas nunca o tratavam como uma criança. – Gostaria que fossem vocês os nossos protegidos, em vez dos Walder – pôs-se a caminho da árvore mais próxima. O modo como se arrastava e contorcia era feio de se ver, mas quando Meera foi ajudá-lo a se erguer, ele disse: – Não, não me ajude – rolou desajeitadamente, empurrou e torceu-se para trás, usando a força dos braços, até ficar sentado com as costas apoiadas no tronco de um freixo alto. – Viu, eu disse – Verão deitou-se com a cabeça apoiada nas coxas de Bran. – Nunca conhecera alguém que lutasse com uma rede – disse a Meera enquanto fazia carinho entre as orelhas do lobo gigante. – Foi seu mestre de armas quem lhe ensinou a luta de rede?

– Foi meu pai quem me ensinou. Não temos cavaleiros em Água Cinzenta. Nem mestre de armas, e também não temos meistre.

– Quem cuida de seus corvos?

Ela sorriu:

– Os corvos não são mais capazes de encontrar a Atalaia da Água Cinzenta do que os nossos inimigos.

– Por que não?

– Porque ela se desloca.

Bran nunca tinha ouvido falar de um castelo móvel. Olhou-a com incerteza, mas não conseguiu decidir se ela estava caçoando dele ou não.

– Gostaria de poder vê-lo. Acha que o senhor seu pai me deixaria ir visitá-los quando a guerra terminar?

– Será muito bem-vindo, meu príncipe. Nessa altura, ou agora.

– *Agora*? – Bran passara a vida inteira em Winterfell. Ansiava por ver lugares distantes. – Podia pedir a Sor Rodrik quando ele voltar.

O velho cavaleiro tinha partido para leste, a fim de tentar contornar os problemas que lá existiam. O bastardo de Roose Bolton começara tudo ao capturar a Senhora Hornwood quando regressava da festa das colheitas, casando com ela naquela mesma noite, embora fosse suficientemente novo para ser seu filho. Então, Lorde Manderly tomou o castelo dela e, a fim de proteger os bens dos Hornwood contra os Bolton, tinha escrito, mas Sor Rodrik ficara quase tão zangado com ele como com o bastardo.

– Sor Rodrik talvez me deixe ir. Meistre Luwin nunca deixaria.

Sentado de pernas cruzadas sob o represeiro, Jojen Reed olhou-o solenemente.

– Seria bom se abandonasse Winterfell, Bran.

– Seria?

– Sim. E quanto mais depressa melhor.

– Meu irmão tem a visão verde – disse Meera. – Ele sonha com coisas que não aconteceram, mas que às vezes acontecem.

– Não há *às vezes* nisto, Meera – um olhar passou entre eles; o dele triste, o dela desafiador.

– Diga-me o que vai acontecer – Bran pediu.

– Direi – o menino falou –, se me contar os seus sonhos.

O bosque sagrado caiu no silêncio. Bran conseguia ouvir o restolhar das folhas, e o som distante de Hodor brincando nas lagoas quentes. Pensou

no homem dourado e no corvo de três olhos, recordou o esmagar de ossos entre as suas maxilas e o gosto de cobre do sangue.

– Não tenho sonhos. Meistre Luwin dá-me poções para dormir.

– E ajudam?

– Às vezes.

Meera interveio:

–Winterfell inteira sabe que você acorda à noite gritando e transpirando, Bran. As mulheres falam disso junto ao poço e os guardas também, em suas salas.

– Conte-nos o que o assusta tanto – Jojen pediu.

– Não quero. Seja como for, são só sonhos. Meistre Luwin diz que os sonhos nem sempre querem dizer alguma coisa.

– Meu irmão sonha como os outros garotos, e esses sonhos podem querer dizer qualquer coisa – Meera explicou –, mas os sonhos verdes são diferentes.

Os olhos de Jojen eram da cor do musgo, e às vezes, quando se fixavam, pareciam estar vendo alguma outra coisa. Como acontecia agora.

– Sonhei com um lobo alado preso à terra por correntes de pedra cinza – ele disse. – Era um sonho verde, por isso soube que era verdade. Um corvo estava tentando quebrar suas correntes com bicadas, mas a pedra era dura demais, e seu bico só conseguia arrancar lascas.

– O corvo tinha três olhos?

Jojen confirmou com a cabeça.

Verão ergueu a cabeça do colo de Bran e olhou o menino da lama com seus escuros olhos dourados.

– Quando eu era pequeno, quase morri de febre da água cinzenta. Foi então que o corvo veio até mim.

– Ele veio até mim depois de eu cair – disse Bran, muito depressa. – Dormi durante muito tempo. Ele disse que eu tinha de voar ou morreria, e eu acordei, mas estava aleijado, e não podia voar.

– Pode, se quiser – pegando a rede, Meera sacudiu os últimos nós e começou a arrumá-la em dobras soltas.

– *Você* é o lobo alado, Bran – disse Jojen. – Não tive essa certeza quando o corvo veio pela primeira vez, mas agora tenho. Ele nos enviou até aqui para quebrar suas correntes.

– O corvo está na Água Cinzenta?

– Não. Ele está no norte.

– Na Muralha? – Bran sempre quis ver a Muralha. O irmão bastardo, Jon, estava lá agora, um homem da Patrulha da Noite.

– Para lá da Muralha – Meera Reed pendurou a rede no cinto. – Quando Jojen disse ao senhor nosso pai o que sonhara, ele nos enviou a Winterfell.

– Como é que eu vou quebrar as correntes, Jojen? – Bran quis saber.

– Abra o olho.

– Eles *estão* abertos. Não *vê*?

– Dois deles estão abertos – Jojen apontou: – Um, dois.

– Eu só *tenho* dois.

– Tem três. O corvo lhe deu o terceiro, mas você não quer abri-lo – o rapaz tinha um jeito lento e suave de falar. – Com dois olhos, vê o meu rosto. Com três, poderia ver meu coração. Com dois consegue ver aquele carvalho ali. Com três, conseguiria ver a bolota da qual o carvalho nasceu e o toco em que se transformará um dia. Com dois, não vê para lá de suas muralhas. Com três seria capaz de ver para sul até o Mar do Verão e para norte, para lá da Muralha.

Verão pôs-se em pé.

– Não preciso ver longe – Bran deu um sorriso nervoso. – Estou farto de falar de corvos. Vamos falar de lobos. Ou de lagartos-leões. Alguma vez já caçou algum, Meera? Aqui não existem.

Meera tirou o tridente dos arbustos:

– Vivem na água. Em cursos de água lentos e pântanos profundos…

– Sonhou com um lobo?

O rapaz estava deixando Bran zangado.

– Não preciso te contar meus sonhos. Sou o príncipe. Sou o Stark em Winterfell.

– Era o Verão?

– Cale-se.

– Na noite da festa das colheitas, sonhou que era o Verão no bosque sagrado, não foi?

– *Pare com isso!* – Bran gritou. Verão deslizou na direção do represeiro, exibindo os dentes brancos.

Jojen não se importou.

– Quando toquei no Verão, senti você nele. Tal como está nele agora.

– Não podia ter sentido. Eu estava na cama. Estava dormindo.

– Estava no bosque sagrado, todo de cinza.

– Foi só um pesadelo…

Jojen ficou de pé.

– Senti-o. Senti-o caindo. É isso o que o assusta, a queda?

*A queda*, pensou Bran, *e o homem dourado, o irmão da rainha, ele também me assusta, mas é principalmente a queda*. Mas não disse. Como poderia? Não tinha sido capaz de dizer a Sor Rodrik ou ao Meistre Luwin, e também não podia dizer aos Reed. Se não falasse no assunto, talvez o esquecesse. Nunca queria se lembrar. Podia até nem ser uma memória verdadeira.

– Você cai todas as noites, Bran? – Jojen perguntou em voz baixa.

Um rosnado grave e trovejante ergueu-se da garganta de Verão, e não havia nele nenhuma brincadeira. O lobo avançou, todo dentes e olhos quentes. Meera interpôs-se entre o animal e o irmão, com o tridente na mão.

– Mantenha-o longe, Bran.

– Jojen o está deixando irritado.

Meera abanou a rede.

– A ira é sua, Bran – disse o irmão. – O medo é seu.

– Não é. Eu não sou um lobo – mas uivara com eles na noite, e saboreara o sangue em seus sonhos de lobo.

– Parte de você é Verão, e parte do Verão é você. Sabe disso, Bran.

Verão correu, mas Meera bloqueou seu avanço, dando uma estocada com o tridente. O lobo torceu-se para o lado, rodeando-a, espreitando. Meera virou-se para enfrentá-lo:

– Chame-o para trás, Bran.

– Verão! – Bran gritou. – Aqui, Verão! – bateu com a palma da mão aberta em sua coxa. A mão formigou, mas a perna morta nada sentiu.

O lobo gigante voltou a saltar, e de novo o tridente de Meera avançou. Verão esquivou-se, e rodeou-a no sentido contrário. Os arbustos restolharam, e um esguio vulto negro saiu de debaixo do represeiro, com os dentes à mostra. O cheiro era forte; o irmão havia cheirado sua ira. Bran sentiu que pelos se eriçavam na parte de trás do pescoço. Meera ficou ao lado do irmão, com lobos de ambos os lados.

– Bran, chame-os.

– Não *consigo*!

– Jojen, para cima da árvore.

– Não é preciso. Hoje não é o dia da minha morte.

– *Faça o que digo*! – ela gritou, e o irmão subiu no tronco do represeiro, usando o rosto como apoio para as mãos. Os lobos gigantes aproximaram-se. Meera abandonou a lança e a rede, saltou e agarrou o galho que se estendia por cima de sua cabeça. As mandíbulas do Felpudo fecharam-se com um estalido por baixo de seu tornozelo quando ela se balançou para cima e subiu para o galho. Verão sentou-se nos quartos traseiros e uivou, enquanto Cão Felpudo mordia a rede, sacudindo-a nos dentes.

Foi só então que Bran se lembrou de que não estavam sozinhos. Pôs as mãos em torno da boca:

– Hodor! – ele gritou. – *Hodor! Hodor!* – estava muito assustado e um pouco envergonhado. – Eles não farão mal a Hodor – Bran garantiu aos amigos na árvore.

Passaram-se alguns momentos antes de ouvirem um cantarolar sem melodia. Hodor chegou, meio vestido e salpicado de lama de sua visita às lagoas quentes, mas Bran nunca se sentira tão contente por vê-lo.

– Hodor, ajude-me. Afaste os lobos. Afaste-os.

Hodor fez o que lhe foi pedido alegremente, abanando os braços e batendo com os seus enormes pés, gritando “Hodor, Hodor”, correndo primeiro para um lobo e em seguida para o outro. Cão Felpudo foi o

primeiro a fugir, voltando a se enfiar por entre a folhagem com um último rosnado. Quando Verão se fartou, voltou para junto de Bran e deitou-se ao seu lado.

Assim que Meera voltou a tocar no chão, pegou a rede e o tridente. Jojen não chegou a tirar os olhos de Verão.

– Voltaremos a conversar – ele prometeu a Bran.

*Foram os lobos, não fui eu*. Não compreendia por que tinham ficado tão violentos. *Talvez Meistre Luwin tenha tido razão em fechá-los no bosque sagrado.*

– Hodor – disse –, leve-me ao Meistre Luwin.

O torreão do meistre, sob o viveiro dos corvos, era um dos lugares preferidos de Bran. Luwin era irremediavelmente desorganizado, mas sua desordem de livros, rolos e garrafas era tão familiar e reconfortante para Bran como a calva do meistre e as grandes mangas de sua toga larga e cinza. E também gostava dos corvos.

Foi encontrar Luwin empoleirado num banco alto, escrevendo. Com Sor Rodrik longe, todo o governo do castelo tinha caído sobre os seus ombros.

– Meu príncipe – ele disse quando Hodor entrou –, hoje chegou cedo para as lições – o meistre passava várias horas, todas as tardes dando aulas para Bran, Rickon e aos dois Walder Frey.

– Hodor, fica quieto – Bran agarrou um castiçal da parede com ambas as mãos e o usou para se içar para fora do cesto. Ficou um momento pendurado pelos braços até Hodor levá-lo a uma cadeira. – Meera diz que o irmão tem a visão verde.

Meistre Luwin coçou o lado do nariz com a pena de escrever.

– Ah, diz?

Bran confirmou com um meneio.

– Você disse que os filhos da floresta tinham a visão verde. Eu me lembro.

– Alguns afirmavam ter esse poder. Seus sábios eram chamados *videntes verdes*.

– Era magia?

– Se tem de chamar assim, na falta de palavra melhor, chame. No seu âmago, era apenas uma forma diferente de conhecimento.

– Era o quê?

Luwin apoiou a pena.

– Ninguém sabe verdadeiramente, Bran. Os filhos desapareceram do mundo, e sua sabedoria foi com eles. Pensamos que tinha a ver com os rostos nas árvores. Os Primeiros Homens acreditavam que os videntes verdes eram capazes de ver através dos olhos dos represeiros. Foi por isso que abatiam as árvores sempre que faziam guerra com os filhos da floresta. Supostamente, os videntes verdes também possuíam poder sobre os animais da floresta e as aves nas árvores. Até sobre os peixes. O rapaz Reed diz que tem algum desses poderes?

– Não. Acho que não. Mas Meera diz ter sonhos que às vezes se transformam em realidade.

– Todos nós temos sonhos que às vezes se transformam em realidade. Lembra-se de que sonhou com o senhor seu pai na cripta antes de sabermos que estava morto?

– Rickon também. Sonhamos o mesmo sonho.

– Chame de visão verde, se quiser… Mas lembre-se também de todas as dezenas de milhares de sonhos que você e Rickon sonharam e que *não* se tornaram realidade. Lembra-se, por acaso, do que lhe ensinei sobre o colar de elos que todos os meistres usam?

Bran pensou por um momento, tentando se lembrar.

– Um meistre forja sua corrente na Cidadela de Vilavelha. É uma corrente pela qual jura servir, e é feita de vários metais porque o meistre serve ao reino, e o reino tem vários tipos de gente. Cada vez que aprende algo, obtém um novo elo. O ferro negro representa a criação de corvos; a prata, as artes curativas; o ouro, as somas e os números. Não me lembro de todos.

Luwin enfiou um dedo sob o colar e ficou virando-o, milímetro por milímetro. Possuía um pescoço grosso para um homem tão pequeno, e a corrente estava apertada, mas, com alguns puxões, virou-a ao contrário.

– Isto é aço valiriano – ele disse quando o elo de metal cinza-escuro tocou seu pomo de adão. – Só um meistre em cem usa um aro desses. Isso significa que estudei aquilo que a Cidadela chama de *mistérios superiores*... Magia, na falta de palavra melhor. Um estudo fascinante, mas de pouco uso, e esse é o motivo por que tão poucos meistres se importam com ele. Todos os que estudam os mistérios superiores experimentam os feitiços, mais cedo ou mais tarde. Também cedi à tentação, devo confessar. Bem, era um rapaz, e que rapaz não deseja secretamente encontrar poderes escondidos em si? Não obtive mais sucesso com meus esforços do que mil rapazes antes de mim, e outros mil depois. Lamento dizer, a magia não funciona.

– Às vezes funciona – Bran protestou. – Eu tive aquele sonho, e Rickon também. E há magos e feiticeiros no leste…

– Há homens que *se chamam* de magos e feiticeiros – Meistre Luwin o interrompeu. – Tive um amigo na Cidadela que conseguia tirar uma rosa de sua orelha, mas não era mais mágico do que eu. Ah, com certeza, há muitas coisas que ainda não compreendemos. Os anos passam às centenas e aos milhares, e o que vê qualquer homem vivo além de alguns Verões e alguns Invernos? Olhamos as montanhas e dizemos que são eternas, e é o que parecem ser… Mas, no correr do tempo, montanhas erguem-se e ruem, rios mudam de curso, estrelas caem do céu, e grandes cidades afundam-se no mar. Pensamos que até os deuses morrem. Tudo muda. Talvez a magia um dia tenha sido uma força poderosa no mundo, mas já não o é. O pouco que resta não é mais do que o fiapo de fumaça que permanece no ar depois de um grande incêndio se extinguir, e até isso está se desvanecendo. Valíria foi a última brasa, e ela desapareceu. Já não há dragões, os gigantes estão mortos, e os filhos da floresta, esquecidos com todo seu saber. Não, meu príncipe. Jojen Reed pode ter tido um sonho ou dois que acredita se tornaram verdade, mas não tem a visão verde. Nenhum homem vivo detém esse poder.

Bran disse a Meera Reed exatamente isso quando ela veio visitá-lo ao anoitecer, enquanto ele estava sentado no banco de janela vendo as luzes nascendo, tremulando.

– Lamento o que aconteceu com os lobos. Verão não devia ter tentado machucar Jojen, mas Jojen também não devia ter dito tudo aquilo sobre os meus sonhos. O corvo mentiu quando disse que eu podia voar, e seu irmão também mentiu.

– Ou talvez seu meistre esteja errado.

– Não está. Até meu pai confiava em seus conselhos.

– Seu pai o escutava, não tenho dúvidas. Mas, no fim, decidia por si próprio. Bran, você me deixa contar um sonho que Jojen sonhou sobre você e seus irmãos adotivos?

– Os Walder não são meus irmãos.

Ela não prestou atenção.

– Você estava sentado à mesa do jantar, mas, em vez de um criado, foi Meistre Luwin quem lhe trouxe a comida. Serviu-o a porção de rei do assado, com a carne malpassada e sangrando, mas com um saboroso cheiro que deu água na boca de todo mundo. A carne que serviu aos Frey era velha, cinzenta e morta. Mas eles gostaram do seu jantar mais do que você do seu.

– Não entendo.

– Meu irmão diz que entenderá. Quando entender, voltaremos a conversar.

Bran ficou quase com medo de se sentar para jantar naquela noite, mas, quando o fez, o que puseram à sua frente foi empadão de pombo. A todos os outros foi servido o mesmo, e não viu nada de errado na comida que serviram aos Walder. *Meistre Luwin tem razão*, disse a si mesmo. Nada de mal vinha a caminho de Winterfell, independentemente do que Jojen pudesse dizer. Bran sentiu-se aliviado… mas também desapontado. Enquanto houvesse magia, tudo poderia acontecer. Fantasmas poderiam caminhar, árvores poderiam falar, e garotos aleijados poderiam crescer e se tornar cavaleiros.

– Mas não há – ele disse em voz alta na escuridão da sua cama. – Não há magia, e as histórias são só histórias.

E ele nunca andaria, nem voaria, nem seria um cavaleiro.

# Tyrion

As esteiras arranhavam as solas de seus pés nus.

– Meu primo escolhe uma estranha hora para vir me visitar – disse Tyrion a um Podrick Payne confuso pelo sono, que sem dúvida esperava se queimar por acordá-lo. – Leve-o para o aposento privado e diga-lhe que desço já.

Ao ver o negrume na janela, calculou que já passava muito da meia-noite. *Será que Lancel acha que vai me encontrar sonolento e com raciocínio devagar a esta hora?*, perguntou-se. *Não, Lancel quase não pensa, isto é obra de Cersei*. A irmã ficaria desapontada. Mesmo deitado, Tyrion trabalhava até bem tarde da madrugada, lendo à luz trêmula de uma vela, estudando os relatórios dos informantes de Varys, e debruçando-se sobre os livros de contas de Mindinho, até que as chamas se desfocassem e os olhos começassem a doer.

Lavou o rosto com um pouco de água morna tirada da bacia que estava ao lado da cama e demorou-se, acocorado no sanitário, sentindo o ar frio da noite na pele nua. Sor Lancel tinha dezesseis anos, e não era conhecido pela paciência. Que esperasse e ficasse mais ansioso com a espera. Quando terminou de esvaziar as tripas, Tyrion enfiou-se num roupão e, com a mão, despenteou o cabelo fino e louro, para que parecesse mais ter sido acordado.

Lancel passeava em frente às cinzas na lareira, vestido de veludo vermelho cortado com submangas de seda negra, um punhal incrustado de joias e uma bainha dourada pendendo do cinto.

– Primo – Tyrion o saudou. – Suas visitas são demasiado raras. A que devo este imerecido prazer?

– Sua Graça, a Rainha Regente enviou-me para lhe ordenar que liberte o Grande Meistre Pycelle – Sor Lancel mostrou a Tyrion uma fita carmesim, com o selo leonino de Cersei impresso em cera dourada. – Aqui está a sua procuração.

– Pois bem – Tyrion afastou o objeto com um gesto. – Espero que minha irmã não ande abusando de suas forças tão cedo depois de sua doença. Seria uma grande pena se sofresse uma recaída.

– Sua Graça está bem recuperada – Sor Lancel disse secamente.

– Música para os meus ouvidos – *embora não seja uma melodia que me agrade, devia ter-lhe dado uma dose maior.* Tyrion esperava ter mais alguns dias sem interferências de Cersei, mas não ficou muito surpreso por ela ter recuperado a saúde. Afinal de contas, era gêmea de Jaime. Obrigou-se a dar um sorriso agradável. – Pod, acende-nos a lareira, o ar está frio demais para o meu gosto. Toma uma taça comigo, Lancel? Descobri que vinho aquecido me ajuda a dormir.

– Não preciso de ajuda para dormir – Sor Lancel respondeu. – Vim por ordem de Sua Graça, não para beber com você, Duende.

Tyrion pensou que ser armado cavaleiro tornara o rapaz mais ousado… Isso, e o triste papel que desempenhara no assassinato do Rei Robert.

– O vinho realmente tem seus perigos – Tyrion sorria enquanto servia a bebida. – Quanto ao Grande Meistre Pycelle… Se minha querida irmã está assim tão preocupada com ele, eu imaginaria que viesse em pessoa falar comigo. Mas não; manda o senhor. O que acha disso?

– Pense disso o que quiser, desde que solte o prisioneiro. O Grande Meistre é um amigo dedicado da Rainha Regente, e encontra-se sob a sua proteção pessoal – uma sugestão de zombaria brincou nos lábios do rapaz; Lancel estava gostando daquilo. *Ele aprende suas lições com Cersei*. – Sua Graça nunca aceitará esse ultraje. Lembro-lhe de que é *ela* a regente de Joffrey.

– Tal como eu sou Mão de Joffrey.

– A Mão serve – informou-o com desenvoltura o jovem cavaleiro. – A regente *governa,* até o rei ser maior de idade.

– Talvez devesse escrever isso para que me lembre melhor – a lareira estalava alegremente. – Pode nos deixar, Pod – Tyrion disse ao escudeiro. Só depois de o rapaz sair, voltou-se para Lancel: – Há mais?

– Sim. Sua Graça pede-me que lhe informe que Sor Jacelyn Bywater desobedeceu a uma ordem emitida em nome do rei.

*O que significa que Cersei já ordenou a Bywater que liberte Pycelle e recebeu uma negativa*.

– Sei.

– Insiste que o homem seja destituído do cargo e posto sob prisão por traição. Previno-o…

Tyrion pôs a taça de lado:

– Não ouvirei avisos vindos de você, rapaz.

– *Sor* – Lancel falou rigidamente. Tocou a espada, talvez para lembrar Tyrion de que a usava. – Tenha cuidado com a maneira como fala comigo, Duende – sem dúvida pretendia parecer ameaçador, mas aquela absurda penugem no lugar do bigode arruinava o efeito.

– Oh, puxe a espada. Um grito meu e Shagga entra de rompante e mata você. Com um machado, não com um odre de vinho.

Lancel corou; seria tão tonto a ponto de pensar que seu papel na morte de Robert tinha passado despercebido?

– Eu sou um cavaleiro…

– Já notei. Diga-me… Cersei armou-o cavaleiro antes ou depois de tê-lo levado para a cama?

O brilho nos olhos verdes de Lancel era toda a admissão de culpa de que Tyrion necessitava. Portanto, Varys dissera a verdade. *Bem, ninguém jamais poderá afirmar que minha irmã não ama a família*.

– O quê? Nada a dizer? Não há mais avisos para mim, *Sor*?

– Retire essas imundas acusações, senão…

– Faça-me o favor. Por acaso já pensou no que Joffrey fará quando lhe disser que assassinou o pai dele para dormir com sua mãe?

– Não foi assim! – Lancel protestou, horrorizado.

– Não? Então *como* foi? Diga!

– Foi a rainha que me deu o vinho-forte. Seu próprio pai, Lorde Tywin, quando fui nomeado escudeiro do rei, disse-me para obedecer a Cersei em tudo.

– Também disse para fodê-la? – *olhem para ele. Não é tão alto, não tem feições tão regulares, o cabelo é areia em vez de fio de ouro, mas, mesmo assim... Até uma fraca cópia de Jaime é melhor do que uma cama vazia, suponho*. – Não, também me parece que não.

– Nunca pretendi… Só fiz o que me foi pedido, eu…

– … detestou cada instante... É nisso que quer que eu acredite? Uma posição elevada na corte, um grau de cavaleiro, as pernas da minha irmã abertas para você à noite, ah, sim, deve ter sido terrível para você – Tyrion ficou de pé. – Espere aqui. Sua Graça vai querer saber disso.

Todo o tom desafiador de Lancel desapareceu de uma só vez. O jovem cavaleiro caiu de joelhos como um menino assustado.

– Misericórdia, senhor, suplico-lhe.

– Guarde isso para Joffrey. Ele gosta de uma boa súplica.

– Senhor, foram ordens de sua irmã, a rainha, tal como disse, mas Sua Graça… Ele nunca compreenderá…

– Quer que eu esconda a verdade do rei?

– Por meu pai! Deixarei a cidade, será como se nunca tivesse acontecido! Juro, acabarei com tudo…

Era difícil não rir.

– Acho que não.

Agora o rapaz parecia perdido.

– Senhor?

– Você ouviu. Meu pai disse-lhe para obedecer à minha irmã? Muito bem, obedeça. Fique perto dela, ganhe sua confiança, dê-lhe prazer sempre que ela pedir. Ninguém precisa de saber… Desde que trabalhe para mim. Quero saber o que Cersei anda fazendo. Aonde vai, com quem fala e do que fala, que planos anda arquitetando. Tudo. E será você quem vai me contar, não é verdade?

– Sim, senhor – Lancel falou sem um momento de hesitação. Tyrion gostou daquilo. – Serei. Juro. Às suas ordens.

– Levante-se – Tyrion encheu a segunda taça e enfiou-a na mão dele. – Beba ao nosso acordo. Garanto que não há javalis no castelo, pelo menos que eu saiba – Lancel ergueu a taça e bebeu, ainda que de forma tensa. – Sorria, primo. Minha irmã é uma bela mulher, e é tudo pelo bem do reino. Pode se sair disso bem. Um grau de cavaleiro não é nada. Se for esperto, antes de acabarmos ainda recebe de mim uma senhora – Tyrion fez girar o vinho na sua taça. – Queremos que Cersei tenha toda a confiança em você. Volte e diga-lhe que peço perdão. Diga que me assustou, que não quero conflitos entre nós, que daqui em diante nada farei sem o seu consentimento.

– Mas… Ela exige…

–Ah, eu lhe dou Pycelle.

– Dará? – Lancel pareceu espantado.

Tyrion sorriu.

– Vou soltá-lo amanhã. Podia jurar que não toquei num fio de cabelo dele, mas não seria completamente verdade. Em todo caso, ele está bastante bem, embora eu não garanta seu vigor. As celas negras não são um lugar saudável para um homem de sua idade. Cersei pode mantê-lo como animal de estimação ou mandá-lo para a Muralha, não me interessa, mas não o aceitarei no conselho.

– E Sor Jacelyn?

– Diga a minha irmã que crê que conseguirá tirá-lo de mim em breve. Isso deve contentá-la por enquanto.

– Às suas ordens – Lancel terminou o vinho.

– Só mais uma coisa. Com o Rei Robert morto, seria um grande embaraço se sua inconsolável viúva de repente ficasse prenhe.

– Senhor, eu… nós… a rainha ordenou-me que não… – as orelhas do rapaz tinham tomado o tom carmim dos Lannister. – Derramarei minha semente na barriga dela, senhor.

– Uma adorável barriga, não tenho dúvida. Umedeça-a tantas vezes quantas desejar… Mas assegure-se de que seu orvalho não caia em nenhum outro lugar. Não quero mais sobrinhos, entendido?

Sor Lancel fez uma reverência rígida e se retirou.

Tyrion concedeu a si próprio um momento para sentir pena do rapaz. *Outro tolo, e também fraco, mas não merece o que Cersei e eu estamos lhe fazendo*. Era bom que seu tio Kevan tivesse mais dois filhos, porque este provavelmente não chegaria ao fim do ano. Cersei mandaria matá-lo imediatamente se soubesse que a andava traindo e, se por alguma graça dos deuses, não o fizesse, Lancel nunca sobreviveria ao dia em que Jaime Lannister voltasse a Porto Real. A única questão que restava era saber se Jaime o abateria num ataque de ciúmes, ou se Cersei o assassinaria primeiro, a fim de evitar que Jaime descobrisse. A prata de Tyrion estava posta em Cersei.

Sentia-se desassossegado, e Tyrion sabia perfeitamente que não voltaria a dormir naquela noite. *Não aqui, pelo menos*. Deparou-se com Podrick Payne dormindo numa cadeira à porta do aposento privado, e sacudiu seu ombro.

– Chame Bronn, e depois corra aos estábulos e mande selar dois cavalos.

Os olhos do escudeiro estavam enevoados de sono.

– Cavalos.

– Aqueles grandes animais marrons que gostam de maçãs, com certeza já os viu. Quatro patas e uma cauda. Mas, primeiro, Bronn.

O mercenário não demorou a aparecer.

– Quem mijou na sua sopa? – o homem quis saber.

– Cersei, como sempre. Seria de se esperar que a essa altura já estivesse habituado ao gosto, mas, esqueça. Minha amável irmã parece ter me confundido com Ned Stark.

– Ouvi dizer que ele era mais alto.

– Depois de Joff ter cortado sua cabeça, não. Devia ter vestido uma roupa mais quente. A noite está fria.

– Vamos a algum lugar?

– Os mercenários são todos tão espertos como você?

As ruas da cidade eram perigosas, mas com Bronn a seu lado Tyrion sentia-se bastante seguro. Os guardas deixaram-nos sair por uma pequena porta na muralha norte, e eles desceram a Alameda da Sombra Negra até

o sopé da Grande Colina de Aegon, e daí dirigiram-se ao Beco do Porco Corrido, passando por fileiras de janelas fechadas e altos edifícios de madeira e pedra, cujos andares superiores se estendiam tanto por cima da rua, que quase se beijavam. A lua parecia segui-los enquanto avançavam, brincando de se esconder por entre as chaminés. Não encontraram ninguém além de uma velha que arrastava um gato morto pelo rabo. Lançou-lhes um olhar temeroso, como se receasse que tentassem roubar dela o jantar, e desvaneceu-se nas sombras sem uma palavra.

Tyrion refletiu sobre os homens que tinham sido Mão antes dele e que se revelaram incapazes de vencer os ardis da irmã. *E como seria de outro modo? Homens assim… Honrosos demais para viver, nobres demais para cagar... Cersei devora tais tolos todas as manhãs no desjejum. A única forma de derrotá-la era jogar o seu jogo, e isso era algo que os Senhores Stark e Arryn nunca fariam.* Pouco admirava que ambos estivessem mortos, já Tyrion Lannister nunca se sentira mais vivo. Suas pernas deformadas podiam transformá-lo num grotesco cômico de um baile das colheitas, mas conhecia *aquela* dança.

Apesar da hora, o bordel estava apinhado. Chataya saudou-os agradavelmente e os levou para a sala comum. Bronn subiu com uma moça de olhos escuros, de Dorne, porque Alayaya estava ocupada.

– Ficará tão satisfeita por saber que veio – Chataya lhe disse. – Mandarei preparar o quarto da torre. O senhor aceita uma taça de vinho enquanto espera?

– Aceito – Tyrion respondeu.

O vinho era fraco se comparado com as colheitas da Árvore que a casa servia habitualmente.

– Tem de nos perdoar, senhor – Chataya se desculpou. – Ultimamente não consigo encontrar bom vinho por nenhum preço.

– Temo que não seja só você.

Chataya lamentou-se com ele durante um momento, depois pediu desculpas e afastou-se. *Uma mulher bonita*, refletiu Tyrion enquanto a via partir. Raramente vira tal elegância e dignidade numa prostituta, embora ela se visse mais como um tipo de sacerdotisa. *Talvez seja este o*

*segredo. Não é o que fazemos, mas o motivo por que o fazemos*. De algum modo, aquele pensamento o confortou.

Alguns dos outros clientes a olhavam de canto de olho. Da última vez que se aventurara a sair, um homem tinha cuspido nele… bem, tentara fazê-lo. Em vez disso, cuspiu em Bronn, e dali em diante passou a cuspir sem o auxílio dos dentes.

– O senhor está se sentindo carente? – Dancy tinha deslizado para o seu colo e mordiscava sua orelha. – Tenho cura para isso.

Sorrindo, Tyrion balançou a cabeça:

– É tão bela que não tenho palavras, doçura, mas tornei-me amigo do remédio de Alayaya.

– Nunca *experimentou* o meu. O senhor nunca escolhe ninguém a não ser a ‘Yaya. Ela é boa, mas eu sou melhor, não quer ver?

– Talvez da próxima vez – Tyrion não tinha dúvidas de que com Dancy teria um bocado de diversão. Possuía um nariz achatado, com sardas e uma juba de espessos cabelos ruivos que caía até depois da cintura. Mas ele tinha Shae à espera na mansão.

Aos risinhos, ela pousou a mão entre as suas coxas e apertou através dos calções.

– Acho que *ele* não quer esperar até a próxima vez – ela anunciou. – Acho que ele quer sair e contar todas as minhas sardas.

– Dancy – Alayaya estava na porta, escura e calma em suas sedas verdes e transparentes. – Sua senhoria veio me visitar.

Tyrion desembaraçou-se gentilmente da outra garota e pôs-se em pé. Dancy não pareceu se importar.

– Da próxima vez – ela disse, enfiando um dedo na boca para chupá-lo.

Enquanto subia as escadas à sua frente, a moça de pele negra disse:

– Pobre Dancy. Tem uma quinzena para conseguir que o senhor a escolha. Caso contrário, perde as pérolas negras para Marei.

Marei era uma garota calma, de pele clara e delicada em que Tyrion reparara uma ou duas vezes. Olhos verdes e pele de porcelana, longos cabelos lisos e prateados, muito encantadora, mas muito mais pomposa do que devia ser.

– Detestaria que a pobre moça perdesse as pérolas por minha causa.
– Então suba com ela da próxima vez.
– Talvez o faça.
Ela sorriu:
– Creio que não, senhor.
*Ela tem razão*, Tyrion pensou. *Não o farei. Shae pode ser apenas uma prostituta, mas à minha maneira lhe sou fiel.*
No quarto do torreão, enquanto abria a porta do guarda-roupa, olhou com curiosidade para Alayaya:
– O que você vai fazer enquanto eu não estiver aqui?
Ela ergueu os braços e espreguiçou-se como uma gata negra cheia de saúde:
– Dormirei. Tenho descansado muito mais desde que começou a nos visitar, senhor. E Marei anda nos ensinando a ler, talvez em breve seja capaz de passar o tempo com um livro.
– Dormir é bom – ele respondeu. – E os livros são melhores – deu-lhe um beijo rápido na face. Depois seguiu pelo alçapão abaixo e pelo túnel afora.
Ao sair do estábulo no seu castrado malhado, Tyrion ouviu o som de música pairando sobre os telhados. Era agradável pensar que os homens ainda cantavam, mesmo no meio dos massacres e da fome. Notas recordadas encheram sua cabeça, e por um momento quase conseguiu ouvir Tysha cantando para ele como cantara meia vida antes. Puxou as rédeas para escutar. A melodia estava errada, e as palavras indistintas demais para que as compreendesse. Era então uma canção diferente, e por que não? Sua querida e inocente Tysha tinha sido uma mentira do início ao fim, nada mais do que uma prostituta que o irmão Jaime contratara para fazer dele um homem.
*Agora estou livre de Tysha*, pensou. *Ela me assombrou durante metade da minha vida, mas já não preciso dela, não mais do que preciso de Alayaya, Dancy ou Marei, ou das centenas de mulheres iguais a elas com que fui me deitando ao longo dos anos. Agora tenho Shae. Shae.*

Os portões da mansão estavam fechados e trancados. Tyrion bateu até que o ornamentado olho de bronze se abriu com um estalido.

– Sou eu.

O homem que o deixou entrar era uma das mais belas descobertas de Varys, um faquista de Bravos com um lábio leporino e um olho vesgo. Tyrion não quis guardas jovens e bonitos passeando em torno de Shae dia após dia. "Arranje-me homens velhos, feios e com cicatrizes, de preferência impotentes", tinha dito ao eunuco. "Homens que prefiram rapazes. Ou, melhor ainda, homens que prefiram ovelhas." Varys não conseguira arranjar nenhum amante de ovelhas, mas encontrara um estrangulador eunuco e um par de ibbeneses malcheirosos que gostavam tanto de machados como um do outro. Os outros eram um bando de mercenários de fazer inveja a qualquer masmorra, cada um mais feio do que o outro. Quando Varys os fez desfilar à sua frente, Tyrion temeu que o eunuco tivesse ido longe demais, mas Shae nunca expressou uma palavra de queixa. *E por que haveria de expressar? Nunca se queixou de mim, e eu sou mais hediondo do que todos os seus guardas juntos. Talvez nem sequer veja a feiura.*

Mesmo assim, Tyrion teria preferido usar alguns de seus homens dos clãs da montanha para guardar a mansão; talvez os Orelhas Negras de Chella, ou os Irmãos da Lua. Depositava mais fé na férrea lealdade e no sentido de honra deles do que na ganância de mercenários. Mas o risco era elevado demais. Porto Real inteira sabia que os selvagens lhe pertenciam. Se mandasse para ali os Orelhas Negras, seria apenas uma questão de tempo até que toda a cidade soubesse que a Mão do Rei mantinha uma concubina.

Entregou o cavalo a um dos ibbeneses.

– Acordou-a? – perguntou-lhe Tyrion.

– Não, senhor.

– Ótimo.

O fogo, no quarto, ardera até deixar apenas brasas, mas o aposento ainda estava quente. Shae tinha empurrado as mantas e os lençóis para longe enquanto dormia. Jazia nua sobre seu colchão de penas, com as

suaves curvas de seu corpo jovem delineadas pelo tênue brilho vindo da lareira. Tyrion parou à porta e bebeu da visão da moça. *Mais jovem do que Marei, mais doce do que Dancy, mais bela do que Alayaya, é tudo de que preciso, e ainda mais*. Perguntou a si mesmo como podia uma prostituta parecer tão limpa, doce e inocente.

Não pretendia perturbá-la, mas vê-la foi o suficiente para deixá-lo excitado. Deixou que as roupas caíssem ao chão, depois subiu para a cama, afastou suas pernas com gentileza e beijou-a entre as coxas. Shae murmurou no sono. Tyrion voltou a beijá-la, e lambeu sua doçura secreta, uma e outra vez, até que tanto a barba dele como a boceta dela ficaram ensopadas. Quando ela soltou um suave gemido e estremeceu, ele subiu, penetrou-a e explodiu quase de imediato.

Os olhos da garota estavam abertos. Ela sorriu, afagou sua cabeça e sussurrou:

– Tive agora mesmo o mais doce dos sonhos, senhor.

Tyrion mordiscou seu pequeno mamilo túrgido e aninhou a cabeça no seu ombro. Não saiu de dentro dela; gostaria de nunca ter de sair dali.

– Isso não é sonho nenhum – garantiu-lhe. *É real, tudo isso*, pensou, *as guerras, as intrigas, o grande jogo sangrento, e eu no centro de tudo… eu, o anão, o monstro, aquele de quem zombavam e riam. Mas agora tenho tudo, o poder, a cidade, a moça. Foi para isso que fui feito e, que os deuses me perdoem,* adoro *tudo*…

*E a ela. E a ela.*

# Arya

Quaisquer que tivessem sido os nomes que Harren, o Negro, quisera dar às suas torres, estavam havia muito esquecidos. Eram chamadas de Torre do Terror, da Viúva, dos Gemidos, dos Fantasmas e da Pira do Rei. Arya dormia num nicho pouco profundo, nas caves por baixo da Torre dos Lamentos, numa cama de palha. Tinha água para se lavar sempre que quisesse e um pedaço de sabão. O trabalho era duro, mas não tanto como caminhar vários quilômetros todos os dias. A Doninha não precisava encontrar minhocas e bichos para comer, como Arry tinha precisado; havia pão todos os dias, e também guisados de cevada com pedacinhos de cenoura e nabo, e de quinze em quinze dias até um pouco de carne.

Torta Quente comia ainda melhor; estava no lugar certo para ele, nas cozinhas, um edifício redondo de pedra com um telhado em forma de cúpula que era um mundo próprio. Arya tomava as refeições numa mesa de montar na galeria subterrânea, com Weese e os outros que ele tinha a seu cargo, mas às vezes era escolhida para ajudar a buscar as refeições, e ela e Torta Quente roubavam um momento para conversar. Ele nunca conseguia se lembrar de que ela era agora Doninha, e continuava a chamá-la de Arry, embora soubesse que era uma menina. Uma vez tentara dar-lhe, às escondidas, uma torta quente de maçã, mas tinha sido tão desastrado que dois dos outros cozinheiros viram. Levaram a torta e bateram nele com uma grande colher de pau.

Gendry tinha sido mandado para a forja; Arya raramente o via. Quanto àqueles com quem servia, nem sequer queria saber seus nomes. Isso só fazia com que doesse mais quando morriam. Eles eram, na maior parte, mais velhos do que ela, e ficavam satisfeitos por deixá-la em paz.

Harrenhal era vasto, e a maior parte havia muito entrara em decadência. A Senhora Whent teve a posse do castelo enquanto vassala da Casa Tully, mas usava apenas os andares inferiores de duas das cinco torres, e deixara o resto cair em ruínas. Agora estava em fuga, e o pouco pessoal que restara não era capaz nem de começar a cuidar das necessidades de todos os cavaleiros, senhores e prisioneiros de nascimento elevado que Lorde Tywin havia trazido, e por isso os Lannister eram obrigados a procurar não só saque e provisões, mas também criados. Segundo se dizia, Lorde Tywin planejava devolver Harrenhal à sua antiga glória, e fazer do castelo sua nova sede depois que a guerra terminasse.

Weese usava Arya para entregar mensagens, carregar água e buscar comida, e às vezes para servir as mesas no Salão das Casernas, por cima do arsenal, onde os homens de armas faziam as refeições. Mas a maior parte de seu trabalho era limpar. O piso inferior da Torre dos Gemidos tinha sido transformado em armazéns e celeiros, e os dois pisos imediatamente acima alojavam parte da guarnição, mas os pisos superiores não eram ocupados havia oitenta anos. Agora, Lorde Tywin ordenara que fossem de novo preparados para habitação. Havia chãos a escovar, sujeira a ser lavada de janelas, cadeiras quebradas e camas apodrecidas a ser jogadas fora. O andar de cima estava infestado com ninhos dos enormes morcegos negros que a Casa Whent usara como símbolo, e também havia ratazanas nos porões… e fantasmas, diziam alguns, os espíritos de Harren, o Negro, e de seus filhos.

Arya achava que aquilo era estúpido. Harren e os filhos tinham morrido na Torre da Pira do Rei, era por isso que ela tinha aquele nome; portanto, por que haveriam de atravessar o pátio para ir assombrá-la? A Torre dos Gemidos só gemia quando o vento soprava do norte, e isso era apenas o som que o ar fazia ao soprar por entre as fendas das pedras, que tinham se aberto com o calor. Se *havia* fantasmas em Harrenhal, nunca a incomodaram. Eram os vivos que ela temia, Weese, Sor Gregor Clegane e o próprio Lorde Tywin Lannister, que tinha os aposentos na Torre da Pira do Rei, ainda a mais alta e mais poderosa de todas, embora

deformada sob o peso da escória que a tornava parecida com uma gigantesca vela negra meio derretida.

Gostaria de saber o que faria Lorde Tywin caso se dirigisse a ele e confessasse ser Arya Stark, mas sabia que nunca conseguiria se aproximar o suficiente para falar com ele e, fosse como fosse, ele nunca acreditaria no que lhe dissesse, e depois Weese bateria nela até deixá-la sangrando.

À sua maneira pequena e empertigada, Weese era quase tão assustador quanto Sor Gregor. A Montanha esmagava homens como se fossem moscas, mas durante a maior parte do tempo nem parecia reparar que a mosca estava ali. Weese sabia *sempre* que todos estavam ali, e o que estavam fazendo, e às vezes o que estavam pensando. Batia à mínima provocação, e tinha um cão que era quase tão mau como ele, uma cadela feia e malhada que cheirava pior do que qualquer cão que Arya tivesse conhecido. Uma vez, viu-o atiçar o cão contra um latrineiro que o aborrecera. A cadela arrancou um grande bocado da barriga da perna do rapaz, enquanto Weese ria.

Weese demorou apenas três dias para conquistar o lugar de honra nas preces noturnas de Arya.

– Weese – sussurrava, antes de todos –, Dunsen, Chiswyck, Polliver, Raff, o Querido, Cócegas e Cão de Caça. Sor Gregor, Sor Amory, Sor Ilyn, Sor Meryn, Rei Joffrey, Rainha Cersei – caso se esquecesse de apenas um deles que fosse, como poderia voltar a encontrá-lo para matá-lo?

Na estrada, Arya tinha se sentido como uma ovelha, mas Harrenhal a transformou num rato. Era cinza como um roedor em seu vestido áspero de lã e, tal como um desses bichos, mantinha-se junto aos vãos, fendas e buracos escuros do castelo, correndo apressadamente para fora do caminho dos poderosos.

Às vezes, pensava que eram *todos* ratos dentro daquelas grossas muralhas, até os cavaleiros e os grandes senhores. O tamanho do castelo fazia com que até Gregor Clegane parecesse pequeno. Harrenhal cobria o triplo do terreno de Winterfell, e seus edifícios eram de tal modo

maiores do que os do castelo do norte, que quase não podiam ser comparados. Suas cocheiras tinham espaço para mil cavalos, seu bosque sagrado estendia-se por vinte acres, suas cozinhas eram tão grandes como o Grande Salão de Winterfell, e seu grande salão, grandiosamente chamado Salão das Cem Lareiras, embora tivesse apenas trinta e tantas (Arya tentou contá-las, duas vezes, mas uma vez chegou a trinta e três e, na outra, a trinta e cinco), era tão cavernoso que Lorde Tywin podia ter lá banqueteado a tropa inteira, embora nunca o fizesse. Muralhas, portas, salões, degraus, tudo era construído em uma escala desumana, que fazia com que Arya recordasse as histórias que a Velha Ama costumava contar a respeito dos gigantes que viviam para lá da Muralha.

E, como os senhores e senhoras nunca reparam nos ratinhos cinzentos que correm sob seus pés, Arya ouviu todo tipo de segredo só por manter os ouvidos abertos enquanto desempenhava seus deveres. A bonita Pia, da despensa, era uma devassa que passava pelas mãos de todos os cavaleiros do castelo. A mulher do carcereiro esperava um bebê, mas o verdadeiro pai era ou Sor Alyn Stackspear ou um cantor chamado Wat Sorriso-Branco. Lorde Lefford caçoava dos fantasmas à mesa, mas mantinha sempre uma vela queimando junto à cama. O escudeiro de Sor Dunaver, Jodge, não conseguia segurar a urina quando dormia. Os cozinheiros desprezavam Sor Harys Swyft e cuspiam em sua comida. Uma vez até ouviu a criada do Meistre Tothmure confidenciar ao irmão que tinham recebido uma mensagem qualquer que dizia que Joffrey era um bastardo, e não o legítimo rei.

– Lorde Tywin disse-lhe para queimar a carta e nunca mais voltar a proferir tal imundície – sussurrou a moça.

Ouviu dizer que os irmãos do Rei Robert, Stannis e Renly, tinham se juntado à luta.

– E ambos agora são reis – disse Weese. – O reino tem mais reis do que o castelo tem ratazanas – até os homens dos Lannister se interrogavam sobre quanto tempo Joffrey se manteria no Trono de Ferro.

– O rapaz não tem exército, a não ser aqueles homens de manto dourado, e é governado por um eunuco, um anão e uma mulher – Arya

ouviu um fidalgo murmurar, ébrio. – De que eles servirão em batalha? – havia sempre conversas sobre Beric Dondarrion. Um arqueiro gordo disse uma vez que os Saltimbancos Sangrentos o tinham matado, mas os outros só riram.

– Lorch matou o homem nas Cataratas Impetuosas, e a Montanha já o matou duas vezes. Tenho aqui um veado de prata que diz que dessa vez também não deve ficar morto.

Arya não soube quem eram os Saltimbancos Sangrentos até uma quinzena mais tarde, quando o mais estranho grupo de homens que já vira chegou a Harrenhal. Sob um estandarte com uma cabra negra dotada de cornos ensanguentados, cavalgavam homens de cobre com sinetas nas tranças; lanceiros montados em cavalos rajados de preto e branco; arqueiros com as caras empoadas; homens peludos e atarracados, segurando escudos grosseiros; homens de pele marrom com mantos de penas; um bobo delgado vestido de quadriculado verde e rosa; espadachins com fantásticas barbas divididas pintadas de verde, roxo e prateado; lanceiros com cicatrizes coloridas que cobriam suas bochechas; um homem magro vestido de septão, um outro com ar paternal, usando o cinza dos meistres, e um terceiro com um aspecto doentio, cujo manto de couro era debruado com longos cabelos louros.

À frente vinha um homem magro como um espeto e muito alto, com uma cara repuxada e sem viço que parecia ainda mais longa devido à barba negra e filamentosa que descia desde seu queixo pontiagudo quase até a cintura. O elmo pendurado no arção da sela era de aço negro, esculpido em forma de cabeça de cabra. Em torno do pescoço usava uma corrente feita de moedas interligadas, de tamanho, forma e metais diversos, e o cavalo era um dos estranhos animais pretos e brancos.

– Não quer conhecer aqueles ali, Doninha – disse Weese quando a viu olhando para o homem do elmo de cabra. Tinha consigo dois dos amigos de bebida, homens de armas a serviço de Lorde Lefford.

– Quem são eles? – Arya quis saber.

Um dos soldados soltou uma gargalhada.

– Os Peões, garota. Dedos da Cabra. Os Saltimbancos Sangrentos de Lorde Tywin.

– Cabeça de ervilha. Se fizer com que a esfolem, será *você* quem vai esfregar o sangue dos degraus – Weese a repreendeu. – São mercenários, Doninha. Chamam a si próprios de Bravos Companheiros. Não use os outros nomes onde eles possam ouvir, senão machucam-na muito. O do elmo de cabra é o capitão, Lorde Vargo Hoat.

– Ele não é lorde coisa nenhuma – disse o segundo soldado. – Ouvi Sor Amory dizer. É só um mercenário qualquer com a boca cheia de baba e que se acha mais do que é.

– É – Weese resmungou –, mas é melhor que ela o *chame* de lorde se quiser se manter inteira.

Arya voltou a olhar para Vargo Hoat. *Quantos monstros tem Lorde Tywin?*

Os Bravos Companheiros foram alojados na Torre da Viúva, e Arya não teve de servi-los. Sentiu-se grata por aquilo; na mesma noite em que chegaram, estourou uma luta entre os mercenários e alguns homens dos Lannister. O escudeiro de Sor Harys Swyft foi esfaqueado até a morte, e dois dos Saltimbancos Sangrentos ficaram feridos. Na manhã seguinte, Lorde Tywin enforcou ambos nas muralhas da guarita, na companhia de um dos arqueiros de Lorde Lydden. Weese disse que o arqueiro tinha dado início à discussão por insultar os mercenários em favor de Beric Dondarrion. Depois de os enforcados terem parado de se contorcer, Vargo Hoat e Sor Harys abraçaram-se, beijaram-se e juraram gostar um do outro para sempre, enquanto Lorde Tywin observava. Arya achou engraçado o modo como Vargo Hoat ceceava e se babava, mas não era tão tola a ponto de rir.

Os Saltimbancos Sangrentos não ficaram muito tempo em Harrenhal, mas, antes de voltarem a partir, Arya ouviu um deles contar como um exército de nortenhos sob a liderança de Roose Bolton tinha ocupado o vau rubi do Tridente.

– Se atravessar, Lorde Tywin vai esmagá-lo de novo, como fez no Ramo Verde – disse um arqueiro Lannister, mas os companheiros zombaram

dele.

– Bolton nunca atravessará, pelo menos até que o Jovem Lobo se ponha em marcha de Correrrio com seus nortenhos selvagens e os lobos todos.

Arya não sabia que o irmão estava tão perto. Correrrio ficava muito mais próximo do que Winterfell, embora não estivesse certa de sua posição em relação a Harrenhal. *Podia arranjar maneira de saber, sei que podia, se ao menos conseguisse sair daqui*. Quando pensou em voltar a ver o rosto de Robb, Arya teve de morder o lábio. *E também quero ver Jon, e Bran, e Rickon, e a mãe. Até Sansa… iria beijá-la e lhe pedir seu perdão como uma verdadeira senhora, ela iria gostar.*

Pela conversa no pátio, ficou sabendo que os aposentos superiores da Torre do Terror alojavam três dúzias de cativos capturados durante uma batalha qualquer no Ramo Verde do Tridente. A maioria deles podia circular livremente pelo castelo em troca da garantia de não tentar fugir. *Eles juraram não fugir*, disse Arya a si mesma, *mas nunca juraram que não me ajudariam a fugir*.

Os cativos comiam numa mesa própria no Salão das Cem Lareiras, e podiam ser vistos com frequência nos terreiros. Quatro irmãos exercitavam-se juntos todos os dias, lutando com bordões e escudos de madeira no Pátio da Corrente de Pedra. Três eram Frey da Travessia, o quarto, um irmão bastardo. Mas ficaram lá pouco tempo; uma certa manhã, dois outros irmãos chegaram sob uma bandeira de paz com uma arca de ouro, e resgataram-nos dos cavaleiros que os tinham capturado. Os seis Frey saíram juntos.

Mas ninguém resgatava os nortenhos. Um fidalgo gordo assombrava as cozinhas, disse-lhe Torta Quente, sempre em busca de um pouco de comida. Tinha um bigode tão cerrado que cobria sua boca, e a fivela que prendia seu manto era um tridente de prata e safiras. Pertencia a Lorde Tywin, mas o jovem feroz e barbudo, que gostava de percorrer sozinho as ameias trajando um manto negro decorado com sóis brancos, tinha sido capturado por um pequeno cavaleiro qualquer, que pretendia enriquecer à sua custa. Sansa saberia quem ele era, e o gordo também, mas Arya nunca tivera muito interesse por títulos e símbolos. Sempre que Septã

Mordane começava a falar da história desta ou daquela casa, Arya sentia-se inclinada a divagar, sonhar e perguntar a si mesma quando a aula chegaria ao fim.

Mas lembrava-se de Lorde Cerwyn. Suas terras ficavam próximas de Winterfell, e ele e o filho Cley tinham sido visitas frequentes. Mas o destino determinou que ele fosse o único cativo que nunca era visto; encontrava-se acamado numa cela da torre, recuperando-se de um ferimento. Ao longo de dias e mais dias, Arya tentou planejar um modo de passar pelos guardas da porta, a fim de visitá-lo. Se a reconhecesse, estaria obrigado pela honra a ajudá-la. Um senhor teria certamente ouro, todos eles tinham; e talvez pagasse a algum dos mercenários de Lorde Tywin para levá-la até Correrrio. Seu pai sempre dissera que a maior parte dos mercenários trairia quem quer que fosse a troco de ouro suficiente.

Então, uma manhã, Arya vislumbrou três mulheres com o hábito cinza encapuzado das irmãs silenciosas carregando um cadáver em sua carroça. O corpo encontrava-se envolto num manto da melhor seda, decorada com o símbolo de um machado de batalha. Quando Arya perguntou quem era, um dos guardas disse-lhe que Lorde Cerwyn tinha morrido. As palavras foram como um pontapé em sua barriga. *Ele nunca teria podido ajudá-la, de qualquer maneira*, pensou, enquanto as irmãs conduziam a carroça através do portão. *Ele nem sequer conseguiu se ajudar, aquele rato estúpido.*

Depois daquilo voltou à rotina de esfregar, fugir do caminho dos poderosos e escutar às portas. Ouviu dizer que Lorde Tywin marcharia em breve sobre Correrrio. Ou que avançaria para o sul, em direção a Jardim de Cima, pois ninguém esperaria que o fizesse. Que tinha de defender Porto Real, pois Stannis era a maior ameaça. Que mandara Gregor Clegane e Vargo Hoat destruir Roose Bolton, tirando assim o punhal de suas costas. Que enviara corvos para o Ninho da Águia, pois pretendia casar-se com a Senhora Lysa Arryn e conquistar o Vale. Que comprara uma tonelada de prata, a fim de forjar espadas mágicas que

matariam os lobos Stark. Que escrevera à Senhora Stark para fazer a paz, e que o Regicida seria libertado em breve.

Embora os corvos partissem e chegassem todos os dias, o próprio Lorde Tywin passava a maior parte de seus dias atrás de portas fechadas com seu conselho de guerra. Arya vislumbrou-o algumas vezes, mas sempre de longe… Uma vez, caminhando pelas muralhas na companhia de três meistres e do gordo cativo com o bigode cerrado; outra, saindo a cavalo com os senhores seus vassalos para visitar os acampamentos; mas, na maior parte das vezes, numa arcada da galeria coberta, observando os treinos dos homens no pátio abaixo. Ficava em pé, com ambas as mãos fechadas sobre o copo de ouro de sua espada longa. Dizia-se que Lorde Tywin amava o ouro acima de tudo; Arya ouviu um escudeiro gracejar que até *cagava* ouro. Lorde Lannister tinha um aspecto forte para um velho, com rígidas suíças douradas e uma cabeça calva. Havia algo no seu rosto que fazia Arya lembrar-se de seu pai, embora não se parecessem em nada. *Tem uma cara de senhor, é só isso*, disse a si mesma. Lembrava-se de ouvir a senhora sua mãe dizer ao pai para envergar a cara de senhor e ir tratar de algum assunto. O pai ria daquilo. Arya não conseguia imaginar Lorde Tywin rindo de qualquer coisa.

Uma tarde, enquanto esperava sua vez de tirar um balde de água do poço, ouviu os eixos do portão oriental gemendo. Um grupo de homens montados entrou a trote sob a porta levadiça. Quando viu a manticora rastejando no escudo do chefe, sentiu-se trespassada por uma punhalada de ódio.

À luz do dia, Sor Amory Lorch parecia menos assustador do que parecera à luz dos archotes, mas ainda possuía os olhos de porco de que recordava. Uma das mulheres disse que seus homens tinham rodeado o lago por completo, perseguindo Beric Dondarrion e matando rebeldes. *Nós não éramos rebeldes*, Arya pensou. *Éramos a Patrulha da Noite; e a Patrulha da Noite não toma partido*. Mas Sor Amory tinha menos homens do que ela recordava, e muitos vinham feridos. *Espero que os ferimentos gangrenem. Espero que morram todos*.

Então, viu os três que seguiam perto do fim da coluna.

Rorge tinha colocado um meio-elmo negro com uma larga proteção de nariz em ferro que tornava difícil ver que não tinha nariz. Dentadas seguia pesadamente ao seu lado, num corcel de batalha que parecia prestes a cair sob seu peso. Queimaduras meio curadas cobriam seu corpo, tornando-o ainda mais hediondo do que já era.

Mas Jaqen H'ghar ainda sorria. Seu traje ainda estava esfarrapado e imundo, mas arranjara algum tempo para se lavar e escovar o cabelo, que escorria por seus ombros, vermelho, branco e brilhante, e Arya ouviu as moças soltando risadinhas de admiração umas com as outras.

*Devia ter deixado que o fogo ficasse com eles. Foi o que Gendry disse para fazer, devia ter dado ouvidos*. Se não lhes tivesse atirado aquele machado, estariam todos mortos. Por um momento, ficou com medo, mas eles passaram por ela sem sinal de interesse. Só Jaqen H'ghar relanceou o olhar em sua direção, e seus olhos passaram por cima de sua cabeça. *Ele não me reconheceu*, pensou. *Arry era um garotinho feroz com uma espada, e eu sou apenas uma ratinha cinzenta com um balde.*

Passou o resto do dia esfregando degraus no interior da Torre dos Gemidos. Ao cair da noite, tinha as mãos em carne viva e sangrando, e os braços tão doloridos que tremiam enquanto levava o balde de volta ao porão. Cansada demais até para a comida, Arya pediu desculpa a Weese e enfiou-se na palha para dormir.

– Weese – bocejou. – Dunsen, Chiswyck, Polliver, Raff, o Querido, Cócegas e Cão de Caça. Sor Gregor, Sor Amory, Sor Ilyn, Sor Meryn, Rei Joffrey, Rainha Cersei – pensou em adicionar mais três nomes à sua prece, mas estava cansada demais para decidir naquela noite.

Arya sonhava com lobos correndo, livres, pelos bosques, quando uma mão forte caiu sobre sua boca como uma pedra suave e morna, sólida e inflexível. Acordou de imediato, contorcendo-se e lutando.

– Uma menina não diz nada – sussurrou uma voz, bem perto de sua orelha. – Uma menina fica com os lábios fechados, ninguém escuta, e amigos podem conversar em segredo. Sim?

Com o coração aos saltos, Arya conseguiu fazer o mais minúsculo dos acenos.

Jaqen H'ghar afastou a mão. A cave estava negra como breu, e ela não conseguia ver seu rosto, mesmo estando a poucos centímetros dele. Mas conseguia *cheirá-lo*; a pele cheirava a limpa e ensaboada, e o homem tinha perfumado o cabelo.

– Um menino transforma-se numa menina – murmurou.

– *Sempre* fui uma menina. Pensava que não tinha me visto.

– Um homem vê. Um homem sabe.

Arya lembrou-se de que o odiava.

– Assustou-me. Agora é um *deles*, devia tê-lo deixado arder. O que está fazendo aqui? Vá embora, senão grito por Weese.

– Um homem paga as suas dívidas. Um homem tem três.

– Três?

– O Deus Vermelho tem as suas obrigações, querida menina, e só a morte pode pagar pela vida. Esta menina roubou três que eram dele. Esta menina deve dar três para o lugar das que roubou. Diga os nomes, e um homem fará o resto.

*Ele quer me ajudar*, Arya compreendeu, com um afluxo de esperança que a deixou tonta.

– Leve-me para Correrrio, não é longe, se roubássemos alguns cavalos podíamos…

Ele pôs um dedo sobre seus lábios.

– Três vidas terá de mim. Nada mais, nada menos. Três e estamos pagos. Por isso, uma menina tem de refletir – ele beijou suavemente seu cabelo. – Mas não durante muito tempo.

Quando Arya acendeu seu toco de vela, dele só restava um tênue odor, uma lufada de gengibre e cravo que pairava no ar. A mulher no nicho seguinte revirou-se na palha, queixando-se da luz, e Arya apagou a vela com um sopro. Quando fechou os olhos, viu rostos nadando na sua frente. Joffrey e a mãe, Ilyn Payne, Meryn Trant e Sandor Clegane… Mas estavam em Porto Real, a centenas de milhas de distância, e Sor Gregor permanecera ali apenas algumas noites antes de partir para mais pilhagem, levando consigo Raff, Chiswyck e Cócegas. Mas Sor Amory

Lorch encontrava-se ali, e ela o odiava quase tanto quanto à Montanha. Não odiava? Não estava segura. E havia sempre Weese.

Voltou a pensar nele na manhã seguinte, quando a falta de sono a fez bocejar.

– Doninha – Weese ronronou –, da próxima vez que vir essa boca abrir, puxo sua língua para fora e a dou para minha cadela comer – ele torceu sua orelha entre os dedos para se certificar de que ela ouvia, e disse-lhe para voltar para os degraus, que os queria limpos até o terceiro patamar quando a noite caísse.

Enquanto trabalhava, Arya pensou nas pessoas que queria ver mortas. Fingiu que conseguia ver seus rostos nos degraus, e esfregou com mais força para se ver livre deles. Os Stark estavam em guerra com os Lannister, e ela era uma Stark, portanto, devia matar tantos Lannister quanto pudesse, era isso que se fazia nas guerras. Mas não lhe parecia que pudesse confiar em Jaqen. *Devia matá-los eu mesma*. Sempre que o pai condenara um homem à morte, era ele próprio quem cumpria a sentença com Gelo, sua espada. *"Se tirar a vida de um homem, deve olhá-lo nos olhos e ouvir suas últimas palavras"*, ouvira-o dizer uma vez a Robb e a Jon.

No dia seguinte e no outro evitou Jaqen H'ghar. Não era difícil. Era muito pequena e Harrenhal muito grande, cheio de lugares onde um rato podia se esconder.

E então Sor Gregor voltou, mais cedo do que o esperado, trazendo dessa vez um rebanho de cabras no lugar de prisioneiros. Arya ouviu dizer que havia perdido quatro homens num dos ataques noturnos de Lorde Beric, mas aqueles que Arya odiava regressaram incólumes e instalaram-se no segundo andar da Torre dos Gemidos. Weese mandou abastecê-los bem de bebida.

– Têm sempre muita sede, estes aí – resmungou. – Doninha, sobe e pergunta se têm alguma roupa que precise de remendos, e eu mandarei as mulheres tratarem disso.

Arya correu por seus degraus bem escovados. Ninguém prestou qualquer atenção nela quando entrou. Chiswyck estava sentado perto da

lareira com um corno de cerveja na mão, contando uma de suas histórias engraçadas. Não se atreveu a interromper, porque não queria um lábio ensanguentado.

– Foi depois do Torneio da Mão, antes de a guerra chegar – Chiswyck estava dizendo. – Seguíamos no caminho de volta para o oeste, sete, mais Sor Gregor. Raff ia comigo, e o jovem Joss Stilwood, que tinha servido de escudeiro ao sor nas liças. Bom, chegamos a um mijinho de rio, que corria cheio porque tinha chovido. Não havia maneira de atravessar, mas tinha uma cervejaria ali perto, portanto, nem tudo estava perdido. Sor empurrou o cervejeiro e lhe disse para manter nossos cornos cheios até que as águas baixassem. Deviam ter visto os olhos de porco do homem brilhando ao ver a prata. Então veio nos trazer cerveja, ele e a filha, e era um negócio ralo e aguado, nada mais que mijo marrom, que não me deixou feliz, e ao sor também não. E o cervejeiro o tempo todo dizendo como estava contente por nos ter ali, que a freguesia andava fraca por causa das chuvas. O babaca não fechava a matraca, mesmo com o sor não dizendo uma palavra, pensando no Cavaleiro dos Maricas e naquele truque de velhaco que tinha usado. Dava pra ver como a boca dele se apertava, e então eu e os outros rapazes bem sabíamos que não era boa ideia dirigir-lhe nem que fosse um guincho, mas aquele cervejeiro tinha que falar, e até perguntou como o sor se saíra na justa. O sor só lhe deu aquele olhar – Chiswyck soltou um cacarejo, emborcou a cerveja e limpou a espuma com as costas da mão. – Entretanto, a filha dele andava de um lado para o outro servindo e indo buscar mais cerveja, uma coisinha gorda, com dezoito anos, por aí…

– O mais certo é treze – disse Raff, o Querido, com voz arrastada.

– Bem, seja como for, ela não era grande coisa de se ver, mas Eggon tinha bebido e ficou pegando nela, e pode ser que eu também tenha lhe dado umas pegadas, e Raff disse ao jovem Stilwood que devia arrastá-la lá pra cima e virar um homem, dando coragem ao rapaz. Por fim, Josse meteu a mão debaixo da saia, e ela guinchou, deixou cair o jarro e fugiu pra cozinha. Bom, devia ter ficado por ali, mas, o que fez o velho idiota? Foi até o *sor* e lhe pediu para nos obrigar a deixar a moça em paz, porque

era um cavaleiro ungido, e isso tudo. Sor Gregor não tava prestando atenção à nossa zoeira, mas, então, *olhou*, **cês** sabem como ele faz, e ordenou que a moça fosse trazida à sua presença. E o velho teve de arrastá-la da cozinha, e não pôde se queixar de ninguém a não ser dele mesmo. O sor olhou-a de cima a baixo e disse: "Então é esta a puta com que está tão preocupado", e aquele velho pateta respondeu: "A minha Layna não é puta, sor", bem na cara de Gregor. O sor nem pestanejou, só disse: "Agora é". Atirou ao velho outra prata, arrancou o vestido da mulher e a comeu ali mesmo, na mesa, na frente do pai, com ela saltando e se remexendo como um coelho e fazendo barulho. A expressão na cara do velho… ri tanto, que saiu cerveja pelo meu nariz. Então, um rapaz ouviu o barulho, o filho, acho eu, saiu correndo da cave, e o Raff teve de espetar uma adaga na sua barriga. Aí o sor já tinha acabado, e voltou pra bebida, e todos tivemos a nossa vez. O Tobbot, sabem como ele é, virou a moça de barriga para baixo e entrou por trás. Quando chegou a minha vez, a menina já tinha parado de lutar, quem sabe tinha achado que, afinal, gostava, ainda que, pra dizer a verdade, eu não tivesse me importado se se remexesse um pouco. Agora vem a melhor parte… quando tudo chegou ao fim, o sor disse ao velho que queria o troco. A moça não valia uma moeda de prata, ele disse… E não é que o velho foi buscar um punhado de cobres, pedindo perdão ao sor e *agradecendo pela preferência*!

Todos os homens estouraram em gargalhadas, nenhum tão alto quanto o próprio Chiswyck, que ria tanto de sua história que deixou escorrer ranho de seu nariz para a áspera barba grisalha. Arya ficou nas sombras da escada observando-o. Deslizou de volta para o porão sem proferir uma palavra. Quando Weese descobriu que não tinha perguntado nada sobre a roupa, puxou seus calções para baixo e bateu nela com um pau até que sangue escorresse por suas coxas, mas Arya fechou os olhos e pensou em todos os ditados que Syrio lhe ensinara, e, assim, não sentiu o corretivo.

Duas noites mais tarde, ele a mandou até o Salão das Casernas para servir a mesa. Transportava um jarro de vinho e servia-o, quando vislumbrou Jaqen H'ghar à mesa, do outro lado da fila onde estava.

Mordendo um lábio, Arya olhou em volta com cautela, a fim de se certificar de que Weese não estava por perto. *O medo corta mais profundamente do que as espadas*, disse a si mesma.

Deu um passo, e outro, e a cada um sentia-se menos como um rato. Abriu caminho até o banco, enchendo taças de vinho. Rorge estava sentado à direita de Jaqen, completamente bêbado, mas não reparou nela. Arya inclinou-se para perto e sussurrou "Chiswyck" bem na orelha de Jaqen. O lorathiano não deu qualquer sinal de ter ouvido.

Quando o jarro ficou vazio, Arya correu para as caves a fim de enchê-lo de novo com vinho tirado do barril, e voltou depressa ao serviço. Ninguém tinha morrido de sede enquanto estivera fora do salão, e nem sequer notado sua breve ausência.

Nada aconteceu no dia seguinte, nem no outro, mas no terceiro Arya foi às cozinhas com Weese buscar o jantar.

– Um dos homens da Montanha caiu de um andaime ontem à noite e partiu seu pescoço de imbecil – ouviu Weese dizer a uma cozinheira.

– Bêbado? – a mulher perguntou.

– Não mais do que de costume. Há quem diga que foi o fantasma de Harren que o atirou de lá de cima – e bufou para mostrar o que *ele* pensava de tais ideias.

*Não foi Harren*, Arya quis dizer, *fui eu*. Matara Chiswyck com um sussurro, e mataria mais dois antes de terminar. *Sou o fantasma de Harrenhal*, pensou. E, naquela noite, havia um nome a menos para odiar.

# Catelyn

O local de reunião era uma extensão coberta de relva e semeada de cogumelos cinza-claros e de tocos recentes de árvores abatidas.

– Somos os primeiros a chegar, senhora – disse Hallis Mollen quando refrearam os cavalos por entre os tocos, sós entre os dois exércitos. A bandeira do lobo gigante da Casa Stark ondulava e batia no topo da lança que ele transportava. Dali, Catelyn não via o mar, mas era capaz de sentir sua proximidade. O cheiro de sal era forte no vento que soprava do leste.

Os pelotões de abastecimento de Stannis Baratheon tinham derrubado as árvores para as suas torres de cerco e catapultas. Catelyn perguntou a si mesma quanto tempo o bosque teria estado ali, e se Ned teria descansado naquele lugar quando levara sua tropa para o sul, a fim de quebrar o último cerco a Ponta Tempestade. Conquistara uma grande vitória naquele dia, maior ainda por não ter havido derramamento de sangue.

*Que os deuses permitam que eu faça o mesmo*, Catelyn rezou. Seus próprios vassalos julgavam-na louca por ter vindo.

– Esta luta não é nossa, senhora – tinha dito Sor Wendel Manderly. – Eu sei que o rei não desejaria que a mãe se pusesse em risco.

– Estamos todos em risco – ela lhe respondeu, talvez com rispidez em excesso. – Acredita que desejo estar aqui, sor? – *meu lugar é em Correrrio, com meu pai moribundo, e em Winterfell, com meus filhos*. – Robb enviou-me ao sul, a fim de falar por ele, e será isso que farei – Catelyn sabia que não seria coisa fácil forjar uma aliança entre aqueles irmãos, mas, pelo bem do reino, era preciso tentar.

Atrás de campos encharcados pela chuva e de elevações pedregosas, conseguia-se ver o grande castelo de Ponta Tempestade erguendo-se para

o céu, com as costas voltadas para o mar invisível. Sob aquela massa de pedra cinza-clara, o exército sitiante de Stannis Baratheon parecia tão pequeno e insignificante como ratos com bandeiras.

As canções diziam que o castelo de Ponta Tempestade tinha sido erguido nos tempos antigos por Durran, o primeiro Rei da Tempestade, que conquistara o amor da bela Elenei, filha do deus do mar e da deusa do vento. Na noite de seu casamento, Elenei entregara a virgindade a um amor mortal, e assim condenara-se a uma morte de mortal, e os desgostosos pais tinham libertado sua ira e mandado os ventos e as águas para demolir a fortaleza de Durran. Os amigos, irmãos e convidados do casamento foram esmagados sob as muralhas que desmoronavam ou atirados ao mar, mas Elenei abrigou Durran em seus braços, ele não se feriu, e quando por fim a alvorada chegou, ele declarou guerra aos deuses e jurou reconstruir Ponta Tempestade.

E construiu mais cinco castelos, cada um maior e mais forte que o anterior, só para vê-los esmagados quando os ventos de temporal subiam, uivando, a Baía dos Naufrágios, conduzindo à sua frente grandes muralhas de água. Seus senhores suplicaram-lhe que construísse no interior; os sacerdotes disseram-lhe que tinha de aplacar os deuses devolvendo Elenei ao mar; até o povo lhe pediu para ceder. Durran não quis escutá-los. E ergueu um sétimo castelo, o mais maciço de todos. Uns diziam que os filhos da floresta o ajudaram a construí-lo, dando forma às pedras com magia; outros afirmavam que um garotinho lhe tinha dito o que fazer, um garoto que cresceria para se tornar Bran, o Construtor. Independentemente de como a história era contada, o fim era igual. Embora os irados deuses atirassem tempestade atrás de tempestade contra o sétimo castelo, ele se manteve firme e desafiador, e Durran Desgosto-Divino e a bela Elenei habitaram-no juntos até o fim de seus dias.

Mas os deuses não esquecem, e os ventos de tormenta ainda atravessam em fúria o mar estreito. Mas Ponta Tempestade resistiu, durante séculos e dezenas de séculos, um castelo como nenhum outro. Sua grande muralha exterior possuía trinta metros contínuos de altura, sem seteiras

ou poternas, arredondada por todo o lado, em curva, *lisa*, com as pedras ajustadas com tanta destreza que não havia em parte alguma uma fenda, um ângulo ou uma falha por onde o vento pudesse entrar. Dizia-se que a muralha tinha doze metros de espessura no ponto mais estreito, e quase vinte e cinco no lado virado para o mar, uma dupla fileira de pedras com um núcleo interior de areia e cascalho. Dentro desse poderoso baluarte, as cozinhas, estábulos e pátios estavam abrigados do vento e das ondas. Havia apenas uma torre, colossal e redonda, sem janelas do lado virado para o mar, tão grande que servia de celeiro, caserna, salão de festas e habitação senhorial, tudo ao mesmo tempo, coroada por maciças ameias que a faziam parecer-se de longe com um punho com espigões erguido no topo de um braço atirado para cima.

– Senhora – Hal Mollen chamou Catelyn. Dois cavaleiros tinham emergido do pequeno acampamento ordenado sob o castelo e dirigiam-se para eles em passo lento. – Deve ser o Rei Stannis.

– Sem dúvida – Catelyn os observou avançando. *Deve ser Stannis, mas aquele não é o estandarte dos Baratheon*. Era de um amarelo-vivo, não do rico tom de ouro dos estandartes de Renly, e o símbolo que ostentava era vermelho, embora não conseguisse distinguir sua forma.

Renly seria o último a chegar. Tinha lhe dito isso quando ela partiu. Não pretendia montar a cavalo antes de ver o irmão bem adiantado no caminho. O primeiro a chegar teria de esperar pelo outro, e Renly não esperaria. *É um tipo de jogo que os reis jogam*, disse a si mesma. Bem, ela não era um rei, portanto, não necessitava jogar. Catelyn tinha prática em esperar.

Enquanto Stannis ia se aproximando, ela viu que ele usava uma coroa esculpida em forma de chamas. Seu cinto era guarnecido de granadas e topázio amarelo, e um grande rubi cortado em forma de quadrado estava incrustado no cabo da espada que usava. Além disso, seu vestuário era simples: justilho de couro com tachas sobre um gibão acolchoado, botas gastas, calções de tecido grosseiro marrom. O símbolo em sua bandeira amarela, como o sol mostrava, era um coração vermelho rodeado por chamas laranjas. O veado coroado estava lá, sim… encolhido e fechado

no interior do coração. Ainda mais curiosa era sua porta-estandartes… uma mulher, toda vestida de vermelho, com o rosto escondido pelo grande capuz do manto escarlate. *Uma sacerdotisa vermelha*, pensou Catelyn, curiosa. A seita era numerosa e poderosa nas Cidades Livres e no longínquo leste, mas tinha poucos adeptos nos Sete Reinos.

– Senhora Stark – disse Stannis Baratheon com uma cortesia gelada, quando refreou o cavalo. Inclinou a cabeça, mais calva do que Catelyn se recordava.

– Lorde Stannis – ela respondeu.

Sob a barba bem aparada, seu pesado maxilar apertou-se com força, mas não a incomodou com títulos. Por esse fato, Catelyn sentiu-se devidamente grata.

– Não esperava encontrá-la em Ponta Tempestade.

– Não esperava estar aqui.

Seus olhos cavos olharam-na com desconforto. Aquele não era um homem dado a cortesias fáceis.

– Lamento a morte de seu senhor – disse –, muito embora Eddard Stark não fosse meu amigo.

– Nunca foi seu inimigo, senhor. Quando os senhores Tyrell e Redwyne o tiveram prisioneiro naquele castelo, faminto, foi Eddard Stark quem quebrou o cerco.

– Às ordens de meu irmão, não por gostar de mim – Stannis respondeu. – Lorde Eddard cumpriu seu dever, não nego. Terei alguma vez feito menos do que isso? *Eu* é que devia ter sido Mão de Robert.

– Isso foi vontade de seu irmão. Ned nunca quis o cargo.

– Mas o aceitou. Aquilo que devia ter sido meu. Mesmo assim, dou-lhe minha palavra, terá justiça por seu assassinato.

*Como adoram prometer cabeças, esses homens que querem ser reis.*

– Seu irmão prometeu-me o mesmo. Mas, a bem da verdade, preferia ter minhas filhas de volta, e deixar a justiça para os deuses. Cersei ainda detém minha Sansa, e de Arya não há notícias desde o dia da morte de Robert.

– Se suas filhas forem encontradas quando eu tomar a cidade, serão enviadas – *vivas ou mortas*, era o que vinha implícito naquele tom de voz.

– E quando será isso, Lorde Stannis? Porto Real fica perto de sua Pedra do Dragão, mas, em vez disso, encontro-o aqui.

– É franca, Senhora Stark. Muito bem, responderei com franqueza. Para tomar a cidade, necessito das forças desses senhores do sul que vejo no campo. É meu irmão que os possui. Tenho, portanto, de tirá-los dele.

– Os homens depositam sua lealdade onde desejam, senhor. Esses senhores juraram fidelidade a Robert e à Casa Baratheon. Se o senhor e seu irmão pusessem de lado sua querela…

– Não tenho qualquer querela com Renly, se ele se mostrar respeitador. Sou seu irmão mais velho, e seu rei. Desejo apenas o que é meu por direito. Renly deve-me lealdade e obediência, e pretendo conquistá-las. Dele e desses outros senhores – Strannis estudou o rosto de Catelyn. – E que causa a traz até este campo, senhora? A Casa Stark aliou-se ao meu irmão, é isso?

*Este nunca se vergará*, pensou Catelyn, mas tinha de tentar mesmo assim. Havia muita coisa em jogo.

– Meu filho reina como Rei no Norte, pela vontade de nossos senhores e do povo. Não dobra o joelho perante nenhum homem, mas estende a mão em amizade a todos.

– Os reis não têm amigos – Stannis disse bruscamente –, só súditos e inimigos.

– E irmãos – gritou uma voz alegre atrás de Catelyn. Ela relanceou por cima do ombro e viu o palafrém de Lorde Renly escolhendo caminho por entre os tocos. O Baratheon mais novo estava magnífico em seu gibão de veludo verde e manto de cetim forrado de arminho. A coroa de rosas douradas cingia suas têmporas, com a cabeça de veado em jade erguendo-se sobre a testa e o longo cabelo negro derramando-se por baixo. Pedaços irregulares de diamante negro estavam incrustados em seu cinto, e uma corrente de ouro e esmeraldas enrolava-se em torno de seu pescoço.

Renly também havia escolhido uma mulher para transportar seu estandarte, embora Brienne escondesse o rosto e as formas por trás de uma armadura que não mostrava qualquer vislumbre de seu sexo. No topo da lança com três metros e meio, o veado coroado empinava-se, negro sobre ouro, quando o vento vindo do mar enrugava o tecido.

A saudação do irmão foi seca.

– Lorde Renly.

– *Rei* Renly. É mesmo você, Stannis?

Stannis franziu a testa.

– Quem mais haveria de ser?

Renly encolheu descontraidamente os ombros.

– Quando vi esse estandarte, não consegui ter certeza. De quem é a bandeira que usa?

– Minha.

A sacerdotisa vestida de vermelho interveio.

– O rei escolheu para seu símbolo o coração em chamas do Senhor da Luz.

Renly pareceu se divertir com aquilo.

– Melhor assim. Se usássemos ambos o mesmo estandarte, a batalha seria terrivelmente confusa.

Catelyn interveio:

– Esperemos que não haja batalha. Nós três partilhamos um inimigo comum que gostaria de destruir a todos.

Stannis a estudou, sem sorrir.

– O Trono de Ferro é legitimamente meu. Todos os que negam isso são meus inimigos.

– É o reino inteiro que nega isso, irmão – Renly rebateu. – Velhos negam-no com os estertores da morte, e crianças por nascer negam-no nos ventres das mães. Negam-no em Dorne e negam-no na Muralha. Ninguém o quer como rei. Lamento.

Stannis cerrou o maxilar com uma expressão tensa no rosto.

– Jurei que nunca lidaria com você enquanto usasse sua coroa de traidor. Gostaria de ter mantido essa promessa.

– Isso é uma loucura – Catelyn se interpôs num tom áspero. – Lorde Tywin espera em Harrenhal com vinte mil espadas. O restante do exército do Regicida reagrupou-se no Dente Dourado, outra tropa Lannister reúne-se à sombra de Rochedo Casterly, e Cersei e seu filho defendem Porto Real e o seu precioso Trono de Ferro. Cada um de vocês se autodenomina *rei*, mas o reino sangra, e ninguém levanta uma espada para defendê-lo, a não ser meu filho.

Renly encolheu os ombros:

– Seu filho ganhou algumas batalhas. Eu vencerei a guerra. Os Lannister podem esperar.

– Se tem propostas a fazer, faça-as – Stannis os desafiou bruscamente –, senão vou embora.

– Muito bem. Proponho que desmonte, dobre o joelho e me jure fidelidade.

Stannis abafou a ira.

– Não terá isso jamais.

– Serviu a Robert, por que não a mim?

– Robert era meu irmão mais velho. Você é o mais novo.

– Mais novo, mais ousado, e muito mais agradável…

– … E também um ladrão e usurpador.

Renly encolheu os ombros:

– Os Targaryen chamavam Robert de usurpador. Ele pareceu ser capaz de suportar a vergonha. Eu também serei.

*Assim não será possível,* Catelyn pensou.

– Escutem a si mesmos! Se fossem meus filhos, bateria suas cabeças uma na outra e trancaria os dois no quarto até que se lembrassem de que são irmãos.

Stannis franziu-lhe o cenho:

– Mostra presunção demais, Senhora Stark. Eu sou o rei legítimo, e seu filho não é menos traidor do que meu irmão aqui. Seu dia também chegará.

A ameaça clara alimentou sua fúria:

– Está muito à vontade para chamar os outros de traidor e usurpador, senhor, mas em que é diferente? Diz que só o senhor é o rei legítimo, mas parece-me que Robert teve dois filhos. Por todas as leis dos Sete Reinos, Príncipe Joffrey é seu legítimo herdeiro, e o dele é Tommen… e nós somos *todos* traidores, por melhores que sejam nossos motivos.

Renly soltou uma gargalhada:

– Tem de perdoar a Senhora Catelyn, Stannis. Ela vem de Correrrio, uma longa viagem a cavalo. Temo que nunca tenha visto sua *cartinha*.

– Joffrey não é da semente do meu irmão – Stannis disse sem cerimônia. – Nem Tommen. São bastardos. A menina também. Todos abominações nascidas do incesto.

*Seria possível que Cersei fosse louca a esse ponto?* Catelyn estava sem fala.

– Não é uma bela história, senhora? – Renly perguntou. – Estava acampado em Monte Chifre quando Lorde Tarly recebeu sua carta, e devo dizer que me deixou sem fôlego – sorriu para o irmão. – Nunca suspeitei que fosse tão esperto, Stannis. Se ao menos fosse verdade, seria realmente herdeiro de Robert.

– *Se ao menos* fosse verdade? Está me chamando de mentiroso?

– Pode provar alguma palavra dessa fábula?

Stannis rangeu os dentes.

*Robert nunca poderia ter sabido*, Catelyn pensou, *caso contrário Cersei teria perdido a cabeça no mesmo instante.*

– Lorde Stannis – ela perguntou –, se sabia que a rainha era culpada de crimes tão monstruosos, por que se manteve em silêncio?

– Não me mantive em silêncio. Levei minhas suspeitas a Jon Arryn.

– Em vez de levá-las a seu irmão?

– A consideração que meu irmão tinha por mim nunca passou de dever – Stannis respondeu. – Vindas de mim, tais acusações pareceriam impertinentes e interesseiras, uma maneira de me colocar em primeiro lugar na linha de sucessão. Achei que Robert estaria mais disposto a ouvir se as acusações viessem de Lorde Arryn, de quem ele gostava.

– Ah – Renly interveio. – Então, temos a palavra de um morto.

– Crê que ele morreu por acaso, seu idiota de vista curta? Cersei mandou envenená-lo, por temer que a desmascarasse. Lorde Jon andava reunindo certas provas…

– … Que sem dúvida morreram com ele. Que inconveniência.

Catelyn recordava, encaixando as peças umas nas outras.

– Minha irmã Lysa acusou a rainha de matar seu marido numa carta que me enviou – admitiu. – Mais tarde, no Ninho da Águia, atribuiu o homicídio a Tyrion, o irmão da rainha.

Stannis fungou:

– Se puser o pé num ninho de cobras, será que interessa qual delas morde primeiro?

– Toda essa conversa sobre cobras e incesto é divertida, mas nada muda. Pode bem ter a melhor pretensão, Stannis, mas ainda tenho o maior exército – a mão de Renly deslizou para dentro do seu manto. Stannis viu, e pegou de imediato no cabo da espada, mas, antes que conseguisse mostrar o aço, o irmão apresentou-lhe… um pêssego. – Quer um, irmão? – ele sorriu. – De Jardim de Cima. Nunca provou nada tão doce, garanto – deu uma mordida, fazendo escorrer sumo pelo canto da boca.

– Não vim até aqui para comer fruta – Stannis estava furioso.

– Senhores! – Catelyn se interpôs novamente. – Devíamos estar debatendo os termos de uma aliança, não trocando insultos.

– Um homem nunca devia recusar saborear um pêssego – Renly disse, jogando o caroço fora. – Pode não voltar a ter essa possibilidade. A vida é curta, Stannis. Lembre-se do que os Stark dizem. O Inverno está chegando – limpou a boca com as costas da mão.

– Também não vim até aqui para ser ameaçado.

– E não foi – Renly rebateu. – Quando eu fizer ameaças, saberá. Na verdade, nunca gostei de você, Stannis, mas *é* do meu sangue, e não tenho nenhum desejo de matá-lo. Portanto, se é o castelo de Ponta Tempestade que deseja, fique com ele… como um presente de irmão. Tal como Robert me deu um dia, dou-o a você.

– Não é seu para que me dê. É meu por direito.

Suspirando, Renly virou-se na sela:

– Que vou fazer com este meu irmão, Brienne? Recusa o pêssego, recusa o castelo, até evitou meu casamento…

– Ambos sabemos que seu casamento foi uma farsa. Há um ano conspirava para transformar a moça numa das rameiras de Robert.

– Há um ano conspirava para fazer da moça a rainha de Robert – Renly o corrigiu. – Mas, que importa? O javali ficou com Robert e eu fiquei com Margaery. Ficará feliz por saber que chegou às minhas mãos donzela.

– Na sua cama é provável que morra donzela.

– Oh, espero obter dela um filho antes do fim do ano. Diga-me, quantos filhos você tem, Stannis? Ah, sim… nenhum – Renly sorriu de forma inocente. – Quanto à sua filha, eu compreendo. Se minha esposa se parecesse com a sua, também mandaria meu bobo satisfazê-la.

– *Basta*! – Stannis rugiu. – Não rirá na minha cara, está me ouvindo? *Não rirá!* – arrancou a espada de dentro da bainha. O aço cintilou com um estranho brilho à luz pálida do sol, ora vermelho, ora amarelo, ora uma brasa branca. O ar ao seu redor parecia estremecer, como que por causa do calor.

O cavalo de Catelyn relinchou e recuou um passo, mas Brienne interpôs-se entre os irmãos, de espada na mão.

– Guarde seu aço! – ela gritou para Stannis.

*Cersei Lannister está rindo até ficar sem fôlego*, pensou Catelyn, sentindo-se fatigada.

Stannis apontou a espada cintilante para o irmão.

– Não sou desprovido de misericórdia – trovejou o homem que era notório por ser desprovido de misericórdia. – E não quero macular a Luminífera com o sangue de um irmão. Em nome da mãe que nos deu à luz, darei esta noite para você repensar sua loucura, Renly. Arreie suas bandeiras e venha me encontrar antes da alvorada, e lhe darei Ponta Tempestade e seu antigo lugar no conselho, e até o nomearei meu herdeiro até que eu gere um filho. De outra forma, vou destruí-lo.

Renly riu.

– Stannis, esta é uma espada muito bonita, concordo, mas acho que o brilho que ela emite estragou seus olhos. Olhe os campos, irmão. Vê todos aqueles estandartes?

– Acredita que alguns pedaços de pano farão de você um rei?

– As espadas dos Tyrell o farão… Rowan, Tarly e Caron farão de mim rei, com machados, maças e martelos de guerra. Flechas Tarth e lanças Penrose, Fossoway, Cuy, Mullendore, Estermont, Selmy, Hightower. Oakheart, Crane, Caswell, Blackbar, Morrigen, Beesbury, Shermer, Dunn, Footly… Até a Casa Florent, tios e primos de sua esposa. São eles que me farão rei. Toda a cavalaria do sul me acompanha, e esta é a menor parte do meu poder. Minha infantaria vem atrás, cem mil espadas, lanças e piques. E você vai *me destruir*? Com o que, pergunto? Aquela miserável ralé que ali vejo amontoada sob as muralhas do castelo? Estimo-os em cinco mil, e estou sendo generoso, senhores do bacalhau, cavaleiros da cebola e mercenários. Metade deles é capaz de passar para o meu lado antes que a batalha se inicie. Meus batedores dizem-me que tem menos de quatrocentos homens a cavalo… cavaleiros livres vestidos de couro fervido que não aguentarão um instante contra lanceiros com armadura. Não me interessa o quão experiente você se ache como guerreiro, Stannis, mas aquela sua tropa não sobreviverá à primeira investida da minha vanguarda.

– Veremos, irmão – uma pequena luz pareceu ter saído do mundo quando Stannis voltou a enfiar a espada na bainha. – Quando chegar a alvorada, veremos.

– Espero que seu novo deus seja misericordioso, irmão.

Stannis respondeu com uma fungadela e afastou-se a galope, desdenhoso. A sacerdotisa vermelha ficou um momento para trás.

– Olhe seus pecados, Lorde Renly – disse, enquanto virava o cavalo.

Catelyn e Lorde Renly voltaram juntos ao acampamento, onde milhares de seus homens e o punhado de homens dela esperavam pelo retorno de ambos.

– Aquilo foi divertido, embora não muito útil – ele comentou. – Gostaria de saber onde posso encontrar uma espada como aquela. Bem,

sem dúvida Loras a dará a mim após a batalha. Desgosta-me que tenha de acabar assim.

– Tem um modo alegre de mostrar desgosto – disse Catelyn, cuja aflição não era fingida.

– Tenho? – Renly encolheu os ombros. – Que seja. Stannis nunca foi o mais querido dos irmãos, confesso. Acha que aquela sua história é verdadeira? Se Joffrey for descendente do Regicida…

– … Seu irmão é o legítimo herdeiro.

– Enquanto viver – Renly admitiu. – Embora esta seja uma lei tola, não concorda? Por que o filho mais velho, e não o mais adequado? A coroa condiz comigo, como nunca condisse com Robert e não condiz com Stannis. Tenho o que é necessário para ser um grande rei, forte, mas generoso, inteligente, justo, diligente, leal para com os meus amigos, e terrível para os inimigos, mas capaz de perdoar, paciente…

– … Humilde? – Catelyn sugeriu.

Renly soltou uma gargalhada:

– Tem de permitir a um rei alguns defeitos, senhora.

Catelyn sentia-se muito cansada. Tudo fora em vão. Os irmãos Baratheon iriam afogar-se um ao outro em sangue, enquanto seu filho teria de enfrentar os Lannister sozinho, e nada do que pudesse dizer ou fazer mudaria alguma coisa. *Já é mais que hora de voltar a Correrrio para fechar os olhos do meu pai*, pensou. *Pelo menos isso posso fazer. Posso ser uma enviada fraca, mas sou boa carpideira. Que os deuses me salvem.*

O acampamento de Renly situava-se no topo de uma pequena cumeada pedregosa que corria do norte para o sul. Era muito mais ordenado do que o grande acampamento junto ao Vago, embora tivesse apenas um quarto do tamanho. Quando soube do assalto do irmão a Ponta Tempestade, Renly dividiu suas forças de forma muito semelhante ao que Robb fizera nas Gêmeas. Deixou a grande massa de infantaria para trás em Ponteamarga, com a jovem rainha, e carroças, carros, animais de carga e toda a pesada maquinaria de cerco, enquanto ele mesmo liderava os cavaleiros e cavaleiros livres numa incursão rápida para o Leste.

Como era parecido com o irmão Robert, mesmo nisso… Só que Robert sempre tivera Eddard Stark para temperar sua ousadia com cautela. Ned teria certamente convencido Robert a levar *todas* as suas forças para rodear Stannis e sitiar seu cerco. Renly negara a si próprio essa possibilidade com sua corrida precipitada para lutar com o irmão. Tinha estendido demais suas linhas de abastecimento, deixou os alimentos para homens e animais a dias de viagem, com todas as suas carroças, mulas e seus bois. *Tinha* de dar batalha em breve, ou passaria fome.

Catelyn mandou Hal Mollen cuidar dos cavalos enquanto acompanhava Renly de volta ao pavilhão real no coração do acampamento. Dentro das paredes de seda verde, os capitães e senhores vassalos do jovem Baratheon esperavam para ouvir notícias da conferência.

– Meu irmão não mudou – disse-lhes seu jovem rei, enquanto Brienne desprendia seu manto e tirava sua coroa de ouro e jade da cabeça. – Castelos e honrarias não o apaziguarão, precisa derramar sangue. Bem, tenho a intenção de lhe conceder o desejo.

– Vossa Graça, não vejo aqui necessidade de batalha – interveio Lorde Mathis Rowan. – O castelo tem uma guarnição forte e está bem aprovisionado, Sor Cortnay Penrose é um comandante experiente, e ainda não foi construída uma máquina de guerra que consiga abrir uma brecha nas muralhas de Ponta Tempestade. Que Lorde Stannis faça seu cerco. Não encontrará nele alegrias, e enquanto fica aqui, no frio, com fome e sem ganhar nada, nós tomaremos Porto Real.

– E ter homens dizendo que temi enfrentar Stannis?

– Só tolos dirão tal coisa – Lorde Mathis argumentou.

Renly olhou para os outros.

– O que vocês dizem?

– Digo que Stannis é um perigo para o senhor – declarou Lorde Randyll Tarly. – Deixe-o sem derramar sangue, e só ficará mais forte, enquanto seu poder é diminuído pela batalha. Os Lannister não serão vencidos em um dia. Quando terminar com eles, Lorde Stannis poderá ser tão forte quanto você… ou mais.

Outros concordaram em coro. O rei pareceu satisfeito.

– Então lutaremos.

*Falhei a Robb, tal como falhei a Ned*, pensou Catelyn.

– Senhor – ela anunciou. – Se está decidido a dar batalha, já não tenho motivo para ficar aqui. Peço-lhe licença para regressar a Correrrio.

– Não a tem – Renly sentou-se numa cadeira de campanha.

Catelyn ficou tensa.

– Tive esperança de ajudá-lo a fazer a paz, senhor. Não o ajudarei a fazer a guerra.

Renly encolheu os ombros.

– Atrevo-me a dizer que triunfaremos sem os seus vinte e cinco homens, senhora. Não pretendo que participe na batalha, apenas que a observe.

– Estive no Bosque dos Murmúrios, senhor. Vi matança suficiente. Vim até aqui como embaixadora…

– E como embaixadora partirá, mas mais sábia do que quando chegou. Verá com seus próprios olhos o que está reservado aos rebeldes, para que seu filho possa escutá-lo de seus lábios. Nada tema, manteremos a senhora a salvo – Renly virou-lhe as costas para dar suas ordens. – Lorde Mathis, você liderará o centro da batalha principal. Bryce, você ficará com o flanco esquerdo. O direito é meu. Lorde Estermont, você comandará a reserva.

– Não falharei ao senhor, Vossa Graça – este último respondeu.

Lorde Mathis Rowan interveio:

– Quem comandará a vanguarda?

– Vossa Graça – Sor Jon Fossoway se fez ouvir. – Suplico essa honra.

– Suplique o que quiser – Sor Guyard, o Verde interveio. – O correto é que seja um dos sete a dar o primeiro golpe.

– É preciso mais do que um manto bonito para investir sobre uma muralha de escudos – Randyll Tarly bradou. – Quando eu já comandava a vanguarda de Mace Tyrell, você ainda mamava na teta da mãe, Guyard.

Um clamor encheu o pavilhão quando outros homens avançaram sonoramente com suas reivindicações. *Os cavaleiros do Verão*, pensou Catelyn. Renly ergueu uma mão:

– Basta, senhores. Se eu tivesse uma dúzia de vanguardas, todos deveriam ter uma, mas a maior glória pertence por direito ao maior dos cavaleiros. Sor Loras dará o primeiro golpe.

– Com um coração feliz, Vossa Graça – o Cavaleiro das Flores ajoelhou-se perante o rei. – Dê-me a sua bênção, e um cavaleiro para cavalgar a meu lado com o seu estandarte. Deixe que o veado e a rosa partam para a batalha lado a lado.

Renly olhou em volta.

– Brienne.

– Vossa Graça? – ela ainda usava a armadura de aço azul, embora tivesse tirado o elmo. A tenda cheia de gente estava quente, e o suor colava seus cabelos amarelos e sem vigor no rosto largo e simples. – Meu lugar é ao seu lado. Sou sua protetora juramentada…

– Uma entre sete – lembrou-lhe o rei. – Nada tema, quatro de seus companheiros estarão comigo durante a luta.

Brienne caiu de joelhos.

– Se tenho de me separar de Vossa Graça, conceda-me a honra de armá-lo para a batalha.

Catelyn ouviu alguém soltar um riso abafado atrás de si. *Ela o ama, coitada*, pensou com tristeza. *Quer se fazer de escudeiro só para poder tocá-lo, e não se importa que os outros a considerem uma tola*.

– Concedido – Renly respondeu. – Deixem-me agora, todos vocês. Até os reis devem descansar antes de uma batalha.

– Senhor – Catelyn se adiantou. – Há um pequeno septo na última aldeia por onde passamos. Se não me permite que parta para Correrrio, dê-me licença para ir até lá e rezar.

– Como quiser. Sor Robar, dê à Senhora Catelyn uma escolta segura até esse septo… Mas certifique-se de que ela volte para junto de nós de madrugada.

– Talvez fizesse bem em rezar também – ela acrescentou.

– Por uma vitória?

– Por sabedoria.

Renly soltou uma gargalhada:

– Loras, fique e ajude-me a rezar. A última vez foi há tanto tempo que me esqueci de como se faz. Quanto ao resto de vocês, quero todos os homens em seus lugares à primeira luz da aurora, armados, com as armaduras postas e montados. Daremos a Stannis uma alvorada de que não se esquecerá tão cedo.

Caía o ocaso quando Catelyn saiu do pavilhão. Sor Robar Royce pôs-se ao seu lado. Conhecia-o um pouco… Um dos filhos de Bronze Yohn, bem-apessoado à sua maneira dura, um guerreiro de torneios de certo renome. Renly presenteara-o com um manto de arco-íris e uma armadura vermelho-sangue, e nomeara-o um de seus sete.

– Está muito longe do Vale, sor – disse-lhe.

– E você longe de Winterfell, senhora.

– Eu sei o que me trouxe aqui, mas por que você veio? Essa batalha não é mais sua do que minha.

– Fiz dela minha batalha quando fiz de Renly meu rei.

– Os Royce são vassalos da Casa Arryn.

– O senhor meu pai deve lealdade à Senhora Lysa, e ao seu herdeiro também. Um segundo filho deve encontrar a glória onde puder – Sor Robar encolheu os ombros. – Um homem se cansa de torneios.

Não podia ter mais do que vinte e um anos, pensou Catelyn, a mesma idade do seu rei… Mas o rei *dela*, o seu Robb, tinha mais sabedoria com quinze anos do que esse jovem conseguira arranjar. Ou pelo menos por isso ela rezava.

No pequeno canto do acampamento reservado a Catelyn, Shadd cortava cenouras em rodelas e as colocava em um caldeirão, Hal Mollen jogava dados com três de seus homens de Winterfell, e Lucas Blackwood afiava o punhal.

– Senhora Stark – disse Lucas quando a viu –, Mollen diz que haverá uma batalha à alvorada.

– Hal tem a verdade – *e também uma língua solta, ao que parece.*

– Lutamos ou fugimos?

– Rezamos, Lucas. Rezamos.

# Sansa

—Quanto mais tempo o deixar esperando, pior as coisas correrão para você – preveniu-a Sandor Clegane.

Sansa tentava se apressar, mas os dedos atrapalhavam-se com os botões e os nós. Cão de Caça falava sempre rudemente, mas havia algo no modo como a olhava que a enchia de pavor. Teria Joffrey descoberto seus encontros com Sor Dontos? *Por favor, não*, pensou, enquanto escovava o cabelo. Sor Dontos era sua única esperança. *Tenho de ficar bonita. Joff gosta que eu seja bonita, sempre gostou de me ver com este vestido, com esta cor*. Alisou o tecido. O pano ficava justo em seu peito.

Quando saiu, Sansa caminhou à esquerda do Cão de Caça, longe do lado queimado de seu rosto.

– Diga-me o que fiz.

– Não foi você. Foi seu real irmão.

– Robb é um traidor – Sansa conhecia as palavras de cor. – Não tive nenhum papel no que quer que ele tenha feito – *deuses, sejam bons, não permitam que seja o Regicida*. Se Robb tivesse feito mal a Jaime Lannister, isso custaria sua vida. Pensou em Sor Ilyn, e no modo como aqueles terríveis olhos claros sem piedade olhavam naquela cara doentia e marcada pelas bexigas.

Cão de Caça fungou:

– Treinaram-na bem, passarinho.

Conduziu-a até junto da muralha interior, onde uma multidão tinha se reunido em torno dos alvos. Homens afastaram-se para deixá-los passar. Conseguia ouvir Lorde Gyles tossindo. Cavalariços indolentes olharam-na com insolência, mas Sor Horas Redwyne desviou o olhar quando ela passou, e o irmão Hobber fingiu não vê-la. Um gato amarelo morria no

chão, miando que dava dó, com uma flecha de besta espetada nas costelas. Sansa contornou-o, sentindo-se agoniada.

Sor Dontos aproximou-se, montado em sua vassoura como se ela fosse um cavalo; desde que estivera bêbado demais para montar o corcel de batalha no torneio, o rei havia decretado que daí em diante devia andar sempre a cavalo.

– Seja corajosa – sussurrou, apertando seu braço.

Joffrey estava no centro da multidão, girando a manivela de uma besta ornamentada. Sor Boros e Sor Meryn acompanhavam-no. Vê-los foi o suficiente para dar nós em suas entranhas.

– Vossa Graça – Sansa caiu de joelhos.

– Ajoelhar não a salvará agora – disse o rei. – Levante-se. Está aqui para responder pelas últimas traições do seu irmão.

– Vossa Graça, seja o que for que o traidor do meu irmão fez, não participei. Sabe disso, suplico-lhe, por favor…

– *Ponha-a em pé!*

Cão de Caça cumpriu a ordem, mas não sem alguma gentileza.

– Sor Lancel – Joff falou em tom de ordem. – Conte-lhe esse ultraje.

Sansa sempre achara Lancel Lannister agradável e bem falante, mas não havia piedade ou gentileza no olhar que lhe lançou.

– Usando alguma vil bruxaria, seu irmão caiu sobre Sor Stafford Lannister com um exército de lobos a menos de três dias de viagem de Lanisporto. Milhares de bons homens foram massacrados enquanto dormiam, sem terem a chance de pegar na espada. Depois do massacre, os nortenhos banquetearam-se com a carne dos mortos.

O horror enrolou mãos frias em torno da garganta de Sansa.

– Não tem nada a dizer? – Joffrey perguntou.

– Vossa Graça, a pobre criança está em choque – Sor Dontos murmurou.

– Silêncio, bobo – Joffrey ergueu a besta e apontou-a para o rosto de Sansa. – Vocês, os Stark, são tão desnaturados quanto esses seus lobos. Não me esqueci de como seu monstro me atacou.

– Esse foi o lobo de Arya – ela disse. – Minha Lady nunca lhe fez mal, mas matou-a mesmo assim.

– Não, foi seu pai quem o fez. Mas eu mandei matar seu pai. Gostaria de ter feito isso eu mesmo. Ontem à noite matei um homem que era maior do que seu pai. Vieram ao portão gritar meu nome e exigir pão, como se eu fosse algum *padeiro*, mas dei-lhes uma lição. Atingi o mais barulhento bem na garganta.

– E ele morreu? – com a feia cabeça de ferro da flecha olhando-a de frente, era difícil pensar em outra coisa a dizer.

– Claro que morreu, tinha a minha flecha na garganta. Havia uma mulher atirando pedras, e também a acertei, mas só no braço – franzindo a testa, ele abaixou a besta. – Mataria você também, mas, se o fizer, minha mãe diz que matarão meu tio Jaime. Em vez disso, será punida e mandaremos contar ao seu irmão o que lhe acontecerá se não se render. Cão, bata nela.

– Permita que seja eu a bater – Sor Dontos abriu caminho aos empurrões, com a armadura de lata tinindo. Estava armado com uma "maça de armas" cuja cabeça era um melão. *Meu Florian*. *Poderia beijá-lo, mesmo com a pele manchada e as veias estouradas*. Ele trotou na vassoura em volta dela, gritando: "Traidora, traidora", batendo na sua cabeça com o melão. Sansa cobriu-se com as mãos, cambaleando cada vez que o fruto a atingia, com o cabelo pegajoso desde o segundo golpe. Havia gente rindo. O melão voou em pedaços. *Ria Joffrey*, Sansa rezou enquanto o sumo escorria pelo seu rosto e pela parte da frente do vestido de seda azul. *Ria e fique satisfeito*.

Joffrey nem sequer um risinho soltou.

– Boros, Meryn.

Sor Meryn Trant agarrou Dontos pelo braço e o atirou bruscamente para longe. O bobo de cara vermelha estatelou-se, com vassoura, melão e tudo o mais. Sor Boros pegou Sansa.

– Não toque em seu rosto – Joffrey ordenou. – Gosto dela bonita.

Boros atirou um punho contra a barriga de Sansa, deixando-a sem ar. Quando se dobrou, o cavaleiro agarrou-a pelo cabelo e puxou a espada, e por um hediondo instante ela teve certeza de que pretendia abrir sua garganta. Quando bateu com a parte lateral da lâmina nas suas coxas,

pensou que suas pernas se quebrariam com a força do golpe. E gritou. Lágrimas cobriram seus olhos. *Terminará em breve*. Mas, depressa perdeu a conta dos golpes.

– Basta – Sansa ouviu Cão de Caça rouquejar.

– Não, não basta – o rei rebateu. – Boros, tire a roupa dela.

Boros enfiou uma mão carnuda na parte da frente do corpete de Sansa e puxou com força. A seda rasgou-se, desnudando-a até a cintura. Sansa cobriu os seios com as mãos. Ouvia risos abafados, distantes e cruéis.

– Bata nela até sangrar – Joffrey esbravejou. – Vamos ver se o irmão gosta…

– *O que significa isso?*

A voz do Duende estalou como um chicote, e de repente Sansa ficou livre. Tropeçou e caiu de joelhos, com os braços cruzados sobre o peito e a respiração entrecortada.

– É esta a sua ideia de cavalaria, Sor Boros? – quis saber Tyrion Lannister numa voz zangada. Tinha consigo o mercenário de estimação e um dos selvagens, aquele com o olho queimado. – Que tipo de cavaleiro espanca donzelas indefesas?

– O tipo de cavaleiro que serve seu rei, Duende – Sor Boros ergueu a espada, e Sor Meryn ficou ao seu lado, com a lâmina raspando na bainha enquanto dela saía.

– Cuidado com isso – preveniu o mercenário do anão. – Não vão querer ficar com esses bonitos mantos brancos cheios de sangue.

– Que alguém dê à menina alguma coisa para se cobrir – o Duende falou em voz alta. Sandor Clegane desprendeu seu manto e o atirou a ela. Sansa apertou-o contra o peito, com os punhos fechados com força na lã branca. A trama grosseira do pano arranhava seu peito, mas nenhum veludo jamais tinha agradado tanto ao seu tato.

– Esta menina está para ser sua rainha – Tyrion disse a Joffrey. – Não tem nenhuma consideração por sua honra?

– Estou punindo-a.

– Por que crime? Ela não lutou a batalha do irmão.

– Tem o sangue de um lobo.

– E você tem a inteligência de um ganso.

– Não pode falar assim comigo. O rei pode fazer o que quiser.

– Aerys Targaryen fez o que quis. Sua mãe já contou o que aconteceu a ele?

Sor Boros Blount pigarreou:

– Ninguém ameaça o rei na presença da Guarda Real.

Tyrion Lannister ergueu uma sobrancelha.

– Não estou ameaçando o rei, sor, estou educando meu sobrinho. Bronn, Timett, da próxima vez que Sor Boros abrir a boca, matem-no – o anão sorriu. – *Isso* foi uma ameaça, sor. Vê a diferença?

Sor Boros ficou de um tom vermelho-escuro:

– A rainha ouvirá falar disto.

– Sem dúvida que sim. E por que esperar? Joffrey, mandamos chamar sua mãe?

O rei corou.

– Nada a dizer, Vossa Graça? – prosseguiu o tio. – Ótimo. Aprenda a usar mais as orelhas e menos a boca, caso contrário seu reinado será menor do que eu. Brutalidade arbitrária não é maneira de conquistar o amor de seu povo… ou de sua rainha.

– Minha mãe diz que o medo é melhor do que o amor – Joffrey apontou para Sansa. – *Ela* tem medo de mim.

O Duende suspirou.

– Sim, estou vendo. Uma pena que Stannis e Renly não sejam também meninas de doze anos. Bronn, Timett, tragam-na.

Sansa os seguius como que num sonho. Julgou que os homens do Duende a levariam de volta ao seu quarto na Fortaleza de Maegor, mas, em vez disso, conduziram-na à Torre da Mão. Não pusera os pés naquele lugar desde o dia em que o pai caíra em desgraça, e voltar a subir aqueles degraus fez com que se sentisse sem forças.

Algumas criadas se encarregaram dela, proferindo palavras reconfortantes sem significado para que parasse de tremer. Uma despiu as ruínas de seu vestido e da roupa de baixo, e outra a banhou e lavou o sumo pegajoso de seu rosto e cabelo. Enquanto a esfregavam com sabão

e despejavam água quente em abundância sobre sua cabeça, tudo o que Sansa conseguia ver eram os rostos no pátio. *Os cavaleiros juram defender os fracos, proteger as mulheres e lutar pelo que está certo, mas nenhum deles levantou uma mão*. Só Sor Dontos havia tentado ajudar, e ele já não era um cavaleiro, não mais do que o Duende ou o Cão de Caça… o Cão de Caça odiava cavaleiros… *Também os odeio*, pensou Sansa. *Não são verdadeiros cavaleiros, nenhum deles é*.

Depois de ficar limpa, o rechonchudo e ruivo Meistre Frenken veio vê-la. Pediu-lhe para se deitar de barriga para baixo no colchão enquanto espalhava um bálsamo sobre os vergões vermelhos que cobriam a parte de trás de suas pernas. Depois, misturou uma porção de vinho de sonhos com um pouco de mel para que ela bebesse com mais facilidade.

– Durma um pouco, filha. Quando acordar, tudo isso parecerá um sonho ruim.

*Não, não parecerá, seu estúpido*, Sansa pensou, mas bebeu mesmo assim o vinho de sonhos e adormeceu.

Estava escuro quando acordou, sem saber bem onde estava, num quarto que lhe parecia ao mesmo tempo desconhecido e estranhamente familiar. Quando se levantou, uma punhalada de dor trespassou suas pernas e fez com que se lembrasse de tudo. Lágrimas encheram seus olhos. Alguém lhe arranjara um roupão e o deixara junto da cama. Vestiu-o e abriu a porta. Lá fora estava uma mulher de rosto duro, com uma pele castanha e curtida e três colares enrolados em volta do pescoço magro. Um era de ouro, outro, de prata, e o terceiro, de orelhas humanas.

– Onde pensa que vai? – perguntou a mulher, apoiando-se numa grande lança.

– Ao bosque sagrado – tinha de encontrar Sor Dontos, suplicar-lhe que a levasse para casa *já,* antes que fosse tarde demais.

– O meio-homem disse que não devia sair. Reze aqui, os deuses ouvirão.

Docilmente, Sansa abaixou os olhos e retirou-se para dentro do quarto. Compreendeu subitamente por que é que aquele lugar lhe parecia tão familiar. *Puseram-me no antigo quarto de Arya, de quando o pai era Mão*

*do Rei. Todas as suas coisas desapareceram, e a mobília foi movida, mas é o mesmo…*

Pouco tempo depois, uma criada trouxe uma bandeja com queijo, pão, azeitonas e um jarro de água fria.

– Leve tudo – Sansa ordenou, mas a moça deixou a comida sobre uma mesa. De repente, percebeu que *tinha* sede. Cada passo espetava facas em suas coxas, mas obrigou-se a atravessar o quarto. Bebeu duas taças de água, e estava mordiscando a azeitona quando ouviu um toque na porta.

Ansiosa, virou-se e alisou as dobras do roupão.

– Sim?

A porta abriu-se, e Tyrion Lannister entrou:

– Senhora. Espero não estar perturbando.

– Sou sua prisioneira?

– Minha hóspede – estava usando a corrente de seu cargo, um colar de mãos de ouro interligadas. – Pensei que podíamos conversar.

– Como meu senhor ordenar – Sansa descobriu que era difícil não olhá-lo fixamente; suas feições eram tão feias que lhe causavam um estranho fascínio.

– A comida e os trajes são do seu agrado? Se houver algo mais que lhe fizer falta, só tem de pedir.

– É muito gentil. E esta manhã… foi muito bom de sua parte me ajudar.

– Tem o direito de saber por que Joffrey estava tão irado. Há seis noites, seu irmão caiu sobre meu tio Stafford, acampado com sua tropa numa aldeia chamada Cruzaboi, a menos de três dias de viagem de Rochedo Casterly. Seus nortenhos conquistaram uma vitória esmagadora. Só recebemos a notícia hoje de manhã.

*Robb matará todos vocês*, Sansa pensou, exultante.

– É… terrível, senhor. Meu irmão é um vil traidor.

O anão deu um sorriso triste.

– Bem, não é nenhum novato, isso ele já deixou bem claro.

– Sor Lancel disse que Robb liderou um exército de lobos…

O Duende soltou uma gargalhada desdenhosa.

– Sor Lancel é um guerreiro de taberna que seria incapaz de distinguir um lobo de uma verruga. Seu irmão tinha consigo seu lobo gigante, mas suspeito que não passava disso. Os nortenhos penetraram no acampamento do meu tio e cortaram as amarrações de seus cavalos, e Lorde Stark enviou o lobo para o meio deles. Até os corcéis de batalha treinados para a guerra enlouqueceram. Cavaleiros foram pisoteados até a morte em seus pavilhões, e a plebe acordou aterrorizada e fugiu, sem armas para correr mais depressa. Sor Stafford foi morto enquanto perseguia um cavalo. Lorde Rickard Karstark enfiou uma lança em seu peito. Sor Rubert Brax também está morto, bem como Sor Lymund Vikary, Lorde Crakehall e Lorde Jast. Meia centena de outros foram feitos cativos, incluindo os filhos de Jast e meu primo Martyn Lannister. Os que sobreviveram andam espalhando histórias fantásticas, e juram que os antigos deuses do norte marcham com seu irmão.

– Então… não houve feitiçaria?

Lannister deu uma fungadela.

– Feitiçaria é o molho que os tolos espalham sobre o fracasso para esconder o sabor de sua incompetência. Ao que parece, o cabeça de carneiro do meu tio nem sequer tinha se incomodado em colocar sentinelas. Sua tropa estava crua… aprendizes, mineiros, camponeses, pescadores, o lixo de Lanisporto. O único mistério está em como seu irmão chegou até ele. Nossas forças ainda controlam o forte no Dente Dourado, e juram que ele não passou por lá – o anão encolheu os ombros, irritado. – Bem, Robb Stark é o tormento do meu pai. Joffrey é o meu. Diga-me, o que sente por meu real sobrinho?

– Amo-o de todo o coração – Sansa respondeu de imediato.

– De verdade? – Tyrion não parecia convencido. – Mesmo agora?

– Meu amor por Sua Graça é maior do que alguma vez já foi.

O Duende riu em voz alta:

– Bem, alguém lhe ensinou a mentir bem. Poderá ficar grata por isso um dia, menina. *Ainda* é menina, não é verdade? Ou já desabrochou?

Sansa corou. Era uma pergunta descortês, mas a vergonha de ser despida perante metade do castelo fez com que parecesse não ser nada.

– Não, senhor.

– Ainda bem. Se lhe dá algum consolo, não pretendo casá-la com Joffrey. Temo que nenhum casamento reconcilie os Stark e os Lannister depois de tudo o que aconteceu. O noivado teria sido uma das melhores ideias do Rei Robert, se Joffrey não a tivesse emporcalhado.

Sansa sabia que devia dizer alguma coisa, mas as palavras ficaram presas em sua garganta.

– Ficou muito silenciosa – observou Tyrion Lannister. – Era isso o que queria? Um ponto final em seu noivado?

– Eu… – Sansa não sabia o que dizer. *Será um truque? Vai me punir se eu disser a verdade?* Fitou a testa brutal e proeminente do anão, o duro olho negro e o astuto olho verde, os dentes tortos e a barba áspera. – Eu só quero ser leal.

– Ser leal – meditou o anão –, e estar longe de todos os Lannister. Não posso censurá-la por isso. Quando tinha a sua idade, queria a mesma coisa – ele sorriu. – Dizem que visita o bosque sagrado todos os dias. Por que reza, Sansa?

*Rezo pela vitória de Robb e pela morte de Joffrey… e pelo meu lar. Por Winterfell.*

– Rezo pelo fim das lutas.

– Teremos isso em breve. Haverá outra batalha, entre seu irmão Robb e o senhor meu pai, e isso decidirá o assunto.

*Robb vai vencê-lo*, pensou Sansa. *Venceu seu tio e seu irmão Jaime, também vencerá seu pai.*

O anão leu suas esperanças com tanta facilidade que foi como se seu rosto tivesse se transformado em um livro aberto.

– Não tome Cruzaboi muito a sério, senhora – disse-lhe num tom que não era desprovido de gentileza. – Uma batalha não é uma guerra, e o senhor meu pai certamente não é meu tio Stafford. Da próxima vez que visitar o bosque sagrado, reze para que seu irmão tenha a sensatez de dobrar o joelho. Assim que o norte voltar à paz do rei pretendo mandá-la para casa – Tyrion saltou do banco da janela e concluiu: – Pode dormir

aqui esta noite. Darei alguns de meus homens como guarda, talvez alguns Corvos de Pedra…

– Não – Sansa exclamou, aterrorizada. Se ficasse trancada na Torre da Mão, guardada pelos homens do anão, como conseguiria Sor Dontos levá-la à liberdade?

– Prefere os Orelhas Negras? Posso lhe dar Chella, se uma mulher a fizer se sentir mais confortável.

– Por favor, não, senhor, os selvagens me assustam.

Ele sorriu.

– A mim também. Mas, o que é mais importante, assustam Joffrey e aquele ninho de víboras manhosas e cães aduladores que ele chama de Guarda Real. Com Chella ou Timett ao seu lado, ninguém se atreveria a lhe fazer mal.

– Preferia voltar à minha cama – Sansa lembrou-se subitamente de uma mentira, mas parecia tão *certa* que a proferiu de imediato. – Foi nesta torre que os homens do meu pai foram mortos. Seus fantasmas dar-me-iam terríveis sonhos, e veria o sangue deles onde quer que olhasse.

Tyrion Lannister estudou seu rosto:

– Não desconheço os pesadelos, Sansa. Talvez seja mais sensata do que eu pensava. Permita-me, pelo menos, escoltá-la em segurança de volta aos seus aposentos.

# Catelyn

A noite já tinha caído por completo quando encontraram a aldeia. Catelyn deu por si querendo saber se o lugar teria nome. Se tivesse, seu povo levara consigo esse conhecimento, quando fugiu com todas as suas posses, incluindo até as velas do septo. Sor Wendel acendeu um archote e atravessou com ela a porta baixa.

Lá dentro, as sete paredes mostravam-se rachadas e tortas. *Deus é uno*, ensinara-lhe Septão Osmynd quando era nova, *com sete aspectos, tal como o septo é um único edifício com sete paredes*. Os septos ricos das cidades possuíam estátuas dos Sete, e um altar a cada um. Em Winterfell, Septão Chayle pendurava máscaras esculpidas nas paredes. Ali, Catelyn encontrou apenas grosseiros desenhos a carvão. Sor Wendel prendeu o archote numa arandela junto à porta, e saiu para esperar lá fora com Robar Royce.

Catelyn estudou os desenhos. O Pai tinha barba, como sempre. A Mãe sorria, afetuosa e protetora. O Guerreiro tinha a espada esboçada sob o rosto, e o Ferreiro, o martelo. A Donzela era linda, a Velha, mirrada e sábia.

E o sétimo rosto… o Estranho não era nem homem nem mulher, mas ambos, o eterno pária, o vagabundo de lugares distantes, menos e mais que humano, desconhecido e impossível de conhecer. Ali, o rosto era oval e negro, uma sombra com estrelas no lugar dos olhos. Deixava Catelyn inquieta. Pouco conforto conseguiria ali.

Ajoelhou-se perante a Mãe.

– Senhora, olhe a batalha com os olhos de uma mãe. Todos eles são filhos, todos e cada um deles. Poupe-os se puder, e poupe meus filhos

também. Proteja Robb, Bran e Rickon. Bem que eu gostaria de estar com eles.

Uma fenda corria através do olho esquerdo da Mãe, fazendo que parecesse estar chorando. Catelyn conseguia ouvir a voz trovejante de Sor Wendel, e de vez em quando as respostas calmas de Sor Robar, enquanto os homens conversavam sobre a batalha que se aproximava. Além deles, a noite estava silenciosa. Nem sequer se ouvia um grilo, e os deuses mantinham o silêncio. *Seus deuses antigos alguma vez lhe respondiam, Ned?*, perguntou a si mesma. *Quando se ajoelhava perante a sua árvore-coração, eles o ouviam?*

A luz trêmula do archote dançava nas paredes, fazendo com que aqueles rostos parecessem estar semivivos, torcendo-se, alterando-se. As estátuas nos grandes septos das cidades tinham os rostos que os pedreiros lhes tinham dado, mas aqueles rabiscos a carvão eram tão rudimentares que podiam representar qualquer pessoa. O rosto do Pai levou Catelyn a pensar em seu próprio pai, morrendo em sua cama em Correrrio. O Guerreiro era Renly e Stannis, Robb e Robert, Jaime Lannister e Jon Snow. Até vislumbrou Arya naquelas feições, apenas por um instante. Então, uma rajada de vento que penetrou pela porta fez o archote crepitar, e a semelhança desapareceu, lavada num brilho cor de laranja.

A fumaça estava fazendo seus olhos arderem. Esfregou-os com as mãos cobertas de cicatrizes. Quando voltou a olhar a Mãe, foi sua mãe que viu. A Senhora Minisa Tully morrera durante o parto, tentando dar a Lorde Hoster um segundo filho. O bebê pereceu com ela, e depois disso o pai perdeu um pouco de sua vida. *Ela era sempre tão calma*, pensou Catelyn, recordando as mãos suaves da mãe, seu sorriso quente. *Se tivesse sobrevivido, nossas vidas poderiam ter sido tão diferentes*. Perguntou a si mesma o que a Senhora Minisa teria achado da filha mais velha, ali, ajoelhada na sua frente. *Percorri tantos milhares de léguas, e para quê? A quem servi? Perdi minhas filhas, Robb não me quer com ele, e Bran e Rickon devem certamente me achar uma mãe fria e desnaturada. Nem sequer estava com Ned quando ele morreu…*

Sentiu a cabeça leve, e o septo pareceu mover-se ao seu redor. As sombras oscilaram e alteraram-se, animais furtivos correndo pelas paredes rachadas e brancas. Catelyn não comera durante todo o dia. Talvez não tivesse sido sensato. Tinha dito a si mesma que não tivera tempo, mas a verdade era que a comida perdera o sabor num mundo sem Ned. *Quando cortaram sua cabeça, mataram-me também.*

Atrás dela, o archote cuspiu, e de súbito pareceu-lhe que o rosto na parede era o da irmã, embora os olhos fossem mais duros do que se recordava, não os de Lysa, mas os de Cersei. *Cersei também é mãe. Não importa quem é o pai daquelas crianças, ela sentiu-as chutando em seu ventre, deu-lhes à luz com a sua dor e seu sangue, alimentou-as em seu peito. Se forem mesmo de Jaime…*

– Cersei também ora a você, senhora? – perguntou Catelyn à Mãe. Conseguia ver os traços orgulhosos, frios e belos da rainha Lannister gravados na parede. A fenda ainda estava lá; mesmo Cersei era capaz de chorar pelos filhos.

– Cada um dos Sete incorpora todos os Sete – dissera-lhe um dia Septão Osmynd. Havia tanta beleza na Velha como na Donzela, e a Mãe podia ser mais feroz do que o Guerreiro quando seus filhos estivessem em perigo. *Sim…*

Tinha visto o suficiente de Robert Baratheon em Winterfell para saber que o rei não olhava Joffrey com grande calor. Se fosse mesmo da semente de Jaime, Robert teria matado o rapaz, bem como a mãe, e poucos o teriam condenado. Bastardos eram bastante comuns, mas o incesto era um pecado monstruoso, tanto para os velhos deuses como para os novos, e os filhos de tal perversidade eram chamados de abominações tanto no septo como no bosque sagrado. Os reis do dragão tinham casado os irmãos com as irmãs, mas pertenciam ao sangue da antiga Valíria, onde tais práticas tinham sido comuns e, tal como seus dragões, os Targaryen não respondiam nem perante os deuses, nem perante os homens.

Ned deve ter sabido, e antes dele Lorde Arryn também. Pouco surpreende que a rainha tenha matado os dois. *Faria eu outra coisa por*

*meus filhos?* Catelyn fechou as mãos, sentindo a rigidez dos dedos marcados onde o aço do assassino cortara até o osso enquanto ela lutava para salvar o filho.

– Bran também sabe – sussurrou, abaixando a cabeça. *Que os deuses sejam bons, ele deve ter visto qualquer coisa, ouvido qualquer coisa, foi por isso que tentaram matá-lo em seu leito.*

Sentindo-se perdida e cansada, Catelyn Stark entregou-se aos seus deuses. Ajoelhou perante o Ferreiro, que consertava as coisas que estavam quebradas, e pediu-lhe para dar proteção ao seu querido Bran. Dirigiu-se à Donzela e suplicou-lhe que emprestasse coragem a Arya e a Sansa, que as guardasse em sua inocência. Ao Pai, rezou por justiça, pela força para procurá-la e pela sabedoria para reconhecê-la, e pediu ao Guerreiro para manter Robb forte e defendê-lo em suas batalhas. Por fim, virou-se para a Velha, cujas estátuas a mostravam frequentemente com uma lâmpada em uma das mãos.

– Guie-me, sábia senhora – rezou. – Mostre-me o caminho que devo percorrer, e não permita que tropece nos lugares escuros que me esperam.

Por fim, ela ouviu passos atrás de si, e um som na porta.

– Senhora – disse Sor Robar com gentileza –, perdoe-me, mas nosso tempo está chegando ao fim. Temos que voltar antes do romper da aurora.

Catelyn pôs-se rigidamente em pé. Seus joelhos doíam, e naquele momento teria dado muito por uma cama de penas e uma almofada.

– Obrigada, sor. Estou pronta.

Atravessaram em silêncio bosques esparsos em que as árvores se inclinavam ebriamente para longe do mar. Os relinchos nervosos dos cavalos e o tinir do aço guiou-os de volta ao acampamento de Renly. As longas fileiras de homens e cavalos estavam cobertas por uma armadura de escuridão, tão negra que era como se o Ferreiro tivesse martelado a própria noite para fabricar aço. Havia estandartes à sua esquerda e à direita, mas à luz que antecedia a alvorada, nem as cores nem os símbolos eram discerníveis. *Um exército cinzento*, pensou Catelyn.

*Homens cinzentos sobre cavalos cinzentos, sob bandeiras cinzentas*. Enquanto montavam os cavalos, à espera, os cavaleiros de sombra de Renly apontavam as lanças para cima, e Catelyn cavalgou por uma floresta de altas árvores nuas, despojadas de folhas e de vida. Onde ficava Ponta Tempestade via-se apenas uma escuridão mais profunda, uma muralha de negrume, através da qual nenhuma estrela conseguia brilhar, mas Catelyn via tochas movendo-se pelo campo onde Lorde Stannis montara o acampamento.

As velas dentro do pavilhão de Renly faziam que as trêmulas paredes de seda parecessem brilhar, transformando a grande tenda num castelo mágico, insuflado de luz esmeralda. Dois dos membros da Guarda Arco-Íris estavam de sentinela à porta do pavilhão real. A luz verde brilhava de forma estranha através das plumas roxas da capa de Sor Parmen, e dava um tom doentio aos girassóis que cobriam cada polegada da armadura amarela esmaltada de Sor Emmon. Longas plumas de seda fluíam de seus elmos, e mantos de arco-íris envolviam seus ombros.

Lá dentro, Catelyn encontrou Brienne armando o rei para a batalha, enquanto Lorde Tarly e Rowan conversavam sobre a colocação dos homens no terreno e táticas. Estava um calor agradável lá dentro, proveniente de carvões em brasa numa dúzia de pequenos braseiros de ferro.

– Tenho de falar com o senhor, Vossa Graça – disse Catelyn, tratando-o como um rei, pela primeira vez, qualquer coisa para fazer com que prestasse atenção nela.

– Dentro de um momento, Senhora Catelyn – respondeu Renly. Brienne ajustou a placa das costas à placa de peito por cima da túnica acolchoada do rei. A armadura era de um verde profundo, o verde das folhas numa floresta estival, tão escuro que bebia a luz das velas. Realces dourados brilhavam em relevos e presilhas como fogueiras distantes nessa floresta, piscando sempre que ele se movia. – Por favor, prossiga, Lorde Mathis.

– Vossa Graça – disse Mathis Rowan, lançando um olhar de canto de olho para Catelyn. – Como estava dizendo, nossas batalhas estão bem delineadas. Por que esperar pelo nascer do dia? Faça soar a partida.

– Para dizerem depois que ganhei por meios traiçoeiros, com um ataque pouco cavaleiresco? A hora escolhida foi a alvorada.

– Escolhida por Stannis – ressaltou Randyll Tarly. – Quer que avancemos sob o sol nascente. Ficaremos meio cegos.

– Só até o primeiro embate – Renly respondeu com confiança. – Sor Loras quebrará suas linhas, e depois disso será o caos – Brienne apertou tiras de couro verde e prendeu fivelas douradas. – Quando meu irmão cair, assegurem-se de que nenhum insulto seja feito ao seu cadáver. Ele pertence ao meu sangue, não quero ver sua cabeça por aí, empalada na ponta de uma lança.

– E se ele se render? – Lorde Tarly quis saber.

– Render-se? – Lorde Rowan soltou uma gargalhada. – Quando Mace Tyrell montou cerco a Ponta Tempestade, Stannis preferiu comer ratazanas a abrir os portões.

– Bem me lembro – Renly ergueu o queixo para deixar que Brienne prendesse seu gorjal no lugar. – Perto do fim, Sor Gawen Wylde e três de seus cavaleiros tentaram se esgueirar por uma porta traseira, a fim de se render. Stannis pegou-os e ordenou que fossem atirados das muralhas com catapultas. Ainda vejo a cara de Gawen enquanto o amarravam. Era o nosso mestre de armas.

Lorde Rowan pareceu confuso.

– Ninguém foi atirado das muralhas. Eu certamente me lembraria de tal coisa.

– Meistre Cressen disse a Stannis que poderíamos ser forçados a comer nossos mortos, e não se ganhava nada em atirar fora boa carne – Renly puxou o cabelo para trás. Brienne atou-o com um fio de veludo e enfiou um capuz almofadado na cabeça dele, para amortecer o peso do elmo. – Graças ao Cavaleiro das Cebolas não acabamos reduzidos a comer cadáveres, mas estivemos perto disso. Perto demais para Sor Gawen, que morreu na cela.

– Vossa Graça – Catelyn tinha esperado pacientemente, mas o tempo escasseava. – Prometeu-me uma conversa.

Renly fez um aceno.

– Tratem de suas batalhas, senhores… Ah, e se Barristan Selmy estiver ao lado do meu irmão, quero-o poupado.

– Não há notícias de Sor Barristan desde que Joffrey o expulsou – retrucou Lorde Rowan.

– Eu conheço aquele velho. Precisa de um rei para defender, senão não sabe quem é. Mas nunca veio até mim, e a Senhora Catelyn diz que não está com Robb Stark em Correrrio. Onde mais estará a não ser com Stannis?

– Será como diz, Vossa Graça. Nenhum mal lhe acontecerá – os senhores fizeram reverências profundas e se retiraram.

– Diga o que tem a dizer, Senhora Stark – disse Renly. Brienne envolveu seus ombros largos com o manto. Era de fios de ouro, pesado, com o veado coroado dos Baratheon realçado por lascas de âmbar negro.

– Os Lannister tentaram matar meu filho Bran. Perguntei mil vezes a mim mesma por quê. Seu irmão deu-me a resposta. Houve uma caçada no dia em que caiu. Robert, Ned e a maior parte dos outros homens partiram em busca de javalis, mas Jaime Lannister permaneceu em Winterfell, tal como a rainha.

Renly não foi lento em perceber as implicações.

– Então acredita que o rapaz os apanhou em incesto…

– Suplico-lhe, senhor, dê-me licença para ir até seu irmão Stannis e contar-lhe as minhas suspeitas.

– O que objetiva com isso?

– Robb porá de lado sua coroa se o senhor e seu irmão fizerem o mesmo – disse, esperando que fosse verdade. *Faria com que se tornasse verdade*, se fosse preciso; Robb a escutaria, mesmo que os seus senhores não o fizessem. – Permita que vocês três convoquem um Grande Conselho, um conselho como o reino não vê há cem anos. Iremos a Winterfell, para que Bran possa contar sua história e todos fiquem sabendo que os Lannister são os verdadeiros usurpadores. Deixe que os senhores reunidos dos Sete Reinos escolham quem os governará.

Renly soltou uma gargalhada.

– Diga-me, senhora, os lobos gigantes votam em quem deve liderar a alcateia? – Brienne trouxe as manoplas e o elmo do rei, coroado com chifres dourados que acrescentariam meio metro à sua altura. – O tempo para conversas terminou. Agora veremos quem é mais forte – Renly calçou uma manopla articulada verde e dourada na mão esquerda, enquanto Brienne se ajoelhava para afivelar seu cinto, carregado com o peso da espada e do punhal.

– Suplico-lhe em nome da Mãe – começou a dizer Catelyn quando uma súbita rajada de vento abriu a porta da tenda. Pensou vislumbrar movimento, mas quando virou a cabeça viu apenas a sombra do rei movendo-se nas paredes de seda. Ouviu Renly começar um gracejo, com a sombra movendo-se, erguendo a espada, negra sobre verde, com as velas tremeluzindo, estremecendo... Algo estava estranho, errado... E, então, viu a espada de Renly ainda na sua bainha, ainda guardada, mas a espada de sombra…

– Frio – disse Renly numa voz fraca e confusa, um instante antes de o aço de seu gorjal se rasgar como um pedaço de queijo sob a sombra de uma lâmina que não estava lá. Teve tempo para um pequeno arquejo antes que o sangue começasse a jorrar de sua garganta.

– Vossa Gr… *Não!* – Brienne, a Azul, gritou quando viu o maligno jorro, parecendo tão assustada como uma garotinha. O rei caiu em seus braços, com um lençol de sangue cobrindo a parte da frente de sua armadura, uma maré vermelho-escura que afogou seu verde e ouro. Mais velas tremeluziram e apagaram-se. Renly tentou falar, mas estava se afogando em seu próprio sangue. Perdeu a força nas pernas, e só os braços de Brienne o mantiveram em pé. A jovem atirou a cabeça para trás e gritou, sem palavras em sua angústia.

*A sombra*. Catelyn sabia que algo escuro e maligno tinha acontecido ali, algo que nem podia começar a compreender. *Aquela nunca foi a sombra de Renly. A morte entrou por aquela porta e apagou sua vida tão depressa como o vento extinguiu suas velas.*

Só se passaram alguns instantes antes de Robar Royce e Emmon Cuy entrarem de rompante, embora parecesse ter durado metade da noite. Um

par de homens de armas juntou-se atrás deles com archotes. Quando viram Renly nos braços de Brienne e ela ensopada no sangue do rei, Sor Robar deu um grito de horror.

– Maldita mulher! – gritou Sor Emmon, o do aço coberto de girassóis. – Afaste-se dele, vil criatura!

– Deuses benignos, Brienne, *por quê?* – Sor Robar perguntou.

Brienne ergueu os olhos do corpo de seu rei. O manto arco-íris que pendia de seus ombros tinha se tornado vermelho onde o sangue do rei o ensopara.

– Eu… eu…

– Morrerá por isso – Sor Emmon tirou um machado de batalha de cabo longo de entre as armas que estavam empilhadas junto à porta. – Pagará pela vida do rei com a sua!

– *não!* – Catelyn Stark gritou, encontrando por fim a voz, mas era tarde demais, a loucura do sangue tinha se apossado deles, e correram em frente com gritos que se sobrepuseram às suas palavras mais suaves.

Brienne moveu-se mais depressa do que Catelyn julgaria possível. Não tinha sua espada à mão; tirou a de Renly da bainha e a ergueu para parar a queda do machado de Emmon. Uma centelha brilhou, azul-esbranquiçada, quando o aço caiu sobre aço com um estrondo dilacerante, e Brienne ficou em pé com um salto, atirando rudemente para o lado o corpo do rei morto. Sor Emmon tropeçou nele quando tentou se aproximar, e a lâmina de Brienne cortou o cabo de madeira e fez saltar a cabeça do machado num rodopio. Outro homem atirou em suas costas um archote em chamas, mas o manto arco-íris estava empapado demais de sangue para arder. Brienne girou e desferiu um golpe, e archote e mão voaram. Chamas espalharam-se pelo tapete. O homem mutilado desatou aos gritos. Sor Emmon deixou cair o machado e tateou em busca da espada. O segundo homem de armas lançou uma estocada em Brienne. A Azul parou, e as espadas dançaram e voltaram a retinir uma contra a outra. Quando Emmon Cuy retomou o ataque, Brienne foi forçada a se retirar, mas de algum modo logrou mantê-los afastados. No chão, a cabeça de Renly rolou repugnantemente para um

lado, e uma segunda e terrível boca escancarou-se, com o sangue agora saindo em ondas lentas.

Sor Robar tinha ficado para trás, incerto, mas agora estendia a mão até o cabo da espada.

– Robar, não, escute – Catelyn o agarrou pelo braço. – Estão cometendo uma injustiça, não foi ela. *Ajude-a!* Escute-me, foi Stannis – o nome estava em seus lábios antes mesmo de conseguir pensar no modo como lá chegara, mas, quando o proferiu, soube que era verdade. – Juro, você me conhece, foi *Stannis* quem o matou.

O jovem cavaleiro do arco-íris fitou aquela louca com olhos claros e assustados.

– Stannis? Como?

– Não sei. Feitiçaria, alguma magia negra, havia uma sombra, uma *sombra* – até para si mesma a voz soava descontrolada e enlouquecida, mas as palavras jorravam descontroladas enquanto as lâminas continuavam retinindo atrás dela. – Uma sombra com uma espada, juro, eu vi. São cegos? A moça o *amava*! *Ajude-a!* – olhou de relance para trás, viu o segundo guarda cair, a espada largada por dedos sem força. Lá fora ouviam-se gritos. Sabia que mais homens zangados irromperiam sobre eles a qualquer momento. – Ela é inocente, Robar. Tem a minha palavra, pela tumba do meu esposo e por minha honra como Stark.

Aquilo o fez se decidir.

– Eu os conterei – Sor Robar respondeu. – Leve-a – então, virou-se e saiu.

O fogo tinha chegado à parede e subia pelo lado da tenda. Sor Emmon pressionava duramente Brienne, ele vestido de aço esmaltado amarelo e ela de lã. Esquecera Catelyn, até que o braseiro de ferro se esmagou contra sua nuca. Como estava com o elmo, o golpe não fez nenhum mal duradouro, mas deixou-o de joelhos.

– Brienne, comigo – Catelyn ordenou. A moça não foi lenta para ver a oportunidade. Um golpe e a seda verde abriu-se. Saíram para a escuridão e o frio da alvorada. Vozes alteradas vinham do outro lado do pavilhão. – Por aqui – pediu Catelyn –, e devagar. Não devemos correr, senão vão

nos perguntar por quê. Caminhe descontraída, como se nada houvesse de errado.

Brienne enfiou a espada no cinto e pôs-se ao lado de Catelyn. O ar da noite cheirava a chuva. Atrás delas, o pavilhão do rei ardia, com as chamas erguendo-se, altas, contra a escuridão. Ninguém fez um movimento para pará-las. Homens passavam por elas correndo, gritando sobre fogo, assassinato e feitiçaria. Outros reuniam-se em pequenos grupos e conversavam em voz baixa. Alguns rezavam, e um jovem escudeiro estava de joelhos, soluçando abertamente.

As forças de Renly já começavam a se desagregar à medida que os rumores se espalhavam de boca em boca. As fogueiras noturnas estavam quase extintas e, à medida que o leste começava a se iluminar, a imensa massa de Ponta Tempestade ia emergindo como um sonho de pedra, enquanto farrapos de névoa branca corriam pelo campo, fugindo do sol em asas de vento. Catelyn ouvira um dia a Velha Ama chamá-los de *fantasmas da manhã*, espíritos que regressavam às suas tumbas. E Renly era agora um deles, morto como o irmão Robert, como seu querido Ned.

– Nunca o tive nos braços, a não ser quando morreu – disse Brienne em voz baixa enquanto caminhavam por entre o crescente caos. A voz soava como se fosse se quebrar a qualquer instante. – Num momento estava rindo, e de repente havia sangue por todo lado… Senhora, não compreendo. Você viu, você…?

– Vi uma sombra. Pensei a princípio que fosse a sombra de Renly, mas era a do irmão.

– Lorde Stannis?

– *Senti-o*. Não faz sentido, sei disso.

Fazia sentido suficiente para Brienne.

– Vou matá-lo – declarou a moça alta e simples. – Com a espada do meu senhor, vou matá-lo. Juro. Juro. Juro.

Hal Mollen e o resto de sua escolta esperavam com os cavalos. Sor Wendel Manderly coçava-se para saber o que estava acontecendo.

– Senhora, o acampamento enlouqueceu – exclamou ao vê-las. – Lorde Renly, ele está… – parou de súbito, com os olhos fitos em Brienne e no

sangue que a ensopava.

– Morto, mas não por nossas mãos.

– A batalha… – começou Hal Mollen.

– Não haverá batalha – Catelyn montou, e a escolta adotou uma formação ao seu redor, com Sor Wendel à esquerda e Sor Perwyn Frey à direita. – Brienne, trouxemos montarias suficientes para o dobro de nós. Escolha uma e venha conosco.

– Eu tenho meu próprio cavalo, senhora. E a minha armadura…

– Deixe-os. Temos de estar bem longe antes que pensem em nos procurar. Estávamos ambas com o rei quando ele foi morto. Isso não será esquecido – sem uma palavra, Brienne virou-se e fez o que lhe era pedido. – Vamos – ordenou Catelyn à escolta depois de todos terem montado. – Se alguém tentar nos parar, abatam-no.

À medida que os longos dedos da alvorada se abriam em leque pelos campos, a cor voltava ao mundo. Onde havia homens cinzentos, montados em cavalos cinzentos e armados com lanças de sombras, cintilavam agora as pontas de dez mil lanças numa frieza prateada, e na miríade de bandeiras agitando-se Catelyn viu o desabrochar do vermelho, rosa e laranja, a riqueza de azuis e marrons, a chama do dourado e do amarelo. Todo o poderio de Ponta Tempestade e Jardim de Cima, o poderio que tinha sido de Renly uma hora antes. *Pertencem agora a Stannis*, compreendeu, *mesmo que eles próprios ainda não saibam disso. Para onde mais devem se voltar, se não para o último Baratheon? Stannis conquistou a todos com um único golpe maligno*.

*Eu sou o rei legítimo*, declarara ele, com o maxilar cerrado, duro como ferro, *e seu filho não é menos traidor do que meu irmão aqui. O seu dia também chegará.*

Um arrepio percorreu sua espinha.

# Jon

O monte projetava-se por cima do denso emaranhado de floresta, erguendo-se solitário, repentinamente deixando ver suas alturas varridas pelo vento de quilômetros ao redor. Os patrulheiros diziam que os selvagens o chamavam de Punho dos Primeiros Homens. Jon pensou que *realmente* se parecia com um punho, atravessando a terra e a floresta, com as vertentes nuas e marrons encimadas por pedras.

Cavalgou até o topo com Lorde Mormont e os oficiais, deixando Fantasma lá embaixo, entre as árvores. O lobo gigante tinha fugido três vezes enquanto subiam, regressando relutantemente em duas delas ao som do assobio de Jon. Na terceira, o Senhor Comandante perdeu a paciência e exclamou:

– Deixe-o ir, rapaz. Quero alcançar o cume antes do anoitecer. Procure o lobo mais tarde.

O caminho era íngreme e pedregoso, e o cume era coroado por um muro de pedras desprendidas dos rochedos, cuja altura chegava à altura do peito. O grupo foi forçado a dar uma grande volta para oeste até encontrar uma brecha suficientemente larga para que os cavalos passassem.

– Esta é uma boa posição, Thoren – proclamou o Velho Urso, quando enfim atingiram o topo. – Dificilmente encontraremos melhor. Faremos aqui o acampamento para esperar pelo Meia-Mão – o Senhor Comandante saltou da sela, desalojando o corvo do ombro. Queixando-se sonoramente, a ave levantou voo.

A vista do topo do monte era abrangente, mas o que atraiu os olhos de Jon foi o muro circular, as pedras cinzentas desgastadas, com suas manchas brancas de líquens e suas barbas de musgo verde. Dizia-se que o

Punho tinha sido um forte anelar dos Primeiros Homens, na Idade da Alvorada.

– Um lugar velho e forte – disse Thoren Smallwood.

"*Velho*", gritou o corvo de Mormont, batendo as asas em círculos ruidosos em volta da cabeça dos homens. "*Velho, velho, velho.*"

– Cale-se – rosnou Mormont para a ave. O Velho Urso era orgulhoso demais para admitir fraqueza, mas Jon não se deixava enganar. O esforço de acompanhar os homens mais novos estava custando caro.

– Esta elevação será fácil de defender se for necessário – notou Thoren enquanto levava o cavalo ao longo do anel de pedras, com o vento agitando seu manto forrado de zibelina.

– Sim, este lugar servirá – o Velho Urso ergueu uma mão para o vento, e o corvo aterrissou em seu antebraço, arranhando com as garras a cota de malha negra.

– E a água, senhor? – Jon quis saber.

– Atravessamos um riacho no sopé do monte.

– Uma longa subida para beber água – Jon observou –, e fora do anel de pedra.

Thoren rebateu:

– É preguiçoso demais para subir um monte, rapaz?

Lorde Mormont interveio:

– Não é provável que encontremos outro local tão forte como este. Vamos transportar água e nos assegurar de estarmos bem abastecidos.

Jon sabia que não devia discutir. E, assim, a ordem foi dada e os irmãos da Patrulha da Noite montaram o acampamento por trás do anel de pedra que os Primeiros Homens tinham construído. Tendas negras nasceram como cogumelos depois da chuva, e cobertores e camas de campanha cobriram o terreno nu. Intendentes amarraram os garranos em longas fileiras, e lhes deram água e alimento. Lenhadores levaram seus machados até as árvores, à luz da tarde que se escoava, a fim de colher madeira suficiente para a noite. Vinte construtores puseram-se a limpar a vegetação rasteira, cavar latrinas e desatar os feixes de estacas endurecidas pelo fogo que tinham trazido.

– Quero ver todas as aberturas do muro entrincheiradas e com estacas antes de a noite cair – ordenou o Velho Urso.

Depois de armar a tenda do Senhor Comandante e de cuidar dos cavalos, Jon Snow desceu o monte em busca de Fantasma. O lobo gigante veio de imediato, num silêncio total. Num momento, Jon caminhava a passos largos por entre as árvores, assobiando e gritando, sozinho no verde, com pinhas e folhas caídas sob os pés; no seguinte, o grande lobo gigante branco andava a seu lado, alvo como a neblina da manhã.

Mas, quando chegaram ao forte anelar, Fantasma voltou a se mostrar renitente. Avançou com cautela para farejar a abertura nas pedras e depois recuou, como se não tivesse gostado do cheiro que sentiu. Jon tentou agarrá-lo pelo cangote e arrastá-lo à força para dentro do anel, o que não era tarefa fácil; o lobo pesava tanto quanto ele, e era muito mais forte.

– Fantasma, *qual* é o seu problema? – o lobo não era de se mostrar tão perturbado. Por fim, Jon teve de desistir: – Faça como quiser. Vai, pode caçar – os olhos vermelhos ficaram observando-o enquanto abria caminho por entre as pedras cobertas de musgo.

Deviam estar em segurança ali. O monte tinha uma posição dominante, e as vertentes norte e oeste formavam precipícios e eram apenas um pouco mais suaves para leste. No entanto, à medida que o ocaso se aprofundava e a escuridão deslizava pelos espaços vazios entre as árvores, a sensação de mau agouro cresceu dentro de Jon. *Esta é a floresta assombrada*, disse a si mesmo. *Talvez haja fantasmas aqui, o espírito dos Primeiros Homens. Um dia, este lugar lhes pertenceu.*

– Pare de agir como um garoto – murmurou consigo mesmo. Subindo nas pedras empilhadas, Jon dirigiu o olhar para o sol poente. Conseguia ver a luz tremeluzindo como ouro martelado na superfície do Guadeleite no ponto em que o rio curvava para sul. Em direção à nascente, o terreno era mais irregular, a floresta densa dava lugar a uma série de montes pedregosos e nus que subiam, altos e bravios, para norte e oeste. No horizonte, as montanhas erguiam-se como uma grande sombra, cordilheira após cordilheira estendendo-se na distância azul-acinzentada,

com os picos recortados, perpetuamente revestidos de neve. Mesmo de longe, pareciam vastas, frias e inóspitas.

Mais perto dali, eram as árvores que governavam. Para sul e para leste, a floresta estendia-se até o horizonte, um vasto emaranhado de raízes e ramos pintado em diversos tons de verde, com uma mancha de vermelho aqui e ali, onde um represeiro abria caminho por entre os pinheiros e as árvores-sentinela, ou uma gota de amarelo nos locais em que algumas árvores latifoliadas tinham começado a mudar de cor. Quando o vento soprou, Jon conseguiu ouvir o estalar e ranger de galhos mais velhos do que ele. Mil folhas esvoaçaram, e por um momento a floresta pareceu um mar de um verde profundo, tempestuoso e palpitante, eterno e impossível de conhecer.

Jon refletiu que não era provável que Fantasma estivesse sozinho lá embaixo. Qualquer coisa podia estar em movimento sob aquele mar, rastejando através da escuridão dos bosques na direção do forte anelar, escondida sob aquelas árvores. *Qualquer coisa*. Como poderiam chegar a saber? Ficou ali por muito tempo, até o sol desaparecer por trás dos picos serrados das montanhas e a escuridão começar a deslizar pela floresta.

– Jon? – Samwell Tarly o chamou. – Bem que achei que fosse você. Está bem?

– Suficientemente bem – Jon saltou para baixo. – Como passou o dia hoje?

– Bem. Passei bem. De verdade.

Jon não dividiria suas inquietações com o amigo, ainda mais no momento em que Samwell Tarly parecia por fim começar a encontrar sua coragem.

– O Velho Urso pretende esperar aqui por Qhorin Meia-Mão e pelos homens vindos da Torre Sombria.

– Parece um local seguro – Sam respondeu. – Um forte anelar dos Primeiros Homens. Acha que houve batalhas travadas aqui?

– Sem dúvida. É melhor que prepare uma ave. Mormont vai querer enviar notícias.

– Gostaria de poder enviar todas. Detestam estar engaioladas.

– Também detestaria, se pudesse voar.

– Se eu pudesse voar, estaria de volta ao Castelo Negro, comendo um empadão de porco.

Com a mão queimada, Jon deu uma palmada no ombro do amigo. Atravessaram juntos o acampamento. Fogueiras para cozinhar eram acesas por todo lado. Em cima, as estrelas iam aparecendo. A longa cauda vermelha do Archote de Mormont ardia, luminosa como a lua. Jon ouviu os corvos antes de vê-los. Alguns chamavam por seu nome. As aves não se acanhavam quando se tratava de fazer barulho.

*Eles também sentem isso.*

– É melhor que eu vá atender ao Velho Urso – Jon falou. – Ele também fica barulhento quando não é alimentado.

Foi encontrar Mormont conversando com Thoren Smallwood e meia dúzia de outros oficiais.

– Aqui está você – disse o velho em tom rabugento. – Traga-nos um pouco de vinho quente, por favor. A noite está gelada.

– Sim, senhor.

Jon acendeu uma fogueira, requisitou aos homens do abastecimento um pequeno barril do tinto encorpado que Mormont preferia e despejou-o numa chaleira. Pendurou-a sobre as chamas enquanto reunia o resto dos ingredientes. O Velho Urso era exigente com o vinho quente condimentado. Tanto de canela, tanto de noz-moscada e tanto de mel, nem um tiquinho a mais. Passas, nozes e bagas secas sim, mas nada de limão, isso era o mais asqueroso tipo de heresia sulista… O que, para Jon, era estranho, uma vez que sempre punha limão na cerveja matinal. A bebida devia estar quente para aquecer devidamente um homem, insistia o Senhor Comandante, mas nunca se podia permitir que o vinho começasse a ferver. Jon vigiou a chaleira com olhos cuidadosos.

Enquanto trabalhava, conseguia ouvir as vozes que vinham de dentro da tenda. Jarman Buckwell disse:

– O caminho mais fácil para subir as Presas de Gelo é seguindo o Guadeleite até a nascente. Mas se formos por aí, Rayder saberá da nossa aproximação, tão certo como o nascer do sol.

– A Escada do Gigante pode servir – Sor Mallador Locke observou –, ou o Passo dos Guinchos, se estiver limpo.

O vinho fumegava. Jon tirou a chaleira do fogo, encheu oito taças e as levou para a tenda. O Velho Urso espiava o mapa rudimentar que Sam lhe havia desenhado na Fortaleza de Craster. Tirou uma taça do tabuleiro de Jon, experimentou o vinho e fez um aceno brusco de aprovação. O corvo saltou de seu braço. "*Grão. Grão. Grão*."

Sor Ottyn Wythers recusou o vinho com um gesto.

– Eu preferia evitar a todo custo a entrada nas montanhas – o homem disse numa voz fraca e fatigada. – As Presas de Gelo mordem cruelmente, mesmo no Verão, e agora… Se formos apanhados por uma tempestade…

– Não pretendo arriscar as Presas, a menos que tenhamos de fazer isso – Mormont respondeu. – Os selvagens não são mais capazes de viver de neve e pedra do que nós. Irão emergir das alturas em breve, e para qualquer tropa de um tamanho razoável, a única rota possível segue o Guadeleite. Se assim for, temos aqui uma posição forte. Eles não podem esperar escapar de nós.

– Podem não querer escapar. São milhares, e nós seremos trezentos quando Meia-Mão nos alcançar – Sor Mallador aceitou a taça que Jon lhe oferecia.

– Se chegar a haver batalha, não poderíamos desejar posição melhor do que esta – Mormont voltou a insistir. – Reforçaremos as defesas. Fossos e espigões, estrepes espalhadas pelas vertentes, com todas as brechas fechadas. Jarman, quero seus olhos mais aguçados como vigias. Dispostos em anel, à nossa volta e ao longo do rio, para nos prevenirem de qualquer aproximação. Esconda-os nas árvores. E é melhor começarmos também a trazer água para cima, mais do que precisamos. Escavaremos cisternas. Isso manterá os homens ocupados, e pode se mostrar necessário mais tarde.

– Meus patrulheiros… – começou Thoren Smallwood.

– Seus patrulheiros limitarão as patrulhas a este lado do rio até que Meia-Mão nos alcance. Depois disso, veremos. Não perderei mais de

meus homens.

– Mance Ryder pode estar reunindo sua tropa a um dia de viagem daqui, e nunca o saberemos – Smallwood protestou.

– Nós sabemos onde os selvagens estão se juntando – Mormont rebateu. – Craster nos disse. Não gosto do homem, mas não me parece que tenha mentido quanto a isso.

– Às suas ordens – Smallwood saiu carrancudo. Os outros terminaram o vinho e seguiram-no, com mais cortesia.

– Devo trazer seu jantar, senhor? – Jon perguntou.

"*Grão*", gritou o corvo. Mormont não respondeu logo. E, quando o fez, disse apenas:

– Seu lobo encontrou caça hoje?

– Ainda não voltou.

– Seria bom termos carne fresca – Mormont enfiou a mão num saco e ofereceu um punhado de milho ao corvo. – Acha que faço mal em manter os patrulheiros por perto?

– Isso não me cabe dizer, senhor.

– Cabe, se eu perguntar.

– Se os patrulheiros tiverem de permanecer à vista do Punho, não vejo como podem ter esperança de encontrar meu tio – Jon admitiu.

– Não podem – o corvo bicou os grãos na mão do Velho Urso. – Sejam duzentos homens ou dez mil, esta terra é vasta demais – desaparecido o milho, Mormont virou a mão.

– Não está pensando em desistir da busca, está?

– Meistre Aemon pensa que você é esperto.

Mormont deslocou o corvo para o ombro. A ave inclinou a cabeça para um lado, com os olhinhos brilhando. A resposta encontrava-se ali.

– É… Parece-me que pode ser mais fácil a um homem encontrar duzentos do que duzentos encontrarem um.

O corvo soltou um guincho zombeteiro, mas o Velho Urso sorriu por entre a barba cinza.

– Todos esses homens e cavalos deixam um rastro que até Aemon seria capaz de seguir. Neste monte, nossas fogueiras devem estar visíveis até o

sopé das Presas de Gelo. Se Ben Stark estiver vivo e livre, virá até nós, não tenho qualquer dúvida.

– Sim – Jon respondeu –, mas… e se…

– … estiver morto? – Mormont concluiu, num tom que não era desprovido de gentileza.

Jon confirmou, relutante, com a cabeça.

"*Morto*", disse o corvo. "*Morto. Morto.*"

– Pode vir mesmo assim até nós – o Velho Urso disse. – Como fez Othor, e Jafer Flowers. Temo isso tanto quanto você, Jon, mas temos de admitir a possibilidade.

"*Morto*," crocitou o corvo, sacudindo as asas. A voz da ave subiu de intensidade e tornou-se mais estridente. "*Morto.*"

Mormont afagou as penas negras da ave e abafou um súbito bocejo com as costas da mão.

– Creio que vou dispensar o jantar. O descanso vai me servir melhor. Acorde-me à primeira luz da aurora.

– Durma bem, senhor.

Jon recolheu as taças vazias e saiu. Ouviu risos distantes, e o som lamentoso de uma gaita. Uma grande fogueira crepitava no centro do acampamento, e Jon conseguia sentir o cheiro do guisado sendo cozido. O Velho Urso podia não ter fome, mas ele tinha, e se aproximou calmamente do fogo.

Dywen parecia discursar, de colher na mão:

– Conheço esta floresta tão bem quanto qualquer homem vivo, e digo-lhes que não gostaria de percorrê-la sozinho esta noite. Não sentem o cheiro?

Grenn olhava-o com os olhos muito abertos, mas Edd Doloroso disse:

– O cheiro que sinto é o da merda de duzentos cavalos. E deste guisado. Que tem quase o mesmo aroma bem aqui, agora que o cheiro bem.

– Tenho seu *aroma parecido* bem aqui – Hake deu um tapinha na adaga, e, resmungando, encheu a tigela de Jon.

O guisado era engrossado com cevada, cenoura, cebola e um fiapo de charque aqui e ali, amaciado pela fervura.

– Como é que cheira para você, Dywen? – Green quis saber.

O lenhador colocou a colher na boca um momento. Tinha tirado os dentes. Seu rosto era enrugado, semelhante a couro, e suas mãos nodosas, como velhas raízes.

– Parece-me que tem cheiro… bem… de *frio*.

– Sua cabeça é tão feita de madeira como seus dentes – disse-lhe Hake. – Não existe cheiro de frio.

*Existe*, Jon respondeu em pensamento, lembrando-se da noite nos aposentos do Senhor Comandante. *Tem cheiro de morte*. De repente, sua fome desapareceu. Deu o guisado a Grenn, que parecia precisar de um jantar extra para se aquecer contra a noite.

O vento soprava fresco quando saiu. De manhã, a geada cobriria o chão e as cordas das tendas estariam rígidas e congeladas. Alguns dedos de vinho condimentado sacolejavam dentro da chaleira. Jon alimentou a fogueira com madeira fresca e pôs a chaleira sobre as chamas, para voltar a aquecê-la. Flexionou os dedos enquanto esperava, fechando-os e esticando-os até a mão começar a formigar. Os vigias do primeiro turno tinham ocupado seus lugares em volta do perímetro do acampamento. Archotes tremeluziam ao longo da muralha anelar. A noite não tinha lua, mas mil estrelas brilhavam por cima de sua cabeça.

Um som ergueu-se da escuridão, tênue e distante, mas inconfundível: uivos de lobos. Suas vozes subiam e desciam, uma canção gelada e solitária. Fazia que os pelos na parte de trás do seu pescoço se eriçassem. Do outro lado da fogueira, um par de olhos vermelhos olhou-o das sombras. A luz das chamas fazia-os cintilar.

– Fantasma – Jon suspirou, surpreso. – Então finalmente entrou, hã? – era frequente que o lobo branco ficasse caçando a noite toda; não esperara voltar a vê-lo antes do nascer do dia. – A caça foi assim tão ruim? Vem cá. Aqui, Fantasma.

O lobo gigante deu a volta na fogueira, farejando Jon, farejando o vento, sem nunca ficar quieto. Não parecia desejar carne naquele momento. *Quando os mortos se levantaram, Fantasma soube. Acordou-me, preveniu-me*. Alarmado, pôs-se em pé.

– Tem alguma coisa lá fora? Fantasma, pegou um cheiro? – *Dywen disse que tinha cheiro de frio.*

O lobo gigante afastou-se com um salto, parou, olhou para trás. *Ele quer que o siga*. Puxando o capuz do manto para cima, Jon afastou-se das tendas, do calor da sua fogueira, e passou pelas fileiras de pequenos garranos hirsutos. Um dos cavalos relinchou nervosamente quando Fantasma passou perto dele. Jon acalmou-o com uma palavra e fez uma pausa para afagar seu focinho. Conseguiu ouvir o vento assobiando através das fendas entre as pedras quando se aproximaram do muro circular. Uma voz proferiu um desafio. Jon saiu para a luz do archote.

– Tenho de ir buscar água para o Senhor Comandante.

– Então vá – disse o guarda. – E rápido – aninhado no interior do manto branco, com o capuz erguido contra o vento, o homem nem o olhou para ver se trazia um balde.

Jon deslizou de lado entre duas estacas afiadas, enquanto Fantasma se esgueirava por baixo delas. Uma tocha tinha sido atirada para dentro de uma fenda, e suas chamas flamejavam como bandeiras de um tom laranja claro quando as rajadas de vento sopravam. Jon pegou-a enquanto se encolhia pela fenda entre as pedras. Fantasma desceu o monte correndo. Jon seguiu-o mais devagar, com a tocha erguida à frente enquanto descia. Os sons do acampamento desvaneceram-se às suas costas. A noite estava negra, e a encosta era íngreme, pedregosa e irregular. Uma desatenção momentânea seria o jeito certo de quebrar um tornozelo… ou o pescoço. *O que estou fazendo?*, perguntou-se enquanto procurava o caminho.

As árvores erguiam-se por baixo, guerreiros com armaduras de casca e folha, alinhados em suas fileiras silenciosas à espera da ordem de atacar o monte. Pareciam negras… Era só quando a luz da tocha por elas passava que Jon vislumbrava um clarão de verde. Tenuemente, ouvia o som de água fluindo sobre rochas. Fantasma desapareceu na vegetação rasteira. Jon lutou para segui-lo, escutando o chamado do riacho, os suspiros das folhas ao vento. Raminhos agarraram-se ao seu manto, enquanto por cima de sua cabeça galhos mais grossos se entrelaçavam e escondiam as estrelas.

Encontrou Fantasma bebendo do riacho

– *Fantasma*, aqui. *Já* – quando o lobo gigante levantou a cabeça, seus olhos brilharam, vermelhos e sinistros, e água escorreu de suas mandíbulas como saliva. Naquele instante, havia nele algo de feroz e terrível. E então partiu, passando por Jon aos saltos, correndo através das árvores. – Fantasma, *não*, fica – ele gritou, mas o lobo não prestou atenção. A esguia silhueta branca foi engolida pela escuridão, e Jon ficou apenas com duas possibilidades… Voltar a subir o monte, sozinho, ou segui-lo.

Seguiu-o, zangado, segurando baixo a tocha, para conseguir ver as pedras que ameaçavam fazê-lo tropeçar a cada passo, as espessas raízes que pareciam se agarrar aos seus pés, os buracos onde um homem podia torcer o tornozelo. A cada par de metros voltava a chamar por Fantasma, mas o vento noturno rodopiava por entre as árvores e engolia as palavras. *Isso é uma loucura*, Jon pensou enquanto mergulhava mais profundamente entre as árvores. Estava quase voltando quando vislumbrou um clarão branco mais à frente e à direita, na direção do monte. Correu atrás dele, praguejando em voz baixa.

Perseguiu o lobo por um quarto de hora ao redor do Punho antes de voltar a perdê-lo de vista. Por fim, parou para recuperar o fôlego em meio aos arbustos, espinheiros e pedras tombadas no sopé do monte. Para lá da luz da tocha, a escuridão apertava-se.

Um som suave, como o de algo sendo arranhado, fez com que ele se virasse. Andou na direção do som, pondo os pés com cuidado entre pedregulhos e espinheiros. Atrás de uma árvore caída, voltou a encontrar Fantasma. O lobo gigante cavava furiosamente, arremessando terra para todos os lados.

– O que encontrou? – Jon abaixou a tocha, e a luz lhe revelou um montículo arredondado de terra mole. *Uma sepultura*, pensou. *Mas de quem?*

Jon se ajoelhou e espetou a tocha na terra a seu lado. A terra era solta, arenosa. Ele começou a cavar com as mãos. Não havia pedras nem raízes. O que quer que ali estivesse, tinha sido lá colocado recentemente. Meio

metro mais abaixo, seus dedos tocaram em tecido. Esperara encontrar um cadáver, temera encontrá-lo, mas aquilo era outra coisa. Fez força contra o tecido e sentiu por baixo formas pequenas e duras, que não cediam. Não havia nenhum cheiro, nenhum sinal de vermes. Fantasma recuou e se sentou, observando.

Jon sacudiu a terra solta, revelando uma trouxa arredondada com cerca de meio metro de diâmetro. Enfiou os dedos pelas beiradas e conseguiu soltá-la. Quando a puxou, o que quer que estivesse lá dentro deslocou-se e tiniu. *Um tesouro*, pensou, mas a forma não correspondia à de moeda, e o *som* não era o de metal.

Um pedaço de corda gasta atava a trouxa. Jon desembainhou o punhal e a cortou, procurou cuidadosamente as extremidades do tecido e puxou. A trouxa se abriu, e seu conteúdo espalhou-se no chão, cintilando, escuro e brilhante. Viu uma dúzia de facas, pontas de lança em forma de folha, numerosas pontas de flecha. Jon pegou uma lâmina de punhal, leve como uma pena e de um negro brilhante, sem cabo. A luz da tocha correu ao longo de seu gume, uma fina linha laranja que indicava algo afiado como uma navalha. *Vidro de dragão. Aquilo que os meistres chamam de obsidiana*. Teria Fantasma descoberto algum antigo esconderijo dos filhos da floresta, ali enterrado há milhares de anos? O Punho dos Primeiros Homens era um lugar antigo, mas…

Por baixo do vidro de dragão estava um velho corno de guerra, feito de chifre de auroque com faixas de bronze. Jon sacudiu-o, e uma torrente de pontas de flecha jorrou lá de dentro. Deixou-as cair, e puxou um canto do pano em que as armas tinham sido envolvidas, esfregando-o entre os dedos. *Boa lã, espessa, de malha dupla, úmida, mas não apodrecida*. Não podia ter ficado muito tempo no chão. E era *escura*. Agarrou um pedaço e aproximou-o do archote. *Escura não. Negra*.

Mesmo antes de Jon se levantar e sacudir o que tinha na mão, sabia o que era: o manto negro de um Irmão Juramentado da Patrulha da Noite.

# Bran

Alebelly foi encontrá-lo na forja, trabalhando nos foles para Mikken.

– Meistre o quer no torreão, senhor príncipe. Chegou uma ave do rei.

– De Robb?

Excitado, Bran não esperou por Hodor, e deixou que Alebelly subisse os degraus levando-o no colo. Era um homem grande, embora não tanto quanto Hodor, e nem de longe tão forte. Quando chegaram ao torreão do meistre, o homem tinha o rosto vermelho e arquejava. Rickon chegara antes deles, e ambos os Walder Frey também.

Meistre Luwin mandou Alebelly embora e fechou a porta.

– Senhores – disse em tom grave –, recebemos uma mensagem de Sua Graça, com boas e más notícias. Conseguiu uma grande vitória no oeste, desbaratando um exército Lannister num lugar chamado Cruzaboi, e tomou também vários castelos. Escreve-nos de Cinzamarca, anteriormente o castro da Casa Marbrand.

Rickon puxou a toga do meistre:

– Robb vem para casa?

– Temo que não. Ainda há batalhas para lutar.

– Foi Lorde Tywin que ele derrotou? – Bran perguntou.

– Não – o meistre respondeu. – Quem comandava a tropa inimiga era Sor Stafford Lannister. Foi morto na batalha.

Bran nunca ouvira falar de Sor Stafford Lannister. Acabou concordando com o Grande Walder quando ele disse:

– Lorde Tywin é o único que importa.

– Diga a Robb que quero que venha para casa – Rickon pediu. – Também pode trazer o lobo dele, e a mãe e o pai – embora soubesse que

Lorde Eddard estava morto, às vezes Rickon se esquecia… e Bran suspeitava que fazia isso de propósito. O irmão mais novo era teimoso como só um garoto de quatro anos sabia ser.

Bran sentia-se contente pela vitória de Robb, mas também inquieto. Lembrou-se do que Osha dissera no dia em que o irmão saíra de Winterfell à frente de seu exército. *Ele marcha na direção errada*, insistira a selvagem.

– Infelizmente, não há vitória que não tenha seu preço – Meistre Luwin virou-se para os Walder. – Senhores, seu tio, Sor Stevron Frey, está entre aqueles que perderam a vida em Cruzaboi. Robb escreve que foi ferido na batalha. Não achavam que fosse algo sério, mas três dias mais tarde morreu na tenda enquanto dormia.

Grande Walder encolheu os ombros:

– Era muito velho. Sessenta e cinco anos, acho eu. Velho demais para batalhas. Andava sempre dizendo que estava cansado.

Pequeno Walder soltou um assobio:

– Cansado de esperar que o nosso avô morra, você quer dizer. Isso significa que Sor Emmon é agora o herdeiro?

– Não seja burro – o primo rebateu. – Os filhos do primogênito vêm antes do segundo filho. O seguinte na linha de sucessão é Sor Ryman, e depois Edwyn, e Walder Negro e Petyr Espinha. E depois Aegon, e todos os filhos *dele*.

– Ryman também é velho – disse o Pequeno Walder. – Já passou dos quarenta, aposto. E tem uma barriga ruim. Acha que ele vai ser o senhor?

– *Eu* serei o senhor. Não me interessa se ele é ou não.

Meistre Luwin o interrompeu com intensidade:

– Deveriam ter vergonha dessa conversa, senhores. Onde está o pesar de vocês? Seu tio está morto.

– Sim – disse o Pequeno Walder. – Estamos muito tristes.

Mas não estavam. Bran teve uma sensação estranha na barriga. *Gostam mais do sabor deste prato do que eu*. Pediu ao Meistre Luwin licença para se retirar.

– Muito bem – o meistre fez soar a sineta para que a ajuda viesse. Hodor devia estar ocupado nos estábulos. Foi Osha quem apareceu. Mas a mulher era mais forte do que Alebelly, e não teve problemas em erguer Bran nos braços e levá-lo degraus abaixo.

– Osha – Bran perguntou enquanto atravessavam o pátio. – Você conhece o caminho para o norte? Até a Muralha e… e mesmo para além dela?

– O caminho é simples. Procure o Dragão de Gelo e siga a estrela azul no olho do cavaleiro – ela atravessou uma porta de costas e começou a subir os degraus em espiral.

– E ainda existem gigantes lá, e… o resto… os Outros, e também os filhos da floresta?

– Os Gigantes eu vi, dos filhos ouvi falar em histórias, e os caminhantes brancos… Por que você quer saber?

– Alguma vez viu um corvo com três olhos?

– Não – ela riu. – E não posso dizer que queira vê-lo – Osha abriu a porta do quarto de Bran com um chute e colocou-o no banco da janela, de onde podia observar o pátio lá embaixo.

Pareceu não se passar mais do que alguns instantes antes de a porta voltar a se abrir e Jojen Reed entrar sem ser convidado, com a irmã Meera logo atrás.

– Ouviu falar do pássaro? – Bran perguntou. O outro rapaz fez que sim com a cabeça. – Não foi um jantar, como você disse. Foi uma carta de Robb, e não a comemos, mas…

– Às vezes, os sonhos verdes tomam estranhas formas – Jojen admitiu. – A verdade que contêm nem sempre é fácil de compreender.

– Conte-me a coisa ruim que sonhou – Bran pediu. – A coisa ruim que vem a caminho de Winterfell.

– O senhor meu príncipe agora acredita em mim? Vai confiar em minhas palavras, por mais estranhas que pareçam aos seus ouvidos?

Bran assentiu com um aceno.

– O que vem a caminho é o mar.

– O *mar*?

– Sonhei que o mar ondulava ao redor de Winterfell. Vi ondas negras esmagando-se contra os portões e as torres, e depois a água salgada entrou por cima das muralhas e encheu o castelo. Homens afogados boiavam no pátio. Quando sonhei o sonho pela primeira vez, ainda na Água Cinzenta, não conhecia seus rostos, mas agora conheço. Aquele Alebelly é um deles, o guarda que gritou os nossos nomes no banquete. Seu septão é outro. O ferreiro também.

– Mikken? – Bran sentia-se tão confuso quanto consternado. – Mas o mar fica a centenas e centenas de milhas daqui, e as muralhas de Winterfell são tão altas que a água não poderia entrar, mesmo se viesse.

– Na calada da noite, o mar salgado fluirá sobre essas muralhas – Jojen insistiu. – Vi os mortos, inchados e afogados.

– Temos de contar para eles – Bran retrucou. – Para todos, Alebelly, Mikken e Septão Chayle. Contar para que eles não se afoguem.

– Isso não os salvará – respondeu o rapaz vestido de verde.

Meera veio até o banco da janela e pôs uma mão no ombro de Bran.

– Eles não acreditarão, Bran. Não acreditarão mais do que você.

Jojen sentou-se na cama.

– Conte-me o que *você* sonhou.

Bran sentia-se assustado, mesmo agora, mas tinha jurado confiar neles, e um Stark de Winterfell mantém a palavra dada.

– Há vários tipos de sonhos – ele disse lentamente. – Há os sonhos de lobo; esses não são tão ruins quanto os outros. Corro, caço e mato esquilos. E há sonhos em que o corvo vem e me diz para voar. Às vezes, a árvore também está nesses sonhos, chamando meu nome. Isso me assusta. Mas os piores sonhos são quando caio – olhou para baixo, para o pátio, sentindo-se infeliz. – Antes nunca caía. Quando escalava. Ia a todos os lados, pelos telhados e ao longo das paredes, costumava dar comida aos corvos na Torre Queimada. Minha mãe tinha medo de que eu caísse, mas eu sabia que nunca cairia. Só que caí, e agora, quando durmo, caio sempre.

Meera deu um apertão em seu ombro.

– É tudo?

– Acho que sim.

– *Warg* – Jojen Reed disse.

Bran olhou para ele, com os olhos dilatados.

– O quê?

– *Warg*. Transmorfo. Lobisomem. É como o chamarão, se alguma vez ouvirem falar dos sonhos de lobo.

Os nomes deixaram-no de novo com medo.

– *Quem* me chamará disso?

– Seu próprio povo. Com medo. Alguns vão odiá-lo se souberem o que é. Alguns tentarão até mesmo matá-lo.

A Velha Ama às vezes contava histórias assustadoras sobre lobisomens e transmorfos. Nas histórias, eles eram sempre malignos.

– Eu não sou assim – Bran protestou. – *Não* sou. São só sonhos.

– Os sonhos de lobo não são sonhos de verdade. Seu olho está bem fechado sempre que está acordado, mas, quando adormece, ele abre, e sua alma procura sua outra metade. O poder é forte em você.

– Não o quero. Quero ser um *cavaleiro*.

– Um cavaleiro é o que você quer ser. Um *warg* é o que você é. Não pode mudar isso, Bran, não pode negar ou deixar para lá. É o lobo alado, mas nunca voará – Jojen levantou-se e caminhou até a janela. – A não ser que *abra o seu olho* – juntou dois dedos e bateu na testa de Bran, com força.

Quando levou a mão ao local, Bran sentiu apenas a pele lisa e contínua. Não havia nenhum olho, nem mesmo um olho fechado.

– Como posso abri-lo se não está aí?

– Nunca vai encontrar o olho com os dedos, Bran. Você deve procurá-lo com o coração – Jojen estudou o rosto de Bran com aqueles estranhos olhos verdes. – Ou será que tem medo?

– Meistre Luwin diz que não existe nada nos sonhos que um homem deva temer.

– Existe, sim – Jojen discordou.

– O quê?

– O passado. O futuro. A verdade.

Os irmãos o deixaram mais desnorteado que nunca. Quando ficou sozinho, Bran tentou abrir o terceiro olho, mas não sabia como. Por mais que enrugasse a testa e nela espetasse os dedos, não via de modo diferente do que antes. Nos dias que se seguiram, tentou prevenir os outros a respeito do que Jojen tinha dito, mas as coisas não correram como pretendia. Mikken achou a história engraçada.

– O mar, é? Acontece que sempre quis ver o mar. Mas nunca fui a um lugar onde pudesse fazer isso. Então ele vem até mim, é? Os deuses são bons para se incomodarem tanto com um pobre ferreiro.

– Os deuses vão me levar quando acharem adequado – Septão Chayle disse calmamente. – Embora pense ser pouco provável que me afogue, Bran. Cresci nas margens do Faca Branca, sabe? Sou um nadador bastante bom.

Alebelly foi o único que prestou alguma atenção ao aviso. Foi falar com Jojen, e depois deixou de tomar banho e recusou-se a se aproximar do poço. Por fim, ficou tão malcheiroso que os outros guardas o atiraram para dentro de uma banheira de água escaldante e o esfregaram até ficar com a pele em carne viva, enquanto gritava que iam afogá-lo como o rapaz-rã tinha dito. Depois daquilo, começou a franzir a testa sempre que via Bran ou Jojen no castelo, e resmungava consigo mesmo.

Foi alguns dias depois do banho de Alebelly que Sor Rodrik voltou a Winterfell com o prisioneiro, um jovem grande, com lábios gordos e úmidos e cabelo longo que cheirava como uma latrina, ainda pior do que Alebelly antes do banho.

– Chamam-no de Fedor – disse Hayhead quando Bran perguntou quem era. – Nunca ouvi seu nome verdadeiro. Servia o bastardo de Bolton e o ajudou a assassinar a Senhora Hornwood, segundo dizem.

Naquela noite, no jantar, Bran soube que o próprio bastardo estava morto. Os homens de Sor Rodrik tinham-no apanhado nas terras dos Hornwood fazendo qualquer coisa de horrível (Bran não tinha bem certeza do que, mas parecia ser algo que se fazia sem roupas) e tinham-no abatido com flechas quando tentara escapar. Mas tinham chegado tarde demais para salvar a pobre Senhora Hornwood. Depois do

casamento, o Bastardo trancara-a numa torre e negligenciara sua alimentação. Bran ouviu homens dizendo que, quando Sor Rodrik arrombou a porta, a encontrou com a boca ensanguentada e os dedos arrancados às mordidas.

– O monstro deixou-nos um nó cheio de espinhos – disse o velho cavaleiro a Meistre Luwin. – Quisesse ou não, a Senhora Hornwood era sua esposa. Obrigou-a a proferir os votos perante tanto um septão como uma árvore-coração, e deitou-se com ela naquela mesma noite, diante de testemunhas. Ela assinou um testamento nomeando-o herdeiro e nele afixou seu selo.

– Votos proferidos sob a ameaça de uma espada não são válidos – contestou o meistre.

– Roose Bolton pode não concordar. Em especial quando há terras em questão – Sor Rodrik fez uma expressão infeliz. – Gostaria de também ter cortado a cabeça desse criado, ele é tão mau como seu senhor. Mas temo que tenhamos de mantê-lo vivo até que Robb volte de suas batalhas. É a única testemunha dos piores crimes do Bastardo. Talvez Lorde Bolton abandone a pretensão quando ouvir sua história; entretanto, temos cavaleiros Manderly e homens do Forte do Pavor matando-se uns aos outros nas florestas dos Hornwood, e faltam-me forças para obrigá-los a parar – o velho cavaleiro virou-se na cadeira e lançou a Bran um olhar severo. – E o que tem andado fazendo enquanto eu estive fora, senhor meu príncipe? Ordenando aos nossos guardas que não se lavem? Quer que cheirem como este Fedor, é isso?

– O mar está vindo até aqui – Bran insistiu. – Jojen viu isso num sonho verde. Alebelly vai se afogar.

Meistre Luwin pegou em sua corrente:

– O rapaz Reed crê que vê o futuro nos sonhos, Sor Rodrik. Conversei com Bran sobre a incerteza de tais profecias, mas, a bem da verdade, *há* problemas ao longo da Costa Pedregosa. Corsários em dracares saqueando aldeias de pescadores. Violando e queimando. Leobald Tallhart enviou o sobrinho Benfred para lidar com eles, mas suponho que

embarcarão em seus navios e fugirão assim que virem homens com armaduras.

– É... Para atacar em outro lugar qualquer. Que os Outros levem todos esses covardes. Nunca se atreveriam, tal como o bastardo de Bolton, se a nossa força principal não estivesse a mil léguas para sul – Sor Rodrik olhou para Bran. – O que mais o rapaz lhe disse?

– Disse que a água fluiria sobre as muralhas. Viu Alebelly afogado, e também Mikken e Septão Chayle.

Sor Rodrik franziu o cenho.

– Bem, assim sendo, caso tenha de avançar em pessoa contra esses corsários, não levarei Alebelly. Ele não *me* viu afogado, certo? Não? Ótimo.

Ouvir aquilo encorajou Bran. *Assim eles talvez não se afoguem*, pensou. *Se ficarem longe do mar.*

Meera achou o mesmo, mais tarde, naquela noite, quando, com Jojen, se encontrou com Bran em seu quarto para uma partida a três de jogo de pedras, mas o irmão discordou.

– As coisas que vejo nos sonhos verdes não podem ser alteradas.

Aquilo irritou a irmã.

– Por que os deuses enviariam um aviso se não pudermos prestar atenção nele e mudar o que está por vir?

– Não sei – Jojen respondeu com uma voz triste.

– Se você fosse Alebelly, provavelmente iria atirá-lo em um poço para resolver o assunto! Deveríamos *lutar*, e Bran também.

– Eu? – Bran sentiu-se de súbito com medo. – Com o que deveria eu lutar? Também vou me afogar?

Meera olhou-o com um ar de culpa.

– Eu não devia ter dito…

Bran percebeu que ela estava escondendo alguma coisa:

– Você me viu num sonho verde? – perguntou nervosamente a Jojen. – Estava afogado?

– Afogado, não – Jojen falava como se cada palavra lhe doesse. – Sonhei com o homem que chegou hoje, aquele que chamam de Fedor.

Você e seu irmão estavam mortos aos seus pés, e ele estava esfolando seus rostos com uma longa lâmina vermelha.

Meera pôs-se em pé.

– Se eu fosse à masmorra, podia enfiar uma lança no coração dele. Como poderia assassinar Bran se estivesse morto?

– Os carcereiros iriam impedi-la – Jojen lembrou-lhe. – E se lhes dissesse o motivo pelo qual o queria morto, nunca acreditariam.

– Eu também tenho guardas – lembrou-lhes Bran. – Alebelly, Poxy Tym, Hayhead e os outros.

Os olhos de musgo de Jojen estavam cheios de piedade.

– Eles não serão capazes de impedi-lo, Bran. Não consegui ver por que, mas vi o fim. Vi você e Rickon em sua cripta, lá embaixo, no escuro, com todos os reis mortos e seus lobos de pedra.

*Não*, Bran pensou. *Não*.

– Se eu fosse embora… para a Água Cinzenta, ou para o corvo, para algum lugar distante onde não consigam me encontrar…

– Não fará diferença. O sonho era verde, Bran, e os sonhos verdes não mentem.

# Tyrion

Varys estava em pé junto ao braseiro, aquecendo suas delicadas mãos.

– Parece que Renly foi assassinado de forma muito terrível no meio de seu exército. Sua garganta foi aberta de orelha a orelha por uma lâmina que passou por aço e osso como se fossem queijo mole.

– Assassinado pelas mãos de quem? – Cersei quis saber.

– Por acaso já pensou alguma vez que respostas demais são o mesmo que nenhuma resposta? Meus informantes nem sempre estão colocados em posições tão elevadas como se poderia desejar. Quando um rei morre, as fantasias germinam como cogumelos na escuridão. Um palafreneiro diz que Renly foi morto por um cavaleiro de sua própria Guarda Arco-Íris. Uma lavadeira afirma que Stannis se esgueirou até o coração do exército do irmão com sua espada mágica. Vários homens de armas creem que foi uma mulher quem cometeu o terrível ato, mas não conseguem concordar quanto a *que* mulher. Uma donzela que Renly tinha desprezado, afirma um. Uma seguidora de acampamentos trazida para agradá-lo na véspera da batalha, diz um segundo. O terceiro sugere que pode ter sido a Senhora Catelyn Stark.

A rainha não ficou contente.

– Precisa desperdiçar nosso tempo com todos os rumores que os tolos gostam de contar?

– Paga-me bem por esses rumores, minha graciosa rainha.

– Pagamos o senhor pela verdade, Lorde Varys. Lembre-se disso, caso contrário este pequeno conselho pode ficar ainda menor.

Varys soltou um risinho nervoso.

– A senhora e seu nobre irmão acabarão deixando Sua Graça sem conselho algum se continuarem assim.

– Atrevo-me a dizer que o reino pode sobreviver com alguns conselheiros a menos – interveio Mindinho com um sorriso.

– Meu muito querido Petyr – Varys rebateu. – Não está preocupado com a possibilidade de o seu nome ser o próximo na listinha da Mão?

– Antes do seu, Varys? Nunca sonharia com tal coisa.

– Talvez nos tornemos irmãos na Muralha, os dois juntos, você e eu – Varys voltou a soltar um risinho.

– Mais depressa do que você gostaria, se as próximas palavras a sair da sua boca não forem algo de útil, eunuco – pelo seu olhar, Cersei estava prestes a castrar Varys novamente.

– Será que isso poderia ser um estratagema? – Mindinho perguntou.

– Se for, é um estratagema de suprema esperteza – Varys respondeu. – A mim, ludibriou-me por completo.

Tyrion já tinha ouvido o suficiente:

– Joff ficará tão desiludido. Estava guardando um espigão tão agradável para a cabeça de Renly. Mas, seja quem for que cometeu o ato, temos de assumir que Stannis esteve por trás. O ganho é claramente dele – não gostava daquela notícia; contara que os irmãos Baratheon se dizimariam numa batalha sangrenta. Sentia o cotovelo latejar no local em que a maça de guerra o abrira. Às vezes isso acontecia, quando o tempo estava úmido. Apertou-o inutilmente com a mão e perguntou: – E a tropa de Renly?

– A maior parte de sua infantaria permanece em Ponteamarga – Varys abandonou o braseiro para tomar seu lugar à mesa. – A maioria dos senhores que acompanharam o Lorde Renly até Ponta Tempestade passou para o lado de Stannis, com toda sua cavalaria.

– Liderados pelos Florent, aposto – disse Mindinho.

Varys dirigiu-lhe um sorriso afetado.

– Ganharia, senhor. Lorde Alester foi de fato o primeiro a dobrar o joelho. Muitos outros o seguiram.

– Muitos – Tyrion repetiu. – Mas não todos?

– Não todos – concordou o eunuco. – Nem Loras Tyrell, nem Randyll Tarly, nem Mathis Rowan. E a própria Ponta Tempestade não se rendeu.

Sor Cortnay Penrose detém o castelo em nome de Renly, e não quer acreditar que seu suserano está morto. Exige ver os restos mortais antes de abrir os portões, mas parece que o cadáver de Renly desapareceu inexplicavelmente. O mais provável é que tenha sido levado. Um quinto dos cavaleiros de Renly preferiu partir com Sor Loras a dobrar o joelho perante Stannis. Dizem que o Cavaleiro das Flores enlouqueceu quando viu o corpo do rei, e matou três dos guardas de Renly em sua ira, entre eles Emmon Cuy e Robar Royce.

*Uma pena que tenha parado no terceiro*, Tyrion pensou.

– Sor Loras está provavelmente a caminho de Ponteamarga – Varys prosseguiu. – A irmã, a rainha de Renly, encontra-se lá, bem como muitos soldados que de repente se viram sem rei. Que lado escolherão agora? Uma questão delicada. Muitos servem aos senhores que permaneceram em Ponta Tempestade, e esses senhores pertencem agora a Stannis.

Tyrion inclinou-se para a frente:

– Há aqui uma oportunidade, parece-me. Se conquistarmos Loras Tyrell para nossa causa, Lorde Mace Tyrell e seus vassalos poderão se juntar a nós também. Podem ter jurado espadas a Stannis por ora, mas não é possível que gostem do homem, caso contrário teriam sido seus desde o início.

– Será o amor deles por nós maior? – Cersei quis saber.

– Dificilmente – Tyrion respondeu. – Era claro que amavam Renly, mas Renly está morto. Talvez possamos lhes dar bons e suficientes motivos para preferir Joffrey a Stannis… *se* jogarmos depressa.

– Que tipo de motivos pretende lhes dar?

– Motivos de ouro – sugeriu Mindinho de imediato.

Varys soltou um *tsc*.

– Querido Petyr, certamente não está sugerindo que aqueles poderosos senhores e nobres cavaleiros podem ser *comprados* como galinhas no mercado?

– Tem ido aos nossos mercados nos últimos tempos, Lorde Varys? – perguntou Mindinho. – Atrevo-me a dizer que descobriria que é mais

fácil comprar um senhor do que uma galinha. Os senhores cacarejam com mais orgulho do que as galinhas, naturalmente, e levam a mal se lhes oferecer moedas como a um mercador, mas raramente mostram aversão a receber presentes… honrarias, terras, castelos…

– Subornos podem trazer até nós alguns dos senhores menores – Tyrion interveio –, mas nunca Jardim de Cima.

– É verdade – Mindinho admitiu. – O Cavaleiro das Flores é a chave disso. Mace Tyrell tem dois filhos mais velhos, mas Loras sempre foi seu preferido. Conquiste-o, e Jardim de Cima será seu.

*Sim*, Tyrion concordou em pensamento.

– Parece-me que devíamos aprender uma lição com o falecido Lorde Renly. Podemos conquistar a aliança dos Tyrell como ele fez. Com um casamento.

Varys foi o primeiro a compreender:

– Está pensando em casar Rei Joffrey com Margaery Tyrell.

– Estou.

Julgava recordar que a jovem rainha de Renly não tinha mais do que quinze ou dezesseis anos… Mais velha do que Joffrey, mas alguns anos não eram nada, o arranjo era tão limpo e doce que era capaz de saboreá-lo.

– Joffrey está prometido a Sansa Stark – Cersei objetou.

– Contratos de casamento podem ser quebrados. Que vantagem há em casar o rei com a filha de um traidor morto?

Mindinho se interpôs:

– Pode fazer Sua Graça notar que os Tyrell são muito mais ricos do que os Stark, e que dizem que Margaery é adorável… E, além disso, pronta para se deitar.

– Sim – Tyrion concordou. – Joff deverá gostar bastante disso.

– Meu filho é novo demais para se interessar por essas coisas.

– Acha mesmo? – Tyrion a desafiou. – Tem treze anos, Cersei. A mesma idade que eu tinha quando me casei.

– Envergonhou-nos todos com esse lamentável episódio. Joffrey é feito de material de melhor qualidade.

– Tão boa que ordenou a Sor Boros que arrancasse o vestido de Sansa.

– Estava zangado com a menina.

– Também estava zangado com o aprendiz de cozinheiro que derramou a sopa ontem à noite, mas não o deixou nu.

– Aquilo não era questão de um pouco de sopa derramada…

*Não, era questão de umas tetas bonitas*. Depois do que acontecera no pátio, Tyrion conversou com Varys acerca de como poderiam arranjar as coisas para que Joffrey visitasse a casa de Chataya. Esperava que provar um pouco de mel pudesse adoçar o rapaz. Até poderia ficar *grato*, pelo amor dos deuses, e Tyrion não se importaria de receber um tiquinho a mais de gratidão do seu soberano. Teria de ser feito em segredo, naturalmente. A parte mais complicada seria separá-lo do Cão de Caça.

– O cão nunca está longe dos calcanhares do dono – ele tinha dito a Varys –, mas todos os homens dormem. E alguns também jogam, e visitam prostitutas e tabernas.

– Cão de Caça faz todas essas coisas, se é esta a sua pergunta.

– Não – Tyrion retrucou. – Minha pergunta é *quando*.

Varys pusera um dedo no rosto, sorrindo enigmaticamente.

– Senhor, um homem desconfiado poderia pensar que deseja encontrar um momento em que Sandor Clegane não esteja protegendo o Rei Joffrey, a fim de fazer algum mal ao rapaz.

– Decerto me conhece melhor do que isso, Lorde Varys. Ora, tudo o que quero é que Joffrey goste de mim.

O eunuco prometeu se debruçar sobre o assunto. Mas a guerra tinha suas exigências; a iniciação de Joffrey à condição viril teria de esperar.

– Sem dúvida conhece seu filho melhor do que eu – Tyrion obrigou-se a dizer a Cersei –, mas, seja como for, há muitos argumentos a favor de um casamento com os Tyrell. Pode ser a única maneira de Joffrey viver tempo suficiente para chegar à noite de núpcias.

Mindinho concordou:

– A garota Stark não traz a Joffrey nada a não ser o corpo, por mais agradável que possa ser. Margaery Tyrell traz cinquenta mil espadas e todo o poderio de Jardim de Cima.

– É verdade – Varys apoiou sua mão macia na manga da rainha. – Tem um coração de mãe, e sei que Sua Graça ama sua queridinha. Mas os reis precisam aprender a pôr as necessidades do reino à frente de seus desejos. Afirmo que essa proposta tem de ser feita.

A rainha afastou-se do toque do eunuco.

– Não falariam assim se fossem mulheres. Digam o que quiserem, senhores, mas Joffrey é demasiado orgulhoso para se contentar com as sobras de Renly. Ele nunca consentirá.

Tyrion encolheu os ombros:

– Quando o rei chegar à idade adulta, dentro de três anos, pode dar ou retirar seu consentimento ao que bem entender. Até lá, você é sua regente e eu, a sua Mão, e ele se casará com quem quer que lhe dissermos para casar. Seja uma sobra ou não.

A aljava de Cersei estava vazia.

– Façam então sua proposta. Mas que os deuses os salvem se Joffrey não gostar dessa moça.

– Estou tão contente por concordarmos – Tyrion fez-se de feliz. – E agora, qual de nós irá a Ponteamarga? Temos de chegar com a proposta a Sor Loras antes que seu sangue arrefeça.

– Pretende mandar um membro do conselho?

– Não tenho grande esperança de que o Cavaleiro das Flores lide com Bronn ou Shagga, não é? Os Tyrell são orgulhosos.

A irmã não perdeu tempo para tentar virar a situação em seu proveito.

– Sor Jacelyn Bywater é de nascimento nobre. Envie-o.

Tyrion balançou a cabeça:

– Precisamos de alguém que possa fazer algo mais do que repetir nossas palavras e trazer de volta uma resposta. Nosso enviado deve falar pelo rei e pelo conselho, e acertar o assunto rapidamente.

– A Mão fala com a voz do rei – a luz das velas brilhava verde como fogovivo nos olhos de Cersei. – Se o enviarmos, Tyrion, seria como se Joffrey fosse em pessoa. E quem poderia ser mais adequado? Brande palavras com tanta habilidade como Jaime brande a espada.

*Está assim tão ansiosa por me tirar da cidade, Cersei?*

– É muita bondade sua, irmã, mas parece-me que a mãe de um rapaz está em melhores condições para combinar seu casamento do que um tio qualquer. E você tem um dom para conquistar amigos que nunca poderei ter esperança de igualar.

Os olhos dela se estreitaram.

– Joff precisa de mim ao seu lado.

– Vossa Graça, senhor Mão – Mindinho entrou na conversa. – O rei precisa de ambos aqui. Deixem-me ir.

– Você? – *Que vantagem ele vê nisto?,* Tyrion perguntou a si mesmo.

– Pertenço ao conselho do rei, mas não sou de seu sangue, portanto, seria um refém ruim. Conheci Sor Loras razoavelmente bem quando esteve aqui na corte, e não lhe dei motivo para não se simpatizar comigo. Mace Tyrell não tem inimizade por mim, que eu saiba, e gabo-me de possuir certa habilidade para negociação.

*Ele nos tem na mão*. Tyrion não confiava em Petyr Baelish, nem queria que o homem ficasse longe de sua vista, mas, que outra possibilidade restava? Tinha de ser. Ou Mindinho ou ele próprio, e Tyrion sabia perfeitamente bem que se deixasse Porto Real durante algum tempo, tudo o que conseguiu realizar seria desfeito.

– Luta-se entre Porto Real e Ponteamarga – ele disse cautelosamente. – E pode ter absoluta certeza de que Lorde Stannis enviará seus próprios pastores a fim de reunir os cordeiros transviados do irmão.

– Nunca me assustei com pastores. São as ovelhas que me perturbam. Mesmo assim, suponho que uma escolta talvez seja necessária.

– Posso dispensar uma centena de mantos dourados – Tyrion concordou.

– Quinhentos.

– Trezentos.

– E mais quarenta… Vinte cavaleiros com a mesma quantidade de escudeiros. Se chegar sem comitiva de cavaleiros, os Tyrell vão me julgar pouco importante.

Era verdade.

– De acordo.

– Incluirei no grupo Babeiro e Horror, e vou mandá-los depois ao senhor seu pai. Um gesto de boa vontade. Precisamos de Paxter Redwyne, ele é o mais velho amigo de Mace Tyrell, e um grande poder por si só.

– E um traidor – rebateu a rainha, contrariada. – A Árvore teria se declarado por Renly como todos os outros se esse Redwyne não soubesse perfeitamente que seus filhos sofreriam por isso.

– Renly está morto, Vossa Graça – ressaltou Mindinho. – E nem Stannis nem Lorde Paxter terão esquecido como as galés Redwyne fecharam o mar durante o cerco a Ponta Tempestade. Devolva seus gêmeos, e talvez possamos ganhar a amizade dos Redwyne.

Cersei não ficou convencida:

– Os Outros podem ficar com a sua amizade, só quero as espadas e velas. Agarrar-nos bem a esses gêmeos é a melhor forma de termos certeza de que as obteremos.

Tyrion tinha resposta para aquilo:

– Então enviemos Sor Hobber para a Árvore, e fiquemos com Sor Horas aqui. Lorde Paxter deverá ser suficientemente inteligente para desvendar o significado que isso tem, creio eu.

A sugestão foi aceita sem protestos, mas Mindinho não tinha terminado:

– Vamos precisar de cavalos. Rápidos e fortes. A luta tornará difícil a troca de montarias. Um amplo fornecimento de ouro também será necessário, para aqueles presentes de que falamos antes.

– Leve tanto quanto necessário. De qualquer forma, se a cidade cair, Stannis vai roubar tudo.

– Vou querer a minha incumbência por escrito. Um documento que não deixe qualquer dúvida a Mace Tyrell quanto à minha autoridade, dando-me plenos poderes para negociar com ele aquilo que diz respeito a esse casamento e a quaisquer outras disposições que possam ser necessárias, e para dar garantias seguras em nome do rei. Deverá ser assinado por Joffrey e por todos os membros deste conselho, e deverá levar todos os nossos selos.

Tyrion moveu-se desconfortavelmente na cadeira:

– De acordo. É tudo? Lembro-lhe de que a estrada daqui a Ponteamarga é longa.

– Estarei cavalgando por ela antes do romper da aurora – Mindinho levantou-se. – Confio que, no meu retorno, o rei tratará de me recompensar adequadamente pelos valentes esforços despendidos em prol de sua causa?

Varys soltou um risinho.

– Joffrey é um soberano tão cheio de gratidão que estou certo de que não terá do que reclamar, meu bom e bravo senhor.

A rainha era mais direta.

– O que quer, Petyr?

Mindinho olhou de relance para Tyrion com um sorriso astuto.

– Terei de pensar sobre o assunto durante algum tempo. Não tenho dúvidas de que pensarei em algo – esboçou uma reverência petulante e retirou-se de uma forma tão casual como se estivesse se dirigindo a um de seus bordéis.

Tyrion olhou de relance pela janela. O nevoeiro era tão denso que sequer conseguia ver a muralha exterior do outro lado do pátio. Algumas luzes tênues brilhavam, indistintas, através de todo aquele cinza. *Um dia desagradável para viajar*, pensou. Não invejava Petyr Baelish.

– É melhor que tratemos de providenciar esses documentos. Lorde Varys, mande buscar pergaminho e penas. E alguém terá de acordar Joffrey.

Ainda estava cinzento e escuro quando a reunião finalmente chegou ao fim. Varys debandou sozinho, com os chinelos moles apressando-se pelo chão afora. Os Lannister demoraram-se um momento junto à porta.

– Como anda sua corrente, irmão? – perguntou a rainha, enquanto Sor Preston prendia aos seus ombros um manto de pano de prata forrado de penas.

– Elo a elo, vai crescendo. Deveríamos agradecer aos deuses por Sor Cortnay Penrose ser tão teimoso como é. Stannis nunca marchará para o norte deixando Ponta Tempestade sem ter sua retaguarda tomada.

– Tyrion, sei que nem sempre concordamos quanto aos planos de ação, mas parece que me enganei a seu respeito. Não é um tolo tão grande como imaginava. Na verdade, percebo agora que tem sido uma grande ajuda. Por isso agradeço-lhe. Tem de me perdoar se falei de forma desagradável com você no passado.

– Ah, tenho? – ele dirigiu um encolher de ombros, e um sorriso à irmã. – Querida irmã, você não disse nada que precise de perdão.

– Refere-se a hoje?

Ambos riram… e Cersei inclinou-se e plantou um beijo rápido e suave na testa do irmão. Espantado demais para falar, Tyrion só conseguiu vê-la sair da sala a passos largos, com Sor Preston ao seu lado.

– Perdi o juízo, ou minha irmã acabou de me dar um beijo? – perguntou a Bronn depois de ela sair.

– Foi assim tão bom?

– Foi… inesperado – Cersei andava se comportando estranhamente nos últimos tempos. Tyrion achava esse fato muito perturbador. – Estou tentando me lembrar da última vez que me beijou. Não podia ter mais do que seis ou sete anos. Jaime a havia desafiado a fazê-lo.

– A mulher reparou finalmente nos seus encantos.

– Não – Tyrion discordou. – Não, a mulher está tramando alguma. É melhor descobrir o que, Bronn. Sabe que detesto surpresas.

# Theon

Theon limpou o cuspe do rosto com as costas da mão.

– Robb vai arrancar suas tripas, Greyjoy – Benfred Tallhart gritou. – Vai dar seu coração de vira-casaca ao lobo, seu pedaço de estrume de ovelha.

A voz de Aeron Cabelo-Molhado cortou através dos insultos como uma espada fatia o queijo.

– Agora tem de matá-lo.

– Primeiro, tenho perguntas a lhe fazer.

– Que se *fodam* as suas perguntas – Benfred pendia, sangrando e impotente, entre Stygg e Werlag. – Vai se engasgar com elas antes de receber respostas de mim, covarde. Vira-casaca.

Aeron, seu tio, mostrou-se inflexível:

– Quando cospe em mim, cospe em todos nós. Cospe no Deus Afogado. Tem de morrer.

– Meu pai deu *a mim* o comando aqui, tio.

– E enviou-me para aconselhá-lo.

*E para me vigiar*. Theon não se atrevia a levar as coisas longe demais com o tio. O comando era seu, sim, mas os homens tinham uma fé no Deus Afogado que não tinham nele, e Aeron Cabelo-Molhado apavorava-os. *Não posso censurá-los por isso*.

– Vai perder a cabeça por isso, Greyjoy. Os corvos vão comer a geleia de seus olhos – Benfred tentou voltar a cuspir, mas só conseguiu lançar um pouco de sangue. – Que os Outros enrabem seu Deus Molhado.

*Tallhart, acaba de cuspir sua vida fora*, Theon pensou.

– Stygg, silencie-o – ele ordenou.

Forçaram Benfred a se ajoelhar. Werlag arrancou a pele de coelho do seu cinto e a enfiou entre seus dentes para calar os gritos. Stygg preparou o machado.

– Não – Aeron Cabelo-Molhado interveio. – Ele deve ser dado ao deus. Pelo costume antigo.

*Que importa? Morte é morte.*

– Então, leve-o.

– Você também deve vir. Você comanda aqui. A oferenda deve vir de você.

Aquilo era mais do que Theon era capaz de aguentar.

– Você é o sacerdote, tio, deixo o deus com você. Faça a mesma delicadeza e deixe as batalhas comigo – fez um gesto com a mão e Werlag e Stygg puseram-se a caminho da costa, arrastando o prisioneiro. Aeron Cabelo-Molhado lançou um olhar de reprovação ao sobrinho, e depois os seguiu. Iriam até a praia de cascalho, a fim de afogar Benfred Tallhart em água salgada. Aquele era o costume antigo.

*Talvez isso seja uma gentileza*, disse Theon a si mesmo enquanto se afastava a passos largos na outra direção. Stygg não era, nem de longe, o mais hábil dos decapitadores, e Benfred tinha um pescoço grosso como o de um touro, cheio de músculo e gordura. *Costumava zombar dele por causa disso, só para ver até que ponto conseguia irritá-lo*, recordou-se. Isso tinha sido quando? Há três anos? Quando Ned Stark tinha ido à Praça de Torrhen visitar Sor Helman, Theon o acompanhara e passara uma quinzena na companhia de Benfred.

Ouvia os rudes sons da vitória, vindos da curva na estrada onde a batalha tinha sido travada… Se é que se podia chamar aquilo de batalha. *Para falar a verdade, foi mais uma matança de ovelhas. Ovelhas cobertas de aço, mas, mesmo assim, ovelhas.*

Subindo um monte de pedras, Theon olhou os homens mortos e cavalos moribundos embaixo. Os cavalos mereciam coisa melhor do que aquilo. Tymor e os irmãos reuniam as montarias que tinham saído incólumes da luta, enquanto Urzen e Lorren Negro silenciavam os animais feridos demais para serem salvos. O resto de seus homens pilhava os cadáveres.

Gevin Harlaw ajoelhou sobre o peito de um morto, cortando um dedo dele para obter um anel. *Pagando o preço de ferro. O senhor meu pai aprovaria*. Theon pensou em vasculhar os bolsos dos dois homens que matara para ver se possuíam alguma joia que valesse a pena levar, mas a ideia lhe deixou um gosto amargo na boca. Era capaz de imaginar o que Eddard Stark teria dito. Mas esse pensamento também o zangou. *Stark está morto e apodrecendo, e não é nada para mim*, recordou-se.

O Velho Botley, a quem chamavam Barbas-de-Peixe, sentava-se de cenho franzido junto à sua pilha de despojos enquanto os três filhos juntavam mais coisas. Um deles estava num jogo de empurra com um gordo chamado Todric, que cambaleava entre os mortos com um corno de cerveja numa mão e um machado na outra, vestido com um manto de pele branca de raposa só ligeiramente manchado pelo sangue de seu dono anterior. *Bêbado*, declarou Theon, vendo-o berrar. Dizia-se que os homens de ferro de antigamente ficavam com frequência bêbados de sangue em batalha, tão enlouquecidos que não sentiam dor nem temiam nenhum inimigo, mas aquela era uma bebedeira de cerveja comum.

– Wex, meu arco e a aljava.

O rapaz trouxe correndo o que lhe fora pedido. Theon dobrou o arco e enfiou a corda nos entalhes no momento em que Todric atirava o filho de Botley ao chão e jogava cerveja em seus olhos. Barbas-de-Peixe ficou em pé de um salto, praguejando, mas Theon foi mais rápido. Apontou para a mão que segurava o corno, planejando mostrar-lhes um tiro digno de ser comentado, mas Todric estragou seus planos inclinando-se para o lado no momento em que Theon soltava a corda. A flecha atingiu-o na barriga.

Os homens pararam a pilhagem e ficaram boquiabertos. Theon abaixou o arco.

– Eu disse que não queria bêbados nem querelas por causa do saque – de joelhos, Todric morria ruidosamente. – Botley, silencie-o – Barbas-de-Peixe e os filhos foram rápidos para obedecer. Abriram a garganta de Todric enquanto ele escoiceava debilmente, e começaram a despojá-lo do manto e dos anéis ainda antes de estar morto.

*Agora sabem que o que digo é a sério*. Lorde Balon podia ter lhe dado o comando, mas Theon sabia que alguns de seus homens viam apenas um rapaz mole das terras verdes quando olhavam para ele.

– Alguém mais tem sede? – ninguém respondeu. – Ótimo.

Deu um pontapé no estandarte caído de Benfred, preso à mão morta do escudeiro que o transportava. Uma pele de coelho tinha sido atada por baixo da bandeira. *Por que peles de coelho?*, ele quisera perguntar, mas ser cuspido tinha feito com que se esquecesse das perguntas. Jogou o arco para Wex e afastou-se a passos largos, lembrando-se de como se sentira exultante após o Bosque dos Murmúrios, e perguntando a si mesmo por que isso, agora, não tinha um gosto tão bom. *Tallhart, seu maldito tolo demasiado orgulhoso, nem sequer enviou um homem para bater o terreno.*

Vinham trocando piadas e até *cantando* enquanto se aproximavam, com as três árvores de Tallhart flutuando acima deles, enquanto peles de coelho balançavam estupidamente, presas às pontas das lanças. Os arqueiros escondidos atrás dos tojos tinham estragado a canção com uma chuva de flechas, e o próprio Theon liderara o ataque dos homens de armas para acabar a carnificina com punhais, machados e martelos de guerra. Tinha ordenado que o líder fosse poupado para ser interrogado.

Mas não esperara que fosse Benfred Tallhart.

Seu corpo sem vida estava sendo arrastado para fora das ondas quando Theon regressou ao *Cadela do Mar*. Os mastros de seus dracares delineavam-se contra o céu ao longo da praia pedregosa. Da aldeia de pescadores nada restava além de cinzas frias que fediam quando chovia. Os homens tinham sido passados na espada, todos, exceto um punhado que Theon deixara fugir a fim de levar a notícia até Praça de Torrhen. As esposas e filhas, aquelas que eram suficientemente jovens e bonitas, tinham sido mantidas vivas como esposas de sal. As velhas e as feias foram simplesmente violadas e mortas, ou capturadas como servas se possuíssem aptidões úteis e não parecessem dispostas a causar problemas.

Theon também havia planejado aquele ataque, trazendo os navios ao longo da costa na escuridão gelada que antecedera a alvorada, e saltando da proa com um machado de cabo longo na mão para liderar seus homens no ataque à aldeia adormecida. Não gostava do sabor de nada daquilo, mas, que escolha tinha?

Sua três vezes maldita irmã conduzia o *Vento Negro* para o norte naquele exato instante, certa de conquistar para si um castelo. Lorde Balon não deixara que nenhuma notícia sobre a reunião da frota escapasse das Ilhas de Ferro, e o trabalho sangrento de Theon ao longo da Costa Pedregosa seria atribuído a piratas em busca de saque. Os nortenhos não perceberiam o verdadeiro perigo em que se encontravam antes que os martelos caíssem sobre Bosque Profundo e Fosso Cailin. *E depois de tudo feito e conquistado, farão canções para aquela cadela da Asha, e vão se esquecer de que estive aqui*. Isto é, se assim ele permitir.

Dagmer Boca Rachada estava ao lado da grande proa esculpida do seu dracar, *Bebedor de Espuma*. Theon confiara-lhe a tarefa de guardar os navios; de outra forma, os homens teriam dito que aquela era uma vitória de Dagmer, e não sua. Um homem mais suscetível teria tomado aquilo como uma desfeita, mas Boca Rachada apenas riu.

– O dia está ganho – gritou Dagmer para baixo. – E, no entanto, não sorri garoto? Os vivos devem sorrir, porque os mortos não podem – e sorriu, para mostrar como se fazia. Era uma visão hedionda. Sob uma cabeleira branca como a neve, Dagmer Boca Rachada tinha a cicatriz mais repugnante que Theon jamais tinha visto, o legado do machado que quase o matara quando criança. O golpe tinha rachado seu maxilar, estilhaçado os dentes da frente e o deixado com quatro lábios onde os outros homens não tinham mais que dois. Uma barba hirsuta cobria seu rosto e seu pescoço, mas os pelos não cresciam sobre a cicatriz, e um veio brilhante de carne pregueada e retorcida dividia seu rosto como uma fenda num campo de neve. – Conseguíamos ouvi-los cantando – disse o velho guerreiro. – Era uma boa canção, e cantaram-na bravamente.

– Cantavam melhor do que lutavam. Harpas teriam servido tão bem a eles como as lanças serviram.

– Quantos homens foram perdidos?

– Dos nossos? – Theon encolheu os ombros. – Todric. Matei-o por se embebedar e lutar pelo saque.

– Há homens que nasceram para ser mortos.

Um homem menor teria tido receio de mostrar um sorriso tão assustador como o dele, mas Dagmer sorria mais frequente e largamente do que Lorde Balon alguma vez sorrira. Feio como era, aquele sorriso trazia de volta diversas recordações. Theon via-o frequentemente quando garoto, quando saltava a cavalo por cima de um muro coberto de musgo, ou atirava um machado e rachava um alvo. Viu-o quando bloqueou um golpe da espada de Dagmer, quando atingiu uma gaivota em voo com uma flecha, quando tomou a cana do leme na mão e guiou um dracar em segurança por entre um emaranhado de rochedos cobertos de espuma. *Ele deu-me mais sorrisos do que meu pai e Eddard Stark juntos.* Até Robb… Devia ter ganhado um sorriso naquele dia em que salvara Bran daquele selvagem, mas, em vez disso, recebera uma descompostura, como se fosse algum cozinheiro que tivesse deixado queimar o guisado.

– Você e eu temos de conversar, tio – disse Theon. Dagmer não era um tio de verdade, só um homem juramentado com talvez uma pitada de sangue Greyjoy de quatro ou cinco vidas atrás, e ainda por cima vindo do lado errado dos lençóis. Apesar disso, Theon sempre o chamara de tio.

– Então suba ao meu convés – não havia *senhores* vindos de Dagmer, em especial quando ele se encontrava em seu convés. Nas Ilhas de Ferro, cada capitão era um rei a bordo de seu navio.

Theon subiu a prancha que levava ao convés do *Bebedor de Espuma* em quatro longas passadas, e Dagmer o levou até a pequena cabine de popa, onde se serviu de um corno de cerveja amarga e ofereceu outro ao jovem, que declinou.

– Não capturamos cavalos suficientes. Alguns, mas… Bem, suponho que o que tenho terá de servir. Menos homens significam mais glória.

– Que necessidade temos de cavalos? – tal como a maior parte dos homens de ferro, Dagmer preferia lutar a pé ou do convés de um navio. – Os cavalos só irão cagar em nossos conveses e ficar na nossa frente.

– Se continuássemos no mar, sim – admitiu Theon. – Tenho um plano diferente – observou o outro com cuidado para ver como encarava aquilo. Sem Boca Rachada não podia ter esperança de ser bem-sucedido. Com ou sem o comando, os homens nunca o seguiriam se tanto Aeron como Dagmer se opusessem a ele, e não tinha esperança de conquistar o sacerdote de cara amarga.

– O senhor seu pai ordenou-nos que assolássemos a costa, nada mais.

Olhos claros como espuma marinha observaram Theon por baixo daquelas hirsutas sobrancelhas brancas. Seria desaprovação que via ali, ou uma cintilação de interesse? Esta última, pensava… esperava…

– É um homem do meu pai.

– Seu *melhor* homem, sempre fui.

*Orgulho*, pensou Theon. *Ele é orgulhoso, tenho de usar isso, seu orgulho será a chave.*

– Não há nenhum homem nas Ilhas de Ferro com metade da habilidade com a lança ou a espada.

– Esteve longe por tempo demais, rapaz. Quando partiu, era como você diz, mas envelheci a serviço de Lorde Greyjoy. Os cantores dizem agora que Andrik é o melhor. Andrik, O Que Não Sorri, chamam-no. Um homem gigantesco. Serve ao Lorde Drumm da Velha Wyk. E Lorren Negro e Qarl, o Donzela, são quase igualmente terríveis.

– Esse Andrik pode ser um grande guerreiro, mas os homens não o temem como a você.

– Sim, é verdade – Dagmer respondeu. Os dedos enrolados em volta do corno estavam pesados de tantos anéis, de ouro, prata e bronze, incrustados com pedaços de safira, granada e vidro de dragão. Theon sabia que ele pagara o preço de ferro a cada um deles.

– Se tivesse um homem como você ao meu serviço, não o desperdiçaria nessa criancice de saquear e queimar. Este não é um serviço para o melhor homem de Lorde Balon…

O sorriso de Dagmer retorceu seus lábios e os afastou para mostrar as lascas marrons de seus dentes.

– Nem para o seu filho legítimo? – soltou. – Conheço-o bem demais, Theon. Vi-o dar seu primeiro passo, ajudei-o a dobrar seu primeiro arco. Não sou eu quem se sente desperdiçado.

– Por direito, eu devia ter o comando da minha irmã – admitiu, desconfortavelmente consciente de como aquilo soava como um choramingo.

– Leva esse assunto a sério demais, garoto. É só que o senhor seu pai não o conhece. Com seus irmãos mortos e você levado pelos lobos, sua irmã foi seu consolo. Aprendeu a confiar nela, e ela nunca lhe falhou.

– Nem eu. Os Stark conhecem meu valor. Fui um dos batedores selecionados por Brynden Peixe Negro, e participei da primeira investida no Bosque dos Murmúrios. Fiquei a *esta* distância de cruzar espadas com o próprio Regicida – Theon separou as mãos meio metro. – Daryn Hornwood interpôs-se entre nós, e morreu por isso.

– Por que me conta isso? – Dagmer quis saber. – Fui eu quem pôs a primeira espada na sua mão. Sei que não é nenhum covarde.

– E meu pai, sabe?

O velho e grisalho guerreiro parecia ter mordido alguma coisa cujo sabor não lhe agradava.

– É só que… Theon, o Rapaz Lobo é seu amigo, e esses Stark tiveram-no durante dez anos.

– Não sou nenhum Stark – *Lorde Eddard assegurou-se disso*. – Sou um Greyjoy, e pretendo ser herdeiro de meu pai. Como posso fazer isso a menos que prove meu valor com algum grande feito?

– É jovem. Outras guerras virão, e terá seus grandes feitos. Por ora, foi-nos ordenado que assolemos a Costa Pedregosa.

– Que meu tio Aeron trate disso. Darei seis navios a ele, todos, menos *Bebedor de Espuma* e *Cadela do Mar*, e poderá queimar e afogar gente até deixar seu deus empanturrado.

– O comando foi dado a você, não a Aeron Cabelo-Molhado.

– Desde que a pilhagem aconteça, que importa? Nenhum sacerdote seria capaz de realizar o que pretendo fazer, nem a incumbência que lhe dou. Tenho uma tarefa que só Dagmer Boca Rachada pode realizar.

Dagmer bebeu um grande gole de seu corno:

– Conte-me.

*Está tentado*, pensou Theon. *Não gosta desse trabalho de corsário mais do que eu.*

– Se minha irmã pode tomar um castelo, eu também posso.

– Asha tem quatro ou cinco vezes mais homens do que nós.

Theon permitiu-se um sorriso astuto.

– Mas nós temos quatro vezes mais inteligência, e cinco vezes mais coragem.

– Seu pai…

– … vai me agradecer, quando lhe entregar o seu reino. Pretendo realizar um feito sobre o qual os harpistas cantarão durante mil anos.

Sabia que aquilo faria Dagmer hesitar. Um cantor tinha feito uma canção sobre o machado que rachara seu maxilar ao meio, e o velho adorava ouvi-la. Sempre que estava bêbado, gritava por uma canção de saque, algo sonoro e tempestuoso que falasse de heróis mortos e feitos de grande valor. *Tem cabelos brancos e dentes podres, mas ainda possui gosto pela glória.*

– Qual seria o meu papel nesse seu plano, garoto? – Dagmer Boca Rachada falou após um longo silêncio, e Theon soube que tinha ganhado.

– Inspirar o terror no coração do inimigo, como só alguém com seu nome será capaz de fazer. Levará a maior parte de nossas forças e marchará sobre Praça de Torrhen. Helman Tallhart levou os melhores homens para o sul, e Benfred morreu aqui com os filhos deles. Tio Leobald ainda estará lá, com uma pequena guarnição – *se tivesse tido oportunidade de interrogar Benfred, saberia precisamente quão pequena é.* – Não mantenha segredo sobre sua aproximação. Cante todas as bravas canções que quiser. Quero que fechem os portões.

– Esta Praça de Torrhen é uma fortaleza forte?

– Bastante forte. As muralhas são de pedra, com nove metros de altura, torres quadradas nos cantos e uma fortaleza quadrada lá dentro.

– Não é possível incendiar muralhas de pedra. Como poderemos tomá-las? Não temos homens suficientes sequer para assaltar um castelo

pequeno.

– Montará acampamento junto às muralhas e começará a construir catapultas e máquinas de cerco.

– Isso não é o Costume Antigo. Esqueceu? Os homens de ferro lutam com espadas e machados, não com o arremesso de pedras. Não há glória nenhuma em matar um inimigo de fome.

– Leobald não saberá disso. Quando o vir erguendo torres de cerco, seu sangue de velha gelará, e ele balirá por ajuda. Segure os arqueiros, tio, e deixe o corvo voar. O castelão em Winterfell é um homem corajoso, mas a idade endureceu sua inteligência tanto quanto seus membros. Quando souber que um dos vassalos de seu rei está sob ataque do temível Dagmer Boca Rachada, reunirá suas forças para ir socorrer Tallhart. É o dever dele. Se tem uma coisa que Sor Rodrik faz bem, é cumprir seu dever.

– Qualquer força que ele reúna será maior do que a minha – Dagmer rebateu. – E esses velhos cavaleiros são mais astutos do que você pensa, caso contrário nunca teriam sobrevivido para ver o primeiro cabelo branco. Envia-nos para uma batalha que não podemos esperar vencer, Theon. Essa Praça de Torrhen nunca cairá.

Theon sorriu.

– Não é Praça de Torrhen que pretendo tomar.

# Arya

A confusão e o ruído dominavam o castelo. Havia homens em pé em carroças, carregando barris de vinho, sacas de farinha e feixes de flechas recém-feitas. Ferreiros endireitavam espadas, removiam amassados de placas de peito e ferravam tanto corcéis como mulas de carga. Cotas de malha eram atiradas para dentro de barris de areia e roladas pela superfície granulosa do Pátio das Lâminas para ser limpas. As mulheres de Weese tinham vinte mantos para remendar e mais cem para lavar. Os grandes e os humildes aglomeravam-se juntos no septo para rezar. Fora das muralhas, tendas e pavilhões eram desmontados. Escudeiros atiravam baldes de água sobre as fogueiras, enquanto soldados sacavam suas pedras de amolar a fim de dar às suas lâminas uma última e boa afiada. O ruído era como a maré enchendo: cavalos resfolegando e relinchando, senhores gritando ordens, homens de armas trocando pragas, seguidoras de acampamentos discutindo.

Lorde Tywin Lannister ia, enfim, pôr-se em marcha.

Sor Addam Marbrand foi o primeiro dos capitães a partir, um dia antes dos outros. Fez disso um galante espetáculo, montando um corcel vermelho temperamental, cuja crina tinha a mesma cor acobreada dos cabelos longos que fluíam até abaixo dos ombros de seu montador. O cavalo usava arreios de bronze, tingidos para combinar com o manto do cavaleiro e decorados com a árvore em chamas. Algumas das mulheres do castelo soluçaram ao vê-lo partir. Weese disse que era um grande cavaleiro e espadachim, o mais ousado dos comandantes de Lorde Tywin.

*Espero que morra*, Arya pensou enquanto o via sair pelo portão, com os homens o seguindo numa coluna dupla. *Espero que morram todos*. Sabia que iam lutar contra Robb. Escutando as conversas enquanto trabalhava,

Arya ficou sabendo que Robb tinha conquistado uma grande vitória qualquer no ocidente. Que queimara Lanisporto, diziam alguns, ou que pretendera queimar. Que capturara Rochedo Casterly e passara a espada em todo mundo, ou que estava cercando o Dente Dourado… mas *alguma coisa* tinha acontecido, pelo menos isso era certo.

Weese tinha feito Arya entregar mensagens da alvorada ao crepúsculo. Algumas até a levaram para lá das muralhas do castelo, até o meio da lama e da loucura do acampamento. *Podia fugir*, pensou quando uma carroça passou por ela com estrondo. *Podia saltar para a parte de trás de uma carroça e me esconder, ou juntar-me às seguidoras de acampamentos, ninguém me impediria*. Poderia ter feito isso se não fosse Weese. Disse a ela mais de uma vez o que faria a quem quer que tentasse escapar dele.

– Não vai ser um espancamento, ah, não. Não vou encostar um dedo em você. Vou só guardá-la para o qohorano, ah, se guardo, guardo-a para o Estropiador. Seu nome é Vargo Hoat e, quando voltar, vai cortar seus pés – *talvez, se Weese estivesse morto*, pensava Arya… mas não enquanto ele estivesse presente. Era capaz de olhar e cheirar o que qualquer um que estivesse perto pudesse estar pensando, dizia sempre.

Mas Weese nunca imaginou que ela soubesse ler, e nunca se incomodou em selar as mensagens que lhe dava. Arya espiava todas, mas nunca eram nada de bom, só coisas bestas, enviar este carro para o celeiro e aquele para o armeiro. Uma era uma exigência de pagamento de uma dívida de jogo, mas o cavaleiro a quem a deu não sabia ler. Quando lhe falou o que dizia, tentou bater nela, mas Arya esquivou-se do golpe, abaixando-se, tirou de sua sela um corno de beber com faixas de prata, e fugiu. O cavaleiro rugiu e veio atrás dela, mas Arya se esgueirou por entre dois carros, abriu caminho pelo meio de um aglomerado de arqueiros e saltou por cima de uma fossa. Com a cota de malha vestida, ele não conseguiu acompanhá-la. Quando deu o corno a Weese, ele lhe disse que uma pequena Doninha esperta como ela merecia uma recompensa:

– Estou de olho num capão rechonchudo e estaladiço para o jantar de hoje. Vamos dividi-lo, você e eu. Vai gostar.

Onde quer que fosse, Arya procurava por Jaqen H'ghar, desejando sussurrar-lhe outro nome antes que aqueles que odiava estivessem todos para lá de seu alcance mas, no meio do caos e confusão, o mercenário de Lorath não se encontrava em lugar nenhum. Ainda lhe devia duas mortes, e ela se preocupava com a hipótese de nunca obtê-las se ele partisse para a batalha com os outros. Por fim, arranjou coragem para perguntar a um dos guardas do portão se ele tinha partido.

– É um dos homens de Lorch, não é? – o homem perguntou. – Então não saiu. Sua senhoria nomeou Sor Amory castelão de Harrenhal. Esses todos vão ficar aqui, para defender o castelo. Os Saltimbancos Sangrentos também vão ser deixados aqui, para cuidar dos abastecimentos. Aquele bode do Vargo Hoat é capaz de ir parar no espigão, ele e Lorch sempre se odiaram.

Mas a Montanha partiria com Lorde Tywin. Iria comandar a vanguarda na batalha, o que queria dizer que Dunsen, Polliver e Raff escorrerriam todos pelos seus dedos, a menos que conseguisse encontrar Jaqen e o mandasse matar um deles antes de partirem.

– Doninha – Weese a chamou nessa mesma tarde. – Vá ao arsenal e diga a Lucan que Sor Lyonel fez um entalhe na espada durante o treino e precisa de uma nova. Está aqui o sinal dele – entregou-lhe um quadrado de papel. – E rápido, que ele deve partir com Sor Kevan Lannister.

Arya pegou o papel e correu. O arsenal ficava junto das forjas do castelo, um grande edifício de teto elevado que mais parecia um túnel, com vinte forjas construídas nas paredes e longas cubas de água em pedra para temperar o aço. Metade das forjas estava funcionando quando ela entrou. As paredes ressoavam com o som dos martelos, e homens corpulentos com aventais de couro suavam no calor sombrio enquanto se debruçavam sobre foles e bigornas. Quando vislumbrou Gendry, viu seu peito nu lustroso de suor, mas os olhos azuis sob o pesado cabelo negro tinham a mesma expressão teimosa de que se lembrava. Arya nem se deu conta de que queria falar com ele. Era culpa dele que tivessem sido apanhados.

– Qual deles é Lucan? – mostrou-lhe o papel. – Tenho de arranjar uma espada nova para Sor Lyonel.

– Deixe Sor Lyonel pra lá – Gendry a puxou para o lado pelo braço. – Na noite passada, Torta Quente me perguntou se tinha ouvido você gritar *Winterfell* lá no castro, quando estávamos todos lutando na muralha.

– Nunca fiz isso.

– Fez, sim. Eu também ouvi.

– Todo mundo estava gritando coisas – Arya respondeu em tom defensivo. – Torta Quente gritou *torta quente*. Deve ter gritado isso cem vezes.

– O que importa é o que *você* gritou. Eu disse ao Torta Quente que devia limpar a cera dos ouvidos, e que tudo o que gritou foi *Salve a pele!* Se ele perguntar, é melhor que responda a mesma coisa.

– Respondo – ela concordou, embora pensasse que *salve a pele* era uma coisa estúpida para se gritar. Não se atrevia a dizer a Torta Quente quem realmente era. *Talvez devesse dizer o nome do Torta Quente a Jaqen*.

– Vou buscar Lucan – Gendry lhe disse.

Lucan soltou um grunhido quando olhou o que estava escrito no papel (embora Arya achasse que ele não era capaz de lê-lo), e pegou uma pesada espada longa.

– Isto é bom demais para aquele idiota, e você diga a ele que eu falei isso – o homem resmungou enquanto lhe entregava a lâmina.

– Eu digo – ela mentiu. Se fizesse tal coisa, Weese a espancaria até deixá-la sangrando. Lucan que entregasse ele próprio seus insultos.

A espada longa era muito mais pesada do que Agulha, mas Arya gostou de pegá-la. O peso do aço nas mãos fazia-a sentir-se mais forte. *Talvez não seja ainda uma dançarina de água, mas também não sou um rato. Um rato não poderia usar uma espada, mas eu posso*. Os portões estavam abertos, com soldados entrando e saindo, carroças que entravam vazias e saíam rangendo e balançando sob o peso de suas cargas. Pensou em ir até os estábulos e dizer-lhes que Sor Lyonel queria um cavalo novo. Tinha o papel, os cavalariços não seriam mais capazes de lê-lo do que Lucan. *Podia levar o cavalo e a espada e simplesmente sair. Se os guardas*

*tentassem me parar, mostraria o papel para eles e diria que estava levando tudo a Sor Lyonel*. Mas não tinha ideia alguma do aspecto de Sor Lyonel ou de onde poderia ser encontrado. Se a interrogassem, saberiam, e então Weese… Weese…

Enquanto mordia o lábio, tentando não pensar no que sentiria se cortassem seus pés, um grupo de arqueiros com justilhos de couro e elmos de ferro passou por ela, com os arcos a tiracolo. Arya ouviu fragmentos das conversas.

– … gigantes, estou te dizendo, ele tem *gigantes* com seis metros de altura, vindos de lá da Muralha, que o seguem como cães…

– … não é natural, caindo sobre eles tão depressa, de noite e tudo. É mais lobo do que homem, todos aqueles Stark são…

– … caguei nos seus lobos e gigantes, o rapaz ia mijar nas calças se soubesse que estamos a caminho. Não foi homem bastante para marchar sobre Harrenhal, não é? Fugiu pro outro lado, não foi? É melhor que fuja agora, se souber o que é melhor pra ele.

– Você diz isso, mas pode ser que o rapaz saiba alguma coisa que nós não sabemos, talvez sejamos *nós* quem devesse fugir…

*Sim*, Arya pensou. *Sim, são vocês que deveriam fugir, vocês e Lorde Tywin, a Montanha, Sor Addam, Sor Amory e o estúpido do Sor Lyonel, seja ele quem for. É melhor que todos vocês fujam ou meu irmão vai matá-los, ele é um Stark, é mais lobo do que homem, e eu também.*

– Doninha – a voz de Weese estalou como um chicote. Não chegou a ver de onde ele tinha vindo, mas de repente estava bem na sua frente. – Me dê isso. Demorou muito – arrancou a espada de seus dedos, e deu uma forte bofetada nela com as costas da mão. – Da próxima vez, apresse-se mais.

Por um momento, tinha voltado a ser uma loba, mas a bofetada de Weese roubou-lhe tudo e a deixou sem nada, a não ser o sabor do seu próprio sangue na boca. Tinha mordido a língua quando ele bateu. Odiou-o por isso.

– Quer outra? – Weese perguntou. – Não quero ver seus olhares insolentes. Vá à cervejaria e diga a Tuffleberry que tenho duas dúzias de

barris para ele, mas é melhor que mande os rapazes buscá-los, senão encontro alguém que os queira mais – Arya pôs-se a caminho, mas não suficientemente depressa para Weese. – E *corra*, se quiser comer esta noite – ele gritou, já esquecido das promessas do capão rechonchudo e estaladiço. – E não se perca outra vez, ou juro que vou bater em você até sangrar.

*Não vai, não*, pensou Arya. *Nunca mais fará isso*. Mas correu. Os velhos deuses do norte devem ter guiado seus passos. No meio do caminho para a cervejaria, ao passar sob a ponte de pedra que se arqueava entre a Torre da Viúva e a Pira do Rei, ouviu um riso rude e um rosnado. Rorge dobrou uma esquina com outros três homens, todos eles com o símbolo da manticora de Sor Amory cosido sobre o coração. Quando a viu, ele parou e sorriu, mostrando uma boca cheia de dentes tortos e marrons sob a aba de couro que às vezes usava para tapar o buraco que tinha no rosto.

– A xaninha de Yoren – assim ele a chamou. – Parece que já sabemos por que é que aquele bastardo preto queria *você* na Muralha, não é? – voltou a rir, e os outros riram com ele. – Onde está agora seu pedaço de pau? – quis saber de súbito, desaparecido o sorriso tão depressa como tinha surgido. – Acho que prometi fodê-la com ele – deu um passo na direção dela. Arya recuou. – Agora que não estou a ferros já não é tão corajosa, não é?

– Eu *salvei você* – manteve um bom metro entre ambos, pronta para fugir, rápida como uma serpente, se ele tentasse agarrá-la.

– Parece que lhe devo outra foda por causa disso. Yoren encheu sua xaninha, ou gostava mais desse cuzinho apertadinho?

– Estou procurando Jaqen – ela disse. – Há uma mensagem.

Rorge parou. Algo em seus olhos… seria possível que tivesse *medo* de Jaqen H'ghar?

– No balneário. Saia da minha frente.

Arya virou-se e correu, ligeira como uma corça, com os pés voando sobre as pedras arredondadas até o balneário. Encontrou Jaqen de molho numa banheira, com vapor erguendo-se à sua volta enquanto uma criada

despejava água quente na sua cabeça. Seus longos cabelos, vermelhos de um lado e brancos do outro, caíam sobre seus ombros, molhados e pesados.

Arya aproximou-se, silenciosa como uma sombra, mas ele abriu os olhos mesmo assim.

– Ela vem furtiva em pequenos pés de rato, mas um homem ouve – ele disse. *Como pode ter me ouvido?,* Arya se perguntou, e foi como se ele também tivesse ouvido aquilo. – O raspar de couro em pedra canta tão alto como trombetas de guerra para um homem com os ouvidos abertos. Meninas espertas andam descalças.

– Trago uma mensagem – Arya olhou a criada com incerteza. Quando lhe pareceu que não era provável que fosse embora, inclinou-se para a frente até quase encostar sua boca na orelha dele. – Weese – ela murmurou.

Jaqen H'ghar voltou a fechar os olhos, flutuando, lânguido, meio adormecido.

– Diga a sua senhoria que um homem irá servi-la a seu tempo – ele moveu subitamente a mão, salpicando-a de água quente, e Arya teve de saltar para trás para evitar ficar ensopada.

Quando transmitiu a Tuffleberry o que Weese tinha dito, o cervejeiro praguejou em voz alta:

– Diga a Weese que meus moços têm deveres a cumprir, e diga-lhe também que é um bastardo bexiguento, e que os sete infernos hão de congelar antes que ele prove outro corno da minha cerveja. Ou eu tenho esses barris dentro da próxima hora, ou Lorde Tywin vai ouvir do assunto. Ele logo verá se não.

Weese também praguejou quando Arya trouxe aquela mensagem de volta, embora tivesse deixado de lado a parte sobre ele ser um bastardo bexiguento. Enfureceu-se e lançou ameaças, mas, por fim, reuniu seis homens e, resmungando, mandou-os levar os barris à cervejaria.

O jantar, naquela noite, foi um guisado aguado de cevada, cebola e cenouras, com uma fatia de pão de centeio duro. Uma das mulheres andava dormindo na cama de Weese, e recebeu também um bom pedaço

de queijo azul e uma asa do capão de que Weese tinha falado de manhã. Ele comeu o resto sozinho, com a gordura escorrendo numa linha brilhante por entre os furúnculos que ulceravam no canto da boca. A ave estava quase no fim quando ergueu o olhar da travessa e viu que Arya o fitava.

– Doninha, venha cá.

Ainda havia algumas dentadas de carne escura presas a uma coxa. *Ele esqueceu, mas agora lembrou*, ela pensou. Sentiu-se mal por ter dito a Jaqen que o matasse. Saiu do banco e dirigiu-se ao topo da mesa.

– Vi você olhando para mim – Weese limpou os dedos no peito da camisa dela. Depois agarrou sua garganta com uma mão e esbofeteou-a com a outra. – O que foi que lhe disse? – voltou a esbofeteá-la, com as costas da mão. – Guarde esses olhos para você, senão, da próxima vez arranco um deles com a colher e o dou de comer à minha cadela – um empurrão atirou-a ao chão, aos tropeções. A bainha prendeu-se num prego solto no banco de madeira lascada e rasgou-se quando ela caiu. – E vai remendar isso antes de dormir – anunciou Weese enquanto arrancava o último pedaço de carne do capão. Quando terminou, chupou sonoramente os dedos, e atirou os ossos ao seu feio cão malhado.

– Weese – Arya murmurou naquela noite enquanto se debruçava sobre o rasgão na roupa. – Dunsen, Polliver, Raff, o Querido – ela dizia um nome a cada vez que puxava a agulha de osso através da lã crua. – Cócegas e Cão de Caça. Sor Gregor, Sor Amory, Sor Ilyn, Sor Meryn, Rei Joffrey, Rainha Cersei – perguntou a si mesma por quanto mais tempo teria de incluir Weese na sua prece, e flutuou para o sono, sonhando que, no dia seguinte, quando acordasse, ele estaria morto.

Mas foi a biqueira dura da bota de Weese que a acordou, como sempre. A força principal da tropa de Lorde Tywin partiria naquele dia, disse-lhes ele enquanto quebravam o jejum com bolos de aveia.

– Que nenhum de vocês esteja pensando que as coisas vão ficar fáceis depois de o senhor de Lannister ir embora – ele os preveniu. – O castelo não vai encolher, prometo, só que agora vai haver menos mãos para

cuidar dele. Seu bando de dorminhocos. Vão aprender agora o que é trabalho, ah se vão.

*Sob o seu comando, não*. Arya bicou seu bolo de aveia. Weese franziu a testa para ela, como se farejasse seu segredo. Num movimento rápido, ela abaixou os olhos para a comida e não se atreveu a voltar a erguê-los.

Uma luz fraca enchia o pátio quando Lorde Tywin Lannister se retirou de Harrenhal. Arya observou a partida de uma janela arqueada, a meia altura da Torre dos Lamentos. Seu cavalo usava uma manta de escamas esmaltadas carmim, e focinheira, e testeira dourados, enquanto o próprio Lorde Tywin ostentava um espesso manto de arminho. O irmão, Sor Kevan, tinha um aspecto quase igualmente magnífico. Nada menos do que quatro porta-estandartes seguiam à frente dos dois, transportando enormes bandeiras carmins ornamentadas com o leão dourado. Atrás dos Lannister vinham seus grandes senhores e capitães. As bandeiras cintilavam e esvoaçavam, um suntuoso cortejo de cor: boi vermelho e montanha dourada, unicórnio purpúreo e galo bantã, javali e texugo malhados, um furão de prata e um malabarista com roupas multicoloridas, estrelas e esplendores, pavão e pantera, chaveirão e punhal, capuz preto, escaravelho azul e flecha verde.

Atrás de todos vinha Sor Gregor Clegane com seu aço cinza, montado num garanhão com um temperamento tão mau como o do cavaleiro. Polliver seguia a seu lado, com o estandarte dos cães pretos na mão e o elmo com chifres de Gendry na cabeça. Era um homem alto, mas não parecia mais do que um rapaz meio crescido quando cavalgava na sombra de seu senhor.

Um arrepio subiu pela espinha de Arya quando os viu passar sob a grande porta levadiça de Harrenhal. De repente percebeu que tinha cometido um erro terrível. *Sou tão burra*, pensou. Weese não importava, não importava mais do que Chiswyck. *Aqueles* eram os homens que importavam, eram aqueles que devia ter matado. Na noite anterior podia ter sussurrado a morte de qualquer um, se ao menos não tivesse estado tão furiosa com Weese por lhe ter batido e mentido a respeito do capão. *Lorde Tywin, por que foi que não disse Lorde Tywin?*

Talvez não fosse tarde demais para mudar de ideia. Weese ainda não estava morto. Se conseguisse encontrar Jaqen, dizer-lhe…

Apressadamente, Arya correu pela escada em espiral, esquecida dos deveres. Ouviu o chocalhar de correntes que a porta levadiça fazia ao ser descida com lentidão, seus espigões afundando-se profundamente no solo… E, então, outro som, um guincho de dor e medo.

Uma dúzia de pessoas chegou lá antes dela, embora nenhuma se aproximasse muito. Arya abriu caminho entre elas, contorcendo-se. Weese estava estatelado nas pedras, com a garganta transformada numa ruína vermelha, olhos abertos, sem ver, na direção de uma escarpa de nuvens cinzentas. A feia cadela malhada estava em pé sobre seu peito, bebendo o sangue que saía pulsando do seu pescoço, e de quando em quando arrancando um pedaço de carne da cara do morto.

Por fim, alguém trouxe uma besta e matou a cadela enquanto esta se entretinha com uma das orelhas de Weese.

– Que coisa maldita – ouviu um homem dizer. – Ele tinha aquela cadela desde filhote.

– Este lugar está amaldiçoado – disse o homem com a besta.

– É o fantasma de Harren, é o que é – lamentou-se a governanta Amabel. – Não durmo aqui nem mais uma noite, juro.

Arya ergueu o olhar do homem e do seu cão, ambos mortos. Jaqen H'ghar estava encostado na parede da Torre dos Lamentos. Quando a viu olhando, ergueu uma mão e pousou casualmente dois dedos no rosto.

# Catelyn

A dois dias de viagem de Correrrio, um batedor os viu dando água aos cavalos num riacho lamacento. Catelyn nunca se sentira tão feliz por ver o símbolo da dupla torre da Casa Frey.

Quando pediu ao homem para levá-los à presença do tio, ele disse:

– Peixe Negro foi para oeste com o rei, senhora. Martyn Rivers comanda os batedores no seu lugar.

– Estou vendo – tinha conhecido Rivers nas Gêmeas; um filho ilegítimo de Lorde Walder Frey, meio-irmão de Sor Perwyn. Não a surpreendia ficar sabendo que Robb atacara o coração do poder dos Lannister; era claro que pensava em fazer exatamente isso quando a enviara para conferenciar com Renly. – Onde Rivers está agora?

– Seu acampamento fica a duas horas de viagem, senhora.

– Leve-nos até ele – ela ordenou. Brienne ajudou-a a subir na sela, e puseram-se imediatamente a caminho.

– Vem de Ponteamarga, senhora? – perguntou o batedor.

– Não.

Não se atrevera. Com Renly morto, Catelyn se sentiu insegura a respeito da recepção que poderia receber da jovem viúva e de seus protetores. Em vez disso, atravessara o coração da guerra, passando pelas férteis terras fluviais transformadas num deserto enegrecido pela fúria dos Lannister, e todas as noites seus batedores traziam histórias que a deixavam mal.

– Lorde Renly está morto – ela acrescentou.

– Tínhamos esperança de que essa história fosse alguma mentira Lannister, ou…

– Bem que eu gostaria que fosse. Meu irmão comanda em Correrrio?

– Sim, senhora. Sua Graça deixou a Sor Edmure a defesa de Correrrio e de sua retaguarda.

*Que os deuses lhe concedam a força para fazer isso*, pensou Catelyn. *E também a sabedoria.*

– Há notícias de Robb no ocidente?

– Não soube? – o homem parecia surpreso. – Sua Graça conquistou uma grande vitória em Cruzaboi. Sor Stafford Lannister está morto e sua tropa desbaratada.

Sor Wendel Manderly soltou um grito de prazer, mas Catelyn limitou-se a acenar com a cabeça. As dificuldades do amanhã interessavam-lhe mais do que os triunfos de ontem.

Martyn Rivers tinha montado seu acampamento dentro do esqueleto de um castro despedaçado, ao lado de um estábulo sem telhado e de uma centena de sepulturas frescas. Ele se dobrou sobre um joelho quando Catelyn desmontou.

– É bom encontrá-la, senhora. Seu irmão nos encarregou de manter um olho atento ao seu grupo e de escoltá-los de volta para Correrrio com toda pressa, caso os encontrássemos.

Catelyn gostou pouco de como aquilo soava.

– É o meu pai?

– Não, senhora. A condição de Lorde Hoster permanece inalterada – Rivers era um homem corado, com escassa semelhança com seus meios-irmãos. – É só por temermos que pudessem acabar encontrando batedores Lannister. Lorde Tywin deixou Harrenhal e marcha para o oeste com todo o seu poder.

– Levante-se – ela disse a Rivers, franzindo a testa. Stannis Baratheon também iria se pôr em marcha em breve, que os deuses os ajudassem a todos. – Temos quanto tempo até que Lorde Tywin caia sobre nós?

– Três dias, talvez quatro; é difícil saber. Temos olhos colocados ao longo de todas as estradas, mas seria melhor não nos demorarmos.

E não demoraram. Rivers desmontou o acampamento rapidamente, subiu para a sela ao lado de Catelyn, e voltaram a partir, agora com quase

cinquenta homens, voando sob o lobo gigante, a truta saltante e as torres gêmeas.

Os homens dela queriam ouvir mais a respeito da vitória de Robb em Cruzaboi, e Rivers lhes fez a vontade.

– Há um cantor que veio para Correrrio, chama a si mesmo de Rymund, o Rimante, e fez uma canção sobre a batalha. Sem dúvida que a ouvirá ser cantada esta noite, senhora. *Lobo na Noite*, é como esse Rymund a chama – e prosseguiu, contando como os restos da tropa de Sor Stafford se retiraram para Lanisporto. Sem máquinas de cerco, não havia como assaltar Rochedo Casterly, e o Jovem Lobo andava pagando aos Lannister na mesma moeda a devastação que eles haviam infligido às terras fluviais. Os Lordes Karstark e Glover faziam investidas ao longo da costa, a Senhora Mormont capturara milhares de cabeças de gado e agora as conduzia de volta para Correrrio, ao passo que Grande-Jon tinha se apossado das minas de ouro em Castamere, Abismo de Nunn e nos Montes Pendric. Sor Wendel soltou uma gargalhada.

– Não há nada mais capaz de fazer um Lannister correr do que uma ameaça ao seu ouro.

– Como foi que o rei tomou o Dente? – perguntou Sor Perwyn Frey ao irmão bastardo. – Essa fortaleza é dura e forte, e domina a estrada da montanha.

– Não chegou a tomá-la. Esgueirou-se em torno dela durante a noite. Dizem que foi o lobo gigante que lhe indicou o caminho, aquele seu Vento Cinzento. O animal farejou uma trilha de cabras que serpenteava por um desfiladeiro e à sombra de uma cumeada, um caminho torto e pedregoso, mas suficientemente largo para uma fila de homens a cavalo. Os Lannister, em suas torres de vigia, nem de relance os viram – Rivers abaixou a voz. – Há quem diga que, depois da batalha, o rei arrancou o coração de Stafford Lannister e o deu para o lobo comer.

– Eu não acreditaria nesse tipo de história – Catelyn disse em tom penetrante. – Meu filho não é nenhum selvagem.

– É como diz, senhora. Em todo caso, não é mais do que o animal merecia. Aquilo não é um lobo comum. Houve quem ouvisse Grande-Jon

dizer que os velhos deuses do norte enviaram aqueles lobos gigantes aos seus filhos.

Catelyn lembrou-se do dia em que seus rapazes tinham encontrado os lobinhos nas neves do fim do Verão. Tinham sido cinco, três machos e duas fêmeas, para os cinco filhos legítimos da Casa Stark… e um sexto, de pelo branco e olhos vermelhos, para o filho bastardo de Ned, Jon Snow. *Não são lobos comuns*, pensou. *Deveras que não*.

Naquela noite, enquanto montavam acampamento, Brienne procurou a tenda de Catelyn.

– Senhora, está agora de volta, a salvo entre os seus, a um dia de viagem do castelo de seu irmão. Dê-me licença para partir.

Catelyn não devia ter se sentido surpresa. A modesta jovem tinha se mantido fechada em si mesma ao longo de toda a viagem, passando a maior parte do tempo com os cavalos, escovando seus pelos e tirando pedras de suas ferraduras. Também ajudara Shadd a cozinhar e a limpar a caça, e rapidamente provou que era capaz de caçar tão bem como qualquer um dos homens. Qualquer tarefa que Catelyn lhe pedisse para realizar, Brienne tinha cumprido com habilidade e sem queixas, e quando falavam com ela, respondia educadamente, mas nunca tagarelava, nem chorava, nem ria. Cavalgara com eles todos os dias e dormira entre eles todas as noites sem nunca se tornar verdadeiramente parte do grupo.

*Era a mesma coisa quando estava com Renly*, Catelyn pensou. *No banquete, no corpo a corpo, até no pavilhão de Renly com os irmãos da Guarda Arco-Íris. Há muralhas em volta dessa moça que são mais altas do que as de Winterfell*.

– Se nos deixar, para onde irá? – perguntou-lhe Catelyn.

– Voltarei – disse Brienne. – Para Ponta Tempestade.

– Sozinha – não era uma pergunta.

A cara larga era uma lagoa de águas paradas, sem revelar nenhum indício do que poderia viver nas profundezas.

– Sim.

– Pretende matar Stannis.

Brienne fechou os dedos grossos e cheios de calos em volta do cabo da espada. A espada que tinha sido dele.

– Fiz um juramento. Jurei-o três vezes. A senhora ouviu.

– Ouvi – Catelyn assentiu. Sabia que a moça tinha ficado com o manto arco-íris quando se desfizera do resto de suas roupas manchadas de sangue. Os pertences de Brienne tinham sido deixados para trás durante a fuga, e ela fora forçada a se vestir com peças desparelhadas do traje reserva de Sor Wendel, visto que nenhum outro membro do grupo tinha roupas suficientemente grandes para ela. – Os juramentos devem ser mantidos, concordo, mas Stannis tem uma grande tropa ao seu redor, e seus próprios guardas, que juraram mantê-lo a salvo.

– Não temo seus guardas. Sou tão boa como qualquer um deles. Nunca devia ter fugido.

– É isso o que a perturba, que algum idiota possa chamá-la de covarde? – Catelyn suspirou. – A morte de Renly não foi sua culpa. Serviu-lhe valentemente, mas quando procura segui-lo na morte não serve a ninguém – estendeu uma mão, para dar o conforto que um toque podia dar. – Eu sei como é duro…

Brienne afastou sua mão da dela.

– Ninguém sabe.

– Está enganada – Catelyn respondeu bruscamente. – Todas as manhãs, quando acordo, lembro-me de que Ned partiu. Não tenho habilidade com armas, mas isso não quer dizer que não sonhe em ir a cavalo até Porto Real, enrolar as mãos em volta da garganta branca de Cersei Lannister e apertá-la até que seu rosto fique preto.

Brienne levantou os olhos, sua única parte que era realmente bela.

– Se sonha com isso, por que procura me segurar? É por causa do que Stannis disse na conferência?

*Será?* Catelyn lançou um olhar ao acampamento. Dois homens patrulhavam, de sentinela, com lanças na mão.

– Ensinaram-me que os homens bons devem lutar contra o mal neste mundo, e a morte de Renly foi maligna, para lá de qualquer dúvida. Mas

também me ensinaram que os deuses fazem os reis, não as espadas dos homens. Se Stannis for o nosso legítimo rei…

– Não é. Robert também nunca foi o rei legítimo, até Renly disse isso. Jaime Lannister *assassinou* o rei legítimo, depois de Robert ter matado seu legítimo herdeiro no Tridente. Onde estavam então os deuses? Os deuses não se importam mais com os homens do que os reis com os camponeses.

– Um bom rei se importa.

– Lorde Renly… Sua Graça, ele… ele teria sido o *melhor* dos reis, senhora, ele era tão bom, ele…

– Ele morreu, Brienne – Catelyn disse, tão gentilmente quanto podia. – Restam Stannis e Joffrey… bem como meu filho.

– Ele não… a senhora nunca faria a *paz* com Stannis, certo? Dobrar o joelho? Não faria isso…

– Vou lhe dizer a verdade, Brienne. Não sei. Meu filho pode ser um rei, mas eu não sou nenhuma rainha… Sou apenas uma mãe que quer manter os filhos a salvo de todas as maneiras que puder.

– Não fui feita para ser mãe. Tenho de lutar.

– Então lute… Mas pelos vivos, não pelos mortos. Os inimigos de Renly são também inimigos de Robb.

Brienne fitou o chão e arrastou os pés.

– Eu não conheço seu filho, senhora – ela ergueu os olhos. – Podia servi-la. Se me aceitar.

Catelyn ficou surpresa.

– Por que a mim?

A pergunta pareceu perturbar Brienne.

– Ajudou-me. No pavilhão… quando eles pensaram que eu tinha… que eu tinha…

– Era inocente.

– Mesmo assim, não era sua obrigação fazer o que fez. Podia ter deixado que me matassem. Eu não era nada para você.

*Talvez eu não quisesse ser a única a conhecer a negra verdade do que aconteceu ali*, Catelyn pensou.

– Brienne, tomei muitas senhoras bem-nascidas ao meu serviço ao longo dos anos, mas nunca nenhuma como você. Não sou comandante de batalha.

– Não, mas possui coragem. Talvez não a coragem de batalha, mas… não sei… um tipo de coragem de *mulher*. E eu penso que, quando o momento chegar, não tentará me prender. Faça-me essa promessa. Que não me impedirá de chegar até Stannis.

Catelyn ainda era capaz de ouvir Stannis dizer que a vez de Robb também chegaria, a seu tempo. Era como um hálito frio soprando em sua nuca.

– Quando a hora chegar, não a impedirei de chegar até Stannis.

A moça alta ajoelhou-se desajeitadamente, desembainhou a espada de Renly e depositou-a aos pés de Catelyn.

– Então sou sua, minha senhora. Seu vassalo, ou… o que quer que desejar que seja. Guardarei suas costas, aconselharei a senhora e darei minha vida pela sua, se for necessário. Juro pelos deuses, velhos e novos.

– E eu juro que terá sempre um lugar à minha lareira e comida e bebida à minha mesa, e prometo não lhe pedir qualquer serviço que possa lhe trazer desonra. Juro pelos deuses, velhos e novos. Levante-se – enquanto apertava as mãos da outra mulher entre as suas, Catelyn não conseguiu evitar sorrir. *Quantas vezes assisti Ned aceitando um juramento de fidelidade de um homem?* Gostaria de saber o que ele pensaria se pudesse vê-la agora.

Cruzaram o Ramo Vermelho ao fim do dia seguinte, rio acima de Correrrio, onde o rio fazia uma ampla curva e as águas se tornavam lamacentas e rasas. A travessia era guardada por uma força mista de arqueiros e piqueiros com o símbolo da águia dos Mallister. Quando viram os estandartes de Catelyn, emergiram de detrás de suas estacas afiadas e mandaram um homem da outra margem mostrar o caminho ao seu grupo.

– Devagar e com cuidado, senhora – o homem a preveniu enquanto agarrava o freio de seu cavalo. – Plantamos espigões de ferro debaixo da

água, está vendo, e há estrepes espalhados entre aquelas rochas ali. É a mesma coisa em todos os vaus, segundo as ordens do seu irmão.

*Edmure planeja lutar aqui*. Compreender aquele fato deixou-lhe uma sensação de náusea nas entranhas, mas segurou a língua.

Entre o Ramo Vermelho e o Pedregoso, juntaram-se a uma corrente de populares que se dirigia à segurança de Correrrio. Alguns conduziam animais à sua frente, outros puxavam carros, mas abriram caminho à passagem de Catelyn, saudando-a com gritos de "Tully!" ou "Stark!". A meia milha do castelo, atravessaram um grande acampamento onde o estandarte escarlate dos Blackwood ondulava sobre a tenda do senhor. Foi então que Lucas se afastou do grupo, a fim de procurar seu pai, Lorde Tytos. Os outros prosseguiram.

Catelyn vislumbrou um segundo acampamento, disposto ao longo da margem norte do Pedregoso, com estandartes familiares sacudindo ao vento… A donzela dançante de Marq Piper, o homem com arado de Darry, as serpentes enlaçadas, em vermelho e branco, dos Paege. Eram todos vassalos do pai, senhores do Tridente. A maioria tinha deixado Correrrio antes dela, a fim de defender suas terras. Se estavam de novo ali, isso só podia querer dizer que Edmure os chamara de volta. *Que os deuses nos salvem. É verdade, ele pretende dar batalha a Lorde Tywin.*

Catelyn viu a distância que havia algo escuro oscilando contra as muralhas de Correrrio. Quando se aproximou, viu mortos pendurados nas ameias, presos nas pontas de longas cordas por laços de cânhamo bem apertados em volta do pescoço, com o rosto inchado e preto. Os corvos já tinham se alimentado, mas os mantos carmins ainda se destacavam bem contra as muralhas de arenito.

– Enforcaram alguns Lannister – Hal Mollen observou.

– Uma bela visão – Sor Wendel Manderly disse alegremente.

– Nossos amigos começaram sem nós – brincou Perwyn Frey. Os outros riram, todos, menos Brienne, que fitou sem piscar a fileira de cadáveres, sem falar nem sorrir.

*Se mataram o Regicida, então minhas filhas também estão mortas*. Catelyn esporeou o cavalo até um trote largo. Hal Mollen e Robin Flint

passaram por ela a galope, lançando saudações para a guarita. Os guardas nas muralhas tinham sem dúvida visto as bandeiras havia algum tempo, pois a porta levadiça estava içada quando se aproximaram.

Edmure saiu a cavalo do castelo ao seu encontro, rodeado por três dos homens juramentados a seu pai: o muito barrigudo Sor Desmond Grell, o mestre de armas; Utherydes Wayn, o intendente; e Sor Robin Ryger, o grande e calvo capitão da guarda de Correrrio. Todos eram da idade de Lorde Hoster, homens que tinham passado a vida a serviço do pai. *Velhos*, percebeu Catelyn.

Edmure usava um manto azul e vermelho por cima de uma túnica bordada com peixes dourados. Julgando pelo aspecto, não tinha se barbeado desde que ela partira para o sul; a barba era um matagal da cor do fogo.

– Cat, é bom tê-la de volta em segurança. Quando ouvimos a notícia da morte de Renly, tememos por sua vida. Lorde Tywin também se pôs em marcha.

– Já me disseram. Como passa nosso pai?

– Um dia parece mais forte, no seguinte… – ele balançou a cabeça. – Perguntou por você. Não soube o que lhe dizer.

– Irei até ele em breve – ela prometeu. – Há alguma notícia de Ponta Tempestade desde a morte de Renly? Ou de Ponteamarga? – os corvos não chegavam aos viajantes, e Catelyn sentia-se ansiosa por saber o que tinha acontecido depois de sua partida.

– Nada de Ponteamarga. De Ponta Tempestade, chegaram três corvos do castelão, Sor Cortnay Penrose, todos transportando o mesmo apelo. Stannis cercou-o por terra e mar. Oferece sua fidelidade a qualquer rei que quebre o cerco. Diz que teme pelo rapaz. Sabe que rapaz pode ser esse?

– Edric Storm – Brienne respondeu. – O filho bastardo de Robert.

Edmure olhou-a com curiosidade.

– Stannis jurou que a guarnição poderia partir em liberdade e sem ser molestada, desde que lhe rendesse o castelo dentro de uma quinzena e entregasse o rapaz em suas mãos, mas Sor Cortnay não quer consentir.

*Arrisca tudo por um rapaz ilegítimo, cujo sangue nem sequer é o seu*, pensou Catelyn.

– Enviou-lhe alguma resposta?

Edmure sacudiu a cabeça.

– Para que, se não temos ajuda nem esperança a oferecer? E Stannis não é nosso inimigo.

Sor Robin Ryger interveio:

– Senhora, pode nos contar como Lorde Renly morreu? As histórias que ouvimos têm sido estranhas.

– Cat – o irmão se adiantou. – Alguns dizem que foi *você* quem matou Renly. Outros afirmam que teria sido alguma mulher do sul – seu olhar deteve-se em Brienne.

– Meu rei foi assassinado – disse a mulher em voz baixa –, e não pelas mãos da Senhora Catelyn. Juro-o pela minha espada, pelos deuses, antigos e novos.

– Esta é Brienne de Tarth, filha de Lorde Delwyn, a Estrela da Tarde, que servia na Guarda Arco-Íris de Renly – Catelyn lhes disse. – Brienne, tenho a honra de apresentá-la ao meu irmão, Sor Edmure Tully, herdeiro de Correrrio. Seu intendente, Utherydes Wayn. Sor Robin Ryger e Sor Desmond Grell.

– A honra é minha – Sor Desmond a cumprimentou. Os outros repetiram as mesmas palavras. A menina corou, embaraçada até com aquela cortesia comum. Se Edmure a achara um tipo curioso de senhora, pelo menos teve o cuidado de não dizer isso.

– Brienne estava com Renly quando ele foi morto, assim como eu – Catelyn começou –, mas não desempenhamos nenhum papel em sua morte – não queria falar da sombra, ali, ao ar livre, com homens em toda a volta, e indicou os cadáveres com uma mão. – Quem são aqueles homens que enforcou?

Edmure lançou um relance desconfortável para cima.

– Vieram com Sor Cleos quando trouxe a resposta da rainha à nossa oferta de paz.

Catelyn ficou chocada.

– Matou *enviados*?

– Falsos enviados – Edmure declarou. – Prometeram-me paz e entregaram as armas. Concedi-lhes liberdade de castelo, e durante três noites comeram da minha comida e beberam da minha bebida enquanto eu conversava com Sor Cleos. Na quarta noite, tentaram libertar o Regicida – apontou para cima. – Aquele grande brutamontes matou dois guardas apenas com aquelas suas mãos de presunto, agarrou-os pelas gargantas e esmagou seus crânios um de encontro ao outro, enquanto o rapaz magricela que está na estaca ao seu lado abria a cela do Lannister com um pedaço de arame. Que os deuses o amaldiçoem. Aquele da ponta era algum maldito tipo de pantomimeiro. Usou minha voz para ordenar que o Portão do Rio fosse aberto. É o que os guardas juram, Enger, Delp e Lew Comprido, todos os três. Se quer que lhe diga, o homem não soava nada parecido comigo, e no entanto os palermas estavam içando a porta levadiça mesmo assim.

Catelyn suspeitava que aquilo devia ser trabalho do Duende; fedia ao mesmo tipo de astúcia que ele tinha exibido no Ninho da Águia. Antigamente teria indicado Tyrion como o menos perigoso dos Lannister. Agora não tinha tanta certeza.

– Como foi que os pegou?

– Ah, aconteceu que não estava no castelo. Tinha atravessado o Pedregoso para, ahn…

– Tinha ido até as prostitutas ou as meretrizes. Continue a história.

O rosto de Edmure ficou vermelho como sua barba.

– Foi na hora antes da alvorada, e só então eu voltava. Quando Lew Comprido viu meu barco e me reconheceu, finalmente se perguntou quem estaria lá embaixo ladrando ordens, e deu o alerta.

– Diga-me que o Regicida foi recapturado.

– Sim, embora não com facilidade. Jaime arranjou uma espada, matou Poul Pemford e o escudeiro de Sor Desmond, Myles, e feriu Delp com tanta gravidade que Meistre Wyman teme que também morra em breve. Foi uma sangrenta confusão. Ao som do aço, alguns dos outros homens de manto vermelho apressaram-se em se juntar a eles, com as mãos

vazias ou não. Enforquei esses ao lado dos quatro que o libertaram e atirei o resto nas masmorras. Jaime também. Este não tentará mais fugir. Dessa vez está lá embaixo, no escuro, mãos e pés acorrentados, e preso à parede.

– E Cleos Frey?

– Jura que não sabia nada do esquema. Quem poderá saber? O homem é meio Lannister, meio Frey, e completamente mentiroso. Deixei-o na antiga cela de torre de Jaime.

– Disse que ele trouxe termos de paz?

– Se é que se pode chamá-los assim. Garanto que não lhe agradarão mais do que a mim.

– Não podemos esperar ajuda do sul, senhora Stark? – perguntou Utherydes Wayn, intendente do pai. – Essa acusação de incesto… Lorde Tywin não aceita uma desfeita dessas brandamente. Ele irá procurar lavar a mancha do nome da filha com o sangue do acusador, Lorde Stannis deve ver isso. Não tem escolha que não seja fazer causa comum conosco.

*Stannis fez causa comum com um poder maior e mais obscuro.*

– Falemos desses assuntos mais tarde.

Catelyn passou sobre a ponte levadiça a trote, deixando para trás a macabra fileira de mortos Lannister. Seu irmão a acompanhou. Enquanto penetravam na azáfama do interior da muralha de Correrrio, uma criança pequena e nua correu para a frente dos cavalos. Catelyn puxou as rédeas com força a fim de evitá-la, olhando em volta, consternada. Centenas de plebeus tinham sido admitidos no castelo e tinha-lhes sido permitido erigir rudes abrigos junto às muralhas. Seus filhos andavam por todo lado, e o pátio encontrava-se repleto de vacas, ovelhas e galinhas.

– Quem é toda essa gente?

– O meu povo – respondeu Edmure. – Estavam com medo.

*Só meu querido irmão aglomeraria todas aquelas bocas inúteis num castelo que em breve pode estar sob cerco*. Catelyn sabia que Edmure possuía um coração mole; às vezes pensava que sua cabeça o era ainda mais. Amava-o por isso, mas, mesmo assim…

– Robb pode ser contatado por um corvo?

– Encontra-se em campo, senhora – respondeu Sor Desmond. – A ave não teria como encontrá-lo.

Utherydes Wayn tossiu:

– Antes de nos deixar, o jovem rei deixou-nos instruções para enviá-la para as Gêmeas quando voltasse, Senhora Stark. Pede-lhe que saiba mais sobre as filhas de Lorde Walder, a fim de ajudá-lo a selecionar sua noiva quando chegar a hora.

– Forneceremos montarias novas e provisões para você – prometeu o irmão. – Vai querer restaurar as forças antes…

– Eu vou ficar – disse Catelyn, desmontando. Não tinha qualquer intenção de abandonar Correrrio e o pai moribundo para escolher a noiva de Robb por ele. *Robb quer me ver em segurança, não posso me zangar com ele por isso, mas o pretexto está ficando gasto*. – Garoto – ela chamou, e um garoto dos estábulos correu para pegar as rédeas de seu cavalo.

Edmure saltou da sela. Era uma cabeça mais alto do que ela, mas seria sempre seu irmão menor.

– Cat – ele disse, com um ar infeliz –, Lorde Tywin vem a caminho…

– Ele se dirige para o oeste, a fim de defender suas terras. Se fecharmos os portões e nos abrigarmos atrás das muralhas, podemos vê-lo passar em segurança.

– Estas são terras Tully – Edmure declarou. – Se Tywin Lannister pensa em cruzá-las sem ter o sangue derramado, pretendo ensinar-lhe uma dura lição.

*A mesma lição que ensinou ao filho dele?* O irmão podia ser teimoso como as pedras do rio quando tocavam no seu orgulho, mas nenhum dos dois se esqueceria do modo como Sor Jaime cortara a tropa de Sor Edmure em pedaços sangrentos da última vez em que oferecera batalha.

– Nada temos a ganhar, e tudo temos a perder em enfrentar Lorde Tywin no campo de batalha – Catelyn retrucou, com tato.

– O pátio não é lugar para discutir meus planos de batalha.

– Como quiser. Para onde vamos?

O rosto do irmão escureceu. Por um momento, Catelyn pensou que ele estava prestes a perder a calma com ela, mas por fim exclamou:

– O bosque sagrado. Se insiste.

Ela o seguiu por uma galeria até o portão do bosque sagrado. A ira de Edmure sempre tinha sido uma coisa carrancuda e rabugenta. Catelyn lamentava tê-lo ferido, mas o assunto era importante demais para se preocupar com seu orgulho. Quando ficaram sós sob as árvores, Edmure virou-se para encará-la.

– Não tem força suficiente para enfrentar os Lannister no campo de batalha – ela disse sem rodeios.

– Quando todas as minhas forças estiverem reunidas, deverei ter oito mil homens de infantaria e três mil de cavalaria – ele respondeu.

– O que quer dizer que Lorde Tywin terá quase o dobro de seus homens.

– Robb venceu suas batalhas contra vantagens maiores. E tenho um plano. Esqueceu-se de Roose Bolton. Lorde Tywin o derrotou no Ramo Verde, mas não o perseguiu. Quando Lorde Tywin foi para Harrenhal, Bolton tomou o vau rubi e a encruzilhada. Tem dez mil homens. Mandei uma mensagem a Helman Tallhart para que se junte a ele com a guarnição que Robb deixou nas Gêmeas…

– Edmure, Robb deixou esses homens para *defender* as Gêmeas e assegurar-se de que Lorde Walder permanecesse do nosso lado.

– Permaneceu – Edmure disse teimosamente. – Os Frey lutaram bravamente no Bosque dos Murmúrios, e o velho Sor Stevron morreu em Cruzaboi, pelo que ouvimos dizer. Sor Ryman, Walder Negro e os outros estão com Robb no oeste, Martyn tem sido de grande utilidade com os batedores, e Sor Perwyn ajudou-a a chegar a salvo até Renly. Pela bondade dos deuses, o que mais podemos lhes pedir? Robb está prometido a uma das filhas de Lorde Walder, e Roose Bolton casou-se com outra, segundo ouvi dizer. E você não recebeu dois de seus netos para serem criados em Winterfell?

– Um protegido pode facilmente ser transformado em refém, se a necessidade surgir – ela não soubera que Sor Stevron estava morto, nem do casamento de Bolton.

– Se estamos com vantagem de dois reféns, é motivo ainda maior para que Lorde Walder não nos traia. Bolton necessita dos homens dos Frey e também dos de Sor Helman. Ordenei-lhes que retomassem Harrenhal.

– É provável que isso se torne uma coisa sangrenta.

– Sim. Mas, uma vez que o castelo caia, Lorde Tywin não terá retirada segura. Meus recrutas defenderão os vaus do Ramo Vermelho contra sua travessia. Se atacar através do rio, acabará como Rhaegar quando tentou atravessar o Tridente. Se não, ficará preso entre Correrrio e Harrenhal, e quando Robb voltar do oeste podemos acabar com ele de uma vez por todas.

A voz do irmão estava cheia de uma confiança indelicada, mas Catelyn viu-se desejando que Robb não tivesse levado tio Brynden consigo para o oeste. Peixe Negro era veterano de meia centena de batalhas; Edmure era veterano de uma, e perdida.

– O plano é bom – ele concluiu. – Lorde Tytos afirma isso, e Lorde Jonos também. Quando foi que Blackwood e Bracken concordaram com *qualquer coisa* que não fosse certa, eu pergunto.

– Seja como for – Catelyn ficou subitamente cansada. Talvez estivesse errada em se opor ao irmão. Talvez aquele plano fosse magnífico e seus pressentimentos não passassem de temores de uma mulher. Desejou que Ned estivesse ali, ou tio Brynden, ou… – Consultou nosso pai a respeito disso?

– Nosso pai não está em estado de pesar estratégias. Há dois dias fazia planos para o seu casamento com Brandon Stark! Vá vê-lo, se não acredita em mim. Este plano vai funcionar, Cat, você verá.

– Espero que sim, Edmure. De verdade – beijou-o no rosto para que ele soubesse que falava a sério, e foi até o pai.

Lorde Hoster Tully encontrava-se num estado muito semelhante àquele em que Catelyn o deixara; acamado, abatido, com a pele pálida e úmida. O quarto cheirava a doença, um odor nauseante feito de partes iguais de suor e de remédios. Quando abriu as cortinas, o pai soltou um pequeno gemido e entreabriu os olhos. Fitou-a como se não conseguisse compreender quem ela era ou o que queria.

– Pai – beijou-o. – Voltei.

Então, pareceu reconhecê-la.

– Você veio – sussurrou de forma tênue, quase sem mover os lábios.

– Sim – ela respondeu. – Robb enviou-me para o sul, mas apressei-me em voltar.

– Sul… onde… o Ninho da Águia fica para o sul, querida? Não me lembro… Ah, querido coração, tive medo… Perdoa-me, filha? – lágrimas correram pelo seu rosto.

– Não fez nada que necessite de perdão, pai – Catelyn afagou o cabelo branco e sem energia do pai e pôs a mão na sua testa. A febre ainda o queimava por dentro, apesar de todas as poções do meistre.

– Foi o melhor – sussurrou seu pai. – Jon é um bom homem, bom… forte, bondoso… tomará conta de você… tomará… e bem-nascido, escute-me, tem de me escutar, sou seu pai… seu pai, casará quando a Cat casar, *sim, senhora…*

*Ele pensa que sou Lysa*, compreendeu Catelyn. *Que os deuses sejam bons, ele fala como se ainda não estivéssemos casadas.*

As mãos do pai agarraram-se às dela, tremendo como duas aves brancas e assustadas.

– Aquele moleque… maldito rapaz… não pronuncie o nome dele na minha presença, o seu dever… a sua mãe, ela teria… – Lorde Hoster gritou quando um espasmo de dor o subjugou. – Oh, deuses, perdoem-me, perdoem-me, *perdoem-me*. O meu remédio…

E de repente Meistre Vyman estava ali, levando uma taça aos seus lábios. Lorde Hoster sugou a poção espessa e branca com a avidez de um bebê no seio, e Catelyn viu a paz cair de novo sobre ele.

– Ele dormirá agora, senhora – disse o meistre quando a taça ficou vazia. O leite da papoula tinha deixado uma espessa película branca em torno da boca do pai. Meistre Vyman limpou-a com a manga.

Catelyn não foi capaz de ver mais. Hoster Tully tinha sido um homem forte e orgulhoso. Doía-lhe vê-lo assim, reduzido àquilo. Saiu para a varanda. O pátio, embaixo, estava repleto de refugiados e caótico com o ruído que faziam, mas para lá das muralhas os rios fluíam limpos, puros

e sem fim. *Estes são os seus rios, e em breve voltará a eles, para a sua última viagem.*

Meistre Wyman a tinha seguido até o exterior.

– Senhora – ele disse em voz baixa –, não posso continuar muito mais tempo a afastar o fim. Devíamos mandar um cavaleiro em busca do irmão. Sor Brynden gostaria de estar aqui.

– Sim – Catelyn concordou, com a voz carregada de desgosto.

– E a Senhora Lysa também, talvez?

– Lysa não virá.

– Se escrevesse para ela em pessoa, talvez…

– Porei algumas palavras no papel, se isso lhe agrada.

Perguntou a si mesma quem teria sido o "maldito moleque" de Lysa. Algum jovem escudeiro ou pequeno cavaleiro, provavelmente… Se bem que, pela veemência com que Lorde Hoster se opusera a ele, pudesse ter sido um filho de um mercador ou um aprendiz bastardo, ou até um cantor. Lysa sempre tinha gostado demais de cantores. *Não posso culpá-la. Jon Arryn era vinte anos mais velho do que nosso pai, por mais nobre que fosse.*

A torre que o irmão tinha separado para seu uso era a mesma que ela e Lysa haviam dividido quando donzelas. Seria bom voltar a dormir numa cama de penas, com um fogo quente na lareira. Quando estivesse descansada, o mundo pareceria menos desolador.

Mas, à porta de seus aposentos, encontrou Utherydes Wayn esperando, na companhia de duas mulheres vestidas de cinza, com os rostos escondidos por capuzes, deixando apenas os olhos à vista. Catelyn soube imediatamente por que motivo estavam ali.

– *Ned?*

As irmãs abaixaram os olhos. Utherydes respondeu:

– Sor Cleos trouxe-o de Porto Real, senhora.

– Levem-me até ele – Catelyn ordenou.

Tinham-no deitado numa mesa de montar e haviam-no coberto com um estandarte, o estandarte branco da Casa Stark com seu símbolo do lobo gigante cinza.

– Quero olhar para ele – ela pediu.
– Só restam os ossos, senhora.
– Quero olhar para ele – Catelyn repetiu.
Uma das irmãs silenciosas puxou o estandarte para baixo.
*Ossos*, pensou Catelyn. *Isto não é Ned, não é o homem que amei, o pai de meus filhos*. As mãos dele estavam apertadas sobre o peito, com dedos esqueléticos dobrados em torno do cabo de uma espada longa qualquer, mas não eram as mãos de Ned, tão fortes e cheias de vida. Tinham vestido os ossos com a túnica de Ned, o veludo branco e fino com o símbolo do lobo gigante sobre o coração, mas nada restava da carne quente que tinha servido tantas noites de almofada à sua cabeça, dos braços que a tinham abraçado. A cabeça havia sido reunida ao corpo com fino fio de prata, mas um crânio é muito semelhante aos outros, e naquelas órbitas vazias não viu sinal dos olhos cinza-escuros do seu senhor, olhos que podiam ser suaves como nevoeiro ou duros como pedra. *Deram seus olhos aos corvos*, recordou.
Catelyn virou o rosto.
– Aquela não é a espada dele.
– Gelo não nos foi devolvida, senhora – disse Utherydes. – Só os ossos de Lorde Eddard.
– Suponho que deva agradecer à rainha até por isso.
– Agradeça ao Duende, senhora. Foi obra dele.
*Um dia vou agradecer a todos eles.*
– Estou grata por seus serviços, irmãs – Catelyn agradeceu –, mas devo atribuir-lhes outra tarefa. Lorde Eddard era um Stark, e seus ossos devem ser postos em repouso sob Winterfell – *farão uma estátua dele, um retrato de pedra que se sentará no escuro com um lobo gigante aos pés e uma espada pousada nos joelhos.* – Assegurem-se de que as irmãs tenham cavalos descansados, e qualquer outra coisa de que necessitem para a viagem – ela disse a Utherydes Wayn. – Hal Mollen vai escoltá-las de volta a Winterfell, é tarefa dele como capitão dos guardas – ela desceu os olhos para os ossos que eram tudo o que restava do seu senhor e amor. – Deixem-me agora, todos vocês. Desejo ficar a sós com Ned esta noite.

As mulheres de cinza inclinaram a cabeça. *As irmãs silenciosas não falam com os vivos*, recordou-se Catelyn, entorpecida, *mas há quem diga que são capazes de falar com os mortos*. E como invejava esse poder…

# Daenerys

As cortinas mantinham afastados a poeira e o calor das ruas, mas não conseguiam afastar o desapontamento. Dany subiu para o palanquim cansada, grata por aquele refúgio contra o mar de olhos qartenos.

– Abram alas – gritou Jhogo à multidão, de cima do cavalo, estalando o chicote. – Abram alas, abram alas para a Mãe de Dragões.

Reclinado em frescas almofadas de cetim, Xaro Xhoan Daxos despejou vinho da cor de rubi em cálices iguais de jade e ouro, com mãos seguras e firmes, apesar do balanço do palanquim.

– Vejo uma profunda tristeza escrita em seu rosto, minha luz do amor – ofereceu-lhe um cálice. – Seria a tristeza de um sonho perdido?

– De um sonho adiado, não mais do que isso.

O apertado colar de prata de Dany estava irritando sua garganta. Soltou-o e atirou-o para o lado. O colar tinha incrustada uma ametista encantada que Xaro jurava que a protegeria contra todos os venenos. Os Puronatos eram conhecidos por oferecer vinho envenenado àqueles que consideravam perigosos, mas não tinham dado a Dany sequer uma taça de água. *Nunca viram em mim uma rainha*, pensou amargamente. *Fui apenas o divertimento de uma tarde, uma moça a cavalo com um curioso animal de estimação.*

Rhaegal silvou e enterrou garras negras e afiadas em seu ombro nu quando Dany estendeu uma mão para aceitar o vinho. Retraindo-se, ela o transferiu para o outro ombro, onde ele podia espetar as garras no vestido em vez de na pele. Dany vestia-se à moda qartena. Xaro prevenira-a de que os Entronizados nunca escutariam uma dothraki, e ela teve o cuidado de ir à sua presença vestida de samito verde solto com um seio de fora, de sandálias prateadas nos pés, com um cinto de pérolas pretas e brancas

em volta da cintura. *Por toda a ajuda que me ofereceram, bem podia ter ido nua. Talvez devesse ter feito isso.* Bebeu um profundo trago de vinho.

Descendentes dos antigos reis e rainhas de Qarth, os Puronatos comandavam a Guarda Cívica e a frota de ornamentadas galés que dominavam os estreitos entre os mares. Daenerys Targaryen desejara aquela frota, ou parte dela, e também alguns de seus soldados. Tinha feito o tradicional sacrifício no Templo da Memória, oferecido o tradicional suborno ao Guardião da Longa Lista, enviado o tradicional caqui ao Abridor da Porta, e por fim recebido os tradicionais chinelos de seda azul, convocando-a para comparecer ao Salão dos Mil Tronos.

Os Puronatos ouviram seus apelos de cima dos grandes tronos de madeira de seus ancestrais, que se erguiam em fileiras curvas do chão de mármore ao teto em cúpula alta pintado com cenas da glória desaparecida de Qarth. Os cadeirões eram imensos, fantasticamente esculpidos, brilhando com trabalhos em ouro e guarnecidos de âmbar, ônix, lápis-lazúli e jade, cada um diferente de todos os outros, e cada um tentando ser mais fabuloso que os demais. Mas os homens que neles se sentavam estavam tão apáticos e cansados do mundo que mais pareciam estar dormindo. *Ouviram, mas não escutaram, nem se importaram*, ela pensou. *São mesmo Homens de Leite. Nunca tiveram a intenção de me ajudar. Vieram porque estavam curiosos. Vieram porque estavam entediados, e o dragão no meu ombro interessou-lhes mais do que eu*.

– Conte-me as palavras dos Puronatos – sugeriu Xaro Xhoan Daxos. – Conte-me o que eles disseram para entristecer a rainha do meu coração.

– Disseram que não – o vinho tinha o sabor de romãs e dos dias quentes do Verão. – Disseram com grande cortesia, com certeza, mas por baixo de todas as palavras amáveis, foi mesmo assim um não.

– Bajulou-os?

– Desavergonhadamente.

– Chorou?

– O sangue do dragão não chora – Dany disse, já irritada.

Xaro suspirou.

– Devia ter chorado – os qartenos choravam com frequência e facilidade; isso era visto como uma marca do homem civilizado. – E os homens que compramos, o que disseram?

– Mathos não disse nada. Wendello elogiou meu modo de falar. O Requintado recusou-me como os outros, mas depois chorou.

– É uma infelicidade que esses qartenos sejam tão pouco confiáveis – o próprio Xaro não pertencia aos Puronatos, mas tinha lhe dito quem subornar e quanto oferecer. – Chore, chore, pela deslealdade dos homens.

Mais depressa Dany choraria por seu ouro. Os subornos que oferecera a Mathos Mallarawan, Wendello Qar Deeth e Egon Emeros, o Requintado, podiam ter servido para comprar um navio ou para contratar vinte mercenários.

– Suponhamos que eu mande Sor Jorah exigir a devolução de meus presentes? – ela perguntou.

– Suponhamos que um Homem Pesaroso venha ao meu palácio uma noite e a mate enquanto dorme – Xaro respondeu. Os Homens Pesarosos eram uma antiga e sagrada guilda de assassinos, assim chamados porque sempre sussurravam "lamento tanto" às vítimas antes de matá-las. Os qartenos não podiam ser acusados de não serem educados. – Há quem diga, sabiamente, que é mais fácil ordenhar a Vaca de Pedra de Faros do que espremer ouro dos Puronatos.

Dany não sabia onde ficava Faros, mas parecia-lhe que Qarth estava cheia de vacas de pedra. Os príncipes mercadores, extremamente enriquecidos pelo comércio entre os mares, encontravam-se divididos em três facções rivais: a Antiga Guilda das Especiarias, a Irmandade Turmalina e os Treze, aos quais Xaro pertencia. Todas rivalizavam entre si pelo domínio, e todas lutavam incessantemente com os Puronatos. E acima de todos havia os magos, com seus lábios azuis e terríveis poderes, raramente vistos, mas muito temidos.

Estaria perdida sem Xaro. O ouro que tinha esbanjado para abrir as portas do Salão dos Mil Tronos era, em boa medida, produto da generosidade e esperteza rápida do mercador. Enquanto o rumor sobre dragões vivos ia se espalhando pelo leste, cada vez mais curiosos tinham

vindo saber se a história era verdadeira… e Xaro Xhoan Daxos assegurou-se de que tanto os grandes como os humildes oferecessem alguma lembrança à Mãe de Dragões.

O riacho que ele tinha começado rapidamente inchou e se transformou numa inundação. Capitães mercantes traziam renda de Myr, arcas de açafrão de Yi Ti, âmbar e vidro de dragão de Asshai. Os mercadores ofereciam sacos de moedas, os ourives, anéis e colares. Tocadores de flauta tocavam para ela, acrobatas faziam acrobacias, e malabaristas, malabarismos, enquanto tintureiros envolviam-na em cores que nunca soubera existir. Um par vindo de Jogos Nhai presenteou-a com um de seus zebralos listados, pretos e brancos, e ferozes. Uma viúva trouxe o cadáver do marido, coberto com uma crosta de folhas prateadas; acreditava-se que tais restos detinham grande poder, especialmente se o falecido tivesse sido um feiticeiro, como aquele. E a Irmandade Turmalina empurrou-lhe uma coroa trabalhada na forma de um dragão de três cabeças; os anéis eram de ouro amarelo, as asas, de prata, as cabeças, esculpidas em jade, marfim e ônix.

A coroa era a única oferenda que tinha guardado. O resto vendera, a fim de reunir a riqueza que desperdiçou nos Puronatos. Xaro quis também vender a coroa, os Treze iriam se assegurar que tivesse outra muito melhor, ele jurara, mas Dany proibira-o.

– Viserys vendeu a coroa da minha mãe, e os homens chamaram-no de pedinte. Eu guardarei esta, para que os homens me chamem de rainha – e foi o que fez, embora o peso fizesse seu pescoço doer.

*Mesmo coroada, ainda sou uma pedinte*, Dany pensou. *Tornei-me a mais esplêndida pedinte do mundo, mas uma pedinte mesmo assim*. Detestava isso, tal como o irmão devia ter detestado. *Todos aqueles anos correndo de cidade em cidade um passo à frente das facas do Usurpador, suplicando a ajuda de arcontes, príncipes e magísteres, comprando a nossa comida com lisonjas. Deve ter sabido como zombavam dele. Não é de se admirar que tivesse ficado tão zangado e amargo. No fim, aquilo o deixou louco. E vai fazer o mesmo comigo, se eu deixar*. Parte de si gostaria de levar seu povo de volta a Vaes Tolorro e fazer a cidade morta

florescer mais do que qualquer outra coisa. *Não, isso é derrota. Tenho algo que Viserys nunca teve. Tenho os dragões. Os dragões fazem toda a diferença.*

Afagou Rhaegal. O dragão verde fechou os dentes em torno da base do polegar e mordeu-a com força. Lá fora, a grande cidade murmurava, tamborilava e fervilhava, com toda a sua miríade de vozes fundindo-se num som grave como a arrebentação do mar.

– Abram alas, Homens de Leite, abram alas para a Mãe de Dragões – gritava Jhogo, e os qartenos afastavam-se, embora os bois talvez tivessem mais a ver com isso do que a voz dele.

Através das cortinas oscilantes, Dany capturava vislumbres do dothraki escarranchado no seu garanhão cinza. De tempos em tempos, dava em um dos bois um golpe com o chicote de cabo de prata que Dany lhe dera. Aggo montava guarda do outro lado, enquanto Rakharo cavalgava atrás da procissão, observando os rostos da multidão em busca de qualquer sinal de perigo. Naquele dia, deixara Sor Jorah para trás, a fim de guardar os outros dragões; o cavaleiro exilado opusera-se àquela loucura desde o início. *Ele desconfia de todo mundo*, refletiu, *e talvez com bons motivos.*

Quando Dany ergueu o cálice para beber, Rhaegal farejou o vinho e atirou a cabeça para trás, silvando.

– Seu dragão tem um bom nariz – Xaro limpou os lábios. – O vinho é simples. Dizem que para lá do Mar de Jade fazem um vinho dourado tão bom que um gole faz com que todos os outros vinhos tenham gosto de vinagre. Embarquemos na minha barca de prazer e partamos em busca dele, você e eu.

– A Árvore faz o melhor vinho do mundo – Dany afirmou. Lembrava-se que Lorde Redwyne tinha lutado pelo pai contra o Usurpador, um dos poucos a permanecer fiéis até o último momento. *Lutará também por mim?* Não havia como ter certeza depois de tantos anos. – Venha comigo para a Árvore, Xaro, e provará as melhores colheitas da sua vida. Mas teremos de ir num navio de guerra, não numa barca de prazer.

– Não possuo navios de guerra. A guerra é ruim para o comércio. Já lhe disse isso muitas vezes, Xaro Xhoan Daxos é um homem de paz.

*Xaro Xhoan Daxos é um homem do ouro*, ela pensou, *e o ouro vai me servir para comprar todos os navios e as espadas de que necessito*.

– Não lhe pedi que pegue numa espada, apenas que me empreste seus navios.

Ele sorriu com modéstia.

– Navios mercantes tenho alguns, é verdade. Quem saberá dizer quantos? Um pode estar se afundando, neste exato momento, em algum canto tempestuoso do Mar do Verão. Amanhã, outro cairá nas garras de corsários. No dia seguinte, um de meus capitães poderá olhar as riquezas que transporta e pensar: *Tudo isso devia me pertencer*. São esses os perigos do comércio. Ora, quanto mais tempo conversarmos, menos navios eu devo ter. Fico mais pobre a cada instante.

– Dê-me navios, e vou torná-lo rico novamente.

– Case-se comigo, brilhante luz, e zarpe no navio do meu coração. Não consigo dormir à noite pensando em sua beleza.

Dany sorriu. As floridas afirmações de paixão de Xaro divertiam-na, mas seus modos não coincidiam com suas palavras. Enquanto Sor Jorah quase não conseguira afastar os olhos de seu seio nu quando a ajudara a subir ao palanquim, Xaro mal se dignou em reparar nele, mesmo naquele confinamento apertado. E ela tinha visto os lindos rapazes que rodeavam o príncipe mercador, esvoaçando pelos salões de seu palácio enfiados em tufos de seda.

– Fala docemente, Xaro, mas sob as suas palavras ouço mais um *não*.

– Esse Trono de Ferro de que fala parece horrivelmente frio e duro. Não consigo suportar a ideia de farpas irregulares cortando sua doce pele – as joias no nariz de Xaro davam-lhe o aspecto de uma estranha ave cintilante. Seus longos dedos elegantes fizeram um gesto de rejeição. – Deixe que seja este o seu reino, oh, mais requintada das rainhas, e deixe que seja eu o seu rei. Dar-lhe-ei um trono de ouro, se quiser. Quando Qarth começar a cansá-la, podemos viajar em torno de Yi Ti, em busca da fantástica cidade dos poetas, a fim de beber o vinho da sabedoria do crânio de um homem morto.

– Pretendo viajar para Westeros e beber o vinho da vingança do crânio do Usurpador – ela coçou Rhaegal por baixo de um olho, e suas asas verde-jade abriram-se por um momento, agitando o ar parado do palanquim.

Uma única lágrima perfeita correu pelo rosto de Xaro Xhoran Daxos.

– Não há nada que a afaste dessa loucura?

– Nada – Dany respondeu, desejando ter tanta certeza como aparentava. – Se cada um dos Treze me emprestasse dez navios…

– Teria cento e trinta navios sem tripulação que os manobrasse. A justiça de sua causa nada significa para os homens comuns de Qarth. Por que meus marinheiros se preocupariam com quem se senta no trono de um reino qualquer nos limites do mundo?

– Pagarei para que se preocupem.

– Com que moedas, querida estrela do meu céu?

– Com o ouro que trazem os que me procuram.

– Pode fazer isso – Xaro reconheceu –, mas tanta preocupação custará caro. Terá de lhes pagar muito mais do que eu pago, e toda a Qarth ri da minha ruinosa generosidade.

– Se os Treze não quiserem ajudar, talvez deva pedir à Guilda das Especiarias ou à Irmandade Turmalina?

Xaro encolheu os ombros desinteressadamente.

– Não lhe darão nada além de lisonjas e mentiras. Os da Guilda são hipócritas e arrogantes, e a Irmandade está cheia de piratas.

– Então terei de escutar Pyat Pree e ir até os magos.

O príncipe mercador ergueu o corpo repentinamente.

– Pyat Pree tem lábios azuis, e, com verdade, falam que lábios azuis dizem apenas mentiras. Escute a sabedoria daquele que a ama. Os magos são criaturas amargas que comem poeira e bebem das sombras. Nada lhe darão. Nada têm para dar.

– Não precisaria procurar a ajuda de feiticeiros se meu amigo Xaro Xhoan Daxos me desse o que peço.

– Dei-lhe minha casa e meu coração, será que nada significam para a senhora? Dei-lhe perfume e romãs, macacos acrobáticos e cobras

cuspidoras, pergaminhos da perdida Valíria, a cabeça de um ídolo e um pé de serpente. Dei-lhe este palanquim de ébano e ouro, e um conjunto de bois castrados para carregá-lo, um deles branco como marfim, e o outro negro como azeviche, com chifres incrustados de joias.

– Sim – Dany admitiu. – Mas o que eu queria eram navios e soldados.

– E não lhe dei um exército, mais doce das mulheres? Mil cavaleiros, cada um com uma armadura reluzente.

As armaduras tinham sido feitas de prata e ouro; os cavaleiros, de jade, berílio, ônix e turmalina, de âmbar, opala e ametista, todos do tamanho do seu mindinho.

– Mil adoráveis cavaleiros – ela retrucou –, mas não do tipo que meus inimigos tenham de temer. E meus bois castrados não me podem transportar através das águas. Eu… Por que estamos parando? – os bois tinham desacelerado notavelmente.

– *Khaleesi* – Aggo chamou por entre as cortinas enquanto o palanquim parava com uma sacudida súbita. Dany rolou sobre um cotovelo para se inclinar para fora. Encontravam-se nos limites da feira, com o caminho em frente bloqueado por uma muralha sólida de pessoas.

– Para onde eles estão olhando?

Jhogo voltou para junto dela.

– Um mago de fogo, *Khaleesi*.

– Quero ver.

– Então tem de ver.

O dothraki ofereceu-lhe uma mão. Quando ela a agarrou, ele a puxou para cima do cavalo e sentou-a à sua frente, onde podia ver por cima das cabeças da multidão. O mago de fogo tinha conjurado uma escada no ar, uma crepitante escada laranja, feita de chamas rodopiantes, que se erguia, sem suporte, do chão da feira ao alto telhado engradado.

Dany notou que a maior parte dos espectadores não era da cidade. Viu marinheiros saídos de navios mercantes, mercadores vindos em caravanas, homens poeirentos chegados do deserto vermelho, soldados errantes, artesãos, comerciantes de escravos. Jhogo deslizou uma mão em torno de sua cintura e inclinou-se para ela.

– Os Homens de Leite evitam-no. *Khaleesi*, vê a moça com o chapéu de feltro? Ali, atrás do sacerdote gordo. É uma…

– … batedora de carteira – Dany concluiu. Não era nenhuma senhora mimada, cega para tais coisas. Tinha visto batedoras com fartura nas ruas das Cidades Livres, durante os anos que passara fugindo, com o irmão, das lâminas contratadas pelo Usurpador.

O mago gesticulava, instigando as chamas a subir cada vez mais com largos gestos de braço. Enquanto a assistência estendia o pescoço para cima, os batedores contorciam-se através da multidão, com pequenas lâminas escondidas nas palmas das mãos. Tiravam as moedas dos prósperos com uma mão enquanto apontavam com a outra para cima.

Quando a escada de fogo chegou aos doze metros de altura, o mago saltou para ela e começou a subi-la, escalando com as mãos tão depressa como um macaco. Cada degrau que tocava dissolvia-se sem deixar mais que um fiapo de fumaça prateada. Quando chegou ao topo, a escada desapareceu, e ele também.

– Um belo truque – Jhogo afirmou com admiração.

– Não é um truque – disse uma mulher no Idioma Comum.

Dany não reparara em Quaithe entre a multidão, mas ali estava ela, com olhos úmidos e reluzentes por trás da implacável máscara de laca vermelha.

– Que quer dizer, senhora?

– Há meio ano, aquele homem mal conseguia despertar fogo em vidro de dragão. Possuía uma pequena habilidade com pós e fogovivo, o suficiente para fascinar a multidão enquanto seus batedores de carteira faziam seu trabalho. Conseguia caminhar sobre carvão quente e fazer com que rosas ardentes desabrochassem no ar, mas não podia aspirar a subir a escada de fogo mais do que um comum pescador podia ter esperança de pegar uma lula gigante em sua rede.

Dany olhou para onde estivera a escada, sentindo-se desconfortável. Até a fumaça tinha desaparecido agora, e a multidão dispersava-se, com cada homem indo tratar de seus assuntos. Dentro de mais um momento, alguns iriam encontrar as bolsas moles e vazias.

– E agora?

– E agora seus poderes crescem, *Khaleesi*. E você é a causa disso.

– Eu? – Dany riu. – Como assim?

A mulher se aproximou e encostou dois dedos no pulso de Dany.

– É a Mãe de Dragões, não é?

– É, e nenhum descendente das sombras pode tocá-la – Jhogo afastou seus dedos com o cabo do chicote.

A mulher deu um passo para trás.

– Deve deixar a cidade em breve, Daenerys Targaryen, senão, nunca lhe será permitido partir.

Dany ainda sentia um formigamento no pulso, no local onde Quaithe a tinha tocado.

– Para onde sugere que eu vá? – ela quis saber.

– Para ir ao norte, deve viajar para o sul. Para alcançar o oeste, tem de ir para o leste. Para ir em frente, deve voltar para trás, e para tocar a luz, tem de passar sob a sombra.

*Asshai*, pensou Dany. *Ela quer que eu vá para Asshai.*

– Os asshai'i vão me dar um exército? – quis saber. – Haverá ouro para mim em Asshai? Haverá navios? O que há em Asshai que não posso encontrar em Qarth?

– A verdade – disse a mulher da máscara. E, com uma reverência, voltou a desaparecer na multidão.

Rakharo fungou de desprezo por trás de seus bigodes negros e pendentes.

– *Khaleesi*, um homem faria melhor se engolisse escorpiões do que se confiasse em descendentes das sombras que não se atrevem a mostrar a face à luz do sol. É sabido.

– É sabido – Aggo concordou.

Xaro Xhoan Daxos tinha observado toda a conversa de cima de suas almofadas. Quando Dany voltou a subir para o palanquim a seu lado, disse:

– Seus selvagens são mais sábios do que julgam. Verdades como as que os asshai'i escondem não são do tipo que a fariam sorrir – então,

obrigou-a a aceitar outra taça de vinho e tornou a falar de amor, luxúria e outras ninharias ao longo de toda a viagem de volta à mansão.

No sossego de seus aposentos, Dany despiu os adornos e envergou uma veste solta de seda púrpura. Os dragões estavam com fome, por isso cortou uma serpente e esturricou as fatias num braseiro. *Eles estão crescendo*, ela reparou enquanto os observava lançando mordidas uns aos outros, na disputa pela carne enegrecida. *Devem pesar o dobro do que pesavam em Vaes Tolorro*. Mesmo assim, ainda levaria anos até que fossem suficientemente grandes para ser levados para a guerra. *E também devem ser treinados, caso contrário arrasarão meu reino*. Apesar de todo o seu sangue Targaryen, Dany não fazia a menor ideia de como se treinava um dragão.

Sor Jorah Mormont veio encontrá-la ao pôr do sol.

– Os Puronatos disseram-lhe que não?

– Tal como você disse que fariam. Venha, sente-se, dê-me seu conselho – Dany puxou-o para as almofadas a seu lado, e Jhiqui trouxe-lhes uma tigela de azeitonas roxas e cebolas marinadas em vinho.

– Não conseguirá ajuda nesta cidade, *khaleesi* – Sor Jorah pegou uma cebola entre o indicador e o polegar. – Cada dia que passa, mais me convenço disso. Os Puronatos não veem além das muralhas de Qarth, e Xaro…

– Xaro pediu-me de novo para casar com ele.

– Sim, e eu sei por quê – quando o cavaleiro franzia a testa, suas pesadas sobrancelhas juntavam-se por cima de seus olhos encovados.

– Ele sonha comigo, de dia e de noite – ela riu.

– Perdoe-me, minha rainha, mas é com os seus dragões que ele sonha.

– Xaro garante-me que em Qarth os homens e as mulheres mantêm suas propriedades depois de se casar. Os dragões são meus – Dany sorriu quando Drogon veio saltando e batendo as asas pelo chão de mármore para se aninhar na almofada ao seu lado.

– Ele fala a verdade até onde disse, mas há uma coisa que se esqueceu de mencionar. Os qartenos têm um curioso costume nupcial, minha rainha. No dia da união, a esposa pode pedir um penhor de amor ao

marido. Qualquer coisa que ela deseje de seus bens terrenos, ele tem de lhe conceder. E pode pedir-lhe a mesma coisa. Só uma coisa pode ser pedida, mas, seja o que for, não pode ser negado.

– Uma coisa – ela repetiu. – E não pode ser negada?

– Com um dragão, Xaro Xhoan Daxos governaria esta cidade, mas um navio pouco adianta à nossa causa.

Dany mordiscou uma cebola e refletiu tristemente sobre a deslealdade dos homens.

– Passamos pela feira no caminho de volta do Salão dos Mil Tronos – disse a Sor Jorah. – Quaithe estava lá – contou-lhe o que tinha visto o mago fazer com a escada de fogo, e o que a mulher da máscara vermelha lhe dissera.

– Para falar a verdade, ficaria contente por deixar esta cidade – disse o cavaleiro quando ela se calou. – Mas não na direção de Asshai.

– Então, para onde?

– Para leste.

– Mesmo aqui estou a meio mundo de distância do meu reino. Se for ainda mais para leste, posso nunca encontrar o caminho de volta a Westeros.

– Se for para oeste, arriscará a vida.

– A Casa Targaryen tem amigos nas Cidades Livres – relembrou-lhe Dany. – Amigos mais verdadeiros do que Xaro ou os Puronatos.

– Se pensa em Illyrio Mopatis, tenho dúvidas. Em troca de ouro suficiente, Illyrio venderia a senhora tão depressa como a um escravo.

– Meu irmão e eu fomos hóspedes na mansão de Illyrio durante meio ano. Se pretendesse nos vender, poderia ter feito isso na época.

– Ele vendeu a senhora – Sor Jorah retrucou. – A Khal Drogo.

Dany corou. O cavaleiro dizia a verdade, mas não gostou do tom duro que empregou na afirmação.

– Illyrio protegeu-nos das facas do Usurpador, e acreditava na causa do meu irmão.

– Illyrio não acredita em nenhuma causa a não ser na dele mesmo. Como regra, os glutões são homens gananciosos, e os magísteres,

tortuosos. Illyrio Mopatis é ambas as coisas. O que sabe realmente sobre ele?

– Sei que me deu os ovos de dragão.

O cavaleiro fungou.

– Se soubesse que os ovos podiam eclodir, teria se sentado pessoalmente sobre eles.

Aquilo fez com que ela sorrisse a contragosto.

–Ah, não tenho qualquer dúvida disso, sor. Conheço Illyrio melhor do que você pensa. Era uma criança quando deixei sua mansão em Pentos para desposar meu sol-e-estrelas, mas não era nem surda nem cega. E agora não sou criança.

– Mesmo se Illyrio for o amigo que pensa que é – o cavaleiro disse teimosamente –, não é suficientemente poderoso para entronizá-la sozinho, tal como não pôde fazer ao seu irmão.

– Ele é rico. Não tão rico como Xaro, talvez, mas suficientemente rico para contratar navios para mim, e também homens.

– Mercenários têm suas utilidades – Sor Jorah admitiu –, mas não conquistará o trono do seu pai com o refugo das Cidades Livres. Nada une um reino fracionado tão depressa como um exército invasor em seu solo.

– Eu sou sua legítima rainha – Dany protestou.

– É uma estranha que pretende desembarcar em sua costa com um exército de forasteiros que sequer sabem falar o Idioma Comum. Os senhores de Westeros não a conhecem, e têm todos os motivos para temê-la e desconfiar da senhora. Precisa ganhá-los antes de zarpar. Pelo menos alguns.

– E como é que posso fazer isso se for para leste como aconselha?

Ele comeu uma azeitona e cuspiu o caroço na palma da mão.

– Não sei, Vossa Graça, mas sei que quanto mais tempo permanecer num local, mais fácil será para seus inimigos a encontrarem. O nome *Targaryen* ainda os assusta. Tanto, que enviaram um homem para assassiná-la quando ouviram dizer que esperava um bebê. O que farão quando souberem de seus dragões?

Drogon estava enrolado debaixo do seu braço, tão quente como uma pedra que tivesse passado o dia inteiro sob o sol escaldante. Rhaegal e Viserion lutavam por um naco de carne, estapeando-se mutuamente com as asas enquanto fumaça saía assobiando de suas narinas. *Meus filhos furiosos*, pensou Dany. *Nada pode lhes acontecer*.

– O cometa trouxe-me a Qarth por um motivo. Tive esperança de encontrar aqui meu exército, mas parece que não será assim. Pergunto a mim mesma o que resta – *tenho medo*, compreendeu, *mas devo ser corajosa*. – Quando chegar a manhã, iremos encontrar Pyat Pree.

# Tyrion

A menina não chegou a chorar. Por mais nova que fosse, Myrcella Baratheon era uma princesa nata. *E uma Lannister, apesar do nome*, recordou-se Tyrion, *tanto do sangue de Jaime como do de Cersei*.

Era certo que o sorriso da garota estava um tanto trêmulo quando os irmãos se despediram dela no convés do *Mar Ligeiro*, mas ela conhecia as palavras adequadas, e as proferiu com coragem e dignidade. Quando chegou a hora de se separarem, foi Príncipe Tommen quem chorou, e Myrcella quem o confortou.

Tyrion observou as despedidas de cima do elevado convés do *Martelo do Rei Robert*, uma grande galé de guerra de quatrocentos remos. O *Martelo de Rob*, como os remadores o chamavam, constituiria a força principal da escolta de Myrcella. *Estrela Leonina*, *Vento Ousado* e *Senhora Lyanna* também viajariam com ela.

Tyrion sentia-se mais do que um pouco incomodado ao destacar uma parte tão grande da sua já inadequada frota, amputada que estava de todos os navios que tinham partido com Lorde Stannis para Pedra do Dragão e nunca tinham voltado, mas Cersei não queria ouvir falar de nada menos. Talvez tivesse razão. Se a garota fosse capturada antes de alcançar Lançassolar, a aliança com Dorne ficaria em frangalhos. Até agora, Doran Martell não tinha feito nada além de chamar os vassalos. Depois de Myrcella estar a salvo em Bravos, prometera deslocar suas forças para os desfiladeiros elevados, onde a ameaça poderia levar alguns dos senhores da Marca a repensar suas lealdades, e Lorde Stannis a hesitar quanto à marchar para o Norte. Mas era apenas uma simulação. Os Martell não se entregariam realmente à batalha, a menos que o

próprio Dorne fosse atacado, e Stannis não era assim tão tolo. *Se bem que alguns de seus vassalos podem ser*, Tyrion refletiu. *Devia pensar nisso*.

Limpou a garganta:

– Conhece as suas ordens, capitão.

– Sim, senhor. Devemos seguir a costa, permanecendo sempre à vista da terra, até atingirmos a Ponta da Garra Rachada. Daí, devemos avançar através do mar estreito na direção de Bravos. Sob nenhuma circunstância deveremos velejar à vista de Pedra do Dragão.

– E se nossos inimigos por acaso os avistarem mesmo assim?

– Se for um navio isolado, deveremos fazê-lo fugir ou destrui-lo. Se houver mais, o *Vento Ousado* deverá se juntar ao *Mar Ligeiro* a fim de protegê-lo, enquanto o resto da frota dá batalha.

Tyrion acenou. Se o pior acontecesse, o pequeno *Mar Ligeiro* deveria ser capaz de escapar de uma perseguição. Um navio pequeno com grandes velas era mais rápido do que qualquer navio de guerra, ou pelo menos era o que o capitão afirmara. Depois de Myrcella chegar a Bravos, devia estar a salvo. Tyrion enviava com ela Sor Arys Oakheart, a fim de servir como protetor juramentado, e contratara os bravosianos para que a levassem pelo resto do caminho até Lançassolar. Até Lorde Stannis hesitaria em despertar a ira da maior e mais poderosa das Cidades Livres. Viajar de Porto Real a Dorne via Bravos dificilmente seria a mais direta das rotas, mas *era* a mais segura… ou pelo menos era essa a sua esperança.

*Se Lorde Stannis soubesse dessa viagem, não poderia escolher melhor momento para mandar sua frota contra nós*. Tyrion olhou de relance para onde a Torrente se esvaziava na Baía da Água Negra, e ficou aliviado por não ver sinal de velas no amplo horizonte verde. Segundo o último relatório, a frota Baratheon permanecia ao largo de Ponta Tempestade, onde Sor Cortnay Penrose continuava a desafiar o cerco em nome do falecido Renly. Entretanto, estavam concluídos três quartos da construção das torres de guincho de Tyrion. Naquele exato momento, homens içavam pesados blocos de pedra para os seus lugares, enquanto decerto o xingavam por obrigá-los a trabalhar durante as festividades.

Que xingassem. *Mais uma quinzena, Stannis, é tudo de que preciso. Mais uma quinzena e ficará pronto*.

Tyrion observou a sobrinha, que se ajoelhava perante o Alto Septão, a fim de receber a bênção para a viagem. A luz do sol incidiu na coroa de cristal do homem e derramou arcos-íris sobre o rosto erguido de Myrcella. O ruído vindo da margem do rio tornava impossível ouvir as preces. Tyrion esperava que os deuses tivessem ouvidos mais aguçados do que ele. O Alto Septão era tão gordo como uma bola, e conseguia ser ainda mais pomposo e loquaz do que Pycelle. *Basta, velho, ponha um ponto final nisso*, Tyrion pensou, irritado. *Os deuses têm coisas melhores a fazer do que ouvir o que você diz, e eu também*.

Quando enfim terminaram os zumbidos e murmúrios, Tyrion despediu-se do capitão do *Martelo de Rob*.

– Entregue minha sobrinha em segurança em Bravos, e haverá um grau de cavaleiro à sua espera quando regressar – ele prometeu.

Enquanto abria caminho pela íngreme prancha até o cais, Tyrion sentia olhares pouco amistosos sobre ele. A galé oscilava suavemente, e o movimento sob seus pés fazia-o balançar mais do que nunca. *Aposto que adorariam troçar*. Ninguém se atrevia, pelo menos abertamente, se bem que tivesse ouvido resmungos misturados com os rangidos da madeira e das cordas e com o ruído que a corrente do rio fazia em torno das estacas. *Eles não gostam de mim. Bem, pouco admira. Estou bem alimentado e sou feio, enquanto eles passam fome*.

Bronn o escoltou através da multidão para se juntar à irmã e aos filhos dela. Cersei o ignorou, preferindo derramar sorrisos sobre o primo. Observou-a encantando Lancel com olhos tão verdes como o cordão de esmeraldas que rodeava sua esguia garganta branca, e deu um pequeno sorriso dissimulado para si próprio. *Conheço seu segredo, Cersei*, pensou. A irmã visitara frequentemente o Alto Septão nos últimos tempos, a fim de procurar as bênçãos dos deuses para a luta que se avizinhava com Lorde Stannis… Ou pelo menos era nisso que queria que ele acreditasse. Na verdade, após uma breve visita ao Grande Septo de Baelor, Cersei vestia um manto marrom comum de viajante e

esgueirava-se para ir encontrar um certo pequeno cavaleiro que ostentava o improvável nome de Sor Osmund Kettleblack e seus irmãos, igualmente duvidosos, Osney e Osfryd. Lancel tinha lhe contado tudo a respeito deles. Cersei pretendia usar os Kettleblack para comprar sua própria força de mercenários.

Bem, que desfrute de seus planos. Era muito mais amável quando pensava que o estava passando na frente. Os Kettleblack iriam encantá-la, receberiam seu dinheiro e prometeriam tudo o que ela pedisse. E por que não haveriam de fazer isso, se Bronn igualava cada centavo de cobre, moeda por moeda? Patifes amigáveis, todos os três, os irmãos eram na verdade muito mais habilidosos na fraude do que algum dia tinham sido no derramamento de sangue. Cersei tinha conseguido comprar três tambores vazios; eles fariam todos os ferozes sons trovejantes que ela pedisse, mas não tinham nada por dentro. Aquilo divertia Tyrion infinitamente.

Trombetas tocaram fanfarras quando o *Estrela Leonina* e o *Senhora Lyanna* se afastaram da costa, deslocando-se para jusante, a fim de abrir caminho ao *Mar Ligeiro*. Ouviram-se algumas aclamações vindas da multidão que se apertava nas margens, tão tênues e esfarrapadas como as nuvens que corriam no céu. Myrcella sorriu e acenou do convés. Atrás dela encontrava-se Arys Oakheart, com o manto branco ondulando ao vento. O capitão ordenou que as amarras fossem soltas, e os remos empurraram o *Mar Ligeiro* para a vigorosa correnteza da Torrente da Água Negra, onde suas velas desabrocharam ao vento… simples velas brancas, conforme Tyrion insistira, e não panos do carmim Lannister. O Príncipe Tommen soluçou.

– Você mia como um bebê de peito – silvou-lhe o irmão. – Príncipes não devem chorar.

– O Príncipe Aemon, Cavaleiro do Dragão, chorou no dia em que a Princesa Naerys se casou com o irmão Aegon – Sansa Stark interveio –, e os gêmeos Sor Arryk e Sor Erryk morreram com lágrimas no rosto depois de cada um deles ter dado ao outro um ferimento mortal.

– Cale-se, senão ordeno que Sor Meryn dê a *você* um ferimento mortal – Joffrey disse à sua prometida. Tyrion olhou de relance para a irmã, mas Cersei estava absorta por alguma coisa que Sor Balon Swann lhe dizia. *Será ela realmente tão cega para não ver o que ele é?*, perguntou a si mesmo.

No rio, o *Vento Ousado* desarmou os remos e deslizou corrente abaixo na esteira do *Mar Ligeiro*. Por fim, foi a vez do *Martelo do Rei Robert*, o poderio da frota real… ou pelo menos da porção que não tinha fugido com Stannis para Pedra do Dragão no ano anterior. Tyrion escolhera os navios com cuidado, evitando todos aqueles cujos capitães pudessem ser de lealdade duvidosa, de acordo com Varys… Mas, como o próprio Varys era de lealdade duvidosa, restava certo grau de apreensão. *Dependo de Varys em excesso*, refletiu. *Preciso de meus próprios informantes*. *Não que fosse confiar neles*. *A confiança pode nos matar*.

Voltou a se interrogar a respeito de Mindinho. Não havia chegado quaisquer notícias de Petyr Baelish desde que partira para Ponteamarga. Isso podia não querer dizer nada… ou tudo. Nem mesmo Varys sabia. O eunuco sugerira que talvez Mindinho tivesse encontrado algum infortúnio nas estradas. Podia até estar morto. Tyrion fungara com ironia.

– Se Mindinho está morto, eu sou um gigante.

O mais provável era que os Tyrell estivessem recusando o casamento proposto. Tyrion dificilmente podia culpá-los por isso. *Se eu fosse Mace Tyrell, mais depressa quereria ver a cabeça de Joffrey num espigão do que seu pau na minha filha*.

A pequena frota estava bem adiante na baía quando Cersei indicou que era hora de partir. Bronn trouxe o cavalo de Tyrion e o ajudou a montar. Aquela tarefa era de Podrick Payne, mas o tinham deixado na Fortaleza Vermelha. O magro mercenário tinha uma presença mais tranquilizadora do que o rapaz.

As estreitas ruas eram defendidas por homens da Patrulha da Cidade, mantendo a multidão afastada com os cabos das lanças. Sor Jacelyn Bywater seguia à frente, encabeçando uma cunha de lanceiros a cavalo com cota de malha preta e manto dourado. Atrás dele vinham Sor Aron

Santagar e Sor Balon Swann, transportando os estandartes do rei, o leão dos Lannister e o veado coroado dos Baratheon.

Rei Joffrey seguia-os num alto palafrém cinza, com uma coroa dourada pousada em seus caracóis dourados. Sansa Stark montava uma égua alazã a seu lado, sem olhar nem para a esquerda nem para a direita, com o espesso cabelo ruivo fluindo até os ombros em uma rede de selenitas. Dois dos membros da Guarda Real flanqueavam o casal, Cão de Caça à direita do rei e Sor Mandon Moore à esquerda da menina Stark.

A seguir vinha Tommen, fungando, com Sor Preston Greenfield em sua armadura e manto brancos, e depois Cersei, acompanhada por Sor Lancel e protegida por Meryn Trant e Boros Blount. Tyrion ficou ao lado da irmã. Atrás deles seguia o Alto Septão em sua liteira, e uma longa comitiva de outros cortesãos: Sor Horas Redwyne, Senhora Tanda e a filha, Jalabhar Xho, Lorde Gyles Rosby e os outros. Uma dupla coluna de guardas fechava a retaguarda.

Os barbados e sujos fitavam os cavaleiros com um ressentimento embotado, do outro lado da linha de lanças. *Não gosto disso nem um pouquinho*, Tyrion pensou. Bronn tinha um grupo de vinte mercenários espalhados pela multidão com ordens de acabar com qualquer problema antes de ele começar. Talvez Cersei tivesse colocado seus Kettleblack de forma semelhante. De algum modo, Tyrion achava que isso não ajudaria muito. Se o fogo estivesse quente demais, era difícil impedir que a sobremesa se queimasse atirando um punhado de passas para dentro da panela.

Atravessaram a Praça dos Peixeiros e avançaram ao longo da Via Lamacenta antes de virar para o estreito e curvo Gancho e dar início à subida da Colina de Aegon. Algumas vozes começaram a gritar "*Joffrey! Viva, viva!*" enquanto o jovem rei passava, mas a cada homem que gritava, uma centena mantinha-se em silêncio. Os Lannister deslocavam-se através de um mar de homens esfarrapados e mulheres esfomeadas, enfrentando uma maré de olhos carrancudos. Bem à sua frente, Cersei ria de alguma coisa que Lancel tinha dito, embora Tyrion suspeitasse de que

sua alegria era fingida. Não podia estar alheia à agitação que os rodeava, mas a irmã sempre acreditava em dar um espetáculo de bravura.

Com metade da viagem percorrida, uma mulher em prantos forçou a passagem por entre dois guardas e correu para a rua, à frente do rei e de seus companheiros, segurando o cadáver do bebê morto acima da cabeça. Estava azul e inchado, grotesco, mas o verdadeiro horror eram os olhos da mãe. Joffrey olhou-a por um momento como se quisesse atropelá-la, mas Sansa Stark debruçou-se e lhe disse qualquer coisa. O rei atrapalhou-se com a bolsa e atirou à mulher um veado de prata. A moeda quicou na criança e afastou-se rolando, passando por baixo das pernas dos homens de manto dourado, para o meio da multidão, onde uma dúzia de homens começou a lutar por ela. A mulher nem sequer piscou. Seus braços muito magros tremiam com o peso morto do filho.

– Deixe-a, Vossa Graça – Cersei gritou ao filho –, ela está para lá da nossa ajuda, coitada.

A mãe ouviu. De algum modo a voz da rainha abriu caminho através da inteligência devastada da mulher. Seu rosto descuidado contorceu-se com repugnância.

– *Puta!* – ela guinchou. – *Puta do Regicida! Fode-irmãos!* – seu filho morto caiu de seus braços como uma saca de farinha quando apontou para Cersei. – *Fode-irmãos, fode-irmãos, fode-irmãos.*

Tyrion não chegou a ver quem atirou o esterco. Só ouviu o arquejo de Sansa e a praga berrada por Joffrey, e, quando virou a cabeça, o rei limpava sujeira marrom do rosto. Havia mais no seu cabelo dourado e salpicos pelas pernas de Sansa.

– Quem atirou isso? – Joffrey gritou. Levou os dedos ao cabelo, fez uma cara furiosa e atirou ao chão mais um punhado de bosta. – Quero o homem que atirou isso! – gritou. – Cem dragões de ouro para o homem que o denunciar.

– Ele estava ali em cima! – gritou alguém da multidão. O rei obrigou o cavalo a descrever um círculo a fim de inspecionar os telhados e as varandas abertas acima deles. Na multidão havia pessoas apontando, empurrando, amaldiçoando-se umas às outras e ao rei.

– Por favor, Vossa Graça, deixe-o ir – Sansa suplicou.

O rei não prestou atenção.

– Tragam o homem que atirou aquela imundície! – Joffrey ordenou. – Há de lambê-la de cima de mim, caso contrário corto sua cabeça. Cão, traga-o aqui!

Obediente, Sandor Clegane saltou da sela, mas não havia maneira de passar através daquela muralha de carne, muito menos de subir ao telhado. Aqueles que estavam mais próximos começaram a se contorcer e a empurrar para se afastar, enquanto outros faziam pressão para a frente, queriam ver. Tyrion sentiu o cheiro do desastre.

– Clegane, deixe-o, o homem já fugiu há muito tempo.

– Eu *quero* esse homem! – Joffrey apontou para o telhado. – Ele estava ali em cima! Cão, abra caminho com a espada através deles e traga-me…

Um tumulto de som afogou suas últimas palavras, um trovão rolante de raiva, medo e ódio que os submergiu por todos os lados. "*Bastardo!*", alguém gritou para Joffrey, "*monstro bastardo*." Outras vozes lançavam nomes como "*Puta*" e "*Fode-irmãos*" à rainha, enquanto Tyrion era crivado com gritos de "*Aborto*" e "*Meio-Homem*". Misturados com os insultos, ouviu alguns gritos por "*Justiça*" e "*Robb, Rei Robb, o Jovem Lobo*", por "*Stannis!*" e até por "*Renly!*". De ambos os lados da rua, a multidão encapelou-se contra os cabos das lanças enquanto os homens de mantos dourados lutavam para manter a fileira. Pedras, bosta e coisas piores zumbiam por cima das cabeças. "Dê-nos comida!", guinchou uma mulher. "Pão!", trovejou um homem atrás dela. "*Queremos pão*, bastardo!" Num instante, mil vozes juntaram-se ao cântico. Rei Joffrey, Rei Robb e Rei Stannis foram esquecidos, e o Rei Pão governou sozinho. "*Pão!*", gritaram. "*Pão, pão!*"

Tyrion esporeou o cavalo para o lado da irmã, gritando:

– De volta ao castelo. *Agora*.

Cersei fez um aceno brusco, e Sor Lancel desembainhou a espada. À frente da coluna, Jacelyn Bywater rugia ordens. Seus homens a cavalo baixaram as lanças e avançaram em cunha. O rei fazia o palafrém rodopiar em círculos ansiosos enquanto mãos atravessavam a fileira de

mantos dourados, tentando agarrá-lo. Uma conseguiu pegar sua perna, mas só por um instante. A espada de Sor Mandon desceu, separando a mão do pulso.

– *Cavalga!* – Tyrion gritou ao sobrinho, dando uma forte palmada na garupa do cavalo. O animal empinou-se, relinchando, e mergulhou à frente, obrigando a multidão a dispersar.

Tyrion conduziu o cavalo para a abertura, na cola dos cascos do rei. Bronn acompanhou-o, de espada na mão. Uma pedra irregular passou voando perto de sua cabeça enquanto cavalgava, e uma couve podre explodiu contra o escudo de Sor Mandon. À esquerda do grupo, três homens de manto dourado caíram sob a força da multidão, que correu em frente, pisoteando os homens derrubados. Cão de Caça tinha desaparecido, embora seu cavalo cavalgasse sem cavaleiro ao lado deles. Tyrion viu Aron Santagar ser puxado de cima da sela, enquanto o veado dourado e negro dos Baratheon era arrancado de suas mãos. Sor Balon Swann deixou o leão dos Lannister cair para pegar a espada. Lançou golpes à direita e à esquerda, enquanto o estandarte caído era rasgado e mil pedaços esfarrapados rodopiavam para longe, como folhas carmesins num vento de tempestade, e, num instante, desapareceram. Alguém cambaleou para a frente do cavalo de Joffrey e berrou quando o rei o atropelou. Tyrion não seria capaz de dizer se tinha sido homem, mulher ou criança. Joffrey galopava ao seu lado, pálido como leite coalhado, com Sor Mandon Moore à sua esquerda como uma sombra branca.

De repente, a loucura ficou para trás e ressoou pela praça pavimentada que se abria diante da barbacã do castelo. Uma fileira de lanceiros defendia os portões. Sor Jacelyn fazia seus lanceiros descreverem meia-volta para outra investida. As lanças abriram-se para deixar o grupo do rei passar sob a porta levadiça. Muralhas vermelho-claras erguiam-se em volta deles, tranquilizadoramente altas e repletas de besteiros.

Tyrion não se lembrava de ter desmontado. Sor Mandon ajudava o abalado rei a descer do cavalo, enquanto Cersei, Tommen e Lancel atravessavam os portões com Sor Meryn e Sor Boros logo atrás. A lâmina de Boros estava coberta de sangue, e o manto branco de Meryn

tinha sido arrancado de seus ombros. Sor Balon Swann entrou sem elmo, com a montaria espumando e a boca sangrando. Horas Redwyne trouxe a Senhora Tanda, meio enlouquecida de medo pela filha Lollys, que tinha sido derrubada da sela e deixada para trás. Lorde Gyles, com o rosto mais cinzento do que nunca, gaguejou uma história sobre ter visto o Alto Septão sendo derrubado da liteira, gritando preces enquanto a multidão o arrastava. Jalabhar Xho disse que pensava ter visto Sor Preston Greenfield da Guarda Real cavalgar na direção da liteira virada do Alto Septão, mas não tinha certeza.

Tyrion ouviu vagamente um meistre perguntando se ele estava ferido. Abriu caminho pelo pátio aos empurrões até onde estava o sobrinho, com a coroa suja de esterco acomodada de lado na cabeça.

– Traidores – Joffrey balbuciava, nervoso –, vou cortar as cabeças de todos, vou…

O anão deu um tapa tão forte em sua cabeça coroada que a coroa voou. Depois, empurrou-o com ambas as mãos e o derrubou, fazendo-o estatelar-se no chão.

– Seu maldito e cego *idiota*.

– Eles eram traidores – do chão, Joffrey guinchou. – Chamaram-me de nomes e atacaram-me!

– *Você atiçou seu cão sobre eles*! Que imaginava que fizessem, que dobrassem docilmente o joelho enquanto Cão de Caça cortava alguns braços e pernas? Seu *garotinho* mimado e imbecil, matou Clegane, e só os deuses sabem quantos mais, e, no entanto, *você* escapou sem um arranhão. *Maldito seja!* – Tyrion o chutou. A sensação era tão boa que poderia tê-lo feito mais vezes, mas Sor Mandon Moore o puxou para trás enquanto Joffrey uivava, e rapidamente Bronn estava ali para contê-lo. Cersei ajoelhou junto ao filho, enquanto Sor Balon Swann continha Sor Lancel. Tyrion libertou-se de Bronn com uma sacudida. – Quantos ainda estão lá fora? – gritou para ninguém e para todos.

– Minha filha – chorou a Senhora Tanda. – Por favor, alguém tem de voltar à procura de Lollys…

– Sor Preston não regressou – relatou Sor Boros Blount –, nem Aron Santagar.

– Nem a Ama de Leite – disse Sor Horas Redwyne. Era o apelido jocoso que os outros escudeiros tinham atribuído a Tyrek Lannister.

Tyrion passou os olhos pelo pátio.

– Onde está a menina Stark?

Por um momento, ninguém respondeu. Finalmente Joffrey falou:

– Ela cavalgava a meu lado. Não sei para onde foi.

Tyrion apertou as têmporas latejantes com dedos ásperos. Se algo tivesse acontecido a Sansa Stark, Jaime era um homem morto.

– Sor Mandon, você era o escudo dela.

O homem permaneceu impassível:

– Quando atacaram Cão de Caça, pensei primeiro no rei.

– E com razão – Cersei interveio. – Boros, Meryn, voltem e encontrem a menina.

– E a minha filha? – soluçou a Senhora Tanda. – Por favor, sores…

Sor Boros não pareceu contente com a perspectiva de abandonar a segurança do castelo.

– Vossa Graça – disse à rainha –, ver nossos mantos brancos pode enfurecer o povo.

Tyrion tinha engolido o máximo que conseguia.

– Que os Outros levem a porra de seus mantos! *Tire-o*, se tem medo de usá-lo, maldito imbecil… Mas *encontre Sansa Stark* ou, juro, mandarei que Shagga abra essa sua cabeça feia para ver se há alguma coisa aí dentro além de chouriços.

Sor Boros ficou roxo de raiva.

– Você está *me* chamando de feio? *Você*? – começou a erguer a espada ensanguentada que ainda agarrava com o punho coberto de cota de malha. Bronn empurrou Tyrion sem-cerimônia para trás de seu corpo.

– *Parem!* – Cersei exclamou. – Boros, vá fazer o que lhe é pedido, ou encontraremos outra pessoa para usar esse manto. Seu voto…

– Ali está ela! – Joffrey gritou, apontando.

Sandor Clegane entrou pelos portões a um meio-galope, vivo, montado no corcel castanho de Sansa. A garota vinha sentada atrás, apertando o peito do Cão de Caça com ambos os braços.

Tyrion gritou:

– Está ferida, Senhora Sansa?

Escorria sangue pela testa de Sansa, vindo de um golpe profundo em seu couro cabeludo.

– Eles… Eles estavam atirando coisas… Pedras e sujeira, ovos… Tentei lhes dizer, não tinha pão para lhes dar. Um homem tentou me puxar da sela. Acho que Cão de Caça o matou… o braço dele… – seus olhos esbugalharam-se e ela colocou uma mão sobre a boca. – Ele *cortou seu braço fora.*

Clegane pôs Sansa no chão. Seu manto branco estava rasgado e manchado, e saía sangue de um rasgo irregular na manga esquerda.

– O passarinho está sangrando. Alguém tem que levá-lo de volta à gaiola e tratar daquele golpe – Meistre Franken aproximou-se rapidamente para obedecer. – Despacharam Santagar – prosseguiu Cão de Caça. – Quatro homens seguraram-no no chão e revezaram-se para bater em sua cabeça com uma pedra de pavimentação. Estripei um deles, não que isso tenha feito algum bem a Sor Aron.

Senhora Tanda dirigiu-se a ele:

– A minha filha...

– Não cheguei a vê-la – Cão de Caça passou os olhos pelo pátio, de cenho carregado. – Onde está o meu cavalo? Se aconteceu alguma coisa àquele cavalo, alguém vai ter de pagar.

– Ele veio correndo conosco durante algum tempo – Tyrion respondeu –, mas não sei o que houve depois disso.

– *Fogo!* – gritou uma voz de cima da barbacã. – Senhores, há fumaça na cidade. A Baixada das Pulgas está ardendo.

Tyrion estava indizivelmente cansado, mas não havia *tempo* para desespero.

– Bronn, leve tantos homens quanto precisar e assegure-se de que os carros de água não sejam molestados – *que os deuses sejam bons, o*

*fogovivo, se alguma chama chegar até ele…* – Podemos perder toda a Baixada das Pulgas se for preciso, mas em hipótese alguma o fogo poderá atingir o Palácio dos Alquimistas, está entendido? Clegane, você vai com ele.

Durante meio segundo, Tyrion pensou vislumbrar medo nos olhos escuros do Cão de Caça. *Fogo*, compreendeu. *Que os Outros me levem, claro que ele odeia fogo, já o experimentou bem demais.* A expressão desapareceu num instante, substituída pela carranca familiar de Clegane.

– Irei – ele concordou –, mas não por *sua* ordem. Tenho de encontrar aquele cavalo.

Tyrion virou-se para os três cavaleiros restantes da Guarda Real.

– Cada um de vocês irá escoltar um arauto. Ordenem a todos que retornem às suas casas. Qualquer homem que for encontrado nas ruas depois do último repique do toque de anoitecer será morto.

– Nosso lugar é ao lado do rei – disse Sor Meryn com complacência.

Cersei empinou-se como uma víbora:

– Seu lugar é onde o meu irmão disser que é – ela cuspiu. – A Mão fala com a voz do rei, e desobediência é traição.

Boros e Meryn trocaram um olhar.

– Devemos usar nossos mantos, Vossa Graça? – Sor Boros perguntou.

– Por mim podem até ir nus. Isso talvez lembre à multidão que são homens. É provável que tenham se esquecido disso depois de verem o modo como se comportaram lá fora.

Tyrion deixou a irmã enfurecer-se. Sentia a cabeça latejando. Achava que conseguia sentir o cheiro de fumaça, embora talvez fosse apenas o odor de seus nervos desgastados. Dois dos Corvos de Pedra guardavam a porta da Torre da Mão.

– Vão atrás de Timett, filho de Timett.

– Os Corvos de Pedra não correm gritando atrás de Homens Queimados – informou-o um dos selvagens com altivez.

Por um momento, Tyrion tinha se esquecido de com quem lidava.

– Então vão atrás de Shagga.

– Shagga dorme.

Não gritar era um esforço.

– Acorde-o. Vá.

– Não é nada fácil acordar Shagga, filho de Dolf – o homem protestou. – Sua ira é temível – e foi embora resmungando.

O homem dos clãs entrou calmamente, bocejando e se coçando.

– Metade da cidade está amotinada, a outra metade está ardendo, e Shagga ronca – Tyrion o recebeu.

– Shagga não gosta da água lamacenta que aqui tem, por isso tem de beber da sua cerveja fraca e do seu vinho azedo, e depois a cabeça dói.

– Tenho Shae numa mansão perto do Portão de Ferro. Quero que vá até lá e a mantenha a salvo, aconteça o que acontecer.

O enorme homem sorriu, com os dentes transformados numa fenda amarela no território selvagem e peludo de sua barba.

– Shagga vai trazê-la para cá.

– Somente assegure-se de que nenhum mal lhe aconteça. Diga-lhe que irei encontrá-la assim que puder. Talvez ainda esta noite, ou com certeza amanhã.

Mas, ao cair da noite, a cidade continuava em tumulto, embora Bronn relatasse que os incêndios tinham sido apagados e que a maior parte dos grupos errantes tinha se dispersado. Por mais que Tyrion ansiasse pelo conforto dos braços de Shae, compreendeu que naquela noite não iria a lugar nenhum.

Sor Jacelyn Bywater entregou a fatura do carniceiro enquanto Tyrion jantava capão frio e pão de centeio entre as sombras de seu aposento privado. Àquela altura, o ocaso já havia se transformado em trevas, mas quando os criados vieram acender suas velas e um fogo na lareira, Tyrion rugira e os pusera para correr. Seu humor estava tão negro como o aposento, e Bywater não disse nada que o iluminasse.

A lista dos mortos era encabeçada pelo Alto Septão, destroçado enquanto gritava aos seus deuses por misericórdia. *Homens famintos olham com olhos duros para sacerdotes gordos demais para andar*, Tyrion refletiu.

O cadáver de Sor Preston, a princípio, não tinha sido notado; os homens de manto dourado tinham andado à procura de um cavaleiro em armadura branca, mas ele havia sido tão cruelmente apunhalado e golpeado que estava vermelho-amarronzado da cabeça aos pés.

Sor Aron Santagar tinha sido encontrado numa sarjeta, com a cabeça transformada numa polpa vermelha dentro de um elmo esmagado.

A filha da Senhora Tanda cedera sua virgindade a meia centena de homens aos gritos atrás de uma tanoaria. Os homens de manto dourado tinham-na encontrado vagueando, nua, pelo Quarteirão do Porco Salgado.

Tyrek continuava desaparecido, tal como a coroa de cristais do Alto Septão. Nove homens de manto dourado tinham sido mortos, e havia quarenta feridos. Ninguém se incomodara em contar quantos haviam morrido entre a multidão.

– Quero Tyrek, vivo ou morto – Tyrion disse secamente quando Bywater se calou. – Ele não passa de um garoto. Filho do meu falecido tio Tygett. O pai sempre foi bom para mim.

– Vamos encontrá-lo. E a coroa do septão também.

– Por mim, os Outros bem podem enrabar-se uns aos outros com a coroa do septão.

– Quando me nomeou para comandar a Patrulha, disse que queria a verdade pura, sempre.

– Por algum motivo, tenho a sensação de que não vou gostar do que quer que tenha a dizer – Tyrion disse sombriamente.

– Hoje seguramos a cidade, senhor, mas não faço promessas para amanhã. A chaleira está perto da fervura. Há lá fora tantos ladrões e assassinos que nenhuma casa está em segurança, o fluxo sangrento espalha-se pelos refeitórios ao longo da Curva da Urina, e não há comida que se compre por cobre ou prata. Onde antes só se ouviam resmungos vindos da sarjeta, agora fala-se abertamente de traição em palácios de guildas e mercados.

– Precisa de mais homens?

– Não confio em metade dos homens que tenho agora. Slynt triplicou o tamanho da Patrulha, mas é preciso mais do que um manto dourado para

fazer um vigia. Há homens bons e leais entre os novos recrutas, mas também há mais brutos, bêbados, covardes e traidores do que gostaria de saber. Estão meio treinados, mas são indisciplinados, e a lealdade que têm é para com a própria pele. Caso se chegue à batalha, temo que não resistam.

– Nunca esperei que resistissem – Tyrion respondeu. – Desde o início sei que assim que nossas muralhas abrirem uma brecha, estaremos perdidos.

– Meus homens vêm, na sua maioria, do povo. Caminham pelas mesmas ruas, bebem nas mesmas tabernas, servem-se das mesmas tigelas de castanho dos mesmos refeitórios. Seu eunuco já lhe deve ter dito que há pouco amor pelos Lannister em Porto Real. Muitos ainda se lembram de como o senhor seu pai saqueou a cidade, quando Aerys lhe abriu os portões. Sussurram que os deuses estão nos punindo pelos pecados de sua Casa… pelo assassinato do Rei Aerys por seu irmão, pelo massacre dos filhos de Rhaegar, pela execução de Eddard Stark e pela selvageria da justiça de Joffrey. Alguns falam abertamente de como as coisas eram melhores quando Robert era rei, e sugerem que os tempos voltariam a melhorar com Stannis no trono. Ouvem-se essas coisas em refeitórios, tabernas e bordéis… e temo que também se ouçam em casernas e salões de guardas.

– Odeiam minha família, é isso que está me dizendo?

– Sim… E vão se virar contra ela, se houver uma oportunidade.

– Também me odeiam?

– Pergunte ao seu eunuco.

– Estou perguntando a você.

Os olhos encovados de Bywater enfrentaram os desiguais do anão e não pestanejaram.

– Acima de tudo, senhor.

– *Acima de tudo?* – a injustiça o sufocava. – Foi Joffrey quem lhes disse para comer seus mortos, foi Joffrey quem atiçou seu cão sobre eles. Como podem me culpar?

– Sua Graça não passa de um rapaz. Nas ruas, dizem que tem conselheiros malignos. A rainha nunca foi conhecida como uma amiga da plebe, nem chamam Lorde Varys de Aranha por amor… Mas é você quem mais culpam. Sua irmã e o eunuco estavam aqui quando os tempos eram melhores sob o reinado do Rei Robert, mas você não. Dizem que encheu a cidade de mercenários arrogantes e selvagens que não tomam banho, brutos que roubam o que desejam e não seguem nenhuma lei, a não ser a deles próprios. Dizem que exilou Janos Slynt porque o achou direto e honesto demais para o seu gosto. Dizem que atirou o sábio e gentil Pycelle na masmorra quando se atreveu a levantar a voz contra você. Alguns até dizem que planeja tomar o Trono de Ferro para si.

– Sim, e além de tudo sou um monstro, hediondo e deformado, nunca se esquecça disso – a mão de Tyrion enrolou-se num punho. – Já ouvi o suficiente. Ambos temos trabalho a fazer. Deixe-me.

*Talvez o senhor meu pai tivesse razão em me desprezar ao longo de todos esses anos, se isto é o melhor que consigo realizar*, Tyrion pensou depois de ficar sozinho. Fitou os restos do jantar, sentindo um incômodo na barriga ao ver o capão frio e gorduroso. Repugnado, afastou-o para longe de si, gritou por Pod, e enviou o rapaz para chamar, correndo, Varys e Bronn. *Meus conselheiros de maior confiança são um eunuco e um mercenário, e minha senhora é uma prostituta. O que isso diz de mim?*

Bronn queixou-se da escuridão quando chegou, e insistiu em acender a lareira, que já ardia bem quando Varys surgiu.

– Onde esteve? – Tyrion quis saber.

– Tratando de assuntos do rei, meu querido senhor.

– Ah, sim, o *rei*... Meu sobrinho não é capaz de se sentar numa latrina, quanto mais no Trono de Ferro.

Varys encolheu os ombros:

– Deve-se ensinar o ofício a um aprendiz.

– Metade dos aprendizes da Alameda dos Vapores conseguiriam governar melhor do que esse seu rei – Bronn sentou-se do outro lado da mesa e arrancou uma asa do capão.

Tyrion tinha desenvolvido o hábito de ignorar as frequentes insolências do mercenário, mas naquela noite achava-as vexatórias.

– Não me lembro de lhe dar licença para acabar meu jantar.

– Não parecia estar comendo – Bronn respondeu com a boca cheia de carne. – A cidade passa fome, desperdiçar comida é um crime. Tem vinho?

*A seguir vai querer que o sirva*, pensou Tyrion sombriamente.

– Você vai longe demais – preveniu-o.

– E você nunca vai longe o suficiente – Bronn atirou, com fúria, o osso da asa. – Já pensou em como a vida seria fácil se o outro tivesse nascido primeiro? – enfiou os dedos no capão e arrancou um pedaço de peito. – O chorão, Tommen. Parece que faria tudo o que lhe dissessem, como um bom rei devia fazer.

Um arrepio desceu pela espinha de Tyrion quando compreendeu o que o mercenário estava sugerindo. *Se Tommen fosse rei…*

Só havia uma maneira de Tommen se tornar rei. Não, nem podia pensar nisso. Joffrey pertencia ao seu sangue, e era tanto filho de Jaime como de Cersei.

– Podia mandar decapitá-lo por dizer isso – disse a Bronn, mas o mercenário limitou-se a rir.

– Amigos – disse Varys –, discussões de nada nos servem. Peço a ambos, ponham o coração nas mãos.

– O coração de quem? – Tyrion perguntou com amargura. Conseguia pensar em várias hipóteses tentadoras.

# Davos

Sor Cortnay Penrose não usava armadura. Montava um garanhão alazão, e seu porta-estandartes, um cinza sarapintado. Por cima deles esvoaçavam o veado coroado de Baratheon e as penas cruzadas de Penrose, brancas em fundo ferrugem. A barba de Sor Cortnay, em forma de pá, era também cor de ferrugem, embora ele tivesse se tornado completamente calvo. Se o tamanho e esplendor do grupo do rei o impressionava, não o demonstrava naquele rosto desgastado.

Aproximaram-se a trote, com muito tinir de cotas de malha e chocalhar de placas de armadura. Até Davos usava cota de malha, embora não pudesse explicar por quê; seus ombros e o lombo doíam devido ao peso pouco habitual. Fazia-o sentir-se oprimido e tolo, e perguntou uma vez mais a si mesmo por que motivo estava ali. *Não me cabe questionar as ordens do rei, e, no entanto…*

Todos os membros do grupo eram de melhor nascimento e posição mais elevada do que Davos Seaworth, e os grandes senhores cintilavam ao sol da manhã. Aço prateado e relevos de ouro abrilhantavam suas armaduras, e seus elmos de guerra eram ornamentados com uma profusão de plumas de seda, penas e animais heráldicos destramente trabalhados com olhos de pedras preciosas. O próprio Stannis parecia deslocado naquela companhia rica e régia. Tal como Davos, o rei vinha simplesmente vestido de lã e couro fervido, embora o diadema de ouro vermelho que emoldurava suas têmporas lhe emprestasse uma certa grandeza. A luz do sol relampejava nas pontas em forma de chama sempre que ele movia a cabeça.

Aquilo era o mais perto que Davos havia chegado de Sua Graça nos oito dias que se passaram desde que o *Betha Negra* tinha se juntado ao resto

da frota ao largo de Ponta Tempestade. Pedira audiência menos de uma hora depois de ter chegado, mas foi informado de que o rei estava ocupado. Ele estava frequentemente ocupado, soube Davos pelo filho Devan, um dos escudeiros reais. Agora que Stannis Baratheon tinha assumido o poder, os fidalgos zumbiam ao seu redor como moscas em torno de um cadáver. *E ele também parece meio cadavérico, anos mais velho do que quando parti de Pedra do Dragão*. Devan dizia que nos últimos tempos o rei quase não dormia.

– Desde que Lorde Renly morreu, tem sido perturbado por pesadelos terríveis – o rapaz tinha confidenciado ao pai. – As poções do meistre não lhe afetam. Só a Senhora Melisandre consegue acalmá-lo o suficiente para voltar ao sono.

*Será por isso que ela divide agora seu pavilhão?*, perguntou-se Davos. *Para rezar com ele? Ou será que tem outra maneira de acalmá-lo o suficiente para voltar ao sono?* Era uma pergunta indigna, que não se atrevia a fazer, mesmo ao seu próprio filho. Devan era um bom rapaz, mas usava orgulhosamente o coração flamejante no gibão, e o pai vira-o junto às fogueiras ao pôr do sol, implorando ao Senhor da Luz que trouxesse a alvorada. *Ele é o escudeiro do rei*, disse a si mesmo, *era de esperar que adotasse o deus do rei*.

Davos quase tinha se esquecido de como as muralhas de Ponta Tempestade se erguiam altas e espessas quando vistas de perto. Rei Stannis parou à sombra delas, a pouco mais de um metro de Sor Cortnay e de seu porta-estandarte.

– Sor – ele disse com rígida cortesia. Mas não fez nenhum movimento para desmontar.

– Senhor – aquilo era menos cortês, mas não inesperado.

– É costume tratar um rei por *Vossa Graça* – anunciou Lorde Florent. Uma raposa vermelha de ouro projetava o focinho brilhante da sua placa de peito através de um círculo de flores em lápis-lazúli. Muito alto, muito palaciano e muito rico, o Senhor da Fortaleza de Águas Claras tinha sido o primeiro dos vassalos de Renly a declarar apoio a Stannis, e o primeiro a renunciar aos seus antigos deuses e a adotar o Senhor da

Luz. Stannis deixara sua rainha em Pedra do Dragão com o tio Axell, mas os homens da rainha eram mais numerosos e poderosos do que nunca, e Alester Florent era o que mais se destacava entre eles.

Sor Cortnay Penrose ignorou-o, preferindo se dirigir a Stannis.

– Esta é uma notável companhia. Os grandes senhores Estermont, Errol e Varner. Sor Jon dos Fossoway da maçã verde e Sor Bryan da vermelha. Lorde Caron e Sor Guyard da Guarda Arco-Íris do Rei Renly… *e* o poderoso Lorde Alester Florent de Águas Claras, é claro. Aquele é o seu Cavaleiro das Cebolas que vejo lá atrás? É bom vê-lo, Sor Davos. Receio não conhecer a senhora.

– Meu nome é Melisandre, sor – só ela tinha vindo sem outra armadura além de suas soltas vestes vermelhas. Na garganta, o rubi vermelho bebia a luz do dia. – Sirvo ao seu rei e ao Senhor da Luz.

– Desejo-lhe felicidades com eles, senhora – Sor Cortnay respondeu. – Mas curvo-me perante outros deuses e um rei diferente.

– Não há mais do que um rei verdadeiro e um deus verdadeiro – anunciou Lorde Florent.

– Estamos aqui para discutir teologia, senhor? Se soubesse, teria trazido um septão.

– Sabe perfeitamente bem por que motivo estamos aqui – Stannis finalmente falou. – Teve uma quinzena para refletir sobre a minha proposta. Enviou seus corvos. Nenhuma ajuda veio. Nem virá. Ponta Tempestade está sozinha, e já não tenho paciência. Pela última vez, sor, ordeno-lhe que abra os portões, e me entregue o que é legitimamente meu.

– E as condições? – Sor Cortnay quis saber.

– Permanecem as mesmas. Vou perdoá-lo por sua traição, assim como perdoei estes senhores que vê atrás de mim. Os homens de sua guarnição serão livres para entrar ao meu serviço ou para voltar às suas casas sem ser incomodados. Pode conservar suas armas e tanta propriedade quanto um homem for capaz de transportar. No entanto, necessitarei de seus cavalos e animais de carga.

– E quanto a Edric Storm?

– O bastardo do meu irmão deve ser entregue a mim.

– Neste caso, minha resposta continua a ser não, senhor.

O rei apertou o maxilar. E nada disse.

Em seu lugar, foi Melisandre quem falou:

– Que o Senhor da Luz o proteja na escuridão, Sor Cortnay.

– Que os Outros comam o cu do seu Senhor da Luz – cuspiu Penrose de volta –, e limpem-no com esse trapo que você transporta.

Lorde Alester Florent pigarreou:

– Sor Cortnay, tenha tento na língua. Sua Graça não deseja nenhum mal ao rapaz. O garoto é do seu sangue, e também do meu. A mãe foi minha sobrinha Delena, como todos sabem. Se não confia no rei, confie em mim. Conhece-me como um homem de honra…

– Conheço-o como um homem de ambição – Sor Cortnay o interrompeu. – Um homem que troca de reis e de deuses como eu troco de botas. Tal como esses outros vira-casacas que vejo à minha frente.

Um clamor irado ergueu-se entre os homens do rei. *Ele não se engana muito*, Davos pensou. Pouco tempo antes, os Fossoway, Guyard Morrigen e os Lordes Caron, Varner, Errol e Estermont tinham pertencido a Renly. Tinham se sentado em seu pavilhão, ajudado-o a fazer seus planos de batalha, e planejado o modo de subjugar Stannis. E Lorde Florent estivera com eles… Podia ser tio da Rainha Selyse, mas isso não havia impedido o Senhor de Águas Claras de dobrar o joelho a Renly quando a estrela deste subia.

Bryce Caron fez o cavalo avançar alguns passos, com o longo manto listrado de arco-íris retorcendo-se sob o vento vindo da baía.

– Nenhum homem aqui é um vira-casaca, sor. Minha lealdade pertence a Ponta Tempestade, e Rei Stannis é o seu senhor legítimo… *e* o nosso verdadeiro rei. É o último da Casa Baratheon, herdeiro de Robert e de Renly.

– Se é assim, por que o Cavaleiro das Flores não está entre vocês? E onde está Matthis Rowan? Randyll Tarly? A Senhora Oakheart? Por que eles não se encontram aqui em sua companhia, aqueles que mais amavam Renly? *Onde está Brienne de Tarth, pergunto-lhes?*

– Essa? – Sor Guyard Morrigen soltou uma gargalhada dura. – Fugiu. E foi o que lhe valeu. Foi dela a mão que matou o rei.

– Mentira – Sor Cortnay reagiu. – Conheci Brienne quando não passava de uma menina que brincava aos pés do pai no Solar do Entardecer, e conheci-a ainda melhor quando o Estrela da Tarde a mandou para cá, para Ponta Tempestade. Ela amou Renly desde o momento em que pôs os olhos sobre ele, qualquer cego podia ver.

– Com certeza – declarou Lorde Florent com desenvoltura –, e estaria longe de ser a primeira donzela enlouquecida e levada ao assassinato pela rejeição de um homem. Se bem que, a meu ver, creio que quem matou o rei foi a Senhora Stark. Ela tinha vindo de Correrrio para apelar por uma aliança, e Renly recusara. Não há dúvida de que viu nele um perigo para o filho e o removeu.

– Foi Brienne – insistiu Lorde Caron. – Sor Emmon Cuy jurou que assim era antes de morrer. Você tem a minha palavra, Sor Cortnay.

O desprezo engrossou a voz de Sor Cortnay.

– E de que vale isso? Usa seu manto de muitas cores, pelo que vejo. Aquele que Renly lhe deu quando jurou com sua *palavra* protegê-lo. Se ele está morto, como é que você permanece vivo? – voltou seu desdém para Guyard Morrigen. – Podia perguntar-lhe o mesmo, Sor Guyard, o Verde, não é? Da Guarda Arco-Íris? Que jurou dar a vida pela do rei? Se eu tivesse um manto desses, teria vergonha de usá-lo.

Morrigen irritou-se:

– Fique feliz por isso ser uma conferência, Penrose, caso contrário arrancaria sua língua por conta dessas palavras.

– E iria atirá-la na mesma fogueira onde deixou seu membro viril?

– *Basta!* – Stannis retrucou. – Foi vontade do Senhor da Luz que meu irmão morresse pela sua traição. Quem cometeu o ato não importa.

– Talvez não importe ao *senhor* – Sor Cortnay revidou. – Escutei sua proposta, Lorde Stannis. Eis agora a minha – tirou a luva e a acertou em cheio no rosto do rei. – Combate singular. Espada, lança ou qualquer arma que quiser mencionar. Ou, se temer arriscar sua espada mágica e real pele contra um velho, nomeie um campeão, e eu farei o mesmo –

deu a Guyard Morrigen e a Bryce Caron um olhar contundente. – Qualquer um desses cachorros servirá muito bem, creio eu.

Sor Guyard Morrigen escureceu de fúria:

– Eu aceito o desafio, se agradar ao rei.

– E eu também – Bryce Caron olhou para Stannis.

O rei rangeu os dentes:

– Não.

Sor Cortnay não pareceu surpreso.

– É da justiça de sua causa que duvida, senhor, ou da força de seu braço? Tem medo que eu mije em sua espada flamejante e a apague?

– Considera-me um completo idiota, sor? – Stannis perguntou. – Tenho vinte mil homens. Está cercado por terra e por mar. Por que escolheria um combate singular quando minha vitória é certa? – o rei apontou-lhe um dedo. – Ofereço-lhe um aviso leal. Se me forçar a tomar meu castelo de assalto, não poderá esperar misericórdia. Vou enforcá-lo por traição, e a cada um dos seus.

– Como os deuses queiram. Traga aí o seu assalto, senhor… e recorde, por obséquio, a *história* deste castelo – Sor Cortnay deu um puxão nas rédeas e regressou na direção ao portão.

Stannis não proferiu palavra, mas virou o cavalo e dirigiu-se ao seu acampamento. Os outros o seguiram.

– Se assaltarmos estas muralhas, milhares de homens morrerão – inquietou-se o velho Lorde Estermont, avô do rei pelo lado da mãe. – Não seria melhor arriscar uma única vida? Nossa causa é justa, e os deuses certamente abençoariam as armas do nosso campeão com a vitória.

*É deus, velho*, Davos pensou. *Esqueceu-se, agora temos só um, o Senhor da Luz de Melisandre.*

Sor Jon Fossoway disse:

– De bom grado aceitaria eu mesmo o desafio dele, ainda que esteja longe de ser um espadachim tão bom quanto Lorde Caron ou Sor Guyard. Renly não deixou cavaleiros hábeis em Ponta Tempestade. O serviço na guarnição é para velhos e rapazes inexperientes.

Lorde Caron concordou:

– Uma vitória fácil, com certeza. E que glória, conquistar Ponta Tempestade com um único golpe!

Stannis varreu-os com um olhar:

– Tagarelam como gralhas, e com menos esperteza. Quero silêncio – os olhos do rei caíram sobre Davos. – Sor. Acompanhe-me – esporeou o cavalo, afastando-o dos demais seguidores. Só Melisandre o acompanhou, transportando o grande estandarte do coração flamejante com o veado coroado no interior. *Como se tivesse sido engolido inteiro.*

Davos viu os olhares dos fidalgos sobre si enquanto passava por eles para ir se juntar ao rei. Aqueles não eram cavaleiros das cebolas, mas homens orgulhosos com casas cujos nomes carregavam honras antigas. De algum modo soube que Renly nunca os tinha censurado daquela forma. O mais novo dos Baratheon nascera com um dom para a cortesia fácil que infelizmente faltava ao irmão.

Reduziu o passo para um trote lento quando seu cavalo emparelhou-se ao do rei.

– Vossa Graça – visto de perto, Stannis parecia pior do que Davos julgara de longe. Seu rosto tinha se tornado macilento, e possuía círculos escuros sob os olhos.

– Um contrabandista deve ser bom em julgar os homens – disse o rei. – O que pensa desse Sor Cortnay Penrose?

– É um homem teimoso – Davos respondeu com cautela.

– Com fome de morte, diria eu. Jogou meu perdão na minha cara. Sim, e joga a vida fora ao mesmo tempo, com as vidas de todos os homens que estão dentro daquelas muralhas. *Combate singular?* – o rei soltou uma fungadela de escárnio. – Certamente confundiu-me com Robert.

– É mais provável que estivesse desesperado. Que outra esperança tem?

– Nenhuma. O castelo cairá. Mas, como fazê-lo rapidamente? – Stannis cismou com aquilo por um momento. Sob o ritmado *clac-clac* dos cascos, Davos conseguia ouvir o tênue som do rei rangendo os dentes. – Lorde Alester insiste para que traga aqui o velho Lorde Penrose. Pai de Sor Cortnay. Conhece o homem, creio?

– Quando vim como seu enviado, Lorde Penrose recebeu-me mais cortesmente do que a maioria. É um homem velho e acabado, senhor. Enfermiço e abatido.

– Florent gostaria de abatê-lo mais visivelmente. À vista do filho, com uma corda em volta do pescoço.

Era perigoso opor-se aos homens da rainha, mas Davos tinha jurado dizer sempre a verdade ao rei.

– Penso que seria ruim fazer isso, meu suserano. Sor Cortnay ficará vendo o pai morrer antes de pensar em trair sua confiança. Nada nos acrescentaria, e traria desonra à nossa causa.

– Que desonra? – Stannis se irritou. – Será que quer que poupe a vida de traidores?

– Poupou a vida daqueles que vêm atrás de nós.

– Censura-me por isso, contrabandista?

– Não cabe a mim fazer tal coisa – Davos temeu ter dito demais.

O rei estava implacável.

– Estima este Penrose mais do que os senhores meus vassalos. Por quê?

– Ele é fiel.

– Uma fidelidade mal dirigida a um usurpador morto.

– Sim. Mas, apesar disso, é fiel.

– E aqueles que vêm atrás de nós, não?

Davos tinha chegado longe demais com Stannis para se acanhar agora.

– No ano passado eram homens de Robert. Há uma lua eram de Renly. Hoje são nossos. De quem serão amanhã?

Stannis riu. Uma súbita gargalhada, rouca e cheia de desdém.

– Eu lhe disse, Melisandre – falou à mulher vermelha. – Meu Cavaleiro das Cebolas diz a verdade para mim.

– Vejo que o conhece bem, Vossa Graça – a mulher vermelha retrucou.

– Davos, senti imensamente a sua falta – o rei disse. – Sim, tenho um séquito de traidores, seu nariz não o engana. Os senhores meus vassalos são inconstantes até em suas traições. Necessito deles, mas deve saber como me enoja perdoar gente assim quando puni homens melhores por crimes menores. Tem todo o direito de me censurar, Sor Davos.

– Censura-se a si mesmo mais do que eu alguma vez seria capaz de fazer, Vossa Graça. Precisa desses grandes senhores para conquistar seu trono…

– Com os dedos e tudo, ao que parece – Stannis deu um sorriso sombrio.

Sem pensar, Davos levou a mão mutilada à bolsa pendurada ao pescoço e sentiu os ossos dos dedos lá dentro. *Sorte.*

O rei viu o movimento.

– Ainda estão aí, Cavaleiro das Cebolas? Não os perdeu?

– Não.

– Por que motivo os guarda? Questiono-me sobre isso com frequência.

– Lembram-me daquilo que eu era. De onde vim. Lembram-me da sua justiça, meu suserano.

– E *foi* justiça – Stannis afirmou. – Um bom ato não lava os maus, e um mau não lava os bons. Cada um deve ter sua recompensa. Você foi um herói *e* um contrabandista – olhou de relance para trás, para Lorde Florent e os outros, cavaleiros do arco-íris e vira-casacas, que o seguiam a distância. – Aqueles senhores perdoados fariam bem em refletir sobre isso. Homens bons e leais lutarão por Joffrey, considerando-o erroneamente o legítimo rei. Um nortenho até pode dizer o mesmo de Robb Stark. Mas estes senhores que se reuniram aos estandartes do meu irmão *sabiam* que ele era um usurpador. Viraram as costas ao seu legítimo rei por nenhum motivo melhor do que sonhos de poder e glória, e eu tomei nota do que eles são. Perdoei-lhes, sim. Estão desculpados. Mas não esqueci – caiu no silêncio por um momento, meditando sobre seus planos de justiça. E então, abruptamente, disse: – O que o povo diz da morte de Renly?

– Sofre. Seu irmão era muito querido.

– Os tolos amam um tolo, mas eu também sofro por ele. Pelo garoto que foi, não pelo homem que se tornou – o rei ficou em silêncio durante algum tempo, e depois disse: – Como os plebeus receberam a notícia sobre o incesto de Cersei?

– Enquanto estávamos entre eles, gritaram pelo Rei Stannis. Não posso falar do que disseram depois de termos zarpado.

– Então acha que eles não acreditaram?

– Em meus tempos de contrabando, aprendi que alguns homens acreditam em tudo, e outros em nada. Encontramos dos dois tipos. E também há outra história sendo disseminada.

– Sim – Stannis cortou a palavra com uma mordida. – Selyse deu-me chifres e amarrou campainhas de bobo nas pontas deles. Minha filha gerada por um bobo retardado! Uma história tão torpe como absurda. Renly atirou-a na minha cara quando nos encontramos para conferenciar. É preciso ser tão louco como o Cara-Malhada para acreditar em uma coisa dessas.

– Pode ser que sim, meu suserano… Mas, quer acreditem na história, quer não, adoram contá-la – os boatos tinham chegado a muitos lugares antes deles, envenenando o poço para a história verdadeira que transportavam.

– Robert podia encher uma taça de urina e os homens iriam chamá-la de vinho, mas eu lhes ofereço água pura e fresca e olham-na de viés, suspeitosos, enquanto murmuram uns com os outros sobre o estranho sabor que tem – Stannis rangeu os dentes. – Se alguém dissesse que eu tinha me transformado num javali para matar Robert, provavelmente acreditariam nisso também.

– Não pode impedi-los de falar, meu suserano, mas quando levar a vingança aos verdadeiros assassinos de seu irmão, o reino saberá que tais histórias são mentiras.

Stannis só pareceu ouvir metade do que ele disse.

– Não tenho qualquer dúvida de que Cersei teve um dedo na morte de Robert. Obterei justiça por ele. Sim, e por Ned Stark e Jon Arryn também.

– E por Renly? – as palavras saíram antes que Davos conseguisse parar para pesá-las.

Durante um tempo longo o rei não falou. Então, muito baixo, disse:

– Às vezes sonho com isso. Com a morte de Renly. Uma tenda verde, velas, uma mulher gritando. E sangue – Stannis baixou os olhos para as mãos. – Eu ainda estava na cama quando ele morreu. Seu Devan vai lhe contar. Tentou me acordar. A alvorada se aproximava e os meus senhores estavam à espera, preocupados. Devia estar a cavalo, de armadura posta. Sabia que Renly atacaria ao nascer do dia. Devan diz que me sacudi com violência e gritei, mas, que importa? Era um sonho. Estava na minha tenda quando Renly morreu, e quando acordei tinha as mãos limpas.

Sor Davos Seaworth sentiu uma comichão surgindo nas pontas fantasmas de seus dedos. *Há algo errado aqui*, pensou o antigo contrabandista, mas acenou com a cabeça e disse:

– Estou vendo.

– Renly ofereceu-me um pêssego. Em nossa conferência. Caçoou de mim, desafiou-me, ameaçou-me e me ofereceu um pêssego. Pensei que estivesse puxando uma espada e levei as mãos à minha. Qual era o seu objetivo, fazer com que eu mostrasse medo? Ou seria uma de suas brincadeiras fora de propósito? Quando falou de como o pêssego era doce, teriam suas palavras algum significado oculto? – o rei balançou a cabeça, como um cão que sacudisse um coelho para quebrar seu pescoço. – Só Renly conseguiria me irritar tanto com um pedaço de fruta. Ele condenou-se a si próprio com a traição que cometeu, mas eu gostava dele, Davos. Sei disso agora. Juro, irei para a cova pensando no pêssego do meu irmão.

Nesse momento, já se encontravam no interior do acampamento, avançando por entre as fileiras ordenadas de tendas, as bandeiras enfunadas e as pilhas de escudos e lanças. Um fedor de estrume de cavalo pairava, pesado, no ar, misturado com a fumaça de lenha e o cheiro de carne cozinhando. Stannis parou tempo suficiente para ladrar uma brusca despedida a Lorde Florent e aos outros, ordenando-lhes que estivessem presentes em seu pavilhão dali a uma hora para um conselho de guerra. Os homens inclinaram a cabeça e se dispersaram, enquanto Davos e Melisandre se dirigiam ao pavilhão do rei.

A tenda tinha de ser grande, visto ser ali que os senhores seus vassalos vinham para os conselhos. No entanto, nada havia de grandioso nela. Era de tecido grosseiro, pintado de amarelo-escuro que às vezes passava por dourado. Só a bandeira real que esvoaçava no topo do mastro central a identificava como a tenda de um rei. Isso, e os guardas à porta; homens da rainha apoiados em longas lanças, com o símbolo do coração flamejante cosido sobre os próprios corações.

Cavalariços aproximaram-se para ajudá-los a desmontar. Um dos guardas aliviou Melisandre do pesado estandarte, espetando profundamente o mastro na terra mole. Devan estava de um lado da porta, esperando o momento de levantar a aba para o rei passar. Um escudeiro mais velho aguardava ao seu lado. Stannis tirou a coroa e a entregou a Devan.

– Água fria, taças para dois. Davos, fique ao meu serviço. Senhora, mandarei chamá-la quando necessitar.

– Às ordens do rei – Melisandre fez uma reverência.

Após o brilho da manhã, o interior do pavilhão parecia frio e sombrio. Stannis sentou-se num simples banco de acampar e indicou outro a Davos com um gesto.

– Um dia talvez faça de você um senhor, contrabandista. Nem que seja para atormentar os Celtigar e os Florent. Mas não me agradecerá. Significará que terá de aguentar esses conselhos e fingir interesse no zurrar de mulas.

– Por que motivo os reúne, se não servem a nenhum propósito?

– As mulas adoram o som de seus zurros, por que outro motivo? E eu preciso delas para puxarem minha carroça. Ah, com certeza, muito de vez em quando é sugerida uma ideia útil. Mas não hoje, parece … Ah, eis o seu filho com a nossa água.

Devan apoiou o tabuleiro na mesa e encheu duas taças de barro. O rei borrifou uma pitada de sal na sua antes de beber; Davos tomou a sua água pura, desejando que fosse vinho.

– Falava do seu conselho…

– Permita-me que lhe diga como se desenrolará. Lorde Velaryon insistirá para que eu assalte as muralhas do castelo à primeira luz da aurora, opondo pequenos arpões e escadas a flechas e azeite fervente. As mulas jovens acharão essa ideia magnífica. Estermont preferirá que nos instalemos para vencê-los pela fome, como os Tyrell e os Redwyne um dia tentaram fazer comigo. Isso pode levar um ano, mas as mulas velhas são pacientes. E Lorde Caron e os outros que gostam de escoicear vão querer aceitar o desafio de Sor Cortnay e arriscar tudo num combate singular. Cada um deles imaginando que seria *ele* o meu campeão e conquistaria uma fama imortal – o rei terminou a água. – O que *você* me aconselharia a fazer, contrabandista?

Davos pensou por um momento antes de responder.

– Avançar de imediato contra Porto Real.

O rei bufou.

– E deixar Ponta Tempestade sem tomá-la?

– Sor Cortnay não possui poder suficiente para lhe causar dano. Os Lannister sim. Um cerco levaria tempo demais, o combate singular é muito arriscado, e um assalto custaria milhares de vidas sem certeza de sucesso. E não há necessidade. Uma vez Joffrey destronado, esse castelo deve passar para o seu controle com todo o resto. Dizem, no acampamento, que Lorde Tywin Lannister corre para o oeste, a fim de salvar Lanisporto da vingança dos nortenhos…

– Tem um pai bastante esperto, Devan – disse o rei ao rapaz que se encontrava em pé ao seu lado. – Faz com que eu deseje ter mais contrabandistas a meu serviço. E menos senhores. Apesar de se enganar num aspecto, Davos. *Existe* necessidade. Se deixar Ponta Tempestade por tomar na minha retaguarda, vão dizer que fui derrotado aqui. E isso não posso permitir. Os homens não me adoram como adoraram meus irmãos. Seguem-me porque me temem… e a derrota é a morte para o medo. O castelo tem que cair – sua mandíbula moveu-se de um lado para o outro. – Sim, e *depressa*. Doran Martell convocou os vassalos e fortificou os passos de montanha. Seus homens de Dorne estão em posição para cair sobre a Marca. E Jardim de Cima está longe de esgotado. Meu irmão

deixou a maior parte de seu poderio em Ponteamarga, cerca de seis mil homens a pé. Enviei o irmão da minha esposa, Sor Errol, com Sor Parmen Crane, para colocar essa força sob o meu comando, mas não retornaram. Temo que Sor Loras Tyrell tenha chegado a Ponteamarga antes de meus enviados e tomado essa tropa para si.

– Mais um motivo para tomar Porto Real tão depressa quanto possível. Salladhor Saan disse…

– Salladhor Saan só pensa em ouro! – Stannis explodiu. – Tem a cabeça cheia de sonhos a respeito do tesouro que imagina haver por baixo da Fortaleza Vermelha, portanto, não falemos mais de Salladhor Saan. O dia em que precisar de aconselhamento militar vindo de um salteador liseno será quando porei de lado minha coroa e passarei a usar o negro – o rei fechou um punho. – Está aqui para me servir, contrabandista? Ou para me aborrecer com discussões?

– Sou seu – Davos respondeu.

– Então escute. O tenente de Sor Cortnay é primo dos Fossoway. Lorde Meadows, um rapaz inexperiente de vinte anos. Se algum azar abater Penrose, o comando de Ponta Tempestade pas-sará para esse jovem, e seus primos creem que ele aceitaria minhas condições e entregaria o castelo.

– Lembro-me de outro jovem a quem foi dado o comando de Ponta Tempestade. Não podia ter muito mais do que vinte anos.

– Lorde Meadows não é tão obstinadamente cabeça-dura como eu era.

– Cabeça-dura ou covarde, que importa? Sor Cortnay Penrose pareceu-me forte e vigoroso.

– Assim como meu irmão era no dia anterior à sua morte. A noite é escura e cheia de terrores, Davos.

Davos Seaworth sentiu os pelos de sua nuca ficarem em pé.

– Senhor, não o entendo.

– Não exijo seu entendimento. Só seu serviço. Sor Cortnay estará morto antes de amanhecer. Melisandre viu nas chamas do futuro. Sua morte, e como ela se deu. Não é necessário dizer que não morrerá num combate de cavaleiro – Stannis estendeu a taça e Devan voltou a enchê-la. – As

chamas dela não mentem. Viu também o destino de Renly. Viu-o em Pedra do Dragão, e contou a Selyse. Lorde Velaryon e seu amigo Salladhor Saan queriam que eu avançasse contra Joffrey, mas Melisandre disse-me que, se me dirigisse a Ponta Tempestade, poderia conquistar a maior parte do poderio do meu irmão, e teve razão.

– M-mas – Davos gaguejou –, Lorde Renly só veio até aqui porque o senhor tinha montado cerco ao castelo. Antes marchava contra Porto Real, contra os Lannister, teria…

Stannis mexeu-se no banco, franzindo a sobrancelha.

– *Marchava, teria*, o que é isso? Ele fez o que fez. Veio até aqui com seus estandartes e seus pêssegos, para o seu destino… E foi bom para mim que tenha feito isso. Melisandre também viu outro dia em suas chamas. Um amanhã em que Renly chegava do sul em sua armadura verde para esmagar minha tropa sob as muralhas de Porto Real. Se tivesse encontrado meu irmão lá, podia ter sido eu a morrer em seu lugar.

– Ou podia ter juntado suas forças às dele para derrubar os Lannister – Davos argumentou. – E por que não? Se ela viu dois futuros, bem… não podem ser *ambos* verdadeiros.

Rei Stannis apontou um dedo para ele:

– É aí que erra, Cavaleiro das Cebolas. Há luzes que lançam mais do que uma sombra. Ponha-se em frente da fogueira da noite e verá por si próprio. As chamas mudam e dançam, nunca estão quietas. As sombras crescem e encolhem, e cada homem lança uma dúzia. Algumas são mais tênues do que outras, é tudo. Pois bem, os homens lançam também as suas sombras sobre o futuro. Uma sombra ou muitas. Melisandre vê todas. Não gosta da mulher. Sei disso, Davos, não sou cego. Meus senhores tampouco simpatizam com ela. Estermont pensa que o coração flamejante foi mal escolhido e pede para lutar sob o veado coroado como antigamente. Sor Guyard diz que uma mulher não devia ser meu porta-estandarte. Outros sussurram que ela não tem lugar em meus conselhos de guerra, que devia mandá-la de volta para Asshai, que é pecaminoso mantê-la em minha tenda durante a noite. Sim, eles sussurram… enquanto ela serve.

– Serve como? – Davos perguntou, temendo a resposta.

– Como é necessário – o rei o encarou. – E você?

– Eu… – Davos lambeu os lábios. – Estou às suas ordens. O que quer que faça?

– Nada que não tenha feito antes. Basta que acoste um barco sob o castelo, sem ser visto, na calada da noite. Pode fazer isso?

– Sim. Esta noite?

O rei confirmou com um brusco meneio.

– Vai precisar de um barco pequeno. O *Betha Negra* não. Ninguém pode saber o que faz.

Davos quis protestar. Era agora um cavaleiro, não mais um contrabandista, e nunca tinha sido um assassino. Mas, quando abriu a boca, as palavras não quiseram vir. Aquele era *Stannis*, seu senhor justo, ao qual devia tudo o que era. E também tinha de pensar nos filhos. *Que os deuses sejam bons, o que ela lhe fez?*

– Está quieto – Stannis observou.

*E assim devia ficar*, disse Davos a si mesmo, mas falou:

– Meu suserano, tem que tomar o castelo, compreendo isso agora, mas certamente deve haver outras maneiras. Maneiras mais *limpas*. Deixe que Sor Cortnay fique com o bastardo, e ele provavelmente cederá.

– Eu preciso ter o rapaz, Davos. *Preciso* ter. Melisandre também viu isso nas chamas.

Davos procurou outra resposta.

– Ponta Tempestade não tem nenhum cavaleiro que seja capaz de se opor a Sor Guyard ou a Lorde Caron, ou a qualquer outro de uma centena de cavaleiros que tem ao seu lado. Esse combate singular… Será possível que Sor Cortnay procure uma maneira de se render com honra? Mesmo que isso signifique sua vida?

Uma expressão perturbada cruzou o rosto do rei como uma nuvem passageira.

– O mais provável é que planeje alguma traição. Não haverá nenhum combate de campeões. Sor Cortnay estava morto antes mesmo de arremessar aquela luva. As chamas não mentem, Davos.

*E no entanto precisam de mim para que se tornem verdadeiras*, pensou. Há muito tempo Davos Seaworth não se sentia tão triste.

E foi assim que deu por si atravessando mais uma vez a Baía dos Naufrágios na noite cerrada, manobrando um barco minúsculo com uma vela negra. O céu era o mesmo, e o mar também. Havia o mesmo cheiro salgado no ar, e os risinhos da água contra o casco eram tal e qual se lembrava. Mil fogueiras oscilantes ardiam em torno do castelo, tal como as fogueiras que os Tyrell e os Redwyne tinham dezesseis anos antes. Mas todo o resto era diferente.

*Da última vez foi vida o que trouxe a Ponta Tempestade, moldada para se parecer com cebolas. Dessa vez é morte, sob a forma de Melisandre de Asshai.* Dezesseis anos antes, as velas tinham rangido e batido a cada mudança de vento, até que ele as recolheu e prosseguiu com remos envoltos em panos. Mesmo assim, avançara com o coração na garganta. Mas os homens nas galés Redwyne tinham relaxado depois de tanto tempo, e ele deslizara através da guarda com a suavidade de cetim negro. Daquela vez, os únicos navios à vista pertenciam a Stannis, e o único perigo viria dos vigias nas muralhas do castelo. Mesmo assim, Davos sentia-se tenso como a corda de um arco.

Melisandre aconchegou-se em uma bancada, perdida nas dobras de um manto vermelho-escuro que a cobria da cabeça aos pés, com a face pálida sob o capuz. Davos adorava a água. Dormia melhor quando tinha um convés balançando por baixo do corpo, e o suspiro do vento no cordame era para ele um som mais doce do que qualquer coisa que um cantor conseguisse tirar das cordas de sua harpa. Mas nem mesmo o mar lhe trazia conforto naquela noite.

– Consigo cheirar o medo em você, sor cavaleiro – disse a mulher vermelha em voz baixa.

– Alguém me disse uma vez que a noite é escura e cheia de terrores. E esta noite não sou nenhum cavaleiro. Esta noite sou de novo Davos, o contrabandista. Bem que gostaria que a senhora fosse uma cebola.

Ela riu.

– É de mim que tem medo? Ou daquilo que fazemos?

– Daquilo que *você* faz. Eu não terei nenhum papel nisso.

– Sua mão içou a vela. Sua mão segura a cana do leme.

Em silêncio, Davos prestou atenção à rota. A costa era um emaranhado de rochedos, e por isso levava-os para bem longe, do outro lado da baía. Esperaria até que a maré virasse antes de dar a volta. Ponta Tempestade ficava menor atrás deles, mas a mulher vermelha não parecia preocupada.

– Você é um bom homem, Davos Seaworth?

*Um bom homem estaria fazendo isto?*

– Sou um homem. Sou gentil para minha mulher, mas conheci outras mulheres. Tentei ser um pai para os meus filhos, ajudar a criar para eles um lugar neste mundo. Sim, quebrei leis, mas nunca me senti mau até esta noite. Diria que meus papéis estão misturados, senhora. Bons *e* maus.

– Um homem cinza. Nem branco nem preto, mas com um pouco de ambos. É isso o que é, Sor Davos?

– E se for? Parece-me que a maioria dos homens é cinza.

– Se metade de uma cebola estiver preta de podridão, é uma cebola podre. Um homem ou é bom ou é mau.

As fogueiras atrás deles tinham se fundido num vago brilho contra o céu negro, e a terra estava quase fora de vista. Era hora de dar a volta.

– Cuidado com a cabeça, senhora – Davos empurrou a cana do leme, e o pequeno barco vomitou uma onda de água negra enquanto virava. Melisandre curvou-se sob a verga oscilante, com uma mão na amurada, tão calma como sempre. Madeira rangeu, pano estalou e água jorrou, tão alto que daria para jurar que o castelo certamente tinha ouvido. Davos sabia que não. O interminável esmagar das ondas nas rochas era o único som que penetrava as sólidas muralhas viradas para o mar de Ponta Tempestade, e apenas vagamente.

Um rastro ondulante estendeu-se atrás do barco quando viraram em direção à costa.

– Fala de homens e cebolas – Davos disse a Melisandre. – E as mulheres? Não acontece o mesmo com elas? É boa ou má, senhora?

Aquilo fez Melisandre soltar um risinho:

– Ah, muito bem. Sou uma espécie de cavaleiro, querido sor. Um campeão da luz e da vida.

– E no entanto planeja matar um homem esta noite. Tal como matou Meistre Cressen.

– Seu meistre envenenou-se a si mesmo. Pretendia me envenenar, mas eu estava protegida por um poder superior, e ele não.

– E Renly Baratheon? Quem foi que o matou?

Ela virou a cabeça. À sombra do capuz, seus olhos ardiam como chamas de vela vermelho-claras.

– Eu não fui.

– Mentirosa – Davos, agora, tinha certeza.

Melisandre voltou a soltar uma gargalhada:

– Está perdido no escuro e na confusão, Sor Davos.

– E ainda bem – Davos indicou com um gesto as distantes luzes que tremeluziam ao longo das muralhas de Ponta Tempestade. – Sente como o vento sopra frio? Os guardas vão se aninhar perto de seus archotes. Um pouco de calor, um pouco de luz, são um conforto numa noite como esta. Mas isso irá cegá-los, de modo que não nos verão passar – *assim espero*. – Agora é o deus da escuridão que nos protege, senhora. Até a você.

As chamas em seus olhos pareceram arder com um pouco mais de força ao ouvir aquilo.

– Não mencione esse nome, sor. Para não atrair o olho negro dele sobre nós. Ele não protege ninguém, garanto. É inimigo de tudo o que vive. São os archotes que nos escondem, você mesmo disse. O fogo. A brilhante oferta do Senhor da Luz.

– Seja como quiser.

– Como ele quer, na verdade.

O vento estava mudando. Davos podia senti-lo, podia vê-lo no modo como o pano negro ondulava. Estendeu a mão para as adriças.

– Ajude-me a arriar a vela. Vou nos levar a remo pelo resto do caminho.

Juntos, prenderam a vela enquanto o barco oscilava por baixo de seus pés. Enquanto Davos estendia os remos e os deslizava pelas agitadas

águas negras, disse:

– Quem a levou até Renly?

– Não foi necessário. Ele estava desprotegido. Mas aqui… esta Ponta Tempestade é um lugar antigo. Há feitiços entretecidos nas pedras. Muralhas escuras que nenhuma sombra consegue penetrar… antigas, esquecidas, mas ainda no lugar.

– Sombra? – Davos sentiu a pele formigando. – Uma sombra é uma coisa que pertence à escuridão.

– É mais ignorante do que uma criança, sor cavaleiro. Não há sombras na escuridão. As sombras são as servas da luz, as filhas do fogo. A mais brilhante das chamas lança as mais escuras das sombras.

Franzindo a testa, Davos mandou-a se calar. Estavam de novo se aproximando da costa, e as vozes chegavam longe por sobre a água. Remou, fazendo com que o tênue som dos remos se perdesse no ritmo das ondas. O lado virado para o mar de Ponta Tempestade empoleirava-se num pálido penhasco branco, cuja pedra calcária se erguia abruptamente até vez e meia a altura da maciça muralha exterior do castelo. Uma abertura bocejava na falésia, e era para lá que Davos levava o barco, como tinha levado dezesseis anos antes. O túnel abria-se numa caverna sob o castelo, onde os antigos senhores da tempestade tinham construído seu cais.

A passagem só era navegável durante a maré cheia, e nunca era menos que traiçoeira, mas sua perícia de contrabandista não o abandonara. Davos abriu caminho com habilidade por entre os rochedos recortados até que a abertura do túnel se ergueu na frente deles. Deixou que as ondas os levassem para dentro. Esmagavam-se ao redor deles, atirando o barco para um lado e para o outro e ensopando-os até os ossos. Uma ponta de rocha entrevista surgiu de repente da escuridão, rosnando de espuma, e Davos só por pouco conseguiu mantê-los afastados dela com um remo.

E então tinham passado, submersos em escuridão, e as águas se acalmaram. O pequeno barco desacelerou e rodopiou. O som de suas respirações ecoou até parecer rodeá-los. Davos não esperava aquele negrume. Da última vez, ardiam tochas ao longo de todo o túnel, e os

olhos de homens esfomeados espreitavam através dos alçapões do teto. Sabia que a porta levadiça estava em algum lugar mais à frente. Ele usou os remos para segurar o barco e deslizaram contra a porta quase com suavidade.

– Não podemos avançar mais, a menos que tenha um homem lá dentro que ice o portão para nós – seus sussurros correram pelas águas que batiam contra o casco como uma fileira de ratos com patas suaves e cor-de-rosa.

– Passamos para dentro das muralhas?

– Sim. Por baixo. Mas não podemos avançar mais. A porta levadiça desce até o fundo. E as barras são tão pouco espaçadas que nem uma criança consegue se esgueirar entre elas.

A única resposta foi um pequeno ruído. E então uma luz germinou nas trevas.

Davos levantou uma mão para proteger os olhos, e ficou com a respiração presa na garganta. Melisandre tinha jogado o capuz para trás e saía de dentro da sufocante veste. Por baixo estava nua, e enormemente grávida. Seios inchados pendiam pesadamente sobre o peito, e a barriga projetava-se como se estivesse prestes a estourar.

– *Que os deuses nos protejam* – Davos sussurrou, e ouviu a gargalhada que ela soltou em resposta, profunda e gutural. Os olhos eram carvões quentes, e o suor que manchava sua pele parecia cintilar com uma luz própria. Melisandre *brilhava*.

Ofegando, a mulher agachou e abriu as pernas. Sangue escorreu por suas coxas, negro como tinta. Seu grito podia ter sido de agonia, de êxtase ou de ambas as coisas. E Davos viu o topo da cabeça da criança abrindo caminho para fora dela. Dois braços libertaram-se, agarrando-se, com dedos negros que se enrolavam em volta das coxas retesadas de Melisandre, empurrando, até que a sombra deslizou por completo para o mundo e se ergueu, mais alta do que Davos, tão alta como o túnel, pairando por cima do barco. Teve apenas um instante para olhar para ela antes que desaparecesse, contorcendo-se por entre as barras da porta

levadiça e correndo pela superfície da água, mas esse instante foi mais do que o suficiente.

Ele conhecia aquela sombra. E conhecia o homem que a lançava.

# Jon

O toque chegou, arrastado pelo vento, no escuro da noite. Jon apoiou-se num cotovelo, estendendo a mão até Garralonga por força do hábito enquanto o acampamento começava a se agitar. *A trombeta que acorda os adormecidos*, pensou.

A longa nota grave demorou-se no limiar da audição. As sentinelas no muro circular imobilizaram-se como estavam, com a respiração congelando e a cabeça virada para oeste. À medida que o som da trombeta se desvanecia, até o vento parou de soprar. Homens saíram de debaixo de suas mantas e alcançaram suas lanças e cintos de espadas, movendo-se em silêncio, escutando. Um cavalo relinchou e foi aquietado. Durante um instante pareceu que a floresta inteira estava segurando a respiração. Os irmãos da Patrulha da Noite esperaram um segundo sopro, rezando para que não o ouvissem, temendo ouvi-lo.

Quando o silêncio se prolongou por um tempo insuportavelmente longo e os homens souberam enfim que a trombeta não soaria de novo, sorriram uns para os outros de forma tímida, como que para negar que tivessem se sentido ansiosos. Jon Snow alimentou a fogueira com alguns gravetos, afivelou o cinto da espada, calçou as botas, sacudiu a terra e o orvalho do manto e o apertou em volta dos ombros. As chamas ardiam ao seu lado, trazendo um calor bem-vindo ao seu rosto enquanto se vestia. Ouvia o Senhor Comandante movendo-se dentro da tenda. Um momento mais tarde, Mormont ergueu a aba:

– Um sopro? – o corvo equilibrava-se em seu ombro, com as penas em desordem e silencioso, parecendo infeliz.

– Um, senhor – Jon concordou. – Irmãos que retornam.

Mormont aproximou-se da fogueira.

– Meia-Mão. E já era mais que tempo – ficara mais inquieto a cada dia de espera; muito mais tempo, e estaria a ponto de parir filhotes caninos. – Assegure-se de que haja comida quente para os homens e forragem para os cavalos. Quero ver Qhorin assim que chegar.

– Irei trazê-lo, senhor.

Os homens da Torre Sombria eram esperados havia dias. Quando não tinham aparecido no tempo devido, os irmãos começaram a especular. Jon ouvira resmungos sombrios em volta das fogueiras, e não provinham todos de Edd Doloroso. Sor Ottyn Wythers era a favor da retirada tão rápida quanto possível para Castelo Negro. Sor Mallador Locke queria se dirigir para a Torre Sombria, esperando pegar o rastro de Qhorin e investigar o que lhe teria acontecido. E Thoren Smallwood queria avançar para as montanhas.

– Mance Rayder sabe que tem de batalhar com a Patrulha – declarara Thoren –, mas nunca esperará nos encontrar tão a norte. Se subirmos o Guadeleite, podemos pegá-lo desprevenido e cortar sua tropa em fatias antes que ele saiba que estamos lá.

– Os números estariam grandemente contra nós – refutara Sor Ottyn. – Craster disse que ele estava reunindo uma grande tropa. Muitos milhares de homens. Sem Qhorin, somos só duzentos.

– Envie duzentos lobos contra dez mil ovelhas, sor, e veja o que acontece – disse Smallwood em tom confiante.

– Há cabras entre essas ovelhas, Thoren – prevenira Jarman Buckwell. – Sim, e talvez alguns leões. Camisa de Chocalho, Harma Cabeça de Cão, Alfyn Mata-Corvos…

– Conheço-os tão bem como você, Buckwell – retorquira Thoren Smallwood. – E pretendo cortar a cabeça deles, uma por uma. Esses homens são *selvagens*. Não são soldados. Algumas centenas de heróis, provavelmente bêbados, no meio de uma grande horda de mulheres, crianças e servos. Cairemos sobre eles e mandaremos todos, aos uivos, de volta para os seus casebres.

Tinham discutido durante muitas horas sem chegar a um acordo. O Velho Urso era demasiado teimoso para se retirar, mas também não se

precipitaria pelo Guadeleite acima em busca de uma batalha. No fim, nada tinha sido decidido, além de esperar mais alguns dias pelos homens da Torre Sombria, e voltar a conversar sobre o assunto se eles não aparecessem.

E agora tinham aparecido, o que significava que a decisão já não podia mais ser adiada. Jon sentia-se contente pelo menos por isso. Se tinham de lutar contra Mance Rayder, que fosse logo.

Foi encontrar Edd Doloroso junto à fogueira, queixando-se de como era difícil para ele dormir quando as pessoas insistiam em soprar trombetas na floresta. Jon lhe deu algo novo de que se queixar. Os dois foram acordar Hake, que recebeu as ordens do Senhor Comandante com uma saraivada de pragas, mas levantou-se mesmo assim, e em pouco tempo tinha uma dúzia de irmãos cortando raízes para fazer sopa.

Sam aproximou-se, esbaforido, quando Jon atravessava o acampamento. Sob o capuz negro, seu rosto estava tão pálido e redondo como a lua.

– Ouvi a trombeta. Seu tio voltou?

– São só os homens da Torre Sombria – estava ficando cada vez mais difícil agarrar-se à esperança de que Benjen Stark regressaria são e salvo. O manto que tinha encontrado aos pés do Punho podia perfeitamente ter pertencido ao tio ou a um de seus homens, até o Velho Urso admitia, embora o motivo de o terem enterrado ali, enrolado em volta do vidro de dragão escondido, ninguém soubesse dizer. – Sam, tenho de ir.

Na muralha circular, encontrou os guardas tirando espigões da terra meio congelada, a fim de criar uma abertura. Não demorou muito até que os primeiros dos irmãos da Torre Sombria começassem a subir a encosta. Vinham todos vestidos de couro e peles, com um pouco de aço ou bronze aqui e ali; pesadas barbas cobriam rostos duros e magros, e faziam-nos parecer tão hirsutos como seus garranos. Jon ficou surpreso por ver que alguns deles vinham montados aos pares nos cavalos. Quando observou com mais atenção, ficou claro que muitos estavam feridos. *Houve problemas no caminho*.

Jon reconheceu Qhorin Meia-Mão no instante em que o viu, embora nunca tivessem se encontrado. O grande patrulheiro era quase lendário na Patrulha; um homem solene, de palavras lentas e ação rápida, alto e reto como uma lança, de membros longos. Ao contrário de seus homens, vinha barbeado. O cabelo caía sob seu elmo numa trança pesada salpicada de geada, e os panos negros que usava estavam tão desbotados que podiam ter sido cinza. Só restavam o polegar e o indicador na mão que segurava as rédeas; os outros dedos tinham sido cortados ao segurar o machado de um selvagem que, de outra forma, teria rachado seu crânio. Dizia-se que tinha atirado o punho estropiado na cara do homem do machado para que o sangue jorrasse em seus olhos, e que o matara enquanto estava cego. Desde esse dia, os selvagens para lá da Muralha não conheceram inimigo mais implacável.

Jon o saudou.

– O Senhor Comandante Mormont quer vê-lo imediatamente. Eu o levo até a sua tenda.

Qhorin saltou da sela.

– Meus homens têm fome, e nossos cavalos precisam de atenção.

– Eles vão receber cuidados.

O patrulheiro entregou o cavalo aos cuidados de um de seus homens e o seguiu.

– Você é Jon Snow. Tem a cara do seu pai.

– Conhecia meu pai, senhor?

– Não sou nenhum fidalgo. Sou só um irmão da Patrulha da Noite. Sim, conheci Lorde Eddard. E antes conheci o pai dele.

Jon teve de apressar o passo para conseguir acompanhar as longas passadas de Qhorin.

– Lorde Rickard morreu antes de eu nascer.

– Era amigo da Patrulha – Qhorin olhou de relance para trás. – Dizem que um lobo gigante o acompanha.

– Fantasma deve estar de volta ao amanhecer. Ele caça de noite.

Foram encontrar Edd Doloroso fritando uma fatia de bacon e cozendo uma dúzia de ovos numa caldeira colocada sobre a fogueira do Velho

Urso. Mormont estava sentado em sua cadeira de campanha de madeira e couro.

– Tinha começado a temer por você. Encontrou problemas?

– Encontramos Alfyn Mata-Corvos. Mance o tinha enviado para bater o terreno ao longo da Muralha, e por sorte encontramos o homem quando voltava – Qhorin tirou o elmo. – Alfyn não causará mais problemas ao reino, mas alguns dos homens de sua companhia conseguiram escapar. Perseguimos tantos quanto pudemos, talvez alguns consigam retornar às montanhas.

– E o preço?

– Quatro irmãos mortos. Uma dúzia de feridos. Um terço das baixas do inimigo. E fizemos cativos. Um morreu rapidamente devido aos ferimentos, mas o outro viveu o suficiente para ser interrogado.

– É melhor conversarmos sobre isso lá dentro. Jon vai lhe buscar um corno de cerveja. Ou será que prefere vinho quente condimentado?

– Água fervida será suficiente. Um ovo e um pedaço de bacon.

– Como quiser – Mormont ergueu a aba da tenda, Qhorin Meia-Mão curvou-se e entrou.

Edd estava junto à caldeira, mexendo os ovos com uma colher:

– Invejo estes ovos. Eu ficaria melhor com um pouco de fervura agora. Se a caldeira fosse maior, talvez saltasse lá para dentro. Se bem que gostaria mais se fosse vinho do que água. Há maneiras piores de morrer do que quente e bêbado. Certa vez, conheci um irmão que se afogou em vinho. Mas a colheita era ruim, e o cadáver dele não a melhorou.

– *Beberam* o vinho?

– Encontrar um irmão morto é uma coisa horrível. Também precisaria de uma bebida, Lorde Snow – Edd mexeu a caldeira e acrescentou mais uma pitada de noz-moscada.

Inquieto, Jon acocorou-se junto à fogueira e remexeu-a com um pau. Conseguia ouvir a voz do Velho Urso dentro da tenda, interrompida pelos grasnidos do corvo e pelo tom mais calmo de Qhorin Meia-Mão, mas não conseguia distinguir as palavras. *Alfyn Mata-Corvos está morto, isso é bom*. Era um dos mais sanguinários entre os guerreiros selvagens, cujo

nome tinha origem na matança de irmãos negros que empreendera. *Então, por que é que Qhorin soa tão sério, depois de uma vitória dessas?*

Jon tinha esperado que a chegada dos homens da Torre Sombria melhorasse o moral no acampamento. Na noite anterior, estava voltando de uma saída para urinar, no meio da escuridão, quando ouviu cinco ou seis homens conversando junto às brasas de uma fogueira. Quando ouviu Chett resmungar que já era mais que hora de voltar, parou para escutar.

– Esta patrulha é a loucura de um velho. Não vamos encontrar nada naquelas montanhas, a não ser as nossas tumbas.

– Há gigantes nas Presas de Gelo, e *wargs*, e coisas piores – Lark, o homem das Irmãs, respondeu.

– Eu não entro lá, garanto.

– Não me parece que o Velho Urso vá lhe dar opção.

– Pode ser que a gente não lhe dê opção – dissera Chett.

Nessa altura, um dos cães tinha erguido a cabeça e rosnado, e Jon tivera de se afastar rapidamente, antes de ser visto. *Eu não devia ter ouvido aquilo*, pensou. Cogitou levar a história a Mormont, mas não conseguiu se convencer a denunciar os irmãos, mesmo irmãos como Chett e o homem das Irmãs. *Foi só conversa furada*, disse a si mesmo. *Têm frio e medo; todos temos.* Era difícil esperar ali, empoleirados no cume rochoso por cima da floresta, sem saber o que o amanhã lhes traria. *O inimigo invisível é sempre o mais temível*.

Jon tirou seu novo punhal da bainha e estudou as chamas que brincavam no brilhante vidro negro. Ele próprio havia esculpido o cabo de madeira, e tinha enrolado barbante de cânhamo à sua volta para fazer um punho. Era feio, mas servia. Edd Doloroso opinara que as facas de vidro tinham a mesma utilidade de mamilos na placa de peito de um cavaleiro, mas Jon não tinha tanta certeza. A lâmina de vidro de dragão era mais afiada do que aço, apesar de muito mais quebradiça.

*Isso deve ter sido enterrado por um motivo.*

Também tinha feito um punhal para Grenn, e outro para o Senhor Comandante. A Sam dera o corno de guerra. Sob um exame mais cuidadoso, o corno mostrou-se rachado, e mesmo depois de ter sacudido

toda a terra que tinha dentro, Jon fora incapaz de arrancar algum som dele. A borda também estava lascada, mas Sam gostava de coisas velhas, mesmo que sem utilidade.

– Faça dele um corno para beber – Jon lhe dissera. – E toda vez que tomar uma bebida, vai se lembrar de como saiu em patrulha para lá da Muralha e visitou o Punho dos Primeiros Homens – também dera a Sam uma ponta de lança e uma dúzia de pontas de flecha, e distribuíra o resto entre os outros amigos, para lhes dar sorte.

O Velho Urso pareceu ter ficado contente com o punhal, mas Jon reparou que ele preferia ter uma faca de aço ao cinto. Mormont não conseguia sugerir respostas quanto a quem poderia ter enterrado o manto, ou o que isso poderia significar. *Talvez Qhorin saiba*. Meia-Mão aventurara-se a penetrar mais profundamente na floresta do que qualquer outro homem vivo.

– Quer servir, ou sirvo eu?

Jon embainhou o punhal.

– Eu cuido disso – queria ouvir o que eles estavam dizendo.

Edd cortou três grossas fatias de um pão de aveia duro, empilhou-as numa bandeja de madeira, cobriu-as com bacon e sua gordura derretida, e encheu uma tigela com ovos cozidos. Jon pegou a tigela com uma mão e a bandeja com a outra e entrou de ré na tenda do Senhor Comandante.

Qhorin estava sentado no chão, de pernas cruzadas, com a coluna reta como uma lança. A luz das velas tremeluzia nas superfícies duras e planas de seu rosto quando falava.

– … Camisa de Chocalho, Homem Choroso, e todos os outros chefes, grandes e pequenos – ele estava dizendo. – Também têm *wargs*, e mamutes, e mais forças do que sonhamos. Pelo menos foi o que ele alegou. Não vou pôr a mão no fogo pela veracidade da história. Ebben acha que o homem estava nos contando fábulas para fazer com que a vida durasse um pouco mais.

– Verdade ou mentira, a Muralha tem de ser avisada – disse o Velho Urso enquanto Jon colocava a bandeja entre os dois. – E o rei.

– Qual rei?

– Todos. Tanto o verdadeiro como os falsos. Se querem reclamar o reino, que o defendam.

Meia-Mão serviu-se de um ovo e quebrou sua casca na borda da tigela.

– Esses reis farão o que quiserem – ele respondeu, descascando o ovo. – O mais provável é que não seja grande coisa. A melhor esperança é Winterfell. Os Stark têm de convocar o Norte.

– Sim. Com certeza – o Velho Urso desenrolou um mapa, olhou-o de testa franzida, colocou-o de lado, e abriu outro. Jon percebeu que ele estava avaliando onde o martelo cairia. Antigamente, a Patrulha havia guarnecido dezessete castelos ao longo das cem léguas da Muralha, mas tinham sido abandonados, um por um, à medida que a irmandade minguava. Só três possuíam guarnições agora, um fato que Mance Rayder conhecia tão bem como eles. – Podemos ter esperança de que Sor Alliser Thorne traga recrutas frescos de Porto Real. Se levarmos a Guardagris homens da Torre Sombria, e a Monte Longo o pessoal de Atalaialeste…

– Guardagris ruiu em grande parte. Portapedra servirá melhor, se conseguirmos arranjar homens suficientes. Talvez também Marcagelo e Lago Profundo. Com patrulhas diárias ao longo das ameias entre eles.

– Sim, patrulhas. Duas vezes por dia, se for possível. A Muralha propriamente dita é um obstáculo formidável. Sem defesa, não pode pará-los, mas pode atrasá-los. Quanto maior for a tropa, de mais tempo precisarão. Julgando pelo vazio que deixaram para trás, devem ter a intenção de levar as mulheres consigo. E também os jovens, e os animais… Alguma vez viu uma cabra subir uma escada de mão? Ou uma corda? Vão ter de construir uma escada com degraus, ou uma grande rampa… Vai lhes tomar pelo menos uma volta de lua, talvez mais tempo. Mance deve saber que sua melhor chance é passar *por baixo* da Muralha. Por um portão, ou…

– Uma brecha.

A cabeça de Mormont ergueu-se num movimento vivo.

– O quê?

– Eles não pretendem escalar a Muralha nem escavar por baixo dela, senhor. Planejam quebrá-la.

– A Muralha tem duzentos metros de altura e é tão espessa na base, que seriam necessários cem homens durante um ano para abrir caminho com picaretas e machados.

– Mesmo assim.

Mormont afagou a barba, franzindo a testa:

– Como?

– Como haveria de ser? Feitiçaria – Qhorin arrancou metade do ovo com uma mordida. – Por qual outro motivo Mance teria decidido reunir suas forças nas Presas de Gelo? É um lugar ermo e duro, e é uma longa e cansativa marcha de lá até a Muralha.

– Eu tinha esperança de que ele tivesse escolhido as montanhas para esconder sua reunião dos olhos de meus patrulheiros.

– Talvez – Qhorin respondeu, acabando de comer o ovo. – Mas parece-me que há mais. Ele procura algo nos lugares elevados e frios. Anda atrás de alguma coisa que lhe faz falta.

– Alguma coisa? – o corvo de Mormont ergueu a cabeça e soltou um guincho. O som soou aguçado como uma faca no acanhamento da tenda.

– Algum poder. O que será, nosso prisioneiro não soube nos dizer. Talvez tenha sido interrogado com demasiada intensidade, e morreu deixando muito por contar. De qualquer forma, duvido que soubesse.

Jon conseguia ouvir o vento lá fora. Fazia um som agudo enquanto tremia por entre as pedras da muralha circular e puxava com força as cordas da tenda. Mormont esfregou pensativamente a boca.

– Algum poder – repetiu. – Tenho de saber o que é.

– Então deve enviar batedores para as montanhas.

– Estou relutante em arriscar mais homens.

– Só podemos morrer. Por que motivo vestimos estes mantos negros, se não for para morrer em defesa do reino? Eu enviaria quinze homens, em três grupos de cinco. Um para sondar o Guadeleite, outro ao Passo dos Guinchos, e outro para subir a Escada do Gigante. Jarman Buckell,

Thoren Smallwood e eu ao comando. Para investigar o que espera naquelas montanhas.

"*Espera*", gritou o corvo. "*Espera*."

O Senhor Comandante Mormont soltou um suspiro profundo:

– Não vejo outra escolha – concedeu –, mas se não retornar…

– Alguém descerá das Presas de Gelo, senhor – disse o patrulheiro. – Se formos nós, tudo estará ótimo. Se não, será Mance Rayder, e o senhor está bem no caminho dele. Ele não pode marchar para sul deixando-o para trás, para que o siga e atormente sua retaguarda. Tem de atacar. E este é um lugar forte.

– Não é tão forte assim – Mormont observou.

– Então é possível que morramos todos. Nossa morte irá ganhar tempo para os nossos irmãos na Muralha. Tempo para guarnecer os castelos vazios e congelar os portões, a fim de convocar senhores e reis para virem em seu auxílio, tempo para afiarem os machados e repararem as catapultas. Nossas vidas serão moedas bem gastas.

"*Morre*", resmungou o corvo, percorrendo os ombros de Mormont. "*Morre, morre, morre, morre*." O Velho Urso ficou sentado, dobrado e silencioso, como se o fardo de falar tivesse se tornado pesado demais para que o suportasse. Mas, por fim, disse:

– Que os deuses me perdoem. Escolha os seus homens.

Qhorin Meia-Mão virou a cabeça. Seus olhos encontraram os de Jon e prenderam-se neles durante um longo momento.

– Muito bem. Escolho Jon Snow.

Mormont pestanejou:

– Ele é pouco mais do que um rapaz. E, além disso, é meu intendente. Nem sequer é patrulheiro.

– Tollett também pode cuidar do senhor – Qhorin ergueu sua mão mutilada, com apenas dois dedos. – Os deuses antigos ainda são fortes para lá da Muralha. Os deuses dos Primeiros Homens… e dos Stark.

Mormont olhou para Jon:

– Qual é a sua vontade nisto?

– Ir – Jon respondeu de imediato.

O velho deu um sorriso triste:

– Foi o que achei que seria.

A alvorada já tinha rompido quando Jon saiu da tenda ao lado de Qhorin Meia-Mão. O vento rodopiava em volta deles, agitando os mantos negros e fazendo voar da fogueira uma chuva de fagulhas vermelhas.

– Partimos ao meio-dia – disse-lhe o patrulheiro. – É melhor que encontre esse seu lobo.

# Tyrion

— A rainha pretende mandar o Príncipe Tommen para longe – estavam ajoelhados, sozinhos, na escuridão calma do septo, rodeados por sombras e velas tremeluzentes, mas mesmo assim Lancel mantinha a voz baixa. – Lorde Gyles irá levá-lo para Rosby e escondê-lo lá, disfarçado de pajem. Planejam escurecer seu cabelo e dizer a todo mundo que é filho de um pequeno cavaleiro.

– Ela tem medo do povo? Ou de mim?

– De ambos – Lancel respondeu.

– Ah... – Tyrion nada soubera daqueles planos. Pela primeira vez, teriam os passarinhos de Varys falhado? Imaginava que até as aranhas tinham de se distrair… ou será que o eunuco estaria jogando um jogo mais profundo e sutil do que imaginara? – Tem os meus agradecimentos, sor.

– Vai me conceder o favor que lhe pedi?

– Talvez – Lancel queria um comando na batalha seguinte. Uma maneira magnífica de morrer antes de acabar de cultivar aquele bigode, mas os jovens cavaleiros sempre se julgavam invencíveis.

Tyrion permaneceu lá depois de o primo ir sorrateiramente embora. No altar do Guerreiro, usou uma vela para acender outra. *Proteja meu irmão, seu bastardo sangrento, ele é um dos seus*. Acendeu uma segunda vela ao Estranho, esta para si mesmo.

Nessa noite, quando a Fortaleza Vermelha estava escura, Bronn chegou e o encontrou selando uma carta.

– Leve isto a Sor Jacelyn Bywater – o anão derramou cera dourada e quente sobre o pergaminho.

– O que é que diz? – Bronn não sabia ler, por isso fazia perguntas impertinentes.

– Diz para ele levar cinquenta de seus melhores espadachins e bater a estrada das rosas – Tyrion pressionou seu selo contra a cera mole.

– É mais provável que Stannis chegue pela estrada do rei.

– Ah, eu sei. Diga a Bywater para desconsiderar o que a carta diz e levar seus homens para o norte. Deverá montar uma armadilha na estrada de Rosby. Lorde Gyles vai partir para o seu castelo dentro de um ou dois dias, com uma dúzia de homens de armas, alguns criados e meu sobrinho. Príncipe Tommen pode estar vestido de pajem.

– Quer o garoto trazido de volta, é isso?

– Não. Quero que o levem para o castelo – Tyrion chegou à conclusão de que tirar o rapaz da cidade havia sido uma das melhores ideias da irmã. Em Rosby, Tommen estaria a salvo do povo, e mantê-lo afastado do irmão também tornava as coisas mais difíceis para Stannis; mesmo se tomasse Porto Real e executasse Joffrey, ainda teria um pretendente Lannister com quem lutar. – Lorde Gyles é doente demais para fugir, e covarde demais para lutar. Ele ordenará ao castelão que abra os portões. Uma vez dentro do castelo, Bywater deverá expulsar a guarnição e manter Tommen a salvo lá dentro. Pergunte-lhe como soa *Lorde* Bywater.

– Lorde Bronn soaria melhor. Eu podia apanhar o garoto tão bem como ele. Embalaria-o no joelho e lhe cantaria canções de ninar se nisso estivesse envolvido um título.

– Preciso de você aqui – Tyrion respondeu. *E não confio em você com meu sobrinho*. Se algo acontecesse a Joffrey, a pretensão Lannister ao Trono de Ferro cairia sobre os jovens ombros de Tommen. Os homens de manto dourado de Sor Jacelyn defenderiam o garoto; os mercenários de Bronn eram mais capazes de vendê-lo aos seus inimigos.

– O que deve o novo senhor fazer com o antigo?

– O que bem entender, desde que se lembre de alimentá-lo. Não o quero morrendo – Tyrion afastou-se da mesa. – Minha irmã enviará um membro da Guarda Real com o príncipe.

Bronn não se mostrou preocupado.

– Cão de Caça é cão de Joffrey, não o abandonará. Os mantos dourados do Mão de Ferro devem ser capazes de lidar com os outros com bastante facilidade.

– Se as coisas chegarem ao ponto de matar, diga a Sor Jacelyn que não quero isso feito na frente de Tommen – Tyrion pôs um pesado manto de lã marrom-escura. – Meu sobrinho tem bom coração.

– Tem certeza de que é um Lannister?

– Não tenho certeza de nada, além do Inverno e da batalha. Venha. Vou com você até uma parte do caminho.

– Chataya?

– Conhece-me bem demais.

Saíram por uma porta falsa na muralha norte. Tyrion encostou os calcanhares no cavalo e desceu ruidosamente a Alameda da Sombra Negra. Alguns vultos furtivos precipitaram-se para vielas ao ouvir os cascos nas pedras do pavimento, mas ninguém se atreveu a abordá-los. O conselho tinha estendido o toque de recolher; ser pego nas ruas depois do toque do anoitecer significava a morte. A medida restaurara certa paz em Porto Real e diminuíra para um quarto o número de cadáveres encontrados nas vielas de manhã, mas Varys dizia que as pessoas o amaldiçoavam por isso. *Deviam se sentir agradecidas por terem vida para poder lançar maldições*. Um par de homens de manto dourado confrontou-os na Ruela dos Caldeireiros, mas quando compreenderam quem tinham intimado, pediram perdão à Mão e mandaram-nos seguir com um gesto. Bronn virou para sul em direção ao Portão da Lama e os dois se separaram.

Tyrion prosseguiu na direção da casa de Chataya, mas de repente a resignação o abandonou. Virou-se na sela, perscrutando a rua atrás de si. Não havia sinal de perseguidores. Todas as janelas estavam escuras ou com as venezianas bem fechadas. Nada ouviu além do vento que passava pelas vielas. *Se Cersei tiver alguém me seguindo hoje, deve estar disfarçado de ratazana*.

– Que se dane tudo isso – resmungou. Estava farto de cuidados. Obrigando o cavalo a se virar, esporeou-o com força. *Se alguém vier*

*atrás de mim, vamos ver se monta bem*. Voou pelas ruas iluminadas pelo luar, estrondeando sobre o pavimento, precipitando-se por vielas estreitas e ruelas sinuosas, correndo para o seu amor.

Ao bater com força no portão, ouviu a música que pairava, tênue, sobre os espigões que coroavam os muros de pedra. Um dos ibbeneses o conduziu pela propriedade.

– Quem é aquele? – as vidraças em forma de diamante das janelas do salão brilhavam com a luz amarela, e Tyrion ouvia um homem cantando.

O ibbenês encolheu os ombros.

– Cantor barrigudo.

O som foi se intensificando à medida que Tyrion se afastava do estábulo onde deixara o cavalo e se aproximava da casa. Nunca gostara de cantores, e, mesmo antes de vê-lo, gostava daquele ainda menos do que da raça como um todo. Quando empurrou a porta, o homem interrompeu-se.

– Senhor Mão – ajoelhou, mostrando a careca incipiente e a barriga de tacho, murmurando: – Uma honra, uma honra.

– Senhor – Shae sorriu ao vê-lo. Gostava daquele sorriso, e da forma rápida e irrefletida com que vinha ao seu lindo rosto. A garota usava o roupão de seda roxa, preso com um cinturão de fio de prata. As cores favoreciam seu cabelo escuro e a cor creme da pele lisa.

– Querida – disse-lhe. – E quem é este?

O cantor levantou os olhos.

– Chamam-me de Symon Língua de Prata, senhor. Ator, cantor, contador de histórias…

– E um grande idiota – Tyrion terminou. – Como foi que me chamou, quando entrei?

– Chamar? Eu só… – a prata na língua de Symon parecia ter se transformado em chumbo. – Senhor Mão, eu disse, uma honra…

– Um homem mais sensato teria fingido não me reconhecer. Não que eu tivesse me deixado enganar, mas você devia ter tentado. Que vou fazer agora com você? Sabe da minha querida Shae, sabe onde ela mora, sabe que a visito à noite sozinho.

– Juro, não direi a ninguém…

– Pelo menos nisso concordamos. Boa noite – Tyrion subiu as escadas com Shae.

– Meu cantor pode agora nunca mais cantar – ela brincou. – Tirou a voz dele com o susto.

– Um pouco de medo pode ajudá-lo a atingir aquelas notas agudas.

Ela fechou a porta do quarto.

– Não vai lhe fazer mal, não é? – Shae acendeu uma vela perfumada e ajoelhou-se para tirar suas botas. – Suas canções alegram-me nas noites em que você não vem.

– Bem que gostaria de poder vir todas as noites – ele disse enquanto ela esfregava seus pés nus. – Ele canta bem?

– Melhor do que alguns. Não tão bem quanto outros.

Tyrion abriu seu roupão e enterrou o rosto entre seus seios. Ela sempre cheirava limpa, mesmo naquela pocilga fedorenta de cidade.

– Fique com ele, se quiser, mas mantenha-o por perto. Não o quero vagueando pela cidade e espalhando histórias pelas casas de pasto.

– Ele não… – ela começou.

Tyrion cobriu sua boca com um beijo. Estava farto de conversas; precisava da doce simplicidade do prazer que encontrava entre as coxas de Shae. Ali, pelo menos, era bem-vindo, desejado.

Mais tarde, puxou o braço de debaixo da cabeça dela, enfiou-se na túnica e desceu ao jardim. Uma meia-lua prateava as folhas das árvores frutíferas e brilhava na superfície da piscina para banhos esculpida em pedra. Tyrion sentou-se junto à água. Em algum lugar, à sua direita, um grilo cantava, um som curiosamente acolhedor. *Este lugar é pacífico*, pensou, *mas, por quanto tempo?*

Uma lufada de alguma coisa malcheirosa fez Tyrion virar a cabeça. Shae estava à porta, por trás dele, vestida com o roupão prateado que lhe dera. *Amei uma donzela branca como o Inverno, com o luar nos cabelos*. Atrás dela encontrava-se um dos irmãos mendicantes, um homem corpulento com trajes imundos e remendados, os pés descalços cobertos com uma crosta de sujeira e uma tigela pendurada por uma correia de

couro que trazia ao pescoço, na posição em que um septão usaria um cristal. O cheiro que exalava teria dado náuseas a uma ratazana.

– Lorde Varys veio vê-lo – Shae anunciou.

O irmão mendicante a olhou, piscando os olhos, espantado. Tyrion soltou uma gargalhada.

– Com certeza. Como foi que o reconheceu e eu não?

Shae encolheu os ombros.

– É ele mesmo assim. Só que vestido de outra forma.

– Um visual diferente, um cheiro diferente, uma maneira diferente de caminhar – Tyrion observou. – A maior parte dos homens se enganaria.

– E a maior parte das mulheres também, provavelmente. Mas não as prostitutas. Uma prostituta aprende a ver o homem, não seu traje, caso contrário acaba morta numa viela.

Varys fez uma expressão de dor, que não era devida às falsas feridas que tinha nos pés. Tyrion soltou um risinho.

– Shae, traga-nos um pouco de vinho? – podia precisar de uma bebida. O que quer que tivesse trazido o eunuco ali na calada da noite não devia ser boa coisa.

– Quase temo contar o motivo por que vim, senhor – Varys disse, quando Shae saiu. – Trago notícias terríveis.

– Devia se vestir de penas negras, Varys, é de tão mau agouro como um corvo – desajeitadamente, Tyrion ficou de pé, meio receoso de fazer a pergunta seguinte. – É Jaime? – *se lhe fizeram mal, nada os salvará*.

– Não, senhor. É outro assunto. Sor Cortnay Penrose está morto. Ponta Tempestade abriu os portões a Stannis Baratheon.

A consternação varreu todos os outros pensamentos da mente de Tyrion. Quando Shae retornou com o vinho, ele bebeu um gole e arremessou a taça contra a parede da casa, fazendo-a explodir. Shae levantou uma mão para se proteger dos cacos enquanto o vinho escorria pelas pedras em longos dedos, negros à luz do luar.

– *Maldito seja!* – Tyrion esbravejou.

Varys sorriu, mostrando uma boca cheia de dentes podres.

– Quem, senhor? Sor Cortnay ou Lorde Stannis?

– Os dois – Ponta Tempestade era forte, devia ter sido capaz de resistir durante meio ano ou mais… Tempo suficiente para seu pai acabar com Robb Stark. – Como foi que isso aconteceu?

Varys olhou de relance para Shae.

– Senhor, temos de perturbar o sono de sua doce senhora com uma conversa tão sombria e sangrenta?

– Uma senhora poderia ter medo – disse Shae –, mas eu não tenho.

– Deveria ter – disse-lhe Tyrion. – Com a queda de Ponta Tempestade, Stannis virará em breve a atenção para Porto Real – agora lamentava ter atirado longe aquele vinho. – Lorde Varys, dê-nos um momento, e eu voltarei com o senhor ao castelo.

– Esperarei nos estábulos – fez uma reverência e afastou-se com passos pesados.

Tyrion puxou Shae para o seu lado.

– Aqui não está segura.

– Tenho meus muros, e os guardas que me deu.

– Mercenários – disse Tyrion. – Gostam bastante do meu ouro, mas morrerão por ele? Quanto a estes muros, um homem podia subir nos ombros de outro e saltá-los num instante. Uma mansão muito parecida com esta foi queimada durante os tumultos. Mataram o ourives que a possuía pelo crime de ter uma despensa cheia, tal como deixaram o Alto Septão em pedaços, estupraram Lollys meia centena de vezes, e esmagaram o crânio de Sor Aron. O que acha que farão se puserem as mãos na senhora da Mão?

– Refere-se à prostituta da Mão? – ela o olhou com aqueles seus grandes olhos corajosos. – Mas gostaria de ser sua senhora, senhor. Vestiria todas as coisas bonitas que me deu, cetim, samito e pano de ouro, e usaria suas joias, pegaria na sua mão e sentaria ao seu lado nos banquetes. Poderia dar-lhe filhos, sei que poderia… e juro que nunca o envergonharia.

*Meu amor por você já me envergonha o suficiente.*

– Um sonho lindo, Shae. Mas, agora, coloque-o de lado, estou pedindo. Nunca poderá acontecer.

– Por causa da rainha? Também não tenho medo dela.

– Eu tenho.

– Então *mate-a* e resolva o assunto. Não é como se houvesse algum amor entre vocês.

Tyrion suspirou.

– Ela é minha irmã. O homem que mata seu próprio sangue é para sempre maldito aos olhos dos deuses e dos homens. Além disso, seja o que for que eu e você possamos pensar de Cersei, meu pai e meu irmão gostam dela. Posso conspirar contra qualquer homem nos Sete Reinos, mas os deuses não me equiparam para enfrentar Jaime de espada na mão.

– O Jovem Lobo e Lorde Stannis têm espadas, e não o assustam.

*Como você sabe pouco, querida.*

– Contra eles tenho todo o poder da Casa Lannister. Contra Jaime ou meu pai, não tenho mais do que umas costas tortas e um par de pernas atrofiadas.

– Tem a mim – Shae o beijou, deslizando os braços em volta de seu pescoço enquanto pressionava o corpo contra o dele.

O beijo o excitou, como sempre acontecia com os beijos dela, mas daquela vez Tyrion libertou-se gentilmente.

– Agora não. Querida, eu tenho… bem, chame de semente de um plano. Acho que posso ser capaz de levá-la para as cozinhas do castelo.

O rosto de Shae ficou imóvel:

– As cozinhas?

– Sim. Se agir através de Varys, ninguém saberá de nada.

Ela soltou um risinho:

– Senhor, eu o envenenaria. Todos os homens que provaram minha comida disseram-me que sou uma excelente prostituta.

– A Fortaleza Vermelha tem cozinheiros suficientes. E açougueiros e padeiros também. Teria de se fazer de ajudante de cozinha.

– Uma lavadora de pratos, vestida de ráfia áspera e marrom. É assim que o senhor quer me ver?

– O senhor quer vê-la viva – Tyrion respondeu. – Dificilmente pode lavar pratos vestida de seda e veludo.

– O senhor se cansou de mim? – ela enfiou uma mão por baixo da túnica dele e encontrou seu membro. Em duas rápidas batidas deixou-o duro. – *Ele* ainda me quer – ela riu. – Gostaria de foder sua ajudante de cozinha, senhor? Pode me encher de farinha e chupar molho de carne das minhas maminhas, se…

– Pare com isso – o modo como ela estava agindo lembrava-lhe Dancy, que tentara tão intensamente ganhar sua aposta. Afastou sua mão com força, a fim de impedir mais travessuras. – Não é hora para brincadeiras de cama, Shae. Sua vida pode estar em risco.

O sorriso dela desapareceu:

– Se desagradei ao senhor, não tive intenção, só que… não podia apenas me dar mais guardas?

Tyrion soltou um profundo suspiro. *Lembre-se de como ela é nova*, disse a si mesmo, e pegou sua mão:

– Suas pedras preciosas podem ser substituídas, e novos vestidos podem ser cosidos, duas vezes mais bonitos do que os velhos. Para mim, você é a coisa mais preciosa que está dentro destes muros. A Fortaleza Vermelha também não é segura, mas é bastante mais segura do que aqui. Quero você lá.

– Nas cozinhas – a voz dela não tinha expressão. – Lavando pratos.

– Por pouco tempo.

– Meu pai fez de mim a ajudante de cozinha dele – ela disse, com a boca se contorcendo. – Foi por isso que fugi.

– Tinha me dito que fugiu porque seu pai fez de você a prostituta dele – lembrou-lhe Tyrion.

– Isso também. Não gostava mais de lavar seus pratos do que da pica dele em mim – sacudiu a cabeça para trás. – Por que é que não pode ficar comigo na sua torre? Metade dos senhores da corte tem quem aqueça suas camas.

– Fui expressamente proibido de levá-la para a corte.

– Pelo seu pai estúpido – Shae fez um muxoxo. – Tem idade para manter todas as prostitutas que quiser. Será que ele o considera um garotinho imberbe? O que ele poderia fazer, espancá-lo?

Tyrion a estapeou. Não com força, mas com suficiente vigor.

– Maldita. *Sua maldita*. *Nunca* caçoe de mim. *Você* não.

Por um momento Shae não falou. O único som que se ouvia era o do grilo, que cantava, cantava.

– Peço perdão, senhor – ela disse por fim, numa voz pesada e sem vida. – Não queria ser insolente.

*E eu não queria bater em você. Que os deuses sejam bons, estarei me transformando em Cersei?*

– Isso foi errado. De nós dois. Shae, você não compreende – palavras que nunca pretendera dizer saíram dele às cambalhotas, como saltimbancos de um cavalo oco. – Quando tinha treze anos, casei com a filha de um artesão. Pelo menos era o que pensava que ela era. Estava cego de amor, e pensava que ela sentia o mesmo por mim, mas meu pai esfregou a verdade na minha cara. Minha noiva era uma prostituta que Jaime tinha contratado para me dar a primeira experiência como homem – *e eu acreditei em tudo, como o tolo que era.* – Para que a lição ficasse bem dada, Lorde Tywin deu minha esposa a uma caserna de guardas para que a usassem como bem entendessem, e ordenou-me que assistisse – *e que a possuísse uma última vez, depois de os outros terminarem. Uma última vez, sem que nenhum sinal de amor ou ternura restasse. "Para que se recorde dela como realmente é", dissera, e eu devia tê-lo desafiado, mas meu pau me traiu e fiz o que me era pedido.* – Depois de ficar satisfeito com ela, meu pai obteve a anulação do casamento. Era como se nunca nos tivéssemos casado, disseram os septões – apertou sua mão. – Por favor, não falemos mais da Torre da Mão. Ficará nas cozinhas só por pouco tempo. Depois de terminarmos com Stannis, terá outra mansão, e sedas tão suaves como as suas mãos.

Os olhos de Shae tinham-se aberto muito, mas Tyrion não conseguiu ler o que havia por trás.

– Minhas mãos não serão suaves se passar o dia todo limpando fornos e raspando panelas. Será que ainda vai querê-las tocando-o quando estiverem vermelhas, ásperas e rachadas da água quente e da lixívia?

– Mais do que nunca. Quando olhar para elas, vão me lembrar de como foi corajosa.

Não saberia dizer se ela acreditava nele. A moça abaixou os olhos.

– Estou às suas ordens, senhor.

Tyrion via com clareza que aquilo era a máxima aceitação que alcançaria naquela noite. Beijou seu rosto no lugar onde tinha batido, para tirar alguma dor do golpe.

– Mandarei buscá-la.

Varys estava à espera nos estábulos, como havia prometido. O cavalo do eunuco parecia esparavonado e meio morto. Tyrion montou; um dos mercenários abriu os portões. Saíram em silêncio. *Que os deuses me ajudem, por que lhe contei a respeito de Tysha?*, perguntou a si mesmo, com um medo súbito. Havia alguns segredos que nunca deviam ser verbalizados, algumas vergonhas que um homem devia levar para o túmulo. O que queria dela, perdão? A maneira como o olhara, o que queria dizer? Odiaria tanto assim a ideia de limpar panelas, ou teria sido a sua confissão? *Como é que posso lhe contar aquilo e ainda pensar que ela me ama?*, disse parte dele, enquanto a outra parte caçoou, dizendo: *Anão estúpido, a única coisa que a rameira ama são o ouro e as joias.*

Seu cotovelo cicatrizado latejava, rangendo sempre que o cavalo punha um casco no chão. Às vezes, quase conseguia imaginar que ouvia os ossos roçando um no outro lá dentro. Talvez devesse consultar um meistre, obter alguma poção para as dores… Mas, desde que Pycelle tinha revelado o que era, Tyrion desconfiava dos meistres. Só os deuses sabiam com quem andariam conspirando, ou o que teriam misturado naquelas poções que ministravam.

– Varys. Tenho de trazer Shae para o castelo sem que Cersei perceba – fez um esboço rápido de seu plano envolvendo as cozinhas.

Quando terminou, o eunuco soltou um pequeno cacarejo:

– Farei o que o senhor ordenar, naturalmente… Mas devo preveni-lo de que as cozinhas estão cheias de olhos e ouvidos. Mesmo se a garota não cair sob nenhuma suspeita propriamente dita, será alvo de mil perguntas. Onde nasceu? Quem eram seus pais? Como veio para Porto Real? A

verdade não servirá, então ela terá de mentir… e mentir, e mentir – olhou de relance para Tyrion. – E uma jovem moça de cozinha tão bonita instigará tanto desejo como curiosidade. Será tocada, beliscada, acariciada e levará tapinhas. Ajudantes de cozinha vão se enfiar sob as suas mantas de noite. Algum cozinheiro solitário pode tentar se casar com ela. Padeiros vão amassar seus seios com mãos cheias de farinha.

– Prefiro que ela seja acariciada a que seja apunhalada – Tyrion respondeu.

Varys avançou mais alguns passos, e disse:

– Pode haver outra maneira. Acontece que a aia que serve a filha da Senhora Tanda tem andado surrupiando suas joias. Se eu informasse a Senhora Tanda disso, ela seria forçada a despedir imediatamente a moça. E a filha precisaria de uma nova aia.

– Entendo – Tyrion compreendeu de imediato que aquilo abria possibilidades. Uma criada de quarto de uma senhora usava roupas melhores do que uma ajudante de cozinha, e frequentemente até exibia uma ou duas joias. Shae devia ficar contente com isso. E Cersei achava a Senhora Tanda entediante e histérica, e Lollys, uma bovina imbecil. Não era provável que lhes fizesse visitas de cortesia.

– Lollys é tímida e confia nas pessoas – Varys acrescentou. – Acreditará em qualquer história que lhe seja contada. Desde que sua virgindade foi roubada pelos populares, ela tem medo de sair de seus aposentos, portanto, Shae permanecerá fora de vista… mas convenientemente próxima, caso você tenha necessidade de consolo.

– Sabe tão bem como eu que a Torre da Mão está vigiada. Cersei certamente ficaria curiosa se a aia de Lollys começasse a me visitar.

– Eu talvez consiga introduzir a moça em seu quarto sem ser vista. A casa de Chataya não é a única a ter uma porta escondida.

– Um acesso secreto? Aos *meus* aposentos? – Tyrion sentia-se mais aborrecido do que surpreso. Por que motivo teria Maegor, o Cruel, ordenado a morte de todos os construtores que tinham trabalhado em seu castelo, se não fosse para proteger tais segredos? – Sim, suponho que

teria de existir. Onde posso encontrar a porta? No aposento privado? No quarto de dormir?

– Meu amigo, não quer me obrigar a revelar *todos* os meus pequenos segredos, não é?

– De hoje em diante, pense neles como os *nossos* pequenos segredos, Varys – Tyrion olhou de soslaio o eunuco em seu fedido traje de saltimbanco. – Partindo do princípio de que você *está* do meu lado…

– Consegue duvidar disso?

– Ora, não, confio tacitamente em você – uma gargalhada amarga ecoou das janelas fechadas. – Na verdade, confio em você como se fosse do meu sangue. Agora conte-me como morreu Cortnay Penrose.

– Dizem que se atirou de uma torre.

– Que *se* atirou? Não, não vou acreditar nisso.

– Os guardas não viram ninguém entrando em seus aposentos, nem encontraram ninguém lá dentro depois da queda.

– Então o assassino entrou mais cedo e se escondeu debaixo da cama – sugeriu Tyrion. – Ou desceu do telhado por uma corda. Talvez os guardas estejam mentindo. Quem poderá dizer que não cometeram eles mesmos o ato?

– Sem dúvida, tem razão, senhor.

O tom cheio de si do eunuco dizia outra coisa.

– Mas você tem outra opinião? Como teria acontecido então?

Durante um longo momento Varys nada disse. O único som que se ouvia era o solene *clac* que os cascos faziam no pavimento. Por fim, o eunuco pigarreou:

– Senhor, acredita nos antigos poderes?

– Fala de magia? – Tyrion perguntou com impaciência, fungando. – Feitiços de sangue, maldições, metamorfismo, esse tipo de coisa? Quer sugerir que Sor Cortnay foi enfeitiçado até a morte?

– Sor Cortnay tinha desafiado Lorde Stannis para um combate singular na manhã do dia em que morreu. Pergunto: será este o ato de um homem perdido em desespero? Depois, há a questão do assassinato misterioso e muito fortuito de Lorde Renly, precisamente no momento em que suas

linhas de batalha estavam se formando para varrer o irmão do campo – o eunuco fez uma pausa momentânea. – Senhor, uma vez perguntou-me de que modo fui cortado.

– Lembro-me disso. Não quis falar do assunto.

– E continuo a não querer, mas… – aquela pausa foi mais longa do que a anterior, e quando Varys voltou a falar sua voz estava de algum modo diferente. – Era um órfão, aprendiz numa trupe errante. Nosso mestre possuía um barco pesqueiro pequeno e largo, e viajávamos de um lado para o outro ao longo do mar estreito, atuando em todas as Cidades Livres e, de tempos em tempos, em Vilavelha e Porto Real. Um dia, em Myr, um certo homem foi ao nosso espetáculo. Quando terminou, fez uma oferta por mim que meu mestre achou tentadora demais para recusar. Fiquei aterrorizado. Temi que o homem pretendesse me usar como ouvira dizer que os homens usavam garotinhos, mas, na verdade, a única parte de mim que ele queria era meu órgão viril. Deu-me uma poção que me deixou incapaz de me movimentar ou de falar, mas nada fez para adormecer meus sentidos. Com uma longa lâmina em forma de gancho cortou-me raiz e caule, sem parar de entoar cânticos. Vi-o queimar meus órgãos masculinos num braseiro. As chamas ficaram azuis, e ouvi uma voz responder ao seu chamado, embora não compreendesse as palavras que foram ditas. Quando ele acabou de fazer o que queria comigo, os pantomimeiros tinham zarpado. Depois de servir aos seus propósitos, o homem já não tinha interesse em mim, e botou-me na rua. Quando lhe perguntei o que devia fazer então, ele respondeu que achava que devia morrer. Para contrariá-lo, decidi viver. Mendiguei, roubei e vendi as partes do corpo que ainda me restavam. Em pouco tempo tornei-me um ladrão tão bom como qualquer outro de Myr, e quando cresci aprendi que muitas vezes o conteúdo das cartas de um homem é mais valioso do que o conteúdo de sua bolsa. Mas ainda sonho com aquela noite, senhor. Não com o feiticeiro, nem com a lâmina, nem mesmo com o modo como meu membro viril contraiu-se enquanto ardia. Sonho com a voz. A voz saída das chamas. Seria um deus, um demônio, um truque qualquer de ilusionista? Não sei lhe dizer, e olhe que conheço

todos os truques. Tudo o que sei com toda certeza é que o homem chamou a coisa, e ela respondeu, e desde esse dia odiei a magia e todos aqueles que a praticam. Se Lorde Stannis for um desses homens, desejo vê-lo morto.

Quando terminou de falar, cavalgaram em silêncio durante algum tempo. Por fim, Tyrion disse:

– Uma história pungente. Lamento.

O eunuco suspirou.

– Lamenta, mas não acredita em mim. Não, senhor, não é necessário pedir perdão. Eu estava drogado e com dores, e tudo se passou há muito tempo e num lugar distante, do outro lado do mar. Sem dúvida que sonhei aquela voz. Disse isso a mim mesmo mil vezes.

– Eu acredito em espadas de aço, moedas de ouro e na inteligência dos homens – Tyrion respondeu. – E acredito que um dia existiram dragões. Afinal de contas, vi seus crânios.

– Esperemos que essa seja a pior coisa que veja, senhor.

– Nisso concordamos – Tyrion sorriu. – E quanto à morte de Sor Cortnay, bem, sabemos que Stannis contratou mercenários das Cidades Livres. Talvez também tenha comprado um assassino habilidoso.

– Um assassino *muito* habilidoso.

– Há homens assim. Costumava sonhar que um dia seria suficientemente rico para enviar um Homem Sem Rosto contra minha querida irmã.

– Independentemente do modo como Sor Cortnay morreu, está morto, e o castelo caiu. Stannis está livre para marchar.

– Temos alguma chance de convencer os homens de Dorne a cair sobre a Marca?

– Nenhuma.

– É uma pena. Bem, a ameaça pode pelo menos servir para manter os senhores da Marca perto de seus castelos. Que novidades há de meu pai?

– Se Lorde Tywin conseguiu atravessar o Ramo Vermelho, nenhuma notícia nesse sentido me chegou ainda. Se não se apressar, pode ficar

encurralado entre os inimigos. A folha dos Oakheart e a árvore dos Rowan foram vistas a norte do Vago.

– Não há notícias de Mindinho?

– Talvez não tenha chegado a Ponteamarga. Ou talvez tenha morrido lá. Lorde Tarly tornou-se senhor das reservas de Renly e passou muitos pela espada; em especial gente dos Florent. Lorde Caswell trancou-se em seu castelo.

Tyrion atirou a cabeça para trás e estourou em gargalhadas.

Varys puxou as rédeas do cavalo, perplexo.

– Senhor?

– Não vê a piada, Lorde Varys? – Tyrion indicou com um gesto de mão as janelas trancadas, toda a cidade adormecida. – Ponta Tempestade caiu e Stannis vem a caminho com fogo e aço, e só os deuses sabem que escuros poderes, e o bom povo não tem Jaime para protegê-lo, nem Robert, nem Renly, nem Rhaegar, nem seu precioso Cavaleiro das Flores. Só têm a mim, aquele que odeiam – voltou a rir. – O anão, o maligno conselheiro, o pequeno demônio simiesco e deformado. Sou tudo o que têm entre eles e o caos.

# Catelyn

—Diga ao pai que parti para deixá-lo orgulhoso.

O irmão saltou para a sela, senhor da cabeça aos pés, em sua brilhante cota de malha e manto solto em cores de lama e água. Uma truta prateada ornamentava seu elmo, gêmea da que levava pintada no escudo.

– Ele sempre se orgulhou de você, Edmure. E ama-o ferozmente. Acredite nisso.

– Pretendo dar-lhe mais motivos para isso do que meu mero nascimento – fez o cavalo de guerra dar meia-volta e ergueu uma mão. Soaram trombetas, um tambor começou a ressoar, a ponte levadiça desceu aos trancos, e Sor Edmure Tully levou seus homens para fora de Correrrio com lanças erguidas e estandartes ao vento.

*Tenho uma hoste maior do que a sua, irmão*, pensou Catelyn enquanto os via partir. *Uma hoste de dúvidas e medos*.

Ao seu lado, a infelicidade de Brienne era quase palpável. Catelyn mandara costurar trajes para as suas medidas, belos vestidos adequados ao seu nascimento e sexo, mas ela ainda preferia vestir peças avulsas de cota de malha e couro fervido, com um cinto de espada cingido à cintura. Teria se sentido mais feliz partindo para a guerra com Edmure, sem dúvida, mas mesmo muralhas tão fortes como as de Correrrio necessitavam de espadas para defendê-las. O irmão tinha levado todos os homens capazes para os vaus, deixando Sor Desmond Grell no comando de uma guarnição composta por feridos, velhos e doentes, juntamente com alguns escudeiros e outros tantos filhos de camponeses não treinados, ainda longe da idade viril. E isso para defender um castelo atulhado de mulheres e crianças.

Quando o último dos homens de Edmure passou arrastando os pés sob a ponte levadiça, Brienne perguntou:

– Que faremos agora, senhora?

– O nosso dever – o rosto de Catelyn estava tenso quando começou a atravessar o pátio. *Sempre cumpri meu dever*, pensou. Talvez fosse por isso que o senhor seu pai sempre lhe dera mais carinho do que aos outros filhos. Os dois irmãos mais velhos tinham morrido na infância, e ela havia sido filho e filha para Lorde Hoster até Edmure nascer. Então, a mãe morrera e o pai dissera-lhe que teria de passar a ser a senhora de Correrrio, e Catelyn também tinha feito isso. E quando Lorde Hoster a prometera a Brandon Stark, ela lhe agradeceu por lhe ter arranjado um casamento tão magnífico.

*Dei a Brandon meu favor para que o usasse, e nunca confortei Petyr depois de ter sido ferido, nem lhe disse adeus quando meu pai o mandou embora. E quando Brandon foi assassinado e meu pai me disse que devia casar com o irmão dele, fiz isso de boa vontade, embora nunca tivesse visto Ned até o dia do nosso casamento. Entreguei minha virgindade a esse solene estranho, e o mandei para a sua guerra, o seu rei e a mulher que lhe deu o seu bastardo, porque sempre cumpri meu dever.*

Os pés levaram-na para o septo, um templo de arenito com sete lados, construído no interior dos jardins de sua mãe, cheio de arcos-íris coloridos. Estava lotado quando entrou; Catelyn não estava só em sua necessidade de rezar. Ajoelhou perante a imagem de mármore pintado do Guerreiro e acendeu uma vela perfumada por Edmure e outra por Robb, que estava bem para lá dos montes. *Mantenha-os a salvo e ajude-os a chegar à vitória*, orou, *e traga paz às almas dos mortos e conforto aos que deixam para trás.*

O septão entrou com seu incensório de cristal enquanto Catelyn rezava, então ela ficou para a celebração. Não conhecia aquele septão, um jovem zeloso com idade próxima à de Edmure. Desempenhava seu cargo bastante bem, e quando cantava os louvores aos Sete exibia uma voz rica e agradável, mas Catelyn deu por si ansiando pelo tom frágil e trêmulo do Septão Osmynd, morto havia muito tempo. Osmynd teria escutado

pacientemente a história do que ela tinha visto e sentido no pavilhão de Renly, e também poderia ter sabido o que aquilo significara, e o que ela tinha de fazer para enterrar as sombras que assombravam seus sonhos. *Osmynd, meu pai, tio Brynden, o velho Meistre Kym, sempre pareceram saber tudo, mas agora estou só, e parece que não sei nada, nem sequer qual é o meu dever. Como posso cumprir meu dever se não sei qual é ele?*

Os joelhos de Catelyn estavam duros quando se levantou, embora não se sentisse mais sábia. Talvez fosse ao bosque sagrado à noite, e rezasse também aos deuses de Ned. Eram mais velhos do que os Sete.

Lá fora, se deparou com uma canção de um tipo diferente. Rymund, o Rimante, estava sentado junto à cervejaria no centro de uma roda de ouvintes, fazendo ressoar a voz profunda enquanto cantava sobre Lorde Deremond no Prado Sangrento.

E ali estava, de espada na mão,
o último dos dez de Darry…

Brienne parou para ouvir por um momento, com os largos ombros curvados e os grossos braços cruzados sobre o peito. Um bando de garotos esfarrapados passou correndo, berrando e batendo uns nos outros com paus. *Por que os garotos gostam tanto de brincar de guerra?* Catelyn perguntou a si mesma se Rymund seria a resposta. A voz do cantor cresceu ao aproximar-se do fim da canção.

E rubra a relva sob seus pés
rubra a bandeira que conduz
e rubro o brilho do sol poente
que o banhou em sua luz
"Venham, venham", grita o grande senhor
"inda há fome em minha espada"
e com um grito de fúria selvagem
foi à ribeira cruzada…

– Lutar é melhor do que essa espera – disse Brienne. – Não nos sentimos tão impotentes quando lutamos. Temos uma espada e um

cavalo, às vezes um machado. Quando vestimos armadura, é difícil que alguém nos machuque.

– Os cavaleiros morrem em batalha – Catelyn lembrou-lhe.

Brienne olhou-a com aqueles belos olhos azuis.

– Tal como as senhoras morrem ao dar à luz. Ninguém canta canções sobre *elas*.

– Os filhos são um tipo diferente de batalha – Catelyn começou a atravessar o pátio. – Uma batalha sem estandartes nem cornos de guerra, mas não menos feroz por isso. Carregar uma criança no ventre, trazê-la ao mundo… sua mãe deve ter lhe falado da dor…

– Nunca conheci minha mãe. Meu pai teve senhoras… uma senhora diferente a cada ano, mas…

– Essas não eram senhoras. Por mais difícil que o nascimento seja, Brienne, o que vem a seguir é ainda mais difícil. Às vezes, sinto-me como se estivesse sendo rasgada ao meio. Bem gostaria que houvesse cinco de mim, uma para cada filho, para que pudesse mantê-los todos a salvo.

– E quem *a* manteria a salvo, senhora?

O sorriso que deu saiu pálido e cansado.

– Ora, os homens de minha Casa. Pelo menos foi o que minha mãe me ensinou. O senhor meu pai, meu irmão, meu tio, meu esposo, eles vão me manter a salvo… Mas, enquanto estiverem longe, suponho que você terá de ocupar o lugar deles, Brienne.

Brienne inclinou a cabeça:

– Tentarei, senhora.

Mais tarde nesse dia, Meistre Vyman trouxe uma carta. Catelyn o recebeu de imediato, esperando que fosse alguma notícia de Robb, ou de Sor Rodrik em Winterfell, mas descobriu que a mensagem vinha de um tal Lorde Meadows, que se autodenominava castelão de Ponta Tempestade. Estava endereçada ao pai, ao irmão, ao filho “ou a quem quer que tenha a posse de Correrrio”. Sor Cortnay Penrose estava morto, escrevia o homem, e Ponta Tempestade tinha aberto os portões a Stannis Baratheon, o herdeiro legítimo e de direito. A guarnição do castelo jurara

as espadas à sua causa, todos e cada um dos homens, e nenhum deles havia sofrido nenhum mal.

– Exceto Cortnay Penrose – murmurou Catelyn. Não conhecera o homem, mas doía-lhe saber de sua morte. – Robb tem de saber disso imediatamente – ela disse. – Sabemos onde ele se encontra?

– Segundo as últimas notícias, marchava para o Despenhadeiro, sede da Casa Westerling – Meistre Vyman respondeu. – Se enviasse um corvo para Cinzamarca, talvez pudessem enviar um correio atrás dele.

– Trate disso.

Catelyn voltou a ler a carta depois de o meistre ter ido embora.

– Lorde Meadows nada diz sobre o bastardo de Robert – confidenciou a Brienne. – Suponho que tenha entregado o garoto com o resto, embora eu deva confessar que não compreendo por que motivo Stannis o deseja tanto.

– Talvez tema a pretensão do garoto.

– A pretensão de um bastardo? Não, é outra coisa… Como é a aparência dessa criança?

– Tem sete ou oito anos e traços agradáveis, com cabelos negros e olhos azuis-claros. Os visitantes achavam frequentemente que fosse filho de Lorde Renly.

– E Renly assemelhava-se a Robert – Catelyn teve um vislumbre de compreensão. – Stannis pretende exibir o bastardo do irmão perante o reino, para que os homens possam ver Robert no seu rosto e interrogar-se por que motivo não existe tal semelhança em Joffrey.

– Isso teria tanta importância assim?

– Aqueles que são favoráveis a Stannis vão chamar isso de uma prova. Aqueles que apoiam Joffrey dirão que não quer dizer nada – seus próprios filhos tinham neles mais Tully do que Stark. Arya era a única a mostrar muito de Ned nas feições. *E Jon Snow, mas ele nunca foi meu*. Viu-se pensando na mãe de Jon, aquele sombrio amor secreto de que o marido nunca queria falar. *Será que ela chora por Ned como eu? Ou será que o odiava por abandonar sua cama em favor da minha? Rezará pelo filho como rezo pelos meus?*

Eram pensamentos desconfortáveis e fúteis. Se Jon tivesse sido dado à luz por Ashara Dayne, de Tombastela, como alguns especulavam, a senhora estava havia muito morta; se não, Catelyn não tinha nenhuma pista quanto a quem poderia ser sua mãe ou onde estaria. E não fazia diferença. Ned agora estava morto, e seus amores e segredos tinham morrido com ele.

Mesmo assim, sentiu-se uma vez mais impressionada pelo modo estranho como os homens se comportavam com seus bastardos. Ned sempre tinha protegido Jon ferozmente, e Sor Cortnay Penrose deu a vida por aquele Edric Storm, mas o bastardo de Roose Bolton significara menos para ele do que um de seus cães, julgando pelo tom estranhamente frio da carta que Edmure recebera dele ainda há menos de três dias. Escrevia que tinha atravessado o Tridente e marchava sobre Harrenhal conforme ordenado. "Um castelo forte, e com uma boa guarnição, mas Sua Graça irá possuí-lo, nem que para isso eu tenha de matar todas as almas que tem dentro." Esperava que Sua Graça contrabalançasse com isso os crimes de seu filho bastardo que Sor Rodrik Cassel havia sentenciado à morte. "Um destino que ele sem dúvida mereceu", escrevera Bolton. "O sangue conspurcado é sempre traiçoeiro, e a natureza de Ramsay era dissimulada, ambiciosa e cruel. Considero-me aliviado por me ver livre dele. Os filhos legítimos que minha jovem esposa me prometeu nunca estariam a salvo enquanto ele vivesse."

O som de passos apressados afastou os pensamentos mórbidos de sua cabeça. O escudeiro de Sor Desmond entrou apressado no aposento e se ajoelhou, ofegante.

– Senhora… Lannister… do outro lado do rio.

– Respire fundo, rapaz, e conte a história devagar.

Ele fez o que lhe foi pedido.

– Uma coluna de homens armados. Na outra margem do Ramo Vermelho. Levam um unicórnio roxo sob o leão de Lannister.

*Algum filho de Lorde Brax*. Brax tinha vindo a Correrrio uma vez quando ela era jovem, a fim de propor o casamento de um de seus filhos

com ela ou com Lysa. Perguntou a si mesma se seria esse mesmo filho quem estava ali agora, liderando o ataque.

Sor Desmond contou-lhe, quando se juntou a ela nas ameias, que os Lannister tinham surgido do sudeste sob um esplendor de estandartes.

– Alguns batedores, nada mais – assegurou-lhe. – A força principal da tropa de Lorde Tywin está muito para sul. Não corremos qualquer perigo aqui.

Para sul do Ramo Vermelho, o terreno estendia-se aberto e plano. Da torre de vigia, Catelyn via quilômetros nessa direção. Mesmo assim, só o vau mais próximo se encontrava visível. Edmure tinha confiado a Lorde Jason Mallister sua defesa, bem como a dos três seguintes, em direção à nascente. Os cavaleiros Lannister andavam em círculos incertos perto da água, com estandartes carmins e prateados esvoaçando ao vento.

– Não são mais de cinquenta, senhora – estimou Sor Desmond.

Catelyn viu os cavaleiros espalharem-se numa longa linha. Os homens de Lorde Jason esperaram por eles atrás de rochedos, tufos de mato e colinas. Um toque de trombeta fez os cavaleiros avançarem a passo lento, chapinhando na corrente. Por um momento fizeram um belo espetáculo, todos eles reluzentes armaduras e bandeiras tremulantes, com o sol relampejando nas pontas de suas lanças.

– *Agora* – ela ouviu Brienne murmurar.

Era difícil distinguir o que estava se passando, mas os gritos dos cavalos pareciam altos mesmo aquela distância, e, sob o ruído dos animais, Catelyn ouviu o estrondo mais tênue de aço batendo em aço. Um estandarte desapareceu de repente quando seu portador foi derrubado, e pouco tempo depois o primeiro morto passava boiando pelas muralhas, trazido pela corrente. A essa altura, os Lannister tinham se retirado de modo desorganizado. Observou-os enquanto se reagrupavam, conferenciavam rapidamente e galopavam na direção de onde tinham vindo. Os homens nas muralhas gritaram-lhes provocações, embora já estivessem longe demais para ouvir.

Sor Desmond deu uma palmada na barriga.

– Gostaria que Lorde Hoster pudesse ter visto isso. Teria feito o senhor dançar.

– Receio que os tempos de dança tenham terminado para o meu pai – disse Catelyn –, e esta luta está apenas começando. Os Lannister voltarão. Lorde Tywin tem duas vezes mais homens do que meu irmão.

– Podia ter dez vezes mais que não importaria – Sor Desmond respondeu. – A margem ocidental do Ramo Vermelho é mais elevada do que a oriental, senhora, e bem arborizada. Nossos arqueiros têm boa cobertura, e campo aberto para as suas flechas… e se ocorrer alguma brecha, Edmure terá seus melhores cavaleiros na reserva, prontos para avançar para onde quer que sejam mais necessários. O rio vai retê-los.

– Rezo para que tenha razão – Catelyn disse gravemente.

Voltaram naquela noite. Catelyn tinha ordenado que a acordassem de imediato se o inimigo regressasse, e bem depois da meia-noite uma criada tocou suavemente em seu ombro. Catelyn sentou-se na hora:

– O que foi?

– É de novo o vau, senhora.

Enrolada num roupão, Catelyn subiu ao telhado da fortaleza. Dali conseguia ver por cima das muralhas e o rio iluminado pela lua até o local onde a batalha se desenrolava com fúria. Os defensores tinham acendido fogueiras de vigia ao longo da margem, e os Lannister talvez tivessem julgado que os encontrariam cegos pela noite ou descuidados. Se tinham pensado assim, fora uma insanidade. A escuridão era, na melhor das hipóteses, um aliado incerto. Enquanto avançavam com água pelo peito, os homens enfiavam os pés em poços escondidos e caíam, enquanto outros tropeçavam em pedras ou feriam os pés nas estrepes escondidas. Os arqueiros dos Mallister atiraram uma tempestade de flechas incendiadas, silvando sobre o rio, estranhamente belas quando vistas de longe. Um homem, atingido uma dúzia de vezes, com as roupas ardendo, pôs-se a dançar e rodopiar com água na altura de seus joelhos, até que enfim caiu e foi arrastado pela corrente. Quando seu corpo passou oscilando por Correrrio, tanto o fogo como sua vida se tinham extinguido.

*Uma pequena vitória*, pensou Catelyn quando a luta terminou e os inimigos sobreviventes voltaram a se fundir com a noite, *mas ainda assim uma vitória*. Enquanto desciam os degraus em espiral do torreão, Catelyn perguntou a Brienne o que pensava.

– Aquilo foi apenas um leve toque de Lorde Tywin, senhora. Ele está sondando, em busca de um ponto fraco, uma travessia não defendida. Se não encontrar nenhuma, fechará os dedos num punho e tentará criá-la – Brienne encurvou os ombros. – Seria isso o que eu faria. Se estivesse no lugar dele – sua mão foi ao cabo da espada e deu-lhe uma pequena palmada, como que para se certificar de que ainda estava ali.

*E que os deuses nos ajudem nesse dia*, pensou Catelyn. Mas não havia nada que pudesse fazer. Essa era a batalha de Edmure, lá fora, no rio; a sua tinha lugar ali, dentro do castelo.

Na manhã seguinte, enquanto tomava o desjejum, mandou chamar o idoso intendente do pai, Utherydes Wayn.

– Mande um jarro de vinho a Sor Cleos Frey. Pretendo interrogá-lo em breve, e quero sua língua bem solta.

– Às suas ordens, senhora.

Não muito tempo depois, um correio com a águia dos Mallister cosida no peito chegou com uma mensagem de Lorde Jason, falando de outra escaramuça e de outra vitória. Sor Flement Brax tentara forçar a travessia em outro vau, seis léguas para sul. Dessa vez, os Lannister encurtaram as lanças e avançaram pelo rio a pé, mas os arqueiros Mallister fizeram chover tiros de arco sobre seus escudos enquanto as balistas que Edmure montara na margem do rio atiravam pesados pedregulhos neles, a fim de quebrar a formação.

– Deixaram uma dúzia de mortos na água, só dois chegaram aos baixios, onde tratamos deles ativamente – relatou o correio. Também falou de luta mais perto da nascente, onde Lorde Karyl Vance defendia os vaus. – Essas investidas também foram repelidas, com um custo severo para nossos inimigos.

*Talvez Edmure seja mais sábio do que eu pensava*, pensou Catelyn. *Todos os seus senhores viram sentido em seus planos de batalha, por que*

*fui tão cega? Meu irmão não é o garotinho de que me lembro, tal como Robb não o é.*

Esperou até a noite antes de ir fazer sua visita a Sor Cleos Frey, pensando que quanto mais tempo se atrasasse, mais bêbado ele ficaria. Quando entrou na cela da torre, Sor Cleos caiu desajeitadamente sobre os joelhos.

– Minha senhora, nada sabia de nenhuma fuga. O Duende disse que um Lannister tem de ter escolta de Lannister, juro pelos meus votos de cavaleiro…

– Levante-se, sor – Catelyn sentou-se. – Eu sei que nenhum neto de Walder Frey seria um perjuro – *a menos que servisse aos seus interesses.* – Meu irmão disse-me que trouxe condições de paz.

– Trouxe – Sor Cleos Frey pôs-se em pé cambaleando. Catelyn ficou contente por ver como estava instável.

– Fale-me delas – ordenou. E foi o que ele fez.

Quando terminou, Catelyn franziu a testa. Edmure tinha razão, aquelas não eram condições para nada, exceto…

– O Lannister quer trocar Arya e Sansa pelo irmão?

– Sim. Estava sentado no Trono de Ferro e jurou-o.

– Perante testemunhas?

– Perante a corte inteira, senhora. E os deuses também. Eu disse isso a Sor Edmure, mas ele me respondeu que não era possível, que Sua Graça Robb nunca consentiria.

– Disse-lhe a verdade – Catelyn nem sequer podia dizer que Robb não tinha razão. Arya e Sansa eram crianças. O Regicida, vivo e livre, era um dos mais perigosos homens do reino. Essa estrada não levava a nenhuma parte. – Viu minhas filhas? São bem tratadas?

Sor Cleos hesitou.

– Eu… sim, pareciam…

*Anda à procura de uma mentira*, compreendeu Catelyn, *mas o vinho aturdiu seu entendimento.*

– Sor Cleos – disse com frieza –, perdeu o direito à proteção de sua bandeira de paz quando seus homens tentaram nos enganar. Se mentir

para mim, será enforcado nas muralhas ao lado deles. Pode acreditar no que digo. Pergunto-lhe de novo… *Viu minhas filhas?*

A testa do homem estava úmida de suor.

– Vi Sansa na audiência, no dia em que Tyrion me transmitiu seus termos. Estava muito bela, senhora. Talvez um… um pouco pálida. Como se estivesse fatigada.

*Sansa, mas não Arya*. Isso podia querer dizer qualquer coisa. Arya sempre tinha sido mais difícil de domar. Talvez Cersei relutasse em exibi-la numa audiência pública, por temer o que pudesse dizer ou fazer. Podiam tê-la trancado, fora de vista. *Ou podem tê-la matado*. Catelyn afastou aquele pensamento.

– Falou nos termos *dele*… mas é Cersei a Rainha Regente.

– Tyrion falou por ambos. A rainha não estava lá. Segundo me disseram, estava indisposta naquele dia.

– Curioso.

A memória de Catelyn recuou àquela terrível viagem pelas Montanhas da Lua e ao modo como Tyrion Lannister tinha de algum modo seduzido aquele mercenário, levando-o a passar de seu serviço para o dele. *O anão é muito mais esperto do que devia ser*. Não conseguia imaginar como teria sobrevivido à estrada de altitude depois de Lysa expulsá-lo do Vale, mas não a surpreendia. *Ao menos não participou do assassinato de Ned. E veio em minha defesa quando os homens dos clãs nos atacaram. Se pudesse confiar em sua palavra…*

Abriu as mãos para olhar as cicatrizes que tinha nos dedos. *As marcas de seu punhal*, lembrou a si mesma. *Seu punhal, na mão do assassino que pagou para abrir a garganta de Bran*. Se bem que o anão negasse isso, claro. Mesmo depois de Lysa tê-lo trancado em uma de suas celas do céu e ameaçado com a porta da lua, continuara a negar.

– Ele mentiu – disse, pondo-se abruptamente de pé. – Os Lannister são todos mentirosos, e o anão é o pior de todos. O assassino estava armado com a faca dele.

Sor Cleos ficou observando-a.

– Eu não sei nada de nenhuma…

– Você não sabe nada – concordou Catelyn, saindo majestosamente da cela. Brienne pôs-se ao seu lado, silenciosa. *Para ela é mais simples*, pensou, com uma ferroada de inveja. Nisso, era como um homem. Para os homens, a resposta era sempre a mesma, e nunca estava mais longe do que a espada mais próxima. Para uma mulher, uma mãe, o caminho era mais pedregoso e difícil de desvendar.

Fez um jantar tardio no Grande Salão com a guarnição, a fim de lhes dar o encorajamento que fosse possível. Rymund, o Rimante, cantou ao longo de toda a refeição, poupando-lhe a necessidade de falar. Fechou com a canção que tinha escrito sobre a vitória de Robb em Cruzaboi. "*E as estrelas da noite eram os olhos de seus lobos, e o próprio vento era a sua canção.*" Entre os versos, Rymund jogava a cabeça para trás e uivava, e, no final, metade do salão uivava com ele, até Desmond Grell, que tinha bebido uns bons copos. As vozes ressoaram nas vigas.

*Que tenham as suas cantigas, se isso lhes dá coragem*, pensou Catelyn, brincando com o cálice de prata.

– Havia sempre um cantor no Solar do Entardecer quando eu era menina – disse Brienne em voz baixa. – Aprendi todas as canções de cor.

– Sansa fez o mesmo, embora poucos cantores decidissem fazer a longa viagem para o norte até Winterfell – *mas eu lhe disse que haveria cantores na corte real. Disse-lhe que poderia ouvir música de todos os tipos, que seu pai encontraria algum mestre que a ensinasse a tocar harpa. Ah, deuses, perdoem-me…*

Brienne voltou a falar:

– Lembro-me de uma mulher… tinha vindo de um lugar qualquer do lado de lá do mar estreito. Nem sequer sei dizer em que língua cantou, mas sua voz era tão adorável quanto ela. Tinha olhos cor de ameixa e uma cintura tão fina que meu pai conseguia rodeá-la com as mãos. As mãos dele eram quase tão grandes quanto as minhas – fechou os seus dedos longos e grossos, como que para escondê-los.

– Você cantava para o seu pai? – Catelyn quis saber.

Brienne balançou a cabeça, de olhos fixos no tabuleiro como que para encontrar alguma resposta no molho da carne.

– Para Lorde Renly?

A moça corou:

– Nunca, eu… o bobo dele às vezes fazia brincadeiras cruéis, e eu…

– Um dia tem de cantar para mim.

– Eu… por favor, não tenho o dom – Brienne afastou-se da mesa. – Perdoe-me, senhora. Tenho sua autorização para ir embora?

Catelyn anuiu com a cabeça. A alta e deselegante garota deixou o salão com grandes passos, quase sem ser notada por entre os festejos. Que os deuses a acompanhem, pensou, voltando-se indiferentemente ao jantar.

Foi três dias depois que o golpe de martelo que Brienne tinha previsto caiu, e passaram-se cinco dias antes de ouvirem falar dele. Catelyn estava sentada com o pai quando o mensageiro de Edmure chegou. A armadura do homem estava amassada, suas botas, poeirentas, e tinha um buraco irregular na capa, mas a expressão que trazia no rosto quando se ajoelhou foi o suficiente para lhe dizer que as notícias eram boas.

– Vitória, senhora – entregou-lhe a carta de Edmure. A mão de Catelyn tremia enquanto quebrava o selo.

Lorde Tywin tentara forçar a travessia numa dúzia de vaus diferentes, escrevia o irmão, mas todas as arremetidas tinham sido repelidas. Lorde Lefford tinha sido afogado, o cavaleiro Crakehall, conhecido como Javali Forte, capturado, Sor Addam Marbrand, três vezes forçado a recuar… Mas a batalha mais feroz fora travada no Moinho de Pedra, onde Sor Gregor Clegane liderara o assalto. Tantos de seus homens tinham caído que seus cavalos mortos ameaçaram represar o rio. No fim, a Montanha e um punhado de seus melhores homens conseguiram atingir a margem ocidental, mas Edmure atirara a reserva contra eles, e tinham se quebrado e recuado, ensanguentados e derrotados. O próprio Sor Gregor perdera o cavalo e se retirara cambaleando através do Ramo Vermelho, sangrando de uma dúzia de ferimentos, enquanto uma chuva de flechas e pedras caía ao seu redor. “Eles não atravessarão, Cat”, rabiscara Edmure, “Lorde Tywin marcha para sudeste. Talvez seja uma simulação, ou uma retirada completa, não importa. *Eles não atravessarão*.”

Sor Desmond Grell ficou extasiado:

– Ah, se eu estivesse com ele – disse o velho cavaleiro quando ela lhe leu a carta. – Onde está aquele palerma do Rymund? Há nisto uma canção, pelos deuses, e uma canção que até Edmure vai querer ouvir. O moinho que moeu a montanha, quase podia compor eu mesmo os versos, se possuísse o dom do cantor.

– Não quero ouvir canções até que a luta termine – disse Catelyn, talvez de forma demasiado ríspida. Mas permitiu que Sor Desmond espalhasse a notícia, e concordou quando ele sugeriu abrir alguns barris em honra do Moinho de Pedra. O estado de espírito em Correrrio tinha andado tenso e tristonho; ficariam todos melhor com um pouco de bebida e esperança.

Nessa noite, o castelo ressoou com o ruído dos festejos. "*Correrrio!*", gritavam os plebeus, e "Tully! Tully!". Tinham chegado assustados e impotentes, e seu irmão os acolhera em circunstâncias em que a maior parte dos senhores teria trancado os portões. Suas vozes entravam pelas altas janelas e esgueiravam-se sob as pesadas portas de pau-brasil. Rymond tocou sua harpa, acompanhado por um par de percussionistas e um jovem com um conjunto de flautas de bambu. Catelyn ouviu risos de meninas, e a excitada tagarelice dos garotos inexperientes que o irmão lhe deixara fazendo as vezes de guarnição. Sons bons… e, no entanto, não a tocaram. Não conseguia partilhar a felicidade deles.

No aposento privado do pai encontrou um pesado livro de mapas encadernado em couro, e o abriu nas terras fluviais. Seus olhos encontraram o trajeto do Ramo Vermelho e seguiram-no à luz tremeluzente de uma vela. *Marchando para sudeste*, pensou. Àquela altura, teriam sem dúvida atingido a nascente da Torrente da Água Negra, concluiu.

Fechou o livro ainda mais intranquila do que antes. Os deuses tinham lhes dado vitória atrás de vitória. No Moinho de Pedra, em Cruzaboi, na Batalha dos Acampamentos, no Bosque dos Murmúrios…

*Mas se estamos ganhando, por que tenho tanto medo?*

# Bran

O som foi o mais tênue dos *clincs*, um raspar de aço em pedra. Levantou a cabeça das patas, escutando, farejando a noite.

A chuva do anoitecer tinha despertado uma centena de cheiros adormecidos, tornando-os de novo maduros e fortes. Grama e espinheiros, amoras silvestres rachadas no chão, lama, minhocas, folhas apodrecendo, uma ratazana que se arrastava pelos arbustos. Detectou o odor negro e felpudo da pelagem do irmão e o forte e penetrante cheiro acobreado do esquilo que tinha matado. Outros esquilos deslocavam-se pelos galhos sobre a sua cabeça, cheirando a pelo molhado e a medo, raspando a casca das árvores com suas pequenas garras. O barulho soara um pouco como aquilo.

Voltou a ouvi-lo, *clinc,* e raspar. Aquele som fê-lo levantar-se. As orelhas espetaram-se e a cauda se ergueu. Uivou, um grito longo, profundo e tremente, um uivo para acordar os adormecidos, mas as pilhas de rocha do homem estavam escuras e mortas. Uma noite parada e úmida, uma noite daquelas que empurram os homens para dentro de seus buracos. A chuva tinha parado, mas os homens ainda se escondiam da umidade, amontoados junto aos fogos em suas cavernas de pedra empilhada.

O irmão chegou, deslizando por entre as árvores, deslocando-se quase tão silenciosamente como outro irmão de que tinha uma vaga lembrança, de muito tempo atrás, o que era branco com olhos de sangue. Os olhos *deste* eram lagoas de sombras, mas o pelo na parte de trás do pescoço estava eriçado. Também tinha ouvido os sons, e compreendia que significavam perigo.

Dessa vez, o *clinc* e o raspar foram seguidos por um som de arrastar e pelas batidas rápidas e suaves de pés descalços em pedra. O vento trouxe a mais ligeira lufada de um cheiro de homem que não conhecia. *Estranho. Perigo. Morte.*

Correu na direção do som, com o irmão correndo a seu lado. As tocas de pedra ergueram-se à frente deles, com paredes escorregadias e úmidas. Mostrou os dentes, mas o homem de rocha não ligou para ele. Um portão erguia-se até bem alto, com uma serpente de ferro preta enrolada em volta de barras e do umbral. Quando se atirou contra o portão, ele estremeceu e a serpente tiniu, deslizou e aguentou. Através das barras conseguia olhar pela longa cova de pedra que corria entre os muros até o campo pedregoso que ficava na outra ponta, mas não havia forma de passar. Podia forçar o focinho entre as barras, mas nada mais do que isso. Muitas tinham sido as vezes que o irmão tentara quebrar entre os dentes os ossos negros do portão, mas estes não se partiam. Tinham tentado escavar por baixo deles, mas havia aí grandes pedras planas, meio cobertas por terra e folhas caídas.

Rosnando, começou a andar de um lado para o outro diante do portão, e depois atirou-se de novo contra ele. Moveu-se um pouco e o atingiu. *Trancado*, alguma coisa sussurrou. *Acorrentado*. A voz que não ouvia, o odor sem cheiro. As outras passagens também estavam fechadas. Onde se abriam portas nos muros de rocha do homem, a madeira era grossa e forte. Não existia saída.

*Existe*, disse o sussurro, e pareceu poder ver a sombra de uma grande árvore coberta de agulhas, nascendo inclinada da terra negra e elevando-se até dez vezes a altura de um homem. Mas, quando olhou em volta, não estava lá. *Do outro lado do bosque sagrado, a árvore sentinela, rápido, rápido…*

Através das sombras da noite chegou um grito abafado, abruptamente interrompido.

Depressa, muito depressa, rodopiou e saltou na direção das árvores, com folhas úmidas restolhando sob as patas, galhos chicoteando-o quando passava correndo por eles. Ouvia o irmão seguindo-o de perto.

Mergulharam sob a árvore-coração e em torno da lagoa fria, através dos arbustos de amoras silvestres, sob um emaranhado de carvalhos, freixos e espinheiros, até o outro lado do bosque… e ali estava ela, a sombra que ele vislumbrara sem ver, a árvore inclinada apontada para os telhados. *Sentinela*, disse o pensamento.

Lembrou-se então de como era escalá-la. Agulhas por todo o lado, arranhando seu rosto nu e caindo por sua nuca abaixo, seiva pegajosa nas mãos, o aguçado cheiro de pinheiro que exalava. Era uma árvore fácil para um garoto subir, inclinada como estava, torta, com os galhos tão próximos uns dos outros que quase faziam uma escada, levando até o telhado.

Rosnando, farejou em volta da base da árvore, levantou uma perna e marcou-a com um jato de urina. Um galho baixo roçou em seu rosto, ele abocanhou-o, torcendo e puxando até que a madeira estalou e se quebrou. Tinha a boca cheia de agulhas e do sabor amargo da seiva. Sacudiu a cabeça e rosnou.

O irmão sentou-se sobre os quartos traseiros e ergueu a voz num uivo ululante, uma canção negra de pesar. O caminho não era caminho algum. Eles não eram esquilos, nem crias de homem, não podiam serpentear pelos troncos de árvores acima, agarrando-se com suaves patas cor-de-rosa e pés desajeitados. Eram corredores, caçadores, vagabundos.

Do outro lado da noite, para lá da pedra que os cercava, os cães acordaram e começaram a latir. Primeiro um, e logo outro, e depois todos, um grande clamor. Eles também tinham sentido aquilo; o cheiro de inimigos e medo.

Uma fúria desesperada o preencheu, quente como a fome. Afastou-se do muro com um salto, e penetrou nas árvores com mais saltos, o pelo cinzento salpicado pelas sombras de galhos e folhas… e então virou-se e correu de volta. Os pés voaram, levantando folhas úmidas e agulhas de pinheiro, e por um momento era um caçador, e um grande veado fugia à sua frente, conseguia vê-lo, cheirá-lo, e correu em plena perseguição. O cheiro do medo fez seu coração trovejar e saliva escorrer por suas mandíbulas. Chegou à árvore inclinada em grandes passos e atirou-se

pelo tronco acima, com as garras arranhando a casca em busca de apoio. Saltou para cima, para *cima*, dois saltos, três, quase sem parar, até se encontrar entre os galhos mais baixos. Ramos emaranharam-se em seus pés e chicotearam seus olhos, agulhas verde-acinzentadas espalharam-se quando abriu caminho por entre elas, mordendo-as. Foi forçado a diminuir o ritmo. Algo se prendeu ao seu pé e ele o libertou, rosnando. O tronco estreitou-se por baixo dele, e tornou-se mais íngreme, quase vertical, e úmido. A casca rasgava-se como pele quando tentava prender nela as garras. Estava a um terço do caminho, a metade, a mais da metade, o telhado estava quase ao seu alcance… e então pôs um pé na madeira molhada e sentiu-o escorregar em sua curvatura, e de repente estava deslizando, tropeçando. Uivou de medo e fúria, caindo, *caindo*, e contorceu-se enquanto o chão aproximava-se rapidamente, decidido a quebrá-lo…

Então, Bran deu por si de novo na cama em seu solitário quarto da torre, emaranhado nas mantas, respirando com força.

– Verão – gritou. – Verão – seu ombro parecia doer, como se tivesse caído sobre ele, mas sabia que era apenas o fantasma do que o lobo estava sentindo. *Jojen disse a verdade. Sou um lobisomem*. Ouvia lá fora os tênues latidos de cães. *O mar chegou. Flui sobre as muralhas, tal como Jojen viu*. Bran agarrou a barra sobre sua cabeça e puxou-se, gritando por ajuda. Ninguém veio, e após um momento lembrou-se de que ninguém viria. Tinham tirado a guarda de sua porta. Sor Rodrik necessitara de todos os homens em idade de lutar em que pudesse pôr as mãos, e Winterfell fora deixado apenas com uma guarnição simbólica.

Os outros tinham partido havia oito dias, seiscentos homens de Winterfell e dos castros mais próximos. Cley Cerwyn seguia com mais trezentos, para se juntar a eles durante a marcha, e Meistre Luwin mandara corvos à frente deles, convocando recrutas de Porto Branco, das terras acidentadas e até de lugares localizados nas profundezas da mata de lobos. Praça de Torrhen estava sob o ataque de um monstruoso chefe de guerra qualquer chamado Dagmer Boca Rachada. A Velha Ama dizia que ele não podia ser morto, que um dia um inimigo havia cortado sua

cabeça ao meio com um machado, mas Dagmer era tão feroz que se limitara a unir de novo as duas metades, segurando-as até sarar. *Poderia Dagmer ter ganhado?* Praça de Torrhen ficava a muitos dias de viagem de Winterfell, mas, mesmo assim…

Bran puxou-se para fora da cama, deslocando-se de barra em barra até chegar às janelas. Os dedos atrapalharam-se um pouco ao abrir as venezianas. O pátio estava vazio, e todas as janelas que conseguia ver estavam negras. Winterfell dormia.

– *Hodor!* – gritou para baixo, o mais alto que pôde. Hodor estaria dormindo acima dos estábulos, mas se gritasse com força suficiente talvez ouvisse, ele ou *alguém*. – *Hodor, vem depressa! Osha! Meera, Jojen, alguém!* – Bran pôs as mãos em volta da boca. – *HOOOOODOOOOOR!*

Mas quando a porta se abriu com estrondo atrás de si, o homem que entrou não era ninguém que ele conhecesse. Usava um justilho de couro com discos de ferro sobrepostos a ele, e trazia uma adaga numa mão e um machado preso às costas.

– O que você quer? – Bran perguntou, com medo. – Este é o meu quarto. Saia daqui.

Theon Greyjoy seguiu o homem para dentro do quarto.

– Não vamos lhe fazer mal, Bran.

– Theon? – Bran sentiu-se tonto de alívio. – Foi Robb que o enviou? Ele também está aqui?

– Robb está longe. Não pode ajudá-lo agora.

– Ajudar-me? – sentia-se confuso. – Não me assuste, Theon.

– Agora sou *Príncipe* Theon. Somos ambos príncipes, Bran. Quem sonharia com tal coisa? Mas eu tomei seu castelo, meu príncipe.

– Winterfell? – Bran sacudiu a cabeça. – Não, não *podia* fazer isso.

– Deixe-nos, Werlag – o homem com a adaga se retirou. Theon sentou-se na cama. – Mandei quatro homens escalarem as muralhas com pequenos ganchos de abordagem e cordas, e eles abriram uma porta falsa para o resto entrar. Meus homens estão tratando dos seus agora mesmo. Garanto-lhe, Winterfell é meu.

Bran não compreendia.

– Mas você era *protegido* do pai.

– E agora você e o seu irmão são *meus* protegidos. Assim que a luta acabar, meus homens vão reunir o resto do seu povo e levá-lo para o Grande Salão. Você e eu vamos falar com eles. Você vai lhes dizer que me rendeu Winterfell, e ordenar-lhes que sirvam e obedeçam ao seu novo senhor tal como faziam com o antigo.

– *Não farei isso* – Bran respondeu. – Lutaremos contra você e vamos expulsá-lo. Nunca me rendi, não pode me obrigar a dizer que fiz isso.

– Isso não é uma brincadeira, Bran, portanto, não se faça de garotinho comigo, não tolerarei. O castelo é meu, mas essas pessoas ainda são suas. Se o príncipe quiser mantê-las a salvo, é bom que faça o que lhe é dito – levantou-se e se dirigiu à porta. – Alguém virá vesti-lo e levá-lo ao Grande Salão. Pense cuidadosamente no que quer dizer.

A espera fez com que Bran se sentisse ainda mais impotente. Ficou sentado no banco da janela, olhando para torres escuras e muralhas negras como a sombra. Uma vez pensou ouvir gritos vindos de trás do Salão dos Guardas, e algo que podia ser sido o estrondo de espadas, mas não tinha as orelhas de Verão para escutar, nem seu focinho para cheirar. *Acordado, continuo quebrado, mas quando durmo, quando sou o Verão, posso correr, lutar, escutar e cheirar.*

Esperava que Hodor viesse até ele, ou talvez uma das criadas, mas quando a porta voltou a se abrir, era Meistre Luwin trazendo uma vela.

– Bran, você… sabe o que aconteceu? Foi-lhe dito? – o homem tinha a pele aberta por cima do olho esquerdo e corria sangue por esse lado de seu rosto.

– Theon veio aqui. Disse que Winterfell agora era dele.

O meistre apoiou a vela e limpou o sangue da bochecha.

– Atravessaram o fosso a nado. Escalaram as muralhas com ganchos e cordas. Desceram molhados e pingando, de aço na mão – sentou-se na cadeira junto à porta, enquanto mais sangue escorria. – Alebelly estava no portão, surpreenderam-no no torreão e mataram-no. Hayhead também está ferido. Tive tempo para enviar dois corvos antes de irromperem em meus aposentos. A ave para Porto Branco conseguiu escapar, mas

abateram a outra com uma flecha – o meistre fitou as esteiras. – Sor Rodrik levou demasiados de nossos homens, mas eu sou tão culpado quanto ele. Nunca previ esse perigo, nunca…

*Jojen o previu*, pensou Bran.

– É melhor que me ajude a me vestir.

– Sim, é verdade – na pesada arca reforçada com ferro que se encontrava aos pés da cama de Bran o meistre encontrou roupas de baixo, calções e uma túnica. – É o Stark em Winterfell, e o herdeiro de Robb. Tem de parecer principesco – juntos, vestiram-no de forma condizente com um senhor.

– Theon quer que eu entregue o castelo – disse Bran enquanto o meistre prendia o manto com sua presilha favorita de prata e azeviche, em forma de cabeça de lobo.

– Não há vergonha nisso. Um senhor deve proteger o seu povo. Lugares cruéis geram povos cruéis, Bran, lembre-se disso ao lidar com esses homens de ferro. O senhor seu pai fez o que pôde para amaciar Theon, mas temo que tenha sido pouco, e tarde demais.

O homem de ferro que veio buscá-lo era atarracado, de tronco volumoso, com uma barba negra como carvão que cobria metade de seu peito. Carregou o rapaz com bastante facilidade, embora não parecesse contente com a tarefa. O quarto de Rickon ficava meia espiral mais abaixo. O garotinho de quatro anos estava rabugento por ter sido acordado.

– Quero minha mãe. *Quero* minha mãe. E também o Cão Felpudo.

– Sua mãe está longe, meu príncipe – Meistre Luwin puxou um roupão sobre a cabeça da criança. – Mas eu estou aqui, e Bran também – deu a mão a Rickon e levou-o para a rua.

Embaixo, encontraram Meera e Jojen sendo tirados do quarto por um homem careca cuja lança era um metro mais alta do que ele. Quando Jojen olhou para Bran, seus olhos eram lagoas verdes cheias de tristeza. Outros homens de ferro tinham acordado os Frey.

– Seu irmão perdeu seu reino – disse o Pequeno Walder a Bran. – Agora não é nenhum príncipe, só um refém.

– E você também – Jojen retrucou –, e eu, e todos nós.

– Ninguém estava falando com você, papa-rãs.

Um dos homens de ferro seguiu à frente deles, levando uma tocha, mas a chuva tinha recomeçado e rapidamente a apagou. Enquanto se apressavam em cruzar o pátio, conseguiam ouvir os lobos gigantes uivando no bosque sagrado. *Espero que Verão não tenha se machucado ao cair da árvore.*

Theon Greyjoy estava sentado no cadeirão dos Stark. Tirara o manto. Sobre uma fina camisa de cota de malha usava uma capa negra ornamentada com a lula gigante dourada da sua Casa. As mãos pousavam nas cabeças de lobo esculpidas nas extremidades dos largos braços de pedra do cadeirão.

– Theon está sentado na cadeira de Robb – disse Rickon.

– Quieto, Rickon – Bran conseguia sentir a ameaça que os rodeava, mas seu irmão era jovem demais. Alguns archotes tinham sido acendidos e fogo ardia na lareira grande, mas a maior parte do salão permanecia nas trevas. Não havia lugar para sentar, com os bancos empilhados junto às paredes, e o pessoal do castelo estava em pé, em pequenos grupos, sem se atrever a falar. Viu a Velha Ama, abrindo e fechando a boca sem dentes. Hayhead foi trazido por dois dos outros guardas, com uma atadura manchada de sangue enrolada em volta do tronco nu. Poxy Tim chorava desconsoladamente, e Beth Cassel gritava de medo.

– O que temos aqui? – perguntou Theon, referindo-se aos Reed e aos Frey.

– Estes são protegidos da Senhora Catelyn, ambos com o nome de Walder Frey – explicou Meistre Luwin. – E este é Jojen Reed e a irmã Meera, filho e filha de Howland Reed da Atalaia da Água Cinzenta, que vieram renovar os votos de lealdade a Winterfell.

– Alguns diriam que a hora foi mal escolhida – Theon replicou –, embora não para mim. Aqui estão e aqui ficarão – liberou o cadeirão. – Traga o príncipe para cá, Lorren – o homem da barba negra soltou Bran na pedra como se fosse um saco de aveia.

Ainda havia pessoas sendo trazidas para o Grande Salão, incitadas com gritos e cabo de lanças. Gage e Osha vieram das cozinhas, manchados com a farinha da produção do pão matinal. Mikken, arrastaram entre pragas. Farlen entrou coxeando, lutando para apoiar Palla. O vestido dela tinha sido rasgado de cima a baixo; segurava-o com um punho fechado e caminhava como se cada passo fosse uma agonia. Septão Chayle correu para ajudar, mas um dos homens de ferro o jogou ao chão.

O último homem a ser obrigado a cruzar as portas foi o prisioneiro Fedor, cujo mau cheiro o precedeu, acre e pungente. Bran sentiu o estômago revirar-se com o cheiro que ele exalava.

– Encontramos este trancado numa cela de torre – anunciou o homem que o trazia, um jovem imberbe de cabelo ruivo e roupa encharcada, sem dúvida um daqueles que tinham atravessado o fosso a nado. – Diz que o chamam de Fedor.

– Não sou capaz de imaginar por quê – Theon respondeu, sorrindo. – Cheira sempre assim tão mal, ou acabou agora mesmo de foder um porco?

– Num fodi ninguém desde que me apanharam, senhor. Meu nome verdadeiro é Heke. Tava ao serviço do Bastardo do Forte do Pavor até que os Stark meteram uma flecha nas suas costas, como presente de casamento.

Theon achou aquilo divertido.

– Com quem foi que ele se casou?

– Com a viúva de Hornwood, senhor.

– Aquela velha? Estava cego? Tem umas tetas que são como odres de vinho vazios, secas e mirradas.

– Ele num casou com ela pelas tetas, senhor.

Os homens de ferro fecharam com estrondo as grandes portas ao fundo do salão. Do cadeirão, Bran conseguia ver cerca de vinte. *Ele provavelmente deixou alguns guardas nos portões e no arsenal*. Mesmo assim, não podiam ser mais do que trinta.

Theon levantou as mãos para pedir silêncio.

– Todos me conhecem…

– Pois é, conhecemos como o saco de bosta fumegante que é! – gritou Mikken antes de o careca atingi-lo com a ponta romba da lança na barriga e depois bater em seu rosto com o cabo. O ferreiro caiu de joelhos e cuspiu um dente.

– Mikken, fique quieto – Bran tentou soar austero e senhorial, como Robb quando dava uma ordem, mas foi traído pela voz e as palavras saíram num guincho estridente.

– Escute seu pequeno fidalgo, Mikken – Theon alertou. – Tem mais juízo do que você.

*Um bom senhor protege o seu povo*, recordou Bran a si mesmo.

– Rendi Winterfell a Theon.

– Mais alto, Bran. E chame-me de príncipe.

Bran levantou a voz.

– Entreguei Winterfell ao Príncipe Theon. Todos devem fazer o que ele ordenar.

– O diabo que faço! – Mikken berrou novamente.

Theon ignorou a explosão.

– Meu pai pôs na cabeça a velha coroa de sal e rocha, e declarou-se Rei das Ilhas de Ferro. Reclama também o norte, por direito de conquista. São todos seus súditos.

– *Vá tomar no cu* – Mikken limpou o sangue da boca. – Eu sirvo aos Stark, não a uma lula traiçoeira qualquer que… *Aah* – A ponta romba da lança atirou-o de cabeça contra o chão de pedra.

– Os ferreiros têm braços fortes e cabeças fracas – Theon observou. – Mas se o resto de vocês me servir tão lealmente como serviram Ned Stark, vão me achar um senhor tão generoso como poderiam querer.

Apoiado nas mãos e joelhos, Mikken cuspiu sangue. *Por favor, não faça isso*, desejou Bran, mas o ferreiro gritou:

– Se acha que vai manter o norte com este bando ridículo de…

O careca enfiou a ponta da lança na parte de trás do pescoço de Mikken. Aço deslizou através de carne e saiu por sua garganta com um jorro de sangue. Uma mulher gritou, e Meera envolveu Rickon nos braços. *Foi em sangue que se afogou*, pensou Bran, atordoado. *No seu próprio sangue*.

– Quem mais tem alguma coisa a dizer? – Theon Greyjoy perguntou.

– *Hodor hodor hodor hodor* – gritou Hodor, de olhos esbugalhados.

– Alguém tenha a bondade de calar esse imbecil.

Dois homens de ferro começaram a espancar Hodor com a parte de trás das lanças. O cavalariço caiu de joelhos, tentando se defender com as mãos.

– Serei um senhor tão bom para vocês como Eddard Stark foi – Theon levantou a voz para ser ouvido sobre o som de madeira batendo em carne. – Mas, se me traírem, irão desejar não tê-lo feito. E não achem que os homens que aqui veem são todo o meu poder. Praça de Torrhen e Bosque Profundo também serão em breve nossos, e meu tio está subindo pela Lança de Sal para capturar Fosso Cailin. Se Robb Stark conseguir esmagar os Lannister, pode reinar como Rei do Tridente daqui em diante, mas é a Casa Greyjoy quem possui o Norte agora.

– Os senhores do Stark vão dar trabalho – gritou o homem chamado Fedor. – Aquele porco inchado de Porto Branco, por exemplo, e *tamém* os Umber e os Karstark. Vai precisar de homens. Liberte-me, e serei seu.

Theon o avaliou por um momento.

– É mais esperto do que perfumado, mas eu não conseguiria suportar o fedor.

– Bom – disse Fedor –, podia me lavar um pouco. Se tivesse livre.

– Um homem de raro bom-senso – Theon sorriu. – Dobre o joelho.

Um dos homens de ferro entregou uma espada a Fedor, e ele a depositou aos pés de Theon e jurou obediência à Casa Greyjoy e ao Rei Balon. Bran não conseguia ver aquilo. O sonho verde estava se tornando realidade.

– Senhor Greyjoy! – Osha avançou, passando ao lado do corpo de Mikken. – Também fui trazida para cá cativa. O senhor estava lá no dia em que fui capturada.

*Pensei que fosse uma amiga*, pensou Bran, ferido.

– Preciso de guerreiros – Theon declarou –, não de empregadinhas de cozinha.

– Foi Robb Stark quem me pôs nas cozinhas. Durante quase um ano, tenho andado polindo panelas, raspando gordura e aquecendo as palhas para esse aí – ela lançou um olhar a Gage. – Estou farta. Volte a pôr uma lança em minha mão.

– Tenho uma lança para você aqui mesmo – disse o careca que tinha matado Mikken, e agarrou a virilha, rindo.

Osha enfiou o joelho ossudo entre suas pernas.

– Guarde essa coisinha mole e rosa para si – arrancou a lança de suas mãos e usou o cabo para desequilibrá-lo. – Eu fico com a madeira e o ferro – o careca ficou se contorcendo no chão enquanto os outros corsários enchiam o ar com uma tempestade de gargalhadas.

Theon riu com os outros.

– Servirá – disse. – Fique com a lança; Stygg pode encontrar outra. Agora dobre o joelho e jure.

Quando ninguém mais avançou para entrar ao seu serviço, foram mandados embora com um aviso para fazerem seu trabalho e não criarem problemas. A Hodor foi atribuída a tarefa de levar Bran de volta à cama. Sua aparência estava feia devido ao espancamento, com o nariz inchado e um olho fechado.

– Hodor – soluçou por entre lábios rachados enquanto levantava Bran com enormes braços fortes e mãos ensanguentadas e o levava de volta através da chuva.

# Arya

– Há fantasmas, eu sei que há – Torta Quente estava amassando pão, com os braços cobertos de farinha até os cotovelos. – Pia viu alguma coisa na despensa ontem à noite.

Arya soltou um ruído rude. Pia sempre via coisas na despensa. Normalmente, homens.

– Dá uma torta? – ela pediu. – Você fez um tabuleiro inteiro.

– Preciso de um tabuleiro inteiro. Sor Amory gosta delas.

Arya odiava Sor Amory.

– Vamos cuspir nelas.

Torta Quente olhou nervosamente em volta. As cozinhas estavam cheias de sombras e ecos, mas os outros cozinheiros e ajudantes todos dormiam em suas cavernosas galerias por cima dos fornos.

– Ele vai saber.

– Não vai nada – Arya retrucou. – Não se sente o gosto do *cuspe*.

– Se souber, é a mim que chicoteiam – Torta Quente interrompeu sua tarefa. – Você nem devia *estar* aqui. É noite cerrada.

E era, mas Arya não se importava. Mesmo na noite cerrada, as cozinhas nunca estavam paradas; havia sempre alguém batendo massa para o pão matinal, mexendo uma caldeira com uma longa colher de pau, ou matando um porco para o bacon do café da manhã de Sor Amory. Naquela noite, era Torta Quente.

– Se o Olho Vermelho acorda e não encontra você lá… – ele disse.

– O Olho Vermelho nunca acorda – seu nome verdadeiro era Mebble, mas todo mundo o chamava assim por causa de seus olhos lacrimejantes –, depois de desmaiar não acorda mais – todas as manhãs, quebrava o jejum com cerveja. Todas as noites caía num sono ébrio depois do jantar,

com cuspe cor de vinho escorrendo queixo abaixo. Arya esperava até ouvi-lo roncar, e depois esgueirava-se descalça pela escada dos criados, sem fazer mais ruído do que o rato que tinha sido. Não levava nem vela nem círio. Syrio dissera-lhe uma vez que a escuridão podia ser sua amiga, e tinha razão. Se tivesse a lua e as estrelas para iluminar seus passos, era o suficiente. – Aposto que podíamos fugir, e o Olho Vermelho sequer repararia que eu não estava mais lá – ela disse a Torta Quente.

– Eu não quero fugir. Isto aqui é melhor do que era na floresta. Não quero comer minhocas. Toma, espalha um pouco de farinha no tabuleiro.

Arya inclinou a cabeça:

– O que é isso?

– O quê? Eu não…

– Escute com as orelhas, não com a boca. Aquilo foi uma trombeta de guerra. Dois sopros, não ouviu? E olha, aquilo são as correntes da porta levadiça, alguém está saindo ou entrando. Quer ir ver? – os portões de Harrenhal não tinham sido abertos desde a manhã em que Lorde Tywin marchara com a sua tropa.

– Estou fazendo o pão matinal – Torta Quente protestou. – Seja como for, não gosto de quando está escuro, já lhe disse.

– Eu vou. Depois conto para você. Dá uma torta?

– Não.

Ela surrupiou uma mesmo assim, e comeu-a enquanto saía. Estava recheada com pedacinhos de noz, fruta e queijo, com a crosta lascada e ainda quente do forno. Comer a torta de Sor Amory fez com que Arya se sentisse audaciosa. *Pé descalço, pé seguro, pé ligeiro*, cantarolou em surdina. *Sou o fantasma em Harrenhal*.

A trombeta tinha arrancado o castelo do sono; homens saíam para o pátio a fim de ver o que causava a agitação. Arya juntou-se aos outros. Uma fila de carros de bois estrondeava sob a porta levadiça. *Saque*, ela compreendeu de imediato. Os cavaleiros que escoltavam os carros falavam uma confusão de estranhas línguas. Suas armaduras cintilavam, claras, ao luar, e Arya viu um par de cavalos com riscas pretas e brancas. *Os Saltimbancos Sangrentos*. Ela recuou um pouco mais para o interior

das sombras, e ficou observando um enorme urso negro passar, engaiolado na parte de trás de uma carroça. Outros carros vinham carregados de pratarias, armas e escudos, sacos de farinha, galinhas, e engradados cheios de suínos aos guinchos e cães magros. Arya estava pensando no tempo que se passara desde a última vez que comeu uma fatia de porco assado quando viu o primeiro dos prisioneiros.

Pela atitude e modo orgulhoso como mantinha a cabeça erguida, devia ter sido um senhor. Conseguia ver cota de malha cintilando por baixo de sua capa vermelha rasgada. A princípio, tomou-o por um Lannister, mas quando passou perto de um archote, viu que seu símbolo era um punho de prata, não um leão. Seus pulsos estavam bem atados, e uma corda passada em volta de um tornozelo prendia-o ao homem que vinha atrás, de modo que a coluna inteira tinha de arrastar os pés num passo hesitantemente sincronizado. Muitos dos prisioneiros estavam feridos. Se algum deles parasse, um dos cavaleiros aproximava-se a trote e lhe dava um gostinho do chicote para pô-lo de novo em movimento. Tentou calcular quantos prisioneiros haveria, mas perdeu a conta antes de chegar a cinquenta. Havia pelo menos o dobro disso. Traziam a roupa manchada de lama e sangue, e à luz dos archotes era difícil distinguir todos os seus selos e símbolos, mas Arya reconheceu alguns dos que vislumbrou. Torres gêmeas. Esplendor. Homem ensanguentado. Machado de batalha. *O machado de batalha é de Cerwyn, e o sol branco sobre negro é Karstark. São homens do norte. Homens de meu pai e de Robb*. Não gostou de pensar no que isso podia significar.

Os Saltimbancos Sangrentos começaram a desmontar. Cavalariços emergiram sonolentos da palha para cuidar de seus cavalos ensaboados. Um dos cavaleiros gritou por cerveja. O ruído trouxe Sor Amory Lorch até a galeria coberta acima do pátio, flanqueado por dois homens com tochas. Vargo Hoat, com seu elmo de cabra, refreou o cavalo por baixo dele.

– Fenhor caftelão – disse o mercenário, com uma voz grossa e babosa, como se a língua fosse grande demais para sua boca.

– O que é isso tudo, Hoat? – quis saber Sor Amory, franzindo a sobrancelha.

– Cativof. Roofe Bolton resolveu atravefar o rio, maf meuf Bravof Companheirof fizeram a fua vanguarda em pedafinhof. Matamof muitof, e pusemof Bolton para correr. Efte é o feu fenhor comandante, Glover, e aquele atráf é For Aenyf Frey.

Com seus pequenos olhos de porco, Sor Amory Lorch fitou os cativos amarrados. Arya não achava que estivesse contente. Todo mundo no castelo sabia que ele e Vargo Hoat se odiavam.

– Muito bem. Sor Cadwyn, leve esses homens para as masmorras.

O prisioneiro vestido em cota de malha e com capa ergueu os olhos.

– Foi-nos prometido tratamento honroso… – ele começou.

– *Filênfio!* – gritou-lhe Vargo Hoat, espalhando perdigotos.

Sor Amory dirigiu-se aos cativos.

– O que Hoat lhes prometeu não quer dizer nada para mim. Lorde Tywin nomeou-*me* castelão de Harrenhal, e farei com vocês o que bem entender – ele gesticulou para os guardas. – A cela grande sob a Torre da Viúva deve ser suficiente para todos. Se alguém não quiser ir, é livre para morrer aqui.

Enquanto seus homens pastoreavam os cativos com as pontas das lanças, Arya viu Olho Vermelho emergir da escada, piscando à luz dos archotes. Se a encontrasse desaparecida, gritaria e ameaçaria arrancar sua pele com chicotadas, mas ela não tinha medo. Ele não era Weese. Andava sempre ameaçando arrancar a pele deste ou daquele com chicotadas, mas ela nunca soube que tivesse realmente *batido* em alguém. Mesmo assim, seria melhor se não a visse. Olhou à sua volta. Os bois estavam sendo desprendidos dos carros, e estes eram descarregados, enquanto os Bravos Companheiros gritavam por bebida e os curiosos se reuniam em volta do urso enjaulado. Na confusão, não era difícil esgueirar-se sem ser vista. Regressou pelo caminho em que tinha vindo, desejando ficar fora de vista antes que alguém reparasse nela e pensasse em pô-la para trabalhar.

Longe dos portões e dos estábulos, o grande castelo encontrava-se praticamente deserto. O som minguou atrás dela. Um vento rodopiante

soprou, arrancando um grito agudo e trêmulo das rachaduras da Torre dos Lamentos. As folhas tinham começado a cair das árvores no bosque sagrado, e Arya conseguia ouvi-las em movimento através dos pátios desertos e entre os edifícios vazios, fazendo um tênue som de raspar quando o vento as arrastava sobre as pedras. Agora que Harrenhal estava de novo quase vazio, o som fazia ali coisas estranhas. Às vezes, as pedras pareciam beber o ruído, envolvendo os pátios numa manta de silêncio. Em outras, os ecos tinham vida própria, cada passo transformava-se na marcha de um fantasmagórico exército, e cada voz distante, num festim de fantasmas. Os sons estranhos eram uma das coisas que perturbavam Torta Quente, mas não Arya.

Silenciosa como uma sombra, correu através do pátio intermediário, em volta da Torre do Terror e pelo interior das gaiolas vazias, onde se dizia que os espíritos de falcões mortos agitavam o ar com asas fantasmagóricas. Podia ir para onde quisesse. A guarnição não tinha mais de uma centena de homens, uma tropa tão pequena que se perdia em Harrenhal. O Salão das Cem Lareiras encontrava-se fechado, bem como muitos dos edifícios menores, e até a Torre dos Lamentos. Sor Amory Lorch residia nos aposentos do castelão na Pira do Rei, tão espaçosos como os de um senhor, e Arya e os outros criados tinham se mudado para os porões que ficavam por baixo, para que estivessem por perto. Enquanto Lorde Tywin tinha habitado o castelo, havia sempre um homem de armas querendo saber o que a levava a este ou aquele lugar. Mas, agora, restavam apenas cem homens para guardar mil portas, e ninguém parecia saber ou se importar com quem devia estar onde.

Ao passar pelo arsenal, Arya ouviu o tinir de um martelo. Uma profunda luz cor de laranja brilhava através das grandes janelas. Escalou o telhado e olhou para baixo. Gendry martelava uma placa de peito. Quando trabalhava, nada existia para ele além do metal, dos foles e do fogo. O martelo era parte de seu braço. Observou o jogo de músculos no peito dele e escutou a música de aço que produzia. *É forte*, pensou. Quando pegou nas tenazes de cabo longo para mergulhar a placa de peito

na tina de temperar, Arya deslizou pela janela e saltou para o chão ao seu lado.

Ele não pareceu surpreso por vê-la.

– Devia estar na cama, menina – a placa de peito silvou como um gato quando a mergulhou em água fria. – O que foi aquele barulho todo?

– Vargo Hoat voltou com prisioneiros. Vi seus símbolos. Há um Glover de Bosque Profundo, é um homem do meu pai. Os outros também, na sua maior parte – de súbito, Arya soube por que motivo os pés tinham-na levado até ali. – Tem de me ajudar a tirá-los daqui.

Gendry soltou uma gargalhada:

– E como é que fazemos isso?

– Sor Amory os enviou para a masmorra. Aquela abaixo da Torre da Viúva, que é só uma cela grande. Podia abrir a porta com seu martelo…

– Enquanto os guardas observam e fazem apostas a respeito de quantas pancadas vou precisar, talvez?

Arya mordeu os lábios.

– Teríamos de matar os guardas.

– E como é que poderíamos fazer isso?

– Talvez não haja muitos.

– Se houver *dois* já é muito para nós. Não chegou a aprender nada naquela aldeia, não é? Se tentar fazer isso, Vargo Hoat corta suas mãos e seus pés, como costuma fazer – Gendry voltou a pegar nas tenazes.

– Você tem *medo*.

– Deixe-me em paz, pirralha.

– Gendry, há uma *centena* de nortenhos. Talvez mais, não consegui contar todos. São tantos quanto os soldados de Sor Amory. Bem, sem contar com os Saltimbancos Sangrentos. Só temos de tirá-los de lá, Então, podemos tomar o castelo e fugir.

– Bem, não é mais capaz de tirá-los de lá do que foi capaz de salvar Lommy – Gendry virou a placa de peito com as tenazes para observá-la cuidadosamente. – E se fugíssemos, para onde iríamos?

– Para Winterfell – ela respondeu de imediato. – Eu contaria a minha mãe como você me ajudou e poderia ficar…

– A senhora permitiria? Será que poderia ferrar os seus cavalos e fazer espadas para os seus irmãos fidalgos?

Ele às vezes a irritava *tanto*.

– Pare com isso!

– Por que é que eu apostaria os pés em troca da possibilidade de suar em Winterfell em vez de em Harrenhal? Conhece o velho Ben Blackthumb? Veio para cá garoto. Foi ferreiro da Senhora Whent e do pai antes dela, do pai deste e até do Lorde Lothston, que possuía Harrenhal antes dos Whent. Agora é ferreiro do Lorde Tywin, e sabe o que ele diz? Uma espada é uma espada, um elmo é um elmo, e se puser a mão no fogo fica queimado, não importa a quem sirva. Lucan é um mestre bastante bom. Eu fico aqui.

– Então a rainha vai pegá-lo. Ela não mandou homens de manto dourado atrás de Ben *Blackthumb*!

– Talvez nem sequer era eu quem procuravam.

– Era, sim senhor, e você sabe disso. Você *é alguém*.

– Sou um aprendiz de ferreiro, e um dia pode ser que me torne um mestre armeiro… *Se* não fugir e perder os pés ou arranjar um jeito de me matarem – deu-lhe as costas, voltou a pegar o martelo e começou a martelar.

As mãos de Arya enrolaram-se em punhos impotentes.

– No próximo elmo que fizer, ponha *orelhas de mula* em vez de chifres de touro! – teve de fugir para não começar a bater nele. *Ele provavelmente nem sentiria se eu batesse. Quando descobrirem quem é e cortarem sua estúpida cabeça de mula, vai se arrepender de não ter me ajudado.* De resto, estava melhor sem ele. Fora por causa dele que tinha sido apanhada na aldeia.

Mas pensar na aldeia fez Arya lembrar-se da marcha, e do armazém, e do Cócegas. Pensou no garotinho que tinha sido atingido no rosto pela maça, no estúpido velho Todo-por-Joffrey, em Lommy Mãos-Verdes. *Fui uma ovelha, e depois um rato. Não podia fazer nada além de me esconder.* Arya mordeu o lábio e tentou se lembrar do momento em que a

coragem voltara. *Jaqen me devolveu a bravura. De rato transformou-me em fantasma.*

Tinha andado evitando o lorathiano desde a morte de Weese. Chiswyck tinha sido *fácil*, qualquer um podia empurrar um homem de um muro, mas Weese criara aquela feia cadela malhada desde filhote, e só uma magia negra qualquer poderia fazer que o animal se voltasse contra ele. *Yoren encontrou Jaqen numa cela negra, tal como Rorge e Dentadas*, recordou. *Jaqen fez algo de horrível, e Yoren sabia, era por isso que o mantinha acorrentado*. Se o lorathiano fosse um feiticeiro, Rorge e Dentadas podiam ser demônios que tivesse conjurado de algum inferno, e não homens.

Jaqen ainda lhe devia uma morte. Nas histórias da Velha Ama a respeito de homens a quem eram dados desejos mágicos por um grumequim, tinha de se ter cuidado especial com o terceiro desejo, porque era o último. Chiswyck e Weese não tinham sido muito importantes. *A última morte tem de contar*, dizia Arya a si mesma todas as noites quando sussurrava os nomes. Mas agora perguntava a si mesma se esta seria realmente a razão de sua hesitação. Enquanto pudesse matar com um sussurro, Arya não precisava ter medo de ninguém… mas depois de usar a última morte, seria de novo apenas um rato.

Com Olho Vermelho acordado, não se atrevia a voltar para a cama. Sem saber onde mais se esconder, dirigiu-se ao bosque sagrado. Gostava do cheiro forte dos pinheiros e sentinelas, de sentir o mato e a terra entre os dedos dos pés, e do som que o vento fazia nas folhas. Um pequeno riacho meandrava lentamente pelo bosque, e havia um local onde a água tinha escavado o solo por baixo de uma árvore caída.

Ali, sob madeira em apodrecimento e galhos torcidos e lascados, encontrou a espada que tinha escondido.

Gendry era teimoso demais para lhe fabricar uma espada, portanto, ela mesma tinha feito uma, arrancando as cerdas de uma vassoura. A lâmina era muito mais leve do que devia ser, e não tinha um punho propriamente dito, mas Arya gostava da extremidade irregular e lascada. Sempre que tinha uma hora livre, esgueirava-se para lá e dedicava-se aos exercícios

que Syrio tinha lhe ensinado, movendo-se descalça sobre as folhas caídas, golpeando galhos e lançando estocadas nas folhas. Às vezes até subia nas árvores e dançava entre os ramos superiores, agarrando-se a eles com os dedos dos pés enquanto se deslocava para cá e para lá, vacilando um pouco menos a cada dia, à medida que o equilíbrio ia voltando. A noite era a melhor hora; nunca ninguém a incomodava à noite.

Arya subiu. Lá em cima, no reino das folhas, desembainhou a espada e durante algum tempo esqueceu-se de todos, tanto de Sor Amory como dos Saltimbancos e dos homens do pai, perdendo-se na sensação de madeira áspera debaixo das solas dos pés e no *suich* da espada cortando o ar. Um galho quebrado transformou-se em Joffrey. Bateu nele até que caísse. A rainha, Sor Ilyn, Sor Meryn e Cão de Caça eram apenas folhas, mas matou-os também, golpeando-os até se transformarem em tiras verdes e úmidas. Quando o braço se cansou, sentou-se num galho elevado para recuperar o fôlego com o ar frio e escuro, escutando os guinchos que os morcegos soltavam enquanto caçavam. Através das copas frondosas das árvores, conseguia ver os galhos brancos como ossos da árvore-coração. *Daqui parece tal e qual a que há em Winterfell*. Se ao menos fosse a de Winterfell… então, quando descesse, estaria de novo em casa, e talvez encontrasse seu pai sentado sob o represeiro, onde sempre se sentava.

Enfiando a espada no cinto, deslizou de galho em galho até voltar ao chão. A luz da lua pintava os ramos do represeiro de um branco prateado quando se encaminhou em sua direção, mas as folhas vermelhas de cinco pontas estavam enegrecidas pela noite. Arya encarou o rosto esculpido no tronco. Era terrível, com a boca retorcida e os olhos flamejantes e cheios de ódio. Seria aquele o aspecto de um deus? Poderiam os deuses ser feridos, como as pessoas? *Devia rezar*, pensou de repente.

Arya ficou de joelhos. Não tinha certeza de como começar. Juntou as mãos. *Ajudem-me, velhos deuses*, rezou em silêncio. *Ajudem-me a tirar aqueles homens da masmorra para podermos matar Sor Amory, e levem-*

*me para casa, para Winterfell. Façam de mim uma dançarina de água e uma loba, e façam com que nunca mais tenha medo*.

Seria suficiente? Talvez devesse rezar em voz alta se quisesse que os velhos deuses ouvissem. Ou talvez por mais tempo. Recordava que às vezes o pai rezava durante muito tempo. Mas os velhos deuses nunca o ajudaram. Lembrar-se disso a deixou zangada.

– Devia tê-lo salvado – ralhou com a árvore. – Ele rezava para você o tempo todo. Não me importa se me ajuda ou não. Não me parece que possa, mesmo se quisesse.

– Não se faz troça dos deuses, menina.

A voz a sobressaltou. Ficou de pé com um salto e puxou a espada de madeira. Jaqen H'ghar estava tão imóvel na escuridão que parecia ser uma das árvores.

– Um homem vem ouvir um nome. Um e dois, e depois vem o três. Um homem quer acabar.

Arya apontou a ponta lascada ao chão.

– Como é que sabia que eu estava aqui?

– Um homem vê. Um homem ouve. Um homem sabe.

Ela o olhou com suspeita. Teria sido enviado pelos deuses?

– Como fez com que o cão matasse Weese? Conjurou Rorge e Dentadas do inferno? Jaqen H'ghar é o seu nome verdadeiro?

– Alguns homens têm muitos nomes. Doninha. Arry. *Arya*.

Ela recuou até ficar encostada à árvore-coração.

– Gendry contou?

– Um homem sabe – ele repetiu. – Minha senhora de Stark.

Talvez os deuses o *tivessem* enviado em resposta às suas preces.

– Preciso que me ajude a tirar aqueles homens das masmorras. Aquele Glover e os outros, todos eles. Temos de matar os guardas e de alguma maneira abrir a cela…

– Uma menina esquece – ele disse calmamente. – Dois já obteve, três eram devidos. Se um guarda tem de morrer, só tem de dizer seu nome.

– Mas *um* guarda não será suficiente, temos de matar todos para abrir a cela – Arya mordeu o lábio com força para não chorar. – Quero que salve

os nortenhos como o salvei.

Ele a olhou sem piedade.

– Três vidas foram arrebatadas a um deus. Três vidas têm de ser pagas. Não se faz troça dos deuses – sua voz era de seda e aço.

– Eu não trocei – Arya pensou por um momento. – O nome… posso dizer o nome de *qualquer pessoa*? E você irá matá-lo?

Jaqen H'ghar inclinou a cabeça.

– Um homem já disse.

– Qualquer pessoa? – repetiu. – Um homem, uma mulher, um bebê, ou Lorde Tywin, o Alto Septão ou seu pai?

– O antepassado de um homem está morto há muito tempo, mas se vivesse, e se dissesse o seu nome, morreria às suas ordens.

– Jura! – Arya dava uma ordem. – Jura pelos deuses.

– Por todos os deuses do mar e do ar, e mesmo pelo do fogo, juro – Jaqen pousou uma mão na boca do represeiro. – Pelos sete novos deuses e pelos deuses antigos sem conta, juro.

*Ele jurou*.

– Mesmo se eu nomeasse o rei…

– Diga o nome, e a morte virá. Amanhã, na volta da lua, de hoje a um ano, virá. Um homem não voa como um pássaro, mas um pé se move, e depois outro, e um dia um homem está lá, e um rei morre – ajoelhou-se ao lado dela, para que ficassem cara a cara. – Uma menina segreda, se tem medo de falar em voz alta. Segreda agora. É *Joffrey*?

Arya encostou os lábios à sua orelha.

– É *Jaqen H'ghar*.

Nem mesmo no celeiro em chamas, com paredes de fogo a rodeá-lo por todos os lados e ele acorrentado, tinha parecido tão perturbado como agora.

– Uma menina… ela brinca.

– Jurou. Os deuses ouviram-no jurar.

– Os deuses ouviram – de repente surgiu uma faca na sua mão, com uma lâmina fina como o mindinho de Arya. Não saberia dizer se se

destinava a ela ou a ele. – Uma menina irá chorar. Uma menina irá perder seu único amigo.

– Você não é meu amigo. Um amigo *ajudaria* – afastou-se dele, apoiada nas pontas dos pés para o caso de ele arremessar a faca. – Eu nunca mataria um *amigo*.

O sorriso de Jaqen surgiu e desapareceu.

– Uma menina poderia… dizer então outro nome, se um amigo ajudasse?

– Uma menina poderia. Se um amigo ajudasse.

A faca desapareceu.

– Vem.

– Agora? – nunca pensou que ele fosse agir tão depressa.

– Um homem ouve o murmúrio da areia numa ampulheta. Um homem não dormirá até que uma menina desdiga um certo nome. Já, criança malvada.

*Eu não sou uma criança malvada*, pensou, *sou um lobo gigante, e o fantasma em Harrenhal*. Voltou a esconder o pau de vassoura em seu esconderijo e saiu do bosque sagrado atrás dele.

Apesar da hora, Harrenhal agitava-se com uma vida irregular. A chegada de Vargo Hoat tinha destruído todas as rotinas. Carros de bois, bois e cavalos tinham desaparecido do pátio, mas a jaula do urso ainda se encontrava lá. Havia sido pendurada do arco da ponte que separava o pátio exterior do interior, suspensa por pesadas correntes, a alguns centímetros do chão. Um anel de archotes banhava a área de luz. Alguns dos cavalariços estavam atirando pedras para fazer o urso rugir e rosnar. Do outro lado do pátio derramava-se luz pela porta do Salão das Casernas, acompanhada pelo ruído de canecas e por homens exigindo mais vinho. Uma dúzia de vozes começou a cantar uma canção numa língua gutural estranha aos ouvidos de Arya.

*Estão bebendo e comendo antes de irem dormir*, compreendeu. *Olho Vermelho deve ter mandado alguém me acordar para ajudar a servir. Ele saberá que não estou na cama*. Mas provavelmente estaria ocupado servindo os Bravos Companheiros e os homens da guarnição de Sor

Amory que tinham se juntado a eles. O barulho que estavam fazendo seria uma boa distração.

– Esta noite os deuses famintos terão um banquete de sangue, se um homem fizer isso – disse Jaqen. – Querida menina, bondosa e gentil. Desdiga um nome, e diga outro, e atire para longe esse sonho louco.

– Não.

– Que seja – ele parecia resignado. – A coisa será feita, mas uma menina tem de obedecer. Um homem não tem tempo para conversas.

– Uma menina obedecerá – Arya concordou. – O que devo fazer?

– Uma centena de homens têm fome, devem ser alimentados, o senhor exige caldo de carne quente. Uma menina tem de correr às cozinhas e dizer ao seu garoto das tortas.

– Caldo de carne – ela repetiu. – Onde vai estar?

– Uma menina vai ajudar a fazer caldo de carne e vai esperar nas cozinhas até que um homem venha até ela. Vá. Corra.

Torta Quente estava tirando os pães do forno quando ela entrou de rompante na cozinha, mas já não estava sozinho. Tinham acordado os cozinheiros para alimentar Vargo Hoat e seus Saltimbancos Sangrentos. Criados levavam cestos cheios de pão e das tortas do Torta Quente, o cozinheiro-chefe cortava fatias de um presunto frio, assadores viravam coelhos enquanto as ajudantes de cozinha os pincelavam com mel, e mulheres cortavam cebolas e cenouras.

– Que é que você quer, Doninha? – perguntou o cozinheiro-chefe quando a viu.

– Caldo de carne – anunciou. – O senhor quer caldo de carne.

Ele sacudiu a faca de trinchar na direção das caldeiras negras de ferro penduradas sobre as chamas.

– O que você acha que é aquilo? Se bem que eu preferia mijar nele do que servi-lo àquele bode. Nem sequer deixa um homem ter uma noite de sono – o homem cuspiu. – Bom, não importa. Corra de volta e diga-lhe que não se pode apressar uma caldeira.

– Ele me disse para esperar aqui até ficar pronto.

– Então não fique na nossa frente. Ou, melhor ainda, torne-se útil. Corra à despensa; sua cabraria vai querer manteiga e queijo. Acorde Pia e diga-lhe que é melhor que seja rápida, por uma vez, se quiser ficar com os dois pés.

Arya correu tão depressa quanto pôde. Pia estava acordada no sótão, gemendo por baixo de um dos Saltimbancos, mas enfiou-se bem depressa na roupa quando ouviu seu grito. Encheu seis cestos com potes de manteiga e grandes cunhas de queijo malcheiroso enrolado em pano.

– Tome, ajude-me com isto – pediu a Arya.

– Não posso. Mas é melhor que se apresse, senão Vargo Hoat corta seu pé – e fugiu antes que Pia pudesse agarrá-la. No caminho de volta, perguntou a si mesma por que motivo nenhum dos cativos tinha as mãos ou os pés cortados. Talvez Vargo Hoat tivesse medo de irritar Robb. Apesar de não parecer ser do tipo de homem que tenha medo *seja de quem for*.

Torta Quente mexia as caldeiras com uma longa colher de pau quando Arya retornou às cozinhas. Pegou uma segunda colher e pôs-se a ajudá-lo. Por um momento, pensou que talvez devesse lhe contar, mas depois lembrou-se da aldeia e decidiu não fazer isso. *Ele só iria se render outra vez*.

Então ouviu o feio som da voz de Rorge.

– *Cozinheiro* – gritou. – Vamos levar a merda do seu caldo – Arya largou a colher, receosa. *Não lhe disse para trazê-los*. Rorge usava o capacete de ferro, com a proteção que escondia parcialmente o nariz que lhe faltava. Jaqen e Dentadas entraram na cozinha atrás dele.

– A merda do caldo ainda não está pronta – o cozinheiro respondeu. – Tem de ferver. Acabamos de despejar as cebolas lá dentro e…

– Cale a matraca, senão lhe enfio um espeto rabo acima e pincelamos você durante uma volta ou duas. Eu disse caldo, e disse já.

Silvando, Dentadas tirou do espeto um pedaço meio assado de coelho e o rasgou com os dentes pontiagudos enquanto mel escorria entre seus dedos.

O cozinheiro aceitou a derrota.

– Então levem a merda do caldo, mas se a cabra perguntar por que é que tem tão pouco gosto, digam-lhe.

Dentadas lambeu a gordura e o mel dos dedos enquanto Jaqen H'ghar calçava um par de luvas bem almofadadas, depois deu um segundo para Arya.

– Uma doninha ajuda – o caldo estava fervendo e as caldeiras eram pesadas. Arya e Jaqen pegaram uma, Rorge transportou outra sozinho, e Dentadas agarrou mais duas, silvando de dor quando os pegadores queimaram suas mãos. Mesmo assim, não as deixou cair. Arrastaram as caldeiras para fora da cozinha e atravessaram o pátio com elas. Dois guardas tinham sido colocados à porta da Torre da Viúva.

– O que é isto? – perguntou um deles para Rorge.

– Um penico com mijo fervendo. Quer um pouco?

Jaqen sorriu de forma apaziguadora.

– Um prisioneiro também tem de comer.

– Ninguém disse nada a respeito de…

Arya o interrompeu.

– É para *eles*, não para você.

Com um gesto para passar, o segundo guarda disse-lhes:

– Então levem para baixo.

Depois de atravessar a porta, uma escada em espiral levava às masmorras. Rorge seguiu à frente, com Jaqen e Arya na retaguarda.

– Uma menina vai ficar fora do nosso caminho.

Os degraus terminavam numa galeria de pedra, úmida e fria, longa, sombria e sem janelas. Algumas tochas ardiam em arandelas na área mais próxima da escada, onde um grupo de guardas de Sor Amory estava sentado em volta de uma mesa de madeira cheia de marcas, conversando e jogando dominó. Pesadas barras de ferro separavam-nos do local onde os cativos se aglomeravam na escuridão. O cheiro do caldo de carne trouxe muitos deles para junto das barras.

Arya contou oito guardas, que também cheiraram o caldo.

– Esta é a criada mais feia que já vi – disse o capitão para Rorge. – O que há na caldeira?

– Seu caralho e os ovos. Quer comer ou não?

Um dos guardas estava andando para lá e para cá, outro encontrava-se em pé junto às grades, e um terceiro, sentado no chão com as costas apoiadas na parede, mas a expectativa de comer tinha trazido todos para junto da mesa.

– Já era mais que hora de nos alimentar.

– Isto é cheiro de cebola?

– E onde está o pão?

– Porra, precisamos de tigelas, taças, colheres…

– Não precisam, não – Rorge despejou o caldo pelando em cheio no rosto dos guardas. Jaqen H'ghar fez o mesmo. Dentadas também atirou as caldeiras, fazendo-as girar por baixo dos braços para que rodopiassem masmorra afora, fazendo chover sopa. Uma delas atingiu o capitão nas têmporas quando ele tentou se levantar. Caiu como um saco de areia e ficou imóvel. Os outros gritavam de agonia, rezavam, ou tentavam escapar.

Arya encostou-se à parede quando Rorge começou a cortar gargantas. Dentadas preferia agarrar os homens pela nuca e pelo queixo e quebrar seus pescoços com uma única torção das suas enormes mãos pálidas. Só um dos guardas conseguiu puxar uma lâmina. Jaqen afastou-se dançando de sua estocada, desembainhou a espada, encurralou o homem num canto com uma saraivada de golpes, e o matou com uma estocada no coração. O lorathiano trouxe a lâmina para Arya, ainda vermelha com sangue quente, e a limpou na parte da frente de sua roupa.

– Uma menina deve ficar ensanguentada também. Isto é obra dela.

A chave da cela pendia de um gancho na parede por cima da mesa. Rorge a pegou e abriu a cela. O primeiro homem a passar foi o senhor vestido com capa e cota de malha.

– Muito bem. Sou Robett Glover.

– Senhor – Jaqen fez-lhe uma reverência.

Depois de libertados, os prisioneiros tiraram dos guardas mortos suas armas e correram degraus acima com aço na mão. Os outros aglomeraram-se, de mãos vazias, atrás deles. Subiram rápido e quase

sem uma palavra. Nenhum deles parecia tão ferido como quando Vargo Hoat os fizera atravessar os portões de Harrenhal.

– Usar a sopa foi engenhoso –o homem chamado Glover estava dizendo. – Não esperava por isso. Foi ideia de Lorde Hoat?

Rorge desatou a rir. Riu tanto, que escorreu ranho do buraco onde antes estivera seu nariz. Dentadas sentou-se em cima de um dos mortos, segurando uma mão flácida enquanto roía os dedos. Ossos estalaram entre seus dentes.

– Quem são vocês? – uma ruga surgiu entre as sobrancelhas de Robett Glover. – Não estavam com Hoat quando ele veio ao acampamento de Lorde Bolton. Pertencem aos Bravos Companheiros?

Rorge limpou o ranho do queixo com as costas da mão:

– Agora pertencemos.

– Este homem tem a honra de ser Jaqen H'ghar, antigamente da Cidade Livre de Lorath. Os descorteses companheiros desse homem chamam-se Rorge e Dentadas. Um senhor saberá qual deles é o Dentadas – indicou Arya com uma mão. – E ali…

– Chamo-me Doninha – ela o interrompeu, antes que pudesse dizer quem *realmente* era. Não queria que seu nome fosse dito ali, ao alcance dos ouvidos de Rorge, Dentadas e todos aqueles homens que não conhecia.

Viu que Glover não lhe dava importância.

– Muito bem – ele disse. – Ponhamos fim a este assunto maldito.

Quando voltaram a subir a escada em caracol, encontraram os guardas da porta jazendo em poças de seu próprio sangue. Nortenhos corriam pelo pátio. Arya ouviu gritos. A Porta do Salão da Caserna abriu-se de rompante e um homem ferido saiu, cambaleando e gritando. Outros três correram atrás dele e silenciaram-no com lanças e espadas. Também se lutava em volta da guarita. Rorge e Dentadas correram com Glover, mas Jaqen H'ghar ajoelhou ao lado de Arya.

– Uma menina não compreende?

– Compreendo, sim – ela respondeu, embora não fosse verdade, não por completo.

O lorathiano deve ter visto isso em seu rosto.

– Uma cabra não tem lealdade. Em breve um estandarte de lobo será erguido aqui, acho. Mas primeiro um homem quer ouvir desdizer certo nome.

– Retiro o nome – Arya mordeu o lábio. – Ainda tenho uma terceira morte?

– Uma menina é gananciosa – Jaqen tocou um dos guardas mortos e mostrou seus dedos ensanguentados. – Aqui estão três, e ali, quatro, e mais oito estão mortos embaixo. A dívida está paga.

– A dívida está paga – Arya concordou com relutância. Sentiu-se um pouco triste. Agora era de novo apenas um rato.

– Um deus tem o que lhe é devido. E agora um homem deve morrer – um estranho sorriso tocou os lábios de Jaqen H'ghar.

– *Morrer?* – ela perguntou, confusa. O que ele queria dizer? – Mas eu desdisse o nome. Agora não precisa morrer.

– Preciso. Meu tempo chegou ao fim – Jaqen passou uma mão sobre o rosto, da testa ao queixo, e por onde a mão passou ele *mudou*. As maçãs do rosto tornaram-se mais cheias, os olhos mais apertados; o nariz entortou-se, uma cicatriz surgiu na bochecha direita onde não havia nenhuma antes. E quando sacudiu a cabeça, seu longo cabelo liso, meio vermelho e meio branco, dissolveu-se para revelar um gorro de apertados caracóis negros.

A boca de Arya escancarou-se:

– Quem é *você*? – sussurrou, estupefata demais para sentir medo. – Como fez *isso*? É difícil?

Ele sorriu, revelando um cintilante dente de ouro:

– Não é mais difícil do que adotar um novo nome, se se souber como.

– Mostre-me – ela exclamou. – Também quero fazer isso.

– Se quiser aprender, tem de vir comigo.

Arya ficou hesitante.

– Para onde?

– Para longe, para lá do mar estreito.

– Não posso. Tenho que ir para casa. Para Winterfell.

– Então temos de nos separar, pois também tenho deveres a cumprir – ele levantou sua mão e pôs uma pequena moeda em sua palma. – Tome.

– O que é isto?

– Uma moeda de grande valor.

Arya mordeu-a. Era tão dura que só podia ser de ferro.

– Vale o suficiente para comprar um cavalo?

– Não se destina à compra de cavalos.

– Então, para que serve?

– Isso é o mesmo que perguntar para que serve a vida, para que serve a morte. Se chegar o dia em que quiser voltar a me encontrar, dê essa moeda a qualquer homem de Bravos e diga-lhe as seguintes palavras… *valar morghulis*.

– *Valar morghulis* – Arya repetiu. Não era difícil. Os dedos fecharam-se com força em volta da moeda. Do outro lado do pátio, ouvia homens morrendo. – Por favor, não vá Jaqen.

– Jaqen está tão morto como Arry – ele falou em tom triste –, e eu tenho promessas a manter. *Valar morghulis*, Arya Stark. Diga de novo.

– *Valar morghulis* – ela disse mais uma vez, e o estranho que usava a roupa de Jaqen fez-lhe uma reverência e afastou-se pela escuridão, com o manto tremulando. Ficou sozinha com os mortos. *Eles mereceram morrer*, disse a si mesma, lembrando-se de todos aqueles que Sor Amory Lorch tinha matado no castro junto ao lago.

Os porões sob a Pira do Rei estavam vazios quando voltou para a cama de palha. Sussurrou os nomes para o travesseiro, e quando terminou, acrescentou "*Valar morghulis*", numa voz tênue e suave, perguntando a si mesma o que aquilo queria dizer.

Ao chegar a alvorada, Olho Vermelho e os outros estavam de volta, todos, menos um rapaz que tinha sido morto durante a luta, por nenhum motivo que alguém pudesse desvendar. Olho Vermelho subiu sozinho para ver em que pé estavam as coisas à luz do dia, enquanto se queixava sem parar que seus velhos ossos não suportavam degraus. Quando voltou, disse-lhes que Harrenhal tinha sido tomado.

– Aqueles Saltimbancos Sangrentos mataram alguns dos homens de Sor Amory nas camas, e os outros à mesa, depois de ficarem bem bêbados. O novo senhor estará aqui antes do dia terminar, com toda a sua tropa. É do norte selvagem, lá onde está a Muralha, e dizem que é um homem duro. Com este senhor ou aquele, continua a haver trabalho para fazer. Algum disparate, e arranco a pele de suas costas à chicotada – ele olhou para Arya quando disse aquilo, mas ela não lhe disse uma palavra sobre onde estivera na noite anterior.

Durante toda a manhã, ela viu os Saltimbancos Sangrentos tirando dos mortos o que de valor possuíssem e arrastando os cadáveres para o Pátio das Lâminas, onde foi feita uma pira para se verem livres deles. Shagwell, o Bobo, cortou a cabeça de dois cavaleiros mortos e ficou pavoneando pelo castelo, segurando-as pelos cabelos, abanando-as e fazendo-as falar. "De que morreu?", perguntava uma cabeça. "De sopa quente de doninha", respondia a segunda.

Arya foi posta para esfregar o sangue seco. Ninguém lhe disse uma palavra diferente do que era comum, mas de vez em quando reparava em alguém olhando-a de forma estranha. Robett Glover e os outros homens que tinham sido libertado devem ter falado a respeito do que acontecera na masmorra, e depois Shagwell e suas estúpidas cabeças falantes começaram com aquilo da sopa de doninha. Teria dito para ele se calar, mas tinha medo de fazê-lo. O bobo era meio louco, e Arya ouvira dizer que certa vez tinha matado um homem por não rir de uma de suas brincadeiras. *É melhor que ele feche a boca, senão ponho-o na minha lista com os outros*, pensou enquanto raspava uma mancha marrom-avermelhada.

O sol já estava quase se pondo quando o novo senhor de Harrenhal chegou. Tinha um rosto simples, sem barba e comum, notável apenas por seus estranhos olhos claros. Sem ser gordo, magro ou musculoso, usava cota de malha negra e um manto cor-de-rosa com pintas. O símbolo em seu estandarte parecia um homem mergulhado em sangue.

– De joelhos para receber o Senhor do Forte do Pavor! – gritou seu escudeiro, um garoto que não devia ser mais velho do que Arya, e

Harrenhal se ajoelhou.

Vargo Hoat adiantou-se:

– *Fenhor*, Harrenhal é *feu*.

O senhor respondeu, mas em um tom de voz baixo demais para que Arya ouvisse. Robett Glover e Sor Aenys Frey, recém-banhados e vestidos com gibões e mantos limpos, foram se juntar a eles. Após uma breve conversa, Sor Aenys levou-os até Rorge e Dentadas. Arya surpreendeu-se por vê-los ali ainda; de algum modo tinha esperado que desaparecessem quando Jaqen sumira. Ouviu o som áspero da voz de Rorge, mas não o que ele estava dizendo. Então Shagwell lançou-se sobre ela, arrastando-a pelo pátio afora.

– Senhor, senhor – cantarolou, puxando-a pelo pulso –, está aqui a doninha que fez a sopa!

– *Largue-me* – Arya gritou, libertando-se com uma torção do corpo.

O senhor a olhou. Só os olhos se moveram; eram muito claros, da cor do gelo.

– Quantos anos tem, filha?

Ela teve de pensar por um momento para se lembrar.

– Dez.

– Dez, *senhor* – ele lhe lembrou. – Gosta de animais?

– De alguns. Senhor.

Um pequeno sorriso crispou seus lábios:

– Mas de leões não, ao que parece. Nem de manticoras.

Arya não sabia o que responder àquilo, então não disse nada.

– Dizem-me que a chamam de Doninha. Isso não servirá. Que nome sua mãe lhe deu?

Ela mordeu o lábio, em busca de outro nome. Lommy chamara-a Cabeça de Caroço, Sansa tinha usado Cara de Cavalo, e os homens do pai tinham-na alcunhado de Arya Debaixo dos Pés, mas não lhe parecia que algum desses fosse o tipo de nome que ele queria.

– Nymeria. Só que me chamava de Nan.

– Você vai me chamar de *senhor* quando falar comigo, Nan – disse o senhor brandamente. – É nova demais para ser um Bravo Companheiro,

acho, e do sexo errado. Tem medo de sanguessugas, filha?

– São só sanguessugas. Senhor.

– Meu escudeiro poderia aprender alguma coisa com você, ao que parece. Sangramentos frequentes são o segredo de uma vida longa. Um homem tem de se purgar do sangue ruim. Parece-me que servirá. Enquanto eu ficar em Harrenhal, Nan, será minha copeira e vai me servir à mesa e em meus aposentos.

Dessa vez, sabia que não era boa ideia dizer-lhe que preferia trabalhar nos estábulos.

– Sim, minha senhoria. Quero dizer, sua senhoria.

O senhor sacudiu a mão.

– Deixem-na apresentável – o homem ordenou, para ninguém em especial. – E assegurem-se de que ela aprenda a servir vinho sem derramar – virando as costas para ela, ergueu uma mão e disse: – Lorde Hoat, trate daquelas bandeiras por cima da guarita.

Quatro Bravos Companheiros subiram até as ameias e arriaram o leão de Lannister e a manticora negra de Sor Amory. Em seu lugar içaram o homem esfolado do Forte do Pavor e o lobo gigante de Stark. E, nessa noite, uma pajem chamada Nan serviu vinho a Roose Bolton e Vargo Hoat, enquanto eles observavam da galeria os Bravos Companheiros que exibiam Sor Amory Lorch, nu, no pátio intermediário. Sor Amory suplicou, soluçou e agarrou-se às pernas de seus captores, até que Rorge o obrigou a largá-las e Shagwell o atirou com um pontapé para dentro do fosso do urso.

*O urso está todo de negro*, pensou Arya. *Tal como Yoren*. Encheu a taça de Roose Bolton, e não derramou uma gota.

# Daenerys

Naquela cidade de esplendores, Dany tinha pensado que a Casa dos Imortais fosse a mais magnífica de todas, mas saiu do palanquim para contemplar uma ruína cinzenta e antiga.

Longo e baixo, sem torres nem janelas, o edifício enrolava-se como uma serpente de pedra através de um bosque de árvores de casca negra, cujas folhas de um azul carregado constituíam a matéria-prima para a bebida mágica que os qartenos chamavam de *sombra da tarde*. Não havia outros edifícios por perto. Telhas negras cobriam o palácio, muitas das quais caídas ou quebradas; a argamassa entre as pedras estava seca e se desfazendo. Agora compreendia por que Xaro Xhoan Daxos o chamava de Palácio de Poeira. Até Drogon pareceu inquieto ao vê-lo. O dragão negro silvou, expelindo fumaça por entre seus dentes afiados.

– Sangue do meu sangue – disse Jhogo em dothraki –, este é um lugar maligno, um covil de fantasmas e *maegi*. Vê como suga o sol da manhã? Vamos embora antes que nos sugue também.

Sor Jorah Mormont ficou ao lado deles.

– Que poder eles podem ter se vivem *naquilo*?

– Escute a sabedoria dos que mais a amam – disse Xaro Xhoan Daxos, recostado dentro do palanquim. – Os magos são criaturas amargas que comem poeira e bebem das sombras. Nada lhes darão. Nada têm para dar.

Aggo pousou uma mão no *arakh*.

– *Khaleesi*, é dito que muitos entram no Palácio de Poeira, mas poucos de lá saem.

– É dito – Jhogo concordou.

– Somos sangue do seu sangue – Aggo continuou. – Juramos viver e morrer convosco. Deixe-nos entrar junto neste lugar escuro, para mantê-

la a salvo do mal

– Há lugares que até um *khal* tem de percorrer só – Dany respondeu.

– Então leve-me – pediu Sor Jorah. – O risco…

– A Rainha Daenerys deve entrar sozinha, ou não entrará – o mago Pyat Pree surgiu por entre as árvores. *Esteve ali o tempo todo?*, perguntou-se Dany. – Se virar as costas agora, as portas da sabedoria ficarão para sempre fechadas para ela.

– Minha barca de prazer espera, mesmo agora – gritou Xaro Xhoan Daxos. – Afaste-se dessa loucura, oh, mais teimosa das rainhas. Tenho flautistas que acalmarão sua alma perturbada com bela música, e uma menininha cuja língua a fará suspirar e derreter.

Sor Jorah Mormont deu ao príncipe mercador um olhar azedo:

– Vossa Graça, lembre-se de Mirri Maz Duur.

– Lembro-me – Dany respondeu, subitamente decidida. – Lembro-me de que tinha conhecimento. E era apenas uma *maegi*.

Pyat Pree deu um pequeno sorriso.

– A criança fala tão sabiamente como uma velha. Dê-me o braço e deixe-me indicar-lhe o caminho.

– Não sou nenhuma criança – mas, mesmo assim, Dany deu-lhe o braço.

Sob as árvores negras estava mais escuro do que tinha imaginado, e o trajeto era mais longo. Embora o caminho parecesse seguir reto da rua até a porta do palácio, Pyat Pree logo fez uma curva. Quando o interrogou, o mago apenas disse:

– A porta da frente leva à entrada, mas não leva nunca à saída. Escute as minhas palavras, minha rainha. A Casa dos Imortais não foi feita para mortais. Se dá valor à sua alma, tenha cuidado e faça exatamente o que eu lhe disser.

– Farei o que disser – ela prometeu.

– Quando entrar, vai se encontrar numa sala com quatro portas: aquela que atravessou e mais três. Escolha a da direita. Se chegar a uma escada, suba. Nunca desça e nunca escolha nenhuma porta a não ser a primeira à sua direita.

– A porta à minha direita. Entendo. E quando sair, é o oposto?

– De modo algum – Pyat Pree a alertou. – Entrar ou sair é a mesma coisa. Sempre para cima. Sempre a porta à sua direita. Outras portas podem se abrir para a senhora. Lá dentro, verá muitas coisas que a perturbarão. Visões adoráveis, e de horror, maravilhas e terrores. Imagens e sons de dias passados, dias por vir e outros que nunca aconteceram. Habitantes e servidores poderão falar com a senhora à medida que avançar. Responda-lhes, ou os ignore, como quiser, mas não *entre em nenhuma sala* até chegar à sala de audiências.

– Compreendo.

– Quando chegar à sala dos Imortais, seja paciente. Nossas pequenas vidas são para eles nada mais do que a batida de uma asa de mariposa. Escute com atenção, e grave cada palavra em seu coração.

Quando chegaram à porta, uma boca alta e oval, aberta numa parede esculpida para se parecer com um rosto humano, o menor anão que Dany já tinha visto a esperava na soleira. Não era mais alto do que seu joelho, com a cara chupada e pontiaguda, semelhante a um focinho, mas trajava um delicado traje roxo e azul, e suas minúsculas mãos cor-de-rosa seguravam uma bandeja de prata. Nela pousava um esguio copo de cristal cheio de um líquido espesso e azul: *sombra da tarde*, o vinho dos magos.

– Pegue-o e beba – disse-lhe Pyat Pree.

– Vai deixar meus lábios azuis?

– Um copo servirá apenas para destapar seus ouvidos e dissolver a membrana que cobre seus olhos, para que possa ver e ouvir as verdades que lhe serão mostradas.

Dany levou o copo aos lábios. O gosto do primeiro gole era muito ruim, de tinta e carne estragada, mas quando o engoliu pareceu ganhar vida dentro de si. Conseguia sentir gavinhas espalhando-se por seu peito, como dedos de fogo enrolando-se no coração, e na língua ficou um sabor que era como mel, anis e creme, como leite materno e o sêmen de Drogo, como carne crua, sangue quente e ouro derretido. Era todos os sabores que já tinha experimentado e nenhum deles… e então o copo ficou vazio.

– Agora pode entrar – disse o mago. Dany colocou o copo de volta no tabuleiro do criado e entrou.

Viu-se num átrio de pedra com quatro portas, uma em cada parede. Sem sequer hesitar, dirigiu-se à porta da direita e a atravessou. A segunda sala era gêmea da primeira. De novo se virou para a porta da direita. Quando a abriu, deparou-se com mais uma pequena antecâmara com quatro portas. *Estou na presença de feitiçaria*.

A quarta sala já não era quadrada, mas oval, e tinha paredes de madeira comida pelas traças, em vez de paredes de pedra. No lugar de quatro, as passagens que dela saíam eram seis. Dany escolheu a da direita e penetrou num corredor longo, sombrio e de teto alto. Ao longo do lado direito havia uma fileira de archotes que ardiam com uma fumacenta luz alaranjada, mas as únicas portas estavam à sua esquerda. Drogon abriu grandes asas negras e bateu o ar parado. Voou seis metros antes de cair indignamente com um barulho surdo. Dany seguiu atrás dele.

O tapete roído pelo mofo sob seus pés um dia tinha sido esplendorosamente colorido, e no tecido ainda se viam volutas de ouro, cintilando, quebradas, por entre o cinza desbotado e o verde manchado. O que restava servia para abafar seus passos, mas isso não era inteiramente bom. Dany conseguia ouvir sons dentro das paredes, um tênue ruído de corrida e arranhadas que a fez pensar em ratazanas. Drogon também os ouvia. A cabeça movia-se enquanto seguia os sons, e quando pararam soltou um grito irritado. Outros sons, ainda mais perturbadores, passavam através das portas fechadas. Uma delas estremeceu e soltou um estrondo, como se alguém estivesse tentando arrombá-la. De outra vinha um dissonante toque de flauta que fez o dragão abanar violentamente a cauda de um lado para o outro. Dany apressou-se em seguir adiante.

Nem todas as portas estavam fechadas. *Não vou olhar*, disse Dany a si mesma, mas a tentação era forte demais.

Numa sala, uma bela mulher estendia-se nua no chão enquanto quatro homenzinhos rastejavam por cima dela. Tinham caras pontiagudas de ratazana e mãozinhas cor-de-rosa, como o criado que lhe tinha trazido o copo de sombra da tarde. Um deles subia e descia entre as suas coxas. Outro atacava seus seios, mordendo seus mamilos com a boca úmida e vermelha, rasgando e mastigando.

Mais à frente, viu um festim de cadáveres. Massacrados de forma selvagem, os convivas jaziam espalhados por cima de cadeiras viradas e mesas de montar estilhaçadas, estatelados em poças de sangue coagulando. Alguns tinham perdido membros, ou até a cabeça. Mãos cortadas seguravam taças ensanguentadas, colheres de pau, aves assadas, nacos de pão. Num trono acima deles, estava sentado um morto com cabeça de lobo. Usava uma coroa de ferro e segurava numa mão uma perna de cordeiro como um rei seguraria um cetro, e seus olhos seguiram Dany com um apelo mudo.

Ela fugiu dele, mas só até a próxima porta aberta. *Conheço esta sala*, pensou. Lembrava-se daquelas grandes vigas de madeira e das faces de animais esculpidas que as adornavam. E ali, do lado de fora da janela, um limoeiro! Vê-lo fez o coração de Dany doer de saudade. *É a casa da porta vermelha, a casa em Bravos*. Assim que aquele pensamento atravessou seu espírito, Sor Willem entrou na casa, apoiando-se pesadamente em sua bengala.

– Princesinha, aqui está – ele disse em sua voz áspera e bondosa. – Venha, venha até mim senhora, está em casa agora, está a salvo agora – sua grande mão enrugada estendeu-se para ela, suave como couro velho, e Dany quis pegá-la e beijá-la, desejou isso mais do que já tinha desejado qualquer outra coisa na vida. O pé avançou, e então pensou: *Ele está morto, está morto, o querido velho urso, morreu há muito tempo*. Recuou e fugiu.

O longo corredor prolongava-se mais e mais, com uma infinidade de portas à esquerda, e nada além de archotes à direita. Passou correndo por mais portas do que conseguia contar, portas fechadas e abertas, portas de madeira e de ferro, portas esculpidas e portas simples, portas com maçanetas, portas com fechaduras e portas com aldravas. Drogon chicoteava suas costas, incentivando-a a avançar, e Dany correu até já não mais conseguir.

Por fim, um grande par de portas de bronze surgiu à sua esquerda, mais grandiosas do que as outras. Abriram-se quando se aproximou, e teve de parar e olhar. Para além delas estendia-se um cavernoso salão de pedra, o

maior que alguma vez vira. Os crânios de dragões mortos miravam-na das paredes. Num trono elevado cheio de farpas, sentava-se um velho com ricos trajes, de olhos escuros e longos cabelos cinza-prateados.

– Que ele seja rei de ossos esturricados e carne assada – disse para um homem que estava embaixo. – Que seja rei de cinzas – Drogon guinchou, enterrando as garras em seda e pele, mas o rei em seu trono não o ouviu, e Dany seguiu adiante.

Seu primeiro pensamento, na vez seguinte em que parou, foi *Viserys*, mas um segundo olhar fez Dany mudar de ideia. O homem tinha os cabelos do irmão, mas era mais alto, e seus olhos eram de um tom escuro de índigo, e não lilases.

– Aegon – ele disse para uma mulher que amamentava um recém-nascido numa grande cama de madeira. – Que nome seria melhor para um rei?

– Fará uma canção para ele? – a mulher perguntou.

– Ele já tem uma canção. É o príncipe que foi prometido, e é sua a canção de gelo e fogo – ergueu o olhar quando disse aquilo, e seus olhos encontraram os de Dany, e pareceu que a via ali em pé através da porta. – Terá de haver mais um – ele disse, embora Dany não soubesse dizer se estava falando para ela ou para a mulher na cama. – O dragão tem três cabeças – dirigiu-se ao banco da janela, pegou uma harpa e seus dedos correram com leveza sobre as cordas prateadas. Uma doce tristeza encheu o quarto enquanto homem, esposa e bebê se desvaneciam como a neblina da manhã, deixando para trás apenas a música a fim de apressá-la.

Pareceu a Dany que tinha caminhado por mais uma hora antes que o longo corredor finalmente terminasse numa íngreme escada de pedra, que descia para a escuridão. Todas as portas, abertas ou fechadas, tinham surgido à sua esquerda. Dany olhou para trás. Percebeu, com um princípio de medo, que os archotes estavam se apagando. Eram talvez vinte os que ainda ardiam. No máximo trinta. Mais um se apagou enquanto observava, e a escuridão avançou um pouco mais pelo corredor, rastejando em sua direção. E, ao escutar, pareceu ouvir algo mais que se

aproximava, avançando lenta e arrastadamente pelo tapete desbotado. O terror a dominou. Não podia voltar, e tinha medo de ficar ali, mas como poderia avançar? Não havia nenhuma porta à direita, e os degraus iam para baixo, não para cima.

Mais um archote se apagou enquanto Dany ficou ali refletindo, e os sons tornaram-se levemente mais altos. O longo pescoço de Drogon desenrolou-se e o dragão abriu a boca para gritar, fazendo sair vapor por entre os dentes. *Ele também ouve*. Dany voltou a se virar para a parede vazia, mas nada havia lá. *Será que há uma porta secreta, uma porta que não consigo ver?* Outro archote se apagou. E outro. *A primeira porta da direita, ele disse, sempre a primeira porta da direita. A primeira porta da direita...*

De repente ela entendeu… *É a última porta da esquerda!*

Atirou-se através dela. Do outro lado havia uma pequena sala com quatro portas. Ela seguiu para a direita, e para a direita, e para a direita, e para a direita, e para a direita, e para a direita, e para a direita, até ficar tonta e de novo sem fôlego.

Quando parou, deu por si em mais um aposento de pedra, frio e úmido… Mas, dessa vez, a porta que se abria em frente era redonda, esculpida como uma boca aberta, e Pyat Pree estava do lado de fora, na relva sob as árvores.

– Será possível que os Imortais tenham terminado tão depressa o que tinham que tratar com a senhora? – ele perguntou, incrédulo, quando a viu.

– Tão depressa? – ela perguntou, confusa. – Caminhei durante horas, e ainda não os encontrei.

– Seguiu um caminho errado. Venha, eu a levo – Pyat Pree estendeu a mão.

Dany hesitou. Havia uma porta à sua direita, ainda fechada…

– Não é por aí – disse firmemente Pyat Pree, com uma afetação de desaprovação nos lábios azuis. – Os Imortais não esperarão para sempre.

– Nossas pequenas vidas são para eles nada mais do que a batida de uma asa de mariposa – Dany repetiu, recordando-se.

– Criança teimosa. Ficará perdida e nunca será encontrada.

Ela se afastou dele, virou-se para a porta à sua direita.

– Não – Pyat Pree guinchou. – Não, a mim, venha a mim, a *miiiiiiiiiim* – seu rosto desmoronou para dentro, transformando-se em algo pálido e vermiforme.

Dany deixou-o para trás, e seguiu em direção a uma escadaria. Começou a subir. Pouco tempo depois suas pernas doíam. Recordou que a Casa dos Imortais parecera não ter torres.

Por fim, a escada abriu-se para um átrio. À direita, um conjunto de portas largas de madeira tinha sido escancarado. Eram feitas de ébano e represeiro, com os grãos pretos e brancos da madeira rodopiando e retorcendo-se em padrões estranhos e intricados. Eram muito belos, mas de algum modo assustadores. *O sangue do dragão não deve ter medo*. Dany proferiu uma prece rápida, suplicando coragem ao Guerreiro e força ao deus dos cavalos dos dothraki. Obrigou-se a avançar.

Para além das portas encontrava-se um grande salão e um esplendor de feiticeiros. Alguns usavam suntuosas togas de arminho, veludo rubi e pano de ouro. Outros preferiam elaboradas armaduras guarnecidas de pedras preciosas, ou chapéus altos e pontiagudos, salpicados de estrelas. Havia mulheres entre eles, trajando vestidos de insuperável beleza. Raios de luz do sol penetravam por janelas de vitral, e o ar reverberava com a mais bela música que já tinha ouvido.

Um homem régio, com ricos trajes, levantou-se ao vê-la, e sorriu:

– Daenerys da Casa Targaryen, seja bem-vinda. Venha partilhar o alimento da eternidade. Nós somos os Imortais de Qarth.

– Longamente a esperamos – disse uma mulher ao seu lado, vestida de rosa e de prata. O seio que deixara nu, à moda qartena, era tão perfeito como um seio podia ser.

– Sabíamos que viria até nós – disse o rei feiticeiro. – Já sabíamos disso há mil anos, e temos estado todo esse tempo à espera. Enviamos o cometa para lhe mostrar o caminho.

– Temos conhecimento a partilhar com você – disse um guerreiro com uma brilhante armadura esmeralda –, e armas mágicas para lhe dar.

Ultrapassou todos os desafios. Venha agora sentar-se conosco, e todas as suas perguntas serão respondidas.

Dany deu um passo em frente. Mas então Drogon saltou de cima de seu ombro. Voou para o topo da porta de ébano e represeiro, empoleirou-se aí e começou a morder a madeira esculpida.

– Um animal com personalidade – riu um jovem bonito. – Devemos ensinar a língua secreta dos dragões a você? Venha, venha.

Dany foi assaltada pela dúvida. A grande porta era tão pesada que foram necessárias todas as suas forças para deslocá-la, mas por fim começou a se mover. Atrás havia outra porta, escondida. Era de velha madeira cinza, lascada e simples… Mas estava à direita da porta por onde tinha entrado. Os feiticeiros chamavam-na com vozes mais doces do que canções. Dany fugiu deles, com Drogon voando de volta ao seu ombro. Atravessou a porta estreita, e entrou num aposento inundado de trevas.

Uma longa mesa de pedra enchia a sala. Por cima flutuava um coração humano, inchado e azul de podridão, mas ainda vivo. Batia, numa profunda e solene palpitação, e cada batida gerava um banho de luz cor de índigo. As silhuetas que rodeavam a mesa não eram mais do que sombras azuis. Enquanto Dany caminhava até a cadeira vazia na ponta da mesa, elas não se agitaram, nem falaram, nem se viraram para ela. Não havia nenhum som, a não ser o lento e profundo batimento do coração em putrefação.

… *Mãe de dragões*… soou uma voz, em parte sussurro, em parte gemido… *dragões*... *dragões*... *dragões*… ecoaram outras vozes nas sombras. Algumas eram masculinas e outras femininas. Uma falava com o timbre de uma criança. O coração flutuante pulsava entre as sombras e as trevas. Era difícil convocar a vontade de falar, recordar as palavras que tinha treinado com tanta assiduidade.

– Sou Daenerys Filha da Tormenta, da Casa Targaryen, Rainha dos Sete Reinos de Westeros – *vão me ouvir? Por que não se mexem?* Sentou-se, fechando as mãos no colo. – Concedam-me seus conselhos, e falem-me com a sabedoria daqueles que conquistaram a morte.

Através da névoa pintada de índigo conseguia distinguir os traços mirrados do Imortal sentado à sua direita, um homem muito, muito velho, enrugado e sem cabelo. Sua pele tinha um vivo tom violeta-azulado, os lábios e as unhas eram ainda mais azuis, tão escuros que eram quase negros. Até o branco dos olhos era azul. Fitavam, sem ver, a mulher antiga que se encontrava do lado oposto da mesa, cujo vestido de seda clara tinha apodrecido em seu corpo. Um seio murcho havia sido deixado nu, à moda qartena, e mostrava um pontiagudo mamilo azul, duro como couro.

*Ela não respira*. Dany escutou o silêncio. *Nenhum deles respira, e não se mexem, e aqueles olhos não veem nada. Será possível que os Imortais estejam mortos?*

A resposta foi um suspiro tão fino como um bigode de rato. … *Nós vivemos… vivemos… vivemos…* disse o suspiro. Uma miríade de outras vozes sussurraram ecos. … *e sabemos… sabemos… sabemos… sabemos…*

– Vim em busca do dom da verdade – disse Dany. – No longo corredor, as coisas que vi… foram visões verdadeiras, ou mentiras? Coisas passadas ou coisas por vir? O que significavam?

*… A forma das sombras… amanhãs ainda não feitos… beba da taça de gelo… beba da taça de fogo…*

*… Mãe de dragões… filha de três…*

– Três? – ela não compreendia.

… *Três cabeças tem o dragão…* gemeu o coro fantasmagórico dentro de sua cabeça, sem que nunca um lábio se movesse, nunca um sopro agitasse o ar azul e parado. … *Mãe de dragões… filha da tormenta…* Os sussurros se transformaram numa canção turbilhonante. … *Três fogueiras tem de acender… uma pela vida, uma pela morte e uma pelo amor…* Seu coração batia em uníssono com aquele que flutuava na sua frente, azul e putrefato. … *Três montarias tem de montar… uma para o sexo, uma para o terror e uma para o amor…* Percebeu que as vozes se tornavam mais sonoras, e parecia-lhe que seu coração abrandava, o

mesmo acontecendo com a respiração… *Três traições conhecerá... uma vez por sangue, uma vez por ouro e uma vez por amor…*

– Eu não… – sua voz não era mais do que um sussurro, quase tão tênue como os deles. O que se passava consigo mesma? – Eu não compreendo – disse, mais alto. Por que era tão difícil falar ali? – Ajudem-me. Mostrem-me.

… *Ajudá-la*… zombaram os suspiros. … *Mostrar-lhe*…

Então fantasmas estremeceram através da névoa, imagens em índigo. Viserys gritou quando ouro derretido escorreu por sua cabeça e encheu sua boca. Um senhor alto, com pele de cobre e cabelo louro-prateado, ergueu-se sob um estandarte com um garanhão fogoso, tendo uma cidade incendiada como fundo. Rubis escorreram como gotas de sangue do peito de um príncipe moribundo, e ele caiu de joelhos na água, e com o seu último suspiro murmurou um nome de mulher… *Mãe de dragões, filha da morte*… Brilhando como o pôr do sol, uma espada vermelha foi erguida na mão de um rei de olhos azuis que não projetava sombra. Um dragão de pano oscilou em mastros por cima de uma multidão exultante. De uma torre fumegante, um grande animal de pedra levantou voo, exalando fogo de sombras. … *Mãe de dragões, matadora de mentiras*… Sua prata trotou pela grama, dirigindo-se a um riacho sombrio sob um mar de estrelas. Um cadáver ergueu-se à proa de um navio, de olhos brilhantes na face morta, lábios cinzentos sorrindo tristemente. Uma flor azul cresceu de uma fenda numa muralha de gelo e encheu o ar de doçura… *Mãe de dragões, noiva do fogo*…

E as visões vieram, cada vez mais rápidas, uma após a outra, até parecer que o próprio ar tinha ganhado vida. Sombras rodopiaram e dançaram dentro de uma tenda, elásticas e terríveis. Uma menininha correu descalça para uma grande casa com uma porta vermelha. Mirri Maz Duur guinchou entre as chamas, com um dragão irrompendo de sua testa. Atrás de um cavalo prateado, o cadáver ensanguentado de um homem nu foi arrastado aos solavancos. Um leão branco correu por pastos mais altos do que um homem. À sombra da Mãe das Montanhas, uma fileira de velhas nuas saiu de um grande lago e ajoelhou-se tremendo diante dela, com a

cabeça cinzenta inclinada. Dez mil escravos ergueram mãos manchadas de sangue enquanto ela passava por eles a galope em sua prata, correndo como o vento. "*Mãe!*", gritaram. "*Mãe, mãe!*" Estendiam as mãos para ela, tocavam-na, puxavam seu manto, a barra de sua saia, seu pé, sua perna, seu seio. Desejavam-na, necessitavam dela, do fogo, da vida, e Dany arquejou e abriu os braços para se entregar a eles…

Mas, então, asas negras esbofetearam sua cabeça, e um grito de fúria cortou o ar índigo, e de repente as visões desapareceram, rasgadas, e o arquejo de Dany transformou-se em horror. Os Imortais estavam em volta dela, azuis e frios, suspirando enquanto estendiam as mãos para ela, puxando, afagando, pegando em suas roupas, tocando nela com suas mãos secas e frias, enredando os dedos em seus cabelos. Todas as forças tinham abandonado seus membros. Não conseguia se mexer. Até seu coração tinha deixado de bater. Sentiu uma mão no seio nu, torcendo seu mamilo. Dentes encontraram a pele suave de sua garganta. Uma boca desceu sobre um olho, lambendo, sugando, *mordendo*…

E então o índigo transformou-se em laranja, e os sussurros em gritos. Seu coração batia, rápido, as mãos e bocas haviam-na largado, calor lavava sua pele, e Dany piscou perante o súbito brilho. Empoleirado acima dela, o dragão abriu as asas e mordeu o terrível coração escuro, rasgando a carne putrefata em tiras, e quando sua cabeça foi para frente, fogo fluiu entre as maxilas abertas, quente e brilhante. Conseguia ouvir os guinchos dos Imortais enquanto ardiam, suas vozes agudas e frágeis como papel gritando em línguas havia muito desaparecidas. A carne deles era pergaminho que se desfazia, seus ossos, madeira seca ensopada em sebo. Dançaram enquanto as chamas os consumiam; cambalearam, estremeceram, saltaram e ergueram bem alto mãos em brasa, com os dedos brilhantes como tochas.

Dany ficou de pé e investiu pelo meio deles. Eram leves como o ar, não mais do que cascas, e caíam com um toque. A sala inteira estava em chamas quando atingiu a porta.

– *Drogon* – ela chamou, e ele voou através do fogo.

Fora da sala, um longo corredor sombrio estendia-se serpenteando à sua frente, iluminado pelo brilho tremeluzente e alaranjado vindo de trás. Dany correu, em busca de uma porta, uma porta à sua direita, uma porta à sua esquerda, qualquer porta, mas nada havia, só paredes tortuosas de pedra, e um pavimento que parecia se mover lentamente sob seus pés, contorcendo-se como que para fazê-la tropeçar. Manteve o equilíbrio e correu mais depressa, e de repente a porta estava bem na sua frente, uma porta que era como uma boca aberta.

Quando surgiu à luz do sol, o brilho fez com que tropeçasse. Pyat Pree balbuciava numa língua desconhecida qualquer e saltava de um pé para o outro. Quando Dany olhou para trás, viu finas gavinhas de fumaça abrindo caminho através de fendas nas antigas paredes de pedra do Palácio de Poeira, e erguendo-se por entre as telhas negras do telhado.

Uivando pragas, Pyat Pree puxou uma faca e dançou em sua direção, mas Drogon voou no seu rosto. Então, Dany ouviu o estalar do chicote de Jhogo, e nunca houve som que a alegrasse tanto. A faca voou para longe, e um instante mais tarde Rakharo atirava Pyat ao chão. Sor Jorah Mormont ajoelhou na relva fresca e verde ao lado dela e pôs o braço em volta de seu ombro.

# Tyrion

— Se morrer de forma estúpida, dou seu corpo de comer às cabras – ameaçou Tyrion quando o primeiro carregamento de Corvos de Pedra se afastou do cais.

Shagga soltou uma gargalhada.

– O Meio-Homem não tem cabras.

– Vou arranjar algumas só para você.

A alvorada rompia, e pálidas ondulações de luz cintilavam na superfície do rio, estilhaçando-se sob os mastros e voltando a se formar depois de o barco passar. Timett tinha levado seus Homens Queimados para o bosque do rei dois dias antes. Ontem, os Orelhas Negras e os Irmãos da Lua seguiram-no, hoje eram os Corvos de Pedra.

– Faça o que fizer, não tente travar batalha – Tyrion o alertou. – Ataque os acampamentos e as colunas de abastecimento. Monte emboscadas para os batedores e pendure os corpos nas árvores diante da linha de marcha deles, dê a volta e abata quem ficar para trás. Quero ataques noturnos, tantos e tão súbitos que eles fiquem com medo de dormir…

Shagga apoiou uma mão na cabeça de Tyrion.

– Tudo isso aprendi de Dolf, filho de Holger, antes de minha barba ter crescido. É assim que se faz a guerra nas Montanhas da Lua.

– O bosque do rei não é as Montanhas da Lua, e não estará lutando com Serpentes de Leite ou Cães Pintados. E *ouça* os guias que mando junto, eles conhecem essa floresta como você conhece suas montanhas. Escute seus conselhos, vão lhe ser úteis.

– Shagga escutará os animais de estimação do Meio-Homem – prometeu solenemente o homem dos clãs. E então chegou o momento de levar o garrano para o barco. Tyrion ficou vendo-os se afastar da margem

e, levados por varas, se dirigir para o centro da Água Negra. Sentiu uma estranha pontada na boca do estômago quando Shagga se desvaneceu na névoa da manhã. Ia se sentir nu sem seus homens dos clãs.

Ainda tinha os homens contratados por Bronn, agora quase oitocentos, mas os mercenários eram notoriamente volúveis. Tyrion fizera o que podia para comprar uma lealdade continuada, prometendo a Bronn e a uma dúzia de seus melhores homens terras e graus de cavaleiro quando a batalha estivesse ganha. Tinham bebido seu vinho, rido de suas gracinhas e chamado uns aos outros de *sor* até ficarem todos cambaleando… Todos, menos o próprio Bronn, que tinha se limitado a sorrir aquele seu sorriso insolente e sombrio para depois dizer:

– Eles matarão por esse grau de cavaleiro, mas nunca julgue que morrerão por ele.

Tyrion não guardava tal ilusão.

Os homens de manto dourado eram uma arma quase igualmente incerta. Seis mil homens na Patrulha da Cidade, graças a Cersei, mas só se podia confiar em um quarto deles.

– Há poucos que sejam claramente traidores, embora haja alguns, até sua aranha não encontrou todos – prevenira-o Bywater. – Mas há centenas que estão mais verdes do que a grama da primavera, homens que se alistaram para ter pão, cerveja e segurança. Ninguém gosta de parecer covarde aos olhos dos companheiros, e lutarão com bastante coragem no início, quando só houver trombetas de guerra e estandartes ao vento. Mas se a batalha parecer correr mal, eles vão quebrar, e vão quebrar feio. O primeiro homem a jogar fora a lança e fugir terá mais mil o seguindo.

Certamente havia homens experientes na Patrulha da Cidade, o núcleo de dois mil que tinha obtido o manto dourado de Robert, e não de Cersei. Mas, mesmo esses… Lorde Tywin Lannister gostava de dizer que um vigia não era realmente um soldado. Quanto a cavaleiros, escudeiros e homens de armas, Tyrion não possuía mais do que trezentos. Em breve teria de testar a veracidade de outro dos ditados do pai: *Um homem em uma muralha vale por dez à sua sombra*.

Bronn e a escolta esperavam na entrada do cais, no meio de um enxame de pedintes, rameiras passeando e mulheres de pescadores transportando pescado. As mulheres dos pescadores faziam mais negócio do que todos os outros juntos. Compradores rodeavam as barricas e as bancadas em bandos para regatear por caramujos, mariscos e lúcios. Sem outro tipo de comida chegando na cidade, o preço do peixe era dez vezes mais alto do que tinha sido antes da guerra, e continuava a subir. Os que tinham dinheiro vinham à margem do rio todas as manhãs e todas as noites, esperando levar para casa uma enguia ou um recipiente cheio de caranguejos vermelhos; os que não tinham esgueiravam-se entre as bancadas, na esperança de roubar, ou ficavam, lúgubres e desamparados, sob as muralhas.

Os homens de manto dourado abriram caminho através da multidão, empurrando as pessoas para o lado com o cabo das lanças. Tyrion ignorou as pragas resmungadas o melhor que pôde. Um peixe aproximou-se voando, viscoso e podre. Aterrissou a seus pés e se desmachou. Passou bamboleante por cima dele e subiu na sela. Crianças com barrigas inchadas já lutavam pelos pedaços do peixe fedorento.

Montado, passou o olhar ao longo da margem. Martelos ressoavam no ar da manhã enquanto carpinteiros enxameavam o Portão da Lama, projetando das ameias grades de madeira. Aquilo estava indo bem. Estava bastante menos satisfeito com o aglomerado de estruturas decrépitas que tinham sido deixadas crescer atrás dos cais, agarrando-se às muralhas da cidade como cracas no casco de um navio; cabanas para guardar apetrechos de pesca, casas de pasto, bordéis, bancas de mercadores, cervejarias, as choupanas onde as mais baratas das prostitutas abriam as pernas. *Isso tem de desaparecer, de cima a baixo*. Daquele jeito, Stannis praticamente não precisaria de escadas para assaltar as muralhas.

Chamou Bronn para perto:

– Reúna uma centena de homens e ateie fogo em tudo o que vê aqui, entre a margem do rio e as muralhas da cidade – fez um gesto com os

dedos atarracados, abarcando toda a miséria da frente do rio. – Não quero ver nada em pé, entendeu?

O mercenário moreno virou a cabeça, avaliando a tarefa.

– Os sujeitos que são donos disso tudo não vão gostar muito.

– Nunca imaginei que gostariam. Que seja; terão mais uma coisa sobre a qual amaldiçoar o maligno macaquinho demoníaco.

– Alguns podem lutar.

– Certifique-se de que percam.

– O que fazemos com os que moram aqui?

– Dê-lhes um tempo razoável para que removam os pertences, e depois expulse-os. Tente não matar ninguém, não são eles o inimigo. E basta de estupros! Mantenha seus homens na linha. É uma ordem.

– Eles são mercenários, não septões – Bronn respondeu. – A seguir vai me dizer que os quer sóbrios.

– Mal não faria.

Tyrion só desejava poder ter a mesma facilidade para tornar as muralhas da cidade duplamente mais altas e triplamente mais espessas. Embora talvez não importasse. Muralhas maciças e torres altas não tinham salvado Ponta Tempestade, nem Harrenhal, nem mesmo Winterfell.

Lembrava-se de Winterfell como o tinha visto pela última vez. Não tão grotescamente enorme como Harrenhal, nem tão sólido ou inexpugnável ao olhar como Ponta Tempestade, mas havia uma grande força naquelas pedras, uma sensação de que dentro daquelas muralhas um homem poderia se sentir a salvo. A notícia da queda do castelo chegou como um choque dilacerante.

– Os deuses dão com uma mão e tiram com a outra – resmungou em surdina quando Varys lhe contou. Tinham dado Harrenhal aos Stark e roubado Winterfell, uma troca deprimente.

Sem dúvida devia estar se regozijando. Robb Stark teria agora de se dirigir para o norte. Se não fosse capaz de defender seu próprio lar, não era rei nenhum. Isso significava tempo para o oeste, para a Casa Lannister, e no entanto…

Tyrion tinha apenas a mais vaga das memórias de Theon Greyjoy do tempo passado com os Stark. Um jovem imberbe, sempre sorrindo, habilidoso com um arco; era difícil imaginá-lo como Senhor de Winterfell. O Senhor de Winterfell tinha de ser sempre um Stark.

Lembrava-se do bosque sagrado deles; as grandes árvores-sentinela armadas com suas agulhas verde-acinzentadas, os grandes carvalhos, os espinheiros, freixos e pinheiros-marciais, e, no centro, a árvore-coração, vertical como um gigante branco congelado no tempo. Quase conseguia cheirar o lugar, terroso e pensativo, o cheiro de séculos, e lembrava-se de como o bosque era escuro mesmo durante o dia. *Aquele bosque era Winterfell. Era o Norte. Nunca me senti tão deslocado, nunca me senti tanto um intruso indesejado, como quando caminhei por ali*. Imaginou se os Greyjoy sentiriam o mesmo. O castelo até podia lhes pertencer, mas aquele bosque sagrado nunca. Nem dentro de um ano, dez ou cinquenta.

Tyrion Lannister levou o cavalo a passo lento na direção do Portão de Lama. *Winterfell não é nada para você*, lembrou-se. *Fique contente pelo lugar ter caído, e preocupe-se com as suas muralhas*. O portão encontrava-se aberto. Lá dentro, três grandes trabucos erguiam-se lado a lado na praça do mercado, espreitando por cima das ameias como três enormes aves. Seus braços lançadores tinham sido feitos com os troncos de antigos carvalhos, e eram ligados com ferro para evitar que se dividissem. Os homens de manto dourado tinham-nos apelidado de Três Rameiras, por irem dar a Lorde Stannis boas-vindas tão vigorosas. *Pelo menos assim esperamos*.

Tyrion encostou as esporas no cavalo e atravessou o Portão da Lama a trote, enfrentando a maré humana. Depois de passar pelas Rameiras, a multidão tornou-se mais esparsa e a rua abriu-se à sua volta.

O caminho de volta à Fortaleza Vermelha foi tranquilo, mas na Torre da Mão encontrou uma dúzia de capitães mercadores irritados, à sua espera na sala de audiências, para protestar pela apreensão de seus navios. Ofereceu-lhes sinceras desculpas e prometeu compensações depois de a guerra acabar. Isso pouco contribuiu para apaziguá-los.

– E se perder, senhor? – perguntou um bravosiano.

– Nesse caso solicitem a compensação ao Rei Stannis.

Quando se livrou deles, os sinos estavam tocando, e Tyrion percebeu que chegaria atrasado ao empossamento. Bamboleou-se quase correndo através do pátio e forçou entrada na parte de trás do septo do castelo, no momento em que Joffrey prendia mantos de seda branca em volta dos ombros dos dois membros mais recentes da Guarda Real. O rito parecia requerer que todo mundo ficasse de pé e, por isso, tudo o que Tyrion viu foi uma muralha de traseiros corteses. Por outro lado, assim que o novo Alto Septão tivesse terminado de guiar os dois novos cavaleiros pelos votos solenes e de ungi-los em nome dos Sete, estaria bem posicionado para ser o primeiro a sair dali.

Aprovava a escolha da irmã por Sor Balon Swann para tomar o lugar do falecido Preston Greenfield. Os Swann eram senhores da Marca, orgulhosos, poderosos e cautelosos. Alegando doença, Lorde Guilan Swann havia permanecido em seu castelo, sem participar da guerra, mas o filho mais velho acompanhara Renly, e agora Stannis, ao passo que Balon, o mais novo, servia em Porto Real. Se tivesse um terceiro filho, Tyrion suspeitava que estaria com Robb Stark. Talvez não fosse a atitude mais honrosa, mas mostrava bom-senso; fosse quem fosse que conquistasse o Trono de Ferro, os Swann pretendiam sobreviver. Além de ser bem-nascido, Sor Balon era valente, cortês e possuía habilidades marciais; bom com uma lança, melhor com uma maça de guerra, soberbo com o arco. Serviria com honra e coragem.

Infelizmente, Tyrion não podia dizer o mesmo da segunda escolha de Cersei. Sor Osmund Kettleblack *parecia* bastante forte. Tinha um metro e noventa e oito, a maior parte de toda essa altura era de tendões e músculos, e o nariz adunco, as densas sobrancelhas e a barba castanha em forma de folha davam ao seu rosto um aspecto feroz, desde que não sorrisse. De baixo nascimento, não mais do que um pequeno cavaleiro, Kettleblack era completamente dependente de Cersei para sua ascensão social, o que era sem dúvida o motivo pelo qual a rainha o escolhera.

– Sor Osmund é tão leal como corajoso – ela disse a Joffrey quando sugeriu seu nome. Infelizmente era verdade. O bom Sor Osmund andava

vendendo os segredos dela a Bronn desde o dia em que a rainha o contratara, mas Tyrion não podia propriamente *dizer* isso a ela.

Supunha que não devia se queixar. A nomeação dava-lhe outro ouvido próximo do rei, sem o conhecimento da irmã. E mesmo se Sor Osmund demonstrasse ser um completo covarde, não seria pior do que Sor Boros Blount, atualmente residindo numa masmorra em Rosby. Sor Boros escoltava Tommen e Lorde Gyles quando Sor Jacelyn Bywater e seus homens de manto dourado os surpreenderam, e havia entregado quem tinha a cargo com uma animação que teria enraivecido o velho Sor Barristan Selmy do mesmo modo como enfurecera Cersei; um cavaleiro da Guarda Real deveria morrer em defesa do rei e da família real. A irmã insistira para que Joffrey despojasse Blount do manto branco, por motivo de traição e covardia. *E agora o substitui por outro homem igualmente oco.*

As rezas, votos e unções pareceram durar a manhã inteira. As pernas de Tyrion rapidamente começaram a doer. Mudou o peso de um pé para o outro, irrequieto. Viu que a Senhora Tanda estava várias fileiras acima, mas a filha não se encontrava com ela. Tivera alguma esperança de ter um vislumbre de Shae. Varys dizia que ela estava bem, mas Tyrion preferiria ver com seus próprios olhos.

– É melhor aia de uma senhora do que ajudante de cozinha –Shae dissera quando Tyrion lhe contou o plano do eunuco. – Posso levar o cinto de flores de prata e o colar de ouro com diamantes negros que disse que se pareciam com meus olhos? Não os usarei, se disser que não devo.

Por relutante que se sentisse em desapontá-la, Tyrion teve de ressaltar que embora a Senhora Tanda não fosse de modo algum uma mulher inteligente, até ela poderia se sentir curiosa se a criada de quarto da filha parecesse possuir mais joias do que a filha.

– Escolha dois ou três vestidos, não mais – tinha lhe ordenado. – Boa lã, nada de seda, nada de samito, e nada de peles. O resto guardarei em meus aposentos para quando me visitar – não era a resposta que Shae queria, mas pelo menos ela estaria a salvo.

Quando a investidura finalmente terminou, Joffrey marchou para o exterior entre Sor Balon e Sor Osmund, que ostentavam seus novos mantos brancos, enquanto Tyrion ficava para trocar algumas palavras com o novo Alto Septão (que tinha sido escolha *sua*, e era suficientemente sensato para saber quem punha o mel em seu pão).

– Quero os deuses do nosso lado – Tyrion foi direto, sem papas na língua. – Diga-lhes que Stannis jurou queimar o Grande Septo de Baelor.

– E é verdade, senhor? – perguntou o Alto Septão, um homem pequeno e arguto, com barba branca e fina e rosto chupado.

Tyrion encolheu os ombros:

– Pode ser. Stannis queimou o bosque sagrado em Ponta Tempestade como oferenda ao Senhor da Luz. Se foi capaz de ofender os deuses antigos, por que pouparia os novos? Diga-lhes isso. Diga-lhes que qualquer homem que pense em ajudar o usurpador trai tanto os deuses quanto seu legítimo rei.

– Direi, senhor. E vou lhes ordenar também para que rezem pela saúde do rei e de sua Mão.

Hallyne, o Piromante, esperava-o quando Tyrion voltou ao seu aposento privado, e Meistre Frenken havia trazido mensagens. Deixou o alquimista esperando um pouco mais enquanto lia o que os corvos lhe tinham trazido. Havia uma carta antiga de Doran Martell, prevenindo-o de que Ponta Tempestade caíra, e uma outra muito mais intrigante, proveniente de Balon Greyjoy em Pyke, que se intitulava *Rei das Ilhas e do Norte*. Convidava o Rei Joffrey a enviar um emissário às Ilhas de Ferro para estabelecer as fronteiras entre os dois reinos e discutir uma possível aliança.

Tyrion leu a carta três vezes e deixou-a de lado. Os dracares de Lorde Balon teriam sido uma grande ajuda contra a frota que se aproximava vinda de Ponta Tempestade, mas encontravam-se a milhares de léguas de distância, do lado errado de Westeros, e Tyrion estava longe de ter certeza se queria ceder metade do reino. *Talvez deva despejar esta no colo de Cersei, ou levá-la ao conselho.*

Só então recebeu Hallyne com as últimas contas dos alquimistas.

– Isso não pode ser verdade – disse Tyrion enquanto lia atentamente os livros. – Quase treze mil frascos? Considera-me um tolo? Previno-o de que não vou pagar o ouro do rei por frascos vazios e jarros de esgoto selados com cera.

– Não, não – Hallyne guinchou –, as somas são exatas, juro. Temos tido, hummm, grande fortuna, senhor Mão. Foi encontrado outro dos esconderijos de Lorde Rossart, mais de trezentos frascos. Sob o Fosso dos Dragões! Umas prostitutas tinham andado usando as ruínas para entreter seus fregueses, e um deles caiu num porão através de um pedaço de assoalho apodrecido. Quando apalpou os frascos, confundiu-os com vinho. Estava tão bêbado que quebrou o selo e bebeu um pouco.

– Houve um príncipe que uma vez tentou fazer isso – Tyrion disse secamente. – Não vi nenhum dragão levantando voo sobre a cidade, portanto, parece que dessa vez também não deu certo – o Fosso dos Dragões, na colina de Rhaenys, estava abandonado havia um século e meio. Supunha que era um lugar tão bom como qualquer outro para armazenar fogovivo, e melhor do que a maioria, mas teria sido bom se o falecido Lorde Rossart tivesse *dito* a alguém. – Trezentos frascos, diz? Isso ainda não justifica esses totais. Está vários *milhares* de frascos acima das melhores estimativas que me entregou da última vez em que nos encontramos.

– Sim, sim, é verdade – Hallyne limpou o suor de sua pálida testa com a manga da toga negra e escarlate. – Temos trabalhado muito duramente, senhor Mão, hummm.

– Isso sem dúvida explicaria por que motivo estão fazendo tanta quantidade extra de substância do que faziam antes – sorrindo, Tyrion encarou o piromante com seus olhos desiguais. – Se bem que me pergunto o porquê de só agora ter começado a trabalhar duramente.

Hallyne tinha a tez de um cogumelo, então era difícil entender como poderia ficar ainda mais pálido, mas de alguma forma conseguiu.

– Já *trabalhávamos*, senhor Mão, meus irmãos e eu temos trabalhado noite e dia desde o início, asseguro-lhe. É só que, hummm, fizemos tanta substância que nos tornamos, hummm, mais *experimentados*, digamos

assim, e, além disso – o alquimista mexeu-se desconfortavelmente na cadeira –, certos feitiços, hummm, antigos segredos de nossa ordem, muito delicados, muito problemáticos, mas necessários se queremos que a substância seja, hummm, tudo aquilo que pode ser…

Tyrion estava ficando impaciente. Sor Jacelyn Bywater provavelmente já estava ali, e o Mão de Ferro não gostava de esperar.

– Sim, têm feitiços secretos; magnífico. O que há com eles?

– Eles, hummm, parecem estar funcionando melhor do que antes – Hallyne exibiu um sorriso fraco. – Não lhe parece que haja dragões andando por aí, não é?

– A menos que tenham encontrado um debaixo do Poço dos Dragões, não. Por quê?

– Ah, perdão, estava só me lembrando de uma coisa que o velho Sábio Pollitor me disse uma vez, quando era acólito. Eu tinha perguntado por que motivo tantos de nossos feitiços pareciam, bem, não tão *eficientes* como os pergaminhos queriam nos fazer crer, e ele disse que era por que a magia tinha começado a desaparecer do mundo no dia em que o último dragão morreu.

– Lamento desapontá-lo, mas não vi nenhum dragão. No entanto, reparei no Magistrado do Rei andando por aí. Se algum desses frutos que está me vendendo aparecer cheio com algo que não seja fogovivo, também irá reparar nele.

Hallyne fugiu tão rapidamente que quase esbarrou em Sor Jacelyn… Não. *Lorde* Jacelyn, tinha de se lembrar disso. O Mão de Ferro foi misericordiosamente direto, como sempre. Tinha regressado de Rosby para entregar um grupo fresco de lanceiros recrutados nas propriedades de Lorde Gyles e reassumir o comando da Patrulha da Cidade.

– Como está meu sobrinho? – Tyrion perguntou quando acabaram de discutir as defesas da cidade.

– O Príncipe Tommen está com saúde e feliz, senhor. Adotou um corço que alguns de meus homens trouxeram de uma caçada. Diz que tinha um antigamente, mas que Joffrey o esfolou para fazer um justilho. Às vezes pergunta pela mãe, e começa com frequência cartas para a Princesa

Myrcella, mas parece nunca terminar nenhuma. Do irmão, no entanto, parece não ter saudade.

– Fez preparativos adequados para ele, caso a batalha seja perdida?

– Meus homens têm as instruções deles.

– Que são?

– Ordenou-me que não dissesse a ninguém, senhor.

Aquilo fez Tyrion sorrir.

– Agrada-me que tenha se lembrado – no caso de Porto Real cair, podia perfeitamente ser capturado vivo. Era melhor que não soubesse onde o herdeiro de Joffrey poderia ser encontrado.

Varys surgiu não muito tempo depois de Lorde Jacelyn sair.

– Os homens são criaturas tão infiéis – ele disse em tom de saudação.

Tyrion suspirou.

– Quem é o traidor de hoje?

O eunuco entregou-lhe um rolo.

– Tanta vilania canta uma triste canção sobre o nosso tempo. Terá a honra morrido com os nossos pais?

– Meu pai ainda não está morto – Tyrion examinou a lista. – Conheço alguns desses nomes. São homens ricos. Comerciantes, mercadores, artesãos. Por que conspirariam contra nós?

– Parece que acreditam que Lorde Stannis deve ganhar, e querem partilhar de sua vitória. Chamam a si mesmos de Homens Chifrudos, por causa do veado coroado.

– Alguém devia lhes dizer que Stannis mudou de símbolo. Assim, poderiam ser os Corações Quentes – mas não era assunto para piadas; parecia que aqueles Homens Chifrudos tinham armado várias centenas de seguidores, para capturar o Velho Portão quando a batalha estivesse próxima e deixar o inimigo entrar na cidade. Entre os nomes da lista estava o do mestre armeiro Salloreon.

– Suponho que isso queira dizer que não terei aquele aterrorizador elmo com os cornos de demônio – queixou-se Tyrion enquanto rabiscava a ordem para a prisão do homem.

# Theon

Num instante estava dormindo, no seguinte tinha acordado.

Kyra aninhava-se contra seu corpo, com um braço dobrado levemente sobre o dele, os seios roçando em suas costas. Conseguia ouvir sua respiração, suave e regular. O lençol estava emaranhado em volta deles. Era noite fechada. O quarto encontrava-se escuro e sossegado.

*O que foi? Será que ouvi alguma coisa? Alguém?*

O vento suspirava levemente contra as venezianas. Em algum lugar, a distância, ouviu os miados de uma gata no cio. Nada mais. *Dorme, Greyjoy*, disse a si mesmo. *O castelo está em paz, e tem guardas em posição. Em sua porta, nos portões, no armeiro*.

Poderia ter atribuído aquilo a um pesadelo, mas não se lembrava de ter sonhado. Kyra tinha-o deixado exausto. Até Theon ter mandado buscá-la, vivera todos os seus dezoito anos na vila de Inverno sem nunca pôr os pés dentro das muralhas do castelo. Veio até ele úmida, ardente e flexível como uma doninha, e havia certo tempero inegável em foder uma moça qualquer de taberna na cama de Lorde Eddard Stark.

Kyra murmurou sonolentamente quando Theon deslizou de debaixo de seu braço e se pôs em pé. Ainda havia algumas brasas incandescentes na lareira. Wex dormia no chão, aos pés da cama, enrolado dentro de seu manto e morto para o mundo. Nada se movia. Theon atravessou o quarto até a janela e escancarou as venezianas. A noite tocou-o com dedos frios, e a pele nua arrepiou-se. Encostou-se no parapeito de pedra e olhou para fora, para torres escuras, pátios vazios, céu negro e mais estrelas do que um homem poderia contar, mesmo se vivesse até os cem anos. Uma meia-lua flutuava acima da Torre do Sino e projetava seu reflexo na

cobertura dos jardins de vidro. Não ouviu alertas nem vozes, nem sequer um passo.

*Está tudo bem, Greyjoy. Ouve o silêncio? Devia estar bêbado de alegria. Tomou Winterfell com menos de trinta homens, um feito digno de canções*. Theon dirigiu-se de volta à cama. Iria fazer Kyra rolar sobre as costas e fodê-la de novo, isso deveria banir aqueles fantasmas. Os gemidos e risinhos dela seriam uma pausa bem-vinda naquele silêncio.

Parou. Acostumara-se tanto aos uivos dos lobos gigantes que quase já não os ouvia… Mas uma parte dele, um instinto qualquer de caçador, tinha ouvido sua ausência.

Urzen estava em pé junto à porta, fora do quarto, um homem vigoroso com um escudo redondo atirado sobre as costas.

– Os lobos estão calados – disse-lhe Theon. – Vá ver o que estão fazendo, e volte logo – pensar nos lobos gigantes soltos o deixou nervoso. Lembrava-se do dia no bosque dos lobos em que os selvagens tinham atacado Bran. Verão e Vento Cinzento tinham-nos feito em pedaços.

Quando cutucou Wex com a ponta da bota, o rapaz sentou-se e esfregou os olhos.

– Verifique se Bran Stark e o irmão mais novo estão na cama. Depressa!

– Senhor? – Kyra chamou sonolentamente.

– Durma, isto não lhe diz respeito – Theon serviu-se de uma taça de vinho e bebeu. Estava o todo tempo à escuta, esperando ouvir um uivo. *Homens de menos*, pensou amargamente. *Tenho homens de menos. Se Asha não vier…*

Wex foi o mais rápido a voltar, balançando a cabeça de um lado para outro. Praguejando, Theon apanhou a túnica e os calções do lugar onde os tinha deixado cair no chão, na pressa de se atirar sobre Kyra. Sobre a túnica vestiu um justilho de couro com rebites de ferro, e prendeu uma espada e um punhal na cintura. O cabelo estava desordenado como a floresta, mas tinha preocupações maiores.

Àquela altura, Urzen tinha retornado.

– Os lobos estão desaparecidos.

Theon disse a si mesmo que tinha de ser tão frio e cauteloso como Lorde Eddard.

– Acorde o castelo – ordenou. – Reúna-os no pátio, todos, veremos quem falta. E diga a Lorren para fazer uma ronda pelos portões. Wex, comigo.

Perguntou a si mesmo se Stygg já teria chegado a Bosque Profundo. O homem não era um cavaleiro tão bom como dizia ser; nenhum dos homens de ferro era grande coisa sobre a sela, mas já havia passado bastante tempo. Asha podia perfeitamente estar a caminho. *E se souber que perdi os Stark*… Não era bom pensar nisso.

O quarto de Bran estava vazio, tal como o de Rickon, meia-volta de escada abaixo. Theon amaldiçoou-se. Devia ter colocado um guarda vigiando-os, mas tinha achado mais importante ter homens patrulhando as muralhas e protegendo os portões do que servindo de amas a um par de crianças, uma delas aleijada.

Ouviu soluços lá fora quando as pessoas do castelo foram sendo arrancadas das camas e levadas para o pátio. *Vou lhes dar motivos para soluçar. Usei-os com gentileza, e é assim que me pagam*. Até tinha ordenado que dois de seus homens fossem chicoteados até sangrar, por terem violado a garota dos canis, para lhes mostrar que pretendia ser justo. *Mas ainda me culpam pelo estupro. E pelo resto*. Achava aquilo injusto. Mikken matara-se por causa da boca, tal como Benfred. Quanto a Chayle, tinha de oferecer *alguém* ao Deus Afogado, era o que seus homens esperavam.

– Não o quero mal – tinha dito ao septão antes de atirarem-no ao poço –, mas você e os seus deuses já não têm lugar aqui – era de se pensar que os outros ficariam gratos por não ter escolhido um deles, mas não. Gostaria de saber quantos deles teriam feito parte daquela conspiração contra si.

Urven regressou com Lorren Negro.

– O Portão do Caçador – Lorren falou. – É melhor que venha ver.

O Portão do Caçador estava convenientemente situado perto dos canis e das cozinhas. Abria-se diretamente para campos de cultivo e florestas,

permitindo aos cavaleiros ir e vir sem terem de passar primeiro pela vila de Inverno, e por isso era o favorito dos grupos de caçadores.

– Quem tinha a guarda aqui? – Theon quis saber.

– Drennan e Squint.

Drennan era um dos homens que tinha violado Palla.

– Se deixaram os garotos fugir, juro que dessa vez arrancarei mais do que um pedaço de pele das costas deles.

– Não vai ser preciso – Lorren Negro disse concisamente.

E não era. Encontraram Squint flutuando no fosso, de barriga para baixo, com as entranhas boiando atrás dele como um ninho de serpentes brancas. Drennan jazia seminu na guarita, na sala compacta onde se manobrava a ponte levadiça. Sua garganta tinha sido cortada de orelha a orelha. Uma túnica esfarrapada escondia as cicatrizes meio saradas de suas costas, mas suas botas estavam espalhadas pelo chão e os calções embaralhados em volta dos pés. Havia queijo numa pequena mesa perto da porta, ao lado de um jarro vazio, e duas taças.

Theon pegou uma e cheirou as borras de vinho no fundo.

– Squint estava lá em cima, nas ameias, não?

– Sim – Lorren respondeu.

Theon atirou a taça dentro da lareira.

– Diria que Drennan estava puxando os calções para baixo para enfiar na mulher quando ela enfiou nele. Ao que parece, sua própria faca do queijo. Alguém vá buscar uma lança para pescar o outro idiota do fosso.

O outro idiota estava num estado bastante pior do que Drennan. Quando Loren Negro o tirou da água, viram que um de seus braços tinha sido arrancado pelo cotovelo, faltava metade de seu pescoço, e havia um buraco irregular onde ficava o umbigo e a virilha. A lança rasgou suas tripas quando Lorren o puxou. O fedor era horrível.

– Os lobos gigantes – Theon falou. – Os dois, ao que parece – enojado, voltou para a ponte levadiça. Winterfell era cercado por duas sólidas muralhas de granito, com um fosso largo entre ambas. A muralha exterior erguia-se a vinte e quatro metros de altura, e a interior a mais de trinta. Faltando-lhe homens, Theon tinha sido forçado a abandonar as

defesas exteriores e a colocar os guardas ao longo das muralhas interiores, mais altas. Não se atrevera a correr o risco de tê-los do lado errado do fosso, caso o castelo se rebelasse contra ele.

*Devem ter sido dois ou mais*, concluiu. *Enquanto a mulher entretinha Drennan, os outros libertaram os lobos.*

Theon pediu uma tocha e subiu à frente dos outros os degraus que conduziam à muralha. Movia a chama baixa à sua frente de um lado para o outro, à procura de… *Ali*. No interior do parapeito, na larga ameia que separava dois grandes merlões maciços.

– Sangue – ele anunciou. – Limpo sem cuidado. Suponho que a mulher tenha matado Drennan e descido a ponte levadiça. Squint ouviu o tinir das correntes, veio ver o que se passava e chegou até aqui. Empurraram o cadáver para o fosso através da ameia para não ser encontrado por outra sentinela.

Urzen espreitou ao longo das muralhas.

– Os outros torreões de vigia não estão longe. Vejo archotes ardendo…

– Archotes, não guardas – disse Theon de mau humor. – Winterfell tem mais torreões do que eu tenho homens.

– Quatro guardas no portão principal – disse Lorren Negro –, e cinco patrulhando as muralhas, além de Squint.

Urzen retrucou:

– Se ele tivesse tocado o berrante…

*Sou servido por idiotas.*

– Tente imaginar que quem estava aqui era você, Urzen. Está escuro e frio. Está há horas de sentinela, ansiando pelo fim de seu turno. Então, ouve um ruído e dirige-se ao portão, e de repente vê *olhos* no topo das escadas, brilhando, verdes e dourados, à luz do archote. Duas sombras correm para você mais depressa do que julgaria possível. Tem um vislumbre de dentes, começa a levantar a lança e eles *esbarram* em você e abrem sua barriga, rasgando o couro como se fosse pano para queijos – ele deu um forte empurrão em Urzen. – E agora está caído de costas, com as entranhas se derramando, e um deles tem os dentes em volta de sua garganta – Theon agarrou o pescoço magro do homem, apertou os dedos

e sorriu. – Diga lá, em que momento durante tudo isso você para para soprar a merda do berrante? – empurrou Urzen rudemente, atirando-o aos tropeções contra uma das paredes. O homem esfregou a garganta. *Devia ter mandado matar aqueles animais no dia em que tomamos o castelo*, pensou, zangado. *Já os tinha visto matar, sabia como eram perigosos.*

– Temos de ir atrás deles – disse Lorren Negro.

– No escuro, não – Theon não apreciava a ideia de perseguir lobos selvagens na floresta à noite; os caçadores podiam facilmente se transformar em caça. – Esperaremos pela luz do dia. Até lá, é melhor que vá ter uma conversa com meus leais súditos.

No pátio, uma multidão inquieta de homens, mulheres e crianças tinha sido empurrada contra a muralha. A muitos não fora dado tempo para se vestirem; cobriam-se com mantas de lã, ou amontoavam-se nus sob mantos ou roupões. Uma dúzia de homens de ferro os rodeava, com tochas numa mão e armas na outra. O vento soprava em rajadas, e a oscilante luz alaranjada refletia-se de forma baça em elmos de aço, barbas espessas e olhos que não sorriam.

Theon caminhou de um lado para o outro diante dos prisioneiros, estudando seus rostos. *Todos* lhe pareciam culpados.

– Seis – Fedor surgiu atrás dele, cheirando a sabão, com o cabelo longo mexendo ao vento. – Os dois Stark, aquele rapaz dos pântanos e a irmã, o atrasado dos estábulos e a sua selvagem.

*Osha*. Suspeitara dela desde o momento em que viu a segunda taça. *Devia ter sabido que não era boa ideia confiar naquela mulher. É tão desnaturada como Asha. Até os nomes são parecidos.*

– Alguém deu uma olhada nos estábulos?

– Aggar diz que não faltam cavalos.

– A Dançarina continua na cocheira?

– Dançarina? – Fedor franziu a testa. – Aggar diz que os cavalos estão todos lá. Só falta o atrasado.

*Então estão a pé*. Era a melhor notícia que tinha ouvido desde que acordara. Bran estaria sentado no cesto às costas de Hodor, sem dúvida. Osha teria de carregar Rickon; suas pequenas pernas não o levariam

longe por conta própria. Theon sentia-se confiante de que os teria novamente nas mãos em breve.

– Bran e Rickon fugiram – disse às pessoas do castelo, observando seus olhos. – Quem sabe para onde foram? – ninguém respondeu. – Não podem ter escapado sem ajuda – Theon prosseguiu. – Sem alimentos, roupas, armas – trancara todas as espadas e machados de Winterfell, mas não havia dúvidas de que algumas lâminas tinham sido escondidas dele. – Quero o nome de todos os que os ajudaram. Todos aqueles que fingiram não ver – o único som era o do vento. – À primeira luz do dia, pretendo trazê-los de volta – enfiou os polegares no cinto da espada. – Preciso de caçadores. Quem quer uma boa pele de lobo quentinha para ajudar a passar o Inverno? Gage? – o cozinheiro sempre o saudara alegremente quando voltava da caça, perguntando se teria trazido alguma peça de primeira para a mesa, mas agora não tinha nada a dizer. Theon virou-se e caminhou para o outro lado, perscrutando os rostos em busca do mínimo indício de um conhecimento culposo. – A floresta não é lugar para um aleijado. E Rickon, novo como é, quanto tempo durará lá fora? Ama, pense em como ele deve estar assustado – a velha tinha tagarelado com ele durante dez anos, contando suas infindáveis histórias, mas agora olhava-o de boca aberta como se fosse um estranho. – Podia ter matado todos os seus homens e dado suas mulheres aos meus soldados para que fizessem com elas o que bem entendessem, mas, em vez disso, os protegi. É esse o agradecimento que me dão? – Joseth, que cuidara de seus cavalos; Farlen, que lhe ensinara tudo o que sabia sobre cães de caça; Barth, a mulher do cervejeiro que tinha sido a sua primeira… nem um deles o encarava. *Odeiam-me*, compreendeu.

Fedor aproximou-se:

– Arranque suas peles – exortou, com os lábios grossos brilhando. – Lorde Bolton costumava dizer que um homem nu tem poucos segredos, mas um homem esfolado não tem nenhum.

Theon sabia que o homem esfolado era o símbolo da Casa Bolton; muito tempo antes, alguns de seus senhores chegaram até a usar a pele de inimigos mortos como manto. Alguns Stark tinham terminado assim.

Supostamente, tudo aquilo terminara havia mil anos, quando os Bolton dobraram os joelhos a Winterfell. *Pelo menos é o que dizem, mas os velhos hábitos custam a morrer, como eu sei muito bem.*

– Não haverá esfolamentos no Norte enquanto eu governar Winterfell – disse Theon em voz alta. *Sou sua única proteção contra gente como ele*, quis gritar. Não podia ser tão claro, mas talvez alguns fossem suficientemente inteligentes para aprender a lição.

O céu estava se tornando cinzento sobre as muralhas do castelo. A alvorada não devia estar distante.

– Joseth, sele o Sorridente e um cavalo para você. Murch, Gariss, Poxy Tym, vocês vêm também – Murch e Gariss eram os melhores caçadores no castelo, e Tym era um bom arqueiro. – Aggar, Rednose, Gelmarr, Fedor, Wex – precisava dos seus para defender a retaguarda. – Farlen, vou querer cães de caça, e vou querê-lo para cuidar deles.

O grisalho mestre dos canis cruzou os braços.

– E por que eu me preocuparia em ir à caça de meus senhores legítimos, e ainda por cima crianças?

Theon se aproximou.

– Agora sou eu o seu senhor legítimo, e o homem que mantém Palla a salvo.

Viu o desafio morrer nos olhos de Farlen.

– Sim, senhor.

Dando um passo para trás, Theon olhou em volta para ver quem mais poderia acrescentar.

– Meistre Luwin – anunciou.

– Eu não sei nada de caça.

*Não, mas não confio em você o suficiente para deixá-lo no castelo em minha ausência.*

– Então já é mais que hora de aprender.

– Deixe-me ir também. Quero esse manto de pele de lobo – um garoto, que não era mais velho do que Bran, deu um passo adiante. Theon precisou de um momento para se lembrar dele. – Já cacei um monte de vezes – disse Walder Frey. – Veados vermelhos e alces, e até javalis.

O primo riu dele.

– Ele acompanhou o pai numa caçada ao javali, mas nunca o deixaram chegar perto do animal.

Theon olhou o garoto com uma expressão de dúvida.

– Venha se quiser, mas se não conseguir nos acompanhar, não pense que vou servir de ama-seca – voltou-se novamente para Lorren Negro. – Winterfell é seu na minha ausência. Se não voltarmos, faça com ele o que quiser – *é melhor que isso os faça rezar pelo meu sucesso.*

Reuniram-se junto ao Portão do Caçador no momento em que os primeiros raios pálidos de sol roçaram o topo da Torre do Sino, com o hálito congelando no frio ar da manhã. Gelmarr se equipara com um machado de cabo longo, cujo alcance lhe permitiria atacar antes que os lobos caíssem sobre ele. A lâmina era suficientemente pesada para matar com um único golpe. Aggar usava caneleiras de aço. Fedor chegou trazendo uma lança para javalis e uma sacola de lavadeira cheia até estourar com só os deuses sabiam o quê. Theon tinha seu arco; não precisava de mais nada. Uma vez salvara a vida de Bran com uma flecha. Esperava não ter de roubá-la com outra, mas, se precisasse, faria.

Onze homens, dois garotos e uma dúzia de cães atravessaram o fosso. Para lá da muralha exterior, os rastros eram fáceis de ler no terreno macio; as pegadas dos lobos, o passo pesado de Hodor, as marcas menos profundas deixadas pelos pés dos dois Reed. Uma vez debaixo das árvores, o solo pedregoso e as folhas caídas tornavam o rastro mais difícil de ver, mas aí a cadela vermelha de Farlen já tinha o cheiro. O resto dos cães seguia logo atrás, com os de caça farejando e ladrando e um par de monstruosos mastins fechando a retaguarda. Seu tamanho e ferocidade poderiam fazer toda a diferença contra um lobo gigante encurralado.

Teria pensado que Osha correria para sul, em busca de Sor Rodrik, mas os vestígios seguiam para norte-noroeste, em direção ao coração da mata de lobos. Theon não gostava nada daquilo. Seria uma amarga ironia se os Stark se dirigissem a Bosque Profundo e caíssem justamente nas mãos de

Asha. *Preferia vê-los mortos*, pensou com amargura. *É melhor ser visto como cruel do que como idiota*.

Filetes de névoa pálida abriam caminho por entre as árvores. Árvores-sentinela e pinheiros-marciais cresciam densos por ali, e não havia nada tão escuro e sombrio como uma floresta de vegetação perene. O terreno era irregular, e as agulhas caídas disfarçavam a fofura da turfa e tornavam o chão traiçoeiro para os cavalos, por isso eram obrigados a avançar devagar. *Mas não tão devagar como um homem carregando um aleijado, ou uma vadia ossuda com um garoto de quatro anos nas costas*. Disse a si mesmo para ser paciente. Teria todos eles nas mãos antes de o dia acabar.

Meistre Luwin trotou até junto dele enquanto seguiam uma trilha de caça ao longo da borda de uma ravina:

– Até agora, a caçada parece não se distinguir de andar a cavalo pela floresta, senhor.

Theon sorriu.

– Há semelhanças. Mas na caçada há sangue no fim.

– Terá de ser assim? Essa fuga foi uma grande loucura, mas não será misericordioso? Aqueles que procuramos são seus irmãos adotivos.

– Nenhum Stark, a não ser Robb, agiu fraternalmente comigo, mas Bran e Rickon têm mais valor para mim vivos do que mortos.

– O mesmo se aplica aos Reed. Fosso Cailin fica no limite dos pântanos. Lorde Howland pode transformar a ocupação de seu tio numa visita ao inferno se decidir fazê-lo, mas enquanto você tiver os seus herdeiros, terá de segurar a mão.

Theon não pensara naquilo. A bem da verdade, quase não tinha pensado nos homens de lama, além das vezes que olhou Meera e pensou se ainda seria donzela.

– Pode ter razão. Vamos poupá-los se pudermos.

– E também a Hodor, espero. O rapaz é um simplório, bem sabe. Faz o que lhe é dito. Quantas vezes cuidou do seu cavalo, ensaboou sua sela, poliu sua cota de malha?

Hodor não era nada para ele.

– Se não lutar conosco, vamos deixá-lo viver – Theon apontou um dedo para ele. – Mas se disser uma palavra acerca de poupar a selvagem, poderá morrer com ela. Prestou-me um juramento e cagou nele.

O meistre inclinou a cabeça:

– Não arranjo desculpas para perjuros. Faça o que tiver de fazer. Agradeço-lhe a misericórdia.

*Misericórdia*, pensou Theon quando Luwin ficou para trás. *Eis uma maldita armadilha. Em excesso, e chamam-no de fraco, muito pouca e é monstruoso*. Mas sabia que o meistre lhe tinha dado bons conselhos. Seu pai pensava apenas em termos de conquista, mas de que servia tomar um reino se não se conseguisse mantê-lo? A força e o medo só serviam até certo ponto. Uma pena que Ned Stark tivesse levado as filhas para o sul; de outro modo, Theon poderia ter solidificado a posse de Winterfell através do casamento com uma delas. E Sansa era uma coisinha bonita, e àquela altura era até provável que já estivesse pronta para dormir com um homem. Mas encontrava-se a mil léguas de distância, nas garras dos Lannister. Uma pena.

A floresta tornou-se mais selvagem. Os pinheiros e árvores-sentinela deram lugar a enormes carvalhos escuros. Emaranhados de espinheiros escondiam ravinas e fendas traiçoeiras. Colinas pedregosas erguiam-se e desapareciam. Passaram pela cabana de um camponês, deserta e coberta de vegetação, e rodearam uma pedreira inundada onde as águas paradas tinham um reflexo cinza como aço. Quando os cães começaram a ladrar, Theon pensou que os fugitivos se encontravam por perto. Esporeou Sorridente e seguiu a trote, mas o que encontrou foi apenas a carcaça de um jovem alce… ou o que dela restava.

Desmontou para examiná-la melhor. A morte era ainda recente e claramente obra de lobos. Os cães farejaram os arredores da carcaça, avidamente, e um dos mastins enterrou os dentes num quadril, mas Farlen o afastou aos gritos. *Nenhuma parte deste animal foi cortada com uma faca*, Theon percebeu. *Os lobos comeram, mas os homens não*. Mesmo que Osha não quisesse se arriscar a fazer uma fogueira, deveria

ter cortado algumas fatias. Não fazia sentido deixar tanta carne boa apodrecer.

– Farlen, tem certeza de que estamos no rastro certo? Não será possível que seus cães andem atrás dos lobos errados?

– Minha cadela conhece o cheiro do Verão e do Felpudo bastante bem.

– Espero que sim. Para o seu bem.

Menos de uma hora mais tarde, o rastro desceu uma encosta na direção de um córrego lamacento, cheio pelas chuvas recentes. Foi ali que os cães perderam o cheiro. Farlen e Wex atravessaram o curso d'água com os cães e voltaram a sacudir as cabeças, enquanto os animais percorriam a outra margem para cima e para baixo, farejando.

– Eles entraram na água, senhor, mas não estou vendo onde podem ter saído – disse o mestre dos canis.

Theon desmontou e ajoelhou-se na margem do córrego. Mergulhou uma mão nele. A água estava fria.

– Eles não devem ter ficado nesta água por muito tempo. Leve metade dos cães para baixo. Eu vou para cima...

Wex bateu palmas ruidosamente.

– O que foi? – Theon perguntou.

O rapaz mudo apontou.

O terreno junto à água encontrava-se encharcado e lamacento. Os vestígios que os lobos tinham deixado eram bastante evidentes.

– Pegadas de lobo, oras. E daí?

Wex enfiou o calcanhar na lama e mexeu o pé para um lado e para o outro, deixando um buraco profundo.

Joseth compreendeu.

– Um homem do tamanho de Hodor devia ter deixado uma pegada profunda nesta lama – ele disse. – Ainda mais com o peso de um garoto nas costas. Mas as únicas pegadas de botas que há aqui são as nossas. Veja com os seus olhos.

Consternado, Theon percebeu que era verdade. Os lobos tinham entrado sozinhos nas túrgidas águas marrons.

– Osha deve ter seguido outro caminho lá para trás. Antes do alce, provavelmente. Enviou os lobos adiante sozinhos, na esperança de que os seguíssemos – virou-se para os caçadores. – Se vocês dois tiverem me enganado…

– Só há um rastro, senhor, juro – Gariss disse defensivamente. – E os lobos gigantes nunca se separariam daqueles garotos. Não por muito tempo.

*É verdade*, Theon pensou. Verão e Cão Felpudo podiam ter se afastado para caçar, mas mais cedo ou mais tarde voltariam para junto de Bran e Rickon.

– Gariss, Murch, levem quatro cães e voltem, encontrem o local onde os perdemos. Aggar, vigie-os, não quero truques. Farlen e eu seguiremos os lobos gigantes. Um sopro no berrante quando encontrar o rastro. Dois sopros se vir os animais. Depois de descobrirmos para onde foram, vão nos levar até seus donos.

Levou Wex, o garoto Frey e Gynir Rednose para procurar a jusante. Ele e Wex seguiam a cavalo de um lado do córrego, Rednose e Walder Frey do outro, cada um com um par de cães de caça. Os lobos podiam ter saído do córrego em qualquer uma das margens. Theon ficou de olho atento em pegadas, rastros, galhos quebrados, qualquer pista que indicasse onde os lobos gigantes poderiam ter saído da água. Viu com bastante facilidade pegadas de veados, alces e texugos. Wex surpreendeu uma raposa bebendo do córrego, e Walder fez três coelhos saírem da vegetação rasteira e conseguiu atingir um deles com uma flecha. Viram marcas de garras no local em que um urso tinha rasgado a casca de uma grande bétula. Mas dos lobos gigantes não havia qualquer sinal.

*Um pouco mais adiante*, dizia Theon a si mesmo. *Para lá daquele carvalho, do outro lado daquela elevação, depois daquela curva no córrego, encontraremos algo lá*. Continuou avançando muito tempo depois de saber que devia voltar, com uma crescente sensação de ansiedade roendo sua barriga. Era meio-dia quando virou com um puxão o cabresto de Sorridente e desistiu.

De algum modo, Osha e os malditos garotos escapavam dele. Não devia ter sido possível, não a pé, carregando um aleijado e uma criança pequena. A cada hora que passava, a probabilidade de a fuga ser bem-sucedida aumentava. *Se chegarem a uma aldeia…* O povo do norte nunca renegaria os filhos de Ned Stark, irmãos de Robb. Teriam montarias para apressar sua viagem, e alimentos. Os homens lutariam pela honra de protegê-los. Todo o maldito norte se reuniria em torno deles.

*Os lobos seguiram para jusante, é tudo*. Agarrou-se a essa ideia. *Aquela cadela vermelha irá detectar o local onde saíram da água, e retomaremos seu encalço.*

Mas, quando se juntaram ao grupo de Farlen, bastou um olhar no rosto do mestre dos canis para deixar em cacos todas as esperanças de Theon:

– Esses cães só prestam para uma luta com ursos – ele disse, zangado. – Bem que gostaria de ter um urso.

– Os cães não têm culpa – Farlen ajoelhou-se entre um mastim e a sua preciosa cadela vermelha, com uma mão pousada em cada um dos animais. – A água corrente não guarda cheiros, senhor.

– Os lobos tiveram de sair do córrego *em algum lugar*.

– Com certeza. Para cima ou para baixo. Se continuarmos, encontraremos esse lugar, mas, para que lado?

– Nunca ouvi falar de nenhum lobo que subisse o leito de um córrego ao longo de milhas – Fedor interveio. – Um homem podia fazer isso. Se soubesse que vinham atrás dele, podia fazer isso. Mas um lobo?

Mas Theon não tinha tanta certeza. Aqueles animais não eram como os outros lobos. *Devia ter esfolado as malditas criaturas*.

A história foi a mesma quando se juntaram a Gariss, Murch e Aggar. O caçador recuara sobre seus passos até meio caminho de Winterfell sem encontrar nenhum sinal do lugar onde os Stark pudessem ter se separado dos lobos gigantes. Os cães de Farlen pareciam tão frustrados como seus donos, farejando desoladamente as árvores e as pedras, e mordendo-se irritadamente uns aos outros.

Theon não se atrevia a admitir a derrota.

– Voltaremos ao córrego. Vamos procurar novamente. Dessa vez iremos tão longe quanto for preciso.

– Não conseguiremos encontrá-los – o garoto Frey disse de repente. – Pelo menos enquanto os papa-rãs estiverem com eles. Os homens de lama são traiçoeiros, não lutam como gente decente, escondem-se e usam flechas envenenadas. Nunca se deixam ver, mas eles nos veem. Aqueles que entram nos pântanos em busca deles se perdem, e nunca mais saem. Suas casas se *mexem*, até os castelos como a Atalaia da Água Cinzenta – lançou o olhar vago e nervoso ao verde que os cercava por todos os lados. – Podem estar ali agora mesmo, ouvindo tudo o que dizemos.

Farlen riu para mostrar o que pensava daquela ideia.

– Meus cães cheirariam qualquer coisa que estivesse naqueles arbustos. Cairiam em cima deles antes de você conseguir soltar um peido, rapaz.

– Os papa-rãs não cheiram como homens – Frey insistiu. – Têm um fedor pantanoso, como rãs, árvores e água podre. Cresce musgo debaixo dos braços deles, em vez de pelos, e sobrevivem sem nada para comer além de lama, e respiram a água do pântano.

Theon já se preparava para lhe dizer o que devia fazer com a fábula da ama de leite quando o Meistre Luwin interveio.

– As histórias dizem que os cranogmanos se tornaram próximos dos filhos da floresta nos dias em que os videntes verdes tentaram fazer o martelo das águas cair sobre o Gargalo. Pode ser que possuam conhecimentos secretos.

De repente a floresta pareceu ficar bem mais escura do que estava um momento antes, como se uma nuvem bloqueasse o sol. Uma coisa era ter um garoto bobo cuspindo bobeiras, mas esperava-se que os meistres fossem sábios.

– Os únicos filhos de alguma coisa que me preocupam são Bran e Rickon – Theon respondeu, e ordenou: – De volta ao córrego. Já.

Por um momento não lhe pareceu que fossem obedecer, mas, por fim, o velho hábito prevaleceu. Seguiram-no carrancudos, mas seguiram. O garoto Frey estava muito irrequieto como os coelhos que tinha espantado de manhã. Theon colocou homens em ambas as margens e seguiu a

corrente. Cavalgaram ao longo de milhas, lenta e cuidadosamente, desmontando para levar os cavalos por terreno traiçoeiro, deixando que os cães bons de faro buscassem em cada arbusto. Onde uma árvore caída represava a corrente, os caçadores eram forçados a rodear uma lagoa profunda e verde, mas se os lobos gigantes tinham feito o mesmo, não deixaram nem pegadas nem rastros. Parecia que os animais tinham ganhado o gosto por nadar. *Quando pegá-los, terão toda a natação que conseguirem aguentar. Vou dar os dois ao Deus Afogado.*

Quando a floresta começou a escurecer, Theon Greyjoy soube que fora derrotado. Ou os cranogmanos *realmente* conheciam a magia dos filhos da floresta, ou então Osha os enganara com um truque qualquer dos selvagens. Obrigou-os a continuar até o crepúsculo, mas, quando a última luz se desvaneceu, Joseth finalmente ganhou coragem para dizer:

– Isso é inútil, senhor. Vamos aleijar um cavalo ou quebrar uma perna.

– Joseth tem razão – Meistre Luwin concordou. – Atravessar a floresta tateando à luz das tochas não nos trará nenhum proveito.

Theon sentia o gosto da bílis no fundo da garganta, e o estômago era um ninho de cobras que se entrelaçavam e mordiam umas às outras. Caso se arrastasse de volta a Winterfell de mãos vazias, o melhor que faria era, daí em diante, passar a se vestir de retalhos e usar um chapéu com pontas; o norte inteiro iria reconhecê-lo como um bobo. *E quando meu pai souber, e Asha…*

– Senhor príncipe – Fedor fez o cavalo se aproximar. – Pode ser que os Stark não tenham vindo por aqui. Se eu fosse eles, iria pra norte e pra leste, talvez. Pros Umber. São bons homens dos Stark. Mas as terras deles ficam longe. Os garotos vão se abrigar em algum lugar mais perto. Talvez eu saiba onde.

Theon olhou-o com suspeita.

– Diga.

– Conhece aquele velho moinho isolado no Água de Bolotas? Paramos lá quando eu tava sendo levado preso pra Winterfell. A mulher do moleiro vendeu forragem pros cavalos, enquanto aquele velho cavaleiro

cacarejava com os fedelhos dela. Pode ser que os Stark estejam escondidos lá.

Theon conhecia o moinho. Até se enrolara com a mulher do moleiro uma vez ou duas. Nada havia de especial no moinho ou nela.

– Por que lá? Há uma dúzia de aldeias e castros a mesma distância.

Divertimento brilhou naqueles olhos claros.

– Por quê? Ora, isso não sei. Mas eles tão lá, tenho um pressentimento.

Estava ficando farto das respostas dissimuladas do homem. *Seus lábios parecem dois vermes fodendo.*

– O que você está dizendo? Se me escondeu alguma coisa que sabia…

– Senhor príncipe? – Fedor desmontou, e fez sinal a Theon para imitá-lo. Quando ficaram ambos apeados, abriu o saco de pano que trouxera de Winterfell. – Olhe aqui.

Estava ficando difícil enxergar. Theon enfiou impacientemente a mão no saco, apalpando peles suaves e lã áspera. Uma ponta afiada furou sua pele, e seus dedos fecharam-se em torno de algo frio e duro. Tirou do saco um broche em forma de cabeça de lobo, de prata e azeviche. O entendimento veio na hora. Sua mão fechou-se num punho.

– Gelmarr – disse, perguntando-se em quem poderia confiar. *Em nenhum deles*. – Aggar, Rednose. Conosco. O resto de vocês pode retornar a Winterfell com os cães. Não vou precisar mais deles. Agora sei onde se escondem Bran e Rickon.

– Príncipe Theon – rogou Meistre Luwin –, vai se lembrar de sua promessa? Falou de misericórdia.

– A misericórdia era para hoje de manhã – Theon respondeu. *É melhor ser temido do que motivo de troça*. – Antes de terem me irritado.

# Jon

Conseguiam ver a fogueira na noite, cintilando contra o flanco da montanha como uma estrela caída. Ardia mais vermelha do que as outras estrelas, e não tremeluzia, embora às vezes seu brilho se intensificasse, e outras, se reduzisse a não mais do que uma centelha distante, tênue e pouco luminosa.

*Oitocentos metros para a frente e seiscentos para cima*, calculou Jon, *e perfeitamente colocada para ver qualquer coisa que se mova no passo abaixo*.

– Vigias no Passo dos Guinchos – disse, com um tom de interrogação, o mais velho do grupo. Na primavera da juventude havia sido escudeiro de um rei, e os irmãos negros ainda o chamavam de Escudeiro Dalbridge. – Pergunto-me o que será que Mance Rayder teme.

– Se ele soubesse que iam acender uma fogueira, teria esfolado os pobres coitados – disse Ebben, um homem calvo e atarracado, musculoso como um saco de pedras.

– O fogo é vida aqui em cima – interveio Qhorin Meia-Mão –, mas também pode ser morte – obedecendo a ordens suas, não arriscaram chamas abertas desde que tinham penetrado nas montanhas. Comiam carne salgada fria, pão duro e queijo ainda mais duro, e dormiam vestidos e aninhados uns aos outros, debaixo de uma pilha de mantos e peles, gratos pelo calor dos companheiros. Aquilo trazia a Jon recordações de noites frias passadas havia muito tempo em Winterfell, quando dividia a cama com os irmãos. Aqueles homens também eram irmãos, embora a cama que partilhassem fosse de pedra e terra.

– Devem ter um berrante – Cobra das Pedras observou.

Meia-Mão respondeu:

– Um berrante que não podem soprar.

– Essa é uma escalada longa e dura para ser feita de noite – Ebben rebateu, enquanto espreitava a centelha distante por uma fenda entre os rochedos que os abrigavam. O céu apresentava-se sem nuvens, com as montanhas escarpadas erguendo-se negras sobre negro até os cumes, onde suas frias coroas de neve e gelo brilhavam palidamente ao luar.

– E uma longa queda – disse Qhorin Meia-Mão. – Dois homens, acho. É provável que estejam dois lá em cima, vigiando por turnos.

– Eu – o patrulheiro que chamavam Cobra das Pedras já mostrara ser o melhor escalador do grupo. Teria de ser ele.

– E eu – Jon Snow se ofereceu.

Qhorin Meia-Mão olhou-o. Jon ouvia os lamentos que o vento soltava ao atravessar oscilante o passo de altitude acima deles. Um dos garranos relinchou e escavou o solo pedregoso da cavidade onde tinham se abrigado.

– O lobo ficará conosco – disse Qhorin. – É demasiado fácil ver pelo branco ao luar – virou-se para Cobra das Pedras: – Quando a coisa estiver feita, atire para baixo um tição ardente. Subiremos quando o virmos cair.

– Não há melhor momento para começar do que agora – Cobra das Pedras respondeu.

Cada um levou um comprido rolo de corda. Cobra das Pedras levava também um saco de espigões de ferro, e um pequeno martelo com a cabeça enrolada em feltro espesso. Deixaram os garranos para trás, com os elmos, a cota de malha e Fantasma. Jon ajoelhou-se e deixou que o lobo gigante encostasse o focinho em seu rosto antes de se porem a caminho.

– Fica – ele ordenou. – Eu venho te buscar.

Cobra das Pedras foi na dianteira. Era um homem baixo e nervoso, com quase cinquenta anos e de barba grisalha, mais forte do que parecia, e tinha os melhores olhos noturnos que Jon já vira. Naquela noite iria precisar deles. De dia, as montanhas eram azul-acinzentadas, pintadas de geada, mas assim que o sol desaparecia atrás dos picos irregulares

tornavam-se negras. Agora, a lua nascente iluminara-as de branco e prata.

Os irmãos negros moviam-se através de sombras negras por entre rochedos negros, abrindo caminho por uma trilha íngreme e sinuosa, enquanto seus hálitos se congelavam no ar negro. Jon sentia-se quase nu sem a cota de malha, mas não tinha saudades de seu peso. Aquele era um percurso duro e lento. Apressar-se ali era arriscar um tornozelo quebrado ou coisa pior. Cobra das Pedras parecia saber onde pôr os pés como que por instinto, mas Jon precisava ser mais cuidadoso no terreno rachado e irregular.

Passo dos Guinchos era na verdade uma série de passos, um longo caminho sinuoso que subia em volta de uma sucessão de picos gelados esculpidos pelo vento, e descia por vales escondidos que raramente viam o sol. Fora seu companheiro, Jon não tinha vislumbrado uma alma viva desde que deixaram a floresta para trás e começaram a subir. As Presas de Gelo eram mais cruéis que qualquer outro lugar criado pelos deuses, e igualmente inimigas do homem. Ali em cima, o vento cortava como uma faca, e gritava estridentemente na noite como uma mãe chorando pelos filhos assassinados. As poucas árvores que se viam ali eram coisas atrofiadas e grotescas que nasciam, nas laterais de fendas e fissuras. Saliências de rocha debruçavam-se frequentemente sobre a trilha, debruadas com pingentes de gelo, que a distância se assemelhavam a longos dentes brancos.

Mas, mesmo assim, Jon Snow não se arrependia de ter vindo. Ali também havia maravilhas. Tinha visto a luz do sol refletida em quedas d'água estreitas e geladas que mergulhavam sobre as bordas de bruscos penhascos de pedra, e um prado de montanha cheio de flores silvestres de Outono, frentes frias azuis, brilhantes gelardentes escarlates e maciços de capim-dos-flautistas, castanho-avermelhados e dourados. Olhara para ravinas tão profundas e negras, parecendo-lhe seguro que terminariam num inferno qualquer, e atravessara, montado no garrano, uma ponte de pedra natural, corroída pelo vento, sem nada a não ser céu de um lado e do outro. Águias faziam ninhos nas alturas e desciam para caçar nos

vales, voando sem esforço, aos círculos, apoiadas em grandes asas azul-acinzentadas que pareciam quase fazer parte do céu. Certo dia viu, inclusive, um gato-das-sombras perseguindo um carneiro, fluindo pela vertente da montanha como fumaça líquida até ficar pronto para saltar sobre a presa.

*Agora é a nossa vez de saltar sobre a presa*. Gostaria de poder se mover de forma tão segura e silenciosa como aquele gato-das-sombras, e matar com igual rapidez. Trazia Garralonga embainhada às costas, mas podia não ter espaço para usá-la, por isso também levava um punhal e uma adaga, para agir mais de perto. *Eles também terão armas, e eu não trago armadura*. Perguntou a si mesmo quem se revelaria o gato-das-sombras no final da noite, e quem faria as vezes de carneiro.

Durante um longo percurso mantiveram-se na trilha, seguindo suas curvas e contracurvas enquanto serpenteava ao longo do flanco da montanha para cima, sempre para cima. Às vezes, a montanha dobrava-se sobre si mesma, fazendo-os perder a fogueira de vista, mas, mais cedo ou mais tarde, ela reaparecia, sempre. O caminho que Cobra das Pedras escolhera nunca teria servido para os cavalos. Em certos locais, Jon tinha de encostar as costas na pedra fria e avançar de lado como um caranguejo, centímetro por centímetro. A trilha era traiçoeira mesmo onde se alargava; havia fendas suficientemente grandes para engolir a perna de um homem, pedras soltas em que tropeçar, depressões onde a água se acumulava durante o dia e congelava à noite. *Um passo e depois outro*, disse Jon a si mesmo. *Um passo e depois outro, e não cairei*.

Não tinha se barbeado desde que abandonara o Punho dos Primeiros Homens, e os pelos que tinha sobre o lábio ficaram rapidamente rígidos por causa do gelo. Com duas horas de subida, o vento enfureceu-se de tal maneira que tudo o que pôde fazer foi se agachar e agarrar-se à rocha, rezando para não ser arrancado da montanha. *Um passo e depois outro*, recomeçou quando a ventania abrandou. *Um passo e depois outro, e não cairei*.

Em pouco tempo estavam a uma altitude tão grande que era melhor não pensar em olhar para baixo. Nada havia abaixo a não ser um negrume

escancarado; nada havia acima além da lua e das estrelas.

– A montanha é a sua mãe – tinha-lhe dito Cobra das Pedras durante uma subida mais fácil alguns dias antes. – Agarre-se a ela, encoste seu rosto nos peitos dela, e ela não o deixa cair – Jon brincara com aquilo, dizendo-lhe como sempre se perguntara quem seria sua mãe, mas que nunca tinha pensado encontrá-la nas Presas de Gelo. Agora não parecia tão divertido, longe disso. *Um passo e depois outro*, pensou, agarrando-se bem.

A trilha estreita terminou abruptamente no local onde uma enorme saliência de granito negro se projetava do flanco da montanha. Depois do brilho do luar, sua sombra era tão negra que parecia terem entrado numa caverna.

– A partir daqui é para cima – disse o patrulheiro em voz baixa. – Queremos atingir uma posição acima da deles – descalçou as luvas, enfiou-as no cinto, amarrou uma extremidade da corda na cintura e a outra em volta de Jon. – Siga-me quando a corda esticar – o patrulheiro não esperou resposta e seguiu caminho imediatamente, escalando com os dedos e os pés, mais depressa do que Jon acreditaria ser possível.

A longa corda desenrolou-se lentamente. Jon observou-o bem, tomando nota do modo como subia e dos locais onde encontrava apoio para as mãos, e quando a última volta de cânhamo se desenrolou, tirou também as luvas e o seguiu, muito mais devagar.

Cobra das Pedras tinha passado a corda em volta do espigão liso da rocha em que esperava, mas assim que Jon chegou junto dele, soltou-a e prosseguiu a escalada. Dessa vez, não havia nenhuma fenda conveniente no local que o fim da corda atingiu, por isso puxou o martelo com cabeça envolta em feltro e espetou profundamente um espigão em uma fenda da rocha com uma série de batidas suaves. Apesar de suaves, os sons ecoaram tão ruidosamente nas rochas que Jon estremeceu a cada martelada, certo de que os selvagens os ouviriam também. Quando o espigão ficou bem preso, Cobra das Pedras nele prendeu a corda, e Jon seguiu caminho. *Chupe o peito da montanha*, lembrou a si mesmo. *Não olhe para baixo. Mantenha o peso acima dos pés. Não olhe para baixo.*

*Olhe para a rocha à sua frente. Há um bom apoio para as mãos, sim. Não olhe para baixo. Posso recuperar o fôlego ali naquela saliência, tudo o que tenho a fazer é chegar lá. Nunca olhar para baixo*.

Uma vez seu pé escorregou quando transferia o peso para ele, e seu coração parou de bater, mas os deuses foram bondosos e não caiu. Conseguia sentir nos dedos a exsudação fria da rocha, mas não se atrevia a calçar as luvas; elas podiam escorregar, por mais apertadas que parecessem, com o tecido e o pelo deslocando-se entre a pele e a pedra, e lá em cima isso podia matá-lo. Sentia sua mão queimada perdendo a flexibilidade, e em pouco tempo ela começou a doer. Então, feriu o polegar, sem saber como, e depois disso deixou manchas de sangue onde quer que apoiasse a mão. Esperava ainda ter todos os dedos quando a escalada chegasse ao fim.

Os dois continuaram a subir, a subir e a subir, sombras negras que rastejavam pela parede de rocha iluminada pelo luar. Qualquer pessoa que estivesse lá embaixo no passo poderia vê-los com facilidade, mas a montanha os escondia da vista dos selvagens junto à fogueira. No entanto, agora estavam perto deles. Jon conseguia sentir. Mesmo assim, não pensou nos inimigos que o esperavam, sem consciência de nada, a não ser do irmão que tinha em Winterfell. *Bran adorava escalar. Gostaria de ter um décimo da coragem dele*.

A vertente era cortada a dois terços do caminho para cima por uma fissura curva de pedra gelada. Cobra das Pedras estendeu-lhe uma mão para ajudá-lo a subir. Tinha voltado a calçar as luvas, e Jon o imitou. O patrulheiro fez um sinal com a cabeça para a esquerda, e os dois rastejaram pela saliência ao longo de duzentos e cinquenta metros, ou mais, até conseguirem ver o apagado clarão cor de laranja para lá da borda do penhasco.

Os selvagens tinham acendido sua fogueira numa depressão pouco profunda que ficava por cima da parte mais estreita do passo, com uma queda livre em frente e rocha atrás para protegê-los da maior força do vento. Esse mesmo quebra-vento permitiu aos irmãos negros rastejar até

poucos metros deles, arrastando-se, até ver logo abaixo os homens que tinham de matar.

Um deles dormia, bem enrolado e enterrado sob um grande monte de peles. Jon não conseguia ver nada do homem, a não ser o cabelo, vermelho-vivo à luz da fogueira. O segundo estava sentado junto das chamas, alimentando-as com raminhos e galhos maiores, queixando-se do vento num tom lamuriento. O terceiro observava o passo, embora pouco houvesse para ver, só uma vasta bacia de trevas, rodeada pelas bordas nevadas das montanhas. Era este, o vigia, quem tinha o berrante.

*Três*. Por um momento, Jon ficou sem saber o que fazer. *Só devia haver dois*. Mas um deles dormia. Mas, quer houvesse dois, três ou vinte, ainda assim tinha de fazer o que viera fazer. Cobra das Pedras tocou em seu braço, apontando para o selvagem que tinha o berrante. Jon indicou com a cabeça aquele que se encontrava junto ao fogo. Sentiu-se estranho ao escolher um homem para matar. Metade dos dias de sua vida tinha sido passada com espadas e escudos, era treinando para aquele momento. *Teria Robb se sentido assim antes de sua primeira batalha?*, perguntou a si mesmo, mas não houve tempo para refletir sobre essa questão. Cobra das Pedras moveu-se tão depressa como o animal que lhe tinha dado o apelido, saltando sobre os selvagens numa chuva de pedrinhas. Jon desembainhou Garralonga e o seguiu.

Tudo pareceu acontecer num instante. Mais tarde, Jon admirou a coragem do selvagem, que antes estendeu a mão para o berrante de guerra do que para a lâmina. Conseguiu levá-lo aos lábios, mas, antes que pudesse soprar, Cobra das Pedras jogou o berrante para longe com um golpe de espada. O homem escolhido por Jon ficou em pé com um salto, arremessando um tição ardente em seu rosto. Conseguiu sentir o calor das chamas ao recuar, vacilante. Pelo canto do olho viu aquele que dormia se agitando, e compreendeu que tinha de acabar depressa com seu escolhido. Quando o tição voltou a ser agitado, investiu contra ele, brandindo a espada bastarda com ambas as mãos. O aço valiriano abriu caminho através de couro, peles, lã e carne, mas quando o selvagem caiu, contorceu-se, arrancando a espada das mãos de Jon. No chão, aquele que

dormia sentou-se debaixo das peles. Jon desembainhou a adaga, agarrando-o pelo cabelo e empurrando a ponta da sua faca até debaixo de seu queixo no momento em que ele… não, *ela*…

A mão de Jon congelou no meio do movimento.

– Uma garota.

– Uma vigia – disse Cobra das Pedras. – Uma selvagem. Acabe com ela.

Jon via o medo e o fogo nos olhos dela. Corria sangue por sua garganta branca, vindo do lugar onde a ponta da adaga perfurara sua pele. *Um golpe, e acabou*, disse a si mesmo. Estava tão próximo, que conseguia sentir o cheiro de cebola no hálito dela. *Não é mais velha do que eu*. Algo na garota fez Jon pensar em Arya, embora não se parecessem em nada.

– Rende-se? – perguntou, dando à adaga uma meia-volta. *E se não se render?*

– Rendo-me – as palavras dela fumegaram no ar frio.

– Então é nossa prisioneira – Jon afastou a adaga da pele suave da sua garganta.

– Qhorin não disse nada sobre capturar prisioneiros – Cobra das Pedras retrucou.

– Não disse para não fazermos – Jon largou o cabelo da garota, e ela recuou, afastando-se deles.

– É uma guerreira – Cobra das Pedras indicou com um gesto o machado de cabo longo que estava ao lado das peles de dormir dela. – Estava estendendo a mão para aquilo quando a agarrou. Dê meia oportunidade, e ela o enterra entre seus olhos.

– Não lhe darei meia oportunidade – Jon chutou o machado para bem longe do alcance dela. – Tem um nome?

– Ygritte – passou uma mão pela garganta, retirou-a ensanguentada, e ficou olhando aquela umidade.

Embainhando a adaga, Jon libertou Garralonga do cadáver do homem que matara.

– É minha prisioneira, Ygritte.

– Dei-lhe o meu nome.

– Sou Jon Snow.

Ela estremeceu:

– Um nome maligno.

– Um nome de bastardo. Meu pai era Lorde Eddard Stark, de Winterfell.

A moça olhou para ele desconfiada, mas Cobra das Pedras soltou uma pequena gargalhada mordaz.

– É o prisioneiro quem tem de contar coisas, lembra? – o patrulheiro espetou um galho longo na fogueira. – Não que ela conte. Sei de selvagens que cuspiram a própria língua para não responder a perguntas – quando a extremidade do galho estava ardendo forte, ele deu dois passos e o atirou sobre o passo. O galho iluminado caiu rodopiando através da noite, até ficar fora de vista.

– Devia queimar esses que matou – Ygritte falou.

– Precisaria de uma fogueira maior para isso, e as fogueiras grandes ardem e fazem luzes brilhantes – Cobra das Pedras virou-se, perscrutando com os olhos a vastidão escura em busca de qualquer centelha de luz. – Há mais selvagens aqui perto, é isso?

– Queime-os – a garota repetiu teimosamente –, senão pode ser que volte a precisar dessas espadas.

Jon lembrou-se de Othor morto e de suas mãos frias e negras.

– Talvez devêssemos fazer o que ela diz.

– Há outras maneiras – Cobra das Pedras ajoelhou junto ao homem que tinha matado, tirou seu manto, as botas, o cinto e a túnica, depois içou o corpo sobre o ombro magro e o levou para a borda do penhasco. Soltou um grunhido ao arremessá-lo. Um momento mais tarde, ouviram uma pancada úmida e pesada muito abaixo. Nesse momento o patrulheiro já tinha despido o segundo cadáver e arrastava-o pelos braços. Jon pegou os pés, e juntos atiraram o morto para o negrume da noite.

Ygritte observou-os, e nada disse. Jon percebeu que a moça era mais velha do que tinha imaginado a princípio; talvez tivesse vinte anos, mas era baixa para a idade, com pernas arqueadas, cara redonda, mãos pequenas e um nariz achatado. Seu cabelo desgrenhado e vermelho felpudo, espetava-se em todas as direções. Ali acocorada, parecia

gorducha, mas a maior parte daquele volume eram camadas de peles, lã e couro. Debaixo de tudo aquilo, podia ser tão magricela como Arya.

– Mandaram-na para nos vigiar? – Jon perguntou.

– A vocês, e a outros.

Cobra das Pedras aqueceu as mãos sobre a fogueira:

– O que nos espera para lá do passo?

– O povo livre.

– Quantos?

– Centenas e milhares. Mais do que você jamais viu, corvo – ela sorriu. Tinha dentes tortos, mas muito brancos.

*Ela não sabe quantos.*

– Por que motivo vieram para cá?

Ygritte caiu no silêncio.

– O que há nas Presas de Gelo que seu rei possa querer? Não podem ficar aqui, não há comida.

Ela olhou para o outro lado.

– Pretendem marchar sobre a Muralha? Quando?

Ela fitou as chamas como se não o ouvisse.

– Sabe alguma coisa sobre meu tio, Benjen Stark?

Ygritte o ignorou. Cobra das Pedras soltou uma gargalhada.

– Se ela cuspir a língua, não diga que não avisei.

Um rugido grave e ressoante ecoou, vindo das rochas. *Gato-das-sombras*, Jon soube de imediato. Ao se levantar ouviu outro, mais próximo. Puxou a espada e virou-se, à escuta.

– Eles não vão nos incomodar – Ygritte disse. – Foi pelos mortos que vieram. Os gatos conseguem cheirar sangue a seis milhas de distância. Vão ficar perto dos corpos até terem comido o último bocado fibroso de carne e quebrado os ossos pra chegar ao tutano.

Jon conseguia ouvir os sons que as feras faziam ao se alimentar ecoando nas rochas. Deu-lhe uma sensação incômoda. O calor do fogo o fez perceber como estava cansado até os ossos, mas não se atrevia a dormir. Tinha capturado uma prisioneira, e cabia-lhe guardá-la.

– Eram seus parentes? Os dois que matamos?

– Não mais do que você.
– Eu? – Jon franziu o cenho. – O que quer dizer?
– Disse que era o Bastardo de Winterfell.
– Sou.
– Quem era a sua mãe?
– Uma mulher qualquer. É o que a maioria delas é – alguém lhe tinha dito aquilo um dia. Não recordava quem.
Ela voltou a sorrir, um relâmpago de dentes brancos.
– E ela nunca lhe cantou a canção da rosa de Inverno?
– Nunca conheci minha mãe. Nem soube de nenhuma canção que se parecesse com isso.
– Foi Bael, o Bardo, que a fez – Ygritte explicou. – Foi Rei-para-lá-da-Muralha há muito tempo. Todo o povo livre conhece as canções dele, mas pode ser que no Sul não as cantem.
– Winterfell não fica no Sul – Jon objetou.
– Fica, sim. Tudo o que há abaixo da Muralha é Sul pra nós.
Nunca tinha pensado naquilo daquela maneira.
– Suponho que tudo dependa do ponto de vista.
– Sim – Ygritte concordou. – Sempre depende.
– Conte-me – pediu Jon. Iriam se passar horas até que Qhorin chegasse, e uma história podia ajudar a mantê-lo acordado. – Quero ouvir esse seu conto.
– Pode ser que não goste muito dele.
– Quero ouvi-lo assim mesmo.
– Corajoso corvo preto – ela caçoou. – Bom, muito antes de ser rei do povo livre, Bael foi um grande corsário.
Cobra das Pedras soltou uma fungadela.
– O que você quer dizer é assassino, ladrão e estuprador.
– Isso também depende do ponto de vista – Ygritte respondeu. – O Stark de Winterfell queria a cabeça de Bael, mas nunca conseguiu apanhá-lo, e o sabor do fracasso humilhava-o. Um dia, na sua amargura, disse que Bael era um covarde que só caía sobre os fracos. Quando essa notícia lhe chegou, Bael jurou dar uma lição ao lorde. Portanto, escalou a

Muralha, desceu a estrada do rei, e entrou a pé em Winterfell, numa noite de Inverno, de harpa na mão, chamando a si mesmo de Sygerrik de Skagos. *Sygerrik* quer dizer "enganador" no Antigo Idioma, que os Primeiros Homens falavam e os gigantes continuam falando. No norte ou no sul, os cantores encontram sempre boas-vindas prontas, e então Bael comeu à mesa do próprio Lorde Stark e tocou para o senhor no seu cadeirão até passar metade da noite. Tocou as velhas canções, e as novas que ele tinha feito; e tocou e cantou tão bem que, quando acabou, o senhor ofereceu-lhe a chance de dizer que recompensa queria. "Tudo o que peço é uma flor," respondeu Bael, "a flor mais bela que desabrocha nos jardins de Winterfell." Ora, acontece que as rosas de Inverno tinham acabado de desabrochar, e não há flor mais rara e preciosa. Por isso o Stark mandou homens aos jardins de vidro e ordenou que a mais bela das rosas de Inverno fosse cortada para pagar o cantor. E assim foi feito. Mas, ao chegar a manhã, o cantor tinha desaparecido… assim como a filha donzela de Lorde Brandon. Acharam sua cama vazia, só com a rosa azul-clara que Bael havia deixado no travesseiro onde ela antes apoiava a cabeça.

Jon nunca tinha ouvido aquela história.

– Qual dos Brandon seria? Brandon, o Construtor, viveu na Idade dos Heróis, milhares de anos antes de Bael. Houve Brandon, o Incendiário, e o pai, Brandon, o Construtor Naval, mas…

– Este era Brandon, o Sem Filha – Ygritte respondeu em tom cortante. – Quer ouvir a história ou não?

Jon franziu a sobrancelha:

– Continue.

– Lorde Brandon não tinha mais filhos. Por ordens suas, os corvos negros voaram às centenas de seus castelos para o norte, mas não conseguiram encontrar sinal de Bael ou da donzela em lugar nenhum. Procuraram durante quase um ano, até que o senhor perdeu ânimo e ficou de cama, e parecia que a linhagem dos Stark estava no fim. Mas, uma noite, deitado e desejando morrer, Lorde Brandon ouviu o choro de uma

criança. Seguiu o som e encontrou a filha de volta ao seu quarto, dormindo com um bebê no colo.

– Bael a tinha trazido de volta?

– Não. Tinham estado o tempo todo em Winterfell, escondidos com os mortos por baixo do castelo. A canção diz que a donzela amou tanto Bael que lhe deu à luz um filho… Se bem, que na verdade, todas as donzelas amam Bael nas canções que escreveu. Seja como for, o que é certo é que Bael deixou a criança como pagamento da rosa que tinha cortado sem pedir licença. E o garoto cresceu e se transformou no Lorde Stark seguinte. Portanto, aí está… Você tem em si o sangue de Bael, assim como eu.

– Isso nunca aconteceu – Jon rebateu.

Ela encolheu os ombros:

– Pode ser que sim, pode ser que não. Mas é uma boa canção. Minha mãe costumava cantá-la para mim. Ela também era uma mulher, Jon Snow. Como a sua – esfregou a garganta onde a adaga dele a cortara. – A canção acaba quando encontram o bebê, mas há um fim mais sombrio para a história. Trinta anos depois, quando Bael era Rei-para-lá-da-Muralha e levou o povo livre para o sul, foi o jovem Lorde Stark que o enfrentou no Vau Gelado… E o matou, porque Bael não quis fazer mal ao seu próprio filho quando se encontraram de espada na mão.

– Então, em vez disso, o filho matou o pai – Jon concluiu.

– Sim, mas os deuses odeiam quem mata parentes, mesmo quando os matam sem saber. Quando Lorde Stark voltou da batalha e a mãe viu a cabeça de Bael na ponta de sua lança, atirou-se de uma torre por desgosto. O filho não sobreviveu muito tempo depois. Um dos senhores dele arrancou sua pele e a usou como manto.

– O seu Bael era um mentiroso – disse-lhe Jon, agora com certeza.

– Não – Ygritte respondeu –, mas a verdade de um bardo é diferente da sua ou da minha. Seja como for, pediu a história, e eu a contei – deu-lhe as costas, fechou os olhos e pareceu adormecer.

A alvorada e Qhorin Meia-Mão chegaram juntos. As pedras negras tinham se tornado cinzentas e o céu oriental havia tomado um tom de

índigo quando Cobra das Pedras vislumbrou os patrulheiros mais abaixo, abrindo um caminho sinuoso para cima. Jon acordou a prisioneira e a segurou pelo braço enquanto desciam para ir até eles. Felizmente, havia outro caminho para sair da montanha pelo norte e oeste, ao longo de trilhas muito mais suaves do que aquela que os levara até ali. Esperavam num desfiladeiro estreito quando os irmãos surgiram, levando os garranos junto. Fantasma correu para a frente ao sentir o primeiro odor dos três. Jon acocorou-se para deixar o lobo gigante fechar as mandíbulas em volta do pulso, puxando a mão para trás e para a frente, uma brincadeira deles. Mas, quando Fantasma olhou para cima, viu Ygritte olhando-o com olhos tão abertos e brancos como ovos de galinha.

Qhorin Meia-Mão não fez comentários quando viu a prisioneira.

– Havia três – disse-lhe Cobra das Pedras, e nada mais.

– Passamos por dois – Ebben contou –, ou por aquilo que os gatos deixaram – deu um olhar azedo à moça, com uma evidente suspeita no rosto.

– Ela se rendeu – Jon sentiu-se compelido a dizer.

O rosto de Qhorin estava impassível.

– Sabe quem eu sou?

– Qhorin Meia-Mão – a garota ao seu lado parecia uma criança, mas encarou-o ousadamente.

– Diga-me a verdade. Se eu caísse nas mãos de sua gente e me rendesse, o que é que ganharia com isso?

– Uma morte mais lenta.

O grande patrulheiro olhou para Jon.

– Não temos comida para lhe dar, nem podemos dispensar um homem para vigiá-la.

– O caminho que temos adiante é perigoso, moça – disse o Escudeiro Dalbridge. – Um grito quando precisarmos de silêncio, e cada um de nós está condenado.

Ebben puxou o punhal.

– Um beijo de aço vai mantê-la quieta.

Jon sentia a garganta áspera. Olhou-os, impotente.

– Ela se rendeu a mim.

– Então, tem de fazer o que deve ser feito – disse Qhorin Meia-Mão. – Pertence ao sangue de Winterfell, e é um homem da Patrulha da Noite – olhou para os outros. – Venham, irmãos. Vamos deixá-lo tratar disso. Será mais fácil para ele se não ficarmos vendo – e os levou pela trilha serpenteante e íngreme, na direção do pálido clarão cor-de-rosa do sol, onde este irrompia por uma fissura na montanha. Não se passou muito tempo até que Jon e Fantasma ficassem sozinhos com a moça selvagem.

Pensou que Ygritte pudesse tentar fugir, mas ela se limitou a permanecer ali, à espera, olhando-o.

– Nunca matou uma mulher, não é? – quando ele sacudiu a cabeça, ela disse: – Morremos da mesma maneira que os homens. Mas não tem de fazer isso. Mance o acolheria, eu sei que sim. Há caminhos secretos. Aqueles corvos nunca nos pegariam.

– Eu sou tanto um corvo como eles – Jon respondeu.

Ela anuiu com a cabeça, resignada:

– Quem é que me queima depois?

– Não posso. A fumaça pode ser vista.

– É verdade – Ygritte encolheu os ombros. – Bom, há lugares piores do que a barriga de um gato-das-sombras.

Jon puxou Garralonga por cima de um ombro:

– Não tem medo?

– Na noite passada tive – ela admitiu. – Mas agora o sol está no céu. – puxou o cabelo para o lado, a fim de descobrir o pescoço, e se ajoelhou na frente de Jon. – Dê um golpe bom e forte, corvo, senão, volto para assombrá-lo.

Garralonga não era uma espada tão longa ou pesada como a Gelo do pai, mas era, mesmo assim, de aço valiriano. Tocou o gume da espada para marcar o local onde o golpe tinha de cair, e Ygritte estremeceu.

– Isso é frio – ela disse. – Vai logo, de uma vez.

Ergueu Garralonga por sobre a cabeça, apertando bem o punho com ambas as mãos. *Um golpe, com todo meu peso posto nele*. Pelo menos

podia lhe dar uma morte rápida e limpa. Era filho de seu pai. Não era? Não era?

– Vai logo – ela o incitou, passado um momento. – Bastardo. *Vai logo*. Não posso ficar corajosa para sempre – quando o golpe não caiu, ela virou a cabeça e olhou para ele.

Jon abaixou a espada, e murmurou:.

– Vá.

Ygritte o fitou.

– *Já* – ele insistiu. – Antes que eu recupere o juízo. *Vá*.

Ela foi.

# Sansa

O céu meridional estava negro de fumaça. Erguia-se, rodopiando, de uma centena de incêndios distantes, fazendo as estrelas desaparecerem com seus dedos de fuligem. Do outro lado da Torrente da Água Negra, uma linha de chamas ardia à noite, de horizonte a horizonte, enquanto, deste lado, o Duende havia incendiado toda a zona ribeirinha: docas e armazéns, casas e bordéis, tudo o que estivesse fora das muralhas da cidade.

Mesmo na Fortaleza Vermelha o ar tinha gosto de cinzas. Quando Sansa se encontrou com Sor Dontos no sossego do Bosque Sagrado, ele perguntou se ela estivera chorando.

– É só da fumaça – Sansa mentiu. – Parece que metade da mata do rei está ardendo.

– Lorde Stannis quer obrigar os selvagens do Duende a sair da floresta com fumaça – Dontos oscilava enquanto falava, com uma mão no tronco de um castanheiro. Uma marca de vinho manchava o quadriculado vermelho e amarelo de sua túnica. – Matam seus batedores e atacam a coluna dos abastecimentos. E os selvagens também têm andado incendiando. O Duende disse à rainha que era melhor Stannis ensinar seus cavalos a comer cinzas, porque não iriam encontrar grama nenhuma. Eu o ouvi dizer isso. Como bobo, ouço todos os tipos de coisa que nunca ouvi quando era um cavaleiro. Eles falam como se eu não estivesse lá, e – aproximou-se, soprando o hálito avinhado bem em cheio no rosto dela – a Aranha paga em ouro por qualquer bagatela. Acho que o Rapaz Lua é dele há anos.

*Está bêbado outra vez. Chama a si mesmo de meu pobre Florian, e é o que é. Mas nada mais tenho*.

– É verdade que Lorde Stannis incendiou o bosque sagrado em Ponta Tempestade?

Dontos confirmou com a cabeça:

– Fez uma grande pira com as árvores como oferenda ao seu novo deus. A sacerdotisa vermelha o obrigou a fazer isso. Dizem que agora é ela quem o governa, no corpo e na alma. Jurou queimar também o Grande Septo de Baelor se tomar a cidade.

– Que queime – quando Sansa tinha visto pela primeira vez o Grande Septo, com suas paredes de mármore e as sete torres de cristal, pensou que era o mais belo edifício do mundo, mas isso tinha sido antes de Joffrey decapitar seu pai em seus degraus. – Quero-o queimado.

– Silêncio, menina, os deuses vão ouvi-la.

– Por que hão de ouvir? Nunca ouvem minhas preces.

– Ouvem, sim. Mandaram-me até você, não mandaram?

Sansa pegou um pedaço de casca de uma árvore. Sentia-se tonta, quase febril.

– Enviaram-no, mas o que fez? Prometeu me levar para casa, mas continuo aqui.

Dontos deu palmadinhas em seu braço.

– Falei com um certo homem que conheço, um bom amigo meu… e seu, senhora. Ele vai contratar um navio rápido para nos levar para um local seguro na hora certa.

– A hora certa é agora – Sansa insistiu. – Antes que a luta comece. Eles esqueceram de mim. Eu sei que conseguiríamos escapar se tentássemos.

– Menina, menina – Dontos sacudiu a cabeça. – Do castelo, sim, poderíamos, mas os portões da cidade estão mais guardados do que nunca, e o Duende até o rio fechou.

Era verdade. Sansa nunca tinha visto a Torrente da Água Negra tão vazia. Todos os barcos que faziam a travessia tinham sido recolhidos à margem norte, e as galés mercantes, fugido ou sido confiscadas pelo Duende para serem preparadas para a batalha. Os únicos navios que estavam à vista eram as galés de guerra do rei. Remavam

incessantemente para baixo e para cima no meio do rio, trocando nuvens de flechas com os arqueiros de Stannis na margem sul.

Lorde Stannis propriamente dito ainda estava em movimento, mas sua vanguarda surgira havia duas noites durante a lua negra. Porto Real tinha acordado para uma paisagem cheia de suas tendas e estandartes. Sansa ouvira dizer que eram cinco mil homens, quase tantos quanto todos os mantos dourados da cidade. Hasteavam as maçãs verde ou vermelha da Casa Fossoway, a tartaruga de Estermont, e a raposa e flores de Florent, e seu comandante era Sor Guyard Morrigen, um famoso cavaleiro do sul que os homens agora chamavam de Guyard, o Verde. Seu estandarte exibia um corvo em voo, com as asas negras bem abertas contra um céu verde-tempestade. Mas eram as bandeiras amarelo-claras que preocupavam a cidade. Longas caudas esfarrapadas flutuavam atrás delas, como chamas tremeluzentes, e em vez do símbolo de um senhor, ostentavam o de um deus: o coração ardente do Senhor da Luz.

– Quando Stannis chegar, terá dez vezes mais homens do que Joffrey, todos dizem isso – Dontos apertou seu ombro. – O tamanho de sua tropa não importa, querida, desde que esteja do lado errado do rio. Stannis não pode atravessar sem navios.

– Ele *tem* navios. Mais do que Joffrey.

– É uma longa viagem desde Ponta Tempestade, a frota terá de dobrar o Gancho de Massey, atravessar a Goela e cruzar a Baía da Água Negra. Talvez os bons deuses enviem uma tempestade para varrê-los dos mares – ele deu um sorriso esperançoso. – Não é fácil, eu sei. Precisa ter paciência, menina. Quando meu amigo voltar à cidade, teremos o seu navio. Tenha fé no seu Florian, e tente não ter medo.

Sansa cravou as unhas na palma da mão. Conseguia sentir o medo na barriga, torcendo e apertando, pior a cada dia que passava. Pesadelos sobre o dia em que a Princesa Myrcella tinha embarcado ainda perturbavam seu sono; sonhos escuros e sufocantes que a acordavam no meio da noite, lutando para respirar. Ouvia as pessoas gritando com ela, gritando sem palavras, como animais. Tinham-na empurrado, atirado dejetos nela, e tentado derrubá-la do cavalo, e teriam feito coisas piores

se Cão de Caça não tivesse aberto caminho até junto dela. Tinham despedaçado o Alto Septão e esmagado a cabeça de Sor Aron com uma pedra. *Tente não ter medo!*, ele lhe dizia agora.

A cidade inteira tinha medo. Sansa podia vê-lo das muralhas do castelo. As pessoas comuns se escondiam atrás de venezianas fechadas e portas trancadas, como se isso as mantivesse a salvo. Da última vez que Porto Real caíra, os Lannister tinham saqueado e violado as mulheres a seu bel-prazer, e tinham passado centenas na espada, apesar de a cidade ter aberto os portões. Daquela vez, o Duende pretendia lutar, e uma cidade que lutava não podia esperar qualquer tipo de misericórdia.

Dontos continuava a tagarelar:

– Se eu ainda fosse um cavaleiro, teria de vestir uma armadura e juntar-me aos outros na guarnição das muralhas. Devia beijar os pés do Rei Joffrey e agradecer-lhe de todo o coração.

– Se lhe agradecesse por ter feito de você um bobo, o transformaria de novo em cavaleiro – Sansa disse em tom ríspido.

Dontos soltou um risinho:

– A minha Jonquil é uma menina inteligente, não é?

– Joffrey e a mãe dizem que sou burra.

– Que digam. Está mais segura assim, doçura. Rainha Cersei, Duende, Lorde Varys e gente assim, todos se vigiam uns aos outros com uma atenção de falcões, e pagam a este e àquele para espiar o que os outros andam fazendo, mas ninguém se incomoda com a filha da Senhora Tanda, não é? – Dontos cobriu a boca para abafar um arroto. – Que os deuses a protejam, minha pequena Jonquil – estava ficando lacrimoso. O vinho tinha esse efeito nele. – Dê agora um beijinho no seu Florian. Um beijo para dar sorte – ele cambaleou na direção dela.

Sansa esquivou-se de seus lábios úmidos, deu-lhe um leve beijo no rosto por barbear, e desejou-lhe boa noite. Precisou de todas as suas forças para não chorar. Andava chorando em excesso nos últimos tempos. Era impróprio, bem sabia, mas não parecia ser capaz de evitar; às vezes, as lágrimas chegavam por causa de uma besteira, e nada do que fizesse era capaz de retê-las.

A ponte levadiça que levava à Fortaleza de Maegor não tinha guardas. O Duende havia transferido a maior parte dos homens de manto dourado para as muralhas da cidade, e os cavaleiros brancos da Guarda Real tinham deveres mais importantes do que ficar se preocupando com ela. Sansa podia ir aonde quisesse, desde que não tentasse sair do castelo, mas não havia lugar algum aonde quisesse ir.

Passou por cima do fosso seco com seus cruéis espigões de ferro e subiu a estreita escada em caracol, mas quando chegou à porta de seu quarto, não suportou a ideia de entrar. Aquelas paredes faziam-na se sentir aprisionada; mesmo com a janela escancarada parecia não haver ar para respirar.

Voltando para a escada, Sansa subiu. A fumaça escondia as estrelas e o fino crescente da lua, e assim o telhado encontrava-se escuro e pesado de sombras. Mas dali podia ver tudo: as altas torres e os grandes baluartes da Fortaleza Vermelha; o labirinto das ruas da cidade mais além; para sul e oeste corria o rio, negro; a baía para leste; as colunas de fumaça e fagulhas e incêndios. Incêndios por toda parte. Soldados rastejavam sobre as muralhas da cidade como formigas com archotes, e aglomeravam-se em tabiques que tinham brotado das muralhas. Embaixo, junto ao Portão da Lama, delineadas contra a fumaça que ascendia ao céu, conseguia distinguir a forma vaga das três enormes catapultas, as maiores que já se tinha visto, subindo uns bons seis metros acima da muralha. Mas nada daquilo a fazia sentir menos medo. Uma ferroada trespassou-a, tão forte que Sansa soluçou e se agarrou à barriga. Podia ter caído, mas uma sombra moveu-se de repente e dedos fortes agarraram seu braço e a equilibraram.

Apoiou-se em um merlão, com os dedos arranhando a pedra áspera.

– Largue-me – ela gritou. – Largue-me.

– O passarinho pensa que tem asas, é? Ou será que quer acabar aleijada como aquele seu irmão?

Sansa retorceu-se nas mãos dele.

– Eu não ia cair. Foi só… surpreendeu-me, foi só isso.

– O que quer dizer é que a assustei. E ainda assusto.

Ela inspirou profundamente para se acalmar.

– Pensava que estava sozinha, eu… – afastou o olhar.

– O passarinho ainda não suporta olhar para mim, não é? – Cão de Caça a largou. – Mas ficou bastante satisfeita em me ver quando a multidão a agarrou. Lembra-se?

Sansa lembrava-se bem demais. Lembrava-se do modo como uivavam, da sensação do sangue escorrendo por seu rosto do local onde a pedra a atingira, e do fedor de alho no hálito do homem que tentara arrancá-la do cavalo. Ainda conseguia sentir a cruel pressão dos dedos em seu pulso quando tinha perdido o equilíbrio e começado a cair.

Naquela altura, pensou que ia morrer, mas os dedos tinham se contorcido, todos de uma vez só, e o homem guinchara alto como um cavalo. Quando a mão dele caiu, outra, mais forte, puxou-a de volta para a sela. O homem com o bafo de alho estava no chão, com sangue jorrando do coto em que terminava o braço, mas havia outros por toda volta, e alguns tinham tacos na mão. Cão de Caça saltou sobre eles, com a espada transformada numa mancha de aço que deixava para trás uma névoa vermelha à medida que ia sendo brandida. Quando tinham saído correndo diante de seus olhos, Cão de Caça rira, com a terrível cara queimada transformada por um momento.

Obrigou-se agora a olhar para aquele rosto, olhar realmente. Era uma cortesia, e uma senhora nunca podia se esquecer das cortesias. *A pior parte não são as cicatrizes, nem sequer a maneira como a boca se retorce. São os olhos*. Nunca tinha visto olhos tão cheios de ira.

– Eu… eu devia ter ido ter convosco depois – ela disse, hesitantemente. – Para lhe agradecer, por… por me ter salvado… foi tão bravo.

– Bravo? – a gargalhada dele era quase um rosnado. – Um cão não precisa de coragem para botar ratazanas para correr. Eram trinta contra um, e nem um homem entre eles se atreveu a me enfrentar.

Sansa detestava a maneira como ele falava, sempre tão desagradável e zangado.

– Assustar gente o alegra?

– Não, o que me alegra é matar gente – sua boca retorceu-se. – Enrugue a cara quanto quiser, mas poupe-me dessa falsa piedade. É cria de um grande senhor. Não me diga que Lorde Eddard Stark de Winterfell nunca matou um homem.

– Era o seu dever. Nunca gostou de fazê-lo.

– Foi isso que lhe contou? – Clegane voltou a rir. – Seu pai mentiu. Matar é a melhor coisa que existe – puxou a espada. – *Aqui* está a sua verdade. Seu precioso pai descobriu-a nos degraus de Baelor. Senhor de Winterfell, Mão do Rei, Protetor do Norte, o poderoso Eddard Stark, de uma linhagem velha de oito mil anos… Mas a lâmina de Ilyn Payne atravessou seu pescoço mesmo assim, não foi? Lembra-se da dança que ele fez quando a cabeça saiu de cima de seus ombros?

Sansa abraçou-se, subitamente cheia de frio.

– Por que é sempre tão odioso? Eu estava *agradecendo*…

– Como se eu fosse um desses verdadeiros cavaleiros de que gosta tanto, sim. Para que pensa que um cavaleiro *serve*, menina? Acha que basta receber favores das senhoras e ficar bem numa armadura dourada? Os cavaleiros servem para *matar* – encostou o gume da espada no pescoço dela, logo abaixo da orelha. Sansa conseguia sentir o fio do aço. – Matei meu primeiro homem aos doze anos. Perdi a conta dos que matei desde então. Grandes senhores com nomes antigos, homens ricos e gordos vestidos de veludo, cavaleiros inflados com suas honrarias como balões de ar, sim, e também mulheres e crianças… São todos carne, e eu sou o carniceiro. Que fiquem com as suas terras, os seus deuses e o seu ouro. Que fiquem com os seus sores – Sandor Clegane cuspiu aos seus pés para mostrar o que pensava daquilo. – Desde que eu tenha isto – disse, afastando a espada da sua garganta –, não há homem na terra que tenha de temer.

*Exceto seu irmão*, Sansa pensou, mas tinha juízo suficiente para não dizer isso em voz alta. *Ele é um cão, como diz ser. Um cão meio louco e de temperamento ruim que morde qualquer mão que tente lhe fazer um agrado, e que ao mesmo tempo despedaçará qualquer homem que tente fazer mal aos seus donos*.

– Nem sequer os homens que estão do outro lado do rio?

Os olhos de Clegane viraram-se para os incêndios distantes.

– Todas estas chamas... – embainhou a espada. – Só covardes lutam com fogo.

– Lorde Stannis não é nenhum covarde.

– Também não é o homem que o irmão era. Robert nunca deixou que uma coisinha insignificante como um rio o parasse.

– Que irá fazer quando ele atravessar?

– Lutar. Matar. Talvez morrer.

– Não tem medo? Os deuses podem enviá-lo para algum inferno terrível por todo o mal que já fez.

– Que mal? – soltou uma gargalhada. – Que deuses?

– Os deuses que fizeram todos nós.

– Todos? – ele zombou. – Diga-me, passarinho, que tipo de deus faz um monstro como o Duende, ou uma idiota como a filha da Senhora Tanda? Se os deuses existirem, fizeram as ovelhas para que os lobos possam comer carneiro, e os fracos para os fortes brincarem com eles.

– Os verdadeiros cavaleiros protegem os fracos.

Ele fungou:

– Os verdadeiros cavaleiros não são mais reais do que os deuses. Se não pode se proteger por conta própria, morra e saia do caminho daqueles que podem. É o aço afiado e os braços fortes que governam este mundo, e nunca acredite em outra coisa.

Sansa afastou-se dele:

– É horrível.

– Sou honesto. É o mundo que é horrível. Agora voe, passarinho, estou farto de seus trinados.

Sem palavras, Sansa fugiu. Tinha medo de Sandor Clegane… E, no entanto, uma parte de si desejava que Sor Dontos possuísse um pouco da ferocidade do Cão de Caça. *Os deuses existem*, disse a si mesma, *e verdadeiros cavaleiros também. Tantas histórias não podem ser mentira.*

Naquela noite, Sansa voltou a sonhar com o tumulto. A multidão ergueu-se em volta dela, guinchando, um animal enlouquecido com mil

caras. Para onde quer que se virasse, via faces retorcidas em máscaras monstruosas e desumanas. Chorou, e lhes disse que nunca lhes fizera nenhum mal, mas derrubaram-na do cavalo mesmo assim. "Não", chorou, "não, por favor, não, *não*", mas ninguém prestou atenção nela. Gritou por Sor Dontos, pelos irmãos, por seu pai e por sua loba, mortos, pelo galante Sor Loras, que certa vez lhe tinha dado uma rosa vermelha, mas nenhum deles veio. Chamou pelos heróis das canções, Florian, Sor Ryam Redwyne, Príncipe Aemon, Cavaleiro dos Dragões, mas nenhum a ouviu. Mulheres caíram sobre ela como doninhas, beliscando suas pernas e chutando-a na barriga; alguém bateu em seu rosto, e sentiu seus dentes quebrando-se. Então, viu o brilhante clarão do aço. A faca mergulhou em sua barriga e rasgou, e rasgou, e rasgou, até não restar nada da parte de baixo de seu corpo, além de tiras brilhantes e úmidas.

Quando acordou, a luz pálida da manhã entrava pela janela, mas sentia-se tão mal e dolorida como se não tivesse dormido nada. Havia alguma coisa pegajosa em suas coxas. Quando jogou a manta para trás e viu o sangue, tudo o que conseguiu imaginar foi que o sonho tinha de algum modo se transformado em realidade. Lembrava-se das facas dentro dela, torcendo-se e rasgando. Afastou-se, horrorizada, chutando os lençóis e caindo ao chão, sua respiração entrecortada, nua, ensanguentada e com medo.

Mas ali, encolhida, apoiada nas mãos e nos joelhos, a compreensão veio.

– Por favor, não – lamuriou-se Sansa –, por favor, não – não queria que aquilo lhe acontecesse, não agora, não ali, agora não, agora não, agora não, agora não.

A loucura tomou conta dela. Levantando-se apoiada na coluna da cama, foi até a bacia e lavou-se, esfregando toda a matéria pegajosa até desaparecer. Quando terminou, a água estava cor-de-rosa devido ao sangue. Se as criadas de quarto vissem aquilo, *saberiam*. Então lembrou-se das roupas de cama. Correu para a cama e fitou horrorizada com a mancha vermelho-escura e a história que ela contava. Tudo em que conseguiu pensar foi que tinha de se ver livre daquilo, caso contrário elas

veriam. Não podia deixar que vissem, senão iriam casá-la com Joffrey e obrigá-la a se deitar com ele.

Pegando a faca, Sansa cortou o lençol, arrancando a mancha. *Se me fizerem perguntas sobre o buraco, o que direi?* Lágrimas correram pelo seu rosto. Arrancou o lençol rasgado da cama, e a manta manchada também. *Vou ter de queimá-los*. Fez uma bola com as provas, enfiou-a na lareira, ensopou-a com o azeite da lâmpada de cabeceira e pôs-lhe fogo. De repente, percebeu que o sangue tinha atravessado o lençol e manchado o colchão de penas. Enrolou-o também, mas era grande e pesado, difícil de mover. Sansa só conseguiu pôr metade no fogo. Estava de joelhos, lutando para enfiar o colchão nas chamas, enquanto uma espessa fumaça cinza redemoinhava em volta dela e enchia o quarto, quando a porta se abriu de rompante e ouviu a criada prender a respiração.

Acabaram sendo necessárias três para afastá-la da lareira. E tudo foi em vão. A roupa de cama estava queimada, mas quando a levaram dali, tinha as coxas de novo ensanguentadas. Era como se seu próprio corpo a tivesse denunciado a Joffrey, hasteando uma bandeira do carmim Lannister para o mundo inteiro ver.

Depois de apagarem o fogo, levaram o colchão de penas chamuscado, afastaram a maior parte da fumaça para fora do quarto e trouxeram uma banheira. Mulheres andaram para lá e para cá, murmurando e olhando-a de forma estranha. Encheram a banheira com água escaldando, banharam-na, lavaram seu cabelo e deram-lhe um pano para usar entre as pernas. Nessa altura, Sansa já estava calma, e envergonhada da loucura que a acometera. A fumaça tinha estragado a maior parte de suas roupas. Uma das mulheres saiu e voltou de lá com um vestido verde que era quase do seu tamanho.

– Não é tão bonito quanto as suas coisas, mas deve servir – anunciou quando o enfiou pela cabeça de Sansa. – Seus sapatos não estragaram, portanto, pelo menos não terá de ir descalça à presença da rainha.

Cersei Lannister estava tomando o desjejum quando Sansa foi introduzida em seu aposento privado.

– Pode se sentar – a rainha disse atenciosamente. – Está com fome? – indicou a mesa com um gesto. Havia mingau de aveia, mel, leite, ovos cozidos e peixe frito e crocante.

A visão da comida encheu Sansa de náuseas. Tinha um nó na barriga.

– Não, obrigada, Vossa Graça.

– Não a censuro. Entre Tyrion e Lorde Stannis, tudo o que como tem gosto de cinza. E agora também anda fazendo fogueiras. O que esperava conseguir?

Sansa abaixou a cabeça:

– O sangue assustou-me.

– O sangue é o sinal de sua condição feminina. A Senhora Catelyn poderia tê-la preparado. Teve sua primeira floração, nada mais.

Sansa nunca tinha se sentido menos florida.

– A senhora minha mãe contou-me, mas eu… eu pensava que seria diferente.

– Diferente como?

– Não sei. Menos… menos sujo, e mais mágico.

A Rainha Cersei riu.

– Espere até dar à luz um filho, Sansa. A vida de uma mulher é nove partes de sujeira para uma de magia, deve aprender isso bem depressa… E as partes que parecem mágicas costumam se revelar as mais sujas de todas – ela bebeu um gole de leite. – Então agora é uma mulher. Será que faz a menor ideia do que isso significa?

– Significa que agora estou em condições de me casar, de dormir com o rei – Sansa respondeu –, e de lhe dar filhos.

A rainha deu um sorriso oblíquo:

– Uma perspectiva que já não a seduz como antes, pelo que vejo. Não a censurarei por isso. Joffrey sempre foi difícil. Até no nascimento… Trabalhei um dia e meio para dá-lo à luz. Não imagina a dor, Sansa. Gritei tão alto que imaginei que Robert conseguiria me ouvir na mata do rei.

– Sua Graça não estava com a senhora?

– Robert? Robert estava na caça. Era esse o seu costume. Sempre que meu tempo se aproximava, meu real esposo fugia para o meio das árvores com seus caçadores e cães de caça. Quando regressava, presenteava-me com umas peles ou uma cabeça de veado, e eu o presenteava com um bebê. Não que eu *quisesse* que ele ficasse, veja bem. Tinha o Grande Meistre Pycelle e um exército de parteiras, e o meu irmão. Quando diziam a Jaime que não lhe seria permitido acompanhar os partos, ele sorria e perguntava quem iria mantê-lo do lado de fora. Temo que Joffrey não lhe mostre nenhuma devoção que se assemelhe a isso. Poderia agradecer à sua irmã por isso, se não estivesse morta. Ele nunca conseguiu esquecer aquele dia no Tridente, quando a viu envergonhá-lo, e por isso envergonha você como troco. Mas você é mais forte do que parece. Confio que sobreviva a um pouco de humilhação. Eu sobrevivi. Pode nunca amar o rei, mas amará seus filhos.

– Eu amo Sua Graça de todo o coração – Sansa disse.

A rainha suspirou:

– É melhor que aprenda algumas mentiras novas, e depressa. Lorde Stannis não gostará dessa, garanto.

– O novo Alto Septão disse que os deuses nunca permitirão que Lorde Stannis vença, pois Joffrey é o legítimo herdeiro.

Um meio sorriso tremulou no rosto da rainha:

– Filho e herdeiro legítimo de Robert. Embora Joff chorasse sempre que Robert o pegava. Sua Graça não gostava disso. Seus subordinados sempre balbuciaram alegremente para ele, e chuparam seu dedo quando o punha em suas bocas ilegítimas. Robert queria sorrisos e vivas, sempre, e por isso ia para onde os encontrava, para junto dos amigos e das prostitutas. Robert queria ser amado. Meu irmão Tyrion sofre da mesma doença. Quer ser amada, Sansa?

– Todo mundo quer ser amado.

– Vejo que a floração não a deixou mais esperta. Sansa, permita-me partilhar com você um pouco de sabedoria feminina neste dia tão especial. O amor é veneno. Um doce veneno, sim, mas mata do mesmo jeito.

# Jon

Estava escuro no Passo dos Guinchos. Os grandes flancos de pedra das montanhas escondiam o sol durante a maior parte do dia, e eles avançavam pela sombra, com a respiração de homens e animais transformando-se em vapor no ar frio. Dedos gelados de água escorriam da neve que cobria o terreno mais elevado até pequenas poças congeladas que estalavam e se quebravam sob os cascos dos garranos. Às vezes viam algumas ervas daninhas que lutavam para se enraizar em alguma fenda da rocha, ou uma mancha de liquens de cor clara, mas não havia grama e estavam agora acima das árvores.

O caminho era tão íngreme quanto estreito, serpenteando sempre para cima. Onde o passo se apertava tanto que os cavaleiros tinham de seguir em fila indiana, o Escudeiro Dalbridge tomava a dianteira, examinando as alturas enquanto avançava, sempre com o arco ao alcance da mão. Dizia-se que ele tinha os olhos mais aguçados da Patrulha da Noite.

Fantasma caminhava desassossegadamente ao lado de Jon. De vez em quando parava e se virava, de orelhas levantadas, como se ouvisse qualquer coisa atrás deles. Jon pensava que os gatos-das-sombras não atacariam homens vivos, desde que não estivessem famintos, mas mesmo assim desatou a bainha de Garralonga.

Um arco de pedra cinza escavado pelo vento marcava o ponto mais elevado do passo. Naquele local, o caminho alargava-se ao começar a longa descida para o vale do Guadeleite. Qhorin decretou que descansariam ali até que as sombras voltassem a crescer.

– As sombras são amigas de homens vestidos de preto – ele disse.

Jon via sensatez naquilo. Seria agradável avançar com luz durante algum tempo, deixar que o brilhante sol da montanha embebesse seus

mantos e afastasse o frio de seus ossos, mas não se atreviam. Onde havia três vigias podia haver outros, à espera de soar o alarme.

Cobra das Pedras enrolou-se sob seu esfarrapado manto de peles e adormeceu quase de imediato. Jon dividiu sua carne salgada com Fantasma, enquanto Ebben e o Escudeiro Dalbridge alimentavam os cavalos. Qhorin Meia-Mão sentou-se com as costas apoiadas numa rocha, amolando a espada com movimentos longos e lentos. Jon observou o patrulheiro por alguns momentos, depois, reuniu coragem e se dirigiu a ele.

– Senhor – disse –, nunca me perguntou como foi. Com a moça.

– Eu não sou senhor nenhum, Jon Snow – Qhorin deslizou a pedra pelo aço com sua mão de dois dedos.

– Ela disse que Mance me acolheria se eu fugisse com ela.

– Disse a verdade.

– Até disse que éramos parentes. Contou-me uma história…

– … sobre Bael, o Bardo, e a rosa de Winterfell. Foi o que Cobra das Pedras me contou. Acontece que eu conheço a canção. Mance costumava cantá-la, antigamente, quando voltava de uma patrulha. Tinha paixão pela música dos selvagens. Sim, e também por suas mulheres.

– Você o conheceu?

– Todos nós o conhecemos – a voz de Qhorin era triste.

*Eram amigos além de irmãos*, Jon compreendeu, *e agora são inimigos jurados*.

– Por que foi que ele desertou?

– Por uma mulher, dizem alguns. Outros dizem que foi por uma coroa – Qhorin testou o gume da espada com a base do polegar. – Gostava de mulheres, o velho Mance, e não era homem cujos joelhos se dobrassem facilmente, é verdade. Mas foi mais do que isso. Gostava mais da floresta do que da Muralha. Estava no seu sangue. Ele tinha nascido selvagem, levado ainda novo quando alguns corsários foram passados pela espada. Quando deixou a Torre Sombria, estava apenas voltando para casa.

– Era um bom patrulheiro?

– O melhor de todos nós – Meia-Mão respondeu –, e também o pior. Só palermas como Thoren Smallwood desprezam os selvagens. São tão corajosos como nós, Jon. Tão fortes, tão rápidos, tão inteligentes. Mas não têm disciplina. Chamam a si próprios de povo livre, e cada um se acha tão bom quanto um rei, e mais sábio do que um meistre. Mance era igual. Nunca aprendeu a obedecer.

– Tal como eu – Jon disse em voz baixa.

Os olhos argutos de Qhorin pareceram ver através dele.

– Então, deixou-a ir? – não parecia nem um pouco surpreso.

– Já sabia?

– Sei agora. Diga-me por que a poupou.

Era difícil colocar aquilo em palavras.

– Meu pai nunca usou um carrasco. Dizia que devia aos homens que matava olhá-los nos olhos e ouvir suas últimas palavras. E quando olhei Ygritte nos olhos… – Jon fitou as mãos, desamparado. – Sei que era inimiga, mas não havia mal nela.

– Não mais do que nos outros dois.

– Era a vida deles ou a nossa – Jon retrucou. – Se nos tivessem visto, se tivessem tocado aquele berrante…

– Os selvagens nos perseguiriam, e nos matariam, é verdade.

– Mas agora é Cobra das Pedras quem tem o berrante, e ficamos com a faca e o machado de Ygritte. Ela vem atrás de nós, a pé, desarmada…

– E não é provável que seja uma ameaça – Qhorin concordou. – Se tivesse necessitado dela morta, teria deixado a garota com Ebben, ou tratado eu mesmo do assunto.

– Então, por que ordenou que eu o fizesse?

– Não ordenei. Disse-lhe para fazer o que tinha de ser feito, e deixei que decidisse o que isso significava – Qhorin ficou de pé e voltou a enfiar a espada na bainha. – Quando quero uma montanha escalada, chamo Cobra das Pedras. Se tivesse de espetar uma flecha no olho de um inimigo qualquer do outro lado de um campo de batalha ventoso, chamaria o Escudeiro Dalbridge. Ebben pode fazer com que qualquer homem abra

mão de seus segredos. Para liderar homens é preciso conhecê-los, Jon Snow. E eu conheço mais de você agora do que conhecia hoje de manhã.

– E se a tivesse matado? – Jon quis saber.

– Ela estaria morta, e eu o conheceria melhor do que antes. Mas basta de conversa. Você devia estar dormindo. Temos léguas a percorrer e perigos a enfrentar. Vai precisar de suas forças.

Jon achava que o sono não viria facilmente, mas sabia que Meia-Mão tinha razão. Encontrou um lugar protegido do vento, por baixo de uma saliência de rocha, e tirou o manto para usá-lo como cobertor.

– Fantasma – ele chamou. – Aqui. Junto – dormia sempre melhor com o grande lobo branco ao seu lado; havia conforto em seu cheiro, e um calor bem-vindo naquele hirsuto pelo claro. Daquela vez, no entanto, Fantasma limitou-se a olhar para ele. Depois, virou-se, rodeou os garranos, e num instante tinha desaparecido. *Quer caçar*, ele pensou. Talvez houvesse cabras naquelas montanhas. Os gatos-das-sombras tinham de viver de alguma coisa. – Vê se não tenta matar um gato – murmurou. Mesmo para um lobo gigante, isso seria perigoso. Puxou o manto por cima de si e estendeu-se sob a rocha.

Quando fechou os olhos, sonhou com lobos gigantes.

Havia cinco onde devia haver seis, e estavam espalhados, todos separados uns dos outros. Sentiu uma profunda sensação de vazio, de incompletude. A floresta era vasta e fria, e eles eram tão pequenos, tão perdidos. Os irmãos estavam longe, em algum lugar, e a irmã também, mas tinha perdido seus rastros. Sentou-se nos quartos traseiros e levantou a cabeça para o céu que escurecia, e seu choro ecoou pela floresta, um som longo, solitário e lamentoso. Enquanto o som morria, aguçou as orelhas, à escuta de uma resposta, mas o único ruído foi o suspiro da neve soprada pelo vento.

*Jon?*

O chamado veio de suas costas, mais baixo do que um sussurro, mas forte. Pode um grito ser silencioso? Virou a cabeça, em busca do irmão, de um vislumbre de uma silhueta esguia e cinzenta em movimento sob as árvores, mas nada havia, só…

Um represeiro.

Parecia ter brotado da rocha sólida, com as raízes brancas contorcendo-se de uma miríade de fissuras e rachaduras finas como fios de cabelo. A árvore era fina comparada com outros represeiros que tinha visto antes, pouco mais do que um broto, mas crescia diante de seus olhos, com os galhos engrossando à medida que se estendiam para o céu. Com prudência, deu a volta no tronco branco e liso até encontrar o rosto. Olhos vermelhos olhavam-no. Eram olhos ferozes, mas satisfeitos por vê-lo. O represeiro tinha o semblante do irmão. Teria o irmão sempre tido três olhos?

*Nem sempre*, disse o grito silencioso. *Antes do corvo não tinha.*

Farejou a casca da árvore, tinha cheiro de lobo, árvore e garoto, mas por trás desses odores havia outros, o cheiro rico e marrom da terra tépida, e o duro e cinza da pedra, e algo mais, algo terrível. Morte, compreendeu. Estava cheirando a morte. Retraiu-se, com o pelo eriçado, e mostrou os dentes.

*Não tenha medo, eu gosto do escuro. Ninguém o vê, mas você vê todo mundo. Mas primeiro tem de abrir os olhos. Vê? Assim.* E a árvore estendeu um galho e tocou nele.

E de repente estava de volta nas montanhas, com as patas profundamente enterradas em neve soprada pelo vento, à beira de um grande precipício. À sua frente, o Passo dos Guinchos abria-se numa amplidão arejada, e um longo vale em forma de V espalhava-se abaixo como uma colcha, inundado por todas as cores de uma tarde de Outono.

Uma vasta muralha azul-esbranquiçada encobria uma das extremidades do vale, espremida entre as montanhas como se as tivesse afastado com os ombros, e por um momento pensou que estava de volta a Castelo Negro. Então compreendeu que estava olhando para um rio de gelo com mais de mil metros de altura. Na base desse resplandecente penhasco de gelo havia um grande lago, cujas profundas águas cor de cobalto refletiam os picos cobertos de neve que o rodeavam. Via agora que havia homens no vale; muitos, milhares deles, uma tropa enorme. Alguns faziam grandes buracos no terreno meio gelado, enquanto outros

treinavam para a guerra. Observou uma multidão de cavaleiros investindo contra uma muralha de escudos, montados em cavalos que não eram maiores do que formigas. O som daquela batalha de mentira era um restolhar de folhas de aço, que flutuava, tênue, soprado pelo vento. O acampamento não tinha um plano; não viu valas, nem estacas afiadas, nem fileiras ordenadas de cavalos. Abrigos de terra improvisados e tendas de pele brotavam ao acaso por toda parte, como feridas de varíola na face na terra. Observou montes desordenados de feno, sentiu o cheiro de cabras e ovelhas, cavalos e porcos, cães em grande profusão. Fiapos de fumaça escura erguiam-se de um milhar de fogueiras de cozinha.

*Isso não é mais um exército do que é uma vila. É um monte de gente que se juntou.*

Do outro lado do grande lago, um dos montes se mexeu. Observou-o com mais atenção e viu que não era terra, mas uma coisa viva, um animal hirsuto e pesado, com uma serpente no lugar do nariz e presas maiores do que as do maior javali que alguma vez já viveu. E a coisa que o montava era também enorme, com uma silhueta errada, larga demais nas pernas e ancas para ser um homem.

Então, uma súbita rajada de vento frio fez com que seu pelo se eriçasse, e o ar vibrou com o som de asas. Ao levantar os olhos para a montanha branca como gelo, uma sombra precipitou-se do céu. Um grito estridente cortou o ar. Vislumbrou pontas de asas azul-acinzentadas muito abertas, escondendo o sol…

– *Fantasma!* – Jon gritou, sentando-se. Ainda sentia as garras, a *dor*. – Fantasma, aqui!

Ebben apareceu, agarrou-o, e o sacudiu.

– Silêncio! Quer fazer com que os selvagens caiam sobre nós? O que acontece contigo, rapaz?

– Um sonho – disse Jon com uma voz débil. – Eu era o Fantasma, estava na borda de uma montanha olhando para baixo, para um rio congelado, e alguma coisa me atacou. Uma ave… uma águia, acho…

O Escudeiro Dalbridge sorriu:

– Nos meus sonhos são sempre mulheres bonitas. Gostaria de sonhar mais vezes.

Qhorin aproximou-se:

– Falou de um rio gelado?

– O Guadeleite nasce num grande lago no sopé de um glaciar – informou Cobra das Pedras.

– Havia uma árvore com o rosto do meu irmão. Os selvagens… eram *milhares*, mais do que eu pensava que pudesse existir. E gigantes montados em mamutes – julgando pelo modo como a luz havia mudado, Jon calculou ter dormido quatro ou cinco horas. Doíam sua cabeça e sua nuca, onde as garras tinham queimado o interior da carne. *Mas isso foi no sonho.*

– Conte-me tudo aquilo de que se lembrar, do início ao fim – Qhorin Meia-Mão pediu.

Jon ficou confuso.

– Foi só um sonho.

– Um sonho de lobo – disse Meia-Mão. – Craster disse ao Senhor Comandante que os selvagens estavam se reunindo na nascente do Guadeleite. Pode ser por isso que teve esse sonho. Ou pode ser que tenha visto aquilo que nos espera, algumas horas mais à frente. Conte.

Jon sentiu-se meio tolo por falar daquelas coisas a Qhorin e aos outros patrulheiros, mas fez o que lhe era ordenado. No entanto, nenhum dos irmãos negros riu dele. Quando acabou, até o Escudeiro Dalbridge tinha perdido o sorriso.

– Troca-peles? – sugeriu Ebben em tom sombrio, olhando para Meia-Mão. *Está falando da águia?*, Jon perguntou a si mesmo. *Ou de mim?* O lugar dos troca-peles e *wargs* eram as histórias da Velha Ama, não o mundo onde tinha vivido toda a vida. Mas ali, naquela estranha e erma região de rocha e gelo, não era difícil acreditar.

– Os ventos frios estão se levantando. Era o que Mormont temia. Benjen Stark também sentia isso. Os mortos caminham e as árvores voltaram a ter olhos. Por que deveríamos descrer de *wargs* e gigantes?

– Isso quer dizer que os meus sonhos também são reais? – perguntou o Escudeiro Dalbridge. – Lorde Snow pode ficar com os seus mamutes, eu quero as minhas mulheres.

– Servi na Patrulha quando homem e rapaz, e fui tão longe em patrulha como qualquer outro – Ebben voltou a falar. – Vi os ossos de gigantes, e ouvi muitas histórias estranhas, mas nada mais. Quero vê-los com meus próprios olhos.

– Tome cuidado para que não o vejam, Ebben – Cobra das Pedras alertou-o.

Fantasma não retornou antes de voltarem a se pôr em marcha. Nessa altura, as sombras já cobriam o fundo do passo, e o sol afundava-se rapidamente na direção dos recortados picos gêmeos da enorme montanha que os patrulheiros chamavam de Ponta de Forquilha. *Se o sonho tiver sido real…* Até a ideia assustava Jon. Seria possível que a águia tivesse machucado Fantasma? Poderia tê-lo atirado ao precipício? E o represeiro com o semblante do irmão, que tinha cheiro de morte e escuridão?

O último raio de sol desapareceu atrás dos picos da Ponta de Forquilha. O ocaso encheu o Passo dos Guinchos. Pareceu ficar mais frio quase de imediato. Já não subiam. Na verdade, o terreno começava a descer, ainda que por enquanto não muito. Estava repleto de fendas, pedregulhos e pilhas de pedra caída. *Em breve ficará escuro, e ainda não há sinal do Fantasma*. Aquilo estava acabando com Jon, mas não se atrevia a gritar pelo lobo gigante como gostaria de fazer. Outras coisas também podiam estar à escuta.

– Qhorin – chamou o Escudeiro Dalbridge em voz baixa. – Ali. Olha.

A águia estava empoleirada num espinhaço de rocha muito acima deles, delineada contra o céu que escurecia. *Vimos outras águias*, Jon pensou. *Aquela não precisa ser a que vi em meu sonho*.

Mesmo assim, Ebben queria atirar uma flecha nela, mas o escudeiro o impediu.

– A ave está muito além do alcance do arco.

– Não gosto de vê-la nos observando.

O escudeiro encolheu os ombros.

– Nem eu, mas você não vai impedi-la. Só vai desperdiçar uma boa flecha.

Qhorin ficou parado, estudando a águia durante muito tempo.

– Avançamos – ele disse por fim. Os patrulheiros reataram a descida.

*Fantasma*, Jon quis gritar, *cadê você?*

Preparava-se para seguir Qhorin e os outros quando vislumbrou um relâmpago branco entre dois pedregulhos. *Um montículo de neve velha*, pensou, até que a viu agitar-se. Saltou do cavalo na hora. No momento em que se ajoelhou, Fantasma levantou a cabeça. Seu pescoço cintilava, úmido, mas não soltou um som quando Jon tirou uma luva e o tocou. As garras tinham aberto um caminho sangrento através de pelo e carne, mas a ave não tinha sido capaz de quebrar seu pescoço.

Qhorin Meia-Mão estava em pé junto a ele.

– Como é que ele está?

Como que em resposta, Fantasma levantou-se com dificuldade.

– O lobo é forte – o patrulheiro observou. – Ebben, água. Cobra das Pedras, o seu odre de vinho. Mantenha-o imóvel, Jon.

Juntos, lavaram o sangue coagulado do pelo do lobo gigante. Fantasma sacudiu-se e mostrou os dentes quando Qhorin despejou o vinho nos irregulares ferimentos vermelhos que os golpes da águia lhe deixara, mas Jon o envolveu nos braços e murmurou palavras para acalmá-lo, e rapidamente o lobo sossegou. Quando rasgaram um pedaço do manto de Jon para cobrir suas feridas, a escuridão caíra por completo. Só uma poeira de estrelas permitia distinguir o negro do céu do negro da rocha.

– Prosseguimos? – quis saber Cobra das Pedras.

Qhorin dirigiu-se ao garrano.

– Adiante não, para trás.

– Para trás? – Jon foi pego de surpresa.

– As águias têm olhos mais penetrantes do que os homens. Fomos vistos. Portanto, agora fugimos – Meia-Mão enrolou um longo cachecol negro em volta da cabeça e saltou para a sela.

Os outros patrulheiros trocaram olhares, mas nenhum dos homens pensou em discutir. Um por um, todos montaram e viraram as montarias para casa.

– Fantasma, vem – chamou Jon, e o lobo gigante o seguiu, uma sombra clara deslocando-se pela noite.

Avançaram por toda a noite, tateando o caminho ao longo do passo retorcido e através das extensões de solo rachado. O vento foi se tornando mais forte. Por vezes, ficava tão escuro que desmontavam e seguiam a pé, cada um levando seu garrano pelas rédeas. Uma vez, Ebben sugeriu que algumas tochas poderiam servi-los bem, mas Qhorin disse: "Nada de fogo", e foi o fim da conversa. Chegaram à ponte de pedra do cume, e recomeçaram a descer. No meio das trevas, um gato-das-sombras gritou de fúria, com a voz reverberando nas pedras, fazendo parecer que uma dúzia de outros gatos estavam respondendo. Uma vez, Jon pensou ter visto um par de olhos cintilantes numa saliência acima dele, grandes como a lua cheia de Outono.

Na hora negra que antecedia a alvorada, pararam para deixar que os cavalos bebessem, e os alimentaram com um punhado de aveia e um maço ou dois de feno.

– Não estamos longe do local onde os selvagens morreram – Qhorin avisou. – Daqui, um homem poderia conter uma centena. O homem certo – e olhou para o Escudeiro Dalbridge.

O escudeiro inclinou a cabeça:

– Deixem-me todas as flechas de que possam dispor, irmãos – ele tocou no arco. – E deem uma maçã ao meu garrano quando chegar em casa. Ele merece, pobre animal.

*Ele vai ficar para morrer*, Jon compreendeu.

Qhorin apertou o antebraço do escudeiro com uma mão enluvada.

– Se a águia descer para vê-lo melhor…

– … vai ganhar algumas penas novas.

A última coisa que Jon viu do Escudeiro Dalbridge foram suas costas enquanto ele escalava o estreito caminho que levava às alturas.

Quando a aurora veio, Jon olhou para um céu sem nuvens e viu um ponto em movimento através do azul. Ebben também o viu, e praguejou, mas Qhorin disse-lhe para ficar calado.

– Escute.

Jon prendeu a respiração e ouviu. Longe e atrás deles, o chamado de um berrante ecoou nas montanhas.

– E agora eles vêm – Qhorin concluiu.

# Tyrion

Pod vestiu-o para a provação numa túnica de veludo molhado no carmesim dos Lannister e trouxe-lhe o colar de seu cargo. Tyrion deixou-o na mesa de cabeceira. A irmã não apreciava ser lembrada de que ele era a Mão do Rei, e ele não desejava inflamar ainda mais a relação entre ambos.

Varys alcançou-o enquanto atravessava o pátio.

– Senhor – disse o eunuco, um pouco ofegante. – É melhor que leia isto imediatamente – estendeu-lhe um pergaminho na sua suave mão branca. – Um relatório vindo do norte.

– Boas ou más notícias? – Tyrion perguntou.

– Não me compete julgar isso.

Tyrion desenrolou o pergaminho. Teve de semicerrar os olhos para ler as palavras no pátio iluminado por archotes.

– Que os deuses sejam bons – disse em voz baixa. – Os dois?

– Temo que sim, senhor. É tão triste. Tão dolorosamente triste. E eles tão novos e inocentes.

Tyrion recordou-se de como os lobos uivaram quando o garoto Stark caíra. *Pergunto-me se estarão uivando agora*.

– Informou mais alguém? – Tyrion quis saber.

– Ainda não, embora seja claro que eu tenha de fazer isso.

Tyrion enrolou a carta.

– Eu contarei a minha irmã – queria ver como ela receberia a notícia. Queria muito ver isso.

A rainha estava especialmente bela naquela noite. Usava um vestido decotado de veludo, num tom profundo de verde que realçava a cor de seus olhos. Seus cabelos dourados caíam sobre seus ombros nus, e em

volta da cintura usava um cinto trançado incrustado de esmeraldas. Tyrion esperou até ela ter se sentado e se servido de uma taça de vinho antes de pôr a carta em sua frente. Não disse uma palavra. Cersei olhou para ele, piscando de forma inocente, e tirou o pergaminho de sua mão.

– Suponho que esteja satisfeita – ele disse enquanto a irmã lia. – Creio que queria o garoto Stark morto.

Cersei fez uma expressão amargurada.

– Foi Jaime quem o atirou daquela janela, não eu. Por amor, ele disse, como se isso me agradasse. Foi uma burrice, e perigosa, mas quando foi que seu querido irmão alguma vez parou para pensar?

– O garoto os viu – Tyrion retrucou.

– Era uma criança. Podia tê-lo levado ao silêncio assustando-o – ela olhou pensativa para a carta. – Por que tenho de aguentar acusações sempre que um Stark dá uma topada com o dedão do pé? Isso foi trabalho do Greyjoy, não tive nada a ver com o assunto.

– Esperemos que a Senhora Catelyn acredite nisso.

Os olhos dela abriram-se mais.

– Ela não…

– … mataria Jaime? Por que não? O que você faria se Joffrey e Tommen fossem assassinados?

– Eu ainda tenho Sansa! – a rainha declarou.

– Nós ainda temos Sansa – corrigiu-a Tyrion. – E é bom que a tratemos bem. Bom, e onde está esse jantar que me prometeu, querida irmã?

A mesa de Cersei era saborosa, isso não podia ser negado. Começaram com uma sopa cremosa de castanhas, pão quente e crocante e verduras com maçãs e pinhões. Depois, veio uma torta de lampreia, pernil de porco com mel, cenouras amanteigadas, feijão branco com bacon, e cisne assado recheado de cogumelos e ostras. Tyrion foi extremamente cortês; ofereceu à irmã os melhores pedaços de todos os pratos, e assegurou-se de só comer o que ela comia. Não que realmente pensasse que ela o envenenaria, mas ser cuidadoso nunca fizera mal a ninguém.

Tyrion podia ver que as notícias sobre os Stark tinham azedado Cersei.

– Não tivemos notícias de Ponteamarga? – ela perguntou, ansiosa, enquanto espetava um pouco de maçã com a ponta do punhal e comia em pequenas e delicadas mordidas.

– Nenhuma.

– Nunca confiei no Mindinho. Por moedas suficientes, passará para o lado de Stannis num piscar de olhos.

– Stannis Baratheon é honrado demais para comprar homens. Nem seria um senhor confortável para alguém como Petyr. Essa guerra criou alguns estranhos companheiros de cama, concordo, mas aqueles dois? Não.

Enquanto ele cortava algumas fatias do pernil, Cersei disse:

– Temos de agradecer o porco à Senhora Tanda.

– Um sinal de amor?

– Um suborno. Suplica autorização para voltar ao seu castelo. Quer a sua, e a minha. Suspeito que tema que você a prenda na estrada, como fez com Lorde Gyles.

– Será que planeja partir na companhia do herdeiro do trono? – Tyrion serviu à irmã uma fatia de pernil e serviu-se de outra. – Preferia que ela ficasse. Se quiser se sentir segura, diga-lhe que traga a guarnição de Stokeworth. Tantos homens quantos tiver.

– Se precisamos tanto assim de homens, por que mandou seus selvagens embora? – uma certa irritação insinuou-se na voz de Cersei.

– Foi o melhor uso que podia lhes dar – Tyrion respondeu com sinceridade. – São guerreiros ferozes, mas não são soldados. Em batalha formal, a disciplina é mais importante do que a coragem. Já nos beneficiaram mais na mata do rei do que o teriam feito nas muralhas da cidade.

Enquanto o cisne era servido, a rainha o interrogou a respeito da conspiração dos Homens Chifrudos. Parecia mais irritada do que temerosa.

– Por que temos de ser atormentados com tantas traições? Que mal a Casa Lannister fez a esses desgraçados?

– Nenhum, mas julgam estar do lado vencedor… O que faz com que sejam tão burros quanto traidores.

– Tem certeza de que encontrou todos?

– Varys diz que sim – o cisne estava temperado demais para o seu gosto.

Uma linha surgiu na pálida testa branca de Cersei, entre aqueles adoráveis olhos.

– Deposita confiança em excesso nesse eunuco.

– Ele serve-me bem.

– Pelo menos é o que quer levá-lo a crer. Acha que é o único a quem ele murmura segredos? Dá a todos nós o bastante para nos convencer de que ficaríamos impotentes sem ele. Jogou o mesmo jogo comigo, logo depois de me casar com Robert. Durante anos estive convencida de que não tinha melhor amigo na corte, mas agora… – estudou seu rosto por um momento. – Ele diz que você pretende afastar Cão de Caça de Joffrey.

*Maldito Varys*.

– Preciso de Clegane para tarefas mais importantes.

– Nada é mais importante do que a vida do rei.

– A vida do rei não corre perigo. Joff terá o bravo Sor Osmund guardando-o, e também Meryn Trant – *não prestam para mais nada*. – Preciso de Balon Swann e do Cão de Caça para liderar surtidas, a fim de nos assegurarmos de que Stannis não obtenha um palmo de terra deste lado da Água Negra.

– Jaime lideraria as surtidas em pessoa.

– A partir de Correrrio? Isso seria uma surtida e tanto.

– Joff é só um garoto.

– Um garoto que quer participar dessa batalha, e por uma vez mostra algum bom-senso. Não pretendo colocá-lo no centro da luta, mas ele precisa ser visto. Os homens lutam com mais vigor por um rei que partilha de seus perigos do que por um que se esconde atrás das saias da mãe.

– Ele tem *treze* anos, Tyrion.

– Lembra-se de Jaime com treze anos? Se quer que o rapaz seja filho de seu pai, deixe-o desempenhar o papel. Joff usa a melhor armadura que o ouro pode comprar, e terá uma dúzia de mantos dourados à sua volta a

qualquer momento. Se parecer que a cidade tem o menor perigo de cair, mandarei escoltá-lo imediatamente para a Fortaleza Vermelha.

Pensara que aquilo a sossegaria, mas não encontrou sinal de prazer naqueles olhos verdes.

– A cidade *irá* cair?

– Não – *mas, se cair, reze para que consigamos defender a Fortaleza Vermelha durante tempo suficiente para que o senhor nosso pai marche em nosso auxílio.*

– Já mentiu para mim antes, Tyrion.

– Sempre por bons motivos, querida irmã. Desejo tanto quanto você a amizade entre nós. Decidi libertar Lorde Gyles – mantivera Gyles a salvo precisamente para aquele gesto. – Pode ter também de volta Sor Boros Blount.

A boca da rainha apertou-se.

– Sor Boros pode apodrecer em Rosby, mas Tommen…

– … fica onde está. Ele está mais seguro sob a proteção de Lorde Jacelyn do que jamais estaria com Lorde Gyles.

Criados levaram o cisne, quase intocado. Cersei pediu os doces com um gesto.

– Espero que goste de torta de amoras pretas.

– Gosto de todos os tipos de torta.

– Ah, sei disso há muito tempo. Sabe por que é que Varys é tão perigoso?

– Agora é um jogo de adivinhas? Não.

– Não tem pau.

– Nem você – *e não odeia esse fato, Cersei?*

– Talvez também seja perigosa. Você, por outro lado, é um idiota tão grande como qualquer outro homem. Esse verme tem entre as pernas metade de suas ideias.

Tyrion lambeu as migalhas dos dedos. Não gostava do sorriso da irmã.

– Sim, e agora mesmo meu verme está pensando que talvez seja hora de me retirar.

– Não está bem, irmão? – ela se inclinou para a frente, oferecendo-lhe uma boa visão da parte de cima dos seios. – De repente parece um pouco agitado.

– Agitado? – Tyrion olhou de relance para a porta. Pensou ter ouvido qualquer coisa lá fora. Começava a se arrepender de ter vindo sozinho. – Nunca tinha mostrado grande interesse pelo meu pau.

– Não é tanto o seu pau que me interessa, é mais aquilo em que o enfia. Não dependo do eunuco para tudo, como você. Tenho as minhas próprias formas de saber das coisas… Especialmente de coisas que as pessoas não querem que eu saiba.

– O que está tentando dizer?

– Só isto… *tenho a sua putinha.*

Tyrion estendeu a mão para a taça de vinho, ganhando um momento para reunir os pensamentos.

– Achava que os homens eram mais do seu gosto.

– É um tipinho tão engraçado. Diga, já se casou com esta? – quando o irmão não lhe deu resposta, ela riu e disse: – O pai ficará muito aliviado.

Sentia a barriga como se estivesse cheia de enguias. Como ela teria encontrado Shae? Teria sido traído por Varys? Ou teriam todas as suas precauções sido desfeitas pela impaciência na noite em que havia cavalgado diretamente até a mansão?

– Por que você se importaria com quem eu escolho para aquecer minha cama?

– Um Lannister paga sempre as suas dívidas. Tem andado conspirando contra mim desde o dia em que chegou a Porto Real. Vendeu Myrcella, raptou Tommen, e agora planeja a morte de Joff. Quer vê-lo morto para poder governar através de Tommen.

*Bem, não posso dizer que a ideia não seja tentadora.*

– Isso é uma loucura, Cersei. Stannis estará aqui dentro de dias. Precisa de mim.

– Para quê? O seu grande heroísmo em batalha?

– Os mercenários de Bronn nunca lutarão sem mim – ele mentiu.

– Ah, eu acho que lutarão. É o ouro que amam, não a sua esperteza de duende. Mas não tenha medo, eles não estarão sem você. Não direi que não pensei por diversas vezes em cortar sua garganta, mas Jaime nunca me perdoaria se fizesse isso.

– E a rameira? – não queria tratá-la pelo nome. *Se conseguir convencê-la de que Shae não significa nada para mim, talvez…*

– Será tratada com bastante gentileza, desde que nenhum mal aconteça aos meus filhos. Mas se Joff for morto, ou se Tommen cair nas mãos de nossos inimigos, sua putinha morrerá mais dolorosamente do que é capaz de imaginar.

*Ela realmente acredita que pretendo matar meu próprio sobrinho.*

– Os garotos estão em segurança – garantiu-lhe com uma voz cansada. – Pela bondade dos deuses, Cersei, eles pertencem ao meu próprio sangue! Por que tipo de homem me toma?

– Por um pequeno e pervertido.

Tyrion fitou as borras no fundo de sua taça de vinho. *O que Jaime faria em meu lugar?* Mataria a vaca, provavelmente, e se preocuparia depois com as consequências. Mas Tyrion não possuía espada dourada, nem a habilidade para manejá-la. Adorava a ira temerária do irmão, mas era o senhor seu pai que devia tentar usar como modelo. *Pedra, devo ser pedra, devo ser um Rochedo Casterly, duro e inabalável. Se falhar nesse teste, é melhor procurar o circo de aberrações mais próximo*.

– Pelo que sei, pode perfeitamente já tê-la matado.

– Gostaria de vê-la? Pensei que sim – Cersei atravessou a sala e escancarou a pesada porta de carvalho. – Traga a vadia do meu irmão.

Os irmãos de Sor Osmund, Osney e Osfryd, eram o retrato perfeito um do outro, homens altos, com nariz adunco, cabelos escuros e sorriso cruel. Ela pendia entre eles, de olhos muito abertos e brancos em seu rosto escuro. Escorria sangue de seu lábio aberto, e Tyrion conseguia ver hematomas através das roupas rasgadas. Suas mãos estavam atadas com cordas, e tinham-na amordaçado para que não falasse.

– Disse que não seria machucada.

– Ela lutou – ao contrário dos irmãos, Osney Kettleblack estava perfeitamente barbeado, e viam-se bem os arranhões no rosto despido de pelos. – Esta aqui tem garras como as de um gato-das-sombras.

– Os hematomas somem – Cersei disse num tom entediado. – A vadia sobreviverá. Desde que Joff sobreviva.

Tyrion quis rir dela. Teria sido tão bom, tão, mas tão bom, mas isso significaria entregar o jogo. *Perdeu, Cersei, e os Kettleblack são idiotas ainda maiores do que Bronn dizia*. Só precisava dizer as palavras.

Em vez disso, olhou para a garota e disse:

– Jura que a libertará depois da batalha?

– Se libertar Tommen, sim.

Tyrion ficou de pé:

– Então fique com ela, mas mantenha-a em segurança. Se esses animais julgam que podem usá-la… Bem, querida irmã, deixe-me só reforçar que uma balança pende para os dois lados – seu tom de voz era calmo, monocórdio, indiferente; tinha procurado a voz do pai, e a encontrou. – O que quer que lhe aconteça acontecerá também a Tommen, e isso inclui espancamentos e violações – *se me considera tão monstruoso, desempenharei o papel para ela*.

Cersei não esperava aquilo:

– Não se atreveria.

Tyrion obrigou-se a sorrir, um sorriso lento e frio. Verde e negro, seus olhos riram dela.

– Atrever? Vou fazê-lo em pessoa.

A mão da irmã avançou sobre seu rosto, mas ele pegou seu pulso e o torceu, até ela gritar. Osfryd moveu-se em seu auxílio.

– Mais um passo e quebro o braço dela – o anão o preveniu. O homem parou. – Lembra-se de quando lhe disse que não voltaria a me bater, Cersei? – atirou-a ao chão e virou-se para os Kettleblack: – Desamarrem-na, e tirem essa mordaça.

A corda estava tão apertada que tinha impedido seu sangue de chegar às mãos. A moça gritou de dor quando a circulação voltou. Tyrion massageou seus dedos suavemente até a sensibilidade voltar.

– Querida – disse –, precisa ter coragem. Lamento que a tenham machucado.

– Eu sei que me libertará, senhor.

– Libertarei – ele prometeu, e Alayaya dobrou-se e lhe deu um beijo na testa. Seus lábios feridos deixaram uma mancha de sangue onde o tocaram. *Um beijo ensanguentado é mais do que eu mereço*, pensou Tyrion. *Ela nunca teria sofrido se não fosse por minha causa*.

O sangue dela ainda o manchava quando olhou para a rainha.

– Nunca gostei de você, Cersei, mas era minha irmã, e nunca lhe fiz nenhum mal. Você acabou com isso. Vou feri-la por causa disto. Ainda não sei como, mas dê-me tempo. Chegará um dia em que você vai se achar a salvo e feliz, e de repente a alegria vai se transformar em cinzas na sua boca, e saberá que a dívida está paga.

Na guerra, dissera-lhe o pai um dia, a batalha acaba no instante em que um exército cede e foge. Não importa que continuem a ser tão numerosos como eram no momento anterior, ainda com armas e armaduras; uma vez que fugiram à nossa frente, não retornarão para lutar. Aconteceu o mesmo com Cersei.

– Sai! – foi toda a resposta que conseguiu encontrar. – Sai da minha vista!

Tyrion fez uma reverência:

– Então, boa noite. E tenha sonhos agradáveis.

Dirigiu-se à Torre da Mão com mil pés de aço marchando através do seu crânio. *Devia ter previsto isso da primeira vez em que me enfiei pela parte de trás do guarda-roupa de Chataya*. Talvez não tivesse *querido* ver. Suas pernas doíam fortemente no fim da subida. Mandou Pod buscar um jarro de vinho e abriu caminho até o quarto.

Shae estava sentada de pernas cruzadas na cama de dossel, vestida apenas com o pesado colar de ouro que se encurvava em volta de seus seios: uma corrente de mãos de ouro interligadas, cada uma agarrando a seguinte.

Tyrion não a esperava:

– O que está fazendo aqui?

Rindo, ela afagou o colar.

– Quis sentir mãos em meus peitinhos… Mas essas pequeninas mãos de ouro são frias.

Por um momento Tyrion não soube o que dizer. Como podia lhe dizer que outra mulher recebera o espancamento que lhe era destinado, e bem podia morrer no seu lugar caso algum infortúnio de batalha caísse sobre Joffrey? Limpou o sangue de Alayaya da testa com a parte inferior da mão.

– A Senhora Lollys…

– Está dormindo. Dormir é tudo o que quer fazer, a grande vaca. Dorme e come. Às vezes adormece enquanto está comendo. A comida cai para dentro de sua manta e ela *rola* em cima, e tenho de limpá-la – fez uma cara enojada. – Tudo o que fizeram foi *fodê-la*.

– A mãe diz que está doente.

– Tem um bebê na barriga, é só isso.

Tyrion olhou em volta. Tudo parecia estar como tinha deixado.

– Como foi que entrou? Mostre-me a porta escondida.

Ela encolheu os ombros:

– Lorde Varys obrigou-me a usar um capuz. Não vi nada, a não ser… houve um lugar, consegui espiar o chão pela parte de baixo do capuz. Era todo de pedrinhas, sabe, daquelas que fazem um desenho?

– Um mosaico?

Shae anuiu:

– Eram coloridas em vermelho e preto. Acho que a imagem era um dragão. Fora isso, estava tudo escuro. Descemos uma escada e andamos muito, até me deixar toda desorientada. Uma vez paramos para ele destrancar um portão de ferro. Raspei contra ele quando atravessamos. O dragão estava depois do portão. Depois, subimos outra escada, com um túnel no topo. Tive de me abaixar, e acho que Lorde Varys estava rastejando.

Tyrion fez uma ronda pelo quarto. Uma das arandelas parecia solta. Ficou nas pontas dos pés e tentou virá-la. Rodou lentamente, raspando contra a parede de pedra. Quando ficou de ponta-cabeça, o coto da vela

caiu. As esteiras espalhadas pelo chão frio de pedra não pareciam mostrar nenhuma perturbação especial.

– O senhor não quer se deitar comigo? – Shae perguntou.

– Dentro de um momento – Tyrion escancarou o guarda-roupa, afastou as roupas e empurrou o painel do fundo. O que funcionava num bordel podia também funcionar num castelo… Mas não, a madeira era sólida e não cedia. Uma pedra junto ao banco da janela atraiu seu olhar, mas todos os seus empurrões e pancadas de nada serviram. Voltou para a cama frustrado e aborrecido.

Shae desapertou seus cordões e atirou os braços em torno de seu pescoço.

– Seus ombros estão duros como pedras – murmurou. – Depressa, quero senti-lo dentro de mim – mas quando as pernas dela se apertaram em volta de sua cintura, a virilidade o abandonou. Quando o sentiu amolecendo, Shae enfiou-se nos lençóis e colocou-o na boca, mas nem mesmo isso conseguiu despertá-lo.

Após alguns momentos, ele fez Shae parar.

– O que foi? – ela perguntou. Toda a doce inocência do mundo estava escrita ali, nas feições de seu jovem rosto.

*Inocência? Idiota, ela é uma prostituta, Cersei tinha razão, você pensa com o pau, idiota, idiota.*

– Vá dormir, querida – Tyrion disse, afagando seu cabelo. Mas muito depois de Shae ter seguido seu conselho, ele ainda estava acordado, com os dedos em taça em volta de um pequeno seio enquanto escutava o som de sua respiração.

# Catelyn

O Grande Salão de Correrrio era um lugar solitário para duas pessoas se sentarem para jantar. Profundas sombras decoravam as paredes. Um dos archotes tinha se apagado, deixando apenas três. Catelyn fitava sua taça de vinho. A safra tinha gosto aguado e amargo. Brienne estava sentada na sua frente. Entre ambas, o cadeirão do pai encontrava-se tão vazio como o resto do salão. Até os criados tinham desaparecido. Ela lhes tinha dado licença para se juntarem à celebração.

As paredes da fortaleza eram espessas, mas mesmo assim conseguiam ouvir os sons abafados dos festejos vindos do pátio lá fora. Sor Desmond tinha trazido vinte barris da adega, e o povo celebrava o iminente regresso de Edmure e a conquista do Despenhadeiro por Robb, erguendo cornos de cerveja escura.

*Não posso censurá-los*, pensou Catelyn. *Eles não sabem. E, se soubessem, por que haveriam de se importar? Nunca conheceram meus filhos. Nunca viram Bran escalando, com o coração na boca, orgulho e terror tão misturados que pareciam um só sentimento, nunca o ouviram rir, nunca sorriram ao ver Rickon tentar com toda a força ser como os irmãos mais velhos*. Fitou o jantar que tinha diante de si: truta enrolada em bacon, salada de nabo, funcho vermelho e capim-doce, ervilhas, cebolas e pão quente. Brienne comia metodicamente, como se o jantar fosse outra tarefa a cumprir. *Tornei-me uma mulher amarga*, Catelyn pensou. *Não retiro nenhuma satisfação da comida ou da bebida, e as canções e os risos transformaram-se em estranhos que são suspeitos para mim. Sou uma criatura de dor, pó e amargas saudades. Há um vazio dentro de mim onde um dia tive o coração.*

O ruído que a outra mulher fazia ao comer tinha se tornado intolerável para ela.

– Brienne, não sou uma boa companhia. Vá se juntar aos festejos, se quiser. Beba um corno de cerveja e dance ao som da harpa de Rymund.

– Não fui feita para festejos, senhora – as grandes mãos da jovem partiram um naco de pão preto. Brienne encarou os pedaços como se tivesse se esquecido do que eram. – Se ordenar, eu…

Catelyn conseguia sentir seu desconforto.

– Só pensei que poderia apreciar uma companhia mais feliz do que a minha.

– Estou bastante satisfeita – a garota usou o pão para recolher um pouco da gordura do bacon em que a truta tinha sido frita.

– Chegou outra ave hoje de manhã – Catelyn não sabia por que tinha dito aquilo. – O meistre acordou-me imediatamente. Foi um ato cumpridor, mas não gentil. Não foi nada gentil – não quisera contar a Brienne. Ninguém sabia além dela e de Meistre Vyman, e tinha a intenção de manter as coisas assim até… até…

*Até o quê? Mulher tola, será que guardar um segredo no coração o torna menos verdadeiro? Se nunca contar, nunca falar dele, vai se tornar apenas um sonho, menos do que um sonho, um pesadelo parcialmente recordado? Ah, se ao menos os deuses pudessem ser bons assim.*

– São notícias de Porto Real? – Brienne perguntou.

– Bem gostaria que fossem. A ave veio do Castelo Cerwyn, de Sor Rodrik, meu castelão – *asas escuras, palavras escuras*. – Reuniu o poderio que pôde e vai marchar contra Winterfell, a fim de retomar o castelo – como tudo aquilo parecia pouco importante. – Mas disse… escreveu… contou-me, ele…

– Senhora, o que é? São notícias de seus filhos?

Aquela era uma pergunta tão simples; que bom seria se a resposta pudesse ser igualmente simples. Quando Catelyn tentou falar, as palavras ficaram presas em sua garganta.

– Não tenho nenhum filho, a não ser Robb – conseguiu proferir aquelas palavras terríveis sem um soluço, e pelo menos por isso sentiu-se

contente.

Brienne olhou-a com horror.

– Senhora?

– Bran e Rickon tentaram escapar, mas foram capturados num moinho na Água de Bolotas. Theon Greyjoy pendurou a cabeça deles nas muralhas de Winterfell. Theon Greyjoy, que comeu à minha mesa desde que era um garoto de dez anos – *já disse, que os deuses me perdoem, já disse tudo, e transformei-o em verdade.*

O rosto de Brienne era um borrão de água. A moça estendeu a mão por sobre a mesa, mas seus dedos não chegaram aos de Catelyn, como se julgasse que o toque não seria bem-vindo.

– Eu… não há palavras, senhora. Minha boa senhora. Seus filhos, eles… eles estão agora com os deuses.

– Será que estão? – Catelyn questionou com voz cortante. – Que deus deixaria que isso acontecesse? Rickon era só um bebê. Como poderia merecer uma morte assim? E Bran… Quando abandonei o norte, ele ainda não tinha aberto os olhos desde a queda. Tive de partir antes de ele acordar. Agora não poderei voltar para ele, ou voltar a ouvi-lo rir – mostrou a Brienne as palmas das mãos, os dedos. – Estas cicatrizes… Mandaram um homem cortar a garganta de Bran enquanto dormia. Teria morrido naquele momento, e eu com ele, mas o lobo de Bran rasgou a garganta do homem – aquilo deu-lhe um momento de pausa. – Suponho que Theon também tenha matado os lobos. Deve ter matado, de outro modo… Eu tinha certeza de que os garotos estariam a salvo enquanto os lobos gigantes estivessem com eles. Como Robb, com seu Vento Cinzento. Mas minhas filhas agora não têm lobos.

A mudança abrupta de assunto deixou Brienne desconcertada.

– Suas filhas…

– Sansa, com três anos, já era uma senhora, sempre cortês e ansiosa por agradar. Nada amava mais do que histórias sobre valentes cavaleiros. Os homens diziam que se parecia comigo, mas vê-se que quando crescer se tornará uma mulher muito mais bela do que eu alguma vez fui. Eu frequentemente fazia sua aia se retirar para poder escovar seus cabelos.

Tinha cabelos ruivos, mais claros do que os meus, e tão espessos e suaves… o vermelho neles capturava a luz das tochas e brilhava como cobre. E Arya, bem… Os visitantes de Ned confundiam-na com frequência com um ajudante de estrebaria se chegassem ao pátio sem ser anunciados. Arya era uma provação, há que dizê-lo. Meio garoto, meio cria de lobo. Bastava proibir-lhe alguma coisa, e isso tornava-se logo o maior desejo de seu coração. Possuía a face longa de Ned, e um cabelo castanho que andava sempre como se um pássaro tivesse nele feito um ninho. Dessisti de tentar fazer dela uma senhora. Colecionava machucados como as outras meninas colecionam bonecas, e era capaz de dizer qualquer coisa que lhe viesse à cabeça. Acho que também deve estar morta – quando proferiu aquelas palavras, foi como se uma mão gigantesca apertasse seu peito. – Quero-os todos mortos, Brienne. Primeiro Theon Greyjoy, depois Jaime Lannister, Cersei e o Duende, todos, todos. Mas as minhas meninas… as minhas meninas vão…

– A rainha… ela também tem uma garotinha – disse Brienne, embaraçada. – E também filhos, da mesma idade dos seus. Quando souber, talvez… talvez se apiede e…

– Envie-me as filhas incólumes? – Catelyn deu um sorriso triste. – Há em você uma doce inocência, filha. Seria bom… Mas não acontecerá. Robb vingará os irmãos. O gelo pode matar tão bem como o fogo. *Gelo* era a espada de Ned. Aço valiriano, marcado com as ondulações de um milhar de dobras, tão afiado que eu tinha medo de tocar nela. A lâmina de Robb, comparada com Gelo, é embotada como uma clava. Temo que não vá ser fácil para ele cortar a cabeça de Theon. Os Stark não usam carrascos. Ned sempre disse que o homem que dita a sentença deve manejar a lâmina, embora nunca tenha obtido nenhum prazer desse dever. Mas *eu* obteria, ah, sim – fitou as mãos cobertas de cicatrizes, abriu-as e as fechou, e então ergueu lentamente os olhos. – Mandei-lhe vinho.

– Vinho? – Brienne estava perdida. – A Robb? Ou… a Theon Greyjoy?

– Ao Regicida – a manobra tinha lhe servido bem com Cleos Frey. *Espero que tenha sede, Jaime. Espero que tenha a garganta seca e*

*apertada*. – Gostaria que viesse comigo.

– Estou às suas ordens, senhora.

– Ótimo – Catelyn levantou-se de forma abrupta. – Fique, termine a refeição em paz. Vou mandar buscá-la mais tarde. À meia-noite.

– Tão tarde, senhora?

– As masmorras não têm janelas. Lá embaixo uma hora é muito igual a outra, e para mim todas as horas são meia-noite – seus passos ressoaram de forma oca quando abandonou o salão. Enquanto subia até o aposento privado de Lorde Hoster, conseguia ouvi-los lá fora, gritando "Tully!" e "Uma taça! Uma taça para o bravo jovem senhor!". *Meu pai não está morto*, quis gritar-lhes. *Meus filhos estão mortos, mas meu pai ainda vive, seus malditos, e ainda é o seu senhor*.

Lorde Hoster estava profundamente adormecido.

– Bebeu uma taça de vinho de sonhos há não muito tempo, senhora – disse Meistre Vyman. – Para as dores. Não saberá que está aqui.

– Não tem importância – Catelyn respondeu. *Está mais morto do que vivo, mas mais vivo do que os meus pobres e filhos queridos*.

– Senhora, há alguma coisa que possa fazer pela senhora? Uma poção para dormir, talvez?

– Obrigada, Meistre, mas não. Não irei afastar o pesar com o sono. Bran e Rickon merecem mais de mim. Vá e junte-se à festa, eu farei companhia ao meu pai por algum tempo.

– Como quiser, senhora – Vyman fez uma reverência e a deixou.

Lorde Hoster estava deitado de costas, com a boca aberta, a respiração transformada num tênue suspiro sibilante. Uma mão caía da borda do colchão, uma coisa pálida, frágil e descarnada, mas que estava morna quando Catelyn a tocou. Entrelaçou seus dedos nos dele e os fechou. *Não importa a força com que o segure, não sou capaz de mantê-lo aqui*, pensou tristemente. *Largue-o*. Mas os dedos não pareciam ser capazes de se abrir.

– Não tenho ninguém com quem falar, pai – disse-lhe. – Rezo, mas os deuses não respondem – deu um leve beijo em sua mão. A pele estava morna, com veias azuis ramificando-se como rios sob a pele pálida e

translúcida. Lá fora, os grandes rios fluíam, o Ramo Vermelho e o Pedregoso, e fluiriam para sempre, mas não seria assim com os rios na mão do pai. Muito em breve aquela corrente pararia. – Na noite passada sonhei com aquele dia em que Lysa e eu nos perdemos quando voltávamos de Guardamar. Lembra? Aquele estranho nevoeiro chegou e nós nos afastamos do resto do grupo. Tudo estava cinza, e eu não conseguia ver um palmo à frente do focinho do cavalo. Perdemos a estrada. Os galhos das árvores eram como longos braços magros que se estendiam para nos agarrar quando passávamos por eles. Lysa começou a chorar, e quando eu gritei, o nevoeiro pareceu engolir o som. Mas Petyr sabia onde estávamos, voltou e nos encontrou… Mas agora não há ninguém que me encontre, não é? Dessa vez tenho de encontrar o nosso caminho, e é difícil, muito difícil. O lema dos Stark não sai da minha cabeça. O Inverno chegou, pai. Para mim. Para mim. Robb tem agora de lutar contra os Greyjoy e contra os Lannister. E para quê? Por um chapéu de ouro e uma cadeira de ferro? Certamente a terra já sangrou o suficiente. Quero as minhas meninas de volta, quero que Robb deponha a espada e escolha uma filha modesta de Walder Frey que o faça feliz e lhe dê filhos. Quero ter Bran e Rickon de volta, quero… – Catelyn deixou a cabeça pender. – *Quero* – disse uma vez mais, e então ficou sem palavras.

Após algum tempo, a vela oscilou e se apagou. O luar inclinou-se por entre as ripas das venezianas, depositando barras pálidas e prateadas no rosto do pai. Conseguia ouvir o suave murmúrio de sua respiração laboriosa, o infindável correr das águas, os tênues acordes de uma canção de amor qualquer que vinham do pátio, tão tristes e doces.

– *Amei uma donzela ruiva como o Outono* – cantava Rymund – *com o pôr do sol nos cabelos.*

Catelyn não chegou a reparar no momento em que a cantoria havia terminado. Tinham se passado horas, mas pareceu apenas um momento antes que Brienne surgisse à porta.

– Senhora – ela a chamou em voz baixa. – A meia-noite chegou.

*A meia-noite chegou, pai*, pensou, *e tenho de cumprir o meu dever*. Largou sua mão.

O carcereiro era um homenzinho furtivo com veias rompidas no nariz. Encontraram-no debruçado sobre uma caneca de cerveja e os restos de um empadão de pombo, mais do que um pouco bêbado. Olhou-as de esguelha, desconfiado.

– Peço-lhe perdão, senhora, mas Lorde Edmure diz que ninguém deve visitar o Regicida sem um escrito dele, fechado com o selo.

– *Lorde* Edmure? Será que meu pai morreu sem que ninguém tenha me dito nada?

O carcereiro passou a língua pelos lábios.

– Não, senhora, que eu saiba não.

– Ou abre a cela ou vem comigo ao aposento privado de Lorde Hoster contar-lhe por que motivo achou adequado me desafiar.

Os olhos do homem baixaram:

– Como a senhora quiser – as chaves estavam acorrentadas ao cinto de couro com rebites que cingia sua cintura. Resmungou enquanto procurava, até encontrar aquela que servia na porta da cela do Regicida.

– Volte para a sua cerveja, deixe-nos – ordenou Catelyn. Uma lâmpada de azeite pendia de um gancho, no teto baixo. Catelyn pegou-a e avivou a chama. – Brienne, certifique-se de que eu não seja incomodada.

Anuindo com a cabeça, Brienne tomou posição à porta da cela, descansando a mão no botão do punho da espada.

– A senhora chamará se precisar de mim.

Catelyn abriu a pesada porta de madeira e ferro com o ombro e entrou na escuridão malcheirosa. Aquelas eram as tripas de Correrrio, e o cheiro correspondia à descrição. Palha velha estalava sob os pés. As paredes estavam descoloridas por manchas de salitre. Por entre as pedras conseguia ouvir a tênue corrente do Pedregoso. A luz da lâmpada revelou um balde transbordando de fezes em um canto e uma forma amontoada em outro. O jarro de vinho encontrava-se junto da porta, intacto. *Lá se vai a manobra. Suponho que deva me sentir grata por o carcereiro não ter bebido o vinho*.

Jaime ergueu as mãos para cobrir o rosto, fazendo tinir as correntes que prendiam seus pulsos.

– Senhora Stark – disse, numa voz rouca pelo desuso. – Temo não me encontrar em condições de recebê-la.

– Olhe para mim, sor.

– A luz fere meus olhos. Um momento, por favor – Jaime Lannister não tivera permissão de usar uma navalha desde a noite em que fora capturado no Bosque dos Murmúrios, e uma barba hirsuta cobria seu rosto, antes tão semelhante ao da rainha. Cintilando, dourada, à luz da lâmpada, a barba fazia-o parecer um grande animal amarelo qualquer, magnífico, mesmo acorrentado. O cabelo por lavar caía sobre seus ombros em cordões e nós, as roupas apodreciam em seu corpo, o rosto estava pálido e desolado… E, mesmo assim, o poder e a beleza do homem ainda eram visíveis.

– Vejo que não teve gosto pelo vinho que lhe enviei.

– Uma generosidade súbita assim pareceu-me um pouco suspeita.

– Posso mandar que cortem sua cabeça a qualquer momento. Por que motivo precisaria envenená-lo?

– A morte pelo veneno pode parecer natural. É mais difícil defender que minha cabeça simplesmente caiu – lançou do chão um olhar de viés, com os olhos verdes como os de um gato acostumando-se lentamente à luz. – Convidaria a senhora a se sentar, mas seu irmão se esqueceu de me fornecer uma cadeira.

– Posso ficar bastante bem em pé.

– Pode? Devo dizer que está com um aspecto horrível. Embora talvez seja apenas a luz que há aqui – ele estava agrilhoado nos pulsos e nos tornozelos, com cada algema presa às outras por correntes, de forma que nem era capaz de ficar em pé nem de se deitar confortavelmente. As correntes dos tornozelos estavam presas à parede. – Minhas pulseiras são suficientemente pesadas para a senhora, ou veio acrescentar mais algumas? Eu as chocalho lindamente, se quiser.

– Foi você quem provocou isto – lembrou-lhe. – Oferecemos o conforto de uma cela de torre adequada ao seu nascimento e posição. Pagou-nos tentando escapar.

– Uma cela é uma cela. Há algumas sob Rochedo Casterly que fazem com que esta pareça um jardim ensolarado. Um dia talvez mostre-as à senhora.

*Se está intimidado, sabe esconder bem*, Catelyn pensou.

– Um homem acorrentado pelos pés e pelas mãos devia ter na boca uma língua mais cortês, sor. Não vim aqui para ser ameaçada.

– Não? Então decerto que foi para obter prazer de mim? Dizem que as viúvas se cansam das suas camas vazias. Nós, na Guarda Real, juramos nunca casar, mas suponho que ainda poderia servi-la se for isso o que lhe faz falta. Sirva-nos um pouco daquele vinho e tire esse vestido, e veremos se estou em condições.

Catelyn encarou-o com repugnância. *Será que já houve algum dia homem mais belo e vil do que este?*

– Se dissesse isso ao alcance dos ouvidos do meu filho, ele o mataria.

– Só se eu estivesse usando estas coisas – Jaime fez as correntes que o prendiam chocalhar. – Ambos sabemos que o rapaz tem medo de me enfrentar em combate singular.

– Meu filho pode ser novo, mas se o toma por um tolo, está tristemente enganado… E parece-me que não era tão rápido em lançar desafios quando ainda possuía um exército atrás de si.

– Os antigos Reis do Inverno também se escondiam atrás das saias das mães?

– Estou ficando farta disto, sor. Há coisas que tenho de saber.

– Por que haveria de lhe dizer qualquer coisa?

– Para salvar a sua vida.

– Acha que temo a morte? – aquilo pareceu diverti-lo.

– Deveria. Seus crimes devem lhe ter conquistado um lugar de sofrimento no mais profundo dos sete infernos, se os deuses forem justos.

– Que deuses são esses, Senhora Catelyn? As árvores a que seu esposo rezava? Como foi que o serviram quando minha irmã cortou sua cabeça? – Jaime soltou um risinho. – Se existirem deuses, por que o mundo está tão cheio de dor e injustiça?

– Por causa de homens como você.

– Não há homens como eu. Só existo eu.

*Não há nada aqui além de arrogância e orgulho, e da coragem vazia de um louco. Estou desperdiçando fôlego com esse homem. Se alguma vez existiu uma centelha de honra nele, está morta há muito tempo.*

– Se não quer falar comigo, assim seja. Beba o vinho ou urine nele, sor, não faz diferença para mim.

A mão dela já se encontrava sobre a maçaneta quando ele disse:

– Senhora Catelyn – Catelyn voltou-se, esperou. – As coisas enferrujam nesta umidade. Até a cortesia de um homem. Fique, e conseguirá as suas respostas… Por um preço.

*Ele não tem vergonha.*

– Cativos não estabelecem preço.

– Ah, irá achar o meu bastante modesto. Seu carcereiro não me diz nada a não ser vis mentiras, e sequer consegue mantê-las em pé. Um dia diz que Cersei foi esfolada, e no seguinte, que foi meu pai. Responda às minhas perguntas, e eu responderei às suas.

– Com a verdade?

– Ah, o que quer é a *verdade*? Tenha cuidado, senhora. Tyrion fala que as pessoas dizem frequentemente ter fome de verdade, mas raramente gostam do sabor quando ela lhes é servida.

– Sou suficientemente forte para ouvir qualquer coisa que achar por bem dizer.

– Nesse caso, como quiser. Mas primeiro, por bondade… o vinho. Minha garganta está em carne viva.

Catelyn pendurou a lâmpada na porta e deslocou a taça e o jarro para mais perto dele. Jaime bochechou com o vinho antes de engolir.

– Azedo e péssimo – disse –, mas serve – encostou as costas na parede, puxou os joelhos para o peito e a fitou. – Sua primeira pergunta, Senhora Catelyn?

Sem saber durante quanto tempo aquele jogo poderia se prolongar, Catelyn não perdeu tempo.

– É pai de Joffrey?

– Nunca perguntaria isso se não soubesse a resposta.

– Quero ouvi-la de sua boca.

Ele encolheu os ombros.

– Joffrey é meu. Assim como o resto da descendência de Cersei, suponho.

– Admite ser amante de sua irmã?

– Sempre amei minha irmã, e deve-me duas respostas. Minha família continua viva?

– Disseram-me que Sor Stafford Lannister foi morto em Cruzaboi.

Jaime mostrou-se impassível.

– Minha irmã chamava-o de Tio Palerma. São Cersei e Tyrion que me importam. Tal como o senhor meu pai.

– Estão vivos, os três – *mas não por muito tempo, se os deuses forem bons*.

Jaime bebeu um pouco mais de vinho.

– Faça a pergunta seguinte.

Catelyn tinha perguntado a si mesma se ele se atreveria a responder à pergunta seguinte com algo diferente de uma mentira.

– Como foi que meu filho Bran caiu?

– Atirei-o de uma janela.

O modo tranquilo como disse aquilo deixou-a sem voz por um instante. *Se tivesse uma faca, mataria esse Lannister agora*, pensou, até que se lembrou das meninas. Sua garganta se contraiu enquanto dizia:

– É um cavaleiro, prestou juramento de defender os fracos e inocentes.

– Ele era bastante fraco, mas talvez não tão inocente assim. Estava nos espiando.

– Bran não espiaria.

– Então, culpe esses seus preciosos deuses, que trouxeram o garoto até a nossa janela e lhe deram um vislumbre de algo que nunca devia ter visto.

– Culpar os *deuses*? – ela disse, incrédula. – A mão que o atirou era sua. Queria que ele morresse.

As correntes de Jaime tiniram suavemente.

– Raramente atiro crianças das torres para que sua saúde melhore. Sim, queria que morresse.

– E quando não morreu, sabia que estava em mais perigo do que nunca, e, então, deu à sua marionete um saco de prata para se assegurar de que Bran nunca despertaria.

– Eu fiz isso, é? – Jaime levantou a taça e bebeu um longo trago. – Não vou negar que falamos disso, mas a senhora estava com o garoto de dia e de noite, seu meistre e Lorde Eddard visitavam-no frequentemente, e havia guardas, e até aqueles malditos lobos selvagens… Teria sido necessário cortar caminho através de metade de Winterfell. E para que me incomodar, se o garoto parecia morrer por conta própria?

– Se mentir para mim, esta sessão chega ao fim – Catelyn estendeu as mãos, para lhe mostrar os dedos e as palmas. – O homem que veio cortar a garganta de Bran deixou-me estas cicatrizes. Jura que não desempenhou nenhum papel em seu envio?

– Sobre a minha honra de Lannister.

– Sua honra de Lannister vale menos do que *isto* – Catelyn derrubou o balde de dejetos com um pontapé. Uma lama marrom e malcheirosa espalhou-se pelo chão da cela, empapando a palha.

Jaime Lannister afastou-se do derramamento o mais que as correntes permitiam.

– Posso de fato ter merda no lugar de honra, não o nego, mas nunca na vida contratei alguém para matar por mim. Acredite no que quiser, Senhora Stark, mas se quisesse o seu Bran morto, o teria matado pessoalmente.

*Que os deuses sejam misericordiosos, ele está falando a verdade.*

– Se não enviou o assassino, foi sua irmã que o fez.

– Se isso tivesse acontecido, eu saberia. Cersei não tem segredos para mim.

– Então foi o Duende.

– Tyrion é tão inocente como o seu Bran. *Ele* não andava escalando em volta das janelas de ninguém, espiando.

– Então, por que o assassino tinha o punhal dele?

– Que punhal era esse?

– Era deste tamanho – ela disse, afastando as mãos –, simples, mas bem-feito, com uma lâmina de aço valiriano e um cabo de osso de dragão. Seu irmão o ganhou de Lorde Baelish no torneio no dia do nome do Príncipe Joffrey.

O Lannister serviu-se de vinho, bebeu, serviu-se de novo e fitou a taça.

– Este vinho parece melhorar à medida que o bebo. Imagine. Acho que recordo desse punhal, agora que o descreve. Diz que ele o ganhou? Como?

– Apostando em você na justa contra o Cavaleiro das Flores – quando ouviu suas próprias palavras, Catelyn soube que tinha se enganado. – Não… Teria sido o contrário?

– Tyrion sempre me apoiou nas liças – Jaime disse –, mas nesse dia Sor Loras derrubou-me do cavalo. Pouca sorte. Encarei o rapaz com ligeireza em excesso, mas não importa. Seja o que for que meu irmão tenha apostado, perdeu… Mas esse punhal *realmente* mudou de mãos, lembro-me agora. Robert mostrou-me nessa noite, no banquete. Sua Graça adorava pôr sal em minhas feridas, especialmente quando estava bêbado. E quando é que não estava?

Catelyn lembrou-se de que Tyrion Lannister havia dito algo muito semelhante enquanto atravessavam as Montanhas da Lua. Recusara-se a crer nele. Petyr jurara que as coisas tinham sido diferentes. O Petyr que fora quase um irmão, que a amara tanto que tinha lutado em duelo por sua mão… E, no entanto, se Jaime e Tyrion contavam a mesma história, qual seria o significado disso? Os irmãos não tinham se encontrado desde a partida de Winterfell, mais de um ano antes.

– Está tentando me enganar? – havia ali, em algum lugar, uma armadilha.

– Já admiti ter atirado seu precioso diabrete por uma janela, o que ganharia se mentisse a respeito dessa faca? – ele emborcou outra taça de vinho. – Acredite no que quiser, já passou o tempo em que me preocupava com o que as pessoas dizem de mim. E é a minha vez. Os irmãos de Robert puseram-se em campo?

– Sim.

– Eis uma resposta avara. Dê-me mais do que isso, senão sua próxima resposta será igualmente pobre.

– Stannis marcha contra Porto Real – ela disse de má vontade. – Renly está morto, assassinado em Ponteamarga pelo irmão, através de alguma arte negra que não compreendo.

– É uma pena. Gostava bastante de Renly, se bem que Stannis seja uma história bem diferente. Qual lado os Tyrell escolheram?

– A princípio, o de Renly. Agora não sei dizer.

– Seu garoto deve andar se sentindo solitário.

– Robb fez dezesseis anos há alguns dias… É um homem-feito, e um rei. Venceu todas as batalhas que travou. Segundo as últimas notícias que recebemos, conquistou o Despenhadeiro aos ocidentais.

– Ainda não se defrontou com meu pai, não é?

– Quando o fizer, vai derrotá-lo. Como fez convosco.

– Pegou-me desprevenido. Um truque de covarde.

– Atreve-se a falar de truques? Seu irmão Tyrion enviou-nos assassinos vestidos de enviados, sob uma bandeira de paz.

– Se fosse um de seus filhos nesta cela, os irmãos dele não fariam o mesmo?

*Meu filho não tem irmãos*, pensou Catelyn, mas não dividiria sua dor com uma criatura como aquela.

Jaime bebeu mais um pouco de vinho.

– O que é a vida de um irmão quando a honra está em causa, hã? – outro gole. – Tyrion é suficientemente inteligente para compreender que seu filho nunca consentirá em libertar-me mediante resgate.

Catelyn não podia negá-lo.

– Os vassalos de Robb prefeririam vê-lo morto. Em particular Rickard Karstark. Matou dois de seus filhos no Bosque dos Murmúrios.

– Eram os dois com o esplendor branco? – Jaime encolheu os ombros. – A bem da verdade, quem eu estava tentando matar era o *seu* filho. Os outros entraram em meu caminho. Matei-os numa luta justa, no calor da batalha. Qualquer outro cavaleiro teria feito a mesma coisa.

– Como é possível que se considere ainda um cavaleiro, depois de ter posto de lado todos os votos que jurou?

Jaime estendeu a mão para o jarro, a fim de voltar a encher a taça.

– Tantos votos… Obrigam-nos a jurar e voltar a jurar. Defender o rei. Obedecer ao rei. Guardar seus segredos. Fazer o que ele nos pedir. Nossa vida pela dele. Além de obedecer ao nosso pai. Amar a nossa irmã. Proteger os inocentes. Defender os fracos. Respeitar os deuses. Obedecer às leis. É demais. Faça o que fizer, é preciso pôr de lado um voto ou outro – bebeu um bom trago de vinho e fechou os olhos por um instante, encostando a cabeça na mancha de salitre da parede. – Fui o homem mais novo a usar o manto branco na história.

– E o mais novo a trair tudo o que o manto simbolizava, Regicida.

– *Regicida* – ele pronunciou com cuidado. – E que rei ele era! – ergueu a taça: – A Aerys Targaryen, o Segundo do Seu Nome, Senhor dos Sete Reinos e *Protetor* do Território. E à espada que abriu sua garganta. Uma espada *dourada*, sabe? Até que o sangue dele correu vermelho pela lâmina. São essas as cores Lannister, vermelho e dourado.

Enquanto ele ria, Catelyn compreendeu que o vinho fizera seu trabalho; Jaime tinha bebido a maior parte do jarro e estava bêbado.

– Só um homem como você se sentiria orgulhoso de um ato desses.

– Já lhe disse que não há homens como eu. Responda-me o seguinte, Senhora Stark… Seu Ned alguma vez lhe contou o modo como o pai dele morreu? Ou o irmão?

– Estrangularam Brandon enquanto o pai observava, e depois mataram também Lorde Rickard – uma história feia, e velha, de dezesseis anos. Por que ele estaria falando dela agora?

– Sim, mataram, mas *como*?

– A corda ou o machado, suponho.

Jaime bebeu um gole, limpou a boca:

– Não há dúvida de que Ned desejou poupá-la. Sua doce e jovem noiva, ainda que não fosse propriamente donzela. Bem, queria a verdade. Perguntou-me. Fizemos um acordo, nada posso lhe negar. Pergunte.

– O que está morto, morto está – *não quero saber disso.*

– Brandon era diferente do irmão, não era? Tinha sangue nas veias, e não água fria. Era mais parecido comigo.

– Brandon não se parecia em nada com você.

– Se você diz. Você e ele iam se casar.

– Ele vinha a caminho de Correrrio quando… – estranho como contar aquilo ainda fazia sua garganta apertar-se, depois de todos aqueles anos. – … Quando ouviu notícias de Lyanna e se dirigiu a Porto Real. Foi um ato precipitado – lembrava-se de como o pai tinha se enfurecido quando as notícias foram trazidas a Correrrio. *O pateta galante,* assim ele chamara Brandon.

Jaime serviu-se da última meia taça de vinho.

– Ele entrou a cavalo na Fortaleza Vermelha com alguns companheiros, desafiando aos gritos o Príncipe Rhaegar a sair e morrer. Mas Rhaegar não estava lá. Aerys mandou os guardas prenderem-nos a todos, acusados de planejar o assassinato do filho. Os outros eram também filhos de senhores, parece-me.

– Ethan Glover era escudeiro de Brandon – Catelyn disse. – Foi o único sobrevivente. Os outros eram Joffrey Mallister, Kyle Royce e Elbert Arryn, sobrinho e herdeiro de Jon Arryn – era estranho como ainda se lembrava dos nomes, depois de tantos anos. – Aerys acusou-os de traição e convocou os pais à corte para responder à acusação, mantendo os filhos como reféns. Quando chegaram, mandou assassiná-los sem julgamento. Tanto os pais como os filhos.

– Houve julgamento. De certo modo. Lorde Rickard exigiu o julgamento por combate, e o rei concedeu-lhe o pedido. O Stark armou-se como se fosse para a batalha, pensando que iria travar um duelo com um membro da Guarda Real. Talvez eu. Em vez disso, levaram-no para a sala do trono e suspenderam-no das vigas enquanto dois dos piromantes de Aerys acendiam uma fogueira por baixo dele. O rei disse-lhe que o campeão da Casa Targaryen era o *fogo*. Portanto, tudo o que Lorde Rickard tinha de fazer para provar que era inocente de traição era… bem, não arder. Depois de atearem fogo, Brandon foi trazido. Vinha com as mãos acorrentadas atrás das costas e trazia, em volta do pescoço, um

cordão de couro molhado e ligado a um dispositivo que o rei trouxera de Tyrosh. Mas as pernas tinham sido deixadas livres, e a espada fora depositada bem longe de seu alcance. Os piromantes assaram Lorde Rickard lentamente, abafando e atiçando o fogo com cuidado, para obter um calor bom e uniforme. A primeira coisa a se incendiar foi seu manto, depois foi a capa, e em breve não usava nada a não ser metal e cinzas. Em seguida iria começar a arder, prometeu Aerys… A menos que o filho conseguisse libertá-lo. Brandon tentou, mas quanto mais se esforçava, mais o cordão se apertava em torno de sua garganta. No fim, estrangulou-se a si próprio. Quanto a Lorde Rickard, o aço de sua placa de peito ficou cor de cereja antes do fim, e o ouro das esporas derreteu e pingou na fogueira. Eu permaneci em pé, na base do Trono de Ferro com minha armadura e manto brancos, enchendo a cabeça com pensamentos sobre Cersei. Depois daquilo, o próprio Gerold Hightower chamou-me de lado e me disse: "Fez o voto de defender o rei, não de julgá-lo". O Touro Branco era assim, leal até o fim e um homem melhor do que eu, todos concordam.

– Aerys… – Catelyn sentia o sabor de bílis no fundo da garganta. A história era tão hedionda que suspeitava ter de ser verdadeira. – Aerys era louco, todo o reino sabia disso, mas se quer que acredite que o matou para vingar Brandon Stark…

– Não afirmei nada disso. Os Stark não eram nada para mim. Mas digo que me parece mais do que bizarro que seja amado por uma pessoa por uma gentileza que nunca fiz e injuriado por tantas por meu melhor ato. Na coroação de Robert, fui obrigado a ajoelhar-me aos pés reais ao lado do Grande Meistre Pycelle e de Varys, o eunuco, para que ele pudesse *perdoar* os nossos crimes antes de nos tomar ao seu serviço. Quanto ao seu Ned, ele devia ter beijado a mão que matou Aerys, mas preferiu desprezar o rabo que encontrou sentado no trono de Robert. Penso que Ned Stark amava mais Robert do que alguma vez amou o irmão ou o pai… ou até você, senhora. Nunca foi infiel para com Robert, não é? – Jaime soltou uma gargalhada de bêbado. – Então, Senhora Stark, não acha tudo isso terrivelmente divertido?

– Não há nada que lhe diga respeito que eu ache divertido, Regicida.

– De novo esse nome. Acho que no fim não foderei a senhora. Mindinho a possuiu primeiro, não foi? Nunca como do tabuleiro de outro homem. Além disso, não tem nem metade da beleza de minha irmã – o sorriso dele cortava. – Nunca me deitei com outra mulher que não Cersei. À minha maneira, fui mais fiel do que seu Ned. Pobre, velho, morto Ned. Quem tem então agora merda no lugar da honra, pergunto-lhe? Qual era o nome daquele bastardo de que ele foi pai?

Catelyn deu um passo para trás.

– *Brienne*.

– Não, não era esse – Jaime Lannister virou o jarro de boca para baixo. Um fiozinho de vinho correu sobre seu queixo, brilhante como sangue. – Snow, era isso. Um nome tão *branco*… como os lindos mantos que nos dão na Guarda Real quando juramos nossos lindos juramentos.

Brienne abriu a porta e entrou na cela.

– Chamou, senhora?

– Dê-me sua espada – Catelyn estendeu a mão.

# Theon

O céu era uma sombra de nuvens, a floresta estava morta e congelada. Raízes agarravam-se aos pés de Theon enquanto ele corria, e galhos nus chicoteavam seu rosto, deixando-lhe finas riscas de sangue. Caiu, descuidado, sem fôlego, fazendo pingentes de gelo se despedaçar à sua frente. *Misericórdia*, soluçou. Atrás ouviu-se um uivo arrepiante que congelou seu sangue. *Misericórdia, misericórdia*. Quando olhou de relance por sobre o ombro, viu-os aproximando-se, grandes lobos do tamanho de cavalos com cabeça de crianças pequenas. *Ah, misericórdia, misericórdia*. De suas bocas pingava sangue negro como breu, queimando buracos na neve onde caía. Cada passo os trazia para mais perto. Theon tentou correr mais depressa, mas as pernas não queriam obedecê-lo. Todas as árvores tinham rostos, e riam dele, riam, e o uivo voltou a ser ouvido. Conseguia sentir o cheiro do hálito quente das feras que o perseguiam, um fedor de enxofre e decomposição. *Eles estão mortos, mortos, eu os vi mortos*, tentou gritar, *eu vi a cabeça deles mergulhadas em alcatrão*, mas, quando abriu a boca, só um gemido soou, e então algo o *tocou* e ele se virou, gritando…

… lançando a mão ao punhal que mantinha junto à cama e conseguindo apenas arremessá-lo ao chão. Wex dançou para longe dele. Fedor estava atrás do muro, com sua cabeça iluminada por baixo pela vela que transportava.

– O que é? – Theon gritou. *Misericórdia*. – O que querem? Por que estão no meu quarto? *Por quê*?

– Senhor meu príncipe – disse Fedor –, sua irmã chegou a Winterfell. Pediu para o informarmos imediatamente se ela chegasse.

– Já era mais que hora – ele resmungou, passando os dedos pelos cabelos. Começara a temer que Asha pretendesse abandoná-lo ao seu destino. *Misericórdia*. Olhou de relance pela janela, onde a primeira vaga luz da aurora começava a roçar as torres de Winterfell. – Onde ela está?

– Lorren a levou, e aos seus homens, para o Grande Salão, para quebrarem o jejum. Vai recebê-la agora?

– Sim – Theon afastou as mantas. O fogo tinha se transformado em brasas. – Wex, água quente – não podia deixar que Asha o visse desgrenhado e ensopado em suor. *Lobos com rosto de criança*… Estremeceu. – Feche as venezianas – parecia-lhe que o quarto estava tão frio como o sonho da floresta.

Nos últimos tempos, todos os seus sonhos tinham sido frios, e cada um mais hediondo do que o anterior. Na noite passada tinha sonhado que estava de volta ao moinho, de joelhos, vestindo os mortos. Os membros já estavam enrijecendo, e pareciam resistir teimosamente enquanto ele se atrapalhava com dedos meio gelados, puxando calções e dando nós, enfiando pés duros que não se dobravam em botas forradas com peles, afivelando um cinto de couro cravejado de rebites em volta de uma cintura que não era maior do que o vão entre suas mãos juntas.

– Nunca quis isso – disse-lhes enquanto trabalhava. – Eles não me deram outra escolha – os cadáveres não responderam, ficaram apenas mais frios e mais pesados.

Na noite anterior tinha sido a mulher do moleiro. Theon esquecera seu nome, mas lembrava-se de seu corpo, seios macios como almofadas e estrias na barriga, do modo como arranhava suas costas quando a fodia. Na noite passada, no sonho, ela esteve de novo em sua cama, mas dessa vez tinha dentes em cima *e* embaixo, e rasgou sua garganta ao mesmo tempo que lhe arrancava o membro. Era uma loucura. Também a vira morrer. Gelmarr abatera-a com um golpe de machado enquanto ela gritava com Theon por misericórdia. *Deixe-me, mulher. Foi ele, não eu, quem a matou. E ele também está morto*. Pelo menos Gelmarr não assombrava o sono de Theon.

O sonho tinha se afastado quando Wex regressou com a água. Theon lavou o suor e o sono do corpo e levou um tempo vestindo-se. Asha deixara-o à espera por bastante tempo; agora era sua vez. Escolheu uma túnica de cetim com riscas pretas e douradas e um belo justilho de couro com tachões de prata… e só então se lembrou de que sua maldita irmã depositava mais valor nas lâminas do que na beleza. Praguejando, arrancou a roupa e voltou a se vestir de feltro de lã negra e cota de malha. Em volta da cintura afivelou espada e punhal, lembrando-se da noite em que ela o tinha humilhado à mesa do pai. *Seu querido bebê de peito, sim. Pois bem, também tenho uma faca, e sei usá-la*.

Por último, colocou a coroa na cabeça, um aro de ferro frio, estreito como um dedo, cravejado de pesados fragmentos de diamante negro e pepitas de ouro. Era disforme e feia, mas nada havia a fazer. Mikken estava enterrado no cemitério, e o novo ferreiro era capaz de fazer pouco mais do que pregos e ferraduras. Theon consolou-se, recordando a si mesmo de que era apenas uma coroa de príncipe. Teria coisa muito melhor quando fosse coroado rei.

À porta, Fedor esperava com Urzen e Kromm. Theon juntou-se a ele. Naqueles dias, levava guardas consigo onde quer que fosse, até à latrina. Winterfell queria vê-lo morto. Na mesma noite em que voltaram do Água de Bolotas, Gelmarr, o Cruel, caiu alguns degraus e quebrou a coluna. No dia seguinte, Aggar apareceu com a garganta cortada de um lado a outro. Gynir Rednose tinha se tornado tão cauteloso que evitava o vinho, passara a dormir de cota de malha longa, touca e elmo, e adotara o mais barulhento cão que tinha encontrado nos canis, para que o avisasse caso alguém tentasse se esgueirar até o local onde dormia. Mesmo assim, uma manhã o castelo tinha acordado ao som dos latidos desenfreados do pequeno cão. Encontraram o cachorro correndo em volta do poço, e Rednose boiando nele, afogado.

Theon não podia deixar os assassinatos impunes. Farlen era um suspeito tão provável como qualquer outro. Tinha montado um julgamento, declarado o homem culpado e condenado-o à morte. Mas até isso havia corrido mal. Ao se ajoelhar junto ao cepo, o mestre dos canis dissera:

– O senhor Eddard cuidava sempre de suas mortes.

Theon tivera de empunhar ele próprio o machado para não parecer um fracote. Como suava, o cabo virou em suas mãos ao brandi-lo, e o primeiro golpe atingira Farlen entre os ombros. Foram necessários mais três golpes para cortar todos aqueles ossos e músculos e separar a cabeça do corpo, e depois Theon ficou mal, recordando todas as vezes que tinham se sentado à mesa, diante de uma taça de hidromel, conversando sobre cães e caça. *Não tive escolha*, quis gritar ao cadáver. *Os homens de ferro não sabem guardar segredos, tinham de morrer, e alguém precisava arcar com a culpa*. Só desejava tê-lo matado de forma mais limpa. Ned Stark nunca precisara de mais do que um único golpe para decapitar um homem.

Os assassinatos pararam após a morte de Farlen, mas mesmo assim seus homens continuaram mal-humorados e ansiosos.

– Não temem nenhum inimigo em batalha aberta – Lorren Negro lhe dissera –, mas é diferente viver entre inimigos, sem nunca saber se a lavadeira quer beijá-lo ou matá-lo, ou se o criado está enchendo sua taça com cerveja ou veneno. O melhor que faríamos era sair deste lugar.

– Eu sou o Príncipe de Winterfell! – Theon gritara. – Este é o meu domínio, nenhum homem me arrancará daqui. Não, e mulher nenhuma também.

*Asha. Era obra dela. Minha querida irmã, que os Outros a enrabem com uma espada*. Queria vê-lo morto, para poder roubar seu lugar como herdeiro do pai. Era por isso que o deixara ali definhando, ignorando as ordens urgentes que lhe enviara.

Foi encontrá-la no cadeirão dos Stark, desfazendo um capão com os dedos. O salão ressoava com as vozes de seus homens, compartilhando histórias com os de Theon enquanto bebiam juntos. Eram tão barulhentos que sua entrada quase passou despercebida.

– Onde estão os outros? – perguntou Fedor. Não havia mais de cinquenta homens nas mesas de montar, e a maior parte eram seus. O Grande Salão de Winterfell poderia ter acomodado dez vezes esse número.

– Isto é a companhia toda, senhor príncipe.

– *Toda*… Quantos homens ela trouxe?

– Pelas minhas contas, vinte.

Theon Greyjoy encaminhou-se a passos largos para onde a irmã estava instalada. Asha ria de qualquer coisa que um de seus homens tinha dito, mas parou quando o viu aproximar-se.

– Ora, é o Príncipe de Winterfell – atirou um osso a um dos cães que andavam farejando pelo salão. Por baixo daquele bico de falcão que tinha como nariz, sua boca larga retorceu-se num sorriso de zombaria. – Ou será o Príncipe dos Tolos?

– A inveja cai mal a uma donzela.

Asha chupou gordura dos dedos. Uma madeixa de cabelo negro caiu sobre seus olhos. Seus homens gritavam por pão e bacon. Faziam bastante barulho, por poucos que fossem.

– Inveja, Theon?

– Que outro nome lhe daria? Com trinta homens capturei Winterfell numa noite. Você precisou de mil e de uma volta de lua para tomar Bosque Profundo.

– Bem, não sou um grande guerreiro como você, irmão – tragou meio corno de cerveja e limpou a boca com as costas da mão. – Vi as cabeças por cima de seus portões. Diga-me a verdade, qual deles deu mais trabalho na luta, o aleijado ou o bebê?

Theon sentiu o sangue afluindo ao seu rosto. Não se regozijava mais com aquelas cabeças do que se regozijara com a exibição dos corpos decapitados das crianças perante o castelo. A Velha Ama tinha ficado imóvel, abrindo e fechando, sem um som, sua boca mole e desdentada, e Farlen atirara-se a Theon, rosnando como um de seus cães. Urzen e Cadwyl foram forçados a espancá-lo com os cabos das lanças até o deixarem sem sentidos. *Como cheguei a esse ponto?*, lembrava-se de ter pensado enquanto se mantinha em pé sobre os corpos cobertos de moscas.

Só Meistre Luwin tolerara se aproximar. Com um rosto de pedra, o pequeno homem cinzento pedira licença para costurar a cabeça dos

garotos ao corpo, para poderem ser sepultados nas criptas subterrâneas, com os outros mortos dos Stark.

– Não – dissera-lhe Theon. – Nas criptas, não.

– Mas por que, senhor? Certamente que já não podem lhe fazer mal. E lá é o lugar deles. Todos os ossos dos Stark…

– Eu disse *não*.

Precisava das cabeças para a muralha, mas queimara os corpos decapitados naquele mesmo dia, vestidos com suas belas roupas. Depois, ajoelhou-se entre os ossos e cinzas para recuperar uma escória de prata derretida e azeviche rachado, tudo o que restava do broche em forma de cabeça de lobo que antes pertencera a Bran. Ainda a tinha consigo.

– Tratei Bran e Rickon com generosidade – disse à irmã. – Foram eles que chamaram a si seu destino.

– Tal como todos fazemos, irmãozinho.

Theon tinha a paciência no fim.

– Como espera que eu defenda Winterfell se me traz apenas vinte homens?

– Dez – Asha corrigiu. – Os outros voltam comigo. Não vai querer que sua querida irmã enfrente os perigos da floresta sem uma escolta, não é? Há lobos gigantes patrulhando a escuridão – desenrolou-se de dentro do grande cadeirão de pedra e ficou em pé. – Venha, vamos para algum lugar onde possamos conversar com mais privacidade.

Theon sabia que ela tinha razão, mas amargurava-o que tivesse sido ela a tomar essa decisão. *Nunca devia ter vindo ao salão*, compreendeu tardiamente. *Devia ter ordenado que ela fosse trazida até mim*.

Mas agora era tarde demais para isso. Theon não tinha escolha a não ser levar Asha ao aposento privado de Ned Stark. Lá, diante das cinzas de um fogo morto, exclamou:

– Dagmer perdeu a luta em Praça de Torrhen.

– O velho castelão abriu uma brecha em sua muralha de escudos, sim – disse Asha com voz calma – O que esperava? Esse Sor Rodrik conhece intimamente o terreno, e Boca Rachada não, e muitos dos nortenhos estavam a cavalo. Aos homens de ferro falta a disciplina para aguentar

um ataque de cavalaria protegida por armaduras. Dagmer sobreviveu, seja grato por isso. Está levando os sobreviventes de volta à Costa Pedregosa.

*Ela sabe mais do que eu*, Theon percebeu. E isso só o deixou mais zangado.

– A vitória deu a Leobald Tallhart coragem para sair da proteção de suas muralhas e ir se juntar a Sor Rodrik. E recebi relatos que afirmam que Lorde Manderly enviou uma dúzia de barcaças rio acima, atulhadas de cavaleiros, cavalos de guerra e máquinas de cerco. Os Umber também reúnem homens para lá do Rio Último. Terei um *exército* aos meus portões antes do virar da lua, e você me traz só *dez homens*?

– Não tinha de ter trazido nenhum.

– Eu ordenei…

– O pai ordenou-me que tomasse Bosque Profundo – ela o interrompeu. – Não me disse nada sobre ter de ir salvar meu irmão mais novo.

– Que se dane Bosque Profundo. É um penico de madeira em cima de um monte. Winterfell é o coração do território, mas, como posso defendê-lo sem uma guarnição?

– Podia ter pensado nisso antes de tomá-lo. Oh, foi coisa esperta, admito. Se ao menos tivesse tido o bom-senso de arrasar o castelo e levar os dois principezinhos de volta a Pyke como reféns, podia ter ganhado a guerra com um golpe.

– Gostaria disso, não é verdade? De ver minha presa reduzida a cinzas e escombros.

– Sua presa vai ser a sua perdição. As lulas gigantes levantam-se do *mar*, Theon, ou será que se esqueceu disso durante os anos em que passou entre os lobos? Nossa força está nos dracares. Meu penico de madeira fica suficientemente perto do mar para que abastecimentos e homens novos cheguem sempre que forem necessários. Mas Winterfell está a centenas de léguas para o interior, rodeado de florestas, montes e castros, e castelos hostis. E agora, cada homem em mil léguas ao redor é seu inimigo, não se iluda. Certificou-se disso quando colocou aquelas

cabeças em sua guarita – Asha sacudiu a cabeça. – Como pôde ser tão burro? *Crianças*…

– Eles me desafiaram! – Theon gritou no rosto dela. – E, além disso, foi sangue por sangue, dois filhos de Eddard Stark em troca de Rodrik e Maron – as palavras jorraram sem pensar, mas Theon soube de imediato que o pai aprovaria. – Dei descanso aos fantasmas de meus irmãos.

– De *nossos* irmãos – recordou-lhe Asha, com um meio sorriso que sugeria que dava um bom desconto àquela conversa de vingança. – Trouxe os fantasmas deles de Pyke, mano? E eu que pensava que só assombravam o pai.

– Desde quando as donzelas compreendem a necessidade de vingança de um homem? – mesmo se o pai não gostasse de receber Winterfell de presente, *tinha* de aprovar que Theon vingasse os irmãos.

Asha segurou uma gargalhada com uma fungadela.

– Já passou por sua cabeça que esse Sor Rodrik pode bem alimentar a mesma necessidade viril? É sangue do meu sangue, Theon, independentemente do que seja além disso. Por amor à mãe que nos teve, volte comigo para Bosque Profundo. Entregue Winterfell ao archote e se retire enquanto ainda pode.

– Não – Theon ajustou a coroa. – Tomei este castelo, e pretendo mantê-lo.

A irmã o olhou durante muito tempo.

– Então vai mantê-lo durante o resto de sua vida – ela suspirou. – Eu digo que isso cheira a loucura, mas o que sabe uma tímida donzela dessas coisas? – já na porta, dirigiu-lhe um último sorriso zombeteiro. – Acho que devia saber que essa é a coroa mais feia que já vi. Foi você que fez?

Deixou-o furioso, e não permaneceu no castelo mais do que o tempo necessário para dar de comer e beber aos cavalos. Metade dos homens que trouxera voltaram com ela, como avisara, atravessando o mesmo Portão do Caçador que Bran e Rickon tinham usado para a fuga.

Theon os viu partir da muralha. Enquanto a irmã desaparecia na névoa da mata de lobos, deu por si interrogando-se sobre o motivo por que não a tinha escutado e partido com ela.

– Ela foi embora, é? – Fedor estava junto ao seu lado.

Theon não o ouvira chegar, e também não sentira o seu cheiro. Não era capaz de imaginar alguém que quisesse ver menos. Sentia-se desconfortável vendo o homem andar por aí, respirando, com tudo o que sabia. *Devia ter mandado matá-lo depois de ele ter cuidado dos outros*, refletiu, mas a ideia o deixava nervoso. Por improvável que parecesse, Fedor sabia ler e escrever, e possuía suficiente astúcia servil para ter escondido um relato do que tinham feito.

– Senhor príncipe, com a sua licença, não tá certo que ela o abandone. E dez homens, isso não vai adiantar, nem de longe.

– Estou bem consciente disso – ele respondeu. *E Asha também está*.

– Bom, pode ser que possa ajudá-lo. Dê-me um cavalo e um saco de moedas e talvez lhe arranje uns tipos bons.

Theon estreitou os olhos.

– Quantos?

– Pode ser que uns cem. Ou duzentos. Talvez mais – Fedor sorriu, com os olhos claros cintilando. – Nasci aqui pro norte. Conheço muito homem, e muito homem conhece Fedor.

Duzentos homens não eram um exército, mas não seriam necessários milhares para defender um castelo tão forte como Winterfell. Desde que fossem capazes de aprender qual das pontas da lança matava, podiam fazer a diferença.

– Faça isso que diz, e não vai me achar ingrato. Pode dizer que recompensa quer.

– Bom, senhor, não tenho mulher desde que estava com Lorde Ramsay. Tô de olho naquela Palla, e ouvi dizer que ela já teve com um homem, então…

Tinha ido longe demais com Fedor para recuar agora.

– Duzentos homens e ela é sua. Mas, um homem a menos, e pode voltar a foder porcos.

Fedor partiu antes do pôr do sol, levando um saco da prata dos Stark e a última das esperanças de Theon. *O mais certo é que não volte a ver o*

*maldito homem*, pensou amargamente, mas, mesmo assim, o risco tinha de ser corrido.

Nessa noite sonhou com o banquete que Ned Stark tinha organizado quando o Rei Robert veio a Winterfell. O salão ressoava com música e risos, embora os ventos frios estivessem subindo lá fora. A princípio era tudo vinho e carne assada, e Theon trocava gracejos, admirava as criadas e passava um tempo agradável… Até reparar que a sala estava ficando mais escura. A música já não parecia tão alegre; ouviu dissonâncias e estranhos silêncios, e notas que pairavam, sangrando, no ar. De repente, o vinho amargou em sua boca, e quando ergueu os olhos da taça viu que estava jantando com os mortos.

O Rei Robert estava sentado com as tripas derramadas sobre a mesa, saídas do grande rasgo que tinha na barriga, e Lorde Eddard encontrava-se ao seu lado, sem cabeça. Cadáveres ocupavam os bancos, embaixo, com carne marrom-acinzentada desprendendo-se dos ossos ao erguerem as taças para brindar, e vermes rastejando para dentro e para fora dos buracos que tinham sido seus olhos. Conhecia todos; Jory Cassel e o Gordo Tom, Porther, Cayn e Hullen, o mestre dos cavalos, e todos os outros que tinham partido para Porto Real para nunca regressar. Mikken e Chayle estavam juntos, um pingando sangue, e o outro, água. Benfred Tallhart e as suas Bravas Lebres enchiam a maior parte de uma mesa. A mulher do moleiro também estava lá, e Farlen, e até o selvagem que Theon matou na mata de lobos no dia em que salvara a vida de Bran.

Mas havia outros, com rostos que nunca conhecera em vida, rostos que vira apenas em pedra. A esbelta e triste moça que usava uma coroa de rosas azuis-claras e um vestido branco salpicado de sangue coagulado só podia ser Lyanna. O irmão Brandon encontrava-se em pé ao seu lado, e o pai de ambos, Lorde Rickard, logo atrás. Ao longo das paredes, figuras entrevistas deslocavam-se por entre as sombras, vultos pálidos com longos rostos severos. Vê-los fez Theon estremecer de um medo afiado como uma faca. E então as altas portas abriram-se com estrondo, e uma gélida rajada soprou pelo salão, e Robb saiu, a pé, da noite. Vento

Cinzento vinha ao seu lado, com os olhos em fúria, e homem e lobo sangravam de meia centena de feridas cruéis.

Theon acordou com um grito, assustando Wex de tal maneira que o rapaz fugiu nu do quarto. Quando os guardas irromperam no quarto, de espada na mão, ordenou-lhes que trouxessem o meistre. Quando Luwin chegou, desgrenhado e sonolento, uma taça de vinho tinha firmado as mãos de Theon, e ele sentia-se envergonhado de seu pânico.

– Um sonho – murmurou –, não passou de um sonho. Não quis dizer nada.

– Nada – concordou solenemente Luwin. Deixou-lhe uma poção para dormir, mas Theon despejou-a pelo poço da latrina no momento em que o meistre saiu. Luwin era meistre, mas também homem, e o homem não tinha qualquer simpatia por ele. *Quer que eu durma, sim… que durma para nunca mais acordar. Gostaria disso tanto quanto Asha*.

Mandou chamar Kyra, fechou a porta com um pontapé, subiu nela e fodeu a criada com uma fúria que nunca soube que existisse em si. Quando acabou, ela soluçava, com o pescoço e os seios cobertos de hematomas e marcas de mordidas. Theon empurrou-a para fora da cama e atirou-lhe uma manta.

– Fora.

Mas, mesmo então, não conseguiu dormir.

Ao chegar a alvorada, vestiu-se, saiu e foi caminhar ao longo das muralhas exteriores. O vento vivo de Outono que rodopiava através das ameias deixou seu rosto vermelho e feriu seus olhos. Observou a floresta enquanto ela passava de cinzenta a verde, à medida que a luz se infiltrava através das árvores silenciosas. À esquerda viam-se o topo de torres por cima da muralha interior, com os telhados dourados pelo sol nascente. As folhas vermelhas do represeiro eram um clarão de chamas na vastidão verde. *A árvore de Ned Stark*, pensou, e *a floresta dos Stark, o castelo dos Stark, a espada dos Stark, os deuses dos Stark. Este é o lugar deles, não meu. Sou um Greyjoy de Pyke, nascido para pintar uma lula gigante no meu escudo e velejar pelo grande mar salgado. Devia ter ido com Asha.*

Nos espigões de ferro sobre a guarita, as cabeças aguardavam.

Theon fitou-as em silêncio enquanto o vento puxava seu manto com pequenas mãos fantasmagóricas. Os filhos do moleiro tinham a mesma idade de Bran e de Rickon, semelhantes no tamanho e na cor, e depois que Fedor arrancou a pele de seus rostos e mergulhou as cabeças em alcatrão, era fácil encontrar traços familiares naqueles deformados pedaços de carne a apodrecer. As pessoas eram tão burras. *Se tivéssemos dito que eram cabeças de carneiro, teriam visto cornos.*

# Sansa

Tinham passado a manhã inteira cantando no septo, desde que a primeira notícia de velas inimigas havia chegado ao castelo. O som de suas vozes combinava-se com os relinchos dos cavalos, o tinir do aço e os gemidos das dobradiças dos grandes portões de bronze, para criar uma música estranha e assustadora. *No septo cantam pela misericórdia da Mãe, mas nas muralhas é ao Guerreiro que oram, e todos em silêncio*. Lembrou-se de como Septã Mordane costumava dizer-lhes que o Guerreiro e a Mãe eram apenas duas faces do mesmo grande deus. *Mas se há apenas um, qual das preces será ouvida?*

Sor Meryn Trant segurava o sanguíneo baio para Joffrey montar. Tanto o cavalo como o rapaz usavam malha dourada e armadura esmaltada carmesim, com leões dourados condizentes nas cabeças. A pálida luz do sol relampejava nos dourados e vermelhos sempre que Joff se mexia. *Brilhante, reluzente e vazio*, Sansa pensou.

O Duende estava montado num garanhão vermelho, armado de modo mais simples do que o rei, num equipamento de batalha que fazia com que parecesse um garotinho vestido com a roupa do pai. Mas nada havia de infantil no machado de batalha preso sob o escudo. Sor Mandon Moore seguia a seu lado, com aço branco brilhante como gelo. Quando Tyrion a viu, virou o cavalo na sua direção.

– Senhora Sansa – chamou de cima da sela –, certamente minha irmã lhe pediu para se juntar às outras senhoras de elevado nascimento em Maegor?

– Pediu, senhor, mas Rei Joffrey mandou me chamar para me despedir dele. Também pretendo visitar o septo, para rezar.

– Não perguntarei por quem – a boca dele torceu-se de forma estranha; se aquilo era um sorriso, era o mais estranho que já vira. – Este dia pode mudar tudo. Quer para você quer para a Casa Lannister. Devia tê-la mandado embora com Tommen, agora penso nisso. Mesmo assim, deverá estar suficientemente segura em Maegor, desde que…

– *Sansa!* – o grito juvenil ressoou no pátio; Joffrey a tinha visto. – Sansa, aqui!

*Chama-me como se estivesse chamando um cão*, pensou.

– Sua Graça precisa de você – Tyrion Lannister observou. – Voltaremos a conversar depois da batalha, se os deuses o permitirem.

Sansa abriu caminho através de uma fileira de lanceiros com mantos dourados enquanto Joffrey lhe fazia sinais para que se aproximasse.

– Haverá uma batalha em breve, é o que todos dizem.

– Que os deuses tenham misericórdia por todos nós.

– Meu tio é quem precisará de misericórdia, mas não lhe darei nenhuma – Joffrey puxou a espada. O botão era um rubi esculpido como um coração, incrustado entre as mandíbulas de um leão. Três sulcos estavam profundamente entalhados na lâmina. – Minha nova lâmina, Devoradora de Corações.

Sansa recordou que ele um dia possuíra uma espada chamada Dente de Leão. Arya a tirara dele e a jogara em um rio. *Espero que Stannis faça o mesmo com esta*.

– Está lindamente trabalhada, Vossa Graça.

– Abençoe meu aço com um beijo – abaixou a lâmina até ela. – Vá lá, beije-a.

Nunca tinha soado tanto como um garotinho estúpido. Sansa encostou os lábios no metal, pensando que preferiria beijar tantas espadas quantas fosse preciso a beijar Joffrey. Mas o gesto pareceu agradar-lhe. Embainhou a lâmina com um floreio.

– Vai beijá-la de novo quando eu voltar, e vai saborear o sangue do meu tio.

*Só se algum dos membros da Guarda Real matá-lo por você*. Três das Espadas Brancas iriam com Joffrey e com o tio: Sor Meryn, Sor Mandon

e Sor Osmund Kettleblack.

– Vai liderar seus cavaleiros na batalha? – Sansa perguntou, esperançosa.

– Eu queria, mas meu tio, o Duende, diz que meu tio Stannis nunca atravessará o rio. Mas comandarei as Três Rameiras. Tratarei pessoalmente dos traidores – a perspectiva fazia Joff sorrir. Seus gordos lábios cor-de-rosa faziam-no sempre parecer mal-humorado. Sansa gostava disso antes, mas agora enchia-a de náuseas.

– Dizem que meu irmão Robb vai sempre para o centro das lutas – ela disse, com ousadia. – Embora seja mais velho do que Vossa Graça, com certeza. Um homem-feito.

Aquilo fez Joffrey franzir o cenho:

– Lidarei com seu irmão depois que acabar com o traidor do meu tio. Vou estripá-lo com a Devoradora de Corações, você verá – virou o cavalo e o esporeou na direção do portão. Sor Meryn e Sor Osmund ficaram à sua direita e à esquerda, seguidos pelos homens de manto dourado em filas de quatro. Duende e Sor Mandon Moore fecharam a retaguarda. Os guardas acompanharam sua saída com gritos e vivas. Depois de o último sair, uma súbita quietude abateu-se sobre o pátio, como a calmaria que antecede uma tempestade.

No meio do silêncio, os cantos puxaram-na. Sansa virou-se para o septo. Dois cavalariços seguiram-na, bem como um dos guardas cujo turno tinha terminado. Outros seguiram também, mais atrás.

Sansa nunca tinha visto o septo tão cheio de gente, nem tão brilhantemente iluminado; grandes feixes de luz do sol com as cores do arco-íris derramavam-se através dos cristais nas altas janelas, e velas ardiam por todo o lado, pequenas chamas que cintilavam como estrelas. O altar da Mãe e o do Guerreiro nadavam em luz, mas Ferreiro, Velha, Donzela e Pai tinham também seus adoradores, e até havia algumas chamas dançando por baixo da face meio humana do Estranho… Pois, o que seria Stannis Baratheon se não o Estranho vindo para julgá-los? Sansa visitou cada um dos Sete, na ordem, acendendo uma vela em cada altar, e depois encontrou para si um lugar nos bancos entre uma velha

lavadeira encarquilhada e um menino que não devia ser mais velho do que Rickon, vestido com a boa túnica de linho de um filho de cavaleiro. A mão da velha era ossuda e endurecida pelos calos, a do garoto, pequena e suave, mas era bom ter alguém a quem se agarrar. O ar encontrava-se quente e pesado, cheirando a incenso e suor, beijado pelos cristais e brilhante das velas; respirá-lo deixava-a tonta.

Conhecia o hino; a mãe tinha lhe ensinado uma vez, havia muito tempo, em Winterfell. Juntou sua voz às dos outros.

Gentil Mãe, de clemência fonte,
nossos filhos livre da disputa,
pare espadas, pare flechas,
deixe-os ver um melhor dia.
Gentil Mãe, das mulheres força,
ajude nossas filhas nesta luta,
acalme a ira, dome a fúria,
ensine a todos outra via.

Vindas de toda a cidade, milhares de pessoas tinham se amontoado no Grande Septo de Baelor na Colina de Visenya, e estavam também cantando, com vozes que se expandiam pela cidade, atravessavam o rio e subiam ao céu. *Decerto que os deuses têm de nos ouvir*, ela pensou.

Sansa conhecia a maior parte dos hinos, e acompanhou o melhor que pôde aqueles que não conhecia. Cantou com velhos criados grisalhos e jovens esposas ansiosas, com criadas e soldados, cozinheiros e falcoeiros, cavaleiros e tratantes, escudeiros, cozinheiros e amas de leite. Cantou com aqueles que se encontravam dentro das muralhas do castelo e com os de fora, cantou com toda a cidade. Cantou por misericórdia, tanto pelos vivos como pelos mortos, por Bran, Rickon e Robb, pela irmã Arya e pelo irmão bastardo Jon Snow, lá longe na Muralha. Cantou pela mãe e pelo pai, pelo avô, Lorde Hoster, e pelo tio, Edmure Tully, pela amiga Jeyne Poole, pelo velho e bêbado Rei Robert, pela Septã Mordane, por Sor Dontos, Jory Cassel e pelo Meistre Luwin, por todos os bravos cavaleiros e soldados que morreriam hoje, e pelas crianças e as viúvas

que por eles chorariam, e, por fim, ao terminar, até cantou por Tyrion, o Duende, e pelo Cão de Caça. *Ele não é um verdadeiro cavaleiro, mas mesmo assim salvou-me*, disse à Mãe. *Salve-o se puder, e suavize a raiva que tem dentro de si.*

Mas, quando o septão subiu bem alto e evocou os deuses para defenderem e protegerem seu legítimo e nobre rei, Sansa ficou em pé. As naves laterais estavam repletas de gente. Teve de abrir caminho aos empurrões enquanto o septão apelava ao Ferreiro para dar força à espada e ao escudo de Joffrey, ao Guerreiro para lhe dar coragem, ao Pai para defendê-lo naquela emergência. *Que sua espada se parta e o escudo se estilhace*, pensou Sansa friamente enquanto atravessava as portas à força, *que a coragem lhe falte e todos os homens o abandonem.*

Alguns guardas patrulhavam as ameias da guarita, mas, fora isso, o castelo parecia vazio. Sansa parou e escutou. A grande distância, conseguia ouvir os sons da batalha. As cantorias quase os afogavam, mas eles estavam lá caso se tivesse ouvidos para ouvir: o profundo gemido das trompas de guerra, os rangidos e estrondos abafados das catapultas arremessando pedras, as pancadas na água e os sons de coisas que se estilhaçavam, o crepitar de piche em chamas, e o *trum* das balistas lançando seus dardos com um metro de comprimento e ponta de ferro… E por baixo de tudo isso, os gritos de homens morrendo.

Era outro tipo de canção, uma canção terrível. Sansa puxou o capuz de seu manto sobre as orelhas, e apressou-se na direção da Fortaleza de Maegor, o castelo dentro do castelo onde a rainha garantira que todos estariam a salvo. Ao chegar à ponte levadiça encontrou a Senhora Tanda e as duas filhas. Falyse chegara do Castelo Stokeworth no dia anterior com um pequeno contingente de soldados. Estava tentando convencer a irmã a entrar na ponte, mas Lollys agarrava-se à aia, soluçando:

– Eu não quero ir, não quero ir, não quero ir.

– A batalha *começou* – disse a Senhora Tanda numa voz frágil.

– Não quero ir, não quero ir.

Sansa não tinha nenhuma forma de evitá-las. Saudou-as com cortesia.

– Posso ajudar?

A Senhora Tanda corou de vergonha.

– Não, minha senhora, mas agradecemos a simpatia. Deve perdoar a minha filha, ela não tem estado bem.

– Não quero ir – Lollys agarrava-se à aia, uma moça esbelta e bonita com cabelo curto e escuro que parecia não ter desejo maior do que atirar a patroa ao fosso seco, em direção àqueles espigões de ferro. – Por favor, por favor, não quero ir.

Sansa falou-lhe com suavidade.

– Estaremos todas triplamente protegidas lá dentro, e vai haver comida e bebida e também canções.

Lollys olhou-a de boca aberta. Tinha olhos castanhos e opacos que pareciam estar sempre úmidos de lágrimas.

– Não quero ir.

– Mas *tem* de ir – disse a irmã Falyse em tom cortante. – E acabou. Shae, ajude-me – agarraram cada uma num cotovelo e, juntas, levaram Lollys pela ponte, meio arrastada, meio carregada. Sansa seguiu-as com a mãe.

– Ela tem estado doente – disse a Senhora Tanda. *Se um bebê pode ser chamado de doença*, pensou Sansa. Que Lollys estava esperando uma criança era um mexerico comum.

Os dois guardas à porta usavam os elmos coroados por leões e o manto carmesim da Casa Lannister, mas Sansa sabia que eram apenas mercenários disfarçados. Outro encontrava-se sentado na base da escada… um verdadeiro guarda estaria em pé, não sentado num degrau com a alabarda em cima dos joelhos… mas levantou-se quando as viu e abriu a porta para deixá-las entrar.

O Salão de Baile da Rainha não tinha um décimo do tamanho do Grande Salão do castelo, mas mesmo assim havia lugar para cem pessoas, e compensava em graça o que lhe faltava em espaço. Havia espelhos de prata batida junto a cada arandela, e assim os archotes ardiam com o dobro da luminosidade; as paredes eram recobertas com painéis de madeira ricamente esculpida, e esteiras com um cheiro agradável cobriam o chão. Da galeria vinham as alegres toadas de flautas e rabecas.

Uma fileira de janelas arqueadas corria ao longo da parede sul, mas tinham sido fechadas com tecido pesado. Espessas cortinas de veludo não admitiam nem um fio de luz, e abafariam quer o som das preces, quer o da guerra. *Não importa*, Sansa pensou. *A guerra está conosco.*

Quase todas as mulheres bem-nascidas da cidade estavam sentadas às longas mesas de montar, na companhia de um punhado de velhos e garotinhos. As mulheres eram esposas, filhas, mães e irmãs. Seus homens tinham ido lutar contra Lorde Stannis. Muitos não retornariam. O ar estava pesado com o conhecimento desse fato. Na qualidade de prometida de Joffrey, Sansa tinha direito ao lugar de honra à direita da rainha. Estava subindo ao estrado quando viu o homem em pé, nas sombras, junto à parede do fundo. Usava uma longa camisa de cota de malha negra e oleada, e segurava a espada à sua frente; a espada do pai, Gelo, quase tão alta quanto ele. A ponta descansava no chão, e os dedos duros e ossudos do homem enrolavam-se em volta da guarda, de ambos os lados do cabo. Sansa ficou com a respiração presa na garganta. Sor Ilyn Payne pareceu sentir seu olhar. Virou para ela o rosto magro e devastado pela varíola.

– O que *ele* está fazendo aqui? – perguntou a Osfryd Kettleblack. Era ele o capitão da nova guarda de manto vermelho da rainha.

Osfryd sorriu.

– Sua Graça espera ter necessidade dele antes de a noite acabar.

Sor Ilyn era o Magistrado do Rei. Havia só um serviço para o qual podia ser necessário. *De quem é a cabeça que ela deseja?*

– Levantem-se por Sua Graça, Cersei da Casa Lannister, Rainha Regente e Protetora do Território – gritou o intendente real.

O vestido de Cersei era uma neve de linho, branco como o manto da Guarda Real. As longas mangas pendentes mostravam um forro de cetim dourado. Um grande volume de cabelo dourado caía sobre seus ombros nus em espessos caracóis. Em volta do esbelto pescoço pendia um cordão de diamantes e esmeraldas. O branco fazia-a parecer estranhamente inocente, quase com um ar de donzela, mas havia pontas de cor em suas faces.

– Sentem-se – disse a rainha depois de ocupar seu lugar no estrado –, e sejam bem-vindos – Osfryd Kettleblack segurou sua cadeira; um pajem desempenhou o mesmo serviço a Sansa. – Parece pálida, Sansa – Cersei observou. – Sua flor vermelha ainda floresce?

– Sim.

– Que apropriado. Os homens sangrarão lá fora, e você aqui – a rainha fez sinal para que o primeiro prato fosse servido.

– Por que Sor Ilyn está aqui? – Sansa quis saber.

A rainha olhou de relance o carrasco mudo.

– Para lidar com a traição, e para nos defender se for necessário. Ele foi um cavaleiro antes de ser carrasco – apontou com a colher para o fundo do salão, onde as altas portas de madeira tinham sido fechadas e trancadas. – Quando os machados arrombarem aquelas portas, poderá ficar contente por ele estar aqui.

*Ficaria mais contente se fosse Cão de Caça*, Sansa pensou. Por mais desagradável que Sandor Clegane fosse, não achava que ele deixaria que algum mal lhe acontecesse.

– Seus guardas não nos protegerão?

– E quem nos protegerá dos meus guardas? – a rainha deu a Osfryd um olhar de soslaio. – Mercenários leais são tão raros como rameiras virgens. Se a batalha for perdida, meus guardas tropeçarão naqueles mantos carmesim na pressa de arrancá-los. Roubarão o que puderem e fugirão, com os criados, lavadeiras e cavalariços, todos procurando salvar suas inúteis peles. Tem alguma ideia do que acontece quando uma cidade é saqueada, Sansa? Não, não pode ter, não é? Tudo o que sabe da vida aprendeu com os cantores, e há uma escassez muito grande de boas canções de saque.

– Verdadeiros cavaleiros nunca fariam mal a mulheres e crianças – as palavras soaram-lhe ocas logo no momento em que as proferia.

– Verdadeiros cavaleiros – a rainha parecia achar aquilo maravilhosamente divertido. – Não há dúvida de que tem razão. Portanto, por que é que não se limita a comer seu caldo como uma boa menina e esperar que Symeon Olhos de Estrela e o Príncipe Aemon, o Cavaleiro do

Dragão, venham salvá-la, querida? Tenho certeza de que já não faltará muito tempo.

# Davos

A Baía da Água Negra estava encrespada, cheia de cristas de onda por todo lado. O *Betha Negra* acompanhava a maré cheia, com a vela rangendo e estalando a cada mudança de vento. O *Espectro* e o *Senhora Marya* navegavam a seu lado, com não mais de 20 metros entre os cascos. Seus filhos sabiam manter um alinhamento. Davos orgulhava-se disso.

Por sobre o mar soaram cornos de guerra, profundos gemidos guturais semelhantes aos chamamentos de monstruosas serpentes, repetidos de navio para navio.

– Arriar a vela – ordenou Davos. – Desmontar o mastro. Remadores aos remos – seu filho Matthos transmitiu as ordens. O convés do *Betha Negra* agitou-se quando os tripulantes correram para desempenhar suas tarefas, abrindo caminho através de soldados que pareciam ficar sempre no caminho, onde quer que estivessem. Sor Imry tinha decretado que entrariam no rio só a remo, a fim de não expor as velas às balistas e catapultas de fogo das muralhas de Porto Real.

Davos distinguia o *Fúria* bem afastado, para sudeste, as velas cintilando em dourado enquanto eram arriadas, com o veado coroado de Baratheon pintado na tela. Stannis Baratheon tinha comandado o assalto a Pedra do Dragão do convés daquele navio, dezesseis anos antes, mas daquela vez escolhera acompanhar o exército, confiando o *Fúria* e o comando da frota ao irmão da mulher, Sor Imry, que tinha passado para a sua causa em Ponta Tempestade com Lorde Alester e todos os outros Florent.

Davos conhecia *Fúria* tão bem quanto seus próprios navios. Por cima de seus trezentos remos havia um convés dedicado completamente a balistas, e no convés superior tinha montadas, à frente e atrás, catapultas

suficientemente grandes para arremessar barris de piche em chamas. Um navio formidável, e também muito rápido, embora Sor Imry o tivesse atulhado da proa à popa com cavaleiros em armaduras e homens de armas, o que teve seu custo em termos de rapidez.

Os cornos de guerra voltaram a soar, ordens à deriva, vindas do *Fúria*. Davos sentiu um formigamento nas pontas cortadas dos dedos.

– Remos ao mar – gritou. – Formar fileiras – uma centena de pás mergulhou na água no momento em que o tambor do mestre dos remadores começou a soar. O som era como o batimento de um grande coração lento, e os remos moviam-se a cada batida, cem homens puxando como um só.

Asas de madeira tinham também brotado do *Espectro* e do *Senhora Marya*. As três galés mantiveram o mesmo ritmo, agitando a água com as pás.

– Cruzeiro lento – gritou Davos. O navio de casco prateado de Lorde Velaryon, *Orgulho de Derivamarca*, tinha se deslocado para sua posição a bombordo do *Espectro*, e o *Ousada Gargalhada* aproximava-se rapidamente, mas o *Bruxa* só agora baixava os remos, e o *Cavalo-Marinho* ainda lutava para desmontar o mastro. Davos olhou para a popa. Sim, ali, muito ao sul, aquilo só podia ser o *Peixe-Espada*, atrasado como sempre. Era um navio de duzentos remos e possuía o maior esporão da frota, se bem que Davos nutrisse severas dúvidas a respeito de seu capitão.

Conseguia ouvir soldados gritando incentivos uns aos outros através da água. Tinham sido pouco mais do que lastro desde Ponta Tempestade, e estavam ansiosos por atirar-se sobre o inimigo, confiantes na vitória. Nisso, estavam em uníssono com seu almirante, o Senhor Capitão Supremo Sor Imry Florent.

Três dias antes Sor Imry convocara todos os seus capitães para um conselho de guerra a bordo do *Fúria,* enquanto a frota permanecia ancorada na foz do Guaquevai, a fim de lhes comunicar seus planos. A Davos e aos filhos tinha sido atribuído um lugar na segunda linha de batalha, na perigosa ala de estibordo.

– Um lugar de honra – declarara Allard, bastante contente com a oportunidade de demonstrar seu valor.

– Um lugar de perigo – ressaltara o pai. Os filhos tinham-lhe lançado olhares compadecidos, até mesmo o jovem Maric. *O Cavaleiro das Cebolas transformou-se numa velha*, era o que os ouvia pensar, *ainda tem coração de contrabandista*.

Bem, a última parte era bastante verdadeira, e não pediria desculpa por isso. Seaworth possuía sonoridade nobre, mas no seu âmago ainda era Davos da Baixada das Pulgas, tornando à sua casa, à sua cidade erguida sobre as suas três grandes colinas. Sabia mais de navios, velas e costas que qualquer outro homem nos Sete Reinos, e tinha participado do seu quinhão de lutas desesperadas, espada contra espada, num convés molhado. Mas àquele tipo de batalha chegava virgem, nervoso e amedrontado. Os contrabandistas não fazem soar cornos de guerra nem erguem estandartes. Quando cheiram perigo, içam as velas e fogem à frente do vento.

Se tivesse sido ele o almirante, teria feito tudo de outra forma. Para começar, teria enviado um punhado de seus navios mais rápidos rio acima, a fim de sondar aquilo que os esperava, em vez de atacar imprudentemente. Quando fizera essa sugestão a Sor Imry, o Senhor Capitão Supremo agradeceu cortesmente, mas seus olhos não tinham se mostrado tão delicados. *Quem é esse covarde de baixo nascimento?*, perguntavam seus olhos. *Será aquele que comprou o grau de cavaleiro com uma cebola?*

Com quatro vezes mais navios do que o rei rapaz, Sor Imry não via motivos para cautelas ou táticas de engano. Organizara a frota em dez linhas de batalha, cada uma com vinte navios. As primeiras duas subiriam o rio para dar batalha e destruir a pequena frota de Joffrey, ou "os brinquedos do rapaz", como Sor Imry os chamava, para diversão dos senhores seus capitães. Aquelas que viriam atrás desembarcariam companhias de arqueiros e lanceiros sob as muralhas da cidade, e só então se juntariam à batalha no rio. Os navios menores e mais lentos da retaguarda transbordariam a parte principal da tropa de Stannis a partir

da margem sul, protegidos por Salladhor Saan e seus lisenos, que permaneceriam na baía para o caso de os Lannister possuírem outros navios escondidos ao longo da costa, preparados para cair sobre a retaguarda da frota de Stannis.

Para ser justo, havia motivos para a pressa de Sor Imry. Os ventos não os tinham tratado com gentileza na viagem de Ponta Tempestade. Tinham perdido duas cocas nos rochedos da Baía dos Naufrágios, no mesmo dia em que zarparam, uma péssima maneira de começar. Uma das galés de Myr fora a pique nos Estreitos de Tarth, e uma tempestade assolara-os ao entrarem na Goela, espalhando a frota por metade do Mar Estreito. Todos os navios, exceto doze, tinham por fim se reagrupado atrás da ponta abrigada do Gancho de Massey, nas águas mais calmas da Baía da Água Negra, mas não antes de perderem um tempo considerável.

Stannis devia ter chegado à Torrente vários dias antes. A estrada do rei seguia reto de Ponta Tempestade a Porto Real, uma rota muito mais curta do que por mar, e a maior parte de sua tropa estava a cavalo; quase vinte mil cavaleiros, cavalaria leve e cavaleiros livres, o involuntário legado de Renly ao irmão. Teriam feito um bom tempo, mas cavalos de batalha couraçados e lanças de três metros e meio pouco adiantariam contra as águas profundas da Torrente da Água Negra e as altas muralhas de pedra da cidade. Stannis estaria acampado com seus senhores na margem sul do rio, sem dúvida fervendo de impaciência e perguntando-se o que Sor Imry teria feito de sua frota.

Ao largo do Rochedo do Badejo, dois dias antes, tinham avistado meia dúzia de esquifes de pesca. Os pescadores tinham fugido ao vê-los, mas um por um foram alcançados e abordados.

– Uma colherada de vitória é a coisa certa para sossegar o estômago antes da batalha – Sor Imry declarara satisfeito. – Deixa os homens famintos por doses maiores.

Mas Davos se interessara mais pelo que os cativos tinham a dizer a respeito das defesas de Porto Real. O anão andara atarefado construindo uma espécie de dique flutuante para fechar a foz do rio, embora os pescadores diferissem quanto à obra ter sido concluída ou não. Deu por si

desejando que sim. Se o rio lhes estivesse vedado, Sor Imry não teria alternativa a não ser parar e avaliar a situação.

O mar estava cheio de sons: gritos e chamados, cornos de guerra, tambores e trinados de flauta, o bater da madeira na água à medida que milhares de remos se erguiam e caíam.

– Manter a linha – Davos gritou. Uma rajada de vento puxou seu velho manto verde. Um justilho de couro fervido e um elmo redondo que tinha aos pés eram sua única armadura. Acreditava que, no mar, o aço pesado era mais capaz de tirar a vida de um homem do que de salvá-la. Sor Imry e os outros capitães de elevado nascimento não partilhavam de seu ponto de vista; cintilavam enquanto percorriam os respectivos conveses.

O *Bruxa* e o *Cavalo-Marinho* tinham agora deslizado para os seus lugares, bem como o *Garra Vermelha* de Lorde Celtigar atrás deles. A estibordo do *Senhora Marya* de Allard encontravam-se as três galés que Stannis capturara do infeliz Lorde Sunglass, *Piedade*, *Prece* e *Devoção*, com os conveses repletos de arqueiros. Até o *Peixe-Espada* se aproximava, avançando pesadamente, aos balanços, através de um mar que engrossava, impulsionado tanto por velas como por remos. *Um navio de tantos remos deveria ser muito mais rápido*, Davos refletiu, desaprovando. *É aquele esporão que transporta, é grande demais, o navio não tem equilíbrio*.

O vento soprava em rajadas do sul, mas para navios que avançavam a remo não importava. Avançariam na maré cheia, mas os Lannister teriam a seu favor a corrente do rio, e a Torrente da Água Negra corria forte e rápida onde encontrava o mar. O primeiro choque iria inevitavelmente favorecer o inimigo. *Somos loucos por confrontá-los na Água Negra*, Davos pensou. Em qualquer encontro em mar aberto, as linhas de batalha da frota envolveriam a frota inimiga por ambos os flancos, empurrando-a para dentro, para sua destruição. Mas, no rio, o número e peso dos navios de Sor Imry seriam prejudiciais. Não podiam fazer mais de vinte navios avançarem lado a lado, para não se arriscarem a emaranhar os remos e a colidir uns com os outros.

Para lá da fileira de navios de guerra, Davos conseguia ver a Fortaleza Vermelha no topo da Colina de Aegon, escura contra um céu cor de limão, com a foz da Torrente abrindo-se por baixo. Do outro lado do rio, a margem sul estava negra de homens e cavalos, agitando-se como formigas irritadas ao vislumbrarem os navios que se aproximavam. Stannis devia ter mantido seus homens ocupados construindo jangadas e fazendo flechas, mas mesmo assim a espera teria sido difícil de suportar. Soaram trombetas entre eles, minúsculas e metálicas, rapidamente engolidas pelo rugido de um milhar de gritos. Davos fechou a mão deformada em volta da bolsa que continha os ossos de seus dedos e articulou uma prece silenciosa, pedindo sorte.

O próprio *Fúria* constituiria o centro da primeira linha de batalha, flanqueado por *Lorde Steffon* e *Veado do Mar*, ambos com duzentos remos. Nas alas de bombordo e estibordo dispunham-se os navios de cem remos: *Senhora Harra, Peixe Brilhante, Lorde que Ri, Demônio do Mar, Honra Chifruda, Jenna Esfarrapada, Tridente Três, Espada Ligeira, Princesa Rhaenys, Focinho de Cão, Cetro, Fiel, Gralha Vermelha, Rainha Alysanne, Gato, Corajoso* e *Perdição de Dragão*. Em todas as popas flutuava o coração flamejante do Senhor da Luz, vermelho, amarelo e laranja. Atrás de Davos e dos filhos vinha outra linha de navios de cem remos comandados por cavaleiros e capitães senhoriais, e depois o contingente de Myr, navios menores e mais lentos, nenhum deles com mais de oitenta remos. Mais para trás viriam os navios a vela, os galeões e as grandes e pesadas cocas, e, por fim, Salladhor Saan, em sua orgulhosa *Valiriana*, uma altaneira galé de trezentos remos, acompanhada pelo resto de suas galés com seu característico casco rajado. O extravagante principezinho liseno não ficara contente quando lhe foi atribuída a retaguarda, mas era claro que Sor Imry não confiava nele mais do que Stannis. *Queixas demais e conversas demais a respeito do ouro que lhe era devido*. Mesmo assim, Davos lamentava. Salladhor Saan era um velho pirata cheio de recursos, e sua tripulação era composta por marinheiros natos, destemidos em batalha. Eram desperdiçados na retaguarda.

*Auuuuuuuuuuuuuuuuuuuu*. O chamado espalhou-se por sobre a espuma do mar e os remos agitados, vindo do castelo de proa do *Fúria*: Sor Imry fazia soar o toque de atacar. *Auuuuuuuuuuuuuuuuuu, auuuuuuuuuuuuuuuuuuuu*.

*Peixe-Espada* tinha enfim se reunido à linha, embora ainda tivesse a vela desfraldada.

– Cruzeiro rápido – ladrou Davos. O tambor começou a soar mais depressa, e as remadas aceleraram, com as pás dos remos cortando a água, *splash-suoch, splash-suoch, splash-suoch*. No convés, soldados batiam com as espadas nos escudos, enquanto arqueiros encordoavam os arcos em silêncio e tiravam a primeira flecha das aljavas que traziam à cintura. As galés da primeira linha de batalha obscureciam sua vista, e Davos percorreu o convés em busca de uma posição melhor. Não viu nenhum sinal de um dique; a foz do rio estava aberta, como que à espera de engolir a todos. Exceto…

Em seus tempos de contrabandista, Davos brincava com frequência dizendo que conhecia a margem de Porto Real bem melhor do que as costas de suas mãos, pois não tinha passado uma boa parte da vida entrando e saindo às escondidas das costas das mãos. As torres atarracadas de pedra nova e bruta que se erguiam de frente uma para a outra na foz da Água Negra podiam não querer dizer nada para Sor Imry Florent, mas para ele era como se dois dedos extras tivessem brotado dos nós de seus dedos.

Protegendo os olhos do sol que vinha do oeste, observou mais de perto essas torres. Eram pequenas demais para conter uma grande guarnição. A da margem norte tinha sido construída contra a falésia onde a Fortaleza Vermelha se empoleirava, carrancuda; sua irmã da margem sul tinha a base dentro d'água. *Escavaram um fosso na margem*, compreendeu de imediato. Isso tornaria a torre muito difícil de assaltar; os atacantes teriam de atravessar a água a vau ou construir uma ponte sobre o estreito canal. Stannis havia colocado arqueiros embaixo para disparar contra os defensores sempre que algum fosse suficientemente imprudente para

erguer a cabeça acima das ameias, mas, fora isso, não tinha se incomodado.

Algo cintilava embaixo, onde a água escura redemoinhava em torno da base da torre. Era a luz do sol refulgindo em aço, e isso disse a Davos Seaworth tudo o que precisava saber. *Uma barragem de corrente… e, no entanto, eles não fecharam o rio contra nós. Por quê?*

Também podia fazer uma suposição quanto a isso, mas não houve tempo para refletir sobre a questão. Surgiu um grito vindo dos navios em frente, e os cornos de guerra voltaram a soar: o inimigo encontrava-se diante da frota.

Por entre os remos brilhantes do *Cetro* e do *Fiel*, Davos viu uma estreita linha de galés atravessada no rio, com o sol cintilando na tinta dourada que distinguia seus cascos. Conhecia aqueles navios tão bem quanto os seus. Quando era contrabandista, sentia-se sempre mais seguro sabendo se a vela no horizonte assinalava um navio rápido ou lento, e se o seu capitão era um jovem faminto de glória ou um velho nos últimos dias de serviço.

*Auuuuuuuuuuuuuuuuuu*, berraram os cornos de guerra.

– Velocidade de batalha – Davos gritou. A bombordo e estibordo ouviu Dale e Allard darem a mesma ordem. Tambores começaram a bater furiosamente, remos erguiam-se e caíam, e o *Betha Negra* correu em frente. Quando olhou de relance o *Espectro*, Dale fez uma saudação. O *Peixe-Espada* estava de novo se atrasando, rebolando-se na esteira dos navios menores de ambos os lados; fora isso, a linha seguia reta como uma muralha de escudos.

O rio que parecera tão estreito a distância alargava-se agora como um mar, mas a cidade também se tornara gigantesca. Debruçada, mal-humorada, da Colina de Aegon, a Fortaleza Vermelha dominava as vias de aproximação. Suas ameias coroadas de ferro, sólidas torres e espessas muralhas vermelhas davam-lhe o aspecto de um animal feroz arqueando o dorso sobre o rio e as ruas. As falésias sobre as quais se acocorava eram abruptas e rochosas, manchadas de liquens e árvores deformadas e

espinhosas. A frota teria de passar sob o castelo para atingir o porto e a cidade que ficavam mais adiante.

A primeira linha encontrava-se agora no rio, mas as galés inimigas recuavam. *Querem nos atrair. Querem nossos navios amontoados, apertados, sem ter como contornar seus flancos… e com aquela represa atrás de nós*. Percorreu o convés, projetando o pescoço para melhor observar a frota de Joffrey. Viu que os brinquedos do garoto incluíam o imponente *Graça dos Deuses*, o velho e lento *Príncipe Aemon*, o *Senhora de Seda* e seu irmão, *Vergonha da Senhora*, *Vento Vivo*, *Portorrealense*, *Veado Branco*, o *Lança*, *Flor do Mar*. Mas, onde estava o *Estrela Leonina*? Onde estava o belo *Senhora Lyanna* que o Rei Robert batizara em honra da donzela que amara e perdera? E onde estava o *Martelo do Rei Robert*? Era a maior galé de guerra da frota real, com quatrocentos remos, o único dos navios de guerra que o jovem rei possuía capaz de se sobrepor ao *Fúria*. Deveria constituir o coração de qualquer defesa.

Davos sentiu o sabor de uma armadilha, mas não viu sinal de inimigos aproximando-se por trás, só a grande frota de Stannis Baratheon em suas fileiras ordenadas, estendendo-se até o horizonte aquático. *Será que erguerão a corrente e nos cortarão ao meio?* Não via de que serviria isso. Os navios deixados na baía ainda poderiam desembarcar homens ao norte da cidade; uma travessia mais lenta, mas mais segura.

Um bando de tremeluzentes pássaros cor de laranja levantou voo do castelo, vinte ou trinta; potes de piche em chamas, voando em arco sobre o rio, trazendo atrás de si fios de chamas. As águas comeram a maior parte, mas alguns encontraram os conveses de galés na primeira linha de batalha, espalhando chamas onde se estilhaçavam. Havia homens de armas numa agitação frenética no convés do *Rainha Alysanne*, e era possível ver fumaça subindo de três locais diferentes na *Perdição de Dragão*, que estava mais perto da margem. Então, já um segundo bando vinha a caminho, e também caíam flechas, assobiando, provenientes dos ninhos de arqueiros salpicados no alto das torres. Um soldado tropeçou na amurada do *Gato*, caiu sobre os remos e afundou. *O primeiro homem a morrer hoje*, Davos pensou, *mas não será o último*.

No topo das ameias da Fortaleza Vermelha flutuavam os estandartes do rei rapaz: o veado coroado de Baratheon no seu fundo dourado, o leão de Lannister sobre carmim. Mais potes de piche chegaram voando. Davos ouviu homens gritar quando o fogo se espalhou sobre o *Corajoso*. Os remadores da galé estavam a salvo embaixo, protegidos dos projéteis pelo meio convés que os abrigava, mas os homens de armas aglomerados em cima não tinham tanta sorte. A ala a estibordo estava apanhando com todo o embate, tal como receara. *Em breve será a nossa vez*, recordou-se, preocupado. O *Betha Negra* estava bem ao alcance dos potes de fogo, o sexto navio a partir da margem norte. A estibordo, tinha apenas o *Senhora Marya* de Allard, o deselegante *Peixe-Espada* – agora tão atrasado que se encontrava mais próximo da terceira linha do que da segunda – e *Piedade*, *Prece* e *Devoção*, que precisariam de toda a intervenção divina que pudessem reunir no local vulnerável em que estavam.

Quando a segunda linha passou pelas torres gêmeas, Davos olhou-as melhor. Conseguia ver três elos de uma enorme corrente serpenteando de um buraco que não era maior do que a cabeça de um homem e desaparecendo na água. As torres tinham uma única porta, colocada a uns seis metros do chão. Arqueiros no telhado da torre norte estavam disparando sobre o *Prece* e o *Devoção*. Os arqueiros no *Devoção* responderam, e Davos ouviu um homem gritar quando as flechas o encontraram.

– Meu capitão – Matthos, seu filho, estava ao seu lado. – O seu elmo – Davos o pegou com ambas as mãos e o colocou na cabeça. O elmo não tinha viseira; detestava ter a visão restringida.

Então os potes de piche já choviam ao redor deles. Viu um estilhaçar-se no convés do *Senhora Marya*, mas a tripulação de Allard o apagou rapidamente. A bombordo, soaram cornos de guerra no *Orgulho de Derivamarca*. Os remos faziam jorros de água voar a cada remada. O dardo de um metro de comprimento de uma balista caiu a cerca de meio metro de Matthos e afundou-se na madeira do convés, com um ruído abafado. Em frente, a primeira linha encontrava-se ao alcance dos arcos

do inimigo; enxames de flecha voaram entre os navios, silvando como serpentes.

Ao sul da Água Negra, Davos viu homens arrastando grosseiras jangadas para a água enquanto fileiras e colunas se formavam sob mil estandartes esvoaçantes. O coração flamejante estava por toda parte, embora o minúsculo veado negro aprisionado nas chamas fosse pequeno demais para se ver. *Devíamos ter hasteado o veado coroado*, pensou. *O veado era o símbolo do Rei Robert, a cidade rejubilaria ao vê-lo. Esse estandarte de um estranho só serve para colocar os homens contra nós.*

Não conseguia observar o coração flamejante sem pensar na sombra que Melisandre tinha parido na escuridão por baixo de Ponta Tempestade. *Pelo menos lutamos essa batalha à luz, com as armas de homens honestos*, disse a si mesmo. A mulher vermelha e seus filhos escuros não tomariam parte nela. Stannis a enviara para Pedra do Dragão com o sobrinho bastardo, Edric Storm. Seus capitães e vassalos tinham insistido que um campo de batalha não era lugar para uma mulher. Só os homens da rainha tinham manifestado opinião diferente, e não com grande vigor. Mesmo assim, o rei se mostrara propenso a não lhes dar ouvidos, até que Lorde Bryce Caron disse:

– Vossa Graça, se a feiticeira estiver conosco, depois da batalha os homens dirão que a vitória foi dela, não sua. Dirão que deve a coroa aos seus feitiços – isso havia mudado a maré. O próprio Davos mantivera a boca fechada durante a discussão, mas, a bem da verdade, não ficou triste por vê-la longe. Não queria nada com Melisandre ou seu deus.

A estibordo, o *Devoção* aproximou-se da margem, estendendo uma prancha. Arqueiros correram para os baixios, deixando os arcos bem levantados sobre as cabeças, a fim de manter as cordas secas. Subiram para o terreno seco na estreita faixa sob a falésia. Começaram a cair pedras vindas do castelo, aterrissando no meio deles, e também flechas e lanças, mas o ângulo era inclinado e os projéteis pareceram causar poucos danos.

O *Prece* acostou vinte metros na direção da nascente e o *Piedade* estava se dirigindo para a margem quando os defensores chegaram pela margem

do rio, com os cascos de seus cavalos de guerra fazendo espirrar água dos baixios. Os cavaleiros caíram sobre os arqueiros como lobos sobre galinhas, empurrando-os de novo para os navios e o rio antes que muitos deles conseguissem sequer colocar uma flecha no arco. Homens de armas correram para defendê-los com lanças e machados, e em três segundos a cena transformou-se num caos encharcado de sangue. Davos reconheceu o elmo em forma de cabeça de cão do Cão de Caça. Um manto branco pendia de seus ombros enquanto levava o cavalo pela prancha até o convés do *Prece*, abatendo qualquer um que por acaso se pusesse ao seu alcance.

Para lá do castelo, Porto Real erguia-se em suas colinas por trás das muralhas que a rodeavam. A zona ribeirinha era uma devastação enegrecida; os Lannister tinham queimado tudo, retirando-se para dentro do Portão da Lama. Os mastros carbonizados de velhos navios afundados ocupavam os baixios, impedindo o acesso aos longos cais de pedra. *Não teremos desembarque ali*. Conseguia ver o topo de três enormes trabucos atrás do Portão da Lama. Lá em cima, na Colina de Visenya, a luz do sol refulgia nas sete torres de cristal do Grande Septo de Baelor.

Davos não viu as partes entrarem em choque, mas ouviu; um grande estrondo lacerante quando duas galés colidiram. Não soube dizer quais. Outro impacto ecoou sobre a água um instante mais tarde, e logo um terceiro. Sob o grito da madeira estilhaçando-se, ouviu o profundo *trumtump* da catapulta dianteira do *Fúria*. O *Veado do Mar* abriu em duas uma das galés de Joffrey, mas o *Focinho de Cão* ardia e o *Rainha Alysanne* encontrava-se preso entre o *Senhora de Seda* e o *Vergonha da Senhora*, com a tripulação lutando com os inimigos de amurada a amurada.

Bem em frente, Davos viu o *Portorrealense* do inimigo introduzindo-se entre o *Fiel* e o *Cetro*. O primeiro tirou os remos de estibordo do caminho antes do impacto, mas os remos de bombordo do *Cetro* partiram-se como gravetos quando o *Portorrealense* varreu seu costado.

– Atirar – Davos ordenou, e seus arqueiros lançaram uma fulminante chuva de flechas sobre a água. Viu o capitão do *Portorrealense* cair e

tentou se lembrar do nome do homem.

Em terra, os braços dos grandes trabucos ergueram-se, um, dois, três, e uma centena de pedras subiu bem alto no céu amarelo. Cada uma era tão grande quanto a cabeça de um homem; quando caíram, jogaram para o alto grandes jorros de água, atravessaram pranchas de carvalho e transformaram homens vivos em ossos, polpa e cartilagem. Por toda a largura do rio, a primeira linha lutava. Âncoras foram arremessadas, espigões de ferro penetraram em cascos de madeira, homens saltaram sobre embarcações adversárias, grupos de flechas cruzaram-se na fumaça que pairava no ar, sussurrando, e homens morreram… Mas, até agora, nenhum dos seus.

O *Betha Negra* avançou rio acima, com o som do tambor do mestre dos remadores trovejando na cabeça do capitão enquanto procurava uma boa vítima para o esporão do navio. O *Rainha Alysanne* estava encurralado entre dois navios de guerra Lannister, os três unidos por ganchos e cordas.

– *Velocidade de abalroamento!* – Davos gritou.

As batidas de tambor fundiram-se num longo martelar febril, e o *Betha Negra* voou, tornando a água branca como leite ao se abrir para sua proa. Allard tinha visto a mesma oportunidade; o *Senhora Marya* corria ao lado deles. A primeira linha havia se transformado numa confusão de lutas separadas. Os três navios enleados cresceram à frente do *Betha*, virando-se, com os conveses transformados num caos vermelho de homens que se golpeavam uns aos outros com espadas e machados. *Um pouco mais*, suplicou Davos Seaworth ao Guerreiro, *faça-o rodar um pouco mais, mostre-me seu flanco.*

O Guerreiro devia estar ouvindo. *Betha Negra* e *Senhora Marya* colidiram com o costado do *Vergonha da Senhora* a um instante de intervalo um do outro, golpeando sua proa e sua popa com tanta força que homens foram atirados do convés do *Senhora de Seda*, três navios depois. Davos quase cortou a língua quando seus dentes se entrechocaram. Cuspiu sangue. *Da próxima vez feche a boca, imbecil*.

Quarenta anos no mar, e aquela havia sido a primeira vez que abalroara outro navio. Seus arqueiros estavam disparando flechas à vontade.

– Recuar – ele ordenou. Quando o *Betha Negra* reverteu o movimento dos remos, o rio penetrou no buraco estilhaçado que se formara, e o *Vergonha da Senhora* desfez-se diante de seus olhos, despejando dezenas de homens no rio. Alguns dos vivos nadaram; alguns dos mortos boiaram; aqueles vestidos de cota de malha pesada ou placa de aço afundaram, tanto os vivos como os mortos. As súplicas de homens que se afogavam ecoaram em seus ouvidos.

Um relâmpago verde chamou sua atenção, em frente e para bombordo, e um ninho de serpentes esmeralda que se contorciam subiu, ardendo e silvando, da popa do *Rainha Alysanne*. Um instante depois, Davos ouviu o terrível grito de "*Fogovivo!*".

Fez uma careta. Piche em chamas era uma coisa, fogovivo, outra bem diferente. Coisa maligna, e praticamente impossível de extinguir. Se for abafado sob um manto, este incendeia-se; se bater num respingo com a palma da mão, a mão toda fica em chamas. "Mije em fogovivo, e seu pau queima", gostavam de dizer os velhos marinheiros. Em todo caso, Sor Imry prevenira-os de que era provável que viessem a experimentar um pouco da vil *substância* dos alquimistas. Felizmente, restavam poucos verdadeiros piromantes. *Ficarão rapidamente sem fogovivo*, assegurara-lhes Sor Imry.

Davos disparou ordens; os remos de um dos lados do navio o empurraram para a frente enquanto os do outro o puxavam para trás, e a galé virou-se. O *Senhora Marya* também tinha se libertado, ainda bem; o fogo espalhava-se pelo *Rainha Alysanne,* e seus inimigos, mais depressa do que Davos teria acreditado ser possível. Homens engrinaldados de chamas verdes saltavam na água, com guinchos que nada tinham de humano. Nas muralhas de Porto Real, catapultas de fogo vomitavam morte, e os grandes trabucos por trás do Portão da Lama atiravam pedregulhos. Um, do tamanho de um boi, caiu entre o *Betha Negra* e o *Espectro*, fazendo ambos os navios oscilar e ensopando todos os homens que se encontravam nos conveses. Outro, não muito menor, atingiu o

*Ousada Gargalhada*. A galé de Velaryon explodiu como um brinquedo de criança derrubado de uma torre, espalhando lascas tão longas como o braço de um homem.

Através da fumaça negra e do rodopiante fogo verde, Davos vislumbrou um grupo de pequenos barcos descendo o rio: uma confusão de balsas e catraias, barcaças, esquifes, botes e cascos que pareciam podres demais para flutuar. Aquilo fedia a desespero; madeira à deriva não podia virar a maré de uma batalha, só atrapalharia. Percebeu que as linhas de batalha se encontravam irremediavelmente embaraçadas. A bombordo, *Lorde Steffon*, *Jenna Esfarrapada* e *Espada Ligeira* tinham conseguido passar pelas linhas inimigas e avançavam rio acima. Mas a ala de estibordo estava envolvida numa dura luta, e o centro tinha se estilhaçado sob as pedras daqueles trabucos, com alguns capitães virando para jusante e outros guinando para bombordo, tudo para escapar da chuva esmagadora. O *Fúria* virara a catapulta dianteira para disparar na direção da cidade, mas faltava-lhe alcance; os barris de piche despedaçavam-se sob as muralhas. O *Cetro* perdera a maior parte de seus remos, e o *Fiel* havia sido abalroado e começava a adernar. Davos fez o *Betha Negra* avançar por entre esses dois navios e deu um golpe de raspão na ornamentada, esculpida e dourada barcaça de prazer da Rainha Cersei, agora carregada de soldados em vez de guloseimas. A colisão atirou uma dúzia ao rio, onde os arqueiros do *Betha* alvejaram os homens enquanto estes tentavam se manter na superfície.

O grito de Matthos alertou-o para o perigo vindo de bombordo; uma das galés Lannister aproximava-se para tentar abalroar.

– Força para estibordo – Davos gritou. Seus homens usaram os remos para se libertarem da barcaça, enquanto outros viravam a galé para que a proa enfrentasse a investida do *Veado Branco*. Por um momento temeu ter sido lento demais e estar prestes a afundar, mas a correnteza ajudou a virar o *Betha Negra*, e quando o impacto chegou, foi apenas um golpe de través, com os dois cascos raspando um no outro e ambos os navios perdendo remos. Um pedaço irregular de madeira voou perto de sua cabeça, afiado como uma lança. Davos estremeceu: – À abordagem! –

gritou. Arpões foram lançados. Desembainhou a espada e saltou a amurada à frente de seus homens.

A tripulação do *Veado Branco* enfrentou-os na amurada, mas os homens de armas do *Betha Negra* caíram sobre eles numa ruidosa maré de aço. Davos abriu caminho lutando através da confusão, em busca do outro capitão, mas o homem já estava morto quando chegou até ele. Enquanto estava em pé por cima do cadáver, alguém o apanhou por trás com um machado, mas o elmo desviou o golpe e seu crânio ficou ressoando, em vez de ter sido rachado. Tonto, a única coisa que conseguiu fazer foi rolar. Seu atacante investiu aos gritos. Davos agarrou a espada com ambas as mãos e enfiou a ponta na barriga do homem.

Um dos membros da sua tripulação o ajudou a ficar em pé.

– Meu capitão, o *Veado* é nosso – Davos viu que era verdade. A maior parte dos inimigos estava morta, moribunda ou rendida. Tirou o elmo, limpou sangue do rosto e dirigiu-se de volta ao seu navio, pondo o pé com cuidado em pranchas escorregadias com vísceras humanas. Matthos estendeu uma mão para ajudá-lo a transpor a amurada.

Durante esses poucos instantes, o *Betha Negra* e o *Veado Branco* foram o olho calmo no centro do furacão. *Rainha Alysanne* e *Senhora de Seda*, ainda presos um ao outro, eram um inferno verde à deriva, descendo o rio e arrastando pedaços do *Vergonha da Senhora*. Uma das galés de Myr tinha colidido com eles e agora também estava em chamas. O *Gato* recebia homens do *Corajoso*, que afundava rapidamente. O capitão do *Perdição de Dragão* enfiara-o entre dois cais, rasgando o fundo; a tripulação saltava para terra com os arqueiros e homens de armas, se juntando ao assalto às muralhas. O *Gralha Vermelha*, abalroado, ia adernando devagar. O *Veado do Mar* lutava ao mesmo tempo contra o fogo e a abordagem, mas o coração flamejante fora erguido sobre o *Homem Leal* de Joffrey. O *Fúria*, com a orgulhosa proa esmagada por um pedregulho, travava batalha com o *Graça dos Deuses*. Davos viu o *Orgulho de Derivamarca* de Lorde Velaryon arremeter entre duas das barcaças dos Lannister, virando uma delas e pondo fogo na outra com flechas incendiárias. Na margem sul, cavaleiros levavam as montarias

para o interior das cocas e algumas das galés menores já se encontravam em plena travessia, repletas de homens de armas. Tinham de abrir caminho com cuidado por entre navios que afundavam e manchas de fogovivo que seguiam ao sabor da corrente. Toda a frota do Rei Stannis estava agora no rio, à exceção dos lisenos de Salladhor Saan. Em pouco tempo teriam controle da Água Negra. *Sor Imry terá a sua vitória*, Davos pensou, *e Stannis atravessará o rio com a sua tropa, mas, benditos sejam os deuses, a que custo…*

– Meu capitão! – Matthos tocou em seu ombro.

Era o *Peixe-Espada*, com as duas fileiras de remos subindo e descendo. Não chegara a baixar as velas, e um pouco do piche ardente incendiara seu cordame. As chamas espalharam-se enquanto Davos observava, rastejando por cordas e velas, até que o navio ficou encimado por uma cabeça de chamas amarelas. Seu desajeitado esporão de ferro, com a forma do peixe que dera nome ao navio, abria a superfície da água à sua frente. Bem adiante, à deriva em sua direção e virando-se para lhe apresentar um alvo gordo e tentador, encontrava-se um dos cascos dos Lannister, flutuando baixo na água. Sangue verde escoava lentamente por entre as pranchas.

Quando viu aquilo, o coração de Davos Seaworth parou de bater.

– Não – disse. – *Não, NÃÃÃÃÃÃÃO!* – com o rugir e estrondear da batalha, ninguém o ouviu além de Matthos. O capitão do *Peixe-Espada* certamente não, decidido como estava a finalmente abalroar qualquer coisa com a sua desajeitada e gorda espada. O *Peixe-Espada* passou para velocidade de batalha. Davos ergueu a mão mutilada e apertou a bolsa de couro que continha os ossos de seus dedos.

Com um estrondo de madeira moída, despedaçada, rasgada, o *Peixe-Espada* partiu em dois o casco apodrecido. O velho barco estourou como uma fruta apodrecida, mas nenhuma fruta gritaria aquele esmagador grito de madeira. Davos viu verde jorrando de um milhar de frascos quebrados dentro do casco, veneno escorrendo das entranhas de um animal moribundo, cintilando, brilhando, espalhando-se pela superfície do rio…

– Recuar – ele rugiu. – Fora, tirem-nos daqui, recuar, recuar! – as cordas dos arpões foram cortadas, e Davos sentiu o convés se mover sob seus pés quando o *Betha Negra* se libertou do *Veado Branco*. Seus remos deslizaram para a água.

Então, Davos ouviu um curto e penetrante *uuf*, como se alguém tivesse soprado ao seu ouvido. Meio segundo depois chegou o rugido. O convés desapareceu sob seus pés, e água negra bateu em seu rosto, enchendo-lhe o nariz e a boca. Estava sufocando, afogando-se. Incerto de qual das direções era a que levava para cima, Davos lutou contra o rio num pânico cego até de repente romper a superfície. Cuspiu água, inspirou ar, agarrou-se ao pedaço de entulho mais próximo e segurou-se bem.

O *Peixe-Espada* e o casco tinham desaparecido, corpos enegrecidos flutuavam para jusante ao seu lado, bem como homens sufocados que se agarravam a pedaços de madeira fumegante. Com quinze metros de altura, um demônio turbilhonante de chamas verdes dançava sobre o rio. Tinha uma dúzia de mãos, em cada uma trazia um chicote, e o que quer que tocassem rompia em chamas. Davos viu o *Betha Negra* ardendo, e também o *Veado Branco* e o *Homem Leal*, que o flanqueavam. *Piedade, Gato, Corajoso, Cetro, Gralha Vermelha, Bruxa, Fiel, Fúria*, todos tinham se incendiado, *Portorrealense* e *Graça dos Deuses* também, o demônio estava comendo os seus. O brilhante *Orgulho de Derivamarca* de Lorde Velaryon estava tentando desviar, mas o demônio passou um dedo preguiçoso por seus remos prateados, e eles incendiaram-se como outros tantos círios. Por um instante, o navio pareceu estar batendo o rio com duas fileiras de longos e brilhantes archotes.

Nesse momento a correnteza já o tinha preso em seus dentes, fazendo-o girar e girar. Deu um pontapé para evitar uma mancha flutuante de fogovivo. *Meus filhos*, pensou Davos, mas não havia maneira de procurá-los no meio do trovejante caos. Outro casco pesado de fogovivo incendiou-se atrás dele. Água Negra parecia ferver no seu leito, e mastros ardendo, homens ardendo e pedaços de navios quebrados enchiam o ar.

*Estou sendo levado para a baía*. Ali não seria tão ruim; devia ser capaz de chegar à costa, era um bom nadador. As galés de Salladhor Saan estariam também na baía. Sor Imry ordenara-lhes que ficassem longe…

E então a correnteza voltou a virá-lo, e Davos viu o que o esperava a jusante.

*A corrente. Que os deuses nos salvem, eles içaram a corrente.*

Onde o rio se alargava para a Baía da Água Negra, a barragem estendia-se esticada, não mais do que uns setenta ou oitenta centímetros acima da água. Já uma dúzia de galés tinha colidido com ela, e a correnteza do rio empurrava outras para o mesmo local. Quase todas estavam em chamas, e as demais estariam em breve. Davos conseguiu distinguir os cascos listrados dos navios de Salladhor Saan para lá da barragem, mas sabia que nunca os alcançaria. Uma muralha de aço em brasa, madeira ardendo e rodopiantes chamas verdes estendia-se à sua frente. A foz da Torrente da Água Negra transformara-se na boca do inferno.

# Tyrion

Imóvel como uma gárgula, Tyrion Lannister apoiava-se num joelho, no topo de um merlão. Para lá do Portão da Lama e da ruína que outrora fora o mercado de peixe e os cais, o próprio rio parecia ter se incendiado. Metade da frota de Stannis estava em chamas, bem como a maior parte da de Joffrey. O beijo do fogovivo transformava orgulhosos navios em piras funerárias e homens em tochas vivas.

Rumo à foz, tanto plebeus como capitães de elevado nascimento conseguiam ver a quente morte verde rodopiar na direção de jangadas, galeões e balsas, conduzida pela corrente da Água Negra. Os longos remos brancos das galés de Myr relampejavam como patas de centopeias enlouquecidas lutando para se virar, mas não valia a pena. As centopeias não tinham para onde fugir.

Uma dúzia de grandes incêndios enfurecia-se sob as muralhas da cidade, onde barris de piche ardente tinham explodido, mas o fogovivo reduzia-os a simples velas numa casa em chamas, flâmulas laranja e escarlate que tremulavam sem significado diante do holocausto jade. As nuvens baixas capturavam a cor do rio em chamas e cobriam o céu em tons mutantes de verde de uma beleza fantasmagórica. *Uma beleza terrível. Como fogo de dragão*. Tyrion perguntou a si mesmo se Aegon, o Conquistador, teria se sentido assim quando voou sobre seu Campo de Fogo.

O vento quente ergueu seu manto carmim e bateu em seu rosto nu, mas não podia desviar os olhos. Estava vagamente consciente dos homens de manto dourado dando vivas nas grades. Não tinha voz para se juntar a eles. Aquilo era uma meia vitória. *Não será suficiente*.

Viu outro dos cascos que tinha recheado com os instáveis frutos do Rei Aerys ser envolvido pelas chamas famintas. Do rio jorrou uma fonte de jade ardente, uma explosão tão brilhante que teve de proteger os olhos. Plumas de fogo com dez e doze metros de altura dançaram sobre as águas, estalando e silvando. Por alguns momentos, os gritos silenciaram. Havia centenas de homens na água, afogando-se, queimando ou fazendo um pouco de ambas as coisas.

*Ouve-os gritando, Stannis? Vê-os ardendo? Isto é tanto obra sua como minha*. Tyrion sabia que em algum lugar, naquela efervescente massa de homens ao sul da Água Negra, Stannis também observava. Nunca possuíra a sede de batalha do irmão Robert. Estaria dando ordens a partir da retaguarda, da reserva, bem ao modo que Lorde Tywin Lannister costumava fazer. Gostasse ou não, agora estava sentado num cavalo de batalha, vestido de armadura reluzente, com a coroa na cabeça. *Uma coroa de ouro vermelho, segundo Varys diz, com as pontas em forma de chamas*.

– Os meus navios – a voz de Joffrey falhou ao gritar do adarve, onde se amontoava com os guardas atrás das ameias. O anel dourado da condição régia adornava seu elmo de batalha. – Meu *Portorrealense* está queimando, e o *Rainha Cersei*, e o *Homem Leal*. Olhem, aquele ali é o *Flor do Mar* – apontou com a sua nova espada para onde as chamas verdes lambiam o casco dourado do navio e subiam por seus remos. O capitão virara-o para a foz, mas não suficientemente depressa para fugir do fogovivo.

Tyrion sabia que o navio estava condenado. Não havia outra maneira. *Se não tivéssemos ido ao seu encontro, Stannis teria percebido a armadilha*. Uma flecha podia ser apontada, e uma lança também, e até uma pedra lançada por uma catapulta, mas o fogovivo possuía vontade própria. Uma vez libertado, estava para lá do controle de meros homens.

– Não se podia evitar – ele disse ao sobrinho. – Nossa frota estava condenada de qualquer modo.

Mesmo de cima do merlão, era pequeno demais para ver por sobre as ameias, então tinha mandado que o levantassem, chamas, fumaça e caos

da batalha tornavam-lhe impossível ver o que se passava a jusante, à sombra do castelo, mas vira-o mil vezes com o olho da mente. Bronn teria posto os bois em movimento no instante em que o navio almirante de Stannis passasse sob a Fortaleza Vermelha; a corrente era pesada ao extremo, e só se conseguia movimentar os grandes guinchos lentamente, rangendo e ribombando. Quando a primeira cintilação do metal fosse vista debaixo da água, toda a frota do usurpador já teria passado. Os elos emergiriam pingando, alguns brilhando de lama, elo atrás de elo atrás de elo, até que toda a grande corrente se retesasse. Rei Stannis teria então levado sua frota para a Água Negra, mas dela não sairia.

Mesmo assim, alguns dos navios estavam escapando. A correnteza de um rio era uma coisa intricada, e o fogovivo não estava se espalhando de forma tão uniforme como Tyrion esperara. O canal principal encontrava-se todo em chamas, mas muitos dos homens de Myr tinham se dirigido para a margem sul, e parecia que escapariam incólumes, e pelo menos oito navios haviam atracado sob as muralhas da cidade. *Atracado ou encalhado, vai dar na mesma, puseram homens em terra*. Pior, uma boa parte da ala sul das duas primeiras linhas de batalha do inimigo estava muito além do inferno quando os cascos estouraram em chamas. Stannis ficaria com trinta ou quarenta galés, num cálculo por alto; mais do que as necessárias para atravessar o rio com a tropa inteira, depois de recuperarem a coragem.

Isso podia levar algum tempo; até os mais bravos ficariam com receio depois de verem o fogovivo consumir cerca de mil de seus companheiros. Hallyne dizia que às vezes a substância ardia tão quente que a carne derretia como sebo. Mas, mesmo assim…

Tyrion não tinha ilusões quanto aos seus homens. *Se a batalha parecer correr mal, eles vão fraquejar, e vão fraquejar mesmo*, prevenira-o Jacelyn Bywater; portanto, a única maneira de vencer era assegurando-se de que a batalha se mantivesse promissora, do princípio ao fim.

Via formas escuras em movimento através das ruínas carbonizadas dos cais na zona ribeirinha. *É tempo de fazer outra surtida*, pensou. Os homens nunca estavam tão vulneráveis como logo após cambalearem até

a terra firme. Não podia dar ao inimigo tempo de se organizar na margem norte.

Desceu do merlão.

– Diga a Lorde Jacelyn que temos inimigos na zona ribeirinha – Tyrion disse a um dos mensageiros que lhe fora atribuído por Bywater, e a outro: – Leve meus cumprimentos a Sor Arneld e peça-lhe para virar as Rameiras trinta graus para oeste – o ângulo permitiria que disparassem para mais adiante, mesmo que não chegassem tão longe na água.

– Minha mãe prometeu que eu podia ficar com as Rameiras – Joffrey protestou. Tyrion sentiu-se incomodado ao ver que o rei voltara a levantar o visor do elmo. Com certeza o rapaz estava assando dentro de todo aquele aço pesado… mas a última coisa de que precisava era que uma flecha perdida espetasse um dos olhos do sobrinho.

Fechou seu visor com estrondo.

– Mantenha isso fechado, Vossa Graça; sua querida pessoa é preciosa para todos nós – *e também não vai querer estragar essa linda carinha*. – As Rameiras são suas – não havia hora tão boa como aquela; atirar mais frascos de fogovivo contra navios queimando parecia não fazer sentido. Joff tinha os Homens Chifrudos amarrados, nus, no pátio abaixo, com chifres de veado presos à cabeça. Quando foram trazidos diante do Trono de Ferro para o julgamento, ele prometera mandá-los a Stannis. Um homem não era tão pesado como um pedregulho ou um barril de piche em chamas, e podia ser atirado bem mais longe. Alguns dos homens de manto dourado tinham apostado se os traidores voariam ou não até a outra margem da Água Negra. – Rápido, Vossa Graça – disse a Joffrey. – Em breve precisaremos dos trabucos para arremessar pedras. Nem mesmo o fogovivo arde para sempre.

Joffrey apressou-se na direção das Rameiras, feliz, escoltado por Sor Meryn, mas Tyrion segurou o pulso de Sor Osmund antes que também seguisse o rei.

– Aconteça o que acontecer, mantenha-o a salvo, e *lá embaixo*, entendido?

– Às suas ordens – Sor Osmund sorriu amigavelmente.

Tyrion prevenira Trant e Kettleblack sobre o que lhes aconteceria se algum mal acontecesse ao rei. E Joffrey tinha uma dúzia de veteranos de manto dourado à espera aos pés das escadas. *Estou protegendo seu maldito bastardo o melhor que posso, Cersei*, pensou amargamente. *Veja se faz o mesmo com Alayaya*.

Assim que Joffrey foi embora, um mensageiro correu esbaforido escada acima.

– Senhor, depressa! – caiu sobre um joelho. – Desembarcaram homens no terreiro dos torneios, centenas! Trazem um aríete até o Portão do Rei.

Tyrion praguejou e dirigiu-se aos degraus com um bamboleio gingado. Podrick Payne esperava embaixo com os cavalos. Galopou pela Rua do Rio, com Pod e Sor Mandon Moore logo atrás. As casas fechadas estavam banhadas em sombras verdes, mas não havia tráfego interpondo-se no caminho deles; Tyrion ordenara que as ruas fossem mantidas desimpedidas para que os defensores pudessem se mover rapidamente de um portão para outro. Mesmo assim, quando chegaram ao Portão do Rei, ouviu um trovejante estrondo de madeira batendo em madeira, informando-lhe que o aríete já tinha sido posto em ação. O ranger das grandes dobradiças soava como os gemidos de um gigante moribundo. A praça do portão estava repleta de feridos, mas viu também fileiras de cavalos, nem todos feridos, e mercenários e mantos dourados em quantidade suficiente para formar uma coluna forte.

– Em formação! – Tyrion gritou enquanto saltava para o chão. O portão moveu-se sob o impacto de outro golpe. – Quem comanda aqui? Vão sair.

– Não – uma sombra separou-se da obscuridade da muralha para se transformar num homem alto de armadura cinza-escura. Sandor Clegane arrancou o elmo com ambas as mãos e deixou-o cair no chão. O aço estava chamuscado e amassado, e a orelha esquerda do cão rosnador tinha sido arrancada. Um golpe por cima de um dos olhos pintara com uma camada de sangue as velhas cicatrizes de queimadura do Cão de Caça, mascarando metade de seu rosto.

– Sim – Tyrion o enfrentou.

A respiração de Clegane era irregular.

– Que se foda a saída. E você.

Um mercenário pôs-se ao seu lado.

– Já estivemos lá fora. Três vezes. Metade dos nossos homens estão mortos ou feridos. Fogovivo explodindo por todo lado, cavalos gritando como homens e homens como cavalos…

– Pensou que o contratamos para lutar num torneio? Devo trazer-lhe um bom copo de leite gelado e uma tigela de framboesas? Não? Então monte a merda do cavalo. Você também, Cão.

O sangue no rosto de Clegane cintilava, vermelho, mas seus olhos mostravam o branco. Puxou a espada.

*Ele tem medo*, Tyrion percebeu, chocado. *Cão de Caça está assustado*. Enfim, tentou explicar a situação:

– Eles trouxeram um aríete para o portão, podem ouvi-los, temos de dispersá-los…

– Abra os portões. Quando correrem para dentro, cerquem e matem todos.

Cão de Caça espetou a ponta da espada no chão e apoiou-se no botão, balançando. – Perdi metade de meus homens. Cavalos também. Não vou levar mais para dentro daquele fogo.

Sor Mandon Moore ficou ao lado de Tyrion, imaculado em seu alvo aço esmaltado.

– A Mão do Rei ordena.

– Que se dane a Mão do Rei – onde o rosto do Cão de Caça não estava pegajoso de sangue, mostrava-se pálido como leite. – Que alguém me arranje uma bebida – um oficial de manto dourado entregou-lhe uma taça. Clegane bebeu um gole, cuspiu o líquido, atirou a taça para longe. – Água? Que se foda a sua água. Traga-me vinho.

*É um morto em pé*. Tyrion agora via isso. *O ferimento, o fogo… está acabado, tenho de encontrar outro, mas quem? Sor Mandon?* Olhou os homens e compreendeu que não serviriam. O medo de Clegane abalara-os. Sem um líder, também recusariam, e Sor Mandon… um homem perigoso, Jaime tinha dito, sim, mas não um homem que outros seguissem.

A distância Tyrion ouviu outro grande estrondo. Por sobre as muralhas, o céu que escurecia estava inundado de camadas de luz laranja e verde. Quanto tempo o portão aguentaria?

*Isso é uma loucura*, pensou, *mas, mais vale a loucura do que a derrota. A derrota é morte e vergonha.*

– Muito bem, eu liderarei a surtida.

Se achava que isso envergonharia Cão de Caça, levando-o a voltar a uma atitude valorosa, enganou-se. Clegane limitou-se a rir:

– *Você?*

Tyrion via a incredulidade nos rostos deles.

– Eu. Sor Mandon levará o estandarte do rei. Pod, o meu elmo – o rapaz obedeceu correndo. Cão de Caça apoiou-se naquela espada entalhada e manchada de sangue e o encarou com aqueles seus grandes olhos brancos. Sor Mandon ajudou Tyrion a montar de novo. – *Formar!* – Tyrion gritou.

Seu grande garanhão vermelho usava focinheira e testeira. Seda carmesim envolvia seus quartos traseiros, por cima de uma cota de malha. A sela elevada era dourada. Podrick Payne entregou-lhe o elmo e o escudo, feito de pesado carvalho enfeitado com uma mão dourada sobre fundo vermelho, rodeada por pequenos leões dourados. Levou o cavalo a descrever um círculo, observando a pequena força de homens. Só um punhado tinha respondido à sua ordem, não mais de vinte. Montavam seus cavalos com olhos tão brancos como os do Cão de Caça. Olhou com desprezo para os outros, os cavaleiros e mercenários que tinham acompanhado Clegane.

– Dizem que sou meio homem – Tyrion disse. – O que isso faz de vocês?

Aquilo os envergonhou bastante. Um cavaleiro montou, sem elmo, e veio juntar-se aos outros. Seguiu-se um par de mercenários. Depois mais homens. O Portão do Rei voltou a estremecer. Poucos momentos depois, o tamanho da força de Tyrion havia duplicado. Tinha encurralado os homens. *Se eu lutar, terão de fazer o mesmo, senão são menos do que anões.*

– Não me ouvirão gritar o nome de Joffrey – disse-lhes. – Tampouco me ouvirão gritar por Rochedo Casterly. É a sua cidade que Stannis pretende saquear, e aquele portão que tenta derrubar é o seu. Portanto, venham comigo e matem o filho da puta! – Tyrion desembainhou o machado, fez o garanhão rodar, e trotou na direção da porta de surtida. *Achava* que o seguiam, mas não se atreveu a olhar.

# Sansa

Os archotes cintilavam brilhantemente no metal martelado das arandelas das paredes, enchendo o Salão de Baile da Rainha com uma luz prateada. Mas ainda havia escuridão ali. Sansa via-a nos olhos claros de Sor Ilyn Payne, que estava em pé junto à porta dos fundos, imóvel como pedra, sem ingerir nem comida nem bebida. Ouvia-a na torturante tosse de Lorde Gyles e na voz segredada de Osney Kettleblack quando entrava para trazer as notícias a Cersei.

Sansa terminava seu caldo de carne quando ele entrou da primeira vez, pelos fundos. Viu-o de relance conversando com o irmão Osfryd. Então, ele subiu ao estrado e se ajoelhou ao lado do cadeirão, cheirando a cavalo, com quatro longos arranhões na face cobertos por crostas de sangue, e com um cabelo que caía abaixo do colarinho e sobre os olhos. Apesar de todo o segredo, Sansa não pôde evitar ouvir suas palavras.

– As frotas estão travando batalha. Alguns arqueiros chegaram à margem, mas Cão de Caça os destroçou, Vossa Graça. Seu irmão está içando a corrente, ouvi o sinal. Alguns bêbados na Baixada das Pulgas andam arrombando portas e entrando nas casas pelas janelas. Lorde Bywater enviou os mantos dourados para lidar com eles. O Septo de Baelor está apinhado, com todo mundo rezando.

– E o meu filho?

– O rei foi a Baelor para obter a bênção do Alto Septão. Agora patrulha as muralhas com a Mão, dizendo aos homens para terem coragem, levantando o moral, por assim dizer.

Cersei acenou ao pajem por outra taça de vinho, uma safra de ouro da Árvore, frutada e rica. A rainha estava bebendo muito, mas o vinho só

parecia torná-la mais bela; tinha as faces coradas, e nos olhos, um calor brilhante e febril ao ver o salão. *Olhos de fogovivo*, Sansa pensou.

Músicos tocaram, malabaristas fizeram malabarismos. O Rapaz Lua cambaleou pelo salão sobre pernas de pau, caçoando de todo mundo, enquanto Sor Dontos perseguia criadas montado em seu cavalo de cabo de vassoura. Os convidados riam, mas eram risos sem alegria, o tipo de riso que pode se transformar em soluços em meio segundo. *Têm os corpos aqui, mas os pensamentos estão nas muralhas da cidade, e os corações também*.

Depois do caldo foi servida uma salada de maçãs, nozes e passas. Em qualquer outra altura, poderia ter sido um prato saboroso, mas naquela noite toda a comida trazia um gosto de medo. Sansa não era a única sem apetite no salão. Lorde Gyles tossia mais do que comia; Lollys Stokeworth estava sentada, encurvada e tremendo; e a jovem noiva de um dos cavaleiros de Sor Lancel desatou a chorar incontrolavelmente. A rainha ordenou ao Meistre Frenken que a pusesse na cama com uma taça de vinho dos sonhos.

– Lágrimas – Cersei disse a Sansa em tom de escárnio enquanto a mulher era levada do salão. – A senhora minha mãe costumava chamá-las de arma da mulher. A arma do homem é uma espada. E isso diz tudo o que temos de saber, não é verdade?

– Mas os homens têm de ser muito corajosos – Sansa retrucou. – Para sair a cavalo e enfrentar espadas e machados, com todos tentando matá-los…

– Jaime disse-me um dia que só se sentia realmente vivo em batalha e na cama – levantou a taça e bebeu um longo trago. Não tinha tocado na salada. – Preferiria enfrentar qualquer número de espadas a ficar aqui assim, impotente, fingindo desfrutar da companhia desse bando de galinhas assustadas.

– Convidou-os a vir, Vossa Graça.

– Há certas coisas que se esperam de uma rainha. Serão esperadas de você, se vier a se casar com Joffrey. É melhor que aprenda – a rainha estudou as esposas, filhas e mães que enchiam os bancos. – Em si

mesmas, as galinhas não são nada, mas seus galos são importantes por um motivo ou por outro, e alguns poderão sobreviver a essa batalha. Portanto, compete-me dar às suas mulheres minha proteção. Se o miserável anão do meu irmão conseguir de algum modo vencer, elas voltarão aos seus maridos e pais cheias de histórias sobre como fui brava, como minha coragem as inspirou e melhorou seus ânimos, como não duvidei de nossa vitória nem sequer por um momento.

– E se o castelo cair?

– Gostaria que isso acontecesse, não é verdade? – Cersei não esperou uma negativa. – Se não for traída por meus próprios guardas, talvez consiga aguentar aqui durante algum tempo. Então poderei ir até as muralhas e oferecer, em pessoa, a rendição a Lorde Stannis. Isso vai nos poupar do pior. Mas se a Fortaleza de Maegor cair antes que Stannis consiga chegar à cidade... diria que, nesse caso, a maior parte de minhas convidadas deve se preparar para uma pitada de estupro. E não se deve excluir a mutilação, a tortura e o assassinato em tempos como este.

Sansa estava horrorizada:

– Mas são mulheres, desarmadas e de alto nascimento.

– Seu nascimento as protege – Cersei admitiu –, embora não tanto quanto possa pensar. Cada uma vale um bom resgate, mas depois da loucura da batalha, os soldados parecem muitas vezes preferir a carne ao dinheiro. Mesmo assim, um escudo dourado é melhor do que nenhum. Lá fora, nas ruas, as mulheres não serão tratadas, nem de perto, com tanta ternura. Nem as nossas criadas. Coisinhas bonitas como aquela criada da Senhora Tanda podem estar reservadas para uma noite animada, mas não pense que as velhas, as enfermas e as feias serão poupadas. Bebida suficiente pode fazer com que lavadeiras cegas e criadoras de porcos fedorentas pareçam tão agradáveis quanto você, querida.

– *Eu?*

– Tente não soar tanto como um rato, Sansa. Agora é uma mulher, esqueceu-se? E prometida ao meu primogênito – a rainha bebericou de seu vinho. – Se estivesse qualquer outro aos portões, podia ter esperança de seduzi-lo. Mas esse homem é Stannis Baratheon. Teria mais esperança

de seduzir seu cavalo – reparou na expressão de Sansa e soltou uma gargalhada. – Choquei-a, senhora? – aproximou-se. – Sua tolinha. As lágrimas não são a *única* arma de uma mulher. Tem outra entre as pernas, e é melhor que aprenda a usá-la. Irá descobrir que os homens usam as espadas com bastante desprendimento. Ambos os tipos de espada.

Sansa foi poupada da necessidade de responder quando os dois Kettleblack reentraram no salão. Sor Osmund e os irmãos tinham se transformado em grandes favoritos no castelo; estavam sempre prontos com um sorriso e um gracejo, e davam-se tão bem com palafreneiros e caçadores como com cavaleiros e escudeiros. Segundo diziam os mexericos, era com as criadas que se davam melhor. Nos últimos tempos, Sor Osmund tinha tomado o lugar de Sandor Clegane ao lado de Joffrey, e Sansa ouvira as mulheres no poço das lavagens dizerem que ele era tão forte como o Cão de Caça, só que mais jovem e mais rápido. Se assim era, perguntava a si mesma por que nunca tinha ouvido falar daqueles Kettleblack antes de Sor Osmund ser nomeado para a Guarda Real.

Osney era todo sorrisos quando se ajoelhou ao lado da rainha.

– Os cascos incendiaram-se, Vossa Graça. Toda a Água Negra está inundada de fogovivo. Há uma centena de navios ardendo, talvez mais.

– E o meu filho?

– Está no Portão da Lama com a Mão e a Guarda Real, Vossa Graça. Já falou com os arqueiros nas paliçadas e deu-lhes alguns conselhos sobre o manuseio de uma besta, deu sim. Todos dizem que é um rapaz reto e bravo.

– É bom que permaneça um rapaz reto e *vivo* – Cersei virou-se para o irmão de Osney, Osfryd, que era mais alto, mais severo, e usava um bigode preto e pendente. – Sim?

Osfryd colocara um meio elmo de aço sobre seu longo cabelo negro, e a expressão em seu rosto era sombria.

– Vossa Graça – disse em voz baixa –, os rapazes apanharam um palafreneiro e duas criadas tentando escapulir por uma porta falsa com três dos cavalos do rei.

– Os primeiros traidores da noite – a rainha disse –, mas temo que não serão os últimos. Mande Sor Ilyn cuidar deles, e coloque suas cabeças em espigões à porta dos estábulos como aviso – enquanto os irmãos saíam, virou-se para Sansa: – Outra lição que devia aprender, se tem esperança de se sentar no trono ao lado de meu filho. Se for branda numa noite como esta, terá traição estourando por toda a sua volta, como cogumelos depois de uma chuva forte. A única maneira de manter seu povo leal é assegurando-se de que a temem mais do que ao inimigo.

– Vou me lembrar, Vossa Graça – Sansa respondeu, se bem que sempre tivesse ouvido dizer que o amor era um caminho mais seguro para a lealdade do povo do que o medo. *Se chegar a ser uma rainha, farei com que me amem*.

Empadões de pata de siri seguiram-se à salada. Depois veio carneiro assado com alho-poró e cenoura, servido em tabuleiros de casca de pão. Lollys comeu depressa demais, ficou enjoada e vomitou por cima de si e da irmã. Lorde Gyles tossiu, bebeu, tossiu, bebeu e desmaiou. A rainha fitou com repugnância o local onde ele jazia, com o rosto enfiado no tabuleiro e a mão numa poça de vinho.

– Os deuses deviam estar loucos para desperdiçar virilidade em homens como ele; e eu devia estar louca quando exigi sua libertação.

Osfryd Kettleblack regressou, fazendo rodopiar o manto carmim.

– Há povo juntando-se na praça, Vossa Graça, pedindo refúgio no castelo. Não é uma multidão, são comerciantes ricos e gente assim.

– Ordene-lhes que voltem às suas casas – disse a rainha. – Se não forem, ordene que seus besteiros matem alguns. Nada de surtidas; não quero os portões abertos por nenhum motivo.

– Às suas ordens – ele fez uma reverência e saiu.

O rosto da rainha mostrava-se duro e irritado.

– Bem que eu gostaria de levar uma espada aos seus pescoços pessoalmente – a voz de Cersei começava a ficar mole. – Quando pequenos, Jaime e eu éramos tão parecidos que até nosso pai não nos conseguia distinguir. Às vezes, para fazer graça, vestíamos a roupa um do outro e passávamos um dia inteiro como o outro. Mas, mesmo assim,

quando deram a Jaime a primeira espada, não havia nenhuma para mim. “O que *eu* ganho?”, lembro-me de ter perguntado. Éramos tão parecidos que nunca entendi por que nos tratavam de forma tão *diferente*. Jaime aprendeu a lutar com espadas, lanças e maças, enquanto eu fui ensinada a sorrir, cantar e agradar. Ele era herdeiro de Rochedo Casterly, enquanto eu estava destinada a ser vendida a um estranho qualquer como se fosse um cavalo, para ser montada sempre que meu novo dono quisesse, espancada sempre que ele desejasse, e, com o tempo, posta de lado em favor de uma potra mais nova. O destino de Jaime seria a glória e o poder, enquanto o meu era o parto e o sangue da lua.

– Mas foi rainha de todos os Sete Reinos – Sansa lhe disse.

– Quando se trata de espadas, uma rainha é só uma mulher, no fim das contas – a taça de vinho de Cersei estava vazia. Um pajem fez tenção de voltar a enchê-la, mas ela se virou e sacudiu a cabeça. – Mais não. Tenho de manter a cabeça limpa.

O último prato foi queijo de cabra servido com maçãs cozidas. O odor da canela encheu o salão no momento em que Osney Kettleblack entrou para ir se ajoelhar mais uma vez entre as duas.

– Vossa Graça – murmurou. – Stannis desembarcou homens no terreiro dos torneios, e há mais atravessando o rio. O Portão da Lama está sob ataque, e trouxeram um aríete até o Portão do Rei. O Duende saiu para repeli-los.

– Isso vai enchê-los de medo – a rainha disse secamente. – Não levou Joff, espero.

– Não, Vossa Graça, o rei está com o meu irmão nas Rameiras, atirando Homens Chifrudos ao rio.

– Com o Portão da Lama sendo assaltado? Loucura. Diga a Sor Osmund que eu o quero aqui imediatamente, é perigoso demais. Traga-o de volta ao castelo.

– O Duende disse…

– É o que *eu* digo que devia lhe interessar – os olhos de Cersei estreitaram-se. – Seu irmão fará o que lhe é dito, caso contrário tratarei de que seja ele a liderar a próxima surtida, e você irá com ele.

Depois de os pratos terem sido levados, muitos dos convidados pediram licença para ir ao septo. Cersei concedeu-lhes o pedido com benevolência. A Senhora Tanda e as filhas estavam entre os que partiram. Para os que ficaram, foi trazido um cantor, a fim de encher o salão com a doce música da harpa vertical. Cantou sobre Jonquil e Florian, sobre o Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão e seu amor pela rainha do irmão, sobre os dez mil navios de Nymeria. Eram belas canções, mas terrivelmente tristes. Várias das mulheres começaram a chorar, e Sansa sentiu que seus olhos também se umedeciam.

– Muito bem, querida – a rainha inclinou-se para mais perto. – Vai querer treinar essas lágrimas. Vai precisar delas para o Rei Stannis.

Sansa mexeu-se nervosamente na cadeira.

– Vossa Graça?

– Oh, poupe-me de suas cortesias ocas. As coisas devem ter chegado a uma dificuldade desesperadora lá fora se precisam que um anão os lidere, portanto, pode perfeitamente tirar a máscara. Sei tudo sobre as suas traiçõezinhas no bosque sagrado.

– O bosque sagrado? – *não olhe para Sor Dontos, não olhe, não olhe*, disse Sansa a si mesma. *Ela não sabe, ninguém sabe, Dontos prometeu, meu Florian nunca me decepcionaria*. – Não cometi nenhuma traição. Só visito o bosque sagrado para rezar.

– Por Stannis. Ou pelo seu irmão, dá na mesma. Por que outro motivo procuraria os deuses de seu pai? Reza pela nossa derrota. Do que chamaria isso se não for traição?

– Rezo por Joffrey – ela insistiu nervosamente.

– Por quê? Por causa da gentileza com que a trata? – a rainha tirou um jarro de vinho doce de ameixa de uma criada que passava e encheu a taça de Sansa. – Beba – ordenou friamente. – Talvez lhe dê coragem para lidar com a verdade, para variar.

Sansa levou a taça aos lábios e bebeu um pequeno gole. O vinho era enjoativamente doce, mas muito forte.

– Pode fazer melhor do que isso – Cersei a desafiou. – Esvazie a taça, Sansa. É a sua rainha que ordena.

Sansa quase quis vomitar, mas esvaziou a taça, emborcando o espesso vinho doce até ficar com a cabeça flutuando.

– Mais? – Cersei perguntou.

– Não. Por favor.

A rainha pareceu aborrecida:

– Quando perguntou há pouco acerca de Sor Ilyn, menti para você. Quer ouvir a verdade, Sansa? Quer saber o motivo real de sua presença aqui?

Sansa não se atreveu a responder, mas não importava. A rainha ergueu uma mão e chamou, sem esperar resposta. Sansa nem sequer tinha visto Sor Ilyn regressar ao salão, mas de repente ali estava, saindo das sombras por trás do estrado, silencioso como um gato. Trazia Gelo desembainhada. Sansa recordou que o pai limpava sempre a lâmina no bosque sagrado depois de cortar a cabeça de um homem, mas Sor Ilyn não era tão exigente. Havia sangue secando no aço ondulado, já com o vermelho transformando-se em marrom.

– Diga à Senhora Sansa por que o mantenho junto a nós – a rainha ordenou.

Sor Ilyn abriu a boca e emitiu um chocalhar sufocado. Seu rosto marcado pelas bexigas não tinha expressão.

– Ele diz que está aqui por nós – disse a rainha. – Stannis pode tomar a cidade e pode capturar o trono, mas eu não tolerarei que me julgue. Não pretendo que nos capture vivas.

– *Nos?*

– Ouviu o que eu disse. Portanto, talvez seja melhor voltar a rezar, Sansa, e por outro resultado. Os Stark não obterão nenhuma alegria da queda da Casa Lannister, prometo – estendeu a mão e tocou o cabelo de Sansa, afastando-o delicadamente de seu pescoço.

# Tyrion

A fenda do elmo limitava a visão de Tyrion àquilo que se encontrava na sua frente, mas quando virou a cabeça, viu três galés encalhadas no terreiro dos torneios, e uma quarta, maior do que as outras no meio do rio, ao largo, atirando barris de piche em chamas com uma catapulta.

– Cunha! – ordenou Tyrion enquanto os homens fluíam da porta de surtida. Formaram-se em ponta de seta consigo à frente. Sor Mandon Moore ocupou o lugar à sua direita, com as chamas tremeluzindo no esmalte branco de sua armadura e os olhos mortos brilhando sem paixão de dentro do elmo. Montava um cavalo negro como carvão, todo ajaezado de branco, com o escudo de um branco puro da Guarda Real preso ao braço. À esquerda, Tyrion ficou surpreso por ver Podrick Payne com uma espada na mão: – É novo demais. Volte.

– Sou o seu escudeiro, senhor.

Tyrion não tinha tempo para discussões.

– Nesse caso, venha comigo. Fique por perto – pôs o cavalo em movimento.

Avançaram com os joelhos tocando-se, seguindo a linha das muralhas. O estandarte de Joffrey flutuava, carmim e dourado, da lança transportada por Sor Mandon, com o veado e o leão dançando, de casco dado com a pata. De passo evoluíram para trote, fazendo um largo contorno na base da torre. Flechas dardejaram das muralhas da cidade enquanto pedras rodopiavam e caíam do céu, com estrondo, cegamente, em terra e água, aço e carne. Em frente, surgiu o Portão do Rei e diversos soldados que lutavam com um enorme aríete, uma estaca de carvalho negro com uma cabeça de ferro. Arqueiros vindos dos navios rodeavam-

nos, disparando flechas contra quaisquer defensores que surgissem nas muralhas da guarita.

– Lanças – Tyrion ordenou, e passou a meio galope.

O chão estava encharcado e escorregadio, feito em partes iguais de lama e sangue. Seu garanhão tropeçou num cadáver, tentou se equilibrar com os cascos escorregando e batendo a terra, e, por um instante, Tyrion temeu que a investida terminasse consigo caindo da sela antes mesmo de atingir o inimigo. Mas, de algum modo tanto ele como o cavalo lograram manter o equilíbrio. Sob o portão, homens viravam-se, tentando apressadamente se reforçar para o choque. Tyrion ergueu o machado e gritou: "*Porto Real!*". Outras vozes acompanharam seu grito, e agora a ponta da seta voava, um longo grito de aço e seda, cascos revolvendo a terra e lâminas afiadas beijadas pelo fogo.

Sor Mandon baixou a ponta de sua lança no último instante possível, e enfiou o estandarte de Joffrey no peito de um homem com um justilho cheio de rebites, erguendo-o no ar antes de a haste se partir. À frente de Tyrion surgiu um cavaleiro cuja capa mostrava uma raposa espreitando de dentro de um anel de flores. Seu primeiro pensamento foi *Florent*, mas Mandon, agora sem capacete, veio logo atrás. Atingiu o homem no rosto com todo o peso do machado, do braço e do cavalo, arrancando metade de sua cabeça. O choque do impacto adormeceu seu ombro. *Shagga riria de mim*, pensou, continuando a avançar.

Uma lança fez um ruído surdo em seu escudo. Pod galopava ao seu lado, golpeando todos os inimigos por que passavam. Indistintamente, ouviu aclamações vindas dos homens nas muralhas. O aríete caiu com estrondo na lama, esquecido num instante quando os homens que o manejavam fugiram ou se viraram para lutar. Tyrion atropelou um arqueiro, abriu um lanceiro do ombro à axila, desviou de um golpe dado por um elmo com um peixe-espada no topo. Junto ao aríete, seu grande cavalo vermelho empinou-se, mas o garanhão negro saltou suavemente sobre o obstáculo, e Sor Mandon passou rapidamente por ele, morte envolta em seda branca como a neve. A espada do cavaleiro cortava membros, rachava cabeças, quebrava escudos em dois… embora fossem

bem poucos os inimigos que tinham conseguido atravessar o rio com os escudos intactos.

Tyrion obrigou a montaria a saltar sobre o aríete. Os inimigos fugiam. Moveu a cabeça da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, mas não viu sinal de Podrick Payne. Uma flecha tilintou de encontro à maçã de seu rosto, não acertando a fenda para os olhos por dois centímetros. O solavanco de medo que deu quase o derrubou do cavalo. *Se é para ficar aqui parado como um cepo, seria melhor pintar um alvo na placa de peito*.

Pôs o cavalo de novo em movimento, trotando por cima e em volta de uma confusão de cadáveres. Próximo à foz, a Água Negra estava obstruída com os cascos de galés incendiadas. Manchas de fogovivo ainda flutuavam na água, lançando plumas de fogo verde, rodopiando a até seis metros de altura. Tinham dispersado os homens do aríete, mas Tyrion viu que se lutava em toda a margem do rio. Os homens de Sor Balon Swann, provavelmente, ou os de Lancel, tentavam empurrar os inimigos de volta para a água, à medida que saltavam para a terra vindos dos navios que ardiam.

– Vamos para o Portão da Lama – ordenou.

Sor Mandon gritou:

– *O Portão da Lama!* – e estouraram de novo em galope.

"*Porto Real!*", gritavam seus homens desencontradamente, e também "*Meio Homem! Meio Homem!*". Perguntou a si mesmo quem lhes teria ensinado aquilo. Através do aço e do almofadado do elmo conseguia ouvir gritos angustiados, o faminto crepitar das chamas, os estrondos arrepiantes dos cornos de guerra e o sopros metálicos das trombetas. Havia fogo por todo lado. *Que os deuses sejam bons. Não admira que Cão de Caça estivesse assustado. O que ele teme são as chamas…*

Um enorme estrondo ressoou pela Água Negra quando um pedregulho do tamanho de um cavalo acertou em cheio, a meio navio, uma das galés. *Nossa ou deles?* Através dos cordões de fumaça não conseguia distingui-la. Sua cunha tinha desaparecido; cada homem era agora sua própria batalha. *Devia ter voltado*, Tyrion pensou, avançando.

O machado pesava em seu punho. Um punhado de homens ainda o seguia, os outros estavam mortos ou tinham fugido. Teve de lutar com o garanhão para manter a cabeça do animal apontada a leste. O grande cavalo de batalha não gostava mais de fogo do que Sandor Clegane, mas era mais fácil intimidar o animal.

Homens saíam do rio rastejando, queimados e ensanguentados, tossindo água, cambaleando, a maioria morrendo. Levou sua tropa por entre eles, dando mortes mais rápidas e mais limpas aos que ainda tinham forças para se manter em pé. A guerra reduziu-se ao tamanho da fenda para os olhos. Cavaleiros com o dobro de seu tamanho fugiam dele, ou ficavam no mesmo lugar e morriam. Pareciam coisas pequenas e assustadas.

– *Lannister!* – gritou, matando. Seu braço estava vermelho até o cotovelo, cintilando à luz que vinha do rio. Quando o cavalo voltou a se empinar, brandiu o machado para as estrelas e ouviu-as gritar "*Meio Homem! Meio Homem!*". Tyrion sentia-se bêbado.

*A febre de batalha*. Nunca pensara experimentá-la em pessoa, embora Jaime lhe tivesse falado dela com bastante frequência. Como o tempo parecia desfocar e se tornar mais lento, e até parar, como o passado e o futuro desapareciam até nada haver além do instante, como o medo fugia, e o pensamento fugia, e até o corpo fugia.

– Nessa altura não sente as feridas ou a dor nas costas por causa do peso da armadura, ou o suor que escorre para os seus olhos. Deixa de sentir, deixa de pensar, deixa de ser *você*, só existe a luta, o inimigo, este homem, e logo o seguinte, e o outro, e o outro, e sabe que eles têm medo e estão cansados, mas você não, você está vivo, e a morte está por todo lado a sua volta, mas as espadas deles movem-se tão devagar que pode dançar por entre elas, rindo.

*A febre de batalha. Sou meio homem e estou bêbado de morticínio, que me matem se conseguirem!*

E tentaram. Outro lanceiro correu para ele. Tyrion cortou a ponta da lança, depois a mão, depois o braço, trotando em círculos à sua volta. Um arqueiro, sem arco, atirou-se sobre ele com uma flecha na mão, segurando-a como se fosse uma faca. O corcel de batalha escoiceou a

coxa do homem, fazendo-o estatelar-se, e Tyrion soltou uma gargalhada roufenha. Passou por um estandarte enfiado na lama, um dos corações em chamas de Stannis, e cortou a haste em duas, com um golpe de machado. Um cavaleiro ergueu-se vindo de lugar nenhum, lançando-lhe estocadas no escudo com a espada longa de duas mãos que brandia, uma e outra vez, até que alguém enfiou uma adaga por baixo do seu braço. Um dos homens de Tyrion, talvez. Não chegou a vê-lo.

– Rendo-me, sor – gritou outro cavaleiro, mais adiante ao longo do rio. – Rendo-me. Sor cavaleiro, rendo-me a você. O meu penhor, tome, tome – o homem estava deitado numa poça de água negra, oferecendo uma manopla articulada em sinal de submissão. Tyrion teve de se inclinar para aceitá-la. Quando o fez, um frasco de fogovivo explodiu por cima de sua cabeça, borrifando chamas verdes. No súbito relâmpago de luz, viu que a poça não era negra, mas vermelha. A manopla ainda tinha a mão do homem lá dentro. Atirou-a de volta. – Rendo-me – soluçou o homem, sem esperança, sem amparo. Tyrion recuou.

Um homem de armas agarrou o freio de seu cavalo e atacou o rosto de Tyrion com um punhal. Este afastou a lâmina e enterrou o machado na nuca do homem. Enquanto libertava a arma, um clarão branco surgiu no limite do seu raio de visão. Tyrion virou-se, pensando encontrar de novo Sor Mandon Moore a seu lado, mas aquele era outro cavaleiro branco. Sor Balon Swann usava a mesma armadura, mas os jaezes de seu cavalo ostentavam os cisnes branco e negro em batalha da sua Casa. *É mais um cavaleiro malhado do que branco*, pensou Tyrion estupidamente. Cada centímetro de Sor Balon estava respingado de sangue e manchado de fumaça. Ergueu a maça para apontar para a foz. Pedaços de osso e cérebro agarravam-se à cabeça da arma.

– Senhor, olhe.

Tyrion virou o cavalo para espreitar ao longo da Água Negra. A corrente ainda fluía, negra e forte, por baixo, mas a superfície estava turva de sangue e chamas. O céu mostrava-se vermelho, laranja e de um verde berrante.

– O que é? – ele perguntou. E então viu.

Homens de armas revestidos de aço saltavam de uma galé quebrada que tinha se esmagado contra um cais. Tantos, de onde vêm? Semicerrando os olhos para a fumaça e o brilho intenso do fogo, Tyrion seguiu o caminho deles até o rio. Estavam ali aglomeradas vinte galés, ou talvez mais, era difícil contar. Tinham os remos cruzados, os cascos presos uns aos outros com cordas de abordagem, empaladas nos esporões umas das outras, emaranhadas em teias de cordame caído. Um grande casco flutuava, virado ao contrário, entre dois navios menores. Navios naufragados, mas tão apertados uns contra os outros que era possível saltar de um convés para o seguinte e assim atravessar a Água Negra.

Centenas dos mais ousados dos homens de Stannis Baratheon estavam fazendo exatamente isso. Tyrion viu um grande idiota de um cavaleiro tentando atravessar a cavalo, obrigando um animal aterrorizado a saltar sobre amuradas e remos, a atravessar conveses inclinados, escorregadios de sangue e crepitando de fogo verde. *Fizemos-lhes uma maldita ponte*, pensou, consternado. Partes da ponte estavam se afundando, outras encontravam-se em chamas, e toda ela estalava, movia-se e parecia prestes a se esfrangalhar a qualquer momento, mas isso não parecia pará-los.

– Aqueles homens possuem bravura – disse a Sor Balon com admiração. – Vamos matá-los.

Levou-os através dos fogos que pingavam chamas, da fuligem e das cinzas da margem do rio, percorrendo um longo cais de pedra com seus homens e os de Sor Balon atrás de si. Sor Mandon juntou-se a eles com o escudo transformado numa ruína meio estilhaçada. Fumaça e fagulhas rodopiavam no ar, e o inimigo quebrou antes mesmo da investida, atirando-se de volta ao rio, derrubando outros homens que tentavam subir. A base da ponte era uma galé inimiga meio afundada, com *Perdição de Dragão* pintado na proa, e o fundo rasgado por um dos cascos afundados que Tyrion dispusera entre os cais. Um lanceiro ostentando o símbolo do caranguejo vermelho da Casa Celtigar espetou a ponta de sua arma no peito do cavalo de Balon Swann antes de o cavaleiro conseguir desmontar, fazendo-o cair da sela. Tyrion golpeou a

cabeça do homem ao passar por ele num instante, e então era tarde demais para puxar as rédeas. Seu garanhão saltou da extremidade do cais por cima de uma amurada despedaçada, caindo com um *chap* e um grito em água na altura dos tornozelos. O machado de Tyrion saltou, rodopiando, seguido pelo próprio Tyrion, e o convés ergueu-se para lhe dar uma pancada úmida.

Seguiu-se uma loucura. Seu cavalo tinha quebrado uma perna e soltava guinchos horríveis. De algum modo, conseguiu desembainhar o punhal e cortar a garganta da pobre criatura. O sangue jorrou numa fonte escarlate, ensopando seus braços e seu peito. Recuperou o uso das pernas e pôs-se em pé, apoiando-se na amurada, e de repente estava lutando, cambaleando e espirrando água ao longo de conveses tortos e inundados. Caíam homens sobre ele. Matou alguns, feriu outros, e alguns fugiram, mas sempre havia mais. Perdeu a faca e ganhou uma lança quebrada, não saberia dizer como. Agarrou-a e lançou estocadas, guinchando pragas. Homens fugiam dele, e ele corria atrás deles, saltando pelas amuradas para o navio seguinte e depois para o próximo. Suas duas sombras brancas acompanhavam-no sempre; Balon Swann e Mandon Moore, belos em suas armaduras claras. Rodeados por um círculo de lanceiros de Valeryon, lutaram costas contra costas; tornaram a batalha tão graciosa como uma dança.

As mortes de Tyrion eram coisas desajeitadas. Apunhalou um homem no rim quando estava de costas para ele, e agarrou outro pela perna, atirando-o de cabeça ao rio. Flechas passaram silvando por sua cabeça e chocalharam em sua armadura; uma alojou-se entre o ombro e a placa de peito, mas nem a sentiu. Um homem nu caiu do céu e aterrissou no convés, estourando como um melão atirado de uma torre. Salpicos de seu sangue atravessaram a fenda do elmo de Tyrion. Pedras começaram a cair verticalmente, atravessando com estrondo os conveses e esmagando homens, até que a ponte inteira estremeceu e torceu-se violentamente sob seus pés, fazendo-o cair de lado.

De repente, o rio jorrava para dentro de seu elmo. Arrancou-o e rastejou pelo convés adernado até ficar com a água apenas pelo pescoço. Gemidos

enchiam o ar, como os gritos de morte de uma enorme fera. *O navio*, teve tempo de pensar, *o navio está prestes a se libertar dos outros*. As galés quebradas estavam se separando, a ponte desconjuntava-se. Assim que compreendeu aquilo, Tyrion ouviu um súbito *crac*, sonoro como um trovão, o convés inclinou-se sob seu corpo e voltou a deslizar para dentro da água.

O adernamento era tão pronunciado que teve de subir, içando-se centímetro a centímetro por uma corda rompida. Pelo canto do olho, viu o casco ao qual estiveram presos derivando ao sabor da corrente, rodando lentamente enquanto homens saltavam por cima de sua amurada. Alguns usavam o coração flamejante de Stannis, outros, o veado e o leão de Joffrey, outros, símbolos diferentes, mas isso parecia não importar. Havia incêndios ardendo para todos os lados. Para um dos lados, desenrolava-se uma furiosa batalha, uma grande confusão de brilhantes estandartes ondulando sobre um mar de homens em luta, muralhas de escudos formando-se e quebrando-se, cavaleiros montados furando pela multidão, poeira, lama, sangue e fumaça. Do outro lado, a Fortaleza Vermelha pairava, alta, sobre a sua colina, cuspindo fogo. Mas estavam nos lugares errados. Por um momento, Tyrion pensou que estivesse enlouquecendo, que Stannis e o castelo tinham trocado de lugar. *Como foi que Stannis conseguiu atravessar para a margem norte?* Tardiamente, compreendeu que o convés girava, e de algum modo tinha se virado ao contrário, de forma que castelo e batalha tinham trocado de lado. *Batalha, que batalha? Se Stannis não fez a travessia, com quem está lutando?* Tyrion estava cansado demais para dar sentido àquilo. Seu ombro doía horrivelmente, e quando ergueu a mão para esfregá-lo, viu a flecha e lembrou-se. *Tenho de sair desse navio*. A jusante nada havia a não ser uma muralha de fogo, e se o navio naufragado se libertasse, a corrente o levaria bem na direção dela.

Alguém chamou pelo seu nome, um grito que soou fraco por entre o rumor da batalha. Tyrion tentou responder.

– Aqui! Aqui, estou aqui, ajudem-me! – sua voz soava tão débil que quase não conseguia ouvi-la. Puxou-se para cima do convés inclinado e

agarrou-se à amurada. O casco bateu na galé seguinte e foi rebatido com tal violência, que Tyrion quase foi atirado à água. Para onde tinham ido todas as suas forças? Tudo o que pôde fazer foi se segurar.

– *SENHOR! PEGUE NA MINHA MÃO! SENHOR TYRION!*

Ali, no convés do navio seguinte, do outro lado de um abismo de água negra que se alargava, estava Sor Mandon Moore, com a mão estendida. Fogos amarelo e verde cintilavam no branco de sua armadura, e sua manopla articulada estava pegajosa de sangue, mas Tyrion tentou alcançá-la mesmo assim, desejando que seus braços fossem mais longos. Foi apenas no último instante, quando os dedos já se roçavam por sobre a água, que uma pequena dúvida se imiscuiu em seu espírito… Sor Mandon estendia sua mão *esquerda*, por que…

Teria sido por isso que recuara, ou teria visto a espada, no fim das contas? Nunca saberia. A ponta deu o golpe logo abaixo de seus olhos, e sentiu seu toque frio e duro, e em seguida uma dor intensa. Sua cabeça virou-se, como se tivesse sido esbofeteado. O choque da água fria foi uma segunda bofetada, mais brusca do que a primeira. Buscou algo a que se agarrar, sabendo que uma vez afundado não era provável que voltasse à superfície. De algum modo, sua mão encontrou a extremidade estilhaçada de um remo quebrado. Agarrando-se com força a ela, como um amante desesperado, subiu centímetro por centímetro. Tinha os olhos cheios de água, a boca cheia de sangue e a cabeça latejava horrivelmente. *Que os deuses me deem forças para chegar ao convés*… Nada mais existia, só o remo, a água e o convés.

Por fim, rolou de lado e deixou-se cair de costas, sem fôlego e exausto. Bolas de chamas verdes e cor de laranja crepitaram por cima de sua cabeça, deixando traços entre as estrelas. Teve um momento para pensar em como aquilo era bonito, até que Sor Mandon bloqueou sua vista. O cavaleiro era uma sombra de aço branco, com um brilho escuro nos olhos dentro do elmo. Tyrion não tinha mais forças do que uma boneca de pano. Sor Mandon encostou a ponta da espada à sua garganta e fechou ambas as mãos em torno da espada.

E, de repente, guinou para a esquerda, caindo sobre a amurada. A madeira quebrou-se, e Sor Mandon Moore desapareceu com um grito e uma pancada na água. Um instante depois, os cascos voltaram a colidir, com tanta força que o convés pareceu saltar. E então alguém estava de joelhos por cima dele.

– Jaime? – coaxou, quase sufocado pelo sangue que enchia sua boca. Quem, além do irmão, o salvaria?

– Fique quieto senhor, está muito ferido – *uma voz de garoto, isso não faz sentido*, Tyrion pensou. Soava quase como a de Pod.

# Sansa

Quando Sor Lancel Lannister disse à rainha que a batalha estava perdida, ela virou a taça de vinho vazia que tinha nas mãos e disse:

– Vá dizer isso ao meu irmão, sor – sua voz soava distante, como se a notícia não lhe interessasse grandemente.

– Seu irmão provavelmente está morto – a capa de Sor Lancel estava empapada com o sangue que fluía por baixo de seu braço. Quando entrou no salão, sua visão levou alguns dos convidados a gritar. – Achamos que ele estava na ponte de barcos quando ela se desfez. Também é provável que Sor Mandon tenha perecido, e ninguém consegue encontrar Cão de Caça. Malditos sejam os deuses, Cersei, *por que* ordenou que trouxessem Joffrey para o castelo? Os homens de manto dourado estão jogando fora as lanças e fugindo, às centenas. Quando viram o rei partir, perderam toda a coragem. A Água Negra inteira está inundada de navios quebrados, fogo e cadáveres, mas podíamos ter aguentado se…

Osney Kettleblack aproximou-se, empurrando-o.

– Batalha-se agora nas duas margens do rio, Vossa Graça. Pode ser que alguns dos senhores de Stannis estejam lutando uns contra os outros, ninguém tem certeza, há uma grande confusão lá fora. Cão de Caça sumiu, ninguém sabe para onde foi, e Sor Balon se retirou para o interior da cidade. A margem do rio é deles. Estão outra vez usando o aríete contra o Portão do Rei, e Sor Lancel tem razão, seus homens estão desertando das muralhas e matando seus próprios oficiais. Há uma multidão junto ao Portão de Ferro e ao Portão dos Deuses, lutando para sair, e a Baixada das Pulgas é um grande tumulto de bêbados.

*Que os deuses sejam bons*, Sansa pensou, *está acontecendo, Joffrey perdeu a cabeça e eu também*. Olhou em volta à procura de Sor Ilyn, mas

o magistrado do rei não foi visto em parte alguma. *Mas consigo senti-lo. Ele está perto. Não escaparei dele, ele vai cortar minha cabeça.*

Estranhamente calma, a rainha virou-se para o irmão de Osney, Osfryd.

– Ice a ponte levadiça e tranque as portas. Ninguém entra ou sai de Maegor sem a minha autorização.

– E as mulheres que saíram para rezar?

– Elas escolheram abandonar minha proteção. Que rezem, talvez os deuses as defendam. Onde está meu filho?

– Na guarita do castelo. Quis comandar os besteiros. Há uma multidão aos gritos lá fora, metade composta por homens de manto dourado que vieram com ele quando abandonamos o Portão da Lama.

– Traga-o para dentro de Maegor. *Já*.

– *Não!* – Lancel estava tão zangado que se esqueceu de manter a voz baixa. Cabeças viraram-se para o grupo enquanto ele gritava: – Voltará a acontecer o mesmo que no Portão da Lama. Deixe-o onde está, ele é o *rei*…

– Ele é meu filho – Cersei Lannister ficou de pé. – Diz ser também um Lannister, primo, então, mostre-o. Osfryd, por que está aqui? *Já* quer dizer hoje.

Osfryd Kettleblack saiu correndo do salão, e o irmão foi com ele. Muitos dos convidados também deixaram o lugar às pressas. Algumas das mulheres choravam, outras rezavam. Outras limitaram-se a permanecer sentadas à mesa, e pediram mais vinho.

– Cersei – Sor Lancel suplicou –, se perdermos o castelo, Joffrey será morto mesmo assim, sabe disso. Deixe-o ficar, eu o mantenho junto a mim, juro…

– Saia da minha frente – Cersei atirou a palma da mão aberta contra a ferida do primo. Sor Lancel gritou de dor, e quase desmaiou no momento em que a rainha saiu apressadamente da sala. A Sansa, não deu sequer um rápido olhar. *Ela se esqueceu de mim. Sor Ilyn vai me matar, e ela nem pensará no assunto.*

– Oh, deuses – lamuriou-se uma velha. – Estamos perdidos, a batalha está perdida, ela fugiu.

Várias crianças choravam. *Eles sentem o cheiro do medo*. Sansa viu-se sozinha no estrado. Deveria ficar ali, ou seria melhor correr atrás da rainha e suplicar pela sua vida?

Não saberia dizer por que motivo se levantou, mas foi o que fez.

– Não tenham medo – disse-lhes em voz alta. – A rainha içou a ponte levadiça. Este é o local mais seguro da cidade. Tem as paredes espessas, o fosso, os espigões…

– O que aconteceu? – quis saber uma mulher que Sansa conhecia vagamente, esposa de um fidalgo menor. – O que foi que Osney disse? O rei está ferido, a cidade caiu?

– *Conte-nos* – alguém gritou. Uma mulher perguntou pelo pai e outra, pelo filho.

Sansa ergueu as mãos, pedindo silêncio.

– Joffrey voltou para o castelo. Não está ferido. Ainda estão lutando, é tudo o que sei, estão lutando com bravura. A rainha retornará em breve – a última parte era mentira, mas tinha de acalmá-los. Reparou nos bobos em pé sob a galeria. – Rapaz Lua, faça-nos rir.

O Rapaz Lua fez uma pirueta e rodopiou para cima de uma mesa. Agarrou quatro taças de vinho e começou a fazer malabarismos com elas. De vez em quando, uma caía e acertava sua cabeça. Algumas risadas nervosas ressoaram no salão. Sansa foi até Sor Lancel e se ajoelhou ao seu lado. O ferimento voltara a sangrar no local em que a rainha tinha acertado.

– Loucura – ele arquejou. – Deuses, o Duende tinha razão, tinha razão…

– Ajudem-no – ordenou Sansa a dois dos criados. Um deles limitou-se a olhá-la e fugiu, com o jarro de vinho e tudo. Outros criados também saíam do salão, mas ela não podia impedi-lo. Juntos, Sansa e um criado puseram o cavaleiro ferido em pé. – Leve-o ao Meistre Frenken – Lancel era um *deles*, mas de algum modo ainda não conseguia desejar que morresse. *Sou branda, fraca e burra, tal como Joffrey diz. Devia estar matando-o, não ajudando*.

A luz dos archotes começou a diminuir de intensidade, e um ou dois se apagaram. Ninguém se preocupou em substituí-los. Cersei não retornou.

Sor Dontos subiu ao estrado enquanto todos os olhos estavam postos no outro bobo.

– Volte para o seu quarto, doce Jonquil – sussurrou. – Tranque-se, ficará mais segura lá. Eu irei encontrá-la depois que a batalha terminar.

*Alguém irá me encontrar*, pensou Sansa, *mas será você, ou Sor Ilyn*? Por um momento de loucura pensou em suplicar a Dontos que a defendesse. Ele também tinha sido cavaleiro, treinado com a espada e com juramento prestado de defender os fracos. *Não. Ele não tem nem a coragem nem a perícia necessárias. Só o estaria matando também*.

Precisou de todas as suas forças para sair lentamente do Salão de Baile da Rainha, quando, na verdade, queria correr. Ao chegar aos degraus, *realmente* correu, para cima e em círculos, até ficar sem fôlego e tonta. Um dos guardas esbarrou nela na escada. Uma taça de vinho cravejada de pedras preciosas e um par de candelabros de prata derramaram-se do manto carmesim em que ele os embrulhara e caíram com estrondo pelos degraus. O homem correu atrás dos objetos, deixando de prestar atenção em Sansa assim que concluiu que ela não tentaria roubar seu saque.

O quarto estava negro como breu. Sansa trancou a porta e dirigiu-se, tateando, até a janela. Quando puxou as cortinas para trás, ficou com a respiração presa na garganta.

O céu meridional estava num turbilhão de cores incandescentes e em constante transformação, reflexo dos grandes incêndios que ardiam embaixo. Sinistras marés verdes moviam-se contra as nuvens mais baixas, e lagoas de luz laranja espalhavam-se pelo céu. Os vermelhos e amarelos das chamas comuns guerreavam contra os esmeraldas e jades do fogovivo, com cada cor relampejando e logo perdendo força, gerando exércitos de sombras de breve existência, que morriam um instante mais tarde. Alvoradas verdes davam lugar a crepúsculos laranjas em meio segundo. O próprio ar cheirava a *queimado*, como uma caldeira de sopa às vezes cheirava quando era deixada tempo demais ao fogo e toda a sopa evaporava. Fagulhas pairavam no ar noturno como enxames de vaga-lumes.

Sansa afastou-se da janela, retirando-se para a segurança de sua cama. *Vou dormir*, disse a si mesma, *e quando acordar será um novo dia, e o céu estará de novo azul. A batalha estará acabada e alguém me dirá se vou viver ou morrer*.

– Lady – lamuriou-se em voz baixa, perguntando-se se voltaria a encontrar sua loba quando morresse.

Então, algo se agitou atrás dela, e uma mão saiu da escuridão e agarrou seu pulso.

Sansa abriu a boca para gritar, mas outra mão prendeu seu rosto, asfixiando-a. Os dedos eram ásperos e cheios de calos, e estavam pegajosos de sangue.

– Passarinho. Sabia que você viria – a voz era um ruído bêbado.

Lá fora, uma lança rodopiante de luz jade saltou para as estrelas, enchendo o quarto com um clarão verde. Viu-o por um momento, todo negro e verde, com o sangue no rosto escuro como alcatrão, os olhos brilhando como os de um cão no súbito clarão. Então, a luz sumiu e ele se transformou apenas numa sombra pesada com um manto branco manchado.

– Se gritar, mato-a. Acredite – tirou a mão de sua boca. A respiração de Sansa estava entrecortada. Cão de Caça tinha posto um jarro de vinho na mesa de cabeceira. Bebeu um longo trago. – Não quer perguntar quem está vencendo a batalha, passarinho?

– Quem? – ela aquiesceu, demasiado assustada para contrariá-lo.

Cão de Caça soltou uma gargalhada.

– Só sei quem perdeu. Eu.

*Está mais bêbado do que jamais o vi. Estava dormindo na minha cama. O que quer aqui?*

– Que foi que perdeu?

– Tudo – a metade queimada de seu rosto era uma máscara de sangue seco. – Maldito anão. Devia tê-lo matado. Há anos.

– Dizem que está morto.

– Morto? Não. Que se dane. Não o quero morto – atirou o jarro vazio para o lado. – Quero-o *queimado*. Se os deuses forem bons, hão de

queimá-lo, mas não vou estar aqui para ver. Vou embora.

– Embora? – ela tentou se libertar, mas a mão dele era de ferro.

– O passarinho repete tudo o que ouve. *Embora*, sim.

– Para onde vai?

– Para longe daqui. Para longe dos incêndios. Acho que sairei pelo Portão de Ferro. Para algum lugar, qualquer lugar, para o norte.

– Não sairá – Sansa o avisou. – A rainha fechou Maegor e os portões da cidade também estão fechados.

– Para mim, não. Tenho o manto branco. E tenho *isto* – deu pancadinhas no botão da espada. – O homem que tentar me parar é um homem morto. A menos que esteja ardendo – soltou um riso amargo.

– Por que veio até aqui?

– Prometeu-me uma canção, passarinho. Já se esqueceu?

Sansa não sabia o que ele queria dizer. Não podia cantar para ele naquele momento, ali, com o céu num turbilhão de fogo e homens morrendo às centenas e aos milhares.

– Não posso – ela respondeu. – Largue-me. Está me assustando.

– Tudo a assusta. Olhe para mim. *Olhe* para mim.

O sangue tapava o pior de suas cicatrizes, mas os olhos estavam brancos, dilatados e aterrorizadores. O canto queimado de sua boca torceu-se e voltou a se torcer. Sansa conseguia cheirá-lo; um fedor de suor, vinho amargo e vômito seco, e, por cima de tudo, o cheiro nauseabundo de sangue, sangue, sangue.

– Podia mantê-la a salvo – ele disse com sua voz áspera. – Todos têm medo de mim. Ninguém voltaria a lhe fazer mal, caso contrário, eu os mataria – puxou-a para mais perto, e por um momento ela pensou que pretendesse beijá-la. Era forte demais para resistir. Fechou os olhos, desejando que se apressasse, mas nada aconteceu. – Ainda não suporta olhar, não é? – ouviu-o dizer. Torceu seu braço com força, fazendo-a virar-se e atirando-a na cama. – Eu quero essa canção. Falou de Florian e Jonquil – tinha o punhal desembainhado, apontado à sua garganta. – Cante, passarinho. Cante por sua pequena vida.

Sansa tinha a garganta seca e apertada de medo, e todas as canções que aprendera tinham fugido de sua cabeça. *Por favor, não me mate*, quis gritar, *por favor, não*. Conseguia senti-lo virando a ponta, empurrando-a de encontro à sua garganta, e quase voltou a fechar os olhos, mas então lembrou-se. Não era sobre Florian e Jonquil, mas era uma canção. A voz soou fraca, fina e trêmula aos seus ouvidos.

> Gentil Mãe, de clemência fonte,
> nossos filhos livre da disputa,
> pare espadas, pare flechas,
> deixe-os ver um melhor dia.
> Gentil Mãe, das mulheres força,
> ajude nossas filhas nesta luta,
> acalme a ira, dome a fúria,
> ensine a todos outra via.

Tinha se esquecido dos outros versos. Quando a voz se desvaneceu, temeu que ele pudesse matá-la, mas após um momento Cão de Caça tirou a lâmina de sua garganta, sem uma palavra.

Um instinto qualquer fez Sansa levantar a mão e pousá-la no rosto dele. O quarto estava escuro demais para que o visse, mas sentiu o sangue pegajoso e uma umidade que não era sangue.

– Passarinho – ele voltou a falar, com a voz dura e áspera como aço riscando pedra. Então, levantou-se da cama. Sansa ouviu pano rasgando-se, seguido pelo som mais suave de passos que se afastavam.

Quando se arrastou para fora da cama, longos momentos mais tarde, estava só. Encontrou o manto dele no chão, muito torcido, com a lã branca manchada de sangue e fogo. A essa altura, o céu lá fora estava mais escuro, apenas com alguns pálidos fantasmas verdes dançando diante das estrelas. Soprava um vento gelado, fazendo as venezianas baterem. Sansa sentiu frio. Sacudiu o manto rasgado e enrolou-se debaixo dele no chão, tremendo.

Não saberia dizer quanto tempo ficou ali, mas, depois de um longo intervalo, ouviu um sino tocar, longe, do outro lado da cidade. O som era

um ressoar profundo de bronze, tornando-se mais rápido a cada badalada. Sansa perguntava a si mesma o que aquilo poderia querer dizer, quando um segundo sino se juntou a ele, e um terceiro, vozes que chamavam por sobre as colinas e os vales, os becos e as torres, até chegarem a todos os cantos de Porto Real. Afastou o manto e foi até a janela.

O primeiro tênue sinal da alvorada era visível a leste, e os sinos da Fortaleza Vermelha estavam agora soando, juntando-se ao crescente rio de som que jorrava das sete torres de cristal do Grande Septo de Baelor. Sansa lembrou-se de que tinham feito repicar os sinos quando Rei Robert morrera, mas o toque que ouvia agora era diferente, não um lento e doloroso repique de morte, e sim um trovão de alegria. Conseguia ouvir também homens gritando nas ruas, só podiam ser aclamações.

Foi Sor Dontos quem lhe trouxe a notícia. Entrou cambaleando pela porta aberta, envolveu-a em seus braços flácidos e a rodopiou pelo quarto, gritando com tanta incoerência que Sansa não entendeu uma palavra. Estava tão bêbado como Cão de Caça, mas nele a bebedeira era feliz e dançante. Sansa estava sem fôlego e tonta quando ele a largou.

– O que se passa? – agarrou-se a uma das colunas da cama. – Que aconteceu? Diga-me!

– Acabou! Acabou! Acabou! A cidade está salva. Lorde Stannis morreu, Lorde Stannis fugiu, ninguém sabe, ninguém se importa, sua tropa está desfeita, o perigo passou. Massacrado, desbaratado ou mudado de lado, segundo dizem. Ah, os brilhantes estandartes! Os estandartes, Jonquil, os estandartes! Tem vinho? Devíamos beber a este dia, ah, sim. Quer dizer que está em segurança, entende?

– Diga-me o que aconteceu! – Sansa o sacudiu.

Sor Dontos riu e saltou de uma perna para a outra, por pouco não caindo.

– Chegaram atravessando as cinzas enquanto o rio estava ardendo. O rio. Stannis estava enfiado no rio até o pescoço, e apanharam-no pela retaguarda. Ah, ser de novo um cavaleiro, ter participado! Segundo dizem, seus homens quase não lutaram. Alguns fugiram, mas houve mais que se renderam e mudaram de lado, gritando por Lorde Renly! O que

Stannis deve ter pensado quando ouviu aquilo! Eu soube por Osney Kettleblack, que soube por Sor Osmund, mas Sor Balon está agora de volta e seus homens dizem o mesmo, e os mantos dourados também. Estamos salvos, querida! Subiram a estrada das rosas e vieram pela margem do rio, atravessando todos os campos que Stannis tinha queimado, fazendo as cinzas voarem em volta de suas botas e deixando o exército inteiro cinza. Mas, oh!, os estandartes devem ter permanecido brilhantes, a rosa dourada, o leão dourado e todos os outros, as árvores dos Marbrand e dos Rowan, o caçador de Tarly, as uvas dos Redwyne e a folha da Senhora Oakheart. Todos os homens do oeste, todo o poderio de Jardim de Cima e de Rochedo Casterly! O próprio Lorde Tywin comandava a ala direita na margem norte do rio, com Randyll Tarly comandando o centro e Mace Tyrell a ala esquerda, mas foi a vanguarda que venceu a luta. Mergulharam na tropa de Stannis como uma lança numa abóbora, com todos os homens uivando como um demônio vestido de aço. E sabe quem comandava a vanguarda? Sabe? Sabe? *Sabe*?

– Robb? – era esperar muito, mas…

– Foi Lorde Renly! Lorde Renly em sua armadura verde, com os incêndios rebrilhando em seus chifres dourados! Lorde Renly com sua grande lança na mão! Dizem que foi ele próprio quem matou Sor Guyard Morrigen em combate singular, bem como uma dúzia de outros cavaleiros. Foi Renly, foi Renly, foi Renly! Oh!, os estandartes, querida Sansa! Oh, ser um cavaleiro!

# Daenerys

Estava tomando o desjejum, uma tigela de sopa fria de camarão e caqui, quando Irri lhe trouxe um vestido qarteno, uma arejada confecção de samito cor de marfim com um padrão de pequenas pérolas.

– Leve isso – Dany falou. – As docas não são lugar para adornos de senhora.

Se os homens de leite a consideravam uma selvagem assim tão grande, iria se vestir de acordo com o papel que lhe cabia. Quando se dirigiu ao estábulo, usava calças desbotadas de sedareia e sandálias de erva trançada. Seus pequenos seios moviam-se livremente sob um colete dothraki pintado, e uma adaga curva pendia de seu cinto de medalhões. Jhiqui tinha entrançado seu cabelo à moda dothraki e prendido uma sineta de prata na ponta da trança.

– Não conquistei nenhuma vitória – tentou dizer à aia quando a sineta tilintou baixinho.

Jhiqui discordou.

– Queimou os *maegi* na sua casa de poeira e enviou suas almas para o inferno.

*Essa vitória foi de Drogon, não minha*, Dany quis dizer, mas segurou a língua. Os dothraki iriam estimá-la mais com algumas sinetas no cabelo. Tilintou ao montar a égua prateada, e de novo a cada passo, mas nem Sor Jorah nem seus companheiros de sangue mencionaram o fato. Para defender seu povo e os dragões em sua ausência, escolheu Rakharo. Jhogo e Aggo seguiriam com ela até a costa.

Deixaram os palácios de mármore e fragrantes jardins para trás e abriram caminho através de uma parte mais pobre da cidade, onde modestas casas de tijolo viravam paredes cegas para a rua. Havia menos

cavalos e camelos à vista, e uma completa ausência de palanquins, mas as ruas estavam apinhadas de crianças, pedintes e cães esquálidos da cor da areia. Homens pálidos com saias poeirentas de linho viam-nos passar sob soleiras arqueadas. *Eles sabem quem eu sou e não gostam de mim*. Dany via isso no modo como a olhavam.

Sor Jorah teria preferido enfiá-la em seu palanquim, escondida em segurança atrás de cortinas de seda, mas Dany recusou. Tinha passado tempo demais reclinada em almofadas de cetim, deixando que bois a transportassem para cá e para lá. Quando montava a cavalo, pelo menos sentia que estava indo para algum lado.

Não era por escolha própria que procurava a costa. Estava de novo em fuga. Toda sua vida tinha sido uma longa fuga, ao que parecia. Começara a fugir ainda no ventre da mãe, e nunca parou. Quantas vezes tinha se esgueirado com Viserys na calada da noite, não mais do que um passo à frente dos assassinos contratados do Usurpador? Mas era fugir ou morrer. Xaro soube que Pyat Pree andava reunindo os magos sobreviventes para fazer o mal cair sobre ela.

Dany riu quando ele lhe contou isso.

– Não foi você quem me disse que os feiticeiros não eram mais do que velhos soldados, gabando-se vaidosamente de feitos esquecidos e capacidades perdidas?

Xaro fez uma expressão de desconforto:

– E assim era naquele momento. Mas, agora? Não tenho tanta certeza. Dizem que as velas de vidro estão ardendo na casa de Urrathon, o Caminhante da Noite, velas que não ardiam havia cem anos. Erva dos fantasmas cresce no Jardim de Gehane, foram vistas tartarugas fantasmagóricas levando mensagens entre as casas sem janelas na Via dos Magos, e todos os ratos da cidade andam cortando a cauda com os dentes. A esposa de Mathos Mallarawan, que um dia caçoou da pesada toga de um mago roída pelas traças, enlouqueceu e recusa-se a usar qualquer tipo de roupa. Até sedas recém-lavadas fazem-na sentir que um milhar de insetos andam rastejando sobre sua pele. E Sybassion Cego, o Comedor de Olhos, voltou a ver, ou pelo menos é o que os escravos dele

juram. Um homem tem de refletir – ele suspirou. – Vivemos tempos estranhos em Qarth. E os tempos estranhos são ruins para o comércio. Magoa-me dizê-lo, mas talvez fosse melhor se abandonasse Qarth por completo, e quanto mais depressa, melhor – Xaro afagara seus dedos tranquilizadoramente. – Mas não tem de ir só. Teve visões sombrias no Palácio de Poeira, mas Xaro sonhou sonhos mais luminosos. Vejo-a deitada, feliz, com um filho ao peito. Navegue comigo em torno do Mar de Jade, e ainda podemos tornar o sonho realidade! Não é tarde demais. Dê-me um filho, minha doce canção de alegria!

*O que você quer pedir é que lhe dê um dragão.*

– Não casarei com o senhor, Xaro.

A expressão dele tornou-se fria ao ouvir aquilo.

– Então parta.

– Para onde?

– Para algum lugar longe daqui.

Bem, talvez fosse tempo de fazer isso. O povo de seu *khalasar* acolhera bem a possibilidade de se recuperar da devastação do deserto vermelho, mas agora que estava de novo forte e repousado, começava a se tornar indisciplinado. Os dothraki não estavam acostumados a ficar por muito tempo no mesmo lugar. Eram guerreiros, não um povo feito para as cidades. Talvez tivesse permanecido em Qarth tempo demais, seduzida por seus confortos e belezas. Parecia-lhe que era uma cidade que prometia sempre mais do que dava, e sua recepção ali tinha se tornado amarga depois de a Casa dos Imortais ruir numa grande nuvem de fumaça e chamas. De repente, os qartenos lembraram-se de que os dragões eram *perigosos*. Já não rivalizavam uns com os outros para lhe dar presentes. Em vez disso, a Irmandade Turmalina pedira abertamente sua expulsão, e a Antiga Guilda das Especiarias, sua morte. Xaro não conseguiu mais do que impedir que os Treze se juntassem a eles.

*Mas para onde hei de ir?* Sor Jorah propusera que viajassem mais para leste, para longe dos inimigos que tinham nos Sete Reinos. Seus companheiros de sangue prefeririam retornar ao seu grande mar de erva, mesmo que isso significasse voltar a enfrentar o deserto vermelho. A

própria Dany brincara com a ideia de se instalar em Vaes Tolorro até que seus dragões se tornassem grandes e fortes. Mas tinha o coração cheio de dúvidas. Sentia que cada uma daquelas opções era de algum modo errada… E mesmo quando decidisse o lugar para onde ir, a questão de como chegar lá permaneceria um problema.

Sabia agora que Xaro Xhoan Daxos não lhe prestaria nenhuma ajuda. Apesar de todas as suas declarações de devoção, o mercador jogava seu próprio jogo, à semelhança de Pyat Pree. Na noite em que lhe disse para partir, Dany tinha lhe suplicado um último favor.

– Um exército? É isso? – Xaro perguntou. – Uma caldeira de ouro? Uma galé, talvez?

Dany corou. Odiava pechinchar.

– Sim, um navio.

Os olhos de Xaro cintilaram com um brilho tão intenso como o das joias que trazia no nariz.

– Eu sou um mercador, *Khaleesi*. Portanto, talvez devêssemos não voltar a falar de presentear, e sim de comerciar. Por um de seus dragões, obterá dez dos melhores navios de minha frota. Só tem de proferir uma doce palavra.

– Não – ela disse.

– Infelizmente – soluçou Xaro – não era essa a palavra a que me referia.

– Pediria a uma mãe que vendesse os filhos?

– E por que não? Podem sempre fazer mais. As mães vendem os filhos todos os dias.

– A Mãe de Dragões não.

– Nem mesmo por vinte navios?

– Nem por cem.

A boca dele retorceu-se.

– Não possuo cem. Mas você tem três dragões. Dê-me um, em troca de toda a minha bondade. Ainda ficará com dois, e com trinta navios.

Trinta navios seriam suficientes para desembarcar um pequeno exército na costa de Westeros. *Mas eu não tenho um pequeno exército*.

– Quantos navios possui, Xaro?

– Oitenta e três, sem contar a minha barca do prazer.
– E os seus colegas nos Treze?
– Entre todos, talvez mil.
– E a Guilda das Especiarias e a Irmandade Turmalina?
– Suas insignificantes frotas não têm importância.
– Mesmo assim, conte-me.
– Mil e duzentos ou mil e trezentos da Guilda, não mais de oitocentos da Irmandade.
– E os asshai'i, os bravosianos, os homens das Ilhas do Verão, os ibbeneses e todos os outros povos que navegam pelo grande mar salgado, quantos navios possuem? Todos juntos?
– Muitos e mais ainda – ele respondeu com um ar irritado. – O que importa?
– Estou tentando estabelecer um preço para um dos três dragões vivos que há no mundo – Dany sorriu docemente. – Parece-me que um terço de todos os navios do mundo seria um preço justo.
As lágrimas de Xaro correram por seu rosto, de ambos os lados do nariz incrustado de joias.
– Não a alertei para que não entrasse no Palácio de Poeira? Era precisamente isso que temia. Os sussurros dos magos deixaram-na tão louca quanto a esposa de Mallarawan. Um terço de todos os navios do mundo? Pah. Pah, digo eu. Pah.
Dany não voltou a vê-lo. Seu senescal trazia-lhe mensagens, cada uma mais fria do que a anterior. Que tinha de abandonar a sua casa. Que estava farto de alimentá-la e ao seu povo. Exigia a devolução de seus presentes, os quais Dany teria aceitado de má-fé. Seu único consolo era que pelo menos tivera o grande bom-senso de não se casar com ele.
*Os magos segredaram sobre três traições… uma por sangue, uma por ouro e uma por amor*. Sem dúvida, a primeira traidora tinha sido Mirri Maz Duur, que assassinara Khal Drogo e seu filho por nascer, para vingar seu povo. Poderiam Pyat Pree e Xaro Xhoan Daxos ser o segundo e o terceiro traidor? Não lhe parecia. O que Pyat fizera não foi por ouro, e Xaro nunca a amara de verdade.

As ruas ficaram mais vazias quando passaram por um bairro dedicado a sombrios armazéns de pedra. Aggo seguiu à frente e Jhogo atrás, deixando Sor Jorah Mormont a seu lado. A sineta retinia baixinho e Dany reparou que seus pensamentos voltavam de quando em quando ao Palácio de Poeira, do mesmo modo que a língua volta ao espaço deixado vago por um dente a menos. *Filha de três*, tinham-na chamado, *filha da morte, matadora de mentiras, noiva do fogo*. Tantos três. Três fogos, três montarias a montar, três traições.

– O dragão tem três cabeças – suspirou. – Sabe o que isso quer dizer, Jorah?

– Vossa Graça? O símbolo da Casa Targaryen é um dragão de três cabeças, vermelho sobre fundo negro.

– Eu sei. Mas não existem dragões de três cabeças.

– As três cabeças eram Aegon e as irmãs.

– Visenya e Rhaenys – ela recordou. – Descendo de Aegon e Rhaenys através de Aenys, seu filho, e de Jaehaerys, seu neto.

– Lábios azuis só dizem mentiras, não foi o que Xaro disse? Por que se importa com o que os magos sussurraram? Agora sabe que tudo o que queriam era sugar sua vida.

– Talvez – ela disse relutante. – Mas as coisas que vi…

– Um homem morto na proa de um navio, uma rosa azul, um banquete de sangue… O que significam essas coisas, *Khaleesi*? Falou de um dragão de pantomimeiro. O que *é* um dragão de pantomimeiro, diga-me?

– Um dragão de pano montado em varas – Dany explicou. – Os pantomimeiros usam-nos em seus espetáculos, para dar aos heróis algo com que lutar.

Sor Jorah franziu a testa.

Dany não conseguia abandonar o assunto.

– *É sua a canção de gelo e fogo*, disse meu irmão. Tenho certeza de que era meu irmão. Não Viserys, Rhaegar. Tinha uma harpa com cordas de prata.

O franzir de testa de Sor Jorah aprofundou-se tanto que as sobrancelhas se juntaram.

– O Príncipe Rhaegar tocava uma harpa assim – ele anuiu. – Viu-o?

Ela confirmou com a cabeça.

– Havia uma mulher numa cama, com um bebê no peito. Meu irmão disse que o bebê era o príncipe que havia sido profetizado e falou à mulher para chamá-lo Aegon.

– O Príncipe Aegon era herdeiro de Rhaegar, filho de Elia de Dorne – disse Sor Jorah. – Mas se era ele o príncipe da profecia, esta foi quebrada com o seu crânio, quando os Lannister atiraram sua cabeça contra uma parede.

– Eu me lembro – a voz dela soou triste. – Também assassinaram a filha de Rhaegar, a princesinha. Chamava-se Rhaenys, como a irmã de Aegon. Não havia uma Visenya, mas ele disse que o dragão tem três cabeças. O que é a canção de gelo e fogo?

– Não é nenhuma canção que eu tenha ouvido.

– Fui encontrar os magos esperando respostas, mas em vez disso deixaram-me com uma centena de novas perguntas.

Àquela altura já havia de novo pessoas nas ruas.

– Abram alas – gritava Aggo, enquanto Jhogo farejava o ar com uma expressão de suspeita.

– Estou sentindo o cheiro, *Khaleesi* – ele gritou. – A água venenosa – os dothrakis desconfiavam do mar e de tudo o que se movesse nele. Água que um cavalo não podia beber era água com que não queriam lidar. *Aprenderão*, sentenciou Dany. *Enfrentei o mar deles com Khal Drogo. Agora eles podem enfrentar o meu.*

Qarth era um dos grandes portos do mundo, com longos cais abrigados que eram uma profusão de cores, sons e estranhos cheiros. Tabernas, armazéns e antros de jogo alinhavam-se ao longo das ruas, ao lado de bordéis baratos e aos templos de deuses peculiares. Batedores de carteira, assassinos, vendedores de feitiços e cambistas misturavam-se em todas as multidões. A margem era um grande mercado, onde a compra e a venda prosseguiam de dia e de noite, e bens podiam ser obtidos por uma fração do que custariam na feira, se não se fizesse perguntas sobre sua origem. Velhos encarquilhados, encurvados como corcundas, vendiam

águas aromatizadas e leite de cabra, armazenados em cântaros de cerâmica vidrada que traziam presos aos ombros. Marinheiros de meia centena de nações vagueavam por entre as bancas, bebendo licores temperados e trocando piadas em línguas de estranhas sonoridades. O ar cheirava a sal e a peixe frito, a alcatrão quente e a mel, a incenso, óleo e esperma.

Aggo deu a um moleque uma moeda de cobre por um espeto de ratos assados com mel, que foi mordiscando enquanto avançavam. Jhogo comprou uma porção de grandes cerejas brancas. Em outro local, viram belos punhais de bronze à venda, lulas secas e ônix esculpido, um potente elixir mágico feito de leite de virgem e de sombra da tarde, até ovos de dragão que se pareciam, de forma suspeita, com pedras pintadas.

Enquanto passavam pelos longos cais de pedra reservados aos navios dos Treze, Dany viu arcas de açafrão, olíbano e pimenta sendo descarregadas do ornamentado *Beijo Cinábrio* de Xaro. A seu lado, barris de vinho e fardos de folhamarga e de peles listradas eram rolados pela prancha acima até a *Noiva de Blau*, que devia zarpar na maré da noite. Mais à frente, reunira-se uma multidão em volta da galé da Guilda, *Resplendor Solar*, a fim de licitar escravos. Era bem sabido que o lugar mais econômico para comprar um escravo era logo à saída do navio, e as bandeiras que flutuavam em seus mastros proclamavam que o *Resplendor Solar* tinha acabado de chegar de Astapor, na Baía dos Escravos.

Dany não obteria ajuda dos Treze, da Irmandade Turmalina ou da Antiga Guilda das Especiarias. Avançou com a sua prata ao longo de várias milhas dos cais, docas e armazéns das três associações, até a ponta mais distante do porto em forma de ferradura, onde era permitida a ancoragem dos navios provenientes das Ilhas do Verão, Westeros e das Nove Cidades Livres.

Desmontou junto a uma arena de apostas, onde um basilisco fazia em pedaços um grande cão vermelho, no centro de um ruidoso anel de marinheiros.

– Aggo, Jhogo, guardem os cavalos enquanto Sor Jorah e eu falamos com os capitães.

– Às suas ordens, *Khaleesi*. Vamos vigiá-los daqui.

Era bom voltar a ouvir homens falando valiriano, e até o Idioma Comum, Dany pensou enquanto se aproximavam do primeiro navio. Marinheiros, estivadores e mercadores abriram passagem quando ela se aproximava, sem saber o que pensar daquela menina magra, de cabelos louro-prateados, que se vestia à moda dothraki e caminhava com um cavaleiro ao seu lado. Apesar do calor do dia, Sor Jorah vestia sua capa de lã verde sobre uma cota de malha, com o urso negro de Mormont cosido no peito.

Mas nem a beleza dela nem o tamanho e a força dele teriam utilidade no trato com os homens de cujos navios precisavam.

– Pede passagem para uma centena de homens dothraki, todos os seus cavalos, você, este cavaleiro e três *dragões*? – perguntou o capitão da grande coca *Amigo Ardente*, antes de se afastar, rindo. Quando disse a um liseno, no *Trombeteiro,* que era Daenerys Nascida da Tormenta, Rainha dos Sete Reinos, ele lhe deu um olhar inexpressivo e disse:

– Bem, e eu sou o Lorde Tywin Lannister e cago ouro todas as noites.

O mestre de carga da galé de Myr, *Espírito de Seda,* opinou que os dragões eram perigosos demais no mar, onde qualquer fiapo de chama podia incendiar o cordame. O dono da *Barriga de Lorde Faro* arriscava os dragões, mas não os dothraki.

– Não quero nenhum desses selvagens sem deus na minha *Barriga*, não, não.

Os dois irmãos que capitaneavam os navios gêmeos *Mercúrio* e *Galgo* mostraram-se compreensivos e convidaram-nos a entrar na cabine para tomar um copo de tinto da Árvore. Foram tão corteses que Dany se sentiu esperançosa durante algum tempo, mas, por fim, o preço que pediram estava muito além de suas possibilidades, e talvez estivesse além até das de Xaro. *Petto Beliscão* e *Donzela de Olhos Negros* eram pequenos demais para as suas necessidades; *Bravo* dirigia-se para o Mar de Jade, e *Magíster Manolo* quase não parecia capaz de navegar.

Enquanto se dirigiam ao cais seguinte, Sor Jorah pôs a mão na parte de baixo das costas de Dany.

– Vossa Graça. Está sendo seguida. Não, não se vire – guiou-a com gentileza até a bancada de um vendedor de latões. – Isto é um trabalho notável, minha rainha – proclamou em voz alta, erguendo uma grande bandeja para que ela a inspecionasse. – Vê como brilha ao sol?

O latão estava muito polido. Dany conseguia ver nele o seu rosto… e quando Sor Jorah o inclinou para a direita, conseguiu ver atrás de si.

– Vejo um homem gordo mulato e outro mais velho com um bastão. Qual deles é?

– Os dois – Sor Jorah respondeu. – Vêm nos seguindo desde que deixamos para trás o *Mercúrio*.

As ondulações no latão esticavam os dois estranhos de forma bizarra, fazendo com que um dos homens parecesse alto e muito magro e o outro imensamente atarracado e gordo.

– Um latão excelente, grande senhora – exclamou o mercador. – Brilhante como o sol! E para a Mãe de Dragões, são só trinta honras.

A bandeja não valia mais do que três.

– Onde estão os meus guardas? – Dany quis saber. – Este homem está tentando me assaltar! – dirigindo-se a Jorah, abaixou a voz e falou no Idioma Comum: – Podem não me querer mal. Os homens olham as mulheres desde o início dos tempos, talvez não seja mais do que isso.

O vendedor de latões ignorou os sussurros.

– Trinta? Eu disse trinta? Que tolo sou. O preço é vinte honras.

– Nem todo o latão desta bancada vale vinte honras – disse-lhe Dany enquanto estudava os reflexos. O velho tinha um aspecto que lembrava Westeros, e o de pele escura devia pesar cento e vinte quilos. *O Usurpador ofereceu uma senhoria ao homem que me matasse, e esses dois estão longe de casa. Ou serão criaturas dos magos, tentando me pegar desprevenida?*

– Dez, *Khaleesi*, por ser tão bela. Use-o como espelho. Só um latão assim tão bom pode captar tamanha beleza.

– Podia servir para levar dejetos. Se a jogasse fora, eu poderia recolhê-la, desde que não tivesse de me dobrar. Mas *pagar* por ela? – Dany colocou a bandeja em suas mãos. – Os vermes rastejaram por seu nariz acima e comeram seu cérebro.

– Oito honras – o homem gritou. – Minhas esposas vão me bater e me chamar de idiota, mas em suas mãos sou uma criança desamparada. Vá, oito, é menos do que o seu valor.

– Para que preciso de latão baço quando Xaro Xhoan Daxos me alimenta de pratos de ouro? – ao virar-se para se afastar, Dany deixou que seu olhar passasse sobre os estranhos. O mulato era quase tão gordo quanto parecera na bandeja, com uma cintilante cabeça calva e o rosto liso de um eunuco. Trazia um longo *arakh* curvo enfiado na seda amarela manchada pelo suor de sua faixa de cintura. Acima da seda, estava nu, à exceção de um colete absurdamente minúsculo com tachões de ferro. Velhas cicatrizes entrecruzavam-se em seus braços grossos como troncos de árvores, peito e barriga enormes, numa cor mais clara do que a de sua pele cor de avelã.

O outro homem usava um manto de viajante feito de lã crua, com o capuz atirado para trás. Longos cabelos brancos caíam sobre seus ombros, e uma barba branca e sedosa cobria a metade inferior do seu rosto. Apoiava o peso num bastão de madeira dura tão alto quanto ele. *Só tolos me fitariam tão abertamente se me pretendessem algum mal*. Mesmo assim, podia ser prudente voltar para onde estavam Jhogo e Aggo.

– O velho não usa espada – disse a Jorah no Idioma Comum enquanto o afastava da banca.

O vendedor de latão veio aos saltos atrás deles.

– Cinco honras, por cinco é sua, estava destinada à senhora.

Sor Jorah disse:

– Um bastão de madeira rija pode quebrar um crânio tão bem como qualquer maça.

– Quatro! Eu sei que a quer! – o homem dançou na frente deles, dando corridinhas para trás enquanto enfiava a bandeja no rosto deles.

– Seguem-nos?

– Levante isso um pouco mais – disse o cavaleiro ao mercador. – Sim. O velho finge ver a mercadoria da banca de um oleiro, mas o mulato só tem olhos para a senhora.

– Duas honras! Duas! Duas! – o mercador arquejava pesadamente com o esforço de correr para trás.

– Pague-lhe antes que se mate – disse Dany a Sor Jorah, perguntando a si mesma o que ia fazer com uma enorme bandeja de latão. Virou-se para trás enquanto ele procurava as moedas, pretendendo pôr fim àquela farsa. O sangue do dragão não seria pastoreado através da feira por um velho e um eunuco gordo.

Um qarteno entrou em seu caminho:

– Mãe de Dragões, para você – ajoelhou-se e apresentou-lhe uma caixa de joias.

Dany aceitou-a quase por reflexo. A caixa era de madeira entalhada, com tampa de madrepérola embutida de jaspe e calcedônia.

– É muito gentil – abriu-a. Lá dentro encontrava-se um cintilante escaravelho verde esculpido em ônix e esmeralda. *Lindo*, pensou. *Isso ajudará a pagar nossa passagem*. Enquanto estendia a mão para dentro da caixa o homem disse:

– Lamento tanto – mas ela quase não o ouviu.

O escaravelho desenrolou-se com um silvo.

Dany viu de relance uma maligna cara negra, quase humana, e uma cauda arqueada pingando veneno… E então a caixa voou de suas mãos, feita em pedaços, rodopiando. Uma dor súbita fê-la torcer os dedos. Enquanto gritava e agarrava a mão, o mercador de latão soltou um guincho, uma mulher gritou, e de súbito os qartenos gritavam e empurravam-se uns aos outros. Sor Jorah passou por ela, dando-lhe um encontrão, e Dany caiu sobre um joelho, voltando a ouvir o silvo. O velho espetou o bastão no chão, Aggo chegou a cavalo pelo meio da banca de um vendedor de ovos e saltou da sela, o chicote de Jhogo estalou por cima de sua cabeça, Sor Jorah atingiu o eunuco na cabeça

com a bandeja de latão, marinheiros, prostitutas e mercadores estavam fugindo, gritando ou fazendo ambas as coisas…

– Vossa Graça, mil perdões – o velho se ajoelhou. – Está morto. Quebrei sua mão?

Ela fechou os dedos, tremendo:

– Parece que não.

– Tive de atirá-lo para longe – começou o homem, mas os companheiros de sangue de Dany caíram sobre ele antes de poder terminar. Aggo chutou seu bastão para longe e Jhogo agarrou-o pelos ombros, forçou-o a se ajoelhar e picou sua garganta com um punhal.

– *Khaleesi*, vimos que ele a atacou. Quer ver a cor de seu sangue?

– Soltem-no – Dany ficou em pé. – Olhem para a ponta de seu bastão, sangue do meu sangue – Sor Jorah tinha sido atirado ao chão pelo eunuco. Ela pôs-se entre eles quando o *arakh* e a espada longa saltaram relampejando das respectivas bainhas. – Guardem seu aço! Parem com isso!

– Vossa Graça? – Mormont baixou a espada não mais do que dois centímetros. – Estes homens atacaram-na.

– Estavam me defendendo – Dany bateu com a mão para sacudir a dor dos dedos. – Foi o outro, o qarteno – quando olhou em volta, o homem tinha desaparecido. – Era um Homem Pesaroso. Havia uma manticora naquela caixa de joias que ele me deu. Este homem arrancou-a da minha mão – o mercador de latão ainda rolava pelo chão. Dany foi até ele e o ajudou a ficar em pé. – Foi picado?

– Não, minha boa senhora – ele respondeu, tremendo –, caso contrário estaria morto. Mas aquilo tocou-me, *aiiiii*, quando caiu da caixa aterrissou no meu braço – Dany via que o homem tinha se urinado, e não era para menos.

Deu-lhe uma moeda de prata pelos problemas que tinha lhe causado e o mandou embora antes de se voltar para o velho com a barba branca.

– A quem devo eu a minha vida?

– Nada me deve, Vossa Graça. Chamo-me Arstan, embora Belwas tenha me apelidado de Barba Branca na viagem para aqui – apesar de Jhogo tê-

lo soltado, permanecia apoiado num joelho. Aggo apanhou o bastão, virou-o, praguejou em voz baixa em dothraki, limpou os restos da manticora numa pedra, e o entregou ao homem.

– E quem é Belwas? – Dany quis saber.

O enorme eunuco mulato avançou, pavoneando-se, embainhando o *arakh*.

– Belwas sou eu. Chamam-me Belwas, o Forte, nas arenas de luta de Meereen. Nunca perdi – deu uma palmada na barriga, coberta de cicatrizes. – Deixo todos os homens me ferirem uma vez antes de matá-los. Conte os golpes, e saberá quantos homens Belwas, o Forte, matou.

Dany não precisava contar as cicatrizes; com um rápido olhar dava para ver que eram muitas.

– E por que está aqui, Belwas, o Forte?

– De Meereen fui vendido a Qohor, e depois a Pentos, e ao homem gordo com um fedor doce no cabelo. Foi ele quem enviou Belwas, o Forte, de volta por mar, e o velho Barba Branca para servi-lo.

*O homem gordo com um fedor doce no cabelo…*

– Illyrio? – Dany disse. – Foram enviados pelo Magíster Illyrio?

– Fomos, Vossa Graça – respondeu o velho Barba Branca. – O Magíster suplica a bondade de sua indulgência por nos enviar em seu lugar, mas já não pode montar a cavalo como podia quando jovem, e a viagem por mar perturba sua digestão – antes falava no valiriano das Cidades Livres, mas agora tinha mudado para o Idioma Comum. – Lamento se lhe causamos alarme. Para falar a verdade, não estávamos certos, esperávamos alguém mais… mais…

– Régio? – Dany riu. Não havia trazido nenhum dragão consigo, e seu vestuário dificilmente podia ser considerado próprio de uma rainha. – Fala bem o Idioma Comum, Arstan. Vem de Westeros?

– Venho. Nasci na Marca de Dorne, Vossa Graça. Quando rapaz fui escudeiro de um cavaleiro ao serviço de Lorde Swann – segurava o grande bastão verticalmente a seu lado como uma lança à espera de um estandarte. – Agora sou escudeiro de Belwas.

– É um pouco velho para isso, não? – Sor Jorah avançara através da multidão até tomar posição ao lado de Dany, segurando desajeitadamente a bandeja de latão debaixo do braço. A dura cabeça de Belwas deixara-a bastante amassada.

– Mas não velho demais para servir meu suserano, Lorde Mormont.

– Também me conhece?

– Vi-o lutar uma ou duas vezes. Em Lanisporto, onde quase derrubou o Regicida. E em Pyke, lá também. Não se lembra, Lorde Mormont?

Sor Jorah franziu a sobrancelha.

– Seu rosto parece-me familiar, mas havia centenas de homens em Lanisporto e milhares em Pyke. E eu não sou lorde. A Ilha dos Ursos foi tirada de mim. Não sou mais do que um cavaleiro.

– Um cavaleiro da minha Guarda Real – Dany tomou seu braço. – E meu amigo fiel e bom conselheiro – estudou o rosto de Arstan. Possuía uma grande dignidade, uma força calma que lhe agradava. – Levante-se, Arstan Barba Branca. Seja bem-vindo, Belwas, o Forte. Já conhecem Sor Jorah. Ko Aggo e Ko Jhogo são sangue do meu sangue. Cruzaram comigo o deserto vermelho e viram nascer os meus dragões.

– Rapazes dos cavalos – Belwas deu um sorriso cheio de dentes e de intervalos entre eles. – Belwas matou muitos rapazes dos cavalos nas arenas de luta. Tilintam quando morrem.

O *arakh* de Aggo saltou para sua mão.

– Nunca matei um homem gordo e marrom. Belwas será o primeiro.

– Embainhe o seu aço, sangue do meu sangue – Dany pediu –, este homem vem para me servir. Belwas, irá conceder o máximo respeito ao meu povo, caso contrário, deixará meu serviço mais cedo do que gostaria, e com mais cicatrizes do que quando chegou.

O sorriso cheio de intervalos desvaneceu-se da larga cara escura do gigante, substituído por uma carranca confusa. Ao que parecia, não era frequente que os homens ameaçassem Belwas, e ainda menos meninas com um terço do seu tamanho.

Dany deu um sorriso, para remover um pouco da dureza da reprimenda.

– E agora digam-me, o que Magíster Illyrio quer de mim para enviá-los de Pentos até aqui?

– Quer dragões – disse Belwas rudemente –, e a menina que os faz. Ele a quer.

– Belwas diz a verdade, Vossa Graça – Arstan confirmou. – Foi-nos dito que a encontrássemos e a levássemos de volta a Pentos. Os Sete Reinos precisam da senhora. Robert, o Usurpador, está morto, e o reino sangra. Quando zarpamos de Pentos havia quatro reis no país, e nenhuma justiça em parte alguma.

A alegria floresceu em seu coração, mas Dany manteve-a afastada do rosto.

– Tenho três dragões, e mais de cem pessoas no meu *khalasar*, com todos os seus bens e cavalos.

– Não importa – Belwas trovejou. – Levamos todos. O homem gordo contrata três navios para a sua pequena rainha de cabelo prateado.

– Assim é, Vossa Graça – Arstan Barba Branca confirmou. – A grande coca *Saduleon* está atracada na extremidade do cais, e as galés *Sol de Verão* e *Logro de Joso* estão ancoradas do outro lado do quebra-mar.

*Três cabeças tem o dragão*, pensou Dany, curiosa.

– Direi ao meu povo que se prepare para partir de imediato. Mas os navios que me levarem para casa têm de ostentar nomes diferentes.

– Como quiser – Arstan concordou. – Que nomes prefere?

– Vhagar – disse-lhe Daenerys. – Meraxes. E Balerion. Pinte os nomes nos cascos em letras douradas com um metro de altura, Arstan. Quero que todos os homens que os virem saibam que os dragões regressaram.

# Arya

As cabeças tinham sido mergulhadas em alcatrão a fim de abrandar o apodrecimento. Todas as manhãs, quando Arya se dirigia ao poço para tirar água fresca para a bacia de Roose Bolton, tinha de passar por baixo delas. Estavam viradas para fora, por isso nunca via os rostos, mas gostava de fingir que uma delas pertencia a Joffrey. Tentava imaginar como sua cara bonita ficaria mergulhada em alcatrão. *Se eu fosse um corvo, podia pousar nela e arrancar à bicada seus estúpidos lábios gordos e mal-humorados.*

Nunca faltava público para as cabeças. As gralhas pretas voavam em círculos por cima da guarita, em roufenha rudeza, e disputavam nas muralhas por cada olho, guinchando e crocitando umas às outras e levantando voo sempre que uma sentinela passava pelas ameias. Às vezes os corvos do meistre também juntavam-se ao festim, descendo da colônia em grandes asas negras. Quando os corvos chegavam, as gralhas afastavam-se, retornando no momento em que as aves maiores partiam.

*Será que os corvos se lembram do Meistre Tothmure?*, perguntou Arya a si mesma. *Estarão tristes por ele? Quando lhe gritam* quorc*, será que se interrogam por que é que ele não responde?* Talvez os mortos soubessem falar com eles em alguma língua secreta que os vivos não eram capazes de ouvir.

Tothmure tinha sido sentenciado ao machado por enviar aves para Rochedo Casterly e Porto Real na noite em que Harrenhal caíra; o armeiro Lucan por fazer armas para os Lannister; a Governanta Harra por dizer ao pessoal da Senhora Whent para servi-los; o intendente por dar a Lorde Tywin as chaves do cofre do tesouro. O cozinheiro fora poupado (alguns diziam que por ter feito a sopa de doninha), mas tinham sido

construídas armações para prender a bonita Pia e as outras mulheres que tinham partilhado os seus préstimos com soldados Lannister. Nuas e raspadas, foram deixadas no pátio intermediário ao lado da arena dos ursos, para o uso de qualquer homem que as quisesse.

Três homens de armas Frey estavam usando-as naquela manhã quando Arya se dirigiu ao poço. Tentou não olhar, mas conseguia ouvir os homens rindo. O balde era muito pesado depois de cheio. Estava se virando para levá-lo para a Pira do Rei quando a Governanta Amabel pegou em seu braço. A água derramou-se sobre as pernas de Amabel.

– Fez isso de propósito – a mulher guinchou.

– O que é que você quer? – Arya torceu-se, tentando se soltar. Amabel andava meio louca desde que tinham cortado a cabeça de Harra.

– Está vendo aquilo? – apontou para o outro lado do pátio, para Pia. – Quando este nortenho cair, você vai estar onde ela está.

– Largue-me – Arya tentou se libertar puxando, mas Amabel limitou-se a fechar melhor os dedos.

– Ele *também* vai cair, Harrenhal acaba por puxar todos para baixo. Lorde Tywin agora ganhou, vai marchar de volta com todo seu poder, e depois será a vez dele de punir os desleais. E não pense que ele não saberá o que você fez! – a velha soltou uma gargalhada. – Posso até também eu dar uma também, a Harra tinha uma velha vassoura, vou guardá-la para você. O cabo está quebrado e cheio de lascas…

Arya girou o balde. O peso da água fez com que se virasse em suas mãos, e não atingiu Amabel na cabeça como quis, mas a mulher a soltou mesmo assim quando a água a ensopou.

– *Nunca* me toque – Arya gritou –, senão *mato*-a. Vá *embora*.

Encharcada, a Governanta Amabel balançou um dedo fino na direção do homem esfolado no peito da túnica de Arya.

– Acha que está segura com esse homenzinho sangrento em suas tetas, mas não está! Os Lannister vêm aí. Vai ver o que acontece quando chegarem aqui.

Três quartos da água tinham se derramado no chão, e Arya teve de voltar ao poço. *Se contasse a Lorde Bolton o que ela disse, a cabeça dela*

*estaria ao lado da de Harra antes de cair a noite*, pensou enquanto puxava o balde. Mas não o faria.

Uma vez, quando só estavam lá metade das cabeças, Gendry surpreendera Arya olhando para elas.

– Admirando o seu trabalho? – ele perguntara.

Ela sabia que ele estava zangado porque gostava de Lucan, mas mesmo assim não era justo.

– É trabalho de Walton Pernas-d'Aço – ela disse em tom defensivo. – E dos Saltimbancos, e de Lorde Bolton.

– E quem nos trouxe todos eles? Você e a sua sopa de doninha.

Arya esmurrou-lhe o braço.

– Era só caldo quente de carne. Você também odiava Sor Amory.

– Odeio mais esses tipos. Sor Amory lutava por seu senhor, mas os Saltimbancos são mercenários e vira-casacas. Metade nem sequer sabe falar o Idioma Comum. O Septão Utt gosta de garotinhos, Qyburn faz magia negra, e seu amigo Dentadas *come* gente.

O pior era que nem podia dizer que ele não tinha razão. Os Bravos Companheiros cuidavam da maior parte do abastecimento de Harrenhal, e Roose Bolton atribuíra-lhes a tarefa de exterminar homens dos Lannister. Vargo Hoat dividira-os em quatro bandos, para visitar o máximo possível de aldeias. Ele próprio liderava o grupo maior, e tinha dado os outros aos seus capitães mais confiáveis. Arya ouvira Rorge rindo sobre a maneira que Lorde Vargo tinha de encontrar traidores. Tudo o que fazia era retornar aos locais que visitara antes sob o estandarte de Lorde Tywin e apanhar aqueles que o tinham ajudado. Muitos tinham sido comprados com prata dos Lannister, e era também frequente que os Saltimbancos regressassem com sacos de moedas além dos cestos de cabeças.

– Uma adivinha! – gritava jovialmente Shagwell. – Se a cabra de Lorde Bolton come os homens que alimentaram a cabra de Lorde Lannister, quantas cabras há?

– Uma – tinha dito Arya quando ele lhe perguntara.

– Ora, aí está uma doninha esperta que nem uma cabra! – falou o bobo com um risinho abafado.

Rorge e Dentadas eram tão maus quanto os outros. Sempre que Lorde Bolton fazia uma refeição com a guarnição, Arya via-os lá, entre os soldados. Dentadas exalava um fedor de queijo podre, e os Bravos Companheiros obrigavam-no a se sentar ao fundo da mesa, onde podia grunhir e silvar para si próprio e dilacerar a carne com os dedos e os dentes. Farejava Arya quando ela passava, mas era Rorge quem mais a assustava. Sentava-se junto ao Fiel Ursywck, mas ela sentia seus olhos percorrendo seu corpo enquanto estava cuidando de suas tarefas.

Às vezes desejava ter partido para lá do mar estreito com Jaqen H'ghar. Ainda tinha a estúpida moeda que ele lhe dera, um pedaço de ferro que não era maior do que um centavo, e estava enferrujado na borda. De um lado tinha coisas escritas, estranhas palavras que ela não conseguia ler. O outro mostrava uma cabeça de homem, mas tão desgastada que todos os seus traços tinham desaparecido. *Ele disse que esta moeda era de grande valor, mas isso provavelmente também foi uma mentira, como seu nome e até sua aparência*. Aquele pensamento deixou-a tão zangada que jogou a moeda fora, mas uma hora depois sentiu-se mal e foi à procura dela, mesmo que não valesse nada.

Pensava na moeda enquanto atravessava o Pátio das Lâminas, lutando com o peso da água no balde.

– Nan – chamou uma voz. – Ponha esse balde no chão e venha me ajudar.

Elmar Frey não era mais velho do que ela, e ainda por cima era baixo para a idade. Tinha rolado um barril de areia pela pedra irregular e seu rosto estava vermelho de exaustão. Arya foi ajudá-lo. Juntos, empurraram o barril até a muralha e de novo para trás, e depois puseram-no de pé. Arya ouviu a areia lá dentro movendo-se de um lado para o outro quando Elmar abriu o tampo e tirou para fora um camisão.

– Acha que está suficientemente limpo? – na qualidade de escudeiro de Roose Bolton, era sua responsabilidade manter a cota de malha do seu senhor tinindo de limpo.

– Tem de sacudir a areia. Ainda há pontos de ferrugem. Está vendo? – ela apontou. – É melhor fazer tudo mais uma vez.

– Faça você – Elmar podia ser amigável quando precisava de ajuda, mas depois lembrava-se sempre de que era um escudeiro e ela apenas uma criada. Gostava de se gabar de ser filho do Senhor da Travessia, não um sobrinho, bastardo ou neto, mas um *filho* legítimo, e de que, por causa disso, ia se casar com uma princesa.

Arya não se interessava por sua preciosa princesa, e não gostava que lhe desse ordens.

– Tenho de levar água ao senhor para a bacia. Ele está no quarto sendo sangrado. Não com as sanguessugas normais, pretas, mas com as grandes e claras.

Os olhos de Elmar ficaram do tamanho de ovos cozidos. As sanguessugas aterrorizavam-no, especialmente as grandes e claras que pareciam geleia até se encherem de sangue.

– Tinha me esquecido, você é magricela demais para empurrar um barril tão pesado.

– Tinha me esquecido, você é burro – Arya pegou o balde. – Talvez também devesse ser sangrado. No Gargalo há sanguessugas do tamanho de porcos – e deixou-o lá com seu barril.

O quarto do senhor estava cheio de gente quando entrou. Qyburn encontrava-se presente, bem como o severo Walton com seu camisão e grevas, além de uma dúzia de Frey, todos eles irmãos, meios-irmãos e primos. Roose Bolton estava na cama, nu. Sanguessugas aderiam à parte de dentro de seus braços e pernas e espalhavam-se por seu peito pálido, longas coisas translúcidas que se tornavam de um cor-de-rosa cintilante quando se alimentavam. Bolton não prestava mais atenção nelas do que em Arya.

– Não podemos permitir que Lorde Tywin nos encurrale aqui em Harrenhal – Sor Aenys Frey estava dizendo enquanto Arya enchia a bacia de banho. Um homem grisalho, gigantesco e curvado para a frente, com olhos aguados e avermelhados e enormes mãos nodosas, Sor Aenys trouxera mil e quinhentas espadas Frey para Harrenhal, mas parecia

frequentemente incapaz de comandar até os próprios irmãos. – O castelo é tão grande que precisa de um exército para defendê-lo, e uma vez cercados não podemos *alimentar* um exército. Nem podemos ter esperança de armazenar suprimentos suficientes. O campo está transformado em cinzas, as aldeias foram entregues aos lobos, a colheita foi queimada ou roubada. O Outono está aí, mas não há comida em armazém e nada a ser plantado. Vivemos da pilhagem, e se os Lannister nos negarem isso, ficaremos reduzidos a ratazanas e couro de sapatos em uma volta de lua.

– Não pretendo ser cercado aqui – a voz de Roose Bolton era tão baixa que os homens tinham de se esforçar para ouvi-lo, por isso seus aposentos estavam sempre estranhamente silenciosos.

– Então, qual é o plano? – quis saber Sor Jared Frey, que era magro, estava perdendo cabelo e tinha o rosto marcado pelas espinhas. – Estará Edmure Tully tão ébrio com sua vitória que pensa em dar batalha a Lorde Tywin em campo aberto?

*Se fizer isso, ganhará*, pensou Arya. *Ganhará como no Ramo Vermelho, vocês vão ver*. Sem que reparassem nela, foi até junto a Qyburn.

– Lorde Tywin está a muitas léguas daqui – Bolton disse calmamente. – Ainda tem muitos assuntos a resolver em Porto Real. Não marchará sobre Harrenhal tão depressa.

Sor Aenys sacudiu teimosamente a cabeça:

– Não conhece os Lannister tão bem como nós, senhor. Rei Stannis também pensou que Lorde Tywin estivesse a mil léguas de distância, e isso acabou com ele.

O homem pálido na cama deu um tênue sorriso enquanto as sanguessugas se alimentavam de seu sangue.

– Eu não sou homem para ser acabado, sor.

– Mesmo se Correrrio reunir todas as suas forças e o Jovem Lobo regressar do oeste, como podemos esperar igualar os números que Lorde Tywin pode enviar contra nós? Quando vier, chegará com muito mais poder do que o que comandava no Ramo Verde. Recordo-lhe que Jardim de Cima se juntou à causa de Joffrey!

– Não me esqueci disso.

– Já fui prisioneiro de Lorde Tywin – disse Sor Hosteen, um homem rude com rosto quadrado, do qual se dizia que era o mais forte dos Frey. – Não tenho qualquer desejo de voltar a desfrutar da hospitalidade dos Lannister.

Sor Harys Haigh, que era Frey pelo lado da mãe, concordou vigorosamente com a cabeça.

– Se Lorde Tywin conseguiu derrotar um homem experiente como Stannis Baratheon, que chance tem nosso rei rapaz contra ele? – olhou para os irmãos e primos à sua volta, em busca de apoio, e vários dentre eles resmungaram em concordância.

– Alguém precisa ter a coragem de dizer isso – disse Sor Hosteen. – A guerra está perdida. Alguém tem de fazer com que o Rei Robb compreenda.

Roose Bolton estudou-o com olhos claros.

– Sua Graça derrotou os Lannister todas as vezes que os enfrentou em batalha.

– Ele perdeu o norte – insistiu Hosteen Frey. – Ele perdeu *Winterfell*! Seus irmãos estão mortos…

Por um momento, Arya esqueceu-se de respirar. *Mortos? Bran e Rickon, mortos? O que ele quer dizer? O que ele quer dizer sobre Winterfell? Joffrey nunca poderia ter tomado Winterfell, nunca, Robb nunca permitiria.* Então lembrou-se de que Robb não estava em Winterfell. Estava longe, no oeste, e Bran era aleijado e Rickon tinha só quatro anos. Precisou de todas as suas forças para permanecer imóvel e silenciosa, como Syrio Forel lhe ensinara, para ficar ali como uma parte da mobília. Sentiu lágrimas juntando-se em seus olhos, e afastou-as à força. *Não é verdade, não pode ser verdade, é só uma mentira dos Lannister.*

– Se Stannis tivesse ganhado, tudo poderia ter sido diferente – disse melancolicamente Ronel Rivers. Era um dos bastardos de Lorde Walder.

– Stannis perdeu – disse sem meias-palavras Sor Hosteen. – Desejar que tivesse sido de outro modo não fará com que tenha sido. Rei Robb tem de

fazer a paz com os Lannister. Precisa pôr a coroa de lado e dobrar o joelho, por menos que goste da ideia.

– E quem lhe dirá tal coisa? – Roose Bolton sorriu. – É ótimo ter tantos irmãos valentes nestes tempos conturbados. Refletirei sobre tudo o que disseram.

Seu sorriso era uma despedida. Os Frey fizeram suas cortesias e saíram, arrastando os pés, deixando apenas Qyburn, Walton Pernas-d'Aço e Arya. Lorde Bolton a chamou.

– Já sangrei o suficiente. Nan, pode remover as sanguessugas.

– Imediatamente, senhor – era melhor nunca obrigar Roose Bolton a pedir duas vezes. Arya queria lhe perguntar o que Sor Hosteen quisera dizer a respeito de Winterfell, mas não se atrevia. *Perguntarei a Elmar*, pensou. *Elmar vai me contar*. As sanguessugas contorceram-se suavemente entre seus dedos enquanto as arrancava com cuidado da pele do senhor, com os corpos pálidos úmidos ao toque e dilatados devido ao sangue. *São só sanguessugas*, lembrou a si mesma. *Se fechasse a mão, as esmagaria entre os dedos*.

– Há uma carta da senhora sua esposa – Qyburn tirou um rolo de pergaminho da manga. Embora usasse vestes de meistre, não havia corrente em volta de seu pescoço; segredava-se que a teria perdido por envolver-se com necromancia.

– Pode lê-la – Bolton respondeu.

A Senhora Walda escrevia das Gêmeas quase todos os dias, mas as cartas eram sempre iguais: "Rezo por você de manhã, à tarde e à noite, meu querido senhor... e conto os dias até que volte a dividir a minha cama. Regresse para mim em breve, e darei muitos filhos legítimos para tomar o lugar de seu querido Domeric e governar o Forte do Pavor depois do senhor". Arya imaginava um bebê cor-de-rosa e rechonchudo num berço, coberto de sanguessugas rosadas e rechonchudas.

Levou a Lorde Bolton um pano úmido para limpar seu corpo mole e sem pelos.

– Enviarei uma carta – disse ele ao homem que antes fora meistre.

– À Senhora Walda?

– A Sor Helman Tallhart.

Um mensageiro de Sor Helman chegara havia dois dias. Os homens de Tallhart tinham tomado o castelo dos Darry, aceitando a rendição de sua guarnição Lannister após um breve cerco.

– Diga-lhe para passar a espada nos cativos e as tochas no castelo, por ordem do rei. Depois deverá juntar forças com Robett Glover e avançar para leste em direção a Valdocaso. As terras lá são ricas, e quase não foram tocadas pela guerra. É tempo de saborearem um pouco dela. Glover perdeu um castelo, e Tallhart, um filho. Que levem a sua vingança até Valdocaso.

– Prepararei a mensagem para o seu selo, senhor.

Arya ficou contente por ouvir dizer que o castelo dos Darry seria incendiado. Foi para lá que a tinham levado quando a apanharam após sua luta com Joffrey, e foi lá que a rainha obrigara o pai a matar o lobo de Sansa. *Merece arder*. Mas desejava que Robett Glover e Sor Helman Tallhart voltassem a Harrenhal; tinham-se posto em marcha depressa demais, antes de ela conseguir decidir se poderia lhes confiar seu segredo ou não.

– Hoje irei à caça – anunciou Roose Bolton enquanto Qyburn o ajudava a vestir um justilho acolchoado.

– Será seguro, senhor? – Qyburn perguntou. – Há apenas três dias, os homens do Septão Utt foram atacados por lobos. Entraram bem no acampamento, a menos de cinco metros da fogueira, e mataram dois cavalos.

– São lobos que pretendo caçar. Quase não consigo dormir à noite com os uivos – Bolton afivelou o cinto, ajustando a posição da espada e do punhal. – Dizem que antigamente os lobos gigantes vagueavam pelo norte em grandes matilhas de cem ou mais animais, e não temiam nem homens nem mamutes, mas isso foi há muito tempo e em outras terras. É estranho ver os lobos comuns do sul tão ousados.

– Tempos terríveis geram coisas terríveis, senhor.

Bolton mostrou os dentes em algo que poderia ter sido um sorriso.

– Serão estes tempos tão terríveis assim, meistre?

– O verão acabou, e há quatro reis no reino.

– Um rei pode ser terrível, mas quatro? – encolheu os ombros. – Nan, meu manto de peles – Arya trouxe-lhe. – Meus aposentos estarão limpos e arrumados quando voltar – disse a ela enquanto o prendia. – E trate da carta da Senhora Walda.

– Será como diz, senhor.

O lorde e o meistre saíram do quarto sem sequer lhe dar uma olhada por cima do ombro. Depois de saírem, Arya pegou a carta e a levou para a lareira, mexendo as toras com um atiçador, para voltar a despertar as chamas. Observou o pergaminho torcer-se, enegrecer e incendiar-se. *Se os Lannister fizeram mal a Bran e a Rickon, Robb vai matá-los todos. Nunca dobrará o joelho, nunca, nunca, nunca. Não tem medo de nenhum deles*. Anéis de cinzas flutuaram pela chaminé acima. Arya agachou-se junto ao fogo, vendo-os subir através de um véu de lágrimas quentes. *Se Winterfell está mesmo perdido, será esta a minha casa agora? Ainda serei Arya, ou só Nan, a criada, para todo o sempre?*

Passou as horas seguintes cuidando dos aposentos do senhor. Varreu para fora as antigas esteiras e espalhou pelo chão novas e bem cheirosas, acendeu um novo fogo na lareira, trocou os lençóis e amaciou o colchão de penas, esvaziou os penicos pelo alçapão da latrina e esfregou-os, levou uma braçada de roupa suja às lavadeiras e trouxe da cozinha uma tigela de peras frescas de Outono. Quando acabou de limpar o quarto de dormir, desceu meio lance de escadas para fazer o mesmo com o grande aposento privado, uma frugal sala cheia de correntes de ar, tão grande quanto os salões de muitos dos castelos menores. As velas estavam reduzidas a tocos, então Arya as substituiu. Sob as janelas havia uma enorme mesa de carvalho onde o senhor escrevia suas cartas. Arrumou os livros, e ordenou as penas, tintas e cera para os selos.

Uma grande e esfarrapada pele de ovelha estava atirada sobre os papéis. Arya tinha começado a enrolá-la quando as cores chamaram sua atenção: o azul de lagos e rios, os pontos vermelhos onde se encontravam castelos e cidades, o verde dos bosques. Em vez de enrolá-la, abriu-a. AS TERRAS DO TRIDENTE, dizia a ornamentada inscrição por baixo do mapa. O

desenho mostrava tudo, desde o Gargalo à Torrente da Água Negra. *Ali está Harrenhal no topo do grande lago*, compreendeu, *mas onde fica Correrrio?* Então viu. *Não é tão longe assim...*

A tarde ainda ia curta quando terminou, e Arya dirigiu-se ao bosque sagrado. Seus deveres eram mais leves como copeira de Lorde Bolton do que tinham sido com Weese ou até com Olho Vermelho, embora exigissem que se vestisse como um pajem e lavasse mais do que gostaria. Os caçadores ainda levariam horas para retornar, então, tinha um pouco de tempo para seu trabalho com a Agulha.

Golpeou folhas de bétula até que a ponta lascada do pau de vassoura quebrado ficou verde e pegajosa.

– Sor Gregor – murmurava. – Dunsen, Polliver, Raff, o Querido – rodopiou, saltou e se equilibrou nas pontas dos pés, precipitando-se para cá e para lá, fazendo voar pinhas. – Cócegas – proferiu de uma vez –, Cão de Caça – disse da vez seguinte. – Sor Ilyn, Sor Meryn, Rainha Cersei – o tronco de um carvalho ergueu-se na sua frente, e ela atirou-lhe estocadas, atingindo-o com a ponta, rosnando: – Joffrey, Joffrey, Joffrey – tinha os braços e as pernas salpicados pela luz do sol e pelas sombras das folhas. Uma película de suor cobria sua pele quando finalmente fez uma pausa. O calcanhar do pé direito estava ensanguentado onde o esfolara, por isso apoiou-se num pé só em frente à árvore-coração e ergueu a espada numa saudação. – *Valar morghulis* – disse aos velhos deuses do norte. Gostava do som que as palavras tinham quando as dizia.

Enquanto Arya atravessava o pátio até a casa de banhos, viu um corvo que descia aos círculos para a colônia, e perguntou-se de onde ele tinha vindo e que mensagem transportava. *De repente é de Robb, e chegou para dizer que não é verdade o que dizem de Bran e Rickon*. Mordeu o lábio, esperando que assim fosse. *Se eu tivesse asas, poderia voar para Winterfell e ver com meus olhos. E se fosse verdade, voaria para longe, voaria para lá da lua e das estrelas brilhantes, e veria todas as coisas das histórias da Velha Ama, dragões e monstros marinhos e o Titã de Bravos, e talvez nunca mais voltasse, a não ser que quisesse.*

O grupo dos caçadores regressou perto do cair da noite com nove lobos mortos. Sete eram adultos, grandes animais cinza-acastanhados, selvagens e poderosos, com os beiços arreganhados sobre longos dentes amarelos, por causa dos rosnidos de morte. Mas os outros dois eram apenas filhotes. Lorde Bolton ordenou que as peles fossem costuradas para fazer uma manta para sua cama.

– As crias ainda têm aquela pele suave, senhor – destacou um de seus homens. – Podem dar um bom par de luvas para sua senhoria.

Bolton olhou de relance as bandeiras que flutuavam por cima das torres da guarita.

– Como os Stark costumam nos lembrar, o Inverno está chegando. Mande fazê-las – quando viu Arya olhando, disse: – Nan, quero um jarro de vinho quente condimentado, resfriei-me na floresta. Trate de que não esfrie. Desejo jantar sozinho. Pão de cevada, manteiga e javali.

– Imediatamente, senhor – aquilo era sempre a melhor coisa a dizer.

Torta Quente estava fazendo bolinhos de aveia quando ela entrou na cozinha. Três outros cozinheiros tiravam as espinhas de peixes, enquanto um assador virava um javali sobre as chamas.

– O senhor quer o jantar, e vinho quente condimentado para empurrá-lo para baixo – Arya anunciou –, e não o quer frio – um dos cozinheiros lavou as mãos, pegou uma chaleira e encheu-a com um tinto denso e doce. Torta Quente recebeu ordens de esmagar as especiarias lá dentro enquanto o vinho aquecia. Arya foi ajudar.

– Eu sei fazer isso – ele disse, carrancudo. – Não preciso que me mostre como condimentar vinho.

*Também me odeia, ou então tem medo de mim*. Afastou-se, mais triste do que zangada. Quando a comida ficou pronta, os cozinheiros cobriram-na com uma tampa de prata e envolveram o jarro numa toalha espessa para mantê-lo quente. Lá fora caía o crepúsculo. Nas muralhas, os corvos resmungavam em volta das cabeças como cortesãos em torno de um rei. Um dos guardas vigiava a porta para a Pira do Rei.

– Espero que isso não seja sopa de doninha – ele gracejou.

Roose Bolton estava sentado perto da lareira, lendo um grande livro encadernado em couro, quando ela entrou.

– Acenda umas velas – ordenou-lhe enquanto virava uma página. – Está ficando escuro aqui.

Arya apoiou a comida perto dele e fez o que lhe era pedido, enchendo a sala de luz tremeluzente e cheiro de cravos. Bolton virou mais algumas páginas com o dedo, fechou o livro e o colocou cuidadosamente no fogo. Ficou vendo as chamas consumindo-o, olhos claros brilhando com a luz refletida. O velho couro seco incendiou-se com um *uuch*, e as páginas amarelas agitaram-se enquanto ardiam, como se algum fantasma as estivesse lendo.

– Não terei mais necessidade de você esta noite – disse, sem nunca olhá-la.

Ela devia ter ido embora, silenciosa como um rato, mas algo a segurou.

– Senhor, leva-me junto quando abandonar Harrenhal?

Ele virou-se para encará-la, e a expressão que seu rosto tomou foi como se o jantar tivesse acabado de lhe dirigir a palavra.

– Dei-lhe licença para me interrogar, Nan?

– Não, senhor – Arya abaixou os olhos.

– Então não devia ter falado. Devia?

– Não, senhor.

Por um momento ele pareceu divertido.

– Vou responder, só dessa vez. Pretendo deixar Harrenhal para Lorde Vargo quando regressar ao norte. Você ficará aqui com ele.

– Mas eu não… – ela começou.

Bolton a interrompeu.

– Não estou habituado a ser interrogado por criados, Nan. Terei de mandar cortar sua língua?

Arya sabia que ele podia fazer aquilo com a mesma facilidade com que outro homem bateria num cão.

– Não, senhor.

– Então não ouvirei nem mais uma palavra vinda de você?

– Não, senhor.

– Então vá embora. Esquecerei essa insolência.

Arya foi, mas não para a cama. Quando saiu para a escuridão do pátio, o guarda à porta acenou para ela e disse:

– Vem aí uma tempestade. Sente o cheiro no ar? – o vento soprava em rajadas, as chamas saíam rodopiando dos archotes montados no topo das muralhas ao lado das fileiras de cabeças.

A caminho do bosque sagrado, passou pela Torre dos Lamentos, onde outrora tinha vivido aterrorizada por Weese. Os Frey tinham-na tomado para si desde a queda de Harrenhal. Conseguia ouvir as vozes iradas que saíam por uma janela, muitos homens falando e discutindo ao mesmo tempo. Elmar estava sentado nos degraus lá fora, sozinho.

– O que houve? – perguntou-lhe Arya quando viu as lágrimas brilhando em seu rosto.

– A minha princesa – ele soluçou. – Aenys diz que fomos desonrados. Chegou uma ave das Gêmeas. O senhor meu pai diz que terei de me casar com outra pessoa ou tornar-me septão.

*Uma estúpida princesa*, Arya pensou, *isso não é nada por que valha a pena chorar*.

– Meus irmãos podem estar mortos – ela confidenciou.

Elmar deu-lhe um olhar de desprezo.

– Ninguém se importa com os irmãos de uma criada.

Foi difícil não bater nele quando disse aquilo.

– Espero que sua princesa morra – ela devolveu, e fugiu antes que ele conseguisse agarrá-la.

No bosque sagrado, encontrou a espada de cabo de vassoura onde a deixara e levou-a para junto da árvore-coração. Então, ajoelhou-se. Folhas vermelhas restolharam. Olhos vermelhos espreitaram seu íntimo. *Os olhos dos deuses*.

– Digam-me o que fazer, deuses – rezou.

Por um longo momento não se ouviu nenhum som além do vento, da água e do ranger de folhas e galhos. E então, de muito, muito longe, para lá do bosque sagrado e das torres assombradas e das imensas muralhas de pedra de Harrenhal, de algum lugar no mundo, veio o longo uivo solitário

de um lobo. A pele de Arya arrepiou-se, e por um instante sentiu-se tonta. Então, muito tenuamente, pareceu que ouvia a voz do pai.

– Quando as neves caem e os ventos brancos sopram, o lobo solitário morre, mas a matilha sobrevive – ele disse.

– Mas não há matilha – ela sussurrou ao represeiro. Bran e Rickon estavam mortos, os Lannister tinham Sansa, Jon tinha ido para a Muralha. – Já nem sequer sou eu, sou Nan.

– Você é Arya de Winterfell, filha do Norte. Disse-me que podia ser forte. Tem o sangue do lobo.

– O sangue do lobo – Arya agora lembrava-se. – Serei tão forte como Robb, foi o que disse que seria – inspirou profundamente, depois ergueu o cabo de vassoura com ambas as mãos e abaixou-o contra o joelho. Quebrou-se com um sonoro *crac* e ela atirou os pedaços fora. *Sou um lobo gigante, e acabaram-se os dentes de madeira*.

Naquela noite ficou na cama estreita sobre a palha, que lhe dava comichão, escutando as vozes dos vivos e dos mortos que sussurravam e discutiam enquanto esperava que a lua nascesse. Já não confiava em outras vozes. Conseguia ouvir o som de sua respiração, e também os lobos, agora uma grande matilha. *Estão mais perto do que aquele que ouvi no bosque sagrado*, pensou. *Estão chamando por mim*.

Por fim, saiu de debaixo da manta, enfiou-se numa túnica e desceu as escadas, devagar e descalça. Roose Bolton era um homem cauteloso, e a entrada da Pira do Rei era guardada dia e noite, por isso teve de se esgueirar por uma estreita janela da cave. O pátio encontrava-se silencioso, e o grande castelo estava perdido em sonhos assombrados. Por cima, o vento entoava hinos fúnebres na Torre dos Lamentos.

Na forja encontrou os fogos apagados e as portas fechadas e trancadas. Entrou por uma janela, como já havia feito uma vez. Gendry dividia um colchão com outros dois aprendizes de ferreiro. Ficou acocorada no sótão durante bastante tempo até que os olhos se ajustassem à escuridão o suficiente para ter certeza de que ele era o da ponta. Então pôs uma mão em sua boca e o beliscou. Os olhos dele se abriram. Não podia ter estado profundamente adormecido.

– *Por favor* – sussurrou. Tirou a mão de sua boca e apontou.

Por um momento não lhe pareceu que ele tivesse entendido, mas depois Gendry saiu de debaixo das mantas. Nu, atravessou a sala em silêncio, enfiou-se numa larga túnica de tecido grosseiro e desceu do sótão atrás dela. Os outros rapazes não se moveram.

– O que você quer agora? – Gendry perguntou numa voz baixa e zangada.

– Uma espada.

– O Polegar Preto mantém todas as lâminas trancadas, já lhe disse mais de cem vezes. É para o Senhor Sanguessuga?

– Para mim. Quebre o cadeado com o martelo.

– Se fizer isso, quebram-me a mão – ele resmungou. – Ou pior.

– Não se fugir comigo.

– Se fugir, eles vão apanhá-la e matá-la.

– Com você farão pior. Lorde Bolton vai dar Harrenhal aos Saltimbancos Sangrentos, foi ele que me disse.

Gendry afastou os cabelos dos olhos.

– E então?

Ela o olhou nos olhos, destemida.

– E então que, quando Vargo Hoat for o senhor, vai cortar os pés de todos os criados para evitar que fujam. Dos ferreiros também.

– Isso é só uma história – ele disse em tom de escárnio.

– Não, é verdade, ouvi Lorde Vargo dizê-lo – Arya mentiu. – Vai cortar um pé de todo mundo. O esquerdo. Vá às cozinhas e acorde Torta Quente, ele fará o que você disser. Vamos precisar de pão, bolinhos de aveia ou qualquer coisa dessas. Arranje as espadas, eu cuido dos cavalos. Encontramo-nos perto da porta falsa na muralha oriental, atrás da Torre dos Fantasmas. Nunca ninguém lá vai.

– Conheço esse portão. Está guardado, como todos os outros.

– E daí? Não se esquece das espadas?

– Não disse que ia.

– Não. Mas se for, não se esquece das espadas?

Ele franziu o cenho:

– Não – respondeu, por fim –, acho que não vou me esquecer.

Arya voltou à Pira do Rei da mesma maneira que tinha saído, e esgueirou-se pela escada em caracol acima com os ouvidos à escuta de passos. Em sua cela, despiu-se por completo e vestiu-se com cuidado, duas camadas de roupa de baixo, meias quentes e a sua túnica mais limpa. Era uma farda de Lorde Bolton. Tinha seu símbolo cosido ao peito, o homem esfolado do Forte do Pavor. Amarrou os sapatos, envolveu os ombros magros num manto de lã e o atou por baixo da garganta. Silenciosa como uma sombra, voltou a descer a escada. Junto ao aposento privado do senhor, fez uma pausa para escutar à porta, abrindo-a lentamente quando só ouviu silêncio.

O mapa de pele de ovelha estava sobre a mesa, ao lado dos restos do jantar de Lorde Bolton. Enrolou-o bem e o enfiou no cinto. Ele tinha deixado o punhal sobre a mesa, e ela também o pegou, para o caso de Gendry perder a coragem.

Um cavalo relinchou baixinho quando Arya entrou silenciosamente nos estábulos escurecidos. Todos os palafreneiros dormiam. Cutucou um deles com a ponta do pé até que se sentou, grogue, e disse:

– Ahn? Quê?

– Lorde Bolton quer três cavalos selados e ajaezados.

O rapaz pôs-se em pé, sacudindo palha dos cabelos:

– Hã? A essa hora? Cavalos, você diz? – piscou os olhos ao ver o símbolo na túnica dela. – Pra que é que ele quer cavalos no escuro?

– Lorde Bolton não tem o hábito de ser interrogado por criados – e cruzou os braços.

O cavalariço ainda olhava para o homem esfolado. Sabia o que queria dizer.

– Falou em três?

– Um, dois, três. Cavalos de caça. Rápidos e de patas seguras – Arya o ajudou com os freios e as selas, para que o rapaz não precisasse acordar nenhum dos outros. Esperava que não o machucassem depois, mas sabia que era provável que o fizessem.

Levar os cavalos através do castelo era a pior parte. Permaneceu na sombra da muralha exterior sempre que pôde, para que as sentinelas em suas rondas nas ameias, lá em cima, tivessem de olhar quase diretamente para baixo a fim de vê-la. *E se virem, qual o problema? Sou a copeira do senhor*. Estava uma noite gelada de Outono. Nuvens vinham do leste, sopradas pelo vento, escondendo as estrelas, e a Torre dos Lamentos gritava lugubremente a cada rajada. *Cheira a chuva*. Arya não sabia se isso seria bom ou ruim para a fuga.

Ninguém a viu, e ela não viu ninguém, só um gato cinza e branco que caminhava ao longo do topo do muro do bosque sagrado. Parou e bufou para ela, despertando memórias da Fortaleza Vermelha, do pai e de Syrio Forel.

– Podia pegá-lo se quisesse – disse-lhe em voz baixa –, mas tenho de ir, gato – o bicho voltou a silvar e fugiu.

A Torre dos Fantasmas era a mais arruinada das cinco imensas torres de Harrenhal. Erguia-se, escura e desolada, atrás dos restos de um septo em ruínas onde apenas ratazanas vinham rezar havia quase trezentos anos. Foi ali que esperou para ver se Gendry e Torta Quente viriam. Pareceu que tinha esperado muito tempo. Os cavalos mordiscaram o mato que crescia entre as pedras rachadas enquanto as nuvens engoliam as últimas estrelas. Arya tirou o punhal e o afiou, para manter as mãos ocupadas. Longos movimentos suaves, como Syrio lhe ensinara. O som a acalmou.

Ouviu-os chegando muito antes de vê-los. Torta Quente respirava pesadamente, e uma vez tropeçou no escuro, esfolou a canela e praguejou suficientemente alto para acordar metade de Harrenhal. Gendry era mais silencioso, mas as espadas que trazia tilintavam umas nas outras com seus movimentos.

– Estou aqui – ficou em pé. – Fiquem quietos, senão vão ouvi-los.

Os rapazes abriram caminho por cima de pedras caídas até onde ela estava. Arya viu que Gendry vestia uma cota de malha oleada sob o manto, e tinha seu martelo de ferreiro a tiracolo. O rosto vermelho e redondo do Torta Quente espreitava por debaixo de um capuz. Trazia um

saco de pão pendurado na mão direita e um grande queijo debaixo do braço esquerdo.

– Há um guarda naquela saída – Gendry disse em voz baixa. – Eu disse que haveria.

– Fiquem aqui com os cavalos – Arya avisou. – Eu me livro dele. Venham depressa quando eu chamar.

Gendry concordou. Torta Quente disse:

– Pie como uma coruja quando quiser que a gente vá.

– Não sou uma coruja – Arya protestou. – Sou um lobo. Uivarei.

Sozinha, deslizou pela sombra da Torre dos Fantasmas. Caminhou depressa, para se manter à frente de seu medo, e foi como se Syrio Forel caminhasse a seu lado, e também Yoren, Jaqen H'ghar e Jon Snow. Não tinha levado a espada que Gendry lhe trouxera, ainda não. Para aquilo o punhal seria melhor. Era bom e afiado. Aquela pequena porta era o menor dos portões de Harrenhal, uma porta estreita de robusto carvalho, cravejada de tachões de ferro e colocada num ângulo da muralha por baixo de uma torre defensiva. Só um homem estava destacado para guardá-la, mas sabia que também haveria sentinelas na torre, e outras por perto, patrulhando as muralhas. Acontecesse o que acontecesse, tinha de ser silenciosa como uma sombra. *Ele não pode gritar*. Algumas gotas de chuva tinham começado a cair. Sentiu uma atingi-la na testa e escorrer lentamente pelo nariz.

Não fez nenhum esforço para se esconder; em vez disso, aproximou-se do guarda abertamente, como se tivesse sido o próprio Lorde Bolton a enviá-la. O homem a viu chegando, curioso sobre o que poderia trazer um pajem ali naquela hora escura. Quando se aproximou, viu que era um nortenho, muito alto e magro, aconchegado num esfarrapado manto de peles. Isso era ruim. Podia ter sido capaz de enganar um Frey ou um dos Bravos Companheiros, mas os homens do Forte do Pavor tinham servido Roose Bolton a vida inteira e conheciam-no melhor do que ela. *Se lhe disser que sou Arya Stark e lhe ordenar que se afaste*… Não, não se atrevia. Ele era nortenho, mas não um homem de Winterfell. Pertencia a Roose Bolton.

Quando chegou até ele, puxou o manto para trás de modo que ele pudesse ver o homem esfolado em seu peito.

– Lorde Bolton mandou-me aqui.

– A essa hora? Para quê?

Conseguia ver o brilho do aço sob as peles, e não sabia se era suficientemente forte para enfiar a ponta do punhal através da cota de malha. *A garganta, tem que ser na garganta, mas ele é alto demais, nunca a alcançarei*. Por um momento, não soube o que dizer. Por um momento, voltou a ser uma garotinha, assustada, e a chuva que caía em seu rosto teve gosto de lágrimas.

– Disse-me para dar a todos os seus guardas uma moeda de prata, pelos seus bons serviços – as palavras pareceram sair de parte alguma.

– Prata, você diz? – não acreditava nela, mas *queria* acreditar; afinal de contas, prata era prata. – Então me dê.

Os dedos de Arya enterraram-se na túnica e saíram agarrando a moeda que Jaqen lhe dera. No escuro, o ferro podia passar por prata sem brilho. Estendeu a mão… e deixou a moeda cair de seus dedos.

Amaldiçoando-a em voz baixa, o homem pôs-se de joelhos para procurar a moeda na terra, tateando, e ali estava seu pescoço, bem à frente dela. Arya puxou o punhal e passou-o por sua garganta, suavemente como a seda do verão. O sangue cobriu suas mãos num jorro quente, e ele tentou gritar, mas também tinha sangue na boca.

– *Valar morghulis* – Arya sussurrou enquanto o homem morria.

Quando ele parou de se mexer, pegou a moeda. Fora das muralhas de Harrenhal, um lobo soltou um longo e sonoro uivo. Ela ergueu a tranca, colocou-a de lado, e abriu a pesada porta de carvalho. Quando Torta Quente e Gendry chegaram com os cavalos, a chuva estava caindo com força.

– *Matou?* – Torta Quente arquejou.

– O que você achava que eu ia fazer? – tinha os dedos pegajosos de sangue, e o cheiro estava deixando a égua espantadiça. *Não importa*, pensou, saltando para a sela. *A chuva voltará a deixá-las limpas*.

# Sansa

A sala do trono era um mar de joias, peles e tecidos brilhantes. Senhores e senhoras enchiam o fundo da sala e aglomeravam-se por baixo das grandes janelas, empurrando-se como vendedores de peixe numa doca.

Aqueles que habitavam a corte de Joffrey tinham procurado superar uns aos outros naquele dia. Jalabhar Xho estava coberto de penas; uma plumagem tão fantástica e extravagante que parecia prestes a levantar voo. A coroa de cristal do Alto Septão disparava arcos-íris pelo ar a cada movimento de sua cabeça. À mesa do conselho, a Rainha Cersei cintilava num vestido de fios de ouro, com cortes de veludo bordô, enquanto, ao seu lado, Varys se agitava e sorria afetadamente dentro de brocado lilás. O Rapaz Lua e Sor Dontos usavam novos trajes multicolores, limpos como uma manhã de primavera. Até a Senhora Tanda e as filhas pareciam bonitas em vestidos de seda que combinavam turquesa e penas, e Lorde Gyles tossia para dentro de um quadrado de seda escarlate debruado de renda dourada. Rei Joffrey sentava-se acima de todos eles, entre as lâminas e farpas do Trono de Ferro. Vestia samito carmim, com o manto negro incrustado de rubis, e, na cabeça, trazia sua pesada coroa de ouro.

Abrindo caminho através de uma multidão de cavaleiros, escudeiros e ricos cidadãos, Sansa chegou à frente da galeria precisamente quando o estrondo das trombetas anunciou a entrada de Lorde Tywin Lannister.

Ele atravessou o salão montado no cavalo de guerra e desmontou perante o Trono de Ferro. Sansa nunca tinha visto uma armadura assim; toda de lustroso aço vermelho com arabescos e ornamentos de ouro nele embutidos. Os medalhões eram resplendores, o leão rugindo que coroava

seu elmo tinha olhos de rubi, e uma leoa em cada ombro prendia um manto de fios de ouro tão longo e pesado que envolvia os quartos traseiros de seu cavalo. Até a armadura do cavalo era dourada, e os jaezes, de brilhante seda carmesim brasonada com o leão de Lannister.

O Senhor de Rochedo Casterly fazia uma figura tão impressionante que foi um choque quando seu corcel despejou um monte de esterco bem na base do trono. Joffrey teve de rodeá-lo com cuidado quando desceu para abraçar o avô e proclamá-lo Salvador da Cidade. Sansa cobriu a boca para esconder um sorriso nervoso.

Joff fez do pedido do avô para assumir o governo do reino um grande espetáculo e Lorde Tywin aceitou solenemente a responsabilidade, "até que Vossa Graça seja maior de idade". Então, escudeiros tiraram sua armadura e Joff prendeu em torno de seu pescoço o colar da Mão. Lorde Tywin ocupou um lugar ao lado da rainha, na mesa do conselho. Depois de o corcel ter sido levado e sua "homenagem" removida, Cersei fez sinal para que as cerimônias prosseguissem.

Uma fanfarra de trombetas de bronze saudou cada um dos heróis no momento em que atravessavam as grandes portas de carvalho. Arautos gritavam seus nomes e feitos para que todos ouvissem, e os nobres senhores e as bem-nascidas senhoras aplaudiam tão vigorosamente como assassinos numa rinha de galos. Um lugar de honra foi dado a Mace Tyrell, o Senhor de Jardim de Cima, um homem outrora forte que havia engordado, mas que ainda era bonito. Os filhos entraram atrás dele; Sor Loras e o irmão mais velho, Sor Garlan, o Galante. Os três vestiam-se de forma semelhante, de veludo verde forrado de zibelina.

O rei desceu do trono uma vez mais para saudá-los, uma grande honra. Prendeu, em volta do pescoço de cada um, uma corrente de rosas trabalhadas em ouro mole e amarelo, da qual pendia um disco de ouro com o leão dos Lannister realçado com rubis.

– As rosas apoiam o leão, assim como o poder de Jardim de Cima apoia o reino – proclamou Joffrey. – Se houver alguma mercê que me queira pedir, peça-a, e será sua.

*É agora*, Sansa pensou.

– Vossa Graça – disse Sor Loras –, peço a honra de servir em sua Guarda Real, a fim de defendê-lo de seus inimigos.

Joffrey pôs o Cavaleiro das Flores em pé e lhe deu um beijo no rosto.

– Dito e feito, irmão.

Lorde Tyrell inclinou a cabeça:

– Não há maior prazer do que servir à Graça Real. Se fosse considerado digno de integrar seu real conselho, não encontraria ninguém mais leal ou fiel.

Joff pousou uma mão no ombro de Lorde Tyrell e o beijou quando se pôs em pé.

– Seu desejo é concedido.

Sor Garlan Tyrell, cinco anos mais velho do que Sor Loras, era uma versão mais alta e barbuda do irmão mais novo e famoso. Era mais largo de peito e ombros, e embora seu rosto fosse bastante agradável, faltava-lhe a surpreendente beleza de Sor Loras.

– Vossa Graça – disse Garlan, quando o rei se aproximou dele –, tenho uma irmã donzela, Margaery, o encanto de nossa Casa. Era casada com Renly Baratheon, como sabe, mas Lorde Renly partiu para a guerra antes de o casamento poder ser consumado, e portanto continua inocente. Margaery tem ouvido histórias sobre a sua sabedoria, coragem e cavalheirismo, e tem amado o senhor a distância. Suplico-lhe que mande chamá-la, a fim de tomar sua mão em casamento e ligar sua Casa à minha para toda a eternidade.

Rei Joffrey fingiu surpresa:

– Sor Garlan, a beleza de sua irmã é famosa por todos os Sete Reinos, mas estou prometido a outra. Um rei deve manter a sua palavra.

A Rainha Cersei levantou-se num farfalhar de saias:

– Vossa Graça, na opinião de seu pequeno conselho, não seria nem próprio nem sensato que se casasse com a filha de um homem decapitado por traição, uma garota cujo irmão se encontra em rebelião aberta contra o trono neste exato momento. Senhor, seus conselheiros suplicam-lhe, para o bem de nosso reino, que ponha Sansa Stark de lado. A Senhora Margaery será para o senhor uma rainha muito mais adequada.

Como uma matilha de cães treinados, os senhores e as senhoras no salão começaram a gritar seu júbilo. "*Margaery*", gritavam; "*Dê-nos Margaery!*" e "*Nada de rainhas traidoras! Tyrell! Tyrell!*".

Joffrey levantou uma mão.

– Gostaria de ceder aos desejos de meu povo, mãe, mas fiz um voto sagrado.

O Alto Septão deu um passo à frente.

– Vossa Graça, os deuses consideram a promessa de casamento um ato solene, mas seu pai, o Rei Robert, de abençoada memória, fez esse pacto antes de os Stark de Winterfell revelarem sua falsidade. Os crimes deles contra o reino libertaram-no de quaisquer promessas que possa ter feito. No que diz respeito à Fé, não existe nenhum contrato de casamento válido entre o senhor e Sansa Stark.

Um tumulto de aclamações encheu a sala do trono, e gritos de "*Margaery, Margaery*" irromperam por todos os lados. Sansa inclinou-se para a frente, agarrando com força o parapeito de madeira da galeria. Sabia o que se seguiria, mas ainda temia o que Joffrey pudesse dizer, temia que ele recusasse libertá-la mesmo agora, quando todo o seu reino dependia disso. Sentia-se como se estivesse de volta aos degraus de mármore na frente do Grande Septo de Baelor, à espera de que o príncipe concedesse misericórdia a seu pai, e em vez disso o ouviu ordenar a Ilyn Payne que cortasse sua cabeça. *Por favor*, rezou com fervor, *façam com que ele o diga, façam com que ele o diga*.

Lorde Tywin fitava o neto. Joff deu-lhe um olhar mal-humorado, arrastou os pés, e ajudou Sor Garlan Tyrell a se levantar.

– Os deuses são bons. Estou livre para seguir o meu coração. Casarei com a sua querida irmã, e com alegria, sor – beijou o rosto barbudo de Sor Garlan, enquanto vivas se erguiam em torno deles.

Sansa sentiu a cabeça curiosamente leve. *Estou livre*. Sentia olhos postos nela. *Não devo sorrir*, lembrou a si mesma. A rainha prevenira-a; sentisse o que sentisse, a expressão que mostrasse ao mundo devia parecer perturbada.

– Não aceitarei que meu filho seja humilhado – Cersei dissera. – Está me ouvindo?

– Sim. Mas se não vou ser rainha, o que será de mim?

– Isso terá de ser decidido. Por enquanto, ficará aqui na corte, como nossa protegida.

– Quero ir para casa.

Aquilo irritou a rainha.

– A essa altura já devia ter aprendido que nenhum de nós consegue o que quer.

*Mas eu consegui*, pensou Sansa. *Estou livre de Joffrey. Não terei de beijá-lo, nem de lhe entregar minha virgindade, nem de lhe dar filhos. Que Margaery Tyrell fique com tudo isso, pobre garota.*

Quando a explosão de júbilo se atenuou, o Senhor de Jardim de Cima já ocupara um lugar à mesa do conselho, e os filhos tinham se juntado aos outros cavaleiros e fidalgos debaixo das janelas. Sansa tentou parecer desamparada e abandonada enquanto outros heróis da Batalha da Água Negra eram chamados a fim de receber as suas recompensas.

Paxter Redwyne, Senhor da Árvore, marchou ao longo do salão flanqueado pelos dois filhos, Horror e Babeiro, com o primeiro coxeando de um ferimento recebido na batalha. Depois, veio Lorde Mathis Rowan vestindo um gibão branco como a neve, com uma grande árvore bordada em fios de ouro no peito; Lorde Randyll Tarly, magro e perdendo os cabelos, com uma grande espada amarrada às costas numa bainha incrustada de joias; Sor Kevan Lannister, um homem atarracado com pouco cabelo e uma barba bem aparada; Sor Addam Marbrand, de cabelos acobreados que caíam sobre seus ombros; os grandes senhores do ocidente Lydden, Crakehall e Brax.

A seguir, vieram quatro homens de nascimento inferior que tinham se distinguido na luta: o cavaleiro zarolho Sor Philip Foote, que matara Lorde Bryce Caron em combate singular; o cavaleiro livre Lothor Brune, que abrira caminho através de meia centena de homens de armas Fossoway para capturar Sor Jon da maçã verde e matar Sor Bryan e Sor Edwyd da vermelha, ganhando assim o apelido de Lothor Papa-Maçãs;

Willit, um homem de armas grisalho a serviço de Sor Harys Swyft, que puxara seu senhor de debaixo do cavalo moribundo e o defendera contra uma dúzia de inimigos; e um escudeiro de rosto liso chamado Josmyn Peckledon, que matara dois cavaleiros, ferira um terceiro e capturara mais dois, embora não pudesse ter mais do que catorze anos. Willit foi trazido numa liteira, devido à gravidade de seus ferimentos.

Sor Kevan tinha se sentado ao lado do irmão, Lorde Tywin. Quando os arautos terminaram de anunciar os feitos dos heróis, levantou-se:

– É desejo de Sua Graça que esses bons homens sejam recompensados por seu valor. Por seu decreto, Sor Philip será de hoje em diante Lorde Philip da Casa Foote, e para ele irão todas as terras, direitos e rendimentos da Casa Caron. Lothor Brune será elevado ao estatuto de cavaleiro e lhe serão atribuídas terras e fortaleza nas terras fluviais, após o fim da guerra. Para Josmyn Peckledon irá uma espada e uma armadura, o direito de escolher qualquer cavalo de guerra dos estábulos reais e um grau de cavaleiro quando se tornar maior de idade. E, por fim, para Morgado Willit, uma lança com haste reforçada em prata, um camisão de cota de malha recém-forjada e um elmo completo com viseira. Além disso, seus filhos serão recebidos ao serviço da Casa Lannister em Rochedo Casterly, o mais velho como escudeiro e o mais novo como pajem, com a hipótese de avançarem para cavaleiros se servirem bem e com lealdade. A Mão do Rei e o pequeno conselho consentem com tudo isso.

Os capitães dos navios de guerra reais *Vento Vivo*, *Príncipe Aemon* e *Seta do Rio* foram honrados em seguida, em conjunto com alguns oficiais inferiores do *Graça dos Deuses*, *Lança*, *Senhora de Seda* e *Cabeça de Carneiro*. Até onde Sansa sabia, seu feito principal tinha sido sobreviver à batalha no rio, um feito de que bem poucos podiam se gabar. Hallyne, o Piromante, e os mestres da Guilda dos Alquimistas também receberam os agradecimentos do rei, e Hallyne foi elevado ao título de lorde, embora Sansa notasse que nem terras nem castelo acompanhavam o título, o que fazia com que o alquimista não fosse um lorde mais verdadeiro do que Varys. Sem dúvida, a mais significativa senhoria foi

atribuída a Sor Lancel Lannister. Joffrey premiou-o com as terras, castelo e direitos da Casa Darry, cujo último jovem senhor perecera durante a luta nas terras fluviais, “sem deixar herdeiros legítimos de sangue Darry legal, mas apenas um primo bastardo”.

Sor Lancel não apareceu para aceitar o título; dizia-se que seus ferimentos podiam lhe custar o braço ou até a vida. Dizia-se também que o Duende estava à beira da morte, por conta de um terrível golpe na cabeça.

Quando o arauto chamou “*Lorde Petyr Baelish*”, ele avançou, vestido em tons de rosa e ameixa, com um padrão de tejos no manto. Sansa conseguiu vê-lo sorrir ao se ajoelhar perante o Trono de Ferro. *Parece tão satisfeito*. Não ouvira dizer que Mindinho tivesse feito alguma coisa especialmente heroica durante a batalha, mas parecia que seria recompensado mesmo assim.

Sor Kevan voltou a se levantar:

– É desejo da Graça Real que seu leal conselheiro Petyr Baelish seja recompensado pelos fiéis serviços prestados à coroa e ao reino. Que se saiba que a Lorde Baelish é atribuído o castelo de Harrenhal com todas as suas terras e rendimentos, para dele fazer sua sede e governar de hoje em diante como Senhor Supremo do Tridente. Petyr Baelish e seus filhos e netos deterão e usufruirão dessas honrarias até o fim dos tempos, e todos os senhores do Tridente vão lhe prestar homenagem como seu suserano de direito. A Mão do Rei e o pequeno conselho consentem.

De joelhos, Mindinho ergueu os olhos para o Rei Joffrey:

– Agradeço-lhe humildemente, Vossa Graça. Suponho que isso queira dizer que terei de tratar de arranjar alguns filhos e netos.

Joffrey riu, e a corte o acompanhou. *Senhor Supremo do Tridente,* pensou Sansa*, e também Senhor de Harrenhal*. Não compreendia por que motivo estaria tão feliz com aquilo; as honrarias eram tão ocas quanto o título dado a Hallyne, o Piromante. Harrenhal estava amaldiçoado, todos sabiam disso, e os Lannister nem sequer controlavam o castelo no momento. Além disso, os senhores do Tridente estavam juramentados a Correrrio, à Casa Tully e ao Rei no Norte; nunca aceitariam Mindinho

como suserano. *A menos que sejam obrigados. A menos que meu irmão, meu tio e meu avô sejam todos derrubados e mortos*. A ideia a deixou ansiosa, mas disse a si mesma que estava sendo tola. *Robb ganhou deles sempre. Também ganhará de Lorde Baelish, se for preciso*.

Naquele dia foram armados mais de seiscentos novos cavaleiros. Tinham mantido vigília no Grande Septo de Baelor ao longo de toda a noite, e de manhã atravessaram a cidade descalços, a fim de demonstrar que tinham corações humildes. Agora avançavam vestidos com camisões de lã crua, a fim de serem nomeados pela Guarda Real. Levou muito tempo, pois apenas três dos Irmãos da Espada Branca se encontravam disponíveis para armá-los. Mandon Moore tinha perecido na batalha, Cão de Caça desaparecera, Aerys Oakheart encontrava-se em Dorne com a Princesa Myrcella, e Jaime Lannister era cativo de Robb, de modo que a Guarda Real ficara reduzida a Balon Swann, Meryn Trant e Osmund Kettleblack. Depois de armado cavaleiro, cada um dos homens se levantava, afivelava o cinto da espada e ia se colocar sob as janelas. Alguns tinham os pés ensanguentados da caminhada pela cidade, mas a Sansa pareciam, mesmo assim, altivos e orgulhosos.

Quando por fim todos os novos cavaleiros receberam os seus títulos, a multidão no salão já estava impaciente; e ninguém mais do que Joffrey. Alguns dos que ocupavam a galeria tinham começado a sair discretamente, mas os notáveis lá embaixo estavam encurralados, impossibilitados de sair sem a licença do rei. Julgando pelo modo como se agitava no Trono de Ferro, Joff a teria dado de boa vontade, mas o trabalho do dia estava longe de terminar. Pois agora a moeda virava-se ao contrário, e os cativos foram introduzidos no salão.

Também havia grandes senhores e nobres cavaleiros naquele grupo: o velho e azedo Lorde Celtigar, o Caranguejo Vermelho; Sor Bonifer, o Bom; Lorde Estermont, ainda mais velho do que Celtigar; Lorde Varner, que claudicou ao longo do salão sobre um joelho estilhaçado, mas recusou qualquer ajuda; Sor Mark Mullendore, com o rosto cinzento e o braço esquerdo desaparecido até o cotovelo; o feroz Ronnet Vermelho do Poleiro do Grifo; Sor Dermont da Mata de Chuva; Lorde Willum e os

filhos Josua e Elyas; Sor Jon Fossoway; Sor Timon, a Espada Raspada; Aurane, o bastardo de Derivamarca; Lorde Staedmon, chamado de Amigo das Moedas; e centenas de outros.

Aqueles que tinham mudado de campo durante a batalha só precisavam jurar lealdade a Joffrey, mas os que lutaram por Stannis até o amargo fim eram obrigados a falar. As palavras que dissessem decidiam seus destinos. Se suplicassem perdão por suas traições e prometessem servir lealmente daí em diante, Joffrey os acolhia de volta à paz do rei e restituía-lhes todas as terras e direitos. Mas um punhado permaneceu desafiador.

– Não pense que isso acabou, garoto – alertou um deles, filho bastardo de algum Florent. – O Senhor da Luz protege o Rei Stannis, hoje e sempre. Nem todas as suas espadas e artimanhas vão salvá-lo quando sua hora chegar.

– A *sua* hora chegou agora mesmo – Joffrey chamou com um gesto Sor Ilyn Payne para levar o homem lá para fora e cortar sua cabeça. Mas, assim que foi arrastado para fora do salão, um cavaleiro de porte solene, com um coração flamejante na capa, gritou:

– Stannis é o legítimo rei! É um monstro que se senta no Trono de Ferro, uma abominação nascida do incesto!

– Silêncio – Sor Kevan Lannister bradou.

Em vez de se calar, o cavaleiro levantou a voz ainda mais.

– Joffrey é o verme negro que corrói o coração do reino! Seu pai foi o negrume e a mãe foi a morte! Destruam-no antes que os corrompa a todos! Destruam-nos a todos, a rainha rameira e o rei verme, o anão vil e a aranha dos segredos, as falsas flores. Salvem-se! – um dos homens de manto dourado atirou o homem ao chão, mas ele continuou a gritar. – O fogo purificador virá! Rei Stannis regressará!

Joffrey pôs-se em pé:

– O rei sou *eu*! Matem-no! Matem-no já! Ordeno-o – fez um movimento brusco com a mão, num gesto furioso… e guinchou de dor quando o braço roçou num dos afiados dentes de metal que o rodeavam.

O brilhante samito carmesim de sua manga tomou um tom mais escuro de vermelho quando o sangue o empapou. – *Mãe!* – o menino gemeu.

Com todos os olhos postos no rei, de algum modo o homem no chão conseguiu arrancar uma lança de um dos homens de manto dourado e usou-a para se pôr de novo em pé.

– O trono renega-o! – gritou. – *Ele não é rei coisa nenhuma!*

Cersei correu para o trono, mas Lorde Tywin permaneceu imóvel como pedra. Teve apenas de erguer um dedo, e Sor Meryn Trant avançou com a espada desembainhada. O fim foi rápido e mortal. Os homens de manto dourado seguraram o cavaleiro pelos braços.

– *Rei coisa nenhuma!* – ele voltou a gritar quando Sor Meryn espetou a ponta da espada em seu peito.

Joff caiu nos braços da mãe. Três meistres aproximaram-se correndo para levá-lo pela porta do rei. Então, todo mundo começou a falar ao mesmo tempo. Quando os homens de manto dourado arrastaram o morto para fora do salão, deixaram um rastro brilhante de sangue no chão de pedra. Lorde Baelish afagou a barba enquanto Varys lhe segredava ao ouvido. *Será que vão nos mandar embora agora?*, perguntou Sansa a si mesma. Ainda havia vinte cativos à espera, mas quem poderia dizer se seria para jurar lealdade ou gritar xingamentos?

Lorde Tywin ficou em pé:

– Prosseguimos – disse numa voz clara e forte que silenciou os murmúrios. – Aqueles que desejarem pedir perdão por suas traições podem fazê-lo. Não teremos mais loucuras – deslocou-se até o Trono de Ferro e sentou-se num degrau, a um mero metro do chão.

A luz do lado de fora das janelas já desaparecia quando a sessão chegou ao fim. Sansa sentiu-se exausta ao descer da galeria. Gostaria de saber qual a gravidade do corte de Joffrey. *Dizem que o Trono de Ferro pode ser perigosamente cruel para aqueles que não estão destinados a se sentar nele.*

De volta à segurança de seus aposentos, abraçou uma almofada contra o rosto e abafou um guincho de alegria. *Oh, pela bondade dos deuses, ele fez isso, ele pôs-me de lado na frente de todos.* Quando uma criada lhe

trouxe o jantar, quase a beijou. Havia pão quente e manteiga recém-batida, uma espessa sopa de carne de vaca, capão e cenouras, e pêssegos mergulhados em mel. *Até a comida tem gosto melhor*, pensou.

Ao chegar a noite, pôs um manto e dirigiu-se ao bosque sagrado. Sor Osmund Kettleblack guardava a ponte levadiça em sua armadura branca. Sansa fez seu melhor para parecer infeliz quando lhe deu boa-noite. Pela maneira como ele a olhou, não ficou certa de ter sido totalmente convincente.

Dontos a esperava ao luar folhoso.

– Por que essa cara tão triste? – perguntou-lhe Sansa alegremente. – Você estava lá, ouviu. Joff pôs-me de lado, acabou comigo, ele…

Dontos pegou em sua mão.

– Oh, Jonquil, minha pobre Jonquil, não compreende. Acabou com você? Mal começou.

Sansa sentiu seu coração apertado.

– O que quer dizer?

– A rainha nunca a deixará partir, nunca. É uma refém demasiado valiosa. E Joffrey… Querida, ele ainda é o rei. Se a quiser em sua cama, vai tê-la, só que agora serão bastardos que plantará em seu ventre, e não filhos legítimos.

– *Não* – Sansa deu um arquejo, chocada. – Ele deixou-me ir, ele…

Sor Dontos deu-lhe um beijo baboso na orelha.

– Seja brava. Jurei levá-la para casa, e agora posso fazer isso. O dia foi escolhido.

– Quando? – Sansa quis saber. – Quando partimos?

– Na noite do casamento de Joffrey. Depois do banquete. Tudo o que é necessário já foi combinado. A Fortaleza Vermelha estará cheia de desconhecidos. Metade da corte estará bêbada e a outra metade estará ajudando Joffrey a se deitar com sua noiva. Durante um pequeno momento, você será esquecida, e a confusão será nossa amiga.

– O casamento não acontecerá antes de uma volta de lua. Margaery Tyrell está em Jardim de Cima, só agora mandaram buscá-la.

– Esperamos tanto tempo, tenha um pouco mais de paciência. Tenho aqui algo para você – Sor Dontos apalpou a bolsa e tirou de lá uma teia de aranha prateada, suspendendo-a com seus dedos grossos.

Era uma rede para os cabelos feita de prata fina, com cordões tão finos e delicados que a rede pareceu não pesar mais do que um sopro quando Sansa a pegou. Pequenas pedras preciosas estavam embutidas nos locais em que dois cordões se cruzavam, tão escuras que bebiam o luar.

– Que pedras são estas?

– Ametistas negras de Asshai. Do tipo mais raro, um profundo púrpura verdadeiro à luz do dia.

– É muito lindo – disse Sansa, e pensou: *É de um navio que preciso, não de uma rede para o cabelo*.

– Mais lindo do que julga, querida menina. É que essa rede é mágica. O que a segura é a justiça. Vingança pelo seu pai – Dontos inclinou-se e voltou a beijá-la. – É a sua *casa* que está aí.

# Theon

Meistre Luwin veio até ele quando os primeiros batedores foram vistos perto das muralhas:

– Senhor príncipe, tem de se render.

Theon fitou a travessa de bolos de aveia, mel e morcela que tinham lhe trazido para o desjejum. Outra noite sem dormir havia deixado seus nervos à flor da pele, e bastava olhar a comida para se sentir nauseado.

– Não houve resposta de meu tio?

– Nenhuma – o meistre respondeu. – Nem de seu pai em Pyke.

– Envie mais aves.

– De nada servirá. Quando as aves chegarem…

– *Envie-as!* – Theon atirou a travessa de comida para longe com um movimento do braço, puxou as mantas e saiu da cama de Ned Stark, nu e zangado. – Ou será que quer me ver morto? É isso, Luwin? Quero a verdade.

O pequeno homem cinzento não mostrou medo:

– A minha ordem serve.

– Sim, mas quem?

– O reino, e Winterfell. Theon, um dia ensinei-lhe as somas e as letras, história e a arte da guerra. E poderia ter-lhe ensinado mais, se tivesse vontade de ouvir. Não direi que tenho um grande apreço por você, não, mas também não posso odiá-lo. Mesmo se odiasse, enquanto for senhor de Winterfell estou obrigado pelo juramento que prestei a lhe dar conselhos. Por isso, agora aconselho-o a *se render*.

Theon abaixou-se para apanhar um manto que estava amontoado no chão, sacudiu-lhe a palha e o colocou sobre os ombros. *Um fogo, quero*

*um fogo, e roupa limpa. Onde está Wex? Não irei para a tumba com a roupa suja*.

– Não tem esperança de aguentar aqui – prosseguiu o meistre. – Se o senhor seu pai pretendesse enviar ajuda, a essa altura já o teria feito. É o Gargalo que lhe interessa. A batalha pelo Norte será travada entre as ruínas de Fosso Cailin.

– Talvez seja assim – Theon respondeu. – E enquanto eu controlar Winterfell, Sor Rodrik e os senhores dos Stark não podem marchar para o sul a fim de surpreender meu tio pela retaguarda – *não sou tão inocente nas artes da guerra como você pensa, velho*. – Tenho alimentos suficientes para aguentar um ano de cerco, se necessário.

– Não haverá cerco. Eles talvez passem um dia ou dois construindo escadas e atando ganchos na ponta de cordas. Mas em breve saltarão por cima de suas muralhas por cem lugares ao mesmo tempo. Poderá ser capaz de defender a fortaleza interna durante algum tempo, mas uma hora o castelo cairá. Faria melhor se abrisse os portões e pedisse…

– … *misericórdia*? Eu sei que tipo de misericórdia têm para mim.

– Há uma maneira.

– Eu sou um homem de ferro – lembrou-lhe Theon. – Tenho as minhas próprias maneiras. Que escolha me deixaram? Não, não responda, já ouvi o bastante de seus *conselhos*. Vá enviar essas aves como ordenei, e diga a Lorren que quero falar com ele. E chame também Wex. Quero minha cota de malha areada e a guarnição reunida no pátio.

Por um momento pensou que o meistre o desobedeceria, mas, por fim, Luwin fez uma reverência rígida:

– Às suas ordens.

Compunham um grupo pateticamente pequeno; os homens de ferro eram poucos, o pátio, grande.

– Os nortenhos estarão aqui antes do cair da noite – Theon lhes disse. – Sor Rodrik Cassel e todos os senhores que atenderam ao seu chamado. Não fugirei deles. Tomei este castelo e pretendo mantê-lo, viver ou morrer como Príncipe de Winterfell. Mas não ordenarei a nenhum homem que morra por mim. Se partirem agora, antes que a força

principal de Sor Rodrik chegue, ainda têm uma chance de ganhar a liberdade – desembainhou a espada e desenhou uma linha na terra. – Aqueles que quiserem ficar e lutar, deem um passo à frente.

Ninguém falou. Os homens ficaram parados, dentro de suas cotas de malha, peles e couro fervido, imóveis como se fossem feitos de pedra. Alguns trocaram olhares. Urzen arrastou os pés. Dykk Harlaw puxou um escarro e cuspiu. Um dedo de vento passou pelos longos cabelos claros de Endehar.

Theon sentiu-se como se estivesse se afogando. *Por que estou surpreso?*, pensou tristemente. O pai abandonara-o, bem como os tios, a irmã, e até aquela maldita criatura do Fedor. Por que seus homens iriam se mostrar mais leais? Nada havia a dizer, nada a fazer. Só podia ficar ali sob as grandes muralhas cinzentas e o céu duro e branco, de espada na mão, à espera, à espera…

Wex foi o primeiro a atravessar a linha. Três passos rápidos e ficou ao lado de Theon, de ombros caídos. Envergonhado pelo rapaz, Lorren Negro o seguiu, todo carrancudo.

– Quem mais? – Theon perguntou.

Rolfe Vermelho avançou. Kromm. Werlag. Tymor e os irmãos. Ulf, o Doente. Harrag Ladrão de Ovelhas. Quatro Harlaw e dois Botley. Kenned, a Baleia, foi o último. Ao todo dezessete.

Urzen estava entre os que não se moveram, e também Stygg, e todos os dez homens que Asha trouxera de Bosque Profundo.

– Então partam – disse-lhes Theon. – Corram para junto de minha irmã. Não tenho dúvida de que ela dará boas-vindas a todos.

Stygg teve pelo menos a delicadeza de parecer envergonhado. Os outros foram embora sem uma palavra. Theon virou-se para os dezessete que ficaram.

– De volta às muralhas. Se os deuses nos pouparem, vou me lembrar de cada um de vocês.

Lorren Negro ficou depois de os outros irem para os seus postos.

– O povo do castelo vai se voltar contra nós assim que a luta começar.

– Eu sei. O que quer que eu faça?

– Abata-os – Lorren respondeu. – A todos.

Theon balançou a cabeça.

– O laço está pronto?

– Está. Planeja usá-lo?

– Conhece maneira melhor?

– Sim. Pego meu machado, fico naquela ponte levadiça e deixo-os vir contra mim. Um de cada vez, dois, três, não importa. Ninguém atravessará o fosso enquanto eu continuar respirando.

*Ele quer morrer*, Theon pensou. *Não é a vitória que pretende, é um fim que mereça uma canção.*

– Usaremos o laço.

– Às suas ordens – Lorren respondeu, com desprezo nos olhos.

Wex ajudou-o a se vestir para a batalha. Sob a túnica negra e a capa dourada tinha um camisão de cota de malha bem oleada, e, por baixo de tudo, levava uma camada de rígido couro fervido. Depois de armado e couraçado, Theon subiu a torre de vigia que se erguia no ângulo onde as muralhas leste e sul se juntavam, a fim de dar uma olhada em seu destino. Os nortenhos estavam se espalhando para cercar o castelo. Era difícil avaliar seu número. Pelo menos mil; talvez o dobro desse valor. *Contra dezessete*. Tinham trazido catapultas e balistas. Não viu torres de cerco trovejando na estrada do rei, mas havia madeira suficiente na mata de lobos para construir tantas quantas quisessem.

Theon estudou os estandartes dos atacantes pelo tubo de lentes de Myr de Meistre Luwin. O machado de batalha dos Cerwyn ondulava corajosamente onde quer que seus olhos caíssem, e também havia árvores Tallhart, e tritões do Porto Branco. Menos comuns eram os símbolos de Flint e Karstark. Aqui e ali até viu o alce dos Hornwood. *Mas nenhum Glover. Asha tratou deles, nenhum Bolton do Forte do Pavor, nenhum Umber viajou desde a sombra da Muralha*. Não que fossem necessários. Não demorou muito até que o rapaz Cley Cerwyn aparecesse nos portões com uma bandeira de paz numa grande haste, para anunciar que Sor Rodrik Cassel desejava negociar com Theon Vira-Casaca.

*Vira-casaca*. O nome era amargo como bílis. Lembrou-se de que fora a Pyke a fim de liderar os dracares do pai contra Lanisporto.

– Sairei em breve – gritou para baixo. – Sozinho.

Lorren Negro desaprovou.

– Só o sangue pode lavar o sangue – declarou. – Os cavaleiros podem cumprir as tréguas com outros cavaleiros, mas não são tão cautelosos com a sua honra quando lidam com aqueles a quem consideram foras da lei.

Theon irritou-se.

– Eu sou o Príncipe de Winterfell e herdeiro das Ilhas de Ferro. Trate de ir buscar a garota e fazer o que lhe disse.

Lorren Negro deu-lhe um olhar assassino.

– Sim, Príncipe.

*Também se virou contra mim*, Theon compreendeu. Nos últimos tempos parecia-lhe que as próprias pedras de Winterfell tinham se virado contra ele. *Se morrer, morrerei sem amigos e abandonado*. Assim, o que lhe restava além de sobreviver?

Dirigiu-se a cavalo até a guarita, com a coroa na cabeça. Uma mulher estava tirando água de um poço, e Gage, o cozinheiro, observava da porta da cozinha. Eles escondiam o ódio por trás de olhares carrancudos e caras vazias como ardósia, mas conseguia senti-lo mesmo assim.

Quando a ponte levadiça foi descida, um vento gelado suspirou pelo fosso. O toque do vento fez Theon estremecer. *É o frio, nada mais*, disse a si mesmo, *um estremecimento, não um tremor. Até os bravos estremecem*. E avançou para os dentes desse vento, sob a porta levadiça, sobre a ponte levadiça. O portão exterior abriu-se para deixá-lo passar. Ao emergir sob as muralhas, podia sentir os garotos observando, com as órbitas vazias onde antes tinham tido os olhos.

Sor Rodrik esperava no mercado, montado em seu cavalo castrado malhado. Ao seu lado, o lobo gigante de Stark ondulava, preso a um pau transportado pelo jovem Cley Cerwyn. Estavam sós na praça, embora Theon visse arqueiros nos telhados das casas que os rodeavam, lanceiros à direita e à esquerda, uma fileira de cavaleiros montados sob o tritão e o

tridente da Casa Manderly. *Todos eles querem me ver morto*. Alguns eram rapazes com os quais tinha bebido, jogado dados e até procurado prostitutas, mas isso não o salvaria se caísse nas mãos deles.

– Sor Rodrik – Theon parou a montaria. – Entristece-me que nos encontremos como inimigos.

– Minha tristeza é ter de esperar algum tempo para enforcá-lo – o velho cavaleiro cuspiu no terreno lamacento. – Theon Vira-Casaca.

– Sou um Greyjoy de Pyke. O manto com que meu pai me envolveu quando bebê mostrava uma lula gigante, não um lobo.

– Foi protegido dos Stark durante dez anos.

– Eu chamo isso de refém e prisioneiro.

– Então talvez Lorde Eddard devesse tê-lo mantido acorrentado a uma parede de masmorra. Em vez disso, criou-o juntamente com seus próprios filhos, os garotinhos meigos que você massacrou, e eu, para minha eterna vergonha, treinei-o nas artes da guerra. Bem gostaria de ter enfiado uma espada em sua barriga em vez de tê-la posto em suas mãos.

– Saí para negociar, não para suportar os seus insultos. Diga o que tem a dizer, velho. O que quer de mim?

– Duas coisas. Winterfell e a sua vida. Ordene aos seus homens que abram os portões e deponham as armas. Aqueles que não assassinaram crianças ficarão livres para ir embora, mas você ficará preso, à espera da justiça do Rei Robb. Que os deuses se apiedem de você quando ele regressar.

– Robb não voltará a ver Winterfell – Theon garantiu. – Vai se quebrar contra Fosso Cailin, como aconteceu com todos os exércitos do sul nos últimos dez mil anos. Nós possuímos o norte agora, sor.

– Você possui três castelos – Sor Rodrik replicou. – E pretendo retomar este, Vira-Casaca.

Theon ignorou aquilo.

– Eis os *meus* termos. Têm até o cair da noite para dispersar. Àqueles que jurarem lealdade a Balon Greyjoy como seu rei e a mim como Príncipe de Winterfell terão confirmados os direitos e propriedades, e não sofrerão nenhum mal. Aqueles que nos desafiarem serão destruídos.

O jovem Cerwyn estava incrédulo:

– Está louco, Greyjoy?

Sor Rodrik sacudiu a cabeça:

– Só vaidoso, moço. Temo que Theon Greyjoy sempre tenha tido uma imagem muito grandiosa de si mesmo – o velho brandiu um dedo em seu rosto. – Que não passe por sua cabeça que eu preciso esperar que Robb abra caminho até o Gargalo para lidar com gente como você. Tenho comigo quase dois mil homens… E se o que se diz é verdade, você não tem mais do que cinquenta.

*Na verdade, são dezessete*. Theon forçou-se a sorrir.

– Tenho algo melhor do que homens – e ergueu um punho sobre a cabeça, o sinal que dissera a Lorren Negro para esperar.

Tinha as muralhas de Winterfell às suas costas, mas Sor Rodrik estava exatamente de frente para elas, e não podia deixar de ver. Theon observou seu rosto. Quando o queixo tremeu sob aquelas rígidas suíças brancas, soube precisamente o que o velho estava vendo. *Ele não está surpreso*, pensou com tristeza, *mas o medo está lá*.

– Isso é uma covardia – Sor Rodrik exclamou. – Usar uma criança assim… isso é desprezível.

– Ah, eu sei – Theon respondeu. – É um prato que eu próprio provei, ou será que se esqueceu? Tinha dez anos quando fui levado da casa de meu pai, para assegurar que ele não voltaria a se rebelar.

– *Não é a mesma coisa!*

O rosto de Theon permaneceu impassível.

– O laço que eu usava não era feito de corda de cânhamo, isso é verdade, mas senti-o mesmo assim. E esfolou-me, Sor Rodrik, esfolou-me até me deixar em carne viva – nunca tinha chegado a compreender isso por completo até aquele momento, mas quando as palavras se derramaram de sua boca, viu a verdade que continham.

– Nenhum mal jamais foi feito a você.

– E nenhum mal será feito a Beth, desde que o sor…

Sor Rodrik não lhe deu oportunidade de terminar.

– *Víbora* – declarou o cavaleiro, com o rosto vermelho de raiva sob aquelas suíças brancas. – Dei-lhe a chance de salvar seus homens e morrer com um pequeno fiapo de honra, Vira-Casaca. Devia saber que era pedir demais a um assassino de crianças – a mão caiu sobre o punho da espada. – Devia abatê-lo aqui e agora, e pôr fim às suas mentiras e falsidades. Pelos deuses, devia fazê-lo.

Theon não temia um velho trêmulo, mas aqueles arqueiros que o observavam e aquela fileira de cavaleiros eram outra coisa. Se as espadas saíssem das bainhas, suas chances de voltar vivo ao castelo eram poucas, ou nenhuma.

– Se repudiar seu juramento e me matar, verá sua pequena Beth morrer estrangulada na ponta de uma corda.

Os nós dos dedos de Sor Rodrik estavam brancos, mas, após um momento tirou a mão do punho da espada.

– Vivi realmente tempo demais.

– Não irei discordar, sor. Aceitará meus termos?

– Tenho um dever a cumprir para com a Senhora Catelyn e a Casa Stark.

– E a sua Casa? Beth é a última de seu sangue.

O velho cavaleiro endireitou-se:

– Ofereço-me para o lugar de minha filha. Liberte-a e me tome como refém. Certamente o castelão de Winterfell vale mais do que uma criança.

– Para mim, não – *um gesto valente, velho, mas não sou tão tolo assim.* – E aposto que nem para Lorde Manderly ou Leobald Tallhart – *sua velha pele não tem mais valor para eles do que a de qualquer outro homem.* – Não, vou manter a garota… e a salvo, desde que faça o que lhe ordenei. A vida dela está em suas mãos.

– Pela bondade dos deuses, Theon, como pode fazer isto? Sabe que tenho de atacar, *jurei*…

– Se essa tropa ainda estiver em armas perante meu portão quando o sol se puser, Beth será enforcada – Theon afirmou. – Outro refém vai segui-la para o túmulo à primeira luz da aurora, e outro ao pôr do sol. Cada alvorada e cada ocaso significarão uma morte, até que vá embora. Não

me faltam reféns – não esperou por uma resposta; em vez disso, deu a volta com Sorridente e voltou ao castelo. A princípio seguiu lentamente, mas a ideia de ter aqueles arqueiros nas costas rapidamente o levou a um meio galope. As pequenas cabeças viram-no chegar, do alto de seus espigões, com rostos alcatroados e esfolados que ficavam maiores a cada metro; entre elas estava Beth Cassel, com uma corda em volta do pescoço, chorando. Theon esporeou Sorridente e rompeu a um galope duro. Os cascos do cavalo tamborilaram na ponte levadiça como batidas de tambor.

Desmontou no pátio e entregou as rédeas a Wex:

– Talvez os detenha – disse a Lorren Negro. – Vamos saber ao pôr do sol. Leva a menina para dentro até então, e mantenha-a em algum lugar seguro – sob as camadas de couro, aço e lã, estava coberto de suor. – Preciso de uma taça de vinho. Uma tina de vinho seria ainda melhor.

Um fogo fora aceso no quarto de Ned Stark. Theon sentou-se a seu lado e encheu uma taça com um tinto encorpado das caves do castelo, um vinho tão amargo quanto seu estado de espírito. *Eles vão atacar*, pensou sombriamente, fitando as chamas. *Sor Rodrik ama a filha, mas não é por isso que deixa de ser o castelão, e acima de tudo um cavaleiro*. Se fosse Theon quem estivesse com um laço em volta do pescoço e Lorde Balon comandando o exército lá fora, os cornos de guerra já teriam soado para o ataque, não tinha dúvida. Devia agradecer aos deuses por Sor Rodrik não ser um homem de ferro. Os homens das terras verdes eram feitos de material mais mole, embora não estivesse certo de que se revelaria suficientemente mole.

Se não, se apesar de tudo o velho desse a ordem para assaltar o castelo, Winterfell cairia. Theon não tinha ilusões a esse respeito. Os seus dezessete podiam matar três, quatro, cinco vezes esse número de homens, mas no fim seriam derrotados.

Theon fitou as chamas por cima da borda de sua taça de vinho, matutando sobre a injustiça de tudo aquilo.

– Cavalguei ao lado de Robb Stark no Bosque dos Murmúrios – resmungou. Naquela noite estivera assustado, mas não como agora. Uma

coisa era partir para a batalha rodeado de amigos, outra era perecer-se só e desprezado. *Misericórdia*, pensou, infeliz.

Quando o vinho não lhe trouxe alívio, Theon mandou que Wex fosse lhe buscar o arco e dirigiu-se até o velho pátio interior. Ficou ali, disparando flecha atrás de flecha contra os alvos até ficar com os ombros doendo e os dedos ensanguentados, fazendo apenas as pausas necessárias para arrancar as flechas dos alvos para outra série. *Salvei a vida de Bran com este arco*, lembrou a si mesmo. *Bem que gostaria de poder salvar a minha*. Mulheres vinham até o poço, mas não ficavam; fosse o que fosse que viam no rosto de Theon, aquilo mandava-as rapidamente embora.

Atrás dele erguia-se a torre quebrada, com o topo tão irregular como uma coroa, no local onde, havia muito tempo, o incêndio derrubara os andares superiores. À medida que o sol se movia, a sombra da torre movia-se também, alongando-se gradualmente, um braço negro que se estendia para Theon Greyjoy. Quando o sol tocou o poço, já tinha sido agarrado. *Se enforcar a garota, os nortenhos atacarão de imediato*, pensou no momento em que disparava uma flecha. *Se não a enforcar, saberão que minhas ameaças são vazias*. Colocou outra flecha no arco. *Não há nenhuma saída, nenhuma*.

– Se tivesse cem arqueiros tão bons como você, poderia ter uma chance de defender o castelo – disse uma voz suave atrás dele.

Quando se virou, Meistre Luwin estava ali.

– Vá embora – Theon o enxotou. – Já estou farto de seus conselhos.

– E da vida? Também está farto dela, senhor meu príncipe?

Theon ergueu o arco.

– Mais uma palavra e enfio esta flecha em seu coração.

– Não faria isso.

Theon retesou o arco, puxando as penas cinzentas de ganso até a face.

– Quer fazer uma aposta?

– Sou sua última esperança, Theon.

*Não tenho esperança*, pensou. Mas abaixou o arco um centímetro e disse:

– Não fugirei.

– Não falo em fugir. Vista o negro.

– A Patrulha da Noite? – Theon deixou o arco relaxar-se lentamente e apontou a flecha para o chão.

– Sor Rodrik serviu a Casa Stark a vida inteira, e a Casa Stark sempre foi amiga da Patrulha. Ele não lhe negará isso. Abra os portões, deponha as armas, aceite as condições dele, e ele *terá* de deixá-lo vestir o negro.

*Um irmão da Patrulha da Noite*. Significava um não a uma coroa, a filhos, a uma esposa… mas significava vida, e vida com honra. O irmão do próprio Ned Stark tinha escolhido a Patrulha, e Jon Snow também.

*Não me faltam roupas pretas, uma vez arrancadas as lulas gigantes. Até meu cavalo é preto. Podia subir bastante na patrulha… chefe dos patrulheiros, provavelmente até Senhor Comandante. Que Asha fique com as malditas ilhas, são tão monótonas quanto ela. Se servisse em Atalaialeste, poderia comandar meu próprio navio, e há boa caça para lá da Muralha. Quanto a mulheres, que mulher selvagem não quereria um príncipe em sua cama?* Um sorriso lento perpassou-lhe pelo rosto. *Um manto negro não pode ser virado. Seria tão bom como qualquer homem…*

– *PRÍNCIPE THEON!* – o súbito grito estilhaçou seu sonho acordado. Kromm atravessava o pátio a trote. – Os nortenhos…

Sentiu uma súbita e doentia sensação de terror.

– É o ataque?

Meistre Luwin pegou em seu braço.

– Ainda há tempo. Levante uma bandeira de paz…

– Eles estão lutando – disse Kromm com urgência. – Chegaram mais homens, centenas deles, e a princípio pareceram ir se juntar aos outros. Mas agora caíram sobre eles!

– É Asha? – teria ela vindo salvá-lo, afinal?

Mas Kromm sacudiu a cabeça.

– Não, estou dizendo que estes são *nortenhos*. Com um homem sangrento nas bandeiras.

O homem esfolado do Forte do Pavor. Theon lembrou-se de que Fedor tinha pertencido ao Bastardo de Bolton antes de sua captura. Era difícil

acreditar que uma vil criatura como ele conseguiria fazer com que os Bolton mudassem de lealdade, mas nada mais fazia sentido.

– Quero ver isso com meus próprios olhos – Theon disse e correu.

Meistre Luwin seguiu-o. Quando chegaram às ameias, havia homens mortos e cavalos moribundos espalhados pela praça do mercado junto aos portões do castelo. Não viu linhas de batalha, apenas um caos rodopiante de estandartes e lâminas. Gritos e berros ressoavam no ar frio de Outono. Sor Rodrik parecia ter a vantagem do número, mas os homens do Forte do Pavor eram mais bem dirigidos, e tinham pegado os outros desprevenidos. Theon observou-os investir, dar meia-volta e investir novamente, fazendo em pedaços sangrentos a força mais numerosa, a cada vez que esta tentava formar entre as casas. Conseguia ouvir o estrondo que as cabeças de machado de ferro faziam ao cair sobre escudos de carvalho, por cima dos aterrorizados brados de um cavalo estropiado. Viu que a estalagem estava ardendo.

Lorren Negro surgiu ao seu lado e permaneceu em silêncio durante algum tempo. O sol estava baixo, a oeste, pintando os campos e as casas com um clarão vermelho. Um grito fraco e vacilante de dor pairou sobre as muralhas, e um berrante soou para lá das casas em chamas. Theon viu um homem ferido arrastar-se dolorosamente pelo chão, manchando a terra com o sangue de sua vida enquanto lutava para atingir o poço que ficava no centro da praça do mercado. Morreu antes de chegar lá. Usava um justilho de couro e um meio elmo cônico, mas não ostentava nenhum símbolo que mostrasse de que lado tinha lutado.

Os corvos chegaram na penumbra azul, com as primeiras estrelas da noite.

– Os dothrakis acreditam que as estrelas são espíritos dos mortos com valor – disse Theon. Meistre Luwin havia lhe contado isso muito tempo antes.

– Dothrakis?

– Os senhores dos cavalos do outro lado do mar estreito.

– Ah. Esses – Lorren Negro fez uma expressão carrancuda por baixo da barba. – Os selvagens acreditam em todo tipo de bobagens.

À medida que a noite ficava mais escura e a fumaça se espalhava, tornava-se difícil distinguir o que estava acontecendo lá embaixo, mas o clamor do aço foi gradualmente diminuindo até se silenciar, e os gritos e berrantes deram lugar a gemidos e choros de partir o coração. Por fim, uma coluna de homens a cavalo apareceu, saída da fumaça que pairava no ar. À cabeça vinha um cavaleiro com uma armadura escura. Seu elmo arredondado brilhava num vermelho lúgubre, e um manto rosa-claro caía de seus ombros. Parou o cavalo junto ao portão principal, e um de seus homens gritou para que o castelo se abrisse.

– São amigos ou inimigos? – berrou-lhes Lorren Negro.

– Traria um inimigo tão bons presentes? – O Elmo Vermelho fez um sinal com a mão, e três cadáveres foram despejados à frente dos portões. Um archote foi brandido por cima dos corpos, para que os defensores no topo das muralhas pudessem ver o rosto dos mortos.

– O velho castelão – disse Lorren Negro.

– Com Leobald Tallhart e Cley Cerwyn – o jovem senhor fora atingido no olho por uma flecha, e Sor Rodrik perdera o braço esquerdo, do cotovelo para baixo. Meistre Luwin soltou um grito inarticulado de consternação, virou as costas às ameias e caiu de joelhos, vomitando.

– O grande porco Manderly foi covarde demais para sair de Porto Branco, caso contrário também o teríamos trazido – gritou o Elmo Vermelho.

*Estou salvo*, Theon pensou. Então por que se sentia tão vazio? Aquilo era uma vitória, uma doce vitória, o salvamento por que tinha rezado. Olhou de relance para Meistre Luwin. *E pensar como estive perto de me render e de vestir o negro…*

– Abram os portões aos nossos amigos – talvez naquela noite Theon dormisse sem temer o que os sonhos pudessem trazer.

Os homens do Forte do Pavor ultrapassaram o fosso e os portões interiores. Theon desceu com Lorren Negro e Meistre Luwin para recebê-los no pátio. Flâmulas vermelho-claras flutuavam nas extremidades de algumas lanças, mas eram muitos mais os que traziam machados de batalha, espadas longas e escudos meio cortados em lascas.

– Quantos homens perdeu? – perguntou Theon ao Elmo Vermelho enquanto ele desmontava.

– Vinte ou trinta – a luz dos archotes cintilou no esmalte rachado de sua viseira. O elmo e o gorjal tinham sido concebidos para tomar a forma do rosto e dos ombros de um homem, sem pele e ensanguentado, com a boca aberta num silencioso uivo de angústia.

– Sor Rodrik tinha uma vantagem de cinco contra um.

– Sim, mas julgava-nos amigos. Um erro comum. Quando o velho tolo me deu a mão, em vez de pegá-la, cortei metade de seu braço. Depois deixei que visse minha cara – o homem pôs ambas as mãos no elmo e levantou-o de sua cabeça, segurando-o debaixo do braço.

– Fedor – Theon o reconheceu, inquieto. *Onde um criado foi arranjar uma armadura tão boa?*

O homem riu:

– O desgraçado está morto – aproximou-se. – Culpa da moça. Se ela não tivesse fugido para tão longe, o cavalo dele não teria se aleijado e podíamos ter conseguido fugir. Dei-lhe a minha quando vi os cavaleiros do topo da colina. A essa altura já tinha acabado com ela, e ele gostava de ter a sua vez quando ainda estavam quentes. Tive de puxá-lo de cima dela e de meter a minha roupa nas mãos dele… Botas de pele de vitelo e gibão de veludo, cinto de espada gravado em prata, até o meu manto de zibelina. Corra para o Forte do Pavor, eu disse, traga toda a ajuda que conseguir. Leve o meu cavalo, é mais rápido, e tome, use o anel que meu pai me deu, para que eles saibam que vai de minha parte. Ele bem sabia que não era boa ideia questionar-me. Quando espetaram aquela flecha nas costas dele, eu já tinha me besuntado com a porcaria da moça e vestido os farrapos dele. Podiam ter me enforcado mesmo assim, mas foi a única chance que vi – esfregou a boca com as costas da mão. – E agora, meu querido príncipe, houve uma mulher que me foi prometida se lhe trouxesse duzentos homens. Bem, trouxe três vezes mais homens do que isso, e nada de garotos inexperientes ou camponeses, mas sim a própria guarnição de meu pai.

Theon tinha dado sua palavra. Aquela não era hora de vacilar. *Pague a sua recompensa de carne e lide com ele mais tarde.*

– Harrag – disse –, vá aos canis e traga Palla para o…?

– Ramsay – havia um sorriso em seus lábios gordos, mas nenhum naqueles olhos claros. – Minha esposa chamava-me Snow antes de comer os dedos, mas eu digo Bolton – o sorriso coalhou. – Então, oferece-me uma garota dos canis por meus bons serviços, é assim que as coisas são?

Havia um tom na voz dele que não agradou mais a Theon do que o modo insolente como os homens do Forte do Pavor o olhavam.

– Foi ela a prometida.

– Cheira a bosta de cão. Acontece que já tive maus cheiros bastantes. Acho que em vez dela vou ficar com a sua aquecedora de cama. Como se chama? Kyra?

– Está louco? – Theon rebateu, irritado. – Mando…

O tabefe do Bastardo acertou-lhe em cheio, e o malar estilhaçou-se com um nauseante som de trituração sob o aço articulado. O mundo desapareceu num bramido vermelho de dor.

Algum tempo depois, Theon deu por si no chão. Rolou sobre o estômago e engoliu uma golfada de sangue. *Fechem os portões!*, tentou gritar, mas era tarde demais. Os homens do Forte do Pavor tinham abatido Rolfe Vermelho e Kenned, e entravam mais, um rio de cotas de malha e espadas afiadas. Seus ouvidos ressoavam, e estava rodeado de horror. Lorren Negro tinha a espada na mão, mas já havia quatro homens atacando-o. Viu Ulf cair com um dardo de besta espetado na barriga enquanto corria para o Grande Salão. Meistre Luwin estava tentando alcançá-lo quando um cavaleiro montado num cavalo de guerra enfiou uma lança entre os seus ombros, e depois deu a volta para atropelá-lo. Outro homem girou um archote por cima da cabeça e depois atirou-o para cima do telhado de sapé dos estábulos.

– *Poupem os Frey* – estava gritando o Bastardo enquanto as chamas se erguiam com um rugido –, *e queimem o resto. Queimem, queimem tudo.*

A última coisa que Theon Greyjoy viu foi Sorridente saindo aos coices dos estábulos que ardiam, com a crina em chamas, relinchando,

empinando-se…

# Tyrion

Sonhou com um teto de pedra rachada e com cheiro de sangue, de merda e de carne queimada. O ar estava cheio de fumaça acre. Em toda a volta, os homens gemiam ou choramingavam, e de tempos em tempos um grito trespassava o ar, espesso de dor. Quando tentou se mover, descobriu que tinha emporcalhado a roupa de cama. A fumaça que havia no ar trazia-lhe lágrimas aos olhos. *Estou chorando?* Não podia deixar que o pai visse. Era um Lannister de Rochedo Casterly. *Um leão, tenho de ser um leão, viver como leão, morrer como leão*. Mas doía tanto... Fraco demais para gemer, deixou-se ficar no meio de seus próprios excrementos e fechou os olhos. Ali perto alguém amaldiçoava os deuses numa voz pesada e monótona. Escutou as blasfêmias e perguntou a si mesmo se estaria morrendo. Passado algum tempo, a sala desvaneceu-se.

Deu por si fora da cidade, caminhando por um mundo sem cor. Corvos atravessavam um céu cinzento apoiados em grandes asas negras, enquanto gralhas pretas saltavam de cima de seus banquetes em nuvens furiosas onde quer que seus passos o levassem. Larvas brancas escavavam túneis em putrefação negra. Os lobos eram cinzentos, e as irmãs silenciosas também e, juntos, arrancavam a carne dos mortos em batalha. Havia cadáveres espalhados por todo o terreno dos torneios. O sol era uma moeda quente e branca, brilhando sobre o rio cinzento que corria em torno dos ossos carbonizados de navios afundados. Das piras dos mortos subiam colunas negras de fumaça e cinzas incandescentes e brancas. *Obra minha*, pensou Tyrion Lannister. *Morreram às minhas ordens*.

A princípio não havia qualquer som no mundo, mas após algum tempo começou a ouvir as vozes dos mortos, baixas e terríveis. Choravam e gemiam, suplicavam um fim para a dor, gritavam por ajuda e pelas mães. Tyrion nunca conhecera a sua. Queria Shae, mas ela não estava lá. Caminhou sozinho por entre sombras cinzentas, tentando recordar…

As irmãs silenciosas estavam despindo as armaduras e as roupas dos mortos. Todas as tintas brilhantes tinham desbotado nos mantos dos caídos; estavam vestidos em tons de branco e cinza, e seu sangue negro formava crostas. Observou seus corpos nus serem içados pelos braços e pelas pernas, e transportados, balançando, até as piras, para se juntarem aos companheiros. Metal e tecido eram atirados em uma carroça de madeira branca, puxada por dois grandes cavalos pretos.

*Tantos mortos, tantos, tantos mortos*. Seus cadáveres pendiam, flácidos, seus rostos estavam frouxos, ou rígidos, ou inchados de gás, irreconhecíveis, só vagamente humanos. As vestes que as irmãs tiravam deles eram decoradas com corações negros, leões cinzentos, flores mortas e veados claros e fantasmagóricos. As armaduras estavam todas amassadas e rachadas, as cotas de malhas, despedaçadas, quebradas, fendidas. *Por que matei todos?* Antes soubera-o, mas de algum modo tinha esquecido.

Podia ter perguntado a uma das irmãs silenciosas, mas, quando tentou falar, descobriu que não tinha boca. Uma pele lisa e contínua cobria seus dentes. A descoberta o aterrorizou. Como poderia viver sem boca? Desatou a correr. A cidade não estava longe. Estaria seguro dentro da cidade, longe de todos aqueles mortos. Seu lugar não era com eles. Não tinha boca, mas ainda era um homem vivo. *Não, um leão, um leão, e vivo*. Mas quando chegou às muralhas da cidade, os portões lhe tinham sido cerrados.

Estava escuro quando voltou a acordar. A princípio não viu nada, mas após algum tempo a vaga silhueta de uma cama surgiu à sua volta. As cortinas encontravam-se fechadas, mas via as formas de colunas esculpidas e o côncavo do dossel de veludo por cima da cabeça. Por baixo de seu corpo estendia-se a suavidade complacente de um colchão

de penas, e o travesseiro que tinha sob a cabeça era de penugem de ganso. *A minha cama, estou na minha cama, no meu quarto.*

Com as cortinas fechadas, fazia calor sob a grande pilha de peles e cobertores que o cobria. Estava suando. *Febre*, pensou hesitantemente. Sentia-se muito fraco, e a dor foi como uma punhalada quando lutou para levantar a mão. Desistiu do esforço. A cabeça parecia-lhe enorme, do tamanho da cama, pesada demais para erguê-la do travesseiro. Quase não sentia o corpo. *Como vim parar aqui?* Tentou se lembrar. A batalha voltou à sua memória aos pedaços. A luta ao longo do rio, o cavaleiro que tinha oferecido a manopla, a ponte de navios…

*Sor Mandon*. Viu os olhos mortos e vazios, a mão estendida, o fogo verde que brilhava no aço esmaltado de branco. O medo varreu-o numa corrente fria; sob os lençóis, sentiu a bexiga esvaziando-se. Teria gritado, se tivesse boca. *Não, isso foi no sonho*, pensou, com a cabeça a latejar. *Socorro, alguém me ajude. Jaime, Shae, mãe, alguém… Tysha…*

Ninguém ouviu. Ninguém veio. Sozinho no escuro, caiu num sono com cheiro de urina. Sonhou que a irmã estava em pé junto à cama, com o senhor seu pai ao lado, de sobrancelhas franzidas. Tinha de ser um sonho, pois Lorde Tywin estava a mil léguas de distância, lutando com Robb Stark no ocidente. Outros também iam e vinham. Varys olhou-o e suspirou, mas Mindinho proferiu uma frase de efeito. *Maldito bastardo traiçoeiro*, pensou venenosamente Tyrion, *nós o mandamos para Ponteamarga e ele nunca voltou*. Às vezes ouvia-os conversando uns com os outros, mas não compreendia o que diziam. As vozes zumbiam em seus ouvidos como vespas abafadas por feltro espesso.

Queria perguntar se tinham ganhado a batalha. *Devemos ter ganhado, caso contrário eu seria uma cabeça espetada em algum lugar num espigão. Se estou vivo, ganhamos*. Não sabia o que mais o satisfazia: a vitória, ou o fato de ter sido capaz de deduzi-la. A inteligência retornava-lhe, por mais lentamente que fosse. Isso era bom. A inteligência era tudo o que possuía.

Da vez seguinte que acordou, as cortinas tinham sido puxadas e Podrick Payne estava junto a ele com uma vela. Quando viu Tyrion abrir os olhos,

foi embora correndo. *Não, não vá, ajude-me, ajude*, tentou gritar, mas o melhor que conseguiu foi um gemido abafado. *Não tenho boca*. Levou uma mão ao rosto, com dor e hesitação em cada movimento. Os dedos acharam um pano rijo onde deviam ter encontrado pele, lábios, dentes. *Linho*. A parte inferior de seu rosto estava coberta por uma atadura apertada, a máscara de um emplastro endurecido com buracos para respirar e se alimentar.

Pouco depois, Pod reapareceu. Dessa vez trazia um estranho consigo, um meistre de corrente e toga.

– Senhor, deve ficar imóvel – murmurou o homem. – Está gravemente ferido. Fará grande mal a si mesmo caso se mova. Tem sede?

Conseguiu fazer um aceno desajeitado com a cabeça. O meistre inseriu um funil curvo de cobre no buraco de alimentação por cima de sua boca e despejou-lhe um fiozinho lento de líquido garganta abaixo. Tyrion engoliu, quase sem saborear. Tarde demais, compreendeu que o líquido era leite da papoula. Quando o meistre tirou o funil de sua boca, já percorria a espiral de volta ao sono.

Daquela vez sonhou que estava num banquete, um banquete de vitória num grande salão qualquer. Tinha um lugar elevado no estrado, e os homens levantavam as taças e saudavam-no como herói. Marillion estava lá, o cantor que tinha atravessado com ele as Montanhas da Lua. Tocava a harpa e cantava sobre os ousados feitos do Duende. Até o pai sorria com aprovação. Quando a canção terminou, Jaime levantou-se da cadeira, ordenou que Tyrion se ajoelhasse, e tocou-lhe, primeiro num ombro e depois no outro, com a sua espada dourada, e voltou a ficar de pé como cavaleiro. Shae estava à espera para abraçá-lo. Pegou-o pela mão, rindo e brincando, chamando-o de seu gigante de Lannister.

Acordou na escuridão de um quarto frio e vazio. As cortinas tinham sido de novo cerradas. Sentia que algo estava errado, revirado, embora não soubesse dizer o quê. Estava de novo só. Afastando as mantas, tentou se sentar, mas a dor era excessiva e rapidamente cedeu, com a respiração irregular. O rosto era o de menos. Seu lado direito era uma única dor enorme, e uma punhalada de dor trespassava seu peito sempre que erguia

o braço. *O que me aconteceu?* Até a batalha parecia quase um sonho quando tentava recordá-la. *Fui ferido com mais gravidade do que pensava. Sor Mandon…*

A memória o assustou, mas Tyrion obrigou-se a suportá-la, a revirá-la na cabeça, a olhar bem para ela. *Ele tentou me matar, não há dúvida. Essa parte não foi um sonho. Ele teria me cortado em dois se Pod não tivesse… Pod, onde está Pod?*

Rangendo os dentes, agarrou as cortinas da cama e as puxou. Estas soltaram-se do dossel e caíram, metade sobre as esteiras e metade sobre ele. Mesmo aquele pequeno esforço o deixou tonto. O quarto rodopiou ao seu redor, todo ele paredes nuas e sombras escuras, com uma única janela estreita. Viu uma arca que lhe pertencia, uma pilha desarrumada de suas roupas, e sua armadura desgastada. *Este não é o meu quarto*, compreendeu. *Nem sequer é a Torre da Mão*. Alguém o mudara. Seu grito de raiva soou como um gemido abafado. *Mudaram-me para cá para morrer*, pensou enquanto desistia da luta e voltava a fechar os olhos. O quarto estava úmido e frio, e ele ardia.

Sonhou com um lugar melhor, uma pequena e aconchegante casa perto do mar do poente. As paredes eram tortas e rachadas e o chão era feito de terra batida, mas ali sentia-se sempre quente, mesmo quando deixavam o fogo da lareira extinguir-se. *Ela costumava caçoar de mim por causa disso*, recordou. *Eu nunca me lembrava de alimentar o fogo, isso sempre tinha sido tarefa de um criado*. "Não temos criados", lembrava-me ela, e eu dizia: "Tem a mim, eu sou seu criado", e ela dizia: "Um criado preguiçoso. O que fazem com os criados preguiçosos em Rochedo Casterly, senhor?", e eu lhe dizia: "Beijam-nos". Isso sempre a fazia rir. "Não fazem nada disso. Aposto que os espancam", ela dizia, mas eu insistia: "Não, beijam-nos, exatamente assim", e mostrava-lhe como. "Beijam seus dedos primeiro, um a um, e beijam seus pulsos, sim, e na parte de dentro dos cotovelos. Depois beijam suas orelhas engraçadas, todos os nossos criados têm orelhas engraçadas. Pare de rir! E beijam suas bochechas e beijam seus narizes com o altinho que eles têm, aí,

assim, assim mesmo, e beijam suas lindas testas e os cabelos e os lábios, e as… mmmm… bocas… assim…”.

Passavam horas beijando-se, e dias inteiros sem fazer mais nada do que ficar refestelados na cama, escutando as ondas, e tocando-se. O corpo dela era para ele uma maravilha, e ela parecia encontrar prazer no dele. E às vezes cantava para ele. *Amei uma donzela linda como o verão, com luz do sol nos cabelos*.

– Amo você, Tyrion – sussurrava antes de irem dormir, à noite. – Amo seus lábios. Amo sua voz, e as palavras que me diz, e o modo gentil como me trata. Amo seu rosto.

– *Meu* rosto?

– Sim. Sim. Amo as suas mãos, e a maneira como me toca. O seu pau, amo seu pau, amo senti-lo dentro de mim.

– Ele também a ama, senhora.

– Adoro dizer seu nome. Tyrion Lannister. Combina com o meu. O Lannister não, a outra parte. Tyrion e Tysha. Tysha e Tyrion. Tyrion. Senhor Tyrion…

*Mentiras*, pensou, *tudo fingido, tudo por ouro, ela era uma puta, a puta de Jaime, o presente de Jaime, a minha senhora de mentira*. O rosto dela pareceu se desvanecer, dissolvendo-se por trás de um véu de lágrimas, mas mesmo depois de ter sumido, ainda conseguia ouvir o tênue e longínquo som de sua voz, chamando seu nome.

– … Senhor, consegue me ouvir? Senhor? Tyrion? Senhor? Senhor?

Através de uma névoa de sono de papoula, viu um rosto liso e cor-de-rosa inclinado sobre ele. Encontrava-se de volta ao quarto úmido com os reposteiros de cama rasgados, e o rosto não estava certo, não era o dela, era redondo demais, rodeado por uma barba castanha.

– Sente sede, senhor? Tenho o seu leite, o seu bom leite. Não deve lutar, não, não tente se mover, precisa de seu descanso – tinha o funil de cobre numa mão úmida e cor-de-rosa e um frasco na outra.

Quando o homem se inclinou para mais perto, os dedos de Tyrion enfiaram-se sob a sua corrente de muitos metais, agarraram-na, e puxaram. O meistre deixou o frasco cair, derramando leite de papoula

por toda a manta. Tyrion torceu até ver os elos enterrarem-se na pele do gordo pescoço do homem.

– *Mais. Não* – coaxou, com uma voz tão rouca que nem teve certeza de ter falado. Mas parecia que sim, pois o meistre respondeu com uma voz estrangulada.

– Largue-me, por favor, senhor… precisa do seu leite, a dor… a corrente, não, largue, não…

O rosto cor-de-rosa estava começando a ficar roxo quando Tyrion largou o homem. O meistre recuou, sugando ar. Sua garganta enrubescida ostentava profundas estrias brancas nos locais que os elos tinham pressionado. Os olhos dele também estavam brancos. Tyrion levou uma mão até o rosto e fez um gesto de rasgar sobre a máscara endurecida. E outra vez. E outra.

– O senhor… quer as ataduras tiradas, é isso? – o meistre disse por fim. – Mas eu não devo… isso seria… seria muito insensato, senhor. Ainda não está curado, a rainha ficaria…

A menção à irmã fez Tyrion rosnar. *Então é um dos seus?* Apontou um dedo ao meistre e depois enrolou a mão num punho, esmagando, sufocando, uma promessa, a menos que o palerma fizesse o que lhe pedia.

Felizmente, ele compreendeu.

– Eu… farei o que o senhor ordena, com certeza, mas… isso é insensato, os seus ferimentos…

– *Faça. Isso* – daquela vez sua voz soou mais alto.

Com uma reverência, o homem saiu do quarto, retornando poucos momentos depois com uma longa faca com uma esguia lâmina serrilhada, uma bacia de água, uma pilha de panos macios, e vários frascos. A essa altura Tyrion já conseguira puxar-se para trás alguns centímetros, e estava meio sentado, apoiado no travesseiro. O meistre pediu-lhe para ficar muito quieto enquanto enfiava a ponta da faca sob seu queixo, por baixo da máscara. *Um deslize de mão aqui, e Cersei vai se ver livre de mim*, pensou. Sentia a lâmina cortando o linho endurecido, centímetros acima de sua garganta.

Felizmente aquele homem mole e cor-de-rosa não era uma das mais corajosas criaturas da irmã. Um momento mais tarde, sentiu o ar frio no rosto. Também havia dor, mas fez o melhor que pôde para ignorá-la. O meistre jogou as ataduras fora, ainda endurecidas pela poção.

– Fique quieto agora, tenho de lavar o ferimento – o toque dele era suave, a água, morna e calmante. *O ferimento*, pensou Tyrion, relembrando um súbito relâmpago de prata brilhante que tinha parecido passar bem por baixo dos olhos. – É provável que isso arda um pouco – preveniu o meistre enquanto umedecia um pano com vinho que cheirava a ervas esmagadas. Fez mais do que arder. Traçou uma linha de fogo ao longo de todo o rosto de Tyrion, e retorceu um atiçador em brasa por seu nariz acima. Seus dedos engalfinharam-se nos lençóis e prendeu a respiração, mas de algum modo conseguiu não gritar. O meistre cacarejava como uma galinha velha. – Teria sido mais sensato deixar a máscara no lugar até a pele estar unida, senhor. Mesmo assim, o ferimento parece limpo, ótimo, ótimo. Quando o encontramos no porão, entre os mortos e os moribundos, estava com os ferimentos imundos. Uma das costelas quebrada, sem dúvida pode senti-la, talvez por causa do golpe de alguma maça, ou de uma queda, é difícil dizer. E tinha uma flecha espetada no braço, aí onde se une ao ombro. Esse ferimento mostrava sinais de gangrena, e durante algum tempo temi que pudesse perder o braço, mas nós o tratamos com vinho fervente e larvas, e agora parece estar sarando bem…

– Nome – Tyrion disse num sopro. – *Nome*.

O meistre pestanejou:

– Ora, é Tyrion Lannister, senhor. Irmão da rainha. Lembra-se da batalha? Às vezes, por causa de ferimentos na cabeça…

– *Seu* nome – sentia a garganta arranhada, e a língua esquecera-se de como dar forma às palavras.

– Eu sou o Meistre Ballabar.

– Ballabar – repetiu Tyrion. – Traga. Espelho.

– Senhor – o meistre hesitou –, eu não o aconselho… isso poderia ser, ah, insensato, por assim dizer… o seu ferimento…

– *Traga-o* – teve de repetir. Sentia a boca presa e dolorida, como se um murro tivesse cortado seu lábio. – E bebida. *Vinho*. Papoula não.

O meistre levantou-se, corado, e correu para fora. Regressou com um jarro de vinho ambarino e um pequeno espelho prateado com uma ornamentada moldura dourada. Sentando-se à beira da cama, colocou vinho na taça até a metade e encostou-a aos lábios inchados de Tyrion. O fio de líquido desceu fresco, embora Tyrion quase não conseguisse saboreá-lo.

– Mais – disse quando a taça ficou vazia. Meistre Ballabar voltou a enchê-la. Quando terminou de beber a segunda taça, Tyrion Lannister sentiu-se suficientemente forte para encarar seu rosto.

Virou o espelho e ficou sem saber se ria ou chorava. O golpe era longo e retorcido, começando logo abaixo do olho esquerdo e terminando no lado direito do maxilar. Três quartos do seu nariz tinham desaparecido, bem como um pedaço do lábio. Alguém havia costurado a carne rasgada com tripa de gato, e os pontos desajeitados ainda estavam postos por cima da linha de carne viva, vermelha e parcialmente sarada.

– *Lindo* – coaxou, atirando o espelho para o lado.

Agora lembrava-se. A ponte de barcos, Sor Mandon Moore, uma mão, uma espada que vinha contra seu rosto. *Se eu não tivesse recuado, aquele golpe teria arrancado o topo da minha cabeça*. Jaime sempre dissera que Sor Mandon era o mais perigoso dos homens da Guarda Real, porque seus olhos mortos e vazios não davam nenhuma pista de suas intenções. *Nunca devia ter confiado em nenhum deles*. Sabia que Sor Meryn e Sor Boros pertenciam à irmã, e mais tarde Sor Osmund, mas permitira-se acreditar que os outros não tinham sido completamente perdidos pela honra. *Cersei deve lhe ter pago para se assegurar de que eu nunca voltaria da batalha. Por que outro motivo teria feito aquilo? Nunca fiz a Sor Mandon nenhum mal, que eu saiba*. Tyrion tocou o rosto, puxando a carne esponjosa com dedos grossos e desastrados. *Outro presente de minha querida irmã*.

O meistre estava em pé ao lado da cama, como um ganso prestes a levantar voo.

– Senhor, aí, aí ficará provavelmente uma cicatriz.

– *Provavelmente?* – sua fungadela de riso transformou-se numa crispação de dor. Haveria uma cicatriz, com toda certeza. E também não era provável que seu nariz voltasse a crescer em tempo algum. Não que seu rosto alguma vez tivesse sido digno de ser olhado. – Ensine-me... a não... brincar com... machados – sentiu o sorriso apertado. – Onde... estamos? Que... que lugar? – doía-lhe falar, mas Tyrion tinha estado demasiado tempo em silêncio.

– Ah, está na Fortaleza de Maegor, senhor. Um aposento acima do Salão de Baile da Rainha. Sua Graça queria tê-lo por perto, para que pudesse vigiá-lo pessoalmente.

*Aposto que sim.*

– Leve-me de volta – ordenou Tyrion. – Minha cama. Meus aposentos – *onde terei os meus homens à minha volta, e também meu meistre, se conseguir encontrar algum em quem possa confiar.*

– Os seus… senhor, isso não será possível. A Mão do Rei instalou-se em seus antigos aposentos.

– Eu... *Sou...* Mão do Rei – estava ficando exausto do esforço para falar, e confuso pelo que estava ouvindo.

Meistre Ballabar pareceu desolado.

– Não, senhor, eu… você foi ferido, esteve perto da morte. O senhor seu pai assume agora esses deveres. Lorde Tywin, ele…

– *Aqui?*

– Desde a noite da batalha. Lorde Tywin salvou-nos a todos. O povo diz que foi o fantasma do Rei Renly, mas homens mais sensatos sabem quem foi. Foi seu pai e Lorde Tyrell, com o Cavaleiro das Flores e Lorde Mindinho. Avançaram através das cinzas e apanharam o usurpador Stannis pela retaguarda. Foi uma grande vitória, e agora Lorde Tywin instalou-se na Torre da Mão a fim de ajudar Sua Graça a colocar o reino nos eixos, graças aos deuses.

– Graças aos deuses – Tyrion repetiu em voz surda. O maldito do pai *e* o maldito do Mindinho e o *fantasma de Renly*? – Quero… – o que eu quero? Não podia dizer ao rosado Ballabar para ir lhe buscar Shae. Quem

podia mandar buscar, em quem podia confiar? Varys? Bronn? Sor Jacelyn? Meu escudeiro, concluiu. – Pod Payne – *era Pod quem estava na ponte de barcos, o rapaz salvou minha vida.*

– O garoto? O garoto estranho?

– Garoto estranho. Podrick. Payne. Vá. *Traga-o*.

– Às suas ordens, senhor – Meistre Ballabar inclinou a cabeça e apressou-se a sair. Tyrion conseguia sentir as forças desaparecendo enquanto esperava. Perguntou a si mesmo quanto tempo teria passado ali, dormindo. *Cersei gostaria de me ver dormindo para sempre, mas não serei assim tão prestativo.*

Podrick Payne entrou no quarto tão tímido como um rato.

– Senhor? – arrastou-se para perto da cama. *Como é possível que um garoto tão ousado em batalha se mostre tão assustado num quarto de doente?*, perguntou-se Tyrion. – Pretendia ficar com o senhor, mas o meistre mandou-me embora.

– *Mande-o* embora. Escute-me. Falar é difícil. Preciso de vinho dos sonhos. *Vinho dos sonhos*, não leite da papoula. Vá até Frenken. *Frenken*, não Ballabar. Observe-o fazendo o vinho. Traga-o aqui – Pod lançou um olhar furtivo ao rosto de Tyrion, e no mesmo instante desviou os olhos. *Bem, não posso culpá-lo por isso*. – Quero – prosseguiu Tyrion – os meus. Guardas. Bronn. Onde está Bronn?

– Fizeram dele um cavaleiro.

Até franzir a testa doía.

– Procure-o. Traga-o aqui.

– Às suas ordens Senhor. Bronn.

Tyrion pegou no pulso do rapaz:

– Sor Mandon?

Podrick estremeceu:

– Eu n-não queria m-m-m-m…

– Morto? Tem certeza? *Morto?*

Ele mexeu os pés, acanhado:

– Afogado.

– Ótimo. Nada diga. Dele. De mim. Nada de nada. *Nada*.

Quando o escudeiro saiu, as últimas forças de Tyrion tinham também desaparecido. Deixou-se cair e fechou os olhos. Talvez voltasse a sonhar com Tysha. *Pergunto-me o que ela acharia do meu rosto agora*, pensou amargamente.

# Jon

Quando Qhorin Meia-Mão lhe disse para ir à procura de vegetação rasteira para uma fogueira, Jon soube que o fim estava próximo.

*Será bom voltar a me sentir quente, mesmo que seja por pouco tempo*, disse a si mesmo enquanto cortava galhos nus do tronco de uma árvore morta. Fantasma sentou-se sobre os quartos traseiros, observando, silencioso como sempre. *Será que ele uivará por mim quando eu morrer, como o lobo de Bran uivou quando ele caiu?*, interrogou-se Jon. *Cão Felpudo uivará, lá longe em Winterfell, e Vento Cinzento, e Nymeria, onde quer que estejam?*

A lua subia por trás de uma montanha e o sol baixava por trás de outra quando Jon fez saltar centelhas da pederneira e do punhal, até, por fim, conseguir um fiapo de fumaça. Qhorin aproximou-se e parou em pé ao lado dele quando a primeira chama se ergueu, tremeluzente, das aparas de casca de árvore e agulhas de pinheiro mortas e secas que reunira.

– Tímida como uma donzela em sua noite de núpcias – disse o grande patrulheiro numa voz suave –, e quase tão bela. Às vezes, um homem se esquece de como uma chama pode ser bonita.

Ele não era um homem de quem se esperasse que falasse de donzelas e noites de núpcias. Até onde Jon sabia, Qhorin tinha passado toda sua vida na Patrulha. *Terá ele alguma vez amado uma donzela ou se casado?* Não podia perguntar. Em vez disso, atiçou o fogo. Quando a fogueira começou a crepitar, descalçou as luvas rígidas para aquecer as mãos, e suspirou, perguntando a si mesmo se um beijo alguma vez tinha tido um sabor tão bom. O calor espalhou-se por seus dedos como manteiga derretendo.

Meia-Mão largou-se no chão e se instalou de pernas cruzadas junto à fogueira, com a luz tremeluzente brincando nos planos duros de seu rosto. Dos cinco patrulheiros que tinham fugido do Passo dos Guinchos só restavam eles, os dois na vastidão selvagem azul-acinzentada das Presas de Gelo.

A princípio, Jon acalentara a esperança de que o Escudeiro Dalbridge conseguisse manter os selvagens engarrafados no passo. Mas quando ouviram o chamado de um berrante distante, todos souberam que o escudeiro tinha caído. Mais tarde viram a águia voando ao fim da tarde, apoiada em grandes asas azuis-acinzentadas, e Cobra das Pedras pegou o arco, mas a ave voou para fora de seu alcance antes mesmo que conseguisse prender a corda. Ebben escarrou e resmungou sombriamente acerca de *wargs* e troca-peles.

Vislumbraram a águia outras duas vezes no dia seguinte, e ouviram o berrante atrás deles ecoando nas montanhas. A cada vez que soava parecia um pouco mais sonoro, um pouco mais próximo. Quando a noite caiu, Meia-Mão disse a Ebben para levar o garrano do escudeiro e o seu e cavalgar a toda pressa para leste em busca de Mormont, pelo caminho por onde tinham vindo. Os outros despistariam os perseguidores.

– Envie Jon – sugerira Ebben. – Ele cavalga tão depressa como eu.

– Jon tem um papel diferente a desempenhar.

– Ele ainda é meio criança.

– Não – Qhorin dissera –, ele é um homem da Patrulha da Noite.

Quando a lua nasceu, Ebben separou-se deles. Cobra das Pedras seguiu para leste com ele durante algum tempo, e depois voltou pelo mesmo caminho para apagar o rastro, e os três que restaram partiram para sudoeste.

Depois disso, os dias e as noites tornaram-se indistintos. Dormiam nas selas e paravam apenas o tempo suficiente para alimentar e dar de beber aos garranos, após o que voltavam a montar. Avançavam sobre rocha nua, através de sombrias florestas de pinho e acumulações de neve antiga, sobre cumeadas geladas e cruzando rios rasos que não tinham nome. Às vezes, Qhorin ou Cobra das Pedras voltavam para obscurecer os rastros,

mas era um gesto fútil. Eram vigiados. A cada alvorada e a cada ocaso viam a águia pairando entre os picos, não mais do que um ponto na vastidão do céu.

Escalavam uma pequena cumeada entre dois picos cobertos de neve quando um gato-das-sombras saltou rosnando de sua toca, a menos de dez metros deles. A fera estava esquálida e meio morta de fome, mas vê-la deixou a égua do Cobra das Pedras em pânico; empinou-se e fugiu, e antes que o patrulheiro conseguisse voltar a controlá-la, ela tinha tropeçado na íngreme encosta e quebrado uma perna.

Fantasma alimentou-se bem naquele dia, e Qhorin insistiu que os patrulheiros misturassem um pouco do sangue do garrano em seus mingaus de aveia para lhes dar forças. O sabor daquele horrível mingau quase sufocou Jon, mas forçou-se a engoli-lo. Cortaram uma dúzia de fatias de carne crua e fibrosa cada um, para irem mascando pelo caminho, e deixaram o resto para os gatos-das-sombras.

Não era uma possibilidade dois homens montarem num só cavalo. Cobra das Pedras ofereceu-se para ficar à espera dos perseguidores e surpreendê-los quando chegassem. Talvez conseguisse levar alguns consigo para o inferno. Qhorin recusou.

– Se algum homem na Patrulha da Noite consegue atravessar as Presas de Gelo sozinho e a pé é você, irmão. Pode subir montanhas que um cavalo tem de rodear. Dirija-se ao Punho. Diga a Mormont o que Jon viu, e como. Diga-lhe que os antigos poderes estão despertando, que enfrenta gigantes, *wargs* e coisas piores. Diga-lhe que as árvores têm de novo olhos.

*Ele não tem nenhuma chance*, pensou Jon enquanto observava Cobra das Pedras desaparecer sobre uma cumeada coberta de neve, um minúsculo bicho preto rastejando por uma vastidão enrugada e branca.

Depois disso, cada noite pareceu mais fria do que a anterior, e também mais solitária. Fantasma nem sempre seguia com eles, mas também nunca estava longe. Mesmo quando separados, Jon sentia sua proximidade. Estava contente por isso. Meia-Mão não era o mais sociável dos homens. A longa trança grisalha de Qhorin balançava

lentamente com os movimentos do cavalo. Era frequente avançarem durante horas sem que uma palavra fosse proferida, ouvindo-se apenas o suave raspar de ferraduras em pedra e o lamento fúnebre do vento, que soprava continuamente pelas alturas. Quando dormia, não sonhava; nem com lobos, nem com os irmãos, nem com nada. *Nem os sonhos conseguem viver aqui*, dizia a si mesmo.

– Sua espada está afiada, Jon Snow? – perguntou Qhorin Meia-Mão por sobre o fogo tremeluzente.

– Minha espada é de aço valiriano. Foi o Velho Urso quem me deu.

– Lembra-se das palavras do seu juramento?

– Sim – não eram palavras de que um homem se esquecesse facilmente. Uma vez proferidas, nunca poderiam ser desditas. Mudava-lhes a vida para sempre.

– Volte a dizê-las comigo, Jon Snow.

– Se é isso o que quer – suas vozes juntaram-se numa só, sob a lua nascente, enquanto Fantasma escutava e as próprias montanhas serviam de testemunha.

– A noite chega, e agora começa a minha vigia. Não terminará até a minha morte. Não tomarei esposa, não possuirei terras, não gerarei filhos. Não usarei coroas e não conquistarei glórias. Viverei e morrerei no meu posto. Sou a espada na escuridão. Sou o vigilante nas muralhas. Sou o fogo que arde contra o frio, a luz que traz consigo a alvorada, a trombeta que acorda os que dormem, o escudo que defende os reinos dos homens. Dou a minha vida e a minha honra à Patrulha da Noite, por esta noite e por todas as noites que estão para vir.

Quando terminaram, não se ouviu nenhum som além do tênue crepitar das chamas e de um distante suspiro de vento. Jon abriu e fechou seus dedos queimados, agarrando-se bem às palavras em sua mente, rezando para que os deuses do pai lhe dessem forças para morrer com bravura quando sua hora chegasse. Agora não faltaria muito tempo. Os garranos estavam perto do fim de suas forças. Jon suspeitava que a montaria de Qhorin não duraria mais um dia.

As chamas já ardiam pouco a essa altura, o calor atenuava-se.

– A fogueira irá se apagar em breve – Qhorin disse –, mas se a Muralha alguma vez cair, todas as fogueiras se apagarão.

Nada havia que Jon pudesse responder àquilo. Apenas anuiu com a cabeça.

– Ainda poderemos escapar deles – disse o patrulheiro. – Ou não.

– Não tenho medo de morrer – era só meia mentira.

– Pode não ser tão fácil assim, Jon.

Não compreendeu.

– O que você quer dizer?

– Se formos capturados, tem de se render.

– Render-me? – Jon pestanejou, incrédulo. Os selvagens não faziam prisioneiros entre os homens que chamavam de corvos. Matavam-nos, a menos que… – Eles só poupam perjuros àqueles que se juntam a eles, como Mance Rayder.

– E como você.

– Não – sacudiu a cabeça. – Nunca. Não farei isso.

– Fará. Eu ordeno que faça isso.

– *Ordena*? Mas…

– Nossa honra não tem mais significado do que nossa vida, desde que o reino fique em segurança. É um homem da Patrulha da Noite?

– Sim, mas…

– Não há *mas* nem *meio mas*, Jon Snow. Ou é ou não é.

Jon endireitou as costas.

– Sou.

– Então, escute-me. Se formos capturados, passará para o lado deles, como a garota selvagem que capturou aquela vez sugeriu. Podem exigir que faça o manto em tiras, que lhes preste um juramento sobre a tumba do seu pai, que amaldiçoe os irmãos e o Senhor Comandante. Não pode se recusar, seja o que for que lhe seja solicitado. Faça o que lhe pedirem… Mas, no seu âmago, lembre-se sempre de quem e do que é. Cavalgue com eles, coma com eles, lute com eles, durante o tempo que for preciso. E *observe*.

– O quê? – Jon quis saber.

– Bem que gostaria de saber – Qhorin respondeu. – Seu lobo viu aquelas escavações no vale do Guadeleite. O que procuravam eles, num lugar tão ermo e distante? Terão encontrado? É isso que tem de investigar, antes de voltar para junto de Lorde Mormont e de seus irmãos. É este o dever que deposito em você, Jon Snow.

– Farei como diz – disse Jon com relutância. – Mas… você vai lhes dizer, não é verdade? Pelo menos ao Velho Urso? Vai lhe dizer que nunca quebrei meus votos.

Qhorin Meia-Mão fitou-o por sobre o fogo, com os olhos perdidos em lagoas de sombras.

– Quando voltar a vê-lo. Juro – indicou a fogueira com um gesto. – Mais madeira. Quero-a luminosa e quente.

Jon foi cortar mais galhos, partindo cada um em dois antes de atirá-lo às chamas. A árvore estava morta havia muito tempo, mas parecia voltar à vida no fogo, despertando dançarinas ardentes em cada bocado de madeira que rodopiava e volteava em seus brilhantes vestidos em tons de amarelo, vermelho e laranja.

– Basta – Qhorin disse abruptamente. – Agora cavalgamos.

– Cavalgamos? – estava escuro para lá do fogo, e a noite estava fria. – Cavalgamos para onde?

– Para trás – Qhorin montou uma vez mais seu fatigado garrano. – A fogueira vai fazê-los passar por nós, espero eu. Venha, irmão.

Jon voltou a calçar as luvas e subiu o capuz. Até os cavalos pareciam relutantes em abandonar a fogueira. O sol tinha desaparecido havia muito, e só restava o frio brilho prateado da meia-lua para iluminar o caminho pelo terreno traiçoeiro que se estendia atrás deles. Não sabia o que Qhorin tinha em mente, mas talvez fosse uma chance. Esperava que sim. *Não quero fazer papel de perjuro, mesmo que tenha bons motivos*.

Avançaram com cautela, deslocando-se tão silenciosamente como homens e cavalos eram capazes, voltando a seguir seus passos até chegarem à desembocadura de um estreito desfiladeiro onde um pequeno riacho gelado emergia entre duas montanhas. Jon lembrou-se do lugar. Tinham dado água aos cavalos ali antes de o sol se pôr.

– A água está congelando – Qhorin observou enquanto virava para o lado. – Se não fosse isso, seguiríamos pelo leito do riacho. Mas se quebrarmos o gelo, eles devem reparar. Mantenha-se perto dos penhascos. Meia milha adiante há uma curva que nos esconderá – o homem disse e entrou no desfiladeiro. Jon lançou um último olhar melancólico à fogueira distante e o seguiu.

Quanto mais avançavam, mais as escarpas se apertavam de ambos os lados. Seguiram o fio de água iluminado pelo luar na direção da nascente. Pingentes cobriam as margens pedregosas, mas Jon ainda ouvia o som da água corrente sob a fina crosta sólida.

Uma grande confusão de rochas caídas bloqueou o caminho deles a meia subida, onde uma seção do penhasco tinha tombado, mas os pequenos garranos de patas seguras foram capazes de escolher um percurso através dela. Adiante, as faces dos penhascos apertavam-se vivamente e o riacho os levou à base de uma alta e tortuosa queda d'água. O ar estava cheio de névoa, como se fosse o hálito de um imenso animal frio. As águas que caíam brilhavam, prateadas, ao luar. Jon olhou em volta, consternado. *Não há saída*. Ele e Qhorin talvez conseguissem subir os penhascos, mas não com os cavalos. Não lhe parecia que durassem muito tempo apeados.

– Agora, depressa – ordenou Meia-Mão. O grande homem montado no pequeno cavalo avançou por cima das pedras escorregadias de gelo, em direção à cortina de água, e desapareceu. Quando não reapareceu, Jon esporeou o cavalo e foi atrás dele. Seu garrano fez o possível para não avançar. A água que caía esbofeteou-os com punhos gelados, e o choque do frio pareceu interromper a respiração de Jon.

E então viu-se do outro lado; ensopado e tremendo, mas do outro lado.

A fenda na rocha quase não era suficiente para que homem e cavalo passassem, mas adiante as paredes abriam-se e o solo tornava-se arenoso. Jon sentiu a água congelando em sua barba. Fantasma irrompeu através da queda d'água numa pressa feroz, sacudiu gotículas do pelo, farejou desconfiadamente a escuridão, e depois ergueu uma pata contra uma parede de rocha. Qhorin já tinha desmontado. Jon fez o mesmo.

– Sabia que este lugar estava aqui?

– Quando não era mais velho do que você, ouvi um irmão contar como tinha seguido um gato-das-sombras através desta cascata – tirou a sela do cavalo, depois o freio e os arreios, e passou os dedos pela crina hirsuta. – Há um caminho através do coração da montanha. Quando chegar a alvorada, se eles não tiverem nos encontrado, avançamos. O primeiro turno é meu, irmão – Qhorin sentou-se na areia, de costas apoiadas na parede, não mais do que uma vaga forma negra na escuridão da gruta. Sobre o estrondo da água caindo, Jon ouviu o som suave do aço roçando em couro, que só podia querer dizer que Meia-Mão tinha desembainhado a espada.

Jon tirou o manto molhado, mas o ar ali estava demasiado úmido e frio para se despir mais. Fantasma espreguiçou-se a seu lado e lambeu sua luva antes de se enrolar para dormir. Jon sentiu-se contente pelo calor do animal. Perguntou a si mesmo se a fogueira ainda arderia lá fora, ou se já teria se apagado. *Se a Muralha alguma vez cair, todas as fogueiras se apagarão*. A luz brilhava através da cortina de água que caía e criava uma faixa pálida e tremeluzente na areia, mas algum tempo depois também isso se desvaneceu e escureceu.

O sono chegou, por fim, e com ele vieram pesadelos. Sonhou com castelos ardendo e mortos erguendo-se, desassossegados, das sepulturas. Ainda estava escuro quando Qhorin o acordou. Enquanto Meia-Mão dormia, Jon ficou sentado com as costas apoiadas na parede da caverna, escutando a água e esperando a alvorada.

Ao romper do dia, roeram um pedaço meio congelado de carne de cavalo cada um, após o que voltaram a selar os garranos, e prenderam os mantos negros em volta dos ombros. Durante seu turno, Meia-Mão tinha feito meia dúzia de tochas, empapando fardos de musgo seco com o óleo que transportava no alforje. Agora, acendia o primeiro e indicava o caminho pela escuridão, segurando a pálida chama à sua frente. Jon seguiu-o com os cavalos. O caminho pedregoso torcia-se em curvas, primeiro descia, depois subia, e depois voltava a descer com maior inclinação. Em certos lugares estreitava-se tanto, que era difícil

convencer os garranos de que conseguiriam se espremer através da abertura. *Quando sairmos, teremos despistado os selvagens*, Jon disse a si mesmo à medida que avançavam. *Nem uma águia consegue ver através de rocha sólida. Vamos tê-los despistado, cavalgaremos duramente na direção do Punho, e contaremos ao Velho Urso tudo o que sabemos*.

Mas, quando voltaram a emergir à luz, horas mais tarde, a águia estava à espera deles, empoleirada numa árvore morta, trinta metros acima. Fantasma subiu os rochedos aos saltos atrás dela, mas a ave bateu as asas e levantou voo.

A boca de Qhorin apertou-se ao seguir o voo com os olhos.

– Este é um lugar tão bom quanto outro qualquer para enfrentar o inimigo – declarou. – A saída da caverna defende-nos de cima, e não podem ficar atrás de nós sem atravessarem a montanha. Sua espada está afiada, Jon Snow?

– Sim – ele respondeu.

– Vamos alimentar os cavalos. Serviram-nos com bravura, pobres animais.

Jon deu ao garrano o resto da aveia e afagou sua crina hirsuta, enquanto Fantasma passeava inquieto por entre as rochas. Calçou melhor as luvas e exercitou os dedos queimados. *Sou o escudo que defende os reinos dos homens*.

Um berrante ecoou pelas montanhas, e, um momento mais tarde, Jon ouviu os latidos de cães.

– Estarão aqui em breve – anunciou Qhorin. – Mantenha o lobo sob controle.

– Fantasma, aqui – Jon chamou. O lobo gigante voltou relutantemente para junto dele, com a cauda erguida rigidamente atrás de si.

Os selvagens surgiram por sobre uma crista a menos de um quilômetro dali. Os cães de caça corriam à sua frente, animais cinza-amarronzados que não paravam de rosnar, com mais do que um pouco de lobo no sangue.

– Quieto – Jon murmurou. – Fica – por cima de sua cabeça, ouviu o rumor de asas. A águia pousou num afloramento rochoso e soltou um grito de triunfo.

Os caçadores aproximaram-se cuidadosamente, talvez por temerem flechas. Jon contou catorze, com oito cães. Seus grandes escudos redondos eram feitos de peles esticadas por cima de vime trançado e pintadas com crânios. Cerca da metade escondia os rostos atrás de elmos grosseiros de madeira e couro fervido. Em ambas as alas, arqueiros encaixaram flechas nas cordas de pequenos arcos de madeira e chifre, mas não dispararam. Os outros pareciam estar armados com lanças e marretas. Um deles trazia um machado de pedra lascada. Usavam apenas os pedaços de armadura que tinham pilhado de patrulheiros mortos ou roubado durante ataques. Os selvagens não mineravam nem fundiam minério, e havia poucos ferreiros e ainda menos forjas a norte da Muralha.

Qhorin desembainhou a espada. A história sobre como tinha treinado para lutar com a mão esquerda depois de perder metade da direita fazia parte de sua lenda; dizia-se que, agora, manejava melhor uma lâmina do que alguma vez manejara antes de ficar mutilado. Jon colocou-se ao lado do grande patrulheiro, ombro com ombro, e tirou Garralonga da bainha. Apesar do frio do ar, suor caía sobre seus olhos.

Os caçadores pararam dez metros abaixo da abertura da caverna. O chefe aproximou-se sozinho, montando um animal que se parecia mais com uma cabra do que com um cavalo pela maneira segura como escalava a encosta irregular. Enquanto homem e montaria se aproximavam, Jon ouvia-os chocalhar; ambos traziam armaduras feitas de ossos. Ossos de corvos, ovelhas, cabras, auroques e alces, os grandes ossos dos mamutes peludos… e também ossos humanos.

– Camisa de Chocalho – chamou Qhorin para baixo, gelidamente educado.

– Para corvos, sou o Senhor dos Ossos – o elmo do cavaleiro tinha sido feito do crânio quebrado de um gigante, e garras de urso tinham sido costuradas ao couro fervido ao longo dos braços.

Qhorin fungou:

– Não vejo senhor nenhum. Só um cão vestido de ossos de galinha, que chocalha quando monta a cavalo.

O selvagem silvou de fúria, e a montaria empinou-se. Ele *realmente* chocalhava, Jon ouvia-o; os ossos estavam unidos de forma folgada, e batiam uns nos outros ruidosamente quando se movia.

– São seus ossos que vão chocalhar em breve, Meia-Mão. Vou arrancar a carne de seus ossos com uma fervura e fazer uma camisa de suas costelas. Vou esculpir seus dentes para lançar runas, e comer mingau de aveia no seu crânio.

– Se quer meus ossos, venha buscá-los.

Mas, isso, o Camisa de Chocalho parecia relutante em fazer. A vantagem numérica pouco queria dizer no confinamento dos rochedos em que os irmãos negros tinham se posicionado; para arrancá-los de dentro da gruta, os selvagens teriam de atacar dois a dois. Mas outro membro da companhia de selvagens veio a cavalo até junto do Camisa de Chocalho, uma das guerreiras que chamavam de *esposas de lanças*.

– Somos catorze contra dois, corvos, e oito cães para o seu lobo – gritou. – Lutando ou fugindo, serão nossos.

– Mostre-lhes – ordenou Camisa de Chocalho.

A mulher enfiou a mão num saco manchado de sangue e tirou de lá um troféu. Ebben era calvo como um ovo, por isso ela segurou a cabeça por uma orelha.

– Morreu bravamente – ela disse.

– Mas morreu – disse o Camisa de Chocalho –, tal como vocês – libertou o machado de guerra, brandindo-o por cima da cabeça. Era de bom aço, com uma cintilação maligna em ambas as lâminas; Ebben nunca fora homem de negligenciar suas armas. Os outros selvagens avançaram a seu lado, gritando provocações. Alguns escolheram Jon como alvo de sua troça.

– Esse lobo é seu, rapaz? – gritou uma jovem magricela, preparando um malho de pedra. – Vai ser o meu manto antes do pôr do sol – do outro

lado da fileira, outra esposa de lanças abriu suas peles esfarrapadas para mostrar a Jon os seios pesados e brancos.

– O bebê quer a mamãe? Anda, chupa isto aqui, rapaz – os cães também ladravam.

– Eles querem nos envergonhar até cometermos uma loucura – Qhorin deu a Jon um olhar forte. – Lembre-se de suas ordens.

– Talvez tenhamos de tirar os corvos da toca – berrou Camisa de Chocalho por sobre o clamor. – Depene-os!

– Não! – a palavra jorrou dos lábios de Jon antes que os arqueiros pudessem disparar. Deu dois rápidos passos em frente: – Rendemo-nos!

– Preveniram-me de que o sangue de bastardo era covarde – ouviu Qhorin Meia-Mão dizer friamente atrás dele. – Vejo que é verdade. Corre para os seus novos mestres, covarde.

Corando, Jon desceu a vertente até onde Camisa de Chocalho se encontrava montado. O selvagem fitou-o através dos buracos para os olhos que tinha no elmo e disse:

– O povo livre não tem préstimo para covardes.

– Ele não é nenhum covarde – uma das arqueiras tirou seu elmo de pele de ovelha cosida e sacudiu uma cabeça cheia de hirsutos cabelos ruivos. – Este é o bastardo de Winterfell que me poupou. Deixe-o viver.

Jon olhou Ygritte nos olhos e ficou sem palavras.

– Que morra – insistiu o Senhor dos Ossos. – A gralha preta é um pássaro cheio de truques. Não confio nele.

Num rochedo acima deles, a águia bateu as asas e fendeu o ar com um grito de fúria.

– A ave odeia você, Jon Snow – Ygritte disse. – E com boas razões. Era um homem antes de tê-lo matado.

– Eu não sabia – Jon respondeu com sinceridade, tentando se lembrar do rosto do homem que tinha matado no passo. – Disse-me que Mance me acolheria.

– E vai acolher – Ygritte assentiu.

– Mance não está aqui – rugiu Camisa de Chocalho. – Ragwyle, estripe-o.

A grande esposa das lanças estreitou os olhos e disse:

– Se o corvo quiser se juntar ao povo livre, que mostre sua perícia e prove que é sincero.

– Farei o que quer que me peçam – as palavras custaram a vir, mas Jon as proferiu.

A armadura de ossos do Camisa de Chocalho ruidosamente chocalhou enquanto ele ria:

– Então, mate o Meia-Mão, bastardo.

– Como se fosse capaz – Qhorin parecia desafiá-lo. – *Vire-se*, Snow, e morra.

Então, a espada de Qhorin caía sobre ele e de algum modo Garralonga saltou para pará-la. A força do impacto quase arrancou a espada bastarda da mão de Jon, e fê-lo cambalear para trás. *Não pode se recusar, seja o que for que lhe seja solicitado*. Segurou a espada com as duas mãos, com rapidez suficiente para dar um golpe, mas o grande patrulheiro o desviou com uma desdenhosa facilidade. Andaram para trás e para a frente, com os mantos negros rodopiando, a rapidez do jovem contra a força selvagem dos golpes da mão esquerda de Qhorin. A espada do Meia-Mão parecia estar em todos os lados ao mesmo tempo, chovendo sobre ele vinda de um lado e logo do outro, empurrando-o para onde queria, mantendo-o desequilibrado. Jon já sentia os braços ficando dormentes.

Mesmo quando os dentes do Fantasma se fecharam com selvageria em volta da barriga da perna do patrulheiro, de algum modo Qhorin manteve-se de pé. Mas, nesse instante, ao virar-se, surgiu a abertura. Jon firmou-se e girou. O patrulheiro inclinava-se para fora do seu alcance, e por um instante pareceu que o golpe de Jon não o tinha tocado. Então surgiu uma cadeia de lágrimas vermelhas na garganta do grande homem, brilhantes como um colar de rubis, o sangue jorrou, e Qhorin Meia-Mão tombou.

O focinho do Fantasma pingava sangue, mas só a ponta da lâmina bastarda se encontrava manchada, no último centímetro. Jon puxou o lobo gigante para longe do cadáver e ajoelhou com um braço em volta dele. A luz já se desvanecia nos olhos de Qhorin.

– … afiada – ele disse, erguendo os dedos estropiados. Então sua mão caiu, e ele partiu.

*Ele sabia*, Jon pensou, entorpecido. *Ele sabia o que me pediriam*. Pensou então em Samwell Tarly, em Grenn e no Edd Doloroso, em Pyp e no Sapo, lá longe, em Castelo Negro. Teria perdido todos, teria perdido Bran, Rickon e Robb? Quem era agora? O que era?

– Ponha-o em pé – mãos rudes puxaram-no. Jon não resistiu. – Tem nome?

Ygritte respondeu por ele.

– Chama-se Jon Snow. É do sangue de Eddard Stark, de Winterfell.

Ragwyle soltou uma gargalhada.

– Quem teria imaginado? Qhorin Meia-Mão morto por um filho torto de um fidalguinho qualquer.

– Estripe-o – ordenou Camisa de Chocalho, ainda montado. A águia voou até ele e empoleirou-se em cima do seu elmo ossudo, guinchando.

– Ele se rendeu – Ygritte lembrou-lhes.

– Sim, e matou o irmão – disse um homem baixo e modesto com um meio elmo de ferro carcomido pela ferrugem.

Camisa de Chocalho aproximou-se, com os ossos chocalhando.

– O lobo fez o trabalho por ele. Foi feito porcamente. A morte do Meia-Mão devia ter sido minha.

– Todos vimos como estava se coçando para tratar dela – zombou Ragwyle.

– Ele é um troca-peles – disse o Senhor dos Ossos –, e um corvo. Não gosto dele.

– Pode ser que seja um troca-peles – Ygritte rebateu –, mas isso nunca nos assustou – outros gritaram, concordando. Por trás dos orifícios para os olhos de seu crânio amarelecido, o olhar de Camisa de Chocalho era maligno, mas cedeu de má vontade. *Esta é mesmo uma gente livre*, pensou Jon.

Queimaram Qhorin Meia-Mão onde tinha caído, numa pira feita de agulhas de pinheiro, vegetação rasteira e galhos quebrados. Parte da madeira ainda estava verde, e queimou de forma lenta e fumacenta,

fazendo subir uma pluma negra até o brilhante azul profundo do céu. Mais tarde, Camisa de Chocalho reclamou alguns ossos carbonizados, enquanto os outros jogavam dados pelo equipamento do patrulheiro. Ygritte ganhou seu manto.

– Vamos voltar pelo Passo dos Guinchos? – perguntou-lhe Jon. Não sabia se seria capaz de voltar a enfrentar essas altitudes, ou se o garrano sobreviveria a uma segunda travessia.

– Não – ela respondeu. – Não há nada atrás de nós – o olhar que ela lhe lançou era triste. – A essa altura Mance já desceu bastante do curso do Guadeleite, e marcha sobre a sua Muralha.

# Bran

As cinzas caíam como uma suave neve cinzenta.

Caminhou por agulhas secas e folhas marrons, até o limite da floresta onde os pinheiros cresciam esparsos. Para lá dos campos abertos, via as grandes pilhas de pedra na forma de homens, hirtas contra o turbilhão das chamas. O vento soprava quente e enriquecido pelo cheiro de sangue e carne queimada, tão forte que começou a salivar.

Mas, ao mesmo tempo que um cheiro os puxava, outros os mantinham afastados. Farejou a fumaça que pairava no ar. *Homens, muitos homens, muitos cavalos, e fogo, fogo, fogo*. Não havia cheiro mais perigoso, nem mesmo o cheiro duro e frio do ferro, o material das garras do homem e da pele-dura. A fumaça e as cinzas enevoavam seus olhos, e no céu viu uma grande serpente alada cujo rugido era um rio de chamas. Descobriu os dentes, mas a serpente desapareceu. Por trás das colinas, grandes incêndios comiam as estrelas.

Os incêndios crepitaram ao longo de toda a noite, e a dada altura ouviu-se um grande rugido e um estrondo que fez a terra saltar sob suas patas. Cães ladraram e ganiram, e cavalos relincharam de terror. Uivos trementes perfuraram a noite; os uivos da matilha humana, gemidos de medo e gritos selvagens, risos e berros. Não havia animal mais barulhento do que o homem. Levantou as orelhas e escutou, e seu irmão rosnou a cada som que ouvia. Caminharam sob as árvores enquanto um vento cheirando a pinheiro soprava cinzas e fagulhas pelo céu. Com o tempo, as chamas começaram a se atenuar, e depois desapareceram. O sol nasceu cinzento e fumacento naquela manhã.

Só então deixou as árvores, atravessando lentamente os campos. O irmão o seguia, atraído pelo cheiro do sangue e da morte. Caminharam

em silêncio pelas tocas que os homens tinham construído de madeira, mato e lama. Muitas estavam queimadas, e tinham ruído, outras estavam como antes. Mas não viram ou cheiraram um homem vivo em parte alguma. Corvos cobriam os cadáveres como mantas e saltavam para o ar, gritando, quando ele e o irmão se aproximavam. Os cães selvagens escapuliam para fora de seu caminho.

À sombra das grandes colinas cinzentas, um cavalo morria ruidosamente, lutando para se pôr em pé sobre uma pata quebrada e gritando quando caía. O irmão o rodeou, e então rasgou sua garganta enquanto o cavalo escoiceava debilmente e revirava os olhos. Quando se aproximou da carcaça, o irmão tentou mordê-lo e achatou as orelhas sobre o crânio, ele desferiu uma patada e mordeu sua perna. Lutaram sobre a relva, a terra e as cinzas que caíam do céu, ao lado do cavalo morto, até que o irmão rolou sobre as costas em submissão, com a cauda entre as pernas. Mais uma mordida na garganta virada para cima; e então comeu, e deixou que o irmão comesse e limpasse com a língua o sangue que manchara seus pelos negros.

A essa altura, já se sentia atraído pelo lugar escuro, a casa dos sussurros onde todos os homens eram cegos. Conseguia sentir os dedos frios dessa casa em seu corpo. Seu cheiro de pedra era um sussurro que entrava por seu focinho. Lutou contra a atração. Não gostava da escuridão. Era lobo. Era caçador e matador, e seu lugar era junto dos irmãos e irmãs no âmago da floresta, correndo, livre, sob um céu estrelado. Sentou-se sobre os quartos traseiros, ergueu a cabeça e uivou. *Não irei*, gritou. *Sou lobo, não irei*. Mas, apesar disso, a escuridão aprofundou-se até cobrir seus olhos, encher seu focinho e tapar suas orelhas, e ele deixou de enxergar, cheirar, ouvir ou correr, e as colinas cinzentas desapareceram, o cavalo morto desapareceu, o irmão desapareceu, e tudo ficou preto e parado, e preto e frio, e preto e morto, e preto…

– *Bran* – sussurrava suavemente uma voz. – *Bran, volta. Volta agora, Bran. Bran…*

Fechou o terceiro olho e abriu os outros dois, os dois olhos antigos, os dois olhos cegos. No lugar escuro, todos os homens eram cegos. Mas

alguém o segurava. Sentia braços à sua volta, o calor de um corpo aconchegado ao dele. Ouvia Hodor cantando "Hodor, hodor, hodor" em voz baixa, para si mesmo.

– Bran? – era a voz de Meera. – Estava se debatendo, fazendo ruídos terríveis. O que viu?

– Winterfell – sentia a língua estranha e grossa dentro da boca. *Um dia, quando regressar, já não saberei falar*. – Era Winterfell. O castelo estava coberto de chamas. Havia cheiros de cavalo e de aço e de sangue. Mataram todo mundo, Meera.

Sentiu a mão dela no rosto, afagando seu cabelo para trás.

– Está todo suado – a menina disse. – Precisa de uma bebida?

– Uma bebida – ele concordou. Ela levou-lhe um odre aos lábios, e Bran engoliu tão depressa que a água escorreu pelo canto da sua boca. Estava sempre fraco e sedento quando voltava. E também com fome. Lembrou-se do cavalo moribundo, do sabor do sangue na boca, do cheiro da carne queimada no ar da manhã. – Quanto tempo?

– Três dias – Jojen respondeu. O rapaz tinha se aproximado em pés silenciosos, ou talvez tivesse estado sempre ali; naquele mundo cego e negro, Bran não saberia dizer. – Tivemos medo por você.

– Estava com Verão – Bran lembrou.

– Tempo demais. Vai se matar de fome. Meera pôs um pouco de água em sua garganta, e besuntamos sua boca com mel, mas não é o suficiente.

– Eu comi – Bran respondeu. – Caçamos um alce e tivemos de afastar um gato-das-árvores que tentou roubá-lo – o gato era marrom e amarelado, só com metade do tamanho dos lobos gigantes, mas feroz. Recordou-se do seu cheiro almiscarado e do modo como lhes rugira do galho do carvalho.

– O lobo comeu – Jojen o corrigiu. – Você não. Tenha cuidado, Bran. Lembre-se de quem é.

Lembrava-se bem demais de quem era; Bran, o garoto, Bran, o aleijado. *É melhor ser Bran, o lobisomem*. Seria de admirar que preferisse sonhar seus sonhos de Verão, seus sonhos de lobo? Ali, na escuridão frígida e

úmida da tumba, seu terceiro olho finalmente abrira-se. Conseguia alcançar Verão sempre que quisesse, e uma vez tinha até mesmo tocado Fantasma e falado com Jon. Embora talvez tivesse apenas sonhado que o fizera. Não era capaz de compreender por que motivo Jojen estava agora sempre tentando puxá-lo para trás. Bran usou a força dos braços para se sentar.

– Tenho de dizer a Osha o que vi. Ela está aqui? Onde foi?

A própria selvagem respondeu:

– A lugar nenhum, senhor. Já me fartei de tropeçar no escuro – Bran ouviu o raspar de um calcanhar na pedra, virou a cabeça para o som, mas não viu nada. Achou que conseguia cheirá-la, mas não tinha certeza. Todos fediam igual, e não tinha o nariz do Verão para distingui-los uns dos outros. – Ontem à noite mijei no pé de um rei – Osha continuou. – Ou de repente foi esta manhã, quem sabe? Estava dormindo, mas agora não estou – todos eles dormiam muito, não só Bran. Nada mais havia a fazer. Dormir, comer e voltar a dormir, e às vezes conversar um pouco… mas não demais, e só em murmúrios, por uma questão de segurança. Osha teria gostado mais se não falassem, mas não havia maneira de aquietar Rickon ou de impedir Hodor de murmurar incansavelmente "Hodor, hodor, hodor" para si mesmo.

– Osha – Bran voltou a falar. – Vi Winterfell ardendo – à esquerda, ouvia o tênue som da respiração de Rickon.

– Um sonho – Osha respondeu.

– Um sonho de lobo. Também o *cheirei*. Nada cheira como o fogo, ou o sangue.

– O sangue de quem?

– De homens, cavalos, cães, todo mundo. Temos de ir *ver*.

– Esta minha pele magricela aqui é a única que tenho – Osha retrucou. – Se aquele príncipe das lulas me apanha, arrancam-na de minhas costas com um chicote.

A mão de Meera encontrou a de Bran na escuridão e apertou seus dedos.

– Eu vou, se tiver medo.

Bran ouviu dedos apalpando couro, seguido de som de aço batendo em pederneira. E mais uma vez. Voou uma fagulha, pegou. Osha soprou suavemente. Uma longa chama pálida despertou, esticando-se como uma menina nas pontas dos pés. O rosto de Osha flutuou por cima dela. Tocou a chama com a ponta de um archote. Bran teve de semicerrar os olhos quando o piche começou a arder, enchendo o mundo com um clarão laranja. A luz acordou Rickon, que se sentou, bocejando.

Quando as sombras se moveram, pareceu por um instante que os mortos também estavam se levantando. Lyanna e Brandon, Lorde Rickard Stark, seu pai, Lorde Edwyle, pai deste, Lor-de Willam e o irmão Artos, o Implacável, Lorde Donnor, Lorde Beron e Lorde Rodwell, Lorde Jonnel, com um olho só, Lorde Barth, Lorde Brandon e Lorde Cregan, que tinha lutado contra o Cavaleiro do Dragão. Sentavam-se em cadeirões de pedra com lobos de pedra aos pés. Era para lá que iam quando o calor se escoava de seu corpo; aquele era o escuro salão dos mortos, onde os vivos temiam entrar.

E, junto à abertura da tumba vazia que esperava por Lorde Eddard Stark, sob seu majestoso retrato de granito, os seis fugitivos aninhavam-se em volta de seu pequeno montinho de pão, água e carne-seca.

– Agora pouco resta – resmungou Osha enquanto olhava pestanejando as reservas do grupo. – Seja como for, não tarda que tenha de subir, senão ficamos reduzidos a comer o Hodor.

– Hodor – disse Hodor, sorrindo para ela.

– É dia ou noite lá em cima? – Osha quis saber. – Perdi a conta dessas coisas.

– É dia – disse-lhe Bran –, mas está escuro por causa de toda aquela fumaça.

– O senhor tem certeza?

Sem mover seu corpo aleijado, projetou-se mesmo assim, e por um instante viu duas imagens. Ali estava Osha, segurando o archote, e Meera, Jojen e Hodor, e a dupla fileira de grandes pilares de granito e senhores havia muito mortos atrás deles, que se prolongavam pela escuridão adentro… Mas também lá estava Winterfell, cinza da fumaça

que pairava no ar, com os enormes portões de carvalho e ferro calcinados e torcidos, a ponte levadiça caída num novelo de correntes quebradas e pranchas de madeira desaparecidas. Cadáveres boiavam no fosso, ilhas para os corvos.

– Com certeza – ele declarou.

Osha pensou no assunto por um momento.

– Então vou arriscar uma olhadela. Quero todos logo atrás de mim. Meera, traga o cesto de Bran.

– Vamos para casa? – Rickon perguntou em voz excitada. – Quero o meu cavalo. E quero bolos de maçã, manteiga e mel, e o Felpudo. Vamos para onde está o Felpudo?

– Sim – Bran prometeu –, mas tem de ficar quieto.

Meera atou o cesto de vime às costas de Hodor e ajudou a pôr Bran lá dentro, enfiando as pernas inúteis nos buracos. Sentia um estranho frio na barriga. Sabia o que os esperava lá em cima, mas isso não fazia o medo desaparecer. Ao partirem, Bran virou-se para dar um último olhar ao pai, e pareceu-lhe que havia uma tristeza nos olhos de Lorde Eddard, como se não quisesse que eles partissem. *Temos de partir*, pensou. *Já é tempo*.

Osha levava sua longa lança de carvalho numa mão e o archote na outra. Uma espada nua pendia de suas costas, uma das últimas a ostentar a marca de Mikken. Forjara-a para a sepultura do Lorde Eddard, para deixar seu fantasma em descanso. Mas com Mikken morto e os homens de ferro de guarda no arsenal, era difícil resistir a bom aço, mesmo se implicasse assaltar uma tumba. Meera tinha ficado com a lâmina de Lorde Rickard, apesar de se queixar de seu peso. Bran ficou com a do seu homônimo, a espada feita para o tio que nunca conhecera. Sabia que não seria muito útil numa luta, mas mesmo assim sentia-se bem com a arma na mão.

Mas era só um jogo, e Bran bem o sabia.

Seus passos ecoaram pelas cavernosas criptas. As sombras atrás deles engoliram o pai, enquanto as que estavam à frente se retiravam para revelar outras estátuas; aqueles já não eram lordes, mas sim os antigos

Reis do Norte. Na testa, ostentavam coroas de pedra. Torrhen Stark, o Rei que Ajoelhou; Edwyn, o Rei da Primavera; Theon Stark, o Lobo Faminto; Brandon, o Incendiário; e Brandon, o Construtor Naval. Jorah e Jonos; Brandon, o Mau; Walton, o Rei da Lua; Edderion, o Noivo; Eyron; Benjen, o Doce; e Benjen, o Amargo; Rei Edrick Barba de Neve. Seus rostos eram severos e fortes, e alguns deles tinham feito coisas terríveis, mas todos eram Stark, e Bran conhecia todas as suas histórias. Nunca temera as criptas; eram parte do seu lar e de quem era, e sempre soube que um dia também jazeria ali.

Mas agora não tinha tanta certeza. *Se subir, será que algum dia voltarei a descer? Para onde irei quando morrer?*

– Esperem – Osha os alertou, quando chegaram à escada espiral feita em pedra, que subia até a superfície e descia para os níveis inferiores, onde reis ainda mais antigos se sentavam em seus tronos escuros. Ela entregou o archote a Meera. – Eu subo tateando – durante algum tempo ouviram o som de seus passos, que foram se tornando cada vez menos audíveis, até desaparecerem por completo.

– Hodor – o gigante disse nervosamente.

Bran tinha dito a si mesmo uma centena de vezes como detestava esconder-se lá embaixo, no escuro, como queria voltar a ver o sol, atravessar a cavalo o vento e a chuva. Mas agora que o momento se aproximava, tinha medo. Sentira-se seguro na escuridão; quando sequer se conseguia encontrar a própria mão na frente do rosto, era fácil acreditar que nenhum inimigo seria alguma vez capaz de encontrá-los. E os senhores de pedra tinham lhe dado coragem. Mesmo quando não podia vê-los, sabia que estavam ali.

Pareceu demorar muito tempo até voltarem a ouvir alguma coisa. Bran começava a temer que algo tivesse acontecido a Osha. O irmão não parava quieto.

– Quero ir para *casa*! – Rickon disse em voz alta. Hodor inclinou a cabeça e disse:

– Hodor – e então ouviram de novo o som de passos, aumentando de volume, e alguns minutos depois Osha emergiu para a luz, com uma

expressão sombria.

– Alguma coisa está bloqueando a porta. Não consigo movê-la.

– Hodor consegue mover qualquer coisa – Bran lembrou.

Osha deu ao enorme cavalariço um olhar avaliador:

– Talvez consiga. Então venham daí.

Os degraus eram estreitos, e tinham de subir em fila única. Osha ia à frente. Atrás vinha Hodor, com Bran bem agachado às suas costas, para não bater a cabeça no teto. Meera seguia-os com o archote, e Jojen fechava a retaguarda, levando Rickon pela mão. Subiram, dando voltas e mais voltas. Bran achou que agora conseguia cheirar a fumaça, mas talvez fosse apenas o archote.

A porta das criptas era feita de pau-ferro. Era velha e pesada, e fazia certo ângulo com o chão. Só uma pessoa tinha acesso a ela de cada vez. Osha tentou uma vez mais ao chegar lá, mas Bran viu que a porta não se movia.

– Deixe Hodor tentar.

Tiveram primeiro de tirar Bran do cesto, para não ser esmagado. Meera agachou-se ao seu lado nos degraus, com um braço protetor sobre seus ombros, enquanto Osha e Hodor trocavam de lugar.

– Abra a porta, Hodor – Bran pediu.

O enorme cavalariço pôs ambas as mãos na porta, empurrou e soltou um grunhido.

– Hodor? – deu um murro na madeira, ela nem sequer balançou. – Hodor.

– Use as costas – Bran sugeriu. – E as pernas.

Virando-se, Hodor posicionou as costas na madeira e empurrou. De novo. De novo.

– Hodor! – o gigante encostou um pé em um degrau mais elevado para ficar dobrado sob a inclinação da porta e tentou erguer-se. Daquela vez a madeira gemeu e estalou. – *Hodor!* – o outro pé subiu um degrau, e Hodor abriu as pernas, firmou-se bem, e endireitou-se. Ficou com o rosto vermelho, e Bran viu os tendões de seu pescoço retesando-se enquanto ele fazia força contra o peso que tinha em cima. – *Hodor hodor hodor*

*hodor hodor* HODOR! – de cima veio um estrondo surdo. E então, subitamente, a porta saltou e uma réstia de luz do dia caiu sobre o rosto de Bran, cegando-o por um momento. Outro empurrão trouxe o som de pedra movendo-se, e então o caminho ficou aberto. Osha empurrou a lança através da porta e deslizou para fora atrás dela, e Rickon esgueirou-se por entre as pernas de Meera para segui-la. Hodor abriu completamente a porta e saiu para a superfície. Os Reed tiveram de carregar Bran nos últimos degraus.

O céu apresentava-se cinza-claro, e fumaça redemoinhava por todo lado. Estavam à sombra da Primeira Fortaleza, ou do que dela restava. Um dos lados do edifício tinha se desligado do resto e ruíra. Pedras e gárgulas estilhaçadas estavam espalhadas pelo pátio. *Caíram bem onde eu caí*, Bran pensou quando as viu. Algumas das gárgulas tinham se quebrado em tantos pedaços que perguntou a si mesmo como teria sobrevivido. Ali perto, um punhado de corvos bicava um cadáver esmagado sob as pedras caídas, mas o homem jazia de barriga para baixo, e Bran não conseguiu identificá-lo.

A Primeira Fortaleza não era usada havia muitas centenas de anos, mas agora era uma casca mais vazia do que nunca. Os pisos tinham ardido no interior, bem como todas as vigas. Onde a parede caíra, era possível ver o interior de todos os quartos, e até a latrina. Mas, por trás, a torre quebrada ainda se erguia, tão queimada como antes. Jojen Reed tossiu por causa da fumaça.

– Leve-me para casa! – Rickon insistiu. – Eu quero ir para *casa*! – Hodor descreveu um círculo, batendo com os pés no chão.

– Hodor – lamuriou-se em voz baixa. Os seis juntavam-se uns aos outros, com ruína e morte por toda volta.

– Fizemos barulho suficiente para acordar um dragão – Osha disse –, mas ninguém veio. O castelo está morto e queimado, bem como Bran sonhou, mas era melhor… – interrompeu-se de súbito ao ouvir um som atrás deles, e girou sobre si mesma, com a lança preparada.

Duas esguias formas escuras emergiram por detrás da torre quebrada, caminhando lentamente através dos detritos. Rickon soltou um grito feliz

de “*Felpudo!*”, e o gigante lobo negro aproximou-se dele aos saltos. Verão avançou mais devagar, esfregou a cabeça no braço de Bran, e lambeu-lhe o rosto.

– Devíamos partir – Jojen os interrompeu. – Tanta morte atrairá outros lobos, além de Verão e Cão Felpudo, e nem todos terão quatro patas.

– Sim, e depressa – Osha concordou. – Mas precisamos de comida, e alguém pode ter sobrevivido a isto. Fiquem juntos. Meera, continue com o escudo levantado e guarde nossas costas.

Levaram o resto da manhã fazendo um lento circuito pelo castelo. As grandes muralhas de granito resistiam, enegrecidas aqui e ali pelo fogo, mas, fora isso, intocadas. Dentro delas tudo era morte e destruição. As portas do Grande Salão estavam carbonizadas e em brasa, e, lá dentro, as traves tinham cedido e o teto inteiro despedaçara-se no chão. As vidraças verdes e amarelas dos jardins de vidro estavam em cacos, com árvores, frutos e flores arrancados ou deixados expostos para morrer. Dos estábulos, feitos de madeira e sapé, nada restava além de cinzas, brasas e cavalos mortos. Bran pensou em sua Dançarina e teve vontade de chorar. Havia um lago fumegante e raso sob a Torre da Biblioteca, e água quente jorrava de uma rachadura numa das paredes. A ponte entre a Torre Sineira e a colônia de corvos tinha ruído sobre o pátio, embaixo, e o torreão do Meistre Luwin desaparecera. Viram um clarão vermelho brilhar através das estreitas janelas do porão sob a Grande Fortaleza, e um segundo incêndio ainda ardendo num dos armazéns.

À medida que avançavam, Osha foi chamando em voz baixa através da fumaça que era soprada pelo vento, mas ninguém respondeu. Viram um cão atacando um cadáver, mas o animal fugiu quando sentiu o cheiro dos lobos gigantes; os outros cães tinham sido mortos nos canis. Os corvos do meistre mostravam-se atenciosos para com alguns dos cadáveres, enquanto os da torre quebrada tratavam de outros. Bran reconheceu Poxy Tym, apesar de alguém ter cortado seu rosto com uma machadada. Um cadáver carbonizado, caído à porta do esqueleto em cinzas do septo da mãe, estava sentado com os braços erguidos e as mãos cerradas em

punhos duros e negros, como se pretendesse esmurrar quem quer que se atrevesse a se aproximar dele.

– Se os deuses forem bons – disse Osha numa voz baixa e zangada –, os Outros vão levar quem fez este trabalho.

– Foi Theon – Bran falou num tom escuro.

– Não. Veja – a selvagem apontou com a lança para o outro lado do pátio. – Aquele é um de seus homens de ferro. E ali está outro. E aquele é o cavalo de guerra do Greyjoy, está vendo? O preto com as flechas espetadas nele – avançou por entre os mortos, franzindo o cenho. – E ali está Lorren Negro – tinha sido golpeado de tal maneira que a barba parecia agora ter uma cor marrom-avermelhada. – Levou uns tantos com ele – Com o pé, Osha virou um dos outros cadáveres. – Aqui está um símbolo. Um homenzinho, todo encarnado.

– O homem esfolado do Forte do Pavor – Bran confirmou.

Verão uivou e afastou-se correndo.

– O bosque sagrado – Meera Reed correu atrás do lobo gigante, com o escudo e o tridente na mão. Os outros seguiram-na, abrindo caminho por entre fumaça e pedras caídas. O ar estava mais limpo sob as árvores. Alguns pinheiros nos limites do bosque tinham ficado chamuscados, mas, mais para o interior, o solo úmido e a madeira verde tinham derrotado as chamas.

– Há poder num bosque vivo – Jojen Reed disse, quase como se soubesse o que Bran estava pensando –, um poder tão forte quanto o fogo.

Na margem da lagoa negra, sob o abrigo da árvore-coração, Meistre Luwin jazia de bruços na terra. Um rastro de sangue serpenteava pelas folhas úmidas sobre as quais se arrastara. Verão encontrava-se a seu lado, e, a princípio, Bran pensou que o meistre estava morto, mas quando Meera lhe tocou na garganta, ele gemeu.

– Hodor? – disse Hodor em tom fúnebre. – Hodor?

Com delicadeza, viraram Luwin de costas. Tinha olhos e cabelos cinzentos, e um dia suas vestes também tinham sido cinzentas, mas agora estavam mais escuras onde o sangue as ensopara.

– Bran – ele disse em voz baixa quando o viu sentado bem alto nas costas de Hodor. – E Rickon também – sorriu. – Os deuses são bons. Eu sabia…

– Sabia? – Bran perguntou, com voz incerta.

– As pernas, conseguia-se ver… a roupa servia-lhe, mas os músculos nas pernas… pobre moço… – tossiu, e sangue veio de seu interior. – Desapareceram… na floresta… mas como?

– Não chegamos a ir – Bran respondeu. – Bem, fomos só até o limite da floresta, e depois voltamos. Mandei os lobos em frente para deixar um rastro, mas nos escondemos na sepultura do meu pai.

– As criptas – Luwin soltou um risinho, com uma espuma ensanguentada nos lábios. Quando o meistre tentou se mover, soltou um vivo arquejo de dor.

Lágrimas encheram os olhos de Bran. Quando um homem estava ferido, era levado a um meistre, mas o que se podia fazer quando era o meistre quem estava ferido?

– Vamos ter de fazer uma liteira para levá-lo – Osha disse.

– Não vale a pena – Luwin respondeu. – Estou morrendo, mulher.

– Não *pode* – Rickon quase gritou, zangado. – Não, não pode – ao seu lado, Cão Felpudo mostrou os dentes e rosnou.

O meistre sorriu.

– Caladinho, filho, eu sou muito mais velho do que você. Posso… morrer se quiser.

– Hodor, para baixo – Bran pediu. Hodor se ajoelhou ao lado do meistre.

– Escute – Luwin se dirigiu a Osha –, os príncipes… herdeiros de Robb. Não… juntos, não… está ouvindo?

A selvagem apoiou-se na lança.

– Sim. É mais seguro separados. Mas levá-los para onde? Tinha pensado que talvez aqueles Cerwyn…

Meistre Luwin balançou a cabeça, embora fosse fácil ver que o esforço lhe era penoso.

– O rapaz Cerwyn está morto. Sor Rodrik, Leobald Tallhart, a Senhora Hornwood… todos mortos. Bosque Profundo caiu, Fosso Cailin, em breve a Praça de Torrhen. Homens de ferro na Costa Pedregosa. E a leste o Bastardo de Bolton.

– Então, para onde? – Osha perguntou.

– Porto Branco… os Umber… não sei… guerra por todo lado… cada homem contra o vizinho, e o Inverno chegando… que loucura, que negra loucura… – Meistre Luwin ergueu uma mão e agarrou o braço de Bran, fechando os dedos com uma força desesperada. – Tem de ser forte agora. *Forte*.

– Serei – Bran prometeu, embora fosse difícil. *Sor Rodrik morto, e também Meistre Luwin, todos, todos…*

– Ótimo – o meistre respondeu. – Um bom rapaz. O filho… o filho do seu pai, Bran. Agora *vá*.

Osha fitou o represeiro, a face vermelha esculpida no tronco branco.

– E deixá-lo para os deuses?

– Peço… – o meistre engoliu em seco, arfando. – … um… um pouco de água, e… outro favor. Se pudesse…

– Sim – ela se virou para Meera. – Leve os garotos.

Jojen e Meera levaram Rickon entre os dois. Hodor os seguiu. Ramos baixos chicoteavam o rosto de Bran enquanto avançavam por entre as árvores, e as folhas limpavam as lágrimas. Osha juntou-se a eles no pátio alguns momentos mais tarde. Não disse uma palavra sobre Meistre Luwin.

– Hodor tem de ficar com Bran, para ser as suas pernas – disse a selvagem com vivacidade. – Eu levo Rickon comigo.

– Nós vamos com Bran – Jojen Reed falou.

– Bem, achei que fossem – Osha respondeu. – Acho que vou experimentar o Portão Leste e seguir a estrada do rei a maior parte do tempo.

– Nós vamos pelo Portão do Caçador – Meera avisou.

– Hodor – Hodor concordou.

Pararam primeiro nas cozinhas. Osha encontrou alguns pães queimados que ainda podiam ser comidos, e até um frango assado frio, que partiu ao meio. Meera desenterrou um jarro de mel e uma grande saca de maçãs. Já na parte de fora, despediram-se. Rickon começou a soluçar e agarrou-se à perna de Hodor, até que Osha lhe deu uma pancada com a extremidade romba da lança. Ele, então, seguiu-a com bastante rapidez. Cão Felpudo foi atrás deles. A última coisa que Bran viu dos três foi a cauda do lobo gigante que desaparecia atrás da torre quebrada.

A porta levadiça de ferro, que fechava o Portão do Caçador, fora torcida pelo fogo de tal modo que não podia ser elevada mais do que trinta centímetros. Tiveram de se espremer por baixo dos espigões, um por um.

– Vamos encontrar o senhor seu pai? – Bran perguntou enquanto atravessavam a ponte levadiça entre as muralhas – Para a Atalaia da Água Cinzenta?

Meera olhou para o irmão em busca de uma resposta.

– Nosso caminho é para o norte – Jojen respondeu.

No limite da mata de lobos, Bran virou-se no cesto para um último vislumbre do castelo que tinha sido sua vida. Farrapos de fumaça ainda se erguiam para o céu cinzento, mas não mais do que poderia ter saído das chaminés de Winterfell numa tarde fria de Outono. Manchas de fuligem marcavam alguns dos lançadores de flechas, e aqui e ali via-se uma fenda ou um merlão faltando na muralha exterior, mas parecia muito pouco aquela distância. Para lá da muralha, os topos das fortalezas e torres ainda se erguiam como tinham se erguido ao longo de centenas de anos, e era difícil reconhecer que o castelo tivesse sido saqueado, queimado e tudo o mais. *A pedra é forte*, disse Bran a si mesmo, *as raízes das árvores são profundas, e debaixo do solo os Reis do Inverno ocupam seus tronos*. Desde que essas coisas permanecessem, Winterfell permaneceria. Não estava morto, apenas quebrado. *Como eu*, pensou. *Também não estou morto*.

# APÊNDICE

## OS REIS E SUAS CORTES

# O Rei no Trono de Ferro

JOFFREY BARATHEON, o Primeiro do Seu Nome, um rapaz de treze anos, filho mais velho do Rei Robert I Baratheon e da Rainha Cersei, da Casa Lannister,

- sua mãe, RAINHA CERSEI, Rainha Regente e Protetora do Reino,
- sua irmã, PRINCESA MYRCELLA, uma menina de nove anos,
- seu irmão, PRÍNCIPE TOMMEN, um garoto de oito anos, herdeiro do Trono de Ferro,
- seus tios paternos:
  - STANNIS BARATHEON, Senhor de Pedra do Dragão, autoproclamado Rei Stannis Primeiro,
  - {RENLY BARATHEON}, Senhor de Ponta Tempestade, autoproclamado Rei Renly Primeiro,
- seus tios maternos:
  - SOR JAIME LANNISTER, chamado REGICIDA, Senhor Comandante da Guarda Real, cativo em Correrrio,
  - TYRION LANNISTER, chamado DUENDE, Mão do Rei interino,
    - o escudeiro de Tyrion, PODRICK PAYNE,
    - os guardas e espadas ao serviço de Tyrion:
      - BRONN, um mercenário, de cabelos e coração negros,
      - SHAGGA, FILHO DE DOLF, dos Corvos de Pedra,
      - TIMETT, FILHO DE TIMETT, dos Homens Queimados,
      - CHELLA, FILHA DE CHEYK, dos Orelhas Negras,
      - CRAWN, FILHO DE CALOR, dos Irmãos da Lua,

– a concubina de Tyrion, SHAE, uma seguidora de acampamentos de dezoito anos,

– seu pequeno conselho:

– GRANDE MEISTRE PYCELLE,

– LORDE PETYR BAELISH, chamado MINDINHO, mestre da moeda,

– LORDE JANOS SLYNT, comandante da Patrulha da Cidade de Porto Real (os "homens

– de manto dourado"),

– VARYS, um eunuco, chamado ARANHA, mestre dos segredos,

– sua Guarda Real:

– SOR JAIME LANNISTER, chamado REGICIDA, Senhor Comandante, cativo em Correrrio,

– SANDOR CLEGANE, chamado CÃO DE CAÇA,

– SOR BOROS BLOUNT,

– SOR MERYN TRANT,

– SOR ARYS OAKHEART,

– SOR PRESTON GREENFIELD,

– SOR MANDON MOORE,

– sua corte e servidores:

– SOR ILYN PAYNE, o Magistrado do Rei, um carrasco,

– VYLARR, capitão dos guardas Lannister em Porto Real (os "homens de manto ver-

– melho"),

– SOR LANCEL LANNISTER, ex-escudeiro do Rei Robert, recentemente armado cavaleiro,

– TYREK LANNISTER, ex-escudeiro do Rei Robert,

– SOR ARON SANTAGAR, mestre de armas,

– SOR BALON SWANN, segundo filho do Lorde Guilan Swann de Pedrelmo,

– SENHORA ERMESANDE HAYFORD, um bebê de peito,

– SOR DONTOS HOLLARD, chamado o VERMELHO, um bêbado,

– JALABHAR XHO, um príncipe exilado das Ilhas do Verão,

– RAPAZ LUA, um bobo,

– SENHORA TANDA STOKEWORTH,
  – PALYSE, sua filha mais velha,
  – LOLLYS, sua filha mais nova, uma donzela de trinta e três anos,
– LORDE GYLES ROSBY,
– SOR HORAS REDWYNE e seu irmão gêmeo, SOR HOBBER REDWYNE, filhos do Senhor
– da Árvore,
– o povo de Porto Real:
  – a Patrulha da Cidade (os "homens de manto dourado"):
    – JANOS SLYNT, Senhor de Harrenhal, Senhor Comandante,
      – MORROS, seu filho mais velho e herdeiro,
    – ALLAR DEEM, sargento-chefe de Slynt,
    – SOR JACELYN BYWATER, chamado MÃO DE FERRO, capitão do Portão do Rio,
  – HALLYNE, O PIROMANTE, um sábio da Guilda dos Alquimistas,
  – CHATAYA, dona de um bordel de luxo,
    – ALAYAYA, DANCY, MAREI, algumas de suas moças,
  – TOBHO MOTT, mestre armeiro,
  – SALLOREON, mestre armeiro,
  – PANÇA DE FERRO, ferreiro,
  – LOTHAR BRUNE, cavaleiro livre,
  – SOR OSMUND KETTLEBLACK, cavaleiro menor de má reputação,
    – OSFRYD e OSNEY KETTLEBLACK, seus irmãos,
  – SYMON LÍNGUA DE PRATA, cantor.

A bandeira do Rei Joffrey ostenta o veado coroado dos Baratheon, negro sobre dourado, e o leão dos Lannister, dourado sobre carmesim, combatente.

# O Rei no Mar Estreito

STANNIS BARATHEON, o Primeiro de Seu Nome, o mais velho dos irmãos do {Rei Robert}, anteriormente Senhor de Pedra do Dragão, segundo filho do Lorde Steffon Baratheon e da Senhora Cassana da Casa Estermont,

– sua esposa, SENHORA SELYSE, da Casa Florent,
  – SHIREEN, sua única filha, uma menina de dez anos,
– seu tio e primos:
  – SOR LOMAS ESTERMONT, tio,
    – seu filho, SOR ANDREW ESTERMONT, primo,
– sua corte e servidores:
  – MEISTRE CRESSEN, curandeiro e tutor, um velho,
  – MEISTRE PYLOS, seu jovem sucessor,
  – SEPTÃO BARRE,
  – SOR AXELL FLORENT, castelão de Pedra do Dragão e tio da Rainha Selyse,
  – CARA-MALHADA, um bobo louco,
  – SENHORA MELISANDRE DE ASSHAI, chamada a MULHER VERMELHA, sacerdotisa de R'hllor, o Coração de Fogo,
  – SOR DAVOS SEAWORTH, chamado o CAVALEIRO DAS CEBOLAS e às vezes MÃO-CURTA,
  – antigo contrabandista, capitão do *Betha Negra*,
    – sua esposa MARYA, filha de um carpinteiro,
      – seus sete filhos:
      – DALE, capitão do *Espectro*,

– ALLARD, capitão do *Senhora Marya*,
– MATTHOS, imediato do *Betha Negra*,
– MARIC, mestre dos remadores do *Fúria*,
– DEVAN, escudeiro do Rei Stannis,
– STANNIS, um garoto de nove anos,
– STEFFON, um garoto de seis anos,
– BRYEN FARRING, escudeiro do Rei Stannis,
– os senhores seus vassalos e espadas juramentadas,
– ARDRIAN CELTIGAR, Senhor da Ilha da Garra, um velho,
– MONFORD VELARYON, Senhor das Marés e Mestre de Derivamarca,
– DURAM BAR EMMON, Senhor de Ponta Afiada, um rapaz de catorze anos,
– GUNCER SUNGLASS, Senhor do Canal de Portodoce,
– SOR HUBARD RAMBTON,
– SALLADHOR SAAN, da Cidade Livre de Lys, chamado PRÍNCIPE DO MAR ESTREITO,
– MOROSH DE MYR, um almirante mercenário.

Rei Stannis escolheu como símbolo o coração em chamas do Senhor da Luz, um coração vermelho rodeado por chamas cor de laranja sobre um fundo amarelo-vivo. No interior do coração encontra-se retratado o veado coroado da Casa Baratheon, de negro.

# O Rei em Jardim de Cima

{RENLY BARATHEON}, o Primeiro de Seu Nome, o mais novo dos irmãos do Rei Robert, anteriormente Senhor de Ponta Tempestade, terceiro filho de Lorde Steffon Baratheon e da Senhora Cassana, da Casa Estermont,

- sua nova noiva, SENHORA MARGAERY, da Casa Tyrell, uma donzela de quinze anos,
- seu tio e primos:
  - SOR ELDON ESTERMONT, tio
    - o filho de Sor Eldon, SOR AEMON ESTERMONT, um primo,
      - o filho de Sor Aemon, SOR ALYN ESTERMONT,
- os senhores seus vassalos:
  - MACE TYRELL, Senhor de Jardim de Cima e Mão do Rei,
  - RANDYLL TARLY, Senhor de Monte Chifre,
  - MATHIS ROWAN, Senhor de Bosquedouro,
  - BRYCE CARON, Senhor da Marca,
  - SHYRA ERROL, Senhora de Solar de Montefeno,
  - ARWYN OAKHEART, Senhor da Fortaleza de Águas Claras,
  - LORDE SELWYN DE TARTH, chamado estrela da tarde,
  - LEYTON HIGHTOWER, Voz de Vilavelha, Senhor do Porto,
  - LORDE STEFFON VARNER,
- sua Guarda Arco-Íris:
  - SOR LORAS TYRELL, o Cavaleiro das Flores, Senhor Comandante,
  - LORDE BRYCE CARON, o Laranja,
  - SOR GUYARD MORRIGEN, o Verde,
  - SOR PARMEN CRANE, o Roxo,

– SOR ROBAR ROYCE, o Vermelho,
– SOR EMMON CUY, o Amarelo,
– BRIENNE DE TARTH, a Azul, também chamada BRIENNE, A BELEZA, filha de Lorde
– Selwyn, a Estrela da Tarde,
– seus cavaleiros e espadas juramentadas:
– SOR CORTNAY PENROSE, castelão de Ponta Tempestade,
– o protegido de Sor Cortnay, EDRIC STORM, um filho bastardo do Rei Robert e da Senhora Delena, da Casa Florent,
– SOR DONNEL SWANN, herdeiro de Pedrelmo,
– SOR JON FOSSOWAY, dos Fossoway da maçã verde,
– SOR BRYAN FOSSOWAY, SOR TANTON FOSSOWAY e SOR EDWYD FOSSOWAY, dos Fossoway da maçã vermelha,
– SOR COLEN DE LAGOAS VERDES,
– SOR MARK MULLENDORE,
– RONNET VERMELHO, o Cavaleiro de Poleiro do Grifo,
– o pessoal de sua casa,
– MEISTRE JURNE, conselheiro, curandeiro e tutor.

A bandeira do Rei Renly é o veado coroado da Casa Baratheon de Ponta Tempestade, negro sobre fundo dourado, a mesma usada pelo irmão, o Rei Robert.

# O Rei no Norte

ROBB STARK, Senhor de Winterfell e Rei no Norte, filho mais velho de {Ned Stark}, Senhor de Winterfell, e da Senhora Catelyn, da Casa Tully, um rapaz de quinze anos,

– seu lobo gigante, VENTO CINZENTO,

– sua mãe, SENHORA CATELYN, da Casa Tully,

– seus irmãos:

– PRINCESA SANSA, uma donzela de doze anos,

– a loba gigante de Sansa {LADY}, morta no Castelo de Darry,

– PRINCESA ARYA, uma menina de dez anos,

– a loba gigante de Arya, NYMERIA, afastada um ano antes,

– PRÍNCIPE BRANDON, chamado Bran, herdeiro de Winterfell e do Norte, um garoto

– de oito anos,

– o lobo gigante de Bran, VERÃO,

– PRÍNCIPE RICKON, um garoto de quatro anos,

– o lobo gigante de Rickon, CÃO FELPUDO,

– seu meio-irmão, JON SNOW, um bastardo de quinze anos, membro da Patrulha da Noite,

– o lobo gigante de Jon, FANTASMA,

– seus tios e tias:

– {BRANDON STARK}, o irmão mais velho de Lorde Eddard, assassinado por ordem de Aerys II Targaryen,

– BENJEN STARK, o irmão mais novo de Lorde Eddard, um homem da Patrulha da Noite, perdido para lá da Muralha,
– LYSA ARRYN, a irmã mais nova da Senhora Catelyn, viúva de {Lorde Jon Arryn},
– senhora do Ninho da Águia,
– SOR EDMURE TULLY, irmão mais novo da Senhora Catelyn, herdeiro de Correrrio,
– SOR BRYNDEN TULLY, chamado PEIXE NEGRO, tio da Senhora Catelyn,
– as espadas a ele juramentadas e os companheiros de batalha:
– THEON GREYJOY, protegido de Lorde Eddard, herdeiro de Pyke e das Ilhas de Ferro,
– HALLIS MOLLEN, capitão dos guardas de Winterfell,
– JACKS, QUENT, SHADD, guardas sob o comando de Mollen,
– PATREK MALLISTER, herdeiro de Guardamar,
– DACEY MORMONT, filha mais velha da Senhora Maege e herdeira da Ilha dos Ursos,
– JON UMBER, chamado PEQUENO-JON,
– ROBIN FLINT, SOR PERWYN FREY, LUCAS BLACKWOOD
– seu escudeiro, OLYVAR FREY, de dezoito anos,
– seu pessoal em Correrrio:
– MEISTRE VYMAN, conselheiro, curandeiro e tutor,
– SOR DESMOND GRELL, mestre de armas,
– SOR ROBIN RYGER, capitão da guarda,
– UTHERYDES WAYN, intendente de Correrrio,
– RYMUND, O RIMADOR, cantor,
– seu pessoal em Winterfell:
– MEISTRE LUWIN, conselheiro, curandeiro e tutor,
– SOR RODRIK CASSEL, mestre de armas,
– BETH, sua jovem filha,
– WALDER FREY, chamado GRANDE WALDER, protegido da Senhora Catelyn, com
– oito anos,

– WALDER FREY, chamado PEQUENO WALDER, protegido da Senhora Catelyn, também
– com oito anos,
– SEPTÃO CHAYLE, guardião do septo e da biblioteca do castelo,
– JOSETH, mestre dos cavalos,
– BANDY e SHYRA, suas filhas gêmeas,
– FARLEN, mestre do canil,
– PALLA, aprendiz do canil,
– VELHA AMA, contadora de histórias, antiga ama de leite,
– HODOR, seu bisneto, um cavalariço simplório,
– GAGE, o cozinheiro,
– NABO, uma latrineira e ajudante de cozinha,
– OSHA, uma selvagem, aprisionada no bosque de lobos, trabalhando como ser-
– vente de cozinha,
– MIKKEN, ferreiro e armeiro,
– HAYHEAD, SKITTRICK, POXY TYM e ALEBELLY, guardas,
– CALON, TOM, filhos de guardas,
– os senhores seus vassalos e comandantes:
– (com Robb em Correrrio)
– JON UMBER, chamado o GRANDE-JON,
– RICKARD KARSTARK, Senhor de Karhold,
– GALBART GLOVER, de Bosque Profundo,
– MAEGE MORMONT, Senhora da Ilha dos Ursos,
– SOR STEVRON FREY, filho mais velho do Lorde Walder Frey e herdeiro das Gêmeas,
– o filho mais velho de Sor Stevron, SOR RYMAN FREY,
– o filho de Sor Ryman, WALDER NEGRO FREY,
– MARTYN RIVERS, filho bastardo de Lorde Walder Frey,
– (com a tropa de Roose Bolton, nas Gêmeas)
– ROOSE BOLTON, Senhor do Forte do Pavor, comandando a maior parte da tropa
– do Norte,

– ROBETT GLOVER, de Bosque Profundo,
– WALDER FREY, Senhor da Travessia,
– SOR HELMAN TALLHART, de Praça de Torrhen,
– SOR AENYS FREY,
– (prisioneiros de Lorde Tywin Lannister)
– LORDE MEDGER CERWYN,
– HARRION KARSTARK, único filho sobrevivente de Lorde Rickard,
– SOR WYLIS MANDERLY, herdeiro de Porto Branco,
– SOR JARED FREY, SOR HOSTEEN FREY, SOR DANWELL FREY e seu meio-irmão bastardo, RONEL RIVERS,
– (em campo, ou em seus castelos)
– LYMAN DARRY, um garoto de oito anos,
– SHELLA WHENT, Senhora de Harrenhal, despojada de seu castelo por Lorde
– Tywin Lannister,
– JASON MALLISTER, Senhor de Guardamar,
– JONOS BRACKEN, Senhor de Barreira de Pedra,
– TYTOS BLACKWOOD, Senhor de Corvarbor
– SOR KARYL VANCE,
– SOR MARQ PIPER,
– SOR HALMON PAEGE,
– os senhores seus vassalos e castelões no norte:
– WYMAN MANDERLY, Senhor de Porto Branco,
– HOWLAND REED, da Atalaia da Água Cinzenta, um cranogmano,
– a filha de Howland, MEERA, uma donzela de quinze anos,
– o filho de Howland, JOJEN, um rapaz de treze anos,
– SENHORA DONELLA HORNWOOD, uma viúva e mãe de luto,
– CLEY CERWYN, herdeiro de Lorde Medger, um rapaz de catorze anos,
– LEOBALD TALLHART, irmão mais novo de Sor Helman, castelão em Praça de Torrhen,
– a esposa de Leobald, BERENA, da Casa Hornwood,
– o filho de Leobald, BRANDON, um rapaz de catorze anos,

– o filho de Leobald, BEREN, um garoto de dez anos,
– o filho de Sor Helman, BENFRED, herdeiro de Praça de Torrhen,
– a filha de Sor Helman, EDDARA, uma donzela de nove anos,
– SENHORA SYBELLE, esposa de Robett Glover, governando Bosque Profundo em sua
– ausência,
– o filho de Robett, GAWEN, de três anos, herdeiro do Bosque Profundo,
– a filha de Robett, ERENA, um bebê de um ano,
– LARENCE SNOW, um filho bastardo de Lorde Hornwood, com doze anos, prote-
– gido de Galbart Glover,
– MORS CROWFOOD e HOTHER TERROR-DAS-RAMEIRAS, da Casa Umber, tios do
– Grande-Jon,
– SENHORA LYESSA FLINT, mãe de Robin,
– ONDREW LOCKE, Senhor de Castelovelho, um velho.

A bandeira do Rei no Norte permanece igual à que foi durante milhares de anos: o lobo gigante cinza dos Stark de Winterfell correndo por um campo branco de gelo.

# A Rainha no Outro Lado do Mar

DAENERYS TARGARYEN, chamada Daenerys Filha da Tormenta, a Não Queimada, Mãe de Dragões, *Khaleesi* dos Dothraki e Primeira do Seu Nome, única filha sobrevivente do Rei Aerys II Targaryen e de sua irmã/esposa, a Rainha Rhaella, uma viúva com catorze anos,

– seus dragões recém-nascidos, DROGON, VISERION, RHAEGAL,

– seus irmãos:

  – {RHAEGAR}, Príncipe de Pedra do Dragão e herdeiro do Trono de Ferro, morto pelo

  – Rei Robert no Tridente,

    – {RHAENYS}, filha de Rhaegar e de Elia de Dorne, assassinada durante o Saque

    – de Porto Real,

    – {AEGON}, filho de Rhaegar e de Elia de Dorne, assassinado durante o Saque de

    – Porto Real,

  – {VISERYS}, autoproclamado Rei Viserys, o Terceiro do Seu Nome, chamado o REI PEDINTE, morto em Vaes Dothrak pelas mãos de Khal Drogo,

– seu esposo {DROGO}, um *khal* dos dothraki, morto por ferimentos não curados,

  – {RHAEGO}, filho natimorto de Daenerys e Khal Drogo, morto no ventre por Mirri Maz Duur,
– sua Guarda Real:
  – SOR JORAH MORMONT, um cavaleiro exilado, antes Senhor da Ilha dos Ursos,
  – JHOGO, *ko* e companheiro de sangue, o chicote,
  – AGGO, *ko* e companheiro de sangue, o arco,
  – RAKHARO, *ko* e companheiro de sangue, o *arakh*,
– suas aias:
  – IRRI, uma moça dothraki,
  – JHIQUI, uma moça dothraki,
  – DOREAH, uma escrava lisena, ex-prostituta,
– os três investigadores:
  – XARO XHOAN DAXOS, um príncipe mercador de Qarth,
  – PYAT PREE, um mago de Qarth,
  – QUAITHE, uma umbromante mascarada de Asshai,
– ILLYRIO MOPATIS, um magíster da Cidade Livre de Pentos, que arranjou o casamento de
– Daenerys com Khal Drogo e conspirou para que Viserys recuperasse o Trono de Ferro.

A bandeira dos Targaryen é a de Aegon, o Conquistador, que conquistou seis dos Sete Reinos, fundou a dinastia e fez o Trono de Ferro com as espadas dos inimigos conquistados: um dragão de três cabeças, vermelho sobre fundo negro.

# OUTRAS CASAS, GRANDES E PEQUENAS

# Casa Arryn

A Casa Arryn não declarou apoio a nenhum dos pretendentes rivais no início da guerra, e reteve suas forças a fim de proteger o Ninho da Águia e o Vale de Arryn. O selo dos Arryn é a lua e o falcão, em branco, sobre fundo azul-celeste. O lema dos Arryn é: *Tão Alto Como a Honra*.

ROBERT ARRYN, Senhor do Ninho da Águia, Defensor do Vale, protetor do Leste, um garoto de saúde frágil de oito anos,
- – sua mãe, SENHORA LYSA, da Casa Tully, terceira esposa e viúva de {Lorde Jon Arryn},
- – falecido Mão do Rei, e irmã de Catelyn Stark,
- – o pessoal de sua casa:
  - – MEISTRE COLEMON, conselheiro, curandeiro e tutor,
  - – SOR MARWYN BELMORE, capitão da guarda,
  - – MORD, um carcereiro brutal,
  - – MARILLION, um jovem cantor,
- – os senhores seus vassalos, pretendentes e servidores:
  - – LORDE YOHN ROYCE, chamado BRONZE YOHN,
    - – o filho mais velho de Yohn, SOR ANDAR,
    - – o segundo filho de Lorde Yohn, SOR ROBAR, a serviço do Rei Renly, chamado
    - – Robar, o Vermelho, da Guarda Arco-Íris,

– o filho mais novo de Lorde Yohn {SOR WAYMAN}, um homem da Patrulha da
– Noite, perdido para lá da Muralha,
– LORDE NESTOR ROYCE, primo de Lorde Yohn, Supremo Intendente do Vale,
– o filho e herdeiro de Lorde Nestor, SOR ALBAR,
– a filha de Lorde Nestor, MYRANDA,
– MYA STONE, uma moça bastarda ao seu serviço, filha do Rei Robert,
– SOR LYN CORBRAY, pretendente da Senhora Lysa,
– MYCHEL REDFORT, seu escudeiro,
– SENHORA ANYA WAYNWOOD,
– o filho mais velho e herdeiro da Senhora Anya, SOR MORTON, pretendente da
– Senhora Lysa,
– o segundo filho da Senhora Anya, SOR DONNEL, Cavaleiro do Portão,
– LORDE EON HUNTER, Senhor de Solar de Longarco, um velho, pretendente da Senhora Lysa.

# Casa Florent

Os Florent da Fortaleza de Águas Claras são vassalos de Jardim de Cima e seguiram os Tyrell na proclamação do Rei Renly. No entanto, mantiveram também um pé no outro campo, uma vez que a rainha de Stannis é uma Florent, e o tio dela é castelão de Pedra do Dragão. O selo da Casa Florent exibe uma cabeça de raposa rodeada por um círculo de flores.

ALESTER FLORENT, Senhor de Águas Claras,
- sua esposa, SENHORA MELARA, da Casa Crane,
- seus filhos:
  - ALEKYNE, herdeiro de Águas Claras,
  - MELESSA, casada com Lorde Randyll Tarly,
  - RHEA, casada com Lorde Leyton Hightower,
- os irmãos:
  - SOR AXELL, castelão em Pedra do Dragão,
  - {SOR RYAM}, morto ao cair de um cavalo,
    - a filha de Sor Ryam, RAINHA SELYSE, casada com o Rei Stannis,
    - o filho mais velho e herdeiro de Sor Ryam, SOR IMRY,
    - o segundo filho de Sor Ryam, SOR ERREN,
  - SOR COLIN,
    - a filha de Sor Colin, DELENA, casada com SOR HOSMAN NORCROSS,
      - o filho de Delena, EDRIC STORM, um bastardo do Rei Robert,

– o filho de Delena, ALESTER NORCROSS,
– o filho de Delena, RENLY NORCROSS,
– o filho de Colin, MEISTRE OMER, a serviço em Carvalho Velho,
– o filho de Colin, MERRELL, um escudeiro na Árvore,
– sua irmã, RYLENE, casada com Sor Rycherd Crane.

# Casa Frey

Poderosos, ricos e numerosos, os Frey são vassalos da Casa Tully, com as espadas juramentadas a serviço de Correrrio, mas nem sempre foram diligentes em desempenhar seu dever. Quando Robert Baratheon enfrentou Rhaegar Targaryen no Tridente, os Frey só chegaram depois da batalha terminada, e daí em diante Lorde Hoster Tully chamava sempre Lorde Walder de "o Atrasado Lorde Frey". Lorde Frey só concordou em apoiar a causa do Rei no Norte depois de Robb Stark concordar com um noivado, prometendo desposar uma de suas filhas ou netas após o fim da guerra. Lorde Walder conheceu noventa e um dias do seu nome, mas foi recentemente que tomou sua oitava esposa, uma moça setenta anos mais jovem que ele. Diz-se dele que é o único senhor dos Sete Reinos que poderia tirar um exército dos calções.

WALDER FREY, Senhor da Travessia,
– da sua primeira esposa {SENHORA PERRA}, da Casa Royce:
– SOR STEVRON, herdeiro das Gêmeas,
– c. {Corenna Swann, morta de uma doença debilitante},
– o filho mais velho de Stevron, SOR RYMAN,
– o filho de Ryman, EDWYN, casado com Janyce Hunter,
– a filha de Edwyn, WALDA, uma menina de oito anos,
– o filho de Ryman, WALDER, chamado WALDER NEGRO,
– o filho de Ryman, PETYR, chamado PETYR ESPINHA,

– c. Mylenda Caron,
– a filha de Petyr, PERRA, uma menina de cinco anos,
– c. {Jeyne Lydden, morta numa queda de cavalo},
– o filho de Stevron, AEGON, um idiota chamado GUIZO,
– a filha de Stevron {MAEGELLE}, morta após o parto,
– c. Sor Dafyn Vance,
– a filha de Maegelle, MARIANNE, uma donzela,
– o filho de Maegelle, WALDER VANCE, um escudeiro,
– o filho de Maegelle, PATREK VANCE,
– c. {Marsella Waynwood}, morta após o parto
– o filho de Stevron, WALTON, com Deana Hardyng,
– o filho de Walton, STEFFON, chamado O DOCE,
– a filha de Walton, WALDA, chamada BELA WALDA,
– o filho de Walton, BRYAN, um escudeiro,
– SOR EMMON, c. Genna, da Casa Lannister,
– o filho de Emmon, SOR CLEOS, c. Jeyne Darry,
– o filho de Cleos, TYWIN, um escudeiro de onze anos,
– o filho de Cleos, WILLEM, um pajem em Cinzamarca,
– o filho de Emmon, SOR LYONEL, c. Melesa Crakehall,
– o filho de Emmon, TION, um escudeiro cativo em Correrrio,
– o filho de Emmon, WALDER, chamado WALDER VERMELHO, um pajem em
– Rochedo Casterly,
– SOR AENYS, c. {Tyana Wylde}, morta após o parto,
– o filho de Aenys, AEGON NASCIDO-EM-SANGUE, um fora da lei,
– o filho de Aenys, RHAEGAR, c. Jeyne Beesbury,
– o filho de Rhaegar, ROBERT, um rapaz de treze anos,
– a filha de Rhaegar, WALDA, uma menina de dez anos, chamada WALDA
– BRANCA,
– o filho de Rhaegar, JONOS, um garoto de oito anos,
– PERRIANE, c. Sor Laslyn Haigh,
– o filho de Perriane, SOR HARYS HAIGH,

– o filho de Harys, WALDER HAIGH, um garoto de quatro anos,
– o filho de Perriane, SOR DONNEL HAIGH,
– o filho de Perriane, ALYN HAIGH, um escudeiro,
– de sua segunda esposa {SENHORA CYRENNA}, da Casa Swann:
– SOR JARED, seu filho mais velho, c. {Alys Frey},
– o filho de Jared, SOR TYTOS, c. Zhoe Blanetree,
– a filha de Tytos, ZIA, uma donzela de catorze anos,
– o filho de Tytos, ZACHERY, um rapaz de doze anos, em treino no Septo de
– Vilavelha,
– a filha de Jared, KYRA, c. Sor Garse Goodbrook,
– o filho de Kyra, WALDER GOODBROOK, um garoto de nove anos,
– a filha de Kyra, JEYNE GOODBROOK, com seis anos,
– SEPTÃO LUCEON, a serviço no Grande Septo de Baelor em Porto Real,
– da sua terceira esposa {SENHORA AMAREI}, da Casa Crakehall:
– SOR HOSTEEN, seu filho mais velho, c. Bellena Hawick,
– o filho de Hosteen, SOR ARWOOD, c. Ryella Royce,
– a filha de Arwood, RYELLA, uma menina de cinco anos,
– os filhos gêmeos de Arwood, ANDROW e ALYN, com três anos,
– SENHORA LYTHENE, c. Lorde Lucias Vypren,
– a filha de Lythene, ELIANA, c. Sor Jon Wylde,
– o filho de Elyana, RICKARD WYLDE, de quatro anos,
– o filho de Lythene, SOR DAMON VYPREN,
– SYMOND, c. Betharios de Bravos,
– o filho de Symond, ALESANDER, um cantor,
– a filha de Symond, ALYX, uma donzela de dezessete anos,
– o filho de Symond, BRADAMAR, um rapaz de dez anos, criado em Bravos como
– protegido de Oro Tendyris, um mercador dessa cidade,
– SOR DANWELL, c. Wynafrei Whent,
– {muitos natimortos e abortos}
– MERRETT, c. Mariya Darry,

– a filha de Merrett, AMEREI, chamada AMI, uma viúva de dezesseis anos, c. {Sor
– Pate do Ramo Azul},
– a filha de Merrett, WALDA, chamada WALDA GORDA, uma donzela de quinze anos,
– a filha de Merrett, MARISSA, uma donzela de treze anos,
– o filho de Merrett, WALDER, chamado PEQUENO WALDER, um garoto de oito
– anos, criado em Winterfell como protegido da Senhora Catelyn Stark,
– {SOR GEREMY}, morto afogado, c. Carolei Waynwood,
– o filho de Geremy, SANDOR, um rapaz de doze anos, escudeiro de Sor Donnel
– Waynwood,
– a filha de Geremy, CYNTHEA, uma menina de nove anos, protegida da Senhora
– Anya Waynwood,
– SOR RAYMUND, c. Beony Beesbury,
– o filho de Raymund, ROBERT, de dezesseis anos, em treino na Cidadela em Vila-
– velha,
– o filho de Raymund, MALWYN, de quinze anos, aprendiz de um alquimista em
– Lys,
– as filhas gêmeas de Raymund, SERRA e SARRA, donzelas de catorze anos,
– a filha de Raymund, CERSEI, de seis anos, chamada PEQUENA ABELHA,
– de sua quarta esposa {SENHORA ALYSSA}, da Casa Blackwood:
– LOTHAR, seu filho mais velho, chamado LOTHAR COXO, c. Leonella Lefford,
– a filha de Lothar, TYSANE, uma menina de sete anos,
– a filha de Lothar, WALDA, uma menina de quatro anos,

– a filha de Lothar, EMBERLEI, uma menina de dois anos,
– SOR JAMMOS, c. Sallei Paege,
– o filho de Jammos, WALDER, chamado GRANDE WALDER, um garoto de oito anos
– criado em Winterfell como protegido da Senhora Catelyn Stark,
– os filhos gêmeos de Jammos, DICKON e MATHIS, com cinco anos,
– SOR WHALEN, c. Sylwa Paege,
– o filho de Whalen, HOSTER, um rapaz de doze anos, escudeiro de Sor Damon
– Paege,
– a filha de Whalen, MERIANNE, chamada MERRY, uma moça de onze anos,
– SENHORA MORYA, c. Flement Brax,
– o filho de Morya, ROBERT BRAX, de nove anos, criado em Rochedo Casterly
– como pajem,
– o filho de Morya, WALDER BRAX, um garoto de seis anos,
– o filho de Morya, JON BRAX, um bebê de três anos,
– TYTA, chamada TYTA, A DONZELA, uma donzela de vinte e nove anos,
– de sua quinta esposa {SENHORA SARYA}, da Casa Whent:
– nenhuma prole,
– de sua sexta esposa {SENHORA BETHANY}, da Casa Rosby:
– SOR PERWYN, seu filho mais velho,
– SOR BENFREY, c. Jyanna Frey, uma prima,
– a filha de Benfrey, DELLA, chamada DELLA SURDA, uma menina de três anos,
– o filho de Benfrey, OSMUND, um garoto de dois anos,
– MEISTRE WILLAMEN, a serviço em Solar de Longarco,
– OLYVAR, um escudeiro a serviço de Robb Stark,
– ROSLIN, uma donzela de dezesseis anos,
– de sua sétima esposa {SENHORA ANNARA}, da Casa Farring:
– ARWYN, uma donzela de catorze anos,

  – WENDEL, o filho mais velho, um rapaz de treze anos, criado em Guardamar como
  – pajem,
  – COLMAR, prometido à Fé, com onze anos,
  – WALTYR, chamado TYR, um garoto de dez anos,
  – ELMAR, prometido a Arya Stark, um garoto de nove anos,
  – SHIREI, uma menina de seis anos,
– sua oitava esposa, SENHORA JOYEUSE, da Casa Erenford,
  – ainda sem prole,
– filhos naturais de Lorde Walder, de mães diversas,
  – WALDER RIVERS, chamado WALDER BASTARDO,
    – o filho de Walder Bastardo, SOR AEMON RIVERS,
    – a filha de Walder Bastardo, WALDA RIVERS,
  – MEISTRE MELWYS, a serviço em Rosby,
  – JEYNE RIVERS, MARTYN RIVERS, RYGER RIVERS, RONEL RIVERS, MELLARA RIVERS e outros.

# Casa Greyjoy

Balon Greyjoy, Senhor das Ilhas de Ferro, liderou no passado uma rebelião contra o Trono de Ferro, subjugada pelo Rei Robert e por Lorde Eddard Stark. Embora seu filho Theon, criado em Winterfell, fosse um dos apoiadores e mais próximos companheiros de Robb Stark, Lorde Balon não se juntou aos homens do norte quando marcharam para as terras fluviais.

O selo dos Greyjoy é uma gigante lula dourada em fundo negro. Seu lema é *Nós Não Semeamos*.

BALON GREYJOY, Senhor das Ilhas de Ferro, Rei do Sal e da Rocha, Filho do Vento Marinho,
Senhor Ceifeiro de Pyke, capitão da *Grande Lula Gigante*,
– sua esposa, SENHORA ALANNYS, da Casa Harlaw,
– seus filhos:
  – {RODRIK}, morto em Guardamar durante a Rebelião Greyjoy,
  – {MARON}, morto em Pyke durante a Rebelião Greyjoy,
  – ASHA, capitã do *Vento Negro*,
  – THEON, protegido de Lorde Eddard Stark em Winterfell,
– seus irmãos:
  – EURON, chamado OLHO DE CORVO, capitão do *Silêncio*, um fora da lei, pirata e cor-
  – sário,
  – VICTARION, Senhor Capitão da Frota de Ferro, mestre do *Vitória de Ferro*,

  - AERON, chamado CABELO MOLHADO, um sacerdote do Deus Afogado,
- seu pessoal em Pyke:
  - DAGMER, chamado BOCA RACHADA, mestre de armas, capitão do *Bebedor de Espuma*,
  - MEISTRE WENDAMYR, curandeiro e conselheiro,
  - HELYA, governanta do castelo,
- pessoas de Fidalporto:
  - SIGRIN, um carpinteiro naval,
- os senhores seus vassalos:
  - LORDE BOTLEY, de Fidalporto,
  - LORDE WYNCH, de Bosque de Ferro,
  - LORDE HARLAW, de Harlaw,
  - STONEHOUSE, de Velha Wyk,
  - DRUMM, de Velha Wyk,
  - GOODBROTHER, de Velha Wyk,
  - GOODBROTHER, de Grande Wyk,
  - LORDE MERLYN, de Grande Wyk,
  - SPARR, de Grande Wyk,
  - LORDE BLACKTYDE, de Pretamare,
  - LORDE SALTCLIFFE, de Salésia,
  - LORDE SUNDERLY, de Salésia.

# Casa Lannister

Os Lannister de Rochedo Casterly permanecem como o principal apoio da pretensão do Rei Joffrey ao Trono de Ferro. Seu selo é um leão dourado em fundo carmim. O lema Lannister é *Ouça-me Rugir!*

TYWIN LANNISTER, Senhor de Rochedo Casterly, Protetor do Oeste, Escudo de Lanisporto
e Mão do Rei, no comando da tropa Lannister em Harrenhal,
- – sua esposa, {SENHORA JOANNA}, uma prima, morta durante o parto,
- – seus filhos:
  - – SOR JAIME, chamado REGICIDA, Protetor do Leste e Senhor Comandante da Guarda Real, irmão gêmeo da Rainha Cersei,
  - – RAINHA CERSEI, viúva do Rei Robert, gêmea de Jaime, Rainha Regente e Protetora do Território,
  - – TYRION, chamado DUENDE, um anão,
- – seus irmãos:
  - – SOR KEVAN, seu irmão mais velho,
    - – a esposa de Sor Kevan, DORNA, da Casa Swyft,
      - – o pai da Senhora Dorna, SOR HARYS SWYFT,
    - – seus filhos:
      - – SOR LANCEL, antigo escudeiro do Rei Robert, feito cavaleiro após a morte do soberano,
      - – WILLEM, gêmeo de Martyn, um escudeiro, feito cativo no Bosque dos Murmúrios,

– MARTYN, gêmeo de Willem, um escudeiro,
– JANEI, uma menina de dois anos,
– GENNA, sua irmã, casada com Sor Emmon Frey,
– o filho de Genna, SOR CLEOS FREY, feito cativo no Bosque dos Murmúrios,
– o filho de Genna, TION FREY, um escudeiro, feito cativo no Bosque dos Murmúrios,
– {SOR TYGETT}, seu segundo irmão, morto de varíola,
– a viúva de Tygett, DARLESSA, da Casa Marbrand,
– o filho de Tygett, TYREK, escudeiro do rei,
– {GERION}, seu irmão mais novo, perdido no mar,
– a filha bastarda de Gerion, JOY, com onze anos,
– seu primo, SOR STAFFORD LANNISTER, irmão da falecida Senhora Joanna,
– as filhas de Sor Stafford, CERENNA e MYRIELLE,
– o filho de Sor Stafford, SOR DAVEN,
– os senhores seus vassalos, capitães e comandantes:
– SOR ADDAM MARBRAND, herdeiro de Cinzamarca, comandante dos batedores de Lorde Tywin,
– SOR GREGOR CLEGANE, a Montanha Que Cavalga,
– POLLIVER, CHISWYCK, RAFF, O QUERIDO, DUNSEN e CÓCEGAS, soldados ao seu serviço,
– LORDE LEO LEFFORD,
– SOR AMORY LORCH, um capitão dos destacamentos logísticos,
– LEWIS LYDDEN, Senhor de Toca Funda,
– GAWEN WESTERLING, Senhor do Despenhadeiro, feito cativo no Bosque dos Murmúrios e mantido em Guardamar,
– SOR ROBERT BRAX e o irmão, SOR FLEMENT BRAX,
– SOR FORLEY PRESTER, do Dente Dourado,
– VARGO HOAT, da Cidade Livre de Qohor, capitão da companhia de mercenários chamada Bravos Companheiros,
– MEISTRE CREYLEN, seu conselheiro.

# Casa Martell

DORNE foi o último dos Sete Reinos a jurar lealdade ao Trono de Ferro. Tanto o sangue como os costumes e a história distinguem os homens de Dorne dos outros reinos. Quando estourou a guerra de sucessão, o Príncipe de Dorne manteve o silêncio e não participou.

O estandarte Martell é um sol vermelho trespassado por uma lança dourada. Seu lema é *Insubmissos, Não Curvados, Não Quebrados*.

DORAN NYMEROS MARTELL, Senhor de Lançassolar, Príncipe de Dorne,
- – sua esposa, MELLARIO, da Cidade Livre de Norvos,
- – seus filhos:
  - – PRINCESA ARIANNE, a filha mais velha, herdeira de Lançassolar,
  - – PRÍNCIPE QUENTYN, o filho mais velho,
  - – PRÍNCIPE TRYSTANE, o filho mais novo,
- – seus irmãos:
  - – sua irmã, {PRINCESA ELIA}, casada com o Príncipe Rhaegar Targaryen, morta durante o Saque de Porto Real,
    - – a filha de Elia {PRINCESA RHAENYS}, uma menininha assassinada durante o Saque de Porto Real,
    - – o filho de Elia {PRÍNCIPE AEGON}, um bebê, morto durante o Saque de Porto Real,
  - – seu irmão, PRÍNCIPE OBERYN, o Víbora Negra,
- – o pessoal de sua casa:
  - – AREO HOTAH, um mercenário norvoshi, capitão dos guardas,
  - – MEISTRE CALEOTTE, conselheiro, curandeiro e tutor,

– os senhores seus vassalos:

– EDRIC DAYNE, Senhor de Tombastela.

As principais casas vassalas de Lançassolar incluem: Jordayne, Santagar, Allyrion, Toland, Yronwood, Wyl, Fowler e Dayne.

# Casa Tyrell

Lorde Tyrell de Jardim de Cima declarou seu apoio ao Rei Renly após o casamento dele com a filha Margaery, e trouxe a maior parte de seus principais vassalos para a causa de Renly. O símbolo dos Tyrell é uma rosa dourada em campo verde-relva. Seu lema é: *Crescendo Fortes*.

MACE TYRELL, Senhor de Jardim de Cima, Protetor do Sul, Defensor das Marcas, Supremo
Marechal da Campina e Mão do Rei,
- sua esposa, SENHORA ALERIE, da Casa Hightower de Vilavelha,
- seus filhos:
  - WILLAS, o mais velho, herdeiro de Jardim de Cima,
  - SOR GARLAN, chamado GALANTE, o segundo,
  - SOR LORAS, o CAVALEIRO DAS FLORES, o mais novo, Senhor Comandante da Guarda Arco-Íris,
  - MARGAERY, sua filha, uma donzela de quinze anos, recentemente casada com Renly Baratheon,
- sua mãe viúva, a SENHORA OLENNA, da Casa Redwyne, chamada RAINHA DOS ESPINHOS,
- suas irmãs:
  - MINA, casada com Lorde Paxter Redwyne, Senhor da Árvore,
    - seus filhos:

– SOR HORAS REDWYNE, gêmeo de Hobber, escarnecido como Horror,
– SOR HOBBER REDWYNE, gêmeo de Horas, escarnecido como Babeiro,
– DESMERA REDWYNE, uma donzela de dezesseis anos,
– JANNA, casada com Sor Jon Fossoway,
– seus tios:
– GARTH, chamado o GROSSO, Senhor Senescal de Jardim de Cima,
– seus filhos bastardos, GARSE e GARRETT FLOWERS,
– SOR MORYN, Senhor Comandante da Patrulha da Cidade de Vilavelha,
– MEISTRE GORMON, um erudito da Cidadela,
– o pessoal de sua casa:
– MEISTRE LOMYS, conselheiro, curandeiro e tutor,
– IGON VYRWELL, capitão da guarda,
– SOR VORTIMER CRANE, mestre de armas,
– BOSSAS-DE-MANTEIGA, bobo, enormemente gordo.

# Os Homens da Patrulha da Noite

A Patrulha da Noite protege o reino, e jurou não tomar parte em guerras civis e competições pelo trono. Tradicionalmente, em épocas de rebelião, honram todos os reis e não obedecem a nenhum.

Em Castelo Negro

JEOR MORMONT, Senhor Comandante da Patrulha da Noite, chamado VELHO URSO,

- seu intendente e escudeiro, JON SNOW, bastardo de Winterfell, chamado LORDE SNOW,
  - o gigante lobo branco de Jon, FANTASMA,
- MEISTRE AEMON (TARGARYEN), conselheiro e curandeiro,
  - SAMWELL TARLY e CLYDAS, seus intendentes,
- BENJEN STARK, Primeiro Patrulheiro, desaparecido para lá da Muralha,
  - THOREN SMALLWOOD, patrulheiro chefe,
  - JARMEN BUCKWELL, patrulheiro chefe,
  - SOR OTTYN WYTHERS, SOR ALADALE WYNCH, GRENN, PYPAR, MATTHAR, ELRON, LARK, chamado HOMEM DAS IRMÃS, patrulheiros,
- OTHELL YARWYCK, Primeiro Construtor,
  - HALDER, ALBETT, construtores,
- BOWEN MARSH, Senhor Intendente,
  - CHETT, intendente e tratador de cães,
  - EDDISON TOLETT, chamado EDD DOLOROSO, um escudeiro severo,
- SEPTÃO CELLADAR, um devoto ébrio,
- SOR ENDREW TARTH, mestre de armas,
- irmãos de Castelo Negro:
  - DONAL NOYE, armeiro e ferreiro, sem um braço,
  - HOBB TRÊS DEDOS, cozinheiro,

– JEREN, RAST, CUGEN, recrutas ainda em treinamento,
– CONWY, GUEREN, “corvos errantes”, recrutadores que recolhem rapazes órfãos e criminosos para a Muralha,
– YOREN, chefe dos “corvos errantes”,
  – PRAED, CUTJACK, WOTH, REYSEN, QYLE, recrutas a caminho da Muralha,
  – KOSS, GERREN, DOBBER, KURZ, DENTADAS, RORGE, JAQEN H’GHAR, criminosos a caminho da Muralha,
  – LOMMY MÃOS-VERDES, GENDRY, TARBER, TORTA QUENTE, ARRY, rapazes órfãos a caminho da Muralha.

Em Atalaialeste do Mar

COTTER PYKE, Comandante, Atalaialeste,
– SOR ALLISER THORNE, mestre de armas,
– irmãos de Atalaialeste:
  – DAREON, intendente e cantor.

Na Torre Sombria

SOR DENYS MALLISTER, Comandante, Torre Sombria,
– QHORIN, chamado MEIA-MÃO, patrulheiro-chefe,
– EBBEN, COBRA DAS PEDRAS, patrulheiros.

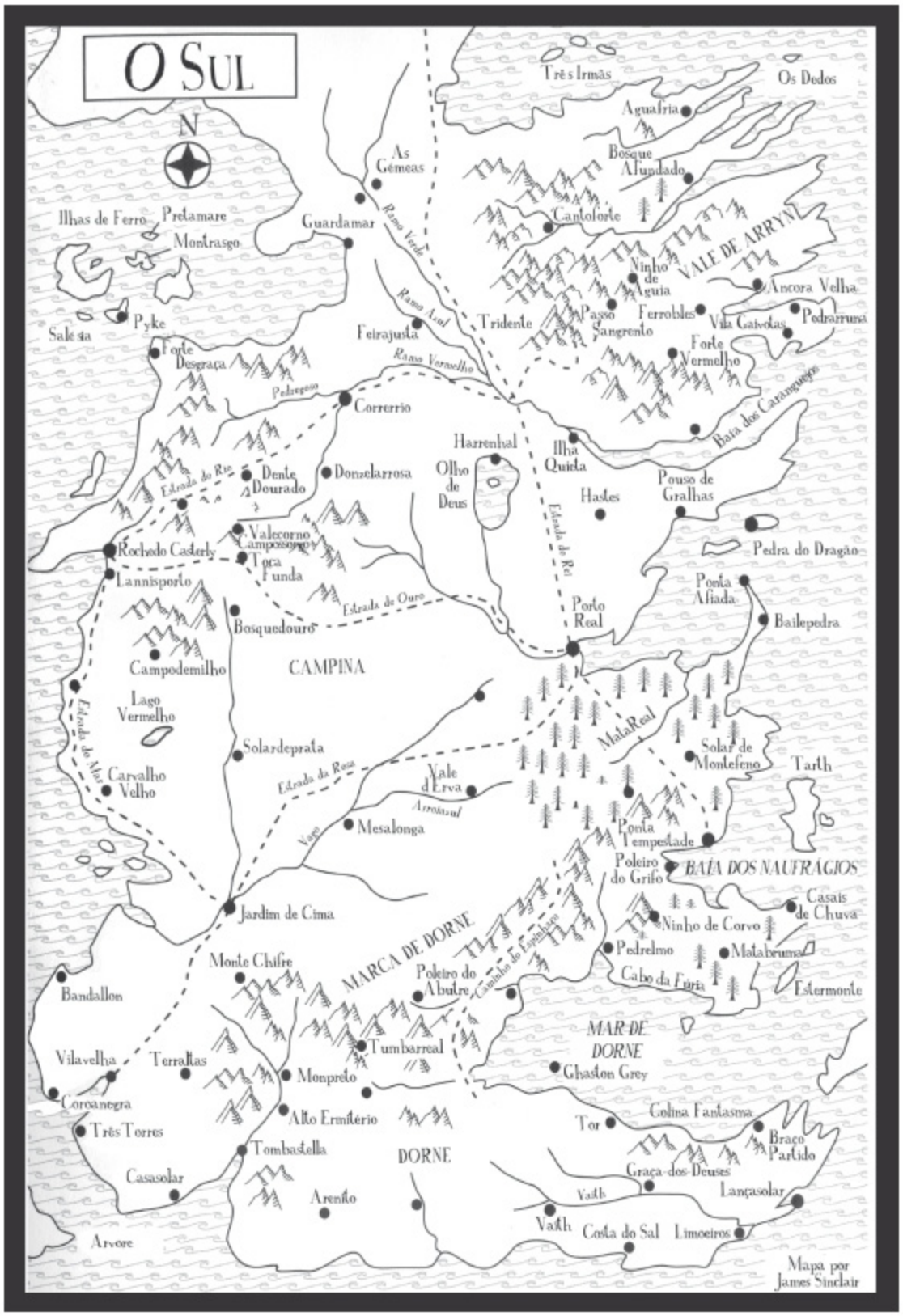
# AGRADECIMENTOS

Mais detalhes, mais diabos.

Dessa vez, os anjos que me ajudaram a enterrá-los incluíram Walter Jon Williams, Sage Walker, Melinda Snodgrass e Carl Keim.

Agradeço também aos meus pacientes editores, Anne Groell, Nita Taublib, Joy Chamberlain, Jane Johnson e Malcolm Edwards.

E, por fim, tiro meu grande elmo a Parris, por seu Café Mágico, o combustível que construiu os Sete Reinos.


O Sul
N
Três Irmãs
Os Dedos
Aguafria
Bosque Afundado
As Gémeas
Guardamar
Ramo Verde
Ilhas de Ferro
Prelamare
Montrasgo
Cantoforte
VALE DE ARRYN
Ninho de Águia
Âncora Velha
Pyke
Salésia
Tridente
Ramo Azul
Feirajusta
Passo Sangrento
Ferrobles
Vila Gaivotas
Pedrarruna
Forte Desgraça
Ramo Vermelho
Forte Vermelho
Pelagesso
Correrrio
Baía dos Caranguejos
Harrenhal
Ilha Quieta
Olho de Deus
Donzelarrosa
Estrada do Rei
Dente Dourado
Hastes
Pouso de Gralhas
Valecorno
Campossorgo
Rochedo Casterly
Toca Funda
Pedra do Dragão
Lannisporto
Estrada de Ouro
Porto Real
Ponta Afiada
Bosquedouro
Bailepedra
Campodemilho
CAMPINA
Lago Vermelho
Estrada do Mar
Solardeprata
MataReal
Solar de Montefeno
Tarth
Carvalho Velho
Estrada da Rosa
Vale d'Erva
Arroiozal
Vago
Mesalonga
Ponta Tempestade
Poleiro do Grifo
BAÍA DOS NAUFRÁGIOS
Jardim de Cima
Casais de Chuva
Ninho de Corvo
MARCA DE DORNE
Caminho do Espinheiro
Pedrelmo
Malabruma
Monte Chifre
Poleiro do Abutre
Cabo da Fúria
Estermonte
Bandallon
MAR DE DORNE
Tumbarreal
Vilavelha
Terraltas
Monpreto
Ghaston Grey
Corcanegra
Alto Ermitério
Tor
Colina Fantasma
Três Torres
Tombastella
DORNE
Braço Partido
Graça-dos-Deuses
Casasolar
Areníto
Vaith
Lançasolar
Vaith
Costa do Sal
Limoeiros
Árvore
Mapa por James Sinclair

GEORGE R.R.
MARTIN
O FESTIM DOS CORVOS
AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO
LIVRO QUATRO
LeYa

# Ficha Técnica

Copyright © George R. R. Martin
Todos os direitos reservados.
Versão brasileira © 2011, Texto Editores Ltda.
Título original: A Storm of Swords
Diretor editorial: Pascoal Soto
Editora: Mariana Rolier
Produção editorial: Sonnini Ruiz
Preparação de texto: André Albert
Revisão: Vivian Miwa Matsushita, Suria Scapin, Margô Negro
Diagramação: Página Escrita Editorial
Adaptação de capa: Osmane Garcia Filho
Ilustração da capa: Marc Simonetti © Éditions J'ailu
Dados internacionais de catalogação na publicação (cip-Brasil)
Ficha catalográfica elaborada por Oficina Miríade, RJ, Brasil.
M381 Martin, George R. R., 1948-
A tormenta de espadas / George R. R. Martin ; tradução: Jorge Candeias. − São Paulo : Leya, 2011.
Il. – (As crônicas de gelo e fogo ; 3)
Tradução de: The storm of swords.
ISBN 9788580444650
1. Literatura americana. 2. Ficção fantástica americana. I. Título. II. Série
11-0108 CDD-813
2011
Todos os direitos desta edição reservados à
TEXTO EDITORES LTDA.
[Uma editora do grupo LeYa]
Rua Desembagador Paula Passaláqua, 86
01248-010 − Pacaembu − São Paulo − SP
www.leya.com

O NORTE
Floresta Assombrada
Skane
A COSTA GELADA
A MURALHA
Torre Sombria
Castelo Negro
Atalaia leste do Mar
BAÍA DAS FOCAS
BAÍA DE GELO
Ilha dos Ursos
Lago Longo
Colinas Solitárias
Rio Último
Karhold
Maladelobos
Forte do Pavor
N
Winterfell
Águas Cheirosas
Praça de Torrhen
Estrada do Rei
Faca Branca
Ramo Partido
TERRAS ACIDENTADAS
Ariete
Vila Acidentada
Porto Branco
Atalaia da Viúva
Fosso Cailin
Castelovelho
O GARGALO
DENTADA
Vilirmãs
Atalaia da Água Cinzenta
Três Irmãs
Os Dedos
As Gémeas
Pretamare
Ilhas de Ferro
Montrasgo
Guardamar
Ramo Verde
Ninho de Águia
VALE DE ARRYN
Ramo Azul
Passo Sangrento
Salésia
Pyke
Mapa por James Sinclair
Correrrio
Ramo Vermelho

## UMA NOTA SOBRE A CRONOLOGIA

*As crônicas de gelo e fogo* são contadas através dos olhos de personagens que, às vezes, estão separadas centenas ou mesmo milhares de quilômetros umas das outras. Alguns capítulos cobrem um dia, outros, apenas uma hora; outros podem englobar uma quinzena, um mês, meio ano. Com tal estrutura, a narrativa não pode ser estritamente sequencial; às vezes há coisas importantes acontecendo simultaneamente, separadas por mil léguas.

No caso deste volume que o leitor tem em mãos, deve-se compreender que os capítulos de abertura de *A tormenta de espadas* não se seguem aos últimos capítulos de *A fúria dos reis*; antes, se sobrepõem a eles. Abro com uma espiada em algumas das coisas que estavam se passando em Punho dos Primeiros Homens, Correrrio, Harrenhal e Tridente, enquanto se lutava a Batalha da Água Negra em Porto Real, e durante seu desfecho.

George R. R. Martin

Para a Phyllis,

que me obrigou a incluir os dragões

# PRÓLOGO

O dia estava cinzento e amargamente frio, e os cães não sentiam cheiro.

A grande cadela preta, que uma vez farejara os rastros do urso, recuou e se escondeu no meio da matilha com o rabo entre as pernas. Os cães aninhavam-se juntos uns dos outros, com um ar infeliz, na margem do rio, enquanto o vento batia neles. Chett também o sentia morder através das camadas de lã negra e couro fervido. O frio era excessivo para homens ou animais, mas ali estavam eles. Sua boca retorceu-se e ele quase conseguiu sentir o rubor e a irritação invadindo as pústulas que lhe cobriam as bochechas e o pescoço. *Eu devia estar em segurança na Muralha, tratando dos malditos corvos e acendendo fogos para o velho Meistre Aemon*. Tinha sido o bastardo Jon Snow que lhe roubara isso, ele e Sam Tarly, seu amigo gordo. Era por culpa deles que estava ali, congelando as malditas bolas com uma matilha de cães de caça, nas profundezas da floresta assombrada.

– Sete infernos. – Deu um forte puxão nas trelas para conseguir a atenção dos cães. – *Sigam o rastro*, seus idiotas. Aquilo é uma pegada de urso. Querem um pouco de carne ou não? *Encontrem!* – Mas os cães limitaram-se a se aconchegar mais, ganindo. Chett estalou seu chicote curto por cima da cabeça dos animais, e a cadela preta rosnou para ele. – Carne de cão tem um gosto tão bom quanto a de urso – preveniu-a, com o hálito congelando a cada palavra.

Lark, o homem das Irmãs, estava em pé, com os braços cruzados sobre o peito e as mãos enfiadas sob as axilas. Usava luvas negras de lã, mas andava sempre se queixando de estar com os dedos gelados.

– Tá frio demais pra caçar – disse. – Que se dane esse urso, não vale o suficiente pra congelarmos.

– Não podemos voltar de mãos vazias, Lark – ribombou o Paul Pequeno através da barba escura que cobria a maior parte de seu rosto. – O Senhor Comandante não ia gostar disso – havia gelo por baixo do largo

nariz do enorme homem, onde o ranho congelara. Uma mão gigantesca metida numa espessa luva de peles agarrava com força o cabo de uma lança.

– Que se dane também o Velho Urso – disse o homem das Irmãs, um homem magro com feições bem definidas e olhos nervosos. – O Mormont vai tá morto antes de nascer o dia, esqueceu? Quem se importa com aquilo de que ele gosta?

Paul Pequeno piscou seus miúdos olhos pretos. Talvez *tivesse* esquecido, pensou Chett; era suficientemente burro para esquecer de quase qualquer coisa.

– Por que é que temos de matar o Velho Urso? Por que simplesmente não vamos embora e deixamos o cara em paz?

– E você acha que ele ia *nos* deixar em paz? – perguntou Lark. – Ele ia sair caçando a gente. Quer ser caçado, cabeção?

– Não – respondeu Paul Pequeno. – Não quero isso. Não quero.

– Então vai matar o homem? – disse Lark.

– Sim. – O enorme homem bateu na margem congelada do rio com o cabo da lança. – Vou. Ele não devia caçar a gente.

O homem das Irmãs tirou as mãos que estavam sob as axilas e virou-se para Chett.

– Acho que devíamos matar *todos* os oficiais.

Chett estava farto de ouvir aquilo.

– Já falamos sobre isso. O Velho Urso morre e o Blane, da Torre Sombria, também. Grubbs e Aethan também, má sorte a deles por terem ficado com esse turno. Dywen e Bannen por serem bons batedores, e Sor Porquinho por causa dos corvos. É *tudo*. Matamos os caras em silêncio, enquanto dormem. Um grito, e viramos comida para vermes, todos nós. – Suas pústulas estavam vermelhas de raiva. – Faça a sua parte e trate de que seus primos façam a deles. E, Paul, tente se lembrar, é o *terceiro* turno, não o segundo.

– Terceiro turno – disse o grande homem, através de pelos e ranho congelado. – Eu e o Pé-Leve. Eu me lembro, Chett.

A lua estaria nova naquela noite, e manipularam os turnos para terem oito dos seus de sentinela, com mais dois guardando os cavalos. As coisas não iam ficar muito melhores do que aquilo. Além disso, os

selvagens estariam ali a qualquer momento. Chett pretendia encontrar-se bem longe do Punho antes que isso acontecesse. Pretendia sobreviver.

Trezentos irmãos juramentados da Patrulha da Noite tinham avançado para o norte, duzentos de Castelo Negro e mais cem da Torre Sombria. Era o maior grupamento de que havia registro, quase um terço das forças da Patrulha. Queriam encontrar Ben Stark, Sor Waymar Royce e os outros patrulheiros que tinham desaparecido, e descobrir por que os selvagens andavam abandonando suas aldeias. Bom, não estavam mais perto do Stark e do Royce do que logo após partirem da Muralha, mas descobriram o local para onde todos os selvagens haviam ido – as alturas geladas das miseráveis Presas de Gelo. Podiam ficar agachados ali até o fim dos tempos, que isso não cutucava nem um pouquinho os furúnculos de Chett.

Mas não. Vinham descendo. Pelo Guadeleite.

Chett ergueu os olhos e ali estava ele. As margens pedregosas do rio encontravam-se debruadas de gelo, e suas águas claras e leitosas fluíam sem parar das Presas de Gelo. E agora Mance Rayder e seus selvagens se aproximavam, seguindo pelo mesmo caminho. Thoren Smallwood havia retornado em estado de alerta três dias antes. Enquanto contava ao Velho Urso o que seus batedores tinham visto, um de seus homens, Kedge Whiteye, contava aos outros.

– Ainda estão bem alto nas Presas de Gelo, mas vêm aí – Kedge afirmou, aquecendo as mãos sobre a fogueira. – Harma Cabeça-de-Cão, aquela vadia purulenta, tem a vanguarda. Goady esgueirou-se até o acampamento dela e viu-a bem junto ao fogo. Aquele idiota do Tumberjon queria abatê-la com uma flecha, mas Smallwood teve mais juízo.

Chett escarrou.

– Quantos eram, você conseguiu ver?

– Muitos e muitos mais. Vinte, trinta mil, não ficamos para contar. Harma tinha quinhentos na vanguarda, todos eles a cavalo.

Os homens que rodeavam a fogueira trocaram olhares receosos. Era coisa rara encontrar sequer uma dúzia de selvagens a cavalo, *quinhentos* então.

– Smallwood mandou que eu e o Bannen rodeássemos a vanguarda para dar uma espiada no grupo principal – prosseguiu Kedge. – Não tinha

fim. Movem-se devagar como um rio congelado, cerca de oito quilômetros por dia, mas também não dão sinal de quererem voltar às suas aldeias. Mais da metade são mulheres e crianças, e levam os animais com eles, cabras, ovelhas, até auroques arrastando trenós. Estão carregados com fardos de pele e pilhas de carne, gaiolas de galinhas, vasilhas para manteiga e rocas, todas as porcarias que possuem. As mulas e garranos vinham tão carregados que parecia que iam ter o dorso quebrado. As mulheres também.

– E seguem o Guadeleite? – perguntou Lark, o homem das Irmãs.

– Foi o que eu disse, não foi?

O Guadeleite ia levá-los para o Punho dos Primeiros Homens, o antigo forte anelar onde a Patrulha da Noite montara acampamento. Qualquer homem com um pingo de bom senso via que era hora de empacotar a tralha e voltar para a Muralha. O Velho Urso tinha fortalecido o Punho com espigões, fossos e estrepes, mas, contra uma tropa tão grande, tudo isso era inútil. Se ficassem ali, seriam subjugados e esmagados.

E Thoren Smallwood queria *atacar*. O Doce Donnel Hill era escudeiro de Sor Mallador Locke e, duas noites antes, Smallwood viera à tenda de Locke. Sor Mallador era da mesma opinião do velho Sor Ottyn Wythers, que insistia em uma retirada para a Muralha, mas Smallwood queria convencê-lo do contrário.

– Esse Rei-para-lá-da-Muralha nunca nos esperará tão longe para o norte – ele dissera, segundo o Doce Donnel. – E essa sua grande tropa é desajeitada, cheia de bocas inúteis que não saberão de que lado da espada se pega. Um golpe vai tirar deles toda a vontade de lutar e botá-los em fuga, aos uivos, de volta às suas cabanas pelos próximos cinquenta anos.

*Trezentos contra trinta mil*. Chett chamava isso de uma completa loucura, e o que era ainda mais insano era que Sor Mallador fora convencido, e os dois, juntos, estavam a ponto de fazer o Velho Urso mudar de ideia.

– Se esperarmos demais, essa oportunidade poderá ser perdida, e para sempre –Smallwood andava dizendo a quem quer que o quisesse ouvir.

Contra isso, Sor Ottyn Wythers disse:

– Somos o escudo que defende os reinos dos homens. Não se joga fora um escudo sem bons motivos.

A essa afirmação, Thoren Smallwood retrucou:

– Num duelo de espadas, a mais segura defesa de um homem é o rápido ataque que mata o inimigo, não aninhar-se com medo atrás de um escudo.

Mas nem Smallwood nem Wythers tinham o comando. Quem o tinha era Lorde Mormont, e Mormont estava à espera de seus outros batedores, à espera de Jarmen Buckwell e dos homens que tinham escalado a Escada do Gigante, e de Qhorin Meia-Mão e Jon Snow, que tinham ido bater o Passo dos Guinchos. Mas a volta de Buckwell e do Meia-Mão estava atrasada. *O mais certo é estarem mortos*. Chett imaginou Jon Snow jazendo, azul e congelado, em algum cume gélido, com a lança de um selvagem enfiada naquele cu de bastardo. Essa ideia fez com que sorrisse. *Espero que também tenham matado seu maldito lobo.*

– Aqui não há urso nenhum – decidiu abruptamente. – Não passa de uma velha pegada. De volta ao Punho. – Os cães quase o derrubaram no chão, tão ansiosos por retornar como ele. Talvez pensassem que iam ser alimentados. Chett não conseguiu evitar uma gargalhada. Já não os alimentava havia três dias, para deixá-los ferozes e famintos. Naquela noite, antes de desaparecer na escuridão, iria libertá-los no meio das fileiras de cavalos, depois de o Doce Donnel Hill e o Karl Pé-Torto cortarem as cordas que os prendiam. *Vai haver cães latindo e cavalos em pânico por todo o Punho, atravessando fogueiras em corrida, saltando por cima da muralha e derrubando tendas ao chão*. Com toda a confusão, podiam se passar horas até que alguém reparasse que catorze irmãos tinham desaparecido.

Lark quisera reunir o dobro desse número, mas o que se podia esperar de um homem burro das Irmãs com a boca fedendo a peixe? Bastava murmurar uma palavra no ouvido errado para, antes de se dar conta, acabar sem a cabeça. Não, catorze era um bom número, homens suficientes para fazer o que tinha de ser feito, mas não tantos que não fossem capazes de manter segredo. Chett havia recrutado pessoalmente a maioria. Paul Pequeno era um dos seus; o homem mais forte da Muralha, mesmo que tivesse raciocínio mais lento do que o de um caracol morto. Certa vez, quebrou as costas de um selvagem com um abraço. Também tinham o Adaga, assim chamado devido à sua arma preferida, e o pequeno homem grisalho que os irmãos chamavam de Pé-Leve, que

estuprara uma centena de mulheres na juventude e agora gostava de se gabar de que nenhuma delas o viu ou ouviu até que enfiasse o pau nelas.

O plano era de Chett. Era o mais inteligente; além de ter sido intendente do velho Meistre Aemon durante quatro bons anos até aquele bastardo do Jon Snow tramar para que seu trabalho fosse entregue ao porco gordo do amigo dele. Quando matasse Sam Tarly naquela noite, planejava murmurar ao seu ouvido: "Cumprimentos ao Lorde Snow", antes de abrir a goela do Sor Porquinho e deixar que o sangue saísse borbulhando de todas aquelas camadas de sebo. Chett conhecia os corvos, portanto não teria aí nenhum problema, não mais do que teria com Tarly. Um toque de sua faca e aquele covarde mijaria nas calças e desataria a choramingar pela vida. *Que suplique, não vai ganhar nada com isso*. Depois de cortar sua goela, abriria as gaiolas e espantaria as aves, para que nenhuma mensagem chegasse à Muralha. Pé-Leve e Paul Pequeno matariam o Velho Urso, Adaga trataria de Blane, e Lark e os primos silenciariam Bannen e o velho Dywen, para evitar que depois farejassem seu rastro. Havia quinze dias que escondiam comida, e os cavalos de Doce Donnel e Karl Pé-Torto estariam preparados. Com Mormont morto, o comando passaria para Sor Ottyn Wythers, um velho acabado que já fraquejava. *Antes do fim do dia, ele já vai estar fugindo para a Muralha, e também não deverá desperdiçar nem um homem à nossa procura.*

Os cães puxavam-no enquanto abriam caminho por entre as árvores. Chett via o Punho, que abria caminho para as alturas através da vegetação. O dia estava tão escuro que o Velho Urso mandara acender os archotes, um grande círculo deles ardia ao longo da muralha anelar que coroava o topo do íngreme monte pedregoso. Os três atravessaram um riacho. A água estava gelada, e manchas de gelo espalhavam-se por sua superfície.

– Vou direto à costa – confidenciou Lark, o homem das Irmãs. – Eu e meus primos. Construímos um barco e voltaremos nele pra casa, pras Irmãs.

*E em casa saberão que são desertores e cortarão suas cabeças ocas*, pensou Chett. Não se podia sair da Patrulha da Noite depois de proferir os votos. Em qualquer ponto dos Sete Reinos, apanhariam-nos e matariam-nos.

Agora, o Ollo Mão-Cortada, esse andava falando em velejar de volta para Tyrosh, onde dizia que, por um pouco de honesta ladroagem, os homens não perdiam as mãos nem eram enviados para congelar se encontrados na cama com a mulher de um cavaleiro qualquer. Chett cogitara ir com Ollo, mas não falava a língua úmida de menininhas que lá se falava. E o que poderia fazer em Tyrosh? Não aprendera ofício de que valesse a pena falar, ao crescer no Atoleiro da Bruxa. O pai passara a vida roçando nos campos dos outros e apanhando sanguessugas. Ficava nu em pelo, exceto por uma grossa fralda de couro, e entrava na água lamacenta. Quando de lá saía, estava coberto, dos mamilos aos tornozelos. Às vezes, obrigava Chett a arrancar as sanguessugas. Um dia, uma se prendera à palma de sua mão, e ele a esmagou de encontro a uma parede, repugnado. Por causa disso, o pai espancou-o até deixá-lo sangrando. Os meistres compravam as sanguessugas a um vintém por dúzia.

Lark podia ir para casa, se quisesse, e o maldito Tyrosh também, mas Chett não. Se não voltasse nunca a ver o Atoleiro da Bruxa, ainda não seria tempo suficiente. Gostara do aspecto da Fortaleza de Craster. Craster vivia lá como um senhor, por que Chett não poderia fazer o mesmo? Que ironia do destino: Chett, o filho do apanhador de sanguessugas, um lorde com uma fortaleza. Seu estandarte podia ser uma dúzia de sanguessugas em fundo cor-de-rosa. Mas por que parar em lorde? Talvez devesse ser um rei. *Mance Rayder começou como corvo. Eu podia ser rei assim como ele, e arranjar algumas mulheres.* Craster tinha dezenove, isso sem contar as novas, as filhas com quem ainda não tinha se deitado. Metade daquelas mulheres era tão velha e feia quanto Craster, mas isso não importava. Chett podia pôr as velhas para cozinhar e limpar para ele, arrancar cenouras da terra e alimentar os porcos, enquanto as novas lhe aqueciam a cama e lhe davam filhos. Craster não faria objeções, pelo menos depois de Paul Pequeno lhe dar um abraço.

As únicas mulheres que Chett conhecera eram as prostitutas por quem tinha pagado em Vila Toupeira. Quando era mais novo, as meninas da aldeia davam uma olhada em seu rosto, com furúnculos e quistos, e afastavam os olhos, repugnadas. A pior tinha sido Bessa, aquela vaca. Abria as pernas para todos os rapazes do Atoleiro da Bruxa, então Chett pensou: por que não as abriria para mim também? Até passou uma

manhã apanhando flores silvestres quando ouviu dizer que ela as apreciava, mas Bessa limitou-se a rir na sua cara e dizer que antes se enfiaria numa cama com as sanguessugas do pai do que com ele. Ela parou de rir quando ele enfiou a faca nela. Isso foi agradável, ver a expressão no rosto de Bessa, por isso tirou a faca e enfiou-a de novo. Quando o pegaram, perto de Seterrios, o velho Lorde Walder Frey sequer se incomodou em vir julgá-lo pessoalmente. Mandou um de seus *bastardos*, aquele Walder Rivers, e, quando Chett deu por si, estava a caminho da Muralha, com aquele demônio preto fedido do Yoren. Em troca de seu único momento de satisfação, tinham-lhe roubado a vida inteira.

Mas agora pretendia roubá-la de volta, e também as mulheres de Craster. *Aquele velho selvagem pervertido é que está certo. Se quer casar com uma mulher, basta tomá-la, e nada de lhe dar flores para que talvez não repare em suas malditas pústulas.* Chett não pretendia cometer *esse* erro novamente.

Iria dar certo, prometeu a si mesmo pela centésima vez. *Desde que a gente consiga se afastar sem problemas.* Sor Ottyn avançaria na direção da Torre Sombria, o caminho mais curto até a Muralha. *Ele não vai se incomodar com a gente, o Wythers não é homem para isso, tudo que quer é voltar inteiro.* Agora, Thoren Smallwood, esse ia querer avançar com o ataque, mas a cautela de Sor Ottyn era muito profunda e ele tinha uma patente mais elevada. *Seja como for, que se dane. Depois de a gente ir embora, Smallwood pode atacar quem quiser. O que nos importa? Se nenhum deles voltar para a Muralha, ninguém virá à nossa procura, vão pensar que estamos mortos, como os outros.* Aquela era uma nova ideia, e por um momento o tentou. Mas, para dar o comando a Smallwood, teriam de matar também Sor Ottyn e Sor Mallador Locke, e ambos eram bem escoltados dia e noite... não, o risco era grande demais.

– Chett – disse Paul Pequeno enquanto avançavam penosamente por uma trilha pedregosa, aberta por animais entre árvores-sentinela e pinheiros marciais –, e o pássaro?

– De que merda de pássaro você está falando? – A última coisa de que precisava agora era de um cabeça oca perguntando de um pássaro.

– O corvo do Velho Urso – disse Paul Pequeno. – Se o matarmos, quem vai dar comida ao pássaro?

– Quem liga pra isso? Mate o pássaro também, se quiser.

– Não quero fazer mal a pássaro nenhum – disse o enorme homem. – Mas aquele é um pássaro que fala. E se ele contar a alguém o que fizemos?

Lark, o homem das Irmãs, soltou uma gargalhada.

– Paul Pequeno, cabeça-dura como a muralha de um castelo – caçoou.

– Fica quieto – disse Paul Pequeno, num tom que denotava perigo.

– Paul – disse Chett antes que o grandalhão ficasse zangado demais –, quando encontrarem o velho numa poça de sangue, com a garganta aberta, não vão precisar de um pássaro para lhes dizer que alguém o matou.

Paul Pequeno saboreou aquilo por um momento.

– É verdade – concordou. – Nesse caso, posso ficar com o pássaro? Gosto dele.

– É seu – disse Chett, só para que ele se calasse.

– Sempre podemos comê-lo, se ficarmos com fome – sugeriu Lark.

Paul Pequeno voltou a fechar o tempo.

– É melhor que não tente comer *meu* pássaro, Lark. É melhor que não tente.

Chett ouvia vozes vagueando por entre as árvores.

– Fechem a porra dessas bocas, os dois. Estamos quase no Punho.

Emergiram perto da vertente ocidental do monte e rodearam-no em direção ao sul, até o local onde o declive era mais suave. Perto do limite da floresta, uma dúzia de homens praticava tiro com arco. Tinham esculpido silhuetas nos troncos das árvores, e disparavam flechas contra elas.

– Olha – disse Lark. – Um porco com um arco.

E, logicamente, o arqueiro mais próximo deles era o próprio Sor Porquinho, o rapaz gordo que roubara o lugar de Chett junto ao Meistre Aemon. Bastava ver Samwell Tarly para se encher de raiva. Ser intendente do Meistre Aemon fora a melhor época de sua vida. O velho cego não era exigente e, de qualquer maneira, Clydas tratava da maior parte de seus desejos. Os deveres de Chett eram fáceis: manter a colônia limpa, acender uns fogos, buscar umas refeições... e Aemon não bateu nele uma única vez. *Acha que pode chegar e me botar para fora, só*

*porque é bem-nascido e sabe ler. Pode ser que lhe peça para ler a minha faca antes de abrir sua garganta com ela.*

– Continuem – disse aos outros. – Quero ver isso. – Os cães estavam puxando, ansiosos por ir com os outros, até a comida que pensavam que os esperaria lá em cima. Chett chutou a cadela com a ponta da bota, e isso acalmou-os um pouco.

Observou, das árvores, o gordo lutando com um arco tão alto quanto ele, com seu rosto vermelho e em forma de lua contraído de concentração. No chão, à sua frente, estavam enfiadas três flechas. Tarly encaixou uma e retesou o arco, manteve-o assim por um longo momento enquanto tentava mirar, e soltou. A flecha desapareceu no meio do verde. Chett soltou uma ruidosa gargalhada, uma bufada de doce repugnância.

– Você nunca encontrará aquela, e quem vai arcar com a culpa sou eu – anunciou Edd Tollett, o severo escudeiro grisalho que todos chamavam de Edd Doloroso. – Nunca há nada que desapareça que não olhem para mim, desde aquela vez em que perdi meu cavalo. Como se tivesse podido evitá-lo. Ele era branco e estava nevando, o que esperavam?

– Aquela foi levada pelo vento – disse Grenn, outro amigo de Lorde Snow. – Tente manter o arco firme, Sam.

– É pesado – queixou-se o gordo, mas preparou a segunda flecha mesmo assim. Desta vez, ela saiu alta, metendo-se por entre os galhos, três metros acima do alvo.

– Acho que você derrubou uma folha daquela árvore – disse Edd Doloroso. – O outono já as faz cair suficientemente depressa, não é preciso ajudá-lo. – Suspirou. – E todos sabemos o que se segue ao outono. Deuses, que frio. Dispare a última flecha, Samwell, acho que minha língua está congelando no céu da boca.

Sor Porquinho abaixou o arco, e Chett achou que ele fosse desatar a berrar.

– É difícil demais.

– Encaixe, puxe e solte – disse Grenn. – Vá lá.

Obedientemente, o gordo arrancou a última flecha do chão, encaixou-a no arco, puxou e soltou. Fez isso rapidamente, sem focar os olhos de maneira cuidadosa ao longo da haste como fizera nas duas primeiras vezes. A flecha atingiu a parte inferior do peito da silhueta desenhada a carvão e ali ficou, tremendo.

– *Acertei*. – O Sor Porquinho parecia chocado. – Grenn, você viu? Edd, olha, acertei nele!

– Enfiou-a entre as costelas dele, eu diria – falou Grenn.

– Matei-o? – quis saber o gordo.

Tollett encolheu os ombros.

– Podia ter perfurado um pulmão, se ela tivesse pulmões. A maior parte das árvores não tem, via de regra. – Tirou o arco da mão de Sam. – Mas já vi tiros piores. Sim, e já disparei alguns.

Sor Porquinho resplandecia. Ao olhar para ele, dava para se pensar que tinha realmente *feito* alguma coisa. Mas quando viu Chett e os cães, seu sorriso ruiu e morreu aos guinchos.

– Acertou numa árvore – disse Chett. – Vamos ver como é que dispara quando forem os moços de Mance Rayder. Eles não vão ficar parados com os braços esticados e as folhas restolhando, ah não. Vão vir direto em sua direção, gritando na sua cara, e eu aposto que vai mijar nas calças. Um deles vai enfiar um machado bem no meio desses olhinhos de porco. A última coisa que você vai ouvir será o *tunc* que o machado fará quando morder seu crânio.

O gordo estava tremendo. Edd Doloroso colocou uma mão no ombro dele.

– Irmão – disse ele solenemente –, só porque foi assim com você, não quer dizer que Samwell passará pelo mesmo.

– De que você está falando, Tollett?

– Do machado que rachou seu crânio. É verdade que metade de seus miolos escorreu para o chão e foi comida pelos cães?

O grande palhaço do Grenn riu, e até Samwell Tarly conseguiu dar um frágil sorrisinho. Chett chutou o cão mais próximo, puxou suas trelas e começou a subir o monte. *Sorria quanto quiser, Sor Porquinho. À noite veremos quem vai rir*. Só gostaria de ter tempo de também matar Tollett. *Um babaca sombrio com cara de cavalo é o que ele é*.

A subida era íngreme, mesmo daquele lado do Punho, que tinha a inclinação menos pronunciada. No meio da subida, os cães começaram a latir e a puxá-lo, julgando que iriam ser alimentados em breve. Em vez disso, fez com que saboreassem um pouco de sua bota, e deu uma chicotada no animal grande e feio que tentou mordê-lo. Depois de amarrar os cães, foi fazer o relatório.

– As pegadas estavam lá como o Gigante tinha dito, mas os cães não encontraram o cheiro – disse a Mormont, diante de sua grande tenda preta. – Junto ao rio, daquela maneira, podiam ser pegadas velhas.

– Pena. – O Senhor Comandante Mormont tinha a cabeça calva e uma grande e hirsuta barba grisalha, e soava tão cansado quanto parecia estar. – Podíamos ter ficado todos melhores com um pouco de carne fresca. – O corvo em seu ombro inclinou a cabeça e ecoou: "*Carne. Carne. Carne*".

*Podíamos cozinhar os malditos cães*, pensou Chett, mas manteve a boca fechada até que o Velho Urso o mandasse embora. *E essa é a última vez que vou precisar inclinar a cabeça a esse aí*, pensou consigo mesmo, com satisfação. Parecia-lhe que estava ficando ainda mais frio, coisa que teria jurado não ser possível. Os cães aninhavam-se uns contra os outros, com um ar infeliz, sobre a lama dura e congelada, e Chett quase se sentiu tentado a engatinhar para o meio deles. Em vez disso, envolveu a parte de baixo do rosto em um cachecol de lã preto, deixando entre as voltas uma fenda para a boca. Descobriu que ficava mais quente se continuasse em movimento, e deu uma lenta volta no perímetro, compartilhando um par de mastigadas de um maço de folhamarga com os irmãos negros que estavam de guarda e ouvindo o que eles tinham a dizer. Nenhum dos homens do turno do dia fazia parte de seus planos; mesmo assim, achou que era bom ter alguma ideia do que eles pensavam.

Na maior parte, o que eles pensavam era que fazia um frio de lascar.

O vento começou a soprar com mais força à medida que as sombras foram se alongando. Fazia um som alto e fino, enquanto tremia através das pedras da muralha anelar.

– Detesto esse som – disse o pequeno Gigante. – Parece um bebê na moita, chorando por leite.

Quando terminou a volta e regressou para junto dos cães, encontrou Lark à sua espera.

– Os oficiais tão outra vez na tenda do Velho Urso, numa grande discussão sobre qualquer coisa.

– É o que eles fazem – disse Chett. – São bem-nascidos, todos menos Blane, e embebedam-se com palavras em vez de vinho.

Lark aproximou-se de esguelha.

– O cérebro-de-queijo não para de falar do pássaro – preveniu, olhando em volta para se certificar de que não havia ninguém por perto. – Agora

anda perguntando se guardamos grãos para o maldito bicho.

– É um corvo – disse Chett. – Come cadáveres.

Lark deu um sorriso.

– O dele, de repente?

*Ou o seu*. Chett achava que precisavam mais do grandalhão do que de Lark.

– Deixa o Paul Pequeno quieto. Faça a sua parte, ele vai fazer a dele.

O ocaso já se espalhava pela floresta quando Chett conseguiu se livrar do homem das Irmãs e se sentou para afiar a espada. Era um trabalho difícil com as luvas calçadas, mas não ia tirá-las. Com o frio que fazia, qualquer imbecil que tocasse o aço com a mão nua perderia um pedaço de pele.

Os cães ganiram quando o sol se escondeu. Deu-lhes água e xingamentos.

– Mais meia noite e podem encontrar sozinhos o banquete de vocês. – A essa altura, já sentia o cheiro do jantar.

Dywen estava pregando tediosamente junto à fogueira, quando Chett recebeu seu pedaço de pão duro e uma tigela de sopa de feijão e bacon das mãos de Hake, o cozinheiro.

– A floresta está silenciosa demais – estava dizendo o velho lenhador. – Nada de rãs perto do rio, nada de corujas no escuro. Nunca ouvi extensão de árvores mais morta do que esta.

– Esses seus dentes parecem bastante mortos – disse Hake.

Dywen estalou os dentes de madeira.

– E também nada de lobos. Antes havia, mas já não há. Para onde vocês acham que eles foram?

– Para algum lugar quente – disse Chett.

Da dúzia de irmãos sentados junto à fogueira, quatro eram seus. Dirigiu a todos eles um olhar duro de viés enquanto comia, para ver se algum mostrava sinais de poder acovardar-se. Adaga parecia bastante calmo, sentado em silêncio e afiando a lâmina de sua arma, como fazia todas as noites. E Doce Donnel Hill era todo gracejos fáceis. Tinha dentes brancos, gordos lábios vermelhos e madeixas amarelas, que usava em artística desordem em volta dos ombros, e dizia ser bastardo de um Lannister qualquer. Talvez até fosse. Chett não tinha uso nenhum para dar

a rapazinhos bonitos ou bastardos, mas Doce Donnel parecia capaz de se aguentar.

Tinha menos certezas quanto ao forrageiro que os irmãos chamavam de Serrote, mais pelo modo como roncava do que por qualquer coisa que tivesse a ver com árvores. Naquele momento, parecia tão inquieto que podia bem não voltar a roncar. E Maslyn era pior. Chett via suor escorrendo por seu rosto, apesar do vento gelado. As pérolas de umidade cintilavam à luz da fogueira, como uma porção de pequenas joias molhadas. Maslyn, além disso, não comia, estava apenas fitando a sopa como se seu cheiro estivesse a ponto de fazê-lo vomitar. *Vou ter de vigiar aquele*, pensou Chett.

– Reunir! – O grito surgiu de súbito, vindo de uma dúzia de gargantas, e rapidamente se espalhou até todos os recantos do acampamento no alto do monte. – Homens da Patrulha da Noite! Reunir junto da fogueira central!

Franzindo o cenho, Chett terminou a sopa e seguiu os outros.

O Velho Urso estava em pé junto da fogueira, com Smallwood, Locke, Wythers e Blane alinhados em fila atrás dele. Mormont usava um manto de espessas peles negras, e o corvo estava empoleirado em seu ombro, alisando suas penas negras. *Isso não pode ser bom*. Chett enfiou-se entre o Bernarr Castanho e alguns homens da Torre Sombria. Depois de todos se reunirem, à exceção dos vigias na floresta e dos guardas na muralha anelar, Mormont pigarreou e escarrou. O cuspe congelou antes de chegar ao chão.

– Irmãos – disse ele –, homens da Patrulha da Noite.

"*Homens!*", guinchou o corvo, "*Homens! Homens!*". Ele prosseguiu:

– Os selvagens estão em marcha, seguindo o curso do Guadeleite para fora das montanhas. Thoren crê que sua vanguarda estará aqui dentro de dez dias. Seus saqueadores mais experientes estarão com Harma Cabeça-de-Cão nessa vanguarda. Os outros provavelmente formarão uma tropa de retaguarda, ou então viajarão bem perto do próprio Mance Rayder. Nos outros pontos, os guerreiros deles estarão muito espalhados ao longo da linha de marcha. Têm bois, mulas, cavalos, mas poucos. A maior parte deles estará a pé, mal armada e sem treino. É mais provável que as armas que transportam sejam de pedra e osso do que de aço. Estão sobrecarregados com mulheres, crianças, rebanhos de ovelhas e cabras, e

todos os seus bens materiais. Em suma, embora sejam numerosos, são vulneráveis... e *não sabem que estamos aqui*. Ou pelo menos temos que rezar para que não saibam.

*Eles sabem*, pensou Chett. *Seu maldito saco velho de pus, eles sabem, é tão certo como o nascer do sol. Qhorin Meia-Mão não voltou, não é? Nem Jarman Buckwell. Se algum deles foi apanhado, sabe bem demais que os selvagens já arrancaram deles uma ou duas palavras a essa altura.*

Smallwood deu um passo à frente.

– Mance Rayder planeja quebrar a Muralha e levar uma guerra sangrenta aos Sete Reinos. Bem, esse é um jogo que pode ser jogado por dois. De manhã, levamos a guerra até ele.

– Partimos à alvorada, com todas as nossas forças – disse o Velho Urso, enquanto um murmúrio percorria a assembleia. – Avançaremos para o norte, contornando depois pelo oeste. A vanguarda de Harma já terá passado há muito pelo Punho quando virarmos. O sopé das Presas de Gelo está repleto de vales estreitos e sinuosos, perfeitos para emboscadas. A linha de marcha deles vai se estender ao longo de muitos quilômetros. Vamos cair sobre eles em vários locais ao mesmo tempo e obrigá-los a jurar que somos três mil homens, e não trezentos.

– Atacaremos com força, e estaremos longe antes que seus cavaleiros consigam se organizar para nos enfrentar – disse Thoren Smallwood. – Se vierem em nosso encalço, vamos lhes dar o que fazer durante algum tempo, e depois daremos meia-volta para atacar a coluna novamente, mais abaixo. Queimaremos suas carroças, dispersaremos seus rebanhos e mataremos tantos selvagens quantos pudermos. O próprio Mance Rayder também, se o encontrarmos. Se quebrarem e voltarem às suas cabanas, ganhamos. Se não, vamos atormentá-los ao longo de todo o caminho até a Muralha, certificando-nos de que deixem um rastro de cadáveres marcando seu progresso.

– *Eles são milhares* – gritou alguém atrás de Chett.

– Vamos morrer. – Era a voz de Maslyn, verde de medo.

"*Morrer*", gritou o corvo de Mormont, batendo as asas negras. "*Morrer, morrer, morrer*."

– Muitos de nós, sim – disse o Velho Urso. – Talvez todos. Mas, assim como outro Senhor Comandante disse há mil anos, é por isso que nos

vestem de preto. Lembrem-se de suas palavras, irmãos. Pois somos as espadas na escuridão, os vigilantes nas muralhas...

– O fogo que arde contra o frio. – Sor Mallador Locke puxou a espada.

– A luz que traz consigo a alvorada – responderam outros, e mais espadas foram desembainhadas.

E então todos eles estavam pegando as armas, e eram quase trezentas espadas erguidas para o céu e outras tantas vozes gritando: "*A trombeta que acorda os que dormem! O escudo que defende os reinos dos homens!*". Chett não teve outra escolha a não ser juntar sua voz à dos outros. Havia uma neblina no ar, proveniente da respiração dos homens, e a luz da fogueira rebrilhava no aço. Sentiu-se contente por ver que Lark, Pé-Leve e Doce Donnel Hill também se juntavam, como se fossem tão tolos quanto os demais. Isso era bom. Não era sensato chamar a atenção quando a hora estava tão próxima.

Quando os gritos silenciaram, voltou a ouvir o som do vento cutucando a muralha anelar. As chamas rodopiaram e estremeceram, como se também elas tivessem frio e, no súbito silêncio, o corvo do Velho Urso crocitou sonoramente e mais uma vez disse: "*Morrer*".

*Pássaro esperto*, pensou Chett enquanto os oficiais ordenavam o dispersar, dizendo a todos para fazerem uma boa refeição e terem um longo descanso naquela noite. Chett enfiou-se em suas peles perto dos cães, com a cabeça cheia de coisas que podiam correr mal. E se aquele maldito juramento tivesse feito um dos seus mudar de ideia? E se Paul Pequeno se esquecesse e tentasse matar Mormont durante o segundo turno e não no terceiro? E se Maslyn perdesse a coragem, e se alguém se transformasse em informante, e se...

Deu por si escutando a noite. O vento realmente soava como uma criança chorando, e de tempos em tempos conseguia ouvir vozes de homens, o relincho de um cavalo, um pedaço de lenha crepitando na fogueira. Mas nada mais. *Tanto silêncio*.

Conseguia ver o rosto de Bessa flutuando à sua frente. *Não era a faca que queria enfiar em você,* desejou lhe dizer. *Colhi flores para lhe dar, rosas silvestres, tanásias e copodouros, levei toda a manhã*. Seu coração batia como um tambor, com tanta força que temeu que o barulho acordasse o acampamento. O gelo havia se solidificado em sua barba, ao redor da boca. *De onde veio isso da Bessa?* Antes, sempre que pensara

nela fora apenas para se lembrar da expressão de seu rosto enquanto morria. O que se passava consigo? Quase não conseguia respirar. Teria adormecido? Ficou de joelhos, e algo úmido e frio tocou seu nariz. Chett olhou para cima.

Nevava.

Sentiu as lágrimas congelando em seu rosto. *Não é justo*, quis gritar. A neve arruinaria tudo aquilo por que trabalhara, todos os seus cuidadosos planos. Era uma nevasca forte, com grandes flocos brancos que caíam por todos os lados. Como encontrariam os esconderijos de comida no meio da neve, ou a trilha que planejavam seguir para leste? *E eles também não vão precisar nem de Dywen nem de Bannen para nos caçar, se nos perseguirem em neve fresca*. E a neve escondia a forma do terreno, especialmente durante a noite. Um cavalo podia tropeçar numa raiz, quebrar uma pata numa pedra. *Estamos fritos*, compreendeu. *Fritos antes de começar. Estamos perdidos*. Não haveria vida de lorde para o filho do caçador de sanguessugas, não haveria uma fortaleza para chamar de sua, nem esposas, nem coroas. Só uma espada de selvagem espetada na barriga, e depois uma sepultura não assinalada. *A neve roubou tudo de mim... a maldita neve...*

A neve já o arruinara uma vez. A neve e o seu porco de estimação.

Chett ficou em pé. Suas pernas estavam rígidas, e os flocos de neve que caíam transformavam as tochas distantes em vagos clarões cor de laranja. Sentiu-se como se estivesse sendo atacado por uma nuvem de pálidos bichos frios. Assentavam-se em seus ombros e sua cabeça, e depois penetravam em seu nariz e seus olhos. Praguejando, esfregou-os. *Samwell Tarly*, recordou. *Ainda posso tratar do Sor Porquinho*. Enrolou o rosto no cachecol, puxou o capuz por sobre a cabeça e começou a atravessar o acampamento até o local onde o covarde dormia.

A neve caía tão intensamente que Chett se perdeu entre as tendas, mas, por fim, distinguiu o pequeno quebra-ventos aconchegado que o gordo construíra para si entre um rochedo e as gaiolas dos corvos. Tarly encontrava-se enterrado sob um monte de peles hirsutas e cobertores negros de lã . A neve estava entrando no abrigo e começava a cobri-lo. Parecia uma espécie de montanha mole e redonda. Aço sussurrou em couro, tênue como a esperança, quando Chett desembainhou o punhal. Um dos corvos soltou um *croc*. “Neve”, resmungou outro, espreitando

através das barras com olhos negros. O primeiro acrescentou um “Neve” ao do parceiro. Chett passou por eles, colocando os pés no chão com cautela. Apertaria a boca do gordo com a mão esquerda para abafar seus gritos, e depois...

*Uuuuuuuuuuoooooooooooo*.

Parou no meio de um passo, engolindo a praga enquanto o som do berrante estremecia pelo acampamento, tênue e longínquo, mas inconfundível. *Agora não. Malditos sejam os deuses, agora NÃO!* O Velho Urso tinha escondido olheiros num círculo de árvores em torno do Punho, a fim de ser avisado de qualquer coisa que se aproximasse. *Jarman Buckwell voltou da Escada do Gigante*, supôs Chett, *ou Qhorin Meia-Mão, do Passo dos Guinchos*. Um único sopro no berrante significava irmãos retornando. Se fosse o Meia-Mão, Jon Snow poderia estar com ele, vivo.

Sam Tarly sentou-se, de olhos inchados, e olhou confuso para a neve. Os corvos crocitavam ruidosamente, e Chett ouvia seus cães latindo. *Metade do maldito acampamento está acordado*. Seus dedos enluvados apertaram o cabo do punhal enquanto esperava que o som se desvanecesse. Mas assim que desapareceu, surgiu de novo, com mais força e por mais tempo.

*Uuuuuuuuuuuuuuuoooooooooooooooooo.*

– Deuses – ouviu Sam Tarly choramingar. O gordo ajoelhou-se, com os pés enredados no manto e nas mantas. Afastou-os com um chute e estendeu a mão para um camisão de cota de malha que tinha pendurado no rochedo ali perto. Enquanto enfiava pela cabeça aquilo que parecia uma enorme tenda e se contorcia lá para dentro, deu uma olhada em Chett, parado ali.

– Foram dois? – perguntou. – Sonhei que tinha ouvido dois sopros…

– Não foi sonho – disse Chett. – Dois sopros para pôr a Patrulha em armas. Dois sopros para indicar que inimigos se aproximam. Há um machado lá fora com *Porquinho* escrito nele, gordo. Dois sopros quer dizer *selvagens*. – O medo naquela grande cara de lua deu-lhe vontade de rir. – Fodam-se todos até os sete infernos. Maldita Harna. Maldito Mance Rayder. Maldito Smallwood, que disse que só iam chegar aqui em...

*Uuuuuuuuuuuuuuuuuoooooooooooooooooooooooooooooooooooooo.*

O som perdurou, perdurou e perdurou, até parecer que nunca terminaria. Os corvos batiam as asas e guinchavam, voando em suas gaiolas e batendo nas barras, e por todo o acampamento os irmãos da Patrulha da Noite levantavam-se, vestiam as armaduras, prendiam cintos de espadas, pegavam seus machados de batalha e arcos. Samwell Tarly desatou a tremer, com o rosto da mesma cor que a da neve que caía, rodopiando, por todos os lados.

– Três – guinchou para Chett –, aquilo foram três, ouvi três. Nunca sopram três vezes. Há centenas e milhares de anos que não sopram três. Três quer dizer...

– … *Outros*. – Chett soltou um som que era metade gargalhada e metade soluço, e de repente a roupa de baixo estava molhada, sentia o mijo escorrendo por sua perna, e via vapor evaporando-se da frente de seu calção.

## JAIME

Um vento vindo do leste soprou através de seus cabelos emaranhados, tão suave e perfumado quanto os dedos de Cersei. Ouvia aves cantando e sentia o rio deslocando-se debaixo do barco, à medida que os movimentos dos remos os aproximavam da pálida alvorada cor-de-rosa. Depois de passar tanto tempo na escuridão, o mundo era tão encantador que Jaime Lannister se sentia tonto. *Estou vivo, e bêbado de sol*. Uma gargalhada atravessou seus lábios, súbita como uma codorna espantada do esconderijo.

– Silêncio – resmungou a moça, carregando o cenho. Carrancas adequavam-se mais ao seu rosto grosseiro do que um sorriso. Não que Jaime a tivesse visto sorrir alguma vez. Divertia-se imaginando-a com um dos vestidos de seda de Cersei em vez do justilho de couro com tachas que envergava. *Tanto faz vestir de seda uma vaca ou essa aí*.

Mas a vaca remava bem. Por baixo de seus calções de tecido grosseiro e marrom havia pernas que eram como cordões de madeira, e os longos músculos de seus braços estendiam-se e contraíam-se a cada batida dos

remos. Mesmo depois de remar metade da noite, não mostrava sinais de cansaço, o que era mais do que se podia dizer do primo de Jaime, Sor Cleos, que sofria com o outro remo. *Uma grande e forte camponesa, pelo aspecto, mas fala como alguém de nascimento elevado e usa espada e punhal. Ah, mas será que sabe usá-los?* Jaime pretendia descobrir, assim que se livrasse daqueles grilhões.

Usava algemas de ferro nos pulsos e um par correspondente nos tornozelos, unidos por um pedaço de pesada corrente que não tinha mais de trinta centímetros de comprimento.

– Seria possível até imaginar que a minha palavra de Lannister não é suficientemente boa – gracejara quando o tinham atado. Nesse momento estava muito bêbado, graças a Catelyn Stark. Recordava-se apenas de *flashes* da fuga de Correrrio. Acontecera um problema qualquer com o carcereiro, mas a garota grande dominara-o. Depois disso tinham subido uma escadaria que parecia não ter fim, com voltas e mais voltas. Suas pernas estavam fracas como relva, e tropeçara duas ou três vezes, até a moça lhe oferecer um braço em que se apoiar. Em certo ponto, tinha sido enrolado em um manto de viajante e atirado para o fundo de um esquife. Lembrava-se de ouvir a voz da Senhora Catelyn ordenando a alguém que erguesse a porta levadiça do Portão da Água. Num tom que não admitia discussões, tinha declarado que estava enviando Sor Cleos Frey de volta a Porto Real com novas condições para a rainha.

Nessa altura, deve ter adormecido. O vinho dera-lhe sono, e era tão bom esticar-se, um luxo que as correntes não lhe permitiam na cela. Jaime tinha aprendido havia muito a dormitar na sela durante uma marcha. Aquilo não era mais difícil. *Tyrion vai morrer de rir quando souber como dormi durante a minha própria fuga*. Mas agora estava acordado, e as algemas eram penosas.

– Senhora – chamou –, se tirasse essas correntes de mim, eu tomaria seu lugar nesses remos.

Ela voltou a franzir as sobrancelhas, com uma expressão que era toda dentes de cavalo e suspeita carrancuda.

– Vai usar suas correntes, Regicida.

– Pretende remar até Porto Real, garota?

– Chame-me de Brienne. E não de *garota*.

– Meu nome é Sor Jaime. Não Regicida.

– Nega que matou um rei?

– Não. Nega seu sexo? Se assim for, desate essas calças e mostre-me. – Dirigiu-lhe um sorriso inocente. – Poderia pedir que abrisse seu corpete, mas, olhando para você, julgo que isso não provaria grande coisa.

Sor Cleos queixou-se.

– Primo, lembre-se da boa educação.

*O sangue Lannister é fino nas veias deste*. Cleos era filho de sua tia Genna e daquele cretino do Emmon Frey, que vivera aterrorizado por Lorde Tywin Lannister desde o dia em que se casara com a irmã dele. Quando Lorde Walder Frey trouxe as Gêmeas para a guerra do lado de Correrrio, Sor Emmon escolheu as ligações da mulher em detrimento das do pai. *O Rochedo Casterly ficou com o pior desse negócio*, refletiu Jaime. Sor Cleos parecia uma doninha, lutava como um ganso e tinha a coragem de uma ovelha particularmente ousada. A Senhora Stark lhe prometera a liberdade se entregasse sua mensagem a Tyrion, e Sor Cleos jurara solenemente fazê-lo.

Tinham todos prestado uma boa dose de juramentos naquela cela, principalmente Jaime. Foi o preço que a Senhora Catelyn exigiu por perdê-lo. Ela encostara a ponta da espada da garota grande no coração de Jaime e disse:

– Jure que não voltará a pegar em armas contra Stark ou Tully. Jure que forçará seu irmão a honrar sua promessa de devolver as minhas filhas em segurança e incólumes. Jure por sua honra como cavaleiro, por sua honra como Lannister, por sua honra como Irmão Juramentado da Guarda Real. Jure pela vida de sua irmã, e pela de seu pai e de seu filho, pelos deuses antigos e novos, e eu vou enviá-lo de volta à sua irmã. Recuse, e farei seu sangue correr. – Lembrava-se do aço espetando através dos farrapos que usava quando ela torcera a ponta da espada.

*Pergunto a mim mesmo o que o Alto Septão terá a dizer em relação à santidade de juramentos prestados quando se está caindo de bêbado, acorrentado a uma parede e com uma espada encostada ao peito*. Não que Jaime estivesse realmente preocupado com essa gorda fraude ou com os deuses que ele dizia servir. Lembrava-se do balde que a Senhora Catelyn derrubara com um pontapé na cela. Uma mulher estranha, para confiar as filhas a um homem que tinha merda no lugar da honra. Se bem

que estivesse confiando nele o mínimo que se atrevia. *Está depositando as suas esperanças em Tyrion, não em mim*.

– Talvez ela não seja assim tão burra, afinal – disse em voz alta.

Sua captora compreendeu-o mal.

– Não sou burra. Nem surda.

Mostrou-se gentil para com ela. Caçoar daquela mulher seria tão fácil que não traria qualquer divertimento.

– Estava falando comigo, não contigo. É um hábito fácil de se adquirir numa cela.

Ela olhou-o com a testa franzida, empurrando os remos para a frente, puxando-os para trás, empurrando-os para a frente, sem nada dizer.

*Tão fluente de língua como é bela de rosto.*

– Por sua maneira de falar, julgaria que você é de nascimento nobre.

– Meu pai é Selwyn de Tarth, pela graça dos deuses, senhor do Entardecer. – Até aquilo foi dito de má vontade.

– Tarth – disse Jaime. – Um rochedo horrivelmente grande no mar estreito, se bem me lembro. E o Entardecer está juramentado a Ponta Tempestade. Como é que você serve Robb de Winterfell?

– Quem eu sirvo é a Senhora Catelyn. E ela ordenou-me que o entregasse a salvo ao seu irmão Tyrion em Porto Real, não que trocasse palavras com você. Fique em silêncio.

– Já tive minha dose de silêncio, mulher.

– Então fale com Sor Cleos. Não converso com monstros.

Jaime soltou um grito.

– Há monstros por aqui? Escondidos debaixo da água, talvez? Naquele bosque de salgueiros? E eu sem a minha espada!

– Um homem capaz de violar a própria irmã, matar seu rei e atirar uma criança inocente para a morte não merece outro nome.

*Inocente? O maldito rapaz estava nos espiando*. Tudo que Jaime quisera fora uma hora a sós com Cersei. A viagem para o norte tinha sido um longo tormento; vê-la todos os dias, sem ter a possibilidade de tocá-la, sabendo que Robert entrava em sua cama, todas as noites, aos tropeções de bêbado, naquela grande casa rolante que rangia por todos os lados. Tyrion fizera o que pôde para mantê-lo de bom humor, mas não tinha sido o bastante.

– Será cortês no que toca a Cersei, mulher – avisou-a.

– Meu nome é Brienne, não *mulher*.

– Que te importa como um monstro a chama?

– Meu nome é Brienne – repetiu, obstinada como um cão de caça.

– Senhora Brienne? – ela fez uma expressão tão desconfortável que Jaime pressentiu um ponto fraco. – Ou seria *Sor* Brienne mais a seu gosto? – soltou uma gargalhada. – Não, temo que não. Pode-se adornar uma vaca leiteira com rabicho, crinete e testeira e enfeitá-la toda de seda, mas isso não significa que se possa montá-la em batalha.

– Primo Jaime, por favor, você não devia falar tão rudemente. – Sob o manto, Sor Cleos usava um sobretudo esquartelado com as torres gêmeas da Casa Frey e o leão dourado dos Lannister. – Temos um longo caminho a percorrer, não devíamos disputar entre nós.

– Quando disputo, faço-o com uma espada, primo. Estava falando com a senhora. Diga-me, moça, as mulheres de Tarth são todas tão rústicas como você? Se assim for, sinto pena dos homens. Talvez não conheçam o aspecto de verdadeiras mulheres, vivendo numa montanha desolada no mar.

– Tarth é bela – resmungou a mulher entre remadas. – É chamada de Ilha Safira. Fique calado, monstro, a menos que queira que o amordace.

– Ela também é rude, não é, primo? – perguntou Jaime a Sor Cleos. – Se bem que tenha aço na espinha, admito. Não há muitos homens que se atrevam a me chamar de monstro na minha cara. – *Apesar de por trás de minhas costas falarem com bastante liberdade, não duvido.*

Sor Cleos tossiu nervosamente.

– A Senhora Brienne ouviu tais mentiras de Catelyn Stark, certamente. Os Stark não têm esperança de derrotá-lo com espadas, sor, portanto, agora fazem a guerra com palavras envenenadas.

*Eles derrotaram-me com espadas, seu cretino sem queixo*. Jaime deu um sorriso sabedor. Os homens podem ler todo tipo de coisas de um sorriso sabedor, basta terem a oportunidade. *Terá o primo Cleos realmente engolido esse monte de bosta ou estará tentando cair nas minhas graças? O que temos aqui, um cabeça oca honesto ou um bajulador?*

Sor Cleos continuou jovialmente a tagarelar.

– Qualquer homem que acredite que um Irmão Juramentado da Guarda Real seria capaz de fazer mal a uma criança não conhece o significado da

honra.

*Bajulador*. Para falar a verdade, Jaime acabara por se lamentar de ter atirado Brandon Stark daquela janela. Depois daquilo, quando o rapaz se recusou a morrer, Cersei lhe deu um sem-fim de recriminações.

– Ele tinha *sete anos*, Jaime – ela o repreendera. – Mesmo se tivesse compreendido o que vira, teríamos sido capazes de assustá-lo o suficiente para que ficasse quieto.

– Não pensei que quisesse...

– Você *nunca* pensa. Se o garoto acordar e contar ao pai o que viu…

– Se, se, se. – Puxara-a para seu colo. – Se acordar, diremos que estava sonhando, vamos chamá-lo de mentiroso, e se o pior acontecer, mato Ned Stark.

– E nessa altura, o que imagina que *Robert* fará?

– Robert que faça o que bem entender. Faço guerra com ele, se tiver de ser. Os cantores vão chamá-la de Guerra pela Boceta de Cersei.

– Jaime, largue-me! – tinha se enraivecido, lutando para se levantar.

Em vez disso, ele a beijou. Por um momento, ela resistiu, mas então sua boca abriu-se sob a dele. Lembrava-se do sabor de vinho e cravo de sua língua. Ela estremeceu. Ele levou a mão ao corpete dela e puxou, rasgando a seda para que os seios se derramassem, livres, e durante algum tempo o rapaz Stark foi esquecido.

Será que Cersei teria lembrado dele mais tarde e contratado aquele homem de que a Senhora Catelyn falara, para se assegurar de que o rapaz nunca acordasse? *Se o quisesse morto, teria me enviado. E não é próprio dela escolher um homem que metesse os pés pelas mãos daquela maneira.*

A jusante do rio, o sol nascente cintilava na superfície da água, varrida pelo vento. A margem sul era de barro vermelho, lisa como uma estrada. Rios menores alimentavam o maior, e os troncos em putrefação de árvores afogadas aderiam às margens. A margem norte era mais selvagem. Grandes escarpas rochosas elevavam-se a seis metros acima deles, coroadas por grupos de faias, carvalhos e castanheiros. Jaime vislumbrou uma torre de vigia nas elevações, mais à frente, que aumentava de tamanho a cada remada. Muito antes de passarem por ela, soube que se encontrava abandonada, com as pedras desgastadas cobertas por rosas trepadeiras.

Quando o vento mudou, Sor Cleos ajudou a grande garota a içar a vela, um triângulo teso de lona com listras vermelhas e azuis. Cores Tully, que lhes causariam problemas na certa se encontrassem alguma força Lannister no rio, mas era a única vela que possuíam. Brienne pegou a cana do leme. Jaime atirou à água a bolina de bordo, e suas correntes chocalharam quando se moveu. Depois disso, a velocidade aumentou, e a fuga passou a ser favorecida tanto pelo vento como pela corrente do rio.

– Poderíamos poupar algum tempo se me entregasse ao meu pai e não ao meu irmão – apontou.

– As filhas da Senhora Catelyn estão em Porto Real. E ou volto com as meninas ou não volto.

Jaime virou-se para Sor Cleos.

– Primo, empreste-me sua faca.

– Não. – A mulher ficou tensa. – Não o quero armado. – A voz era inflexível como pedra.

*Ela tem medo de mim, mesmo acorrentado.*

– Cleos, parece que terei de pedir que você raspe meu cabelo. Deixe a barba, mas tire o cabelo da minha cabeça.

– Quer raspar o cabelo por completo? – perguntou Cleos Frey.

– O reino conhece Jaime Lannister como um cavaleiro sem barba e com longos cabelos dourados. Um careca com uma barba amarela e imunda pode passar despercebido. Prefiro não ser reconhecido enquanto estiver acorrentado.

O punhal não estava tão afiado como seria desejável. Cleos cortou os cabelos do primo virilmente, abrindo caminho pelos nós e atirando-os na água. Os caracóis dourados flutuaram na superfície da água, ficando gradualmente para trás. Enquanto os cabelos iam desaparecendo, um piolho arrastou-se descendo por seu pescoço. Jaime apanhou-o e esmagou-o na unha. Sor Cleos tirou outros do couro cabeludo do primo e atirou-os na água. Jaime mergulhou a cabeça no rio e obrigou Sor Cleos a amolar a lâmina antes de deixá-lo raspar os últimos dois centímetros de penugem amarela. Quando terminaram essa parte, apararam-lhe também a barba.

O reflexo na água era de um homem que não conhecia. Não só era calvo, também parecia que tinha envelhecido cinco anos naquela masmorra; seu rosto estava mais magro, com covas debaixo dos olhos e

rugas de que não se lembrava. *Assim não me pareço muito com Cersei. Ela vai detestar isso.*

Por volta do meio-dia, Sor Cleos adormeceu. Seus roncos pareciam patos acasalando. Jaime esticou-se para ver o mundo passando; depois da cela escura, cada rochedo e árvore era uma maravilha.

Algumas choupanas de um só cômodo surgiram e desapareceram, empoleiradas em estacas altas que as faziam assemelhar-se a guindastes. Das pessoas que lá viviam não viram nem sinal. Aves voavam no alto, ou soltavam gritos das árvores que cresciam nas margens, e Jaime vislumbrou peixes prateados cortando a água. *Truta Tully, aí está um mau presságio*, pensou, até ver outro pior – um dos troncos flutuantes por que passaram revelou ser um homem morto, sem sangue e inchado. Seu manto estava emaranhado nas raízes de uma árvore caída, e a cor era inconfundível: o carmesim de Lannister. Perguntou a si mesmo se o cadáver era de algum conhecido seu.

Os ramos do Tridente eram a forma mais simples de transportar bens e homens pelas terras fluviais. Em tempos de paz, teriam encontrado pescadores em seus esquifes, barcaças de cereais sendo conduzidas corrente abaixo por varas, mercadores que vendiam agulhas e rolos de tecido em lojas flutuantes, talvez até um barco de pantomimeiros alegremente pintado, com velas feitas de remendos de meia centena de cores, subindo o rio de aldeia em aldeia e de castelo em castelo.

Mas a guerra havia cobrado seu preço. Passaram por aldeias mas não viram aldeões. Uma rede vazia, cortada, rasgada e pendurada em árvores era o único sinal de pescadores. Uma jovem que dava de beber ao cavalo afastou-se assim que vislumbrou a vela deles. Mais tarde, passaram por uma dúzia de camponeses que escavavam à sombra do esqueleto de uma torre queimada. Os homens olharam-nos com olhos mortiços e regressaram ao trabalho assim que decidiram que o esquife não constituía ameaça.

O Ramo Vermelho era largo e lento, um rio sinuoso de voltas e curvas, salpicado de minúsculas ilhotas arborizadas e frequentemente atravancado por bancos de areia e obstáculos submersos que espreitavam logo abaixo da superfície da água. Mas Brienne parecia ter olho bom para os perigos, e sempre encontrava o canal. Quando Jaime a elogiou por seu conhecimento do rio, ela olhou-o com suspeita e disse:

– Não conheço o rio. Tarth é uma ilha. Aprendi a manejar remos e velas antes de subir em um cavalo.

Sor Cleos sentou-se e esfregou os olhos.

– Deuses, meus braços estão doloridos. Espero que o vento dure. – Farejou-o – Sinto cheiro de chuva.

Jaime acolheria com agrado uma boa chuvarada. As masmorras de Correrrio não eram o lugar mais limpo dos Sete Reinos. Agora devia estar cheirando como um queijo curado demais.

Cleos semicerrou os olhos para a jusante.

– Fumaça.

Um fino dedo cinzento chamava-os, mais adiante. Erguia-se da margem sul, a vários quilômetros de distância, retorcendo-se e enrolando-se. Por baixo, Jaime distinguiu os restos fumegantes de um grande edifício, e um carvalho perenifólio cheio de mulheres mortas.

Os corvos mal tinham começado a atacar os cadáveres. As cordas finas abriam sulcos profundos na pele suave de suas gargantas, e quando o vento soprava, elas viravam e oscilavam.

– Isso não foi cavalheiresco – disse Brienne quando se aproximaram o suficiente para ver com clareza. – Nenhum cavaleiro de verdade perdoaria uma carnificina tão cruel.

– Os verdadeiros cavaleiros veem coisas piores sempre que partem para a guerra, garota – disse Jaime. – E, sim, *fazem* coisas piores.

Brienne virou o leme para a margem.

– Não deixarei inocentes como comida para corvos.

– Uma garota sem coração. Os corvos também precisam comer. Fique no rio e deixe os mortos em paz, mulher.

Atracaram antes do local onde o grande carvalho se inclinava sobre a água. Enquanto Brienne baixava a vela, Jaime pulou para fora do barco, desajeitado devido às correntes. O Ramo Vermelho encheu suas botas e empapou seus calções esfarrapados. Rindo, ajoelhou-se, mergulhou a cabeça na água e ergueu-se, ensopado e pingando. Tinha as mãos cheias de sujeira seca, e depois de esfregá-las na corrente, pareceram-lhe mais magras e mais pálidas do que se lembrava delas. Sentiu também as pernas tesas e pouco firmes quando apoiou nelas seu peso. *Passei tempo demais na maldita masmorra de Hoster Tully.*

Brienne e Cleos arrastaram o esquife para a margem. Os cadáveres pendiam sobre suas cabeças, amadurecendo na morte como frutos fétidos.

– Um de nós terá de cortar aquelas cordas – disse a mulher.

– Eu subo – Jaime moveu-se para a terra, tilintando. – Basta que tire estas correntes de mim.

A garota estava fitando uma das mortas. Jaime aproximou-se com seus pequenos e hesitantes passinhos, a única forma que a corrente permitia. Quando viu a tosca tabuleta pendurada no pescoço do cadáver mais alto, sorriu.

– *Deitaram-se com Leões* – leu. – Oh, sim, mulher, isso foi muito pouco *cavalheiresco*... mas, foi feito pelo seu lado, e não pelo meu. Pergunto-me quem seriam estas mulheres.

– Garotas de taverna – disse Sor Cleos Frey. – Isto era uma estalagem, recordo agora. Alguns homens de minha escolta passaram a noite aqui quando voltamos a Correrrio. – Nada restava do edifício além das fundações de pedra e de um emaranhado de vigas caídas e negras de carvão. Ainda saía fumaça das cinzas.

Jaime deixava os bordéis e as prostitutas para o irmão Tyrion. Cersei era a única mulher que tinha desejado na vida.

– As garotas deram prazer a alguns dos soldados do senhor meu pai, ao que parece. Talvez tenham servido comida e bebida a eles. Foi assim que ganharam seus colares de traidoras, com um beijo e um copo de cerveja. – Olhou de relance para os dois lados do rio, a fim de se certificar de que estavam sós. – Isto é terra Bracken. Lorde Jonos pode ter ordenado a morte delas. Meu pai queimou o castelo dele, receio que não goste de nós.

– Pode ser obra de Marq Piper – disse Sor Cleos. – Ou do fogaréu dos bosques, Beric Dondarrion, muito embora eu tenha ouvido dizer que ele só mata soldados. Talvez um bando de nortenhos de Roose Bolton?

– Bolton foi derrotado pelo meu pai no Ramo Verde.

– Derrotado, mas não destruído – disse Sor Cleos. – Avançou para sul novamente quando Lorde Tywin se pôs em marcha contra os vaus. Segundo se dizia em Correrrio, tomou Harrenhal de Sor Amory Lorch.

Jaime não gostou nem um pouco daquilo.

– Brienne – disse, concedendo-lhe a cortesia do nome na esperança de fazer com que ela o escutasse –, se Lorde Bolton detém Harrenhal, tanto o Tridente como a estrada do rei provavelmente estão sob vigia.

Pensou ter visto uma ponta de incerteza nos grandes olhos azuis da garota.

– Está sob a minha proteção. Teriam de me matar.

– Não me parece que eles teriam remorso disso.

– Sou tão boa lutadora quanto você – disse ela em tom defensivo. – Era um dos sete escolhidos do Rei Renly. Com as próprias mãos prendeu o manto de seda listrada da Guarda Arco-Íris em minhas costas.

– A Guarda *Arco-Íris*? Era você e mais seis garotas, não? Um cantor certo dia disse que todas as donzelas são belas vestidas de seda... mas ele nunca a viu, não é?

A mulher ficou vermelha.

– Temos sepulturas para cavar. – E escalou a árvore.

Os galhos mais baixos do carvalho eram suficientemente grandes para ela caminhar sobre eles, depois de ter subido o tronco. Deslocou-se por entre as folhas, de punhal na mão, cortando as cordas que suspendiam os cadáveres. Moscas esvoaçavam em torno dos corpos quando caíam, e o fedor foi piorando à medida que o trabalho avançava.

– Isso é trabalho demais para se ter só por causa de prostitutas – queixou-se Sor Cleos. – Com o que devemos cavar? Não temos pás, e eu não usarei a espada, não...

Brienne soltou um grito. Saltou para o chão em vez de descer pelo tronco.

– Para o barco. Depressa. Uma vela.

Apressaram-se o mais que puderam, embora Jaime quase não conseguisse correr e tivesse de ser puxado para dentro do esquife pelo primo. Brienne empurrou o barco para a água com um remo e içou apressadamente a vela.

– Sor Cleos, vou precisar que reme também.

Ele fez o que Brienne lhe pediu. O esquife começou a cortar as águas um pouco mais depressa; corrente, vento e remos, todos trabalhavam a seu favor. Jaime ficou sentado, acorrentado, olhando atentamente para o sentido da nascente. Só o topo da outra vela estava visível. Devido ao modo como o Ramo Vermelho se contorcia, parecia encontrar-se do

outro lado dos campos, movendo-se para o norte por trás de um biombo de árvores, enquanto eles se deslocavam para o sul, mas Jaime sabia que a aparência era enganosa. Levantou ambas as mãos para proteger os olhos do sol.

– Vermelho de lama e azul de água – anunciou.

A grande boca de Brienne movia-se sem som, dando-lhe o aspecto de uma vaca ruminando.

– Mais depressa, sor.

A estalagem desapareceu rapidamente atrás deles, e também perderam de vista o topo da vela, mas isso não queria dizer nada. Assim que os perseguidores fizessem a curva, ficariam de novo visíveis.

– Creio que podemos ter a esperança de que os nobres Tully parem para enterrar as putas mortas. – A ideia de voltar à sua cela não entusiasmava Jaime. *Tyrion poderia pensar agora em qualquer coisa inteligente, mas tudo o que vem à minha cabeça é atacá-los com uma espada.*

Durante quase uma hora brincaram de esconde-esconde com os perseguidores, navegando pelas curvas do rio e por entre pequenas ilhas arborizadas. Justo no momento em que começavam a ganhar a esperança de que de algum modo tivessem deixado para trás aqueles que seguiam em seu encalço, eis que a vela distante se tornou de novo visível. Sor Cleos fez uma pausa nas remadas.

– Que os Outros os levem. – E limpou o suor da testa.

– Reme! – disse Brienne.

– Aquilo que vem atrás de nós é uma galé de rio – anunciou Jaime depois de observá-la durante algum tempo. A cada remada parecia crescer um pouco mais. – Nove remos de cada lado, o que significa dezoito homens. Mais, se tiverem embarcado soldados além dos remadores. E velas maiores do que as nossas. Não é possível fugir deles.

Sor Cleos congelou nos remos.

– Você disse dezoito?

– Seis para cada um de nós. Eu ficaria com oito, mas estas pulseiras me atrapalham um pouco. – Jaime ergueu os pulsos. – A menos que a Senhora Brienne faça a gentileza de me soltar.

Ela ignorou-o, colocando todos os seus esforços nas remadas.

– Tínhamos meia noite de dianteira – disse Jaime. – Eles têm remado desde a alvorada, descansando dois remos de cada vez. Devem estar exaustos. A visão de nossa vela renovou suas forças, mas isso não durará. Conseguiríamos matar vários.

O queixo de Sor Cleos caiu.

– Mas... eles são *dezoito*.

– Pelo menos. O mais certo é serem vinte ou vinte e cinco.

O primo gemeu.

– Não podemos esperar derrotar dezoito homens.

– E eu disse que podíamos? O melhor que podemos esperar é morrer de espada na mão. – Estava sendo completamente sincero. Jaime Lannister nunca teve medo da morte.

Brienne parou de remar. O suor tinha colado madeixas cor de linho em sua testa, e sua careta fazia-a parecer mais rústica do que nunca.

– Você está sob a minha proteção – disse, com a voz tão carregada de ira que era quase um rosnido.

Ele não conseguiu não rir de tanta ferocidade. *Ela é o Cão de Caça com tetas*, pensou. *Ou seria, se tivesse algo que desse para chamar de teta*.

– Então proteja-me, garota. Ou me solte para que eu possa me protejer.

A galé pairava rio abaixo, como uma grande libélula de madeira. A água ao redor dela havia se transformado em espuma branca pelos furiosos movimentos de seus remos. Estava aproximando-se visivelmente, e os homens no convés aglomeravam-se na dianteira. Metal cintilava nas mãos deles, e Jaime também via arcos. *Arqueiros*. Detestava arqueiros.

À proa da galé encontrava-se um homem robusto, de cabeça calva, espessas sobrancelhas grisalhas e braços musculosos. Sobre a cota de malha usava um sujo sobretudo branco, com um salgueiro bordado em verde-claro, mas o manto estava preso por uma truta prateada. *O capitão dos guardas de Correrrio*. Em seu tempo, Sor Robin Ryger fora um lutador notavelmente persistente, mas seu tempo tinha passado; era da mesma idade de Hoster Tully, e envelhecera com o seu senhor.

Quando os barcos se aproximaram e ficaram a cinquenta metros um do outro, Jaime pôs as mãos em concha ao redor da boca e gritou por sobre a água.

– *Veio me desejar boa viagem, Sor Robin?*

– *Vim levá-lo de volta, Regicida* – berrou Sor Robin Ryger. – *Como foi que perdeu seus cabelos dourados?*

– *Espero cegar os inimigos com o brilho da cabeça. Funcionou bastante bem com vocês*.

Sor Robin não sorriu. A distância entre o esquife e a galé tinha diminuído para quarenta metros.

– *Atirem os remos e as armas ao rio, e ninguém se machucará.*

Sor Cleos virou-se.

– Jaime, diga a ele que fomos libertados pela Senhora Catelyn... uma troca de cativos, legítima...

Jaime disse, por descargo de consciência.

– *Catelyn Stark não governa em Correrrio* – gritou Sor Robin de volta. Quatro arqueiros apertaram-se de ambos os lados do velho cavaleiro, dois ajoelhados e dois em pé. – *Arremessem suas espadas na água*.

– *Não tenho espada* – retorquiu –, *mas se tivesse iria espetá-la em sua barriga e cortaria as bolas desses quatro covardes*.

A resposta foi uma chuva de flechas. Uma cravou-se no mastro, duas perfuraram a vela e a quarta não atingiu Jaime por trinta centímetros.

Outra das grandes voltas do Ramo Vermelho aproximou-se à frente deles. Brienne atravessou-a em ângulo, o estaleiro balançou quando viraram e a vela estalou ao se encher de vento. À frente, uma grande ilha estendia-se no meio da calha. O canal principal fluía pela direita. À esquerda, uma corredeira fluía entre a ilha e as escarpas elevadas da margem norte. Brienne moveu a cana do leme e o esquife cortou para a esquerda, com a vela ondulando. Jaime observou seus olhos. *Olhos bonitos*, pensou, *e calmos*. Sabia ler os olhos de uma pessoa. Sabia qual era o aspecto do medo. *Ela está determinada, não desesperada*.

Trinta metros atrás, a galé entrava na curva.

– Sor Cleos, tome o leme – ordenou a moça. – Regicida, pegue um remo e mantenha-nos afastados das rochas.

– Às ordens de minha senhora. – Um remo não era uma espada, mas a pá podia quebrar o rosto de um homem, se bem brandida, e o cabo podia ser usado para parar estocadas.

Sor Cleos enfiou o remo na mão de Jaime e engatinhou até a popa. Passaram pela ponta da ilha e entraram na corredeira em uma curva apertada, atirando uma onda contra a íngreme encosta enquanto o barco

se inclinava. A ilha era densamente arborizada, um emaranhado de salgueiros, carvalhos e grandes pinheiros que lançavam profundas sombras sobre a água, escondendo rochas e os troncos apodrecidos de árvores submersas. À esquerda, a falésia erguia-se abrupta e rochosa, e, em seu sopé, o rio espumava, branco, em volta de pedregulhos quebrados e montes de rochas caídos da face da escarpa.

Passaram do sol para a sombra, escondidos da vista da galé pela muralha verde das árvores e pela escarpa rochosa cinza-amarronzada. *Alguns momentos livres das flechas*, pensou Jaime, afastando-os de um pedregulho meio submerso.

O esquife balançou. Ouviu uma suave pancada na água e quando olhou em volta, Brienne tinha desaparecido. Um momento mais tarde, voltou a vê-la, erguendo-se de dentro da água para a base da escarpa. Ela atravessou um charco raso, subiu algumas rochas e começou a escalar. Sor Cleos arregalava os olhos, de boca aberta. *Idiota*, pensou Jaime.

– Ignore a garota – exclamou para o primo. – Guie o barco.

Já viam a vela movendo-se atrás das árvores. A galé de rio surgiu, no topo da corredeira, vinte e cinco metros atrás deles. Sua proa oscilou violentamente quando ela virou, e meia dúzia de flechas levantaram voo, mas todas passaram bastante longe. O movimento dos dois barcos estava dando trabalho aos arqueiros, mas Jaime sabia que eles aprenderiam a compensar dentro de pouco tempo. Brienne encontrava-se no meio da escarpa, içando-se de apoio em apoio. *Ryger vai vê-la com certeza e, assim que isso acontecer, ordenará àqueles arqueiros que a abatam*. Jaime decidiu verificar se o orgulho do velho o tornava estúpido.

– *Sor Robin* – gritou –, *escute-me por um momento.*

Sor Robin ergueu uma mão e os arqueiros baixaram os arcos.

– *Diga o que quiser, Regicida, mas diga depressa.*

O esquife sacudiu por entre uma confusão de pedras quebradas enquanto Jaime gritava:

– *Conheço uma maneira melhor de resolver este assunto... combate singular. Você e eu*.

– *Não nasci esta manhã, Lannister.*

– *Não, mas é provável que morra esta tarde*. – Jaime ergueu as mãos para que o outro pudesse ver as algemas. – *Lutarei com você acorrentado. Que tem a temer?*

– *Não você, sor. Se a escolha fosse minha, nada me agradaria mais, mas recebi ordens de levá-lo de volta vivo, se possível. Arqueiros*. – Fez-lhes sinal para avançar. – *Encaixar. Puxar. Larg*...

A distância era inferior a vinte metros. Os arqueiros dificilmente teriam falhado, mas, no momento em que puxavam os arcos, uma cascata de seixos choveu em volta deles. Pequenas pedras matraquearam no convés, ricochetearam em seus elmos e caíram na água de ambos os lados da proa. Os que tinham cérebro suficiente para compreender levantaram os olhos no exato instante em que um pedregulho do tamanho de uma vaca se desprendeu do topo da íngreme encosta. Sor Robin gritou, consternado. O pedregulho girou no ar, atingiu a face do penhasco, rachou em dois e esmagou-se sobre eles. O pedaço maior quebrou o mastro, atravessou a vela, atirou dois dos arqueiros ao rio e esmagou a perna de um remador no momento em que ele se dobrava sobre o remo. A rapidez com que a galé começou a se encher de água sugeria que o fragmento menor tinha atravessado o casco. Os gritos dos remadores ecoaram na encosta enquanto os arqueiros esbracejavam freneticamente na corrente. Julgando pelo modo como chapinhavam na água, nenhum deles sabia nadar. Jaime soltou uma gargalhada.

Quando emergiram da corredeira, a galé afundava por entre charcos, turbilhões e obstáculos submersos, e Jaime Lannister chegou à conclusão de que os deuses eram bons. Sor Robin e seus triplamente malditos arqueiros teriam uma longa e encharcada caminhada de volta a Correrrio, e também se tinha visto livre da grande garota rústica. *Eu mesmo não poderia ter planejado isso melhor. Assim que me livrar destes ferros*...

Sor Cleos soltou um grito. Quando Jaime olhou para cima, Brienne deslocava-se pelo topo da encosta bem à frente deles, depois de cortar por um istmo enquanto o barco seguia a curva do rio. Atirou-se do rochedo, e pareceu quase graciosa ao se dobrar para um mergulho. Teria sido descortês ter esperança de que ela esmagasse a cabeça numa pedra. Sor Cleos virou o esquife em sua direção. Felizmente, Jaime ainda tinha o remo. *Uma boa cacetada quando ela emergir bracejando, e me livro dela.*

Mas, em vez disso, viu-se estendendo o remo por cima da água. Brienne agarrou-se a ele, e Jaime puxou-a para dentro. Enquanto a ajudava a subir para o esquife, água escorreu dos cabelos dela e pingou

de suas roupas empapadas, fazendo uma poça no convés. *É ainda mais feia molhada. Quem acharia que isso seria possível?*

– É uma garota burra demais – disse-lhe. – Podíamos ter continuado sem você. Suponho que espera que lhe agradeça?

– Não quero nenhum agradecimento seu, Regicida. Prestei o juramento de levá-lo a salvo até Porto Real.

– E pretende mesmo mantê-lo? – Jaime concedeu-lhe o mais resplandecente de seus sorrisos. – Isso é de admirar.

## CATELYN

Sor Desmond Grell havia servido a Casa Tully por toda a sua vida. Era escudeiro quando Catelyn nasceu, cavaleiro quando ela aprendeu a andar, a montar a cavalo e a nadar, mestre de armas no dia em que ela casou. Tinha visto a pequena Cat do Lorde Hoster transformar-se numa jovem, na senhora de um grande lorde, na mãe de um rei. *E agora também viu me tornar uma traidora.*

O irmão de Catelyn, Edmure, nomeara Sor Desmond castelão de Correrrio quando partiu para a batalha, por isso coube a ele lidar com o crime dela. A fim de aliviar seu desconforto, trouxe consigo o intendente do pai, o severo Utherydes Wayn. Os dois homens pararam e fitaram-na; Sor Desmond, corpulento, corado, embaraçado, Utherydes, grave, lúgubre, melancólico. Cada um esperava que o outro falasse. *Deram a vida a serviço de meu pai, e eu paguei-lhes com a desonra*, pensou, exausta, Catelyn.

– Seus filhos – disse por fim Sor Desmond. – Meistre Vyman contou-nos. Pobres rapazes. Terrível. Terrível. Mas...

– Partilhamos a sua dor, senhora – disse Utherydes Wayn. – Correrrio inteiro sofre com a senhora, mas…

– A notícia deve tê-la levado à loucura – interrompeu Sor Desmond –, uma loucura de desgosto, uma loucura de *mãe*, os homens compreenderão. Não sabia...

– Sabia – disse firmemente Catelyn. – Compreendia o que estava fazendo e sabia que era traição. Se não me punirem, os homens pensarão que conspiramos para libertar Jaime Lannister. O ato foi meu e apenas meu, e só eu devo responder por ele. Vista-me com os ferros vazios do Regicida, e vou usá-los com orgulho, se for assim que tiver de ser.

– Algemas? – a própria palavra pareceu chocar o pobre Sor Desmond. – Para a mãe do rei, e filha do meu senhor? Impossível.

– Talvez – disse o intendente Utherydes Wayn – a senhora consentisse em ficar confinada em seus aposentos até a volta de Sor Edmure. Passar

algum tempo sozinha, para rezar pelos filhos assassinados?

– Sim, confinada – disse Sor Desmond. – Confinada em uma cela na torre, isso será o bastante.

– Se tenho de ficar confinada, que seja nos aposentos de meu pai, para que possa confortá-lo em seus últimos dias.

Sor Desmond refletiu por um momento.

– Muito bem. Não lhe faltará conforto ou respeito, mas não lhe daremos a liberdade de castelo. Visite o septo quanto precisar, mas, fora isso, permaneça nos aposentos de Lorde Hoster até que Lorde Edmure regresse.

– Às suas ordens. – O irmão não era lorde algum enquanto o pai vivesse, mas Catelyn não o corrigiu. – Coloque um guarda para me vigiar se for necessário, mas comprometo-me a não tentar fugir.

Sor Desmond assentiu, claramente contente por se livrar daquela desagradável tarefa, mas Utherydes Wayn ficou ainda por um momento, de olhos tristes, depois de o castelão ter se retirado.

– O que fez foi grave, senhora, mas não serviu de nada. Sor Desmond enviou Sor Robin Ryger atrás deles, para trazer de volta o Regicida... ou, caso não seja possível, a cabeça dele.

Catelyn não esperara outra coisa. *Que o Guerreiro dê força ao seu braço da espada, Brienne*, rezou. Tinha feito tudo o que podia; nada restava a não ser ter esperança.

Suas coisas foram levadas para o quarto do pai, dominado pela grande cama de dossel em que Catelyn havia nascido, com as colunas esculpidas em forma de trutas saltantes. O pai tinha sido mudado para meia volta de escada abaixo, e sua cama de doente, colocada de frente para a varanda triangular de onde podia ver os rios que sempre tanto amara.

Lorde Hoster dormia quando Catelyn entrou. Ela saiu para a varanda e apoiou uma mão na áspera balaustrada de pedra. Para lá do ponto onde se erguia o castelo, o rápido Pedregoso juntava-se ao plácido Ramo Vermelho, e via-se um longo trecho de rio para jusante. *Se uma vela listrada chegar do leste, será Sor Robin retornando*. Por ora, a superfície das águas encontrava-se vazia. Agradeceu aos deuses por isso e voltou para dentro, para se sentar com o pai.

Catelyn não poderia dizer se Lorde Hoster sabia que ela se encontrava ali, ou se sua presença lhe trazia algum conforto, mas sentia-se consolada

por estar com ele. *O que diria se soubesse de meu crime, pai?*, interrogou-se. *Teria feito o que eu fiz se fosse Lysa e eu que estivéssemos nas mãos de nossos inimigos? Ou também me condenaria, chamando o ato de loucura de mãe?*

Havia um cheiro de morte no quarto; um cheiro pesado, doce e desagradável, que se agarrava às coisas. Fazia-a lembrar dos filhos que tinha perdido, de seu querido Bran e do pequeno Rickon, mortos pelas mãos de Theon Greyjoy, que fora protegido de Ned. Ainda sofria por Ned, sofreria sempre por ele, mas ter roubados também os seus bebês...

– Perder um filho é uma crueldade monstruosa – sussurrou suavemente, mais para si do que para o pai.

Os olhos de Lorde Hoster abriram-se.

– *Tanásia* – rouquejou, numa voz espessa de dor.

*Ele não me reconhece*. Catelyn já tinha se acostumado com o pai a confundindo com a mãe ou a irmã Lysa, mas Tanásia era um nome estranho a ela.

– É a Catelyn – disse. – É a Cat, pai.

– Perdoe-me... o sangue... oh, por favor... Tanásia...

Teria havido outra mulher na vida do pai? Talvez alguma donzela de aldeia que ele seduzira quando jovem? *Será que ele achou conforto nos braços de alguma criada depois de a mãe morrer?* Era um pensamento estranho, perturbador. De repente sentiu-se como se não conhecesse o pai de todo.

– Quem é Tanásia, senhor? Quer que a mande chamar, pai? Onde posso encontrar a mulher? Ainda é viva?

Lorde Hoster gemeu.

– *Morta*. – A mão dele procurou a sua, apalpando. – Terá outros... bebês amorosos, e legítimos.

*Outros?* pensou Catelyn. *Terá esquecido que Ned está morto? Ainda está falando com Tanásia, ou agora fala comigo, com a Lysa ou com a mãe?*

Quando ele tossiu, a expectoração veio ensanguentada. Agarrou os dedos dela.

– ... seja uma boa esposa e os deuses irão abençoá-la... filhos... filhos legítimos... *aaahhh*. – O súbito espasmo de dor fez com que a mão de

Lorde Hoster se apertasse. As unhas enterraram-se na mão dela, e ele soltou um grito abafado.

Meistre Vyman chegou depressa, para preparar outra dose de leite de papoula e ajudar seu senhor a engoli-la. Pouco depois, Lorde Hoster Tully voltava a cair num sono pesado.

– Ele estava perguntando por uma mulher – disse Cat. – Tanásia.

– Tanásia? – o meistre olhou-a sem expressão.

– Não conhece ninguém com esse nome? Uma criada, uma mulher de alguma aldeia próxima? Talvez alguém de anos atrás? – Catelyn tinha passado muito tempo afastada de Correrrio.

– Não, senhora. Posso investigar, se quiser. Utherydes Wayn certamente saberá se uma pessoa assim alguma vez serviu em Correrrio. É Tanásia, você diz? O povo dá frequentemente o nome de ervas e flores às filhas. – O meistre parecia pensativo. – Houve uma viúva, ao que me lembro, que costumava vir ao castelo em busca de sapatos velhos que precisassem de solas novas. O nome dela era Tanásia, agora que penso nisso. Ou seria Pansy? Algo assim. Mas há muitos anos que não vem.

– O nome dela era Violet – disse Catelyn, que se lembrava muito bem da velha.

– Era? – o meistre fez uma expressão de desculpa. – Os meus perdões, Senhora Catelyn, mas não posso ficar. Sor Desmond decretou que só devemos falar com a senhora no âmbito de nossos deveres.

– Então deve fazer o que ele ordena. – Catelyn não podia culpar Sor Desmond; tinha lhe dado poucas razões para confiar nela, e o homem sem dúvida temia que ela pudesse usar a lealdade que muitos dos habitantes de Correrrio ainda nutriam pela filha de seu senhor para fazer mais algum estrago. *Pelo menos estou livre da guerra*, disse a si mesma, *mesmo que por pouco tempo*.

Depois que o meistre partiu, Catelyn vestiu um manto de lã e voltou a sair para a varanda. A luz do sol cintilava nos rios, dourando a superfície das águas que passavam rodopiando pelo castelo. Ela protegeu os olhos do clarão, em busca de uma vela distante, temendo vê-la. Mas nada havia, e esse nada queria dizer que suas esperanças ainda se mantinham vivas.

Passou o dia inteiro vigiando o rio, e também boa parte da noite, até suas pernas doerem de ficar em pé. Um corvo chegou ao castelo ao fim

da tarde, descendo para a colônia com grandes asas negras. *Asas escuras, palavras escuras*, pensou, lembrando-se da última ave que chegara e do horror que trouxera.

– Falei com Utherydes Wayn, senhora. Ele está bastante seguro de que nenhuma mulher chamada Tanásia esteve em Correrrio desde que está aqui.

– Vi que chegou hoje um corvo. Jaime foi recapturado? – *Ou morto, que os deuses não permitam isso!*

– Não, senhora, não recebemos notícias do Regicida.

– Então é outra batalha? Edmure está em dificuldades? Ou Robb? Por favor, seja gentil, acalme os meus receios.

– Senhora, eu não devia... – Vyman olhou em volta, como que para se certificar de que não havia mais ninguém no quarto. – Lorde Tywin abandonou as terras fluviais. Tudo está sossegado nos vaus.

– De onde veio o corvo então?

– Do oeste – respondeu ele, atarefando-se com a roupa de cama de Lorde Hoster e evitando os olhos de Catelyn.

– Eram notícias de Robb?

Ele hesitou.

– Sim, senhora.

– Há algo errado. – Soube disso por seus modos. O homem estava escondendo algo. – Diga-me. É Robb? Ele está ferido? – *Morto não, que os deuses sejam bons, por favor não me diga que ele está morto.*

– Sua Graça foi ferido no assalto ao Despenhadeiro – disse Meistre Vyman, ainda evasivo –, mas escreve que não há por que se preocupar, e que espera retornar em breve.

– Um ferimento? Que tipo de ferimento? Com que gravidade?

– Não há por que se preocupar, ele escreveu.

– Todos os ferimentos me preocupam. Ele está sendo tratado?

– Estou certo de que sim. O meistre no Despenhadeiro cuidará dele, não tenho dúvidas.

– Onde foi ferido?

– Senhora, foi-me ordenado que não falasse com a senhora. Lamento. – Recolhendo suas poções, Vyman saiu apressadamente, e Catelyn foi novamente deixada a sós com o pai. O leite de papoula tinha cumprido a sua função, e Lorde Hoster encontrava-se mergulhado num sono pesado.

Um fino fio de saliva escorria de um canto de sua boca aberta e umedecia a almofada. Catelyn pegou um quadrado de linho e limpou-o com suavidade. Quando o tocou, Lorde Hoster gemeu.

– Perdoe-me – disse, numa voz tão baixa que Catelyn quase não conseguiu ouvir as palavras. – Tanásia... sangue... o sangue... deuses, sejam bons...

Aquelas palavras perturbaram-na mais do que podia expressar, embora não conseguisse dar-lhes sentido. *Sangue*, pensou. *Será que tudo terá de acabar em sangue? Pai, quem era essa mulher, e o que fez a ela que necessite tanto de perdão?*

Nessa noite, Catelyn acordou diversas vezes, assombrada por sonhos sem nexo sobre os filhos, os perdidos e os mortos. Muito antes do romper do dia, acordou com as palavras do pai ecoando nos ouvidos. *Bebês amorosos, e legítimos... por que diria aquilo, a não ser... será possível que tenha gerado um bastardo com essa mulher, Tanásia?* Não podia acreditar. O irmão Edmure, sim; não a surpreenderia saber que Edmure tinha uma dúzia de filhos ilegítimos. Mas o pai não, Lorde Hoster Tully não, nunca.

*Poderá Tanásia ser algum nome carinhoso que tenha dado a Lysa, da mesma forma que me chamava de Cat?* Lorde Hoster já a tinha confundido com a irmã antes. *Terá outros, disse ele. Bebês amorosos, e legítimos*. Lysa abortara cinco vezes, duas no Ninho da Águia, três em Porto Real... mas nunca em Correrrio, onde Lorde Hoster estaria por perto para confortá-la. *Nunca, a não ser... a não ser que esperasse uma criança, daquela primeira vez...*

Ela e a irmã tinham casado no mesmo dia e foram deixadas aos cuidados do pai quando os novos esposos partiram para se juntar novamente à rebelião de Robert. Mais tarde, quando seu sangue de lua não chegou no momento de costume, Lysa tagarelara alegremente sobre os filhos que estava certa de que ambas esperavam.

– Seu filho será herdeiro de Winterfell e o meu, do Ninho da Águia. Oh, serão os melhores amigos, como o seu Ned e Lorde Robert. Serão mais irmãos do que primos, verdade, eu sei que sim. – *Ela estava tão feliz*.

Mas o sangue de Lysa acabou chegando não muito depois, e toda a alegria a abandonou. Catelyn sempre pensou que Lysa tinha estado

simplesmente um pouco atrasada, mas se *tivesse* estado grávida...

Recordou a primeira vez que entregou Robb para a irmã segurar; pequeno, corado e berrando, mas já então forte, cheio de vida. Bastou a Catelyn colocar o bebê nas mãos da irmã para o rosto de Lysa se dissolver em lágrimas e ela devolver apressadamente o bebê a Catelyn e fugir.

*Se tivesse perdido um filho antes, isso poderia explicar as palavras do pai, e muitas outras coisas…* O casamento de Lysa com Lorde Arryn tinha sido arranjado às pressas, e já então Jon era velho, mais velho do que o pai delas. Um velho sem um herdeiro. Suas duas primeiras esposas tinham-no deixado sem filhos, o filho do irmão fora assassinado com Brandon Stark em Porto Real, seu galante primo morrera na Batalha dos Sinos. Precisava de uma esposa jovem para a Casa Arryn perdurar... *uma esposa jovem que se soubesse que era fértil.*

Catelyn ficou em pé, vestiu um roupão e desceu os degraus até o aposento privado escurecido, parando junto ao pai. Uma sensação de terror impotente encheu-a.

– Pai – disse –, pai, sei o que o senhor fez. – Já não era uma noiva inocente com a cabeça cheia de sonhos. Era uma viúva, uma traidora, uma mãe de luto, e conhecedora, sabedora dos costumes do mundo. – Obrigou-o a aceitá-la – sussurrou. – Lysa foi o preço que Jon Arryn teve de pagar pelas espadas e lanças da Casa Tully.

Pouco admirava que o casamento da irmã tivesse sido tão desprovido de amor. Os Arryn eram orgulhosos, e cismados em relação à honra. Lorde Jon podia se casar com Lysa para ligar os Tully à causa da rebelião, e na esperança de um filho, mas seria difícil para ele amar uma mulher que chegara conspurcada e de má vontade à sua cama. Teria sido atencioso, sem dúvida, cumpridor, sim; mas Lysa precisava de calor.

No dia seguinte, enquanto fazia sua primeira refeição, Catelyn pediu pena e papel e começou uma carta para enviar à irmã, no Vale de Arryn. Contou a Lysa sobre Bran e Rickon, lutando com as palavras, mas escreveu principalmente sobre o pai.

*Todos os seus pensamentos estão no mal que lhe fez, agora que o tempo dele fica mais curto. Meistre Vyman diz que não se atreve a fazer o leite de papoula mais forte. É hora de o pai pousar a espada e o escudo. É hora de ele descansar. Mas continua a lutar, desesperadamente, não quer*

*ceder. É por você, penso eu. Precisa do seu perdão. A guerra tornou perigosa a estrada entre Ninho da Águia e Correrrio, eu sei, mas decerto uma poderosa força de cavaleiros seria capaz de trazê-la em segurança através das Montanhas da Lua, não? Uma centena de homens, ou um milhar? E se não puder vir, não poderia pelo menos escrever a ele? Algumas palavras de amor, para que possa morrer em paz? Escreva o que quiser e eu lerei para ele, aliviando seu percurso.*

Enquanto colocava a pena de lado e pedia cera para selar a carta, Catelyn sentiu que provavelmente ela era insuficiente e tardia. Meistre Vyman não acreditava que Lorde Hoster resistiria tempo bastante para que um corvo chegasse ao Ninho da Águia e voltasse. *Se bem que ele já tenha dito antes algo muito semelhante...* Os homens Tully não se rendiam facilmente, fossem quais fossem as probabilidades. Depois de confiar o pergaminho aos cuidados do meistre, Catelyn dirigiu-se ao septo e acendeu uma vela ao Pai de Cima por seu pai, uma segunda à Velha, que tinha deixado o primeiro corvo entrar no mundo, quando espreitou pela porta da morte, e uma terceira à Mãe, por Lysa e todos os filhos que ambas tinham perdido.

Mais tarde, enquanto estava sentada junto à cama de Lorde Hoster com um livro nas mãos, lendo a mesma passagem seguidas vezes, ouviu o som de vozes alteradas e um sopro de trombeta. *Sor Robin*, pensou de imediato, estremecendo. Foi até a varanda, mas nos rios nada havia para ver, embora pudesse ouvir com mais clareza as vozes lá de fora, o ruído de muitos cavalos, o tinir de armaduras e, de vez em quando, uma aclamação. Catelyn subiu a escada em caracol até o telhado da fortaleza. *Sor Desmond não me proibiu o telhado*, disse a si mesma enquanto subia.

Os sons vinham do lado mais distante do castelo, perto do portão principal. Um grupo de homens encontrava-se junto da porta levadiça enquanto ela se erguia aos solavancos, e nos campos mais além, fora do castelo, viam-se várias centenas de cavaleiros. Quando o vento soprou, levantou seus estandartes, e Catelyn tremeu de alívio ao ver a truta saltante de Correrrio. *Edmure*.

Passaram-se duas horas até que ele achasse que era hora de vir até ela. O castelo já ressoava ao som de ruidosos encontros à medida que os homens iam abraçando as mulheres e as crianças que haviam deixado para trás. Três corvos partiram da colônia, asas negras batendo no ar

enquanto levantavam voo. Catelyn observou-os da varanda do pai. Tinha lavado os cabelos, trocado de roupa e se preparado para as censuras do irmão... mesmo assim a espera era difícil.

Quando enfim ouviu sons junto à porta, sentou-se e dobrou as mãos no colo. Lama vermelha seca salpicava as botas, as grevas e o sobretudo de Edmure. Pelo seu aspecto, nunca seria possível adivinhar que tinha ganhado a batalha. Estava magro e cansado, com o rosto pálido, a barba descuidada e os olhos brilhantes demais.

– Edmure – disse Catelyn, preocupada –, você parece doente. Aconteceu alguma coisa? Os Lannister atravessaram o rio?

– Repeli-os. Lorde Tywin, Sandor Clegane, Addam Marbrand, afastei todos eles. Mas Stannis… – Fez uma careta.

– Stannis? Que há com Stannis?

– Perdeu a batalha em Porto Real – disse Edmure em tom infeliz. – Sua frota foi queimada e seu exército, desbaratado.

Uma vitória Lannister era má notícia, mas Catelyn não podia partilhar a óbvia consternação do irmão. Ainda tinha pesadelos com a sombra que vira deslizar pela tenda de Renly e com o modo como o sangue tinha jorrado através do aço de seu gorjal.

– Stannis não era mais amigo do que Lorde Tywin.

– Você não compreende. Jardim de Cima declarou apoio a Joffrey. Dorne também. Todo o sul. – Apertou os lábios. – E *você* acha adequado libertar o Regicida. Não tinha o direito.

– Tinha o direito de uma mãe. – A voz dela estava calma, embora a notícia sobre Jardim de Cima constituísse um fortíssimo golpe nas esperanças de Robb. Mas agora não podia pensar nisso.

– Não tinha o direito – repetiu Edmure. – Ele era prisioneiro de Robb, prisioneiro de seu *rei*, e Robb encarregou-me de mantê-lo a salvo.

– Brienne vai mantê-lo a salvo. Jurou-o pela espada dela.

– Aquela *mulher*?

– Ela entregará Jaime a Porto Real, e vai nos trazer Arya e Sansa em segurança.

– Cersei nunca abrirá mão delas.

– Cersei, não. Tyrion. Ele jurou fazê-lo, numa audiência aberta. E o Regicida também jurou.

– A palavra de Jaime não vale nada. E quanto ao Duende, dizem que levou uma machadada na cabeça durante a batalha. Estará morto antes de sua Brienne chegar a Porto Real, se é que ela vai chegar.

– Morto? – poderiam os deuses ser assim tão impiedosos? Tinha obrigado Jaime a prestar uma centena de juramentos, mas era à promessa do irmão dele que havia prendido suas esperanças.

Edmure mostrou-se cego para sua aflição.

– Jaime estava a *meu* cargo, e pretendo tê-lo de volta. Enviei corvos...

– Corvos a quem? Quantos?

– Três – disse ele –, para garantir que a mensagem chegue ao Lorde Bolton. Por rio ou por estrada, o caminho de Correrrio a Porto Real vai levá-los a passar perto de Harrenhal.

– Harrenhal. – A própria palavra parecia escurecer a sala. O horror tornou a sua voz pesada quando disse: – Edmure, você sabe o que fez?

– Não tenha medo, omiti seu papel. Escrevi que Jaime fugiu, e ofereci mil dragões por sua recaptura.

*Pior e pior*, pensou Catelyn, desesperada. *Meu irmão é um tolo*. Sem serem convidadas, indesejadas lágrimas encheram seus olhos.

– Se isso fosse uma fuga – disse ela em voz baixa –, e não uma troca de reféns, por que os Lannister entregariam as minhas filhas a Brienne?

– Nunca chegará a esse ponto. O Regicida vai ser devolvido a nós, assegurei-me disso.

– Tudo de que se assegurou foi que eu não volte a ver minhas filhas. Brienne podia tê-lo levado em segurança até Porto Real... *desde que ninguém os perseguisse*. Mas agora... – Catelyn não conseguiu continuar. – Deixe-me, Edmure. – Não tinha qualquer direito de lhe dar ordens, ali no castelo que em breve seria do irmão, mas o tom que empregou não admitia discussões. – Deixe-me com o pai e a minha dor, não tenho mais nada a dizer a você. Vá. *Vá*. – Tudo que desejava era deitar, fechar os olhos e dormir, e rezar para que nenhum sonho viesse.

# ARYA

O céu estava tão negro quanto as muralhas de Harrenhal atrás deles, e a chuva caía suave e constante, abafando o som dos cascos dos cavalos e escorrendo por seus rostos.

Avançaram para o norte, para longe do lago, seguindo uma estrada rural cheia de sulcos, através de campos destroçados e atravessando bosques e riachos. Arya tomou a dianteira, incitando o cavalo roubado a um imprudente trote rápido até as árvores se fecharem à sua volta. Torta Quente e Gendry seguiram-na o melhor que conseguiram. Lobos uivavam a distância, e ela conseguia ouvir a respiração pesada de Torta Quente. Ninguém falou. De tempos em tempos, Arya lançava um olhar, de relance, por sobre o ombro, para se certificar de que os dois rapazes não tinham ficado muito para trás, e para ver se eram perseguidos.

Sabia que o seriam. Tinha roubado três cavalos dos estábulos e um punhal e um mapa do próprio aposento privado de Roose Bolton, e matado um guarda na poterna, rasgando sua garganta quando ele se ajoelhou para pegar a gasta moeda de ferro que Jaqen H'ghar lhe dera. Alguém iria encontrá-lo jazendo morto numa poça do próprio sangue, e então soaria o alarme. Acordariam Lorde Bolton, e vasculhariam Harrenhal das ameias às adegas, e quando o fizessem, descobririam o desaparecimento do mapa e do punhal, além de algumas espadas do arsenal, pão e queijo da cozinha, um ajudante de padeiro, um aprendiz de ferreiro e uma copeira chamada Nan... ou Doninha, ou Arry, dependendo de quem respondesse.

O Senhor do Forte do Pavor não viria atrás deles pessoalmente. Roose Bolton ficaria na cama, com a pele pálida salpicada de sanguessugas, dando ordens com sua voz sussurrante. Seu subordinado Walton, aquele que chamavam de Pernas de Aço devido às grevas que sempre usava nas longas pernas, poderia comandar a perseguição. Ou talvez fosse o babento Vargo Hoat e seus mercenários, que se chamavam de Bravos Companheiros. Os outros chamavam-nos de Saltimbancos Sangrentos

(embora nunca na frente deles) e, às vezes, de Homens dos Pés, devido ao hábito que Lorde Vargo tinha de cortar as mãos e os pés dos homens que lhe desagradavam.

*Se nos pegarem, vão cortar nossas mãos e nossos pés*, pensou Arya, *e depois Roose Bolton vai nos esfolar*. Ainda vestia o traje de pajem, e no peito, sobre o coração, tinha cosido o símbolo de Lorde Bolton, o homem esfolado do Forte do Pavor.

Toda vez que olhava para trás quase esperava ver um clarão de archotes reluzindo pelos distantes portões de Harrenhal, ou correndo ao longo do topo das enormes muralhas do castelo, mas nada se via. Harrenhal continuou dormindo, até se perder na escuridão e ficar escondido atrás das árvores.

Quando cruzaram o primeiro riacho, Arya virou o cavalo para o lado e levou-os para fora da estrada, seguindo o sinuoso curso de água ao longo de um quarto de milha até, por fim, subir uma margem pedregosa. Esperava que, se os perseguidores trouxessem cães, isso talvez os fizesse perder o rastro. Não podiam ficar na estrada. *Há morte na estrada*, disse a si mesma, *em todas as estradas*.

Gendry e Torta Quente não questionaram sua escolha. Afinal de contas, ela tinha o mapa, e Torta Quente parecia quase tão aterrorizado por ela quanto pelos homens que podiam vir atrás deles. Ele vira o guarda que ela matara. *É melhor que tenha medo de mim*, disse a si mesma. *Assim vai fazer o que eu disser, e não alguma coisa estúpida.*

Sabia que devia estar mais assustada do que estava. Tinha só dez anos, uma garotinha magricela num cavalo roubado com uma floresta escura à sua frente e atrás dela homens que, de bom grado, cortariam seus pés. Mas, sem saber por quê, sentia-se mais calma do que jamais se sentira em Harrenhal. A chuva tinha lavado de seus dedos o sangue do guarda, trazia uma espada a tiracolo, havia lobos percorrendo as trevas como esguias sombras cinzentas, e Arya Stark não tinha medo. *O medo corta mais profundamente do que as espadas*, sussurrou bem baixinho as palavras que Syrio Forel havia lhe ensinado, e também as palavras de Jaqen, *valar morghulis*.

A chuva parou, recomeçou e voltou a parar e a recomeçar, mas tinham bons mantos para deixar a água afastada. Arya manteve-os em movimento a um ritmo lento e regular. Estava escuro demais sob as

árvores para avançar mais depressa; os rapazes não eram cavaleiros, nenhum dos dois, e o terreno fofo e acidentado era traiçoeiro, cheio de raízes semienterradas e pedras escondidas. Atravessaram outra estrada, cujos profundos sulcos estavam cheios de água, mas Arya evitou-a. Levou-os para cima e para baixo ao longo das colinas arredondadas, através de arbustos, espinheiros e emaranhados de vegetação rasteira, pelo fundo de barrancos estreitos, onde galhos pesados de folhas úmidas estapeavam seus rostos quando passavam.

A égua de Gendry perdeu uma vez o equilíbrio na lama, caindo com força sobre os quartos traseiros e derrubando-o da sela, mas nem cavalo nem cavaleiro se feriram, e Gendry fez aquela sua expressão teimosa e logo voltou a montar. Não muito tempo depois, se depararam com três lobos que devoravam o cadáver de um veado jovem. Quando o cavalo de Torta Quente detectou o cheiro, espantou-se e fugiu. Dois dos lobos fugiram também, mas o terceiro ergueu a cabeça e mostrou os dentes, preparado para defender a caça.

– Recua – disse Arya a Gendry. – Devagar, para não assustá-lo. – Desviaram as montarias até que o lobo e seu banquete ficaram fora de vista. Foi só então que ela deu meia-volta para ir no encalço de Torta Quente, que se agarrava desesperadamente à sela enquanto avançava por entre as árvores.

Mais tarde, passaram por uma aldeia incendiada, abrindo caminho com cuidado por entre as paredes vazias de choupanas enegrecidas e junto aos ossos de uma dúzia de mortos enforcados numa fileira de macieiras. Quando Torta Quente os viu, começou a rezar, sussurrando uma frágil súplica pela misericórdia da Mãe, repetindo-a uma e mais outra vez. Arya ergueu os olhos para os mortos descarnados em suas roupas molhadas e putrefatas e pronunciou sua própria prece. *Sor Gregor*, começava ela, *Dunsen, Polliver, Raff, o Querido. O Cócegas e o Cão de Caça. Sor Ilyn, Sor Meryn, Rei Joffrey, Rainha Cersei*. Terminou-a com *valar morghulis*, levou os dedos ao lugar onde a moeda de Jaqen se aninhava sob o cinto e depois ergueu a mão e colheu uma maçã de entre os mortos, ao passar por eles. Estava mole e madura demais, mas comeu-a, com bicho e tudo.

Esse foi o dia sem alvorada. Lentamente, o céu foi clareando ao redor deles, mas nunca chegaram a ver o sol. O negro transformou-se em cinza,

e as cores retornaram timidamente ao mundo. Os pinheiros marciais vestiam-se de verdes sombrios, as árvores de folha caduca, de vermelhos escuros e dourados desvanecidos, que já começavam a ficar amarronzados. Pararam tempo suficiente para dar água aos cavalos e comer um café da manhã rápido e frio, desfazendo um dos pães que Torta Quente tinha roubado da cozinha, e passando de mão em mão nacos duros de queijo amarelo.

– Sabe para onde vamos? – perguntou-lhe Gendry.

– Para o norte – disse Arya.

Torta Quente olhou em volta com ar incerto.

– Para que lado fica o norte?

Arya usou o queijo para apontar.

– Para lá.

– Mas não há sol. Como é que você sabe?

– Pelo musgo. Está vendo como cresce principalmente de um dos lados das árvores? Esse é o sul.

– O que nós queremos no norte? – quis saber Gendry.

– O Tridente. – Arya desenrolou o mapa roubado, a fim de lhes mostrar. – Está vendo? Quando chegarmos ao Tridente, tudo que temos de fazer é seguir rio acima até chegarmos a Correrrio, aqui. – Traçou o percurso com o dedo. – É um longo caminho, mas não dá para se perder, desde que a gente siga o rio.

Torta Quente piscou os olhos para o mapa.

– Qual deles é Correrrio?

Correrrio estava pintado como uma torre de castelo, na junção entre as linhas azuis onduladas de dois rios, o Pedregoso e o Ramo Vermelho.

– Ali. – Arya tocou no mapa. – Diz *Correrrio*.

– Você sabe ler coisas escritas? – ele perguntou com espanto, como se ela tivesse dito que conseguia caminhar sobre a água.

Arya assentiu.

– Ficaremos seguros depois de chegarmos a Correrrio.

– Ah, é? Por quê?

*Porque Correrrio é o castelo de meu avô, e meu irmão Robb estará lá*, quis dizer. Mordeu o lábio e enrolou o mapa.

– Porque sim. Mas só se chegarmos lá. – Foi a primeira a montar. Sentia-se mal por esconder a verdade de Torta Quente, mas não confiava

nele o suficiente para lhe contar seu segredo. Gendry sabia, mas isso era diferente. Gendry tinha seu próprio segredo, embora nem mesmo ele parecesse saber qual era.

Nesse dia, Arya apressou o passo, mantendo os cavalos a trote o máximo de tempo que se atreveu, e às vezes pondo-os a galope, quando via uma extensão plana de terreno pela frente. Mas isso acontecia raramente, pois, à medida que avançavam, o terreno ia se tornando mais acidentado. Os montes não eram altos, nem tinham declives particularmente acentuados, mas pareciam não ter fim, e logo se cansaram de subir um e descer outro. Deram por si seguindo a topografia, percorrendo os leitos de riachos e atravessando um labirinto de vales arborizados pouco profundos, onde as árvores formavam uma sólida pérgula sobre suas cabeças.

De tempos em tempos, mandava Torta Quente e Gendry na frente enquanto voltava, a fim de tentar apagar o rastro, sempre atenta ao primeiro sinal de perseguição. *Devagar demais*, pensou consigo mesma, mordendo o lábio, estamos indo *devagar demais, eles vão nos apanhar com certeza*. Certa vez, do topo de uma serra, vislumbrou silhuetas escuras atravessando um riacho no vale, atrás deles, e durante meio segundo temeu que os cavaleiros de Roose Bolton estivessem quase alcançando-os, mas, quando voltou a olhar, compreendeu que eram apenas uma matilha de lobos. Pôs as mãos em concha ao redor da boca e uivou para eles, "*Ahuuuuuuuu, ahuuuuuuuu*". Quando o maior dos lobos levantou a cabeça e uivou de volta, o som fez Arya tremer.

Por volta do meio-dia, Torta Quente começou a se queixar. Tinha o traseiro dolorido, disse-lhes, e a sela o estava deixando em carne viva entre as pernas e, além disso, tinha de dormir um pouco.

– Estou tão cansado que vou cair do cavalo.

Arya olhou para Gendry.

– Se ele cair, quem você acha que vai encontrá-lo primeiro, os lobos ou os Saltimbancos?

– Os lobos – disse Gendry. – Narizes melhores.

Torta Quente abriu a boca e fechou-a. Não caiu do cavalo. A chuva recomeçou pouco depois. Ainda não tinham sequer vislumbrado o sol. Estava ficando mais frio, e uma pálida névoa branca penetrava por entre os pinheiros e era soprada através dos campos nus e queimados.

Gendry enfrentava quase tanta dificuldade quanto Torta Quente, embora fosse teimoso demais para se queixar. Sentava-se desajeitadamente na sela, com uma expressão determinada no rosto, por baixo dos hirsutos cabelos negros, mas Arya via que ele não era bom cavaleiro. *Devia ter me lembrado*, pensou sozinha. Arya montava desde que se conhecia por gente, pôneis quando era pequena e mais tarde cavalos, mas Gendry e Torta Quente tinham nascido na cidade, e na cidade o povo caminhava. Yoren tinha lhes dado montarias quando os levou de Porto Real, mas montar um burro e arrastar-se pela estrada do rei atrás de uma carroça era uma coisa. Guiar um cavalo de caça através de bosques selvagens e campos queimados era outra.

Arya sabia que, sozinha, avançaria muito mais rapidamente, mas não podia abandoná-los. Eram a sua matilha, os seus amigos, os únicos amigos vivos que lhe restavam e, se não fosse ela, ainda estariam a salvo em Harrenhal, Gendry suando em sua forja e Torta Quente, nas cozinhas. *Se os Saltimbancos nos pegarem, digo a eles que sou filha de Ned Stark e irmã do Rei no Norte. Ordeno-lhes que nos levem ao meu irmão e que não façam mal ao Torta Quente e ao Gendry*. Mas podiam não acreditar nela, e mesmo se acreditassem... Lorde Bolton era vassalo do irmão, mas assustava-a mesmo assim. *Não deixarei que nos capturem*, jurou em silêncio, estendendo a mão por sobre o ombro para tocar o cabo da espada que Gendry tinha roubado para ela. *Não deixarei*.

Ao fim dessa tarde, saíram de debaixo das árvores e viram-se nas margens de um rio. Torta Quente soltou um grito de alegria.

– O *Tridente*! Agora tudo que precisamos fazer é segui-lo na direção da nascente, como você disse. Estamos quase lá!

Arya mordeu o lábio.

– Não me parece que este seja o Tridente. – O rio seguia cheio devido à chuva, mesmo assim não devia ter muito mais do que dez metros de largura. Lembrava-se do Tridente como um rio muito mais largo. – É pequeno demais para ser o Tridente – disse-lhes – e não avançamos o suficiente.

– Avançamos, sim – insistiu Torta Quente. – Cavalgamos o dia todo, e quase não paramos. Devemos ter avançado uma grande distância.

– Vamos dar outra olhada nesse mapa – disse Gendry.

Arya desmontou, pegou o mapa, desenrolou-o. A chuva tamborilou na pele de ovelha e escorreu em filetes.

– Estamos em algum lugar por aqui, creio eu – disse ela, apontando, enquanto os rapazes espiavam por cima de seus ombros.

– Mas – disse Torta Quente –, isso é praticamente distância nenhuma. Olha, Harrenhal está ali, perto do seu dedo, você está quase *encostando nele*. E cavalgamos o dia inteiro!

– Há muitos quilômetros antes de chegarmos ao Tridente – disse ela. – Não estaremos lá antes de se passarem *dias*. Este deve ser outro rio qualquer, um destes, olha. – Mostrou algumas das linhas azuis mais finas que o cartógrafo tinha pintado, todas elas com um nome pintado por baixo em letras pequenas. – O Darry, o Maçã Verde, o Donzela... olha, este, o Salgueiro Pequeno, pode ser isso.

Torta Quente levantou os olhos da linha para o rio.

– Não me parece assim tão pequeno.

Gendry também franzia a testa.

– Esse rio que você está apontando corre para aquele outro, está vendo?

– O Salgueiro Grande – leu Arya.

– Que seja o Salgueiro Grande. Olha, e o Salgueiro Grande corre para o Tridente, portanto, podíamos seguir um deles até o outro, mas teríamos de descer o rio em vez de subi-lo. Só que, se este rio *não for* o Salgueiro Pequeno, se for este aqui…

– Regato Encrespado – leu Arya.

– Olha, ele dá a volta e desce na direção do lago, de volta a Harrenhal. – percorreu a linha com um dedo.

Torta Quente esbugalhou os olhos.

– Não! Eles nos matariam com certeza.

– Temos de saber que rio é este – declarou Gendry com sua voz mais obstinada. – Temos de saber.

– Bem, mas *não sabemos*. – O mapa podia ter nomes escritos junto às linhas azuis, mas ninguém anotara um nome na margem do rio. – Não vamos subir nem descer o rio – decidiu Arya, enrolando o mapa. – Vamos atravessar e continuar seguindo para o norte, como fizemos até agora.

– Os cavalos sabem nadar? – perguntou Torta Quente. – Parece *profundo*, Arry. E se houver cobras?

– Tem certeza de que estamos indo para o norte? – perguntou Gendry. – Todos aqueles montes... se tivermos voltado para trás...

– O musgo nas árvores...

Ele apontou para uma árvore próxima.

– Aquela árvore tem musgo de três lados e a outra, logo adiante, não tem musgo nenhum. Podemos estar perdidos, andando em círculos.

– Podemos – disse Arya –, mas vou atravessar o rio mesmo assim. Podem vir ou podem ficar aqui. – Voltou a montar, ignorando ambos. Se não quisessem segui-la, podiam encontrar Correrrio sozinhos, muito embora fosse mais provável que os Saltimbancos os encontrassem primeiro.

Teve de cavalgar bem um quilômetro ao longo da margem antes de finalmente encontrar um local onde parecia seguro atravessar, e mesmo aí a égua mostrou-se relutante em entrar na água. O rio, não importa qual fosse seu nome, corria turvo e rápido, e a parte profunda do meio ultrapassava a barriga do cavalo. A água encheu as suas botas, mas ela pressionou os calcanhares contra o animal mesmo assim e saiu do rio na outra margem. Atrás de si, ouviu um respingar de água e o relincho nervoso de uma égua. *Então eles me seguiram. Ótimo*. Virou-se para observar os rapazes lutando para atravessar e emergindo, pingando, a seu lado.

– Este não é Tridente – disse-lhes. – *Não é*.

O rio seguinte era mais raso e mais fácil de vadear. Também não era o Tridente, e ninguém discutiu com Arya quando ela lhes disse que iam atravessá-lo.

Anoitecia quando pararam para deixar os cavalos descansarem novamente e para partilhar outra refeição de pão e queijo.

– Estou com frio e molhado – queixou-se Torta Quente. – Agora estamos muito longe de Harrenhal, com certeza. Podíamos acender uma fogueira...

– *NÃO!* – disseram Arya e Gendry, exatamente no mesmo instante. Torta Quente vacilou um pouco. Arya lançou a Gendry um olhar de viés. *Ele falou junto, como Jon costumava fazer lá em Winterfell*. De todos os irmãos, era de Jon Snow que sentia mais saudades.

– Poderíamos pelo menos dormir? – perguntou Torta Quente. – Estou tão cansado, Arry, meu traseiro está doendo. Acho que estou com bolhas.

– Vai ter mais do que isso se for apanhado – disse ela. – Temos de continuar. Temos *mesmo*.

– Mas é quase noite, e você sequer consegue ver a lua.

– Volte para o cavalo.

Avançando penosamente a passo lento enquanto a luz se desvanecia em volta deles, Arya descobriu que sua própria exaustão pesava bastante sobre si. Precisava dormir tanto quanto Torta Quente, mas não podiam se atrever. Se dormissem, poderiam abrir os olhos e encontrar Vargo Hoat em pé ao lado deles, com Shagwell, o bobo, Fiel Urswyck, Rorge, Dentadas, o Septão Utt e todos os seus outros monstros.

Mas, ao fim de algum tempo, os movimentos do cavalo tornaram-se tão tranquilizadores quanto o balançar de um berço, e Arya começou a ficar com os olhos pesados. Deixou-os fechar, só por um instante, depois voltou a abri-los, sobressaltada. *Não posso adormecer*, gritou em silêncio para si mesma, *não posso, não posso*. Esfregou um olho com força, para mantê-lo aberto, segurando bem as rédeas e levando a égua a galope ligeiro. Mas nem ela nem o cavalo conseguiam manter o ritmo, e passaram apenas alguns minutos até que voltassem ao passo de antes, e alguns mais até que seus olhos se fechassem uma segunda vez. Daquela vez não se abriram tão depressa como da primeira.

Quando se abriram, descobriu que o cavalo tinha parado e estava mordiscando um tufo de mato, enquanto Gendry puxava seu braço.

– Você caiu no sono – disse-lhe.

– Estava só descansando os olhos.

– Então descansou-os por um bom tempo. Seu cavalo estava vagueando em círculos, mas foi só quando parou que percebi que você estava dormindo. Torta Quente está na mesma, foi de encontro a um galho de árvore e caiu do cavalo, devia tê-lo ouvido gritar. Nem mesmo *isso* a acordou. Precisa parar e dormir.

– Posso continuar durante tanto tempo quanto você. – E bocejou.

– Mentirosa – disse ele. – Continue se for burra, mas eu vou parar. Fico com o primeiro turno. Você, dorme.

– E o Torta Quente?

Gendry apontou. Torta Quente já estava no chão, enrolado debaixo do manto, numa cama de folhas úmidas e ressonando baixinho. Tinha um

grande pedaço de queijo numa mão, mas parecia ter adormecido entre mordidas.

Arya compreendeu que não valia a pena discutir; Gendry tinha razão. *Os Saltimbancos também terão de dormir*, disse a si mesma, esperando que fosse verdade. Estava tão cansada que precisou lutar até para descer da sela, mas lembrou-se de prender o cavalo antes de encontrar um lugar debaixo de uma faia. O chão era duro e estava úmido. Perguntou a si mesma quanto tempo passaria até dormir novamente numa cama, com comida quente e fogo para aquecê-la. A última coisa que fez antes de fechar os olhos foi desembainhar a espada e colocá-la a seu lado.

– Sor Gregor – murmurou, bocejando. – Dunsen, Polliver, Raff, o Querido. O Cócegas e... o Cócegas... o Cão de Caça...

Seus sonhos foram rubros e violentos. Os Saltimbancos andavam atrás deles, pelo menos quatro, um liseno pálido e um homem de Ib, escuro, brutal e com um machado, o senhor dos cavalos dothraki, cheio de cicatrizes, chamado Iggo e um homem de Dorne, cujo nome nunca soubera. Avançavam e continuavam a avançar, cavalgando na chuva, vestidos com cota de malha enferrujada e couro molhado, com as espadas e o machado retinindo contra suas selas. Pensavam que estavam perseguindo Arya, ela soube com toda a estranha e aguçada certeza dos sonhos, mas estavam enganados. Era ela quem os perseguia.

Ela não era uma garotinha no sonho; era uma loba, enorme e poderosa, e quando emergiu de sob as árvores, diante deles, e lhes mostrou os dentes, num rosnido grave e trovejante, sentiu o fedor repulsivo do medo que exalavam tanto os cavalos como os homens. A montaria do liseno empinou-se e berrou o seu terror, e os outros gritaram uns para os outros em fala humana, mas, antes de terem tempo de agir, outros lobos saíram apressadamente da escuridão e da chuva, uma grande matilha, lúgubre, molhada e silenciosa.

A luta foi rápida mas sangrenta. O homem peludo caiu no momento em que puxava o machado, o escuro morreu encaixando uma flecha no arco, e o homem pálido de Lys tentou fugir. Os irmãos e as irmãs dela caçaram-no e apanharam-no, fazendo-o virar uma vez e mais uma, caindo sobre ele por todos os lados, abocanhando as pernas de seu cavalo e rasgando a garganta do cavaleiro quando ele se estatelou na terra.

Só o homem com os sinos deu luta. O cavalo escoiceou uma de suas irmãs na cabeça, e ele cortou outra quase ao meio, com sua garra curva e prateada, enquanto seus cabelos tilintavam baixinho.

Cheia de raiva, Arya saltou sobre as costas dele, derrubando-o da sela, de cabeça. O maxilar se fechou em seu braço durante a queda, com os dentes afundando através do couro, da lã e da carne macia. Quando chegaram ao chão, ela deu uma violenta sacudida com a cabeça e arrancou o membro. Exultante, abanou-o de um lado para o outro na boca, espalhando as mornas gotículas vermelhas pela fria chuva negra.

# TYRION

Acordou com o rangido de velhas dobradiças de ferro.

– Quem? – coaxou. Pelo menos recuperara a voz, por mais áspera e rouca que fosse. A febre ainda o acompanhava, e Tyrion não fazia ideia de que horas seriam. Quanto tempo teria dormido daquela vez? Estava tão fraco, tão abominavelmente fraco. – Quem? – chamou de novo, com mais força. Luz de tochas derramava-se através da porta aberta, mas, dentro do aposento, a única luz vinha do toco de uma vela pousada ao lado de sua cama.

Quando viu uma silhueta aproximando-se, Tyrion estremeceu. Ali, na Fortaleza de Maegor, todos os criados eram pagos pela rainha, e por isso qualquer visitante podia ser outra das marionetes de Cersei, enviada para acabar o serviço que Sor Mandon tinha começado.

Então o homem surgiu à luz da vela, olhou bem para o rosto pálido do anão e soltou uma gargalhada.

– Cortou-se fazendo a barba, foi?

Os dedos de Tyrion subiram à grande ferida que ia de uma sobrancelha até o maxilar, atravessando o que lhe restava de nariz. A carne esponjosa ainda estava dolorida e quente ao toque.

– Com uma navalha terrivelmente grande, sim.

Os cabelos negros como carvão de Bronn tinham sido recém-lavados e escovados para trás, deixando à mostra os traços duros de seu rosto, e ele trajava botas de cano alto, feitas de couro macio e trabalhado, um cinto largo incrustado de pepitas de prata e um manto de seda verde-clara. Na lã cinza-escura de seu gibão, uma corrente em chamas estava bordada em diagonal com fio verde brilhante.

– Onde tem estado? – perguntou-lhe Tyrion. – Mandei chamá-lo... deve ter sido há uma quinzena.

– Quatro dias está mais perto da verdade – disse o mercenário. – Já estive aqui duas vezes e encontrei-o morto para o mundo.

– Morto, não. Embora minha querida irmã tenha tentado. – Talvez não devesse ter dito aquilo em voz alta, mas Tyrion já não se importava. Cersei estava por trás da tentativa de Sor Mandon de matá-lo, sabia disso em seu âmago. – O que é essa coisa feia em seu peito?

Bronn deu um sorriso.

– Meu símbolo de cavaleiro. Uma corrente flamejante, verde sobre cinza-fumo. Por ordem do senhor seu pai, agora sou Sor Bronn da Água Negra, Duende. Veja se não se esqueça disso.

Tyrion apoiou as mãos no colchão de penas e inclinou-se alguns centímetros para trás, de encontro às almofadas.

– Quem lhe prometeu um grau de cavaleiro fui eu, lembra? – não tinha gostado nada daquele "*por ordem do senhor seu pai*". Lorde Tywin não perdera tempo. Mudar o filho da Torre da Mão para reclamá-la para si era uma mensagem que qualquer um podia entender, e esta era outra. – Eu perco metade do nariz e você ganha um grau de cavaleiro. Os deuses têm bastante coisa a responder. – A voz era amarga. – Meu pai armou-o pessoalmente?

– Não. Aqueles de nós que sobrevivemos à luta nas torres do guincho fomos ungidos pelo Alto Septão e armados pela Guarda Real. Levou metade do maldito dia, tendo só três das Espadas Brancas para conduzir as cerimônias.

– Já sabia que Sor Mandon morreu na batalha. – *Atirado ao rio por Pod, meio segundo antes de o traiçoeiro filho da mãe conseguir enfiar a espada em meu coração*. – Quem mais perdemos?

– O Cão de Caça – disse Bronn. – Não morreu, só desapareceu. Os homens de manto dourado dizem que se acovardou e você liderou uma surtida no lugar dele.

*Não foi uma de minhas melhores ideias*. Tyrion sentiu o tecido da cicatriz repuxar quando franziu a testa. Com um gesto, indicou uma cadeira a Bronn.

– Minha irmã confundiu-me com um cogumelo. Mantém-me no escuro e alimenta-me com merda. Pod é um bom rapaz, mas o nó que tem na língua é do tamanho do Rochedo Casterly, e não confio em metade do que me diz. Mandei-o buscar Sor Jacelyn e ele voltou dizendo que está morto.

– Ele e milhares de outros – Bronn sentou-se.

– Como? – quis saber Tyrion, sentindo-se bastante mais doente.

– Durante a batalha. Segundo a história que eu tenho ouvido, sua irmã mandou os Kettleblack buscarem o rei e levarem-no de volta para a Fortaleza Vermelha. Quando os homens de manto dourado o viram partir, metade decidiu partir com ele. O Mão de Ferro barrou o caminho e tentou ordenar-lhes que voltassem para as muralhas. Dizem que Bywater estava passando um sermão dos bons neles e os tinha quase prontos a voltar quando alguém espetou uma flecha no pescoço dele. Então ele já não parecia lá muito temível, e derrubaram-no do cavalo e mataram-no.

*Outra dívida a depositar na porta de Cersei.*

– Meu sobrinho – disse –, Joffrey. Ele correu algum perigo?

– Não mais do que alguns, e menos do que a maioria.

– Sofreu algum dano? Foi ferido? Despenteou-se, deu uma topada com o dedão do pé, quebrou uma unha?

– Que eu saiba, não.

– Preveni Cersei do que aconteceria. Quem comanda agora os homens de manto dourado?

– O senhor seu pai entregou-os a um de seus homens do ocidente, um cavaleiro qualquer chamado Addam Marbrand.

Na maioria das circunstâncias os homens de manto dourado iriam se ressentir de ter um forasteiro acima deles, mas Sor Addam Marbrand era uma escolha judiciosa. Tal como Jaime, era o tipo de homem que os outros gostavam de seguir. *Perdi a Patrulha da Cidade*.

– Mandei Pod à procura de Shagga, mas ele não teve sorte.

– Os Corvos de Pedra ainda estão na mata do rei. Shagga parece ter pegado gosto pelo local. Timett levou os Homens Queimados para casa, com todo o saque que arranjaram no acampamento de Stannis depois da luta. Chella apareceu uma manhã no Portão da Água com uma dúzia de Orelhas Negras, mas os homens de manto vermelho de seu pai botaram-nos para correr enquanto os portorrealenses atiravam bosta e aplaudiam.

*Ingratos. Os Orelhas Negras morreram por eles*. Enquanto Tyrion estivera drogado e sonhando, seu próprio sangue tinha colocado, uma a uma, as garras de fora.

– Quero que vá até minha irmã. Seu precioso filho sobreviveu incólume à batalha, de modo que Cersei já não tem necessidade de um refém. Jurou libertar Alayaya assim que...

– Libertou. Há oito, nove dias, depois das chicotadas.

Tyrion endireitou-se, ignorando a súbita punhalada de dor que lhe atravessou o ombro.

– *Chicotadas?*

– Prenderam-na a um poste no pátio e flagelaram-na, e depois empurraram-na pelo portão afora, nua e ensanguentada.

*Ela estava aprendendo a ler*, pensou Tyrion, absurdamente. No rosto, a cicatriz retesou-se, e por um momento sentiu que a cabeça estava a ponto de estourar de raiva. Alayaya era uma prostituta, é verdade, mas raras vezes conhecera garota mais doce, corajosa e inocente do que ela. Tyrion nunca a tocou; não passara de um véu para esconder Shae. Em seu descuido, nunca pensou no que o papel podia custar a ela.

– Prometi à minha irmã que trataria Tommen como ela tratasse Alayaya – recordou em voz alta. Sentiu-se prestes a vomitar. – Como posso flagelar um garoto de oito anos? – *Mas, se não o fizer, Cersei ganha*.

– Você não tem Tommen em seu poder – disse Bronn sem rodeios. – Assim que soube que Mão de Ferro estava morto, a rainha mandou os Kettleblack buscarem-no, e ninguém em Rosby teve culhões para lhes dizer não.

Outro golpe; mas também certo alívio, tinha de admiti-lo. Gostava de Tommen.

– Os Kettleblack deveriam ser dos nossos – lembrou a Bronn com mais do que um toque de irritação.

– E foram, enquanto consegui dar-lhes dois de seus dinheiros para cada um que recebiam da rainha, mas ela agora subiu a parada. Osney e Osfryd foram feitos cavaleiros depois da batalha, tal como eu. Só os deuses sabem por quê. Ninguém os viu lutar.

*Os homens a meu soldo me traem, meus amigos são flagelados e humilhados, e eu estou aqui, apodrecendo*, pensou Tyrion. *Pensava que tinha ganho a maldita batalha. É este o sabor do triunfo?*

– É verdade que Stannis foi desbaratado pelo fantasma de Renly?

Bronn deu um ligeiro sorriso.

– Das torres do guincho, tudo que vimos foram estandartes na lama e homens jogando as lanças fora para fugir, mas há centenas de homens nas casas de pasto e nos bordéis que podem lhe contar como viram Lorde

Renly matar este ou aquele. A maior parte da tropa de Stannis começou sendo de Renly, e passou para o lado dele novamente quando o viu naquela brilhante armadura verde.

Depois de todos os seus planos, depois da surtida e da ponte de navios, depois de ter o rosto partido ao meio, Tyrion foi eclipsado por um morto. *Se é que Renly está realmente morto*. Mais uma coisa que teria de investigar.

– Como foi que Stannis escapou?

– Os lisenos dele mantiveram as galés na baía, para lá da sua corrente. Quando a batalha começou a correr mal, aportaram ao longo da costa da baía e levaram o máximo de homens que conseguiram. Perto do fim, matavam uns aos outros para conseguir embarcar.

– E Robb Stark, o que ele anda fazendo?

– Alguns dos lobos dele vão abrindo caminho a fogo na direção de Valdocaso. Seu pai mandou um tal Lorde Tarly tratar deles. Ando pensando em me juntar a ele. Dizem que é um bom soldado, e generoso com o saque.

A ideia de perder Bronn foi a gota d'água.

– Não. Seu lugar é aqui. É o capitão da guarda da Mão.

– Você não é Mão – lembrou-lhe Bronn num tom penetrante. – É seu pai que é Mão, e ele tem sua maldita guarda própria.

– O que aconteceu com todos os homens que você contratou para mim?

– Alguns morreram nas torres do guincho. Aquele seu tio, Sor Kevan, pagou os outros e nos botou para correr.

– Quanta generosidade da parte dele – disse Tyrion com acidez. – Isso quer dizer que você perdeu o gosto pelo ouro?

– Isso seria pouco provável.

– Ótimo – disse Tyrion –, porque acontece que ainda preciso de você. O que sabe de Sor Mandon Moore?

Bronn riu.

– Sei que está bem afogado, como o diabo.

– Tenho para com ele uma grande dívida, mas como pagá-la? – tocou o rosto, sentindo a cicatriz. – A bem da verdade, sei pouquíssimo sobre o homem.

– Tinha olhos de peixe e usava um manto branco. O que mais precisa saber?

– Tudo – disse Tyrion –, para começar. – O que queria eram provas de que Sor Mandon fora um homem de Cersei, mas não se atrevia a dizer isso em voz alta. Na Fortaleza Vermelha um homem fazia bem em controlar a língua. Havia ratazanas nas paredes, e passarinhos que falavam demais, e aranhas. – Ajude-me a levantar – disse, lutando com as cobertas. – Já é hora de fazer uma visita ao meu pai, e já é mais do que hora de voltar a deixar que me vejam.

– E que linda é a visão – troçou Bronn.

– O que é meio nariz num rosto como o meu? Mas, por falar em linda, Margaery Tyrell já chegou a Porto Real?

– Não. Mas está a caminho, e a cidade está louca de amor por ela. Os Tyrell têm andado trazendo comida de Jardim de Cima e dando-a em nome dela. Centenas de carroças por dia. Há milhares de homens Tyrell pavoneando-se por aí com rosinhas douradas cosidas aos gibões, e nem um deles tem pagado o vinho que bebe. Esposas, viúvas ou putas, todas as mulheres andam cedendo suas virtudes a qualquer rapazola quase sem buço que tenha uma rosa dourada no peito.

*Cospem em mim, e pagam bebidas aos Tyrell*. Tyrion deslizou da cama para o chão. As pernas começaram a vacilar sob seu peso, o quarto girou, e ele teve de agarrar o braço de Bronn para evitar cair de cabeça nas esteiras.

– *Pod!* – gritou. – Podrick Payne! Onde nos sete infernos está você? – a dor mordeu-o como um cão sem dentes. Tyrion detestava a fraqueza, em especial a sua. Envergonhava-o, e a vergonha irritava-o. – Pod, *venha aqui!*

O rapaz veio correndo. Quando viu Tyrion em pé e agarrado ao braço de Bronn, olhou-os de boca aberta.

– Senhor. Levantou-se. Isso quer… o senhor… precisa de vinho? Vinho dos sonhos? Devo chamar o meistre? Disse que devia permanecer... na cama, quero dizer.

– Permaneci na cama tempo demais. Traga um traje limpo qualquer.

– Traje?

Tyrion nunca poderia compreender como o rapaz conseguia ter uma cabeça tão sensata e ser tão diligente em batalha e tão confuso em todas as outras situações.

– Roupa – repetiu. – Túnica, gibão, calção, meias. Para mim. Para me vestir. Para que possa sair desta maldita cela.

Foram precisos os três para vesti-lo. Por mais hediondo que seu rosto estivesse, o pior de seus ferimentos era aquele que tinha na junção do braço com o ombro, onde sua própria cota de malha tinha sido empurrada para dentro da axila por uma flecha. Pus e sangue ainda escorriam da carne descorada sempre que Meistre Frenken mudava a atadura, e qualquer movimento lhe causava uma punhalada de agonia.

Por fim, Tyrion decidiu-se por um par de calções e um roupão de quarto grande demais que sobrava em seus ombros. Bronn enfiou-lhe as botas nos pés enquanto Pod ia à procura de uma bengala em que Tyrion pudesse se apoiar. Bebeu uma taça de vinho dos sonhos para ganhar forças. O vinho era adoçado com mel, com uma quantidade de papoula suficiente apenas para tornar seus ferimentos suportáveis durante algum tempo.

Mesmo assim, estava tonto quando girou o trinco, e a descida pelos degraus de pedra em caracol fez suas pernas fraquejarem. Caminhou com a bengala numa mão e a outra apoiada no ombro de Pod. Uma criada vinha subindo quando eles desceram. Fitou-os com grandes olhos brancos, como se estivesse olhando para um fantasma. *O anão ergueu-se de entre os mortos*, pensou Tyrion. *E olha, é mais feio do que nunca, corre para dizer aos seus amigos.*

A Fortaleza de Maegor era o lugar mais protegido da Fortaleza Vermelha, um castelo dentro do castelo, rodeado por um profundo fosso seco coberto de espigões. Quando chegaram à porta, a ponte levadiça encontrava-se içada para a noite. Sor Meryn Trant estava em frente a ela, na sua armadura clara e em seu manto branco.

– Baixe a ponte – ordenou-lhe Tyrion.

– As ordens da rainha são para içar a ponte durante a noite – Sor Meryn sempre fora uma criatura de Cersei.

– A rainha está dormindo, e eu tenho assuntos a tratar com meu pai.

Havia magia no nome de Lorde Tywin Lannister. Resmungando, Sor Meryn Trant deu a ordem, e a ponte levadiça foi baixada. Um segundo cavaleiro da Guarda Real mantinha-se de sentinela do outro lado do fosso. Sor Osmund Kettleblack conseguiu dar um sorriso quando viu Tyrion bambolear-se em sua direção.

– Está se sentindo mais forte, senhor?

– Muito. Quando é a próxima batalha? Mal posso esperar.

Mas quando Pod e ele chegaram à escada em espiral, Tyrion só conseguiu olhá-la de boca aberta, desanimado. *Nunca subirei isto sozinho*, confessou a si mesmo. Engolindo a dignidade, pediu que Bronn o carregasse, desejando com toda a esperança que àquela hora não surgisse ninguém para vê-lo e sorrir, ninguém para contar a história do anão sendo levado degraus acima como um bebê de colo.

O pátio exterior estava repleto de tendas e pavilhões, às dezenas.

– Homens de Tyrell – explicou Podrick Payne enquanto abriam caminho por um labirinto de seda e lona. – E também de Lorde Rowan e de Lorde Redwyne. Não havia espaço que bastasse para todos. No castelo, quero dizer. Alguns arranjaram quartos. Quartos na cidade. Em estalagens, e tal. Estão aqui para o casamento. O casamento do rei, do Rei Joffrey. Será que estará forte o bastante para comparecer, senhor?

– Nem doninhas esfomeadas conseguiriam me manter afastado. – Os casamentos tinham, pelo menos, uma vantagem sobre as batalhas; era menos provável que o nariz de alguém fosse cortado.

Luzes ainda ardiam tenuemente atrás das venezianas fechadas da Torre da Mão. Os homens que se encontravam à porta usavam o manto carmesim e os elmos encimados por leões da guarda doméstica do pai de Tyrion. Este conhecia a ambos, e os homens deixaram-no passar assim que o viram... embora o anão tivesse notado que nenhum aguentara olhá-lo por muito tempo.

Lá dentro, encontraram Sor Addam Marbrand, que vinha descendo a escada em caracol com a ornamentada placa de peito negra e o manto dourado de um oficial da Patrulha da Cidade.

– Senhor – disse ele –, como é bom vê-lo de pé. Ouvi...

– ... rumores sobre uma pequena cova a ser cavada? Eu também. Sob tais circunstâncias, pareceu-me melhor levantar-me. Ouvi dizer que é comandante da Patrulha da Cidade. Devo dar-lhe parabéns ou condolências?

– Temo que ambos. – Sor Addam sorriu. – A morte e a deserção deixaram-me com cerca de quatro mil e quatrocentos homens. Só os deuses e o Mindinho sabem como nos arranjaremos para continuar

pagando o soldo a tantos homens, mas sua irmã me proibiu de mandar embora um sequer.

*Ainda ansiosa, Cersei? A batalha terminou, os homens de manto dourado não a ajudarão agora.*

– Você vem dos aposentos de meu pai? – perguntou.

– Venho. Temo não tê-lo deixado no melhor dos humores. Lorde Tywin acha que quatro mil e quatrocentos guardas são mais do que suficientes para encontrar um escudeiro perdido, mas seu primo Tyrek continua desaparecido.

Tyrek era filho do falecido tio Tygett, um rapaz de treze anos. Desaparecera no tumulto, não muito tempo depois de se casar com a Senhora Ermesande, um bebê de peito que calhava ser a última herdeira sobrevivente da Casa Hayford. *E provavelmente a primeira noiva na história dos Sete Reinos a enviuvar antes de ser desmamada.*

– Também não fui capaz de encontrá-lo – confessou Tyrion.

– Ele está servindo de comida aos vermes – disse Bronn com seu tato habitual. – O Mão de Ferro andou à procura dele, e o eunuco chacoalhou uma boa bolsa gorda. Não tiveram mais sorte do que nós. Desisti, sor.

Sor Addam olhou o mercenário com desagrado.

– Lorde Tywin é teimoso no que concerne ao seu sangue. Quer o rapaz, vivo ou morto, e eu pretendo fazer sua vontade. – Voltou a olhar para Tyrion. – Encontrará seu pai no aposento privado dele.

*No meu aposento privado*, pensou Tyrion.

– Creio que conheço o caminho.

O caminho seguia mais degraus acima, mas daquela vez subiu-os com suas próprias forças, mantendo, no entanto, uma mão apoiada no ombro de Pod. Bronn abriu a porta para ele. Lorde Tywin Lannister estava sentado sob a janela, escrevendo sob o clarão de uma candeia de azeite. Ergueu os olhos ao ouvir o trinco.

– Tyrion. – Calmamente, pousou a pena.

– Agrada-me que se lembre de mim, senhor. – Tyrion largou Pod, apoiou o peso na bengala e aproximou-se bamboleando. *Há algo errado*, soube de imediato.

– Sor Bronn – disse Lorde Tywin – Podrick. Talvez fosse melhor se esperassem lá fora até terminarmos.

O olhar que Bronn lançou ao Mão foi pouco menos que insolente; apesar disso, fez uma reverência e retirou-se, com Pod em seu encalço. A pesada porta fechou-se atrás deles, e Tyrion Lannister ficou a sós com o pai. Mesmo com as janelas do aposento privado fechadas contra a noite, o frio naquela sala era palpável. *Que tipo de mentiras Cersei tem lhe contado?*

O Senhor de Rochedo Casterly era tão esguio quanto um homem vinte anos mais novo, e era até bonito, ao seu modo austero. Rijos pelos louros cobriam suas bochechas, enquadrando um rosto severo, uma cabeça calva e lábios duros. Em volta do pescoço usava uma corrente de mãos douradas, com os dedos de cada uma agarrando o pulso da seguinte.

– Essa é uma bela corrente – disse Tyrion. *Embora ficasse melhor em mim.*

Lorde Tywin ignorou o comentário.

– É melhor se sentar. Terá sido sensato sair de seu leito de doente?

– Meu leito de doente deixa-me doente. – Tyrion sabia quanto o pai desprezava a fraqueza. Apropriou-se da cadeira mais próxima. – Seus aposentos são tão agradáveis. Acreditaria se eu lhe dissesse que enquanto eu estava morrendo alguém me mudou para uma celazinha escura em Maegor?

– A Fortaleza Vermelha transborda de convidados para o casamento. Assim que eles partirem, arranjaremos instalações mais adequadas para você.

– Gostava bastante *destas* instalações. Já marcou uma data para essa grande boda?

– Joffrey e Margaery vão se casar no primeiro dia do novo ano, que vem a ser também o primeiro dia do novo século. A cerimônia anunciará o alvorecer de uma nova era.

*Uma nova era Lannister*, pensou Tyrion.

– Oh, que pena, temo que tenha feito outros planos para esse dia.

– Veio aqui só para se queixar de seu quarto e fazer seus gracejos sem graça? Tenho cartas importantes a terminar.

– Cartas *importantes*. Certamente.

– Algumas batalhas ganham-se com espadas e lanças, outras com penas e corvos. Poupe-me dessas censuras veladas, Tyrion. Visitei seu leito de doente tão frequentemente quanto Meistre Ballabar permitiu,

quando parecia provável que morresse. – Juntou os dedos por baixo do queixo. – Por que motivo dispensou Ballabar?

Tyrion encolheu os ombros.

– Meistre Frenken não está tão decidido a me manter inanimado.

– Ballabar chegou à cidade na comitiva de Lorde Redwyne. Um curandeiro de talento, segundo se diz. Foi gentil da parte de Cersei pedir-lhe que cuidasse de você. Ela temia por sua vida.

*Temia que eu pudesse conservá-la, você quer dizer.*

– Foi sem dúvida por isso que ela nunca saiu de junto do meu leito.

– Não seja impertinente. Cersei tem um casamento real para planejar, eu travo uma guerra, e você está fora de perigo há pelo menos uma quinzena. – Lorde Tywin estudou o rosto desfigurado do filho, sem hesitação nos olhos verde-claros. – Se bem que o ferimento seja bastante horrível, admito. Que loucura o possuiu?

– O inimigo estava junto ao portão com um aríete. Se Jaime tivesse liderado a surtida, você iria chamar isso de valor.

– Jaime nunca seria insensato ao ponto de tirar o elmo numa batalha. Espero que tenha matado o homem que te cortou?

– Oh, o desgraçado está bastante morto. – Embora tivesse sido Podrick Payne quem matara Sor Mandon, atirando-o ao rio para se afogar sob o peso da armadura. – Um inimigo morto é uma alegria que perdura para sempre – disse Tyrion alegremente, se bem que Sor Mandon não fosse seu verdadeiro inimigo. O homem não tinha motivo algum para querê-lo morto. *Era só uma marionete, e creio que sei a que ventríloquo pertencia. Ela disse-lhe para se certificar de que eu não sobreviveria à batalha*. Mas, sem provas, Lorde Tywin nunca daria ouvidos a tal acusação. – Por que está aqui na cidade, pai? – perguntou. – Não devia andar bem longe lutando contra Lorde Stannis, Robb Stark ou qualquer outro? – *E quanto mais depressa melhor*.

– Até que Lorde Redwyne traga a sua frota do sul, não dispomos de navios para assaltar Pedra do Dragão. Não importa. O sol de Stannis Baratheon se pôs na Água Negra. Quanto ao Stark, o rapaz continua no oeste, mas uma grande força de nortenhos sob o comando de Helman Tallhart e Robett Glover encaminha-se para Valdocaso. Mandei Lorde Tarly ao seu encontro, enquanto Sor Gregor sobe a estrada do rei para

interceptar a retirada deles. Tallhart e Glover serão pegos entre ambos, com um terço das forças dos Stark.

– Valdocaso? – nada havia em Valdocaso que valesse um risco desses. Teria finalmente o Jovem Lobo disparatado?

– Não é nada com que tenha de se preocupar. Seu rosto está pálido como a morte, e tem sangue escorrendo de suas ataduras. Diga o que quer e volte para a cama.

– O que eu quero… – Sentia a garganta irritada e apertada. O que era que *realmente* queria? *Mais do que você possa algum dia me dar, pai*. – Pod disse-me que o Mindinho foi feito Senhor de Harrenhal.

– Um título vazio, enquanto Roose Bolton defender o castelo em nome de Robb Stark, mas Lorde Baelish estava desejoso dessa honraria. Prestou-nos bons serviços na questão do casamento Tyrell. Um Lannister paga as suas dívidas.

Na verdade, o casamento Tyrell tinha sido ideia de Tyrion, mas pareceria grosseiro tentar agora reclamar o crédito.

– Esse título pode não ser tão vazio quanto você imagina – preveniu. – Mindinho nada faz sem bons motivos. Mas não importa. Creio que disse qualquer coisa sobre pagar dívidas?

– E você quer a sua recompensa, é isso? Muito bem. O que quer de mim? Terras, um castelo, um cargo qualquer?

– O raio de um pouco de gratidão seria um bom começo.

Lorde Tywin fitou-o sem pestanejar.

– Saltimbancos e macacos precisam de aplausos. Aerys também precisava, por sinal. Você fez o que lhe foi ordenado, e estou certo de ter usado o melhor de suas capacidades. Ninguém nega o papel que desempenhou.

– O *papel* que desempenhei? – aquilo que restava a Tyrion de narinas devia certamente ter se dilatado. – Salvei sua maldita cidade, segundo me parece.

– A maior parte das pessoas parece pensar que foi meu ataque ao flanco de Lorde Stannis que virou a maré da batalha. Lordes Tyrell, Rowan, Redwyne e Tarly também lutaram nobremente, e segundo me disseram foi sua irmã Cersei quem colocou os piromantes para fazer o fogovivo que destruiu a frota Baratheon.

– Enquanto tudo que eu fiz foi aparar os pelos do nariz, é isso? – Tyrion não conseguiu disfarçar a amargura de sua voz.

– Sua corrente foi um golpe inteligente e crucial para a nossa vitória. Era isso que queria ouvir? Disseram-me que também devemos a você a nossa aliança com Dorne. Pode gostar de saber que Myrcella chegou em segurança a Lançassolar. Sor Arys Oakheart escreve que ela simpatizou muito com a Princesa Arianne, e que o Príncipe Trystane está encantado com ela. Não gosto de dar um refém à Casa Martell, mas suponho que isso não podia ser evitado.

– Teremos também o nosso refém – disse Tyrion. – Um lugar no conselho faz parte do acordo. A não ser que o Príncipe Doran traga um exército quando vier reclamá-lo, estará se colocando em nosso poder.

– Seria bom se um lugar no conselho fosse tudo que Martell vem reclamar – disse Lorde Tywin. – Também lhe prometeu vingança.

– Prometi justiça.

– Chame do que quiser. Ambas resumem-se a sangue.

– Não é artigo de que haja escassez, certo? Nadei através de lagos disso durante a batalha. – Tyrion não via razão para não ir direto ao assunto. – Ou será que passou a gostar tanto de Gregor Clegane que não pode suportar se separar dele?

– Sor Gregor tem seus usos, tal como o irmão tinha. Todos os senhores precisam de um animal de vez em quando... uma lição que você parece ter aprendido, julgando por Sor Bronn e por aqueles seus homens dos clãs.

Tyrion pensou no olho queimado de Timett, em Shagga, com seu machado, em Chella com seu colar de orelhas secas. E em Bronn. Acima de tudo em Bronn.

– A floresta está cheia de animais – lembrou ao pai. – As vielas também.

– É verdade. Talvez outros cães também queiram caçar. Vou pensar nisso. Se não há mais nada...

– Tem cartas importantes, claro. – Tyrion levantou-se sobre pernas inseguras, fechou os olhos por um instante quando uma onda de tontura o varreu, e deu um passo trêmulo na direção da porta. Mais tarde, iria pensar que devia ter dado mais um, e depois um terceiro. Em vez disso, virou-se.

– O que eu quero, o senhor pergunta? Eu digo o que quero. Quero o que é meu por direito. Quero o Rochedo Casterly.

Os lábios do pai endureceram.

– O direito de nascença de seu irmão?

– Os cavaleiros da Guarda Real estão proibidos de se casar, de gerar filhos e de possuir terras, sabe disso tão bem quanto eu. No dia em que Jaime prendeu aquele manto branco aos ombros, renunciou à pretensão a Rochedo Casterly, mas você não reconheceu isso nem uma vez. Já é mais que tempo. Quero que se levante perante o reino e proclame que sou seu filho e legítimo herdeiro.

Os olhos de Lorde Tywin eram verde-claros salpicados de ouro, tão luminosos quanto desprovidos de compaixão.

– Rochedo Casterly – declarou ele num tom monocórdico, frio e morto. E depois: – Nunca.

A palavra pairou entre eles, enorme, afiada, envenenada.

*Sabia a resposta antes de pedir*, pensou Tyrion. *Passaram-se dezoito anos desde que Jaime se juntou à Guarda Real e não levantei o assunto sequer uma vez. Devia saber. Devia saber desde sempre.*

– Por quê? – forçou-se a perguntar, embora soubesse que se arrependeria disso.

– E ainda pergunta? Você, que matou sua mãe para vir ao mundo? É uma criaturinha malfeita, tortuosa, desobediente, desprezível, uma criaturinha cheia de inveja, luxúria e baixa astúcia. As leis dos homens dão-lhe o direito de usar o meu nome e ostentar as minhas cores, visto que não posso provar que não é meu filho. A fim de me ensinar humildade, os deuses condenaram-me a vê-lo bambolear por aí, usando esse orgulhoso leão que era o símbolo de meu pai e do pai dele antes disso. Mas nem os deuses nem os homens me obrigarão algum dia a deixar que transforme Rochedo Casterly em seu bordel.

– Meu *bordel*? – a alvorada rebentou; Tyrion compreendeu subitamente de onde aquela bílis tinha vindo. Rangeu os dentes e disse: – Cersei contou-lhe a respeito de Alayaya.

– É esse o nome dela? Confesso que não sou capaz de me lembrar do nome de todas as suas putas. Qual foi aquela com que casou quando garoto?

– Tysha. – Cuspiu a resposta, em desafio.

– E aquela seguidora de acampamentos no Ramo Verde?

– Que importa? – perguntou, sem querer nem mesmo proferir o nome de Shae em sua presença.

– Não importa. Não mais do que me importa que elas vivam ou morram.

– Foi *você* quem mandou chicotear Yaya. – Não era uma pergunta.

– Sua irmã falou-me de suas ameaças contra meu neto. – A voz de Lorde Tywin era mais fria do que gelo. – Ela mentiu?

Tyrion não o negaria.

– Fiz ameaças, sim. Para manter Alayaya a salvo. Para que os Kettleblack não a destratassem.

– Para salvar a virtude de uma puta ameaçou sua própria casa, sua própria família? É assim que as coisas são?

– Foi você quem me ensinou que uma boa ameaça é mais eficaz do que um golpe. Não que Joffrey não tenha me tentado bastante algumas centenas de vezes. Se está assim tão ansioso por chicotear pessoas, comece por ele. Mas Tommen... por que haveria de fazer mal a Tommen? Ele é bom rapaz e de meu próprio sangue.

– Tal como sua mãe era. – Lorde Tywin ergueu-se abruptamente da cadeira para olhar o filho anão de cima. – Volte para sua cama, Tyrion, e não me fale mais de *seu direito* a Rochedo Casterly. Terá sua recompensa, mas aquela que eu considerar apropriada aos seus serviços e posição. E não tenha ilusões: esta foi a última vez que tolerei que trouxesse vergonha à Casa Lannister. *Acabaram-se* as putas. A próxima que encontrar em sua cama, vou enforcar.

# DAVOS

Viu a vela crescer durante muito tempo, tentando decidir se preferia viver ou morrer.

Sabia que morrer seria mais fácil. Tudo que tinha a fazer era rastejar para dentro de sua gruta e deixar que o navio passasse, e a morte iria encontrá-lo. Fazia vários dias que a febre o queimava por dentro, transformando suas tripas em água marrom e fazendo-o tremer num sono inquieto. Cada manhã o encontrava mais fraco. *Não demorará muito mais tempo*, habituara-se a dizer a si mesmo.

Se a febre não o matasse, a sede certamente o faria. Ali, não tinha água doce além da chuva ocasional que se acumulava em buracos na rocha. Apenas três dias antes (ou teriam sido quatro? Naquele rochedo era difícil distinguir os dias), as poças estavam secas como osso velho, e ver a baía ondulando em verde e cinza por toda a volta quase tinha sido mais do que podia suportar. Sabia que, uma vez que começasse a beber água do mar, o fim chegaria rapidamente, mesmo assim quase tomou o primeiro gole, tão seca estava sua garganta. Uma súbita chuvarada o tinha salvado. Enfraquecera tanto a essa altura que tudo que podia fazer era deitar-se na chuva de olhos fechados e boca aberta, e deixar a água cair sobre seus lábios rachados e sua língua inchada. Mas depois sentiu-se um pouco mais forte, e as poças, falhas e fendas do rochedo tinham voltado a se encher de vida.

Mas isso fora três dias antes (ou talvez quatro), e a maior parte da água já tinha desaparecido novamente. Uma parte evaporara, a outra ele sugou. Na manhã seguinte, estaria de novo saboreando a lama, e lambendo as pedras úmidas e frias do fundo das depressões.

E se não fosse a sede ou a febre, a fome iria matá-lo. Sua ilha nada mais era do que uma torre estéril que se projetava da imensidão da Baía da Água Negra. Quando a maré estava baixa, às vezes conseguia encontrar minúsculos caranguejos ao longo da praia pedregosa onde tinha sido depositado pelo mar depois da batalha. Eles mordiam

dolorosamente seus dedos antes que ele pudesse esmagá-los nas rochas para sugar a carne de suas garras e as entranhas de suas conchas.

Mas a praia desaparecia sempre que a maré subia, e Davos tinha de escalar o rochedo para evitar ser arrastado de volta para a baía. A ponta da elevação erguia-se cinco metros acima da água na maré alta, mas, quando a baía se encrespava, os respingos subiam ainda mais alto, então não havia maneira de se manter seco, nem mesmo em sua gruta (que na verdade nada mais era do que uma concavidade por baixo de uma saliência de rocha). Nada crescia no rochedo além de líquenes, e até as aves marinhas evitavam o local. De vez em quando, algumas gaivotas pousavam no topo do pináculo e Davos tentava apanhar uma, mas eram rápidas demais para que ele conseguisse se aproximar. Resolveu atirar pedras nelas, mas estava fraco demais para atirar com muita força, e mesmo quando as pedras acertavam o alvo, as gaivotas limitavam-se a grasnar para ele, aborrecidas, e levantavam voo.

Outros rochedos eram visíveis de seu refúgio, elevações de rocha distantes, mais altas do que a sua. Estimou que a mais próxima subia a uns bons doze metros acima da água, embora fosse difícil ter certeza aquela distância. Uma nuvem de gaivotas rodopiava constantemente ao redor dela, e Davos pensava com frequência em nadar até lá para assaltar seus ninhos. Mas a água ali era fria, as correntes pareciam fortes e traiçoeiras, e ele sabia que não tinha forças para tamanho esforço. Seria uma morte tão certa como beber água do mar.

Lembrava-se, de anos anteriores, que o outono no mar estreito era frequentemente úmido e chuvoso. Os dias não eram feios, desde que o sol brilhasse, mas as noites estavam ficando mais frias e às vezes o vento soprava com força na baía, empurrando à sua frente uma fileira de cristas de ondas, e pouco depois Davos estaria ensopado e tremendo. Febre e arrepios revezavam-se em assaltá-lo, e nos últimos dias tinha desenvolvido uma tosse persistente e torturante.

Sua gruta era todo o abrigo de que dispunha, e isso era bem pouco. Madeira flutuante e pedaços de detritos carbonizados eram empurrados para a praia na maré baixa, mas não tinha como criar uma faísca ou acender uma fogueira. Uma vez, em desespero, tentara esfregar dois pedaços de madeira um no outro, mas a madeira estava apodrecida, e seus esforços só lhe renderam bolhas. Tinha também as roupas

encharcadas, e perdera uma das botas em alguma baía antes de dar à costa naquele lugar.

Sede; fome; exposição às intempéries. Eram essas as suas companheiras, presentes a qualquer hora de todos os dias, e com o tempo começou a pensar nelas como amigas. Em breve, uma ou outra de suas companheiras iria se apiedar dele e libertá-lo daquele sofrimento sem fim. Ou talvez ele se limitasse a entrar na água, um dia, e se dirigir à costa que sabia ficar em algum lugar para o norte, para além de sua vista. Era longe demais para nadar, fraco como se encontrava, mas não importava. Davos sempre fora marinheiro; estava destinado a morrer no mar. *Os deuses submersos têm estado à minha espera,* dizia a si mesmo. *Já é mais que hora de ir encontrá-los.*

Mas agora havia uma vela; apenas uma mancha no horizonte, mas crescendo. *Um navio onde não devia haver navios*. Sabia mais ou menos em que lugar ficava aquele rochedo; pertencia a uma série de montanhas submarinas que se erguiam do fundo da Baía da Água Negra. A mais alta projetava-se a trinta metros acima da maré, e uma dúzia de montes menores subiam entre dez e vinte metros. Os marinheiros chamavam-nas de *lanças do rei bacalhau*, e sabiam que para cada uma que rompia a superfície, uma dúzia espreitava traiçoeiramente logo abaixo. Qualquer capitão com juízo mantinha sua rota bem afastada delas.

Com olhos pálidos e rajados de vermelho, Davos observou a vela inflar-se e tentou ouvir o som do vento capturado nela. *Ela vem para cá*. A menos que mudasse de rumo em breve, passaria a distância de um grito de seu estéril refúgio. Podia significar a vida. Se a quisesse. Não tinha certeza se queria.

*Por que devo viver?,* pensou enquanto lágrimas embaçavam sua visão. *Pela bondade dos deuses, por quê? Meus filhos estão mortos, Dale e Allard, Maric e Matthos, talvez também Devan. Como pode um pai sobreviver a tantos filhos fortes e jovens? Como poderia prosseguir? Sou uma carapaça vazia, o caranguejo está morto, nada resta aqui dentro. Eles não sabem disso?*

Tinham entrado na Torrente da Água Negra, exibindo o coração flamejante do Senhor da Luz. Davos e o *Betha Negra* tinham estado na segunda linha de batalha, entre o *Espectro* de Dale e o *Senhora Marya* de Allard. Maric, seu terceiro filho, era mestre dos remadores no *Fúria*, no

centro da primeira linha, enquanto Matthos servia como imediato do pai. Sob as muralhas da Fortaleza Vermelha, as galés de Stannis Baratheon tinham travado batalha com a frota menor do rei rapaz, Joffrey, e durante alguns momentos o rio ressoara com os disparos dos arcos e o estrondo de espigões de ferro despedaçando tanto remos como cascos.

E então um grande animal desconhecido soltou um rugido, e havia chamas verdes por toda a volta: fogovivo, mijo de piromante, o demônio de jade. Matthos estava em pé ao seu lado quando o navio pareceu erguer-se da água. Davos deu por si no rio, batendo os braços enquanto a corrente o agarrava e o fazia rodopiar, dando voltas e mais voltas. No sentido da nascente, as labaredas tinham rasgado o céu, a quinze metros de altura. Viu o *Betha Negra* em chamas, e também o *Fúria*, e uma dúzia de outros navios, viu homens em chamas saltarem na água para lá se afogarem. O *Espectro* e o *Senhora Marya* tinham desaparecido, afundados, despedaçados, ou escondidos por um véu de fogovivo, e não havia tempo de procurá-los, porque ele estava quase na foz do rio, e os Lannister tinham erguido uma grande corrente de ferro na embocadura. De margem a margem, nada havia além de navios em chamas e fogovivo. Aquela visão pareceu ter parado seu coração por um momento, e ainda se lembrava do ruído, o crepitar das chamas, o silvo do vapor, os gritos dos moribundos, e o bater daquele terrível calor contra seu rosto quando a corrente do rio o arrastou para baixo, na direção do inferno.

Só precisava deixar-se levar. Alguns momentos mais, e estaria com os filhos, descansando na fria lama verde do fundo da baía, com peixes mordiscando seu rosto.

Mas, em vez disso, tinha inspirado um grande trago de ar e mergulhado, batendo os pés na direção do fundo do rio. Sua única esperança era passar por baixo da corrente, dos navios em chamas e do fogovivo que flutuava na superfície da água, nadar com força em busca da segurança da baía que se estendia do outro lado. Davos sempre fora um bom nadador, e naquele dia não usava nada de aço além do elmo que tinha perdido quando o *Betha Negra* naufragou. Enquanto cortava através da escuridão verde, viu outros homens lutando sob a água, puxados para baixo, afogando-se sob o peso de armaduras e cotas de malha. Davos passou por eles nadando, batendo os pés com todas as forças que restavam às suas pernas, entregando-se à corrente, com a água enchendo

seus olhos. Desceu mais fundo, e mais fundo, e ainda mais fundo. A cada braçada tornava-se mais difícil manter a respiração presa. Lembrava-se de ter visto o fundo, suave e indistinto, quando um rio de bolhas explodiu de seus lábios. Algo havia tocado sua perna... uma raiz submersa, um peixe ou um homem que se afogava, não sabia dizer.

A essa altura, já precisava de ar, mas tinha medo. Já teria ultrapassado a corrente, estaria já na baía? Se subisse por baixo de um navio, iria se afogar, e se chegasse à superfície entre as manchas flutuantes de fogovivo, sua primeira inspiração torraria seus pulmões, transformando-os em cinzas. Virou-se na água para olhar para cima, mas nada havia para ver além de uma escuridão verde, e então já tinha virado demais e não conseguia distinguir entre o que ficava em cima e o que ficava embaixo. O pânico dominara-o. Suas mãos bateram contra o fundo do rio, levantando uma nuvem de areia que o cegou. Seu peito ficava mais e mais apertado. Arranhou a água, batendo os pés, empurrando-se, virando, com os pulmões gritando por ar, batendo os pés, batendo os pés, agora perdido na escuridão do rio, batendo os pés, batendo os pés, batendo os pés até já não conseguir batê-los mais. Quando abriu a boca para gritar, a água jorrou para dentro, salgada, e Davos Seaworth soube que estava se afogando.

Quando voltou a si, o sol estava no céu, e ele jazia numa praia pedregosa por baixo da projeção de uma rocha nua, com a baía vazia ao seu redor e um mastro quebrado, uma vela queimada e um cadáver inchado a seu lado. O mastro, a vela e o morto desapareceram com a maré cheia seguinte, deixando Davos sozinho no seu rochedo entre as lanças do rei bacalhau.

Seus longos anos como contrabandista tinham feito com que as águas ao redor de Porto Real lhe fossem mais familiares do que qualquer lar que alguma vez tivera, e compreendeu que seu refúgio nada mais era do que um ponto nos mapas, um lugar de onde os navegantes honestos se afastavam em vez de se aproximar... embora o próprio Davos tivesse andado por ali uma ou duas vezes em seus dias de contrabando, a fim de melhor passar despercebido. *Quando me encontrarem morto aqui, se me encontrarem, talvez deem ao rochedo o meu nome*, pensou. *Vão chamá-lo de Rochedo da Cebola; será a minha lápide e o meu legado*. Não merecia mais. *O Pai protege seus filhos*, ensinavam os septões, mas Davos

enviara os filhos para o fogo. Dale nunca daria à sua esposa o filho pelo qual tinham rezado, e Allard, com sua garota em Vilavelha, sua garota em Porto Real e sua garota em Bravos, faria todas chorarem em breve. Matthos nunca capitanearia seu próprio navio, como sonhara fazer. Maric nunca seria ordenado cavaleiro.

*Como posso viver quando eles morreram? Morreram tantos bravos cavaleiros e senhores poderosos, homens melhores do que eu, e bem-nascidos. Rasteje para a sua gruta, Davos. Rasteje lá para dentro e encolha-se, o navio irá embora, e você nunca mais se incomodará com ninguém. Adormeça em sua almofada de pedra, e deixe que as gaivotas arranquem seus olhos enquanto os caranguejos se banqueteiam com a sua carne. Já se banqueteou de muitos dos seus, tem uma dívida para com eles. Esconda-se, contrabandista. Esconda-se, fique calado e morra.*

A vela já se encontrava quase ao lado do rochedo. Alguns momentos mais e o navio teria passado em segurança, e ele poderia morrer em paz.

Estendeu a mão para a garganta, em busca da pequena bolsa de couro que usava sempre em volta do pescoço. Guardava lá dentro os ossos dos quatro dedos que seu rei tinha encurtado no dia em que armara Davos cavaleiro. *A minha sorte*. Os seus dedos encurtados deram pancadinhas no peito, apalpando, sem nada encontrar. A bolsa tinha desaparecido, e os ossos desapareceram com ela. Stannis nunca conseguiu compreender por que Davos tinha conservado os ossos.

– Para me recordar da justiça de meu rei – sussurrou através de lábios rachados. Mas agora tinham desaparecido. *O fogo levou minha sorte como levou meus filhos*. Em seus sonhos o rio ainda estava em chamas e os demônios dançavam sobre as águas, com chicotes flamejantes nas mãos, enquanto homens enegreciam e ardiam sob a chibata. – *Mãe, tenha mercê* – rezou Davos. – *Salve-me, Mãe gentil, salve-nos a todos. A minha sorte partiu, tal como meus filhos*. – Estava agora chorando livremente, com lágrimas salgadas correndo pelo rosto. – *O fogo levou tudo… o fogo…*

Talvez fosse apenas o vento soprando contra a rocha, ou o som do mar na costa, mas por um instante Davos Seaworth ouviu sua resposta.

– Você chamou o fogo – sussurrou ela, com uma voz tão tênue quanto o som das ondas numa concha, triste e suave. – Você nos queimou... nos queimou... nosssss queimoooou.

– Foi *ela*! – gritou Davos. – Mãe, não nos abandone. Foi ela quem os queimou, a mulher vermelha, Melisandre, *ela*! – Conseguia vê-la; o rosto em forma de coração, os olhos vermelhos, os longos cabelos acobreados, seu vestido vermelho movendo-se como chamas quando ela caminhava, um turbilhão de seda e cetim. Tinha vindo de Asshai, no leste, para Pedra do Dragão e conquistado Selyse e os homens da rainha para seu deus estrangeiro, e depois o rei, o próprio Stannis Baratheon. Este chegou ao ponto de colocar o coração flamejante em seus estandartes, o coração flamejante de R'hllor, Senhor da Luz e Deus da Chama e da Sombra. Por insistência de Melisandre, tinha tirado os Sete de seu septo em Pedra do Dragão e os queimado diante dos portões do castelo, e mais tarde queimara também o bosque sagrado em Ponta Tempestade, e até queimara a árvore-coração, um enorme represeiro branco com um rosto solene.

– Foi obra dela –Davos disse mais uma vez, com menos força.

*Obra dela e sua, cavaleiro da cebola. Suas remadas levaram-na a Ponta Tempestade na noite cerrada, para que ela pudesse libertar seu filho de sombra. Não está livre de culpa, ah não. Cavalgou sob o estandarte dela e içou-o em seu mastro. Viu os Sete arder em Pedra do Dragão e nada fez. Ela entregou ao fogo a justiça do Pai, e a misericórdia da Mãe, e a sabedoria da Velha. Ferreiro e Estranho, Donzela e Guerreiro, queimou todos para glória de seu deus cruel, e você ficou quieto e de boca fechada. Mesmo quando ela matou o velho Meistre Cressen, mesmo então, você não fez nada.*

A vela estava a cem metros de distância e deslocava-se rapidamente pela baía. Em alguns momentos passaria por ele e começaria a minguar.

Sor Davos Seaworth começou a escalar o rochedo.

Impulsionou-se com mãos trêmulas, com a cabeça ardendo em febre. Duas vezes seus dedos mutilados deslizaram na pedra úmida e ele quase caiu, sem saber como conseguiu se segurar na rocha. Se caísse, morreria, e tinha de sobreviver. Pelo menos mais um pouco. Havia uma coisa que precisava fazer.

O topo do rochedo era estreito demais para que pudesse ficar em pé com segurança, fraco como estava, por isso acocorou-se e acenou com os braços descarnados.

– *Ô do navio* – gritou ao vento. – Ô do navio, aqui, *aqui*! – Daquele ponto elevado conseguia ver o navio com mais clareza; o casco esguio e listrado, a figura de proa em bronze, a vela cheia. Havia um nome pintado em seu casco, mas Davos não tinha aprendido a ler. – *Ô do navio* – voltou a chamar –, *ajudem-me, AJUDEM-ME!*

Um tripulante no castelo de proa o viu e apontou em sua direção. Davos ficou vendo outros marinheiros deslocarem-se até a amurada e o encararem de boca aberta. Pouco depois, a vela da galé desceu, os remos deslizaram para fora, e ela deu a volta na direção de seu refúgio. O navio era grande demais para se aproximar muito do rochedo, mas, a trinta metros de distância, lançou um pequeno barco. Davos agarrou-se ao seu rochedo e observou o barco deslizar em sua direção. Quatro homens remavam, enquanto um quinto permanecia sentado à proa.

– Você – gritou o quinto homem quando já estavam a poucos metros da ilha –, você aí na rocha. Quem é?

*Um contrabandista que chegou mais alto do que deveria*, pensou Davos, *um tolo que amou seu rei em excesso e esqueceu seus deuses*.

– Eu... – sua garganta estava ressecada, e tinha se esquecido de como se falava. As palavras causaram-lhe uma sensação estranha na língua e soaram ainda mais estranhas aos ouvidos. – Estive na batalha. Era... um capitão, um... um cavaleiro, era um cavaleiro.

– Sim, sor – disse o homem –, e a serviço de que rei?

Davos percebeu de repente que a galé poderia pertencer a Joffrey. Se proferisse agora o nome errado, ela o abandonaria ao seu destino. Mas não, o casco do navio era listrado. Era uma galé lisena, era de Salladhor Saan. A Mãe enviara-a para aquele lugar, a Mãe em sua misericórdia. Tinha uma tarefa para ele. *Stannis está vivo*, soube então. *Ainda tenho um rei. E filhos. Tenho outros filhos, e uma esposa leal e dedicada.* Como era possível que tivesse esquecido? A Mãe era realmente misericordiosa.

– Stannis – gritou aos lisenos. – Deuses, sejam bons, sirvo o Rei Stannis.

– Sim – disse o homem no barco –, e nós também.

## SANSA

O convite parecia bastante inocente, mas sempre que Sansa o lia, sua barriga dava um nó. *Ela agora vai ser rainha, é bela e rica e todo mundo a adora, por que desejaria jantar com a filha de um traidor?* Supunha que podia ser por curiosidade; talvez Margaery Tyrell quisesse avaliar a rival que havia afastado. *Será que ela se ressente de mim? Será que pensa que tenho má vontade com ela...*

Sansa observara das muralhas do castelo a chegada de Margaery Tyrell pela Colina de Aegon. Joffrey tinha recebido sua futura noiva no Portão do Rei, para lhe dar as boas-vindas à cidade, e seguiram a cavalo, lado a lado, através de multidões que os aclamavam, com Joff cintilando numa armadura dourada e a garota Tyrell magnificamente vestida de verde, com um manto de flores outonais florescendo em seus ombros. Tinha dezesseis anos, cabelos e olhos castanhos, era esbelta e bela. O povo gritava seu nome quando ela passava, erguia os filhos para que ela os abençoasse, e espalhava flores sob os cascos de seu cavalo. A mãe e a avó seguiam-na de perto, numa alta casa rolante cujos flancos tinham uma centena de rosas entrelaçadas esculpidas, todas douradas e brilhantes. O povo também as aclamava.

*O mesmo povo que me arrancou de cima do cavalo e que teria me matado se não fosse o Cão de Caça*. Sansa nada tinha feito para os plebeus a odiarem, não mais do que Margaery Tyrell fizera para conquistar seu amor. *Será que ela quer que eu também a ame?* Estudou o convite, que parecia ter sido escrito pela mão da própria Margaery. *Será que ela deseja a minha bênção?* Sansa perguntou a si mesma se Joffrey estaria ciente daquele jantar. Por tudo que ela sabia, aquilo podia bem ser obra dele. A ideia encheu-a de medo. Se Joff estivesse por trás do convite, teria alguma partida cruel planejada para envergonhá-la aos olhos da garota mais velha. Iria ordenar à Guarda Real que a despisse de novo? Da última vez que fizera isso, o tio Tyrion o impediu, mas o Duende não podia salvá-la agora.

*Ninguém pode me salvar, a não ser meu Florian*. Sor Dontos tinha prometido que a ajudaria a fugir, mas não antes da noite do casamento de Joffrey. Os planos estavam em marcha, assegurara-lhe seu querido e devotado cavaleiro-feito-bobo; nada havia a fazer até lá além de aguentar, e contar os dias.

*E jantar com a minha substituta…*

Talvez estivesse cometendo uma injustiça para com Margaery Tyrell. O convite talvez não fosse mais do que uma simples consideração, um ato de cortesia. *Pode ser só um jantar*. Mas aquilo era a Fortaleza Vermelha, aquilo era Porto Real, aquilo era a corte do Rei Joffrey Baratheon, o Primeiro de Seu Nome, e se havia alguma coisa que Sansa Stark aprendera ali era a desconfiança.

Mesmo assim, tinha de aceitar. Agora não era nada, a filha rejeitada de um traidor e a irmã caída em desgraça de um senhor rebelde. Dificilmente poderia dizer não à futura rainha de Joffrey.

*Gostaria que o Cão de Caça estivesse aqui*. Na noite da batalha, Sandor Clegane viera aos seus aposentos para levá-la da cidade, mas Sansa recusou. Às vezes ficava acordada à noite, perguntando a si mesma se teria feito bem. Havia escondido o manto branco e manchado do Cão de Caça em uma arca de cedro, por baixo de suas sedas de verão. Não saberia dizer por que o guardara. Ouviu dizer que o Cão de Caça tinha se acovardado; no auge da batalha ficara tão bêbado que o Duende tivera de levar seus homens. Mas Sansa compreendia. Conhecia o segredo de seu rosto queimado. *Ele só temia o fogo*. Naquela noite, o fogovivo incendiou o próprio rio, e encheu o ar de chamas verdes. Mesmo no castelo, Sansa tinha sentido medo. Lá fora... quase nem conseguia imaginar.

Suspirando, pegou uma pena e o tinteiro e escreveu a Margaery Tyrell uma graciosa nota aceitando o convite.

Quando a noite marcada chegou, outro membro da Guarda Real veio buscá-la, um homem tão diferente de Sandor Clegane como... *bem, como uma flor de um cão*. Ver Sor Loras Tyrell, em pé, à soleira de sua porta, fez o coração de Sansa bater um pouco mais depressa. Aquela era a primeira vez que estava tão perto dele desde seu retorno a Porto Real, à frente da vanguarda da tropa do pai. Por um momento, não soube o que dizer.

– Sor Loras – conseguiu enfim pronunciar –, está... está muito bonito.

Ele deu-lhe um sorriso embaraçado.

– A senhora é muito amável. E também bela. Minha irmã a espera ansiosamente.

– Aguardei o nosso jantar com tanta expectativa.

– Margaery também, assim como a senhora minha avó. – Tomou seu braço e levou-a na direção dos degraus.

– Sua avó? – Sansa estava achando difícil caminhar, conversar e pensar ao mesmo tempo, com Sor Loras tocando seu braço. Sentia o calor de sua mão através da seda.

– A Senhora Olenna. Ela também deverá jantar com você.

– Oh – disse Sansa. *Estou falando com ele, e ele está me tocando, está segurando meu braço e me tocando*. – Chamam-na de Rainha dos Espinhos. Não é verdade?

– É. – Sor Loras soltou uma gargalhada. *Ele tem a mais quente das gargalhadas*, pensou Sansa enquanto o jovem prosseguia – Mas é melhor que não use esse nome na presença dela, caso contrário é provável que seja espetada.

Sansa corou. Qualquer idiota teria compreendido que nenhuma mulher ficaria feliz por ser chamada de "Rainha dos Espinhos". *Talvez eu seja mesmo tão burra quanto Cersei Lannister diz*. Tentou desesperadamente pensar em algo inteligente e encantador para lhe dizer, mas a esperteza a tinha abandonado. Quase lhe disse como era belo, até se lembrar de que já tinha feito isso.

Mas ele *era* belo. Parecia mais alto do que quando o vira pela primeira vez, mas mantinha a agilidade e a graciosidade, e Sansa nunca vislumbrara outro garoto com olhos tão maravilhosos. *Mas ele não é um garoto, é um homem-feito, um cavaleiro da Guarda Real*. Achou que sua aparência era ainda melhor de branco do que com o verde e dourado da Casa Tyrell. O único ponto de cor que havia nele agora era o broche que prendia seu manto; a rosa de Jardim de Cima trabalhada em ouro mole amarelo, aninhada em uma base de delicadas folhas verdes de jade.

Sor Balon Swann abriu a porta de Maegor para eles passarem. Estava também todo de branco, embora a cor nem de perto o vestisse tão bem quanto a Sor Loras. Para lá do fosso dos espigões, duas dúzias de homens treinavam com espadas e escudos. Com o castelo tão cheio, o pátio exterior fora dado aos visitantes, para ali levantarem suas tendas e

pavilhões, deixando apenas os pátios interiores, menores, para os treinos. Um dos gêmeos Redwyne estava sendo encurralado por Sor Tallad, com os olhos postos em seu escudo. O atarracado Sor Kennos, de Kayce, que mostrava os dentes e bufava sempre que erguia a espada, parecia estar se defendendo bem contra Osney Kettleblack, mas o irmão de Osney, Sor Osfryd, castigava violentamente o escudeiro com cara de rã, Morros Slynt. Com ou sem espadas embotadas, Slynt teria uma rica safra de hematomas na manhã seguinte. Sansa estremeceu só de ver. *Eles mal acabaram de enterrar os mortos da última batalha e já estão treinando para a próxima.*

Na extremidade do pátio, um cavaleiro solitário, com um par de rosas douradas no escudo, defendia-se de três oponentes. Precisamente no momento em que Sansa os observava, o cavaleiro golpeou um dos oponentes na parte lateral da cabeça, deixando-o sem sentidos.

– Aquele é seu irmão? – perguntou Sansa.

– Sim, senhora – disse Sor Loras. – Garlan treina frequentemente contra três homens, ou mesmo quatro. Ele diz que em batalha é raro que se lute um contra um, e por isso gosta de estar preparado.

– Deve ser muito corajoso.

– É um grande cavaleiro – respondeu Sor Loras. – Na verdade, é melhor espadachim do que eu, embora eu seja melhor lanceiro.

– Eu me lembro – disse Sansa. – Cavalga maravilhosamente, sor.

– A senhora é amável por dizer tal coisa. Quando foi que me viu montar?

– No torneio da Mão, não se recorda? Montou um corcel branco, e sua armadura era feita de uma centena de diferentes espécies de flores. Você me deu uma rosa. Uma rosa *vermelha*. Nesse dia atirou rosas brancas às outras mulheres. – Falar daquilo fazia-a corar. – Disse que nenhuma vitória possuía sequer metade da minha beleza.

Sor Loras dirigiu-lhe um sorriso modesto.

– Disse apenas uma verdade simples, que qualquer homem com olhos pode ver.

*Ele não se lembra*, compreendeu Sansa, sobressaltada. *Está só sendo gentil comigo, não se lembra de mim, da rosa ou de qualquer outra coisa*. Tivera tanta certeza de que o acontecimento tinha significado algo, de que tinha significado *tudo*. Uma rosa *vermelha*, e não branca.

– Foi depois de ter derrubado Sor Robar Royce – disse ela, desesperada.

Ele tirou a mão de seu braço.

– Matei Robar em Ponta Tempestade, senhora. – Não estava se vangloriando; sua voz soava triste.

*Ele e outro dos homens da Guarda Arco-Íris do Rei Renly, sim*. Sansa ouviu as mulheres falar disso em volta do poço, mas por um momento tinha se esquecido.

– Foi quando Lorde Renly foi morto, não foi? Que coisa terrível para sua pobre irmã.

– Para Margaery? – a voz dele estava tensa. – Com certeza. Mas ela estava em Pontamarga. Não viu nada.

– Mesmo assim, quando ouviu a notícia...

Sor Loras afagou ligeiramente o cabo da espada com a mão. O punho era de couro branco, o botão, uma rosa de alabastro.

– Renly está morto. Robar também. Por que falar deles?

A aspereza em seu tom pegou-a desprevenida.

– Eu... senhor, eu... não pretendia ofendê-lo, sor.

– Nem poderia fazê-lo, Senhora Sansa – respondeu Sor Loras, mas todo o calor tinha desaparecido de sua voz. Nem voltou a tomar seu braço.

Subiram a escada em espiral num profundo silêncio.

*Oh, por que eu tinha de mencionar Sor Robar?* pensou Sansa. *Estraguei tudo. Ele agora está zangado comigo*. Tentou pensar em alguma coisa que pudesse dizer para fazer as pazes, mas todas as palavras que passavam por sua cabeça eram capengas e fracas. *Fique calada, senão vai ficar ainda pior*, disse a si mesma.

Lorde Mace Tyrell e sua comitiva tinham sido alojados atrás do septo real, na longa fortaleza com telhado de ardósia, que era chamada de Arcada das Donzelas desde que o Rei Baelor, o Abençoado, confinara ali as irmãs, para que a visão delas não o tentasse a ter pensamentos carnais. Junto às suas portas altas e esculpidas encontravam-se dois guardas com meio elmo dourado e manto verde debruado de cetim dourado, com a rosa dourada de Jardim de Cima cosida no peito. Ambos tinham mais de dois metros e dez de altura e eram largos de ombros e estreitos de cintura, magnificamente musculosos. Quando Sansa se aproximou o suficiente para ver seus rostos, não foi capaz de distingui-los um do

outro. Possuíam os mesmos maxilares fortes, os mesmos profundos olhos azuis, os mesmos densos bigodes ruivos.

– Quem são eles? – perguntou a Sor Loras, momentaneamente esquecida do embaraço.

– A guarda pessoal de minha avó – disse-lhe ele. – A mãe deles os chamou de Erryk e Arryk. Minha avó não consegue distingui-los, por isso os chama de Esquerdo e Direito.

Esquerdo e Direito abriram as portas, e a própria Margaery Tyrell surgiu e desceu saltitante o pequeno lance de escadas, ao encontro dos recém-chegados.

– Senhora Sansa – gritou –, estou tão contente por ter vindo. Seja bem-vinda.

Sansa ajoelhou aos pés de sua futura rainha.

– A senhora me concede uma grande honra, Vossa Graça.

– Por que não me chama de Margaery? Por favor, levante-se. Loras, ajude a Senhora Sansa a ficar em pé. Posso chamá-la de Sansa?

– Se lhe agradar.

Sor Loras fez o que lhe foi pedido. Margaery mandou-o embora com um beijo fraternal e pegou a mão de Sansa.

– Venha, minha avó a espera, e ela não é a mais paciente das senhoras.

O fogo crepitava na lareira, e esteiras com um cheiro doce tinham sido espalhadas pelo chão. Uma dúzia de mulheres estava sentada em volta da longa mesa de montar.

Sansa só reconheceu a alta e digna esposa de Lorde Tyrell, a Senhora Alerie, cuja longa trança prateada se encontrava presa com anéis incrustados de joias. Margaery fez as outras apresentações. Havia três primas Tyrell, Megga, Alla e Elinor, todas com idades próximas à de Sansa. A roliça Senhora Janna era irmã de Lorde Tyrell, e era casada com um dos Fossoway da maçã verde; a graciosa Senhora Leonette, de olhos brilhantes, era também uma Fossoway, casada com Sor Garlan. A Septã Nysterica possuía um rosto modesto e marcado por varíola, mas parecia alegre. A pálida e elegante Senhora Graceford esperava criança, e a Senhora Bulwer *era* uma criança, com não mais de oito anos. E “Merry” era como ela chamaria a rude e encorpada Meredyth Crane, mas decididamente *não* a Senhora Merryweather, uma apaixonante beleza de Myr, de olhos negros.

Após todas as outras, Margaery trouxe-a junto de uma mulher encarquilhada, de cabelos brancos, que mais parecia uma boneca, sentada à cabeceira da mesa.

– Tenho a honra de lhe apresentar a minha avó, a Senhora Olenna, viúva do falecido Luthor Tyrell, Senhor de Jardim de Cima, cuja memória é um conforto para todos nós.

A idosa cheirava a água de rosas. *Oh, ela é uma coisinha minúscula*. Nada havia na mulher que fosse minimamente espinhoso.

– Beije-me, filha – disse a Senhora Olenna, puxando o pulso de Sansa com uma mão suave e manchada. – É tanta gentileza sua vir jantar comigo e com meu tolo bando de galinhas.

Obedientemente, Sansa beijou a velha no rosto.

– A gentileza foi sua, por me convidar, senhora.

– Conheci seu avô, Lorde Rickard, embora mal.

– Ele morreu antes de eu nascer.

– Sei disso, filha. Dizem que seu avô Tully também está morrendo. Lorde Hoster, certamente lhe disseram, não? Um velho, embora não tão velho como eu. Seja como for, no fim a noite cai para todos nós, e cedo demais para alguns. Deve saber disso melhor do que a maioria das pessoas, pobre criança. Teve a sua cota de luto, eu sei. Lamentamos as suas perdas.

Sansa olhou de relance para Margaery.

– Entristeceu-me saber da morte de Lorde Renly, Vossa Graça. Ele era muito galante.

– É bondade sua dizer isso – respondeu Margaery.

A avó bufou.

– Galante, sim, e encantador, e muito limpo. Sabia como se vestir, sabia como sorrir e sabia como tomar banho, e, não se sabe bem como, arranjou a ideia de que isso o tornava apto a ser rei. Os Baratheon sempre tiveram ideias estranhas, certamente. Vem do sangue Targaryen, creio eu. – Fungou. – Um dia tentaram me casar com um Targaryen, mas rapidamente dei um basta nisso.

– Renly era bravo e gentil, avó – disse Margaery. – O pai também gostava dele, assim como Loras.

– Loras é jovem – disse com vivacidade a Senhora Olenna – e muito bom em derrubar homens dos cavalos com um pau. Isso não faz dele

sensato. Quanto ao seu pai, gostaria de ter nascido camponesa com uma grande colher de pau, porque talvez tivesse sido capaz de enfiar na marra algum juízo naquela cabeça gorda.

– *Mãe* – repreendeu a Senhora Alerie.

– Chiu, Alerie, não fale comigo nesse tom. E não me chame de mãe. Se tivesse dado você à luz, certamente me lembraria. Só podem me culpar por seu marido, o lorde idiota de Jardim de Cima.

– Avó – disse Margaery –, tome tento nas palavras, senão o que Sansa pensará de nós?

– Pode pensar que possuímos alguma inteligência. Uma de nós, pelo menos. – A mulher idosa virou-se para Sansa. – É traição, eu os preveni, Robert tem dois filhos e Renly, um irmão mais velho, como seria *possível* que ele tivesse alguma pretensão àquela feia cadeira de ferro? Vá lá, diz o meu filho, não quer que a sua querida seja rainha? Vocês, os Stark, um dia foram reis, os Arryn e os Lannister também, e até os Baratheon, pela linha feminina, mas os Tyrell não passavam de intendentes até chegar Aegon, o Dragão, e cozinhar o rei legítimo da Campina no Campo de Fogo. A bem da verdade, até nossa pretensão a Jardim de Cima é um pouco malandra, como aqueles terríveis Florent andam sempre choramingando. "O que importa", você pode perguntar, e certamente não importa, exceto para idiotas como o meu filho. A ideia de um dia ver o neto com a bunda no Trono de Ferro faz Mace inchar como... como é que se chama? Margaery, você que é esperta, seja boazinha e diga à sua avó meio pateta o nome daquele peixe esquisito das Ilhas do Verão que, quando é tocado, incha como um balão até ficar dez vezes maior.

– Ele é chamado de peixe-balão, avó.

– Claro que sim. O povo das Ilhas do Verão não tem imaginação nenhuma. O meu filho devia adotar o peixe-balão como símbolo, para falar a verdade. Podia pôr uma coroa nele, como os Baratheon fazem com o veado, isso talvez o deixasse feliz. Devíamos ter permanecido bem longe de toda esta sangrenta babaquice, a meu ver, mas depois de ordenhar a vaca não há como enfiar o leite de volta nas tetas. Depois de o Lorde Peixe-Balão colocar aquela coroa na cabeça de Renly, enfiamo-nos na lama até os joelhos, portanto aqui estamos para levar as coisas até o fim. E o que você diz sobre isso, Sansa?

A boca de Sansa abriu e fechou. Também se sentia como um peixe-balão.

– Os Tyrell conseguem traçar a sua genealogia até Garth da Mão Verde – foi o melhor que conseguiu arranjar assim de repente.

A Rainha dos Espinhos fungou e disse:

– Assim como os Florent, os Rowan, os Oakheart e metade das outras casas nobres do sul. Garth gostava de plantar a sua semente em terreno fértil, segundo dizem. Não me surpreenderia que não fosse só a mão que ele tinha verde.

– *Sansa* – interrompeu a Senhora Alerie –, deve estar com muita fome. Vamos comer um pouco de javali e alguns bolos de limão?

– Bolos de limão são os meus preferidos – admitiu Sansa.

– Foi o que nos disseram – declarou a Senhora Olenna, que claramente não tinha qualquer intenção de ser silenciada. – Aquela criatura chamada Varys pareceu pensar que devíamos nos sentir gratas por essa informação. Nunca entendi lá muito bem qual é o *objetivo* de um eunuco, a bem da verdade. Parece-me que são só homens com as partes úteis cortadas. Alerie, mande que nos sirvam a comida, ou pretende me matar de fome? Venha cá, Sansa, sente aqui ao meu lado, sou muito menos chata do que essas outras. Espero que goste de bobos.

Sansa alisou a saia e sentou-se.

– Penso que… bobos, senhora? Fala de… do tipo que se veste de quadriculado?

– Nesse caso são penas. De que achava que eu falava? Do meu filho? Ou destas adoráveis senhoras? Não, não fique vermelha, com esses cabelos, você fica parecendo uma romã. Todos os homens são bobos, na verdade, mas aqueles que se vestem de quadriculado são mais divertidos do que os que usam coroa. Margaery, filha, mande chamar o Abetouro, vamos ver se ele consegue fazer a Senhora Sansa sorrir. O resto de vocês sentem-se, terei de lhes dizer tudo o que for para fazer? Sansa deve pensar que a minha neta é servida por um rebanho de ovelhas.

O Abetouro chegou antes da comida, vestido com um traje de bobo de penas verdes e amarelas, com um barrete pendente. Um homem imensamente gordo e redondo, do tamanho de três Rapazes-Lua, entrou rebolando no salão, saltou para cima da mesa e depositou um gigantesco ovo bem na frente de Sansa.

– Quebre-o, senhora – ordenou. Quando ela o fez, uma dúzia de pintinhos amarelos fugiram e desataram a correr em todas as direções. – *Apanhem-nos!* – exclamou o Abetouro. A pequena Senhora Bulwer capturou um e entregou a ele, de modo que o homem o enfiou em sua enorme boca elástica, e pareceu engoli-lo inteiro. Quando arrotou, minúsculas penas amarelas voaram por seu nariz. A Senhora Bulwer desatou a chorar, aflita, mas suas lágrimas transformaram-se num súbito guincho de deleite quando o pintinho saiu, contorcendo-se, da manga de seu vestido e correu pelo seu braço abaixo.

Quando os criados trouxeram um caldo de alho-poró e cogumelos, o Abetouro começou a fazer malabarismos e a Senhora Olenna inclinou-se para a frente e apoiou os cotovelos na mesa.

– Conhece o meu filho, Sansa? Lorde Peixe-Balão de Jardim de Cima?

– É um grande senhor – respondeu polidamente Sansa.

– É um grande idiota – disse a Rainha dos Espinhos. – O pai também era um idiota. Meu esposo, o falecido Lorde Luthor. Oh, amei-o bastante, não me entenda mal. Era um homem gentil, e não lhe faltava habilidade no quarto, mas não deixava de ser pavorosamente idiota. Conseguiu cair com o cavalo de uma falésia enquanto caçava com falcão. Dizem que olhava para o céu, sem prestar nenhuma atenção para onde o cavalo o levava.

"E agora o idiota do meu filho está fazendo o mesmo, só que está montando um leão em vez de um palafrém. Eu preveni-o de que é fácil montar um leão, mas não é tão fácil desmontá-lo; porém, ele só responde com risinhos. Se algum dia tiver um filho, Sansa, bata nele com frequência, para que aprenda a lhe dar ouvidos. Eu só tive um rapaz e quase não bati nele, é por isso que agora ele presta mais atenção ao Abetouro do que a mim. Um leão não é um gato de colo, eu lhe disse, e ele me vem com um 'vá-lá-mãe'. Há muito mais 'vá-lás' neste reino do que devia existir, se quer saber. Todos esses reis fariam bastante melhor se depusessem as espadas e escutassem as mães."

Sansa percebeu que estava de novo com a boca aberta. Encheu-a com uma colher de caldo enquanto a Senhora Alerie e as outras mulheres riam do espetáculo que Abetouro dava, fazendo laranjas saltarem com sua cabeça, seus cotovelos e seu grande traseiro.

– Quero que me conte a verdade sobre esse real rapaz – disse abruptamente a Senhora Olenna. – Esse Joffrey.

Os dedos de Sansa apertaram-se em volta da colher. *A verdade? Não posso. Não me peça a verdade, por favor, não posso.*

– Eu… eu… eu…

– Você, sim. Quem melhor o conheceria? O moço parece bastante régio, admito. Um pouco cheio de si, mas isso deve vir do sangue Lannister. No entanto, ouvimos algumas histórias perturbadoras. Há alguma verdade nelas? Aquele rapaz maltratou-a?

Sansa lançou um olhar nervoso à sua volta. O Abetouro enfiou uma laranja inteira na boca, mastigou-a e engoliu-a, deu um tapa no rosto e assoou sementes pelo nariz. As mulheres riram. Criados iam e vinham, e a Arcada das Donzelas ecoava com o ruído das colheres e dos pratos. Um dos pintos voltou a saltar para cima da mesa e atravessou correndo o caldo da Senhora Graceford. Ninguém parecia estar prestando a mínima atenção nelas, mesmo assim Sansa sentia-se assustada.

A Senhora Olenna estava ficando impaciente.

– Por que está olhando para o Abetouro de boca aberta? Fiz uma pergunta, espero uma resposta. Os Lannister roubaram a sua língua, filha?

Sor Dontos prevenira-a para só falar à vontade no bosque sagrado.

– Joff... o Rei Joffrey, ele... Sua Graça é muito justo e bonito, e... e bravo como um leão.

– Sim, todos os Lannister são leões, e quando um Tyrell solta gases cheira mesmo a rosas – exclamou a idosa. – Mas quão bondoso ele é? Quão inteligente? Tem um bom coração, uma mão gentil? É cavalheiresco como um rei deve ser? Irá estimar Margaery e tratá-la com ternura, proteger sua honra como protegeria a própria?

– Sim – mentiu Sansa. – Ele é muito... muito bonito.

– Já disse isso. Sabe, filha, há quem diga que você é tão tola quanto o Abetouro, e eu começo a acreditar. *Bonito?* Ensinei à minha Margaery o que vale a beleza, espero eu. Um pouco menos do que um peido de saltimbanco. Aerion Fogo-Forte era bastante bonito, mas mesmo assim era um monstro. A questão é: o que é Joffrey? – estendeu a mão para puxar um criado que passava. – Não gosto de alho-poró. Leve este caldo e traga-me um pouco de queijo.

– O queijo será servido depois dos bolos, senhora.

– O queijo será servido quando eu quiser que ele seja servido, e quero-o servido já. – A velha voltou a se virar para Sansa. – Está assustada, filha? Não precisa, aqui somos só mulheres. Conte-me a verdade, nenhum mal acontecerá a você.

– Meu pai sempre disse a verdade. – Sansa falava em voz baixa, ainda assim era difícil forçar as palavras a sair.

– Lorde Eddard, sim, ele tinha essa reputação, mas mesmo assim o chamaram de traidor e cortaram sua cabeça. – Os olhos da velha a atravessaram, afiados e brilhantes como pontas de espadas.

– Joffrey – disse Sansa. – Foi Joffrey quem fez isso. Prometeu-me que seria misericordioso, e cortou a cabeça de meu pai. Disse que *isso* era uma misericórdia e levou-me até o alto das muralhas e obrigou-me a olhar para ela. Para a cabeça. Queria que eu chorasse, mas... – Parou abruptamente e cobriu a boca. *Disse mais do que deveria, oh, pela bondade dos deuses, eles saberão, eles ouvirão falar disso, alguém me denunciará*.

– Continue. – Foi Margaery que pediu. A futura rainha de Joffrey. Sansa não sabia quanto ela teria ouvido.

– Não posso. – *E se ela contar para ele, e se ela contar? Ele então vai me matar com certeza, ou me dar a Sor Ilyn*. – Não quis dizer... meu pai era um traidor, meu irmão também, tenho sangue de traidor, por favor, não me obriguem a dizer mais.

– Acalme-se, filha – ordenou a Rainha dos Espinhos.

– Ela está aterrorizada, avó, olhe só para ela.

A velha gritou ao Abetouro.

– *Bobo!* Dê-nos uma canção. Uma longa, penso eu. “O urso e a bela donzela” servirá muito bem.

– Sim! – respondeu o enorme bobo. – Servirá mesmo muito bem! Devo cantá-la apoiado em minha cabeça, senhora?

– Isso fará com que soe melhor?

– Não.

– Nesse caso, fique sobre seus pés. Não queremos que seu chapéu caia. Se bem me lembro, você nunca lava o cabelo.

– Às suas ordens, senhora. – O Abetouro fez uma profunda reverência, soltou um gigantesco arroto, e então endireitou-se, espetou a barriga e

berrou: – *Havia um urso, um urso, um URSO! Preto e castanho e coberto de pelo…*

A Senhora Olenna inclinou-se para a frente.

– Quando eu era uma garota mais nova do que você, já era bem sabido que na Fortaleza Vermelha as paredes têm ouvidos. Bem, ficarão entretidos com uma canção e, enquanto isso, nós, as meninas, falaremos livremente.

– Mas – disse Sansa – Varys… ele *sabe*, ele sempre…

– *Cante mais alto!* – gritou a Rainha dos Espinhos ao Abetouro. – Estes velhos ouvidos estão quase surdos, sabe? Está sussurrando para mim, bobo gordo? Não lhe pago por sussurros. *Cante!*

– … *O URSO!* – trovejou o Abetouro, fazendo ecoar a sua sonora e profunda voz nas vigas do teto. – *OH, VEM, DISSERAM, OH, VEM AO CONCURSO! CONCURSO? DISSE ELE, MAS EU SOU UM URSO! PRETO E CASTANHO E COBERTO DE PELO!*

A encarquilhada velha senhora sorriu.

– Em Jardim de Cima temos muitas aranhas entre as flores. Desde que guardem as coisas para si, deixamos que teçam as suas pequenas teias, mas quando se põem debaixo de nossos pés, pisamos nelas. – Deu palmadinhas nas costas da mão de Sansa. – Agora, filha, a verdade. Que tipo de homem é esse Joffrey, que chama a si mesmo Baratheon, mas parece tão Lannister?

– *E DAQUI PARA LÁ AO LONGO DO PERCURSO. PERCURSO! PERCURSO! TRÊS MOÇOS, UM BODE E UMA DANÇA DE URSO!*

Sansa sentia-se como se o coração estivesse preso em sua garganta. A Rainha dos Espinhos estava tão perto dela que conseguia sentir seu mau hálito. Os dedos descarnados e esguios da velha beliscavam seu pulso. Do outro lado, Margaery também estava à escuta. Um arrepio percorreu-a.

– Um monstro – segredou, com uma voz tão trêmula que quase não conseguiu ouvir a si mesma. – Joffrey é um monstro. Mentiu a respeito do filho do carniceiro e obrigou meu pai a matar a minha loba. Quando lhe desagrado, manda a Guarda Real bater em mim. É mau e cruel, senhora, é a verdade. E a rainha também.

A Senhora Olenna Tyrell e a neta trocaram olhares.

– Ah – disse a velha –, isso é uma pena.

*Oh, deuses*, pensou Sansa, horrorizada. *Se Margaery não se casar com ele, Joff saberá que a culpa é minha*.

– Por favor – suplicou –, não impeça o casamento...

– Não tenha medo, Lorde Peixe-Balão está determinado a que Margaery seja rainha. E a palavra de um Tyrell vale mais do que todo o ouro de Rochedo Casterly. Pelo menos era assim na minha época. Seja como for, agradecemos pela verdade, filha.

– *… DANÇOU E GIROU ATÉ CHEGAR AO CONCURSO! CONCURSO! CONCURSO!* – o Abetouro saltava, rugia e batia os pés.

– Sansa, gostaria de visitar Jardim de Cima? – quando Margaery Tyrell sorria, parecia-se muito com o irmão Loras. – Todas as flores do outono estão em botão nesta época, e há bosques e fontes, pátios cheios de sombras, colunatas de mármore. O senhor meu pai sempre mantém cantores na corte, melhores do que o Abinho aqui, e também flautistas, rabequeiros e harpistas. Temos os melhores cavalos e barcos de lazer para viajar ao longo do Vago. Você pratica falcoaria, Sansa?

– Um pouco – admitiu.

– *OH, E ELA ERA DOCE E PURA E BELA! A DONZELA COM MEL NOS CABELOS!*

– Vai gostar tanto de Jardim de Cima quanto eu, sei que sim. – Margaery empurrou para trás uma madeixa solta dos cabelos de Sansa. – Assim que vir o castelo, nunca mais vai querer partir. E talvez não tenha que fazer isso.

– *CABELOS! CABELOS! A DONZELA COM MEL NOS CABELOS!*

– Chiu, filha – disse a Rainha dos Espinhos em tom penetrante. – Sansa nem sequer nos disse que gostaria de ir até lá como visita.

– Ah, mas gostaria – disse Sansa. Jardim de Cima parecia ser o lugar com que sempre sonhara, como a bela corte mágica que um dia esperara encontrar em Porto Real.

– *… CHEIROU O ODOR NO AR DE VERÃO. O URSO! O URSO! PRETO E CASTANHO E COBERTO DE PELO.*

– Mas a rainha – prosseguiu Sansa –, ela não me deixará ir...

– Deixará. Sem Jardim de Cima, os Lannister não têm esperança de manter Joffrey no trono. Se o meu filho, o lorde idiota, pedir, ela não terá outra escolha a não ser conceder-lhe o pedido.

– Ele faria isso? – perguntou Sansa. – Ele pedirá?

A Senhora Olenna franziu a testa.

– Não vejo necessidade de lhe dar outra escolha. Claro, ele não faz a mínima ideia de nosso verdadeiro propósito.

– *CHEIROU O ODOR NO AR DE VERÃO!*

Sansa franziu a testa.

– O nosso verdadeiro propósito, senhora?

– *FUNGOU E RUGIU E CHEIROU-O, BABÃO! MEL NO AR DE VERÃO!*

– Tratar de casá-la em segurança, filha – disse a velha, enquanto o Abetouro berrava a velhíssima canção –, com o meu neto.

*Casar com Sor Loras, oh*... A respiração de Sansa ficou presa na garganta. Lembrou-se de Sor Loras em sua cintilante armadura de safiras, atirando-lhe uma rosa. Sor Loras vestido de seda branca, tão puro, inocente e belo. As covinhas nos cantos da boca quando sorria. A doçura de seu riso, o calor de sua mão. Só podia imaginar o que seria tirar sua túnica e acariciar a pele suave, ficar nas pontas dos pés e beijá-lo, correr os dedos por aqueles espessos caracóis castanhos e afogar-se em seus profundos olhos castanhos. Uma vermelhidão subiu por seu pescoço.

– *OH, SOU UMA DONZELA, E SOU PURA E BELA! NÃO DANÇAREI C'UM URSO PELUDO! UM URSO! UM URSO! NÃO DANÇAREI C'UM URSO PELUDO!*

– Gostaria disso, Sansa? – perguntou Margaery. – Nunca tive uma irmã, só irmãos. Oh, por favor, diga que sim, por favor, diga que consentirá em se casar com meu irmão.

As palavras precipitaram-se para fora de sua boca.

– Sim, eu me caso. Nada me agradaria mais. Casar com Sor Loras, amá-lo...

– *Loras*? – a Senhora Olenna fez uma expressão aborrecida. – Não seja tola, filha. A Guarda Real nunca se casa. Não lhe ensinaram nada em Winterfell? Estávamos falando de meu neto Willas. Ele é um pouco velho para você, com certeza, mas um rapaz adorável, apesar de tudo. Nem um pouquinho imbecil, e além disso herdeiro de Jardim de Cima.

Sansa sentiu vertigem; num instante sua cabeça estava cheia de sonhos sobre Loras, e no seguinte tinham-lhe tirado todos. *Willas? Willas?*

– Eu – disse, estupidamente. *A cortesia é a armadura de uma senhora. Não pode ofendê-los, tenha cuidado com o que diz*. – Eu não conheço Sor Willas. Nunca tive o prazer, minha senhora. Ele é... é um cavaleiro tão bom quanto os irmãos?

– *... ERGUEU-A NO AR C'UMA MÃO! O URSO! O URSO!*

– Não – disse Margaery. – Nunca prestou juramento.

A avó franziu a testa.

– Conte a verdade à garota. O pobre rapaz é aleijado, e é assim que as coisas são.

– Foi ferido quando era escudeiro, ao participar de seu primeiro torneio – confidenciou Margaery. – O cavalo caiu e esmagou a perna de Willas.

– A culpa foi daquela serpente de Dorne, aquele Oberyn Martell. E o meistre dele também.

– *QUIS UM CAVALEIRO, MAS VOCÊ É UM URSO! UM URSO! UM URSO! PRETO E CASTANHO E COBERTO DE PELO!*

– Willas tem uma perna ruim mas um bom coração – disse Margaery. – Costumava ler para mim quando eu era uma menininha, e fazia desenhos das estrelas para mim. Vai amá-lo tanto como nós, Sansa.

– *'SPERNEOU E CHOROU, A DONZELA TÃO BELA, MAS ELE LAMBEU-LHE O MEL DOS CABELOS. CABELOS! CABELOS! LAMBEU-LHE O MEL DOS CABELOS!*

– Quando poderei conhecê-lo? – perguntou Sansa, hesitante.

– Em breve – prometeu Margaery. – Quando for a Jardim de Cima, depois de Joffrey e eu nos casarmos. Minha avó vai levá-la.

– Levarei – disse a velha, dando palmadinhas na mão de Sansa e abrindo um sorriso suave cheio de rugas. – Levarei mesmo.

– *ENTÃO SUSPIROU E GUINCHOU E ATÉ 'SPERNEOU! MEU URSO! CANTOU. MEU URSO TÃO BELO! E DAQUI PARA LÁ FORAM PELO PERCURSO, O URSO, O URSO E A BELA DONZELA.* – O Abetouro rugiu o último verso, deu um salto e caiu sobre ambos os pés com um estrondo que fez balançar as taças de vinho sobre a mesa. As mulheres riram e aplaudiram.

– Achava que essa terrível canção nunca mais acabaria – disse a Rainha dos Espinhos. – Mas, olhem, aí vem o meu queijo.

# JON

O mundo era uma escuridão cinzenta e fria, com cheiro de pinheiro e musgo. Névoas pálidas erguiam-se da terra negra enquanto os cavaleiros abriam caminho pela confusão de pedras e árvores deformadas na direção das bem-vindas fogueiras que se espalhavam como joias no fundo do vale do rio, lá embaixo. Havia mais fogueiras do que Jon Snow conseguia contar, centenas delas, milhares, um segundo rio de luzes tremeluzentes ao longo das margens do Guadeleite, branco de gelo. Os dedos da mão que manejava a espada se abriram e fecharam.

Desceram a vertente sem estandartes nem trombetas, num silêncio interrompido apenas pelo murmúrio distante do rio, pelo ruído dos cascos e pelos estalidos da armadura de ossos do Camisa de Chocalho. Em algum lugar, lá no alto, uma águia pairava, com grandes asas azul-acinzentadas abertas, enquanto embaixo seguiam homens, cães, cavalos e um gigante lobo branco.

Uma pedra rolou encosta abaixo, perturbado por um casco de passagem, e Jon viu Fantasma virar a cabeça ao ouvir o súbito som. Ele tinha seguido os cavaleiros a distância o dia todo, como era seu costume, mas quando a lua se ergueu sobre os pinheiros marciais, aproximou-se aos saltos, com os olhos vermelhos brilhando. Os cães do Camisa de Chocalho receberam-no com um coro de rosnidos e violentos latidos, como sempre, mas o lobo gigante não lhes deu importância. Seis dias antes, o maior dos cães atacara-o por trás enquanto os selvagens acampavam à noite, mas Fantasma virara-se e mordera-o, colocando o cão para correr com um quadril ensanguentado. Depois disso, o resto da matilha passou a guardar uma distância saudável.

O garrano de Jon Snow relinchou baixinho, mas um toque e uma palavra carinhosa rapidamente aquietaram o animal. Seria bom que seus próprios medos fossem acalmados com tanta facilidade quanto os do animal. Estava todo vestido de preto, o negro da Patrulha da Noite, mas o inimigo acompanhava-o, à frente e atrás. *Selvagens, e eu estou com eles*.

Ygritte usava o manto de Qhorin Meia-Mão. Lenyl tinha a camisa de malha dele; a grande esposa de lanças, Ragwyle, as luvas; um dos arqueiros, as botas. O elmo de Qhorin foi ganho pelo pequeno simplório chamado Lança-Longa Ryk, mas encaixava-se mal em sua cabeça estreita, e ele deu-o também a Ygritte. E o Camisa de Chocalho levava os ossos de Qhorin no saco, bem como a cabeça ensanguentada de Ebben, que tinha partido com Jon para bater o Passo dos Guinchos. *Mortos, todos mortos, menos eu, e eu estou morto para o mundo.*

Ygritte seguia logo atrás dele. À frente ia o Lança-Longa Ryk. O Senhor dos Ossos tinha feito dos dois seus guardas.

– Se o corvo fugir, também fervo os ossos de vocês – preveniu-os quando partiram, sorrindo através dos dentes tortos do crânio de gigante que usava como elmo.

Ygritte gritou para ele.

– Você quer guardá-lo? Se quer que nos encarreguemos disso, deixe-nos em paz e faremos o que pede.

*Este é realmente um povo livre*, compreendeu Jon. Camisa de Chocalho podia ser o líder, mas nenhum deles se acanhava em dar resposta a ele.

O líder selvagem fitou-o com um olhar pouco amistoso.

– Pode ser que tenha enganado esses aí, corvo, mas não ache que vai enganar Mance. Ele vai olhar uma vez pra você e ver que é um farsante. E quando isso acontecer, vou fazer um manto com o seu lobo ali, e abrir sua barriga mole de rapaz pra costurá-la com uma doninha lá dentro.

A mão de Jon que manejava a espada tinha se aberto e fechado, flexionando os dedos queimados sob a luva, mas o Lança-Longa Ryk limitou-se a rir.

– E onde é que você ia achar uma doninha na neve?

Nessa primeira noite, após um longo dia a cavalo, tinham acampado numa rasa concavidade de pedra, no topo de uma montanha sem nome, aninhando-se junto à fogueira enquanto a neve começava a cair. Jon observava os flocos derreterem enquanto pairavam sobre as chamas. Apesar das camadas de lã, peles e couro, sentia frio até os ossos. Ygritte sentou-se ao seu lado depois de comer, com o capuz levantado e as mãos enfiadas nas mangas, para aquecê-las.

– Quando Mance ouvir dizer como você deu cabo do Meia-Mão, vai recebê-lo bem depressa – disse-lhe.

– Receber-me onde?

A moça riu com zombaria.

– Recebê-lo como um de nós. Acha que é o primeiro corvo a fugir da Muralha? Lá no fundo, vocês todos só querem voar livres.

– E quando eu for livre – disse ele lentamente –, serei livre para ir embora?

– Claro que sim. – Ela tinha um sorriso quente, apesar dos dentes tortos. – E ele vai ser livre pra matar você. Ser livre é *perigoso*, mas a maior parte acaba gostando. – Pousou a mão enluvada em sua perna, logo acima do joelho. – Você vai ver.

*Vou ver*, pensou Jon. *Vou ver e ouvir, e aprender, e quando o tiver feito, levarei as novidades de volta para a Muralha*. Os selvagens tinham-no tomado por perjuro, mas em seu âmago ainda era um homem da Patrulha da Noite, cumprindo o último dever que Qhorin Meia-Mão depositara nele. *Antes de ser morto por mim.*

No fundo da encosta depararam-se com um pequeno riacho que descia do sopé dos montes e ia se juntar ao Guadeleite. Parecia todo feito de pedras e gelo, embora conseguissem ouvir o som da água correndo sob a superfície congelada. Camisa de Chocalho atravessou à frente deles, estilhaçando a fina crosta de gelo.

Os batedores de Mance Rayder cercaram-nos quando subiram para a margem. De relance, Jon verificou quantos eram: oito cavaleiros, tanto homens como mulheres, vestidos de peles e couro fervido, com um elmo ou um pouco de cota de malha aqui e ali. Vinham armados com lanças e arpões endurecidos pelo fogo, todos menos o chefe, um louro corpulento, com olhos lacrimejantes, que usava uma grande gadanha curva de aço afiado. *O Chorão*, compreendeu de imediato. Os irmãos negros contavam histórias sobre ele. Assim como Camisa de Chocalho, Harma Cabeça de Cão e Alfyn Mata-Corvos, era um célebre assaltante.

– O Senhor dos Ossos – disse Chorão quando os viu. Deu uma olhada em Jon e em seu lobo. – E este, quem é?

– Um corvo que passou pro lado de cá – disse Camisa de Chocalho, que preferia ser chamado de Senhor dos Ossos devido à ruidosa armadura que usava. – Tava com medo que eu roubasse os ossos dele como os do Meia-Mão. – Sacudiu o saco de troféus na direção dos outros selvagens.

– Ele matou Qhorin Meia-Mão – disse Lança-Longa Ryk. – Ele e seu lobo.

– E também deu cabo do Orell – disse Camisa de Chocalho.

– O moço é um *warg*, ou coisa que o valha – interveio Ragwyle, a grande esposa de lanças. – O lobo dele arrancou um pedaço da perna do Meia-Mão.

Os olhos vermelhos e remelentos de Chorão deram outra olhada em Jon.

– Ah, é? Bom, tem certo ar de lobo, agora que o vejo de perto. Levem-no até Mance, pode ser que fique com ele. – Fez o cavalo dar meia-volta e afastou-se a galope, com os companheiros logo atrás.

O vento soprava úmido e pesado quando atravessaram o vale do Guadeleite e avançaram em fila pelo acampamento. Fantasma manteve-se perto de Jon, mas seu cheiro seguia à frente do grupo como um arauto, e logo havia cães dos selvagens por toda a volta, rosnando e latindo. Lenyl gritou-lhes que se calassem, mas não prestaram atenção nele.

– Não gostam muito desse seu animal – comentou Lança-Longa Ryk a Jon.

– São cães e ele é um lobo – disse Jon. – Sabem que não pertence à espécie deles. – *Tal como eu não pertenço à sua*. Mas tinha de manter seu dever em mente, a tarefa de que Qhorin Meia-Mão o encarregara enquanto partilhavam aquela última fogueira... desempenhar o papel de vira-casaca e encontrar o que quer que fosse que os selvagens tinham andado à procura na estéril desolação fria das Presas de Gelo. "*Algum poder*", Qhorin tinha denominado em conversa com o Velho Urso, mas morrera antes de saber que poder seria, ou se Mance Rayder o teria encontrado com suas escavações.

Havia fogueiras para cozinhar ao longo de todo o rio, entre carros, carroças e trenós. Muitos dos selvagens tinham erguido tendas, de couro cru, peles e feltro. Outros abrigavam-se atrás de rochedos, em toldos improvisados, ou dormiam debaixo de suas carroças. Junto a uma fogueira, Jon viu um homem endurecendo a ponta de longas lanças de madeira e atirando-as em uma pilha. Em outro ponto, dois jovens barbudos vestidos de couro fervido lutavam com varas, saltando um sobre o outro por cima das chamas, grunhindo toda vez que um golpe

acertava o alvo. Uma dúzia de mulheres estava sentada ali perto, preparando flechas.

*Flechas para os meus irmãos*, pensou Jon. *Flechas para o povo de meu pai, para o povo de Winterfell, Bosque Profundo e Última Lareira. Flechas para o norte.*

Mas nem tudo que via era bélico. Vislumbrou também mulheres dançando, e ouviu um bebê chorando, e um garotinho passou correndo diante de seu garrano, todo enrolado em peles e sem fôlego, por causa da brincadeira. Ovelhas e cabras vagueavam livremente, enquanto bois percorriam a margem do rio em busca de pasto. Cheiro de carneiro assado pairava no ar, vindo de uma das fogueiras, e em outra viu um javali sendo girado em um espeto de madeira.

Num espaço aberto rodeado por grandes pinheiros marciais, Camisa de Chocalho desmontou.

– Acampamos aqui – disse a Lenyl, Ragwyle e os outros. – Deem de comer aos cavalos, depois aos cães, depois a vocês. Ygritte, Lança-Longa, tragam o corvo para que Mance possa dar uma olhada nele. Vamos estripá-lo depois.

Seguiram a pé o resto do caminho, passando por mais fogueiras e tendas, com Fantasma seguindo de perto. Jon nunca tinha visto tantos selvagens. Perguntou a si mesmo se alguém já teria. *O acampamento não tem fim*, refletiu, *mas é mais uma centena de acampamentos do que um só, e cada um deles é mais vulnerável do que o anterior*. Espalhados ao longo de uma grande área, os selvagens não tinham defesas de que valesse a pena falar, nem fossos nem estacas afiadas, só pequenos grupos de batedores patrulhando os terrenos ao redor. Cada grupo, clã ou aldeia simplesmente acampou onde quis, assim que viu os outros parando ou encontrou um bom local. *O povo livre*. Se os seus irmãos os apanhassem em tal desordem, muitos pagariam tal liberdade com o sangue do corpo. Possuíam número, mas a Patrulha da Noite tinha disciplina e, "em batalha, a disciplina vence o número em nove entre dez batalhas", o pai disse-lhe certa vez.

Não havia como não saber qual das tendas pertencia ao rei. Era três vezes maior do que a segunda maior tenda que vira, e ouvia-se música vinda lá de dentro. Tal como muitas das tendas menores, aquela era feita de peles cosidas ainda com pelo, mas as de Mance Rayder eram as

hirsutas peles brancas dos ursos das neves. Um enorme par de chifres de um dos alces gigantes que outrora vagueavam livremente pelos Sete Reinos, nos tempos dos Primeiros Homens, coroava a cobertura pontiaguda.

Pelo menos ali encontrou defensores; dois guardas junto à abertura da tenda, apoiados em grandes lanças e com escudos redondos feitos de couro. Quando viram Fantasma, um deles baixou a lança e disse:

– Esse animal fica aqui.

– Fantasma, fique – ordenou Jon. O lobo gigante sentou-se.

– Lança-Longa, vigie o lobo. – Camisa de Chocalho puxou a aba da tenda e, com um gesto, ordenou que Jon e Ygritte entrassem.

A tenda estava quente e fumacenta. Nos quatro cantos havia cestos de turfa queimando, enchendo o ar com uma tênue luz avermelhada. Mais peles atapetavam o chão. Jon sentiu-se absolutamente só ali, em pé, vestido de negro, esperando a atenção do vira-casaca que se autodenominava Rei-para-lá-da-Muralha. Depois de seus olhos se ajustarem à luz vermelha e esfumaçada, viu seis pessoas, nenhuma das quais prestou qualquer atenção nele. Um jovem escuro e uma loura bonita dividiam um corno de hidromel. Uma mulher grávida estava em pé junto a um braseiro, cozinhando algumas galinhas, enquanto um homem grisalho com um esfarrapado manto preto e vermelho estava sentado numa almofada, de pernas cruzadas, tocando um alaúde e cantando:

A mulher do dornês era bela como o sol
e seus beijos, quentes como a primavera.
Mas a espada do dornês era feita de aço negro
e o seu beijo, a mordida de uma fera.

Jon conhecia a canção, embora fosse estranho ouvi-la ali, numa tenda de peles felpudas para lá da Muralha, a dez mil léguas das montanhas vermelhas e dos ventos quentes de Dorne.

Camisa de Chocalho tirou seu elmo amarelado enquanto esperava que a canção chegasse ao fim. Sob sua armadura de osso e couro era um homem pequeno, e o rosto por baixo do crânio de gigante era simples, com um queixo nodoso, um bigode fino e bochechas pálidas e descarnadas. Os olhos eram bem próximos um do outro, com

sobrancelhas que cruzavam toda a testa, e os cabelos escuros rareavam, recuando nas têmporas.

A mulher do dornês cantava no banho,
numa voz que era pêssego doce.
Mas a espada do dornês tinha a sua canção,
e mordia como se sanguessuga fosse.

Ao lado do braseiro, um homem baixo mas imensamente largo estava sentado num banco, comendo uma galinha diretamente no espeto. Gordura quente escorria por seu queixo e pela barba branca como a neve, mas ele sorria mesmo assim, com um ar feliz. Três presilhas de ouro gravadas com runas cingiam seus braços fortes, e usava uma pesada camisa de cota de malha negra que só podia ter vindo de um patrulheiro morto. Não muito longe dele, um homem mais alto e mais esguio, com uma camisa de couro com escamas de bronze, franzia a testa sobre um mapa, com uma longa espada a tiracolo, em uma bainha de couro. Era reto como uma lança, todo ele longos músculos duros, escanhoado, calvo, com um forte nariz reto e olhos cinzentos encovados. Podia ter sido bonito se tivesse orelhas, mas perdera ambas; Jon não sabia dizer se devido ao frio ou à faca de algum inimigo. A falta delas fazia com que a cabeça do homem parecesse estreita e pontiaguda.

Tanto o homem de barba branca como o calvo eram guerreiros, tinha bastado um relance para que isso ficasse claro para Jon. *Esses dois são de longe mais perigosos do que o Camisa de Chocalho*. Perguntou a si mesmo qual deles seria Mance Rayder.

Jazendo no chão, rodeado de escuridão,
seu sangue ele saboreou,
Os irmãos se ajoelharam e rezaram uma oração,
e ele sorriu e ele riu e cantou,
“Irmãos, oh irmãos, os meus dias estão no fim,
o dornês minha vida desfez,
Mas que importa, não há homem que não tenha de morrer,
e eu provei a mulher do dornês!”

Enquanto as últimas notas de “A mulher do dornês” se desvaneciam, o homem careca e sem orelhas ergueu os olhos do mapa e fez uma carranca feroz para Camisa de Chocalho e Ygritte, que tinham Jon entre eles.

– O que é isto? – ele perguntou. – Um corvo?

– O bastardo preto que estripou Orell – disse Camisa de Chocalho – e também um maldito *warg*.

– Devia ter matado todos.

– Este passou para o nosso lado – explicou Ygritte. – Matou Qhorin Meia-Mão com as próprias mãos.

– Esse *garoto*? – o homem sem orelhas irritou-se com a notícia. – O Meia-Mão devia ter sido meu. Você tem nome, corvo?

– Jon Snow, Vossa Graça. – Perguntou a si mesmo se também esperavam que dobrasse o joelho.

– Vossa Graça? – o homem sem orelhas olhou para o grandalhão da barba branca. – Vê? Ele acha que sou rei.

O barbudo riu com tanta força que espalhou pedaços de galinha por toda a parte. Limpou a gordura da boca com as costas de uma de suas enormes mãos.

– Um rapaz cego, só pode ser. Quem já ouviu falar de um rei sem orelhas? Ora, a coroa cairia até o pescoço! Ha! – Dirigiu a Jon um sorriso, limpando os dedos nas calças. – Feche o bico, corvo. Dê meia-volta e talvez encontre quem veio procurar.

Jon virou-se.

O cantor pôs-se em pé.

– Sou Mance Rayder – disse ele, enquanto colocava o alaúde de lado. – E você é o bastardo de Ned Stark, o Snow de Winterfell.

Aturdido, Jon ficou sem fala por um momento, antes de se recuperar o suficiente para dizer:

– Como… como pode saber…

– Isso é uma história para mais tarde – disse Mance Rayder. – O que achou da canção, moço?

– Gostei bastante. Já a tinha ouvido.

– *Mas que importa, não há homem que não tenha de morrer* – disse alegremente o Rei-para-lá-da-Muralha –, *e eu provei a mulher do dornês*. Diga-me, o meu Senhor dos Ossos fala a verdade? Matou meu velho amigo, o Meia-Mão?

– Matei. – *Embora tenha sido mais obra dele do que minha*.

– A Torre Sombria nunca mais vai parecer tão temível – disse o rei, com tristeza na voz. – Qhorin era meu inimigo. Mas também foi meu

irmão um dia. Por isso... devo agradecê-lo por tê-lo matado, Jon Snow? Ou amaldiçoá-lo? – dirigiu a Jon um sorriso zombeteiro.

O Rei-para-lá-da-Muralha não se parecia em nada com um rei, e tampouco se parecia com um selvagem. Era de média estatura, magro, com feições bem definidas, astutos olhos castanhos e longos cabelos castanhos já quase totalmente grisalhos. Não havia coroa em sua cabeça, nem presilhas de ouro nos braços, nem joias no pescoço, nem mesmo uma cintilação de prata. Usava lã e couro, e o único traje digno de nota que vestia era o esfarrapado manto de lã negra, cujos longos rasgões tinham sido cosidos com seda vermelha desbotada.

– Devia me agradecer por matar seu inimigo – disse Jon por fim – e me amaldiçoar por matar seu amigo.

– *Ha!* – trovejou o homem da barba branca. – Bem respondido!

– De acordo. – Mance Rayder fez um gesto para Jon se aproximar. – Se quer se juntar a nós, é melhor que nos conheça. O homem que confundiu comigo é Styr, Magnar de Thenn. *Magnar* significa "senhor" no Idioma Antigo. – O homem sem orelhas fitou Jon friamente enquanto Mance se virava para o homem da barba branca. – Aqui, nosso feroz comedor de galinhas é o meu leal Tormund. A mulher...

Tormund levantou-se.

– Espere. Tratou Styr por seu título, trate-me também pelo meu.

Mance Rayder soltou uma gargalhada.

– Como quiser. Jon Snow, perante a sua presença encontra-se Tormund Terror dos Gigantes, Arauto, Soprador de Chifres e Quebrador de Gelo. Eis também Tormund Punho de Trovão, Esposo de Ursas, Rei-Hidromel de Solar Ruivo, Falador com os Deuses e Pai de Tropas.

– Isso já se parece mais comigo – disse Tormund. – Prazer em conhecê-lo, Jon Snow. Acontece que gosto de *wargs*, apesar de não gostar nada dos Stark.

– A boa mulher junto ao braseiro – prosseguiu Mance Rayder – é Dalla. – A grávida deu um sorriso tímido. – Trate-a como trataria qualquer rainha, porque espera um filho meu. – Virou-se para os últimos dois. – Esta beldade é a irmã de Dalla, Val. O jovem Jarl, ao lado dela, é seu último animalzinho de estimação.

– Não sou animal de estimação de homem nenhum – disse Jarl, sombrio e feroz.

– E Val não é homem nenhum – resfolegou o da barba branca, Tormund. – A esta altura já devia ter percebido, moço.

– Então aqui nos tem, Jon Snow – disse Mance Rayder. – O Rei-para-lá-da-Muralha e sua corte, tal como é. E agora algumas palavras suas, creio eu. De onde vem?

– De Winterfell – disse Jon –, via Castelo Negro.

– E o que o traz ao vale do Guadeleite, tão longe dos fogos de sua casa? – não esperou pela resposta de Jon, e olhou de imediato para Camisa de Chocalho. – Quantos eram?

– Cinco. Três tão mortos e o rapaz tá aqui. O outro subiu uma encosta onde nenhum cavalo podia segui-lo.

Os olhos de Rayder voltaram a encontrar os de Jon.

– Eram só os cinco? Ou há mais irmãos seus escondidos por aí?

– Éramos quatro e o Meia-Mão. Qhorin valia por vinte homens comuns.

O Rei-para-lá-da-Muralha sorriu ao ouvir aquilo.

– Havia quem pensasse assim. Seja como for… um rapaz de Castelo Negro com patrulheiros da Torre Sombria? Como foi que isso aconteceu?

Jon tinha a mentira pronta.

– O Senhor Comandante mandou-me ao Meia-Mão para ganhar experiência, e por isso ele trouxe-me a essa patrulha.

Styr, o Magnar, franziu a testa ao ouvir aquilo.

– Chama isso de patrulha… por que corvos viriam patrulhar pelo Passo dos Guinchos acima?

– As aldeias estavam desertas – disse Jon, honestamente. – Era como se todo o povo livre tivesse desaparecido.

– Desaparecido, certo – falou Mance Rayder. – E não só o povo livre. Quem lhes disse onde estávamos, Jon Snow?

Tormund fungou.

– Se não foi o Craster, eu sou uma donzela corada. Eu disse, Mance, aquela criatura precisa ficar uma cabeça mais curta.

O rei deu ao homem mais velho um olhar irritado.

– Tormund, um dia desses experimente pensar antes de falar. Eu sei que foi o Craster. Perguntei a Jon para ver se ele nos diria a verdade.

– Ha. – Tormund escarrou. – Bem, meti os pés pelas mãos! – Dirigiu um sorriso a Jon. – Tá vendo, moço, é por isso que ele é rei e eu não.

Bebo melhor, luto melhor e canto melhor que ele, e o meu membro é três vezes maior que o dele, mas Mance tem astúcia. Foi educado como corvo, sabe, e o corvo é um pássaro cheio de truques.

– Gostaria de falar com o rapaz a sós, meu Senhor dos Ossos – disse Mance Rayder ao Camisa de Chocalho. – Deixem-nos, todos vocês.

– O quê, eu também? – perguntou Tormund.

– Sim, especialmente você – disse Mance.

– Não como em um salão onde não sou bem-vindo. – Tormund ficou em pé. – Eu e as galinhas vamos embora. – Pegou outra galinha do braseiro, enfiou-a num bolso costurado no forro de seu manto, disse "Ha", e saiu lambendo os dedos. Os outros seguiram-no, todos menos a mulher chamada Dalla.

– Sente-se, se quiser – disse Rayder depois de eles partirem. – Está com fome? Tormund deixou-nos pelo menos duas aves.

– Eu adoraria comer, Vossa Graça. E obrigado.

– Vossa Graça? – o rei sorriu. – Isso não é tratamento que se ouça com frequência vindo dos lábios do povo livre. Para a maioria sou Mance. *O* Mance para alguns. Aceita um corno de hidromel?

– De bom grado – disse Jon.

O próprio rei o serviu enquanto Dalla cortava as galinhas crocantes e dividia a porção entre os dois. Jon descalçou as luvas e comeu com os dedos, chupando dos ossos cada pedacinho de carne.

– Tormund falou a verdade – disse Mance Rayder enquanto partia um pão. – O corvo preto é um pássaro cheio de truques, é assim mesmo ... mas eu já era um corvo quando você não era maior do que o bebê na barriga de Dalla, Jon Snow. Portanto tome cuidado para não tentar truques comigo.

– Às suas ordens, Vossa... Mance.

O rei soltou uma gargalhada.

– Vossa Mance! E por que não? Há pouco prometi uma história a você sobre o modo como o conheci. Já descobriu?

Jon balançou a cabeça.

– Camisa de Chocalho enviou a notícia à nossa frente?

– Voando? Não temos corvos treinados. Não, reconheci seu rosto. Já tinha visto você antes. Duas vezes.

A princípio não fazia sentido, mas quando Jon revirou a informação em sua mente, a manhã clareou.

– Quando era um irmão da Patrulha...

– Muito bem! Sim, essa foi a primeira vez. Você era só um garoto e eu estava todo de preto, fazia parte de uma dúzia que escoltou o velho Senhor Comandante Qorgyle quando ele desceu até Winterfell para um encontro com o seu pai. Eu percorria a muralha em volta do pátio quando me deparei com você e seu irmão Robb. Nevara na noite anterior, e vocês tinham feito uma grande montanha por cima do portão e estavam esperando que alguém passasse por baixo.

– Eu me lembro – disse Jon, surpreso, com uma gargalhada. Um jovem irmão negro no adarve, sim. – Jurou não contar.

– E mantive meu voto. Pelo menos esse.

– Despejamos a neve em cima do Gordo Tom. Ele era o guarda mais lento do pai. – Tom perseguira-os depois, em volta do pátio, até os três ficarem vermelhos como maçãs de outono. – Mas disse que me viu duas vezes. Quando foi a segunda?

– Quando o Rei Robert veio a Winterfell para fazer de seu pai Mão – disse com malícia o Rei-para-lá-da-Muralha.

Os olhos de Jon arregalaram-se de descrença.

– Não pode ser verdade.

– Mas foi. Quando seu pai soube que o rei vinha, mandou a notícia ao irmão Benjen, na Muralha, para que ele pudesse descer para o banquete. Há mais trocas entre os irmãos negros e o povo livre do que você imagina, e não demorou muito tempo para a notícia chegar também aos meus ouvidos. Era uma oportunidade boa demais para resistir. Seu tio não me conhecia de vista, portanto nada tinha a temer vindo daí, e não me parecia que seu pai fosse capaz de se lembrar de um jovem corvo que conhecera brevemente anos antes. Queria ver esse Robert com meus próprios olhos, de rei para rei, e também avaliar seu tio Benjen. Nessa época, ele era Primeiro Patrulheiro, e o terror de todo o meu povo. Portanto selei meu cavalo mais veloz e tomei o caminho.

– Mas – objetou Jon – a Muralha…

– A Muralha pode parar um exército, mas não um homem sozinho. Peguei um alaúde e uma bolsa de prata, escalei o gelo perto do Monte Longo, caminhei algumas léguas para o sul da Nova Dádiva e comprei

um cavalo. Apesar de tudo, fui muito mais rápido do que Robert, que viajava com uma imponente e enorme casa rolante para manter a sua rainha confortável. A um dia de Winterfell, para o sul, encontrei-o e juntei-me à sua comitiva. Cavaleiros livres e pequenos cavaleiros passam a vida ligando-se a cortejos reais, na esperança de entrar para o serviço do rei, e o meu alaúde me fez conquistar uma aceitação fácil. – Mance soltou uma gargalhada. – Conheço todas as canções obscenas que já foram feitas, ao norte ou ao sul da Muralha. Então é isso. Na noite em que seu pai ofereceu o banquete a Robert, eu estava sentado num banco no fundo do seu salão, com os outros cavaleiros livres, ouvindo Orland de Vilavelha tocar sua harpa e cantar cantigas sobre reis mortos sob o mar. Entreguei-me à comida e à bebida do senhor seu pai, passei os olhos pelo Regicida e pelo Duende... e tomei nota, de passagem, dos filhos de Lorde Eddard e dos lobinhos que corriam atrás deles.

– Bael, o Bardo – disse Jon, lembrando-se da história que Ygritte lhe contara nas Presas de Gelo, na noite em que quase a tinha matado.

– Bem que eu gostaria. Não negarei que a façanha de Bael inspirou a minha... mas, que me lembre, não raptei nenhuma de suas irmãs. Bael escrevia as próprias canções e viveu-as. Eu só canto as canções que homens melhores fizeram. Mais hidromel?

– Não – disse Jon. – Se tivesse sido descoberto... capturado...

– Seu pai teria cortado a minha cabeça. – O rei encolheu os ombros. – Se bem que, depois de ter comido à sua mesa, estivesse protegido pelo direito de hóspede. As leis da hospitalidade são velhas como os Primeiros Homens e sagradas como uma árvore-coração. – Fez um gesto para a mesa entre eles, para o pão partido e os ossos de galinha. – Aqui é você o hóspede, e está a salvo de ser ferido pelas minhas mãos... esta noite, pelo menos. Portanto, diga-me a verdade, Jon Snow. É um covarde que virou a casaca por medo, ou há algum outro motivo que o traga à minha tenda?

Direito de hóspede ou não, Jon Snow sabia que ali caminhava em gelo quebradiço. Um passo em falso e podia atravessá-lo para dentro de água suficientemente fria para lhe parar o coração. *Pese todas as palavras antes de dizê-las*, disse a si mesmo. Tomou um longo trago de hidromel, a fim de ganhar tempo para a resposta. Quando apoiou o corno, disse:

– Diga-me por que virou a sua casaca, e eu direi por que virei a minha.

Mance Rayder sorriu, como Jon esperara que fizesse. O rei era claramente um homem que gostava do som da própria voz.

– Certamente já deve ter ouvido histórias sobre a minha deserção.

– Alguns dizem que foi por uma coroa. Outros, que foi por uma mulher. Outros ainda, que tem sangue de selvagem.

– Sangue de selvagem é o sangue dos Primeiros Homens, o mesmo sangue que corre nas veias dos Stark. Quanto à coroa, você vê alguma?

– Vejo uma mulher. – Olhou de relance para Dalla.

Mance pegou-a pela mão e puxou-a para junto dele.

– A minha senhora não tem culpa. Conheci-a ao voltar do castelo de seu pai. O Meia-Mão era esculpido de um velho carvalho, mas eu sou feito de carne e tenho um grande gosto pelos encantos das mulheres... o que faz com que não seja em nada diferente de três quartos da Patrulha. Há homens ainda de negro que tiveram dez vezes mais mulheres do que este pobre rei. Precisa tentar de novo, Jon Snow.

Jon refletiu por um momento.

– Meia-Mão disse que tinha uma paixão pela música dos selvagens.

– Tinha. E tenho. Isso está mais perto do alvo, sim. Mas ainda não acertou. – Mance Rayder ergueu-se, desprendeu a fivela que segurava seu manto e atirou-o para cima do banco. – Foi por isto.

– Um manto?

– O manto de lã negra de um Irmão Juramentado da Patrulha da Noite – disse o Rei-para-lá-da Muralha. – Um dia, numa patrulha, abatemos um grande e belo alce. Estávamos esfolando-o quando o cheiro do sangue fez um gato-das-sombras sair de seu covil. Eu afastei-o, mas não antes de ele ter rasgado meu manto em tiras. Está vendo? Aqui, aqui e aqui? – soltou um risinho. – Também me rasgou o braço e as costas, e sangrei mais do que o alce. Meus irmãos temeram que pudesse morrer antes de conseguirem me levar ao Meistre Mullin na Torre Sombria, e levaram-me até uma aldeia selvagem onde sabíamos que uma velha feiticeira fazia algumas curas. Aconteceu que ela estava morta, mas a filha tratou de mim. Limpou meus ferimentos, deu pontos em mim e me alimentou com mingau de aveia e poções até eu ficar suficientemente forte para voltar a subir em um cavalo. E também costurou os rasgões em meu manto, com um pouco de seda escarlate de Asshai que a avó tinha tirado dos restos de um barco afundado que apareceu na Costa Gelada. Era o

maior tesouro que ela possuía, e foi um presente para mim. – Voltou a pôr o manto nos ombros. – Mas na Torre Sombria me deram um manto novo de lã, tirado dos armazéns, preto e preto, e forrado de preto, para combinar com meus calções pretos e minhas botas pretas, meu gibão preto e cota de malha preta. O manto novo não tinha zonas puídas, rasgões ou cortes... e, acima de tudo, não tinha vermelho. Os homens da Patrulha da Noite vestiam-se de negro, lembrou-me severamente Sor Denys Mallister, como se eu tivesse me esquecido. Agora, meu velho manto só estava bom para queimar, disse ele. Parti na manhã seguinte... para um lugar onde um beijo não era crime e um homem podia usar o manto que quisesse. – Fechou a fivela e se sentou novamente. – E você, Jon Snow?

Jon bebeu outro trago de hidromel. *Só há uma história em que ele pode acreditar.*

– Disse que estava em Winterfell na noite em que meu pai ofereceu o banquete ao Rei Robert.

– Disse, porque estava.

– Então viu-os todos. O Príncipe Joffrey e o Príncipe Tommen, a Princesa Myrcella, meus irmãos Robb, Bran e Rickon, minhas irmãs Arya e Sansa. Viu-os caminhar pelo corredor central com todos os olhos postos neles e ocupar seus lugares na mesa logo abaixo do estrado onde o rei e a rainha se sentavam.

– Lembro-me.

– E viu onde eu estava sentado, Mance? – inclinou-se para a frente. – Viu onde eles puseram o bastardo?

Mance Rayder olhou o rosto de Jon durante um longo momento.

– Acho que é melhor arranjarmos um novo manto para você – disse o rei, estendendo a mão.

# DAENERYS

O lento e constante bater de tambores e o suave sibilar dos remos das galés pairavam sobre a imóvel água azul. A grande coca gemia em seu rastro, com as pesadas cordas bem retesadas entre os navios. As velas do *Balerion* pendiam, flácidas, caindo desamparadas dos mastros. Mesmo assim, em pé no castelo de proa, observando seus dragões se perseguirem com um céu azul sem nuvens ao fundo, Daenerys Targaryen estava tão feliz como jamais se lembrava de estar.

Seus dothraki chamavam o mar de *água venenosa*, desconfiando de qualquer líquido que seus cavalos não pudessem beber. No dia em que os três navios tinham levantado âncora em Qarth, seria possível ter pensado que estavam zarpando para o inferno e não para Pentos. Seus bravos e jovens companheiros de sangue fitavam com enormes olhos brancos a linha de costa que minguava, cada um deles determinado a não mostrar medo perante os outros dois, enquanto as aias Irri e Jhiqui se agarravam desesperadamente à amurada e vomitavam borda afora a cada pequeno balanço. O resto do minúsculo *khalasar* de Dany permanecia sob o convés, preferindo a companhia de seus nervosos cavalos ao aterrorizador mundo sem terra que rodeava os navios. Quando uma súbita tempestade os engoliu no sexto dia de viagem, ouviu-os através das escotilhas; os cavalos relinchando e aos coices, os cavaleiros rezando com vozes agudas e trêmulas a cada vez que o *Balerion* se elevava ou adernava.

Mas nenhum balanço era capaz de assustar Dany. Era chamada Daenerys, nascida na Tormenta, pois chegara ao mundo, aos gritos, na distante Pedra do Dragão, enquanto a maior tempestade de que se havia memória em Westeros rugia lá fora, uma tempestade tão violenta que arrancou gárgulas das muralhas do castelo e fez a frota do pai em pedaços.

O mar estreito era frequentemente tempestuoso, e Dany atravessara-o meia centena de vezes quando menina, correndo de uma Cidade Livre

para a seguinte, meio passo à frente dos assassinos contratados pelo Usurpador. Adorava o mar. Gostava do intenso cheiro salgado do ar e da vastidão do horizonte, limitado apenas por uma abóbada de céu azul-celeste. Fazia-a sentir-se pequena, mas também livre. Gostava dos golfinhos que às vezes nadavam ao lado do *Balerion*, cortando as ondas como lanças prateadas, e dos peixes-voadores que podiam ser vislumbrados de vez em quando. Até gostava dos marinheiros, com todas as suas canções e histórias. Certa vez, em uma viagem para Bravos, enquanto observava a tripulação que lutava para arriar uma grande vela verde no meio de uma crescente ventania, até tinha pensado em como seria bom ser um marinheiro. Mas, quando disse isso ao irmão, Viserys torcera seus cabelos até fazê-la gritar.

– Você é do sangue do dragão – ele berrou. – Um *dragão*, não um peixe fedorento qualquer.

*Foi um tolo com isso, como com tantas outras coisas*, pensou Dany. *Se tivesse sido mais sensato e mais paciente, seria ele quem viajaria para oeste a fim de tomar o trono que era dele por direito*. Havia chegado à conclusão de que Viserys era burro e mau, mesmo assim às vezes sentia sua falta. Não do homem fraco e cruel em que se transformara por fim, mas do irmão que às vezes a deixava se deitar na cama dele, do garoto que lhe contava histórias sobre os Sete Reinos e falava de como a vida de ambos seria melhor depois de reclamar a sua coroa.

O capitão surgiu junto a ela.

– Seria bom que este *Balerion* pudesse voar como o seu homônimo, Vossa Graça – disse num valiriano baixo, fortemente temperado pelo sotaque de Pentos. – Então não precisaríamos remar, nem rebocar, nem rezar por vento.

– É verdade, capitão – respondeu ela com um sorriso, satisfeita por ter conquistado o homem. O capitão Groleo era um velho pentoshi como o seu patrão, Illyrio Mopatis, e tinha se mostrado nervoso como uma donzela com a ideia de transportar três dragões em seu navio. Meia centena de baldes de água do mar ainda pendiam da amurada, para o caso de incêndio. A princípio, Groleo quis os dragões engaiolados e Dany consentiu para sossegá-lo, mas a infelicidade dos animais era tão palpável que rapidamente mudou de ideia e insistiu para que fossem libertados.

Agora até o capitão Groleo estava contente com isso. Ocorrera um pequeno incêndio, extinto com facilidade; em compensação, agora o *Balerion* parecia ter menos ratazanas do que antes, quando velejara com o nome de *Saduleon*. E a tripulação, antes tão temerosa quanto curiosa, começou a ganhar um estranho orgulho feroz de "seus" dragões. Todos os homens do navio, do capitão ao ajudante de cozinha, gostavam de ver os três voando... embora nenhum gostasse tanto como Dany.

*São meus filhos*, disse a si mesma, *e se a maegi falou a verdade, são os únicos filhos que alguma vez terei.*

As escamas de Viserion eram da cor de creme fresco e seus chifres, os ossos das asas e a crista dorsal, de um dourado escuro que relampejava ao sol, brilhante como metal. Rhaegal era feito do verde do verão e do bronze do outono. Voavam por cima dos navios em largos círculos, cada vez mais alto, ambos tentando subir acima do outro.

Dany tinha aprendido que os dragões preferiam sempre atacar de cima. Se algum deles conseguisse se colocar entre o outro e o sol, dobrava as asas e mergulhava, gritando, e caíam ambos do céu, presos numa emaranhada bola escamosa, com as mandíbulas atacando e as caudas chicoteando. Da primeira vez que tinham feito isso, Dany temeu que quisessem matar um ao outro, mas era só brincadeira. Assim que caíam no mar, espirrando água, largavam-se e voltavam a levantar voo, guinchando e silvando, com a água salgada evaporando de sua pele, em nuvens de vapor, enquanto as asas rasgavam o ar. Drogon também andava pelas alturas, mas não se encontrava à vista; devia estar muito à frente ou atrás, caçando.

Seu Drogon andava sempre com fome. *Com fome e crescendo depressa. Mais um ano, ou talvez dois, e estará suficientemente grande para montar. Então não terei necessidade de navios para atravessar o grande mar salgado.*

Mas esse tempo ainda não tinha chegado. Rhaegal e Viserion eram do tamanho de cães pequenos, Drogon, só um pouco maior, e qualquer cão seria mais pesado do que eles; os dragões eram todos asas, pescoço e cauda, mais leves do que pareciam. E assim Daenerys Targaryen dependia de madeira, vento e vela para levá-la para casa.

A madeira e a vela tinham-na servido bastante bem até agora, mas o inconstante vento tornara-se traidor. Havia seis dias e seis noites que

estavam presos numa calmaria, e agora o sétimo dia chegara, e ainda não havia um sopro de ar que enchesse suas velas. Felizmente, dois dos navios que o Magíster Illyrio tinha mandado à sua procura eram galés mercantes, com duzentos remos cada uma e tripulação de remadores de braços fortes para manuseá-los. Mas a grande coca *Balerion* tocava por outra partitura; um navio imponentemente largo que mais parecia uma imensa porca, com porões gigantescos e enormes velas, mas que era impotente numa calmaria. A *Vhagar* e a *Meraxes* tinham-lhe atirado cabos para rebocá-la, mas o avanço era dolorosamente lento. Os três navios estavam repletos de gente e iam muito carregados.

– Não vejo o Drogon – disse Sor Jorah Mormont quando se juntou a ela no castelo de proa. – Perdeu-se outra vez?

– Somos nós que estamos perdidos, sor. Drogon não gosta mais do que eu deste rastejar molhado. – Mais ousado do que os outros dois, seu dragão negro tinha sido o primeiro a experimentar as asas por cima da água, o primeiro a pairar de navio em navio, o primeiro a se perder numa nuvem passageira... e o primeiro a matar. Assim que os peixes-voadores rompiam a superfície da água, eram envolvidos numa lança de chamas, apanhados e engolidos. – Ele crescerá até que tamanho? – perguntou Dany com curiosidade. – Você sabe?

– Nos Sete Reinos contam-se histórias de dragões que cresceram tanto que conseguiam arrancar lulas gigantes do mar.

Dany soltou uma gargalhada.

– Isso seria uma visão maravilhosa.

– É só uma história, *Khaleesi* – disse seu cavaleiro exilado. – Também falam de velhos e sábios dragões que viveram mil anos.

– Bom, e quanto tempo vive *mesmo* um dragão? – olhou para cima quando Viserion passou em voo rasante por cima do navio, batendo lentamente as asas e agitando as velas murchas.

Sor Jorah encolheu os ombros.

– A vida natural de um dragão é muito mais longa do que a de um homem, ou pelo menos é isso que as canções nos querem levar a crer... mas os dragões que os Sete Reinos conheceram melhor foram aqueles da Casa Targaryen. Eram criados para a guerra, e na guerra morriam. Matar um dragão não é coisa fácil, mas é possível.

O escudeiro Barba-Branca, em pé junto da figura de proa, com uma mão esguia segurando seu rijo bastão de madeira, virou-se para eles e disse:

– Balerion, o Terror Negro, tinha duzentos anos de idade quando morreu durante o reinado de Jaehaerys, o Conciliador. Era tão grande que podia engolir um auroque inteiro. Um dragão nunca para de crescer, Vossa Graça, desde que tenha comida e liberdade. – O nome do homem era Arstan, mas Belwas, o Forte, apelidara-o de Barba-Branca devido à cor dos pelos que cresciam em seu rosto, e agora quase todos o chamavam assim. Era mais alto do que Sor Jorah, embora não fosse tão musculoso; seus olhos eram azul-claros, e sua longa barba era branca como neve e fina como seda.

– Liberdade? – perguntou Dany, curiosa. –O que quer dizer?

– Em Porto Real, seus ancestrais construíram para os dragões um imenso castelo coberto por uma cúpula. Chama-se Fosso dos Dragões. Ainda está de pé no topo da Colina de Rhaenys, embora esteja agora em ruínas. Era lá que os dragões reais moravam nos dias de outrora, e era uma habitação espaçosa, com portas de ferro tão largas que trinta cavaleiros podiam atravessá-las lado a lado. Mas, mesmo assim, notou-se que nunca nenhum dos dragões do fosso atingiu o tamanho de seus ancestrais. Os meistres dizem que isso se deveu às paredes que os rodeavam, e ao grande domo sobre suas cabeças.

– Se as paredes pudessem nos manter pequenos, os camponeses seriam todos minúsculos e os reis, grandes como gigantes – disse Sor Jorah. – Eu vi homens enormes nascidos em casebres e anões que viviam em castelos.

– Homens são homens – respondeu Barba-Branca. –Dragões são dragões.

Sor Jorah fungou de desdém.

– Que profundo. – O cavaleiro exilado não simpatizava com o velho, tinha deixado isso claro desde o início. – De resto, o que você sabe a respeito de dragões?

– Bastante pouco, é verdade. Mas servi durante algum tempo em Porto Real, nos dias em que o Rei Aerys ocupava o Trono de Ferro, e caminhei sob os crânios de dragões que olhavam para baixo, das paredes de sua sala do trono.

– Viserys falava desses crânios – disse Dany. – O Usurpador tirou-os das paredes e os escondeu. Não suportava vê-los olhando-o no trono que havia roubado. – Fez um gesto para que Barba-Branca se aproximasse. – Chegou a conhecer meu real pai? – o Rei Aerys II morrera antes de a filha nascer.

– Tive essa grande honra, Vossa Graça.

– Achou-o bom e gentil?

Barba-Branca fez o seu melhor para esconder os sentimentos, mas eles estavam ali, estampados em seu rosto.

– Sua Graça era... frequentemente agradável.

– Frequentemente? – Dany sorriu. – Mas nem sempre?

– Podia ser muito severo para com aqueles que julgava ser seus inimigos.

– Um homem sensato nunca faz de um rei um inimigo – disse Dany. – Também conheceu meu irmão Rhaegar?

– Dizia-se que homem algum chegou a conhecer realmente o Príncipe Rhaegar. Mas tive o privilégio de vê-lo em torneios e ouvi-o frequentemente tocar a sua harpa de cordas de prata.

Sor Jorah fungou.

– Junto com outros mil em alguma festa das colheitas. A seguir vai dizer que foi o escudeiro dele.

– Não direi uma coisa dessas, sor. O escudeiro do Príncipe Rhaegar foi Myles Mooton, e depois Richard Lonmouth. Quando ganharam suas esporas, foi ele mesmo quem os armou cavaleiros, e permaneceram companheiros próximos. O jovem Lorde Connington também era caro ao príncipe, mas seu amigo mais antigo era Arthur Dayne.

– A Espada da Manhã! – disse Dany, deliciada. – Viserys costumava falar de sua maravilhosa lâmina branca. Dizia que Sor Arthur era o único cavaleiro no reino capaz de se igualar a nosso irmão.

Barba-Branca inclinou a cabeça.

– Não me cabe questionar as palavras do Príncipe Viserys.

– Rei – corrigiu Dany. – Ele foi um rei, embora nunca tenha reinado. Viserys, o Terceiro de Seu Nome. Mas o que quer dizer? – a resposta dele não fora a que esperava. – Sor Jorah certa vez chamou Rhaegar de o último dragão. Ele precisava ter sido um guerreiro ímpar para ser chamado assim, certamente.

– Vossa Graça – disse Barba-Branca –, o Príncipe de Pedra do Dragão foi um guerreiro muito poderoso, mas...

– Prossiga – pediu ela. – Pode falar livremente comigo.

– Às suas ordens. – O velho apoiou-se em seu bastão, com a testa enrugada. – Um guerreiro sem par... essas são belas palavras, Vossa Graça, mas palavras não vencem batalhas.

– As espadas vencem batalhas – disse Sor Jorah sem rodeios. – E o Príncipe Rhaegar sabia usar uma.

– Sabia, sor, mas... vi uma centena de torneios e mais guerras do que desejaria, e por mais forte, rápido ou hábil que um cavaleiro seja, há outros que podem se equiparar a eles. Um homem pode ganhar um torneio e cair rapidamente no seguinte. Um ponto escorregadio na relva, ou aquilo que se comeu na noite anterior, pode significar a derrota. Uma mudança no vento pode trazer a dádiva da vitória. – Olhou de relance para Sor Jorah. – Ou o favor de uma senhora atado em volta de um braço.

O rosto de Mormont obscureceu-se.

– Tenha cuidado com o que diz, velho.

Dany sabia que Arstan vira Sor Jorah lutar em Lanisporto, no torneio que Mormont tinha ganhado com o favor de uma senhora atado ao braço. Tinha conquistado também a senhora; Lynesse, da Casa Hightower, sua segunda esposa, bem-nascida e bela... mas ela arruinara-o e abandonara-o, e a recordação da mulher agora era amarga para ele.

– Seja gentil, meu cavaleiro. – Dany pôs uma mão no braço de Jorah. – Estou certa de que Arstan não teve nenhuma intenção de ofendê-lo.

– Às suas ordens, *Khaleesi*. – A voz de Sor Jorah mostrava ressentimento.

Dany voltou-se para o escudeiro.

– Sei pouco de Rhaegar. Só as histórias que Viserys contava, e ele era um garotinho quando nosso irmão morreu. Como ele era realmente?

O velho refletiu por um momento.

– Capaz. Isso acima de tudo. Determinado, circunspecto, cumpridor, obstinado. Conta-se uma história sobre ele... mas sem dúvida Sor Jorah também a conhece.

– Gostaria de ouvi-la de você.

– Às suas ordens – disse Barba-Branca. – Quando criança, o Príncipe de Pedra do Dragão era extraordinariamente dado à leitura. Começou a

ler tão cedo que os homens diziam que a Rainha Rhaella devia ter engolido alguns livros e uma vela enquanto ele estava em seu ventre. Rhaegar não tinha nenhum interesse pelas brincadeiras das outras crianças. Os meistres ficavam assombrados com sua inteligência, mas os cavaleiros do pai trocavam gracejos amargos sobre Baelor, o Abençoado, ter renascido. Até que um dia o Príncipe Rhaegar encontrou algo em seus pergaminhos que o mudou. Ninguém sabe o que pode ter sido, só se sabe que o garoto apareceu no pátio uma manhã, no momento em que os cavaleiros vestiam as armaduras. Foi direito a Sor Willem Darry, o mestre de armas, e disse: "Vou precisar de espada e armadura. Parece que tenho de ser um guerreiro."

– E foi! – disse Dany, deliciada.

– Foi, realmente. – Barba-Branca fez uma reverência. – Meus perdões, Vossa Graça. Falamos de guerreiros e eu vejo que Belwas, o Forte, se levantou. Tenho de ir servi-lo.

Dany lançou um rápido olhar para a popa. O eunuco saía do porão no meio do navio, ágil, apesar de todo o seu tamanho. Belwas era atarracado mas largo, uns bons noventa e cinco quilos de gordura e músculo, com sua grande barriga marrom atravessada por cicatrizes brancas desvanecidas. Usava calças largas, uma faixa de seda amarela na cintura, e um colete de couro absurdamente minúsculo, decorado com rebites de ferro.

– Belwas, o Forte, tem fome! – rugiu para todos e para ninguém em especial. – Belwas, o Forte, quer comer, já! – Virando-se, viu Arstan no castelo de proa. – Barba-Branca! Vai trazer comida para Belwas, o Forte!

– Pode ir – disse Dany ao escudeiro. Ele fez outra reverência e afastou-se para satisfazer as necessidades do homem a quem servia.

Sor Jorah ficou observando-o com uma carranca em seu rosto franco e honesto. Mormont era grande e corpulento, com mandíbula forte e ombros largos. Não era, de modo algum, um homem bonito, mas era o amigo mais leal que Dany alguma vez tivera.

– Seria sensata se desse um bom desconto às palavras daquele velho – disse-lhe quando Barba-Branca se afastou o suficiente para não ouvi-los.

– Uma rainha deve escutar todos – lembrou-lhe Dany. – Os de nascimento alto e baixo, os fortes e os fracos, os nobres e os venais. Uma

voz pode proferir falsidades, mas em muitas sempre é possível encontrar verdade. – Lera aquilo num livro.

– Escute então a minha voz, Vossa Graça – disse o exilado. – Esse Arstan Barba-Branca está levando a senhora ao engano. É velho demais para ser escudeiro, e fala bem demais para servir àquele eunuco idiota.

*Isso realmente parece estranho*, Dany teve de admitir. Belwas, o Forte, era um ex-escravo, criado e treinado nas arenas de luta de Meereen. O Magíster Illyrio enviara-o para protegê-la, ou pelo menos era isso que Belwas dizia, e era verdade que ela precisava de proteção. O Usurpador, em seu Trono de Ferro, oferecera terras e uma senhoria a qualquer homem que a matasse. Uma tentativa já tinha acontecido, com uma taça de vinho envenenado. Quanto mais perto chegasse de Westeros, mais provável se tornava outro ataque. Em Qarth, o mago Pyat Pree enviara um Homem Pesaroso em seu encalço para vingar os Imortais que ela queimara na sua Casa de Poeira. Os magos nunca esqueciam uma desfeita, dizia-se, e os Homens Pesarosos nunca falhavam uma morte. A maioria dos dothraki também estaria contra ela. Os *kos* de Khal Drogo lideravam agora *khalasares* seus, e nenhum hesitaria em atacar o pequeno bando de Dany assim que o visse, para matar e escravizar seu povo e arrastar a própria Dany para Vaes Dothrak, a fim de tomar o lugar que lhe era próprio entre as velhas mirradas do *dosh khaleen*. Ela *esperava* que Xaro Xhoan Daxos não fosse um inimigo, mas o mercador qarteno tinha cobiçado seus dragões. E havia ainda Quaithe da Sombra, essa mulher estranha com máscara de laca vermelha e todos os seus misteriosos conselhos. Seria também uma inimiga, ou apenas uma amiga perigosa? Dany não sabia dizer.

*Sor Jorah salvou-me do envenenador, e Arstan Barba-Branca, da mantícora. Talvez Belwas, o Forte, me salve do próximo*. Ele era suficientemente enorme, com braços semelhantes a pequenas árvores e um grande *arakh* curvo tão afiado que poderia ter se barbeado com ele, no improvável caso de nascerem pelos naquelas bochechas lisas e marrons. Mas também era infantil. *Como protetor, deixa muito a desejar. Felizmente, tenho Sor Jorah e meus companheiros de sangue. E os meus dragões, não posso esquecer*. A seu tempo, os dragões seriam seus guardiães mais poderosos, tal como tinham sido para Aegon, o Conquistador, e suas irmãs trezentos anos antes. Mas, por enquanto,

traziam-lhe mais perigo do que proteção. No mundo inteiro não havia mais de três dragões vivos, e eles eram seus; uma maravilha e um terror. E não tinham preço.

Refletia sobre as palavras que diria em seguida quando sentiu um sopro frio na nuca, e uma madeixa solta de seus cabelos louro-prateados se agitou contra sua testa. Por cima, a vela rangeu e moveu-se, e de repente irrompeu um grande grito em todo o *Balerion*.

– Vento! – gritavam os marinheiros. – O vento voltou, o *vento*!

Dany olhou para cima, para onde as velas da grande coca ondulavam e se enfunavam enquanto as cordas vibravam, se retesavam e cantavam a doce canção de que tinham sentido tanta falta durante seis longos dias. O capitão Groleo correu para o fundo, gritando ordens. Os pentoshi, aqueles que não estavam soltando vivas, escalavam os mastros. Até Belwas, o Forte, soltou um grande urro e executou uma pequena dança.

– Os deuses são bons! – disse Dany. – Está vendo, Jorah? Vamos de novo a caminho.

– Sim – ele disse –, mas de quê, minha rainha?

O vento soprou durante todo o dia, a princípio constante e de leste, e depois em violentas rajadas. O sol pôs-se num deslumbramento vermelho. *Ainda estou a meio mundo de distância de Westeros*, lembrou Dany a si mesma, *mas a cada hora me aproximo mais*. Tentou imaginar como se sentiria quando vislumbrasse pela primeira vez a terra que nascera para governar. *Será uma costa mais bela que qualquer outra que já tenha visto, eu sei. Como poderia ser de outro modo?*

Mas mais tarde, nessa noite, enquanto o *Balerion* mergulhava adiante através da escuridão e Dany se sentava de pernas cruzadas em seu beliche na cabine do capitão, dando comida aos dragões ("Até no mar", disse Groleo, tão atenciosamente, "as rainhas têm precedência sobre os capitães"), alguém bateu à porta com vivacidade.

Irri estava dormindo aos pés do beliche (era estreito demais para três, e naquela noite era a vez de Jhiqui dividir a macia cama de penas com a sua *khaleesi*), mas a aia ergueu-se ao ouvir o toque e dirigiu-se à porta. Dany puxou uma colcha para cima de si e prendeu-a debaixo dos braços. Estava nua, e não esperava um visitante àquela hora.

– Entre – disse, quando viu Sor Jorah à porta, sob uma lanterna oscilante.

O cavaleiro exilado abaixou a cabeça ao entrar.

– Vossa Graça, lamento perturbar seu sono.

– Não estava dormindo, sor. Entre e observe. – Tirou um pedaço de carne de porco salgada da tigela que tinha no colo e ergueu-o para os dragões verem. Todos os três o olharam com um ar faminto. Rhaegal estendeu asas verdes e agitou o ar, e o pescoço de Viserion balançou de um lado para o outro como uma longa serpente pálida, enquanto seguia o movimento de sua mão. – Drogon – disse Dany em voz baixa –, *dracarys*. – E atirou o pedaço de porco ao ar.

O movimento de Drogon foi mais rápido do que o ataque de uma cobra. Chamas saíram rugindo de sua boca, em laranja, escarlate e negro, torrando a carne antes que começasse a cair. Quando seus afiados dentes negros se fecharam em volta do naco, a cabeça de Rhaegal projetou-se para perto, como que para roubar a recompensa das mandíbulas do irmão, mas Drogon engoliu e guinchou, e o dragão verde, menor, só pôde silvar, frustrado.

– Pare com isso, Rhaegal – disse Dany, aborrecida, dando-lhe uma pancada na cabeça. – Já comeu o último. Não admito dragões gananciosos. – Sorriu para Sor Jorah. – Já não vou precisar esturricar a carne deles num braseiro durante muito mais tempo.

– Vejo que não. *Dracarys*?

Os três dragões viraram as cabeças ao ouvir aquela palavra, e Viserion soltou uma labareda de um dourado claro que fez Sor Jorah dar um apressado passo para trás. Dany soltou um risinho.

– Cuidado com essa palavra, sor, senão é provável que eles chamusquem sua barba. Significa “fogo de dragão” em Alto Valiriano. Quis arranjar um comando que não fosse provável que alguém proferisse por acidente.

Mormont fez um aceno.

– Vossa Graça – disse –, gostaria de saber se posso conversar um pouco com a senhora em particular.

– Claro. Irri, deixe-nos por um instante. – Pôs uma mão no ombro nu de Jhiqui e sacudiu a outra aia até acordá-la. – Você também, querida. Sor Jorah precisa falar comigo.

– Sim, *Khaleesi*. – Jhiqui tombou do beliche, nua e bocejando, com os espessos cabelos negros caindo em volta de sua cabeça. Vestiu-se

depressa e saiu com Irri, fechando a porta atrás delas.

Dany deixou os dragões lutarem pelo resto do porco salgado, e deu palmadinhas na cama a seu lado.

– Sente-se, bom sor, e diga-me o que o perturba.

– Três coisas. – Sor Jorah sentou-se. – Belwas, o Forte. Aquele Arstan Barba-Branca. E Illyrio Mopatis, que os enviou.

*Outra vez?* Dany puxou a colcha mais para cima e passou uma ponta por sobre o ombro.

– E por quê?

– Os magos de Qarth disseram-lhe que seria traída três vezes – lembrou-lhe o cavaleiro exilado, enquanto Viserion e Rhaegal começavam a morder e arranhar um ao outro.

– Uma vez por sangue, uma vez por ouro e uma vez por amor. – Não era provável que Dany se esquecesse. – Mirri Maz Duur foi a primeira.

– O que significa que ainda restam dois traidores... e agora aparecem aqueles dois. Sim, acho isso perturbador. Não se esqueça de que Robert ofereceu uma senhoria ao homem que a matar.

Dany inclinou-se para a frente e deu um puxão na cauda de Viserion, para tirá-lo de cima do irmão verde. A colcha soltou-se de seu corpo quando se mexeu. Agarrou-a apressadamente e voltou a cobrir-se.

– O Usurpador está morto – disse.

– Mas o filho governa em seu lugar. – Sor Jorah ergueu o olhar, e os seus olhos escuros encontraram os dela. – Um filho atencioso paga as dívidas do pai. Até as dívidas de sangue.

– Esse garoto, Joffrey, pode me querer morta... caso se lembre de que estou viva. O que isso tem a ver com Belwas e Arstan Barba-Branca? O velho sequer usa uma espada. Você viu que não.

– Sim. E vi a habilidade com que ele maneja aquele bastão. Lembra-se de como matou aquela mantícora em Qarth? Com a mesma facilidade poderia ter esmagado a sua garganta.

– Poderia ter sido, mas não foi – ela ressaltou. – Era uma mantícora picadora que estava destinada a me matar. Ele salvou minha vida.

– *Khaleesi*, já lhe ocorreu que aquele Barba-Branca e Belwas podiam estar combinados com o assassino? Pode ter sido tudo um estratagema para ganhar a sua confiança.

A súbita gargalhada de Dany fez Drogon silvar e Viserion voar até o seu poleiro, acima da portinhola.

– O estratagema funcionou bem.

O cavaleiro exilado não lhe devolveu o sorriso.

– Estes são navios de Illyrio, capitães de Illyrio, marinheiros de Illyrio... e Belwas, o Forte, e o Barba-Branca também são homens dele, não seus.

– O Magíster Illyrio já me protegeu no passado. Belwas, o Forte, diz que ele chorou quando ouviu dizer que meu irmão estava morto.

– Sim – disse Mormont –, mas terá chorado por Viserys, ou pelos planos que tinha feito com ele?

– Seus planos não precisam mudar. O Magíster Illyrio é um amigo da Casa Targaryen, e é rico...

– Ele não nasceu rico. Do que já vi do mundo, nenhum homem enriquece através da bondade. Os magos disseram que a segunda traição seria por *ouro*. O que é que Illyrio Mopatis ama mais do que ouro?

– A própria pele. – Do outro lado da cabine Drogon agitou-se desassossegadamente, com vapor se erguendo de seu focinho. – Mirri Maz Duur traiu-me. Queimei-a por isso.

– Mirri Maz Duur encontrava-se em seu poder. Em Pentos, você estará em poder de Illyrio. Não é a mesma coisa. Conheço o magíster tão bem quanto você. Ele é um homem desleal, e esperto...

– Preciso me cercar de homens espertos se quiser conquistar o Trono de Ferro.

Sor Jorah fungou.

– Aquele vendedor de vinhos que tentou envenená-la também era um homem esperto. Homens espertos elaboram planos ambiciosos.

Dany puxou as pernas para cima, por baixo do cobertor.

– Você vai me proteger. Você e meus companheiros de sangue.

– Quatro homens? *Khaleesi*, acha que conhece Illyrio Mopatis, muito bem. Mas insiste em se cercar de homens que *não* conhece, como esse eunuco inchado e o mais velho escudeiro do mundo. Aprenda uma lição com Pyat Pree e Xaro Xhoan Daxos.

*Ele tem boas intenções*, lembrou Dany a si mesma. *Ele faz tudo isso por amor.*

– Parece-me que uma rainha que não confia em ninguém é tão tola quanto uma rainha que confia em todo mundo. Cada homem que acolho ao meu serviço é um risco, compreendo isso, mas como poderei conquistar os Sete Reinos sem correr esses riscos? Deverei conquistar Westeros com um cavaleiro exilado e três companheiros de sangue dothraki?

O queixo de Sor Jorah retesou-se, teimosamente.

– Seu caminho é perigoso, não nego. Mas se confiar cegamente em todos os mentirosos e conspiradores que o cruzarem, acabará como seus irmãos.

A obstinação dele irritou-a. *Trata-me como a uma criança qualquer*.

– Belwas, o Forte, não conseguiria conspirar para chegar a um café da manhã. E que mentiras me contou Arstan Barba-Branca?

– Ele não é quem finge ser. Fala com você com mais ousadia do que qualquer escudeiro se atreveria.

– Falou francamente sob ordens minhas. Ele conheceu meu irmão.

– Muitos homens conheceram seu irmão. Vossa Graça, em Westeros, o Senhor Comandante da Guarda Real faz parte do pequeno conselho e serve seu rei tanto com a inteligência como com o aço. Se eu sou o primeiro de sua Guarda Real, suplico-lhe, escute-me. Tenho um plano a sugerir.

– Que plano? Conte-me.

– Illyrio Mopatis a quer de volta a Pentos, sob o teto dele. Muito bem, vá até ele... mas em um momento escolhido por você, e acompanhada. Vejamos quão leais e obedientes são realmente esses seus novos súditos. Ordene a Groleo para mudar de rumo e se dirigir à Baía dos Escravos.

Dany não tinha certeza se gostava, mesmo que um tiquinho, de como aquilo soava. Tudo que ouvira falar dos mercados de carne nas grandes cidades de escravos de Yunkai, Meereen e Astapor era terrível e assustador.

– O que há para mim na Baía dos Escravos?

– Um exército – disse Sor Jorah. – Se Belwas, o Forte, lhe agrada tanto assim, podemos comprar mais centenas como ele nas arenas de lutadores de Meereen... mas eu direcionaria minhas velas para Astapor. Em Astapor você pode comprar Imaculados.

– Os escravos com chapéu de bronze com espigão? – Dany tinha visto guardas Imaculados nas Cidades Livres, em posição ao lado dos portões de magísteres, arcontes e dinastas. – Por que eu teria Imaculados? Eles sequer montam a cavalo, e em sua maioria são gordos.

– Os Imaculados que podem ter visto em Pentos e Myr eram guardas domésticos. Isso é serviço leve e, em todo caso, os eunucos tendem a engordar. A comida é o único vício que lhes é permitido. Julgar todos os Imaculados por uns poucos velhos escravos domésticos é como julgar todos os escudeiros por Arstan Barba-Branca, Vossa Graça. Conhece a história dos *Três Mil de Qohor*?

– Não. – A colcha deslizou do ombro de Dany, e ela voltou a colocá-la no lugar.

– Foi há quatrocentos anos ou mais, quando os dothraki chegaram pela primeira vez do leste, saqueando e incendiando todas as vilas e cidades que encontravam pelo caminho. O *khal* que os liderava chamava-se Temmo. Seu *khalasar* não era tão grande quanto o de Drogo, mas era grande o suficiente. Cinquenta mil, pelo menos, metade dos quais era de guerreiros com campainhas tinindo em suas tranças.

"Os Qohorik sabiam que ele estava a caminho. Fortaleceram as muralhas, duplicaram o tamanho de sua guarda e contrataram ainda duas companhias livres, os Brilhantes Estandartes e os Segundos Filhos. E, quase como uma ideia de última hora, enviaram um homem a Astapor para comprar três mil Imaculados. Mas era uma longa marcha de regresso a Qohor e, quando se aproximaram, viram fumaça e poeira e ouviram o estrondo distante da batalha.

"Quando os Imaculados chegaram à cidade, o sol tinha se posto. Corvos e lobos banqueteavam-se à sombra das muralhas com aquilo que restava da cavalaria pesada de Qohor. Os Brilhantes Estandartes e os Segundos Filhos tinham fugido, como os mercenários costumam fazer quando se defrontam com desvantagens insuperáveis. Com a escuridão caindo, os dothraki tinham se retirado para os seus acampamentos, a fim de beber, dançar e banquetear-se, mas ninguém duvidava de que retornariam de manhã para esmagar as portas da cidade, assaltar as muralhas e violar, saquear e escravizar a seu bel-prazer.

"Mas quando rompeu a alvorada e Temmo e seus companheiros de sangue saíram do acampamento à frente do *khalasar*, foram encontrar

três mil Imaculados imóveis diante dos portões, com o estandarte da Cabra Negra esvoaçando sobre as suas cabeças. Uma força tão pequena podia ter sido facilmente flanqueada, mas conhece os dothraki. Aqueles homens estavam a pé, e homens a pé só servem para ser atropelados.

"Os dothraki investiram. Os Imaculados ergueram os escudos, baixaram as lanças, e suportaram. Contra vinte mil homens aos gritos, com campainhas nos cabelos, aguentaram.

"Dezoito vezes os dothraki investiram, e quebraram-se contra aqueles escudos e lanças como ondas em uma costa rochosa. Três vezes Temmo mandou seus arqueiros cercarem os Imaculados, e flechas choveram como chuva sobre eles, mas os Três Mil limitaram-se a erguer os escudos sobre a cabeça até a tempestade passar. Por fim, só restaram seiscentos deles... mas mais de doze mil dothraki jaziam mortos naquele campo de batalha, incluindo Khal Temmo, seus companheiros de sangue, seus *kos* e todos os seus filhos. Na manhã do quarto dia, o novo *khal* levou os sobreviventes em uma imponente procissão junto aos portões da cidade. Um por um, todos os homens cortaram as tranças e arremessaram-nas aos pés dos Três Mil.

"Desde esse dia, a guarda urbana de Qohor é composta unicamente de Imaculados, e todos usam uma grande lança, da qual pende uma trança de cabelo humano.

"Isto é o que encontrará em Astapor, Vossa Graça. Acoste lá, e prossiga até Pentos por terra. Levará mais tempo, sim... mas quando dividir a mesa com o Magíster Illyrio, terá mil espadas atrás de si, e não apenas quatro."

*Sim, há sabedoria nisso*, pensou Dany, *mas*…

– Como posso comprar mil soldados escravos? Tudo que tenho de valor é a coroa que a Irmandade Turmalina me deu.

– Os dragões serão uma maravilha tão grande em Astapor como foram em Qarth. Pode ser que os negociantes de escravos façam chover presentes sobre você, como os qartenos fizeram. Se não... estes navios transportam mais do que os seus dothraki e seus cavalos. Embarcaram mercadoria em Qarth, eu percorri os porões e vi-a com meus próprios olhos. Rolos de seda e fardos de pele de tigre, esculturas em âmbar e jade, açafrão, mirra... os escravos são baratos, Vossa Graça. Peles de tigre são caras.

– Essas peles de tigre são de *Illyrio* – ela objetou.

– E Illyrio é um amigo da Casa Targaryen.

– Mais um motivo para não roubar sua mercadoria.

– Para que servem os amigos ricos se não puserem a sua riqueza ao seu dispor, minha rainha? Se o Magíster Illyrio lhe negar isso, é apenas um Xaro Xhoan Daxos com quatro queixos. E se for sincero em sua devoção à sua causa, não se mostrará relutante em dar-lhe três navios carregados de mercadoria. Que melhor uso poderá haver para as suas peles de tigre do que comprar o início de um exército para você?

*Isso é verdade*. Dany sentiu uma excitação crescente.

– Haverá perigos numa marcha tão longa.

– Também há perigos no mar. Corsários e piratas percorrem a rota sul e, ao norte de Valíria, o Mar Fumegante é assombrado por demônios. A próxima tempestade pode nos afundar ou nos dispersar, uma lula gigante pode nos puxar para o fundo... ou podemos nos perder de novo numa calmaria, e morrer de sede enquanto esperamos pelo vento. Uma marcha terá perigos diferentes, minha rainha, mas nenhum será maior.

– Mas e se o capitão Groleo recusar a mudança de rota? E Arstan e Belwas, o Forte, o que farão?

Sor Jorah levantou-se.

– Talvez seja hora de descobrir.

– Sim – decidiu ela. – Farei isso! – Dany atirou a colcha para trás e saltou do beliche. – Vou já falar com o capitão, ordenar-lhe que marque uma rota para Astapor. – Dobrou-se sobre o seu baú, abriu a tampa e pegou a primeira roupa que encontrou, um par de calças largas de sedareia. – Dê-me o meu cinto de medalhões – ordenou a Jorah enquanto puxava a sedareia sobre as coxas. – E o meu colete... – começou a dizer, virando-se.

Sor Jorah deslizou os braços em volta dela.

– Oh – foi tudo o que Dany teve tempo de dizer quando ele a puxou e pressionou os lábios contra os dela. Cheirava a suor, sal e couro, e os rebites de ferro em seu justilho enterraram-se nos seus seios nus quando ele a apertou com força contra si. Uma mão prendeu-a pelos ombros enquanto a outra deslizou ao longo da espinha até a base das costas, e a boca de Dany abriu-se para deixar entrar a língua dele, embora ela não lhe tivesse dito para fazer isso. *A barba dele arranha*, pensou, *mas a*

*boca é suave*. Os dothraki não usavam barba, tinham apenas longos bigodes, e antes só Khal Drogo a beijara. *Ele não devia estar fazendo isso. Sou sua rainha, não sua mulher.*

Foi um beijo longo, embora Dany não soubesse dizer quão longo. Quando terminou, Sor Jorah largou-a, e ela deu um passo rápido para trás.

– Você... você não devia...

– Eu não devia ter esperado tanto tempo – concluiu o cavaleiro. – Devia tê-la beijado em Qarth, em Vaes Tolorro. Devia tê-la beijado no deserto vermelho, todas as noites e todos os dias. Foi feita para ser beijada, sempre e bem. – Os olhos dele estavam fixos em seus seios.

Dany cobriu-os com as mãos, antes que os mamilos a traíssem.

– Eu... isso não foi certo. Sou sua rainha.

– Minha rainha – disse ele – e a mais corajosa, mais doce e mais bela mulher que eu já vi. Daenerys...

– *Vossa Graça!*

– Vossa Graça – concedeu ele –, *o dragão tem três cabeças*, lembra? Tem refletido sobre essa frase desde que a ouviu dos feiticeiros na Casa da Poeira. Bem, aqui está o significado: Balerion, Meraxes e Vhagar, montados por Aegon, Rhaenys e Visenya. O dragão de três cabeças da Casa Targaryen... três dragões e *três cavaleiros*.

– Sim – disse Dany –, mas meus irmãos estão mortos.

– Rhaenys e Visenya eram esposas de Aegon, além de serem suas irmãs. Não tem irmãos, mas pode ter maridos. E digo-lhe com franqueza, Daenerys, não há outro homem no mundo inteiro que tenha por você nem metade da fidelidade que eu tenho.

## BRAN

A cadeia de montes projetava-se vivamente da terra, uma longa dobra de pedra e solo com a forma de uma garra. Árvores agarravam-se às suas vertentes inferiores, pinheiros, espinheiros e freixos, mas mais acima o

terreno era nu, e a linha de cumeada definia-se bem contra o céu enevoado.

Sentiu que os rochedos elevados o chamavam. E lá subiu, a princípio a um trote fácil, e depois mais depressa e mais alto, devorando o declive com as fortes patas. Aves saltavam dos galhos por cima de sua cabeça quando passava por baixo correndo, abrindo caminho para o céu numa confusão de garras e asas. Conseguia ouvir o vento suspirar por entre as folhas, os esquilos chilreando uns para os outros, até o ruído que uma pinha fez ao cair no chão da floresta. Os cheiros eram uma canção à sua volta, uma canção que enchia o belo mundo verde.

Cascalho voou de debaixo de suas patas quando conquistou os últimos metros e chegou ao cume. O sol pendia, baixo, sobre os grandes pinheiros, enorme e vermelho, e por baixo dele as árvores e os montes prolongavam-se até perder de vista ou de odor. Muito acima, uma pipa voava em círculos, uma mancha escura contra o céu cor-de-rosa.

*Príncipe*. O som-de-homem entrou subitamente em sua cabeça, e no entanto ele conseguia sentir que aquilo estava certo. *Príncipe do verde, príncipe da mata de lobos*. Era forte, rápido e feroz, e tudo que vivia no belo mundo verde tinha medo dele.

Muito embaixo, na base da floresta, algo se moveu por entre as árvores. Uma imagem cinza, apenas vislumbrada e logo desaparecida, mas o suficiente para levá-lo a erguer as orelhas. Lá embaixo, ao lado de um riacho rápido e verde, outra silhueta surgiu e desapareceu, correndo. *Lobos*, compreendeu. Seus primos pequenos, à caça de alguma presa. Agora o príncipe via mais, sombras sobre velozes patas cinzentas. *Uma matilha*.

Ele também tivera uma matilha antes. Tinham sido cinco, e um sexto que ficava de lado. Em algum lugar, bem fundo em seu íntimo, alojavam-se os sons que os homens lhes tinham dado para distingui-los uns dos outros, mas não era pelos sons que os conhecia. Lembrava-se de seus odores, dos odores de seus irmãos e irmãs. Todos tinham odores parecidos, cheiravam a *matilha*, mas cada um deles também era diferente.

O príncipe sentia que o irmão zangado com os quentes olhos verdes estava próximo, embora não o visse já havia muitas caçadas. Mas com

cada sol que se punha, ele distanciava-se mais, e tinha sido o último. Os outros estavam muito espalhados, como folhas sopradas pelo vento forte.

Mas às vezes conseguia senti-los, como se ainda estivessem com ele, escondidos de sua vista apenas por um pedregulho ou um pequeno bosque. Não era capaz de cheirá-los, nem de ouvir seus uivos noturnos, mas sentia a presença deles atrás de si... todos menos a irmã que tinham perdido. Sua cauda abaixava quando se lembrava dela. *Agora quatro, não cinco. Quatro e mais um, o branco que não tem voz*.

Aquela floresta pertencia a eles, as vertentes nevadas e os montes pedregosos, os grandes pinheiros verdes e carvalhos de folhas douradas, os impetuosos riachos e lagos azuis, emoldurados por dedos de gelo branco. Mas a irmã tinha abandonado as regiões selvagens para caminhar nos salões da rocha-de-homem, onde outros caçadores governavam, e, uma vez dentro desses salões, era difícil encontrar o caminho de volta. O príncipe lobo lembrava-se.

O vento mudou subitamente.

*Veado, e medo, e sangue*. O odor da presa despertou sua fome. O príncipe voltou a farejar o ar, virando-se, e então partiu, saltando ao longo da cumeada com a boca entreaberta. A outra vertente da serra era mais inclinada do que aquela por onde tinha subido, mas correu, com segurança, sobre pedras, raízes e folhas em putrefação, pela encosta abaixo e através das árvores, devorando o terreno em longas passadas. O cheiro o atraía, cada vez mais depressa.

A corça estava no chão e morria quando chegou até ela, cercada por oito de seus primos menores e cinza. As cabeças da matilha tinham começado a se alimentar, primeiro o macho e depois a sua fêmea, rasgando em turnos a carne da barriga vermelha da presa. Os outros esperavam pacientemente, todos menos a cauda da matilha, que vagueava num círculo cuidadoso, a alguns passos dos restantes, com a própria cauda entre as pernas. Seria o último animal a comer, e comeria o que quer que os irmãos lhe deixassem.

O príncipe estava contra o vento, e os lobos não o detectaram até saltar para cima de um tronco caído a seis passos do local onde se alimentavam. A cauda foi a primeira a vê-lo, soltou um ganido de dar dó, e escapuliu para longe. Os irmãos da matilha viraram-se ao ouvir o ruído

e mostraram os dentes, rosnando, todos menos as cabeças macho e fêmea.

O lobo gigante respondeu aos rosnidos com um grave rugido de aviso e lhes mostrou os dentes. Era maior do que os primos, com duas vezes o tamanho da magra cauda e vez e meia o dos dois líderes da matilha. Saltou para o meio deles, e três fugiram, fundindo-se com o arvoredo. Outro atacou-o, mordendo. Enfrentou diretamente o ataque, abocanhou a perna do lobo e atirou-o para o lado, ganindo e coxeando.

E então restava apenas a cabeça a enfrentar, o grande macho cinza com o focinho ensanguentado, recém-saído de dentro da macia barriga da presa. Havia também pelos brancos em seu focinho, que o identificava como um lobo velho, mas quando sua boca se abriu, uma saliva vermelha escorreu de seus dentes.

*Ele não tem medo*, pensou o príncipe, *não tem mais medo do que eu*. Seria uma boa luta. Atiraram-se um contra o outro.

Lutaram longamente, rolando juntos sobre raízes, pedras, folhas caídas e as entranhas espalhadas da presa, rasgando o pelo um do outro com dentes e garras, separando-se, rodeando-se e voltando a saltar para a luta. O príncipe era maior, e muito mais forte, mas o primo tinha uma matilha. A fêmea caminhava por perto, em volta deles, farejando e rosnando, e interpunha-se sempre que seu companheiro se afastava com um novo ferimento. De tempos em tempos, os outros lobos também intervinham, mordendo uma perna ou uma orelha quando o príncipe estava virado para o outro lado. Um deles irritou-o tanto que se virou numa fúria negra e rasgou a garganta do atacante. Depois disso, os outros mantiveram-se a distância.

E na hora em que a última luz se filtrava através de ramos verdes e dourados, o lobo velho deitou-se cansado na terra e rolou para expor a garganta e a barriga. Era a submissão.

O príncipe farejou-o e lambeu o sangue do pelo e da carne rasgada. Quando o lobo velho soltou um suave ganido, o lobo gigante afastou-se. Tinha agora muita fome, e a presa era sua.

– Hodor.

O súbito som fez com que parasse e rosnasse. Os lobos olharam-no com olhos verdes e amarelos, brilhando com a última luz do dia. Nenhum deles tinha ouvido aquilo. Era um estranho vento que soprava

apenas em seus ouvidos. Enterrou os dentes na barriga da corça e rasgou um pedaço de carne.

– Hodor, hodor.

*Não*, pensou. *Não, não quero*. Era um pensamento de garoto, não de lobo gigante. A floresta escureceu ao seu redor, até só restarem as sombras das árvores, e os clarões dos olhos dos primos. E *através* deles e atrás desses olhos, viu o rosto sorridente de um homem grande, e uma adega de pedra, cujas paredes estavam manchadas de salitre. O rico e quente sabor do sangue desvaneceu-se em sua boca. *Não, não, não, quero comer, quero comer, quero...*

– Hodor, hodor, hodor, hodor, hodor – cantarolou Hodor enquanto o sacudia suavemente pelos ombros, de um lado para o outro, de um lado para o outro. Estava tentando ser gentil, tentava sempre, mas Hodor tinha dois metros e dez de altura e era mais forte do que pensava, e suas enormes mãos faziam os dentes de Bran tremer.

– *NÃO!* – gritou, zangado. – Hodor, largue-me, estou aqui, estou *aqui*.

Hodor parou, parecendo desconcertado.

– Hodor?

A floresta e os lobos tinham desaparecido. Bran estava outra vez de volta à úmida adega de uma antiga torre de vigia qualquer que devia ter sido abandonada havia milhares de anos. Agora não era bem uma torre. As pedras caídas estavam mesmo tão cobertas de musgo e hera que quase não se viam até se estar bem em cima delas. Bran tinha chamado o lugar de Torre Arruinada; mas fora Meera quem encontrara a descida para a adega.

– Esteve longe tempo demais. – Jojen Reed tinha treze anos, era só quatro mais velho do que Bran. Jojen também não era muito maior do que ele, não mais do que cinco centímetros, ou talvez seis, mas tinha uma maneira solene de falar que fazia com que parecesse mais velho e mais sábio do que realmente era. Em Winterfell, a Velha Ama o chamara de “pequeno avô”.

Bran franziu a testa para ele.

– Queria comer.

– Meera voltará em breve com o jantar.

– Estou farto de rãs. – Meera era uma papa-rãs do Gargalo, por isso Bran supunha que não podia realmente *culpá-la* por apanhar tantas rãs,

mesmo assim... – Queria comer a corça. – Por um momento, recordou o seu gosto, o sangue e a carne rica e crua, e sua boca encheu-se de água. *Ganhei a luta pela presa. Ganhei*.

– Marcou as árvores?

Bran corou. Jojen andava sempre lhe dizendo para fazer coisas quando abria o terceiro olho e colocava a pele de Verão. Arranhar a casca de uma árvore, ou pegar um coelho e trazê-lo na boca, ainda inteiro, empurrar algumas pedras para formar uma fila. *Coisas estúpidas*.

– Esqueci – disse.

– Você esquece sempre.

Era verdade. Ele pretendia fazer as coisas que Jojen pedia, mas assim que era lobo elas nunca pareciam importantes. Havia sempre coisas para ver e cheirar, um mundo verde inteiro onde caçar. E podia *correr*! Não havia nada melhor do que correr, exceto correr atrás de uma presa.

– Eu era um príncipe, Jojen – disse ele ao garoto mais velho. – Era o príncipe da floresta.

– Você é um príncipe – lembrou-lhe Jojen com suavidade. – Lembra-se disso, não é verdade? Diga-me quem é.

– Você *sabe*. – Jojen era seu amigo e professor, mas às vezes só tinha vontade de bater nele.

– Quero que diga as palavras. Diga-me quem é.

– Bran – ele falou, sem vontade. *Bran, o Quebrado*. – Brandon Stark. – *O menino aleijado*. – O Príncipe de Winterfell. – Do Winterfell incendiado e em ruínas, de seu povo disperso e assassinado. Os jardins de vidro estavam destruídos, e jorrava água quente das paredes rachadas, fumegando ao sol. *Como se pode ser príncipe de um lugar que possivelmente nunca mais se verá?*

– E quem é o Verão? – perguntou Jojen.

– Meu lobo gigante. – Sorriu. – Príncipe do verde.

– Bran, o garoto, e Verão, o lobo. São, então, dois?

– Dois – suspirou – e um só. – Detestava Jojen quando ficava assim estúpido. *Em Winterfell queria que eu sonhasse os sonhos de lobo, e agora que sei como sonhá-los está sempre me chamando de volta*.

– Lembre-se disso, Bran. Lembre-se de *si*, senão o lobo vai consumi-lo. Quando se juntam, não basta correr, caçar e uivar na pele de Verão.

*Para mim, basta*, pensou Bran. Gostava mais da pele de Verão do que da sua. *De que serve ser um troca-peles, se não se pode usar a pele que quiser?*

– Vai se lembrar? E da próxima vez, marque a árvore. Qualquer árvore, não importa qual, desde que o faça.

– Eu marcarei. Vou me lembrar. Podia voltar e fazer isso agora, se quiser. Dessa vez não me esquecerei. – *Mas primeiro como a minha corça, e luto mais um pouco com aqueles pequenos lobos*.

Jojen balançou a cabeça.

– Não. É melhor que fique e coma. Com a sua boca. Um *warg* não pode viver daquilo que seu animal consome.

*Como é que você sabe?*, pensou Bran, com ressentimento. *Nunca foi um* warg*, não sabe como é.*

De repente, Hodor ficou em pé, quase batendo com a cabeça no teto abobadado.

– HODOR! – gritou, correndo para a porta. Meera abriu-a antes de ele alcançá-la e entrou no refúgio do grupo. – Hodor, hodor – disse o enorme cavalariço, sorrindo.

Meera Reed tinha dezesseis anos, era uma mulher-feita, mas não era mais alta do que o irmão. "Todos os cranogmanos são pequenos", ela havia dito um dia a Bran, quando lhe perguntara por que não era mais alta. De cabelos castanhos, olhos verdes, e reta como um rapaz, caminhava com uma graça flexível que Bran só podia observar e invejar. Meera usava uma adaga longa e afiada, mas a sua maneira preferida de lutar era com uma esguia lança de três dentes para caçar rãs numa mão e uma rede na outra.

– Quem tem fome? – perguntou ela, erguendo a caça que trazia: duas pequenas trutas prateadas e seis gordas rãs verdes.

– Eu tenho – disse Bran. *Mas não de rãs*. Em Winterfell, antes de terem acontecido todas as coisas más, os Walder costumavam dizer que comer rãs deixava os dentes verdes e fazia crescer musgo debaixo dos braços. Perguntou a si mesmo se os Walder estariam mortos. Não tinha visto seus cadáveres em Winterfell... mas foram *muitos* cadáveres, e não tinham procurado dentro das construções.

– Nesse caso, teremos de lhe dar comida. Me ajuda a limpar a caça, Bran?

Ele assentiu. Era difícil se aborrecer com Meera. Ela era muito mais alegre do que o irmão e parecia sempre saber como fazê-lo sorrir. Nada nunca a assustava ou a fazia se zangar. *Bem, exceto Jojen, às vezes...* Jojen Reed conseguia assustar quase qualquer um. Vestia-se todo de verde, tinha olhos escuros como musgo e sonhos verdes. Aquilo que Jojen sonhava tornava-se realidade. *Exceto que sonhou que eu morria, e não morri*. Mas tinha morrido, de certo modo.

Jojen mandou Hodor buscar lenha e fez uma pequena fogueira, enquanto Bran e Meera limpavam os peixes e as rãs. Usaram o elmo de Meera como panela, cortando a caça em pequenos cubos e juntando um pouco de água a ela e algumas cebolas silvestres, que Hodor achara, para fazer um guisado de rãs. Enquanto comia, Bran decidiu que não era tão bom quanto corça, mas também não era ruim.

– Obrigado, Meera – disse. – Minha Senhora.

– Não tem de quê, Vossa Graça.

– De manhã – anunciou Jojen –, é melhor que prossigamos.

Bran viu Meera ficar tensa.

– Teve um sonho verde?

– Não – admitiu o irmão.

– Então por que temos de ir embora? – quis saber a irmã. – A Torre Arruinada é um bom lugar para nós. Não há aldeias por perto, a floresta está cheia de caça, há peixe e rãs nos riachos e lagos... quem é que vai nos encontrar aqui?

– Este não é o lugar em que devemos estar.

– Mas é seguro.

– Parece seguro, eu sei – disse Jojen –, mas por quanto tempo? Houve uma batalha em Winterfell, vimos os mortos. Batalhas significam guerras. Se algum exército nos pegar desprevenidos...

– Podia ser o exército de Robb – disse Bran. – Robb voltará em breve do sul, eu sei que sim. Ele voltará com todos os seus vassalos e botará os homens de ferro para correr.

– Seu meistre não disse nada de Robb quando o encontramos à beira da morte – recordou-lhe Jojen. – *Homens de ferro na Costa Pedregosa*, ele disse, e: *a leste, o Bastardo de Bolton*. Fosso Cailin e Bosque Profundo caíram, o herdeiro de Cerwyn morreu, tal como o castelão de Praça de Torrhen. *Guerra por todo o lado*, disse ele, *cada homem contra o vizinho*.

– Já fizemos esse caminho antes – disse a irmã. – Você quer seguir na direção da Muralha e de seu corvo de três olhos. Isso está muito certo, mas a Muralha fica muito longe e Bran não tem outras pernas que não sejam as de Hodor. Se estivéssemos a cavalo...

– Se fôssemos águias, poderíamos voar – disse Jojen em tom cortante –, mas não temos asas, assim como não temos cavalos.

– Há cavalos que podemos obter – disse Meera. – Até mesmo nas profundezas da mata de lobos há lenhadores, caseiros, caçadores. Alguns devem ter cavalos.

– E se tiverem, vamos roubá-los? Somos ladrões? A última coisa de que precisamos é de homens nos perseguindo.

– Poderíamos comprá-los – disse ela. – Negociar por eles.

– Olhe para nós, Meera. Um rapaz aleijado com um lobo gigante, um gigante simplório e dois cranogmanos a mil léguas do Gargalo. *Seremos reconhecidos*. E a notícia vai se espalhar. Enquanto Bran permanecer morto, estará a salvo. Vivo, transforma-se numa presa para todos os que o querem morto de verdade e para sempre. – Jojen dirigiu-se à fogueira para avivar as brasas com um graveto. – Em algum ponto, ao norte, o corvo de três olhos nos espera. Bran precisa de um professor mais sábio do que eu.

– Como, Jojen? – perguntou a irmã. – *Como?*

– A pé – respondeu ele. – Um passo de cada vez.

– A estrada de Água Cinzenta até Winterfell nunca mais acabava, e nós estávamos montados. Você quer que percorramos um caminho mais longo a pé, sem sequer sabermos onde termina. Para lá da Muralha, você diz. Não estive lá, assim como você, mas sei que Para-lá-da-Muralha é um lugar grande, Jojen. Há muitos corvos com três olhos ou só há um? Como é que o encontramos?

– Ele talvez nos encontre.

Antes que Meera pudesse pensar em uma resposta, ouviram o som; o uivo distante de um lobo, ecoando na noite.

– Verão? – perguntou Jojen, escutando.

– Não. – Bran conhecia a voz de seu lobo gigante.

– Tem certeza? – perguntou o pequeno avô.

– Absoluta. – Naquele dia, Verão tinha se afastado muito, e não voltaria antes da alvorada. *Jojen talvez sonhe verde, mas não distingue*

*um lobo de um lobo gigante*. Perguntou a si mesmo por que motivo todos escutavam tanto Jojen. Não era um príncipe como Bran, nem era grande e forte como Hodor, nem tão bom caçador quanto Meera, e, no entanto, de algum modo, era sempre Jojen quem lhes dizia o que fazer.

– Deveríamos roubar cavalos, como Meera quer – disse Bran –, e ir até os Umber, lá em cima na Última Lareira. – Refletiu por um momento. – Ou podíamos roubar um barco e descer o Faca Branca até a cidade de Porto Branco. É aquele gordo do Lorde Manderly que governa lá, ele foi amigável na festa das colheitas. Queria construir navios. Talvez tenha construído alguns, e poderíamos navegar até Correrrio e trazer Robb para casa com todo o seu exército. Então não importaria quem soubesse que eu estou vivo. Robb não deixaria que alguém nos fizesse mal.

– Hodor! – exclamou Hodor. – Hodor, hodor.

Mas ele foi o único que gostou do plano de Bran. Meera limitou-se a sorrir para ele e Jojen franziu a testa. Nunca escutavam o que ele queria, apesar de Bran ser um Stark e, além disso, um príncipe, e os Reed do Gargalo serem vassalos dos Stark.

– Hoooodor – disse Hodor, se balançando. – Hoooooodor, hoooooooodor, hoDOR, hoDOR, hoDOR. – Às vezes gostava de fazer aquilo, dizer o seu nome de diversas maneiras, uma vez, e outra, e outra. Outras vezes, ficava tão calado que dava para esquecer que ele estava ali. Com Hodor nunca se sabia. – *HODOR, HODOR, HODOR!* – gritou.

*Ele não vai parar*, compreendeu Bran.

– Hodor – disse –, por que não vai até lá fora treinar com a espada?

O cavalariço tinha se esquecido de sua espada, mas agora se lembrara.

– Hodor! – exclamou. Foi buscar a arma.

Tinham três espadas mortuárias que trouxeram das criptas de Winterfell quando Bran e o irmão Rickon se esconderam dos homens de ferro de Theon Greyjoy. Bran ficou com a espada do tio Brandon; Meera, com aquela que encontrara sobre os joelhos do avô, Lorde Rickard. A lâmina de Hodor era muito mais velha, um enorme e pesado pedaço de ferro, embotado por séculos de negligência e cheio de pontos de ferrugem. Podia passar horas e horas a brandi-la. Perto das pedras tombadas, havia uma árvore apodrecida que ele tinha quase desfeito em pedaços.

Mesmo depois de o gigante sair conseguiam ouvi-lo através das paredes, berrando “HODOR!” enquanto lançava estocadas e dava pancadas em sua árvore. Felizmente, a mata de lobos era enorme, e não era provável que houvesse alguém por perto para ouvir.

– Jojen, o que você quis dizer com aquilo do professor? – perguntou Bran. – Meu professor *é você*. Sei que não cheguei a marcar a árvore, mas marco da próxima vez. Meu terceiro olho está aberto, como você queria...

– Está tão escancarado que temo que possa cair através dele, e viver o resto de seus dias como um lobo na floresta.

– Não cairei, prometo.

– O garoto promete. O lobo vai se lembrar? Corre com o Verão, caça com ele, mata com ele... mas se curva mais à vontade dele do que ele se curva à sua.

– Eu só me esqueço – protestou Bran. – Só tenho nove anos. Serei melhor quando for mais velho. Nem mesmo Florian, o Bobo, e o Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, eram grandes guerreiros quando tinham *nove anos*.

– Isso é verdade – disse Jojen – e seria uma coisa sensata a dizer, se os dias ainda fossem mais longos... mas não são. É uma criança de verão, eu sei. Diga-me o lema da Casa Stark.

– *O Inverno está chegando*. – Bastava dizê-lo para que Bran sentisse frio.

Jojen acenou solenemente com a cabeça.

– Sonhei com um lobo alado, preso à terra por correntes de pedra, e fui a Winterfell para libertá-lo. Já não tem as correntes, mas ainda não voa.

– Então me ensina *você*. – Bran ainda temia o corvo de três olhos que às vezes assombrava seus sonhos, bicando sem parar a pele entre os seus olhos e dizendo-lhe para voar. – É um vidente verde.

– Não – disse Jojen –, sou só um garoto com sonhos. Os videntes verdes eram mais do que isso. Eram também *wargs*, assim como *você*, e os maiores de todos podiam usar a pele de *qualquer* animal que voasse, nadasse ou caminhasse, e eram também capazes de olhar através dos olhos dos represeiros, e de ver a verdade que está por trás do mundo.

“Os deuses concedem muitos dons, Bran. Minha irmã é uma caçadora. Foi-lhe dada a capacidade de correr com rapidez e de ficar tão imóvel

que parece ter desaparecido. Tem ouvidos e olhos aguçados, uma mão firme com a rede e a lança. Sabe respirar lama e voar entre as árvores. Eu não seria mais capaz de fazer essas coisas do que você. A mim, os deuses deram os sonhos verdes, e a você... você poderia ser mais do que eu, Bran. É o lobo alado, e não há como dizer quão longe ou alto poderia voar... se tivesse alguém que lhe ensinasse. Como eu poderia ajudá-lo a dominar um dom que não compreendo? No Gargalo, recordamos os Primeiros Homens, e os filhos da floresta, que eram seus amigos... mas tanto foi esquecido, e houve tanto que nunca soubemos."

Meera pegou na mão de Bran.

– Se ficarmos aqui, sem incomodar ninguém, ficará a salvo até que a guerra termine. Mas não aprenderá, exceto o que meu irmão pode lhe ensinar, e você ouviu o que ele disse. Se deixarmos este lugar para procurar refúgio na Última Lareira ou Para-lá-da-Muralha, arriscamo-nos a ser capturados. Você é apenas um garoto, eu sei, mas também é o nosso príncipe, o filho de nosso senhor e o verdadeiro herdeiro de nosso rei. Juramos lealdade a você em nome da terra e da água, do bronze e do ferro, do gelo e do fogo. O risco é seu, Bran, tal como o dom. A escolha também deve ser sua, creio eu. Somos seus servos e estamos às suas ordens. – Ela sorriu. – Pelo menos nisso.

– Quer dizer – disse Bran – que vão fazer o que *eu* disser? Mesmo?

– Sim, meu príncipe – respondeu a garota –, portanto, reflita bem.

Bran tentou pensar em todos os detalhes, como o pai poderia ter feito. Os tios do Grande-Jon, Hother Terror-das-Rameiras e Mors Papa-Corvos, eram homens violentos, mas achava que se mostrariam leais. E os Karstark, eles também. O pai dizia sempre que Karhold era um castelo forte. *Estaríamos a salvo com os Umber ou os Karstark.*

Ou podiam ir para sul, até o gordo Lorde Manderly. Em Winterfell, ele riu muito, e nunca pareceu olhar para Bran com piedade demais, como faziam os outros senhores. O Castelo Cerwyn ficava mais perto do que Porto Branco, mas Meistre Luwin havia dito que Cley Cerwyn estava morto. *Os Umber, os Karstark e os Manderly também podem estar mortos*, compreendeu. Tal como ele ficaria, se fosse pego pelos homens de ferro ou pelo Bastardo de Bolton.

Se ficassem ali, escondidos por baixo da Torre Arruinada, ninguém os encontraria. Permaneceria vivo. *E aleijado*.

Bran percebeu que estava chorando. *Bebê imbecil*, pensou consigo mesmo. Fosse para onde fosse, para Karhold, para Porto Branco ou para a Atalaia da Água Cinzenta, seria um aleijado quando lá chegasse. Fechou as mãos em punho.

– Quero voar – disse-lhes. – Por favor. Levem-me ao corvo.

# DAVOS

Quando subiu ao convés, a longa ponta de Derivamarca diminuía atrás deles, enquanto, adiante, Pedra do Dragão se erguia do mar. Um pálido fiapo cinzento de fumaça era soprado do topo da montanha, marcando o local onde ficava a ilha. *O Monte Dragão está agitado hoje*, pensou Davos, *ou então é Melisandre que está queimando mais alguém.*

Melisandre ocupara muito os seus pensamentos enquanto o *Dança de Shayala* abria caminho pela Baía da Água Negra e atravessava a Goela, manobrando contra perversos ventos contrários. O grande incêndio que ardia no topo da torre de vigia de Ponta Aguda, na extremidade do Gancho de Massey, tinha feito Davos se lembrar do rubi que ela usava no pescoço, e de quando o mundo ficava vermelho de madrugada e ao pôr do sol, as nuvens que pairavam no céu ganhavam a mesma cor que as sedas e os cetins de seus vestidos sussurrantes.

Ela também estaria à espera em Pedra do Dragão, à espera com toda a sua beleza e todo o seu poder, com o seu deus, as suas sombras e o rei dele. A sacerdotisa vermelha parecera sempre ser leal a Stannis, até agora. *Ela domou-o, do mesmo modo que um homem doma um cavalo. Subiria ao poder montada nele se pudesse, e por isso entregou meus filhos ao fogo. Vou arrancar o coração de seu peito e ver como queima*. Tocou o cabo da boa e longa adaga lisena que o capitão tinha lhe oferecido.

O capitão fora muito gentil com ele. Chamava-se Khorane Sathmantes, era liseno como Salladhor Saan, a quem o navio pertencia. Tinha os olhos azul-claros como os que se via com frequência em Lys, incrustados num rosto ossudo e desgastado pelas intempéries, mas passara muitos anos negociando nos Sete Reinos. Quando soube que o homem que resgatara do mar era o afamado cavaleiro das cebolas, cedeu-lhe o uso da própria cabine e de suas roupas e um par de botas novas que quase lhe serviam. Também insistiu que Davos consumisse de suas provisões, embora isso não tenha dado muito certo. O estômago do antigo

contrabandista não conseguiu tolerar os caracóis, as lampreias e outros ricos alimentos que o capitão Khorane tanto apreciava, e depois de sua primeira refeição à mesa do capitão passou o resto do dia com uma extremidade ou a outra projetada sobre a amurada.

Pedra do Dragão crescia a cada remada. Agora, Davos já conseguia ver a forma da montanha e, em seu flanco, a notável cidadela negra com suas gárgulas e torres em forma de dragão. A figura de proa, feita de bronze, à frente do *Dança de Shayala* atirava ao ar asas de espuma salgada ao cortar as ondas. Ele encostou seu peso à amurada, grato pelo apoio. A provação pela qual havia passado enfraquecera-o. Quando ficava muito tempo em pé, as pernas fraquejavam, e às vezes era dominado por incontroláveis ataques de tosse e escarrava muco ensanguentado. *Não é nada*, dizia a si mesmo. *Certamente os deuses não me fizeram atravessar, a salvo, o fogo e o mar para depois me matarem de doença*.

Enquanto escutava o bater do tambor do mestre dos remadores, o ruído das velas e o respingar e ranger rítmicos dos remos, recordou seus dias de juventude, quando os mesmos sons despertavam terror em seu coração em muitas manhãs de nevoeiro. Anunciavam a aproximação da patrulha marítima do velho Sor Tristimun, e a patrulha marítima significava a morte para os contrabandistas na época em que Aerys Targaryen ocupava o Trono de Ferro.

*Mas isso foi em outra vida*, pensou. *Isso foi antes do navio das cebolas, antes de Ponta Tempestade, antes de Stannis encurtar meus dedos. Isso foi antes da guerra e do cometa vermelho, antes de eu ser um Seaworth ou um cavaleiro. Nesses dias, era um homem diferente, antes de Lorde Stannis ter me erguido bem alto.*

O capitão Khorane lhe contara sobre o fim das esperanças de Stannis na noite em que o rio ardeu. Os Lannister tinham-no atacado pelo flanco, e seus instáveis vassalos o abandonaram às centenas no momento de maior necessidade.

– Também foi vista a sombra do Rei Renly – dissera o capitão – matando à esquerda e à direita enquanto liderava a vanguarda do lorde leão. Dizem que sua armadura verde tomou um brilho fantasmagórico por causa do fogovivo e que seus chifres soltavam labaredas douradas.

*A sombra de Renly*. Davos perguntou a si mesmo se seus filhos também regressariam como sombras. Tinha visto coisas estranhas em

excesso no mar para afirmar que não existiam fantasmas.

– Ninguém se manteve fiel? – perguntara.

– Uns poucos – disse o capitão. – A família da rainha, principalmente. Levamos muitos que usavam a raposa e as flores, embora muitos mais tivessem sido deixados em terra, exibindo todos os tipos de símbolos. Lorde Florent agora é Mão do Rei em Pedra do Dragão.

A montanha crescia, coroada por fumaça pálida. A vela cantava, o tambor batia, os remos puxavam suavemente, e, não muito mais tarde, a entrada para o porto abria-se à frente deles. *Tão vazio*, pensou Davos, lembrando-se de como fora antes, com os navios enchendo todos os cais e balançando, ancorados, fora do quebra-mar. Via o navio almirante de Salladhor Saan, *Valiriana*, atracado ao cais onde antes o *Fúria* e seus irmãos estiveram amarrados. Os navios que o ladeavam também possuíam cascos lisenos rajados. Procurou, em vão, por qualquer sinal do *Senhora Marya* ou do *Espectro*.

Arriaram a vela ao entrarem no porto, para atracarem apenas com a força dos remos. O capitão veio encontrar Davos no momento em que amarravam o navio.

– Meu príncipe deseja vê-lo imediatamente.

Um ataque de tosse dominou Davos quando tentou responder. Apoiou-se na amurada e escarrou para o mar.

– O rei – arquejou. – Tenho de encontrar o rei. – *Pois onde o rei estiver, encontrarei Melisandre.*

– Ninguém se encontra com o rei – respondeu com firmeza Khorane Sathmantes. – Salladhor Saan vai lhe contar. Primeiro ele.

Davos estava fraco demais para desafiá-lo. Só conseguiu assentir.

Salladhor Saan não se encontrava a bordo de seu *Valiriana*. Foram encontrá-lo em outro cais, a cerca de trezentos metros de distância, no interior do porão de uma larga coca de Pentos chamada *Farta Colheita*, contando a carga com o auxílio de dois eunucos. Um segurava uma lanterna, o outro, uma placa de cera e um estilete.

– Trinta e sete, trinta e oito, trinta e nove – o velho tratante dizia quando Davos e o capitão desceram pela escotilha. Naquele dia, usava uma túnica cor de vinho e botas de cano alto feitas de couro branco com detalhes de prata. Tirando a rolha de um pote, cheirou, espirrou e disse: – Uma moagem grosseira, e, de acordo com meu nariz, de segunda

qualidade. A nota de carga diz quarenta e três potes. Onde se enfiaram os outros, pergunto eu? Esses pentoshi por acaso acham que eu não conto a carga? – Quando viu Davos, parou subitamente. – Será a pimenta que arde meus olhos, ou lágrimas? É o cavaleiro das cebolas que está diante de mim? Não, como pode ser, meu querido amigo Davos morreu no rio em chamas, todos sabem. Por que veio me assombrar?

– Não sou nenhum fantasma, Salla.

– Que outra coisa pode ser? Meu cavaleiro das cebolas nunca foi tão magro ou pálido como você. – Salladhor Saan abriu caminho por entre os potes de especiarias e rolos de tecido que enchiam o porão do navio mercante, envolveu Davos num forte abraço, depois deu-lhe um beijo em cada bochecha e um terceiro na testa. – Ainda está quente, sor, e sinto seu coração bater. Será verdade? O mar que o engoliu cuspiu-o de volta.

Davos lembrou-se do Cara-Malhada, o bobo doido da princesa Shireen. Também tinha entrado no mar e, quando voltou, estava louco. *Também estarei louco?* Tossiu na mão enluvada e disse:

– Nadei por baixo da corrente e fui jogado à costa numa lança do rei bacalhau. Teria morrido lá se o *Dança de Shayala* não tivesse me encontrado.

Salladhor Saan pousou um braço sobre os ombros do capitão.

– Isso foi ótimo, Khorane. Estou aqui pensando que vai acabar ganhando uma bela recompensa. Meizo Mahr, seja um bom eunuco e leve meu amigo Davos à cabine do proprietário. Arranje para ele um pouco de vinho quente com cravo, que não estou gostando do som dessa tosse. Esprema também um pouco de limão lá dentro. E traga queijo branco e uma tigela daquelas azeitonas verdes tostadas que contamos há pouco. Davos, logo irei encontrá-lo, assim que tiver conversado com o nosso bom capitão. Vai me desculpar, bem sei. Não coma todas as azeitonas, senão vou acabar me zangando.

Davos deixou que o mais velho dos dois eunucos o acompanhasse até uma grande e suntuosamente mobiliada cabine na popa do navio. Os tapetes eram macios, havia vitrais nas janelas e, em qualquer um dos grandes cadeirões de couro, poderiam ter se sentado, com todo o conforto, três Davos. O queijo e as azeitonas chegaram pouco depois, com uma taça de vinho tinto quase fervendo. Pegou-a com as duas mãos

e bebericou, sentindo-se grato. O calor que se espalhou por seu peito teve um efeito calmante.

Salladhor Saan apareceu não muito depois.

– Precisa me perdoar pelo vinho, meu amigo. Aqueles pentoshi beberiam o próprio mijo se fosse púrpura.

– Vai ser bom para o meu peito – disse Davos. – Minha mãe costumava dizer que vinho quente é melhor do que compressas.

– Me parece que também vai precisar de compressas. Sentado todo esse tempo numa lança, caramba. Que acha dessa excelente cadeira? Ele tem nádegas gordas, não tem?

– Quem? – perguntou Davos entre pequenos goles de vinho quente.

– Illyrio Mopatis. Uma baleia com bigodes, é o que lhe digo, de verdade. Essas cadeiras foram feitas sob medida para ele, embora raramente saia de Pentos para se sentar nelas. Um gordo senta sempre confortavelmente, me parece, pois leva a almofada consigo para onde quer que vá.

– Como foi que arranjou um navio de Pentos? – perguntou Davos. – Voltou à pirataria, senhor? – Colocou de lado a taça vazia.

– Vis calúnias. Quem sofreu mais com os piratas do que Salladhor Saan? Só peço aquilo a que tenho direito. Muito ouro é devido, ah sim, mas não sou desprovido de compreensão; portanto, em vez da moeda, aceitei um belo pergaminho, muito enrolado. Ostenta o nome e o selo de Lorde Alester Florent, a Mão do Rei. Está me nomeando Senhor da Baía da Água Negra, e nenhum navio pode atravessar as águas sob o meu domínio sem a minha senhorial licença, ah não. E quando esses fora da lei estão tentando se esgueirar durante a noite para evitar minhas legítimas taxas e direitos alfandegários, ora, não são melhores do que contrabandistas, portanto, estou perfeitamente dentro da lei quando os confisco. – O velho pirata soltou uma gargalhada. – Mas não corto os dedos de ninguém. De que servem pedaços de dedos? Capturo os navios e as cargas, alguns resgates, nada de exorbitante. – Lançou um olhar penetrante para Davos. – Não está bem, meu amigo. Essa tosse... e tão magro que vejo seus ossos através da pele. E, no entanto, não estou vendo seu saquinho de ossos dos dedos...

O velho hábito obrigou Davos a levar a mão à bolsa de couro que já não estava lá.

– Perdi no rio. – *A minha sorte*.

– O rio foi terrível – disse solenemente Salladhor Saan. – Mesmo da baía, eu podia ver e tremi.

Davos tossiu, cuspiu e voltou a tossir.

– Vi o *Betha Negra* ardendo, e também o *Fúria* – conseguiu por fim dizer, com voz rouca. – Nenhum de nossos navios escapou do fogo? – Parte de si ainda tinha esperança.

– *Lorde Steffon*, *Jenna Esfarrapada*, *Espada Ligeira*, *Lorde que Ri* e mais alguns estavam a montante do mijo dos piromantes, sim. Não foram queimados, mas, com a forte correnteza, também não puderam fugir. Alguns poucos se renderam. A maior parte subiu a Água Negra, para longe da batalha, e depois foi afundada pela tripulação, para não cair em mãos Lannister. *Jenna Esfarrapada* e *Lorde que Ri* continuam se fazendo de piratas no rio, segundo ouvi dizer, mas quem sabe se é verdade?

– O *Senhora Marya*? – perguntou Davos. – O *Espectro*?

Salladhor Saan apoiou uma mão no braço de Davos e deu-lhe um apertão.

– Não. Esses, não. Lamento, meu amigo. Eram bons homens, os seus Dale e Allard. Mas posso lhe dar este conforto: seu jovem Devan está entre aqueles que embarcamos no fim. O bravo rapaz nunca saiu de junto do rei, segundo dizem.

Por um momento sentiu-se quase tonto, de tão palpável que era seu alívio. Temera perguntar a respeito de Devan.

– A Mãe é misericordiosa. Tenho de encontrá-lo, Salla. Tenho de vê-lo.

– Sim – disse Salladhor Saan. – E também vai querer zarpar para o Cabo da Fúria, eu sei, para ver sua mulher e os dois pequenos. Estou aqui pensando que precisa de um novo navio.

– Sua Graça vai me dar um navio – disse Davos.

O liseno sacudiu a cabeça.

– Quanto a navios, Sua Graça não tem nenhum, e Salladhor Saan tem muitos. Os navios do rei arderam no rio, mas os meus não. Ficará com um deles, velho amigo. Velejará para mim, sim? Entrará deslizando em Bravos, Myr e Volantis na noite cerrada, sem ser visto, e sairá também deslizando, com sedas e especiarias. Ficaremos com bolsas gordas, sim.

– É gentil, Salla, mas meu dever é para com meu rei, não para com sua bolsa. A guerra continuará. Stannis ainda é o legítimo herdeiro do trono,

segundo todas as leis dos Sete Reinos.

– Todas as leis não estão ajudando quando todos os navios se queimam, me parece. E o seu rei, bem, receio que vá acabar achando-o mudado. Desde a batalha não recebe ninguém, fica só matutando naquele Tambor de Pedra. A Rainha Selyse recebe em audiência em seu nome, com o tio, Lorde Alester, que anda se chamando de Mão. Ela deu o selo do rei a esse tio, para pôr nas cartas que ele escreve, e até em meu belo pergaminho. Mas o reino que eles estão governando é pequeno, pobre e rochoso, sim. Não há ouro, nem sequer um bocadinho para pagar ao fiel Salladhor Saan o que lhe é devido, e só restam os cavaleiros que levamos no fim, e nenhum navio além de minha pequena e brava frota.

Um súbito e torturante ataque de tosse obrigou Davos a se dobrar. Salladhor Saan aproximou-se para ajudá-lo, mas, com um gesto, ele pediu que se afastasse, e após um momento se recuperou.

– Ninguém? – rouquejou. – O que quer dizer com ele não receber ninguém? – sua voz soava úmida e espessa, até mesmo aos seus ouvidos, e por um momento a cabine pareceu oscilar ao seu redor.

– Ninguém além *dela* – disse Salladhor Saan, e Davos não precisou perguntar o que ele queria dizer. – Meu amigo está se cansando. É de uma cama que está precisando, não de Salladhor Saan. Uma cama e muitas mantas, com uma compressa quente no peito e mais vinho e cravo.

Davos sacudiu a cabeça

– Vou ficar bem. Conte-me, Salla, preciso saber. Ninguém além de Melisandre?

O liseno lançou um longo olhar de dúvida para ele e prosseguiu com relutância.

– Os guardas estão mantendo todos os outros afastados, até sua rainha e a filhinha. Criados trazem refeições que ninguém come. – Inclinou-se para a frente e baixou a voz. – Ouvi estranhas conversas sobre fogos esfomeados dentro da montanha, e sobre como Stannis e a mulher vermelha descem juntos para observar as chamas. Há poços, dizem, e escadas secretas que descem até o coração da montanha, até lugares quentes onde só *ela* pode caminhar sem se queimar. É mais do que suficiente para aterrorizar um velho, a tal ponto que às vezes quase não arranja forças para comer.

*Melisandre*. Davos estremeceu.

– A mulher vermelha fez isso a ele – disse. – Enviou o fogo para nos consumir, para punir Stannis por tê-la posto de lado, para lhe ensinar que não tem esperança de vencer sem seus feitiços.

O liseno tirou uma gorda azeitona da tigela que se encontrava entre os dois.

– Não é o primeiro a dizer isso, meu amigo. Mas se eu fosse você, não estaria falando tão alto. Pedra do Dragão está cheia daqueles homens da rainha, ah, sim, e eles têm ouvidos aguçados e facas afiadas. – Enfiou a azeitona na boca.

– Eu também tenho uma faca. Capitão Khorane deu-me de presente. – Puxou a adaga e colocou-a na mesa, entre eles. – Uma faca para arrancar o coração de Melisandre. Se é que ela tem um.

Salladhor Saan cuspiu um caroço de azeitona.

– Davos, bom Davos, não deve andar dizendo tais coisas, nem mesmo brincando.

– Não é brincadeira. Pretendo matá-la. – *Se ela puder ser morta por armas mortais*. Davos não tinha certeza se isso era possível. Tinha visto o velho Meistre Cressen despejando veneno no vinho dela, viu com os próprios olhos, mas quando ambos beberam da taça envenenada, foi o meistre quem morreu, e não a sacerdotisa vermelha. *Mas uma faca no coração... até os demônios podem ser mortos pelo ferro frio, segundo dizem os cantores.*

– Essas são conversas perigosas, meu amigo – preveniu-o Salladhor Saan. – Acho que ainda está doente do mar. A febre cozinhou seu cérebro, sim. É melhor que vá para a cama para um longo descanso, até ficar mais forte.

*Até que a minha determinação enfraqueça, você quer dizer*. Davos se levantou. Realmente sentia-se febril e um pouco tonto, mas não importava.

– É um velho patife traiçoeiro, Salladhor Saan, mas um bom amigo mesmo assim.

O liseno afagou a pontiaguda barba prateada.

– Então ficará com este bom amigo, certo?

– Não, vou andando. – Tossiu.

– Andando? Olhe para si mesmo! Tosse, treme, está magro e fraco. Aonde irá andando?

– Para o castelo. Minha cama está lá, assim como o meu filho.

– E a mulher vermelha – disse Salladhor Saan com suspeita. – Ela também está no castelo.

– Ela também. – Davos voltou a enfiar a adaga na bainha.

– Você é um contrabandista de cebolas, o que sabe de ataques à surdina e punhaladas? E está doente, nem sequer consegue segurar a adaga. Sabe o que acontecerá com você, se for apanhado? Enquanto estávamos ardendo no rio, a rainha queimava traidores. *Servos da escuridão*, ela lhes chamou, pobres homens, e a mulher vermelha cantava enquanto as fogueiras eram acendidas.

Davos não se surpreendeu. *Eu sabia*, pensou, *sabia antes de ele me contar*.

– Tirou Lorde Sunglass das masmorras – adivinhou – e os filhos de Hubard Rambton.

– Exatamente, e queimou-os, tal como queimará você: se matar a mulher vermelha, vão queimá-lo por vingança, e se não a matar, vão queimá-lo pela tentativa. Ela cantará, e você gritará, e depois morrerá. E você acabou de voltar à vida!

– E foi esse o motivo – disse Davos. – Para fazer isso. Para pôr fim em Melisandre de Asshai e em todas as suas obras. Por que mais o mar teria me cuspido? Conhece a Baía da Água Cinzenta tão bem como eu, Salla. Nenhum capitão com bom senso levaria seu navio para passar entre as lanças do rei bacalhau, arriscando-se a ter o casco rasgado. O *Dança de Shayala* nunca deveria ter passado perto de mim.

– Um vento – insistiu Salladhor Saan em voz alta –, um mau vento, foi só isso. Um vento empurrou a embarcação mais para sul do que deveria.

– E quem enviou o vento? Salla, a Mãe falou comigo.

O velho liseno olhou-o pestanejando.

– Sua mãe está morta...

– *A* Mãe. Ela abençoou-me com sete filhos, e no entanto eu permiti que a queimassem. Ela falou comigo. Disse que nós *convocamos* o fogo. E também convocamos as sombras. Eu levei Melisandre, num barco a remo, até as entranhas de Ponta Tempestade e vi-a dar à luz um horror. – Ainda vislumbrava a cena em seus pesadelos, as mãos negras e

descarnadas puxando as coxas da mulher enquanto se contorcia para se libertar de seu ventre inchado. – Ela matou Cressen, Lorde Renly e um homem corajoso chamado Cortnay Penrose, e também matou meus filhos. Agora é hora de alguém matá-la.

– *Alguém* – disse Salladhor Saan. – Sim, é isso mesmo, alguém. Mas não você. Está fraco como uma criança, e não é nenhum guerreiro. Fique, eu lhe suplico, voltaremos a conversar, você vai se alimentar, e talvez velejemos até Bravos para contratar um Homem sem Rosto para fazer essa coisa, sim? Mas isso, não, você precisa se sentar e comer.

*Ele está tornando isso muito mais difícil*, pensou Davos, fatigado, *e já era mortalmente difícil*.

– Tenho vingança nas entranhas, Salla. Não deixa espaço para comida. Agora deixe-me ir. Por nossa amizade, deseje-me sorte, e deixe-me ir.

Salladhor Saan pôs-se em pé.

– Não é um amigo verdadeiro, estou aqui pensando. Quando estiver morto, quem trará suas cinzas e ossos à senhora sua esposa e lhe dirá que perdeu um marido e quatro filhos? Só o triste e velho Salladhor Saan. Mas, que assim seja, bravo sor cavaleiro, corra para a sepultura. Irei reunir seus ossos numa sacola e os darei aos filhos que deixa para trás, para que os tragam em saquinhos em volta do pescoço. – Brandiu uma mão zangada, com anéis em todos os dedos. – Vá, vá, vá, vá, vá.

Davos não queria deixá-lo assim.

– Salla...

– *VÁ*. Ou melhor, fique, mas se é para ir, vá.

E foi.

A caminhada desde o *Farta Colheita* até os portões de Pedra do Dragão foi longa e solitária. As ruas junto às docas onde soldados, marinheiros e pessoas simples outrora se aglomeravam encontravam-se vazias e desertas. Por onde antes caminhara entre porcos grunhindo e crianças nuas, fugiam agora ratazanas. Suas pernas, sob seu corpo, pareciam feitas de pudim, e por três vezes a tosse torturou-o de tal modo que teve de parar a fim de descansar. Ninguém veio ajudá-lo, ninguém sequer espiou por uma janela para ver o que se passava. As janelas estavam fechadas, as portas trancadas e mais da metade das casas ostentava algum sinal de luto. *Milhares subiram a Torrente da Água Negra, e centenas*

*retornaram*, refletiu Davos. *Meus filhos não morreram sós. Que a Mãe tenha piedade de todos eles.*

Ao chegar aos portões do castelo, encontrou-os também fechados. Davos bateu com o punho na madeira reforçada com ferro. Quando não obteve resposta, chutou-a, uma e mais outra vez. Por fim, um besteiro surgiu no topo da barbacã, espreitando para baixo, entre duas grandes gárgulas.

– Quem vem lá?

Davos ergueu a cabeça e pôs as mãos em volta da boca.

– Sor Davos Seaworth, para falar com Sua Graça.

– Está bêbado? Vá embora e pare de bater.

Salladhor Saan prevenira-o. Davos tentou outra linha de ação.

– Então mande chamar meu filho. Devan, o escudeiro do rei.

O guarda franziu a testa.

– Quem você disse que era?

– Davos – gritou –, o cavaleiro das cebolas.

A cabeça desapareceu, voltando um momento mais tarde.

– Desapareça. O cavaleiro das cebolas morreu no rio. O navio dele queimou.

– O navio dele queimou – concordou Davos –, mas ele sobreviveu, e está aqui. Jate ainda é capitão do portão?

– Quem?

– Jate Blackberry. Ele me conhece bastante bem.

– Nunca ouvi falar. O mais certo é que esteja morto.

– Então Lorde Chyttering.

– Esse conheço. Ardeu na Água Negra.

– Will Cara-de-Anzol? Hal, o Porco?

– Morto e morto – disse o besteiro, mas seu rosto traiu uma súbita dúvida. – Espere aqui. – Voltou a desaparecer.

Davos esperou. *Morreram, morreram todos*, pensou, entorpecido, lembrando-se de como a barriga branca do gordo Hal se mostrava sempre por baixo de seu gibão manchado de gordura, da longa cicatriz que o anzol deixara no rosto de Will, do modo como Jate costumava tirar o chapéu para as mulheres, tivessem elas cinco ou cinquenta anos, fossem bem ou mal-nascidas. *Afogados ou queimados, com meus filhos e outros mil, desaparecidos para fazer um rei no inferno*.

De repente, o besteiro regressou.

– Dê a volta até a porta de surtida, e vão deixá-lo entrar.

Davos fez o que lhe foi pedido. Os guardas que o admitiram eram estranhos para ele. Transportavam lanças e, no peito, usavam o símbolo da raposa e das flores da Casa Florent. Escoltaram-no não para o Tambor de Pedra, como esperava, mas fizeram-no passar sob o arco da Cauda do Dragão e através do Jardim de Aegon.

– Espere aqui – disse-lhe o sargento.

– Sua Graça sabe que eu voltei? – perguntou Davos.

– Sei lá, que se dane. Espere, já falei. – O homem foi embora, levando consigo os lanceiros.

O Jardim de Aegon tinha um agradável aroma de pinheiro e altas e escuras árvores erguiam-se por todos os lados. Também havia rosas silvestres, e grandes cercas vivas espinhosas, e um local pantanoso onde cresciam mirtilos.

*Por que será que me trouxeram para cá?*, questionou-se Davos.

Então ouviu um tênue tinir de sinos, e um risinho de criança, e de repente o bobo Cara-Malhada saltou dos arbustos arrastando os pés o mais depressa que conseguia, com a Princesa Shireen logo atrás.

– Volte aqui – ela vinha gritando. – Malhas, volte aqui.

Quando o bobo viu Davos, parou subitamente, com as campainhas em seu capacete de latão guarnecido de chifres fazendo *ting-a-ling, ting-a-ling*. Saltitando de um pé para o outro, cantou:

– *Sangue de bobo, sangue de rei, sangue na coxa da donzela, mas pros convidados e noivo, correntes, lá, lá, lá.* – Shireen quase o pegou nessa hora, mas no último instante o bobo saltou por cima de um grupo de samambaias e desapareceu por entre as árvores. A princesa seguiu logo atrás. Vê-los fez Davos sorrir.

Virara-se para tossir na mão enluvada quando outra pequena silhueta saltou da cerca viva e esbarrou nele, atirando-o ao chão.

O rapaz também caiu, mas se levantou quase de imediato.

– Que está fazendo aqui? – quis saber enquanto se sacudia. Cabelos negros de azeviche caíam sobre seu colarinho, e os olhos eram de um azul surpreendente. – Não devia ficar na minha frente quando estou correndo.

– Não – concordou Davos. – Não devia. – Outro ataque de tosse dominou-o na hora em que lutava para ficar de joelhos.

– Está mal? – o garoto pegou-o pelo braço e ajudou-o a se levantar. – Devo chamar o meistre?

Davos balançou a cabeça.

– É uma tosse. Vai passar.

O garoto não pensou mais no assunto.

– Estávamos brincando de monstros e donzelas – explicou. – Eu era o monstro. É um jogo infantil, mas a minha prima gosta dele. Tem um nome?

– Sor Davos Seaworth.

O rapaz olhou-o de cima a baixo com ar de dúvida.

– Tem certeza? Não parece muito cavalheiresco.

– Sou o cavaleiro das cebolas, senhor.

Os olhos azuis pestanejaram.

– O do navio negro?

– Conhece essa história?

– Trouxe ao meu tio Stannis peixe para comer antes de eu nascer, quando Lorde Tyrell o tinha cercado. – O rapaz ficou ereto. – Sou Edric Storm – anunciou. – Filho do Rei Robert.

– Claro que é. – Davos compreendera quase de imediato. O rapaz possuía as orelhas proeminentes de um Florent, mas os cabelos, os olhos, o maxilar, os malares eram todos Baratheon.

– Conheceu meu pai? – quis saber Edric Storm.

– Vi-o muitas vezes quando visitava seu tio na corte, mas nunca conversamos.

– Meu pai me ensinou a lutar – disse orgulhosamente o rapaz. – Vinha me visitar quase todos os anos, e às vezes treinávamos juntos. No último dia de meu nome mandou-me um martelo de guerra igualzinho ao dele, só que menor. Mas me obrigaram a deixá-lo em Ponta Tempestade. É verdade que meu tio Stannis cortou seus dedos?

– Só a ponta. Ainda tenho dedos, só que mais curtos.

– Mostre.

Davos tirou a luva. O rapaz estudou sua mão com atenção.

– Ele não encurtou seu polegar?

– Não. – Davos tossiu. – Não, o polegar deixou inteiro.

– Não devia ter cortado nenhum de seus dedos – decidiu o rapaz. – Isso foi errado.

– Eu era um contrabandista.

– Sim, mas contrabandeou peixe e cebolas para ele.

– Lorde Stannis fez-me cavaleiro pelas cebolas e cortou meus dedos pelo contrabando. – Vestiu as luvas.

– Meu pai não teria cortado seus dedos.

– Como quiser, senhor. – *Robert era um homem diferente de Stannis, é bem verdade. O garoto é como ele. Sim, e também como Renly*. Esse pensamento deixou-o ansioso.

O garoto preparava-se para dizer mais alguma coisa quando ouviram passos. Davos virou-se. Sor Axell Florent descia o caminho do jardim com uma dúzia de guardas com gibões acolchoados. Ao peito traziam o coração flamejante do Senhor da Luz. *Homens da rainha*, pensou Davos. Foi subitamente atacado pela tosse.

Sor Axell era baixo e musculoso, com abdome em forma de barril, braços fortes, pernas arqueadas, e pelos que cresciam em suas orelhas. Tio da rainha, tinha servido durante uma década como castelão de Pedra do Dragão, e sempre havia tratado Davos com cortesia, sabendo que ele desfrutava da predileção de Lorde Stannis. Mas não havia nem cortesia nem calor no tom de sua voz quando disse:

– Sor Davos, e não afogado. Como isso é possível?

– As cebolas flutuam, sor. Veio para me levar ao rei?

– Vim para levá-lo até a masmorra. – Com um gesto, Sor Axell mandou os homens avançarem. – Capturem-no e retirem a adaga dele. Ele pretende usá-la contra a nossa senhora.

# JAIME

Jaime foi o primeiro a ver a estalagem. O edifício principal cingia a margem sul no local onde o rio virava, com as longas e baixas janelas estendendo-se ao longo da água como que para abraçar os viajantes que velejavam seguindo a corrente. O andar inferior era de pedra cinza, o superior, de madeira caiada, o telhado, de ardósia. Também via estábulos, e um caramanchão repleto de trepadeiras.

– Não há fumaça nas chaminés – destacou quando se aproximaram. – Nem luzes nas janelas.

– A estalagem ainda estava aberta da última vez que passei por aqui – disse Sor Cleos Frey. – Fermentavam uma boa cerveja. Talvez ainda haja um pouco na adega.

– Pode haver gente – disse Brienne. – Escondida. Ou morta.

– Assustada por meia dúzia de cadáveres, garota? – indagou Jaime.

Ela o atravessou com os olhos.

– Meu nome é...

– ... Brienne, sim. Não gostaria de dormir numa cama por uma noite, Brienne? Estaríamos mais seguros do que em rio aberto, e pode ser prudente descobrir o que aconteceu aqui.

Ela não respondeu, mas após um momento moveu a cana do leme para virar o esquife na direção da gasta doca de madeira. Sor Cleos baixou desajeitadamente a vela. Quando bateram suavemente no cais, saltou para fora do barco para amarrá-lo. Jaime escalou atrás dele, de forma desastrada, por causa das correntes.

Na extremidade da doca, uma telha lascada de madeira pendia de um poste de ferro, pintada com a imagem de um rei de joelhos, com as mãos unidas num gesto de lealdade. Jaime deu uma olhada para ela e riu alto.

– Não poderíamos ter encontrado estalagem melhor.

– Este é algum lugar especial? – perguntou a garota, desconfiada.

Sor Cleos respondeu.

– Esta é a Estalagem do Ajoelhado, senhora. Fica no exato local onde o último Rei no Norte ajoelhou perante Aegon, o Conquistador, para lhe oferecer a sua submissão. Suponho que seja ele retratado na tabuleta.

– Torrhen tinha trazido suas forças ao sul depois da queda dos dois reis no Campo de Fogo – disse Jaime –, mas quando viu o dragão de Aegon e o tamanho da sua tropa, escolheu o caminho sensato, e dobrou seus joelhos gelados. – Interrompeu-se ao ouvir o relincho de um cavalo. – Cavalos no estábulo. Pelo menos um. – *E um é tudo que preciso para deixar a garota para trás*. – Vamos ver quem está em casa, que tal? – Sem esperar resposta, Jaime seguiu tinindo ao longo da doca, encostou um ombro na porta, abriu-a com um empurrão...

... e viu-se frente a frente com uma besta carregada. Em pé, atrás dela, estava um atarracado garoto de quinze anos.

– Leão, peixe ou lobo? – exigiu saber o jovem.

– Tínhamos esperança de que houvesse um capão. – Jaime ouviu os companheiros entrando atrás dele. – A besta é uma arma de covarde.

– Espeto um dardo em seu coração mesmo assim.

– Talvez. Mas antes que possa voltar a carregá-la, o meu primo aqui derrama suas tripas pelo chão.

– Não assuste o rapaz – disse Sor Cleos.

– Não lhe desejamos nenhum mal – disse a garota. – E temos moedas para pagar por comida e bebida. – Tirou uma peça de prata da bolsa.

O rapaz olhou desconfiado para a moeda e depois para as algemas de Jaime.

– Por que é que ele está acorrentado?

– Matei alguns besteiros – disse Jaime. – Tem cerveja?

– Sim. – O rapaz baixou a besta dois centímetros. – Soltem os cintos das espadas e deixem-nos cair, e pode ser que lhes demos de comer. – Deu a volta cautelosamente para espiar através dos espessos vidros das janelas, em forma de losango, e ver se havia mais alguém lá fora. – Aquela é uma vela Tully.

– Viemos de Correrrio. – Brienne desafivelou o cinto e deixou-o retinir no chão. Sor Cleos imitou-a.

Um homem pálido com um rosto bexiguento e pouco saudável entrou pela porta da adega com um pesado cutelo de açougueiro na mão.

– São três, hã? Temos carne de cavalo suficiente para três. O cavalo era velho e rijo, mas a carne ainda está fresca.

– Tem pão? – perguntou Brienne.

– Pão duro e bolos de aveia amanhecidos.

Jaime abriu um sorriso.

– Ora, eis um estalajadeiro honesto. Todos nos servem pão amanhecido e carne fibrosa, mas a maioria não admite isso tão claramente.

– Não sou estalajadeiro coisa nenhuma. Enterrei-o lá atrás, com as mulheres.

– Matou-os?

– E eu lhe diria se o tivesse matado? – o homem escarrou. – O mais provável é que tenha sido trabalho de lobos, ou talvez de leões, qual é a diferença? Eu e a mulher os encontramos mortos. Da maneira que vemos as coisas, o lugar agora é nosso.

– Onde está essa sua mulher? – perguntou Sor Cleos.

O homem deu-lhe uma olhada desconfiada de viés.

– E por que é que quer saber isso? Não está aqui... tal como vocês não estarão, a menos que eu goste do sabor da sua prata.

Brienne atirou-lhe a moeda. Ele apanhou-a no ar, mordeu-a e enfiou-a no bolso.

– Ela tem mais – anunciou o garoto com a besta.

– Se tem. Rapaz, vá lá embaixo e traga-me algumas cebolas.

O moço colocou a besta no ombro, lançou um último olhar mal-humorado e desapareceu na adega.

– Seu filho? – perguntou Sor Cleos.

– Só um garoto que eu e a mulher acolhemos. Tínhamos dois filhos, mas os leões mataram um deles e o outro morreu de diarreia. O rapaz perdeu a mãe para os Saltimbancos Sangrentos. Nos dias de hoje, um homem precisa de alguém que fique de vigia enquanto dorme. – Indicou as mesas com o cutelo. – Pois bem, podem se sentar.

A lareira estava fria, mas Jaime escolheu a cadeira mais próxima das cinzas e estendeu suas longas pernas por baixo da mesa. O tinir das correntes acompanhava o menor de seus movimentos. *Um ruído irritante. Antes de isso acabar, ainda enrolo estas correntes em volta da garganta da garota, veremos se ela gosta delas então.*

O homem que não era estalajadeiro chamuscou três enormes bifes de cavalo e fritou as cebolas em gordura de bacon, o que quase compensou os bolos de aveia amanhecidos. Jaime e Cleos beberam cerveja, Brienne, uma taça de sidra. O rapaz manteve distância, empoleirado num barril de sidra com a besta pousada nos joelhos, pronta para disparar. O cozinheiro serviu-se de uma caneca de cerveja e sentou-se com eles.

– Quais são as notícias de Correrrio? – perguntou a Sor Cleos, tomando-o por chefe do grupo.

Sor Cleos olhou Brienne de relance antes de responder.

– Lorde Hoster está moribundo, mas o filho defende os vaus do Ramo Vermelho contra os Lannister. Houve batalhas.

– Há batalhas por todo lado. Para onde vão, sor?

– Porto Real. – Sor Cleos limpou a gordura dos lábios.

O anfitrião resfolegou.

– Então são loucos. Segundo as últimas notícias que ouvi, o Rei Stannis estava às portas da cidade. Dizem que tem cem mil homens e uma espada mágica.

As mãos de Jaime fecharam-se em volta da corrente que lhe prendia os pulsos, e torceu-a, retesando-a, desejando ter forças para quebrá-la em duas. *Então vou mostrar a Stannis onde deve embainhar a sua espada mágica.*

– Se fosse vocês, ficaria bem longe da estrada do rei – prosseguiu o homem. – É pior do que ruim, segundo dizem. Tanto lobos como leões, e bandos de homens sem bandeira que atacam qualquer um que consigam apanhar.

– Ralé – declarou Sor Cleos com desprezo. – Gente assim nunca se atreveria a causar problemas a homens armados.

– Com a sua licença, sor, mas estou vendo um homem armado, viajando com uma mulher e um prisioneiro acorrentado.

Brienne lançou ao cozinheiro um olhar duro. *A garota odeia mesmo que lhe seja lembrado que é uma garota*, refletiu Jaime, voltando a torcer as correntes. Sentia os elos frios e duros contra a pele, sentia o ferro implacável. As algemas tinham deixado seus pulsos em carne viva.

– Pretendo seguir o Tridente até o mar – disse a garota ao anfitrião. – Arranjaremos montarias em Lagoa da Donzela e seguiremos via Valdocaso e Rosby. Isso deve nos manter bem longe do pior da batalha.

O anfitrião balançou a cabeça.

– Nunca chegará à Lagoa da Donzela por rio. A menos de cinquenta quilômetros daqui, alguns barcos foram queimados e afundaram, e o canal se assoreou em volta deles. Ali há um ninho de fora da lei que ataca qualquer um que tente passar, e existem outros como mesmo perfil mais para baixo, em volta das Pedras Saltitantes e da Ilha do Veado Vermelho. E o senhor do relâmpago também foi visto por essa região. Atravessa o rio onde bem quer, passando para cá e para lá, sempre em movimento.

– E quem é esse senhor do relâmpago? – quis saber Sor Cleos Frey.

– É Lorde Beric, com a sua licença, sor. Dão-lhe esse nome porque ataca repentinamente, como um relâmpago vindo de um céu sem nuvens. Dizem que não pode morrer.

*Todos eles morrem quando se enfia uma espada no corpo deles*, pensou Jaime.

– Thoros de Myr ainda o acompanha?

– Sim. O feiticeiro vermelho. Ouvi dizer que tem estranhos poderes.

*Bem, tinha o poder de acompanhar Robert Baratheon na bebida, e eram bem poucos os que podiam se gabar disso*. Jaime ouvira uma vez Thoros dizer ao rei que havia se tornado sacerdote vermelho porque as vestes escondiam muito bem as manchas de vinho. Robert riu tanto que encheu de cerveja o manto de seda de Cersei.

– Longe de mim questionar – disse –, mas talvez o Tridente não seja a nossa rota mais segura.

– Eu diria que é verdade – concordou o cozinheiro. – Mesmo se passarem da Ilha do Veado Vermelho sem encontrar Lorde Beric e o feiticeiro vermelho, ainda terão à sua frente o vau rubi. Da última vez que ouvi notícias, eram os lobos do Lorde Sanguessuga que defendiam o vau, mas isso foi já há algum tempo. A essa altura podem ter voltado a ser os leões, ou Lorde Beric, ou seja lá quem for.

– Ou ninguém – sugeriu Brienne.

– Se a senhora quer apostar a pele nisso, eu não a impedirei... mas se fosse vocês, deixaria este rio aqui, cortaria caminho por terra. Se permanecerem longe das estradas principais e se abrigarem debaixo das árvores à noite, meio que escondidos... bem, ainda não quereria ir com vocês, mas talvez tenham uma pequena chance.

A grande garota estava com uma expressão de dúvida.

– Precisaríamos de cavalos.

– Aqui há cavalos – ressaltou Jaime. – Ouvi um nos estábulos.

– Sim, há cavalos – disse o estalajadeiro que não era estalajadeiro. – E logo três, por acaso, mas não estão à venda.

Jaime não conseguiu evitar uma gargalhada.

– Claro que não. Mas vai nos mostrá-los mesmo assim.

Brienne franziu a testa, mas o homem que não era estalajadeiro enfrentou seu olhar sem piscar, e um momento depois, relutantemente, ela disse:

– Mostre-me – e todos se ergueram da mesa.

Os estábulos não eram limpos havia muito tempo, julgando pelo cheiro que exalavam. Centenas de gordas moscas pretas esvoaçavam por entre a palha, zumbindo de cocheira em cocheira e passeando sobre os montículos de esterco de cavalo que se espalhavam por todo lado, mas só se viam três cavalos. Eram um trio improvável: um pesado cavalo de tração castanho, um castrado branco, muito velho, cego de um olho, e o palafrém de um cavaleiro, sarapintado de cinza e vivaz.

– Não estão à venda por nenhum preço – anunciou seu alegado dono.

– Como arranjou estes cavalos? – quis saber Brienne.

– O de tração estava preso aqui quando a mulher e eu chegamos à estalagem – disse o homem – com aquele que você acabou de comer. O castrado apareceu uma noite, e o garoto apanhou o palafrém que corria por aí, livre, ainda selado e com rédeas. Venham, eu mostro a vocês.

A sela que lhes mostrou estava decorada com relevos de prata. O xairel tinha sido originalmente axadrezado de rosa e negro, mas agora era fundamentalmente marrom. Jaime não reconhecia as cores originais, mas reconhecia manchas de sangue com bastante facilidade.

– Bem, o dono não virá pedi-lo de volta tão cedo. – Examinou as patas do palafrém, contou os dentes do castrado. – Dê uma peça de ouro pelo cinza, se incluir a sela – aconselhou a Brienne. – Uma de prata pelo cavalo de tração. Ele devia nos pagar por tirarmos o branco das mãos dele.

– Não fale sem cortesia do seu próprio cavalo, sor. – A garota abriu a bolsa que a Senhora Catelyn havia lhe dado e tirou três moedas de ouro. – Pago um dragão por cada um.

O homem pestanejou e estendeu a mão para o ouro, e depois hesitou e recolheu a mão.

– Não sei. Não posso montar um dragão de ouro se precisar ir embora. Nem comê-lo, se tiver fome.

– Pode também ficar com o nosso esquife – disse ela. – Viaje para cima ou para baixo no rio, como quiser.

– Deixe-me ver que gosto tem esse ouro. – O homem tirou uma das moedas da palma da mão de Brienne e mordeu-a. – Hum. Diria que é verdadeiro o bastante. Três dragões *e* o esquife?

– Ele está lhe roubando, garota – disse Jaime amigavelmente.

– Também vou querer provisões – disse Brienne ao anfitrião, ignorando Jaime. – Seja o que for que possa nos arranjar.

– Há mais bolos de aveia. – O homem recolheu os outros dois dragões da palma da mão dela e sacudiu-os no punho fechado, sorrindo do som que faziam. – Bem, e peixe defumado e salgado, mas isso vai lhes custar prata. As minhas camas também vão custar dinheiro. Vão querer passar a noite aqui.

– Não – disse Brienne de imediato.

O homem franziu a testa para ela.

– Mulher, você não quer cavalgar de noite por uma região onde nunca esteve e em cavalos que não conhece. O mais certo é que acabe tropeçando em algum brejo ou quebre uma pata do cavalo.

– A lua estará brilhante esta noite – disse Brienne. – Não teremos nenhum problema em encontrar o nosso caminho.

O anfitrião remoeu aquilo.

– Se não tem a prata, pode ser que alguns cobres paguem por suas camas e uma ou duas colchas para se manterem aquecidos. Não estou propriamente dispensando viajantes, se entende onde quero chegar.

– Isso parece mais do que justo – disse Sor Cleos.

– E as colchas até estão recém-lavadas. A mulher tratou disso antes de precisar ir embora. E não há nem uma pulga nelas, tem a minha palavra quanto a isso. – Voltou a sacudir as moedas, sorrindo.

Sor Cleos estava claramente tentado.

– Uma cama apropriada faria bem a todos nós, senhora – disse a Brienne. – Faríamos um tempo melhor amanhã, depois de descansarmos. – Olhou para o primo, em busca de apoio.

– Não, primo, a garota tem razão. Temos promessas a manter, e longas léguas à nossa frente. Devíamos ir andando.

– Mas – disse Cleos – você mesmo disse...

– Antes. – *Quando pensava que a estalagem estava deserta*. – Agora estou com a barriga cheia e uma cavalgada ao luar será mesmo a coisa certa. – Sorriu à garota. – Mas, a não ser que pretenda me atirar para a garupa daquele cavalo de tração como se fosse um saco de farinha, alguma coisa tem de ser feita com estes ferros. É difícil montar com os tornozelos acorrentados.

Brienne franziu a testa ao ver a corrente. O homem que não era estalajadeiro esfregou o queixo.

– Há uma forja ali atrás do estábulo.

– Mostre-me.

– Sim – disse Jaime –, e quanto mais depressa, melhor. Há aqui muito mais bosta de cavalo do que devia para o meu gosto. Detestaria pisar nela. – Lançou à garota um olhar penetrante, perguntando a si mesmo se ela seria suficientemente esperta para entender o que queria dizer.

Acalentava a esperança de que ela também tirasse os ferros de seus pulsos, mas Brienne mantinha-se desconfiada. Cortou ao meio a corrente dos tornozelos com meia dúzia de fortes golpes dados com o martelo do ferreiro na ponta plana de um cinzel de aço. Quando sugeriu que também quebrasse a corrente do pulso, ela ignorou-o.

– A quase dez quilômetros daqui, ao longo do rio, vão encontrar uma aldeia queimada – disse o anfitrião enquanto os ajudava a selar os cavalos e a carregar a bagagem. Daquela vez dirigia os conselhos a Brienne. – A estrada bifurca-se aí. Se virar para sul, vai chegar à torre de pedra de Sor Warren. Sor Warren foi embora e morreu, portanto não sei dizer de quem ela é agora, mas é melhor evitar o lugar. Faria bem em seguir a trilha que atravessa a floresta, para sul-sudeste.

– Faremos isso – respondeu ela. – Tem os meus agradecimentos.

*E, mais do que isso, tem o seu ouro*. Jaime guardou o pensamento para si. Estava cansado de ser menosprezado por aquela vaca grande e feia.

Ela escolheu o cavalo de tração para si e atribuiu o palafrém a Sor Cleos. Cumprindo a ameaça, Jaime ficou com o castrado zarolho, o que pôs fim a quaisquer ideias que pudesse ter alimentado de esporear o cavalo e fazer a garota comer sua poeira.

O homem e o garoto saíram da estalagem para vê-los partir. O homem desejou-lhes boa sorte e disse-lhes para voltarem em tempos melhores, enquanto o rapaz ficou em silêncio, com a besta debaixo do braço.

– Arranje uma lança ou um malho – disse-lhe Jaime –, que lhe serão mais úteis. – O rapaz fitou-o com desconfiança. *É isso que se ganha com um conselho de amigo.* Encolheu os ombros, virou o cavalo, e não olhou para trás.

Sor Cleos era só queixas quando partiram, ainda de luto pelo colchão de plumas perdido. Avançaram para leste, ao longo da margem do rio iluminado pelo luar. O Ramo Vermelho era muito largo ali, mas raso, com margens cheias de lama e de canaviais. A montaria de Jaime avançava placidamente, embora o pobre animal tivesse a tendência de derivar para o lado do olho bom. Era bom estar montado de novo. Não subia em um cavalo desde que os arqueiros de Robb Stark tinham matado o corcel entre as suas pernas, no Bosque dos Murmúrios.

Quando chegaram à aldeia incendiada, foram confrontados por uma escolha entre duas estradas igualmente pouco promissoras; trilhas estreitas, profundamente sulcadas pelas carroças de agricultores que traziam as colheitas até o rio. Uma partia para sudeste e rapidamente desaparecia entre as árvores que se viam a distância, enquanto a outra, mais reta e pedregosa, se lançava para sul. Brienne avaliou-as rapidamente e depois desviou o cavalo para a estrada do sul. Jaime ficou agradavelmente surpreso; era a mesma decisão que ele teria tomado.

– Mas esta é a estrada contra a qual o estalajadeiro nos preveniu – objetou Sor Cleos.

– Ele não era estalajadeiro nenhum. – Ela arqueava as costas sem qualquer encanto sobre a sela, mas apesar disso seguia bem sentada. – O homem mostrou um interesse grande demais no caminho que nós íamos tomar, e aquela floresta... lugares assim são notórios covis de fora da lei. Ele podia estar nos mandando direto para uma armadilha.

– Garota esperta. – Jaime sorriu para o primo. – Nosso anfitrião tem amigos ao longo daquela estrada, calculo. Os homens cujas montarias deram àquele estábulo um aroma tão memorável.

– Ele também podia estar mentindo sobre o rio, para nos pôr nestes cavalos – disse a garota –, mas eu não podia correr esse risco. Haverá certamente soldados no vau rubi e nas encruzilhadas.

*Bem, ela pode ser feia, mas não é completamente burra*. Jaime brindou-a com um sorriso relutante.

A luz avermelhada vinda das janelas superiores da casa-torre de pedra avisou-os de sua presença a uma longa distância, e Brienne levou-os pelos campos. Só quando o forte ficou bem para trás é que eles voltaram a virar e encontraram a estrada de novo.

Decorreu metade da noite antes de a garota admitir que podia ser seguro parar. A essa altura, os três já estavam prestes a cair das selas. Abrigaram-se num pequeno grupo de carvalhos e freixos ao lado de um riacho indolente. A garota não autorizou uma fogueira, e por isso partilharam um jantar tardio de bolos de aveia amanhecidos e peixe salgado. A noite estava estranhamente pacífica. Uma meia-lua rodeada de estrelas pairava sobre suas cabeças, num céu negro de feltro. A distância, um grupo de lobos uivava. Um dos cavalos do grupo soltou um relincho nervoso. Não se ouviam outros sons. *A guerra não tocou este lugar*, pensou Jaime. Estava contente por estar ali, contente por se encontrar vivo, contente por voltar para junto de Cersei.

– Eu fico com o primeiro turno de vigia – disse Brienne a Sor Cleos, e rapidamente o Frey começou a roncar baixinho.

Jaime sentou-se de encontro ao tronco de um carvalho e perguntou a si mesmo o que Cersei e Tyrion estariam fazendo naquele momento.

– Tem irmãos, senhora? – perguntou.

Brienne olhou-o de soslaio, desconfiada.

– Não. Fui o ún... a única filha de meu pai.

Jaime soltou um risinho.

– Ia dizer *filho*. Ele pensa em você como num filho? É certo que é um tipo estranho de filha.

Sem uma palavra, ela virou as costas para ele, cerrando o punho com força no cabo da espada. *Que criatura miserável é esta*. De alguma estranha forma, fazia-lhe lembrar de Tyrion, embora à primeira vista fosse difícil encontrar duas pessoas mais diferentes. Talvez tivesse sido esse pensamento sobre o irmão que o fez dizer:

– Não pretendia ofendê-la, Brienne. Perdoe-me.

– Seus crimes estão para além do perdão, Regicida.

– Outra vez esse nome. – Jaime torceu à toa as correntes. – Por que a deixo com tanta raiva? Nunca lhe fiz mal, que me lembre.

– Fez mal a outros. Àqueles que tinha jurado proteger. Aos fracos, aos inocentes...

– ... ao rei? – voltava sempre a Aerys. – Não tenha a presunção de me julgar por aquilo que não entende, garota.

– Meu nome é...

– ... Brienne, sim. Nunca ninguém lhe disse que era tão entediante quanto feia?

– Não vai conseguir me fazer perder o controle com provocações, Regicida.

– Ah, talvez conseguisse, se eu quisesse tentar.

– Por que motivo prestou juramento? – ela quis saber. – Por que envergar o manto branco se pretendia trair tudo aquilo que ele simboliza?

*Por quê?* O que poderia dizer que ela fosse capaz de entender?

– Era um rapaz. Tinha quinze anos. Era uma grande honra para alguém tão jovem.

– Isso não é resposta – disse ela em tom de escárnio.

*Você não ia gostar da verdade*. Tinha se juntado à Guarda Real por amor, claro.

O pai chamara Cersei para a corte quando ela tinha doze anos, esperando arranjar um casamento real para ela. Tinha recusado todas as ofertas por sua mão, preferindo mantê-la consigo na Torre da Mão enquanto crescia e se tornava mais mulher e ainda mais bela. Esperava, sem dúvida, que o Príncipe Viserys amadurecesse, ou talvez que a esposa de Rhaegar morresse ao dar à luz. Elia de Dorne nunca tinha sido a mais saudável das mulheres.

Jaime, entretanto, passara quatro anos como escudeiro de Sor Sumner Crakehall e conquistara as esporas contra a Irmandade da Mata do Rei. Mas quando fez uma breve visita a Porto Real no caminho de volta para Rochedo Casterly, principalmente para ver a irmã, Cersei puxou-o de lado e sussurrou que Lorde Tywin pretendia casá-lo com Lysa Tully, chegando ao ponto de convidar Lorde Hoster a vir à cidade para conversar sobre o dote. Mas se Jaime vestisse o branco, podia ficar sempre perto dela. O velho Sor Harlan Grandison morrera durante o sono, o que não podia ser mais apropriado para alguém cujo símbolo era um leão adormecido. Aerys iria querer um jovem para ocupar o seu

lugar, portanto, por que não um leão rugindo para o lugar de um sonolento?

– O pai nunca consentirá – Jaime questionou.

– O rei não lhe pedirá consentimento. E uma vez que a coisa estiver feita, o pai não pode objetar, pelo menos abertamente. Aerys mandou arrancar a língua de Sor Ilyn Payne só por alardear que era a Mão quem realmente governava os Sete Reinos. O capitão da guarda da Mão, e no entanto o pai não se atreveu a tentar impedi-lo! Também não impedirá isso.

– Mas – disse Jaime – há Rochedo Casterly...

– O que você quer é um rochedo? Ou eu?

Lembrava-se daquela noite como se fosse ontem. Tinham-na passado numa velha estalagem na Viela das Enguias, bem longe de olhos vigilantes. Cersei fora encontrá-lo vestida como uma simples criada, o que acabou por excitá-lo ainda mais. Jaime nunca a tinha visto mais apaixonada. Sempre que adormecia, ela voltava a acordá-lo. Pela manhã, Rochedo Casterly parecia um pequeno preço a pagar para ficar sempre perto dela. Deu seu consentimento, e Cersei prometeu fazer o resto.

Uma volta de lua mais tarde, um corvo real chegou a Rochedo Casterly para informá-lo de que fora escolhido para a Guarda Real. Era-lhe ordenado que se apresentasse ao rei durante o grande torneio em Harrenhal, para prestar juramento e envergar o manto.

A investidura de Jaime libertou-o de Lysa Tully. Mas, tirando isso, nada se passou conforme planejado. O pai nunca estivera mais furioso. Não podia levantar objeções abertamente – Cersei julgara isso de forma correta –, mas usou um pretexto qualquer pouco convincente para se demitir do cargo de Mão e retornou a Rochedo Casterly, levando a filha consigo. Em vez de ficarem juntos, Cersei e Jaime limitaram-se a trocar de lugar, e ele se viu sozinho na corte, defendendo um rei louco enquanto quatro homens menores se sucederam dançando sobre facas, cujos pés não calçavam bem os sapatos do pai. As Mãos ascendiam e caíam tão rapidamente que Jaime recordava melhor a heráldica do que o rosto deles. A Mão cornucópia e a Mão grifos dançantes tinham ambas sido exiladas; a Mão maça e punhal, mergulhada em fogovivo e queimada viva. Lorde Rossart fora o último. Seu símbolo era um archote ardente; uma escolha infeliz, tendo em conta o destino de seu predecessor, mas o

alquimista tinha ascendido em grande medida por partilhar a paixão do rei pelo fogo. *Devia ter afogado Rossart em vez de estripá-lo.*

Brienne continuava à espera de sua resposta. Jaime disse:

– Não tem idade para ter conhecido Aerys Targaryen...

Ela não quis ouvir.

– Aerys era louco e cruel, nunca ninguém negou isso. Ainda assim era rei, coroado e ungido. E você jurou protegê-lo.

– Eu sei o que jurei.

– E o que fez. – Ergueu-se acima dele, um metro e oitenta de desaprovação sardenta, carrancuda e com dentes de cavalo.

– Sim, e o que *você* fez também. Aqui somos ambos regicidas, se aquilo que ouvi dizer é verdade.

– Nunca fiz mal a Renly. Mato o primeiro homem que diga que fiz.

– Nesse caso, é melhor que comece por Cleos. E, depois disso, terá bastante matança a fazer, pelo que ele conta da história.

– *Mentiras*. A Senhora Catelyn estava lá quando Sua Graça foi assassinado, ela viu. Apareceu uma sombra. As velas apagaram-se e o ar ficou frio, e houve sangue...

– Ah, muito bem. – Jaime soltou uma gargalhada. – Pensa mais depressa do que eu, confesso. Quando me encontraram em pé junto ao meu rei morto, nunca pensei em dizer: "Não, não, não fui eu, foi uma sombra, uma terrível sombra fria". – Soltou outra gargalhada. – Conte-me a verdade, de um regicida para outro: foram os Stark que lhe pagaram para cortar a goela dele, ou foi Stannis? Renly repeliu-a, foi por isso? Ou talvez estivesse com o sangue de lua. Nunca dê uma espada a uma garota quando ela estiver sangrando.

Por um momento, Jaime pensou que Brienne iria bater nele. *Mais um passo, e tiro aquele punhal da bainha dela e enterro em seu ventre*. Retesou uma perna debaixo do corpo, pronto para saltar, mas a garota não se moveu.

– Ser um cavaleiro é uma dádiva rara e preciosa – disse – e mais ainda quando se é um cavaleiro da Guarda Real. É algo dado a poucos, algo que você desprezou e conspurcou.

*Algo que você deseja desesperadamente, garota, e que nunca poderá obter.*

– Eu conquistei o meu grau de cavaleiro. Nada me foi dado. Ganhei uma luta corpo a corpo num torneio com treze anos, quando ainda era escudeiro. Aos quinze, acompanhei Sor Arthur Dayne contra a Irmandade da Mata de Rei, e ele armou-me cavaleiro no campo de batalha. Foi aquele manto branco que me conspurcou, e não o contrário. Portanto, poupe-me de sua inveja. Foram os deuses que se esqueceram de lhe dar uma pica, não fui eu.

O olhar que Brienne lhe deu estava carregado de repugnância. *De bom grado me cortaria em pedaços, se não fosse o seu precioso juramento*, refletiu. *Ótimo. Já estou farto de débeis piedades e julgamentos de donzelas.* A moça afastou-se a passos largos sem dizer sequer uma palavra. Jaime enrolou-se debaixo do manto, esperando sonhar com Cersei.

Mas, quando fechou os olhos, foi Aerys Targaryen que viu, andando de um lado para o outro em sua sala de trono, repuxando as mãos cheias de crostas e sangrando. O idiota vivia se cortando nas lâminas e farpas do Trono de Ferro. Jaime tinha se esgueirado através da porta do rei, vestindo a armadura dourada e com a espada na mão. *A armadura dourada, não a branca, mas ninguém nunca se lembra disso. Bem que gostaria de ter tirado também aquele maldito manto.*

Quando Aerys viu o sangue em sua arma, exigiu saber se era de Lorde Tywin.

– Quero-o morto, o traidor. Quero a cabeça dele, vai me trazer a cabeça dele, senão queimo você com todos os outros. Todos os traidores. Rossart diz que estão *dentro das muralhas*! Foi lhes dar boas-vindas calorosas. De quem é o sangue? *De quem?*

– De Rossart – respondeu Jaime.

Aqueles olhos púrpura então se abriram enormemente, e a boca do rei caiu, escancarando-se com o choque. Havia perdido o controle das tripas, virado-se e corrido para o Trono de Ferro. Por baixo dos olhos vazios dos crânios pendurados nas paredes, Jaime arrancou o último rei-dragão dos degraus, guinchando como um porco e cheirando a latrina. Um único golpe na garganta foi tudo que precisou para acabar com ele. *Tão fácil*, lembrava-se de ter pensado. *Um rei devia ser mais duro de matar do que isso*. Rossart pelo menos tinha tentado lutar, se bem que, para falar a verdade, lutava como um alquimista. *Estranho que nunca perguntem*

*quem matou Rossart... mas, claro, ele não era ninguém, com seu baixo nascimento, Mão durante uma quinzena, só mais uma ideia louca do Rei Louco.*

Sor Elys Westerling, Lorde Crakehall e outros dos cavaleiros do pai tinham irrompido pelo salão a tempo de ver o fim, portanto, não houve maneira de Jaime desaparecer e deixar que um fanfarrão qualquer roubasse a glória ou a culpa. Compreendeu de imediato, assim que viu o modo como o olhavam, que seria considerado culpado... embora os olhares que lhe lançavam talvez fossem de medo. Lannister ou não, ele era um dos sete de Aerys.

– O castelo é nosso, sor, e a cidade também – disse-lhe Roland Crakehall, o que era quase verdade. Ainda havia lealistas Targaryen morrendo nas escadas em espiral e no arsenal, Gregor Clegane e Amory Lorch estavam escalando as muralhas da Fortaleza de Maegor, e, nessa altura, Ned Stark ia entrando com os seus homens pelo Portão do Rei, mas Crakehall não tinha como saber disso. Não pareceu surpreendido por encontrar Aerys morto; Jaime era filho de Lorde Tywin muito antes de ser nomeado para a Guarda Real.

– Diga-lhes que o Rei Louco está morto – ordenou. – Poupe e prenda todos aqueles que se renderem.

– Deverei também proclamar um novo rei? – perguntou Crakehall, e Jaime leu claramente a questão: seria o seu pai, ou Robert Baratheon, ou pretendia tentar criar um novo rei-dragão? Por um momento, pensou no garoto, Viserys, fugido em Pedra do Dragão, e no filho bebê de Rhaegar, Aegon, ainda em Maegor com a mãe. *Um novo rei Targaryen, e o meu pai como Mão. Como uivarão os lobos, como se engasgará de raiva o senhor da tempestade*. Por um momento sentiu-se tentado, até voltar a olhar o corpo no chão, no meio da poça crescente de sangue. *Há sangue dele em ambos*, pensou.

– Proclame quem lhe der na telha – disse a Crakehall.

Então, subiu até o Trono de Ferro e sentou-se, com a espada pousada nos joelhos, para ver quem viria reclamar o reino. Acabou sendo Ned Stark.

*Também não tinha o direito de me julgar, Stark.*

Em seus sonhos, os mortos surgiram em chamas, vestidos de bruxuleantes chamas verdes. Jaime dançou entre eles com uma espada

dourada, mas para cada um que abatia, erguiam-se mais dois em seu lugar.

Brienne acordou-o com um chute nas costelas. O mundo ainda estava negro, e tinha começado a chover. Quebraram o jejum com bolos de aveia, peixe salgado e umas poucas amoras silvestres que Sor Cleos havia encontrado, e estavam de novo sobre as selas antes do nascer do sol.

# TYRION

O eunuco vinha cantarolando monocordicamente para si mesmo ao atravessar a porta, vestido com um manto leve de seda cor de pêssego e cheirando a limão. Quando viu Tyrion sentado junto à lareira, parou e ficou muito quieto.

– Senhor Tyrion – soou como um guincho, pontuado por um risinho nervoso.

– Ah, então você se *lembra* de mim? Tinha começado a duvidar.

– É *tão* bom vê-lo com um aspecto tão forte e bem de saúde. – Varys deu o seu sorriso mais servil. – Embora tenha de confessar que não esperava encontrá-lo nos meus humildes aposentos.

– E realmente são humildes. Na verdade, em excesso. – Tyrion esperara Varys ser convocado por seu pai antes de se esgueirar até ali para lhe fazer uma visita. Os aposentos do eunuco eram despojados e pequenos, três quartos confortáveis e sem janelas junto à muralha norte. – Esperava descobrir grande quantidade de cestos cheios de segredos suculentos para me entreter enquanto aguardava, mas não encontrei nem um papel. – Também procurei por passagens escondidas, sabendo que a Aranha tinha de ter maneiras de ir e vir sem ser vista, mas elas se mostraram igualmente esquivas. – Havia *água* em seu jarro, que os deuses tenham piedade de você – prosseguiu –, a cela onde dorme não é mais larga do que um caixão e aquela cama... é mesmo feita de pedra, ou só parece ser?

Varys fechou a porta e trancou-a.

– Sou atormentado por dores nas costas, senhor, e prefiro dormir sobre uma superfície dura.

– Teria tomado você por um amante de colchões de plumas.

– Sou uma caixinha de surpresas. Está zangado comigo por tê-lo abandonado após a batalha?

– Isso fez com que pensasse em você como em alguém de minha família.

– Não foi por falta de simpatia, meu bom senhor. Tenho um caráter tão delicado, e a sua cicatriz é tão terrível de observar... – Um estremecimento exagerado sacudiu-o. – O seu pobre nariz...

Tyrion esfregou, irritado, a escara.

– Talvez deva mandar fazer um novo, de ouro. Que tipo de nariz você sugere, Varys? Um como o seu, para farejar segredos? Ou devo dizer ao ourives que desejo o nariz de meu pai? – sorriu. – Meu nobre pai trabalha com tanta diligência que já quase não o vejo. Diga-me, é verdade que ele vai restituir ao Grande Meistre Pycelle o cargo no pequeno conselho?

– É, senhor.

– Devo agradecer à minha querida irmã por isso? – Pycelle tinha sido uma criatura da irmã; Tyrion despojara o homem do cargo, da barba e da dignidade, e atirara-o em uma cela escura.

– De modo algum, senhor. Agradeça aos arquimeistres de Vilavelha, que decidiram insistir na restituição de Pycelle com o argumento de que só o Conclave pode fazer ou desfazer um Grande Meistre.

*Malditos idiotas*, pensou Tyrion.

– Acho que me recordo que o carrasco de Maegor, o Cruel, desfez três com o seu machado.

– É bem verdade – disse Varys. – E o segundo Aegon deu o Grande Meistre Gerardys de comer ao dragão.

– Infelizmente, não disponho de um dragão. Creio que poderia ter mergulhado Pycelle em fogovivo, incendiando-o. A Cidadela teria preferido assim?

– Bem, estaria mais em concordância com a tradição. – O eunuco soltou um risinho abafado. – Felizmente, cabeças mais sensatas prevaleceram, e o Conclave aceitou o fato da destituição de Pycelle e tratou de escolher seu sucessor. Depois de considerar devidamente Meistre Turquin, o filho do sapateiro, e Meistre Erreck, o bastardo do pequeno cavaleiro, assim demonstrando, para sua própria satisfação, que em sua ordem a competência conta mais do que o nascimento, o Conclave estava à beira de nos enviar o Meistre Gormon, um Tyrell de Jardim de Cima. Quando contei isso ao senhor seu pai, ele agiu de imediato.

Tyrion sabia que o Conclave se reunia em Vilavelha a portas fechadas; suas deliberações eram supostamente secretas. *Então Varys também tem*

*passarinhos na Cidadela.*

– Entendo. Portanto meu pai decidiu apanhar a rosa antes que desabrochasse. – Não conseguiu evitar um risinho. – Pycelle é um sapo. Mas antes um sapo Lannister do que um sapo Tyrell, não é?

– O Grande Meistre Pycelle sempre foi um bom amigo da sua Casa – disse Varys suavemente. – Talvez o console saber que Sor Boros Blount também vai recuperar o cargo.

Cersei tinha despido Sor Boros do manto branco por não ter morrido em defesa do Príncipe Tommen quando Bronn capturou o garoto na estrada de Rosby. O homem não era amigo de Tyrion, mas depois daquilo era provável que odiasse Cersei quase com a mesma força. *Suponho que isso seja alguma coisa*.

– Blount é um covarde fanfarrão – disse, em tom amigável.

– É? Deuses. Seja como for, é verdade que os cavaleiros da Guarda Real servem a vida inteira, tradicionalmente. Talvez Sor Boros se mostre mais corajoso no futuro. Irá sem dúvida permanecer muito leal.

– Ao meu pai – disse Tyrion propositalmente.

– Já que estamos falando da Guarda Real... pergunto a mim mesmo se esta sua visita, deliciosamente inesperada, por acaso tem algo a ver com o irmão caído de Sor Boros, o galante Sor Mandon Moore. – O eunuco afagou a bochecha empoada. – Nos últimos tempos, seu amigo Bronn parece muito interessado nele.

Bronn tinha desenterrado tudo que pôde sobre Sor Mandon, mas não havia dúvida de que Varys poderia lhe dizer muito mais... se decidisse dividir o que sabia.

– O homem parece ter sido bastante desprovido de amigos – disse Tyrion, com cautela.

– Lamentavelmente – disse Varys –, oh, lamentavelmente. Talvez conseguisse encontrar alguns familiares se revirasse algumas pedras no Vale, mas aqui... Lorde Arryn trouxe-o para Porto Real e Robert deu-lhe seu manto branco, mas temo que nenhum dos dois gostasse muito dele. Nem era o tipo de homem que os plebeus aplaudem nos torneios, apesar de sua indubitável perícia. Ora, até seus irmãos da Guarda Real nunca chegaram a nutrir por ele amizade. Certa vez, ouviram Sor Barristan dizer que o homem não tinha nenhum amigo fora a espada e nenhuma vida para além do dever... mas, entenda, não creio que Selmy dissesse

isso inteiramente como elogio. E isso é estranho, se pensarmos no assunto, não é? Daria para dizer que são essas as exatas qualidades que procuramos para a nossa Guarda Real... homens que não vivem para si, mas para o seu rei. Visto sob essa luz, nosso bravo Sor Mandon era o perfeito cavaleiro branco. E morreu como um cavaleiro da Guarda Real devia morrer, de espada na mão, defendendo um homem do sangue do rei. – O eunuco brindou-o com um sorriso bajulador e observou-o atentamente.

*Tentando assassinar um homem do sangue do rei, você quer dizer*. Tyrion perguntou-se se Varys saberia mais a respeito do que estava dizendo. Nada do que acabara de ouvir era novo; Bronn tinha lhe trazido notícias muito semelhantes. Precisava de uma ligação com Cersei, alguma indicação de que Sor Mandon havia sido uma marionete da irmã. *O que queremos nem sempre é o que obtemos*, refletiu, com amargura, o que lhe fez lembrar...

– Não é Sor Mandon que me traz aqui.

– Certamente. – O eunuco atravessou a sala e pegou o jarro de água. – Posso servi-lo, senhor? – perguntou enquanto enchia uma taça.

– Sim. Mas não com água. – Juntou as mãos. – Quero que me traga Shae.

Varys bebericou.

– Isso será sensato, senhor? A querida e doce criança. Seria uma pena tão grande se o seu pai a enforcasse.

Não o surpreendeu que Varys soubesse.

– Não, não é sensato, é uma maldita loucura. Quero vê-la uma última vez, antes de mandá-la embora. Não consigo tolerar tê-la tão perto.

– Compreendo.

*Como você pode compreender?* Ainda no dia anterior Tyrion a vira, subindo a escada em espiral com um balde de água. Ficara vendo um jovem cavaleiro oferecendo-se para levar o pesado balde. O modo como ela tocou o braço dele e sorriu havia dado nós nas entranhas de Tyrion. Tinham passado a centímetros um do outro, ele descendo e ela subindo, tão perto que conseguira sentir o cheiro fresco e limpo de seus cabelos. Ela disse "Senhor" para ele, com uma pequena reverência, e ele quis estender a mão, agarrá-la e beijá-la logo ali, mas tudo que pôde fazer foi dar um rígido aceno de cabeça e seguir, bamboleando, o seu caminho.

– Vi-a várias vezes – disse a Varys –, mas não me atrevo a falar com ela. Suspeito que todos os meus movimentos estão sendo vigiados.

– Essa suspeita mostra a sua sensatez, meu bom senhor.

– Quem? – Tyrion inclinou a cabeça.

– Os Kettleblack entregam frequentes relatórios à sua querida irmã.

– Quando penso em todo o dinheiro que paguei a esses miseráveis... acha que há alguma hipótese de mais ouro reconquistá-los?

– Há sempre uma hipótese, mas eu não apostaria nisso. Eles agora são cavaleiros, todos os três, e sua irmã prometeu-lhes mais promoções. – Um risinho abafado e perverso irrompeu de entre os lábios do eunuco. – E o mais velho, Sor Osmund da Guarda Real, sonha também com outros certos... *favores*. Você pode igualar a rainha moeda a moeda, não duvido, mas ela tem uma segunda bolsa que é bastante inesgotável.

*Sete infernos*, pensou Tyrion.

– Está sugerindo que Cersei anda fodendo o Osmund Kettleblack?

– Oh, deuses, não, isso seria terrivelmente perigoso, não acha? Não, a rainha só *sugere*... talvez amanhã, ou depois do casamento... e depois um sorriso, um sussurro, um gracejo irreverente... um seio roçando levemente na manga dele quando se cruzam... e no entanto parece funcionar. Mas o que um eunuco poderia saber dessas coisas? – a ponta de sua língua correu pelo lábio inferior como um animal tímido e cor-de-rosa.

*Se conseguisse de algum modo levá-los a fazer mais do que carícias dissimuladas, arranjar uma maneira de o pai pegá-los juntos na cama...* Tyrion levou os dedos à escara do nariz. Não via como isso seria realizável, mas talvez lhe ocorresse algum plano mais tarde.

– Os Kettleblack são os únicos?

– Bom seria se assim fosse, senhor. Temo que haja muitos olhos postos em você. É... como direi? *Impossível de ignorar*? E não muito amado, lamento dizê-lo. Os filhos de Janos Slynt iriam denunciá-lo de bom grado para vingar o pai, e o nosso querido Lorde Petyr tem amigos em metade dos bordéis de Porto Real. Se fosse suficientemente insensato para visitar um qualquer, ele saberia de imediato, e o senhor seu pai, pouco depois.

*É ainda pior do que eu temia.*

– E o meu pai? Quem ele tem para me espiar?

Dessa vez o eunuco riu alto.

– Ora, eu, senhor.

Tyrion também riu. Não era suficientemente tolo para confiar mais em Varys do que era obrigado... mas o eunuco já sabia o suficiente sobre Shae para que ela fosse facilmente enforcada.

– Você vai me trazer Shae através das paredes, escondida de todos esses olhos. Como fez antes.

Varys torceu as mãos.

– Oh, senhor, nada me agradaria mais, mas... o Rei Maegor não queria ratazanas em suas paredes, se entende o que quero dizer. Ele exigiu uma maneira de sair secretamente, para o caso de ficar alguma vez encurralado por seus inimigos, mas essa porta não tem ligação com nenhuma outra passagem. Posso roubar a sua Shae da Senhora Lollys durante algum tempo, com certeza, mas não tenho como levá-la até o seu quarto sem que sejamos vistos.

– Então leve-a a outro lugar qualquer.

– Mas onde? Não há lugar seguro.

– Há. – Tyrion deu um sorriso. – Aqui. É hora de dar um uso melhor àquela sua cama dura como pedra, creio eu.

A boca do eunuco abriu-se. Depois soltou um risinho.

– Lollys cansa-se facilmente nos dias atuais. Está muito grávida. Imagino que estará dormindo em segurança por volta do nascer da lua.

Tyrion saltou da cadeira.

– Então será ao nascer da lua. Trate de arranjar algum vinho. E duas taças limpas.

Varys fez uma reverência.

– Será feito como o senhor ordena.

O resto do dia pareceu rastejar, lento como um verme em melaço. Tyrion subiu até a biblioteca do castelo e tentou se distrair com a *História das guerras de Roine*, de Beldecar, mas quase nem conseguia ver os elefantes, com a imaginação ocupada como estava pelo sorriso de Shae. Quando a tarde chegou, pôs o livro de lado e pediu um banho. Esfregou-se até a água esfriar, e depois ordenou que Pod aparasse sua barba. Esta era uma provação para si mesmo; um emaranhado de pelos amarelos, brancos e pretos, irregular e grosseira, raramente menos do

que desagradável à vista, mas servia para esconder parte de seu rosto, e isso era sempre bom.

Quando ficou tão limpo, cor-de-rosa e aparado como lhe era possível, Tyrion vasculhou o guarda-roupa e escolheu um par de calções apertados de cetim, do carmesim Lannister, e seu melhor gibão, o de pesado veludo negro com os rebites em forma de cabeça de leão. Teria colocado também a sua corrente de mãos douradas, se o pai não a tivesse roubado dele enquanto estava à beira da morte. Só depois de se vestir é que compreendeu a que ponto aquela loucura tinha chegado. *Sete infernos, anão, perdeu todo o juízo quando perdeu o nariz? Qualquer pessoa que o veja vai querer saber por que vestiu a roupa para audiências para visitar o eunuco*. Praguejando, Tyrion despiu-se e voltou a vestir-se, com um traje mais simples; calções pretos de lã, uma velha túnica branca e um gibão de couro marrom desbotado. *Não importa*, disse a si mesmo enquanto esperava que a lua nascesse. *Vista o que vestir, continua sendo um anão. Nunca será tão alto como aquele cavaleiro na escada, com as suas longas pernas retas, barriga dura e largos ombros viris.*

A luz se projetava sobre a muralha do castelo quando disse a Podrick Payne que ia visitar Varys.

– Vai demorar, senhor? – perguntou o garoto.

– Ah, espero que sim.

Com a Fortaleza Vermelha tão cheia de gente, Tyrion não podia acalentar a esperança de passar despercebido. Sor Balon Swann estava de guarda junto à porta, e Sor Loras Tyrell, à ponte levadiça. Parou para trocar amabilidades com ambos. Era estranho ver o Cavaleiro das Flores todo de branco quando anteriormente andara sempre tão colorido como um arco-íris.

– Quantos anos você tem, Sor Loras? – perguntou-lhe.

– Dezessete, senhor.

*Dezessete, belo, e já uma lenda. Metade das garotas dos Sete Reinos querem dormir com ele, e todos os rapazes querem ser ele*.

– Se me perdoa a pergunta, sor... por que é que alguém escolhe se juntar à Guarda Real aos dezessete anos?

– O Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, proferiu os votos aos dezessete – disse Sor Loras –, e o seu irmão Jaime era ainda mais novo.

– Eu conheço os motivos deles. Quais são os seus? A honra de servir junto a modelos de cavalaria como Meryn Trant e Boros Blount? – deu ao rapaz um sorriso zombeteiro. – Para defender a vida do rei, desistiu da sua. Abriu mão de suas terras e títulos, perdeu a esperança num casamento, em filhos...

– A Casa Tyrell continua por meio de meus irmãos – disse Sor Loras. – Não é necessário que um terceiro filho se case, ou se reproduza.

– Não é necessário, mas há quem ache isso prazeroso. E o amor?

– Depois de o sol se pôr, não há vela que possa substituí-lo.

– Isso vem de uma canção? – Tyrion inclinou a cabeça, sorrindo. – Sim, tem dezessete anos. Agora entendo.

Sor Loras retesou-se.

– Está caçoando de mim?

*Um rapaz suscetível.*

– Não. Se o ofendi, perdoe-me. Um dia eu mesmo tive uma amada, e nós também tínhamos uma canção. *Amei uma donzela bela como o verão, com luz do sol nos cabelos*. – Desejou a Sor Loras uma boa noite e prosseguiu o seu caminho.

Perto dos canis, um grupo de homens de armas assistiam a uma luta de cães. Tyrion parou tempo suficiente para ver o cão menor arrancar metade do focinho do maior, e conquistou algumas gargalhadas ao observar que o perdedor se assemelhava agora a Sandor Clegane. Então, esperando ter desarmado a desconfiança dos homens, prosseguiu na direção da muralha norte e desceu a curta escadaria que levava à pobre habitação do eunuco. A porta abriu-se no momento em que erguia a mão para bater.

– Varys? – Tyrion deslizou para dentro. – Você está aí? – Uma única vela iluminava as trevas, enchendo o ar com o cheiro de jasmim.

– Senhor. – Uma mulher surgiu à luz; roliça, suave, com aspecto de matrona e um rosto que mais parecia uma lua redonda e cor-de-rosa, além de pesados caracóis escuros. Tyrion recuou. – Há algo errado? – perguntou a mulher.

*Varys*, compreendeu Tyrion, aborrecido.

– Por um horrível momento pensei que tivesse me trazido Lollys em vez de Shae. Onde está ela?

– Aqui, senhor. – Ela pôs as mãos sobre seus olhos, por trás. – Será capaz de adivinhar o que estou vestindo?

– Nada?

– Oh, é tão *esperto* – disse ela, fazendo beicinho e afastando as mãos. – Como sabia?

– É muito bela dentro de nada.

– Sou? – disse ela. – Sou mesmo?

– Oh, sim.

– Então não devia estar me fodendo em vez de falando?

– Primeiro temos de nos livrar da Senhora Varys. Não sou um daqueles anões que gostam de público.

– Ele foi embora – disse Shae.

Tyrion virou-se para olhar. Era verdade. O eunuco havia desaparecido, com saias e tudo. *As portas escondidas estão aqui, em algum lugar, têm de estar*. Foi tudo em que teve tempo de pensar antes que Shae lhe virasse a cabeça para beijá-lo. A boca dela estava úmida e esfomeada, e ela nem sequer parecia ver a sua cicatriz, ou a escara em carne viva que agora tinha no local onde antes o nariz esteve. A pele da moça era seda morna sob os seus dedos. Quando o polegar roçou no mamilo esquerdo dela, ele endureceu de imediato.

– Depressa – ela pediu, entre beijos, enquanto os dedos dele se dirigiam às ataduras –, oh, depressa, depressa, quero você dentro de mim, dentro de mim, dentro de mim. – Tyrion sequer teve tempo para se despir como deveria. Shae puxou seu pau para fora dos calções, empurrou-o para o chão e trepou em cima dele. Gritou quando Tyrion atravessou seus lábios e montou-o violentamente, gemendo: – Meu gigante, meu gigante, meu gigante – sempre que se lançava contra ele. Tyrion estava tão ardente que explodiu no quinto empurrão, mas Shae não pareceu se importar. Deu um sorriso maroto quando o sentiu ejacular e debruçou-se para a frente para beijar o suor de sua testa. – Meu gigante de Lannister – murmurou. – Fique dentro de mim, por favor. Gosto de senti-lo aí.

Então Tyrion não se moveu, exceto para pôr os braços em volta dela. *É tão bom abraçá-la, e ser abraçado*, pensou. *Como pode uma coisa tão doce ser um crime que justifique enforcá-la?*

– Shae – disse –, querida, esta tem de ser a última vez que ficamos juntos. O perigo é grande demais. Se o senhor meu pai encontrá-la...

– Gosto da sua cicatriz. – A moça percorreu-a com um dedo. – Faz com que pareça muito feroz e forte.

Ele soltou uma gargalhada.

– Muito feio, você quer dizer.

– O senhor nunca será feio aos meus olhos. – Ela beijou a escara que cobria os restos destroçados do seu nariz.

– Não é o meu rosto que deve preocupá-la, é o meu pai...

– Ele não me assusta. O senhor vai me devolver agora as joias e as sedas? Perguntei a Varys se ele podia me dá-las quando você foi ferido na batalha, mas ele não quis. Que teria acontecido com elas se tivesse morrido?

– Não morri. Aqui estou.

– Eu sei. – Shae contorceu-se em cima dele, sorrindo. – Bem no lugar certo. – Fez beicinho. – Mas por quanto tempo tenho de continuar com Lollys, agora que está bem?

– Não está ouvindo? – disse Tyrion. – Pode ficar com Lollys se quiser, mas seria melhor se saísse da cidade.

– Não quero sair. O senhor me prometeu que eu voltaria a me mudar para uma mansão depois da batalha. – A boceta dela deu-lhe um pequeno apertão, e ele começou a enrijecer de novo, dentro dela. – Um Lannister sempre paga as suas dívidas, você disse.

– Shae, malditos sejam os deuses, pare com isso. *Escute*-me. Você tem de ir embora. Agora a cidade está cheia de Tyrells, e eu sou vigiado de perto. Você não compreende os perigos.

– Posso ir ao banquete de casamento do rei? A Lollys não quer ir. Disse-lhe que ninguém deverá estuprá-la na sala do trono do rei, mas ela é tão *burra*. – Quando Shae rolou de cima de Tyrion, o pau dele escorregou para fora com um som suave e úmido. – O Symon diz que vai haver um torneio de cantores, e acrobatas, e até uma justa de bobos.

Tyrion tinha quase se esquecido do três vezes maldito cantor de Shae.

– Como foi que falou com Symon?

– Falei dele à Senhora Tanda, e ela contratou-o para tocar para Lollys. A música acalma-a quando o bebê começa a chutar. Symon diz que vai haver um urso dançarino no banquete, e vinhos da Árvore. Nunca vi um urso dançar.

– Dançam pior do que eu. – O que o preocupava era o cantor, não o urso. Uma palavra descuidada ao ouvido errado, e Shae seria enforcada.

– Symon diz que vai haver setenta e sete pratos e uma grande torta com cem pombas lá dentro – prosseguiu Shae. – Quando a crosta for aberta, todas vão sair e levantar voo.

– E em seguida irão se empoleirar nas vigas do teto e fazer chover cocô de pássaro sobre os convidados. – Tyrion já sofrera com aquele tipo de torta de casamento. As pombas gostavam especialmente de cagar em cima *dele*, ou pelo menos sempre tinha suspeitado disso.

– Eu não poderia vestir as minhas sedas e veludos e ir como uma senhora em vez de uma criada de quarto? Ninguém saberia que não sou uma senhora.

*Todo mundo saberia que não é uma senhora*, pensou Tyrion.

– A Senhora Tanda podia sentir curiosidade em saber onde a aia de Lollys teria arranjado tantas joias.

– Symon diz que vai haver mil convidados. Ela nunca me veria. Eu encontraria um lugar em algum canto escuro abaixo do sal, mas sempre que se levantasse para ir à latrina, eu poderia escapulir e ir encontrá-lo. – Envolveu a pica dele nas mãos e afagou-a com suavidade. – Não levaria roupas de baixo sob o vestido, para que o senhor nem precisasse me desatar. – Os dedos dela brincaram com ele, para cima e para baixo. – Ou, se quisesse, podia fazer-lhe isto. – Enfiou-o na boca.

Tyrion ficou pronto de novo depressa. Daquela vez durou muito mais tempo. Quando terminou, Shae voltou a rolar para cima dele e aninhou-se por baixo de seu braço.

– Vai me deixar ir, não vai?

– Shae – gemeu –, *não é seguro*.

Durante algum tempo, ela não disse uma palavra. Tyrion tentou falar em outras coisas, mas deparou com uma muralha de cortesia amuada, tão gelada e inflexível como a Muralha por onde caminhara uma vez, no norte. *Deuses, sejam bons*, pensou, fatigado, enquanto observava a vela queimando e começando a oscilar, *como deixei que isso voltasse a acontecer, depois de Tysha? Será que sou um tolo tão grande como o meu pai pensa?* De bom grado lhe teria feito a promessa que ela queria, e de bom grado voltaria com ela para o seu quarto, de braço dado, para deixá-la vestir as sedas e os veludos de que tanto gostava. Se a escolha fosse

sua, ela poderia sentar-se a seu lado no banquete de casamento de Joffrey, e dançaria com todos os ursos que quisesse. Mas não podia vê-la enforcada.

Quando a vela se apagou, Tyrion desprendeu-se e acendeu outra. Então fez uma ronda pelas paredes, batendo em todas, uma de cada vez, em busca da porta escondida. Shae sentou-se com as pernas dobradas próximas ao peito e os braços enrolados em volta delas, observando-o. Por fim, disse:

– Estão debaixo da cama. Os degraus secretos.

Ele olhou-a, incrédulo.

– A cama? A cama é de pedra sólida. Pesa meia tonelada.

– Há um lugar onde Varys empurra, e a cama flutua para cima. Perguntei-lhe como fazia aquilo, e ele disse que era magia.

– Sim. – Tyrion teve de sorrir. – Um feitiço de contrapeso.

Shae ficou em pé.

– Eu devia voltar. Às vezes o bebê chuta e Lollys acorda e me chama.

– Varys deve voltar em breve. Provavelmente está escutando todas as palavras que dizemos. – Tyrion apoiou a vela. Havia um ponto úmido na parte da frente dos seus calções, mas na escuridão devia passar despercebido. Disse a Shae para se vestir e esperar pelo eunuco.

– Eu espero – ela prometeu. – É o meu leão, não é? O meu gigante de Lannister?

– Sou – disse ele. – E você é...

– ... a sua rameira. – Ela pôs um dedo nos lábios dele. – Eu sei. Gostaria de ser a sua senhora, mas não posso. Se fosse, você iria me levar ao banquete. Não importa. Gosto de ser rameira para o senhor, Tyrion. Basta que me mantenha, meu leão, e que me mantenha a salvo.

– Manterei – prometeu ele. *Tolo, tolo*, gritou a sua voz interior. *Por que disse isso? Veio aqui para mandá-la embora!* Em vez disso, voltou a beijá-la.

O caminho de volta pareceu longo e solitário. Podrick Payne estava dormindo em sua bicama, aos pés da de Tyrion, mas este acordou o rapaz.

– Bronn – disse.

– Sor Bronn? – Pod afastou o sono dos olhos com as mãos. – Oh. Devo ir chamá-lo? Senhor?

– Ora, não, acordei você para termos uma conversinha sobre a maneira como ele se veste – disse Tyrion, mas o sarcasmo foi desperdiçado. Pod limitou-se a olhá-lo de boca aberta, confuso, até que o anão jogou as mãos para o ar e disse: – Sim, vá buscá-lo. Traga-o aqui. Já.

O rapaz vestiu-se às pressas e saiu do quarto praticamente correndo. *Sou mesmo tão aterrorizador assim?*, perguntou Tyrion a si mesmo, enquanto se despia, vestia um roupão e se servia de um pouco de vinho.

Bebia a terceira taça, depois de ter decorrido metade da noite, quando Pod finalmente retornou, rebocando o cavaleiro mercenário.

– Espero que o rapaz tenha mesmo uma razão muito boa para me arrastar para fora da casa de Chataya – disse Bronn enquanto se sentava.

– Da casa de *Chataya*? – disse Tyrion, aborrecido.

– É bom ser um cavaleiro. Foi-se o tempo de andar à procura dos bordéis mais baratos no fim da rua. – Bronn sorriu. – Agora é Alayaya e Marei na mesma cama de plumas, com Sor Bronn no meio.

Tyrion teve de reprimir o incômodo. Bronn tinha tanto direito de se deitar com Alayaya quanto qualquer outro homem, mesmo assim... *Nunca toquei nela, por mais que a desejasse, mas Bronn não podia saber disso. Devia ter mantido o pau longe dela*. Ele mesmo não se atrevia a visitar a casa de Chataya. Se o fizesse, Cersei se certificaria de que o pai ficasse sabendo, e Alayaya sofreria mais do que algumas chicotadas. Enviara à moça um colar de prata e jade e um par de pulseiras combinando, como forma de desculpa, mas, além disso...

*Isso não leva a nada.*

– Há um cantor que chama a si mesmo de Symon Língua de Prata – disse Tyrion num tom fatigado, afastando a culpa. – Às vezes toca para a filha da Senhora Tanda.

– Que tem ele?

Podia ter dito: *Mate-o*, mas o homem nada havia feito além de cantar algumas canções. *E encher a linda cabeça de Shae com visões de pombas e ursos dançarinos*.

– Encontre-o – acabou por dizer. – Encontre-o antes que outros o façam.

# ARYA

Estava desenterrando legumes no jardim de um morto quando ouviu a cantoria.

Arya retesou-se, quieta como pedra, escutando, subitamente esquecida das três cenouras fibrosas que tinha na mão. Pensou nos Saltimbancos Sangrentos e nos homens de Roose Bolton, e um arrepio de medo correu por sua espinha. *Não é justo, quando finalmente encontramos o Tridente, quando pensávamos que estávamos quase a salvo.*

Mas por que os Saltimbancos estariam cantando?

A canção pairava sobre o rio, vinda de algum lugar para lá da pequena elevação que havia a leste.

– *Vou à Vila Gaivota ver a bela donzela, ei-ou, ei-ou...*

Arya levantou-se, com as cenouras penduradas na mão. Soava como se o cantor viesse ao longo da estrada que ladeava o rio. No meio das couves, Torta Quente também o ouviu, julgando pela expressão que tinha no rosto. Gendry fora dormir à sombra do chalé incendiado, e não estava em estado de ouvir qualquer coisa.

– *Co'a ponta da espada roubarei um beijo dela, ei-ou, ei-ou*. – parecia ouvir também uma harpa, ao fundo do suave rumorejar do rio.

– Está ouvindo? – perguntou Torta Quente num sussurro rouco, enquanto se abraçava a um monte de couves. – Alguém está vindo.

– Vá acordar Gendry – disse-lhe Arya. – Sacuda-o só pelo ombro, não faça muito barulho. – Gendry era fácil de acordar, ao contrário do Torta Quente, que precisava levar pontapés e ouvir gritos.

– *Será o meu amor, descansando sob a tela, ei-ou, ei-ou*. – A canção tornava-se mais alta a cada palavra.

Torta Quente abriu os braços. As couves caíram ao chão com ruídos surdos e suaves.

– Temos de nos *esconder*.

*Onde*? O chalé incendiado e seu jardim descuidado ficavam bem ao lado das margens do Tridente. Havia alguns salgueiros crescendo ao

longo do rio, e grupos de caniços nos baixios lamacentos atrás deles, mas a maior parte do terreno ao redor era dolorosamente aberta. *Eu sabia que nunca deveríamos ter saído da floresta*, pensou ela. Mas tinham tanta fome, e o jardim era uma tentação tão grande. O pão e o queijo que tinham roubado de Harrenhal acabara seis dias antes, quando eles se encontravam no meio da floresta.

– Leve Gendry e os cavalos para trás do chalé – decidiu. Lá ainda havia parte de uma parede que permanecia em pé, suficientemente grande, talvez, para esconder dois rapazes e três cavalos. *Se os cavalos não relincharem, e aquele cantor não vier meter o nariz no jardim.*

– E você?

– Eu me escondo ao pé da árvore. Ele provavelmente vem sozinho. Se me incomodar, mato-o. *Vá!*

Torta Quente partiu, e Arya largou as cenouras e puxou a espada roubada por sobre o ombro. Tinha prendido a bainha nas costas; a espada fora forjada para um adulto, e batia no chão quando ela a usava na cintura. *Além disso é pesada demais*, pensou, sentindo falta da Agulha, como acontecia sempre que pegava naquela coisa desajeitada. Mas era uma espada, e podia matar com ela, isso bastava.

Ligeira, correu para o grande e velho salgueiro que crescia ao lado da curva da estrada e caiu sobre um joelho entre a grama e a lama, no interior do véu de ramos que roçavam o chão. *Oh, velhos deuses*, rezou enquanto a voz do cantor se tornava mais forte, *oh, deuses das árvores, escondam-me, e façam com que passem por mim*. Então, um cavalo relinchou e a voz interrompeu-se subitamente. *Ele ouviu*, compreendeu, *mas talvez esteja sozinho, ou, se não estiver, talvez tenham tanto medo de nós como nós temos deles*.

– Ouviu aquilo? – disse uma voz de homem. – Parece que há alguma coisa atrás daquela parede.

– Sim – respondeu uma segunda voz, mais grave. – O que acha que pode ser, Arqueiro?

*Então são dois*. Arya mordeu o lábio. Não conseguia vê-los de onde estava ajoelhada, por causa do salgueiro. Mas conseguia ouvir.

– Um urso. – Uma terceira voz, ou a primeira outra vez?

– Um monte de carne num urso – disse a voz grave. – Um monte de gordura também, no Outono. Boa para comer, se for bem cozida.

– Poderia ser um lobo. Talvez um leão.

– Você acha que com quatro patas? Ou com duas?

– Não importa. Importa?

– Que eu saiba, não. Arqueiro, o que pretende fazer com todas essas flechas?

– Lançar umas tantas atrás daquela parede. Seja o que for que está escondido ali, vai sair bem depressa, espere e verá.

– Mas e se for algum homem honesto que está ali? Ou uma pobre mulher com um bebezinho de peito?

– Um homem honesto sairia e mostraria a cara. Só um fora da lei fugiria e se esconderia.

– Bem, é verdade. Então mande lá as suas flechas.

Arya ficou em pé de um salto.

– *Não!* – mostrou-lhes a espada. Viu que eram três. *Só três*. Syrio podia lutar com mais de três, e ela talvez tivesse Torta Quente e Gendry para lutar com ela. *Mas eles são garotos, e estes são homens*.

Eram homens a pé, sujos da viagem e salpicados de lama. Identificou o cantor pela harpa que embalava contra o gibão, como uma mãe embalaria um bebê. Um homem pequeno, de uns cinquenta anos, tinha a boca grande, o nariz marcante e cabelos castanhos que já rareavam. Suas roupas, de um verde desbotado, estavam consertadas aqui e ali com remendos de couro velho, e trazia na cintura um molho de facas de arremessar e, a tiracolo, um machado de lenhador.

O homem que seguia a seu lado era uns bons trinta centímetros mais alto, e parecia um soldado. De seu cinto de couro com rebites pendia uma espada longa e um punhal, fileiras de anéis de aço sobrepostos estavam costuradas em sua camisa, e sua cabeça estava coberta por um meio elmo de ferro negro em forma de cone. Tinha dentes estragados e uma cerrada barba castanha, mas era o manto amarelo com capuz que chamava a atenção. Grosso e pesado, manchado aqui por mato e ali por sangue, puído ao longo da bainha e remendado com pele de veado no ombro direito, o manto dava ao homem o aspecto de um enorme pássaro amarelo.

O último dos três era um jovem tão esguio como o seu arco, embora não fosse tão alto. Ruivo e sardento, usava uma brigantina com rebites, botas de cano alto, luvas de couro sem dedos e uma aljava a tiracolo. As

penas de suas flechas eram de ganso cinza, e seis delas estavam espetadas no chão à sua frente, como uma pequena cerca.

Os três homens olharam-na, ali, em pé, no meio da estrada, de espada na mão. Então o cantor tocou uma corda num gesto indolente.

– Menino – disse –, abaixe já essa espada se não quiser se machucar. É grande demais para você, garoto, e além disso o Anguy aqui conseguiria atravessá-lo com três flechas antes de você pensar em nos alcançar.

– Não conseguiria nada – disse Arya –, e eu sou uma *menina*.

– Ah, e não é que é verdade? – o cantor fez uma reverência. – As minhas desculpas.

– Continue pela estrada afora. Limite-se a andar adiante e continue a cantar, para que saibamos onde está. Vá embora e deixe-nos em paz, e eu não os mato.

O arqueiro sardento soltou uma gargalhada.

– Limo, ela não nos mata, ouviu?

– Ouvi – disse Limo, o soldado grande com a voz grave.

– Filha – disse o cantor –, abaixe essa espada, que nós levamos você para um lugar melhor e colocamos alguma comida nessa barriga. Há lobos por esses lados, e também leões, e coisas piores. Não é lugar para uma menininha ficar vagueando sozinha.

– Ela não está sozinha. – Gendry saiu a cavalo de trás da parede do chalé, e Torta Quente veio atrás, trazendo o cavalo de Arya pela arreata. Vestindo a cota de malha e com uma espada na mão, Gendry quase parecia um homem-feito, e perigoso. Torta Quente parecia Torta Quente. – Faça o que ela diz, e deixe-nos em paz – preveniu Gendry.

– Dois e três – contou o cantor – e é só isso? E também cavalos, lindos cavalos. Onde foi que os roubaram?

– São nossos. – Arya observou-os cuidadosamente. O cantor tentava distraí-la com a sua conversa, mas o perigo estava no arqueiro. *Se ele arrancar uma flecha do chão...*

– Vão nos dizer seus nomes como homens honestos? – perguntou o cantor aos rapazes.

– Sou o Torta Quente – disse o Torta Quente de imediato.

– Ora, e que bom para você. – O homem sorriu. – Não é todos os dias que conheço um garoto com um nome tão saboroso. E como se chamam os seus amigos, Costeleta de Carneiro e Pombinha?

Gendry franziu a testa de cima de sua sela.

– Por que devo lhe dizer o meu nome? Ainda não ouvi o seu.

– Bom, não seja por isso, sou Tom de Seterrios, mas todos me chamam de Tom Sete-Cordas, ou então Tom das Sete. Este grande grosseirão com dentes marrons é o Limo, abreviatura de Manto Limão. Ele é amarelo, está vendo, e o Limo é um cara amargo. E este jovem rapaz aqui é Anguy, ou Arqueiro, como gostamos de chamá-lo.

– E agora, quem são vocês? – exigiu saber o Limo, na voz grave que Arya tinha ouvido através dos ramos do salgueiro.

Ela não ia revelar seu verdadeiro nome assim tão facilmente.

– Se quiser que seja Pombinha, sou Pombinha – disse. – Não me importo.

O grandalhão soltou uma gargalhada.

– Uma pombinha com uma espada – disse. – Ora, eis uma coisa que não se vê todos os dias.

– Eu sou o Touro – disse Gendry, imitando Arya. Não podia censurá-lo por preferir Touro a Costeleta de Carneiro.

Tom Sete-Cordas arrancou um acorde da harpa.

– Torta Quente, Pombinha e Touro. Fugidos da cozinha de Lorde Bolton, não?

– Como sabe? – quis saber Arya, inquieta.

– Tem o símbolo dele no peito, pequena.

Havia se esquecido disso por um instante. Sob o manto, ainda usava o gibão de pajem, com o homem esfolado do Forte do Pavor cosido no peito.

– Não me chame de pequena!

– Por que não? – disse Limo. – É bastante pequena.

– Sou maior do que era. Não sou uma *criança*. – As crianças não matam gente, e ela já havia feito isso.

– Já tinha percebido, Pombinha. Nenhum de vocês é criança, não se pertenciam a Bolton.

– Nunca fomos dele. – Torta Quente nunca sabia quando devia ficar calado. – Estávamos em Harrenhal antes de ele chegar, só isso.

– Então são filhotes de leão, é isso? – perguntou Tom.

– Também não. Não somos de ninguém. E vocês, são de quem?

Anguy, o Arqueiro, disse:

– Somos homens do rei.

Arya franziu a testa.

– Qual deles?

– O Rei Robert – disse Limo, com seu manto amarelo.

– Aquele velho bêbado? – perguntou Gendry em tom de escárnio. – Está morto, um javali qualquer matou-o, todo mundo sabe disso.

– Bem, rapaz – disse Tom Sete-Cordas –, e é uma pena. – Fez soar um acorde triste na harpa.

Arya não achava nem um pouco que eles fossem mesmo homens do rei. Pareciam-se mais com fora da lei, todos andrajosos e esfarrapados. Nem sequer tinham cavalos para montar. Homens do rei teriam cavalos.

Mas Torta Quente interveio ansiosamente.

– Andamos à procura de Correrrio – disse ele. – A quantos dias de viagem fica, vocês sabem?

Arya sentiu-se capaz de matá-lo.

– Cale-se, senão encho essa sua grande boca estúpida de pedras.

– Correrrio fica a uma longa distância para montante – disse Tom. – A uma distância longa e faminta. Não querem uma refeição quente antes de seguirem caminho? Há uma estalagem ali adiante, não muito longe, que é de uns amigos nossos. Podíamos dividir umas cervejas e um pouco de pão, em vez de lutar uns com os outros.

– Uma estalagem? – pensar em comida quente fez a barriga de Arya trovejar, mas não confiava naquele Tom. Nem todo mundo que nos falava de forma amistosa era realmente nosso amigo. – Fica perto, você diz?

– Três quilômetros a montante – disse Tom. – Uma légua, no máximo.

Gendry parecia tão incerto quanto ela.

– O que quer dizer com *amigos*? – perguntou ele com cautela.

– Amigos. Esqueceu-se do que são amigos?

– O nome da estalajadeira é Sharna – interveio Tom. – Tem uma língua afiada e um olho feroz, admito, mas o coração é bom e gosta de menininhas.

– Eu não sou uma menininha – disse Arya, zangada. – Quem mais está lá? Você disse *amigos*.

– O marido de Sharna, e um garoto órfão que eles acolheram. Não lhe farão mal. Há cerveja, se achar que já tem idade. Pão fresco e talvez um

pouco de carne. – Tom olhou de relance para o chalé. – E mais o que quer que tenham roubado do jardim do Velho Pate.

– Não roubamos nada – disse Arya.

– Então será que é filha do Velho Pate? Uma irmã? Uma esposa? Não minta para mim, Pombinha. Fui eu mesmo quem enterrou o Velho Pate, bem ali, debaixo daquele salgueiro onde estava escondida, e você não se parece com ele. – Arrancou da harpa um som triste. – Enterramos muitos bons homens neste último ano, mas não queremos enterrar você, juro pela minha harpa. Arqueiro, mostre-lhe.

A mão do arqueiro moveu-se mais depressa do que Arya julgaria possível. A flecha passou por sua cabeça assobiando, a dois centímetros de sua orelha, e foi se enterrar no tronco do salgueiro, que ficava atrás. Nesse momento, o arqueiro já tinha uma segunda flecha encaixada e a corda puxada. Antes Arya achava que entendia o que Syrio queria dizer com *rápida como uma cobra* e *suave como seda de verão*, mas agora sabia que não. A flecha zumbiu atrás dela como uma abelha.

– Errou – disse.

– Tola é você se acha isso – disse Anguy. – Elas vão para onde as mando.

– E vão mesmo – concordou Limo Manto Limão.

Havia uma dúzia de passos entre o arqueiro e a ponta da espada dela. *Não temos escolha*, compreendeu Arya, desejando ter um arco como o dele, e a perícia para usá-lo. Sombriamente, baixou a pesada espada até a ponta tocar o chão.

– Vamos ver essa estalagem – admitiu, tentando esconder a dúvida que tinha no coração atrás de palavras ousadas. – Caminhem em nossa frente e nós seguiremos atrás a cavalo, para podermos ver o que estão fazendo.

Tom Sete-Cordas fez uma profunda reverência e disse:

– À frente, atrás, não faz diferença. Venham, rapazes, vamos mostrar-lhes o caminho. Anguy, é melhor guardar essas flechas, não vamos precisar delas aqui.

Arya embainhou a espada e atravessou a estrada até onde os amigos estavam a cavalo, mantendo distância dos três estranhos.

– Torta Quente, pegue essas couves – disse enquanto saltava para a sela. – E as cenouras também.

Por uma vez, ele não discutiu. Puseram-se a caminho como ela quis, avançando lentamente com os cavalos ao longo da estrada sulcada, uma dúzia de passos atrás dos três caminhantes. Mas não muito tempo depois, de algum modo, estavam bem na cola deles. Tom Sete-Cordas caminhava devagar, e gostava de ir dedilhando a harpa à medida que avançava.

– Conhecem algumas canções? – perguntou-lhes. – Adoraria ter alguém com quem cantar, adoraria mesmo. O Limo não consegue cantar afinado, e o nosso rapaz do arco só conhece baladas da Marca, todas com cem versos de comprimento.

– Na Marca cantamos canções de verdade – disse brandamente Anguy.

– Cantar é *idiota* – disse Arya. – Cantar faz barulho. Ouvimos você de muito longe. Podíamos ter matado você.

O sorriso de Tom indicava que ele não tinha a mesma opinião.

– Há coisas piores do que morrer com uma canção nos lábios.

– Se houvesse lobos por aqui, saberíamos – resmungou o Limo. – Ou leões. Esta floresta é nossa.

– Não sabiam que nós estávamos aqui – disse Gendry.

– Ora, rapaz, não devia ter tanta certeza assim – disse Tom. – Às vezes um homem sabe mais do que diz.

Torta Quente mexeu-se na sela.

– Eu conheço a canção sobre o urso – disse. – Pelo menos parte dela.

Tom correu os dedos pelas cordas.

– Então vamos ouvi-la, menino das tortas. – Atirou a cabeça para trás e cantou: – *Havia um urso, um urso, um urso! Preto e castanho e coberto de pelo...*

Torta Quente juntou-se a ele cheio de energia, chegando mesmo a balançar um pouco na sela, nas rimas. Arya fitou-o, espantada. Tinha uma boa voz e cantava bem. *Nunca fez nada bem, a não ser cozinhar*, pensou consigo mesma.

Um pequeno riacho desaguava no Tridente um pouco mais à frente. Enquanto o atravessavam, a cantoria espantou um pato que estava no meio dos juncos. Anguy parou, pegou o arco, encaixou uma flecha e abateu-o. A ave caiu nos baixios, não muito longe da margem. Limo tirou o manto amarelo e entrou na água até os joelhos para recuperá-la, sem parar de se queixar.

– Acha que a Sharna terá limões lá embaixo, naquela adega dela? – perguntou Anguy a Tom enquanto observavam o Limo espirrar água, praguejando. – Certa vez, uma garota de Dorne fez pato com limões para mim. – Parecia cheio de desejo.

Tom e Torta Quente reataram a canção do outro lado do riacho, com o pato já preso ao cinto de Limo, por baixo de seu manto amarelo. De algum modo, a canção fez com que os quilômetros parecessem mais curtos. Não demorou realmente muito tempo até a estalagem aparecer à frente deles, erguendo-se da margem do rio onde o Tridente fazia uma grande curva para o norte. Arya observou-a com suspeita ao se aproximar, de olhos semicerrados. Não parecia um covil de fora da lei, tinha de admitir; aparentava um local amigável, até mesmo acolhedor, com seu andar superior caiado e o telhado de ardósia e a fumaça que saía em preguiçosas espirais da chaminé. Estábulos e outros edifícios secundários rodeavam-na, e havia um vinhedo nos fundos, e macieiras e um pequeno jardim. A estalagem até tinha seu próprio ancoradouro, que se projetava pelo rio, e...

– Gendry – chamou Arya, com voz baixa e urgente. – Eles têm um barco. Podíamos fazer o resto do caminho até Correrrio navegando. Seria mais rápido do que a cavalo, eu acho.

Ele pareceu duvidar.

– Você alguma vez já velejou?

– Iça-se a vela – disse ela – e o vento empurra.

– E se o vento estiver soprando na direção errada?

– Então há remos para remar.

– Contra a corrente? – Gendry franziu a testa. – Isso não seria devagar? E se o barco virar e cairmos na água? Seja como for, o barco não é nosso, é da estalagem.

*Podíamos roubá-lo*. Arya mordeu o lábio e nada disse. Desmontaram em frente aos estábulos. Não se via mais nenhum cavalo, mas Arya reparou no estrume fresco em muitas das cocheiras.

– Um de nós devia vigiar os cavalos – disse, cautelosa.

Tom ouviu-a.

– Não há necessidade disso, Pombinha. Venha comer, eles vão ficar suficientemente seguros.

– Eu fico – disse Gendry, ignorando o cantor. – Pode vir me buscar depois de ter comido alguma coisa.

Assentindo, Arya foi atrás de Torta Quente e Limo. Ainda levava a espada na bainha, a tiracolo, e mantinha uma mão perto do cabo do punhal que roubara de Roose Bolton, para o caso de não gostar do que quer que encontrassem lá dentro.

O letreiro pintado por cima da porta mostrava a imagem de um velho rei qualquer ajoelhado. Lá dentro ficava a sala comum, onde uma mulher feia e muito alta, com um queixo protuberante, estava em pé, de mãos no quadril, encarando-a com ar zangado.

– Não fique aí parado, menino – exclamou. – Ou é uma menina? Seja como for, está bloqueando a porta. Ou entra ou sai. Limo, que foi que eu disse a respeito do meu chão? Você está pura lama.

– Abatemos um pato. – Limo mostrou-o como uma bandeira de paz.

A mulher arrancou-o de sua mão.

– O que você quer dizer é que o Anguy abateu um pato. Tire as botas, você é surdo ou é só burro? – virou-se. – *Marido!* – chamou, em voz alta. – Venha aqui pra cima, os rapazes voltaram. *Marido!*

Um homem com um avental sujo subiu a escada da adega, resmungando. Era uma cabeça mais baixo do que a mulher, e tinha o rosto grumoso e uma pele amarelada e solta, que ainda mostrava as marcas de um tipo qualquer de varíola.

– Estou aqui, mulher, pare de berrar. O que foi agora?

– Pendure isto – disse ela, entregando-lhe o pato.

Anguy remexeu os pés.

– Estávamos pensando em comê-lo, Sharma. Com limões. Se tiver alguns.

– Limões. E onde iríamos arranjar limões? Você acha que está em Dorne, meu idiota sardento? Por que não dá um pulo lá atrás até os limoeiros e colhe um balde para a gente, e também algumas azeitonas e romãs das boas? – sacudiu um dedo em frente ao nariz dele. – Ora bem, suponho que podia cozinhá-lo com o manto do Limo, se quisesse, mas só depois que o pato passar uns dias pendurado. Ou você vai comer coelho, ou não vai comer. Coelho assado no espeto é o mais rápido, se tiver fome. Ou talvez o queira cozido, com cerveja e cebolas.

Arya quase conseguia sentir o gosto do coelho.

– Não temos dinheiro, mas trouxemos algumas cenouras e couves que poderíamos trocar com você.

– Ah, trouxe? E onde estão elas?

– Torta Quente, dê as couves para ela – disse Arya, e ele entregou, embora se aproximasse da velha tão cautelosamente como se ela fosse Rorge, Dentadas ou Vargo Hoat.

A mulher inspecionou bem os legumes, e melhor o garoto.

– Onde está essa *torta quente*?

– Aqui. Eu. É o meu nome. E ela é a... ah... Pombinha.

– Debaixo do meu teto, não. Dou nomes diferentes aos clientes e aos pratos, para distingui-los uns dos outros. *Marido!*

O Marido tinha ido até lá fora, mas, ao ouvir o grito da mulher, apressou-se a voltar.

– O pato está pendurado. O que foi agora, mulher?

– Lave estes legumes – ordenou ela. – Os outros, sentem-se enquanto eu começo a cuidar dos coelhos. O garoto vai lhes trazer bebidas. – Olhou ao longo de seu grande nariz para Arya e Torta Quente. – Não tenho o hábito de servir cerveja a crianças, mas a sidra acabou, não há vacas para dar leite, e a água do rio tem gosto de guerra, com todos os mortos que vêm à deriva. Se lhes servisse uma tigela de sopa cheia de moscas mortas, vocês a tomariam?

– Arry tomaria – disse Torta Quente. – A Pombinha, quero dizer.

– E Limo também – sugeriu Anguy, com um sorriso manhoso.

– Não se preocupe com Limo – disse Sharna. – Há cerveja para todos. – E desapareceu na direção da cozinha.

Anguy e Tom Sete-Cordas ocuparam a mesa perto da lareira, enquanto Limo pendurava seu grande manto amarelo num cabide. Torta Quente deixou-se cair pesadamente num banco, junto à mesa perto da porta, e Arya enfiou-se ao lado dele.

Tom pegou a harpa.

– *Uma estalagem solitária na estrada da floresta* – cantou, inventando lentamente uma melodia que se adaptasse às palavras. – *A mulher do estalajadeiro era feia como uma besta.*

– Cale a boca, senão não vai ter coelho para ninguém – preveniu-o Limo. – Sabe como ela é.

Arya debruçou-se, aproximando-se de Torta Quente.

– Sabe manejar um veleiro? – perguntou. Antes de ele ter tempo de responder, um rapaz atarracado com quinze ou dezesseis anos apareceu com canecas de cerveja. Torta Quente pegou reverentemente a sua, com as duas mãos, e quando bebeu um trago, deu o sorriso mais largo que Arya já tinha visto nele.

– Cerveja – sussurrou – e *coelho*.

– Bem, à saúde de Sua Graça – gritou alegremente Anguy, o Arqueiro, erguendo a caneca. – Que os Sete protejam o rei!

– Todos os doze que há por aí – resmungou Limo Manto Limão. Bebeu, e limpou a espuma da boca com as costas da mão.

O Marido entrou em grande correria pela porta da frente, com um avental cheio de legumes lavados.

– Há cavalos estranhos nos estábulos – anunciou, como se eles não soubessem.

– Sim – disse Tom, colocando a harpa de lado –, e melhores do que os três que você deu.

O Marido deixou cair os legumes sobre uma mesa, aborrecido.

– Não os dei. *Vendi* por um bom preço, e arranjei também um esquife para nós. E, seja como for, o seu grupinho deveria tê-los trazido de volta.

*Sabia que eles eram fora da lei*, pensou Arya, escutando. A mão desceu para baixo da mesa e tocou o cabo do punhal, para se assegurar de que ainda estava lá. *Se tentarem nos roubar, vão se arrepender.*

– Não vieram para onde estávamos – disse Limo.

– Bem, eu mandei-os. Vocês deviam estar bêbados, ou dormindo.

– Nós? Bêbados? – Tom bebeu um longo trago de cerveja. – Nunca.

– Podia tê-los pego você mesmo – disse Limo.

– O que, só com o garoto aqui? Já lhes disse duas vezes, a velha estava na Charneca dos Cordeiros ajudando a Fern a parir o bebê. E o mais certo é ter sido um de vocês quem plantou o bastardo na barriga da pobre garota. – Deu a Tom um olhar azedo. – Você, aposto, com essa sua harpa, cantando todas essas canções tristes só para fazer a pobre Fern tirar a roupa de baixo.

– Se uma canção leva uma donzela a querer tirar a roupa e sentir o bom sol quente beijar sua pele, ora, será culpa do cantor? – perguntou Tom. – E, além disso, ela gostava era do Anguy. “Posso tocar o seu arco?”, ouvi

Fern perguntando-lhe. “Ooohh, é tão liso, e duro. Acha que eu podia dar uma puxadinha nele?”

O Marido resfolegou.

– Você ou o Anguy, não faz diferença. São tão culpados como eu pelos cavalos. Eram três, sabe? O que pode um homem fazer contra três?

– Três – disse Limo em tom de escárnio –, mas um era mulher e o outro tava acorrentado, foi você mesmo que disse.

O Marido fez uma careta.

– Uma mulher *grande*, vestida como um homem. E o que estava acorrentado... Não gostei da expressão nos olhos dele.

Anguy exibiu um sorriso por cima da cerveja.

– Quando não gosto dos olhos de um homem, espeto uma flecha num deles.

Arya recordou a flecha que roçara em sua orelha. Queria saber disparar flechas.

O Marido não se mostrou impressionado.

– E você fique calado quando os mais velhos estão conversando. Beba a sua cerveja e segure essa língua, senão mando a velha mostrar-lhe uma colher de pau.

– Os mais velhos falam demais, e não preciso que me diga para beber a minha cerveja. – E deu um grande trago, para mostrar que era assim.

Arya fez o mesmo. Depois de passar dias bebendo de riachos e poças e, depois, do lamacento Tridente, a cerveja tinha um sabor tão bom quanto os golinhos de vinho que o pai costumava deixá-la beber. Começava a vir da cozinha um cheiro que lhe enchia de água a boca, mas seus pensamentos ainda estavam todos naquele barco. *Manejá-lo será mais difícil do que roubá-lo. Se esperarmos até estarem todos dormindo...*

O criado voltou a aparecer com grandes pães redondos. Arya partiu um pedaço, esfomeada, e atirou-se nele. Mas era difícil de mastigar, estava espesso e grumoso, e queimado embaixo.

Torta Quente fez careta assim que o provou.

– Este pão é ruim – disse. – Está queimado, e duro.

– É melhor quando há guisado para mergulhá-lo nele – disse Limo.

– Não é, não – disse Anguy –, mas com guisado é menos provável que quebre um dente.

– Podem comê-lo ou passar fome – disse o Marido. – Tenho cara de ser um maldito padeiro? Gostaria de vê-los fazer melhor.

– Eu conseguiria – disse Torta Quente. – É fácil. Você amassou demais a massa, é por isso que é tão difícil mastigar. – Bebeu outro gole de cerveja e desatou a falar, com gosto, de pães, tortas e empadas, tudo aquilo que adorava. Arya rolou os olhos.

Tom sentou-se diante dela.

– Pombinha – disse ele –, ou Arry, ou seja lá qual for o seu verdadeiro nome, isto é para você. – Pousou um pedaço sujo de pergaminho na mesa de madeira entre ambos.

Ela olhou o pergaminho com desconfiança.

– O que é isso?

– Três dragões de ouro. Precisamos comprar aqueles cavalos.

Arya olhou-o com cautela.

– Os cavalos são *nossos*.

– O que quer dizer é que foi você que os roubou, não é? Não há vergonha nisso, menina. A guerra transforma muita gente honesta em ladrões. – Tom bateu com o dedo no pergaminho dobrado. – Estou lhe pagando um bom preço. Mais do que qualquer cavalo vale, para falar a verdade.

Torta Quente pegou o pergaminho e desdobrou-o.

– Não há ouro nenhum – protestou em voz alta. – Só há coisas escritas.

– Sim – disse Tom –, e lamento por isso. Mas, depois da guerra, pretendemos fazer esse ouro, tem a minha palavra como homem do rei.

Arya afastou-se da mesa e pôs-se em pé.

– Vocês não são homens do rei coisa nenhuma, são assaltantes!

– Se algum dia tivesse encontrado verdadeiros assaltantes, saberia que eles nunca pagam, nem mesmo em papel. Não é para nós que levamos seus cavalos, filha, é para o bem do reino, para que possamos nos deslocar mais depressa e travar as batalhas que precisam ser travadas. As batalhas do rei. Negaria isso ao rei?

Estavam todos a observá-la: o Arqueiro, o grande Limo, e o Marido, com seu rosto pálido e olhos esquivos. Até Sharna, que espreitava da porta da cozinha. *Vão roubar os cavalos, diga eu o que disser*, compreendeu. *Vamos ter de ir a pé até Correrrio, a menos que...*

– Não queremos papel – com uma palmada, Arya arrancou o pergaminho das mãos de Torta Quente. – Podem ficar com nossos cavalos em troca daquele barco que está lá fora. Mas só se nos mostrarem como manejá-lo.

Tom Sete-Cordas fitou-a por um momento, e depois sua grande boca acolhedora torceu-se num sorriso deplorável. Riu alto. Anguy juntou-se a ele, e então desataram todos a rir, Limo Manto Limão, Sharna e o Marido, até o criado, que saíra de trás dos barris com uma besta debaixo de um braço. Arya quis gritar com eles, mas em vez disso deu um sorriso...

– *Cavaleiros!* – o grito de Gendry parecia esganiçado por causa do susto. A porta abriu-se de rompante, e ali estava ele. – *Soldados* – arquejou. – Pela estrada do rio, uma dúzia deles.

Torta Quente ficou em pé de um salto, derrubando a caneca, mas Tom e os outros permaneceram imperturbados.

– Não há motivo para derramar boa cerveja no meu chão – disse Sharna. – Volte a se sentar e acalme-se, garoto, o coelho vem aí. Você também, garota. Seja qual for o mal que lhe foi feito, está feito e acabou-se, e agora está com homens do rei. Nós vamos mantê-la a salvo o melhor que pudermos.

A única resposta de Arya foi estender a mão para a espada, mas antes de tê-la meio desembainhada, Limo agarrou seu pulso.

– Não vamos ter mais nada disso. – Torceu-lhe o braço até que sua mão se abriu. Os dedos dele eram duros, cheios de calos, e terrivelmente fortes. *Outra vez!*, pensou Arya. *Está acontecendo outra vez, como na aldeia, com Chiswyck, Raff e a Montanha Que Cavalga*. Iam roubar sua espada e voltar a transformá-la num rato. A mão livre fechou-se em volta de sua caneca e brandiu-a contra o rosto de Limo. A cerveja saltou por cima da borda e derramou-se para dentro dos olhos dele, e ela ouviu o nariz do homem quebrar e viu o sangue jorrar. Quando ele soltou um urro, levou as mãos ao rosto, e ela viu-se livre.

– *Fujam!* – gritou, saltando.

Mas Limo logo caiu de novo sobre ela, com longas pernas que faziam com que um de seus passos se igualasse a três dos dela. Arya retorceu-se e esperneou, mas ele a pegou sem esforço e manteve-a pendurada enquanto o sangue corria por seu rosto.

– *Pare com isso*, tolinha – gritou, sacudindo-a de um lado para o outro. – Pare com isso, já! – Gendry fez um movimento para ir ajudá-la, mas parou quando Tom Sete-Cordas se pôs à sua frente com um punhal.

A essa altura, já era tarde demais para fugir. Ouvia cavalos lá fora, e o som de vozes de homens. Um momento mais tarde, um homem entrou, pavoneando-se, pela porta, um tyroshi ainda maior do que Limo, com uma grande barba espessa, pintada de verde vivo nas pontas, mas crescendo grisalha. Atrás dele veio um par de besteiros que ajudavam um homem ferido a caminhar entre os dois, e depois mais...

Arya nunca vira bando mais andrajoso, mas nada havia de andrajoso nas espadas, machados e arcos que traziam. Um ou dois deram olhadelas curiosas para ela ao entrar, mas nenhum disse uma palavra. Um homem zarolho com um elmo redondo e enferrujado farejou o ar e sorriu, enquanto um arqueiro com a cabeça cheia de duros cabelos loiros gritava por cerveja. Depois deles, entrou um lanceiro com um elmo encimado por um leão, um homem mais velho e coxo, um mercenário de Bravos, um...

– Harwin? – sussurrou Arya. *E era!* Sob a barba e os cabelos emaranhados encontrava-se o rosto do filho de Hullen, que costumava levar o pônei dela pelo pátio, arremeter contra o boneco com Jon e Robb, e beber em excesso em dias de festa. Estava mais magro, de certo modo mais duro, e em Winterfell nunca tinha usado barba, mas era ele... um homem de seu pai. – *Harwin!* – contorcendo-se, atirou-se para a frente, tentando se livrar da mão de ferro de Limo. – Sou eu – gritou –, Harwin, sou eu, não me reconhece, não me reconhece? – as lágrimas chegaram, e deu por si chorando como um bebê, exatamente como uma menininha estúpida qualquer. – Harwin, *sou eu!*

Os olhos de Harwin desceram do rosto de Arya para o homem esfolado que trazia no gibão.

– Como é que me conhece? – disse, franzindo a testa, desconfiado. – O homem esfolado... quem é você, algum criado do Lorde Sanguessuga?

Por um momento, Arya não soube como responder. Tivera tantos nomes. Teria apenas sonhado com Arya Stark?

– Sou uma menina – fungou. – Fui copeira de Lorde Bolton, mas ele ia me deixar com o bode, e por isso fugi com Gendry e Torta Quente. Você

*tem* de me reconhecer! Costumava levar o meu pônei quando era pequena.

Os olhos do homem esbugalharam-se.

– Pela bondade dos deuses – disse, numa voz estrangulada. – Arya Debaixo-dos-Pés? Limo, largue-a.

– Ela quebrou meu nariz. – Limo largou-a sem cerimônia no chão. – Quem, com os sete infernos, é que ela deveria ser?

– A filha do Mão. – Harwin ajoelhou-se diante dela. – Arya Stark, de Winterfell.

## CATELYN

*Robb* compreendeu, no momento em que ouviu os canis entrarem em erupção.

O filho voltara a Correrrio, e Vento Cinzento vinha com ele. Só o cheiro do grande lobo gigante cinza podia deixar os cães em tamanho frenesi de ganidos e latidos. *Ele virá me encontrar*, pensou. Edmure não tinha retornado depois de sua primeira visita, preferindo passar seus dias com Marq Piper e Patrek Mallister, escutando os versos de Rymund, o Rimante, sobre a batalha no Moinho de Pedra. *Mas Robb não é Edmure. Robb virá me visitar.*

Já chovia havia dias, um dilúvio frio e cinzento que se ajustava ao estado de espírito de Catelyn. O pai ia ficando mais fraco e mais delirante a cada dia que passava, acordando apenas para murmurar "Tanásia" e pedir perdão. Edmure evitava-a, e Sor Desmond Grell ainda lhe negava a liberdade de castelo, por mais infeliz que isso parecesse deixá-lo. Só o regresso de Sor Robin Ryger e seus homens, de pés cansados e ensopados até os ossos, servira para aliviar seu espírito. Ao que parecia, tinham voltado a pé. De algum modo, o Regicida tinha conseguido afundar a galé e escapar, confidenciara-lhe o Meistre Vyman. Catelyn perguntou se podia falar com Sor Robin, para saber melhor o que tinha acontecido, mas isso foi-lhe recusado.

Algo mais estava errado. No dia em que o irmão voltara, algumas horas depois da discussão com ele, ouvira vozes iradas vindas do pátio, embaixo. Quando ela subiu ao telhado para ver o que se passava, havia grupos de homens reunidos do outro lado do castelo, junto ao portão principal. Cavalos estavam sendo trazidos dos estábulos, selados e ajaezados, e havia gritos, embora Catelyn estivesse distante demais para discernir as palavras. Um dos estandartes brancos de Robb jazia no chão, e um dos cavaleiros tinha dado a volta com o cavalo e pisoteado o lobo gigante ao esporear a montaria na direção do portão. Vários dos outros fizeram o mesmo. *Aqueles são homens que lutaram com Edmure nos*

*vaus*, pensou. *O que poderá tê-los deixado tão zangados? Será que meu irmão os afrontou de algum modo, os insultou?* Pensou ter reconhecido Sor Perwyn Frey, que fora e voltara com ela até Pontamarga e Ponta Tempestade, e também o seu meio-irmão bastardo, Martyn Rivers, mas do local em que se encontrava era difícil ter certeza. Perto de quarenta homens jorraram dos portões do castelo, não sabia para que fim.

Não retornaram. E Meistre Vyman também não queria lhe dizer quem tinham sido, para onde tinham ido ou o que os deixara tão zangados.

– Estou aqui para cuidar do seu pai, e só para isso, senhora – dizia. – Seu irmão em breve será Senhor de Correrrio. O que ele quiser que você saiba será dito por ele.

Mas agora Robb voltara do oeste, retornava em triunfo. *Ele vai me perdoar*, disse Catelyn a si mesma. *Ele tem de me perdoar, é meu filho, e Arya e Sansa são tanto do sangue dele como do meu. Ele vai me libertar destes quartos e então saberei o que aconteceu.*

Quando Sor Desmond veio buscá-la, já tinha tomado banho, se vestido e escovado seus cabelos ruivos.

– O Rei Robb retornou do oeste, senhora – disse o cavaleiro –, e ordena que a senhora compareça perante ele no Grande Salão.

Era o momento com que sonhara e que temera. *Será que perdi dois filhos, ou três?* Em breve saberia.

O salão estava cheio de gente quando entrou. Todos os olhos estavam postos no estrado, mas Catelyn conhecia as costas: a cota de malha remendada da Senhora Mormont, o Grande-Jon e seu filho, erguendo-se acima de todas as outras cabeças no salão, Lorde Jason Mallister, de cabelos brancos, com o elmo alado debaixo do braço, Tytos Blackwood com seu magnífico manto de penas de corvo... *Metade deles agora vai querer me enforcar. A outra metade poderá limitar-se a desviar os olhos*. Tinha também a desconfortável sensação de que faltava alguém.

Robb encontrava-se de pé sobre o estrado. *Já não é um garoto*, compreendeu com uma súbita angústia. *Tem agora dezesseis anos, é um homem-feito. Olhe para ele.* A guerra derreteu toda a suavidade de seu rosto e deixou-o duro e magro. Tinha feito a barba, mas os cabelos ruivos caíam, sem corte, sobre seus ombros. As chuvas recentes tinham enferrujado sua cota de malha e deixado manchas marrons no branco do manto e do sobretudo. Ou talvez as manchas fossem sangue. Na cabeça,

trazia a coroa de espadas que tinham fabricado para ele em bronze e ferro. *Agora usa-a com mais conforto. Usa-a como um rei.*

Edmure encontrava-se embaixo do estrado repleto de gente, com a cabeça modestamente inclinada enquanto Robb elogiava sua vitória

– ... caiu no Moinho de Pedra, nunca será esquecido. Pouco admira que Lorde Tywin tenha fugido para enfrentar Stannis. Já não podia mais com homens do Norte e das terras fluviais. – Aquilo gerou risos e gritos de aprovação, mas Robb ergueu uma mão, pedindo silêncio. – Mas não se iludam. Os Lannister voltarão a pôr-se em marcha, e haverá outras batalhas a vencer antes de o reino estar seguro.

O Grande-Jon rugiu "*Rei no Norte!*" e atirou ao ar um punho revestido de cota de malha. Os senhores dos rios responderam com um grito de "*Rei do Tridente!*". O salão trovejou com o som de punhos e pés batendo.

Só alguns repararam em Catelyn e Sor Desmond no meio do tumulto, mas deram cotoveladas nos vizinhos, e um silêncio cresceu lentamente ao seu redor. Ela ergueu bem a cabeça e ignorou os olhares. *Que pensem o que quiserem. É o julgamento de Robb que interessa.*

Ver o rosto escarpado de Sor Brynden Tully no estrado deu-lhe conforto. Um garoto que não conhecia parecia estar agindo como escudeiro de Robb. Atrás dele, encontrava-se um jovem cavaleiro com um sobretudo cor de areia decorado com conchas marinhas, e um outro, mais velho, que usava três pimenteiros negros sobre uma banda cor de açafrão, com fundo listrado de verde e prata. Entre os dois, encontrava-se uma senhora bonita, de certa idade, e uma bela donzela que parecia ser sua filha. Havia também outra menina, com idade próxima à de Sansa. Catelyn sabia que as conchas eram o símbolo de uma casa menor qualquer; não reconhecia o do homem mais velho. *Prisioneiros?* Por que Robb traria cativos para o estrado?

Utherydes Wayn bateu com o bastão no chão enquanto Sor Desmond avançava com ela. *Se Robb me olhar como Edmure olhou, não sei o que farei*. Mas parecia-lhe que não era ira aquilo que via nos olhos do filho, mas outra coisa... talvez apreensão? Não, isso não fazia sentido. O que *ele* poderia temer? Era o Jovem Lobo, Rei do Tridente e no Norte.

O tio foi o primeiro a saudá-la. Um peixe tão negro como sempre, Sor Brynden não se importava com o que os outros pudessem pensar. Saltou do estrado e puxou Catelyn para si.

– É bom vê-la em casa, Cat – disse, e ela teve de lutar para manter a compostura.

– Igualmente – sussurrou.

– Mãe.

Catelyn ergueu os olhos para o seu alto e régio filho.

– Vossa Graça, rezei por seu regresso em segurança. Ouvi dizer que foi ferido.

– Uma flecha atravessou meu braço durante o assalto ao Despenhadeiro – disse ele. – Mas sarou bem. Tive o melhor dos cuidados.

– Então os deuses são bons. – Catelyn inspirou profundamente. *Diga. Não pode ser evitado*. – Devem ter contado a você o que eu fiz. Disseram-lhe os motivos?

– Pelas meninas.

– Tinha cinco filhos. Agora tenho três.

– Sim, senhora. – Lorde Rickard Karstark empurrou o Grande-Jon para passar, como um espectro sombrio em sua cota de malha negra e longa barba, malcuidada e grisalha, seu rosto estreito, atormentado e frio. – E eu tenho um filho, quando um dia tive três. Você roubou minha vingança.

Catelyn encarou-o calmamente.

– Lorde Rickard, a morte do Regicida não teria trazido vida aos seus filhos. A sobrevivência dele pode pagar pela vida dos meus.

O lorde não estava apaziguado.

– Jaime Lannister a fez de tola. Comprou um saco de palavras vazias, nada mais. O meu Torrhen e o meu Eddard mereciam mais da senhora.

– Já chega, Karstark – trovejou Grande-Jon, cruzando-lhe o peito com seus enormes braços. – Foi uma loucura de mãe. As mulheres são assim.

– Uma loucura de mãe? – Lorde Karstark virou-se ameaçadoramente para Lorde Umber. – Eu chamo isso de traição.

– *Basta*. – Durante apenas um instante, Robb soou mais como Brandon do que como o pai. – Nenhum homem chama a senhora de Winterfell de traidora ao alcance de meus ouvidos, Lorde Rickard. – Quando se virou para Catelyn, sua voz suavizou-se. – Se pudesse voltar a acorrentar o Regicida com a força do desejo, faria isso. A senhora o libertou sem o meu conhecimento ou consentimento... mas sei que fez por amor. Por Arya e Sansa, e por pesar por Bran e Rickon. Já aprendi que o amor nem

sempre é sensato. Pode nos levar a grandes loucuras, mas seguimos nosso coração... até onde quer que nos leve. Não seguimos, mãe?

*Foi isso que fiz?*

– Se o meu coração me levou à loucura, de bom grado darei todas as compensações que possa oferecer ao Lorde Karstark e ao senhor.

O rosto de Lorde Karstark mostrava-se implacável.

– Irão as suas *compensações* aquecer Torrhen e Eddard nas tumbas frias onde o Regicida os depositou? – abriu caminho entre Grande-Jon e Maege Mormont, e abandonou a sala.

Robb nada fez para detê-lo.

– Perdoe-o, mãe.

– Se você me perdoar.

– Já o fiz. Sei o que é amar tanto que não se é capaz de pensar em mais nada.

Catelyn inclinou a cabeça.

– Obrigada. – *Este filho, pelo menos, não perdi*.

– Temos de conversar – prosseguiu Robb. – A senhora e os meus tios. Sobre isso e... outras coisas. Intendente, encerre a audiência.

Utherydes Wayn bateu com o bastão no chão e anunciou o fim da sessão, e tanto os senhores do rio como os do norte se dirigiram para as portas. Foi só então que Catelyn compreendeu o que faltava. *O lobo. O lobo não está aqui. Onde está o Vento Cinzento?* Sabia que o lobo gigante tinha retornado com Robb, ouvira os cães, mas ele não se encontrava no salão, nem no lugar que lhe pertencia, ao lado do filho.

Mas antes de poder pensar em interrogar Robb, deu por si rodeada por um círculo de amigos. A Senhora Mormont pegou a sua mão e disse:

– Senhora, se Cersei Lannister tivesse em seu poder duas de minhas filhas, eu teria feito o mesmo.

Grande-Jon, pouco respeitador do que era adequado, ergueu-a no ar e apertou seus braços com suas enormes mãos peludas:

– Seu lobinho espancou o Regicida uma vez, voltará a fazê-lo se for necessário.

Galbart Glover e Lorde Jason Mallister foram mais frios, e Jonos Bracken, quase gelado, mas suas palavras foram suficientemente corteses. O irmão foi o último a dirigir-se a ela.

– Também rezo por suas meninas, Cat. Espero que não duvide disso.

– Claro que não. – Beijou-o. – E adoro-o por isso.

Quando todas as palavras foram ditas, o Grande Salão de Correrrio ficou vazio, exceto por Robb, os três Tully e os seis estranhos que Catelyn não conseguia identificar. Olhou-os com curiosidade.

– Senhora, sores, são recém-chegados à causa do meu filho?

– Recém-chegados – disse o mais jovem dos cavaleiros, aquele que ostentava as conchas –, mas com uma coragem feroz e firme lealdade, como espero ter oportunidade de lhe demonstrar, senhora.

Robb fez uma expressão desconfortável.

– Mãe – disse –, permita-me que lhe apresente a Senhora Sybell, esposa de Lorde Gawen Westerling do Despenhadeiro. – A mulher mais velha avançou com um porte solene. – O esposo dela foi um daqueles que fizemos prisioneiros no Bosque dos Murmúrios.

*Westerling, sim*, pensou Catelyn. *Seu estandarte tem seis conchas marinhas, brancas, em fundo areia. Uma casa menor, juramentada aos Lannister.*

Robb fez sinal aos outros estranhos para avançarem, um de cada vez.

– Sor Rolph Spicer, irmão da Senhora Sybell. Era castelão no Despenhadeiro quando o tomamos. – O cavaleiro dos pimenteiros inclinou a cabeça. Com uma constituição quadrada, nariz quebrado e barba grisalha cortada rente, tinha um ar bastante valente. – Os filhos de Lorde Gawen e da Senhora Sybell. Sor Raynald Westerling. – O cavaleiro das conchas sorriu por baixo de um bigode hirsuto. Jovem, esguio, com um ar rude, tinha bons dentes e uma espessa cabeleira castanho-clara. – Elenya. – A garotinha fez uma rápida reverência. – Rollam Westerling, meu escudeiro. – O rapaz começou a ajoelhar, viu que ninguém mais ajoelhava, e em vez disso fez uma reverência.

– A honra é minha – disse Catelyn. *Poderá Robb ter conquistado a fidelidade do Despenhadeiro?* Se assim fosse, não surpreendia que os Westerling o acompanhassem. Rochedo Casterly não admitia tais traições com gentileza. Pelo menos desde que Tywin Lannister tinha idade suficiente para partir para a guerra...

A donzela avançou por último, e de um modo muito tímido. Robb pegou a mão dela.

– Mãe – disse –, tenho a grande honra de lhe apresentar a Senhora Jeyne Westerling, filha mais velha de Lorde Gawen, e minha... ah... e a

senhora minha esposa.

O primeiro pensamento que passou pela cabeça de Catelyn foi: *Não, não pode ser, você é só uma criança.*

O segundo foi: *E, além disso, está prometido a outra.*

O terceiro foi: *Pela misericórdia da Mãe, Robb, o que você fez?*

Só então chegou a memória tardia. *Loucuras feitas por amor? Pegou-me de jeito, como uma lebre numa armadilha. Aparentemente já o perdoei*. Uma admiração triste misturou-se com o aborrecimento; a situação fora encenada com uma astúcia digna de um mestre pantomimeiro... ou de um rei. Catelyn não viu outra alternativa exceto pegar as mãos de Jeyne Westerling.

– Tenho uma nova filha – disse, de um modo mais duro do que pretendera. Beijou ambas as faces da garota aterrorizada. – Seja bem-vinda ao nosso salão e lar.

– Obrigada, senhora. Serei uma esposa boa e fiel para Robb, juro. E uma rainha tão sábia quanto for capaz.

*Rainha. Sim, esta garotinha bonita é uma rainha, tenho de me lembrar disso.* Ela *era* bonita, inegavelmente, com seus caracóis castanhos e rosto em forma de coração, e aquele sorriso tímido. Esbelta, mas com bons quadris, notou Catelyn. *Pelo menos, não deverá encontrar problemas para ter filhos.*

A Senhora Sybell interveio antes que mais alguma coisa fosse dita.

– Sentimo-nos honrados pela companhia da Casa Stark, senhora, mas também estamos muito cansados. Viajamos uma longa distância em pouco tempo. Talvez pudéssemos nos retirar para os nossos aposentos, para que possa conversar com o seu filho?

– Seria melhor. – Robb beijou a sua Jeyne. – O intendente vai arranjar alojamento adequado para vocês.

– Eu posso levá-los até ele – ofereceu-se Sor Edmure Tully.

– É muito amável – disse a Senhora Sybell.

– Eu também devo ir? – perguntou o garoto, Rollam. – Sou o seu escudeiro.

Robb soltou uma gargalhada.

– Mas agora não tenho necessidade de um escudeiro.

– Oh.

– Sua Graça passou dezesseis anos sem você, Rollam – disse Sor Raynald, das conchas. – Imagino que sobreviverá mais algumas horas. – Pegando firmemente na mão do irmão mais novo, levou-o para fora da sala.

– Sua esposa é adorável – disse Catelyn depois de eles terem se afastado o bastante para não ser ouvida – e os Westerling parecem ter valor... se bem que Lorde Gawen é vassalo de Tywin Lannister, não é?

– Sim. Jason Mallister capturou-o no Bosque dos Murmúrios e tem-no mantido em Guardamar para obter um resgate. Claro que agora o libertarei, embora ele talvez não queira se juntar a mim. Receio que tenhamos casado sem o consentimento dele, e esse casamento coloca-o num perigo terrível. O Despenhadeiro não é forte. Por seu amor por mim, Jeyne pode perder tudo.

– E você – disse ela suavemente – perdeu os Frey.

O estremecimento dele disse tudo. Compreendia agora as vozes iradas, o motivo por que Perwyn Frey e Martyn Rivers tinham partido com tanta pressa, pisoteando o estandarte de Robb ao sair.

– Posso perguntar quantas espadas vieram com a sua noiva, Robb?

– Cinquenta. Uma dúzia de cavaleiros. – Sua voz era sorumbática, como deveria ser no caso. Quando o contrato de casamento fora feito nas Gêmeas, o velho Lorde Walder Frey enviara com Robb mil cavaleiros montados e quase três mil homens a pé. – Jeyne é tão inteligente quanto bela. E bondosa, também. Tem um coração gentil.

*É de espadas que precisa, não de corações gentis. Como pôde fazer isso, Robb? Como pôde ser tão imprudente, tão estúpido? Como pôde ser tão... tão, tão... jovem*. Mas censuras de nada serviriam ali. Tudo que disse foi:

– Conte-me como isso aconteceu.

– Conquistei o castelo dela, e ela conquistou meu coração. – Robb sorriu. – O Despenhadeiro tinha uma guarnição fraca, portanto conseguimos tomá-lo de assalto em uma noite. Walder Negro e Pequeno-Jon lideraram grupos que escalaram as muralhas, enquanto eu arrombava o portão principal com um aríete. Levei uma flecha no braço imediatamente antes de Sor Rolph nos entregar o castelo. A princípio não parecia ser nada, mas inflamou. Jeyne mandou que me levassem para sua própria cama, e cuidou de mim até a febre passar. E estava comigo

quando Grande-Jon me trouxe a notícia de... de Winterfell. Bran e Rickon. – Pareceu ter dificuldade em proferir o nome dos irmãos. – Nessa noite, ela... ela confortou-me, mãe.

Catelyn não precisava que lhe dissessem que tipo de conforto Jayne Westerling tinha oferecido ao filho.

– E você casou com ela no dia seguinte.

Ele olhou-a nos olhos, ao mesmo tempo orgulhoso e infeliz.

– Foi a única coisa honrosa a fazer. Ela é doce e gentil, mãe, será uma boa esposa para mim.

– Talvez. Mas isso não apaziguará Lorde Frey.

– Eu sei – disse o filho, atingido. – Fiz besteiras em tudo, menos nas batalhas, não fiz? Pensava que as batalhas seriam a parte difícil, mas... se tivesse dado ouvidos a você e mantido Theon como refém, ainda governaria o Norte, e Bran e Rickon estariam vivos e a salvo em Winterfell.

– Talvez. Ou talvez não. Lorde Balon ainda pode ter ganho a guerra por acaso. Da última vez que estendeu a mão para uma coroa, isso custou-lhe dois filhos. Podia ter achado barato só perder um dessa vez. – Tocou seu braço. – O que aconteceu com os Frey depois de seu casamento?

Robb sacudiu a cabeça.

– Podia ter sido capaz de fazer as pazes com Sor Stevron, mas Sor Ryman é burro como uma pedra, e Walder Negro... esse não ganhou o nome devido à cor da barba, garanto. Chegou ao ponto de dizer que as irmãs não teriam problema em se casar com um viúvo. Teria matado Walder por isso se Jeyne não me tivesse suplicado que fosse misericordioso.

– Insultou gravemente a Casa Frey, Robb.

– Não era essa a minha intenção. Sor Stevron morreu por mim, e Olyvar foi um escudeiro tão leal como qualquer rei pode desejar. Pediu para ficar comigo, mas Sor Ryman levou-o com os outros. Todas as suas forças. Grande-Jon incitou-me a atacá-los...

– Lutar com os seus no meio dos inimigos? – disse ela. – Isso teria sido o seu fim.

– Sim. Pensei que talvez pudéssemos arranjar outros casamentos para as filhas de Lorde Walder. Sor Wendel Manderly ofereceu-se para aceitar

uma delas, e Grande-Jon diz que os tios dele desejam voltar a se casar. Se Lorde Walder for razoável...

– Ele *não é* razoável – disse Catelyn. – É orgulhoso, e suscetível até a medula. Você sabe disso. Queria ser avô de um rei. Não o apaziguará com a oferta de dois salteadores envelhecidos e do segundo filho do homem mais gordo dos Sete Reinos. Não só quebrou o juramento, como também desrespeitou a honra das Gêmeas ao escolher uma noiva de uma casa menos importante.

Robb irritou-se ao ouvir aquilo.

– Os Westerling são de melhor sangue do que os Frey. São uma linhagem antiga, descendente dos Primeiros Homens. Os Reis do Rochedo às vezes se casavam com mulheres Westerling antes da Conquista, e houve outra Jeyne Westerling que foi rainha do Rei Maegor há trezentos anos.

– E tudo isso só jogará sal nas feridas de Lorde Walder. Sempre lhe causou ressentimento que as casas mais antigas olhassem os Frey de cima, considerando-os arrivistas. Esse insulto não é o primeiro que sofreu, segundo o que ele conta. Jon Arryn não se mostrou disposto a criar seus netos, e o meu pai recusou a oferta a Edmure de uma de suas filhas. – Inclinou a cabeça ao irmão quando este voltou a se juntar a eles.

– Vossa Graça – disse Brynden Peixe Negro –, talvez seja melhor prosseguirmos em privado.

– Sim. – Robb tinha a voz cansada. – Era capaz de matar por uma taça de vinho. A sala de audiências, penso.

Quando começaram a subir os degraus, Catelyn colocou a questão que a perturbava desde que entrara no salão.

– Robb, onde está o Vento Cinzento?

– No pátio, com uma perna de carneiro. Disse ao mestre dos canis para lhe dar de comer.

– Antes mantinha-o sempre junto de si.

– Um salão não é lugar para um lobo. Ele fica desassossegado, já o viu. Começa a rosnar e a tentar morder. Nunca devia tê-lo levado comigo para a batalha. Matou homens demais para que agora os tema. Jeyne fica ansiosa com ele por perto, e aterroriza a mãe dela.

*E aí está o coração de tudo*, pensou Catelyn.

– Ele é parte de você, Robb. Temê-lo é temer a si mesmo.

– Não sou um lobo, não importa como me chamem. – Soava aborrecido. – Vento Cinzento matou um homem no Despenhadeiro, outro em Cinzamarca, e seis ou sete em Cruzaboi. Se o tivesse visto...

– Vi o lobo de Bran rasgar a garganta de um homem em Winterfell – disse ela em tom cortante – e adorei-o por isso.

– É diferente. O homem no Despenhadeiro era um cavaleiro que Jeyne conhecia desde sempre. Não pode censurá-la por ter medo. Vento Cinzento também não gosta do tio dela. Mostra os dentes sempre que Sor Rolph se aproxima dele.

Um arrepio percorreu sua espinha.

– Mande Sor Rolph embora. Imediatamente.

– Para onde? Para o Despenhadeiro, para que os Lannister possam espetar a cabeça dele num espigão? Jeyne adora-o. É tio dela, e também um bom cavaleiro. Preciso de mais homens como Rolph Spicer, não de menos. Não vou bani-lo só porque meu lobo parece não gostar de seu cheiro.

– Robb. – Catelyn parou e segurou-o pelo braço. – Disse-lhe um dia para manter Theon Greyjoy por perto, e não me escutou. Escute agora. *Mande este homem embora*. Não estou dizendo que deva bani-lo. Encontre alguma tarefa que exija um homem de coragem, um dever honroso, não importa o quê... *mas não o mantenha perto de si*.

Ele franziu a testa.

– Devo mandar Vento Cinzento farejar todos os meus cavaleiros? Pode haver outros cujo cheiro não lhe agrade.

– Qualquer homem que não agrade ao Vento Cinzento é um homem que você não quer ter por perto. Esses lobos são mais do que lobos, Robb. *Tem* de saber que é assim. Julgo que os deuses talvez os tenham mandado até nós. Os deuses de seu pai, os velhos deuses do norte. Cinco crias de lobo, Robb, cinco, para as cinco crianças Stark.

– Seis – disse Robb. – Também havia um lobo para Jon. Fui eu que os encontrei, lembra? Sei quantos havia e de onde vieram. Costumava pensar o mesmo que você, que os lobos eram os nossos guardiães, os nossos protetores, até que...

– Até que? – ela incitou.

A boca de Robb apertou-se.

– ... até que me disseram que Theon tinha assassinado Bran e Rickon. Pouco bem lhes fizeram os lobos. Já não sou um garoto, mãe. Sou um rei, e posso me proteger sozinho. – Suspirou. – Encontrarei alguma tarefa para Sor Rolph, algum pretexto para mandá-lo para longe. Não por causa do cheiro dele, mas para sossegar seu espírito. A senhora já sofreu o bastante.

Aliviada, Catelyn deu-lhe um leve beijo na bochecha antes de os outros terem tempo de surgir naquele lance da escada, e, por um momento, ele foi de novo o seu filho, e não o seu rei.

A sala de audiências privadas de Lorde Hoster era um aposento pequeno, situado acima do Grande Salão, mais adequado a discussões íntimas. Robb sentou-se no cadeirão, tirou a coroa e apoiou-a no chão, ao seu lado, enquanto Catelyn pedia vinho. Edmure vinha enchendo os ouvidos do tio com a história completa da batalha no Moinho de Pedra. Foi só depois de os criados terem chegado e partido que o Peixe Negro pigarreou e disse:

– Acho que já ouvimos o suficiente de suas vanglórias, sobrinho.

Edmure foi surpreendido por aquilo.

– Vanglórias? O que quer dizer?

– Quero dizer – disse o Peixe Negro – que deve a Sua Graça agradecimentos pela indulgência dele. Desempenhou aquela farsa no Salão Grande para não envergonhá-lo perante a sua gente. Se tivesse sido eu, teria esfolado você por sua burrice, em vez de elogiar essa loucura nos vaus.

– Bons homens morreram para defender esses vaus, tio – Edmure parecia indignado. – O que foi? Ninguém deve conquistar vitórias a não ser o Jovem Lobo? Roubei alguma glória que lhe estava destinada, Robb?

– Vossa Graça – corrigiu Robb, friamente. – Aceitou-me como seu rei, tio. Ou também se esqueceu disso?

O Peixe Negro disse:

– Foi-lhe ordenado que defendesse Correrrio, Edmure, nada mais.

– Eu defendi Correrrio *e* ensanguentei o nariz de Lorde Tywin...

– É verdade – disse Robb. – Mas um nariz ensanguentado não ganha a guerra, não é? Alguma vez parou para se perguntar sobre o motivo de termos permanecido tanto tempo no oeste depois de Cruzaboi? Sabia que

eu não tinha homens suficientes para ameaçar Lanisporto ou Rochedo Casterly.

– O motivo... havia outros castelos... ouro, gado...

– Pensa que ficamos pelo *saque*? – Robb mostrava-se incrédulo. – Tio, eu queria que Lorde Tywin viesse para oeste.

– Estávamos todos a cavalo – disse Sor Brynden. – A tropa Lannister era principalmente infantaria. Planejávamos dar ao Lorde Tywin uma bela caça de um lado para o outro ao longo da costa, e depois enfiar-nos em sua retaguarda para ocupar uma forte posição defensiva na estrada do ouro, num local que meus batedores encontraram, onde o terreno estaria grandemente a nosso favor. Se tivesse vindo contra nós ali, teria pago um preço enorme. Mas, se não atacasse, ficaria encurralado no oeste, a mil léguas de onde precisaria estar. E durante esse tempo, viveríamos de suas terras, em vez de ser ele vivendo das nossas.

– Lorde Stannis estava prestes a cair sobre Porto Real – disse Robb. – Podia ter nos livrado de Joffrey, da rainha e do Duende, com um único golpe sangrento. Então, poderíamos ter sido capazes de fazer a paz.

Os olhos de Edmure saltaram do tio para o sobrinho.

– Vossa Graça não me disse nada.

– Eu *disse* para defender Correrrio – disse Robb. – Que parte dessa ordem não entendeu?

– Quando parou Lorde Tywin no Ramo Vermelho – disse o Peixe Negro –, atrasou-o tempo suficiente para que cavaleiros vindos de Pontamarga o encontrassem, com as notícias sobre o que estava se passando no leste. Lorde Tywin imediatamente deu meia-volta com a tropa, juntou-se a Matthis Rowan e Randyll Tarly perto da nascente do Água Negra, e fez uma marcha forçada até a Cascata do Acrobata, onde encontrou Mace Tyrell e dois dos filhos à espera com uma tropa enorme e uma frota de barcaças. Flutuaram rio abaixo, desembarcaram a meio dia de viagem da cidade e apanharam Stannis pela retaguarda.

Catelyn recordou a corte do Rei Renly, como a vira em Pontamarga. Um milhar de rosas douradas flutuando ao vento, o sorriso recatado e as palavras suaves da Rainha Margaery, o irmão, o Cavaleiro das Flores, com o linho ensanguentado em volta da cabeça. *Se tinha de cair nos braços de uma mulher, meu filho, por que não foi nos de Margaery Tyrell?* A riqueza e o poderio de Jardim de Cima podiam ter feito toda a

diferença nas batalhas que estavam para vir. *E talvez o Vento Cinzento também tivesse gostado do cheiro dela.*

Edmure pareceu mal.

– Nunca quis... *nunca*, Robb, tem de permitir que lhe compense. Liderarei a vanguarda na próxima batalha!

*Para compensar, irmão? Ou pela glória?*, interrogou-se Catelyn.

– A próxima batalha – disse Robb. – Bem, isso acontecerá bastante depressa. Assim que Joffrey estiver casado, os Lannister voltarão a campo contra mim, não duvido, e dessa vez os Tyrell marcharão ao lado deles. E posso ter de lutar também com os Frey, se Walder Negro prosseguir assim...

– Enquanto Theon Greyjoy estiver sentado no castelo de seu pai, com o sangue de seus irmãos nas mãos, esses outros inimigos terão de esperar – disse Catelyn ao filho. – Seu primeiro dever é defender sua própria gente, reconquistar Winterfell e pendurar Theon numa gaiola para corvos, para que morra lentamente. Caso contrário, o melhor é pôr de lado essa coroa para sempre, Robb, pois os homens saberão que não é um verdadeiro rei.

Pelo modo como Robb a olhou, viu que havia passado bastante tempo desde que alguém se atrevera a lhe falar com tanta franqueza.

– Quando me disseram que Winterfell tinha caído, quis ir imediatamente para o norte – disse ele, só ligeiramente na defensiva. – Quis libertar Bran e Rickon, mas pensei... nunca sonhei que Theon pudesse realmente lhes fazer mal. Se tivesse...

– É tarde demais para *ses*, tarde demais para resgates – disse Catelyn. – Tudo que resta é a vingança.

– Segundo as últimas notícias que nos chegaram do norte, Sor Rodrik tinha derrotado uma força de homens de ferro perto da Praça de Torrhen e estava reunindo uma tropa no Castelo Cerwyn para retomar Winterfell – disse Robb. – A essa altura, pode já tê-lo feito. Já não recebemos notícias há bastante tempo. E como fica o Tridente, se eu for para o norte? Não posso pedir aos senhores das terras fluviais para abandonarem o próprio povo.

– Não – disse Catelyn. – Deixe-os para defenderem os seus, e reconquiste o Norte com nortenhos.

– Como levaria os nortenhos para o Norte? – perguntou Edmure. – Os homens de ferro controlam o mar do poente. Os Greyjoy detêm também

o Fosso Cailin. Nunca nenhum exército tomou o Fosso Cailin pelo sul. Até mesmo marchar contra ele é uma loucura. Podíamos ficar encurralados na zona do talude, com os homens de ferro à nossa frente e Frey zangados na retaguarda.

– Temos de reconquistar os Frey – disse Robb. – Com eles, ainda temos alguma chance de sucesso, por menor que seja. Sem eles, não vejo esperança. Estou disposto a dar ao Lorde Walder tudo que ele pedir... desculpas, honrarias, terras, ouro... deve haver *algo* que lhe acalme o orgulho...

– Não é algo – disse Catelyn. – É *alguém*.

# JON

São grandes o suficiente para você? – Flocos de neve salpicavam o rosto largo de Tormund, derretendo-se em seus cabelos e sua barba.

Os gigantes balançavam lentamente no topo de mamutes ao passarem por eles, dois a dois. O garrano de Jon espantou-se, assustado por tamanha estranheza, mas era difícil dizer se o que o assustava eram os mamutes ou os seus cavaleiros. Até Fantasma recuou um passo, exibindo os dentes num rosnado silencioso. O lobo gigante era grande, mas os mamutes eram muito maiores, e havia muitos mais e muitos ainda.

Jon controlou o cavalo e manteve-o quieto, para poder contar os gigantes que emergiam da neve soprada pelo vento e das névoas pálidas que rodopiavam ao longo do Guadeleite. Já passavam bastante de cinquenta quando Tormund disse alguma coisa e Jon perdeu a conta. *Deve haver centenas*. Não importa quantos passassem, pareciam continuar chegando mais.

Nas histórias da Velha Ama, os gigantes eram homens muito grandes que viviam em castelos colossais, lutavam com espadas enormes e andavam por aí calçados com botas grandes o suficiente para um garoto se esconder lá dentro. Mas aqueles eram outra coisa, mais semelhantes a ursos do que a humanos, e tão peludos como os mamutes que montavam. Sentados, era difícil ver quão grandes eram. *Três metros de altura, talvez, ou três metros e meio*, pensou Jon. *Talvez quatro metros, mas não mais do que isso*. O peito inclinado podia parecer peito de homens, mas os braços eram longos demais, e a parte inferior do torso parecia ser vez e meia mais larga do que a superior. As pernas eram mais curtas do que os braços, mas muito grossas, e eles não usavam botas; os pés eram coisas largas e achatadas, duras, calosas e pretas. Sem pescoço, tinham uma cabeça enorme e pesada, que se projetava do meio das espáduas para a frente, e o rosto era achatado e brutal. Olhos de rato, que não eram maiores do que contas, quase se perdiam no interior de dobras de pele

calosa; mas fungavam continuamente, capazes de farejar tanto quanto de ver.

*Eles não vestem peles*, percebeu Jon. *Aquilo é pelo*. Pelagens felpudas cobriam os corpos, espessas abaixo da cintura, mais esparsas acima. O fedor que exalavam era sufocante, mas isso talvez se devesse aos mamutes. *E Joramun soprou o Berrante do Inverno e acordou gigantes da terra*. Procurou as grandes espadas de três metros de comprimento, mas só encontrou clavas. A maior parte não passava de galhos de árvores mortas, algumas ainda com ramos menores presos. Algumas delas tinham bolas de pedra firmemente amarradas às extremidades, formando marretas colossais. *A canção não chega a dizer se o berrante pode fazê-los adormecer de novo.*

Um dos gigantes que se aproximava deles parecia mais velho do que os outros. Sua pelagem era cinza e rajada de branco, e o mamute que montava, maior do que todos os demais, também era cinza e branco. Tormund gritou qualquer coisa para ele ao passar, palavras rudes e ressonantes, numa língua que Jon não compreendia. Os lábios do gigante separaram-se para revelar uma boca cheia de enormes dentes quadrados, e ele fez um som que era meio arroto, meio trovão. Após um momento, Jon compreendeu que estava rindo. O mamute virou sua enorme cabeça para dar uma breve olhada nos dois, fazendo uma gigantesca presa passar sobre a cabeça de Jon enquanto o animal avançava pesadamente, deixando grandes pegadas na lama mole e na neve fresca ao longo do rio. O gigante gritou qualquer coisa na mesma língua grosseira que Tormund havia usado.

– Aquele era o rei deles? – perguntou Jon.

– Os gigantes não têm mais reis do que os mamutes, os ursos-das-neves ou as grandes baleias do mar cinzento. Aquele era Mag Mar Tun Doh Weg. Mag, o Poderoso. Pode ajoelhar-se diante dele se quiser, ele não vai se importar. Sei que seus joelhos de ajoelhador devem estar coçando, por falta de um rei a quem se dobrar. Mas tome cuidado para que ele não pise em você. Os gigantes têm olhos ruins, e pode ser que ele não veja um corvozinho lá embaixo, junto aos pés.

– O que você disse a ele? Isso era o Idioma Antigo?

– Sim. Perguntei se ele estava montando o pai, já que se pareciam tanto, com a diferença de que o pai cheirava melhor.

– E o que ele respondeu?

Tormund Punho de Trovão abriu um sorriso desdentado.

– Perguntou-me se quem estava a cavalo ao meu lado era a minha filha, com as suas bochechas lisas e rosadas. – O selvagem tirou neve do braço e fez o cavalo dar meia-volta. – Pode ser que ele nunca tenha visto um homem sem barba. Ande, vamos voltar. Mance fica muito irritado quando não me encontra no lugar de costume.

Jon deu meia-volta e seguiu Tormund de volta à cabeça da coluna, com o novo manto caindo, pesado, dos ombros. Era feito de peles de ovelha não lavadas, e usava-o com o lado da lã para dentro, como os selvagens tinham sugerido. Mantinha bastante bem a neve afastada, e à noite era bom e quente, mas também havia ficado com o manto negro, dobrado por baixo da sela.

– É verdade que você uma vez matou um gigante? – perguntou a Tormund enquanto avançavam. Fantasma saltava em silêncio ao lado deles, deixando rastros de patas na neve recém-caída.

– Ora, por que deveria duvidar de um homem poderoso como eu? Era inverno e eu era meio garoto, e estúpido como os garotos são. Avancei longe demais e meu cavalo morreu, e depois uma tempestade apanhou-me. Uma tempestade *verdadeira*, não uma nevasquinha como esta. Ha! Sabia que ia congelar antes do fim. De modo que encontrei uma giganta adormecida, abri a barriga dela, e enfiei-me dentro. Manteve-me bem quentinho, ah, sim, mas o fedor quase acabou comigo. O pior foi que ela acordou quando a primavera chegou e achou que eu era seu bebê. Deu-me de mamar durante três luas completas antes que eu conseguisse fugir. Ha! Mas há horas em que sinto saudades do sabor do leite de gigante.

– Se ela o alimentou, não pode tê-la matado.

– E não matei, mas vê se não espalha isso por aí. Tormund, Terror dos Gigantes, soa melhor do que Tormund, Bebê de Gigante, e esta é a verdade verdadeira.

– Então como foi que arranjou os outros nomes? – perguntou Jon. – Mance chamou-o de Soprador de Chifres, não foi? Rei-Hidromel do Solar Ruivo, Esposo de Ursas, Pai de Tropas? – era do sopro no chifre que queria realmente ouvir falar, mas não se atrevia a perguntar tão diretamente. *E Joramun soprou o Berrante do Inverno e acordou gigantes da terra*. Teriam eles vindo daí, eles e aqueles mamutes? Teria

Mance Rayder encontrado o Berrante de Joramun e dado a Tormund para soprar?

– Todos os corvos são assim tão curiosos? – perguntou Tormund. – Bom, aqui vai uma história para você. Foi em outro inverno, ainda mais frio do que aquele que passei dentro da giganta, e nevava de dia e de noite, flocos de neve do tamanho de sua cabeça, não estas coisinhas. Nevava tanto que a aldeia inteira estava meio enterrada. Eu estava em meu Solar Ruivo, só com um barril de hidromel para me fazer companhia e nada para fazer a não ser bebê-lo. Quanto mais bebia, mais pensava numa mulher que vivia ali perto, uma mulher boa e forte, com o maior par de tetas que você já viu. Tinha um gênio difícil, aquela, mas, oh, também sabia ser quente, e no meio do inverno um homem precisa de seu calor.

"Quanto mais bebia, mais pensava nela, e quanto mais pensava, mais duro ficava o meu membro, até que não aguentei mais. Idiota como era, enfiei-me em peles da cabeça aos pés, enrolei a cara numa volta de lã, e lá fui à procura dela. A neve caía com tanta força que me virou uma ou duas vezes, e o vento soprava através de mim e congelava meus ossos, mas finalmente cheguei em sua casa, todo enfaixado como estava.

"A mulher tinha um gênio terrível, e deu uma luta e tanto quando pus as mãos nela. Por pouco não conseguia levá-la para casa e tirá-la de dentro daquelas peles, mas quando fiz isso, oh, ela foi ainda mais quente do que eu me lembrava, e passamos um belo tempo juntos, e depois adormeci. Na manhã seguinte, quando acordei, a forte nevasca tinha parado e o sol brilhava, mas eu não estava em estado de aproveitá-lo. Estava todo ferido e rasgado, com metade de meu membro arrancado a dentadas, e bem ali no chão estava a pele de uma ursa. E não demorou muito tempo para que o povo livre começasse a contar histórias sobre um urso sem pelos visto na floresta, seguido pelo mais estranho par de filhotes que já se viu. Ha! – deu uma palmada numa coxa carnuda. – Gostaria de voltar a encontrá-la. Aquela ursa era boa na cama. Nunca mulher nenhuma me deu uma luta daquelas, nem filhos tão fortes."

– O que faria se a encontrasse? – perguntou Jon, sorrindo. – Disse que ela arrancou seu membro com os dentes.

– Só metade. E metade de meu membro é duas vezes maior do que o de outro homem qualquer. – Tormund resfolegou. – E agora você... é

verdade que cortam seus membros quando os levam para a Muralha?

– Não – disse Jon, afrontado.

– Eu acho que deve ser verdade. Se não, por que é que rejeita Ygritte? Ela quase não lhe daria luta, me parece. A moça quer você lá dentro, isso tá bem na cara.

*Está na cara até demais*, pensou Jon, *e parece que metade da coluna já percebeu isso*. Estudou a neve que caía para que Tormund não o visse corar. *Sou um homem da Patrulha da Noite*, lembrou a si próprio. Mas então por que se sentia como se fosse uma donzela tímida?

Passava a maior parte dos dias na companhia de Ygritte, e a maior parte das noites também. Mance Rayder não se mostrara cego perante a desconfiança que o Camisa de Chocalho nutria pelo "corvo-que-veio", por isso, depois de dar a Jon o novo manto de pele de ovelha, sugeriu que talvez preferisse acompanhar Tormund Terror dos Gigantes. Jon sentiu-se feliz por concordar, e no dia seguinte Ygritte e o Lança-Longa Ryk também tinham trocado o bando do Camisa de Chocalho pelo de Tormund.

– O povo livre acompanha quem quiser – a moça lhe disse –, e nós estamos de saco cheio do Saco de Ossos.

Todas as noites, quando montavam o acampamento, Ygritte estendia as suas peles de dormir ao lado das dele, quer estivesse perto da fogueira, quer estivesse longe. Uma vez, acordou com ela aninhada a si, com o braço apoiado em seu peito. Permaneceu imóvel por muito tempo, escutando a respiração dela, tentando ignorar a tensão na virilha. Era frequente que os patrulheiros dividissem as peles para obter calor, mas suspeitava que calor não era tudo que Ygritte queria. Depois disso, começou a usar Fantasma para mantê-la afastada. A Velha Ama costumava contar histórias sobre cavaleiros e suas senhoras que dormiam na mesma cama com uma lâmina entre eles, em nome da honra, mas Jon achava que aquela devia ser a primeira vez que um lobo gigante fazia as vezes de espada.

Mesmo assim, Ygritte persistia. Na antevéspera, Jon cometera o erro de desejar ter água quente para um banho.

– A fria é melhor – ela disse de imediato –, se tiver alguém para aquecê-lo depois. O rio ainda só está meio gelado, vai lá.

Jon riu.

– Você me mataria congelado.

– Todos os corvos têm medo de pele de galinha? Um bocadinho de gelo não vai matar você. Eu salto junto pra provar.

– E passamos o resto do dia com a roupa molhada e congelada agarrada à pele? – retrucou.

– Jon Snow, você não sabe nada. Não se mergulha vestido.

– Não mergulho e ponto – disse com firmeza, logo antes de ouvir Tormund Punho de Trovão berrar por ele (não tinha ouvido, mas não importa).

Os selvagens pareciam achar Ygritte uma grande beleza, por causa de seus cabelos; cabelos ruivos eram raros entre o povo livre, e dizia-se que aqueles que o possuíam tinham sido beijados pelo fogo, o que supostamente era sinal de sorte. Os cabelos de Ygritte até podiam ser sinal de sorte, e certamente eram ruivos, mas eram também tão embaraçados que Jon se sentia tentado a perguntar se ela só o escovava na mudança da estação.

Sabia que na corte de um senhor a garota nunca teria sido considerada algo mais do que comum. Tinha um rosto redondo de camponesa, nariz achatado e dentes ligeiramente tortos, e os olhos eram afastados demais. Jon havia reparado em tudo isso na primeira vez que a viu, quando encostou o punhal na garganta dela. Mas nos últimos tempos andava reparando em outras coisas. Quando ela sorria, os dentes tortos não pareciam importar. E talvez seus olhos fossem afastados demais, mas eram de uma cor bonita, azul-acinzentada, e tão cheios de vida como nenhum outro que já tivesse visto. Às vezes, cantava numa voz grave e rouca que o estimulava. E às vezes, junto à fogueira, quando ela se sentava abraçando os joelhos com as chamas a despertar ecos em seus cabelos vermelhos, e o olhava, sorrindo apenas... bem, *isso* também estimulava algumas coisas.

Mas ele era um homem da Patrulha da Noite, tinha prestado um juramento. Não tomarei esposa, não possuirei terras, não gerarei filhos. Proferira as palavras perante o represeiro, perante os deuses do pai. Não podia desdizê-las... assim como não podia admitir o motivo de sua relutância a Tormund Punho de Trovão, Pai de Ursos.

– Não gosta da garota? – perguntou-lhe Tormund enquanto passavam por mais vinte mamutes, estes transportando selvagens no topo de altas

torres de madeira em vez de gigantes.

– Gosto, mas eu... – *O que posso dizer para convencê-lo?* – Ainda sou novo demais para casar.

– Casar? – Tormund soltou uma gargalhada. – Quem falou em casamento? No sul um homem precisa se casar com todas as garotas com quem dorme?

Jon sentia que estava enrubescendo novamente.

– Ela falou em meu favor quando o Camisa de Chocalho quis me matar. Não quero desonrá-la.

– Você agora é um homem livre, e Ygritte, uma mulher livre. Onde está a desonra se dormirem juntos?

– Ela pode engravidar.

– Sim, pode-se ter esperança nisso. Um filho forte ou uma menina cheia de vida e de risos, beijada pelo fogo, e que mal há nisso?

As palavras falharam-lhe por um momento.

– O menino... a criança seria um bastardo.

– Os bastardos são mais fracos do que as outras crianças? Mais enfermiços, mais sujeitos a erro?

– Não, mas...

– Você mesmo é um bastardo. E se a Ygritte não quiser um filho, ela vai até uma bruxa qualquer dos bosques para beber uma taça de chá de lua. Você não tem nada a ver com isso, depois de a semente ter sido plantada.

– *Não serei* pai de um bastardo.

Tormund balançou sua cabeça desgrenhada.

– Vocês, os ajoelhadores, são grandes bobos. Por que roubou a garota se não a queria?

– *Roubar?* Eu não...

– Você, sim – disse Tormund. – Matou os dois homens com quem ela estava e levou-a consigo, que nome dá a isso?

– Levei-a prisioneira.

– Obrigou-a a se entregar a você.

– Sim, mas... Tormund, juro que nunca toquei nela.

– Tem *certeza* de que não cortaram seu membro? – Tormund encolheu os ombros, como que para dizer que nunca conseguiria compreender tal loucura. – Bem, agora é um homem livre, mas se não quer a moça, é

melhor que arranje uma ursa. Se um homem não usa o membro, ele vai ficando cada vez menor, até que um dia quer mijar e não o encontra.

Jon não tinha resposta para aquilo. Não era de admirar que os Sete Reinos considerassem o povo livre pouco acima dos animais. *Eles não têm leis, nem honra, nem sequer simples decência. Roubam-se continuamente uns aos outros, reproduzem-se como animais, preferem a violação ao casamento, e enchem o mundo de filhos ilegítimos*. E, no entanto, estava começando a gostar de Tormund Terror dos Gigantes, apesar do grande saco de vento e mentiras que o homem era. E do Lança-Longa também. *E Ygritte... não, não pensarei em Ygritte.*

Mas com Tormund e Lança-Longa seguiam outros tipos de selvagem; homens como o Camisa de Chocalho e o Chorão, que tão depressa abririam sua goela quanto escarrariam em você. Havia Harma Cabeça de Cão, uma mulher que mais parecia um barril atarracado, com lajes de carne branca no lugar das bochechas, que odiava cães e matava um a cada quinzena para arranjar uma cabeça nova para a sua insígnia; o Styr sem orelhas, Magnar de Thenn, que era considerado por seu povo mais deus do que homem; Varamyr Seis-Peles, um pequeno rato em forma de homem, cujo garanhão era um urso-das-neves branco e selvagem, que tinha quase quatro metros de altura quando ficava em pé nas patas traseiras. E onde quer que Varamyr e o urso fossem, três lobos e um gato-das-sombras seguiam-nos. Jon estivera em sua presença apenas uma vez, e uma vez fora o bastante; bastou ver o homem para se sentir irritado, ao mesmo tempo que o pelo no pescoço de Fantasma havia se eriçado quando o lobo avistou o urso e aquele grande gato preto e branco.

E havia gente ainda mais feroz do que Varamyr, vinda das regiões mais setentrionais da floresta assombrada, dos vales escondidos das Presas de Gelo e de lugares ainda mais estranhos: os homens da Costa Gelada, que seguiam em bigas feitas de ossos de morsa, puxadas por matilhas de cães selvagens; os terríveis clãs do rio de gelo, dos quais se dizia que se banqueteavam com carne humana; os habitantes das cavernas, com o rosto pintado de azul, roxo e verde. Jon contemplara com os próprios olhos os homens de Cornopé, que avançavam a trote, em coluna, sobre pés nus que tinham solas duras como couro fervido. Não tinha visto *snarks* nem grumequins, mas, até onde sabia, Tormund poderia ter alguns para comer no jantar.

Jon calculava que metade da tropa dos selvagens passara toda a vida sem ver a Muralha, nem que fosse de relance, e, entre esses, a maioria não sabia uma palavra do Idioma Comum. Não importava. Mance Rayder falava o Idioma Antigo, até cantava nele, dedilhando o seu alaúde e enchendo a noite com música estranha e selvagem.

Mance tinha passado anos reunindo aquela vasta e lenta tropa, falando aqui com uma mãe de clã e ali com um magnar, conquistando uma aldeia com palavras simpáticas, outra com uma canção e uma terceira com o gume da espada, fazendo a paz entre Harma Cabeça de Cão e o Senhor dos Ossos, entre os Cornopés e os Corredores da Noite, entre os homens-morsa da Costa Gelada e os clãs canibais dos grandes rios de gelo, fundindo uma centena de punhais diferentes numa única grande lança, apontada ao coração dos Sete Reinos. Não tinha coroa nem cetro, nem vestes de seda e veludo, mas para Jon estava claro que Mance Rayder *era* mais rei do que se assim fosse chamado.

Jon tinha se juntado aos selvagens por ordem de Qhorin Meia-Mão.

– Cavalgue com eles, coma com eles, lute com eles – dissera-lhe o patrulheiro, na noite antes de morrer. – E *observe*. – Mas, com toda a sua observação, pouco aprendera. Meia-Mão suspeitava que os selvagens tinham subido às desoladas e estéreis Presas de Gelo em busca de alguma arma, de algum poder, de algum terrível feitiço para derrubar a Muralha... mas, se tinham encontrado algo assim, ninguém andava se vangloriando abertamente do fato, nem o mostrava a Jon. E Mance Rayder tampouco tinha lhe confidenciado qualquer um de seus planos, qualquer parte de sua estratégia. Desde aquela primeira noite, quase não vira o homem, exceto a distância.

*Vou matá-lo, se tiver de ser*. A ideia não dava a Jon nenhuma alegria; não haveria honra em tal morte, e significaria também a sua. Mas não podia deixar que os selvagens abrissem uma brecha na Muralha, que ameaçassem Winterfell e o Norte, as terras acidentadas e os Regatos, Porto Branco e a Costa Pedregosa, até mesmo o Gargalo. Havia oito mil anos que os homens da Casa Stark viviam e morriam para proteger seu povo contra tais atacantes e piratas... e, bastardo ou não, era o mesmo sangue que corria em suas veias. *Além disso, Bran e Rickon ainda estão em Winterfell. Assim como Meistre Luwin, Sor Rodrik, a Velha Ama, Farlen, o mestre dos canis, Mikken, em sua forja, e Gage, junto aos*

*fornos... todos os que conheci, todos os que amei*. Se Jon tinha de matar um homem por quem tinha meia admiração e do qual quase gostava para salvar aqueles que amava dos caprichos de Camisa de Chocalho, Harma Cabeça de Cão ou Magnar de Thenn, era isso que pretendia fazer.

Apesar de tudo, rezava aos deuses do pai para que o poupassem dessa tarefa tão desoladora. A tropa movia-se lentamente, sobrecarregada que estava com todos os rebanhos, crianças e pequenos tesouros dos selvagens, e as neves tinham tornado o progresso ainda mais lento. A maior parte da coluna estava agora para lá do sopé dos montes, escorrendo ao longo da margem ocidental do Guadeleite como mel numa manhã fria de inverno, seguindo o curso do rio em direção ao coração da floresta assombrada.

E Jon sabia que em algum lugar mais adiante, perto, o Punho dos Primeiros Homens se erguia por sobre as árvores, abrigando trezentos irmãos negros da Patrulha da Noite, armados, montados e à espera. O Velho Urso tinha enviado outros batedores além do Meia-Mão, e decerto Jarman Buckwell ou Thoren Smallwood já teriam retornado com a informação sobre aquilo que vinha descendo das montanhas.

*Mormont não fugirá*, pensou Jon. *É velho demais e chegou longe demais. Atacará, e que se danem os números*. Um dia, em breve, ouviria o som de berrantes de guerra e veria uma coluna de cavaleiros caindo sobre eles com esvoaçantes mantos negros e aço frio nas mãos. Trezentos homens não podiam esperar matar cem vezes mais, claro, mas Jon achava que não precisariam fazer isso. *Ele não precisa matar mil homens, apenas um. Mance é tudo que os mantém juntos.*

O Rei-para-lá-da-Muralha estava fazendo tudo o que podia, mas os selvagens mantinham-se irremediavelmente indisciplinados, e isso tornava-os vulneráveis. Aqui e ali, na serpente com léguas de comprimento que era a sua linha de marcha, havia guerreiros tão bons como quaisquer membros da Patrulha, mas cerca de um terço deles encontrava-se agrupado nas duas extremidades da coluna, na vanguarda de Harma Cabeça de Cão e na retaguarda selvagem, com os seus gigantes, auroques e lançadores de fogo. Outro terço seguia com o próprio Mance, perto do centro, defendendo carroças, trenós e carros puxados por cães que levavam a maior parte das provisões e dos abastecimentos da tropa, tudo que restara da colheita do verão anterior. O

resto, dividido em pequenos bandos sob o comando de homens como o Camisa de Chocalho, Jarl, Tormund Terror dos Gigantes e Chorão, servia como batedores, forrageiros e “chicotes”, galopando sem cessar ao longo da coluna, para mantê-la em movimento de uma forma mais ou menos ordenada.

E ainda mais relevante era que só um em cem selvagens se encontrava montado. *O Velho Urso vai atravessá-los como um machado atravessa mingau de aveia*. E quando isso acontecesse, Mance os perseguiria com suas forças centrais, tentando minimizar a ameaça. Se caísse na luta que se seguiria, Jon estimava que a Muralha estaria a salvo durante mais cem anos. *Caso contrário...*

Abriu e fechou os dedos queimados de sua mão da espada. A Garralonga estava pendurada na sela, com o botão de pedra esculpida em forma de cabeça de lobo e o macio punho de couro ao alcance da mão.

A neve caía com força quando alcançaram o bando de Tormund, várias horas depois. Fantasma partiu ao longo do caminho, misturando-se à floresta ao farejar uma presa. O lobo gigante voltaria quando acampassem para passar a noite, o mais tardar à alvorada. Por mais longe que andasse, Fantasma sempre voltava ... e o mesmo, ao que parecia, fazia Ygritte.

– Então – gritou a garota quando o viu – já acredita em nós, Jon Snow? Viu os gigantes em seus mamutes?

– Ha! – gritou Tormund, antes de Jon conseguir responder. – O corvo está apaixonado! Quer casar com um!

– Com um gigante? – Lança-Longa Ryk riu.

– Não, com um *mamute*! – berrou Tormund. – Ha!

Ygritte trotou para o lado de Jon enquanto este reduzia o passo do garrano. Ela dizia ser três anos mais velha do que ele, embora fosse quinze centímetros mais baixa; qualquer que fosse a sua idade, a garota era uma coisinha rija. Cobra das Pedras chamara-a de “esposa de lança” quando a tinham capturado no Passo dos Guinchos. Não era casada e sua arma favorita era um pequeno arco curvado feito de chifre e represeiro, mas “esposa de lança” ajustava-se a ela mesmo assim. Lembrava a Jon um pouco sua irmã, Arya, embora esta fosse mais nova e provavelmente mais magra. Era difícil dizer se Ygritte era magra ou gorda, com todas as peles que usava.

– Conhece “O último dos gigantes”? – sem esperar resposta, Ygritte continuou: – É preciso uma voz mais grave do que a minha para cantá-la como deve ser. – E então cantou: – *Oooooh, sou o último dos gigantes, o meu povo do mundo partiu.*

Tormund, Terror dos Gigantes, ouviu as palavras e sorriu.

– *O último dos gigantes de montanha, que um dia tudo possuiu* – berrou em resposta através da neve.

Lança-Longa Ryk juntou-se a eles, cantando:

– *Oh, o povo pequeno roubou-me as florestas, roubou-me os rios e os montes.*

– *E atravessou meus vales com uma grande muralha, e pescou meus peixes das fontes* – responderam-lhe Ygritte e Tormund, em vozes adequadamente gigânticas.

Os filhos de Tormund, Toregg e Dormund, juntaram também suas vozes graves à canção, seguidos por Munda e todos os demais. Outros começaram a bater com as lanças em escudos de couro para marcar um ritmo grosseiro, até todo o bando de guerreiros estar cantando enquanto avançava.

Em salões de pedra fazem suas grandes fogueiras,
em salões de pedra forjam suas afiadas lanças.
Enquanto eu caminho sozinho nas montanhas,
sem nenhum companheiro além das lembranças.
Caçam-me sempre com cães à luz do dia,
Caçam-me sempre com archotes no escuro.
Pois os homens pequenos não poderão ver-se altos,
se caminharem gigantes no futuro.
Oooooo, sou o ÚLTIMO dos gigantes,
Por isso aprenda bem a minha canção.
Pois quando eu partir nascerá o silêncio,
e durante muito tempo as canções morrerão.

Havia lágrimas no rosto de Ygritte quando a canção terminou.

– Por que está chorando? – perguntou Jon. – Foi só uma canção. Há centenas de gigantes, acabei de vê-los.

– Oh, centenas – disse ela, furiosa. – Não sabe nada, Jon Snow. Você... *JON!*

Jon virou-se ao ouvir o súbito som de asas. Penas azul-acinzentadas encheram seus olhos, enquanto garras afiadas se enterravam em seu rosto. Uma dor rubra atravessou-o, súbita e violenta, enquanto asas batiam em volta de sua cabeça. Viu o bico, mas não houve tempo para levantar uma mão ou estendê-la para alguma arma. Jon cambaleou para trás, seu pé saltou do estribo, o garrano fugiu em pânico, e de repente estava caindo. E a águia ainda se agarrava ao seu rosto, com as garras rasgando-o enquanto a ave batia as asas, guinchava e bicava. O mundo virou de pernas para o ar, num caos de penas, carne de cavalo e sangue, e então o chão surgiu e esmagou-o.

Quando deu por si, estava caído sobre o rosto, com gosto de lama e sangue na boca, e Ygritte ajoelhava-se protetoramente sobre ele, com um punhal de osso na mão. Ainda ouvia asas, embora não visse a águia. Metade de seu mundo estava negra.

– Meu olho – disse, num pânico súbito, levando a mão ao rosto.

– É só sangue, Jon Snow. Ela errou o olho, só rasgou um pouco de sua pele.

Sentia o rosto latejar. Viu com o olho direito, enquanto esfregava o esquerdo para limpá-lo do sangue, que Tormund se encontrava perto deles, berrando. Então ouviram-se batidas de cascos, gritos, e o chocalhar de velhos ossos.

– Saco de Ossos – rugiu Tormund –, chame seu corvo infernal!

– O corvo infernal tá ali! – Camisa de Chocalho apontou para Jon. – Sangrando na lama como um cão sem fé! – A águia desceu, batendo as asas, e foi pousar no crânio rachado de gigante que servia de elmo ao guerreiro. – Venho por ele.

– Então venha buscá-lo – disse Tormund –, mas é melhor vir de espada na mão, porque é assim que vai encontrar a minha. Pode ser que ferva os *seus* ossos e use seu crânio para mijar. Ha!

– Quando eu furar você e deixar sair o ar, vai encolher até ficar menor do que aquela garota. Afaste-se, senão Mance vai ficar sabendo disso.

Ygritte levantou-se.

– O quê? É *Mance* que o quer?

– Foi o que eu disse, não foi? Ponha o cara sobre seus pés pretos.

Tormund franziu a testa para Jon.

– É melhor ir, se é Mance quem chama.

Ygritte ajudou-o a se levantar.

– Tá sangrando como um javali na matança. Olhe o que o Orell fez com o lindo rosto dele.

*Será que uma ave pode odiar?* Jon matara o selvagem Orell, mas uma parte do homem permanecia dentro da águia. Os olhos dourados olhavam-no com fria malevolência.

– Eu vou – disse. O sangue continuava a escorrer para dentro de seu olho direito, e a bochecha era uma explosão de dor. Quando a tocou, as luvas pretas se mancharam de vermelho. – Deixem-me apanhar o garrano. – O que queria não era o cavalo e sim Fantasma, mas não se via o lobo gigante em lugar nenhum. *A essa altura, pode estar muito distante, dilacerando a goela de algum alce*. Talvez isso fosse bom.

O garrano fugiu dele quando se aproximou, sem dúvida assustado pelo sangue que tinha no rosto, mas Jon acalmou-o com algumas palavras ditas em voz baixa, e algum tempo depois conseguiu aproximar-se o suficiente para pegar as rédeas. Ao montar, sentiu a cabeça rodopiar. *Vou precisar tratar disso*, pensou, *mas não agora*. *Que o Rei-para-lá-da-Muralha veja o que a águia dele me fez*. A mão direita abriu-se e fechou-se, e Jon estendeu-a para a Garralonga e pôs a espada bastarda ao ombro antes de dar meia-volta e seguir a trote para onde o Senhor dos Ossos o esperava com seu bando.

Ygritte também estava à espera, montada no cavalo com uma expressão feroz no rosto.

– Também vou.

– Suma. – Os ossos da placa de peito do Camisa de Chocalho tiniram. – Mandaram-me buscar o corvo-que-desceu e mais ninguém.

– Uma mulher livre leva o cavalo para onde quiser – disse Ygritte.

O vento estava soprando neve nos olhos de Jon. Sentia o sangue congelando em seu rosto.

– Ficamos conversando ou vamos embora?

– Vamos embora – disse o Senhor dos Ossos.

Foi um galope duro. Percorreram a coluna ao longo de mais de três quilômetros, por entre flocos de neve rodopiantes, depois cortaram através de um emaranhado de carroças de bagagem e atravessaram o

Guadeleite no local onde o rio fazia uma grande curva para leste. Uma crosta de gelo fino cobria os baixios do rio; a cada passo, os cascos dos cavalos quebravam-na e atravessavam-na, até chegarem a águas mais profundas, dez metros mais adiante. A neve parecia cair ainda mais depressa na margem oriental, e os montes de neve acumulada também eram mais profundos. *Até o vento é mais frio*. E a noite estava caindo.

Mas mesmo através da neve soprada pelo vento, a forma do grande monte branco que pairava acima das árvores era inconfundível. O Punho dos Primeiros Homens. Jon ouviu o guincho da águia por cima de sua cabeça. Um corvo olhou-o do alto de um pinheiro marcial e lançou um *cuorc* quando ele passou. Teria o Velho Urso feito seu ataque? Em vez do estrondo do aço e do ruído seco das flechas levantando voo, Jon ouvia apenas o suave esmagamento da crosta gelada por baixo dos cascos do garrano.

Deram a volta em silêncio até a vertente sul, onde a subida era mais fácil. Foi aí que Jon viu o cavalo morto, estatelado no sopé do monte, meio enterrado na neve. Entranhas jorravam da barriga do animal como serpentes congeladas, e uma de suas patas tinha desaparecido. *Lobos*, foi o primeiro pensamento de Jon, mas não estava certo. Os lobos comiam os animais que matavam.

Mais garranos estavam espalhados pela encosta, com as patas retorcidas de um modo grotesco e olhos cegos fixos na morte. Os selvagens rastejavam sobre eles como moscas, despindo-os de selas, arreios, embrulhos e armaduras, e cortando sua carne com machados de pedra.

– Para cima – disse Camisa de Chocalho a Jon. – O Mance tá lá no alto.

Desmontaram junto à muralha anelar para se enfiarem através de um vão inclinado entre as pedras. A carcaça de um garrano felpudo e castanho estava empalada nos espigões afiados que o Velho Urso havia colocado dentro de todas as entradas. *Ele estava tentando sair, não entrar*. Não havia sinal de um cavaleiro.

Lá dentro havia mais, e pior. Jon nunca antes vira neve cor-de-rosa. O vento soprava em rajadas à sua volta, puxando seu pesado manto de pele de ovelha. Corvos esvoaçavam de um cavalo morto para o seguinte. *Será que aqueles corvos são selvagens ou dos nossos?* Jon não sabia dizer. Perguntou a si mesmo onde estaria agora o pobre Sam. E *o que* seria.

Uma crosta de sangue congelado rangeu por baixo do calcanhar de sua bota. Os selvagens estavam despindo os cavalos mortos de todos os restos de aço e couro, chegando mesmo a arrancar suas ferraduras dos cascos. Alguns vasculhavam pacotes que tinham achado, em busca de armas ou alimentos. Jon passou por um dos cães de Chett, ou aquilo que dele restava, jazendo numa poça viscosa de sangue meio congelado.

Ainda havia algumas tendas em pé no lado mais distante do acampamento, e foi nesse lugar que encontraram Mance Rayder. Sob o manto rasgado de lã negra e seda vermelha usava cota de malha preta e felpudos calções de pele, e na cabeça tinha um grande elmo de bronze e ferro, com asas de corvo nas têmporas. Jarl encontrava-se com ele, bem como Harma Cabeça de Cão; Styr também estava lá, assim como Varamyr Seis-Peles, com seus lobos e seu gato-das-sombras.

O olhar que Mance lançou a Jon foi ameaçador e frio.

– O que aconteceu com seu rosto?

Ygritte respondeu:

– Orell tentou arrancar-lhe um olho.

– Perguntei a ele. Perdeu a língua? Talvez devesse, para nos poupar de mais mentiras.

Styr, o Magnar, puxou uma longa faca.

– O rapaz talvez possa ver com mais clareza com um olho em vez de dois.

– Gostaria de ficar com o olho, Jon? – perguntou o Rei-para-lá-da-Muralha. – Se sim, diga-me quantos eram. E tente falar a verdade dessa vez, Bastardo de Winterfell.

Jon tinha a garganta seca.

– Meu senhor... o que...

– Não sou o seu senhor – disse Mance. – E *o que* é bastante claro. Seus irmãos morreram. A questão é: quantos?

O rosto de Jon latejava, a neve continuava caindo e era difícil pensar. *Não pode se recusar, não importa o que lhe seja solicitado*, Qhorin lhe dissera. As palavras prenderam-se em sua garganta, mas Jon forçou-se a dizer:

– Éramos trezentos.

– Éramos? – disse Mance vivamente.

– Eram. Eram trezentos. – *Não importa o que lhe seja solicitado, disse o Meia-Mão. Então por que me sinto tão covarde?* – Duzentos de Castelo Negro, e cem da Torre Sombria.

– Essa é uma canção mais verdadeira do que a que cantou em minha tenda. – Mance olhou para Harma Cabeça de Cão. – Quantos cavalos encontrou?

– Mais de cem – respondeu a enorme mulher –, menos de duzentos. Há mais mortos a leste, debaixo da neve, é difícil saber quantos. – Atrás dela encontrava-se o seu porta-estandarte, segurando uma vara com a cabeça de um cão na ponta, suficientemente fresca para ainda estar vertendo sangue.

– Não devia ter mentido para mim, Jon Snow – disse Mance.

– Eu... eu sei. – *O que poderia dizer?*

O rei selvagem estudou seu rosto.

– Quem tinha o comando aqui? E diga-me a verdade. Era Rykker? Smallwood? Não pode ter sido o Wythers, ele era fraco demais. De quem era esta tenda?

*Já disse demais.*

– Não encontrou o corpo dele?

Harma fungou, lançando desdém pelas narinas.

– Que idiotas esses corvos pretos.

– Da próxima vez que me responder com uma pergunta, dou você ao Senhor dos Ossos – prometeu Mance Rayder a Jon. Aproximou-se dele. – Quem comandava aqui?

*Mais um passo*, pensou Jon. *Mais alguns centímetros*. Deslocou a mão para mais perto do cabo da Garralonga. *Se ficar de boca fechada...*

– Tente pegar nessa maldita espada, e eu corto sua cabeça de bastardo antes de você ter tempo de tirá-la da bainha – disse Mance. – Estou perdendo rapidamente a paciência com você, corvo.

– Diga – exortou Ygritte. – Ele está morto, seja quem for.

Seu franzir de sobrancelhas fez rachar a crosta de sangue que tinha no rosto. *Isso é difícil demais*, pensou Jon, desesperado. *Como é que eu faço papel de vira-casaca sem me transformar em um?* Qhorin não havia lhe dito. Mas o segundo passo é sempre mais fácil do que o primeiro.

– O Velho Urso.

– Aquele velho? – o tom de Harma mostrava descrença. – Veio em pessoa? Então quem comanda em Castelo Negro?

– Bowen Marsh. – Daquela vez, Jon respondeu imediatamente. *Não pode se recusar, não importa o que lhe seja solicitado.*

Mance soltou uma gargalhada.

– Se isso for verdade, temos a guerra ganha. Bowen sabe bastante mais sobre contar espadas do que algum dia soube a respeito de usá-las.

– O Velho Urso comandava – disse Jon. – Este lugar era alto e forte, e ele tornou-o mais forte. Cavou fossos e colocou estacas, armazenou comida e água. Estava pronto para...

– ... mim? – concluiu Mance Rayder. – Se estava. Se eu tivesse sido suficientemente tolo para assaltar seu monte, poderia ter perdido cinco homens para cada corvo que matasse e ainda estaria com sorte. – Os lábios endureceram. – Mas quando os mortos caminham, muralhas, estacas e espadas não significam nada. Não se pode lutar com os mortos, Jon Snow. Ninguém sabe disso tão bem quanto eu. – Ergueu o olhar para o céu que escurecia e disse: – Os corvos podem nos ter ajudado mais do que julgam. Tenho perguntado a mim mesmo por que não sofremos ataques. Mas ainda há uma centena de léguas de caminho, e o frio aumenta. Varamyr, mande seus lobos farejarem o rastro das criaturas, não quero que nos apanhem desprevenidos. Senhor dos Ossos, duplique todas as patrulhas, e certifique-se de que todos os homens têm archotes e pederneira. Styr, Jarl, vocês partem à primeira luz da aurora.

– Mance – disse Camisa de Chocalho –, quero uns ossos de corvo.

Ygritte pôs-se diante de Jon.

– Não pode matar um homem por mentir para proteger seus antigos irmãos.

– Eles ainda são seus irmãos – declarou Styr.

– Não são – insistiu Ygritte. – Ele não me matou, como lhe disseram para fazer. E matou o Meia-Mão, como todos vimos.

A respiração de Jon condensava no ar. *Se mentir para Mance, ele saberá*. Olhou Mance Rayder nos olhos, abriu e fechou a mão queimada.

– Uso o manto que me deu, Vossa Graça.

– Um manto de pele de ovelha! – disse Ygritte. – E há muitas noites dançamos por baixo dele!

Jarl soltou uma gargalhada, e até Harma Cabeça de Cão deu um sorrisinho.

– Ah, então é isso, Jon Snow? – perguntou brandamente Mance Rayder. – Ela e você?

Era fácil perder o rumo para lá da Muralha. Jon já não sabia se ainda era capaz de distinguir a honra da vergonha, ou o certo do errado. *Que o pai me perdoe.*

– Sim – disse.

Mance fez um aceno.

– Ótimo. Então vão com Jarl e Styr de manhã. Ambos. Longe de mim separar dois corações que batem como um só.

– Iremos para onde?

– Subir a Muralha. Já é mais do que hora de provar a sua lealdade com algo mais do que palavras, Jon Snow.

Magnar não ficou satisfeito.

– O que eu faço com um corvo?

– Ele conhece a Patrulha e conhece a Muralha – disse Mance – e conhece Castelo Negro melhor do que qualquer assaltante. Se não for tolo, vai encontrar uso para ele.

Styr lançou-lhe um olhar carrancudo.

– O coração dele pode ainda ser negro.

– Se for, arranque-o. – Mance virou-se para Camisa de Chocalho. – Meu Senhor dos Ossos, mantenha a coluna em movimento a qualquer preço. Se chegarmos à Muralha antes de Mormont, vencemos.

– Vão se mover. – A voz de Camisa de Chocalho estava carregada e irada.

Mance assentiu e afastou-se, com Harma e Seis-Peles ao seu lado. Os lobos e o gato-das-sombras de Varamyr seguiram atrás. Jon e Ygritte foram deixados com Jarl, Camisa de Chocalho e Magnar. Os dois selvagens mais velhos olharam Jon com rancor mal disfarçado, enquanto Jarl dizia:

– Ouviu, partimos ao nascer do dia. Traga toda a comida que puder, não vai haver tempo para caçar. E trate dessa cara, corvo. Isso tá uma porcaria.

– Tratarei – disse Jon.

– É melhor que não esteja mentindo, garota – disse o Camisa de Chocalho a Ygritte, com os olhos brilhantes por baixo do crânio de gigante.

Jon desembainhou Garralonga.

– Afaste-se de nós se não quiser o que Qhorin teve.

– Não tem nenhum lobo aqui pra ajudá-lo, rapaz. – Camisa de Chocalho estendeu a mão para sua espada.

– Tem certeza? – Ygritte soltou uma gargalhada.

Sobre as pedras da muralha anelar, Fantasma baixava a cabeça, com os pelos brancos eriçados. Não soltava um som, mas seus olhos vermelho-escuros falavam de sangue. O Senhor dos Ossos afastou lentamente a mão da espada, recuou um passo, e deixou-os com uma praga.

Fantasma caminhou ao lado dos garranos de Jon e Ygritte enquanto desciam o Punho. Só quando já estavam no meio da travessia do Guadeleite é que Jon se sentiu suficientemente em segurança para dizer:

– Não pedi para você mentir por mim.

– Não menti – disse ela. – Só não lhes contei uma parte, nada mais.

– Disse...

– ... que fodemos muitas noites debaixo de seu manto. Mas não lhes disse quando começamos. – O sorriso que lhe deu era quase tímido. – Arranje outro lugar para o Fantasma dormir esta noite, Jon Snow. É como o Mance diz: as ações são mais verdadeiras do que as palavras.

## SANSA

—Um vestido novo? – disse, tão cautelosa quanto espantada.

– Mais lindo do que qualquer outro que tenha usado, senhora – prometeu a velha. Mediu as ancas de Sansa com uma corda cheia de nós. – Todo de seda e renda de Myr, com forro de cetim. Ficará muito bela. Foi a própria rainha que o encomendou.

– Qual rainha? – Margaery ainda não era rainha de Joffrey, mas havia sido a de Renly. Ou ela estaria se referindo à Rainha dos Espinhos? Ou...

– A Rainha Regente, com certeza.

– A Rainha *Cersei*?

– Essa mesma. Há muitos anos que me dá a honra de ser freguesa. – A velha estendeu a corda ao longo da parte de dentro da perna de Sansa. – Sua Graça disse-me que agora é uma mulher, e não deve se vestir como uma garotinha. Estenda o braço.

Sansa ergueu o braço. Precisava de um vestido novo, isso era verdade. Tinha crescido sete centímetros no ano anterior, e a maior parte de seu antigo guarda-roupa havia estragado com a fumaça, quando tentou queimar o colchão no dia de sua primeira floração.

– Seu peito ficará tão lindo como o da rainha – disse a velha enquanto envolvia o peito de Sansa com a corda. – Não devia escondê-lo tanto.

O comentário fez Sansa corar. E no entanto, da última vez em que fora montar, não conseguiu atar o justilho até em cima, e o cavalariço não tirou os olhos dela enquanto a ajudava a montar. Às vezes, via também homens-feitos olhando para seu peito, e algumas de suas túnicas estavam tão apertadas que quase não conseguia respirar vestida com elas.

– De que cor será? – perguntou à costureira.

– Deixe as cores comigo, senhora. Ficará contente, tenho certeza. Também terá roupas de baixo e meias, batas, capas e mantos, e tudo o mais que é próprio de uma... de uma linda jovem senhora de nobre nascimento.

– Estarão prontos a tempo da boda do rei?

– Oh, mais cedo, muito mais cedo, Sua Graça insiste. Tenho seis costureiras e doze aprendizes, e deixaremos de lado todos os outros serviços para nos dedicarmos a este. Muitas senhoras ficarão zangadas conosco, mas foram ordens da rainha.

– Tenha a gentileza de agradecer à Sua Graça por sua amabilidade – disse Sansa com cortesia. – Ela é boa demais para mim.

– Sua Graça é muito generosa – concordou a costureira, enquanto recolhia as suas coisas e se retirava.

*Mas por quê?*, perguntou Sansa a si mesma quando ficou sozinha. Aquilo deixava-a inquieta. *Aposto que esse vestido é de algum modo obra de Margaery, ou da avó.*

A gentileza de Margaery tinha sido inabalável, e sua presença mudara tudo. As suas senhoras também tinham acolhido Sansa entre elas. Fazia tanto tempo que não desfrutava da companhia de outras mulheres que quase se esquecera de como podia ser agradável. A Senhora Leonette ensinava-a a tocar harpa, e a Senhora Janna partilhava com ela todas as melhores fofocas. Merry Crane tinha sempre uma história divertida para contar, e a pequena Senhora Bulwer lembrava-lhe Arya, embora não fosse tão irrequieta.

As primas Elinor, Alla e Megga estavam mais próximas da idade de Sansa. Eram Tyrell de ramos menores da Casa. "Rosas de partes mais baixas do arbusto", como brincava Elinor, que era esbelta e possuía senso de humor. Megga era redonda e ruidosa, Alla, tímida e bonita, mas Elinor governava as três por direito de maturação; era uma donzela já florida, enquanto Megga e Alla não passavam de garotas.

As primas acolheram Sansa como se a tivessem conhecido a vida inteira. Passavam longas tardes bordando e conversando, comendo bolos de limão e bebendo vinho com mel, à noite jogavam damas, cantavam juntas no septo do castelo... e era frequente que uma ou duas delas fossem escolhidas para dividir a cama com Margaery, onde gastavam metade da noite em segredos. Alla possuía uma linda voz, e quando era aliciada, tocava harpa e cantava canções de cavalaria e amores perdidos. Megga não sabia cantar, mas era louca por beijos. Confessou que ela e Alla jogavam às vezes um jogo de beijos, mas não era o mesmo que beijar um homem, muito menos um rei. Sansa perguntou a si mesma o que Megga acharia de beijar o Cão de Caça, como ela o fizera. Ele a

tinha encontrado na noite da batalha, fedendo a vinho e sangue. *Beijou-me e ameaçou me matar, e obrigou-me a cantar uma canção para ele.*

– O Rei Joffrey tem lábios tão belos – exclamou Megga, absorta. – Oh, pobre Sansa, como o seu coração deve ter se partido quando o perdeu. Oh, como deve ter chorado!

*Joffrey me fez chorar com mais frequência do que imagina*, teve vontade de dizer, mas o Abetouro não estava por perto para abafar sua voz, por isso apertou os lábios e segurou a língua.

Quanto a Elinor, estava prometida a um jovem escudeiro, filho de Lorde Ambrose; iam se casar assim que ele ganhasse as esporas. Ele tinha usado o seu favor na Batalha da Água Negra, onde matou um besteiro de Myr e um homem de armas Mullendore.

– Alyn contou que seu favor o tornou destemido – disse Megga. – Ele diz que usou o nome de Elinor como grito de guerra, não é galante? Um dia quero que algum campeão use o meu favor e mate cem homens. – Elinor disse-lhe para se calar, mesmo assim pareceu ficar contente.

*Elas são crianças*, pensava Sansa. *São garotinhas tolas, até mesmo Elinor. Nunca viram uma batalha, nunca viram um homem morrer, não sabem nada*. Seus sonhos estavam cheios de canções e histórias, como os dela tinham estado antes de Joffrey cortar a cabeça do pai. Sansa tinha dó delas. E também tinha inveja.

Mas Margaery era diferente. Doce e gentil, sim, mas também havia nela um pouco da avó. Na antevéspera, levara Sansa à caça com falcão. Foi a primeira vez que saiu da cidade depois da batalha. Os mortos tinham sido queimados ou enterrados, mas o Portão da Lama estava rachado e lascado onde os aríetes de Lorde Stannis o tinham atacado, e viam-se cascos de navios esmagados ao longo de ambas as margens do Água Negra, com mastros carbonizados que se erguiam dos baixios como lúgubres dedos negros. O único tráfego no rio era o barco de fundo chato em que fizeram a travessia, e quando chegaram à mata de rei, encontraram um campo desolado de cinzas, carvão e árvores mortas. Mas as aves aquáticas abundavam nos pântanos ao longo da baía, e o esmerilhão de Sansa abateu três patos, enquanto o falcão-peregrino de Margaery apanhava uma garça-real em pleno voo.

– Willas tem as melhores aves dos Sete Reinos – disse Margaery quando as duas ficaram sozinhas por um breve período. – Às vezes, faz

voar uma águia. Você vai ver, Sansa. – Pegou na mão dela e deu-lhe um apertão. – Irmã.

*Irmã*. Antigamente, Sansa sonhara em ter uma irmã como Margaery; bela e gentil, com todas as graças do mundo às suas ordens. Arya havia sido completamente insatisfatória no que tocava a ser irmã. *Como posso deixar que minha irmã se case com Joffrey?*, pensou, e de repente ficou com os olhos cheios de lágrimas.

– Margaery, por favor – disse –, não pode. – Era difícil fazer sair as palavras. – Você *não pode* se casar com ele. Ele não é o que parece, não é. Vai machucá-la.

– Penso que não. – Margaery sorriu com um ar confiante. – É corajoso de sua parte prevenir-me, mas não tem nada a temer. Joff é mimado e vaidoso e não duvido que seja tão cruel como você diz, mas o pai obrigou-o a nomear Loras para a sua Guarda Real antes de concordar com o casamento. Terei o melhor cavaleiro dos Sete Reinos me protegendo dia e noite, tal como o Príncipe Aemon protegeu Naerys. Portanto, é melhor que nosso leãozinho se comporte bem, não é? – soltou uma gargalhada, e disse: – Venha, querida irmã, vamos fazer uma corrida até o rio. Isso deixará os nossos guardas bem loucos. – E, sem esperar resposta, bateu com os calcanhares no cavalo e fugiu.

*Ela é tão corajosa*, pensou Sansa, galopando atrás da garota... e, no entanto, as dúvidas ainda a atormentavam. Sor Loras era um grande cavaleiro, todos eram unânimes em dizê-lo. Mas Joffrey tinha outros guardas reais, e também homens de manto dourado e vermelho, e, quando fosse mais velho, comandaria seus próprios exércitos. Aegon, o Indigno, nunca tinha feito mal à Rainha Naerys, talvez por temer o seu irmão, o Cavaleiro do Dragão... mas quando outro de seus guardas reais se apaixonou por uma de suas amantes, o rei cortou a cabeça de ambos.

*Sor Loras é um Tyrell*, lembrou Sansa a si mesma. *Esse outro cavaleiro era apenas um Toyne. Seus irmãos não tinham exércitos, não possuíam nenhum modo de vingá-lo a não ser pela espada*. Mas, quanto mais pensava em tudo aquilo, mais se interrogava. *Joff poderá se segurar durante algumas voltas de lua, talvez durante um ano, mas mais cedo ou mais tarde irá mostrar as garras, e quando fizer isso...* O reino poderia ver surgir um segundo Regicida, e haveria guerra *dentro* da cidade,

enquanto os homens do leão e os homens da rosa fizessem as valetas correr rubras.

Sansa surpreendia-se por Margaery não ver isso também. *Ela é mais velha do que eu, deve ser mais sábia. E o pai dela, Lorde Tyrell, certamente saberá o que está fazendo. Estou só sendo tola.*

Quando falou a Sor Dontos que partiria para Jardim de Cima para se casar com Willas Tyrell, achou que ele ficaria aliviado e satisfeito por ela. Mas Sor Dontos agarrou seu braço e disse:

– Você não *pode* fazer isso! – numa voz tão carregada de horror como de vinho. – Estou falando, esses Tyrell são apenas Lannister com flores. Suplico-lhe, esqueça essa loucura, dê um beijo em seu Florian, e prometa que seguirá o caminho que planejamos. Na noite do casamento de Joffrey, não falta muito tempo, use a rede de prata para o cabelo e faça o que eu lhe disser, e depois fugiremos. – E tentou lhe dar um beijo no rosto.

Sansa desvencilhara-se de sua mão e afastara-se dele.

– Não farei isso. Não posso. Alguma coisa daria errado. Quando eu *quis* fugir, você não me levou, e agora não preciso.

Dontos fitara-a estupidamente.

– Mas os preparativos estão feitos, querida. O navio para levá-la para casa, o barco para levá-la para o navio, o seu Florian fez tudo para a sua doce Jonquil.

– Lamento todo o incômodo que lhe causei – ela disse –, mas agora não preciso de barcos e navios.

– Mas é tudo para a sua *segurança*.

– Estarei em segurança em Jardim de Cima. Willas vai me manter em segurança.

– Mas ele não a conhece – insistiu Dontos – e não a amará. Jonquil, Jonquil, abra seus belos olhos, esses Tyrell não se interessam por você. É a sua *pretensão* que querem desposar.

– A minha pretensão? – por um momento Sansa ficou confusa.

– Querida – ele disse –, é herdeira de Winterfell. – Voltou a agarrá-la, suplicando-lhe que não fizesse aquilo, e Sansa se libertou, deixado-o cambaleando sob a árvore-coração. Não voltou a visitar o bosque sagrado desde então.

Mas também não esqueceu suas palavras. *Herdeira de Winterfell*, pensava na cama, à noite. *É a sua pretensão que querem desposar*. Sansa tinha crescido com três irmãos. Nunca pensara em ter alguma pretensão, mas com Bran e Rickon mortos... *Não importa, ainda há Robb, ele é agora um homem-feito, e em breve se casará e terá um filho. Seja como for, Willas Tyrrell terá Jardim de Cima, o que ele iria querer de Winterfell?*

Às vezes sussurrava o nome dele para a almofada, só para ouvir o som.

– Willas, Willas, Willas. – Supunha que Willas era um nome tão bom quanto Loras. Até soavam um pouco parecidos. Que importava a sua perna? Willas seria Senhor de Jardim de Cima, e ela seria a sua senhora.

Imaginava os dois sentados juntos num jardim, com cachorros no colo, ou ouvindo um cantor dedilhar um alaúde enquanto flutuavam Vago abaixo numa barcaça de prazer. *Se lhe der filhos, ele pode chegar a me amar*. Ela ia chamá-los de Eddard, Brandon e Rickon, e educá-los para serem tão valentes quanto Sor Loras. *E também para odiarem os Lannister.* Nos sonhos de Sansa, seus filhos eram tal qual os irmãos que tinha perdido. Às vezes, havia até uma menina parecida com Arya.

Mas nunca conseguia manter durante muito tempo uma imagem de Willas na cabeça; a sua imaginação transformava-o sempre em Sor Loras, jovem, gracioso e belo. *Não pode pensar nele assim*, dizia a si mesma. *Senão, Willas pode ver o desapontamento em seus olhos quando se encontrarem, e como poderá então casar com você, sabendo que é o irmão que você ama?* Recordava constantemente a si mesma que Willas tinha o dobro de sua idade, que era coxo, e talvez até gordo e de rosto vermelho como o pai. Mas, garboso ou não, poderia ser o único campeão que algum dia teria.

Uma vez sonhou que ainda era ela, e não Margaery, quem se casaria com Joff, e que na noite de núpcias ele se transformava no carrasco Ilyn Payne. Acordou tremendo. Não queria que Margaery sofresse como ela tinha sofrido, mas a ideia de que os Tyrell pudessem recusar prosseguir com o casamento aterrorizava-a. *Eu preveni, avisei, contei a verdade sobre ele*. Talvez Margaery não acreditasse nela. Joff sempre desempenhava o papel de perfeito cavaleiro com a jovem Tyrell, como fizera com Sansa. *Ela verá a sua verdadeira natureza bem depressa, depois do casamento, se não vir antes*. Sansa decidiu que acenderia uma

vela à Mãe no Céu da próxima vez que visitasse o septo e lhe pediria para proteger Margaery da crueldade de Joffrey. E talvez também uma vela ao Guerreiro, para Loras.

Usaria seu novo vestido na cerimônia no Grande Septo de Baelor, decidiu enquanto a costureira tirava as últimas medidas. *Deve ser por isso que Cersei o mandou fazer para mim, para que não assista à boda malvestida*. Devia mesmo ter um vestido diferente para o banquete que haveria depois, mas supunha que um dos velhos serviria. Não queria arriscar-se a derramar comida ou vinho sobre o novo. *Tenho de levá-lo comigo para Jardim de Cima*. Queria estar bela para Willas Tyrell. *Mesmo se Dontos tiver razão e ele desejar Winterfell e não a mim, ainda pode vir a me amar pelo que sou.* Sansa abraçou-se com força, perguntando a si mesma quanto tempo demoraria para o vestido ficar pronto. Quase não podia esperar para usá-lo.

## ARYA

As chuvas iam e vinham, mas havia mais céus cinzentos do que azuis, e todos os cursos de água corriam cheios. Na manhã do terceiro dia, Arya reparou que o musgo estava crescendo principalmente do lado errado das árvores.

– Estamos indo na direção errada – disse a Gendry, ao passarem por um olmo especialmente cheio de musgo. – Estamos indo para o sul. Está vendo como o musgo cresce no tronco?

Ele afastou os espessos cabelos negros dos olhos e disse:

– Estamos seguindo a estrada, é só isso. A estrada aqui vai para o sul.

*Passamos o dia todo indo para o sul*, ela quis lhe dizer. *E ontem também, quando seguimos o curso daquele riacho*. Mas, no dia anterior, não tinha prestado muita atenção, e por isso não podia ter certeza.

– Acho que estamos perdidos – disse em voz baixa. – Não devíamos ter deixado o rio. Tudo que tínhamos de fazer era segui-lo.

– O rio faz curvas e dá voltas – disse Gendry. – Este é só um caminho mais curto, aposto. Algum caminho secreto dos fora da lei. O Limo, o Tom e os outros vivem há anos por aqui.

Aquilo era verdade. Arya mordeu o lábio.

– Mas o musgo...

– Com toda essa chuva, daqui a pouco teremos musgo crescendo nas orelhas – queixou-se Gendry.

– Só da orelha virada para o *sul* – declarou teimosamente Arya. Não valia a pena tentar convencer o Touro do que quer que fosse. Em todo caso, era o único amigo verdadeiro que tinha, agora que Torta Quente os deixara.

– A Sharna diz que precisa de mim para fazer pão – ele tinha lhe dito, no dia em que se puseram a caminho. – E, seja como for, estou farto da chuva, das dores de sela e de andar sempre assustado. Aqui há cerveja e coelho para comer, e o pão vai ser melhor quando eu o estiver fazendo.

Quando voltar verá. Vai voltar, não vai? Depois que a guerra acabar? – então se lembrou de quem ela era e acrescentou, corando: – Senhora.

Arya não sabia se a guerra chegaria a acabar, mas confirmou com a cabeça.

– Desculpe ter batido em você daquela vez – disse. Torta Quente era burro e covarde, mas a tinha acompanhado sempre desde Porto Real, e Arya habituou-se a ele. – Quebrei seu nariz.

– Também quebrou o do Limo. – Torta Quente deu um sorriso. – Isso foi bom.

– O Limo não achou – disse Arya num tom sorumbático. E então chegou a hora de partir. Quando Torta Quente perguntou se podia beijar a mão da senhora, Arya esmurrou o ombro dele. – Não me chame disso. Você é o Torta Quente, e eu sou Arry.

– Aqui não sou o Torta Quente. Sharna só me chama de Rapaz. Do mesmo jeito que chama o outro rapaz. Vai ser uma confusão.

Sentia mais a falta dele do que achava que sentiria, mas Harwin compensava um pouco. Ela lhe contara o que acontecera ao pai, Hullen, e como o encontrara agonizando junto aos estábulos na Fortaleza Vermelha, no dia em que fugira.

– Ele sempre disse que morreria num estábulo – disse Harwin –, mas todos julgávamos que seria algum garanhão genioso que o levaria à morte, não uma matilha de leões. – Arya contou também sobre Yoren e a fuga de Porto Real, e sobre muito do que tinha acontecido desde então, mas deixou fora da história o cavalariço que ela atravessara com a Agulha, e o guarda cuja garganta rasgara para escapar de Harrenhal. Contar a Harwin seria quase como contar ao pai, e havia certas coisas que não suportaria que o pai soubesse.

E também não mencionara Jaqen H'ghar e as três mortes que ele lhe devera e pagara. Mantinha enfiada no cinto a moeda de ferro que ele lhe dera, mas às vezes, à noite, pegava-a e recordava o modo como o rosto do homem havia derretido e mudado quando passou a mão por ela.

– *Valar morghulis* – dizia em surdina. – Sor Gregor, Dunsen, Polliver, Raff, Querido, Cócegas e Cão de Caça. Sor Ilyn, Sor Meryn, Rainha Cersei, Rei Joffrey.

Harwin disse-lhe que só restavam seis homens de Winterfell dos vinte que o pai mandara para oeste com Beric Dondarrion, e eles estavam

espalhados.

– Era uma armadilha, senhora. Lorde Tywin mandou a Montanha dele cruzar o Ramo Vermelho com fogo e espada, esperando atrair o senhor seu pai. Planejava que Lorde Eddard viesse para oeste em pessoa, a fim de lidar com Gregor Clegane. Se tivesse feito isso, teria sido morto, ou capturado e trocado pelo Duende, que naquela altura era prisioneiro da senhora sua mãe. Mas o Regicida não sabia do plano de Lorde Tywin e quando ouviu a notícia da captura do irmão, atacou seu pai nas ruas de Porto Real.

– Eu me lembro – falou Arya. – Ele matou Jory. – Jory sempre sorrira para ela, quando não estava lhe dizendo para sair do caminho.

– Ele matou Jory – concordou Harwin – e a perna de seu pai quebrou quando o cavalo caiu sobre ele. Por isso Lorde Eddard *não pôde* ir para oeste. Mandou Lorde Beric em seu lugar, com vinte homens dele e vinte de Winterfell, entre eles eu. E havia também outros. Thoros e Sor Raymun Darry e seus homens, Sor Gladden Wylde, um lorde chamado Lothar Mallery. Mas Gregor estava à nossa espera no Vau do Saltimbanco, com homens escondidos em ambas as margens. No momento em que atravessávamos, caiu sobre nós pela frente e pela retaguarda.

"Vi a Montanha matar Raymun Darry com um único golpe, tão terrível que arrancou o braço de Darry pelo cotovelo e matou também o cavalo que tinha entre as pernas. Gladden Wylde morreu ali com ele, e Lorde Mallery foi derrubado e afogou-se. Tínhamos leões por todos os lados, e eu pensei que estava condenado com os outros, mas Alyn gritou ordens e restaurou a ordem em nossas fileiras, e aqueles de nós que ainda estávamos a cavalo reunimo-nos em volta de Thoros e libertamo-nos dando espadadas. Naquela manhã, éramos cento e vinte. Ao cair da noite, não somávamos mais de quarenta, e Lorde Beric estava gravemente ferido. Nessa noite, Thoros tirou trinta centímetros de lança de seu peito e despejou vinho fervendo no buraco que ficou.

"Todos estávamos convencidos de que sua senhoria estaria morta ao nascer do dia. Mas Thoros rezou com ele a noite inteira junto à fogueira e, quando a alvorada chegou, ele ainda estava vivo, e mais forte do que antes. Passou-se uma quinzena antes de poder montar a cavalo, mas sua coragem manteve-nos fortes. Disse-nos que nossa guerra não terminara

no Vau do Saltimbanco, que só começara ali, e que cada um de nossos homens que caíra seria vingado dez vezes.

"A essa altura, a luta tinha passado por nós. Os homens da Montanha eram só a vanguarda da tropa de Lorde Tywin. Atravessaram o Ramo Vermelho em força e varreram as terras fluviais, queimando tudo que encontravam no caminho. Éramos tão poucos que tudo que pudemos fazer foi atormentar a retaguarda deles, mas dizíamos uns aos outros que nos juntaríamos ao Rei Robert quando ele marchasse para oeste para esmagar a rebelião de Lorde Tywin. Mas então soubemos que Robert estava morto e Lorde Eddard também, e que a cria da Senhora Cersei tinha ascendido ao Trono de Ferro.

"Isso virou o mundo inteiro de pernas para o ar. Fôramos enviados pela Mão do Rei para lidar com os fora da lei, está vendo, mas agora éramos *nós* os fora da lei, e Lorde Tywin era Mão do Rei. Alguns desejaram se render nesse momento, mas Lorde Beric não queria nem ouvir falar do assunto. Ainda éramos homens do rei, dizia, e aqueles que os leões andavam massacrando eram o povo do rei. Se não podíamos lutar por Robert, lutaríamos por eles, até que todos os nossos homens estivessem mortos. E foi o que fizemos, mas, à medida que íamos lutando, algo estranho começou a acontecer. A cada homem que perdíamos, surgiam dois para tomar o seu lugar. Alguns eram cavaleiros ou escudeiros, de bom nascimento, mas a maioria era gente comum... trabalhadores rurais, rabequeiros e estalajadeiros, criados e sapateiros, e até dois septões. Homens de todos os tipos, e também mulheres, crianças, cães...

– *Cães?* – perguntou Arya.

– Sim. – Harwyn sorriu. – Um dos nossos rapazes trata dos cães mais bravos, você algum dia gostaria de ver.

– Gostaria de ter um bom cão bravo – disse Arya em tom desejoso. – Um cão matador de leões. – Antigamente tinha uma loba gigante, Nymeria, mas atirei pedras nela até pô-la em fuga, para evitar que a rainha a matasse. *Seria um lobo gigante capaz de matar um leão?*, perguntou a si mesma.

Nessa tarde voltou a chover e continuou por muito tempo, noite adentro. Felizmente, os fora da lei tinham amigos secretos por todos os lados, e não precisavam acampar ao ar livre ou procurar abrigo debaixo

de algum caramanchão cheio de goteiras, como ela, Torta Quente e Gendry tinham feito tantas vezes.

De noite, abrigaram-se numa aldeia incendiada e abandonada. Pelo menos *parecia* estar abandonada, até Jack Sortudo soltar dois sopros curtos e dois longos em seu berrante. Então começou a aparecer todo tipo de gente, de dentro das ruínas e de adegas secretas. Tinham cerveja, maçãs desidratadas e um pouco de pão de cevada amanhecido, e os fora da lei traziam um ganso que Anguy havia abatido no caminho, de modo que o jantar dessa noite foi quase um banquete.

Arya estava chupando os últimos bocados de carne de uma asa quando um dos aldeões se virou para Limo Manto Limão e disse:

– Passaram homens por aqui há menos de dois dias, à procura do Regicida.

Limo fungou.

– Fariam melhor se o procurassem em Correrrio. Lá embaixo, nas masmorras mais profundas, onde é bom e úmido. – Seu nariz parecia uma maçã esmagada, vermelho, dolorido e inchado, e ele estava de mau humor.

– Não – disse outro aldeão. – Ele fugiu.

*O Regicida*. Arya sentiu os cabelos no pescoço se eriçarem. Segurou a respiração para escutar.

– Será que isso é verdade? – disse o Tom das Sete.

– Não acredito – respondeu o homem zarolho com o elmo redondo enferrujado. Os outros fora da lei chamavam-no de Jack Sortudo, embora perder um olho não parecesse lá muita sorte a Arya. – Já experimentei essas masmorras. Como é que ele conseguiria escapar?

Os aldeões só podiam responder com ombros encolhidos. Barba-Verde afagou seus espessos pelos cinzentos e verdes e disse:

– Os lobos irão se afogar em sangue, se o Regicida tá outra vez à solta. O Thoros tem de saber disso. O Senhor da Luz vai lhe mostrar o Lannister nas chamas.

– Há ali um belo fogo ardendo – disse Anguy, sorrindo.

Barba-Verde soltou uma gargalhada e deu uma tapa na orelha do arqueiro.

– Acha que eu tenho ar de sacerdote, Arqueiro? Quando Pello de Tyrosh olha o fogo, as fagulhas chamuscam sua barba.

Limo estalou os dedos e disse:

– Mas Lorde Beric adoraria capturar Jaime Lannister...

– Ele o enforcaria, Limo? – perguntou uma das mulheres da aldeia. – Seria uma pena enforcar um homem tão lindinho como ele.

– Primeiro um julgamento! – disse Anguy. – Lorde Beric dá-lhes sempre um julgamento. – Sorriu. – Só *depois* é que os enforca.

Houve risos por toda a volta. Então Tom passou os dedos pelas cordas de sua harpa e começou a cantar numa voz suave.

Os irmãos da mata do rei,
eram um bando de fora da lei.
A floresta era o seu castelo,
mas vagueavam por todo lado.
Ouro algum era por si recusado,
das donzelas eram grande flagelo.
Oh, os irmãos da mata do rei,
temível bando de fora da lei.

Quente e seca, em um canto, entre Gendry e Harwin, Arya escutou a cantoria durante algum tempo, mas depois fechou os olhos e deslizou para o sono. Sonhou com sua casa; não Correrrio, mas Winterfell. Não foi um bom sonho, porém. Estava sozinha do lado de fora do castelo, enfiada até os joelhos em lama. Conseguia ver as muralhas cinzentas à sua frente, mas quando tentou alcançar os portões, cada passo pareceu mais difícil do que o anterior, e o castelo desvaneceu-se perante seus olhos, até se parecer mais com fumaça do que com granito. E também havia lobos, silhuetas descarnadas e cinzentas caminhando furtivamente por entre as árvores à sua volta, com os olhos brilhando. Sempre que olhava para eles, lembrava-se do sabor do sangue.

Na manhã seguinte, deixaram a estrada para cortar caminho pelos campos. O vento soprava em rajadas, fazendo rodopiar folhas secas marrons entre os cascos dos cavalos, mas, pela primeira vez, não chovia. Quando o sol surgiu de trás de uma nuvem, estava tão brilhante que Arya teve de puxar o capuz para a frente, a fim de cobrir os olhos.

Puxou as rédeas bruscamente.

– *Estamos* indo no sentido errado!

Gendry soltou um gemido.

– O que foi, outra vez o musgo?

– Olhe para o *sol* – disse ela. – Estamos indo para o *sul*! – Arya esquadrinhou o alforje em busca do mapa, para poder mostrar-lhes. – Nunca devíamos ter nos afastado do Tridente. Olhem. – Desenrolou o mapa sobre a perna. Agora todos a observavam. – Olhem, Correrrio fica aqui, entre os rios.

– Acontece – disse Jack Sortudo – que a gente sabe onde fica Correrrio. Cada um de nós.

– Não vamos para Correrrio – disse Limo sem rodeios.

*Estava quase lá*, pensou Arya. *Devia tê-los deixado levar nossos cavalos. Podia ter percorrido o resto do caminho a pé*. Lembrou-se então do seu sonho e mordeu o lábio.

– Ah, não faça uma expressão tão sentida, filha – disse Tom Sete-Cordas. – Nenhum mal acontecerá a você, tem a minha palavra quanto a isso.

– A palavra de um *mentiroso!*

– Ninguém mentiu – disse Limo. – Não fizemos promessas. Não cabe a nós dizer o que será feito com você.

Mas Limo não era o chefe, não o era mais do que Tom; o chefe era o Barba-Verde, o tyroshi. Arya virou-se para ele.

– Leve-me a Correrrio, e será recompensado – disse, desesperadamente.

– Pequena – respondeu Barba-Verde –, um camponês pode esfolar um esquilo comum para a panela, mas se encontrar um esquilo de ouro em sua árvore, leva-o ao seu senhor, senão se arrependerá de não ter feito isso.

– Não sou um esquilo – insistiu Arya.

– É, sim. – Barba-Verde soltou uma gargalhada. – Um pequeno esquilo de ouro que vai se encontrar com o senhor do relâmpago, quer queira, quer não. Ele vai saber o que fazer com você. Aposto que vai mandá-la para junto da senhora sua mãe, tal como você deseja.

Tom Sete-Cordas concordou com a cabeça.

– Sim, Lorde Beric é assim. Ele vai fazer o que é certo, você vai ver.

*Lorde Beric Dondarrion*. Arya recordou tudo que ouvira dizer em Harrenhal, tanto da boca dos Lannister como dos Saltimbancos

Sangrentos. Lorde Beric era o fogaréu dos bosques. Lorde Beric, que fora morto por Vargo Hoat e antes disso por Sor Amory Lorch e duas vezes pela Montanha que Cavalga. *Se ele não me mandar para casa, talvez também o mate.*

– Por que é que tenho de me encontrar com Lorde Beric? – perguntou ela calmamente.

– Levamos todos os nossos cativos bem-nascidos a ele – disse Anguy.

*Cativa*. Arya respirou fundo para sossegar a alma. *Calma como águas paradas*. Olhou de relance os fora da lei em seus cavalos, e virou a cabeça do seu. *Agora, rápida como uma cobra*, pensou, enquanto batia com os calcanhares no flanco do corcel. Fugiu bem entre Barba-Verde e Jack Sortudo, e viu de relance a expressão pasma de Gendry, quando a égua dele saiu de seu caminho. E então estava em campo aberto, e em fuga.

Para norte ou para sul, para leste ou oeste, agora não importava. Podia encontrar o caminho para Correrrio mais tarde, depois de tê-los despistado. Arya inclinou-se para a frente na sela e pôs o cavalo a galope. Em suas costas, os fora da lei praguejavam e gritavam-lhe para voltar. Fechou os ouvidos aos gritos, mas quando deu um olhar de relance por cima do ombro, quatro deles vinham em seu encalço, Anguy, Harwin e Barba-Verde lado a lado e, mais atrás, Limo, cujo comprido manto amarelo esvoaçava atrás dele enquanto cavalgava.

– Ligeira como uma corça – disse à sua montaria. – Agora corra, *corra*.

Arya precipitou-se por campos marrons de ervas daninhas, por mato na altura da cintura e por pilhas de folhas secas que se agitavam e voavam quando o cavalo passava a galope. Viu que havia bosques à esquerda. *Posso despistá-los ali*. Uma vala seca corria ao longo de um dos lados do terreno, mas saltou-a sem abrandar o ritmo, e mergulhou no bosque de olmos, teixos e bétulas. Uma rápida espiada para trás mostrou que Anguy e Harwin ainda continuavam muito próximos. Mas Barba-Verde tinha ficado para trás, e já não via Limo.

– Mais depressa – disse ao cavalo –, você consegue, *você consegue*.

E cavalgou por entre dois olmos, sem parar para ver de que lado o musgo crescia. Saltou por cima de um tronco apodrecido e fez uma curva aberta em volta de uma monstruosa árvore caída, eriçada de galhos quebrados. Depois subiu uma ligeira vertente e desceu pelo outro lado,

abrandando e voltando a ganhar velocidade, tirando faíscas do sílex com os cascos do cavalo. No topo da colina espreitou para trás. Harwin havia se colocado à frente de Anguy, mas ambos a seguiam de perto. Barba-Verde tinha ficado mais para trás e parecia estar perdendo a força.

Um riacho barrou seu caminho. Entrou nele, atravessando a água repleta de folhas ensopadas e castanhas. Algumas vieram agarradas às patas do cavalo quando subiram do outro lado. Ali, a vegetação rasteira era mais densa, com o chão tão cheio de raízes e pedras que teve de desacelerar, mas manteve o ritmo mais elevado que ousou. Surgiu outra colina à sua frente, mais íngreme. Para cima, e de novo para baixo. *Que tamanho têm estes bosques?*, se perguntou. Sabia que tinha o cavalo mais rápido, roubara um dos melhores animais de Roose Bolton dos estábulos de Harrenhal, mas a sua velocidade era desperdiçada ali. *Preciso voltar a encontrar campo aberto. Tenho de encontrar uma estrada*. Em vez disso, encontrou uma trilha de caça. Era estreita e irregular, mas era alguma coisa. Correu ao longo dela, com os ramos chicoteando seu rosto. Um se prendeu ao seu capuz e puxou-o para trás, e durante meio segundo Arya temeu que a tivessem apanhado. Uma raposa saltou dos arbustos após sua passagem, assustada pela fúria de sua fuga. A trilha levou-a a outro riacho. Ou seria o mesmo? Teria dado meia-volta? Não havia tempo para desvendar isso, pois ouvia os cavalos arremetendo por entre as árvores atrás de si. Espinhos arranharam seu rosto como os gatos que costumava perseguir em Porto Real. Pardais explodiram dos ramos de um amieiro. Mas agora as árvores estavam ficando mais esparsas, e de repente viu-se fora delas. Largos campos planos estendiam-se à sua frente, só ervas daninhas e trigo selvagem, ensopado e pisoteado. Arya voltou a pôr o cavalo a galope. *Corra*, pensou, *corra para Correrrio, corra para casa*. Teria conseguido despistá-los? Deu uma olhada rápida, e ali estava Harwin a cinco metros dela e ganhando terreno. *Não*, pensou, *não, ele não pode fazer isso, não ele, não é justo.*

Ambos os cavalos estavam espumando e perdendo as forças quando ele chegou ao lado, estendeu a mão e agarrou o freio dela. A própria Arya estava ofegante. Sabia que a fuga tinha terminado.

– Monta como um nortenho, senhora – disse Harwin quando a obrigou a parar. – Sua tia também era assim. A Senhora Lyanna. Mas lembre-se de que meu pai era mestre dos cavalos.

O olhar que Arya lhe lançou estava cheio de mágoa.

– Achava que era um homem de meu pai.

– Lorde Eddard está morto, senhora. Agora pertenço ao senhor do relâmpago e aos meus irmãos.

– Que irmãos? – o Velho Hullen não tinha gerado mais nenhum filho, que Arya se lembrasse.

– Anguy, Limo, Tom das Sete, Jack e Barba-Verde, todos eles. Não queremos mal ao seu irmão, senhora... mas não é por ele que lutamos. Robb tem um exército próprio, e muitos grandes senhores que dobram o joelho para ele. O povo só tem a nós. – Deu-lhe um olhar perscrutador. – É capaz de compreender o que estou dizendo?

– Sim. – Que ele não era um homem de Robb compreendia bastante bem. E também que era sua cativa. *Podia ter ficado com Torta Quente. Podíamos ter roubado o barquinho e velejado nele até Correrrio*. Estivera melhor como Pombinha. Ninguém tomaria a Pombinha cativa, ou a Nan, ou a Doninha, ou o Arry, o órfão. *Era uma loba*, pensou, *mas agora sou só uma estúpida senhorinha qualquer.*

– Voltará agora em paz? – perguntou-lhe Harwin – Ou terei de amarrá-la e colocá-la atravessada no cavalo?

– Volto em paz – disse ela num tom amuado. *Por enquanto*.

## SAMWELL

Soluçando, Sam deu mais um passo. *Este é o último, o último de todos, não sou capaz de continuar, não sou capaz*. Mas os pés voltaram a se mover. Um deles e depois o outro. Deu um passo, e depois outro, e ele pensou: *Estes pés não são meus, são de outra pessoa, é outra pessoa que caminha, não posso ser eu.*

Quando olhou para baixo, viu-os tropeçando através da neve; coisas sem forma e desajeitadas. Parecia lembrar-se de que as botas tinham sido pretas, mas a neve formara uma crosta em volta delas, e agora eram disformes bolas brancas. Como dois pés deformados feitos de gelo.

Não queria parar, a nevasca. Os montes de neve acumulada já lhe passavam dos joelhos, e uma crosta cobria a parte de baixo de suas pernas como um par de grevas brancas. Seus passos eram arrastados, deslizantes. A mochila pesada que levava fazia com que ele parecesse um monstruoso corcunda. E estava cansado, tão cansado. *Não consigo continuar. Mãe, tenha piedade de mim, não consigo.*

A cada quatro ou cinco passos, tinha de baixar a mão e puxar para cima seu cinto da espada. Havia perdido a espada no Punho, mas a bainha ainda pesava no cinto. Possuía duas facas; o punhal de vidro de dragão que Jon lhe dera e o de aço com que cortava a carne. Todo esse peso sobrecarregava o cinto, e sua barriga era tão grande e redonda que, caso se esquecesse de puxá-lo, o cinto deslizaria até se enrolar em volta de seus tornozelos, por mais que o apertasse. Uma vez tentou afivelá-lo *por cima* da barriga, mas então chegou quase em suas axilas. Grenn quase tinha morrido de rir ao vê-lo, e Edd Doloroso disse:

– Uma vez, conheci um homem que usava assim a espada, numa corrente em volta do pescoço. Um dia tropeçou, e o cabo entrou no nariz dele.

O próprio Sam andava tropeçando. Havia pedras por baixo da neve, além de raízes de árvores e, às vezes, buracos profundos no chão gelado. Bernarr, o Negro, havia enfiado o pé em um e quebrado o tornozelo havia

três dias, ou talvez quatro, ou... na verdade ele não sabia quanto tempo tinha se passado. O Senhor Comandante tinha colocado Bernarr num cavalo depois disso.

Soluçando, Sam deu mais um passo. Sentia-se mais como se estivesse caindo do que andando, sempre caindo, mas sem nunca atingir o chão, apenas caindo para a frente e mais para a frente. *Tenho de parar, dói demais. Sinto tanto frio e estou tão cansado, tenho de dormir, só um pouco de sono junto a uma fogueira, e um pouco de comida que não esteja congelada.*

Mas se parasse, morreria. Sabia disso. Todos os poucos que restavam sabiam. Tinham sido cinquenta quando fugiram do Punho, talvez mais, mas alguns haviam se perdido na neve, alguns dos feridos tinham sangrado até a morte... e, às vezes, Sam ouvia gritos atrás de si, vindos da retaguarda, e uma vez ouviu um berro *horrível*. Quando ouviu aquilo, correu, vinte ou trinta metros, tanto e tão depressa como tinha sido capaz, levantando neve com os pés meio congelados. Ainda estaria correndo se suas pernas fossem mais fortes. *Eles estão atrás de nós, eles ainda estão atrás de nós, estão nos levando um por um.*

Soluçando, Sam deu mais um passo. Havia tanto tempo que sentia frio que estava se esquecendo de como era sentir-se quente. Usava três pares de meias, duas camadas de roupa de baixo por sob uma túnica dupla de lã de carneiro e, por cima disso tudo, um espesso casaco almofadado, que o protegia do aço frio de sua cota de malha. Sobre a camisa usava um sobretudo largo, e por cima *disso* um manto de tripla espessura com um botão de osso que se prendia bem abaixo de seu queixo. O capuz tombava para a frente, por cima de sua testa. Grossas luvas de peles cobriam suas mãos, por cima de finas luvas de lã e couro, um cachecol estava bem enrolado em volta da metade inferior do rosto, e, por baixo do capuz, tinha um apertado gorro forrado com velo puxado sobre as orelhas. E mesmo assim tinha frio. Especialmente nos pés. Agora nem sequer os sentia, mas no dia anterior tinham doído tanto que quase não conseguia se manter em pé, muito menos caminhar. Cada passo fazia-o querer gritar. Teria sido no dia anterior? Não se lembrava. Não dormira desde o Punho, nem uma única vez desde que o berrante tinha soprado. A menos que tivesse dormido enquanto caminhava. Poderia um homem caminhar enquanto dorme? Sam não sabia, ou, se sabia, tinha se esquecido.

Soluçando, deu outro passo. A neve caía, rodopiando, à sua volta. Às vezes, caía de um céu branco e, às vezes, de um negro, mas isso era tudo o que restava do dia e da noite. Levava-a nos ombros como um segundo manto, e ela empilhava-se num grande monte sobre a mochila que ele transportava, tornando-a ainda mais pesada e difícil de carregar. Seu lombo doía abominavelmente, como se alguém tivesse espetado nele uma faca e a mexesse de um lado para o outro a cada passo. Seus ombros estavam em agonia por causa do peso da cota de malha. Teria dado quase tudo para tirá-la, mas tinha medo de fazer isso. E, de qualquer forma, teria de despir o manto e o capote para chegar à cota de malha, e então o frio o pegaria.

*Se eu ao menos fosse mais forte...* Mas não era, e não valia a pena desejar ser. Sam era fraco, e gordo, tão gordo que quase não conseguia aguentar o próprio peso, e a cota de malha era demais para ele. Sentia-se como se ela estivesse deixando seus ombros em carne viva, apesar das camadas de tecido e forro que havia entre o aço e a pele. A única coisa que podia fazer era chorar, e, quando chorava, as lágrimas congelavam em seu rosto.

Soluçando, deu outro passo. A crosta de neve estava rachada nos locais em que colocava os pés, caso contrário não julgaria que pudesse ter se movido. À esquerda e à direita, entrevistos através das árvores silenciosas, os archotes transformavam-se em vagos halos cor de laranja na neve que caía. Quando virava a cabeça, conseguia vê-los, deslizando em silêncio pela floresta, balançando para cima e para baixo e de um lado para o outro. *O anel de fogo do Velho Urso*, lembrou a si mesmo, *e desgraçado daquele que o deixar.* Enquanto caminhava, parecia-lhe que perseguia os archotes da frente, mas eles também possuíam pernas, mais longas e mais fortes do que as dele, então nunca conseguia alcançá-los.

No dia anterior, suplicou-lhes que o deixassem ser um dos portadores dos archotes, mesmo que isso significasse caminhar fora da coluna, com a escuridão se aproximando. Sam desejava o fogo, sonhava com ele. *Se eu tivesse fogo, não teria frio*. Mas alguém lembrou a ele de que *tivera* um archote no início, mas o deixou cair na neve e apagou o fogo. Sam não se lembrava de ter deixado cair nenhum archote, mas supunha que devia ser verdade. Estava fraco demais para manter o braço erguido por muito tempo. Teria sido Edd quem o lembrou do archote, ou Grenn?

Também não conseguia se lembrar disso. *Gordo, fraco e inútil, agora até os meus miolos estão congelando*. Deu mais um passo.

Tinha enrolado o cachecol por cima do nariz e da boca, mas agora estava coberto de ranho e tão duro que temia que tivesse congelado e ficado preso em seu rosto. Até respirar era difícil, e o ar estava tão frio que doía inspirá-lo.

– Mãe, tenha piedade – murmurou, numa voz abafada e rouca, por baixo da máscara gelada. – Mãe, tenha piedade, Mãe, tenha piedade, Mãe, tenha piedade. – A cada prece dava mais um passo, arrastando as pernas pela neve. – Mãe, tenha piedade, Mãe, tenha piedade, Mãe, tenha piedade.

A mãe dele encontrava-se mil léguas para sul, em segurança, com as irmãs e o irmão mais novo, Dickon, na fortaleza em Monte Chifre. *Ela não pode me ouvir, e a Mãe no Céu também não*. A Mãe era misericordiosa, os septões eram unânimes em afirmá-lo, mas os Sete não tinham poder para lá da Muralha. Ali eram os velhos deuses que governavam, os deuses sem nome das árvores, dos lobos e das neves.

– Piedade – sussurrou então, para qualquer deus que estivesse ouvindo, velho ou novo, ou até para demônios –, oh, piedade, piedade de mim, piedade de mim.

*Maslyn gritou por piedade*. Por que teria se lembrado subitamente daquilo? Não era nada que quisesse recordar. O homem tinha tropeçado para trás, deixando cair a espada, suplicando, rendendo-se, chegando mesmo a arrancar a grossa luva negra e atirando-a à sua frente como se fosse uma manopla. Ainda guinchava, pedindo trégua, quando a criatura o ergueu no ar pelo pescoço e quase arrancou sua cabeça. *Nos mortos, não resta qualquer piedade, e os Outros... não, não devo pensar nisso, não pense, não se lembre, limite-se a andar, limite-se a andar, limite-se a andar.*

Soluçando, deu outro passo.

Uma raiz escondida sob a neve pegou na ponta de seu pé, e Sam tropeçou e caiu pesadamente sobre um joelho com tanta força que mordeu a língua. Sentiu o sabor do sangue na boca, mais quente do que qualquer outra coisa que havia saboreado desde o Punho. *Este é o fim*, pensou. Agora que caíra, não parecia ser capaz de encontrar as forças necessárias para voltar a se levantar. Tateou um ramo de árvore e

agarrou-o com força, tentando puxar-se e ficar de pé, mas suas pernas enrijecidas não conseguiam aguentá-lo. A cota de malha era pesada demais, e ele gordo demais, e fraco demais, e estava cansado demais.

– Fique em pé, Porquinho – rosnou alguém ao passar, mas Sam não ligou. *Vou apenas ficar deitado na neve e fechar os olhos*. Não seria assim tão ruim morrer ali. Não havia como ser mais frio e, após algum tempo, não seria capaz de sentir a dor na parte de baixo das costas ou a terrível dor nos ombros, assim como já não sentia os pés. *Não serei o primeiro a morrer, eles não poderão dizer que fui*. Centenas de homens tinham morrido no Punho, tinham morrido por toda a sua volta, e muitos morreram depois, ele viu. Tremendo, Sam largou a árvore e deixou-se cair na neve. Sabia que era fria e úmida, mas quase não conseguia senti-la através de todas as suas roupas. Fixou os olhos no alto, no céu branco, enquanto flocos de neve pousavam na sua barriga, no seu peito e nas suas pálpebras. *A neve vai me cobrir como uma espessa manta branca. Ficarei quente sob a neve e, se falarem de mim, terão de dizer que morri como um homem da Patrulha da Noite. Foi o que fiz. Foi o que fiz. Cumpri meu dever. Ninguém pode dizer que quebrei o juramento. Sou gordo, fraco e covarde, mas cumpri o meu dever.*

Os corvos estavam sob sua responsabilidade. Foi por isso que o trouxeram. Sam não queria vir, lhes dissera que não, revelara a todos o grande covarde que era. Mas Meistre Aemon era muito velho e também cego, por isso enviaram Sam para cuidar dos corvos. O Senhor Comandante dera-lhe as suas ordens quando acamparam no Punho.

– Você não é um guerreiro. Ambos sabemos disso, rapaz. Se por acaso formos atacados, não tente provar o contrário, só vai ficar no meio do caminho. Deverá enviar uma mensagem. E não venha correndo perguntar o que a carta deve dizer. Escreva-a você, e mande uma ave para Castelo Negro e outra para a Torre Sombria. – O Velho Urso apontou um dedo enluvado para o rosto de Sam. – Não quero saber se estará tão assustado que sujará os calções e não me importa se mil selvagens saltarem a muralha uivando por seu sangue, *ponha essas aves no ar*, senão juro que vou persegui-lo através de todos os sete infernos e o farei lamentar amargamente por não o ter feito. – E o corvo de Mormont balançou a cabeça para cima e para baixo e crocitou: "*Lamentar, lamentar, lamentar*".

Sam *realmente* lamentava; lamentava não ter sido mais corajoso, mais forte ou melhor com espadas, não ter sido um filho melhor para o pai ou irmão melhor para Dickon e as meninas. Lamentava também morrer, mas homens melhores tinham morrido no Punho, homens bons e leais, não rapazes gordos e resmungões como ele. Mas pelo menos o Velho Urso não o perseguiria no inferno. *Enviei as aves. Pelo menos isso fiz bem*. Tinha escrito as mensagens com antecedência, mensagens curtas e simples, falando de um ataque ao Punho dos Primeiros Homens, e então enfiou-as, a salvo, em sua bolsa para pergaminhos, esperando nunca ter de enviá-las.

Quando os berrantes soaram, Sam estava dormindo. A princípio, pensou que estava sonhando com eles, mas, quando abriu os olhos, caía neve no acampamento e todos os irmãos negros estavam pegando em arcos e lanças e correndo para a muralha anelar. O único que andava por perto era Chett, o antigo intendente do Meistre Aemon, com o rosto cheio de marcas e o grande quisto no pescoço. Sam nunca vira tanto medo no rosto de um homem como no de Chett quando aquele terceiro toque chegou, gemendo, por entre as árvores.

– Ajude-me a tirar os pássaros das gaiolas – pediu, mas o outro intendente virou-se e fugiu, de punhal na mão. *Tem de cuidar dos cães*, lembrou-se Sam. O Senhor Comandante provavelmente também havia lhe dado algumas ordens.

Seus dedos estavam rígidos e desajeitados no interior das luvas, e tremia de medo e de frio, mas encontrou a bolsa dos pergaminhos e recuperou as mensagens que havia escrito. Os corvos gritavam como loucos e, quando abriu a gaiola de Castelo Negro, um deles voou em seu rosto. Outros dois fugiram antes de Sam conseguir apanhar um, e, quando o fez, deu-lhe uma bicada através da luva, de tirar sangue. Mas, de algum modo, tinha conseguido segurá-lo o suficiente para prender o pequeno rolo de pergaminho. A essa altura, o berrante de guerra já havia silenciado, mas o Punho ressoava com ordens gritadas e o tinir do aço.

– *Voa!* – gritou Sam quando atirou o corvo ao céu.

As aves na gaiola de Torre Sombria estavam gritando e esvoaçando com tamanha ferocidade que teve medo de abrir a porta, mas obrigou-se a fazê-lo mesmo assim. Dessa vez, apanhou o primeiro corvo que tentou

fugir. Um momento mais tarde, a ave abria caminho através da neve que caía, levando consigo a notícia do ataque.

Depois de cumprido o seu dever, acabou de se vestir com dedos desastrados e assustados, enfiando o gorro, o capote e o manto com capuz e afivelando o cinto da espada, prendendo-o bem apertado para não cair. Então, procurou a mochila e enfiou nela todas as suas coisas, mudas extras de roupa de baixo e meias secas, as pontas de flecha e a ponta de lança de vidro de dragão que Jon lhe dera e também o velho chifre, os pergaminhos, as tintas e penas, os mapas que andara desenhando, e uma alheira, dura como pedra, que guardava desde a Muralha. Amarrou tudo e pôs a mochila nas costas. *O Senhor Comandante disse que eu não devia correr para a muralha anelar*, lembrou-se, *mas também disse que não devia ir correndo para junto dele*. Sam respirou fundo e percebeu que não sabia o que fazer em seguida.

Lembrava-se de ficar andando em círculos, perdido, com o medo crescendo em seu interior, como sempre acontecia. Havia cães ladrando e cavalos barrindo, mas a neve abafava os sons e fazia com que parecessem distantes. Sam não via nada além de três metros, nem mesmo os archotes que ardiam ao longo da baixa muralha de pedra que rodeava o cume do monte. *Será que os archotes se apagaram?* Pensar nisso era assustador demais. *O berrante soou três vezes, e longamente, três sopros longos quer dizer Outros*. Os caminhantes brancos da floresta, as sombras frias, os monstros das histórias que o faziam gritar e tremer quando garoto, montando as suas gigantes aranhas de gelo, sedentos de sangue...

Desajeitadamente, puxou a espada e, com ela na mão, caminhou pesadamente pela neve. Um cão passou correndo e latindo, Samwell viu alguns dos homens da Torre Sombria, grandes homens barbudos com machados de cabo longo e lanças de dois metros e meio. Sentia-se mais seguro na companhia deles, então seguiu-os até a muralha. Quando viu os archotes ainda ardendo no topo do anel de pedras, foi percorrido por um estremecimento de alívio.

Os irmãos negros estavam em pé, de espadas e lanças na mão, observando a neve que caía, à espera. Sor Mallador Locke passou a cavalo, com o elmo salpicado de neve. Sam ficou bem afastado, atrás dos outros, procurando Grenn ou Edd Doloroso com os olhos. *Se tiver de*

*morrer, que eu morra ao lado de meus amigos*, lembrava-se de ter pensado. Mas todos os homens que o rodeavam eram estranhos, homens da Torre Sombria sob o comando do patrulheiro chamado Blane.

– Aí vêm eles – ouviu um irmão dizer.

– Encaixar – disse Blane, e vinte flechas negras foram puxadas de dentro de outras tantas aljavas e encaixadas em outros tantos arcos.

– Pela bondade dos deuses, são centenas – sussurrou uma voz.

– Puxar – disse Blane, e então: – Esperar. – Sam não conseguia e não queria ver. Os homens da Patrulha da Noite espalhavam-se atrás de seus archotes, à espera, com flechas puxadas até perto das orelhas, enquanto *algo* subia aquela encosta escura e escorregadia, através da neve. – Esperar – voltou a dizer Blane –, esperar, esperar. – E então – Soltar.

As flechas sussurraram ao voar.

Uma aclamação irregular surgiu entre os homens ao longo da muralha anelar, mas rapidamente morreu.

– Eles não estão parando, senhor – disse um homem a Blane, e um segundo gritou:

– *Mais!* Olhem ali, saindo de entre as árvores.

E um terceiro disse:

– Pela piedade dos deuses, eles rastejam. Eles tão quase aqui, *eles tão aqui!*

Sam recuara, tremendo como a última folha na árvore quando o vento aumenta, tanto de frio como de medo. Fizera muito frio naquela noite. *Até mais frio do que agora. A neve parece quase quente. Agora sinto-me melhor. Tudo que precisava era de um pouco de descanso. Talvez daqui a pouco já esteja de novo suficientemente forte para voltar a andar. Daqui a pouco.*

Um cavalo passou perto de sua cabeça, um animal felpudo e cinzento com neve na crina e cascos com uma crosta de gelo. Sam viu-o chegar e viu-o partir. Outro saiu da neve que caía, com um homem de negro conduzindo-o a pé. Quando viu Sam em seu caminho, xingou-o e desviou com o cavalo. *Gostaria de ter um cavalo*, pensou. *Se tivesse um, poderia continuar. Poderia me sentar, e até dormir um pouco na sela*. Mas a maior parte das montarias tinha sido perdida no Punho, e aquelas que restavam transportavam a comida, os archotes e os feridos. Sam não estava ferido. *Só sou gordo e fraco e o maior covarde dos Sete Reinos.*

Era *tão* covarde. Lorde Randyll, seu pai, sempre dizia isso, e tinha razão. Sam era seu herdeiro, mas nunca mostrara valor, então o pai enviou-o para a Muralha. O irmão mais novo, Dickon, herdaria as terras e o castelo dos Tarly, e a espada Veneno do Coração, que os senhores de Monte Chifre usavam com tanto orgulho havia séculos. Gostaria de saber se Dickon derramaria alguma lágrima pelo irmão que morreu na neve, em algum lugar para lá do limite do mundo. *Por que haveria de derramar? Não vale a pena chorar por um covarde.* Tinha ouvido o pai dizer exatamente isso à mãe meia centena de vezes. O Velho Urso também sabia disso.

– Disparar flechas – rugiu o Senhor Comandante naquela noite no Punho, quando surgiu, de repente, montado em seu cavalo –, deem-lhes fogo. – Foi então que reparou em Sam ali, tremendo. – *Tarly!* Saia daqui! Seu lugar é com os corvos.

– Eu... eu... eu enviei as mensagens.

– Bom. – Empoleirado no ombro de Mormont, seu corvo ecoou: "*Bom, bom*". O Senhor Comandante parecia enorme com as peles e a cota de malha. Por trás do visor de ferro negro, os olhos brilhavam ferozes. – Aqui você está no caminho. Volte para as suas gaiolas. Se precisar enviar outra mensagem, não quero ter que procurá-lo primeiro. Trate de ter as aves prontas. – Ele não esperou resposta, deu meia-volta com o cavalo e trotou em torno do anel, gritando: – Fogo! Deem-lhes fogo!

Sam não precisou que lhe dissessem aquilo duas vezes. Voltou para junto das aves, tão depressa quanto suas pernas gordas lhe permitiram. *Devia escrever a mensagem com antecedência*, pensou, *para poder mandar as aves tão depressa quanto necessário*. Demorou mais tempo do que deveria para acender a pequena fogueira e aquecer a tinta congelada. Sentou-se numa pedra, junto do fogo, com pena e pergaminho nas mãos, e escreveu suas mensagens.

*Atacados entre a neve e o frio, mas repelimo-los com flechas incendiárias*, escreveu, enquanto ouvia a voz de Thoren Smallwood ressoar com uma ordem de "Encaixar, puxar... soltar". O voo das flechas fazia um som doce como uma prece de mãe.

– Queimem, seus bastardos mortos, queimem – cantarolou Dywen, entre risos.

Os irmãos davam vivas e xingavam. *Todos em segurança*, escreveu. *Permanecemos no Punho dos Primeiros Homens*. Sam esperava que os outros fossem melhores arqueiros do que ele.

Deixou esse bilhete de lado e pegou outro pergaminho em branco. *Ainda lutando no Punho, numa nevasca pesada*, escrevia, quando alguém gritou:

– Continuam a vir. – *Resultado incerto*. – Lanças – disse alguém. Podia ter sido Sor Mallador, mas Sam não poderia jurar.

*Criaturas atacaram-nos no Punho, no meio da neve*, escreveu, *mas as repelimos com fogo*. Virou a cabeça. Através da neve que enchia o ar, tudo o que via era a enorme fogueira no centro do acampamento, com homens a cavalo que se moviam, inquietos, à sua volta. Sabia que era a reserva, pronta para abater qualquer coisa que conseguisse abrir uma brecha na muralha anelar. Tinham se armado de tochas em vez de espadas, e as estavam acendendo nas chamas.

*Criaturas por toda a volta*, escreveu, quando ouviu os gritos vindos da face norte. *Vêm ao mesmo tempo do norte e do sul. Lanças e espadas não os param, só o fogo*. "Soltar, soltar, soltar", gritou uma voz na noite, e outra berrou: "Enorme pacas!", e uma terceira disse "Um gigante!", e uma quarta insistiu "Um urso, um *urso*!". Um cavalo guinchou e os cães começaram a ladrar, e houve tantos gritos que Sam não conseguia mais distinguir as vozes. Escrevia mais depressa, bilhete atrás de bilhete. *Selvagens mortos, e um gigante, ou talvez um urso, em cima de nós, por todos os lados.* Ouviu o estrondo de aço batendo em madeira, que só podia ter um significado. *Criaturas sobre a muralha anelar. Luta dentro do acampamento*. Uma dúzia de irmãos a cavalo passou por ele na direção da muralha leste, com galhos jorrando chamas nas mãos de todos os cavaleiros. *O Senhor Comandante Mormont combate-os com fogo. Ganhamos. Estamos ganhando. Estamos aguentando. Estamos abrindo caminho pelo meio deles e nos retirando para a Muralha. Estamos encurralados no Punho, sob grande pressão.*

Um dos homens da Torre Sombria saiu cambaleando da escuridão e caiu aos pés de Sam. Rastejou até meio metro da fogueira antes de morrer. *Perdemos*, escreveu Sam, *a batalha está perdida. Estamos todos perdidos.*

Por que tinha de se lembrar da batalha no Punho? Não queria lembrar. *Isso* não. Tentou forçar-se a lembrar da mãe, ou da irmã mais nova, Talla, ou daquela garota, Goiva, da Fortaleza de Craster. Alguém lhe sacudia o ombro.

– Levante-se – disse uma voz. – Sam, não pode dormir aqui. Levante-se e continue a andar.

*Não estava dormindo, estava lembrando.*

– Vá embora – disse, com as palavras congelando no ar frio. – Estou bem. Quero descansar.

– Levante. – A voz de Grenn, dura e rouca, erguia-se por cima de Sam, com os panos negros incrustados de neve. – O Velho Urso disse que não haveria descanso. Vai morrer.

– Grenn. – Sorriu. – Não, de verdade, estou bem aqui. Continue. Já alcanço vocês, depois de descansar um pouco mais.

– Não alcança – A espessa barba castanha de Grenn estava congelada ao redor de sua boca. Isso fazia-o parecer um velho qualquer. – Vai congelar, ou então ser pego pelos Outros. Sam, *levante-se!*

Sam lembrou-se de que na noite anterior à da partida da Muralha, Pyp provocara Grenn, como costumava fazer, sorrindo e dizendo que ele era uma ótima escolha para a patrulha, porque era burro demais para ficar aterrorizado. Grenn tinha negado com veemência até perceber o que estava dizendo. Era entroncado, com um pescoço grosso e forte (Sor Alliser Thorne chamara-o de "Auroque", tal como chamara Sam de "Sor Porquinho" e Jon de "Lorde Snow"), mas sempre tratara Sam bastante bem. *Porém, foi só por causa de Jon. Se não fosse Jon, nenhum deles teria gostado de mim.* E agora Jon tinha sumido, perdido no Passo dos Guinchos com Qhorin Meia-Mão, provavelmente estava morto. Sam teria chorado por ele, mas essas lágrimas também se limitariam a congelar, e agora mal conseguia manter os olhos abertos.

Um irmão alto, com um archote, parou junto a eles, e por um maravilhoso momento, Sam sentiu o calor em seu rosto.

– Deixe-o – disse o homem a Grenn. – Quem não pode andar, está acabado. Guarde as suas forças para si, Grenn.

– Ele vai se levantar – respondeu Grenn. – Só precisa de uma ajuda.

O homem prosseguiu seu caminho, levando o abençoado calor consigo. Grenn tentou pôr Sam de pé.

– Isso dói – este reclamou. – Pare. Grenn, está machucando meu braço. Pare.

– É mais pesado que o diabo. – Grenn enfiou as mãos sob as axilas de Sam, soltou um grunhido e içou-o para cima de suas pernas. Mas, no momento em que o largou, o gordo voltou a se sentar na neve. Grenn deu-lhe um pontapé, uma sólida pancada que rachou a crosta de neve que havia em volta de sua bota e a fez voar para todo lado. – Em *pé*! – Voltou a chutá-lo. – Levante-se e ande. Tem de andar.

Sam caiu de lado, enrolando-se a fim de se proteger dos pontapés. Quase não os sentia, através de toda a sua lã, couro e cota de malha, mesmo assim doíam. *Pensava que Grenn fosse meu amigo. Não se deve chutar os amigos. Por que não me deixa em paz? Só preciso descansar, é só isso, descansar e dormir um bocado, e talvez morrer um pouco*.

– Se levar a tocha, eu posso levar o gordo.

De repente foi atirado ao ar frio, para longe de sua querida neve macia; estava flutuando. Havia um braço debaixo de seus joelhos, e outro sob as suas costas. Sam ergueu a cabeça e piscou os olhos. Um rosto pairou perto do seu, um rosto largo e bruto, com um nariz achatado, pequenos olhos escuros e um matagal de rija barba castanha. Já tinha visto aquele rosto, mas precisou de um momento para se lembrar dele. *Paul. Paul Pequeno*. Gelo derretendo escorreu por seus olhos devido ao calor da tocha.

– Consegue carregá-lo? – ouviu Grenn perguntar.

– Uma vez carreguei um bezerro que era mais pesado do que ele. Levei-o até a mãe, para que ele pudesse beber leite.

A cabeça de Sam balançava para cima e para baixo a cada passo que Paul Pequeno dava.

– Pare – murmurou –, me ponha no chão, não sou um bebê. Sou um homem da Patrulha da Noite. – Soluçou. – Apenas deixe-me morrer.

– Fique quieto, Sam – disse Grenn. – Poupe suas forças. Pense em suas irmãs e em seu irmão. No Meistre Aemon. Em seus pratos preferidos. Cante uma canção, se quiser.

– Em voz alta?

– Na cabeça.

Sam conhecia uma centena de canções, mas quando tentou se lembrar de uma, não foi capaz. Todas as palavras tinham fugido de sua mente.

Voltou a soluçar e disse:

– Não sei nenhuma canção, Grenn. Antes sabia algumas, mas agora não sei.

– Sabe, sim – disse Grenn. – Que tal "O urso e a bela donzela"? Todo mundo conhece essa. *Havia um urso, um urso, um urso! Preto e castanho e coberto de pelo!*

– Não, essa não – suplicou Sam. O urso que tinha subido ao Punho já não tinha pelo em sua carne apodrecida. Não queria pensar em ursos. – Canções, não. Por favor, Grenn.

– Então pense em seus corvos.

– Nunca foram meus. – *Eram os corvos do Senhor Comandante, os corvos da Patrulha da Noite*. – Pertenciam ao Castelo Negro e à Torre Sombria.

Paul Pequeno franziu a testa.

– Chett disse que eu podia ficar com o corvo do Velho Urso, aquele que fala. Guardei comida para ele e tudo. – Balançou a cabeça. – Mas esqueci. Deixei a comida onde a escondi. – Continuou a avançar pesadamente, com o hálito branco saindo de sua boca a cada passo, e então disse, de repente: – Posso ficar com um dos seus corvos? Só um. Prometo que não deixo que Lark o coma.

– Eles foram embora – disse Sam. – Lamento. – *Lamento tanto*. – Agora estão voando de volta à Muralha.

Samwell tinha libertado as aves quando ouviu os berrantes de guerra soar uma vez mais, ordenando à Patrulha que montasse nos cavalos. *Dois sopros curtos e um longo, isso era o toque de montar*. Mas não havia motivo para montar, a não ser que fosse para abandonar o Punho, e isso queria dizer que a batalha estava perdida. O medo atacou-o então com tanta força que só conseguiu abrir as gaiolas. Só quando viu o último corvo erguer-se na tempestade de neve percebeu que havia se esquecido de enviar qualquer uma das mensagens que escrevera.

– Não – ele gritou então –, oh não, oh não. – A neve caía e os berrantes soavam; *ahuuu ahuuu ahuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu*, gritavam, *a cavalo, a cavalo, a cavalo*. Sam viu dois corvos empoleirados numa pedra e correu atrás deles, mas as aves bateram indolentemente as asas através dos redemoinhos de neve, em direções opostas. Perseguiu um

deles, com o hálito saindo de sua boca e de seu nariz em densas nuvens brancas, tropeçou e deu por si a três metros da muralha anelar.

Depois disso... lembrava-se de ver os mortos saltando as pedras com flechas espetadas nos rostos e nas gargantas. Alguns estavam cobertos por cotas de malha, e outros vinham quase nus... selvagens, a maior parte, mas alguns usavam panos negros desbotados. Lembrava-se de ver um dos homens da Torre Sombria espetando a lança na barriga pálida e macia de uma das criaturas, fazendo-a sair pelas costas, e do modo como a coisa se empurrou, cambaleando pelo cabo da lança acima, estendendo as mãos negras e torcendo a cabeça do irmão até lhe fazer sair sangue da boca. Tinha quase certeza de que foi nesse momento que sua bexiga se soltou pela primeira vez.

Não se lembrava de ter fugido, mas deve tê-lo feito, pois na lembrança seguinte encontrava-se junto à fogueira, a meio acampamento de distância, com o velho Sor Ottyn Wythers e alguns arqueiros. Sor Ottyn estava ajoelhado na neve, fitando sem reação o caos que os rodeava, até que um cavalo sem cavaleiro chegou e lhe deu um coice no rosto. Os arqueiros não prestaram atenção nele. Estavam disparando flechas incendiárias contra sombras na escuridão. Sam viu uma criatura ser atingida, ser engolida pelas chamas, mas, atrás dela, havia uma dúzia de outras e uma enorme silhueta pálida que devia ser o urso, e pouco depois os arqueiros ficaram sem flechas.

E então Sam deu por si sobre um cavalo. Não era o seu cavalo, e também não se recordava de ter montado nele. Talvez fosse o cavalo que esmagara o rosto de Sor Ottyn. Os berrantes ainda soavam, por isso esporeou o cavalo e virou-o na direção do som.

No meio da carnificina, do caos e da neve soprada pelo vento, encontrou Edd Doloroso montado em um garrano, com um estandarte negro sem adornos flutuando numa lança.

– Sam – disse Edd quando o viu –, não quer me acordar? Estou tendo um pesadelo terrível.

Mais homens montavam a cada momento que passava. Os berrantes de guerra estavam chamando. *Ahuuu ahuuu ahuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu.*

– Eles saltaram a muralha oeste, senhor – gritou Thoren Smallwood para o Velho Urso, enquanto lutava para controlar o cavalo. – Vou enviar

reservas...

– *NÃO!* – Mormont teve de berrar a plenos pulmões para ser ouvido sobre os berrantes. – Chamem-nos de volta, temos que abrir caminho para fora daqui. – Ficou em pé nos estribos, com o manto negro batendo ao vento e o fogo brilhando em sua armadura. – *Ponta de lança!* – rugiu. – Formação em cunha, avançamos. Pela encosta sul, e depois para leste!

– Senhor, a encosta sul está cheia de criaturas!

– As outras são demasiado inclinadas – disse Mormont. – Temos...

Seu garrano relinchou, empinou-se e quase o atirou ao chão quando o urso surgiu cambaleando através da neve. Sam voltou a urinar nas calças. *Pensava que não tinha sobrado mais nada dentro de mim*. O urso estava morto, pálido e apodrecendo, com o pelo e a pele descolados do músculo e metade do braço direito queimada até o osso, mesmo assim avançava. Só os seus olhos viviam. Azul-claros, tal como o Jon dizia. Brilhavam como estrelas congeladas. Thoren Smallwood avançou, com a espada brilhando, laranja e vermelha à luz da fogueira. Sua estocada quase arrancou a cabeça do urso. E então a fera arrancou a dele.

– *AVANÇAR!* – gritou o Velho Urso, dando meia-volta.

Já iam a galope quando atingiram o anel. Antes, Sam sempre tivera medo demais para saltar a cavalo, mas quando a pequena muralha de pedra se aproximou dele, soube que não tinha alternativa. Esporeou o animal, fechou os olhos e choramingou, e o garrano levou-o para o outro lado, sem que ele soubesse como, *sem que soubesse como*, o garrano levou-o para o outro lado. O cavaleiro à sua direita caiu num emaranhado de aço, couro e carne de cavalo gritante, e então as criaturas formigaram em volta dele e a cunha se fechou. Mergulharam encosta abaixo, em corrida, através de mãos negras que tentavam agarrá-los, ardentes olhos azuis e neve soprada pelo vento. Cavalos tropeçaram e rolaram, homens foram varridos de cima de suas selas, tochas rodopiaram pelo ar, machados e espadas retalharam carne morta, e Samwell Tarly soluçava, agarrando-se desesperadamente ao cavalo, com uma força que nunca soube que possuía.

Seguiu no meio da ponta de lança em fuga, com irmãos de ambos os lados, e também à frente e atrás dele. Um cão acompanhou-os durante parte do caminho, saltando pela encosta nevada abaixo, enfiando-se entre as patas dos cavalos e saltando para fora de seu caminho, mas não

conseguiu manter o ritmo. As criaturas mantinham-se firmes em suas posições e eram atropeladas e pisoteadas. Mesmo quando caíam, tentavam agarrar espadas, estribos e as patas dos cavalos que passavam por elas. Sam viu uma delas rasgar a barriga de um cavalo com a mão direita, enquanto se agarrava à sela com a esquerda.

De repente, as árvores estavam em volta deles, e Sam atravessava chapinhando um riacho gelado, com os sons do massacre minguando lá atrás. Virou-se, com a respiração presa devido ao alívio... até que um homem de negro saltou dos arbustos e o arrancou de cima da sela. Sam nunca chegou a ver quem foi; montou num instante e no seguinte afastava-se a galope. Quando tentou correr atrás do cavalo, seus pés se prenderam numa raiz, e ele caiu com força, batendo o rosto no chão, e ficou deitado, chorando como um bebê, até que Edd Doloroso o encontrou.

Essa era a sua última recordação coerente do Punho dos Primeiros Homens. Mais tarde, horas mais tarde, deu por si tremendo entre os outros sobreviventes, metade montada, metade a pé. Encontravam-se já a quilômetros do Punho, embora Sam não se lembrasse de como isso tinha acontecido. Dywen trouxe para baixo cinco cavalos de carga, bem carregados de comida, óleo e archotes, e três tinham chegado ali. O Velho Urso fez com que redistribuísse as cargas, para que a perda de qualquer um dos cavalos e de suas provisões não fosse uma catástrofe muito grande. Tirou garranos dos homens saudáveis e deu-os aos feridos, organizou os caminhantes e colocou archotes para defender os flancos e a retaguarda. *Tudo que tenho de fazer é andar*, disse Sam a si mesmo enquanto dava aquele primeiro passo de volta para casa. Mas antes mesmo de uma hora ter passado, ele já começava a sentir dificuldades e a ficar para trás...

Via que agora também estavam ficando para trás. Lembrou-se de Pyp contar, certa vez, como Paul Pequeno era o homem mais forte da Patrulha. *E deve ser, para me levar no colo*. Mesmo assim, a neve estava ficando mais profunda, o terreno, mais traiçoeiro, e os passos de Paul começavam a encurtar-se. Mais cavaleiros passaram, feridos que olhavam para Sam com olhos baços e sem curiosidade. Alguns porta-archotes também passaram por eles.

– Está ficando para trás – disse-lhes um deles.

O seguinte concordou.

– Ninguém vai esperar por você, Paul. Deixe o porco para os mortos.

– Ele prometeu que eu podia ficar com um pássaro – disse Paul Pequeno, embora Sam não o tivesse feito, não exatamente. *Não são meus para dá-los*. – Quero ter um pássaro que fale e venha comer milho na minha mão.

– Maldito idiota – disse o homem do archote. E depois desapareceu.

Passou-se algum tempo antes de Grenn parar de repente.

– Estamos sozinhos – disse ele numa voz rouca. – Não consigo ver os outros archotes. Aquilo era a guarda de retaguarda?

Paul Pequeno não tinha uma resposta para lhe dar. O grandalhão soltou um grunhido e ajoelhou-se. Seus braços tremiam quando pousou cuidadosamente Sam na neve.

– Não posso levá-lo mais. Queria, mas não posso. – Tremeu com violência.

O vento suspirava por entre as árvores, atirando uma neve fina no rosto deles. O frio era tanto que Sam se sentia nu. Procurou os outros archotes, mas tinham desaparecido, todos eles. Só havia aquele que Grenn transportava, com chamas erguendo-se como sedas de um laranja-claro. Conseguia ver a escuridão através delas. *Aquele archote irá se apagar em breve*, pensou, *e estamos sozinhos, sem comida, amigos ou fogo.*

Mas enganava-se. Não estavam nada sozinhos.

Os galhos mais baixos da grande sentinela verde largaram a sua carga de neve com um *plop* suave e úmido. Grenn girou sobre si mesmo, projetando o archote à frente.

– Quem está aí? – uma cabeça de cavalo emergiu da escuridão. Sam sentiu um momento de alívio, até ver o cavalo. A geada cobria-o como uma película de suor congelado, e um emaranhado de entranhas rígidas e negras saía de sua barriga aberta. Sobre o dorso, trazia um cavaleiro branco como gelo. Sam soltou um som lamentoso vindo do fundo da garganta. Estava tão assustado que poderia ter se urinado mais uma vez, mas tinha o frio dentro de si, um frio tão violento que parecia que a bexiga havia congelado. O Outro deslizou graciosamente da sela e ficou em pé na neve. Era magro como uma espada, e de um branco leitoso. Sua armadura ondulava e transformava-se quando ele se movia, e seus pés não quebravam a crosta de neve recém-caída.

Paul Pequeno desprendeu o machado de cabo longo que trazia preso às costas.

– Por que fez mal a esse cavalo? Era o cavalo de Mawney.

Sam tateou em busca do cabo de sua espada, mas a bainha estava vazia. Lembrou-se tarde demais que a perdera no Punho.

– Vá embora! – Grenn deu um passo, estendendo o archote à sua frente. – *Vá*, senão vai arder. – Empurrou-o com as chamas.

A espada do Outro cintilou com uma tênue incandescência azul. Moveu-se na direção de Grenn, rápida como um relâmpago, golpeando. Quando a lâmina de um azul gelado roçou as chamas, um grito agudo apunhalou os ouvidos de Sam, afiado como uma agulha. A ponta do archote caiu de lado e desapareceu sob um grande monte de neve, com o fogo extinto num instante. E tudo o que restou na mão de Grenn foi um pequeno pedaço de madeira. Atirou-o no Outro, praguejando, no momento em que Paul Pequeno avançava com seu machado.

O medo que então dominou Sam foi pior do que qualquer medo que já sentira, e Samwell Tarly conhecia todos os tipos de medo.

– Mãe, tenha piedade de mim – chorou, esquecendo os deuses antigos em seu terror. – Pai, proteja-me, oh, oh... – Os dedos encontraram o punhal e Sam encheu a mão com ele.

As criaturas tinham sido coisas lentas e desajeitadas, mas o Outro era ligeiro como neve no vento. Esquivou-se do machado de Paul, com a armadura ondulando, e sua espada de cristal torceu-se, girou e deslizou entre os anéis de ferro da cota de malha de Paul, através de couro e lã, de osso e carne. Saiu por suas costas com um *sssssssssssilvo* e Sam ouviu Paul dizer “Oh” quando deixou cair o machado. Empalado, com o sangue fumegando em volta da espada, o grandalhão tentou agarrar seu assassino com as mãos e quase conseguiu antes de cair. Seu peso arrancou a estranha espada pálida das mãos do Outro.

*Vá em frente agora. Pare de chorar e lute, seu bebê. Lute, covarde*. Era o pai que ouvia, era Alliser Thorne, era o irmão Dickon e o garoto Rast. *Covarde, covarde, covarde*. Soltou um risinho histérico, perguntando a si mesmo se fariam dele uma criatura, uma criatura enormemente gorda sempre a tropeçar nos próprios pés mortos. *Vá em frente, Sam*. Aquele agora seria Jon? Jon estava morto. *Consegue ir em frente, consegue, apenas vá em frente*. E então viu-se tropeçando para a frente, realmente

caindo mais do que correndo, fechando os olhos e projetando cegamente o punhal adiante, com ambas as mãos. Ouviu um *crac*, um som como aquele que o gelo faz quando se quebra sob os pés de um homem, e em seguida um guincho tão estridente e penetrante que cambaleou para trás com as mãos nos ouvidos, e estatelou-se sobre o traseiro.

Quando abriu os olhos, a armadura do Outro escorria por suas pernas em riachos, enquanto o sangue azul-claro silvava e fumegava em volta do punhal negro de vidro de dragão que trazia espetado na garganta. Estendeu duas mãos brancas como osso para arrancar a arma, mas onde os dedos tocavam a obsidiana *fumegavam*.

Sam rolou sobre o flanco, com olhos esbugalhados enquanto, o Outro minguava e se liquefazia, dissolvendo-se. Em vinte segundos, sua carne tinha desaparecido, afastando-se em redemoinhos de névoa branca. Por baixo, havia ossos parecidos com vidro leitoso, brancos e brilhantes, e também eles se derretiam. Por fim, só o punhal de vidro de dragão ficou, embrulhado em vapor, como se estivesse vivo e transpirando. Grenn dobrou-se para apanhá-lo, e atirou-o imediatamente no chão.

– Mãe, como está *frio*!

– Obsidiana. – Sam ajoelhou-se com dificuldade. – Chamam de vidro de dragão. Vidro de *dragão*. – Riu e chorou e dobrou-se para vomitar a sua coragem na neve.

Grenn ajudou Sam a ficar em pé, verificou se Paul Pequeno tinha pulso e fechou seus olhos, e depois voltou a pegar o punhal. Daquela vez conseguiu segurá-lo.

– Fique com ele – disse Sam. – Não é covarde como eu.

– Tão covarde que matou um Outro. – Grenn apontou com a faca. – Olhe para lá, entre as árvores. Luz cor-de-rosa. A alvorada, Sam. A alvorada. Aquilo deve ser o leste. Se seguirmos naquela direção, alcançaremos o Mormont.

– Se você diz. – Sam deu um chute numa árvore com o pé esquerdo, para desprender toda a neve. Depois com o direito. – Eu tento. – Fazendo uma careta, deu um passo. – Tento de verdade. – E depois outro.

# TYRION

A corrente de mãos de Lorde Tywin projetava uma cintilação dourada sobre o profundo tom bordô de sua túnica de veludo. Os Senhores Tyrell, Redwyne e Rowan reuniram-se à sua volta quando ele entrou. Cumprimentou-os um por um, deu uma palavrinha em voz baixa a Varys, beijou o anel do Alto Septão e a face de Cersei, apertou a mão do Grande Meistre Pycelle e sentou-se no lugar do rei, à cabeceira da longa mesa, entre a filha e o irmão.

Tyrion tinha se apoderado do antigo lugar de Pycelle, ao fundo da mesa, tendo-lhe acrescentado almofadas para poder estender o olhar ao longo de toda a mesa. Desalojado, Pycelle se mudara para junto de Cersei, sentando-se quase tão longe do anão quanto podia sem reclamar a cadeira do rei. O Grande Meistre era um esqueleto trôpego, apoiando-se pesadamente numa bengala retorcida e tremendo ao caminhar, com um punhado de cabelos brancos brotando de seu longo pescoço enrugado onde outrora tivera a sua luxuriante barba branca. Tyrion fitou-o sem remorso.

Os outros tiveram de disputar os lugares: Lorde Mace Tyrell, um homem pesado e robusto, com cabelos castanhos encaracolados e uma barba em forma de folha bem salpicada de branco; Paxter Redwyne, da Árvore, de ombros estreitos e magro, com a cabeça calva rodeada de tufos de cabelo cor de laranja; Mathis Rowan, Senhor de Bosquedouro, escanhoado, entroncado e transpirando; o Alto Septão, um homem frágil, com uma barbicha fina e branca. *Muitos rostos desconhecidos*, pensou Tyrion, *muitos jogadores novos. O jogo mudou enquanto eu apodrecia na cama, e ninguém vai me contar as regras*.

Oh, os lordes tinham sido bastante corteses, embora Tyrion visse como se sentiam desconfortáveis ao olhar para ele.

– Aquela sua corrente, isso foi astucioso – tinha dito Mace Tyrell, num tom alegre, e Lorde Redwyne assentiu e completou:

– É bem verdade, é bem verdade, o nosso senhor de Jardim de Cima fala por todos nós – também com grande alegria.

*Vá dizer isso ao povo desta cidade*, pensou Tyrion amargamente. *Vá dizer isso aos malditos cantores que andam por aí, com suas canções sobre o fantasma de Renly.*

Tio Kevan fora o mais caloroso, chegando ao ponto de lhe dar um beijo na face e dizer:

– Lancel contou-me de sua bravura, Tyrion. Fala muito bem de você.

*É melhor que fale, caso contrário eu teria algumas coisas a dizer sobre ele*. Tinha se obrigado a sorrir e respondeu:

– Meu bom primo é demasiado gentil. Confio que seu ferimento esteja cicatrizando, certo?

Sor Kevan franziu a testa.

– Um dia parece mais forte, no seguinte... é preocupante. Sua irmã vai com frequência visitá-lo à cama, para melhorar seu moral e rezar por ele.

*Mas estará rezando para que sobreviva ou para que morra?* Cersei usara desavergonhadamente o primo, na cama e fora dela; um pequeno segredo que sem dúvida esperava que Lancel levasse para a tumba, agora que o pai estava ali e já não precisava dele. *Mas chegaria ao ponto de assassiná-lo?* Ao vê-la hoje, nunca se suspeitaria de que Cersei era capaz de ser assim tão implacável. Ela era toda encanto, flertando com Lorde Tyrell enquanto conversavam sobre o banquete de casamento de Joffrey, elogiando Lorde Redwyne pelo valor de seus gêmeos, amaciando o rude Lorde Rowan com gracejos e sorrisos, dirigindo ruídos piedosos ao Alto Septão.

– Começamos pelos preparativos para o casamento? – ela perguntou, quando Lorde Tywin se sentou.

– Não – disse o pai. – Pela guerra. Varys.

O eunuco deu um sorriso de seda.

– Tenho notícias *deliciosas* para todos os senhores. Ontem de madrugada, o nosso bravo Lorde Randyll apanhou Robett Glover nos arredores de Valdocaso e encurralou-o contra o mar. As perdas foram pesadas de ambos os lados, mas no fim os nossos leais homens prevaleceram. Dizem que Sor Helman Tallhart está morto, bem como mais de mil homens. Robett Glover volta a Harrenhal com os

sobreviventes, em sangrenta desordem, sem sonhar que irá encontrar atravessados no caminho o valente Sor Gregor e seus bravos.

– Que os deuses sejam louvados! – disse Paxter Redwyne. – Uma grande vitória para o Rei Joffrey!

*O que Joffrey teve a ver com isso?*, pensou Tyrion.

– E uma terrível derrota para o Norte, certamente – observou Mindinho –, mas uma derrota em que Robb Stark não desempenhou nenhum papel. O Jovem Lobo permanece invencível no campo de batalha.

– O que sabemos dos planos e movimentos dos Stark? – perguntou Mathis Rowan, sempre direto e sem rodeios.

– Correu de volta a Correrrio com o saque, abandonando os castelos que tomou no oeste – anunciou Lorde Tywin. – Nosso primo, Sor Daven, está reorganizando os restos do exército de seu falecido pai em Lanisporto. Quando estiverem preparados, vai se juntar a Sor Forley Prester no Dente Dourado. Assim que o rapaz Stark marchar para norte, Sor Forley e Sor Daven cairão sobre Correrrio.

– Está certo de que Lorde Stark pretende ir para o Norte? – perguntou Lorde Rowan. – Mesmo com os homens de ferro em Fosso Cailin?

Mace Tyrell interveio.

– Haverá alguma coisa mais inútil do que um rei sem reino? Não, é evidente, o rapaz tem de abandonar as terras fluviais, voltar a juntar suas forças às de Roose Bolton e a atirar todo o seu poderio contra Fosso Cailin. Seria isso que *eu* faria.

Tyrion teve de morder a língua ao ouvir aquilo. Robb Stark vencera mais batalhas em um ano do que o Senhor de Jardim de Cima em vinte. A reputação de Tyrell se baseava em uma vitória não decisiva sobre Robert Baratheon em Vaufreixo, numa batalha praticamente ganha pela vanguarda de Lorde Tarly, antes mesmo de a tropa principal chegar. O cerco de Ponta Tempestade, onde Mace Tyrell realmente detinha o comando, arrastara-se durante um ano sem qualquer resultado, e após a batalha no Tridente, o Senhor de Jardim de Cima tinha saudado docilmente Eddard Stark com seus estandartes.

– Devia escrever a Robb Stark uma carta severa – disse Mindinho. – Ouvi dizer que o seu subordinado Bolton anda guardando cabras no *meu* salão de audiências, é realmente uma grande falta de escrúpulos.

Sor Kevan Lannister pigarreou.

– No que diz respeito aos Stark... Balon Greyjoy, que agora se intitula Rei das Ilhas e do Norte, escreveu-nos oferecendo termos para uma aliança.

– O que devia oferecer era fidelidade – exclamou Cersei. – Com que direito se intitula rei?

– Com o direito da conquista – disse Lorde Tywin. – O Rei Balon tem dedos de estrangulador apertados em volta do Gargalo. Os herdeiros de Robb Stark estão mortos, Winterfell caiu e os homens de ferro detêm Fosso Cailin, Bosque Profundo e a maior parte da Costa Pedregosa. Os dracares do Rei Balon controlam o mar de poente e estão em boa posição para ameaçar Lanisporto, Ilha Bela e até Jardim de Cima, se o provocarmos.

– E se aceitarmos essa aliança? – inquiriu Lorde Mathis Rowan. – Que termos ele propõe?

– Que reconheçamos a sua condição régia e lhe demos tudo a norte do Gargalo.

Lorde Redwyne soltou uma gargalhada.

– O que há a norte do Gargalo que um homem são possa querer? Se o Greyjoy quiser trocar espadas e velas por pedras e neve, eu digo que devemos ir em frente e nos achar com sorte.

– É verdade – concordou Mace Tyrell. – Isso é o que eu faria. Que o Rei Balon acabe com os nortenhos enquanto nós acabamos com Stannis.

O rosto de Lorde Tywin não mostrava nenhum sinal do que sentia.

– Também é preciso lidar com Lysa Arryn. Viúva de Jon Arryn, filha de Hoster Tully, irmã de Catelyn Stark... cujo marido andava conspirando com Stannis Baratheon no momento de sua morte.

– Ah – disse Mace Tyrell em voz alegre –, as mulheres não têm estômago para a guerra. Que seja deixada em paz, penso eu, não é provável que nos cause problemas.

– Concordo – disse Redwyne. – A Senhora Lysa não participou na luta e tampouco cometeu qualquer ato claro de traição.

Tyrion mexeu-se na cadeira.

– Ela atirou-me numa cela e levou a minha vida a julgamento – apontou, com certa quantidade de rancor. – E não voltou a Porto Real para jurar lealdade a Joff como lhe foi ordenado. Senhores, deem-me homens suficientes e eu tratarei de Lysa Arryn. – Não conseguia lembrar-

se de nada que pudesse lhe dar mais prazer, exceto talvez estrangular Cersei. Às vezes ainda sonhava com as celas do céu do Ninho da Águia e acordava ensopado em suores frios.

O sorriso de Mace Tyrell era jovial, mas por trás dele Tyrion detectou desprezo.

– Talvez seja melhor que deixe a guerra para os guerreiros – disse o Senhor de Jardim de Cima. – Homens melhores do que você perderam grandes exércitos nas Montanhas da Lua, ou estilhaçaram-nos contra o Portão Sangrento. Conhecemos seu valor, senhor, não há necessidade de tentar a sorte.

Tyrion ergueu-se nas almofadas, irritado, mas o pai falou antes que tivesse oportunidade de reagir.

– Tenho em mente outras tarefas para Tyrion. Creio que Lorde Petyr pode deter a chave para o Ninho da Águia.

– Oh, se tenho – disse Mindinho –, tenho-a aqui bem entre as pernas. – Havia travessura em seus olhos cinza-esverdeados. – Senhores, com a sua licença, proponho-me a viajar até o Vale e lá cortejar e conquistar a Senhora Lysa Arryn. Assim que me tornar seu consorte, entregarei o Vale de Arryn aos senhores, sem que seja derramada uma gota de sangue.

Lorde Rowan demonstrou um ar de dúvida.

– Mas a Senhora Arryn vai querer aceitá-lo?

– Já me aceitou várias vezes antes, Lorde Mathis, e não exprimiu nenhuma queixa.

– Dormir com alguém – disse Cersei – não é o mesmo que casar-se com tal pessoa. Até uma anta como a Lysa Arryn será capaz de compreender a diferença.

– Com certeza. Não seria próprio para uma filha de Correrrio casar com alguém tão abaixo de seu estatuto. – Mindinho abriu as mãos. – Mas agora... um casamento entre a Senhora do Ninho da Águia e o Senhor de Harrenhal não é assim tão impensável, não é?

Tyrion reparou no olhar que foi trocado entre Paxter Redwyne e Mace Tyrell.

– Talvez sirva – disse Lorde Rowan –, se tem a certeza de ser capaz de manter a mulher leal à Graça do Rei.

– Senhores – proclamou o Alto Septão –, o outono está aí, e todos os homens de bom coração se sentem cansados da guerra. Se Lorde Baelish

for capaz de trazer o Vale à paz do rei sem mais derramamento de sangue, os deuses certamente o abençoarão.

– Mas será que ele é capaz de tal coisa? – perguntou Lorde Redwyne. – O Senhor do Ninho da Águia é agora o filho de Jon Arryn. Lorde Robert.

– Não passa de um garoto – disse Mindinho. – Vou me assegurar de que cresça como o mais leal dos súditos de Joffrey, e um firme amigo de todos nós.

Tyrion estudou o homem esbelto com barba pontiaguda e irreverentes olhos cinza-esverdeados. *Senhor de Harrenhal, uma honraria vazia? O raio que o parta, pai. Mesmo que nunca ponha os pés no castelo, o título torna esse casamento possível, tal como ele sempre soube.*

– Não nos faltam inimigos – disse Sor Kevan Lannister. – Se o Ninho da Águia puder ser mantido fora da guerra, ótimo. Estou disposto a ver o que Lorde Petyr será capaz de alcançar.

Tyrion sabia, por longa experiência, que Sor Kevan era a vanguarda do pai nos conselhos; nunca tinha um pensamento que antes não tivesse passado pela cabeça de Lorde Tywin. *Tudo já foi combinado com antecedência*, concluiu, *e esta discussão não passa de um espetáculo*.

As ovelhas baliam o seu acordo, sem se darem conta da limpeza com que tinham sido tosquiadas, por isso, coube a Tyrion levantar objeções.

– Como a coroa pagará as suas dívidas sem Lorde Petyr? Ele é o nosso mago da moeda, e não temos ninguém que o substitua.

Mindinho sorriu.

– Meu pequeno amigo é gentil demais. Tudo que faço é contar cobres, como o Rei Robert costumava dizer. Qualquer mercador inteligente poderia se sair igualmente bem... e um Lannister, abençoado com o toque de ouro de Rochedo Casterly, irá sem dúvida ultrapassar-me em muito.

– Um Lannister? – aquilo deu a Tyrion um mau pressentimento.

Os olhos salpicados de ouro de Lorde Tywin encontraram-se com os olhos desiguais do filho.

– É admiravelmente adequado para a tarefa, creio eu.

– Deveras! – disse cordialmente Sor Kevan. – Não tenho dúvidas de que será um magnífico mestre da moeda, Tyrion.

Lorde Tywin virou-se de novo para Mindinho.

– Se Lysa Arryn recebê-lo como esposo e regressar à paz do rei, devolveremos a Robert o título de Protetor do Leste. Quando pode partir?

– Amanhã, se os ventos permitirem. Há uma galé de Bravos ao largo, para lá da corrente, embarcando carga por intermédio de barcos. O *Rei Bacalhau*. Falarei com o seu capitão a propósito de uma cabine.

– Faltará ao casamento do rei – disse Mace Tyrell.

Petyr Baelish encolheu os ombros.

– As marés e as noivas não esperam por ninguém, senhor. Assim que se iniciem as tempestades de outono, a viagem vai se tornar muito mais perigosa. O afogamento certamente diminuiria meus encantos como noivo.

Lorde Tyrell soltou um risinho.

– É verdade. É melhor que não se demore.

– Que os deuses o acompanhem em sua viagem – disse o Alto Septão. – Todos em Porto Real rezarão por seu sucesso.

Lorde Redwyne apertou o nariz.

– Podemos voltar ao problema da aliança Greyjoy? A meu ver, há muito a ser dito em seu favor. Os dracares Greyjoy reforçarão a minha frota e vão nos dar força suficiente no mar para assaltar Pedra do Dragão e pôr fim às pretensões de Stannis Baratheon.

– Os dracares do Rei Balon no momento estão ocupados – disse educadamente Lorde Tywin –, assim como nós. Greyjoy exige metade do reino como preço por uma aliança, mas o que fará para merecê-lo? Lutar contra os Stark? Já está fazendo isso. Por que havemos de pagar por aquilo que nos deu de graça? A melhor coisa a fazer a respeito de nosso senhor de Pyke é nada, a meu ver. Com tempo suficiente, uma alternativa melhor poderá se apresentar. Uma alternativa que não exija que o rei abra mão de metade de seu reino.

Tyrion observou o pai com atenção. *Há alguma coisa que ele não está dizendo.* Lembrou-se daquelas cartas importantes que Lorde Tywin estava escrevendo na noite em que Tyrion exigiu Rochedo Casterly. *O que foi que ele disse? Algumas batalhas ganham-se com espadas e lanças, outras com penas e corvos...* Perguntou a si mesmo quem seria a "melhor alternativa", e que tipo de preço estaria exigindo.

– Talvez devêssemos passar ao casamento – disse Sor Kevan.

O Alto Septão falou dos preparativos que estavam sendo feitos no Grande Septo de Baelor, e Cersei detalhou os planos que tinha feito para o banquete. Iriam ter mil convidados na sala do trono, mas muitos mais

lá fora, nos pátios. Os pátios exterior e intermediário seriam cobertos por toldos de seda, com mesas de comida e barris de cerveja para todos os que não pudessem ser acomodados no salão.

– Vossa Graça – disse o Grande Meistre Pycelle –, em relação ao número de convidados... recebemos um corvo de Lançassolar. Trezentos dorneses vêm a caminho de Porto Real neste exato momento e esperam chegar antes da boda.

– Vêm como? – perguntou bruscamente Mace Tyrell. – Não pediram autorização para atravessar as *minhas* terras. – Tyrion reparou que seu grosso pescoço havia se tornado vermelho-escuro. Dorneses e o povo de Jardim de Cima nunca tinham tido grande simpatia uns pelos outros; ao longo dos séculos, tinham travado incontáveis guerras fronteiriças, além de desencadearem ataques para lá e para cá, atravessando montanhas e campinas, mesmo em tempo de paz. A inimizade atenuara-se um pouco depois de Dorne ter se tornado parte dos Sete Reinos... até que o príncipe dornês que chamavam de Víbora Vermelha aleijou o jovem herdeiro de Jardim de Cima num torneio. *Isso pode vir a ser constrangedor*, pensou o anão, esperando para ver como o pai lidaria com o assunto.

– O Príncipe Doran vem a convite de meu filho – disse calmamente Lorde Tywin –, não só para se juntar à nossa festa, mas também para reclamar seu lugar neste conselho e a justiça que Robert lhe negou pelo assassinato da irmã Elia e de seus filhos.

Tyrion observou o rosto de Lorde Tyrell, de Redwyne e de Rowan, perguntando a si mesmo se algum dos três seria suficientemente ousado para dizer "Mas, Lorde Tywin, não foi *você* quem apresentou os corpos a Robert, enrolados em mantos Lannister?". Nenhum deles fez isso, mas a pergunta estava lá, em suas expressões, mesmo assim. *Redwyne não está nem aí*, pensou, *mas Rowan parece pronto para vomitar*.

– Quando o rei estiver casado com a sua Margaery e Myrcella com o Príncipe Tristane, seremos todos uma grande Casa – recordou Sor Kevan a Mace Tyrell. – As inimizades do passado devem permanecer no passado, não concorda, senhor?

– Este é o *casamento da minha filha*...

– ... e do meu neto – disse firmemente Lorde Tywin. – Certamente não será o lugar adequado para velhas rixas.

– Não tenho nenhuma rixa com *Doran* Martell – insistiu Lorde Tyrell, embora seu tom de voz fosse mais do que um pouco ríspido. – Se deseja atravessar a Campina em paz, só precisa pedir a minha autorização.

*Isso é pouco provável*, pensou Tyrion. *Ele vai subir o caminho do espinhaço, virar para leste perto de Solarestival, e seguir pela estrada do rei.*

– Trezentos dorneses não irão perturbar os nossos planos – disse Cersei. – Podemos colocar os homens de armas no pátio, enfiar mais alguns bancos na sala do trono para os fidalgos e cavaleiros de bom nascimento e arranjar para o Príncipe Doran um lugar de honra no estrado.

*Perto de mim, não*, era a mensagem que Tyrion lia nos olhos de Mace Tyrell, mas o Senhor de Jardim de Cima limitou-se a responder com um aceno brusco.

– Talvez possamos passar a uma tarefa mais agradável – disse Lorde Tywin. – Os frutos da vitória aguardam divisão.

– O que poderia ser mais animador? – perguntou Mindinho, que já havia engolido seu fruto, Harrenhal.

Cada senhor tinha as suas exigências; este castelo e aquela aldeia, extensões de terra, um pequeno rio, uma floresta, a tutela de certos menores deixados sem pai pela batalha. Felizmente, os frutos eram abundantes, e havia órfãos e castelos para todos. Varys tinha listas. Quarenta e sete fidalgos menores e seiscentos e dezenove cavaleiros tinham perdido a vida sob o coração flamejante de Stannis e de seu Senhor da Luz, bem como vários milhares de homens de armas plebeus. Todos eles traidores, seus herdeiros eram deserdados, suas terras e castelos oferecidos àqueles que tinham se mostrado mais leais.

Jardim de Cima teve a colheita mais rica. Tyrion olhou a grande barriga de Mace Tyrell e pensou: *Esse aí tem um apetite prodigioso*. Tyrell exigiu as terras e castelos de Lorde Alester Florent, seu próprio vassalo, que tivera o singular mau discernimento de apoiar primeiro Renly e depois Stannis. Lorde Tywin fez sua vontade com toda a satisfação. A Fortaleza de Águas Claras e todas as suas terras e rendimentos foram oferecidos ao segundo filho de Lorde Tyrell, Sor Garlan, transformando-o num grande senhor num piscar de olhos. O

irmão mais velho, naturalmente, estava na linha para herdar o próprio Jardim de Cima.

Extensões menores de terra foram oferecidas a Lorde Rowan e separadas para Lorde Tarly, Senhora Oakheart, Lorde Hightower e outros ilustres que não se encontravam presentes. Lorde Redwyne pediu apenas trinta anos de perdão nos impostos que Mindinho e seus feitores vinícolas tinham feito cair sobre certos dos melhores vinhos da Árvore. Quando isso lhe foi concedido, declarou-se plenamente satisfeito e sugeriu que mandassem vir um casco de vinho dourado da Árvore, a fim de brindar ao Rei Joffrey e à sua sábia e benevolente Mão. Ao ouvir aquilo, Cersei perdeu a paciência.

– É de espadas que Joff precisa, não de brindes – exclamou. – Seu reino continua empesteado de candidatos a usurpadores e autoproclamados reis.

– Mas não por muito tempo, penso eu – disse untuosamente Varys.

– Ainda restam alguns assuntos, senhores. – Sor Kevan consultou seus papéis. – Sor Addam encontrou alguns dos cristais da coroa do Alto Septão. Agora parece certo que os ladrões separaram os cristais e fundiram o ouro.

– Nosso pai no Céu conhece a culpa deles e vai levá-los todos a julgamento – disse piamente o Alto Septão.

– Sem dúvida que sim – disse Lorde Tywin. – Seja como for, você deve estar coroado na boda do rei. Cersei, convoque nossos ourives, temos de arranjar uma coroa que a substitua. – Não esperou pela resposta dela e virou-se imediatamente para Varys. – Tem relatórios?

O eunuco tirou um pergaminho da manga.

– Foi vista uma lula-gigante ao largo dos Dedos. – Soltou um risinho. – Não um *Greyjoy*, notem, uma lula-gigante de verdade. Atacou um baleeiro ibbenês e afundou-o. Luta-se nos Degraus, e uma nova guerra entre Tyrosh e Lys parece provável. Ambas as cidades têm esperança de ganhar Myr como aliada. Marinheiros vindos do Mar de Jade relatam que um dragão de três cabeças nasceu em Qarth e é a maravilha dessa cidade...

– Dragões e lulas-gigantes não me interessam, independentemente de quantas cabeças tenham – disse Lorde Tywin. – Seus informantes terão por acaso encontrado algum rastro do filho de meu irmão?

– Infelizmente, nosso bem-amado Tyrek desapareceu por completo, pobre e bravo rapaz. – Varys parecia perto de rebentar em lágrimas.

– Tywin – disse Sor Kevan, antes que Lorde Tywin tivesse oportunidade de expressar a sua óbvia insatisfação –, alguns dos homens de manto dourado que desertaram durante a batalha esgueiraram-se de volta aos quartéis, pensando retornar ao serviço. Sor Addam quer saber o que fazer com eles.

– Podem ter posto Joff em perigo com sua covardia – disse imediatamente Cersei. – Quero-os executados.

Varys suspirou.

– Eles certamente mereceriam a morte, Vossa Graça, ninguém pode negar. E, no entanto, talvez fosse mais sensato se os mandássemos para a Patrulha da Noite. Nos últimos tempos, recebemos mensagens perturbadoras da Muralha. Sobre selvagens em movimento...

– Selvagens, lulas-gigantes e dragões. – Mace Tyrell soltou um risinho. – Ora essa, haverá alguém que *não* se agita?

Lorde Tywin ignorou-o.

– Os desertores servem-nos melhor como lição. Quebrem seus joelhos com martelos. Não voltarão a fugir. Assim como qualquer homem que os veja mendigando pelas ruas. – Passou o olhar pela mesa, para ver se algum dos outros senhores discordava.

Tyrion lembrou-se de sua visita à Muralha, e dos caranguejos que tinha dividido com o velho Lorde Mormont e seus oficiais. Lembrou-se também dos temores do Velho Urso.

– Talvez possamos quebrar os joelhos de alguns para afirmar nossa posição. Aqueles que mataram Sor Jacelyn, por exemplo. Quanto aos outros, podemos mandá-los para o Marsh. A Patrulha está com uma grave falta de efetivos. Se a Muralha cair...

– ... os selvagens inundarão o Norte – concluiu o pai – e os Stark e os Greyjoy terão outro inimigo para combater. Se, como parece, já não desejam ser súditos do Trono de Ferro, com que direito olham para ele em busca de ajuda? Tanto o Rei Robb como o Rei Balon reivindicam o Norte. Que *eles* o defendam, se conseguirem. E, se não conseguirem, esse Mance Rayder até pode se revelar um aliado útil. – Lorde Tywin olhou para o irmão. – Mais alguma coisa?

Sor Kevan sacudiu a cabeça.

– Terminamos. Senhores, Sua Graça, o Rei Joffrey, desejará sem dúvida agradecer a todos por sua sabedoria e bons conselhos.

– Gostaria de trocar umas palavras em privado com meus filhos – disse Lorde Tywin quando os outros se levantaram para sair da sala. – Você também, Kevan.

Obedientemente, os outros conselheiros fizeram as suas despedidas. Varys foi o primeiro a sair e Tyrell e Redwyne, os últimos. Quando todos exceto os quatro Lannister tinham saído da sala, Sor Kevan fechou a porta.

– *Mestre da moeda?* – perguntou Tyrion numa voz fina e tensa. – De quem foi essa ideia, diga-me?

– De Lorde Petyr – disse o pai –, mas é útil ter o tesouro nas mãos de um Lannister. Você pediu um trabalho importante. Teme ser incapaz de desempenhar a tarefa?

– Não – disse Tyrion. – Tenho medo de uma armadilha. Mindinho é sutil e ambicioso. Não confio nele. E o senhor também não deveria confiar.

– Ele conquistou Jardim de Cima para o nosso lado... – começou Cersei.

– ... e vendeu-lhe Ned Stark, eu sei. Vai nos vender com a mesma rapidez. Nas mãos erradas, uma moeda é tão perigosa quanto uma espada.

Tio Kevan olhou-o com uma expressão estranha.

– Decerto que não para nós. O ouro de Rochedo Casterly...

– ... é escavado do chão. O ouro de Mindinho é feito a partir do ar, com um estalar de dedos.

– Uma habilidade mais útil do que qualquer uma das suas, querido irmão – ronronou Cersei, numa doce voz de malícia.

– Mindinho é um mentiroso...

– ... e também é preto, disse a gralha sobre o corvo.

Lorde Tywin bateu na mesa.

– *Basta!* Não admito mais essa briguinha indecorosa. São ambos Lannister e vão se comportar como tal.

Sor Kevan pigarreou.

– Eu preferiria ter Petyr Baelish governando o Ninho da Águia do que qualquer outro dos pretendentes da Senhora Lysa. Yohn Royce, Lyn

Corbray, Horton Redfort... são homens perigosos, cada um à sua maneira. E orgulhosos. Mindinho pode ser esperto, mas não tem nem nascimento elevado nem perícia com as armas. Os Senhores do Vale nunca aceitarão um homem assim como seu suserano. – Olhou para o irmão. Quando Lorde Tywin acenou com a cabeça, prosseguiu. – E há o seguinte: Lorde Petyr continua a demonstrar sua lealdade. Ontem mesmo trouxe-nos a notícia de um estratagema dos Tyrell para levar Sansa Stark até Jardim de Cima para uma "visita", e lá casá-la com o filho mais velho de Lorde Mace, Willas.

– *Mindinho* trouxe-lhe essa notícia? – Tyrion debruçou-se sobre a mesa. – Não foi o nosso mestre dos sussurros? Que interessante.

Cersei olhou o tio com incredulidade.

– Sansa é minha refém. Ela não vai a *lugar nenhum* sem a minha licença.

– Licença que forçosamente teria que dar, se Lorde Tyrell a pedisse – ressaltou o pai. – Recusá-la seria equivalente a declarar que não confiamos nele. Ele iria se ofender.

– Que se ofenda. E daí?

*Maldita idiota*, pensou Tyrion.

– Querida irmã – explicou pacientemente –, se ofender os Tyrell, ofenderá também os Redwyne, os Tarly, os Rowan e os Hightower, e talvez os faça começar a pensar se Robb Stark não poderia ser mais obsequioso para com os seus desejos.

– Não quero a rosa e o lobo gigante juntos na cama – declarou Lorde Tywin. – Temos de nos antecipar.

– Como? – perguntou Cersei.

– Através do casamento. O seu, para começar.

Aquilo foi tão súbito que Cersei não conseguiu fazer mais do que fitá-lo por um momento. Então, seu rosto enrubesceu como se tivesse sido esbofeteado.

– Não. Outra vez, não. Não farei isso.

– Vossa Graça – disse Sor Kevan com cortesia –, é uma mulher jovem, ainda bela e fértil. Certamente não vai querer passar o resto de seus dias sozinha. E um novo casamento afastará de uma vez por todas essa história de incesto.

– Enquanto permanecer sem casar, estará permitindo que Stannis espalhe essa repugnante difamação – disse Lorde Tywin à filha. – Precisa ter um novo marido em sua cama, para lhe gerar filhos.

– Três filhos são mais do que suficientes. Sou Rainha dos Sete Reinos, não uma égua reprodutora! A Rainha *Regente*!

– É minha filha, e fará o que eu ordenar.

Ela pôs-se em pé.

– Não ficarei aqui ouvindo essa...

– Ficará se quiser dizer algo sobre a escolha de seu próximo marido – disse calmamente Lorde Tywin.

Ela hesitou e depois se sentou, Tyrion compreendeu que ela tinha perdido, apesar de sua sonora declaração de que:

– *Não* voltarei a me casar!

– Vai se casar e se reproduzir. Cada filho que der à luz tornará Stannis mais mentiroso. – Os olhos do pai pareciam pregá-la à cadeira como se fossem alfinetes. – Mace Tyrell, Paxter Redwyne e Doran Martell são casados com mulheres mais jovens, que provavelmente sobreviverão a eles. A esposa de Balon Greyjoy é idosa e de saúde delicada, mas um casamento desses iria nos comprometer a uma aliança com as Ilhas de Ferro, e eu ainda não estou certo de que esse seja o caminho mais sensato.

– Não – disse Cersei por entre os lábios brancos. – Não, não, não.

Tyrion não conseguiu suprimir por completo o sorriso que veio aos seus lábios ao pensar em despachar a irmã para Pyke. *Justamente quando eu me preparava para desistir das rezas, um deus bondoso entrega-me isto*.

Lorde Tywin prosseguiu.

– Oberyn Martell poderia servir, mas os Tyrell levariam uma coisa dessas muito a mal. Portanto, temos que olhar para os filhos. Presumo que não levante objeções a se casar com um homem mais novo do que você.

– Levanto objeções a casar com *qualquer*...

– Pensei nos gêmeos Redwyne, em Theon Greyjoy, em Quentyn Martell e em vários outros. Mas a nossa aliança com Jardim de Cima foi a espada que quebrou Stannis. Deve ser temperada e fortalecida. Sor Loras envergou o branco e Sor Garlan está casado com uma das

Fossoway, mas ainda resta o filho mais velho, o rapaz que planejam casar com Sansa Stark.

*Willas Tyrell*. Tyrion estava tendo um prazer perverso com a fúria impotente de Cersei.

– Esse é o aleijado – ele disse.

O pai gelou-o com um olhar.

– Willas é herdeiro de Jardim de Cima, e, segundo tudo que se diz, um jovem brando e cortês, apreciador da leitura e da observação das estrelas. Tem também uma paixão pela criação e seleção de cruzas de animais, possui os melhores cães de caça, falcões e cavalos dos Sete Reinos.

*Um casamento perfeito*, devaneou Tyrion. *Cersei também tem uma paixão por cruzar*. Sentiu pena do pobre Willas Tyrell, e não soube se devia rir da irmã ou chorar por ela.

– O herdeiro Tyrell seria a minha escolha – concluiu Lorde Tywin –, mas se preferir outro, escutarei seus argumentos.

– Isso é tão gentil de sua parte, pai – disse Cersei com fria cortesia. – A escolha que me deixa é tão complicada. Quem eu preferiria levar para a cama, a lula velha ou o cãozinho aleijado? Precisarei de alguns dias para pensar no assunto. Tenho a sua licença para me retirar?

*Você é a rainha*, Tyrion quis lhe dizer. *Ele devia estar pedindo licença a você*.

– Vá – disse o pai. – Voltaremos a conversar depois de ter recuperado a compostura. Lembre-se de seus deveres.

Cersei caminhou, dura, para fora da sala, ostentando claramente a sua raiva. *Mas no fim fará o que o pai pede*. Ela provara isso com Robert. *Se bem que haja Jaime a considerar.* O irmão era muito mais novo quando Cersei se casou pela primeira vez; poderá não aceitar tão facilmente um segundo casamento. O infeliz Willas Tyrell corria o risco de contrair um súbito caso fatal de espada-através-das-entranhas, o que poderia amargar consideravelmente a aliança entre Jardim de Cima e Rochedo Casterly. *Devia dizer alguma coisa, mas o quê? Perdoe-me, pai, mas é com o nosso irmão que ela quer se casar?*

– Tyrion.

Deu um sorriso resignado.

– Estarei ouvindo o arauto me chamar para a liça?

– Seu gosto por prostitutas é uma fraqueza – disse Lorde Tywin sem preâmbulos –, mas talvez parte da culpa seja minha. Como não é mais alto do que um garoto, acostumei-me a esquecer que é realmente um adulto, com todas as necessidades básicas de um homem. Já é mais do que tempo de se casar.

*Eu já me casei, ou será que se esqueceu?* A boca de Tyrion retorceu-se, e dela saiu um ruído que era meio gargalhada e meio rosnido.

– A ideia de casamento o diverte?

– Só de imaginar o noivo demoniacamente bonito que serei. – Uma esposa poderia ser exatamente aquilo de que precisava. Se lhe trouxesse terras e uma fortaleza, poderia providenciar-lhe um lugar no mundo afastado da corte de Joffrey... e de Cersei e do pai.

Por outro lado, havia Shae. *Ela não vai gostar disso, apesar de todas as juras sobre contentar-se em ser a minha prostituta.*

Mas isso não era propriamente um argumento que influenciasse o pai, por isso Tyrion retorceu-se mais para cima na cadeira e disse:

– Você pretende me casar com Sansa Stark. Mas os Tyrell não irão considerar essa união uma afronta se tiverem planos para a garota?

– Lorde Tyrell não abordará o assunto da garota Stark até depois da boda de Joffrey. Se Sansa se casar antes disso, como poderá se ofender, se não nos deu nenhuma pista de suas intenções?

– Precisamente – disse Sor Kevan –, e quaisquer ressentimentos que persistam deverão ser acalmados pela oferta de Cersei para o seu Willas.

Tyrion esfregou os restos inflamados do nariz. A cicatriz às vezes coçava abominavelmente.

– Sua Graça, a real pústula, transformou a vida de Sansa num inferno desde o dia em que o pai dela morreu, e agora que está finalmente livre de Joffrey você propõe casá-la comigo. Isso parece extraordinariamente cruel. Até para o senhor, pai.

– Por quê? Pretende tratá-la mal? – o pai parecia mais curioso do que preocupado. – Minhas intenções não incluem a felicidade da menina, e as suas também não deviam inclui-la. Nossas alianças no sul podem ser sólidas como o Rochedo Casterly, mas resta o norte por conquistar, e a chave para o norte é Sansa Stark.

– Ela não passa de uma criança.

– Sua irmã jura que já floresceu. Se assim for, é uma mulher em condições de se casar. Terá de deflorá-la para que ninguém possa dizer que o casamento não foi consumado. Depois disso, se preferir esperar um ano ou dois antes de voltar a dormir com ela, estará no seu direito de marido.

*Shae é toda a mulher de que preciso no momento*, pensou, *e Sansa é uma garota, diga o que disser.*

– Se a sua intenção com isso é afastá-la dos Tyrell, por que não a devolve à mãe? Isso talvez convencesse Robb Stark a dobrar o joelho.

O olhar de Lorde Tywin era de escárnio.

– Se a mandarmos para Correrrio, a mãe arranjará um casamento com um Blackwood ou um Mallister, para escorar as alianças do filho ao longo do Tridente. Se a mandarmos para norte, estará casada com algum Manderly ou Umber antes da volta da lua. Mas não é menos perigosa aqui na corte, como essa história com os Tyrell demonstra. Ela tem de se casar com um Lannister, e depressa.

– O homem que casar com Sansa Stark pode reclamar Winterfell em seu nome – interveio tio Kevan. – Isso não lhe ocorreu?

– Se não quiser a garota, podemos dá-la a um de seus primos – disse o pai. – Kevan, crê que Lancel está suficientemente forte para se casar?

Sor Kevan hesitou.

– Se levarmos a garota à sua cabeceira, deverá ser capaz de proferir as palavras... mas para a consumação, não... Eu sugeriria um dos gêmeos, mas os Stark detêm ambos em Correrrio. Também têm o filho de Genna, Tion, se for o caso, ele poderia servir.

Tyrion deixou-os desenvolver seu enredo secundário. Sabia que era tudo para ele ouvir. *Sansa Stark*, meditou. A Sansa de falinhas mansas e cheiros doces, que gostava de sedas, canções, cavalaria e cavaleiros altos e galantes com rostos bonitos. Sentia-se de volta à ponte do navio, com o convés se movendo debaixo de seus pés.

– Você me pediu para recompensá-lo por seus atos na batalha – disse Lorde Tywin vivamente. – Isto é uma oportunidade para você, Tyrion, a melhor que provavelmente terá na vida. – Tamborilou impacientemente na mesa com os dedos. – Antigamente tive esperança de casar seu irmão com Lysa Tully, mas Aerys nomeou-o para a sua Guarda Real antes de os preparativos estarem concluídos. Quando sugeri ao Lorde Hoster que

Lysa poderia se casar com você em vez de Jaime, ele respondeu que queria um homem inteiro para a filha.

*Portanto casou-a com Jon Arryn, que tinha idade para ser avô dela*. Tyrion estava mais inclinado a sentir-se agradecido do que zangado, considerando aquilo em que Lysa Arryn se tornara.

– Quando o ofereci a Dorne, foi-me dito que a sugestão era um insulto – prosseguiu Lorde Tywin. – Nos anos seguintes recebi respostas semelhantes de Yohn Royce e Leyton Hightower. Por fim, desci ao ponto de sugerir que poderia aceitar a moça Florent que Robert deflorou na cama de núpcias do irmão, mas o pai preferiu dá-la a um dos cavaleiros de sua guarnição.

"Se não aceitar a garota Stark, vou arranjar outra esposa para você. Em algum lugar, no reino, haverá sem dúvida algum fidalgote que se separará de bom grado de uma filha para conquistar a amizade de Rochedo Casterly. A Senhora Tanda ofereceu Lollys..."

Tyrion estremeceu de susto.

– Preferiria cortá-lo e dá-lo de comer às cabras.

– Então abra os olhos. A garota Stark é nova, núbil, afável, do melhor nascimento e ainda donzela. Não é feia. Por que haveria de hesitar?

*E por quê, realmente?*

– É só uma idiossincrasia minha. É estranho dizê-lo, mas preferiria uma esposa que me queira na sua cama.

– Se acha que as suas rameiras querem você nas camas delas, é um idiota ainda maior do que eu suspeitava – disse Lorde Tywin. – Você me decepciona, Tyrion. Tinha esperança de que essa união lhe agradasse.

– Sim, todos nós sabemos como meu agrado é importante para você, pai. Mas há mais coisas envolvidas nisso. A chave para o Norte, você diz? Agora quem controla o Norte são os Greyjoy, e o Rei Balon tem uma filha. Por que Sansa Stark, e não ela? – Olhou os olhos do pai, frios e verdes, com seus salpicos de ouro.

Lorde Tywin uniu os dedos sob o queixo.

– Balon Greyjoy pensa em termos de saque, não de governo. Que aproveite um outono de coroa e aguente um inverno do norte. Não dará aos súditos motivo para gostar dele. Ao chegar a primavera, os nortenhos estarão fartos de lulas-gigantes. Quando levar o neto de Eddard Stark para casa, para reclamar o seu direito de nascença, tanto os senhores

como o povo se erguerão juntos para instalá-lo no cadeirão de seus ancestrais. Você *é* capaz de engravidar uma mulher, espero eu?

– Creio que sim – disse Tyrion, irritado. – Confesso que não posso provar. Embora ninguém possa dizer que não tentei. Ora, se planto as minhas sementinhas sempre que tenho oportunidade...

– Nas fossas e nas sarjetas – concluiu Lorde Tywin – e em terreno plebeu, onde só ervas bastardas ganham raízes. Já é mais do que hora de manter seu próprio jardim. – Pôs-se em pé. – Nunca terá Rochedo Casterly, garanto. Mas case com Sansa Stark, e é possível que conquiste Winterfell.

*Tyrion Lannister, Senhor Protetor de Winterfell*. A ideia provocou-lhe um estranho arrepio.

– Muito bem, pai – disse lentamente –, mas há uma questão que não estão considerando. Robb Stark é tão *capaz* quanto eu, presume-se, e está prometido a uma daquelas férteis Frey. E assim que o Jovem Lobo gerar uma ninhada, as crias que Sansa trouxer ao mundo não serão herdeiras de nada.

Lorde Tywin não se mostrou preocupado.

– Robb Stark não gerará nenhum filho nessa fértil Frey, tem a minha palavra quanto a isso. Há algumas notícias que não achei por bem partilhar com o conselho, embora os bons senhores irão sem dúvida saber delas em breve. O Jovem Lobo tomou a filha mais velha de Gawen Westerling como esposa.

Por um momento, Tyrion não conseguiu acreditar que ouvira bem o que o pai dissera.

– Ele quebrou a palavra? – disse, incrédulo. – Ele jogou fora os Frey por... – As palavras falharam-lhe.

– Uma donzela de dezesseis anos, chamada Jeyne – disse Sor Kevan. – Lorde Gawen sugeriu-a uma vez para Willem ou Martyn, mas tive de recusar. Gawen é um bom homem, mas sua esposa é Sybell Spicer. Ele nunca devia ter se casado com ela. Os Westerling sempre tiveram mais honra do que bom senso. O avô da Senhora Sybell era um mercador de açafrão e pimenta, de um nascimento quase tão baixo quanto o daquele contrabandista de Stannis. E a avó era uma mulher qualquer que ele trouxe do leste. Uma velha assustadora, supostamente uma sacerdotisa. Chamavam-lhe *Maegi*. Ninguém conseguia pronunciar seu verdadeiro

nome. Metade de Lanisporto ia até ela em busca de curas, poções de amor e coisas do gênero. – Encolheu os ombros. – Ela está morta há muito tempo, é certo. E Jeyne parecia uma doce criança, admito, embora só a tenha visto uma vez. Mas com um sangue tão duvidoso...

Tendo casado uma vez com uma prostituta, Tyrion não podia partilhar inteiramente do horror do tio à ideia de se casar com uma garota cujo bisavô vendia cravos. Mesmo assim... *Uma doce criança*, dissera Sor Kevan, mas muitos eram os venenos que também eram doces. Os Westerling eram de sangue antigo, mas possuíam mais orgulho do que poder. Não o surpreenderia se lhe dissessem que a Senhora Sybell trouxera mais riqueza ao casamento do que o seu esposo bem-nascido. As minas Westerling tinham se esgotado havia anos, suas melhores terras tinham sido vendidas ou perdidas, e o Despenhadeiro era mais ruína do que fortaleza. *Uma ruína romântica, porém, projetando-se ousadamente sobre o mar.*

– Estou surpreso – Tyrion teve de confessar. – Julgava que Robb Stark tinha mais bom senso.

– É um garoto de dezesseis anos – disse Lorde Tywin. – Nessa idade, o senso pouco pesa contra o desejo, o amor e a honra.

– Ele quebrou um juramento, envergonhou um aliado, traiu uma promessa solene. Onde está a honra nisso?

Foi Sor Kevan quem respondeu.

– Ele colocou a honra da garota acima da sua. Depois de deflorá-la, não tinha alternativa.

– Podia ter sido mais gentil deixá-la com um bastardo na barriga – disse Tyrion sem rodeios. Os Westerling arriscavam-se assim a perder tudo; as terras, o castelo, até a própria vida. *Um Lannister sempre paga as suas dívidas.*

– Jeyne Westerling é filha de sua mãe – disse Lorde Tywin – e Robb Stark é filho de seu pai.

Aquela traição Westerling não parecia ter enraivecido o pai tanto quanto Tyrion esperaria. Lorde Tywin não tolerava deslealdades por parte dos vassalos. Extinguira completamente os orgulhosos Reyne de Castamere e os antigos Tarbeck de Solar Tarbeck quando mal deixara de ser um rapaz. Os cantores tinham até feito uma canção bastante lúgubre sobre o assunto. Alguns anos mais tarde, quando Lorde Farman de

Belcastro se tornou truculento, Lorde Tywin enviou um embaixador que levava um alaúde em vez de uma carta. Mas, depois de ouvir “As chuvas de Castamere” ecoando em seu salão, Lorde Farman deixou de causar problemas. E se a canção não bastasse, os castelos destruídos dos Reyne e dos Tarbeck ainda estavam lá, como testemunhos mudos do destino que esperava aqueles que escolhiam escarnecer do poder de Rochedo Casterly.

– O Despenhadeiro não é muito longe de Solar Tarbeck e Castamere – destacou Tyrion. – Seria esperado que os Westerling tivessem passado por esses locais e visto a lição que lá se encontra.

– E talvez o tenham feito – disse Lorde Tywin. – Garanto-lhe que estão bem cientes de Castamere.

– Poderão os Westerling e Spicer ser tão idiotas que creem que o lobo pode derrotar o leão?

Muito de vez em quando, Lorde Tywin Lannister chegava mesmo a ameaçar um sorriso; nunca o fazia, mas a simples ameaça era terrível de contemplar.

– Os maiores idiotas são às vezes mais espertos do que os homens que deles riem – disse, e depois: – Casará com Sansa Stark, Tyrion. E em breve.

# CATELYN

Trouxeram os cadáveres nos ombros e pousaram-nos sob o estrado. O silêncio caiu sobre o salão iluminado por archotes, e nele Catelyn conseguiu ouvir Vento Cinzento uivando a meio castelo de distância. *Ele sente o cheiro do sangue*, pensou. *Através de paredes de pedra e portas de madeira, através da noite e da chuva, mesmo assim reconhece o odor da morte e da ruína.*

Estava à esquerda de Robb, junto ao cadeirão, e por um momento sentiu-se quase como se estivesse olhando seus próprios mortos, Bran e Rickon. Aqueles rapazes eram muito mais velhos, mas a morte encolhera-os. Nus e molhados, pareciam umas coisinhas tão pequenas e tão imóveis que era difícil lembrar deles com vida.

O rapaz louro andava tentando deixar crescer uma barba. Uma penugem amarelo-clara cobria suas bochechas e seu queixo por cima da ruína vermelha em que a faca transformou a sua garganta. Seus longos cabelos dourados ainda estavam molhados, como se tivesse sido arrancado de um banho. A expressão era a de quem havia morrido em paz, talvez dormindo, mas seu primo de cabelos castanhos tinha lutado pela vida. Seus braços exibiam cortes onde havia tentado parar as lâminas, e gotas vermelhas ainda pingavam das punhaladas que lhe cobriam o peito, a barriga e as costas como outras tantas bocas sem língua, embora a chuva o tivesse lavado quase por completo.

Robb tinha posto a coroa antes de entrar na sala, e o bronze brilhava, escuro, à luz dos archotes. Sombras esconderam seus olhos quando observou os mortos. *Será que ele também vê Bran e Rickon?* Catelyn poderia ter chorado, mas já não lhe restavam lágrimas. Os rapazes mortos estavam pálidos devido ao longo encarceramento, e ambos eram de tez clara; contra a pele lisa e branca, o sangue era chocantemente rubro, insuportável de contemplar. *Será que irão colocar Sansa nua sob o Trono de Ferro depois de a matarem? Irá sua pele parecer assim tão*

*branca, seu sangue tão vermelho?* Do exterior chegavam o ruído contínuo da chuva e os inquietos uivos de um lobo.

O irmão, Edmure, estava à direita de Robb, com uma mão apoiada no espaldar da cadeira do pai, e o rosto ainda inchado de sono. Tinham-no acordado, tal como a ela, batendo em sua porta, na noite cerrada, para arrancá-lo rudemente dos sonhos. *Eram bons sonhos, irmão? Sonha com a luz do sol, com risos e com os beijos de uma donzela? Rezo para que sim*. Os sonhos dela eram escuros e fustigados por terrores.

Os capitães e senhores vassalos de Robb espalhavam-se pelo salão, alguns armados e com as cotas de malha vestidas, outros em vários estados de desalinho e nudez. Sor Raynald e o tio, Sor Rolph, encontravam-se entre eles, mas Robb tinha achado por bem poupar sua rainha daquela monstruosidade. *O Despenhadeiro não fica longe de Rochedo Casterly*, recordou Catelyn. *Jeyne pode perfeitamente ter brincado com esses garotos quando eram crianças.*

Voltou a baixar o olhar para os cadáveres dos escudeiros Tion Frey e Willem Lannister, e esperou que o filho falasse.

Pareceu passar-se muito tempo até que Robb erguesse o olhar dos mortos ensanguentados.

– Pequeno-Jon – disse –, diga ao seu pai que os traga. – Sem uma palavra, Pequeno-Jon Umber virou-se para obedecer, com os passos ecoando no grande salão de pedra.

Enquanto Grande-Jon introduzia os prisioneiros na sala, Catelyn notou o modo como alguns dos outros homens recuavam para lhes dar espaço, como se a traição pudesse de algum modo ser transmitida por um toque, um olhar, um pouco de tosse. Os captores e os cativos eram muito parecidos; homens grandes, todos eles, com barbas espessas e cabelos compridos. Dois dos homens de Grande-Jon estavam feridos, e três de seus prisioneiros também. Só o fato de alguns terem lanças e outros bainhas vazias os distinguia. Todos usavam camisões de cota de malha ou camisas de anéis cosidos, com botas pesadas e mantos grossos, alguns de lã, outros de peles. *O Norte é duro e frio, e não tem misericórdia*, Ned tinha lhe dito quando ela veio a Winterfell pela primeira vez, mil anos antes.

– Cinco – disse Robb quando os prisioneiros foram postos à sua frente, molhados e silenciosos. – São todos?

– Eram oito – trovejou Grande-Jon. – Matamos dois quando os capturamos e um terceiro está agora agonizando.

Robb estudou o rosto dos presos.

– Foram precisos oito de vocês para matar dois escudeiros desarmados.

Edmure Tully interveio.

– Eles também assassinaram dois de meus homens para chegar à torre. Delp e Elwood.

– Não foi assassinato, sor – disse Lorde Rickard Karstark, que não se mostrava mais derrotado pela corda que prendia seus pulsos do que pelo sangue que corria por seu rosto. – Qualquer homem que se interponha entre um pai e a sua vingança está pedindo a morte.

As palavras dele ressoaram nos ouvidos de Catelyn, duras e cruéis, como o bater de um tambor de guerra. Sua garganta estava completamente seca. *Fui eu que fiz isso. Estes dois rapazes morreram para que minhas filhas pudessem sobreviver.*

– Eu vi seus filhos morrerem naquela noite no Bosque dos Murmúrios – disse Robb ao Lorde Karstark. – Tion Frey não matou Torrhen. Willem Lannister não tirou a vida de Eddard. Assim, como pode chamar isso de vingança? Isso foi uma loucura, e um assassinato sangrento. Seus filhos morreram honradamente no campo de batalha, de espada nas mãos.

– Eles *morreram* – disse Rickard Karstark, sem ceder um milímetro. – O Regicida abateu-os. Estes dois eram da laia dele. Só sangue pode pagar sangue.

– O sangue de crianças? – Robb apontou para os cadáveres. – Que idade eles tinham? Doze anos, treze? *Escudeiros*.

– Morrem escudeiros em todas as batalhas.

– Sim, morrem lutando. Tion Frey e Willem Lannister entregaram as espadas no Bosque dos Murmúrios. Eram prisioneiros, trancados numa cela, adormecidos, desarmados... garotos. *Olhe para eles!*

Lorde Kastark preferiu olhar para Catelyn.

– Diga à sua mãe para olhar para eles – falou. – Ela matou-os tanto quanto eu.

Catelyn apoiou uma mão no espaldar da cadeira de Robb. O salão pareceu girar à sua volta. Sentiu-se prestes a vomitar.

– Minha mãe não teve nada a ver com isso – disse Robb, irritado. – Isso foi obra sua. O assassinato foi seu. A *traição* foi sua.

– Como pode ser traição matar Lannisters quando não é traição libertá-los? – perguntou rudemente Karstark. – Vossa Graça esqueceu-se de que estamos em guerra com o Rochedo Casterly? Na guerra, matam-se os inimigos. Seu pai não lhe ensinou isso, rapaz?

– *Rapaz?* – com o punho revestido de cota de malha, Grande-Jon deu uma bofetada que deixou Rickard Karstark de joelhos.

– Deixe-o! – a voz de Robb ressoou com autoridade. Umber afastou-se do cativo.

Lorde Karstark cuspiu um dente.

– Sim, Lorde Umber, deixe-me para o rei. Ele pretende me dar uma descompostura antes de me perdoar. É assim que ele lida com a traição, o nosso Rei no Norte. – Sorriu um sorriso úmido e vermelho. – Ou será que devo chamá-lo de Rei que perdeu o Norte, Vossa Graça?

Grande-Jon tirou uma lança das mãos do homem que estava ao seu lado e ergueu-a sobre o ombro.

– Deixe-me atravessá-lo, senhor. Deixe-me abrir a barriga dele para vermos a cor de suas tripas.

As portas do salão abriram-se com estrondo, e Peixe Negro entrou com água escorrendo do manto e do elmo. Homens de armas Tully seguiram-no, enquanto lá fora relâmpagos cruzavam o céu e uma chuva forte e negra assolava as pedras de Correrrio. Sor Brynden tirou o elmo e caiu sobre um joelho.

– Vossa Graça – foi tudo que disse, mas seu tom lúgubre falava por si.

– Ouvirei em privado o que Sor Brynden tem a dizer, na sala de audiências. – Robb levantou-se. – Grande-Jon, mantenha Lorde Karstark aqui até a minha volta, e enforque os outros sete.

Grande-Jon abaixou a lança.

– Até os mortos?

– Sim. Não quero essa gente conspurcando os rios do senhor meu tio. Que alimentem os corvos.

Um dos prisioneiros ajoelhou-se.

– Misericórdia, senhor. Eu não matei ninguém, fiquei só à porta, de vigia, por causa dos guardas.

Robb refletiu naquilo por um momento.

– Conhecia as intenções de Lorde Rickard? Viu as facas desembainhadas? Ouviu os gritos, as súplicas de misericórdia?

– Sim, mas não participei. Era só o vigia, juro...

– Lorde Umber – disse Robb –, este era só o vigia. Enforque-o por último, para que possa vigiar a morte dos outros. Mãe, tio, venham comigo, por favor. – Deu as costas enquanto os homens de Grande-Jon cerravam fileiras em volta dos prisioneiros e os levavam do salão sob a ameaça de lanças. Lá fora, os trovões ribombavam e estrondeavam, tão alto que parecia que o castelo estava ruindo em volta de seus ouvidos. *Será este o som de um reino desmoronando?*, perguntou Catelyn a si mesma.

Estava escuro dentro da sala de audiências, mas pelo menos o som dos trovões era abafado por mais uma parede de pedra. Um criado entrou com uma candeia de azeite para acender a lareira, mas Robb mandou-o embora e ficou com a candeia. Havia mesas e cadeiras, mas só Edmure se sentou, e levantou-se quando percebeu que os outros permaneceram em pé. Robb tirou a coroa e pousou-a na mesa, à sua frente.

Peixe Negro fechou a porta.

– Os Karstark desapareceram.

– Todos? – seria ira ou desespero o que pesava daquela maneira na voz de Robb? Nem mesmo Catelyn tinha certeza.

– Todos os guerreiros – respondeu Sor Brynden. – Algumas seguidoras de acampamento e criados foram deixados com os feridos. Interrogamos tantos quantos foram necessários para nos certificarmos da verdade. Começaram a partir ao cair da noite, escapando a princípio um a um ou dois a dois, e depois em grupos maiores. Foi ordenado aos feridos e criados que mantivessem as fogueiras acesas para que ninguém soubesse que tinham partido, mas depois que começou a chover, deixou de valer a pena.

– Irão voltar a se agrupar longe de Correrrio? – perguntou Robb.

– Não. Espalharam-se, à caça. Lorde Karstark jurou oferecer a mão de sua filha donzela a qualquer homem, bem ou malnascido, que lhe traga a cabeça do Regicida.

*Que os deuses nos valham*. Catelyn voltou a sentir náuseas.

– Quase trezentos cavaleiros e duas vezes mais montarias desaparecidos na noite. – Robb esfregou as têmporas, no local onde a coroa havia deixado sua marca, na pele macia acima das orelhas. – Todas as forças de cavalaria de Karhold, perdidas.

*Perdidas por mim. Por mim, que os deuses me perdoem*. Catelyn não precisava ser um soldado para compreender a armadilha em que Robb se encontrava. Por ora, controlava as terras fluviais, mas seu reino estava cercado de inimigos por todos os lados, exceto pelo leste, onde Lysa se empoleirava em seu cume de montanha. Até o Tridente estava pouco seguro desde que o Senhor da Travessia retirara sua fidelidade. *E agora perdemos também os Karstark...*

– Nem uma palavra sobre isso deve sair de Correrrio – disse Edmure. – Lorde Tywin faria... os Lannister pagam as suas dívidas, sempre dizem isso. Que a Mãe nos guarde quando ele souber.

*Sansa*. As unhas de Catelyn enterraram-se na carne macia das palmas de suas mãos, tal foi a força com que cerrou os punhos.

Robb lançou a Edmure um frio olhar.

– Quer me transformar num mentiroso além de um assassino, tio?

– Não precisamos falar nenhuma falsidade. Basta não dizer nada. Enterramos os rapazes e permanecemos em silêncio até o fim da guerra. Willem era filho de Sor Kevan Lannister e sobrinho de Lorde Tywin. Tion era filho da Senhora Genna, *e* um Frey. Temos também de manter a notícia longe das Gêmeas, até...

– ... até conseguirmos trazer os assassinados de volta à vida? – disse Brynden Peixe Negro em tom cortante. – A verdade fugiu com os Karstark, Edmure. É tarde demais para esses jogos.

– Devo a seus pais a verdade – disse Robb. – E a justiça. Também lhes devo isso. – Fitou a coroa, o brilho escuro do bronze, o círculo de espadas de ferro. – Lorde Rickard desafiou-me. Traiu-me. Não tenho escolha a não ser condená-lo. Só os deuses sabem o que fará a infantaria Karstark que está com Roose Bolton quando lhes chegar a notícia de que executei seu suserano por traição. Bolton precisa ser prevenido.

– O herdeiro de Lorde Karstark também estava em Harrenhal – recordou-lhe Sor Brynden. – O filho mais velho, aquele que os Lannister capturaram no Ramo Verde.

– Harrion. Chama-se Harrion. – Robb soltou uma gargalhada amarga. – Um rei faz bem em conhecer o nome de seus inimigos, não acha?

Peixe Negro lançou-lhe um olhar astuto.

– Sabe disso com certeza? Que isso fará do jovem Karstark seu inimigo?

– O que mais poderá acontecer? Estou prestes a matar o pai dele, não é provável que me agradeça.

– Pode agradecer. Há filhos que odeiam os pais, e com um só golpe estará transformando-o no Senhor de Karhold.

Robb balançou a cabeça.

– Mesmo se Harrion fosse esse tipo de homem, nunca poderia perdoar abertamente o homem que matou seu pai. Seus próprios homens iriam se voltar contra ele. Estamos falando de *nortenhos*, tio. O Norte tem memória.

– Então perdoe-o – sugeriu Edmure Tully.

Robb fitou-o com franca incredulidade.

Sob aquele olhar, o rosto de Edmure corou.

– Poupe sua vida, quero dizer. Não gosto mais da ideia do que você, senhor. Ele também matou homens meus. O pobre Delp tinha acabado de se recuperar do ferimento que Sor Jaime lhe infligiu. Karstark deve ser punido, certamente. Mantenha-o acorrentado.

– Um refém? – disse Catelyn. *Poderia ser melhor...*

– Sim, um refém! – o irmão tomou a sua reflexão por concordância. – Diga ao filho que, desde que permaneça leal, o pai não será maltratado. Caso contrário... agora não temos esperança de reconquistar os Frey, nem que eu me oferecesse para casar com *todas* as filhas de Lorde Walder e transportasse sua liteira. Se também perdermos os Karstark, que esperança nos restará?

– Que esperança... – Robb suspirou, afastou os cabelos dos olhos e disse: – Nada nos chegou de Sor Rodrik no norte, nenhuma resposta veio de Walder Frey à nossa nova oferta, recebemos apenas silêncio do Ninho da Águia. – Apelou à mãe. – Sua irmã não nos responderá nunca? Quantas vezes terei de lhe escrever? Não quero acreditar que *nenhuma* das aves chegou até ela.

Catelyn percebeu que o filho queria ser confortado; queria que ela lhe dissesse que tudo ficaria bem. Mas seu rei precisava da verdade.

– As aves chegaram ao Ninho da Águia. Embora ela possa lhe dizer que não, se alguma vez chegarem a falar do assunto. Não espere ajuda desse lado, Robb. Lysa nunca foi corajosa. Quando éramos meninas, ela fugia e escondia-se sempre que fazia algo errado. Talvez pensasse que o senhor nosso pai esqueceria de se zangar com ela caso não fosse capaz de

encontrá-la. Agora é a mesma coisa. Ela fugiu de Porto Real por medo, para o lugar mais seguro que conhece, e recolhe-se em sua montanha com a esperança de que todos a esqueçam.

– Os cavaleiros do Vale poderiam fazer toda a diferença nesta guerra – disse Robb –, mas se ela não quer lutar, que assim seja. Só lhe pedi que nos abrisse o Portão Sangrento e nos desse navios em Vila Gaivotas para nos levar ao norte. A estrada de altitude seria difícil, mas não tão difícil quanto abrir caminho pelo Gargalo lutando. Se conseguisse desembarcar em Porto Branco, poderia flanquear Fosso Cailin e expulsar os homens de ferro do norte em meio ano.

– Isso não acontecerá, senhor – disse Peixe Negro. – Cat tem razão. A Senhora Lysa é temerosa demais para deixar entrar um exército no Vale. *Qualquer* exército. O Portão Sangrento permanecerá fechado.

– Então que os Outros a levem – praguejou Robb, numa fúria causada pelo desespero. – E o maldito Rickard Karstark também. E Theon Greyjoy, Walder Frey, Tywin Lannister e todos os outros. Pela bondade dos deuses, por que alguém haveria de querer ser rei? Quando todos estavam gritando *Rei no Norte, Rei no Norte*, eu disse a mim mesmo... *jurei* a mim mesmo... que seria um bom rei, tão honrado quanto o pai, forte, justo, leal para com os meus amigos e bravo quando enfrentasse os inimigos... agora sequer sei distingui-los uns dos outros. Como foi que tudo isso ficou tão *confuso*? Lorde Rickard lutou ao meu lado em meia dúzia de batalhas. Os filhos dele morreram por mim no Bosque dos Murmúrios. Tion Frey e Willem Lannister eram meus inimigos. Mas agora tenho de matar o pai de meus amigos mortos por causa deles. – Olhou-os. – Os Lannister vão me agradecer pela cabeça de Lorde Rickard? E os Frey?

– Não – disse Brynden Peixe Negro, direto como sempre.

– Mais um motivo para poupar a vida de Lorde Rickard e mantê-lo como refém – insistiu Edmure.

Robb estendeu ambas as mãos para baixo, ergueu a pesada coroa de bronze e ferro e voltou a colocá-la na cabeça, e de repente era um rei novamente.

– Lorde Rickard morre.

– Mas *por quê*? – perguntou Edmure. – Foi você mesmo que disse...

– Eu sei o que disse, tio. Não muda o que tenho de fazer. – As espadas de sua coroa encostavam-se, rígidas e negras, contra a sua testa. – Em batalha poderia ter matado Tion e Willem em pessoa, mas isso não foi uma batalha. Eles estavam dormindo em suas camas, nus e desarmados, na cela em que os coloquei. Rickard Karstark matou mais do que um Lannister e um Frey. *Matou a minha honra*. Tratarei dele à alvorada.

Quando o dia nasceu, cinzento e gelado, a tempestade se reduzira a uma chuva contínua, mesmo assim o bosque sagrado estava repleto de gente. Senhores do rio e nortenhos, de alto e baixo nascimento, cavaleiros, mercenários e cavalariços espalhavam-se entre as árvores para ver o fim da dança negra da noite. Edmure dera ordens, e um cepo de carrasco fora colocado em frente à árvore-coração. Chuva e folhas caíam em volta deles quando os homens de Grande-Jon atravessaram a multidão com Lorde Rickard Karstark, ainda de mãos atadas. Seus homens já pendiam das grandes muralhas de Correrrio, balançando na ponta de longas cordas enquanto a chuva lhes lavava o rosto que enegrecia.

Lew Longo esperava ao lado do cepo, mas Robb tirou o machado de sua mão e ordenou-lhe que se afastasse.

– Isso é tarefa minha – disse. – Ele morre por ordem minha. Deve morrer por minhas mãos.

Lorde Rickard Karstark inclinou rigidamente a cabeça.

– Por isso lhe agradeço. Mas por mais nada. – Vestira-se para a morte com uma longa túnica negra de lã, decorada com o resplendor branco de sua Casa. – O sangue dos Primeiros Homens corre tanto nas minhas veias quanto nas suas, rapaz. Faria bem em se lembrar disso. Fui batizado em honra de seu avô. Convoquei meus vassalos contra o Rei Aerys por seu pai, e contra o Rei Joffrey por você. Em Cruzaboi, no Bosque dos Murmúrios e na Batalha dos Acampamentos cavalguei ao seu lado, e acompanhei Lorde Eddard no Tridente. Somos parentes, os Stark e os Karstark.

– Esse parentesco não o impediu de me trair – disse Robb. – E não o salvará agora. Ajoelhe-se, senhor.

Catelyn sabia que Lorde Karstark falara a verdade. Os Karstark traçavam sua genealogia até Karlon Stark, um filho mais novo de Winterfell que derrubou um senhor rebelde mil anos antes e a quem

tinham sido concedidas terras por seu valor. O castelo que construíra fora chamado Karls Hold, mas logo transformou-se em Karhold, e, ao longo dos séculos, os Stark de Karhold foram se transformando em Karstark.

– Segundo os deuses antigos ou modernos, não faz diferença – Lorde Rickard disse ao filho dela –, não há homem mais amaldiçoado do que aquele que mata parentes.

– Ajoelhe-se, traidor – voltou a dizer Robb. – Ou terei de ordenar-lhes que empurrem a sua cabeça contra o cepo?

Lorde Karstark se ajoelhou.

– Os deuses vão julgá-lo, tal como você me julgou. – Deitou a cabeça no cepo.

– Rickard Karstark, Senhor de Karhold. – Robb ergueu o pesado machado com ambas as mãos. – Aqui, à vista dos deuses e dos homens, considero-o culpado de assassinato e alta traição. Em meu nome o condeno. Com as minhas mãos tiro a sua vida. Quer dizer uma última palavra?

– Mate-me, e que seja amaldiçoado. Não é o meu rei.

O machado caiu. Pesado e bem afiado, matou em um único golpe, mas foram precisos três para separar a cabeça do corpo, e quando tudo terminou, tanto os vivos como o morto estavam encharcados de sangue. Robb atirou o machado ao chão, enojado, e virou-se para a árvore-coração sem dizer uma palavra. E ali ficou, tremendo e com as mãos semicerradas e a chuva correndo por seu rosto. *Que os deuses o perdoem*, rezou Catelyn em silêncio. *Ele é só um rapaz, e não tinha alternativa*.

Não voltou a ver o filho naquele dia. A chuva prosseguiu ao longo de toda a manhã, açoitando a superfície dos rios e transformando a relva do bosque sagrado em lama e poças. Peixe Negro reuniu uma centena de homens e saiu em busca de Karstarks, mas ninguém esperava que trouxesse muitos de volta.

– Só rezo para não ter de enforcá-los – disse ao partir. Quando foi embora, Catelyn retirou-se para o aposento privado do pai, para sentar-se novamente à cabeceira de Lorde Hoster.

– Não durará muito mais – preveniu-a Meistre Vyman quando apareceu naquela tarde. – Suas últimas forças estão se esgotando, embora ainda tente lutar.

– Sempre foi um lutador – disse ela. – Um homem teimoso e querido.

– Sim – disse o meistre –, mas esta é uma batalha que não pode ganhar. É hora de pousar a espada e o escudo. É hora de se render.

*De se render*, pensou ela, *de fazer a paz*. O meistre estaria falando de seu pai ou de seu filho?

Ao cair da noite, Jeyne Westerling veio visitá-la. A jovem rainha entrou timidamente no aposento privado.

– Senhora Catelyn, não quero incomodá-la...

– É muito bem-vinda aqui, Vossa Graça. – Catelyn estava bordando, mas pôs a agulha de lado.

– Por favor. Chame-me de Jeyne. Não me sinto como uma Graça.

– E, no entanto, é o que é. Por favor, venha sentar-se, Vossa Graça.

– Jeyne. – Ela sentou-se junto à lareira e alisou ansiosamente a saia.

– Como quiser. Como posso servi-la, Jeyne?

– É Robb – disse a garota. – Ele está tão infeliz, tão... tão zangado e desconsolado. Não sei o que fazer.

– Tirar a vida de um homem é uma coisa dura.

– Eu sei. Disse-lhe que devia usar um carrasco. Quando Lorde Tywin envia um homem para a morte, tudo que faz é dar a ordem. Assim é mais fácil, não acha?

– Sim – disse Catelyn –, mas o senhor meu esposo ensinou aos filhos que matar nunca deve ser fácil.

– Oh. – A Rainha Jeyne umedeceu os lábios. – Robb não comeu o dia inteiro. Mandei que Rollam lhe levasse um bom jantar, costelas de javali com cebolas cozidas e cerveja, mas nem tocou no prato. Passou a manhã inteira escrevendo uma carta e disse-me para não incomodá-lo, mas quando a carta ficou pronta, queimou-a. Agora está sentado, olhando uns mapas. Perguntei-lhe o que procurava, mas não me respondeu. Acho que nem sequer me ouviu. Nem quis mudar de roupa. Passou o dia inteiro molhado e ensanguentado. Eu quero ser uma boa esposa para ele, quero mesmo, mas não sei como ajudar. Não sei como animá-lo ou reconfortá-lo. Não sei de que *precisa*. Por favor, senhora, é a mãe dele, diga-me o que devo fazer.

*Diga-me o que devo fazer*. Catelyn poderia fazer a mesma pergunta, se seu pai estivesse em condições de responder. Mas Lorde Hoster tinha partido, ou estava perto disso. O seu Ned também. *E também Bran e*

*Rickon, e a mãe, e Brandon, há tanto tempo*. Só lhe restava Robb, Robb e a esperança que se desvanecia de recuperar as filhas.

– Às vezes – disse Catelyn lentamente –, a melhor coisa que podemos fazer é nada. Quando cheguei a Winterfell, sentia-me magoada sempre que Ned ia ao bosque sagrado e lá se sentava sob a árvore-coração. Sabia que parte de sua alma estava naquela árvore, uma parte que eu nunca partilharia. Mas rapidamente percebi que sem essa parte ele não teria sido Ned. Jeyne, filha, você casou com o Norte, tal como eu fiz... e no Norte os invernos chegam. – Tentou sorrir. – Seja paciente. Seja compreensiva. Ele a ama e precisa de você, e voltará para você bem depressa. Talvez nesta mesma noite. Procure estar lá quando ele fizer isso. É tudo que posso lhe dizer.

A jovem rainha escutou, arrebatada.

– Estarei – disse, quando Catelyn terminou. – Estarei lá. – Pôs-se em pé. – Devia voltar. Ele pode ter sentido a minha falta. Verei. Mas se ainda estiver com os seus mapas, serei paciente.

– Faça isso – disse Catelyn, mas quando a garota chegou à porta, lembrou-se de mais uma coisa. – Jeyne – chamou-a –, há algo mais que Robb precisa de você, embora ele próprio talvez não saiba ainda. Um rei precisa de um herdeiro.

A garota sorriu ao ouvir aquilo.

– Minha mãe diz o mesmo. Ela faz uma poção para mim, com ervas, leite e cerveja, para ajudar a me tornar fértil. Bebo todas as manhãs. Disse a Robb que tenho certeza de que vou lhe dar gêmeos. Um Eddard e um Brandon. Ele gostou da ideia, acho eu. Nós... nós tentamos quase todos os dias, senhora. Certos dias duas vezes ou mais. – A garota corou de uma forma encantadora. – Vou esperar um bebê em breve, prometo. Rezo à nossa Mãe no Céu todas as noites.

– Muito bem. Juntarei também as minhas preces. Aos velhos deuses *e* aos novos.

Depois que a garota saiu, Catelyn voltou para junto do pai e alisou os finos cabelos brancos por cima da testa.

– Um Eddard e um Brandon – suspirou em voz baixa. – E talvez, a seu tempo, um Hoster. Gostaria disso? – ele não respondeu, mas ela nunca tinha esperado que respondesse. Enquanto o som da chuva no telhado se misturava com a respiração do pai, pensou em Jeyne. A garota realmente

parecia ter bom coração, como Robb dissera. *E boas ancas, o que pode vir a ser mais importante.*

## JAIME

Há dois dias de viagem, para ambos os lados da estrada do rei, entraram numa larga faixa de destruição, quilômetros de campos e pomares enegrecidos, onde os troncos de árvores mortas se projetavam para o ar como postes de arqueiro. As pontes também estavam queimadas, e os riachos seguiam cheios pelas chuvas do outono, de modo que tinham de patrulhar as margens em busca de vaus. As noites estremeciam com os uivos dos lobos, mas não viam ninguém.

Em Lagoa da Donzela, o salmão vermelho de Lorde Mooton ainda flutuava sobre o castelo em sua colina, mas as muralhas da vila encontravam-se desertas, os portões, derrubados, metade das casas e lojas, incendiada ou saqueada. Não viram nenhum ser vivo exceto um punhado de cães selvagens, que escapuliram ao ouvir sua aproximação. A lagoa que deu à vila seu nome, onde a lenda dizia que Florian, o Bobo, pela primeira vez vislumbrara Jonquil banhando-se com as irmãs, estava de tal maneira repleta de cadáveres em decomposição que a água se tranformara numa sopa escura, de cor cinza-esverdeada.

Jaime deu uma olhada e começou a cantar.

– *Cinco donzelas havia numa lagoa de nascente...*

– O que está *fazendo*? – quis saber Brienne.

– Estou cantando "Seis donzelas na lagoa", certamente já ouviu a canção. E que donzelinhas tímidas elas eram. Muito parecidas com você. Embora um tanto mais belas, aposto.

– Silêncio – disse a moça, com um olhar que sugeria que adoraria deixá-lo flutuando na lagoa entre os cadáveres.

– Por favor, Jaime – suplicou o primo Cleos. – Lorde Mooton está juramentado a Correrrio, não queremos atrai-lo para fora de seu castelo. E pode haver outros inimigos escondidos nas ruínas...

– Inimigos dela ou nossos? Não são os mesmos, primo. Tenho um forte desejo de ver se a garota sabe usar aquela espada que transporta.

– Se não ficar em silêncio, não me deixa escolha a não ser amordaçá-lo, Regicida.

– Desacorrente minhas mãos, e eu brincarei de mudo até chegarmos a Porto Real. O que poderia ser mais justo do que isso, garota?

– *Brienne!* Meu nome é *Brienne!* – três corvos levantaram voo, assustados pelo ruído.

– Não quer tomar um banho, Brienne? – soltou uma gargalhada. – É uma donzela, e ali está a lagoa. Eu lavo suas costas. – Costumava esfregar as costas de Cersei, quando éramos crianças no Rochedo Casterly.

A garota virou a cabeça do cavalo e afastou-se a trote. Jaime e Sor Cleos seguiram-na para fora das cinzas de Lagoa da Donzela. Um quilômetro e meio adiante, o verde começou a voltar ao mundo. Jaime sentiu-se satisfeito. As terras queimadas faziam-lhe lembrar Aerys em excesso.

– Ela está seguindo a estrada de Valdocaso – murmurou Sor Cleos. – Seria mais seguro seguir pela costa.

– Mais seguro, mas mais lento. Eu sou favorável a Valdocaso, primo. Para falar a verdade, sua companhia aborrece-me. – *Pode ser meio Lannister, mas não tem nada a ver com a minha irmã.*

Nunca tinha conseguido suportar estar muito tempo separado de sua gêmea. Até quando crianças, costumavam enfiar-se nas camas um do outro e dormir de braços entrelaçados. *Até no ventre*. Muito antes de a irmã florescer ou do advento de sua própria masculinidade, tinham visto éguas e garanhões nos campos e cães e cadelas nos canis e brincado de fazer o mesmo. Uma vez, a aia da mãe pegou-os no ato... não se lembrava bem do que estavam fazendo, mas, fosse o que fosse, havia horrorizado a Senhora Joanna. Ela mandou a aia embora, mudou o quarto de Jaime para o outro lado de Rochedo Casterly, colocou um guarda à porta do de Cersei e disse-lhes que não podiam voltar a fazer aquilo *nunca mais*, caso contrário não teria alternativa e seria obrigada a contar ao senhor pai deles. Mas não precisariam ter medo. Aquilo fora um pouco antes de ela morrer ao dar à luz Tyrion. Jaime quase nem se lembrava do rosto da mãe.

Stannis Baratheon e os Stark talvez lhe tivessem feito um favor. Tinham espalhado a sua história de incesto por todos os Sete Reinos,

portanto nada mais havia a esconder. *Por que não devo me casar abertamente com Cersei e dividir a cama com ela todas as noites? Os dragões sempre se casavam com as irmãs.* Septões, senhores e povo tinham fechado os olhos aos Targaryen durante centenas de anos, que fizessem o mesmo com a Casa Lannister. Certamente devastaria a pretensão de Joffrey ao trono, mas no fim das contas tinham sido as espadas que conquistaram o Trono de Ferro para Robert, e espadas também podiam manter Joffrey lá, independente de que semente havia lhe dado origem. *Poderíamos casá-lo com Myrcella, depois de enviarmos Sansa Stark de volta à mãe. Isso mostraria ao reino que os Lannister estão acima das leis deles, tal como os deuses e os Targaryen.*

Jaime tinha decidido que *iria* devolver Sansa e a garota mais nova também, se fosse possível encontrá-la. Não era coisa que lhe reconquistasse a honra perdida, mas a ideia de cumprir com a palavra dada quando todos esperavam uma traição divertia-o mais do que seria capaz de exprimir.

Passavam por um campo de trigo espezinhado e um muro baixo de pedra quando Jaime ouviu um suave *frum* vindo de trás, como se uma dúzia de aves tivessem levantado voo ao mesmo tempo.

– Para baixo! – gritou, atirando-se sobre o pescoço do cavalo. O castrado relinchou e empinou-se quando uma flecha o atingiu na garupa. Outras flechas passaram assobiando por eles. Jaime viu Sor Cleos cair da sela, torcendo-se quando seu pé ficou preso no estribo. Seu palafrém fugiu, e o Frey passou por eles arrastado, aos gritos, com a cabeça batendo contra o chão.

O castrado de Jaime arrastou-se pesadamente, bufando e resfolegando de dor. Esticou a cabeça para procurar Brienne. Ainda estava montada, com uma flecha alojada nas costas e outra na perna, mas parecia não senti-las. Viu-a puxar a espada e descrever um círculo, em busca dos arqueiros.

– *Atrás do muro* – gritou Jaime, lutando para virar a sua montaria meio cega de volta à luta. As rédeas emaranhavam-se em suas malditas correntes, e o ar estava de novo repleto de flechas. – *Avançar!* – gritou, esporeando para mostrar à mulher como se fazia. Em algum canto, o velho e coitado cavalo encontrou um sopro de velocidade. De repente, dispararam pelo campo de trigo, fazendo voar nuvens de palha. Jaime só

teve tempo suficiente para pensar: *É melhor que a garota me siga antes que eles percebam que quem avança sobre eles é um homem desarmado e acorrentado.* Então ouviu-a vindo de trás em grande velocidade.

– *Entardecer!* – gritou ela, quando seu cavalo de tração passou por Jaime trovejando. Brandia a espada. – Tarth! Tarth!

Algumas últimas flechas passaram inofensivamente por eles; então os arqueiros se separaram e fugiram, como os arqueiros sem reforço sempre faziam diante do ataque de cavaleiros. Brienne refreou o cavalo junto ao muro. Quando Jaime chegou ao seu lado, todos os arqueiros tinham desaparecido na floresta, vinte metros adiante.

– Perdeu o gosto pela batalha?

– Eles estavam fugindo.

– Essa é a melhor hora para matá-los.

Ela embainhou a espada.

– Por que você atacou?

– Os arqueiros são destemidos desde que possam se esconder atrás de muros e disparar de longe, mas, se são atacados, fogem. Sabem o que lhes acontece quando são apanhados. Você tem uma flecha nas costas, sabia? E outra na perna. Devia me deixar tratar delas.

– Você?

– Se não for eu, quem será? Da última vez que vi primo Cleos, o palafrém estava usando a cabeça dele para arar um sulco. Apesar disso, suponho que deveríamos ir à sua procura. Ele *é* uma espécie de Lannister.

Encontraram Cleos ainda preso ao estribo. Tinha uma flecha espetada no braço direito e uma segunda no peito, mas fora o chão que dera cabo dele. O topo da cabeça estava empastado de sangue e mole ao toque, e pedaços de osso partido moviam-se por baixo da pele, sob a pressão da mão de Jaime.

Brienne ajoelhou-se e pegou na mão dele.

– Ainda está quente.

– Esfriará em breve. Quero o cavalo e as roupas dele. Estou farto de farrapos e moscas.

– Ele era seu primo. – A moça estava chocada.

– *Era* – concordou Jaime. – Não se preocupe, possuo ampla provisão de primos. Também quero a espada dele. Precisará de alguém com quem dividir as vigias.

– Pode ficar de vigia sem armas. – A garota levantou.

– Acorrentado a uma árvore? Talvez possa. Ou talvez possa negociar à minha maneira com o próximo bando de fora da lei e os deixe cortar esse seu grosso pescoço, garota.

– Não vou armá-lo. E meu nome é...

– Brienne, já sei. Eu prestaria o juramento de não lhe fazer mal, se isso atenuasse os seus medos de menina.

– Seus juramentos não têm qualquer valor. Prestou um juramento a Aerys.

– Que eu saiba, você não cozinhou ninguém dentro de sua armadura. E ambos queremos que eu chegue a Porto Real em segurança e inteiro, não queremos? – Acocorou-se ao lado de Cleos e começou a desafivelar o cinto dele.

– Afaste-se. Já. Pare com isso.

Jaime estava cansado. Cansado das suspeitas dela, cansado de seus insultos, cansado de seus dentes tortos, de seu rosto largo e manchado e daqueles seus cabelos finos e sem vida. Ignorando os protestos da garota, pegou com ambas as mãos no cabo da espada do primo, prendeu o cadáver ao chão com o pé e puxou. No momento em que a lâmina deslizou para fora da bainha, já estava rodopiando, trazendo a espada à sua volta e para cima num rápido e mortífero arco. Aço encontrou aço com um ressonante *clang* de fazer tremer os ossos. Sem que ele soubesse como, Brienne puxou a própria lâmina bem a tempo. Jaime riu.

– Muito bem, garota.

– Dê-me a espada, Regicida.

– Ah, darei. – Pôs-se em pé como uma mola, e arremeteu contra ela, com a espada viva nas mãos. Brienne saltou para trás, parando o ataque, mas ele seguiu-a, mantendo a pressão. Assim que a garota parava um golpe, o seguinte caía sobre ela. As espadas beijavam-se, saltavam para longe e voltavam a se beijar. O sangue de Jaime cantava. Era àquilo que estava destinado; nunca se sentia tão vivo como quando estava lutando, com a morte equilibrada em cada golpe. *E com os pulsos acorrentados, a moça pode até me desafiar durante algum tempo*. As correntes forçavam-no a usar uma empunhadura a duas mãos, embora fosse claro que o peso e o alcance eram menores do que seriam se a lâmina fosse uma verdadeira espada longa de duas mãos, mas que importava? A espada do

primo era suficientemente longa para pôr um ponto final naquela Brienne de Tarth.

Pelo alto, por baixo, com o braço lançado acima do ombro, fez chover aço sobre ela. Pela esquerda, pela direita, para trás, brandindo a espada com tanta força que chispas voavam quando as lâminas se encontravam, para cima, estocada lateral, lançada sobre o ombro, sempre atacando, caindo contra ela, passo e esquiva, ataque e passo, passo e ataque, golpeando, cortando, mais depressa, mais depressa, mais depressa...

... até que, sem fôlego, deu um passo para trás e deixou a ponta da espada cair ao chão, dando-lhe um momento de descanso.

– Nada mal – reconheceu. – Para uma garota.

Ela inspirou lenta e profundamente, mantendo os olhos cuidadosos a vigiá-lo.

– Não quero machucá-lo, Regicida.

– Como se fosse capaz. – Rodopiou a lâmina por sobre a cabeça e voltou a cair sobre ela, num chacoalhar de correntes.

Jaime não saberia dizer durante quanto tempo prosseguiu o ataque. Podiam ter sido minutos ou podiam ter sido horas; o tempo dormia quando as espadas acordavam. Empurrou-a para longe do cadáver do primo, empurrou-a para o outro lado da estrada, empurrou-a para o meio das árvores. Brienne tropeçou uma vez numa raiz que não chegou a ver, e por um momento Jaime pensou que ela estivesse acabada, mas a mulher apoiou-se num joelho em vez de cair, e não perdeu o controle. A espada dela ergueu-se de um salto para bloquear um golpe alto que lhe teria aberto o tronco do ombro à virilha, e então golpeou-*o*, uma vez e mais outra, ganhando golpe a golpe o espaço para voltar a se levantar.

A dança prosseguiu. Jaime encurralou-a contra um carvalho, praguejou quando ela se esquivou dele, seguiu-a através de um riacho raso quase coberto de folhas caídas. O aço ressoou, o aço cantou, o aço gritou, raspou e soltou chispas, e a mulher passou a grunhir como uma porca a cada golpe, mas Jaime não encontrou maneira de atingi-la. Era como se, em volta dela, houvesse uma gaiola de ferro que parasse todos os golpes.

– Nada mal mesmo – disse ele quando fez um segundo de pausa para recuperar o fôlego, rodeando-a pela direita.

– Para uma garota?

– Para um escudeiro, digamos. Um verde. – Soltou uma gargalhada irregular e sem fôlego. – Vem, vem, minha querida, a música ainda está tocando. Posso ter a honra desta dança, minha senhora?

Grunhindo, ela atacou-o, com a espada a rodopiar, e de repente era Jaime quem lutava para manter o aço afastado da pele. Um dos golpes de Brienne varreu sua testa, e sangue correu para seu olho direito. *Que os Outros a levem, e também a Correrrio!* Sua perícia tinha enferrujado e apodrecido naquela maldita masmorra, e as correntes também não ajudavam em nada. Seu olho fechou-se, os ombros começavam a ficar entorpecidos por causa de toda a trepidação que tinham suportado, e seus pulsos doíam com o peso de correntes, algemas e espada. A espada ficava mais pesada a cada golpe, e Jaime sabia que não a brandia tão depressa como antes, nem a erguia tão alto.

*Ela é mais forte do que eu.*

Perceber aquilo gelou-o. Robert tinha sido mais forte do que ele, certamente. Touro Branco e Gerold Hightower, em seu apogeu, também, bem como Sor Arthur Dayne. Entre os vivos, Grande-Jon Umber era mais forte, Javali Forte de Crakehall muito provavelmente também, ambos os Clegane com toda a certeza. A força da Montanha não tinha nada de humano. Não importava. Com velocidade e perícia, Jaime era capaz de derrotar todos eles. Mas aquilo era uma *mulher*. Uma mulher que mais parecia uma enorme vaca, com certeza, mesmo assim... por tudo aquilo que era certo, quem devia estar se cansando era ela.

Em vez disso, forçou-o a voltar ao riacho, gritando:

– Renda-se! Jogue fora a espada!

Uma pedra escorregadia virou-se sob o pé de Jaime. Ao sentir-se caindo, transformou o azar numa estocada em mergulho. A ponta da espada ultrapassou a defesa dela e mordeu sua coxa superior. Uma flor vermelha desabrochou, e Jaime teve um instante para saborear a visão do sangue de Brienne antes de seu joelho colidir com uma pedra. A dor cegou-o. Brienne andou até ele, espalhando água, e afastou a espada de suas mãos com um chute.

*– RENDA-SE!*

Jaime atirou o ombro contra as pernas dela, fazendo-a cair por cima de si. Rolaram, esperneando e esmurrando-se, até que por fim ela conseguiu sentar-se montada nele. Jaime conseguiu tirar o punhal da bainha dela,

mas antes de ter tempo de mergulhá-lo em sua barriga, ela apanhou seu pulso e bateu-o com tanta força numa pedra que foi como se lhe tivesse arrancado o braço do ombro. Com a outra mão, a garota segurou seu rosto.

– Renda-se! – empurrou sua cabeça para baixo, manteve-a dentro da água, puxou-a para cima. – *Renda-se!* – Jaime cuspiu água no rosto dela. Um empurrão, um espirrar de água, e estava de novo submerso, esperneando inutilmente, lutando para respirar. De novo para cima. – *Renda-se, senão vou afogá-lo!*

– E quebrará seu juramento? – rosnou ele. – Como eu?

Ela largou-o, e ele mergulhou com um esparramar de água.

E a floresta ressoou com gargalhadas roucas.

Brienne pôs-se em pé com dificuldade. Abaixo da cintura, ela era toda lama e sangue, tinha a roupa em desalinho e o rosto vermelho. *Pelo aspecto dela é como se nos tivessem apanhado fodendo, e não lutando.* Jaime engatinhou pelas pedras até a água rasa, limpando o sangue do olho com as mãos acorrentadas. Homens armados margeavam ambos os lados do riacho. *Pouco admira, estávamos fazendo uma barulheira tão grande que acordaríamos um dragão.*

– Sejam bem-vindos, amigos – gritou-lhes amigavelmente. – Minhas desculpas se os incomodei. Pegaram-me dando um corretivo na esposa.

– A mim pareceu que quem tava dando o *corretivo* era ela. – O homem que falou era forte e poderoso, e barra nasal de seu meio-elmo de ferro não escondia por completo a ausência de seu nariz.

Jaime percebeu subitamente que aqueles não eram os fora da lei que tinham matado Sor Cleos. Estavam cercados pela escumalha da terra: dorneses trigueiros e lisenos louros, dothraki com sinetas nas tranças, ibbeneses cabeludos, ilhéus do verão, negros como carvão, com manto de penas. Conhecia-os. *Os Bravos Companheiros.*

Brienne encontrou a voz.

– Tenho cem veados...

Um homem de aspecto cadavérico, com um manto esfarrapado de couro, disse:

– A gente aceita-os pra começar, senhora.

– E depois aceita a sua boceta – disse o homem sem nariz. – Não pode ser tão feia quanto o resto de você.

– Vire-a e meta no cu dela, Rorge – sugeriu um lanceiro de Dorne com um lenço de seda vermelho enrolado em volta do elmo. – Assim não precisa olhar para ela.

– E roubar dela o prazer de olhar pra *mim*? – disse o sem-nariz, e os outros riram.

Por mais feia e teimosa que fosse, a garota merecia coisa melhor do que um estupro coletivo por uma escória como aquela.

– Quem comanda aqui? – exigiu saber Jaime em voz alta.

– Sou eu quem tem essa honra, Sor Jaime. – Os olhos do cadáver estavam debruados de vermelho, e seus cabelos eram finos e secos. Conseguiam ver-se veias azul-escuras através da pálida pele de suas mãos e de seu rosto. – Sou Urswyck. Chamam-me de Urswyck, o Fiel.

– Sabe quem eu sou?

O mercenário inclinou a cabeça.

– É preciso mais do que uma barba e uma cabeça rapada para enganar os Bravos Companheiros.

*Os Saltimbancos Sangrentos, você quer dizer*. Jaime não via mais utilidade naqueles do que em Gregor Clegane ou Amory Lorch. *Cães*, chamava o pai a todos, e usava-os como cães, para espantar as presas e plantar o medo em seu coração.

– Se me conhece, Urswyck, sabe que terá a sua recompensa. Um Lannister sempre paga as suas dívidas. Quanto à garota, é bem-nascida, e vale um bom resgate.

O outro inclinou a cabeça para o lado.

– Ah, é? Que sorte.

Havia uma certa astúcia no sorriso de Urswyck que não agradou a Jaime.

– Ouviu o que eu disse. Onde está o bode?

– A algumas horas de distância. Ele ficará satisfeito por vê-lo, não tenho dúvida, mas, se fosse você, não o chamaria de bode em sua presença. *Lorde* Vargo tem ficado suscetível quanto à sua dignidade.

*Desde quando aquele selvagem baboso tem dignidade?*

– Farei o possível para me lembrar disso quando nos encontrarmos. Senhor do quê, diga-me?

– Harrenhal. Foi-lhe prometido.

*Harrenhal? Será que meu pai perdeu o juízo?* Jaime ergueu as mãos.

– Quero estas correntes tiradas.

O risinho de Urswyck foi seco como papel.

*Algo aqui está muito errado.* Jaime não mostrou sinais de sua confusão e limitou-se a sorrir.

– Disse alguma coisa divertida?

O sem-nariz deu um sorriso.

– É a coisa mais engraçada que eu vi desde que o Dentadas arrancou as tetas daquela septã com mordidas.

– Você e seu pai perderam batalhas demais – esclareceu o dornês. – Tivemos de trocar as nossas peles de leão por peles de lobo.

Urswyck abriu as mãos.

– O que o Timeon quer dizer é que os Bravos Companheiros já não estão a soldo da Casa Lannister. Agora servimos Lorde Bolton, e o Rei no Norte.

Jaime dirigiu-lhe um frio sorriso de desprezo.

– E os homens ainda dizem que *eu* tenho merda no lugar de honra!

Urswyck não ficou satisfeito com aquele comentário. Ao seu sinal, dois dos Saltimbancos agarraram Jaime pelos braços e Rorge enfiou-lhe no estômago um punho revestido de cota de malha. Quando se dobrou, grunhindo, ouviu a garota protestar:

– Parem, ele não deve ser ferido! Foi a Senhora Catelyn que nos enviou, uma troca de cativos, ele está sob a minha proteção... – Rorge bateu outra vez nele, arrancando-lhe o ar dos pulmões. Brienne mergulhou em busca da espada que estava sob as águas do riacho, mas os Saltimbancos caíram sobre ela antes que conseguisse alcançar a arma. Forte como era, foram precisos quatro para espancá-la até deixá-la submissa.

No fim, o rosto da moça ficou tão inchado e ensanguentado quanto o de Jaime devia estar, e tinham quebrado dois de seus dentes. Isso em nada contribuiu para melhorar sua aparência. Tropeçando e sangrando, os dois prisioneiros foram arrastados pela floresta até os cavalos, com Brienne mancando do ferimento na coxa que Jaime lhe causara no riacho. Ele sentiu pena da garota. Não tinha dúvidas de que Brienne perderia a virgindade naquela noite. Aquele canalha sem nariz iria possuí-la com certeza, e era provável que alguns dos outros também esperassem a sua vez.

O dornês amarrou-os costas com costas em cima do cavalo de tração de Brienne, enquanto os outros Saltimbancos despiam Cleos Frey até a pele e dividiam entre si as suas posses. Rorge ganhou o sobretudo manchado de sangue, com seus orgulhosos quartos Lannister e Frey. As flechas tinham aberto buracos tanto nos leões como nas torres.

– Espero que esteja satisfeita, garota – murmurou Jaime a Brienne. Tossiu e cuspiu um punhado de sangue. – Se tivesse me armado, nunca teríamos sido capturados. – Ela não respondeu. *É uma cadela teimosa que nem uma mula,* pensou. *Mas valente, sim*. Não podia negar isso. – Quando acamparmos para a noite, você será estuprada, e mais de uma vez – preveniu-a. – Seria sensato não resistir. Se resistir, perderá mais do que alguns dentes.

Sentiu as costas de Brienne retesarem contra as suas.

– Seria isso que *você* faria, se fosse uma mulher?

*Se eu fosse uma mulher, seria Cersei.*

– Se eu fosse uma mulher, iria obrigá-los a me matar. Mas não sou. – Jaime induziu o cavalo deles a trote. – *Urswyck!* Uma palavrinha!

O mercenário cadavérico com o manto de couro esfarrapado puxou as rédeas por um momento, e depois pôs-se a seu lado.

– O que quer de mim, sor? E tenha cuidado com a língua, senão voltarei a dar um corretivo em você.

– Ouro – disse Jaime. – Gosta de ouro?

Urswyck estudou-o através de olhos avermelhados.

– Tem os seus usos, confesso.

Jaime dirigiu a Urswyck um sorriso astuto.

– Todo o ouro em Rochedo Casterly. Por que deixar que seja o bode quem se beneficiará dele? Por que não nos leva a Porto Real e recolhe você mesmo o meu resgate? O dela também, se quiser. Uma donzela disse-me que chamam Tarth de Ilha Safira. – A mulher contorceu-se ao ouvir aquilo, mas nada disse.

– Toma-me por um vira-casaca?

– É claro. Que outra coisa seria?

Urswyck pesou a proposta durante meio segundo.

– Porto Real fica muito longe, e seu pai está lá. Lorde Tywin pode nutrir ressentimentos por nós, por termos vendido Harrenhal ao Lorde Bolton.

*Ele é mais esperto do que parece*. Jaime tinha acalentado a esperança de enforcar o desgraçado assim que seus bolsos estivessem repletos de ouro.

– Deixe o meu pai comigo. Arranjo um perdão régio por quaisquer crimes que tenha cometido. Arranjo um grau de cavaleiro para você.

– Sor Urswyck – disse o homem, saboreando o som. – Como a minha querida esposa ficaria orgulhosa de ouvir isso. Se ao menos eu não a tivesse matado. – Suspirou. – Então, e o bravo Lorde Vargo?

– Deverei cantar um verso de "As chuvas de Castamere" para você? O bode não será assim tão bravo quando meu pai puser as mãos nele.

– E como ele fará tal coisa? Serão os braços de seu pai tão compridos que conseguem passar por cima das muralhas de Harrenhal e arrancar-nos de lá?

– Se for necessário. – A monstruosa loucura do Rei Harren já tinha caído antes, e poderia voltar a cair. – É tão estúpido que acredita que o bode pode vencer o leão?

Urswyck debruçou-se e deu-lhe um tabefe indolente no rosto. A pura *insolência* casual do gesto foi pior do que o golpe em si. *Ele não tem medo de mim*, compreendeu Jaime, com um arrepio.

– Já ouvi o bastante, Regicida. Teria de ser realmente um grande idiota para acreditar nas promessas de um perjuro como você. – Esporeou o cavalo e galopou vivamente em frente.

*Aerys*, pensou Jaime com ressentimento. *Acaba sempre chegando em Aerys*. Balançava com os movimentos do cavalo, desejando uma espada. *Duas espadas seria ainda melhor. Uma para a garota e uma para mim. Morreríamos, mas levaríamos metade deles para o inferno conosco.*

– Por que lhe disse que Tarth era a Ilha Safira? – murmurou Brienne quando Urswyck não podia mais ouvi-la. – É provável que pense que meu pai é rico em pedras preciosas...

– É melhor que reze para que ele pense assim.

– Todas as palavras que você diz são mentiras, Regicida? Tarth é chamada de Ilha Safira devido ao azul de suas águas.

– Grite um pouco mais alto, garota, acho que Urswyck não ouviu. Quanto mais depressa souberem o pouco que vale de resgate, mais depressa o estupro começa. Todos os homens que aqui estão irão montar

em você, mas que importa? Basta fechar os olhos, abrir as pernas e fingir que todos eles são Lorde Renly.

Misericordiosamente, aquilo fechou a boca dela durante algum tempo.

O dia tinha quase chegado ao fim quando encontraram Vargo Hoat, que saqueava um pequeno septo com mais uma dúzia de seus Bravos Companheiros. As janelas de vitral tinham sido quebradas e os deuses de madeira esculpida arrastados para a luz do sol. O mais gordo dothraki que Jaime vira na vida estava sentado sobre o peito da Mãe quando se aproximaram, arrancando seus olhos de calcedônia com a ponta da faca. Ali perto, um septão magricela e perdendo o cabelo pendia, de pernas para o ar, de um galho de um grande castanheiro. Três dos Bravos Companheiros estavam usando seu cadáver como alvo de tiro com arco. Um deles devia ser bom; o morto tinha flechas espetadas em ambos os olhos.

Quando os mercenários viram Urswyck e os prisioneiros, soou um grito em meia dúzia de línguas. O bode estava sentado junto a uma fogueira, comendo uma ave meio assada que tinha num espeto, com gordura e sangue escorrendo por seus dedos e sua longa barba filamentosa. Limpou as mãos na túnica e levantou-se.

– Regifida – babou. – Vofê é meu catifo.

– Senhor, sou Brienne de Tarth – gritou a garota. – A Senhora Catelyn Stark ordenou-me que entregasse Sor Jaime ao irmão dele em Porto Real.

O bode lançou-lhe um olhar desinteressado.

– Filenfiem-na.

– Escute-me – rogou Brienne enquanto Rorge cortava as cordas que a ligavam a Jaime –, em nome do Rei no Norte, o rei que você serve, por favor, escute...

Rorge arrastou-a de cima do cavalo e começou a chutá-la.

– Veja se não quebra nenhum osso – gritou-lhe Urswyck. – A cadela com cara de cavalo vale o próprio peso em safiras.

O dornês Timeon e um ibbenês malcheiroso puxaram Jaime de cima da sela e empurraram-no rudemente na direção da fogueira. Não lhe teria sido difícil agarrar num dos punhos de suas espadas enquanto o maltratavam, mas os mercenários eram muitos e Jaime continuava acorrentado. Poderia abater um ou dois, mas no fim morreria por isso.

Jaime ainda não estava pronto para morrer, especialmente por alguém como Brienne de Tarth.

– Efte é um dia effelente – disse Vargo Hoat. Em seu pescoço havia uma corrente de moedas interligadas, moedas de todas as formas e tamanhos, cunhadas e esculpidas, ostentando retratos de reis, feiticeiros, deuses e demônios, e de todos os tipos de animais fantasiosos.

*Moedas de todas as terras onde lutou*, recordou Jaime. A cobiça era a chave para aquele homem. *Se ele mudou de lado uma vez, pode mudar de novo.*

– Lorde Vargo, foi uma tolice ter abandonado o serviço do meu pai, mas não é tarde demais para corrigi-la. Ele pagará bem por mim, sabe disso.

– Ah, fim – disse Vargo Hoat. – Metade do ouro em Rofedo Cafterly ferá meu. Maf primeiro tenho de lhe enviar uma menfagem. – Disse qualquer coisa em sua língua escorregadia de bode.

Urswyck empurrou Jaime para trás, e um bobo vestido de losangos verdes e rosa chutou suas pernas, fazendo-o cair. Quando atingiu o chão, um dos arqueiros agarrou a corrente entre os pulsos de Jaime e usou-a para puxar seus braços para a frente. O dothraki gordo pôs a faca de lado para desembainhar um enorme *arakh*, a diabolicamente afiada espada-gadanha que os senhores dos cavalos adoravam.

*Querem me assustar*. O bobo subiu nas costas de Jaime, aos risinhos, enquanto o dothraki gingava em sua direção. *O bode quer que eu me mije nas calças e suplique por misericórdia, mas nunca terá esse prazer*. Ele era um Lannister de Rochedo Casterly, Senhor Comandante da Guarda Real; nenhum mercenário o faria gritar.

A luz do sol correu, prateada, pelo gume do *arakh* quando ele desceu tremendo, quase depressa demais para ser visto. E Jaime gritou.

## ARYA

A pequena fortaleza quadrada estava meio arruinada, e o mesmo acontecia ao grande cavaleiro grisalho que lá vivia. Era tão velho que não compreendia as perguntas que lhe faziam. Não importava o que lhe dissessem, limitava-se a sorrir e a murmurar:

– Eu defendi a ponte contra Sor Maynard. Ele tinha cabelos vermelhos e um humor negro, mas não conseguiu me afastar. Fui ferido seis vezes antes de matá-lo. Seis!

O meistre que cuidava dele era um jovem, felizmente. Depois de o velho cavaleiro ter adormecido em sua cadeira, ele chamou-os para um canto e disse:

– Temo que procure um fantasma. Chegou-nos uma ave, há séculos, pelo menos meio ano. Os Lannister capturaram Lorde Beric perto do Olho de Deus. Foi enforcado.

– Sim, enforcado foi, mas Thoros cortou sua corda antes de morrer. – O nariz quebrado de Limo já não estava tão vermelho e inchado como algum tempo antes, mas estava sarando torto, dando ao seu rosto um aspecto assimétrico. – Sua senhoria é um homem difícil de matar, ah, se é.

– E um homem difícil de achar, ao que parece – disse o meistre. – Já perguntou à Senhora das Folhas?

– Perguntaremos – disse o Barba-Verde.

Na manhã seguinte, ao atravessarem a pequena ponte de pedra que havia por trás da fortaleza, Gendry perguntou se aquela seria a ponte pela qual o velho tinha lutado. Ninguém sabia.

– É o mais provável – disse Jack Sortudo. – Não vejo nenhuma outra ponte.

– Se houvesse uma canção, saberíamos com certeza – disse Tom Sete-Cordas. – Com uma boa canção saberíamos quem era Sor Maynard e por que ele queria tanto atravessar esta ponte. O pobre velho Lychester podia

ser tão afamado quanto o Cavaleiro do Dragão, se ao menos tivesse tido o bom senso de manter um cantor.

– Os filhos de Lorde Lychester morreram na rebelião de Robert – resmungou Limo. – Alguns de um lado, outros do outro. Desde então, não anda bom da cabeça. Nenhum diabo de canção ia mudar isso.

– O que o meistre quis dizer quanto a perguntar à Senhora das Folhas? – perguntou Arya a Anguy enquanto avançavam.

O arqueiro sorriu.

– Espere e verá.

Três dias mais tarde, ao atravessarem um bosque amarelo, Jack Sortudo desprendeu o berrante e soprou um aviso, diferente daqueles que fizera soar antes. Os sons mal haviam se extinguido quando escadas de corda caíram, desenrolando-se, dos galhos das árvores.

– Amarrem os cavalos e lá vamos nós – disse Tom, semientoando as palavras. Subiram até uma aldeia escondida nos ramos mais elevados, um labirinto de passadiços de corda e pequenas casas cobertas de musgo, escondidas atrás de paredes vermelhas e douradas, e foram levados à Senhora das Folhas, uma mulher magra como um espeto, de cabelos brancos, vestida de tecido grosseiro.

– Não podemos ficar aqui muito mais tempo, pois o outono está chegando – disse-lhes ela. – Há nove dias, uma dúzia de lobos andou caçando pela estrada de Vaufeno. Se tivessem por acaso olhado para cima, poderiam ter nos visto.

– Não viu Lorde Beric? – perguntou Tom Sete-Cordas.

– Está morto. – A mulher parecia desgostosa. – A Montanha pegou-o, e enfiou um punhal num olho dele. Foi um irmão mendicante que nos contou. Ele ouviu isso dos lábios de um homem que viu tudo.

– Essa história é velha, rançosa e falsa – disse Limo. – O senhor do relâmpago não é assim tão fácil de matar. Sor Gregor pode ter tirado um de seus olhos, mas um homem não morre disso. Jack poderia contar.

– Bem, eu não morri – disse o zarolho Jack Sortudo. – Meu pai arranjou uma maneira de ser bem enforcadinho pelo meirinho de Lorde Piper, meu irmão Wat foi mandado pra Muralha, e os Lannister mataram meus outros irmãos. Um olho não é nada.

– Jura que ele não está morto? – a mulher agarrou o braço de Limo. – Abençoado seja, Limo, essa é a melhor novidade que ouvi em meio ano.

Que o Guerreiro o proteja, e o sacerdote vermelho também.

Na noite seguinte encontraram abrigo dentro do esqueleto carbonizado de um septo, numa aldeia queimada chamada Brotadança. Só restavam estilhaços de suas janelas de vitral, e o idoso septão que os acolheu disse que os saqueadores tinham até levado as caras vestes da Mãe, a lanterna dourada da Velha e a coroa de prata que o Pai usava.

– Também cortaram os seios da Donzela, embora fossem só de madeira – disse-lhes. – E os olhos, os olhos eram de jade, lápis-lazúli e madrepérola, arrancaram-nos com as facas. Que a Mãe tenha piedade de todos eles.

– Isso foi obra de quem? – perguntou Limo Manto Limão. – Saltimbancos?

– Não – respondeu o velho. – Eram nortenhos. Selvagens que adoram árvores. Disseram que procuravam o Regicida.

Arya ouviu-o e mordeu o lábio. Sentiu Gendry observá-la. Isso a deixou zangada e envergonhada.

Havia uma dúzia de homens vivendo nas galerias por baixo do septo, por entre teias de aranha, raízes e barris de vinho quebrados, mas também não tinham notícia de Beric Dondarrion. Nem mesmo o chefe, que usava uma armadura enegrecida pela fuligem e um tosco relâmpago no manto. Quando Barba-Verde viu Arya a fitá-lo, riu e disse:

– O senhor do relâmpago está em todo lado e em lado algum, esquilo magricela.

– Não sou um esquilo – disse ela. – Vou ser quase uma mulher em breve. Vou fazer onze anos.

– Então é melhor ter cuidado para que eu não me case com você! – tentou fazer cócegas nela sob o queixo, mas Arya afastou sua estúpida mão com uma pancada.

Naquela noite, Limo e Gendry jogaram dominó com seus anfitriões, enquanto Tom Sete-Cordas cantava uma canção boba sobre Ben Barrigudo e o ganso do Alto Septão. Anguy deixou Arya experimentar o arco, mas por mais que ela mordesse o lábio, não conseguia puxá-lo.

– Precisa de um arco mais leve, senhora – disse o arqueiro sardento. – Se houver madeira seca em Correrrio, talvez faça um para você.

Tom ouviu-o e interrompeu a canção.

– É um imbecil, Arqueiro. Se formos a Correrrio, será só para recolher o resgate dela, não vai haver tempo para andar por lá fazendo arcos. Fique contente se sair com o couro inteiro. Lorde Hoster já enforcava homens fora da lei quando você ainda nem se barbeava. E aquele filho dele... eu sempre digo que um homem que odeia música não é de confiança.

– Não é música que ele odeia – disse Limo. – É você, palerma.

– Bem, não tem motivo para isso. A garota estava disposta a fazer dele um homem, será culpa minha que tenha bebido demais para tratar do assunto?

Limo fungou através de seu nariz quebrado.

– Foi você quem fez uma canção sobre isso, ou terá sido outro burro qualquer apaixonado pela própria voz?

– Só a cantei daquela vez – protestou Tom. – E quem disse que a canção era sobre ele? Era sobre um peixe.

– Um peixe murcho – disse Anguy, rindo.

Arya não queria saber sobre o que eram as estúpidas canções de Tom. Virou-se para Harwin.

– O que ele quis dizer com aquilo do resgate?

– Temos uma grande falta de cavalos, senhora. E também de armaduras. Espadas, escudos, lanças. Tudo aquilo que as moedas podem comprar. Sim, e sementes para plantar. O inverno está chegando, lembra? – tocou-lhe sob o queixo. – Não será a primeira cativa de elevado nascimento que resgatamos. Nem a última, espero eu.

Arya sabia que aquilo era verdade. Os cavaleiros andavam sempre sendo capturados e resgatados, e às vezes as mulheres também. *Mas e se Robb não quiser pagar o preço deles?* Ela não era nenhum cavaleiro famoso, e era de esperar que os reis colocassem o reino à frente das irmãs. E a senhora sua mãe, o que diria? Ainda a quereria de volta, depois de todas as coisas que havia feito? Arya mordeu o lábio e desejou saber.

No dia seguinte chegaram a um local chamado Coração Alto, um monte tão elevado que de seu cume parecia a Arya que era possível ver metade do mundo. Em volta desse cume havia um anel de enormes tocos brancos, tudo que restava de um círculo de majestosos represeiros. Arya

e Gendry caminharam em volta do monte para contá-los. Havia trinta e um, e alguns eram tão largos que poderiam tê-los usado como cama.

O Coração Alto fora sagrado para os filhos da floresta, contou-lhe Tom Sete-Cordas, e parte de sua magia permanecia no local.

– Nenhum mal pode acontecer àqueles que aqui dormem – disse o cantor.

Arya pensou que devia ser verdade; o monte era tão alto e as terras que o cercavam eram tão planas que nenhum inimigo poderia se aproximar sem ser visto.

Tom disse-lhe que o povo das redondezas evitava o lugar; dizia-se que estava assombrado pelos fantasmas dos filhos da floresta que tinham morrido ali quando o rei ândalo chamado Errog, o Fratricida, derrubou o seu bosque. Arya sabia algo sobre os filhos da floresta e também sobre os ândalos, mas fantasmas não a assustavam. Quando era pequena, costumava esconder-se nas criptas de Winterfell e brincava de entra-no-meu-castelo e de monstros entre os reis de pedra sentados em seus tronos.

Mesmo assim, seus cabelos da nuca se arrepiaram naquela noite. Estava dormindo, mas a tempestade acordou-a. O vento arrancou a manta de cima dela e soprou-a, rodopiando, para os arbustos. Quando foi atrás dela, ouviu vozes.

Junto às brasas da fogueira, viu Tom, Limo e Barba-Verde conversando com uma mulherzinha minúscula, uns trinta centímetros mais baixa do que Arya e mais velha do que a Velha Ama, toda corcunda e enrugada, apoiada em uma bengala nodosa e negra. Seus cabelos brancos quase chegavam ao chão de tão longos e esvoaçavam em volta de sua cabeça como uma nuvem quando o vento soprava. A pele era ainda mais branca, da cor do leite, e pareceu a Arya que seus olhos eram vermelhos, embora fosse difícil ter certeza do meio dos arbustos.

– Os velhos deuses movimentam-se e não querem me deixar dormir – ouviu a mulher dizer. – Sonhei ver uma sombra com um coração em chamas matando um veado dourado, sim. Sonhei com um homem sem rosto, à espera numa ponte que oscilava e balançava. Em seu ombro estava empoleirado um corvo afogado, com algas penduradas nas asas. Sonhei com um rio rugindo e uma mulher que era um peixe. Estava à deriva, morta, com lágrimas vermelhas nas faces, mas quando seus olhos

se abriram, *oh*, acordei aterrorizada. Tudo isso sonhei, e mais ainda. Têm presentes para mim, para me pagar pelos sonhos?

– Sonhos – resmungou Limo Manto Limão –, de que servem os sonhos? Mulheres-peixe e corvos afogados. Eu também tive um sonho na noite passada. Estava beijando uma moça de taberna que conheci. Vai me pagar por isso, velha?

– A moça está morta – sibilou a mulher. – Só os vermes podem beijá-la agora. – E depois disse a Tom Sete-Cordas: – Quero a minha canção, caso contrário quero vocês fora daqui.

E assim o cantor tocou para ela, uma canção muito suave e triste, mas Arya só ouviu fragmentos das palavras, embora a melodia lhe fosse vagamente familiar. *Sansa iria reconhecê-la, aposto*. A irmã conhecia todas as canções, e até sabia tocar um pouco, e cantava com toda a doçura. *Tudo que eu consegui alguma vez fazer foi gritar as palavras.*

Na manhã seguinte, não se via a pequena mulher branca em lugar algum. Enquanto selavam os cavalos, Arya perguntou a Tom Sete-Cordas se os filhos da floresta ainda habitavam o Coração Alto. O cantor soltou um risinho.

– Você a viu, foi?

– Era um fantasma?

– Os fantasmas reclamam de como as suas articulações rangem? Não, ela é só uma velha anã. Mas é estranha, e tem olhos diabólicos. E sabe coisas que não devia saber, e às vezes nos diz se gosta de nosso aspecto.

– Ela gostou do *seu* aspecto? – perguntou Arya de modo duvidoso.

O cantor riu.

– Pelo menos gostou do meu som. Mas obriga-me a cantar sempre a mesma maldita canção. Não é ruim, veja bem, mas conheço outras que são igualmente boas. – Balançou a cabeça. – O que importa é que agora temos o cheiro. Aposto que em breve irá ver Thoros e o senhor do relâmpago.

– Se são homens deles, por que se escondem de vocês?

Tom Sete-Cordas rolou os olhos ao ouvir aquilo, mas Harwin deu-lhe uma resposta.

– Eu não chamaria isso de esconder, senhora, mas é verdade, Lorde Beric desloca-se muito e raramente revela seus planos. Assim, ninguém pode traí-lo. A essa altura, nós, os homens que lhe prestamos juramento,

devemos ser centenas, talvez milhares, mas não seria bom se andássemos todos atrás dele. Deixaríamos os campos nus para nos alimentarmos, ou seríamos massacrados numa batalha por alguma tropa maior. Da maneira como estamos espalhados em pequenos bandos, podemos atacar uma dúzia de locais ao mesmo tempo, e partir para qualquer outro antes que eles saibam o que aconteceu. E quando um de nós é pego e levado a interrogatório, bem, não lhes pode dizer onde encontrar Lorde Beric, façam eles o que fizerem. – Hesitou. – Sabe o que significa ser levado a interrogatório?

Arya assentiu com a cabeça.

– Chamavam isso de fazer cócegas. O Polliver, o Raff e os outros. – Contou-lhes tudo sobre a aldeia nas margens do Olho de Deus onde ela e Gendry tinham sido capturados e sobre as perguntas que Cócegas fazia. "Há ouro escondido na aldeia?", era sempre como começava. "Prata, pedras preciosas? Há comida? Onde está Lorde Beric? Quais dos habitantes da aldeia o ajudaram? Para onde foi? Quantos homens estavam com ele? Quantos cavaleiros? Quantos arqueiros? Quantos estavam montados? Como estavam armados? Quantos feridos? Para onde disse que foram?" Só de pensar naquilo conseguia ouvir de novo os gritos, e sentir o fedor de sangue, merda e carne queimada. – Ele fazia sempre as mesmas perguntas – disse solenemente aos fora da lei –, mas todos os dias mudava a forma de fazer cócegas.

– Nenhuma criança devia ser obrigada a aguentar isso – disse Harwin quando ela terminou. – Ouvimos dizer que a Montanha perdeu metade de seus homens no Moinho de Pedra. Pode ser que esse Cócegas agora esteja flutuando Ramo Vermelho abaixo, com peixes mordiscando sua cara. Se não, bem, é mais um crime pelo qual hão de responder. Ouvi sua senhoria dizer que esta guerra começou quando a Mão lhe ordenou que levasse a justiça do rei a Gregor Clegane, e é assim que pretende que termine. – Deu-lhe uma palmadinha de encorajamento no ombro. – É melhor que monte, senhora. É um longo dia de viagem até o Solar de Bolotas, mas quando terminarmos teremos um teto sobre nossa cabeça e sopa quente na barriga.

E *foi* um longo dia de viagem, mas ao anoitecer vadearam um riacho e chegaram ao Solar de Bolotas, com suas muralhas exteriores de pedra e a grande fortaleza de carvalho. Seu senhor andava longe, lutando na

companhia do senhor *dele*, Lorde Vance, e deixara os portões do castelo fechados e trancados em sua ausência. Mas a senhora sua esposa era uma velha amiga de Tom Sete-Cordas, e Anguy dizia que um dia tinham sido amantes. Anguy viajava com frequência ao lado de Arya; de todos, era quem mais se aproximava de sua idade, salvo Gendry, e contava-lhe histórias engraçadas sobre a Marca de Dorne. Mas nunca a enganou. *Ele não é meu amigo. Só fica por perto para me vigiar e certificar-se de que não voltarei a fugir*. Bem, Arya também sabia vigiar. Syrio Forel ensinara-lhe a fazer isso.

A Senhora Smallwood deu as boas-vindas aos fora da lei com bastante gentileza, embora lhes tenha dado um sermão por arrastarem uma garotinha pela guerra. Ficou mais irada ainda quando Limo deixou escapar que Arya era bem-nascida.

– Quem vestiu a pobre criança com esses farrapos dos Bolton? – exigiu saber. – Esse símbolo... há muitos homens que a enforcariam em meio segundo por usar um homem esfolado no peito. – Arya foi prontamente levada para cima, forçada a entrar numa banheira, e mergulhada em água escaldante. As aias da Senhora Smallwood esfregaram-na com tanta força que Arya se sentiu como se *elas* a estivessem esfolando. Até derramaram uma coisa qualquer com um fedor adocicado de flores.

E depois, insistiram para que se vestisse com coisas de menina, meias marrons de lã, uma combinação leve de linho e, por cima disso, um vestido verde-claro com bolotas bordadas em fio castanho por todo o corpete, e mais bolotas ao longo da bainha da saia.

– Minha tia-avó é septã num convento em Vilavelha – disse a Senhora Smallwood enquanto as mulheres atavam o vestido ao longo das costas de Arya. – Mandei minha filha para lá quando a guerra começou. Quando voltar, certamente já estará grande demais para usar essas coisas. Gosta de dançar, filha? A minha Carellen é uma ótima dançarina. Também canta lindamente. O que é que você gosta de fazer?

Arya arrastou os pés nas esteiras.

– Trabalhos de agulha.

– São muito relaxantes, não são?

– Bem – disse Arya –, da maneira como eu os faço, não.

– Não? Sempre os achei relaxantes. Os deuses oferecem a cada uma de nós pequenos dons e talentos, e é sua intenção que os usemos, diz sempre

a minha tia. Qualquer ato pode ser uma prece, se for desempenhado tão bem quanto formos capazes. Não é um pensamento adorável? Lembre-se dele da próxima vez que trabalhar com a agulha. Trabalha todos os dias?

– Trabalhava até perder a Agulha. A nova não é tão boa.

– Em tempos como estes, todos temos de nos arranjar o melhor possível. – A Senhora Smallwood ajeitou o corpete do vestido. – Agora já parece uma jovem senhora como deve ser.

*Não sou uma senhora*, Arya quis lhe dizer, *sou uma loba*.

– Não sei quem você é, filha – disse a mulher –, e talvez ainda bem que não saiba. Alguém importante, temo. – Alisou o colarinho de Arya. – Em tempos como estes, é melhor ser insignificante. Bem que gostaria de poder ficar com você aqui. Mas não seria seguro. Tenho muralhas, mas homens insuficientes para defendê-las. – Suspirou.

O jantar estava sendo servido no salão quando Arya entrou, toda lavada, penteada e vestida. Gendry deu uma olhada e riu tanto que o vinho saiu por seu nariz, até que Harwin lhe deu uma forte palmada na orelha. A refeição foi simples, mas nutritiva; carneiro e cogumelos, pão escuro, purê de ervilhas e maçãs cozidas com queijo amarelo. Depois da refeição e de os criados terem sido mandados embora, Barba-Verde baixou a voz para perguntar se sua senhoria teria notícias do senhor do relâmpago.

– Notícias? – ela sorriu. – Estiveram aqui não faz nem quinze dias. Eles e mais uma dúzia, pastoreando ovelhas. Quase não acreditei nos meus olhos. Thoros deu-me três em agradecimento. Comemos uma esta noite.

– Thoros pastoreando ovelhas? – Anguy soltou uma gargalhada.

– Admito que foi uma estranha visão, mas Thoros afirmou que, sendo sacerdote, sabia como cuidar de um rebanho.

– Sim, e como tosquiá-lo também – gracejou Limo Manto Limão.

– Alguém podia fazer disso uma canção, e das boas. – Tom fez vibrar uma corda em sua harpa.

A Senhora Smallwood lançou-lhe um olhar fulminante.

– Talvez alguém que não rime *bombom* com *Dondarrion*. Ou que não toque “Oh, deite minha doce menina na relva” para todas as amas de leite do condado, deixando duas delas com grandes barrigas.

– Foi “Deixe-me beber a sua beleza” – disse defensivamente Tom – e as amas de leite sempre ficam felizes por ouvi-la. Tal como uma certa senhora de elevado nascimento de que eu bem me lembro. Toco para agradar.

As narinas dela dilataram-se.

– As terras fluviais estão cheias de donzelas a quem agradou, todas elas bebendo chá de tanásia. Seria de se imaginar que um homem com a sua idade já soubesse como não derramar a semente em suas barrigas. Daqui a pouco, os homens vão chamá-lo de Tom Sete-Filhos.

– Acontece – disse Tom – que já passei de sete há muitos anos. E que belos rapazes são, com vozes belas como a do rouxinol. – Era claro que o assunto não lhe interessava.

– Sua senhoria disse para onde se dirigia, senhora? – perguntou Harwin.

– Lorde Beric nunca divulga seus planos, mas reina a fome perto do Septo de Pedra e do Bosque de Três Dinheiros. Eu iria procurá-lo aí. – Bebeu um gole de vinho. – É melhor que saiba que também tive visitantes menos agradáveis. Uma matilha de lobos veio uivar em volta de meus portões, achando que eu poderia ter aqui o Jaime Lannister.

Tom parou de dedilhar a harpa.

– Então é verdade? O Regicida anda de novo à solta?

A Senhora Smallwood deu-lhe um olhar de escárnio.

– Não me parece que andariam à caça dele se estivesse acorrentado por baixo de Correrrio.

– O que foi que a senhora lhes disse? – perguntou Jack Sortudo.

– Ora, que Sor Jaime estava nu na minha cama, mas que o tinha deixado exausto demais para descer. Um deles teve o desplante de me chamar de mentirosa, portanto pusemo-los para andar com uma meia dúzia de dardos. Acho que seguiram para Volta de Fundonegro.

Arya agitou-se impacientemente no banco.

– Que nortenhos eram esses que vieram à procura do Regicida?

A Senhora Smallwood pareceu surpreendida por ela intervir.

– Não me disseram os nomes, filha, mas vinham vestidos de preto, com um sol branco no peito.

Um sol branco sobre negro era o símbolo de Lorde Karstark, pensou Arya. *Aqueles eram homens de Robb*. Perguntou a si mesma se ainda

andariam por perto. Se conseguisse escapulir dos fora da lei e encontrá-los, talvez a levassem à mãe em Correrrio...

– Disseram como foi que o Lannister conseguiu escapar? – perguntou Limo.

– Disseram – disse a Senhora Smallwood. – Não que eu acredite numa palavra sequer. Afirmaram que a Senhora Catelyn o libertou.

Aquilo surpreendeu tanto Tom que ele estourou uma corda.

– Até parece – disse ele. – Isso é uma loucura.

*Não é verdade*, pensou Arya. *Não pode ser verdade.*

– Pensei o mesmo – disse a Senhora Smallwood.

Foi então que Harwyn se lembrou de Arya.

– Esta conversa não é para os seus ouvidos, senhora.

– Não, eu quero ouvir.

Os fora da lei mostraram-se inflexíveis.

– Vá embora, esquilinho magricela – disse Barba-Verde. – Seja uma boa senhorinha e vá brincar no pátio enquanto nós conversamos.

Arya saiu a passos largos, zangada, e teria batido a porta se não fosse tão pesada. A escuridão havia caído sobre o Solar de Bolotas. Algumas tochas ardiam ao longo das muralhas, mas era tudo. Os portões do pequeno castelo encontravam-se fechados e trancados. Sabia que prometera a Harwin que não tentaria fugir novamente, mas isso tinha sido antes de começarem a contar mentiras sobre sua mãe.

– Arya? – Gendry tinha seguido a menina para fora. – A Senhora Smallwood disse que havia uma forja. Quer ir dar uma olhada?

– Se quiser. – Não tinha mais nada para fazer.

– Esse Thoros – disse Gendry enquanto passavam pelos canis – é o mesmo Thoros que vivia no castelo em Porto Real? Um sacerdote vermelho, gordo, com a cabeça raspada?

– Acho que sim. – Que se lembrasse, Arya nunca tinha falado com Thoros em Porto Real, mas sabia quem ele era. Ele e Jalabhar Xho tinham sido as personagens mais coloridas na corte de Robert, e Thoros era também um grande amigo do rei.

– Ele não vai se lembrar de mim, mas costumava vir à nossa forja. – A dos Smallwood já não era usada havia algum tempo, embora o ferreiro tivesse pendurado as ferramentas ordenadamente na parede. Gendry acendeu uma vela e apoiou-a na bigorna enquanto pegava um par de

tenazes. – Meu mestre o repreendia sempre por causa das espadas em chamas. Não eram modos de tratar bom aço, dizia ele, mas esse Thoros nunca usava bom aço. Limitava-se a mergulhar uma espada barata qualquer em fogovivo e incendiava-a. Era só um truque de alquimista, dizia meu mestre, mas assustava os cavalos e alguns dos cavaleiros mais verdes.

Arya contraiu a testa, tentando recordar se o pai alguma vez falara em Thoros.

– Ele não é muito sacerdotal, não é?

– Não – admitiu Gendry. – Meistre Mott dizia que Thoros até conseguia beber mais do que o Rei Robert. Eram farinha do mesmo saco, disse-me ele, ambos glutões e bêbados.

– Não devia chamar o rei de bêbado. – O Rei Robert talvez costumasse beber muito, mas fora amigo do pai de Arya.

– Estava falando de Thoros. – Gendry estendeu as tenazes como que para agarrar o rosto dela, mas Arya afastou-as com uma pancada. – Ele gostava de banquetes e torneios, por isso é que o Rei Robert era tão amigo dele. E era um homem de coragem. Quando as muralhas de Pyke ruíram, foi o primeiro a atravessar a brecha. Lutou com uma de suas espadas flamejantes, incendiando homens de ferro a cada golpe.

– Gostaria de ter uma espada flamejante. – Arya conseguia se lembrar de montes de gente em que gostaria de atear fogo.

– É só um truque, já lhe disse. O fogovivo estraga o aço. Meu mestre vendia a Thoros uma espada nova depois de cada torneio. E tinham sempre uma discussão sobre o preço. – Gendry voltou a pendurar as tenazes e pegou o martelo pesado. – Mestre Mott dizia que era hora de eu fazer a minha primeira espada longa. Deu-me um belo pedaço de aço, e eu sabia exatamente que forma queria dar à lâmina. Mas o Yoren veio e levou-me para a Patrulha da Noite.

– Ainda pode fazer espadas, se quiser – disse Arya. – Pode fazê-las para o meu irmão Robb, quando chegarmos a Correrrio.

– Correrrio. – Gendry apoiou o martelo e olhou-a. – Você agora parece diferente. Como uma menina de verdade.

– Pareço um carvalho, com todas estas bolotas estúpidas.

– Mas bonito. Um carvalho bonito. – Aproximou-se um passo e *farejou-a*. – Até cheira bem, para variar.

– Você, não. Você *fede*. – Arya empurrou-o contra a bigorna e tentou fugir, mas Gendry segurou-a pelo braço. Ela enfiou um pé entre as suas pernas e passou-lhe uma rasteira, mas ele puxou-a ao cair, e rolaram pelo chão da forja. Ele era muito forte, mas ela era mais rápida. Todas as vezes que ele tentava dominá-la, ela libertava-se com uma contorção e dava um murro nele. Gendry limitava-se a rir dos golpes, e isso deixava-a furiosa. Por fim, ele pegou ambos os pulsos dela com uma mão e começou a fazer-lhe cócegas com a outra, e Arya enfiou o joelho entre as pernas dele e libertou-se. Ambos estavam cobertos de sujeira, e o estúpido vestido de bolotas tinha uma manga rasgada.

– Aposto que *agora* já não estou tão bonita – gritou ela.

Tom estava cantando quando voltaram ao salão.

Meu colchão de penas é grande e suave,
e é lá que a vou deitar
Vou vestir-la toda de seda amarela,
e na testa uma coroa pousar.
Pois será o meu amor, senhora,
e eu seu senhor serei.
Sempre a manterei quente e segura,
e com espada a defenderei.

Harwin deu um olhar de relance para eles e estourou em gargalhadas, e Anguy deu um de seus estúpidos sorrisos sardentos e disse:

– Temos *certeza* de que esta é uma senhora bem-nascida?

Limo Manto Limão deu um cascudo na cabeça de Gendry.

– Se quer lutar, lute comigo! Ela é uma menina, e tem metade de sua idade! Mantenha essas mãos longe dela, ouviu?

– Fui eu que comecei – disse Arya. – Gendry estava só conversando.

– Deixe o moço, Limo – disse Harwin. – Foi mesmo ela quem começou, não duvido. Era a mesma coisa em Winterfell.

Tom piscou o olho para ela e cantou:

E como sorriu e como ela riu,
a donzela do pinheiro.
Fugiu num rodopio e disse-lhe,

não quero o seu braseiro.
Usarei um vestido de folhas douradas,
a trança com ervas atada,
Mas você pode ser meu amor da floresta,
e eu a sua namorada.

– Não tenho trajes de folhas – disse a Senhora Smallwood, com um pequeno sorriso simpático –, mas Carellen deixou aqui mais alguns vestidos que podem servir. Venha, filha, vamos lá em cima ver o que encontramos.

Foi ainda pior do que antes; a Senhora Smallwood insistiu que Arya tomasse *outro* banho, e também que cortasse e escovasse os cabelos; o vestido em que a enfiou daquela vez era de uma cor parecida com lilás, e decorado com pequenas perolazinhas. A única coisa boa era ser tão delicado que ninguém podia esperar que Arya montasse a cavalo com ele. Por isso, na manhã seguinte, enquanto quebravam o jejum, a Senhora Smallwood deu-lhe calções, cinto e túnica para vestir, e um gibão marrom de pele de veado com rebites de ferro.

– Eram coisas de meu filho – disse ela. – Morreu com sete anos.

– Lamento, senhora. – Arya subitamente sentiu-se envergonhada e com pena dela. – Também lamento ter rasgado o vestido das bolotas. Era bonito.

– Sim, filha. E você também é. Seja corajosa.

# DAENERYS

No centro da Praça do Orgulho havia uma fonte de tijolo vermelho cujas águas cheiravam a enxofre, e no meio da fonte erguia-se uma monstruosa harpia feita de bronze martelado. Empinava-se até seis metros de altura. Tinha rosto de mulher, com cabelos dourados, olhos de marfim e dentes pontiagudos também de marfim. A água jorrava amarela de seus seios pesados. Mas, no lugar dos braços, possuía as asas de um morcego ou dragão; suas pernas eram as de uma águia, e atrás tinha a cauda enrolada e venenosa de um escorpião.

*A harpia de Ghis*, pensou Dany. A Velha Ghis caíra havia cinco mil anos, se bem se lembrava; suas legiões foram despedaçadas pelo poderio da jovem Valíria; suas muralhas de tijolo, arrasadas; suas ruas e seus edifícios, transformados em cinzas e brasas por fogo de dragão; os campos, semeados com sal, enxofre e crânios. Os deuses de Ghis estavam mortos, e seu povo também; aqueles astapori eram mestiços, dizia Sor Jorah. Até a língua ghiscari estava quase completamente esquecida; as cidades escravagistas falavam o Alto Valiriano de seus conquistadores, ou aquilo em que o tinham transformado.

Mas o símbolo do Velho Império ainda resistia ali, embora aquele monstro de bronze tivesse uma pesada corrente pendurada das garras, com uma algema aberta em cada extremidade. *A harpia de Ghis tinha um relâmpago nas garras. Esta é a harpia de Astapor.*

– Diga à prostituta westerosi para baixar os olhos – resmungou o senhor de escravos Kraznys mo Nakloz para a jovem escrava que falava por ele. – Eu negocio carne, não metal. O bronze não está à venda. Diga-lhe para olhar para os soldados. Até os fracos olhos púrpuras de uma selvagem do poente são certamente capazes de ver como as minhas criaturas são magníficas.

O Alto Valiriano de Kraznys era tortuoso e carregado com o rosnado característico de Ghis e temperado aqui e ali com palavras de calão de feitor. Dany compreendia-o bastante bem, mas sorriu e olhou sem

expressão para a escrava, como quem se interroga sobre o que ele teria dito.

– O Bom Mestre Kraznys pergunta, não são magníficos? – a garota falava bem o Idioma Comum, para alguém que nunca estivera em Westeros. Com não mais de dez anos, tinha o rosto redondo e achatado, pele morena e olhos dourados de Naath. Chamavam seu povo de *Povo Pacífico*. Todos eram unânimes em afirmar que davam os melhores escravos.

– Podem ser adequados para as minhas necessidades – respondeu Dany. Tinha sido sugestão de Sor Jorah que ela falasse apenas em dothraki e no Idioma Comum enquanto estivesse em Astapor. *O meu urso é mais esperto do que parece*. – Fale-me de seu treinamento.

– Eles agradam à mulher westerosi, mas ela não os elogia, para manter o preço baixo – disse a tradutora ao seu dono. – Quer saber como foram treinados.

Kraznys mo Nakloz inclinou a cabeça. Aquele senhor de escravos cheirava como se tivesse tomado banho em framboesas, e sua protuberante barba vermelha e negra brilhava de óleo. *Os seios dele são maiores do que os meus*, refletiu Dany. Via-os através da seda verde-marinho do *tokar* debruado de ouro que ele trazia enrolado em volta do corpo e por cima de um ombro. A mão esquerda mantinha o *tokar* no lugar ao caminhar, enquanto a direita empunhava um curto chicote de couro.

– Todos os porcos westerosi são assim tão ignorantes? – protestou. – O mundo inteiro sabe que os Imaculados são mestres de lança, escudo e espada curta. – Dirigiu a Dany um largo sorriso. – Diga-lhe o que quer saber, escrava, e depressa. O dia está quente.

*Isso, pelo menos, não é mentira nenhuma*. Um par de jovens escravas encontrava-se atrás deles, segurando por cima de suas cabeças um toldo de seda riscado, mas, mesmo à sombra, Dany sentia-se um pouco tonta, e Kraznys transpirava abundantemente. A Praça do Orgulho cozia ao sol desde o nascer do dia. Dany conseguia sentir o calor dos tijolos vermelhos sob os pés mesmo através do solado de suas sandálias. Ondas de calor erguiam-se desses tijolos, estremecendo o ar e fazendo com que as pirâmides de degraus de Astapor que se erguiam ao redor da praça quase parecessem fazer parte de um sonho.

Se os Imaculados sentiam o calor, não mostravam qualquer sinal disso. *Eles mesmos podiam ser feitos de tijolo, julgando pelo modo como estão ali*. Um milhar tinha sido trazido das casernas para a sua inspeção; alinhados em dez formações de cem homens perante a fonte e a sua grande harpia de bronze, estavam rigidamente em sentido, com os olhos de pedra fixos à frente. Nada vestiam além de panos de linho branco atados na altura dos rins e elmos cônicos de bronze rematados por um espigão afiado com trinta centímetros de altura. Kraznys ordenara-lhes que apoiassem as lanças e os escudos no chão e despissem os cintos de espadas e as túnicas acolchoadas, para que a Rainha de Westeros pudesse inspecionar melhor a rigidez esguia de seus corpos.

– São escolhidos ainda jovens, pelo tamanho, rapidez e força – disse-lhe a escrava. – Iniciam o treinamento aos cinco anos. Treinam todos os dias, da alvorada ao pôr do sol, até dominarem a espada curta, o escudo e as três lanças. O treino é muito rigoroso, Vossa Graça. Só um garoto em três sobrevive a ele. Isso todos sabem. Entre os Imaculados diz-se que no dia em que ganham seu capacete de espigão o pior ficou para trás, pois nenhum dever que for atribuído a eles poderá ser tão duro quanto o treinamento.

Kraznys mo Nakloz, supostamente, não falava o Idioma Comum, mas balançava a cabeça enquanto escutava e de vez em quando empurrava a escrava com a ponta do chicote.

– Diga-lhe que aqueles estão ali em pé há um dia e uma noite, sem comida nem água. Diga-lhe que ficarão ali até caírem se eu lhes ordenar que o façam, e que quando novecentos e noventa e nove tiverem caído e morrido sobre os tijolos, o último ainda estará ali e não se moverá até que a própria morte o reclame. É assim a coragem deles. Diga-lhe isso.

– Eu chamo isso de loucura, não de coragem – disse Arstan Barba-Branca quando a solene pequena escriba terminou. Bateu com a ponta de seu bastão de madeira nos tijolos, *tap tap*, como que para afirmar seu descontentamento. O velho não quisera viajar até Astapor; tampouco era favorável à compra daquele exército de escravos. Uma rainha devia escutar todos os lados antes de tomar uma decisão. Era por isso que Dany o havia trazido consigo até a Praça do Orgulho, não para mantê-la em segurança. Seus companheiros de sangue fariam isso suficientemente bem. Deixara Sor Jorah Mormont a bordo do *Balerion* para proteger seu

povo e seus dragões. Muito a contragosto, havia prendido os dragões no porão. Deixá-los voar livremente sobre a cidade era perigoso demais; o mundo estava repleto de homens que os matariam de bom grado por nenhum outro motivo além de poder se autodenominar *matador de dragões*.

– O que disse o velho fedorento? – perguntou o feitor à tradutora. Quando ela lhe disse, ele sorriu e falou: – Informe os selvagens de que chamamos isso de *obediência*. Outros podem ser mais fortes, mais rápidos ou maiores do que os Imaculados. Alguns, poucos, podem até igualar a sua perícia com a espada, a lança e o escudo. Mas em nenhum lugar entre os mares encontrarão alguém mais obediente.

– As ovelhas são obedientes – disse Arstan quando as palavras foram traduzidas. Ele também sabia algum valiriano, embora não tanto quanto Dany, mas, assim como ela, fingia ignorância.

Kraznys mo Nakloz mostrou seus grandes dentes brancos quando aquilo lhe foi transmitido.

– Uma palavra minha e aquelas ovelhas derramam as velhas tripas fedorentas dele nos tijolos – disse ele –, mas não lhe diga isso. Diga-lhes que estas criaturas são mais cães do que ovelhas. Eles comem cão ou cavalo lá nos Sete Reinos?

– Preferem porcos e vacas, excelência.

– Carne de vaca. Pfuá. Comida para selvagens que não se lavam.

Ignorando-os, Dany percorreu lentamente a fileira de soldados escravos. As mulheres seguiram-na de perto com o toldo de seda, para mantê-la à sombra, mas os mil homens à sua frente não desfrutavam de tal proteção. Mais da metade possuía pele acobreada e olhos amendoados dos dothraki e dos lhazarenos, mas Dany também viu nas fileiras homens das Cidades Livres, bem como qarthenos de pele clara, ilhéus de verão com rosto de ébano, e outros cuja origem não era capaz de adivinhar. E alguns tinham pele do mesmo tom de âmbar de Kraznys mo Nakloz, e os cabelos rijos vermelhos e negros que identificavam o antigo povo de Ghis, aqueles que chamavam a si mesmos de filhos da harpia. *Até vendem os seus*. Não a devia ter surpreendido. Os dothraki faziam o mesmo, quando *khalasar* se encontrava com *khalasar* no mar de erva.

Alguns dos soldados eram altos e outros, baixos. Dany calculou que as idades oscilariam entre os catorze e os vinte anos. Os rostos eram lisos, e

os olhos todos iguais, fossem negros, castanhos, azuis, cinza ou ambarinos. *São como um único homem*, pensou, até se lembrar de que não eram homens coisa nenhuma. Os Imaculados eram eunucos, todos eles.

– Por que os cortam? – perguntou a Kraznys através da escrava. – Sempre ouvi dizer que homens inteiros são mais fortes do que eunucos.

– Um eunuco cortado ainda novo nunca terá a força bruta de um de seus cavaleiros westerosi, é verdade – disse Kraznys mo Nakloz quando a pergunta lhe foi colocada. – Um touro também é forte, mas touros morrem todos os dias nas arenas de luta. Uma menina de nove anos matou um há três dias na Arena de Jothiel. Os Imaculados têm algo melhor do que a força, diga-lhe. Têm disciplina. Lutamos à maneira do Velho Império, sim. São as legiões marchantes da Velha Ghis regressadas, absolutamente obedientes, absolutamente leais, e totalmente desprovidas de medo.

Dany escutou pacientemente a tradução.

– Até os homens mais corajosos temem a morte e a mutilação – disse Arstan quando a garota terminou.

Kraznys voltou a sorrir quando ouviu aquilo.

– Diga ao velho que ele cheira a mijo e precisa de uma bengala para mantê-lo em pé.

– Digo mesmo, excelência?

Ele cutucou-a com o chicote.

– Não, não diz mesmo, é uma menina ou uma cabra para fazer uma pergunta tão imbecil? Diga que os Imaculados não são homens. Diga que a morte não significa nada para eles, e a mutilação menos do que nada. – Parou perante um homem atarracado com traços de Lhazar e ergueu violentamente o chicote, deixando uma linha de sangue em sua face acobreada. O eunuco piscou, e ali ficou, sangrando. – Quer outra?

– Se sua excelência desejar.

Foi difícil fingir não entender. Dany pousou uma mão no braço de Kraznys antes de ele ter tempo de voltar a erguer o chicote.

– Diga ao Bom Mestre que eu vejo como seus Imaculados são fortes e suportam corajosamente a dor.

Kraznys soltou um risinho quando ouviu as palavras dela em valiriano.

– Diga a essa prostituta ignorante do ocidente que coragem não tem nada a ver com o assunto.

– O Bom Mestre diz que aquilo não foi coragem, Vossa Graça.

– Diga-lhe para abrir esses olhos de cadela.

– Ele pede-lhe que observe com atenção, Vossa Graça.

Kraznys aproximou-se do eunuco que se seguia na fileira, um jovem muito alto com os olhos azuis e os cabelos louros de Lys.

– A sua espada – disse. O eunuco ajoelhou, desembainhou a arma e ofereceu-a, com o cabo para a frente. Era uma espada curta, feita mais para trespassar do que para cortar, mas o gume parecia afiado como uma navalha. – Fique em pé – ordenou Kraznys.

– Sua excelência. – O eunuco levantou-se, e Kraznys mo Nakloz deslizou lentamente a espada por seu tronco acima, deixando uma fina linha vermelha na barriga e entre as costelas. Depois espetou a ponta da espada por baixo de um grande mamilo cor-de-rosa e começou a manejá-la para trás e para a frente.

– O que ele está fazendo? – perguntou Dany à garota, enquanto o sangue escorria pelo peito do homem.

– Diga à vaca que pare de mugir – disse Kraznys sem esperar pela tradução. – Isso não lhe fará grande mal. Os homens não precisam dos mamilos, e os eunucos menos ainda. – O mamilo pendeu, preso por um fio de pele. Ele o cortou e fez com que rolasse pelos tijolos, deixando em seu lugar um olho vermelho que chorava sangue copiosamente. O eunuco não se mexeu, até que Kraznys entregou-lhe a espada de volta, com o cabo para a frente. – Tome, está dispensado.

– Este está feliz por tê-lo servido.

Kraznys virou-se para Dany.

– Eles não sentem dor, está vendo?

– Como isso é possível? – ela quis saber através da escriba.

– *O vinho da coragem* – foi a resposta que ele lhe deu. – Não é um vinho de verdade, mas sim uma bebida feita a partir de beladona, larvas de mosca de sangue, raízes de lótus negra e muitas coisas secretas. Bebem-no em todas as refeições desde o dia de seu corte, e a cada ano que passa sentem cada vez menos. Isso torna-os destemidos em batalha. E também não podem ser torturados. Diga à selvagem que seus segredos estão seguros com os Imaculados. Ela pode colocá-los de guarda em seus conselhos e até em seu quarto, sem nunca se preocupar com o que eles possam ouvir.

“Em Yunkai e Meeren, os eunucos são frequentemente gerados através da remoção dos testículos de um rapaz, deixando o pênis. Uma criatura dessas é infértil, mas frequentemente ainda capaz de ereção. Apenas problemas podem advir de tal prática. Nós removemos também o pênis, sem deixar nada. Os Imaculados são as criaturas mais puras da face da Terra. “Ofereceu a Dany e Arstan outro largo sorriso branco.” Ouvi dizer que nos Reinos do Poente os homens fazem votos solenes de se manterem castos e não gerar filhos, mas viver apenas para o seu dever. É verdade?”

– É – disse Arstan, quando a pergunta foi colocada. – Há muitas ordens dessas. Os meistres da Cidadela, os septões e as septãs que servem os Sete, as irmãs silenciosas dos mortos, a Guarda Real e a Patrulha da Noite...

– Pobres coitados – rosnou o senhor de escravos depois da tradução. – Os homens não deveriam viver assim. Seus dias são um tormento de tentação, qualquer tolo pode ver isso, e não há dúvida de que a maioria sucumbe aos seus instintos mais primários. Nossos Imaculados não são assim. Estão casados com suas espadas de uma maneira que seus Irmãos Juramentados não podem ter esperanças de igualar. Nenhuma mulher poderá alguma vez tentá-los, e nenhum homem também.

A garota transmitiu a essência do discurso, com mais delicadeza.

– Há outras maneiras de tentar os homens, além da carne – retrucou Arstan Barba-Branca depois de ela terminar.

– Os homens, sim, mas os Imaculados, não. O saque não lhes interessa mais do que a violação. Nada possuem além de suas armas. Nem sequer permitimos que tenham nomes.

– Não têm nomes? – Dany franziu a testa para a pequena escriba. – Poderá ser isso que o Bom Mestre disse? Eles não têm nomes?

– É verdade, Vossa Graça.

Kraznys parou na frente de um ghiscari que podia ter sido um irmão seu mais alto e em melhor forma e estalou o chicote num pequeno disco de bronze que ele tinha preso no cinto da espada, a seus pés.

– O nome dele está ali. Pergunte à rameira de Westeros se sabe ler glifos ghiscari. – Quando Dany admitiu que não sabia, o feitor virou-se para o Imaculado. – Como se chama? – quis saber.

– O nome deste é Pulga Vermelha, excelência.

A garota repetiu a conversa no Idioma Comum.

– E ontem, qual era?

– Rato Preto, reverência.

– No dia anterior?

– Pulga Marrom, reverência.

– E antes disso?

– Este não se lembra, reverência. Talvez Sapo Azul. Ou Verme Azul.

– Diga-lhe que todos os nomes deles são assim – ordenou Kraznys à garota. – Recordam-lhes de que, por conta própria, são bichos. Os discos com os nomes são atirados dentro de um barril vazio ao terminarem os deveres do dia, e todas as alvoradas são de lá sorteados.

– Mais loucuras – disse Arstan quando ouviu aquilo. – Como um homem pode se lembrar de um nome novo todos os dias?

– Os que não podem são excluídos no treino, com aqueles que não são capazes de correr o dia inteiro com a bagagem completa, escalar uma montanha no meio da noite, caminhar sobre brasas ou matar uma criança.

A boca de Dany certamente se contorceu ao ouvir aquilo. *Ele terá visto, ou será tão cego quanto é cruel?* Virou-se depressa, tentando manter uma máscara no rosto até ouvir a tradução. Foi só então que se permitiu dizer:

– De quem são as crianças que matam?

– Para conquistar seu capacete de espigão, um Imaculado deve ir aos mercados de escravos com um marco de prata, encontrar um recém-nascido qualquer e matá-lo diante dos olhos da mãe. Dessa maneira, certificamo-nos de que não resta neles qualquer fraqueza.

Dany sentiu-se prestes a desmaiar. *O calor*, tentou dizer a si própria.

– Arrancam um bebê dos braços da mãe, matam-no com ela assistindo e pagam por sua dor com uma moeda de prata?

Quando a tradução lhe chegou, Kraznys mo Nakloz soltou uma sonora gargalhada.

– Que idiota chorona e molenga esta aí é. Diga à puta de Westeros que o marco é para o dono da criança, não para a mãe. Os Imaculados não estão autorizados a roubar. – Bateu com o chicote na perna. – Diga-lhe que são poucos os que falham nesse teste. Os cães são mais difíceis para eles, na verdade. Damos um cachorro a cada garoto no dia em que é cortado. Ao fim do primeiro ano, ele deve estrangulá-lo. Todos os que

não conseguem fazer isso são mortos e dados de comer aos cães sobreviventes. Achamos que isso serve como uma boa e forte lição.

Arstan Barba-Branca batucou com a ponta de seu bastão nos tijolos enquanto ouvia aquilo. *Tap tap tap*. Lenta e regularmente. *Tap tap tap*. Dany viu-o afastar os olhos, como se não conseguisse olhar mais para Kraznys.

– O Bom Mestre disse que esses eunucos não podem ser tentados com moedas ou carne – disse Dany à garota –, mas se algum inimigo meu lhes oferecesse a *liberdade* por me traírem...

– Eles iriam matá-lo imediatamente e trariam-lhe a cabeça, diga-lhe isso – respondeu o feitor. – Outros escravos podem roubar e guardar prata em segredo na esperança de comprar a liberdade, mas um Imaculado não a aceitaria se a eguazinha a oferecesse de presente. Não têm vida fora de seu dever. São *soldados*, e só.

– É de soldados que preciso – admitiu Dany.

– Diga-lhe que, nesse caso, fez bem em vir a Astapor. Pergunte-lhe qual é o tamanho do exército que deseja comprar.

– Quantos Imaculados tem para vender?

– Oito mil completamente treinados e disponíveis de imediato. Ela deve saber que só os vendemos em larga escala. Em milhares ou centenas. Antes os vendíamos em dezenas, para guardas domésticos, mas isso revelou-se um erro. Dez são poucos demais. Misturam-se com os outros escravos, e até com homens livres, e esquecem-se de quem e do que são. – Kraznys esperou que aquilo fosse transmitido no Idioma Comum e depois prosseguiu. – Essa rainha pedinte precisa compreender que tais maravilhas não saem baratas. Em Yunkai e Meereen, espadachins escravos podem ser obtidos por menos do que o preço de suas espadas, mas os Imaculados são a melhor infantaria do mundo inteiro, e cada um deles representa muitos anos de treino. Diga-lhe que eles são como aço valiriano, dobrados uma e mais uma vez e martelados anos a fio, até ficarem mais fortes e resistentes do que qualquer metal da Terra.

– Eu conheço o aço valiriano – disse Dany. – Pergunte ao Bom Mestre se os Imaculados têm seus próprios oficiais.

– Precisa pôr seus oficiais à frente deles. Nós os treinamos para obedecer, não para pensar. Se é inteligência que ela quer, que compre

escribas.

– E o equipamento?

– Espada, escudo, lança, sandálias e túnica acolchoada estão incluídos – disse Kraznys. – E os capacetes de espigão, com certeza. Eles usarão qualquer armadura que você queira, mas quem vai fornecê-la é você.

Dany não conseguia pensar em mais perguntas. Olhou para Arstan.

– Viveu longo tempo no mundo, Barba-Branca. Agora que já os viu, o que diz?

– Digo que *não*, Vossa Graça – o velho respondeu de imediato.

– Por quê? – perguntou ela. – Fale livremente. – Dany julgava saber o que ele diria, mas queria que a menina escrava o escutasse, para que Kraznys mo Nakloz ouvisse depois.

– Minha rainha – disse Arstan –, não há escravos nos Sete Reinos há milhares de anos. Tanto os velhos deuses como os novos consideram a escravidão uma abominação. Maligna. Se desembarcar em Westeros à frente de um exército de escravos, muitos bons homens irão se opor a você por nenhum outro motivo além desse. Causará grande dano à sua causa e à honra de sua Casa.

– E, no entanto, preciso ter algum exército – disse Dany. – O rapaz Joffrey não me dará o Trono de Ferro se eu pedir educadamente.

– Quando chegar o dia de içar os estandartes, metade de Westeros estará com a senhora – prometeu Barba-Branca. – Seu irmão Rhaegar ainda é lembrado com grande amor.

– E meu pai? – perguntou Dany.

O velho hesitou antes de dizer:

– O Rei Aerys também é recordado. Deu ao reino muitos anos de paz. Vossa Graça não tem necessidade de escravos. O Magíster Illyrio pode mantê-la a salvo enquanto seus dragões crescem e pode mandar enviados secretos para o outro lado do mar estreito em seu nome, para sondar os grandes senhores a respeito de sua causa.

– Esses mesmos grandes senhores que abandonaram o meu pai em favor do Regicida e se curvaram a Robert, o Usurpador?

– Mesmo aqueles que dobraram os joelhos podem ansiar no seu íntimo pelo retorno dos dragões.

– *Podem* – disse Dany. *Podem* era uma palavra tão escorregadia! Em qualquer língua. Virou-se para Kraznys mo Nakloz e para sua pequena

escrava. – Tenho de refletir cuidadosamente.

O negociante de escravos encolheu os ombros.

– Diga-lhe para refletir depressa. Há muitos outros compradores. Não há mais de três dias mostrei estes mesmos Imaculados a um rei corsário que espera comprar todos eles.

– O corsário só queria cem, excelência – Dany ouviu a pequena escrava dizer.

Ele cutucou-a com a ponta do chicote.

– Os corsários são todos mentirosos. Ele vai comprar todos. Diga-lhe isso, garota.

Dany sabia que levaria mais de cem, se chegasse a levar algum.

– Lembre ao Bom Mestre quem eu sou. Lembre-lhe de que sou Daenerys Nascida na Tormenta, Mãe de Dragões, a Não Queimada, legítima rainha dos Sete Reinos de Westeros. Meu sangue é o sangue de Aegon, o Conquistador, e da antiga Valíria antes dele.

Mas suas palavras não tocaram o rotundo e perfumado negociante de escravos, mesmo depois de transmitidas em sua feia língua.

– A antiga Ghis dominava um império quando os valirianos ainda andavam fodendo ovelhas – rosnou para a pobre pequena escriba – e nós somos os filhos da harpia. – Encolheu os ombros. – Tagarelar com mulheres é um desperdício. No leste ou no oeste são todas iguais, são incapazes de decidir até terem sido paparicadas, aduladas e empanturradas de docinhos. Bom, se é esse o meu destino, que seja. Diga à rameira que se quiser um guia para a nossa bela cidade, Kraznys mo Nakloz está a seu serviço... e também pode lhe prestar outros serviços, se for mais mulher do que parece.

– O Bom Mestre Kraznys terá todo o gosto em mostrar-lhe Astapor enquanto a senhora reflete, Vossa Graça – disse a tradutora.

– Dou-lhe geleia de miolos de cão, um belo e rico guisado de polvo vermelho e feto de cão para comer. – Passou a língua pelos lábios.

– Ele diz que aqui é possível provar muitos pratos deliciosos.

– Diga-lhe como as pirâmides são bonitas à noite – rosnou o negociante de escravos. – Diga-lhe que lamberei mel dos peitos dela, ou deixarei que lamba mel dos meus, se preferir.

– Astapor é muito bela ao pôr do sol, Vossa Graça – disse a pequena escrava. – Os Bons Mestres acendem lanternas de seda em todos os

terraços, para que todas as pirâmides brilhem com luzes coloridas. Barcaças do prazer percorrem o Verme, cheias de música suave e acostando nas pequenas ilhas para oferecer comida, vinho e outras delícias.

– Pergunte se ela quer ver as nossas arenas de luta – acrescentou Kraznys. – A Arena de Douquor tem um bom espetáculo marcado para esta noite. Um urso e três garotinhos. Um menino será besuntado de mel, outro de sangue e outro de peixe podre, e ela pode apostar qual deles o urso comerá primeiro.

*Tap tap tap*, ouviu Dany. O rosto de Arstan Barba-Branca estava imóvel, mas seu bastão demonstrava a ira que sentia. *Tap tap tap*. Obrigou-se a sorrir.

– Tenho meu próprio urso na *Balerion* – disse à tradutora – e pode bem me comer se não voltar para junto dele.

– Está vendo – disse Kraznys quando as palavras de Dany foram traduzidas. – Não é a mulher que decide, é este homem para quem corre. Como sempre!

– Agradeça ao Bom Mestre por sua paciente gentileza – disse Dany – e diga-lhe que pensarei em tudo que aprendi aqui. – Ofereceu o braço a Arstan Barba-Branca, para que o velho escudeiro a levasse através da praça até a liteira. Aggo e Jhogo rodearam-nos, caminhando com o gingar de pernas arqueadas que todos os senhores dos cavalos adotavam quando eram forçados a desmontar e caminhar pela terra como simples mortais.

Dany subiu na sua liteira com a expressão carregada e fez sinal a Arstan para que subisse também. Um homem tão velho como ele não devia andar a pé num calor tão forte. Não fechou as cortinas quando se puseram em movimento. Com o sol castigando tão duramente aquela cidade de tijolos vermelhos, qualquer brisa perdida era algo a ser apreciado, mesmo se viesse acompanhada de um redemoinho de fina poeira vermelha. *Além disso, tenho de ver*.

Astapor era uma cidade estranha, mesmo aos olhos de alguém que tinha andado pela Casa de Poeira e se banhado no Ventre do Mundo à sombra da Mãe das Montanhas. Todas as ruas eram feitas dos mesmos tijolos vermelhos que pavimentavam a praça. E o mesmo material construíra as pirâmides de degraus, as profundamente escavadas arenas

de luta – com suas arquibancadas em forma de anéis descendentes –, as fontes sulfurosas e as sombrias adegas, e as antigas muralhas que os cercavam. *Tantos tijolos*, pensou, *e tão velhos e desgastados*. A fina poeira que soltavam encontrava-se por toda a parte, dançando pelas valetas a cada sopro de vento. Pouco admirava que tantas mulheres de Astapor velassem o rosto, a poeira de tijolo pinicava mais nos olhos do que a areia.

– Abram alas! – gritava Jhogo, do cavalo à frente da liteira. – Abram alas para a Mãe de Dragões! – Mas quando desenrolou o grande chicote de cabo de prata que ela lhe dera e o fez estalar no ar, Dany debruçou-se para fora e disse-lhe que não.

– Neste lugar, não, sangue do meu sangue – disse, na língua dele. – Estes tijolos ouviram o som de chicotes mais do que deveriam.

As ruas tinham estado praticamente desertas quando saíram do porto naquela manhã, e não pareciam muito mais povoadas agora. Um elefante passou pesadamente por eles, com uma liteira gradeada sobre o dorso. Um garoto nu com a pele descascando estava sentado numa valeta de tijolo seca, com o dedo enfiado no nariz e olhando, carrancudo, para um grupo de formigas que caminhavam pela rua. Ergueu a cabeça ao ouvir o ruído de cascos e ficou olhando de boca aberta quando uma coluna de guardas a cavalo passou por ele a trote, numa nuvem de poeira vermelha e gargalhadas quebradiças. Os discos de cobre cosidos aos seus mantos de seda amarela cintilavam como outros tantos sóis, mas suas túnicas eram de linho bordado, e abaixo da cintura usavam sandálias e saias de linho plissadas. De cabeça nua, cada homem tinha penteado, untado e retorcido seus rígidos cabelos vermelhos e negros, dando-lhes uma forma fantástica qualquer, cornos, asas e lâminas, e até mãos dadas, de modo que pareciam uma trupe de demônios fugida do sétimo inferno. O garoto nu observou-os por um tempo, tal como Dany, mas eles rapidamente desapareceram, e o menino voltou às suas formigas, com um dedo no nariz.

*Esta é uma cidade antiga*, refletiu, *mas não tão populosa quanto foi no seu apogeu, nem de perto tão povoada quanto Qarth, Pentos ou Lys*.

A liteira parou subitamente num cruzamento, para permitir que um comboio de escravos passasse à sua frente, arrastando os pés, incentivado a avançar pelo estalar do chicote de um capataz. Aqueles não eram

Imaculados, reparou Dany, mas homens de um tipo mais comum, com pele parda clara e cabelos castanhos. Havia mulheres entre eles, mas crianças não. Estavam todos nus. Dois astapori vinham atrás dos escravos, montados em burros brancos, um homem com um *tokar* de seda vermelha e uma mulher com véu, vestida de fino linho azul, decorado com lascas de lápis-lazúli. Em seus cabelos vermelhos e negros trazia um pente de marfim. O homem ria enquanto lhe segredava alguma coisa, sem prestar mais atenção em Dany do que em seus escravos ou no capataz com o chicote retorcido de cinco pontas, um dothraki grande e atarracado que tinha a harpia e as correntes orgulhosamente tatuadas em seu peito musculoso.

– Tijolos e sangue construíram Astapor – murmurou o Barba-Branca ao seu lado – e tijolos e sangue construíram o seu povo.

– O que é isso? – perguntou-lhe Dany, curiosa.

– Uns versos antigos que um meistre me ensinou, quando eu era garoto. Nunca soube como eram verdadeiros. Os tijolos de Astapor são vermelhos do sangue dos escravos que os fizeram.

– Consigo acreditar nisso perfeitamente – disse Dany.

– Então abandone este lugar antes que seu coração também se transforme em um tijolo. Zarpe hoje mesmo, na maré da noite.

*Bem que gostaria de poder fazê-lo*, pensou Dany.

– Sor Jorah diz que quando eu deixar Astapor, deverá ser com um exército.

– O próprio Sor Jorah foi um comerciante de escravos, Vossa Graça – recordou-lhe o velho. – Há mercenários em Pentos, Myr e Tyrosh que você pode contratar. Um homem que mata por dinheiro não tem honra, mas pelo menos não é escravo. Encontre lá o seu exército, suplico à senhora.

– Meu irmão visitou Pentos, Myr, Bravos, quase todas as Cidades Livres. Os magísteres e arcontes alimentaram-no com vinho e promessas, mas mataram sua alma de fome. Um homem não pode jantar da tigela de pedinte a vida toda e continuar a ser homem. Eu experimentei isso em Qarth e foi o bastante. Não voltarei a Pentos de tigela na mão.

– Antes chegar como pedinte do que como senhora de escravos – disse Arstan.

– Fala alguém que não foi nenhum dos dois. – As narinas de Dany dilataram-se. – Sabe o que é ser *vendido*, escudeiro? Eu sei. Meu irmão vendeu-me a Khal Drogo em troca da promessa de uma coroa dourada. Bem, Drogo coroou-o de ouro, embora não da maneira que ele havia desejado, e eu... o meu sol e estrelas fez de mim uma rainha, mas se tivesse sido um homem diferente, as coisas poderiam ter acontecido de uma forma totalmente distinta. Acha que me esqueci de como é ter medo?

Barba-Branca inclinou a cabeça.

– Vossa Graça, não pretendi ofendê-la.

– Só as mentiras me ofendem, nunca os conselhos honestos. – Dany deu uma palmadinha na mão manchada de Arstan para sossegá-lo. – Tenho um gênio de dragão, é só isso. Não pode permitir que ele o atemorize.

– Tentarei me lembrar disso – Barba-Branca sorriu.

*Ele tem rosto gentil e uma grande força*, pensou Dany. Não conseguia compreender por que Sor Jorah desconfiava tanto do velho. *Poderá sentir ciúmes por eu ter encontrado outro homem com quem conversar?* Sem pedir licença, seus pensamentos voltaram àquela noite, no *Balerion*, em que o cavaleiro exilado a beijara. *Ele nunca devia ter feito aquilo. É três vezes mais velho do que eu, e de um nascimento baixo demais para mim, e não lhe dei permissão. Nenhum verdadeiro cavaleiro beijaria uma rainha sem a sua permissão*. Depois daquela noite, tinha tomado cuidado para nunca ficar sozinha com Sor Jorah, mantendo as aias consigo a bordo do navio, e às vezes também os companheiros de sangue. *Ele deseja me beijar de novo, vejo em seus olhos.*

Dany nem era capaz de começar a expressar aquilo que desejava, mas o beijo de Jorah tinha acordado alguma coisa dentro dela, algo que estivera adormecido desde a morte de Khal Drogo. Deitada em seu estreito beliche, dava por si perguntando-se sobre como seria ter um homem ao seu lado em vez de sua aia, e a ideia era mais excitante do que deveria ser. Às vezes fechava os olhos e sonhava com ele, mas nunca era com Jorah Mormont que sonhava; seu amante era sempre mais jovem e mais belo, embora o rosto de Sor Jorah nunca deixasse de surgir, como uma sombra em constante mutação.

Uma noite, tão atormentada que não conseguia dormir, Dany enfiou uma mão entre as pernas e ficou sobressaltada quando verificou quão molhada se encontrava. Quase sem se atrever a respirar, moveu os dedos para a frente e para trás entre seus lábios inferiores, lentamente para não acordar Irri, que dormia ao seu lado, até que encontrou um local especial e se demorou ali, tocando-se levemente, a princípio com timidez, mas depois mais depressa. Mesmo assim o alívio que desejava parecia afastar-se à sua frente, até que os dragões se agitaram e um deles soltou um grito na cabine, e Irri acordou e compreendeu o que ela estava fazendo.

Dany sabia que seu rosto estava corado, mas na escuridão Irri certamente não conseguiria ver. Sem uma palavra, a aia pôs uma mão num seio dela e depois debruçou-se para tomar um mamilo na boca. A outra mão deslocou-se ao longo da suave curva da sua barriga, através do montículo de finos pelos prateados, e começou a trabalhar entre as coxas de Dany. Não passaram mais do que alguns momentos antes que as suas pernas se contorcessem, seus seios se elevassem e todo o seu corpo estremecesse. Então gritou. Ou talvez tivesse sido Drogon. Irri não chegou a dizer nada, limitou-se a enrolar-se e a voltar ao sono no momento em que o ato foi concluído.

No dia seguinte, tudo aquilo tinha parecido um sonho. E o que tinha Sor Jorah a ver com o assunto? *É Drogo que eu desejo, o meu sol e estrelas*, recordou Dany a si mesma. *Não Irri, e não Sor Jorah, apenas Drogo*. Mas Drogo estava morto. Julgara que aqueles sentimentos tivessem morrido com ele, ali no deserto vermelho, mas um beijo traiçoeiro os havia trazido de volta à vida sem que ela soubesse como. *Ele nunca devia ter me beijado. Ousou demais, e eu deixei. Não pode nunca voltar a acontecer*. Fez uma expressão sombria com a boca e sacudiu a cabeça, e a sineta em sua trança tilintou suavemente.

Mais perto da baía, a cidade apresentava uma aparência mais agradável. As grandes pirâmides de tijolo margeavam a costa, a maior tinha cento e vinte metros de altura. Todo tipo de árvores, trepadeiras e flores cresciam em seus largos terraços, e os ventos que rodopiavam em volta delas cheiravam a verde e a perfume. Outra harpia gigantesca erguia-se sobre o portão, esta era feita de argila vermelha cozida, e visivelmente se desfazia, não lhe restando mais do que um toco onde

antes estivera a cauda de escorpião. A corrente que segurava com as garras de barro era ferro-velho, repleto de ferrugem. Mas, perto da água, estava mais fresco. O bater das ondas contra os pilares corroídos produzia um som curiosamente calmante.

Aggo ajudou Dany a descer da liteira. Belwas, o Forte, estava sentado num alto pilar, comendo um grande pedaço de carne assada.

– Cachorro – disse ele em tom alegre quando viu Dany. – Bom cachorro em Astapor, pequena rainha. Comer? – ofereceu com um sorriso gorduroso.

– É gentil de sua parte, Belwas, mas não. – Dany tinha comido cachorro em outros lugares, em outros tempos, mas naquele momento tudo em que conseguia pensar era nos Imaculados e em seus estúpidos filhotes. Passou rapidamente pelo enorme eunuco e subiu a prancha até o convés do *Balerion*.

Sor Jorah Mormont estava à sua espera.

– Vossa Graça – disse, baixando a cabeça. – Os feitores vieram e foram embora. Três, com uma dúzia de escribas e outros tantos escravos para os transportes. Percorreram cada centímetro de nossos porões e tomaram nota de tudo que possuímos. – Acompanhou-a até o fundo. – Quantos homens eles têm à venda?

– Nenhum. – Seria com Mormont que estava zangada, ou com aquela cidade e o seu obstinado calor, seus fedores, suores e tijolos em ruína? – Vendem eunucos, não homens. Eunucos feitos de tijolo, como o resto de Astapor. Devo comprar oito mil eunucos de tijolo com olhos mortos que nunca se movem, que matam bebês de peito por causa de um chapéu com um espigão e estrangulam os próprios cães? Nem sequer têm nomes. Portanto não os chame de *homens*, sor.

– *Khaleesi* – disse ele, surpreendido com a sua fúria –, os Imaculados são escolhidos ainda garotos e treinados...

– Já ouvi tudo que quero ouvir a respeito do *treino*. – Dany sentiu lágrimas jorrando de seus olhos, súbitas e indesejadas. Sua mão saltou e atingiu com força o rosto de Sor Jorah. Era isso ou gritar.

Mormont tocou a bochecha que ela havia estapeado.

– Se desagradei à minha rainha...

– *Desagradou*. Desagradou-me muito, sor. Se fosse meu cavaleiro leal, nunca teria me trazido a esta vil pocilga. – *Se fosse meu leal cavaleiro,*

*nunca teria me beijado, ou olhado meus seios como fez, ou...*

– Às ordens de Vossa Graça. Direi ao Capitão Groleo que se prepare para zarpar na maré da noite, rumo a uma pocilga menos vil.

– Não – disse Dany. Groleo observava-os do castelo de proa, e sua tripulação também assistia. Barba-Branca, seus companheiros de sangue, Jhiqui, todos tinham parado o que estavam fazendo ao ouvir a bofetada. – Quero zarpar *agora*, e não na maré, quero navegar para longe e depressa e não olhar para trás. Mas não posso, não é? Há oito mil eunucos de tijolo à venda, e tenho que arranjar uma maneira de comprá-los. – E com aquilo o deixou e foi para baixo.

Atrás da porta de madeira esculpida da cabine do capitão, seus dragões estavam inquietos. Drogon ergueu a cabeça e soltou um grito, com fumaça clara saindo de suas narinas, e Viserion voou para ela e tentou se empoleirar em seu ombro, como fazia quando era menor.

– Não – disse Dany, tentando afastá-lo com suavidade. – Agora é grande demais para isso, querido. – Mas o dragão enrolou a sua cauda branca e dourada em volta de um braço e enterrou garras negras no tecido de sua manga, agarrando-se bem. Impotente, Dany afundou-se na grande cadeira de couro de Groleo, aos risinhos

– Estiveram agitados enquanto esteve fora, *khaleesi* – disse-lhe Irri. – Viserion arrancou lascas da porta com as garras, vê? E Drogon tentou escapar quando os feitores vieram vê-los. Quando agarrei sua cauda para detê-lo, ele se virou e me mordeu. – Mostrou a Dany as marcas dos dentes do dragão em sua mão.

– Algum deles tentou libertar-se pelo fogo? – isso era o que mais assustava Dany.

– Não, *khaleesi*. Drogon soltou seu fogo, mas para o ar. Os negociantes de escravos tiveram medo de se aproximar dele.

Beijou a mão de Irri no local onde Drogon a mordera.

– Sinto muito que ele a tenha machucado. Os dragões não foram feitos para ficar trancados numa pequena cabine de navio.

– Nisso, os dragões são como os cavalos – disse Irri. – E também como os cavaleiros. Os cavalos relincham lá embaixo, *khaleesi*, e dão coices nas paredes de madeira. Eu ouço. E Jhiqui diz que as velhas e os pequenos também gritam quando não está aqui. Não gostam desta carroça de água. Não gostam do negro mar salgado.

– Eu sei – disse Dany. – Sei mesmo.

– A minha *khaleesi* está triste?

– Sim – admitiu Dany. *Triste e perdida*.

– Deverei dar prazer à *khaleesi*?

Dany afastou-se dela.

– Não. Irri, não precisa fazer isso. O que aconteceu naquela noite, quando você acordou... não é escrava de cama, eu libertei-a, lembra? Você...

– Sou aia da Mãe de Dragões – disse a moça. – É uma grande honra dar prazer à minha *khaleesi*.

– Eu não quero – insistiu Dany. – Não quero. – Virou-se num movimento brusco. – Agora deixe-me. Quero ficar sozinha. Para pensar.

A escuridão tinha começado a cair sobre as águas da Baía dos Escravos quando Dany voltou ao convés. Parou junto à amurada e olhou para Astapor. *Daqui parece quase bela*, pensou. As estrelas estavam aparecendo, no céu, e as lanternas de seda também, na terra, tal como a tradutora de Kraznys prometera. As pirâmides de tijolo tremeluziam com a luz. *Mas embaixo está escuro, nas ruas, praças e arenas de luta. E onde a escuridão é maior é nas casernas, onde algum garotinho está dando restos de comida a um cachorro que lhe deram quando roubaram sua virilidade.*

Houve um passo suave atrás dela.

– *Khaleesi*. – A voz dele. – Posso falar com franqueza?

Dany não se virou. Não conseguia suportar olhá-lo naquele momento. Se o fizesse, poderia voltar a estapeá-lo. Ou chorar. Ou beijá-lo. E não chegar a saber o que era certo, o que era errado e o que era uma loucura.

– Diga o que quiser, sor.

– Quando Aegon, o Dragão, pisou na costa de Westeros, os Reis do Vale, do Rochedo e da Campina não correram para lhe entregar suas coroas. Se quer se sentar no seu Trono de Ferro, terá de conquistá-lo, tal como ele fez, com aço e fogo de dragão. E isso significa ter sangue nas mãos antes de tudo acabar.

*Sangue e fogo*, pensou Dany. As palavras da Casa Targaryen. Conhecera-as por toda a vida.

– Derramarei com satisfação o sangue de meus inimigos. O sangue de inocentes é outra coisa. Querem me oferecer oito mil Imaculados. Oito

mil bebês mortos. Oito mil cães estrangulados.

– Vossa Graça – disse Jorah Mormont –, eu vi Porto Real depois do Saque. Também foram massacrados bebês nesse dia, e também velhos e crianças que brincavam. Foram violadas mais mulheres do que é possível contar. Há um animal selvagem em todos os homens, e quando se dá a esse homem uma espada ou uma lança e esse homem é enviado para a guerra, o animal acorda. O cheiro de sangue é o suficiente para acordá-lo. Mas nunca ouvi dizer que esses Imaculados tivessem violado, ou dizimado uma cidade com a espada, ou sequer saqueado, exceto por ordem expressa daqueles que os lideravam. Até podem ser de tijolo, como diz, mas se os comprar, daqui em diante os únicos cães que matarão serão aqueles que a *senhora* quiser mortos. E, se bem me lembro, a senhora tem alguns cães que quer ver mortos.

*Os cães do Usurpador.*

– Sim. – Dany fitou as suaves luzes coloridas e permitiu que a fresca brisa salgada a acariciasse. – Fala de saquear cidades. Responda-me uma coisa, sor: por que os dothraki nunca saquearam *esta* cidade? – apontou. – Olhe para as muralhas. É possível ver onde já começaram a ruir. Ali e ali. Vê algum guarda naquelas torres? Eu não. Estarão escondidos, sor? Vi hoje esses filhos da harpia, todos os seus orgulhosos guerreiros de alto nascimento. Vestem-se com saia de linho, e a coisa mais feroz neles era os cabelos. Até um *khalasar* modesto conseguiria rachar esta Astapor como uma noz e derramar seu conteúdo podre. Diga-me, portanto, por que é que aquela feia harpia não está às margens do caminho dos deuses em Vaes Dothrak entre os outros deuses roubados?

– Possui um olho de dragão, *khaleesi*, vê-se isso claramente.

– Quero uma resposta, não um elogio.

– Há dois motivos. Os bravos defensores de Astapor não passam de palha, isso é verdade. Nomes antigos e bolsas gordas que se vestem com açoites ghiscari para fingir que ainda dominam um vasto império. Todos eles são oficiais de elevada patente. Nos dias de festa travam guerras de mentira nas arenas, para demonstrar como são brilhantes comandantes, mas são os eunucos que morrem. Da mesma forma, qualquer inimigo que quisesse saquear Astapor teria de saber que defrontaria Imaculados. Os senhores de escravos colocariam a guarnição inteira a serviço da defesa

da cidade. Os dothraki não atacam Imaculados desde que deixaram as tranças aos portões de Qohor.

– E o segundo motivo?

– Quem atacaria Astapor? – perguntou Sor Jorah. – Meereen e Yunkai são rivais mas não inimigos, a Perdição destruiu Valíria, o povo do interior, para oriente, é todo ghiscari, e para lá dos montes fica Lhazar. Os Homens-Ovelhas, como os seus dothraki os chamam, são um povo notavelmente avesso à guerra.

– Sim – concordou ela –, mas a *norte* das cidades dos negociantes de escravos fica o mar dothraki, e duas dúzias de poderosos *khal* que apreciam mais do que qualquer coisa saquear cidades e levar seus povos como escravos.

– Levá-los para *onde*? De que servem os escravos depois de se matar seus negociantes? Valíria já não existe, Qarth fica do outro lado do deserto vermelho, e as Nove Cidades Livres estão a milhares de léguas para oeste. E pode estar certa de que os filhos da harpia são pródigos nas ofertas a qualquer *khal* que por aqui passe, tal como fazem os magísteres em Pentos, Norvos e Myr. Sabem que se banquetearem os senhores dos cavalos e lhes derem presentes, eles em breve partirão. É mais barato do que lutar, e bastante mais seguro.

*Mais barato do que lutar*, pensou Dany. *Sim, talvez seja*. Se ao menos pudesse ser assim tão fácil para ela. Como seria agradável velejar até Porto Real com seus dragões e pagar ao rapaz Joffrey uma arca de ouro para fazer com que fosse embora.

– *Khaleesi*? – disse Sor Jorah depois de ela ficar em silêncio durante muito tempo. Tocou ligeiramente o cotovelo dela.

Dany afastou-o, e disse:

– Viserys teria comprado todos os Imaculados que tivesse dinheiro para isso. Mas você certa vez disse que eu era como Rhaegar...

– Lembro-me disso, Daenerys.

– *Vossa Graça* – corrigiu ela. – O Príncipe Rhaegar levou homens livres para a batalha, não escravos. Barba-Branca disse que foi o próprio quem armou os escudeiros cavaleiros e também armou muitos outros homens.

– Não havia honra maior do que receber o grau de cavaleiro das mãos do Príncipe de Pedra do Dragão.

– Então diga-me: quando ele tocava um homem no ombro com a espada, o que dizia? “Vá e mate os fracos”? Ou “Vá e defenda-os”? No Tridente, esses homens corajosos de que Viserys falou e que morreram sob os nossos estandartes do dragão... deram a vida porque *acreditavam* na causa de Rhaegar, ou porque tinham sido comprados e pagos? – Dany virou-se para Mormont, cruzou os braços e esperou por uma resposta.

– Minha rainha – disse lentamente o forte homem –, tudo que diz é verdade. Mas Rhaegar perdeu no Tridente. Perdeu a batalha, perdeu a guerra, perdeu o reino e perdeu a vida. Seu sangue escorreu rio abaixo com os rubis de sua placa de peito, e Robert, o Usurpador, cavalgou por cima de seu cadáver para roubar o Trono de Ferro. Rhaegar lutou valentemente, Rhaegar lutou com nobreza, lutou com honra. E Rhaegar *morreu*.

# BRAN

Nenhuma estrada atravessava os retorcidos vales de montanha que agora percorriam. Entre os picos cinzentos de pedra havia calmos lagos azuis, longos, profundos e estreitos, e as infinitas sombras verdes de florestas de pinheiros. O castanho-avermelhado e o dourado das folhas de outono tornaram-se menos comuns quando abandonaram a mata de lobos para subir as velhas colinas de sílex, e desapareceram quando as colinas se transformaram em montanhas. Gigantescas árvores sentinela cinza-esverdeadas erguiam-se agora por cima deles, ombreando com abetos e pinheiros-marciais numa profusão sem fim. Por baixo, a vegetação rasteira era pouco densa, e o chão da floresta estava atapetado de agulhas verde-escuras.

Quando se perdiam, como aconteceu uma ou duas vezes, bastava-lhes esperar por uma noite fria e límpida em que as nuvens não se intrometessem e olhar para o céu em busca do Dragão de Gelo. A estrela azul no olho do dragão indicava o caminho para o norte, segundo Osha tinha lhe dito um dia. Pensar em Osha fazia Bran se perguntar sobre onde ela estaria. Imaginava-a a salvo em Porto Branco, com Rickon e Cão-Felpudo, comendo enguias, peixe e torta quente de caranguejo com o gordo Lorde Manderly. Ou talvez se aquecessem na Última Lareira, diante das fogueiras do Grande-Jon. Mas a vida de Bran transformara-se em dias infinitos e gelados nas costas de Hodor, subindo e descendo em seu cesto as vertentes de montanhas.

– Para cima e para baixo – suspirava às vezes Meera enquanto caminhavam – e depois para baixo e para cima. E depois outra vez para cima e para baixo. Detesto estas suas malditas montanhas, Príncipe Bran.

– Ontem disse que as adorava.

– Ah, e adoro. O senhor meu pai tinha me falado de montanhas, mas nunca tinha visto nenhuma até agora. Adoro-as mais do que consigo expressar.

Bran fez uma careta para ela.

– Mas acabou de dizer que as detestava.

– Por que é que não pode ser as duas coisas? – Meera esticou a mão para apertar o nariz de Bran.

– Porque são coisas *diferentes* – insistiu ele. – Como a noite e o dia, ou o gelo e o fogo.

– Se o gelo pode queimar – disse Jojen em sua voz solene –, então o amor e o ódio podem se juntar. Montanha ou pântano, não importa. A terra é só uma.

– Uma – concordou a irmã –, mas enrugada demais.

Os vales de altitude raramente lhes faziam o favor de correr de norte para sul, de modo que era frequente verem-se seguindo ao longo de léguas na direção errada, e às vezes eram forçados a voltar.

– Se tivéssemos seguido a estrada do rei, a esta alutra já poderíamos estar chegando à Muralha – Bran costumava lembrar aos Reed. Queria encontrar o corvo de três olhos, para poder aprender a voar. Repetira isso meia centena de vezes, até que Meera começou a caçoar dele, proferindo as palavras ao mesmo tempo que ele. – Se tivéssemos seguido a estrada do rei também não teríamos tanta fome – começou então a dizer.

Lá embaixo, nas colinas, não tinham tido falta de alimentos. Meera era uma boa caçadora, e melhor ainda em arrancar peixes dos riachos com a sua lança de três dentes para caçar rãs. Bran gostava de observá-la, admirando a sua rapidez, o modo como arremessava a lança e a puxava de volta com uma truta prateada contorcendo-se na ponta. E também tinham Verão para caçar para eles. O lobo gigante desaparecia quase todas as noites quando o sol se punha, mas estava sempre de volta antes do nascer do dia, normalmente com alguma coisa nas mandíbulas, um esquilo ou uma lebre.

Mas ali, nas montanhas, os riachos eram menores e gelados, e a caça, mais escassa. Meera ainda caçava e pescava quando podia, mas era mais difícil, e certas noites nem o Verão encontrava presas. Era frequente irem dormir de barriga vazia.

Mas Jojen continuava teimosamente determinado a permanecer bem longe das estradas.

– Onde você encontra estradas, encontra viajantes – dizia, com aquela sua maneira de falar –, e os viajantes têm olhos para ver e bocas para espalhar histórias sobre o rapaz aleijado, seu gigante e o lobo que

caminha com eles. – Ninguém era capaz de ser tão teimoso quanto Jojen, portanto avançavam com dificuldade por território bravio, e todos os dias iam um pouco mais alto, e caminhavam um pouco mais para o norte.

Havia dias em que chovia, outros eram ventosos, e uma vez foram pegos por uma saraivada tão forte que até Hodor berrou de medo. Nos dias sem nuvens, frequentemente tinham a impressão de que eram as únicas criaturas vivas no mundo inteiro.

– Ninguém vive aqui em cima? – perguntou certa vez Meera Reed, enquanto rodeavam um maciço de granito tão grande quanto Winterfell.

– Há gente – disse-lhe Bran. – Os Umber vivem principalmente a leste da estrada do rei, mas pastoreiam suas ovelhas nos prados de altitude durante o verão. Há os Wull a oeste das montanhas ao longo da Baía de Gelo, os Harclay atrás de nós, nas colinas, e os Knott, Liddle e Norrey e até alguns Flint aqui em cima, nas zonas altas. – A mãe da mãe de seu pai fora uma Flint das montanhas. A Velha Ama certa vez dissera que era o sangue dessa antepassada que levou Bran a gostar tanto de escalar antes da queda. Mas ela tinha morrido muitos, e muitos e muitos mais anos antes de ele nascer, até antes do pai nascer.

– Wull? – disse Meera. – Jojen, não houve um Wull que acompanhou o pai durante a guerra?

– Theo Wull – Jojen ofegava devido à subida. – Costumavam chamá-lo de Baldes.

– É o símbolo deles – disse Bran. – Três baldes marrons sobre azul, com um bordado de xadrez branco e cinza. Lorde Wull veio uma vez a Winterfell, para prestar vassalagem e conversar com o pai, e ele tinha os baldes no escudo. Mas não é um verdadeiro lorde. Bem, é, mas chamam-no só de *o Wull*, e há também o Knott, o Norrey e o Liddle. Em Winterfell, nós os chamávamos de lordes, mas seus povos não os chamam.

Jojen Reed parou para recuperar o fôlego.

– Acha que essa gente das montanhas sabe que estamos aqui?

– Eles sabem. – Bran avistara-os observando; não com os próprios olhos, mas com os olhos mais sensíveis de Verão, que deixavam escapar muito pouco. – Não nos incomodarão se não tentarmos fugir com suas cabras ou cavalos.

E não incomodaram. Só uma vez encontraram um membro do povo da montanha, quando uma súbita carga de água gelada tinha feito com que buscassem abrigo. Verão encontrou-o por eles, farejando uma gruta pouco profunda por trás dos ramos cinza-esverdeados de uma altaneira árvore sentinela, mas quando Hodor se abaixou sob a saliência rochosa, Bran viu o clarão alaranjado de uma fogueira mais para trás e compreendeu que não estavam sós.

– Entrem e aqueçam-se – chamou uma voz. – Há pedra suficiente para manter a chuva afastada de todas as nossas cabeças.

O homem ofereceu-lhes bolos de aveia e morcela e um gole da cerveja que trazia num odre, mas não lhes disse o nome; e também não perguntou o deles. Bran achou que devia ser um Liddle. O broche que prendia seu manto de pele de esquilo era de ouro e bronze, trabalhado em forma de pinha, e os Liddle usavam pinhas na metade branca de seus escudos verde e branco.

– Aqui é longe da Muralha? – perguntou-lhe Bran enquanto esperavam que a chuva parasse.

– Não muito para o voo do corvo – disse o Liddle, se é que ele era tal coisa. – Mais longe, para aqueles que não têm asas.

Bran então começou:

– Aposto que já estaríamos lá se...

– ... tivéssemos seguido a estrada do rei – concluiu Meera com ele.

O Liddle puxou uma faca e começou a desbastar um pedaço de madeira.

– Quando havia um Stark em Winterfell, uma donzela podia percorrer a estrada do rei usando o vestido do dia de seu nome e nada sofrer, e os viajantes encontravam fogo, pão e sal em muitas estalagens e castros. Mas agora as noites são mais frias, e as portas estão fechadas. Há lulas na mata de lobos, e homens esfolados percorrem a estrada do rei, perguntando por forasteiros.

Os Reed trocaram um olhar.

– Homens esfolados? – perguntou Jojen.

– Os rapazes do Bastardo, ora. Ele tava morto, mas agora não tá. E paga bom dinheiro por pele de lobos, segundo um homem ouviu dizer, e talvez até ouro por notícias de certos outros mortos que andam. – Olhou para Bran quando disse aquilo, e para Verão, que estava estendido ao seu

lado. – Quanto a essa Muralha – prosseguiu o homem –, não é lugar para onde eu iria. O Velho Urso levou a Patrulha para a floresta assombrada, e tudo que voltou foram seus corvos, quase sem trazer nenhuma mensagem. *Asas escuras, palavras escuras*, dizia a minha mãe, mas parece-me que quando os pássaros voam calados, isso é ainda mais sombrio. – Atiçou o fogo com o pedaço de madeira. – Era diferente quando havia um Stark em Winterfell. Mas o velho lobo tá morto e o novo foi para o sul jogar o jogo de tronos, e tudo que nos resta são os fantasmas.

– Os lobos voltarão – disse solenemente Jojen.

– E como é que você sabe, rapaz?

– Sonhei com isso.

– Há noites em que sonho com a minha mãe, que enterrei há nove anos – disse o homem –, mas, quando acordo, ela não voltou pra junto de nós.

– Há sonhos e sonhos, senhor.

– Hodor – disse Hodor.

Passaram aquela noite juntos, pois a chuva não cedeu até bem depois de escurecer, e só Verão parecia querer abandonar a gruta. Quando a fogueira se reduziu a brasas, Bran deixou-o ir. O lobo gigante não sentia a umidade como as pessoas, e a noite chamava-o. O luar pintava os bosques molhados em tons de prata e tornava brancos os picos cinzentos. Corujas piavam na escuridão e voavam silenciosamente entre os pinheiros, enquanto cabras brancas se deslocavam pelos flancos das montanhas. Bran fechou os olhos e entregou-se ao sonho de lobo, aos cheiros e sons da meia-noite.

Quando acordaram na manhã seguinte, a fogueira tinha se apagado e o Liddle havia desaparecido, mas deixou-lhes uma morcela e uma dúzia de bolos de aveia bem embrulhados num pano verde e branco. Alguns bolos tinham pinhões misturados na massa e outros, amoras-pretas. Bran comeu um de cada, e não conseguiu decidir de qual tinha gostado mais. Um dia voltaria a haver Stark em Winterfell, disse a si próprio, e então mandaria chamar os Liddle e pagaria cem vezes por cada pinhão e amora.

A trilha que seguiam era um pouco mais fácil naquele dia e, pelo meio-dia, o sol surgiu numa clareira entre as nuvens. Bran sentiu-se quase satisfeito, sentado em seu cesto às costas de Hodor. Cochilou um pouco,

embalado pelo balanço regular dos passos do grande cavalariço e pelo suave cantarolar que ele às vezes soltava quando caminhava. Meera acordou-o com um ligeiro toque no braço.

– Olhe – disse ela, apontando para o céu com sua lança de caçar rãs –, uma águia.

Bran levantou a cabeça e viu-a, com asas cinzentas abertas e imóveis, como se flutuassem no vento. Seguiu a ave com os olhos enquanto ela subia aos círculos, perguntando a si mesmo como seria pairar pelo mundo afora com tal ausência de esforço. *Ainda melhor do que escalar.* Tentou alcançar a águia, abandonar seu estúpido corpo aleijado e subir ao céu para se juntar a ela como fazia com Verão. *Os videntes verdes conseguiam fazer isso. Eu também devia ser capaz.* Tentou e tentou, até que a águia desapareceu na bruma dourada da tarde.

– Sumiu – disse, desapontado.

– Ainda vamos ver outras – Meera falou. – Elas vivem aqui em cima.

– Suponho que sim.

– Hodor – disse Hodor.

– Hodor – concordou Bran.

Jojen deu um chute numa pinha.

– Parece que o Hodor gosta quando diz o nome dele.

– Hodor não é o verdadeiro nome dele – explicou Bran. – É só uma palavra qualquer que ele diz. A Velha Ama disse-me que seu verdadeiro nome é Walder. Ela era avó da avó dele, ou qualquer coisa do gênero. – Falar da Velha Ama entristecia-o. – Acha que os homens de ferro a mataram? – Não tinham visto o corpo dela em Winterfell. Não se lembrava de ver nenhuma mulher morta, agora que pensava nisso. – Ela nunca fez mal a ninguém, nem mesmo a Theon. Só contava histórias. Theon não ia fazer mal a alguém assim. Certo?

– Algumas pessoas machucam outras só porque podem fazer isso – disse Jojen.

– E não foi Theon quem fez a matança em Winterfell – disse Meera. – Muitos dos mortos eram homens de ferro. – Passou a lança para a outra mão. – Lembre-se das histórias da Velha Ama, Bran. Lembre-se da maneira como ela as contava, do som da voz dela. Enquanto se lembrar, parte dela estará sempre viva em você.

– Vou me lembrar – prometeu ele. Subiram em silêncio durante muito tempo, seguindo uma trilha de animais cheia de curvas ao longo da passagem elevada entre dois picos pedregosos. Pinheiros marciais esqueléticos agarravam-se às vertentes em volta deles. Bem mais à frente Bran viu a cintilação gelada de um rio que caía pelo flanco de uma montanha. Deu por si escutando o ruído da respiração de Jojen e o som quebradiço das agulhas de pinheiro sob os pés de Hodor. – Sabem histórias? – perguntou de repente aos Reed.

Meera soltou uma gargalhada.

– Ah, algumas.

– Algumas – admitiu o irmão.

– Hodor – disse Hodor, cantarolando.

– Podiam contar uma – disse Bran. – Enquanto caminhamos. O Hodor gosta de histórias sobre cavaleiros. Eu também gosto.

– Não há cavaleiros no Gargalo – disse Jojen.

– Por cima da água – corrigiu a irmã. – Mas os pântanos estão cheios de cavaleiros mortos.

– Isso é verdade – disse Jojen. – Ândalos e homens de ferro, Frey e outros tolos, todos os orgulhosos guerreiros que tentaram conquistar a Água Cinzenta. Nem um conseguiu encontrá-la. Entram no Gargalo mas não conseguem sair. E mais cedo ou mais tarde tropeçam nos pântanos, afundam-se sob o peso de todo aquele aço e afogam-se lá, em suas armaduras.

A imagem de cavaleiros afogados debaixo d'água fez Bran arrepiar-se. Mas não levantou objeções; *gostava* dos arrepios.

– Houve um cavaleiro – disse Meera – no ano da Falsa Primavera. Chamavam-no de Cavaleiro da Árvore que Ri. Esse pode ter sido um cranogmano.

– Ou não. – O rosto de Jojen estava salpicado de sombras verdes. – Tenho certeza de que o Príncipe Bran já ouviu essa história uma centena de vezes.

– Não – disse Bran. – Não ouvi. E, se tivesse ouvido, não me importaria. Às vezes, a Velha Ama voltava a contar as mesmas histórias, mas nós nunca nos importávamos, desde que fossem boas. Ela costumava dizer que as velhas histórias são como velhos amigos. Temos de visitá-las de vez em quando.

– Isso é verdade. – Meera caminhava com o escudo nas costas, afastando do caminho um ramo ou outro com a lança para rãs. Bem quando Bran já começava a achar que ela não ia contar a história, começou: – Num tempo muito distante houve um moço engraçado que vivia no Gargalo. Era pequeno como todos os cranogmanos, mas também era bravo, esperto e forte. Cresceu caçando, pescando e subindo nas árvores e aprendeu toda a magia do meu povo.

Bran tinha quase certeza de que nunca ouvira aquela história.

– Ele tinha os sonhos verdes, como o Jojen?

– Não – disse Meera –, mas era capaz de respirar lama e correr sobre folhas e transformar a terra em água e a água em terra só com uma palavra murmurada. Sabia falar com as árvores, tecer palavras e fazer castelos aparecerem e desaparecerem.

– Gostaria de saber fazer isso – disse Bran em tom de lamento. – Quando é que ele conhece o cavaleiro da árvore?

Meera fez-lhe uma careta.

– Mais depressa, se um certo príncipe ficasse calado.

– Estava só perguntando.

– O rapaz conhecia as magias dos pântanos – prosseguiu ela –, mas queria mais. É que o nosso povo raramente viaja para longe de casa. Somos gente pequena, e nossos costumes parecem estranhos para certas pessoas, de modo que as pessoas grandes nem sempre nos tratam bem. Mas esse rapaz era mais ousado do que a maioria, e um dia, depois de chegar à idade adulta, decidiu que iria deixar os pântanos para visitar a Ilha das Caras.

– Ninguém visita a Ilha das Caras – questionou Bran. – É onde vivem os homens verdes.

– Eram os homens verdes que ele queria encontrar. Portanto vestiu uma camisa com escamas de bronze cosidas a ela, como a minha, pegou um escudo de couro e uma lança de três dentes, como os meus, e desceu o Ramo Verde remando num pequeno barco de casco de couro.

Bran fechou os olhos para tentar ver o homem em seu pequeno barco de casco de couro. Na sua cabeça, o cranogmano parecia-se com Jojen, só que mais velho e forte e vestido como Meera.

– Passou por baixo das Gêmeas de noite, para que os Frey não o atacassem, e quando chegou ao Tridente, saiu do rio, pôs o barco na

cabeça e começou a caminhar. Demorou muitos dias, mas por fim chegou ao Olho de Deus, atirou o barco no lago e remou até a Ilha das Caras.

– E encontrou os homens verdes?

– Sim – disse Meera –, mas essa é outra história, e não cabe a mim contá-la. O meu príncipe pediu cavaleiros.

– Homens verdes também são bons.

– São mesmo – concordou ela, mas nada mais disse sobre eles. – O cranogmano ficou na ilha durante todo esse inverno, mas quando a primavera desabrochou, ouviu o grande mundo a chamá-lo e soube que era hora de partir. Seu barco de couro estava exatamente no local onde o deixara, por isso fez suas despedidas e remou para terra firme. Remou e remou, e por fim viu as distantes torres de um castelo erguendo-se junto ao lago. As torres subiam cada vez mais, à medida que ia se aproximando da margem, até que ele percebeu que aquele devia ser o maior castelo do mundo inteiro.

– Harrenhal! – compreendeu Bran de imediato. – Era Harrenhal!

Meera sorriu.

– Seria? À sombra das suas muralhas viu tendas de muitas cores, brilhantes estandartes balançando ao vento, e cavaleiros vestidos de cota de malha ou de placas de aço e montados em cavalos couraçados. Sentiu o cheiro de carne assando e ouviu o som de risos e o clangor das trombetas dos arautos. Um grande torneio estava prestes a começar, e tinham vindo campeões de todo o território para conquistá-lo. O próprio rei encontrava-se presente, com seu filho, o príncipe-dragão. As Espadas Brancas tinham vindo, para receber um novo irmão em suas fileiras. O senhor da tempestade andava por lá, bem como o senhor da rosa. O grande leão do rochedo tinha brigado com o rei e acabou se mantendo afastado, mas muitos de seus vassalos e cavaleiros compareceram mesmo assim. O cranogmano nunca vira tamanha pompa, e sabia que talvez nunca mais voltaria a ver coisa igual. Parte de si nada mais desejava do que participar daquilo.

Bran conhecia bastante bem essa sensação. Quando era pequeno, só sonhava em ser um cavaleiro. Mas isso fora antes de cair e perder as pernas.

– A filha do grande castelo reinava como rainha do amor e da beleza quando o torneio começou. Cinco campeões tinham jurado defender a

sua coroa; seus quatro irmãos de Harrenhal e seu tio famoso, um cavaleiro branco da Guarda Real.

– Era uma donzela bela?

– Era – disse Meera, saltando sobre uma pedra –, mas havia outras ainda mais belas. Uma era a esposa do príncipe-dragão, que havia trazido uma dúzia de damas de companhia para servi-la. Todos os cavaleiros lhe suplicavam favores para atar em volta de suas lanças.

– Isso não vai ser uma daquelas histórias de *amor*, não é? – perguntou Bran, desconfiado. – O Hodor não gosta lá muito dessas.

– Hodor – disse Hodor, concordando.

– Ele gosta das histórias em que os cavaleiros lutam com monstros.

– Às vezes os monstros são os cavaleiros, Bran. O pequeno cranogmano caminhava pelo campo, desfrutando do dia quente de primavera e sem fazer mal a ninguém, quando foi atacado por três escudeiros. Nenhum deles tinha mais de quinze anos, mesmo assim eram maiores do que ele, todos os três. Do modo como viam as coisas, aquele mundo era *deles*, e o cranogmano não tinha o direito de estar lá. Roubaram sua lança e atiraram-no ao chão, e o chamaram de papa-rãs.

– Eram Walder? – parecia algo que o Pequeno Walder Frey poderia ter feito.

– Nenhum deles disse o nome, mas ele guardou bem seus rostos na memória, para que pudesse se vingar mais tarde. Derrubaram-no toda vez que tentou se levantar, e chutaram-no quando se enrolou sobre si mesmo no chão. Mas então ouviram um rugido. “Esse que chutam é vassalo de meu pai”, uivou a loba.

– Uma loba com quatro patas, ou com duas?

– Duas – disse Meera. – A loba meteu-se no meio dos escudeiros com uma espada de torneio, fazendo-os debandar. O cranogmano estava machucado e ensanguentado, por isso ela levou-o para a sua toca, para limpar as feridas e cobri-las com linho. Aí, ele conheceu os irmãos de matilha dela: o lobo selvagem que os liderava, o lobo calado ao seu lado e o lobinho que era o mais novo dos quatro.

“Nessa noite, haveria um banquete em Harrenhal, para anunciar a abertura do torneio, e a loba insistiu em que o rapaz comparecesse. Ele era de elevado nascimento, com tanto direito a um lugar no banco como qualquer outro homem. Não era fácil contrariar aquela donzela-lobo, e

assim ele deixou que o jovem lobinho lhe arranjasse um traje adequado para um banquete real e dirigiu-se ao grande castelo.

"Comeu e bebeu sob o teto de Harren, com os lobos e também com muitas das espadas a eles juramentadas, homens das terras acidentadas, e também alces, ursos e tritões. O príncipe-dragão cantou uma canção tão triste que fez a donzela-lobo soluçar, mas quando o seu irmão lobinho caçoou dela por chorar, ela derramou vinho na cabeça dele. Um irmão negro interveio, pedindo aos cavaleiros para se juntarem à Patrulha da Noite. O senhor da tempestade derrotou o cavaleiro dos crânios e beijos numa batalha de copos de vinho. O cranogmano viu uma donzela com sorridentes olhos púrpuras dançando com uma espada branca, uma serpente vermelha e o senhor dos grifos, e por fim com o lobo silencioso... mas só depois que o lobo selvagem falou com ela em nome do irmão, que era tímido demais para sair de seu banco.

"No meio de toda aquela alegria, o pequeno cranogmano vislumbrou os três escudeiros que o tinham atacado. Um deles servia um cavaleiro forquilha; outro, um porco-espinho, enquanto o terceiro assistia um cavaleiro com duas torres em seu sobretudo, um símbolo que todos os cranogmanos conhecem bem."

– Os Frey – disse Bran. – Os Frey da Travessia.

– Então, assim como agora – concordou ela. – A donzela-lobo também os viu e mostrou-os aos irmãos. "Podia arranjar-lhe um cavalo e uma armadura que talvez servisse", ofereceu o lobinho. O pequeno cranogmano agradeceu, mas não respondeu. Tinha o coração dividido. Os cranogmanos são menores do que a maioria dos homens, mas igualmente orgulhosos. O rapaz não era cavaleiro, nenhum dos seus era. Sentamo-nos mais frequentemente num barco do que num cavalo, e nossas mãos são feitas para remos, não para lanças. Por mais que desejasse obter sua vingança, temia não fazer mais do que papel de bobo, envergonhando seu povo. O lobo silencioso ofereceu ao pequeno cranogmano um lugar em sua tenda naquela noite, mas este, antes de dormir, ajoelhou-se na margem do lago, olhando por sobre a água para onde a Ilha das Caras deveria estar, e proferiu uma prece aos deuses antigos do Norte e do Gargalo...

– Seu pai nunca lhe contou essa história? – perguntou Jojen.

– Era a Velha Ama quem contava histórias. Meera, continue, não pode parar aí.

Hodor devia sentir o mesmo.

– Hodor – disse, e depois: – Hodor hodor hodor hodor.

– Bem – disse Meera –, se quer ouvir o resto...

– Sim. *Conte*.

– Estavam planejados cinco dias de justas – disse ela. – Também haveria uma grande luta corpo a corpo entre sete equipes, e torneios de tiro ao alvo e arremesso de machados, uma corrida de cavalos e um torneio de cantores...

– Isso tudo não interessa. – Bran contorceu-se impacientemente no cesto que o prendia às costas de Hodor. – Conte o que aconteceu nas justas.

– Às ordens de meu príncipe. A filha do castelo era a rainha do amor e da beleza, com quatro irmãos e um tio para defendê-la, mas todos os quatro filhos de Harrenhal foram derrotados no primeiro dia. Os vencedores tiveram breves reinados como campeões, até serem, por sua vez, derrotados. Aconteceu que, no fim do primeiro dia, o cavaleiro do porco-espinho conquistou um lugar entre os campeões, e na manhã do segundo dia o cavaleiro da forquilha e o cavaleiro das duas torres também saíram vitoriosos. Mas, ao fim da tarde desse segundo dia, quando as sombras se tornavam longas, um misterioso cavaleiro surgiu na liça.

Bran assentiu com a cabeça, com ar sabedor. Cavaleiros misteriosos apareciam frequentemente nos torneios, com elmos que escondiam seus rostos, e escudos ora vazios ora ostentando um símbolo estranho qualquer. Às vezes eram campeões famosos sob disfarce. O Cavaleiro do Dragão certa vez ganhara um torneio como o Cavaleiro das Lágrimas, para poder nomear a irmã rainha do amor e da beleza no lugar da amante do rei. E Barristan, o Ousado, vestiu por duas vezes uma armadura de cavaleiro misterioso, a primeira quando tinha apenas dez anos.

– Aposto que era o pequeno cranogmano.

– Ninguém soube – disse Meera –, mas o cavaleiro misterioso era de baixa estatura e usava uma armadura que mal lhe servia, feita de partes avulsas. O símbolo que trazia no escudo era uma árvore-coração dos velhos deuses, um represeiro branco com uma cara vermelha sorrindo.

– Talvez tenha vindo da Ilha das Caras – disse Bran. – Era verde? – Nas histórias da Velha Ama, os guardiães tinham pele verde-escura e folhas no lugar dos cabelos. Às vezes também tinham chifres, mas Bran não via como o cavaleiro misterioso poderia ter usado um elmo se tivesse chifres. – Aposto que foram os deuses antigos que o enviaram.

– Talvez tenham sido. O cavaleiro misterioso saudou o rei com a lança e dirigiu-se para o fim da liça, onde os cinco campeões tinham seus pavilhões. Sabe quais foram os três que ele desafiou.

– O cavaleiro do porco-espinho, o cavaleiro da forquilha e o cavaleiro das torres gêmeas. – Bran ouvira histórias suficientes para saber *isso*. – Era o pequeno cranogmano, bem que eu disse.

– Fosse quem fosse, os deuses antigos deram força ao seu braço. O cavaleiro do porco-espinho foi o primeiro a cair, seguido pelo da forquilha e, por fim, o das duas torres foi derrubado. Nenhum deles era apreciado, por isso os plebeus aplaudiram vigorosamente o Cavaleiro da Árvore que Ri, nome pelo qual o novo campeão começou rapidamente a ser conhecido. Quando seus adversários caídos procuraram resgatar cavalos e armaduras, o Cavaleiro da Árvore que Ri falou numa voz trovejante através do elmo: "*Ensinem honra aos seus escudeiros, isso será um resgate suficiente*". Depois de os cavaleiros derrotados terem punido severamente os escudeiros, seus cavalos e armaduras foram restituídos. E, assim, as preces do pequeno cranogmano foram atendidas... pelos homens verdes, pelos deuses antigos ou pelos filhos da floresta, quem saberá?

Era uma boa história, decidiu Bran depois de pensar nela por um momento ou dois.

– O que aconteceu depois? O Cavaleiro da Árvore que Ri ganhou o torneio e se casou com uma princesa?

– Não – disse Meera. – Nessa noite, no grande castelo, tanto o senhor da tempestade como o cavaleiro dos crânios e dos beijos juraram que iriam desmascará-lo, e o próprio rei exortou os homens a desafiá-lo, declarando que o rosto por trás do elmo não era seu amigo. Mas, na manhã seguinte, quando os arautos sopraram suas trombetas e o rei ocupou seu lugar, só dois campeões apareceram. O Cavaleiro da Árvore que Ri tinha desaparecido. O rei ficou furioso, e até mandou o filho, o príncipe-dragão, procurar o homem, mas tudo que encontraram foi seu

escudo pintado, abandonado, pendendo de uma árvore. No fim, foi o príncipe-dragão que ganhou o torneio.

– Oh. – Bran refletiu um pouco acerca da história. – Foi uma boa história. Mas, em vez dos escudeiros, os três cavaleiros maus deviam ter machucado o homem. Então, o pequeno cranogmano poderia ter matado os três. A parte dos resgates é estúpida. E o cavaleiro misterioso devia ter ganhado o torneio, derrotando todos os que o desafiassem, e nomeado a donzela-lobo rainha do amor e da beleza.

– Ela foi nomeada – disse Meera –, mas essa é uma história mais triste.

– Tem certeza de que nunca ouviu essa história antes, Bran? – perguntou Jojen. – O senhor seu pai nunca a contou para você?

Bran sacudiu a cabeça. O dia já estava acabando a essa altura, e longas sombras rastejavam pelos flancos das montanhas, enviando dedos negros por entre os pinheiros. *Se o pequeno cranogmano pôde visitar a Ilha das Caras, eu talvez também possa*. Todas as histórias concordavam em que os homens verdes possuíam estranhos poderes mágicos. Talvez pudessem ajudá-lo a voltar a andar, ou até a transformá-lo num cavaleiro. *Transformaram o pequeno cranogmano num cavaleiro, mesmo que só por um dia*, pensou. *Um dia seria suficiente.*

# DAVOS

A cela era mais quente do que uma cela tinha direito de ser.

Sim, era escura. Uma tremeluzente luz laranja caía através das antigas barras de ferro, vinda do archote enfiado na arandela presa à parede do lado de fora, mas a metade interior da cela permanecia mergulhada em sombras. Também era úmida, como se poderia esperar de uma ilha como Pedra do Dragão, onde o mar nunca estava longe. E havia ratazanas, tantas quantas qualquer masmorra podia esperar ter e mais algumas.

Mas Davos não podia se queixar de frio. As passagens de pedra lisa sob a grande massa de Pedra do Dragão eram sempre quentes, e Davos ouvira dizer com frequência que ficavam mais quentes à medida que se descia. Calculava estar muito abaixo do castelo, e sentia a parede de sua cela quente quando encostava a palma da mão nela. As velhas histórias talvez fossem verdadeiras, e Pedra do Dragão talvez tivesse sido construída com pedras do inferno.

Estava doente quando o levaram até ali. A tosse que o vinha atormentando desde a batalha piorara, e tinha sido também atacado por uma febre. Seus lábios racharam, enchendo-se de bolhas sangrentas, e o calor da cela não o impedira de ter calafrios. *Não resistirei por muito tempo*, lembrava-se de ter pensado. *Morrerei em breve, aqui na escuridão.*

Davos descobriu rapidamente que nisso se enganava, tal como em muitas outras coisas. Lembrava-se vagamente de mãos gentis e de uma voz firme, e do jovem Meistre Pylos a olhá-lo de cima. Deram-lhe caldo quente de alho para beber e leite de papoula para lhe tirar as dores e os arrepios. A papoula fez com que dormisse, e enquanto dormia colaram sanguessugas na sua pele, para drenar o sangue ruim. Pelo menos fora isso que concluíra das marcas de sanguessugas que tinha nos braços quando acordou. Pouco tempo depois, a tosse parou, as bolhas desapareceram, e o caldo começou a vir com pedaços de peixe branco, e também cenouras e cebolas. E um dia percebeu que se sentia mais forte

do que se sentira desde que o *Betha Negra* havia se estilhaçado sob os seus pés e o atirado ao rio.

Tinha dois carcereiros para cuidar de si. Um era largo e atarracado, com grandes ombros e mãos enormes e fortes. Usava uma brigantina de couro pontilhada de tachões de ferro, e uma vez por dia trazia a Davos uma tigela de mingau de aveia. Às vezes adoçava-a com mel ou despejava nela um pouco de leite. O outro carcereiro era mais velho, curvado e pálido, com cabelos oleosos, sujos, e pele áspera. Usava um gibão de veludo branco com um anel de estrelas bordado no peito, em fio de ouro. Caía mal nele, ao mesmo tempo curto e largo demais, e estava sujo e rasgado. Esse trazia a Davos pratos de carne com purê, ou guisado de peixe, e uma vez até tinha lhe trazido metade de um empadão de lampreia. A lampreia estava tão condimentada que Davos não conseguira mantê-la no estômago, mesmo assim era um raro acepipe para um prisioneiro numa masmorra.

Nem sol nem luz brilhavam nas masmorras; nenhuma janela perfurava as espessas paredes de pedra. A única maneira de distinguir o dia da noite era através dos carcereiros. Nenhum dos homens falava com ele, embora Davos soubesse que não eram mudos; às vezes ouvia-os trocar algumas palavras rudes na troca da guarda. Nem sequer lhe disseram como se chamavam, por isso deu-lhes nomes inventados. Ao baixo e forte chamou Mingau, ao curvado e pálido, Lampreia, devido ao empadão. Marcava a passagem dos dias pelas refeições que eles traziam e pelas trocas de archotes na arandela fora de sua cela.

Na escuridão, um homem sente-se só e anseia pelo som da voz humana. Davos dirigia-se aos carcereiros sempre que eles vinham à cela, fosse para lhe trazer comida, fosse para trocar o balde dos dejetos. Sabia que os homens seriam surdos a súplicas por liberdade ou misericórdia; em vez disso fazia-lhes perguntas, na esperança de que talvez um dia algum deles pudesse responder. “Que notícias há da guerra?”, perguntava, e “O rei está bem?”. Pedia notícias do filho Devan, e da Princesa Shireen, e de Salladhor Saan. “Como anda o tempo?”, perguntava, e “As tempestades de outono já começaram?”, “Os navios ainda percorrem o mar estreito?”.

Não importava o que perguntava; eles nunca respondiam, embora às vezes Mingau lhe dirigisse um olhar, fazendo Davos pensar durante meio

segundo que ele se preparava para falar. Com o Lampreia nem isso havia. *Para ele, não sou um homem*, pensou Davos, *não passo de uma pedra que come, caga e fala*. Passado algum tempo, decidiu que gostava muito mais do Mingau. Este parecia pelo menos saber que ele estava vivo, e havia uma estranha espécie de bondade no homem. Davos suspeitava que ele alimentava as ratazanas; era por isso que havia tantas. Uma vez pensou ter ouvido o carcereiro falar com elas como se fossem crianças, mas isso talvez tivesse sido apenas um sonho.

*Eles não pretendem me deixar morrer*, compreendeu. *Estão me mantendo vivo, para um propósito qualquer*. Não gostava de pensar no que esse propósito poderia ser. Lorde Sunglass fora confinado nas celas sob Pedra do Dragão durante algum tempo, tal como os filhos de Sor Hubard Rambton; todos acabaram na pira. *Devia ter me entregado ao mar*, pensou Davos, sentado, fitando o archote do outro lado das barras. *Ou deixar que a vela passasse por mim, para morrer em meu rochedo. Prefiro alimentar caranguejos a chamas.*

Então, uma noite, enquanto terminava o jantar, Davos sentiu que um estranho brilho o inundava. Olhou para cima por entre as barras e ali estava ela, vestida com um cintilante tom de escarlate, com seu grande rubi na garganta, e os olhos vermelhos brilhando tanto quanto o archote que a banhava.

– Melisandre – disse, com uma calma que não sentia.

– Cavaleiro das Cebolas – respondeu ela, igualmente calma, como se os dois tivessem se encontrado numa escada ou no pátio e trocassem saudações delicadas. – Está bem?

– Melhor do que já estive.

– Falta alguma coisa a você?

– O meu rei. O meu filho. Ambos me fazem falta. – Pôs a tigela de lado e levantou-se. – Veio me queimar?

Os estranhos olhos vermelhos da mulher estudaram-no através das barras.

– Este é um mau lugar, não é? Um lugar escuro e malcheiroso. O bom sol aqui não brilha, e a lua brilhante também não. – Ergueu uma mão para o archote na arandela da parede. – Isto é tudo que existe entre você e as trevas, Cavaleiro das Cebolas. Este pequeno fogo, esta dádiva de R'hllor. Devo apagá-la?

– Não. – Davos aproximou-se das barras. – Por favor. – Não achava que conseguisse aguentar ser deixado só na escuridão completa, sem nada além das ratazanas para lhe fazer companhia.

Os lábios da mulher vermelha curvaram-se para cima num sorriso.

– Então acabou amando o fogo, ao que parece.

– Preciso do archote. – Suas mãos se abriram e fecharam. *Não lhe suplicarei. Não suplicarei.*

– Sou como este archote, Sor Davos. Ambos somos instrumentos de R'hllor. Fomos feitos para o mesmo fim... para manter a escuridão afastada. Acredita nisso?

– Não. – Talvez devesse ter mentido e dito o que ela queria ouvir, mas Davos estava habituado demais a falar a verdade. – Você é a mãe das trevas. Eu vi isso sob Ponta Tempestade, quando pariu diante de meus olhos.

– Estará o bravo Sor Cebolas assim tão assustado por uma sombra passageira? Se é assim, anime-se. As sombras só vivem quando são geradas pela luz, e os fogos do rei ardem tão fracos que não me atrevo a tirar-lhe mais para fazer outro filho. Isso poderia até matá-lo. – Melisandre aproximou-se. – Mas com outro homem... um homem cujas chamas ainda se erguem quentes... se realmente deseja servir à causa do seu rei, venha uma noite aos meus aposentos. Poderia dar-lhe prazer tal como nunca conheceu e, com seu fogo da vida, poderia gerar...

– ... um horror. – Davos afastou-se dela. – Não quero nada com a senhora. Ou com o seu deus. Que os Sete me protejam.

Melisandre suspirou.

– Eles não protegeram Guncer Sunglass. Rezava três vezes por dia, e usava sete estrelas de sete pontas no escudo, mas quando R'hllor lhe estendeu a mão, suas preces transformaram-se em gritos, e ele ardeu. Por que agarrar-se a esses falsos deuses?

– Adorei-os toda a minha vida.

– Toda a sua vida, Davos Seaworth? Tanto faz dizer que *era assim ontem*. – Sacudiu a cabeça, tristemente. – Nunca temeu dizer a verdade a reis, por que é que mente a si mesmo? Abra os olhos, sor cavaleiro.

– O que quer que eu veja?

– O modo como o mundo é feito. A verdade está à sua volta, basta olhar para ela. A noite é escura e cheia de terrores, o dia, luminoso, belo

e cheio de esperança. Uma é negra, o outro, branco. Há gelo e há fogo. Ódio e amor. Amargor e doçura. Macho e fêmea. Dor e prazer. Inverno e verão. Mal e bem. – Ela deu um passo em sua direção. – *Vida e morte*. Em toda parte há opostos. Em toda parte há a guerra.

– A guerra? – perguntou Davos.

– A guerra – afirmou ela. – Existem dois, Cavaleiro das Cebolas. Nem sete, nem um, nem cem ou mil. Dois! Acha que atravessei metade do mundo para colocar mais um rei frívolo em mais um trono vazio? A guerra é travada desde o começo dos tempos, e, antes de chegar ao fim, todos os homens devem escolher de que lado se encontram. De um lado está R'hllor, o Senhor da Luz, o Coração de Fogo, o Deus da Chama e da Sombra. Contra ele ergue-se o Grande Outro, cujo nome não pode ser pronunciado, o Senhor das Trevas, a Alma do Gelo, o Deus da Noite e do Terror. A nossa escolha não é entre Baratheon e Lannister, entre Greyjoy e Stark. O que escolhemos é a morte ou a vida. A escuridão ou a luz. – Agarrou as barras da cela com suas mãos esguias e brancas. O grande rubi em sua garganta pareceu pulsar com esplendor próprio. – Portanto, diga-me, Sor Davos Seaworth, e diga-me a verdade: o seu coração arde com a luz brilhante de R'hllor? Ou é negro, frio e cheio de vermes? – Estendeu a mão através das barras e pousou três dedos no peito de Davos, como que para sentir a sua verdade através de carne, lã e couro.

– Meu coração – disse lentamente Davos – está cheio de dúvidas.

Melisandre suspirou.

– Ahhhh, Davos. O bom cavaleiro é honesto até o fim, mesmo no seu dia de trevas. É bom que não tenha mentido para mim. Eu teria sabido. Os servos do Outro frequentemente escondem corações negros sob uma luz vívida, por isso R'hllor dá aos seus sacerdotes o poder de ver através das falsidades. – Afastou-se da cela com um passo ligeiro. – Por que queria me matar?

– Direi – disse Davos – se me disser quem me traiu. – Só poderia ter sido Salladhor Saan, mas ainda agora rezava para que não tivesse sido.

A mulher vermelha soltou uma gargalhada.

– Ninguém o traiu, Cavaleiro das Cebolas. Vi suas intenções nas minhas chamas.

*As chamas*.

– Se pode ver o futuro nessas chamas, como foi que ardemos na Água Negra? Entregou meus filhos ao fogo... meus filhos, meu navio, meus homens, todos queimando...

Melisandre balançou a cabeça.

– Trata-me injustamente, Cavaleiro das Cebolas. Esses incêndios não foram meus. Se eu estivesse com vocês, sua batalha teria tido um final diferente. Mas Sua Graça estava rodeado de descrentes, e seu orgulho mostrou-se mais forte do que sua fé. A punição foi severa, mas aprendeu com o erro.

*Então meus filhos nada mais foram do que uma lição para um rei?* Davos sentiu sua boca contrair.

– Agora é noite nos seus Sete Reinos – prosseguiu a mulher vermelha –, mas logo o sol voltará a se levantar. A guerra continua, Davos Seaworth, e certos homens aprenderão em breve que até uma brasa entre cinzas ainda pode causar um grande incêndio. O velho meistre olhava para Stannis e via apenas um homem. Você vê um rei. Ambos se enganam. Ele é o escolhido do Senhor, o guerreiro do fogo. Vi-o à frente da luta contra a escuridão, vi-o nas chamas. As chamas não mentem, caso contrário você não estaria aqui. Isso também está escrito na profecia. Quando a estrela vermelha sangra e as trevas reúnem forças, Azor Ahai renascerá por entre fumaça e sal, para acordar dragões da pedra. A estrela sangrenta já chegou e partiu, e Pedra do Dragão é o local de fumaça e sal. Stannis Baratheon é Azor Ahai renascido! – Os olhos vermelhos da mulher ardiam como fogueiras gêmeas, e pareceram fitar as profundezas da alma de Davos. – Não acredita em mim. Até agora duvida da verdade de R'hllor... e no entanto, serviu-o mesmo assim, e voltará a servi-lo. Vou deixá-lo aqui para pensar em tudo o que lhe disse. E, porque R'hllor é a fonte de todo o bem, deixarei também o archote.

Com um sorriso e um rodopio de saias escarlates, desapareceu. Só o seu odor permaneceu depois de ela partir. Isso e o archote. Davos abaixou-se até o chão da cela e abraçou os joelhos. A luz inconstante do archote varria-o. Depois que os passos de Melisandre deixaram de ser ouvidos, o único som que ficou foi o arranhar das ratazanas. *Gelo e fogo*, pensou. *Branco e preto. Trevas e luz*. Davos não podia negar o poder do deus dela. Tinha visto a sombra sair do ventre de Melisandre, e a sacerdotisa sabia coisas que não tinha como saber. *Ela viu as minhas*

*intenções nas chamas*. Era bom saber que Salla não o vendera, mas a ideia de a mulher vermelha espiar seus segredos com suas fogueiras inquietava-o mais do que conseguiria exprimir. *E o que ela quis dizer quando falou que eu servi seu deus e voltarei a servi-lo?* Também não tinha gostado disso.

Ergueu os olhos para fitar o archote. Olhou-o durante muito tempo, sem piscar, observando as chamas mudando e tremeluzindo. Tentou ver para além delas, espreitar através da cortina de fogo e vislumbrar o que quer que vivesse lá atrás... mas nada havia, apenas fogo, e após algum tempo seus olhos começaram a lacrimejar.

Ofuscado e cansado, Davos enrolou-se na palha e entregou-se ao sono.

Três dias mais tarde – bem, o Mingau tinha vindo três vezes e o Lampreia, duas – Davos ouviu vozes à porta de sua cela. Sentou-se de imediato, com as costas apoiadas na parede de pedra, escutando os sons de uma luta. Aquilo era novo, uma mudança em seu mundo imutável. O ruído vinha do lado esquerdo, onde os degraus levavam à luz do dia. Conseguia ouvir uma voz de homem, suplicando e gritando.

– ... *loucura!* – o homem dizia quando surgiu à vista de Davos, arrastado entre dois guardas com corações flamejantes no peito. Mingau vinha à frente deles, fazendo tilintar um anel cheio de chaves, e Sor Axell Florent caminhava atrás. – Axell – disse o prisioneiro em tom de desespero –, pelo apreço que tem por mim, *solte-me*! Não pode fazer isso, eu não sou nenhum traidor. – Era um homem de certa idade, alto e esguio, com cabelos prateados, barba pontiaguda e rosto longo e elegante retorcido de medo. – Onde está Selyse, onde está a rainha? Exijo vê-la. Que os Outros carreguem todos vocês! *Soltem-me*!

Os guardas não prestaram atenção ao alarido que o homem fazia.

– Aqui? – perguntou o Mingau em frente à cela. Davos ficou em pé. Por um instante pensou em tentar precipitar-se sobre eles quando a porta fosse aberta, mas isso era uma loucura. Eles eram muitos, os guardas tinham espadas, e Mingau era forte como um touro.

Sor Axell assentiu bruscamente para o carcereiro.

– Que os traidores gozem da companhia um do outro.

– *Eu não sou traidor coisa nenhuma!* – guinchou o prisioneiro enquanto Mingau destrancava a porta. Embora estivesse vestido de forma simples, com um gibão de lã cinza e calções pretos, sua maneira de falar

identificava-o como nobre. *Seu nascimento não o beneficiará aqui*, pensou Davos.

Mingau abriu as barras por completo, Sor Axell fez um aceno, e os guardas atiraram seu cativo, de cabeça, para dentro da cela. O homem tropeçou e poderia ter caído, mas Davos agarrou-o. Ele libertou-se imediatamente com uma sacudida e correu cambaleando para a porta, apenas para vê-la fechada na sua cara pálida e mimada.

– *Não* – gritou. – *Nããããão*. – Toda a força abandonou de repente suas pernas e ele deslizou lentamente para o chão, agarrando-se às barras de ferro. Sor Axell, Mingau e os guardas já tinham se virado para partir. – Não podem fazer isso – gritou o prisioneiro para as costas dos homens que se afastavam. – *Eu sou a Mão do Rei!*

Foi então que Davos o reconheceu.

– É Alester Florent.

O homem virou a cabeça.

– Quem...?

– Sor Davos Seaworth.

Lorde Alester pestanejou.

– Seaworth... o cavaleiro das cebolas. Tentou assassinar Melisandre.

Davos não negou.

– Em Ponta Tempestade usou uma armadura vermelho-dourada, com flores de lápis-lazúli incrustadas na placa de peito. – Estendeu uma mão para ajudar o outro homem a pôr-se em pé.

Lorde Alester sacudiu a palha imunda de suas roupas.

– Eu... eu devo desculpar-me por minha aparência, sor. Minhas arcas foram perdidas quando os Lannister invadiram nosso acampamento. Escapei sem nada exceto a cota de malha que trazia no corpo e os anéis nos dedos.

*E ainda usa esses anéis*, reparou Davos, que perdera até parte de seus dedos.

– Sem dúvida que algum ajudante de cozinha ou palafreneiro anda agora se pavoneando por Porto Real com o meu gibão fendido de veludo e o manto cravejado de joias – prosseguiu Lorde Alester, absorto. – Mas a guerra tem seus horrores, como todos sabem. Sem dúvida você também sofreu suas próprias perdas.

– Meu navio – disse Davos. – Todos os meus homens. Quatro de meus filhos.

– Que o... que o Senhor da Luz os faça atravessar as trevas até um mundo melhor – disse o outro homem.

*Que o Pai os julgue com justiça, e a Mãe lhes conceda misericórdia*, pensou Davos, mas guardou a prece para si. Os Sete não tinham mais lugar em Pedra do Dragão.

– Meu filho está a salvo em Águas Claras – prosseguiu o lorde –, mas perdi um sobrinho no *Fúria*. Sor Imry, filho de meu irmão Ryam.

Foi Sor Imry Florent quem os levou cegamente pela Torrente da Água Negra adentro, com todos os remos em ação, sem prestar atenção nas pequenas torres de pedra na foz do rio. Não era provável que Davos se esquecesse dele.

– Meu filho Maric era mestre dos remadores de seu sobrinho. – Lembrou-se do último vislumbre que tivera do *Fúria*, envolto em fogovivo. – Houve alguma notícia de sobreviventes?

– O *Fúria* queimou e afundou com toda a tripulação – disse sua senhoria. – Seu filho e meu sobrinho perderam-se, com um número incontável de outros bons homens. A própria guerra foi perdida nesse dia, sor.

*Esse homem está derrotado*. Davos recordou a conversa de Melisandre a respeito das brasas nas cinzas gerarem grandes incêndios. *Não me admira que tenha acabado aqui*.

– Sua Graça nunca se renderá, senhor.

– Uma loucura, isso é uma loucura. – Lorde Alester voltou a se sentar no chão, como se o esforço de ficar em pé por um momento tivesse sido excessivo para ele. – Stannis Baratheon nunca ocupará o Trono de Ferro. Será traição dizer a verdade? Uma verdade amarga, mas não menos verdadeira por isso. Já não tem frota, à exceção dos lisenos, e Salladhor Saan fugirá assim que avistar uma vela Lannister. A maior parte dos senhores que apoiaram Stannis passaram para o lado de Joffrey ou morreram...

– Até os senhores do mar estreito? Os senhores juramentados a Pedra do Dragão?

Lorde Alester abanou debilmente as mãos.

– Lorde Celtigar foi capturado e rendeu-se. Monford Velaryon morreu com o seu navio, a mulher vermelha queimou Sunglass, e Lorde Bar Emmon tem quinze anos, é gordo e frágil. São esses os senhores do mar estreito. Só restam a Stannis as forças da Casa Florent, contra todo o poderio de Jardim de Cima, Lançassolar e Rochedo Casterly, e agora também da maior parte dos senhores da tempestade. A melhor esperança que resta é tentar salvar qualquer coisa com a paz. Foi isso que tentei fazer. Pela bondade dos deuses, como podem chamar isso de *traição*?

Davos franziu a testa.

– Senhor, o que fez?

– Traição, não. Traição, nunca. Adoro Sua Graça mais do que qualquer outro homem. Minha própria sobrinha é a rainha dele, e permaneci fiel quando homens mais sensatos desertaram. Sou sua *Mão*, a Mão do Rei, como posso ser um traidor? Só quis salvar nossas vidas e... honra... sim. – Lambeu os lábios. – Escrevi uma carta. Salladhor Saan jurou que tinha um homem que podia levá-la a Porto Real, ao Lorde Tywin. Sua senhoria é um... um homem de razão, e os meus termos... os termos eram justos... mais do que justos.

– Que termos eram esses, senhor?

– Isto aqui está imundo – disse de repente Lorde Alester. – E esse cheiro... o que é esse cheiro?

– O balde – disse Davos com um gesto. – Aqui não temos latrina. Que termos?

Sua senhoria fitou o balde, horrorizado.

– Que Lorde Stannis retiraria sua pretensão ao Trono de Ferro e se retrataria de tudo o que havia dito a respeito da bastardia de Joffrey, sob a condição de ser aceito de volta à paz do rei e confirmado como Senhor de Pedra do Dragão e Ponta Tempestade. Jurei fazer o mesmo, em troca da devolução da Fortaleza de Águas Claras e de todas as nossas terras. Pensei... Lorde Tywin compreenderia o bom senso de minha proposta. Ele ainda precisa lidar com os Stark e também com os homens de ferro. Sugeri selarmos o acordo casando Shireen com o irmão de Joffrey, Tommen. – Balançou a cabeça. – Os termos... eram os melhores que poderemos alcançar. Até você certamente compreende?

– Sim – disse Davos –, até eu. – A não ser que Stannis gerasse um filho, um casamento assim significaria que Pedra do Dragão e Ponta

Tempestade passariam um dia para as mãos de Tommen, o que sem dúvida agradaria a Lorde Tywin. Ao mesmo tempo, os Lannister teriam Shireen como refém para se certificarem de que Stannis não causaria mais rebeliões. – E o que disse Vossa Graça quando lhe propôs esses termos?

– Ele está sempre com a mulher vermelha, e... receio que não esteja no seu juízo completo. Essa conversa sobre um dragão de pedra... loucura, digo eu, pura loucura. Será que não aprendemos nada com Aerion Fogovivo, com os nove magos, com os alquimistas? Será que não aprendemos nada com *Solarestival*? Nunca bem algum veio desses sonhos de dragões, foi o que eu disse a Axell. A minha maneira era melhor. Mais segura. E Stannis deu-me seu selo, deu-me licença para governar. A Mão fala com a voz do rei.

– Nisso, não. – Davos não era cortesão, e sequer tentou amaciar as palavras. – A rendição não existe em Stannis, enquanto souber que suas razões são justas. Da mesma forma que não pode desdizer as palavras contra Joffrey, quando as crê verdadeiras. E, quanto ao casamento, Tommen nasceu do mesmo incesto que Joffrey, e Sua Graça antes gostaria de ver Shireen morta do que casada com alguém assim.

Uma veia latejava na testa de Florent.

– *Ele não tem outra opção.*

– Engana-se, senhor. Ele pode escolher morrer como rei.

– E levar-nos com ele? É isso que deseja, Cavaleiro das Cebolas?

– Não. Mas sou um homem do rei, e não farei qualquer paz sem a permissão dele.

Lorde Alester fitou-o impotente por um longo momento e então começou a chorar.

# JON

A última noite caiu, negra e sem lua, mas pela primeira vez o céu estava limpo.

– Vou subir o monte para procurar o Fantasma – disse aos Thenns na entrada da caverna, e eles soltaram um grunhido e deixaram-no passar.

*Tantas estrelas*, pensou, enquanto subia penosamente a encosta por entre pinheiros, abetos e freixos. O Meistre Luwin ensinara-lhe as estrelas, na infância passada em Winterfell; havia aprendido o nome das doze casas do céu e o dos regentes de cada uma; conseguia encontrar os sete viajantes sagrados para a Fé; era velho amigo do Dragão de Gelo, do Gato das Sombras, da Donzela da Lua e da Espada da Manhã. Dividia todos estes com Ygritte, mas não alguns dos outros. *Erguemos os olhos para as mesmas estrelas, e vemos coisas tão diferentes*. Segundo ela, a Coroa do Rei era o Berço; o Garanhão era o Senhor Chifrudo; o viajante vermelho, que segundo as orações dos septões era sagrado para o seu Ferreiro, ali em cima era chamado de Ladrão. E quando o Ladrão se encontrava na Donzela da Lua, insistia Ygritte, isso queria dizer que a época era propícia para que um homem raptasse uma mulher.

– Como na noite em que me raptou. O Ladrão estava brilhante naquela noite.

– Não pretendia raptá-la – disse ele. – Nem sabia que era uma mulher até encostar a faca na sua garganta.

– Se matar um homem sem querer, ele vai estar morto do mesmo jeito – disse Ygritte teimosamente. Jon nunca havia conhecido pessoa mais teimosa, exceto talvez sua irmã mais nova, Arya. *Será que ela ainda é minha irmã?*, perguntou a si próprio. *Alguma vez terá sido?* Ele nunca realmente fora um Stark, apenas o bastardo sem mãe de Lorde Eddard, que não tinha mais lugar em Winterfell do que Theon Greyjoy. E mesmo isso perdera. Quando um homem da Patrulha da Noite proferia suas palavras, punha de lado sua antiga família e juntava-se a uma nova, mas Jon Snow tinha perdido também esses irmãos.

Encontrou Fantasma no topo do monte, como imaginara. O lobo branco nunca uivava, e no entanto algo o atraía às alturas mesmo assim, e ficava ali sentado, com o hálito quente levantando-se numa névoa branca enquanto seus olhos vermelhos bebiam as estrelas.

– Você também tem nomes para elas? – perguntou Jon quando se ajoelhou ao lado do lobo gigante e coçou os espessos pelos brancos do pescoço do animal. – A Lebre? A Corça? A Loba? – Com sua língua úmida e áspera, Fantasma lambeu o rosto de Jon, raspando as crostas onde as garras da águia tinham rasgado sua face. *A ave marcou-nos a ambos*, Jon pensou. – Fantasma – disse, em voz baixa –, amanhã de manhã passamos sobre a Muralha. Aqui não há degraus, não há gaiola e grua, não há como levá-lo para o outro lado. Temos de nos separar. Compreende?

Na escuridão, os olhos vermelhos do lobo gigante pareciam negros. Encostou o focinho no pescoço de Jon, silencioso como sempre, com o hálito numa névoa quente. Os selvagens chamavam Jon Snow de *warg*, mas se o era, era dos ruins. Não sabia como vestir uma pele de lobo, como Orell vestia a de sua águia antes de morrer. Um dia Jon sonhara que era Fantasma, e olhava o vale do Guadeleite onde Mance Rayder reunira seu povo, e esse sonho revelou-se verdadeiro. Mas agora não estava sonhando, e isso deixava-lhe apenas as palavras.

– Não pode vir comigo – disse Jon, envolvendo a cabeça do lobo nas mãos e olhando-o profundamente nos olhos. – Tem de ir para Castelo Negro. Compreende? *Castelo Negro*. Consegue encontrá-lo? O caminho para casa? É só seguir o gelo, para leste e mais para leste, para o sol, e vai encontrá-lo. Em Castelo Negro vão reconhecê-lo, e sua chegada talvez os previna. – Pensara em escrever um aviso para Fantasma levar, mas não tinha tinta nem pergaminho, nem sequer uma pena, e o risco de ser descoberto era grande demais. – Encontramo-nos em Castelo Negro, mas tem de chegar lá sozinho. Temos de caçar sozinhos durante algum tempo. *Sozinhos*.

O lobo gigante libertou-se de Jon com uma torção do corpo, suas orelhas ergueram-se. E de repente afastou-se aos saltos. Pulou através de um emaranhado de mato, saltou sobre uma árvore caída e correu pela vertente do monte, um traço branco entre as árvores. *Para Castelo Negro?*, perguntou Jon a si mesmo. *Ou atrás de uma lebre?* Gostaria de

saber. Temia revelar-se tão ruim como *warg* quanto como irmão juramentado e espião.

Um vento suspirou por entre as árvores, rico com o cheiro de agulhas de pinheiro, puxando sua roupa negra desbotada. Jon via a Muralha erguer-se alta e escura ao sul, uma grande sombra que bloqueava as estrelas. O terreno montanhoso dava-lhe a ideia de que deviam estar em algum lugar entre Torre Sombria e Castelo Negro, provavelmente mais perto da Torre. Havia dias em que se dirigiam para o sul, por entre lagos profundos que se estendiam como dedos finos compridos ao longo de vales estreitos, enquanto cumeadas de sílex e montes vestidos de pinheiros se empurravam uns contra os outros de ambos os lados. Um terreno assim levava a um avanço lento, mas escondia facilmente aqueles que queriam se aproximar da Muralha sem serem vistos.

*Corsários selvagens*, pensou. *Como nós. Como eu*.

Para lá daquela Muralha ficavam os Sete Reinos, e tudo aquilo que jurara proteger. Tinha proferido as palavras, empenhado sua vida e sua honra, e o correto seria estar lá em cima, de sentinela. Devia estar levando um berrante aos lábios para chamar a Patrulha da Noite às armas. Mas não tinha berrante. Suspeitava que não seria difícil roubar um dos selvagens, mas o que conseguiria com isso? Mesmo se o soprasse, não haveria ninguém para ouvir. A Muralha tinha cem léguas de comprimento, e a Patrulha estava tristemente reduzida. Todos os fortes, exceto três, tinham sido abandonados; podia não haver nem um irmão num raio de cerca de sessenta e cinco quilômetros, além de si. Se é que ele ainda era um irmão...

*Devia ter tentado matar Mance Rayder no Punho, mesmo se isso significasse perder a vida*. Isso seria o que Qhorin Meia-Mão teria feito. Mas Jon hesitara, e a oportunidade tinha passado. No dia seguinte partiu para o sul com Styr, o Magnar, Jarl e mais de uma centena de Thenns e batedores escolhidos. Dizia a si mesmo que estava apenas à espera de sua hora, que, quando o momento chegasse, escaparia e se dirigiria a Castelo Negro. O momento nunca chegou. Descansavam a maior parte das noites em aldeias selvagens abandonadas, e Styr punha sempre uma dúzia dos seus Thenns para guardar os cavalos. Jarl vigiava-o desconfiadamente. E Ygritte nunca estava longe, de dia ou de noite.

*Dois corações que batem como um só*. As palavras zombeteiras de Mance Rayder ressoavam, amargas, em sua cabeça. Jon poucas vezes se sentira tão confuso. *Não tenho alternativa*, disse a si mesmo da primeira vez, quando ela deslizou para baixo de suas peles de dormir. *Se recusá-la, ela compreenderá que sou um vira-casaca. Estou desempenhando o papel que o Meia-Mão me disse para desempenhar*.

Seu corpo desempenhou o papel com bastante avidez. Seus lábios nos dela, sua mão deslizando por baixo da camisa de pele de veado de Ygritte em busca de um seio, seu membro viril enrijecendo quando ela esfregou nele o seu monte através da roupa. *Os meus votos*, pensou, recordando o grupo de represeiros onde os proferiu, as nove grandes árvores brancas dispostas em círculo, os rostos vermelhos esculpidos observando, escutando. Mas os dedos de Ygritte desatavam seus cordões, e a língua dela estava na sua boca, e a mão dela tinha deslizado para dentro de sua roupa de baixo e trazido-o para fora, e ele já não conseguia ver os represeiros, só Ygritte. Ela mordeu seu pescoço, e ele esfregou o nariz no dela, enterrando-o em seus espessos cabelos ruivos. *Sortuda*, pensou, *ela é sortuda, beijada pelo fogo*.

– Não é bom? – sussurrou Ygritte enquanto o guiava para dentro de si. Estava ensopada, lá embaixo, e não era nenhuma donzela, isso era evidente, mas Jon não se importou. Os votos dele, a virgindade dela, nada importava, só interessava o seu calor, a sua boca na dele, o dedo que lhe beliscava o mamilo. – Não é muito bom? – voltou a dizer. – Não tão depressa, oh, devagar, sim, assim. Aí, aí, sim, bom, bom. Não sabe nada, Jon Snow, mas eu posso ensinar. Agora mais depressa. Siiiiim.

*Um papel*, Jon tentou lembrar a si mesmo mais tarde. *Estou desempenhando um papel. Tinha de fazer isso uma vez, para provar que abandonei meus votos. Tive de fazer com que ela confiasse em mim*. Não precisava acontecer novamente. Ainda era um homem da Patrulha da Noite, e um filho de Eddard Stark. Fizera o que tinha de ser feito, demonstrara o que tinha de ser demonstrado.

Mas a demonstração tinha sido muito agradável, e Ygritte havia adormecido ao seu lado, com a cabeça apoiada em seu peito, e isso também tinha sido agradável, perigosamente agradável. Voltou a pensar nos represeiros, e nas palavras que disse diante deles. *Foi só uma vez, e teve de ser. Até meu pai tropeçou uma vez, quando se esqueceu dos votos*

*de casamento e gerou um bastardo.* Jon jurou a si mesmo que não repetiria o mesmo erro. *Não voltará a acontecer.*

Aconteceu mais duas vezes naquela mesma noite, e de novo de manhã, quando ela acordou e o encontrou duro. Os selvagens já se agitavam a essa altura, e vários não puderam evitar reparar no que estava se passando sob a pilha de peles. Jarl disse-lhes que se apressassem antes de ter de despejar um balde de água em cima deles. *Como um par de cães no cio*, pensou Jon mais tarde. Será que ele teria se transformado nisso? *Sou um homem da Patrulha da Noite*, insistia uma vozinha dentro de si, mas todas as noites ela parecia um pouco mais distante, e quando Ygritte beijava suas orelhas ou mordia seu pescoço, não conseguia ouvi-la muito bem. *Terá sido isso que aconteceu com meu pai?*, perguntava Jon a si mesmo. *Seria ele tão fraco quanto eu, quando se desonrou na cama de minha mãe?*

Percebeu subitamente que algo subia o monte atrás dele. Durante meio segundo pensou que poderia ser o Fantasma de volta, mas o lobo gigante nunca fazia tanto barulho. Jon desembainhou a Garralonga num único movimento fluido, mas era apenas um dos Thenns, um homem largo com um elmo de bronze.

– Snow – disse o intruso. – Venha. Magnar quer. – Os homens de Thenn falavam o Idioma Antigo, e a maior parte não sabia mais do que algumas palavras do Idioma Comum.

Jon não estava muito interessado em saber o que Magnar queria, mas não valia a pena discutir com alguém que quase não o compreenderia, por isso seguiu o homem monte abaixo.

A abertura da caverna era uma fenda na rocha que quase não era larga o suficiente para um cavalo, meio escondida por baixo de um pinheiro marcial. Abria para o norte, de modo que o brilho das fogueiras acesas lá dentro não seriam visíveis da Muralha. Mesmo se, por algum infortúnio, uma patrulha passasse no topo da Muralha naquela noite, nada veria além de montes, pinheiros e a cintilação gelada das estrelas num lago semicongelado. Mance Rayder planejara bem a sua arremetida.

Dentro da rocha, a passagem descia seis metros antes de desembocar num espaço tão grande quanto o Grande Salão de Winterfell. Ardiam fogueiras por entre as colunas, com a fumaça subindo, enegrecendo o teto de pedra. Os cavalos tinham sido presos ao longo de uma parede,

junto a uma lagoa rasa. Um buraco no centro do chão abria-se para o que podia ser uma caverna ainda maior embaixo, embora a escuridão tornasse difícil ter certeza disso. Jon ouvia também o suave ruído de um riacho subterrâneo que corria em algum lugar lá embaixo.

Jarl estava com Magnar; Mance entregara-lhes o comando conjunto. Jon notou rapidamente que Styr não estava nada satisfeito com isso. Mance Rayder chamou o escuro jovem de "animal de estimação" de Val, que era irmã de Dalla, a sua rainha, o que fazia de Jarl uma espécie de cunhado do Rei-para-lá-da-Muralha. Era evidente que Magnar se ressentia de partilhar sua autoridade. Havia trazido uma centena de Thenns, cinco vezes mais homens do que Jarl, e muitas vezes agia como se ele tivesse o comando completo. Mas Jon sabia que seria o homem mais novo quem os levaria para o outro lado do gelo. Embora não pudesse ter mais do que vinte anos, Jarl já fazia incursões havia oito, e passara por cima da Muralha uma dúzia de vezes com gente como Alfyn Mata-Corvos e Chorão, e mais recentemente com seu próprio bando.

Magnar foi direto.

– Jarl preveniu-me a respeito de corvos patrulhando lá em cima. Diga-me tudo o que sabe dessas patrulhas.

*Diga-me*, notou Jon, e não *diga-nos*, apesar de Jarl estar bem ao lado dele. Nada lhe daria mais prazer do que recusar a brusca exigência, mas sabia que Styr mandaria matá-lo pela mais ligeira deslealdade, e a Ygritte também, pelo crime de ser sua.

– Há quatro homens em cada patrulha, dois patrulheiros e dois construtores – disse. – Os construtores devem tomar nota de fendas, derretimentos e outros problemas estruturais, enquanto os patrulheiros procuram sinais de inimigos. Montam mulas.

– Mulas? – o homem sem orelhas franziu a testa. – As mulas são lentas.

– São lentas, mas têm patas mais seguras no gelo. É frequente que as patrulhas sigam pelo topo da Muralha, e, longe de Castelo Negro, os caminhos lá em cima já não recebem cascalho há longos anos. As mulas são criadas em Atalaialeste e especialmente treinadas para o serviço.

– É *frequente* que sigam pelo topo da Muralha? Nem sempre seguem?

– Não. Uma patrulha em cada quatro segue pela base, para procurar fendas no gelo das fundações ou sinais de abertura de túneis.

Magnar assentiu com a cabeça.

– Até na distante Thenn conhecemos a história de Arson Machado de Gelo e de seu túnel.

Jon também conhecia a história. Arson Machado de Gelo já tinha atravessado metade da Muralha quando seu túnel foi descoberto por patrulheiros vindos de Fortenoite. Não se incomodaram em perturbar suas escavações, limitaram-se a selar o caminho de volta com gelo, pedra e neve. Edd Doloroso costumava dizer que, caso se encostasse a orelha na Muralha, ainda se conseguia ouvir Arson dando machadadas no gelo.

– Quando saem essas patrulhas? Com que frequência?

Jon encolheu os ombros.

– Varia. Ouvi dizer que o Senhor Comandante Qorgyle costumava enviá-las de três em três dias de Castelo Negro para Atalaialeste do Mar, e de dois em dois dias de Castelo Negro para Torre Sombria. Mas a Patrulha tinha mais homens no tempo dele. O Senhor Comandante Mormont prefere variar o número de patrulhas e os dias de sua partida, para tornar mais difícil que alguém saiba de suas idas e vindas. E às vezes o Velho Urso até mandava uma força maior para um dos castelos abandonados durante uma quinzena ou uma volta de lua. – Jon sabia que fora o tio quem dera origem a essa tática. Tudo para deixar o inimigo incerto.

– Portapedra está atualmente guarnecido? – perguntou Jarl. – Guardagris?

*Quer dizer então que estamos entre esses dois?* Jon manteve o rosto cuidadosamente inexpressivo.

– Só Atalaialeste, Castelo Negro e Torre Sombria tinham guarnições quando eu deixei a Muralha. Não sei dizer o que Bowen Marsh ou Sor Denys poderão ter feito desde então.

– Quantos corvos permanecem dentro dos castelos? – perguntou Styr.

– Quinhentos em Castelo Negro. Duzentos na Torre Sombria, talvez trezentos em Atalaialeste. – Jon havia acrescentado trezentos homens à contagem. *Se pudesse ser assim tão fácil...*

Mas Jarl não se deixou enganar.

– Ele está mentindo – disse a Styr. – Ou então incluiu aqueles que se perderam no Punho.

– Corvo – avisou o Magnar –, não me tome por Mance Rayder. Se mentir para mim, corto sua língua.

– Não sou nenhum corvo, e ninguém me chama de mentiroso. – Jon flexionou os dedos de sua mão da espada.

Magnar de Thenn estudou Jon com seus frios olhos cinzentos.

– Vamos conhecer seus números em breve – disse após um momento. – Vá. Logo mando chamar você se tiver mais perguntas.

Jon inclinou a cabeça rigidamente e partiu. *Se todos os selvagens fossem como Styr, seria mais fácil trai-los*. Mas os Thenn não eram como o resto do povo livre. Magnar afirmava ser o último dos Primeiros Homens, e governava com mão de ferro. A sua pequena terra de Thenn era um vale elevado de montanha escondido entre os picos setentrionais das Presas de Gelo, rodeado por homens das cavernas, homens de Cornopé, gigantes e os clãs canibais dos rios de gelo. Ygritte dizia que os Thenn eram guerreiros violentos, e que seu Magnar era para eles um deus. Jon conseguia acreditar nisso. Ao contrário de Jarl, Harma ou de Camisa de Chocalho, Styr exigia de seus homens obediência absoluta, e essa disciplina era sem dúvida parte do motivo por que Mance o escolhera para atravessar a Muralha.

Passou pelos Thenns, sentados sobre seus elmos arredondados de bronze, em volta das fogueiras. *Onde se meteu Ygritte?* Encontrou as coisas dela junto das suas, mas não viu sinal da garota.

– Ela pegou uma tocha e foi para lá – disse-lhe Grigg, o Bode, apontando para o fundo da caverna.

Jon seguiu na direção indicada e deu por si numa sombria sala interior, vagueando um labirinto de colunas e estalactites. *Ela não pode estar aqui*, estava pensando quando ouviu sua gargalhada. Virou-se para o som, mas dez passos depois estava num beco sem saída, de frente para uma parede lisa de calcário branco e rosa. Confuso, voltou por onde tinha vindo, e então viu-o: um buraco escuro por baixo de uma saliência de pedra úmida. Ajoelhou-se, escutou, ouviu o tênue som de água.

– Ygritte?

– Aqui – veio a voz dela, com um leve eco.

Jon teve de engatinhar uma dúzia de passos até a caverna se abrir à sua volta. Quando voltou a ficar em pé, os olhos precisaram de um momento para se ajustarem. Ygritte tinha trazido uma tocha, mas não havia

nenhuma outra luz. Ela encontrava-se junto a uma pequena queda-d'água que jorrava de uma fissura na rocha para uma larga lagoa escura. As chamas amarelas e laranja brilhavam na água verde-clara.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou a ela.

– Ouvi água. Quis ver pra onde ia a gruta. – Apontou com a tocha. – Há uma passagem que desce mais. Segui-a durante cem passos antes de voltar.

– Um beco sem saída?

– Não sabe nada, Jon Snow. Continuava, e continuava, e continuava. Há centenas de cavernas nestes montes, e lá embaixo todas se juntam. Há até um caminho por baixo da Muralha. O Caminho de Gorne.

– Gorne – disse Jon. – Gorne foi Rei-para-lá-da-Muralha.

– Sim – disse Ygritte. – Com o irmão Gendel, há três mil anos. Levaram uma tropa do povo livre pelas cavernas e a patrulha não percebeu. Mas quando saíram, os lobos de Winterfell caíram sobre eles.

– Houve uma batalha – recordou Jon. – Gorne matou o Rei do Norte, mas o filho deste pegou o estandarte e tomou a coroa de sua cabeça, e abateu Gorne, por sua vez.

– E o som das espadas acordou os corvos em seus castelos, e saíram todos de preto pra pegar o povo livre pela retaguarda.

– Sim. Gendel tinha o rei ao sul, os Umber a leste e a Patrulha a norte. Ele também morreu.

– Não sabe nada, Jon Snow. Gendel não morreu. Ele abriu caminho com a espada, *por entre* os corvos, e levou seu povo de volta pro norte com os lobos uivando nos seus calcanhares. Mas Gendel não conhecia as cavernas como Gorne, e escolheu um caminho errado. – Agitou a tocha de um lado para o outro, para que as sombras saltassem e se movessem. – Desceu mais, e mais, e quando tentou voltar pra trás, os caminhos que pareciam familiares acabavam em pedra em vez de céu. Pouco depois, os seus archotes começaram a se apagar, um por um, até que no fim não havia nada além de escuridão. O povo de Gendel nunca mais foi visto, mas nas noites calmas é possível ouvir os filhos dos filhos de seus filhos soluçando por baixo dos montes, ainda à procura de uma saída. Está ouvindo? Consegue ouvi-los?

Tudo que Jon ouvia era a água que caía e o tênue crepitar das chamas.

– Esse caminho por baixo da Muralha também se perdeu?

– Alguns procuraram-no. Aqueles que descem demais encontram os filhos de Gendel, e os filhos de Gendel sempre tão com fome. – Sorrindo, encaixou cuidadosamente a tocha num entalhe de rocha e dirigiu-se a ele. – No escuro não há nada pra comer além de carne – sussurrou, mordendo-lhe o pescoço.

Jon enfiou o nariz nos cabelos dela e encheu-o com seu cheiro.

– Parece a Velha Ama contando a Bran uma história de monstros.

Ygritte deu um murro no ombro dele.

– Ah, sou uma velha, é?

– É mais velha do que eu.

– Sim, e mais sábia. Você não sabe nada, Jon Snow. – Empurrou-o e contorceu-se para fora de seu vestido de pele de coelho.

– O que você está fazendo?

– Estou mostrando a idade que tenho. – Desatou a camisa de pele de veado, atirou-a para o lado, tirou pela cabeça todas as três camisolas de lã que usava por baixo. – Acho que devia me ver.

– Nós não devíamos...

– *Devíamos*. – Os seios dela saltitaram quando se equilibrou num pé só para puxar uma bota, e depois saltou para o outro pé, para tratar da outra. Seus mamilos eram grandes círculos cor-de-rosa. – Você também – disse Ygritte enquanto puxava para baixo os calções de pele de ovelha de Jon. – Se quer ver, precisa mostrar. Não sabe nada, Jon Snow.

– Sei que desejo você – ouviu sua própria voz dizer, esquecido de todos os votos e honra. Ela estava na sua frente, nua como no dia em que nasceu, e ele estava duro como a rocha que os rodeava. Àquela altura já tinha estado dentro dela meia centena de vezes, mas sempre por baixo das peles, com outras pessoas em volta. Nunca vira como ela era bela. As pernas de Ygritte eram magras, mas bem torneadas; os pelos no local onde as coxas se juntavam, de um vermelho mais vivo do que os que tinha na cabeça. *Será que isso faz dela ainda mais sortuda?* Puxou-a para mais perto.

– Adoro seu cheiro – disse. – Adoro seus cabelos vermelhos. Adoro sua boca, e o jeito como me beija. Adoro seu sorriso. Adoro seus peitos. – Beijou-os, primeiro um e depois o outro. – Adoro suas pernas magras, e o que está entre elas. – Ajoelhou-se para beijá-la ali, a princípio levemente em seu monte de vênus, mas Ygritte abriu um pouco as pernas e ele viu o

cor-de-rosa no interior e beijou-o também, e saboreou-o. Ela soltou um pequeno arquejo.

– Se adora tudo isso, por que é que ainda tá vestido? – sussurrou. – Não sabe nada, Jon Snow. *Nad... oh. Oh. OHHH*.

Mais tarde, ela ficou quase acanhada, ou tão acanhada quanto Ygritte poderia ficar.

– Aquela coisa que você fez – disse, deitada com ele na pilha de roupas. – Com a sua... boca. – Hesitou. – É isso... é isso que os senhores fazem com suas senhoras, lá no sul?

– Acho que não. – Nunca ninguém havia dito a Jon o que os senhores faziam com as suas senhoras. – Eu só... quis beijar ali, foi só isso. Parece que você gostou.

– Sim. Eu... gostei um bocadinho. Ninguém lhe ensinou aquilo?

– Não houve ninguém – confessou ele. – Só você.

– Um donzelo – brincou ela. – Era um donzelo.

Ele deu-lhe um beliscão brincalhão no mamilo mais próximo.

– Eu era um homem da Patrulha da Noite. – *Era*, ouviu-se dizer. O que seria agora? Não queria debruçar-se sobre esse assunto. – Você era donzela?

Ygritte apoiou-se num cotovelo.

– Tenho dezenove anos, sou uma esposa de lanças e beijada pelo fogo. Como poderia ser donzela?

– Quem foi?

– Um rapaz numa festa, há cinco anos. Tinha vindo comerciar, com os irmãos, e seus cabelos eram como os meus, beijados pelo fogo, por isso pensei que ele devia ter sorte. Mas era fraco. Quando voltou pra me raptar, o Lança-Longa quebrou o braço dele e botou-o para correr, e ele não voltou a tentar, nem uma vez.

– Então não foi o Lança-Longa? – Jon estava aliviado. Gostava do Lança-Longa, com seu rosto simples e modos amigáveis.

Ela esmurrou-o.

– Isso é nojento. Você se deitaria com a sua irmã?

– Lança-Longa não é seu irmão.

– É da minha aldeia. Não sabe nada, Jon Snow. Um homem de verdade rapta uma mulher de longe, pra fortalecer o clã. As mulheres que se

deitam com irmãos, pais ou gente do clã ofendem os deuses e são amaldiçoadas com filhos fracos ou doentes. Ou até monstros.

– Craster casa com as próprias filhas – destacou Jon.

Ela voltou a esmurrá-lo.

– Craster é mais da sua gente do que da nossa. O pai dele era um corvo que raptou uma mulher da aldeia de Brancarbor, mas depois de tê-la, voou de volta pra sua Muralha. Uma vez, ela foi a Castelo Negro pra mostrar o filho ao corvo, mas os irmãos sopraram seus berrantes e botaram a mulher pra correr. O sangue do Craster é preto, e ele carrega uma pesada maldição. – Passou os dedos levemente pela barriga dele. – Antes tinha medo de que você fizesse o mesmo. Que fugisse de volta pra Muralha. Você nunca soube o que fazer depois de me raptar.

Jon sentou-se.

– Ygritte, eu não raptei você.

– Raptou, sim. Saltou da montanha e matou o Orell, e antes de eu conseguir chegar ao machado tinha uma faca encostada na minha garganta. Pensei que você ia me possuir naquela hora, ou me matar, ou talvez as duas coisas, mas não. E quando lhe contei a história do Bael, o Bardo, e do modo como ele colheu a rosa de Winterfell, imaginei que ia me colher com certeza na hora, mas não. Não sabe *nada*, Jon Snow. – Dirigiu-lhe um sorriso acanhado. – Mas pode ser que ande aprendendo umas coisas.

De repente, Jon reparou que a luz oscilava em volta de Ygritte. Olhou ao redor.

– É melhor subirmos. A tocha está quase no fim.

– O corvo tá com medo dos filhos de Gendel? – disse ela, com um sorriso. – É rapidinho pra chegar lá em cima, e eu ainda não acabei o que queria fazer com você, Jon Snow. – Voltou a puxá-lo para baixo e montou nele. – Não quer... – Hesitou.

– O quê? – perguntou ele, enquanto a tocha começava a se apagar.

– Fazer aquilo de novo? – disse Ygritte, muito depressa. – Com a boca? O beijo do senhor? E eu... eu podia ver se você também gosta.

Quando a tocha se extinguiu, Jon Snow já não se importou.

A culpa chegou mais tarde, mas mais fraca do que antes. *Se isso é assim tão errado*, pensou, *por que os deuses fizeram com que desse uma sensação tão boa?*

A gruta estava negra como breu quando terminaram. A única luz era o tênue brilho da passagem de volta à caverna maior, onde ardiam vinte fogueiras. Pouco depois andavam tateando e esbarrando um no outro enquanto tentavam se vestir no escuro. Ygritte tropeçou e caiu na lagoa, e soltou um grito devido à água gelada. Quando Jon riu, ela puxou-o também para dentro. Lutaram e espirraram água na escuridão, e então ela acabou de novo nos braços dele, e descobriram que, afinal, ainda não tinham terminado.

– Jon Snow – disse-lhe Ygritte, depois de ele gastar a sua semente dentro dela –, não se mexa agora, querido. Gosto de sentir você aí, gosto mesmo. E se a gente não voltasse pra junto do Styr e do Jarl? E se fôssemos pra dentro, pra nos juntarmos aos filhos de Gendel? Nunca mais quero sair desta gruta, Jon Snow. Nunca mais.

## DAENERYS

—T*odos?* – a jovem escrava soava cautelosa. – Vossa Graça, os ouvidos sem valor desta ouviram-na mal?

Uma luz fresca e verde filtrava-se pelos painéis de vidro colorido em forma de diamante montados nas paredes triangulares e inclinadas, e uma brisa soprava suavemente pelas portas do terraço, trazendo do jardim que nele crescia o cheiro de frutos e flores.

– Seus ouvidos ouviram bem – disse Dany. – Quero comprar todos. Diga isso aos Bons Mestres, por favor.

Naquele dia, havia escolhido um vestido qarteno. A seda de um tom profundo de violeta realçava a cor púrpura de seus olhos. O corte desnudava seu seio esquerdo. Enquanto os Bons Mestres de Astapor conferenciavam entre si em voz baixa, Dany bebericou vinho ácido de caqui de uma taça alta de prata. Não conseguia compreender tudo que eles estavam dizendo, mas ouvia a avidez.

Cada um dos oito negociantes era servido por dois ou três escravos pessoais... embora um Grazdan, o mais velho, tivesse seis. Para não parecer uma pedinte, Dany tinha trazido seus próprios servidores; Irri e Jhiqui, com suas calças de sedareia e coletes pintados, o velho Barba-Branca e o poderoso Belwas, e seus companheiros de sangue. Sor Jorah encontrava-se atrás dela, sufocando em seu sobretudo verde com o urso negro de Mormont bordado. O cheiro do suor do cavaleiro era uma resposta terrena aos doces perfumes que ensopavam os astapori.

– Todos – rosnou Kraznys mo Nakloz, que naquele dia cheirava a pêssegos. A jovem escrava repetiu a palavra no Idioma Comum de Westeros. – Milhares, temos oito. É isso que ela quer dizer com *todos*? Há também seis centenas, que farão parte de um nono milhar quando completas. Também as quer?

– Quero – disse Dany quando a questão lhe foi colocada. – Os oito milhares, as seis centenas... e também os que ainda estão em treinamento. Aqueles que não conquistaram os espigões.

Kraznys voltou a se virar para os seus companheiros. De novo conferenciaram entre si. A tradutora tinha dito a Dany seus nomes, mas era difícil guardá-los. Quatro dos homens pareciam se chamar Grazdan, presumivelmente em honra de Grazdan, o Grande, que fundara a Velha Ghis na aurora dos tempos. Todos eram parecidos; homens fortes e carnudos, com pele ambarina, nariz largo e olhos escuros. Seus cabelos hirsutos eram negros, ou de um vermelho-escuro, ou daquela estranha mistura de vermelho e negro que era característica dos ghiscari. Todos se enrolavam em *tokars*, uma vestimenta que só era autorizada aos homens livres de Astapor.

O Capitão Groleo tinha dito a Dany que era o debrum do *tokar* que proclamava o estatuto de um homem. Naquela fresca sala verde no topo da pirâmide, dois dos negociantes de escravos usavam *tokars* debruados de ouro, e um deles, o Grazdan mais velho, exibia um debrum de grandes pérolas brancas que chocalhavam levemente quando ele se mexia no assento ou movimentava um braço.

– Não podemos vender rapazes meio treinados – um dos Grazdan vestido em debrum de prata dizia aos outros.

– Podemos, se o ouro dela for bom – disse um homem mais gordo, cujo debrum era de ouro.

– Eles não são Imaculados. Não mataram seus bebês. Se falharem no campo de batalha, vão nos envergonhar. E mesmo se cortarmos cinco mil garotos crus amanhã, vão se passar dez anos até que estejam prontos para serem vendidos. O que diremos ao próximo comprador que vier em busca de Imaculados?

– Diremos que precisa esperar – disse o gordo. – Ouro na minha bolsa é melhor do que ouro no meu futuro.

Dany deixou-os discutir, bebericando do vinho ácido de caqui e tentando manter o rosto sem expressão, como se não entendesse nada do que diziam. *Terei todos, seja qual for o preço*, disse a si própria. A cidade tinha uma centena de negociantes de escravos, mas os oito que se encontravam diante dela eram os maiores. Quando vendiam escravos sexuais, trabalhadores rurais, escribas, artesãos e tutores, aqueles homens eram rivais, mas seus ancestrais tinham-nos aliado a fim de criar e vender os Imaculados. *Tijolos e sangue construíram Astapor, e tijolos e sangue construíram o seu povo.*

Foi Kraznys quem finalmente anunciou a decisão.

– Diga-lhe que obterá os oito milhares, se o seu ouro for suficiente. E as seis centenas, se desejar. Diga-lhe para voltar dentro de um ano, e venderemos a ela mais dois milhares.

– Dentro de um ano estarei em Westeros – disse Dany depois de ouvir a tradução. – Preciso deles *agora*. Os Imaculados estão bem treinados, mesmo assim muitos caem em batalha. Preciso dos garotos como reforços para apanhar as espadas que caírem. – Pôs o vinho de lado e inclinou-se para a jovem escrava. – Diga aos Bons Mestres que quero até os pequenos que ainda têm seus cachorros. Diga-lhes que pagarei tanto pelo rapaz que cortaram ontem como por um Imaculado com elmo de espigão.

A moça disse-lhes. A resposta continuou a ser não.

Dany franziu a testa, aborrecida.

– Muito bem. Diga-lhes que pagarei o dobro, na condição de obter todos.

– O dobro? – o gordo com o debrum de ouro por pouco não se babou.

– Essa vadiazinha é realmente uma tola – disse Kraznys mo Nakloz. – Devíamos pedir o triplo. Ela está suficientemente desesperada para pagar. Sim, peçamos dez vezes o preço de cada escravo.

O Grazdan alto com a barba pontiaguda falou no Idioma Comum, embora não tão bem quanto a jovem escrava.

– Vossa Graça – rosnou –, Westeros está sendo rico, sim, mas você não está sendo rainha agora. Talvez nunca estará sendo rainha. Até Imaculados podem estar perdendo batalhas para selvagens cavaleiros de aço de Sete Reinos. Estou recordando, os Bons Mestres de Astapor não estão vendendo carne em troca de promessas. Está tendo ouro e bens de comércio suficientes para pagar por todos esses eunucos que está querendo?

– Conhece a resposta para isso melhor do que eu, Bom Mestre – respondeu Dany. – Seus homens vasculharam meus navios e contaram cada conta de âmbar e frasco de açafrão. Quanto tenho eu?

– Suficiente para comprar um dos milhares – disse o Bom Mestre, com um sorriso desdenhoso. – Mas vai pagar o dobro, está dizendo. Então, cinco centenas é tudo que compra.

– Sua bonita coroa pode pagar outra centena – disse o gordo em valiriano. – A sua coroa dos três dragões.

Dany esperou que as palavras dele fossem traduzidas.

– Minha coroa não está à venda. – Quando Viserys vendeu a coroa da mãe, perdeu a alegria que lhe restava, sobrou apenas a raiva. – Nem escravizarei meu povo, nem venderei seus bens ou cavalos. Mas podem ficar com meus navios. A grande coca *Balerion* e as galés *Vhagar* e *Meraxes*. – Prevenira Groleo e os outros capitães de que podia chegar àquele ponto, embora eles tivessem contestado furiosamente a necessidade da venda. – Três bons navios devem valer mais do que um punhado de reles eunucos.

O Grazdan gordo virou-se para os outros. Voltaram a conferenciar em voz baixa.

– Dois dos milhares – disse o da barba pontiaguda quando voltou a se virar para ela. – É demais, mas os Bons Mestres estão sendo generosos e sua necessidade está sendo grande.

Dois mil nunca serviriam para aquilo que queria fazer. *Tenho de obter todos*. Dany sabia o que tinha de fazer naquele momento, embora o sabor fosse tão amargo que nem mesmo o vinho de caqui conseguia tirá-lo de sua boca. Refletira longa e duramente, e não havia encontrado outra maneira. *É a minha única chance*.

– Deem-me todos – disse – e podem ficar com um dragão.

Ouviu-se o som do prender da respiração de Jhiqui ao seu lado. Kraznys sorriu para seus companheiros.

– Não disse? Ela vai nos dar qualquer coisa.

Barba-Branca fitou-a, numa incredulidade chocada. Sua mão tremia agarrada ao bastão.

– *Não.* – Ajoelhou perante ela. – Vossa Graça, suplico-lhe, conquiste seu trono com dragões, não com escravos. Não pode fazer isso...

– *Você* é que não pode se atrever a me dar instruções. Sor Jorah, tire Barba-Branca de minha presença.

Mormont agarrou rudemente o velho por um cotovelo, colocou-o em pé com um puxão e levou-o para o terraço.

– Diga aos Bons Mestres que lamento essa interrupção – disse Dany à jovem escrava. – Diga-lhes que aguardo sua resposta.

Mas sabia qual seria a resposta; podia vê-la na cintilação dos olhos deles e nos sorrisos que grandemente se esforçavam para esconder. Astapor tinha milhares de eunucos, e ainda mais garotos escravos à espera de serem cortados, mas só havia três dragões vivos em todo o grande mundo. *E os ghiscari anseiam por dragões*. Como podiam não ansiar? Cinco vezes a Velha Ghis havia competido com Valíria quando o mundo era jovem, e cinco vezes havia caído, em derrota desoladora. Pois a Cidade Franca possuía dragões e o Império, não.

O mais velho dos Grazdan agitou-se no assento, e suas pérolas chocalharam baixinho.

– Um dragão à nossa escolha – disse, numa voz fina e dura. – O negro é maior e mais saudável.

– O nome dele é Drogon. – Ela assentiu.

– Todos os seus bens, exceto sua coroa e vestuário real, que lhe permitiremos manter. Os três navios. E Drogon.

– Feito – disse ela, no Idioma Comum.

– Feito – respondeu o velho Grazdan no seu denso valiriano.

Os outros serviram de ecos ao velho do debrum de pérolas.

– Feito – traduziu a jovem escrava – e feito, e feito, oito vezes feito.

– Os Imaculados aprenderão seu idioma selvagem bastante depressa – acrescentou Kraznys mo Nakloz, depois de tudo combinado –, mas até esse momento irá necessitar de um escravo para falar com eles. Aceite esta como presente, um penhor de um bom negócio.

– Aceitarei – disse Dany.

A jovem escrava transmitiu-lhe as palavras dele e a ele as de Dany. Se tinha alguma emoção sobre ser oferecida como penhor, teve o cuidado de não deixar transparecer.

Arstan Barba-Branca também domou a língua quando Dany passou por ele no terraço. Seguiu-a pela escadaria em silêncio, mas ela ouvia seu bastão de madeira rígida fazendo *tap-tap* nos tijolos vermelhos enquanto caminhavam. Não o censurava por sua fúria. O que fizera foi deplorável. *A Mãe de Dragões vendeu o seu filho mais forte*. Até a ideia a deixava nauseada.

Mas lá embaixo, na Praça do Orgulho, em pé sobre os quentes tijolos vermelhos entre a pirâmide dos negociantes de escravos e as casernas dos eunucos, Dany virou-se para o velho.

– Barba-Branca – disse –, quero seus conselhos, e nunca deve sentir medo de me dizer o que pensa... quando estivermos sozinhos. Mas *nunca* me questione na frente de estranhos. Entendido?

– Sim, Vossa Graça – disse ele, em tom infeliz.

– Não sou uma criança – disse-lhe ela. – Sou uma rainha.

– Mas até as rainhas podem errar. Os astapori enganaram-na, Vossa Graça. Um dragão vale mais do que qualquer exército. Aegon provou-o há trezentos anos, no Campo de Fogo.

– Eu sei o que Aegon provou. Pretendo também provar umas coisinhas. – Dany virou-se para a jovem escrava que estava obedientemente em pé ao lado de sua liteira. – Você tem nome, ou precisa tirar um novo todos os dias de dentro de um barril?

– Isso é só para os Imaculados – disse a moça. Então percebeu que a pergunta havia sido feita em Alto Valiriano. Seus olhos esbugalharam-se. – Oh.

– Seu nome é Oh?

– Não. Vossa Graça, perdoe esta pelo descontrole. O nome de sua escrava é Missandei, mas...

– Missandei já não é uma escrava. Liberto-a, a partir deste instante. Junte-se a mim na liteira, quero conversar. – Rakharo ajudou-a a entrar, e Dany fechou as cortinas à poeira e ao calor. – Se ficar comigo, vai me servir como uma de minhas aias – disse, quando se puseram em movimento. – Manterei você ao meu lado para falar por mim como falou por Kraznys. Mas pode deixar o meu serviço na hora que desejar, se tiver um pai ou uma mãe para junto de quem prefira voltar.

– Esta ficará – disse a garota. – Esta... eu... não tenho para onde ir. Esta... eu vou servi-la, e de bom grado.

– Posso dar-lhe liberdade, mas não posso lhe dar segurança – preveniu Dany. – Tenho um mundo para atravessar e guerras para travar. Pode vir a passar fome. Pode adoecer. Pode ser morta.

– *Valar morghulis* – disse Missandei, em Alto Valiriano.

– Todos os homens têm de morrer – concordou Dany –, mas podemos rezar para que isso demore muito tempo para acontecer. – Encostou-se nas almofadas e tomou a mão da garota nas suas. – Estes Imaculados são realmente destemidos?

– Sim, Vossa Graça.

– Agora está a meu serviço. É verdade que não sentem dor?

– O vinho da coragem mata essas sensações. Quando matam os bebês, já o bebem há anos.

– E são obedientes?

– Tudo que conhecem é a obediência. Se lhes disser para não respirarem, acharão isso mais fácil do que não obedecer.

Dany fez um gesto afirmativo com a cabeça.

– E quando não precisar mais deles?

– Vossa Graça?

– Quando tiver ganhado a minha guerra e reclamado o trono que era de meu pai, meus cavaleiros embainharão as espadas e voltarão para suas fortalezas, para suas esposas, filhos e mães... para suas vidas. Mas esses eunucos não têm vida. O que farei com oito mil eunucos depois de deixar de haver batalhas a travar?

– Os Imaculados dão bons guardas e excelentes vigias, Vossa Graça – disse Missandei. – E nunca é difícil encontrar um comprador para tropas tão boas e experientes.

– Os homens não são comprados e vendidos em Westeros, segundo me dizem.

– Com todo o respeito, Vossa Graça, os Imaculados não são homens.

– Se os revendesse, como saberia que não seriam usados contra mim? – perguntou Dany sem rodeios. – Fariam isso? Lutariam *contra* mim, chegariam a me machucar fisicamente?

– Se o seu dono o ordenasse. Eles não questionam, Vossa Graça. Todas as questões lhes foram arrancadas. Eles obedecem. – Parecia perturbada. – Quando não... quando não precisar mais deles... Vossa Graça pode ordenar-lhes que caiam sobre as espadas.

– E até isso fariam?

– Sim – A voz de Missandei suavizara-se. – Vossa Graça.

Dany apertou sua mão.

– Mas preferiria que eu não lhes pedisse isso. Por quê? Por que se preocupa?

– Esta não... eu... Vossa Graça...

– Diga-me.

A garota baixou os olhos.

– Três deles foram antigamente meus irmãos, Vossa Graça.

*Então espero que seus irmãos sejam tão corajosos e inteligentes quanto você*. Dany voltou a encostar-se na almofada, e deixou que a liteira a levasse em frente, uma última vez de volta ao *Balerion*, para colocar o seu mundo em ordem. *E de volta a Drogon.* Sua boca apertou-se numa expressão carrancuda.

A noite que se seguiu foi longa, escura e ventosa. Dany alimentou os dragões como sempre fazia, mas descobriu que ela mesma não tinha apetite. Chorou um pouco, sozinha, em sua cabine, e depois secou as lágrimas durante tempo bastante para mais uma discussão com Groleo.

– O Magíster Illyrio não está aqui – teve finalmente de lhe dizer –, e se estivesse, também não conseguiria me dissuadir. Preciso mais dos Imaculados do que destes navios, e não quero ouvir nem mais uma palavra.

A ira consumiu-lhe o desgosto e o medo, pelo menos durante algumas horas. Mais tarde chamou os companheiros de sangue à sua cabine, com Sor Jorah. Eram os únicos em quem realmente confiava.

Pretendia dormir depois, para estar bem repousada de manhã, mas uma hora de agitação insone no confinamento abafado da cabine rapidamente a convenceu de que não devia continuar tentando. À porta, encontrou Aggo colocando uma nova corda no arco à luz de uma oscilante candeia de azeite. Rakharo estava sentado no chão, ao seu lado, de pernas cruzadas, afiando o *arakh* com uma pedra de amolar. Dany disse a ambos para continuarem o que estavam fazendo, e subiu ao convés para tomar um pouco do ar fresco da noite. A tripulação deixou-a em paz enquanto tratava de seus assuntos, mas Sor Jorah rapidamente veio lhe fazer companhia junto à amurada. *Ele nunca está longe*, pensou Dany. *Conhece meus estados de espírito bem demais*.

– *Khaleesi*. Devia estar dormindo. Amanhã estará quente e será duro, garanto-lhe. Precisará de suas forças.

– Lembra-se de Eroeh? – perguntou-lhe ela.

– A garota lhazarena?

– Estavam violando a garota, mas eu impedi-os e coloquei-a sob a minha proteção. Só que quando o meu sol e estrelas morreu, Mago tomou-a de volta, voltou a usá-la e matou-a. Aggo disse que era o seu destino.

– Lembro-me disso – disse Sor Jorah.

– Estive só durante muito tempo, Jorah. Completamente só, tirando o meu irmão. Era uma coisinha tão pequena e assustada. Viserys deveria ter me protegido, mas em vez disso machucava-me e assustava-me mais ainda. Ele não devia ter feito isso. Não era só meu irmão, era meu *rei*. Por que os deuses criam os reis e as rainhas, se não for para proteger aqueles que não conseguem fazer isso por conta própria?

– Alguns reis criam-se a si mesmos. Foi o que Robert fez.

– Ele não era um verdadeiro rei – disse Dany com desdém. – Não oferecia justiça. Justiça... é para isso que os reis *servem*.

Sor Jorah não encontrou resposta. Limitou-se a sorrir, e tocou seus cabelos, muito de leve. Foi o bastante.

Naquela noite sonhou que era Rhaegar, a caminho do Tridente. Mas ia montada num dragão, e não num cavalo. Quando viu a tropa rebelde do Usurpador do outro lado do rio, eles tinham armaduras de gelo, mas ela banhou-os em fogo de dragão e eles derreteram-se como orvalho e transformaram o Tridente numa torrente. Uma pequena parte de si sabia que estava sonhando, mas outra parte exultou. *Era assim que estava destinado a ser. A outra maneira foi um pesadelo, e só agora acordei*.

Acordou subitamente na escuridão de sua cabine, ainda transbordante de triunfo. O *Balerion* pareceu acordar com ela, e ouviu o tênue ranger de madeira, água batendo de encontro ao casco, um passo no convés por cima de sua cabeça. E algo mais.

Alguém estava com ela na cabine.

– Irri? Jhiqui? Onde estão? – as aias não responderam. Estava escuro demais para ver, mas ouvia-as respirar. – Jorah, é você?

– Eles dormem – disse uma mulher. – Todos eles dormem. – A voz estava muito próxima. – Até os dragões têm de dormir.

*Ela está em cima de mim.*

– Quem está aí? – Dany tentou ver na escuridão. Julgou detectar uma sombra, o mais tênue contorno de uma silhueta. – O que quer de mim?

– Lembre-se. Para ir para o norte, deve viajar para o sul. Para alcançar o oeste, tem de ir para leste. Para ir em frente, deve voltar para trás, e para tocar a luz, tem de passar sob a sombra.

– *Quaithe?* – Dany saltou da cama e escancarou a porta. A pálida luz amarela das lanternas inundou a cabine, e Irri e Jhiqui sentaram-se, sonolentas.

– *Khaleesi?* – murmurou Jhiqui, esfregando os olhos. Viserion acordou e abriu as mandíbulas, e uma baforada de chamas iluminou até os cantos mais escuros. Não havia sinais de uma mulher com uma máscara de laca vermelha. – *Khaleesi*, não está bem? – perguntou Jhiqui.

– Um sonho. – Dany sacudiu a cabeça. – Tive um sonho, foi só isso. Voltem a dormir. Vamos todas voltar a dormir. – Mas, por mais que tentasse, o sono não queria voltar.

*Se olhar para trás, estou perdida*, disse Dany a si mesma na manhã seguinte, ao entrar em Astapor pelos portões do porto. Não se atrevia a lembrar a si mesma como, na realidade, era pequena e insignificante a sua comitiva, caso contrário perderia toda a coragem. Naquele dia montava a sua prata, vestida com calças de pelo de cavalo e um colete de couro pintado, com um cinto de medalhões de bronze na cintura e mais dois cruzados entre os seios. Irri e Jhiqui tinham trançado seus cabelos e prendido neles uma minúscula sineta de prata, cujo tilintar cantava uma canção sobre os Imorredouros de Qarth, queimados em seu Palácio de Poeira.

As ruas de tijolo vermelho de Astapor estavam quase repletas nessa manhã. Escravos e criados aglomeravam-se junto às paredes, enquanto os senhores de escravos e suas mulheres tinham vestido seus *tokars* para observar do alto das pirâmides de degraus. *No fim das contas, não são assim tão diferentes dos qartenos*, pensou Dany. *Querem um vislumbre de dragões que possam contar aos filhos e aos filhos dos filhos*. Aquele pensamento fez Dany indagar-se sobre quantos deles chegariam a ter filhos.

Aggo seguia na sua frente, com seu grande arco dothraki. Belwas, o Forte, caminhava à direita de sua égua, e a pequena Missandei à esquerda. Sor Jorah Mormont vinha atrás, de cota de malha e sobretudo, lançando olhares carrancudos a todos os que se aproximassem em excesso. Rakharo e Jhogo protegiam a liteira. Dany ordenara que o topo fosse removido, para que os três dragões pudessem ser acorrentados à plataforma. Irri e Jhiqui seguiam com eles, para tentar mantê-los calmos. Mas Viserion brandia a cauda para um lado e para o outro, e uma fumaça subia, irritada, de suas narinas. Rhaegal também sentia que algo não estava bem. Por três vezes tentou levantar voo, só conseguindo ser puxado para baixo pela pesada corrente que Jhiqui tinha na mão. Drogon

enrolara-se numa bola, com as asas e a cauda bem aconchegadas. Só os seus olhos indicavam que não estava dormindo.

O resto do seu povo seguia-os: Groleo e os outros capitães e suas tripulações, e os oitenta e três dothraki que restavam dos cem mil que um dia tinham acompanhado o *khalasar* de Drogo. Dany tinha colocado os mais velhos e mais fracos no centro da coluna, com as lactantes, as grávidas, as meninas pequenas e os garotos novos demais para trançar o cabelo. Os outros – aquilo que possuía de guerreiros – seguiam no exterior e faziam avançar a sua triste manada, os cento e tantos cavalos descarnados que tinham sobrevivido seja ao deserto vermelho, seja ao negro mar salgado.

*Devia mandar bordar um estandarte*, pensou enquanto avançava à frente de seu bando andrajoso ao longo dos meandros do rio de Astapor. Fechou os olhos para imaginar seu aspecto: todo de seda negra e leve, e nele o dragão vermelho de três cabeças de Targaryen, exalando chamas douradas. *Um estandarte que Rhaegar pudesse ter usado*. As margens do rio eram estranhamente tranquilas. Os astapori chamavam-no de Verme. Era largo, lento e cheio de curvas, semeado de minúsculas ilhas cobertas de florestas. Vislumbrou crianças que brincavam numa delas, correndo por entre elegantes estátuas de mármore. Em outra ilha, um casal de amantes beijava-se à sombra de altas árvores verdes, tão desprovidos de vergonha como um dothraki num casamento. Sem roupas, não sabia dizer se eram escravos ou livres.

A Praça do Orgulho, com sua grande harpia de bronze, era pequena demais para conter todos os Imaculados que tinha comprado. Em vez de estarem ali, os escravos tinham sido reunidos na Praça da Punição, em frente ao portão principal de Astapor, para poderem ser levados diretamente da cidade assim que Dany estivesse na posse deles. Ali não havia estátuas de bronze; só uma plataforma de madeira onde escravos rebeldes eram torturados, esfolados e enforcados.

– Os Bons Mestres colocam-nos assim para que sejam a primeira coisa que um novo escravo vê quando entra na cidade – disse-lhe Missandei quando entraram na praça.

À primeira vista, Dany pensou que os castigados tinham pele listrada, como os zebralos dos Jogos Nhai. Então aproximou-se na sua prata e viu a carne viva sob as listras negras em movimento. *Moscas. Moscas e*

*larvas*. Tinham arrancado a pele dos escravos rebeldes como se descasca uma maçã, numa longa fita enrolada. Um dos homens tinha um braço negro de moscas dos dedos ao cotovelo, e vermelho e branco por baixo. Dany freou o cavalo por baixo dele.

– O que este fez?

– Levantou uma mão contra o dono.

Com o estômago embrulhado, Dany virou sua prata e trotou na direção do centro da praça, e do exército que comprara a um preço tão elevado. Estavam em pé, fileira atrás de fileira, atrás de fileira, seus meios-homens de pedra com coração de tijolo; oito mil e seiscentos com os capacetes de espigão em bronze de Imaculados plenamente treinados, e cerca de cinco mil atrás deles, de cabeça descoberta, mas armados com lanças e espadas curtas. Viu que aqueles que se encontravam mais para trás não passavam de meninos, mas estavam tão rígidos e imóveis quanto os outros.

Kraznys mo Nakloz encontrava-se ali com todos os seus companheiros para saudá-la. Outros astapori de elevado nascimento juntavam-se em grupos atrás deles, bebericando vinho de taças altas de prata, enquanto escravos circulavam entre eles com bandejas cheias de azeitonas, cerejas e figos. O Grazdan mais velho ocupava uma liteira, sustentada por quatro enormes escravos com peles acobreadas. Meia dúzia de lanceiros a cavalo percorria os limites da praça, mantendo afastadas as multidões que tinham vindo assistir. O sol refulgia nos discos de cobre polido costurados aos seus mantos com um brilho que cegava, mas Dany não pôde deixar de reparar como seus cavalos pareciam nervosos. *Temem os dragões. E não é de admirar que os temam.*

Kraznys ordenou a um escravo que a ajudasse a descer da sela. Ele tinha as mãos ocupadas; uma agarrava o *tokar*, enquanto a outra empunhava um ornamentado chicote.

– Aqui estão eles. – Olhou para Missandei. – Diga-lhe que são seus... se puder pagar.

– Pode – disse a garota.

Sor Jorah ladrou uma ordem, e a mercadoria foi trazida. Seis fardos de pele de tigre, trezentos rolos de boa seda. Potes de açafrão, potes de mirra, potes de pimenta, curry e cardamomo, uma máscara de ônix, doze macacos de jade, barris de tinta vermelha, preta e verde, uma caixa de

raras ametistas negras, uma caixa de pérolas, um barril de azeitonas sem caroço recheadas com lagartas, uma dúzia de barris de bagres cegos em salmoura, um grande gongo de latão e um martelo para bater nele, dezessete olhos de marfim, e uma enorme arca cheia de livros escritos em línguas que Dany não sabia ler. E mais, e mais, e mais. Seu povo empilhou tudo diante dos negociantes de escravos.

Enquanto o pagamento era feito, Kraznys mo Nakloz concedeu-lhe algumas palavras finais sobre o modo de lidar com as tropas.

– Eles ainda estão verdes – disse ele através de Missandei. – Diga à prostituta de Westeros que faria bem em dar-lhes rapidamente o batismo de sangue. Há muitas cidades pequenas no caminho, cidades prontas para serem pilhadas. Qualquer saque que obtenha será apenas seu. Os Imaculados não cobiçam o ouro ou as pedras preciosas. E se capturar prisioneiros, alguns guardas serão suficientes para trazê-los para Astapor. Compraremos os saudáveis, e por um bom preço. E quem sabe? Daqui a dez anos, alguns dos garotos que nos mandar poderão ser por sua vez Imaculados. Assim todos prosperaremos.

Por fim, já não havia mais mercadoria a adicionar à pilha. Seus dothraki voltaram a subir para os cavalos, e Dany disse:

– Isto foi tudo o que pudemos transportar. O resto aguarda nos navios, uma grande quantidade de âmbar, vinho e arroz negro. E vocês têm os próprios navios. Então tudo que nos resta é...

– ... o dragão – terminou o Grazdan com a barba pontiaguda, que falava o Idioma Comum com forte sotaque.

– E aqui está ele. – Sor Jorah e Belwas dirigiram-se ao seu lado para a liteira, onde Drogon e os seus irmãos tostavam ao sol. Jhiqui desprendeu uma ponta da corrente e entregou-a a ela. Quando lhe deu um puxão, o dragão negro ergueu a cabeça, silvando, e abriu asas de noite e escarlate. Kraznys mo Nakloz deu um largo sorriso quando a sombra das asas caiu sobre si.

Dany entregou ao comerciante de escravos a ponta da corrente de Drogon. Em troca, ele presenteou-a com o chicote. O cabo era de osso negro de dragão, elaboradamente esculpido e incrustado de ouro. Nove longas e finas tiras de couro saíam desse cabo, todas rematadas por uma garra dourada. O botão de ouro era uma cabeça de mulher, com dentes pontiagudos de marfim.

– Os dedos da harpia – chamou Kraznys ao açoite.

Dany revirou o chicote na mão. *Uma coisa tão leve, com um peso tão grande.*

– Então está feito? Eles pertencem a mim?

– Está feito – concordou o homem, dando um forte puxão na corrente para que Drogon descesse da liteira.

Dany montou sua prata. Sentia o coração tamborilando no peito. Sentia um medo desesperado. *Seria isso o que o meu irmão teria feito?* Perguntou a si mesma se o Príncipe Rhaegar se sentira tão ansioso assim quando viu a tropa do Usurpador em formação do outro lado do Tridente, com todos os seus estandartes flutuando ao vento.

Pôs-se em pé nos estribos e ergueu os dedos da harpia sobre a cabeça, para que todos os Imaculados os vissem.

– *ESTÁ FEITO!* – gritou, o mais alto que foi capaz. – *VOCÊS SÃO MEUS!* – Esporeou a égua e galopou ao longo da primeira fileira, mantendo os dedos erguidos. – *PERTENCEM AGORA AO DRAGÃO! FORAM COMPRADOS E PAGOS! ESTÁ FEITO! ESTÁ FEITO!*

Vislumbrou o velho Grazdan virando rapidamente a cabeça grisalha. *Ele me ouviu falar valiriano*. Os outros negociantes de escravos não estavam atentos. Aglomeravam-se em volta de Kraznys e do dragão, gritando conselhos. Embora os astapori puxassem e empurrassem, Drogon não saía da liteira. Fumaça cinza subia de suas mandíbulas abertas, e seu longo pescoço enrolava-se e endireitava-se enquanto ele tentava morder o rosto do feitor.

*É hora de atravessar o Tridente*, pensou Dany, ao virar-se e trazer a prata de volta. Seus companheiros de sangue aproximaram-se e cercaram-na.

– Está em dificuldades – observou Dany.

– Ele não quer vir – disse Kraznys.

– Há uma razão. Um dragão não é escravo de ninguém. – E Dany chicoteou com toda a força o rosto do negociante de escravos. Kraznys gritou e cambaleou para trás, com sangue escorrendo, vermelho, para sua barba perfumada. Os dedos da harpia tinham quase desfeito suas feições de um golpe, mas Dany não parou para contemplar o estrago. – Drogon – cantou em voz alta, em tom doce, todo o seu medo esquecido. – *Dracarys*.

O dragão negro abriu as asas e rugiu.

Uma lança de turbilhonantes chamas escuras atingiu em cheio o rosto de Kraznys. Seus olhos derreteram e escorreram pelas maçãs de seu rosto, e o óleo que tinha nos cabelos e barba incendiou-se com tanta violência que, por um instante, o senhor de escravos usou uma coroa flamejante duas vezes mais alta do que sua cabeça. O súbito fedor de carne carbonizada conseguiu sobrepor-se até mesmo ao seu perfume, e seu grito de dor pareceu afogar todos os outros sons.

Então a Praça da Punição estourou em sangue e caos. Os Bons Mestres guinchavam, esbarravam e empurravam-se uns aos outros, tropeçavam, com a pressa, no debrum de seus *tokars*. Drogon voou quase preguiçosamente contra Kraznys, batendo asas negras. Enquanto oferecia ao senhor de escravos mais um pouco de fogo, Irri e Jhiqui desacorrentaram Viserion e Rhaegal, e de repente havia três dragões no ar. Quando Dany se virou para olhar, um terço dos orgulhosos guerreiros de chifres demoníacos de Astapor lutava para se manter montado em suas aterrorizadas montarias, e outro terço fugia num brilhante clarão de cobre brilhante. Um homem manteve-se sobre a sela tempo suficiente para puxar uma espada, mas o chicote de Jhogo enrolou-se em torno do pescoço dele e cortou seu grito. Outro perdeu uma mão para o *arakh* de Rakharo e afastou-se, cambaleando e jorrando sangue. Aggo sentou-se calmamente, encaixando flechas na corda de seu arco e disparando-as contra *tokars*. Não importava nem um pouco que o debrum fosse de prata, ouro ou simples. Belwas, o Forte, também tinha o seu *arakh* desembainhado, e fazia-o rodopiar enquanto atacava.

Dany ouviu um astapori gritar:

– *Lanças!* – era Grazdan, o velho Grazdan com seu *tokar* carregado de pérolas. – *Imaculados!* Defendam-nos, parem-nos, defendam os seus senhores! Lanças! Espadas!

Quando Rakharo enfiou uma flecha na boca dele, os escravos que sustentavam a sua liteira separaram-se e fugiram, deixando-o cair sem cerimônia no chão. O velho engatinhou até a primeira fileira de eunucos, deixando poças de sangue nos tijolos. Os Imaculados sequer olharam para baixo, para vê-lo morrer. Fileira atrás de fileira, atrás de fileira, permaneceram em pé.

E não se moveram. *Os deuses ouviram a minha prece*.

– *Imaculados!* – Dany galopou à frente deles, com a trança de um louro prateado esvoaçando atrás, e a sineta tilintando a cada passo. – Matem os Bons Mestres, matem os soldados, matem todos os homens que usem um *tokar* ou tenham um chicote nas mãos, mas não façam mal a nenhuma criança com menos de doze anos, e arranquem as correntes de todos os escravos que virem. – Ergueu os dedos da harpia... e então atirou o açoite para longe. – *Liberdade!* – entoou. – *Dracarys! Dracarys!*

– *Dracarys!* – gritaram eles em resposta, a mais bela palavra que já ouvira. – *Dracarys! Dracarys!* – E por toda a sua volta, feitores fugiam, soluçavam, suplicavam e morriam, e o ar poeirento encheu-se de lanças e fogo.

## SANSA

Na manhã em que seu novo vestido devia ficar pronto, as criadas encheram a banheira de Sansa com água quente fumegante e esfregaram-na dos pés à cabeça até a deixarem rosada e reluzente. A própria aia da rainha tratou de suas unhas e escovou e ondulou seus cabelos ruivos para que caíssem por suas costas em suaves caracóis. Trouxe também uma dúzia das essências que Cersei preferia. Sansa escolheu uma fragrância viva e doce, com um toque de limão sob o cheiro de flores. A aia despejou um pouco no dedo e tocou Sansa atrás de cada orelha, e sob o queixo, e então, levemente, nos mamilos.

A própria Cersei chegou com a costureira e ficou vendo enquanto vestiam Sansa com sua roupa nova. A roupa de baixo era toda de seda, mas o vestido era de samito cor de marfim e pano de prata, forrado de cetim prateado. As extremidades de suas longas mangas pontiagudas quase tocavam o chão quando baixava os braços. E era um vestido de mulher, não de menina, não havia dúvida quanto a isso. O corpete era aberto na frente, quase até a barriga, com o profundo "v" coberto por um painel de ornamentada renda de Myr num cinza-claro. As saias eram longas e cheias, a cintura era tão apertada que Sansa teve de prender a respiração quando a amarraram. Trouxeram-lhe também sapatos novos, chinelos de suave pele de corça cinza que abraçavam seus pés como amantes.

– Está muito bela, senhora – disse a costureira quando acabaram de vesti-la.

– Estou, não estou? – Sansa soltou um risinho e girou, fazendo rodopiar as saias ao seu redor. – Oh, *estou*. – Mal podia esperar que Willas a visse assim. *Ele vai me amar, vai mesmo, tem de amar... esquecerá Winterfell quando me vir, vou me certificar de que esqueça.*

A Rainha Cersei estudou-a criticamente.

– Algumas pedras preciosas, acho. As pedras de lua que Joffrey lhe deu.

– Imediatamente, Vossa Graça – respondeu a aia.

Depois de as pedras de lua estarem penduradas nas orelhas de Sansa e em seu pescoço, a rainha fez um aceno com a cabeça.

– Sim. Os deuses foram bons para você, Sansa. É uma menina adorável. Parece quase obsceno esbanjar essa doce inocência naquela gárgula.

– Que gárgula? – Sansa não estava compreendendo. Estaria se referindo a Willas? *Como poderia saber?* Ninguém sabia além dela, de Margaery e da Rainha dos Espinhos... ah, e Dontos, mas esse não contava.

Cersei Lannister ignorou a pergunta.

– O manto – ordenou, e as mulheres trouxeram-no: um longo manto de veludo branco carregado de pérolas. Um feroz lobo gigante estava bordado nele em fio de prata. Sansa olhou-o com súbito temor. – As cores de seu pai – disse Cersei, enquanto o prendiam em volta do pescoço da garota com uma delicada corrente de prata.

*Um manto de donzela*. A mão de Sansa subiu à garganta. Teria arrancado aquela coisa se se atrevesse.

– É mais bonita com a boca fechada, Sansa – disse-lhe Cersei. – Venha já, o septão está à espera. E os convidados do casamento também.

– Não – exclamou Sansa. – *Não.*

– Sim. É protegida da coroa. O rei faz as vezes de seu pai, uma vez que seu irmão é um traidor proscrito. Isso significa que tem todo o direito de dispor de sua mão. Vai se casar com meu irmão Tyrion.

*A minha pretensão*, pensou, agoniada. Dontos, o bobo, não era assim tão tolo, afinal; tinha visto a verdade. Sansa afastou-se da rainha.

– Não vou. – *Vou me casar com Willas, vou ser a senhora de Jardim de Cima, por favor...*

– Compreendo a sua relutância. Chore se precisar. Em seu lugar, eu provavelmente arrancaria os cabelos. Ele é um desprezível duendezinho, não há dúvida, mas vai mesmo se casar com ele.

– Não pode me obrigar.

– Claro que podemos. Pode vir calmamente e proferir seus votos como é próprio de uma senhora, ou pode lutar, gritar e dar um espetáculo que deixe os cavalariços aos risinhos, mas seja como for vai acabar casada e na cama com o seu esposo. – A rainha abriu a porta. Sor Meryn Trant e

Sor Osmund Kettleblack esperavam lá fora, com a armadura de escamas brancas da Guarda Real. – Escoltem a Senhora Sansa até o septo – disse-lhes. – Carreguem-na, se for preciso, mas tentem não rasgar o vestido. Foi muito caro.

Sansa tentou fugir, mas a aia de Cersei apanhou-a antes de ter percorrido um metro. Sor Meryn Trant dirigiu-lhe um olhar que a fez encolher-se de medo, mas Kettleblack tocou quase gentilmente nela e disse:

– Faça o que lhe dizem, querida, não será assim tão mau. Espera-se que os lobos sejam bravos, não é?

*Bravos*. Sansa respirou fundo. *Eu sou uma Stark, sim, posso ser brava*. Estavam todos a observá-la daquela maneira como a tinham olhado no pátio, no dia em que Sor Boros Blount rasgara sua roupa. Nesse dia foi o Duende quem a salvou de um espancamento, o mesmo homem que estava agora à sua espera. *Ele não é tão mau quanto os outros*, disse a si mesma.

– Eu vou.

Cersei sorriu.

– Eu sabia que sim.

Mais tarde não conseguiria se lembrar de ter saído do quarto, de descer os degraus ou de atravessar o pátio. O simples ato de pôr um pé à frente do outro pareceu tomar toda a sua atenção. Sor Meryn e Sor Osmund caminhavam ao seu lado, usando mantos tão claros quanto o seu, faltando-lhes apenas as pérolas e o lobo gigante que fora de seu pai. O próprio Joffrey encontrava-se à sua espera, nos degraus do septo do castelo. O rei resplandecia de carmesim e ouro, com a coroa na cabeça.

– Hoje sou seu pai – anunciou.

– Não é – irritou-se ela. – Nunca será.

O rosto do rei ensombrou-se.

– Sou. Sou seu pai, e posso casá-la com quem eu desejar. Com *qualquer um*. Casará com um criador de porcos, se eu ordenar, e vai se deitar com ele na pocilga. – Seus olhos verdes cintilaram de divertimento. – Ou talvez devesse dá-la a Ilyn Payne, gostaria mais dele?

O coração de Sansa deu um salto.

– Por favor, Vossa Graça – suplicou. – Se alguma vez me amou nem que fosse um pouquinho, não me obrigue a casar com seu...

– ... tio? – Tyrion Lannister atravessou as portas do septo. – Vossa Graça – disse a Joffrey. – Tenha a gentileza de me conceder um momento a sós com a Senhora Sansa, por favor.

O rei estava prestes a recusar, mas a mãe lançou-lhe um olhar penetrante. Afastaram-se alguns metros.

Tyrion vestia um gibão de veludo negro coberto de arabescos dourados, botas cujos canos chegavam às suas coxas e que acrescentavam sete centímetros à sua altura, uma corrente de rubis e cabeças de leão. Mas o rasgão em seu rosto estava vermelho e em carne viva, e o nariz era uma hedionda escara.

– Está muito bela, Sansa – disse-lhe.

– É bondade sua, senhor. – Não sabia o que mais responder. *Deveria dizer-lhe que é bonito? Vai me achar uma tola ou uma mentirosa.* Baixou os olhos e dominou a língua.

– Senhora, isso não é maneira de trazê-la para o seu casamento, peço-lhe perdão. E por fazer isso de forma tão súbita e secreta. O senhor meu pai achou necessário, por razões de estado. De outra forma, teria ido encontrá-la mais cedo, conforme eu desejava. – Bamboleou-se para mais perto. – Não pediu este casamento, eu sei. Eu também não. Mas se a tivesse recusado, eles teriam casado a senhora com meu primo Lancel. Talvez tivesse preferido assim. Ele tem uma idade próxima da sua, e é mais bonito de se ver. Se for esse seu desejo, diga, e eu porei fim a esta farsa.

*Não quero nenhum Lannister*, ela quis dizer. *Quero Willas, quero Jardim de Cima, os cachorros e a barcaça, e filhos chamados Eddard, Bran e Rickon*. Mas então lembrou-se do que Dontos havia lhe dito no bosque sagrado. *Tyrell ou Lannister, não faz diferença, não é a mim que querem, é só a minha pretensão.*

– É gentil, senhor – disse, derrotada. – Sou protegida da coroa e meu dever é casar segundo as ordens do rei.

Ele estudou-a com seus olhos desiguais.

– Eu sei que não sou o tipo de esposo com que as garotas sonham, Sansa – disse, com suavidade –, mas também não sou Joffrey.

– Não – disse ela. – Foi gentil comigo. Eu me lembro.

Tyrion ofereceu-lhe uma mão grossa de dedos curtos.

– Então venha. Vamos cumprir o nosso dever.

E assim ela pousou a mão na dele e ele levou-a até o altar nupcial, onde o septão esperava entre a Mãe e o Pai para unir suas vidas. Sansa viu Dontos, com o seu traje de bobo, olhando-a com grandes olhos redondos. Sor Balon Swann e Sor Boros Blount encontravam-se lá, ostentando o branco da Guarda Real, mas Sor Loras não. *Nenhum dos Tyrell está aqui*, compreendeu de repente. Mas havia fartura de outras testemunhas; o eunuco Varys, Sor Addam Marbrand, Lorde Philip Foote, Sor Bronn, Jalabhar Xho, uma dúzia de outros. Lorde Gyles tossia, a Senhora Ermesande mamava, e a filha grávida da Senhora Tanda soluçava por nenhum motivo aparente. *Que soluce*, pensou Sansa. *Eu talvez faça o mesmo antes que este dia acabe.*

A cerimônia passou como que num sonho. Sansa fez tudo o que lhe foi pedido. Houve preces, votos e cânticos, e grandes velas queimando, uma centena de luzes dançantes, que as lágrimas em seus olhos se transformaram num milhar. Felizmente, ninguém pareceu reparar que ela estava chorando enquanto se encontrava ali, em pé, envolvida nas cores do pai; ou se viram, fingiram não ver. Naquilo que pareceu não ser tempo algum, chegaram à troca dos mantos.

Na condição de pai do reino, Joffrey ocupou o lugar de Eddard Stark. Sansa permaneceu dura como uma lança enquanto as mãos dele passaram sobre seus ombros para lutar contra o broche de seu manto. Uma delas roçou num seio e demorou-se lá, para lhe dar um pequeno apertão. Então o broche abriu-se, e Joff tirou seu manto de donzela com um floreado régio e um sorriso.

A parte do tio não correu tão bem. O manto de noiva que segurava era enorme e pesado, de veludo carmesim ricamente trabalhado com leões e debruado de cetim dourado e rubis. Mas ninguém havia se lembrado de trazer um banco, e Tyrion era meio metro mais baixo do que sua noiva. Quando ele se colocou atrás dela, Sansa sentiu um forte puxão na saia. *Ele quer que eu ajoelhe*, compreendeu, corando. Ficou mortificada. Não deveria ser assim. Sonhara mil vezes com seu casamento, e em todas elas imaginara o modo como seu noivo ficaria atrás dela, alto e forte, envolveria majestosamente seus ombros com o manto de sua proteção, e a beijaria ternamente no rosto ao debruçar-se para a frente, a fim de lhe prender o broche.

Sentiu outro puxão na saia, mais insistente. *Não farei isso. Por que devo poupar os sentimentos dele, quando ninguém se preocupa com os meus?*

O anão puxou-a pela terceira vez. Teimosamente, apertou os lábios e fingiu não reparar. Alguém atrás deles soltou um riso abafado. *A rainha*, pensou, mas não importava. Pouco depois estavam todos rindo, ninguém mais alto do que Joffrey.

– Dontos, de quatro – ordenou o rei. – Meu tio precisa de ajuda para subir até sua noiva.

E foi assim que o senhor seu esposo a cobriu com um manto nas cores da Casa Lannister enquanto se empoleirava nas costas de um bobo.

Quando Sansa se virou, o homenzinho fitava-a, de boca contraída, com o rosto tão vermelho quanto seu manto. De repente, sentiu-se envergonhada por sua teimosia. Alisou as saias e ajoelhou-se diante de Tyrion, para que as cabeças ficassem no mesmo nível.

– Com este beijo empenho o meu amor, e o tomo como meu senhor e esposo.

– Com este beijo empenho o meu amor – respondeu o anão em voz rouca – e a tomo como minha senhora e esposa. – Debruçou-se para a frente, e os lábios tocaram-se brevemente.

*Ele é tão feio*, pensou Sansa quando o rosto dele se aproximou do seu. *É ainda mais feio do que o Cão de Caça.*

O septão ergueu bem alto seu cristal, para que a luz arco-íris caísse sobre os dois.

– Aqui, à vista dos deuses e dos homens – disse –, proclamo solenemente que Tyrion da Casa Lannister e Sansa da Casa Stark são marido e mulher, uma carne, um coração, uma alma, agora e sempre, e maldito seja quem se interpuser entre eles.

Teve de morder o lábio para não soluçar.

O banquete de casamento foi servido no Pequeno Salão. Havia talvez cinquenta convidados; a maioria servidores e aliados dos Lannister, juntando-se àqueles que tinham estado no casamento. E ali Sansa encontrou os Tyrell. Margaery olhou-a de um modo cheio de tristeza, e quando a Rainha dos Espinhos entrou, vacilante, entre o Esquerdo e o Direito, sequer a olhou. Elinor, Alla e Megga pareciam determinadas a não conhecê-la. *Minhas amigas*, pensou Sansa amargamente.

Seu esposo bebeu muito e quase não comeu. Escutava sempre que alguém se levantava para fazer um brinde, e às vezes fazia um brusco aceno de apreço, mas fora isso daria para dizer que seu rosto era feito de pedra. O banquete pareceu prolongar-se sem fim, embora Sansa não tivesse provado nada da comida. Queria que aquilo acabasse, e no entanto temia o seu fim. Pois, após o banquete, vinha a noite de núpcias. Os homens iriam levá-la para sua cama nupcial, despindo-a no caminho e fazendo piadas grosseiras sobre aquilo que a aguardava entre os lençóis, enquanto as mulheres prestariam a Tyrion o mesmo serviço. Só depois de serem enfiados nus na cama é que os deixariam sós, e mesmo então os convidados permaneceriam à porta do aposento nupcial, gritando para dentro sugestões obscenas. A noite de núpcias parecera maravilhosamente maliciosa e excitante quando Sansa era garota, mas, agora que o momento estava quase chegando, sentia apenas terror. Não achava que seria capaz de suportar que arrancassem sua roupa, e estava certa de que rebentaria em lágrimas à primeira brincadeira lúbrica.

Quando os músicos começaram a tocar, Sansa apoiou timidamente a mão sobre a de Tyrion e disse:

– Senhor, lideramos o baile?

A boca dele torceu-se.

– Acho que já lhes demos divertimento suficiente para uma noite, não acha?

– Como quiser, senhor. – Retirou a mão.

Em vez deles, Joffrey e Margaery lideraram. *Como é possível que um monstro dance de forma tão bela?*, perguntou Sansa a si mesma. Tinha sonhado acordada muitas vezes sobre o modo como dançaria em seu casamento, com todos os olhos postos em si e em seu belo senhor. Nos sonhos, estavam todos sorrindo. *Nem sequer o meu esposo sorri.*

Outros convidados rapidamente se juntaram ao rei e à sua prometida. Elinor dançou com seu jovem escudeiro, e Megga, com o Príncipe Tommen. A Senhora Merryweather, a bela myrana de cabelos negros e grandes olhos escuros, girava tão provocantemente que em pouco tempo todos os homens presentes no salão a observavam. O Senhor e a Senhora Tyrell moviam-se mais calmamente. Sor Kevan Lannister pediu a honra à Senhora Janna Fossoway, irmã de Lorde Tyrell. Merry Crane juntou-se aos dançarinos com o príncipe exilado Jalabhar Xho, magnífico em seus

adornos de penas. Cersei Lannister fez par primeiro com Lorde Redwyne, depois com Lorde Rowan, e por fim com o próprio pai, que dançava com uma graça fluida e séria.

Sansa ficou sentada com as mãos no colo, observando o modo como a rainha se movia, ria e sacudia os louros caracóis. *Ela encanta a todos*, pensou, entorpecida. *Como eu a odeio*. Afastou o olhar, dirigindo-o para onde o Rapaz Lua dançava com Dontos.

– Senhora Sansa. – Sor Garlan Tyrell estava em pé junto ao estrado. – Dá-me a honra? Se o seu senhor consentir?

Os olhos desiguais do Duende estreitaram-se.

– A minha senhora pode dançar com quem quiser.

Talvez devesse ter permanecido ao lado do marido, mas queria tanto dançar... e Sor Garlan era irmão de Margaery, de Willas, de seu Cavaleiro das Flores.

– Vejo por que lhe chamam Garlan, o Galante, sor – disse, ao pegar na mão dele.

– É muito amável por dizer isso, minha senhora. Foi meu irmão Willas quem me deu esse nome, por acaso. Para me proteger.

– Para protegê-lo? – Sansa dirigiu-lhe um olhar confuso.

Sor Garlan soltou uma gargalhada.

– Eu era um menininho rechonchudo, temo eu, e nós temos um tio chamado Garth, o Grosseiro. Por isso Willas atacou primeiro, não sem antes me ameaçar com Garlan, o Galo, Garlan, o Gatuno e Garlan, a Gárgula.

Aquilo era tão encantador e inocente que Sansa foi obrigada a rir, apesar de tudo. Depois, sentiu-se absurdamente grata. Sem saber como, o riso tinha lhe dado de novo esperança, ainda que por pouco tempo. Sorrindo, deixou que a música a dominasse, perdendo-se nos passos, no som de flauta, gaita de foles e harpa, no ritmo do tambor... e de tempos em tempos nos braços de Sor Garlan, quando a dança os juntava.

– A senhora minha esposa está muito preocupada com a senhora – disse ele em voz baixa numa dessas vezes.

– A Senhora Leonette é bondosa demais. Diga-lhe que estou bem.

– Uma noiva no seu casamento devia estar mais do que *bem*. – A voz dele não era desprovida de gentileza. – Parecia à beira das lágrimas.

– Lágrimas de alegria, sor.

– Seus olhos revelam a mentira de sua língua. – Sor Garlan virou-a, puxou-a para o seu lado. – Senhora, vi como olha para meu irmão. Loras é valente e bonito, e todos o amamos muito... mas o seu Duende será melhor marido. Ele é um homem maior do que parece, penso eu.

A música afastou-os antes de Sansa conseguir pensar numa resposta. Foi Mace Tyrell quem surgiu à sua frente, com o rosto vermelho e suado, e depois Lorde Merryweather, e depois o Príncipe Tommen.

– Também quero me casar – disse o rechonchudo principezinho, que tinha nove anos. – Sou mais alto do que o meu tio!

– Eu sei que é – disse Sansa, antes de os pares voltarem a trocar. Sor Kevan disse-lhe que estava bela, Jalabhar Xho disse qualquer coisa na Língua do Verão que ela não compreendeu, e Lorde Redwyne desejou-lhe muitas crianças gordas e longos anos de alegria. E então a dança deixou-a cara a cara com Joffrey.

Sansa retesou-se quando a mão dele tocou na dela, mas o rei apertou sua mão e puxou-a para si.

– Não devia estar com um ar tão triste. Meu tio é uma coisinha feia, mas você ainda terá a mim.

– O senhor irá se casar com Margaery!

– Um rei pode ter outras mulheres. Prostitutas. Meu pai teve. Um dos Aegon também. O terceiro ou o quarto. Teve um monte de prostitutas e um monte de bastardos. – Enquanto rodopiavam ao som da música, Joff deu-lhe um beijo úmido. – Meu tio vai trazê-la à minha cama sempre que eu ordenar.

Sansa balançou a cabeça.

– Não vai.

– Vai, senão corto a cabeça dele. Esse Rei Aegon, ele tinha todas as mulheres que desejava, quer fossem ou não casadas.

Felizmente, era hora de mudar mais uma vez. Mas suas pernas tinham se transformado em madeira, e Lorde Rowan, Sor Tallad e o escudeiro de Elinor devem tê-la achado uma dançarina muito desajeitada. E então viu-se de novo com Sor Garlan, e pouco depois, abençoadamente, a dança terminou.

O alívio foi curto. Assim que a música acabou, ouviu Joffrey dizer:

– Está na hora de levá-los para a cama! Vamos tirar a roupa dela e dar uma passada de olhos no que a loba tem a dar ao meu tio! – Outros

homens juntaram-se ruidosamente ao grito.

O anão seu marido ergueu lentamente os olhos da taça de vinho.

– Não haverá nada de noite de núpcias.

Joffrey agarrou o braço de Sansa.

– Haverá, se eu ordenar.

O Duende espetou violentamente o punhal na mesa, onde ficou vibrando, e disse:

– E depois vai ter de servir a sua mulher com um cacete de madeira. Eu castro você, juro.

Caiu um pesado silêncio. Sansa tentou libertar-se de Joffrey, mas ele tinha-a bem agarrada e sua manga rasgou. Ninguém pareceu sequer ouvir. A Rainha Cersei virou-se para o pai.

– Ouviu o que ele disse?

Lorde Tywin levantou-se da cadeira.

– Acho que podemos dispensar a noite de núpcias. Tyrion, tenho certeza de que não pretendia ameaçar a pessoa do rei.

Sansa viu um espasmo de raiva percorrer o rosto do marido.

– Expressei-me mal – disse. – Foi uma brincadeira de mau gosto, senhor.

– Ameaçou me *castrar*! – disse Joffrey com uma voz esganiçada.

– Ameacei, Vossa Graça – disse Tyrion –, mas foi só por invejar o seu régio membro. O meu é tão pequeno e torto... – Seu rosto contorceu-se num olhar malicioso. – E se cortar minha língua, não me deixará nenhuma maneira de dar prazer a esta encantadora esposa que me deu.

Uma gargalhada explodiu dos lábios de Sor Osmund Kettleblack. Alguém soltou um risinho abafado. Mas Joff não riu, e Lorde Tywin também não.

– Vossa Graça – disse este –, meu filho está bêbado, pode constatar o fato.

– Estou – confessou o Duende –, mas não tão bêbado que não possa tratar da minha noite de núpcias. – Saltou do estrado e agarrou Sansa rudemente. – Venha, mulher, é hora de derrubar a sua porta levadiça. Quero brincar de entrar no castelo.

Corada, Sansa saiu com ele do Pequeno Salão. *Que escolha tenho?* Tyrion bamboleava-se ao caminhar, especialmente quando caminhava tão

depressa quanto agora. Os deuses eram misericordiosos, e nem Joffrey nem nenhum dos outros fez um movimento para segui-los.

Para a noite de núpcias, tinham-lhes concedido o uso de um quarto arejado no alto da Torre da Mão. Tyrion fechou a porta com um pontapé depois de entrarem.

– Há um jarro de bom dourado da Árvore no aparador, Sansa. Quer fazer a gentileza de me servir uma taça?

– Será isso sensato, senhor?

– Não há nada mais sensato. Não estou realmente bêbado, compreende? Mas pretendo ficar.

Sansa encheu uma taça para cada um. *Será mais fácil se eu também estiver bêbada*. Sentou-se na beira da grande cama de dossel e ingeriu metade do conteúdo de sua taça em três longos goles. Sem dúvida que o vinho era muito bom, mas estava nervosa demais para saboreá-lo. A bebida deixou sua cabeça flutuando.

– Quer que eu tire minhas roupas, senhor?

– Tyrion. – Ele ergueu a cabeça. – Meu nome é Tyrion, Sansa.

– Tyrion. Senhor. Devo tirar o vestido, ou quer me despir? – bebeu mais um gole de vinho.

O Duende virou as costas para ela.

– Da primeira vez que me casei, fomos só nós e um septão bêbado, e alguns porcos como testemunhas. Comemos uma das testemunhas no banquete de casamento. Tysha deu na minha boca pele torrada de porco assado e eu lambi a gordura dos dedos dela, e estávamos rindo quando caímos na cama.

– Foi casado antes? Eu... eu tinha me esquecido.

– Não esqueceu. Nunca soube.

– Quem era ela, senhor? – a contragosto, Sansa sentia curiosidade.

– A Senhora Tysha. – A boca dele torceu-se. – Da Casa Punho de Prata. As armas deles são uma moeda de ouro e cem de prata, num lençol ensanguentado. Nosso casamento foi muito curto... como é próprio de um homem muito baixo, suponho.

Sansa fitou as mãos e nada disse.

– Quantos anos você tem, Sansa? – perguntou Tyrion após um momento.

– Treze – disse ela –, quando a lua virar.

– Deuses, piedade. – O anão bebeu outro gole de vinho. – Bem, conversar não fará você ficar mais velha. Vamos tratar disso, senhora? Se for do seu agrado?

– Será do meu agrado agradar ao senhor meu esposo.

Aquilo pareceu enfurecê-lo.

– Esconde-se atrás da cortesia como se fosse uma muralha de castelo.

– A cortesia é a armadura de uma senhora – disse Sansa. Sua septã sempre lhe dizia isso.

– Eu sou o seu marido. Agora pode tirar a armadura.

– E a roupa?

– Isso também. – Fez um gesto na direção dela com a taça de vinho. – O senhor meu pai ordenou-me que consumasse este casamento.

As mãos de Sansa tremiam quando começou a remexer as roupas. Tinha dez polegares no lugar dos dedos, e todos estavam quebrados. Mas de algum modo conseguiu se desembaraçar dos nós e botões, e o seu manto, o vestido, o espartilho e a seda íntima deslizaram para o chão, até que por fim saiu de dentro da roupa de baixo. A pele de seus braços e pernas ficou arrepiada. Manteve os olhos no chão, tímida demais para olhá-lo, mas quando terminou, lançou-lhe um relance de olhos e viu-o a fitá-la. Havia fome no olho verde, pareceu a ela, e fúria no negro. Sansa não sabia qual dos dois a assustava mais.

– É uma criança – disse ele.

Ela cobriu os seios com as mãos.

– Já floresci.

– Uma criança – repetiu ele –, mas desejo você. Isso a assusta, Sansa?

– Sim.

– A mim também. Eu sei que sou feio...

– Não, sen...

Ele ergueu-se.

– Não minta, Sansa. Sou deformado, mutilado e pequeno, mas... – Sansa viu que ele procurava as palavras – ... na cama, depois das velas sopradas, não sou pior constituído do que os outros homens. No escuro, sou o Cavaleiro das Flores. – Bebeu um trago de vinho. – Sou generoso. Leal para com aqueles que me são leais. Provei que não sou covarde. E sou mais inteligente do que a maioria, decerto a esperteza deve contar para alguma coisa. Até posso ser bondoso. Temo que a bondade não seja

um hábito entre nós, os Lannister, mas sei que tenho alguma, em algum lugar. Poderia ser... poderia ser bom para você.

*Ele está tão assustado quanto eu*, percebeu Sansa. Isso talvez devesse tê-la deixado mais compreensiva para com ele, mas não a deixou. Tudo que sentiu foi pena, e a pena é a morte do desejo. O anão olhava-a, à espera de que dissesse alguma coisa, mas todas as suas palavras tinham murchado. Só conseguiu ficar ali, em pé, tremendo.

Quando finalmente compreendeu que ela não tinha uma resposta para lhe dar, Tyrion Lannister entornou o resto do vinho.

– Compreendo – disse amargamente. – Vá para a cama, Sansa. Temos de cumprir o nosso dever.

Ela subiu para o colchão de plumas, consciente de que ele a encarava. Uma vela perfumada de cera de abelha ardia na mesa de cabeceira e pétalas de rosas tinham sido espalhadas entre os lençóis. Tinha começado a puxar uma manta para se cobrir quando o ouviu dizer:

– Não.

O frio fazia-a tremer, mas obedeceu. Seus olhos fecharam-se, e esperou. Um momento depois, ouviu o som do marido descalçando as botas, e o roçagar de roupa enquanto se despia. Quando saltou para a cama e pôs uma mão no seu seio, Sansa não conseguiu evitar um estremecimento. Ficou de olhos fechados, com cada músculo tenso, aterrorizada com o que poderia vir em seguida. Ele voltaria a tocá-la? Iria beijá-la? Deveria abrir já as pernas para ele? Não sabia o que era esperado de si.

– Sansa. – A mão tinha desaparecido. – Abra os olhos.

Prometera obedecer; abriu os olhos. Ele estava sentado junto aos seus pés, nu. Onde as pernas se juntavam, seu bastão de homem erguia-se, teso e rijo, de uma mata de ásperos pelos amarelos, mas essa era a única coisa nele que era direita.

– Minha senhora – disse Tyrion – É adorável, não duvide, mas... não posso fazer isso. Que se dane o meu pai. Esperaremos. A volta da lua, um ano, uma estação, o tempo que for preciso. Até que me conheça melhor, e talvez confie um pouco em mim. – O sorriso podia pretender ser tranquilizador, mas sem nariz só o fazia parecer mais grotesco e sinistro.

*Olhe para ele*, disse Sansa a si mesma, *olhe para o seu marido, para todo ele, a Septã Mordane dizia que todos os homens são belos, encontre*

*a beleza dele, tente.* Fitou as pernas tortas, a testa inchada e animalesca, o olho verde e o negro, os restos em carne viva de seu nariz e a cicatriz irregular e rosada, o rude emaranhado de pelos amarelos e pretos que nele passava por barba. Até o seu membro viril era feio, grosso e cheio de veias, com uma cabeça bulbosa e roxa. *Isso não está certo, isso não é justo, como terei pecado tanto para levar os deuses a fazerem isso comigo, como?*

– Por minha honra como Lannister – disse o Duende –, juro não tocá-la até que queira que eu o faça.

Precisou de toda a coragem que possuía para olhar aqueles olhos desiguais e dizer:

– E se eu nunca quiser que faça isso, senhor?

A boca dele contraiu-se como se o tivesse esbofeteado.

– Nunca? – Sansa tinha o pescoço tão tenso que quase não conseguiu assentir. – Ora – disse ele –, é por isso que os deuses fazem as prostitutas, para duendes como eu. – Fechou seus dedos curtos e grossos num punho e saltou da cama.

# ARYA

O Septo de Pedra era a maior localidade que Arya tinha visto desde Porto Real, e Harwin disse-lhe que o pai dela ganhara ali uma batalha famosa.

– Os homens do Rei Louco andavam no encalço de Robert, tentando apanhá-lo antes de conseguir se reunir com seu pai – disse-lhe enquanto se aproximavam do portão. – Robert estava ferido, cercado de alguns amigos que tratavam dele, quando Lorde Connington, a Mão, tomou a cidade com uma força poderosa e ordenou buscas casa a casa. Mas antes de conseguirem encontrá-lo, Lorde Eddard e seu avô caíram sobre a cidade e assaltaram as muralhas. Lorde Connington retrucou ferozmente. Lutou-se pelas ruas e pelos becos, e até nos telhados, e todos os septões bateram os sinos para que o povo soubesse que devia trancar as portas. Robert saiu do esconderijo para se juntar à luta quando os sinos começaram a soar. Dizem que matou seis homens nesse dia. Um deles foi Myles Mooton, um cavaleiro famoso que tinha sido escudeiro do Príncipe Rhaegar. Teria matado também a Mão, mas a batalha nunca os aproximou. Em contrapartida, Connington feriu gravemente seu avô Tully, e matou Sor Denys Arryn, o predileto do Vale. Mas quando viu que o dia estava perdido, fugiu com toda a velocidade dos grifos de seu escudo. Depois, chamaram esse confronto de a Batalha dos Sinos. Robert sempre disse que foi seu pai quem a ganhou, e não ele.

Pelo aspecto do lugar, Arya achou que batalhas mais recentes também tinham sido travadas ali. Os portões da cidade eram feitos de madeira nova e verde; do lado de fora das muralhas ainda se erguia uma pilha de tábuas carbonizadas indicando o que acontecera com os antigos.

Septo de Pedra estava bem fechado, mas quando o capitão do portão viu quem eles eram, abriu uma porta de surtida para eles.

– Como andam de comida? – perguntou Tom quando entraram.

– Não tão mal quanto estávamos. O Caçador trouxe um rebanho de ovelhas, e tem havido algum comércio ao longo da Água Negra. A

colheita não foi queimada a sul do rio. Claro, há um monte de gente que quer nos tirar o que temos. Num dia lobos, no outro Saltimbancos. Aqueles que não andam à procura de comida, andam à procura de saque ou de mulheres pra estuprar, e aqueles que não andam por aí por causa de ouro ou de moças andam à procura do maldito Regicida. Dizem que escapuliu bem pelo meio dos dedos de Lorde Edmure.

– *Lorde* Edmure? – Limo franziu a testa. – Então Lorde Hoster está morto?

– Morto ou morrendo. Acha que o Lannister pode vir pra Água Negra? O Caçador jura que é o caminho mais rápido pra Porto Real. – O capitão não esperou resposta. – Ele levou os cães pra cheirar por aí. Se Sor Jaime anda por estas bandas, vai encontrá-lo. Já vi aqueles cães darem cabo de ursos. Acha que vão gostar do sabor de sangue de leão?

– Um cadáver mastigado não serve a ninguém – disse Limo. – O Caçador também sabe muito bem disso.

– Quando os ocidentais chegaram, estupraram a mulher e a irmã do Caçador, passaram fogo em suas colheitas, comeram metade das ovelhas dele e mataram a outra metade por vontade de fazer mal. Também mataram seis cães e atiraram suas carcaças no poço. Eu diria que um cadáver mastigado lhe serve perfeitamente. E a mim também.

– É melhor que ele não faça isso – disse Limo. – É tudo que eu tenho a dizer. É melhor que não faça isso, e você é um maldito de um idiota.

Arya seguiu entre Harwin e Anguy enquanto os fora da lei avançavam pelas ruas em que o pai lutara antigamente. Via o septo em sua colina e, por baixo, uma robusta fortaleza pouco elevada de pedra cinzenta, que parecia muito menor do que devia ser para uma cidade tão grande. Mas um terço das casas por onde passavam era uma casca enegrecida, e não viu ninguém.

– Os habitantes da cidade estão todos mortos?

– Só desconfiados. – Anguy apontou para dois arqueiros num telhado, e para um grupo de rapazes com o rosto coberto de fuligem acocorados nas ruínas de uma cervejaria. Mais adiante, um padeiro escancarou uma janela e gritou para Limo. O som da voz dele levou mais gente a sair dos esconderijos, e Septo de Pedra pareceu voltar lentamente à vida em volta deles.

Na praça do mercado, no coração da cidade, havia uma fonte com a forma de uma truta saltando, de onde corria água para uma lagoa rasa. Mulheres enchiam ali baldes e jarros. A um par de metros de distância, uma dúzia de gaiolas de ferro pendurava-se, rangendo, de postes de madeira. *Gaiolas para corvos*, compreendeu Arya. Os corvos estavam quase todos fora das gaiolas, chapinhando na água ou empoleirados nas barras; dentro delas havia homens. Limo puxou as rédeas do cavalo, franzindo a testa.

– O que é isso agora?

– Justiça – respondeu uma mulher junto à fonte.

– Que foi, estão com falta de corda de cânhamo?

– Isso foi feito por determinação de Sor Wilbert? – perguntou Tom.

Um homem soltou uma gargalhada amarga.

– Os leões mataram Sor Wilbert há um ano. Os filhos dele andam todos com o Jovem Lobo, engordando no oeste. Acha que eles dão a mínima pra gente como nós? Foi o Caçador Louco que apanhou esses lobos.

*Lobos*. Arya gelou. *Homens de Robb e do meu pai*. Sentiu-se atraída para as gaiolas. As barras deixavam tão pouco espaço que os prisioneiros não podiam se sentar nem se virar; estavam em pé, nus, expostos ao sol, ao vento e à chuva. As primeiras três gaiolas continham mortos. Corvos tinham comido seus olhos, mas as órbitas vazias pareciam segui-la. O quarto homem da fileira agitou-se quando ela passou. Em volta da boca, a sua barba andrajosa estava repleta de sangue e de moscas. Como que explodiram quando ele falou, zumbindo em volta de sua cabeça.

– *Água* – A palavra era um crocitar. – Por favor... água...

O homem na gaiola seguinte abriu os olhos ao ouvir o som.

– Aqui – disse. – Aqui, eu. – Era um velho; a barba era grisalha e o couro cabeludo, calvo e pintalgado de marrom pela idade.

Depois do velho havia outro morto, um grande homem de barba ruiva, com uma atadura cinzenta em putrefação cobrindo a orelha esquerda e parte da cabeça. Mas o pior estava entre as pernas, onde nada restava além de um buraco marrom coberto por uma crosta e repleto de larvas. Mais à frente encontrava-se um gordo. A gaiola para corvos era tão cruelmente estreita que era difícil entender como conseguiram enfiá-lo lá dentro. O ferro enterrava-se dolorosamente em sua barriga, fazendo sair

protuberâncias por entre as barras. Longos dias torrando ao sol tinham-no deixado dolorosamente vermelho da cabeça aos pés. Quando mudou o ponto de apoio de seu peso, a gaiola rangeu e balançou, e Arya viu listras brancas nos locais em que as barras tinham bloqueado sua pele do sol.

– São homens de quem? – perguntou-lhes.

Ao ouvir o som de sua voz, o gordo abriu os olhos. A pele em volta deles estava tão vermelha que pareciam ovos cozidos flutuando num prato de sangue.

– Água... uma bebida...

– De quem? – repetiu.

– Não ligue para eles, moço – disse-lhe o habitante da cidade. – Não dizem respeito a você. Avance.

– O que foi que eles fizeram? – perguntou-lhe Arya.

– Passaram oito pessoas na espada na Cascata do Acrobata – disse ele. – Queriam encontrar o Regicida, mas ele não estava lá, então trataram de arranjar uns estupros e assassinatos. – Agitou um polegar na direção do cadáver com larvas onde devia estar o membro viril. – Foi aquele que estuprou. Agora avance.

– Uma gota – gritou o gordo para baixo. – Misericórdia, rapaz, uma gota. – O velho ergueu um braço para se agarrar às barras. O movimento fez sua gaiola balançar violentamente.

– Água – arquejou aquele que tinha moscas na barba.

Ela olhou para o cabelo imundo, barbas macilentas e olhos vermelhos, para os lábios secos, rachados e sangrentos. *Lobos*, voltou a pensar. *Como eu*. Seria aquela a sua matilha? Como podem ser homens de Robb? Quis bater neles. Quis machucá-los. Quis chorar. Todos pareciam olhá-la, tanto os vivos como os mortos. O velho havia estendido três dedos entre as barras.

– Água – disse –, água.

Arya saltou do cavalo. *Não podem me fazer mal, estão morrendo*. Tirou sua taça de dentro do rolo de dormir e dirigiu-se à fonte.

– O que você acha que tá fazendo, moço? – disse o habitante da cidade num tom incisivo. – Eles não dizem respeito a você. – Arya levou a taça à boca do peixe. A água derramou-se sobre seus dedos e desceu por sua manga, mas Arya não se mexeu até a taça começar a transbordar. Quando

virou-se de volta para as gaiolas, o habitante da cidade pôs-se na sua frente. – Afaste-se deles, moço...

– Ela é uma moça – disse Harwin. – Deixe-a.

– É – disse Limo. – Lorde Beric não gosta de engaiolar homens pra que morram de sede. Por que é que não os enforcam decentemente?

– Não houve nada decente nas coisas que eles fizeram na Cascata do Acrobata – rosnou-lhe o cidadão.

As barras eram próximas demais para introduzir nelas uma taça, mas Harwin e Gendry ajudaram-na a subir na gaiola. Apoiou um pé nas mãos de Harwin, girou para cima dos ombros de Gendry e agarrou-se às barras do topo da gaiola. O gordo virou o rosto para cima e encostou a bochecha no ferro, e Arya despejou a água por cima dele. O homem sugou-a avidamente e deixou que escorresse pela cabeça, rosto e mãos, e depois lambeu a umidade que ficou nas barras. Teria lambido os dedos de Arya se ela não os tivesse afastado. Quando serviu os outros dois da mesma forma, uma multidão tinha se reunido para observá-la.

– O Caçador Louco vai ouvir falar disso – ameaçou um homem. – E não vai gostar. Não vai gostar, não.

– Então vai gostar ainda menos disto. – Anguy colocou uma corda no arco, tirou uma flecha da aljava, encaixou-a, puxou a corda e soltou. O gordo estremeceu quando a flecha se enterrou entre seus queixos, mas a gaiola não o deixou cair. Outras duas flechas acabaram com os outros dois nortenhos. O único som na praça do mercado era o esparramar da água que caía e o zumbir das moscas.

*Valar morghulis*, pensou Arya.

No lado oriental da praça do mercado erguia-se uma modesta estalagem com paredes caiadas e janelas quebradas. Metade de seu telhado queimara recentemente, mas o buraco havia sido remendado. Por cima da porta pendia uma telha de madeira onde se encontrava pintado um pêssego com uma grande mordida. Desmontaram junto ao estábulo, que se dispunha diagonalmente, e Barba-Verde berrou por cavalariços.

A rechonchuda estalajadeira ruiva uivou de prazer ao vê-los e prontamente passou a zombar deles.

– Barba-Verde, é? Ou Barba-Grisalha? Pela misericórdia da Mãe, quando foi que envelheceu tanto? Limo, é você? Ainda usa o mesmo manto maltrapilho, hã? Eu sei por que é que nunca o lava, ah, se sei. Tem

medo de que o mijo saia todo e a gente veja que na verdade é um cavaleiro da Guarda Real! O Tom das Sete, seu bode velho atrevido. Vem visitar aquele seu filho? Bem, veio tarde, ele saiu pra caçar com aquele maldito Caçador. E não me diga que não é seu!

– Ele não tem a minha voz – protestou fracamente Tom.

– Mas tem o seu nariz. Sim, e as outras partes tam'ém, pelo que dizem as garotas. – Então viu Gendry, e deu-lhe um beliscão no rosto. – Olhe para este belo e jovem boi. Espere só a Alyce ver estes braços. Oh, e ainda por cima cora como uma donzela. Bem, a Alyce resolve esse seu problema, rapaz, você vai ver.

Arya nunca tinha visto Gendry ficar tão vermelho.

– Tanásia, deixe o Touro em paz, ele é um bom rapaz – disse Tom Sete-Cordas. – Tudo que precisamos de você é de camas seguras para passar a noite.

– Fale por si, cantor. – Anguy passou o braço em volta de uma jovem e robusta criada, tão sardenta quanto ele.

– Camas, temos – disse a ruiva Tanásia. – Nunca faltaram camas no Pêssego. Mas vão todos à banheira primeiro. Da última vez que seu grupo ficou debaixo do meu teto, deixou as pulgas aqui. – Espetou o dedo no peito do Barba-Verde. – E as suas tam'ém eram verdes. Querem comer?

– Se tem comida sobrando, não diremos não – concedeu Tom.

– Ora, e quando foi que você disse "não" a alguma coisa, Tom? – gritou a mulher. – Vou assar um pouco de carneiro para os seus amigos, e uma velha ratazana seca para você. É mais do que merece, mas se me gargarejar uma ou duas canções, pode ser que eu amoleça. Sempre tive piedade dos aflitos. Venham, venham. Cass, Lanna, ponham as panelas no fogo. Jyzene, ajude-me a tirar a roupa deles, que tam'ém vamos precisar fervê-la.

E cumpriu todas as ameaças. Arya tentou dizer-lhes que tinham dado banho nela *duas vezes* no Solar de Bolotas ainda não havia uma quinzena, mas a ruiva não queria ouvir falar do assunto. Duas criadas levaram-na no colo escada acima, discutindo sobre se seria um menino ou uma menina. A que se chamava Helly ganhou, por isso a outra teve de ir buscar a água quente e esfregar as costas de Arya com uma escova eriçada e rígida que quase arrancou sua pele. Então roubaram toda a

roupa que a Senhora Smallwood tinha lhe dado e vestiram-na de linho e rendas, como uma das bonecas de Sansa. Mas, pelo menos, quando acabaram, pôde descer e comer.

Ao se sentar na sala comum, em suas estúpidas roupas de menina, Arya lembrou-se do que Syrio Forel havia lhe ensinado, o truque de olhar e ver o que estava lá. Quando olhou, viu mais criadas do que qualquer estalagem poderia querer, em sua maioria jovens e atraentes. E, ao cair a noite, montes de homens começaram a entrar e sair do Pêssego. Não ficavam muito tempo na sala comum, nem mesmo quando Tom pegou sua harpa e começou a cantar "Seis donzelas numa lagoa". Os degraus de madeira eram velhos e íngremes e rangiam furiosamente sempre que um dos homens levava uma garota para cima.

– Aposto que isto é um bordel – murmurou a Gendry.

– Você nem sequer sabe o que é um bordel.

– Sei, sim – insistiu ela. – É como uma estalagem, com garotas.

Ele estava outra vez corando.

– Então o que você está fazendo aqui? – quis saber. – Um bordel não é lugar para uma maldita de uma senhora bem-nascida, todo mundo sabe.

Uma das garotas sentou-se no banco ao lado dele.

– Quem é senhora bem-nascida? A magricela? – Olhou para Arya e riu. – Eu sou filha de um rei.

Arya sabia que estavam caçoando dela.

– Não é nada.

– Bem, poderia ser. – Quando a garota encolheu os ombros, seu vestido escorregou de um lado. – Dizem que o Rei Robert fodeu a minha mãe quando se escondeu aqui, antes da batalha. Não que não tenha possuído também todas as outras garotas, mas Leslyn diz que ele gostava mais da minha mãe.

A garota *realmente* tinha cabelos parecidos com os do antigo rei, pensou Arya; uma grande e espessa cabeleira, preta como carvão. *Mas isso não quer dizer nada. Gendry também tem o mesmo tipo de cabelo. Um monte de gente tem cabelos pretos.*

– Sou chamada de Sineta – disse a garota a Gendry. – Por causa da batalha. Aposto que também conseguiria tocar o *seu* sino. Quer?

– Não – disse ele bruscamente.

– Aposto que quer. – Correu uma mão ao longo do braço dele. – Sou cortesia para amigos de Thoros e do senhor do relâmpago.

– Eu disse que *não*. – Gendry ficou abruptamente em pé e afastou-se da mesa, saindo para a noite.

Sineta virou-se para Arya.

– Ele não gosta de garotas?

Arya encolheu os ombros.

– É só estúpido. Gosta de polir capacetes e bater espadas com martelos.

– Ah. – Sineta ajeitou de novo o vestido no ombro e foi falar com Jack Sortudo. Não muito tempo depois, estava sentada no colo dele, rindo e bebendo vinho de sua taça. Barba-Verde tinha duas garotas, uma em cada joelho. Anguy tinha desaparecido com a sua sardenta, e Limo também tinha sumido. Tom Sete-Cordas estava sentado junto à lareira, cantando "As donzelas que desabrocham na primavera". Arya bebericou da taça de vinho aguado que a ruiva lhe autorizara, escutando. Do outro lado da praça, os mortos apodreciam em suas gaiolas de corvos, mas dentro do Pêssego todo mundo estava alegre. Só que de algum modo lhe parecia que alguns deles estavam rindo alto demais.

Teria sido uma boa hora para escapar e roubar um cavalo, mas Arya não via como isso a ajudaria. Só poderia chegar até os portões da cidade. *Aquele capitão nunca me deixaria passar, e se deixasse, Harwin viria atrás de mim, e aquele Caçador com os seus cães também*. Desejou ter o mapa, para poder ver a que distância de Correrrio ficava Septo de Pedra.

Quando sua taça se esvaziou, Arya já bocejava. Gendry não tinha voltado. Tom Sete-Cordas estava cantando "Dois corações que batem como um só", e beijando uma garota diferente no fim de cada verso. No canto, junto à janela, Limo e Harwin conversavam em voz baixa com a ruiva Tanásia.

– ... passou a noite na cela de Jaime – ouviu a mulher dizer. – Ela e outra moça, aquela que matou Renly. Os três juntos, e ao chegar a manhã a Senhora Catelyn libertou-o por amor. – Soltou uma gargalhadinha gutural.

*Não é verdade*, pensou Arya. *Ela nunca faria isso*. Sentiu-se triste, zangada e solitária, tudo ao mesmo tempo.

Um velho sentou-se ao seu lado.

– Ora, aqui está um pessegozinho bonito. – O hálito do homem cheirava quase tão mal quanto os mortos nas gaiolas, e seus pequenos olhos de porco percorriam-na de cima a baixo. – O meu querido pessegozinho tem nome?

Durante meio segundo, Arya esqueceu-se de quem se esperava que ela fosse. Não era pêssego nenhum, mas também não podia ser Arya Stark, ali, para um bêbado fedido que não conhecia.

– Eu sou...

– Ela é a minha irmã. – Gendry apoiou uma mão pesada no ombro do velho e apertou. – Deixe-a em paz.

O homem virou-se, desejoso de uma luta, mas, quando viu o tamanho de Gendry, pensou duas vezes.

– Sua irmã, é? Que raio de irmão é você? Nunca traria uma irmã minha ao Pêssego, isso é certo. – Levantou-se do banco e afastou-se resmungando, à procura de uma nova amiga.

– Por que foi que disse aquilo? – Arya levantou-se em um salto. – Você não é meu irmão.

– É verdade – disse ele num tom irritado. – Meu nascimento é baixo demais para ser da família de sua alteza.

Arya surpreendeu-se pela fúria na voz dele.

– Não foi isso que eu quis dizer.

– Foi, sim senhora. – Gendry sentou-se no banco, aninhando uma taça de vinho nas mãos. – Vá embora. Quero beber este vinho em paz. Depois, de repente vou atrás daquela garota de cabelos pretos para tocar o sino dela.

– Mas...

– Eu disse: *vá embora*. Senhora.

Arya virou-se e deixou-o ali. *Um estúpido bastardo cabeça-dura é o que ele é*. Podia tocar todos os sinos que quisesse, ela não queria nem saber.

O quarto deles ficava no topo da escada, abaixo do beiral. No Pêssego, talvez não faltassem camas, mas só havia uma para gente como eles. Era uma cama *grande*, porém. Enchia o quarto quase por completo, e o bolorento colchão estofado de palha parecia suficientemente grande para acomodá-los todos. Por enquanto, no entanto, tinha-o todo para si. Sua roupa de verdade estava pendurada em um gancho na parede, entre as

coisas de Gendry e as de Limo. Arya despiu o linho e a renda, enfiou a túnica pela cabeça, subiu para a cama e enterrou-se sob as mantas.

– Rainha Cersei – sussurrou para a almofada. – Rei Joffrey, Sor Ilyn, Sor Meryn. Dunsen, Raff e Polliver. Cócegas, Cão de Caça e Sor Gregor, a Montanha. – Às vezes gostava de embaralhar a ordem dos nomes. Isso ajudava-a a recordar quem eram e o que tinham feito. *Alguns talvez estejam mortos*, pensou. *Talvez, em algum lugar, estejam dentro de gaiolas de ferro, e os corvos estejam bicando seus olhos.*

O sono chegou assim que fechou os olhos. Nessa noite, sonhou com lobos, caçando em uma floresta úmida com um pesado cheiro de chuva, putrefação e sangue no ar. Mas, no sonho, eram cheiros bons, e Arya sabia que nada tinha a temer. Era forte, ligeira e feroz, e a sua matilha rodeava-a, seus irmãos e suas irmãs. Perseguiram juntos um cavalo assustado, rasgaram sua garganta e banquetearam-se. E quando a lua surgiu entre as nuvens, jogou a cabeça para trás e *uivou*.

Mas, quando o dia chegou, acordou com o ladrar de cães.

Arya sentou-se, bocejando. Gendry agitava-se à sua esquerda e Limo Manto Limão roncava sonoramente à direita, mas os latidos lá fora quase não deixavam que o ouvisse. *Deve haver meia centena de cães lá fora*. Saiu de debaixo das mantas e saltou por cima de Limo, Tom e Jack Sortudo, até chegar à janela. Quando escancarou as venezianas, o vento, a umidade e o frio jorraram juntos para dentro do quarto. O dia estava cinzento e encoberto. Embaixo, na praça, os cães latiam, correndo em círculos, rosnando e uivando. Era uma matilha, grandes mastins negros, lobeiros esguios e cães pastores pretos e brancos, e raças que Arya não conhecia, animais hirsutos e malhados, com grandes dentes amarelos. Entre a estalagem e a fonte encontrava-se uma dúzia de cavaleiros montados em seus cavalos, observando os homens da cidade que abriam a gaiola do gordo e o puxavam pelo braço até que seu corpo inchado caiu no chão. Os cães caíram sobre ele de imediato, arrancando pedaços de carne de seus ossos.

Arya ouviu um dos cavaleiros rir.

– Aqui está seu novo castelo, maldito bastardo Lannister – disse. – Um tanto compacto para um cara como você, mas não se preocupe, a gente enfia você lá dentro. – Ao seu lado estava sentado um prisioneiro, carrancudo, com várias voltas de corda de cânhamo apertadas ao redor

dos pulsos. Alguns dos homens da cidade estavam atirando esterco nele, mas o prisioneiro nem vacilava. – Vai *apodrecer* nessa gaiola – seu captor gritava. – Os corvos vão comer seus olhos enquanto nós gastamos todo este seu bom ouro Lannister! E quando os corvos acabarem, vamos mandar o que sobrar de você ao seu maldito irmão. Embora eu duvide que ele o reconheça.

O barulho tinha acordado metade do Pêssego. Gendry enfiou-se ao lado de Arya na janela, e Tom aproximou-se por trás deles, nu como no dia em que nasceu.

– Que diabo de gritaria é essa? – Limo protestou da cama. – Um homem tá tentando dormir um pouco, diabos!

– Onde está o Barba-Verde? – perguntou Tom.

– Na cama com a Tanásia – disse o Limo. – Por quê?

– É melhor ir atrás dele. E do Arqueiro também. O Caçador Louco voltou, com mais um homem para as gaiolas.

– Lannister – disse Arya. – Eu ouvi-o dizer *Lannister*.

– Pegaram o Regicida? – quis saber Gendry.

Lá embaixo, na praça, uma pedra atingiu o cativo no rosto, obrigando-o a virar a cabeça. *Não é o Regicida*, pensou Arya quando viu seu rosto. Os deuses tinham ouvido as suas preces, afinal.

# JON

Fantasma tinha desaparecido quando os selvagens trouxeram os cavalos da gruta. *Terá compreendido o que lhe disse sobre Castelo Negro?* Jon inspirou o ar fresco da manhã e permitiu-se ter esperança. O céu oriental mostrava-se rosado perto do horizonte e cinza-claro mais acima. A Espada da Manhã ainda podia ser vista ao sul, com a brilhante estrela branca de seu cabo cintilando como um diamante na alvorada, mas os negros e cinza da floresta sombria estavam se transformando mais uma vez em verdes e dourados, vermelhos e castanhos. E, por cima dos pinheiros marciais, carvalhos, freixos e sentinelas, erguia-se a Muralha, com o gelo branco e de brilho fraco sob a poeira e a terra que manchavam sua superfície.

Magnar mandou uma dúzia de homens para oeste e uma dúzia para leste, a fim de subirem os montes mais altos que conseguissem encontrar e ficarem alerta a qualquer sinal de patrulheiros na floresta ou cavaleiros lá em cima, no gelo. Os Thenns transportavam berrantes de guerra reforçados com bronze, a fim de dar avisos caso a Patrulha fosse avistada. Os outros selvagens seguiram atrás de Jarl, e Jon e Ygritte juntaram-se ao grupo. Aquela seria a hora da glória do jovem corsário.

Dizia-se com frequência que a Muralha se erguia a duzentos metros de altura, mas Jarl havia encontrado um lugar onde era ao mesmo tempo mais alta e mais baixa. À frente deles, o gelo subia abruptamente de entre as árvores como uma imensa falésia, coroada por ameias escavadas pelo vento que se projetavam a pelo menos duzentos e quarenta metros de altura, chegando talvez a duzentos e setenta em alguns locais. Mas, ao aproximar-se, Jon compreendeu como isso era enganoso. Brandon, o Construtor, dispusera os blocos das fundações ao longo dos trechos elevados sempre que possível, e naquela zona os montes subiam bruscos e irregulares.

Certa vez, Jon ouvira o tio Benjen dizer que a Muralha era uma espada a leste de Castelo Negro, mas uma serpente a oeste. Era verdade.

Estendendo-se sobre um enorme monte encurvado, o gelo mergulhava num vale, subia o topo escalavrado de uma grande crista de granito ao longo de uma légua, ou mais, percorria uma cumeada irregular, voltava a mergulhar num vale ainda mais profundo e depois subia mais e mais alto, saltando de monte em monte até perder de vista, na direção do oeste montanhoso.

Jarl tinha escolhido escalar a extensão de gelo ao longo da crista. Ali, embora o topo da Muralha se erguesse duzentos e quarenta metros acima do chão da floresta, um bom terço dessa altura era composto por terra e pedra em vez de gelo; a encosta era íngreme demais para os cavalos, uma escalada quase tão difícil quanto o Punho dos Primeiros Homens, mas, apesar disso, muito mais fácil de subir do que a face absolutamente vertical da própria Muralha. E, além disso, a crista também era densamente arborizada, fornecendo fácil cobertura. Em outros tempos, irmãos vestidos de negro saíam todos os dias com machados para cortar as árvores invasoras, mas esses dias tinham ficado para trás havia muito, e ali a floresta crescia bem junto ao gelo.

O dia prometia ser úmido e frio, e mais úmido e frio estaria junto à Muralha, sob aquelas toneladas de gelo. Quanto mais perto chegavam, mais os Thenn se retraíam. *Eles nunca tinham visto a Muralha, nem mesmo o Magnar*, compreendeu Jon. *Assusta-os*. Nos Sete Reinos dizia-se que a Muralha marcava o fim do mundo. *Isso também é verdade para eles*. Tudo dependia do lado em que se estava.

*E de que lado estou eu?* Jon não sabia. Para ficar com Ygritte, teria de se tornar um selvagem, de alma e coração. Se a abandonasse para retornar ao seu dever, o Magnar poderia arrancar o coração da garota. E se a levasse consigo... partindo do princípio de que ela iria, o que era longe de ser certo... bem, dificilmente poderia levá-la de volta para Castelo Negro, para viver entre os irmãos. Um desertor e uma selvagem não podiam esperar boas-vindas em qualquer parte dos Sete Reinos. *Suponho que poderíamos ir à procura dos filhos de Gendel. Muito embora fosse provável que nos comessem em vez de nos darem as boas-vindas.*

Jon via que a Muralha não atemorizava os assaltantes de Jarl. *Todos eles já fizeram isso antes*. Jarl gritou nomes quando desmontaram sob a crista, e onze homens juntaram-se à sua volta. Todos eram jovens. O

mais velho não parecia ter mais de vinte e cinco anos, e dois dos dez eram mais novos do que Jon. Mas eram todos esguios e rijos; aparentavam uma força vigorosa que lhe fazia lembrar Cobra das Pedras, o irmão que Meia-Mão enviara a pé quando Camisa de Chocalho andava no encalço deles.

Bem à sombra da Muralha, os selvagens fizeram os preparativos, enrolando grossas voltas de corda de cânhamo em um ombro e cruzando o peito, e amarrando estranhas botas de pele de corça de veado. As botas tinham espigões que se projetavam de suas pontas; de ferro para Jarl e outros dois, bronze para alguns, mas era mais frequente serem de osso denteado. Pequenos martelos com cabeça de pedra estavam pendurados em uma anca, e um saco de couro cheio de estacas em outra. Seus machados de gelo eram chifres com pontas aguçadas, atadas com faixas de couro cru a cabos de madeira. Os onze alpinistas agruparam-se em três equipes de quatro homens; o próprio Jarl era o décimo segundo.

– Mance promete espadas para cada membro da primeira equipe a atingir o topo – disse-lhes, com o hálito se condensando no ar frio. – Espadas sulistas de aço forjado em castelo. E também seu nome na canção que vai escrever a respeito disso. O que mais pode um homem livre pedir? *Para cima*, e que os Outros carreguem os últimos!

*Que os Outros carreguem todos eles*, pensou Jon, enquanto os observava subindo a íngreme encosta da crista e desaparecendo sob as árvores. Não seria a primeira vez que selvagens escalavam a Muralha, nem sequer a centésima primeira. As patrulhas tropeçavam em alpinistas duas ou três vezes por ano, e às vezes os patrulheiros encontravam os cadáveres estraçalhados daqueles que caíam. Ao longo da costa oriental era mais frequente os corsários construírem barcos para se esgueirarem através da Baía das Focas. No oeste, desciam até as profundezas negras da Garganta para seguir caminho em volta da Torre Sombria. Mas entre esses dois pontos, a única forma de derrotar a Muralha era saltar por cima dela, e muitos atacantes tinham feito isso. *São menos os que voltam, porém*, pensou, com certo orgulho cruel. Os alpinistas eram obrigados a deixar os cavalos para trás, e muitos dos atacantes mais jovens e inexperientes começavam roubando os primeiros cavalos que encontravam. Então era dado o alarme, corvos levantavam voo, e geralmente a Patrulha da Noite apanhava-os e enforcava-os antes de

conseguirem voltar com o saque e as mulheres raptadas. Jon sabia que Jarl não cometeria esse erro, mas não tinha certeza quanto a Styr. *O Magnar é um governante, não um corsário. Ele pode não saber como o jogo é jogado.*

– Ali estão eles – disse Ygritte, e Jon olhou para cima e viu o primeiro alpinista surgindo por cima das copas das árvores. Era Jarl. Encontrara uma árvore sentinela que se inclinava para a Muralha e levou seus homens pelo tronco, para obter uma partida mais rápida. *Nunca deviam ter permitido que a floresta chegasse tão perto. Estão a noventa metros de altura e ainda nem tocaram no gelo propriamente dito.*

Viu o selvagem passar cuidadosamente da árvore para a Muralha, esculpindo um apoio para a mão com golpes curtos, mas precisos, do seu machado de gelo, e depois apoiando-se nele. A corda que tinha em volta da cintura prendia-o ao segundo homem da fila, que ainda vinha subindo a árvore. Passo a passo, lentamente, Jarl foi subindo, abrindo apoios para os pés com as botas guarnecidas de espigões quando não conseguia encontrar apoios naturais. Ao chegar a três metros acima da sentinela, parou numa estreita saliência de gelo, pendurou o machado no cinto, puxou o martelo e espetou um espigão de ferro em uma fenda. O segundo homem passou para a Muralha atrás dele enquanto o terceiro escalava até o topo da árvore.

As outras duas equipes não tinham árvores dispostas favoravelmente para lhes ajudar, e não demorou muito até os Thenn começarem a se perguntar se não teriam se perdido ao escalar a crista. Todo o grupo de Jarl já se encontrava na Muralha, a vinte e cinco metros de altura, quando os primeiros alpinistas dos outros grupos surgiram à vista. As equipes estavam espaçadas por cerca de vinte metros. Os quatro de Jarl seguiam pelo centro. À sua esquerda, subia uma equipe liderada por Grigg, o Bode, cuja longa trança loura tornava facilmente detectável de baixo. À esquerda, quem liderava os alpinistas era um homem muito magro chamado Errok.

– Tão devagar – lamentou-se o Magnar em voz alta enquanto observava o avanço dos outros. – Será que ele se esqueceu dos corvos? Devia subir mais depressa, antes de sermos descobertos.

Jon teve de controlar a língua. Lembrava-se bem demais do Passo dos Guinchos, e da escalada ao luar que havia feito com Cobra das Pedras.

Naquela noite engolira o coração meia dúzia de vezes e, ao final, doíam seus braços e pernas e os dedos estavam meio congelados. *E aquilo era pedra, não gelo*. A pedra era sólida. O gelo era uma coisa traiçoeira na melhor das hipóteses e, num dia como aquele, quando a Muralha chorava, o calor da mão de um alpinista podia ser o suficiente para derretê-lo. Os enormes blocos podiam estar gelados e duros como pedra no interior, mas a superfície exterior estaria escorregadia, com fiozinhos de água escorrendo e manchas de gelo deteriorado onde o ar tinha penetrado. *Sejam os selvagens o que forem além disso, são corajosos.*

Mesmo assim, Jon viu-se desejando que os temores de Styr tivessem fundamento. *Se os deuses forem bons, uma patrulha aparecerá por acaso e porá fim nisso.*

– Nenhuma muralha pode mantê-lo em segurança – dissera-lhe o pai uma vez, enquanto percorriam as muralhas de Winterfell. – Uma muralha tem apenas a força dos homens que a defendem. – Os selvagens podiam ter cento e vinte homens, mas quatro defensores seriam suficientes para botá-los para correr, com algumas flechas bem colocadas e talvez um balde de pedras.

Mas não apareceram defensores; nem quatro, nem sequer um. O sol subiu no céu e os selvagens subiram a Muralha. Os quatro de Jarl mantiveram-se bem adiantados até o meio-dia, quando atingiram uma extensão de gelo em mau estado. Jarl tinha enrolado a corda em volta de um pináculo esculpido pelo vento e o estava usando para suportar seu peso quando, de repente, ele ruiu por inteiro e se precipitou para o chão, com Jarl ainda preso. Fragmentos de gelo do tamanho da cabeça de um homem bombardearam os três que estavam embaixo, mas eles agarraram-se aos apoios para as mãos, as estacas aguentaram, e Jarl parou bruscamente na ponta da corda.

Quando sua equipe recuperou-se desse azar, Grigg, o Bode, estava quase emparelhado com eles. Os quatro de Errok continuavam muito atrás. A área que estavam subindo parecia lisa e sem buracos, coberta por uma película de gelo derretido que mostrava um brilho úmido onde o sol a roçava. A seção de Grigg parecia mais escura, com traços mais evidentes; longas saliências horizontais onde um bloco havia sido mal posicionado sobre aquele que estava por baixo, rachaduras e fendas, e até mesmo chaminés ao longo das juntas verticais, onde o vento e a água

tinham escavado buracos suficientemente grandes para um homem se esconder.

Em pouco tempo Jarl tinha seus homens de novo a subir. Os seus quatro e os de Grigg deslocavam-se quase lado a lado, com os de Errok quinze metros abaixo. Machados de chifre de veado picavam e cortavam, enviando nuvens de cintilantes estilhaços em longas cascatas que caíam sobre as árvores. Martelos de pedra enfiavam estacas no gelo profundamente, para que servissem de fixação para as cordas; as estacas de ferro esgotaram-se antes de chegarem no meio do caminho e, depois disso, os alpinistas usaram chifres e ossos afiados. E os homens chutavam, batendo com os espigões de suas botas contra o gelo duro e resistente, uma e mais outra vez, e outra e outra ainda, até fazerem um apoio para os pés. *Eles devem estar com as pernas dormentes*, pensou Jon depois de quatro horas. *Quanto tempo mais conseguirão continuar com aquilo?* Observou tão inquieto quanto o Magnar, com o ouvido atento ao gemido distante de um berrante de guerra Thenn. Mas os berrantes mantiveram-se em silêncio, e não surgiu sinal da Patrulha da Noite.

Depois de seis horas, Jarl voltara a tomar a dianteira em relação a Grigg, o Bode, e seus homens estavam alargando a vantagem.

– O animal de estimação de Mance deve querer uma espada – disse o Magnar, protegendo os olhos da luz. O sol estava alto no céu, e o terço superior da Muralha apresentava-se, quando visto de baixo, de um azul cristalino, com reflexos tão brilhantes que olhá-lo fazia doer os olhos. Os quatro de Jarl e os de Grigg quase se perdiam naquele clarão, embora o grupo de Errok permanecesse na sombra. Em vez de avançarem para cima, estavam se deslocando para o lado a cerca de cento e cinquenta metros de altura, dirigindo-se para uma chaminé. Jon observava seus movimentos lentos quando ouviu o som – um súbito *crac* que pareceu rolar ao longo do gelo, seguido de um grito de alarme. E então o ar encheu-se de lascas, gritos e homens caindo, quando uma folha de gelo com trinta centímetros de espessura e quinze metros quadrados de área se desprendeu da Muralha e caiu, desfazendo-se, retumbando, varrendo tudo à sua frente. Mesmo no sopé da crista, alguns pedaços vieram girando através das árvores e rolando pela encosta. Jon agarrou Ygritte e puxou-a para baixo para protegê-la, e um dos Thenn foi atingido no rosto por um pedaço que lhe quebrou o nariz.

E quando olharam para cima, Jarl e seu grupo tinham desaparecido. Homens, cordas, estacas, tudo desaparecido; nada restava acima dos cento e oitenta metros. Havia uma ferida na Muralha, no local onde os alpinistas estavam agarrados um instante antes, com um gelo tão liso e branco como mármore polido brilhando ao sol. Muito, muito abaixo, via-se uma mancha vermelha no local onde alguém tinha colidido com um pináculo gelado.

*A Muralha defende-se*, pensou Jon enquanto ajudava Ygritte a ficar em pé de novo.

Encontraram Jarl numa árvore, empalado num galho rachado e ainda preso pela corda aos três homens que jaziam, quebrados, por baixo dele. Um ainda estava vivo, mas tinha as pernas e a coluna estilhaçadas, bem como a maior parte das costelas.

– Misericórdia – disse quando se aproximaram dele. Um dos Thenn esmagou sua cabeça com uma grande maça de pedra. O Magnar deu ordens, e seus homens começaram a reunir combustível para uma pira.

Os mortos já ardiam no momento em que Grigg, o Bode, atingiu o topo da Muralha. Quando os quatro de Errok se juntaram a eles, nada restava de Jarl e de seu grupo além de ossos e cinzas.

A essa altura, o sol tinha começado a baixar, e os alpinistas desperdiçaram pouco tempo. Desenrolaram as longas voltas de cânhamo que tinham enrolado em volta do peito, ataram-nas umas às outras e atiraram uma ponta para baixo. A ideia de tentar subir cento e cinquenta metros por aquela corda encheu Jon de terror, mas Mance planejara as coisas melhor do que isso. Os corsários que Jarl tinha deixado embaixo desenrolaram uma enorme escada de mão, com degraus de cânhamo entretecido da grossura do braço de um homem, e amarraram-na à corda dos alpinistas. Errok, Grigg e seus homens gemeram e içaram, puxando-a até lá em cima, prenderam-na no topo com espigões, e depois voltaram a baixar a corda para içar uma segunda escada. Havia cinco ao todo.

Quando todas estavam colocadas em seus lugares, o Magnar gritou uma brusca ordem no Idioma Antigo, e cinco de seus Thenn começaram a subir juntos. Mesmo com as escadas não era uma subida fácil. Ygritte observou-os penando durante algum tempo.

– Odeio esta Muralha – disse, numa voz baixa e zangada. – Consegue sentir como é *fria*?

– É feita de gelo – ressaltou Jon.

– Não sabe nada, Jon Snow. Esta muralha é feita de sangue.

E ela ainda não havia tomado a sua dose. Ao pôr do sol, dois dos Thenn tinham caído da escada e morrido, mas foram os últimos. Era perto da meia-noite quando Jon chegou ao topo. As estrelas estavam de novo no céu, e Ygritte terminou a subida tremendo.

– Quase caí – disse ela, com lágrimas nos olhos. – Duas vezes. Três. A Muralha estava tentando me atirar lá pra baixo, conseguia sentir isso. – Uma das lágrimas libertou-se e escorreu lentamente por seu rosto.

– O pior já ficou para trás. – Jon tentou soar confiante. – Não fique assustada. – Tentou pôr um braço em volta dela.

Ygritte bateu no peito dele com o lado da mão, com tanta força que doeu, mesmo através das camadas de lã, cota de malha e couro fervido que ele vestia.

– Não estou *assustada*. Não sabe nada, Jon Snow.

– Então está chorando por quê?

– Não é por medo! – bateu violentamente no gelo com um calcanhar, arrancando um naco dele. – Estou chorando porque não encontramos o Berrante do Inverno. Abrimos meia centena de sepulturas e deixamos todas essas sombras à solta no mundo, e não encontramos o Berrante de Joramun, para botar abaixo esta coisa fria!

## JAIME

Sua mão ardia.

Ainda, *ainda*, muito depois de terem apagado o archote que tinham usado para cauterizar seu toco sangrento, dias antes, ainda sentia o fogo atravessando seu braço, e os dedos se torcendo no meio das chamas, os dedos que já não tinha.

Já tinha sido ferido antes, mas nunca assim. Nunca soubera que podia haver uma dor tamanha. Às vezes, sem serem chamadas, velhas preces saíam borbulhando de seus lábios, preces que tinha aprendido quando criança e nas quais não voltara a pensar, preces que proferira pela primeira vez com Cersei ajoelhada ao seu lado no septo de Rochedo Casterly. Às vezes até chorava, até ouvir os Saltimbancos rindo. Então obrigou os olhos a secar e o coração a morrer, e rezou para que a febre queimasse suas lágrimas. *Agora sei como Tyrion se sentiu, todas aquelas vezes que riram dele.*

Depois de cair pela segunda vez da sela, ataram-no bem a Brienne de Tarth e obrigaram-nos de novo a dividir um cavalo. Um dia, em vez de os colocarem unidos pelas costas, amarraram-nos cara a cara.

– Os amantes – suspirou sonoramente Shagwell –, e que bela visão que formam. Seria cruel separar o bom cavaleiro de sua senhora. – Então soltou aquela sua gargalhada esganiçada e disse: – Ah, mas qual deles é o cavaleiro e qual é a senhora?

*Se eu tivesse a minha mão, saberia depressa*, pensou Jaime. Seus braços doíam e as pernas estavam dormentes devido às cordas, mas após algum tempo nada disso importava. Seu mundo reduziu-se ao latejar de agonia que era a sua mão fantasma, e a Brienne encostada a si. *Pelo menos ela está quente*, pensou, consolando-se, embora o hálito da garota fosse tão desagradável quanto o seu.

A mão sempre estava entre os dois. Urswyck a havia pendurado ao pescoço dele com um cordão, e ela balançava de encontro ao seu peito, batendo nos seios de Brienne enquanto Jaime ia perdendo e recuperando

os sentidos. Seu olho direito estava fechado devido ao inchaço, um ferimento inflamado no local em que Brienne o golpeara durante a luta, mas era sua mão que mais doía. Sangue e pus jorravam do coto, e a mão em falta latejava toda vez que o cavalo dava um passo.

Tinha a garganta tão inflamada que não podia comer, mas bebia vinho quando davam, e água quando não havia alternativa. Uma vez deram-lhe uma taça, e ele esvaziou-a de um trago só, tremendo, e os Bravos Companheiros estouraram em gargalhadas tão roucas e sonoras que deixaram seus ouvidos doendo.

– Isso que você tá bebendo é mijo de cavalo, Regicida – disse-lhe Rorge. Jaime tinha tanta sede que bebeu mesmo assim, mas depois vomitou tudo. Obrigaram Brienne a lavar o vômito da barba dele, tal como a obrigavam a limpá-lo quando se sujava na sela.

Numa manhã fria e úmida em que estava se sentindo ligeiramente mais forte, foi tomado por um ataque de loucura, estendeu a mão esquerda para a espada do dornês e arrancou-a desajeitadamente da bainha. *Não me importa que me mate*, pensou, *desde que morra lutando, de espada na mão*. Mas não deu certo. Shagwell veio contra ele pulando com uma perna de cada vez, dançando agilmente para o lado quando Jaime lhe lançava estocadas. Desequilibrado, cambaleou em frente, brandindo violentamente a espada na direção do bobo, mas Shagwell girou, abaixou-se e fugiu até deixar todos os Saltimbancos rindo das tentativas fúteis de Jaime para atingi-lo. Quando tropeçou numa pedra e caiu de joelhos, o bobo saltou diante dele e pregou um beijo úmido no topo de sua cabeça.

Por fim, Rorge afastou-o com um empurrão e, com um pontapé, arrancou a espada dos fracos dedos de Jaime quando este tentou erguê-la.

– Iffo foi divertido, Regifida – disse Vargo Hoat –, maf fe voltar a tentar, corto fua outra mão, ou talvef um pé.

Jaime ficou deitado de costas depois, fitando o céu noturno, tentando não sentir a dor que serpenteava seu braço direito acima sempre que o movia. A noite estava estranhamente bela. A lua era um gracioso crescente, e parecia que nunca tinha visto tantas estrelas. A Coroa do Rei encontrava-se no zênite, e via o Garanhão empinando-se, e ali o Cisne. A Donzela da Lua, tímida como sempre, estava meio escondida atrás de um

pinheiro. *Como uma noite como esta pode ser bela?*, perguntou a si mesmo. *Por que as estrelas olhariam para alguém como eu?*

– Jaime – sussurrou Brienne, tão baixo que pensou que sonhava. – Jaime, o que está fazendo?

– Estou morrendo – murmurou de volta.

– Não – disse ela –, não, tem de sobreviver.

Aquilo deu-lhe vontade de rir.

– Pare de me dizer o que fazer, garota. Eu morro se quiser.

– É assim tão covarde?

A palavra chocou-o. Ele era Jaime Lannister, um cavaleiro da Guarda Real, era o Regicida. Nunca homem algum o chamara de covarde. Chamavam-no de outras coisas, sim; perjuro, mentiroso, assassino. Diziam que era cruel, traiçoeiro, imprudente. Mas covarde, nunca.

– O que posso fazer além de morrer?

– Viver – disse ela –, viver, lutar e procurar vingança. – Mas falou alto demais. Rorge ouviu sua voz, embora não as palavras, e veio chutá-la, gritando-lhe que segurasse a língua se quisesse ficar com ela.

*Covarde*, pensou Jaime, enquanto Brienne lutava para abafar os gemidos. *Será? Roubaram-me a mão da espada. Isso era tudo que eu era, uma mão de espada? Pela bondade dos deuses, será verdade?*

A garota tinha razão. Não podia morrer. Cersei esperava-o. Devia sentir falta dele. E Tyrion, seu irmão mais novo, que o amava devido a uma mentira. E seus inimigos também esperavam; o Jovem Lobo, que o derrotara no Bosque dos Murmúrios e matara os homens que o rodeavam, Edmure Tully, que o mantivera em trevas e correntes, estes Bravos Companheiros.

Quando a manhã chegou, obrigou-se a comer. Deram-lhe ração de aveia, comida de cavalo, mas forçou-se a engolir todas as colheradas. Voltou a comer ao cair da noite, e no dia seguinte também. *Viva*, disse rudemente a si próprio quando a ração parecia prestes a levá-lo ao vômito, *viva por Cersei, viva por Tyrion, viva para a vingança. Um Lannister sempre paga as suas dívidas*. A mão que não tinha latejava, ardia e fedia. *Quando chegar a Porto Real, mandarei forjar uma mão nova, uma mão de ouro, e um dia vou usá-la para rasgar a goela de Vargo Hoat*.

Os dias e as noites fundiram-se num incêndio de dor. Dormia na sela, encostado em Brienne, com o nariz cheio do fedor da mão em putrefação, e depois à noite ficava desperto, deitado no chão duro, preso num pesadelo acordado. Apesar de muito fraco, prendiam-no sempre a uma árvore. Dava-lhe um certo consolo frio saber que o temiam tanto assim, mesmo agora.

Brienne ficava sempre amarrada a seu lado. Ficava deitada com as suas cordas como uma grande vaca morta, sem dizer uma palavra. *A garota construiu uma fortaleza dentro de si. Devem estuprá-la em breve, mas não podem tocar nela atrás dessas muralhas*. Porém, as muralhas de Jaime tinham desaparecido. Tinham-lhe tirado a mão, tinham-lhe tirado a *mão da espada*, e sem ela não era nada. A outra de nada lhe servia. Desde que aprendera a andar, seu braço esquerdo era o braço do escudo e nada mais. Era a mão direita que fazia dele um cavaleiro; o braço direito que tinha feito dele um homem.

Um dia, ouviu Urswyck dizer qualquer coisa a respeito de Harrenhal, e lembrou-se de que era esse o destino do grupo. Isso fez Jaime rir em voz alta, e *isso* fez com que Timeon golpeasse seu rosto com um chicote longo e estreito. O corte sangrou, mas comparado com a mão, quase não o sentiu.

– Por que você riu? – perguntou a mulher naquela noite, num sussurro.

– Foi em Harrenhal que me deram o manto branco – sussurrou em resposta. – No grande torneio do Whent. Quis mostrar a todos nós o seu grande castelo e os seus belos filhos. Eu também quis lhes mostrar umas coisas. Só tinha quinze anos, mas ninguém conseguiria me derrotar naquele dia. Aerys não me deixou participar da justa. – Voltou a rir. – Mandou-me embora. Mas agora estou de volta.

Eles ouviram o riso. Naquela noite foi Jaime quem recebeu os pontapés e murros. Também pouco os sentiu, até que Rorge avançou com a bota contra o coto, e então o prisioneiro desmaiou.

Foi na noite seguinte que finalmente apareceram os três piores; Shagwell, Rorge sem nariz e o gordo dothraki Zollo, aquele que tinha cortado sua mão. Zollo e Rorge discutiam sobre quem seria o primeiro enquanto se aproximavam; parecia não haver qualquer dúvida de que o bobo seria o último. Shagwell sugeriu que podiam ir os dois primeiro e tomá-la pela frente e por trás. Zollo e Rorge gostaram da ideia, mas

então começaram a discutir sobre quem ficaria com a frente e quem iria por trás.

*Também vão deixá-la mutilada, mas por dentro, onde não se vê.*

– Garota – sussurrou enquanto Zollo e Rorge xingavam um ao outro –, deixe-os ficar com a carne, e vá para longe. Terminará mais depressa, e eles obterão menos prazer do ato.

– Eles não vão obter prazer nenhum daquilo que vou lhes dar – murmurou em resposta, desafiadora.

*Estúpida cadela teimosa e corajosa*. Sabia que ela ia acabar se levando à morte. *E que me importa que morra? Se não tivesse sido tão cabeça-dura, eu ainda teria uma mão*. E no entanto, ouviu-se sussurrando:

– Deixe que façam o que querem e retire-se para dentro. – Foi o que fizera quando os Stark morreram na sua frente, Lorde Rickard cozinhando dentro de sua armadura enquanto o filho Brandon se estrangulava na tentativa de salvá-lo. – Pense em Renly, se o amava. Pense em Tarth, em montanhas e mares, lagoas, cascatas, seja o que for que tenha na sua Ilha Safira, pense...

Mas, a essa altura, Rorge já tinha ganhado a discussão.

– É a mulher mais feia que eu já vi – disse a Brienne –, mas não ache que não posso deixá-la mais feia ainda. Quer um nariz como o meu? Lute, e fica com um. E dois olhos são demais. Um grito vindo de você e arranco um e obrigo você a comê-lo, e depois arranco a merda dos seus dentes um a um.

– Oh, faça isso, Rorge – pediu Shagwell. – Sem os dentes, ela fica bem parecida com a minha querida mãe. – Soltou um cacarejo. – E eu *sempre* quis foder a minha querida mãe pelo cu.

Jaime soltou uma risadinha.

– Ora, aí está um bobo engraçado. Tenho uma charada para você, Shagwell. Por que você se importa que ela grite? Ah, espere, eu sei. – E gritou o mais alto que pôde: – SAFIRAS.

Praguejando, Rorge voltou a chutar seu coto. Jaime soltou um uivo. *Não fazia ideia de que havia no mundo uma agonia tão grande*, foi a última coisa que se lembrava de ter pensado. Era difícil saber quanto tempo esteve desacordado, mas quando a dor o cuspiu, Urswyck estava lá, e o próprio Vargo Hoat também.

– Ela não deve fer tocada – gritou o bode, enchendo Zollo de perdigotos. – Ela tem de fer donfela, feuf idiotaf! Ela vale um faco de fafiraf! – E daí em diante, Hoat colocou guardas junto a eles todas as noites, para protegê-los de seus próprios homens.

Duas noites passaram em silêncio antes de a garota finalmente encontrar coragem para murmurar:

– Jaime? Por que gritou?

– Por que foi que gritei *"safiras"*, é isso que quer perguntar? Use a cabeça, garota. Acha que esses tipos teriam se importado se eu tivesse gritado *"estupro"*?

– Não precisava ter gritado nada.

– Já é suficientemente difícil olhar para você *com* nariz. Além disso, quis obrigar o bode a dizer "fafiraf". – Soltou uma gargalhadinha. – Para você é bom que eu seja um grande mentiroso. Um homem honroso teria dito a verdade sobre a Ilha Safira.

– Seja como for – disse ela. – Agradeço-lhe, sor.

A mão dele estava latejando de novo. Apertou os dentes e disse:

– Um Lannister paga as suas dívidas. Aquilo foi pelo rio, e por aquelas pedras que despejou em cima de Robin Ryger.

O bode quis fazer de sua entrada em Harrenhal um espetáculo, então Jaime foi obrigado a desmontar a um quilômetro e meio dos portões do castelo. Uma corda foi amarrada em volta de sua cintura, e uma segunda em torno dos pulsos de Brienne; as extremidades foram atadas ao arção da sela de Vargo Hoat. Avançaram aos tropeções, lado a lado, atrás do zebralo listrado do qohorik.

A raiva de Jaime manteve-o em movimento. O linho que cobria seu coto estava cinzento e fedia a pus. Seus dedos fantasmas gritavam a cada passo. *Eu sou mais forte do que eles pensam*, disse a si mesmo. *Ainda sou um Lannister. Ainda sou um cavaleiro da Guarda Real*. Chegaria a Harrenhal, e depois a Porto Real. Sobreviveria. *E vou pagar esta dívida com juros.*

Ao se aproximarem das muralhas semelhantes a falésias do monstruoso castelo de Harren, o Negro, Brienne apertou seu braço.

– Lorde Bolton controla este castelo. Os Bolton são vassalos dos Stark.

– Os Bolton esfolam os inimigos. – Isso era tudo que Jaime recordava do nortenho. Tyrion conheceria tudo que havia para saber sobre o senhor

do Forte do Pavor, mas encontrava-se a mil léguas de distância, com Cersei. *Não posso morrer enquanto Cersei for viva*, disse a si mesmo. *Morreremos juntos, assim como nascemos juntos.*

A aldeia junto às muralhas tinha sido reduzida a cinzas e pedras enegrecidas, e muitos homens e cavalos tinham acampado recentemente junto à margem do lago, no local onde Lorde Whent havia organizado seu grande torneio no ano da falsa primavera. Um sorriso amargo tocou os lábios de Jaime ao atravessarem aquele terreno revolvido. Alguém tinha escavado uma fossa sanitária no exato local onde ele ajoelhara um dia para proferir seus votos. *Nunca sonhei que o doce podia amargar tão depressa. Aerys nem sequer me deixou saborear aquela noite. Honrou-me, e em seguida cuspiu em mim.*

– Os estandartes – observou Brienne. – Homem esfolado e torres gêmeas, veja. Homens juramentados ao Rei Robb. Ali, por cima da guarita, cinza sobre fundo branco. Eles exibem o lobo gigante.

Jaime torceu a cabeça para cima, para dar uma olhada.

– É o seu maldito lobo, é verdade – reconheceu. – E aquilo são cabeças que estão ao seu lado.

Soldados, criados e seguidoras de acampamentos reuniram-se para gritar para eles. Uma cadela malhada seguiu-os, latindo e rosnando, pelo acampamento afora, até que um dos lisenos a empalou numa lança e galopou até a cabeça da coluna.

– Transporto o estandarte do Regicida – gritou, sacudindo a cadela morta por cima da cabeça de Jaime.

As muralhas de Harrenhal eram tão espessas que passar por baixo delas era como passar através de um túnel de pedra. Vargo Hoat enviara na frente dois de seus dothraki, a fim de avisar Lorde Bolton de sua chegada, então o pátio exterior estava cheio de curiosos. Afastavam-se para Jaime passar cambaleando, com a corda que trazia enrolada na cintura a puxá-lo sempre que desacelerava.

– Aprefento-lhef o Regifida – proclamou Vargo Hoat naquela sua voz densa e babosa. Uma lança golpeou a parte de baixo das costas de Jaime, fazendo-o estatelar-se.

O instinto levou-o a levantar as mãos para amparar a queda. Quando o coto colidiu com o chão, a dor o deixou cego, e Jaime ficou sem saber como conseguiu apoiar-se num joelho. À sua frente, um lance de largos

degraus de pedra levava à entrada de uma das colossais torres redondas de Harrenhal. Cinco cavaleiros e um nortenho encontravam-se lá em cima, olhando-o; este de olhos claros e vestido de lã e peles, os cinco com um aspecto feroz, em armaduras e cotas de malha, ostentando o símbolo das torres gêmeas nos sobretudos.

– Um bando de Freys – declarou Jaime. – Sor Danwell, Sor Aenys, Sor Hosteen. – Conhecia os filhos de Lorde Walder de vista; afinal de contas, a tia casara-se com um deles. – Aceitem as minhas condolências.

– Por quê, sor? – perguntou Sor Danwell Frey.

– Pelo filho de seu irmão, Sor Cleos – disse Jaime. – Acompanhou-nos até que os fora da lei o encheram de flechas. Urswyck e os homens dele tiraram suas coisas e deixaram-no para os lobos.

– *Senhores!* – Brienne libertou-se e avançou. – Vi seus estandartes. Escutem-me em nome de seus juramentos!

– Quem fala? – quis saber Sor Aenys Frey.

– A ama de leite do Lanifter.

– Sou Brienne de Tarth, filha de Lorde Selwyn, a Estrela da Tarde, e sob juramento para com a Casa Stark, assim como vocês.

Sor Aenys cuspiu aos pés dela.

– Isso é para os seus votos. Confiamos na palavra de Robb Stark, e ele pagou nosssa fidelidade com traição.

*Ora, aqui temos algo interessante*. Jaime torceu-se para ver como Brienne receberia a acusação, mas a garota era obstinada como uma mula com o freio nos dentes.

– Não sei de traição alguma. – Sacudiu, irritada, as cordas que envolviam seus pulsos. – A Senhora Catelyn ordenou-me que entregasse o Lannister ao irmão, em Porto Real...

– Ela estava tentando afogá-lo quando os encontramos – disse Urswyck, o Fiel.

A moça corou.

– Na ira, descontrolei-me, mas nunca o teria matado. Se ele morrer, os Lannister passarão na espada as filhas de minha senhora.

Sor Aenys não pareceu tocado.

– Por que é que devemos nos importar com isso?

– Peçamos um resgate por ele a Correrrio – sugeriu Sor Danwell.

– Rochedo Casterly tem mais ouro – retrucou um dos irmãos.

– Matemo-lo! – disse outro. – A cabeça dele pela de Ned Stark!

Shagwell, o Bobo, com seu traje de losangos cinza e rosa, deu uma cambalhota para os degraus mais baixos e começou a cantar.

– *Houve um dia um leão que c'um urso dançou, o-oh, o-oh...*

– Filênfio, bobo. – Vargo Hoat deu-lhe uma bofetada. – O Regifida não é para o urfo. Ele é meu.

– Se morrer, não é de ninguém. – Roose Bolton falava tão baixo que os homens se silenciavam para ouvi-lo. – E peço-lhe que recorde, senhor, que não é senhor de Harrenhal até que eu marche para o norte.

A febre tornara Jaime tão destemido quanto tolo.

– Poderá ser este o senhor do Forte do Pavor? Segundo as últimas notícias que tive, meu pai tinha posto o senhor para correr com o rabo entre as pernas. Quando foi que parou de fugir, senhor?

O silêncio de Bolton era cem vezes mais ameaçador do que a malevolência babosa de Vargo Hoat. Claros como a névoa da manhã, seus olhos escondiam mais do que revelavam. Jaime não gostou daqueles olhos. Faziam-lhe lembrar do dia, em Porto Real, em que Ned Stark o encontrara sentado no Trono de Ferro. O senhor do Forte do Pavor finalmente enrugou os lábios e disse:

– Perdeu uma mão.

– Não – disse Jaime –, ela está aqui, pendurada no pescoço.

Roose Bolton estendeu uma mão para baixo, rompeu o cordão e atirou a mão a Hoat.

– Leve isto daqui. Esta coisa ofende minha vista.

– Vou mandá-la ao fenhor feu pai. Vou difer-lhe que tem de pagar fem mil dragõef, fenão devolvemof-lhe o Regifida pedafo por pedafo. E quando refebermof o ouro dele, mandamof o For Jaime ao Karftark e arranjamof também uma donfela! – um rugido de gargalhadas ergueu-se entre os Bravos Companheiros.

– Um belo plano – disse Roose Bolton, com o mesmo tom com que poderia ter dito "Um belo vinho" a um companheiro de jantar –, embora Lorde Karstark não possa lhe dar a filha dele. Rei Robb deixou-o uma cabeça menor, por traição e assassinato. Quanto ao Lorde Tywin, ele continua em Porto Real, e lá ficará até o ano novo, quando o neto recebe como esposa uma filha de Jardim de Cima.

– Winterfell – disse Brienne. – Quer dizer Winterfell. Rei Joffrey está prometido a Sansa Stark.

– Já não está mais. A Batalha da Água Negra mudou tudo. A rosa e o leão uniram-se lá, para desbaratar a tropa de Stannis Baratheon e reduzir sua frota a cinzas.

*Eu avisei, Urswyck*, pensou Jaime, *e a você também, bode. Quando apostaram contra os leões, perderam mais do que a sua bolsa*.

– Há notícias de minha irmã? – perguntou.

– Ela está bem. Assim como o seu... sobrinho. – Bolton fez uma pausa antes de dizer *sobrinho*, uma pausa que significava *eu sei*. – Seu irmão também está vivo, embora tenha sido ferido na batalha. – Fez um sinal para um severo nortenho vestido com uma brigantina tachonada. – Leve Sor Jaime a Qyburn. E desamarre as mãos desta mulher. – Quando a corda entre os pulsos de Brienne foi cortada em duas, disse: – Peço as suas desculpas, senhora. Em tempos conturbados assim, é difícil distinguir os amigos dos inimigos.

Brienne esfregou a parte de dentro do pulso, onde o cânhamo esfolara sua pele.

– Senhor, estes homens tentaram me estuprar.

– Ah, é? – Lorde Bolton virou os olhos claros para Vargo Hoat. – Estou descontente. Por isso, e por esse assunto da mão de Sor Jaime.

No pátio havia cinco nortenhos e outros tantos Frey para cada Bravo Companheiro. O bode podia não ser tão inteligente como alguns, mas pelo menos sabia contar até cinco. Manteve-se em silêncio.

– Eles ficaram com a minha espada – disse Brienne –, a minha armadura...

– Não precisará de armadura aqui, senhora – disse-lhe Lorde Bolton. – Em Harrenhal, está sob a minha proteção. Amabel, arranje quartos adequados para a Senhora Brienne. Walton, você vai cuidar imediatamente de Sor Jaime. – Não esperou resposta, virou-se e subiu os degraus, fazendo o manto debruado de peles rodopiar. Jaime teve apenas tempo suficiente para trocar um rápido olhar com Brienne antes de serem levados dali, cada um para seu lado.

Nos aposentos do meistre, por baixo da colônia de corvos, um homem grisalho de ar paternal chamado Qyburn prendeu a respiração quando retirou o linho do toco da mão de Jaime.

– Está assim tão ruim? Vou morrer?

Qyburn enfiou um dedo no ferimento, e torceu o nariz com o jorro de pus.

– Não. Se bem que mais alguns dias... – Cortou a manga de Jaime. – A putrefação espalhou-se. Vê como a carne está mole? Tenho de cortar isto tudo. A coisa mais certa a fazer seria cortar o braço inteiro.

– Se fizer isso, quem morre é *você* – prometeu Jaime. – Limpe o coto e dê os pontos. Eu corro os meus riscos.

Qyburn franziu a testa.

– Posso deixar o braço superior, cortar pelo cotovelo, mas...

– Se me cortar algum pedaço do braço é melhor que corte o outro também, senão estrangulo-o com ele mais tarde.

Qyburn olhou-o nos olhos. O que quer que tenha visto neles fez com que refletisse cuidadosamente.

– Muito bem. Vou cortar a carne apodrecida, nada mais. Tentarei afastar a putrefação com vinho fervente e um cataplasma de urtigas, sementes de mostarda e bolor de pão. Isso talvez seja suficiente. É sobre a sua cabeça que pesa. Vai querer leite de papoula...

– Não. – Jaime não se atrevia a deixar que o adormecessem; podia ter um braço a menos quando acordasse, não importa o que o homem dissesse.

Qyburn ficou surpreso.

– Vai doer.

– Gritarei.

– Doer muito.

– Gritarei muito alto.

– Vai beber algum vinho, ao menos?

– O Alto Septão reza?

– Quanto a isso, não tenho certeza. Trarei o vinho. Deite-se, que tenho de amarrar seu braço.

Com uma bacia e uma lâmina afiada, Qyburn limpou o coto enquanto Jaime emborcava vinho-forte, babando-se todo enquanto ingeria. A mão esquerda não parecia saber como encontrar sua boca, mas havia uma vantagem nisso. O cheiro de vinho na barba encharcada ajudava a disfarçar o fedor do pus.

Nada ajudou quando chegou o momento de desbastar a carne apodrecida. Jaime gritou e esmurrou a mesa com o punho bom, uma vez e mais outra. Voltou a gritar quando Qyburn despejou vinho fervendo sobre o que restava do coto. Apesar de todas as suas promessas e de todos os seus temores, perdeu os sentidos durante algum tempo. Quando acordou, o meistre estava costurando seu braço com uma agulha e tripa de gato.

– Deixei uma dobra de pele para tapar o pulso.

– Você já fez isso antes – murmurou Jaime numa voz fraca. Sentia o gosto do sangue na boca, onde havia mordido a língua.

– Cotos não são estranhos a nenhum homem que sirva com Vargo Hoat. Ele cria cotos onde quer que vá.

Jaime pensou que Qyburn não parecia um monstro. Era gentil, falava suavemente e tinha uns olhos castanhos calorosos.

– Como é que um meistre acaba na companhia dos Bravos Companheiros?

– A Cidadela tirou a corrente de mim. – Qyburn pôs a agulha de lado. – Também devia fazer alguma coisa com essa ferida acima do olho. A carne está muito inflamada.

Jaime fechou os olhos e deixou que o vinho e Qyburn fizessem seu trabalho.

– Fale-me da batalha. – Na qualidade de cuidador dos corvos de Harrenhal, Qyburn teria sido o primeiro a saber das novidades.

– Lorde Stannis foi pego entre o seu pai e o fogo. Dizem que o Duende incendiou o rio.

Jaime imaginou chamas verdes subindo ao céu, mais altas do que as torres mais altas, enquanto homens em chamas gritavam nas ruas. *Já tinha sonhado esse sonho*. Era quase engraçado, mas não havia ninguém com quem dividir a piada.

– Abra o olho. – Qyburn ensopou um pano em água morna e limpou com pequenas pancadas a crosta de sangue seco. A pálpebra estava inchada, mas Jaime descobriu que conseguia forçá-la a abrir até a metade. O rosto de Qyburn erguia-se por cima dele. – Como foi que arranjou esta? – perguntou o meistre.

– Presente de uma garota.

– Namoro violento, senhor?

– Essa garota é maior do que eu e mais feia do que você. Também devia tratar dela. Ainda manca da perna que eu feri quando lutamos.

– Perguntarei por ela. O que essa mulher é de você?

– A minha protetora. – Jaime teve de rir, por mais que doesse.

– Vou triturar umas ervas que poderá misturar com o vinho para baixar sua febre. Volte amanhã, e colocarei uma sanguessuga na sua pálpebra para drenar o sangue ruim.

– Uma sanguessuga. Lindo.

– Lorde Bolton gosta muito de sanguessugas – disse Qyburn com um ar afetado.

– Sim – disse Jaime. – Deve gostar.

## TYRION

Nada restava para lá do Portão do Rei além de lama, cinzas e pedaços de osso queimado, mas já havia pessoas vivendo à sombra das muralhas da cidade, e outras vendendo peixe em cima de carrinhos de mão e barris. Tyrion sentiu os olhos deles postos em si quando passou; olhos frios, zangados e sem compaixão. Ninguém se atrevia a falar com ele, ou a tentar barrar seu caminho; pelo menos enquanto tivesse Bronn ao seu lado, vestindo cota de malha negra oleada. *Mas se estivesse sozinho, arrancariam-me do cavalo e esmagariam minha cara com uma pedra da calçada, como fizeram com Preston Greenfield.*

– Voltam mais depressa do que ratazanas – queixou-se. – Queimamos tudo que tinham uma vez, era de esperar que pudessem ver nisso uma lição.

– Dê-me umas dúzias de mantos dourados, e mato todos – disse Bronn. – Depois de mortos, não voltam.

– Não, mas vêm outros para o lugar deles. Deixe-os estar... mas se começarem outra vez a encostar barracas na muralha, derrube-as imediatamente. A guerra ainda não acabou, não importa o que esses idiotas pensem. – Olhou o Portão da Lama, mais adiante. – Já vi o suficiente por ora. Voltamos amanhã com os mestres da guilda, para rever seus planos. – Suspirou. *Bem, queimei a maior parte disso, suponho que seja apenas justo que o reconstrua.*

Essa tarefa devia ter sido do tio, mas o sólido, firme e incansável Sor Kevan Lannister não era o mesmo desde que o corvo chegara de Correrrio com a notícia do assassinato do filho. O gêmeo de Willem, Martyn, também fora capturado por Robb Stark, e o irmão mais velho de ambos, Lancel, continuava preso ao leito, atormentado por uma ferida ulcerada que não queria cicatrizar. Com um filho morto e outros dois em perigo mortal, Sor Kevan andava consumido pelo pesar e pelo medo. Lorde Tywin sempre dependera do irmão, mas agora não tinha opção exceto virar-se de novo para o filho anão.

O custo da reconstrução ia ser a ruína, mas não havia alternativa. Porto Real era o principal porto do reino, equiparado apenas por Vilavelha. O rio tinha de ser reaberto, e quanto mais depressa melhor. *E onde vou encontrar o maldito dinheiro?* Isso era quase suficiente para levá-lo a sentir falta do Mindinho, que tinha zarpado para o norte havia uma quinzena. *Enquanto ele dorme com Lysa Arryn e governa o Vale ao seu lado, eu tenho de limpar a confusão que deixou para trás.* Se bem que, pelo menos, o pai estava dando um trabalho significativo para ele fazer. *Não quer me nomear herdeiro de Rochedo Casterly, mas me usa sempre que pode*, pensou Tyrion, enquanto o capitão dos homens de manto dourado lhes fazia sinal para atravessarem o Portão da Lama.

As Três Rameiras ainda dominavam a praça do mercado junto ao portão, mas agora encontravam-se ociosas, e os pedregulhos e barris de piche tinham sido guardados. Havia crianças escalando as grandes estruturas de madeira, subindo como macacos vestidos de tecido grosseiro, para irem se empoleirar nos braços lançadores e gritar uns aos outros.

– Lembre-me de dizer a Sor Addam para colocar aqui alguns de seus homens – disse Tyrion a Bronn enquanto avançavam entre dois dos trabucos. – Um garoto imbecil qualquer é capaz de cair e quebrar a espinha. – Ouviu-se um grito vindo de cima, e um torrão de estrume explodiu no chão, meio metro à frente deles. A égua de Tyrion empinou-se e quase o derrubou. – Pensando bem – disse, depois de controlar o cavalo –, que os fedelhos piolhentos se esmaguem nas pedras como melões passados.

Estava de péssimo humor, e não era só porque um punhado de garotos de rua queriam cobri-lo de bosta. O casamento era uma agonia diária. Sansa Stark mantinha-se donzela, e metade do castelo parecia saber disso. Enquanto selavam os cavalos naquela manhã, ouviu atrás de si dois cavalariços aos risinhos abafados. Quase tinha imaginado que os cavalos também soltavam gargalhadinhas. Arriscara a pele para evitar o ritual nupcial, na esperança de preservar a privacidade de seu quarto, mas essa esperança tinha sido desfeita bem depressa. Ou Sansa fora suficientemente burra para fazer confidências a uma de suas aias, todas elas espiãs de Cersei, ou os responsáveis eram Varys e seus passarinhos.

Que diferença fazia? Riam dele do mesmo jeito. A única pessoa na Fortaleza Vermelha que não parecia achar seu casamento uma fonte de divertimento era a senhora sua esposa.

A infelicidade de Sansa aprofundava-se a cada dia. Tyrion teria de bom grado aberto caminho através de sua cortesia para lhe dar o conforto que pudesse, mas não servia de nada. Nenhuma palavra conseguiria algum dia torná-lo belo aos olhos dela. *Ou menos Lannister.* Era aquela a esposa que lhe tinham dado, pelo resto de sua vida, e odiava isso.

E as noites que passavam juntos na grande cama eram outra fonte de tormento. Já não conseguia suportar dormir nu, como era seu costume. A esposa estava bem treinada demais para soltar uma palavra pouco amável, mas a repugnância nos olhos dela sempre que olhava seu corpo era mais do que conseguia suportar. Tyrion ordenara a Sansa que também usasse uma camisa de dormir. *Desejo-a*, percebeu. *Desejo Winterfell, sim, mas também desejo Sansa, seja criança, seja mulher, seja o que for. Quero confortá-la. Quero ouvi-la rir. Quero que venha até mim por vontade própria, que me traga as suas alegrias, as suas mágoas e o seu desejo*. Sua boca torceu-se num sorriso amargo. *Sim, e também quero ser alto como Jaime e forte como Sor Gregor, a Montanha, por todo o bem que isso traz*.

Involuntariamente, seus pensamentos saltaram para Shae. Tyrion não queria que ela ouvisse a novidade de outros lábios que não os seus, então tinha ordenado a Varys que a trouxesse até ele na noite anterior ao casamento. Voltaram a se encontrar nos aposentos do eunuco, e quando Shae tinha começado a desatar os nós do seu gibão, ele pegou-a pelo pulso e a afastou.

– Espere – disse –, há uma coisa que tenho de lhe dizer. Amanhã deverei me casar...

– ... com Sansa Stark. Eu sei.

Tinha perdido a fala por um instante. A essa altura nem mesmo *Sansa* sabia.

– Como pode saber? Varys contou?

– Um pajem qualquer estava contando a história a Sor Tallad quando levei Lollys ao septo. Ouvira-a de uma criada que ouviu Sor Kevan falar com seu pai. – Desembaraçou-se das mãos de Tyrion e despiu o vestido

pela cabeça. Como sempre, por baixo estava nua. – Não me importa. Ela é só uma garotinha. Vai deixá-la com uma barrigona e voltar para mim.

Uma parte dele tinha esperado menos indiferença. *Tinha esperado*, escarneceu amargamente, *mas agora sabe como é, anão. Shae é todo o amor que provavelmente terá.*

A Rua da Lama estava cheia de gente, mas tanto os soldados como os habitantes da cidade abriam caminho para deixar passar o Duende e sua escolta. Crianças de olhos encovados fervilhavam pelo chão, algumas olhando para cima num apelo silencioso, enquanto outras mendigavam ruidosamente. Tyrion tirou um grande punhado de moedas de cobre de sua bolsa e atirou-as ao ar, e as crianças desataram a correr atrás delas, aos empurrões e aos gritos. As mais afortunadas talvez conseguissem comprar uma fatia de pão bolorento naquela noite. Nunca vira mercados tão cheios de gente, e apesar de toda a comida que os Tyrell vinham trazendo, os preços mantinham-se absurdamente elevados. Seis cobres por um melão, um veado de prata por oito galões de milho, um dragão por um quarto de vaca ou seis leitões magricelas. E, apesar disso, não parecia faltar compradores. Homens doentiamente descarnados e mulheres de aspecto desvairado aglomeravam-se em volta de todas as carroças e bancadas, enquanto pessoas ainda mais esfarrapadas as olhavam, mal-humoradas, das vielas.

– Por aqui – disse Bronn quando chegaram ao princípio do Gancho. – Ainda quer...?

– Quero. – A zona ribeirinha fora uma desculpa conveniente, mas Tyrion tinha outro objetivo em mente. Não era tarefa que lhe desse prazer, mas precisava ser desempenhada. Viraram as costas à Colina de Aegon e dirigiram-se ao labirinto de ruas menores que se aglomeravam em volta do sopé da Colina de Visenya. Bronn ia na frente. Uma ou duas vezes Tyrion olhou discretamente sobre o ombro para ver se eram seguidos, mas não havia nada para ver além do populacho habitual: um carroceiro espancando o cavalo, uma velha atirando os dejetos da noite pela janela, dois garotinhos lutando com paus, três homens de manto dourado escoltando um prisioneiro... todos pareciam inocentes, mas qualquer um podia ser o seu fim. Varys tinha informantes por todos os lados.

Viraram uma esquina, e de novo a seguinte, e atravessaram lentamente uma multidão de mulheres junto a um poço. Bronn levou-o por uma ruela curva, por uma viela, por baixo de uma arcada bastante destruída. Atravessaram as ruínas de uma casa que havia queimado e levaram os cavalos pela arreata ao longo de um breve lance de degraus de pedra. Os edifícios eram próximos e pobres. Bronn parou no início de uma viela torta, estreita demais para que dois cavaleiros a percorressem lado a lado.

– Há duas reentrâncias e depois um beco sem saída. O antro fica no porão do último edifício.

Tyrion saltou do cavalo.

– Certifique-se de que ninguém entre ou saia até eu voltar. Não vou demorar. –Introduziu sua mão no manto, para se certificar de que o ouro ainda estava no bolso escondido. Trinta dragões. *Uma maldita fortuna para um tipo como ele.* Bamboleou-se rapidamente viela afora, ansioso para resolver aquilo.

A taberna era um lugar soturno, escuro e úmido, com paredes embranquecidas por salitre e o teto tão baixo que Bronn teria de se abaixar para não bater a cabeça nas vigas. Tyrion Lannister não teria tal problema. Àquela hora, a sala da frente encontrava-se vazia, exceto por uma mulher de olhos mortos, sentada num banco atrás de um balcão feito de tábuas rudemente cortadas. Entregou-lhe uma taça de vinho amargo e disse:

– Lá atrás.

A sala de trás era ainda mais escura. Uma vela tremeluzente ardia sobre uma mesa baixa, ao lado de um jarro de vinho. O homem por trás dela não tinha um aspecto muito ameaçador: baixo – ainda que todos os homens fossem altos para Tyrion –, com cabelos castanhos que rareavam, bochechas rosadas e uma pequena barriga empurrando os botões de osso do seu gibão de pele de veado. Nas mãos suaves, brandia uma harpa de madeira com doze cordas, que era mais mortífera do que uma espada.

Tyrion sentou-se diante do homem.

– Symon Língua de Prata.

O homem inclinou-se. Era calvo no alto da cabeça.

– Senhor Mão – disse.

– Está me confundindo. Meu pai é a Mão do Rei. Receio que eu já nem sequer seja um dedo.

– Vai voltar a subir, estou certo. Um homem como você. Minha querida senhora Shae contou que é recém-casado. Seria bom se tivesse me chamado mais cedo. Iria me sentir honrado por cantar em seu banquete.

– A última coisa de que minha esposa precisa é de mais canções – disse Tyrion. – E quanto a Shae, ambos sabemos que ela não é senhora nenhuma, e eu agradeceria se você não dissesse o nome dela em voz alta.

– Às ordens da Mão – disse Symon.

Da última vez que Tyrion tinha visto o homem, uma palavra ríspida fora o suficiente para deixá-lo suando, mas o cantor parecia ter encontrado alguma coragem em algum lugar. *Provavelmente naquele jarro*. Ou talvez fosse o próprio Tyrion o culpado por aquela nova ousadia. *Ameacei-o, mas nada chegou a se seguir à ameaça, portanto agora pensa que não tenho dentes*. Suspirou.

– Dizem que é um cantor muito dotado.

– É muita amabilidade sua dizê-lo, senhor.

Tyrion concedeu-lhe um sorriso.

– Creio que está na hora de levar sua música às Cidades Livres. Em Bravos, Pentos e Lys são grandes amantes de canções, e generosos com aqueles que lhes agradam. – Bebeu um gole de vinho. Apesar de ser uma porcaria, era forte. – Uma turnê por todas as nove cidades seria o melhor. Não quer negar a ninguém a alegria de ouvi-lo cantar. Um ano em cada uma deve bastar. – Enfiou a mão no interior do manto, onde tinha escondido o ouro. – Com o porto fechado, terá de ir a Valdocaso para embarcar, mas Bronn vai lhe arranjar um cavalo, e vou me sentir honrado se permitir que pague sua passagem...

– Mas, senhor – objetou o homem –, nunca me ouviu cantar. Peço que escute por um momento. – Os dedos dele moveram-se habilmente sobre as cordas da harpa, e uma música suave encheu a adega. Symon começou a cantar.

Cavalgou pelas ruas da cidade,
desde o alto de sua colina,
Por becos e degraus e calçadas,

para os braços de sua menina.
Porque ela era o secreto tesouro,
sua vergonha e seu prazer.
E a corrente e o forte nada são,
comparados com beijos de mulher.

– Há mais – disse o homem quando parou de tocar. – Ah, bem mais. O refrão é particularmente bonito, na minha opinião. *Porque mãos de ouro são sempre frias, mas há calor em mãos de mulher...*

– Basta. – Tyrion puxou os dedos de dentro do manto, vazios. – Isso não é canção que eu queira ouvir novamente. Nunca mais.

– Não? – Symon Língua de Prata pôs a harpa de lado e bebeu o gole de vinho. – É uma pena. Seja como for, cada homem tem a sua canção, como o meu velho mestre costumava dizer quando me ensinou a tocar. Outros podem gostar mais desta minha música. A rainha, talvez. Ou o senhor seu pai.

Tyrion esfregou a cicatriz de seu nariz e disse:

– Meu pai não tem tempo para cantores, e minha irmã não é tão generosa como imagina. Um homem sensato ganharia mais com o silêncio do que com canções. – Não podia deixar as coisas muito mais claras do que aquilo.

Symon pareceu compreender bem depressa o que Tyrion queria dizer.

– Vai achar meu preço modesto, senhor.

– É bom saber. – Tyrion temia que trinta dragões de ouro não seriam suficientes para resolver a situação. – Diga-me qual é.

– No banquete de casamento do Rei Joffrey – disse o homem – deverá haver um torneio de cantores.

– E malabaristas, bobos e ursos dançarinos.

– Só um urso dançarino, senhor – disse Symon, deixando claro que tinha seguido os preparativos de Cersei com muito mais interesse do que Tyrion –, mas sete cantores. Galeyon de Cuy, Bethany Dedos-Belos, Aemon Costayne, Alaric de Eysen, Hamish, o Harpista, Collio Quaynis e Orland de Vilavelha vão competir por um alaúde dourado com cordas de prata... e, no entanto, inexplicavelmente, nenhum convite foi enviado ao homem que é mestre de todos eles.

– Deixe-me adivinhar. Symon Língua de Prata?

Symon sorriu com modéstia.

– Estou preparado para demonstrar a verdade da minha vanglória perante o rei e a corte. Hamish é velho, e esquece frequentemente aquilo que está cantando. E Collio, com aquele absurdo sotaque tyroshi! Se você compreender uma palavra em três, pode se considerar com sorte.

– Foi minha querida irmã quem organizou o banquete. Mesmo se pudesse lhe assegurar este convite, poderia parecer estranho. Sete reinos, sete votos, sete desafios, setenta e sete pratos... mas *oito* cantores? O que pensaria o Alto Septão?

– Não sabia que era um homem devoto, senhor.

– A questão não é a devoção. Certas formalidades têm de ser seguidas.

Symon bebeu um gole de vinho.

– Apesar disso... a vida de um cantor não é desprovida de perigos. Oferecemos o nosso talento em cervejarias e tabernas, perante bêbados descontrolados. Se um dos sete de sua irmã sofrer algum imprevisto, espero que possa pensar em mim para ocupar seu lugar. – Deu um sorriso astuto, desmesuradamente satisfeito consigo mesmo.

– Seis cantores seria tão despropositado quanto oito, certamente. Tentarei me informar sobre a saúde dos sete de Cersei. Se algum deles estiver indisposto, Bronn vai encontrá-lo.

– Muito bem, senhor. – Symon podia ter deixado as coisas assim, mas, transbordante de triunfo, acrescentou: – Eu *vou* cantar na noite da boda do Rei Joffrey. Se por acaso for chamado à corte, ora, vou querer oferecer ao rei as minhas melhores composições, canções que cantei mil vezes e que certamente agradarão. Mas se der por mim cantando em alguma triste taberna... bem, essa seria uma ocasião adequada para experimentar a minha nova canção. *Porque mãos de ouro são sempre frias, mas há calor em mãos de mulher.*

– Isso não será necessário – disse Tyrion. – Tem a minha palavra de Lannister de que Bronn o visitará em breve.

– Muito bem, senhor. – O cantor barrigudo e perdendo cabelos voltou a pegar a harpa.

Bronn esperava junto dos cavalos, na entrada da viela. Ajudou Tyrion a subir para a sela.

– Quando é que levo o homem para Valdocaso?

– Não leva. – Tyrion virou o cavalo. – Dê-lhe três dias, e depois informe-o de que Hamish, o Harpista, quebrou o braço. Diga-lhe que suas roupas nunca servirão para a corte, e que tem de imediatamente arranjar um traje novo. Ele virá com você a toda velocidade. – Fez uma careta. – Pode querer ficar com a língua dele, ouvi dizer que é de prata. O resto dele nunca deverá ser encontrado.

Bronn deu um sorriso.

– Conheço uma casa de pasto na Baixada das Pulgas que faz uma saborosa panela de castanho. Ouvi dizer que tem todos os tipos de carne.

– Certifique-se de que eu nunca coma lá. – Tyrion pôs o cavalo a trote. Gostaria de um banho, e quanto mais quente melhor.

Mas até esse modesto prazer lhe foi negado, pois assim que voltou aos seus aposentos, Podrick Payne informou-o de que tinha sido convocado à Torre da Mão.

– Sua senhoria deseja vê-lo. A Mão. Lorde Tywin.

– Eu me lembro de quem é Mão, Pod – disse Tyrion. – Perdi o nariz, não os miolos.

Bronn soltou uma gargalhada.

– Não arranque a cabeça do rapaz a dentadas.

– E por que não? Ele nunca a usa. – Tyrion perguntava a si mesmo o que teria feito agora. *Ou o que não fiz, mais provavelmente*. Uma convocatória de Lorde Tywin trazia sempre preocupação; o pai nunca mandava buscá-lo só para dividir uma refeição ou uma taça de vinho, isso era certo.

Quando entrou no aposento privado do pai, alguns momentos mais tarde, ouviu uma voz dizendo:

– ... cerejeira para as bainhas, ligadas com couro vermelho e ornamentadas com uma fileira de tachões em forma de cabeça de leão e de ouro puro. Talvez com granadas para os olhos...

– Rubis – disse Lorde Tywin. – Às granadas falta o fogo.

Tyrion pigarreou.

– Senhor. Mandou me chamar?

O pai olhou para cima.

– Chamei. Venha aqui ver isso. – Uma trouxa de oleado encontrava-se sobre a mesa, entre eles, e Lorde Tywin tinha uma espada longa na mão. – Um presente de casamento para Joffrey – disse a Tyrion. A luz que

entrava pelas vidraças em forma de diamante fazia a lâmina tremeluzir de negro e vermelho quando Lorde Tywin a virou para inspecionar o gume, enquanto o botão e a guarda flamejavam de ouro. – Com este falatório besta a respeito de Stannis e sua espada mágica, pareceu-me melhor que déssemos também a Joffrey algo de extraordinário. Um rei deve usar uma espada régia.

– Isso é espada demais para Joff – disse Tyrion.

– Ele ainda vai crescer. Tome, sinta o peso. – Ofereceu-lhe a arma, pelo cabo.

A espada era muito mais leve do que esperava. Ao virá-la na mão, compreendeu o porquê. Só um metal podia ter se tornado tão fino e manter força suficiente para a batalha, e não era possível confundir aquelas ondulações, os sinais de um aço que havia sido dobrado sobre si próprio muitos milhares de vezes.

– Aço valiriano?

– Sim – disse Lorde Tywin num tom de profunda satisfação.

*Finalmente, pai?* Lâminas de aço valiriano eram raras e caras, mas ainda havia milhares no mundo, talvez duzentas só nos Sete Reinos. Sempre aborrecera o pai que nenhuma pertencesse à Casa Lannister. Os antigos reis do Rochedo tinham possuído uma arma dessas, mas a espada longa Brilhante Rugido perdeu-se quando o segundo Rei Tommen a levou de volta a Valíria em sua estúpida demanda. Nunca havia regressado; e o tio Gery também não, o mais novo e mais imprudente dos irmãos do pai, que partira em busca da espada perdida cerca de oito anos antes.

Lorde Tywin oferecera-se pelo menos três vezes para comprar espadas valirianas de casas menores e empobrecidas, mas suas propostas foram sempre firmemente rejeitadas. Os fidalgotes separavam-se de bom grado de suas filhas, se um Lannister viesse pedi-las, mas estimavam as velhas espadas de família.

Tyrion perguntou a si mesmo de onde teria vindo o metal para aquela. Alguns mestres armeiros podiam voltar a trabalhar aço valiriano, mas os segredos de sua manufatura tinham sido perdidos quando a Perdição chegou à antiga Valíria.

– As cores são estranhas – comentou enquanto virava a lâmina à luz do sol. A maior parte do aço valiriano era de um cinza tão escuro que parecia quase negro, como era o caso daquela espada. Mas misturado nas

dobras encontrava-se um vermelho tão profundo quanto o cinza. As duas cores enrolavam-se uma sobre a outra, sem chegarem a se tocar, com cada ondulação distinta, como ondas de noite e sangue em algum litoral de aço. – Como obteve este padrão? Nunca vi nada parecido.

– Nem eu, senhor – disse o armeiro. – Confesso que estas cores não eram o que eu pretendia, e não sei se sou capaz de duplicá-las. O senhor seu pai pediu-me o carmesim de sua Casa, e foi essa a cor que tentei infundir no metal. Mas o aço valiriano é obstinado. Estas velhas espadas têm memória, dizem, e não mudam facilmente. Usei meia centena de feitiços e clareei o vermelho algumas vezes, mas a cor escurecia sempre, como se a lâmina estivesse bebendo o sol dela. E algumas dobras não quiseram aceitar o vermelho de jeito nenhum, como pode ver. Se os senhores de Lannister estiverem insatisfeitos, voltarei, naturalmente, a tentar, tantas vezes quanto desejarem, mas...

– Não é necessário – disse Lorde Tywin. – Isto servirá.

– Uma espada carmesim pode brilhar agradavelmente ao sol, mas a bem da verdade gosto mais destas cores – disse Tyrion. – Têm uma beleza ameaçadora... e tornam esta lâmina única. Não há outra espada como ela no mundo inteiro, creio eu.

– Há uma. – O armeiro debruçou-se sobre a mesa e desenrolou a trouxa de oleado, revelando uma segunda espada longa.

Tyrion pousou a espada de Joffrey e pegou a outra. Ainda que não fossem irmãs gêmeas, as duas eram certamente primas próximas. Esta era mais grossa e mais pesada, pouco mais de um centímetro mais larga e sete centímetros mais longa, mas partilhavam as mesmas linhas belas e limpas e a mesma cor única, as ondulações de sangue e noite. Três sulcos, profundamente incisos, corriam na segunda lâmina, do cabo à ponta; a espada do rei tinha apenas dois. O cabo da arma de Joff era bastante mais ornamentado, os braços da guarda esculpidos em forma de patas de leão com garras de rubi projetadas, mas ambas as espadas tinham punhos de couro vermelho finamente trabalhado e cabeças de leão em ouro como botões.

– Magnífico. – Mesmo em mãos tão inábeis como as de Tyrion, a lâmina parecia viva. – Nunca senti melhor balanço.

– Destina-se ao meu filho.

*Não vale a pena perguntar qual deles*. Tyrion colocou a espada de Jaime de volta na mesa, ao lado da de Joffrey, perguntando a si mesmo se Robb Stark deixaria o irmão viver tempo suficiente para empunhá-la. *Nosso pai certamente deve pensar que sim; caso contrário, para que mandar forjar esta lâmina?*

– Fez um bom trabalho, Mestre Mott – disse Lorde Tywin ao armeiro. – Meu intendente tratará do seu pagamento. E lembre-se: rubis para as bainhas.

– Lembrarei, senhor. É muito generoso. – O homem voltou a enrolar as espadas no oleado, enfiou a trouxa debaixo de um braço e ajoelhou-se. – É uma honra servir a Mão do Rei. Entregarei as espadas um dia antes do casamento.

– Certifique-se disso.

Depois de os guardas acompanharem o armeiro até a porta, Tyrion subiu para uma cadeira.

– Então... uma espada para Joff, uma espada para Jaime e nem sequer um punhal para o anão. É assim que as coisas são, pai?

– O aço era suficiente para duas lâminas, não para três. Se precisa de um punhal, vá buscar um no arsenal. Robert deixou uns cem quando morreu. Gerion deu-lhe um punhal dourado com cabo de marfim e botão de punho de safira como presente de casamento, e metade dos enviados que vieram à corte tentaram obter favores presenteando Sua Graça com facas incrustadas de joias e espadas com relevos de prata.

Tyrion sorriu.

– Teriam agradado mais se o tivessem presenteado com as suas filhas.

– Sem dúvida. A única lâmina que usava era a faca de caçar que tinha sido presente de Jon Arryn quando era garoto. – Lorde Tywin sacudiu uma mão, deixando de lado o Rei Robert e todas as suas facas. – O que você encontrou na zona ribeirinha?

– Lama – disse Tyrion – e algumas coisas mortas que ninguém se incomodou em enterrar. Antes de podermos reabrir o porto, o Água Negra terá de ser dragado, e os navios afundados, desfeitos ou tirados da água. Três quartos dos cais precisam de reparos, e alguns poderão precisar ser demolidos e reconstruídos. O mercado de peixe desapareceu por completo, e tanto o Portão do Rio como o Portão do Rei foram rachados pelos aríetes de Stannis e devem ser substituídos. Tremo de

pensar no custo. – *Se é verdade que caga ouro, pai, arranje uma latrina e ponha-se em ação*, teve vontade de dizer, mas não era assim tão tolo.

– Arranjará todo o ouro que for necessário.

– Ah, é? Onde? O tesouro está vazio, já tinha dito ao senhor. Ainda não acabamos de pagar aos alquimistas por todo aquele fogovivo, nem aos ferreiros pela minha corrente e Cersei comprometeu a coroa a pagar metade do custo da boda de Joffrey: setenta e sete pratos, que os Outros os carreguem, mil convidados, uma torta cheia de pombas, cantores, malabaristas...

– A extravagância tem seus usos. Temos de demonstrar o poderio e a riqueza de Rochedo Casterly para que todo o reino veja.

– Então talvez deva ser o Rochedo Casterly responsável por pagar.

– Por quê? Vi as contas de Mindinho. Os rendimentos da coroa são dez vezes maiores do que eram no tempo de Aerys.

– Tal como as despesas. Robert era tão generoso com o dinheiro como com o pinto. Mindinho fez grandes empréstimos. De você, entre outros. Sim, os rendimentos são consideráveis, mas quase não chegam para cobrir a usura dos empréstimos de Mindinho. Quer perdoar a dívida da coroa para com a Casa Lannister?

– Não diga idiotices.

– Então talvez sete pratos fossem suficientes. Trezentos convidados em vez de mil. Ouvi dizer que um casamento pode ter o mesmo valor *sem* um urso dançarino.

– Os Tyrell iriam nos julgar avarentos. Quero o casamento e a zona ribeirinha. Se não conseguir pagar as duas coisas, diga, que eu arranjo um mestre da moeda que consiga.

A desgraça de ser afastado depois de tão pouco tempo não era algo que Tyrion quisesse ter que suportar.

– Eu encontrarei o dinheiro.

– Encontrará – garantiu o pai –, e já que está com a mão na massa, veja se também consegue encontrar a cama de sua esposa.

*Então o falatório chegou até ele.*

– Já encontrei, muito obrigado. É aquele móvel entre a janela e a lareira, com o dossel de veludo e o colchão cheio de plumas de ganso.

– Agrada-me que conheça isso. Agora talvez devesse tentar conhecer a mulher que a divide com você.

*Mulher? Criança, você quer dizer.*

– Alguma aranha andou sussurrando no seu ouvido, ou tenho de apresentar agradecimentos à minha querida irmã? – Tendo em conta as coisas que se passavam sob as mantas de Cersei, seria de se pensar que ela teria a decência de manter o nariz longe daquilo. – Diga-me, por que é que todas as aias de Sansa são mulheres a serviço de Cersei? Estou farto de ser espionado em meus próprios aposentos.

– Se não gosta das criadas de sua esposa, mande-as embora e contrate outras mais do seu agrado. Está no seu direito. O que me preocupa é a virgindade de sua esposa, não as aias dela. Esta... delicadeza confunde-me. Parece não ter dificuldade em se deitar com prostitutas. A garota Stark é feita de outra forma?

– Por que diabos lhe interessa tanto o lugar onde enfio o caralho? – quis saber Tyrion. – Sansa é nova demais.

– Tem idade suficiente para ser Senhora de Winterfell depois que o irmão estiver morto. Tire sua virgindade e ficará um passo mais perto de obter o Norte. Faça-lhe um filho, e o prêmio está praticamente ganho. Precisa que eu lhe lembre que um casamento que não foi consumado pode ser posto de lado?

– Pelo Alto Septão ou um Concílio da Fé. Nosso atual Alto Septão é uma foca treinada que ladra lindamente quando recebe ordens para tal. É mais provável que o meu casamento seja anulado pelo Rapaz Lua do que por ele.

– Talvez devesse ter casado Sansa Stark com o Rapaz Lua. Ele talvez soubesse o que fazer com ela.

As mãos de Tyrion fecharam-se nos braços da cadeira.

– Já ouvi tudo o que pretendo ouvir sobre a virgindade de minha esposa. Mas já que estamos discutindo casamentos, por que é que não ouço nada sobre as núpcias iminentes de minha irmã? Se bem me lembro...

Lorde Tywin interrompeu-o.

– Mace Tyrell recusou minha oferta para casar Cersei com seu herdeiro Willas.

– *Recusou* a nossa querida Cersei? – aquilo deixava Tyrion com o humor muito melhor.

– Quando abordei com ele pela primeira vez o assunto da união, pareceu bastante bem disposto – disse o pai. – Um dia mais tarde e tudo mudou. Obra da velha. Ela intimida implacavelmente o filho. Varys afirma que ela lhe disse que sua irmã era velha e *usada* demais para seu precioso neto perneta.

– Cersei deve ter adorado isso. – Soltou uma gargalhada.

Lorde Tywin lançou-lhe um frio olhar.

– Ela não sabe. Nem saberá. É melhor para todos se a oferta nunca tiver sido feita. Veja se não se esquece disso, Tyrion. *A oferta nunca foi feita*.

– Que oferta? – Tyrion tinha fortes suspeitas de que Lorde Tyrell podia acabar lamentando aquele vexame.

– Sua irmã *será* casada. A questão é: com quem? Tenho várias ideias... – Antes de poder enumerá-las, ouviu-se uma pequena batida na porta e um guarda enfiou a cabeça na sala para anunciar o Grande Meistre Pycelle. – Pode entrar – disse Lorde Tywin.

Pycelle entrou vacilante, apoiado em uma bengala, e parou durante tempo suficiente para lançar a Tyrion um olhar capaz de coalhar leite. Sua outrora magnífica barba branca, que alguém tinha incompreensivelmente aparado, estava crescendo rala e fina, deixando-o com disformes pelancas cor-de-rosa penduradas por baixo do queixo.

– Senhor Mão – disse o velho, fazendo a reverência mais profunda que conseguia sem cair –, chegou outra ave de Castelo Negro. Talvez possamos falar em particular?

– Não há necessidade. – Lorde Tywin fez sinal ao Grande Meistre Pycelle que se sentasse. – Tyrion pode ficar.

*Oooooh, posso?* Esfregou o nariz e esperou.

Pycelle limpou a garganta, o que envolvia bastante tosse e ruidosas escarradas.

– A carta é do mesmo Bowen Marsh que enviou a última. O castelão. Escreve que Lorde Mormont enviou notícia de grande número de selvagens se deslocando para o sul.

– As terras para lá da Muralha não podem suportar grande número de pessoas – disse firmemente Lorde Tywin. – Esse aviso não é novo.

– Este último é, senhor. Mormont enviou uma ave da floresta assombrada, relatando que estava sob ataque. Mais corvos chegaram

mais tarde, mas nenhum com cartas. Bowen Marsh teme que Lorde Mormont tenha sido morto, com todas as suas forças.

Tyrion gostava bastante do velho Jeor Mormont, com seu jeito rude e a ave falante.

– Essa informação é segura? – perguntou.

– Não – admitiu Pycelle –, mas nenhum dos homens de Mormont retornou, por enquanto. Marsh teme que os selvagens os tenham matado, e que a própria Muralha possa ser atacada em seguida. – Remexeu nas vestes e encontrou o papel. – Aqui está a carta dele, senhor, um apelo a todos os cinco reis. Quer homens, tantos quantos possamos mandar.

– Cinco reis? – o pai estava aborrecido. – Há um rei em Westeros. Esses tolos de negro podiam tentar se lembrar disso, se desejam que Sua Graça lhes dê ouvidos. Quando responder, diga-lhe que Renly está morto e que os outros são traidores e farsantes.

– Sem dúvida ficarão contentes por saber disso. A Muralha fica a um mundo de distância e é frequente que as notícias cheguem tarde lá. – Pycelle meneou a cabeça para cima e para baixo. – O que deverei dizer a Marsh a respeito dos homens que pede? Devemos convocar o conselho...

– Não há necessidade. A Patrulha da Noite é formada por um bando de ladrões, assassinos e grosseirões ilegítimos, mas ocorre-me que *poderiam* demonstrar ser diferentes, desde que tivessem a disciplina adequada. Se Mormont está realmente morto, os irmãos negros têm de escolher um novo Senhor Comandante.

Pycelle lançou a Tyrion um olhar malicioso.

– Uma excelente ideia, senhor. Conheço o homem certo. Janos Slynt.

Tyrion não gostou nada daquela ideia.

– Os irmãos negros escolhem seu próprio comandante – lembrou-lhes. – Lorde Slynt é novo na Muralha. Eu sei, fui eu quem o mandou para lá. Por que haveriam de *preferi-lo* a uma dúzia de homens com mais tempo na Patrulha?

– Porque – disse o pai, num tom que sugeria que Tyrion era um completo simplório –, se não votarem como lhes é dito, a sua Muralha poderá derreter antes de ver mais algum homem.

*Sim, isso irá funcionar*. Tyrion puxou-se para a frente.

– Janos Slynt é o homem errado, pai. Seríamos mais bem servidos pelo comandante da Torre Sombria. Ou de Atalaialeste do Mar.

– O comandante da Torre Sombria é um Mallister de Guardamar. Atalaialeste é governada por um homem de ferro. – O tom de Lorde Tywin era claro em dizer que nenhum serviria os seus propósitos.

– Janos Slynt é filho de um açougueiro – recordou Tyrion ao pai em tom enérgico. – Você mesmo me disse...

– Eu me lembro do que lhe disse. No entanto, Castelo Negro não é Harrenhal. A Patrulha da Noite não é o conselho real. Há uma ferramenta para cada tarefa, e uma tarefa para cada ferramenta.

A ira de Tyrion estourou.

– Lorde Janos é uma armadura oca, que se venderá a quem pagar melhor.

– Conto isso como um ponto a seu favor. Quem poderia mais do que nós? – virou-se para Pycelle. – Envie um corvo. Escreva que o Rei Joffrey ficou profundamente entristecido ao ouvir a notícia da morte do Senhor Comandante Mormont, mas lamenta não poder dispensar nenhum homem a essa altura, quando tantos rebeldes e usurpadores permanecem em campo. Sugira que as coisas podem ser bastante diferentes depois que o trono ficar seguro... desde que o rei tenha plena confiança na liderança da Patrulha. Para encerrar, solicite a Marsh que dê os melhores cumprimentos de Sua Graça ao seu fiel amigo e servidor, Lorde Janos Slynt.

– Sim, senhor. – Pycelle voltou a balançar sua cabeça mirrada. – Escreverei conforme as ordens da Mão. Com grande prazer.

*Devia ter aparado sua cabeça em vez da barba*, refletiu Tyrion. *E Slynt devia ter ido tomar um banho com seu querido amigo Allar Deem.* Pelo menos não havia cometido o mesmo erro estúpido com Symon Língua de Prata. *Vê, pai?*, quis gritar. *Vê como eu aprendo depressa as minhas lições?*

## SAMWELL

No sótão, uma mulher estava dando ruidosamente à luz, enquanto embaixo um homem jazia, moribundo, junto ao fogo. Samwell Tarly não saberia dizer qual dos dois o assustava mais.

Tinham coberto o pobre Bannen com uma pilha de peles e alimentado bem o fogo, mas tudo que ele conseguia dizer era:

– Tenho frio. Por favor, tenho tanto frio. – Sam estava tentando alimentá-lo com caldo de cebola, mas ele não conseguia engolir. O caldo escorria sobre seus lábios e queixo abaixo assim que Sam o enfiava na boca com uma colher.

– Esse está morto. – Craster olhou o homem com indiferença enquanto atacava uma salsicha. – Era melhor enfiar uma faca no peito dele do que essa colher pela goela abaixo, se quer a minha opinião.

– Não me lembro de termos pedido a sua opinião. – O Gigante não tinha mais de um metro e meio de altura (seu verdadeiro nome era Bedwyck), mas apesar disso era um homenzinho feroz. – Matador, pediu conselhos ao Craster?

Sam encolheu-se por causa do nome, mas sacudiu a cabeça. Encheu mais uma colherada, levou-a à boca de Bannen e tentou despejá-la entre seus lábios.

– Comida e fogo – estava o Gigante dizendo –, foi tudo que lhe pedimos. E a comida vem de má vontade.

– Contente-se por não lhe dar também o fogo de má vontade. – Craster era um homem corpulento, tornado ainda mais corpulento pelas esfarrapadas e malcheirosas peles de ovelha que usava dia e noite. Tinha o nariz largo e achatado, a boca caída para um lado e uma orelha em falta. E, embora seus cabelos eriçados e sua barba emaranhada fossem grisalhos, suas mãos duras e nodosas ainda pareciam suficientemente fortes para machucar. – Dei-lhes de comer o que pude, mas vocês, corvos, estão sempre com fome. Vocês têm sorte por eu ser um homem devoto, senão teria botado todos para correr. Acha que gosto de tipos

como ele, morrendo sobre o meu chão? Acha que preciso de todas as suas bocas, homenzinho? – O selvagem cuspiu. – Corvos. Quando foi que um pássaro preto trouxe o bem à casa de um homem, pergunto a você? Nunca. Nunca.

Mais caldo escorreu pelo canto da boca de Bannen. Sam limpou-o com um canto da manga. Os olhos do patrulheiro estavam abertos, mas nada viam.

– Tenho frio – voltou a dizer, num sussurro. Um meistre poderia ter sabido como salvá-lo, mas eles não tinham meistre. Kedge Olho-Branco cortara o pé retalhado de Bannen nove dias antes, num jorro de pus e sangue que deixou Sam agoniado, mas tinha sido pouco e tarde demais. – Tenho tanto frio – repetiram os lábios pálidos.

Em volta do salão, uma esfarrapada vintena de irmãos negros agachavam-se no chão ou sentavam-se em bancos grosseiros, bebendo taças do mesmo caldo ralo de cebola e roendo pedaços de pão duro. Alguns deles estavam feridos com maior gravidade do que Bannen. Fornio tinha passado vários dias em delírio, e o ombro de Sor Byam vertia um fétido pus amarelo. Quando deixaram Castelo Negro, Bernarr Castanho levava sacos de fogo de Myr, unguento de mostarda, alho moído, tanásia, papoula, cobre-de-rei e outras ervas curativas. Até sonodoce, que concedia a dádiva da morte sem dor. Mas Bernarr Castanho morreu no Punho e ninguém pensou em procurar os remédios do Meistre Aemon. Hake também sabia algo sobre ervas, como cozinheiro que era, mas Hake igualmente tinha ficado para trás. Por isso, cabia aos intendentes sobreviventes fazer o que pudessem pelos feridos, e isso era muito pouco. *Pelo menos aqui estão secos, com um fogo para aquecê-los. Mas precisam de mais comida*.

Todos precisavam de mais comida. Os homens andavam resmungando havia dias. Karl Pé-Torto andava sempre dizendo que Craster tinha de ter uma despensa escondida, e Garth de Vilavelha começou a servir de eco, quando estava fora do alcance dos ouvidos do Senhor Comandante. Sam pensara em pedir algo mais nutritivo, pelo menos para os feridos, mas não tinha coragem. Os olhos de Craster eram frios e maus, e sempre que o selvagem olhava na sua direção, as mãos dele torciam-se um pouco, como se quisessem se fechar em punhos. *Será que ele sabe que falei com Goiva da última vez que estivemos aqui?*, perguntava a si mesmo. *Será*

*que ela lhe contou que eu disse que a levaríamos? Será que ele arrancou isso dela na porrada?*

– Tenho frio – disse Bannen. – Por favor, tenho frio.

Apesar de todo o calor e fumaça que havia no salão de Craster, o próprio Sam sentia frio. *E cansaço, tanto cansaço*. Precisava dormir, mas sempre que fechava os olhos sonhava com neve soprada pelo vento e mortos arrastando os pés em sua direção, com mãos negras e brilhantes olhos azuis.

Em cima, no sótão, Goiva soltou um soluço trêmulo que ecoou ao longo do comprido salão sem janelas.

– Empurre – ouviu uma das esposas mais velhas de Craster dizer à garota. – Mais forte. *Mais forte*. Grite, se ajudar. – E ela gritou, tão alto que Sam se encolheu.

Craster virou a cabeça para lançar às mulheres um olhar irritado.

– Já tô mais que farto desses gritos – berrou-lhes. – Dê um trapo pra ela morder, senão vou aí em cima e faço-a provar a minha mão.

E Sam sabia que ele faria. Craster tinha dezenove mulheres, mas nenhuma se atreveria a interferir depois de ele começar a subir a escada. Assim como os irmãos negros não interferiram duas noites antes, quando ele tinha espancado uma das garotas mais novas. Houve resmungos, certamente.

– Ele está matando a garota – Garth de Viaverde falou.

Karl Pé-Torto riu e disse:

– Se ele não quiser aquele bombonzinho, pode dar para mim.

Bernarr Negro praguejou em voz baixa e irritada, e Alan de Rosby levantou-se e saiu para não ter de ouvir.

– O teto é dele, as regras também – recordou-lhes o patrulheiro Ronnel Harcley. – Craster é amigo da Patrulha.

*Um amigo*, pensou Sam, enquanto escutava os gritos abafados de Goiva. Craster era um homem brutal que governava as mulheres e filhas com mão de ferro, mesmo assim sua fortaleza era um refúgio.

– Corvos congelados – tinha zombado Craster quando entraram, em desordem, os poucos que tinham sobrevivido à neve, às criaturas e ao frio penetrante. – E um bando bem menor do que o que foi pro norte. – Mas tinha cedido lugar a eles no seu chão, um teto para manter a neve afastada, um fogo onde puderam se secar, e suas mulheres tinham trazido

taças de vinho quente para levar algum calor à barriga deles. – Malditos corvos – chamava-lhes, mas também os alimentava, por menor que fosse a ração.

*Somos hóspedes*, lembrou Sam a si mesmo. *Goiva é dele. Filha dele, mulher dele. O teto é dele, as regras também.*

A primeira vez em que estivera na Fortaleza de Craster, Goiva viera suplicar-lhe ajuda, e Sam emprestara seu manto negro para esconder sua barriga quando foi à procura de Jon Snow. *Espera-se que os cavaleiros defendam mulheres e crianças*. Só alguns dos irmãos negros eram cavaleiros, mesmo assim... *Todos proferimos as palavras*, pensou Sam. *Sou o escudo que defende os reinos dos homens*. Uma mulher era uma mulher, mesmo que fosse selvagem. *Devíamos ajudá-la. Devíamos*. Era pelo filho que Goiva temia; tinha medo de que pudesse ser um menino. Craster criava as filhas para se tornarem suas esposas, mas não se viam nem homens nem garotos no seu complexo. Goiva tinha dito a Jon que Craster entregava os filhos aos deuses. *Se os deuses forem bons, vão enviar uma filha*, rezou Sam.

Em cima, no sótão, Goiva abafou um grito.

– É isso – disse uma mulher. – Agora mais um empurrão. Oh, estou vendo a cabeça dele.

*Dela*, pensou Sam, infeliz. *A cabeça dela, dela.*

– Frio – disse Bannen fracamente. – Por favor. Tenho tanto frio. – Sam pôs de lado a tigela e a colher, estendeu outra pele para cima do moribundo, enfiou outro graveto no fogo. Goiva soltou um guincho e começou a arquejar. Craster roeu sua morcela dura. Tinha morcelas para si e para suas mulheres, mas não para a Patrulha.

– Mulheres – lamentou-se. – Berram de uma maneira... Uma vez tive uma porca gorda que deu à luz uma ninhada de oito sem soltar mais que um grunhido. – Mastigando, virou a cabeça para olhar de soslaio e com desprezo para Sam. – Era quase tão gorda quanto você, rapaz. Matador. – Soltou uma gargalhada.

Aquilo foi mais do que Sam conseguia suportar. Afastou-se da fogueira tropeçando, passando desajeitadamente por cima e em volta dos homens que estavam dormindo, agachados ou morrendo no chão de terra batida. A fumaça, os gritos e os gemidos estavam fazendo com que se sentisse

prestes a desmaiar. Baixando a cabeça, empurrou as abas de pele de veado que serviam de porta a Craster e saiu para a tarde.

O dia estava nublado, mas ainda era suficientemente luminoso para cegá-lo após a escuridão do salão. Montes de neve pesavam nos ramos das árvores ao redor e cobriam as colinas douradas e acastanhadas, mas menos do que antes. A tempestade tinha terminado, e os dias passados na Fortaleza de Craster tinham sido... bem, quentes talvez não, mas de um frio não tão penetrante. Sam ouvia o suave *ploc-ploc-ploc* da água derretendo nos pingentes que decoravam a borda do espesso telhado de colmo. Inspirou, profunda e tremulamente, e olhou em volta.

Para oeste, Ollo Mão-Cortada e Tim Stone deslocavam-se entre os cavalos, dando de comer e beber aos garranos que restavam.

Para o lado de onde o vento soprava, outros irmãos matavam e esfolavam os animais que estavam fracos demais para prosseguir. Lanceiros e arqueiros faziam rondas por trás dos diques de terra que eram a única defesa de Craster contra o que quer que se escondesse na floresta do outro lado, enquanto uma dezena de fogueiras para cozinhar soltavam espessas nuvens de fumaça cinza-azulada. Sam ouvia os ecos distantes de machados trabalhando na floresta, onde um grupo de trabalho recolhia a lenha necessária para manter as chamas ardendo durante toda a noite. As noites eram a pior hora. Quando escurecia. E *esfriava*.

Não tinha havido nenhum ataque desde que estavam na Fortaleza de Craster, nem de criaturas, nem de Outros. Nem haveria, segundo Craster.

– Um homem devoto não tem motivo para temer tais coisas. Disse isso mesmo a Mance Rayder, quando ele veio meter o nariz aqui. Não me deu mais ouvidos do que vocês, os corvos, com suas espadas e suas malditas fogueiras. Isso não vai ajudá-los em nada quando o frio branco chegar. A essa altura, só os deuses os ajudarão. É melhor ficar de bem com os deuses.

Goiva também havia falado do frio branco e contara-lhes que tipo de oferendas Craster fazia aos seus deuses. Sam quis matá-lo quando soube. *Não há leis para lá da Muralha*, lembrou a si mesmo, *e Craster é um amigo da Patrulha.*

Um grito rouco veio de detrás do edifício de taipa. Sam foi ver o que se passava. O chão sob seus pés era uma massa de neve em liquefação e

lama mole que Edd Doloroso insistia ser composta pela merda do Craster. No entanto, era mais densa do que merda; sugava com tanta força as botas de Sam que ele sentiu uma tentando sair.

Por trás de uma horta e de um curral de ovelhas vazio, uma dúzia de irmãos negros disparava flechas contra um alvo que tinham feito de feno e palha. O intendente magro e louro que chamavam de Doce Donnel tinha espetado uma bem ao lado do centro do alvo, disparada de uma distância de cinquenta metros.

– Faça melhor do que isso, velho – disse.

– Tá bem, eu faço. – Ulmer, recurvado, de barba grisalha e pele e membros flácidos, dirigiu-se à marca e tirou uma flecha da aljava que trazia à cintura. Na juventude, tinha sido um fora da lei, um membro da infame Irmandade da Mata de Rei. Afirmava ter um dia atravessado com uma flecha a mão do Touro Branco da Guarda Real, para roubar um beijo dos lábios de uma princesa de Dorne. Também roubara suas joias e um baú de dragões de ouro, mas era do beijo que gostava de se gabar quando estava de pileque.

Encaixou uma flecha e puxou a corda, todo ele suave como seda de verão, e então deixou-a voar. A flecha atingiu o alvo dois centímetros e meio mais perto do centro do que a de Donnel Hill.

– É suficiente, moço? – disse, dando um passo para trás.

– É mais do que suficiente – disse o homem mais novo, de má vontade. – O vento cruzado ajudou você. Soprava com mais força quando eu disparei.

– Nesse caso, devia tê-lo considerado. Tem um bom olho e uma mão firme, mas vai precisar de bem mais do que isso para ganhar de um homem da mata de rei. Quem me ensinou a dobrar o arco foi o Fletcher Dick, e nunca existiu melhor arqueiro. Já lhe contei a história do Fletcher Dick?

– Só trezentas vezes. – Todos os homens de Castelo Negro tinham ouvido as histórias de Ulmer sobre o grande bando de fora da lei de outros tempos; sobre Simon Toyne e o Cavaleiro Sorridente, sobre Oswyn Pescoço-Comprido, o Três Vezes Enforcado, sobre Wenda, o Corço Branco, sobre Fletcher Dick, sobre o Bem Barrigudo e todos os outros. Em busca de uma escapatória, o Doce Donnell olhou em volta e

viu Sam no meio da lama. – *Matador* – chamou. – Venha, mostre-nos como matou o Outro. – E estendeu o grande arco de teixo.

Sam corou.

– Não foi com uma flecha, foi com um punhal, vidro de dragão... – Sabia o que aconteceria se pegasse o arco. Erraria o alvo e enviaria a flecha por cima do dique até as árvores. E então ouviria os risos.

– Não importa – disse Alan de Rosby, outro bom arqueiro. – Estamos todos com vontade de ver o Matador disparar o arco. Não estamos, rapazes?

Não conseguia encará-los; os sorrisos de escárnio, as pequenas brincadeiras maldosas, o desprezo em seus olhos. Sam virou-se para ir embora por onde tinha vindo, mas o pé direito afundou-se profundamente na lama, e quando tentou puxá-lo, a bota saiu. Teve de ajoelhar para soltá-la, com as gargalhadas ressoando em seus ouvidos. Apesar de todas as meias que tinha calçadas, quando conseguiu fugir, a neve que derretia já as tinha empapado até os dedos do pé. *Imprestável*, pensou, infeliz. *Meu pai conhecia-me bem. Não tenho o direito de estar vivo quando tantos homens corajosos morreram*.

Grenn estava cuidando da fogueira ao sul do portão do complexo, como dorso nu enquanto rachava a madeira. Tinha o rosto vermelho do esforço e o suor evaporava-se da sua pele em nuvenzinhas de vapor. Mas sorriu quando Sam se aproximou, bufando.

– Os Outros ficaram com a sua bota, Matador?

*Ele também?*

– Foi a lama. Não me chame disso, por favor.

– Por que não? – Grenn parecia honestamente surpreso. – É um bom nome, e arranjou-o com justiça.

Pyp costumava provocar Grenn por ter a cabeça dura como a muralha de um castelo, portanto Sam explicou pacientemente.

– É só uma maneira diferente de me chamarem de covarde – disse, apoiado na perna esquerda e esforçando-se para enfiar o pé direito novamente na bota lamacenta. – Estão caçoando de mim, da mesma maneira que caçoam do Bedwyck quando o chamam de Gigante.

– Mas ele não é um gigante – disse Grenn – e o Paul nunca foi pequeno. Bem, talvez fosse quando era bebê de peito, mas depois disso não. Mas você *matou* mesmo o Outro, portanto não é a mesma coisa.

– Eu só... eu nunca... eu estava *assustado!*

– Não mais do que eu. É só o Pyp que diz que eu sou burro demais para me assustar. Fico tão assustado quanto qualquer um. – Grenn dobrou-se para apanhar uma tora partida e atirou-a na fogueira. – Costumava ter medo do Jon, sempre que tinha de lutar com ele. Ele era muito rápido e lutava como se quisesse me matar. – A madeira verde e úmida caiu nas chamas, fumegando antes de pegar fogo. – Mas nunca contei. Às vezes acho que todo mundo anda só fingindo ter coragem, e nenhum de nós a temos de verdade. Vai ver é fingindo que *arranjamos* coragem, não sei. Deixe que chamem você de Matador, e daí?

– Nunca gostou que Sor Alliser o chamasse de Auroque.

– Ele estava dizendo que eu sou grande e estúpido. – Grenn coçou a barba. – Mas se o Pyp quisesse me chamar de Auroque, poderia. Ou você, ou o Jon. Um auroque é um animal feroz e forte, por isso não é assim tão ruim, e eu *sou* grande, e estou ficando maior. Você não gostaria mais de ser Sam, o Matador, do que o Sor Porquinho?

– Por que não posso ser só o Samwell Tarly? – sentou-se pesadamente em uma tora úmida que Grenn ainda não tinha cortado. – Foi o vidro de dragão que o matou. Não fui eu, foi o vidro de dragão.

Sam tinha contado a eles, tinha contado a todos. Sabia que alguns não acreditavam nele. O Adaga havia mostrado a Sam a sua adaga e dito:

– Tenho ferro, pra que quero vidro? – Bernarr Negro e os três Garths deixaram claro que duvidavam de toda a história, e Rolley de Vilirmãs chegou a ponto de dizer:

– O mais certo é que tenha apunhalado uns arbustos que se mexiam e tenha descoberto depois que era o Paul Pequeno dando uma cagada, por isso inventou uma mentira.

Mas Dywen tinha escutado, assim como Edd Doloroso, e obrigaram Sam e Grenn a contar ao Senhor Comandante. Mormont passou toda a história com a testa franzida e colocou questões contundentes, mas era um homem cauteloso demais para rejeitar qualquer possibilidade de obter proveito. Pediu a Sam todo o vidro de dragão que trazia na mochila, embora fosse bem pouco. Sempre que Sam pensava no tesouro que Jon encontrara enterrado sob o Punho sentia vontade de chorar. Havia lâminas de punhal e pontas de lança, e pelo menos duzentas ou trezentas pontas de flecha. Jon tinha feito punhais para si, para Sam e para o

Senhor Comandante Mormont, e deu a Sam uma ponta de lança, um velho chifre quebrado e algumas pontas de flecha. Grenn também ficou com um punhado de pontas de flecha, mas era tudo.

Portanto, tudo que tinham agora era o punhal de Mormont e aquele que Sam dera a Grenn, mais dezenove flechas e uma grande lança de madeira dura, com uma ponta negra de vidro de dragão. As sentinelas entregavam a lança umas às outras quando o turno mudava, e Mormont tinha distribuído as flechas entre seus melhores arqueiros. Bill Resmungão, Garth Pena-Cinza, Ronnel Harcley, Doce Donnel Hill e Alan de Rosby tinham três cada um, e Ulmer quatro. Mas mesmo se acertassem todos os disparos, logo ficariam reduzidos a flechas incendiárias, como todos os outros. Tinham disparado centenas de flechas incendiárias no Punho, mas as criaturas continuaram a vir.

*Não será suficiente*, pensou Sam. As paliçadas inclinadas de lama e neve em derretimento de Craster pouco segurariam o passo das criaturas, que tinham escalado as encostas muito mais íngremes do Punho e saltado em grande número a muralha anelar. E em vez de trezentos homens alinhados em fileiras organizadas, as criaturas encontrariam quarenta e um sobreviventes esfarrapados para combatê-las, nove dos quais feridos demais para lutar. Quarenta e quatro tinham entrado aos tropeções no reduto de Craster, dos sessenta e tantos que conseguiram fugir do Punho, mas três morreram em decorrência dos ferimentos, e Bannen em breve seria o quarto.

– Acha que as criaturas foram embora? – perguntou Sam a Grenn. – Por que é que não vêm acabar conosco?

– Elas só vêm quando está frio.

– Sim – disse Sam –, mas é o frio que traz as criaturas, ou são as criaturas que trazem o frio?

– Que importa? – o machado de Grenn fez voar lascas de madeira. – Vêm juntos, e é isso que interessa. E agora que a gente sabe que o vidro de dragão as mata, talvez nem sequer venham. Talvez agora tenham medo de *nós*!

Sam quis poder acreditar naquilo, mas parecia-lhe que quando se estava morto, o medo não tinha mais significado do que a dor, o amor ou o dever. Envolveu as pernas com os braços, suando sob as camadas de lã, couro e peles que o cobriam. O punhal de pedra de dragão tinha derretido

a coisa pálida na floresta, é verdade... mas Grenn estava falando como se ele fizesse o mesmo às criaturas. *Não sabemos se é assim*, pensou. *Na verdade, não sabemos nada. Gostaria que Jon estivesse aqui*. Sam gostava de Grenn, mas não podia falar com ele da mesma forma. *Eu sei que Jon não me chamaria de Matador. E poderia conversar com ele a respeito do bebê de Goiva*. Mas Jon partira com Qhorin Meia-Mão, e não tinham recebido notícias dele desde então. *Ele também tinha um punhal de vidro de dragão, mas terá pensado em usá-lo? Estará morto e deitado congelado em algum desfiladeiro... ou, pior, estará morto e caminhando?*

Não conseguia entender por que motivo os deuses quereriam levar Jon e Bannen e deixá-lo aqui, covarde e desajeitado como era. *Devia* ter morrido no Punho, onde se mijara três vezes e além disso perdera a espada. E *teria* morrido na floresta, se o Paul Pequeno não tivesse vindo carregá-lo. *Gostaria que tudo isso fosse um sonho. Então poderia acordar*. Como seria bom acordar no Punho dos Primeiros Homens com todos os irmãos ainda ao seu redor, até mesmo Jon e o Fantasma. Ou, melhor ainda, acordar em Castelo Negro, atrás da Muralha, e ir até a sala comum para comer uma tigela do espesso mingau de trigo do Hobb Três-Dedos, com uma grande colherada de manteiga derretendo no meio e um bocado de mel. Só de pensar nisso, seu estômago vazio ressoou.

*"Neve."*

Sam olhou para cima ao ouvir o som. O corvo do Senhor Comandante Mormont circundava a fogueira, batendo o ar com grandes asas negras.

*"Neve"*, crocitou a ave. *"Neve, neve."*

Onde quer que o corvo fosse, Mormont surgiria pouco depois. O Senhor Comandante emergiu de entre as árvores, montado em seu garrano, entre o velho Dywen e o patrulheiro com cara de raposa chamado Ronnel Harclay, que tinha sido promovido ao lugar de Thoren Smallwood. Os lanceiros ao portão gritaram um desafio, e o Velho Urso respondeu com um resmungo de impaciência:

– Quem, nos sete infernos, vocês *acham* que vem lá? Os Outros levaram seus olhos? – passou a cavalo entre os postes do portão, um dos quais exibia um crânio de carneiro e o outro um de urso, e em seguida puxou as rédeas ao animal, ergueu um punho e assobiou. O corvo desceu ao seu chamado.

– Senhor – ouviu Ronnel Harclay dizer –, temos só vinte e duas montarias, e duvido que metade delas chegue à Muralha.

– Eu sei – resmungou Mormont. – Mas temos de ir mesmo assim. Craster deixou isso claro. – Lançou um relance de olhos para oeste, onde um grupo de nuvens escuras escondia o sol. – Os deuses deram-nos uma folga, mas durante quanto tempo? – Mormont saltou da sela, sobressaltando o corvo, que voltou a levantar voo. Então viu Sam e berrou: – *Tarly!*

– Eu? – Sam pôs-se desajeitadamente em pé.

"*Eu?*" O corvo pousou na cabeça do velho. "*Eu?*"

– Seu nome é Tarly? Tem algum irmão nas redondezas? Sim, você. Feche a boca e venha comigo.

– Com o senhor? – as palavras jorraram num guincho.

O Senhor Comandante Mormont fulminou-o com o olhar.

– É um homem da Patrulha da Noite. Tente não sujar a roupa de baixo sempre que olho para você. Venha, disse eu. – As botas de Mormont faziam sons úmidos na lama e Sam teve de se apressar para acompanhá-lo. – Tenho pensado nesse seu vidro de dragão.

– Não é *meu* – disse Sam.

– Está bem, no vidro de dragão de Jon Snow. Se punhais de vidro de dragão são aquilo de que necessitamos, por que é que só temos dois? Cada homem na Muralha devia ser armado com um no dia em que profere suas palavras.

– Não sabíamos...

– *Não sabíamos!* Mas um dia devemos ter sabido. A Patrulha da Noite esqueceu a sua verdadeira função, Tarly. Não se constrói uma muralha com duzentos metros de altura para evitar que selvagens vestidos de peles raptem mulheres. A Muralha foi feita para *defender os reinos dos homens*... e não contra outros homens, que é o que os selvagens são, se olharmos bem as coisas. Demasiados anos, Tarly, demasiadas centenas e milhares de anos. Perdemos de vista o verdadeiro inimigo. E agora ele está aqui, mas não sabemos como lutar contra ele. O vidro de dragão é feito por dragões, como o povo gosta de dizer?

– Os m... meistres pensam que não – gaguejou Sam. – Os meistres dizem que vem dos fogos da terra. Chamam de obsidiana.

Mormont fungou.

– Podiam chamar de torta de limão, que eu não me importaria. Se mata como você diz, quero mais.

Sam tropeçou.

– O Jon encontrou mais, no Punho. Centenas de pontas de flecha, e também pontas de lança...

– Você já tinha dito. De pouco nos vale aqui. Para chegarmos de novo ao Punho teríamos de estar armados com as armas que não teremos até chegarmos ao maldito Punho. E ainda temos de lidar com os selvagens. Precisamos encontrar vidro de dragão em outro lugar qualquer.

Sam quase tinha se esquecido dos selvagens, com tudo que acontecera nos últimos tempos.

– Os filhos da floresta usavam lâminas de vidro de dragão – disse. – Deviam saber onde encontrar obsidiana.

– Os filhos da floresta estão todos mortos – disse Mormont. – Os Primeiros Homens mataram metade deles com lâminas de bronze, e os Ândalos concluíram o serviço com ferro. Por que um punhal de vidro deveria ...

O Velho Urso interrompeu-se quando Craster surgiu de entre as abas de pele de veado de sua porta. O selvagem sorria, revelando uma boca cheia de dentes marrons e estragados.

– Tenho um filho.

"*Filho*", crocitou o corvo de Mormont. "*Filho, filho, filho.*"

O rosto do Senhor Comandante ficou rígido.

– Fico contente por você.

– Ah, fica? Quanto a mim, ficarei contente quando você e seus homens forem embora. Já é mais que tempo, tô achando.

– Assim que nossos feridos estejam suficientemente fortes...

– Eles estão tão fortes quanto poderiam ficar, velho corvo, e ambos sabemos disso. Quanto àqueles que tão morrendo, e também sabe quem são, corte suas malditas goelas e acabe com o problema. Ou então deixe-os, se não tiver estômago, e eu tratarei deles.

O Senhor Comandante Mormont irritou-se.

– Thoren Smallwood dizia que era amigo da Patrulha...

– Sim – disse Craster. – Dei-lhes tudo aquilo que podia dispensar, mas o Inverno vem aí, e agora a garota me empatou com mais uma boca chorona para sustentar.

– Podíamos levá-lo – guinchou alguém.

A cabeça de Craster virou-se. Seus olhos estreitaram-se. Cuspiu aos pés de Sam.

– O que foi que disse, Matador?

Sam abriu e fechou a boca.

– Eu... eu... eu só quis dizer... se não o quisesse... a sua boca para sustentar... com o Inverno vindo aí, nós... nós podíamos levá-lo, e...

– O meu filho. O meu sangue. Acha que iria dá-lo a corvos?

– Só pensei... – *Você não tem filhos, você os abandona, foi o que Goiva disse, você os deixa na floresta, é por isso que só tem esposas, e filhas que crescem para se transformarem em esposas*.

– Cale-se, Sam – disse o Senhor Comandante. – Já disse o bastante. Mais do que o suficiente. Vá para dentro.

– S-senhor...

– *Vá para dentro!*

Corado, Sam atravessou as peles de veado, voltando à escuridão do salão. Mormont seguiu-o.

– Que espécie de idiota você é? – disse o velho lá dentro, com a voz estrangulada e zangada. – Mesmo se Craster nos desse a criança, estaria morta antes de chegarmos à Muralha. Precisamos tanto de um recém-nascido para cuidar como de mais neve. Tem leite para lhe dar nessas suas grandes tetas? Ou pensava em levar também a mãe?

– Ela quer vir – disse Sam. – Suplicou-me...

Mormont ergueu uma mão.

– Não ouvirei nem mais uma palavra sobre isso, Tarly. Foi-lhe dito e *redito* para se manter bem longe das esposas de Craster.

– Ela é filha dele – disse Sam numa voz fraca.

– Vá cuidar de Bannen. Já. Antes que me deixe furioso.

– Sim, senhor. – Sam afastou-se correndo, tremendo.

Mas quando chegou à fogueira, foi só a tempo de ver o Gigante puxar um manto de peles por sobre a cabeça de Bannen.

– Ele dizia que tinha frio – disse o pequeno homem. – Espero que tenha ido para algum lugar quente, espero mesmo.

– O ferimento... – disse Sam.

– Que se foda o ferimento. – O Adaga deu uma pancada no cadáver com o pé. – Ele tinha *o pé* ferido. Conheci um homem lá na minha aldeia

que perdeu um pé. Viveu até os quarenta e nove.

– O frio – disse Sam. – Ele não chegou a se aquecer.

– Ele não chegou a *comer* – disse o Adaga. – Não como deve ser. Aquele bastardo do Craster matou-o de fome.

Sam olhou em volta ansiosamente, mas Craster não tinha retornado ao salão. Se tivesse, as coisas poderiam ter ficado feias. O selvagem odiava bastardos, embora os patrulheiros dissessem que ele próprio era ilegítimo, gerado numa mulher selvagem por um corvo morto havia muito tempo.

– Craster tem os seus para alimentar – disse o Gigante. – Todas essas mulheres. Ele deu-nos o que pôde.

– Não acredite nessa lorota. No dia em que formos embora, vai furar uma barrica de hidromel e se sentar pra se banquetear com presunto e mel. E vai *rir* imaginando a gente passando fome na neve. Ele é um maldito selvagem, não passa disso. Nenhum deles é amigo da Patrulha. – Chutou o cadáver de Bannen. – Se não acredita em mim, pergunte a ele.

Queimaram o cadáver do patrulheiro ao pôr do sol, na fogueira que Grenn tinha passado o dia alimentando. Tim Stone e Garth de Vilavelha transportaram o cadáver nu e fizeram-no balançar duas vezes entre eles antes de o lançarem às chamas. Os irmãos sobreviventes dividiram entre si a roupa dele, as armas, a armadura, e tudo mais que possuía. Em Castelo Negro, a Patrulha da Noite enterrava seus mortos com toda a cerimônia que lhes era devida. Mas não estavam em Castelo Negro. *E ossos não voltam como criaturas.*

– O nome dele era Bannen – disse o Senhor Comandante Mormont, quando as chamas o envolveram. – Era um homem corajoso, um bom patrulheiro. Veio até nós de... de onde ele veio?

– Lá de baixo, dos lados de Porto Branco – gritou alguém.

Mormont fez um aceno.

– Veio até nós de Porto Branco e nunca falhou no seu dever. Cumpriu seus votos o melhor que pôde, percorreu longas distâncias, lutou ferozmente. Não voltaremos a ver alguém como ele.

– *E agora terminou a sua vigia* – disseram os irmãos negros, num cântico solene.

– E agora terminou a sua vigia – ecoou Mormont.

"*Terminou*", gritou seu corvo. "*Terminou.*"

Sam tinha os olhos vermelhos e sentia-se enjoado devido à fumaça. Quando olhou para o fogo, teve a impressão de ver Bannen sentado, com as mãos fechando-se em punhos, como que para lutar contra as chamas que o consumiam, mas foi apenas por um instante, antes que as volutas de fumaça escondessem tudo. Mas o pior era o *cheiro*. Se tivesse sido um cheiro ruim e desagradável, podia ter suportado, mas o irmão que ardia cheirava tanto a porco assado que ficou com água na boca, e isso era tão horrível que, assim que o pássaro grasnou "*terminou*", Sam correu para trás do edifício para vomitar na vala.

Estava ali, ajoelhado na lama, quando Edd Doloroso se aproximou.

– Escavando à procura de minhocas, Sam? Ou está só enjoado?

– Enjoado – disse Sam numa voz frágil, limpando a boca com as costas da mão. – O cheiro...

– Não sabia que o Bannen podia cheirar tão bem. – O tom de Edd era tão sombrio como sempre. – Quase desejei cortar uma fatia dele. Se tivesse um pouco de molho de maçã talvez tivesse cortado. O porco sempre fica mais gostoso com molho de maçã, acho eu. – Edd desatou os nós da roupa e tirou o pinto para fora. – É melhor não morrer, Sam, senão tenho medo de sucumbir. Vai haver mais pele pururuca em você do que o Bannen jamais teve, e eu nunca consegui resistir a um pouco de pururuca. – Suspirou quando a urina começou a sair em arco, amarela e fumegante. – Seguimos a cavalo à primeira luz da aurora, você sabia? Faça sol ou faça neve, segundo me disse o Velho Urso.

*Sol ou neve*. Sam lançou um olhar ansioso ao céu.

– Neve? – guinchou. – Nós... a cavalo? Todos?

– Bem, não, alguns terão de caminhar. – Sacudiu. – O Dywen diz que temos de aprender a montar cavalos mortos, como os Outros fazem. Diz que isso pouparia na comida. Quanto será que come um cavalo morto? – Edd amarrou os nós. – Não posso dizer que a ideia me agrade. Depois de descobrirem uma maneira de dominar um cavalo morto, é a nossa vez. E o mais certo é que eu seja o primeiro. "Edd", vão dizer, "morrer já não é desculpa para ficar deitado, portanto levante-se e pegue essa lança, pois está de vigia esta noite". Bem, eu não devia ser tão pessimista. Pode ser que morra antes de eles descobrirem isso.

*Pode ser que todos nós morramos, e mais depressa do que gostaríamos*, pensou Sam, enquanto levantava-se, desajeitadamente.

Quando Craster soube que seus indesejados hóspedes partiriam na manhã seguinte, o selvagem ficou quase amigável, ou tão perto disso quanto podia ficar.

– Já era tempo – disse –, aqui não é o lugar de vocês, já tinha lhes dito. Seja como for, vou me despedir de vocês como deve ser, com um banquete. Bem, com uma refeição. Minhas esposas podem assar esses cavalos que mataram, e eu arranjo cerveja e pão. – Exibiu seu sorriso marrom. – Não há nada melhor do que cerveja e carne de cavalo. Eu digo sempre que quem não pode montá-los deve comê-los.

As esposas e filhas dele trouxeram os bancos e as longas mesas feitas de troncos, e também cozinharam e serviram. Com exceção de Goiva, Sam quase não conseguia distinguir as mulheres umas das outras. Algumas eram velhas e outras novas, e algumas eram só garotas, mas muitas eram não só esposas de Craster mas também filhas dele, e todas tinham mais ou menos o mesmo aspecto. Enquanto tratavam do seu serviço, falavam umas com as outras em voz baixa, mas nunca se dirigiam aos homens de negro.

Craster não possuía mais do que uma cadeira. Sentou-se nela, vestido com um gibão sem mangas de pele de ovelha. Seus braços grossos estavam cobertos de pelos brancos, e em volta de um pulso tinha um aro retorcido de ouro. O Senhor Comandante Mormont ocupou seu lugar ao topo do banco, à sua direita, enquanto os irmãos se aglomeravam, joelho contra joelho; uma dúzia ficou lá fora, para guardar o portão e cuidar das fogueiras.

Sam arranjou lugar entre Grenn e o Órfão Oss, com o estômago a resmungar. A carne de cavalo assada pingava de gordura enquanto as esposas de Craster rodavam os espetos por cima da fogueira, e o cheiro que ela exalava deixou-o de novo com água na boca, mas isso fez com que se lembrasse de Bannen. Por mais fome que tivesse, Sam sabia que vomitaria se desse apenas uma mordida. Como podiam comer os pobres e leais garranos que os tinham trazido até tão longe? Quando as esposas de Craster trouxeram cebolas, pegou avidamente uma. Um dos lados estava negro de podridão, mas cortou essa parte com o punhal e comeu crua a metade boa. Também havia pães, mas apenas dois filões. Quando Ulmer pediu mais, a mulher limitou-se a negar com um movimento de cabeça. Foi então que a confusão começou.

– Dois pães? – queixou-se Karl Pé-Torto de seu lugar no banco. – Suas mulheres são assim tão burras? Precisamos de mais pão do que isso!

O Senhor Comandante Mormont dirigiu-lhe um olhar duro.

– Aceite o que lhe é dado e agradeça. Gostaria mais de estar no meio da tempestade comendo neve?

– Estaremos lá bem depressa. – Karl Pé-Torto não vacilou diante da fúria do Velho Urso. – Preferia comer o que o Craster está escondendo, senhor.

Craster estreitou os olhos.

– Dou aos corvos o suficiente. Tenho as minhas mulheres para sustentar.

Punhal espetou um pedaço de carne de cavalo.

– Pois bem. Então admite que tem uma despensa escondida. De que outra forma aguentaria um Inverno?

– Sou um homem devoto... – começou Craster.

– É um sovina – disse Karl – e um mentiroso.

– Presuntos – disse Garth de Vilavelha, com uma voz cheia de reverência. – Da última vez que viemos aqui havia porcos. Aposto que ele tem presuntos escondidos em algum lugar. Presuntos defumados e salgados, e bacon também.

– Salsichas – disse Adaga. – Daquelas compridas e pretas, são como rocha, conservam-se durante anos. Aposto que ele tem umas cem, penduradas num porão qualquer.

– Aveia – sugeriu Ollo Mão-Cortada. – Grão, cevada.

"*Grão*", disse o corvo de Mormont, batendo as asas. "*Grão, grão, grão, grão, grão*."

– Basta – disse o Senhor Comandante Mormont, por cima dos gritos roucos da ave. – Calem-se todos. Isso é uma loucura.

– Maçãs – disse Garth de Viaverde. – Barris e barris de maçãs frescas de Outono. Há macieiras lá fora, eu vi.

– Frutos silvestres secos. Repolhos. Pinhões.

"*Grão, grão, grão.*"

– Carneiro salgado. Há um curral de ovelhas. Ele tem barricas e barricas de carneiro armazenadas, eu sei que tem.

Àquela altura, Craster já parecia a ponto de pô-los todos no espeto. O Senhor Comandante Mormont levantou-se.

– *Silêncio*. Não quero ouvir mais dessa conversa.

– Então encha as orelhas de pão, velho. – Karl Pé-Torto afastou-se da mesa. – Ou será que já engoliu a porra da sua migalha?

Sam viu o rosto do Velho Urso ficar vermelho.

– Esqueceu-se de quem eu sou? Sente-se, coma e cale-se. Isto é uma *ordem*.

Ninguém falou. Ninguém se moveu. Todos os olhos estavam postos no Senhor Comandante e no grande patrulheiro manco, enquanto os dois se encaravam por cima da mesa. Pareceu a Sam que Karl tinha sido o primeiro a ceder e se preparava para se sentar, embora carrancudo...

... mas Craster levantou-se, e tinha o machado na mão. O grande machado de aço negro que Mormont lhe dera como presente de hospedagem.

– Não – rosnou. – Não vai sentar. Ninguém que me chame de sovina dorme debaixo do meu teto e come à minha mesa. Fora daqui, aleijado. E você também, e você, e você. – espetou a cabeça do machado na direção de Adaga, Garth e Garth. – Vão dormir no frio, de barriga vazia, o bando todo, senão...

– Maldito *bastardo*! – Sam ouviu um dos Garth xingar. Nunca chegou a saber qual deles.

– *Quem me chamou de bastardo?* – rugiu Craster, varrendo pratos, carne e taças de vinho da mesa com a mão esquerda enquanto erguia o machado com a direita.

– Não é mais do que o que todos sabem – respondeu Karl.

Craster deslocou-se mais depressa do que Sam teria acreditado ser possível, saltando sobre a mesa de machado na mão. Uma mulher gritou, Garth Viaverde e o Órfão Oss sacaram facas, Karl deu um salto para trás e tropeçou em Sor Byam, que se encontrava no chão, ferido. Num instante Craster vinha atrás dele, cuspindo palavrões. No seguinte estava cuspindo sangue. Adaga agarrara-o pelos cabelos, puxara sua cabeça para trás e abrira sua goela de orelha a orelha com um longo golpe. Então deu um forte empurrão nele, e o selvagem caiu para a frente, estatelando-se de cabeça sobre Sor Byam. Byam gritou de agonia enquanto Craster se afogava no próprio sangue, deixando o machado escorregar de seus dedos. Duas das mulheres de Craster choravam, uma terceira praguejava, uma quarta voou contra o Doce Donnel e tentou arrancar seus olhos com

as unhas. Este atirou-a ao chão. O Senhor Comandante ficou diante do cadáver de Craster, escuro de raiva.

– Os deuses vão nos amaldiçoar – gritou. – Não há crime mais hediondo do que um hóspede trazer assassinato para o salão de um homem. Por todas as leis do lar, nós...

– Não há leis para lá da Muralha, velho. Lembra? – Adaga agarrou uma das esposas de Craster pelo braço e pôs a ponta do punhal ensanguentado debaixo do queixo dela. – Mostre-nos onde ele guarda a comida, senão acontece com você o mesmo que com ele, mulher.

– Largue-a. – Mormont deu um passo. – Vou decapitá-lo por isso, seu...

Garth de Viaverde bloqueou seu caminho, e Ollo Mão-Cortada empurrou-o para trás. Ambos tinham armas na mão.

– Cuidado com a língua – preveniu Ollo.

Mas, em vez de lhe obedecer, o Senhor Comandante tentou tirar o punhal dele. Ollo só tinha uma mão, mas essa era rápida. Libertou-se das mãos do velho, enfiou a faca na barriga de Mormont e puxou-a de volta, toda vermelha. E então o mundo enlouqueceu.

Mais tarde, muito mais tarde, Sam deu por si sentado de pernas cruzadas no chão, com a cabeça de Mormont no colo. Não se lembrava de como tinha chegado ali, ou de muito mais do que havia acontecido depois de o Velho Urso ser apunhalado. Lembrava-se de que Garth de Viaverde matara Garth de Vilavelha, mas não se lembrava por quê. Rolley de Vilirmãs tinha caído do sótão e quebrado o pescoço depois de subir a escada para provar as mulheres de Craster. Grenn...

Grenn tinha gritado e estapeado Sam, e então fugido com Gigante, Edd Doloroso e alguns dos outros. Craster continuava caído por cima de Sor Byam, mas o cavaleiro ferido já não gemia. Quatro homens de negro estavam sentados no banco comendo pedaços queimados de carne de cavalo enquanto Ollo copulava sobre a mesa com uma mulher em lágrimas.

– Tarly. – Quando tentou falar, o sangue pingou da boca do Velho Urso para cima de sua barba. – Tarly, vá. *Vá*.

– Para onde, senhor? – tinha a voz monocórdica e sem vida. *Não tenho medo*. Era uma sensação estranha. – Não há para onde ir.

– A Muralha. Dirija-se à Muralha. Já.

"*Já*", crocitou o corvo. "*Já, já.*" A ave caminhou ao longo do braço do velho até o seu peito e arrancou-lhe um pelo da barba.

– Tem. Tem de lhes contar.

– Contar o que, senhor? – perguntou Sam polidamente.

– Tudo. O Punho. Os selvagens. Vidro de dragão. Isto. *Tudo*. – Sua respiração era agora muito superficial e sua voz, um sussurro. – Diga ao meu filho. Jorah. Diga-lhe, vista o negro. Meu desejo. Último desejo.

"*Desejo?*" O corvo ergueu a cabeça, com os olhos negros como contas brilhando. "*Grão?*", perguntou a ave.

– Grão, não – disse Mormont fracamente. – Diga a Jorah. Perdoo-o. Meu filho. Por favor. Vá.

– É longe demais – disse Sam. – Nunca chegarei à Muralha, senhor. – Estava tão cansado. Tudo que queria era dormir, dormir e dormir, e nunca acordar, e sabia que se ficasse ali tempo suficiente, Adaga, Ollo Mão-Cortada ou Karl Pé-Torto se zangariam com ele e lhe concederiam o desejo, só para o verem morrer. – Preferia ficar com o senhor. Veja, já não estou assustado. Com o senhor, ou... com nada.

– Devia estar – disse uma voz de mulher.

Três das mulheres de Craster estavam em pé por cima deles. Duas eram velhas macilentas que ele não conhecia, mas Goiva encontrava-se entre elas, toda enrolada em peles e embalando uma trouxa de pelo marrom e branco que devia conter seu bebê.

– Nós não devemos falar com as esposas de Craster – disse-lhes Sam. – Temos ordens.

– Isso agora acabou – disse a velha da direita.

– Os corvos mais pretos estão lá embaixo no porão, empanturrando-se – disse a velha da esquerda –, ou lá em cima no sótão com as mais novas. Mas vão voltar depressa. É melhor que já tenha ido embora quando voltarem. Os cavalos fugiram, mas Dyah apanhou dois.

– Disse que me ajudaria – lembrou-lhe Goiva.

– Eu disse que Jon a ajudaria. Jon é corajoso, e um bom guerreiro, mas acho que deve estar morto. Eu sou um covarde. E gordo. Olhe só como sou gordo. Além disso, Lorde Mormont está ferido. Não vê? Não poderia abandonar o Senhor Comandante.

– Filho – disse a outra velha –, esse velho corvo foi embora na sua frente. Olhe.

A cabeça de Mormont continuava no seu colo, mas os olhos estavam abertos e fixos e os lábios já não se moviam. O corvo inclinou a cabeça e crocitou, e depois olhou para cima, para Sam. "*Grão?*"

– Não há grão. Ele não tem grão. – Sam fechou os olhos do Velho Urso e tentou pensar numa prece, mas tudo que lhe veio à cabeça foi: – Mãe, tenha piedade. Mãe, tenha piedade. Mãe, tenha piedade.

– Sua mãe não pode ajudar em nada – disse a velha da esquerda. – Esse velho morto também não. Pegue sua espada e leve aquele grande manto quente de peles dele e leve o cavalo dele se conseguir encontrá-lo. E vá embora.

– A garota não mente – disse a velha da direita. – Ela é minha filha, e arranquei a mentira dela na marra há um bom tempo. Disse que a ajudaria. Faça o que a Ferny diz, rapaz. Leva a garota e depressa.

"*Depressa*", disse o corvo. "*Depressa depressa depressa*."

– Para onde? – perguntou Sam, confuso. – Para onde devo levá-la?

– Para algum lugar quente – disseram as duas velhas em uníssono.

Goiva estava chorando.

– Eu e o bebê. Por favor. Serei sua mulher como fui de Craster. Por favor, sor corvo. Ele é um menino, exatamente como Nella disse que seria. Se não o levar, *eles* levam.

– Eles? – disse Sam, e o corvo ergueu a cabeça negra e repetiu, num eco: "*Eles. Eles. Eles.*"

– Os irmãos do garoto – disse a velha da esquerda. – Os filhos de Craster. O frio branco está se erguendo lá fora, corvo. Sinto nos meus ossos. Estes pobres ossos velhos não mentem. Eles estarão aqui em breve, os filhos.

# ARYA

Seus olhos tinham se acostumado ao negrume. Quando Harwin puxou o capuz da cabeça dela, o clarão avermelhado dentro do monte oco fez Arya piscar como uma coruja estúpida.

Uma enorme cova para fogueiras tinha sido escavada no centro do chão de terra, e as chamas que ali ardiam subiam rodopiando e crepitando para o teto manchado de fumaça. As paredes eram de pedra e terra em partes iguais, com enormes raízes brancas que se retorciam por elas como se fossem um milhar de lentas serpentes pálidas. Enquanto observava, pessoas emergiram de entre essas raízes; saindo das sombras para lançar um olhar sobre os cativos, aparecendo nas aberturas de túneis negros como breu, saltando de fendas e frestas por todos os lados. Num ponto, do outro lado da fogueira, as raízes formavam uma espécie de escadaria que levava a um vão na terra onde um homem se encontrava sentado, quase perdido no emaranhado do represeiro.

Limo tirou o capuz de Gendry.

– Que lugar é este? – perguntou o Touro.

– É um lugar antigo, profundo e secreto. Um refúgio onde nem lobos nem leões vêm zanzar.

*Nem lobos nem leões*. Arya ficou arrepiada. Lembrou-se do sonho que tivera, e do sabor de sangue de quando tinha arrancado do ombro o braço do homem.

Embora a fogueira fosse grande, a gruta era maior; tornando difícil dizer onde começava e onde terminava. As aberturas de túneis podiam ter meio metro de profundidade ou prolongar-se por três quilômetros. Arya viu homens, mulheres e crianças, todos a observá-la cautelosamente.

Barba-Verde disse:

– Aqui está o feiticeiro, esquilo magricela. Agora vai ter as suas respostas. – Apontou para a fogueira, onde Tom Sete-Cordas conversava com um homem alto e magro com peças desencontradas de velhas

armaduras afiveladas por cima de uma maltrapilha veste cor-de-rosa. *Este não pode ser Thoros de Myr*. Nas lembranças que Arya guardava, o sacerdote vermelho era um homem gordo de rosto liso e uma brilhante cabeça calva. Aquele homem tinha uma cara seca e a cabeça repleta de cabelos grisalhos armados. Algo que Tom disse fez com que ele a olhasse, e Arya pensou que o homem estivesse prestes a ir até ela. Mas então surgiu o Caçador Louco, empurrando seu cativo para a luz, e ela e Gendry foram esquecidos.

O Caçador revelou-se um homem atarracado, vestido de couro remendado castanho-amarelado, com os cabelos a rarear e um queixo recuado, além de briguento. No Septo de Pedra, ela achara que Limo e Barba-Verde ficariam em pedaços quando o enfrentaram ao pé das gaiolas para corvos, para reclamar o seu prisioneiro em nome do senhor do relâmpago. Os cães tinham-nos rodeado, farejando e rosnando. Mas Tom das Sete acalmou-os com sua música, Tanásia atravessou a praça com o avental cheio de ossos e carneiro gordo, e Limo apontou para Anguy, à janela do bordel, em pé com uma flecha preparada. O Caçador Louco amaldiçoou-os todos, chamando-os de lambe-botas, mas acabou concordando em levar o homem que tinha capturado ao Lorde Beric para ser julgado.

Tinham amarrado os pulsos dele com corda de cânhamo, posto um laço em volta do pescoço e enfiado um saco na cabeça, mesmo assim o homem era perigoso. Arya podia senti-lo pairando na gruta. Thoros – se é que aquele *era* Thoros – foi encontrar captor e cativo a meio caminho da fogueira.

– Como foi que o capturou? – perguntou o sacerdote.

– Os cães apanharam o cheiro. Estava se recuperando de uma bebedeira debaixo de um salgueiro, por incrível que pareça.

– Traído por sua própria espécie. – Thoros virou-se para o prisioneiro e arrancou seu capuz. – Bem-vindo ao nosso humilde salão, cão. Não é tão grandioso quanto a sala de trono de Robert, mas a companhia é melhor.

As chamas oscilantes pintaram o rosto queimado de Sandor Clegane com sombras cor de laranja, deixando-o com um aspecto ainda mais terrível do que à luz do dia. Quando puxou a corda que lhe atava os pulsos, lascas de sangue seco caíram no chão. A boca do Cão de Caça torceu-se.

– Conheço você – disse ele a Thoros.

– Conheceu. Em lutas corpo a corpo costumava amaldiçoar a minha espada flamejante, embora por três vezes eu o tenha derrotado com ela.

– Thoros de Myr. Costumava raspar a cabeça.

– Para denotar um coração humilde, embora na realidade meu coração fosse vaidoso. Além disso, perdi a navalha na floresta. – O sacerdote deu um tapinha na barriga. – Sou menos do que era, mas sou mais. Um ano no meio da natureza derrete a carne do corpo de um homem. Bem que gostaria de encontrar um alfaiate que me apertasse a pele. Poderia voltar a parecer jovem, e belas donzelas iriam me banhar com beijos.

– Só as cegas, sacerdote.

Os fora da lei riram, nenhum tão alto quanto Thoros.

– Exatamente. Mas não sou o falso sacerdote que conhecia. O Senhor da Luz despertou no meu coração. Muitos poderes há muito adormecidos estão despertando, e há forças em movimento sobre a terra. Vi-as nas minhas chamas.

Cão de Caça não se mostrou impressionado.

– Que se fodam as suas chamas. E que se foda você também. – Passou o olhar pelos outros. – Anda em estranha companhia para um homem santo.

– Estes são meus irmãos – disse Thoros simplesmente.

Limo Manto Limão abriu caminho entre os outros. Ele e Barba-Verde eram os únicos homens com altura suficiente para olhar Cão de Caça nos olhos.

– Tenha cuidado com a maneira como late, cão. Temos a sua vida nas mãos.

– Então é melhor que você limpe a merda dos dedos. – Cão de Caça soltou uma gargalhada. – Há quanto tempo estão escondidos neste buraco?

Anguy, o Arqueiro, irritou-se com a sugestão de covardia.

– Pergunte ao bode se temos estado escondidos, Cão de Caça. Pergunte ao seu irmão. Pergunte ao senhor das sanguessugas. Tiramos sangue de todos eles.

– Vocês? Não me façam rir. Parecem mais guardadores de porcos do que soldados.

– Alguns de nós éramos guardadores de porcos – disse um homem baixo que Arya não conhecia. – E alguns éramos curtidores, cantores ou pedreiros. Mas isso foi antes de vir a guerra.

– Quando partimos de Porto Real, éramos homens de Winterfell, homens de Darry e homens de Portonegro, homens dos Mallery e homens dos Wylde. Éramos cavaleiros, escudeiros e homens de armas, senhores e plebeus, unidos apenas pelo nosso objetivo. – A voz vinha do homem sentado entre as raízes de represeiro a meia altura da parede. – Seis vintenas de nós partiram para levar a justiça do rei ao seu irmão. – O orador vinha descendo o emaranhado de degraus em direção ao chão. – Seis vintenas de homens bravos e leais, liderados por um tolo com um manto estrelado. – Um homem que mais parecia um espantalho, ele usava um manto negro em farrapos salpicado de estrelas e uma placa de peito de ferro amassada por uma centena de batalhas. Um matagal de pelos ruivo-alourados escondia a maior parte de seu rosto, exceto numa zona calva por cima de sua orelha esquerda, onde um golpe havia aberto uma concavidade na cabeça. – Mais de oitenta membros da nossa companhia estão agora mortos, mas outros pegaram as espadas que caíram de suas mãos. – Quando chegou ao chão, os fora da lei afastaram-se para deixá-lo passar. Arya viu que ele tinha perdido um dos olhos, e a pele em volta da órbita estava pregueada e cheia de cicatrizes, e ostentava um anel negro em volta do pescoço. – Com a ajuda deles, continuamos a lutar o melhor que podemos, por Robert e pelo reino.

– Robert? – arranhou Sandor Clegane, incrédulo.

– Ned Stark enviou-nos – disse Jack Sortudo com seu elmo redondo –, mas ele estava sentado no Trono de Ferro quando nos deu as ordens, portanto nunca fomos realmente homens dele, e sim de Robert.

– Robert agora é o rei dos vermes. É por isso que estão debaixo da terra, para serem a sua corte?

– O rei está morto – admitiu o cavaleiro-espantalho –, mas continuamos a ser homens do rei, embora o estandarte real que trazíamos tenha sido perdido no Vau do Saltimbanco quando os carniceiros de seu irmão caíram sobre nós. – Tocou o peito com um punho. – Robert foi morto, mas sua terra perdura. E nós a defendemos.

– Defendem-*na*? – Cão de Caça resfolegou. – Ela é a sua mãe, Dondarrion? Ou a sua puta?

*Dondarrion*? Beric Dondarrion tinha sido belo; Jeyne, a amiga de Sansa, apaixonara-se por ele. Nem mesmo Jeyne Poole era tão cega para achar aquele homem bonito. Mas quando Arya voltou a olhar para ele, viu os restos de um relâmpago bifurcado de cor púrpura, no esmalte rachado de sua placa de peito.

– Sua terra é feita de pedras, árvores e rios – Cão de Caça estava dizendo. – As pedras precisam de quem as defenda? Robert acharia que não. Qualquer coisa que não pudesse foder, combater ou beber aborrecia-o, assim como vocês, os... *bravos companheiros*.

O ultraje varreu o monte oco.

– Volte a nos chamar por esse nome, cão, e engolirá a língua. – Limo puxou a espada.

Cão de Caça fitou a arma com desprezo.

– Ora, aqui está um homem corajoso, mostrando aço a um prisioneiro amarrado. Por que é que não me desata? Veremos então como anda essa coragem. – Lançou um olhar ao Caçador Louco que se encontrava atrás dele. – E você? Ou será que deixou toda a sua coragem nos canis?

– Não, mas devia tê-lo deixado numa gaiola para corvos. – Caçador puxou uma faca. – E ainda posso fazer isso.

Cão de Caça riu na cara dele.

– Aqui somos irmãos – declarou Thoros de Myr. – Irmãos sagrados juramentados ao reino, ao nosso deus e uns aos outros.

– A irmandade sem estandartes. – Tom Sete-Cordas fez soar uma corda. – Os cavaleiros do monte oco.

– *Cavaleiros?* – Clegane transformou a palavra em chacota. – Dondarrion é um cavaleiro, mas o resto de vocês é o mais lamentável bando de fora da lei e homens quebrados que eu já vi. Cago homens melhores do que vocês.

– Qualquer cavaleiro pode armar cavaleiros – disse o espantalho que era Beric Dondarrion – e todos os homens que vê na sua frente sentiram uma espada no ombro. Somos a companhia esquecida.

– Mande-me embora e também os esqueço – rouquejou Clegane. – Mas se pretende me assassinar, então trate disso de uma vez. Roubou minha espada, meu cavalo e meu ouro, portanto roube minha vida e acabou-se... mas poupe-me desses balidos devotados.

– Morrerá em breve, cão – prometeu Thoros –, mas não será assassinato, e sim justiça.

– Sim – disse o Caçador Louco –, e um destino mais bondoso do que merece por tudo aquilo que a sua laia tem feito. Leões, vocês chamam a si mesmos. Em Sherrer e no Vau do Saltimbanco foram estupradas meninas de seis e sete anos, e bebês de peito foram cortados em dois enquanto as mães eram obrigadas a ver. Nenhum leão jamais matou tão cruelmente.

– Não estive em Sherrer nem no Vau do Saltimbanco – disse-lhe Cão de Caça. – Deposite suas crianças mortas em outra porta qualquer.

Foi Thoros quem respondeu.

– Nega que a Casa Clegane foi construída sobre os ossos de crianças mortas? Vi-os depositando o Príncipe Aegon e a Princesa Rhaenys perante o Trono de Ferro. O certo seria suas armas terem dois bebês ensanguentados em vez daqueles cães feios.

A boca de Cão de Caça retorceu-se.

– Toma-me por meu irmão? Agora é crime nascer Clegane?

– O assassinato é um crime.

– Quem foi que eu assassinei?

– Lorde Lothar Mallery e Sor Gladden Wylde – disse Harwin.

– Meus irmãos Lister e Lennocks – declarou Jack Sortudo.

– O pai de família Beck e Mudge, o filho do moleiro, de Bosque de Donnel – gritou uma velha das sombras.

– A viúva de Merriman, que amava tão bem – acrescentou Barba-Verde.

– Aqueles septões no Charco Lamacento.

– Sor Andrey Charlton. O seu escudeiro, Lucas Roote. Todos os homens, mulheres e crianças em Campopedra e no Moinho do Rato.

– O Senhor e a Senhora Deddings, que eram tão ricos.

Tom Sete-Cordas começou a enumerar.

– Alyn de Winterfell, Joth Arco-Ligeiro, Matt Pequeno e a irmã, Randa, Anvil Ryn. Sor Ormond. Sor Dudley. Pate de Mory, Pate de Bosquelança, Velho Pate e Pate de Bosque de Shermer. Wyl Cego, o entalhador. Patroa Maerie. Maerie, a Prostituta. Becca Padeira. Sor Raymun Darry, Lorde Darry, o jovem Lorde Darry. Bastardo de Bracken. Fletcher Will. Harsley. Patroa Nolla...

– *Basta*. – O rosto de Cão de Caça estava comprimido de fúria. – Está fazendo barulho. Esses nomes não significam nada. Quem eram eles?

– Pessoas – disse Lorde Beric. – Pessoas grandes e pequenas, jovens e velhas. Pessoas boas e pessoas más, que morreram na ponta de lanças Lannister ou viram a barriga aberta por espadas Lannister.

– Não era a *minha* espada na barriga deles. Quem disser isso é um mentiroso.

– Serve aos Lannister de Rochedo Casterly – disse Thoros.

– Servi, antigamente. Eu e mais milhares. Será cada um de nós culpado pelos crimes dos outros? – Clegane escarrou. – Pode ser que *sejam* cavaleiros, afinal. Mentem como cavaleiros, pode ser que assassinem como cavaleiros.

Limo e Jack Sortudo começaram a gritar com ele, mas Dondarrion levantou uma mão para pedir silêncio.

– Conte-nos o que quer dizer com isso, Clegane.

– Um cavaleiro é uma espada com um cavalo. O resto, os votos e os óleos sagrados e os favores das senhoras, são fitas de seda atadas em volta da espada. A espada talvez seja mais bonita com fitas penduradas nela, mas mata igualmente bem sem elas. Bem, que se fodam as suas fitas, e que enfiem as suas espadas no cu. Eu sou igual a vocês. A única diferença é que não minto a respeito do que sou. Portanto matem-me, mas não me chamem de assassino enquanto ficam aí dizendo uns aos outros que a sua merda não fede. *Estão me ouvindo?*

Arya espremeu-se tão depressa para a frente de Barba-Verde que ele nem a viu.

– Você *é* um assassino! – gritou. – Matou o *Mycah*, e não diga que não matou. *Assassinou-o*!

Cão de Caça fitou-a sem sequer um lampejo de reconhecimento.

– E quem era esse Mycah, menino?

– Não sou um menino! Mas o Mycah era. Era filho de um açougueiro e você o *matou*. Jory disse que você quase o cortou ao meio, e ele sequer tinha uma espada. – Agora, conseguia sentir os olhos deles sobre si, as mulheres, as crianças e os homens que se denominavam cavaleiros do monte oco.

– Quem é essa agora? – perguntou alguém.

Cão de Caça respondeu.

– *Sete infernos*. A irmã mais nova. A fedelha que atirou a linda espada de Joffrey ao rio. – Soltou um latido de riso. – Não sabe que está morta?

– Não, *você* é que está morto – disparou ela de volta.

Harwin pegou o braço de Arya e puxou-a para trás enquanto Lorde Beric dizia:

– A garota chamou-o de assassino. Nega ter matado esse filho de açougueiro, Mycah?

O grandalhão encolheu os ombros.

– Eu era defensor juramentado de Joffrey. O filho do açougueiro atacou um príncipe de sangue.

– Isso é uma *mentira*! – Arya sacudiu-se entre as mãos de Harwin. – Fui *eu*. Eu é que bati no Joffrey e joguei o dente de leão no rio. Mycah só fugiu, como eu lhe disse para fazer.

– Viu o rapaz atacar o Príncipe Joffrey? – perguntou Lorde Beric Dondarrion ao Cão de Caça.

– Ouvi a história dos lábios reais. Não me cabe questionar príncipes. – Clegane sacudiu as mãos na direção de Arya. – A própria irmã desta contou a mesma história diante de seu precioso Robert.

– A Sansa é só uma mentirosa – disse Arya, de novo furiosa com a irmã. – Não foi como ela disse. Não *foi*.

Thoros puxou Lorde Beric de lado. Os dois homens conversaram em murmúrios enquanto Arya fervia. *Eles têm de matá-lo. Rezei para ele morrer, centenas e centenas de vezes*.

Beric Dondarrion virou-se de novo para Cão de Caça.

– Foi acusado de assassinato, mas ninguém aqui conhece a verdade ou a falsidade da acusação, portanto não cabe a nós julgá-lo. Agora só o Senhor da Luz pode fazer isso. Condeno-o a ser julgado por batalha.

Cão de Caça franziu a testa, desconfiado, como se não acreditasse em seus próprios ouvidos.

– Você é tolo ou é louco?

– Nem uma coisa nem outra. Sou um senhor justo. Prove a sua inocência com uma arma, e ficará livre para partir.

– Não – gritou Arya, antes de Harwin cobrir sua boca. *Não, eles não podem fazer isso, ele ficará livre*. Cão de Caça era mortífero com uma espada, todos sabiam disso. *Ele vai rir deles*, pensou.

E foi o que ele fez, uma longa gargalhada áspera que ecoou nas paredes da caverna, uma gargalhada sufocada de desprezo.

– Então, quem vai ser? – olhou para o Limo Manto Limão. – O corajoso com o manto cor de mijo? Não? E que tal você, Caçador? Já chutou alguns cães, experimente comigo. – Viu Barba-Verde. – Você é suficientemente grande, Tyrosh, avance. Ou será que espera que seja a garotinha a lutar comigo? – Voltou a rir. – Venha, quem quer morrer?

– Serei eu quem você enfrentará – disse Lorde Beric Dondarrion.

Arya recordou todas as histórias. *Ele não pode ser morto*, pensou, esperando com um último fio de esperança. Caçador Louco cortou as cordas que prendiam as mãos de Sandor Clegane.

– Vou precisar de espada e armadura. – Cão de Caça esfregou um pulso ferido.

– Terá a sua espada – declarou Lorde Beric –, mas a armadura terá de ser a sua inocência.

A boca de Clegane torceu-se.

– Minha inocência contra a sua placa de peito, é assim que funciona?

– Ned, ajude-me a tirar a placa de peito.

Arya ficou arrepiada quando Lorde Beric disse o nome do pai, mas este Ned era só um garoto, um escudeiro de cabelos claros que não teria mais de dez ou doze anos. Aproximou-se rapidamente para abrir as fivelas que prendiam o aço amassado em volta do senhor da Marcha. O almofadado por baixo estava podre de velhice e suor, e caiu quando o metal foi desprendido. Gendry prendeu a respiração.

– Mãe, misericórdia.

As costelas de Lorde Beric delineavam-se vivamente por baixo de sua pele. Uma cratera enrugada marcava seu peito imediatamente acima do mamilo esquerdo, e quando se virou para pedir uma espada e um escudo, Arya viu uma cicatriz condizente em suas costas. *A lança atravessou-o*. Cão de Caça tinha visto também. *Estará assustado?* Arya queria-o assustado antes de morrer, tão assustado como Mycah deve ter se sentido.

Ned trouxe ao Lorde Beric o cinto da espada e um longo sobretudo negro. Destinava-se a ser usado sobre a armadura, e por isso envolvia seu corpo com folga, mas nele crepitava o relâmpago púrpura bifurcado da sua Casa. Desembainhou a espada e devolveu o cinto ao escudeiro.

Thoros trouxe ao Cão de Caça seu cinto da espada.

– Um cão tem honra? – perguntou o sacerdote. – Caso pense em tentar abrir caminho para a liberdade com a espada ou tomar alguma criança como refém... Anguy, Dennet, Kyle, encham-no de penas ao primeiro sinal de traição. – Só depois de os três arqueiros prepararem suas flechas é que Thoros entregou a Clegane o cinto.

Cão de Caça libertou a espada com um movimento brusco e jogou fora a bainha. Caçador Louco entregou-lhe seu escudo de carvalho, cheio de tachões de ferro e pintado de amarelo, exibindo os três cães negros de Clegane. O pequeno Ned ajudou Lorde Beric com seu escudo, tão desgastado e cheio de marcas de golpes que o relâmpago púrpura e as estrelas esparramadas tinham sido quase obliterados.

Mas quando Cão de Caça ameaçou se aproximar do adversário, Thoros de Myr impediu-o.

– Primeiro oramos. – Virou-se para o fogo e ergueu os braços. – Senhor da Luz, olhe para nós.

Por toda a gruta, a irmandade sem estandartes ergueu as vozes em resposta.

– *Senhor da Luz, defenda-nos.*

– Senhor da Luz, proteja-nos na escuridão.

– *Senhor da Luz, brilhe sobre nós.*

– Acenda a sua chama entre nós, R'hllor – disse o sacerdote vermelho. – Mostre-nos a verdade ou a falsidade deste homem. Abata-o se for culpado, e empreste força à sua espada se for inocente. Senhor da Luz, dê-nos sabedoria.

– *Pois a noite é escura* – entoaram os outros, com a voz de Harwin e a de Anguy soando mais altas que a dos demais – *e cheia de terrores*.

– Esta gruta também é escura – disse Cão de Caça –, mas aqui o terror sou eu. Espero que seu deus seja bom, Dondarrion. Vai encontrá-lo em breve.

Sem sorrir, Lorde Beric apoiou o gume da espada na palma da mão esquerda e puxou-a lentamente para baixo. O sangue correu, escuro, do golpe que ele fez, e espalhou-se pelo aço.

E então a espada incendiou-se.

Arya ouviu Gendry sussurrar uma prece.

– Que queime nos sete infernos – praguejou Cão de Caça. – Você e Thoros também. – Lançou um olhar de relance ao sacerdote vermelho. – Quando acabar com ele, você é o próximo, Myr.

– Cada palavra que pronuncia proclama a sua culpa, cão – respondeu Thoros, enquanto Limo, Barba-Verde e Jack Sortudo gritavam ameaças e pragas. O próprio Lorde Beric esperava em silêncio, calmo como águas paradas, com o escudo no braço esquerdo e a espada ardendo na mão direita. *Mate-o*, pensou Arya, *por favor, tem de matá-lo*. Iluminado de baixo, seu rosto era uma máscara de morte, o olho em falta, um ferimento vermelho e revolto. A espada estava em chamas da ponta ao copo, mas Dondarrion parecia não sentir o calor. Estava tão imóvel que podia ter sido esculpido em pedra.

Mas quando Cão de Caça avançou sobre ele, moveu-se bastante depressa.

A espada flamejante saltou para parar a fria, com longas flâmulas de fogo a segui-la como as fitas de que Cão de Caça falara. Aço ressoou em aço. Assim que o seu primeiro golpe foi parado, Clegane lançou um segundo, mas daquela vez o escudo de Lorde Beric colocou-se no caminho da espada, e voaram lascas de madeira com a força da pancada. As estocadas vieram duras e rápidas, de baixo e de cima, da direita e da esquerda, e todas elas foram bloqueadas por Dondarrion. As chamas rodopiavam em volta de sua espada e deixavam para trás fantasmas vermelhos e amarelos marcando sua passagem. Cada movimento de Lorde Beric atiçava-as e fazia-as arder mais fortemente até parecer que o senhor do relâmpago se encontrava no interior de uma jaula de fogo.

– É fogovivo? – perguntou Arya a Gendry.

– Não. Isso é diferente. Isso é...

– ... magia? – concluiu ela no momento em que Cão de Caça recuava.

Agora era Lorde Beric que atacava, enchendo o ar com cordões de fogo, fazendo o homem maior apoiar-se nos calcanhares. Clegane parou um golpe elevado com o escudo, e um cão pintado perdeu uma cabeça. Contra-atacou, e Dondarrion interpôs o seu escudo e atirou um golpe incendiário para trás. A irmandade fora da lei incitava seu chefe aos gritos. "*É seu!*", ouviu Arya, e "*Vai nele! Vai nele! Vai nele!*". Cão de Caça parou um golpe dirigido à sua cabeça, fazendo uma careta quando o

calor das chamas colidiu com seu rosto. Soltou um grunhido e uma praga e cambaleou para trás.

Lorde Beric não lhe deu descanso. Pressionou duramente o homem maior, sem parar um momento de movimentar o braço. As espadas colidiram, saltaram para longe e voltaram a colidir, voaram lascas do escudo do relâmpago enquanto chamas rodopiantes beijavam os cães uma, duas, três vezes. Cão de Caça moveu-se para a direita, mas Dondarrion bloqueou-o com um rápido passo para o lado e empurrou-o para o outro ... na direção do soturno clarão vermelho da fogueira. Clegane cedeu terreno até sentir o calor em suas costas. Um rápido relance de olhos sobre o ombro mostrou-lhe o que havia atrás de si, e quase lhe custou a cabeça quando Lorde Beric atacou novamente.

Arya viu o branco nos olhos de Sandor Clegane quando voltou a arremeter para a frente. Três passos adiante e dois para trás, um movimento para a esquerda que Lorde Beric bloqueou, mais dois passos para a frente e um para trás, *clang* e *clang*, e os grandes escudos de carvalho recebiam um golpe após outro, após outro. Os cabelos escuros e escorridos de Cão de Caça colavam-se à sua testa, num brilho de suor. *Suor de vinho*, pensou Arya, lembrando-se de que ele fora capturado bêbado. Julgou ver o início do medo despertando em seus olhos. *Ele vai perder*, disse a si mesma, exultante, enquanto a espada flamejante de Lorde Beric rodopiava e golpeava. Numa violenta saraivada, o senhor do relâmpago recuperou todo o terreno que Cão de Caça ganhara, voltando a deixar Clegane cambaleando à beira da fogueira. *Ele vai morrer, vai, vai*. Ficou nas pontas dos pés para ver melhor.

– *Maldito bastardo!* – gritou Cão de Caça ao sentir o fogo lamber a parte de trás de suas coxas. Avançou, brandindo a pesada espada cada vez com mais violência, tentando esmagar o homem menor com força bruta, tentando quebrar lâmina, escudo ou braço. Mas as chamas das defesas de Dondarrion tentaram morder seus olhos, e quando Cão de Caça se afastou delas com uma sacudida, perdeu o apoio e caiu sobre um joelho. Lorde Beric aproximou-se de imediato, com um golpe para baixo que gritou pelo ar e foi seguido por flâmulas de fogo. Ofegando de exaustão, Clegane pôs o escudo por cima da cabeça bem a tempo, e a gruta ressoou com o sonoro *crac* do carvalho lascado.

– O escudo dele pegou fogo – disse Gendry numa voz abafada. Arya viu isso no mesmo instante. As chamas espalharam-se pela rachada tinta amarela, e os três cães negros foram engolidos.

Sandor Clegane tinha conseguido ficar em pé novamente com um contra-ataque temerário. Só depois de Lorde Beric ter recuado um passo é que Cão de Caça pareceu notar que o fogo que rugia tão perto de seu rosto era seu próprio escudo queimando. Com um grito de repugnância, golpeou violentamente o carvalho partido, completando sua destruição. O escudo estilhaçou-se, e uma parte voou, rodopiando, ainda em chamas, enquanto a outra se agarrava teimosamente ao antebraço de Clegane. Seus esforços para se libertar só conseguiram atiçar as chamas. A manga pegou fogo, e agora era todo o seu braço esquerdo que queimava.

– *Acabe com ele!* – gritou Barba-Verde ao Lorde Beric, e outras vozes uniram-se num cântico de "*Culpado!*". Arya gritou com os demais. "*Culpado, culpado, mate-o, culpado!*"

Suave como seda de verão, Lorde Beric deslizou para perto, com o propósito de dar cabo do homem à sua frente. Cão de Caça soltou um grito áspero, levantou a espada com ambas as mãos e fez com que caísse com todas as suas forças. Lorde Beric bloqueou facilmente o golpe...

– Nãããããããããão – gritou Arya.

... mas a espada flamejante partiu-se em duas, e o aço frio do Cão de Caça lavrou a carne de Lorde Beric onde o ombro se juntava ao pescoço, e abriu um golpe limpo dali até o esterno. O sangue irrompeu num jorro quente e negro.

Sandor Clegane deu um salto para trás, ainda ardendo. Arrancou os restos do escudo e atirou-os para longe com uma praga, depois rolou na terra para abafar o fogo que corria por seu braço.

Os joelhos de Lorde Beric dobraram-se lentamente, como que para rezar. Quando sua boca se abriu, só sangue saiu dela. A espada de Cão de Caça ainda estava em seu corpo quando tombou para a frente. A terra bebeu seu sangue. Sob o monte oco não se ouviu um som além do suave crepitar das chamas e do ganido que Cão de Caça soltou quando tentou se levantar. Arya só conseguia pensar em Mycah e em todas as estúpidas preces que rezara para que Cão de Caça morresse. *Se existem deuses, por que Lorde Beric não ganhou?* Ela *sabia* que Cão de Caça era culpado.

– Por favor – rouquejou Sandor Clegane, agarrado ao braço. – Estou queimado. Ajudem-me. Alguém. Ajudem-me. – Estava chorando. – *Por favor*.

Arya olhou-o com espanto. *Ele está chorando como um bebezinho*, pensou.

– Melly, cuide dos ferimentos dele – disse Thoros. – Limo, Jack, ajudem-me com Lorde Beric. Ned, é melhor que venha também. – O sacerdote vermelho arrancou a espada de Cão de Caça do corpo caído de seu senhor e espetou-a na terra empapada de sangue. Limo deslizou suas grandes mãos sob os braços de Dondarrion, enquanto Jack Sortudo o pegava pelos pés. Levaram-no ao redor da fogueira, para a escuridão de um dos túneis. Thoros e o pequeno Ned seguiram-nos.

Caçador Louco cuspiu.

– Acho que devíamos levá-lo de volta para o Septo de Pedra e enfiá-lo numa gaiola para corvos.

– Sim – disse Arya. – Ele assassinou Mycah. Assassinou *mesmo*.

– Que esquilo mais zangado – murmurou Barba-Verde.

Harwin suspirou.

– R'hllor considerou-o inocente.

– Quem é o *Rulore*? – Arya nem conseguia pronunciar o nome.

– Senhor da Luz. Thoros ensinou-nos...

Arya não queria saber o que Thoros tinha ensinado a eles. Puxou o punhal de Barba-Verde de sua bainha e girou para longe antes de ele conseguir agarrá-la. Gendry também tentou apanhá-la, mas sempre tinha sido rápida demais para ele.

Tom Sete-Cordas e uma mulher qualquer estavam ajudando Cão de Caça a ficar em pé. O aspecto do braço dele chocou-a de tal modo que a deixou sem fala. Havia uma faixa cor-de-rosa no local onde a correia de couro estava presa, mas, por cima e por baixo, a pele encontrava-se rachada, vermelha e sangrando desde o cotovelo até o pulso. Quando seus olhos se encontraram com os dela, sua boca retorceu-se.

– Quer tanto assim que eu morra? Então vá, menina-lobo. Enfie em mim. É mais limpo do que o fogo. – Clegane tentou ficar em pé, mas quando se moveu, um pedaço de carne queimada desprendeu-se de seu braço e os joelhos perderam a força. Tom segurou-o pelo braço bom e manteve-o em pé.

*O braço dele*, pensou Arya, e *o rosto*. Mas ele era o Cão de Caça. Merecia queimar num inferno ardente. Sentiu a faca pesada na mão. Apertou-a com mais força.

– Você matou Mycah – voltou a dizer, desafiando-o a negar. – Conte a eles. Matou. *Matou*.

– Matei. – Todo o seu rosto se torceu. – Persegui-o a cavalo, cortei-o ao meio e ri. Também os vi espancarem sua irmã até sair sangue, e vi-os cortar a cabeça de seu pai.

Limo agarrou o pulso de Arya e torceu-o, tirando o punhal dela. Ela chutou-o, mas ele não retrucou.

– Vá para o inferno, Cão de Caça – gritou para Sandor Clegane numa fúria impotente de mãos vazias. – *Você vai para o inferno!*

– Ele já foi – disse uma voz, pouco mais forte do que um murmúrio.

Quando Arya se virou, Lorde Beric Dondarrion estava em pé atrás dela, agarrando o ombro de Thoros com a mão ensanguentada.

# CATELYN

*Que os reis do Inverno fiquem com a sua cripta fria debaixo da terra*, pensou Catelyn. Os Tully tiravam a sua força do rio, e era ao rio que retornavam depois de suas vidas terem cumprido seus percursos.

Deitaram Lorde Hoster num esguio barco de madeira, revestido por uma brilhante armadura de prata, com placa e cota de malha. O manto estava aberto por baixo dele, em ondas de azul e vermelho. O sobretudo também era azul e vermelho. Uma truta, com escamas de prata e bronze, coroava o grande elmo que colocaram ao lado de sua cabeça. Sobre o peito, pousaram uma espada de madeira pintada e fecharam seus dedos sobre o cabo. Manoplas de cota de malha escondiam suas mãos enfraquecidas e faziam com que quase parecesse forte de novo. Seu pesado escudo de carvalho e ferro estava apoiado junto ao seu flanco esquerdo, e o berrante à direita. O resto do barco fora enchido de madeira trazida pelo rio, gravetos, pedaços de pergaminho e pedras, para torná-lo pesado na água. Seu estandarte flutuava à proa, a truta saltante de Correrrio.

Foram escolhidos sete homens para empurrar o barco funerário para dentro da água, em honra às sete faces de deus. Robb era um deles, na qualidade de suserano de Lorde Hoster. Acompanhavam-no os lordes Bracken, Blackwood, Vance e Mallister, Sor Marq Piper... e o Coxo Lothar Frey, que chegara das Gêmeas com a resposta que aguardavam. Em sua escolta vieram quarenta soldados, comandados por Walder Rivers, o mais velho dos bastardos de Lorde Walder, um homem severo e grisalho com uma formidável reputação como guerreiro. Sua chegada, apenas horas após o falecimento de Lorde Hoster, tinha deixado Edmure em fúria.

– Walder Frey devia ser esfolado e esquartejado – gritou. – Manda um aleijado e um bastardo para negociar conosco, não me diga que não pretende nos insultar com isso.

– Não tenho qualquer dúvida de que Lorde Walder escolheu seus enviados com cuidado – replicou Catelyn. – Foi um ato impertinente, uma forma mesquinha de vingança, mas lembre-se de quem é o homem com quem estamos lidando. O pai costumava chamá-lo de Atrasado Lorde Frey. O homem tem um gênio ruim, e é acima de tudo *orgulhoso*.

Abençoadamente, o filho mostrara mais bom senso do que o irmão. Robb cumprimentou os Frey com toda a cortesia, encontrou lugar nas casernas para a escolta e pediu calmamente a Sor Desmond Grell que se afastasse para que Lothar pudesse ter a honra de ajudar a enviar Lorde Hoster para sua última viagem. *Meu filho ganhou noções de sabedoria que estão para além de sua idade*. A Casa Frey podia ter abandonado o Rei no Norte, mas o Senhor da Travessia ainda era o mais poderoso dos vassalos de Correrrio, e Lothar encontrava-se ali em seu nome.

Os sete lançaram Lorde Hoster da escada de água, descendo os degraus enquanto a porta levadiça era içada. Lothar Frey, um homem corpulento e pouco musculoso, respirava pesadamente enquanto empurravam o barco para a corrente. Jason Mallister e Tytos Blackwood, à proa, entraram no rio até o peito, para pôr o barco no curso certo.

Catelyn observou das ameias, esperando e vigiando, como esperara e vigiara tantas vezes antes. Embaixo, o rápido e turbulento Pedregoso mergulhava como uma lança no flanco do largo Ramo Vermelho, agitando as lamacentas águas turvas do rio maior com sua corrente azul-esbranquiçada. Uma névoa matinal pairava sobre a água, fina como gaze e como os filamentos da memória.

*Bran e Rickon estarão à espera dele*, pensou tristemente Catelyn, *tal como eu costumava esperar antigamente.*

A esguia embarcação saiu, à deriva, sob a arcada de pedra vermelha do Portão da Água, ganhando velocidade ao ser apanhada pela impetuosa corrente do Pedregoso e empurrada na direção da zona turbulenta onde as águas se encontravam. No momento em que o barco emergiu de sob o abrigo das grandes muralhas do castelo, sua vela quadrada encheu-se de vento, e Catelyn viu a luz do sol relampejar no elmo do pai. O leme de Lorde Holter Tully manteve-se firme, e ele velejou serenamente pelo centro do canal, na direção do sol nascente.

– Agora – disse o tio. Ao lado dele, o irmão Edmure (agora *Lorde* Edmure de fato, e quanto tempo levaria para se habituar a isso?)

encaixou uma flecha na corda do arco. O escudeiro aproximou um tição da ponta. Edmure esperou até a chama pegar, e então ergueu o grande arco, puxou a corda até a orelha e soltou. Com um profundo *trum*, a flecha ergueu-se no ar. Catelyn seguiu seu voo com os olhos e o coração, até que mergulhasse na água com um silvo suave, bem à popa do barco de Lorde Hoster.

Edmure soltou uma praga em voz baixa.

– O vento – disse, pegando uma segunda flecha. – Outra vez. – O tição beijou o trapo ensopado em óleo atrás da ponta da flecha, as chamas subiram, Edmure ergueu o arco, puxou e soltou. A flecha voou alto e longe. Longe demais. Desapareceu no rio uma dúzia de metros para lá do barco, e o fogo tremeluziu e apagou-se num instante. Um rubor estava subindo pelo pescoço de Edmure, tão vermelho quanto sua barba. – De novo – ordenou, tirando uma terceira flecha da aljava. *Está tão tenso quanto a corda de seu arco*, pensou Catelyn.

Sor Brynden deve ter visto o mesmo.

– Permita-me, senhor – ofereceu.

– Eu consigo – insistiu Edmure. Deixou-os acender a flecha, levantou bruscamente o arco, respirou fundo, puxou a corda. Por um longo momento pareceu hesitar enquanto o fogo subia lentamente a haste, crepitando. Por fim soltou. A flecha subiu como um relâmpago, e por fim voltou a curvar para baixo, caindo, caindo... e passando com um silvo pela vela enfunada.

Um erro por pouco, não mais do que uma mão, mas mesmo assim um erro.

– Que os Outros levem isto! – praguejou o irmão de Catelyn. O barco estava quase fora de alcance, deslizando rio abaixo, penetrando e saindo das névoas fluviais. Sem uma palavra, Edmure entregou o arco ao tio.

– Depressa – disse Sor Brynden. Encaixou uma flecha, manteve-a firme para receber o tição, puxou e soltou antes de Catelyn ter certeza de que o fogo tinha pegado, ... mas quando a flecha subiu, viu as chamas a segui-la pelo ar, uma flâmula laranja-clara. O barco tinha desaparecido na névoa. Caindo, a flecha em chamas foi também engolida... mas só por um segundo. Então viram o vermelho desabrochar em flor, súbito como a esperança. A vela incendiou-se, e o nevoeiro incandesceu, cor-de-rosa e

laranja. Por um momento, Catelyn viu claramente a silhueta do barco, decorada pela grinalda de chamas saltitantes.

*Espere-me, gatinha*, ouviu-o murmurar.

Catelyn estendeu cegamente a mão, tateando em busca da do irmão, mas Edmure afastara-se, para ficar só, no ponto mais elevado das ameias. Foi o tio Brynden quem pegou na sua mão em vez do irmão, entrelaçando seus fortes dedos aos dela. Juntos, observaram o pequeno incêndio diminuir à medida que o barco em chamas se afastava na distância.

E então desapareceu... ainda à deriva pelo rio abaixo, talvez, ou quebrado e se afundando. O peso da armadura levaria Lorde Hoster para o fundo, para descansar na lama mole do leito do rio, nos salões aquáticos onde os Tully concediam eternas audiências, com cardumes de peixes como seus últimos servidores.

Assim que o barco em chamas desapareceu da vista de quem estava no castelo, Edmure foi embora. Catelyn teria gostado de abraçá-lo, ainda que só por um momento; teria gostado de se sentar por uma hora, por uma noite ou por uma volta de lua, para falar do morto e fazer luto. Mas sabia tão bem quanto ele que aquela não era a hora certa; ele era agora senhor de Correrrio, e seus cavaleiros estavam à sua volta, murmurando condolências e promessas de lealdade, separando-o de algo tão pequeno como a dor de uma irmã. Edmure escutava, sem ouvir nenhuma das palavras.

– Não é desonra falhar o tiro – disse-lhe o tio em voz baixa. – Alguém devia dizer isso a Edmure. No dia em que o senhor meu pai desceu o rio, Hoster também falhou.

– Com a primeira flecha. – Catelyn era nova demais para se lembrar, mas Lorde Hoster contara a história com frequência. – A segunda atingiu a vela. – Suspirou.

Edmure não era tão forte quanto parecia. A morte do pai havia sido uma misericórdia quando enfim chegou, mesmo assim atingiu duramente o irmão.

Na noite anterior, embriagado, desabou e chorou, cheio de remorsos por coisas que não tinha feito e palavras que não tinha dito. Disse-lhe entre lágrimas que nunca devia ter saído para travar a sua batalha nos vaus; que devia ter ficado junto à cabeceira do pai.

– Devia ter estado com ele, como você esteve – tinha dito. – Ele falou de mim no fim? Diga-me a verdade, Cat. Ele perguntou por mim?

A última palavra de Lorde Hoster havia sido "*Tanásia*", mas Catelyn não conseguia se levar a dizer isso.

– Ele murmurou o seu nome – mentiu, e o irmão assentiu, grato, e beijou sua mão. *Se ele não tivesse tentado afogar o pesar e a culpa, poderia ter sido capaz de dominar um arco*, pensou consigo mesma, suspirando, mas isso era algo que não se atrevia a dizer.

Peixe Negro levou-a das ameias até onde Robb se encontrava entre os vassalos, com sua jovem rainha ao lado. Quando a viu, o filho tomou-a nos braços, em silêncio.

– Lorde Hoster parecia nobre como um rei, senhora – murmurou Jeyne. – Gostaria de ter tido a oportunidade de conhecê-lo.

– E eu de conhecê-lo melhor – acrescentou Robb.

– Ele também teria gostado disso – disse Catelyn. – Havia léguas demais entre Correrrio e Winterfell. – *E montanhas, rios e exércitos demais entre Correrrio e o Ninho da Águia, ao que parece*. Lysa não tinha respondido à sua carta.

E de Porto Real chegara também só silêncio. Esperava que àquela altura Brienne e Sor Cleos já tivessem chegado à cidade com o seu cativo. Até podia acontecer de Brienne retornar, trazendo consigo as meninas. *Sor Cleos jurou que obrigaria o Duende a enviar o corvo assim que a troca fosse feita. Ele jurou!* Mas os corvos nem sempre chegavam ao destino. Algum arqueiro podia ter abatido e assado a ave para o jantar. A carta que poderia deixar seu coração em paz talvez agora estivesse junto às cinzas de uma fogueira, ao lado de uma pilha de ossos de corvo.

Outros esperavam para entregar a Robb as suas condolências, e Catelyn afastou-se pacientemente enquanto Lorde Jason Mallister, Grande-Jon e Sor Rolph Spicer falavam com ele, um de cada vez. Mas quando Lothar Frey se aproximou, ela puxou-o pela manga. Robb virou-se e esperou para ouvir o que Lothar ia dizer.

– Vossa Graça – rechonchudo e com cerca de trinta e cinco anos, Lothar Frey tinha olhos juntos, uma barba pontiaguda e cabelos escuros que caíam em caracóis sobre os ombros. Uma perna, torcida no parto, dera-lhe o nome de Coxo Lothar. Havia servido como intendente do pai

durante a última dúzia de anos. – É com relutância que nos intrometemos em seu luto, mas talvez possa nos conceder uma audiência esta noite?

– Com todo o prazer – disse Robb. – Nunca foi minha intenção semear a inimizade entre nós.

– Nem minha ser a causa disso – disse a Rainha Jeyne.

Lothar Frey sorriu.

– Compreendo, e o senhor meu pai também. Ele instruiu-me para dizer que já foi jovem um dia, e se lembra bem do que é se deixar levar pelo coração.

Catelyn duvidava muito de que Lorde Walder tivesse dito tal coisa, ou que alguma vez tivesse se deixado levar pelo coração. O senhor da Travessia sobrevivera a sete esposas e estava agora casado com a oitava, mas falava delas apenas como aquecedoras de cama e éguas de reprodução. Apesar disso, as palavras eram bonitas, e dificilmente poderia levantar objeções ao elogio. Robb tampouco o fez.

– Seu pai é muito atencioso – disse. – Esperarei ansiosamente a nossa conversa.

Lothar fez uma reverência, beijou a mão da rainha e retirou-se. A essa altura, uma dúzia de outros homens já tinha se reunido para dar uma palavra ao rei. Robb falou com todos, deixando um agradecimento aqui, um sorriso ali, conforme era necessário. Só se virou para Catelyn depois que o último foi embora.

– Há algo que temos de discutir. Pode vir comigo?

– Às suas ordens, Vossa Graça.

– Não foi uma ordem, mãe.

– Então será um prazer.

– O filho tratara-a com bastante gentileza desde que retornara a Correrrio, mas raramente a procurava. Se ele se sentia mais confortável com sua jovem rainha, Catelyn não podia censurá-lo. *Jeyne faz Robb sorrir, e eu nada tenho a partilhar com ele exceto o pesar*. Robb também parecia apreciar a companhia dos irmãos de sua esposa; o jovem Rollam, seu escudeiro, e Sor Raynald, seu porta-estandartes. *Está substituindo aqueles que perdeu*, percebeu Catelyn quando os viu juntos. *Rollam ocupou o lugar de Bran, e Raynald é em parte Theon e em parte Jon Snow*. Só quando estava com os Westerling é que via Robb sorrir, ou o ouvia rir como o rapaz que era. Para os outros era sempre o Rei no Norte,

com a cabeça sobrecarregada com o peso da coroa, mesmo quando sua testa estava nua.

Robb deu um beijo carinhoso na mulher, prometeu encontrá-la em seus aposentos e saiu com a senhora sua mãe. Seus passos levaram-nos para o bosque sagrado.

– Lothar pareceu amigável, e isso é sinal esperançoso. Precisamos dos Frey.

– Isso não significa que viremos a tê-los.

Ele assentiu com a cabeça. Havia um ar sombrio em seu rosto e uma inclinação em seus ombros que fez com que o coração de Catelyn se dirigisse a ele. *A coroa o está esmagando*, pensou. *Ele deseja tanto ser um bom rei, ser bravo, honroso e inteligente, mas o peso é excessivo para ser suportado por um rapaz*. Robb estava fazendo tudo que podia, mas os golpes continuavam caindo, um após outro, sem darem descanso. Quando lhe trouxeram a notícia da batalha em Valdocaso, onde Lorde Randyll Tarly desbaratara as forças de Robett Glover e de Sor Helman Tallhart, seria de se esperar vê-lo enfurecido, mas ele limitou-se a olhar, numa incredulidade estupidificada, e dizer:

– Valdocaso, no mar estreito? Por que eles iriam para Valdocaso? – sacudiu a cabeça, desconcertado. – Um terço de minha infantaria perdido por *Valdocaso*?

– Os homens de ferro têm o meu castelo e agora os Lannister têm o meu irmão – disse Galbart Glover, numa voz carregada de desespero. Robett Glover sobreviveu à batalha, mas fora capturado perto da estrada do rei não muito mais tarde.

– Não será por muito tempo – prometeu o filho de Catelyn. – Vou oferecer Martyn Lannister em troca dele. Lorde Tywin terá de aceitar, por causa do irmão. – Martyn era filho de Sor Kevan, irmão gêmeo de Willem, que Lorde Karstark assassinara. Catelyn sabia que aqueles homicídios ainda perturbavam o filho. Ele tinha triplicado a guarda em volta de Martyn, mas ainda temia por sua segurança.

– Devia ter trocado o Regicida por Sansa quando me pediu – disse Robb no momento em que entraram na galeria. – Se tivesse proposto casá-la com o Cavaleiro das Flores, os Tyrell poderiam ser nossos e não de Joffrey. Devia ter pensado nisso.

– Sua cabeça estava nas suas batalhas, e com razão. Nem mesmo um rei pode pensar em tudo.

– Batalhas – resmungou Robb enquanto seguiam sob as árvores. – Ganhei todas as batalhas mas, sem saber como, estou perdendo a guerra. – Olhou para cima, como se a resposta pudesse estar escrita no céu. – Os homens de ferro controlam Winterfell e também Fosso Cailin. O pai está morto, Bran e Rickon também, e talvez até Arya. E agora também o seu pai.

Não podia permitir que ele se desesperasse. Conhecia bem demais o sabor dessa bebida.

– Meu pai esteve moribundo durante muito tempo. Você não podia ter mudado isso. Cometeu erros, Robb, mas que rei não os comete? Ned estaria orgulhoso de você.

– Mãe, há uma coisa que precisa saber.

O coração de Catelyn parou por um instante. *Isso é algo que ele detesta. Algo que tem medo de me contar*. Tudo em que conseguiu pensar foi em Brienne e na sua missão.

– É o Regicida?

– Não. É Sansa.

*Está morta*, pensou imediatamente Catelyn. *Brienne falhou, Jaime está morto, e Cersei matou a minha querida menina por vingança*. Por um momento quase não conseguiu falar.

– Ela… ela partiu, Robb?

– Partiu? – ele pareceu sobressaltado. – Morta? Ah, mãe, não, isso não, não lhe fizeram mal, dessa forma não, só... chegou uma ave ontem à noite, mas não consegui arranjar coragem de lhe contar até que seu pai fosse enviado para o descanso dele. – Robb pegou na mão dela. – Casaram-na com Tyrion Lannister.

Os dedos de Catelyn agarraram-se aos dele.

– O Duende.

– Sim.

– Ele jurou trocá-la pelo irmão – disse, entorpecida. – Sansa e Arya. Teríamos as duas de volta se devolvêssemos o seu precioso Jaime, ele jurou perante toda a corte. Como pôde se casar com ela depois de dizer aquilo à vista dos deuses e dos homens?

– É irmão do Regicida. A quebra de promessas corre no sangue deles. – Os dedos de Robb rasparam o botão de sua espada. – Se pudesse, cortaria aquela cabeça feia dele. Sansa seria então viúva, e livre. Não há outra maneira, que eu veja. Obrigaram-na a pronunciar os votos perante um septão e a vestir um manto carmesim.

Catelyn recordou o homenzinho retorcido que tinha capturado na estalagem do entroncamento e levado até o Ninho da Águia.

– Devia ter deixado que Lysa o atirasse por sua Porta da Lua. Minha pobre, querida, Sansa... por que alguém faria isso com ela?

– Por Winterfell – disse Robb de imediato. – Com Bran e Rickon mortos, Sansa é minha herdeira. Se algo acontecer comigo...

Catelyn agarrou com força a mão dele.

– Nada acontecerá a você. Nada. Eu não suportaria. Eles roubaram-me Ned e os seus irmãos. Sansa está casada, Arya, perdida, meu pai, morto... se algo de mal acontecer com você, eu enlouqueço, Robb. É tudo que me resta. É tudo que resta ao *norte*.

– Ainda não estou morto, mãe.

De repente, Catelyn sentiu-se repleta de terror.

– As guerras não têm de ser travadas até a última gota de sangue. – Até ela conseguia ouvir o desespero em sua voz. – Não seria o primeiro rei a dobrar o joelho, nem sequer o primeiro Stark.

A boca dele apertou-se.

– Não. Nunca.

– Não há vergonha nisso. Balon Greyjoy dobrou o joelho a Robert quando sua rebelião falhou. Torrhen Stark preferiu dobrar o joelho diante de Aegon, o Conquistador, a obrigar seu exército a enfrentar os incêndios.

– Aegon matou o pai do Rei Torrhen? – ele puxou suas mãos de entre as dela. – Nunca, já disse.

*Agora está brincando de rapaz, não de rei.*

– Os Lannister não precisam do Norte. Irão exigir homenagens e reféns, nada mais... e o Duende ficará com Sansa, façamos o que fizermos, portanto, já têm o seu refém. Os homens de ferro serão um inimigo mais implacável, garanto. Para ter alguma esperança de manter o Norte, os Greyjoy não podem deixar vivo nem um rebento da Casa Stark, para não terem quem dispute o direito ao trono com eles. Theon

assassinou Bran e Rickon, agora basta-lhes matar você... sim, *e* Jeyne. Acha que Lorde Balon pode se dar ao luxo de deixá-la viver para lhe dar herdeiros?

O rosto de Robb estava frio.

– Foi por isso que libertou o Regicida? Para fazer a paz com os Lannister?

– Libertei Jaime por Sansa... e por Arya, se ainda estiver viva. Sabe disso. Mas se nutria alguma esperança de comprar também a paz, seria isso assim tão ruim?

– Sim – disse ele. – Os Lannister mataram meu pai.

– Acha que me esqueci disso?

– Não sei. Esqueceu?

Catelyn nunca batera nos filhos quando em fúria, mas naquele momento quase bateu em Robb. Precisou de um grande esforço para lembrar-se de como ele devia sentir-se assustado e só.

– Você é Rei no Norte, a escolha é sua. Só peço que pense no que eu disse. Os cantores põem nas alturas os reis que morrem valentemente em batalha, mas a sua vida vale mais do que uma canção. Pelo menos para mim, que fui quem a deu. – Baixou a cabeça. – Tenho licença para ir embora?

– Sim. – Ele virou as costas a ela e puxou a espada. Catelyn não saberia dizer o que o filho pretendia fazer com ela. Ali não havia inimigos, não havia ninguém com quem lutar. Só estavam lá os dois, por entre árvores altas e folhas caídas. *Há batalhas que nenhuma espada pode ganhar*, quis lhe dizer, mas temia que o rei estivesse surdo para palavras assim.

Horas mais tarde, estava costurando em seu quarto quando o jovem Rollam Westerling veio correndo chamá-la para o jantar. *Ótimo*, pensou Catelyn, aliviada. Não tinha certeza de que o filho a quereria lá, depois da discussão que tinham tido.

– Um escudeiro cumpridor – disse a Rollam com um ar grave. *Bran teria sido igual*.

Se Robb parecia frio à mesa e Edmure mal-humorado, o Coxo Lothar compensava a ambos. Era um modelo de cortesia, recordando calorosamente Lorde Hoster, dando a Catelyn amáveis condolências pela perda de Bran e Rickon, elogiando Edmure pela vitória no Moinho de Pedra, e agradecendo a Robb pela “justiça rápida e segura” que fizera

com Rickard Karstark. O irmão bastardo de Lothar, Walder Rivers, era bem diferente; um homem amargo e ríspido, com o rosto suspeito do velho Lorde Walder, falava raramente e dedicava a maior parte de sua atenção aos alimentos e às bebidas que eram colocados na sua frente.

Depois de proferidas todas as palavras vazias, a rainha e os demais Westerling pediram licença, os restos da refeição foram levados, e Lothar Frey pigarreou.

– Antes de passarmos ao assunto que nos trouxe aqui, há outra questão – disse com solenidade. – Uma questão grave, temo. Esperei que não coubesse a mim trazer essas notícias a vocês, mas aparentemente tem de ser assim. O senhor meu pai recebeu uma carta dos netos.

Catelyn tinha estado tão perdida em desgosto pelos seus que quase havia se esquecido dos dois Frey que aceitara criar. *Mais, não*, pensou. *Pela misericórdia da Mãe, quantos golpes mais poderemos suportar?* De algum modo sabia que as palavras que ouviria em seguida iriam mergulhar mais uma lâmina no seu coração.

– Os netos em Winterfell? – obrigou-se a perguntar. – Os meus protegidos?

– Walder e Walder, sim. Mas, no momento, eles encontram-se no Forte do Pavor, senhora. Dói-me contar-lhe isso, mas houve uma batalha. Winterfell foi incendiado.

– Incendiado? – a voz de Robb estava incrédula.

– Seus senhores do norte tentaram tomar o castelo de volta dos homens de ferro. Quando Theon Greyjoy viu que a conquista estava perdida, passou o archote no castelo.

– Não ouvimos dizer nada de batalha alguma – falou Sor Brynden.

– Os meus sobrinhos são novos, admito, mas estavam lá. O Grande Walder escreveu a carta, embora o primo também tenha assinado. Pelo relato deles a coisa foi sangrenta. Seu castelão foi morto. Sor Rodrik, era esse o nome dele?

– Sor Rodrik Cassel – disse Catelyn, atordoada. *Aquela leal, corajosa e querida velha alma*. Quase conseguia vê-lo puxando as ferozes suíças brancas. – E o resto do nosso povo?

– Temo que os homens de ferro tenham matado muitos deles na espada.

Sem palavras devido à fúria, Robb atirou um punho contra a mesa e virou o rosto para que os Frey não vissem suas lágrimas.

Mas a mãe viu. *O mundo fica um pouco mais escuro a cada dia*. Os pensamentos de Catelyn estenderam-se para a filha pequena de Sor Rodrik, Beth, para o incansável Meistre Luwin e o alegre Septão Chayle, Mikken em sua forja, Farlen e Palla nos canis, a Velha Ama e o simples Hodor. Sentiu o coração doente.

– Por favor, que não sejam *todos*.

– Não – disse o Coxo Lothar. – As mulheres e crianças esconderam-se, com os meus sobrinhos Walder e Walder entre elas. Com Winterfell em ruínas, os sobreviventes foram levados para o Forte do Pavor por um filho de Lorde Bolton.

– Um *filho* de Bolton? – a voz de Robb estava tensa.

Walder Rivers interveio.

– Um filho bastardo, creio.

– Não seria Ramsay Snow? Lorde Roose tem mais algum bastardo? – Robb franziu a testa. – Esse Ramsay era um monstro e um assassino, e morreu como um covarde. Ou pelo menos foi o que me disseram.

– Nada posso dizer quanto a isso. Em todas as guerras existe muita confusão. Muitas notícias falsas. Tudo que posso lhe dizer é que meus sobrinhos afirmam que foi o filho bastardo de Bolton quem salvou as mulheres de Winterfell e os pequenos. Agora todos os que restam estão em segurança no Forte do Pavor.

– Theon – disse subitamente Robb. – O que aconteceu com Theon Greyjoy? Foi morto?

O Coxo Lothar abriu as mãos.

– Isso não sei dizer, Vossa Graça. Walder e Walder não fazem menção ao destino dele. Lorde Bolton talvez saiba, caso tenha recebido notícias desse filho dele.

Sor Brynden disse:

– Certamente lhe perguntaremos.

– Vejo que estão todos perturbados. Lamento ter lhes trazido esse novo desgosto. Talvez devêssemos adiar nossa reunião até amanhã. Nosso assunto pode esperar até terem se recomposto...

– Não – disse Robb –, quero a questão resolvida.

Edmure assentiu.

– Eu também. Tem uma resposta para a nossa proposta, senhor?

– Tenho. – Lothar sorriu. – O senhor meu pai pede-me que diga a Vossa Graça que concordará com essa nova aliança de matrimônio entre as nossas casas e em renovar a sua lealdade ao Rei no Norte sob a condição de que a Graça Real peça perdão pelo insulto feito à Casa Frey, na sua real pessoa, cara a cara.

Um pedido de desculpas era um preço bastante pequeno a pagar, mas Catelyn sentiu imediato desagrado por aquela mesquinha condição imposta por Lorde Walder.

– Estou satisfeito – disse cautelosamente Robb. – Nunca foi meu desejo causar essa fratura entre nós, Lothar. Os Frey lutaram valentemente pela minha causa. Gostaria de tê-los de novo ao meu lado.

– É muita gentileza, Vossa Graça. Uma vez esses termos aceitos, fui instruído para oferecer ao Lorde Tully a mão de minha irmã, a Senhora Roslin, uma donzela de dezesseis anos. Roslin é a filha mais nova de meu pai e da Senhora Bethany da Casa Rosby, sua sexta esposa. Tem um temperamento afável e um dom para a música.

Edmure mexeu-se na cadeira.

– Não seria melhor se eu primeiro a conhecesse?

– Vai conhecê-la quando se casarem – disse bruscamente Walder Rivers. – A menos que Lorde Tully sinta necessidade de contar seus dentes primeiro.

Edmure conteve o gênio.

– Confiarei em sua palavra no que diz respeito aos seus dentes, mas seria agradável se pudesse contemplar o seu rosto antes de desposá-la.

– Tem de aceitá-la agora, senhor – disse Walder Rivers. – Caso contrário a oferta de meu pai será retirada.

O Coxo Lotar abriu as mãos.

– Meu irmão tem a falta de modos de um soldado, mas o que diz é verdade. É desejo do senhor meu pai que este casamento ocorra imediatamente.

– *Imediatamente?* – Edmure soou tão infeliz que Catelyn teve o indigno pensamento de que ele talvez alimentasse ideias de quebrar a promessa após o fim da guerra.

– Será que Lorde Walder esqueceu-se de que estamos travando uma guerra? – perguntou Brynden Peixe Negro num tom duro.

– Nem um pouco – disse Lothar. – É por isso que insiste que o casamento aconteça agora, sor. Os homens morrem na guerra, até aqueles que são jovens e fortes. O que aconteceria à nossa aliança se Lorde Edmure caísse antes de tomar Roslin como esposa? E também deve-se levar em conta a idade de meu pai. Já tem mais de noventa anos e não é provável que veja o fim dessas lutas. Seu nobre coração ficaria em paz se pudesse ver sua querida Roslin casada e em segurança antes de os deuses o levarem, para poder morrer sabendo que a garota teria um esposo forte para lhe dar carinho e protegê-la.

*Todos nós queremos que Lorde Walder morra feliz*. Catelyn estava ficando cada vez menos confortável com aquele acordo.

– Meu irmão acabou de perder o pai. Precisa de tempo para o luto.

– Roslin é uma garota alegre – disse Lothar. – Pode ser exatamente aquilo de que Lorde Edmure precisa para o ajudar a superar o desgosto.

– E meu pai ganhou aversão a noivados longos – acrescentou o bastardo Walder Rivers. – Não consigo imaginar o motivo.

Robb lançou-lhe um frio olhar.

– Compreendo o que quer dizer, Rivers. Por favor, deixem-nos a sós.

– Às ordens de Sua Graça. – O Coxo Lothar ergueu-se, e o irmão bastardo ajudou-o a manquejar para fora da sala.

Edmure estava fervendo de raiva.

– É quase como se estivessem dizendo que a minha palavra de nada vale. Por que devo deixar que aquela velha doninha escolha a minha noiva? Lorde Walder tem outras filhas além dessa Roslin. E netas também. Deviam ser oferecidas a mim as mesmas opções que a você. Sou o suserano dele, ele devia transbordar de alegria por eu estar disposto a me casar com *qualquer uma* delas.

– Ele é um homem orgulhoso e nós o ferimos – disse Catelyn.

– Que os Outros levem o seu orgulho! Não serei envergonhado em meu próprio salão. A minha resposta é não.

Robb lançou-lhe um olhar cansado.

– Não ordenarei que faça isso. Isso não. Mas, se recusar, Lorde Frey vai encarar como outra desfeita, e qualquer esperança de colocar a situação nos eixos será perdida.

– Não pode saber se será assim – insistiu Edmure. – O Frey me quer para uma de suas filhas desde o dia em que nasci. Não deixará que uma

chance dessas escape daqueles seus dedos ambiciosos. Quando Lothar lhe levar a nossa resposta, ele retornará todo adulador e aceitará um noivado... com uma filha que *eu* escolher.

– Talvez, a seu tempo – disse Brynden Peixe Negro. – Mas será que podemos esperar enquanto Lothar anda para trás e para a frente com propostas e contrapropostas?

As mãos de Robb fecharam-se em punhos.

– Eu *tenho* de voltar para o Norte. Meus irmãos mortos, Winterfell incendiado, meu povo submetido à espada... só os deuses sabem o que esse bastardo de Bolton anda fazendo, ou se Theon ainda está vivo e à solta. Não posso ficar aqui sentado, à espera de um casamento que pode ou não acontecer.

– *Tem* de acontecer – disse Catelyn, embora sem alegria. – Não desejo mais do que você aguentar os insultos e as queixas de Walder Frey, irmão, mas não vejo aqui muitas opções. Sem esse casamento, a causa de Robb está perdida. Edmure, temos de aceitar.

– *Temos* de aceitar? – ecoou ele num tom impertinente. – Não a vejo se oferecendo para se tornar a nona Senhora Frey, Cat.

– A oitava Senhora Frey ainda está viva e bem de saúde, que eu saiba – respondeu ela. *Felizmente*. Caso contrário, poderia bem ter chegado a esse ponto, pelo que conhecia de Lorde Walder.

Peixe Negro disse:

– Eu sou o último homem nos Sete Reinos a poder dizer a alguém com quem se casar, sobrinho. No entanto, você *disse* algo a respeito de uma reparação por sua Batalha dos Vaus.

– Tinha em mente um tipo diferente de reparação. Combate singular com o Regicida. Sete anos de penitência como irmão suplicante. Atravessar o mar do poente a nado com as pernas amarradas. – Quando viu que ninguém sorria, Edmure atirou as mãos ao ar. – Que os Outros carreguem todos vocês! Muito bem, casarei com a garota. Como *reparação*.

## DAVOS

Lorde Alester olhou vivamente para cima.

– Vozes – disse. – Está ouvindo, Davos? Alguém vem nos buscar.

– Lampreia – disse Davos. – Está na hora do jantar, ou perto disso. – Na noite anterior, Lampreia trouxera meio empadão de carne com bacon e também um jarro de hidromel. Só de pensar nisso sua barriga começou a roncar.

– Não, é mais de uma pessoa.

*Ele tem razão*. Davos ouvia pelo menos duas vozes, e passos se tornavam mais sonoros. Ficou em pé e dirigiu-se às barras.

Lorde Alester sacudiu a palha da roupa.

– O rei mandou me buscar. Ou então a rainha, sim, Selyse nunca me deixaria ficar aqui apodrecendo, logo eu, de seu próprio sangue.

Fora da cela, Lampreia surgiu com um molho de chaves na mão. Sor Axell Florent e quatro guardas seguiam-no de perto. Esperaram sob o archote enquanto Lampreia procurava a chave certa.

– Axell – disse Lorde Alester. – Pela bondade dos deuses. É o rei que manda me buscar, ou a rainha?

– Ninguém mandou buscá-lo, traidor – disse Sor Axell.

Lorde Alester recuou como se tivesse levado um tapa.

– Não, juro, não cometi nenhuma traição. Por que não me escuta? Se ao menos Sua Graça me deixasse explicar...

Lampreia enfiou uma grande chave de ferro na fechadura, virou-a e abriu a cela. As ferraduras enferrujadas guincharam num protesto.

– Você – disse ele a Davos. – Venha.

– Para onde? – Davos olhou para Sor Axell. – Diga-me a verdade, sor, pretendem me queimar?

– Mandaram chamá-lo. Consegue andar?

– Consigo. – Davos saiu da cela. Lorde Alester soltou um grito de consternação quando Lampreia voltou a fechar a porta com estrondo.

– Traga o archote – ordenou Sor Axell ao carcereiro. – Deixe o traidor nas trevas.

– Não – disse o irmão. – Axell, por favor, não leve a luz... que os deuses tenham piedade...

– Deuses? Só existem R'hllor e o Outro. – Sor Axell gesticulou categoricamente, e um de seus guardas puxou o archote da arandela e começou a subir a escada à frente dos demais.

– Está me levando até Melisandre? – perguntou Davos.

– Ela estará lá – disse Sor Axell. – Nunca está longe do rei. Mas é Sua Graça em pessoa quem manda buscá-lo.

Davos levou a mão ao peito, ao local onde a sua sorte estivera pendurada por uma correia, dentro de uma bolsa de couro. *Desapareceu*, lembrou-se, *e as pontas de meus dedos com ela*. Mas as mãos ainda eram suficientemente longas para se fechar em volta da garganta de uma mulher, pensou, especialmente uma garganta esguia como a dela.

E subiram, ascendendo em fila indiana pela escada em caracol. As paredes eram de pedra escura áspera, fria ao toque. A luz das tochas seguia à frente e, nas paredes, as sombras dos homens marchavam ao lado deles. Na terceira volta, passaram por um portão de ferro que se abria para a escuridão, e por um outro na quinta volta. Davos calculou que, a essa altura, deviam estar perto da superfície, talvez já acima dela. A terceira porta a que chegaram era feita de madeira, mas continuaram a subir. Agora as paredes eram interrompidas por estreitas fendas para arqueiros, mas nenhuma brecha de luz do sol abria caminho através da espessura da pedra. Lá fora era noite.

Suas pernas doíam quando Sor Axell escancarou uma porta pesada e, com gestos, lhe indicou que passasse. Para lá da porta, uma ponte elevada de pedra fazia um arco sobre o vazio e levava à maciça torre central que tinha o nome de Tambor de Pedra. Um vento marítimo soprava incessantemente pelas arcadas que suportavam o telhado, e quando cruzou a ponte, Davos conseguiu sentir o cheiro da água salgada. Respirou fundo, enchendo os pulmões com o ar puro e frio. *Vento e água, deem-me forças*, orou. Uma enorme fogueira ardia no pátio lá embaixo, para manter afastados os terrores da escuridão, e os homens da rainha encontravam-se reunidos ao seu redor, cantando louvores ao seu novo deus vermelho.

Estavam no centro da ponte quando Sor Axell parou subitamente. Fez um gesto brusco com a mão, e seus homens afastaram-se para onde não pudessem ouvi-los.

– Se a escolha fosse minha, queimaria você com o meu irmão Alester – disse a Davos. – São ambos traidores.

– Diga o que quiser. Eu nunca trairia o Rei Stannis.

– Trairia. Trairá. Vejo em seu rosto. E também vi nas chamas. R'hllor abençoou-me com esse dom. Tal como à Senhora Melisandre, mostra-me o futuro no fogo. Stannis Baratheon *irá* sentar no Trono de Ferro. Eu vi. E sei o que tem de ser feito. Sua Graça precisa fazer de mim sua Mão, no lugar de meu irmão traidor. E você vai lhe dizer exatamente isso.

*Ah, vou?* Davos nada disse.

– A rainha pediu a minha nomeação – prosseguiu Sor Axell. – Até seu velho amigo de Lys, o pirata Saan, até ele diz o mesmo. Construímos juntos um plano, ele e eu. Mas Sua Graça não age. A derrota o corrói por dentro, um verme negro em sua alma. Cabe a nós, os que o amamos, mostrar-lhe o que fazer. Se é tão devotado à sua causa como diz, contrabandista, irá juntar sua voz à nossa. Diga-lhe que eu sou a única Mão de que ele necessita. Diga-lhe e, quando zarparmos, vou me assegurar de que você tenha um novo navio.

*Um navio*. Davos estudou o rosto do outro. Sor Axell tinha grandes orelhas Florent, muito semelhantes às da rainha. Pelos ralos cresciam nelas, tal como nas narinas; mais pelos brotavam em tufos e manchas por baixo de seu queixo duplo. Seu nariz era largo e a testa, proeminente, os olhos eram juntos e hostis. *Ele antes me daria uma pira do que um navio, foi o que afirmou, mas se lhe fizer esse favor…*

– Se acha que pode me trair – disse Sor Axell –, rogo que se lembre de que sou castelão de Pedra do Dragão há muito tempo. A guarnição é minha. Talvez não possa queimá-lo sem o consentimento do rei, mas quem dirá que não poderia sofrer uma queda? – apoiou uma mão carnuda na parte de trás do pescoço de Davos e empurrou-o com força contra a balaustrada da ponte, que chegava à cintura, e depois empurrou com um pouco mais de força, para obrigar sua cabeça a projetar-se sobre o pátio. – Está me ouvindo?

– Estou – disse Davos. *E atreve-se a me chamar de traidor?*

Sor Axell largou-o.

– Ótimo. – Sorriu. – Sua Graça aguarda. É melhor não o fazermos esperar.

Bem no topo do Tambor de Pedra, dentro da grande sala redonda chamada Câmara da Mesa Pintada, foram encontrar Stannis Baratheon em pé, atrás do objeto que dava nome ao salão, uma maciça prancha de madeira esculpida e pintada com a forma de Westeros, tal como havia sido nos tempos de Aegon, o Conquistador. Um braseiro de ferro estava ao lado do rei, com as brasas brilhando num tom laranja avermelhado. Quatro janelas altas e pontiagudas olhavam para norte, sul, leste e oeste. Para além delas ficava a noite e o céu estrelado. Davos ouvia o vento em movimento e, mais baixos, os sons do mar.

– Vossa Graça – disse Sor Axell –, segundo as suas ordens, trouxe o Cavaleiro das Cebolas.

– Estou vendo que sim. – Stannis usava uma túnica de lã cinza, um manto vermelho-escuro e um cinto simples de couro negro, de onde pendiam a espada e o punhal. Uma coroa de ouro vermelho com pontas em forma de chama rodeava sua testa. Sua aparência foi um choque. Parecia dez anos mais velho do que o homem que Davos tinha deixado em Ponta Tempestade quando zarpou para a Água Negra e para a batalha que seria a ruína deles. A barba do rei, aparada rente, incluía vários pelos grisalhos, e ele tinha perdido quinze quilos ou mais. Nunca foi um homem carnudo, mas, agora, os ossos moviam-se sob a sua pele como lanças, lutando para atravessá-la. Até a coroa parecia grande demais para a sua cabeça. Os olhos eram poços azuis perdidos em profundas covas, e conseguia-se ver a forma do crânio sob o rosto.

Mas quando viu Davos, um tênue sorriso roçou seus lábios.

– Então o mar devolveu-me meu cavaleiro do peixe e das cebolas.

– Devolveu, Vossa Graça. – *Será que sabe que me tinha numa masmorra?* Davos ajoelhou-se.

– Levante-se, Sor Davos – ordenou Stannis. – Senti sua falta, sor. Tenho necessidade de bons conselhos, e você nunca me deu outra coisa. Portanto, diga-me a verdade: qual é a pena por traição?

A palavra pairou no ar. *Uma palavra medonha*, pensou Davos. Estaria sendo pedido a ele que condenasse o companheiro de cela? Ou talvez a si próprio? *Os reis conhecem melhor do que qualquer outro homem a pena por traição.*

– Traição? – conseguiu enfim dizer, em voz fraca.

– De que mais chamaria renegar o rei e tentar roubar o trono que é dele por direito? Volto a perguntar: qual é a pena por traição, segundo a lei?

Davos não tinha alternativa exceto responder.

– A morte – disse. – A pena é a morte, Vossa Graça.

– Sempre foi assim. Eu *não sou*... um homem cruel, Sor Davos. Conhece-me. Conhece-me há muito tempo. Este decreto não é meu. Sempre foi assim, desde os tempos de Aegon, e mesmo antes. Daemon Blackfyre, os irmãos Toyne, o Rei Abutre, o Grande Meistre Hareth... traidores sempre pagaram com a vida... até Rhaenyra Targaryen. Era filha de um rei e mãe de mais dois, e no entanto teve uma morte de traidora por tentar usurpar a coroa do irmão. É a lei. *Lei*, Davos. Não crueldade.

– Sim, Vossa Graça. – *Ele não fala de mim*. Davos sentiu um momento de compaixão por seu companheiro de cela, lá embaixo, no escuro. Sabia que deveria manter silêncio, mas estava cansado e doente até o âmago, e ouviu-se dizer: – Senhor, Lorde Florent não pretendeu trair.

– Os contrabandistas têm outro nome para o ato? Fiz dele Mão, e ele teria vendido meus direitos por uma tigela de creme de ervilhas. Até lhes teria dado Shireen. Minha única filha, que ele teria casado com um bastardo nascido do incesto. – A voz do rei estava carregada de fúria. – Meu irmão tinha um dom para inspirar lealdade. Até nos adversários. Em Solarestival ganhou três batalhas num só dia, e trouxe Lorde Grandison e Lorde Cafferen para Ponta Tempestade como prisioneiros. Pendurou seus estandartes como troféus no salão. Os corços brancos de Cafferen estavam manchados de sangue, e o leão adormecido de Grandison encontrava-se quase rasgado em dois. E, no entanto, eles passavam noites sentados por baixo desses estandartes, bebendo e festejando com Robert. Até os levou à caça. “Esses homens queriam entregá-lo a Aerys para ser queimado”, eu disse-lhe depois de vê-los arremessando machados no pátio. “Não devia pôr machados em suas mãos.” Robert limitou-se a rir. Eu teria atirado Grandison e Cafferen numa masmorra, mas ele transformou-os em amigos. Lorde Cafferen morreu no Castelo de Vaufreixo, abatido por Randyll Tarly enquanto lutava *por* Robert. Lorde Grandison foi ferido no Tridente e morreu em decorrência disso um ano mais tarde. Meu irmão fez com que o amassem, mas, ao que parece, eu

só inspiro traição. Até no meu próprio sangue e família. Irmão, avô, primos, tio da esposa...

– Vossa Graça – disse Sor Axell –, eu imploro, dê-me a oportunidade de lhe provar que nem todos os Florent são assim tão fracos.

– Sor Axell gostaria de me levar a retomar a guerra – disse o Rei Stannis a Davos. – Os Lannister acham que estou acabado e derrotado, e os senhores meus vassalos abandonaram-me, quase todos. Até Lorde Estermont, pai de minha própria mãe, dobrou o joelho a Joffrey. Os poucos homens leais que me restam vão perdendo o ânimo. Desperdiçam seus dias bebendo e jogando e lambem as feridas como vira-latas enxotados.

– A batalha voltará a incendiar seus corações, Vossa Graça – disse Sor Axell. – A derrota é uma doença, e a vitória é a cura.

– Vitória. – A boca do rei retorceu-se. – Há vitórias e vitórias, sor. Mas conte o seu plano a Sor Davos. Quero ouvir o que ele pensa do que você propõe.

Sor Axell virou-se para Davos, com uma expressão no rosto bem próxima à expressão que o orgulhoso Lorde Belgrave deve ter feito no dia em que o Rei Baelor, o Abençoado, lhe ordenou que lavasse os pés ulcerados do pedinte. Apesar disso, obedeceu.

O plano que Sor Axell concebera com Salladhor Saan era simples. A algumas horas de viagem de Pedra do Dragão estava a Ilha da Garra, sede marítima ancestral da Casa Celtigar. Lorde Ardrian Celtigar lutara sob o coração flamejante na Água Negra, mas, depois de capturado, não perdeu tempo até passar para o lado de Joffrey. Ainda permanecia em Porto Real.

– Com medo demais da fúria de Sua Graça para se aproximar de Pedra do Dragão, sem dúvida – declarou Sor Axell. – E sensatamente. O homem traiu seu legítimo rei.

Sor Axell propunha usar a frota de Salladhor Saan e os homens que escaparam da Água Negra – Stannis ainda tinha cerca de mil e quinhentos homens em Pedra do Dragão, mais de metade dos quais pertenciam aos Florent – a fim de exigir compensação pela deserção de Lorde Celtigar. A Ilha da Garra tinha uma guarnição leve, e dizia-se que o castelo estava recheado de tapetes de Myr, vidro volanteno, baixelas de ouro e prata, taças cravejadas de joias, magníficos falcões, um machado

de aço valiriano, um berrante que era capaz de invocar monstros vindos das profundezas, baús de rubis, e mais vinho do que um homem conseguiria beber em cem anos. Embora o Celtigar tivesse mostrado ao mundo um rosto avarento, nunca impusera limites ao seu próprio conforto.

– Sugiro que imponha a tocha ao seu castelo e a espada ao seu povo – concluiu Sor Axell. – Que deixe a Ilha da Garra numa desolação de cinzas e ossos, adequada apenas para gralhas pretas, para que o reino veja o destino que aguarda aqueles que se deitam na cama dos Lannister.

Stannis ouviu em silêncio a récita de Sor Axell, mexendo lentamente o maxilar de um lado para o outro. Quando terminou de ouvir, disse:

– Creio que pode ser realizado. O risco é pequeno. Joffrey não tem força no mar até que Lorde Redwyne zarpe da Árvore. O saque pode servir para manter leal esse pirata liseno do Salladhor Saan durante algum tempo. A Ilha da Garra em si não tem valor algum, mas sua queda pode servir de aviso ao Lorde Tywin que a minha causa ainda não está acabada. – O rei virou-se de novo para Davos. – Fale a verdade, sor. O que acha da proposta de Sor Axell?

*Fale a verdade, sor*. Davos lembrou-se da cela escura que dividira com Lorde Alester, lembrou-se de Lampreia e de Mingau. Pensou nas promessas que Sor Axell havia feito na ponte por cima do pátio. *Um navio ou um empurrão, o que será?* Mas aquele que perguntava era Stannis.

– Vossa Graça – disse lentamente –, acho uma loucura... sim, e uma covardia.

– *Covardia?* – Sor Axell quase gritou. – Ninguém me chama de covarde perante meu rei!

– Silêncio – ordenou Stannis. – Sor Davos, prossiga, quero ouvir suas razões.

Davos virou-se para encarar Sor Axell.

– Diz que devíamos mostrar ao reino que ainda não estamos acabados. Dar um golpe. Sim, fazer a guerra... mas com que inimigo? Não vai encontrar nenhum Lannister na Ilha da Garra.

– Encontraremos *traidores* – disse Sor Axell –, se bem que eu possa até encontrar alguns mais perto de casa. Até mesmo nesta sala.

Davos ignorou a provocação.

– Não duvido de que Lorde Celtigar tenha dobrado o joelho ao jovem Joffrey. É um homem velho e acabado, que nada mais deseja do que terminar seus dias no seu castelo, bebendo seu bom vinho de uma de suas taças cravejadas de joias. – Voltou-se novamente para Stannis. – E, no entanto, veio quando o chamou, senhor. Veio, com seus navios e suas espadas. Esteve ao seu lado em Ponta Tempestade quando Lorde Renly caiu sobre nós, e seus navios subiram a Água Negra. Seus homens lutaram pelo senhor, mataram pelo senhor, *arderam* pelo senhor. A Ilha da Garra tem fracas defesas, sim. É defendida por mulheres, crianças e velhos. E por quê? Porque seus maridos, filhos e pais morreram na Água Negra, eis o porquê. Morreram nos remos, ou com espadas nas mãos, lutando sob as nossas bandeiras. E, no entanto, Sor Axell propõe que ataquemos as casas que eles deixaram para trás, que violemos suas viúvas e que submetamos seus filhos à espada. Essas pessoas não são traidoras...

– Mas *são* – insistiu Sor Axell. – Nem todos os homens de Celtigar foram mortos na Água Negra. Centenas foram capturados com o seu senhor e dobraram o joelho quando ele o fez.

– Quando ele o fez – repetiu Davos. – Eram seus homens. Estavam juramentados a ele. Que alternativa foi dada a eles?

– Todo homem tem alternativas. Podiam ter se recusado. Alguns se recusaram e morreram por isso. Mas morreram honestos e leais.

– Alguns homens são mais fortes do que outros. – Era uma resposta fraca, e Davos sabia disso. Stannis Baratheon era um homem com determinação de ferro, que nem compreendia nem perdoava a fraqueza nos outros. *Estou perdendo*, pensou, desesperando-se.

– É dever de todos os homens permanecerem leais ao seu legítimo rei, mesmo se o senhor que servem se revela falso – declarou Stannis num tom que não admitia discussões.

Um desvario desesperado dominou Davos, uma temeridade próxima da loucura.

– Tal como o senhor permaneceu leal ao Rei Aerys quando seu irmão convocou os vassalos? – deixou escapar.

Seguiu-se um pesado silêncio, até que Sor Axell gritou:

– Traição! – e desembainhou o punhal. – Vossa Graça, ele diz essa infâmia na sua cara!

Davos ouvia Stannis rangendo os dentes. Uma veia latejava, azul e inchada, na testa do rei. Os olhos dos dois encontraram-se.

– Guarde essa faca, Sor Axell. E deixe-nos.

– Se Vossa Graça desejar...

– Desejo que vá embora – disse Stannis. – Saia da minha presença e mande-me Melisandre.

– Às suas ordens. – Sor Axell voltou a embainhar a faca, fez uma reverência e apressou-se em direção à porta. Suas botas ressoavam contra o chão, furiosas.

– Sempre abusou de minha indulgência – preveniu-o Stannis quando ficaram sozinhos. – Posso encurtar sua língua tão facilmente como encurtei seus dedos, contrabandista.

– Eu pertenço ao senhor, Vossa Graça. Por isso a língua é sua, para fazer com ela o que quiser.

– Pois é – disse ele, mais calmo. – E eu quero que ela fale a verdade. Mesmo que a verdade às vezes tenha um gosto amargo. *Aerys?* Se soubesse... essa foi uma escolha difícil. Meu sangue ou meu suserano. Meu irmão ou meu rei. – Fez uma careta. – Alguma vez viu o Trono de Ferro? As farpas no encosto, as fitas de aço retorcido, as pontas espetadas de espadas e facas, todas emaranhadas e derretidas? Não é um assento *confortável*, sor. Aerys cortava-se tantas vezes que os homens começaram a chamá-lo de Rei Crosta, e Maegor, o Cruel, foi assassinado nessa cadeira. *Por* essa cadeira, segundo a versão que alguns contam. Não é assento em que um homem possa descansar descontraído. Muitas vezes me pergunto por que será que meus irmãos o desejaram tão desesperadamente.

– Então por que é que o senhor o deseja? – perguntou-lhe Davos.

– Não é questão de desejo. O trono é meu, como herdeiro de Robert. Essa é a lei. Depois de mim, deve passar para a minha filha, a menos que Selyse finalmente me dê um filho. – Passou três dedos levemente pela mesa, sobre as camadas de verniz liso e duro, escurecido pela idade. – Eu *sou* rei. Os quereres não entram nisso. Tenho um dever para com a minha filha. Para com o reino. Até para com Robert. Ele gostava pouco de mim, eu sei, mas era meu irmão. A mulher Lannister pôs os chifres nele e fez dele um bobo vestido de xadrez. Até pode tê-lo assassinado, tal como assassinou Jon Arryn e Ned Stark. Para crimes assim tem de haver

justiça. Começando por Cersei e suas abominações. Mas só para começar. Pretendo esfregar aquela corte até ficar limpa. Como Robert devia ter feito, depois do Tridente. Sor Barristan disse-me uma vez que a podridão no reinado do Rei Aerys começou com Varys. O eunuco nunca devia ter sido perdoado. Tal como o Regicida. No mínimo, Robert devia ter arrancado de Jaime o manto branco e enviado o homem para a Muralha, como Lorde Stark lhe pediu. Em vez disso, deu ouvidos a Jon Arryn. Eu ainda estava em Ponta Tempestade, sob cerco e sem ser consultado. – Virou-se abruptamente, para lançar a Davos um olhar duro e astuto. – E agora a verdade. Por que quis assassinar a Senhora Melisandre?

*Então ele sabe*. Davos não podia mentir.

– Quatro de meus filhos arderam na Água Negra. Ela entregou-os às chamas.

– Está sendo injusto com Melisandre. Aqueles incêndios não foram obra dela. Amaldiçoe o Duende, amaldiçoe os piromantes, amaldiçoe aquele idiota do Florent que avançou com a minha frota para dentro das mandíbulas de uma armadilha. Ou amaldiçoe-me por meu orgulho obstinado, por mandá-la embora quando mais precisava dela. Mas Melisandre não. Ela continua sendo minha fiel servidora.

– Meistre Cressen era seu fiel servidor. Ela matou-o, tal como matou Sor Cortnay Penrose e seu irmão Renly.

– Agora soa como um tolo – protestou o rei. – Ela *viu* o fim de Renly nas chamas, sim, mas não desempenhou nele um papel maior do que eu. A sacerdotisa estava na minha companhia. Seu Devan poderá confirmar. Pergunte a ele, se duvida de mim. Ela teria poupado Renly se tivesse podido. Foi Melisandre quem me pediu para me encontrar com ele e lhe dar uma última chance de reparar sua traição. E foi Melisandre quem me disse para mandar buscar você quando Sor Axell quis entregá-lo a R'hllor. – Deu um fino sorriso. – Isso o surpreende?

– Sim. Melisandre sabe que não sou amigo dela ou de seu deus vermelho.

– Mas é meu amigo. Ela também sabe disso. – Fez sinal para que Davos se aproximasse. – O garoto está doente. Meistre Pylos tem andado sangrando-o.

– O garoto? – os pensamentos de Davos rumaram ao seu Devan, o escudeiro do rei. – Meu filho, senhor?

– Devan? Bom garoto. Tem nele muito de você. É o bastardo de Robert que está doente, o garoto que encontramos em Ponta Tempestade.

*Edric Storm.*

– Falei com ele no Jardim de Aegon.

– Tal como ela quis. Tal como ela viu. – Stannis suspirou. – O garoto encantou-o? Tem esse dom. Tirou isso do pai, com o sangue. Sabe que é filho de um rei, mas prefere esquecer que é ilegítimo. E adora Robert, tal como Renly adorava quando era novo. O meu real irmão se fazia de pai amigo durante as suas visitas a Ponta Tempestade, e havia presentes... espadas, pôneis e mantos forrados de peles. Trabalho do eunuco, todos eles. O garoto escrevia para a Fortaleza Vermelha, cheio de agradecimentos, e Robert ria e perguntava a Varys o que tinha enviado naquele ano. Renly não era melhor. Deixou a educação do garoto a castelões e meistres, e todos eles caíram vítimas de seu encanto. Penrose preferiu morrer a entregá-lo. – O rei rangeu os dentes. – Isso ainda me enfurece. Como ele pôde pensar que eu iria fazer mal ao garoto? Escolhi Robert, não escolhi? Quando esse duro dia chegou. Escolhi o sangue em detrimento da honra.

*Ele não usa o nome do garoto*. Isso deixou Davos muito desconfortável.

– Espero que o jovem Edric se recupere rapidamente.

Stannis sacudiu uma mão, colocando de lado a sua preocupação.

– É um resfriado, nada mais. Ele tosse, tem arrepios e febre. Em breve, Meistre Pylos irá deixá-lo bom. Em si mesmo, o garoto não é nada, entende? Mas nas veias dele corre o sangue de meu irmão. Há poder no sangue de um rei, diz ela.

Davos não teve de perguntar quem *ela* era.

Stannis tocou a Mesa Pintada.

– Olhe-o, Cavaleiro das Cebolas. Meu reino de direito. Meu Westeros. – Passou uma mão pelo mapa. – Essa conversa de Sete Reinos é uma loucura. Aegon compreendeu isso há trezentos anos, quando estava onde nos encontramos agora. Pintaram esta mesa por ordem dele. Pintaram rios e baías, colinas e montanhas, castelos, cidades e vilas francas, lagos,

pântanos e florestas... mas nenhuma fronteira. *É tudo um só*. Um reino, para que um rei o governe sozinho.

– Um rei – concordou Davos. – Um rei significa a paz.

– Eu trarei justiça a Westeros. Algo que Sor Axell compreende tão mal quanto compreende a guerra. A Ilha da Garra não me traria nada... e seria uma coisa maligna, como você disse. Celtigar tem de pagar o preço da traição pessoalmente. E quando eu subir ao trono, pagará. Cada homem colherá o que semeou, do mais alto dos senhores ao mais baixo rato de sarjeta. E alguns perderão mais do que as pontas dos dedos, garanto. Fizeram o meu reino sangrar, e não me esqueço disso. – O Rei Stannis afastou-se da mesa. – De joelhos, Cavaleiro das Cebolas.

– Vossa Graça?

– Pelas cebolas e pelo peixe, fiz-lhe um dia cavaleiro. Por isso, estou decidido a fazê-lo senhor.

*Isso?* Davos não entendia.

– Sinto-me satisfeito por ser seu cavaleiro, Vossa Graça. Não saberia como começar a ser senhorial.

– Ótimo. Ser senhorial é ser falso. Aprendi duramente essa lição. Agora, *ajoelhe-se*. É o seu rei que o ordena.

Davos ajoelhou-se e Stannis puxou a espada. Melisandre chamara-a de *Luminífera*; a espada vermelha dos heróis, arrancada dos fogos onde os sete deuses eram consumidos. A sala pareceu ficar mais luminosa quando a lâmina saiu de dentro da bainha. O aço possuía brilho; ora laranja, ora amarelo, ora vermelho. O ar tremeluzia em volta dela, e nenhuma joia algum dia cintilou tão vivamente. Mas quando Stannis tocou com ela no ombro de Davos, este não a sentiu diferente de qualquer outra espada.

– Sor Davos da Casa Seaworth – disse o rei –, é meu verdadeiro e honesto vassalo, agora e para sempre?

– Sou, Vossa Graça.

– E jura servir-me com lealdade todos os seus dias, dar-me conselhos honestos e obediência rápida, defender os meus direitos e o meu reino contra todos os adversários, em grandes e pequenas batalhas, proteger o meu povo e punir os inimigos?

– Sim, Vossa Graça.

– Então volte a levantar-se, Davos Seaworth, e levante-se como Senhor da Mata de Chuva, Almirante do Mar Estreito e Mão do Rei.

Por um momento, Davos ficou atordoado demais para se mexer. *Hoje de manhã acordei em sua masmorra.*

– Vossa Graça, não pode... eu não sou o homem certo para ser Mão do Rei.

– Não há homem mais certo. – Stannis embainhou Luminífera, ofereceu a mão a Davos e ajudou-o a se levantar.

– Sou de baixo nascimento – recordou-lhe. – Um contrabandista elevado a nobre. Seus senhores nunca me obedecerão.

– Então arranjaremos novos senhores.

– Mas... eu não sei ler... nem escrever.

– Meistre Pylos pode ler por você. Quanto a escrever, meu último Mão escreveu tanto que sua cabeça saiu de cima de seus ombros. Tudo que lhe peço é aquilo que sempre me deu. Honestidade. Lealdade. Serviço.

– Certamente haverá alguém melhor... algum grande senhor...

Stannis fungou.

– Bar Emmon, aquele rapaz? Meu avô sem fé? Celtigar abandonou-me, o novo Velaryon tem seis anos, e o novo Sunglass zarpou para Volantis depois de eu queimar seu irmão. – Fez um gesto irritado. – Restam alguns bons homens, é verdade. Sor Gilbert Farring ainda controla Ponta Tempestade em meu nome, com duzentos homens leais. Lorde Morrigen, o Bastardo de Nocticantiga, o jovem Chyttering, meu primo Andrew... mas não confio em nenhum deles como confio em você, senhor da Mata de Chuva. Será minha Mão. É o senhor que eu quero ao meu lado para a batalha.

*Outra batalha será o fim de todos nós*, pensou Davos. *Lorde Alester viu isso com bastante clareza.*

– Vossa Graça pediu conselhos honestos. Então honestamente... faltam-nos as forças para outra batalha contra os Lannister.

– Sua Graça está falando da grande batalha – disse uma voz de mulher, enriquecida com o sotaque do leste. Melisandre encontrava-se junto à porta, vestida com suas sedas vermelhas e seus cintilantes cetins, com um prato de prata tampado nas mãos. – Essas guerrinhas não são mais do que uma briga de crianças diante daquilo que está por vir. Aquele cujo nome não pode ser proferido está reunindo o seu poder, Davos Seaworth,

um poder impiedoso, maligno e poderoso para lá de todas as medidas. Em breve chegará o frio, e a noite que nunca termina. – Apoiou o prato de prata na Mesa Pintada. – A não ser que homens verdadeiros encontrem a coragem de lutar contra ele. Homens cujo coração seja fogo.

Stannis fitou o prato de prata.

– Ela mostrou-me, Lorde Davos. Nas chamas.

– Viu isso, senhor? – mentir sobre uma coisa dessas não seria algo que Stannis Baratheon faria.

– Com meus próprios olhos. Depois da batalha, quando estava perdido em desespero, a Senhora Melisandre pediu-me para fitar o fogo da lareira. A chaminé puxava o ar com força, e pedacinhos de cinzas erguiam-se do fogo. Eu fitei-os, sentindo-me um pouco tolo, mas ela me pediu para olhar mais fundo, e... as cinzas eram brancas, erguendo-se na corrente ascendente de ar, mas de repente era como se estivessem caindo. *Neve*, pensei. Então as fagulhas no ar pareceram formar um círculo, para se transformarem em um anel de archotes, e eu estava olhando *através* do fogo para um monte alto qualquer numa floresta. As brasas tinham se transformado em homens de negro atrás dos archotes, e havia silhuetas em movimento através da neve. Apesar de todo o calor do fogo, senti um frio tão terrível que me arrepiei, e quando isso aconteceu, a visão desapareceu, e o fogo era de novo apenas um fogo. Mas o que vi foi real, apostaria nisso o meu reino.

– E foi o que fez – disse Melisandre.

A convicção na voz do rei assustou Davos profundamente.

– Um monte numa floresta... silhuetas na neve... eu não...

– Significa que a batalha começou – disse Melisandre. – A areia corre agora mais depressa pela ampulheta, e o tempo do homem sobre a terra está quase no fim. Temos de agir com ousadia, senão toda a esperança estará perdida. Westeros tem de se unir sob seu único rei verdadeiro, o príncipe que foi prometido, Senhor de Pedra do Dragão e escolhido de R'hllor.

– Então R'hllor faz estranhas escolhas. – O rei fez uma careta, como quem saboreia algo desagradável. – Por que eu e não meus irmãos? Renly e seu pêssego. Em meus sonhos, vejo o sumo escorrendo da boca dele, e o sangue da garganta. Se tivesse cumprido seu dever para com o irmão, teríamos esmagado Lorde Tywin. Uma vitória de que até Robert

poderia se orgulhar. Robert... – Seus dentes rangeram, de um lado para o outro. – Ele também aparece em meus sonhos. Rindo. Bebendo. Vangloriando-se. Eram as coisas que ele fazia melhor. Isso, e lutar. Nunca o venci em nada. O Senhor da Luz devia ter feito de Robert o seu campeão. Por que eu?

– Porque é um homem reto – disse Melisandre.

– Um homem reto. – Stannis tocou com um dedo a bandeja de prata tampada. – Com sanguessugas.

– Sim – falou Melisandre –, mas tenho de lhe dizer de novo, esta não é a maneira certa.

– Jurou que daria certo. – O rei parecia zangado.

– Dará... e não dará.

– Ou uma coisa ou a outra.

– Ambas.

– Fale com sentido comigo, mulher.

– Quando os fogos falarem mais claramente, o mesmo farei eu. Há verdade nas chamas, mas nem sempre é fácil ver. – O grande rubi em sua garganta bebia fogo do clarão do braseiro. – Dê-me o garoto, Vossa Graça. É a maneira mais segura. A melhor maneira. Dê-me o garoto e acordarei o dragão de pedra.

– Já lhe disse que não.

– Ele é apenas um garoto ilegítimo, contra todos os garotos de Westeros e todas as garotas também. Contra todas as crianças que podem nunca chegar a nascer, em todos os reinos do mundo.

– O garoto é inocente.

– O garoto conspurcou sua cama nupcial e, se assim não fosse, certamente teria filhos seus. Ele envergonhou-o.

– Quem fez isso foi *Robert*. Não o garoto. Minha filha tornou-se amiga dele. E ele é do meu próprio sangue.

– É do sangue de seu irmão – disse Melisandre. – Do sangue de um rei. Só o sangue de um rei pode acordar o dragão de pedra.

Stannis rangeu os dentes.

– Não quero ouvir mais nada sobre isso. Os dragões acabaram-se. Os Targaryen tentaram trazê-los de volta meia dúzia de vezes. E fizeram papel de bobos, ou de cadáveres. Cara-Malhada é o único bobo de que

precisamos neste rochedo esquecido por deus. Você tem as sanguessugas. Faça o seu trabalho.

Melisandre inclinou rigidamente a cabeça e disse:

– Às ordens de meu rei. – Enfiou a mão direita na manga esquerda e atirou um punhado de pó dentro do braseiro. Os carvões rugiram. Enquanto chamas pálidas se contorciam por cima deles, a mulher vermelha pegou o prato de prata e levou-o ao rei. Davos viu-a levantar a tampa. Por baixo dela encontravam-se três grandes sanguessugas negras, inchadas com sangue.

*O sangue do garoto*, soube Davos. *Sangue de um rei*.

Stannis estendeu uma mão, e seus dedos fecharam-se em volta de uma das sanguessugas.

– Diga o nome – ordenou Melisandre.

A sanguessuga retorcia-se na mão do rei, tentando se prender a um de seus dedos.

– O usurpador – disse ele. – Joffrey Baratheon. – Quando atirou a sanguessuga no fogo, ela enrolou-se entre os carvões como uma folha de outono e incendiou-se.

Stannis agarrou a segunda.

– O usurpador – declarou, dessa vez mais alto. – Balon Greyjoy. – Deu-lhe um piparote ligeiro para dentro do braseiro, e o corpo do animal abriu-se e crepitou. O sangue jorrou de seu interior, silvando e fumegando.

A última sanguessuga estava na mão do rei. Estudou aquela por um momento, enquanto se contorcia entre seus dedos.

– O usurpador – disse por fim. – Robb Stark. – E atirou-a para as chamas.

# JAIME

A casa de banhos de Harrenhal era uma sala sombria, repleta de vapor e com teto baixo, cheia de grandes banheiras de pedra. Quando fizeram Jaime entrar, foram encontrar Brienne sentada numa delas, esfregando o braço quase furiosamente.

– Com menos força, garota – gritou ele. – Assim faz sair a pele. – Ela deixou cair a escova e cobriu os peitos com mãos tão grandes quanto as de Gregor Clegane. Os pequenos botões pontiagudos que estava tão decidida a esconder teriam parecido mais naturais em qualquer garotinha de dez anos do que em seu peito amplo e musculoso.

– O que está fazendo aqui? – exigiu saber.

– Lorde Bolton insiste que eu jante com ele, mas esqueceu de convidar as minhas pulgas. – Jaime puxou o guarda com a mão esquerda. – Ajude-me a tirar estes farrapos fedorentos. – Com apenas uma mão nem sequer era capaz de desatar os calções. O homem obedeceu de má vontade, mas obedeceu. – Agora deixe-nos – disse Jaime quando sua roupa já jazia numa pilha no chão úmido de pedra. – A Senhora de Tarth não quer ralé como você olhando de boca aberta para os peitos dela. – Apontou com o coto para a mulher com rosto de machadinha que prestava assistência a Brienne. – Você também. Espere lá fora. Só há essa porta, e a garota é grande demais para tentar subir por uma chaminé.

O hábito de obediência estava profundamente entranhado. A mulher seguiu o guarda para fora, deixando a casa de banhos para os dois. As banheiras tinham tamanho suficiente para seis ou sete pessoas, à moda das Cidades Livres, e Jaime entrou na da moça, desajeitado e lento. Tinha ambos os olhos abertos, embora o direito ainda estivesse um pouco inchado, apesar das sanguessugas de Qyburn. Jaime sentia-se com cento e nove anos, o que era bastante melhor do que se sentia quando tinha chegado a Harrenhal.

Brienne encolheu-se para longe dele.

– Há outras banheiras.

– Esta está bastante boa para mim. – Imergiu-se na água fumegante, com cautela, até o queixo. – Não tenha medo, garota. Suas coxas estão roxas e verdes e não estou interessado no que tem entre elas. – Teve de apoiar o braço direito na borda da banheira, pois Qyburn prevenira-o para manter o linho seco. Conseguia sentir a tensão desaparecendo de suas pernas, mas a cabeça começou a girar. – Se eu desmaiar, puxe-me para fora. Nunca nenhum Lannister se afogou no banho, e não pretendo ser o primeiro.

– Por que me importaria se morresse?

– Prestou um voto solene. – Sorriu quando um rubor subiu pela grossa coluna branca que era o pescoço da garota. Ela virou as costas para ele. – Continua se fazendo de donzela recatada? O que é que você acha que eu ainda não vi? – procurou às apalpadelas a escova que ela tinha deixado cair, encontrou-a com os dedos e começou a se esfregar sem método. Até isso era difícil e incômodo. *Minha mão esquerda não presta para nada*.

Apesar de tudo, a água escureceu à medida que a sujeira incrustada que tinha na pele foi se dissolvendo. A garota manteve as costas voltadas para ele, com os músculos de seus grandes ombros corcovados e duros.

– Ver o meu coto aflige-a assim tanto? – perguntou Jaime. – Deveria estar satisfeita. Perdi a mão com que matei o rei. A mão que atirou o pequeno Stark daquela torre. A mão que enfiava entre as coxas de minha irmã para deixá-la molhada. – Pôs o coto diante do rosto dela. – Não admira que Renly tenha morrido, com você a guardá-lo.

Brienne ficou em pé de um salto, como se Jaime tivesse batido nela, fazendo com que uma onda de água quente percorresse a banheira. Jaime obteve um vislumbre do espesso matagal louro que a garota tinha entre as coxas quando ela saiu da banheira. Era muito mais peluda do que sua irmã. Absurdamente, sentiu o pau se agitar dentro da água. *Agora sei que estou há tempo demais longe de Cersei*. Desviou os olhos, perturbado pela resposta de seu corpo.

– Isso foi indigno – murmurou. – Fui estropiado e estou amargo. Perdoe-me, garota. Protegeu-me tão bem quanto qualquer homem poderia proteger, e melhor do que a maioria.

Ela enrolou sua nudez numa toalha.

– Está zombando de mim?

Aquilo voltou a enfurecê-lo.

– Terá uma cabeça tão dura como a muralha de um castelo? Isso foi um pedido de desculpas. Estou farto de lutar com você. O que diz de fazermos uma trégua?

– As tréguas constroem-se com base na confiança. Quer que eu confie...

– No Regicida, sim. O perjuro que assassinou o pobrezinho do Aerys Targaryen. – Jaime fungou. – Não é de Aerys que me arrependo, é de Robert. "Ouvi dizer que chamam você de Regicida", disse-me no banquete de sua coroação. "Que não pense em fazer disso um hábito." E riu. Por que é que ninguém chama Robert de perjuro? Ele despedaçou o reino, e no entanto *eu* é que tenho merda no lugar da honra.

– Robert fez o que fez por amor. – A água escorria pelas pernas de Brienne e formava uma poça sob seus pés.

– Robert fez o que fez por orgulho, uma boceta e um rosto bonito. – Fechou a mão em punho... ou teria fechado, se tivesse mão. A dor atravessou seu braço, cruel como uma gargalhada.

– Ele foi à guerra para salvar o reino – insistiu ela.

*Para salvar o reino.*

– Sabia que meu irmão incendiou a Torrente da Água Negra? O fogovivo arde na água. Aerys teria tomado banho nele se tivesse se atrevido. Todos os Targaryen eram loucos por fogo. – Jaime sentia-se entontecido. *Será por causa do calor que faz aqui, do veneno que tenho no coração, dos restos da febre? Não sou eu mesmo*. Recostou-se até que a água chegou na altura de seu queixo. – Sujei o meu manto branco... nesse dia usava a armadura dourada, mas...

– Armadura dourada? – a voz dela soava distante, tênue.

Jaime flutuava no calor, na memória.

– Depois que grifos dançantes perdeu a Batalha dos Sinos, Aerys exilou-o. – *Por que estou dizendo isso a esta criança absurdamente feia?* – Tinha finalmente compreendido que Robert não era um mero senhor fora da lei que pudesse ser esmagado ao seu bel-prazer, mas sim a maior ameaça que a Casa Targaryen havia enfrentado desde Daemon Blackfyre. O rei rudemente lembrou Lewyn Martell de que tinha Elia em seu poder e ordenou-lhe que fosse comandar os dez mil dorneses que subiam a estrada do rei. Jon Darry e Barristan Selmy cavalgaram para o Septo de Pedra a fim de reunirem todos os homens dos grifos que conseguissem, e

o Príncipe Rhaegar retornou do sul e persuadiu o pai a engolir o orgulho e mandar chamar meu pai. Mas nenhum corvo voltou de Rochedo Casterly, e isso deixou o rei ainda mais assustado. Via traidores em todo lugar, e Varys estava sempre lá para apontar algum que ele pudesse ter deixado escapar. Assim, Sua Graça ordenou que seus alquimistas escondessem reservas de fogovivo por todo Porto Real. Sob o Septo de Baelor e os casebres da Baixada das Pulgas, por baixo de estábulos e armazéns, em todos os sete portões, até mesmo nos porões da própria Fortaleza Vermelha.

"Tudo foi feito no maior segredo por um punhado de mestres piromantes. Nem sequer confiaram em seus próprios acólitos para ajudar. Os olhos da rainha já estavam fechados havia anos, e Rhaegar andava ocupado organizando um exército. Mas o novo ocupante do cargo de Mão de Aerys, o da maça e punhal, não era inteiramente burro, e com Rossart, Belis e Garigus entrando e saindo noite e dia, começou a desconfiar. Chelsted, era esse o nome dele, Lorde Chelsted. "O nome veio-lhe de súbito à memória, com o contar da história." Eu julgava o homem covarde, mas no dia em que confrontou Aerys encontrou coragem em algum lugar. Fez tudo que pôde para dissuadi-lo. Argumentou, gracejou, ameaçou e por fim implorou. Quando isso falhou, tirou a corrente do cargo e jogou-a no chão. Por causa disso, Aerys queimou-o vivo, e pendurou a corrente no pescoço de Rossart, seu piromante preferido. O homem que cozinhara Lorde Rickard Stark em sua própria armadura. E, durante todo esse tempo, eu fiquei em pé com a minha armadura branca, na base do Trono de Ferro, imóvel como um cadáver, guardando o meu suserano e todos os seus queridos segredos.

"Todos os meus irmãos juramentados estavam longe, compreende? Mas Aerys gostava de me manter por perto. Eu era filho do meu pai, por isso não confiava em mim. Queria-me onde Varys pudesse me vigiar, de dia e de noite. Portanto, ouvi tudo. "Recordou como os olhos de Rossart costumavam brilhar quando desenrolava seus mapas para mostrar onde a *substância* devia ser colocada. Garigus e Belis eram iguais." Rhaegar defrontou Robert no Tridente, e já sabe o que aconteceu aí. Quando a notícia chegou à corte, Aerys enviou a rainha para Pedra do Dragão com o Príncipe Viserys. A Princesa Elia também queria ir, mas ele proibiu-a. De algum modo, tinha se convencido de que o Príncipe Lewyn devia ter

traído Rhaegar no Tridente, mas achava que podia manter Dorne leal desde que mantivesse Elia e Aegon junto a si. ‘Os traidores querem a minha cidade’, ouvi-o dizer a Rossart, ‘mas não lhes darei nada a não ser cinzas. Que Robert seja rei de ossos carbonizados e carne esturricada’. Os Targaryen nunca enterram seus mortos, queimam-nos. Aerys queria ter a maior pira funerária de todas. Se bem que, a bem da verdade, não creio que ele realmente esperasse morrer. Tal como Aerion Chama-Viva, antes dele, Aerys acreditava que o fogo o transformaria... que se ergueria novamente, renascido como dragão, e transformaria todos os inimigos em cinzas.

“Ned Stark corria para o sul com a vanguarda de Robert, mas as forças de meu pai chegaram primeiro à cidade. Pycelle convenceu o rei de que seu Guardião do Oeste viera defendê-lo, por isso mandou abrir os portões. A única vez em que *devia* ter dado ouvidos a Varys, ignorou-o. Meu pai mantivera-se afastado da guerra, remoendo todas as desfeitas que Aerys tinha feito a ele e determinado a ver a Casa Lannister do lado dos vencedores. O Tridente decidiu-o.

“Coube a mim defender a Fortaleza Vermelha, mas eu sabia que estávamos perdidos. Mandei uma mensagem a Aerys, pedindo sua autorização para combinar uma rendição. Meu homem regressou com uma ordem régia. ‘Traga-me a cabeça de seu pai, se não for um traidor.’ Aerys não se renderia. Meu mensageiro disse-me que Lorde Rossart se encontrava com ele. Eu sabia o que *isso* queria dizer.

“Quando encontrei Rossart, ele estava vestido como um homem de armas comum e caminhava apressado na direção de uma porta falsa. Foi quem matei primeiro. E depois matei Aerys, antes que ele pudesse encontrar mais alguém que levasse sua mensagem aos piromantes. Dias mais tarde, cacei os outros e matei-os também. Belis ofereceu-me ouro, e Garigus chorou por misericórdia. Bem, uma espada é mais misericordiosa do que o fogo, mas não me parece que Garigus tenha gostado muito da bondade que lhe fiz.”

A água tinha esfriado. Quando Jaime abriu os olhos, deu por si fitando o coto da sua mão da espada. *A mão que fez de mim Regicida*. O bode privara-o da glória e da vergonha, tudo ao mesmo tempo. *Deixando o quê? Quem sou eu agora?*

A garota tinha um aspecto ridículo, apertando a toalha aos seus pobres peitos, com as grossas pernas brancas saindo por baixo.

– Minha história deixou-a sem fala? Vá lá, amaldiçoe-me, beije-me ou chame-me de mentiroso. *Qualquer coisa*.

– Se isso é verdade, por que é que ninguém sabe?

– Os cavaleiros da Guarda Real juram guardar os segredos do rei. Queria que quebrasse o juramento? – Jaime soltou uma gargalhada. – Acha que o nobre Senhor de Winterfell queria ouvir as minhas débeis explicações? Um homem tão *honroso*. Bastou olhar para mim para me julgar culpado. – Jaime pôs-se em pé, com a água escorrendo fria por seu peito. – Com que direito o lobo julga o leão? *Com que direito*? – um violento arrepio dominou-o, e bateu com o coto contra a borda da banheira quando tentava sair dela.

A dor trespassou-o... e de repente a casa de banhos estava girando. Brienne apanhou-o antes de ele cair. O braço dela estava todo arrepiado, úmido e gelado, mas a garota era forte, e mais gentil do que ele julgara. *Mais gentil do que Cersei*, pensou enquanto ela o ajudava a sair da banheira, com pernas bambas como um pau mole.

– *Guardas!* – ouviu a garota gritar. – O Regicida!

*Jaime*, pensou ele, *meu nome é Jaime.*

Quando acordou, jazia no chão úmido com os guardas, a moça e Qyburn em pé à sua volta, com expressões preocupadas no rosto. Brienne estava nua, mas no momento parecia ter se esquecido do fato.

– O calor das banheiras é capaz disso – Meistre Qyburn estava lhes dizendo. *Não, ele não é um meistre, tiraram seu colar*. – E também ainda há veneno em seu sangue, e está malnutrido. O que lhe têm dado para comer?

– Vermes, mijo e vômito cinzento – informou Jaime.

– Pão duro, água e mingau de aveia – insistiu o guarda. – Mas ele quase não come. O que devemos fazer com ele?

– Esfreguem-no, vistam-no e carreguem-no até a Pira do Rei, se for preciso – disse Qyburn. – Lorde Bolton insiste em jantar com ele esta noite. Começamos a ficar sem tempo.

– Tragam roupas limpas para ele – disse Brienne –, vou me certificar de que se lave e se vista.

Os outros ficaram mais do que satisfeitos por ceder a tarefa à garota. Puseram-no de pé e sentaram-no num banco de pedra junto da parede. Brienne afastou-se para recuperar a toalha, e voltou com uma escova rija para acabar de esfregá-lo. Um dos guardas deu-lhe uma navalha para aparar a barba de Jaime. Qyburn retornou com roupas de baixo de tecido grosseiro, uns calções limpos de lã negra, uma túnica larga e verde, e um gibão de couro amarrado na frente. Jaime já se sentia menos tonto a essa altura, embora igualmente desajeitado. Com a ajuda da garota conseguiu se vestir.

– Agora só preciso de um espelho de prata.

Meistre Sangrento também trouxera roupa lavada para Brienne; um vestido de cetim cor-de-rosa manchado e uma túnica de linho.

– Lamento, senhora. Estes são os únicos trajes de mulher que temos em Harrenhal grandes o suficiente para você.

Tornou-se evidente de imediato que o vestido fora cortado para alguém com braços mais esbeltos, pernas mais curtas e seios muito mais cheios. A fina renda de Myr pouco fazia para ocultar os hematomas que manchavam a pele de Brienne. Juntando tudo, o vestido fazia a garota parecer ridícula. *Ela tem ombros mais largos do que os meus e um pescoço maior*, pensou Jaime. *Pouco admira que prefira vestir cota de malha*. E o rosa também não era cor que a favorecesse. Uma dúzia de piadas cruéis vieram-lhe à cabeça, mas, por uma vez, manteve-as lá dentro. Era melhor não irritá-la; Jaime não tinha chance contra ela, com uma mão apenas.

Qyburn também tinha trazido um frasco.

– O que é isso? – perguntou Jaime quando o meistre sem colar insistiu para que bebesse.

– Alcaçuz macerado em vinagre, com mel e cravo. Vai dar alguma força e limpar a sua cabeça.

– Traga-me a poção que faz nascer novas mãos – disse Jaime. – É essa que eu desejo.

– Beba – disse Brienne, sem sorrir, e ele bebeu.

Passou-se meia hora até que se sentisse suficientemente forte para ficar em pé. Depois do calor sombrio e úmido da casa de banhos, o ar lá fora foi como um tapa na cara.

– A esta hora, o senhor deve andar à procura dele – disse um guarda a Qyburn. – E dela também. Tenho de carregá-lo?

– Ainda consigo andar. Brienne, dê-me o braço.

Agarrando-se a ela, Jaime permitiu que o pastoreassem através do pátio e para o interior de um grande salão cheio de correntes de ar, que era maior até do que a sala do trono em Porto Real. Enormes lareiras abriam-se nas paredes, uma a cada três metros, mais ou menos, em maior número do que ele era capaz de contar, mas nenhum fogo fora aceso, e o frio entre as paredes chegava aos ossos. Uma dúzia de lanceiros com manto de peles guardava as portas e os degraus que levavam às duas galerias superiores. E, no centro daquele imenso vazio, em uma mesa de montar rodeada por aquilo que parecia ser acres de assoalho liso de ardósia, o Senhor do Forte do Pavor aguardava, servido apenas por um copeiro.

– Senhor – disse Brienne, quando se aproximaram dele.

Os olhos de Roose Bolton eram mais claros do que pedra, mais escuros do que leite, e sua voz tinha a suavidade das aranhas.

– Agrada-me vê-lo suficientemente forte para me fazer companhia, sor. Senhora, sente-se. – Fez um gesto para o queijo, o pão, as carnes frias e as frutas que cobriam a mesa. – Preferem branco ou tinto? Receio que sejam de uma colheita banal. Sor Amory deixou a adega da Senhora Whent quase seca.

– Confio que o tenha mandado matar por isso. – Jaime deslizou rapidamente para a cadeira que lhe foi oferecida, de modo que Bolton não pudesse ver quão fraco se encontrava. – Branco é para os Stark. Bebo do tinto, como um bom Lannister.

– Eu preferiria água – disse Brienne.

– Elmar, o tinto para Sor Jaime, água para a Senhora Brienne e hipocraz para mim. – Bolton sacudiu uma mão na direção da escolta, mandando-a embora, e os homens se retiraram em silêncio.

O hábito levou Jaime a estender a mão direita para o vinho. O coto fez a taça balançar, salpicando de vermelho vivo suas ataduras de linho limpas e forçando-o a pegar a taça com a mão esquerda antes que ela caísse, mas Bolton fingiu não notar sua falta de jeito. O nortenho serviu-se de uma ameixa seca e comeu-a com pequenas e rápidas dentadas.

– Experimente estas ameixas, Sor Jaime. São extremamente doces, e também ajudam as tripas a trabalhar. Lorde Vargo tirou-as de uma estalagem antes de incendiá-la.

– Minhas tripas trabalham bem, o bode não é lorde nenhum, e suas ameixas não me despertam nem metade do interesse que sinto por suas intenções.

– A seu respeito? – um leve sorriso tocou os lábios de Roose Bolton. – É um troféu perigoso, sor. Semeia a discórdia onde quer que vá. Até aqui, em minha feliz casa de Harrenhal. – Sua voz era um milímetro acima de um murmúrio. – E em Correrrio também, ao que parece. Sabe que Edmure Tully ofereceu mil dragões de ouro por sua recaptura?

*Só isso?*

– Minha irmã pagará dez vezes esse valor.

– Ah, sim? – de novo aquele sorriso, exibido por um instante, desaparecido no seguinte. – Dez mil dragões é uma soma formidável. Claro, deve-se também considerar a oferta de Lorde Karstark. Ele promete a mão da filha dele ao homem que lhe trouxer sua cabeça.

– Só mesmo seu bode para entender isso ao contrário – disse Jaime.

Bolton soltou um suave risinho.

– Harrion Karstark era cativo aqui quando tomamos o castelo, sabia? Dei-lhe todos os homens de Karhold que ainda tinha comigo e mandei-o com Glover. Espero que nada de mal lhe aconteça em Valdocaso... caso contrário, Alys Karstark será tudo que resta da descendência de Lorde Rickard. – Escolheu outra ameixa seca. – Felizmente para você não preciso de uma esposa. Casei com a Senhora Walda Frey enquanto estava nas Gêmeas.

– A Bela Walda? – desajeitadamente, Jaime tentou segurar o pão com o coto enquanto o partia com a mão esquerda.

– A Walda Gorda. O senhor de Frey ofereceu-me o peso de minha noiva em prata como dote, portanto fiz a escolha apropriada. Elmar, parta um pouco de pão para Sor Jaime.

O rapaz arrancou um bocado do tamanho de um punho de uma das extremidades do pão e entregou-o a Jaime. Brienne partiu seu próprio pão.

– Lorde Bolton – perguntou a garota –, dizem que pretende entregar Harrenhal a Vargo Hoat.

– Foi esse o seu preço – disse Lorde Bolton. – Os Lannister não são os únicos que pagam as suas dívidas. Em todo o caso, tenho de me retirar em breve. Edmure Tully deverá se casar com a Senhora Roslin Frey nas Gêmeas, e meu rei ordena-me que esteja presente.

– *Edmure* vai se casar? – perguntou Jaime. – Não é Robb Stark?

– Sua Graça o Rei Robb já se casou. – Bolton cuspiu um caroço de ameixa na mão e deixou-o de lado. – Com uma Westerling do Despenhadeiro. Foi-me dito que o nome dela é Jeyne. Sem dúvida a conhece, sor. O pai dela é vassalo do seu.

– Meu pai tem bastantes vassalos, e a maioria deles tem filhas. – Jaime tateou só com uma mão em busca da taça, tentando se recordar daquela Jeyne. Os Westerling eram uma casa antiga, com mais orgulho do que poder.

– Isso não pode ser verdade – disse teimosamente Brienne. – O Rei Robb jurou se casar com uma Frey. Ele nunca quebraria a promessa, ele...

– Sua Graça é um rapaz de dezesseis anos – disse brandamente Roose Bolton. – E eu agradeceria se não questionasse a minha palavra, senhora.

Jaime quase sentiu pena de Robb Stark. *Ele ganhou a guerra no campo de batalha e perdeu-a numa cama, pobre tolo.*

– Lorde Walder aprecia jantar truta em vez de lobo? – perguntou.

– Oh, truta dá um jantar saboroso. – Bolton levantou um dedo pálido para o copeiro. – Embora meu pobre Elmar tenha sido posto de lado. Ele deveria se casar com Arya Stark, mas meu sogro Frey não teve escolha exceto quebrar o noivado, quando o Rei Robb o traiu.

– Há alguma notícia de Arya Stark? – Brienne inclinou-se para a frente. – A Senhora Catelyn temeu que... a garota ainda está viva?

– Oh, sim – disse o Senhor do Forte do Pavor.

– Tem conhecimento seguro desse fato, senhor?

Roose Bolton encolheu os ombros.

– Arya Stark andou perdida durante algum tempo, é verdade, mas agora foi encontrada. Pretendo enviá-la de volta ao Norte em segurança.

– Tanto ela quanto a irmã – disse Brienne. – Tyrion Lannister prometeu-nos ambas as garotas em troca do irmão.

Aquilo pareceu divertir o Senhor do Forte do Pavor.

– Minha senhora, ninguém lhe disse? Os Lannister mentem.

– Isso é uma desfeita à honra de minha Casa? – Jaime pegou a faca do queijo com a mão boa. – Uma ponta redonda, e pouco afiada – disse, deslizando o polegar pelo gume da lâmina –, mas entrará em seu olho mesmo assim. – O suor cobriu sua testa de gotículas. Só podia esperar que não parecesse tão fraco quanto se sentia.

O pequeno sorriso de Lorde Bolton fez outra visita aos seus lábios.

– Fala com ousadia, para um homem que precisa de ajuda para partir o pão. Recordo-lhe de que meus guardas se encontram em toda a nossa volta.

– Em toda a nossa volta e a meia légua de distância. – Jaime lançou um olhar de relance ao longo do vasto comprimento do salão. – Quando chegarem até nós, estará tão morto como Aerys.

– É pouco cavalheiresco lançar ameaças ao seu anfitrião por cima de seus próprios queijos e azeitonas – disse o Senhor do Forte do Pavor, em tom de reprimenda. – No Norte ainda temos como sagradas as leis da hospitalidade.

– Eu aqui sou um prisioneiro, não um hóspede. Seu bode cortou minha mão. Se acha que um punhado de ameixas secas fará com que me esqueça disso, está muito enganado.

Aquilo surpreendeu Roose Bolton.

– Talvez esteja. Talvez deva fazer de você um presente de casamento para Edmure Tully... ou cortar sua cabeça, como sua irmã fez a Eddard Stark.

– Não aconselharia isso. Rochedo Casterly tem boa memória.

– Há mil léguas de montanha, mar e pântano entre as minhas muralhas e o seu rochedo. A inimizade dos Lannister pouco significa para um Bolton.

– A amizade dos Lannister poderia significar muito. – Jaime julgava conhecer o jogo que agora jogavam. *Mas será que a garota também o conhece?* Não se atreveu a olhar para ver.

– Não estou certo de que sejam o tipo de amigos que um homem sensato quereria. – Roose Bolton fez um gesto para chamar o garoto. – Elmar, corte uma fatia de assado para os nossos convidados.

Brienne foi servida primeiro, mas não fez qualquer movimento para comer.

– Senhor – disse –, Sor Jaime deve ser trocado pelas filhas da Senhora Catelyn. Deve nos libertar para prosseguirmos o nosso caminho.

– O corvo que chegou de Correrrio falou de uma fuga, não de uma troca. E se ajudou este prisioneiro a escapar de suas correntes, é culpada de traição, senhora.

A grande moça pôs-se em pé.

– Eu sirvo a Senhora Stark.

– E eu sirvo o Rei no Norte. Ou o Rei que Perdeu o Norte, como alguns o chamam agora. O qual nunca desejou negociar Sor Jaime com os Lannister.

– Sente-se e coma, Brienne – exortou Jaime, enquanto Elmar colocava uma fatia de assado à sua frente, escura e sangrando. – Se Bolton pretendesse nos matar, não estaria desperdiçando suas preciosas ameixas conosco, colocando suas tripas em tamanho perigo. – Fitou a carne e compreendeu que não tinha como cortá-la só com uma mão. *Agora valho menos do que uma menina*, pensou. *O bode equilibrou a troca, embora eu duvide que a Senhora Catelyn lhe agradeça quando Cersei lhe devolver as cachorrinhas em igual estado*. A ideia levou Jaime a fazer uma careta. *Também arcarei com a culpa por isso, aposto.*

Roose Bolton cortou metodicamente sua carne, fazendo o sangue escorrer pelo prato.

– Senhora Brienne, vai se sentar se lhe disser que espero deixar Sor Jaime prosseguir viagem, tal como você e a Senhora Stark desejam?

– Eu... o senhor nos deixaria prosseguir? – a garota soava cautelosa, mas sentou-se. – Isso é bom, senhor.

– É. No entanto, Lorde Vargo criou-me uma pequena... dificuldade. – Virou os olhos claros para Jaime. – Sabe por que motivo Hoat cortou sua mão?

– Ele gosta de cortar mãos. – O linho que cobria o coto de Jaime estava salpicado de sangue e vinho. – Também gosta de cortar pés. Não parece precisar de um motivo.

– No entanto, tinha um. Hoat é mais astuto do que parece. Nenhum homem comanda por muito tempo uma companhia como os Bravos Companheiros, a menos que tenha alguns miolos. – Bolton apunhalou um bocado de carne com a ponta de seu punhal, colocou-o na boca, mastigou pensativamente, engoliu. – Lorde Vargo abandonou a Casa Lannister

porque eu lhe ofereci Harrenhal, uma recompensa mil vezes maior do que qualquer uma que pudesse esperar obter de Lorde Tywin. Sendo estranho a Westeros, ele não sabia que o prêmio estava envenenado.

– A maldição de Harren, o Negro? – zombou Jaime.

– A maldição de Tywin Lannister. – Bolton estendeu a taça e Elmar voltou a enchê-la em silêncio. – O nosso bode devia ter consultado os Tarbeck ou os Reyne. Eles talvez o tivessem prevenido de como o senhor seu pai lida com a traição.

– Não há nenhum Tarbeck ou Reyne – disse Jaime.

– É exatamente aí que eu quero chegar. Não há dúvida de que Lorde Vargo esperava que Lorde Stannis triunfasse em Porto Real, e então confirmasse a sua posse deste castelo como forma de gratidão pelo pequeno papel que ele desempenhou na queda da Casa Lannister. – Soltou um risinho seco. – Temo que ele também saiba pouco sobre Stannis Baratheon. Este podia ter-lhe dado Harrenhal pelos serviços prestados, mas teria dado também um nó corrediço por seus crimes.

– Um nó corrediço é mais simpático do que aquilo que receberá de meu pai.

– A essa altura, ele já chegou à mesma conclusão. Com Stannis derrotado e Renly morto, só uma vitória Stark pode salvá-lo da vingança de Lorde Tywin, mas as chances de isso acontecer estão ficando perigosamente escassas.

– O Rei Robb ganhou todas as batalhas – disse Brienne em tom resoluto, tão obstinadamente leal de discurso como era de atos.

– Ganhou todas as batalhas enquanto perdia os Frey, os Karstark, Winterfell e o Norte. É uma pena que o lobo seja tão novo. Os rapazes de dezesseis anos pensam sempre que são imortais e invencíveis. Um homem mais velho dobraria o joelho, penso eu. Após uma guerra há sempre uma paz, e com a paz há perdões... para gente como Robb Stark, pelo menos. Não para homens como Vargo Hoat. – Bolton dirigiu a Jaime um pequeno sorriso. – Ambos os lados o usaram, mas nenhum derramará uma lágrima com a sua morte. Os Bravos Companheiros não lutaram na Batalha da Água Negra, mas morreram lá mesmo assim.

– Vai me perdoar se não fizer luto?

– Não tem piedade de nosso desgraçado e condenado bode? Ah, mas os deuses devem ter... caso contrário, por que teriam colocado *você* nas

mãos dele? – Bolton mastigou outro pedaço de carne. – Karhold é menor e pior do que Harrenhal, mas fica bem fora de alcance das garras do leão. Depois de se casar com Alys Karstark, Hoat pode se tornar um verdadeiro senhor. Se conseguisse arrecadar algum ouro de seu pai, melhor ainda, mas entregaria o sor ao Lorde Rickard, não importa a quantia que Lorde Tyrion pagasse. Seu preço seria a donzela e um refúgio seguro.

"Mas para vendê-lo tem de mantê-lo em sua posse, e as terras fluviais estão cheias de homens que de bom grado o raptariam. Glover e Tallhart foram derrotados em Valdocaso, mas restos de sua tropa ainda andam por aí, com a Montanha a massacrar os que ficam para trás. Mil Karstarks percorrem as terras a sul e a leste de Correrrio, à sua caça. Em outros pontos, há homens de Darry deixados sem senhor e sem lei, matilhas de lobos de quatro patas, e os bandos de foras da lei do senhor do relâmpago. Dondarrion de bom grado enforcaria você e o bode na mesma árvore. – O Senhor do Forte do Pavor ensopou um pedaço de pão no sangue. – Harrenhal era o único lugar onde Lorde Vargo poderia ter esperança de mantê-lo a salvo, mas aqui os seus Bravos Companheiros estão em grande desvantagem numérica em relação aos meus homens, e a Sor Aenys e seus Frey. Ele sem dúvida temia que eu o devolvesse a Sor Edmure em Correrrio... ou pior, que o deixasse seguir caminho para junto de seu pai.

"Ao mutilá-lo, pretendeu remover a ameaça de sua espada, arranjar uma lembrança macabra para enviar ao seu pai e diminuir o valor que teria para mim. Pois ele é homem meu, tal como eu sou um homem do Rei Robb. Portanto, o crime dele é meu, ou pode assim parecer aos olhos de seu pai. E aí reside a minha... pequena dificuldade. – Fitou Jaime, sem pestanejar, com os olhos claros, expectante, gelado.

*Estou vendo*.

– Quer que o absolva de culpa. Que diga ao meu pai que este coto não é obra sua. – Jaime soltou uma gargalhada. – Senhor, mande-me para Cersei, e eu cantarei uma canção tão doce quanto quiser sobre a gentil forma como me tratou. – Sabia que qualquer outra resposta significava que Bolton voltaria a entregá-lo ao bode. – Se eu tivesse uma mão, escreveria. Como fui mutilado pelo mercenário que meu próprio pai trouxe para Westeros, e resgatado pelo nobre Lorde Bolton.

– Confiarei na sua palavra, sor.

*Eis algo que não ouço com frequência.*

– Quando nos será permitido que partamos? E como planeja fazer que eu passe por todos esses lobos, salteadores e Karstark?

– Partirá quando Qyburn disser que está suficientemente forte, com uma forte escolta de homens selecionados e sob o comando de meu capitão, Walton. Chamam-no de Pernas de Aço. Um soldado de férrea lealdade. Walton vai entregá-lo a salvo e inteiro em Porto Real.

– Desde que as filhas da Senhora Catelyn também sejam entregues a salvo e inteiras – disse a garota. – Senhor, a proteção desse seu Walton é bem-vinda, mas as meninas estão a *meu* cargo.

O Senhor do Forte do Pavor deu-lhe um relance de olhos desinteressado.

– Já não tem de se preocupar com as meninas, senhora. A Senhora Sansa é esposa do anão, só os deuses podem separá-los agora.

– A esposa dele? – disse Brienne, espantada. – Do Duende? Mas... ele jurou, perante a corte inteira, à vista dos deuses e dos homens...

*Ela é tão inocente*. Jaime estava quase tão surpreso quanto a garota, mas escondia melhor. *Sansa Stark, isso deve ter posto um sorriso na cara de Tyrion*. Lembrou-se de como o irmão fora feliz com a pequena filha do caseiro... durante uma quinzena.

– O que o Duende jurou ou deixou de jurar pouco importa agora – disse Lorde Bolton. – Principalmente a você. – A garota pareceu quase machucada. Talvez tenha finalmente sentido as mandíbulas de aço da armadilha quando Roose Bolton fez sinal aos guardas. – Sor Jaime prosseguirá até Porto Real. Receio que eu não tenha dito nada a seu respeito. Seria pouco escrupuloso de minha parte privar Lorde Vargo de ambos os seus troféus. – O Senhor do Forte do Pavor estendeu a mão para outra ameixa. – Se fosse você, senhora, iria me preocupar menos com os Stark e bastante mais com safiras.

## TYRION

Um cavalo relinchou impacientemente atrás dele, entre as fileiras de homens de manto dourado formadas na estrada. Tyrion ouvia também Lorde Gyles tossir. Não tinha pedido a presença de Gyles, tal como não solicitara as de Sor Addam, Jalabhar Xho ou qualquer um dos demais, mas o senhor seu pai achou que Doran Martell talvez não gostasse se apenas um anão viesse escoltá-lo na travessia do Água Negra.

*O próprio Joffrey devia ter vindo ao encontro dos dorneses*, refletiu enquanto esperava, *mas ele estragaria tudo, sem dúvida*. Nos últimos tempos, o rei andava repetindo piadinhas sobre os dorneses que tinha ouvido dos homens de armas de Mace Tyrell. *Quantos dorneses são necessários para pôr a ferradura em um cavalo? Nove. Um para prender a ferradura e oito para levantar o cavalo*. Por algum motivo, parecia a Tyrion que Doran Martell não acharia aquilo divertido.

Viu os estandartes esvoaçando quando os cavaleiros emergiram da verde floresta viva numa longa coluna poeirenta. Dali até o rio, só restavam árvores nuas e enegrecidas, um legado de sua batalha. *Estandartes demais*, pensou amargamente, enquanto observava as cinzas que eram levantadas pelos cascos dos cavalos que se aproximavam, tal como tinham sido erguidas pelos cascos da vanguarda Tyrell antes de ela esmagar Stannis pelo flanco. *Aparentemente, Martell trouxe metade dos senhores de Dorne*. Tentou pensar em algum bem que pudesse advir disso, mas não conseguiu.

– Conta quantos estandartes? – perguntou a Bronn.

O cavaleiro mercenário pôs a mão acima dos olhos para tapar o sol.

– Oito... não, nove.

Tyrion virou-se na sela.

– Pod, venha aqui. Descreva as armas que vê e diga-me que casas representam.

Podrick Payne aproximou-se em seu castrado. Transportava o estandarte real, o grande veado e leão de Joffrey, e lutava com o seu peso.

Bronn levava o estandarte de Tyrion, o leão de Lannister em ouro sobre carmesim.

*Ele está ficando mais alto*, percebeu Tyrion quando Pod ficou em pé sobre os estribos para ver melhor. *Em breve vai fazer sombra em mim como todos os outros*. O garoto andara fazendo um estudo diligente da heráldica de Dorne, por ordem de Tyrion, mas estava nervoso, como sempre.

– Não consigo ver. O vento está agitando os estandartes.

– Bronn, diga ao garoto o que vê.

Bronn parecia muito cavaleiro naquele dia, com gibão e manto novos, e o colar flamejante sobre o peito.

– Um sol vermelho em fundo laranja – anunciou – com uma lança espetada na parte de trás.

– Martell – disse imediatamente Podrick Payne, visivelmente aliviado. – A Casa Martell de Lançassolar, senhor. O Príncipe de Dorne.

– Até meu cavalo saberia essa – disse secamente Tyrion. – Mande outra, Bronn.

– Há uma bandeira púrpura com bolas amarelas.

– Limões? – perguntou Pod em tom esperançoso. – Um fundo púrpura coberto de limões? Da Casa Dalt? De... de Limoeiros.

– Pode ser. A próxima é um grande pássaro preto sobre fundo amarelo. Com qualquer coisa rosa ou branca nas garras, é difícil saber o que, com a bandeira tremulando.

– O abutre de Blackmont segura um bebê nas garras – disse Pod. – A Casa Blackmont de Monpreto, sor.

Bronn soltou uma gargalhada.

– Outra vez lendo livros? Os livros vão arruinar seu olho da espada, garoto. Também vejo um crânio. Um estandarte preto.

– O crânio coroado da Casa Manwoody, osso e ouro sobre negro. – Pod soava mais confiante a cada resposta correta. – Os Manwoody de Tumbarreal.

– Três aranhas pretas?

– São escorpiões, sor. Casa Qorgyle de Arenito, três escorpiões negros sobre vermelho.

– Vermelho e amarelo, com uma linha em zigue-zague entre eles.

– As chamas de Toca do Inferno. Casa Uller.

Tyrion estava impressionado. *O rapaz não é nada burro, depois de desatada a língua.*

– Continue, Pod – instou. – Se acertar todos, lhe darei um presente.

– Uma rodela com fatias vermelhas e pretas – disse Bronn. – Há uma mão dourada no centro.

– A Casa Allyrion de Graçadivina.

– Uma galinha vermelha comendo uma cobra, parece.

– Os Gargalen de Costa do Sal. Um basilisco. Sor. Perdão. Não é galinha. Vermelho, com uma serpente negra no bico.

– Muito bem! – exclamou Tyrion. – Mais um, garoto.

Bronn examinou as fileiras de dorneses que se aproximavam.

– O último é uma pena dourada sobre xadrez verde.

– Jordayne da Penha.

Tyrion soltou uma gargalhada.

– Nove, e muito bem. Eu mesmo não teria conseguido identificar a todos. – Aquilo era uma mentira, mas daria ao rapaz certo orgulho, e isso era algo de que ele precisava desesperadamente.

*O Martell traz alguns formidáveis companheiros, ao que parece*. Nenhuma das casas que Pod havia identificado era pequena ou insignificante. Nove dos maiores senhores de Dorne subiam a estrada do rei, eles ou seus herdeiros, e de algum modo não parecia a Tyrion que tivessem percorrido toda aquela distância só para ver o urso dançarino. Havia ali uma mensagem. *E não é uma mensagem que me agrada*. Perguntou a si mesmo se teria sido um erro enviar Myrcella para Lançassolar.

– Senhor – disse Pod, com uma certa timidez –, não há nenhuma liteira.

Tyrion virou vivamente a cabeça. O rapaz tinha razão.

– Doran Martell viaja sempre numa liteira – disse o garoto. – Uma liteira entalhada, com cortinas de seda e sóis nos panos.

Tyrion tinha ouvido dizer o mesmo. O Príncipe Doran tinha já mais de cinquenta anos e sofria de gota. *Ele pode ter desejado fazer um tempo melhor*, disse a si mesmo. *Pode ter temido que sua liteira constituísse um alvo tentador demais para bandoleiros, ou que se revelasse incômoda demais nas passagens de altitude do Caminho do Espinhaço. Talvez esteja melhor da gota.*

Então por que tinha um pressentimento tão ruim a respeito daquilo?

Aquela espera era intolerável.

– Estandartes, em frente – exclamou. – Vamos ao encontro deles. – Esporeou o cavalo. Bronn e Pod seguiram-no, um de cada lado. Quando os dorneses viram que eles se puseram em movimento, esporearam as próprias montarias, fazendo ondular os estandartes ao avançar. De suas ornamentadas selas pendiam os escudos redondos de metal que preferiam, e muitos traziam feixes de curtas lanças de arremesso, ou os arcos dorneses de dupla curvatura que sabiam usar tão bem de cima dos cavalos.

Havia três tipos de dorneses, observara o primeiro Rei Daeron. Havia os dorneses salgados, que viviam ao longo das costas, os dorneses arenosos dos desertos e longos vales fluviais e os dorneses pedregosos, que construíam suas fortalezas nos passos e nas alturas das Montanhas Vermelhas. Os dorneses salgados eram os que tinham mais sangue de Roine e os pedregosos, os que menos tinham.

Os três tipos pareciam bem representados na comitiva de Doran. Os dorneses salgados eram ágeis e escuros, com uma pele lisa cor de azeitona e longos cabelos negros tremulando ao vento. Os dorneses arenosos eram ainda mais escuros, com o rosto bronzeado pelo quente sol de Dorne até tomar um tom pardo-escuro. Enrolavam longos lenços de cores claras em volta dos elmos, para se protegerem da insolação. Os dorneses pedregosos eram maiores e mais claros, filhos dos ândalos e dos primeiros homens, de cabelos castanhos ou louros, com um rosto que ganhava sardas ou queimava ao sol em vez de se bronzear.

Os senhores usavam vestes de seda e cetim, com cintos cravejados de joias e mangas soltas. Suas armaduras eram fortemente esmaltadas e possuíam relevos de cobre polido, prata cintilante e suave ouro vermelho. Vinham montados em cavalos vermelhos e dourados e alguns brancos como a neve, todos eles esguios e ligeiros, com pescoço longo e cabeça estreita e bela. Os legendários corcéis de areia de Dorne eram menores do que cavalos de guerra propriamente ditos e não aguentavam todo o peso das armaduras que estes costumavam usar, mas dizia-se que eram capazes de correr durante um dia, uma noite e o dia seguinte sem nunca se cansar.

O líder dornês vinha montado num garanhão negro como o pecado, com crina e cauda da cor do fogo. Sentava-se na sela como se ali tivesse nascido, alto, esguio, gracioso. Um manto de seda vermelho-clara flutuava preso aos seus ombros, e sua camisa era couraçada com fileiras sobrepostas de discos de cobre, que cintilavam como um milhar de moedas recém-cunhadas quando ele se movia. Seu grande elmo dourado exibia um sol de cobre na testa, e o escudo redondo pendurado atrás dele trazia o sol e a lança da Casa Martell em sua superfície de metal polido.

*Um sol Martell, mas dez anos novo demais*, pensou Tyrion ao puxar as rédeas do cavalo, *e também em muito boa forma, e muito mais feroz do que deveria*. A essa altura, já sabia com o que tinha de lidar. *Quantos dorneses são necessários para começar uma guerra?*, perguntou a si mesmo. *Só um*. E, no entanto, não tinha outra alternativa.

– Prazer, senhores. Recebemos notícias de sua chegada, e Sua Graça, o Rei Joffrey, pediu-me para vir ao seu encontro, a fim de lhes dar as boas-vindas em seu nome. O senhor meu pai, a Mão do Rei, manda igualmente as suas saudações. – Fingiu uma confusão amigável. – Qual dos senhores é o Príncipe Doran?

– A saúde de meu irmão exige que permaneça em Lançassolar. – O príncipe infante tirou o elmo. Por baixo, seu rosto era marcado e sombrio, com finas sobrancelhas arqueadas sobre olhos grandes, tão negros e brilhantes como lagoas de betume. Só alguns fios de prata manchavam o lustroso cabelo negro que se afastava de sua testa, formando, ao centro, um bico tão marcado quanto seu nariz. *Um dornês salgado, com toda a certeza*. – O Príncipe Doran enviou-me para ocupar o lugar dele no conselho do Rei Joffrey, se Sua Graça desejar.

– Sua Graça ficará muito honrada por ter o conselho de um guerreiro de tanto renome como o Príncipe Oberyn de Dorne – disse Tyrion, ao mesmo tempo que pensava: *Isso vai significar sangue nas sarjetas*. – E os seus nobres companheiros também são muito bem-vindos.

– Permita-me que os apresente, senhor de Lannister. Sor Deziel Dalt, de Limoeiros. Lorde Tremond Gargalen. Lorde Harmen Uller e seu irmão, Sor Ulwyck. Sor Ryon Allyrion e seu filho natural, Sor Daemon Sand, o Bastardo de Graçadivina. Lorde Dagos Manwoody, seu irmão, Sor Myles, seus filhos Mors e Dickon. Sor Arron Qorgyle. E não poderia deixar de mencionar as senhoras. Myria Jordayne, herdeira da Penha.

Senhora Larra Blackmont, sua filha Jynessa, e o filho Perros. – Ergueu uma mão esguia para uma mulher de cabelos negros que se encontrava na retaguarda, fazendo-lhe sinal para que se aproximasse. – E esta é Ellaria Sand, minha amante.

Tyrion engoliu um gemido. *Sua amante, e bastarda. Cersei vai ter um chilique daqueles se ele a quiser no casamento*. Se atribuísse à mulher um lugar em algum canto escuro afastado dos nobres, a irmã iria se arriscar a despertar a fúria do Víbora Vermelha. Sentá-la ao lado dele faria com que todas as outras mulheres no estrado se ofendessem. *O Príncipe Doran tinha a intenção de provocar um quiproquó?*

O Príncipe Oberyn virou o cavalo para trás, para defrontar os outros dorneses.

– Ellaria, senhores e senhoras, sores, vejam como o Rei Joffrey gosta de nós. Sua Graça teve a bondade de enviar o próprio tio Duende para nos levar à sua corte.

Bronn respondeu com um resfolego de risada, e Tyrion foi obrigado a também fingir divertimento.

– Não sozinho, senhores. Isso seria uma tarefa gigantesca demais para um homem pequeno como eu. – A essa altura, sua comitiva já tinha se aproximado, por isso foi sua vez de enumerar os nomes. – Permitam-me que lhes apresente Sor Flement Brax, herdeiro de Valcorno. Lorde Gyles de Rosby. Sor Addam Marbrand, Senhor Comandante da Patrulha da Cidade. Jalabhar Xho, Príncipe do Vale da Flor Vermelha. Sor Harys Swyft, sogro de meu tio Kevan. Sor Merlon Crakehall. Sor Philip Foote e Sor Bronn da Água Negra, dois heróis de nossa recente batalha contra o rebelde Stannis Baratheon. E meu escudeiro, o jovem Podrick da Casa Payne. – Os nomes iam ressoando bem à medida que Tyrion os desenrolava, mas aqueles que os possuíam não eram um grupo nem de longe tão distinto e formidável quanto aquele que acompanhava o Príncipe Oberyn, como ambos sabiam perfeitamente.

– Senhor de Lannister – disse a Senhora Blackmont –, percorremos um caminho longo e poeirento, e um pouco de descanso seria muito bem-vindo, para restaurarmos as forças. Podemos prosseguir para a cidade?

– Imediatamente, senhora. – Tyrion virou a cabeça do cavalo e chamou por Sor Addam Marbrand. Os homens de manto dourado que constituíam

a maior parte de sua guarda de honra manobraram vivamente os cavalos à ordem de Sor Addam, e a coluna dirigiu-se para o rio e para Porto Real.

*Oberyn Nymeros Martell*, resmungou Tyrion, em surdina, enquanto se punha ao lado do homem. *A Víbora Vermelha de Dorne. E o que, com os sete infernos, esperam que eu faça com ele?*

Conhecia o homem apenas de reputação, certamente... mas a reputação era assustadora. Quando mal tinha dezesseis anos, o Príncipe Oberyn fora encontrado na cama com a amante do velho Lorde Yronwood, um homem enorme, de feroz reputação e gênio tempestuoso. Seguiu-se um duelo, embora, em vista da juventude e do elevado nascimento do príncipe, fosse apenas até o primeiro sangue. Ambos os homens receberam golpes, e a honra foi satisfeita. Mas o Príncipe Oberyn recuperou-se rapidamente, ao passo que os ferimentos de Lorde Yronwood gangrenaram e o levaram à morte. Depois de seu falecimento, os homens começaram a murmurar que Oberyn lutara com uma espada envenenada, e daí em diante tanto os amigos como os adversários passaram a chamá-lo de Víbora Vermelha.

Isso havia acontecido muitos anos antes, com certeza. O rapaz de dezesseis anos era agora um homem com mais de quarenta e sua lenda tornara-se mais sombria. Tinha viajado pelas Cidades Livres, onde aprendeu a arte dos venenos, e talvez artes ainda mais negras, caso se acreditasse nos rumores. Estudou na Cidadela, chegando até a forjar seis elos de uma corrente de meistre antes de se aborrecer. Serviu como soldado nas Terras Disputadas, do outro lado do mar estreito, acompanhando os Segundos Filhos durante algum tempo antes de formar a própria companhia. Seus torneios, suas batalhas, seus duelos, seus cavalos, sua luxúria... dizia-se que dormia tanto com homens quanto com mulheres e que tinha gerado bastardas por todo o Dorne. Os homens chamavam suas filhas de *serpentes de areia*. Até onde Tyrion sabia, o Príncipe Oberyn nunca fora pai de um filho.

E, claro, tinha mutilado o herdeiro de Jardim de Cima.

*Não há homem nos Sete Reinos que seja menos bem-vindo a um casamento Tyrell*, pensou Tyrion. Mandar o Príncipe Oberyn para Porto Real enquanto a cidade ainda abrigava Lorde Mace Tyrell, dois de seus filhos e milhares de seus homens de armas era uma provocação tão perigosa quanto o próprio Príncipe Oberyn. *Uma palavra errada, um*

*gracejo feito num momento inoportuno, um olhar serão o suficiente, e nossos nobres aliados vão se lançar às gargantas uns dos outros.*

– Já nos encontramos uma vez – disse o príncipe dornês a Tyrion, com ligeireza, enquanto cavalgavam lado a lado pela estrada do rei, passando por campos de cinzas e esqueletos de árvores. – Mas não espero que se lembre. Era ainda menor do que é agora.

Na voz do homem, havia uma aresta de zombaria que desagradava a Tyrion, mas não ia permitir que o dornês o provocasse.

– Quando aconteceu isso, senhor? – perguntou, num tom de interesse educado.

– Oh, há muitos e muitos anos, quando minha mãe governava em Dorne e o senhor seu pai era Mão de um rei diferente.

*Não tão diferente quanto possa pensar*, refletiu Tyrion.

– Foi quando visitei Rochedo Casterly com a minha mãe, o seu consorte e a minha irmã Elia. Tinha, oh, catorze, quinze anos, por aí, e Elia era um ano mais velha. O seu irmão e sua irmã tinham oito ou nove anos, se bem me lembro, e você havia acabado de nascer.

*Estranha hora para uma visita*. A mãe havia morrido no parto, então os Martell teriam encontrado Rochedo Casterly profundamente mergulhado em luto. Especialmente o pai. Lorde Tywin raras vezes mencionava a mulher, mas Tyrion ouviu os tios falarem do amor que havia entre eles. Naqueles tempos, o pai era Mão de Aerys, e muitos diziam que Lorde Tywin Lannister governava os Sete Reinos, mas a Senhora Joanna governava Lorde Tywin.

– Ele não era o mesmo homem depois que ela morreu, Duende – disse-lhe um dia o tio Gery. – A melhor parte dele morreu com ela. – Gerion era o mais novo dos quatro filhos de Lorde Tytos Lannister, e o tio de que Tyrion mais gostava.

Mas agora estava desaparecido, perdido além dos mares, e o próprio Tyrion tinha levado a Senhora Joanna para a sepultura.

– Achou Rochedo Casterly do seu agrado, senhor?

– Pouco. O seu pai ignorou-nos todo o tempo que lá estivemos, depois de ordenar a Sor Kevan que tratasse de nos entreter. A cela que me deram tinha uma cama de penas e tapetes de Myr no chão, mas era escura e não tinha janelas, muito semelhante a uma masmorra se você parar para pensar, tal como eu disse a Elia na época. Seus céus eram cinzentos

demais, seus vinhos, doces demais, suas mulheres, castas demais, sua comida, insípida demais... e você foi o maior desapontamento de todos.

– Tinha acabado de nascer. O que esperava de mim?

– Enormidade – respondeu o príncipe de cabelo negro. – Era pequeno mas afamado. Estávamos em Vilavelha quando de seu nascimento, e a cidade só falava do monstro que tinha nascido da Mão do Rei, e de como aquilo podia ser um mau presságio para o reino.

– Fome, peste e guerra, sem dúvida. – Tyrion deu um sorriso amargo. – É sempre fome, peste e guerra. Ah, e o inverno, e a longa noite que nunca termina.

– Tudo isso – disse o Príncipe Oberyn – e também a queda de seu pai. Ouvi um irmão mendicante pregar que Lorde Tywin se tornara maior do que o Rei Aerys, mas só um deus deve estar acima de um rei. Você seria a sua maldição, uma punição enviada pelos deuses para lhe ensinar que não era melhor do que qualquer outro homem.

– Eu tento, mas ele recusa-se a aprender. – Tyrion soltou um suspiro. – Prossiga, por favor. Adoro uma boa história.

– E é natural, pois a história que se contava de você era que tinha um rabo, duro e recurvado como o de um porco. A sua cabeça era monstruosamente grande, segundo ouvimos dizer, com vez e meia o tamanho do seu corpo, e havia nascido com densos cabelos pretos e também com barba, um olho maligno e garras de leão. Seus dentes eram tão longos que não podia fechar a boca, e entre as pernas encontravam-se as partes privadas de uma menina, assim como as de um menino.

– A vida seria muito mais simples se os homens pudessem se foder a si mesmos, não acha? E eu consigo me lembrar de algumas ocasiões em que garras e dentes poderiam ter se revelado úteis. Mesmo assim, começo a ver a natureza de sua queixa.

Bronn soltou uma risadinha, mas Oberyn apenas sorriu.

– Podíamos nem tê-lo visto, se não fosse a sua querida irmã. Você nunca aparecia à mesa ou nos salões, se bem que às vezes, à noite, ouvíssemos um bebê berrando nas profundezas do Rochedo. Tinha uma voz monstruosamente alta, isso garanto. Chorava durante horas, e nada o sossegava a não ser uma teta de mulher.

– Continua a ser assim, curiosamente.

Dessa vez o Príncipe Oberyn riu.

– É um gosto que partilhamos. Lorde Gargalen disse-me uma vez que esperava morrer com uma espada na mão, ao que eu respondi que preferiria partir com um seio na minha.

Tyrion teve de sorrir.

– Falava de minha irmã?

– Cersei prometeu a Elia que iria mostrá-lo a nós. Na véspera do dia em que devíamos zarpar, enquanto minha mãe e seu pai estavam fechados, juntos, sua irmã e Jaime levaram-nos até o seu quarto. A sua ama de leite tentou nos mandar embora, mas Cersei não quis nem saber. "Ele é meu", ela disse, "e você é só uma vaca leiteira, não pode me dizer o que fazer. Quieta, senão mando meu pai cortar sua língua. Uma vaca não precisa de língua, só precisa de úberes".

– Sua Graça aprendeu o encanto numa idade precoce – disse Tyrion, divertido com a ideia da irmã a reclamá-lo como seu. *Os deuses sabem como nunca mais se esforçou em reclamar por mim.*

– Cersei até tirou seus cueiros para que víssemos melhor – prosseguiu o príncipe dornês. – Realmente possuía um olho maligno, e um pouco de penugem negra no couro cabeludo. A sua cabeça talvez fosse maior do que a da maior parte dos bebês... mas não havia rabo, nem barba, nem dentes ou garras, e nada entre as suas pernas além de um minúsculo pinto cor-de-rosa. Depois de todos os maravilhosos murmúrios, o Castigo de Lorde Tywin revelou ser apenas um hediondo bebê vermelho, com pernas atrofiadas. Elia até fez o ruído que as meninas fazem ao ver bebês, estou certo de que já o ouviu. O mesmo ruído que fazem por causa de gatinhos fofos ou cachorros brincalhões. Creio que desejou embalá-lo, por mais feio que fosse. Quando eu comentei que parecia uma espécie fraca de monstro, a sua irmã disse: "Ele matou a minha mãe", e torceu o seu pintinho com tanta força que pensei que poderia arrancá-lo. Você guinchou, mas foi só quando o seu irmão Jaime disse "Largue-o, está machucando-o" que Cersei o soltou. "Não importa", disse-nos. "Todo mundo diz que ele deve morrer em breve. Nem devia ter sobrevivido tanto tempo."

O sol brilhava, forte, por cima deles, e o dia estava agradavelmente quente para o outono, mas Tyrion Lannister gelou quando ouviu aquilo. *A minha querida irmã.* Coçou a cicatriz no nariz e deu ao dornês uma dose de seu "olho maligno". *Mas por que motivo será que ele contou essa*

*história? Estará me testando, ou será que deseja simplesmente torcer meu pinto, como Cersei fez, para me ouvir gritar?*

– Não se esqueça de contar essa história ao meu pai. Vai deleitá-lo tanto quanto me deleitou. Especialmente a parte a respeito de meu rabo. Eu realmente tive um, mas ele mandou cortá-lo.

O Príncipe Oberyn soltou um risinho.

– Tornou-se mais divertido desde a última vez que nos encontramos.

– Sim, mas o que *tentei* foi me tornar mais alto.

– Por falar em divertimento, ouvi uma história curiosa contada pelo intendente de Lorde Buckler. Ele diz que você criou um imposto sobre as bolsas privadas das mulheres.

– É um imposto sobre a prostituição – disse Tyrion, novamente irritado. *E foi ideia de meu maldito pai*. – Só uma moeda a cada, ah... ato. A Mão do Rei achou que poderia ajudar a melhorar a moralidade na cidade. – *E também a pagar o casamento de Joffrey*. Não é preciso dizer que, como mestre da moeda, Tyrion tinha arcado com toda a culpa. Bronn dizia que andavam chamando a taxa, nas ruas, de *moeda do anão*. "Toca a abrir as pernas para o Meio-Homem", gritavam nos bordéis e tabernas, de acordo com o mercenário.

– Vou me certificar de manter a minha bolsa cheia de moedas. Até um príncipe precisa pagar seus impostos.

– Por que precisaria de prostitutas? – olhou de relance para onde Ellaria Sand cavalgava entre as outras mulheres. – Cansou-se da sua amante no caminho?

– Nunca. Dividimos coisas demais. – O Príncipe Oberyn encolheu os ombros. – Mas nunca dividimos uma bela loura, e Ellaria está curiosa. Conhece alguma criatura assim?

– Sou um homem casado. – *Embora de casamento ainda não consumado*. – Já não me deito com prostitutas. – *A menos que queira que sejam enforcadas.*

Oberyn mudou abruptamente de assunto.

– Dizem que serão servidos setenta e sete pratos no banquete de casamento do rei.

– Tem fome, meu príncipe?

– Há muito tempo que tenho fome. Embora não de comida. Diga-me, por favor, quando será servida a *justiça*?

– Justiça. – *Sim, é por isso que ele está aqui, devia ter compreendido isso de imediato*. – Você era próximo de sua irmã?

– Quando crianças, Elia e eu éramos inseparáveis, assim como seu irmão e sua irmã.

*Deuses, espero que não.*

– Guerras e casamentos têm nos mantido bem ocupados, Príncipe Oberyn. Receio que ninguém ainda tenha tido tempo para dedicar a assassinatos cheirando a mofo após dezesseis anos, por mais terríveis que tenham sido. Faremos isso, naturalmente, assim que pudermos. Qualquer ajuda que Dorne possa oferecer para restaurar a paz do rei só iria acelerar o início do inquérito do senhor meu pai...

– Anão – disse a Víbora Vermelha, num tom que se tornara acentuadamente menos cordial –, poupe-me de suas mentiras de Lannister. Toma-nos por ovelhas ou por idiotas? Meu irmão não é um homem sedento de sangue, mas também não passou dezesseis anos dormindo. Jon Arryn veio a Lançassolar um ano depois de Robert subir ao trono, e pode ter certeza de que foi seriamente interrogado. Ele e mais uma centena de homens. Não vim para um espetáculo de saltimbanco em forma de *inquérito*. Vim em busca de justiça para Elia e seus filhos, e vou obtê-la. Começando por esse cretino do Gregor Clegane... mas não termina aí, creio eu. Antes de morrer, a Enormidade que Cavalga irá me dizer de onde vieram suas ordens, por favor garanta isso ao senhor seu pai. – Sorriu. – Um velho septão certa vez disse que eu era a prova viva da bondade dos deuses. Sabe por que, Duende?

– Não – admitiu Tyrion com cautela.

– Ora, se os deuses fossem cruéis, teriam feito de mim o primogênito de minha mãe, e de Doran seu terceiro filho. Eu *sou* um homem sedento de sangue, entende? E é comigo que tem de lidar agora, e não com meu paciente, prudente e artrítico irmão.

Tyrion via o sol brilhar na Torrente da Água Negra a cerca de um quilômetro de distância, e nas muralhas, torres e colinas de Porto Real depois do rio. Olhou de relance por sobre o ombro, para a coluna resplandecente que os seguia pela estrada do rei.

– Fala como quem está à frente de uma grande tropa – disse –, mas não encontro mais de trezentos homens. Vê aquela cidade ali, a norte do rio?

– A pilha de estrume que chama de Porto Real?

– Essa mesma.

– Não só a vejo, como creio que já consigo cheirá-la.

– Então cheire-a bem, senhor. Encha o nariz. Vai descobrir que meio milhão de pessoas fede mais do que trezentas. Cheira os homens de manto dourado? São quase cinco mil. As espadas juramentadas ao meu pai devem somar mais vinte mil. E depois há as rosas. As rosas cheiram tão bem, não é verdade? Especialmente quando há *tantas*. Cinquenta, sessenta, setenta mil rosas na cidade ou acampadas nos arredores, não sou realmente capaz de dizer quantas restam, mas, seja como for, há mais do que desejo contar.

Martell deu de ombros.

– Na Dorne de antigamente, antes de casarmos com Daeron, dizia-se que todas as flores se curvam perante o sol. Se as rosas tentarem obstruir meu caminho, de bom grado as pisarei.

– Tal como pisou Willas Tyrell?

O dornês não reagiu como era de se esperar.

– Recebi uma carta de Willas há menos de meio ano. Partilhamos o interesse em criação de cavalos de qualidade. Ele nunca nutriu nenhuma má vontade por mim por aquilo que aconteceu na liça. Eu atingi sua placa de peito de forma limpa, mas o pé dele ficou preso num estribo ao cair e o cavalo tombou por cima de seu corpo. Mandei um meistre até ele depois, mas só conseguiu salvar a perna do rapaz. O joelho estava longe de poder ser curado. Se há alguém a culpar, é o palerma do pai dele. Willas Tyrell estava tão verde quanto seu sobretudo e não devia andar em tais companhias. A Flor Gorda atirou-o para torneios numa idade tenra demais, assim como fez com os outros dois. Queria outro Leo Grande-Espinho, e arranjou um aleijado.

– Há quem diga que Sor Loras é melhor do que Leo Grande-Espinho jamais foi – disse Tyrion.

– A rosinha de Renly? Duvido.

– Duvide quanto quiser – disse Tyrion –, mas Sor Loras derrotou muitos bons cavaleiros, incluindo meu irmão Jaime.

– Por *derrotar* quer dizer *derrubar do cavalo*, num torneio. Diga-me quem ele matou em batalha, caso queira me assustar.

– Sor Robar Royce e Sor Emmon Cuy, para dar dois exemplos. E os homens dizem que realizou prodigiosos feitos de valor na Água Negra,

lutando ao lado do fantasma de Lorde Renly.

– Então os mesmos homens que viram os prodigiosos feitos viram também o fantasma, foi? – O dornês soltou uma leve gargalhada.

Tyrion olhou-o por um longo tempo.

– A casa de Chataya na Rua da Seda tem várias garotas que podem se adequar às suas necessidades. Dancy tem cabelos da cor do mel. Os de Marie são de um branco-louro muito claro. Aconselharia que você mantivesse uma ou outra permanentemente ao seu lado, senhor.

– Permanentemente? – o Príncipe Oberyn ergueu uma sobrancelha fina e negra. – E por que, meu bom Duende?

– Disse que deseja morrer com um seio na mão. – Tyrion avançou a meio galope para onde as balsas esperavam, na margem sul do Água Negra. Suportara tudo que pretendia suportar daquilo que passava por sagacidade em Dorne. *No fim, o pai devia ter enviado Joffrey. Ele poderia ter perguntado ao Príncipe Oberyn se sabia em que um dornês diferia de uma cagada de vaca*. Aquilo fez Tyrion sorrir, a contragosto. Faria questão de estar presente quando a Víbora Vermelha fosse apresentada ao rei.

# ARYA

O homem no telhado foi o primeiro a morrer. Estava agachado junto à chaminé, a duzentos metros de distância, não mais do que uma vaga sombra na escuridão que antecedia a alvorada, mas quando o céu começou a clarear, agitou-se, espreguiçou-se e ficou em pé. A flecha de Anguy acertou seu peito. Tombou sem força do íngreme degrau de ardósia e caiu diante da porta da septeria.

Os Saltimbancos tinham colocado ali dois guardas, mas o archote deixara-os cegos para a noite, e os fora da lei tinham se arrastado para perto. Kyle e Notch dispararam ao mesmo tempo. Um homem caiu com uma flecha espetada na garganta, o outro, com uma na barriga. O segundo homem deixou o archote cair e as chamas lamberam-no. Soltou um grito quando sua roupa pegou fogo, e isso foi o fim do avanço furtivo. Thoros gritou, e os fora da lei atacaram a sério.

Arya observou de cima do cavalo, no topo da cumeeira arborizada que se elevava diante da septeria, do moinho, da cervejaria, dos estábulos e da desolação de ervas daninhas, árvores queimadas e lama que os rodeavam. As árvores já estavam praticamente nuas, e as poucas folhas marrons e enrugadas que ainda se agarravam aos galhos pouco faziam para obstruir sua visão. Lorde Beric tinha colocado Dick Sem Barba e Mudge de guarda. Arya detestava ser deixada para trás como se fosse alguma *criança* estúpida, mas pelo menos Gendry também fora mantido ali. Sabia que não devia tentar discutir. Aquilo era uma batalha, e numa batalha era preciso obedecer.

O horizonte a leste transformou-se num clarão de ouro e rosa, e por cima de sua cabeça uma meia-lua espreitou por detrás de nuvens baixas e rápidas. O vento soprava frio, e Arya ouvia o som de água corrente e o ranger da grande roda de madeira do moinho. Havia um cheiro de chuva no ar da alvorada, mas as gotas ainda não caíam. Flechas incendiárias levantaram voo através da névoa da manhã, seguidas por pálidas fitas de fogo, e foram se espetar com um ruído surdo nas paredes de madeira da

septeria. Algumas penetraram através de janelas fechadas e, em pouco tempo, finos anéis de fogo começavam a subir através das venezianas perfuradas.

Dois Saltimbancos irromperam lado a lado da septeria, de machado nas mãos. Anguy e os outros arqueiros estavam à espera. Um dos homens morreu de imediato. O outro conseguiu se esquivar, e a flecha rasgou seu ombro. O homem avançou cambaleando, até que mais duas flechas o atingiram, tão depressa que era difícil dizer qual delas foi a primeira. As longas hastes perfuraram sua placa de peito como se fosse feita de seda em vez de aço. Caiu pesadamente. Anguy tinha flechas de ponta larga, mas também possuía outras, com furadores nas pontas. Estes eram capazes de perfurar até placa pesada. *Vou aprender a disparar um arco*, pensou Arya. Adorava esgrima, mas notava também como as flechas eram boas.

Chamas escalavam a parede oeste da septeria, e uma fumaça espessa jorrava de uma janela quebrada. Um besteiro de Myr esticou a cabeça através de outra janela, disparou um dardo e se agachou de novo para recarregar a arma. Arya também ouvia sons de luta vindos dos estábulos, gritos misturados com os relinchos dos cavalos e o tinir do aço. *Matem-nos todos*, pensou, com ferocidade. Mordeu o lábio com tanta força que sentiu o gosto do sangue. *Não deixem ficar nem um*.

O besteiro voltou a aparecer, mas, assim que disparou, três flechas passaram silvando por sua cabeça. Uma chocalhou contra seu elmo. O homem desapareceu, com besta e tudo. Arya via chamas em várias das janelas do segundo andar. Entre a fumaça e a névoa matinal, o ar era uma neblina de preto e branco soprada pelo vento. Anguy e os outros arqueiros estavam se aproximando, a fim de melhor ver os alvos.

Então a septeria entrou em erupção, com os Saltimbancos saltando para o exterior como formigas irritadas. Dois ibbeneses correram pela porta, com escudos marrons e felpudos erguidos bem alto à frente, atrás deles veio um dothraki com um grande *arakh* curvo e sineta na trança, e, atrás deste, surgiram três mercenários volantenos cobertos de ferozes tatuagens. Outros saltavam por janelas e pulavam para o chão. Arya viu um homem com uma perna passada sobre o parapeito de uma janela ser atingido por uma flecha no peito, e ouviu-o gritar quando caiu. A fumaça estava se tornando mais espessa. Dardos e flechas voavam para todos os

lados. Watty caiu com um grunhido, e o arco escorregou de sua mão. Kyle estava tentando encaixar outra flecha em seu arco quando um homem vestido de cota de malha negra trespassou sua barriga com uma lança. Arya ouviu Lorde Beric gritar. E o resto de seu bando jorrou de entre as árvores e das valas, de aço na mão. Viu o luminoso manto amarelo de Limo esvoaçando atrás dele enquanto seu dono abatia o homem que havia matado Kyle. Thoros e Lorde Beric encontravam-se por toda a parte, com as espadas num rodopio de fogo. O sacerdote vermelho golpeou um escudo de peles até que este se desfez em pedaços, enquanto seu cavalo escoiceava o rosto do homem. Um dothraki gritou e atacou o senhor do relâmpago, e a espada flamejante saltou para deter seu *arakh*. As lâminas beijaram-se, rodopiaram e voltaram a se beijar. Então os cabelos do dothraki pegaram fogo e, um momento mais tarde, ele estava morto. Arya viu também Ned, lutando ao lado do senhor do relâmpago. *Não é justo, ele é só um pouco mais velho do que eu, deviam ter me deixado lutar.*

A batalha não durou muito tempo. Os Bravos Companheiros que continuavam de pé rapidamente morreram ou jogaram fora as espadas. Dois dos dothraki conseguiram recuperar os cavalos e fugiram, mas só porque Lorde Beric os deixou ir.

– Que levem a notícia a Harrenhal – disse, com a espada em chamas na mão. – Dará ao Senhor Sanguessuga e ao seu bode mais algumas noites sem dormir.

Jack Sortudo, Harwin e Merrit de Vilalua enfrentaram a septeria incendiada em busca de cativos. Emergiram da fumaça e das chamas alguns momentos mais tarde, com oito irmãos pardos, um dos quais tão fraco que Merrit teve de transportá-lo no ombro. Havia também um septão com eles, de ombros curvados e perdendo os cabelos, mas trajando cota de malha negra sobre suas vestes cinzentas.

– Encontrei-o escondido debaixo dos degraus do porão – disse Jack, tossindo.

Thoros sorriu ao vê-lo.

– Você é Utt.

– O *Septão* Utt. Um homem de deus.

– Que deus ia querer um homem como você? – rosnou Limo.

– Pequei – choramingou o septão. – Eu sei. Eu sei. Perdoe-me, Pai. Oh, como pequei gravemente.

Arya lembrava-se do Septão Utt dos tempos passados em Harrenhal. Shagwell, o Bobo, dizia que ele chorava e rezava sempre por perdão depois de matar o seu garoto mais recente. Às vezes até obrigava os outros Saltimbancos a flagelá-lo. Todos achavam aquilo muito divertido.

Lorde Beric enfiou a espada na bainha, abafando as chamas.

– Deem aos moribundos a dádiva da misericórdia e amarrem os pés e as mãos dos demais, para o julgamento – ordenou, e a ordem foi cumprida.

Os julgamentos foram rápidos. Vários dos fora da lei avançaram para contar coisas que os Bravos Companheiros tinham feito; vilas e aldeias saqueadas, colheitas incendiadas, mulheres violadas e assassinadas, homens mutilados e torturados. Alguns falaram dos rapazes que o Septão Utt tinha dado cabo. O septão chorou e rezou durante todo o julgamento.

– Sou um fraco caniço – disse ao Lorde Beric. – Rezo ao Guerreiro por força, mas os deuses fizeram-me fraco. Tenha misericórdia de minha fraqueza. Os rapazes, os doces rapazes... nunca pretendi lhes fazer mal...

O Septão Utt logo acabou pendurado pelo pescoço, sob um grande olmo, balançando lentamente, nu como no dia de seu nascimento. Os outros Bravos Companheiros seguiram-no, um por um. Alguns lutaram, esperneando e se contorcendo enquanto o laço era apertado em volta de sua garganta. Um dos besteiros não parava de gritar "Eu soldado, eu soldado", com um denso sotaque de Myr. Outro ofereceu-se para levar seus captores a um local onde havia ouro; um terceiro explicou-lhes como daria um bom fora da lei. Todos foram despidos, atados e enforcados. Tom Sete-Cordas tocou uma canção fúnebre para eles em sua harpa, e Thoros implorou ao Senhor da Luz para assar suas almas até o fim dos tempos.

*Uma árvore de saltimbancos*, pensou Arya ao vê-los pendurados, com a pele branca pintada de um vermelho lúgubre pelas chamas da septeria incendiada. Os corvos já se aproximavam, vindos de lugar nenhum. Ouviu-os crocitando e cacarejando uns para os outros, e sentiu curiosidade em saber o que estariam dizendo. Arya não temera tanto o Septão Utt como Rorge, Dentadas e alguns outros em Harrenhal, mesmo assim estava satisfeita por ele estar morto. *Também deviam ter enforcado*

*ou cortado a cabeça do Cão de Caça*. Em vez disso, para seu grande descontentamento, os fora da lei trataram o braço queimado de Sandor Clegane, devolveram-lhe a espada, o cavalo e a armadura, e libertaram-no a alguns quilômetros de distância do monte oco. Tudo que tiraram dele foi o ouro.

Em pouco tempo, a septeria ruiu, num estrondo de fumaça e chamas, quando as paredes deixaram de sustentar seu pesado telhado de ardósia. Os oito irmãos pardos observavam com resignação. Eram os que restavam, explicou o mais velho, que usava um pequeno martelo de ferro pendurado em uma correia em volta do pescoço, para simbolizar sua devoção ao Ferreiro.

– Antes da guerra éramos quarenta e quatro, e este lugar era próspero. Tínhamos uma dúzia de vacas leiteiras e um touro, cem colmeias, um vinhedo e um pomar de maçãs. Mas quando os leões chegaram, levaram todo o nosso vinho, mel e leite, abateram as vacas e entregaram o vinhedo à tocha. Depois disso... perdi a conta dos nossos visitantes. Esse falso septão foi apenas o último. Houve um monstro... demos-lhe toda a nossa prata, mas ele tinha certeza de que tínhamos ouro escondido, por isso seus homens mataram-nos um por um para fazer o Irmão Mais Velho falar.

– Como foi que vocês oito sobreviveram? – perguntou Anguy, o Arqueiro.

– Estou envergonhado – disse o velho. – Fui eu. Quando chegou a minha vez de morrer, disse-lhes onde o ouro estava escondido.

– Irmão – disse Thoros de Myr –, a única vergonha foi não lhes dizer imediatamente.

Naquela noite, os fora da lei abrigaram-se na cervejaria junto do pequeno rio. Seus anfitriões tinham um esconderijo cheio de comida sob o chão dos estábulos, e partilharam um jantar simples; pão de aveia, cebolas e uma sopa de couves aguada que tinha um leve gosto de alho. Arya encontrou uma fatia de cenoura flutuando na sua tigela e considerou-se sortuda. Os irmãos nunca perguntaram os nomes aos fora da lei. *Eles sabem*, pensou Arya. Como podiam não saber? Lorde Beric usava o relâmpago na placa de peito, no escudo e no manto, e Thoros trazia suas vestes vermelhas, ou aquilo que delas restava. Um irmão, um jovem noviço, foi suficientemente ousado para dizer ao sacerdote

vermelho para não rezar ao seu falso deus enquanto se encontrasse sob o seu teto.

– Que se dane com isso – disse Limo Manto Limão. – Ele também é o nosso deus, e vocês devem a nós suas miseráveis vidas. E o que tem ele de falso? Seu Ferreiro pode reparar uma espada quebrada, mas será que consegue reparar um homem quebrado?

– Basta, Limo – ordenou Lorde Beric. – Sob o teto deles, honraremos as regras deles.

– O sol não deixará de brilhar se pularmos uma prece ou duas – concordou brandamente Thoros. – Se alguém sabe disso, sou eu.

O próprio Lorde Beric não comeu. Arya nunca o vira comer, embora de tempos em tempos bebesse uma taça de vinho. Tampouco parecia dormir. O seu olho bom fechava-se com frequência, como que devido ao cansaço, mas quando se falava com ele, voltava a se abrir de imediato. O Senhor da Marcha continuava vestido com o seu maltrapilho manto negro e sua placa de peito amassada, com o relâmpago de esmalte lascado. Até dormia com aquela placa de peito. O baço aço negro escondia o terrível ferimento que Cão de Caça provocara nele, da mesma forma que seu espesso cachecol de lã ocultava o anel escuro que tinha em volta da garganta. Mas nada escondia a cabeça rachada, com um grande buraco na têmpora, ou o poço vermelho em carne viva que era o olho que lhe faltava, ou a forma do crânio sob o seu rosto.

Arya olhou-o com prudência, recordando todas as histórias que se contavam dele em Harrenhal. Lorde Beric pareceu sentir seu medo. Virou a cabeça e fez-lhe sinal para se aproximar.

– Eu a assusto, pequena?

– Não. – Arya mordeu o lábio. – É só que... bem... pensei que o Cão de Caça tinha matado você, mas...

– Um ferimento – disse Limo Manto Limão. – Um ferimento grave, sim, mas Thoros curou-o. Nunca existiu curandeiro melhor.

Lorde Beric fitou Limo com uma expressão estranha no olho bom e nenhuma expressão no outro, só cicatrizes e sangue seco.

– Não há melhor curandeiro – concordou num tom fatigado. – Limo, já passa da hora de trocar a guarda, creio eu. Trate disso, por favor.

– Sim, senhor. – O comprido manto amarelo de Limo rodopiou atrás dele ao penetrar na noite ventosa.

– Até os homens corajosos se cegam, às vezes, quando têm medo de ver – disse Lorde Beric depois de Limo partir. – Thoros, quantas vezes já me trouxe de volta?

O sacerdote vermelho inclinou a cabeça.

– É R'hllor quem o traz de volta, senhor. O Senhor da Luz. Eu sou apenas o seu instrumento.

– Quantas vezes? – insistiu Lorde Beric.

– Seis – disse Thoros com relutância. – E é cada vez mais difícil. Tornou-se imprudente, senhor. A morte é assim tão encantadora?

– Encantadora? Não, meu amigo. Encantadora, não.

– Então não a corteje tanto. Lorde Tywin lidera a partir da retaguarda. Lorde Stannis também. O senhor seria sensato se fizesse o mesmo. Uma sétima morte pode significar o fim de nós dois.

Lorde Beric tocou o local por cima da orelha esquerda, onde a têmpora tinha uma reentrância.

– Foi aqui que Sor Burton Crakehall quebrou meu elmo e minha cabeça com um golpe da sua maça. – Tirou o cachecol, expondo a ferida negra que emoldurava seu pescoço. – Esta é a marca que a mantícora fez nas Cataratas Impetuosas. Prendeu um pobre criador de abelhas e a mulher dele, julgando que eram dos meus, e divulgou por todo lado que os enforcaria, a menos que eu me entregasse. Quando fiz isso, enforcou-os mesmo assim, e a mim também, na forca do meio. – Ergueu um dedo para o poço vermelho do seu olho. – Foi aqui que a Montanha enfiou o punhal através de meu visor. – Um sorriso cansado roçou seus lábios. – Com isso, foram três vezes que morri pelas mãos da Casa Clegane. Seria de se imaginar que eu teria aprendido...

Arya sabia que era uma brincadeira, mas Thoros não riu. Apoiou uma mão no ombro de Lorde Beric.

– É melhor não pensar muito nisso.

– Será que eu posso pensar naquilo que quase não recordo? Antigamente tive um castelo na Marca, e houve uma mulher com quem estava prometido que me casasse, mas hoje não conseguiria encontrar esse castelo nem dizer a cor dos cabelos dessa mulher. Quem me armou cavaleiro, velho amigo? Quais eram os meus pratos preferidos? Tudo se desvanece. Às vezes penso que nasci na relva ensanguentada daquele

bosque de freixos, com o sabor de fogo na boca e um buraco no peito. Você é a minha mãe, Thoros?

Arya fitou o sacerdote de Myr, todo ele cabelo desgrenhado, farrapos cor-de-rosa e partes de velhas armaduras. Uma barba rala grisalha cobria suas faces e a pele solta por baixo do queixo. Não se parecia muito com os feiticeiros das histórias da Velha Ama, mas mesmo assim...

– Poderia trazer de volta um homem sem cabeça? – perguntou Arya. – Só uma vez, não seis. Poderia fazer isso?

– Não tenho magia, filha. Só preces. Daquela primeira vez, sua senhoria tinha um buraco que atravessava seu corpo e sangue na boca, eu sabia que não havia esperança. Portanto, quando seu pobre peito rasgado parou de se mover, dei-lhe o beijo do bom deus para encaminhá-lo. Enchi a boca com fogo e soprei as chamas para dentro dele, através de sua garganta, para pulmões, coração e alma. Chama-se *o último beijo*, e vi muitas vezes os velhos sacerdotes concedendo-o aos servos do Senhor quando estes morriam. Eu mesmo o tinha dado uma ou duas vezes, como todos os sacerdotes têm de fazer. Mas nunca antes tinha sentido um morto estremecer enquanto o fogo o enchia, nem visto seus olhos se abrirem. Não fui eu quem o convocou, senhora. Foi o Senhor. R'hllor ainda pretende algo dele. A vida é calor, e o calor é fogo, e o fogo é de Deus e só de Deus.

Arya sentiu lágrimas subindo aos seus olhos. Thoros tinha usado muitas palavras, mas tudo que queriam dizer era *não*, pelo menos isso compreendeu.

– Seu pai era um homem bom – disse Lorde Beric. – Harwin contou-me muitas coisas sobre ele. Por ele, eu de bom grado renunciaria ao seu resgate, mas necessitamos muito desesperadamente de ouro.

Arya mordeu o lábio. *Isso é verdade, suponho*. Sabia que ele tinha dado o ouro do Cão de Caça ao Barba-Verde e ao Caçador, para comprarem provisões a sul do Vago.

– A última colheita foi queimada, esta está se afogando, e o inverno chegará em breve – ouviu-o dizer quando os enviara. – O povo precisa de cereais e sementes, e nós precisamos de lâminas e cavalos. Muitos de meus homens montam cavalos ronceiros ou de puxar carreta e mulas contra inimigos montados em corcéis e cavalos de batalha.

Mas Arya não sabia quanto Robb pagaria por ela. Ele agora era um rei, não o rapaz que deixara em Winterfell, com neve derretendo nos cabelos. E se soubesse das coisas que ela tinha feito, do cavalariço e do guarda em Harrenhal e tudo isso...

– E se meu irmão não quiser me resgatar?

– Por que pensaria numa coisa dessas? – perguntou Lorde Beric.

– Bem – disse Arya – Meus cabelos estão uma bagunça, minhas unhas, sujas e meus pés estão duros. – Robb não se importaria com isso, provavelmente, mas a mãe se importaria. A Senhora Catelyn sempre quis que ela fosse como Sansa, que cantasse, dançasse, costurasse e seguisse os bons modos. Só de pensar nisso, Arya tentou pentear os cabelos com os dedos, mas eram só nós e embaraçamentos e tudo que conseguiu foi arrancar um pouco deles. – Estraguei aquele vestido que a Senhora Smallwood me deu, e não costuro lá muito bem. – Mordeu o lábio. – Não costuro *particularmente bem*, quero dizer. A Septã Mordane costumava dizer que eu tinha mãos de ferreiro.

Gendry soltou uma gargalhada.

– Essas coisinhas moles? – gritou. – Nem sequer conseguiria pegar num martelo.

– Conseguiria se quisesse! – respondeu, furiosa.

Thoros soltou um risinho.

– Seu irmão pagará, filha. Quanto a isso, não tenha medo.

– Sim, mas e se *não* pagar? – insistiu ela.

Lorde Beric suspirou.

– Então vou mandá-la durante algum tempo para junto da Senhora Smallwood, ou talvez para o meu castelo de Portonegro. Mas estou certo de que isso não será necessário. Assim como Thoros, não tenho o poder para trazer seu pai de volta, mas posso pelo menos tratar de devolvê-la em segurança aos braços de sua mãe.

– *Jura?* – perguntou-lhe. Yoren também prometeu levá-la para casa, mas em vez disso tinha se deixado matar.

– Pela minha honra como cavaleiro – disse solenemente o senhor do relâmpago.

Estava chovendo quando Limo voltou à cervejaria, resmungando pragas enquanto a água escorria de seu manto amarelo e ia se acumular em poças no chão. Anguy e Jack Sortudo estavam sentados perto da

porta, jogando dados, mas não importa o jogo que jogavam, o zarolho do Jack não tinha sorte nenhuma. Tom Sete-Cordas substituiu uma corda em sua harpa e cantou “As lágrimas de mãe”, “Quando a mulher de Willum se molhou”, “Lorde Harte partiu num dia de chuva” e então “As chuvas de Castamere”.

E quem é você, disse o altivo senhor,
pra que a vênia seja profunda?
Só um gato com um manto diferente,
essa é a verdade fecunda.
Num manto de ouro ou num manto vermelho,
suas garras um leão mantém,
E as minhas são longas e afiadas, senhor,
como o senhor as tem também.
E assim falou, e assim conversou,
o senhor de Castamere
Mas agora a chuva chora no seu salão,
e ninguém está lá para a ver.
Sim, agora a chuva chora no seu salão,
e ninguém está lá para a ver.

Por fim, Tom ficou sem canções de chuva e pôs de lado a harpa. Então ouviu-se apenas o som da própria chuva tamborilando no telhado de ardósia da cervejaria. O jogo de dados terminou, e Arya equilibrou-se numa perna e depois na outra, escutando as queixas de Merrit a respeito de seu cavalo ter perdido uma ferradura.

– Eu poderia ferrá-lo – disse Gendry de repente. – Era só um aprendiz, mas o mestre dizia que minha mão tinha sido feita para segurar um martelo. Sei ferrar cavalos, fechar buracos em cotas de malha e tirar amassados de armaduras. Aposto que também conseguiria fazer espadas.

– O que você está dizendo, rapaz? – perguntou Harwin.

– Posso ser o seu ferreiro. – Gendry ajoelhou-se perante Lorde Beric. – Se me aceitar, senhor, poderia ser útil. Já fiz ferramentas e facas, e uma vez fiz um elmo que não era muito ruim. Um dos homens da Montanha roubou-o quando fomos capturados.

Arya mordeu o lábio. *Ele também quer me abandonar*.

– Estaria melhor servindo Lorde Tully, em Correrrio – disse Lorde Beric. – Não posso pagar por seu trabalho.

– Ninguém nunca pagou. Quero uma forja e comida e um lugar onde possa dormir. Isso basta, senhor.

– Um ferreiro é bem-vindo em quase todo lado. Um armeiro experiente, ainda mais. Por que você preferiria ficar conosco?

Arya viu Gendry franzir seu estúpido rosto, pensando.

– No monte oco, o que disse sobre serem homens do Rei Robert, e irmãos, eu gostei disso. Gostei de ter oferecido ao Cão de Caça um julgamento. Lorde Bolton só enforcava as pessoas, ou cortava a cabeça delas, e Lorde Tywin e Sor Amory eram iguais. Preferiria trabalhar de ferreiro para o senhor.

– Temos muita malha precisando de conserto, senhor. – recordou Jack ao Lorde Beric. – A maior parte foi tirada dos mortos, e há buracos por onde a morte a atravessou.

– Deve ser um retardado, rapaz – disse Limo. – Nós somos *fora da lei*. Ralé de baixo nascimento, na maioria, exceto sua senhoria. E não pense que será como nas canções bestas de Tom. Não vai andar roubando beijos de uma princesa, nem entrando em torneios com uma armadura roubada. Caso se junte a nós, vai acabar com uma corda no pescoço, ou a cabeça exposta em algum portão de castelo.

– É a mesma coisa que fariam por você – disse Gendry.

– Bem, é verdade – disse Jack Sortudo num tom alegre. – Os corvos esperam por todos nós. Senhor, o rapaz parece ter bastante coragem, e precisamos daquilo que nos traz. O Jack diz: aceite-o.

– E depressa – sugeriu Harwin com um risinho –, antes que a febre passe e ele recupere o juízo.

Um sorriso abatido atravessou os lábios de Lorde Beric.

– Thoros, a minha espada.

Daquela vez o senhor do relâmpago não incendiou a lâmina e limitou-se a apoiá-la levemente no ombro de Gendry.

– Gendry, jura perante os olhos dos deuses e dos homens defender aqueles que não podem defender a si mesmos, proteger todas as mulheres e crianças, obedecer aos seus capitães, ao seu suserano e ao seu rei, lutar bravamente quando necessário e desempenhar as demais tarefas que lhe sejam atribuídas, por mais duras, humildes ou perigosas que possam ser?

– Juro, senhor.

O Senhor da Marcha passou a espada do ombro direito para o esquerdo e disse:

– Levante-se, Sor Gendry, cavaleiro do monte oco, e seja bem-vindo à nossa irmandade.

Da porta, chegou uma gargalhada rude e áspera.

A chuva pingava dele. Seu braço queimado estava enrolado em folhas e linho e bem preso ao peito por uma tosca tipoia de corda, mas as queimaduras mais antigas que marcavam seu rosto cintilavam, negras e lisas, ao brilho da pequena fogueira dos fora da lei.

– Fazendo mais cavaleiros, Dondarrion? – disse o intruso num rosnado. – Devia matá-lo outra vez por causa disso.

Lorde Beric encarou-o friamente.

– Esperava que não o víssemos mais, Clegane. Como nos encontrou?

– Não foi difícil. Fizeram uma fumaceira tão grande que até de Vilavelha se veria.

– O que aconteceu com as sentinelas que coloquei?

A boca de Clegane torceu-se.

– Aqueles dois cegos? Talvez tenha matado ambos. O que faria se assim fosse?

Anguy prendeu uma corda no arco. Notch estava fazendo o mesmo.

– Deseja tanto assim morrer, Sandor? – perguntou Thoros. – Deve estar louco ou bêbado para nos seguir até aqui.

– Bêbado de chuva? Não me deixaram ouro suficiente para comprar uma taça de vinho, seus filhos da puta.

Anguy pegou uma flecha.

– Somos fora da lei. Os fora da lei roubam. Está nas canções, se pedir com jeitinho o Tom talvez lhe cante uma. Fique grato por não termos matado você.

– Venha tentar, Arqueiro. Arranco essa aljava da sua mão e enfio essas flechas pelo seu cuzinho sardento acima.

Anguy ergueu o arco, mas Lorde Beric levantou uma mão antes de ele ter oportunidade de disparar.

– Por que veio até aqui, Clegane?

– Para recuperar o que é meu.

– Seu ouro?

– O que mais poderia ser? Não foi pelo prazer de olhar para a sua cara, Dondarrion, devo dizer. Agora é mais feio do que eu. E também um cavaleiro ladrão, ao que parece.

– Dei-lhe uma nota em troca do ouro – disse calmamente Lorde Beric. – Uma promessa de pagamento para quando a guerra chegar ao fim.

– Limpei o cu com o seu papel. Quero o ouro.

– Não o temos. Mandei-o para o sul, com Barba-Verde e Caçador, para comprar cereais e sementes do lado de lá do Vago.

– Para alimentar todos aqueles cujas colheitas você queimou – disse Gendry.

– Ah, a história agora é essa? – Sandor Clegane soltou outra gargalhada. – Acontece que era isso mesmo que eu pretendia fazer com ele. Alimentar um monte de feios camponeses e suas crias piolhentas.

– Está mentindo – disse Gendry.

– Vejo que o rapaz tem boca. Por que acredita neles e não em mim? Não pode ser pela minha cara, ou pode? – Clegane olhou de relance para Arya. – Vai também armá-la cavaleira? A primeira menina de oito anos cavaleira?

– Tenho *doze* – mentiu Arya em voz alta – e podia ser cavaleira se quisesse. Também podia ter matado você, só que o Limo roubou a minha faca. – Lembrar-se daquilo ainda a deixava zangada.

– Queixe-se ao Limo, não a mim. E depois enfie o rabo entre as pernas e fuja. Sabe o que os cães fazem com lobos?

– Da próxima vez mato você *mesmo*. E mato também o seu irmão.

– Não. – Os olhos escuros dele estreitaram-se. – Isso não fará. – Virou-se de novo para Lorde Beric. – Olha, arme o meu cavalo cavaleiro. Ele nunca caga nos salões, e não dá mais coices do que a maioria, merece ser armado cavaleiro. A menos que também pretenda roubá-lo.

– É melhor subir nesse cavalo e ir embora – preveniu Limo.

– Irei com o meu ouro. O próprio deus que adora disse que não sou culpado...

– O Senhor da Luz devolveu-lhe a vida – declarou Thoros de Myr. – Não o proclamou a reencarnação de Baelor, o Abençoado. – O sacerdote vermelho desembainhou a espada, e Arya viu que Jack e Merrit também tinham desembainhado as deles. Lorde Beric ainda segurava a lâmina que usara para armar Gendry. *Talvez dessa vez o matem.*

A boca do Cão de Caça voltou a se torcer.

– Não são mais do que ladrões comuns.

Limo olhou-o fixamente.

– Seus amigos leões entram numa aldeia qualquer, roubam toda a comida e todas as moedas que conseguirem encontrar, e chamam isso de *forragear*. Os lobos também, portanto por que não nós? Ninguém o roubou, cão. Foi só bem *forrageado*.

Sandor Clegane olhou o rosto deles, um a um, como se estivesse tentando gravá-los todos na memória. Então saiu de volta para a escuridão e a chuva intensa de onde viera, sem proferir outra palavra. Os fora da lei ficaram na expectativa, questionando-se...

– É melhor eu verificar o que ele fez às nossas sentinelas. – Harwin espiou cuidadosamente pela porta antes de sair, a fim de se certificar de que Cão de Caça não estava só à espreita lá fora.

– E, de qualquer forma, como terá aquele maldito sacana arranjado todo aquele ouro? – disse Limo Manto Limão, para quebrar a tensão.

Anguy encolheu os ombros.

– Ele ganhou o torneio da Mão. Em Porto Real. – O arqueiro deu um sorriso. – Eu mesmo ganhei uma bela fortuna, mas depois conheci Dancy, Jayde e Alayaya. Ensinaram-me qual é o gosto do cisne assado e como tomar banho em vinho da Árvore.

– Deu cabo dele todo, foi? – riu Harwin.

– *Todo* não. Comprei estas botas e este excelente punhal.

– Devia era ter comprado alguma terra e tornado uma dessas moças do cisne assado numa mulher honesta – disse Jack Sortudo. – Arranjaria uma colheita de nabos e outra de filhos.

– Que o Guerreiro me proteja! Que desperdício seria transformar o ouro em nabos.

– Eu gosto de nabos – disse Jack, ofendido. – Agora mesmo bem que encararia um purezinho de nabo.

Thoros de Myr não prestou atenção às brincadeiras.

– Cão de Caça perdeu mais do que alguns sacos de moeda – refletiu. – Perdeu também seu dono e o canil. Não pode voltar para os Lannister, o Jovem Lobo nunca o acolheria, e também não é provável que o irmão o receba. Aquele ouro era tudo que lhe restava, parece.

– Inferno – disse Watty, o Moleiro. – Então ele com certeza virá nos assassinar quando estivermos dormindo.

– Não. – Lorde Beric tinha embainhado a espada. – Sandor Clegane mataria todos nós de bom grado, mas não enquanto dormíssemos. Anguy, amanhã vá para a retaguarda com o Dick Sem Barba. Se vir o Clegane ainda farejando atrás de nós, mate seu cavalo.

– É um bom cavalo – protestou Anguy.

– Sim – disse Limo. – É o maldito cavaleiro que deveríamos matar. Poderíamos usar aquele cavalo.

– Eu concordo com o Limo – disse Notch. – Deixe-me pôr penas no cão algumas vezes, desencorajá-lo um pouquinho.

Lorde Beric sacudiu a cabeça.

– Clegane conquistou a vida sob o monte oco. Não a roubarei dele.

– O senhor é sábio – disse Thoros aos outros. – Irmãos, um julgamento pela batalha é algo sagrado. Ouviram-me pedir a R'hllor para dar uma ajuda e viram o seu dedo ardente quebrar a espada de Lorde Beric, justo no momento em que ele se preparava para pôr fim em Clegane. Ao que parece, o Senhor da Luz ainda tem planos para o Cão de Caça de Joffrey.

Harwyn voltou depressa à cervejaria.

– Pé-de-Chouriço estava dormindo como uma pedra, mas inteiro.

– Espere até eu colocar as mãos nele – disse Limo. – Abro um novo olho do cu. Podia ter feito com que todos nós fôssemos mortos.

Ninguém descansou muito confortavelmente naquela noite, sabendo que Sandor Clegane se encontrava lá fora, no escuro, em algum lugar nas imediações. Arya enrolou-se perto do fogo, quente e aconchegada, mas o sono não queria vir. Tirou para fora a moeda que Jaqen H'ghar lhe dera e enrolou os dedos em volta dela, mantendo-se deitada por baixo de seu manto. Segurá-la fazia com que se sentisse forte, recordando-se de como havia sido o fantasma de Harrenhal. Na época, ela podia matar com um murmúrio.

Mas Jaqen partiu. Abandonou-a. *O Torta Quente também me deixou, e agora é o Gendry que está partindo*. Lommy morreu, Yoren morreu, Syrio Forel morreu, até o pai morreu, e Jaqen deu-lhe uma estúpida moeda de ferro e desapareceu.

– *Valar morghulis* – murmurou suavemente, apertando tanto o punho que as duras arestas da moeda se enterraram na palma de sua mão. – Sor

Gregor, Dunsen, Polliver, Raff, o Querido. Cócegas e Cão de Caça. Sor Ilyn, Sor Meryn, Rei Joffrey, Rainha Cersei. – Arya tentou imaginá-los depois de mortos, mas era difícil trazer seus rostos à memória. Conseguia ver Cão de Caça, assim como o irmão, a Montanha, e nunca se esqueceria do rosto de Joffrey, ou do da mãe dele... mas Raff, Dunsen e Polliver desvaneciam-se, e até Cócegas, cujo aspecto era tão banal.

O sono finalmente dominou-a, mas na noite fechada Arya acordou de novo, com uma sensação de formigamento. A fogueira reduzira-se a brasas. Mudge estava em pé, junto à porta, e havia outro guarda fazendo rondas lá fora. A chuva tinha parado, e ouviam-se lobos uivando. *Tão perto*, pensou, *e tantos*. Pelo barulho pareciam estar por toda a volta do estábulo, dezenas de animais, talvez centenas. *Espero que comam o Cão de Caça*. Recordou o que ele havia dito a respeito dos lobos e dos cães.

Chegada a manhã, o Septão Utt ainda oscilava sob a árvore, mas os irmãos pardos andavam pela chuva com pás, cavando covas rasas para os outros mortos. Lorde Beric agradeceu-lhes pelo alojamento da noite e pela refeição e deu-lhes um saco de veados de prata para ajudar na reconstrução. Harwin, o Luke Promissor e Watty, o Moleiro, saíram batendo o terreno, mas não foram encontrados nem lobos nem cães.

Arya estava apertando a correia de sua sela quando Gendry veio encontrá-la para lhe pedir desculpas. Ela pôs um pé no estribo e saltou para a sela, para poder olhá-lo de cima, e não de baixo. *Podia fazer espadas em Correrrio para o meu irmão*, pensou, mas o que disse foi:

– Se quer ser um estúpido cavaleiro fora da lei e acabar enforcado, por que é que devo me importar? Vou estar em Correrrio, a salvo, com o meu irmão.

Não houve chuva naquele dia, felizmente, e por uma vez avançaram depressa.

# BRAN

A torre erguia-se numa ilha, com a gêmea refletida nas calmas águas azuis. Quando o vento soprava, ondulações deslocavam-se pela superfície do lago, perseguindo-se umas às outras como crianças brincando. Carvalhos cresciam densos ao longo das margens, um bosque cerrado com um tapete de bolotas caídas por baixo de seus ramos. Depois das árvores ficava a aldeia, ou aquilo que dela restava.

Era a primeira aldeia que viam desde que estiveram nos montes. Meera tinha batido o terreno em frente, para se certificar de que não havia ninguém escondido entre as ruínas. Caminhando com prudência entre carvalhos e macieiras, com sua rede e lança na mão, espantou três veados vermelhos e fez os animais fugirem aos saltos por entre a vegetação rasteira. Verão viu o movimento repentino e imediatamente partiu para perseguir os animais. Bran viu o lobo gigante afastar-se aos saltos, e, por um momento, não havia nada que desejasse mais do que enfiar-se na pele dele e correr junto, mas Meera estava acenando para que avançassem. Relutantemente, deu as costas ao Verão e disse a Hodor para prosseguir até a aldeia. Jojen acompanhou-os.

Bran sabia que o terreno dali até a Muralha era composto por pastagens, campos incultos e colinas baixas e onduladas, prados nas terras altas e brejos nas baixas. Progrediriam muito mais facilmente do que nas montanhas que tinham ficado para trás, mas tanto espaço aberto deixava Meera inquieta.

– Sinto-me nua – confessou. – Não há lugar para nos escondermos.

– De quem é esta terra? – perguntou Jojen a Bran.

– Da Patrulha da Noite – respondeu este. – Esta é a Dádiva. A Nova Dádiva, e a norte dela fica a Dádiva de Brandon. – Meistre Luwin ensinara-lhe a história. – Brandon, o Construtor, deu toda a terra a sul da Muralha aos irmãos negros, dentro de uma distância de vinte e cinco léguas. Para o seu... para o seu *sustento e suporte*. – Sentiu-se orgulhoso por ainda se lembrar daquela parte. – Alguns meistres dizem que foi

outro Brandon qualquer, não o Construtor, mesmo assim é a Dádiva de Brandon. Milhares de anos mais tarde, a Boa Rainha Alysanne visitou a Muralha em seu dragão Asaprata e achou a Patrulha da Noite tão corajosa que levou o Velho Rei a duplicar o tamanho de suas terras, até cinquenta léguas. Portanto, essa foi a Segunda Dádiva. – Fez um gesto com a mão. – Aqui. Tudo isto.

Bran via que ninguém vivia na aldeia havia longos anos. Todas as casas estavam desabando. Até a estalagem. Nunca fora *grande coisa* como estalagem, pelo aspecto, mas agora tudo que dela restava era uma chaminé de pedra e duas paredes rachadas, erguidas no meio de uma dúzia de macieiras. Uma crescia no meio da sala comum, onde uma camada de úmidas folhas marrons e maçãs em putrefação atapetava o chão. O ar estava pesado, com o cheiro que elas exalavam, um odor nauseabundo de sidra que era quase sufocante. Meera apunhalou algumas maçãs com sua lança para rãs, tentando encontrar alguma que ainda estivesse boa para comer, mas estavam todas marrons e bichadas.

Era um ponto pacífico, calmo, tranquilo e bonito, mas Bran achou que havia tristeza numa estalagem vazia, e Hodor pareceu sentir isso também.

– Hodor? – disse ele, com um ar confuso. – Hodor? Hodor?

– Esta terra é boa. – Jojen pegou um punhado de solo, desfazendo-o entre os dedos. – Uma aldeia, uma estalagem, uma fortaleza robusta no lago, todas essas macieiras... mas onde estão as pessoas, Bran? Por que abandonariam um lugar como este?

– Tinham medo dos selvagens – disse Bran. – Os selvagens passam por cima da Muralha ou atravessam as montanhas, para fazer incursões, roubar e levar mulheres. Se pegam alguém, transformam seu crânio numa taça para beber sangue, costumava dizer a Velha Ama. A Patrulha da Noite não é tão forte como foi nos tempos de Brandon ou da Rainha Alysanne, por isso mais selvagens conseguem passar. Os lugares próximos da Muralha começaram a ser atacados com tanta frequência que o povo se mudou para o sul, para as montanhas ou para as terras dos Umber, a leste da estrada do rei. O povo do Grande-Jon também era atacado, mas não tanto quanto as pessoas que costumavam viver na Dádiva.

Jojen Reed virou a cabeça devagar, ouvindo uma música que só ele era capaz de ouvir.

– Temos de nos abrigar aqui. Vem aí uma tempestade. Uma das grandes.

Bran olhou para o céu. Tinha sido um belo, revigorante e cristalino dia de outono, ensolarado e quase quente, mas era verdade que agora surgiam nuvens escuras a oeste, e o vento parecia estar aumentando.

– Não há telhado na estalagem e só há as duas paredes em pé – ressaltou. – Deveríamos ir para a fortaleza.

– Hodor – disse Hodor. Talvez estivesse de acordo.

– Não temos barco, Bran. – Meera remexeu ociosamente as folhas com a lança para rãs.

– Há um caminho elevado na água. Um caminho de pedra, escondido sob a água. Podíamos chegar lá a pé. – *Eles* podiam, pelo menos; Bran teria de ir de cavalinho nos ombros de Hodor, mas pelo menos assim ficaria seco.

Os Reed trocaram um olhar.

– Como sabe disso? – perguntou Jojen. – Já esteve aqui, meu príncipe?

– Não. A Velha Ama me contou. A torre tem uma coroa dourada, está vendo? – Apontou para o edifício. Viam-se manchas de tinta dourada descascando por toda a volta, nas ameias. – A Rainha Alysanne dormiu ali, e por isso pintaram os merlões de dourado em sua honra.

– Um caminho elevado? – Jojen estudou o lago. – Tem certeza?

– Absoluta – disse Bran.

Meera encontrou o início com bastante facilidade, depois de saber o que procurar; um caminho de pedra, com um metro de largura, projetado diretamente para dentro do lago. Levou os outros passo a passo, com toda a cautela, testando o caminho com a lança para rãs. Eles viram o local onde o caminho voltava a emergir, saindo da água para a ilha e transformando-se num curto lance de degraus de pedra que levavam à porta da fortaleza.

Trilha, degraus e porta estavam dispostos em linha reta, o que levava a pensar que o caminho elevado seguia direto, mas não era assim. Sob o lago, ele ziguezagueava, rodeando um terço da ilha antes de fazer uma curva brusca para o outro lado. As curvas eram traiçoeiras, e o longo caminho significava que qualquer um que se aproximasse estaria exposto

durante muito tempo a tiros de flecha vindos da torre. Além disso, as pedras escondidas estavam cobertas de lodo e eram escorregadias; por duas vezes, Hodor quase pisou em falso e gritou "*HODOR!*", alarmado, antes de recuperar o equilíbrio. A segunda vez assustou fortemente Bran. Se Hodor caísse no lago com ele no cesto, podia muito bem se afogar, especialmente se o enorme cavalariço entrasse em pânico e se esquecesse de que Bran estava lá, como às vezes acontecia. *Talvez devêssemos ter ficado na estalagem, debaixo da macieira*, pensou, mas a essa altura era tarde demais.

Felizmente, não houve uma terceira vez, e a água nunca chegou a ultrapassar a cintura de Hodor, embora chegasse ao peito dos Reed. E não muito tempo depois estavam na ilha, subindo os degraus que levavam à fortaleza. A porta ainda era robusta, embora suas pesadas tábuas de carvalho tivessem se deformado com os anos e já não fosse possível fechá-la por completo. Meera abriu-a toda, fazendo as enferrujadas dobradiças de ferro gritar. O lintel era baixo.

– Abaixe, Hodor – disse Bran, e o cavalariço obedeceu, mas não o suficiente para evitar que Bran batesse a cabeça. – Isso doeu – protestou.

– Hodor – disse Hodor, endireitando-se.

Encontravam-se numa caixa-forte sombria, que mal tinha espaço para abrigar os quatro. Degraus esculpidos na parede interior da torre curvavam-se para cima à esquerda e para baixo à direita, por trás de grades de ferro. Bran olhou para cima e viu outra grade bem acima de sua cabeça. *Um alçapão.* Sentiu-se feliz por não haver ninguém agora lá em cima para despejar óleo fervente por cima deles.

As grades estavam trancadas, mas as barras de ferro encontravam-se vermelhas de ferrugem. Hodor agarrou a porta da esquerda e deu um puxão nela, grunhindo com o esforço. Nada aconteceu. Tentou empurrar, sem sucesso. Sacudiu as barras, chutou-as, empurrou-as com o ombro, chacoalhou-as e esmurrou as dobradiças com uma mão enorme até deixar o ar cheio de lascas de ferrugem, mas a porta de ferro não se movia. A que levava ao porão não se mostrou mais cooperante.

– Não há como entrar – disse Meera, encolhendo os ombros.

O alçapão ficava bem acima da cabeça de Bran, sentado ali em seu cesto às costas de Hodor. O garoto estendeu as mãos e agarrou-se às

barras, para testá-las. Quando puxou para baixo, a grade desprendeu-se do teto, numa cascata de ferrugem e pedra esmigalhada.

– *HODOR!* – gritou Hodor. A pesada grade de ferro deu a Bran outra pancada na cabeça e caiu com estrondo junto aos pés de Jojen quando ele a afastou com as mãos.

Meera soltou uma gargalhada.

– Veja só, meu príncipe – disse –, você é mais forte do que Hodor. – Bran corou.

Com a grade fora do caminho, Hodor foi capaz de erguer Meera e Jojen através do alçapão escancarado. Os cranogmanos pegaram Bran pelos braços e puxaram-no também. Fazer Hodor entrar foi a parte difícil. Ele era pesado demais para os Reed o erguerem como tinham feito com Bran. Por fim, Bran disse-lhe para procurar algumas pedras grandes. Disso a ilha não tinha falta, e Hodor conseguiu empilhá-las até a altura suficiente para se agarrar às bordas esfareladas do alçapão e subir por ele.

– Hodor – ofegou em tom feliz, sorrindo para todos eles.

Viram-se num labirinto de pequenas celas, escuras e vazias, mas Meera explorou até encontrar o caminho de volta aos degraus. Quanto mais subiam, melhor era a luz; no terceiro andar a espessa parede exterior era perfurada por seteiras, o quarto tinha janelas de verdade e o quinto e último era um grande aposento redondo com portas em arco em três lados que se abriam para pequenas varandas de pedra. No quarto ao lado ficava uma latrina, empoleirada por cima de uma calha de escoamento que descarregava diretamente no lago.

Quando chegaram ao telhado, o céu estava completamente encoberto, e as nuvens para oeste mostravam-se negras. O vento soprava com tanta força que levantou o manto de Bran e fez com que ondulasse e batesse.

– Hodor – respondeu Hodor ao barulho.

Meera descreveu um círculo.

– Sinto-me quase uma gigante, aqui por cima do mundo.

– Há árvores no Gargalo que são duas vezes mais altas do que isto – lembrou-lhe o irmão.

– Sim, mas têm outras árvores em volta com a mesma altura – disse Meera. – O mundo no Gargalo é apertado, e o céu é muito menor. Aqui... sente este vento, irmão? E olhe como o mundo se tornou grande.

Era verdade, dali via-se a uma longa distância. A sul erguiam-se os sopés dos montes, com as montanhas cinzentas e verdes mais atrás. As planícies onduladas da Nova Dádiva estendiam-se a perder de vista em todas as outras direções.

– Tinha esperança de conseguirmos ver a Muralha daqui – disse Bran, desapontado. – Foi besteira, ainda devemos estar a cinquenta léguas de distância. – Só de falar nisso sentia-se cansado e com frio também. – Jojen, o que faremos quando chegarmos à Muralha? Meu tio contava sempre como ela é grande. Duzentos metros de altura, e tão espessa na base que os portões são como túneis abertos no gelo. Como é que vamos passar para ir à procura do corvo dos três olhos?

– Há castelos abandonados ao longo da Muralha, segundo ouvi dizer – respondeu Jojen. – Fortalezas construídas pela Patrulha da Noite, mas agora deixadas sem guarnição. Uma delas pode ser o caminho para passar.

A Velha Ama chamava-os de *castelos fantasma*. Uma vez, Meistre Luwin obrigara Bran a aprender o nome de todos os fortes ao longo da Muralha. Foi uma tarefa difícil; havia dezenove ao todo, embora não mais de dezessete tivessem tido, em algum momento, guarnição. No banquete dado por ocasião da visita do Rei Robert a Winterfell, Bran recitou os nomes para o tio Benjen, de leste para oeste e depois de oeste para leste. Benjen Stark riu e disse:

– Você os conhece melhor do que eu, Bran. Talvez devesse ser você o Primeiro Patrulheiro. Eu fico aqui no seu lugar. – Mas isso foi antes de Bran cair. Antes de ficar mutilado. Quando acordou aleijado de seu sono, o tio já tinha retornado para Castelo Negro.

– Meu tio dizia que os portões eram selados com gelo e pedras sempre que um castelo tinha de ser abandonado – disse Bran.

– Então teremos de abri-los de novo – disse Meera.

Aquilo deixou-o inquieto.

– Não devíamos fazer isso. Podem entrar coisas más vindas do outro lado. Devíamos simplesmente ir a Castelo Negro e dizer ao Senhor Comandante para nos deixar passar.

– Vossa Graça – disse Jojen –, temos de evitar Castelo Negro, tal como evitamos a estrada do rei. Há centenas de homens lá.

– Homens da Patrulha da Noite – disse Bran. – Eles prestam juramentos, de não participar de guerras ou algo parecido.

– Sim – disse Jojen –, mas bastaria um homem disposto a quebrar seu juramento para vender o seu segredo aos homens de ferro ou ao Bastardo de Bolton. E não temos certeza se a Patrulha concordaria em nos deixar passar. Podiam decidir nos reter ou nos mandar de volta.

– Mas meu pai era amigo da Patrulha da Noite, e meu tio é Primeiro Patrulheiro. Talvez ele saiba onde vive o corvo de três olhos. E Jon também está em Castelo Negro. – Bran acalentara a esperança de voltar a ver Jon e o tio. Os últimos irmãos negros a visitar Winterfell disseram que Benjen Stark tinha desaparecido durante uma patrulha, mas certamente já teria encontrado uma forma de voltar. – Aposto que a Patrulha até nos daria cavalos – prosseguiu.

– Silêncio. – Jojen fez sombra com a mão sobre os olhos e olhou na direção do sol poente. – Olhem. Há alguma coisa... um cavaleiro, parece. Conseguem vê-lo?

Bran também fez sombra com a mão sobre os olhos, e mesmo assim teve de semicerrá-los. A princípio nada viu, até que um movimento o fez virar-se. Pensou que poderia ser o Verão, mas não era. *Um homem a cavalo*. Estava afastado demais para conseguir ver muito mais do que isso.

– Hodor? – Hodor também tinha posto a mão sobre os olhos, mas estava olhando para o lugar errado. – Hodor?

– Ele não vem com pressa – disse Meera –, mas parece-me que se dirige para esta aldeia.

– É melhor irmos para dentro antes que sejamos vistos – disse Jojen.

– Verão está perto da aldeia – objetou Bran.

– Verão vai ficar bem – prometeu Meera. – É só um homem montado num cavalo cansado.

Algumas gotas gordas começaram a bater contra a pedra na hora em que o grupo se retirava para o andar inferior. O momento foi bem escolhido; a chuva começou a cair forte pouco tempo depois. Conseguiam ouvi-la vergastando a superfície do lago mesmo através das espessas paredes. Sentaram-se no chão da sala redonda e vazia, no meio das sombras que aumentavam. A varanda virada para o norte dava para a

aldeia abandonada. Meera rastejou até lá fora, para espreitar por sobre o lago e ver o que tinha acontecido ao cavaleiro.

– Ele abrigou-se nas ruínas da estalagem – disse-lhes quando voltou para dentro. – Parece que está fazendo uma fogueira na lareira.

– Gostaria que pudéssemos fazer o mesmo – disse Bran. – Estou com frio. Há mobília quebrada no fundo das escadas, eu vi. Poderíamos botar o Hodor para cortá-la e nos aquecermos.

Hodor gostou da ideia.

– Hodor – disse, em tom esperançoso.

Jojen sacudiu a cabeça.

– Fogo significa fumaça. Fumaça vinda desta torre pode ser vista a longa distância.

– Se houver alguém para ver – argumentou a irmã.

– Há o homem na aldeia.

– Um homem.

– Um homem seria o suficiente para levar Bran aos seus inimigos, se for o homem errado. Ainda temos meio pato que sobrou de ontem. Devíamos comer e descansar. Ao amanhecer, o homem seguirá caminho e nós faremos o mesmo.

Jojen conseguiu o que queria; conseguia sempre. Meera dividiu o pato entre os quatro. Apanhara-o com sua rede no dia anterior, no momento em que a ave tentava levantar voo do charco onde foi surpreendida. Não era tão saboroso frio como havia sido quente e crocante, recém-saído do espeto, mas pelo menos não iriam passar fome. Bran e Meera dividiram o peito, enquanto Jojen comeu a sobrecoxa. Hodor devorou a asa e a coxa, murmurando “Hodor” e lambendo a gordura dos dedos após cada mordida. Era a vez de Bran de contar uma história, e falou-lhes de outro Brandon Stark, aquele que chamavam de Brandon, o Construtor Naval, o qual velejara para lá do Mar do Poente.

Caía o crepúsculo quando pato e história terminaram e a chuva continuava caindo. Bran perguntou a si mesmo se Verão estaria muito longe e se teria caçado algum dos veados.

Sombras cinzentas encheram a torre e, lentamente, foram se transformando em escuridão. Hodor ficou inquieto e começou a andar circulando as paredes, parando toda vez que passava pela latrina, para espiar lá dentro, como se tivesse se esquecido do que havia ali. Jojen

ficou em pé, junto da varanda norte, escondido pelas sombras, olhando para a noite e para a chuva. Em algum lugar para o norte, um relâmpago ziguezagueou pelo céu, iluminando o interior da torre por um instante. Hodor deu um salto e soltou um ruído assustado. Bran contou até oito, à espera do trovão. Quando ele chegou, Hodor gritou:

– *Hodor!*

*Espero que o Verão não esteja assustado também*, pensou Bran. Os cães nos canis de Winterfell sempre assustavam-se com as trovoadas, assim como Hodor. *Devia ir ver o companheiro, para acalmá-lo...*

O relâmpago voltou a cair e dessa vez o trovão chegou aos seis.

– Hodor! – berrou de novo Hodor. – HODOR! HODOR! – Pegou a espada, como que para lutar com a tempestade.

Jojen disse:

– Quieto, Hodor. Bran, diga para ele não gritar. Consegue tirar a espada dele, Meera?

– Posso tentar.

– Hodor, *chiu* – disse Bran. – Fique calado. Chega desse estúpido hodorar. Sente-se.

– Hodor? – o grande homem entregou obedientemente a espada a Meera, mas seu rosto era uma máscara de confusão.

Jojen voltou a se virar para a escuridão, e todos o ouviram prender a respiração.

– O que se passa? – perguntou Meera.

– Homens na aldeia.

– O homem que vimos antes?

– Outros homens. Armados. Vi um machado e lanças também – Nunca antes Jojen tinha soado tanto como o garoto que era. – Vi-os quando o relâmpago caiu, em movimento entre as árvores.

– Quantos?

– Muitos e mais ainda. Demais para contar.

– Montados?

– Não.

– Hodor. – Hodor parecia assustado. – Hodor. Hodor.

Bran também se sentia um pouco assustado, embora não quisesse admitir isso na frente de Meera.

– E se vierem até aqui?

– Não virão. – Ela sentou-se a seu lado. – Por que viriam?

– Em busca de abrigo. – A voz de Jojen era lúgubre. – A menos que a tempestade passe. Meera, você pode ir até lá embaixo barrar a porta?

– Nem sequer conseguiria fechá-la. A madeira está deformada demais. Mas eles não passarão por aqueles portões de ferro.

– Podem passar. Podiam quebrar a fechadura, ou as dobradiças. Ou subir pelo alçapão, como nós fizemos.

Um relâmpago rasgou o céu e Hodor choramingou. Então, um grande trovão rolou por sobre o lago.

– HODOR – rugiu o cavalariço, apertando as orelhas com as mãos e andando em círculos e aos tropeções através das trevas. – HODOR! HODOR! HODOR!

– *NÃO!* – gritou-lhe Bran. – PARE DE HODORAR!

De nada serviu.

– HOOOODOR! – gemeu Hodor. Meera tentou segurá-lo e acalmá-lo, mas ele era forte demais. Atirou-a para o lado com apenas um encolher de ombros. – HOOOOOODOOOOOOOR! – gritou o cavalariço quando um relâmpago voltou a encher o céu, e agora até Jojen estava gritando, gritando para que Bran e Meera calassem Hodor.

– Fique *quieto!* – disse Bran numa voz esganiçada e assustada, tentando inutilmente alcançar a perna de Hodor quando ele passou ao seu lado, tentando alcançá-lo, tentando *alcançá-lo*.

Hodor vacilou e fechou a boca. Balançou lentamente a cabeça de um lado para o outro, deixou-se cair de novo no chão e sentou-se de pernas cruzadas. Quando o trovão ressoou, pareceu quase não ouvi-lo. Os quatro ficaram sentados na torre escura, quase sem se atreverem a respirar.

– Bran, o que você fez? – murmurou Meera.

– Nada. – Bran sacudiu a cabeça. – Não sei. – Mas sabia. *Consegui alcançá-lo, da mesma forma que consigo alcançar o Verão*. Bran *tinha sido* Hodor durante meio segundo. Aquilo assustava-o.

– Está acontecendo alguma coisa para lá do lago – disse Jojen. – Acho que vi um homem apontando para a torre.

*Não vou ter medo*. Ele era o Príncipe de Winterfell, filho de Eddard Stark, quase um homem-feito e, além disso, um *warg*, já não era um garotinho como Rickon. *Verão não teria medo*.

– O mais provável é que sejam homens dos Umber – disse. – Ou podem ser Knott, Norrey ou Flint descidos das montanhas, ou mesmo irmãos da Patrulha da Noite. Usavam mantos negros, Jojen?

– De noite, todos os mantos são negros, Vossa Graça. E o relâmpago apareceu e desapareceu depressa demais para eu ver o que vestiam.

Meera mostrava-se prudente.

– Se fossem irmãos negros, estariam montados, não é verdade?

Bran tinha pensado em outra coisa.

– Não importa – disse com confiança. – Eles não poderiam chegar até nós, mesmo se quisessem. A não ser que tenham um barco ou saibam do caminho pela água.

– O caminho elevado! – Meera esfregou os cabelos de Bran e beijou-o na testa. – Nosso querido príncipe! Ele tem razão, Jojen, esses homens não sabem do caminho elevado. E mesmo se soubessem, nunca o encontrariam à noite e na chuva.

– Mas a noite terminará. Se ficarem até de manhã... – Jojen deixou o resto por dizer. Uns momentos mais tarde, disse: – Eles estão alimentando a fogueira que o primeiro homem acendeu. – Um relâmpago cruzou o céu, e a luz encheu a torre e delineou-os nas sombras. Hodor balançava-se de um lado para o outro, cantarolando.

Bran conseguiu sentir o medo de Verão naquele instante luminoso. Fechou dois olhos e abriu um terceiro, e sua pele de garoto deslizou de cima de si como um manto ao deixar a torre para trás...

... e se ver na chuva, com a barriga cheia de veado, aninhando-se com medo na vegetação rasteira enquanto o céu se abria e ressoava por cima de si. O cheiro de maçãs podres e folhas molhadas quase afogava o odor dos homens, mas ele estava lá. Ouviu o tinir e deslizar da pele dura, viu homens se deslocando sob as árvores. Um homem com um pedaço de madeira e uma pele puxada por cima da cabeça passou por ele aos tropeções, deixando-o cego e surdo. O lobo rodeou-o a distância, por trás de um espinheiro que gotejava e por baixo dos ramos nus de uma macieira. Conseguia ouvi-los conversando, e sentiu, sob os odores de chuva, folhas e cavalo, o fedor vivo e vermelho do medo...

# JON

O terreno estava coberto de agulhas de pinheiro e folhas sopradas pelo vento, um tapete de verde e marrom ainda úmido das chuvas recentes. Esguichava água por baixo dos pés do grupo. Enormes carvalhos de ramos nus, altas sentinelas e tropas de pinheiros marciais erguiam-se por toda a volta. Numa colina acima deles, erguia-se outra torre redonda, antiga e vazia, com um espesso musgo verde escalando o seu lado quase até o cume.

– Quem construiu aquilo, assim, tudo em pedra? – perguntou-lhe Ygritte. – Algum rei?

– Não. Foram só os homens que viviam aqui.

– O que aconteceu com eles?

– Morreram ou foram embora. – A Dádiva de Brandon tinha sido cultivada durante milhares de anos, mas, conforme a Patrulha ia minguando, o número de mãos para arar os campos, cuidar das abelhas e plantar os pomares diminui, e assim a natureza reclamou o controle de muitos campos de cultivo e salões. Na Nova Dádiva houve aldeias e castros, cujos impostos, entregues em bens e trabalho, ajudavam a alimentar e vestir os irmãos negros. Mas essas também tinham desaparecido em grande parte.

– Foram tolos por deixar um castelo como este – disse Ygritte.

– É só uma casa-torre. Um pequeno fidalgo qualquer viveu aí um dia, com a família e alguns homens juramentados a ele. Quando chegavam assaltantes, acendia um farol no telhado. Winterfell tem torres três vezes maiores do que estas.

Ela olhou-o como se julgasse que Jon estava inventando aquilo.

– Como é possível que os homens construam tão alto, sem gigantes para levantar as pedras?

Segundo as lendas, Brandon, o Construtor, *tinha* usado gigantes para ajudar a erguer Winterfell, mas Jon não quis confundir as coisas.

– Os homens conseguem construir a alturas muito maiores do que esta. Em Vilavelha há uma torre mais alta do que a Muralha. – Percebeu que ela não acreditou no que ele dizia. *Se pudesse lhe mostrar Winterfell... dar uma flor apanhada nos jardins de vidro, banqueteá-la no Grande Salão e mostrar os reis de pedra em seus tronos. Poderíamos tomar banho nas lagoas quentes e fazer amor à sombra da árvore-coração enquanto os deuses antigos nos vigiavam.*

O sonho era agradável... mas Winterfell nunca seria seu para mostrar. Pertencia ao seu irmão, o Rei no Norte. Ele era um Snow, não um Stark. *Bastardo, perjuro e vira-casaca...*

– Talvez, depois a gente possa voltar para cá e viver naquela torre – disse ela. – Você gostaria, Jon Snow? Depois?

*Depois*. A palavra era uma estocada de lança. *Depois da guerra. Depois da conquista. Depois de os selvagens abrirem uma brecha na Muralha...*

Um dia, o senhor seu pai havia falado em fazer novos senhores e instalá-los nos castros abandonados como escudo contra os selvagens. O plano exigiria que a Patrulha cedesse uma grande parte da Dádiva, mas o tio Benjen acreditava que o Senhor Comandante podia ser persuadido a fazer isso, desde que os novos fidalgos pagassem impostos a Castelo Negro, e não a Winterfell.

– Mas é um sonho para a primavera – tinha dito Lorde Eddard. – Com o inverno chegando, nem mesmo a promessa de terras atrairia homens ao norte.

*Se o inverno tivesse chegado e partido mais depressa e a primavera tivesse seguido seu curso, eu poderia ter sido escolhido para ocupar uma destas torres em nome de meu pai*. Mas Lorde Eddard estava morto e seu irmão Benjen, desaparecido; o escudo que tinham sonhado juntos nunca seria forjado.

– Esta terra pertence à Patrulha – disse Jon.

As narinas dela dilataram-se.

– Ninguém vive aqui.

– Os seus corsários afugentaram-nos.

– Então eram covardes. Se queriam a terra, deviam ter ficado e lutado.

– Talvez estivessem cansados de lutar. Cansados de barrar as portas todas as noites, imaginando se Camisa de Chocalho ou alguém como ele

as arrombaria para raptar suas mulheres. Fartos de verem as colheitas roubadas, juntamente com qualquer coisa de valor que possuíssem. É mais fácil ir viver fora do alcance de assaltantes. – *Mas, se a Muralha cair, todo o Norte ficará ao alcance deles.*

– Você não sabe nada, Jon Snow. São as filhas que são levadas, não as mulheres. São *vocês* que roubam. Roubaram o mundo inteiro e construíram a Muralha pra manter o povo livre fora dele.

– Ah, é? – às vezes, Jon se esquecia de quão selvagem ela era, e então Ygritte o lembrava disso. – Como foi que isso aconteceu?

– Os deuses fizeram a terra pra todos os homens partilharem. Mas aí os reis chegaram com suas coroas e espadas de aço e disseram que a terra era toda deles. "As árvores são minhas", disseram, "não podem comer as maçãs". "O riacho é meu, não podem pescar aqui. A floresta é minha, não podem caçar. A minha terra, a minha água, o meu castelo, a minha filha, mantenham as mãos longe, senão eu as corto, mas se vocês se ajoelharem, deixo vocês cheirarem." Chamam-nos de ladrões, mas ao menos um ladrão tem que ser corajoso, esperto e rápido. O tipo que ajoelha só tem que ajoelhar.

– Harma e Saco de Ossos não fazem incursões em busca de peixe e maçãs. Roubam espadas e machados. Especiarias, sedas e peles. Arrecadam todas as moedas, anéis e taças incrustadas de joias que conseguem encontrar, barris de vinho no verão e barris de carne no inverno, e roubam mulheres em todas as estações e levam-nas para lá da Muralha.

– E daí se fazem isso? Cá pra mim, é melhor ser raptada por um homem forte do que ser dada a algum fracote pelo meu pai.

– É o que você diz, mas como é que sabe? E se fosse raptada por alguém que detestasse?

– Ele teria de ser rápido, astuto e bravo pra *me* raptar. Assim, nossos filhos também seriam fortes e espertos. Por que é que eu ia detestar um homem assim?

– Pode ser que ele nunca se lave, e cheire tão mal como um urso.

– Nesse caso, eu o empurraria pra dentro de um riacho ou atiraria um balde d'água nele. Seja como for, os homens não devem cheirar bem como flores.

– O que as flores têm de errado?

– Nada, pra uma abelha. Pra cama, eu quero um destes. – Ygritte tentou agarrar a parte da frente dos calções de Jon.

Este agarrou o pulso dela.

– E se o homem que a raptasse bebesse demais? – insistiu. – E se fosse brutal ou cruel? – Apertou com mais força, para dar peso ao argumento. – E se fosse mais forte do que você e gostasse de espancá-la até deixá-la em carne viva?

– Cortava a goela dele quando estivesse dormindo. Você não sabe nada, Jon Snow. – Ygritte retorceu-se como uma enguia e libertou-se dele.

*Sei uma coisa. Sei que você é selvagem até os ossos*. Às vezes era fácil se esquecer disso, quando estavam rindo juntos, ou beijando-se. Mas então um deles diria alguma coisa ou faria algo, e ele subitamente se lembraria da muralha que se erguia entre seus mundos.

– Um homem pode ser dono de uma mulher ou pode ser dono de uma faca – disse-lhe Ygritte –, mas nenhum homem pode ser dono das duas coisas. Todas as meninas aprendem isso com as mães. – Ergueu o queixo em desafio e sacudiu os espessos cabelos ruivos. – E os homens não podem ser donos da terra, como não podem ser donos do mar ou do céu. Vocês, os ajoelhadores, pensam que são, mas o Mance vai mostrar outra coisa a vocês.

Era uma vanglória bela e corajosa, mas soava vazia. Jon deu um olhar de relance para trás, a fim de se certificar de que o Magnar não pudesse ouvi-lo. Errok, o Grande Furúnculo, e o Dan de Cânhamo caminhavam alguns metros atrás deles, mas não estavam prestando atenção na discussão. O Grande Furúnculo se queixava do traseiro.

– Ygritte – disse em voz baixa –, Mance não pode ganhar esta guerra.

– Claro que pode! – insistiu ela. – Você não sabe nada, Jon Snow. Nunca viu o povo livre lutar!

Os selvagens lutavam como heróis ou demônios, dependendo de quem contava a história, mas no fim das contas acabava dando no mesmo. *Eles lutam com uma coragem intrépida, com todos os homens em busca de glória.*

– Não duvido de que sejam todos muito corajosos, mas quando chega a hora da batalha, a disciplina sempre vence o valor. No fim, Mance falhará, como todos os Reis-para-lá-da-Muralha antes dele. E quando isso acontecer, morrerão. Todos vocês.

Ygritte pareceu tão zangada que Jon pensou que ela fosse bater nele.

– Todos *nós* – disse. – Você também. Agora já não é um corvo, Jon Snow. Eu jurei que não era, portanto é melhor não ser. – Empurrou-o contra o tronco de uma árvore e beijou-o em cheio nos lábios, bem ali, no meio da coluna desordenada. Jon ouviu Grigg, o Bode, dizer-lhe para continuar andando. Outra pessoa soltou uma gargalhada. Ele devolveu o beijo, apesar de tudo. Quando enfim se separaram, Ygritte estava corada. – É meu – sussurrou. – Meu, como eu sou sua. E se morrermos, morremos. Todos os homens têm de morrer, Jon Snow. Mas, primeiro, vivemos.

– Sim. – A voz de Jon estava pesada. – Primeiro vivemos.

Ela sorriu ao ouvir aquilo, mostrando-lhe os dentes tortos que ele, sem saber como, acabara amando. *Selvagem até o osso*, pensou de novo, com uma sensação doentia e triste na boca do estômago. Dobrou os dedos da mão da espada e perguntou a si mesmo o que Ygritte faria se soubesse o que se passava em seu coração. Ela o trairia caso se sentasse com ela e lhe dissesse que ainda era filho de Ned Stark e um homem da Patrulha da Noite? Esperava que não, mas não se atrevia a correr esse risco. Vidas demais dependiam de sua capacidade para chegar a Castelo Negro antes do Magnar... partindo do princípio de que encontraria uma oportunidade de fugir dos selvagens.

Tinham descido a face sul da Muralha em Guardagris, um castelo abandonado havia duzentos anos. Uma seção dos enormes degraus de pedra tinha ruído havia um século, mesmo assim a descida foi bastante mais fácil do que a subida. Dali, Styr levou-os para o interior profundo da Dádiva, para evitar as habituais patrulhas dos homens de negro. Grigg, o Bode, guiou-os ao redor do punhado de aldeias habitadas que restavam naquelas terras. Além de umas poucas torres redondas que se projetavam para o céu como dedos de pedra, não viram sinal de homens. Marcharam por colinas úmidas e planícies ventosas, sem serem vigiados, sem serem vistos.

*Não pode se recusar, não importa o que lhe seja solicitado*, tinha dito o Meia-Mão. *Cavalgue com eles, coma com eles, lute com eles, durante o tempo que for preciso.* E ele cavalgara, ao longo de muitas léguas, e caminhara mais ainda, partilhara o pão e o sal deles e também as mantas de Ygritte, mas ainda assim não confiavam nele. Os Thenn observavam-

no noite e dia, alertas a qualquer sinal de traição. Não conseguia se afastar, e logo seria tarde demais.

*Lute com eles*, disse Qhorin, antes de entregar a vida à Garralonga... mas ainda não havia chegado a esse ponto. *Assim que derramar o sangue de um irmão, estou perdido. Então atravesso a Muralha para sempre, e não há caminho de volta.*

Após a marcha de cada dia, o Magnar chamava-o para fazer perguntas astutas e perspicazes sobre Castelo Negro, sua guarnição e suas defesas. Jon mentia naquilo que se atrevia e às vezes fingia ignorância, mas Grigg, o Bode, e Errok também estavam ouvindo e eles sabiam o suficiente para deixar Jon cauteloso. Uma mentira evidente demais poderia traí-lo.

Mas a verdade era terrível. Castelo Negro não tinha defesas além da própria Muralha. Nem sequer possuía paliçadas de madeira ou diques de terra. O "castelo" nada mais era do que um aglomerado de torres e fortalezas, dois terços das quais estavam quase em ruínas. Quanto à guarnição, o Velho Urso levara duzentos homens em sua incursão. Teria algum regressado? Jon não tinha como saber. Talvez restassem quatrocentos no castelo, mas a maior parte desses homens era de construtores ou intendentes, não patrulheiros.

Os Thenns eram guerreiros tarimbados, e mais disciplinados do que um selvagem comum; fora sem dúvida por isso que Mance os escolhera. Os defensores de Castelo Negro incluiriam o cego Meistre Aemon e seu intendente meio cego Clydas, o Donal Noye, que não tinha um braço, o bêbado do Septão Cellador, Dick Surdo Follard, o cozinheiro Hobb Três-Dedos, o velho Sor Wynton Stout, bem como Halder, Sapo, Pyp, Albett e o resto dos rapazes que tinham treinado com Jon. E no comando deles estaria Bowen Marsh, com seu rosto vermelho, o rechonchudo Senhor Intendente que fora nomeado castelão na ausência de Lorde Mormont. Às vezes, Edd Doloroso chamava Marsh de "Velha Romã", o que se adequava a ele tão bem quanto "Velho Urso" se ajustava a Mormont.

– Ele é o homem que você quer na liderança quando os inimigos estão em campo – dizia Edd com sua habitual voz severa. – Ele vai contá-los direitinho por você. É um autêntico demônio para as contas, esse.

*Se o Magnar pegar Castelo Negro desprevenido, será um massacre sangrento, com rapazes assassinados em suas camas antes mesmo de*

*saberem que estão sob ataque*. Jon tinha de preveni-los, mas como? Nunca era mandado para forragear ou caçar, nem lhe era permitido ficar sozinho de vigia. E também temia por Ygritte. Não podia levá-la, mas, se a deixasse, será que o Magnar iria fazê-la responder por sua traição? *Dois corações que batem como um só...*

Todas as noites dividiam as mesmas peles de dormir, e ele adormecia com a cabeça dela sobre o seu peito e os cabelos ruivos fazendo cócegas em seu queixo. O cheiro dela tinha se tornado uma parte de Jon. Seus dentes tortos, a textura de seu seio quando ele o segurava, o sabor de sua boca... eram o seu júbilo e o seu desespero. Muitas noites ficava acordado, com Ygritte quente ao seu lado, perguntando a si mesmo se o senhor seu pai teria se sentido assim tão confuso com a sua mãe, quem quer que ela tivesse sido. *Ygritte montou a armadilha, e Mance Rayder empurrou-me para dentro dela.*

Cada dia passado entre os selvagens tornava mais difícil aquilo que tinha de fazer. Teria de arranjar alguma maneira de trair aqueles homens e, quando o fizesse, eles morreriam. Não desejara a sua amizade, tal como não desejara o amor de Ygritte. E no entanto... Os Thenns expressavam-se no Idioma Antigo e raramente falavam com ele, mas era diferente com os homens de Jarl, com os homens que tinham escalado a Muralha. Jon começava a conhecê-los, apesar de não querer: o magro e calmo Errok, o sociável Grigg, o Bode, os rapazes Quort e Bodger, o Dan de Cânhamo, o cordoeiro. O pior de todos era Del, um jovem com cara de cavalo e quase da mesma idade de Jon, que costumava falar em tom sonhador da garota selvagem que pretendia raptar.

– Ela é sortuda, como a sua Ygritte. É beijada pelo fogo.

Jon tinha de morder a língua. Não queria saber nada a respeito da garota de Del ou da mãe de Bodger, do lugar junto ao mar de onde Henk, o Elmo, tinha vindo, de como Grigg ansiava por visitar os homens verdes na Ilha das Caras, ou daquela ocasião em que um alce obrigou Dedo-do-Pé a subir em uma árvore. Não queria ouvir falar do furúnculo no traseiro do Grande Furúnculo, nem da quantidade de cerveja que Polegares de Pedra conseguia beber ou da forma como o irmão mais novo de Quort havia lhe implorado que não partisse com Jarl. Quort não podia ter mais de catorze anos, embora já tivesse raptado uma mulher e tivesse um filho a caminho.

– Pode ser que ele nasça num castelo qualquer – vangloriava-se o rapaz. – Nascido num castelo, como um senhor! – Estava muito arrebatado pelos “castelos” que tinham visto, designando por essa palavra as torres de vigia.

Jon interrogava-se sobre onde estaria agora o Fantasma. Teria ido para Castelo Negro, ou andaria vagueando pelos bosques com alguma alcateia? Não tinha qualquer percepção do lobo gigante, nem mesmo em sonhos. Isso fazia-o sentir como se parte de si mesmo tivesse sido cortada. Até com Ygritte dormindo ao seu lado sentia-se só. Não queria morrer sozinho.

Nessa tarde, as árvores começaram a se tornar mais esparsas, e o grupo marchou para leste, sobre planícies suavemente onduladas. Em volta deles, a grama erguia-se à altura da cintura, e plantações de milho selvagem oscilavam lentamente quando o vento soprava, mas a maior parte do dia foi quente e ensolarado. No entanto, à medida que o pôr do sol se aproximava, nuvens começaram a se acumular, ameaçadoras, a ocidente. Em pouco tempo, engoliram o sol laranja, e Lenn previu que uma tempestade violenta se aproximava. A mãe dele era uma bruxa dos bosques, por isso todos concordavam que o homem possuía um dom para prever o tempo.

– Há uma aldeia aqui perto – disse Grigg, o Bode, ao Magnar. – A quatro ou cinco quilômetros. Poderíamos arranjar abrigo lá. – Styr concordou de imediato.

Foi já bem depois de escurecer e de a tempestade eclodir que chegaram ao lugar. A aldeia encontrava-se junto a um lago e estava abandonada havia tanto tempo que a maior parte das casas tinha ruído. Até a pequena estalagem de madeira que um dia devia ter sido uma visão bem-vinda para os viajantes estava meio derrubada e sem teto. *Aqui, pouco abrigo encontraremos*, pensou Jon sombriamente. Sempre que o relâmpago caía, via uma torre circular de pedra que se erguia de uma ilha no meio do lago, mas, sem barcos, não tinham como chegar lá.

Errok e Del avançaram cautelosamente para explorar as ruínas, mas Del retornou quase de imediato. Styr fez a coluna parar e mandou uma dúzia de seus Thenns em frente, a trote, de lanças nas mãos. Então Jon também já tinha visto: o clarão de uma fogueira, avermelhando a chaminé da estalagem. *Não estamos sozinhos*. O temor enrolou-se em seu

interior como uma serpente. Ouviu um cavalo relinchar, e depois gritos. *Cavalgue com eles, coma com eles, lute com eles*, tinha dito Qhorin.

Mas a luta tinha terminado.

– Era só um homem – disse Errok quando voltou. – Um velho com um cavalo.

O Magnar gritou ordens no Idioma Antigo e uma vintena de seus Thenns espalhou-se para estabelecer um perímetro em volta da aldeia, enquanto outros rondaram por entre as casas, a fim de se certificarem de que ninguém mais estava escondido entre o mato e as pedras caídas. Os outros aglomeraram-se na estalagem sem teto, empurrando-se uns aos outros para se aproximarem da lareira. Os galhos partidos que o velho estivera queimando pareciam gerar mais fumaça do que calor, mas qualquer calor era bem-vindo numa noite selvagem e chuvosa como aquela. Dois dos Thenns tinham jogado o homem ao chão e estavam revistando suas coisas. Outro segurava seu cavalo, enquanto outros três saqueavam seus alforjes.

Jon afastou-se. Uma maçã apodrecida estourou sob seu calcanhar. *Styr vai matá-lo*. O Magnar havia dito isso em Guardagris; quaisquer ajoelhadores que encontrassem seriam mortos de imediato, para terem certeza de que não dariam o alarme. *Cavalgue com eles, coma com eles, lute com eles*. Será que isso queria dizer que devia ficar mudo e impotente enquanto abriam a garganta de um velho?

Perto do limite da aldeia, Jon viu-se cara a cara com um dos guardas que Styr colocara. O Thenn rosnou qualquer coisa no Idioma Antigo e apontou com a lança para a estalagem. *Volte para o lugar a que pertence*, adivinhou Jon. *Mas que lugar é esse?*

Caminhou na direção da água e descobriu um local quase seco sob a parede inclinada de taipa de uma choupana em ruínas que tinha desabado quase por completo. Foi ali que Ygritte o encontrou, sentado, fitando o lago açoitado pela chuva.

– Eu conheço este lugar – disse-lhe quando ela se sentou ao seu lado. – Aquela torre... olhe para o topo da próxima vez que o relâmpago cair e diga-me o que vê.

– Tá bem, se quiser – disse ela, e depois: – Alguns dos Thenns tão dizendo que ouviram barulho ali. Gritos, dizem eles.

– Trovões.

– Eles dizem que são gritos. Podem ser fantasmas.

A fortaleza realmente tinha um aspecto sombrio e assustador, ali erguida, negra, no topo de sua ilha rochosa, com a tempestade vergastando o lago em volta.

– Podíamos dar uma olhada – sugeriu ele. – Duvido que possamos ficar muito mais molhados do que já estamos.

– Nadar? No meio da tempestade? – ela riu da ideia. – Isso é algum truque pra tirar minha roupa, Jon Snow?

– Ainda preciso de um truque para isso? – brincou ele. – Ou será que não sabe nadar? – Jon era um bom nadador, tendo aprendido a arte quando garoto, no grande fosso de Winterfell.

Ygritte esmurrou o braço dele.

– Você não sabe nada, Jon Snow. Eu sou meio peixe, vou lhe mostrar.

– Meio peixe, meio cabra, meio cavalo... há muitas metades em você, Ygritte. – Balançou a cabeça. – Se este lugar é o que eu penso, não teríamos de nadar. Poderíamos ir a pé.

Ela recostou-se e olhou-o.

– Caminhar na água? Que feitiçaria sulista é essa?

– Não é feit... – começou ele no momento em que um enorme relâmpago se precipitou do céu e tocou a superfície do lago. Durante meio segundo o mundo foi brilhante como ao meio-dia. O trovão soou tão alto que Ygritte se assustou e cobriu as orelhas.

– Viu? – perguntou Jon enquanto o som rolava para longe e a noite ficava negra novamente. – Percebeu?

– Amarelo – disse ela. – É isso o que quer dizer? Algumas daquelas pedras em pé lá em cima são amarelas.

– Chamamos de merlões. Foram pintadas de dourado há muito tempo. Isto é Coroadarrainha.

Do outro lado do lago, a torre estava negra novamente, uma silhueta tênue, tenuemente entrevista.

– Uma rainha vivia aqui? – perguntou Ygritte.

– Uma rainha passou uma noite aqui. – Foi a Velha Ama que tinha lhe contado a história, mas Meistre Luwin confirmou a maior parte dela. – Alysanne, a esposa do Rei Jaehaerys, o Conciliador. Ele é chamado de Velho Rei por ter reinado durante muito tempo, mas era jovem quando subiu ao Trono de Ferro. Naquela época, era seu costume viajar por todo

o reino. Quando veio a Winterfell, trouxe a sua rainha, seis dragões e metade da corte. O rei tinha assuntos a discutir com o seu Protetor do Norte, e Alysanne ficou entediada, por isso montou em seu dragão Asaprata e voou para o norte, a fim de ver a Muralha. Esta aldeia foi um dos lugares onde parou. Mais tarde, o povo pintou o topo de sua fortaleza para se parecer com a coroa de ouro que ela usava quando tinha passado a noite entre eles.

– Nunca vi um dragão.

– Ninguém viu. Os últimos dragões morreram há cem anos ou mais. Mas isso foi há mais tempo.

– A Rainha Alysanne, você diz?

– A Boa Rainha Alysanne, como a chamaram mais tarde. Um dos castelos da Muralha também foi batizado em sua honra. Portão da Rainha. Antes de sua visita, chamavam-no de Portão da Neve.

– Se era assim tão boa, devia ter derrubado aquela Muralha.

*Não*, pensou ele. *A Muralha protege o reino. Dos Outros... e também de você e dos seus, querida.*

– Tive outro amigo que também sonhava com dragões. Um anão. Ele disse...

– *JON SNOW!* – um dos Thenns encontrava-se em pé junto deles, de testa franzida. – Magnar quer. – Jon achou que podia ser o mesmo homem que o encontrara na porta da gruta na noite anterior à escalada da Muralha, mas não tinha certeza. Ficou em pé. Ygritte veio com ele, o que sempre fazia Styr franzir a testa, mas toda vez que tentava mandá-la embora, ela lembrava-lhe que era uma mulher livre, não uma ajoelhadora. Ia e vinha conforme lhe apetecia.

Foram encontrar o Magnar em pé, embaixo da árvore que crescia no chão da sala comum da estalgem. Seu prisioneiro estava ajoelhado diante da lareira, cercado por lanças de madeira e espadas de bronze. Observou a aproximação de Jon, mas nada disse. A chuva corria pelas paredes e tamborilava nas poucas folhas que ainda se prendiam à árvore, enquanto a fumaça subia rodopiando, densa, da fogueira.

– Ele tem de morrer – disse Styr, o Magnar. – Trate disso, corvo.

O velho não proferiu uma palavra. Limitou-se a olhar para Jon, que estava entre os selvagens. Por entre a chuva e a fumaça, iluminado

apenas pelo fogo, não podia ter visto que Jon estava todo vestido de negro exceto pelo manto de pele de ovelha. *Ou podia?*

Jon tirou Garralonga da bainha. A chuva lavou o aço e a luz da fogueira traçou uma lúgubre linha alaranjada ao longo do gume. *Uma fogueira tão pequena para custar a vida de um homem*. Recordou o que Qhorin Meia-Mão havia dito quando avistaram a fogueira no Passo dos Guinchos. *O fogo é vida aqui em cima*, disse-lhes, *mas também pode ser morte*. Mas aquilo fora nas alturas das Presas de Gelo, nas regiões bravias e sem lei para lá da Muralha. Isso era a Dádiva, protegida pela Patrulha da Noite e pelo poderio de Winterfell. Um homem devia ser livre para acender ali uma fogueira sem morrer por isso.

– Por que hesita? – disse Styr. – Mate-o e acabou.

Mesmo então, o cativo não falou. Podia ter dito "Misericórdia", ou "Roubou-me o cavalo, o dinheiro, a comida, deixe-me ficar com a vida", ou "Não, por favor, não lhe fiz nenhum mal". Podia ter dito mil coisas, ou chorado, ou apelado aos seus deuses. Mas nenhuma palavra poderia salvá-lo agora. Ele talvez soubesse disso. Portanto, manteve a língua sob controle e olhou para Jon, com acusação e súplica no olhar.

*Não pode se recusar, não importa o que lhe seja solicitado. Cavalgue com eles, coma com eles, lute com eles...* Mas esse velho não tinha oferecido resistência. Teve azar, nada mais. Quem era, de onde viera, onde queria chegar em seu pobre cavalo de dorso muito curvo... nada disso importava.

*Ele é um velho*, disse Jon a si mesmo. *Tem cinquenta anos, talvez sessenta. Viveu uma vida mais longa do que a maioria dos homens. Os Thenns acabarão matando-o de qualquer forma, nada do que eu diga ou faça poderá salvá-lo*. Garralonga parecia mais pesada do que chumbo em sua mão, pesada demais para erguer. O homem não parava de encará-lo, com olhos grandes e negros como poços. *Vou cair naqueles olhos e me afogar*. O Magnar também estava a olhá-lo, e Jon quase conseguia sentir o gosto de sua desconfiança. *O homem está morto. Que importa que seja a minha mão a matá-lo?* Um golpe resolveria o assunto, rápida e limpamente. Garralonga tinha sido forjada com aço valiriano. Tal como Gelo. Jon recordou outra morte; o desertor de joelhos, com a cabeça rolando, o tom vivo do sangue na neve... a espada do pai, as palavras do pai, o rosto do pai...

– Vá, Jon Snow – insistiu Ygritte. – Precisa matá-lo. Pra provar que não é um corvo, e sim um membro do povo livre.

– Um velho sentado junto a uma fogueira?

– O Orel tam'ém tava sentado junto a uma fogueira. E você o matou bem depressa. – O olhar que ela lhe lançou então foi duro. – E tam'ém queria me matar até ver que eu era uma mulher. E eu tava dormindo.

– Isso foi diferente. Vocês eram soldados... sentinelas.

– Sim, e os corvos não queriam ser vistos. É como a gente agora. É a mesma coisa. Mate-o.

Jon deu as costas ao homem.

– Não.

O Magnar aproximou-se, alto, frio, perigoso.

– Eu disse que sim. Sou eu quem comanda aqui.

– Você comanda os Thenns – disse-lhe Jon –, não o povo livre.

– Não vejo povo livre nenhum. Vejo um corvo e uma mulher de corvo.

– Eu não sou mulher de corvo coisa nenhuma! – Ygritte arrancou a faca de dentro da bainha. Três passos rápidos e puxou pelos cabelos a cabeça do velho para trás e abriu sua garganta de orelha a orelha. Nem mesmo na morte o homem gritou. – Você não sabe *nada*, Jon Snow – gritou-lhe e atirou a faca ensanguentada aos pés dele.

O Magnar disse qualquer coisa no Idioma Antigo. Podia estar mandando os Thenns matarem Jon ali mesmo, mas ele nunca saberia se isso era verdade. Um relâmpago tombou do céu, um imenso raio azul-esbranquiçado que atingiu o topo da torre do lago. Conseguiram cheirar sua fúria, e quando o trovão chegou, pareceu sacudir a noite.

E a morte saltou para o meio deles.

O relâmpago tinha ofuscado a visão de Jon, mas ele conseguiu vislumbrar a sombra que se movia a grande velocidade meio segundo antes de ouvir o guincho. O primeiro Thenn morreu como o velho, com sangue jorrando de sua garganta rasgada. Então a luz desapareceu e a silhueta estava de novo girando, rosnando, e outro homem caiu na escuridão. Houve imprecações, gritos, uivos de dor. Jon viu Grande Furúnculo tropeçar e cair para trás, derrubando três homens. *Fantasma*, pensou, durante um louco instante. *O Fantasma saltou a Muralha*. Então o relâmpago transformou a noite em dia, e viu o lobo que estava em pé

sobre o peito de Del, com sangue escorrendo, negro, de suas mandíbulas. *Cinza. Ele é cinza*.

A escuridão caiu com o trovão. Os Thenns estavam dando estocadas com as lanças enquanto o lobo voava entre eles. A égua do velho empinou-se, enlouquecida pelo cheiro do massacre e atacou furiosamente com os cascos. Garralonga continuava em sua mão. E, de repente, Jon Snow percebeu que nunca teria uma oportunidade melhor.

Abateu o primeiro homem quando se virou para o lobo, passou por um segundo com um empurrão, golpeou um terceiro. Em meio àquela loucura, ouviu alguém chamar seu nome, mas se foi Ygritte ou o Magnar não soube dizer. O Thenn que lutava para controlar o cavalo nem chegou a vê-lo. Garralonga era leve como uma pena. Brandiu-a contra a barriga da perna do homem e sentiu o aço enterrar-se até o osso. Quando o selvagem caiu, a égua fugiu, mas, sem saber como, Jon conseguiu se agarrar à crina com a mão esquerda e saltar para o dorso dela. Uma mão fechou-se em volta de seu tornozelo, e ele deu um golpe para baixo e viu o rosto de Bodger dissolver-se numa balbúrdia de sangue. O cavalo empinou-se, escoiceando para a frente. Um dos cascos atingiu o Thenn na têmpora, com um *crunch*.

E então estavam a galope. Jon não fez qualquer esforço para guiar o cavalo. Precisou de todas as suas forças para se manter em cima dele enquanto mergulhavam através da lama, da chuva e dos trovões. Mato úmido chicoteava seu rosto e uma lança passou voando junto à sua orelha. *Se o cavalo tropeça e quebra uma pata, apanham-me e matam-me*, pensou, mas os deuses antigos acompanharam-no e o cavalo não tropeçou. O relâmpago estremeceu através da cúpula negra do céu e o trovão rolou pelas planícies. Os gritos reduziram-se e morreram atrás de Jon.

Longas horas mais tarde, a chuva parou. Jon deu por si sozinho, num mar de mato alto e negro. Havia uma profunda dor latejante em sua coxa direita. Quando olhou para baixo, ficou surpreendido por ver uma flecha espetada na parte de trás da coxa. *Quando foi que isso aconteceu?* Agarrou a haste e deu um puxão, mas a ponta da flecha estava profundamente enterrada na carne de sua perna, e a dor quando a puxou foi insuportável. Tentou pensar na loucura na estalagem, mas tudo que conseguiu recordar foi o animal, esguio, cinza e terrível. *Era grande*

*demais para ser um lobo comum. Um lobo gigante, portanto. Tinha de ser*. Nunca tinha visto um animal mover-se tão depressa. *Como um vento cinzento...* Poderia Robb ter retornado ao Norte?

Jon sacudiu a cabeça. Não tinha respostas. Era difícil demais pensar... sobre o lobo, o velho, Ygritte, tudo aquilo...

Desajeitadamente deslizou de cima da égua. A perna ferida cedeu sob seu corpo, e ele teve de engolir um grito. *Isso vai ser uma agonia*. Mas a flecha tinha de sair, e esperar apenas pioraria a situação. Jon colocou a mão em volta das penas, respirou fundo e empurrou a flecha para a frente. Soltou um grunhido e depois um xingamento. Doeu tanto que teve de parar. *Estou sangrando como um porco na matança*, pensou, mas não havia nada a fazer até que a flecha saísse. Fez uma careta e voltou a tentar... e depressa voltou a parar, tremendo. Tentou novamente. Daquela vez gritou, mas, quando terminou, a ponta da flecha espetava a parte da frente da coxa. Jon comprimiu contra a perna os calções ensanguentados a fim de conseguir pegar melhor na flecha, fez um esgar e puxou lentamente a haste através da perna. Nunca soube como conseguiu terminar aquilo sem desmaiar.

Depois ficou deitado no chão, agarrado ao seu troféu e sangrando calmamente, fraco demais para se mover. Algum tempo depois compreendeu que, caso não se *forçasse* a se mover, provavelmente sangraria até a morte. Jon rastejou na direção do riacho raso onde a égua matava a sede, lavou a coxa na água fria e apertou-a bem com uma faixa de tecido arrancada do manto. Lavou também a flecha, virando-a nas mãos. As penas eram cinzentas ou brancas? Ygritte usava penas de ganso cinza-claras nas flechas. *Terá disparado uma flecha contra mim quando eu fugi?* Jon não podia culpá-la por isso. Perguntou a si mesmo se teria apontado para ele ou para o cavalo. Se a égua tivesse caído, estaria condenado.

– Sorte que a minha perna se pôs no caminho – murmurou.

Descansou por algum tempo, para deixar a égua pastar. O animal não vagueou até longe. Isso era bom. Coxo, com uma perna em mau estado, nunca teria conseguido apanhá-la. Precisou de todas as suas forças para se obrigar a ficar em pé e subir ao dorso do animal. *Como foi que a montei antes, sem sela nem estribos, e de espada na mão?* Essa era outra questão que não conseguia responder.

Um trovão ribombou a distância, mas, por cima de sua cabeça, as nuvens estavam se abrindo. Jon perscrutou o céu até encontrar o Dragão de Gelo e depois virou a égua para o norte, na direção da Muralha e de Castelo Negro. As pulsações de dor no músculo da coxa fizeram-no estremecer quando bateu os calcanhares no cavalo do velho. *Vou para casa*, disse a si mesmo. Mas se isso era verdade por que se sentia tão vazio?

Cavalgou até de madrugada, enquanto as estrelas olhavam para baixo como se fossem olhos.

## DAENERYS

Seus batedores dothraki tinham-lhe dito como era, mas Dany queria ver por si mesma. Sor Jorah Mormont atravessou com ela, a cavalo, uma floresta de vidoeiros e subiu uma íngreme cumeeira de arenito.

– Estamos suficientemente próximos – avisou-a ao chegar ao topo.

Dany freou a égua e olhou por sobre os campos, para o local onde a tropa de Yunkai atravessava seu caminho. Barba-Branca andara ensinando-lhe a melhor forma de estimar os números de um inimigo.

– Cinco mil – disse, passado um momento.

– Diria que sim. – Sor Jorah apontou. – Aqueles nos flancos são mercenários. Lanceiros e arqueiros a cavalo, com espadas e machados para o trabalho de proximidade. Os Segundos Filhos na ala esquerda, os Corvos Tormentosos na direita. Cerca de quinhentos homens cada. Vê os estandartes?

A harpia de Yunkai agarrava um chicote e uma coleira de ferro em vez de uma corrente. Mas os mercenários hasteavam os próprios estandartes por baixo dos da cidade que serviam: do lado direito, quatro corvos entre relâmpagos cruzados; do esquerdo, uma espada quebrada.

– São os próprios yunkaitas que constituem o centro – destacou Dany. A distância, seus oficiais eram indistinguíveis dos de Astapor; elmos altos e brilhantes e mantos revestidos de cintilantes discos de cobre. – Os soldados que lideram são escravos?

– Em grande parte. Mas não se igualam aos Imaculados. Yunkai é conhecida por treinar escravos de cama, não soldados.

– O que acha? Podemos derrotar este exército?

– Facilmente – disse Sor Jorah.

– Mas não sem sangue. – Grande quantidade de sangue empapou os tijolos de Astapor quando a cidade caiu, embora pouco dele pertencesse a ela ou aos seus. – Podemos ganhar aqui uma batalha, mas a um custo que talvez não nos permita tomar a cidade.

– Esse é sempre um risco, *khaleesi*. Astapor estava complacente e vulnerável. Yunkai está prevenida.

Dany refletiu. A tropa dos senhores de escravos parecia pequena comparada com a sua, mas os mercenários estavam montados. Viajara tempo demais com os dothraki para não ter um saudável respeito por aquilo que guerreiros a cavalo podiam fazer à infantaria. *Os Imaculados poderiam aguentar a carga deles, mas os meus libertados seriam massacrados*.

– Os senhores de escravos gostam de falar – disse. – Envie uma mensagem dizendo que os receberei esta noite em minha tenda. E convide também os comandantes das companhias mercenárias para uma visita. Mas não juntos. Os Corvos Tormentosos ao meio-dia, e os Segundos Filhos duas horas mais tarde.

– Às suas ordens – disse Sor Jorah. – Mas se não vierem...

– Virão. Terão curiosidade de ver os dragões e de ouvir o que eu tenho para dizer, e os que forem inteligentes verão aí uma oportunidade para avaliar as minhas forças. – Fez a égua prateada dar meia-volta. – Vou esperá-los em meu pavilhão.

Céus de um azul carregado e ventos fortes acompanharam Dany de volta à sua tropa. O profundo fosso que iria cercar o acampamento já estava meio cavado, e a floresta encontrava-se cheia de Imaculados que cortavam galhos de vidoeiro para afiar e transformar em estacas. Os eunucos não conseguiam dormir em um acampamento que não estivesse fortificado, ou pelo menos era isso que Verme Cinzento insistia em dizer. Ele estava lá, vigiando o trabalho. Dany parou um momento para conversar com o eunuco.

– Yunkai preparou-se para a batalha.

– Isso é bom, Vossa Graça. Estes têm sede de sangue.

Quando ordenou aos Imaculados para selecionarem oficiais de entre as suas fileiras, Verme Cinzento foi o escolhido da esmagadora maioria para o posto mais elevado. Dany colocou Sor Jorah acima dele, a fim de treiná-lo para o comando, e o cavaleiro exilado dizia que, até agora, o jovem eunuco era duro mas justo, rápido em aprender, incansável e totalmente inflexível em sua atenção aos detalhes.

– Os Sábios Mestres reuniram um exército de escravos para nos defrontar.

– Um escravo em Yunkai aprende a natureza dos sete suspiros e as dezesseis posições do prazer, Vossa Graça. Os Imaculados aprendem a natureza das três lanças. O seu Verme Cinzento espera mostrar-lhe.

Uma das primeiras coisas que Dany fez após a queda de Astapor foi abolir o costume de dar aos Imaculados novos nomes de escravo todos os dias. A maioria daqueles que tinham nascido livres voltou aos nomes com que nasceu; pelo menos os que ainda se lembravam deles. Outros adotaram nome de heróis ou deuses, e às vezes armas, pedras preciosas e até flores, o que resultou em soldados com nomes muito peculiares aos ouvidos de Dany. Verme Cinzento permaneceu Verme Cinzento. Quando lhe perguntou por quê, ele disse:

– É um nome de sorte. O nome com que este nasceu estava amaldiçoado. Era o nome que ele tinha quando foi escravizado. Mas Verme Cinzento foi o nome que coube a este no dia em que Daenerys Filha da Tormenta o libertou.

– Se houver uma batalha, que Verme Cinzento mostre sabedoria além de valor – disse-lhe Dany. – Poupe qualquer escravo que fugir ou que jogue fora a sua arma. Quanto menos forem mortos, mais ficarão para se juntar a nós depois.

– Este vai se lembrar.

– Eu sei que sim. Venha à minha tenda ao meio-dia. Quero você lá com os outros oficiais quando tratar com os capitães mercenários. – Dany esporeou a sua prata e dirigiu-se ao acampamento.

Dentro do perímetro que os Imaculados tinham estabelecido, as tendas estavam sendo erguidas em fileiras ordenadas, com seu grande pavilhão dourado no centro. Havia um segundo acampamento logo depois do dela; cinco vezes maior, irregular e caótico, esse segundo acampamento não tinha fossos, não tinha tendas, não tinha sentinelas, não tinha fileiras de cavalos. Aqueles que possuíam cavalos ou mulas dormiam ao lado dos animais, por temerem que fossem roubados. Cabras, ovelhas e cães meio famintos vagueavam livremente entre hordas de mulheres, crianças e velhos. Dany deixara Astapor nas mãos de um conselho de antigos escravos liderado por um curandeiro, um erudito e um sacerdote. Todos homens sensatos, pensava, e justos. Mesmo assim, dezenas de milhares preferiram segui-la para Yunkai em vez de permanecer em Astapor. *Dei-lhes a cidade e a maioria estava assustada demais para aceitá-la.*

A colcha de retalhos que era a tropa dos libertados fazia a sua parecer pequena, mas eles eram mais um fardo do que uma vantagem. Talvez um em cem possuísse um burro, um camelo ou um boi; a maior parte trazia armas, obtidas pela pilhagem do arsenal de algum dos negociantes de escravos, mas só um em dez era suficientemente forte para lutar, e nenhum se encontrava treinado. Por onde passavam, deixavam a terra nua, como gafanhotos de sandálias. Mas Dany não conseguia se convencer a abandoná-los, como Sor Jorah e seus companheiros de sangue sugeriam. *Disse-lhes que eram livres. Não posso dizer-lhes agora que não são livres para se juntarem a mim*. Olhou a fumaça que se erguia de suas fogueiras e engoliu um suspiro. Podia ter os melhores soldados de infantaria do mundo, mas também tinha os piores.

Arstan Barba-Branca encontrava-se em pé à porta de sua tenda, enquanto Belwas, o Forte, se sentava de pernas cruzadas na grama, ali perto, comendo uma tigela de figos. Durante a marcha, o dever de guardá-la caía sobre os ombros daqueles dois. Fizera de Jhogo, Aggo e Rakharo seus *kos*, além de companheiros de sangue, e agora precisava mais deles para comandar os dothraki do que para proteger a sua pessoa. O *khalasar* era minúsculo, trinta e poucos guerreiros a cavalo, a maior parte dos quais rapazes sem tranças e velhos corcundas. Mas eram toda a cavalaria que possuía, e não se atrevia a passar sem eles. Os Imaculados podiam ser a melhor infantaria do mundo inteiro, como Sor Jorah dizia, mas também precisava de batedores e guardas avançados.

– Yunkai terá a guerra – disse Dany ao Barba-Branca, dentro do pavilhão. Irri e Jhiqui tinham coberto o chão com tapetes, e Missandei acendera um incenso para adoçar o ar poeirento. Drogon e Rhaegal dormiam sobre um montinho de almofadas, enrolados um no outro, mas Viserion estava empoleirado na borda de sua banheira vazia. – Missandei, que língua falam estes yunkaitas? Valiriano?

– Sim, Vossa Graça – disse a garota. – Um dialeto diferente do de Astapor, mas suficientemente próximo para ser entendido. Os senhores de escravos chamam a si próprios de Sábios Mestres.

– Sábios? – Dany sentou-se de pernas cruzadas numa almofada, e Viserion abriu as asas brancas e douradas e esvoaçou para junto dela. – Veremos quão sábios são – disse, enquanto coçava a cabeça escamosa do dragão atrás dos chifres.

Sor Jorah Mormont retornou uma hora mais tarde, acompanhado por três capitães dos Corvos Tormentosos. Os mercenários usavam penas negras em seus elmos polidos, e diziam ser todos iguais em honra e autoridade. Dany estudou-os enquanto Irri e Jhiqui serviam o vinho. Prendahl na Ghezn era um ghiscari atarracado, com rosto largo e cabelos escuros que começavam a ficar grisalhos; Sallor, o Calvo, tinha uma retorcida cicatriz em seu rosto claro de qarteno; e Daario Naharis era extravagante até mesmo para um tyroshi. Sua barba era cortada na forma de uma forquilha de três dentes e pintada de azul, da mesma cor dos olhos e dos cabelos encaracolados que caíam sobre seu colarinho. Os bigodes pontiagudos estavam pintados de dourado. A roupa era toda em tons de amarelo; uma nuvem de renda de Myr da cor da manteiga jorrava do colarinho e das mangas, o gibão era decorado com medalhões de latão com a forma de dentes-de-leão, arabescos ornamentais em ouro subiam até suas coxas pelo cano das botas altas de couro. Luvas de suave camurça amarela estavam enfiadas num cinto de anéis dourados, e tinha as unhas pintadas de azul.

Mas foi Prendahl na Ghezn quem falou pelos mercenários.

– Faria bem em levar daqui a sua gentalha – disse. – Tomou Astapor pela via da traição, mas Yunkai não cairá com tanta facilidade.

– Quinhentos de seus Corvos Tormentosos contra dez mil de meus Imaculados – disse Dany. – Sou apenas uma garotinha, e não compreendo as coisas da guerra, mas suas chances não me parecem boas.

– Os Corvos Tormentosos não resistirão sozinhos – disse Prendahl.

– Corvos tormentosos não resistem a nada. Fogem ao primeiro sinal de trovões. Talvez devessem fugir agora. Ouvi dizer que mercenários são notoriamente pouco confiáveis. De que lhes valerá a dedicação quando os Segundos Filhos passarem para o nosso lado?

– Isso não acontecerá – insistiu Prendahl, inabalável. – E, se acontecesse, não importaria. Os Segundos Filhos não são nada. Lutamos ao lado dos valentes homens de Yunkai.

– Lutam ao lado de rapazes de cama armados com lanças. – Quando virou a cabeça, as sinetas gêmeas que trazia na trança tiniram com suavidade. – Que não venham pedir clemência depois que a batalha começar. Mas se escolherem se juntar agora a mim, o ouro que os yunkaitas lhe pagaram será seu e poderão, além disso, obter uma parte do

saque, com grandes recompensas para mais tarde, quando eu controlar o meu reino. Se lutarem pelos Sábios Mestres, o seu pagamento será a morte. Imaginam porventura que Yunkai abrirá os portões quando os meus Imaculados estiverem massacrando vocês à sombra das muralhas?

– Mulher, você zurra como um burro, e não faz mais sentido do que ele.

– *Mulher?* – Dany soltou um risinho. – Isso foi um insulto? Eu daria o troco, se o julgasse um homem. – Dany enfrentou o olhar do mercenário. – Sou Daenerys Filha da Tormenta da Casa Targaryen, a Não Queimada, Mãe de Dragões, *khaleesi* dos cavaleiros de Drogo e rainha dos Sete Reinos de Westeros.

– O que você é – disse Prendahl na Ghezn – é uma puta de um senhor dos cavalos. Quando vencermos, será dada ao meu garanhão para que ele monte em você.

Belwas, o Forte, puxou o *arakh*.

– Belwas, o Forte, dá a feia língua dele à pequena rainha, se ela quiser.

– Não, Belwas. Dei a estes homens salvo-conduto. – Sorriu. – Diga-me o seguinte: os Corvos Tormentosos são escravos ou homens livres?

– Somos uma irmandade de homens livres – declarou Sallor.

– Ótimo. – Dany pôs-se em pé. – Nesse caso, volte e conte aos seus irmãos o que lhe disse. Pode ser que alguns deles prefiram se alimentar de ouro e glória do que de morte. Vou querer a sua resposta de manhã.

Os capitães dos Corvos Tormentosos levantaram-se simultaneamente.

– A nossa resposta é não – disse Prendahl na Ghezn. Os companheiros seguiram-no para fora da tenda... mas, ao sair, Daario Naharis olhou de relance para trás e inclinou a cabeça numa despedida polida.

Duas horas mais tarde o comandante dos Segundos Filhos chegou sozinho. Revelou-se um bravosi muito alto, com olhos verde-claros e uma espessa barba vermelha e dourada que quase chegava ao seu cinto. Seu nome era Mero, mas se autodenominava Bastardo do Titã.

Mero entornou imediatamente o vinho, limpou a boca com as costas da mão e olhou de esguelha para Dany.

– Acho que fodi a sua irmã gêmea numa casa do prazer lá na terra. Ou era você?

– Penso que não. Eu me lembraria de um homem de tal magnificência, sem dúvida.

– Sim, é verdade. Nunca nenhuma mulher alguma vez esqueceu o Bastardo do Titã. – O bravosi estendeu a taça para Jhiqui. – Que acha de tirar essa roupa e vir sentar no meu colo? Se me der prazer, posso trazer os Segundos Filhos para o seu lado.

– Se trouxer os Segundos Filhos para o meu lado, posso não mandar capá-lo.

O grandalhão soltou uma gargalhada.

– Garotinha, houve outra mulher, uma vez, que tentou me capar com os dentes. Agora não tem dentes, mas a minha espada é tão longa e grossa quanto sempre foi. Quer que a tire para fora e a mostre?

– Não há necessidade. Depois que os meus eunucos a cortarem, posso examiná-la quando bem entender. – Dany bebeu um gole de vinho. – É verdade que sou apenas uma garotinha, e não conheço as coisas da guerra. Explique-me como pretende derrotar dez mil Imaculados com os seus quinhentos homens. Inocente como sou, suas chances parecem-me fracas.

– Os Segundos Filhos enfrentaram condições piores e ganharam.

– Os Segundos Filhos enfrentaram situações piores e fugiram. Em Qohor, quando os Três Mil defenderam a sua posição. Ou será que nega isso?

– Isso foi há muitos anos e, além disso, antes de os Segundos Filhos serem liderados pelo Bastardo do Titã.

– Então é em você que eles arranjam coragem? – Dany virou-se para Sor Jorah. – Quando a batalha começar, mate este primeiro.

O cavaleiro exilado sorriu.

– De bom grado, Vossa Graça.

– Claro – disse a Mero –, poderia voltar a fugir. Não o impediríamos. Pegue o seu ouro de Yunkai e parta.

– Se já tivesse visto o Titã de Bravos, garota tonta, saberia que não tem rabo para meter entre as pernas.

– Então fique e lute por mim.

– É verdade que valeria a pena lutar por você – disse o bravosi – e eu de bom grado a deixaria beijar minha espada, se eu fosse livre. Mas aceitei as moedas de Yunkai e dei a minha palavra sagrada.

– Moedas podem ser devolvidas – disse ela. – Eu pagarei o mesmo, e mais ainda. Tenho outras cidades a conquistar e um reino inteiro à minha

espera a meio mundo de distância. Sirva-me fielmente, e os Segundos Filhos não precisarão voltar a procurar contratos.

O bravosi afagou sua espessa barba vermelha.

– O mesmo e mais ainda, e talvez um beijo para arrematar, hã? Ou mais do que um beijo? Para um homem tão magnífico como eu?

– Talvez.

– Vou gostar do sabor de sua língua, eu acho.

Dany sentia a ira de Sor Jorah. *Meu urso negro não gosta dessa conversa sobre beijos.*

– Pense esta noite no que lhe disse. Posso ter a sua resposta de manhã?

– Pode. – O Bastardo do Titã deu um sorriso. – Posso levar um jarro deste belo vinho aos meus capitães?

– Pode levar um tonel. Vem das adegas dos Bons Mestres de Astapor, e tenho carroças cheias dele.

– Então dê-me uma carroça. Um sinal de sua amizade.

– Você tem uma grande sede.

– Eu sou todo grande. E tenho muitos irmãos. O Bastardo do Titã não bebe sozinho, *khaleesi*.

– Que seja então uma carroça, se prometer beber à minha saúde.

– Feito! – trovejou o homem. – E feito, e feito! Farei três brindes a você e trarei uma resposta quando o sol nascer.

Mas, quando Mero saiu, Arstan Barba-Branca disse:

– Aquele ali tem má reputação, até em Westeros. Não se deixe iludir por suas maneiras, Vossa Graça. Ele fará três brindes à sua saúde esta noite e amanhã vai violá-la.

– O velho tem razão, por uma vez – disse Sor Jorah. – Os Segundos Filhos são uma companhia antiga, que não é desprovida de valor, mas, sob a liderança de Mero, tornaram-se quase tão maus quanto os Bravos Companheiros. O homem é tão perigoso para quem o emprega como para os seus inimigos. É por isso que o encontra aqui. Nenhuma das Cidades Livres o contrata mais.

– Não é a sua reputação que eu quero, são os seus quinhentos homens a cavalo. E os Corvos Tormentosos, há alguma esperança ali?

– Não – disse Sor Jorah sem rodeios. – Aquele Prendahl é de sangue ghiscari. É provável que tivesse família em Astapor.

– Pena. Bem, talvez não precisemos lutar. Esperemos para ouvir o que os yunkaitas têm a dizer.

Os enviados de Yunkai chegaram ao pôr do sol; cinquenta homens montados em magníficos cavalos negros e um montado em um grande camelo branco. Seus elmos eram duas vezes mais altos do que as cabeças, para não esmagarem as bizarras torções, torres e esculturas de cabelos que tinham por baixo. Tingiam de um amarelo vivo as saias e túnicas de linho e cosiam discos de cobre aos mantos.

O homem do camelo branco apresentou-se como Grazdan mo Eraz. Esguio e duro, possuía um sorriso branco semelhante ao que Kraznis tinha ostentado até Drogon queimar seu rosto. Os cabelos estavam puxados para o alto, num chifre de unicórnio que se projetava de sua testa, e o *tokar* era debruado de renda de Myr dourada.

– Antiga e gloriosa é Yunkai, a rainha das cidades – disse, quando Dany lhe deu as boas-vindas à sua tenda. – Nossas muralhas são fortes; nossos nobres, orgulhosos e ferozes; nosso povo, desprovido de medo. Nosso é o sangue da antiga Ghis, cujo império já era antigo quando Valíria não passava de uma criança chorosa. Foi sensata por se sentar para conversar, *khaleesi*. Não encontrará aqui uma conquista fácil.

– Ótimo. Meus Imaculados apreciarão um pouco de luta. – Olhou para Verme Cinzento, que assentiu com a cabeça.

Grazdan fez um largo encolher de ombros.

– Se o que deseja é sangue, pois que jorre. Dizem que libertou os seus eunucos. A liberdade tem tanto significado para um Imaculado como um chapéu para um bacalhau. – Sorriu para Verme Cinzento, mas daria para dizer que o eunuco era feito de pedra. – Voltaremos a escravizar aqueles que sobreviverem, e vamos usá-los para arrancar Astapor das mãos do populacho. Também poderemos fazer de você uma escrava, não duvide. Há casas do prazer em Lys e Tyrosh onde os homens pagariam belas somas para dormir com a última Targaryen.

– É bom ver que sabe quem sou – disse Dany em voz branda.

– Orgulho-me de meu conhecimento do selvagem e disparatado ocidente. – Grazdan abriu as mãos, um gesto de conciliação. – E, no entanto, por que temos de falar tão duramente um ao outro? É verdade que você cometeu selvagerias em Astapor, mas nós, os yunkaitas, somos um povo muito clemente. A sua disputa não é conosco, Vossa Graça. Por

que desperdiçar suas forças contra as nossas poderosas muralhas, quando precisa de todos os homens para reconquistar o trono de seu pai no longínquo Westeros? Yunkai só lhe deseja sucesso nessa empreitada. E, para provar a verdade dessas palavras, trouxe-lhe um presente. – Bateu palmas, e dois dos membros de sua escolta avançaram, trazendo uma pesada arca de cedro, reforçada com bronze e ouro. Colocaram-na a seus pés. – Cinquenta mil marcos de ouro – disse Grazdan num tom muito doce. – São seus, num gesto de amizade dos Sábios Mestres de Yunkai. Ouro dado livremente é decerto melhor do que saque comprado com sangue. Portanto, digo-lhe, Daenerys Targaryen, aceite esta arca e parta.

Dany abriu a tampa da arca com um pequeno pé enfiado num chinelo. Estava cheia de moedas de ouro, tal como o enviado dissera. Pegou um punhado e deixou-as correr por entre os dedos. Cintilavam, brilhantes, ao rodar e cair; a maioria era recém-cunhada, com uma pirâmide de degraus numa das faces e a harpia de Ghis na outra.

– Muito lindo. Pergunto a mim mesma quantas arcas como esta encontrarei quando tomar sua cidade.

Ele soltou um risinho.

– Nenhuma, pois nunca fará tal coisa.

– Tenho também um presente para você. – Fechou a arca com estrondo. – Três dias. Na manhã do terceiro dia, mande seus escravos para fora da cidade. Todos. A cada homem, mulher e criança será dada uma arma e tanta comida, roupas, moedas e bens quanto ele ou ela puderem transportar. Será permitido a eles que escolham livremente esses objetos de entre as posses de seus donos, como pagamento pelos anos de servidão. Depois de todos os escravos partirem, vocês abrirão os portões e permitirão que meus Imaculados entrem na cidade e a revistem, para assegurar que ninguém permanece em escravidão. Se fizerem isso, Yunkai não será queimada nem saqueada, e nenhum dos membros de seu povo será molestado. Os Sábios Mestres terão a paz que desejam e terão demonstrado serem realmente sábios. O que diz?

– Digo que é louca.

– Ah, sou? – Dany encolheu os ombros e disse: – *Dracarys*.

Os dragões responderam. Rhaegal silvou e soltou uma baforada de fumaça, Viserion tentou morder e Drogon cuspiu uma chama rodopiante, vermelha e negra. Esta tocou a prega do *tokar* de Grazdan e a seda pegou

fogo em meio segundo. Marcos de ouro derramaram-se pelos tapetes quando o enviado tropeçou na arca, gritando pragas e batendo no braço até que Barba-Branca lhe despejou um jarro de água em cima, para apagar as chamas.

– Jurou que eu teria salvo-conduto! – lamentou-se o enviado de Yunkai.

– Será que todos os yunkaitas se lamuriam tanto por causa de um *tokar* chamuscado? Comprarei um novo para você... se entregar seus escravos dentro de três dias. Caso contrário, Drogon dará um beijo mais quente. – Torceu o nariz. – Você se borrou. Leve o ouro e vá, e assegure-se de que os Sábios Mestres ouçam a minha mensagem.

Grazdan mo Eraz colocou o dedo em riste.

– Lamentará essa arrogância, vadia. Esses lagartinhos não a manterão a salvo, garanto. Encheremos o ar de flechas se eles chegarem a menos de uma légua de Yunkai. Acha que é muito difícil matar um dragão?

– É mais difícil do que matar um feitor. Três dias, Grazdan. Diga-lhes. Ao fim do terceiro dia, entrarei em Yunkai, quer me abra os portões, quer não.

A noite já tinha caído por completo quando os yunkaitas partiram do acampamento. Prometia ser uma noite sombria; sem luar, sem estrelas, com um vento gelado e úmido que soprava de oeste. *Uma bela noite negra*, pensou Dany. Ardiam fogueiras por toda a volta, pequenas estrelas cor de laranja espalhadas por campos e colinas.

– Sor Jorah – disse –, convoque meus companheiros de sangue. – Dany sentou-se num monte de almofadas para esperá-los, com os dragões à sua volta. Quando se reuniram, disse: – Uma hora depois da meia-noite deverá ser tempo suficiente.

– Sim, *khaleesi* – disse Rakharo. – Tempo para quê?

– Para montar o nosso ataque.

Sor Jorah Mormont franziu a testa.

– Disse aos mercenários...

– ... que queria suas respostas de manhã. Não fiz nenhuma promessa a respeito desta noite. Os Corvos Tormentosos estarão discutindo sobre a minha proposta. Os Segundos Filhos estarão bêbados com o vinho que dei a Mero. E os yunkaitas julgam que têm três dias. Vamos pegá-los com a cobertura desta escuridão.

– Eles deverão ter batedores nos vigiando.

– E, na escuridão, verão centenas de fogueiras queimando – disse Dany. – Se chegarem a ver alguma coisa.

– *Khaleesi* – disse Jhogo –, eu tratarei desses batedores. Não são cavaleiros, são apenas feitores em cima de cavalos.

– Exatamente – concordou. – Acho que devíamos atacar de três lados. Verme Cinzento, seus Imaculados vão atacá-los pela direita e pela esquerda, enquanto meus *kos* levam a cavalaria em cunha numa arremetida através do centro. Soldados escravos nunca resistirão a dothraki montados. – Sorriu. – Com certeza, sou apenas uma garotinha e pouco sei de guerra. O que acham, senhores?

– Acho que é a irmã de Rhaegar Targaryen – disse Sor Jorah com um meio-sorriso tristonho.

– Sim – disse Arstan Barba-Branca –, e também uma rainha.

Levaram uma hora para resolver todos os detalhes. *Agora começa o momento mais perigoso*, pensou Dany quando seus capitães partiram para junto de seus homens. Só podia rezar para que as sombras da noite escondessem do inimigo os preparativos.

Perto da meia-noite, levou um susto quando Sor Jorah passou disparando por Belwas, o Forte.

– Os Imaculados apanharam um dos mercenários tentando entrar no acampamento às escondidas.

– Um espião? – aquilo assustou-a. Se tinham pego um, quantos mais teriam escapado?

– Ele diz que veio trazendo presentes. É o idiota amarelo de cabelos azuis.

*Daario Naharis*.

– Esse. Então ouvirei o que tem a dizer.

Quando o cavaleiro exilado o trouxe, Dany perguntou a si mesma se já teria havido no mundo dois homens mais diferentes um do outro. O tyroshi era claro onde Sor Jorah era moreno; esguio, enquanto o cavaleiro era musculoso; embelezado com abundantes madeixas, ao passo que o outro ia perdendo os cabelos, e no entanto tinha uma pele lisa onde Mormont era peludo. E seu cavaleiro vestia-se com simplicidade, enquanto o outro homem fazia com que um pavão parecesse monótono, embora, para aquela visita, tivesse colocado um

pesado manto negro sobre seus brilhantes adornos amarelos. Transportava uma pesada saca de lona atirada sobre um ombro.

– *Khaleesi* – gritou –, trago presentes e alegres novas. Os Corvos Tormentosos são seus. – Um dente de ouro cintilou em sua boca, quando sorriu. – E Daario Naharis também!

Dany tinha dúvidas. Se aquele tyroshi tivesse vindo espiar, aquela declaração podia não passar de uma artimanha desesperada para salvar sua cabeça.

– O que dizem disso Prendahl na Ghezn e Sallor?

– Pouca coisa. – Daario virou a saca e a cabeça de Sallor, o Calvo, e a de Prendahl na Ghezn derramaram-se sobre os tapetes. – Meus presentes para a rainha do dragão.

Viserion farejou o sangue que gotejava do pescoço de Prendahl e soltou um novelo de chamas que atingiu em cheio o rosto do morto, enegrecendo e enchendo de bolhas sua face sem sangue. Dragon e Rhaegal agitaram-se com o cheiro de carne assada.

– Foi você que fez isso? – perguntou Dany, repugnada.

– Eu e ninguém mais. – Se os dragões desconcertavam Daario Naharis, ele escondia bem. A julgar pela atenção que prestava neles, bem podiam ser três gatinhos brincando com um rato.

– Por quê?

– Por ser tão bela. – As mãos dele eram grandes e fortes, e havia algo em seus duros olhos azuis e no grande nariz curvo que sugeria a ferocidade de uma magnífica ave de rapina. – Prendahl falava muito e dizia pouco. – Seu vestuário, apesar de rico, estava muito usado; manchas de sal criavam um padrão em suas botas, o esmalte das unhas estava lascado, a renda mostrava-se manchada pelo suor, e Dany via o ponto onde a bainha do manto estava ficando puída. – E Sallor escarafunchava o nariz como se o ranho dele fosse feito de ouro. – O homem estava em pé, com as mãos cruzadas nos pulsos, descansando as palmas nos botões de suas armas; um *arakh* dothraki curvo na anca esquerda e um esguio punhal de Myr na direita. Os cabos formavam um par de mulheres douradas, nuas e sensuais.

– Usa essas belas lâminas com habilidade? – perguntou-lhe Dany.

– Prendahl e Sallor diriam que sim, se os mortos falassem. Não conto um dia como vivido, a não ser que tenha amado uma mulher, matado um

inimigo ou comido uma bela refeição... e os dias que vivi são tão incontáveis quanto as estrelas no céu. Transformo o massacre num ato de beleza, e muitos acrobatas e dançarinos de fogo suplicaram aos deuses poder ter metade de minha rapidez, um quarto de minha graciosidade. Diria para você o nome de todos os homens que matei, mas, antes de conseguir acabar, seus dragões iriam se tornar tão grandes como castelos, as muralhas de Yunkai ruiriam, transformadas em poeira amarela, e o inverno chegaria, partiria e chegaria novamente.

Dany soltou uma gargalhada. Gostava da presunção que via naquele Daario Naharis.

– Puxe a espada e juramente-a ao meu serviço.

Num piscar de olhos, o *arakh* de Daario viu-se livre da bainha. A submissão do homem foi tão extravagante como todo o resto nele, um grande mergulho que levou seu rosto até os dedos dos pés de Dany.

– Minha espada é sua. Minha vida é sua. Meu amor é seu. Meu sangue, meu corpo, minhas canções, é dona de tudo. Vivo e morro às suas ordens, bela rainha.

– Então viva – disse Dany – e lute por mim esta noite.

– Isso não seria sensato, minha rainha. – Sor Jorah lançou a Daario um olhar frio e duro. – Mantenha este homem aqui, guardado, até que a batalha esteja concluída e ganha.

Dany refletiu por um momento, e depois balançou a cabeça.

– Se ele puder nos dar os Corvos Tormentosos, a surpresa é certa.

– E se nos trair, a surpresa estará perdida.

Dany voltou a examinar o mercenário. Ele mostrou um tal sorriso que ela corou e afastou o olhar.

– Não trairá.

– Como pode saber isso?

Ela apontou para os pedaços de carne esturricada que os dragões estavam consumindo, uma dentada sangrenta após a outra.

– Eu chamaria aquilo de uma prova de sua sinceridade. Daario Naharis, tenha os seus Corvos Tormentosos prontos para atacar a retaguarda yunkaita quando meu ataque começar. Conseguirá voltar em segurança?

– Se me pararem, direi que andei batendo o terreno e nada vi. – O tyroshi pôs-se em pé, fez uma reverência e saiu a passos largos.

Sor Jorah Mormont deixou-se ficar.

– Vossa Graça – disse, sem rodeios –, isso foi um erro. Nada sabemos sobre esse homem...

– Sabemos que é um grande guerreiro.

– Um grande falador, a senhora quer dizer.

– Ele traz os Corvos Tormentosos para nós. – *E tem olhos azuis*.

– Quinhentos mercenários de lealdade incerta.

– Todas as lealdades são incertas em tempos como estes – recordou-lhe Dany. *E eu serei traída mais duas vezes, uma por ouro e outra por amor.*

– Daenerys, tenho o triplo de sua idade – disse Sor Jorah. – Já vi quão falsos são os homens. Muito poucos são dignos de confiança, e Daario Naharis não é um deles. Até na barba tem cores falsas.

Aquilo a deixou irritada.

– Ao passo que você tem uma barba honesta, é isso que está me dizendo? Que é o único homem em que poderei confiar?

Ele endireitou-se.

– Não disse isso.

– É o que diz todos os dias. Pyat Pree é um mentiroso, Xaro é um maquinador, Belwas é um fanfarrão, Arstan, um assassino... pensa que continuo sendo uma garotinha virgem, incapaz de ouvir as palavras por trás das palavras?

– Vossa Graça...

Ela interrompeu-o.

– Você tem sido o melhor amigo que já conheci, um irmão melhor do que Viserys alguma vez foi. É o primeiro membro de minha Guarda Real, o comandante de meu exército, meu conselheiro mais estimado, minha boa mão direita. Honro-o, respeito-o e estimo-o... mas não o desejo, Jorah Mormont, e estou cansada de vê-lo tentando empurrar todos os outros homens do mundo para longe de mim, para que tenha de depender de você e apenas de você. Isso não pode ser, e não me fará amá-lo mais.

Mormont corara quando ela começou a falar, mas, quando Dany terminou, tinha o rosto pálido novamente. Ficou imóvel como pedra.

– Se a minha rainha ordena – disse, seco e frio.

Dany estava suficientemente quente para ambos.

– Ordena – disse. – Ela *ordena*. E agora vá cuidar de seus Imaculados, sor. Tem uma batalha a travar e vencer.

Quando o cavaleiro foi embora, Dany jogou-se sobre as almofadas, para junto dos dragões. Não pretendera ser tão ríspida com Sor Jorah, mas a contínua suspeita de Mormont finalmente tinha despertado o dragão.

*Ele vai me perdoar*, disse a si mesma. *Sou a suserana dele*. Dany deu por si interrogando-se sobre se ele teria razão a respeito de Daario. De repente, sentiu-se muito só. Mirri Maz Duur assegurara que ela nunca mais daria à luz um filho vivo. *A Casa Targaryen terminará comigo*. Aquilo entristeceu-a.

– Vocês têm de ser os meus filhos – disse aos dragões –, os meus três ferozes filhos. Arstan diz que os dragões vivem mais tempo do que os homens, portanto sobreviverão depois de eu morrer.

Drogon curvou o pescoço para mordiscar sua mão. Tinha dentes muito afiados, mas nunca rompia sua pele quando brincavam assim. Dany riu e fez o dragão rolar de um lado para o outro até que ele rugiu, com a cauda estalando como um chicote. *É mais comprido do que era*, ela percebeu, *e amanhã será ainda mais. Eles agora crescem depressa e, quando forem grandes, terei as minhas asas*. Montada num dragão, poderia ir à frente de seus homens para a batalha, como fizera em Astapor, mas, por enquanto, ainda eram pequenos demais para suportar seu peso.

Uma quietude caiu sobre o acampamento, quando a meia-noite chegou e passou. Dany permaneceu em seu pavilhão com as aias, enquanto Arstan Barba-Branca e Belwas, o Forte, montavam guarda. *A espera é a parte mais dura*. Ficar sentada na tenda com as mãos vazias, enquanto a batalha era travada sem sua presença, fez com que Dany se sentisse de novo quase uma criança.

As horas arrastaram-se sobre patas de tartaruga. Mesmo depois de Jhiqui massagear seus ombros para aliviar a tensão, Dany permaneceu inquieta demais para dormir. Missandei ofereceu-se para cantar uma canção de embalar do Povo Pacífico, mas Dany recusou, movendo a cabeça.

– Traga-me Arstan – disse.

Quando o velho entrou, Dany encontrava-se enrolada em sua pele de *hrakkar*, cujo cheiro bolorento ainda lhe fazia lembrar Drogo.

– Não consigo dormir quando há homens morrendo por mim, Barba-Branca – disse. – Fale-me mais a respeito de meu irmão Rhaegar, por

favor. Gostei da história que me contou no navio, sobre o modo como ele decidiu que tinha de ser um guerreiro.

– Vossa Graça é bondosa por pedir isso.

– Viserys dizia que nosso irmão ganhou muitos torneios.

Arstan inclinou respeitosamente sua cabeça branca.

– Não é próprio de minha parte negar as palavras de Sua Graça...

– Mas? – disse Dany rispidamente. – Conte-me. Eu ordeno.

– A perícia do Príncipe Rhaegar era inquestionável, mas ele raramente entrava nas liças. Nunca gostou da canção das espadas, como Robert ou Jaime Lannister gostavam. Era algo que tinha de fazer, uma tarefa que o mundo tinha lhe atribuído. Desempenhava-a bem, pois fazia tudo bem. Era essa a sua natureza. Mas não tirava dela nenhuma alegria. Os homens diziam que o Príncipe Rhaegar gostava muito mais da harpa do que da lança.

– Mas ele certamente ganhou *alguns* torneios – disse Dany, desapontada.

– Quando era novo, Sua Graça participou brilhantemente num torneio em Ponta Tempestade, derrotando Lorde Steffron Baratheon, Lorde Jason Mallister, a Víbora Vermelha de Dorne e um cavaleiro misterioso, que se revelou ser o infame Simon Toyne, chefe dos fora da lei da mata do rei. Quebrou doze lanças contra Sor Arthur Dayne nesse dia.

– Então foi ele o campeão?

– Não, Vossa Graça. Essa honra foi para outro cavaleiro da Guarda Real, que derrubou o Príncipe Rhaegar na disputa final.

Dany não queria ouvir falar de Rhaegar sendo derrubado.

– Mas que torneios meu irmão *ganhou*?

– Vossa Graça. – O velho hesitou. – Ele ganhou o maior torneio de todos.

– Que torneio foi esse? – quis saber Dany.

– O torneio que Lorde Whent montou em Harrenhal, ao lado do Olho de Deus, no ano da falsa primavera. Um evento notável. Além das justas, houve um corpo a corpo no estilo antigo, disputado entre sete equipes de cavaleiros, bem como tiro com arco e arremesso de machados, uma corrida de cavalos, um torneio de cantores, um espetáculo de saltimbancos e muitos banquetes e divertimentos. Lorde Whent era tão mão-aberta quanto rico. As pródigas bolsas que proclamou atraíram

centenas de competidores. Até o seu real pai se deslocou para Harrenhal, ele que não abandonava a Fortaleza Vermelha havia longos anos. Os maiores senhores e mais poderosos campeões dos Sete Reinos participaram desse torneio, e o Príncipe de Pedra do Dragão superou todos eles.

– Mas esse foi o torneio em que Lyanna Stark foi coroada rainha do amor e da beleza! – disse Dany. – A Princesa Elia, esposa dele, estava lá, e, no entanto, meu irmão deu a coroa à garota Stark, e mais tarde roubou-a do prometido dela. Como pôde ter feito uma coisa dessas? A mulher dornesa tratava-o tão mal assim?

– Não cabe a alguém como eu dizer o que pode ter passado pelo coração de seu irmão, Vossa Graça. A Princesa Elia era uma senhora bondosa e graciosa, embora sua saúde sempre tenha sido delicada.

Dany envolveu os ombros com a melhor pele de leão.

– Viserys disse uma vez que a culpa era minha, por ter nascido tarde demais. – Lembrava-se de ter negado acaloradamente, chegando ao ponto de dizer a Viserys que a culpa tinha sido dele, por não ter nascido menina. Ele espancara-a cruelmente por essa insolência. – Se eu tivesse nascido em um momento mais oportuno, disse ele, Rhaegar teria se casado comigo e não com Elia, e tudo teria sido diferente. Se Rhaegar tivesse sido feliz com a esposa, não teria necessitado da garota Stark.

– Talvez fosse assim, Vossa Graça. – Barba-Branca fez uma pausa momentânea. – Mas não tenho certeza de que Rhaegar tivesse a capacidade de ser feliz.

– Faz com que ele pareça tão amargo – protestou Dany.

– Amargo não, não, mas... havia uma melancolia no Príncipe Rhaegar, um sentido... – O velho voltou a hesitar.

– Diga – pediu ela. – Um sentido...?

– ... de tragédia. Ele nasceu em pesar, minha rainha, e essa sombra pairou sobre ele durante toda a vida.

Viserys só falara uma vez do nascimento de Rhaegar. A história talvez o entristecesse demais.

– Era a sombra de Solarestival que o assombrava, não era?

– Sim. E, no entanto, Solarestival era o lugar que o príncipe mais amava. Ia para lá de tempos em tempos, acompanhado apenas de sua harpa. Nem mesmo os cavaleiros da Guarda Real o serviam ali. Gostava

de dormir no salão arruinado, sob a lua e as estrelas, e sempre que regressava trazia uma canção. Quando se ouvia o príncipe tocar sua harpa com cordas de prata e cantar a respeito de penumbras, lágrimas e a morte de reis, era impossível não sentir que ele estava cantando sobre si e sobre aqueles que amava.

– E o Usurpador? Ele também tocava canções tristes?

Arstan soltou um risinho.

– Robert? Robert gostava de canções que o fizessem rir, e quanto mais obscenas melhor. Só cantava quando estava bêbado, e então eram coisas do gênero de "Um barril de cerveja", "Cinquenta e quatro tonéis" ou "O urso e a bela donzela". Robert era muito...

Como um só, os dragões ergueram a cabeça e rugiram.

– Cavalos! – Dany pôs-se em pé imediatamente, apertando-se à pele de leão. Lá fora, ouviu Belwas, o Forte, berrar alguma coisa, e depois outras vozes, e o ruído de muitos cavalos. – Irri, vá ver quem...

A aba da tenda abriu-se de rompante e Sor Jorah Mormont entrou. Vinha empoeirado e salpicado de sangue, mas fora isso não parecia afetado pela batalha. O cavaleiro exilado ajoelhou-se perante Dany e disse:

– Vossa Graça, trago-lhe a vitória. Os Corvos Tormentosos viraram a casaca, os escravos fugiram e os Segundos Filhos estavam bêbados demais para lutar, tal como tinha dito. Duzentos mortos, na maioria yunkaitas. Seus escravos jogaram fora as lanças e fugiram, e seus mercenários renderam-se. Temos vários milhares de cativos.

– As nossas perdas?

– Uma dúzia. Se tanto.

Só então se permitiu um sorriso.

– Levante-se, meu bom e corajoso urso. Grazdan foi capturado? Ou o Bastardo do Titã?

– Grazdan foi a Yunkai entregar as suas exigências. – Sor Jorah levantou-se. – Mero fugiu, assim que percebeu que os Corvos Tormentosos tinham passado para o nosso lado. Tenho homens atrás dele. Não deve permanecer foragido por muito tempo.

– Muito bem – disse Dany. – Mercenário ou escravo, poupe todos aqueles que me jurarem lealdade. Se um número suficiente dos Segundos Filhos se juntar a mim, mantenha a companhia intacta.

No dia seguinte, marcharam as três últimas léguas até Yunkai. A cidade tinha sido construída com tijolos amarelos em vez de vermelhos; tirando isso, era uma cópia perfeita de Astapor, com as mesmas muralhas esfarelando-se e maciças pirâmides de degraus, e uma grande harpia montada sobre os portões. A muralha e as torres estavam repletas de besteiros e fundibulários. Sor Jorah e Verme Cinzento posicionaram seus homens, Irri e Jhiqui ergueram o pavilhão de Dany, e esta sentou-se, à espera.

Na manhã do terceiro dia, os portões da cidade abriram-se e uma fileira de escravos começou a sair. Dany montou a prata para ir ao encontro deles. Ao passarem, a pequena Missandei foi-lhes dizendo que deviam a liberdade a Daenerys Nascida na Tormenta, a Não Queimada, Rainha dos Sete Reinos de Westeros e Mãe de Dragões.

– *Mhysa!* – gritou-lhe um homem de pele mulata.

Ele trazia uma criança ao ombro, uma menininha, e ela gritou a mesma palavra em sua vozinha fina:

– *Mhysa! Mhysa!*

Dany olhou para Missandei.

– O que estão eles gritando?

– É ghiscari, a antiga língua pura. Quer dizer "Mãe".

Dany sentiu uma leveza no peito. *Nunca darei à luz um filho vivo*, recordou. Sua mão tremeu ao ser erguida. Talvez tenha sorrido. Deve ter sorrido, pois o homem também sorriu e voltou a gritar, e outros acompanharam o seu grito.

– *Mhysa!* – gritaram. – *Mhysa! MHYSA!* – Estavam todos sorrindo para Dany, estendendo as mãos para ela, ajoelhando à sua frente. Alguns chamavam-na de "*Maela*", outros gritavam "*Aelalla*" ou "*Qathei*" ou "*Tato*", mas qualquer que fosse a língua, todas as palavras tinham o mesmo significado. *Mãe. Eles estão me chamando de Mãe*.

O cântico cresceu, espalhou-se, avolumou-se. Avolumou-se tanto que assustou sua montaria, e a égua recuou, abanou a cabeça e agitou a cauda cinza-prateada. Avolumou-se até parecer sacudir as muralhas amarelas de Yunkai. Mais escravos saíam pelos portões a cada momento, e, ao chegarem, juntavam-se ao grito. Agora corriam para ela, empurrando-se, tropeçando, desejando tocar sua mão, afagar a crina de sua montaria, beijar seus pés. Seus pobres companheiros de sangue não conseguiam

manter todos afastados, e até Belwas, o Forte, grunhiu e resmungou de susto.

Sor Jorah tentou convencê-la a sair dali, mas Dany lembrou-se de um sonho que tivera na Casa dos Imorredouros.

– Eles não me farão mal – disse-lhe. – Eles são meus filhos, Jorah. – Soltou uma gargalhada, bateu com os calcanhares na égua e cavalgou na direção dos escravos, com as sinetas nos cabelos tilintando em doce vitória. Trotou, depois passou a meio-galope e em seguida pôs-se a galope, com a trança ondulando atrás de si. Os escravos libertados abriram caminho para ela. “Mãe”, gritaram cem gargantas, mil, dez mil. “Mãe”, cantaram, com os dedos afagando suas pernas enquanto voava através deles. “Mãe, Mãe, Mãe!”

# ARYA

Quando Arya viu a forma do grande monte erguendo-se a distância, dourado ao sol da tarde, reconheceu-o de imediato. Tinham retornado a Coração Alto.

Ao pôr do sol estavam no topo, acampando onde nenhum mal poderia lhes acontecer. Arya percorreu o círculo de tocos de represeiro com o escudeiro de Lorde Beric, Ned, e ficaram em pé sobre um deles, observando a última luz que desaparecia a oeste. Dali de cima via uma tempestade que se enfurecia para o norte, mas Coração Alto erguia-se *acima* da chuva. No entanto, não estava acima do vento; as rajadas sopravam com tanta força que era como se alguém estivesse atrás de Arya, puxando-a pelo manto. Porém, quando se virou, não havia ninguém lá.

*Fantasmas*, recordou. *Coração Alto está assombrado.*

Fizeram uma grande fogueira no topo do monte, e Thoros de Myr sentou-se de pernas cruzadas diante dela, olhando as profundezas das chamas como se nada mais existisse no mundo inteiro.

– O que ele está fazendo? – perguntou Arya a Ned.

– Às vezes, ele vê coisas nas chamas – disse-lhe o escudeiro. – O passado. O futuro. Coisas que estão acontecendo muito longe.

Arya observou o fogo com os olhos semicerrados, tentando enxergar o que o sacerdote vermelho via, mas só conseguiu ficar com os olhos cheios de lágrimas e, pouco tempo depois, afastou-os da fogueira. Gendry também estava observando o sacerdote vermelho.

– Pode mesmo ver o futuro aí? – ele perguntou de súbito.

Thoros afastou os olhos do fogo, suspirando.

– Aqui, não. Agora não. Mas certos dias, sim, o Senhor da Luz concede-me visões.

Gendry não parecia convencido.

– Meu mestre dizia que você era um bêbado e uma fraude, um sacerdote ruim como nunca houve.

– Isso foi pouco amável. – Thoros soltou um risinho. – Verdadeiro, mas pouco amável. Quem era esse seu mestre? Eu conhecia você, rapaz?

– Eu era aprendiz do mestre armeiro Tobho Mott, na Rua do Aço. Costumava comprar as espadas dele.

– É verdade. Ele cobrava de mim o dobro do que elas valiam, e depois repreendia-me por botar fogo nelas. – Thoros soltou uma gargalhada. – O seu mestre tinha razão. Eu não era um sacerdote lá muito santo. Fui o mais novo de oito filhos, e por isso meu pai deu-me ao Templo Vermelho, mas não teria sido esse o caminho que eu escolheria. Orava as orações e proferia os feitiços, mas também liderava ataques às cozinhas e, de tempos em tempos, encontravam garotas na minha cama. Umas garotas tão malvadas... nunca soube como elas iam parar lá.

"Mas eu tinha um dom para línguas. E quando olhava as chamas, bem, de vez em quando via coisas. Mesmo assim, eu dava mais trabalho do que valia e acabaram me enviando para Porto Real, a fim de trazer a luz do Senhor ao sete vezes embrutecido Westeros. O Rei Aerys gostava tanto de fogo que pensavam que poderia ser convertido. Infelizmente, seus piromantes conheciam truques melhores dos que os meus.

"Porém, o Rei Robert gostava de mim. Da primeira vez que entrei num corpo a corpo com uma espada flamejante, o cavalo de Kevan Lannister empinou-se e atirou-o ao chão, e Sua Graça riu tanto que eu pensei que explodiria. – A recordação fez o sacerdote vermelho sorrir. – Mas aquilo não era maneira de tratar uma lâmina, o seu mestre também tinha razão quanto a isso."

– O fogo consome. – Lorde Beric estava em pé atrás deles, e havia algo na sua voz que silenciou Thoros de imediato. – Ele *consome*, e quando termina, nada resta. *Nada*.

– Beric. Querido amigo. – O sacerdote tocou o senhor do relâmpago no antebraço. – O que está dizendo?

– Nada que já não tenha dito. Seis vezes, Thoros? Seis vezes é muito. – Afastou-se abruptamente.

Naquela noite, o vento uivava quase como um lobo, e havia alguns lobos de verdade a oeste dando lições a ele. Notch, Anguy e Merrit de Vilalua estavam de vigia. Ned, Gendry e muitos dos outros dormiam profundamente quando Arya vislumbrou a pequena silhueta clara que se movia por trás dos cavalos, com cabelos finos e brancos esvoaçando

loucamente, enquanto se apoiava numa bengala cheia de nós. A mulher não podia ter mais de noventa centímetros de altura. A luz da fogueira fazia seus olhos cintilarem num tom tão vermelho quanto o dos olhos do lobo de Jon. *Ele também era um fantasma*. Arya esgueirou-se para mais perto e ajoelhou-se a fim de espiar.

Thoros e Limo faziam companhia ao Lorde Beric quando a anã se sentou junto da fogueira sem ser convidada. Olhou-os de soslaio, com olhos que eram como carvões ardentes.

– A Brasa e o Limão vêm de novo me visitar, com Sua Graça, o Senhor dos Cadáveres.

– Um nome de mau agouro. Já lhe pedi que não o usasse.

– Sim, pediu. Mas o fedor da morte é fresco em você, senhor. – Não lhe restava mais do que um dente. – Dê-me vinho, senão vou embora. Meus ossos estão velhos. Minhas articulações doem quando os ventos sopram, e aqui em cima os ventos não param de soprar.

– Um veado de prata por seus sonhos, senhora – disse Lorde Beric, com uma solene cortesia. – E outro se tiver notícias para nos dar.

– Não posso comer um veado de prata e também não posso montá-lo. Um odre de vinho por meus sonhos, e, pelas notícias, um beijo do grande idiota com o manto amarelo. – A pequena mulher soltou um cacarejo. – Sim, um beijo molhado, um pouco de língua. Passou-se tempo demais, demais. A boca dele vai ter gosto de limões e a minha, de ossos. Sou velha demais.

– Sim – protestou Limo. – Velha demais para vinho e beijos. Tudo que levará de mim é a parte romba da espada, bruxa.

– Meus cabelos caem aos montes e ninguém me beija há mil anos. É duro ser tão velha. Bem, nesse caso aceito uma canção. Uma canção do Tom das Sete, pelas notícias.

– Terá a sua canção do Tom – prometeu Lorde Beric. Foi ele mesmo que lhe entregou o odre de vinho.

A anã bebeu profundamente, deixando escorrer vinho pelo queixo abaixo. Quando baixou o odre, limpou a boca com as costas de uma mão enrugada e disse:

– Vinho amargo por notícias amargas, o que poderia ser mais adequado? O rei está morto, isso é suficientemente amargo para você?

O coração de Arya ficou preso na garganta.

– *Qual* dos malditos reis está morto, velha? – exigiu saber Limo.

– O molhado. O rei da lula gigante, senhores. Sonhei que ele estava morto, e ele morreu, e agora as lulas de ferro viraram-se umas contra as outras. Oh, e Lorde Hoster Tully também morreu, mas vocês sabem disso, não é verdade? No salão dos reis, o bode está só e febril, enquanto o grande cão cai sobre ele. – A velha bebeu outro longo trago de vinho, espremendo o odre enquanto o levava aos lábios.

*O grande cão*. Estaria a velha falando do Cão de Caça? Ou talvez do irmão, a Montanha que Cavalga? Arya não tinha certeza. Ambos usavam as mesmas armas, três cães negros em fundo amarelo. Metade dos homens por cujas mortes rezava pertenciam a Sor Gregor Clegane; Polliver, Dunsen, Raff, o Querido, Cócegas e o próprio Sor Gregor. *Talvez Lorde Beric enforque todos*.

– Sonhei com um lobo uivando na chuva, mas ninguém ouvia seu lamento – a anã estava dizendo. – Sonhei com um tal clangor que julguei que minha cabeça fosse estourar, com tambores, berrantes, flautas e gritos, mas o som mais triste era o de pequenas campainhas. Sonhei com uma donzela num banquete com serpentes roxas nos cabelos e veneno pingando das presas delas. E mais tarde voltei a sonhar com essa donzela, matando um gigante selvagem num castelo feito de neve. – Virou vivamente a cabeça e sorriu através das sombras, diretamente para Arya. – Não pode se esconder de mim, filha. Chegue mais perto, agora.

Dedos frios desceram pelo pescoço de Arya. *O medo corta mais profundamente do que as espadas*, lembrou a si mesma. Levantou-se e aproximou-se cautelosamente da fogueira, pisando levemente nas pontas dos pés, pronta para fugir.

A anã estudou-a com seus sombrios olhos vermelhos.

– Estou vendo você – sussurrou. – Estou vendo você, criança lobo. Criança de sangue. Achava que era o lorde quem cheirava a morte... – Começou a soluçar, fazendo estremecer seu pequeno corpo. – É cruel por vir ao meu monte, cruel. Empanturrei-me de pesar em Solarestival, não preciso do seu. Desapareça daqui, coração negro. *Desapareça!*

Havia tanto medo na voz dela que Arya deu um passo para trás, perguntando a si mesma se a mulher estaria louca.

– Não assuste a criança – protestou Thoros. – Não há nenhum mal nela.

O dedo de Limo Manto Limão dirigiu-se ao seu nariz quebrado e ele disse:

– Não tenha tanta certeza quanto a isso.

– Ela partirá de manhã, conosco – garantiu Lorde Beric à pequena mulher. – Vamos levá-la para Correrrio, para junto da mãe.

– Não – disse a anã. – Não vão. Quem controla os rios agora é o peixe negro. Se querem a mãe, procurem-na nas Gêmeas. Pois haverá um *casamento*. – Voltou a soltar um cacarejo. – Olhe os seus fogos, sacerdote cor-de-rosa, e verá. Mas não agora, e não aqui, aqui não verá nada. Este lugar ainda pertence aos antigos deuses... permanecem aqui, assim como eu, encolhidos e frágeis, mas ainda vivos. E não gostam das chamas. Pois o carvalho recorda a bolota, a bolota sonha o carvalho, e o toco vive em ambos. E eles se lembram de quando os Primeiros Homens chegaram com fogo nos punhos. – Bebeu o resto do vinho em quatro longos tragos, atirou o odre para o lado e apontou a bengala ao Lorde Beric. – Quero agora o meu pagamento. Quero a canção que me prometeram.

E então Limo despertou Tom Sete-Cordas de debaixo de suas peles, e trouxe-o bocejando até junto da fogueira com a harpa na mão.

– A mesma canção de sempre? – perguntou.

– Ah, sim. A canção da minha Jenny. Existe mais alguma?

E ele assim cantou, e a anã fechou os olhos e começou a balançar o corpo lentamente de um lado para o outro, murmurando as palavras e chorando. Thoros pegou firmemente na mão de Arya e afastou-se com ela.

– Deixa-a saborear a canção em paz – disse. – É tudo que lhe resta.

*Eu não ia fazer mal a ela*, pensou Arya.

– O que ela quis dizer com as Gêmeas? Minha mãe está em Correrrio, não está?

– Estava. – O sacerdote vermelho coçou-se por baixo do queixo. – Um casamento, disse ela. Veremos. Mas esteja onde estiver, Lorde Beric vai encontrá-la.

Não muito tempo depois, o céu se abriu. Estourou o relâmpago, o trovão rolou sobre os montes e a chuva começou a cair em lençóis que cegavam. A anã desapareceu tão subitamente como surgira, enquanto os fora da lei catavam galhos e erguiam abrigos improvisados.

Choveu toda a noite e, ao chegar a manhã, Ned, Limo e Watty, o Moleiro, acordaram com arrepios. Watty não conseguiu manter o café da manhã no estômago e o jovem Ned estava ora febril, ora tremendo, com a pele fria e úmida ao toque. Notch disse ao Lorde Beric que havia uma aldeia abandonada a meio dia de viagem para norte; lá encontrariam melhor abrigo, um lugar onde esperar que o pior das chuvas passasse. E assim arrastaram-se para cima das selas e fizeram os cavalos descer o grande monte.

As chuvas não davam trégua. Cavalgaram por florestas e campos de cultivo, vadeando riachos em cheia, nos quais as rápidas águas chegavam à altura da barriga dos cavalos. Arya puxou o capuz do manto para cima da cabeça e encolheu-se, ensopada e tremendo, mas determinada a não esmorecer. Merritt e Mudge logo estavam tossindo tanto quanto Watty, e o pobre Ned parecia ficar mais infeliz a cada quilômetro.

– Quando uso o elmo, a chuva bate no aço e me deixa com dor de cabeça – ele queixou-se. – Mas, quando o tiro, meus cabelos ficam encharcados e colam na minha cara e entram na minha boca.

– Você tem uma faca – sugeriu Gendry. – Se os cabelos o aborrecem tanto assim, raspa a porcaria da cabeça.

*Ele não gosta de Ned*. O escudeiro parecia a Arya bastante simpático; talvez um pouco tímido, mas de boa índole. Sempre tinha ouvido dizer que os dorneses eram baixos e trigueiros, com cabelos e pequenos olhos negros, mas Ned tinha grandes olhos azuis, tão escuros que quase pareciam púrpuras. E os cabelos eram de um louro claro, mais cinza do que mel.

– Há quanto tempo é escudeiro de Lorde Beric? – perguntou, para afastar a mente dele dos problemas.

– Ele tomou-me como pajem quando se comprometeu com a minha tia. – Tossiu. – Tinha sete anos, mas quando fiz dez me promoveu a escudeiro. Uma vez, ganhei um prêmio, avançando contra anéis.

– Nunca aprendi a usar a lança, mas podia ganhar de você com uma espada – disse Arya. – Já matou alguém?

Aquilo pareceu alarmá-lo.

– Só tenho doze anos.

*Matei um rapaz com oito*, Arya quase disse, mas achou melhor não fazer isso.

– Mas esteve em batalhas.

– Sim. – Não parecia muito orgulhoso do fato. – Estive no Vau do Saltimbanco. Quando Lorde Beric caiu no rio, arrastei-o para a margem, para que não se afogasse, e fiquei sobre ele de espada na mão. Mas não precisei lutar. Lorde Beric tinha uma lança quebrada espetada nele, por isso ninguém nos incomodou. Quando reagrupamos, o Gergen Verde ajudou a colocar sua senhoria de volta no cavalo.

Arya estava se lembrando do cavalariço em Porto Real. Depois dele houve aquele guarda cuja garganta tinha cortado em Harrenhal, e os homens de Sor Amory, naquela fortaleza junto ao lago. Não sabia se Weese e Chiswyck contavam, ou aqueles que tinham morrido por conta da sopa de doninha... de repente, sentiu-se muito triste.

– Também chamavam meu pai de Ned – disse.

– Eu sei. Vi-o no torneio da Mão. Queria me aproximar e falar com ele, mas não consegui pensar no que dizer. – Ned estremeceu sob o manto, uma faixa encharcada roxo-clara. – Você estava no torneio? Vi sua irmã lá. Sor Loras Tyrell deu-lhe uma rosa.

– Ela me contou. – Tudo parecia ter acontecido há tanto tempo. – Jeyne Poole, a amiga dela, apaixonou-se por seu Lorde Beric.

– Ele está prometido à minha tia. – Ned fez uma expressão de desconforto. – Mas isso foi antes. Antes de ele...

... *morrer*? pensou Arya, enquanto a voz de Ned se reduzia a um silêncio incômodo. Os cascos dos cavalos faziam sons de sucção ao se soltarem da lama.

– Senhora? – disse Ned por fim. – Você tem um irmão ilegítimo... Jon Snow?

– Ele está com a Patrulha da Noite, na Muralha. – *Talvez devesse ir para a Muralha em vez de Correrrio. Jon não se importaria com quem matei ou se me penteei ou não...* – Jon é parecido comigo, apesar de ter nascido bastardo. Costumava despentear-me os cabelos e me chamar de "irmãzinha". – De todos, era de Jon que Arya sentia mais falta. Bastava dizer seu nome para ser tomada de tristeza. – Como sabe do Jon?

– Ele é meu irmão de leite.

– Irmão? – Arya não compreendia. – Mas você é de Dorne. Como pode ser do sangue de Jon?

– Irmãos *de leite*. Não de sangue. A senhora minha mãe não tinha leite quando eu era pequeno, e Wylla teve de me amamentar.

Arya não entendeu.

– Quem é Wylla?

– A mãe de Jon Snow. Ele nunca lhe disse? Ela esteve a nosso serviço durante anos e mais anos. Desde antes de eu nascer.

– Jon nunca conheceu a mãe. Nem sequer sabe o nome dela. – Arya deu a Ned um olhar desconfiado. – Conhece-a? Mesmo? – *Será que ele está caçoando de mim?* – Se mentir, dou um murro na sua cara.

– Wylla foi a minha ama de leite – repetiu o rapaz com solenidade. – Juro pela honra da minha Casa.

– Você tem uma Casa? – a pergunta foi estúpida; ele era um escudeiro, é claro que tinha uma Casa. – Quem *é* você?

– Senhora? – Ned fez uma expressão embaraçada. – Sou Edric Dayne, o... o Senhor de Tombastela.

Atrás deles, Gendry gemeu.

– Senhores e senhoras – proclamou, num tom de repugnância. Arya arrancou uma maçã apodrecida de um galho de passagem e atirou-a em Gendry, fazendo-a quicar em sua dura cabeça de touro. – Ai – disse ele. – Isso doeu. – Tateou a pele por cima do olho. – Que tipo de senhora atira maçãs nas pessoas?

– O tipo mau – disse Arya, de repente arrependida. Virou-se de novo para Ned. – Lamento não saber quem você era. Senhor.

– A culpa é minha, senhora. – Ele era muito educado.

*Jon tem uma mãe. Wylla, o nome dela é Wylla*. Teria de se lembrar para poder lhe dizer da próxima vez que o visse. Perguntou a si mesma se ele ainda a chamaria de "irmãzinha". *Já não sou assim tão "inha". Ele vai ter que me chamar de outra coisa qualquer.* Quando chegasse a Correrrio, talvez pudesse escrever uma carta a Jon e contar-lhe o que Ned havia dito.

– Havia um Arthur Dayne – lembrou-se. – Aquele que chamavam de Espada da Manhã.

– Meu pai era o irmão mais velho de Sor Arthur. A Senhora Ashara era minha tia. Mas nunca a conheci. Ela jogou-se ao mar do alto da Espada Branca antes de eu nascer.

– Por que ela faria uma coisa dessas? – perguntou Arya, surpreendida.

Ned fez uma expressão de desconfiança. Talvez tivesse receio de que ela atirasse qualquer coisa nele.

– O senhor seu pai nunca falou dela? – disse. – Da Senhora Ashara Dayne, de Tombastela?

– Não. Ele a conhecia?

– Antes de Robert ser rei. Ela conheceu o seu pai e os irmãos em Harrenhal, durante o ano da falsa primavera.

– Oh. – Arya não sabia o que mais dizer. – Mas por que foi que ela se jogou no mar?

– Teve o coração partido.

Sansa teria suspirado e derramado uma lágrima pelo amor verdadeiro, mas Arya achava que era simplesmente uma estupidez. Mas não podia dizer isso a Ned, não podia dizer tal coisa sobre a tia do rapaz.

– Alguém o partiu?

Ele hesitou.

– Talvez não me caiba...

– *Conte-me.*

O rapaz olhou-a de maneira desconfortável.

– Minha tia Allyria diz que a Senhora Ashara e o seu pai se apaixonaram em Harrenhal...

– Não é verdade. Ele amava a senhora minha mãe.

– Estou certo de que sim, senhora, mas...

– Era a *única* mulher que ele amava.

– Então deve ter encontrado aquele bastardo debaixo de uma folha de repolho – disse Gendry atrás deles.

Arya quis ter outra maçã para fazer quicar no rosto dele.

– Meu pai tinha *honra* – disse Arya, zangada. – E, seja como for, não estávamos falando com *você*. Por que é que não volta para o Septo de Pedra e toca as estúpidas sinetas daquela garota?

Gendry ignorou-a.

– Pelo menos o seu pai *criou* o bastardo dele; o meu não. Nem sequer sei o nome de meu pai. Algum bêbado fedorento, aposto, como os outros que a minha mãe arrastava da cervejaria para casa. Sempre que se zangava comigo, dizia: “Se o seu pai estivesse aqui, batia em você até tirar sangue”. Isso é tudo que sei dele. – Cuspiu no chão. – Bem, se estivesse aqui agora, pode ser que eu batesse *nele* até tirar sangue. Mas

está morto, imagino, e o seu pai também está morto, portanto que importa com quem ele se deitou?

A Arya importava, embora não soubesse dizer por quê. Ned estava tentando se desculpar por tê-la perturbado, mas ela não quis ouvir. Encostou os calcanhares no cavalo e deixou os dois para trás. Anguy, o Arqueiro, seguia alguns metros mais à frente. Quando o alcançou, disse:

– Os dorneses mentem, não mentem?

– São famosos por isso. – O arqueiro sorriu. – Mas claro que eles dizem o mesmo de nós, os da Marca, portanto, eis aí. O que foi agora? O Ned é um bom rapaz...

– Ele é só um estúpido mentiroso.

Arya abandonou a trilha, saltou um tronco apodrecido e cruzou um riacho, fazendo espirrar água para todos os lados, ignorando os gritos dos fora da lei atrás de si. *Só querem me contar mais mentiras*. Pensou em tentar fugir deles, mas eram muitos e conheciam aquelas terras bem demais. De que servia fugir se a apanhassem?

Por fim, foi Harwin que se aproximou.

– Onde acha que vai, senhora? Não devia fugir. Há lobos nesta floresta, e coisas piores.

– Não tenho medo – disse ela. – Aquele rapaz, o Ned, disse...

– Sim, ele me contou. A Senhora Ashara Dayne. É uma história antiga, essa. Ouvi-a uma vez em Winterfell, quando ainda não era mais velho do que a senhora é agora. – Agarrou firmemente no freio dela e virou seu cavalo. – Duvido que haja nela alguma verdade. Mas se houver, qual é o problema? Quando Ned conheceu essa senhora dornesa, o irmão Brandon ainda estava vivo, e era ele o noivo da Senhora Catelyn, portanto não há nenhuma mancha na honra de seu pai. Não há nada como um torneio para aquecer o sangue, e talvez algumas palavras tenham sido murmuradas numa tenda em alguma noite, quem sabe? Palavras ou beijos, talvez mais, mas onde está o mal? A primavera tinha chegado, ou pelo menos era o que pensavam, e nenhum dos dois estava comprometido.

– Mas ela se matou – disse Arya com incerteza. – O Ned diz que ela saltou de uma torre para o mar.

– É verdade – admitiu Harwin enquanto a conduzia de volta –, mas foi por desgosto, aposto. Ela tinha perdido um irmão, a Espada da Manhã. – Balançou a cabeça. – Deixe isso, senhora. Estão mortos, todos eles.

Deixe quieto... e, por favor, quando chegarmos a Correrrio, não diga nada sobre ele à sua mãe.

A aldeia ficava mesmo onde Notch havia prometido. Abrigaram-se num estábulo de pedra cinza. Só restava meio telhado, mas isso era meio telhado a mais do que havia em qualquer outro edifício da aldeia. *Isso não é uma aldeia, são só pedras pretas e ossos velhos.*

– Foram os Lannister que mataram as pessoas que viviam aqui? – perguntou Arya enquanto ajudava Anguy a secar os cavalos.

– Não. – Ele apontou. – Olhe como o musgo cresce alto nas pedras. Ninguém anda por aqui há muito tempo. E há uma árvore crescendo ali da parede, está vendo? Este lugar foi passado pelo archote há muito tempo.

– Então quem foi que fez isso? – perguntou Gendry.

– Hoster Tully. – Notch era um homem curvado, magro e de barba grisalha, nascido naquela região. – Esta era a aldeia de Lorde Goodbrook. Quando Correrrio declarou apoio a Robert, Goodbrook manteve-se fiel ao rei, por isso Lorde Tully caiu sobre ele com fogo e espada. Depois do Tridente, o filho de Goodbrook fez a paz com Robert e Lorde Hoster, mas isso não ajudou em nada os mortos.

Caiu um silêncio. Gendry lançou a Arya um olhar estranho, após o que lhe deu as costas para escovar o cavalo. Lá fora, a chuva caía sem parar.

– Acho que precisamos de uma fogueira – declarou Thoros. – A noite é escura e cheia de terrores. E também molhada, hã? Molhada demais.

Jack Sortudo arrancou um pouco de madeira seca de uma cocheira, enquanto Notch e Merris juntavam palha para fazer o fogo pegar. O próprio Thoros tirou a faísca, e Limo atiçou as chamas com seu grande manto amarelo até deixá-las rugindo e rodopiando. Em pouco tempo, o estábulo ficou quase aquecido. Thoros sentou-se em frente à fogueira de pernas cruzadas, devorando as chamas com os olhos, tal como tinha feito no topo de Coração Alto. Arya observava-o de perto, e uma vez os lábios dele moveram-se e ela julgou ouvi-lo murmurar "Correrrio". Limo começou a andar de um lado para o outro, tossindo, com uma longa sombra a acompanhá-lo a cada passo, enquanto Tom das Sete tirava as botas e esfregava os pés.

– Devo estar louco para voltar a Correrrio – protestou o cantor. – Os Tully nunca deram sorte ao velho Tom. Foi aquela Lysa que me mandou

pela estrada de altitude, quando os homens da lua me roubaram o ouro e o cavalo e também toda a roupa. Há cavaleiros no Vale que ainda contam a história de como eu cheguei a pé ao Portão Sangrento só com a harpa pra manter a modéstia. Eles obrigaram-me a cantar "O rapaz do dia de seu nome" e "O rei sem coragem" antes de abrirem aquele portão. Meu único consolo foi que três deles morreram rindo. Nunca mais voltei ao Ninho da Águia e também não canto "O rei sem coragem", nem por todo o ouro do Rochedo...

– *Lannisters* – disse Thoros. – Rugindo em vermelho e dourado. – Pôs-se em pé e foi até Lorde Beric. Limo e Tom não perderam tempo para juntar-se a eles.

Arya não conseguiu distinguir o que estavam conversando, mas o cantor não parava de olhar de relance para ela, e às tantas Limo irritou-se tanto que esmurrou a parede. Foi então que Lorde Beric lhe fez um gesto para que ela se aproximasse. Era a última coisa que queria fazer, mas Harwyn pôs uma mão na parte de baixo de suas costas e empurrou-a para a frente. Arya deu dois passos e hesitou, cheia de terror.

– Senhor. – Esperou para ouvir o que Lorde Beric diria.

– Diga-lhe – ordenou o senhor do relâmpago a Thoros.

O sacerdote vermelho acocorou-se ao lado dela.

– Senhora – disse –, o Senhor concedeu-me uma visão de Correrrio. Parecia uma ilha num mar de fogo. As chamas eram leões aos saltos, com longas garras carmesim. E como rugiam! Um mar de Lannisters, senhora. Correrrio será atacado em breve.

Arya sentiu-se como se ele a tivesse esmurrado na barriga.

– *Não!*

– Querida – disse Thoros –, as chamas não mentem. Às vezes leio-as incorretamente, por ser o idiota cego que sou. Mas não dessa vez, penso. Em breve, os Lannister terão Correrrio sob cerco.

– Robb vai vencê-los. – Arya fez uma expressão obstinada. – Ele vai ganhar deles como ganhou antes.

– Seu irmão pode ter partido – disse Thoros. – E sua mãe também. Não os vi nas chamas. Esse casamento de que a velha falou, um casamento nas Gêmeas... aquela lá tem suas maneiras de saber das coisas. Os represeiros murmuram ao ouvido dela quando dorme. Se ela diz que a sua mãe partiu para as Gêmeas...

Arya virou-se para Tom e Limo.

– Se não me tivessem apanhado, eu poderia *estar* lá. Poderia estar em *casa*.

Lorde Beric não prestou atenção àquela explosão.

– Senhora – disse, com uma cortesia fatigada –, reconheceria o irmão do seu avô se o visse? Sor Brynden Tully, chamado Peixe Negro? Poderia ele, porventura, reconhecê-la?

Arya balançou a cabeça, infeliz. Tinha ouvido a mãe falar de Sor Brynden Peixe Negro, mas, se alguma vez o conhecera pessoalmente, havia sido quando era pequena demais para se lembrar.

– Não há grandes chances de o Peixe Negro pagar bom dinheiro por uma garota que não conhece – disse Tom. – Aqueles Tully são uma gente amarga e desconfiada, o mais certo é que ele pense que estamos lhe vendendo um artigo falso.

– Vamos convencê-lo – insistiu Limo Manto Limão. – *Ela* vai, ou então o Harwin. Correrrio fica mais perto. Sugiro que a levemos para lá, recebamos o ouro e nos livremos de vez da garota.

– E se os leões nos pegarem dentro do castelo? – perguntou Tom. – Não há nada de que fossem gostar mais do que pendurar sua senhoria do topo de Rochedo Casterly numa gaiola.

– Não pretendo ser capturado – disse Lorde Beric. Uma última palavra pairou, por proferir, no ar. *Vivo*. Todos a ouviram, até mesmo Arya, embora ela não tivesse chegado a sair de seus lábios. – Mesmo assim, não nos atrevemos a ir cegamente até lá. Quero saber onde se encontram os exércitos, tanto os lobos como os leões. Sharna saberá alguma coisa, e o meistre de Lorde Vance saberá mais. O Solar de Bolotas não é longe daqui. A Senhora Smallwood vai nos dar abrigo durante algum tempo enquanto enviamos batedores para investigar...

As palavras dele esbarravam em seus ouvidos como o bater de um tambor, e, de repente, Arya não conseguiu suportar mais. Desejava Correrrio, não o Solar de Bolotas; desejava a mãe e o irmão Robb, não a Senhora Smallwood ou um tio qualquer que nunca chegara a conhecer. Girando sobre si mesma, disparou para a porta, e quando Harwin tentou agarrá-la pelo braço, esquivou-se dele, rápida como uma cobra.

Fora do estábulo continuava a chover, e um relâmpago distante caiu a oeste. Arya correu tão depressa quanto foi capaz. Não sabia para onde ia,

sabia apenas que queria ficar sozinha, longe de todas as vozes, longe das palavras vazias deles e de suas promessas quebradas. *Tudo que eu queria era ir para Correrrio*. A culpa era sua, por ter trazido Gendry e Torta Quente quando abandonou Harrenhal. Teria ficado melhor sozinha. Se estivesse sozinha, os fora da lei nunca a teriam apanhado, e àquela altura já estaria com Robb e a mãe. *Eles nunca foram a minha alcateia. Se tivessem sido, não teriam me abandonado*. Atravessou uma poça lamacenta espirrando água. Alguém estava gritando seu nome. Provavelmente Harwin, ou Gendry, mas o trovão submergiu-os ao rolar por sobre os montes, meio segundo depois do relâmpago. *O senhor do relâmpago*, pensou, zangada. Talvez não pudesse morrer, mas podia mentir.

Em algum lugar à sua esquerda, um cavalo relinchou. Arya não podia estar a mais de cinquenta metros do estábulo, mas já se encontrava ensopada até os ossos. Abaixou-se junto ao canto de uma das casas em ruínas, esperando que as paredes cobertas de musgo a protegessem da chuva, e quase colidiu com uma das sentinelas. Uma mão revestida de cota de malha fechou-se com força em volta de seu braço.

– Está me *machucando* – disse, torcendo-se sob aquela mão. – *Solte*, eu ia voltar, eu...

– Voltar? – a gargalhada de Sandor Clegane era ferro raspando em pedra. – Que se dane isso, garota lobo. Você é *minha*. – Só precisou de uma mão para levantá-la do chão e levá-la, esperneando, para o cavalo que o esperava. A chuva fria açoitava a ambos e arrastava seus gritos, e Arya só conseguia pensar naquilo que ele tinha lhe perguntado. *Sabe o que os cães fazem aos lobos?*

## JAIME

Embora a febre persistisse teimosamente, o coto estava cicatrizando bem, e Qyburn dizia que o braço já não corria perigo. Jaime estava ansioso para ir embora, para deixar Harrenhal, os Saltimbancos Sangrentos e Brienne de Tarth para trás. Uma mulher de verdade esperava por ele na Fortaleza Vermelha.

– Vou mandar Qyburn junto, para cuidar de você durante a viagem até Porto Real – disse Roose Bolton na manhã da partida. – Ele alimenta a esperança de que o seu pai se mostre suficientemente grato para forçar a Cidadela a devolver-lhe a corrente.

– Todos alimentamos esperanças. Se me fizer crescer uma mão nova, meu pai fará dele Grande Meistre.

Walton Pernas-de-Aço comandava a escolta de Jaime; sem papas na língua, brusco, brutal, no fundo um simples soldado. Jaime tinha servido a vida inteira com aquele tipo de homem. Homens como Walton matariam às ordens de seu senhor, violariam quando seu sangue fervesse após a batalha e saqueariam sempre que possível, mas assim que a guerra terminasse voltariam para suas casas, trocariam as lanças por enxadas, casariam com a filha dos vizinhos e criariam uma matilha de filhos ruidosos. Homens daqueles obedeciam sem questionar, mas a profunda crueldade maligna dos Bravos Companheiros não fazia parte de sua natureza.

Ambos os grupos abandonaram Harrenhal na mesma manhã, sob um céu frio e cinzento que prometia chuva. Sor Aenys Frey tinha seguido em marcha três dias antes, avançando para nordeste, rumo à estrada do rei. Bolton pretendia segui-lo.

– O Tridente está em cheia – ele disse a Jaime. – A travessia será difícil, mesmo no vau rubi. Dará as minhas cordiais saudações ao seu pai?

– Desde que dê as minhas a Robb Stark.

– Darei.

Alguns Bravos Companheiros tinham se reunido no pátio para assistir à partida. Jaime foi a trote até junto deles.

– Zollo. Que bondade a sua vir se despedir de mim. Pyg. Timeon. Sentirão saudades de mim? Não há uma última brincadeira para rirmos, Shagwell? Para aliviar meu caminho estrada afora? E Rorge, veio me dar um beijo de despedida?

– Desapareça, aleijado – disse Rorge.

– Já que insiste tanto. Mas sossegue, voltarei. Um Lannister sempre paga suas dívidas. – Jaime deu meia-volta com o cavalo e voltou a se juntar a Walton Pernas-de-Aço e aos seus duzentos homens.

Lorde Bolton paramentara-o como um cavaleiro, preferindo ignorar a mão em falta que transformava em caricatura esse vestuário guerreiro. Jaime seguia com espada e punhal ao cinto, escudo e elmo pendurados na sela, cota de malha sob um sobretudo marrom-escuro. Mas não era tão idiota para exibir o leão dos Lannister em suas armas, nem o brasão branco puro que era seu de direito como Irmão Juramentado da Guarda Real. No arsenal, tinha encontrado um velho escudo, amassado e fendido, cuja tinta lascada ainda exibia a maior parte do grande morcego negro da Casa Lothston num fundo de prata e ouro. Os Lothston tinham sido os donos de Harrenhal antes dos Whent e foram uma família poderosa em seus dias, mas estavam mortos havia séculos, por isso era improvável que alguém levantasse objeções a ele usar as suas armas. Não seria primo de ninguém, inimigo de ninguém, espada juramentada a ninguém... em suma, não seria ninguém.

Saíram através do portão oriental de Harrenhal, menor, e despediram-se de Roose Bolton e de sua tropa dez quilômetros adiante, virando para sul a fim de seguir a estrada do lago durante algum tempo. Walton pretendia evitar a estrada do rei enquanto pudesse, preferindo os caminhos de agricultores e as trilhas de caça perto do Olho de Deus.

– A estrada do rei seria mais rápida. – Jaime estava ansioso por voltar tão depressa quanto possível para Cersei. Caso se apressassem, até poderia chegar a tempo do casamento de Joffrey.

– Não quero encrenca – disse Pernas-de-Aço. – Só os deuses sabem quem iríamos encontrar nessa estrada do rei.

– Ninguém que pudesse temer, certamente. Tem duzentos homens.

– Tenho mesmo. Mas outros podem ter mais. O senhor disse para levá-lo a salvo ao senhor seu pai, e é isso que eu vou fazer.

*Já passei por aqui*, refletiu Jaime alguns quilômetros mais à frente, quando passaram por um moinho deserto junto ao lago. Agora cresciam ervas daninhas no local de onde a filha do moleiro havia lhe sorrido timidamente e o próprio moleiro gritara para ele: "O torneio é para o outro lado, sor". *Como se eu não soubesse*.

Rei Aerys tinha feito um grande espetáculo da investidura de Jaime. Proferiu os votos perante o pavilhão real, ajoelhado na grama verde com a sua armadura branca, enquanto metade do reino o observava. Quando Sor Gerald Hightower o ajudou a se levantar e colocou o manto branco em volta de seus ombros, ressoou uma aclamação tamanha que Jaime ainda a recordava, depois de todos esses anos. Mas, nessa mesma noite, Aerys amargou, declarando que não precisava de *sete* membros da Guarda Real ali em Harrenhal. Foi ordenado a Jaime que voltasse a Porto Real, para proteger a rainha e o pequeno Príncipe Viserys, que tinham ficado para trás. Mesmo quando o Touro Branco se ofereceu para desempenhar esse dever, a fim de que Jaime pudesse competir no torneio de Lorde Whent, Aerys recusou.

– Ele não conquistará aqui nenhuma glória – tinha dito o rei. – Agora é meu, não de Tywin. Servirá como eu bem entender. O rei sou eu. Eu governo, e ele obedecerá.

Foi então que Jaime compreendeu, pela primeira vez, que não fora sua perícia com a espada e a lança que conquistara para ele o manto branco, nem quaisquer feitos de valor que teria realizado contra a Irmandade da Mata de Rei. Aerys o tinha escolhido para humilhar o seu pai, para roubar o herdeiro de Lorde Tywin.

Mesmo agora, tantos anos depois, a ideia era amarga. E naquele dia, enquanto cavalgava para o sul com seu novo manto branco sobre os ombros, a fim de defender um castelo vazio, havia sido quase intolerável. Se pudesse, teria arrancado o manto naquele momento, mas era tarde demais. Proferira as palavras sob os olhares de metade do reino, e um homem da Guarda Real servia para a vida inteira.

Qyburn se aproximou.

– A mão está incomodando?

– A falta da mão está incomodando. – As manhãs eram a pior hora. Em seus sonhos, Jaime era um homem completo, e todas as madrugadas ficava deitado, meio acordado, e sentia os dedos mexendo. *Foi um pesadelo*, sussurrava uma parte de si, recusando-se a acreditar, mesmo agora, *só um pesadelo*. Mas, depois, abria os olhos.

– Ouvi dizer que teve uma visita ontem à noite – disse Qyburn. – Espero que tenha desfrutado dela.

Jaime deu-lhe um olhar frio.

– Ela não disse quem a tinha enviado.

O meistre sorriu com modéstia.

– Sua febre tinha praticamente passado, e pensei que talvez gostasse de um pouco de exercício. Pia é bastante habilidosa, não achou? E tão... solícita.

Ela certamente tinha sido. Deslizou tão depressa porta adentro e das roupas para fora que Jaime achou que ainda estava sonhando.

Só despertou depois que a mulher se enfiou debaixo das mantas e colocou a mão boa dele sobre um seio. *E também era uma coisinha bonita*.

– Eu não passava de uma criancinha quando o sor veio ao torneio de Lorde Whent e o rei lhe deu o manto – tinha confessado. – Era tão bonito todo de branco, e todos elogiavam o bravo cavaleiro que era. Às vezes, quando estou com algum homem, fecho os olhos e finjo que é você quem está ali, em cima de mim, com a sua pele lisa e seus caracóis dourados. Mas nunca pensei que realmente o teria.

Depois daquilo, mandá-la embora não tinha sido fácil, mas Jaime fez isso mesmo assim. *Tenho uma mulher*, lembrou a si mesmo.

– Manda mulheres a todos os homens que você sangra? – perguntou a Qyburn.

– É mais frequente que seja Lorde Vargo que as manda a mim. Gosta que eu as examine antes de... bem, basta que lhe diga que uma vez amou insensatamente, e não deseja voltar a fazê-lo. Mas nada tema, Pia é bastante saudável. Assim como a sua donzela de Tarth.

Jaime lançou-lhe um olhar penetrante.

– Brienne?

– Sim. Garota forte, essa. E ainda tem a virgindade intacta. Até a noite passada, pelo menos. – Qyburn soltou um risinho.

– Ele mandou-o examiná-la?

– Com certeza. É... melindroso, digamos.

– Isso diz respeito ao resgate? – perguntou Jaime. – O pai dela exige uma prova de que a garota continua donzela?

– Não ouviu as novidades? – Qyburn encolheu os ombros. – Recebemos uma ave de Lorde Selwyn. Em resposta à minha. A Estrela da Tarde oferece trezentos dragões pela devolução da filha em segurança. Eu disse ao Lorde Vargo que não havia safiras em Tarth, mas ele não quis me dar ouvidos. Está convencido de que a Estrela da Tarde pretende enganá-lo.

– Trezentos dragões é um bom resgate por um cavaleiro. O bode devia aceitar o que lhe oferecem.

– O bode é Senhor de Harrenhal, e o Senhor de Harrenhal não regateia.

A novidade irritou-o, embora achasse que devia ter previsto aquilo. *A mentira poupou-a durante algum tempo, garota. Fique grata por isso*.

– Se a virgindade dela for tão dura quanto o resto, o bode vai quebrar o pau ao tentar entrar – gracejou.

Jaime calculava que Brienne fosse suficientemente dura para sobreviver a alguns estupros, embora Vargo Hoat pudesse começar a cortar-lhe mãos e pés se a garota resistisse com vigor em excesso. *E se o fizer, por que devo me importar? Ainda poderia ter minha mão se ela tivesse me deixado ficar com a espada de meu primo sem ficar estúpida*. Ele mesmo quase tinha cortado a perna dela com o seu primeiro golpe, mas depois a garota lhe deu mais do que desejara. *O Hoat pode não conhecer a força anormal que ela possui. É melhor que tenha cuidado, senão ela quebra aquele pescoço magricela. E que agradável isso seria.*

A companhia de Qyburn estava o deixando farto. Jaime trotou até a cabeça da coluna. Um nortenho chamado Nage, que mais parecia um carrapatozinho, ia à frente de Pernas-de-Aço, com o estandarte de paz; uma bandeira riscada de arco-íris com sete longas pontas, num bastão encimado por uma estrela de sete pontas.

– Vocês, os nortenhos, não deveriam ter uma espécie diferente de bandeira de paz? – perguntou a Walton. – O que são os Sete para vocês?

– Deuses do sul – disse o homem –, mas aquilo de que precisamos é de uma paz do sul para levá-lo a salvo ao seu pai.

*Meu pai*. Jaime gostaria de saber se Lorde Tywin tinha recebido a exigência de resgate do bode, acompanhada ou não da mão apodrecida. *Quanto vale um espadachim sem sua mão da espada? Metade do ouro de Rochedo Casterly? Trezentos dragões? Ou nada?* O pai nunca se deixara influenciar indevidamente pelas emoções. O pai de Tywin Lannister, Lorde Tytos, certa vez aprisionara um vassalo indisciplinado, Lorde Tarbeck. A temível Senhora Tarbeck respondeu aprisionando três Lannister, incluindo o jovem Stafford, cuja irmã estava prometida ao primo Tywin.

– Envie-me o meu senhor e amor, senão estes três responderão por qualquer mal que lhe aconteça – a mulher escreveu para Rochedo Casterly.

O jovem Tywin sugeriu que o pai fizesse a vontade dela, mandando de volta Lorde Tarbeck em três pedaços. Mas Lorde Tytos era um tipo mais brando de leão, e a Senhora Tarbeck conquistou mais alguns anos com o seu estúpido senhor, e Stafford se casou, procriou e continuou fazendo asneiras até Cruzaboi. Mas Tywin Lannister perdurara, eterno como o Rochedo Casterly. *E agora tem um filho aleijado para somar ao anão, senhor. Como detestará esse fato...*

A estrada levou-os a atravessar uma aldeia queimada. Devia ter passado um ano ou mais desde que o lugar fora incendiado. Os casebres estavam enegrecidos e sem telhados, mas as ervas daninhas que cresciam nos campos em volta batiam na cintura. Pernas-de-Aço ordenou uma parada para permitir que dessem água aos cavalos. *Também conheço este lugar*, pensou Jaime enquanto esperava junto do poço. Houvera uma pequena estalagem no local onde agora se erguiam apenas algumas pedras de fundação e uma chaminé, e ele tinha entrado para beber uma cerveja. Uma criada de olhos escuros trouxe-lhe queijo e maçãs, mas o estalajadeiro recusou o seu dinheiro.

– É uma honra ter um cavaleiro da Guarda Real debaixo de meu teto, sor – o homem disse. – É uma história que vou contar aos meus netos.

Jaime olhou para a chaminé que se projetava por entre as ervas daninhas e perguntou a si mesmo se o homem teria arranjado esses netos. *Terá dito a eles que um dia o Regicida bebeu de sua cerveja e comeu de seu queijo e de suas maçãs, ou terá tido vergonha de admitir que alimentou um homem como eu?* Não que algum dia chegasse a saber;

quem quer que tivesse incendiado a estalagem provavelmente também matara os netos.

Sentiu os dedos fantasma cerrarem-se. Quando Pernas-de-Aço disse que talvez devessem acender uma fogueira e comer um pouco, Jaime sacudiu a cabeça.

– Não gosto deste lugar. Prosseguimos.

Ao cair da noite, deixaram o lago para seguir uma trilha sulcada através de um bosque de carvalhos e olmos. O coto de Jaime latejava surdamente quando Pernas-de-Aço decidiu acampar. Felizmente, Qyburn tinha trazido um odre de vinho de sonhos. Enquanto Walton distribuía os turnos de vigia, Jaime esticou-se junto à fogueira e encostou uma pele de urso enrolada a um toco de árvore para servir de almofada. A garota teria dito que ele devia comer antes de dormir, para manter as forças, mas ele sentia mais cansaço do que fome. Fechou os olhos e esperou sonhar com Cersei. Os sonhos febris eram todos tão vívidos...

Achou-se nu e sozinho, rodeado de inimigos, com uma muralha de pedra por toda a volta, muito próxima. *O Rochedo*, compreendeu. Sentia seu imenso peso sobre a cabeça. Estava em casa. Estava em casa e inteiro.

Levantou a mão direita e dobrou os dedos para sentir a sua força. Era tão bom quanto sexo. Tão bom quanto lutar de espada na mão. *Quatro dedos e um polegar*. Tinha sonhado que estava mutilado, mas não era verdade. O alívio entonteceu-o. *A minha mão, a minha mão boa*. Nada lhe faria mal, desde que estivesse inteiro.

À sua volta, encontrava-se uma dúzia de vultos altos e escuros, vestidos com togas encapuzadas que escondiam seus rostos. Nas mãos, traziam lanças.

– Quem são vocês? – perguntou-lhes em tom de desafio. – O que querem de Rochedo Casterly?

As sombras não deram resposta, limitaram-se a cutucá-lo com a ponta das lanças. Não teve alternativa a não ser descer. Seguiram por uma passagem que se encurvava, com degraus estreitos esculpidos na rocha viva, para baixo e mais para baixo. *Tenho de ir para cima*, disse a si mesmo. *Para cima, não para baixo. Por que estou descendo?* Por baixo da terra esperava a sua perdição, soube com a certeza do sonho; algo sombrio e terrível o esperava ali, algo que o desejava. Jaime tentou parar,

mas as lanças obrigaram-no a prosseguir. *Se ao menos tivesse a espada, nada poderia me fazer mal.*

Os degraus terminaram abruptamente numa escuridão cheia de ecos. Jaime teve a sensação de um vasto espaço à sua frente. Parou de súbito, balançando na borda do nada. Uma ponta de lança espetou-se na parte de baixo de suas costas, atirando-o para o abismo. Gritou, mas a queda foi curta. Caiu sobre as mãos e os joelhos, em areia mole e água rasa. Havia cavernas cheias de água bem abaixo de Rochedo Casterly, mas aquela era-lhe estranha.

– O seu lugar. – A voz ecoou; era uma centena de vozes, um milhar, as vozes de todos os Lannister desde Lann, o Esperto, que vivera na aurora dos dias. Mas, acima de tudo, era a voz de seu pai, e ao lado de Lorde Tywin encontrava-se a irmã, pálida e bela, com uma tocha ardendo na mão. Joffrey, o filho que tinham feito juntos, também estava lá, e atrás deles havia mais uma dúzia de silhuetas escuras com cabelos dourados.

– Irmã, por que o pai nos trouxe para cá?

– "Nos"? Este lugar é seu, irmão. Esta escuridão é sua. – A tocha dela era a única luz na caverna. A tocha dela era a única luz no mundo. Virou-se para ir embora.

– Fique comigo – suplicou Jaime. – Não me deixem aqui sozinho. – Mas eles estavam partindo. – *Não me deixem no escuro!* – algo terrível vivia lá embaixo. – Deem-me ao menos uma espada.

– Eu lhe dei uma espada – disse Lorde Tywin.

Estava a seus pés. Jaime a procurou, apalpando por baixo da água até que sua mão se fechou em torno do cabo. *Nada pode me fazer mal desde que tenha uma espada.* Ao levantar a arma, um dedo de uma chama pálida tremeluziu na ponta e avançou ao longo do gume, parando a uma mão do cabo. O fogo tinha tomado a cor do próprio aço, por isso ardia com uma luz azul-prateada, e as sombras afastaram-se. Inclinando-se, à escuta, Jaime descreveu um círculo, pronto para qualquer coisa que pudesse saltar das trevas. A água entrou nas suas botas até o tornozelo, terrivelmente fria. *Cuidado com a água*, disse a si mesmo. *Pode haver criaturas vivendo nela, poços escondidos...*

De trás veio um grande jorrar de água. Jaime rodopiou para o som... mas a tênue luz revelou apenas Brienne de Tarth, com as mãos presas por pesadas correntes.

– Jurei mantê-lo a salvo – disse teimosamente a garota. – Fiz um juramento. – Nua, ergueu as mãos para Jaime. – Sor. Por favor. Se tivesse a bondade.

Os elos de aço rasgaram-se como seda.

– Uma espada – suplicou Brienne, e ali estava ela, com bainha, cinto e tudo. Afivelou-o em volta de sua larga cintura. A luz era tão tênue que Jaime quase não conseguia vê--la, embora não estivessem afastados mais do que escassas dezenas de centímetros. *Nessa luz, ela podia quase ser uma beldade,* pensou. *Nessa luz, ela podia quase ser um cavaleiro*. A espada de Brienne também se incendiou, ardendo com um azul-prateado. As trevas recuaram um pouco mais.

– As chamas arderão enquanto viver – ele ouviu Cersei gritar. – Quando morrerem, você também terá de morrer.

– *Irmã!* – gritou. – Fique comigo. *Fique!* – não houve resposta além do som suave de passos que se afastavam.

Brienne moveu sua espada de um lado para o outro, observando as chamas prateadas tremulando e cintilando. Sob os seus pés, um reflexo da lâmina em chamas brilhava na superfície da água negra e lisa. Ela era tão alta e forte quanto se lembrava, mas pareceu a Jaime que agora tinha mais formas de mulher.

– Eles têm um urso lá embaixo? – Brienne caminhava de forma lenta e cuidadosa, de espada na mão; um passo, virar e escutar. Cada passo fazia um pequeno barulho de água. – Um leão das cavernas? Lobos gigantes? Um urso? Diga-me, Jaime. O que vive aqui? O que vive nas trevas?

– A perdição. – *Não é um urso*, soube ele. *Não é um leão*. – Só a perdição.

À fria luz azul-prateada das espadas, a grande garota parecia pálida e feroz.

– Não gosto deste lugar.

– Eu mesmo não o aprecio. – As lâminas criavam pequenas ilhas de luz, mas em volta estendia-se um mar de escuridão, sem fim. – Meus pés estão molhados.

– Podíamos voltar pelo caminho por onde nos trouxeram. Se subisse em meus ombros, não teria dificuldade em alcançar a abertura do túnel.

Então poderia encontrar Cersei. Sentiu-se enrijecendo-se com aquele pensamento e virou-se para que Brienne não reparasse.

– Escute. – Ela apoiou uma mão em seu ombro e ele estremeceu com o súbito toque. *Ela está quente*. – Algo está vindo. – Brienne ergueu a espada para apontar para a esquerda. – Ali.

Jaime espreitou as sombras até que também conseguiu ver. Algo se movia pelas trevas, mas não conseguia distinguir o que seria...

– Um homem a cavalo. Não, dois. Dois cavaleiros, lado a lado.

– Aqui, por baixo do Rochedo? – não fazia sentido. E, no entanto, ali vinham dois cavaleiros, montados em cavalos claros, tanto os homens como as montarias revestidos de armaduras. Os cavalos de batalha emergiram do negrume a passo lento. *Eles não fizeram nenhum som*, percebeu Jaime. *Nenhum esparramar de água, nenhum tinir de malha ou ruído de casco*. Lembrou-se de Eddard Stark, percorrendo a cavalo todo o comprimento da sala do trono de Aerys, envolto em silêncio. Só seus olhos tinham falado; olhos de senhor, frios, cinzentos e cheios de julgamento.

– É você, Stark? – gritou Jaime. – Venha. Nunca o temi vivo, não o temo morto.

Brienne tocou seu braço.

– Há mais.

Ele também os viu. Parecia-lhe que estavam todos couraçados de neve, e faixas de névoa fluíam em torvelinhos de seus ombros. As viseiras dos seus elmos estavam fechadas, mas Jaime Lannister não precisava contemplar seus rostos para reconhecê-los.

Cinco tinham sido seus irmãos. Oswell Whent e Jon Darry. Lewyn Martell, um príncipe de Dorne. O Touro Branco, Gerold Hightower. Sor Arthur Dayne, a Espada da Manhã. E, junto a eles, coroado em névoa e pesar com seus longos cabelos fluindo pelas costas, seguia Rhaegar Targaryen, Príncipe de Pedra do Dragão e legítimo herdeiro do Trono de Ferro.

– Vocês não me assustam. – Gritou, girando, quando eles se dividiram e o cercaram. Não sabia para que lado se virar. – Lutarei contra vocês um por um ou todos ao mesmo tempo. Mas com quem a garota vai duelar? Ela fica zangada quando é posta de lado.

– Prestei o juramento de mantê-lo em segurança – disse ela à sombra de Rhaegar. – Prestei um juramento sagrado.

– Todos nós prestamos juramentos – disse Sor Arthur Dayne, num tom tristíssimo.

As sombras desmontaram de seus fantasmagóricos cavalos. Quando puxaram as espadas, não fizeram um som.

– Ele ia queimar a cidade – disse Jaime. – Para não deixar a Robert nada além de cinzas.

– Ele era o seu rei – disse Darry.

– Jurou mantê-lo a salvo – falou Whent.

– E às crianças, a elas também – disse o Príncipe Lewyn.

O Príncipe Rhaegar ardia com uma luz fria, ora branca, ora vermelha, ora escura.

– Eu deixei minha esposa e meus filhos em suas mãos.

– Nunca pensei que ele lhes faria mal. – A espada de Jaime agora emitia menos luz. – Eu estava com o rei...

– Matando o rei – disse Sor Arthur.

– Cortando a garganta dele – falou o Príncipe Lewyn.

– O rei por quem tinha jurado morrer – disse Touro Branco.

Os fogos que corriam ao longo da lâmina estavam se apagando, e Jaime lembrou-se daquilo que Cersei tinha dito. *Não*. O terror cerrou uma mão em volta de sua garganta. Então sua espada escureceu, e só a de Brienne continuava ardendo enquanto os fantasmas o atacaram.

– Não – disse –, não, não, não. *Nããããããããão!*

Com o coração aos saltos, acordou num pulo e deu por si no meio da escuridão estrelada, no interior de um grupo de árvores. Sentia o sabor de bílis na boca e tremia, encharcado em suor, ao mesmo tempo quente e frio. Quando olhou para a mão da espada, viu que o punho terminava em couro e linho, bem apertado em volta de um coto feio. Sentiu que súbitas lágrimas subiam aos seus olhos. *Senti, senti a força nos meus dedos e o couro áspero do cabo da espada. A minha mão...*

– Senhor. – Qyburn ajoelhou-se ao seu lado, com o rosto paternal todo enrugado de preocupação. – O que houve? Ouvi-o gritar.

Walton Pernas-de-Aço estava em pé sobre eles, alto e severo.

– O que houve? Por que gritou?

– Um sonho... só um sonho. – Jaime fitou o acampamento que o rodeava, momentaneamente desorientado. – Estava no escuro, mas tinha a minha mão de volta. – Olhou para o coto e sentiu-se de novo doente.

*Não há um lugar como aquele por baixo do Rochedo*, pensou. Sentia o estômago dolorido e vazio, e a cabeça latejava no local onde a encostara ao toco de árvore.

Qyburn pôs a mão na testa dele.

– Ainda tem um pouco de febre.

– Um sonho febril. – Jaime estendeu a mão para cima. – Ajudem-me. – Pernas-de-Aço pegou-o pela mão boa e o colocou em pé.

– Outra taça de vinho dos sonhos? – perguntou Qyburn.

– Não. Já sonhei o suficiente por esta noite. – Perguntou a si mesmo quanto tempo faltaria até a alvorada. De algum modo sabia que se fechasse os olhos voltaria àquele lugar escuro e úmido.

– Então leite de papoula? E alguma coisa para a febre? Ainda está fraco, senhor. Precisa dormir, descansar.

*Isso é a última coisa que pretendo fazer*. O luar cintilava, pálido, no toco de árvore sobre o qual Jaime tinha descansado a cabeça. O musgo cobria-o de tal forma que antes não notara, mas via agora que a madeira era branca. Fez com que pensasse em Winterfell, e na árvore-coração de Ned Stark. *Não era ele*, pensou. *Nunca foi ele*. Mas o toco estava morto, e Stark também, bem como todos os outros, Príncipe Rhaegar, Sor Arthur e as crianças. *E Aerys. Aerys é o mais morto de todos*.

– Acredita em fantasmas, meistre? – perguntou a Qyburn.

O rosto do homem ganhou uma expressão estranha.

– Uma vez, na Cidadela, entrei numa sala vazia e vi uma cadeira vazia. E, no entanto, sabia que uma mulher tinha estado ali apenas um momento antes. A almofada estava comprimida onde ela se sentara, o tecido ainda estava quente e o cheiro dela permanecia no ar. Se deixamos nossos cheiros atrás de nós quando saímos de uma sala, decerto parte de nossa alma deve permanecer quando deixamos esta vida, não? – Qyburn estendeu as mãos. – Mas os arquimeistres não gostavam de minha forma de pensar. Bem, Marwyn gostava, mas era o único.

Jaime passou os dedos pelos cabelos.

– Walton – disse –, sele os cavalos. Quero voltar.

– Voltar? – Pernas-de-Aço olhou-o com uma expressão de dúvida.

*Ele acha que enlouqueci. E talvez tenha enlouquecido.*

– Deixei uma coisa em Harrenhal.

– É Lorde Vargo quem agora detém o castelo. Ele e seus Saltimbancos Sangrentos.

– Tem o dobro dos homens que ele possui.

– Se não entregá-lo ao seu pai conforme ordenado, Lorde Bolton arranca minha pele. Continuamos rumo a Porto Real.

Em outros tempos, Jaime poderia ter replicado com um sorriso e uma ameaça, mas aleijados manetas não inspiram muito medo. Perguntou a si mesmo o que o irmão faria. *Tyrion encontraria uma saída*.

– Os Lannister mentem, Pernas-de-Aço. Lorde Bolton não lhe disse isso?

O homem franziu a testa, desconfiado.

– E se tivesse dito?

– Se não me levar de volta a Harrenhal, a canção que vou cantar ao meu pai poderá não ser aquela que o Senhor do Forte do Pavor gostaria de ouvir. Posso até dizer que foi Bolton quem ordenou que minha mão fosse cortada, e Walton Pernas-de-Aço quem manejou a lâmina.

Walton olhou-o boquiaberto.

– Isso não é verdade.

– Não mesmo, mas meu pai acreditará em quem? – Jaime obrigou-se a sorrir, da maneira como costumava fazer quando nada no mundo podia assustá-lo. – Seria tão mais fácil se simplesmente voltássemos. Estaríamos bem depressa de novo a caminho, e eu cantaria uma canção tão simpática em Porto Real que nem acreditaria em seus ouvidos. Ficaria com a garota, e uma bela e gorda bolsa de ouro como agradecimento.

– Ouro? – Walton gostou bastante da ideia. – Quanto ouro?

*É meu*.

– Ora, quanto você quer?

E quando o valor foi acordado, já estavam a meio caminho de Harrenhal.

Jaime incitou o cavalo muito mais do que no dia anterior, e Pernas-de-Aço e os nortenhos foram obrigados a acompanhar o ritmo dele. Mesmo assim, passou-se o meio-dia antes de chegarem ao castelo que se debruçava sobre o lago. Sob um céu que escurecia e ameaçava desabar, as imensas muralhas e as cinco grandes torres mostravam-se negras e sinistras. *Parece tão morto*. As muralhas estavam vazias, os portões

fechados e trancados. Mas, bem alto, acima da barbacã, um único estandarte pendia, flácido. *A cabra negra de Qohor*, soube Jaime. Pôs as mãos em volta da boca para gritar.

– Vocês aí! Abram os portões, senão ponho-os abaixo aos chutes!

Foi só quando Qyburn e Pernas-de-Aço somaram as vozes à de Jaime que uma cabeça finalmente surgiu nas ameias lá em cima. O homem arregalou os olhos para eles, e depois desapareceu. Pouco tempo depois, ouviram a porta levadiça sendo içada. Os portões abriram-se, e Jaime Lannister esporeou o cavalo para atravessar a muralha, quase sem dar um relance aos alçapões enquanto passava por baixo. Tinha se preocupado com a possibilidade de o bode não deixá-los entrar, mas parecia que os Bravos Companheiros ainda pensavam neles como aliados. *Idiotas*.

O pátio exterior encontrava-se deserto; só os compridos estábulos com telhado de ardósia mostravam sinais de vida, e o que interessava a Jaime naquele momento não eram cavalos. Puxou as rédeas e olhou em volta. Ouvia ruídos vindos de algum lugar atrás da Torre dos Fantasmas e homens gritando em meia dúzia de línguas. Pernas-de-Aço e Qyburn aproximaram-se e pararam junto a Jaime, um de cada lado.

– Vá buscar o que veio buscar, e vamos de novo embora – disse Walton. – Não quero encrenca com os Saltimbancos.

– Diga aos seus homens para manterem as mãos no cabo das espadas, e os Saltimbancos não quererão encrenca com você. Dois para um, lembra?

A cabeça de Jaime virou-se vivamente ao ouvir um rugido distante, tênue mas feroz. Ecoou nas muralhas de Harrenhal, e as gargalhadas subiram como o mar. De repente, compreendeu o que estava acontecendo. *Teremos chegado tarde demais?* Seu estômago deu um solavanco, e ele espetou com força as esporas no cavalo, atravessando a galope o pátio exterior, passando sob uma ponte de pedra em arco, rodeando a Torre dos Lamentos e cruzando o Pátio das Lâminas.

Tinham-na na arena dos ursos.

Rei Harren, o Negro, quis fazer até as lutas de ursos em estilo suntuoso. A arena tinha dez metros de diâmetro e cinco de profundidade, era fechada por muros de pedra, possuía um chão de areia e era rodeada por seis fileiras de bancos de mármore. Ao desmontar desajeitadamente do cavalo, Jaime viu que os Bravos Companheiros enchiam apenas um quarto dos lugares. Os mercenários estavam tão absortos pelo espetáculo,

lá embaixo, que só aqueles que se encontravam do outro lado da arena notaram a sua chegada.

Brienne trajava o mesmo vestido que usara para jantar com Roose Bolton e que tão mal lhe caía. Nada de escudo, nada de placa de peito, nada de cota de malha, nem mesmo couro fervido, só cetim cor-de-rosa e renda de Myr. O bode talvez pensasse que era mais divertida quando estava vestida de mulher. Metade do vestido pendia em farrapos, e o braço esquerdo sangrava onde o urso a arranhara.

*Pelo menos deram-lhe uma espada*. A garota pegava nela com uma mão, movendo-se de lado, tentando colocar alguma distância entre si e o urso. *Não vai dar certo, a arena é pequena demais*. Ela tinha de atacar, dar um fim rápido àquilo. Bom aço era adversário à altura para qualquer urso. Mas a garota parecia ter medo de se aproximar. Os Saltimbancos faziam chover sobre ela insultos e sugestões obscenas.

– Isso não nos diz respeito – preveniu Pernas-de-Aço a Jaime. – Lorde Bolton disse que a garota era deles para fazerem com ela o que quisessem.

– O nome dela é Brienne. – Jaime desceu os degraus, passando por uma dúzia de mercenários surpresos. Vargo Hoat ocupava o camarote do senhor, na fila de baixo. – Lorde Vargo – chamou por sobre os gritos.

O qohorik quase cuspiu o vinho.

– *Regifida?* – tinha uma atadura desajeitada no lado esquerdo do rosto e o linho que cobria sua orelha estava manchado de sangue.

– Tire-a dali.

– Não fe meta nifto, Regifida, a menof que queira outro coto. – Brandiu uma taça de vinho. – O feu alfe fêmea arrancou-me uma orelha com of dentef. Pouco admira que o pai não queira refgatar um monftrengo deftes.

Um rugido fez Jaime se virar. O urso tinha dois metros e quarenta de altura. *Gregor Clegane com pelagem*, pensou, *embora provavelmente mais esperto*. O animal não tinha o alcance da Montanha com aquela sua monstruosa espada, porém.

Berrando de fúria, o urso mostrou uma boca cheia de grandes dentes amarelos e depois voltou a cair de quatro e arremeteu diretamente contra Brienne. *Aí está a sua oportunidade*, pensou Jaime. *Ataque! Agora!*

Mas, em vez disso, ela furou-o ineficazmente com a ponta da espada. O urso recuou, e avançou logo de seguida, urrando. Brienne deslizou para a esquerda e voltou a lançar uma estocada à cara do urso. Dessa vez, ele ergueu uma pata para afastar a espada com uma pancada.

*Ele está cauteloso*, percebeu Jaime. *Já defrontou outros homens antes. Sabe que espadas e lanças podem feri-lo. Mas isso não o manterá afastado dela por muito tempo.*

– Mate-o! – gritou, mas sua voz perdeu-se no meio de todos os outros gritos.

Se Brienne ouviu, não deu sinal. Moveu-se em volta da arena, mantendo as costas viradas para o muro. *Perto demais. Se o urso a encurralar contra o muro...*

O animal virou-se desajeitadamente, longe e depressa demais. Rápida como uma gata, Brienne mudou de direção. *Aí está a garota de que me lembro*. Deu um salto adiante para lançar um golpe às costas do urso. Rugindo, a fera voltou a se levantar nas patas traseiras. Brienne afastou-se precipitadamente. *Onde está o sangue?* Então, de repente, compreendeu.

– Deu uma espada de torneio a ela.

O bode zurrou uma gargalhada, fazendo chover sobre Jaime vinho e cuspe.

– Claro que fim.

– *Eu* pago o maldito resgate dela. Ouro, safiras, o que quiser. Tire-a dali.

– Quer a garota? Vá bufcá-la.

E foi o que ele fez.

Jaime pôs a mão boa no parapeito de mármore e saltou por cima, rolando ao atingir a areia. O urso virou-se ao ouvir o *pof*, farejando, observando o novo intruso com precaução. Jaime apoiou-se num joelho. *Bem, e o que é que, com os sete infernos, eu faço agora?* Encheu o punho de areia.

– Regicida? – ouviu Brienne dizer, estupefata.

– Jaime. – Desdobrou-se, atirando a areia na cara do urso. O animal socou o ar e rugiu como brasas.

– O que você está *fazendo* aqui?

– Uma estupidez. Fique atrás de mim. – Descreveu um círculo na direção dela, colocando-se entre Brienne e o urso.

– Fique *você* atrás. Eu tenho a espada.

– Uma espada sem ponta e sem gume. *Fique atrás de mim!* – viu uma coisa meio enterrada na areia e apanhou-a com a mão boa. O objeto revelou ser um maxilar humano, com um pouco de carne esverdeada ainda presa ao osso, repleto de larvas. *Encantador*, pensou, perguntando a si mesmo de quem seria a cara que tinha na mão. O urso aproximava-se lentamente, e Jaime sacudiu o braço e atirou osso, carne e larvas na cabeça do urso. Errou por um bom metro. *Devia cortar também a mão esquerda, de tão útil que ela me é.*

Brienne tentou avançar em volta dele, mas Jaime deu-lhe um pontapé nas pernas e fez com que se desequilibrasse. A garota caiu na areia, agarrada à espada inútil. Jaime escarranchou-se sobre ela, e o urso avançou sobre ambos.

Ouviu-se um profundo *tuang*, e uma haste com penas brotou de repente sob o olho esquerdo da fera. Sangue e saliva escorreram-lhe da boca aberta, e outro dardo acertou sua pata. O urso rugiu, empinou-se. Voltou a ver Jaime e Brienne e voltou a se arrastar na direção deles. Mais bestas dispararam, rasgando pelagem e carne com seus dardos. A tão curta distância, os besteiros dificilmente falhariam. Os dardos atingiam o urso com a força de maças, mas o animal deu outro passo. *Pobre, burro e corajoso bruto*. Quando a fera tentou golpeá-lo, afastou-se dançando, gritando, fazendo voar areia. O urso virou-se para seguir o homem que o atormentava e levou mais dois dardos no dorso. Deu um último rosnado trovejante, sentou-se sobre os quartos traseiros, estendeu-se na areia manchada de sangue e morreu.

Brienne ajoelhou-se, agarrando a espada e respirando rápida e irregularmente. Os besteiros de Pernas-de-Aço estavam esticando as cordas de suas bestas e recarregando-as enquanto os Saltimbancos Sangrentos gritavam-lhes xingamentos e ameaças. Jaime viu que Rorge e Três Dedos tinham espadas desembainhadas e Zollo estava desenrolando o chicote.

– Vofê matou o meu urfo! – guinchou Vargo Hoat.

– E sirvo-lhe o mesmo prato se me causar encrenca – atirou Pernas-de-Aço em resposta. – Vamos levar a garota.

– O nome dela é Brienne – disse Jaime. – Brienne, a donzela de Tarth. Ainda *é* donzela, espero?

O largo rosto grosseiro da garota ficou vermelho.

– Sim.

– Oh, ótimo – disse Jaime. – Só salvo donzelas. – Dirigindo-se a Hoat, disse: – Terá o seu resgate. Por nós dois. Um Lannister paga suas dívidas. Agora vá buscar cordas e tire-nos daqui.

– Foda-se o resgate – rosnou Rorge. – Mate-os, Hoat. Senão vai acabar desejando ter acabado com eles!

O qohorik hesitou. Metade de seus homens estavam bêbados; os nortenhos, sóbrios como pedras, e eram duas vezes mais numerosos. Alguns dos besteiros já estavam recarregados àquela altura.

– Pufem-nof pra fora – disse Hoat e depois, para Jaime: – Defidi fer mifericordiofo. Diga ao fenhor feu pai.

– Direi, senhor. – *Não que isso lhe sirva para alguma coisa*.

Foi só depois de estarem a meia légua de Harrenhal e fora do alcance dos arqueiros nas muralhas que Walton Pernas-de-Aço mostrou a sua ira.

– Está *louco*, Regicida? Pretendia morrer? Nenhum homem pode lutar com um urso de mãos vazias!

– Uma mão vazia e um coto vazio – corrigiu Jaime. – Mas eu tinha esperança de que matasse o animal antes que ele me matasse. De outra forma, Lorde Bolton iria descascá--lo como a uma laranja, não é verdade?

Pernas-de-Aço amaldiçoou-o e chamou-o de Lannister idiota, esporeou o cavalo e galopou ao longo da coluna.

– Sor Jaime? – mesmo com cetim cor-de-rosa sujo e renda rasgada, Brienne parecia mais um homem de vestido do que uma mulher. – Sinto-me grata, mas... você estava bem longe. Por que voltou?

Veio à sua mente uma dúzia de ditos de espírito, cada um mais cruel do que o anterior, mas Jaime limitou-se a encolher os ombros.

– Sonhei com você – disse.

## CATELYN

Robb despediu-se três vezes de sua jovem rainha. Uma vez no bosque sagrado, perante a árvore-coração, à vista dos deuses e dos homens. A segunda vez, por baixo da porta levadiça, onde Jeyne o deixou partir com um longo abraço e um beijo ainda mais longo. E, por fim, uma hora depois de atravessar o Pedregoso, quando a garota chegou a galope num cavalo coberto de espuma para suplicar ao seu jovem rei que a levasse junto.

Catelyn viu que Robb ficou tocado por aquele gesto, mas também envergonhado. O dia estava úmido e cinzento, tinha começado a garoar e a última coisa que queria era interromper a marcha para ficar no molhado consolando uma jovem esposa chorosa diante de metade de seu exército. *Ele fala com ela gentilmente*, pensou ao vê-los juntos, *mas por baixo existe irritação*.

Durante todo o tempo que o rei e a rainha passaram conversando, Vento Cinzento caminhou ao redor deles, parando apenas para sacudir a chuva do pelo e mostrar os dentes à chuva. Quando Robb deu, por fim, um último beijo em Jeyne, despachou uma dúzia de homens para levá-la para Correrrio e voltou a montar no cavalo, o lobo gigante correu em frente com a rapidez de uma flecha disparada de um grande arco.

– Vejo que a Rainha Jeyne tem um coração amoroso – disse Lothar Frey a Catelyn. – Assim como as minhas irmãs. Ora, era capaz de apostar que nesse mesmo instante Roslin anda dançando pelas Gêmeas, cantarolando "Senhora *Tully*, Senhora *Tully*, Senhora Roslin *Tully*". De manhã, vai ficar levando ao rosto tecidos do vermelho e azul de Correrrio, para imaginar o aspecto que terá com o manto nupcial. – Virou-se na sela para sorrir a Edmure. – Mas o senhor está estranhamente quieto, Lorde Tully. Pergunto a mim mesmo como *o senhor* se sente.

– Sinto algo bastante semelhante ao que senti no Moinho de Pedra logo antes de os berrantes de guerra soarem – disse Edmure, só em parte brincando.

Lothar soltou uma gargalhada bondosa.

– Rezemos para que o seu casamento termine de forma igualmente feliz, senhor.

*E que os deuses nos protejam se não terminar*. Catelyn encostou os calcanhares no cavalo, deixando o irmão e Lothar Coxo na companhia um do outro.

Tinha sido ela quem insistiu para que Jeyne permanecesse em Correrrio, enquanto Robb preferiria mantê-la ao seu lado. Lorde Walder podia perfeitamente interpretar a ausência da rainha no casamento como outra desfeita, mas sua presença seria outro tipo de insulto, sal nas feridas do velho.

– Walder Frey tem uma língua afiada e uma longa memória – prevenira o filho. – Não duvido que você seja suficientemente forte para aturar as reprimendas do velho como preço a pagar por sua aliança, mas tem em si muito do seu pai para se segurar sentado enquanto ele lança insultos na cara de Jeyne.

Robb não podia negar a sensatez daquilo. *Mas, ao mesmo tempo, nutre ressentimento contra mim, e parte dele me culpa pela ausência dela, embora saiba que foi um bom conselho*.

Dos seis Westerling que tinham vindo do Despenhadeiro com o filho, só um permanecia ao seu lado; Sor Raynald, irmão de Jeyne, o porta-estandartes real. Robb tinha enviado o tio de Jeyne, Rolph Spicer, para entregar o jovem Martyn Lannister ao Dente Dourado, no mesmo dia em que recebera o acordo de Lorde Tywin com relação à troca de cativos. Tinha sido um gesto hábil. O filho ficava aliviado de seus receios quanto à segurança de Martyn, Galbart Glover ficava aliviado por saber que o irmão Robett tinha sido posto num navio em Valdocaso, Sor Rolph tinha uma tarefa importante e honrosa... e Vento Cinzento estava de novo ao lado do rei. *Onde é o lugar dele*.

A Senhora Westerling permaneceu em Correrrio com os filhos; Jeyne, a irmã mais nova, Eleyna, e o jovem Rollam, escudeiro de Robb, que protestou amargamente por ser deixado para trás. E, no entanto, isso também era sensato. Olyvar Frey havia sido escudeiro de Robb e estaria sem dúvida presente no casamento da irmã; exibir a ele seu substituto seria tão insensato como grosseiro. Quanto a Sor Raynald, era um alegre jovem cavaleiro que jurou que nenhum insulto de Walder Frey

conseguiria provocá-lo. *E rezemos para que só tenhamos de lidar com insultos*.

Mas Catelyn tinha seus temores a esse respeito. O senhor seu pai nunca voltara a confiar em Walder Frey após o Tridente, e ela tinha isso sempre em mente. A Rainha Jeyne estaria mais segura atrás das altas e fortes muralhas de Correrrio, com o Peixe Negro a protegê-la. Robb até tinha criado para ele um novo título, Protetor das Marcas Meridionais. Se algum homem conseguiria defender o Tridente, esse homem era Sor Brynden.

Fosse como fosse, Catelyn teria saudades do rosto escarpado do tio, e Robb sentiria a falta dos conselhos dele. Sor Brynden desempenhou um papel em todas as vitórias que o filho conquistara. Galbart Glover tomou seu lugar no comando dos batedores e da escolta dianteira; um bom homem, leal e firme, mas sem o brilhantismo do Peixe Negro.

Atrás da tela de batedores de Glover, a linha de marcha de Robb estendia-se por vários quilômetros. Grande-Jon liderava a vanguarda. Catelyn viajava na coluna principal, rodeada por pesados cavalos de guerra com homens cobertos de aço sobre o dorso. Atrás, vinha o comboio da bagagem, uma procissão de carroças carregadas de comida, forragem, material para acampar, presentes de casamento e os feridos que estavam fracos demais para caminhar, vigiados de perto por Sor Wendel Manderly e seus cavaleiros de Porto Branco. Manadas de ovelhas, cabras e bois descarnados seguiam atrás, e depois vinha uma pequena comitiva de seguidoras de acampamentos, de pés doloridos. Ainda mais para trás, avançava Robin Flint e a retaguarda. Não havia inimigos atrás deles ao longo de centenas de quilômetros, mas Robb não queria correr riscos.

Eram três mil e quinhentos, três mil e quinhentos que tinham passado pelo batismo de sangue no Bosque dos Murmúrios, que tinham ruborizado as espadas na Batalha dos Acampamentos, em Cruzaboi, em Cinzamarca, no Despenhadeiro e ao longo dos montes ricos em ouro do ocidente Lannister. À exceção da pequena comitiva de amigos de Lorde Edmure, os senhores do Tridente tinham ficado para trás, a fim de defender as terras fluviais enquanto o rei recuperava o Norte. Em frente esperavam a noiva de Edmure e a batalha seguinte de Robb... *e, para mim, dois filhos mortos, uma cama vazia e um castelo cheio de*

*fantasmas*. Era uma perspectiva sem alegria. *Brienne, onde você está? Devolva-me as minhas meninas, Brienne. Devolva-as em segurança.*

A garoa que os tinha acompanhado quando partiram de Correrrio transformou-se numa chuva suave e constante pelo meio-dia e prosseguiu até bem depois do cair da noite. No dia seguinte, os nortenhos não chegaram a ver o sol, avançando sob céus de chumbo com o capuz vestido, a fim de manter a água afastada dos olhos. Era uma chuva pesada que transformava estradas em lama e campos em atoleiros, enchendo os rios e despindo as árvores de suas folhas. O bater constante das gotas tornava a conversa miúda muito difícil para o pouco que importava, e por isso os homens falavam apenas quando tinham algo a dizer, o que era bastante raro.

– Somos mais fortes do que parecemos, senhora – disse a Senhora Maege Mormont enquanto avançavam. Catelyn tinha começado a nutrir amizade pela Senhora Maege e por sua filha mais velha, Dacey; descobrira que eram mais compreensivas do que a maioria no que dizia respeito a Jaime Lannister. A filha era alta e esguia, a mãe, baixa e robusta, mas vestiam-se de forma semelhante, com cota de malha e couro, com o urso negro da Casa Mormont desenhado nos escudos e nos sobretudos. Aos olhos de Catelyn, era um vestuário bizarro para uma senhora, mas Dacey e a Senhora Maege pareciam mais confortáveis, como guerreiras e como mulheres, do que a garota de Tarth jamais esteve.

– Lutei ao lado do Jovem Lobo em todas as batalhas – disse alegremente Dacey Mormont. – Ainda não perdeu nenhuma.

*Não, mas perdeu todo o resto*, pensou Catelyn, mas não seria bom dizê-lo em voz alta. Aos nortenhos não faltava coragem, mas estavam longe de casa, com pouco que os sustentasse além da fé em seu jovem rei. Essa fé tinha de ser protegida, a todo custo. *Tenho de ser mais forte*, disse a si mesma. *Tenho de ser forte por Robb. Se me desesperar, a dor vai me consumir*. Tudo dependia daquele casamento. Se Edmure e Roslin estivessem felizes um com o outro, se o Atrasado Lorde Frey pudesse ser apaziguado e seu poderio de novo casado com o de Robb... *Mesmo assim, que chances teremos, encurralados entre os Lannister e os Greyjoy?* Era uma questão que Catelyn não se atrevia a aprofundar, embora Robb tratasse de pouco mais do que isso. Ela via como ele estudava seus

mapas sempre que montavam o acampamento, em busca de um plano que lhe pudesse reconquistar o Norte.

O irmão Edmure tinha outras preocupações.

– Não acreditam que *todas* as filhas de Lorde Walder se parecem com ele, não é? – perguntou, ao sentar-se em seu grande pavilhão listrado, com Catelyn e os amigos.

– Com tantas mães diferentes, algumas das donzelas têm necessariamente de sair atraentes – disse Sor Marq Piper –, mas por que haveria o velho patife de lhe dar uma das bonitas?

– Por absolutamente nada – disse Edmure, deprimido.

Aquilo foi mais do que Catelyn podia suportar.

– Cersei Lannister é atraente – disse, num tom cortante. – Seria mais sensato rezar para que Roslin seja forte e saudável, com uma boa cabeça e um coração leal. – E, com aquilo, deixou-os.

Edmure não acolheu bem aquela atitude. Na marcha do dia seguinte, evitou-a por completo, preferindo a companhia de Marq Piper, Lymond Goodbrook, Patrek Mallister e dos jovens Vance. *Eles só o repreendem de brincadeira*, disse Catelyn a si mesma quando passaram a toda por ela, naquela tarde, quase sem uma palavra. *Sempre fui dura demais com Edmure, e agora o pesar afia todas as minhas palavras*. Arrependeu-se da censura. Já havia chuva suficiente caindo do céu sem a ajuda dela. E seria mesmo assim tão terrível desejar uma esposa bonita? Lembrava-se do desapontamento infantil que sofrera da primeira vez que pôs os olhos em Eddard Stark. Imaginara-o como uma versão mais nova do irmão Brandon, mas tinha se enganado. Ned era mais baixo e tinha um rosto mais simples, e era muito melancólico. Falava de forma bastante cortês, mas, por baixo das palavras Catelyn sentia uma frieza oposta ao que era Brandon, cujas alegrias tinham sido tão violentas quanto as iras. Mesmo quando tomou sua virgindade, o amor deles teve mais dever do que paixão. *Mas fizemos Robb naquela noite, fizemos juntos um rei. E depois da guerra, em Winterfell, tive amor suficiente para qualquer mulher, depois de encontrar o coração bom e doce que batia por baixo do rosto solene de Ned. Não há motivo para que Edmure não encontre a mesma coisa com a sua Roslin.*

Segundo a vontade dos deuses, o caminho levou-os a atravessar o Bosque dos Murmúrios, onde Robb havia conquistado a sua primeira

grande vitória. Seguiram o leito do riacho serpenteante no fundo daquele vale apertado e estreito, tal como os homens de Jaime Lannister tinham feito naquela noite fatídica. *Naquela época, fazia mais calor*, recordou Catelyn, *as árvores ainda se mantinham verdes, e o riacho não tinha transbordado das margens*. Folhas caídas agora afogavam o curso da água e estendiam-se em emaranhados encharcados por entre as pedras e raízes, e as árvores que tinham escondido o exército de Robb haviam trocado seus trajes verdes por folhas de um dourado opaco, salpicadas de marrom e de um vermelho que fazia Catelyn lembrar de ferrugem e sangue seco. Só os abetos e os pinheiros marciais ainda se mostravam verdes, espetando-se na barriga das nuvens como grandes lanças escuras.

*Foram mais do que árvores o que morreu desde então*, refletiu. Na noite do Bosque dos Murmúrios, Ned ainda estava vivo em sua cela por baixo da Colina de Aegon, Bran e Rickon encontravam-se a salvo atrás das muralhas de Winterfell. *E Theon Greyjoy lutava ao lado de Robb e gabava-se de como quase tinha cruzado espadas com o Regicida. Seria bom que tivesse feito isso. Se Theon tivesse morrido em vez dos filhos de Lorde Karstark, quanto mal teria sido desfeito?*

Ao passarem pelo campo de batalha, Catelyn viu sinais da carnificina que ali tinha ocorrido; um elmo virado ao contrário que se enchia de chuva, uma lança estilhaçada, os ossos de um cavalo. Montes de pedra haviam sido erguidos sobre alguns dos homens que ali tinham tombado, mas os assaltantes de túmulos já tinham caído sobre eles. Por entre os montes de pedra, vislumbrou belos tecidos coloridos e pedaços de metal brilhante. Uma vez viu um rosto a olhá-la, com o contorno do crânio emergindo sob a carne marrom em putrefação.

Isso fez com que se interrogasse sobre o local onde Ned acabou por descansar. As irmãs silenciosas tinham levado seus ossos para o Norte, escoltadas por Hallis Mollen e uma pequena guarda de honra. Teria Ned conseguido chegar a Winterfell, para ser enterrado ao lado do irmão Brandon nas criptas escuras sob o castelo? Ou teria a porta se fechado em Fosso Cailin antes de Hal e das irmãs conseguirem passar?

Três mil e quinhentos cavaleiros seguiam o seu caminho sinuoso pelo fundo do vale, através do coração do Bosque dos Murmúrios, mas Catelyn Stark raras vezes havia se sentido mais solitária. Cada légua que vencia levava-a para mais longe de Correrrio, e deu por si imaginando se

alguma vez voltaria a ver o castelo. Ou estaria perdido para sempre, como tantas outras coisas?

Cinco dias mais tarde, os batedores retornaram para preveni-los de que as águas da enchente tinham arrastado a ponte de madeira em Feirajusta. Galbart Glover e dois de seus homens mais ousados tentaram levar as montarias a passar a nado o turbulento Ramo Azul em Vaucarneiro. Dois dos cavalos tinham sido arrastados e afogados, juntamente com um dos cavaleiros; o próprio Glover conseguiu se agarrar a um rochedo até que o puxassem para a margem.

– O rio não corria tão alto desde a primavera – disse Edmure. – E se essa chuva continuar a cair, subirá ainda mais.

– Há uma ponte mais a frente, perto de Pedravelhas – recordou Catelyn, que tinha atravessado aquelas terras com frequência na companhia do pai. – É mais antiga e menor, mas se ainda estiver lá...

– Desapareceu, senhora – disse Galbart Glover. – Foi levada antes mesmo da de Feirajusta.

Robb olhou para Catelyn.

– Há mais alguma ponte?

– Não. E os vaus estarão intransitáveis. – Tentou vasculhar a memória. – Se não conseguirmos atravessar o Ramo Azul, teremos de rodeá-lo, por Seterrios e pelo Atoleiro da Bruxa.

– Brejos e estradas ruins, quando elas existem – preveniu Edmure. – O avanço será lento, mas suponho que acabaremos chegando.

– Estou certo de que Lorde Walder esperará – disse Robb. – Lothar enviou-lhe uma ave de Correrrio, ele sabe que estamos a caminho.

– Sim, mas o homem é suscetível e desconfiado por natureza – disse Catelyn. – Pode tomar esse atraso como um insulto deliberado.

– Muito bem, vou pedir perdão também por nossa indolência. Serei um rei de dar dó, desculpando-me a cada duas inspirações. – Robb fez uma careta. – Espero que Bolton tenha atravessado o Tridente antes das chuvas começarem. A estrada do rei segue diretamente para o norte, deverá ter uma marcha fácil. Mesmo a pé, deve chegar às Gêmeas antes de nós.

– E quando tiver juntado os seus homens aos dele e casado o meu irmão, o que vem depois? – perguntou-lhe Catelyn.

– Para o norte. – Robb coçou Vento Cinzento atrás de uma orelha.

– Pelo talude? Contra Fosso Cailin?

Ele deu um sorriso enigmático a ela.

– Essa é uma forma de ir – disse, e ela compreendeu por seu tom de voz que nada mais diria. *Um rei sensato guarda coisas para si*, lembrou a si mesma.

Chegaram a Pedravelhas depois de mais oito dias de chuva contínua e acamparam sobre a colina com vista para o Ramo Azul, dentro de um forte arruinado dos antigos reis do rio. Suas fundações resistiam entre as ervas daninhas, para mostrar onde tinham se erguido as muralhas e as fortalezas, mas o povo local tinha se apropriado da maior parte das pedras havia muito tempo, para levantar seus celeiros, septos e castros. No entanto, no centro daquilo que antigamente teria sido o pátio do castelo, ainda se erguia um grande sepulcro esculpido, meio escondido por mato marrom que chegava à cintura, no meio de um grupo de freixos.

A tampa do sepulcro tinha sido esculpida para retratar o homem cujos ossos jaziam lá dentro, mas as chuvas e os ventos tinham desempenhado seu papel: conseguiam ver que o rei usava uma barba, mas, fora isso, seu rosto era suave e sem expressão, com apenas vagas sugestões de uma boca, um nariz, olhos e da coroa sobre as têmporas. Suas mãos fechavam-se no cabo de um martelo de guerra em pedra que se apoiava sobre o peito dele. Antigamente, o machado de guerra deveria ter tido gravadas runas que revelavam o nome e a história do morto, mas os séculos tinham-nas levado por completo. A própria pedra estava rachada e se desfazendo nos cantos, descolorida aqui e ali por manchas brancas de líquenes em crescimento, ao passo que rosas selvagens subiam pelos pés do rei e chegavam quase ao peito dele.

Foi ali que Catelyn encontrou Robb, em pé e melancólico no crepúsculo que se aprofundava, acompanhado apenas por Vento Cinzento. A chuva havia parado pela primeira vez, e ele estava com a cabeça nua.

– Este castelo tem um nome? – perguntou em voz baixa quando Catelyn se aproximou.

– Todo o povo o chamava de Pedravelhas quando eu era menina, mas sem dúvida teve outro nome quando ainda era uma sede de reis. – Acampara ali uma vez com o pai, a caminho de Guardamar. *Petyr também estava conosco...*

– Há uma canção – recordou Robb. – “Jenny de Pedravelhas, com as flores nos cabelos”.

– No fim, somos todos só canções. Se tivermos sorte. – Naquele dia brincara de ser Jenny, chegando até a colocar flores nos cabelos. E Petyr fingira ser seu Príncipe das Libélulas. Catelyn não teria mais de doze anos, Petyr era apenas um garotinho.

Robb estudou o sepulcro.

– De quem é esta sepultura?

– Aqui jaz Tristifer, o Quarto de Seu Nome, Rei dos Rios e dos Montes. – Um dia, o pai lhe contara sua história. – Governou do Tridente ao Gargalo, milhares de anos antes de Jenny e de seu príncipe, nos dias em que os reinos dos Primeiros Homens caíam um atrás do outro perante o avanço dos ândalos. Chamavam-no de Martelo da Justiça. Lutou uma centena de batalhas e venceu noventa e nove, ou pelo menos é isso que os cantores dizem, e quando levantou este castelo, era o mais forte de Westeros. – Pousou uma mão no ombro do filho. – Morreu em sua centésima batalha, quando sete reis ândalos juntaram forças contra ele. O quinto Tristifer não se comparava a ele, e em pouco tempo o reino estava perdido, e depois o castelo, e por fim a linhagem. Com Tristifer Quinto morreu a Casa Mudd, que tinha governado as terras fluviais durante os mil anos anteriores à chegada dos ândalos.

– O herdeiro falhou com ele. – Robb passou uma mão sobre a pedra áspera e desgastada. – Tive esperança de deixar Jeyne esperando um bebê... tentamos com bastante frequência, mas não tenho certeza...

– Nem sempre acontece na primeira vez. – *Embora tenha acontecido com você*. – Nem mesmo na centésima. É muito novo.

– Novo, e um rei – disse ele. – Um rei precisa ter um herdeiro. Se morrer em minha próxima batalha, o reino não pode morrer comigo. Pela lei, Sansa é a seguinte na linha de sucessão, portanto, Winterfell e o Norte devem passar para ela. – A boca dele comprimiu-se. – Para ela, e para o senhor seu esposo. Tyrion Lannister. Não posso permitir que isso aconteça. *Não permitirei*. Esse anão não pode nunca possuir o Norte.

– Não – concordou Catelyn. – Tem de nomear outro herdeiro, até o momento em que Jeyne lhe dê um filho. – Refletiu por um momento. – O pai do seu pai não tinha irmãos, mas o pai dele tinha uma irmã que se casou com um filho mais novo de Lorde Raymar Royce, do ramo menor

da casa. Eles tiveram três filhas, todas as quais casaram com fidalgos do Vale. Um Waynwood e um Corbray com certeza. A mais nova... pode ter sido um Templeton, mas...

– Mãe. – Havia certa rispidez no tom de Robb. – Está se esquecendo. Meu pai teve quatro filhos homens.

Catelyn não tinha se esquecido; não quis encarar o fato, mas ali estava.

– Um Snow não é um Stark.

– Jon é mais Stark do que um fidalgo qualquer do Vale que nunca sequer pôs os olhos em Winterfell.

– Jon é um irmão da Patrulha da Noite, e jurou não tomar esposa nem possuir terras. Aqueles que vestem o negro servem para a vida.

– O mesmo acontece com os cavaleiros da Guarda Real. Isso não impediu os Lannister de arrancar o manto branco de Sor Barristan Selmy e de Sor Boros Blount quando deixaram de ter utilidade para eles. Se eu enviar à patrulha uma centena de homens para o lugar de Jon, aposto que vão encontrar alguma maneira de libertá-lo de seus votos.

*Ele está decidido a fazer isso*. Catelyn sabia como o filho podia ser teimoso.

– Um bastardo não pode herdar.

– É verdade, a menos que seja legitimado por decreto real – disse Robb. – Há mais precedente para isso do que para libertar um Irmão Juramentado de seus votos.

– Precedente – disse ela com amargura. – Sim, Aegon Quarto legitimou todos os seus bastardos no leito de morte. E quanta dor, desgosto, guerra e assassinato nasceram daí? Sei que confia em Jon. Mas pode confiar nos filhos dele? Ou nos filhos *deles*? Os pretendentes Blackfyre atormentaram os Targaryen ao longo de cinco gerações, até que Barristan, o Ousado, matou os últimos nos Degraus. Se legitimar Jon, não há maneira de torná-lo bastardo de novo. Se ele se casar e tiver filhos, os filhos que você tiver com Jeyne nunca estarão a salvo.

– Jon nunca faria mal a um filho meu.

– Tal como Theon Greyjoy nunca faria mal a Bran e Rickon?

Vento Cinzento saltou para cima da cripta do Rei Tristifer, com os dentes à mostra. O rosto de Robb estava frio.

– Isso é tão cruel quanto injusto. Jon não é como Theon.

– Você reza para que não seja. Já pensou em suas irmãs? E os direitos *delas*? Concordo que não podemos permitir que o Norte passe para o Duende, mas e Arya? Por lei, ela vem depois de Sansa... sua própria irmã, legítima...

– ... e *morta*. Ninguém viu ou ouviu falar de Arya desde que cortaram a cabeça do pai. Por que você mente para si mesma? Arya partiu, assim como Bran e Rickon, e matarão também Sansa assim que o anão conseguir dela um filho. Jon é o único irmão que me resta. Se eu morrer sem descendência, quero que ele me suceda como Rei no Norte. Tive a esperança de que apoiasse a minha escolha.

– Não posso – disse ela. – Em tudo o mais, Robb. Em tudo. Mas não nessa... nessa loucura. Não me peça isso.

– Não tenho de pedir. Sou o rei. – Robb virou-se e afastou-se, com Vento Cinzento saltando de cima da tumba e pulando atrás dele.

*O que eu fiz?*, pensou Catelyn, fatigadamente, quando ficou sozinha junto do sepulcro de pedra de Tristifer. *Primeiro irrito Edmure, e agora Robb, mas tudo que fiz foi dizer a verdade. Serão os homens tão frágeis que não consigam suportar ouvi-la?* Podia ter chorado nesse momento, se o céu não estivesse fazendo isso por ela. Tudo que pôde fazer foi voltar à tenda e sentar-se lá, em silêncio.

Nos dias que se seguiram, Robb esteve por todo lado; cavalgando à cabeça da vanguarda com o Grande-Jon, batendo terreno com Vento Cinzento, correndo para trás a fim de se juntar a Robin Flint e à retaguarda. Os homens diziam com orgulho que o Jovem Lobo era o primeiro a se levantar todas as madrugadas e o último a adormecer à noite, mas Catelyn perguntava a si mesma se ele dormia de todo. *Está se tornando tão magro e esfomeado quanto seu lobo selvagem.*

– Senhora – disse-lhe Maege Mormont certa manhã enquanto atravessavam uma chuva constante –, parece tão triste. Há algo errado?

*O senhor meu esposo está morto e o meu pai também. Dois de meus filhos foram assassinados, a minha filha foi dada a um anão sem fé para lhe dar à luz filhos nojentos, a minha outra filha está desaparecida e é provável que esteja morta e o meu último filho e o meu único irmão estão ambos zangados comigo. O que é que pode haver de errado?* No entanto, aquilo era mais verdade do que a Senhora Maege gostaria de ouvir.

– Esta é uma chuva maligna – disse, em vez da verdade. – Sofremos muito, e há mais perigos e desgostos adiante. Precisamos enfrentá-los com ousadia, com berrantes soando e estandartes tremulando cheios de bravura. Mas essa chuva nos abate. Os estandartes pendem, encharcados, e os homens aconchegam-se debaixo de seus mantos e quase não conversam uns com os outros. Só uma chuva maligna gelaria nossos corações quando mais precisamos que eles ardam bem quentes.

Dacey Mormont olhou para o céu.

– Gosto mais de ter água chovendo sobre mim do que flechas.

Catelyn sorriu a contragosto.

– Receio que seja mais corajosa do que eu. Todas as mulheres da Ilha dos Ursos são assim guerreiras?

– Ursas, sim – disse a Senhora Maege. – Temos precisado ser assim. Antigamente, os homens de ferro faziam incursões com os seus dracares, ou se não eram eles, eram os selvagens vindos da Costa Gelada. Os homens na maior parte das vezes estavam longe, na pesca. As esposas que eles deixavam para trás tinham de defender a si e aos seus filhos, para não serem todos levados.

– Há uma imagem esculpida em nosso portão – disse Dacey. – Uma mulher vestida com pele de urso, com um bebê em um braço, mamando. Na outra mão traz um machado de batalha. Não é uma senhora como deve ser, essa, mas sempre gostei dela.

– Uma vez, meu sobrinho Jorah trouxe para casa uma senhora como deve ser – disse a Senhora Maege. – Conquistou-a num torneio. Como ela odiava aquela imagem.

– Sim, e todo o resto também – disse Dacey. – Tinha cabelos que eram como fios de ouro, aquela Lynesse. A pele era como creme. Mas suas mãos suaves não tinham sido feitas para machados.

– Nem as tetas para dar de mamar – disse a mãe, sem rodeios.

Catelyn sabia de quem falavam; Jorah Mormont tinha trazido sua segunda esposa a Winterfell para festas, e certa vez permaneceram durante uma quinzena. Lembrava-se de como a Senhora Lynesse era jovem, bela e infeliz. Uma noite, após várias taças de vinho, confessara a Catelyn que o Norte não era lugar para uma Hightower de Vilavelha.

– Houve uma Tully de Correrrio que sentiu o mesmo um dia – Catelyn respondeu com gentileza, tentando consolá-la –, mas, com o tempo,

encontrou aqui muitas coisas que podia amar.

*Tudo agora perdido*, refletiu. *Winterfell e Ned, Bran e Rickon, Sansa, Arya, tudo perdido. Só resta Robb*. Teria havido nela muito de Lynesse Hightower, no fim das contas, e pouco dos Stark? *Gostaria de ter sabido como manejar um machado, talvez tivesse sido capaz de protegê-los melhor*.

Os dias seguiram-se aos dias, e a chuva continuava a cair. Cavalgaram ao longo de toda a extensão do Ramo Azul, passando por Seterrios, onde o rio se desdobrava numa confusão de córregos e riachos, e depois atravessando o Atoleiro da Bruxa, onde lagoas de um verde reluzente esperavam para engolir os incautos e o terreno fofo sugava os cascos dos cavalos como um bebê faminto no peito da mãe. O avanço era mais do que lento. Metade das carroças teve de ser abandonada no lodaçal, e suas cargas foram distribuídas entre mulas e cavalos de tração.

Lorde Jason Mallister alcançou-os nos pântanos do Atoleiro da Bruxa. Restava ainda mais de uma hora de luz do dia quando ele se aproximou com a sua coluna, mas Robb mandou parar de imediato, e Sor Raynald Westerling veio escoltar Catelyn à tenda do rei. Encontrou o filho sentado ao lado de um braseiro, com um mapa sobre as coxas. Vento Cinzento dormia aos seus pés. Grande-Jon acompanhava-o, bem como Galbart Glover, Maege Mormont, Edmure e um homem que Catelyn não reconheceu, um homem robusto e perdendo os cabelos, de aspecto servil. *Este não é fidalgo nenhum*, compreendeu no momento em que pôs os olhos no estranho. *Nem sequer é um guerreiro.*

Jason Mallister levantou-se para oferecer a Catelyn a cadeira. Nos cabelos, tinha quase tanto branco como castanho, mas o Senhor de Guardamar ainda era um homem bonito; alto e esguio, com um rosto bem delineado e escanhoado, maçãs do rosto salientes e uns ferozes olhos azul-acinzentados.

– Senhora Stark, é sempre um prazer. Trago boas novas, espero.

– Temos grande necessidade de algumas, senhor. – Sentou-se, ouvindo a chuva tamborilar ruidosamente na lona por cima de sua cabeça.

Robb esperou que Sor Raynald fechasse a aba da tenda.

– Os deuses ouviram as nossas preces, senhores. Lorde Jason trouxe-nos o capitão do *Myraham*, um navio mercante de Vilavelha. Capitão, conte-lhes o que me disse.

– Sim, Vossa Graça. – O homem lambeu nervosamente os lábios. – O último porto onde estive antes de Guardamar foi Fidalporto, em Pyke. Os homens de ferro não me deixaram sair durante mais de meio ano, pois é. Ordens do Rei Balon. Só que, bom, pra resumir uma história comprida, ele tá morto.

– Balon Greyjoy? – o coração de Catelyn parou por um momento. – Está nos dizendo que Balon Greyjoy está morto?

O pequeno capitão maltrapilho confirmou com a cabeça.

– Sabe como Pyke tá construída num promontório, e parte do castelo tá em rochedos e ilhas ao largo da costa, com pontes entre elas? Bem, segundo me contaram em Fidalporto, veio uma rajada de vento de oeste, com chuva e trovões, e o velho Rei Balon tava atravessando uma das pontes quando o vento a pegou e fez a coisa em pedaços. Deu à costa dois dias depois, todo inchado e partido. Ouvi dizer que os caranguejos comeram seus olhos.

Grande-Jon soltou uma gargalhada.

– Caranguejos-reais, espero eu, para jantar essa geleia real, hã?

O capitão balançou afirmativamente a cabeça.

– Sim, mas isso não é tudo, ah, não! – inclinou-se para a frente. – O *irmão* voltou.

– Victarion? – perguntou Galbart Glover, surpreso.

– Euron. Chamam-no de Olho de Corvo, um pirata mais negro que qualquer outro que tenha içado uma vela. Desapareceu há anos, mas mal Lorde Balon tinha esfriado, lá tava ele, entrando em Fidalporto com o seu *Silêncio*. Velas pretas e um casco vermelho, e tripulado por mudos. Ouvi dizer que foi a Asshai e voltou. Mas onde quer que tivesse, agora tá em casa e marchou diretinho pra Pyke e sentou o rabo na Cadeira de Pedra do Mar e afogou Lorde Botley numa barrica de água do mar quando ele protestou. Foi nessa hora que eu fugi de volta pro *Myraham* e icei âncora, esperando conseguir ir embora enquanto as coisas tivessem confusas. E foi o que fiz, e aqui estou.

– Capitão – disse Robb quando o homem terminou –, tem os meus agradecimentos, e não partirá sem uma recompensa. Lorde Jason vai levá–lo de volta ao seu navio quando terminarmos. Por obséquio, espere lá fora.

– Isso espero, Vossa Graça. Isso espero.

Assim que o homem saiu do pavilhão real, Grande-Jon desatou a rir, mas Robb silenciou-o com um olhar.

– Euron Greyjoy não é a ideia de ninguém para um rei, se metade daquilo que Theon disse dele for verdade. Theon é o legítimo herdeiro, a menos que esteja morto... mas Victarion comanda a Frota de Ferro. Não posso crer que permaneça em Fosso Cailin enquanto Euron Olho de Corvo mantiver Cadeira da Pedra do Mar. Ele *tem* de voltar.

– Também há uma filha – relembrou-lhe Galbart Glover. – Aquela que mantém em seu poder no Bosque Profundo, e a esposa e o filho de Robett.

– Se ficar em Bosque Profundo, isso é *tudo* que pode esperar manter – disse Robb. – O que é verdade para os irmãos é ainda mais verdade para ela. Terá de zarpar para casa, a fim de expulsar Euron e promover a sua pretensão. – O filho de Catelyn virou-se para Lorde Jason Mallister. – Tem uma frota em Guardamar?

– Uma frota, Vossa Graça? Meia dúzia de dracares e duas galés de guerra. O suficiente para defender as minhas costas contra corsários, mas não posso ter esperança de enfrentar a Frota de Ferro em batalha.

– Nem pediria isso ao senhor. Os homens de ferro irão rumar a Pyke, espero. Theon contou-me como a gente dele pensa. Cada capitão é um rei no seu convés. Todos vão querer ter voz na sucessão. Senhor, preciso que dois de seus dracares contornem o Cabo das Águias e subam o Gargalo até a Atalaia da Água Cinzenta.

Lorde Jason hesitou.

– A floresta úmida é drenada por uma dúzia de cursos de água, todos eles rasos, assoreados e por mapear. Nem chamaria de rios. Os canais andam sempre derivando e se alterando. Há inúmeros bancos de areia, troncos caídos e emaranhados de árvores em putrefação. E a Atalaia da Água Cinzenta *desloca-se*. Como os meus navios irão encontrá-la?

– Subam o rio exibindo o meu estandarte. Os cranogmanos vão encontrá-los. Quero dois navios para duplicar as chances de minha mensagem chegar a Howland Reed. A Senhora Maege irá num deles, Galbart no segundo. – Virou-se para os dois que tinha indicado. – Levarão cartas para os meus senhores que permanecem no Norte, mas todas as ordens nelas contidas serão falsas, para o caso de terem o azar de serem capturados. Se isso acontecer, deverão dizer-lhes que se

dirigiam ao norte. De volta à Ilha dos Ursos, ou na direção da Costa Pedregosa. – Bateu com um dedo no mapa. – A chave é Fosso Cailin. Lorde Balon sabia disso, e foi por sabê-lo que enviou para lá o irmão Victarion com o núcleo duro das forças Greyjoy.

– Com disputas de sucessão ou sem elas, os homens de ferro não são burros a ponto de abandonar Fosso Cailin – disse a Senhora Maege.

– Não mesmo – admitiu Robb. – Victarion deixará para trás a melhor parte de sua guarnição, suponho. No entanto, cada homem que levar consigo será um homem a menos com que teremos de lutar. E ele *irá* levar muitos de seus capitães, contem com isso. Os líderes. Precisará desses homens para falar por ele se quiser ter esperança de se sentar na Cadeira da Pedra do Mar.

– Não pode querer atacar pelo talude, Vossa Graça – disse Galbart Glover. – As aproximações são estreitas demais. Não há maneira de desdobrar em linha. Nunca ninguém tomou o Fosso.

– A partir do sul – disse Robb. – Mas se pudermos atacar ao mesmo tempo a partir de norte e de oeste, e pegar os homens de ferro pela retaguarda enquanto eles afastam aquilo que julgam ser o ataque principal, ao longo do talude, então temos uma chance. Depois de me unir a Lorde Bolton e aos Frey, terei mais de doze mil homens. Pretendo dividi-los em três batalhões e fazê-los avançar pelo talude com meio dia de intervalo. Se os Greyjoy têm olhos ao sul do Gargalo, verão todas as minhas forças correndo impetuosamente contra Fosso Cailin.

"Roose Bolton ficará à frente da retaguarda, enquanto eu comandarei o centro. Grande-Jon, você liderará a vanguarda contra Fosso Cailin. Seu ataque deverá ser tão violento que os homens de ferro não tenham tempo para se perguntar se alguém estará se esgueirando sobre eles a partir do norte."

Grande-Jon soltou um risinho.

– É melhor que os seus homens cheguem se esgueirando depressa, senão os meus homens assaltam aquelas muralhas e conquistam Fosso Cailin antes que mostre a cara. Darei o castelo de presente ao senhor quando chegar do passeio.

– Esse é um presente que ficarei feliz em aceitar – disse Robb.

Edmure franzia a testa.

– Fala de atacar os homens de ferro pela retaguarda, senhor, mas como planeja passar para norte deles?

– Há caminhos através do Gargalo que não se encontram em nenhum mapa, tio. Caminhos que só os cranogmanos conhecem... estreitas trilhas entre os pântanos e as estradas aquáticas através dos juncos que só barcos podem seguir. – Virou-se para os dois mensageiros. – Digam a Howland Reed que ele deve me enviar guias, dois dias depois de eu começar a subir o talude. Que os envie para o batalhão central, onde flutua o meu estandarte. Três tropas partirão das Gêmeas, mas só duas chegarão a Fosso Cailin. Meu batalhão vai se dissolver no Gargalo, para voltar a emergir no Febre. Se formos rápidos depois do casamento de meu tio, poderemos estar todos em posição por volta do fim do ano. Cairemos sobre o Fosso de três lados no primeiro dia do novo século, no momento em que os homens de ferro acordarem com martelos batendo nas cabeças do hidromel que vão emborcar na noite anterior.

– Gosto desse plano – disse Grande-Jon. – Gosto bastante dele.

Galbart Glover esfregou a boca.

– Há riscos. Se os cranogmanos falharem...

– Não ficaremos pior do que antes. Mas eles não falharão. Meu pai conhecia o valor de Howland Reed. – Robb enrolou o mapa, e só então olhou para Catelyn. – Mãe.

Ficou tensa.

– Tem algum papel nisso para mim?

– O seu papel é ficar a salvo. Nossa viagem através do Gargalo será perigosa, e nada nos espera no norte a não ser batalhas. Mas Lorde Mallister teve a bondade de se oferecer para mantê-la em segurança em Guardamar até a guerra acabar. Sei que lá estará confortável.

*Será esta a minha punição por me opor a ele no assunto de Jon Snow? Ou por ser uma mulher e, pior, uma mãe?* Precisou de um momento para perceber que todos a observavam. Eles já *sabiam*, compreendeu. Catelyn não devia ter se surpreendido. Não conquistara amigos ao libertar o Regicida, e mais de uma vez tinha ouvido Grande-Jon dizer que um campo de batalha não era lugar para mulheres.

A fúria deve ter relampejado em seu rosto, porque Galbart Glover interveio antes que dissesse uma palavra.

– Senhora, Sua Graça é sensato. É melhor que não venha conosco.

– Guardamar será iluminada por sua presença, Senhora Catelyn – disse Lorde Jason Mallister.

– Quer fazer de mim uma prisioneira – disse ela.

– Uma hóspede de honra – insistiu Lorde Jason.

Catelyn virou-se para o filho.

– Não pretendo ofender Lorde Jason – disse, rigidamente –, mas se não puder prosseguir com você, preferiria voltar a Correrrio.

– Deixei a minha esposa em Correrrio. Quero a minha mãe em outro lugar. Se você guardar todos os seus tesouros numa bolsa, só estará tornando a vida daqueles que querem assaltá-lo mais fácil. Após o casamento, irá para Guardamar, e esta é a minha ordem régia. – Robb levantou-se, e, com igual rapidez, seu destino ficou decidido. Pegou uma folha de pergaminho. – Mais uma coisa. Lorde Balon deixou o caos atrás de si, esperamos nós. Eu não farei o mesmo. Mas ainda não tenho um filho, meus irmãos Bran e Rickon estão mortos e minha irmã encontra-se casada com um Lannister. Refleti longa e duramente sobre quem poderá me suceder. Ordeno-lhes agora, como meus senhores legítimos e leais, que coloquem seus selos neste documento como testemunhas de minha decisão.

*Deveras um rei*, pensou Catelyn, derrotada. Só podia esperar que a armadilha que ele tinha planejado para Fosso Cailin funcionasse tão bem quanto aquela na qual acabara de prendê-la.

## SAMWELL

B*rancarbor*, pensou Sam. *Por favor, que isto seja Brancarbor*. Lembrava-se de Brancarbor. Ficava nos mapas que tinha desenhado, rumo ao norte. Se aquela aldeia fosse Brancarbor, saberia onde se encontravam. *Por favor, tem de ser*. Desejava isso tanto que se esqueceu dos pés por um instante, esqueceu-se das dores nas panturrilhas e nos rins e dos dedos rígidos e tão gelados que quase não sentia. Até se esqueceu de Lorde Mormont e de Craster, das criaturas e dos Outros. *Brancarbor*, rezou Sam, a qualquer deus que pudesse estar ouvindo.

Mas todas as aldeias selvagens eram muito parecidas umas com as outras. Um enorme represeiro crescia no centro daquela... mas uma árvore branca não queria necessariamente dizer Brancarbor. O represeiro em Brancarbor não era maior do que aquele? Talvez estivesse se lembrando mal. O rosto esculpido no tronco branco como osso era longo e triste; lágrimas vermelhas de seiva seca escorriam de seus olhos. *Era esse o seu aspecto quando viemos para o norte?* Sam não conseguia se lembrar.

Em volta da árvore erguia-se um punhado de cabanas de um só cômodo, com telhado de turfa, um edifício comprido feito de troncos e coberto de musgo, um poço de pedra, um curral de ovelhas... mas sem ovelhas, e sem pessoas. Os selvagens tinham partido para se juntar a Mance Rayder nas Presas de Gelo, levando tudo que possuíam, exceto suas casas. Sam sentia-se grato por isso. A noite estava chegando, e seria bom dormir sob um teto, para variar. Estava tão cansado. Parecia que tinha passado metade da vida caminhando. Suas botas estavam se desfazendo, e todas as bolhas em seus pés tinham estourado e se transformado em calos, mas agora tinha bolhas novas *debaixo* dos calos e os dedos dos pés estavam ficando queimados pelo frio.

Mas era caminhar ou morrer, e Sam sabia disso. Goiva ainda estava fraca do parto e além disso transportava o bebê; precisava mais do cavalo do que ele. O segundo cavalo tinha morrido três dias depois de partirem

da Fortaleza de Craster. Era um milagre que tivesse durado tanto, pobre animal meio esfomeado. O peso de Sam tinha provavelmente acabado com ele. Podiam ter tentado montar ambos no cavalo que sobrara, mas Sam temia que a mesma coisa pudesse voltar a acontecer. *É melhor que eu caminhe*.

Sam deixou Goiva no grande edifício fazendo uma fogueira, enquanto ele enfiava a cabeça nas cabanas. Ela era melhor fazendo fogueiras; ele nunca parecia ser capaz de fazer o fogo pegar; da última vez que tentara tirar uma faísca de pederneira e aço, conseguiu se cortar na faca. Goiva atou-lhe o corte, mas sua mão estava rígida e dolorida, ainda mais desajeitada do que antes. Sabia que devia lavar o ferimento e trocar a atadura, mas tinha medo de olhar para ele. Além disso, fazia tanto frio que detestava tirar as luvas.

Sam não sabia o que esperava encontrar nas casas vazias. Os selvagens talvez tivessem deixado para trás alguma comida. Precisava ir ver. Jon tinha feito uma busca às choupanas em Brancarbor, a caminho do norte. Dentro de uma das cabanas, Sam ouviu uma restolhar de ratazanas vindo de um canto escuro, mas fora isso nada havia, em nenhuma delas, além de palha velha, cheiros antigos e algumas cinzas sob os buracos para a fumaça.

Virou-se para o represeiro e estudou por um momento o rosto nele esculpido. *Não é o rosto que vimos*, admitiu para si mesmo. *A árvore não tem nem metade do tamanho daquela de Brancarbor*. Os olhos vermelhos choravam sangue, e também não se lembrava disso. Desajeitadamente, Sam se ajoelhou.

– Deuses antigos, escutem as minhas preces. Os Sete eram os deuses de meu pai, mas proferi as palavras perante vocês quando me juntei à Patrulha. Ajudem-nos agora. Temo que possamos estar perdidos. Também temos fome, e tanto frio. Não sei em que deuses acredito agora, mas... por favor, se estiverem aí, ajudem-nos. Goiva tem um filhinho. – Aquilo foi tudo em que conseguiu pensar para dizer.

O ocaso se aprofundava, as folhas do represeiro restolhavam suavemente, ondulando como mil mãos vermelhas de sangue. Se os deuses de Jon o tinham ouvido ou não, não saberia dizer.

Quando voltou ao salão, Goiva tinha o fogo ardendo. Estava sentada junto a ele, com as peles abertas e o bebê ao peito. *Tem tanta fome quanto*

*nós*, pensou Sam. A velha dera-lhes às escondidas um pouco da comida de Craster, mas já tinham comido a maior parte. Sam era um fracasso como caçador até em Monte Chifre, onde as presas eram abundantes e tinha cães e caçadores para ajudá-lo; ali, naquela floresta vazia sem fim, as chances de pegar alguma coisa eram remotas. Suas tentativas de pescar em lagos e riachos meio congelados também tinham resultado em tristes fracassos.

– Quanto tempo mais, Sam? – perguntou Goiva. – Ainda está longe?

– Não muito. Não tanto quanto estava. – Sam encolheu-se para fora das alças da mochila, deixou-se cair desajeitadamente no chão e tentou cruzar as pernas. Tinha uma dor tão abominável nas costas devido à caminhada que teria gostado de se encostar em um dos pilares de madeira esculpida que suportavam o telhado, mas a fogueira estava no centro da sala, sob o buraco para a fumaça, e ansiava ainda mais por calor do que por conforto. – Mais alguns dias e devemos chegar lá.

Sam tinha seus mapas, mas se aquilo não era Brancarbor, então os mapas não iam lhe servir muito. *Fomos para leste demais para contornar aquele lago*, afligiu-se, *ou talvez para oeste demais quando tentei voltar*. Começava a odiar lagos e rios. Ali nunca havia botes ou pontes, o que implicava fazer a pé o percurso inteiro em volta dos lagos e procurar locais onde fosse possível vadear os rios. Era mais fácil seguir uma trilha de caça do que abrir caminho através do mato, era mais fácil rodear uma serrania do que subi-la. *Se Bannen ou Dywen estivessem conosco, a essa altura estaríamos em Castelo Negro, aquecendo os pés na sala comum*. Mas Bannen estava morto e Dywen tinha ido embora com Grenn, Edd Doloroso e os outros.

*A Muralha tem quase quinhentos quilômetros de comprimento e duzentos metros de altura*, lembrou Sam a si mesmo. Se continuassem seguindo para o sul, tinham de encontrá-la, mais cedo ou mais tarde. E ele estava certo de que se dirigiam para o sul. De dia, orientava-se pelo sol, e nas noites limpas podiam seguir a cauda do Dragão de Gelo, se bem que não tivessem viajado muito de noite desde que o segundo cavalo tinha morrido. Até quando a lua estava cheia a escuridão era excessiva debaixo das árvores, e teria sido muito fácil que Sam ou o último garrano quebrassem uma perna. *Temos de estar bem a sul a essa altura, temos mesmo*.

Não tinha grande certeza era quanto poderiam ter se desviado para leste ou oeste. Sim, chegariam à Muralha... dentro de um dia ou de uma quinzena, decerto não poderia estar mais longe do que isso, decerto que não... mas *onde*? Aquilo que tinham de encontrar era o portão em Castelo Negro; a única passagem através da Muralha ao longo de uma centena de léguas.

– A Muralha é tão grande como Craster dizia? – perguntou Goiva.

– Maior. – Sam tentou parecer alegre. – É tão grande que nem sequer se conseguem ver os castelos que estão escondidos por detrás. Mas eles estão lá, você vai ver. A Muralha é toda feita de gelo, mas os castelos são de pedra e madeira. Há torres altas e porões profundos e um salão enorme com um grande fogo ardendo na lareira, de noite e de dia. Faz tanto calor lá dentro, Goiva, que nem vai acreditar.

– Poderei ficar junto do fogo? Eu e o garoto? Não por muito tempo, só até ficarmos bem quentinhos?

– Poderá ficar junto do fogo todo o tempo que quiser. Vai ter também o que comer e beber. Vinho aquecido com açúcar, canela e outras coisas e uma tigela de guisado de veado com cebolas, e o pão do Hobb, recém-saído do forno, tão quente que queimará seus dedos. – Sam descalçou uma luva para agitar os dele perto das chamas, e rapidamente se arrependeu. Tinham estado dormentes por causa do frio, mas quando as sensibilidade voltou, doeram tanto que quase gritou. – Às vezes um dos irmãos canta – disse, para afastar a mente da dor. – Daeron era quem cantava melhor, mas mandaram-no para Atalaialeste. Mas ainda temos o Halder. E o Sapo. O nome verdadeiro dele é Todder, mas parece um sapo, e o chamamos assim. Ele gosta de cantar, mas tem uma voz horrível.

– Você canta? – Goiva mudou a posição de suas peles, e passou o bebê de um seio para o outro.

Sam corou.

– Eu... eu conheço algumas canções. Quando era pequeno, gostava de cantar. E também dançava, mas o senhor meu pai nunca gostou que fizesse isso. Ele dizia que se eu queria dar voltas, devia fazer isso no pátio, com uma espada na mão.

– Pode cantar uma canção do sul? Para o bebê?

– Se quiser. – Sam pensou por um momento. – Há uma canção que o nosso septão costumava cantar para mim e para as minhas irmãs, quando

éramos pequenos e era hora de irmos para a cama. Chama-se “A canção dos sete”. – Limpou a garganta e cantou em voz baixa:

A face do Pai é severa e forte,
entre o bem e o mal determina um corte.
Pesa a vida, do nascimento à morte,
e adora os seus filhinhos.

A Mãe concede a dádiva da vida,
pras esposas é apoio e guarida.
Um sorriso e pra tudo há saída,
e ela ama os seus filhinhos.

O Guerreiro enfrenta o inimigo,
e é sempre para todos um abrigo.
Com espada e lança e com arco e espigo,
protege os seus filhinhos.

A Velha é tão sabedora e antiga,
que de todos o destino investiga.
Uma candeia de ouro ergue e liga,
orienta os seus filhinhos.

O Ferreiro trabalha noite e dia,
pra devolver ao mundo a harmonia.
Com martelo, arado, fogo e mestria,
constrói para os filhinhos.

A Donzela anda pelo céu a dançar,
vive quando um amante suspirar.
Sorri e as aves aprendem a voar,
e dá sonhos aos filhinhos.

Os Sete Deuses que a todos criaram,
sempre ouviram aqueles que os chamaram.
Podem adormecer, não cairão,
eles vigiam-nos, filhinhos.
Só fechem os olhos, não cairão,
eles vigiam-nos, filhinhos.

Sam lembrou-se da última vez que tinha cantado a canção com a mãe, para embalar o bebê Dickon. O pai ouviu as vozes e arremeteu quarto adentro, furioso.

– Não quero voltar a ver isso – tinha dito Lorde Randyll à mulher num tom duro. – Estragou um rapaz com essas canções moles de septão, quer fazer o mesmo com este bebê? – depois olhou para Sam e disse: – Vá cantar com as suas irmãs, se tem mesmo de cantar. Não quero você perto de meu filho.

O bebê de Goiva tinha adormecido. Era uma coisinha tão minúscula e estava tão quieto que Sam temeu por ele. Nem sequer tinha nome. Interrogara Goiva a respeito disso, mas ela havia dito que dava azar dar nome a uma criança antes de ela fazer dois anos. Eram muitas as que morriam.

Voltou a aconchegar o mamilo dentro das peles.

– Isso foi bonito, Sam. Você canta bem.

– Devia ouvir o Dareon. Tem uma voz doce como hidromel.

– Bebemos o hidromel mais doce que já provei no dia em que Craster fez de mim uma esposa. Naquela época era verão, e não estava tão frio. – Goiva lançou-lhe um olhar de dúvida. – Só cantou sobre seis deuses? O Craster sempre nos disse que vocês, no sul, tinham sete.

– Sete – concordou ele –, mas ninguém canta sobre o Estranho. – O rosto do Estranho era o rosto da morte. Até falar dele deixava Sam desconfortável. – Devíamos comer qualquer coisa. Uma mordida ou duas.

Nada restava além de algumas morcelas, duras como madeira. Sam serrou algumas fatias finas para ambos. O esforço fez seu pulso doer, mas tinha fome suficiente para persistir. Se mastigasse as fatias o suficiente, elas amoleciam e tinham um sabor bom. As esposas de Craster condimentavam-nas com alho.

Depois de terminarem, Sam pediu desculpas e saiu para se aliviar e cuidar do cavalo. Soprava um vento mordente do norte, e as folhas das árvores crepitaram para ele ao passar. Teve de quebrar a fina película de gelo que cobria o riacho para que o cavalo pudesse beber. *Era melhor que o levasse para dentro*. Não queria acordar ao romper da aurora e descobrir que o cavalo tinha morrido congelado durante a noite. *Goiva prosseguiria mesmo se isso acontecesse*. A garota era muito corajosa, ao contrário dele. Desejou saber o que faria com ela quando voltasse a Castelo Negro. A garota andava sempre dizendo que seria sua esposa se ele quisesse, mas os irmãos negros não tinham esposas; e, além disso, ele

era um Tarly de Monte Chifre, nunca poderia se casar com uma selvagem. *Terei de pensar em algo. Desde que cheguemos vivos à Muralha, o resto não importa, não importa nem um pouquinho*.

Levar o cavalo até o casarão foi bastante simples. Fazê-lo atravessar a porta não foi, mas Sam persistiu. Goiva já cochilava quando ele conseguiu obrigar o garrano a entrar. Prendeu o cavalo a um canto, pôs um pouco de lenha na fogueira, tirou seu manto pesado e contorceu-se para baixo das peles, ao lado da selvagem. Seu manto era suficientemente grande para cobrir os três e manter o calor de seus corpos.

Goiva cheirava a leite, alho e pelo velho e bolorento, mas já tinha se acostumado a isso. Para Sam, eram cheiros bons. Gostava de dormir ao lado dela. Fazia-o lembrar-se de tempos passados havia muito, quando dividia uma enorme cama em Monte Chifre com duas das irmãs. Aquilo terminou quando Lorde Randyll decidiu que o estava tornando mole como uma menina. *Mas dormir sozinho na minha cela fria não me tornou mais duro ou corajoso*. Perguntou a si mesmo o que diria o pai se o visse agora. *Matei um dos Outros, senhor*, imaginava-se dizendo. *Apunhalei-o com um punhal de obsidiana, e agora meus irmãos juramentados chamam-me de Sam, o Matador*. Mas mesmo em imaginação, Lorde Tarly limitava-se a franzir a testa, descrente.

Os sonhos que teve nessa noite foram estranhos. Estava de volta a Monte Chifre, ao castelo, mas o pai não se encontrava lá. O castelo agora era de Sam. Jon Snow estava com ele. Lorde Mormont, o Velho Urso, também, bem como Grenn, Edd Doloroso, Pyp e o Sapo e todos os outros irmãos da Patrulha, mas usavam cores vivas em vez de negro. Sam sentou-se à mesa e banqueteou-os a todos, cortando grossas fatias de um assado com a espada longa do pai, Veneno do Coração. Havia bolos doces para comer e vinho com mel para beber, havia canto e dança, e todo mundo estava aquecido. Quando o banquete terminou, subiu para dormir; não até o quarto do senhor, onde a mãe e o pai viviam, mas para o quarto que antes dividia com as irmãs. Porém, em vez das irmãs, era Goiva quem esperava na enorme cama macia, sem nenhuma roupa exceto uma grande pele hirsuta, com leite escorrendo de seus seios.

Acordou subitamente, cheio de frio e de terror.

A fogueira reduzira-se a brasas rubras. O próprio ar parecia congelado, de tão intenso que era o frio. No canto, o garrano relinchava e escoiceava as toras. Goiva estava sentada ao lado da fogueira, abraçada ao bebê. Sam sentou-se, atordoado, com o hálito saindo em nuvens brancas de sua boca. O salão encontrava-se escuro, cheio de sombras, negras e outras mais negras ainda. Os pelos de seus braços estavam em pé.

*Não é nada*, disse a si mesmo. *Tenho frio, é só isso*.

Então, junto à porta, uma das sombras moveu-se. Uma sombra grande.

*Isso ainda é um sonho*, rezou Sam. *Oh, faça com que eu continue a dormir, faça com que isso seja um pesadelo. Ele está morto, ele está morto, eu vi-o morrer.*

– Ele veio buscar o bebê – chorou Goiva. – Sente o cheiro dele. Um bebê recém-nascido fede a vida. Ele veio buscar a vida.

A enorme silhueta escura curvou-se sob o lintel, entrou no salão e aproximou-se deles arrastando os pés. À luz tênue da fogueira, a sombra transformou-se em Paul Pequeno.

– Vá embora – coaxou Sam. – Não o queremos aqui.

As mãos de Paul eram carvão, seu rosto, leite, os olhos brilhavam com um azul amargo. A geada esbranquiçava sua barba e sobre um ombro empoleirava-se um corvo, bicando seu rosto, comendo a carne morta e branca. A bexiga de Sam largou-se, e sentiu o calor que corria pernas abaixo.

– Goiva, acalme o cavalo e leve-o lá para fora. Faça o que eu digo.

– Você... – começou ela.

– Eu tenho a faca. O punhal de vidro de dragão. – Puxou-o às apalpadelas enquanto se punha em pé. Tinha dado a primeira faca a Grenn, mas felizmente lembrou-se de trazer o punhal de Lorde Mormont antes de fugir da Fortaleza de Craster. Agarrou-o bem, afastando-se da fogueira, afastando-se de Goiva e do bebê. – Paul? – pretendera soar bravo, mas a palavra tinha saído como um guincho. – Paul Pequeno. Reconhece-me? Sou o Sam, o gordo Sam, Sam, o Assustado, salvou-me na floresta. Carregou-me quando não consegui dar nem mais um passo. Ninguém mais poderia ter feito isso, mas você fez. – Sam recuou, de faca na mão, fungando. *Sou um covarde tão grande*. – Não nos faça mal, Paul. Por favor. Por que quereria nos fazer mal?

Goiva começou a engatinhar, de costas, pelo chão de terra batida. A criatura virou a cabeça para olhá-la, mas Sam gritou "*NÃO!*", e Paul voltou a se virar. O corvo em seu ombro arrancou-lhe uma tira de carne da bochecha pálida e arruinada. Sam levantou o punhal à sua frente, respirando como um fole de ferreiro. Do outro lado do salão, Goiva chegou junto do garrano. *Deuses, deem-me coragem*, rezou Sam. *Por uma vez, deem-me um pouco de coragem. Só durante tempo suficiente para ela sair.*

Paul Pequeno dirigiu-se a ele. Sam recuou até se encostar em uma rústica parede de troncos. Agarrou o punhal com ambas as mãos para mantê-lo firme. A criatura não pareceu temer o vidro de dragão. Talvez não soubesse o que era. Movia-se lentamente, mas Paul Pequeno nunca fora rápido, mesmo em vida. Atrás dele, Goiva murmurou para acalmar o garrano e tentar fazê-lo se dirigir para a porta. Mas o cavalo deve ter sentido um pouco do odor estranho e frio da criatura. De repente, recuou, empinando-se, golpeando com os cascos o ar glacial. Paul girou na direção do som e pareceu perder todo o interesse em Sam.

Não houve tempo para pensar, rezar ou ter medo. Samwell Tarly atirou-se para a frente e mergulhou o punhal nas costas de Paul Pequeno. Meio virada, a criatura não chegou a vê-lo. O corvo soltou um guincho e levantou voo.

– Está morto! – gritou Sam enquanto apunhalava. – Está morto, está morto. – Apunhalava e gritava, uma vez, e outra, e outra, rasgando enormes buracos no pesado manto negro de Paul. Cacos de vidro de dragão voaram por todo lado quando a lâmina se estilhaçou na malha de ferro por baixo da lã.

O gemido de Sam criou uma névoa branca no ar negro. Soltou o cabo agora inútil e deu um passo apressado para trás enquanto Paul Pequeno se virava. Antes de conseguir puxar a outra faca, a faca de aço que todos os irmãos usavam, as mãos negras da criatura fecharam-se sob seu queixo. Os dedos de Paul estavam tão frios que pareciam queimar. Enterraram-se profundamente na carne mole da garganta de Sam. *Foge, Goiva, foge*, quis gritar, mas quando abriu a boca, apenas surgiu um ruído afogado.

Seus dedos atrapalhados finalmente encontraram o punhal, mas quando o empurrou contra a barriga da criatura, a ponta resvalou nos elos de

ferro, e a lâmina saltou rodopiando da mão de Sam. Os dedos de Paul apertaram inexoravelmente e começaram a torcer. Ele vai arrancar minha cabeça, pensou Sam em desespero. Sentia a garganta gelada, tinha os pulmões em fogo. Esmurrou e puxou os pulsos da criatura, inutilmente. O mundo reduziu-se a duas estrelas azuis, a uma terrível dor esmagadora e a um frio tão intenso que as lágrimas congelaram sobre seus olhos. Sam contorceu-se e puxou-se, desesperado... e então inclinou-se para a frente.

Paul Pequeno era grande e poderoso, mas Sam ainda pesava mais do que ele, e as criaturas eram desajeitadas, ele tinha visto no Punho. A súbita mudança de equilíbrio levou Paul a dar um passo cambaleante para trás, e o homem vivo e o morto estatelaram-se juntos. O impacto arrancou uma mão da garganta de Sam, e este conseguiu encher rapidamente os pulmões de ar antes que os dedos gelados e negros voltassem. O sabor do sangue tomou sua boca. Torceu o pescoço, em busca da faca, e viu um tênue clarão laranja. *A fogueira!* Só restavam brasas e cinzas, mesmo assim... não conseguia respirar, nem pensar... Sam contorceu-se para o lado, puxando Paul consigo... seus braços bateram no chão de terra, tateando, esticando-se, espalhando as cinzas, até por fim encontrarem algo quente... um pedaço de madeira carbonizada, com brasas vermelhas e laranja dentro da parte negra... os dedos fecharam-se em volta dela e enfiou-a na boca de Paul, com tanta força que sentiu os dentes se quebrando.

Mesmo assim, a criatura não fraquejou. Os últimos pensamentos de Sam dirigiram-se à mãe que o amara e ao pai que desiludira. O salão já girava em sua volta quando viu o fio de fumaça que subia de entre os dentes quebrados de Paul. Então o rosto do morto estourou em chamas, e as mãos se foram.

Sam bebeu o ar, e rolou debilmente para longe. A criatura ardia, com geada escorrendo, pingando, de sua barba enquanto a pele, por baixo, enegrecia. Sam ouviu o corvo guinchar, mas Paul não soltou um som. Quando a boca se abriu, só saíram chamas. E os seus olhos... *Desapareceu, o brilho azul desapareceu*.

Arrastou-se para a porta. O ar estava tão frio que respirar doía, mas era uma dor tão boa e doce. Abaixou-se para sair do salão.

– Goiva? – chamou. – Goiva, matei-o. Gil...

Ela estava em pé, encostada ao represeiro, com o menino nos braços. As criaturas rodeavam-na. Eram uma dúzia, uma vintena, mais... algumas tinham sido selvagens um dia, e ainda usavam peles... mas as que tinham sido irmãos de Sam eram mais numerosas. Viu Lark, o homem das Irmãs, Pé-Leve, Ryles. O quisto no pescoço de Chett estava negro e as pústulas estavam cobertas por uma fina película de gelo. E aquele parecia-se com Hake, embora fosse difícil ter certeza com metade da cabeça faltando. Tinham despedaçado o pobre garrano, e estavam arrancando suas entranhas com mãos que pingavam vermelho. Vapor esbranquiçado subia da barriga dele.

Sam soltou um gemido.

– Não é justo...

"*Justo*." O corvo pousou em seu ombro. "*Justo, justo, justo*." Bateu as asas e acompanhou o grito de Goiva. As criaturas estavam quase em cima dela. Sam ouviu as folhas vermelho-escuras do represeiro restolhar, sussurrando umas para as outras numa língua que não conhecia. A própria luz das estrelas parecia se agitar, e por toda a volta as árvores gemiam e estalavam. Sam Tarly ficou da cor do leite coalhado, e seus olhos esbugalharam-se. *Corvos!* Estavam no represeiro, às centenas, aos milhares, empoleirados em galhos brancos como ossos, espreitando através das folhas. Viu seus bicos abrirem quando gritaram, viu-os abrirem suas asas negras. Guinchando, batendo as asas, caíram sobre as criaturas em nuvens furiosas. Um enxame deles rodeou o rosto de Chett e lançou-lhe bicadas nos olhos azuis, cobriram o homem das Irmãs como moscas, arrancaram pedaços de carne crua de dentro da cabeça desfeita de Hake. Havia tantos que, quando Sam olhou para cima, não conseguiu ver a lua.

"*Vá*", disse a ave que se empoleirava em seu ombro. "*Vá, vá, vá*."

Sam correu, com nuvens de geada explodindo de sua boca. A toda a volta, as criaturas brandiam os braços contra as asas negras e os bicos certeiros que as atacavam, caindo num silêncio arrepiante sem soltar um grunhido ou um grito. Mas os corvos ignoravam Sam. Pegou na mão de Goiva e puxou-a para longe do represeiro.

– Temos de ir.

– Mas para onde? – Goiva seguiu-o correndo, trazendo o bebê. – Eles mataram o cavalo, como vamos...

– *Irmão!* – o grito atravessou a noite, atravessando os guinchos de um milhar de corvos. Sob as árvores, um homem, envolto da cabeça aos pés numa confusão de negros e cinza, montava um alce. – *Aqui* – gritou o cavaleiro. Um capuz engolia seu rosto.

*Ele veste negro*. Sam empurrou Goiva na direção do homem. O alce era enorme, um alce gigante, com três metros de altura no cachaço, e com um par de chifres que tinham quase outros tantos metros de largura. O animal caiu de joelhos para permitir que montassem.

– Aqui – disse o cavaleiro, estendendo uma mão enluvada para puxar Goiva para trás de si. Então foi a vez de Sam.

– Muito obrigado – bufou. Só quando agarrou a mão oferecida percebeu que o cavaleiro não usava luvas. A mão era negra e fria, com dedos duros como pedra.

# ARYA

Quando atingiram o topo da cumeeira e viram o rio, Sandor Clegane puxou as rédeas com força e praguejou.

A chuva caía de um céu negro de ferro, espicaçando a torrente verde e marrom com dez mil espadas. *Deve ter um quilômetro e meio de largura*, pensou Arya. As copas de meia centena de árvores projetavam-se das águas rodopiantes, com ramos que tentavam se agarrar ao céu como os braços de homens arrastados pela corrente. Espessos tapetes de folhas encharcadas entupiam a margem, e mais para dentro do canal vislumbrou algo claro e inchado, um veado ou talvez um cavalo morto, deslocando-se rapidamente para jusante. E também se ouvia um som, um rumor surdo no limite da audição, como o ruído que um cão solta logo antes de rosnar.

Arya contorceu-se na sela e sentiu os elos da cota de malha do Cão de Caça enterrando-se em suas costas. Os braços dele rodeavam-na; no esquerdo, o queimado, tinha colocado um braçal de aço para protegê-lo, mas vira-o trocando as ataduras e o braço por baixo continuava em carne viva e cheio de pus. Mas se as queimaduras doíam, Sandor Clegane não demonstrava.

– Isto é a Torrente da Água Negra? – tinham cavalgado tanto pela chuva e na escuridão, através de bosques sem trilhas e aldeias sem nome, que Arya perdera qualquer noção de onde se encontravam.

– É um rio que temos de atravessar, isso é tudo que você precisa saber.

Clegane respondia-lhe de vez em quando, mas prevenira-a para não retrucar. Tinha lhe dado um monte de avisos naquele primeiro dia.

– Da próxima vez que me bater, amarro suas mãos atrás das costas – disse. – Da próxima vez que tentar fugir, amarro seus pés um ao outro. Chore, grite ou volte a me morder, e amordaço você. Podemos seguir montados um atrás do outro, ou posso atirá-la na garupa do cavalo, amarrada como uma porca a caminho da matança. Quem escolhe é você.

Ela escolhera ir montada, mas da primeira vez que acamparam tinha esperado até julgar que ele dormia e arranjado uma grande pedra irregular para lhe esmagar a cabeça. *Silenciosa como uma sombra*, disse a si mesma enquanto se aproximava dele, pé ante pé, mas o silêncio não fora suficiente. No fim das contas, Cão de Caça não estava dormindo. Ou talvez tivesse acordado. Fosse como fosse, seus olhos se abriram, sua boca torceu-se e ele tirou a pedra de Arya como se ela fosse um bebê. A única coisa que conseguiu fazer foi chutá-lo.

– Dessa vez passa – disse ele quando atirou a pedra para o meio dos arbustos. – Mas se for suficientemente burra para voltar a tentar, vou machucá-la.

– Por que é que não me *mata*, como fez com o Mycah? – tinha gritado Arya.

A essa altura, ainda estava desafiadora, mais zangada do que assustada.

Ele respondeu agarrando a parte da frente da túnica dela e puxando-a até que encostasse em seu rosto queimado.

– Da próxima vez que disser esse nome, dou-lhe uma sova tão grande que vai *desejar* que tivesse matado você.

Depois disso, enrolava-a na manta do cavalo todas as noites quando ia dormir e atava cordas em volta da parte de cima e da parte de baixo do corpo dela, deixando-a tão apertada quanto um bebê enfaixado.

*Tem de ser a Água Negra*, decidiu Arya enquanto observava a chuva açoitando o rio. Cão de Caça era o cão de Joffrey; estava levando-a de volta para a Fortaleza Vermelha, para entregá-la a Joffrey e à rainha. Desejou que o sol surgisse para poder ver em que direção seguiam. Quanto mais olhava para o musgo nas árvores, mais confusa ficava. *A Água Negra não era tão larga em Porto Real, mas isso foi antes das chuvas*.

– Os vaus vão estar todos impossíveis – disse Sandor Clegane –, e também não me agrada tentar atravessar a nado.

*Não há maneira de atravessar*, pensou ela. *Lorde Beric vai nos alcançar com certeza*. Clegane forçara bastante o seu grande garanhão negro, voltando três vezes para trás, a fim de despistar os perseguidores, chegando até a avançar ao longo de quase um quilômetro pelo leito de um riacho em cheia... mas Arya ainda esperava ver os fora da lei sempre que olhava para trás. Tinha tentado ajudá-los arranhando o nome nos

troncos de árvores quando ia para o meio dos arbustos tirar a água do joelho, mas na quarta vez Cão de Caça a flagrou e pôs fim à tentativa. *Não importa*, tinha dito Arya a si mesma, *Thoros vai me encontrar em suas chamas*. Só que isso não tinha acontecido. Ainda não, pelo menos, e depois de atravessarem o rio...

– A vila de Harroway não deve estar longe – disse Cão de Caça. – Onde o Lorde Roote abriga o cavalo de água de duas cabeças do Velho Rei Andahar. Talvez atravessemos nele.

Arya nunca ouvira falar do Velho Rei Andahar. Também nunca vira um cavalo com duas cabeças, particularmente um que fosse capaz de correr sobre água, mas sabia que não era boa ideia fazer perguntas. Controlou a língua e ficou rígida sobre a sela enquanto Cão de Caça virava a cabeça do garanhão e trotava ao longo da cumeeira, seguindo o rio para jusante. Pelo menos, naquela direção a chuva batia nas costas. Já estava farta de ter a chuva picando os olhos, deixando-a quase cega, e correndo pelo seu rosto como se fossem lágrimas. *Os lobos nunca choram*, voltou a lembrar a si mesma.

Não podia passar muito do meio-dia, mas o céu estava escuro como no anoitecer. Arya já tinha perdido a conta dos dias em que não viam o sol. Estava ensopada até os ossos, esfolada pela sela, tinha o nariz entupido e sentia-se dolorida. Também tinha febre, e às vezes tremia descontroladamente, mas quando disse ao Cão de Caça que estava doente, ele limitou-se a rosnar para ela e mandar que ela limpasse o nariz e fechasse a boca.

– Ele passava agora metade do tempo dormindo na sela, confiando que o garanhão seguisse o caminho rural sulcado ou a trilha de caça em que se encontrassem. O cavalo era um corcel pesado, quase tão grande quanto um cavalo de batalha, mas muito mais rápido. Cão de Caça chamava-o de *Estranho*. Arya tentou roubá-lo uma vez, no momento em que Clegane urinava contra uma árvore, pensando que talvez conseguisse se afastar antes de ele alcançá-la. Estranho quase lhe arrancara o rosto com os dentes. Com o dono, era gentil como um velho castrado, mas com outras pessoas tinha um temperamento tão negro quanto o pelo. Nunca vira um cavalo tão rápido em morder ou escoicear.

Seguiram pela margem do rio durante horas, passando por dois afluentes lamacentos antes de chegarem ao lugar que Sandor Clegane

mencionara.

– A Vila de Lorde Harroway – disse, e depois, quando a viu: – *Sete infernos!* – a vila estava submersa e desolada. As águas da enchente tinham transbordado as margens do rio. Tudo que restava da vila de Harroway era o andar superior de uma estalagem de taipa, a cúpula de sete lados de um septo afundado, dois terços de uma torre redonda de pedra, alguns telhados de sapê bolorentos e uma floresta de chaminés.

Mas Arya viu que saía fumaça da torre, e um barco largo de fundo achatado encontrava-se bem amarrado por baixo de uma janela em arco. O barco tinha uma dúzia de toletes e um par de grandes esculturas de cabeça de cavalo, montadas na proa e na popa. *O cavalo de duas cabeças*, compreendeu. Havia uma casa de madeira com telhado de turfa bem no meio do convés, e quando Cão de Caça pôs as mãos em volta da boca e gritou, dois homens correram para fora. Um terceiro surgiu na janela da torre, trazendo uma besta engatilhada.

– *O que quer?* – gritou por sobre as turbulentas águas marrons.

– *Leve-nos para o outro lado* – gritou o Cão de Caça em resposta.

Os homens no barco conferenciaram um com o outro. Um deles, um homem grisalho com braços fortes e costas arqueadas, aproximou-se da amurada.

– *Vai custar dinheiro.*

– *Então pagarei.*

*Com o quê?*, perguntou Arya a si mesma. Os fora da lei tinham levado o ouro de Clegane, mas talvez Lorde Beric lhe tivesse deixado um pouco de prata e cobre. Uma travessia de barco não devia custar mais do que alguns cobres...

Os barqueiros estavam de novo conversando. Por fim, o das costas arqueadas virou-se e soltou um grito. Surgiram mais seis homens, puxando capuzes por sobre a cabeça para se protegerem da chuva. Outros ainda torceram-se para fora da janela da torre e saltaram para o convés. Metade deles era suficientemente parecida com o homem corcunda para ser de sua família. Alguns desataram as correntes e pegaram em longas varas, enquanto outros encaixaram pesados remos de lâmina larga nos toletes. O barco girou e começou a se aproximar lentamente dos baixios, com os remos batendo regularmente na água de ambos os lados. Sandor Clegane desceu a colina para ir ao seu encontro.

Quando a parte de trás do barco colidiu com a encosta da colina, os barqueiros abriram uma porta larga que havia por baixo da cabeça esculpida do cavalo, e estenderam uma pesada prancha de carvalho. Estranho refugou à beira da água, mas Cão de Caça enterrou os calcanhares no flanco do corcel e incitou-o a subir na prancha. O homem corcunda esperava-os no convés.

– Está úmido o suficiente para você, sor? – perguntou, sorrindo.

A boca de Cão de Caça torceu-se.

– Preciso de seu barco, não das suas gracinhas. – Desmontou e puxou Arya para baixo. Um dos barqueiros estendeu a mão para o freio do Estranho. – Eu não faria isso – disse Clegane, no momento em que o cavalo escoiceava. O homem saltou para trás, escorregou no convés tornado traiçoeiro pela chuva, e estatelou-se sobre o traseiro, xingando.

O barqueiro com as costas arqueadas já não estava sorrindo.

– Podemos levá-lo para o outro lado – disse ele num tom irritado. – Irá custar uma peça de ouro para você. Outra pelo cavalo. Uma terceira pelo rapaz.

– Três dragões? – Clegane latiu uma gargalhada. – Por três dragões devia me tornar dono da porcaria do barco.

– No ano passado, talvez se tornasse. Mas com este rio, vou precisar de mãos extras nas varas e nos remos só para tratar de não sermos arrastados cento e cinquenta quilômetros até o mar. As suas opções são essas. Três dragões, ou então ensinar esse seu cavalo infernal a caminhar sobre a água.

– Gosto de um bandoleiro honesto. Que seja como pretende. Três dragões... quando nos deixar a salvo na margem norte.

– Quero-os agora, senão não vamos. – O homem esticou uma mão grossa e cheia de calos, com a palma para cima.

Clegane sacudiu a espada para que a lâmina se soltasse dentro da bainha.

– Aqui tem as s*uas* opções. Ouro na margem norte, ou aço na margem sul.

O barqueiro ergueu os olhos para o rosto de Cão de Caça. Arya percebeu que o homem não gostou do que viu ali. Tinha uma dúzia de homens atrás de si, homens fortes com remos e varas de madeira dura nas mãos, mas nenhum deles estava se adiantando para ajudá-lo. Juntos,

poderiam dominar Sandor Clegane, embora ele provavelmente matasse três ou quatro antes de o derrubarem.

– Como é que eu sei que tem o dinheiro? – perguntou o corcunda após um momento.

*Não tem*, ela quis gritar. Em vez disso, mordeu o lábio.

– Honra de cavaleiro – disse Cão de Caça, sem sorrir.

*Ele nem sequer é um cavaleiro*. Também não disse isso.

– Serve. – O barqueiro cuspiu. – Então venha, podemos levá-lo para a outra margem antes de escurecer. Amarre o cavalo, não o quero espantado quando estivermos a caminho. Há um braseiro na cabine se você e o seu filho quiserem se aquecer.

– *Não sou o estúpido filho dele!* – disse Arya, furiosa. Aquilo era ainda pior do que ser confundida com um menino. Estava tão zangada que poderia ter lhes dito quem *realmente* era, mas Sandor Clegane agarrou-a pela parte de trás do colarinho e ergueu-a do convés com apenas uma mão.

– Quantas vezes tenho de lhe dizer para *fechar a merda dessa boca?* – sacudiu-a com tanta força que os dentes matraquearam e depois deixou-a cair. – Vá lá para dentro e seque-se, como o homem disse.

Arya fez o que lhe foi ordenado. O grande braseiro de ferro brilhava, vermelho, enchendo a sala com um calor carregado e sufocante. Era agradável estar junto a ele, aquecer as mãos e secar-se um pouco, mas assim que sentiu o convés mover-se debaixo dos pés, voltou a deslizar pela porta da frente.

O cavalo de duas cabeças deslocava-se lentamente pelos baixios, abrindo caminho por entre as chaminés e os telhados da submersa Harroway. Uma dúzia de homens labutava aos remos, enquanto outros quatro usavam as longas varas para empurrar o barco sempre que se aproximassem de uma pedra, uma árvore ou uma casa afundada. O homem corcunda manejava o leme. A chuva tamborilava nas tábuas lisas do convés e respingava nas grandes cabeças de cavalo esculpidas que ficavam na proa e na popa. Arya estava ficando ensopada de novo, mas não se importava. Queria ver. Viu que o homem com a besta ainda se encontrava na janela da torre. Seus olhos seguiram-na enquanto o barco deslizava por baixo. Perguntou a si mesma se seria ele o tal Lorde Roote

que Cão de Caça mencionara. *Não se parece muito com um senhor*. Mas a verdade era que ela também não se parecia muito com uma senhora.

Depois de estarem fora da vila e no rio propriamente dito, a corrente ficou muito mais forte. Através da neblina cinzenta da chuva Arya conseguiu distinguir um alto pilar de pedra na outra margem, que certamente assinalava o cais para o barco, mas assim que o viu compreendeu que estavam sendo empurrados para longe dele, para jusante. Os remadores agora estavam remando com mais vigor, lutando contra a fúria do rio. Folhas e galhos partidos passaram pelo barco rodopiando, tão depressa como se tivessem sido disparados de uma balista. Os homens das varas inclinavam-se para fora e empurravam para longe qualquer coisa que se aproximasse em excesso. Ali também fazia mais vento. Sempre que se virava para olhar para montante, Arya ficava com o rosto molhado da chuva soprada pelo vento. Estranho relinchava e escoiceava enquanto o convés se movia por baixo de suas patas.

*Se eu saltasse pela borda, o rio iria me levar antes mesmo que o Cão de Caça desse por minha falta*. Olhou por sobre um ombro, e viu Sandor Clegane lutando com o cavalo assustado, tentando acalmá-lo. Nunca teria uma oportunidade melhor de se ver livre dele. *Mas poderia me afogar*. Jon costumava dizer que ela nadava como um peixe, mas até um peixe podia ter problemas naquele rio. Mesmo assim, o afogamento podia ser melhor do que Porto Real. Pensou em Joffrey e aproximou-se lentamente da proa. O rio estava marrom-escuro, devido à lama, e era açoitado pela chuva, parecendo-se mais com uma sopa do que com água. Arya perguntou a si mesma se a água estaria muito fria. *Não posso ficar muito mais molhada do que estou agora*. Apoiou uma mão na amurada.

Mas um súbito grito fez Arya virar a cabeça antes de ter tempo de saltar. Os barqueiros corriam em frente, de varas na mão. Por um momento não compreendeu o que estava acontecendo. Então viu: uma árvore desenraizada, enorme e escura, que vinha direto na direção do barco. Um emaranhado de raízes e ramos projetava-se da água como os braços estendidos de uma grande lula gigante. Os homens remavam freneticamente para trás, tentando evitar uma colisão que poderia virar o barco ou abrir um rombo em seu casco. O velho tinha virado o leme por completo, e o cavalo da proa estava se voltando para jusante, mas muito

devagar. Cintilando em castanho e negro, a árvore corria para eles como um aríete.

Não podia estar a mais de três metros da proa quando dois dos barqueiros conseguiram encostar suas longas varas nela. Uma partiu-se, e o longo *craaac* do estilhaçamento fez com que parecesse que o barco estava se desfazendo por baixo deles. Mas o segundo homem conseguiu dar um forte empurrão no tronco, apenas o suficiente para afastá-lo. A árvore passou pelo barco a grande velocidade, a uma distância apenas de centímetros, com os galhos arranhando a cabeça de cavalo como se fossem garras. No momento em que pareciam estar a salvo, um dos ramos superiores do monstro deu-lhes uma pancada de raspão. O barco pareceu estremecer, e Arya escorregou, caindo dolorosamente sobre um joelho. O homem com a vara quebrada não teve tanta sorte. Arya ouviu-o gritar quando tropeçou na amurada. Depois, as furiosas águas marrons fecharam-se sobre ele, e o barqueiro desapareceu no tempo que Arya demorou para voltar a ficar em pé. Um dos outros homens pegou um rolo de corda, mas não havia ninguém a quem atirá-la.

*Talvez seja levado a algum lugar, mais abaixo*, Arya tentou dizer a si mesma, mas o pensamento soava oco. Tinha perdido todo o desejo de nadar. Quando Sandor Clegane gritou para que voltasse para dentro antes que lhe desse uma surra, Arya obedeceu docilmente. A essa altura, o barco lutava para voltar à rota, contra um rio que só desejava levá-lo para o mar.

Quando por fim atracaram, foi a uma considerável distância do embarcadouro habitual. O barco bateu com tanta força na margem que outra vara se partiu, e Arya quase se desequilibrou mais uma vez. Sandor Clegane colocou-a no dorso de Estranho como se não fosse mais pesada do que uma boneca. Os barqueiros fitaram-nos com olhos baços e exaustos, todos menos o corcunda, que estendeu a mão.

– Seis dragões – exigiu. – Três pela passagem, e três pelo homem que perdi.

Sandor Clegane esquadrinhou a bolsa e jogou na palma da mão do homem um maço amarrotado de pergaminho.

– Tome. Fique com dez.

– Dez? – o barqueiro estava confuso. – O que é isso agora?

– Uma nota de um morto, que vale nove mil dragões, ou por aí. – Cão de Caça saltou para a sela atrás de Arya e deu um sorriso desagradável ao homem. – Dez são seus. Um dia voltarei para vir buscar o resto, por isso vê lá se não gasta tudo.

O homem semicerrou os olhos para o pergaminho.

– Escrita. De que vale a escrita? Prometeu ouro. Honra de cavaleiro, você disse.

– Os cavaleiros não têm honra nenhuma. Já é hora de aprender isso, velho. – Cão de Caça esporeou o cavalo e afastou-se a galope através da chuva. Os barqueiros lançaram pragas às suas costas, e um ou dois arremessaram pedras. Clegane ignorou tanto as pedras como as palavras, e pouco tempo depois estavam perdidos na sombra das árvores, com o rio reduzido a um rugido minguante atrás deles. – O barco não voltará a atravessar até amanhã – disse – e aqueles ali não aceitarão promessas de papel dos próximos idiotas que aparecerem. Se os seus amigos vierem atrás de nós, vão ter de ser nadadores fortes como o diabo.

Arya encolheu-se e ficou calada. *Valar morghulis*, pensou, de mau humor. *Sor Ilyn, Sor Meryn, Rei Joffrey, Rainha Cersei. Dunsen, Polliver, Raff, o Querido, Sor Gregor e Cócegas. E Cão de Caça, Cão de Caça, Cão de Caça.*

Quando a chuva parou e as nuvens se abriram, estava tremendo e espirrando tanto que Clegane decidiu parar para a noite e até tentou acender uma fogueira. Mas a madeira que reuniram revelou-se encharcada demais. Nada que Cão de Caça fizesse era suficiente para que a centelha pegasse. Por fim, desfez o monte de lenha aos pontapés, irritado.

– Sete malditos infernos – praguejou. – Detesto fogueiras.

Sentaram-se em pedras molhadas por baixo de um carvalho, escutando o lento bater de água que pingava das folhas enquanto comiam um jantar frio de pão duro, queijo bolorento e salsicha defumada. Cão de Caça cortava a carne com o punhal e semicerrou os olhos quando flagrou Arya olhando para a faca.

– Nem pense nisso.

– Não estava pensando – mentiu ela.

Ele fungou, para mostrar o que pensava daquilo, mas deu-lhe uma grossa fatia de salsicha. Arya pôs-se a roê-la, observando-o enquanto

comia.

– Nunca bati na sua irmã – disse Cão de Caça. – Mas bato em você, se me levar a isso. Pare de tentar pensar em maneiras de me matar. Nenhuma servirá de nada para você.

Ela não tinha resposta para aquela ameaça. Continuou roendo a salsicha e fitou-o friamente. *Dura como pedra*, pensou.

– Ao menos você olha para a minha cara. Isso admito, pequena loba. Gosta dela?

– Não. Está toda queimada e é feia.

Clegane ofereceu-lhe um pedaço de queijo com a ponta do punhal.

– É uma tolinha. De que adiantaria se *conseguisse* fugir? Acabaria sendo capturada por alguém pior.

– Não acabaria *nada* – insistiu ela. – Não há ninguém pior.

– Não conheceu o meu irmão. Gregor uma vez matou um homem por roncar. Um de seus próprios homens. – Quando sorriu, o lado queimado do rosto retesou-se, torcendo sua boca de uma maneira estranha e desagradável. Ele não tinha lábios desse lado, e a orelha não passava de um resto.

– Conheci o seu irmão, sim senhor. – A Montanha talvez fosse pior, agora que Arya pensava nisso. – Conheci tanto ele qunato Dunsen, Polliver, Raff, o Querido, e Cócegas.

Cão de Caça pareceu surpreso.

– E como é que a preciosa filhinha de Ned Stark chegou a conhecer gente como essa? Gregor nunca traz suas ratazanas de estimação à corte.

– Conheço-os da aldeia. – Comeu o queijo, e estendeu a mão para um naco de pão duro. – A aldeia junto ao lago onde capturaram Gendry, eu e Torta Quente. Também capturaram Lommy Mãos-Verdes, mas Raff, o Querido, matou-o porque tinha a perna ferida.

A boca de Clegane torceu-se.

– Capturou-a? Meu irmão *capturou-a*? – Isso fez com que risse, um som amargo, em parte trovão, em parte rosnido. – Gregor nunca soube o que tinha nas mãos, não é? Não podia ter sabido, senão tinha arrastado você, esperneando e aos gritos, para Porto Real, e despejado no colo de Cersei. Oh, que maravilha. Não posso me esquecer de lhe dizer, antes de arrancar o coração dele.

Não era a primeira vez que ele falava em matar a Montanha.

– Mas ele é seu irmão – disse Arya, num tom hesitante.

– Nunca teve um irmão que quisesse matar? – voltou a rir. – Ou talvez uma irmã? – então deve ter visto qualquer coisa em seu rosto, porque se debruçou para mais perto. – Sansa. É isso, não é? A loba quer matar o passarinho.

– Não – cuspiu-lhe Arya em resposta. – Quero matar você.

– Por que cortei ao meio o seu amiguinho? Matei muitos mais do que ele, garanto. Acha que isso faz de mim um monstro qualquer. Bem, talvez faça, mas também salvei a vida de sua irmã. No dia em que a multidão a derrubou de cima do cavalo, abri caminho pelo meio deles com a espada e trouxe-a de volta ao castelo. Caso contrário, teriam dado a ela o mesmo que deram à Lollys Stokeworth. E cantou para mim. Não sabia disso, não é? Sua irmã cantou para mim uma cançãozinha doce.

– Está mentindo – disse ela de imediato.

– Não sabe nem metade do que pensa que sabe. A *Água Negra*? Onde, com os sete infernos, você acha que nós estamos? Para onde acha que vamos?

O escárnio na voz dele fez com que ela hesitasse.

– De volta a Porto Real – disse. – Vai me levar a Joffrey e à rainha. – De repente, só pelo modo como ele colocava as questões, compreendeu que se enganava. Mas tinha de dizer *alguma* coisa.

– Lobinha estúpida e cega. – A voz dele era áspera e dura como um raspar de ferro. – Que se dane o Joffrey, que se dane a rainha, e que se dane aquela gargulazinha retorcida que ela chama de irmão. Estou farto da cidade deles, farto da sua Guarda Real, farto de Lannisters. O que faz um cão com leões, pergunto a você. – Estendeu a mão para o odre de água e bebeu um longo gole. Enquanto limpava a boca, ofereceu o odre a Arya e disse: – O rio era o Tridente, garota. O *Tridente*, não a Água Negra. Faça o mapa na cabeça, se for capaz. Amanhã devemos chegar à estrada do rei. Devemos avançar a bom ritmo depois disso, direto às Gêmeas. Serei eu quem vai entregá-la àquela sua mãe. Não o nobre senhor do relâmpago ou a fraude flamejante daquele sacerdote, o monstro. – Sorriu ao ver a expressão de seu rosto. – Acha que seus amigos fora da lei são os únicos capazes de farejar um resgate? Dondarrion ficou com o meu ouro, portanto eu fiquei com você. Diria que vale o dobro daquilo que me roubaram. Talvez até valesse mais se a

vendesse de volta aos Lannister, como teme, mas não o farei. Até um cão se cansa de levar pontapés. Se este Jovem Lobo tiver a esperteza que os deuses concederam a um sapo, vai fazer de mim fidalgo e vai me suplicar para entrar no seu serviço. Ele *precisa* de mim, embora possa não saber disso ainda. Talvez chegue mesmo a matar Gregor em seu nome, ele haveria de gostar.

– Ele nunca o aceitará – cuspiu ela em resposta. – *Você*, não.

– Nesse caso, aceito tanto ouro quanto consiga carregar, rio na cara dele e vou embora. Se ele não me aceitar, seria esperto se me matasse, mas não o fará. É demasiado filho do seu pai, segundo tenho ouvido dizer. Por mim tudo bem. Seja como for, quem ganha sou eu. E você também, loba. Portanto pare de choramingar e de me responder torto, que eu estou farto. Mantenha a boca fechada e faça o que eu lhe disser, e talvez até cheguemos a tempo do maldito casamento de seu tio.

# JON

A égua estava esgotada, mas Jon não podia dar descanso a ela. Tinha de chegar à Muralha antes do Magnar. Teria dormido na sela se tivesse uma; na falta disso, já era suficientemente difícil manter-se montado quando acordado. Sua perna ferida doía cada vez mais. Não se atrevia a descansar tempo suficiente para permitir que sarasse. Em vez disso, reabria a ferida sempre que montava.

Quando chegou ao topo de uma elevação e viu os sulcos marrons da estrada do rei à sua frente, abrindo seu caminho sinuoso para o norte através de montes e planícies, deu palmadinhas no pescoço da égua e disse:

– Agora tudo que temos de fazer é seguir a estrada, garota. Em breve chegaremos à Muralha. – A essa altura, sua perna já havia se tornado rígida como madeira, e a febre o tinha deixado fora do ar que dera por si por duas vezes cavalgando na direção errada.

*Em breve chegaremos à Muralha*. Imaginava os amigos bebendo vinho quente na sala comum. Hobb estaria com suas panelas; Donal Noye, em sua forja; Meistre Aemon, em seus aposentos sob a colônia dos corvos. *E o Velho Urso? Sam, Grenn, Edd Doloroso, Dywen com os seus dentes de madeira...* Jon só podia rezar para que alguns deles tivessem escapado do Punho.

Ygritte também andava muito em seus pensamentos. Recordava o cheiro de seus cabelos, o calor de seu corpo... e a expressão em seu rosto no momento em que cortava a garganta do velho. *Fez mal em amá-la*, sussurrava uma voz. *Fez mal em deixá-la*, insistia uma voz diferente. Perguntava a si mesmo se o pai também se sentira assim dilacerado quando tinha deixado a mãe de Jon para voltar para junto da Senhora Catelyn. *Estava juramentado a Senhora Stark, e eu estou juramentado à Patrulha da Noite*.

Quando atravessou a Vila Toupeira, estava a tal ponto febril que quase não reconheceu onde se encontrava. A maior parte da aldeia escondia-se

no subsolo, com não mais de um punhado de pequenas cabanas à vista, à luz do quarto minguante. O bordel era um casebre não maior do que uma latrina, com uma lanterna vermelha rangendo ao vento, um olho injetado de sangue espiando a escuridão. Jon desmontou no estábulo anexo, quase caindo do cavalo enquanto acordava dois rapazes com um grito.

– Preciso de uma montaria nova, com sela e arreios – disse-lhes, num tom que não admitia discussões. Trouxeram-lhe o que pediu; e também um odre de vinho e meia fatia de pão de centeio. – Acordem a aldeia – disse-lhes. – Previna-os. Há selvagens a sul da Muralha. Juntem os seus bens e dirijam-se a Castelo Negro. – Empurrou-se para o dorso do castrado negro que lhe deram, cerrando os dentes devido às dores que a perna lhe causava, e cavalgou rapidamente para o norte.

À medida que as estrelas começavam a desvanecer no céu oriental, a Muralha foi surgindo à sua frente, erguendo-se acima das árvores e das névoas da manhã. O luar cintilava, pálido, no gelo. Incentivou o castrado a avançar, seguindo a estrada lamacenta e escorregadia até ver as torres de pedra e os edifícios de madeira de Castelo Negro, aninhados como brinquedos quebrados sob a grande falésia de gelo. A essa altura a Muralha brilhava em tons de rosa e púrpura com a primeira luz da alvorada.

Nenhuma sentinela o desafiou ao passar pelos edifícios exteriores. Ninguém surgiu para barrar seu caminho. Castelo Negro parecia tanto uma ruína como Guardagris. Ervas daninhas marrons e quebradiças cresciam entre fendas nas pedras dos pátios. Neve antiga cobria o telhado da Caserna de Pederneira e encostava-se, em montículos empurrados pelo vento, à face norte da Torre de Hardin, onde Jon costumava dormir antes de ser nomeado intendente do Velho Urso. Dedos de fuligem manchavam a Torre do Senhor Comandante, nos locais onde a fumaça se derramara das janelas. Mormont tinha se mudado para a Torre do Rei após o incêndio, mas Jon também não viu luzes ali. Do chão não podia dizer se haveria sentinelas patrulhando a Muralha duzentos metros acima, mas não viu ninguém na enorme escada em zigue-zague que subia a face sul do gelo como se fosse um enorme relâmpago de madeira.

Mas subia fumaça pela chaminé do arsenal; só um fiapo, quase invisível contra o céu cinzento do Norte. Era o bastante. Jon desmontou e mancou para lá. Jorrava calor da porta aberta como se fosse o hálito

quente do verão. Lá dentro, Donal Noye manejava só com um braço os seus foles junto ao fogo. Ergueu o olhar ao ouvir barulho.

– Jon Snow?

– Ele mesmo. – Apesar da febre, da exaustão, da perna, do Magnar, do velho, de Ygritte, de Mance, apesar de tudo, Jon sorriu. Era bom estar de volta, era bom ver Noye com a sua grande barriga e a manga arregaçada, com o queixo eriçado de curtos pelos negros.

O ferreiro largou os foles.

– A sua cara...

Quase tinha se esquecido do rosto.

– Um troca-peles tentou arrancar meu olho.

Noye franziu a testa.

– Marcada ou não, é uma cara que eu pensava que não voltaria a ver. Ouvimos dizer que tinha passado para o lado de Mance Rayder.

Jon agarrou-se à porta para se manter em pé.

– Quem lhe disse isso?

– Jarman Buckwell. Ele voltou há uma quinzena. Seus batedores dizem que viram você com os próprios olhos, acompanhando a coluna dos selvagens com um manto de pele de ovelha sobre os ombros. – Noye observou-o. – Vejo que a última parte é verdade.

– É tudo verdade – confessou Jon. – Até aí, pelo menos.

– Nesse caso, devia pegar uma espada para estripá-lo?

– Não. Estava agindo sob ordens. A última ordem de Qhorin Meia-Mão. Noye, onde está a guarnição?

– Defendendo a Muralha contra os seus amigos selvagens.

– Sim, mas *onde*?

– Por todo lado. Harma Cabeça de Cão foi vista em Atalaiabosque da Lagoa, Camisa de Chocalho no Monte Longo, Chorão perto de Marcagelo. Ao longo de toda a Muralha... estão aqui, estão ali, estão escalando perto do Portão da Rainha, estão atacando os portões de Guardagris, estão se reunindo para atacar Atalaialeste... mas um vislumbre de um manto negro e desaparecem. No dia seguinte, estão em outro lugar qualquer.

Jon engoliu um gemido.

– Simulações. Mance quer que fiquemos bem espalhados, não vê? – *E Bowen Marsh fez sua vontade*. – O portão está aqui. O ataque será aqui.

Noye atravessou a sala.

– Sua perna está ensopada de sangue.

Jon olhou para baixo, entorpecido. Era verdade. A ferida tinha voltado a abrir.

– Um ferimento de flecha...

– Uma flecha de selvagem. – Não era uma pergunta. Noye só tinha um braço, mas o que tinha era grosso e musculoso. Enfiou-o sob o de Jon para ajudar a apoiá-lo. – Está branco como leite, e fervendo. Vou levá-lo a Aemon.

– Não há tempo para isso. Há selvagens ao *sul* da Muralha, subindo de Coroadarrainha para abrir o portão.

– Quantos? – Noye quase carregou Jon porta fora.

– Cento e vinte, e bem armados para selvagens. Armaduras de bronze, alguns pedaços de aço. Quantos homens restam aqui?

– Quarenta e poucos – disse Donal Noye. – Os aleijados e os enfermos, e alguns rapazes verdes ainda em treinamento.

– Se Marsh partiu, quem foi que o nomeou como castelão?

O armeiro soltou uma gargalhada.

– Sor Wynton, que os deuses o protejam. O último cavaleiro no castelo, e tudo mais. O problema é que o Stout parece ter se esquecido e ninguém se apressou em lembrá-lo disso. Suponho que sou o melhor que temos agora como comandante. O mais feroz dos aleijados.

Pelo menos isso era bom. O armeiro maneta era obstinado, duro e bem experimentado na guerra. Sor Wynton Stout, por outro lado... bem, ele tinha sido um bom homem outrora, todos concordavam, mas passara oitenta anos como patrulheiro e tanto suas forças como seu juízo tinham sumido. Uma vez adormeceu durante o jantar e quase se afogou numa tigela de sopa de ervilhas.

– Onde está o seu lobo? – perguntou Noye enquanto atravessavam o pátio.

– Fantasma. Tive de abandoná-lo quando escalei a Muralha. Tinha esperança de que ele tivesse conseguido chegar aqui.

– Lamento, jovem. Não houve sinal dele. – Coxearam até a porta do meistre, no longo edifício de madeira sob a colônia de corvos. O armeiro deu um chute nela. – *Clydas!*

Após um momento, um homenzinho, de ombros curvados e vestido de negro pôs a cabeça para fora. Seus pequenos olhos cor-de-rosa esbugalharam-se ao ver Jon.

– Deite o moço, vou buscar o meistre.

Ardia um fogo na lareira, e a sala estava quase abafada. O calor deixou Jon sonolento. Assim que Noye o deitou de costas, fechou os olhos para fazer com que o mundo parasse de girar. Ouvia os corvos crocitando e protestando, na colônia, por cima de sua cabeça. "*Snow*", uma ave estava dizendo. "*Snow, snow, snow.*" Jon lembrou-se de que aquilo havia sido obra de Sam. Perguntou a si mesmo se Samwell Tarly teria retornado em segurança, ou se tinham sido apenas as aves dele.

Meistre Aemon não demorou a chegar. Deslocava-se lentamente, com uma mão manchada apoiada no braço de Clydas, enquanto avançava com pequenos passos cautelosos. Em volta de seu pescoço fino, a corrente caía pesadamente, com os elos de ouro e prata cintilando entre ferro, chumbo, estanho e outros metais menos nobres.

– Jon Snow – disse ele –, quando estiver mais forte, precisa me contar tudo o que viu e fez. Donal, ponha uma chaleira de vinho no fogo e os meus ferros também. Vou querê-los em brasa. Clydas, vou precisar daquela sua faca boa e afiada. – O meistre tinha mais de cem anos; era encolhido, frágil, calvo e bem cego. Mas se os seus olhos leitosos nada viam, a sua mente ainda era tão aguçada como sempre fora.

– Há selvagens a caminho – contou Jon, enquanto Clydas lhe abria os calções com uma faca, cortando o pesado pano negro, incrustado de sangue velho e empapado com o novo. – Vindos do sul. Nós escalamos a Muralha...

Meistre Aemon cheirou o curativo improvisado de Jon quando Clydas o cortou.

– Nós?

– Eu acompanhava-os. Qhorin Meia-Mão ordenou-me que me juntasse a eles. – Jon estremeceu quando o dedo do meistre explorou seu ferimento, cutucando e espetando. – O Magnar de Thenn... *aaaaaah*, isso dói. – Cerrou os dentes. – Onde está o Velho Urso?

– Jon... dói-me dizer isso, mas o Senhor Comandante Mormont foi assassinado na Fortaleza de Craster, pelas mãos de seus Irmãos Juramentados.

– Irm... *os nossos próprios homens*? – as palavras de Aemon doeram cem vezes mais do que os seus dedos. Jon recordou o Velho Urso como o vira pela última vez, em pé diante de sua tenda com o corvo no braço, crocitando, pedindo milho. *Mormont morto*? Temera isso desde que vira o resultado da batalha no Punho, mas nem assim o golpe era menor. – Quem foi? Quem é que se virou contra ele?

– Garth de Vilavelha, Ollo Mão-Cortada, Adaga... ladrões, covardes e assassinos, todos eles. Devíamos ter previsto que isso iria acontecer. A Patrulha não é o que já foi. Há homens honestos de menos para manter os patifes na linha. – Donal Noye virou as lâminas do meistre no fogo. – Uma dúzia de homens leais conseguiu voltar. Edd Doloroso, Gigante, seu amigo Auroque. Soubemos da história por eles.

*Só uma dúzia?* Tinham saído duzentos homens de Castelo Negro com o Senhor Comandante Mormont, duzentos dos melhores homens da Patrulha.

– Isso quer dizer então que Marsh é o Senhor Comandante? – a Velha Romã era amigável, e um diligente Primeiro Intendente, mas era completamente inadequado para enfrentar uma tropa de selvagens.

– Por enquanto, até organizarmos uma eleição – disse Meistre Aemon. – Clydas, traga-me o frasco.

*Uma eleição*. Com Qhorin Meia-Mão e Sor Jaremy Rykker mortos e Ben Stark ainda desaparecido, quem restava? Nem Bowen Marsh nem Sor Wynton Stout, isso era certo. Teria Thoren Smallwood sobrevivido ao Punho, ou Sor Ottyn Wythers? *Não, será Cotter Pyke ou Sor Denys Mallister*. Mas qual deles? Os comandantes da Torre Sombria e de Atalaialeste eram bons homens, mas muito diferentes; Sor Denys era cortês e cauteloso, tão cavalheiresco quanto idoso, Pyke era mais jovem, de nascimento bastardo, de língua rude e excessivamente ousado. Pior, os dois homens desprezavam-se mutuamente. O Velho Urso sempre os mantivera afastados, nas extremidades opostas da Muralha. Jon sabia que os Mallister possuíam uma desconfiança congênita com relação aos homens de ferro.

Uma punhalada de dor fez-lhe lembrar os próprios infortúnios. O meistre apertou sua mão.

– Clydas foi buscar leite de papoula.

Jon tentou se levantar.

– Não preciso...

– Precisa – disse Aemon com firmeza. – Isto vai doer.

Donal Noye atravessou a sala e obrigou Jon a se deitar novamente.

– Fique quieto, senão o amarro. – Mesmo com apenas um braço, o ferreiro controlava-o como se fosse uma criança.

Clydas voltou com um frasco verde e uma taça arredondada de pedra. Meistre Aemon encheu-a.

– Beba isto.

Jon tinha mordido o lábio. Sentiu o sabor do sangue misturado com o da sedimentosa poção branca. Quase vomitou.

Clydas trouxe uma bacia de água quente, e Meistre Aemon lavou o pus e o sangue do ferimento. Por mais gentil que fosse, até o toque mais leve fazia com que Jon quisesse gritar.

– Os homens do Magnar são disciplinados e têm armaduras de bronze – disse-lhes. Falar ajudava a manter a mente afastada da perna.

– O Magnar é um senhor em Skagos – disse Noye. – Havia skagositas em Atalaialeste quando cheguei à Muralha, lembro-me de ouvi-los falando dele.

– Jon está usando a palavra em seu sentido mais antigo, creio eu – disse Meistre Aemon –, não como nome de família, mas como título. Deriva do Idioma Antigo.

– Significa senhor – concordou Jon. – Styr é o Magnar de um lugar qualquer chamado Thenn, na extremidade norte das Presas de Gelo. Tem uma centena de seus homens e uma vintena de corsários que conhecem a Dádiva quase tão bem quanto nós. Mas Mance nunca chegou a encontrar o berrante, isso vale de alguma coisa. O Berrante do Inverno. Era isso que ele andava à procura nas escavações que fez nas nascentes do Guadeleite.

Meistre Aemon fez uma pausa, com o pano da lavagem na mão.

– O Berrante do Inverno é uma lenda antiga. O Rei-Para-lá-da-Muralha realmente acredita que tal coisa existe?

– Todos acreditam – disse Jon. – Ygritte disse que abriram uma centena de tumbas... tumbas de reis e heróis, ao longo de todo o vale do Guadeleite, mas não chegaram...

– Quem é Ygritte? – perguntou Donal Noye sem rodeios.

– Uma mulher do povo livre. – Como poderia explicar Ygritte para eles? *Ela é quente, esperta e engraçada, e tanto pode beijar um homem como rasgar seu pescoço*. – Ela está com Styr, mas não é... é jovem, só uma garota, na verdade, selvagem, mas ela... – *Ela matou um velho por fazer uma fogueira*. Sentiu a língua inchada e desajeitada. O leite de papoula estava anuviando seus pensamentos. – Quebrei os meus votos com ela. Não queria, mas... – *Foi errado. Foi errado amá-la, foi errado deixá-la...* – Não fui suficientemente forte. O Meia-Mão ordenou-me, cavalgue com eles, observe, não posso vacilar, eu... – Sentia a cabeça como se estivesse recheada de lã molhada.

Meistre Aemon voltou a cheirar o ferimento de Jon. Então pôs o pano ensanguentado na bacia novamente e disse:

– Donal, a faca quente, por favor. Vou precisar que o mantenha imóvel.

*Não gritarei*, disse Jon a si mesmo quando viu a lâmina brilhando, rubra. Mas também quebrou esse voto. Donal Noye segurou-o enquanto Clydas ajudava a guiar a mão do meistre. Jon não se mexeu, salvo para esmurrar a mesa, uma vez e outra mais. A dor foi tão enormemente violenta que se sentiu pequeno, fraco e impotente dentro dela, uma criança choramingando no escuro. *Ygritte*, pensou, quando o fedor da carne queimada subiu ao seu nariz e o som de seu próprio berro ecoou nos ouvidos. *Ygritte, tive de fazer isso*. Durante meio segundo, a agonia começou a diminuir. Mas então o ferro voltou a tocá-lo e ele desmaiou.

Quando suas pálpebras se abriram, estremecendo, estava envolto em lãs espessas e flutuava. Parecia não ser capaz de se mover, mas não importava. Durante algum tempo, sonhou que Ygritte se encontrava ao seu lado, cuidando dele com mãos suaves. Por fim, fechou os olhos e adormeceu.

A segunda vez que acordou não foi tão branda. O quarto estava escuro, mas sob as mantas a dor tinha voltado, um latejar na perna que se transformava em uma faca quente ao menor movimento. Jon ficou sabendo disso da pior maneira possível, quando tentou ver se ainda tinha a perna. Arquejando, engoliu um grito e voltou a fechar o punho.

– Jon? – uma vela surgiu, e um rosto de que se recordava bem estava olhando-o, com orelhas grandes e tudo. – Não devia se mexer.

– Pyp? – Jon estendeu a mão para cima, e o outro rapaz apertou-a. – Pensava que você tinha ido...

– ... com a Velha Romã? Não, ele acha que eu sou muito pequeno e verde. Grenn também está aqui.

– Também estou aqui. – Grenn aproximou-se do outro lado da cama. – Acabei dormindo.

Jon tinha a garganta seca.

– Água – arquejou. Grenn trouxe-a e levou-a aos lábios de Jon. – Eu vi o Punho – disse depois de beber um longo trago. – O sangue, e os cavalos mortos... Noye disse que uma dúzia de homens conseguiu voltar... quem?

– Dywen conseguiu. Gigante, Edd Doloroso, Doce Donnel Hill, Ulmer, Lew Mão Esquerda, Garth Pena-Cinza. Mais quatro ou cinco. Eu.

– Sam?

Grenn afastou o olhar.

– Ele matou um dos Outros, Jon. Eu vi. Apunhalou-o com aquela faca de vidro de dragão que você fez para ele, e começamos a chamá-lo de Sam, o Matador. Ele detestava.

*Sam, o Matador*. Jon dificilmente conseguiria imaginar um guerreiro menos provável para receber tal nome do que Sam Tarly.

– O que aconteceu com ele?

– Nós o abandonamos. – Grenn soava infeliz. – Sacudi-o e gritei com ele, até dei um tabefe na cara dele. Gigante tentou puxá-lo para colocá-lo em pé, mas ele era pesado demais. Lembra-se de como ele costumava se enrolar no chão durante o treino e ficar ali choramingando? Na Fortaleza de Craster nem sequer choramingava. Adaga e Ollo estavam desfazendo as paredes à procura de comida, Garth e o outro Garth lutavam, alguns estupravam as mulheres de Craster. Edd Doloroso achou que o grupo do Adaga fosse matar todos os homens leais para evitar que contassem o que eles tinham feito, e eram dois para cada um de nós. Abandonamos Sam com o Velho Urso. Ele não queria se *mexer*, Jon.

*Era seu irmão*, quase disse. *Como pôde abandoná-lo no meio de selvagens e assassinos?*

– Ele pode ainda estar vivo – disse Pyp. – Pode pregar uma surpresa em todos nós e chegar aqui amanhã, a cavalo.

– Com a cabeça de Mance Rayder, sim. – Jon via que Grenn estava tentando parecer alegre. – Sam, o Matador!

Jon tentou se sentar novamente. Foi um erro tão grande como da primeira vez. Gritou, xingando.

– Grenn, vá acordar Meistre Aemon – disse Pyp. – Diga que o Jon precisa de mais leite de papoula.

*Sim*, pensou Jon.

– Não – disse. – O Magnar...

– Nós sabemos – disse Pyp. – As sentinelas na Muralha receberam ordens para manter um olho virado para o sul, e Donal Noye despachou alguns homens para o Espinhaço do Tempo, para vigiar a estrada do rei. Meistre Aemon também enviou aves para Atalaialeste e a Torre Sombria.

Meistre Aemon aproximou-se da cama, com uma mão no ombro de Grenn.

– Jon, seja brando consigo mesmo. É bom que tenha acordado, mas precisa de um tempo para sarar. Encharcamos o ferimento com vinho fervente e fechamo-lo com um cataplasma de urtigas, sementes de mostarda e pão bolorento, mas se não descansar...

– Não posso. – Jon lutou contra a dor para se sentar. – Mance estará aqui em breve... milhares de homens, gigantes, mamutes... a notícia já foi enviada a Winterfell? Ao rei? – suor pingou de sua testa. Fechou os olhos por um momento.

Grenn dirigiu a Pyp um olhar estranho.

– Ele não sabe.

– Jon – disse Meistre Aemon –, aconteceram muitas coisas enquanto esteve longe, e poucas foram boas. Balon Greyjoy voltou a se coroar e mandou os seus dracares contra o Norte. Brotam reis de todos os lados como ervas daninhas, e enviamos apelos a todos eles, mas nenhum virá. Têm usos mais prementes para as suas espadas, e nós estamos longe e esquecidos. E Winterfell... Jon, seja forte... Winterfell já não existe.

– Não existe? – Jon fitou os olhos brancos e o rosto enrugado de Aemon. – Meus irmãos estão em Winterfell. Bran e Rickon...

O meistre tocou sua testa.

– Lamento tanto, Jon. Seus irmãos morreram por ordem de Theon Greyjoy, depois de tomar Winterfell em nome do pai. Quando os vassalos de seu pai ameaçaram retomar o castelo, Greyjoy entregou-o às chamas.

– Seus irmãos foram vingados – disse Grenn. – O filho de Bolton matou todos os homens de ferro, e dizem que está esfolando Theon Greyjoy centímetro por centímetro pelo que fez.

– Lamento, Jon. – Pyp apertou seu ombro. – Todos lamentamos.

Jon nunca gostara de Theon Greyjoy, mas ele fora protegido do pai. Outro espasmo de dor atacou sua perna e, sem saber como, viu-se de novo deitado de costas.

– Há algum engano – insistiu. – Em Coroadarrainha vi um lobo gigante, um lobo gigante *cinza*... cinza... *ele me reconheceu*. – Se Bran estava morto, poderia uma parte dele sobreviver em seu lobo, tal como Orell vivia no interior de sua águia?

– Beba isto. – Grenn levou uma taça aos lábios dele.

Jon bebeu. Tinha a cabeça cheia de lobos e águias e do som dos risos dos irmãos. Os rostos em volta dele começaram a se misturar e a desvanecer. *Eles não podem estar mortos. Theon nunca faria isso. E Winterfell... granito cinza, carvalho e ferro, corvos voando em volta das torres, vapor subindo das lagoas quentes no bosque sagrado, os reis de pedra sentados em seus tronos... como podia Winterfell ter desaparecido?*

Quando os sonhos o dominaram, viu-se de novo em casa, chapinhando nas lagoas quentes sob um enorme represeiro branco que tinha o rosto do pai. Ygritte acompanhava-o, rindo dele, livrando-se das peles até ficar nua como no dia de seu nome, tentando beijá-lo, mas ele não podia fazê-lo, com o pai a observar, não. Ele era do sangue de Winterfell, um homem da Patrulha da Noite. *Não gerarei um bastardo*, disse-lhe. *Não o farei. Não o farei*.

– Você não sabe nada, Jon Snow – sussurrou ela, com a pele se dissolvendo na água quente, e a carne se desprendendo dos ossos até que só restaram o crânio e o esqueleto, e a lagoa borbulhava, espessa e rubra.

## CATELYN

Ouviram o Ramo Verde antes de o verem, um sussurro incessante, como o rugido de um grande animal qualquer. O rio era uma torrente fervente, com uma largura vez e meia superior à que tinha no ano anterior, quando Robb dividiu o exército ali e jurou tomar uma Frey como noiva, o preço a pagar pela travessia. *Precisava então de Lorde Walder e de sua ponte, e precisa ainda mais deles agora*. O coração de Catelyn estava cheio de desconfianças enquanto observava as escuras águas verdes que passavam por ela rodopiando. *Não há como vadearmos isto, ou atravessarmos a nado, e pode se passar uma volta de lua até que estas águas baixem novamente*.

Quando se aproximaram das Gêmeas, Robb colocou a coroa e chamou Catelyn e Edmure para cavalgarem a seu lado. Sor Raynald Westerling levava o seu estandarte, o lobo gigante de Stark sobre o fundo cor de gelo.

As torres da guarita emergiram da chuva como fantasmas, aparições cinzentas e brumosas que iam ficando mais sólidas à medida que se aproximavam. A fortaleza Frey não era um castelo, mas dois; imagens espelhadas de pedra úmida, erguidas dos lados opostos da água, ligadas por uma grande ponte em arco. No centro dessa ponte estava a Torre da Água, com o rio correndo por baixo, direto e veloz. Tinham sido abertos canais nas margens, para formar fossos que transformavam cada uma das gêmeas numa ilha. As chuvas tinham transformado os fossos em lagos rasos.

Do outro lado das águas turbulentas, Catelyn conseguia ver vários milhares de homens acampados em volta do castelo oriental, com estandartes que pendiam, como outros tantos gatos afogados, das lanças à porta de suas tendas. A chuva tornava impossível distinguir cores e símbolos. A maioria era cinza, parecia a ela, se bem que, sob aquele tipo de céu, todo o mundo parecia cinza.

– Pise aqui com cautela, Robb – disse, prevenindo o filho. – Lorde Walder tem a pele fina e a língua afiada, e alguns desses seus filhos devem sem dúvida ter saído ao pai. Não pode deixar que o provoquem.

– Eu conheço os Frey, mãe. Sei quanto os injuriei e até que ponto *necessito* deles. Serei doce como um septão.

Catelyn mexeu-se desconfortavelmente na sela.

– Se nos forem oferecidos refrescos na chegada, não recuse sob nenhum pretexto. Aceite o que for oferecido, e coma e beba onde todos possam ver. Se nada for oferecido, peça pão, queijo e uma taça de vinho.

– Estou mais molhado do que faminto...

– Robb, *escute-me*. Depois de comer do seu pão e sal, tem os direitos do hóspede, e as leis da hospitalidade protegem-no sob o telhado dele.

Robb pareceu mais divertido do que assustado.

– Tenho um exército para me proteger, mãe, não preciso confiar em pão e sal. Mas se Lorde Walder desejar me servir corvo guisado recheado de larvas, vou comê-lo e pedirei uma segunda porção.

Quatro Frey saíram a cavalo da guarita ocidental, envoltos em pesados mantos e espessa lã cinza. Catelyn reconheceu Sor Ryman, filho do falecido Sor Stevron, o primogênito de Lorde Walder. Com o pai morto, Ryman era herdeiro das Gêmeas. O rosto que viu por baixo de seu capuz era robusto, largo e bruto. Os outros três eram provavelmente filhos dele, bisnetos de Lorde Walder.

Edmure confirmou essa suposição.

– Edwyn é o mais velho, o homem pálido e esguio com cara de prisão de ventre. O duro com a barba é Walder Negro, um tipo bem desagradável. Petyr vem no baio, é o rapaz com a cara destroçada. Os irmãos chamam-no de Petyr Espinha. É só um ano ou dois mais velho do que Robb, mas Lorde Walder casou-o aos dez anos com uma mulher com o triplo da idade dele. Deuses, espero que Roslin não se pareça com *ele*.

Pararam para permitir que os anfitriões viessem até eles. O estandarte de Robb pendia de seu mastro, e o som constante da chuva misturava-se com o estrondo do Ramo Verde em enchente, à direita. Vento Cinzento avançou ligeiramente, de cauda tesa, observando através de olhos rasgados de um dourado escuro. Quando os Frey se aproximaram até meia dúzia de metros, Catelyn ouviu-o rosnar, um ribombar profundo que parecia quase unir-se à fúria do rio. Robb pareceu alarmado.

– Vento Cinzento, aqui. *Aqui*!

Mas o lobo gigante saltou em frente, rosnando.

O palafrém de Sor Ryman recuou com um relincho de medo, e o de Petyr Espinha empinou-se e derrubou-o. Só Walder Negro manteve a montaria sob controle. Estendeu a mão para o cabo da espada.

– *Não*! – Robb gritou. – Vento Cinzento, aqui. *Aqui*. – Catelyn esporeou e colocou-se entre o lobo gigante e os outros cavalos. Lama espirrou dos cascos de sua égua quando cortou o caminho de Vento Cinzento. O lobo desviou-se, e só então pareceu ouvir os chamados de Robb.

– É assim que um Stark faz as pazes? – gritou Walder Negro, com aço nu na mão. – Parece-me uma saudação ruim mandar o seu lobo contra nós. Foi para isso que veio?

Sor Ryman tinha desmontado para ajudar Petyr Espinha a se levantar. O rapaz estava enlameado, mas não se ferira.

– Vim para pedir perdão pela desfeita que fiz à sua Casa e para assistir ao casamento de meu tio. – Robb saltou de sua sela. – Petyr, leve o meu cavalo. O seu quase já chegou ao estábulo.

Petyr olhou para o pai e disse:

– Posso seguir na garupa de um dos meus irmãos.

Os Frey não mostraram qualquer sinal de reverência.

– Chegaram tarde – declarou Sor Ryman.

– As chuvas atrasaram-nos – disse Robb. – Enviei uma ave.

– Não vejo a mulher.

Por *a mulher*, Sor Ryman referia-se a Jeyne Westerling, e todos sabiam. A Senhora Catelyn sorriu com uma expressão apologética.

– A Rainha Jeyne estava fatigada após tantas viagens, senhores. Sem dúvida ficará feliz em vir visitá-los quando os tempos estiverem mais estáveis.

– Meu avô ficará descontente. – Embora Walder Negro tivesse embainhado a espada, o tom de voz não era mais amigável. – Falei muito a ele sobre a senhora, e ele desejava contemplá-la com os próprios olhos.

Edwyn limpou a garganta.

– Temos aposentos preparados para o senhor na Torre da Água, Vossa Graça – disse a Robb com uma cortesia cuidadosa –, bem como para Lorde Tully e a Senhora Stark. Os senhores seus vassalos também são

convidados a se abrigar sob o nosso teto e a participar do banquete de casamento.

– E os meus homens? – perguntou Robb.

– O senhor meu avô lamenta não poder alimentar ou hospedar uma tropa tão grande. Temos sentido grandes dificuldades para encontrar forragem e mantimentos para nossos próprios recrutas. Apesar disso, os seus homens não serão negligenciados. Se atravessarem e montarem acampamento junto do nosso, levaremos barris de vinho e cerveja em quantidade suficiente para que todos bebam à saúde de Lorde Edmure e sua noiva. Erguemos três grandes tendas para banquetes na outra margem, para lhes dar algum abrigo das chuvas.

– O senhor seu pai é muito gentil. Meus homens vão lhe agradecer. Tiveram uma longa e úmida viagem.

Edmure Tully fez o cavalo avançar.

– Quando conhecerei a minha prometida?

– Ela espera o senhor lá dentro – prometeu Edwyn Frey. – Eu sei que irão perdoá-la se parecer tímida. Tem esperado este dia quase com ansiedade, pobre donzela. Mas talvez devamos prosseguir a conversa fora desta chuva?

– Certamente. – Sor Ryman voltou a montar, puxando Petyr Espinha para trás de si. – Se puderem me seguir, meu pai os espera. – Virou a cabeça do palafrém na direção das Gêmeas.

Edmure pôs-se ao lado de Catelyn.

– O Atrasado Lorde Frey podia ter achado por bem vir nos receber em pessoa – protestou. – Sou seu suserano e futuro genro, e Robb é seu rei.

– Quando tiver noventa e um anos, irmão, verá a vontade que tem de andar a cavalo na chuva. – Mas perguntou a si mesma se aquilo seria toda a verdade. Lorde Walder normalmente deslocava-se numa liteira coberta, que teria mantido a maior parte da chuva afastada. *Uma desfeita deliberada?* Se fosse, podia ser a primeira de muitas outras ainda por vir.

Houve mais problemas na guarita. Vento Cinzento recusou-se a avançar no meio da ponte levadiça, sacudiu a chuva do pelo e uivou à porta levadiça. Robb assobiou impacientemente.

– Vento Cinzento. O que foi? Vento Cinzento, comigo. – Mas o lobo gigante limitou-se a mostrar os dentes. *Ele não gosta deste lugar*, pensou Catelyn. Robb teve de se agachar e falar calmamente ao lobo antes de o

animal consentir em passar sob a porta levadiça. A essa altura, Lothar Coxo e Walder Rivers já tinham se aproximado.

– O que ele teme é o som da água – disse Rivers. – Os animais sabem que devem evitar o rio em cheia.

– Um canil seco e uma perna de carneiro vão deixá-lo bom de novo – disse alegremente Lothar. – Devo chamar nosso mestre dos cães?

– Ele é um lobo gigante, não um cão – disse Robb –, e é perigoso para os homens que não conhece. Sor Raynald, fique com ele. Não o levarei neste estado para o salão de Lorde Walder.

*Foi hábil*, decidiu Catelyn. *Robb mantém também o Westerling longe da vista de Lorde Walder.*

A gota e os ossos frágeis tinham cobrado o seu preço do velho Walder Frey. Foram encontrá-lo sentado em seu cadeirão, com uma almofada por baixo e uma manta de arminho sobre as pernas. A cadeira era de carvalho negro, com o espaldar esculpido de modo a se assemelhar a duas robustas torres, unidas por uma ponte em arco, tão maciças que seu abraço transformava o velho numa grotesca criança. Havia algo de abutre em Lorde Walder, e bastante mais de doninha. Sua cabeça calva, manchada pela idade, projetava-se dos ombros descarnados no topo de um longo pescoço cor-de-rosa. Pele solta pendia sob seu queixo recuado, os olhos eram remelentos e enevoados, e a boca desdentada movia-se constantemente, sugando o ar vazio como um bebê suga o seio da mãe.

A oitava Senhora Frey estava em pé ao lado do cadeirão de Lorde Walder. Aos seus pés sentava-se uma versão mais nova de si mesmo, um homem corcunda e magro de cinquenta anos, cujo traje dispendioso de lã azul e cetim cinza era estranhamente realçado por uma coroa e colar ornamentados por minúsculos guizos de latão. A semelhança entre ele e o seu senhor era notável, exceto nos olhos; os de Lorde Walder eram pequenos, sombrios e desconfiados, os do outro, grandes, amigáveis e vagos. Catelyn lembrou-se de que um dos filhos de Lorde Walder tinha sido pai de um débil mental muitos anos antes. Durante visitas anteriores, o Senhor da Travessia teve sempre o cuidado de esconder aquele neto. *Será que ele usou sempre uma coroa de bobo, ou terá sido isso pensado como forma de zombar de Robb?* Era uma pergunta que não se atrevia a fazer.

Filhos, filhas, netos, maridos, esposas e criados Frey atulhavam o resto do salão. Mas foi o velho que falou.

– Vai me perdoar por não me ajoelhar, eu sei. Minhas pernas já não funcionam como antes, embora aquilo que pende entre elas trabalhe bastante bem, *heh*. – Sua boca abriu num sorriso desdentado enquanto examinava a coroa de Robb. – Alguns diriam que o rei que se coroa com bronze é um pobre rei, Vossa Graça.

– O bronze e o ferro são mais fortes do que o ouro e a prata – respondeu Robb. – Os antigos Reis do Inverno usavam uma coroa de espadas como esta.

– De pouco lhes serviu quando os dragões chegaram. *Heh*. – Aquele *heh* pareceu agradar ao retardado, que balançou a cabeça de um lado para o outro, fazendo tilintar a coroa e o colar. – Senhor – disse Lorde Walder – perdoe o barulho de meu Aegon. Ele tem menos miolos do que um cranogmano e nunca tinha conhecido um rei. É um dos rapazes de Stevron. Chamamos-lhe Guizo.

– Sor Stevron falou dele, senhor. – Robb sorriu para o débil mental. – Prazer em conhecê-lo, Aegon. O seu pai era um homem corajoso.

Guizo fez os guizos soarem. Uma fina linha de cuspe escorreu de um canto de sua boca quando sorriu.

– Poupe o seu real fôlego. Falar com ele é como falar com um penico. – Lorde Walder transferiu o olhar para os outros. – Bem, Senhora Catelyn, vejo que voltou até nós. E o jovem Sor Edmure, o vencedor do Moinho de Pedra. Agora Lorde Tully, terei de me lembrar disso. É o quinto Lorde Tully que conheço. Sobrevivi aos outros quatro, *heh*. A sua noiva anda por aqui, em algum lugar. Suponho que queira dar uma olhada nela.

– Gostaria, senhor.

– Então dará. Mas vestida. Ela é uma garota recatada, e donzela. Não a verá nua até a noite de núpcias. – Lorde Walder cacarejou. – *Heh*. Em breve, em breve. – Virou a cabeça. – Benfrey, vá buscar a sua irmã. E seja rápido, Lorde Tully percorreu todo o caminho desde Correrrio. – Um jovem cavaleiro com um sobretudo esquartelado fez uma reverência e retirou-se, e o velho voltou a se virar para Robb. – E onde está a *sua* noiva, Vossa Graça? A bela Rainha Jeyne. Uma Westerling do Despenhadeiro, segundo me dizem, *heh*.

– Deixei-a em Correrrio, senhor. Ela estava muito cansada para mais viagens, conforme expliquei a Sor Ryman.

– Isso me deixa muito triste. Queria contemplá-la com meus próprios e fracos olhos. Todos queríamos, *heh*. Não é verdade, minha senhora?

A pálida e delgada Senhora Frey pareceu sobressaltada por ter sido requisitada a falar.

– S-sim, senhor. Todos nós desejávamos muito prestar homenagem à Rainha Jeyne. Deve ser bela.

– É muito bela, senhora. – Havia uma quietude gelada na voz de Robb que recordou a Catelyn o pai dele.

Ou o velho não a ouviu ou recusou-se a prestar atenção nela.

– Mais bela do que a minha descendência, *heh*? De outro modo, como teria o seu rosto e formas levado a Graça Real a esquecer sua promessa solene?

Robb suportou a censura com dignidade.

– Não há palavras que possam compensar esse fato, bem sei, mas vim dar satisfações pela desfeita que fiz à sua Casa e suplicar o seu perdão, senhor.

– Satisfações, *heh*. Sim, jurou dar satisfação, eu lembro. Sou velho, mas não me esqueço dessas coisas. Ao contrário de certos reis, ao que parece. Os jovens não se lembram de nada quando veem um rosto bonito e um belo e firme par de peitos, não é? Eu era igual. Alguns poderão dizer que ainda sou, *heh heh*. Estariam errados, porém, tão errados quanto você. Mas agora aqui está para fazer as pazes. No entanto, foram as minhas garotas que desprezou. Talvez sejam elas que devam ouvi-lo suplicando perdão, Vossa Graça. As minhas donzelas. Olhe para elas. – Quando sacudiu os dedos, uma chuva de feminilidade abandonou seus lugares junto das paredes para se alinhar sob o estrado. Guizo também começou a se levantar, com os guizos cantando alegremente, mas a Senhora Frey agarrou a manga do retardado e puxou-o para baixo.

Lorde Walder foi-as nomeando.

– A minha filha Arwyn – disse ele indicando uma garota de catorze anos. – Shirei, a mais nova de minhas filhas legítimas. Ami e Marianne são netas. Casei Ami com Sor Pate de Seterrios, mas a Montanha matou esse palerma, e por isso a tenho de volta aqui. Aquela é uma Cersei, mas a chamamos de Pequena Abelha, a mãe é uma Beesbury. Mais netas.

Uma é uma Walda, e as outras... bem, têm nomes, sejam eles quais forem...

– Eu sou a Merry, Senhor Avô – disse uma garota.

– É barulhenta, isso é certo. Ao lado da Barulhenta está a minha filha Tyta. Depois outra Walda. Alyx, Marissa... é você, Marissa? Bem que achei. Ela não é sempre careca. O meistre raspou seus cabelos, mas jura que em breve voltarão a crescer. As gêmeas são Serra e Sarra. – Semicerrou os olhos na direção de uma das meninas mais novas. – *Heh*, você é outra Walda?

A menina não podia ter mais de quatro anos.

– Sou a Walda de Sor Aemon Rivers, senhor bisavô. – Fez uma reverência.

– Há quanto tempo fala? Não que tenha alguma coisa sensata a dizer, seu pai nunca teve. E, além do mais, ele é filho de um bastardo, *heh*. Vá embora, só queria Freys aqui em cima. O Rei no Norte não se interessa por material ilegítimo. – Lorde Walder olhou de relance para Robb, enquanto Guizo sacudia a cabeça e tilintava. – Aqui estão elas, todas donzelas. Bem, e uma viúva, mas há quem goste de uma mulher já domada. Podia ter escolhido qualquer uma.

– Teria sido uma escolha impossível, senhor – disse Robb com uma cortesia cuidadosa. – São todas adoráveis demais.

Lorde Walder fungou.

– E ainda dizem que os *meus* olhos são ruins. Algumas serviriam bastante bem, suponho. Outras... bem, não importa. Não eram suficientemente boas para o Rei no Norte, *heh*. O que tem agora a dizer?

– Minhas senhoras – Robb parecia desesperadamente desconfortável, mas sabia que aquele momento chegaria e enfrentou-o sem vacilar. – Todos os homens devem cumprir com a palavra dada, e os reis mais do que ninguém. Eu prometi me casar com uma de vocês e quebrei esse juramento. A culpa não cabe a vocês. Fiz o que fiz não por desfeita, mas sim porque amava outra. Não há palavras que possam corrigir o que foi feito, bem sei, mas venho perante vocês para lhes pedir perdão, e que os Frey da Travessia e os Stark de Winterfell possam voltar a ser amigos.

As meninas menores agitaram-se ansiosamente. As irmãs mais velhas esperaram por Lorde Walder, em seu trono negro de carvalho. O Guizo

sacudiu-se de um lado para o outro, com os guizos tilintando no colar e na coroa.

– Ótimo – disse o Senhor da Travessia. – Isso foi muito bom, Vossa Graça. “Não há palavras que possam corrigir o que foi feito”, *heh*. Bem dito, bem dito. Espero que não se recuse a dançar com as minhas filhas no banquete de casamento. Isso satisfaria o coração de um velho, *heh*. – Balançou sua cabeça enrugada e rosada para cima e para baixo, de uma forma muito semelhante ao jeito como o neto retardado tinha feito, embora Lorde Walder não usasse guizos. – E ali está ela, Lorde Edmure. A minha filha Roslin, o meu botãozinho mais precioso, *heh*.

Sor Benfrey introduziu-a no salão. Eram parecidos o suficiente para serem irmãos completos. Considerando a idade, ambos eram filhos da sexta Senhora Frey; uma Rosby, segundo Catelyn julgava recordar.

Roslin era pequena para a idade, com uma pele tão branca como se tivesse acabado de sair de um banho de leite. Tinha um rosto agradável, com um queixo pequeno, nariz delicado e grandes olhos castanhos. Espessos cabelos castanhos caíam em ondas soltas até uma cintura tão minúscula que Edmure seria capaz de envolvê-la com as mãos. Por baixo do corpete rendado de seu vestido azul-claro, os seios pareciam pequenos, mas bem formados.

– Vossa Graça. – A garota ajoelhou-se. – Lorde Edmure, espero não ser um desapontamento para o senhor.

*Longe disso*, pensou Catelyn. O rosto do irmão tinha se iluminado ao vê-la.

– É para mim um deleite, senhora – disse Edmure. – E sei que o será sempre.

Roslin tinha uma pequena fenda entre dois de seus dentes da frente que a deixava tímida com os sorrisos, mas a falha era quase cativante. *Bastante bonita*, pensou Catelyn, *mas tão pequena, e tem sangue Rosby*. Os Rosby nunca tinham sido robustos. Preferia de longe as constituições de algumas das moças mais velhas presentes no salão; filhas ou netas, não podia ter certeza. Pareciam-se com os Crakehall, e a terceira esposa de Lorde Frey pertencera a essa Casa. *Quadris largos para dar à luz crianças, grandes seios para criá-las, braços fortes para carregá-las. Os Crakehall sempre foram uma família de ossos grandes e fortes.*

– O senhor é gentil – disse a Senhora Roslin a Edmure.

– A senhora é linda. – Edmure tomou sua mão e ergueu-a. – Mas por que está chorando?

– De alegria – disse Roslin. – Choro de alegria, senhor.

– *Basta* – interrompeu Lorde Walder. – Pode chorar e sussurrar depois de estar casada, *heh*. Benfrey, leve a sua irmã de volta aos seus aposentos, ela precisa se preparar para um casamento. E umas núpcias, *heh*, a melhor parte. Para todos, para todos. – A boca moveu-se para dentro e para fora. – Teremos música, uma música tão doce, e vinho, *heh*, o tinto correrá, e vamos endireitar algumas coisas tortas. Mas agora estão cansados, e também molhados, pingando no meu chão. Há lareiras à sua espera, e vinho quente com especiarias, e banhos, se os quiserem. Lothar, leve nossos hóspedes às suas acomodações.

– Tenho de tratar da travessia de meus homens para a outra margem, senhor – disse Robb.

– Eles não se perderão – objetou Lorde Walder. – Já atravessaram uma vez, não foi? Quando vieram do norte. Quiseram atravessar, e eu concedi-lhes passagem, e você nunca disse talvez, *heh*. Mas faça o que quiser. Leve todos os homens pela mão, se assim entender, por mim tanto faz.

– *Senhor!* – Catelyn quase tinha esquecido. – Alguns alimentos seriam muito bem-vindos. Percorremos muitas léguas sob chuva.

A boca de Walder Frey moveu-se para dentro e para fora.

– Alimentos, *heh*. Um pão, um pouco de queijo, talvez uma salsicha.

– Algum vinho para empurrar para baixo – disse Robb. – E sal.

– Pão e sal. *Heh*. Certamente, certamente. – O velho bateu palmas, e criados entraram no salão, trazendo jarros de vinho e bandejas com pão, queijo e manteiga. O próprio Lorde Walder pegou uma taça de tinto e ergueu-a com uma mão pintalgada. – Meus hóspedes – disse. – Meus hóspedes de honra. Sejam bem-vindos sob o meu teto e à minha mesa.

– Agradecemos por sua hospitalidade, senhor – respondeu Robb.

Edmure ecoou as suas palavras, e o mesmo fizeram Grande-Jon, Sor Marq Piper e os outros. Beberam do vinho dele e comeram do seu pão e de sua manteiga. Catelyn provou o vinho e mordiscou um pouco de pão e sentiu-se muito melhor por causa disso. *Agora devemos estar a salvo*, pensou.

Sabendo como o velho podia ser mesquinho, esperara que os aposentos que lhes seriam dados fossem frios e tristonhos. Mas os Frey pareciam ter feito mais do que amplos preparativos para eles. A câmara nupcial era grande e estava ricamente mobiliada, dominada por uma grande cama com colchão de penas e colunas nos cantos, esculpidas como torres de castelos. Os reposteiros eram do vermelho e azul Tully, uma cortesia simpática. Tapetes perfumados cobriam um chão de tábuas, e uma janela alta e provida de persianas abria-se para o sul. O quarto de Catelyn era pequeno, mas tinha uma mobília bonita e era confortável, com fogo queimando na lareira. Lothar Coxo assegurou-lhes de que Robb teria uma suíte inteira, como era próprio de um rei.

– Se houver algo que estiver fazendo falta, basta que diga a um dos guardas. – Fez uma reverência e retirou-se, coxeando pesadamente enquanto descia os degraus em espiral.

– Devíamos colocar nossos próprios guardas – disse Catelyn ao irmão. Descansaria mais facilmente com homens Stark e Tully à sua porta. A audiência com Lorde Walder não havia sido tão penosa como temera, mesmo assim ficaria feliz quando aquilo terminasse. *Alguns dias mais, e Robb partirá para a batalha, e eu para um confortável cativeiro em Guardamar*. Não tinha dúvidas de que Lorde Jason lhe ofereceria todas as cortesias, mas a ideia ainda a deprimia.

Ouvia o som dos cavalos, embaixo, vindo da longa coluna de homens montados que abria caminho através da ponte, de castelo a castelo. As pedras trovejavam com a passagem de carroças muito carregadas. Catelyn foi até a janela e olhou para fora, a fim de ver a tropa de Robb emergir da gêmea oriental.

– A chuva parece estar diminuindo.

– Agora que estamos aqui dentro. – Edmure estava em pé, junto do fogo, deixando-se lavar pelo calor. – O que achou de Roslin?

*Muito pequena e delicada. Dar à luz será duro para ela*. Mas o irmão parecia bastante satisfeito com a garota, e por isso tudo que disse foi:

– Doce.

– Creio que ela gostou de mim. Por que estava chorando?

– É uma donzela na véspera do casamento. Algumas lágrimas são normais. – Lysa chorou lagos na manhã do casamento de ambas, embora

tivesse conseguido estar de olhos secos e radiante quando Jon Arryn pôs seu manto creme e azul sobre os ombros dela.

– Ela é mais bonita do que me atrevia a esperar. – Edmure levantou uma mão antes de Catelyn poder falar. – Eu sei que há coisas mais importantes, poupe-me do sermão, septã. Mesmo assim... viu algumas das outras donzelas que o Frey exibiu? A que tinha o tique? Seria aquilo a doença dos tremores? E aquelas gêmeas tinham mais crateras e acne no rosto do que o Petyr Espinha. Quando vi aquele bando, soube que Roslin seria careca e zarolha, com a inteligência do Guizo e o temperamento de Walder Negro. Mas ela parece tão gentil quanto bela. – Fez uma expressão perplexa. – Por que haveria a velha doninha de recusar que eu escolhesse se não pretendia me empurrar qualquer coisa hedionda?

– A sua queda por um rosto bonito é bem conhecida – relembrou-lhe Catelyn. – Talvez Lorde Walder realmente queira que seja feliz com a sua noiva. – *Ou, o que é mais provável, talvez não tenha querido que você recuasse perante um furúnculo e dificultasse os planos dele*. – Ou pode ser que Roslin seja a favorita do velho. O Senhor de Correrrio é uma união muito melhor do que a maior parte das suas filhas pode esperar.

– Isso é verdade. – Mas o irmão ainda parecia incerto. – Será possível que a garota seja estéril?

– Lorde Walder quer que o neto herde Correrrio. Que objetivo teria em lhe dar uma esposa estéril?

– Livra-se de uma filha que ninguém mais aceitaria.

– De pouco lhe serviria. Walder Frey é mesquinho, mas não é burro.

– Mesmo assim... *será* possível?

– Sim – concedeu Catelyn com relutância. – Há doenças que uma garota pode ter durante a infância que a deixam incapaz de conceber. No entanto, não existe motivo para crer que a Senhora Roslin tenha sofrido delas. – Percorreu o quarto com os olhos. – Os Frey receberam-nos com maior amabilidade do que eu esperava, a bem da verdade.

Edmure soltou uma gargalhada.

– Umas tantas palavras espinhosas e um pouco de regozijo indecoroso. Vindo dele, é cortesia. Esperava que a velha doninha mijasse em nosso vinho e nos obrigasse a elogiar a colheita.

O gracejo deixou Catelyn estranhamente inquieta.

– Se me der licença, eu devia ir vestir uma roupa seca.

– Como queira. – Edmure bocejou. – Eu talvez vá cochilar por uma hora.

Ela retirou-se para o seu quarto. O baú de roupa que trouxera de Correrrio tinha sido carregado para cima e posto aos pés da cama. Depois de se despir e de pendurar a roupa molhada perto da lareira, colocou um vestido quente de lã no vermelho e azul dos Tully, lavou e escovou os cabelos, deixou-os secar, e foi em busca dos Frey.

O trono negro de carvalho de Lorde Walder estava vazio quando entrou no salão, mas alguns de seus filhos estavam bebendo perto do fogo. Lothar Coxo ergueu-se desajeitadamente quando a viu.

– Senhora Catelyn, achei que estivesse descansando. Como posso ser útil?

– Estes são os seus irmãos? – perguntou ela.

– Irmãos, meios-irmãos, cunhados e sobrinhos. Raymund e eu partilhamos uma mãe. Lorde Lucias Vypren é esposo de minha meia-irmã Lythene e Sor Damon é filho deles. Creio que conhece o meu meio-irmão Sor Hosteen. E este é Sor Leslyn Haigh e os filhos, Sor Harys e Sor Donnel.

– Muito prazer, senhores. Sor Perwyn está no castelo? Ele ajudou a me escoltar a Ponta Tempestade e de volta a Correrrio, quando Robb me enviou para falar com Lorde Renly. Gostaria de revê-lo.

– Perwyn não se encontra nas Gêmeas – disse Lothar Coxo. – Darei os seus cumprimentos. Sei que ele sentirá por não se encontrar com a senhora.

– Decerto voltará a tempo do casamento da Senhora Roslin?

– Ele tinha essa esperança – disse Lothar Coxo –, mas com essa chuva... viu como correm os rios, senhora.

– De fato vi – disse Catelyn. – Posso pedir que me diga como posso falar com o seu meistre?

– Não está bem, senhora? – perguntou Sor Hosteen, um homem imponente, com um forte maxilar quadrado.

– É uma coisa de mulher. Nada que deva preocupá-lo, sor.

Lothar, sempre atencioso, saiu com ela do salão, acompanhou-a por alguns degraus acima e ao longo de uma ponte coberta até outra escada.

– Deverá encontrar Meistre Brenett no torreão lá em cima, senhora.

Catelyn quase esperava que o meistre fosse ser mais um dos filhos de Walder Frey, mas Brenett não se parecia com ele. Era um homem grande e gordo, calvo, com um queixo duplo e não muito asseado, a julgar pelos excrementos de corvo que manchavam as mangas de suas vestes, mas mostrou-se bastante amigável. Quando lhe falou das preocupações de Edmure a respeito da fertilidade da Senhora Roslin, soltou um risinho.

– O senhor seu irmão nada tem a temer, Senhora Catelyn. Ela é pequena, admito, e de ancas estreitas, mas a mãe era igual, e a Senhora Bethany deu ao Lorde Walder um filho a cada ano.

– Quantos sobreviveram à infância? – perguntou ela sem rodeios.

– Cinco. – Contou-os por dedos gordos como salsichas. – Sor Perwyn. Sor Benfrey. Meistre Willamen, que proferiu os votos no ano passado e agora serve Lorde Hunter no Vale. Olyvar, que foi escudeiro de seu filho. E a Senhora Roslin, a mais nova. Quatro rapazes e uma menina. Lorde Edmure terá tantos filhos que não saberá o que fazer com eles.

– Estou certa de que isso lhe agradará. – Então a garota era provavelmente tão fértil como agradável de se ver. *Isso deve descansar a mente de Edmure*. Lorde Walder não dera ao irmão motivos para se queixar, até onde Catelyn conseguia ver.

Não retornou ao seu quarto depois de deixar o meistre; em vez disso foi até Robb. Encontrou Robin Flint e Sor Wendel Manderly com ele, bem como Grande-Jon e o filho, que ainda chamavam de Pequeno-Jon, embora ameaçasse se tornar mais alto do que o pai. Estavam todos molhados. Outro homem, ainda mais molhado, encontrava-se em pé junto ao fogo com um manto rosa-claro forrado de pele branca.

– Lorde Bolton – disse ela.

– Senhora Catelyn – respondeu ele, com uma voz tênue –, é um prazer voltar a vê-la, mesmo em tempos tão difíceis.

– É bondade sua dizê-lo. – Catelyn conseguia sentir tristeza no aposento. Até Grande-Jon parecia melancólico e vencido. Olhou o rosto carregado dos homens e perguntou: – O que aconteceu?

– Lannisters no Tridente – disse Sor Wendel num tom infeliz. – Meu irmão foi capturado novamente.

– E Lorde Bolton trouxe-nos mais novidades de Winterfell – acrescentou Robb. – Sor Rodrik não foi o único bom homem a morrer. Cley Cerwyn e Leobald Tallhart foram também mortos.

– Cley Cerwyn não passava de um rapaz – disse ela, entristecida. – Então é verdade? Todos mortos e Winterfell destruído?

Os olhos claros de Bolton encontraram-se com os seus.

– Os homens de ferro queimaram tanto o castelo como a vila de Inverno. Parte do seu povo foi levado para o Forte do Pavor por meu filho, Ramsay.

– O seu bastardo foi acusado de graves crimes – relembrou-lhe Catelyn em tom penetrante. – Assassinato, violação e coisas piores.

– Sim – disse Roose Bolton. – Seu sangue está manchado, isso não é possível negar. Mas é um bom guerreiro, tão astuto quanto destemido. Quando os homens de ferro abateram Sor Rodrik, e Leobald Tallhard pouco tempo depois, coube a Ramsay liderar a batalha, e foi o que ele fez. Jura que não vai embainhar a espada enquanto um único Greyjoy permanecer no Norte. Talvez esse serviço possa servir como um pouco de compensação pelos crimes que o seu sangue bastardo o levou a cometer. – Encolheu os ombros. – Ou não. Quando a guerra terminar, Sua Graça deverá avaliar os fatos e julgar. Por ora, espero que a Senhora Walda já tenha me dado um filho legítimo.

*Este homem é frio*, compreendeu Catelyn, e não era a primeira vez.

– Ramsay mencionou Theon Greyjoy? – quis saber Robb. – Foi também morto, ou conseguiu fugir?

Roose Bolton pegou uma tira rasgada de couro da bolsa que trazia à cintura.

– Meu filho mandou isto com a carta.

Sor Wendel virou seu rosto redondo para longe. Robin Flint e o Pequeno-Jon Umber trocaram um olhar, e Grande-Jon resfolegou como um touro.

– Isso é... pele? – perguntou Robb.

– A pele do mindinho da mão direita de Theon Greyjoy. Meu filho é cruel, confesso. E no entanto... o que é um pouco de pele comparado com a vida de dois jovens príncipes? Era mãe deles, senhora. Posso oferecer-lhe este... pequeno penhor de vingança?

Parte de Catelyn desejou levar o macabro troféu ao coração, mas obrigou-se a resistir.

– Guarde-o. Por favor.

– Esfolar Theon não trará meus irmãos de volta – disse Robb. – Quero a cabeça dele, não a pele.

– Ele é o único filho sobrevivente de Balon Greyjoy – disse suavemente Lorde Bolton, como se eles tivessem esquecido disso – e agora o legítimo Rei das Ilhas de Ferro. Um rei cativo tem grande valor como refém.

– Refém? – a palavra irritou Catelyn. Reféns eram frequentemente trocados. – Lorde Bolton, espero que não esteja sugerindo que *libertemos* o homem que matou meus filhos.

– Quem quer que conquiste a Cadeira de Pedra do Mar vai querer Theon Greyjoy morto – ressaltou Bolton. – Até acorrentado tem uma pretensão superior à de qualquer um de seus tios. Sugiro que o mantenhamos prisioneiro e que exijamos concessões por parte dos homens de ferro, como preço a pagar por sua execução.

Robb pesou relutantemente a ideia, mas por fim assentiu.

– Sim. Muito bem. Assim sendo, mantenha-o vivo. Por ora. Mantenha-o bem preso no Forte do Pavor até retomarmos o Norte.

Catelyn voltou-se de novo para Roose Bolton.

– Sor Wendel disse algo sobre Lannisters no Tridente?

– Disse, senhora. Culpo-me pelo fato. Atrasei demais a partida de Harrenhal. Aenys Frey partiu vários dias antes de mim e atravessou o vau rubi, embora não sem dificuldade. Mas quando nós chegamos lá, o rio era uma torrente. Não tive alternativa exceto atravessar meus homens em pequenos barcos, os quais possuíamos em quantidade insuficiente. Dois terços de minhas forças encontravam-se na margem norte quando os Lannister atacaram aqueles que ainda esperavam para atravessar. Homens de Norrey, Locke e Burley, principalmente, com Sor Wylis Manderly e seus cavaleiros de Porto Branco na retaguarda. Eu estava do lado errado do Tridente, impotente para lhes prestar assistência. Sor Wylis reagrupou nossos homens o melhor que pôde, mas Gregor Clegane atacou com cavalaria pesada e empurrou-os para o rio. Os que se afogaram foram tantos quanto os abatidos. A maior parte fugiu, mas os demais foram capturados.

Gregor Clegane significava sempre má notícia, pensou Catelyn. Teria Robb de voltar a marchar para o sul a fim de lidar com ele? Ou viria a Montanha a caminho dali?

– Então Clegane atravessou o rio?

– Não. – A voz de Bolton era baixa, mas segura. – Deixei seiscentos homens no vau. Lanceiros dos córregos, das montanhas e da Faca Branca, cem arqueiros Hornwood, alguns cavaleiros livres e cavaleiros menores, e uma poderosa força de homens Stout e Cerwyn para lhes dar apoio. Ronnel Stout e Sor Kyle Condon têm o comando. Sor Kyle era o braço direito do falecido Lorde Cerwyn, como decerto sabe, senhora. Os leões não nadam melhor do que os lobos. Enquanto os rios permanecerem cheios, Sor Gregor não atravessará.

– A última coisa de que necessitamos é a Montanha em nossas costas quando avançarmos pelo talude – disse Robb. – Fez bem, senhor.

– É muita bondade de Vossa Graça. Sofri pesadas perdas no Ramo Verde, e Glover e Tallhart mais ainda em Valdocaso.

– *Valdocaso*. – Robb fez da palavra uma praga. – Robett Glover responderá por isso quando voltar a vê-lo, garanto.

– Uma loucura – concordou Lorde Bolton –, mas Glover tornou-se imprudente depois de saber que Bosque Profundo tinha caído. O desgosto e o medo fazem isso aos homens.

Valdocaso era um assunto terminado e antigo; eram as batalhas ainda a travar que preocupavam Catelyn.

– Quantos homens trouxe ao meu filho? – perguntou a Roose Bolton num tom contundente.

Os estranhos olhos sem cor do homem estudaram seu rosto por um instante antes de responder.

– Cerca de quinhentos homens de cavalaria e três mil de infantaria, senhora. Homens do Forte do Pavor, na sua maior parte, e alguns de Karhold. Com a lealdade dos Karstark agora tão duvidosa, achei melhor mantê-los por perto. Lamento que não sejam mais.

– Deverá bastar – disse Robb. – Ficará com o comando de minha retaguarda, Lorde Bolton. Pretendo me dirigir ao Gargalo assim que meu tio estiver casado. Vamos para casa.

# ARYA

Os batedores aproximaram-se deles a uma hora do Ramo Verde, quando a carroça se arrastava ao longo de uma estrada lamacenta.

– Fique com a cabeça abaixada e a boca fechada – avisou-a Cão de Caça quando os três esporearam os cavalos na direção deles; um cavaleiro e dois escudeiros, com armaduras leves e montados em palafréns rápidos.

Clegane chicoteou a parelha, um par de velhos cavalos de tração que já tinham conhecido dias melhores. A carroça rangia e oscilava, suas duas enormes rodas de madeira faziam esguichar lama dos profundos sulcos da estrada a cada curva. Estranho seguia atrás, amarrado ao veículo.

O grande corcel de temperamento ruim não usava armadura, jaezes ou arreios, e o próprio Cão de Caça seguia vestido de tecido grosseiro, verde e sujo, e uma capa de um cinza fuliginoso com um capuz que engolia sua cabeça. Desde que mantivesse os olhos baixos não era possível ver seu rosto, enxergava-se apenas o branco de seus olhos espreitando para fora. Parecia um agricultor empobrecido. Mas um agricultor grande. E Arya sabia que sob o tecido grosseiro havia couro fervido e cota de malha oleada. Ela parecia um filho de agricultor, ou talvez de um criador de porcos. E atrás deles seguiam quatro barris rotundos de porco salgado e um de pés de porco em salmoura.

Os homens a cavalo dispersaram-se e cercaram-nos para observá-los antes de se aproximarem. Clegane fez a carroça parar e esperou pacientemente. O cavaleiro portava lança e espada, ao passo que seus escudeiros usavam arcos. O símbolo em seus gibões era uma versão menor daquele que seu chefe trazia cosido ao sobretudo; uma forquilha negra sobre barra dourada à direita, em fundo cor de ferrugem. Arya tinha pensado em se revelar aos primeiros batedores que encontrassem, mas sempre imaginara homens de manto cinzento, com o lobo gigante ao peito. Até poderia ter arriscado, caso tivessem exibido o gigante de Umber ou o punho de Glover, mas não conhecia o cavaleiro da forquilha

nem sabia a quem ele servia. A coisa mais parecida com uma forquilha que tinha visto em Winterfell foi o tridente na mão do tritão de Lorde Manderly.

– Tem negócios nas Gêmeas? – perguntou o cavaleiro.

– Porco salgado para o banquete de casamento, por sua mercê, sor. – Cão de Caça murmurou a resposta, de olhos baixos e rosto escondido.

– Porco salgado nunca me agradou. – O cavaleiro da forquilha não deu a Clegane mais do que o mais apressado dos relances e não prestou qualquer atenção em Arya, mas olhou longa e duramente para o Estranho. O garanhão não era nenhum cavalo de tração, isso ficava claro à primeira vista. Um dos escudeiros quase acabou na lama quando o grande corcel negro deu uma mordida em sua montaria. – Como arranjou este animal? – exigiu saber o cavaleiro da forquilha.

– A senhora disse-me para trazê-lo, sor – disse humildemente Clegane. – É um presente de casamento para o jovem Lorde Tully.

– Que senhora? A quem serve?

– À velha Senhora Whent, sor.

– Será que ela pensa que pode comprar Harrenhal de volta com um cavalo? – perguntou o cavaleiro. – Deuses, haverá algum tolo maior do que um velho tolo? – Mas fez sinal para que avançassem. – Sigam em frente, então.

– Sim, senhor. – Cão de Caça voltou a estalar o chicote, e os velhos cavalos de carga retomaram seu cansativo rumo. As rodas tinham se enterrado profundamente na lama durante a pausa, e foi preciso algum tempo para que a parelha retomasse o movimento. A essa altura, os batedores já se afastavam. Clegane dirigiu-lhes um último olhar e fungou. – Sor Donnel Haigh – disse. – Tirei mais cavalos dele do que sou capaz de contar. E armaduras também. Uma vez quase o matei num corpo a corpo.

– Então como é que ele não o reconheceu? – perguntou Arya.

– Porque os cavaleiros são estúpidos, e olhar duas vezes para um camponês bexigoso qualquer estaria abaixo do nível dele. – Deu um toque com o chicote nos cavalos. – Mantenha os olhos baixos e o tom respeitoso, e diga muitas vezes *sor*, que a maior parte dos cavaleiros nem sequer a verão. Prestam mais atenção nos cavalos do que nos plebeus.

Ele podia ter reconhecido o Estranho, se tivesse me visto alguma vez montado nele.

*Mas teria reconhecido a sua cara*. Arya não tinha dúvidas quanto a isso. Não era fácil esquecer as queimaduras de Sandor Clegane depois de vê-las. E ele também não podia esconder as cicatrizes atrás de um elmo; pelo menos não de um elmo com a forma de um cão rosnando.

Foi para isso que precisaram da carroça e dos pés de porco em salmoura.

– Não vou ser arrastado acorrentado até a presença de seu irmão – tinha lhe dito Cão de Caça – e prefiro não ter de abrir caminho com a espada através de seus homens, para chegar até ele. Portanto, vamos jogar um pequeno jogo.

Um agricultor encontrado por acaso na estrada do rei fornecera-lhes a carroça, os cavalos, o vestuário e os barris, embora não de boa vontade. Cão de Caça tinha roubado tudo na ponta da espada. Quando o agricultor o xingou de ladrão, ele disse:

– Não, sou um forrageiro. Fique agradecido por ficar com a roupa de baixo. Agora tire essas botas. Senão corto suas pernas. A escolha é sua. – O agricultor era tão grande quanto Clegane, mesmo assim preferiu ceder as botas e ficar com as pernas.

O anoitecer foi encontrá-los ainda se arrastando na direção do Ramo Verde e dos castelos gêmeos de Lorde Frey. *Estou quase lá*, pensou Arya. Sabia que devia se sentir ansiosa, mas tinha um nó apertado na barriga. Talvez fosse só da febre que vinha combatendo, mas talvez não. Na noite anterior teve um pesadelo, um pesadelo *terrível*. Agora não conseguia se lembrar do sonho, mas a sensação tinha permanecido ao longo de todo o dia. Se algo havia mudado, fora apenas para se tornar mais forte. *O medo golpeia mais profundamente do que as espadas*. Tinha de ser forte, como o pai havia lhe dito. Nada havia entre ela e a mãe além de um portão de castelo, um rio e um exército... mas era o exército de *Robb*, portanto ali não havia nenhum perigo real. Não é?

Roose Bolton era um deles, no entanto. O Senhor Sanguessuga, como os fora da lei o chamavam. Isso deixava-a inquieta. Fugira de Harrenhal tanto para se livrar de Bolton como dos Saltimbancos Sangrentos e teve de cortar a garganta de um de seus guardas para fugir. Será que ele sabia que ela tinha feito isso? Ou teria culpado Gendry ou Torta Quente? Teria

contado à mãe dela? O que faria se a visse? *Provavelmente nem sequer me reconhecerá*. Por esses dias, parecia-se mais com uma ratazana afogada do que com a copeira de um senhor. Uma ratazana afogada *macho*. Cão de Caça tinha cortado mãos-cheias de cabelo apenas dois dias antes. Era um barbeiro ainda pior do que Yoren, e deixara-a meio careca de um lado. *Robb também não me reconhecerá, aposto. Ou mesmo a mãe*. Era uma garotinha da última vez que os viu, no dia em que Lorde Eddard Stark partiu de Winterfell.

Ouviram a música antes de verem o castelo; o ribombar distante de tambores, o estrondo brônzeo de trombetas, os guinchos finos das gaitas de foles soando tênues sob o rugido do rio e o som da chuva batendo em sua cabeça.

– Perdemos a boda – disse Cão de Caça –, mas parece que a festa ainda dura. Em breve, vou me ver livre de você.

*Não, eu é que me verei livre de você*, pensou Arya.

Até aquele ponto a estrada seguira principalmente para noroeste, mas agora virava para o oeste, por entre um pomar de macieiras e um milharal submerso e derrubado pela chuva. Passaram pela última das macieiras e ultrapassaram uma elevação, e os castelos, rio e acampamentos surgiram de repente. Havia centenas de cavalos e milhares de homens, a maioria dos quais andando de um lado para o outro em volta das três enormes tendas para banquetes que se erguiam lado a lado, viradas para os portões do castelo, como três grandes salões feitos de lona. Robb tinha montado seu acampamento bem afastado das muralhas, em terreno mais alto e mais seco, mas o Ramo Verde transbordou as margens e até se apoderou de algumas tendas posicionadas sem cuidado.

A música que vinha dos castelos era mais alta ali. O som dos tambores e trombetas rolava pelo acampamento. Mas os músicos no castelo mais próximo não estavam tocando a mesma canção dos do castelo da margem oposta, e aquilo parecia mais uma batalha do que uma canção.

– Eles não são lá muito bons – observou Arya.

Cão de Caça fez um ruído que podia ter sido uma gargalhada.

– Há velhas surdas em Lanisporto queixando-se da barulheira, aposto. Tinha ouvido dizer que os olhos de Walder Frey andavam fraquejando, mas ninguém falou da porcaria dos ouvidos dele.

Arya viu-se desejando que fosse dia. Se o sol estivesse no céu e soprasse vento, poderia ter sido capaz de ver melhor os estandartes. Teria procurado o lobo gigante de Stark, ou talvez o machado de batalha de Cerwyn ou o punho de Glover. Mas, nas sombras da noite, todas as cores pareciam cinza. A chuva reduzira-se a um chuvisco, quase uma névoa, mas um pé-d'água anterior deixara os estandartes tão molhados quanto panos de prato, encharcados e ilegíveis.

Uma cerca de carros e carroças havia sido disposta ao longo do perímetro, para formar uma muralha rudimentar de madeira contra qualquer ataque que pudesse surgir. Foi aí que os guardas os pararam. A lanterna que o sargento transportava dava luz suficiente para que Arya visse que seu manto era rosa-claro, salpicado com lágrimas vermelhas. Os homens sob o seu comando tinham o símbolo do Senhor Sanguessuga cosido sobre o coração, o homem esfolado do Forte do Pavor. Sandor Clegane contou-lhes a mesma história que tinha usado com os batedores, mas o sargento Bolton era uma noz mais dura de quebrar do que Sor Donnel Haigh.

– Porco salgado não é carne própria para o banquete de casamento de um lorde – disse ele com um ar de escárnio.

– Também tenho pé de porco em salmoura, sor.

– Para o banquete? Não tem, não. O banquete já está quase no fim. E eu sou um nortenho, não um cavaleiro qualquer do sul que ainda mama leite.

– Disseram-me para ir até o intendente ou o cozinheiro...

– O castelo está fechado. Os fidalgos não devem ser incomodados. – O sargento pensou por um momento. – Pode descarregar ali, junto das tendas para banquetes. – Apontou com uma mão revestida de cota de malha. – A cerveja deixa um homem com fome, e o velho Frey não vai sentir falta de alguns pés de porco. Seja como for, não tem dentes para eles. Pergunte pelo Sedgekins, ele vai saber o que fazer com você. – Latiu uma ordem, e seus homens empurraram uma das carroças para o lado, para deixá-los entrar.

O chicote de Cão de Caça incitou a parelha a se aproximar das tendas. Ninguém pareceu prestar nenhuma atenção neles. Passaram chapinhando por fileiras de pavilhões brilhantemente coloridos, com paredes de seda molhada iluminadas como lanternas mágicas por lâmpadas e braseiros

que ardiam lá dentro; brilhavam em tons de rosa, ouro e verde, listradas, quadriculadas, axadrezadas, ornamentadas com aves e feras, asnas e estrelas, rodas e armas. Arya vislumbrou uma tenda amarela com seis bolotas nas paredes, três sobre duas sobre uma. *Lorde Smallwood*, compreendeu, lembrando-se do Solar de Bolotas, tão distante, e da senhora que tinha lhe dito que era bonita.

Mas para cada cintilante pavilhão de seda havia duas dúzias de feltro ou lona, opacos e escuros. Havia também tendas-casernas, suficientemente grandes para abrigar duas vintenas de soldados de infantaria, embora até essas parecessem anãs ao lado das três grandes tendas para banquetes. Já se bebia havia horas, ao que parecia. Arya ouviu brindes gritados e o bater de taças, misturados com os sons habituais dos acampamentos, cavalos relinchando e cães latindo, carroças trovejando pela escuridão, risos e pragas, o tinir e ressoar do aço e da madeira. A música ficou ainda mais alta quando se aproximaram do castelo, mas por baixo dela havia um som mais profundo e escuro: o rio, o Ramo Verde em cheia, rugindo como um leão em sua toca.

Arya torceu-se e virou-se, tentando olhar para todos os lados ao mesmo tempo, na esperança de vislumbrar um lobo gigante, uma tenda decorada em cinza e branco, um rosto que conhecesse de Winterfell. Mas viu apenas estranhos. Fitou um homem que se aliviava nos juncos, mas não era o Alebelly. Viu uma garota seminua fugir de uma tenda aos risos, mas a tenda era azul-clara, e não cinza como a princípio julgara, e o homem que saiu correndo atrás dela usava no gibão um gato-das-árvores, e não um lobo. Por baixo de uma árvore, quatro arqueiros enfiavam cordas enceradas no entalhe de seus arcos, mas não eram arqueiros do pai. Um meistre atravessou o caminho deles, mas era muito novo e magro para ser o Meistre Luwin. Arya fitou as Gêmeas, em cujas torres as janelas altas brilhavam onde quer que houvesse uma vela ardendo. Através da neblina da chuva, os castelos pareciam assustadores e misteriosos, como algo saído de uma das histórias da Velha Ama, mas não eram Winterfell.

A aglomeração era maior junto das tendas para banquetes. As largas abas estavam atadas, abertas, e os homens entravam e saíam com cornos e canecas nas mãos, alguns com seguidoras de acampamentos. Arya deu uma olhada para dentro quando Cão de Caça passou pela primeira das três tendas e viu centenas de homens aglomerados nos bancos e

acotovelando-se em volta dos barris de hidromel, cerveja e vinho. Lá dentro quase não havia espaço para as pessoas se moverem, mas ninguém parecia se importar. Pelo menos estavam quentes e secas. Arya, fria e molhada, teve inveja delas. Alguns homens até cantavam. A chuvinha fina e brumosa fumegava em volta da porta devido ao calor que escapava do interior.

– Ao Lorde Edmure e à Senhora Roslin – ouviu uma voz gritar. Todos beberam, e alguém gritou:

– Ao Jovem Lobo e à Rainha Jeyne.

*Quem é a Rainha Jeyne?*, interrogou-se Arya por um breve momento. A única rainha que conhecia era Cersei.

Buracos para fogueiras tinham sido escavados fora das tendas para banquetes, abrigadas sob rudes dosséis de madeira entrelaçada e peles que mantinham a chuva afastada, desde que caísse na vertical. Mas o vento soprava do rio, e entrava chuva suficiente para fazer as fogueiras silvarem e tremularem. Criados viravam peças de carne enfiadas em espetos por cima das chamas. Os cheiros encheram a boca de Arya de água.

– Não devíamos parar? – perguntou a Sandor Clegane. – Há nortenhos nas tendas. – Reconhecia-os pelas barbas, pelos rostos, pelos mantos de pele de urso e de foca, pelos brindes parcialmente escutados e pelas canções que cantavam; homens Karstark, Umber e dos clãs de montanha. – Aposto que também há homens de Winterfell. – Homens do pai, homens do Jovem Lobo, os lobos gigantes de Stark.

– Seu irmão está no castelo – disse ele. – Sua mãe também. Quer ir até eles ou não?

– Sim – disse ela. – Mas e o Sedgekins? – O sargento tinha lhes falado para perguntar por Sedgekins.

– O Sedgekins pode se foder com um atiçador quente. – Clegane sacudiu o chicote, e mandou-o assobiando através da chuva suave até morder o flanco de um cavalo. – É o seu maldito irmão que eu procuro.

# CATELYN

Os tambores retumbavam, retumbavam, retumbavam, e a cabeça de Catelyn retumbava com eles. As gaitas gemiam e as flautas soltavam trinados na galeria dos músicos na extremidade do salão; rabecas guinchavam, trombetas soavam, as gaitas de foles gritavam uma melodia animada, mas era a batida dos tambores que dominava tudo. Os sons ecoavam nas vigas, enquanto os convidados comiam, bebiam e gritavam uns para os outros, logo abaixo. *Walder Frey deve ser surdo como uma porta para chamar isso de música*. Catelyn bebericou uma taça de vinho e viu Guizo pavonear-se ao som de "Alysanne". Pelo menos julgava que se pretendia que fosse "Alysanne". Com aqueles músicos, podia perfeitamente ter sido "O urso e a bela donzela".

Lá fora ainda chovia, mas dentro das Gêmeas o ar estava pesado e quente. Um fogo rugia na lareira, e filas de archotes ardiam, fumacentas, em arandelas de ferro presas às paredes. Mas a maior parte do calor vinha dos corpos dos convidados do casamento, tão apertados ao longo dos bancos que cada homem que tentava levantar a sua taça dava cotoveladas nas costelas do vizinho.

Até no estrado estavam mais próximos do que Catelyn teria desejado. Tinha sido colocada entre Sor Ryman Frey e Roose Bolton, e ficara com o nariz cheio de ambos. Sor Ryman bebia como se o vinho estivesse prestes a acabar em Westeros, e suava-o todo pelo sovaco. O homem tinha tomado banho em água de limão, achava, mas nenhum limão era capaz de disfarçar tanto suor acre. Roose Bolton tinha um cheiro mais doce, mas que não era mais agradável. Preferia bebericar hipocraz a vinho ou hidromel, e pouco comia.

Catelyn não podia censurá-lo pela falta de apetite. O banquete de casamento começou com uma sopa aguada de alho-poró, seguida por uma salada de feijão verde, cebola e beterraba, lúcio escaldado em leite de amêndoa, montinhos de purê de nabo que já estava frio antes de chegar à mesa, geleia de miolos de vitela e carne de vaca fibrosa cozida

em leite. Era um pobre repasto para um rei, e os miolos de vitela embrulharam o estômago de Catelyn. Mas Robb comeu sem protestar, e o irmão de Catelyn estava embevecido demais pela noiva para prestar muita atenção à comida.

*Nunca se imaginaria que Edmure passou todo o caminho de Correrrio até as Gêmeas queixando-se de Roslin*. Marido e mulher comiam do mesmo prato, bebiam da mesma taça e trocavam castos beijos entre os goles. Edmure mandava embora a maior parte dos pratos. Não podia censurá-lo por isso. Pouco recordava da comida servida em seu banquete de casamento. *Terei chegado a prová-la? Ou será que passei o tempo todo fitando o rosto de Ned, tentando perceber quem ele era?*

O sorriso da pobre Roslin tinha uma certa fixidez, como se alguém o tivesse costurado ao rosto dela. *Bem, é uma donzela casada, mas a noite de núpcias ainda não aconteceu. Sem dúvida está tão aterrorizada quanto eu estava*. Robb encontrava-se sentado entre Alyx Frey e a Bela Walda, duas das mais núbeis donzelas Frey.

–"Espero que não se recuse a dançar com as minhas filhas no banquete de casamento" – tinha dito Walder Frey. –"Isso satisfaria o coração de um velho." – Se assim era, seu coração devia estar bem satisfeito; Robb havia desempenhado o seu dever como um rei. Dançou com cada uma das garotas, com a noiva de Edmure e com a oitava Senhora Frey, com a viúva Ami e com a esposa de Roose Bolton, a Walda Gorda, com as gêmeas cheias de espinhas Serra e Sarra, e até com Shirei, a mais nova das filhas de Lorde Walder, que devia ter uns seis anos. Catelyn perguntou a si mesma se o Senhor da Travessia estaria satisfeito, ou se encontraria motivos de queixa em todas as outras filhas e netas que não tiveram a sua vez com o rei.

– Suas irmãs dançam muito bem – ela disse a Sor Ryman Frey, tentando ser agradável.

– São tias e primas. – Sor Ryman bebeu um trago de vinho, com o suor escorrendo pelo rosto e desaparecendo na barba.

*Um homem amargo, e embriagado*, pensou Catelyn. O Atrasado Lorde Frey podia ser avaro no que tocava a alimentar os seus convidados, mas não tinha economizado na bebida. Cerveja, vinho e hidromel fluíam tão depressa quanto o rio, lá fora. Grande-Jon já estava para lá de bêbado. O filho de Lorde Walder, Merrett, estava competindo com ele, taça atrás de

taça, mas Sor Whalen Frey desmaiou tentando acompanhar os dois. Catelyn teria preferido que Lorde Umber tivesse achado por bem permanecer sóbrio, mas dizer ao Grande-Jon para não beber era como lhe pedir para não respirar durante algumas horas.

O Pequeno-Jon Umber e Robin Flint estavam sentados perto de Robb, depois da Bela Walda e de Alyx, respectivamente. Nenhum dos dois estava bebendo; com Patrek Mallister e Dacey Mormont eram, naquela noite, os guardas do filho de Catelyn. Um banquete de casamento não era uma batalha, mas havia sempre perigo quando os homens se metiam nos copos, e um rei nunca devia ficar sem guarda. Catelyn sentia-se satisfeita com isso, e ainda mais com os cintos de espadas pendurados nos cabides ao longo das paredes. *Nenhum homem precisa de uma espada para lidar com geleia de miolos de vitela*.

– Todos pensavam que o meu senhor escolheria a Bela Walda – disse a Senhora Walda Bolton a Sor Wendel, gritando para ser ouvida por sobre a música. Ela mais parecia uma bola de sebo redonda e cor-de-rosa, com olhos azuis lacrimejantes, cabelos louros e sem força e um enorme busto, mas a voz era um guincho trêmulo. Era difícil imaginá-la no Forte do Pavor, com sua renda cor-de-rosa e capa de veiro. – Mas o senhor meu avô ofereceu a Roose o peso da noiva em prata como dote, e meu senhor de Bolton me escolheu. – Os queixos da garota estremeceram quando riu. – Peso quarenta quilos a mais do que a Bela Walda, mas esta foi a primeira vez que fiquei feliz por isso. Agora sou a Senhora Bolton, e minha prima ainda é donzela e em breve fará *dezenove* anos, pobrezinha.

Catelyn viu que o Senhor do Forte do Pavor não prestava qualquer atenção à tagarelice. Às vezes provava um pouco disso, uma colher daquilo, arrancando bocados de pão com dedos curtos e fortes, mas a refeição não era capaz de distraí-lo. Bolton fez um brinde aos netos de Lorde Walder quando o banquete de casamento começou, fazendo questão de mencionar que Walder e Walder estavam aos cuidados de seu filho bastardo. Pelo modo como o velho o olhou de viés, com a boca chupando o ar, Catelyn compreendeu que ele tinha ouvido a ameaça subjacente.

*Terá alguma vez havido uma boda menos alegre?*, perguntou a si mesma até se lembrar de sua pobre Sansa e do casamento com o Duende. *Mãe, tenha piedade dela. Ela tem uma alma gentil*. O calor, a fumaça e o

barulho estavam deixando Catelyn enjoada. Os músicos na galeria podiam ser numerosos e ruidosos, mas não eram particularmente dotados. Catelyn bebeu outro gole de vinho e deixou que um pajem lhe enchesse a taça. *Mais algumas horas, e o pior terá chegado ao fim*. Amanhã a esta hora Robb terá partido para outra batalha, dessa vez contra os homens de ferro em Fosso Cailin. Era estranho como essa perspectiva parecia quase um alívio. *Ele ganhará a sua batalha. Ele ganha todas as suas batalhas, e os homens de ferro estão sem rei. Além disso, Ned ensinou-o bem*. Os tambores retumbavam. Guizo voltou a passar à sua frente aos saltos, mas a música era tão alta que quase não conseguiu ouvir seus guizos.

Por sobre o ruído ouviu-se de repente um rosnado, quando dois cães se lançaram um contra o outro, lutando por um resto de carne. Rolaram pelo chão, atirando dentadas, enquanto um uivo de divertimento soava. Alguém lhes deu um banho com um jarro de cerveja, e eles se separaram. Um dos cães dirigiu-se mancando para o estrado. A boca desdentada de Lorde Walder abriu-se numa gargalhada quando o cão encharcado sacudiu cerveja e pelos por cima de três dos seus netos.

Ver os cães fez Catelyn desejar uma vez mais que Vento Cinzento estivesse ali, mas o lobo gigante de Robb não era visto em parte alguma. Lorde Walder recusara-se a deixá-lo entrar no salão.

– O seu animal selvagem tem gosto por carne humana, segundo ouvi dizer, *heh* – tinha falado o velho. – Rasga as gargantas, sim. Não quero uma criatura dessas no banquete da minha Roslin, no meio das mulheres e dos pequenos, todos os meus queridos inocentes.

– Vento Cinzento não constitui qualquer perigo para eles, senhor – protestou Robb. – Desde que eu esteja presente.

– Mas você estava lá, no meu portão, não estava? Quando o lobo atacou os netos que enviei para recebê-los? Contaram-me tudo sobre isso, não pense que não, *heh*.

– Nenhum mal foi feito...

– Nenhum mal, diz o rei? Nenhum mal? Petyr caiu do cavalo, *caiu*. Perdi uma esposa da mesma forma, numa queda. – Sua boca moveu-se para dentro e para fora. – Ou teria sido só uma rameira qualquer? A mãe do Walder Bastardo, sim, agora me lembro. Caiu do cavalo e rachou a cabeça. O que faria Vossa Graça se Petyr tivesse quebrado o pescoço,

*heh*? Daria desculpas no lugar de um neto? Não, não, não. Pode ser rei, não direi que não, o Rei no Norte, *heh*, mas sob o meu teto as regras são minhas. O lobo ou a boda, senhor. Ambos, não.

Catelyn tinha visto como Robb estava furioso, mas ele cedeu com tanta cortesia quanto conseguiu arranjar. "Se Lorde Walder desejar me servir corvo guisado recheado de larvas", tinha dito a ela, "vou comê-lo e pedirei uma segunda porção." E assim fez.

Grande-Jon tinha derrubado para baixo da mesa, na bebida, mais um dos descendentes de Lorde Walder. Daquela vez fora Petyr Espinha. *O rapaz tinha um terço do tamanho de Grande-Jon, o que esperava?* Lorde Umber limpou a boca, ergueu-se e começou a cantar.

– *Havia um urso, um urso, um URSO! Preto e castanho e coberto de pelo!* – A voz dele não era nada má, embora estivesse um pouco pesada por causa da bebida.

Infelizmente, os rabequeiros, tambores e flautistas lá em cima estavam tocando "Flores da primavera", que combinava tão bem com as palavras de "O urso e a bela donzela" como caracóis combinavam com uma tigela de mingau de aveia. Até o pobre do Guizo tapou os ouvidos com aquela cacofonia.

Roose Bolton murmurou algumas palavras numa voz fraca demais para ser entendida e afastou-se em busca de uma latrina. O salão repleto de gente estava em constante ebulição com as idas e vindas de convidados e criados. Catelyn sabia que um segundo banquete, para cavaleiros e senhores de um nível um tanto inferior, trovejava no outro castelo. Lorde Walder exilara seus filhos ilegítimos e os descendentes destes para aquele lado do rio, e os nortenhos de Robb tinham começado a se referir àquilo como "o banquete bastardo". Alguns dos convidados estavam sem dúvida escapulindo para ver se os bastardos estavam se divertindo mais do que eles. Alguns talvez se aventurassem até os acampamentos. Os Frey tinham fornecido carroças cheias de vinho, cerveja e hidromel, de modo que os soldados comuns pudessem beber ao casamento de Correrrio e das Gêmeas.

Robb sentou-se no lugar deixado vago por Bolton.

– Mais algumas horas e esta farsa chegará ao fim, mãe – disse em voz baixa, enquanto Grande-Jon cantava sobre a donzela com mel nos cabelos. – Walder Negro tem se mostrado pacato como um cordeiro,

finalmente. E o tio Edmure parece bastante contente com a sua noiva. – Inclinou-se por sobre ela. – Sor Ryman?

Sor Ryman Frey piscou e disse:

– Senhor. Sim?

– Tinha a esperança de pedir a Olyvar para me servir como escudeiro quando marchássemos para o norte – disse Robb –, mas não o vejo aqui. Estará no outro banquete?

– Olyvar? – Sor Ryman balançou a cabeça. – Não. Olyvar não. Partiu... partiu dos castelos. Dever.

– Compreendo. – O tom de Robb sugeria o contrário. Quando Sor Ryman nada mais disse, o rei voltou a ficar em pé. – Quer dançar, mãe?

– Obrigada, mas não. – Dançar era a última coisa de que precisava, com a cabeça latejando como estava. – Sem dúvida que uma das filhas de Lorde Walder ficará contente por ser o seu par.

– Ah, sem dúvida. – O sorriso dele era resignado.

Os músicos estavam tocando "Lanças de ferro" a essa altura, enquanto Grande-Jon cantava "O robusto rapaz". *Alguém devia apresentá-los uns aos outros, talvez melhorasse a harmonia*. Catelyn virou-se para Sor Ryman.

– Ouvi dizer que um de seus primos é cantor.

– Alesander. Filho de Symond. Alyx é irmã dele. – Ergueu uma taça na direção do local onde ela dançava com Robin Flint.

– Alesander tocará para nós esta noite?

Sor Ryman olhou-a de canto de olho.

– Ele não. Está longe. – Limpou suor da testa e levantou-se com dificuldade. – Perdão, minha senhora. Perdão. – Catelyn viu-o cambalear para a porta.

Edmure estava beijando Roslin e apertando sua mão. Em outros pontos do salão, Sor Marq Piper e Sor Danwell Frey apostavam num jogo de bebida, Lothar Coxo dizia qualquer coisa divertida a Sor Hosteen, um dos Frey mais jovens fazia malabarismo com três punhais diante de um grupo de garotas risonhas e Guizo estava sentado no chão, chupando vinho dos dedos. Os serventes traziam enormes bandejas de prata repletas de cortes de cordeiro rosado e suculento, o prato mais apetitoso que tinham visto a noite toda. E Robb dançava com Dacey Mormont.

Quando usava vestido em vez de cota de malha, a filha mais velha da Senhora Maege era bastante bonita; alta e esbelta, com um sorriso recatado que lhe iluminava o longo rosto. Era agradável ver que sabia ser tão graciosa num salão de dança como no pátio de treinos. Catelyn ficou se perguntando se a Senhora Maege já teria chegado ao Gargalo. Levara consigo as outras filhas, porém, sendo uma das companheiras de batalha de Robb, Dacey tinha preferido permanecer ao lado dele. *Ele tem o dom que Ned tinha para inspirar lealdade*. Olyvar Frey também havia sido devotado ao filho. Robb não tinha dito que Olyvar quis permanecer com ele mesmo *depois* do casamento com Jeyne?

Sentado no meio de suas torres negras de carvalho, o Senhor da Travessia bateu as mãos manchadas. O ruído que fizeram foi tão tênue que até aqueles que se encontravam no estrado quase não ouviram, mas Sor Aenys e Sor Hosteen viram-no e começaram a bater na mesa com as taças. Lothar Coxo juntou-se a eles, seguido por Marq Piper, Sor Danwell e Sor Raymund. Em pouco tempo, metade dos convidados estava fazendo barulho com as taças. E, por fim, até os músicos na galeria repararam. Flautas, tambores e rabecas foram parando de tocar até que se fez silêncio.

– Vossa Graça – disse Lorde Walder –, o septão rezou as suas preces, algumas palavras foram ditas e Lorde Edmure envolveu a minha querida num manto com um peixe, mas eles ainda não são marido e mulher. Uma espada precisa de uma bainha, *heh*, e um casamento precisa de uma noite de núpcias. O que diz o meu senhor? Será próprio que os levemos para a cama?

Uma vintena ou mais dos filhos e netos de Walder Frey desatou a bater de novo com as taças, gritando "Para a cama! Para a cama! *Para a cama com eles*!". Roslin ficou branca. Catelyn perguntou a si mesma se seria a perspectiva de perder a virgindade que assustava a garota, ou a própria tradição das núpcias. Com tantos irmãos, o costume não devia ser estranho a ela, mas era diferente quando se era a pessoa a ser levada. Na noite de casamento de Catelyn, Jory Cassell tinha rasgado seu vestido na pressa de despi-la dele, e Desmond Grell, bêbado, não parava de pedir desculpa pelos gracejos lascivos, apenas para fazer outro logo em seguida. Quando Lorde Dustin a viu nua, disse a Ned que os seios dela o faziam desejar nunca ter sido desmamado. *Pobre homem*, pensou. Foi

para o sul com Ned e não regressou. Catelyn perguntou a si mesma quantos dos homens que ali estavam naquela noite acabariam mortos antes do ano chegar ao fim. *Muitos, receio*.

Robb ergueu uma mão.

– Se acha que chegou a hora, Lorde Walder, com certeza, vamos levá-los para a cama.

Um rugido de aprovação saudou aquela proclamação. Na galeria, os músicos voltaram a pegar nas flautas, trombetas e rabecas e começaram a tocar "A rainha tirou a sandália, o rei tirou a coroa". Guizo pôs-se a saltitar ora sobre um pé, ora sobre o outro, fazendo a coroa tilintar.

– Ouvi dizer que os homens Tully têm trutas entre as pernas no lugar dos pintos – gritou audaciosamente Alyx Frey. – Será que precisam de uma minhoca para ficarem em pé?

Ao que Sor Marq Piper retorquiu:

– *Eu* ouvi dizer que as mulheres Frey têm dois portões em vez de um!

E Alyx disse:

– Sim, mas estão os dois fechados e trancados para coisinhas pequenas como você!

Seguiu-se uma rajada de gargalhadas, até que Patrek Mallister subiu em uma mesa para propor um brinde ao peixe de um olho só de Edmure.

– E que poderoso lúcio ele é! – proclamou.

– Ná, aposto que é um vairão – gritou a Walda Gorda Bolton do lado de Catelyn.

Então, o grito geral de "*Para a cama com eles! Para a cama com eles!*" voltou a soar.

Os convidados invadiram o estrado, com os mais bêbados na frente, como sempre. Os homens e rapazes rodearam Roslin e ergueram-na ao ar enquanto as donzelas e mães presentes no salão puseram Edmure em pé e começaram a puxar sua roupa. Ele ria e gritava-lhes piadas obscenas em resposta, embora a música estivesse alta demais para que Catelyn os ouvisse. Mas ouvia Grande-Jon.

– Dê esta noivinha para mim – berrou enquanto abria caminho entre os outros homens e punha Roslin no ombro. – Olhem esta coisinha! Não tem carne nenhuma!

Catelyn sentiu pena da garota. A maior parte das noivas tentava devolver os gracejos, ou pelo menos fingia se divertir, mas Roslin estava

rígida de terror, agarrando-se ao Grande-Jon, como se temesse que ele a deixasse cair. *E também está chorando*, reparou Catelyn enquanto observava Sor Marq Piper descalçar um dos sapatos da noiva. *Espero que Edmure seja gentil com a pobre criança*. Música alegre e lasciva ainda jorrava da galeria; a rainha estava agora tirando a combinação e o rei, a túnica.

Sabia que devia se juntar ao aglomerado de mulheres que rodeavam o irmão, mas acabaria apenas por estragar a diversão. A última coisa que se sentia agora era lasciva. Edmure perdoaria sua ausência, disso não duvidava; era muito mais divertido ser despido e deitado por uma vintena de voluptuosas e risonhas Frey do que por uma irmã amarga e magoada.

Enquanto o homem e a donzela eram levados do salão, deixando atrás de si um rastro de roupas, Catelyn viu que Robb também tinha ficado. Walder Frey era suficientemente suscetível para ver nisso algum insulto à filha. *Ele devia se juntar aos que levam Roslin para a cama, mas cabe a mim dizer-lhe isso?* Sentiu-se tomada pela tensão até reparar que outros também tinham ficado para trás. Petyr Espinha e Sor Whalen Frey continuavam a dormir, com a cabeça apoiada na mesa. Merrett Frey servia-se de outra taça de vinho, enquanto Guizo vagueava pelo salão, roubando nacos de comida dos pratos daqueles que tinham saído. Sor Wendel Manderly atacava com volúpia uma perna de cordeiro. E, claro, Lorde Walder era fraco demais para sair de seu lugar sem ajuda. *Mas ele espera que Robb vá*. Quase conseguia ouvir o velho perguntando por que motivo Sua Graça não queria ver a filha nua. Os tambores voltaram a retumbar, retumbar, retumbar e retumbar.

Dacey Mormont, que parecia ter sido a única mulher a ficar no salão além de Catelyn, aproximou-se de Edwyn Frey e tocou levemente o braço dele enquanto lhe dizia qualquer coisa ao ouvido. Edwyn afastou-se dela com uma violência imprópria.

– Não – disse, alto demais. – Estou farto de danças por ora.

Dacey empalideceu e afastou-se. Catelyn pôs-se lentamente em pé. *O que acabou de acontecer aqui?* A dúvida tomou seu coração, onde um instante antes havia apenas a fadiga. *Não é nada*, tentou dizer a si mesma, *está vendo gramequins na lenha, transformou-se numa velha*

*boba, doente de desgosto e medo*. Mas algo deve ter transparecido em seu rosto. Até Sor Wendel Manderly reparou.

– Há algum problema? – perguntou, com a perna de cordeiro nas mãos.

Catelyn não lhe respondeu. Em vez disso, foi atrás de Edwyn Frey. Os músicos na galeria tinham finalmente vestido tanto o rei como a rainha com o traje do dia de seu nome. Quase sem um momento de pausa, começaram a tocar um tipo muito diferente de canção. Ninguém cantou a letra, mas Catelyn reconhecia "As chuvas de Castamere" quando a ouvia. Edwyn dirigia-se apressadamente para uma porta. Catelyn apressou-se mais, levada pela música. Seis passos rápidos e o alcancou. *E quem é você, disse o altivo senhor, pra que a vênia seja profunda?* Agarrou Edwyn pelo braço para virá-lo e ficou gelada quando sentiu os anéis de ferro sob a sua manga de seda.

Catelyn esbofeteou-o com tanta força que lhe abriu o lábio. *Olyvar*, pensou, *e Perwyn, Alesander, todos ausentes. E Roslin chorou...*

Edwyn Frey afastou-a com um empurrão. A música afogava todos os outros sons, ecoando nas paredes, como se as próprias pedras estivessem tocando. Robb lançou a Edwyn um olhar furioso e foi bloquear seu caminho... e cambaleou subitamente quando um dardo brotou de seu flanco, logo abaixo do ombro. Se nesse momento gritou, o som foi engolido pelas flautas, trompas e rabecas. Catelyn viu um segundo dardo perfurar a perna dele, viu-o cair. Lá em cima, na galeria, metade dos músicos tinha nas mãos bestas em vez de tambores ou alaúdes. Correu para o filho, até que algo lhe atingiu na lombar, e o duro chão de pedra subiu para lhe dar uma bofetada.

– *Robb!* – gritou. Viu Pequeno-Jon Umber tirando uma mesa da armação. Dardos de bestas cravaram-se na madeira, um, dois, três, quando ele a atirou para cima de seu rei. Robin Flint estava cercado por um grupo de Freys, cujos punhais subiam e desciam. Sor Wendel Manderly levantou-se imponentemente, agarrado à perna de cordeiro. Um dardo entrou por sua boca aberta e saiu pela parte de trás do pescoço. Sor Wendel estatelou-se para a frente, soltando a tábua da mesa da armação e mandando taças, jarros, bandejas, pratos, nabos, beterrabas e vinho para o chão saltando, derramando e deslizando.

As costas de Catelyn estavam em brasa. *Tenho de chegar até ele*. Pequeno-Jon deu uma cacetada no rosto de Sor Raymund Frey com uma

perna de carneiro. Mas quando estendeu a mão para o cinto da espada, um dardo de besta fez com que caísse de joelhos. *Num manto de ouro ou num manto vermelho, suas garras um leão mantém*. Catelyn viu Lucas Blackwood ser abatido por Sor Hosteen Frey. Um dos Vance foi paralisado por Walder Negro enquanto lutava com Sor Harys Haigh. *E as minhas são longas e afiadas, senhor, como o senhor as tem também*. As bestas atingiram Donnel Locke, Owen Norrey e mais meia dúzia. O jovem Sor Benfrey agarrou Dacey Mormont pelo braço, mas Catelyn viu-a pegar num jarro de vinho com a outra mão e acertar em cheio o rosto de Mormont e correr para a porta. Esta escancarou-se antes de ela conseguir alcançá-la. Sor Ryman Frey entrou no salão, vestido de aço do elmo ao esporão. Uma dúzia de homens de armas Frey apinhou-se na porta atrás dele. Estavam armados com pesados machados longos.

– *Misericórdia!* – gritou Catelyn, mas trombetas, tambores e o tinir do aço abafaram seu apelo. Sor Ryman enterrou a cabeça de seu machado no estômago de Dacey. A essa altura, jorravam também homens das outras portas, homens revestidos de cota de malha com hirsutos mantos de peles e com aço nas mãos. *Nortenhos!* Durante meio segundo tomou-os por salvadores, até que um deles cortou a cabeça de Pequeno-Jon com dois violentíssimos golpes de machado. A esperança apagou-se como uma vela na tempestade.

No meio do massacre, o Senhor da Travessia permanecia sentado em seu trono de carvalho esculpido, observando avidamente.

Havia um punhal no chão a alguns centímetros de distância. Talvez tivesse escorregado até ali quando Pequeno-Jon arrancara a mesa da armação, ou talvez tivesse caído da mão de algum moribundo. Catelyn rastejou até ele. As pernas e os braços pareciam chumbo e sua boca tinha gosto de sangue. *Matarei Walder Frey*, disse a si mesma. Guizo estava mais perto da faca, escondido por baixo de uma mesa, mas apenas se encolheu com medo quando ela pegou a lâmina. *Matarei o velho, isso, pelo menos, posso fazer*.

Então o tampo de mesa que Pequeno-Jon atirara sobre Robb moveu-se, e o filho apoiou-se com dificuldade nos joelhos. Tinha uma flecha espetada no flanco, uma segunda na perna, uma terceira no peito. Lorde Walder levantou uma mão, e a música parou, menos um tambor. Catelyn

ouviu o estrondo da batalha distante, e, mais perto, os uivos selvagens de um lobo. *Vento Cinzento*, lembrou-se, tarde demais.

– *Heh* – cacarejou Lorde Walder para Robb –, o Rei no Norte ergue-se. Parece que matamos alguns de seus homens, Vossa Graça. Oh, mas eu vou lhe dar uma *satisfação* que deixará tudo bem uma vez mais, *heh.*

Catelyn agarrou uma mão-cheia dos longos cabelos grisalhos de Guizo Frey e arrastou-o para fora de seu esconderijo.

– Lorde Walder! – gritou. – *LORDE WALDER!* – O tambor batia lento e sonoro, *fim bum fim*. – Basta – disse Catelyn. – *Basta*, disse eu. Pagou traição com traição, que fique por aqui. – Quando encostou o punhal na garganta do Guizo, a memória do quarto de doente de Bran voltou, com o toque do aço na própria garganta. O tambor continuava *bum fim bum fim bum fim bum*. – Por favor – disse. – Ele é meu filho. O meu primeiro filho, e o último. Deixe-o ir. Deixe-o ir, e eu juro que esqueceremos isto... esqueceremos tudo que fez aqui. Juro pelos deuses antigos e pelos novos, nós... nós não buscaremos vingança...

Lorde Walder olhou-a com desconfiança.

– Só um tolo acreditaria nessa bobagem. Toma-me por um tolo, senhora?

– Tomo-o por um pai. Fique comigo como refém, e com Edmure também, caso não o tenha matado. Mas deixe Robb ir.

– Não. – A voz de Robb era tênue como um suspiro. – Mãe, não...

– Sim. Robb, levante-se. Levante-se e saia, por favor, *por favor*. Salve-se... se não por mim, então por Jeyne.

– Jeyne? – Robb agarrou a borda da mesa e forçou-se a ficar em pé. – Mãe – disse –, o Vento Cinzento...

– Vá até ele. Já. Robb, *saia daqui*.

Lorde Walder resfolegou.

– E por que é que eu permitiria que ele fizesse isso?

Ela encostou a lâmina com mais força na garganta de Guizo. O retardado rolou os olhos para ela num apelo mudo. Um forte fedor assaltou seu nariz, mas não prestou mais atenção nele do que no soturno e incessante retumbar daquele tambor, *bum fim bum fim bum fim bum*. Sor Ryman e Walder Negro estavam a rodeá-la pelas costas, mas Catelyn não se importava. Podiam fazer com ela o que quisessem; aprisioná-la,

violá-la, matá-la, não interessava. Tinha vivido tempo demais e Ned a esperava. Era por Robb que temia.

– Por minha honra como Tully – disse a Lorde Walder –, por minha honra como Stark, trocarei a vida do seu rapaz pela de Robb. Um filho por um filho. – Sua mão tremia tanto que estava fazendo a cabeça de Guizo tilintar.

*Bum*, soou o tambor, *bum, fim, bum, fim*. Os lábios do velho projetaram-se e retraíram-se. A faca tremeu na mão de Catelyn, escorregadia de suor.

– Um filho por um filho, *heh* – repetiu ele. – Mas esse é um neto... e nunca teve grande utilidade.

Um homem com uma armadura escura e um manto rosa-claro manchado de sangue aproximou-se de Robb.

– Jaime Lannister manda cumprimentos. – Ele espetou a espada no coração do filho de Catelyn e girou.

Robb tinha faltado à palavra, mas Catelyn manteve a sua. Puxou com força os cabelos de Aegon e serrou seu pescoço até a faca começar a raspar em osso. Correu sangue sobre os seus dedos. Os pequenos guizos tilintavam, tilintavam, tilintavam, e o tambor retumbava, *bum fim bum*.

Por fim, alguém tirou a faca dela. As lágrimas ardiam como vinagre ao correrem por seu rosto. Dez corvos ferozes devastavam seu rosto com garras afiadas, rasgando fitas de carne, deixando profundos sulcos que escorriam, vermelhos de sangue. Sentia o sabor nos lábios.

*Dói tanto*, pensou. *Os nossos filhos, Ned, todos os nossos queridos bebês. Rickon, Bran, Arya, Sansa, Robb... Robb... por favor, Ned, por favor, faça com que pare, faça com que pare de doer...* As lágrimas brancas e as vermelhas correram juntas até que seu rosto ficou rasgado e em farrapos, o rosto que Ned amara. Catelyn Stark ergueu as mãos e viu o sangue correr por seus longos dedos, pelos pulsos, por baixo das mangas do vestido. Lentos vermes vermelhos rastejavam ao longo de seus braços e sob a roupa. *Faz cócegas*. Aquilo fez com que risse até gritar.

– Louca – disse alguém –, perdeu o juízo.

– E outra pessoa disse:

– Dê um fim nela – e uma mão agarrou seus cabelos tal como ela fizera com Guizo, e Catelyn pensou, *Não, isso não, não me corte os cabelos,*

*Ned adora meus cabelos*. E então o aço chegou-lhe à garganta, e a sua mordida era rubra e fria.

# ARYA

As tendas para banquetes estavam agora atrás deles. Chapinharam por sobre barro molhado e mato arrancado, para longe da luz e de volta às sombras. Em frente erguia-se a guarita do castelo. Arya via tochas em movimento nas muralhas, com as chamas a dançar, sopradas pelo vento. A luz brilhava, baça, sobre cota de malha e elmos molhados. Mais tochas moviam-se pela ponte escura de pedra que unia as Gêmeas, uma coluna de tochas que corria da margem ocidental para a oriental.

– O castelo não está fechado – disse Arya de repente. O sargento tinha dito que estaria, mas se enganou. A porta levadiça estava sendo içada naquele exato instante, e a ponte levadiça já tinha sido baixada por sobre o fosso transbordando de água. Teve receio de que os guardas de Lorde Frey se recusassem a deixá-los entrar. Durante meio segundo mordeu o lábio, ansiosa demais para sorrir.

Cão de Caça freou os animais tão de repente que ela quase caiu da carroça.

– Sete malditos infernos de merda – ouviu-o praguejar, enquanto a roda esquerda começava a se enterrar na lama mole. A carroça foi se inclinando lentamente. – Para o *chão* – rugiu-lhe Clegane, batendo no ombro dela com o pulso para fazê-la cair de lado.

Aterrissou ligeira, como Syrio lhe ensinara, e pôs-se imediatamente em pé com o rosto cheio de lama.

– *Por que fez isto?* – gritou.

Cão de Caça também tinha saltado para o chão. Ele arrancou o assento da parte da frente da carroça e estendeu a mão para o cinto da espada que escondera por baixo dele.

Foi só então que Arya ouviu os cavaleiros jorrando do portão do castelo num rio de aço e fogo, com o trovão que os seus corcéis de batalha faziam ao atravessar a ponte levadiça quase sumido sob os tambores que soavam nos castelos. Homens e montarias usavam armaduras de aço, e um em cada dez trazia uma tocha. Os outros tinham

machados, alabardas e pesadas lâminas capazes de quebrar ossos e esmagar armaduras.

Em algum lugar, ao longe, ouviu um lobo uivar. Não era um som muito alto, comparado com o ruído do acampamento, a música e o rosnar baixo e ameaçador do rio que corria rápido, mesmo assim ouviu-o. Mas talvez não tivessem sido os ouvidos a ouvi-lo. O som estremeceu através de Arya como uma faca, afiada de fúria e pesar. Mais e mais cavaleiros emergiam do castelo, uma coluna com a largura de quatro homens e que parecia sem fim, cavaleiros, escudeiros e cavaleiros livres, tochas e machados de cabo longo. E também havia barulho vindo de trás.

Quando Arya olhou em volta, viu que só restavam duas das enormes tendas para banquetes onde tinha havido três. A do meio caíra. Por um momento, não compreendeu o que estava vendo. Então, as chamas começaram a lamber a tenda caída, e agora as outras duas caíam também, com o pesado tecido oleado assentando-se sobre os homens que estavam por baixo. Um bando de flechas incendiárias rasgou o ar. A segunda tenda pegou fogo, e logo a terceira. Os gritos tornaram-se tão ruidosos que conseguia ouvir palavras através da música. Silhuetas escuras moviam-se diante das chamas, com o aço de suas armaduras brilhando em tons de laranja quando visto de longe.

*Uma batalha*, compreendeu Arya. *É uma batalha. E os cavaleiros...*

Então ficou sem tempo para observar as tendas. Com o rio invadindo as margens, as águas escuras e turbulentas na extremidade da ponte levadiça chegavam à barriga dos cavalos, mas os cavaleiros avançaram através delas mesmo assim, incentivados pela música. Por uma vez, a mesma canção vinha de ambos os castelos. *Eu conheço esta canção*, compreendeu Arya subitamente. Tom das Sete cantara-a, naquela noite chuvosa em que os fora da lei tinham se abrigado na cervejaria com os irmãos pardos. *E quem é você, disse o altivo senhor, pra que a vênia seja profunda?*

Os cavaleiros Frey atravessavam com dificuldade a lama e os juncos, mas alguns deles tinham visto a carroça. Arya viu três abandonarem a coluna principal, pisando forte ao longo dos baixios. *Só um gato com um manto diferente, essa é a verdade fecunda*.

Com um único golpe de espada, Clegane cortou a corda que prendia Estranho e saltou para o dorso do animal. O corcel sabia o que se queria

dele. Levantou as orelhas e virou na direção dos corcéis de batalha em carga. *Num manto de ouro ou num manto vermelho, suas garras um leão mantém. E as minhas são longas e afiadas, senhor, como o senhor as tem também*. Arya rezara centenas e centenas de vezes para que Cão de Caça morresse, mas agora... havia uma pedra em sua mão, escorregadia de lama, e nem sequer se lembrava de tê-la pegado. *Contra quem a atiro?*

Saltou ao ouvir o estrondo do metal, quando Clegane afastou o primeiro machado. Enquanto lutava com o primeiro homem, o segundo deu a volta por trás dele e desferiu um golpe contra a parte baixa de suas costas. Estranho girava, e Cão de Caça foi atingido por não mais que um golpe de raspão, o bastante para fazer um grande rasgão em sua blusa larga de camponês e expor a cota de malha que tinha por baixo. *É um contra três*. Arya continuava agarrada à sua pedra. *Vão matá-lo com certeza*. Pensou em Mycah, no filho do açougueiro que tinha sido seu amigo durante tão pouco tempo.

Então viu o terceiro cavaleiro vindo em sua direção. Arya pôs-se atrás da carroça. *O medo golpeia mais profundamente do que as espadas*. Ouvia tambores, berrantes de guerra e flautas, garanhões berrando, o guincho do aço batendo em aço, mas todos os sons pareciam muito distantes. A única coisa que existia era o cavaleiro que se aproximava e o machado que ele tinha na mão. Usava um sobretudo sobre a armadura e ela viu as duas torres que o identificavam como um Frey. Não compreendeu. O tio ia se casar com uma filha de Lorde Frey, os Frey eram amigos de seu irmão.

– *Não!* – gritou enquanto ele rodeava a carroça, mas o homem não prestou atenção nela.

Quando ele avançou, Arya atirou a pedra, da mesma maneira que atirara uma maçã apodrecida em Gendry. Tinha acertado em Gendry bem no meio da testa, mas agora falhou a pontaria, e a pedra rolou, de lado, na têmpora do homem. Foi o suficiente para interromper a arremetida, mas apenas isso. Arya fugiu, correndo nas pontas dos pés pelo terreno lamacento, pondo a carroça de novo entre ambos. O cavaleiro seguiu-a a trote, só trevas por trás da fenda para os olhos. Nem sequer amassara seu elmo. Giraram uma, duas vezes, uma terceira. O cavaleiro amaldiçoou-a.

– *Não pode fugir para...*

A cabeça do machado acertou em cheio na nuca dele, rasgando-lhe o elmo e o crânio, por baixo, e fazendo-o voar da sela e aterrissar de cara no chão. Atrás dele encontrava-se Cão de Caça, ainda montado no Estranho. *Como foi que arranjou um machado?*, quase perguntou, antes de compreender. Um dos outros Frey estava encurralado debaixo de seu cavalo moribundo, afogando-se em trinta centímetros de água. O terceiro homem estava estatelado de costas, imóvel. Não tinha usado gorjal, e trinta centímetros de espada partida projetavam-se de debaixo de seu queixo.

– Vá buscar o meu elmo – rosnou-lhe Clegane.

O elmo estava enfiado no fundo de uma saca de maçãs secas, na parte de trás da carroça, escondida atrás dos pés de porco em salmoura. Arya virou a saca e jogou o elmo para Cão de Caça. Ele apanhou-o no ar com uma só mão e enfiou-o na cabeça, e no local onde estivera o homem havia apenas um cão de aço, rosnando para os incêndios.

– Meu irmão...

– Morto – ele gritou em resposta. – Acha que massacrariam os homens dele e o deixariam vivo? – Voltou a cabeça para o acampamento. – Olhe. *Olhe*, droga.

O acampamento transformara-se num campo de batalha. *Não, num antro de carniceiros*. As chamas vindas das tendas para banquetes chegavam a meio caminho do céu. Algumas das tendas-casernas também estavam queimando, bem como meia centena de pavilhões de seda. Por todo lado as espadas cantavam. *Mas agora a chuva chora em seu salão, e ninguém está lá para a ver*. Viu dois cavaleiros perseguindo e abatendo um homem que fugia a pé. Um barril de madeira esmagou-se numa das tendas incendiadas e estourou, e as chamas saltaram, duas vezes mais altas. *Uma catapulta*, compreendeu. O castelo estava arremessando azeite, ou piche, ou algo parecido.

– Venha comigo. – Sandor Clegane estendeu uma mão para baixo. – Temos que sair daqui, e já. – Estranho sacudiu impacientemente a cabeça, com as ventas se abrindo ao sentir o cheiro de sangue. A canção tinha terminado. Restava apenas um tambor solitário, cujos sons lentos e monótonos ecoavam por sobre o rio como o bater de um coração monstruoso. O céu negro chorava, o rio resmungava, homens

praguejavam e morriam. Arya tinha lama nos dentes e o rosto estava molhado. *Chuva. É só chuva. Não passa disso.*

– Estamos *aqui* – gritou. Sua voz soava fina e assustada, uma voz de menininha. – Robb está ali no castelo, e minha mãe também. O portão está aberto e tudo. – Não havia mais Freys saindo. *Vim até tão longe*. – Temos que buscar a minha *mãe*.

– Cadelinha estúpida. – Os incêndios refletiam-se no focinho de seu elmo e faziam os dentes de aço brilhar. – Se entrar ali, não volta a sair. O Frey talvez a deixe beijar o cadáver de sua mãe.

– Talvez possamos *salvá-la*...

– Você talvez possa. Eu não estou cansado de viver ainda. – Avançou em sua direção, empurrando-a contra a carroça. – Fique ou parta, loba. Sobreviva ou morra. A escolha...

Arya virou as costas para ele e precipitou-se para o portão. A porta levadiça estava descendo, mas lentamente. *Tenho que correr mais depressa*. Mas a lama retardou-a, e depois a água. *Corra, rápida como um lobo*. A ponte levadiça tinha começado a subir, com a água escorrendo dela em cascata e a lama caindo em pesados grumos. *Mais depressa*. Ouviu um forte esparramar de água e, quando olhou para trás, viu Estranho trovejando em sua perseguição, fazendo voar nuvens de água a cada passo. E viu também o machado, ainda molhado de sangue e miolos. E Arya correu. Agora já não pelo irmão, nem mesmo pela mãe, mas por si mesma. Correu mais depressa do que jamais correra, de cabeça baixa e com os pés fazendo o rio espumar, fugiu dele como Mycah devia ter fugido.

E o machado atingiu-a na nuca.

## TYRION

Jantaram sozinhos, como faziam tantas vezes.

– As ervilhas estão cozidas demais – arriscou sua esposa a certa altura.

– Não importa – disse. – O carneiro também está.

Era uma brincadeira, mas Sansa entendeu como crítica.

– Lamento, senhor.

– Por quê? Quem deve lamentar é um cozinheiro qualquer. Você não. As ervilhas não são de sua jurisdição, Sansa.

– Eu... eu lamento que o senhor meu esposo esteja descontente.

– Qualquer descontentamento que eu possa estar sentindo nada tem a ver com ervilhas. Tenho Joffrey e minha irmã para me descontentar, e também o senhor meu pai, e trezentos malditos dorneses. – Tinha instalado o Príncipe Oberyn e seus senhores numa torre de canto, com vista para a cidade, tão longe dos Tyrell quanto era possível sem expulsá-los por inteiro da Fortaleza Vermelha. Não era nem de perto suficientemente longe. Já tinha ocorrido um distúrbio numa casa de pasto da Baixada das Pulgas que deixou um homem de armas Tyrell morto e dois dos homens de Lorde Gargalen escaldados, e um feio confronto no pátio quando a encarquilhada e minúscula mãe de Mace Tyrell chamara Ellaria Sand de "a prostituta da serpente". Sempre que acontecia de encontrar Oberyn Martell, o príncipe perguntava quando seria feita justiça. Ervilhas cozidas demais eram o último dos problemas de Tyrion, mas não via utilidade em sobrecarregar a sua jovem esposa com eles. Sansa tinha mágoas bastantes sem precisar das suas. – As ervilhas estão boas o suficiente – disse-lhe com concisão. – São verdes e redondas, o que mais podemos esperar de ervilhas? Veja, vou repetir o prato, se agradar à senhora. – Chamou, e Podrick Payne despejou tantas ervilhas em seu prato que já não conseguia ver o carneiro. *Isso foi burrice*, disse a si mesmo. *Agora tenho que comer tudo, caso contrário ela vai começar a lamentar de novo*.

O jantar terminou num silêncio tenso, como acontecia com tantos de seus jantares. Depois, enquanto Pod recolhia as taças e bandejas, Sansa pediu a Tyrion licença para visitar o bosque sagrado.

– Como quiser. – Habituara-se às devoções noturnas da esposa. Ela também rezava no septo real e frequentemente acendia velas à Mãe, à Donzela e à Velha. Tyrion achava toda aquela piedade excessiva, a bem da verdade, mas se estivesse no lugar dela, talvez também quisesse a ajuda dos deuses. – Confesso pouco saber dos deuses antigos – disse, tentando ser agradável. – Talvez algum dia possa me esclarecer. Até poderia acompanhá-la.

– Não – disse Sansa de imediato. – É... é gentil em sugerir isso, mas... não há *devoções*, senhor. Não há sacerdotes, canções ou velas. Só árvores e preces silenciosas. Iria aborrecê-lo.

– Tem certamente razão. – *Ela conhece-me melhor do que eu pensava*. – Se bem que o som do restolhar de folhas poderia ser mais agradável do que um septão qualquer cantarolando a respeito dos sete aspectos da graça. – Tyrion mandou-a embora com um gesto. – Não me intrometerei. Proteja-se bem, senhora, o vento lá fora é fresco. – Sentiu-se tentado a perguntar o que ela pedia ao rezar, mas Sansa era tão obediente que podia realmente lhe contar, e ele suspeitava de que não gostaria de saber.

Voltou ao trabalho depois que ela saiu, tentando seguir alguns dragões de ouro pelo labirinto dos livros-mestres do Mindinho. Petyr Baelish não acreditara em deixar o ouro guardado e juntando pó, isso era certo, mas quanto mais Tyrion procurava compreender suas contas, mais lhe doía a cabeça. Falar de reproduzir dragões em vez de trancá-los no tesouro estava muito bem, mas alguns daqueles empreendimentos cheiravam pior do que peixe pescado há uma semana. *Não teria deixado tão prontamente Joffrey atirar os Homens Chifrudos por cima das muralhas se soubesse quantos dos malditos bastardos tinham recebido empréstimos da coroa*. Teria de mandar Bronn encontrar seus herdeiros, mas temia que isso se revelasse tão infrutífero quanto tentar espremer prata de um peixinho-prateado.

Quando a convocatória do senhor seu pai chegou, foi a primeira vez, até onde Tyrion se lembrava, em que se sentiu contente por ver Sor Boros Blount. Fechou os livros-mestres com um sentimento de gratidão, apagou a candeia de azeite com um sopro, amarrou um manto em volta

dos ombros e bamboleou através do castelo até a Torre da Mão. O vento era fresco, tal como prevenira Sansa, e havia cheiro de chuva no ar. Quando Lorde Tywin o dispensasse, talvez devesse ir ao bosque sagrado, para trazer Sansa para casa antes que ficasse encharcada.

Mas tudo isso foi varrido da sua cabeça quando entrou no aposento privado da Mão e deparou com Cersei, Sor Kevan e o Grande Meistre Pycelle reunidos em volta de Lorde Tywin e do rei. Joffrey estava quase aos saltos, e Cersei saboreava um sorrisinho cheio de si, embora Lorde Tywin parecesse tão sombrio como sempre. *Pergunto-me se ele seria capaz de sorrir, mesmo se quisesse.*

– O que aconteceu? – perguntou Tyrion.

O pai estendeu um rolo de pergaminho para ele. Alguém o alisara, mas ainda tentava se enrolar. "*A Roslin pegou uma bela truta gorda*", dizia a mensagem. "*Os irmãos ofereceram-lhe um par de pele de lobo como presente de casamento.*" Tyrion virou o pergaminho para inspecionar o selo quebrado. A cera era cinza-prateada, e impressas nela encontravam-se as torres gêmeas da Casa Frey.

– O Senhor da Travessia imagina que está sendo poético? Ou será que isso pretende nos confundir? – Tyrion fungou. – A truta deve ser Edmure Tully, as peles...

– Ele está *morto*! – Joffrey soava tão orgulhoso e feliz que daria para achar que tinha sido ele quem esfolou Robb Stark em pessoa.

*Primeiro o Greyjoy, e agora o Stark*. Tyrion pensou na criança sua esposa, que naquele momento rezava no bosque sagrado. *Rezando aos deuses do pai para que concedam ao irmão a vitória e mantenham a mãe a salvo, sem dúvida*. Os deuses antigos não ligavam mais para as preces do que os novos, aparentemente. Talvez devesse sentir-se reconfortado por isso.

– Os reis estão caindo como folhas, neste outono – disse. – Aparentemente, nossa guerrinha está se ganhando sozinha.

– As guerras não se ganham sozinhas, Tyrion – disse Cersei com uma doçura venenosa. – O senhor nosso pai ganhou esta guerra.

– Nada está ganho enquanto tivermos inimigos em campo – preveniu-os Lorde Tywin.

– Os senhores do rio não são nada tolos – concordou a rainha. – Sem os nortenhos, não podem esperar resistir ao poderio combinado de Jardim

de Cima, Rochedo Casterly e Dorne. Certamente preferirão a submissão à destruição.

– A maioria, sim – concordou Lorde Tywin. – Resta Correrrio, mas enquanto Walder Frey tiver Edmure Tully como refém, o Peixe Negro não se atreverá a constituir uma ameaça. Jason Mallister e Tytos Blackwood continuarão lutando em nome da honra, mas os Frey podem manter os Mallister encurralados em Guardamar, e com o incitamento certo, Jonos Bracken pode ser persuadido a mudar de fidelidade e atacar os Blackwood. No fim, dobrarão os joelhos, sim. Pretendo oferecer termos generosos. Qualquer castelo que se renda a nós será poupado, exceto um.

– Harrenhal? – disse Tyrion, que conhecia o pai.

– É melhor que o reino se livre desses Bravos Companheiros. Ordenei a Sor Gregor para passar o castelo na espada.

*Gregor Clegane*. Parecia que o pai pretendia minar a Montanha até a última pepita de minério antes de entregá-la à justiça de Dorne. Os Bravos Companheiros acabariam como cabeças montadas em espigões, e Mindinho entraria de passeio em Harrenhal, sem uma única mancha de sangue naquelas suas belas roupas. Perguntou a si mesmo se Petyr Baelish já teria chegado ao Vale. *Se os deuses forem bons, enfrentou com uma tempestade no mar e afundou-se*. Mas quando os deuses tinham sido razoavelmente bons?

– Deviam ser todos passados na espada – declarou de repente Joffrey. – Os Mallister, os Blackwood e os Bracken... todos. São traidores. Quero-os mortos, avô. Não quero nenhum *termo generoso*. – O rei virou-se para o Grande Meistre Pycelle. – E também quero a cabeça de Robb Stark. Escreva ao Lorde Frey e diga-lhe. O rei ordena. Vou servi-la a Sansa em meu banquete de casamento.

– Senhor – disse Sor Kevan numa voz chocada –, a senhora é agora sua tia pelo casamento.

– Uma brincadeira. – Cersei sorriu. – Joff não falava a sério.

– Falava, sim – insistiu Joffrey. – Ele era um traidor, e quero a sua estúpida cabeça. Vou obrigar Sansa a beijá-la.

– *Não*. – A voz de Tyrion estava enrouquecida. – Sansa já não é sua para atormentar. Veja se percebe isso, monstro.

Joffrey deu um sorriso zombeteiro.

– O monstro é você, tio.

– Ah, sou? – Tyrion inclinou a cabeça. – Então talvez devesse falar comigo mais de mansinho. Os monstros são animais perigosos, e agora os reis parecem andar morrendo como moscas.

– Podia cortar sua língua por dizer isso – disse o jovem rei, corando. – Sou o rei.

Cersei apoiou uma mão protetora no ombro do filho.

– Deixe o anão fazer todas as ameaças que quiser, Joff. Quero que o senhor meu pai e o meu tio vejam aquilo que ele é.

Lorde Tywin ignorou aquilo; foi a Joffrey que se dirigiu.

– Aerys também achava que tinha de lembrar aos homens que era o rei. E também era muito amigo de arrancar línguas. Pode interrogar Sor Ilyn Payne a esse respeito, embora não vá obter resposta.

– Sor Ilyn nunca se atreveu a provocar Aerys como o seu Duende provoca Joff – disse Cersei. – Ouviu Tyrion. "Monstro", disse ele. À Graça Real. E ameaçou-o...

– Fique calada, Cersei. Joffrey, quando os seus inimigos o desafiarem, tem de lhes servir aço e fogo. Mas quando se ajoelham, tem de ajudá-los a se levantar. De outro modo, nunca ninguém dobrará o joelho. E qualquer homem que tenha de dizer "sou o rei" não é rei de verdade. Aerys nunca compreendeu isso, mas você compreenderá. Depois de ganhar a sua guerra, restauraremos a paz régia e a justiça real. Em vez de cabeças, preocupe-se é com o cabaço de Margaery Tyrell.

Joffrey ostentava aquela sua expressão carrancuda e amuada. Cersei tinha-o firmemente preso pelo ombro, mas talvez devesse tê-lo agarrado pela garganta. O rapaz surpreendeu a todos. Em vez de fugir e de ir se enfiar debaixo de uma pedra, Joff ergueu-se com um ar desafiador e disse:

– Fala de Aerys, avô, mas tinha medo dele.

*Ora essa, e não é que isso ficou interessante?*, pensou Tyrion.

Lorde Tywin estudou o neto em silêncio, com salpicos de ouro brilhando em seus olhos verde-claros.

– Joffrey, peça perdão ao seu avô – disse Cersei.

Ele libertou-se das mãos dela.

– Por que devo pedir perdão? Todo mundo sabe que é verdade. O meu pai ganhou todas as batalhas. Matou o Príncipe Rhaegar e capturou a

coroa, enquanto o seu pai estava escondido por baixo de Rochedo Casterly. – O rapaz dirigiu ao avô um olhar de desafio. – Um rei *forte* age com ousadia, não se limita a conversar.

– Obrigado por essas palavras de sabedoria, Vossa Graça – disse Lorde Tywin, com uma cortesia tão fria que era capaz de fazer cair suas orelhas, congeladas. – Sor Kevan, vejo que o rei está cansado. Por favor, acompanhe-o em segurança de volta ao seu quarto. Pycelle, talvez uma poção suave para ajudar Sua Graça a ter um sono descansado?

– Vinho dos sonhos, senhor?

– Não quero vinho dos sonhos nenhum – insistiu Joffrey.

Lorde Tywin teria dado mais ouvidos a um rato guinchando no canto.

– Vinho dos sonhos servirá. Cersei, Tyrion, fiquem.

Sor Kevan pegou firmemente no braço de Joffrey e levou-o porta afora, atrás da qual dois homens da Guarda Real esperavam. O Grande Meistre Pycelle apressou-se a segui-los o mais depressa que as suas velhas pernas trêmulas conseguiam levá-lo. Tyrion ficou onde estava.

– Pai, lamento – disse Cersei quando a porta foi fechada. – Joff sempre foi teimoso, eu preveni...

– Há léguas e léguas de diferença entre teimoso e burro. “Um rei forte age com ousadia?” Quem lhe disse isso?

– Eu não, garanto – disse Cersei. – O mais provável é que tenha sido algo que ouviu Robert dizer...

– A parte sobre você se esconder por baixo do Rochedo Casterly realmente soa a Robert. – Tyrion não queria que Lorde Tywin se esquecesse dessa parte da conversa.

– Sim, agora me lembro – disse Cersei – Robert disse *com frequência* a Joff que um rei tem de ser ousado.

– E o que *você* anda lhe dizendo, se não se importa? Não travei uma guerra para pôr Robert Segundo no Trono de Ferro. Você me levou a crer que o rapaz não gostava nada do pai.

– E por que haveria de gostar? Robert ignorava-o. Teria *espancado* Joff, se eu tivesse permitido. Aquele bruto com quem me obrigou a casar bateu uma vez no rapaz com tanta força que lhe tirou dois dentes de leite, por causa de uma travessura qualquer com um gato. Eu disse-lhe que o mataria durante o sono se voltasse a fazer isso, e ele não fez, mas às vezes dizia coisas...

– Aparentemente, havia coisas que precisavam ser ditas. – Lorde Tywin acenou-lhe com dois dedos, uma brusca despedida. – Saia.

E ela saiu, fervendo.

– Não é Robert Segundo – disse Tyrion. – É Aerys Terceiro.

– O rapaz tem treze anos. Ainda há tempo. – Lorde Tywin dirigiu-se à janela. Não era característico dele, estava mais perturbado do que queria mostrar. – Precisa de uma boa lição.

Tyrion tinha recebido a sua boa lição aos treze anos. Quase sentiu pena do sobrinho. Por outro lado, ninguém a merecia mais do que ele.

– Basta de falar de Joffrey – disse. – As guerras são ganhas com penas e corvos, não foi o que disse? Tenho de lhe dar os parabéns. Há quanto tempo andava conspirando isso com Walder Frey?

– Essa palavra desagrada-me – disse Lorde Tywin rigidamente.

– E a mim desagrada ser deixado no escuro.

– Não havia motivo para lhe contar. Não tinha participação nenhuma no assunto.

– Cersei foi informada? – quis saber Tyrion.

– Ninguém foi informado, exceto aqueles que tinham um papel a desempenhar. E esses só foram informados daquilo que precisavam saber. Devia saber que não há outra maneira de manter um segredo... especialmente aqui. Meu objetivo era livrar-nos de um inimigo perigoso da forma menos dispendiosa possível, não satisfazer a sua curiosidade ou fazer com que a sua irmã se sentisse importante. – Fechou as venezianas, franzindo a testa. – Você tem certa astúcia, Tyrion, mas a verdade é que *fala demais*. Essa sua língua solta ainda será o seu fim.

– Devia ter deixado que Joffrey a arrancasse – sugeriu Tyrion.

– Faria bem em não me tentar – disse Lorde Tywin. – Não quero mais conversas sobre isso. Tenho refletido sobre como melhor apaziguar Oberyn Martell e sua comitiva.

– Oh? E é alguma coisa que sou autorizado a saber, ou será que devo deixá-lo sozinho para que possa discutir o assunto consigo?

O pai ignorou o gracejo.

– A presença do Príncipe Oberyn na cidade é um infortúnio. O irmão é um homem cauteloso, um homem *racional*, sutil, ponderado, até algo indolente. É um homem que pesa as consequências de cada palavra e de cada ato. Mas Oberyn sempre foi meio louco.

– É verdade que tentou mobilizar Dorne em favor de Viserys?

– Ninguém fala disso, mas sim. Voaram corvos e galoparam mensageiros, com mensagens secretas que eu nunca soube o que diziam. Jon Arryn velejou até Lançassolar para devolver os ossos do Príncipe Lewyn, sentou-se com o Príncipe Doran e pôs fim a todo o falatório sobre guerra. Mas, depois disso, Robert nunca foi a Dorne, e o Príncipe Oberyn raramente saiu de lá.

– Bem, agora está aqui, com metade da nobreza de Dorne atrás, e fica mais impaciente a cada dia – disse Tyrion. – Talvez eu devesse mostrar-lhe os bordéis de Porto Real, isso talvez o distraia. Uma ferramenta para cada tarefa, não é assim que as coisas são? A minha ferramenta é sua, pai. Que nunca se diga que a Casa Lannister fez soar as trombetas e eu não respondi.

A boca de Lorde Tywin comprimiu-se.

– Muito divertido. Deverei mandar fazer um traje quadriculado para você, e um chapeuzinho cheio de guizos?

– Se o usar, terei licença para dizer tudo que quiser a respeito de Sua Graça, o Rei Joffrey?

Lorde Tywin voltou a se sentar e disse:

– Fui obrigado a aguentar as loucuras de meu pai. Não aguentarei as suas. Basta.

– Muito bem, já que o pede de um modo tão simpático. Temo que o Víbora Vermelha *não* vá ser simpático... e tampouco se contente apenas com a cabeça de Sor Gregor.

– Mais um motivo para não dá-la.

– *Não* dá-la...? – Tyrion estava chocado. – Pensei que estávamos de acordo em que a floresta estava cheia de animais.

– Animais menores. – Os dedos de Lorde Tywin entrelaçaram-se sob o seu queixo. – Sor Gregor serviu-nos bem. Nenhum outro cavaleiro no reino inspira tanto terror em nossos inimigos.

– Oberyn *sabe* que foi Gregor quem...

– Ele não sabe nada. Ouviu histórias. Mexericos de estábulo e calúnias de cozinha. Não tem nem uma migalha de provas. Sor Gregor certamente não estará disposto a lhe fazer uma confissão. Pretendo mantê-lo bem afastado enquanto os dorneses estiverem em Porto Real.

– E quando Oberyn exigir a justiça que veio obter?

– Direi que foi Sor Amory Lorch quem matou Elia e os filhos – disse calmamente Lorde Tywin. – E você também, se ele perguntar.

– Sor Amory Lorch está morto – disse Tyrion numa voz sem expressão.

– Exatamente. Vargo Hoat ordenou que Sor Amory fosse desmembrado por um urso após a queda de Harrenhal. Isso deve ser suficientemente macabro para apaziguar até Oberyn Martell.

– Pode chamar isso de justiça...

– *É* justiça. Foi Sor Amory quem me trouxe o corpo da menina, já que tem de saber. Encontrou-a escondida debaixo da cama do pai, como se acreditasse que Rhaegar ainda podia protegê-la. A princesa Elia e o bebê estavam no quarto das crianças, no andar de baixo.

– Bem, é uma história, e não é provável que Sor Amory a negue. O que dirá a Oberyn quando ele perguntar quem deu a Lorch as suas ordens?

– Sor Amory agiu por conta própria, na esperança de conquistar o favor do novo rei. O ódio de Robert por Rhaegar não era nem um pouco secreto.

*Pode servir*, Tyrion teve de admitir, *mas a serpente não ficará contente*.

– Longe de mim questionar a sua astúcia, pai, mas em seu lugar creio que teria deixado Robert Baratheon ensanguentar as próprias mãos.

Lorde Tywin fitou-o como se ele tivesse perdido o juízo.

– Então merece aquele traje quadriculado. Tínhamos chegado tarde à causa de Robert. Era necessário demonstrar a nossa lealdade. Quando depus aqueles cadáveres perante o trono, ninguém pôde duvidar de que eu tinha abandonado para sempre a Casa Targaryen. E o alívio de Robert foi palpável. Por mais burro que fosse, até ele sabia que os filhos de Rhaegar tinham de morrer se quisesse que o trono alguma vez estivesse seguro. Mas via-se como um herói, e os heróis não matam crianças. – O pai de Tyrion encolheu os ombros. – Admito que houve brutalidade em excesso. Elia não precisava ter sido ferida de todo, isso foi pura loucura. Em si mesma nada era.

– Então por que foi que a Montanha a matou?

– Porque não lhe disse para poupá-la. Duvido que tenha chegado a mencioná-la. Tinha preocupações maiores. A vanguarda de Ned Stark corria para o sul vinda do Tridente, e temi que se pudesse chegar ao ponto de cruzarmos espadas. E Aerys tinha disposição para assassinar

Jaime, sem nenhum motivo além do rancor. Era isso que eu mais temia. Isso e o que o próprio Jaime poderia fazer. – Fechou a mão num punho. – E ainda não tinha compreendido bem o que havia em Gregor Clegane, sabia apenas que ele era enorme e terrível em batalha. O estupro... nem você poderá me acusar de ter dado *essa* ordem, espero eu. Sor Amory mostrou selvageria quase idêntica com Rhaenys. Mais tarde, perguntei-lhe por que tinham sido necessárias meia centena de estocadas para matar uma garota de... dois anos. Três? Ele disse que ela o chutou e não parava de gritar. Se Lorch tivesse metade dos miolos que os deuses deram a um nabo, teria acalmado a criança com algumas palavras doces e usado uma almofada suave de seda. – Sua boca torceu-se de repugnância. – Tinha sangue nele.

*Mas em você não, pai. Não há sangue em Tywin Lannister.*

– Foi uma almofada suave de seda que matou Robb Stark?

– Deveria ter sido uma flecha, no banquete de casamento de Edmure Tully. O rapaz era cauteloso demais no campo de batalha. Mantinha seus homens em boa ordem, e cercava-se de batedores e guarda-costas.

– Então Lorde Walder matou-o sob o próprio teto, à própria mesa? – Tyrion fez um punho. – E a Senhora Catelyn?

– Diria que também foi morta. *Um par de pele de lobo*. O Frey pretendia mantê-la cativa, mas talvez algo tenha dado errado.

– E lá se foi o direito de hóspede.

– O sangue está nas mãos de Walder Frey, não nas minhas.

– Walder Frey é um velho rabugento que vive para acariciar a sua jovem esposa e matutar sobre todas as desfeitas que sofreu. Não duvido que tenha chocado esta feia galinha, mas nunca teria se atrevido a tal coisa sem uma promessa de proteção.

– Suponho que você teria poupado o rapaz e dito a Lorde Frey que a sua fidelidade não lhe fazia falta. Isso teria atirado o velho idiota nos braços dos Stark e teria conquistado mais um ano de guerra. Explique-me como é que é mais nobre matar dez mil homens em batalha do que uma dúzia no jantar. – Quando Tyrion não teve resposta para aquilo, o pai prosseguiu. – O preço foi barato, de qualquer ponto de vista. A coroa atribuirá Correrrio a Sor Emmon Frey depois que o Peixe Negro se render. Lancel e Daven deverão se casar com garotas Frey, Joy deverá se casar com um dos filhos ilegítimos de Lorde Walder quando tiver idade

para isso, e Roose Bolton torna-se Protetor do Norte e leva para casa Arya Stark.

– *Arya* Stark? – Tyrion inclinou a cabeça. – Bolton também? Devia ter compreendido que o Frey não teria estômago para agir sozinho. Mas Arya... Varys e Sor Jacelyn procuraram-na durante mais de meio ano. Arya Stark está morta com certeza.

– Renly também estava, até a Água Negra.

– O que isso quer dizer?

– Talvez Mindinho tenha obtido sucesso onde você e Varys falharam. Lorde Bolton casará a garota com o seu filho bastardo. Permitiremos que o Forte do Pavor lute contra os homens de ferro durante alguns anos e veremos se consegue levar os outros vassalos dos Stark a se ajoelhar. Ao chegar a primavera, todos eles deverão estar no fim de suas forças e prontos para dobrar o joelho. O Norte passará para o seu filho e de Sansa Stark... se alguma vez arranjar suficiente virilidade para gerar um. Não se esqueça de que não é só Joffrey quem tem de pôr fim a uma virgindade.

*Não me esqueci, embora tivesse esperança de que você tivesse esquecido.*

– E quando acha que Sansa estará mais fértil? – perguntou Tyrion ao pai num tom que pingava ácido. – Antes ou depois de eu lhe contar como assassinamos sua mãe e seu irmão?

## DAVOS

Por um momento, pareceu que o rei não tinha ouvido. Stannis não mostrou qualquer prazer com a notícia, nem ira, nem incredulidade, nem mesmo alívio. Encarou a sua Mesa Pintada com os dentes cerrados com força.

– Tem certeza? – perguntou.

– Não estou vendo o corpo, não, Vossa Realdade – disse Salladhor Saan. – Mas na cidade, os leões pavoneiam-se e dançam. O povo está chamando de *O Casamento Vermelho*. Juram que Lorde Frey cortou a cabeça do rapaz, costurou a cabeça do lobo gigante dele no lugar e pregou uma coroa sobre as orelhas. A senhora mãe dele também foi morta e atirada nua ao rio.

*Num casamento*, pensou Davos. *Sentado à mesa de seu assassino, um hóspede sob o seu teto. Aqueles Frey estão amaldiçoados*. Sentia de novo o cheiro do sangue ardendo e ouvia a sanguessuga silvar e cuspir nas brasas quentes do braseiro.

– Foi a ira do Senhor que o matou – declarou Sor Axell Florent. – Isso tem a mão de R'hllor!

– *Louvem o Senhor da Luz!* – entoou a Rainha Selyse, uma mulher magra e macilenta, com grandes orelhas e um lábio superior peludo.

– Será que a mão de R'hllor é manchada e entrevada? – perguntou Stannis. – Isso parece mais obra de Walder Frey do que de qualquer deus.

– R'hllor escolhe os instrumentos de que necessita. – O rubi na garganta de Melisandre brilhava, rubro. – Seus caminhos são misteriosos, mas nenhum homem pode resistir à sua vontade ardente.

– *Nenhum homem pode resistir a ele!* – gritou a rainha.

– Fique calada, mulher. Não está numa fogueira noturna agora. – Stannis examinou a Mesa Pintada. – O lobo não deixa herdeiros, a lula gigante deixa muitos. Os leões vão devorá-los, a menos que... Saan, vou precisar de seus navios mais rápidos para levar enviados às Ilhas de Ferro e a Porto Branco. Oferecerei indultos. – O modo como cerrou os

dentes mostrou o pouco que gostava da palavra. – Indultos totais, para todos aqueles que se arrependerem da traição e jurarem lealdade ao seu legítimo rei. Têm de compreender...

– Não compreenderão. – A voz de Melisandre era suave. – Lamento, Vossa Graça. Isso não é um fim. Mais falsos reis irão se erguer em breve para tomar a coroa daqueles que morreram.

– Mais? – Stannis parecia com vontade de esganá-la. – Mais usurpadores? *Mais* traidores?

– Vi nas chamas.

A Rainha Selyse aproximou-se do rei.

– O Senhor da Luz enviou Melisandre para guiá-lo até a glória. Dê ouvidos a ela, suplico. As chamas sagradas de R'hllor não mentem.

– Há mentiras e mentiras, mulher. Mesmo quando essas chamas falam a verdade, estão cheias de truques, parece-me.

– Uma formiga que escute as palavras de um rei pode não compreender o que ele está dizendo – disse Melisandre – e todos os homens são formigas perante o rosto ardente de deus. Se às vezes confundi um aviso com uma profecia ou uma profecia com um aviso, a falha cabe ao leitor, não ao livro. Mas sei isso com certeza: enviados e indultos não lhe serão agora mais úteis do que sanguessugas. Tem de mostrar ao reino um sinal. Um sinal que prove o seu poder!

– *Poder?* – o rei fungou. – Tenho mil e trezentos homens em Pedra do Dragão, mais trezentos em Ponta Tempestade. – A mão varreu a Mesa Pintada. – O resto de Westeros está nas mãos de meus inimigos. Não tenho frota além da de Salladhor Saan. Não tenho moeda para contratar mercenários. Não tenho expectativas de saque ou glória para atrair cavaleiros livres à minha causa.

– Senhor esposo – disse a Rainha Selyse –, tem mais homens do que Aegon tinha há trezentos anos. Tudo que lhe falta são dragões.

O olhar que Stannis lhe dirigiu era sombrio.

– Nove magos cruzaram o mar para chocar os ovos de Aegon Terceiro. Baelor, o Abençoado, rezou sobre o seu durante meio ano. Aegon, o Quarto, construiu dragões de madeira e ferro. Aerion Chamaviva bebeu fogovivo para se transformar. Os magos falharam, as preces do Rei Baelor não obtiveram resposta, os dragões de madeira queimaram, e o Príncipe Aerion morreu aos gritos.

A Rainha Selyse mostrou-se inflexível.

– Nenhum desses homens era o escolhido de R'hllor. Nenhum cometa vermelho ardeu nos céus para anunciar a sua chegada. Nenhum brandia a Luminífera, a espada vermelha dos heróis. E nenhum deles pagou o preço. A Senhora Melisandre dirá, senhor. Só a morte pode pagar pela vida.

– O garoto? – o rei quase cuspiu as palavras.

– O garoto – concordou a rainha.

– O garoto – ecoou Sor Axell.

– Já estava farto desse maldito garoto antes mesmo de ele nascer – protestou o rei. – Até o nome dele é um rugido aos meus ouvidos e uma nuvem negra que paira sobre a minha alma.

– Dê-me o garoto e nunca mais terá de ouvir pronunciar seu nome novamente – prometeu Melisandre.

*Não, mas vai ouvi-lo gritar quando ela o queimar*. Davos segurou a língua. Era mais sensato não falar até que o rei ordenasse.

– Dê-me o garoto para R'hllor – disse a mulher vermelha – e a antiga profecia será cumprida. O seu dragão acordará e estenderá suas asas de pedra. O reino será seu.

Sor Axell ajoelhou-se.

– Sobre um joelho dobrado lhe suplico, senhor. Acorde o dragão de pedra e faça os traidores tremerem. Tal como Aegon, começa como Senhor de Pedra do Dragão. Tal como Aegon, conquistará. Que os falsos e os inconstantes sintam as suas chamas.

– A sua própria esposa suplica também, senhor esposo. – A Rainha Selyse ajoelhou-se perante o rei, com as mãos unidas como que em prece. – Robert e Delena profanaram a nossa cama e fizeram cair uma maldição sobre a nossa união. Esse garoto é o sujo fruto de sua fornicação. Levante esta sombra de meu ventre, e eu lhe darei muitos filhos legítimos, eu sei que sim. – Envolveu as pernas dele com os braços. – Ele é apenas um garoto, nascido da luxúria de seu irmão e da vergonha da minha prima.

– Ele é do meu sangue. Pare de me agarrar, mulher. – Rei Stannis pôs uma mão no ombro dela, soltando-se desajeitadamente de seu abraço. – Robert talvez tenha amaldiçoado nosso leito nupcial. Jurou-me que nunca pretendeu me envergonhar, que estava bêbado e não chegou a

saber de quem era o quarto em que entrou naquela noite. Mas será que importa? O garoto não tem culpa, seja qual for a verdade.

Melisandre pousou a mão no braço do rei.

– O Senhor da Luz aprecia os inocentes. Não há sacrifício mais precioso. Do seu sangue de rei e do seu fogo sem mácula nascerá um dragão.

Stannis não se afastou do toque de Melisandre como havia se afastado do da rainha. A mulher vermelha era tudo que Selyse não era; jovem, de corpo cheio, e estranhamente bela, com seu rosto em forma de coração, cabelos acobreados e olhos sobrenaturalmente vermelhos.

– Seria uma coisa maravilhosa ver a pedra ganhar vida – admitiu de má vontade. – E montar um dragão... lembro-me da primeira vez que o meu pai me levou à corte, Robert teve de ir de mãos dadas comigo. Eu não podia ter mais de quatro anos, o que significa que ele devia ter cinco ou seis. Depois concordamos que o rei tinha sido tão nobre como os dragões eram temíveis. – Stannis fungou. – Anos mais tarde, nosso pai disse-nos que Aerys tinha se cortado no trono naquela manhã, e por isso a sua Mão tomara o lugar dele. O homem que tanto nos impressionou foi Tywin Lannister. – Os dedos do rei tocaram a superfície da mesa, traçando levemente um caminho através dos montes envernizados. – Robert tirou os crânios das paredes quando colocou a coroa, mas não suportou a ideia de mandar destruí-los. Asas de dragão sobre Westeros... isso seria uma...

– *Vossa Graça!* – Davos inclinou-se para a frente. – Posso falar?

Stannis fechou a boca com tanta força que os dentes soltaram um estalido.

– Senhor da Mata de Chuva. Por que julga que fiz de você Mão, se não para falar? – o rei fez um gesto com a mão. – Diga o que quiser.

*Guerreiro, dê-me coragem.*

– Pouco sei de dragões e menos ainda de deuses... mas a rainha falou de maldições. Ninguém é tão amaldiçoado aos olhos dos deuses e dos homens como quem mata a família.

– Não há deuses além de R'hllor e do Outro, cujo nome não pode ser pronunciado. – A boca de Melisandre era uma linha dura e vermelha. – E os homens pequenos amaldiçoam aquilo que não são capazes de compreender.

– Eu sou um homem pequeno – admitiu Davos –, portanto, explique-me por que necessita desse garoto, Edric Storm, para acordar o seu grande dragão de pedra, senhora. – Estava determinado a proferir o nome do garoto tantas vezes quantas pudesse.

– Só a morte pode pagar pela vida, senhor. Uma grande dádiva requer um grande sacrifício.

– Onde está a grandeza numa criança ilegítima?

– Ele tem o sangue de um rei nas veias. Já viu o que até um pouco desse sangue pode fazer...

– Vi a senhora queimar algumas sanguessugas.

– E dois falsos reis estão mortos.

– Robb Stark foi assassinado por Lorde Walder da Travessia, e ouvimos dizer que Balon Greyjoy caiu de uma ponte. Quem foi que as suas sanguessugas mataram?

– Duvida do poder de R'hllor?

*Não*. Davos lembrava-se bem demais da sombra viva que saíra se contorcendo do ventre da mulher naquela noite sob Ponta Tempestade, das mãos negras empurrando as suas coxas. *Aqui tenho de pisar com cuidado, senão uma sombra pode vir me procurar também*.

– Até um contrabandista de cebolas sabe distinguir duas cebolas de três. Falta-lhe um rei, senhora.

Stannis resfolegou uma risada.

– Ele pegou-a, senhora. Dois não é igual a três.

– Com certeza, Vossa Graça. Um rei pode morrer por acaso, até dois... mas três? Se Joffrey morrer, no meio de todo o seu poder, rodeado por seus exércitos e sua Guarda Real, isso não mostraria o poder do Senhor em ação?

– Talvez mostre. – O rei falou como se se ressentisse de cada palavra.

– Ou talvez não. – Davos fez o melhor que pôde para esconder o medo.

– Joffrey *morrerá* – declarou a Rainha Selyse, serena em sua confiança.

– Até pode já estar morto – acrescentou Sor Axell.

Stannis olhou-os com um ar aborrecido.

– São corvos treinados, para crocitarem comigo um de cada vez? Basta.

– Esposo, escute-me... – rogou a rainha.

– Por quê? Dois é diferente de três. Os reis sabem contar tão bem quanto os contrabandistas. Podem ir. – Stannis virou as costas a eles.

Melisandre ajudou a rainha a se levantar. Selyse saiu do aposento, hirta, com a mulher vermelha atrás. Sor Axell deixou-se ficar tempo suficiente para lançar a Davos um último olhar. *Um olhar feio num rosto feio*, pensou o contrabandista ao encará-lo.

Depois de os outros saírem, Davos pigarreou. O rei ergueu os olhos.

– Ainda está aqui?

– Senhor, a propósito de Edric Storm...

Stannis fez um gesto brusco.

– Poupe-me.

Davos persistiu.

– A sua filha tem aulas com ele e brinca todos os dias em sua companhia no Jardim de Aegon.

– Eu sei disso.

– O coração dela iria se quebrar se algo de mal...

– Também sei disso.

– Se ao menos o visse...

– Já o vi. Parece-se com Robert. Sim, e venera o pai. Deverei falar-lhe da frequência com que o seu querido pai lhe dirigia um pensamento? Meu irmão gostava bastante do fabrico de crianças, mas depois do nascimento eram um aborrecimento.

– Ele pergunta pelo senhor todos os dias, ele...

– Está me irritando, Davos. Não quero ouvir falar mais desse bastardo.

– O nome dele é Edric Storm, senhor.

– Eu sei o nome dele. Terá alguma vez existido um nome mais adequado? Proclama a sua bastardia, o seu elevado nascimento, e o tumulto que traz consigo. Edric Storm. Aí está, eu disse. Está satisfeito, senhor Mão?

– Edric... – começou.

– ... é *um garoto*! Poderia ser o melhor garoto que alguma vez respirou, que não teria importância. Meu dever é para com o reino. – A mão varreu a Mesa Pintada. – Quantos garotos vivem em Westeros? Quantas garotas? Quantos homens, quantas mulheres? A escuridão vai devorá-los todos, diz ela. A noite que não tem fim. Fala de profecias... um herói renascido no mar, dragões vivos chocados a partir de pedra morta... fala

de *sinais* e jura que apontam para mim. Nunca pedi isso, assim como não pedi ser rei. Mas vou me atrever a não lhe dar ouvidos? – rangeu os dentes. – Não escolhemos o nosso destino. Mas temos... temos de cumprir o nosso dever, não é? Grande ou pequeno, *temos de cumprir o nosso dever*. Melisandre jura que me viu em suas chamas, enfrentando a escuridão com a Luminífera erguida bem alto. *Luminífera*! – Stannis soltou uma fungadela derrisória. – Cintila lindamente, admito, mas na Água Negra essa espada mágica não me serviu melhor do que qualquer aço banal. Um dragão teria virado essa batalha. Aegon esteve um dia onde estou agora, olhando para esta mesa. Pensa que lhe chamaríamos hoje Aegon, o Conquistador, se não tivesse tido *dragões*?

– Vossa Graça – disse Davos –, o preço...

– *Eu conheço o preço*! Na noite passada, olhando para aquela lareira, também vi coisas nas chamas. Vi um rei, com uma coroa de fogo na testa, ardendo... *ardendo*, Davos. Sua própria coroa consumiu sua carne e transformou-o em cinzas. Acha que preciso que Melisandre me diga o que isso significa? Ou *você*? – o rei mudou de posição e sua sombra caiu sobre Porto Real. – Se Joffrey morrer... o que é a vida de um garoto bastardo perante um reino?

– Tudo – disse Davos em voz baixa.

Stannis olhou-o, com as mandíbulas cerradas.

– Vá – disse o rei por fim – antes que consiga se levar de volta à masmorra.

Às vezes os ventos de tempestade sopram com tanta força que um homem não tem alternativa exceto guardar as velas.

– Sim, Vossa Graça. – Davos fez uma reverência, mas, aparentemente, Stannis já o tinha esquecido.

Quando saiu do Tambor de Pedra, fazia frio no pátio. Um vento fresco soprava do leste, fazendo os estandartes baterem ruidosamente ao longo das muralhas. Davos sentia o cheiro do sal no ar. *O mar*. Adorava aquele cheiro. Fazia-o desejar caminhar de novo por um convés, içar a sua vela e velejar para o sul, para ir até Marya e seus dois filhos pequenos. Agora pensava neles quase todos os dias e ainda mais durante a noite. Parte de si nada desejava mais ardentemente do que pegar Devan e ir para casa. *Não posso. Ainda não. Agora sou um senhor e Mão do Rei, não posso falhar com ele*.

Ergueu os olhos e fitou as muralhas. Em vez de merlões, um milhar de ornamentos grotescos e de gárgulas olhavam-no lá de cima, cada uma diferente de todas as outras; serpes, grifos, demônios, mantícoras, minotauros, basiliscos, mastins do inferno, cocatrizes, e um milhar de criaturas mais estranhas que brotavam das ameias do castelo como se tivessem nascido ali. E havia dragões por todos os lados. O Grande Salão era um dragão deitado sobre a barriga. Entrava-se por sua boca aberta. As cozinhas eram um dragão enrolado numa bola, com a fumaça e o vapor dos fornos saindo através de suas narinas. As torres eram dragões empoleirados nas muralhas, ou prontos para levantar voo; o Dragão de Vento parecia gritar em desafio, ao passo que a Torre do Dragão Marinho olhava serenamente por sobre as águas. Dragões menores enquadravam os portões. Garras de dragão emergiam das paredes para agarrar archotes, grandes asas de pedra abraçavam o ferreiro e o arsenal, e caudas formavam arcos, pontes e escadas exteriores.

Davos ouvia dizer com frequência que os feiticeiros de Valíria não cortavam e burilavam como os pedreiros vulgares, mas trabalhavam a pedra com fogo e magia como um oleiro trabalharia o barro. Mas agora duvidava. *E se fossem dragões verdadeiros, de algum modo transformados em pedra?*

– Se a mulher vermelha os trouxer à vida, o castelo ruirá, imagino. Que espécie de dragão está cheia de quartos, escadas e mobília? E de janelas. E de chaminés. E de fossas.

Davos virou-se para deparar com Salladhor Saan ao seu lado.

– Isso significa que perdoou a minha traição, Salla?

O velho pirata brandiu um dedo em sua direção.

– Perdoei, sim. Esqueci, não. Todo aquele bom ouro na Ilha da Garra que podia ter sido meu, fico velho e cansado só de pensar nele. Quando morrer empobrecido, minhas esposas e concubinas vão amaldiçoá-lo, Senhor das Cebolas. Lorde Celtigar tinha muitos belos vinhos que não estou saboreando, uma águia do mar que treinara para levantar voo de seu pulso e um berrante mágico para fazer sair lulas gigantes das profundezas. Muito útil seria esse berrante, para puxar para baixo os tyroshi e outras criaturas incômodas. Mas posso soprar esse berrante? Não, porque o rei fez de meu velho amigo sua Mão. – Deu o braço a Davos e disse: – Os homens da rainha não simpatizam com você, velho

amigo. Estou ouvindo dizer que uma certa Mão tem andado fazendo seus próprios amigos. Isso é verdade, não?

*Ouve coisas demais, velho pirata*. É bom que um contrabandista conheça tão bem os homens como as marés, caso contrário não sobreviverá muito tempo contrabandeando. Os homens da rainha podiam continuar sendo fervorosos seguidores do Senhor da Luz, mas o povo de Pedra do Dragão estava voltando aos deuses que tinha conhecido a vida inteira. Diziam que Stannis estava enfeitiçado, que Melisandre o afastara dos Sete para se curvar perante um demônio qualquer feito de sombras, e que... o pior de todos os pecados... ela e seu deus lhe tinham falhado. E havia cavaleiros e fidalgos que tinham os mesmos sentimentos. Davos tinha ido atrás deles, escolhendo-os com o mesmo cuidado como antes escolhia as suas tripulações. Sor Gerald Gower tinha lutado intrepidamente na Água Negra, mas depois foi ouvido dizendo que R'hllor devia ser um deus fraco, se permitia que seus seguidores fossem escorraçados por um anão e um morto. Sor Andrew Estermont era primo do rei e tinha servido como seu escudeiro anos antes. O Bastardo de Nocticantiga comandou a retaguarda que permitiu que Stannis chegasse à segurança das galés de Salladhor Saan, mas adorava o Guerreiro com uma fé tão feroz quanto ele mesmo. *Homens do rei, não homens da rainha*. Mas não seria boa ideia gabar-se deles.

– Um certo pirata liseno disse-me uma vez que um bom contrabandista fica longe da vista – respondeu cuidadosamente Davos. – Velas negras, remos abafados e uma tripulação que saiba controlar a língua.

O liseno riu.

– Uma tripulação sem língua é ainda melhor. Mudos grandes e fortes que não saibam ler nem escrever. – Mas depois tornou-se mais sombrio. – Mas agrada-me saber que alguém vigia sua retaguarda, velho amigo. Acha que o rei vai dar o garoto à sacerdotisa vermelha? Um pequeno dragão poderia acabar com esta grande guerra.

O hábito antigo fez Davos levar a mão à sua sorte, mas os ossos dos dedos já não estavam pendurados em seu pescoço, e nada encontrou.

– Ele não fará isso – disse Davos. – Não poderia fazer mal ao seu próprio sangue.

– Lorde Renly ficará feliz por saber disso.

– Renly era um traidor em armas. Edric Storm é inocente de qualquer crime. Sua Graça é um homem justo.

Salla encolheu os ombros.

– Veremos. Ou você verá. Quanto a mim, volto ao mar. Neste mesmo instante, pode haver contrabandistas vis velejando pela Baía da Água Negra, esperando evitar o pagamento das obrigações legais para com o seu senhor. – Deu uma palmada nas costas de Davos. – Cuide-se. Você e seus amigos mudos. Tornou-se muito grande, mas quanto mais alto um homem sobe, maior é a queda.

Davos refletiu sobre aquelas palavras enquanto subia os degraus da Torre do Dragão Marinho que levavam aos aposentos do meistre, sob a colônia dos corvos. Não precisava que Salla lhe dissesse que subira alto demais. *Não sei ler, não sei escrever, os lordes me desprezam, nada sei de governar, como posso ser Mão do Rei? Meu lugar é no convés de um navio, não em uma torre de castelo*.

Tinha dito isso mesmo ao Meistre Pylos.

– É um capitão notável – respondeu o meistre. – Um capitão governa o seu navio, não é verdade? Tem de navegar por águas traiçoeiras, içar as velas para apanhar o vento que se levanta, saber quando uma tempestade se aproxima e a melhor forma de ultrapassá-la. Isso é muito semelhante.

Pylos pretendera ser amável, mas a sua confiança soava vazia.

– Não é, nem de longe, a mesma coisa! – protestou Davos. – Um reino não é um navio... e ainda bem, caso contrário este reino estaria afundando. Eu conheço de madeira, cordas e água, sim, mas como isso me será útil agora? Onde vou encontrar o vento que empurrará Rei Stannis até seu trono?

O meistre riu daquilo.

– E aí está, senhor. As palavras são vento, entende? E soprou as minhas para longe com o seu bom-senso. Sua Graça sabe o que tem em você, acho.

– Cebolas – disse Davos em tom sombrio. – É isso que ele tem em mim. A Mão do Rei devia ser um senhor bem-nascido, alguém sábio e instruído, um comandante de batalha ou um grande cavaleiro...

– Sor Ryam Redwyne foi o maior cavaleiro de seu tempo e um dos piores Mãos que já serviu um rei. As preces do Septão Murmison faziam milagres, mas como Mão rapidamente conseguiu pôr o reino em peso a

rezar por sua morte. Lorde Butterwell era famoso pela inteligência, Myles Smallwood pela coragem, Sor Otto Hightower pela instrução, e no entanto falharam como Mãos, todos eles. Quanto ao nascimento, era frequente os reis do dragão escolherem Mãos de seu próprio sangue, com resultados tão variados quanto Baelor Lança-Quebrada e Baelor, o Cruel. Em contraponto a isso, há o Septão Barth, o filho de ferreiro que o Velho Rei arrancou da biblioteca da Fortaleza Vermelha, que deu ao reino quarenta anos de paz e abundância. – Pylos sorriu. – Leia a história, Lorde Davos, e verá que as suas dúvidas são infundadas.

– Como poderei ler história, se não sou capaz de ler?

– Qualquer homem é capaz de ler, senhor – disse Meistre Pylos. – Não é necessário ter nem magia nem elevado nascimento. Eu estou ensinando a arte ao seu filho, por ordem do rei. Deixe que lhe ensine também.

Era uma oferta amável, que Davos não podia recusar. E assim, todos os dias se dirigia aos aposentos do meistre, no topo da Torre do Dragão Marinho, para franzir a testa perante rolos, pergaminhos e grandes volumes em couro e tentar desvendar mais algumas palavras. O esforço dava-lhe frequentes dores de cabeça, e além disso fazia-o sentir-se um idiota tão grande quanto o Cara-Malhada. O filho Devan ainda não tinha doze anos, e no entanto estava bem à frente do pai, e para a Princesa Shireen e Edric Storm a leitura parecia tão natural quanto a respiração. No que tocava aos livros, Davos era mais criança do que qualquer um deles. Mas persistiu. Era agora Mão do Rei, e uma Mão do Rei devia ler.

Os degraus estreitos e sinuosos da Torre do Dragão Marinho passaram a ser uma dolorosa provação para o Meistre Cressen depois de quebrar a bacia. Davos ainda dava por si sentindo falta do velho. Pensava que Stannis devia partilhar esse sentimento. Pylos parecia esperto, diligente e bem-intencionado, mas era muito jovem, e o rei não se apoiava nele como se apoiara em Cressen. O velho tinha acompanhado Stannis durante tanto tempo... *Até que entrou em colisão com Melisandre, e morreu por isso.*

No topo dos degraus, Davos ouviu um tênue tinir de guizos que só podia anunciar o Cara-Malhada. O bobo da princesa estava à espera dela junto à porta do meistre, como um cão fiel. Mole como massa de pão e de ombros caídos, tinha uma face larga, tatuada com um padrão de quadrados vermelhos e verdes. Cara-Malhada usava um elmo feito de um

par de chifres de veado presos a um balde de estanho. Uma dúzia de guizos pendia dos galhos e tilintava quando ele se movia... o que era o mesmo que dizer constantemente, pois o bobo raramente parava quieto. Tinia e retinia para onde quer que fosse; pouco admirava que Pylos o tivesse exilado das aulas de Shireen.

– Debaixo do mar, o peixe velho come o peixe novo – murmurou o bobo a Davos. Balançou a cabeça e seus guizos tiniram, tilintaram e cantaram. – Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

– Aqui em cima os peixes novos ensinam os peixes velhos – disse Davos, que nunca se sentia tão antigo como quando se sentava para tentar ler. Podia ser diferente se tivesse sido o idoso Meistre Cressen a ensiná-lo, mas Pylos era novo o suficiente para ser seu filho.

Foi encontrar o meistre sentado à sua longa mesa de madeira coberta com livros e pergaminhos, diante de três crianças. A Princesa Shireen sentava-se entre os dois garotos. Até agora, Davos conseguia obter grande prazer de ver seu próprio sangue na companhia de uma princesa e de um bastardo real. *Devan será agora um senhor, e não apenas um cavaleiro. O Senhor da Mata de Chuva*. Davos sentia mais orgulho nisso do que em ostentar o título. *E também sabe ler. Sabe ler e escrever, como se tivesse nascido para isso*. Pylos nada tinha a dizer sobre a sua diligência, exceto elogios, e o mestre de armas dizia que Devan também se mostrava promissor com a espada e a lança. *E é também um garoto devoto*.

– Meus irmãos ascenderam ao Salão da Luz, para ocupar seus lugares junto do Senhor – tinha dito Devan quando o pai lhe contou como os quatro irmãos mais velhos tinham morrido. – Rezarei por eles nas fogueiras noturnas e por você também, pai, para que possa caminhar à Luz do Senhor até o fim dos seus dias. – Um bom dia para o senhor, pai – saudou-o o garoto.

*Ele é tão parecido com Dale na sua idade*, pensou Davos. Era certo que o filho mais velho nunca havia se vestido tão bem como Devan, com os seus trajes de escudeiro, mas partilhavam o mesmo rosto quadrado e simples, os mesmos olhos castanhos e francos, o mesmo cabelo fino, castanho e solto. As bochechas e o queixo de Devan estavam salpicados de pelos louros, uma penugem que teria envergonhado um pêssego respeitável, embora o rapaz se orgulhasse ferozmente de sua “barba”. *Tal*

*como Dale se orgulhou da dele, antes*. Devan era a mais velha das três crianças que se encontravam à mesa.

Mas Edric Storm era três centímetros mais alto e mais largo de peito e ombros. Nisso era filho de seu pai; e também nunca perdia uma manhã de trabalho com a espada e o escudo. Aqueles que eram suficientemente velhos para terem conhecido Robert e Renly quando crianças diziam que o bastardo se assemelhava mais a eles do que Stannis jamais se assemelhou; os cabelos negros de carvão, os profundos olhos azuis, a boca, o queixo, os malares. Só as orelhas faziam lembrar que a mãe tinha sido uma Florent.

– Sim, bom dia, senhor – ecoou Edric. O garoto podia ser feroz e orgulhoso, mas os meistres, castelões e mestres de armas que o tinham educado o instruíram bem no que dizia respeito à cortesia. – Vem de junto de meu tio? Como passa Sua Graça?

– Bem – mentiu Davos. Para falar a verdade, o rei tinha um ar fatigado, assombrado, mas Davos não viu nenhum motivo para sobrecarregar o garoto com os seus receios. – Espero que não tenha perturbado as suas lições.

– Acabamos de terminar, senhor – disse o Meistre Pylos.

– Estávamos lendo a respeito do Rei Daeron Primeiro. – A Princesa Shireen era uma criança triste, doce e gentil, longe de ser bonita. Stannis dera-lhe o maxilar quadrado e Selyse, as orelhas Florent, e os deuses, em sua cruel sabedoria, tinham achado por bem aumentar a sua falta de graça afligindo-a de escamagris no berço. A doença deixara-lhe um lado do rosto e metade do pescoço cinzento, rachado e duro, embora tanto sua vida quanto sua visão tivessem sido poupadas. – Partiu para a guerra e conquistou Dorne. Chamavam-no de Jovem Dragão.

– Ele adorava falsos deuses – disse Devan –, mas, fora isso, era um grande rei, e muito corajoso em batalha.

– Se era – concordou Edric Storm –, mas o meu pai era mais. O Jovem Dragão nunca venceu três batalhas num só dia.

A princesa olhou-o de olhos esbugalhados.

– O tio Robert venceu três batalhas num só dia?

O bastardo confirmou com a cabeça.

– Foi logo depois de retornar para casa, para convocar os vassalos. Os Lordes Grandison, Cafferen e Fell planejaram juntar forças em

Solarestival e marchar sobre Ponta Tempestade, mas ele soube dos planos deles através de um informante e avançou imediatamente com todos os seus cavaleiros e escudeiros. Quando os conspiradores chegaram a Solarestival, um de cada vez, derrotou-os um por um antes de conseguirem juntar forças com os outros. Matou Lorde Fell em combate singular e capturou seu filho, o Machado de Prata.

Devan olhou para Pylos.

– Foi assim que as coisas se passaram?

– Foi o que eu *disse*, não foi? – disse Edric Storm antes de o meistre ter tempo de responder. – Esmagou os três, e lutou com tanta bravura que Lorde Grandison e Lorde Cafferen se tornaram seus homens, e o Machado de Prata também. Nunca ninguém venceu meu pai.

– Edric, não devia se vangloriar – disse Meistre Pylos. – O Rei Robert sofreu derrotas, como qualquer outro homem. Lorde Tyrell venceu-o em Vaufreixo, e Robert também perdeu muitas justas em torneios.

– Mas ganhou mais do que perdeu. E matou o Príncipe Rhaegar no Tridente.

– Isso é verdade – concordou o meistre. – Mas agora tenho de dar a minha atenção ao Lorde Davos, que espera com tanta paciência. Amanhã leremos mais da *Conquista de Dorne* do Rei Daeron.

A Princesa Shireen e os garotos despediram-se com cortesia. Depois de se retirarem, Meistre Pylos aproximou-se de Davos.

– Senhor, talvez quisesse experimentar um pouco da *Conquista de Dorne* também? – empurrou o estreito livro encadernado em couro para a sua frente. – O Rei Daeron escrevia com uma simplicidade elegante, e sua história é rica em sangue, batalhas e bravura. Seu filho está bastante cativado.

– Meu filho ainda não tem nem doze anos. Eu sou a Mão do Rei. Dê-me outra carta, por favor.

– Às suas ordens, senhor. – Meistre Pylos esquadrinhou a mesa, desenrolando e depois colocando de lado vários recortes de pergaminho. – Não há cartas novas. Talvez uma antiga...

Davos gostava tanto de uma boa história quanto qualquer homem, mas achava que Stannis não o tinha nomeado Mão para se divertir. Seu primeiro dever era ajudar o rei a governar, e para isso tinha de compreender as palavras que os corvos traziam. Descobrira que a melhor

forma de aprender algo era fazendo; velas ou pergaminhos, não fazia diferença.

– Isto pode servir para o que queremos. – Pylos passou uma carta para a sua mão.

Davos esticou o pequeno quadrado de pergaminho enrugado e semicerrou os olhos para as letras, minúsculas e difíceis de decifrar. Ler era pesado para os olhos, pelo menos isso aprendera depressa. Às vezes se perguntava se a Cidadela ofereceria uma bolsa de campeão ao meistre que escrevesse numa letra menor. Pylos riu da ideia, mas...

– Aos... cinco reis – leu Davos, com uma breve hesitação em *cinco*, palavra que não via frequentemente escrita por extenso. – O rei... pa... o rei... para cá?

– *Para lá* – corrigiu o meistre.

Davos fez uma careta.

– O Rei-para-lá-da-Muralha vem... vem para o *sul*. Lidera uma... uma... basta...

– Vasta.

– ... uma *vasta* tropa de sel... selv... selvagens. Lorde M... Mmmor... Mormont enviou um... corvo da... flo... flo...

– Floresta. A *floresta assombrada*. – Pylos sublinhou as palavras com a ponta do dedo.

– ... a floresta assombrada. Está... *sob* a... ataque?

– Sim.

Satisfeito, continuou a abrir caminho através da mensagem.

– Out... outras aves chegaram depois, sem notícias. Nós... tememos... que Mormont tenha sido morto com toda... com todas as suas... forcas... não, *forças*. Nós tememos que Mormont tenha sido morto com todas as suas forças... – De repente, Davos compreendeu o que estava lendo. Virou a carta e viu que a cera que a selara era negra. – Isto vem da Patrulha da Noite. Meistre, o Rei Stannis viu esta carta?

– Eu levei-a ao Lorde Alester quando ela chegou. Naquela época era ele a Mão. Creio que a discutiu com a rainha. Quando lhe perguntei se desejava enviar uma resposta, disse-me para não ser tolo. “Sua Graça não tem homens suficientes para travar suas próprias batalhas, também não os tem para desperdiçar em selvagens”, disse-me.

Aquilo era bem verdade. E essa conversa de cinco reis teria sem dúvida enfurecido Stannis.

– Só um homem esfomeado suplica pão a um pedinte – murmurou.

– Perdão, senhor?

– Uma coisa que a minha mulher disse um dia. – Davos tamborilou no tampo da mesa com os seus dedos encurtados.

A primeira vez em que viu a Muralha era mais novo do que Devan e servia a bordo do *Gato da Calçada* às ordens de Roro Uhoris, um tyroshi conhecido de cima a baixo do mar estreito como Bastardo Cego, embora nem fosse cego nem filho ilegítimo. Roro tinha passado por Skagos e entrado no Mar Tremente, visitando uma centena de pequenas angras que nunca antes tinham visto um navio mercante. Trouxe aço; espadas, machados, elmos, boas camisas de cota de malha, para trocar por peles, marfim, âmbar e obsidiana. Quando o *Gato da Calçada* voltou para o sul, trazia os porões repletos, mas na Baía das Focas surgiram três galés negras e pastorearam-no até Atalaialeste. Perderam a carga e o Bastardo perdeu a cabeça, pelo crime de vender armas aos selvagens.

Davos tinha comerciado em Atalaialeste nos seus dias de contrabandista. Os irmãos negros eram inimigos duros, mas bons clientes, para um navio com o tipo certo de carga. Mas apesar de ter aceitado o seu dinheiro, nunca esqueceu o modo como a cabeça do Bastardo Cego tinha rolado pelo convés do *Gato da Calçada*.

– Conheci alguns selvagens quando era garoto – disse ao Meistre Pylos. – Eram ladrões razoáveis, mas ruins na pechincha. Um deles desapareceu com a nossa garota de cabine. Tudo somado, pareceram-me homens como os outros, uns bons, outros maus.

– Homens são homens – concordou Meistre Pylos. – Voltamos à leitura, senhor Mão?

*Sou a Mão do Rei, certo*. Stannis podia ser o Rei de Westeros no nome, mas na realidade era o Rei da Mesa Pintada. Controlava Pedra do Dragão e Ponta Tempestade e tinha uma aliança cada vez mais incômoda com Salladhor Saan, mas era só. Como podia a Patrulha ter voltado os olhos para ele em busca de ajuda? *Podem não saber como ele é fraco, como a sua causa está perdida.*

– O Rei Stannis nunca viu esta carta, tem certeza absoluta? E Melisandre também não?

– Não. Deveria levá-la? Tão tarde?

– Não – disse Davos de imediato. – Cumpriu o seu dever quando a levou ao Lorde Alester. – *Se Melisandre soubesse desta carta... O que foi que ela disse? Aquele cujo nome não pode ser proferido está reunindo o seu poder, Davos Seaworth. Em breve chegará o frio, e a noite que nunca termina...* E Stannis teve uma visão nas chamas, um anel de archotes na neve, rodeados de terror.

– Senhor, está se sentindo mal? – perguntou Pylos.

*Estou assustado, meistre*, Davos podia ter respondido. Recordava-se de uma história que Salladhor Saan tinha lhe contado, sobre o modo como Azor Ahai temperara a Luminífera mergulhando-a no coração da mulher que amava. *Ele matou a mulher para combater a escuridão. Se Stannis for Azor Ahai regressado, será que isso quer dizer que Edric Storm tem de desempenhar o papel de Nissa Nissa?*

– Estava pensando, meistre. As minhas desculpas. – *Onde está o mal em um rei selvagem qualquer conquistar o Norte?* Afinal, Stannis sequer *controlava* o Norte. Sua Graça dificilmente podia ser acusada de não proteger pessoas que se recusavam a reconhecê-lo como rei. – Dê-me outra carta – disse abruptamente. – Esta é muito...

– ... difícil? – sugeriu Pylos.

*Em breve chegará o frio,* sussurrara Melisandre, *e a noite que nunca termina.*

– Perturbadora – disse Davos. – Muito... perturbadora. Outra carta, por favor.

# JON

Quando acordaram, viram a fumaça em Vila Toupeira, o lugar estava em chamas.

No topo da Torre do Rei, Jon Snow apoiou-se na muleta almofadada que Meistre Aemon lhe dera e observou a nuvem cinzenta subindo. Styr tinha perdido toda a esperança de pegar Castelo Negro desprevenido quando Jon escapou, mesmo assim não teria sido necessário avisar tão claramente que estava chegando. *Pode nos matar*, refletiu, *mas ninguém será massacrado na sua cama. Pelo menos isso consegui*.

Sua perna ainda doía como brasas quando se apoiava nela. Naquela manhã precisou que Clydas o ajudasse a vestir a roupa negra recém-lavada e a amarrar as botas, e, quando terminaram, desejou se afogar em leite de papoula. Em vez disso, contentou-se com meia taça de vinho dos sonhos, um pouco de casca de salgueiro para mascar e a muleta. O farol ardia no Espinhaço do Tempo, e a Patrulha da Noite necessitava de todos os homens.

– Posso lutar – tinha insistido quando tentaram impedi-lo.

– Sua perna está curada, é? – Noye fungou. – Então não vai se importar que lhe dê um pontapezinho?

– Preferia que não o fizesse. Está dura, mas posso coxear por aí suficientemente bem, e ficar em pé lutando, se precisar de mim.

– Preciso de todos os homens que saibam qual das extremidades de uma lança se espeta nos selvagens.

– A pontiaguda. – Jon recordou que um dia tinha dito à irmã mais nova qualquer coisa parecida.

Noye esfregou os pelos que tinha no queixo.

– Pode ser que sirva. Colocamos você numa torre com um arco, mas se cair é melhor que não venha choramingar para mim.

Via a estrada do rei abrindo seu caminho sinuoso para o sul, através de campos marrons pedregosos e por cima de colinas varridas pelo vento. O Magnar chegaria por aquela estrada antes de terminar o dia, com os seus

Thenns marchando atrás dele com machados e lanças nas mãos, e seus escudos de bronze e couro nas costas. *Grigg, o Bode, Quort, o Grande Furúnculo e os outros virão também. E Ygritte*. Os selvagens nunca tinham sido seus amigos, ele não *permitiu* que fossem seus amigos, mas ela...

Sentia a dor latejar no local onde a flecha de Ygritte tinha atravessado carne e músculo de sua coxa. Lembrava-se também dos olhos do velho e do sangue negro correndo de sua garganta enquanto a tempestade rebentava no céu. Mas lembrava-se melhor da gruta, de como Ygritte era, nua, à luz do archote, do sabor de sua boca quando a abria sob a dele. *Ygritte, fique longe. Vá para o sul e pilhe, vá se esconder numa dessas torres redondas de que tanto gostou. Aqui não encontrará nada a não ser a morte.*

Do outro lado do pátio, um dos arqueiros no telhado das velhas Casernas de Sílex tinha desatado os calções e estava urinando por uma ameia. *Mully*. Jon reconheceu-o pelos cabelos oleosos e alaranjados. Viam-se também homens com manto negro em outros telhados e topos de torres, embora nove em dez fossem na verdade feitos de palha. Donal Noye chamava de "as sentinelas-espantalho". *Só que os corvos somos nós*, refletiu Jon, *e já estamos quase todos bem espantados*.

Fosse qual fosse o nome que lhes era dado, os soldados de palha tinham sido ideia de Meistre Aemon. A Patrulha possuía, nos armazéns, mais calções, gibões e túnicas do que homens para enchê-los, sendo assim, por que não rechear algumas dessas roupas com palha, envolver seus ombros com manto e colocá-los em todas as torres e em metade das janelas? Alguns dos espantalhos até seguravam lanças, ou tinham bestas enfiadas debaixo do braço. A esperança era que os Thenns os vissem de longe e decidissem que Castelo Negro se encontrava bem defendido demais para ser atacado.

Jon dividia o topo da Torre do Rei com seis espantalhos, além de dois irmãos de verdade, dos que respiravam. Dick Surdo Follard estava sentado numa ameia, limpando e oleando metodicamente o mecanismo de sua besta, assegurando-se de que a roda girava suavemente, enquanto o rapaz de Vilavelha vagueava impacientemente ao longo dos parapeitos, remexendo a roupa dos homens de palha. *Ele talvez pense que lutarão*

*melhor se estiverem na posição certa. Ou talvez a espera esteja mexendo com seus nervos, como está mexendo com os meus.*

O rapaz dizia ter dezoito anos, mais do que Jon tinha, mas apesar disso era verde como a grama do verão. Chamavam-no de Cetim, mesmo vestido com a lã, a cota de malha e o couro fervido da Patrulha da Noite; era o nome que obtivera no bordel onde nascera e fora criado. Era bonito como uma menina, com olhos escuros, pele macia e caracóis negros como um corvo. Mas meio ano em Castelo Negro endurecera suas mãos, e Noye dizia que não era ruim com uma besta. Agora, se tinha ou não coragem para enfrentar o que vinha por aí...

Jon usou a muleta para atravessar o topo da torre coxeando. A Torre do Rei não era a mais alta do castelo; a Lança, alta, esguia e arruinada, detinha esse título, embora Othell Yarwyck tivesse declarado que poderia desabar a qualquer momento. A Torre do Rei tampouco era a mais forte das torres: a Torre dos Guardas, junto à estrada do rei, seria uma noz mais dura de quebrar. Mas era suficientemente alta, suficientemente forte, e bem colocada ao lado da Muralha, dominando o portão e a base da escada de madeira.

Na primeira vez que viu Castelo Negro com os próprios olhos, Jon perguntou a si mesmo por que alguém seria tão tolo a ponto de construir um castelo sem muralhas. Como poderia ser defendido?

– Não pode – tinha lhe dito o tio. – É exatamente essa a ideia. A Patrulha da Noite jura não participar nas disputas do reino. Mas, ao longo dos séculos, certos Senhores Comandantes, mais orgulhosos do que sensatos, esqueceram os votos e quase nos destruíram com suas ambições. O Senhor Comandante Runcel Hightower tentou deixar a patrulha como herança ao seu filho bastardo. O Senhor Comandante Rodrik Flint decidiu fazer de si mesmo Rei-para-lá-da-Muralha. Tristan Mudd, o Louco Marq Rankenfell, Robin Hill... sabia que há seiscentos anos os comandantes do Portão da Neve e de Fortenoite partiram para a guerra *um contra o outro*? E que quando o Senhor Comandante tentou impedi-los, juntaram forças para assassiná-lo? O Stark de Winterfell teve de dar uma mão... e cortar a cabeça deles. Coisa que fez com facilidade, porque *os fortes deles não eram defensáveis*. A Patrulha da Noite teve novecentos e noventa e seis Senhores Comandantes antes de Jeor Mormont, e em sua maioria foram homens de coragem e honra... mas

também tivemos covardes e idiotas, os nossos tiranos e os nossos loucos. Sobrevivemos porque os senhores e reis dos Sete Reinos sabem que não constituímos ameaça para eles, independente de *quem* nos lidere. Os nossos únicos inimigos estão ao norte, e ao norte temos a Muralha.

*Mas agora esses inimigos passaram pela Muralha e chegam do sul*, refletiu Jon, *e os senhores e reis dos Sete Reinos esqueceram-nos. Estamos encurralados entre o martelo e a bigorna*. Sem uma muralha, Castelo Negro não podia ser mantido; Donal Noye sabia disso tão bem quanto todos os outros.

– O castelo não lhes serve para nada – tinha dito o armeiro à sua pequena guarnição. – Cozinhas, sala comum, estábulos, até as torres... que capturem tudo. Vamos esvaziar o arsenal, deslocar todos os abastecimentos que pudermos para o topo da Muralha e resistir em volta do portão.

E assim, Castelo Negro tinha finalmente uma espécie de muralha, uma barricada em forma de crescente, com três metros de altura, feita de material armazenado; barris de pregos e de carneiro salgado, caixotes, fardos de pano preto, troncos empilhados, tábuas, estacas endurecidas pelo fogo e sacos e mais sacos de cereais. O baluarte improvisado rodeava as duas coisas que mais valiam a pena defender: o portão para o norte e a base da grande escada de madeira em zigue-zague que arranhava e escalava a face da Muralha como um relâmpago bêbado, sustentada por traves de madeira grandes como troncos de árvore, profundamente enterradas no gelo.

Jon viu que o último punhado de toupeiras ainda fazia a longa subida, incentivado pelos irmãos. Grenn levava um garotinho nos braços, enquanto Pyp, dois lances abaixo, deixava que um velho se apoiasse em seu ombro. Na base da escada, os aldeões mais velhos esperavam que a gaiola acabasse de fazer o caminho de volta desde o topo da Muralha. Pousou os olhos numa mãe que puxava duas crianças, uma em cada mão, no momento em que um rapaz mais velho passava por eles, correndo pelos degraus. Sessenta metros mais acima, Su Azul-Celeste e a Senhora Meliana (que todos os amigos eram unânimes em dizer que não era senhora coisa nenhuma) estavam paradas num patamar, olhando para o sul. Tinham uma vista da fumaça melhor do que a dele, sem dúvida. Jon perguntou a si mesmo o que acontecera aos aldeões que tinham decidido

não fugir. Havia sempre alguns teimosos, estúpidos ou corajosos demais para se refugiarem, alguns que preferiam lutar, esconder-se ou render-se. Os Thenns talvez os poupassem.

*O que devíamos ter feito era levar o ataque até eles*, pensou. *Com cinquenta patrulheiros bem montados, podíamos desbaratá-los na estrada*. Mas não tinham cinquenta patrulheiros, nem metade dos cavalos necessários. A guarnição não tinha retornado, e não havia como saber onde estava, ou mesmo se os correios que Noye enviara a tinham alcançado.

*A guarnição somos nós*, disse Jon a si mesmo, *e olhe para nós*. Os irmãos que Bowen Marsh deixou para trás eram velhos, aleijados e rapazes ainda verdes, tal como Donal Noye tinha avisado. Via alguns carregando barris pelos degraus acima, e outros na barricada; o velho e robusto Barricas, tão lento como sempre, o Bota Extra, saltitando vivamente sobre a sua perna de madeira esculpida, o meio louco do Calma, que se achava Florian, o Bobo, renascido, o Dilly Dornês, o Alyn Vermelho da Mata de Rosas, o Jovem Henly (bem para lá dos cinquenta anos), o Velho Henly (bem para lá dos setenta), o Hal Peludo, o Pate Malhado da Lagoa da Donzela. Alguns deles viram Jon olhando do topo da Torre do Rei e acenaram para ele. Outros afastaram o olhar. *Ainda me julgam um vira-casaca*. Isso era desagradável, mas Jon não podia censurá-los. Afinal, ele era um bastardo. Todos sabiam que os bastardos eram desonestos e traiçoeiros por natureza, por terem nascido da luxúria e do engano. E ele tinha feito tantos inimigos como amigos em Castelo Negro... Rast, para começar. Jon certa vez ameaçou ordenar a Fantasma para rasgar sua goela se não parasse de atormentar Samwell Tarly, e Rast não se esquecia de coisas desse tipo. Naquele momento, empilhava folhas secas sob as escadas, mas de vez em quando parava tempo suficiente para dirigir a Jon um olhar maldoso.

– Não – rugiu Donal Noye para três dos homens de Vila Toupeira, lá embaixo. – O piche vai para o guincho, o azeite para as escadas, dardos para bestas para o quarto, o quinto e o sexto patamares, lanças para o primeiro e o segundo. Enfiem a banha de porco debaixo das escadas, sim, aí, entre as tábuas. Os barris de carne são para a barricada. *Já*, seus empurradores de arado piolhentos, *JÁ!*

*Ele tem uma voz de senhor*, pensou Jon. O pai sempre dizia que em batalha os pulmões de um comandante eram tão importantes quanto o braço com que empunhava a espada. “Se as suas ordens não puderem ser ouvidas, não importa quão corajoso ou brilhante um homem seja”, dizia Lorde Eddard aos filhos, e por isso Robb e Jon costumavam subir às torres de Winterfell para gritar um ao outro por cima do pátio. Donal Noye teria abafado a ambos. Os toupeiras andavam todos aterrorizados por ele, e com razão, pois o homem ficava o tempo todo ameaçando arrancar suas cabeças.

Três quartos da aldeia tinham levado a sério o aviso de Jon e vindo para Castelo Negro em busca de refúgio. Noye decretara que qualquer homem suficientemente vivo para pegar numa lança ou brandir um machado ajudaria a defender a barricada, caso contrário podiam perfeitamente voltar para casa e correr seus riscos com os Thenns. Tinha esvaziado o arsenal para pôr bom aço em suas mãos, grandes machados de lâmina dupla, punhais afiados como navalhas, espadas longas, clavas, maças de guerra com espigões. Vestidos com gibões de couro tachonado e pequenas camisas de cota de malha, com grevas nas pernas e gorjais para manter as cabeças sobre os ombros, alguns até pareciam soldados. *Com pouca luz. Caso se olhe de viés*.

Noye também tinha colocado mulheres e crianças para trabalhar. Aqueles que eram novos demais para lutar transportariam água e cuidariam das fogueiras, a parteira de Vila Toupeira ajudaria Clydas e Meistre Aemon com os feridos e o Hobb Três-Dedos de repente tinha tantos assadores, mexedores de panelas e cortadores de cebolas que não sabia o que fazer com eles. Duas das prostitutas tinham se oferecido para lutar e mostraram habilidade suficiente com a besta para lhes ser atribuído um lugar nos degraus a doze metros de altura.

– Está frio. – Cetim tinha enfiado as mãos nas axilas por baixo do manto. Suas bochechas estavam fortemente vermelhas.

Jon obrigou-se a sorrir.

– Nas Presas de Gelo está frio. Isto é um dia fresco de outono.

– Nesse caso, espero nunca ver as Presas de Gelo. Conheci uma garota em Vilavelha que gostava de gelar o vinho. Esse é o melhor lugar para o gelo, acho. No vinho. – Cetim deu um olhar de relance para o sul e

franziu a testa. – Acha que as sentinelas-espantalho os assustaram, senhor?

– Podemos ter essa esperança. – Jon supunha que era possível... mas o mais certo era que os selvagens tivessem simplesmente feito uma pausa para se dedicarem a um pouco de estupro e saque em Vila Toupeira. Ou talvez Styr estivesse à espera do cair da noite, para se aproximar com a cobertura da escuridão.

O meio-dia chegou e partiu, ainda sem sinal de Thenns na estrada do rei. Mas Jon ouviu passos dentro da torre, e Owen Idiota saltou do alçapão, vermelho da subida. Trazia um cesto de bolos de leite com passas debaixo de um braço, uma rodela de queijo debaixo do outro, um saco de cebolas pendurado em uma mão.

– O Hobb disse para lhes dar de comer, para o caso de ficarem presos aqui algum tempo.

*Ou isso, ou para a nossa última refeição.*

– Agradeça ao Hobb por nós, Owen.

Dick Follard era surdo como uma pedra, mas o nariz funcionava bastante bem. Os bolos de leite ainda estavam quentes do forno quando ele enfiou a mão no cesto e tirou um. Encontrou também um pote de manteiga e, com o punhal, espalhou um pouco no bolo.

– Passas – anunciou em tom feliz. – E também frutas secas. – Tinha uma pronúncia carregada, mas era bastante fácil compreendê-lo depois de se habituar a ela.

– Pode ficar com os meus – disse Cetim. – Não tenho fome.

– Coma – disse-lhe Jon. – Não sabemos quando haverá outra oportunidade. – Escolheu dois bolos para si. As frutas secas eram pinhões e, além das passas, havia também pedaços de maçã.

– Os selvagens vêm hoje, Lorde Snow? – perguntou Owen.

– Se vierem, saberá – disse Jon. – Fique à escuta dos berrantes.

– Dois. Dois é para os selvagens. – Owen era alto, de cabelos muito loiros e amigável, um trabalhador incansável, e surpreendentemente hábil quando se tratava de trabalhar a madeira, consertar catapultas e coisas do gênero. Mas, tal como ele alegremente afirmava, a mãe deixara-o cair de cabeça quando era bebê, e metade dos seus miolos tinham se derramado pela orelha.

– Lembra-se para onde deve ir? – perguntou-lhe Jon.

– Donal Noye diz que devo ir para as escadas. Devo subir até o terceiro patamar e disparar a besta contra os selvagens se tentarem escalar a barreira. O *terceiro* patamar, um, dois, três. – Sacudiu a cabeça para cima e para baixo. – Se os selvagens atacarem, o rei vem e nos ajuda, não é verdade? Ele é um grande guerreiro, o Rei Robert. Com certeza vem. Meistre Aemon enviou-lhe um pássaro.

Não valia a pena contar-lhe que Robert Baratheon estava morto. Esqueceria disso mais uma vez.

– Meistre Aemon enviou-lhe um pássaro – concordou Jon. Aquilo pareceu deixar Owen feliz.

Meistre Aemon tinha enviado um monte de pássaros... não a um rei, mas a quatro. *Selvagens ao portão*, dizia a mensagem. *O reino está em perigo. Envie toda a ajuda que puder para Castelo Negro*. Os corvos voaram até lugares tão distantes como Vilavelha e a Cidadela, e para meia centena de castelos de senhores poderosos. Os senhores do norte constituíam a melhor esperança, por isso Aemon enviou duas aves a cada um deles. As aves negras levaram seu apelo aos Umber e aos Bolton, ao Castelo Cerwyn e à Praça de Torrhen, a Karhold e ao Bosque Profundo, à Ilha dos Ursos, a Castelovelho, à Atalaia da Viúva, a Porto Branco, à Vila Acidentada e aos Regatos, às fortalezas de montanha dos Liddle, dos Burley, dos Norrey, dos Harclay e dos Wull. *Selvagens ao portão. O norte em perigo. Venha com todas as suas forças.*

Bem, os corvos podiam ter asas, mas lordes e reis não as tinham. Se a ajuda estava a caminho, não chegaria hoje.

À medida que a manhã foi se transformando em tarde, a fumaça de Vila Toupeira foi soprada para longe e o céu ao sul ficou de novo limpo. *Não há nuvens*, pensou Jon. Isso era bom. A chuva ou a neve poderiam condená-los a todos.

Clydas e Meistre Aemon subiram na gaiola do guincho até a segurança do topo da Muralha, e a maior parte das esposas de Vila Toupeira também. Homens com manto negro patrulhavam incansavelmente os topos das torres e gritavam uns aos outros por cima dos pátios. O Septão Cellador liderou os homens da barricada numa prece, suplicando ao Guerreiro que lhes desse forças. Dick Surdo Follard enrolou-se sob seu manto e adormeceu. Cetim percorreu uma centena de léguas aos círculos, ao redor das ameias. A Muralha chorou e o sol atravessou lentamente um

céu de um azul intenso. Perto do cair da noite, Owen Idiota voltou com um pão preto e um balde do melhor carneiro de Hobb, cozido num espesso caldo de cerveja e cebolas. Até o Dick acordou para comer. E comeram até a última migalha, usando pedaços de pão para limpar o fundo do balde. Quando terminaram, o sol encontrava-se baixo a oeste, e as sombras estendiam-se, negras e bem definidas, por todo o castelo.

– Acenda a fogueira – disse Jon ao Cetim – e encha a panela de azeite.

Desceu ele próprio as escadas para trancar a porta e tentar afastar um pouco da rigidez de sua perna. Foi um erro, e Jon compreendeu isso rapidamente, mas agarrou-se à muleta e avançou mesmo assim. A porta da Torre do Rei era de carvalho reforçado com ferro. Poderia atrasar os Thenns, mas não os impediria se quisessem entrar. Jon enfiou a tranca nos seus encaixes, fez uma visita à latrina – podia bem ser a sua última oportunidade – e voltou mancando ao topo, fazendo caretas de dor.

O ocidente tinha tomado a cor de um hematoma, mas o céu por cima de sua cabeça mostrava-se azul-cobalto, aprofundando-se até o púrpura, e estrelas começavam a surgir. Jon sentou-se entre dois merlões, com apenas um espantalho de companhia, e observou o Garanhão galopar céu acima. Ou seria o Senhor Chifrudo? Perguntou-se onde estaria agora Fantasma. Também se interrogou sobre Ygritte, e disse a si mesmo que esse caminho levava à loucura.

Eles chegaram de noite, claro. *Como ladrões*, pensou Jon. *Como assassinos*.

Cetim urinou-se quando os berrantes soaram, mas Jon fingiu não reparar.

– Vá sacudir o Dick pelo ombro – disse ao rapaz de Vilavelha –, senão ele é capaz de passar a luta toda dormindo.

– Estou assustado. – O rosto de Cetim estava pálido como a morte.

– Eles também. – Jon encostou a muleta em um merlão e pegou o arco, vergando o liso e grosso teixo de Dorne para enfiar uma corda nos entalhes. – Não desperdice dardos, a menos que saiba que tem uma boa chance de acertar – disse quando Cetim retornou depois de acordar Dick. – Temos um grande estoque aqui em cima, mas *grande* não significa inesgotável. E fique atrás de um merlão para recarregar, não tente se esconder atrás de um espantalho. Eles são feitos de palha, uma flecha vai atravessá-los. – Não se incomodou em dizer qualquer coisa a Dick

Follard. Dick sabia ler os lábios se houvesse luz suficiente e tivesse algum interesse no que lhe estava sendo dito, mas já sabia tudo aquilo.

Os três ocuparam posições em três lados da torre redonda. Jon pendurou uma aljava no cinto e puxou uma flecha. A haste era negra, as penas, cinzentas. Ao encaixá-la na corda, lembrou-se de uma coisa que Theon Greyjoy tinha dito certa vez após uma caçada, sorrindo daquele seu jeito habitual: "O javali pode ficar com as suas presas e o urso com as suas garras. Não há nada que seja nem de longe tão mortífero quanto uma pena cinzenta de ganso."

Jon nunca fora nem metade do caçador que Theon era, mas tampouco era estranho ao arco. Havia silhuetas escuras deslizando em volta do arsenal, com as costas tocando a pedra, mas não as via suficientemente bem para desperdiçar uma flecha. Ouviu gritos distantes, e viu os arqueiros na Torre dos Guardas disparando flechas contra o chão. Isso ficava longe demais para interessar a Jon. Mas quando vislumbrou três sombras se separando dos velhos estábulos, a cinquenta metros de distância, aproximou-se da ameia, ergueu o arco e puxou. Os homens corriam, por isso seguiu-os, esperando, esperando...

A flecha soltou um silvo suave quando abandonou a corda. Um momento depois ouviu-se um gemido, e de repente eram apenas duas as sombras que atravessavam o pátio trotando. Corriam o mais depressa que conseguiam, mas Jon já tinha tirado uma segunda flecha da aljava. Daquela vez apressou-se demais e errou. Os selvagens tinham desaparecido quando voltou a encaixar mais uma flecha. Procurou outro alvo e encontrou quatro, correndo em volta da casca vazia da Fortaleza do Senhor Comandante. O luar cintilou em seus machados e lanças e nos pavorosos símbolos que traziam nos escudos redondos de couro; crânios e ossos, serpentes, garras de ursos, retorcidas caras demoníacas. *Povo livre*, compreendeu. Os Thenns usavam escudos de couro negro fervido, com relevos e bordas de bronze, mas os deles eram simples e sem adornos. Aqueles eram os escudos mais leves, de vime, dos corsários.

Jon puxou a pena de ganso até a orelha, apontou e soltou a flecha e depois encaixou, puxou e soltou de novo. A primeira flecha perfurou o escudo da garra de urso, a segunda, uma garganta. O selvagem gritou ao cair. Ouviu o profundo *trum* da besta do Dick Surdo à sua esquerda, e, um momento mais tarde, foi a do Cetim que soou.

– Acertei um! – gritou o rapaz em voz rouca. – Acertei no peito de um.

– Acerte outro – gritou Jon.

Agora não tinha de procurar alvos; só precisava escolhê-los. Abateu um arqueiro selvagem no momento em que o homem encaixava uma flecha na corda, e depois enviou uma flecha contra o corsário que atacava a porta da Torre de Hardin com um machado. Daquela vez errou, mas a flecha estremeceu no carvalho e fez o selvagem pensar duas vezes. Foi só quando o homem fugiu que reconheceu o Grande Furúnculo. Meio segundo depois, o velho Mully disparou do telhado das Casernas de Sílex e espetou uma flecha na perna dele, e o homem afastou-se engatinhando, sangrando. *Aquilo irá fazer com que deixe de choramingar por causa do furúnculo*, pensou Jon.

Quando a aljava se esvaziou, foi buscar outra, e instalou-se numa ameia diferente, lado a lado com Dick Surdo Follard. Jon soltava três flechas para cada dardo que Dick Surdo disparava, mas era essa a vantagem do arco. Havia quem insistisse que a besta penetrava melhor, mas recarregá-la era um processo lento e incômodo. Ouvia os selvagens gritarem uns para os outros, e em algum lugar a oeste ouviu-se o sopro de um berrante de guerra. O mundo era feito de luar e sombras, e o tempo transformou-se num ciclo sem fim de encaixar, puxar e soltar. Uma flecha selvagem rasgou a garganta da sentinela de palha que estava ao seu lado, mas Jon Snow quase nem reparou. *Dê-me uma mira limpa sobre o Magnar de Thenn*, suplicou aos deuses do pai. Ao menos o Magnar era um adversário que era capaz de odiar. *Dê-me Styr*.

Os dedos estavam ficando rígidos e o polegar sangrava, mas Jon continuava a encaixar, puxar e soltar. Uma mancha de fogo chamou sua atenção e virou-se para ver a porta da sala comum em chamas. Passaram-se apenas alguns momentos até todo o grande edifício de madeira estar queimando. Sabia que Hobb Três-Dedos e seus ajudantes de Vila Toupeira estavam a salvo no topo da Muralha, mesmo assim sentiu como que um murro na barriga.

– *JON* – berrou Dick Surdo em sua voz pesada –, *o arsenal*. – Viu que havia gente no telhado. Um dos homens levava um archote. Dick saltou para a ameia a fim de ganhar uma posição melhor para o tiro, encostou a besta no ombro e disparou um dardo, com um ruído surdo, contra o homem do archote. Falhou.

Mas o arqueiro lá embaixo, não.

Follard não soltou um som, limitou-se a tombar para a frente, de cabeça, por cima do parapeito. A queda até o pátio era de trinta metros. Jon ouviu o baque no momento em que espreitava de trás de um soldado de palha, tentando ver de onde a flecha teria vindo. A menos de três metros do corpo de Dick Surdo, vislumbrou um escudo de couro, um manto esfarrapado, um matagal de espessos cabelos ruivos. *Beijada pelo fogo*, pensou, *sortuda*. Levantou o arco, mas os dedos recusaram-se a abrir, e ela desapareceu tão subitamente como aparecera. Girou sobre si mesmo, praguejando, e disparou uma flecha contra os homens que se encontravam no telhado do arsenal, mas também errou.

A essa altura os estábulos orientais também já ardiam, com fumaça negra e nuvens de feno em chamas jorrando das cocheiras. Quando o telhado ruiu, labaredas subiram, rugindo tão alto que quase abafaram os berrantes de guerra dos Thenns. Cinquenta deles surgiram em marcha pela estrada do rei, em coluna apertada, com os escudos erguidos por cima da cabeça. Outros aproximavam-se em grupos através da horta, através do pátio das lajes, ao redor do velho poço seco. Três tinham atravessado à machadada as portas dos aposentos de Meistre Aemon na fortaleza de madeira, sob a colônia dos corvos, e uma luta desesperada desenrolava-se no topo da Torre Silenciosa, com espadas opondo-se a machados de bronze. Nada disso importava. *A dança avançou*, pensou.

Jon atravessou mancando até junto de Cetim e agarrou-o pelo ombro.

– Comigo – gritou. Juntos, dirigiram-se ao parapeito norte, onde a Torre do Rei dava para o portão e a muralha que Donal Noye tinha improvisado com vigas, barris e sacas de cereais.

Os Thenns chegaram lá antes deles. Usavam meios elmos e tinham discos finos de bronze cosidos às suas longas camisas de couro. Muitos empunhavam machados de bronze, embora alguns fossem de pedra lascada. Eram mais os que manejavam lanças curtas e penetrantes, com ponta em forma de folha que cintilava, rubra, à luz vinda dos estábulos incendiados. Gritavam no Idioma Antigo enquanto assaltavam a barricada, lançando estocadas com as lanças, brandindo machados de bronze, derramando milho e sangue com igual desembaraço, enquanto dardos e flechas choviam sobre eles vindos dos arqueiros que Donal Noye posicionara na escada.

– O que *fazemos*? – gritou o Cetim.

– Matamo-los – gritou Jon em resposta, com uma flecha negra na mão.

Nenhum arqueiro poderia pedir tiros mais fáceis. Os Thenn estavam de costas voltadas para a Torre do Rei enquanto carregavam sobre o crescente, escalando os sacos e os barris para chegar junto dos homens de negro. Tanto Jon como Cetim escolheram por casualidade o mesmo alvo. Tinha acabado de atingir o topo da barricada quando uma flecha se projetou de seu pescoço e um dardo o atingiu entre as omoplatas. Meio segundo depois, uma espada atingiu-o na barriga e ele caiu sobre o homem que vinha atrás. Jon estendeu a mão para a aljava e achou-a de novo vazia. Cetim recarregava a besta. Deixou-o cuidando disso e foi buscar mais flechas, mas não tinha dado mais de três passos quando o alçapão se abriu com estrondo a um metro dele. *Maldito inferno, nem sequer ouvi a porta se quebrando.*

Não houve tempo para pensar, fazer planos ou gritar por ajuda. Jon deixou o arco cair, estendeu a mão por sobre o ombro, arrancou a Garralonga de sua bainha e enterrou a lâmina no meio da primeira cabeça a se levantar da torre. O bronze não era adversário à altura do aço valiriano. O golpe cortou através do elmo do Thenn e mergulhou profundamente em seu crânio, e o homem tombou de volta para o lugar de onde viera. Jon compreendeu pelos gritos que havia mais atrás dele. Recuou e chamou por Cetim. O homem que subiu a seguir levou um dardo na cara. Também desapareceu.

– O azeite – disse Jon. Cetim anuiu. Juntos agarraram os grossos pegadores acolchoados que tinham deixado junto da fogueira, ergueram a pesada panela de azeite fervente e despejaram-na pelo buraco, sobre os Thenn que se encontravam embaixo. Os guinchos foram piores que qualquer coisa que tivessem ouvido, e Cetim pareceu prestes a botar tudo para fora. Jon fechou o alçapão com um pontapé, pôs a pesada panela de ferro em cima dele, e deu uma forte sacudida no rapaz de rosto bonito. – Vomite mais tarde – gritou. – *Venha*.

Tinham estado afastados das ameias apenas por alguns momentos, mas embaixo tudo havia mudado. Uma dúzia de irmãos negros e alguns dos homens de Vila Toupeira ainda resistiam em cima dos caixotes e barris, mas os selvagens estavam escalando a barricada ao longo de todo o crescente, empurrando-os para trás. Jon viu um deles espetar a lança na

barriga de Rast, de baixo para cima e com tanta força que o ergueu no ar. O Jovem Henly estava morto e o Velho Henly, moribundo e cercado por inimigos. Jon viu o Calma rodopiando e desferindo golpes em todas as direções, rindo como um louco, fazendo o manto esvoaçar ao saltar de barril em barril. Um machado de bronze atingiu-o logo abaixo do joelho, e o riso transformou-se num grito borbulhante.

– Eles estão quebrando – disse o Cetim.

– Não – disse Jon –, já quebraram.

Aconteceu rapidamente. Um dos toupeiras fugiu e depois outro, e subitamente todos os aldeões estavam largando as armas e abandonando a barricada. Os irmãos eram muito poucos para aguentar sozinhos. Jon viu-os tentar formar uma linha para recuar de maneira ordenada, mas os Thenns submergiram-nos com lanças e machados, e então também eles se puseram em fuga. Dilly Dornês escorregou e caiu de cabeça, e um selvagem plantou uma lança entre suas omoplatas. Barricas, lento e sem fôlego, tinha já quase chegado ao degrau inferior quando um Thenn agarrou na extremidade de seu manto e o obrigou a se virar com um puxão... mas um dardo de besta abateu o homem antes que desse tempo para seu machado cair.

– *Acertei* – exultou Cetim, enquanto Barricas cambaleava na direção da escada e começava a subir os degraus, sobre os joelhos e as mãos.

*O portão está perdido*. Donal Noye fechara-o e acorrentara-o, mas estava pronto para ser tomado, com as barras de ferro cintilando, vermelhas, com a luz refletida dos incêndios, e o túnel frio e negro por trás. Ninguém tinha recuado para defendê-lo; o único local seguro era o topo da Muralha, depois de subir duzentos metros ao longo da ziguezagueante escada de madeira.

– A que deuses você reza? – perguntou Jon ao Cetim.

– Aos Sete – disse o rapaz de Vilavelha.

– Então reze – disse-lhe Jon. – Reze aos seus deuses modernos, que eu rezo aos meus antigos. – Tudo mudava ali.

Com a confusão junto ao alçapão, Jon tinha se esquecido de encher a aljava. Atravessou de volta o topo da torre, mancando, e encheu-a, pegando também o arco. A panela não havia se movido de onde a deixara, parecia que por ora se encontravam suficientemente seguros. *A dança avançou, e nós estamos a observá-la da galeria*, pensou enquanto

coxeava de volta. Cetim disparava dardos contra os selvagens que subiam os degraus, e escondia-se atrás de um merlão para recarregar a besta. *Além de ser bonito, ele também é rápido.*

A verdadeira batalha desenrolava-se nos degraus. Noye tinha posicionado lanceiros nos dois patamares inferiores, mas a fuga precipitada dos aldeãos deixou-os em pânico e tinham-se juntado à debandada, correndo na direção do terceiro patamar com os Thenns a matar todos os que ficassem para trás. Os arqueiros e besteiros nos patamares superiores estavam tentando disparar contra a cabeça dos selvagens. Jon encaixou uma flecha, puxou e soltou, e sentiu-se satisfeito quando um dos Thenns caiu quicando pelos degraus. O calor dos incêndios fazia a Muralha chorar, e as chamas dançavam e cintilavam contra o gelo. Os degraus balançavam com os passos dos homens que tentavam se salvar.

Jon voltou a encaixar, puxar e soltar, mas só havia um Jon e um Cetim, contra uns bons sessenta ou setenta Thenns que arremetiam escadas acima, matando enquanto avançavam, bêbados de vitória. No quarto patamar, três irmãos de manto negro resistiram, ombro com ombro, de espadas na mão, e a batalha passou de novo, brevemente, a um corpo a corpo. Mas eles eram só três, e em pouco tempo a maré de selvagens os submergiu e seu sangue pingou degraus abaixo.

"Um homem nunca está tão vulnerável numa batalha como quando foge. Um homem em fuga é para um soldado como um animal ferido. Alimenta sua sede de sangue", tinha dito certo dia Lorde Eddard a Jon. Os arqueiros no quinto patamar fugiram antes mesmo de a batalha chegar até eles. Era uma debandada, uma rubra debandada.

– Vá buscar os archotes – disse Jon a Cetim. Havia quatro empilhados junto à fogueira, com as pontas enroladas em trapos empapados em azeite. Havia também uma dúzia de flechas incendiárias. O rapaz de Vilavelha enfiou um archote na fogueira até deixá-lo ardendo bem, e trouxe os outros debaixo do braço, por acender. Parecia de novo assustado, e tinha motivos para isso. Jon também estava assustado.

Foi então que viu Styr. O Magnar estava subindo a barricada, por cima das sacas de cereais rasgadas, barris quebrados e dos corpos de amigos e inimigos. Sua armadura de escamas de bronze cintilava, escura, à luz das chamas. Styr tinha tirado o elmo para estudar a cena de seu triunfo, e o

filho da puta careca e sem orelhas estava sorrindo. Na mão, trazia uma longa lança de represeiro com uma ornamentada ponta de bronze. Quando viu o portão, apontou para ele com a lança e ladrou qualquer coisa no Idioma Antigo para a meia dúzia de Thenns que o rodeava. *Tarde demais*, pensou Jon. *Você devia ter saltado a barricada à frente de seus homens, podia ter sido capaz de salvar alguns*.

Lá em cima soou um berrante de guerra, um sopro longo e grave. Não no topo da Muralha, mas no nono patamar, a cerca de sessenta metros de altura, onde Donal Noye se encontrava.

Jon encaixou uma flecha incendiária no arco, e Cetim acendeu-a com o archote. Aproximou-se do parapeito, puxou, apontou, soltou. Fitas de chamas perseguiram a haste, que ganhou velocidade enquanto caía e atingiu o alvo com um baque surdo, crepitando.

Não era Styr. Eram os degraus. Ou, mais precisamente, os barris, barricas e sacas que Donal Noye havia empilhado *por baixo* dos degraus, até a altura do primeiro patamar; os barris de piche e azeite para lâmpadas, os sacos de folhas e os trapos embebidos em óleo, as toras rachadas, as cascas de árvore e as aparas de madeira. “Outra vez”, disse Jon, e “Outra vez”, e “Outra vez”. Outros arqueiros estavam também disparando, do topo de todas as torres dentro de alcance, alguns lançando suas flechas para o alto, em grandes arcos, para caírem à frente da Muralha. Quando Jon ficou sem flechas incendiárias, ele e Cetim passaram a acender os archotes e a atirá-los das ameias.

Lá em cima, outro incêndio desabrochava. Os velhos degraus de madeira tinham bebido o óleo como esponjas, e Donal Noye empapara-os, do nono patamar até o sétimo. Jon só podia ter esperança de que a maior parte de sua gente tivesse subido até um lugar seguro antes de Noye arremessar os archotes. Os irmãos negros, pelo menos, sabiam do plano, mas os aldeões não.

O vento e o fogo fizeram o resto. Tudo que Jon precisou fazer foi observar. Com chamas por baixo e por cima, os selvagens não tinham para onde ir. Alguns continuaram a subir, e morreram. Alguns desceram, e morreram. Alguns ficaram onde estavam. Também morreram. Muitos saltaram dos degraus antes de se incendiarem, e morreram da queda. Vinte e poucos Thenns ainda se apertavam uns contra os outros entre os incêndios quando o gelo rachou devido ao calor e todo o terço inferior da

escada se desprendeu, com várias toneladas de gelo. Essa foi a última vez que Jon viu Styr, o Magnar de Thenn. *A Muralha defende-se*, pensou.

Jon pediu a Cetim para ajudá-lo a descer até o pátio. A perna ferida doía tanto que quase não conseguia andar, mesmo com a muleta.

– Traga a tocha – disse ao rapaz de Vilavelha. – Preciso procurar uma pessoa. – Nos degraus havia principalmente Thenns. Certamente alguns membros do povo livre tinham escapado. Gente de Mance, não do Magnar. Ela podia ter sido um deles. Por isso desceram, passando por corpos de homens que tinham testado o alçapão, e Jon ficou vagueando pela escuridão com a muleta debaixo de um braço e o outro em volta dos ombros de um rapaz que tinha sido prostituto em Vilavelha.

A essa altura, os estábulos e a sala comum já estavam reduzidos a brasas fumegantes, mas o fogo ainda ardia furiosamente ao longo da Muralha, subindo degrau por degrau e um patamar após o outro. De tempos em tempos ouviam um gemido e logo um *craaaac*, e outro pedaço de Muralha tombava com estrondo. O ar estava repleto de cinzas e cristais de gelo.

Encontrou Quort morto, e Polegares de Pedra moribundo. Encontrou alguns Thenns que nunca chegara realmente a conhecer mortos e moribundos. Encontrou Grande Furúnculo, fraco de todo o sangue que tinha perdido, mas ainda vivo.

Encontrou Ygritte estatelada numa mancha de neve velha por baixo da Torre do Senhor Comandante, com uma flecha entre os seios. Os cristais de gelo tinham pousado em seu rosto e, ao luar, parecia que estava usando uma cintilante máscara de prata.

Jon viu que a flecha era negra, mas tinha penas brancas de pato. *Não é minha*, disse a si mesmo, *não é uma das minhas*. Mas sentiu como se fosse.

Quando ajoelhou-se na neve ao lado dela, Ygritte abriu os olhos.

– Jon Snow – disse ela, muito baixo. Parecia que a flecha tinha atingido um pulmão. – *Isto* agora já é um verdadeiro castelo? Não é só uma torre?

– Sim. – Jon pegou na mão dela.

– Bom – sussurrou ela. – Queria ver um castelo de verdade antes... antes de...

– Vai ver uma centena de castelos – prometeu-lhe ele. – A batalha acabou. Meistre Aemon vai cuidar de você. – Tocou os cabelos dela. – É beijada pelo fogo, lembra? Sortuda. Vai ser preciso mais do que uma flecha para matá-la. Aemon vai puxá-la para fora e fazer um curativo em você, e depois arranjamos um pouco de leite de papoula para suas dores.

Ela limitou-se a sorrir.

– Lembra daquela gruta? Devíamos ter ficado naquela gruta. Eu disse.

– Vamos voltar à gruta – disse ele. – Não vai morrer, Ygritte. Não vai.

– Oh. – Ygritte envolveu o rosto dele com a mão. – Você não sabe nada, Jon Snow – suspirou, e morreu.

# BRAN

É só mais um castelo vazio – disse Meera Reed ao olhar a desolação de entulho, ruínas e ervas daninhas.

*Não*, pensou Bran, *é Fortenoite, e isto é o fim do mundo*. Nas montanhas, só conseguia pensar em chegar à Muralha e encontrar o corvo de três olhos, mas agora que estavam ali sentia-se cheio de temores. O sonho que tivera... o sonho que *Verão* tivera... *Não, não devo pensar no sonho*. Nem sequer o tinha contado aos Reed, embora pelo menos Meera parecesse sentir que havia algo errado. Se nunca falasse dele, talvez pudesse esquecer que o sonhara, e então não teria acontecido, e Robb e Vento Cinzento ainda estariam...

– Hodor. – Hodor deslocou o peso de uma perna para a outra, levando Bran atrás. Estava cansado. Tinham caminhado durante horas. *Pelo menos não está assustado*. Bran tinha medo daquele lugar, quase tanto quanto tinha de admitir isso aos Reed. *Sou um príncipe do Norte, um Stark de Winterfell, quase um homem-feito, tenho de ser tão bravo quanto Robb*.

Jojen fitou-o com seus olhos verde-escuros.

– Não há nada aqui que nos faça mal, Vossa Graça.

Bran não tinha tanta certeza. Fortenoite surgia em algumas das histórias mais assustadoras da Velha Ama. Tinha sido ali que o Rei da Noite reinou, antes de seu nome ter sido varrido da memória dos homens. Foi ali que o Cozinheiro Ratazana serviu ao rei ândalo seu empadão de príncipe e bacon, que as setenta e nove sentinelas mantiveram-se de vigia, que o bravo jovem Danny Flint foi violado e assassinado. Era esse o castelo onde o Rei Sherrit rogou a sua praga sobre os ândalos de antigamente, onde os jovens aprendizes tinham enfrentado a coisa saída da noite, onde o cego Symeon Olhos-de-Estrela viu os mastins do inferno lutando. Machado Louco caminhou um dia por aqueles pátios e subiu àquelas torres, assassinando seus irmãos na calada da escuridão.

Tudo aquilo tinha acontecido havia centenas de milhares de anos, com certeza, e algumas daquelas coisas talvez nem tivessem acontecido de verdade. Meistre Luwin dizia sempre que as histórias da Velha Ama não deviam ser engolidas inteiras. Mas, uma vez, o tio viera visitar o pai, e Bran interrogou-o a respeito de Fortenoite. Benjen Stark não chegou a dizer que as histórias eram verdadeiras, mas também não disse que não eram; limitou-se a encolher os ombros e declarar que haviam abandonado Fortenoite há duzentos anos. Como se isso fosse resposta.

Bran forçou-se a olhar em volta. A manhã estava fria mas luminosa, com o sol a brilhar num céu de um azul duro, mas os *ruídos* não lhe agradavam. O vento causava um assobio nervoso ao estremecer por entre as torres quebradas, os baluartes gemiam e aquietavam-se e ouviam-se ratazanas arrastando-se sob o chão do grande salão. *Os filhos do Cozinheiro Ratazana fugindo do pai*. Os pátios eram pequenas florestas onde árvores esguias esfregavam seus ramos nus uns nos outros e folhas mortas corriam como baratas por cima de manchas de neve antiga. Havia árvores crescendo onde os estábulos tinham estado, e um represeiro branco e retorcido assomava por um buraco escancarado no telhado em cúpula da cozinha. Até Verão se sentia desconfortável naquele local. Bran enfiou-se em sua pele, só por um instante, para sentir o cheiro do lugar. Também não gostou dele.

E não havia maneira de atravessar.

Bran tinha lhes dito que não haveria. Tinha dito e *re*dito, mas Jojen Reed insistiu em ver com os próprios olhos. Dizia que tivera um sonho verde, e que seus sonhos verdes não mentiam. *Também não abrem portões*, pensou Bran.

O portão que Fortenoite defendia estava selado desde o dia em que os irmãos negros tinham carregado as mulas e os garranos e partido para Lago Profundo; a sua porta levadiça de ferro encontrava-se descida, as correntes que a içavam tinham sido levadas e o túnel fora preenchido com pedras e entulho, tudo congelado até se tornar tão impenetrável como a própria Muralha.

– Devíamos ter seguido Jon – disse Bran quando o viu. Pensava frequentemente no irmão bastardo, desde a noite em que Verão o vira se afastando na tempestade. – Devíamos ter procurado a estrada do rei e seguido para Castelo Negro.

– Não nos atrevemos, meu príncipe – disse Jojen. – Já lhe disse por quê.

– Mas há *selvagens*. Eles mataram um homem qualquer e também queriam matar o Jon. Jojen, eram *uma centena*.

– Foi o que você disse. Nós somos quatro. Ajudou seu irmão, se é que era realmente ele, mas isso quase lhe custou o Verão.

– Eu sei – disse Bran com um ar infeliz.

O lobo gigante tinha matado três deles, talvez mais, mas eram muitos. Depois de formarem um anel apertado em volta do homem alto sem orelhas, tinha tentado se esgueirar através da chuva, mas uma das flechas veio num relâmpago atrás dele e a súbita punhalada de dor expulsou Bran da pele do lobo e fez com que voltasse à sua. Depois que a tempestade finalmente passou, tinham se aninhado no escuro, sem uma fogueira, falando em sussurros quando falavam, escutando a respiração pesada de Hodor e perguntando a si mesmos se os selvagens iriam tentar atravessar o lago de manhã. Bran tentara várias vezes alcançar Verão, mas a dor que encontrou afastou-o, da mesma forma que uma chaleira em brasa nos faz afastar a mão quando tentamos pegá-la. Só Hodor dormiu naquela noite, murmurando "Hodor, hodor", enquanto se debatia e virava. Bran estava aterrorizado pela possibilidade de Verão estar morrendo na escuridão. *Por favor, oh deuses antigos*, rezou, *levaram Winterfell, meu pai e minhas pernas, não levem também o Verão. E protejam também Jon Snow e façam com que os selvagens vão embora.*

Não cresciam represeiros naquela ilha pedregosa no lago, mas de algum modo os deuses antigos devem tê-lo ouvido. Os selvagens levaram tempo até partirem na manhã seguinte, despindo os corpos de seus mortos e do velho que tinham matado, e até pescando alguns peixes do lago, e houve um momento assustador quando três deles encontraram o caminho elevado e começaram a avançar pela água... mas o caminho virou e eles não, e dois quase se afogaram antes de os outros os puxarem para terra. O homem alto e careca berrou para eles, com palavras que ecoaram sobre as águas numa língua qualquer que nem mesmo Jojen conhecia, e pouco depois pegaram escudos e lanças e marcharam para nordeste, a mesma direção que Jon seguira. Bran queria partir também, para ir à procura de Verão, mas os Reed disseram que não.

– Vamos ficar mais uma noite – Jojen disse –, colocar algumas léguas entre nós e os selvagens. Não quer voltar a encontrá-los, não é?

Mais tarde nessa noite, Verão voltou de onde quer que estivera escondido, arrastando a pata traseira. Tinha comido partes dos cadáveres na estalagem, afastando os corvos, e depois nadado até a ilha. Meera arrancou a flecha quebrada da pata dele e esfregou a ferida com a seiva de umas plantas que encontrara crescendo em volta da base da torre. O lobo gigante ainda mancava, mas parecia a Bran que o fazia um pouco menos a cada dia. Os deuses tinham escutado.

– Talvez devêssemos tentar outro castelo – disse Meera ao irmão. – Talvez consigamos atravessar o portão em algum outro lugar. Podia ir bater terreno, se você quisesse, seria mais rápida sozinha.

Bran sacudiu a cabeça.

– Se for para leste, tem primeiro o Lago Profundo e depois o Portão da Rainha. Para oeste fica Marcagelo. Mas serão a mesma coisa, só que menores. Todos os portões estão selados, exceto os de Castelo Negro, Atalaialeste e Torre Sombria.

Hodor respondeu "Hodor" àquilo, e os Reed trocaram um olhar.

– Eu pelo menos podia subir até o topo da Muralha – decidiu Meera. – Talvez visse alguma coisa lá em cima.

– O que espera ver? – perguntou Jojen.

– *Alguma coisa* – disse Meera, e para variar mostrou-se inflexível.

*Devia ser eu*. Bran ergueu a cabeça para olhar a Muralha e imaginou-se escalando centímetro a centímetro, enfiando os dedos em fendas no gelo e abrindo apoios para os pés aos chutes. A ideia fez Bran sorrir, apesar de tudo, dos sonhos, dos selvagens, de Jon e *de tudo*. Escalava as muralhas de Winterfell quando era pequeno, e todas as torres também, mas nenhuma tinha sido tão alta, e eram apenas de pedra. A Muralha podia *parecer* pedra, toda cinzenta e esburacada, mas então as nuvens abriam-se, o sol brilhava sobre ela de uma forma diferente, e de repente transformava-se e ali surgia, branca e azul e cintilante. Era o fim do mundo, dizia sempre a Velha Ama. Do outro lado havia monstros, gigantes e vampiros, mas não podiam passar enquanto a Muralha se mantivesse em pé. *Quero ir lá em cima com Meera*, pensou Bran. *Quero ir lá em cima e ver.*

Mas era um garoto quebrado, com pernas inúteis, por isso, tudo o que podia fazer era ficar embaixo assistindo enquanto Meera subia em seu lugar.

Ela não estava realmente *escalando*, como ele costumava escalar. Estava apenas subindo uns degraus que a Patrulha da Noite talhara havia centenas e milhares de anos. Lembrava-se de Meistre Luwin dizer que Fortenoite era o único castelo onde os degraus tinham sido cortados no gelo da própria Muralha. Ou talvez tivesse sido o tio Benjen. Os castelos mais novos tinham degraus de madeira, ou de pedra, ou longas rampas de terra e cascalho. "O gelo é traiçoeiro demais." Foi o tio que lhe contou aquilo. Ele disse que a superfície exterior da Muralha às vezes chorava lágrimas geladas, embora o núcleo, lá dentro, permanecesse congelado e duro como pedra. Os degraus deviam ter derretido e voltado a congelar mil vezes desde que os últimos irmãos negros tinham abandonado o castelo e, a cada vez que o faziam, encolhiam um pouco e tornavam-se mais lisos, mais arredondados e mais traiçoeiros.

E menores. *É quase como se a Muralha estivesse engolindo-os de volta*. Meera Reed tinha pés muito seguros, mesmo assim avançava lentamente, deslocando-se de protuberância em protuberância. Em dois locais, onde os degraus praticamente já não existiam, ficou de quatro. *Será pior quando descer*, pensou Bran, observando. Mesmo assim, desejou ser ele a estar lá em cima. Quando chegou ao topo, engatinhando pelas saliências geladas que eram tudo que restava dos degraus superiores, Meera desapareceu de sua vista.

– Quando é que ela desce? – perguntou Bran a Jojen.

– Quando estiver pronta. Ela vai querer dar uma boa olhada... na Muralha e no que está para lá dela. Devíamos fazer o mesmo aqui embaixo.

– Hodor? – disse Hodor, com ar de dúvida.

– Podíamos encontrar qualquer coisa – insistiu Jojen.

*Ou pode ser que alguma coisa nos encontre*. Mas Bran não podia dizer isso; não queria que Jojen o julgasse covarde.

E assim foram explorar, com Jojen Reed na liderança, Bran em seu cesto às costas de Hodor e Verão caminhando a seu lado. Uma vez, o lobo gigante enfiou-se de repente numa porta escura e voltou um momento depois com uma ratazana cinza entre os dentes. *O Cozinheiro Ratazana*,

pensou Bran, mas o animal era da cor errada, e só tinha o tamanho de um gato. O Cozinheiro Ratazana era branco e quase tão gigantesco quanto uma porca.

Havia um monte de portas escuras em Fortenoite e um monte de ratazanas. Bran ouvia seus passos ligeiros por armazéns e adegas e pelo labirinto de túneis negros como breu que os ligava. Jojen queria ir espiar lá embaixo, mas a essa ideia Hodor disse "*Hodor*", e Bran disse "Não". Havia coisas piores do que ratazanas na escuridão por baixo de Fortenoite.

– Este parece um lugar antigo – disse Jojen enquanto atravessavam uma galeria onde a luz do sol caía em feixes poeirentos através de janelas vazias.

– É duas vezes mais velho do que Castelo Negro – disse Bran, recordando. – Foi o primeiro castelo da Muralha, e também o maior. – Mas também foi o primeiro a ser abandonado, ainda no tempo do Velho Rei. Mesmo então, três quartos dele já se encontravam vazios, e era muito dispendioso mantê-lo. A Boa Rainha Alysanne sugeriu que a Patrulha o substituísse por um castelo menor e mais novo, num local a apenas onze quilômetros para leste, onde a Muralha se curvava ao longo da margem de um belo lago verde. Lago Profundo foi pago pelas joias da rainha e construído por homens que o Velho Rei enviou para o norte, e os irmãos negros entregaram Fortenoite às ratazanas.

Mas isso havia sido dois séculos antes. Agora, Lago Profundo estava tão vazio como o castelo que tinha substituído, e Fortenoite...

– Há fantasmas aqui – disse Bran. Hodor já tinha ouvido todas as histórias, mas Jojen talvez não. – Fantasmas *velhos*, de antes do Velho Rei, de antes até de Aegon, o Dragão, setenta e nove desertores que foram para o sul a fim de se tornarem fora da lei. Um deles era o filho mais novo de Lorde Ryswell, e por isso, quando chegaram às terras acidentadas, procuraram refúgio em seu castelo, mas Lorde Ryswell aprisionou-os e devolveu-os a Fortenoite. O Senhor Comandante mandou abrir buracos no topo da Muralha, enfiou neles os desertores e selou-os no gelo, vivos. Têm lanças e berrantes e estão todos virados para o norte. Chamam-se as setenta e nove sentinelas. Abandonaram seus postos em vida, portanto, na morte, sua vigília dura para sempre. Anos mais tarde, quando Lorde Ryswell já estava velho e moribundo, fez que o

trouxessem para Fortenoite para poder vestir o negro e ficar junto do filho. Enviara-o de volta para a Muralha por uma questão de honra, mas ainda o amava, por isso veio acompanhá-lo na vigília.

Passaram metade do dia esquadrinhando o castelo. Algumas das torres tinham desmoronado, e outras pareciam pouco seguras, mas subiram à torre sineira, onde não havia sinos, e à colônia dos corvos, onde não havia corvos. Sob a cervejaria, encontraram uma adega de enormes barris de carvalho que trovejavam ocamente quando Hodor batia neles com os nós dos dedos. Encontraram uma biblioteca onde as prateleiras e os escaninhos tinham desabado, não havia livros, mas era possível encontrar ratazanas por todo lado. Acharam uma masmorra úmida e fracamente iluminada, com celas suficientes para quinhentos cativos, mas quando Bran pegou numa das barras enferrujadas, ela partiu-se na sua mão. Só restava uma parede em ruínas no grande salão, a casa de banhos parecia estar se afundando no chão, e um enorme espinheiro conquistara o pátio de treinos em frente ao arsenal, onde irmãos negros um dia tinham trabalhado com lanças, escudos e espadas. No entanto, o arsenal e a forja ainda se mantinham em pé, embora as teias de aranha, as ratazanas e a poeira tivessem ocupado o lugar das lâminas, dos foles e da bigorna. Às vezes, Verão ouvia sons aos quais Bran parecia surdo, ou mostrava os dentes a coisa nenhuma, com o pelo do cangote eriçado... mas o Cozinheiro Ratazana não chegou a aparecer, e as setenta e nove sentinelas e o Machado Louco também não. Bran sentiu-se muito aliviado. *Talvez seja apenas um castelo vazio em ruínas*.

Quando Meera regressou, o sol era somente o fio de uma espada acima dos montes ocidentais.

– O que foi que viu? – perguntou-lhe o irmão Jojen.

– Vi a floresta assombrada – disse ela num tom pensativo. – Montes selvagens que se erguem até perder de vista, cobertos de árvores nunca tocadas por um machado. Vi a luz do sol cintilando num lago e nuvens que se aproximam vindas do oeste. Vi manchas de neve velha e pingentes do tamanho de lanças. Vi até uma águia pairando no céu. Acho que ela também me viu. Acenei para ela.

– Viu algum caminho para baixo? – perguntou Jojen.

Ela sacudiu a cabeça.

– Não. É uma queda livre, e o gelo é tão liso... eu talvez fosse capaz de descer se tivesse uma boa corda e um machado para abrir apoios para as mãos, mas...

– ... mas nós não – terminou Jojen.

– Não – concordou a irmã. – Tem certeza de que este é o lugar que viu no seu sonho? Talvez estejamos no castelo errado.

– Não. O castelo é este. Há um portão aqui.

*Sim*, pensou Bran, *mas está bloqueado por pedra e gelo*.

Quando o sol começou a se pôr, as sombras das torres cresceram e o vento soprou com mais força, fazendo rajadas de folhas secas e mortas crepitar nos pátios. As sombras que se reuniam lembraram a Bran outra das histórias da Velha Ama, a história do Rei da Noite. Tinha sido o décimo terceiro homem a liderar a Patrulha da Noite, dizia ela; um guerreiro que não conhecia o medo.

– E esse era o seu defeito – acrescentava –, pois todos os homens devem conhecer o medo. – Sua perdição havia sido uma mulher; uma mulher vislumbrada do topo da Muralha, com a pele branca como a lua e olhos que eram como estrelas azuis. Sem nada temer, ele perseguiu-a, pegou-a e amou-a, embora a pele dela fosse fria como gelo, e quando lhe entregou a sua semente, entregou também sua alma.

"Trouxe-a de volta para Fortenoite e proclamou-a rainha e a si o seu rei, e com estranhas feitiçarias prendeu os Irmãos Juramentados aos seus desígnios. Governaram durante treze anos, o Rei da Noite e sua rainha cadáver, até que por fim o Stark de Winterfell e Joramun dos selvagens se aliaram para libertar a Patrulha da servidão. Após a sua queda, quando se descobriu que o Rei da Noite tinha andado fazendo sacrifícios aos Outros, todos os registros que se referiam a ele foram destruídos e até seu nome foi proibido.

"Alguns dizem que era um Bolton – concluía sempre a Velha Ama. – Alguns falam de um Magnar de Skagos, outros dizem Umber, Flint ou Norrey. Alguns querem nos convencer de que era um Woodfoot, membro da família que governava a Ilha dos Ursos antes da chegada dos homens de ferro. Mas não era. Era um Stark, o irmão do homem que o derrubou. – Então dava sempre um beliscão no nariz de Bran, ele nunca esqueceria disso. – Era um Stark de Winterfell, e quem sabe? Talvez seu nome fosse *Brandon*. Talvez dormisse nesta mesma cama, neste mesmo quarto."

*Não*, pensou Bran. *Mas caminhou por este castelo, onde vamos dormir esta noite*. Não gostava nada daquela ideia. “O Rei da Noite era apenas um homem à luz do dia”, dizia sempre a Velha Ama, “mas a noite era por ele governada”. *E está ficando escuro*.

Os Reed decidiram dormir nas cozinhas, um octógono de pedra com uma cúpula quebrada. Parecia oferecer melhor abrigo do que a maior parte dos outros edifícios, apesar de um represeiro retorcido ter aberto caminho através do chão de ardósia ao lado do gigantesco poço central, se estendendo, inclinado, para o buraco no telhado, com os ramos brancos como ossos se esticando para o sol. Era uma árvore estranha, mais esguia do que qualquer outro represeiro que Bran tivesse visto e desprovida de rosto, mas pelo menos fazia-o sentir que os deuses estavam ali com ele.

Era a única coisa de que gostava nas cozinhas, porém. O telhado estava lá, na maior parte, então se manteriam secos caso chovesse, mas não parecia que conseguiriam ficar *quentes* ali dentro. Era possível sentir o frio se infiltrando através do chão de ardósia. Bran também não gostava das sombras, ou dos enormes fornos de tijolo que os rodeavam como bocas abertas, ou dos enferrujados ganchos para carne, ou das cicatrizes e manchas que via na mesa de açougueiro, junto à parede. *Foi ali que o Cozinheiro Ratazana cortou o príncipe em pedaços*, compreendeu, *e ele assou o empadão num daqueles fornos*.

Mas o poço era aquilo de que menos gostava. Tinha uns bons três metros e meio de diâmetro, era todo de pedra, com *degraus* esculpidos nas paredes, descendo em círculos, cada vez mais para baixo, até se perderem nas trevas. As paredes eram úmidas e estavam cobertas de salitre, mas nenhum deles conseguiu ver a água no fundo, nem mesmo Meera com seus penetrantes olhos de caçadora.

– Talvez não tenha fundo – disse Bran com incerteza.

Hodor espreitou por sobre a borda do poço, que batia na altura do joelho, e disse:

– *HODOR!* – a palavra ecoou poço abaixo, “Hodorhodorhodorhodor”, cada vez mais tênue, “hodorhodorhodorhodor”, até se tornar menos do que um murmúrio. Hodor pareceu surpreendido. Então riu e dobrou-se para tirar um pedaço quebrado de ardósia.

– Hodor, *não*! – disse Bran, mas tarde demais. Hodor atirou a ardósia por sobre a borda. – Não devia ter feito isso. Não sabe o que há lá embaixo. Podia ter machucado alguma coisa ou... ou acordado alguma coisa.

Hodor olhou-o com uma expressão inocente.

– Hodor?

Muito, muito, muito embaixo, ouviram o som da pedra ao encontrar água. Não foi um *tchap*, não propriamente. Foi mais um *glup*, como se o que quer que estivesse lá embaixo tivesse aberto uma trêmula boca gélida para engolir a pedra de Hodor. Tênues ecos viajaram poço acima, e por um momento Bran pensou ouvir algo se mover, sacudindo-se de um lado para o outro, na água.

– Talvez não devêssemos ficar aqui – disse, inquieto.

– Junto ao poço? – perguntou Meera. – Ou em Fortenoite?

– Sim – disse Bran.

Ela soltou uma gargalhada e mandou Hodor ir buscar lenha. Verão também foi. A essa altura já era quase noite, e o lobo gigante queria caçar.

Hodor retornou sozinho com ambos os braços carregados de madeira morta e galhos quebrados. Jojen Reed pegou a sua pederneira e a faca e tratou de acender uma fogueira enquanto Meera desossava o peixe que tinha apanhado no último riacho por onde passaram. Bran perguntou a si mesmo quantos anos teriam transcorrido desde que houve pela última vez um jantar preparado nas cozinhas de Fortenoite. Também perguntou a si mesmo quem o teria preparado, embora talvez fosse melhor não saber.

Quando as chamas já ardiam bem, Meera pôs o peixe no fogo. *Pelo menos não é um empadão de carne*. O Cozinheiro Ratazana tinha feito com o filho do rei ândalo um grande empadão com cebolas, cenouras, cogumelos, montes de pimenta e sal, uma fatia de bacon e um escuro vinho tinto de Dorne. Depois, serviu-o ao pai dele, que elogiou o sabor e pediu para repetir. Mais tarde, os deuses transformaram o cozinheiro numa monstruosa ratazana branca que só podia comer os próprios filhos. Desde então, vagueava por Fortenoite, devorando os filhos, mas sua fome ainda não estava saciada.

– Não foi por assassinato que os deuses o amaldiçoaram – dizia a Velha Ama – nem por servir ao rei ândalo o filho num empadão. Um homem tem direito à vingança. Mas matou um *hóspede* sob o seu teto, e isso os deuses não podem perdoar.

– Devíamos dormir – disse solenemente Jojen, depois de encherem a barriga. A fogueira queimava baixa. Avivou-a com um pedaço de madeira. – Talvez tenha outro sonho verde para nos mostrar o caminho.

Hodor já estava enrolado e roncando ligeiramente. De tempos em tempos agitava-se sob o seu manto e choramingava qualquer coisa que podia ser "Hodor". Bran arrastou-se para mais perto da fogueira. O calor era agradável, e o suave crepitar das chamas acalmou-o, mas o sono não queria vir. Lá fora, o vento mandava exércitos de folhas mortas marchar pelos pátios e fazia-os arranhar levemente as portas e janelas. Os sons fizeram-no pensar nas histórias da Velha Ama. Quase conseguia ouvir as fantasmagóricas sentinelas chamando umas pelas outras no topo da Muralha e soprando seus fantasmagóricos berrantes de guerra. O pálido luar entrava de viés pelo buraco na cúpula, pintando os ramos do represeiro que se esticavam para o teto. Parecia que a árvore estava tentando pegar a lua e atirá-la no poço. *Deuses antigos*, orou Bran, *se me escutam, não enviem um sonho esta noite. Ou se o fizerem, façam com que seja um sonho bom*. Os deuses não responderam.

Bran obrigou-se a fechar os olhos. Talvez até tivesse dormido um pouco, ou talvez estivesse apenas dormitando, flutuando daquela maneira característica de quando se está meio acordado e meio dormindo, tentando não pensar no Machado Louco, no Cozinheiro Ratazana, ou na coisa que chegava na noite.

Então ouviu o ruído.

Seus olhos se abriram. *O que foi isso?* Segurou a respiração. *Terei sonhado? Estaria tendo um estúpido pesadelo?* Não queria acordar Meera e Jojen por causa de um pesadelo, mas... *ali*... um leve som de arrastar, distante... *Folhas, são folhas restolhando nas paredes lá fora e raspando umas nas outras... ou o vento, podia ser o vento*... Mas o som não vinha lá de fora. Bran sentiu que os pelos de seus braços começavam a se eriçar. *O som está aqui dentro, está aqui conosco, e está ficando mais alto*. Apoiou-se num cotovelo, à escuta. Havia vento, e também

folhas por ele sopradas, mas isso era outra coisa. *Passos*. Alguém vinha naquela direção. *Algo* vinha naquela direção.

Sabia que não eram as sentinelas. As sentinelas nunca abandonavam a Muralha. Mas podia haver outros fantasmas em Fortenoite, fantasmas ainda mais terríveis. Lembrou-se do que a Velha Ama disse do Machado Louco, de como ele tinha tirado as botas e percorrido os salões do castelo de pés descalços, na escuridão, sem soltar um som que indicasse onde estava, exceto as gotas de sangue que caíam do machado, dos cotovelos e da ponta de sua barba vermelha e úmida. Ou talvez não fosse o Machado Louco, talvez fosse a coisa que chegava na noite. Todos os aprendizes a tinham visto, dizia a Velha Ama, mas depois, quando contaram ao seu Senhor Comandante, todas as descrições mostraram-se diferentes. *E três morreram naquele ano, e o quarto enlouqueceu, e cem anos mais tarde, quando a coisa regressou, os aprendizes foram vistos aos tropeções atrás dela, acorrentados*.

Mas isso era apenas uma história. Só estava assustando a si mesmo. Não existia coisa alguma que chegava na noite, foi Meistre Luwin que disse. Se algo assim tivesse existido, desaparecera do mundo, como os gigantes e os dragões. *Não é nada*, pensou Bran.

Mas os sons agora eram mais altos.

*Vem do poço*, compreendeu. Isso deixou-o ainda mais assustado. Algo vinha subindo de debaixo do chão, vinha subindo da escuridão. *Hodor acordou-o. Acordou-o com aquele estúpido pedaço de ardósia, e agora vem aí*. Era difícil ouvir por sobre os roncos de Hodor e o trovejar do próprio coração. Seria o som que o sangue fazia ao pingar de um machado? Ou seria o tênue e distante retinir de algemas fantasmagóricas? Bran escutou com mais atenção. *Passos*. Eram passos com certeza, cada um ligeiramente mais alto do que o anterior. Mas não conseguia identificar quantos eram. O poço fazia os sons ecoar. Não ouvia nada pingando, e também não ouvia correntes, mas *havia* algo mais... um som agudo, frágil e lamuriento, como que emitido por alguém com dores, e uma respiração pesada e abafada. Mas os passos eram mais altos. Os passos se aproximavam.

Bran estava assustado demais para gritar. A fogueira reduzira-se a algumas brasas fracas e todos os seus amigos encontravam-se adormecidos. Quase saiu de sua pele e foi em busca do lobo, mas Verão

podia estar a quilômetros de distância. Não podia deixar os amigos na escuridão, impotentes para enfrentar o que quer que viesse subindo o poço. *Eu disse-lhes para não vir para cá*, pensou, infeliz. *Eu disse-lhes que havia fantasmas. Eu disse-lhes que devíamos ir para Castelo Negro*.

Para Bran, os passos soavam pesados, lentos, imponentes, raspando contra a pedra. *Deve ser enorme*. Machado Louco era um homem grande na história da Velha Ama, e a coisa que chegava na noite era monstruosa. Em Winterfell, Sansa disse-lhe que os demônios da escuridão não podiam tocá-lo caso se escondesse por baixo da manta. Quase fez isso agora, antes de se lembrar de que era um príncipe, e quase um homem-feito.

Bran contorceu-se pelo chão, arrastando as pernas mortas atrás de si, até conseguir estender a mão e tocar Meera no pé. Ela acordou de imediato. Nunca conhecera alguém que acordasse tão depressa como Meera Reed, ou que ficasse tão alerta tão rapidamente. Bran pôs um dedo sobre a boca para que ela soubesse que não devia falar. Meera ouviu o som de imediato, Bran podia ver no rosto dela; os passos ecoantes, o tênue choramingar, a respiração pesada.

Meera pôs-se em pé sem uma palavra e recolheu as armas. Com a lança de três dentes para caçar rãs na mão direita e as dobras da rede pendendo da esquerda, deslizou descalça para junto do poço. Jojen continuou a dormir, sem perceber nada, enquanto Hodor resmungava e se debatia num sono inquieto. Ela manteve-se nas sombras ao se mover, rodeou o feixe de luz do luar tão silenciosa como uma gata. Bran passou todo o tempo a observá-la, e até ele quase não conseguia ver o tênue reflexo de sua lança. *Não posso deixar que ela combata a coisa sozinha*, pensou. Verão estava distante, mas...

... deslizou para fora de sua pele e procurou Hodor.

Não era como enfiar-se em Verão. Isso era agora tão fácil que Bran quase nem pensava no que estava fazendo. Com Hodor era mais difícil, como tentar enfiar uma bota esquerda no pé direito. Servia mal, e além disso a bota estava *assustada*, a bota não sabia o que estava acontecendo e tentava afastar o pé. Sentiu o sabor de vômito no fundo da garganta de *Hodor*, e isso foi quase o bastante para levá-lo a fugir. Mas, em vez disso, contorceu-se e impulsionou-se, sentou-se, pôs as pernas por baixo de si – as enormes e fortes pernas – e levantou-se. *Estou em pé*. Deu um passo.

*Estou andando*. Era uma sensação tão estranha que quase caiu. Conseguia ver-se no frio chão de pedra, uma coisinha quebrada, mas agora não estava quebrado. Pegou a espada longa de Hodor. A respiração era tão ruidosa quanto o fole de um ferreiro.

Do poço veio um lamento, um *crich* penetrante que o atravessou como uma faca. Uma enorme silhueta negra içou-se das trevas e cambaleou na direção do luar, e o medo subiu tão denso em Bran que, antes mesmo de conseguir *pensar* em puxar a espada de Hodor como pretendera fazer, viu-se de novo no chão, com Hodor rugindo "*Hodor hodor HODOR*" como fizera na torre do lago sempre que um relâmpago caía. Mas a coisa que chegara na noite também estava gritando, e se agitando violentamente nas dobras da rede de Meera. Bran viu a lança da garota saltar das trevas para apanhá-la, e a coisa cambaleou e caiu, lutando com a rede. O lamento continuava a sair do poço, agora ainda mais ruidoso. No chão, a coisa negra saltou e lutou, guinchando:

– *Não, não, não, por favor, NÃO...*

Meera ficou por cima do homem, com o luar brilhando, prateado, nos dentes de sua lança para rãs.

– Quem é você? – exigiu saber.

– Sou o *SAM* – soluçou a coisa negra. – Sam, Sam, sou o Sam, deixe-me *sair*, *você me furou*... – Passou rolando pela poça de luar, agitando-se e deixando-se cair, enredado na rede de Meera. Hodor continuava a gritar "Hodor hodor hodor".

Foi Jojen quem alimentou a fogueira com pedaços de madeira e a soprou até que as chamas saltaram, crepitando. Então fez-se a luz, e Bran viu a pálida garota de rosto magro junto à borda do poço, toda embrulhada em peles sob um enorme manto negro, tentando calar o bebê que chorava em seus braços. A coisa no chão estava tentando atravessar a rede com um braço para pegar a faca, mas as voltas não permitiam. Não era nenhuma fera monstruosa, nem o Machado Negro ensopado em sangue; era apenas um homem muito gordo vestido de lã negra, peles negras, couro negro e cota de malha negra.

– Ele é um irmão negro – disse Bran. – Meera, ele é da Patrulha da Noite.

– Hodor? – Hodor acocorou-se para examinar o homem na rede. – Hodor – repetiu, gritando.

– A Patrulha da Noite, sim. – O gordo continuava a respirar como um fole. – Sou um irmão da Patrulha. – Tinha uma corda sob os queixos, forçando sua cabeça para trás, e outras profundamente enterradas no rosto. – Sou um corvo, por favor. Tire-me disto aqui.

De repente, Bran ficou em dúvida.

– É o corvo de três olhos? – *Ele não pode ser o corvo de três olhos*.

– Acho que não. – O gordo rolou os olhos, mas só havia dois. – Sou só o Sam. Samwell Tarly. Deixe-me *sair*, a rede está me machucando. – Recomeçou a lutar.

Meera fez um ruído de repugnância.

– Pare de se debater. Se rasgar a minha rede, atiro-o de volta ao poço. Fique quieto que eu o desenredo.

– Quem é você? – perguntou Jojen à garota com o bebê.

– Goiva – disse ela. – Como a flor de goivo. Ele é o Sam. Não queríamos assustá-los. – Embalou o bebê e murmurou para ele, e por fim a criança parou de chorar.

Meera estava desemaranhando o irmão gordo. Jojen dirigiu-se ao poço e espiou lá dentro.

– De onde vieram?

– Da Fortaleza de Craster – disse a garota. – É você o certo?

Jojen virou-se para olhá-la.

– O certo?

– Ele disse que Sam não era o certo – explicou ela. – Que havia mais alguém, disse ele. Aquele que ele havia sido enviado para encontrar.

– Quem foi que disse isso? – quis saber Bran.

– O Mãos-Frias – respondeu Goiva em voz baixa.

Meera puxou uma ponta da rede e o gordo conseguiu se sentar. Bran viu que estava tremendo e ainda lutava para recuperar o fôlego.

– Ele disse que haveria gente – arquejou. – Gente no castelo. Mas eu não sabia que ia encontrá-los bem no topo dos degraus. Não sabia que iriam atirar uma rede em mim e me furar no estômago. – Tocou a barriga com uma mão enluvada de negro. – Estou sangrando? Não consigo ver.

– Foi só uma cutucada para derrubá-lo – disse Meera. – Vem cá, deixe-me ver. – Ajoelhou e tateou em volta do umbigo do gordo. – Está usando *cota de malha*. Nem cheguei perto da sua pele.

– Bem, doeu do mesmo jeito – lamentou-se Sam.

– É *mesmo* um irmão da Patrulha da Noite? – perguntou Bran.

Os queixos do gordo balançaram quando confirmou com a cabeça. Sua pele parecia pálida e solta.

– Só um intendente. Cuidava dos corvos de Lorde Mormont. – Por um momento pareceu prestes a chorar. – Mas perdi todos no Punho. A culpa foi minha. E também fiz que nós nos perdêssemos. Nem sequer consegui encontrar a Muralha. Tem cem léguas de comprimento e duzentos metros de altura, *e não consegui encontrá-la!*

– Bem, agora encontrou – disse Meera. – Levante o traseiro do chão, quero a minha rede de volta.

– Como foi que atravessou a Muralha? – quis saber Jojen enquanto Sam lutava para se levantar. – O poço leva a um rio subterrâneo, foi daí que veio? Nem sequer está úmido...

– Há um portão – disse o gordo Sam. – Um portão escondido, tão velho quanto a própria Muralha. Ele chamou-o de *Portão Negro*.

Os Reed trocaram um olhar.

– Encontramos esse portão no fundo do poço? – perguntou Jojen.

Sam sacudiu a cabeça.

– *Vocês* não. Eu vou ter de levá-los.

– Por quê? – quis saber Meera. – Se há um portão...

– Não o encontrarão. Se o encontrassem, ele não se abriria. Para vocês não. É o Portão *Negro*. – Sam puxou a desbotada lã negra de sua manga. – Só pode ser aberto por um homem da Patrulha da Noite, disse ele. Um Irmão Juramentado que tenha proferido suas palavras.

– Disse *ele*. – Jojen franziu a testa. – Este... Mãos-Frias?

– Esse não é seu verdadeiro nome – disse Goiva, embalando o bebê. – É só um nome que nós demos para ele, o Sam e eu. As mãos dele eram frias como gelo, mas salvou-nos dos mortos, ele e seus corvos, e trouxe-nos para cá no seu alce.

– O seu alce? – disse Bran, pasmo.

– O seu alce? – disse Meera, sobressaltada.

– Os seus *corvos*? – disse Jojen.

– Hodor? – disse Hodor.

– Ele era verde? – Bran quis saber. – Tinha chifres?

O gordo mostrou-se confuso.

– O alce?

– O *Mãos-Frias* – disse Bran com impaciência. – Os homens verdes montam alces, costumava dizer a Velha Ama. Às vezes também têm chifres.

– Ele não era um homem verde. Usava panos negros, como um irmão da Patrulha, mas era pálido como uma criatura, com mãos tão frias que a princípio tive medo. Mas as criaturas têm olhos azuis, e não têm línguas, ou então esqueceram-se de como usá-las. – O gordo virou-se para Jojen. – Ele deve estar à espera. Devíamos ir. Têm alguma coisa mais quente para vestir? O Portão Negro é frio, e o outro lado da Muralha é ainda mais frio. Vocês...

– Por que foi que ele não veio com você? – Meera fez um gesto na direção de Goiva e do bebê. – *Eles* vieram com você, por que é que ele não veio? Por que foi que não o trouxe também por esse Portão Negro?

– Ele... ele não pode.

– Por quê?

– A Muralha. Disse-nos que a Muralha é mais do que apenas gelo e pedra. Tem feitiços nela urdidos... feitiços antigos, e fortes. Não pode passar para o outro lado da Muralha.

Então caiu um silêncio muito grande sobre a cozinha do castelo. Bran ouvia o suave crepitar das chamas, o vento agitando as folhas na noite, os rangidos do esquálido represeiro que se estendia para a lua. "Do outro lado dos portões vivem os monstros, e também os gigantes e os vampiros", lembrou-se de ouvir a Velha Ama dizer, "mas não podem passar enquanto a Muralha se mantiver forte. Portanto vá dormir, meu pequeno Brandon, meu garotinho". *Não tenho nada a temer. Aqui não há monstros*.

– Não sou eu quem lhe disseram para trazer – disse Jojen Reed ao gordo Sam em seus trajes negros, manchados e largos. – É *ele*.

– Oh. – Sam olhou-o com incerteza. Talvez só então tivesse percebido que Bran era aleijado. – Eu não... não sou suficientemente forte para levá-lo, eu...

– O Hodor pode me levar. – Bran apontou para o cesto. – Eu ando naquilo, nas costas dele.

Sam estava a encará-lo.

– É o irmão de Jon Snow. Aquele que caiu...

– Não – disse Jojen. – Aquele garoto está morto.

– Não conte – avisou Bran. – Por favor.

Sam pareceu confuso por um momento, mas por fim disse:

– Eu... eu sei guardar um segredo. A Goiva também. – Quando olhou para ela, a garota confirmou com a cabeça. – O Jon... o Jon também era *meu* irmão. Foi o melhor amigo que já tive, mas partiu com Qhorin Meia-Mão para bater as Presas de Gelo e não voltou. Estávamos à espera dele no Punho quando... quando...

– Jon está aqui – disse Bran. – Verão o viu. Estava com um grupo de selvagens, mas eles mataram um homem e Jon pegou o cavalo dele e fugiu. Aposto que foi para Castelo Negro.

Sam virou seus olhos grandes para Meera.

– Tem certeza de que era Jon? Viu-o?

– Sou a Meera – disse Meera com um sorriso. – Verão é...

Uma sombra desprendeu-se da cúpula quebrada lá em cima e saltou através do luar. Apesar da pata ferida, o lobo aterrissou leve e silencioso como um floco de neve. A garota chamada Goiva soltou um ruído assustado e apertou o bebê com tanta força contra si que ele começou a chorar de novo.

– Ele não vai fazer mal a vocês – disse Bran. – *Este* é o Verão.

– Jon disse que todos vocês tinham lobos. – Sam tirou uma luva. – Eu conheço o Fantasma. – Estendeu uma mão trêmula, com dedos brancos, moles e gordos como pequenas salsichas. Verão aproximou-se, farejou-os e deu uma lambida em sua mão.

Foi então que Bran se decidiu.

– Vamos com você.

– Todos vocês? – Sam pareceu surpreso com a ideia.

Meera despenteou os cabelos de Bran.

– Ele é o nosso príncipe.

Verão deu a volta no poço, farejando. Fez uma pausa no degrau superior e olhou para Bran. *Ele quer ir*.

– Goiva ficará a salvo se deixá-la aqui até voltar? – perguntou-lhes Sam.

– Deve ficar – disse Meera. – É bem-vinda à nossa fogueira.

Jojen disse:

– O castelo está vazio.

Goiva olhou em volta.

– Craster costumava nos contar histórias de castelos, mas não sabia que eram tão grandes.

*Isto são só as cozinhas*. Bran perguntou a si mesmo o que ela pensaria quando visse Winterfell, se chegasse a vê-lo.

Demoraram alguns minutos para reunir suas coisas e içar Bran para a cadeira de vime às costas de Hodor. Quando ficaram prontos para partir, Goiva estava sentada junto à fogueira, dando de mamar ao bebê.

– Vai voltar para mim – ela disse a Sam.

– Assim que puder – ele prometeu – e depois vamos para um lugar quente. – Quando ouviu aquilo, parte de Bran questionou-se sobre o que estava fazendo. *Será que voltarei para um lugar quente?*

– Eu vou na frente, conheço o caminho. – Sam hesitou no topo. – Mas há *tantos* degraus – suspirou, antes de começar a descer. Jojen seguiu-o, depois ia Verão, depois Hodor com Bran de cavalinho. Meera colocou-se na retaguarda, com a lança e a rede na mão.

Foi uma longa descida. O topo do poço estava banhado em luar, mas ele tornava-se mais estreito e mais sombrio a cada volta que davam. Os passos ecoavam nas pedras úmidas, e os sons de água foram ficando mais altos.

– Devíamos ter trazido tochas? – perguntou Jojen.

– Seus olhos vão se ajustar – disse Sam. – Mantenham uma mão na parede, e não cairão.

O poço tornava-se mais escuro e mais frio a cada volta. Quando Bran finalmente ergueu a cabeça para olhar para cima, a boca do poço já não parecia maior do que meia lua. "*Hodor*", sussurrou Hodor, "*Hodorhodorhodorhodorhodorhodor*", murmurou o poço em resposta. Os sons de água estavam próximos, mas quando Bran espiou para baixo, viu apenas negrume.

Uma volta ou duas mais tarde, Sam parou de repente. Estava a um quarto de volta de Bran e Hodor, e dois metros mais abaixo, mas Bran quase não o via. Mas via a porta. *O Portão Negro*, chamara-lhe Sam, mas não era nada negro.

Era represeiro branco, e havia nele um rosto.

Um brilho saía da madeira, como leite e luar, tão fraco que mal parecia tocar em qualquer coisa além da porta propriamente dita, nem sequer em Sam, que estava bem na sua frente. O rosto era velho e pálido, enrugado

e encolhido. *Parece morto*. A boca estava fechada e os olhos também; as faces eram encovadas, a testa mirrada, o queixo caído. *Se um homem pudesse viver durante mil anos e não morrer, mas apenas tornar-se mais velho, seu rosto acabaria parecido com este.*

A porta abriu os olhos.

Também eram brancos, e cegos.

– Quem é? – perguntou a porta, e o poço sussurrou, "*Quem-quem-quem-quem-quem-quem-quem.*"

– Sou a espada na escuridão – disse Samwell Tarly. – Sou o vigilante nas muralhas. Sou o fogo que arde contra o frio, a luz que traz consigo a alvorada, a trombeta que acorda os que dormem. Sou o escudo que defende os reinos dos homens.

– Então passe – disse a porta. Seus lábios se abriram, se abriram, se abriram e se abriram ainda mais, até que nada restou a não ser uma grande boca escancarada, rodeada por um anel de rugas.

Sam desviou-se e fez sinal para que Jojen passasse na sua frente. Seguiu-se Verão, farejando enquanto seguia, e depois foi a vez de Bran. Hodor abaixou-se, mas não o suficiente. O lábio superior da porta raspou suavemente no topo da cabeça de Bran, e um pingo de água caiu sobre ele e escorreu lentamente por seu nariz. Estava estranhamente quente, e era salgada como uma lágrima.

## DAENERYS

Meereen era tão grande quanto Astapor e Yunkai juntas. Tal como suas cidades-irmãs, tinha sido construída de tijolos, mas enquanto Astapor era vermelha e Yunkai amarela, Meereen era feita de tijolos de muitas cores. Suas muralhas eram mais altas do que as de Yunkai e estavam em melhor estado, pontilhadas por baluartes e fixadas em grandes torres defensivas em todos os ângulos. Por trás delas via-se o topo da Grande Pirâmide, enorme contra o céu, uma coisa monstruosa com duzentos e cinquenta metros de altura e uma altaneira harpia de bronze no topo.

– A harpia é uma coisa covarde – disse Daario Naharis quando a viu. – Tem coração de mulher e pernas de galinha. Pouco admira que seus filhos se escondam atrás de muralhas.

Mas o herói não se escondia. Atravessou os portões da cidade, revestido de escamas de cobre e azeviche e montado num corcel branco, cujos jaezes listrados de rosa e branco combinavam com o manto de seda que flutuava dos ombros do homem. A lança que trazia tinha quatro metros e vinte de comprimento, pintada numa espiral de rosa e branco, e seus cabelos haviam sido esculpidos, penteados e laqueados, tomando a forma de dois chifres recurvos de carneiro. Cavalgou de um lado para o outro à sombra das muralhas de tijolos multicoloridos, desafiando os sitiantes a enviar um campeão que o defrontasse em combate singular.

Os companheiros de sangue de Dany estavam numa tal febre de ir ao seu encontro que quase começaram a lutar uns contra os outros.

– Sangue do meu sangue – ela disse-lhes –, o lugar de vocês é aqui ao meu lado. Este homem é uma mosca zumbidora, nada mais. Ignorem-no, depressa irá embora. – Aggo, Jhogo e Rakharo eram bravos guerreiros, mas eram jovens, e valiosos demais para arriscar. Mantinham seu *khalasar* unido, e também eram seus melhores batedores.

– Isso foi sensato – disse Sor Jorah enquanto observavam o homem da porta do seu pavilhão. – Que o idiota ande de um lado para o outro aos

gritos até que o cavalo fique coxo. Não nos faz nenhum mal.

– Faz – insistiu Arstan Barba-Branca. – As guerras não são ganhas só com espadas e lanças, sor. Duas tropas de igual força podem se enfrentar, mas uma quebrará e fugirá enquanto a outra resiste. Este herói fortalece a coragem no coração de seus homens e planta as sementes da dúvida nos nossos.

Sor Jorah fungou.

– E se o nosso campeão perdesse, que tipo de semente isso plantaria?

– Um homem que teme a batalha não conquista vitórias, sor.

– Não estamos falando de batalhas. Os portões de Meereen não se abrirão se aquele palerma cair. Por que arriscar uma vida por nada?

– Pela honra, diria eu.

– Já ouvi o suficiente. – Dany não precisava somar as discussões daqueles dois a todos os outros problemas que a afligiam. Meereen apresentava perigos bem mais sérios do que um herói cor-de-rosa e branco gritando insultos, e não podia se permitir distrações. Após Yunkai, sua tropa era constituída por mais de oitenta mil pessoas, mas menos de um quarto dela eram soldados. O resto... bem, Sor Jorah chamava-os de bocas com pés, e em breve estariam passando fome.

Os Grandes Mestres de Meereen tinham se retirado diante do avanço de Dany, colhendo tudo o que podiam e queimando o que não conseguiam colher. Por todo lado, a tropa de Dany fora recebida por campos carbonizados e poços envenenados. E o pior era que os meereeneses tinham pregado uma criança escrava em cada marco quilométrico ao longo da estrada costeira que vinha de Yunkai; tinham-nas pregado ainda vivas, com as entranhas saltando da barriga e sempre um braço estendido apontando o caminho para Meereen. À frente de sua vanguarda, Daario tinha dado ordens para que retirassem as crianças dos marcos antes que Dany fosse obrigada a vê-las, mas ela o desautorizou assim que foi informada disso.

– Eu *quero* vê-las – disse. – Quero ver cada uma delas, contá-las, e olhar seus rostos. E vou me lembrar.

Quando chegaram a Meereen, erguida na costa salgada ao lado de seu rio, a contagem somava cento e sessenta e três. *Eu terei esta cidade*, jurou Dany para si mesma mais uma vez.

O herói cor-de-rosa e branco levou uma hora provocando os sitiantes, zombando de sua virilidade, das mães, esposas e deuses. Os defensores de Meereen incentivavam-no a partir das muralhas da cidade.

– O nome dele é Oznak zo Pahl – disse-lhe o Ben Mulato Plumm quando chegou para o conselho de guerra. Era o novo comandante dos Segundos Filhos, escolhido pelo voto de seus mercenários. – Fui guarda-costas do tio dele, antes de me juntar aos Segundos Filhos. Os Grandes Mestres... que maduro monte de vermes. As mulheres não eram muito más, embora olhar para a mulher errada da maneira errada custasse a vida. Conheci um homem, o Scarb, esse Oznak arrancou-lhe o fígado. Disse que estava defendendo a honra de uma senhora, ah, sim, disse que o Scarb a tinha violado com os olhos. Como é que se viola uma mulher com os *olhos*, pergunto? Mas o tio dele é o homem mais rico de Meereen e o pai comanda a guarda da cidade, por isso tive de fugir como uma ratazana antes que me matasse também.

Viram Oznak zo Pahl desmontar de seu corcel branco, desatar a túnica, puxar o membro viril para fora e dirigir um jato de urina na direção geral do bosque de oliveiras onde o pavilhão dourado de Dany se erguia no meio das árvores queimadas. Ainda estava urinando quando Daario Naharis chegou a cavalo, de *arakh* na mão.

– Devo cortar aquilo em seu nome e enfiar goela dele abaixo, Vossa Graça? – seu dente brilhava, dourado, no meio do azul de sua barba bifurcada.

– É a sua cidade que eu quero, não o seu pequeno membro. – Mas estava se irritando. *Se continuar ignorando isso, meu próprio povo vai me julgar fraca*.

Mas quem podia enviar? Precisava tanto de Daario como de seus companheiros de sangue. Sem o extravagante tyroshi, não tinha controle sobre os Corvos Tormentosos, muitos dos quais tinham sido seguidores de Prendahl na Ghezn e Sallor, o Calvo.

No alto das muralhas de Meereen, as zombarias tinham se tornado mais ruidosas, e agora centenas dos defensores estavam seguindo o exemplo do herói e urinavam de cima das muralhas para demonstrar o desprezo que sentiam pelos sitiantes. *Estão urinando sobre escravos, para mostrar o pouco que nos temem*, pensou. *Nunca se atreveriam a tal*

*coisa se o que estivesse em volta de suas muralhas fosse um* khalasar *dothraki*.

– Esse desafio deve ser enfrentado – voltou a dizer Arstan.

– E será – disse Dany, enquanto o herói guardava o pênis. – Diga a Belwas, o Forte, que preciso dele.

Foram encontrar o enorme eunuco pardo sentado à sombra do pavilhão de Dany, comendo uma salsicha. Terminou-a em três dentadas, limpou as mãos engorduradas nas calças e ordenou a Arstan Barba-Branca que fosse buscar suas armas. O idoso escudeiro afiava o *arakh* de Belwas todas as noites e esfregava-o com óleo vermelho vivo.

Quando Barba-Branca trouxe a espada, Belwas, o Forte, examinou o gume, soltou um grunhido, enfiou a lâmina de volta na bainha de couro e atou o cinto da espada em volta de sua vasta cintura. Arstan também tinha lhe trazido o escudo: um disco redondo de aço não maior do que uma fôrma de torta, que o eunuco segurava com a mão livre em vez de prender ao braço à maneira de Westeros.

– Arranje fígado e cebolas, Barba-Branca – disse Belwas. – Não para agora; para depois. Matar deixa Belwas, o Forte, com fome. – Não esperou resposta e saiu pesadamente do bosque de oliveiras na direção de Oznak zo Pahl.

– Por que aquele, *khaleesi*? – perguntou-lhe Rakharo. – Ele é gordo e estúpido.

– Belwas, o Forte, foi escravo aqui nas arenas de luta. Se este bem-nascido Oznak cair perante um homem como ele, os Grandes Mestres ficarão cobertos de vergonha, ao passo que se vencer... bem, seria uma vitória fraca para alguém tão nobre, uma vitória da qual Meereen não poderá obter orgulho. – E ao contrário de Sor Jorah, Daario, Ben Mulato e seus três companheiros de sangue, o eunuco não liderava tropas, não planejava batalhas e não lhe dava conselhos. *Ele nada faz além de comer, gabar-se e berrar para Arstan*. Belwas era o homem que mais facilmente podia dispensar. E era hora de saber que tipo de protetor o Magíster Illyrio tinha lhe enviado.

Um clamor de excitação percorreu as linhas de sítio quando Belwas foi visto se deslocando lentamente na direção da cidade, e das muralhas e torres de Meereen vieram gritos e zombarias. Oznak zo Pahl voltou a montar, e esperou, com a lança listrada erguida. O corcel sacudiu

impacientemente a cabeça e escavou a terra arenosa. Apesar de tão maciço, o eunuco parecia pequeno ao lado do herói no seu cavalo.

– Um homem cavalheiresco desmontaria – disse Arstan.

Oznak zo Pahl baixou a lança e avançou.

Belwas parou com as pernas bem afastadas. Numa mão tinha o pequeno escudo redondo e na outra, o *arakh* curvo de que Arstan cuidava com tanto cuidado. Sua grande barriga parda e o peito curvo estavam nus por cima da faixa de seda amarela atada em volta da cintura, e não usava armadura além do colete tachonado de couro, tão absurdamente pequeno que nem sequer cobria seus mamilos.

– Devíamos ter lhe dado cota de malha – disse Dany, de súbito ansiosa.

– A cota de malha só o atrasaria – disse Sor Jorah. – Nas arenas de luta não usam armaduras. O que a multidão corre para ver é sangue.

Voou poeira dos cascos do corcel branco. Oznak trovejou na direção de Belwas, o Forte, com o manto listrado escorrendo de seus ombros. A cidade de Meereen inteira parecia estar incentivando-o com gritos. As aclamações dos sitiantes pareciam poucas e frágeis se comparadas; os Imaculados de Dany mantinham-se em fileiras silenciosas, observando com rostos de pedra. Belwas podia ter também sido feito de pedra. Permaneceu imóvel no caminho do cavalo, com o traje bem apertado nas costas largas. A lança de Oznak foi apontada ao centro de seu peito. A brilhante ponta de aço da arma piscava à luz do sol. *Ele vai ser empalado*, pensou Dany... no momento em que o eunuco girou para o lado. E, depressa como um piscar de olhos, o cavaleiro estava atrás dele, virando, levantando a lança. Belwas não fez qualquer movimento para atacá-lo. Os meereeneses nas muralhas gritaram ainda mais alto.

– O que ele está fazendo? – quis saber Dany.

– Está dando espetáculo à multidão – disse Sor Jorah.

Oznak fez com que o cavalo rodeasse Belwas num largo círculo, após o que lhe enterrou as esporas no flanco e voltou a avançar. De novo Belwas esperou, e depois girou e afastou a ponta da lança. Dany ouviu a gargalhada trovejante do eunuco ecoar na planície quando o herói passou batido por ele.

– A lança é longa demais – disse Sor Jorah. – Tudo que Belwas tem de fazer é evitar a ponta. Em vez de tentar atravessá-lo tão esteticamente, o palerma devia simplesmente atropelá-lo.

Oznak zo Pahl carregou uma terceira vez, e agora Dany via claramente que ele estava *passando* por Belwas, como um cavaleiro de Westeros investiria sobre um adversário numa justa, em vez de *sobre* ele, como um dothraki atacaria um inimigo. O terreno plano permitia que o corcel ganhasse uma boa velocidade, mas também tornava mais fácil para o eunuco esquivar-se da pesada lança de quatro metros.

Da vez seguinte, o herói rosa e branco de Meereen tentou agir por antecipação, e virou a lança para o lado no último segundo para apanhar Belwas, o Forte, quando ele se esquivasse. Mas o eunuco também tinha antecipado essa tática, e dessa vez abaixou-se em vez de girar para o lado. A lança passou inofensivamente por cima de sua cabeça. E de repente Belwas estava rolando e brandindo o *arakh* afiado como uma navalha num arco de prata. Ouviram o corcel gritar quando a lâmina mordeu suas patas, e então o cavalo caiu, e o herói tombou da sela.

Um súbito silêncio varreu os parapeitos de tijolo de Meereen. Agora era o povo de Dany que gritava e o aclamava.

Oznak saltou para longe do cavalo e conseguiu puxar a espada antes que Belwas, o Forte, caísse sobre ele. Aço cantou contra aço, rápida e furiosamente demais para Dany seguir os golpes. Não podiam ter se passado uma dúzia de segundos antes de o peito de Belwas ficar lavado em sangue, de um corte sofrido abaixo do peitoral, e de Oznak zo Pahl ter um *arakh* enfiado bem entre seus chifres de carneiro. O eunuco soltou a lâmina e separou a cabeça do herói de seu corpo com três violentos golpes no pescoço. Segurou-a bem alto para que os meereeneses vissem, e em seguida a atirou na direção dos portões da cidade, fazendo-a quicar e rolar pela areia.

– E lá se foi o herói de Meereen – disse Daario, rindo.

– Uma vitória sem significado – preveniu Sor Jorah. – Não conquistaremos Meereen matando seus defensores um de cada vez.

– Pois não – concordou Dany –, mas estou feliz por termos matado este.

Os defensores nas muralhas começaram a disparar suas bestas contra Belwas, mas os dardos não alcançavam o eunuco ou deslizavam inofensivamente pelo chão. Belwas virou as costas à chuva com pontas de aço, baixou as calças, acocorou-se e cagou na direção da cidade. Limpou-se com o manto listrado de Oznak e teve tempo para saquear o

cadáver do herói e abater o cavalo moribundo antes de caminhar pesadamente de volta ao bosque de oliveiras.

Os sitiantes deram-lhe sonoras boas-vindas assim que chegou ao acampamento. Os dothraki riram e gritaram, e os Imaculados produziram um grande clangor batendo com as lanças nos escudos.

– Muito bem – disse-lhe Sor Jorah.

Ben Mulato atirou ao eunuco uma ameixa madura e disse:

– Um fruto doce por uma doce luta.

Até as aias dothraki de Dany tiveram palavras de elogio:

– Queríamos trançar seus cabelos e pendurar uma sineta neles, Belwas, o Forte – disse Jhiqui –, mas não tem cabelos para trançarmos.

– Belwas, o Forte, não precisa de sinetas tilintantes. – O eunuco comeu a ameixa de Ben Mulato com quatro grandes mordidas e jogou fora o caroço. – Belwas, o Forte, precisa de fígado e cebolas.

– Vai tê-los – disse Dany. – Belwas, o Forte, está ferido. – O eunuco tinha a barriga vermelha do sangue que brotava do golpe sob o peito carnudo.

– Não é nada. Deixo sempre que me cortem uma vez, antes de matá-los. – Deu uma palmada na barriga ensanguentada. – Conte os cortes e saberá quantos homens Belwas, o Forte, matou.

Mas Dany tinha perdido Khal Drogo devido a um ferimento semelhante, e não estava disposta a deixar aquele sem tratar. Ordenou a Missandei que fosse buscar um certo liberto yunkaita, famoso por seus conhecimentos nas artes curativas. Belwas urrou e protestou, mas Dany repreendeu-o e chamou-o de grande bebê careca até que ele permitiu que o curandeiro estancasse a ferida com vinagre, desse pontos e enfaixasse o peito com faixas de linho ensopadas em vinho ardente. Só depois levou seus capitães e comandantes para dentro do pavilhão para um conselho.

– Tenho de conquistar esta cidade – disse-lhes, sentando-se de pernas cruzadas numa pilha de almofadas, rodeada pelos dragões. Irri e Jhiqui serviram vinho. – Seus celeiros estão transbordando de cheios. Há figos, tâmaras e azeitonas crescendo nos terraços de suas pirâmides, e barris de peixe salgado e carne defumada enterrados em seus porões.

– E também gordas arcas de ouro, prata e pedras preciosas – lembrou-lhes Daario. – Não nos esqueçamos das pedras preciosas.

– Eu examinei as muralhas viradas para terra firme e não vi nenhum ponto fraco – disse Sor Jorah Mormont. – Com tempo, poderíamos conseguir minar por baixo de uma torre e abrir uma brecha, mas o que comeremos enquanto escavamos? Nossas reservas estão praticamente exauridas.

– Não há pontos fracos nas muralhas *virados para terra firme*? – disse Dany. Meereen erguia-se numa saliência de areia e pedra onde o lento e marrom Skahazadhan desembocava na Baía dos Escravos. A muralha norte da cidade corria ao longo da margem do rio, a muralha oeste ao longo da costa da baía. – Isso significa que poderíamos atacar a partir do rio ou do mar?

– Com três navios? Vamos querer que o Capitão Groleo examine bem a muralha ao longo do rio, mas a menos que esteja em ruínas, isso é apenas uma maneira mais molhada de morrer.

– E se construíssemos torres de cerco? Meu irmão Viserys contava histórias de coisas assim, sei que podem ser construídas.

– De madeira, Vossa Graça – disse Sor Jorah. – Os senhores de escravos queimaram todas as árvores num raio de vinte léguas. Sem madeira, não temos trabucos para esmagar as muralhas, não temos escadas para passarmos por cima delas, não temos torres de cerco, não temos tartarugas e não temos aríetes. Podemos atacar os portões com machados, certamente, mas...

– Viu aquelas cabeças de bronze por cima dos portões? – perguntou Ben Mulato Plumm. – Fileiras de cabeças de harpia de boca aberta? Os meereeneses podem esguichar azeite fervente por esses bocas e cozinhar os seus homens ali mesmo.

Daario Naharis dirigiu a Verme Cinzento um sorriso.

– Talvez os Imaculados devessem manejar os machados. Azeite fervente para vocês não é mais do que um banho quente, segundo ouvi dizer.

– Isso é falso. – Verme Cinzento não devolveu o sorriso. – Estes não sentem as queimaduras como os homens sentem, mas esse azeite cega e mata. Contudo, os Imaculados não temem morrer. Dê a estes aríetes, e derrubamos aqueles portões ou morremos tentando.

– Morreriam – disse Ben Mulato. Em Yunkai, quando tinha recebido o comando dos Segundos Filhos, afirmou ser um veterano de uma centena

de batalhas. “Embora não possa dizer que tenha lutado bravamente em todas elas. Existem mercenários velhos e mercenários ousados, mas não há mercenários velhos e ousados.” Ela via que isso era verdade.

Dany suspirou.

– Não desperdiçarei a vida de Imaculados, Verme Cinzento. Talvez possamos derrotar a cidade pela fome.

Sor Jorah fez uma expressão infeliz.

– Nós passaremos fome muito antes deles, Vossa Graça. Aqui não há alimentos, nem forragem para nossas mulas e cavalos. Também não gosto da água desse rio. Meereen evacua no Skahazadhan, mas retira a sua água de beber de poços profundos. Já temos relatos de doença nos acampamentos, febre, castanheira e três casos de diarreia sanguinolenta. Haverá mais se ficarmos aqui. Os escravos estão enfraquecidos pela marcha.

– Libertos – corrigiu Dany. – Eles já não são escravos.

– Escravos ou livres, têm fome e em breve estarão doentes. A cidade está mais bem aprovisionada do que nós e pode ser reabastecida por via aquática. Seus três navios não são suficientes para lhes negar acesso tanto ao rio quanto ao mar.

– Então o que aconselha, Sor Jorah?

– Não gostará de ouvir.

– Quero ouvir mesmo assim.

– Como quiser. Digo que deixemos esta cidade em paz. Não pode libertar todos os escravos do mundo, *khaleesi*. Sua guerra é em Westeros.

– Não me esqueci de Westeros. – Certas noites Dany sonhava com aquela terra legendária que nunca vira. – Mas se deixar que as velhas muralhas de tijolo de Meereen me derrotem tão facilmente, como poderei conquistar os grandes castelos de pedra de Westeros?

– Como Aegon conquistou – disse Sor Jorah. – Com fogo. Quando chegarmos aos Sete Reinos, seus dragões já terão crescido. E teremos também torres de cerco e trabucos, tudo aquilo de que não dispomos aqui... mas o caminho através das Terras do Longo Verão é longo e duro, e há perigos que não podemos conhecer. A senhora parou em Astapor para comprar um exército, não para começar uma guerra. Guarde as lanças e espadas para os Sete Reinos, minha rainha. Deixe Meereen para os meereeneses e marche para oeste em direção a Pentos.

– Derrotada? – disse Dany, irritando-se.

– Quando os covardes se escondem atrás de grandes muralhas, são eles os derrotados, *khaleesi* – disse Ko Jhogo.

Os outros companheiros de sangue concordaram.

– Sangue do meu sangue – disse Rakharo –, quando os covardes se escondem e queimam a comida e a forragem, os grandes *khals* têm de procurar inimigos mais corajosos. É sabido.

– É sabido – concordou Jhiqui, enquanto servia o vinho.

– Não por mim. – Dany prezava grandemente os conselhos de Sor Jorah, mas deixar Meereen intacta era mais do que conseguia suportar. Não era capaz de se esquecer das crianças em seus postes, com as aves devorando suas entranhas, seus braços magros apontando para a estrada costeira. – Sor Jorah, diz que não nos resta comida. Se eu marchar para oeste, como conseguirei alimentar os meus libertos?

– Não conseguirá. Lamento, *khaleesi*. Eles terão de arranjar alimentos para si próprios, ou passarão fome. Muitos e muitos mais ainda morrerão ao longo da marcha, é verdade. Será duro, mas não há maneira de salvá-los. Precisamos pôr esta terra calcinada bem para trás de nós.

Dany deixou um rastro de cadáveres atrás de si quando atravessou o deserto vermelho. Era algo que não queria voltar a ver.

– Não – disse. – Não levarei meu povo para a morte. – *Os meus filhos*. – Tem de haver *alguma* maneira de entrar nesta cidade.

– Eu conheço uma maneira. – Ben Mulato Plumm afagou sua barba salpicada de cinza e branco. – Esgotos.

– Esgotos? O que quer dizer?

– Grandes esgotos de tijolo desembocam no Skahazadhan, despejando os dejetos da cidade. Podem ser uma maneira de entrar, para alguns homens. Foi assim que fugi de Meereen, depois de Scarb ficar sem cabeça. – Ben Mulato fez uma careta. – O cheiro nunca me abandonou. Às vezes sonho com ele.

Sor Jorah fez uma expressão de dúvida.

– É mais fácil sair do que entrar, tendo a acreditar. Esses esgotos desembocam no rio, você diz? Isso quer dizer que as desembocaduras estão logo abaixo das muralhas.

– E fechadas com grades de ferro – admitiu Ben Mulato –, se bem que algumas foram comidas pela ferrugem, caso contrário eu teria me

afogado em merda. Uma vez lá dentro, é uma longa e malcheirosa subida numa escuridão de breu através de um labirinto de tijolo onde um homem pode se perder para sempre. A sujeira nunca fica abaixo da cintura, e pode subir acima da cabeça, julgando pelas manchas que vi nas paredes. E também há *coisas* lá embaixo. As maiores ratazanas que você já viu, e coisas piores. Nojentas.

Daario Naharis soltou uma gargalhada.

– Tão nojentas como você, quando saiu de lá? Se algum homem fosse suficientemente tolo para tentar uma coisa dessas, todos os feitores de Meereen conseguiriam cheirá-lo no momento em que emergisse.

Ben Mulato encolheu os ombros.

– Sua Graça perguntou se havia uma maneira de entrar, então eu disse... mas Ben Plumm não volta àqueles esgotos, nem por todo o ouro dos Sete Reinos. No entanto, se houver outros que queiram tentar, força.

Aggo, Jhogo e Verme Cinzento tentaram falar ao mesmo tempo, mas Dany levantou uma mão para pedir silêncio.

– Esses esgotos não parecem promissores. – Sabia que Verme Cinzento levaria seus Imaculados pelos esgotos se ela ordenasse; os companheiros de sangue não fariam menos. Mas nenhum deles era adequado para a tarefa. Os dothraki eram cavaleiros, e a força dos Imaculados residia em sua disciplina no campo de batalha. *Posso enviar homens para morrer no meio das trevas com base numa esperança tão frágil?* – Tenho de pensar um pouco mais sobre isso. Voltem aos seus deveres.

Seus capitães fizeram reverências e deixaram-na sozinha com as aias e os dragões. Mas no momento em que Ben Mulato saía, Viserion abriu suas asas brancas e esvoaçou indolentemente na direção de sua cabeça. Uma das asas esbofeteou o mercenário no rosto. O dragão branco aterrissou desajeitadamente com uma pata na cabeça do homem e a outra no seu ombro, guinchou e voltou a levantar voo.

– Ele gosta de você, Ben – disse Dany.

– E tem razões para isso. – Ben Mulato soltou uma gargalhada. – Eu tenho cá uma gotinha de sangue de dragão, sabia?

– Você? – Dany estava surpresa. Plumm era uma criatura das companhias livres, um amigável mestiço. Tinha um largo rosto pardo, um nariz quebrado e uma cabeça cheia de cabelos grisalhos crespos, e sua mãe dothraki legara-lhe olhos grandes, escuros e amendoados. Dizia

ser em parte bravosi, em parte ilhéu-do-verão, em parte ibenês, em parte qohorik, em parte dothraki, em parte dornês e em parte westerosi, mas aquela era a primeira vez que Dany ouvia falar de sangue Targaryen. Dirigiu-lhe um olhar perscrutador e perguntou: – Como isso seria possível?

– Bem – disse Ben Mulato –, houve um velho Plumm nos Reinos do Poente que casou com uma princesa do dragão. Minha avó contou-me a história. Viveu nos tempos do Rei Aegon.

– Qual dos Reis Aegon? – perguntou Dany. – Houve cinco Aegons governando Westeros. – O filho do irmão teria sido o sexto, mas os homens do Usurpador tinham esmagado a cabeça dele contra uma parede.

– Ah, houve cinco? Bem, isso é uma confusão. Não saberia lhe dar um número, minha rainha. Mas esse velho Plumm era um senhor, deve ter sido um cara famoso nos seus tempos, falado por todos os lados. O caso é, com a sua real licença, que ele tinha um pinto de dezoito decímetros.

As três sinetas na trança de Dany tilintaram quando ela riu.

– Quer dizer centímetros, creio eu.

– Decímetros – disse firmemente Ben Mulato. – Se fossem centímetros, quem se preocuparia em falar dele, Vossa Graça?

Dany riu como uma garotinha.

– Sua avó alegou ter visto esse prodígio?

– Isso foi coisa que a velha bruxa não fez. Era meio ibenesa e meio qohorik, nunca esteve em Westeros, meu avô deve ter lhe contado a história. Um dothraki qualquer matou-o antes de eu nascer.

– E de onde veio o conhecimento de seu avô?

– Uma daquelas histórias contadas em família, suponho. – Ben Mulato encolheu os ombros. – Receio que seja tudo que sei de Aegon, o Sem-Número, ou do poderoso membro do velho Lorde Plumm. É melhor ir tratar de meus Filhos.

– Trate disso – disse-lhe Dany.

Quando Ben Mulato saiu, recostou-se nas almofadas.

– Se você fosse grande – disse a Drogon, coçando-o entre os cornos – eu voaria com você por sobre as muralhas e transformaria aquela harpia em cinzas. – Mas ainda faltavam anos até que seus dragões fossem suficientemente grandes para serem montados. *E quando forem, quem os*

*montará? O dragão tem três cabeças, mas eu só tenho uma*. Pensou em Daario. *Se alguma vez existiu um homem capaz de violar uma mulher com os olhos...*

Na verdade, ela era igualmente culpada. Dany dava por si lançando olhares ao tyroshi quando seus capitães vinham aos conselhos, e às vezes, de noite, recordava o modo como o dente de ouro cintilava quando ele sorria. Isso, e seus olhos. *Seus brilhantes olhos azuis*. Na estrada de Yunkai, Daario trouxe-lhe todas as noites, quando vinha fazer o relatório, uma flor, um broto ou uma planta qualquer... para ajudá-la a conhecer aquela terra, dizia. Vespalgueiro, rosa-penumbrosa, hortelã silvestre, renda-de-senhora, folha-de-adaga, giesteira, comichosa, ouro-de-harpia... *E tentou me poupar da visão das crianças mortas*. Não devia ter feito isso, mas a intenção era bondosa. E Daario Naharis fazia-a rir, o que Sor Jorah nunca fazia.

Dany tentou imaginar como seria permitir que Daario a beijasse, como Jorah a beijara no navio. A ideia era ao mesmo tempo excitante e perturbadora. *É arriscado demais*. O mercenário tyroshi não era um homem bom, ninguém precisava lhe contar isso. Sob os sorrisos e gracejos era perigoso, até cruel. Sallor e Prendahl tinham acordado uma manhã como seus parceiros; nessa mesma noite, oferecera-lhe a cabeça deles. *Khal Drogo também podia ser cruel, e nunca existiu homem mais perigoso*. Mesmo assim, acabou por amá-lo. *Poderia amar Daario? O que isso significaria, se o trouxesse para a minha cama? Isso faria dele uma das cabeças do dragão?* Sabia que Sor Jorah se zangaria, mas foi ele que disse que ela tinha de tomar dois maridos. *Talvez devesse casar com ambos e pôr um ponto final no assunto.*

Mas esses eram pensamentos tolos. Tinha uma cidade a tomar, e sonhar com beijos e com os brilhantes olhos azuis de um mercenário qualquer não a ajudaria a abrir uma brecha nas muralhas de Meereen. *Sou do sangue do dragão*, recordou Dany a si mesma. Seus pensamentos giravam em círculos, como um rato perseguindo a própria cauda. De repente não conseguia mais suportar os estreitos limites do pavilhão nem por mais um momento. *Quero sentir o vento no rosto e o aroma do mar.*

– Missandei – chamou –, mande selar a minha prata. E a sua montaria também.

A pequena escriba fez uma reverência.

– Às ordens de Vossa Graça. Deverei chamar seus companheiros de sangue para guardá-la?

– Levaremos Arstan. Não pretendo deixar os acampamentos. – Não tinha inimigos entre seus filhos. E o velho escudeiro não falaria em excesso, como Belwas, nem a olharia como Daario.

O bosque de oliveiras queimadas onde montara o pavilhão ficava junto ao mar, entre o acampamento dothraki e o dos Imaculados. Assim que os cavalos foram selados, Dany e os companheiros seguiram ao longo da orla, para longe da cidade. Mesmo assim, sentia Meereen nas costas, zombando dela. Quando olhou por sobre um ombro, ali estava ela, com o sol da tarde refulgindo na harpia de bronze no topo da Grande Pirâmide. Dentro de Meereen, os senhores de escravos iam se reclinar em breve, vestidos com seus *tokars* debruados, para se banquetearem com carneiro e azeitonas, fetos de cachorro, arganazes com mel e outros acepipes do gênero, enquanto aqui fora seus filhos passavam fome. Uma súbita e violenta fúria encheu-a. *Vou derrotá-los*, jurou.

Ao passarem pelas estacas e fossos que rodeavam o acampamento dos eunucos, Dany ouviu Verme Cinzento e seus sargentos fazendo uma companhia passar por uma série de exercícios com escudo, espada curta e lança pesada. Outra companhia banhava-se no mar, vestida apenas com tangas de linho branco. Tinha reparado que os eunucos eram muito asseados. Alguns de seus mercenários cheiravam como se não tivessem tomado banho ou trocado de roupa desde que o pai havia perdido o Trono de Ferro, mas os Imaculados tomavam banho todas as noites, mesmo depois de passarem o dia inteiro em marcha. Quando não havia água disponível, limpavam-se com areia, ao modo dothraki.

Os eunucos ajoelharam à sua passagem, levando punhos fechados ao peito. Dany devolveu a saudação. A maré estava subindo, e a rebentação espumou em volta das patas de sua prata. Via seus navios ao largo. *Balerion* era o mais próximo; a grande coca anteriormente conhecida como *Saduleon*, de velas enroladas. Mais além encontravam-se as galés *Meraxes* e *Vhagar*, antes chamadas *Partida de Joso* e *Sol de Verão*. Na verdade os navios pertenciam ao Magíster Illyrio, e não a ela, e no entanto tinha lhes dado novos nomes quase sem pensar no assunto. Nomes de dragões, e mais do que isso; na antiga Valíria, de antes da Perdição, Balerion, Meraxes e Vhagar tinham sido deuses.

A sul do reino ordenado de estacas, fossos, exercícios e eunucos tomando banho ficavam os acampamentos de seus libertos, um lugar muito mais ruidoso e caótico. Dany tinha armado o melhor que pôde os ex-escravos, com armas de Astapor e Yunkai, e Sor Jorah organizou os homens capazes de lutar em quatro fortes companhias, mas não viu ali ninguém se exercitando. Passaram por uma fogueira feita com madeira trazida pelo mar, onde uma centena de pessoas se reunira para assar a carcaça de um cavalo. Sentia o odor da carne e ouvia a gordura chiando enquanto os assadores viravam o espeto, mas a cena só a fez franzir a testa.

Crianças corriam sob os cavalos do grupo, saltando e gargalhando. Em vez de saudações, vozes chamavam-na de todos os lados numa balbúrdia de idiomas. Alguns dos libertos saudavam-na como "Mãe", enquanto outros suplicavam mercês ou favores. Alguns rezavam para que estranhos deuses a abençoassem e outros pediam que ela abençoasse a eles. Ela sorria para eles, virando-se para a esquerda e para a direita, tocando suas mãos quando as erguiam, deixando que aqueles que ajoelhavam tocassem seu estribo ou sua perna. Muitos dos libertos acreditavam que havia boa sorte em seu toque. *Se os ajuda a obter coragem, que me toquem*, pensou. *Ainda temos duros desafios pela frente.*

Dany havia parado para falar com uma grávida que queria que a Mãe de Dragões desse um nome ao seu bebê quando alguém se aproximou e agarrou seu pulso esquerdo. Virando-se, vislumbrou um homem alto e esfarrapado com a cabeça raspada e o rosto queimado pelo sol.

– Com menos força – ela começou a dizer, mas antes de conseguir terminar, ele derrubou-a da sela. O chão avançou sobre si e fez com que perdesse o fôlego, enquanto sua prata relinchava e recuava. Atordoada, Dany rolou para o lado e apoiou-se num cotovelo...

... e então viu a espada.

– Aí está a porca traiçoeira – disse ele. – Eu sabia que acabaria vindo um dia para receber beijos nos pés. – Sua cabeça era calva como um melão, o nariz era vermelho e descascava, mas Dany conhecia aquela voz e aqueles olhos verde-claros. – Vou começar cortando suas tetas. – Dany estava vagamente consciente da voz de Missandei gritando por ajuda. Um liberto deu um passo adiante, mas só um passo. Um golpe rápido e

caiu de joelhos, com sangue escorrendo pelo rosto. Mero limpou a espada nos calções. – Quem é o próximo?

– Sou eu. – Arstan Barba-Branca saltou do cavalo e colocou-se por cima dela, com o vento salgado fazendo ondular seus cabelos brancos como neve, e com ambas as mãos no grande bastão de madeira rija.

– Avô – disse Mero –, fuja antes que eu parta seu cajado em dois e o enfie no seu...

O velho fez uma finta com uma das pontas do bastão, puxou-a para trás, e brandiu a outra mais depressa do que Dany teria acreditado ser possível. O Bastardo do Titã cambaleou para trás, na direção da rebentação, cuspindo sangue e dentes quebrados da ruína de sua boca. Barba-Branca colocou Dany atrás de si. Mero lançou uma estocada no seu rosto. O velho saltou para trás, rápido como um gato. O bastão atingiu as costelas de Mero, fazendo-o recuar. Arstan chapinhou para o lado, parou um golpe em arco, afastou-se, dançando, de uma segunda investida, bloqueou um terceiro golpe no meio do caminho. Os movimentos eram tão rápidos que a garota quase não conseguia segui-los. Missandei estava ajudando Dany a ficar em pé quando esta ouviu um *crac*. Julgou que o bastão de Arstan tinha se partido até ver o osso irregular que se projetava da panturrilha de Mero. Ao cair, o Bastardo do Titã torceu-se e atacou, enviando a ponta da espada diretamente contra o peito do velho. Barba-Branca afastou sua lâmina quase com desprezo e atingiu violentamente a têmpora do grandalhão com a outra ponta do bastão. Mero estatelou-se, com sangue a borbulhar de sua boca enquanto as ondas o submergiam. Um momento mais tarde os libertos também o submergiram, com facas, pedras e punhos furiosos subindo e descendo num frenesi.

Dany afastou o olhar, nauseada. Sentia-se mais assustada agora do que enquanto os acontecimentos decorriam. *Ele podia ter me matado*.

– Vossa Graça – Arstan ajoelhou. – Sou um velho, e estou envergonhado. Ele nunca devia ter se aproximado o suficiente para agarrá-la. Fui negligente. Não o reconheci sem a barba e os cabelos.

– Assim como eu. – Dany respirou fundo para parar de tremer. *Inimigos por todo lado*. – Leve-me de volta à minha tenda. Por favor.

Quando Mormont chegou, estava enrolada em sua pele de leão, bebendo uma taça de vinho com especiarias.

– Examinei a muralha do rio – Sor Jorah começou a dizer. – É alguns centímetros mais alta do que as outras, e igualmente forte. E os meereeneses têm uma dúzia de barcos de fogo amarrados sob os baluartes...

Ela interrompeu-o.

– Podia ter me avisado de que o Bastardo do Titã tinha escapado.

Ele franziu a testa.

– Não vi necessidade de alarmá-la, Vossa Graça. Ofereci uma recompensa pela cabeça dele...

– Pague-a ao Barba-Branca. Mero tem nos acompanhado o tempo todo desde Yunkai. Raspou a barba e perdeu-se entre os libertos, aguardando uma oportunidade de vingança. Arstan matou-o.

Sor Jorah dirigiu ao velho um longo olhar.

– Um escudeiro com um bastão matou Mero de Bravos, foi isso que aconteceu?

– Um bastão – confirmou Dany –, mas não mais um escudeiro. Sor Jorah, é meu desejo que Arstan seja armado cavaleiro.

– *Não.*

A sonora recusa já era bastante surpreendente. Mais estranho ainda foi vir de ambos os homens ao mesmo tempo.

Sor Jorah puxou a espada.

– O Bastardo do Titã era um homem perigoso. E bom em matar. Quem é você, velho?

– Um cavaleiro melhor do que você, sor – disse friamente Arstan.

*Cavaleiro?* Dany sentia-se confusa.

– Disse que era um escudeiro.

– E fui, Vossa Graça. – O velho ajoelhou-se. – Fui escudeiro de Lorde Swann na minha juventude, e a pedido do Magíster Illyrio servi também Belwas, o Forte. Mas durante os anos que se passaram entre uma coisa e outra, fui um cavaleiro em Westeros. Não lhe disse mentiras, minha rainha. No entanto, há verdades que calei, e por isso e por todos os meus outros pecados só posso lhe pedir perdão.

– Que verdades calou? – Dany não estava gostando daquilo. – Vai me dizer. Já.

Ele inclinou a cabeça.

– Em Qarth, quando perguntou meu nome, disse-lhe que me chamavam Arstan. Isso é verdade. Muitos homens me chamaram por esse nome enquanto Belwas e eu nos dirigíamos para leste ao seu encontro. Mas não é o meu verdadeiro nome.

Dany estava mais confusa do que zangada. *Ele enganou-me, tal como Jorah me avisou, e no entanto acabou de salvar minha vida*.

Sor Jorah enrubesceu.

– Mero raspou a barba, mas você deixou crescer uma, não é verdade? Não é à toa que parece tão familiar para mim...

– Conhece-o? – perguntou Dany ao cavaleiro exilado, perdida.

– Vi-o talvez uma dúzia de vezes... de longe, geralmente, quando estava na companhia dos irmãos ou participando de algum torneio. Mas todos os homens dos Sete Reinos conheceram Barristan, o Ousado. – Encostou a ponta da espada no pescoço do velho. – *Khaleesi*, perante a senhora ajoelha-se Sor Barristan Selmy, Senhor Comandante da Guarda Real, que traiu a sua Casa para servir o Usurpador Robert Baratheon.

O velho cavaleiro sequer pestanejou.

– O corvo chama de preto o melro, e *você* fala de traição.

– Por que está aqui? – perguntou-lhe Dany. – Se Robert o enviou para me matar, por que salvou minha vida? – *Ele serviu ao Usurpador. Ele traiu a memória de Rhaegar e abandonou Viserys para viver e morrer no exílio. Mas se quisesse me ver morta, teria precisado apenas ficar de lado...* – Agora quero a verdade *completa*, por sua honra de cavaleiro. É um homem do Usurpador, ou meu?

– Seu, se me aceitar. – Sor Barristan tinha lágrimas nos olhos. – Aceitei o perdão de Robert, é verdade. Servi-o na Guarda Real e no Conselho. Servi com o Regicida e outros quase tão maus, que mancharam o manto branco que eu usava. Nada poderá perdoar isso. Eu poderia continuar servindo em Porto Real se o vil rapaz sentado no Trono de Ferro não tivesse me posto de lado, envergonha-me admitir. Mas quando ele tirou o manto que o Touro Branco prendeu em volta de meus ombros e mandou homens para me matar nesse mesmo dia, foi como se tivesse tirado uma membrana da frente de meus olhos. Foi então que soube que tinha de procurar meu verdadeiro rei, e morrer a serviço dele...

– Posso conceder esse desejo – disse sombriamente Sor Jorah.

– Silêncio – disse Dany. – Quero ouvir o que ele tem a dizer.

– Talvez tenha de morrer uma morte de traidor – disse Sor Barristan. – Se assim for, não deverei morrer só. Antes de receber o perdão de Robert, lutei contra ele no Tridente. Você estava do outro lado da batalha, Mormont, não é verdade? – Não esperou por uma resposta. – Vossa Graça, lamento tê-la induzido ao erro. Foi a única forma de evitar que os Lannister soubessem que tinha me juntado à senhora. É vigiada, tal como seu irmão era. Lorde Varys relatou durante anos cada movimento de Viserys. Enquanto fiz parte do pequeno conselho, ouvi uma centena de tais relatórios. E desde o dia em que desposou Khal Drogo tem um informante ao seu lado, vendendo seus segredos, trocando sussurros com a Aranha por ouro e promessas.

*Ele não pode querer dizer...*

– Está enganado. – Dany olhou para Jorah Mormont. – Diga-lhe que está enganado. Não há nenhum informante. Sor Jorah, diga-lhe. Atravessamos juntos o mar dothraki e o deserto vermelho... – Sentia o coração rodopiar como um pássaro apanhado numa armadilha. – Diga-lhe, Jorah. Diga-lhe como entendeu tudo errado.

– Que os Outros o carreguem, Selmy. – Sor Jorah atirou a espada no tapete. – *Khaleesi*, foi apenas no início, antes de começar a conhecê-la... antes de começar a amá...

– *Não diga essa palavra!* – afastou-se dele. – *Como pôde fazer isso?* O que o Usurpador lhe prometeu? Ouro, foi ouro? – os Imorredouros tinham dito que ela seria traída mais duas vezes, uma por ouro e outra por amor. – Diga-me o que lhe foi prometido!

– Varys disse... que eu poderia ir para casa. – Baixou a cabeça.

*Eu ia levá-lo para casa!* Os dragões pressentiram a sua fúria. Viserion rugiu e uma fumaça cinza subiu de seu focinho. Drogon bateu o ar com asas negras e Rhaegal torceu a cabeça para trás e arrotou uma chama. *Devia dizer a palavra e queimar os dois*. Não haveria ninguém em que pudesse confiar? Ninguém que a mantivesse em segurança?

– Serão todos os cavaleiros de Westeros tão falsos como vocês dois? Saiam, antes que os meus dragões assem ambos. Qual é o cheiro de mentiroso assado? Cheirará tão mal quanto os esgotos de Ben Mulato? Vão!

Sor Barristan levantou-se, hirto e lento. Pela primeira vez, pareceu ter a idade que tinha.

– Para onde devemos ir, Vossa Graça?

– Para o inferno, servir o Rei Robert. – Dany sentiu lágrimas quentes nas bochechas. Dragon gritou, brandindo a cauda de um lado para o outro. – Que os Outros os carreguem. – *Vão, vão embora para sempre, vocês dois, da próxima vez que vir suas caras cortarei essas suas cabeças de traidores*. Mas não conseguiu dizer tais palavras. *Eles me traíram. Mas me salvaram. Mas mentiram.* – Vão... – *Meu urso, meu feroz e forte urso, o que farei sem ele? E o velho, amigo de meu irmão.* – Vão... vão... – *Para onde?*

E então soube.

## TYRION

Tyrion vestiu-se na escuridão, escutando a respiração suave da esposa que vinha da cama que dividiam. *Ela sonha*, pensou, quando Sansa murmurou qualquer coisa em voz baixa – um nome, talvez, embora fosse tênue demais para ter certeza – e se virou para o lado. Como marido e mulher, dividiam uma cama de casados, mas era tudo. *Até as lágrimas guarda para si*.

Esperava angústia e ira quando lhe contou da morte do irmão, mas o rosto de Sansa permaneceu tão imóvel que por um momento temeu que ela não tivesse compreendido. Foi só mais tarde, com uma pesada porta de carvalho entre ambos, que a ouviu soluçar. Tyrion então pensou em ir até ela, para lhe oferecer o conforto que pudesse. *Não*, teve de lembrar a si mesmo, *ela não procurará consolo num Lannister*. O máximo que podia fazer era protegê-la dos detalhes mais feios do Casamento Vermelho que continuavam a chegar das Gêmeas. Tinha decidido que Sansa não precisava ouvir como o corpo do irmão havia sido cortado e mutilado; nem como o cadáver da mãe fora atirado nu ao Ramo Verde numa zombaria selvagem dos costumes funerários da Casa Tully. A última coisa de que a garota precisava era mais alimento para seus pesadelos.

Mas não era o bastante. Tinha enrolado seu manto em volta dos ombros dela e jurado protegê-la, mas isso era uma brincadeira tão cruel quanto a coroa que os Frey tinham colocado sobre a cabeça do lobo gigante de Robb Stark depois de a coserem ao seu cadáver decapitado. Sansa também sabia disso. O modo como o olhava, sua rigidez quando subia para a cama... quando estava com ela, nem por um instante conseguia se esquecer de quem era, e *do que* era. Tal como ela não esquecia. A garota continuava indo todas as noites ao bosque sagrado rezar, e Tyrion imaginava se estaria rezando pela sua morte. Ela tinha perdido o lar, o seu lugar no mundo, e todos aqueles que alguma vez amara ou em quem confiara. *O inverno está chegando*, avisava o lema

dos Stark, e realmente tinha chegado a eles com uma vingança. *Mas é o auge do verão para a Casa Lannister. Então por que sinto este maldito frio?*

Enfiou as botas, prendeu o manto com um broche de cabeça de leão e deslizou para o salão iluminado por archotes. Pelo menos havia uma vantagem no seu casamento; permitira-lhe fugir da Fortaleza de Maegor. Agora que tinha esposa e criados, o senhor seu pai concordara que necessitava de instalações mais adequadas, e Lorde Gyles viu-se abruptamente despojado de seus espaçosos aposentos no topo da Fortaleza das Cozinhas. E que magníficos aposentos eram, com um grande quarto de dormir e um aposento privado de tamanho adequado, uma sala de banhos e um quarto de vestir para a esposa, e pequenos quartos adjacentes para Pod e para as aias de Sansa. Até a cela de Bronn, perto da escada, tinha uma espécie de janela. *Bem, é mais uma fenda para arqueiros, mas deixa a luz entrar*. A cozinha principal do castelo ficava bem do outro lado do pátio, era verdade, mas Tyrion achava aqueles sons e cheiros infinitamente preferíveis a dividir Maegor com a irmã. Quanto menos tivesse de ver Cersei, mais chances havia de ser feliz.

Tyrion ouviu Brella roncando quando passou por sua cela. Shae queixava-se disso, mas parecia um preço bastante pequeno a pagar. Foi Varys quem lhe sugeriu a mulher; em outros tempos, ela tinha gerido a casa de Lorde Renly na cidade, o que tinha lhe dado bastante prática em ser cega, surda e muda.

Acendendo um círio, dirigiu-se à escada dos criados e desceu. Os andares abaixo daquele que habitava estavam em silêncio, e não ouviu outros passos além dos seus. Continuou descendo, passando pelo piso térreo e prosseguindo até emergir num porão sombrio com um teto abobadado de pedra. Boa parte do castelo estava interligada pelo subsolo, e a Fortaleza das Cozinhas não era exceção. Tyrion bamboleou-se por uma longa passagem escura até encontrar a porta que queria, empurrou-a e entrou.

Lá dentro, os crânios de dragão esperavam, e Shae também.

– Pensava que o senhor tinha se esquecido de mim. – O vestido dela encontrava-se pendurado em um dente negro quase tão alto quanto ela, e a moça estava em pé dentro das mandíbulas do dragão, nua. *Balerion*,

pensou Tyrion. Ou seria Vhagar? Um crânio de dragão parecia-se muito com os outros.

Só de vê-la já ficou duro.

– Saia daí.

– Não saio. – A moça sorriu seu sorriso mais malicioso. – O senhor vai me arrancar de dentro das mandíbulas do dragão, eu sei. – Mas quando ele se bamboleou para mais perto, ela debruçou-se para a frente e soprou o círio.

– Shae... – Ele estendeu a mão, mas ela rodopiou e escapou dele.

– Vai ter de me pegar. – A voz vinha da esquerda. – O senhor deve ter brincado de monstros e donzelas quando era pequeno.

– Está me chamando de monstro?

– Não mais do que a mim de donzela. – Estava atrás dele, com passos leves no chão. – Vai ter de me pegar mesmo assim.

E ele a pegou, finalmente, mas só porque ela deixou. Quando ela se enfiou para dentro de seu abraço, ele estava corado e sem fôlego de andar tropeçando em crânios de dragão. Tudo foi esquecido num instante quando sentiu os pequenos seios dela comprimidos contra o seu rosto, na escuridão, os pequenos mamilos rijos roçando levemente nos seus lábios e na cicatriz onde tivera o nariz. Tyrion puxou-a para baixo, para o chão.

– Meu gigante – ela ofegou quando a penetrou. – Meu gigante veio me salvar.

Mais tarde, enquanto jaziam abraçados entre os crânios de dragão, Tyrion apoiou nela a cabeça, inalando o cheiro suave e limpo de seus cabelos.

– Devíamos voltar – disse com relutância. – Deve ser quase alvorada. Sansa deve estar acordando.

– Devia dar vinho dos sonhos para ela – disse Shae – como a Senhora Tanda faz com Lollys. Uma taça antes de dormir, e podíamos foder na cama ao lado dela sem que acordasse. – Soltou um risinho. – Talvez devêssemos fazer isso uma noite dessas. O senhor ia gostar? – A mão dela encontrou o seu ombro e pôs-se a massagear seus músculos. – Seu pescoço está duro como pedra. O que o inquieta?

Tyrion não conseguia ver seus dedos em frente do rosto, mesmo assim usou-os para contar as suas aflições.

– A minha esposa. A minha irmã. O meu sobrinho. O meu pai. Os Tyrell. – Teve de passar para a outra mão. – Varys. Pycelle. O Mindinho. A Víbora Vermelha de Dorne. – Tinha chegado ao último dedo. – O rosto que me fita da água quando me lavo.

Shae beijou seu nariz mutilado e cheio de cicatrizes.

– Um rosto corajoso. Um rosto bondoso e amável. Queria poder vê-lo agora.

Sua voz tinha toda a doce inocência do mundo. *Inocência? Idiota, ela é uma puta, tudo o que conhece dos homens é o negócio que têm entre as pernas. Idiota, idiota*.

– Antes você do que eu. – Tyrion sentou-se. – Temos um longo dia à nossa frente, ambos. Não devia ter apagado aquele círio. Como vamos encontrar as roupas?

Ela riu.

– Talvez tenhamos de ir nus.

*E se formos vistos, o senhor meu pai a enforca*. Contratar Shae como uma das aias de Sansa tinha lhe dado uma desculpa para ser visto falando com ela, mas Tyrion não se iludia quanto à sua segurança. Varys prevenira-o.

– Eu dei a Shae uma história falsa, mas destinava-se a Lollys e à Senhora Tanda. Sua irmã tem uma mente mais desconfiada. Se me perguntar o que sei...

– Contará alguma mentira inteligente para ela.

– Não. Contarei que a garota é uma seguidora de acampamentos comum que você adquiriu antes da batalha do Ramo Verde e trouxe para Porto Real contra as ordens expressas do senhor seu pai. Não mentirei à rainha.

– Já mentiu antes para ela. Deverei dizer-lhe isso?

O eunuco suspirou.

– Isso corta mais profundamente do que uma faca, senhor. Servi-lhe com lealdade, mas tenho também de servir à sua irmã sempre que puder. Quanto tempo acha que ela me deixaria viver se deixasse de lhe ser útil? Não tenho nenhum feroz mercenário para me proteger, nenhum irmão valente para me vingar, tenho apenas alguns passarinhos que segredam aos meus ouvidos. Com esses segredos tenho de comprar de novo a vida todos os dias.

– Perdoe-me se não choro por você.

– Perdoarei, mas você deve me perdoar se não choro por Shae. Confesso que não compreendo o que há nela para fazer com que um homem inteligente como você aja tão tolamente.

– Poderia entender se não fosse um eunuco.

– Então é isso? Um homem pode ter miolos ou um pedaço de carne entre as pernas, mas as duas coisas não? – Varys abafou um risinho. – Então talvez deva me sentir grato por ter sido cortado.

*A Aranha tinha razão*. Tyrion tateou na escuridão assombrada por dragões à procura das roupas de baixo, sentindo-se infeliz. O risco que estava correndo deixava-o tenso como um tambor, e havia também culpa. *Que os Outros levem a minha culpa*, pensou enquanto enfiava a túnica pela cabeça. *Por que devo me sentir culpado? Minha esposa não quer nada de mim e rejeita muito em especial a parte que parece desejá-la*. Talvez devesse *contar* a ela sobre Shae. Não era o caso de ser o primeiro homem a ter uma concubina. O próprio oh-tão-honroso pai de Sansa lhe dera um irmão bastardo. Até onde sabia, sua esposa poderia ficar encantada por saber que ele andava fodendo Shae, desde que isso a poupasse de atenções que não desejava.

*Não, não me atrevo*. Com votos ou sem eles, sua esposa não era digna de confiança. Podia ser donzela entre as pernas, mas dificilmente inocente de traição; uma vez tinha despejado os planos do próprio pai nos ouvidos de Cersei. E as garotas de sua idade não eram conhecidas por manterem segredos.

O único caminho seguro era ver-se livre de Shae. *Podia mandá-la a Chataya*, refletiu Tyrion, relutantemente. No bordel de Chataya, Shae teria todas as sedas e pedras preciosas que poderia desejar e os mais gentis fregueses de elevado nascimento. Seria de longe uma vida melhor do que a que vivia quando a tinha encontrado.

Ou então, se estivesse cansada de ganhar o pão deitada, podia arranjar-lhe um casamento. *Bronn, talvez*? O mercenário nunca se recusara a comer do prato de seu senhor, e agora era um cavaleiro, podia almejar um partido melhor do que ela. *Ou Sor Tallad?* Tyrion vira-o mais do que uma vez fitando Shae com desejo. *Por que não? É alto, forte, não é difícil olhá-lo, da cabeça aos pés um jovem cavaleiro talentoso*. Claro, Tallad conhecia Shae apenas como a bonita aia de uma jovem senhora em

serviço no castelo. *Se se casasse com ela e depois ficasse sabendo que ela era uma prostituta...*

– Senhor, onde está? Os dragões comeram-no?

– Não. Estou aqui. – Apalpou um crânio de dragão. – Encontrei um sapato, mas acho que é seu.

– O senhor parece muito solene. Desagradei-o?

– Não – disse, com demasiada brusquidão. – Você me agrada sempre. – *E aí mora o perigo*. Podia sonhar em mandá-la embora em horas como aquela, mas isso nunca durava muito tempo. Tyrion via-a tenuemente no meio das trevas, puxando uma meia de lã por uma perna esguia. *Consigo ver*. Uma vaga luminosidade vazava pela fileira de longas janelas estreitas abertas bem alto na parede do porão. Os crânios dos dragões Targaryen emergiam da escuridão que os rodeava, negros em fundo cinza. – O dia chega cedo demais. – Um novo dia. Um novo ano. Um novo século. *Sobrevivi ao Ramo Verde e à Água Negra, posso perfeitamente sobreviver ao casamento do Rei Joffrey.*

Shae despendurou o vestido do dente do dragão e enfiou-o pela cabeça.

– Eu subo primeiro. Brella vai querer ajuda com a água do banho. – Debruçou-se para lhe dar um último beijo, na testa. – Meu gigante Lannister. Amo tanto você.

*E eu também a amo, querida*. Podia ser uma prostituta, mas merecia mais do que o que ele tinha para dar. *Vou casá-la com Sor Tallad. Ele parece ser um homem decente. E alto...*

## SANSA

F*oi um sonho tão bom*, pensou Sansa, sonolenta. Estava de volta a Winterfell, correndo pelo bosque sagrado com sua Lady. O pai estava lá, e os irmãos também, todos quentes e em segurança. *Se os sonhos pudessem se tornar realidade...*

Afastou os cobertores. *Tenho de ser brava*. Seus tormentos terminariam em breve, de um modo ou de outro. *Se Lady estivesse aqui, não teria medo*. Mas Lady estava morta; Robb, Bran, Rickon, Arya, o pai, a mãe, até a Septã Mordane. *Todos mortos, menos eu*. Agora estava sozinha no mundo.

O senhor seu esposo não estava ao seu lado, mas estava habituada a isso. Tyrion dormia mal, e frequentemente acordava antes do nascer do dia. Normalmente ia encontrá-lo no aposento privado, inclinado ao lado de uma vela, perdido num velho pergaminho qualquer ou num livro encadernado em couro. Às vezes o cheiro do pão da manhã que vinha dos fornos levava-o às cozinhas, e às vezes subia ao jardim do telhado, ou ia passear, sozinho, pelo Corredor do Traidor.

Abriu as venezianas e estremeceu quando o arrepio subiu por seus braços. Havia nuvens se acumulando no céu oriental, perfuradas por raios de sol. *Parecem dois enormes castelos flutuando no céu da manhã*. Sansa conseguia ver as muralhas de pedra arruinadas, suas poderosas fortalezas e barbacãs. Estandartes vaporosos rodopiavam no topo de suas torres e estendiam-se para as estrelas que se desvaneciam rapidamente. O sol erguia-se atrás deles, e viu-os passar de negro a cinza e a mil de tons de rosa, ouro e carmesim. Pouco depois o vento mesclou-os, e passou a haver apenas um castelo onde tinha havido dois.

Ouviu a porta se abrindo quando as aias trouxeram a água quente para o banho. Eram ambas novas ao seu serviço; Tyrion dizia que as mulheres que tomavam conta dela antes eram todas espiãs de Cersei, tal como Sansa sempre suspeitara.

– Venham ver – disse-lhes. – Há um castelo no céu.

Elas foram dar uma olhada.

– É feito de ouro. – Shae tinha cabelos escuros e curtos e olhos ousados. Fazia tudo o que lhe era pedido, mas às vezes dirigia a Sansa os mais insolentes dos olhares. – Um castelo todo feito de ouro, aí está uma coisa que eu gostaria de ver.

– Um castelo, é? – Brella tinha de semicerrar os olhos. – Aquela torre tá caindo, parece. É tudo ruínas, aquilo.

Sansa não queria ouvir falar de torres caindo e castelos arruinados. Fechou as venezianas e disse:

– Somos esperados no café da manhã da rainha. O senhor meu esposo está no aposento privado?

– Não, senhora – disse Brella. – Não o vi.

– Pode ser que tenha ido ver o pai – declarou Shae. – Talvez a Mão do Rei precise de seus conselhos.

Brella deu uma fungada.

– Senhora Sansa, talvez queira entrar na banheira antes que a água esfrie demais.

Sansa deixou que Shae puxasse sua camisa de dormir pela cabeça e entrou na grande banheira de madeira. Sentiu-se tentada a pedir uma taça de vinho, para lhe acalmar os nervos. O casamento estava marcado para o meio-dia no Grande Septo de Baelor, do outro lado da cidade. E, ao cair da noite, o banquete seria dado na sala do trono; mil convidados e setenta e sete pratos, com cantores, malabaristas e saltimbancos. Mas primeiro havia o café da manhã no Salão de Baile da Rainha, para os Lannister e os homens Tyrell – as mulheres Tyrell quebrariam o jejum com Margaery – e cento e tantos cavaleiros e fidalgos. *Fizeram de mim uma Lannister*, pensou Sansa com amargura.

Brella mandou Shae ir buscar mais água quente enquanto lavava as costas de Sansa.

– Está tremendo, senhora.

– A água não está quente o suficiente – mentiu Sansa.

As aias a vestiam quando Tyrion apareceu, com Podrick Payne a reboque.

– Está adorável, Sansa. – Virou-se para o escudeiro. – Pod, faça a gentileza de me servir uma taça de vinho.

– Vai haver vinho no café da manhã, senhor – disse Sansa.

– Há vinho aqui. Não espera certamente que enfrente a minha irmã sóbrio? É um novo século, senhora. O tricentésimo ano desde a Conquista de Aegon. – O anão pegou a taça de tinto que Podrick tinha lhe entregado e ergueu-a bem alto. – A Aegon. Que cara afortunado. Duas irmãs, duas esposas e três grandes dragões, o que mais pode um homem pedir? – limpou a boca com as costas da mão.

Sansa reparou que as roupas do Duende estavam sujas e em desalinho; parecia que tinha dormido vestido.

– Vai vestir roupa lavada, senhor? Seu gibão novo é muito bonito.

– O *gibão* é bonito, sim. – Tyrion pôs a taça de lado. – Ande, Pod, vamos ver se encontramos algum vestuário que me faça parecer menos anão. Não vou querer envergonhar a senhora minha esposa.

Quando o Duende retornou pouco depois, estava bastante apresentável, e até um pouco mais alto. Podrick Payne também tinha trocado de roupa, e por uma vez quase parecia um escudeiro como deve ser, embora uma espinha vermelha bastante grande que tinha no canto do nariz estragasse o efeito de seu magnífico traje púrpura, branco e dourado. *É um rapaz tão tímido*. A princípio, Sansa desconfiava do escudeiro de Tyrion; ele era um Payne, primo de Sor Ilyn Payne, que tinha cortado a cabeça do pai. No entanto, depressa percebeu que Pod tinha tanto medo dela como ela tinha do primo. Sempre que falava com ele, o rapaz ficava do mais alarmante tom de vermelho.

– Púrpura, dourado e branco são as cores da Casa Payne, Podrick? – perguntou-lhe polidamente.

– Não. Isto é, sim. – Corou. – As cores. Nossas armas são axadrezado de púrpura e branco, senhora. Com moedas de ouro. Nos quadrados. Púrpura e branco. Em ambos. – E estudou os pés dela.

– Há uma história por trás dessas moedas – disse Tyrion. – Sem dúvida Pod a confidenciará um dia aos seus dedos dos pés. Agora, porém, somos esperados no Salão de Baile da Rainha. Vamos?

Sansa sentiu-se tentada a pedir para não ir. *Podia lhe dizer que tenho um incômodo na barriga, ou que o sangue da lua chegou*. Nada desejava mais do que voltar a se enfiar na cama e puxar as cortinas. *Tenho de ser corajosa, como Robb*, disse a si mesma, ao dar rigidamente o braço ao senhor seu esposo.

No Salão de Baile da Rainha quebraram o jejum com bolinhos de mel assados com amoras silvestres e nozes, fatias de presunto defumado, iscas de peixe empanadas, bacon, peras de outono e um prato dornês de cebolas, queijo e fatias de ovo cozido com malaguetas.

– Nada como um café da manhã robusto para despertar o apetite para o banquete de setenta e sete pratos que se seguirá – comentou Tyrion enquanto os criados enchiam seus pratos. Havia jarros de leite, de hidromel e de um vinho dourado, leve e doce para empurrar a refeição para baixo. Músicos vagueavam por entre as mesas, com gaitas, flautas e rabecas, enquanto Sor Dontos galopava pela sala em seu cavalo de pau de vassoura e o Rapaz Lua fazia ruídos de peido com as bochechas e cantava canções rudes sobre os convidados.

Sansa reparou que Tyrion quase não tocou na comida, embora tivesse bebido várias taças de vinho. Quanto a si, experimentou um pouco dos ovos dorneses, mas as malaguetas queimaram sua boca. Além deles, limitou-se a beliscar a fruta, o peixe e os bolinhos de mel. Cada vez que Joffrey olhava para ela, sentia a barriga tão agitada que era como se tivesse engolido um morcego.

Depois de tirarem a mesa, a rainha presenteou solenemente Joffrey com o manto de esposa com que envolveria os ombros de Margaery.

– É o manto que eu usei quando Robert me tomou como sua rainha, o mesmo manto que a minha mãe, a Senhora Joanna, usou quando se casou com o senhor meu pai. – Sansa pensou que parecia puído, a bem da verdade, mas talvez fosse por ter sido tão usado.

Então chegou a hora dos presentes. Era tradição da Campina dar presentes à noiva e ao noivo na manhã de seu casamento; no dia seguinte receberiam mais presentes como casal, mas as prendas naquele dia eram para cada um individualmente.

De Jalabhar Xho, Joffrey recebeu um grande arco de madeira dourada e uma aljava cheia de longas flechas com penas verdes e escarlates; da Senhora Tanda, um par de botas flexíveis de montar; de Sor Kevan, uma magnífica sela para justas feita de couro vermelho; um broche de ouro vermelho, trabalhado em forma de escorpião, foi dado pelo dornês, o Príncipe Oberyn; recebeu esporas de prata de Sor Addam Marbrand; um pavilhão de torneio em seda vermelha foi o presente de Lorde Mathis Rowan. Lorde Paxter Redwyne apresentou uma bela maquete em madeira

da galé de guerra de duzentos remos que estava sendo construída naquele momento na Árvore.

– Se agradar a Vossa Graça, vai se chamar *Valor do Rei Joffrey* – disse ele, e Joff concedeu que estava muito agradado de fato.

– Farei dele meu navio almirante quando zarpar para Pedra do Dragão a fim de matar meu tio traidor, Stannis – disse.

*Ele hoje se faz de rei atencioso*. Sansa sabia que Joffrey podia ser galante quando lhe convinha, mas parecia convir-lhe cada vez menos. E de fato, toda a sua cortesia desapareceu de imediato quando Tyrion lhe entregou o seu presente: um enorme livro antigo intitulado *Vidas de quatro reis*, encadernado em couro e magnificamente recheado de iluminuras. O rei folheou-o sem qualquer interesse.

– E o que é isto, tio?

*Um livro*. Sansa perguntou a si mesma se Joffrey movia aqueles seus gordos lábios vermiformes quando lia.

– A história dos reinados de Daeron, o Jovem Dragão, Baelor, o Abençoado, Aegon, o Indigno, e Daeron, o Bom, escrita pelo Grande Meistre Kaeth – respondeu o seu pequeno esposo.

– Um livro que todo rei deveria ler, Vossa Graça – disse Sor Kevan.

– Meu pai não tinha tempo para livros. – Joffrey empurrou o presente para longe. – Se lesse menos, tio Duende, talvez a Senhora Sansa tivesse um bebê dentro dela a essa altura. – Riu... e quando o rei ri, a corte ri com ele. – Não fique triste, Sansa, depois de deixar a Rainha Margaery esperando um bebê, visitarei o seu quarto e mostrarei ao meu pequeno tio como se faz.

Sansa enrubesceu. Deu um relance nervoso a Tyrion, com medo do que ele poderia dizer. Aquilo podia se tornar tão feio como a ida para a cama no banquete deles. Mas, por uma vez, o anão encheu a boca com vinho em vez de palavras.

Lorde Mance Tyrell avançou para apresentar o seu presente: um cálice dourado de noventa centímetros de altura, com duas ornamentadas alças curvas e sete lados cintilando de pedras preciosas.

– Sete lados para os sete reinos de Vossa Graça – explicou o pai da noiva. Mostrou-lhes como cada lado ostentava o símbolo de uma das grandes casas: leão de rubi, rosa de esmeralda, veado de ônix, truta de prata, falcão de jade azul, sol de opala e lobo gigante de pérola.

– Uma taça magnífica – disse Joffrey –, mas parece-me que vamos ter de arrancar o lobo e pôr uma lula no seu lugar.

Sansa fingiu não ouvi-lo.

– Margaery e eu beberemos bastante no banquete, sogro. – Joffrey ergueu o cálice acima da cabeça, para que todos o admirassem.

– A maldita coisa é tão alta quanto eu – resmungou Tyrion em voz baixa. – Metade do cálice e Joff estará caindo de bêbado.

*Ótimo*, pensou ela. *Talvez quebre o pescoço*.

Lorde Tywin esperou até o fim para entregar ao rei o seu presente: uma espada longa. A bainha era feita de cerejeira, ouro e couro vermelho oleado, incrustado de cabeças de leão em ouro. Sansa viu que os leões tinham olhos de rubi. O salão de baile ficou em silêncio quando Joffrey desembainhou a espada e a ergueu acima da cabeça. Ondulações vermelhas e negras no aço cintilaram à luz da manhã.

– Magnífica – declarou Mathis Rowan.

– Uma espada digna de canções, senhor – disse Lorde Redwyne.

– A espada de um *rei* – disse Sor Kevan Lannister.

O Rei Joffrey estava tão animado que parecia querer matar alguém ali mesmo e naquele momento. Golpeou o ar e soltou uma gargalhada.

– Uma grande espada deve ter um grande nome, senhores! Como a chamarei?

Sansa lembrou-se de Dente de Leão, a espada que Arya tinha atirado no Tridente, e da Devoradora de Corações, aquela que ele a obrigara a beijar antes da batalha. Perguntou a si mesma se ele quereria que Margaery beijasse aquela.

Os convidados estavam gritando nomes para a nova arma. Joff rejeitou uma dúzia antes de ouvir um que lhe agradou.

– *Lamento da Viúva!* – gritou. – Sim! E ela irá criar muitas viúvas! – Voltou a golpear o ar. – E quando enfrentar o meu tio Stannis, quebrará a sua espada mágica em duas. – Joff experimentou um golpe vertical, forçando Sor Balon Swann a dar um apressado passo para trás. A expressão no rosto de Sor Balon fez ressoar gargalhadas no salão.

– Tenha cuidado, Vossa Graça – avisou Sor Addam Marbrand. – O aço valiriano é perigosamente afiado.

– Eu lembro. – Joffrey fez Lamento da Viúva cair, num violento golpe vertical com as duas mãos, sobre o livro que Tyrion tinha lhe dado. A

pesada capa de couro fendeu-se em duas. – Afiado! Eu disse a vocês, não sou estranho ao aço valiriano. – Precisou de meia dúzia de outros golpes para despedaçar o grosso volume, e o rapaz estava sem fôlego quando acabou. Sansa conseguia sentir o marido lutando contra a fúria enquanto Sor Osmund Kettleblack gritava:

– Rezo para que nunca vire esse perigoso gume contra mim, senhor.

– Trate de nunca me dar motivos, sor. – Joffrey deu um piparote com a ponta da espada num naco de *Vidas de quatro reis*, atirando-o para fora da mesa, e então enfiou a Lamento da Viúva de volta na bainha.

– Vossa Graça – disse Sor Garlan Tyrell. – Talvez não soubesse. Em todo o Westeros não havia mais de quatro cópias desse livro iluminadas pela própria mão de Kaeth.

– Agora há três. – Joffrey desafivelou seu velho cinto da espada para trocá-lo pelo novo. – Você e a Senhora Sansa devem-me um presente melhor, tio Duende. Este está feito em pedaços.

Tyrion estava encarando o sobrinho com seus olhos desiguais.

– Talvez uma faca, senhor. Para combinar com a sua espada. Um punhal do mesmo belo aço valiriano... digamos, com um cabo de osso de dragão?

Joff lançou-lhe um olhar penetrante.

– Você... sim, um punhal para combinar com a minha espada, ótimo. – Fez um aceno. – Um... um cabo de ouro com rubis. Osso de dragão é simples demais.

– Como quiser, Vossa Graça. – Tyrion bebeu outra taça de vinho. Julgando pela atenção que prestava a Sansa, bem podia estar sozinho em seu aposento privado. Mas quando chegou a hora de partir para o casamento, pegou-a pela mão.

Enquanto atravessavam o pátio, o Príncipe Oberyn de Dorne pôs-se ao lado deles, de braço dado com a amante de cabelos negros. Sansa deu um olhar de relance curioso à mulher. Era filha ilegítima, não era casada, e tinha dado duas filhas bastardas ao príncipe, mas não temia olhar nos olhos nem sequer a rainha. Shae tinha lhe dito que aquela Ellaria adorava uma deusa do amor lisena qualquer.

– Era quase uma prostituta quando ele a encontrou, senhora – confidenciara a aia – e agora é quase uma princesa. – Sansa nunca antes

tinha estado tão perto da dornesa. *Não é realmente bela*, pensou, *mas há alguma coisa nela que atrai o olhar*.

– Uma vez tive a grande sorte de contemplar a cópia de *Vidas de quatro reis* que há na Cidadela – o Príncipe Oberyn estava dizendo ao senhor seu esposo. – As iluminuras eram uma maravilha de se ver, mas Kaeth foi muito mais amável com o Rei Viserys do que devia.

Tyrion lançou-lhe um olhar penetrante.

– Muito amável? A meu ver, ele é vergonhosamente mesquinho com Viserys. Devia ter sido *Vidas de cinco reis*.

O príncipe riu.

– Viserys mal reinou por uma quinzena.

– Reinou durante mais de um ano – disse Tyrion.

Oberyn encolheu os ombros.

– Um ano ou uma quinzena, que importa? Envenenou o próprio sobrinho para conquistar o trono e, depois de tê-lo, não fez nada.

– Baelor matou-se de fome com jejuns – disse Tyrion. – O tio serviu-o lealmente como Mão, tal como tinha servido o Jovem Dragão antes dele. Viserys pode ter reinado apenas por um ano, mas governou por quinze, enquanto Daeron guerreava e Baelor rezava. – Fez uma expressão amarga. – E se realmente eliminou Baelor, pode culpá-lo? Alguém tinha de salvar o reino de suas loucuras.

Sansa estava chocada.

– Mas Baelor, o Abençoado, foi um grande rei. Percorreu descalço o Caminho do Espinhaço para fazer a paz com Dorne e salvou o Cavaleiro do Dragão de um fosso de serpentes. As víboras recusaram-se a atacá-lo por ele ser tão puro e santo.

O Príncipe Oberyn sorriu.

– Se fosse uma víbora, senhora, quereria morder uma vara sem sangue como Baelor, o Abençoado? Eu preferiria reservar as minhas presas para alguém mais suculento...

– O meu príncipe está brincando com você, Senhora Sansa – disse a mulher, Ellaria Sand. – Os septões e cantores gostam de dizer que as serpentes não morderam Baelor, mas a verdade é muito diferente. Ele foi mordido meia centena de vezes, e devia ter morrido disso.

– Se tivesse, Viserys teria reinado uma dúzia de anos – disse Tyrion – e os Sete Reinos poderiam ter ficado mais bem servidos. Há quem pense

que Baelor ficou demente por conta de todo aquele veneno.

– Sim – disse o Príncipe Oberyn –, mas não vi serpentes nesta sua Fortaleza Vermelha. Como explica Joffrey?

– Prefiro não explicar. – Tyrion inclinou rigidamente a cabeça. – Perdoe-nos. Nossa liteira nos aguarda. – O anão ajudou Sansa a subir e escalou desajeitadamente atrás dela. – Feche as cortinas, senhora, por gentileza.

– Precisamos, senhor? – Sansa não queria ficar fechada atrás das cortinas. – O dia está tão agradável.

– É provável que o bom povo de Porto Real atire bosta à liteira se me vir aqui dentro. Faça-nos uma gentileza, senhora. Feche as cortinas.

Ela fez o que lhe foi pedido. Seguiram em silêncio durante algum tempo, enquanto o ar ia se tornando quente e abafado em volta deles.

– Lamento por seu livro, senhor – ela obrigou-se a dizer.

– O livro era de Joffrey. Podia ter aprendido uma coisa ou outra se o tivesse lido. – Parecia distraído. – Eu devia ter sabido. Devia ter visto... uma porção de coisas.

– O punhal talvez lhe agrade mais.

Quando o anão fez uma careta, a cicatriz retesou-se e torceu-se.

– E não é que o rapaz arranjou uma maneira de ganhar um punhal? – felizmente Tyrion não esperou por sua resposta. – Joff discutiu com o seu irmão Robb em Winterfell. Diga-me, havia também maus sentimentos entre Bran e Sua Graça?

– Bran? – a pergunta confundiu-a. – Fala de antes da queda? – Teve de tentar se lembrar. Tudo se passara havia tanto tempo. – Bran era um doce garotinho. Todos gostavam dele. Lembro que ele e Tommen lutaram com espadas de madeira, mas só de brincadeira.

Tyrion caiu num silêncio taciturno. Sansa ouviu o distante tinir de correntes vindo do exterior; a porta levadiça estava sendo erguida. Um momento mais tarde ouviu-se um grito, e a liteira entrou em movimento com um solavanco. Privada do cenário que atravessavam, escolheu fitar as mãos dobradas, desconfortavelmente consciente dos olhos desiguais do marido. *Por que ele está me olhando dessa maneira?*

– Amava tanto os seus irmãos como eu amo Jaime.

*Será isso alguma armadilha Lannister para me levar a proferir traições?*

– Meus irmãos eram traidores, e partiram para sepulturas de traidores. É traição amar um traidor.

Seu pequeno esposo fungou.

– Robb levantou armas contra seu legítimo rei. Pela lei, isso fez dele um traidor. Os outros morreram novos demais para saber o que é a traição. – Esfregou o nariz. – Sansa, sabe o que aconteceu com Bran em Winterfell?

– Bran caiu. Andava sempre escalando coisas, e por fim caiu. Sempre tememos que isso acontecesse. E Theon Greyjoy matou-o, mas isso foi mais tarde.

– Theon Greyjoy. – Tyrion suspirou. – A senhora sua mãe acusou-me uma vez... bem, não vou enchê-la com os detalhes sórdidos. Acusou-me falsamente. Nunca fiz mal a seu irmão Bran. E não lhe quero nenhum mal.

*O que ele quer que eu diga?*

– É bom saber, senhor. – Ele queria algo dela, mas Sansa não sabia o que era. *Parece uma criança esfomeada, mas não tenho comida para lhe dar. Por que não me deixa em paz?*

Tyrion voltou a esfregar o nariz cheio de escaras e cicatrizes, um feio hábito que atraía o olhar para o seu feio rosto.

– Nunca me perguntou como Robb ou a senhora sua mãe morreram.

– Eu... prefiro não saber. Teria pesadelos.

– Então nada mais direi.

– Isso... isso é gentil de sua parte.

–Ah, sim – disse Tyrion. – Eu sou a própria alma da gentileza. E sei o que são pesadelos.

## TYRION

A nova coroa que o pai oferecera à Fé era duas vezes mais alta do que aquela que a multidão tinha esmagado, uma glória de cristal e fio de ouro. A luz do arco-íris refulgia e cintilava a cada vez que o Alto Septão movia a cabeça, mas Tyrion teve de perguntar a si mesmo como o homem conseguia suportar o peso. E até ele tinha de admitir que Joffrey e Margaery formavam um casal régio, ali em pé, lado a lado, entre as altas estátuas douradas do Pai e da Mãe.

A noiva estava adorável, vestida de seda em tom marfim e renda de Myr, com as saias decoradas com padrões florais realçados com pérola-semente. Como viúva de Renly, podia ter usado as cores Baratheon, ouro e negro, mas chegou como uma Tyrell, num manto de donzela composto por uma centena de rosas de pano de ouro cosidas ao veludo verde. Tyrion perguntou a si mesmo se ela seria realmente donzela. *Não que seja provável que Joffrey saiba a diferença.*

O rei estava quase tão magnífico quanto a noiva, com o seu gibão de um rosa opaco, sob um manto de veludo de um profundo tom de carmesim, decorado com o seu veado e leão. A coroa assentava com facilidade em seus caracóis, ouro sobre ouro. *Eu salvei aquela maldita coroa para ele*. Tyrion deslocou o peso desconfortavelmente de um pé para o outro. Não conseguia ficar quieto. *Vinho demais*. Devia ter pensado em se aliviar antes de saírem da Fortaleza Vermelha. A noite sem dormir que passara com Shae também estava se fazendo sentir, mas acima de tudo queria estrangular o maldito do seu real sobrinho.

*Não sou estranho ao aço valiriano*, vangloriara-se o rapaz. Os septões andavam sempre falando sobre o modo como o Pai no Céu nos julga a todos. *Se o Pai tivesse a bondade de derrubar e esmagar Joff como se fosse um besouro vira-bosta, eu até podia acreditar nisso.*

Devia ter percebido há muito tempo. Jaime nunca mandaria outro homem matar em seu nome, e Cersei era esperta demais para usar uma

faca cujo rastro poderia levar até si, mas Joff, o arrogante, perverso e estúpido canalha que era...

Recordou a manhã fria em que tinha descido os íngremes degraus exteriores da biblioteca de Winterfell e encontrou o Príncipe Joffrey gracejando com Cão de Caça sobre matar lobos. *Mandar um cão matar um lobo*, ele tinha dito. Contudo, nem mesmo Joff era tão tolo que ordenasse a Sandor Clegane que matasse um filho de Eddard Stark; Cão de Caça teria procurado Cersei. Em vez disso, o rapaz encontrou a sua ferramenta no duvidoso bando de cavaleiros livres, mercadores e seguidoras de acampamentos que se ligou à comitiva do rei à medida que esta seguia para o norte. *Um cretino purulento qualquer disposto a arriscar a vida em troca do favor de um príncipe e de algumas moedas*. Tyrion perguntou a si mesmo de quem teria sido a ideia de esperar até Robert partir de Winterfell para abrir a goela de Bran. *O mais certo é ter sido de Joff. Sem dúvida pensou que isso era o cúmulo da astúcia.*

Tyrion julgava recordar que a adaga do príncipe tinha o botão incrustado de joias e arabescos de ouro em relevo na lâmina. Pelo menos Joff não tinha sido suficientemente estúpido para usar essa. Em vez disso tinha metido o nariz nas armas do pai. Robert Baratheon era um homem de descuidada generosidade e teria dado ao filho qualquer punhal que ele desejasse... mas Tyrion acreditava que o rapaz o teria simplesmente pego. Robert chegou a Winterfell com uma grande comitiva de cavaleiros e serventes, uma enorme casa rolante e um comboio de bagagem. Sem dúvida que algum criado diligente teria se assegurado de que as armas do rei seguiam com ele, para o caso de desejar alguma.

A lâmina que Joff escolheu era boa e simples. Nada de trabalhos em ouro, nada de joias no cabo, nada de relevos de prata na lâmina. O Rei Robert nunca a usara, provavelmente tinha esquecido que lhe pertencia. Mas o aço valiriano era mortalmente afiado... suficientemente afiado para cortar pele, carne e músculo num golpe rápido. *Não sou estranho ao aço valiriano*. Mas tinha sido, não tinha? De outro modo nunca teria sido idiota a ponto de escolher a faca de Mindinho.

O *motivo* ainda lhe escapava. *Simples crueldade talvez?* O sobrinho tinha disso em abundância. Só com grande dificuldade Tyrion evitava vomitar todo o vinho que tinha bebido, urinar-se nos calções ou fazer ambas as coisas. Remexeu-se com desconforto. Devia ter segurado a

língua no café da manhã. *O rapaz agora sabe que eu sei. A minha grande boca será a minha morte, juro.*

Os sete votos foram feitos, as sete bênçãos invocadas e as sete promessas trocadas. Quando a canção nupcial foi cantada e o desafio passou sem resposta, chegou a hora da troca dos mantos. Tyrion deslocou o peso de uma perna deformada para a outra, tentando ver entre o pai e o tio Kevan. *Se os deuses forem justos, Joff vai estragar tudo isso*. Assegurou-se de não olhar para Sansa, para o caso de a amargura estar visível nos seus olhos. *Devia ter se ajoelhado, diabos. Teria sido assim tão difícil dobrar esses seus rígidos joelhos Stark, permitindo que eu mantivesse alguma dignidade?*

Mace Tyrell removeu ternamente o manto de donzela da filha, enquanto Joffrey recebia o manto de noiva, dobrado, das mãos do irmão Tommen e o sacudia com um floreado. O rei rapaz era tão alto aos treze anos quanto a sua noiva aos dezesseis; não precisaria subir nas costas de um bobo. Envolveu Margaery em carmesim e ouro e inclinou-se para lhe prender o manto em volta do pescoço. E foi com essa facilidade que ela passou da proteção do pai para a do marido. *Mas quem a protegerá de Joff?* Tyrion deu um olhar de relance ao Cavaleiro das Flores, que se encontrava junto dos outros membros da Guarda Real. *É melhor que mantenha a espada bem afiada, Sor Loras.*

– Com este beijo empenho o meu amor! – declarou Joffrey num tom retumbante. Quando Margaery ecoou as palavras, ele puxou-a para si e deu-lhe um longo e profundo beijo. Luzes arco-íris voltaram a dançar em volta da coroa do Alto Septão quando este declarou solenemente que Joffrey, das Casas Baratheon e Lannister, e Margaery, da Casa Tyrell, eram uma só carne, um só coração, uma só alma.

*Ótimo, terminado. Voltemos agora para o maldito castelo para que eu possa dar uma mijada*.

Sor Loras e Sor Meryn seguiram à frente da procissão que partiu do septo, trajando suas armaduras de escamas brancas e mantos de neve. Depois vinha o Príncipe Tommen, espalhando à frente do rei e da rainha pétalas de rosa que tirava de um cesto. Após o casal real seguiam a Rainha Cersei e Lorde Tyrell, atrás destes a mãe da rainha de braço dado com Lorde Tywin. Depois vinha a Rainha dos Espinhos, cambaleando com uma mão apoiada no braço de Sor Kevan Lannister e a outra em sua

bengala, trazendo os guardas gêmeos logo atrás, para o caso de cair. Depois vinha Sor Garlan Tyrell e a senhora sua esposa, e por fim era a vez deles.

– Senhora. – Tyrion ofereceu o braço a Sansa.

Ela aceitou-o obedientemente, mas o anão conseguia sentir a rigidez da garota enquanto caminhavam juntos pelo corredor. Não o olhou nem uma vez.

Ouviu-os em aclamações lá fora antes mesmo de chegar às portas. A multidão amava tanto Margaery que estava até disposta a voltar a amar Joffrey. Ela pertencera a Renly, o belo e jovem príncipe que os amava tanto que tinha voltado da sepultura para salvá-los. E a prodigalidade de Jardim de Cima chegara com ela, fluindo do sul pela estrada de rosas. Os palermas não pareciam lembrar-se de que foi Mace Tyrell quem *fechou* a estrada de rosas para começar, e quem gerou a maldita fome.

Saíram para o ar puro de outono.

– Temi que nunca conseguíssemos fugir – gracejou Tyrion.

Sansa não teve alternativa a olhá-lo.

– Eu... sim, senhor. É como diz. – Parecia triste. – Mas foi uma cerimônia tão bela.

*Tanto quanto a nossa não foi.*

– Foi longa, é o que tenho a dizer. Preciso voltar ao castelo para uma boa mijada. – Tyrion esfregou o que lhe restava de nariz. – Gostaria de ter inventado uma missão qualquer que me levasse para fora da cidade. O Mindinho é que foi esperto.

Joffrey e Margaery estavam rodeados pela Guarda Real no topo dos degraus que davam para a grande praça de mármore. Sor Addam e seus homens de manto dourado mantinham a multidão afastada, enquanto a estátua do Rei Baelor, o Abençoado, os fitava com benevolência. Tyrion não teve alternativa exceto juntar-se à fila, com os demais, para dar os parabéns ao casal. Beijou os dedos de Margaery e desejou-lhe todas as felicidades. Felizmente, havia outras pessoas atrás deles esperando sua vez, e não precisaram demorar muito tempo.

A liteira tinha ficado ao sol, e dentro fazia muito calor. Quando entraram em movimento, Tyrion reclinou-se sobre um cotovelo e Sansa sentou-se, de olhos fixos nas mãos. *Ela é tão bonita quanto a garota Tyrell*. Os cabelos eram de um rico ruivo outonal; os olhos, de um

profundo azul Tully. A mágoa tinha lhe dado um aspecto assombrado e vulnerável; isso a tornava ainda mais bela. Desejou chegar até ela, atravessar a armadura de sua cortesia. Teria sido isso que o fez falar? Ou só a necessidade de se distrair da bexiga cheia?

– Tenho andado pensando que, quando as estradas estiverem de novo seguras, podíamos fazer uma viagem a Rochedo Casterly. – *Para longe de Joffrey e da minha irmã*. Quanto mais pensava no que Joff tinha feito ao *Vidas dos quatro reis*, mais perturbado se sentia. *Havia uma mensagem ali, ah, sim*. – Adoraria mostrar-lhe a Galeria Dourada, a Boca do Leão e o Salão dos Heróis, onde Jaime e eu brincávamos quando crianças. Pode-se ouvir o trovão vindo de baixo, de onde o mar entra...

Ela levantou lentamente a cabeça. Sabia o que a garota estava vendo; a testa brutal e inchada, o toco em carne viva do nariz, a cicatriz cor-de-rosa e irregular e os olhos desiguais. Os olhos dela eram grandes, azuis e vazios.

– Irei aonde quer que o senhor meu esposo desejar.

– Esperava que pudesse agradá-la, senhora.

– Será do meu agrado agradar ao meu senhor.

A boca dele comprimiu-se. *Que homenzinho patético você é. Achava que tagarelar a respeito da Boca do Leão iria fazê-la sorrir? Quando foi que fez uma mulher sorrir sem ser por ouro?*

– Não, foi uma ideia tola. Só um Lannister pode amar o Rochedo.

– Sim, senhor. Como desejar.

Tyrion ouvia os plebeus gritarem o nome do Rei Joffrey. *Daqui a três anos esse rapaz cruel será um homem e governará sozinho... e qualquer anão com metade dos miolos funcionando estará muito longe de Porto Real*. Talvez em Vilavelha. Ou até nas Cidades Livres. Sempre desejou muito ver o Titã de Bravos. *Isso talvez agradasse a Sansa*. Em tom gentil, falou de Bravos, e encontrou uma muralha de taciturna cortesia tão gelada e inflexível como a Muralha por onde caminhara uma vez no norte. Isso o deixou fatigado. Naquela ocasião e agora.

Passaram o resto da viagem em silêncio. Após algum tempo, Tyrion viu-se esperando que Sansa dissesse alguma coisa, fosse o que fosse, a mais insignificante das palavras, mas ela não falou. Quando a liteira parou no pátio do castelo, permitiu que um dos palafreneiros a ajudasse a descer.

– Somos esperados no banquete dentro de uma hora, senhora. Irei encontrá-la em breve. – Afastou-se sobre pernas duras. Ouviu as gargalhadas sem fôlego de Margaery do outro lado do pátio enquanto Joffrey a tirava da sela. *Um dia o rapaz será tão alto e forte quanto Jaime*, pensou. *E eu continuarei a ser um anão debaixo de seus pés. E um dia é bem capaz de me deixar ainda mais curto...*

Descobriu uma latrina e suspirou, grato, enquanto se aliviava do vinho da manhã. Havia momentos em que uma mijada era tão boa quanto uma mulher, e aquele era um deles. Gostaria de conseguir se aliviar das dúvidas e das culpas com metade daquela facilidade.

Podrick Payne esperava-o à porta de seus aposentos.

– Preparei o seu gibão novo. Aqui não. Na sua cama. No quarto.

– Sim, é lá que fica a cama. – Sansa devia estar lá, vestindo-se para o banquete. *E Shae também*. – Vinho, Pod.

Tyrion bebeu-o no banco que ficava ao lado da janela, matutando enquanto observava o caos das cozinhas lá embaixo. O sol ainda não tinha tocado o topo da muralha do castelo, mas já sentia o cheiro de pães e de carnes assando. Os convidados começariam em breve a entrar em torrente na sala do trono, cheios de expectativa; aquela seria uma noite de canções e esplendor, planejada não só para unir Jardim de Cima e Rochedo Casterly, mas também para proclamar poderio e riqueza, como lição para todos os que pudessem ainda pensar em se opor ao domínio de Joffrey.

Mas quem seria suficientemente louco para se opor agora ao domínio de Joffrey, depois daquilo que sucedera com Stannis Baratheon e Robb Stark? Ainda se lutava nas terras fluviais, mas por todos os lados os nós se apertavam. Sor Gregor Clegane tinha atravessado o Tridente e capturado o vau rubi, para em seguida tomar Harrenhal quase sem esforço. Guardamar rendeu-se ao Walder Negro Frey, Lorde Randyll Tarly dominava Lagoa da Donzela, Valdocaso e a estrada do rei. No ocidente, Sor Daven Lannister uniu-se a Sor Forley Prester no Dente Dourado para marchar sobre Correrrio. Sor Ryman Frey descia das Gêmeas à frente de dois mil lanceiros para se juntar a eles. E Paxter Redwyne dizia que a sua frota zarparia em breve da Árvore, a fim de dar início à longa viagem em volta de Dorne e através dos Degraus. Os piratas lisenos de Stannis ficariam numa inferioridade numérica de dez

para um. A luta que os meistres andavam chamando de Guerra dos Cinco Reis estava praticamente no fim. Mace Tyrell foi ouvido se queixando de que Lorde Tywin não tinha deixado vitórias para ele.

– Senhor? – Pod encontrava-se ao seu lado. – Irá trocar de roupa? Preparei o gibão. Na sua cama. Para o banquete.

– Banquete? – disse Tyrion, ácido. – Que banquete?

– O banquete de casamento. – Pod não entendeu o sarcasmo, claro. – O Rei Joffrey e a Senhora Margaery. Rainha Margaery, quer dizer.

Tyrion decidiu ficar muito, muito bêbado naquela noite.

– Muito bem, jovem Podrick, vamos lá me deixar festivo.

Shae estava ajudando Sansa com os cabelos quando entraram no quarto. *Alegria e dor*, pensou o anão quando as contemplou juntas. *Riso e lágrimas*. Sansa usava um vestido de cetim prateado debruado com veiro, com mangas pendentes que quase tocavam o chão, forradas de suave feltro roxo. Shae tinha arrumado os cabelos artisticamente em uma delicada rede de prata que reluzia com pedras preciosas de um tom escuro de púrpura. Tyrion nunca a vira mais adorável, mas ostentava a mágoa naquelas longas mangas de cetim.

– Senhora Sansa – disse-lhe –, esta noite será a mais bela senhora no salão.

– O senhor é bondoso demais.

– Senhora – disse Shae em tom desejoso. – Eu não poderia ir servir às mesas? Quero tanto ver os pombos saírem voando da torta.

Sansa olhou-a com incerteza.

– A rainha escolheu todos os criados.

– E o salão estará muito cheio de gente. – Tyrion teve de reprimir o aborrecimento. – Mas haverá músicos por todo o castelo, e mesas no pátio exterior com comida e bebida para todos. – Inspecionou o seu gibão novo, de veludo carmesim com ombros almofadados e mangas bufantes com cortes que mostravam o cetim negro que tinham por baixo. *Um belo traje. Tudo o que precisa é de um belo homem para vesti-lo*. – Venha, Pod, ajude-me a entrar nisto.

Bebeu outra taça de vinho enquanto se vestia, e então tomou a esposa pelo braço e acompanhou-a para fora da Fortaleza das Cozinhas, a fim de se juntarem ao rio de seda, cetim e veludo que fluía para a sala do trono. Alguns convidados já tinham ocupado seus lugares nos bancos. Outros

zanzavam diante das portas, aproveitando o calor fora de época da tarde. Tyrion desfilou com Sansa em volta do pátio, a fim de cumprir as cortesias da praxe.

*Ela é boa nisso*, pensou, enquanto a observava dizer ao Lorde Gyles que sua tosse parecia melhor, elogiar Elinor Tyrell pelo vestido e interrogar Jalabhar Xho acerca dos costumes nupciais das Ilhas do Verão. O primo de Tyrion, Sor Lancel, havia sido trazido para baixo por Sor Kevan, era a primeira vez que deixava a cama desde a batalha. *Tem um aspecto horrível*. Os cabelos de Lancel tinham se tornado brancos e quebradiços, e ele estava magro como um espeto. Se não tivesse o pai ao seu lado para mantê-lo em pé, certamente teria tombado no chão. Mas quando Sansa elogiou sua bravura e disse como era bom vê-lo ganhando forças de novo, tanto Lancel como Sor Kevan resplandeceram. *Ela teria sido uma boa rainha e uma esposa ainda melhor para Joffrey se ele tivesse tido o bom-senso de amá-la*. Perguntou a si mesmo se o sobrinho seria capaz de amar alguém.

– Seu visual está muito requintado, filha – disse a Senhora Olenna Tyrell a Sansa quando se aproximou deles em seu passo titubeante, trajando um vestido de pano de ouro que devia pesar mais do que ela. – Mas o vento desmanchou seus cabelos. – A pequena velha esticou-se e ocupou-se com as madeixas soltas, voltando a colocá-las no lugar e endireitando a rede para cabelo de Sansa. – Fiquei muito triste quando soube de suas perdas – disse enquanto remexia e repuxava. – Seu irmão era um horrível traidor, eu sei, mas se começarmos a matar homens em bodas, eles ficarão com ainda mais medo do casamento do que já têm. Pronto, assim está melhor. – A Senhora Olenna sorriu. – Tenho o prazer de dizer que parto para Jardim de Cima depois de amanhã. Já estou por aqui desta cidade malcheirosa, muito obrigada. Talvez queira me acompanhar para uma pequena visita, enquanto os homens estão longe entretidos com a guerra deles? Vou sentir uma falta tão terrível de minha Margaery, e de todas as suas adoráveis senhoras. Sua companhia seria um conforto tão querido.

– É gentil demais, senhora – disse Sansa –, mas o meu lugar é junto do senhor meu esposo.

A Senhora Olenna concedeu a Tyrion um sorriso enrugado e desdentado.

– Oh? Perdoe uma velha tonta, senhor, não pretendi roubar a sua adorável esposa de você. Assumi que estaria longe, liderando uma tropa Lannister contra um inimigo malvado qualquer.

– Uma tropa de dragões e veados. O mestre da moeda tem de permanecer na corte para garantir que todos os exércitos sejam pagos.

– Com certeza. Dragões e veados, é muito inteligente. E também a moeda do anão. Já ouvi falar dessa moeda do anão. Sem dúvida que coletá-la é uma ocupação *tão* desagradável.

– Deixo a outros a coleta, senhora.

– Ah, deixa? Eu pensava que gostaria de tratar disso em pessoa. Não podemos admitir que a Coroa seja espoliada de sua moeda do anão. Podemos?

– Que os deuses não o permitam. – Tyrion começava a perguntar a si mesmo se Lorde Luthor Tyrell não teria cavalgado falésia abaixo intencionalmente. – Se nos perdoar, Senhora Olenna, é hora de ocuparmos nosso lugar.

– E eu também. Setenta e sete pratos, certamente. Não acha que isso é um pouco *excessivo*, senhor? Eu não comerei mais do que três ou quatro garfadas, mas nós dois somos muito pequenos, não somos? – voltou a dar palmadinhas nos cabelos de Sansa e disse: – Bem, vá lá, filha, e tente se mostrar mais alegre. Onde se meteram os meus guardas? Esquerdo, Direito, onde estão? Venham me ajudar a subir para o estrado.

Embora o anoitecer ainda estivesse a uma hora de distância, a sala do trono já estava um esplendor de luz, com tochas ardendo em todas as arandelas. Os convidados alinhavam-se, em pé, ao longo das mesas, enquanto arautos gritavam nome e títulos dos senhores e senhoras que faziam sua entrada. Pajens com a libré real escoltavam-nos pelo largo corredor central. A galeria encontrava-se repleta de músicos; tambores, flautistas e rabequeiros, corda, sopro e percussão.

Tyrion pegou no braço de Sansa e fez a caminhada num passo pesado e bamboleante. Sentia os olhos postos nele, espiando a nova cicatriz que o tinha deixado ainda mais feio do que já era. *Que olhem*, pensou enquanto saltava para a cadeira. *Que me encarem e que murmurem até se fartarem, não me esconderei por causa deles*. A Rainha dos Espinhos seguiu-o, avançando com passinhos minúsculos. Tyrion perguntou a si mesmo qual

dos dois pareceria mais absurdo, ele com Sansa ou a mulherzinha encarquilhada entre seus guardas gêmeos de dois metros e dez de altura.

Joffrey e Margaery entraram na sala do trono montados em cavalos brancos combinando. Pajens corriam à frente deles, espalhando pétalas de rosa sob os cascos. O rei e a rainha também tinham se trocado para o banquete. Joffrey usava calções com listras negras e carmesim e um gibão de pano de ouro com mangas de cetim negro e rebites de ônix. Margaery trocou o vestido recatado que tinha usado no septo por outro muito mais revelador, um traje de samito verde-claro com um corpete em renda miúda que lhe desnudava os ombros e a parte superior de seus pequenos seios. Soltos, os suaves cabelos castanhos caíam sobre seus ombros brancos e desciam pelas costas quase até a cintura. Na testa trazia uma esguia coroa de ouro. Seu sorriso era tímido e doce. *Uma garota adorável*, pensou Tyrion, *e um destino mais gentil do que o que o meu sobrinho merece.*

A Guarda Real escoltou-os até o estrado, até os lugares de honra à sombra do Trono de Ferro, envolto para a ocasião em longas flâmulas do dourado Baratheon, do carmesim Lannister e do verde Tyrell. Cersei abraçou Margaery e beijou suas bochechas. Lorde Tywin fez o mesmo, e o mesmo fizeram Lancel e Sor Kevan. Joffrey recebeu beijos de carinho do pai da noiva e de seus dois novos irmãos, Loras e Garlan. Ninguém pareceu muito ansioso por beijar Tyrion. Depois do rei e da rainha ocuparem seus lugares, o Alto Septão levantou-se para comandar uma prece. *Pelo menos não é tão monótono quanto o último*, pensou Tyrion, consolando-se.

Ele e Sansa tinham sido postos em lugares distantes à direita do rei, ao lado de Sor Garlan Tyrell e de sua esposa, a Senhora Leonette. Havia uma dúzia de outros convivas sentados mais perto de Joffrey, o que um homem mais suscetível teria tomado como uma afronta, dado ter sido Mão do Rei não muito tempo antes. Tyrion teria se sentido contente se esses convivas tivessem sido cem.

– Que as taças sejam enchidas! – proclamou Joffrey, depois que os deuses receberam o que lhes era devido. Seu copeiro despejou um jarro inteiro de escuro tinto da Árvore no cálice nupcial de ouro que Lorde Tyrell lhe dera naquela manhã. O rei teve de usar ambas as mãos para erguê-lo. – *À minha esposa, a rainha!*

– *Margaery!* – gritou o salão em resposta. – *Margaery! Margaery! À rainha!* – Mil taças retiniram umas nas outras e o banquete nupcial teve o seu verdadeiro início. Tyrion Lannister bebeu com os outros, esvaziando a taça naquele primeiro brinde e fazendo sinal para que voltassem a enchê-la assim que se sentou de novo.

O primeiro prato era uma sopa cremosa de cogumelos e caracóis na manteiga, servida em tigelas douradas. Tyrion quase não tocara no café da manhã, e o vinho já tinha lhe subido à cabeça, por isso a comida era bem-vinda. Terminou depressa. *Um já era, faltam setenta e seis. Setenta e sete pratos, enquanto ainda há crianças passando fome nesta cidade, e homens capazes de matar por um rabanete. Poderiam amar bem menos os Tyrell se nos vissem agora.*

Sansa provou uma colherada de sopa e afastou a tigela.

– Não lhe agrada, senhora? – perguntou Tyrion.

– Haverá tanta coisa, senhor. Tenho uma barriga pequena. – Remexeu nervosamente nos cabelos e olhou ao longo da mesa para onde Joffrey se encontrava com a sua rainha Tyrell.

*Será que desejaria estar no lugar de Margaery?* Tyrion franziu a testa. *Até uma criança devia ter mais juízo*. Afastou os olhos, procurando uma distração, mas para onde quer que olhasse via mulheres; boas, lindas, felizes e belas mulheres que pertenciam a outros homens. Margaery, claro, sorria com doçura enquanto partilhava com Joffrey uma bebida vinda do cálice de sete lados. Sua mãe, a Senhora Alerie, grisalha e bonita, ainda orgulhosa ao lado de Mace Tyrell. As três jovens primas da rainha, vivas como passarinhos. A esposa myresa de Lorde Merryweather, com seus cabelos negros e seus grandes olhos, negros e provocantes. Ellaria Sand entre os dorneses (Cersei colocara-os numa mesa só para eles, logo abaixo do estrado, num lugar de grande honra, mas tão longe dos Tyrell quanto a largura do salão permitia), rindo de qualquer coisa que a Víbora Vermelha havia lhe dito.

E havia uma mulher, sentada quase na ponta da terceira mesa da esquerda... a esposa de um dos Fossoway, achava ele, e bem grávida do filho dele. Sua delicada beleza não era em nada diminuída pela barriga, e o prazer que obtinha da comida e dos divertimentos também não. Tyrion observou-a enquanto o marido lhe oferecia pedacinhos de seu prato. Bebiam da mesma taça e beijavam-se com frequência e

imprevisivelmente. Sempre que o faziam, a mão dele pousava com gentileza no estômago dela, num gesto terno e protetor.

Perguntou a si mesmo o que Sansa faria se ele se debruçasse e a beijasse naquele exato momento. *O mais certo seria recuar*. Ou armar-se de coragem e aguentar, cumprindo o seu dever. *Não se pode dizer que esta minha esposa não seja cumpridora de seu dever*. Se lhe dissesse que queria romper sua virgindade esta noite, ela aguentaria isso obedientemente e não choraria mais do que tivesse de chorar.

Pediu mais vinho. Quando o obteve, o segundo prato estava sendo servido, uma fôrma feita de massa de torta e cheia de carne de porco, pinhões e ovos. Sansa não comeu mais do que uma de suas garfadas, enquanto os arautos anunciavam o primeiro dos sete cantores.

Hamish, o Harpista, de barba grisalha, anunciou que iria tocar "pros ouvidos de deuses e homens uma canção nunca antes ouvida em todos os Sete Reinos". Chamou-a de "A cavalgada de Lorde Renly".

Os dedos do homem moveram-se pelas cordas da harpa vertical, enchendo a sala do trono com um som doce.

– *Do seu trono de ossos o Senhor da Morte olhou o lorde assassinado* – começou Hamish, e prosseguiu contando o modo como Renly, arrependendo-se de sua tentativa de usurpar a coroa do sobrinho, tinha desafiado o próprio Senhor da Morte e regressado à terra dos vivos para defender o reino contra o irmão.

*E foi por isso que o pobre Symon acabou numa tigela de castanho*, refletiu Tyrion. A Rainha Margaery lacrimejou no fim, quando a sombra do bravo Lorde Renly voou até Jardim de Cima para olhar uma última vez o rosto de seu verdadeiro amor.

– Renly Baratheon nunca se arrependeu de nada na vida – disse o Duende a Sansa –, mas se é para arriscar alguma coisa, diria que Hamish acabou de ganhar um alaúde dourado.

O Harpista também lhes ofereceu várias canções mais familiares. "Uma rosa de ouro" era para os Tyrell, sem dúvida, assim como "As chuvas de Castamere" se destinava a lisonjear o pai de Tyrion. "Donzela, mãe e velha" deliciou o Alto Septão, e "A senhora minha esposa" agradou a todas as mocinhas com romance no coração, e, sem dúvida, a alguns dos rapazinhos também. Tyrion escutou com meio ouvido, enquanto provava bolinhos fritos de milho doce e pão de aveia quente

com pedaços de tâmara, maçã e laranja e roía a costela de um javali selvagem.

Daí em diante, os pratos e diversões sucederam-se uns aos outros numa profusão desconcertante, boiando numa enchente de vinho e cerveja. Hamish deixou-os, e o seu lugar foi ocupado por um urso razoavelmente pequeno e idoso, que dançou desajeitadamente ao som de flautas e tambores, enquanto os convidados da boda comiam truta com uma crosta de purê de amêndoas. O Rapaz Lua subiu nas pernas de pau e começou a caminhar imponentemente em volta das mesas, perseguindo o Abetouro, o bobo ridiculamente gordo de Lorde Tyrell, e os senhores e as senhoras provaram garças assadas e empadões de queijo e cebolas. Uma trupe de malabaristas de Pentos executou estrelas e mortais, equilibrou bandejas nos pés descalços e formou uma pirâmide, apoiando-se nos ombros uns dos outros. Seus feitos foram acompanhados por caranguejos cozidos com ardentes especiarias orientais, tabuleiros cheios de nacos de carneiro guisado em leite de amêndoa com cenouras, passas e cebolas, e tortas de peixe recém-saídas dos fornos, servidas tão quentes que queimavam os dedos.

Então os arautos chamaram outro cantor; Collio Quaynis de Tyrosh, cuja barba ostentava um tom vermelho-alaranjado e cujo sotaque era tão ridículo como Symon garantira que seria. Collio começou com a sua versão de "A dança dos dragões", que era mais adequada como canção para dois cantores, um homem e uma mulher. Tyrion suportou-a com a dupla ajuda de uma perdiz com mel e gengibre e de várias taças de vinho. Uma balada insinuante sobre um casal de amantes moribundos no meio da Destruição de Valíria poderia ter agradado mais ao salão se Collio não a tivesse cantado em alto valiriano, língua que a maior parte dos convidados desconhecia. Mas "Bessa, a criada de bar" reconquistou-os com a sua letra libertina. Foram servidos pavões na sua plumagem, assados inteiros e recheados de tâmaras, enquanto Collio chamava um tambor, fazia uma profunda reverência perante Lorde Tywin e se lançava em "As chuvas de Castamere".

*Se me obrigarem a ouvir sete versões daquilo, pode ser que desça à Baixada das Pulgas para pedir desculpas ao guisado*. Tyrion virou-se para a esposa.

– Então, qual preferiu?

Sansa olhou-o, pestanejando.

– Senhor?

– Os cantores. Qual preferiu?

– Eu... lamento, senhor. Não estava ouvindo.

E também não estava comendo.

– Sansa, há alguma coisa errada? – falou sem pensar, e sentiu-se instantaneamente idiota. *Toda a família dela foi massacrada e está casada comigo, e eu não sei o que há de errado.*

– Não, senhor. – Afastou os olhos dele e fingiu um interesse pouco convincente no Rapaz Lua, que enchia Sor Dontos de tâmaras.

Quatro mestres piromantes conjuraram feras de chamas vivas para se atacarem umas às outras com garras ardentes enquanto os criados carregavam para o salão tigelas de blandissório, uma mistura de caldo de carne com vinho fervido adoçado com mel e salpicado de amêndoas descascadas e pedaços de capão. Então veio um grupo de flautistas ambulantes, cães amestrados e engolidores de espadas, com ervilhas na manteiga, nozes fatiadas e lascas de cisne escaldado num molho de açafrão e pêssegos.

– Cisne outra vez, não – resmungou Tyrion, lembrando-se do jantar com a irmã na véspera da batalha.

Um malabarista manteve meia dúzia de espadas e machados rodopiando no ar enquanto espetos de morcela eram trazidos ainda chiando para as mesas, uma justaposição que Tyrion achou bastante esperta, embora talvez não do melhor dos gostos.

Os arautos sopraram as suas trombetas.

– Para cantar pelo alaúde dourado – gritou um deles – apresentamos Galyeon de Cuy.

Galyeon era um grande homem, com o peito em forma de barril, barba negra, cabeça calva e uma voz trovejante que enchia cada canto da sala do trono. Trouxe nada menos que seis músicos para tocar para ele.

– Nobres senhores e belas senhoras, não cantarei mais do que uma canção para vocês esta noite – anunciou. – É a canção da Água Negra e de como um reino foi salvo. – O tambor começou num ritmo lento e agourento.

– *O negro lorde cismou, no topo de sua torre* – começou Galyeon – *num castelo tão negro como a noite*.

– *Negro eram seus cabelos e negra a sua alma* – entoaram os músicos em uníssono. Uma flauta juntou-se à melodia.

– *Alimentava-se de sangue e inveja, e enchia a taça até transbordar de rancor* – cantou Galyeon. – *Meu irmão governou sete reinos, disse à bruxa da esposa. Tomarei o que era seu e vou torná-lo meu. Que o seu filho sinta o gume de minha adaga.*

– *Um jovem bravo com cabelos de ouro* – entoaram os músicos, enquanto uma harpa de mão e uma rabeca começavam a tocar.

– Se algum dia voltar a ser Mão, a primeira coisa que faço é enforcar todos os cantores – disse Tyrion, alto demais.

A Senhora Leonette soltou uma leve gargalhada ao seu lado, e Sor Garlan debruçou-se para dizer:

– Um feito valente que não for cantado não será menos valente.

– *O lorde negro reuniu as legiões, rodearam-no como corvos fazendo-o feliz. E sedentos de sangue embarcaram nos navios...*

– ... e do pobre Tyrion cortaram o nariz – concluiu Tyrion.

A Senhora Leonette soltou um risinho.

– Talvez devesse ser um cantor, senhor. Rima tão bem quanto este Galyeon.

– Não, senhora – disse Sor Garlan. – O senhor de Lannister está destinado a realizar grandes feitos, não a cantar a respeito deles. Se não fosse a sua corrente e o seu fogovivo, o inimigo teria atravessado o rio. E se os selvagens de Tyrion não tivessem matado a maior parte dos batedores de Lorde Stannis, nunca teríamos sido capazes de pegá-los desprevenidos.

Aquelas palavras fizeram com que Tyrion se sentisse absurdamente grato, e ajudaram a apaziguá-lo enquanto Galyeon cantava intermináveis versos sobre o valor do rei rapaz e de sua mãe, a rainha dourada.

– Ela não fez isso – exclamou Sansa de repente.

– Nunca acredite em nada que ouça numa canção, senhora. – Tyrion chamou um criado para voltar a encher de vinho suas taças.

Já era noite cerrada do lado de fora das grandes janelas, e Galyeon continuava a cantar. Sua canção tinha setenta e sete versos, embora parecesse ter mil. *Um para cada conviva presente no salão*. Tyrion aguentou os últimos vinte e tantos bebendo, para ajudar a resistir à vontade de enfiar cogumelos nos ouvidos. Quando o cantor finalmente

fez as suas vênias, alguns dos convidados estavam suficientemente bêbados para começar a apresentar seus próprios divertimentos involuntários. O Grande Meistre Pycelle adormeceu, enquanto dançarinos das Ilhas do Verão giravam e rodopiavam com vestimentas feitas de penas brilhantes e seda esfumaçada. Medalhões de alce recheados com queijo mofado maduro estavam sendo servidos quando um dos cavaleiros de Lorde Rowan apunhalou um dornês. Os homens de manto dourado arrastaram ambos para fora da sala, um para apodrecer numa cela e o outro para ser cosido pelo Meistre Ballabar.

Tyrion brincava com o bolo de carne de porco cozido em leite e temperado com canela, cravo, açúcar e leite de amêndoa, quando o Rei Joffrey se levantou subitamente.

– *Tragam os meus reais cavaleiros!* – gritou, numa voz pesada de vinho, batendo as mãos.

*Meu sobrinho está mais bêbado do que eu*, pensou Tyrion enquanto os homens de manto dourado abriam as grandes portas no fundo do salão. Do local em que se encontrava sentado só conseguia ver o topo de duas lanças listradas quando dois homens a cavalo entraram lado a lado. Uma onda de gargalhadas seguiu-os pelo corredor central, na direção do rei. *Devem vir montados em pôneis*, concluiu... até surgirem à sua vista.

Os cavaleiros eram um par de anões. Um montava um feio cão cinzento, de pernas longas e maxilas pesadas. O outro montava uma imensa porca malhada. Armaduras de madeira pintada chocalhavam e estalavam enquanto os pequenos cavaleiros eram sacudidos para cima e para baixo em suas celas. Os escudos eram maiores do que eles e lutavam intrepidamente com as lanças enquanto avançavam, balançando de um lado para o outro e trazendo à tona rajadas de humor. Um cavaleiro vinha todo de dourado, com um veado negro pintado no escudo; o outro usava cinza e branco e trazia como símbolo um lobo. As montarias vinham albardadas da mesma forma.

Tyrion relanceou pelo estrado, para todos os rostos sorridentes. Joffrey estava vermelho e sem fôlego, Tommen gritava, aos saltos na cadeira, Cersei soltava risinhos polidos, e até Lorde Tywin parecia moderadamente estar se divertindo. De todos os que estavam sentados à mesa elevada, só Sansa Stark não sorria. Poderia tê-la amado por isso, mas na verdade os olhos da garota Stark encontravam-se longe, como se

nem sequer tivesse visto os ridículos cavaleiros saltitando em sua direção.

*Os anões não têm culpa*, decidiu Tyrion. *Quando terminarem, vou elogiá-los e dar uma gorda bolsa de prata a eles. E ao chegar a manhã, descobrirei quem planejou esta pequena diversão e tratarei de arranjar uma forma diferente de agradecer.*

Quando os anões frearam as montarias sob o estrado para saudar o rei, o cavaleiro do lobo deixou o escudo cair. Ao inclinar-se para apanhá-lo, o cavaleiro do veado perdeu o controle de sua pesada lança e atingiu-o nas costas. O cavaleiro do lobo caiu da porca, e sua lança tombou e deu uma traulitada na cabeça do adversário. Ambos acabaram no chão, numa grande confusão. Quando se ergueram, ambos tentaram montar o cão. Seguiram-se muitos gritos e empurrões. Por fim, reconquistaram as selas, só que um montado no corcel do outro, segurando o escudo errado e virados para trás.

Levou algum tempo para ajeitarem as coisas, mas por fim esporearam as montarias, dirigiram-se às extremidades opostas do salão e viraram-se para a justa. Enquanto os senhores e as senhoras soltavam gargalhadas e risinhos, os pequenos homens colidiram com estrondo e tinido, e a lança do cavaleiro do lobo atingiu o elmo do cavaleiro do veado, fazendo sua cabeça saltar. Esta rodopiou pelo ar, espalhando sangue, e foi aterrissar no colo de Lorde Gyles. O anão sem cabeça começou a cambalear ao redor das mesas, agitando os braços. Cães ladraram, mulheres gritaram, e o Rapaz Lua deu um grande espetáculo, oscilando de um lado para o outro sobre suas pernas de pau, até que Lorde Gyles tirou um melão vermelho pingando de dentro do elmo despedaçado, no mesmo momento em que o cavaleiro do veado tirou a cabeça para fora da armadura, e outra tempestade de risos sacudiu o salão. Os cavaleiros esperaram que terminasse, rodearam-se um ao outro trocando coloridos insultos e estavam prestes a se separar para outra justa quando o cão atirou seu cavaleiro ao chão e montou a porca. O enorme animal guinchou de aflição, enquanto os convidados da boda guinchavam de riso, redobrado quando o cavaleiro do veado saltou para cima do cavaleiro do lobo, despiu seus calções de madeira e começou a se sacudir freneticamente de encontro às partes baixas do outro.

– Rendo-me, rendo-me – gritou o anão de baixo. – Bom sor, guarde a espada!

– Guardaria, guardaria, se parasse de mexer a bainha! – respondeu o anão de cima, para divertimento geral.

Vinho jorrava de ambas as narinas de Joffrey. Arfando, pôs-se em pé com dificuldade, quase derrubando seu grande cálice de duas mãos.

– Um campeão – gritou. – Temos um campeão! – O salão começou a ficar em silêncio quando os convidados perceberam que o rei estava falando. Os anões separaram-se, sem dúvida à espera dos agradecimentos reais. – Mas não é um *verdadeiro* campeão – disse Joff. – Um verdadeiro campeão derrota *todos* aqueles que o desafiam. – O rei subiu para cima da mesa. – Quem mais desafiará o nosso minúsculo campeão? – com um sorriso cheio de satisfação, virou-se para Tyrion. – *Tio!* Você irá defender a honra do meu reino, não é verdade? Pode montar o porco!

As gargalhadas estouraram sobre ele como uma onda. Tyrion Lannister não lembrava de ter se levantado, nem de ter subido na cadeira, mas deu por si empoleirado na mesa. O salão era uma mancha de rostos maliciosos, iluminada pelos archotes. Torceu o rosto na mais hedionda caricatura de um sorriso que os Sete Reinos já tinham visto.

– Vossa Graça – gritou –, eu montarei o porco... mas só se o senhor montar o cão!

Joff franziu a testa, confuso.

– Eu? Eu não sou nenhum anão. Por que eu?

*Meteu o pé direitinho na argola, Joff.*

– Ora, é o único homem presente no salão que eu tenho a certeza de derrotar!

Não poderia dizer o que era mais agradável; o instante de silêncio chocado, o vendaval de gargalhadas que se seguiu, ou a expressão de fúria cega no rosto do sobrinho. O anão voltou ao chão com um salto, bastante satisfeito, e, quando olhou novamente, Sor Osmund e Sor Meryn estavam ajudando Joff a descer também. Quando viu que Cersei o fulminava com o olhar, Tyrion soprou-lhe um beijo.

Foi um alívio quando os músicos começaram a tocar. Os minúsculos cavaleiros levaram o cão e a porca para fora do salão, os convidados retornaram aos seus tabuleiros de bolo de carne de porco e Tyrion pediu

outra taça de vinho. Mas de repente sentiu a mão de Sor Garlan em sua manga.

– Senhor, atenção – avisou o cavaleiro. – O rei.

Tyrion virou-se na cadeira. Joffrey estava quase em cima dele, rubro e cambaleante, fazendo saltar vinho sobre a borda do grande cálice nupcial dourado que carregava com ambas as mãos.

– Vossa Graça – foi tudo que teve tempo de dizer antes de o rei virar o cálice sobre a sua cabeça. O vinho caiu sobre seu rosto numa torrente vermelha. Empapou seu cabelo, fez seus olhos arderem, queimou seu ferimento, escorreu por suas bochechas e ensopou o veludo de seu gibão novo.

– O que acha disso, Duende? – escarneceu Joffrey.

Os olhos de Tyrion estavam em fogo. Esfregou várias vezes o rosto com a parte de trás da manga e, piscando, tentou devolver clareza ao mundo.

– Isso não foi correto, Vossa Graça – ouviu Sor Garlan dizer em voz baixa.

– De modo algum, Sor Garlan. – Tyrion não se atrevia a deixar que aquilo ficasse ainda mais feio do que já estava, não ali, com metade do reino como testemunha. – Não é um rei qualquer que pensaria em honrar um humilde súdito servindo-o do seu próprio cálice real. Uma pena que o vinho tenha se derramado.

– Não se *derramou* – disse Joffrey, dotado de demasiada deselegância para aceitar a retratação que Tyrion tinha lhe oferecido. – E também não o estava *servindo*.

A Rainha Margaery surgiu de repente junto do cotovelo de Joffrey.

– Meu querido rei – rogou a moça Tyrell –, venha, volte ao seu lugar, há outro cantor à espera.

– Alaric de Eysen – disse a Senhora Olenna Tyrell, apoiando-se na bengala e sem prestar mais atenção no anão encharcado de vinho do que a neta havia prestado. – Tenho tanta esperança de que ele toque “As chuvas de Castamere” para nós. Já se passou uma hora, esqueci-me da melodia.

– Além disso, Sor Addam quer fazer um brinde – disse Margaery. – Vossa Graça, por favor.

– Não tenho vinho – declarou Joffrey. – Como é que posso fazer um brinde se não tenho vinho? Tio Duende, pode me servir. Uma vez que não quer justar, será o meu copeiro.

– Será uma honra.

– Não é para ser uma honra! – gritou Joffrey. – Dobre-se e pegue o meu cálice. – Tyrion fez o que lhe foi pedido, mas ao estender a mão para a alça, Joff chutou o cálice por entre suas pernas. – *Pegue-o*! Será que é tão desastrado quanto feio? – teve de se enfiar debaixo da mesa para achar aquela coisa. – Ótimo, agora encha-o com vinho. – Pegou um jarro que uma criada transportava e encheu a taça até três quartos. – Não, de joelhos, anão. – Ajoelhando, Tyrion ergueu a pesada taça, perguntando a si mesmo se estaria prestes a tomar um segundo banho. Mas Joffrey pegou o cálice nupcial com uma só mão, bebeu longamente e apoiou-o na mesa. – Agora pode se levantar, tio.

Sentiu cãibras nas pernas ao tentar se erguer, e quase voltou a cair. Tyrion teve de se agarrar a uma cadeira para se firmar. Sor Garlan estendeu-lhe uma mão. Joffrey riu, e Cersei também. Depois foram outros. Não viu quem, mas ouviu-os.

– Vossa Graça – a voz de Lorde Tywin estava impecavelmente correta. – A torta está chegando. Sua espada é necessária.

– A torta? – Joffrey pegou na mão de sua rainha. – Venha, senhora, é a torta.

Os convidados ficaram em pé, gritando, aplaudindo e batendo as taças de vinho umas nas outras enquanto a grande torta avançava lentamente ao longo da extensão do salão, empurrada por meia dúzia de radiantes cozinheiros. Tinha dois metros de largura, uma crosta e um tom dourado de marrom, e ouviam-se guinchos e batidas vindos lá de dentro.

Tyrion voltou a subir na cadeira. Tudo que lhe faltava agora era que uma pomba cagasse em cima dele para que o dia ficasse completo. O vinho tinha atravessado o gibão e as roupas de baixo, e sentia a umidade contra a pele. Devia trocar de roupa, mas não era permitido a ninguém abandonar o banquete até chegar a hora de levar os noivos para a cama. Calculou que isso ainda estivesse a uns vinte ou trinta pratos de distância.

O Rei Joffrey e sua rainha dirigiram-se à torta, colocada diante do estrado. Quando Joff puxou a espada, Margaery apoiou uma mão em seu

braço para detê-lo.

– A Lamento da Viúva não se destina a cortar tortas.

– É verdade. – Joffrey ergueu a voz. – Sor Ilyn, a sua espada!

Das sombras do fundo do salão surgiu Sor Ilyn Payne. *O espectro no festim*, pensou Tyrion enquanto observava o Magistrado do Rei avançar, descarnado e sombrio. Era novo demais para ter conhecido Sor Ilyn antes de perder a língua. *Teria sido um homem diferente nesse tempo, mas agora o silêncio faz tanto parte dele como aqueles olhos vazios, aquela malha enferrujada e a espada longa que traz às costas*.

Sor Ilyn fez uma reverência perante o rei e a rainha, estendeu a mão por sobre o ombro e apresentou um metro e oitenta de ornamentada prata, cintilante de runas. Ajoelhou para oferecer a enorme lâmina a Joffrey, com o cabo para a frente; pontos de fogo vermelho piscaram dos olhos de rubi no botão, um pedaço de vidro de dragão esculpido em forma de uma caveira sorridente.

Sansa agitou-se na cadeira.

– Que espada é aquela?

Os olhos de Tyrion ainda ardiam por causa do vinho. Piscou e voltou a olhar. A espada de Sor Ilyn era tão longa e larga quanto Gelo, mas era brilhante e prateada demais; o aço valiriano possuía certa escuridão, uma espécie de fumaça em sua alma. Sansa agarrou seu braço.

– O que Sor Ilyn fez com a espada de meu pai?

*Eu devia ter mandado Gelo de volta a Robb Stark*, pensou Tyrion. Olhou de relance para o pai, mas Lorde Tywin observava o rei.

Joffrey e Margaery juntaram as mãos para erguer a espada e brandi-la, juntos, num arco prateado. Quando a crosta da torta se quebrou, as pombas jorraram num turbilhão de penas brancas, espalhando-se em todas as direções, dirigindo-se às janelas e às vigas. Um rugido de deleite ergueu-se dos bancos, e os rabequeiros e gaiteiros na galeria começaram a tocar uma melodia jovial. Joff tomou a noiva nos braços e fê-la girar alegremente.

Um criado colocou uma fatia quente de torta de pombo diante de Tyrion e cobriu-a com uma colherada de creme de limão. *Naquela* torta os pombos estavam bem e verdadeiramente cozidos, mas não os achou mais apetitosos do que os brancos que esvoaçavam pelo salão. Sansa também não comia.

– Está mortalmente pálida, senhora – disse Tyrion. – Precisa respirar um pouco de ar fresco e eu preciso de um gibão lavado. – Ergueu-se e ofereceu-lhe um braço. – Venha.

Mas antes de conseguirem se retirar, Joffrey voltou.

– Tio, aonde vai? É o meu copeiro, esqueceu?

– Preciso vestir um traje limpo, Vossa Graça. Posso ter a sua licença?

– Não. Gosto do aspecto que tem. Sirva-me o vinho.

O cálice do rei encontrava-se na mesa, onde ele o deixara. Tyrion teve de voltar a subir na cadeira a fim de alcançá-lo. Joff arrancou-o de suas mãos e bebeu longa e profundamente, com a garganta se agitando enquanto o vinho lhe escorria, purpúreo, pelo queixo.

– Senhor – disse Margaery –, devíamos regressar aos nossos lugares. Lorde Buckler quer fazer um brinde à nossa saúde.

– Meu tio não comeu sua torta de pombo. – Segurando o cálice com uma mão, Joff enfiou a outra na torta de Tyrion. – Não comer a torta traz má sorte – ralhou com ele enquanto enchia a boca com pombo quente e condimentado. – Está vendo? É boa. – Cuspindo flocos de crosta, tossiu e serviu-se de outro bocado. – Mas está seca. Precisa ser empurrada para baixo. – Joff bebeu um trago de vinho e voltou a tossir, com mais violência. – Quero ver, *cof*, como monta aquele, *cof cof*, porco, tio. Quero... – As suas palavras interromperam-se num ataque de tosse.

Margaery olhou-o com preocupação.

– Vossa Graça?

– É, *cof*, a torta, nad... *cof*, torta. – Joff bebeu outro gole, ou tentou, mas o vinho foi todo cuspido quando outro ataque de tosse o fez se dobrar. O rosto dele estava ficando vermelho. – Eu, *cof*, não consigo, *cof cof cof cof*... – O cálice escapou de sua mão e o escuro vinho tinto escorreu pelo estrado.

– Ele está sufocando – arquejou a Rainha Margaery.

A avó pôs-se ao seu lado.

– Ajudem o pobre rapaz! – guinchou a Rainha dos Espinhos, com uma voz que era dez vezes maior do que ela. – *Palermas!* Vão ficar todos aí de boca aberta? *Ajudem* o seu rei!

Sor Garlan afastou Tyrion com um empurrão e começou a bater nas costas de Joffrey. Sor Osmund Kettleblack rasgou o colarinho do rei. Um terrível som forte e agudo emergiu da garganta do rapaz, o som de um

homem que tentava sugar um rio através de um caniço; então parou, e isso foi ainda mais terrível.

– Virem-no ao contrário! – berrou Mace Tyrrell para todos e para ninguém. – Virem-no ao contrário, sacudam-no pelos calcanhares!

Uma voz diferente estava gritando:

– Água, deem-lhe um pouco de *água!* – o Alto Septão começou a rezar ruidosamente. O Grande Meistre Pycelle gritou para alguém ajudá-lo a voltar aos seus aposentos, a fim de ir buscar as suas poções. Joffrey começou a arranhar a garganta, rasgando com as unhas fendas sangrentas na carne. Por baixo da pele, os músculos projetavam-se, duros como pedra. O Príncipe Tommen gritava e chorava.

*Ele vai morrer*, compreendeu Tyrion. Sentiu-se curiosamente calmo, embora o pandemônio se alastrasse por toda a sua volta. Estavam de novo batendo nas costas de Joff, mas o rosto dele só ficava mais escuro. Cães latiam, crianças berravam, homens gritavam conselhos inúteis uns aos outros. Metade dos convidados do casamento estava em pé, alguns empurrando-se para ver melhor, outros correndo para as portas na pressa de irem embora.

Sor Meryn abriu a boca do rei para lhe enfiar uma colher goela abaixo. Quando fez isso, os olhos do rapaz encontraram-se com os de Tyrion. *Ele tem os olhos de Jaime*. Porém nunca vira Jaime com uma expressão tão assustada. *O rapaz só tem treze anos*. Joffrey fazia um som seco, uma espécie de estalido, tentando falar. Seus olhos dilataram-se, brancos de terror, e ergueu uma mão... estendendo-a para o tio, ou apontando... *Estará me pedindo perdão, ou será que pensa que posso salvá-lo?*

– Nãããão – uivou Cersei – Pai, ajude-o, alguém o ajude, o meu filho, o meu *filho*...

Tyrion deu por si pensando em Robb Stark. *Em retrospectiva, o meu casamento está parecendo muito melhor*. Tentou ver como Sansa estaria recebendo aquilo, mas a confusão no salão era tanta que não conseguiu encontrá-la. Mas seus olhos caíram sobre o cálice nupcial, esquecido no chão. Inclinou-se e apanhou-o. No fundo ainda havia um centímetro e meio de vinho de um profundo tom púrpura. Tyrion refletiu por um momento, e depois despejou-o no chão.

Margaery Tyrell chorava nos braços da avó enquanto a velha dizia: “Coragem, coragem”. A maior parte dos músicos tinha fugido, mas o

último flautista na galeria soprava uma canção triste. Nos fundos da sala do trono, uma balbúrdia tinha se instalado em volta das portas, e os convidados tropeçavam uns nos outros. Os homens de manto dourado de Sor Addam entraram para restaurar a ordem. Havia convidados que se precipitavam para a noite, alguns choravam, outros tropeçavam e vomitavam, outros estavam brancos de medo. Ocorreu tardiamente a Tyrion que talvez fosse sensato sair também.

Quando ouviu o grito de Cersei, soube que tinha chegado ao fim.

*Eu devia sair. Já*. Em vez disso bamboleou-se na direção da irmã.

Ela estava sentada numa poça de vinho, embalando o corpo do filho. Tinha o vestido rasgado e manchado, e o rosto branco como cal. Um cão negro e magro aproximou-se dela, farejando o cadáver de Joffrey.

– O rapaz está morto, Cersei – disse Lorde Tywin. Pousou a mão enluvada no ombro da filha enquanto um dos guardas enxotava o cão. – Largue-o. Deixe-o partir. – Ela não ouviu. Foram precisos dois homens da Guarda Real para desprender seus dedos de modo que o corpo do Rei Joffrey Baratheon deslizasse, sem forças e sem vida, para o chão.

O Alto Septão ajoelhou-se ao seu lado.

– Pai no Céu, julgue o nosso bom Rei Joffrey com justeza – entoou, dando início à prece pelos mortos. Margaery Tyrell desatou a soluçar, e Tyrion ouviu a mãe dela, Senhora Alerie, dizer:

– Ele engasgou-se, querida. Engasgou-se com a torta. Não teve nada a ver com você. Ele engasgou-se. Todos vimos.

– Ele não se engasgou. – A voz de Cersei era tão cortante quanto a espada de Sor Ilyn. – Meu filho foi envenenado. – Olhou para os cavaleiros brancos, em pé, impotentes, em volta dela. – Guarda Real, cumpra o seu dever.

– Senhora? – disse Sor Loras Tyrell, sem compreender.

– Prendam o meu irmão – ordenou-lhe. – Foi ele quem fez isto, o anão. Ele e a mulherzinha dele. Eles mataram o meu filho. *Levem-nos!* Levem os dois!

## SANSA

Longe, do outro lado da cidade, um sino começou a repicar.

Sansa sentiu-se como se estivesse num sonho.

– Joffrey está morto – disse às árvores, para ver se isso a acordaria.

Não estava morto quando ela tinha abandonado a sala do trono. Mas estava de joelhos, arranhando a garganta, rasgando a própria pele enquanto lutava para respirar. A cena havia sido terrível demais para observar, e ela virou-se e fugiu, soluçando. A Senhora Tanda também tinha fugido.

– Tem um bom coração, senhora – disse para Sansa. – Não é qualquer donzela que choraria assim por um homem que a pôs de lado e a casou com um anão.

*Um bom coração. Eu tenho um bom coração*. Um riso histérico subiu por sua garganta, mas Sansa sufocou-o. Os sinos tocavam, lentos e fúnebres. Ressoando, ressoando, ressoando. Tinham tocado da mesma forma pelo Rei Robert. Joffrey estava morto, ele estava morto, estava morto, morto, morto. Estava chorando por quê, se o que queria era dançar? Seriam lágrimas de alegria?

Encontrou a roupa onde a escondera, na noite da antevéspera. Sem aias que a ajudassem, levou mais tempo do que devia desatando os cordões do vestido. Tinha as mãos estranhamente desajeitadas, embora não estivesse tão assustada como devia estar.

– Os deuses são cruéis por o levarem tão jovem e bonito, em seu próprio banquete de casamento – tinha dito a Senhora Tanda.

*Os deuses são justos*, pensou Sansa. Robb também morrera num banquete de casamento. Era por Robb que chorava. *Por ele e por Margaery*. Pobre Margaery, duas vezes casada e duas vezes viúva. Sansa tirou o braço de uma manga, empurrou o vestido para baixo e contorceu-se para fora dele. Enrolou-o numa bola, enfiou-o no tronco de um carvalho e puxou a roupa que ali escondera, sacudindo-a. *Vista roupa quente*, Sor Dontos havia dito, *e roupa escura*. Não tinha nada preto, por

isso escolheu um vestido de grossa lã marrom. O corpete era decorado com pérolas de água doce, porém. *O manto vai cobri-las*. O manto era de um verde profundo, com um grande capuz. Enfiou o vestido pela cabeça e prendeu o manto, deixando o capuz abaixado por enquanto. Também havia sapatos, simples e resistentes, com saltos baixos e ponta quadrada. *Os deuses ouviram as minhas preces*, pensou. Sentia-se tão atordoada, tão dentro de um sonho. *Minha pele transformou-se em porcelana, em marfim, em aço*. As mãos moviam-se rigidamente, de maneira desajeitada, como se nunca antes tivessem soltado seus cabelos. Por um momento, desejou que Shae estivesse ali, para ajudá-la com a rede.

Quando a libertou, seus longos cabelos ruivos caíram em cascata pelas costas e sobre os ombros. A rede de prata tecida pendia de seus dedos, com o fino metal a brilhar suavemente, e as pedras negras ao luar. *Ametistas negras de Asshai*. Uma delas tinha desaparecido. Sansa levantou a rede para ver melhor. Havia uma mancha escura no encaixe de prata de onde a pedra caíra.

Um súbito terror preencheu-a. O coração martelou contra suas costelas, e por um instante prendeu a respiração. *Por que estou tão assustada? É só uma ametista, uma ametista negra de Asshai, nada mais. Devia estar solta no engaste, só isso. Estava solta e caiu, e agora jaz num ponto qualquer da sala do trono, ou no pátio, a menos que...*

Sor Dontos tinha dito que a rede para cabelos era mágica, que a levaria para casa. Disse que ela devia usá-la naquela noite, no banquete de casamento de Joffrey. O fio de prata estendia-se, apertado, sobre os nós de seus dedos. Esfregou com o polegar o buraco onde a pedra estivera. Tentou parar, mas os dedos não lhe pertenciam. O polegar era atraído para o buraco, como a língua é atraída para um dente em falta. *Que tipo de magia?* O rei estava morto, o rei cruel que tinha sido o seu galante príncipe mil anos antes. Se Dontos havia mentido a respeito da rede para cabelos, teria mentido também sobre o resto? *E se não vier? E se não houver nenhum navio, nenhum barco no rio, nenhuma fuga?* O que lhe aconteceria se assim fosse?

Ouviu um tênue restolhar de folhas, e enfiou a rede de prata bem fundo no bolso do manto.

– Quem está aí? – gritou. – Quem é? – O bosque sagrado encontrava-se escuro e sombrio, e os sinos carregavam Joff para a sepultura.

– Eu. – Ele saiu cambaleando de debaixo das árvores, caindo de bêbado. Pegou no seu braço para se equilibrar. – Doce Jonquil, eu vim. O seu Florian veio, não tenha medo.

Sansa afastou-se do toque dele.

– Disse que eu devia usar a rede para cabelos. A rede de prata com... que tipo de pedras são estas?

– Ametistas. Ametistas negras de Asshai, senhora.

– Elas não são ametistas coisa nenhuma. São? *São?* Você mentiu.

– Ametistas negras – jurou ele. – Havia magia nelas.

– Havia *assassinato* nelas!

– Mais baixo, senhora, mais baixo. Assassinato não. Ele engasgou-se com a torta de pombo. – Dontos gargalhou. – Oh, torta saborosa, tão saborosa. Prata e pedras, é tudo que era, prata, pedras e magia.

Os sinos repicavam e o vento fazia um ruído igual ao que *ele* tinha feito ao tentar inspirar uma golfada de ar.

– Envenenou-o. Foi isso. Tirou uma pedra dos meus cabelos...

– Chiu, será a nossa morte. Eu não fiz nada. Venha, temos de ir, eles vão nos procurar. O seu esposo foi preso.

– Tyrion? – disse ela, chocada.

– A senhora tem outro esposo? O Duende, o tio anão, ela pensa que foi ele quem matou o rei. – Dontos agarrou a mão dela e puxou-a. – Por aqui, temos de ir, depressa, não tenha medo.

Sansa seguiu-o sem resistir. "Nunca consegui tolerar os choros das mulheres", Joff havia dito uma vez, mas a mãe dele era a única mulher que chorava agora. Nas histórias da Velha Ama os gramequins fabricavam coisas mágicas que eram capazes de fazer com que um desejo se tornasse realidade. *Será que desejei a sua morte?*, perguntou a si mesma, antes de se lembrar que já tinha idade para não acreditar em gramequins.

– Tyrion envenenou-o? – sabia que o seu esposo anão odiava o sobrinho. Poderia realmente tê-lo matado? *Será que sabia da minha rede para cabelo, das ametistas negras? Ele levou vinho a Joff*. Como era possível sufocar alguém pondo uma ametista no vinho? *Se Tyrion fez isso, eles julgarão que eu também desempenhei um papel*, compreendeu com um sobressalto de medo. E por que não? Eram marido e mulher, e

Joff matara seu pai e zombara dela a propósito da morte do irmão. *Uma carne, um coração, uma alma.*

– Silêncio agora, doçura – disse Dontos. – Fora do bosque sagrado, não podemos fazer um som. Puxe o capuz e esconda o rosto. – Sansa assentiu e fez o que ele dizia.

O homem estava tão bêbado que Sansa teve de lhe dar o braço algumas vezes para impedir que caísse. Os sinos tocavam do outro lado da cidade, com um número cada vez maior se juntando aos demais. Manteve a cabeça baixa e permaneceu nas sombras, logo atrás de Dontos. Ao descer a escada em espiral, ele caiu de joelhos e vomitou. *Meu pobre Florian*, pensou, enquanto limpava a boca dele com uma manga larga. "Vista roupa escura", ele tinha dito, mas sob o manto marrom com capuz vestia o seu velho sobretudo; riscas horizontais em vermelho e rosa sob um chefe negro portando três coroas de ouro, as armas da Casa Hollard.

– Por que está usando o seu sobretudo? Joff decretou que seria a sua morte se fosse pego outra vez vestido como um cavaleiro, ele... ah... – Nada do que Joff tinha decretado importava mais.

– Quis ser um cavaleiro. Pelo menos para isto. – Dontos pôs-se de novo em pé e pegou no seu braço. – Venha. Agora fique em silêncio, nada de perguntas.

Continuaram a descer a escada em espiral e atravessaram um pequeno pátio rodeado de altas paredes. Sor Dontos abriu com um empurrão uma porta pesada e acendeu um círio. Encontravam-se dentro de uma longa galeria. Ao longo das paredes havia armaduras vazias, escuras e empoeiradas, com os elmos coroados com fileiras de escamas que desciam por suas costas. Enquanto passavam rapidamente por elas, a luz do círio fazia com que as sombras de cada escama se estendessem e torcessem. *Os cavaleiros ocos estão se transformando em dragões*, pensou.

Mais uma escada levou-os a uma porta de carvalho reforçada com ferro.

– Seja forte agora, minha Jonquil, está quase lá. – Quando Dontos levantou a tranca e abriu a porta, Sansa sentiu uma brisa fria no rosto. Passou através de três metros e meio de muralha e então viu-se fora do castelo, no topo da falésia. Embaixo ficava o rio, em cima, o céu, e um era tão negro quanto o outro.

– Temos de descer – disse Sor Dontos. – Lá embaixo há um homem esperando para nos levar num bote até o navio.

– Eu vou cair. – Bran tinha caído, e ele adorava escalar.

– Não, não cairá. Há uma espécie de escada, uma escada secreta, entalhada na pedra. Veja, pode tateá-la, senhora. – Ajoelhou-se com ela e fez Sansa debruçar-se sobre a borda da falésia, apalpando com os dedos até encontrar o apoio de mão cortado na face do penhasco. – É quase tão bom quanto degraus de uma escada de mão.

Mesmo assim, a descida era muito longa.

– Não *consigo*.

– Precisa.

– Não há outro caminho?

– O caminho é este. Não será muito difícil para uma mulher jovem e forte como você. Agarre-se bem e nunca olhe para baixo, e chegará lá embaixo num instante. – Os olhos dele brilhavam. – Seu pobre Florian é gordo, velho e bêbado, eu é que devia estar assustado. Eu costumava cair do cavalo, esqueceu? Foi assim que começamos. Estava bêbado e caí do cavalo e Joffrey quis a minha cabeça boba, mas você me salvou. Você me *salv*ou, querida.

*Ele está chorando*, reparou Sansa.

– E agora foi você que me salvou.

– Só se descer. Se não, matei-nos ambos.

*Foi ele*, pensou ela. *Ele matou Joffrey*. Tinha de ir, tanto por ele como por si mesma.

– Vá na frente, sor. – Se ele caísse, não o queria caindo sobre a sua cabeça e arrastando ambos falésia abaixo.

– Como quiser, senhora. – Deu-lhe um beijo úmido e passou desajeitadamente as pernas pela borda do precipício, esperneando até encontrar um apoio para os pés. – Deixe-me descer um pouco, e siga-me depois. Vai vir? Precisa jurar.

– Vou – prometeu.

Sor Dontos desapareceu. Sansa ouvia-o bufando e arquejando enquanto começava a descida. Ficou escutando o repique dos sinos, contando cada batida. Ao chegar a dez, baixou-se cautelosamente sobre a borda do penhasco, tateando com os dedos dos pés até encontrar um lugar para eles descansarem. As muralhas do castelo elevavam-se, grandes, por

cima de si, e por um momento nada desejou mais do que puxar-se para cima e correr de volta para seus quentes aposentos na Fortaleza das Cozinhas. *Seja brava*, disse a si mesma. *Seja brava, como uma senhora numa canção.*

Sansa não se atreveu a olhar para baixo. Manteve os olhos postos na face da falésia, assegurando-se de cada passo antes de estender os pés para o seguinte. A pedra era áspera e fria. Às vezes sentia os dedos deslizando, e os apoios para as mãos não eram espaçados de uma forma tão regular como teria preferido. Os sinos não queriam parar de tocar. Antes de chegar na metade do caminho seus braços já estavam tremendo, e soube que ia cair. *Mais um passo*, disse a si mesma, *mais um passo*. Tinha de continuar em movimento. Se parasse, nunca mais se moveria, e a alvorada iria encontrá-la ainda agarrada à falésia, congelada de medo. *Mais um passo, e mais um passo*.

O chão apanhou-a de surpresa. Tropeçou e caiu, com o coração aos saltos. Quando rolou sobre as costas e fitou o local de onde tinha vindo, sentiu a cabeça a nadar, entontecida, e os dedos agarraram-se à terra. *Consegui. Consegui. Não caí, consegui descer e agora vou para casa.*

Sor Dontos ajudou-a a ficar em pé.

– Por aqui. Agora silêncio, silêncio, silêncio. – Permaneceu perto das sombras que se estendiam, negras e espessas, sob os penhascos. Felizmente não tiveram de ir longe. Cinquenta metros a jusante, um homem estava sentado num pequeno esquife, meio escondido pelos restos de uma grande galé que tinha dado à costa ali e queimado. Dontos manqueou até ele, bufando. – Oswell?

– Nada de nomes – disse o homem. – Para o barco. – Estava sentado, curvado sobre os remos, um homem velho, alto e de membros esguios, com longos cabelos brancos, um grande nariz adunco e os olhos escondidos por um capuz. – Entrem, e depressa – resmungou. – Temos de nos pôr a caminho.

Depois de ambos estarem a salvo a bordo, o encapuzado deslizou as pás para dentro de água e entregou as costas aos remos, fazendo o barco avançar para o canal. Por trás deles, os sinos continuavam a repicar a morte do rei rapaz. Tinham o rio escuro todo para si.

Com remadas lentas, constantes e ritmadas, abriram caminho para jusante, deslizando por cima das galés afundadas, passando por mastros

partidos, cascos queimados e velas rasgadas. Os toletes tinham sido revestidos, de modo que o barco se movia quase sem um som. Uma névoa pairava sobre a água. Sansa viu o baluarte com ameias de uma das torres do guincho do Duende erguendo-se na margem, mas a grande corrente tinha sido descida e passaram sem impedimentos pelo local onde mil homens tinham ardido. A costa afastou-se, o nevoeiro tornou-se mais denso, o som dos sinos começou a se atenuar. Por fim, mesmo as luzes desapareceram, perdidas em algum lugar atrás deles. Estavam na Baía da Água Negra, e o mundo reduziu-se a água escura, névoa soprada pelo vento e o companheiro silencioso encurvado sobre os remos.

– Temos de ir até muito longe? – ela perguntou.

– Nada de falar. – O remador era velho, mas mais forte do que parecia, e sua voz era feroz. Havia algo estranhamente familiar no rosto dele, embora Sansa não conseguisse identificar o que seria.

– Não é longe. – Sor Dontos tomou sua mão na dele e esfregou-a com gentileza. – Seu amigo está perto, à sua espera.

– *Nada de falar!* – rosnou de novo o remador. – O som chega longe sobre a água, Sor Bobo.

Desconcertada, Sansa mordeu o lábio e encolheu-se em silêncio. O resto foi remar, remar, remar.

O céu do oriente já mostrava o primeiro vago indício da alvorada quando Sansa viu por fim uma silhueta fantasmagórica na escuridão que se estendia adiante; uma galé mercante, com as velas enroladas, deslocando-se lentamente, movida por uma única fileira de remos. Quando se aproximaram, viu a figura de proa do navio, um tritão com uma coroa dourada soprando um grande búzio. Ouviu uma voz gritar, e a galé deu a volta lentamente.

Quando se posicionaram ao lado da galé, uma escada de corda foi atirada por sobre a amurada. O remador puxou os remos para o barco e ajudou Sansa a ficar em pé.

– Agora para cima. Vá lá, menina, eu seguro você. – Sansa agradeceu-lhe pela gentileza, mas só recebeu um grunhido em resposta.

Foi muito mais fácil subir a escada de corda do que tinha sido descer a falésia. O remador Oswell seguiu logo atrás dela, ao passo que Sor Dontos permaneceu no barco.

Dois marinheiros esperavam junto à amurada, para ajudá-la a subir até o convés. Sansa tremia.

– Ela está com frio – ouviu alguém dizer. O homem tirou o manto e aconchegou-o em volta de seus ombros. – Pronto, está melhor, senhora? Descanse, o pior já passou.

Conhecia a voz. *Mas ele está no Vale*, pensou. Sor Lothor Brune estava ao lado dele, com um archote.

– Lorde Petyr – chamou Dontos do barco. – Tenho de remar de volta, antes que pensem em procurar por mim.

Petyr Baelish pôs uma mão na amurada.

– Mas primeiro vai querer o pagamento. Dez mil dragões, não é?

– Dez mil. – Dontos esfregou a boca com as costas da mão. – Conforme prometeu, senhor.

– Sor Lothor, a recompensa.

Lothor Brune baixou o archote. Três homens aproximaram-se da amurada, ergueram bestas, e dispararam. Um dardo atingiu Dontos no peito quando ele olhou para cima, penetrando através da coroa esquerda de seu sobretudo. Os outros rasgaram a garganta e a barriga. Aconteceu tão depressa que nem Dontos nem Sansa tiveram tempo de gritar. Quando terminou, Lothor Brune atirou o archote para cima do cadáver. O pequeno barco ardia violentamente enquanto a galé se afastava.

– *Matou*-o. – Agarrando-se à amurada, Sansa virou-se e vomitou. Teria fugido dos Lannister para cair em armadilha pior?

– Minha senhora – murmurou Mindinho –, seu pesar é desperdiçado num homem como aquele. Era um bêbado, e não era amigo de ninguém.

– Mas ele *salvou*-me.

– Ele vendeu a senhora em troca da promessa de dez mil dragões. Seu desaparecimento irá fazê-los suspeitar de seu papel na morte de Joffrey. Os homens de manto dourado irão à caça, e o eunuco fará tinir a sua bolsa. Dontos... bem, ouviu-o. Vendeu-a por ouro e, quando o bebesse, teria voltado a vendê-la. Um saco de dragões compra o silêncio de um homem durante algum tempo, mas um dardo bem colocado compra-o para sempre. – Deu um sorriso triste. – Tudo que ele fez foi às minhas ordens. Não me atrevi a travar abertamente amizade com você. Quando me contaram como Dontos salvou sua vida no torneio de Joff, soube que ele seria o instrumento perfeito.

Sansa sentiu-se enjoada.

– Ele disse que era o meu Florian.

– Por acaso lembra-se do que lhe disse naquele dia em que seu pai se sentou no Trono de Ferro?

O momento voltou-lhe à memória com grande clareza.

– Disse-me que a vida não era uma canção. Que um dia eu aprenderia isso para minha tristeza. – Sentiu lágrimas nos olhos, mas não saberia dizer se chorava por Sor Dontos Hollard, por Joff, por Tyrion ou por si mesma. – É *tudo* mentira, desde sempre e para sempre, tudo e todos?

– Quase todos. Menos eu e você, claro. – Sorriu. – *Venha esta noite ao bosque sagrado, se quiser ir para casa.*

– A nota... era você?

– Tinha de ser o bosque sagrado. Nenhum outro local da Fortaleza Vermelha está a salvo dos passarinhos do eunuco... ou ratazaninhas, como eu os chamo. No bosque sagrado há árvores em vez de paredes. Céu no lugar de tetos. Raízes, terra e pedras em vez de assoalhos. As ratazanas não têm por onde correr. As ratazanas precisam se esconder, para que os homens não espetem espadas nelas. – Lorde Petyr pegou-a pelo braço. – Permita que lhe mostre a sua cabine. Teve um dia longo e penoso, eu sei. Deve estar cansada.

O barquinho já não era mais do que um turbilhão de fumaça e fogo atrás deles, quase perdido na imensidão do mar da alvorada. Não havia volta; seu único caminho era em frente.

– Muito cansada – admitiu.

Enquanto a levava para baixo, ele disse:

– Fale-me do banquete. A rainha dedicou-se tanto. Os cantores, os malabaristas, o urso dançarino... o pequeno senhor seu esposo gostou de meus anões combatentes?

– Seus?

– Tive de mandar buscá-los em Bravos e de escondê-los num bordel até o casamento. A despesa só foi excedida pelo incômodo. É surpreendentemente difícil esconder um anão, e Joffrey... pode levar um rei até a água, mas com Joffrey era preciso espalhá-la por todo lado antes que ele entendesse que a podia beber. Quando lhe falei de minha pequena surpresa, Sua Graça disse: “Por que eu iria querer uns anões feios no meu

banquete? Detesto anões.” Tive de me aproximar e sussurrar: “Mas não tanto quanto o seu tio os detestará”.

O convés balançou sob os pés de Sansa, e ela sentiu como se o próprio mundo tivesse se tornado instável.

– Eles pensam que Tyrion envenenou Joffrey. Sor Dontos disse que o prenderam.

Mindinho sorriu.

– A viuvez cairá bem em você, Sansa.

A ideia agitou sua barriga. Podia nunca mais ser obrigada a dividir uma cama com Tyrion. *Era* isso o que queria... não?

A cabine era baixa e apertada, mas tinham colocado um colchão de penas no estreito beliche a fim de deixá-lo mais confortável, e grossas peles foram empilhadas por cima.

– É pequeno, eu sei, mas não deverá ficar muito desconfortável. – Mindinho indicou uma arca de cedro sob a vigia. – Achará roupa lavada lá dentro. Vestidos, roupa de baixo, meias quentes, um manto. Temo que sejam de lã e linho. Vestuário indigno de uma donzela tão bela, mas servirá para mantê-la seca e limpa até que possamos lhe arranjar algo melhor.

*Ele mandou preparar tudo isso para mim.*

– Senhor, eu... eu não compreendo... Joffrey deu-lhe Harrenhal, fez de você Senhor Supremo do Tridente... por quê...

– Por que haveria de querê-lo morto? – Mindinho encolheu os ombros. – Não tive nenhum motivo. Além disso, estou a mil léguas de distância, no Vale. Mantenha sempre seus inimigos confusos. Se nunca estiverem seguros de quem é ou do que quer, não podem saber o que é provável que faça em seguida. Às vezes, a melhor maneira de confundi-los é fazer coisas que não têm nenhum propósito, ou até que parecem prejudicar você. Lembre-se disso, Sansa, quando começar a jogar o jogo.

– Que... que jogo?

– O único jogo. O jogo dos tronos. – Afastou uma madeixa dos cabelos dela. – Já tem idade para saber que sua mãe e eu éramos mais do que amigos. Houve uma época em que Cat era tudo o que eu desejava neste mundo. Atrevi-me a sonhar com a vida que podíamos ter e os filhos que ela me daria... mas ela era filha de Correrrio, e de Hoster Tully. *Família, Dever, Honra*, Sansa. *Família, Dever, Honra* significavam que eu nunca

poderia obter a mão dela. Mas ela deu-me algo melhor, um presente que uma mulher não pode dar mais do que uma vez. Como eu poderia dar as costas à filha dela? Num mundo melhor, você poderia ter sido minha, não de Eddard Stark. Minha leal e adorada filha... Afaste Joffrey da cabeça, querida. Dontos, Tyrion, todos. Nunca mais a incomodarão. Agora está em segurança, e isso é tudo o que importa. Está a salvo comigo, e a caminho de casa.

## JAIME

—O *rei está morto*, disseram-lhe, sem saber que Joffrey não era só seu soberano, mas também seu filho.

– O Duende abriu a goela dele com um punhal – declarou um vendedor ambulante na estalagem à beira da estrada onde passaram a noite. – Bebeu seu sangue num grande cálice de ouro. – O homem não foi mais capaz de reconhecer o cavaleiro barbudo e maneta com o grande morcego no escudo do que qualquer um dos demais, por isso disse coisas que de outro modo poderia ter engolido, caso soubesse quem o estava ouvindo.

– Foi veneno o que despachou a coisa – insistiu o estalajadeiro. – A cara do rapaz ficou preta que nem uma ameixa.

– Que o Pai o julgue com justiça – murmurou um septão.

– A mulher do anão tratou do assassinato com ele – jurou um arqueiro vestido com a libré de Lorde Rowan. – Depois desapareceu do salão numa nuvem de enxofre, e um lobo gigante fantasma foi visto percorrendo a Fortaleza Vermelha, com sangue pingando das mandíbulas.

Jaime ouviu tudo sentado e em silêncio, deixando-se cobrir pelas palavras, com um corno de cerveja esquecido na mão boa. *Joffrey. O meu sangue. Meu primogênito. Meu filho*. Tentou trazer à memória o rosto do rapaz, mas seus traços teimavam em transformar-se nos de Cersei. *Ela vai estar de luto, com os cabelos despenteados e os olhos vermelhos de tanto chorar, a boca tremendo enquanto tenta falar. Voltará a chorar quando me vir, embora lute contra as lágrimas*. A irmã raramente chorava, exceto quando estava com ele. Não conseguia suportar que outros a julgassem fraca. Só ao gêmeo mostrava as feridas. *Ela procurará conforto e vingança em mim.*

Cavalgaram duramente no dia seguinte, por insistência de Jaime. O filho estava morto, e a irmã precisava dele.

Quando viu a cidade à sua frente, com as torres de vigia escuras contra o ocaso que se aprofundava, Jaime Lannister aproximou-se a meio-

galope de Walter Pernas-de-Aço, que seguia atrás de Nage e da bandeira de paz.

– Que fedor horrível é esse? – protestou o nortenho.

*A morte*, pensou Jaime, mas disse:

– Fumaça, suor e merda. Porto Real, em suma. Se tiver um bom nariz, poderá também cheirar a traição. Nunca tinha cheirado uma cidade?

– Cheirei Porto Branco. Nunca fedeu assim.

– Porto Branco está para Porto Real como o meu irmão Tyrion está para Sor Gregor Clegane.

Nage subiu uma pequena colina à frente deles, com a bandeira de paz de sete pontas erguendo-se e virando ao vento, e a estrela polida de sete pontas cintilando brilhante no topo do mastro. Veria Cersei em breve, e também Tyrion, e o pai. *Meu irmão poderia realmente ter matado o rapaz?* Jaime achava difícil acreditar naquilo.

Sentia-se curiosamente calmo. Sabia que esperava-se que os homens enlouquecessem de desgosto quando os filhos morriam. Esperava-se que arrancassem os cabelos, que amaldiçoassem os deuses e jurassem rubra vingança. Então por que será que sentia tão pouco? *O rapaz viveu e morreu acreditando que Robert Baratheon era o pai dele.*

Jaime vira-o nascer, isso era certo, embora mais por Cersei do que pela criança. Mas nunca o pegara no colo.

– O que iriam achar? – avisou-o a irmã quando as mulheres finalmente os deixaram. – Já é suficientemente ruim que Joff se pareça com você sem que fique babando por cima dele. – Jaime cedeu quase sem luta. O rapaz fora uma coisinha cor-de-rosa e estridente que exigia demasiado do tempo de Cersei, do amor de Cersei e dos seios de Cersei. Que Robert ficasse com ele.

*E agora está morto*. Imaginou Joff jazendo imóvel e frio, com um rosto negro de veneno, e continuou a não sentir nada. Talvez *fosse* o monstro que o acusavam de ser. Se o Pai no Céu descesse para lhe oferecer de volta o filho ou a mão, Jaime sabia qual das coisas escolheria. Afinal, tinha um segundo filho, e sêmen bastante para muitos mais. *Se Cersei quiser outro filho, eu dou... e dessa vez vou pegá-lo no colo, e que os Outros carreguem quem não gostar*. Robert apodrecia em sua sepultura, e Jaime estava farto de mentiras.

Virou-se abruptamente e galopou para trás, ao encontro de Brienne. *Só os deuses sabem por que me incomodo. Ela é a criatura menos sociável que tive o infortúnio de conhecer*. A garota seguia bem atrás e cerca de um metro desviada para o lado, como que para proclamar que não fazia parte do grupo. Ao longo do caminho tinham encontrado roupas de homem para ela; uma túnica aqui, uma capa ali, um par de calções e um manto com capuz, até uma velha placa de peito de ferro. Parecia mais confortável vestida de homem, mas nada nunca faria com que parecesse bonita. *Nem feliz*. Uma vez fora de Harrenhal, sua habitual teimosia casmurra rapidamente voltou a se instalar.

– Quero minhas armas e armadura de volta – tinha insistido.

– Oh, com certeza, que a tenhamos de novo coberta de aço – respondeu Jaime. – Especialmente um elmo. Ficaremos todos mais felizes se mantiver a boca fechada e a viseira abaixada.

Pelo menos isso Brienne podia fazer, mas seus silêncios carrancudos depressa começaram a desgastar tanto o bom humor dele como as constantes tentativas de Qyburn para ser agradável. *Nunca pensei que daria por mim com saudades da companhia de Cleos Frey, que os deuses me ajudem*. Começava a desejar tê-la deixado para o urso.

– Porto Real – anunciou Jaime quando a encontrou. – Nossa viagem terminou, senhora. Cumpriu o seu voto e entregou-me em Porto Real. Inteiro, exceto por uns dedos e uma mão.

Os olhos de Brienne mostraram-se indiferentes.

– Isso foi apenas metade de meu voto. Disse à Senhora Catelyn que lhe levaria de volta as filhas. Ou Sansa, pelo menos. E agora...

*Ela nunca conheceu Robb Stark, e no entanto o pesar que sente por ele é mais profundo do que o meu por Joff*. Ou talvez fosse pela Senhora Catelyn que fazia luto. *Essa* notícia chegara até eles em Bosque Malhado, pela boca de um cavaleiro corado que mais parecia uma barrica chamado Sor Bertram Beesbury, cujas armas eram três colmeias em fundo listrado de negro e amarelo. Uma companhia de homens de Lorde Piper tinha passado por Bosque Malhado no dia anterior, disse-lhes Beesbury, correndo para Porto Real sob a sua bandeira de paz.

– Com o Jovem Lobo morto, Piper não viu objetivo em continuar a lutar. Seu filho é cativo nas Gêmeas. – Brienne tinha escancarado a boca

como uma vaca prestes a engasgar com o bolo de grama, e assim coube a Jaime extrair a história do Casamento Vermelho.

– Todos os grandes senhores têm vassalos insubmissos que invejam sua posição – disse-lhe depois. – Meu pai tinha os Reyne e os Tarbeck, os Tyrell têm os Florent, Hoster Tully tinha Walder Frey. Só a força mantém homens assim em seus lugares. No momento em que sentem cheiro de fraqueza... durante a Idade dos Heróis, os Bolton costumavam esfolar os Stark e usar suas peles como mantos. – Ela tinha feito uma expressão tão infeliz que Jaime quase deu por si desejando confortá-la.

Desde esse dia Brienne agia como alguém que estivesse meio morto. Nem chamá-la de "garota" conseguia provocar uma resposta. *A força dela desapareceu*. A mulher fizera cair um rochedo sobre Robin Ryger, batalhara contra um urso com uma espada de torneio, arrancara a orelha de Vargo Hoat com uma dentada e lutara com Jaime até a exaustão... mas agora encontrava-se quebrada, acabada.

– Falarei com o meu pai para devolvê-la a Tarth, se isso lhe agradar – disse-lhe. – Ou, se preferir ficar, talvez possa arranjar alguma posição para você na corte.

– Como senhora acompanhante da rainha? – disse ela sem interesse.

Jaime recordou o aspecto dela naquele vestido de cetim cor-de-rosa e tentou não imaginar o que a irmã poderia dizer de uma tal acompanhante.

– Talvez um posto na Patrulha da Cidade...

– Não servirei com perjuros e assassinos.

*Então por que quis prender uma espada na cintura?*, podia ter dito, mas reprimiu as palavras.

– Como queira, Brienne. – Com uma só mão, deu meia-volta com o cavalo e deixou-a para trás.

O Portão dos Deuses estava aberto quando lá chegaram, mas havia duas dúzias de carros alinhados ao longo da beira da estrada, carregados com tonéis de sidra, barris de maçã, fardos de feno e algumas das maiores abóboras que Jaime já tinha visto. Quase todas as carroças tinham seus próprios guardas; homens de armas ostentando os símbolos de fidalgos menores, mercenários vestidos de cota de malha e couro fervido, às vezes apenas um filho de agricultor de cara rosada, agarrado a uma lança de fabricação caseira com a ponta endurecida pelo fogo. Jaime sorriu a todos eles enquanto passavam a trote. Ao portão, os homens de

manto dourado recebiam moedas de cada um dos condutores antes de mandarem as carroças avançar.

– O que é isto? – quis saber Pernas-de-Aço.

– Eles têm de pagar pelo direito de vender dentro da cidade. Por ordem da Mão do Rei e do mestre da moeda.

Jaime olhou para a longa fila de carroças, carros de mão e cavalos carregados.

– E mesmo assim fazem fila para pagar?

– Dá para fazer um bom dinheiro aqui, agora que a luta terminou – disse-lhes alegremente o moleiro da carroça mais próxima. – São os Lannister que dominam a cidade agora, o velho Lorde Tywin do Rochedo. Dizem que ele caga prata.

– Ouro – corrigiu secamente Jaime. – E Mindinho cunha a coisa a partir de capim-dourado, garanto.

– Agora o mestre da moeda é o Duende – disse o capitão do portão. – Ou era, até o prenderem por assassinar o rei. – O homem examinou os nortenhos com suspeita. – Quem são vocês?

– Homens de Lorde Bolton, para falar com a Mão do Rei.

O capitão olhou de relance Nage com a sua bandeira de paz.

– Vêm dobrar o joelho, quer dizer. Não são os primeiros. Subam diretamente ao castelo e tratem de não causar confusão. – Mandou-os passar com um gesto e voltou a se virar para as carroças.

Se Porto Real estava de luto pela morte de seu rei rapaz, Jaime nunca o teria deduzido. Na Rua das Sementes um irmão mendicante vestido com uma túnica puída rezava ruidosamente pela alma de Joffrey, mas os transeuntes não prestavam mais atenção nele do que teriam prestado a uma janela aberta batendo ao vento. Em outros locais, as multidões habituais deslocavam-se de um lado para o outro; homens de manto dourado e cota de malha negra, ajudantes de padeiro vendendo tortas, pães e tortas quentes, prostitutas debruçadas em janelas com os corpetes meio desatados, sarjetas fedendo aos dejetos da noite. Passaram por cinco homens que tentavam arrastar um cavalo morto de uma viela, e, em outro local, por um malabarista que fazia girar facas no ar, para deleite de um grupo de soldados Tyrell bêbados e crianças pequenas.

Percorrendo a cavalo ruas familiares na companhia de duzentos nortenhos, um meistre sem corrente e uma mulher fenomenalmente feia

ao seu lado, Jaime descobriu que quase não atraía um segundo olhar. Não sabia se devia se divertir ou se aborrecer com a situação.

– Eles não me reconhecem – disse ao Pernas-de-Aço enquanto atravessavam a Praça dos Sapateiros.

– Seu rosto está mudado, e suas armas também – disse o nortenho –, e agora eles têm um novo Regicida.

Os portões da Fortaleza Vermelha estavam abertos, mas uma dúzia de homens de manto dourado armados com lanças cortavam o caminho. Baixaram as pontas quando Pernas-de-Aço se aproximou a trote, mas Jaime reconheceu o cavaleiro branco que os comandava.

– Sor Meryn.

Os olhos abatidos de Sor Meryn Trant esbugalharam-se.

– Sor Jaime?

– Como é bom ser reconhecido. Afaste estes homens.

Passara-se muito tempo desde que alguém saltara para lhe obedecer tão depressa. Jaime tinha se esquecido de como gostava disso.

Depararam com mais dois membros da Guarda Real no pátio exterior, dois homens que não usavam manto branco da última vez que Jaime ali servira. *É tão típico de Cersei nomear-me Senhor Comandante e depois escolher meus colegas sem me consultar.*

– Vejo que alguém me deu dois novos irmãos – disse ao desmontar.

– Temos essa honra, sor. – O Cavaleiro das Flores brilhava, tão perfeito e puro em suas escamas e seda brancas que Jaime se sentiu uma coisa esfarrapada e barata por contraste.

Jaime virou-se para Meryn Trant.

– Sor, desleixou-se em ensinar os deveres aos nossos novos irmãos.

– Que deveres? – disse Meryn Trant num tom defensivo.

– Manter o rei vivo. Quantos monarcas perderam desde que deixei a cidade? Dois, não foi?

Então Sor Balon viu o coto.

– *Sua mão...*

Jaime obrigou-se a sorrir.

– Agora luto com a esquerda. Dá mais disputa. Onde posso encontrar o senhor meu pai?

– No aposento privado, com Lorde Tyrell e o Príncipe Oberyn.

*Mace Tyrell e a Víbora Vermelha dividindo o mesmo pão? Cada vez mais estranho.*

– A rainha também se encontra com eles?

– Não, senhor – respondeu Sor Balon. – Vai encontrá-la no septo, rezando pelo Rei Joff...

– *Você!*

Jaime viu que o último dos nortenhos tinha desmontado, e agora Loras vira Brienne.

– Sor Loras. – Ela ficou estupidamente imóvel, segurando o freio.

Loras Tyrell aproximou-se dela a passos largos.

– Por quê? – disse. – Vai me dizer por quê. Ele tratou-a com gentileza, deu-lhe um manto arco-íris. Por que você o mataria?

– Não o matei. Teria morrido por ele.

– E morrerá. – Sor Loras puxou a espada.

– Não fui eu.

– Emmon Cuy jurou que foi, com seu último suspiro.

– Ele estava fora da tenda, não chegou a ver...

– Não havia ninguém *na* tenda além de você e da Senhora Stark. Pretende dizer que aquela velha seria capaz de cortar através de aço endurecido?

– Houve uma *sombra*. Sei como isso soa a loucura, mas... eu estava ajudando Renly a vestir a armadura, e as velas apagaram-se e apareceu sangue por todo lado. A Senhora Catelyn disse que foi Stannis. A sua... a sua sombra. Eu não desempenhei nenhum papel no ato, por minha honra...

– Não tem honra nenhuma. Desembainhe a espada. Não quero que se diga que a matei enquanto estava de mão vazia.

Jaime interpôs-se entre os dois.

– Guarde a espada, sor.

Sor Loras rodeou-o.

– Será tão covarde quanto assassina, Brienne? Terá sido por isso que fugiu, com o sangue dele em suas mãos? *Desembainhe a espada, mulher!*

– É melhor ter esperança que ela não o faça. – Jaime voltou a bloquear o caminho dele. – Senão é provável que seja seu o cadáver que levaremos daqui. A garota é tão forte quanto Sandor Clegane, embora não seja tão bonita.

– Isto não lhe diz respeito. – Sor Loras empurrou-o para o lado.

Jaime agarrou o rapaz com a mão boa e obrigou-o a virar-se.

– Eu sou o *Senhor Comandante da Guarda Real*, seu cachorrinho arrogante. O *seu* comandante, enquanto usar esse manto branco. E agora *embainhe a sua maldita espada*, senão vou ter que tirá-la de você e enfiá-la num lugar que nem mesmo Renly encontrou.

O rapaz hesitou durante meio segundo, tempo suficiente para que Sor Balon Swann dissesse:

– Faça o que o Senhor Comandante diz, Loras. – Alguns dos homens de manto dourado puxaram então seu aço, e isso levou alguns dos homens do Forte do Pavor a fazer o mesmo. *Magnífico*, pensou Jaime, *assim que desço do cavalo temos um banho de sangue no pátio.*

Sor Loras Tyrell devolveu, com violência, a espada à bainha.

– Não foi assim tão difícil, foi?

– Quero-a presa. – Sor Loras apontou. – Senhora Brienne, acuso-a do assassinato de Lorde Renly Baratheon.

– O que vale dizer – disse Jaime – é que a garota tem honra. Mais do que vi em você. E até pode acontecer que esteja dizendo a verdade. Admito que ela não é aquilo que se poderia chamar de inteligente, mas até o meu cavalo conseguiria arranjar uma mentira melhor, se é que ela queria contar uma mentira. Mas já que insiste... Sor Balon, escolte a Senhora Brienne para uma cela de torre e mantenha-a lá sob guarda. E arranje aposentos adequados para Pernas-de-Aço e seus homens, até que o meu pai possa recebê-los.

– Sim, senhor.

Os grandes olhos azuis de Brienne estavam cheios de mágoa quando Balon Swann e uma dúzia de homens de manto dourado a levaram. *Devia estar me soprando beijos, garota*, quis dizer-lhe. Por que entendiam mal todas as coisinhas que fazia? *Aerys. Tudo tem origem em Aerys*. Jaime deu as costas à garota e atravessou o pátio em passos largos.

Outro cavaleiro de armadura branca guardava as portas do septo real; um homem alto com uma barba negra, ombros largos e nariz adunco. Este, quando viu Jaime, deu um sorriso amargo e disse:

– E aonde pensa que vai?

– Ao septo. – Jaime ergueu o coto para apontar. – Aquele mesmo ali. Pretendo ver a rainha.

– Sua Graça está de luto. E por que ela iria querer ver um tipo como você?

*Porque sou seu amante e o pai de seu filho assassinado*, quis dizer.

– E quem com os sete infernos é você?

– Um cavaleiro da Guarda Real, e é bom que aprenda a ter algum respeito, aleijado, senão corto essa sua outra mão e você vai ter que chupar o mingau de manhã.

– Eu sou irmão da rainha, sor.

O cavaleiro branco achou aquilo engraçado.

– Ah, fugiu, foi? E também cresceu um bocado, senhor?

– O *outro* irmão, cretino. E Senhor Comandante da Guarda Real. E agora afaste-se, senão vai desejar tê-lo feito.

Daquela vez o cretino olhou-o bem.

– É... Sor Jaime. – Endireitou-se. – Mil perdões, senhor. Não o reconheci. Tenho a honra de ser Sor Osmund Kettleblack.

*Onde está a honra nisso?*

– Quero passar algum tempo a sós com a minha irmã. Trate de que ninguém mais entre no septo, sor. Se formos incomodados, mandarei que cortem a porcaria da sua cabeça.

– Sim, senhor. Às suas ordens. – Sor Osmund abriu a porta.

Cersei estava ajoelhada diante do altar da Mãe. O ataúde de Joffrey tinha sido colocado por baixo do Estranho, que levava os recém-falecidos para o outro mundo. Cheiro de incenso pairava pesadamente no ar, e havia uma centena de velas ardendo, enviando ao alto uma centena de preces. *E é provável que Joff precise de todas elas*.

A irmã olhou por sobre o ombro.

– Quem? – disse, e depois: – Jaime? – Ergueu-se, com os olhos ardendo de lágrimas. – É mesmo você? – Mas não foi até ele. *Ela nunca veio até mim*, pensou. *Sempre esperou, deixando-me ir até ela. Ela dá, mas tenho de pedir*. – Devia ter vindo mais cedo – murmurou, quando ele a tomou nos braços. – Por que não pôde vir mais cedo, para mantê-lo a salvo? O meu filho...

*O nosso filho.*

– Vim o mais depressa que pude. – Rompeu o abraço e deu um passo para trás. – Há uma guerra lá fora, irmã.

– Está tão magro. E seus cabelos, os cabelos dourados...

– Vão crescer. – Jaime ergueu o coto. *Ela precisa ver*. – Isto não.

Os olhos de Cersei esbugalharam-se.

– Os Stark...

– Não. Isso foi obra de Vargo Hoat.

O nome não lhe dizia nada.

– Quem?

– O Bode de Harrenhal. Durante pouco tempo.

Cersei virou-se para fitar o ataúde de Joffrey. Tinham vestido o rei morto com armadura dourada, estranhamente semelhante à de Jaime. A viseira do elmo estava fechada, mas as velas refletiam-se suavemente no ouro, e o rapaz cintilava, brilhante e bravo, na morte. A luz das velas também despertava fogueiras nos rubis que decoravam o corpete do vestido de luto de Cersei. Os cabelos caíam sobre seus ombros, soltos e desordenados.

– Ele matou-o, Jaime. Tal como me avisou que faria. Um dia, quando me julgasse a salvo e feliz, transformaria minha alegria em cinzas na boca, disse ele.

– Tyrion disse isso? – Jaime não quis acreditar. O assassinato de familiares era pior do que o de reis, aos olhos dos deuses e dos homens. *Ele sabia que o garoto era meu. Eu amei Tyrion. Fui bom para ele*. Bem, exceto daquela vez... mas o Duende não conhecia a verdade sobre ela. *Ou será que conhece?* – Por que ele mataria Joff?

– Por uma puta. – Cersei agarrou-se à sua mão boa e apertou-a bem entre as suas. – Ele *disse* que ia fazer isso. Joff sabia. Ao morrer, *apontou* para o assassino. Para o monstrinho retorcido do nosso irmão. – Beijou os dedos de Jaime. – Vai matá-lo por mim, não vai? Vai vingar o nosso filho.

Jaime libertou-se dela.

– Ele continua sendo meu irmão. – Enfiou o coto em frente do nariz dela, para o caso de ela não ter visto. – E não estou em estado de matar seja quem for.

– Tem outra mão, não tem? Não estou pedindo para você derrotar o Cão de Caça em batalha. Tyrion é um *anão*, trancado numa cela. Os guardas vão deixá-lo entrar.

A ideia fez seu estômago se retorcer.

– Tenho de saber mais sobre isso. Sobre como aconteceu.

– Saberá – prometeu Cersei. – Vai haver um julgamento. Quando ouvir contar tudo o que ele fez, irá querer vê-lo morto tanto quanto eu. – Tocou-lhe o rosto. – Senti-me perdida sem você, Jaime. Tive medo de que os Stark me enviassem a sua cabeça. Não teria conseguido suportar tal coisa. – Beijou-o. Um beijo ligeiro, o mais ligeiro roçar dos lábios nos dele, mas sentiu-a tremer quando a envolveu nos braços. – Não estou inteira sem você.

Não havia ternura no beijo com que ele lhe respondeu, só fome. A boca dela abriu-se para a sua língua.

– Não – disse, com voz fraca, quando os lábios dele começaram a descer o seu pescoço –, aqui não. Os septões...

– Que os Outros carreguem os septões. – Voltou a beijá-la, beijou-a em silêncio, beijou-a até fazê-la gemer. Então empurrou as velas para longe e ergueu-a para cima do altar da Mãe, puxando para cima as saias e a combinação de seda que ela trazia por baixo. Ela bateu no peito dele com punhos fracos, murmurando sobre o risco, o perigo, o pai de ambos, os septões, a ira dos deuses. Ele nem a ouviu. Desatou os calções, subiu para cima do altar e afastou as pernas brancas e nuas da irmã. Uma mão deslizou coxa acima, por dentro da roupa de baixo. Quando a arrancou, viu que ela estava com a lua, mas o sangue não fazia qualquer diferença.

– Rápido – ela agora sussurava –, depressa, *depressa*, agora, vem já, me possua já. Jaime, Jaime, Jaime. – As mãos ajudaram a guiá-lo. – Sim – disse Cersei quando ele empurrou –, meu irmão, querido irmão, sim, assim, sim, tenho você, agora está em casa, está em casa, em *casa*. – Beijou-lhe a orelha e afagou-lhe os cabelos curtos e espetados. Jaime perdeu-se em sua carne. Sentiu o coração de Cersei batendo em uníssono com o seu, e a umidade do sangue e do sêmen quando se uniram.

Mas assim que acabaram, a rainha disse:

– Deixe-me levantar. Se formos descobertos assim...

Relutantemente, rolou de cima dela e ajudou-a a sair do altar. O mármore branco estava manchado de sangue. Jaime limpou-o com a manga, após o que se dobrou para apanhar as velas que derrubara. Felizmente todas tinham se apagado quando caíram. *Se o septo tivesse se incendiado, podia nem ter reparado.*

– Isso foi uma loucura. – Cersei ajeitou o vestido. – Com o pai no castelo... Jaime, temos de ter cuidado.

– Estou farto de ter cuidado. Os Targaryen casavam-se entre irmãos, por que não podemos fazer o mesmo? Case-se comigo, Cersei. Erga-se perante o reino e diga que é a mim que quer. Teremos o nosso banquete de núpcias e faremos outro filho para o lugar de Joffrey.

Ela recuou.

– Isso não tem graça.

– Está me ouvindo rir?

– Deixou os miolos em Correrrio? – a voz dela tornara-se afiada. – O trono de Tommen provém de Robert, você sabe disso.

– Ele terá Rochedo Casterly, não basta? Que o pai ocupe o trono. Tudo o que quero é você. – Tentou tocar seu rosto. Os velhos hábitos custam a morrer, e foi o braço direito que levantou.

Cersei afastou-se do coto com repugnância.

– *Não*... não fale assim. Está me assustando, Jaime. Não seja *burro*. Uma palavra errada e vai nos custar tudo. O que fizeram com você?

– Cortaram minha mão.

– Não, é mais do que isso, está *mudado*. – Afastou-se um passo. – Mais tarde nos falamos. Amanhã. Tenho as aias de Sansa Stark numa cela de torre, tenho de interrogá-las... você devia ir falar com o pai.

– Atravessei mil léguas para vir até você, e perdi a melhor parte de mim ao longo do caminho. Não me diga para deixar você.

– *Deixe-me* – repetiu ela, virando as costas para ele.

Jaime amarrou os calções e fez o que ela ordenara. Apesar de estar muito cansado, não podia ir atrás de uma cama. Àquela altura, o senhor seu pai já sabia que tinha voltado à cidade.

A Torre da Mão encontrava-se guardada por guardas domésticos Lannister, que o reconheceram de imediato.

– Os deuses são bons, para trazê-lo de volta até nós, sor – disse um deles, enquanto lhe abria a porta.

– Os deuses não desempenharam nisso nenhum papel. Foi Catelyn Stark quem me devolveu. Ela e o Senhor do Forte do Pavor.

Subiu as escadas e entrou no aposento privado sem se fazer anunciar, indo encontrar o pai sentado junto à lareira. Lorde Tywin estava só, e Jaime sentiu-se grato por isso. Naquele momento, não tinha qualquer desejo de exibir a mão mutilada perante Mace Tyrell ou a Víbora Vermelha, muito menos perante ambos ao mesmo tempo.

– Jaime – disse Lorde Tywin, como se tivessem se visto no café da manhã. – Lorde Bolton levou-me a esperá-lo mais cedo. Achava que estaria aqui a tempo do casamento.

– Fui atrasado. – Jaime fechou suavemente a porta. – Minha irmã superou-se, segundo ouvi dizer. Setenta e sete pratos e um regicídio, nunca houve um casamento assim. Há quanto tempo sabe que estou livre?

– O eunuco disse-me alguns dias depois de sua fuga. Mandei homens para as terras fluviais à sua procura. Gregor Clegane, Samwell Spicer, os irmãos Plumm. Varys também divulgou a informação, mas em segredo. Concordamos que quanto menos pessoas soubessem que estava livre, menos o perseguiriam.

– Varys mencionou isto? – aproximou-se do fogo, para permitir que o pai visse.

Lorde Tywin saltou da cadeira, silvando entre dentes.

– *Quem fez isso?* Se a Senhora Catelyn pensa...

– A Senhora Catelyn encostou uma espada na minha garganta e obrigou-me a jurar que lhe devolveria as filhas. Isto foi obra de seu bode. Vargo Hoat, o Senhor de Harrenhal!

Lorde Tywin afastou o olhar, repugnado.

– Não é mais. Sor Gregor capturou o castelo. Os mercenários abandonaram seu antigo capitão quase até o último homem, e parte do antigo pessoal da Senhora Whent abriu uma porta falsa. Clegane foi encontrar Hoat sentado, sozinho, no Salão das Cem Lareiras, meio louco de dor e febre devido a um ferimento que gangrenou. A orelha, dizem.

Jaime teve de rir. *Que maravilha! A orelha!* Mal podia esperar para contar a Brienne, se bem que a garota não veria na coisa metade da piada que ele via.

– Já está morto?

– Em breve. Cortaram-lhe as mãos e os pés, mas Clegane parece se divertir com o modo como o qohorik se baba.

O sorriso de Jaime coalhou.

– E os seus Bravos Companheiros?

– Os poucos que ficaram em Harrenhal estão mortos. Os outros espalharam-se. Vão se dirigir para os portos, aposto, ou tentar se perder nas florestas. – Os olhos voltaram a se dirigir ao coto de Jaime, e sua

boca retesou-se de fúria. – Cortaremos a cabeça deles. De todos. Consegue usar uma espada com a mão esquerda?

*Mal consigo me vestir de manhã*. Jaime ergueu a mão em questão para que o pai a inspecionasse.

– Quatro dedos, um polegar, muito parecida com a outra. Por que não haveria de trabalhar tão bem?

– Ótimo. – O pai sentou-se. – Isso é ótimo. Tenho um presente para você. Pelo seu retorno. Depois de Varys me dizer...

– A menos que seja uma nova mão, que espere. – Jaime ocupou a cadeira à frente do pai. – Como foi que Joffrey morreu?

– Veneno. A ideia era que parecesse que ele tinha sufocado com um bocado de comida, mas eu mandei abrir a garganta dele e os meistres não encontraram qualquer obstrução.

– Cersei diz que foi Tyrion quem o matou.

– Seu irmão serviu ao rei o vinho envenenado, com mil pessoas olhando.

– Isso foi bastante idiota da parte dele.

– Prendi o escudeiro de Tyrion. As aias da esposa também. Veremos se têm alguma coisa a nos dizer. Os homens de manto dourado de Sor Addam andam à procura da garota Stark, e Varys ofereceu uma recompensa. A justiça do rei será feita.

*A justiça do rei.*

– Executaria seu próprio filho?

– Ele está sendo acusado de regicídio e assassinato de um familiar. Se for inocente, nada tem a temer. Primeiro temos de analisar as provas a favor e contra ele.

*Provas*. Naquela cidade de mentirosos, Jaime sabia que tipo de provas seriam encontradas.

– Renly também morreu de forma estranha, quando Stannis precisou que morresse.

– Lorde Renly foi assassinado por um de seus próprios guardas, uma mulher qualquer de Tarth.

– Essa mulher de Tarth é o motivo por que estou aqui. Atirei-a numa cela para apaziguar Sor Loras, mas antes acreditaria no fantasma de Renly do que ela lhe ter feito algum mal. Stannis, porém...

– Aquilo que matou Joffrey foi veneno, não feitiçaria. – Lorde Tywin voltou a relancear o coto de Jaime. – Não pode servir na Guarda Real sem uma mão da espada...

– Posso – interrompeu. – E é o que farei. Há precedente. Vou procurar no Livro Branco e encontrá-lo, se quiser. Mutilado ou inteiro, um cavaleiro da Guarda Real serve a vida toda.

– Cersei acabou com isso quando substituiu Sor Barristan devido à idade. Um presente adequado à Fé persuadirá o Alto Septão a libertá-lo de seus votos. Sua irmã foi tola em destituir Selmy, admito, mas agora que abriu os portões...

– ... alguém tem de fechá-los novamente. – Jaime levantou-se. – Estou farto de ter mulheres de nascimento elevado chutando baldes de merda na minha direção, pai. Nunca ninguém me perguntou se queria ser Senhor Comandante da Guarda Real, mas parece que sou. Tenho um dever...

– Tem. – Lorde Tywin também se levantou. – Um dever para com a Casa Lannister. É o herdeiro de Rochedo Casterly. É lá que devia estar. Tommen devia acompanhá-lo, como seu protegido e escudeiro. Será no Rochedo que ele aprenderá a ser um Lannister, e quero-o longe da mãe. Pretendo encontrar um novo marido para Cersei. Oberyn Martell, talvez, depois de convencer Lorde Tyrell de que a união não ameaça Jardim de Cima. E já é mais que hora de você se casar. Os Tyrell andam agora insistindo que Margaery se case com Tommen, mas se oferecer você em vez dele...

– *NÃO!* – Jaime ouvira tudo que conseguia aguentar. Não, *mais* do que conseguia aguentar. Estava farto daquilo, farto de lordes e mentiras, farto do pai, da irmã, farto de toda aquela maldita situação. – Não. Não. Não. Não. Não. Quantas vezes tenho de dizer *não* antes que me ouça? *Oberyn Martell?* O homem é infame, e não só por envenenar a espada. Tem mais bastardos do que Robert, e deita-se também com homens. E se acha por um disparatado momento que vou me casar com a viúva de Joffrey...

– Lorde Tyrell jura que a garota ainda é donzela.

– E por mim pode morrer donzela. *Não a quero e não quero o seu Rochedo!*

– É meu filho...

– Sou um cavaleiro da Guarda Real. O *Senhor Comandante* da Guarda Real! E isso é *tudo* o que pretendo ser!

A luz do fogo cintilava, dourada, nos pelos hirtos que enquadravam o rosto de Lorde Tywin. Uma veia latejava em seu pescoço, mas ele não falou. E não falou. E não falou.

O tenso silêncio prolongou-se até ser mais do que Jaime podia aguentar.

– Pai... – começou.

– Você não é meu filho. – Lorde Tywin afastou o olhar. – Diz que é o Senhor Comandante da Guarda Real, e apenas isso. Muito bem, sor. Vá cumprir o seu dever.

# DAVOS

As vozes deles subiam como fagulhas, rodopiando na direção do céu púrpura do princípio da noite.

– Leve-nos para longe das trevas, oh senhor. Encha-nos de fogo o coração, para que possamos percorrer o seu caminho brilhante.

A fogueira noturna ardia contra a escuridão que se aprofundava, um grande animal brilhante cuja oscilante luz laranja atirava sombras com seis metros de altura pátio afora. Ao longo das muralhas de Pedra do Dragão, o exército de gárgulas e grotescos parecia se agitar e mudar de posição.

Davos olhava de uma janela arqueada na galeria, acima. Observou Melisandre erguer os braços, como que para abraçar as chamas tremulantes.

– R'hllor – entoou numa voz sonora e clara –, é a luz nos nossos olhos, o fogo nos nossos corações, o calor nos nossos quadris. É seu o sol que aquece os nossos dias, suas são as estrelas que nos protegem na escuridão da noite.

– *Senhor da Luz, proteja-nos. A noite é escura e cheia de terrores*.

A Rainha Selyse liderava as respostas, com o rosto atormentado e cheio de fervor. O Rei Stannis estava ao seu lado, com o maxilar bem cerrado e as pontas de sua coroa de ouro vermelho cintilando sempre que movia a cabeça. *Ele está com eles, mas não é um deles*, pensou Davos. A Princesa Shireen encontrava-se entre os pais, com as manchas cinzentas mosqueadas no rosto e no pescoço quase negras à luz da fogueira.

– *Senhor da Luz, proteja-nos* – cantou a rainha. O rei não respondeu com os outros. Estava fitando as chamas. Davos perguntou a si mesmo o que ele estaria vendo ali. *Outra visão da guerra que aí vem? Ou algo mais perto de casa?*

– R'hllor, que nos deu o sopro, agradecemos ao senhor – cantou Melisandre. – R'hllor, que nos deu o dia, agradecemos ao senhor.

– *Agradecemos ao senhor pelo sol que nos aquece* – respondeu a Rainha Selyse e os outros adoradores. – *Agradecemos ao senhor pelas estrelas que nos vigiam. Agradecemos ao senhor pelas lareiras e archotes que mantêm a escuridão selvagem a distância*. – Parecia a Davos que as respostas eram proferidas por menos vozes do que na noite anterior; menos rostos pintados de cor de laranja em volta da fogueira. Mas haveria ainda menos no dia seguinte... ou mais?

A voz de Sor Axell Florent ressoava, sonora como uma trombeta. Estava em pé, de peito estufado e pernas arqueadas, com a luz do fogo lambendo seu rosto como uma monstruosa língua laranja. Davos perguntou a si mesmo se Sor Axell lhe agradeceria depois. A obra que tinham realizado naquela noite poderia bem fazer do homem Mão do Rei, tal como sonhava.

Melisandre gritou:

– Agradecemos ao senhor por Stannis, por sua graça nosso rei. Agradecemos ao senhor pelo fogo de um branco puro de sua bondade, pela espada vermelha da justiça que empunha, pelo amor que sente por seu leal povo. Guie-o e proteja-o, R'hllor, e dê-lhe força para derrotar os inimigos.

– *Dê-lhe força* – responderam a Rainha Selyse, Sor Axell, Devan e os outros. – *Dê-lhe coragem. Dê-lhe sabedoria*.

Quando era garoto, os septões tinham ensinado Davos a rezar à Velha por sabedoria, ao Guerreiro por coragem, ao Ferreiro por força. Mas era à Mãe que rezava agora, para que mantivesse seu querido filho Devan a salvo do deus demoníaco da mulher vermelha.

– Lorde Davos? É melhor irmos. – Sor Andrew tocou suavemente em seu cotovelo. – Senhor?

O título ainda lhe soava estranho aos ouvidos, mas Davos afastou-se da janela.

– Sim. É hora.

Stannis, Melisandre e os homens da rainha permaneceriam nas suas preces durante uma hora ou mais. Os sacerdotes vermelhos acendiam as fogueiras todos os dias ao pôr do sol, para agradecer a R'hllor pelo dia que terminava e suplicar-lhe que voltasse a enviar o seu sol de manhã, para banir a escuridão. *Um contrabandista deve conhecer as marés e a altura de apanhá-las*. No fim das contas, não passava disso; Davos, o

contrabandista. A mão mutilada subiu à garganta em busca de sua sorte, e nada encontrou. Baixou-a bruscamente e apressou-se um pouco mais.

Os companheiros apressaram-se com ele, ajustando os passos aos seus. O Bastardo de Nocticantiga tinha um rosto devastado pela varíola e um ar de cavalaria esfarrapada; Sor Gerald Gower era largo, brusco e louro; Sor Andrew Estermont era uma cabeça mais alto, com uma barba pontuda e hirsutas sobrancelhas castanhas. Davos os considerava todos bons homens, cada um à sua maneira. *E todos serão homens mortos em breve, se a obra desta noite correr mal.*

– O fogo é uma coisa viva – a mulher vermelha tinha dito, quando lhe pediu que o ensinasse a ver o futuro nas chamas. – Está sempre em movimento, sempre em mudança... como um livro cujas letras dançam e se movimentam mesmo enquanto se está tentando lê-las. São precisos anos de treino para ver as silhuetas por trás das chamas, e mais anos ainda para aprender a distinguir as silhuetas daquilo que irá acontecer das que mostram o que poderá acontecer ou o que já aconteceu. Mesmo então, é difícil, *difícil*. Vocês, os homens das terras do poente, não compreendem. – Davos perguntou-lhe então como Sor Axell tinha aprendido tão depressa o truque, mas ao ouvir isso ela limitou-se a dar um sorriso enigmático e dizer: – Qualquer gato pode fitar uma fogueira e ver ratos vermelhos brincando.

Não tinha mentido a respeito de nada daquilo aos seus homens do rei.

– Pode ser que a mulher vermelha veja o que pretendemos fazer – avisou-os.

– Então devíamos começar por matá-la – sugeriu Lewys Peixeira. – Conheço um lugar onde poderíamos preparar uma cilada, quatro de nós com espadas afiadas...

– Condenaria a todos nós – disse Davos. – Meistre Cressen tentou matá-la, e ela soube de imediato. Pelas chamas, suponho. Parece-me que é muito rápida em sentir qualquer ameaça à sua pessoa, mas certamente não pode saber *tudo*. Se a ignorarmos, talvez possamos escapar à sua detecção.

– Não há honra em nos escondermos e andarmos pela calada – objetou Sor Triston do Monte da Talha, que tinha sido um homem dos Sunglass antes de Lorde Guncer ser entregue às fogueiras de Melisandre.

– É assim tão honroso arder? – perguntara-lhe Davos. – Viu Lorde Sunglass morrer. É isso que deseja? Agora não preciso de homens de honra. Preciso de *contrabandistas*. Estão comigo ou não?

Estavam. Pela bondade dos deuses, estavam.

Meistre Pylos conduzia Edric Storm por suas somas quando Davos abriu a porta. Sor Andrew vinha logo atrás dele; os outros tinham sido deixados guardando as escadas e a porta do porão. O meistre interrompeu-se.

– Por enquanto é isso, Edric.

O garoto ficou confuso pela intrusão.

– Lorde Davos, Sor Andrew. Estávamos fazendo somas.

Sor Andrew sorriu.

– Eu detestava somas quando tinha sua idade, primo.

– Não me aborrecem muito. Mas gosto mais de história. Está cheia de histórias.

– Edric – disse Meistre Pylos –, agora vá correndo buscar o seu manto. Depois vai com o Lorde Davos.

– Vou? – Edric pôs-se em pé. – Aonde vamos? – Sua boca fez uma expressão teimosa. – Não irei rezar ao Senhor da Luz. Sou um homem do Guerreiro, como o meu pai.

– Nós sabemos – disse Davos. – Venha, rapaz, não podemos perder tempo.

Edric vestiu um espesso manto com capuz de lã crua. Meistre Pylos ajudou a prendê-lo, e puxou o capuz para lhe esconder o rosto.

– Você vem conosco, meistre? – perguntou o garoto.

– Não. – Pylos tocou a corrente de muitos metais que usava em volta do pescoço. – Meu lugar é aqui em Pedra do Dragão. Agora vá com Lorde Davos e faça o que ele disser. Lembre-se de que ele é a Mão do Rei. O que foi que eu lhe disse a respeito da Mão do Rei?

– A Mão fala com a voz do rei.

O jovem meistre sorriu.

– É isso mesmo. Agora vá.

Davos sentira-se incerto sobre Pylos. Talvez nutrisse ressentimento por ele ter ocupado o lugar do velho Cressen. Mas agora só podia admirar a coragem do homem. *Isso também pode custar a vida dele*.

Fora dos aposentos do meistre, Sor Gerald Gower esperava junto à escada. Edric Storm olhou-o com curiosidade. Enquanto desciam, perguntou.

– Aonde vamos, Lorde Davos?

– Para a água. Há um navio à sua espera.

O garoto parou subitamente.

– Um navio?

– Um dos de Salladhor Saan. Salla é um bom amigo meu.

– Eu irei com você, primo – garantiu-lhe Sor Andrew. – Não há nada de que ter medo.

– Eu não tenho *medo* – disse Edric, indignado. – É só... a Shireen também vem?

– Não – disse Davos. – A princesa tem de ficar aqui com o pai e a mãe.

– Então preciso vê-la – explicou Edric. – Para me despedir. Senão ela vai ficar triste.

*Não tão triste do que ficaria se o visse ardendo.*

– Não há tempo – disse Davos. – Eu digo à princesa que estava pensando nela. E você pode escrever para ela, quando chegar ao lugar para onde vai.

O garoto franziu a testa.

– Tem certeza de que preciso ir? Por que é que o meu tio me enviaria para fora de Pedra do Dragão? Desagradei-lhe? Não quis lhe desagradar. – Adotou de novo aquela expressão teimosa. – Quero falar com o meu tio. Quero falar com o Rei Stannis.

Sor Andrew e Sor Gerald trocaram um olhar.

– Não há tempo para isso, primo – disse Sor Andrew.

– Quero falar com ele! – insistiu Edric, mais alto.

– Ele não quer falar com você. – Davos tinha de dizer qualquer coisa para pôr o rapaz em movimento. – Eu sou a Mão dele, falo com a voz dele. Terei de ir até o rei e dizer-lhe que você não quer fazer o que lhe dizem? Sabe como isso o deixará zangado? Alguma vez já viu o seu tio zangado? – tirou a luva e mostrou ao garoto os quatro dedos que Stannis tinha encurtado. – Eu já.

Era tudo mentira; não houve qualquer ira em Stannis Baratheon quando cortou a extremidade dos dedos de seu Cavaleiro das Cebolas, só um

sentido férreo de justiça. Mas Edric Storm ainda não era nascido naquela época, e não tinha como saber. E a ameaça teve o efeito desejado.

– Ele não devia ter feito isso – disse o garoto, mas deixou que Davos pegasse sua mão e o levasse degraus abaixo.

O Bastardo de Nocticantiga juntou-se a eles na porta do porão. Caminharam depressa, atravessando um pátio cheio de sombras e descendo alguns degraus, sob a cauda de pedra de um dragão congelado. Lewys Peixeira e Omer Blackberry esperavam na poterna, com dois guardas amarrados e amordaçados aos pés.

– O barco? – perguntou-lhes Davos.

– Está lá – disse Lewys. – Quatro remadores. A galé está ancorada logo depois do cabo. *Prendos Louco*.

Davos soltou um risinho. *Um navio batizado em honra a um louco. Sim, é adequado*. Salla tivera uma mostra do humor negro dos piratas.

Ajoelhou-se diante de Edric Storm.

– Agora tenho de deixá-lo – disse. – Há um barco à espera, para levá-lo a uma galé. Depois vai atravessar o mar. É filho de Robert, portanto sei que será corajoso, aconteça o que acontecer.

– Serei. Só que... – O rapaz hesitou.

– Pense nisso como uma aventura, senhor. – Davos tentou soar forte e alegre. – É o início da grande aventura de sua vida. Que o Guerreiro o proteja.

– E que o Pai o julgue com justiça, Lorde Davos.

O garoto saiu com o primo, Sor Andrew, pela poterna. Os outros seguiram-nos, todos menos o Bastardo de Nocticantiga. *Que o Pai me julgue com justiça*, pensou Davos com tristeza. Mas era o julgamento do rei que o preocupava agora.

– E estes dois? – perguntou Sor Rolland referindo-se aos guardas, depois de fechar e trancar o portão.

– Meta-os num porão – disse Davos. – Pode soltá-los depois de Edric estar longe e a salvo.

O Bastardo fez um aceno brusco. Não houve mais palavras a dizer; a parte fácil estava feita. Davos calçou a luva desejando que não tivesse perdido a sua sorte. Fora um homem melhor e mais corajoso com aquele saco de ossos pendurado no pescoço. Passou os dedos encurtados pelos cabelos castanhos que iam rareando e perguntou a si mesmo se precisaria

cortá-los. Tinha de ter um aspecto aceitável quando se apresentasse ao rei.

Pedra do Dragão nunca parecera tão escura e temível. Caminhou lentamente, com os passos a ecoar em paredes negras e dragões. *Dragões de pedra que nunca despertarão, espero eu*. O Tambor de Pedra ergueu-se, enorme, à sua frente. Os guardas à porta descruzaram as lanças quando ele se aproximou. *Não para o Cavaleiro das Cebolas, mas para a Mão do Rei*. Davos era a Mão ao entrar, pelo menos. Perguntou a si mesmo o que seria ao sair. *Se chegasse a sair...*

Os degraus pareceram mais longos e íngremes do que antes, ou talvez fosse apenas o caso de estar cansado. *A Mãe não me fez para tarefas como esta*. Subira alto demais e depressa demais, e ali na montanha o ar era rarefeito demais para ele respirar. Quando garoto, sonhou com riquezas, mas isso tinha sido muito tempo antes. Mais tarde, crescido, tudo o que desejava resumiu-se a alguns acres de boa terra, uma casa em que envelhecer, uma vida melhor para os filhos. O Bastardo Cego costumava dizer-lhe que um contrabandista inteligente não tentava obter coisas demais, nem chamava a atenção para si. *Alguns acres, um telhado de madeira, um "sor" antes do nome, devia ter ficado satisfeito*. Se sobrevivesse àquela noite, levaria Devan e viajaria para casa, para o Cabo da Fúria e para a sua gentil Marya. *Choraremos juntos os nossos filhos mortos, criaremos os vivos para que se tornem homens bons e não voltaremos a falar de reis.*

A Sala da Mesa Pintada estava escura e vazia quando Davos entrou; o rei ainda devia estar na fogueira noturna, com Melisandre e os homens da rainha. Ajoelhou e acendeu a lareira, para afastar o frio do aposento redondo e expulsar as sombras para os seus cantos. Então dirigiu-se às janelas, uma de cada vez, abrindo as pesadas cortinas de veludo e destrancando as venezianas de madeira. O vento entrou, carregado com o cheiro do sal e do mar, e puxou seu manto simples e marrom.

Na janela norte, encostou-se ao peitoril para inspirar um pouco do ar frio da noite, esperando vislumbrar o *Prendos Louco* içar as velas, mas o mar parecia negro e vazio até perder de vista. *Já terá partido?* Só podia rezar para que sim, e o garoto com ele. Uma meia-lua aparecia e desaparecia por trás de nuvens finas e altas, e Davos via estrelas familiares; ali estava a Galé, velejando para oeste; ali a Lanterna da

Velha, quatro estrelas brilhantes que rodeavam uma névoa dourada. As nuvens escondiam a maior parte do Dragão de Gelo, exceto pelo brilhante olho azul que indicava o rumo do norte. *O céu está cheio de estrelas de contrabandista*. Eram velhas amigas, aquelas estrelas; Davos esperava que isso significasse boa sorte.

Mas quando baixou o olhar do céu para as ameias do castelo, deixou de ter tanta certeza. As asas dos dragões de pedra criavam sombras negras à luz proveniente da fogueira noturna. Tentou dizer a si mesmo que não passavam de esculturas, frias e sem vida. *Este foi antigamente o lugar deles. Um lugar de dragões e de senhores de dragões, a sede da Casa Targaryen*. Os Targaryen eram do sangue da velha Valíria...

O vento suspirou pelo aposento, e na lareira as chamas estremeceram e rodopiaram. Ouviu as toras crepitarem e soltarem fagulhas. Quando Davos saiu da janela, a sua sombra seguiu à sua frente, alta e esguia, e caiu sobre a Mesa Pintada como uma espada. E ali permaneceu durante muito tempo, à espera. Ouviu as botas deles nos degraus de pedra ao subirem. A voz do rei chegou antes do rei.

– ... não é três – estava Stannis dizendo.

– Três são três – foi a resposta de Melisandre. – Juro, Vossa Graça, eu vi-o morrer e ouvi os lamentos de sua mãe.

– Na fogueira noturna. – Stannis e Melisandre atravessaram juntos a porta. – As chamas estão cheias de truques. O que é, o que será, o que poderá ser. Não pode me dar a certeza...

– Vossa Graça. – Davos deu um passo adiante. – A Senhora Melisandre viu a verdade. Seu sobrinho Joffrey está morto.

O rei não mostrou sinal de surpresa por encontrá-lo junto da Mesa Pintada.

– Lorde Davos – disse. – Ele não era meu sobrinho. Embora eu tenha julgado durante anos que fosse.

– Sufocou com um pedaço de comida no seu banquete de casamento – disse Davos. – Pode ter sido envenenado.

– É o terceiro – disse Melisandre.

– Eu sei contar, mulher. – Stannis caminhou ao longo da mesa, passando por Vilavelha e pela Árvore, subindo na direção das Ilhas Escudo e da foz do Vago. – Os casamentos tornaram-se mais perigosos do que as batalhas, ao que parece. Quem foi o envenenador? Sabe-se?

– O tio, segundo se diz. O Duende.

Stannis rangeu os dentes.

– Um homem perigoso. Fiquei sabendo disso na Água Negra. Como lhe chegou esse relatório?

– Os lisenos ainda negociam em Porto Real. Salladhor Saan não tem motivos para mentir para mim.

– Suponho que não. – O rei percorreu a mesa com os dedos. – Joffrey... lembro-me de uma vez, uma gata de cozinha... os cozinheiros gostavam de lhe dar restos e cabeças de peixe. Um deles disse ao rapaz que ela tinha gatinhos na barriga, achando que ele poderia querer um. Joffrey abriu o pobre bicho com um punhal para ver se era verdade. Quando encontrou as crias, levou-as para mostrar ao pai. Robert bateu no garoto com tanta força que julguei que o tinha matado. – O rei tirou a coroa e pousou-a na mesa. – Anão ou sanguessuga, esse assassino prestou um serviço ao reino. Agora *têm* de mandar me buscar.

– Não o farão – disse Melisandre. – Joffrey tem um irmão.

– Tommen. – O rei proferiu o nome de má vontade.

– Coroarão Tommen e governarão em seu nome.

Stannis cerrou o punho.

– Tommen é mais gentil do que Joffrey, mas nasceu do mesmo incesto. Outro monstro por se formar. Outra sanguessuga sobre a Terra. Westeros precisa de uma mão de homem, não de criança.

Melisandre aproximou-se.

– Salve-os, senhor. Permita-me que acorde os dragões de pedra. Três são três. Dê-me o garoto.

– Edric Storm – disse Davos.

Stannis virou-se para ele numa fúria fria.

– *Eu sei como ele se chama*. Poupe-me de suas censuras. Não gosto mais disso do que você, mas o meu dever é para com o reino. O meu dever... – Voltou a virar-se para Melisandre. – Jura que não há outra maneira? Jure por sua vida, porque juro que morrerá devagarinho se mentir para mim.

– O senhor é quem tem de se erguer perante o Outro. Aquele cuja vinda foi profetizada há cinco mil anos. O cometa vermelho foi o seu arauto. O senhor é o príncipe que foi prometido, e se cair, o mundo cairá junto. –

Melisandre aproximou-se dele, de lábios entreabertos, com o rubi a latejar. – Dê-me este garoto – sussurrou – e eu darei o seu reino.

– Ele não pode – disse Davos. – Edric Storm partiu.

– Partiu? – Stannis virou-se. – O que quer dizer com *partiu*?

– Está a bordo de uma galé lisena, em segurança no mar. – Davos observava o rosto pálido e em forma de coração de Melisandre. Viu aí o tremeluzir do desânimo, a súbita incerteza. *Ela não o viu!*

Os olhos do rei eram hematomas azul-escuros nos buracos de seu rosto.

– O bastardo foi levado de Pedra do Dragão sem a minha autorização? Uma galé, você diz? Se esse pirata liseno pensa em usar o garoto para me extorquir ouro...

– Isso é obra da sua Mão, senhor. – Melisandre lançou a Davos um olhar sabedor. – Vai trazê-lo de volta, senhor. Vai fazer isso.

– O garoto está fora do meu alcance – disse Davos. – E fora do seu também, senhora.

Os olhos vermelhos da mulher fizeram-no contorcer-se por dentro.

– Devia tê-lo deixado no escuro, sor. Sabe o que fez?

– O meu dever.

– Alguns chamariam de traição. – Stannis dirigiu-se à janela e fitou a noite. *Estará à procura do navio?* – Eu tirei-o da lama, Davos. – Soava mais cansado do que irritado. – Seria demais esperar lealdade?

– Quatro dos meus filhos morreram pelo senhor na Água Negra. Eu mesmo podia ter morrido. Tem a minha lealdade, sempre. – Davos Seaworth pensara dura e longamente sobre as palavras que diria em seguida; sabia que a sua vida dependia delas. – Vossa Graça, fez-me jurar dar-lhe conselhos honestos e rápida obediência, defender o seu reino contra seus inimigos, *proteger o seu povo*. Não será Edric Storm um membro do seu povo? Um daqueles que jurei proteger? Obedeci aos meus votos. Como pode isso ser traição?

Stannis voltou a ranger os dentes.

– Nunca pedi esta coroa. O ouro é frio e pesado na cabeça, mas enquanto *for* o rei, tenho um dever a cumprir... Se tiver de sacrificar uma criança às chamas para salvar um milhão da escuridão... *Sacrifício*... nunca é fácil, Davos. Se for, não é um verdadeiro sacrifício. Diga-lhe, senhora.

Melisandre falou:

– Azor Ahai temperou a Luminífera com o sangue do coração de sua amada esposa. Se um homem com mil vacas der uma a deus, isso nada é. Mas um homem que oferece a única vaca que possui...

– Ela fala de vacas – disse Davos ao rei. – Eu estou falando de um garoto, amigo de sua filha, filho de seu irmão.

– O filho de um rei, com o poder do sangue real em suas veias. – O rubi de Melisandre cintilava como uma estrela vermelha à sua garganta. – Pensa que salvou este garoto, Cavaleiro das Cebolas? Quando a longa noite cair, Edric Storm morrerá com os outros, não importa onde esteja escondido. E os seus filhos também. As trevas e o frio cobrirão a terra. Intromete-se em assuntos que não compreende.

– Há muitas coisas que não compreendo – admitiu Davos. – Nunca fingi o contrário. Conheço os mares e os rios, a forma das costas, onde há rochedos e baixios. Conheço angras escondidas onde um barco pode aportar sem ser visto. E sei que um rei protege o seu povo, caso contrário não é rei nenhum.

O rosto de Stannis escureceu.

– Zomba de mim na minha cara? Será que preciso aprender quais são os deveres de um rei com um contrabandista de cebolas?

Davos ajoelhou.

– Se o ofendi, corte minha cabeça. Morrerei como vivi, um homem que lhe é leal. Mas primeiro escute-me. Escute-me em nome das cebolas que lhe trouxe, e dos dedos que me tirou.

Stannis desembainhou a Luminífera. O brilho da espada encheu a sala.

– Diga o que quiser, mas diga depressa. – Os músculos no pescoço do rei projetavam-se como cordões.

Davos apalpou dentro do manto e tirou um pedaço amarfanhado de pergaminho. Parecia uma coisa pequena e banal, mas era todo o escudo que possuía.

– Uma Mão do Rei deve saber ler e escrever. Meistre Pylos tem me ensinado. – Alisou a carta no joelho e começou a ler à luz da espada mágica.

# JON

Sonhou que estava de volta a Winterfell, passando mancando pelos reis de pedra em seus tronos. Seus olhos de granito, cinzentos, viravam-se para segui-lo e seus dedos de granito apertavam-se no cabo das espadas enferrujadas que descansavam sobre suas coxas. *Não é um Stark*, ouvia-os resmungar, em pesadas vozes de granito. *Não há lugar para você. Vá embora*. Caminhou mais profundamente para o interior das trevas.

– Pai? – chamou. – Bran? Rickon? – ninguém respondeu. Um vento gelado soprava em seu pescoço. – Tio? – chamou. – Tio Benjen? Pai? Por favor, pai, ajude-me. – Ouviu o som de tambores vindo de cima. *Estão se banqueteando no Salão Grande, mas não sou bem-vindo lá. Não sou um Stark, e este não é o meu lugar*. A muleta escorregou e ele caiu de joelhos. As criptas estavam se tornando mais escuras. *Uma luz apagou-se, em algum lugar*. – Ygritte? – sussurrou. – Perdoe-me. Por favor. – Mas era apenas um lobo gigante, cinza e sinistro, salpicado de sangue, com os olhos dourados brilhando tristemente na escuridão...

A cela estava escura e a cama era dura sob seu corpo. Lembrou-se de que era a sua cama, a sua cama em sua cela de intendente que ficava abaixo dos aposentos do Velho Urso. Deveria ter-lhe trazido sonhos melhores. Mesmo sob as peles tinha frio. Fantasma era seu companheiro de cela antes de partirem em patrulha, aquecendo-a contra o frio da noite. E depois Ygritte dormira ao seu lado. *Ambos se foram agora*. Ele mesmo tinha queimado Ygritte, como sabia que ela teria desejado, e o Fantasma... *Onde está?* Estaria também *ele* morto, seria esse o significado de seu sonho, o lobo ensanguentado nas criptas? Mas o lobo no sonho era cinza, não branco. *Cinza como o lobo de Bran*. Teriam os Thenns o caçado, o teriam matado após Coroadarrainha? Se fosse isso que tinha acontecido, Bran estava perdido para ele, completamente e para sempre.

Jon estava tentando descobrir um sentido naquilo quando o berrante soou.

*O Berrante do Inverno*, pensou, ainda confuso do sono. Mas Mance não chegara a encontrar o berrante de Joramun, portanto não podia ser. Seguiu-se um segundo sopro, tão longo e profundo quanto o primeiro. Jon tinha de se levantar e ir para a Muralha, bem sabia, mas era tão difícil...

Empurrou as peles para o lado e sentou-se. A dor na perna parecia mais amortecida, nada que não pudesse suportar. Tinha dormido vestido com os calções, túnica e roupa interior, para obter mais calor, portanto tinha apenas de calçar as botas e vestir couro, cota de malha e manto. O berrante voltou a soar, dois sopros longos, por isso pôs Garralonga ao ombro, pegou a muleta e manquejou escada abaixo.

Lá fora era noite cerrada, fazia um frio cortante e o céu estava coberto. Os irmãos jorravam de torres e fortalezas, afivelando os cintos de espada e dirigindo-se para a Muralha. Jon procurou Pyp e Grenn, mas não conseguiu encontrá-los. Talvez fosse um deles a sentinela que soprava o berrante. *É Mance*, pensou. *Finalmente chegou*. Isso era bom. *Travaremos uma batalha, e depois descansaremos. Vivos ou mortos, descansaremos*.

Onde estivera a escada só restava um imenso monte de madeira carbonizada e gelo quebrado à sombra da Muralha. Agora era o guincho que os içava, mas a gaiola só era suficiente para dez homens de cada vez, e já subia quando Jon chegou. Teria de esperar a sua volta. Outros esperaram com ele; Cetim, Mully, Bota Extra, Barricas, o grande e louro Hareth com seus dentes salientes. Todo mundo o chamava de Cavalo. Tinha sido cavalariço em Vila Toupeira, um dos poucos toupeiras que ficaram em Castelo Negro. Os outros tinham corrido de volta aos seus campos e cabanas, ou para as suas camas no bordel subterrâneo. Mas Cavalo queria vestir o negro, o grande tolo do dentuço. Zei, a prostituta que se mostrara tão habilidosa com o arco, também ficou, e Noye acolheu três garotos órfãos cujos pais tinham morrido na escada. Eram novos – nove, oito e cinco anos –, mas ninguém mais parecia querê-los.

Enquanto esperavam que a gaiola descesse, Clydas trouxe-lhes taças de vinho quente temperado, enquanto Hobb Três-Dedos distribuía nacos de pão escuro. Jon recebeu dele uma côdea e começou a roê-la.

– É o Mance Rayder? – perguntou ansiosamente Cetim.

– Podemos ter essa esperança. – Havia coisas piores do que selvagens na escuridão. Jon lembrava-se das palavras que o rei selvagem proferira no Punho dos Primeiros Homens, enquanto conversavam na neve cor-de-rosa. “Quando os mortos caminham, muralhas, estacas e espadas nada significam. Não pode lutar com os mortos, Jon Snow. Ninguém sabe disso tão bem quanto eu.” Só de pensar naquilo o vento pareceu soprar um pouco mais frio.

Por fim, a gaiola voltou a descer, retinindo e oscilando na ponta da longa corrente, e eles aglomeraram-se lá dentro, em silêncio, e fecharam a porta.

Mully puxou três vezes a corda da sineta. Um momento mais tarde, começaram a subir, a princípio aos trancos, depois mais suavemente. Ninguém falou. No topo, a gaiola balançou para o lado e saltaram para fora, um por um. Cavalo ajudou Jon a descer para o gelo. O frio atingiu-o nos dentes como um soco.

Uma linha de fogos ardia ao longo do topo da Muralha, em cestos de ferro montados em postes mais altos do que um homem. O vento, frio como uma faca, agitava e fazia as chamas rodopiarem, de modo que a lúgubre luz laranja estava sempre mudando. Feixes de flechas, lanças e dardos para as bestas e as balistas estavam em posição por todo lado. Havia pilhas de pedra com três metros de altura, grandes barris de madeira cheios de piche e de óleo de lâmpadas alinhavam-se a seu lado. Bowen Marsh deixara Castelo Negro bem abastecido de tudo, menos de homens. O vento chicoteava o manto negro das sentinelas-espantalhos montadas ao longo das ameias, de lança na mão.

– Espero que não tenha sido um deles que soprou o berrante – disse Jon a Donal Noye quando se aproximou dele coxeando.

– Ouviu isso? – perguntou Noye.

Havia o vento, e cavalos, e algo mais.

– Um mamute – disse Jon. – Isso foi um mamute.

O hálito do armeiro gelava assim que saía de seu nariz largo e achatado. A norte da Muralha havia um mar de escuridão que parecia estender-se até o infinito. Jon conseguia distinguir a tênue cintilação vermelha de fogos distantes em movimento através da floresta. Era Mance, tão certo como a alvorada. Os Outros não acendiam archotes.

– Como é que lutamos contra eles se não os vemos? – perguntou Cavalo.

Donal Noye virou-se para dois grandes trabucos que Bowen Marsh tinha restaurado e posto em funcionamento.

– Deem-me *luz*! – rugiu.

Barris de piche foram apressadamente carregados nos estilingues e incendiados com um archote. O vento soprou as chamas até se transformarem numa viva fúria vermelha.

– *AGORA!* – berrou Noye. Os contrapesos precipitaram-se para baixo e os braços de arremesso ergueram-se até baterem com estrondo nas barras transversais almofadadas. O piche ardente partiu rodopiando pela escuridão, lançando uma fantasmagórica luz oscilante sobre o terreno lá embaixo. Jon vislumbrou mamutes que se moviam imponentemente à meia-luz, e com a mesma rapidez deixou de vê-los. Uma dúzia, talvez mais. Os barris atingiram a terra e estouraram. Ouviram uma trombeta soar num baixo profundo, e um gigante rugiu qualquer coisa no Idioma Antigo, com a voz num trovão ancestral que provocou arrepios na espinha de Jon.

– *Outra vez!* – gritou Noye, e os trabucos foram de novo carregados. Mais dois barris de piche ardente partiram, crepitando, para as sombras, e esmagaram-se entre o inimigo. Daquela vez um deles atingiu uma árvore morta, envolvendo-a em chamas. *Não é uma dúzia de mamutes*, viu Jon, *é uma centena*.

Aproximou-se da borda do precipício. *Cuidado*, recordou a si mesmo, *é uma longa queda até lá embaixo*. Alyn Vermelho fez soar mais uma vez o seu berrante de sentinela, *Aaaaahuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu, aaaaaaahuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu*. E agora os selvagens responderam, não com um berrante, mas com uma dúzia, e também com tambores e gaitas. *Chegamos*, pareciam dizer, *chegamos para quebrar a sua Muralha, para tomar suas terras e roubar suas filhas*. O vento uivava, os trabucos rangiam e estrondeavam, os barris voavam. Atrás dos gigantes e dos mamutes, Jon viu homens avançando contra a muralha com arcos e machados. Haveria vinte ou vinte mil? Na escuridão, não havia como dizer. *Esta é uma batalha de cegos, mas Mance tem alguns milhares mais do que nós*.

– O portão! – gritou Pyp. – Eles estão no *PORTÃO!*

A Muralha era grande demais para ser assaltada por meios convencionais; alta demais para escadas ou torres de cerco, espessa demais para aríetes. Nenhuma catapulta era capaz de arremessar uma pedra suficientemente grande para abrir uma brecha nela, e caso se tentasse incendiá-la, o gelo derretido extinguiria as chamas. Era possível escalá-la, como os assaltantes tinham feito perto de Guardagris, mas só se os alpinistas fossem fortes, estivessem em forma e tivessem mãos seguras, e mesmo assim podiam acabar como Jarl, empalados numa árvore. *Eles têm de tomar o portão, caso contrário não poderão passar.*

Mas o portão era um túnel sinuoso através do gelo, menor do que qualquer portão de castelo dos Sete Reinos, tão estreito que os patrulheiros tinham de levar os garranos em fila indiana. Três portões de ferro fechavam a passagem interior, todos trancados e acorrentados e protegidos por um alçapão. A porta exterior era de carvalho antigo, com vinte e três centímetros de espessura e reforçada com ferro, difícil de quebrar. *Mas Mance tem mamutes*, recordou a si mesmo, *e também tem gigantes*.

– Deve estar frio lá embaixo – disse Noye. – Que dizem de os aquecermos, rapazes? – uma dúzia de potes de óleo para lâmpadas tinham sido alinhados junto ao precipício. Pyp percorreu a fileira com um archote, incendiando-os. Owen Idiota seguiu-o, empurrando-os borda afora, um por um. Línguas de fogo amarelo-claro rodopiaram em volta dos potes quando estes mergulharam. Depois de o último ter sido atirado, Grenn soltou com um pontapé os calços de um barril de piche e fez com que também caísse pela borda da Muralha, rolando e ressaltando. Os sons que vinham de baixo transformaram-se em berros e gritos, doce música para os seus ouvidos.

Mas os tambores ainda ressoavam, os trabucos estremeciam e estrondeavam, e o som das gaitas de foles veio em baforadas pela noite, como se fosse a canção de umas aves quaisquer, estranhas e ferozes. Septão Cellador também começou a cantar, com a voz trêmula e carregada de vinho.

Gentil Mãe, de clemência fonte,
nossos filhos livre da disputa,
pare espadas, pare flechas,
deixe-os ver...

Donal Noye virou-se para ele.

– O primeiro homem aqui que parar a espada, eu mando a porcaria da bunda caída lá pra baixo... começando por você, septão. *Arqueiros!* Temos aí algum maldito arqueiro?

– Aqui – disse Cetim.

– E aqui – disse Mully. – Mas como é que encontro um alvo? Tá escuro como se estivéssemos dentro de uma barriga de porco. Onde estão eles?

Noye apontou para o norte.

– Dispare flechas suficientes e pode ser que acerte alguns. Pelo menos vai deixá-los inquietos. – Olhou em volta do círculo de rostos iluminados pelo fogo. – Preciso de dois arcos e de duas lanças para me ajudar a defender o túnel, caso eles consigam quebrar o portão. – Mais de dez deram um passo adiante, e o ferreiro escolheu seus quatro. – Jon, a Muralha é sua até eu voltar.

Por um momento Jon julgou ter ouvido mal. Parecera que Noye estava deixando-o no comando.

– Senhor?

– *Senhor?* Eu sou um ferreiro. Disse que a Muralha é sua.

*Há homens mais velhos*, Jon quis dizer, *homens melhores. Ainda estou verde como a grama do verão. Estou ferido, e fui acusado de deserção*. Tinha ficado com a boca seca como um osso.

– Sim – conseguiu dizer.

Mais tarde Jon Snow teria a sensação de aquela noite ter sido um sonho. Lado a lado com os soldados de palha, com arcos e bestas apertados em mãos meio congeladas, seus arqueiros atiraram uma centena de nuvens de flechas contra homens que não chegavam a ver. De tempos em tempos uma flecha dos selvagens surgia em resposta. Enviou homens para as catapultas menores e encheu o ar com pedras angulosas do tamanho de um punho de gigante, mas a escuridão engolia-as como um homem poderia engolir um punhado de nozes. Mamutes bramiam nas trevas, estranhas vozes gritavam em línguas ainda mais estranhas, e o Septão Cellador rezava pela chegada da alvorada tão alto e com uma voz tão ébria que Jon se sentiu tentado a atirá-lo ele mesmo da Muralha. Ouviram um mamute morrendo bem abaixo deles e viram outro arremetendo pela floresta, ardendo, esmagando tanto homens como árvores. O vento soprava cada vez mais frio. Hobb foi içado com taças de

caldo de cebolas e Owen e Clydas serviram-nas aos arqueiros em seus postos, para que pudessem emborcá-las entre flechas. Zei ocupou um lugar entre eles com a sua besta. Horas de repetidos abalos e choques soltaram qualquer coisa no trabuco da direita, e seu contrapeso libertou-se, súbita e catastroficamente, torcendo o braço de arremesso para o lado e estilhaçando-o. O trabuco da esquerda continuou a arremessar, mas os selvagens tinham aprendido depressa a evitar a zona onde suas cargas caíam.

*Devíamos ter vinte trabucos, e não dois, e eles deviam estar montados em trenós e bases rotativas para podermos movê-los*. Era um pensamento fútil. Podia também desejar mais mil homens e talvez dois ou três dragões.

Donal Noye não voltou, assim como os outros que o acompanharam a fim de defender aquele túnel negro e frio. *A Muralha é minha*, lembrava Jon a si mesmo sempre que sentia as forças fraquejarem. Ele também tinha pegado um arco e sentia os dedos cheios de cãibras e duros, meio congelados. A febre também estava de volta, e às vezes a perna tremia descontroladamente, enviando uma incandescente faca de dor pelo interior de seu corpo. *Mais uma flecha, e descanso*, disse a si mesmo meia centena de vezes. *Só mais uma*. Sempre que a aljava se esvaziava, um dos toupeiras órfãos trazia-lhe outra. *Mais uma flecha, e basta*. Não podia faltar muito tempo para o nascer do dia.

Quando a manhã chegou, a princípio nenhum deles notou. O mundo continuava escuro, mas o negro transformara-se em cinza e silhuetas entrevistas começavam a emergir das sombras. Jon baixou o arco para fitar a massa de pesadas nuvens que cobria o céu oriental. Via um brilho atrás delas, mas talvez estivesse apenas sonhando. Encaixou mais uma flecha.

Então o sol nascente penetrou por entre as nuvens e arremessou pálidas lanças no quilômetro de terra limpa que se estendia entre a Muralha e o limite da floresta. Em metade de uma noite tinham-na transformado num deserto de grama enegrecida, piche borbulhante, pedra estilhaçada e cadáveres. A carcaça do mamute queimado já começava a atrair corvos. Havia também gigantes mortos no chão, mas atrás deles...

Alguém gemeu à sua esquerda, e ouviu o Septão Cellador dizer:

– Que a Mãe tenha piedade de nós, oh. Oh, oh, oh, *que a Mãe* tenha piedade *de nós*.

Sob as árvores estavam todos os selvagens do mundo; corsários e gigantes, *wargs* e troca-peles, homens das montanhas, marinheiros do mar salgado, canibais do rio de gelo, cavernícolas com o rosto pintado, bigas puxadas por cães vindas da Costa Gelada, homens de Cornopé com suas solas semelhantes a couro fervido, todo o estranho povo selvagem que Mance reunira para quebrar a Muralha. *Esta não é a sua terra*, Jon quis gritar para eles. *Não há lugar para vocês aqui. Vão embora*. Conseguia ouvir Tormund Terror dos Gigantes rindo daquilo. "Você não sabe nada, Jon Snow", teria dito Ygritte. Flexionou a mão da espada, abrindo e fechando os dedos, embora soubesse perfeitamente que as espadas não entrariam em ação ali em cima.

Estava gelado e febril, e de repente o peso do arco foi demasiado. Compreendeu que a batalha com o Magnar não havia sido nada, e a luta da noite, menos que nada, nada mais que uma sonda, um punhal no escuro para tentar apanhá-los desprevenidos. A verdadeira batalha estava começando agora.

– Não sabia que seriam *tantos* – disse Cetim.

Jon sabia. Já os vira antes, mas não assim, não organizados em ordem de batalha. Durante a marcha, a coluna dos selvagens tinha-se espalhado ao longo de léguas como se fosse um enorme verme, e nunca era vista toda ao mesmo tempo. Agora...

– Aí vêm eles – disse alguém em voz rouca.

Jon viu que mamutes formavam o centro das fileiras dos selvagens, cem ou mais, montados por gigantes armados com malhos e enormes machados de pedra. Mais gigantes corriam ao lado dos animais, puxando um tronco de árvore apoiado em grandes rodas de madeira, com a ponta afiada em bico. *Um aríete*, pensou friamente. Se o portão ainda resistisse, lá embaixo, alguns beijos daquela coisa em pouco tempo o transformariam em lascas. De ambos os lados dos gigantes vinha uma onda de cavaleiros com couraça de couro fervido e lanças endurecidas pelo fogo, uma massa de arqueiros correndo, centenas de homens com lanças, estilingues, tacapes e escudos de couro. As bigas de osso da Costa Gelada avançavam chocalhando nos flancos, balançando sobre pedras e raízes atrás de parelhas de enormes cães brancos. *A fúria da terra bravia*,

pensou Jon ao ouvir o gemido das gaitas de foles, o ladrar e latir dos cães, o bramido dos mamutes, os assobios e gritos do povo livre, os rugidos dos gigantes no Idioma Antigo. Os tambores ecoavam no gelo como trovões.

Sentia o desespero a toda a volta.

– Devem ser cem mil – gemeu Cetim. – Como poderemos parar tantos?

– A Muralha para-os – Jon ouviu-se dizendo. Virou-se e voltou a dizer isso, mais alto. – A *Muralha* para-os. *A Muralha defende-se*. – Palavras ocas, mas precisava dizê-las, quase tanto quanto os irmãos precisavam ouvi-las. – Mance quer nos desencorajar com seus números. Será que acha que somos *burros*? – estava agora gritando, com a perna esquecida, e todos os homens o escutavam. – As bigas, os cavaleiros, todos aqueles palermas a pé... o que irão fazer conosco aqui em cima? Algum de vocês já viu um mamute escalar uma muralha? – soltou uma gargalhada, e Pyp, Owen e meia dúzia dos outros riram com ele. – Eles não são *nada*, têm menos utilidade do que os nossos irmãos de palha aqui, não podem chegar até nós, não podem nos fazer mal, e não nos assustam, certo?

– *CERTO!* – gritou Grenn.

– Eles estão lá embaixo e nós aqui em cima – disse Jon –, e enquanto defendermos o portão não podem passar. *Eles não podem passar!* – todos já estavam gritando, rugindo de volta suas próprias palavras, brandindo espadas e arcos no ar enquanto as faces se enrubesciam. Jon viu Barricas ali em pé, com um berrante de guerra metido debaixo do braço. – Irmão – disse-lhe –, faça soar o toque de batalha.

Sorrindo, Barricas levou o berrante aos lábios e soprou as duas longas notas que significavam *selvagens*. Outros berrantes imitaram o chamamento até que a própria Muralha pareceu estremecer e o eco daqueles grandes gemidos guturais afogou todos os outros sons.

– Arqueiros – disse Jon depois de os berrantes se silenciarem –, apontem para os gigantes que trazem o aríete, todos vocês. Disparem *às minhas ordens*, não antes. *OS GIGANTES E O ARÍETE*. Quero que chovam flechas sobre eles a cada passo, mas esperaremos até estarem ao alcance. Qualquer homem que desperdiçar uma flecha que seja vai ter de descer a Muralha e ir buscá-la, estão me ouvindo?

– Eu estou – gritou Owen Idiota. – Eu estou ouvindo, Lorde Snow.

Jon riu, riu como um bêbado ou um louco, e seus homens riram com ele. Viu que as bigas e os cavaleiros dos flancos agora estavam bem à frente do centro. Os selvagens ainda não tinham atravessado um terço do quilômetro, mas sua linha de batalha já se dissolvia.

– Carregar o trabuco com estrepes – disse Jon. – Owen, Barricas, virem as catapultas para o centro. Balistas, carregar com lanças incendiárias e disparar às minhas ordens. – Apontou para os rapazes de Vila Toupeira. – Você, você e você, fiquem à espera com archotes.

Os arqueiros selvagens disparavam ao avançar; precipitavam-se para a frente, paravam, disparavam e depois corriam mais dez metros. Eram tantos que o ar estava constantemente cheio de flechas, todas elas em voos lamentavelmente curtos. *Um desperdício*, pensou Jon. *Sua falta de disciplina está se revelando*. Os arcos de chifre e madeira do povo livre, menores, tinham um alcance mais reduzido do que os grandes arcos de teixo da Patrulha da Noite, e os selvagens estavam tentando disparar contra homens que se encontravam duzentos metros acima deles.

– *Deixem-nos disparar* – disse Jon. – Esperar. Aguentar. – Os mantos batiam atrás deles. – Temos o vento na cara, isso irá custar-nos alcance. Esperar. – *Mais perto, mais perto*. As gaitas de foles gemiam, os tambores trovejavam, as flechas dos selvagens esvoaçavam e caíam.

– *PUXAR*. – Jon levantou o próprio arco e puxou a flecha até a orelha. Cetim fez o mesmo, e o mesmo fizeram Grenn, Owen Idiota, Bota Extra, Jack Negro Bulwer, Arron e Emrick. Zei levou a besta ao ombro. Jon observava o aríete que se aproximava cada vez mais, com os mamutes e gigantes a acompanhá-lo pesadamente de ambos os lados. Pareciam tão pequenos que Jon poderia esmagar a todos com uma mão. *Se ao menos a minha mão fosse suficientemente grande*. Começaram a atravessar a extensão coberta de cadáveres. Uma centena de corvos levantou voo da carcaça do mamute morto quando os selvagens passaram trovejando por ela. Mais perto e ainda mais perto até que... – *DISPARAR!*

As flechas negras silvaram para baixo, como serpentes em asas de penas. Jon não esperou para ver onde caíam. Estendeu a mão para uma segunda flecha assim que a primeira deixou o seu arco.

– *ENCAIXAR. PUXAR. DISPARAR*. – Assim que a flecha partiu, pegou outra. – *ENCAIXAR. PUXAR. DISPARAR*. – E outra vez, e depois outra vez. Jon gritou pelo trabuco, e ouviu um rangido e um pesado *tum*

quando uma centena de estrepes de aço cheias de espigões partiram girando pelo ar. – *Catapultas* – gritou –, *balistas. Arqueiros, disparar à vontade*. – Flechas dos selvagens atingiam a Muralha, trinta metros abaixo deles. Um segundo gigante girou e cambaleou. *Encaixar, puxar, disparar*. Um mamute virou de encontro a outro que seguia ao seu lado, derrubando gigantes ao chão. *Encaixar, puxar, disparar*. Viu que o aríete estava caído e quebrado, com os gigantes que o tinham empurrado mortos ou agonizando. – *Flechas incendiárias* – gritou. – *Quero o aríete queimando*. – Os berros dos mamutes feridos e os gritos ressonantes dos gigantes misturavam-se com os tambores e as gaitas, criando uma música horrível, mas seus arqueiros continuavam puxando e disparando, como se todos tivessem se tornado tão surdos quanto o falecido Dick Follard. Podiam ser a escória da ordem, mas eram homens da Patrulha da Noite, ou tão perto disso que não fazia diferença. *É por isso que não passarão*.

Um dos mamutes corria, descontrolado, atingindo selvagens com a tromba e esmagando arqueiros debaixo das patas. Jon puxou seu arco uma vez mais e lançou outra flecha contra o dorso felpudo do animal, para incentivá-lo a continuar. Para leste e para oeste, os flancos da tropa dos selvagens tinham chegado à Muralha sem oposição. As bigas aproximaram-se do centro ou viraram enquanto os cavaleiros davam voltas sem rumo, sem objetivo, sob a enorme falésia de gelo.

– *No portão!* – soou um grito. Talvez o Bota Extra. – *Mamute no portão!*

– Fogo – ladrou Jon. – Grenn, Pyp.

Grenn pôs o arco de lado, derrubou um barril de óleo e rolou-o até a borda da Muralha, onde Pyp fez saltar a rolha que o selava com uma martelada, enfiou no orifício um pano torcido e o incendiou com um archote. Empurraram-no juntos borda afora. Trinta metros abaixo, o barril atingiu a Muralha e estourou, enchendo o ar com tábuas estilhaçadas e óleo fervente. Grenn já estava rolando um segundo barril até o precipício, e Barricas também tinha um. Pyp incendiou-os a ambos.

– *Acertaram!* – gritou Cetim, esticando tanto a cabeça que Jon teve certeza de que estava prestes a cair. – *Acertaram, acertaram, ACERTARAM!* – Ouviu o rugido do fogo. Um gigante em chamas surgiu no seu campo de visão, tropeçando e rolando no chão.

Então, de repente, os mamutes puseram-se em fuga, afastando-se da fumaça e das chamas e colidindo em seu terror com os que se encontravam atrás. Esses também recuaram, com os gigantes e selvagens atrás deles, correndo para saírem do caminho. Em meio segundo, o centro inteiro ruía. Os cavaleiros nos flancos viram-se abandonados e decidiram também retirar, sem que nenhum tivesse chegado a ter o seu batismo de sangue. Até as bigas se afastaram ribombando, não tendo feito nada além de parecer temíveis e produzir muito barulho. *Quando quebram, quebram de verdade*, pensou Jon Snow enquanto os via se afastando. Todos os tambores tinham se silenciado. *Que tal essa música, Mance? O que achou da mulher do dornês?*

– Temos alguém ferido? – perguntou.

– Os malditos filhos da mãe acertaram minha perna. – Bota Extra arrancou a flecha e brandiu-a por cima da cabeça. – A de madeira!

Uma aclamação irregular ergueu-se na Muralha. Zei pegou Owen pelas mãos, girou-o em círculos e deu-lhe um longo beijo molhado ali mesmo, à vista de todos. Também tentou beijar Jon, mas ele segurou-a pelos ombros e afastou-a gentil mas firmemente.

– Não – disse. *Acabaram-se os beijos para mim*. Subitamente sentiu-se cansado demais para se manter em pé, e a perna era uma agonia do joelho à virilha. Procurou a muleta às apalpadelas. – Pyp, ajude-me a ir até a gaiola. Grenn, a Muralha é sua.

– *Minha?* – disse Grenn.

– *Dele?* – disse Pyp. Era difícil dizer qual dos dois estava mais horrorizado.

– Mas – gaguejou Grenn – M-mas o que é que eu faço se os selvagens voltarem a atacar?

– Pare-os – disse-lhe Jon.

Enquanto desciam na gaiola, Pyp tirou o elmo e limpou a testa.

– Suor congelado. Há alguma coisa mais nojenta do que suor congelado? – Soltou uma gargalhada. – Deuses, acho que nunca tive tanta fome. Era capaz de comer um auroque inteiro, juro. Acha que o Hobb nos cozinharia o Grenn? – Quando viu o rosto de Jon, seu sorriso morreu. – Que foi? É a perna?

– É a perna – concordou Jon. Até as palavras eram um esforço.

– Mas não é a batalha? Nós ganhamos a batalha.

– Pergunte-me depois de ter visto o portão – disse Jon sombriamente. *Quero um fogo, uma refeição quente, uma cama morna e qualquer coisa que faça com que minha perna pare de doer*, disse a si mesmo. Mas primeiro tinha de ir verificar o túnel e descobrir o que acontecera a Donal Noye.

Depois da batalha com os Thenns tinham levado quase um dia tirando o gelo e as vigas quebradas do portão interno. Pate Malhado, Barricas e alguns dos outros construtores argumentaram acaloradamente sobre se deviam simplesmente deixar ali o entulho, mais um obstáculo para Mance. Mas isso teria significado o abandono da defesa do túnel, e Noye não quis ouvir falar do assunto. Com homens nos alçapões e arqueiros e lanças atrás de cada um dos portões interiores, alguns irmãos determinados seriam capazes de repelir cem vezes o seu número de selvagens e atulhar o caminho de cadáveres. Não pretendia dar a Mance Rayder livre trânsito através do gelo. E assim, com picaretas, pás e cordas, tinham afastado os degraus quebrados e escavado um caminho até o portão.

Jon esperou junto das frias barras de ferro enquanto Pyp ia pedir a chave reserva ao Meistre Aemon. Surpreendentemente, o próprio meistre voltou com ele, e Clydas também, trazendo uma lanterna.

– Venha me fazer uma visita quando terminarmos – disse o velho a Jon enquanto Pyp lutava com as correntes. – Tenho de trocar sua atadura e aplicar um cataplasma fresco, e você vai querer um pouco de vinho dos sonhos para as dores.

Jon assentiu debilmente. A porta abriu-se. Pyp entrou à frente, seguido por Clydas e pela lanterna. Jon só foi capaz de acompanhar o passo de Meistre Aemon. O gelo apertava-se em volta deles, e ele sentia o frio enfiando-se em seus ossos, o peso da Muralha por cima de sua cabeça. Era como penetrar na goela de um dragão de gelo. O túnel descreveu uma curva e depois outra. Pyp destrancou um segundo portão de ferro. Avançaram, viraram novamente e viram luz mais à frente, tênue e pálida através do gelo. *Isso é ruim*, soube Jon de imediato. *Isso é muito ruim.*

Então Pyp disse:

– Há sangue no chão.

Foi nos últimos seis metros do túnel que eles tinham lutado e morrido. A porta exterior de carvalho reforçado tinha sido atacada e quebrada e

por fim arrancada das dobradiças, e um dos gigantes arrastara-se para dentro através das lascas. A lanterna banhava a macabra cena com uma luz soturna e avermelhada. Pyp virou-se para o lado e vomitou, e Jon deu por si a invejar a cegueira de Meistre Aemon.

Noye e seus homens tinham estado à espera dentro do túnel, por trás de um portão de pesadas barras de ferro igual aos dois que Pyp havia acabado de destrancar. Os dois besteiros tinham disparado uma dúzia de dardos enquanto o gigante lutava para chegar até eles. Então os lanceiros devem ter avançado, projetando as lanças através das barras. Mesmo assim, o gigante ainda encontrara forças para estender as mãos por entre as barras, arrancar a cabeça de Pate Malhado, agarrar o portão de ferro e afastar as barras. Elos de uma corrente quebrada estavam espalhados pelo chão. *Um gigante. Tudo isso foi obra de um gigante.*

– Estão todos mortos? – perguntou o Meistre Aemon em voz baixa.

– Sim. Donal foi o último. – A espada de Noye estava profundamente enterrada na garganta do gigante, até o meio da lâmina. O armeiro sempre tinha parecido a Jon um homem tão grande, mas preso aos enormes braços do gigante quase parecia uma criança. – O gigante esmagou sua coluna. Não sei quem morreu primeiro. – Pegou a lanterna e aproximou-se para ver melhor. – Mag. – "Eu sou o último dos gigantes." Sentia a tristeza que havia ali, mas não tinha tempo para tristezas. – Foi Mag, o Poderoso. O rei dos gigantes.

Sentiu então necessidade do sol. Dentro do túnel estava frio e escuro demais, e o fedor do sangue e da morte era sufocante. Jon devolveu a lanterna a Clydas, esgueirou-se em volta dos corpos e através das barras torcidas e caminhou para a luz do dia, para ver o que havia atrás da porta estilhaçada.

A enorme carcaça de um mamute morto bloqueava parcialmente a passagem. Uma das presas do animal prendeu seu manto e rasgou-o quando passou por ele. Mais três gigantes jaziam lá fora, meio enterrados por baixo de pedras, gelo sujo e piche endurecido. Via os locais onde o fogo derretera a Muralha, onde grandes lençóis de gelo tinham se desprendido com o calor e se estilhaçado no chão enegrecido. Ergueu os olhos para o local de onde tinham vindo. *Quando estamos aqui, parece imensa, como se estivesse prestes a nos esmagar.*

Jon voltou para dentro, para onde os outros aguardavam.

– Temos de reparar o portão exterior o melhor possível e depois bloquear esta seção do túnel. Entulho, montes de gelo, qualquer coisa. Até o segundo portão, se conseguirmos. Sor Winton terá de assumir o comando, é o último cavaleiro que resta, mas tem de agir *já*, os gigantes estarão de volta antes de percebermos. Temos de lhe dizer...

– Diga-lhe o que quiser – disse Meistre Aemon em voz baixa. – Ele sorrirá, fará um aceno, e esquecerá. Há trinta anos, Sor Wynton Stout esteve a uma dúzia de votos de ser Senhor Comandante. Teria sido dos bons. Há dez anos ainda podia ter sido capaz. Mas não mais. Sabe disso tão bem quanto Donal sabia, Jon.

Era verdade.

– Então dê você a ordem – disse Jon ao meistre. – Passou a vida inteira na Muralha, os homens vão segui-lo. Temos de fechar o portão.

– Eu sou um meistre acorrentado e juramentado. A minha ordem serve, Jon. Nós damos conselhos, não ordens.

– Alguém tem de...

– Você. Você tem de liderar.

– Não.

– Sim, Jon. Não precisa ser por muito tempo. Só até a guarnição retornar. Donal escolheu-o, e Qhorin Meia-Mão também, antes dele. O Senhor Comandante Mormont fez de você o intendente dele. É um filho de Winterfell, sobrinho de Benjen Stark. Tem de ser você, ou não será ninguém. A Muralha é sua, Jon Snow.

# ARYA

Sentia o buraco dentro de si todas as manhãs ao acordar. Não era fome, embora às vezes também houvesse isso. Era um lugar oco, um vazio onde o coração estivera, onde os irmãos e os pais tinham vivido. Sua cabeça também doía. Não tanto como a princípio, mas ainda doía bastante. Arya estava habituada a isso, porém, e pelo menos o galo estava desaparecendo. Mas o buraco dentro de si permanecia mesmo assim. *O buraco nunca desaparecerá*, dizia a si mesma quando ia dormir.

Em algumas manhãs, Arya não queria sequer acordar. Aninhava-se sob o manto com os olhos bem apertados e tentava voltar ao sono pela força da vontade. Se ao menos o Cão de Caça a deixasse em paz, dormiria todo o dia e toda a noite.

E sonhava. Essa era a melhor parte, os sonhos. Sonhava com lobos quase todas as noites. Uma grande alcateia de lobos, ela à frente. Era maior do que todos os outros, mais forte, mais ligeira, mais rápida. Era capaz de correr mais depressa do que cavalos e de vencer leões em luta. Quando arreganhava os dentes, até os homens fugiam dela, nunca tinha a barriga vazia por muito tempo, e o pelo mantinha-a quente mesmo quando o vento soprava frio. E os irmãos e irmãs acompanhavam-na, muitos e muitos mais, ferozes, terríveis e *seus*. Nunca a abandonariam.

Mas se as suas noites eram cheias de lobos, os dias pertenciam ao cão. Sandor Clegane obrigava-a a se levantar todas as manhãs, quer quisesse quer não. Amaldiçoava-a em sua voz arranhada, ou punha-a bruscamente de pé e sacudia-a. Uma vez tinha despejado um elmo cheio de água fria por cima de sua cabeça. Ela levantou-se repentinamente, cuspindo água e tremendo, e tentou chutá-lo, mas ele limitou-se a rir.

– Seque-se e dê de comer à merda dos cavalos – ele tinha dito, e ela obedeceu.

Agora tinham dois, o Estranho e uma égua palafrém alazã que Arya batizou de Covarde, porque Sandor disse que o animal provavelmente teria fugido das Gêmeas, tal como eles. Tinham-na encontrado

vagueando sem cavaleiro pelo campo, na manhã seguinte ao massacre. Era um cavalo bastante bom, mas Arya não era capaz de amar um covarde. *Estranho teria lutado*. Apesar de tudo, cuidava da égua o melhor que sabia. Era melhor do que seguir montada no mesmo cavalo de Cão de Caça. E Covarde podia ter feito jus ao nome, mas também era jovem e forte. Arya achava que talvez fosse capaz de correr mais depressa do que Estranho, se fosse preciso.

Cão de Caça já não a vigiava tão atentamente como antes. Às vezes não parecia se importar se ela ficava ou se ia embora, e já não a atava num manto à noite. *Uma noite, mato-o enquanto dorme*, dizia a si mesma, mas não fazia isso. *Um dia, vou embora com a Covarde, e ele não conseguirá me pegar*, pensava, mas também não fazia isso. Para onde iria? Winterfell estava destruído. O irmão do avô estava em Correrrio, mas não a conhecia, tal como ela não o conhecia. A Senhora Smallwood talvez a acolhesse em Solar de Bolotas, mas talvez não. Além disso, Arya nem sequer tinha certeza de conseguir *encontrar* o Solar de Bolotas novamente. Às vezes pensava que podia voltar para a estalagem de Sharna, se as cheias não a tivessem levado. Podia ficar com o Torta Quente, ou talvez Lorde Beric a encontrasse ali. Anguy iria ensiná-la a usar um arco, e ela poderia cavalgar com Gendry e ser uma fora da lei, como Wenda, a Cerva Branca das canções.

Mas isso era uma estupidez, como um sonho que Sansa poderia ter. Torta Quente e Gendry tinham-na abandonado assim que puderam, e Lorde Beric e os fora da lei só queriam obter um resgate por ela, assim como o Cão de Caça. Nenhum deles a queria por perto. *Nunca foram a minha alcateia, nem sequer o Torta Quente e o Gendry. Fui burra por pensar que sim, uma menininha estúpida, nem de longe uma loba.*

Por isso ficava com o Cão de Caça. Viajavam todos os dias, sem nunca dormir duas vezes no mesmo local, evitando vilas, aldeias e castelos o melhor possível. Uma vez tinha perguntado a Sandor Clegane para onde iam.

– Para longe – disse ele. – É tudo o que tem de saber. Agora não vale uma cusparada para mim, e não quero ouvir as suas lamúrias. Devia tê-la deixado correr para aquele maldito castelo.

– Devia mesmo – concordou ela, pensando na mãe.

– Se tivesse feito isso, estaria morta. Devia me agradecer. Devia cantar uma cançãozinha bonita para mim, como a sua irmã fez.

– Também bateu nela com um machado?

– Bati em você com a parte *romba* do machado, minha cachorra estúpida. Se a tivesse atingido com a lâmina, haveria pedaços de sua cabeça flutuando pelo Ramo Verde abaixo. Agora feche a merda da boca. Se eu tivesse algum juízo, dava você às irmãs silenciosas. Elas cortam a língua das garotas que falam demais.

Não era justo ele dizer aquilo. Tirando aquela vez, Arya quase nem sequer falava. Passavam-se dias inteiros sem que nenhum dos dois proferisse uma única palavra. Ela estava vazia demais para falar, e Cão de Caça tinha ira demais. Arya sentia a fúria nele; via-a em seu rosto, no modo como sua boca se comprimia e torcia, nos olhares que lhe lançava. Sempre que pegava o machado para cortar um pouco de lenha para uma fogueira, enchia-se de uma fúria fria, golpeando violentamente a árvore viva ou morta, ou o galho partido, até ficarem com vinte vezes mais lenha do que necessitavam. Às vezes, ficava tão dolorido e cansado depois de cortar a lenha que se deitava e adormecia sem sequer acender a fogueira. Arya detestava quando isso acontecia, e detestava-o também. Eram essas as noites em que fitava mais intensamente o machado. *Parece terrivelmente pesado, mas aposto que seria capaz de brandi-lo*. E não o golpearia com a parte romba.

Às vezes, em seus deslocamentos, vislumbravam outras pessoas; camponeses nos seus campos, guardadores de suínos com seus porcos, uma leiteira conduzindo uma vaca, um escudeiro levando uma mensagem por uma estrada sulcada. Também não queria falar com eles. Era como se vivessem em alguma terra distante e falassem uma língua estranha e estrangeira, nada tinham a ver com ela. E nem ela com eles.

Além disso, ser visto não era seguro. De tempos em tempos colunas de cavaleiros passavam pelas sinuosas estradas rurais, com as torres gêmeas de Frey esvoaçando à sua frente.

– À caça de nortenhos desgarrados – tinha dito Cão de Caça depois de uma dessas colunas ter passado. – Sempre que ouvir cascos, abaixe depressa a cabeça, pois não é provável que seja um amigo.

Um dia, num buraco na terra feito pelas raízes de um carvalho caído, deram de cara com outro sobrevivente das Gêmeas. O símbolo que trazia

ao peito exibia uma donzela cor-de-rosa que dançava num rodopio de seda, e ele disse-lhes que era um homem de Sor Marq Piper; um arqueiro, embora tivesse perdido o arco. O ombro esquerdo estava todo inchado e torcido no local onde se juntava ao braço; um golpe de maça, disse, tinha partido seu ombro e enterrado profundamente a cota de malha em sua carne.

– E foi um nortenho – choramingou. – O símbolo dele era um homem ensanguentado, e viu o meu e fez uma piada, homem vermelho e donzela cor-de-rosa, talvez devessem se juntar. Eu bebi ao Lorde Bolton dele, ele bebeu a Sor Marq e bebemos juntos ao Lorde Edmure, à Senhora Roslin e ao Rei no Norte. E depois matou-me. – Os olhos dele tinham um brilho febril quando disse aquilo, e Arya viu que era verdade. O ombro estava inchado de forma grotesca, e pus e sangue tinham-lhe manchado todo o lado esquerdo. E também fedia. *Cheira a cadáver*. O homem implorou um trago de vinho.

– Se tivesse algum vinho, tinha-o bebido eu – disse-lhe Cão de Caça. – Posso dar-lhe água e misericórdia.

O arqueiro olhou-o longamente antes de dizer:

– É o cão de Joffrey.

– Agora sou um cão independente. Quer a água?

– Sim. – O homem engoliu em seco. – E a misericórdia. Por favor.

Tinham passado por uma pequena lagoa pouco antes. Sandor deu a Arya o elmo e disse-lhe para enchê-lo, e ela caminhou penosamente até a borda da água. Lama esguichou sobre a ponta de suas botas. Usou a cabeça do cão como balde. Escorreu água pelos buracos para os olhos, mas o fundo do elmo ainda tinha ficado com muita.

Quando voltou, o arqueiro virou o rosto para cima e ela despejou a água na boca dele. Ele engoliu-a tão depressa quanto ela conseguia despejar, e aquilo que não conseguiu engolir escorreu por seu rosto, indo misturar-se com o sangue marrom que estava incrustado nos pelos que o cobriam, até que lágrimas de um tom claro de rosa pingaram de sua barba. Quando a água se esgotou, agarrou o elmo e lambeu o aço.

– Ótimo – disse. – Mas preferia que tivesse sido vinho. Queria vinho.

– Eu também. – Cão de Caça enfiou o punhal no peito do homem quase com ternura, com o peso do corpo empurrando a ponta através do sobretudo, da cota de malha e do almofadado que usava por baixo.

Quando voltou a puxar a faca para fora, olhou para Arya. – É ali que fica o coração, garota. É assim que se mata um homem.

*Essa é uma maneira.*

– Devemos enterrá-lo?

– Por quê? – disse Sandor. – Ele não se importa, e nós não temos pá. Deixe-o para os lobos e os cães selvagens. Os seus irmãos e os meus. – Dirigiu-lhe um olhar duro. – Mas primeiro vamos roubá-lo.

Havia dois veados de prata na bolsa do arqueiro, e quase trinta moedas de cobre. O punhal do homem tinha uma bonita pedra cor-de-rosa no botão. Cão de Caça sopesou a faca e depois atirou-a a Arya. Ela pegou-a pelo cabo, enfiou-a no cinto e sentiu-se um pouco melhor. Não era a Agulha, mas era aço. O morto também tinha uma aljava de flechas, mas as flechas não tinham muita utilidade sem um arco. As botas eram grandes demais para Arya e pequenas demais para Cão de Caça, portanto deixaram-nas lá. Ela também ficou com seu capacete, embora lhe caísse quase até abaixo do nariz, e tivesse de incliná-lo para trás para poder enxergar.

– Ele também deveria ter um cavalo, senão não teria fugido – disse Clegane, olhando em volta –, mas acho que já desapareceu. Não há como dizer há quanto tempo ele está aqui.

Quando chegaram ao sopé das Montanhas da Lua, as chuvas tinham quase parado. Arya conseguia ver o sol, a lua e as estrelas, e parecia-lhe que se dirigiam para leste.

– Para onde vamos? – voltou a perguntar.

Daquela vez o Cão de Caça respondeu-lhe.

– Você tem uma tia no Ninho da Águia. Talvez queira resgatar esse seu corpinho magricela, embora só os deuses saibam por quê. Depois de acharmos a estrada de altitude, podemos segui-la até o Portão Sangrento.

A tia Lysa. A ideia deixou em Arya uma sensação de vazio. Era a mãe que desejava, não a irmã da mãe. Não conhecia melhor a tia Lysa do que o tio-avô Peixe Negro. *Devíamos ter entrado no castelo*. Na verdade não *sabiam* se a mãe estava morta, ou mesmo Robb. Não os tinham propriamente visto morrer, nem nada parecido. Talvez Lorde Frey os tivesse apenas capturado. Talvez estivessem acorrentados em sua masmorra, ou talvez os Frey estivessem levando-os para Porto Real, para que Joffrey pudesse cortar a cabeça deles. Não *sabiam*.

– Devíamos voltar – decidiu de repente. – Devíamos voltar para as Gêmeas e ir buscar a minha mãe. Ela não pode estar morta. Temos de ajudá-la.

– Achava que era a sua irmã quem tinha a cabeça cheia de canções – rosnou o Cão de Caça. – O Frey podia ter mantido a sua mãe viva para obter um resgate, isso é verdade. Mas não há uma chance nos sete infernos de eu conseguir arrancá-la sozinho do seu castelo.

– Sozinho não. Eu também iria.

Ele soltou um som que era quase uma gargalhada.

– *Isso* ia fazer o velho mijar-se de susto.

– Você só tem medo de morrer! – disse ela com uma expressão de escárnio.

Agora Clegane riu *mesmo*.

– A morte não me assusta. Só o fogo. Agora veja se fica quieta, senão eu mesmo corto sua língua e poupo as irmãs silenciosas da chatice. Para nós é o Vale.

Não parecia a Arya que ele realmente cortaria sua língua; estava apenas dizendo aquilo como o Olho-Vermelho costumava dizer que bateria nela até tirar sangue. Fosse como fosse, não iria pô-lo à prova. Sandor Clegane não era nenhum Olho-Vermelho. O Olho-Vermelho não cortava gente ao meio nem batia nela com machados. Nem mesmo com a parte romba dos machados.

Naquela noite adormeceu pensando na mãe e perguntando a si mesma se deveria matar Cão de Caça enquanto dormia e salvar ela mesma a Senhora Catelyn. Quando fechou os olhos, viu o rosto da mãe na parte de dentro das pálpebras. *Ela está tão perto que quase conseguiria cheirá-la...*

... e então *conseguiu* cheirá-la. O odor era tênue sob os outros cheiros, sob o musgo, a lama e a água e o fedor de juncos e homens em putrefação. Caminhou lentamente pelo terreno macio até a beira do rio e lambeu um pouco de água, após o que ergueu a cabeça para farejar. O céu estava cinza e pesado de nuvens; o rio, verde e cheio de coisas flutuantes. Os baixios estavam coalhados de mortos, alguns ainda em movimento quando a água os empurrava, outros encalhados nas margens. Os irmãos e irmãs formigavam em volta dos corpos, devorando a rica carne putrefata.

Também lá estavam os corvos, gritando contra os lobos e enchendo o ar de penas. O sangue deles era mais quente, e uma de suas irmãs abocanhou um ao levantar voo, apanhando-o por uma asa. Aquilo fez com que também desejasse um corvo. Queria sentir o sabor do sangue, ouvir os ossos se esmagando entre seus dentes, encher a barriga com carne quente em vez de fria. Tinha fome e havia carne por toda a volta, mas sabia que não podia comer.

O cheiro agora era mais forte. Levantou as orelhas e escutou os rosnados da alcateia, os guinchos de corvos irritados, o sussurro das asas e o som da água corrente. Ouviu sons de cavalos e os gritos dos vivos vindos de algum lugar a distância, mas não eram eles que importavam. Só o odor importava. Voltou a farejar o ar. Ali estava ele, e agora também via a sua origem, algo pálido à deriva no rio, virando-se quando roçava por um obstáculo submerso. Os juncos faziam reverências à sua frente.

Chapinhou ruidosamente pelos baixios e atirou-se em águas mais profundas, batendo as patas. A correnteza era forte, mas ela era mais. Nadou, seguindo o nariz. Os cheiros do rio eram ricos e úmidos, mas não eram esses que a atraíam. Nadou atrás do vivo sussurro rubro do sangue frio, do fedor enfastiante e doce da morte. Perseguiu-os como perseguira frequentemente um veado vermelho por entre as árvores, e por fim apanhou-os e suas mandíbulas fecharam-se em volta de um braço pálido. Sacudiu-o para obrigá-lo a se mexer, mas havia apenas morte e sangue em sua boca. Começava a se cansar, e foi com dificuldade que puxou o cadáver para a terra. Enquanto o arrastava para a margem lamacenta, um de seus irmãos menores veio investigar, com a língua saindo da boca. Teve de rosnar para afastá-lo, caso contrário ele teria comido. Só então parou para sacudir a água do pelo. A coisa branca jazia de bruços na lama, com a carne morta enrugada e pálida e sangue frio pingando de sua garganta. *Levante-se*, pensou. *Levante-se, e venha comer e correr conosco.*

O ruído de cavalos fez a loba virar a cabeça. Homens. Vinham contra o vento, e por isso não sentira o cheiro deles, mas agora estavam quase ali. Homens a cavalo, com asas pretas, amarelas e cor-de-rosa que batiam ao vento e longas garras brilhantes nas mãos. Alguns de seus irmãos mais novos mostraram os dentes para proteger a comida que tinham achado, mas ela mordeu-os até fugirem. Era essa a lei da natureza. Veados, lebres

e corvos fugiam perante lobos, e lobos fugiam dos homens. Abandonou a captura fria e branca na lama para onde a arrastara, e fugiu, e não sentiu vergonha.

Quando a manhã chegou, Cão de Caça não precisou gritar ou sacudir Arya para que acordasse. Ela havia acordado antes dele, por uma vez, e até tinha dado água aos cavalos. Quebraram o jejum em silêncio, até que Sandor disse:

– Aquela conversa de sua mãe...

– Não importa – disse Arya numa voz sem vida. – Eu sei que está morta. Vi-a num sonho.

Cão de Caça observou-a por um longo momento, e depois assentiu. Nada mais foi dito sobre o assunto. Continuaram a viagem na direção das montanhas.

Nas colinas mais elevadas, chegaram a uma minúscula aldeia isolada rodeada por árvores-sentinela de um cinza-esverdeado e grandes pinheiros marciais azuis, e Clegane decidiu arriscar entrar.

– Precisamos de comida – afirmou – e de um telhado sobre a cabeça. Não é provável que eles saibam o que aconteceu nas Gêmeas, e com um pouco de sorte não vão me reconhecer.

Os aldeões estavam construindo uma paliçada de madeira em volta de suas casas, e quando viram a largura dos ombros de Cão de Caça, ofereceram-lhes comida e abrigo, e até dinheiro em troca de trabalho.

– Se também houver vinho, aceito – rosnou-lhes ele. Por fim, acabou se contentando com cerveja, e todas as noites bebia até adormecer.

Mas o seu sonho de vender Arya à Senhora Arryn morreu ali nas colinas.

– Há geada acima de nós e neve nos passos de altitude – disse o ancião da aldeia. – Se não congelar ou passar fome, os gatos-das-sombras vão pegá-lo, ou então serão os ursos das cavernas. E também há os clãs. Os Homens Queimados andam destemidos desde que Timett Zarolho voltou da guerra. E há meio ano, Gunthor, filho de Gurn, desceu com os Corvos de Pedra até uma aldeia a menos de treze quilômetros daqui. Levaram todas as mulheres e todos os restos de cereais e mataram metade dos homens. Agora têm aço, espadas boas e camisas de cota de malha, e vigiam a estrada de altitude... os Corvos de Pedra, as Serpentes de Leite,

os Filhos da Névoa, todos eles. Talvez possa levar alguns com você, mas no fim vão matá-lo e ir embora com a sua filha.

*Não sou filha dele*, podia ter gritado Arya, se não se sentisse tão cansada. Agora não era filha de ninguém. Não era ninguém. Nem Arya, nem a Doninha, nem Nan, nem Arry, nem a Pombinha, nem sequer Cabeça de Caroço. Era apenas uma garota qualquer que corria de dia com um cão e à noite sonhava com lobos.

A aldeia era sossegada. Tinham colchões de palha sem muitos piolhos, a comida era simples mas satisfazia e o ar cheirava a pinheiros. Mesmo assim, Arya depressa decidiu que a detestava. Os aldeões eram covardes. Nenhum deles sequer olhava para a cara do Cão de Caça, pelo menos não por muito tempo. Algumas das mulheres tentaram enfiá-la num vestido e obrigá-la a bordar, mas não eram a Senhora Smallwood, e Arya nem quis ouvir falar do assunto. E havia uma garota que decidiu segui-la, filha do ancião da aldeia. Tinha a idade de Arya, mas não passava de uma *criança*; chorava se esfolasse um joelho, e carregava uma estúpida boneca de trapos para todo lado. A boneca tinha sido feita para se assemelhar a um homem de armas, mais ou menos, e por isso a menina chamava-a de Sor Soldado e gabava-se de como ele a mantinha a salvo.

– Vá embora – disse-lhe Arya meia centena de vezes. – Deixe-me em paz. – Mas ela não deixava, e Arya acabou por lhe tirar a boneca, rasgá-la, enfiar um dedo na barriga e puxar os trapos que a enchiam. – Agora parece *mesmo* um soldado! – disse, antes de atirar a boneca em um riacho.

Depois daquilo a garota deixou de importuná-la, e Arya passou a gastar os dias tratando da Covarde e do Estranho ou passeando pela floresta. Por vezes achava um pedaço de madeira e praticava seus trabalhos de agulha, mas então recordava o que havia acontecido nas Gêmeas e batia com ele numa árvore até que se partisse.

– Talvez devêssemos ficar aqui por algum tempo – disse-lhe Cão de Caça depois de uma quinzena. Estava bêbado de cerveja, mas mostrava-se mais pensativo do que sonolento. – Nunca chegaremos ao Ninho da Águia, e os Frey ainda devem andar à caça de sobreviventes nas terras fluviais. Parece que por aqui precisam de quem saiba manejar uma espada, com os ataques desses clãs. Podíamos descansar e talvez achar uma maneira de fazer chegar uma carta à sua tia.

O rosto de Arya tornou-se sombrio ao ouvir aquilo. Não queria ficar, mas também não havia para onde ir. Na manhã seguinte, quando Cão de Caça saiu para abater árvores e carregar troncos, voltou a enfiar-se na cama.

Mas quando o trabalho terminou e a grande paliçada de madeira ficou pronta, o ancião da aldeia deixou claro que não havia lugar para eles.

– Quando chegar o inverno, vamos ter dificuldade em alimentar os nossos – explicou. – E você... um homem como você traz sangue consigo.

A boca de Sandor comprimiu-se.

– Então sabe quem eu sou.

– Sim. Os viajantes não chegam aqui, é verdade, mas vamos ao mercado e a feiras. Sabemos do cão do Rei Joffrey.

– Quando esses Corvos de Pedra vierem visitá-los, podem ficar felizes por ter um cão.

– Pode ser que sim. – O homem hesitou, mas depois reuniu coragem. – Mas dizem que perdeu o estômago para a luta na Água Negra. Dizem...

– Eu sei o que eles dizem. – A voz de Sandor soava como duas serras roçando uma na outra. – Pague-me, e vamos embora.

Quando partiram, Cão de Caça tinha uma bolsa cheia de moedas de cobre, um odre de cerveja amarga e uma espada nova. Era uma espada muito velha, a bem da verdade, embora fosse nova para ele. Trocara-a pelo machado que tinha pego nas Gêmeas, aquele que usara para criar o galo na cabeça de Arya. A cerveja desapareceu em menos de um dia, mas Clegane amolava a espada todas as noites, amaldiçoando o homem de quem a obtivera por cada entalhe e mancha de ferrugem que encontrava. *Se ele perdeu o estômago para a luta, por que é que se importa se a espada está afiada?* Não era uma pergunta que Arya se atrevesse a fazer, mas pensava muito nela. Seria por isso que ele tinha fugido das Gêmeas e a levado consigo?

De volta às terras fluviais, descobriram que as chuvas tinham se atenuado e que as águas da cheia tinham começado a baixar. Cão de Caça dirigiu-se para o sul, de volta ao Tridente.

– Vamos para Correrrio – disse a Arya enquanto assavam uma lebre que tinha matado. – O Peixe Negro talvez queira comprar uma loba.

– Ele não me conhece. Nem sequer saberá se eu sou realmente eu. – Arya estava farta de se dirigir a Correrrio. Parecia que estava se dirigindo para Correrrio havia anos, sem nunca chegar lá. Sempre que se dirigia para Correrrio acabava num lugar pior qualquer. – Ele não vai lhe dar nenhum resgate. Provavelmente só vai enforcá-lo.

– É livre para tentar. – E virou o espeto.

*Ele não fala como alguém que tenha perdido o estômago para a luta*.

– Eu sei para onde podemos ir – disse Arya. Ainda lhe restava um irmão. *Jon vai me querer, mesmo que mais ninguém queira. Vai me chamar de "irmãzinha" e despentear meus cabelos*. Mas era uma longa viagem, e não lhe parecia que conseguisse chegar lá sozinha. Nem sequer tinha sido capaz de chegar a Correrrio. – Podíamos ir para a Muralha.

A gargalhada de Sandor foi um meio rosnido.

– A pequena loba quer se juntar à Patrulha da Noite, é?

– Meu irmão está na Muralha – disse ela obstinadamente.

A boca dele torceu-se.

– A Muralha fica a mil léguas daqui. Precisaríamos lutar contra a merda dos Frey só para chegar ao Gargalo. Nesses pântanos há lagartos-leões que comem lobos todos os dias no café da manhã. E se conseguíssemos chegar ao norte com a pele intacta, há homens de ferro em metade dos castelos e milhares de malditos nortenhos também.

– Tem medo deles? – perguntou ela. – Perdeu o estômago para lutar?

Por um momento pensou que Cão de Caça ia bater nela. Mas a lebre já estava corada, com a pele crocante e gordura borbulhando quando pingava na fogueira. Sandor tirou-a do espeto, abriu-a ao meio com suas grandes mãos e atirou metade para o colo de Arya.

– Não há nada de errado com o meu estômago – disse enquanto arrancava uma pata –, mas estou cagando para você e para o seu irmão. Eu também tenho um irmão.

## TYRION

—Tyrion – disse Sor Kevan Lannister num tom fatigado –, se é realmente inocente da morte de Joffrey, não devia ter nenhuma dificuldade em prová-lo em tribunal.

Tyrion deu as costas à janela.

– A quem cabe me julgar?

– A justiça pertence ao trono. O rei está morto, mas o seu pai continua a ser a Mão. Uma vez que o acusado é seu próprio filho e que a vítima foi o neto, ele pediu que Lorde Tyrell e o Príncipe Oberyn o acompanhassem no julgamento.

Tyrion se sentiu pouco encorajado. Mace Tyrell tinha sido sogro de Joff, embora brevemente, e o Víbora Vermelha era... bem, uma cobra.

– Serei autorizado a exigir julgamento por batalha?

– Não o aconselharia.

– Por que não? – o julgamento por batalha salvara-o no Vale, por que não o salvaria ali? – responda-me, tio. Será permitido que eu tenha um julgamento por batalha, e um campeão para provar a minha inocência?

– Certamente, se for esse o seu desejo. No entanto, é melhor que saiba que a sua irmã pretende nomear Sor Gregor Clegane como o campeão *dela*, no caso de um julgamento desses.

*A vadia corta minhas jogadas antes de eu fazê-las. Pena que não tenha escolhido um Kettleblack*. Bronn trataria facilmente de qualquer um dos três irmãos, mas a Montanha que Cavalga era outra história.

– Vou ter de dormir sobre o assunto. – *Tenho de falar com Bronn, e depressa*. Não queria pensar no que era provável que aquilo lhe custasse. Bronn dava valor em excesso à própria pele. – Cersei tem testemunhas contra mim?

– Mais a cada dia que passa.

– Então tenho de ter testemunhas minhas.

– Diga-me quem quer, e Sor Addam enviará a Patrulha para trazê-las ao julgamento.

– Preferia ser eu próprio a procurá-las.

– É acusado de regicídio e assassinato de um familiar. Será que realmente imagina que lhe será permitido ir e vir a seu bel-prazer? – Sor Kevan fez um gesto na direção da mesa. – Tem pena, tinta e pergaminho. Escreva o nome das testemunhas de que necessita, e eu farei tudo o que estiver ao meu alcance para apresentá-las, dou-lhe a minha palavra de Lannister. Mas não sairá desta torre, exceto para ser julgado.

Tyrion não se rebaixaria a suplicar.

– Vai autorizar o meu escudeiro a ir e vir? O garoto, Podrick Payne?

– Decerto, se for esse o seu desejo. Vou mandá-lo para cá.

– Faça isso. Mais cedo será melhor do que mais tarde, e agora será melhor do que mais cedo. – Bamboleou-se até a mesa. Mas quando ouviu a porta se abrindo, virou-se e disse: – Tio?

Sor Kevan fez uma pausa.

– Sim?

– Eu não fiz isso.

– Gostaria de poder acreditar, Tyrion.

Quando a porta se fechou, Tyrion Lannister içou-se para a cadeira, afiou uma pena e pegou um pergaminho em branco. *Quem falará por mim?* Molhou a pena no tinteiro.

A folha continuava virgem quando Podrick Payne apareceu, algum tempo mais tarde.

– Senhor – disse o rapaz.

Tyrion pousou a pena.

– Vá atrás de Bronn e traga-o aqui de imediato. Diga-lhe que vai haver ouro, mais ouro do que alguma vez sonhou, e trate de não voltar sem ele.

– Sim, senhor. Quero dizer, não. Não vou. Voltar. – E foi.

Não tinha ainda voltado ao pôr do sol, nem ao nascer da lua. Tyrion adormeceu no banco de janela e acordou tenso e dolorido à alvorada. Um criado trouxe mingau de aveia e maçãs para o desjejum, com um corno de cerveja. Comeu à mesa, com o pergaminho em branco na sua frente. Uma hora mais tarde, o criado voltou para levar a tigela.

– Viu o meu escudeiro? – perguntou-lhe Tyrion. O homem balançou a cabeça.

Suspirando, virou-se para a mesa e pôs de novo tinta na pena. *Sansa*, escreveu no pergaminho. Ficou fitando o nome, com os dentes cerrados

com tanta força que doíam.

Assumindo que Joff não tivesse simplesmente morrido sufocado com uma colherada de comida, coisa que até Tyrion achava difícil de engolir, Sansa devia tê-lo envenenado. *Joff praticamente pôs a taça no colo dela, e deu-lhe amplos motivos*. Quaisquer dúvidas que Tyrion pudesse ter nutrido desapareceram quando a esposa também desapareceu. Uma carne, um coração, uma alma. Sua boca torceu-se. *Sansa não perdeu tempo para mostrar o que esses votos significavam para ela, não? Bem, o que você esperava, anão?*

E no entanto... onde teria a garota arranjado veneno? Não podia acreditar que tivesse agido sozinha. *Será que quero mesmo encontrá-la?* Iriam os juízes acreditar que a esposa-criança de Tyrion tinha envenenado um rei sem o conhecimento do marido? *Eu não acreditaria*. Cersei insistiria que eles tinham cometido o ato em conjunto.

Mesmo assim, deu o pergaminho ao tio no dia seguinte. Sor Kevan franziu a testa ao vê-lo.

– A Senhora Sansa é sua única testemunha?

– Pensarei em outras a seu tempo.

– É melhor que pense nelas já. Os juízes pretendem dar início ao julgamento dentro de três dias.

– Isso é cedo demais. Vocês me têm aqui fechado e guardado, como vou encontrar testemunhas da minha inocência?

– Sua irmã não teve nenhuma dificuldade em encontrar testemunhas da sua culpa. – Sor Kevan enrolou o pergaminho. – Sor Addam tem homens à procura da sua esposa. Varys ofereceu cem veados por notícias sobre o paradeiro dela, e cem dragões pela própria garota. Se ela puder ser encontrada, será, eu vou trazê-la até você. Não vejo mal algum em marido e mulher partilharem a mesma cela e confortarem-se um ao outro.

– É muita bondade sua. Viu o meu escudeiro?

– Enviei-o aqui ontem. Ele não veio?

– Veio – admitiu Tyrion – e depois foi-se.

– Mandarei que venha até você novamente.

Mas demorou até a manhã seguinte para que Podrick Payne voltasse. Entrou hesitantemente no quarto, com o medo escrito no rosto. Bronn vinha atrás. O cavaleiro mercenário vestia um gibão tachonado de prata e

um pesado manto de montar, com um par de luvas de couro bem trabalhadas enfiadas no cinto da espada.

Uma olhada no rosto de Bronn deu a Tyrion uma sensação de náusea no fundo do estômago.

– Levou bastante tempo.

– O rapaz suplicou, senão nem tinha vindo. Esperam-me no Castelo Stokeworth para o jantar.

– Stokeworth? – Tyrion saltou da cama. – E, diga-me, o que há para você em Stokeworth?

– Uma noiva. – Bronn sorriu como um lobo contemplando um cordeiro desgarrado. – Deverei casar com Lollys depois de amanhã.

– Lollys. – *Perfeito, perfeito como um raio*. A filha idiota da Senhora Tanda arranja um cavaleiro como marido, e uma espécie de pai para o bastardo que traz na barriga, e Sor Bronn da Água Negra sobe mais um degrau. Aquilo tinha os dedos fedorentos de Cersei por todo lado. – A cadela da minha irmã vendeu-lhe um cavalo estropiado. A garota é obtusa.

– Se eu quisesse esperteza, tinha-me casado com você.

– Lollys está esperando o filho de outro homem.

– E quando o botar pra fora, deixo-a esperando um meu.

– Ela nem sequer é herdeira de Stokeworth – ressaltou Tyrion. – Tem uma irmã mais velha. Falyse. Uma irmã *casada*.

– Casada há dez anos, e ainda estéril – disse Bronn. – O senhor seu esposo evita a sua cama. Dizem que prefere virgens.

– Podia preferir cabras, que não faria diferença. As terras passarão para a esposa do mesmo jeito quando a Senhora Tanda morrer.

– A menos que Falyse morra antes da mãe.

Tyrion perguntou a si mesmo se Cersei faria alguma ideia do tipo de serpente que tinha dado à Senhora Tanda para amamentar. *E se soubesse, será que se importaria?*

– Então por que está aqui?

Bronn encolheu os ombros.

– Uma vez disse-me que se alguém me pedisse para vendê-lo, duplicaria o preço.

*Sim.*

– O que quer é duas esposas, ou dois castelos?

– Um de cada deve servir. Mas se quiser que mate Sandor Clegane por você, é melhor que seja um castelo absurdamente *grande*.

Os Sete Reinos estavam cheios de donzelas bem-nascidas, mas até a mais velha, mais pobre e mais feia solteirona do reino recusaria casar-se com escória malnascida como Bronn. *A menos que seja fraca de corpo e fraca de espírito, com um filho sem pai na barriga, gerado por ter sido violada meia centena de vezes*. A Senhora Tanda andara tão desesperada por achar um marido para Lollys que até perseguira Tyrion durante algum tempo, e isso tinha sido *antes* de metade de Porto Real desfrutar dela. Sem dúvida Cersei havia adoçado um pouco a oferta, e Bronn agora *era* um cavaleiro, o que fazia dele um partido adequado para uma filha mais nova de uma casa menor.

– Encontro-me com uma calamitosa escassez tanto de castelos como de donzelas de nascimento elevado, no momento – admitiu Tyrion. – Mas posso oferecer ouro e gratidão, tal como antes.

– Ouro, já tenho. O que é que posso comprar com gratidão?

– Talvez se surpreenda. Um Lannister paga as suas dívidas.

– A sua irmã também é uma Lannister.

– A senhora minha esposa é herdeira de Winterfell. Se eu sair disso com a cabeça ainda sobre os ombros, posso vir um dia a governar o Norte em nome dela. Arranjaria um grande pedaço para você.

– Se e quando e pode ser – disse Bronn. – E lá em cima faz um frio dos Outros. A Lollys é suave, quente e está perto. Posso estar metendo nela daqui a duas noites.

– Não é uma perspectiva que me deliciasse.

– Ah não? – Bronn deu um sorriso. – Admita, Duende. Se o fizessem escolher entre foder a Lollys e lutar com a Montanha, você abaixaria os calções e poria o pau pra fora antes de eu conseguir piscar.

*Ele conhece-me bem demais*. Tyrion tentou outra estratégia.

– Ouvi dizer que Sor Gregor foi ferido no Ramo Vermelho, e de novo em Valdocaso. Os ferimentos certamente irão torná-lo mais lento.

Bronn pareceu aborrecido.

– Ele nunca foi rápido. Só brutalmente grande e brutalmente forte. Admito que é mais rápido do que seria de esperar para um homem daquele tamanho. Tem um alcance monstruosamente longo e parece que não sente os golpes como um homem normal sentiria.

– Ele assusta-o tanto assim? – perguntou Tyrion, esperando provocá-lo.

– Se não me assustasse, eu seria um perfeito idiota. – Bronn encolheu os ombros. – Pode ser que conseguisse derrotá-lo. Dançar em volta dele até ele ficar tão cansado de tentar me atingir que já não conseguisse erguer a espada. Arranjar alguma maneira de desequilibrá-lo. Quando estão caídos de costas, não importa a altura que têm. Mesmo assim, é um risco. Um tropeção, e estou morto. Por que haveria de arriscar? Gosto bastante de você, por mais feio e pequeno filho da puta que seja... mas se travar a sua batalha, perco seja qual for o resultado. Ou a Montanha arranca minhas tripas, ou o mato e perco Stokeworth. Eu vendo a minha espada, não a dou. Não sou seu irmão.

– Não – disse tristemente Tyrion. – Não é. – Fez um gesto com uma mão. – Então vá embora. Corra para Stokeworth e para a Senhora Lollys. Que encontre mais alegrias na sua cama de homem casado do que eu encontrei na minha.

Bronn hesitou à porta.

– O que vai fazer, Duende?

– Matar Gregor pessoalmente. Não se faria uma alegre canção com *isso*?

– Espero ouvir cantá-la. – Bronn sorriu uma última vez e saiu do castelo e da sua vida.

Pod arrastou os pés.

– Lamento.

– Por quê? É culpa sua que Bronn seja um patife insolente de coração negro? Ele sempre foi um patife insolente de coração negro. Era isso que me agradava nele. – Tyrion serviu-se de uma taça de vinho e levou-a para o banco de janela. Lá fora o dia estava cinzento e chuvoso, mesmo assim ainda oferecia melhores perspectivas do que as suas. Supunha que podia enviar Podrick Payne em busca de Shagga, mas havia tantos esconderijos nas profundezas da mata do rei que era frequente os fora da lei levarem décadas até serem capturados. *E às vezes Pod tinha dificuldade em encontrar as cozinhas quando o mandava lá embaixo buscar queijo*. Timett, filho de Timett estava provavelmente de volta às Montanhas da Lua a essa altura. E apesar do que tinha dito a Bronn, enfrentar Sor Gregor Clegane em pessoa seria uma farsa ainda maior do que os anões

lutadores de Joffrey. Não pretendia morrer com rajadas de gargalhadas ressoando aos seus ouvidos. *E lá se foi o julgamento por combate*.

Sor Kevan fez-lhe outra visita mais tarde nesse dia, e mais uma no dia seguinte. O tio informou-o polidamente de que Sansa não havia sido encontrada. E nem o bobo Sor Dontos, que tinha desaparecido na mesma noite. Desejaria Tyrion convocar mais testemunhas? Não desejava. *Como vou provar que não envenenei o vinho, quando mil pessoas me viram encher a taça de Joff?*

Não pregou o olho naquela noite.

Em vez de dormir ficou deitado no escuro, fitando o dossel e contando os seus fantasmas. Viu Tysha sorrindo enquanto o beijava, viu Sansa nua e tremendo de medo. Viu Joffrey arranhando a garganta, com o sangue escorrendo pelo pescoço enquanto o rosto enegrecia. Viu os olhos de Cersei, o sorriso lupino de Bronn, o sorriso malvado de Shae. Nem mesmo pensar em Shae conseguiu animá-lo. Acariciou-se, pensando que se acordasse o pau e o satisfizesse, talvez depois conseguisse descansar mais facilmente, mas de nada serviu.

E então chegou a alvorada, e a hora de seu julgamento começar.

Não foi Sor Kevan que veio buscá-lo naquela manhã, mas Sor Addam Marbrand com uma dúzia de homens de manto dourado. Tyrion tinha quebrado o jejum com ovos cozidos, bacon queimado e pão frito, e vestiu a sua melhor roupa.

– Sor Addam – disse. – Achei que meu pai enviaria a Guarda Real para me escoltar até o julgamento. Ainda sou um membro da família real, não sou?

– É, senhor, mas temo que a maior parte da Guarda Real seja testemunha contra o senhor. Lorde Tywin considerou que não seria próprio servirem como seus guardas.

– Os deuses não permitam que façamos algo de *impróprio*. Por favor, vá à frente.

O julgamento teria lugar na sala do trono, onde Joffrey tinha morrido. Quando Sor Addam o escoltou através das altas portas de bronze e pelo longo tapete, sentiu os olhos postos nele. Centenas de pessoas tinham se aglomerado dentro da sala para vê-lo julgado. Pelo menos esperava que tivesse sido por isso que tinham vindo. *Pelo que sei, são todos testemunhas contra mim*. Viu a Rainha Margaery na galeria, pálida e bela

no seu luto. *Duas vezes casada, duas vezes viúva, e só dezesseis anos*. A mãe estava em pé, alta, de um dos lados, e a avó, baixa, do outro, com as damas de companhia e os cavaleiros do pai amontoados no resto da galeria.

O estrado ainda se encontrava por baixo do Trono de Ferro vazio, embora todas as mesas menos uma tivessem sido removidas. Atrás dela sentava-se o robusto Lorde Mace Tyrell com uma capa dourada sobre trajes verdes e o esguio Príncipe Oberyn Martell, trazendo leves vestes com riscas laranja, amarelas e escarlate. Lorde Tywin Lannister sentava-se entre os dois. *Talvez ainda haja esperança para mim*. O dornês e o jardineiro desprezavam-se mutuamente. *Se conseguir arranjar maneira de usar isso...*

O Alto Septão começou com uma prece, pedindo ao Pai no Céu que os guiasse à justiça. Quando terminou, o pai na terra inclinou-se para a frente para dizer:

– Tyrion, matou o Rei Joffrey?

*Não quer perder um segundo.*

– Não.

– Bem, isso é um alívio – disse secamente Oberyn Martell.

– Então foi Sansa Stark que fez isso? – quis saber Lorde Tyrell.

*Eu teria feito, se fosse ela*. Mas estivesse Sansa onde estivesse e fosse qual fosse o papel que tinha desempenhado naquilo, continuava a ser sua esposa. Envolvera seus ombros no manto de sua proteção, muito embora tivesse sido obrigado a empoleirar-se nas costas de um bobo para fazer isso.

– Os deuses mataram Joffrey. Ele sufocou com a sua torta de pombo.

Lorde Tyrell enrubesceu.

– Quer culpar os padeiros?

– A eles ou aos pombos. Só quero que me deixe fora disso. – Tyrion ouviu risos nervosos e compreendeu que tinha cometido um erro. *Tento na língua, meu tolinho, antes que cave sua sepultura.*

– Há testemunhas contra você – disse Lorde Tywin. – Vamos ouvi-las primeiro. Então, poderá apresentar as suas testemunhas. Só pode falar com a nossa licença.

Nada havia que Tyrion pudesse fazer além de assentir com a cabeça.

Sor Addam tinha falado a verdade; o primeiro homem a ser introduzido na sala foi Sor Balon Swann, da Guarda Real.

– Senhor Mão – começou, depois do Alto Septão ter aceitado o seu juramento de dizer apenas a verdade –, tive a honra de lutar ao lado de seu filho na ponte de navios. Ele é um homem corajoso, apesar do tamanho, e não quero acreditar que tenha cometido este ato.

Um murmúrio percorreu a sala, e Tyrion perguntou a si mesmo que jogo louco estaria Cersei jogando. *Por que convocar uma testemunha que me julga inocente?* Em breve ficou sabendo. Sor Balon falou relutantemente de como tinha separado Tyrion de Joffrey no dia do tumulto.

– Ele bateu em Sua Graça, é verdade. Foi um ataque de fúria, nada mais. Uma tempestade de verão. A multidão quase nos matou a todos.

– Nos dias dos Targaryen, um homem que batesse em alguém de sangue real perderia a mão que usasse no ato – observou a Víbora Vermelha de Dorne. – Cresceu uma mãozinha nova ao anão, ou vocês, Espadas Brancas, esqueceram o seu dever?

– Ele mesmo é de sangue real – respondeu Sor Balon. – E além disso, era Mão do Rei.

– Não – disse Lorde Twyn. – Ele era Mão do Rei *interino*, no meu lugar.

Sor Meryn Trant expandiu alegremente o relato de Sor Balon, quando ocupou o seu lugar como testemunha.

– Ele atirou o rei no chão e começou a chutá-lo. Gritou que era injusto que Sua Graça tivesse escapado incólume à multidão.

Tyrion começou a compreender o plano da irmã. *Ela começou com um homem sabidamente honesto, e ordenhou dele tudo o que podia dar. Cada testemunha que seguir contará uma história pior, até que eu pareça tão mau quanto Maegor, o Cruel, e Aerys, o Louco, combinados, com uma pitada de Aegon, o Indigno, para dar sabor.*

Sor Meryn prosseguiu, relatando o modo como Tyrion tinha interrompido o castigo de Joffrey a Sansa Stark.

– O anão perguntou a Sua Graça se ele sabia o que acontecera a Aerys Targaryen. Quando Sor Boros interveio em defesa do rei, o Duende ameaçou mandar matá-lo.

O próprio Blount veio em seguida, para fazer eco a *essa* lamentável história. Apesar de qualquer antipatia que Sor Boros pudesse nutrir por Cersei por tê-lo demitido da Guarda Real, mesmo assim disse as palavras que ela desejava.

Tyrion não conseguiu dominar mais a língua.

– Por que não diz aos juízes o que Joffrey estava *fazendo*?

O grande homem queixudo atravessou-o com os olhos.

– Você disse aos seus selvagens para me matar se eu abrisse a boca, é isso o que vou lhes dizer.

– Tyrion – disse Lorde Tywin. – Pode falar apenas quando solicitarmos. Que isso sirva de aviso.

Tyrion calou-se, fervendo.

Os Kettleblack vieram a seguir, todos os três, um de cada vez. Osney e Osfryd contaram a história de seu jantar com Cersei antes da Batalha da Água Negra e relataram as ameaças que tinha feito.

– Ele disse a Sua Graça que lhe queria fazer mal – disse Sor Osfryd. – Machucá-la.

O irmão Osney detalhou.

– Ele disse que esperaria por um dia em que ela estivesse feliz, e faria com que a alegria se transformasse em cinzas em sua boca. – Nenhum dos dois mencionou Alayaya.

Sor Osmund Kettleblack, um retrato da cavalaria com uma imaculada armadura de escamas e manto branco de lã, jurou que o Rei Joffrey havia muito sabia que o tio Tyrion pretendia assassiná-lo.

– Foi no dia em que me deram o manto branco, senhores – disse aos juízes. – O bravo rapaz disse-me: “Meu bom Sor Osmund, proteja-me bem, pois o meu tio não gosta de mim. Ele quer ser rei no meu lugar”.

Aquilo era mais do que Tyrion conseguia aguentar.

– *Mentiroso!* – deu dois passos adiante antes que homens de manto dourado o arrastassem para trás.

Lorde Tywin franziu a testa.

– Terei de mandar acorrentar suas mãos e pés como faria a um salteador comum?

Tyrion rangeu os dentes. *Um segundo erro, estúpido, estúpido, anão estúpido. Mantenha-se calmo, senão está perdido*.

– Não. Peço-lhes perdão, senhores. As mentiras dele enfureceram-me.

– As verdades dele, você quer dizer – disse Cersei. – Pai, peço que o ponha a ferros, para a sua proteção. Você vê como ele é.

– Eu vejo que é um anão – disse o Príncipe Oberyn. – O dia em que temer a fúria de um anão será o dia em que me afogarei numa barrica de tinto.

– Não precisamos de algemas. – Lorde Tywin olhou de relance as janelas e levantou-se. – A hora já está bem adiantada. Continuaremos de manhã.

Naquela noite, sozinho em sua cela de torre com um pergaminho em branco e uma taça de vinho, Tyrion deu por si a pensar na esposa. Não em Sansa, na sua *primeira* esposa, Tysha. *A esposa puta, não a esposa loba*. O amor dela por Tyrion tinha sido fingimento, e no entanto ele acreditara e encontrara alegria nessa crença. *Dê-me doces mentiras, e fique com as suas amargas verdades*. Bebeu o vinho e pensou em Shae. Mais tarde, quando Sor Kevan lhe fez a visita da noite, Tyrion perguntou por Varys.

– Acredita que o eunuco irá falar em sua defesa?

– Não saberei até ter falado com ele. Mande-o aqui, tio, por gentileza.

– Como quiser.

Os meistres Ballabar e Frenken iniciaram o segundo dia do julgamento. Tinham aberto o nobre cadáver do Rei Joffrey, juraram, e não encontraram nenhum pedaço de torta de pombo nem qualquer outro alimento alojado na real garganta.

– Foi veneno o que o matou, senhores – disse Ballabar, enquanto Frenken assentia com gravidade.

Então apresentaram o Grande Meistre Pycelle, apoiando-se pesadamente numa bengala retorcida e tremendo ao caminhar, com um punhado de pelos brancos saindo de seu longo pescoço de galináceo. Estava frágil demais para permanecer em pé, e os juízes permitiram que fosse trazida uma cadeira para ele se sentar, e também uma mesa. Na mesa foram colocados alguns pequenos frascos. Pycelle etiquetou alegremente cada um deles com um nome.

– Grisalheira – disse, em voz trêmula – obtida do cogumelo. Beladona, sonodoce, dança do demo. Isto é olhocego. Esta chama-se sangue de viúva, devido à cor. Uma poção cruel. Faz com que a bexiga e os intestinos deixem de funcionar, até que a vítima se afogue em seus próprios venenos. Isto é acônito, isto, veneno de basilisco, e isto são

lágrimas de Lys. Sim. Conheço-as todas. O Duende Tyrion Lannister roubou-as de meus aposentos, quando mandou me aprisionar sob falsas acusações.

– *Pycelle* – gritou Tyrion, arriscando-se à ira do pai –, algum desses venenos pode sufocar um homem?

– Não. Para isso é preciso se virar para um veneno mais raro. Quando era rapaz, na Cidadela, meus professores chamavam-no simplesmente de *o estrangulador*.

– Mas esse veneno raro não foi encontrado, não?

– Não, senhor. – Pycelle piscou os olhos em sua direção. – Usou-o todo para matar a criança mais nobre que os deuses puseram nesta boa terra.

A ira de Tyrion sobrepôs-se ao seu bom-senso.

– Joffrey era cruel e estúpido, mas não o matei. Podem cortar minha cabeça se quiserem, mas não participei na morte de meu sobrinho.

– *Silêncio!* – disse Lorde Tywin. – Já o avisei três vezes. Da próxima, será amordaçado e acorrentado.

Depois de Pycelle veio a procissão, sem fim e cansativa. Senhores, senhoras e nobres cavaleiros, tanto bem-nascidos como humildes, todos tinham estado presentes no banquete nupcial, todos tinham visto Joffrey sufocar, o seu rosto se tornando tão negro quanto uma ameixa de Dorne. Lorde Redwyne, Lorde Celtigar e Sor Flement Brax tinham ouvido Tyrion ameaçar o rei; dois criados, um malabarista, Lorde Gyles, Sor Hobber Redwyne e Sor Philip Foote tinham-no visto encher o cálice nupcial; a Senhora Merryweather jurou que tinha visto o anão deixar cair qualquer coisa no vinho do rei enquanto Joff e Margaery cortavam a torta; o velho Estermont, o jovem Peckledon, o cantor Galyeon de Cuy, e os escudeiros Morros e Jothos Slynt relataram como Tyrion tinha pegado o cálice enquanto Joff estava morrendo e despejado o resto de vinho envenenado no chão.

*Quando foi que eu fiz tantos inimigos?* A Senhora Merryweather era praticamente uma estranha. Tyrion perguntou a si mesmo se seria cega ou se teria sido comprada. Pelo menos Galyeon de Cuy não pôs o seu relato em música, senão talvez tivesse setenta e sete versos.

Quando o tio o visitou naquela noite após o jantar, sua atitude era fria e distante. *Ele também pensa que fui eu*.

– Tem testemunhas para nós? – perguntou-lhe Sor Kevan.

– Não propriamente, não. A menos que tenha encontrado a minha esposa.

O tio sacudiu a cabeça.

– Aparentemente o julgamento está correndo muito mal para você.

– Ah, acha que sim? Não tinha reparado. – Tyrion passou os dedos pela cicatriz. – Varys não veio.

– Nem virá. De manhã testemunha contra você.

*Encantador.*

– Estou vendo. – Mexeu-se na cadeira. – Estou curioso. Sempre foi um homem justo, tio. O que o convenceu?

– Para que roubar os venenos de Pycelle, se não para usá-los? – disse Sor Kevan sem rodeios. – E a Senhora Merryweather viu...

– ... *nada!* Nada havia para ver. Mas como é que eu o provo? Como provo *seja o que for*, trancado aqui em cima?

– Talvez seja hora de confessar.

Mesmo através das espessas paredes de pedra da Fortaleza Vermelha, Tyrion ouvia o cair contínuo da chuva.

– Perdão, tio? Eu seria capaz de jurar que me instou a confessar.

– Se admitisse a sua culpa perante o trono e se arrependesse de seu crime, o seu pai deteria a espada. Seria permitido que você vestisse o negro.

Tyrion riu na cara dele.

– Esses foram os mesmos termos que Cersei ofereceu a Eddard Stark. Todos sabemos como *isso* acabou.

– Seu pai não participou desse assunto.

Aquilo, ao menos, era verdade.

– Castelo Negro está cheio de assassinos, ladrões e estupradores – disse Tyrion –, mas não me lembro de conhecer regicidas quando estive lá. Espera que acredite que se admitir ser um regicida e assassino de um familiar, meu pai irá simplesmente sacudir a cabeça, perdoar-me e enviar-me para a Muralha com ceroulas quentes de lã? – soltou uma rude exclamação de menosprezo.

– Nada foi dito sobre perdões – disse severamente Sor Kevan. – Uma confissão poria um fim nesse assunto. É por esse motivo que o seu pai me envia com essa proposta.

– Agradeça-lhe gentilmente por mim, tio – disse Tyrion –, mas diga-lhe que atualmente não me encontro com disposição de confessar.

– Se eu fosse você, mudaria a disposição. Sua irmã quer a sua cabeça, e pelo menos Lorde Tyrell está inclinado a dá-la a ela.

– Então um dos meus juízes já me condenou, sem ouvir uma palavra em minha defesa? – não era mais do que aquilo que esperava. – Ainda serei autorizado a falar e apresentar testemunhas?

– Você não *tem* testemunhas – recordou-lhe o tio. – Tyrion, se for culpado dessa enormidade, a Muralha é um destino mais benevolente do que merece. E se não tiver culpa... há luta no Norte, eu sei, mesmo assim será um lugar mais seguro para você do que Porto Real, seja qual for o resultado deste julgamento. O povo está convencido de sua culpa. Se fosse insensato ao ponto de se aventurar nas ruas, despedaçariam você membro por membro.

– Vejo o quanto essa perspectiva o perturba.

– É filho de meu irmão.

– Podia lembrá-*lo* disso.

– Acha que ele permitiria que você vestisse o negro se não fosse do seu sangue e de Joanna? Tywin parece-lhe um homem duro, bem sei, mas não é mais duro do que tem de ser. Nosso pai era gentil e amigável, mas tão fraco que os vassalos caçoavam dele quando estavam de porre. Alguns acharam por bem desafiá-lo abertamente. Outros senhores pediam-nos ouro emprestado e nunca se incomodavam em pagá-lo. Na corte, faziam piadas a respeito de leões sem dentes. Até a amante o roubou. Uma mulher que mal estava um passo acima de rameira, e meteu no bolso as joias de minha mãe! Coube a Tywin devolver a Casa Lannister ao lugar que lhe é próprio. Tal como coube a ele governar este reino, quando não tinha mais de vinte anos. Suportou esse pesado fardo durante *vinte anos* e tudo que lucrou com isso foi a inveja de um rei louco. Em vez das honrarias que merecia, foi obrigado a suportar um sem-fim de afrontas, e no entanto deu aos Sete Reinos paz, abundância e justiça. É um homem justo. Faria bem em confiar nele.

Tyrion pestanejou, espantado. Sor Kevan sempre havia sido sólido, imperturbável, pragmático; nunca antes o ouvira falar com tal fervor.

– Você o ama.

– É meu irmão.

– Eu... eu pensarei no que disse.

– Então pense cuidadosamente. E rapidamente.

Naquela noite, pensou em poucas outras coisas, mas ao chegar a manhã não estava mais perto de decidir se podia confiar no pai. Um criado trouxe-lhe mingau de aveia e mel para quebrar o jejum, mas o único sabor que sentiu foi o da bílis ao pensar na confissão. *Vão me chamar de assassino de familiares até o fim dos meus dias. Durante mil anos ou mais, se eu for lembrado, será como o monstruoso anão que envenenou o jovem sobrinho em seu banquete de casamento*. Aquela ideia deixou-o tão furioso que atirou a tigela e a colher na parede oposta, deixando nela uma mancha de mingau. Sor Addam Marbrand olhou-a com curiosidade quando veio escoltar Tyrion até o julgamento, mas teve a boa educação de não fazer perguntas.

– Lorde Varys – disse o arauto –, mestre dos segredos.

Empoada, enfeitada e cheirando a água de rosas, a Aranha levou todo o tempo que falou esfregando as mãos uma na outra. *Lavando a minha vida*, pensou Tyrion, enquanto escutava o fúnebre relato do eunuco sobre como o Duende maquinara afastar Joffrey da proteção de Cão de Caça e conversara com Bronn a respeito dos benefícios de ter Tommen como rei. *Meias-verdades são mais valiosas do que completas mentiras*. E, ao contrário dos outros, Varys tinha documentos; pergaminhos meticulosamente cheios de notas, detalhes, datas, conversas inteiras. Tanto material que a sua récita durou o dia inteiro, e muito dele era condenatório. Varys confirmou a visita noturna aos aposentos do Grande Meistre Pycelle e o roubo de seus venenos e poções, confirmou a ameaça que tinha feito a Cersei na noite em que jantaram juntos, confirmou tudo e mais alguma coisa, menos o envenenamento propriamente dito. Quando o Príncipe Oberyn lhe perguntou como era possível que soubesse tudo aquilo sem ter estado presente em nenhum daqueles acontecimentos, o eunuco limitou-se a soltar uma risadinha e disse:

– Os meus passarinhos contaram-me. Saber é a função deles, e a minha.

*Como é que eu questiono um passarinho?* pensou Tyrion. *Devia ter mandado cortar a cabeça do eunuco no primeiro dia que passei em Porto Real. Maldito seja. E maldito seja eu por toda a confiança que depositei nele.*

– Já ouvimos tudo? – perguntou Lorde Tywin à filha enquanto Varys saía da sala.

– Quase – disse Cersei. – Peço licença para trazer até vocês uma última testemunha, amanhã.

– Como quiser – disse Lorde Tywin.

*Oh, ótimo*, pensou Tyrion, furioso. *Depois desta farsa de julgamento, a execução será quase um alívio*.

Naquela noite, enquanto bebia junto à janela, ouviu vozes do lado de fora da porta. *Sor Kevan veio atrás de minha resposta*, pensou de imediato, mas não foi o tio quem entrou.

Tyrion ergueu-se para fazer uma reverência trocista ao Príncipe Oberyn.

– É permitido aos juízes visitar os acusados?

– É permitido aos príncipes ir aonde bem entenderem. Ou pelo menos foi isso que eu disse aos seus guardas. – O Víbora Vermelha sentou-se.

– Meu pai ficará descontente com o senhor.

– A felicidade de Lorde Tywin nunca esteve numa posição elevada em minha lista de interesses. É vinho de Dorne que está bebendo?

– Da Árvore.

Oberyn fez uma careta.

– Água vermelha. Envenenou o garoto?

– Não. E você?

O príncipe sorriu.

– Terão todos os anões línguas como a sua? Alguém acabará por cortá-la um dias desses.

– Não é o primeiro a me dizer isso. Talvez devesse cortá-la eu, parece arranjar um sem-fim de problemas.

– Tenho reparado. Acho que posso beber um pouco do suco de uva do Lorde Redwyne afinal.

– Como quiser. – Tyrion serviu-lhe uma taça.

O homem sorveu um gole, bochechou e engoliu.

– Servirá por enquanto. Mandarei um pouco do vinho forte de Dorne para você de manhã. – Bebeu mais um trago. – Descobri aquela puta de cabelos dourados que esperava encontrar.

– Então encontrou a casa de Chataya?

– Na Chataya deitei-me com a garota de pele preta. Creio que se chama Alayaya. Requintada, apesar das riscas que tem nas costas. Mas a puta a quem me referia é a sua irmã.

– Já o seduziu? – perguntou Tyrion, sem surpresa.

Oberyn riu alto.

– Não, mas seduzirá se eu pagar o seu preço. A rainha até insinuou um casamento. Sua Graça precisa de outro marido, e quem melhor do que um príncipe de Dorne? Ellaria acha que eu devia aceitar. Basta a ideia de ter Cersei em nossa cama para deixar aquela gata lúbrica molhada. E nem vamos ter de pagar a moeda do anão. Tudo o que a sua irmã quer de mim é uma cabeça, um tanto grande demais e com um nariz a menos.

– E? – disse Tyrion, esperando.

Em jeito de resposta, o Príncipe Oberyn rodopiou o vinho, e disse:

– Quando o Jovem Dragão conquistou Dorne, há tanto tempo, deixou o Senhor de Jardim de Cima governando-nos após a Submissão de Lançassolar. Esse Tyrell foi se mudando de fortaleza em fortaleza, com a sua comitiva, perseguindo rebeldes e assegurando-se de que os nossos joelhos permaneciam dobrados. Chegava com força, tomava um castelo como seu, ficava lá uma volta de lua, e partia para o castelo seguinte. Era seu costume expulsar os senhores de seus aposentos e ficar com suas camas para si. Uma noite viu-se debaixo de um pesado dossel de veludo. Havia um cordão pendurado perto das almofadas, para o caso de desejar chamar uma moça. Tinha gosto por mulheres de Dorne, esse Lorde Tyrell, e quem pode censurá-lo? Portanto, puxou o cordão, e quando fez isso, o dossel rasgou-se e uma centena de escorpiões vermelhos caiu sobre a sua cabeça. Sua morte acendeu um incêndio que em pouco tempo varreria Dorne, anulando todas as vitórias do Jovem Dragão numa quinzena. Os homens ajoelhados puseram-se em pé, e nós voltamos a ser livres.

– Conheço essa história – disse Tyrion. – E daí?

– Só isso. Se alguma vez encontrar um cordão ao lado de minha cama e puxá-lo, prefiro que caiam escorpiões sobre a minha cabeça do que a rainha em toda a sua beleza nua.

Tyrion deu um sorriso.

– Então temos isso em comum.

– Decerto que tenho muito a agradecer à sua irmã. Se não fosse a acusação dela no banquete, podia perfeitamente ser você a me julgar em vez de ser eu a julgá-lo. – Os olhos do príncipe escureceram com divertimento. – Quem sabe mais sobre veneno do que a Víbora Vermelha de Dorne, afinal? Quem tem melhores motivos para querer manter os Tyrell longe da coroa? E com Joffrey em sua tumba, pela lei de *Dorne* o Trono de Ferro deveria passar para a irmã Myrcella, que por sinal está prometida ao meu sobrinho, graças a você.

– A lei de Dorne não se aplica. – Tyrion estivera tão enredado em seus próprios problemas que nem tinha parado para pensar na sucessão. – Meu pai coroará Tommen, conte com isso.

– Ele realmente pode coroar Tommen aqui em Porto Real. O que não é o mesmo que dizer que o meu irmão não pode coroar Myrcella, lá embaixo em Lançassolar. Irá o seu pai fazer a guerra contra a sua sobrinha em nome de seu sobrinho? E a sua irmã, fará isso? – encolheu os ombros. – Talvez devesse me casar com a Rainha Cersei, afinal de contas, com a condição de ela apoiar a filha contra o filho. Acha que ela o faria?

*Nunca*, Tyrion quis dizer, mas a palavra ficou atravessada na garganta. Cersei sempre se ressentira de ser excluída do poder devido ao sexo. *Se a lei de Dorne fosse aplicada no ocidente, ela seria herdeira de Rochedo Casterly*. Ela e Jaime eram gêmeos, mas Cersei tinha chegado primeiro ao mundo, e isso era o suficiente. Defendendo a causa de Myrcella, estaria defendendo a sua.

– Não sei como a minha irmã escolheria entre Myrcella e Tommen – admitiu. – Não importa. Meu pai nunca lhe dará essa escolha.

– Seu pai – disse o Príncipe Oberyn – pode não viver para sempre.

Algo no modo como Oberyn disse aquilo arrepiou os pelos na nuca de Tyrion. De repente retomou consciência de Elia, e de tudo que Oberyn tinha dito enquanto atravessavam o campo de cinzas. *Ele quer a cabeça que deu as ordens, não só a mão que brandiu a espada*.

– Não é sensato proferir tais traições na Fortaleza Vermelha, meu príncipe. Os passarinhos estão à escuta.

– Que escutem. Será traição dizer que um homem é mortal? *Valar morghulis* era como se dizia na Valíria de outrora. *Todos os homens têm de morrer*. E a Perdição veio provar que era verdade. – O dornês dirigiu-

se à janela e fitou a noite. – Dizem que não tem testemunhas para nos apresentar.

– Estava com esperança de que uma olhada nesta minha linda cara fosse suficiente para persuadir a todos de minha inocência.

– Está enganado, senhor. A Flor Gorda de Jardim de Cima está bem convencida da sua culpa, e determinada a vê-lo morrer. Sua preciosa Margaery também estava bebendo daquele cálice, como ele nos fez lembrar meia centena de vezes.

– E você?

– Os homens raramente são o que aparentam. Você parece tão culpado que estou convencido de sua inocência. Apesar disso, é provável que seja condenado. A justiça é um bem escasso deste lado das montanhas. Não houve nenhuma para Elia, Aegon ou Rhaenys. Por que haveria alguma para você? Talvez o verdadeiro assassino de Joffrey tenha sido comido por um urso. Isso parece acontecer com bastante frequência em Porto Real. Ah, espere, o urso estava em Harrenhal, agora me lembro.

– É esse o jogo que está jogando? – Tyrion esfregou o que lhe restava de nariz. Nada tinha a perder por dizer a Oberyn a verdade. – *Havia* um urso em Harrenhal, e matou Sor Amory Lorch.

– Que triste para ele – disse o Víbora Vermelha. – E para você. Pergunto a mim mesmo se todos os homens sem nariz mentem assim tão mal.

– Não estou mentindo. Sor Amory arrastou a Princesa Rhaenys de debaixo da cama do pai e apunhalou-a até a morte. Tinha consigo alguns homens de armas, mas não conheço seus nomes. – Inclinou-se para a frente. – Foi Sor Gregor Clegane quem esmagou a cabeça do Príncipe Aegon contra uma parede e estuprou a sua irmã Elia ainda com o sangue e os miolos dele nas mãos.

– O que é isso agora? A verdade vinda de um Lannister? – Oberyn deu um sorriso frio. – Seu pai deu as ordens, certo?

– Não. – Proferiu a mentira sem hesitação, e nem parou para perguntar a si mesmo por que deveria fazê-lo.

O dornês ergueu uma sobrancelha fina e negra.

– Um filho tão zeloso. E uma mentira tão fraca. Foi Lorde Tywin quem apresentou os filhos de minha irmã ao Rei Robert, enrolados nas capas carmesim dos Lannister.

– Talvez devesse ter esta discussão com o meu pai. Ele estava lá. Eu estava no Rochedo, e ainda era tão novo que pensava que a coisa que tenho entre as pernas só servia para mijar.

– Sim, mas agora está aqui, e em certas dificuldades, eu diria. Sua inocência pode ser tão evidente quanto a cicatriz que tem no rosto, mas não o salvará. Tal como o seu pai não o salvará. – O príncipe dornês sorriu. – Mas eu talvez o faça.

– Você? – Tyrion estudou-o. – É um juiz em três. Como poderá me salvar?

– Como seu juiz, não. Como seu campeão.

# JAIME

Um livro branco repousava sobre uma mesa branca numa sala branca. A sala era redonda, com paredes de pedra caiada cobertas de tapeçarias de lã branca. Constituía o primeiro andar da Torre da Espada Branca, uma esguia estrutura de quatro andares construída num ângulo da muralha do castelo com vista sobre a baía. A galeria subterrânea guardava armas e armaduras, e o segundo e terceiro andares, as pequenas celas individuais simples para os seis irmãos da Guarda Real.

Uma dessas celas tinha sido sua durante dezoito anos, mas naquela manhã mudara as suas posses para o andar superior, inteiramente dedicado aos aposentos do Senhor Comandante. Essas salas também eram simples, apesar de espaçosas; e ficavam acima da muralha exterior, o que significava que teria uma vista sobre o mar. *Gostarei disso*, pensou. *Da vista, e de todo o resto*.

Tão pálido quanto a sala, Jaime sentou-se diante do livro com as vestes brancas da Guarda Real, à espera de seus Irmãos Juramentados. Uma espada longa pendia de sua anca. Da anca errada. Antes, sempre tinha usado a espada junto à esquerda, puxando-a com a mão oposta quando a desembainhava. Mudou-a para a anca direita naquela manhã, para conseguir puxá-la da mesma maneira com a mão esquerda, mas estranhava o peso daquele lado, e quando tinha tentado sacar a lâmina da bainha, todo o movimento pareceu desajeitado e pouco natural. A roupa também lhe caía mal. Vestia o traje de inverno da Guarda Real, uma túnica e calções de lã alvejada e um pesado manto branco, mas tudo parecia pender de seu corpo, largo.

Jaime tinha passado os dias no julgamento do irmão, em pé bem no fundo do salão. Ou Tyrion não chegou a vê-lo ali, ou não o reconheceu, mas isso não era surpreendente. Metade da corte parecia já não conhecê-lo. *Sou um estranho na minha própria Casa*. Seu filho estava morto, o pai deserdara-o, e a irmã... não lhe permitiu ficar a sós com ela nem uma vez, após aquele primeiro dia no septo real onde Joffrey jazia entre as

velas. Até quando o transportaram através da cidade para a sua sepultura no Grande Septo de Baelor, Cersei manteve uma distância cautelosa.

Olhou mais uma vez em volta da Sala Redonda. Reposteiros brancos de lã cobriam as paredes, e havia um escudo branco e duas espadas cruzadas montados por cima da lareira. A cadeira atrás da mesa era de velho carvalho negro, com almofadas em pele alvejada de vaca, com o couro já fino. *Gasto pelo traseiro ossudo de Barristan, o Ousado, e, antes dele, por Sor Gerold Hightower, pelo Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, Sor Ryam Redwyne e pelo Demônio de Darry, por Sor Duncan, o Alto, e pelo Grifo Branco, Alyn Connington.* Como podia o Regicida estar em tão elevada companhia?

E, no entanto, ali estava.

A mesa propriamente dita era de um velho represeiro, pálido como osso, esculpido na forma de um enorme escudo sustentado por três garanhões brancos. Por tradição, o Senhor Comandante sentava-se ao topo do escudo, e os irmãos em grupos de três de cada lado, nas raras ocasiões em que todos os sete se encontravam reunidos. O livro que repousava junto de seu cotovelo era maciço; sessenta centímetros de altura e quarenta e cinco de largura, mil páginas de grossura, fino pergaminho branco encadernado em couro alvejado com dobradiças e presilhas de ouro. Seu nome formal era *O livro dos irmãos*, mas era mais habitual ser chamado simplesmente de Livro Branco.

Dentro do Livro Branco encontrava-se a história da Guarda Real. Todos os cavaleiros que algum dia tinham prestado serviço possuíam uma página, destinada a registar o seu nome e feitos para toda a eternidade. No canto superior esquerdo de cada página era desenhado o escudo que o homem usava no momento de sua escolha, em tintas de ricas cores. No canto inferior direito estava o escudo da Guarda Real; branco como neve, vazio, puro. Os escudos superiores eram todos diferentes; os inferiores, todos iguais. No espaço entre ambos eram escritos os fatos da vida e serviço de cada homem. Os desenhos heráldicos e as iluminuras eram feitos por septões enviados do Grande Septo de Baelor três vezes por ano, mas era dever do Senhor Comandante manter as entradas em dia.

*Dever meu, agora*. Ou melhor, seria, depois de aprender a escrever com a mão esquerda. O Livro Branco estava bem atrasado. A morte de Sor Mandon Moore e a de Sor Preston Greenfield precisavam ser

acrescentadas, e o breve e sangrento serviço de Sandor Clegane na Guarda Real também. Novas páginas tinham de ser iniciadas para Sor Balon Swann, Sor Osmund Kettleblack e o Cavaleiro das Flores. *Vou ter de convocar um septão para desenhar seus escudos.*

Sor Barristan Selmy precedera Jaime como Senhor Comandante. O escudo no topo de sua página mostrava as armas da Casa Selmy: três espigas de trigo, amarelas, em fundo marrom. Jaime divertiu-se, embora não tenha ficado surpreso, ao descobrir que Sor Barristan tivera o cuidado de registrar a própria destituição antes de abandonar o castelo.

Sor Barristan da Casa Selmy. Filho primogênito de Sor Lyonel Selmy de Solar de Colheitas. Serviu como escudeiro de Sor Manfred Swann. Cognominado "o Ousado" no seu 10º ano, quando envergou uma armadura emprestada para surgir como cavaleiro misterioso no torneio em Portonegro, onde foi derrotado e desmascarado por Duncan, o Príncipe das Libélulas. Armado cavaleiro no seu 16º ano pelo Rei Aegon V Targaryen, após realizar grandes feitos de perícia como cavaleiro misterioso no torneio de inverno em Porto Real, derrotando o Príncipe Duncan, o Pequeno, e Sor Duncan, o Alto, Senhor Comandante da Guarda Real. Matou Maelys, o Monstruoso, o último dos Pretendentes Blackfyre, em combate singular durante a Guerra dos Reis de Nove Moedas. Derrotou Lormelle Lança Longa e Cedrik Storm, o Bastardo de Portabrônzea. Nomeado para a Guarda Real no seu 23º ano pelo Senhor Comandante Sor Gerold Hightower. Defendeu a passagem contra todos os desafiantes no torneio da Ponte de Prata. Vencedor do corpo a corpo em Lagoa da Donzela. Levou o Rei Aerys II até lugar seguro durante o Desafio de Valdocaso, apesar de um ferimento de flecha no peito. Vingou o assassinato de seu Irmão Juramentado, Sor Gwayne Gaunt. Salvou a Senhora Jeyne Swann e a sua septã da Irmandade da Mata de Rei, derrotando Simon Toyne e o Cavaleiro Sorridente, e matando o primeiro. No torneio de Vilavelha, derrotou e desmascarou o cavaleiro misterioso Escudo-Negro, revelando-o como o Bastardo de Terraltas. Único campeão no torneio de Lorde Steffon em Ponta Tempestade, onde derrubou Lorde Robert Baratheon, o Príncipe Oberyn Martell, Lorde Leyton Hightower, Lorde Jon Connington, Lorde Jason Mallister e o Príncipe Rhaegar Targaryen. Ferido por flecha, lança e espada na Batalha do Tridente enquanto lutava ao lado de seus Irmãos Juramentados e Rhaegar, Príncipe de Pedra do Dragão. Perdoado e nomeado Senhor Comandante da Guarda Real pelo Rei Robert I Baratheon. Serviu na guarda de honra que trouxe a Senhora Cersei da Casa Lannister para Porto Real, a fim de desposar o Rei Robert. Liderou o ataque contra Velha Wyk durante a Rebelião de Balon Greyjoy. Campeão do torneio em Porto Real, no seu 57º ano. Destituído do serviço pelo Rei Joffrey Baratheon no seu 61º ano, por motivo de idade avançada.

A parte inicial da lendária carreira de Sor Barristan tinha sido escrita por Sor Gerold Hightower numa letra grande e enérgica. A escrita menor e mais elegante de Selmy substituía-a com o relato de seu ferimento no Tridente.

A página de Jaime era reduzida em comparação.

> Sor Jaime da Casa Lannister. Filho primogênito de Lorde Tywin e da Senhora Joanna de Rochedo Casterly. Serviu contra a Irmandade da Mata de Rei como escudeiro de Lorde Sumner Crakehall. Armado cavaleiro no seu 15º ano por Sor Arthur Dayne da Guarda Real, por valor no campo de batalha. Escolhido para a Guarda Real no seu 15º ano pelo Rei Aerys II Targaryen. Durante o Saque de Porto Real, matou o Rei Aerys II aos pés do Trono de Ferro. De então em diante conhecido por "Regicida". Perdoado por seu crime pelo Rei Robert I Baratheon. Serviu na guarda de honra que trouxe a sua irmã, a Senhora Cersei Lannister, para Porto Real, a fim de desposar o Rei Robert. Campeão no torneio realizado em Porto Real por ocasião desse casamento.

Assim resumida, a sua vida parecia uma coisinha bastante limitada e mesquinha. Sor Barristan podia ter registado pelo menos algumas de suas outras vitórias em torneios. E Sor Gerold podia ter escrito mais algumas palavras a respeito dos feitos que tinha realizado quando Sor Arthur Dayne desbaratou a Irmandade da Mata de Rei. Jaime *salvou* a vida de Lorde Sumner no momento em que Ben Barrigudo estava prestes a esmagar-lhe a cabeça, muito embora o fora da lei tivesse escapado dele. E resistiu contra o Cavaleiro Sorridente, embora tivesse sido Sor Arthur quem o matou. *Que luta foi essa e que adversário*. O Cavaleiro Sorridente era um louco, uma mistura de crueldade e cavalaria, mas não conhecia o significado do medo. *E Dayne, com a Alvorada na mão...* No fim, a espada do fora da lei tinha tantos entalhes que Sor Arthur parou para permitir que ele fosse buscar outra.

– A que eu quero é essa sua espada branca – havia dito o cavaleiro ladrão ao retomar a luta, embora a essa altura já sangrasse de uma dúzia de ferimentos.

– Então vai obtê-la, sor – replicou o Espada da Manhã, e pôs fim ao combate.

*Naqueles tempos o mundo era mais simples*, pensou Jaime, *e tanto os homens como as espadas eram feitos de melhor aço*. Ou seria apenas por ter então seus quinze anos? Agora estavam todos nas respectivas tumbas, o Espada da Manhã e o Cavaleiro Sorridente, o Touro Branco e o Príncipe Lewyn, Sor Oswell Whent e seu humor negro, o zeloso Jon Darry, Simon Toyne e a sua Irmandade da Mata de Rei, o velho e brusco Sumner Crakehall. *E eu, aquele rapaz que era... quando será que ele morreu, pergunto-me. Quando pus o manto branco? Quando abri a goela de*

*Aerys?* Aquele rapaz queria ser Sor Arthur Dayne, mas em algum ponto ao longo do caminho transformou-se no Cavaleiro Sorridente.

Quando ouviu a porta abrir, fechou o Livro Branco e levantou-se para receber seus Irmãos Juramentados. Sor Osmund Kettleblack foi o primeiro a chegar. Ofereceu a Jaime um sorriso, como se fossem velhos irmãos de armas.

– Sor Jaime – disse –, se tivesse esse aspecto na outra noite, o teria reconhecido de imediato.

– Ah, sim? – Jaime duvidava. Os criados tinham lhe dado banho, barbeado e lavado e escovado seus cabelos. Quando olhava para o espelho, já não via o homem que atravessara as terras fluviais com Brienne... mas também não via a si mesmo. O rosto estava magro e encovado e tinha rugas sob os olhos. *Pareço um velho qualquer*. – Vá para junto de seu lugar, sor.

Kettleblack obedeceu. Os outros Irmãos Juramentados foram entrando um por um.

– Sores – disse Jaime num tom formal depois de se reunirem todos os cinco –, quem guarda o rei?

– Os meus irmãos Sor Osney e Sor Osfryd – respondeu Sor Osmund.

– E o meu irmão Sor Garlan – disse o Cavaleiro das Flores.

– Vão mantê-lo a salvo?

– Sim, senhor.

– Então sentem-se. – As palavras eram rituais. Antes dos sete poderem se reunir, era necessário assegurar a segurança do rei.

Sor Boros e Sor Meryn sentaram-se à sua direita, deixando uma cadeira vazia entre ambos para Sor Arys Oakheart, que se encontrava em Dorne. Sor Osmund, Sor Balon e Sor Loras ocuparam as cadeiras de sua esquerda. *Os velhos e os novos*. Jaime perguntou a si mesmo se aquilo poderia querer dizer alguma coisa. Tinha havido momentos durante a sua história em que a Guarda Real tinha se dividido contra si própria, e a mais notável e amarga dessas ocasiões fora durante a Dança dos Dragões. Seria isso algo que também teria de temer?

Parecia-lhe estranho sentar-se no lugar do Senhor Comandante, onde Barristan, o Ousado, se sentara durante tantos anos. *E ainda mais estranho é me sentar aqui mutilado*. Fosse como fosse, era o seu lugar, e agora aquela era a sua Guarda Real. *Os sete de Tommen*.

Jaime tinha servido durante anos com Meryn Trant e Boros Blount; lutadores capazes, mas Trant era dissimulado e cruel, e Blount, um saco de ar rosnador. Sor Balon Swann era mais digno de seu manto, e claro que o Cavaleiro das Flores era supostamente tudo que um cavaleiro devia ser. O quinto homem, aquele Osmund Kettleblack, era um estranho para ele.

Perguntou a si mesmo o que Sor Arthur Dayne teria a dizer daquele grupo. *"Como foi que a Guarda Real caiu tão baixo?", provavelmente. "Foi obra minha", eu teria de responder. "Eu abri a porta, e nada fiz quando a ralé começou a entrar."*

– O rei está morto – começou Jaime. – O filho de minha irmã, um rapaz de treze anos, assassinado em seu próprio banquete de casamento, em seu próprio salão. Todos os cinco de vocês se encontravam presentes. Todos os cinco estavam a *protegê-lo*. E no entanto ele está morto. – Esperou para ver o que eles responderiam àquilo, mas nenhum chegou sequer a pigarrear. *O rapaz Tyrell está zangado, e Balon Swann, envergonhado*, notou. Nos outros três Jaime sentiu apenas indiferença. – Foi o meu irmão que fez isso? – perguntou-lhes sem rodeios. – Tyrion envenenou o meu sobrinho?

Sor Balon mexeu-se desconfortavelmente na cadeira. Sor Boros cerrou um punho. Sor Osmund deu de ombros indolentemente. Foi Meryn Trant quem acabou por responder.

– Ele encheu a taça de Joffrey de vinho. Deve ter sido então que despejou lá o veneno.

– Tem certeza de que era o *vinho* que estava envenenado?

– O que mais poderia ser? – disse Sor Boros Blount. – O Duende despejou os sedimentos no chão. Por quê, se não para se livrar do vinho que poderia ter provado a sua culpa?

– Ele sabia que o vinho estava envenenado – disse Sor Meryn.

Sor Balon Swann franziu a testa.

– O Duende não estava sozinho no estrado. Longe disso. Com o banquete tão avançado, tínhamos pessoas em pé e movendo-se de um lado para o outro, mudando de lugar, saindo para ir à latrina, havia criados indo e vindo... o rei e a rainha tinham acabado de cortar a torta nupcial, todos os olhos estavam postos neles e naquelas três vezes malditas pombas. Ninguém estava vigiando a taça de vinho.

– Quem mais se encontrava no estrado? – perguntou Jaime.

Sor Meryn respondeu.

– A família do rei, a família da noiva, o Grande Meistre Pycelle, o Alto Septão...

– Aí está o seu envenenador – sugeriu Sor Oswald Kettleblack com um sorriso manhoso. – Muito mais santo do que devia ser, aquele velho. Pessoalmente, nunca gostei do ar dele. – Soltou uma gargalhada.

– Não – disse o Cavaleiro das Flores, sem mostrar estar se divertindo. – Sansa Stark foi a envenenadora. Todos se esquecem de que a minha irmã estava bebendo daquele cálice também. Sansa Stark era a única pessoa no salão que tinha motivo para querer ver tanto Margaery como o rei mortos. Ao envenenar a taça nupcial, podia esperar matá-los a ambos. E por que teria fugido depois, a menos que seja culpada?

*O rapaz faz sentido. Tyrion pode até ser inocente*. Mas ninguém se mostrava perto de encontrar a garota. Talvez Jaime devesse investigar aquilo pessoalmente. Para começar, seria bom saber como ela teria saído do castelo. *Varys pode ter uma ideia ou duas sobre isso*. Ninguém conhecia a Fortaleza Vermelha melhor do que o eunuco.

Aquilo podia esperar, porém. Naquele momento Jaime tinha preocupações mais imediatas. *Você diz que é o Senhor Comandante da Guarda Real*, tinha dito o pai. *Vá cumprir o seu dever*. Aqueles cinco não eram os irmãos que teria escolhido, mas eram os irmãos que tinha; chegara o momento de lidar com eles.

– Seja quem for que tenha cometido o ato – disse-lhes –, Joffrey está morto, e o Trono de Ferro pertence agora a Tommen. Pretendo que o ocupe até que seus cabelos embranqueçam e seus dentes caiam. E não devido a veneno. – Jaime virou-se para Sor Boros Blount. O homem tornara-se corpulento nos últimos anos, embora tivesse ossos suficientemente grandes para transportar o peso. – Sor Boros, parece ser um homem que aprecia a comida. De hoje em diante, provará tudo que Tommen comer ou beber.

Sor Osmund Kettleblack riu alto e o Cavaleiro das Flores sorriu, mas Sor Boros enrubesceu até um profundo tom de beterraba.

– Eu não sou nenhum provador! Sou um cavaleiro da Guarda Real!

– Lamento dizê-lo, mas é. – Cersei nunca devia ter tirado do homem o seu manto branco. Mas o pai só tornara a vergonha maior ao devolvê-lo.

– Minha irmã falou-me da prontidão com que cedeu meu sobrinho aos mercenários de Tyrion. Vai achar as ervilhas e cenouras menos ameaçadoras, espero. Quando os seus Irmãos Juramentados estiverem no pátio treinando com escudo e espada, pode treinar com a colher e a bandeja. Tommen adora bolos de maçã. Tente evitar que algum mercenário desapareça com eles.

– Fala-me assim? *Você*?

– Devia ter morrido antes de permitir que Tommen fosse capturado.

– Tal como você morreu protegendo Aerys, sor? – Sor Boros pôs-se em pé e agarrou o cabo da espada. – Eu não... eu não aturarei isso. Devia ser *você* o provador, parece-me. Para que mais serve um aleijado?

Jaime sorriu.

– Concordo. Sou tão indigno de guardar o rei quanto você. Portanto, puxe essa espada que está acariciando e veremos como as suas duas mãos se saem contra a minha. No fim, um de nós estará morto e a Guarda Real será melhorada. – Levantou-se. – Ou, se preferir, pode voltar aos seus deveres.

– *Bah!* – Sor Boros puxou um monte de muco verde, escarrou-o aos pés de Jaime e saiu, com a espada ainda na bainha.

*O homem é covarde, ainda bem*. Apesar de gordo e envelhecido e de nunca ter sido mais que medíocre, Sor Boros ainda teria sido capaz de desfazê-lo em pedaços sangrentos. *Mas Boros não sabe disso, e os outros também não podem saber. Eles temiam o homem que eu era; o homem que sou desperta piedade neles.*

Jaime voltou a se sentar e virou-se para Kettleblack.

– Sor Osmund. Não o conheço. Acho tal fato curioso. Participei em torneios, em lutas corpo a corpo e em batalhas por todos os Sete Reinos. Conheço todos os pequenos cavaleiros, cavaleiros livres e escudeiros possuidores de alguma capacidade e que tenham alguma vez ousado quebrar uma lança nas liças. Assim, como é que nunca ouvi falar de você, Sor Osmund?

– Não saberei dizer, senhor. – Ele tinha um largo sorriso no rosto, aquele Sor Osmund, como se ele e Jaime fossem velhos camaradas de armas jogando um joguinho divertido qualquer. – Mas sou um soldado, não um cavaleiro de torneios.

– Onde prestou serviço antes de minha irmã encontrá-lo?

– Aqui e ali, senhor.

– Eu estive em Vilavelha no sul e em Winterfell no norte. Estive em Lanisporto no oeste, e em Porto Real no leste. Mas nunca estive em Aqui. Nem em Ali. – Por falta de um dedo, Jaime apontou com o coto para o nariz em forma de bico de Sor Osmund. – Vou voltar a perguntar. *Onde prestou serviço?*

– Nos Degraus. Um pouco nas Terras Disputadas. Ali há sempre luta. Acompanhei os Homens Galantes. Lutamos por Lys e um pouco por Tyrosh.

*Lutou por quem quer que lhe pagasse.*

– Como acabou sendo armado cavaleiro?

– No campo de batalha.

– Quem o armou?

– Sor Robert... Stone. Já morreu, senhor.

– Com certeza. – Supunha que Sor Robert Stone podia ter sido algum bastardo vindo do Vale, que tivesse andado vendendo a espada nas Terras Disputadas. Por outro lado, podia não ser mais do que um nome que Sor Osmund montou a partir de um rei morto e de uma muralha de castelo. *Em que Cersei estava pensando quando deu a este aí um manto branco?*

Pelo menos Kettleblack provavelmente saberia como usar uma espada e um escudo. Os mercenários raramente eram os mais honrosos dos homens, mas tinham de possuir certa perícia com as armas para continuarem vivos.

– Muito bem, sor – disse Jaime. – Pode ir.

O sorriso do homem voltou. Saiu se pavoneando.

– Sor Meryn. – Jaime sorriu ao azedo cavaleiro de cabelos cor de ferrugem e olheiras sob os olhos. – Ouvi dizer que Joffrey o usou para castigar Sansa Stark. – Virou o Livro Branco com uma mão só. – Tome, mostre-me onde está escrito nos nossos votos que juramos espancar mulheres e crianças.

– Fiz o que Sua Graça me ordenou. Juramos obedecer.

– De hoje em diante, irá moderar essa obediência. Minha irmã é rainha regente. Meu pai é Mão do Rei. Eu sou Senhor Comandante da Guarda Real. Obedeça a nós. A mais ninguém.

Sor Meryn fez uma expressão obstinada.

– Está me dizendo para não obedecer ao rei?

– O rei tem oito anos. Nosso primeiro dever é *protegê-lo*, o que inclui protegê-lo de si mesmo. Use essa coisa feia que mantém dentro do elmo. Se Tommen quiser que sele o cavalo dele, obedeça. Se lhe disser para matar o cavalo, venha conversar comigo.

– Sim. Às suas ordens, senhor.

– Dispensado. – Enquanto ele saía, Jaime virou-se para Sor Balon Swann. – Sor Balon, vi-o tomar parte em justas muitas vezes, e lutei quer com você, quer contra você em lutas corpo a corpo. Disseram-me que demonstrou cem vezes o seu valor na Batalha da Água Negra. A Guarda Real é honrada por sua presença.

– A honra é minha, senhor. – Sor Balon parecia desconfiado.

– Existe apenas uma questão que gostaria de lhe colocar. Serviu-nos com lealdade, é certo... mas Varys disse-me que seu irmão acompanhou Renly e depois Stannis, enquanto o senhor seu pai decidiu não convocar os vassalos e permaneceu atrás das muralhas de Pedrelmo durante toda a guerra.

– Meu pai é um homem idoso, senhor. Já passou há muito os quarenta anos. Os dias de suas batalhas terminaram.

– E o seu irmão?

– Donnel foi ferido na batalha e rendeu-se a Sor Elwood Harte. Foi depois resgatado e jurou lealdade ao Rei Joffrey, tal como muitos outros cativos.

– É verdade – disse Jaime. – Mesmo assim... Renly, Stannis, Joffrey, Tommen... como foi que ele conseguiu deixar de lado Balon Greyjoy e Robb Stark? Podia ter sido o primeiro cavaleiro no reino a jurar lealdade a todos os seis reis.

O incômodo de Sor Balon era evidente.

– Donnel errou, mas agora é de Tommen. Dou-lhe a minha palavra.

– Não é Sor Donnel, o Constante, que me preocupa. É você. – Jaime inclinou-se para a frente. – O que fará se o bravo Sor Donnel entregar a sua espada a outro usurpador, e um dia invadir a sala do trono? E aí está você, todo de branco, entre o seu rei e o seu sangue. O que fará?

– Eu... senhor, isso nunca acontecerá.

– Aconteceu a mim – disse Jaime.

Swann limpou a testa com a manga de sua túnica branca.

– Não tem resposta?

– Senhor. – Sor Balon ficou em pé. – Pela minha espada, pela minha honra, pelo nome de meu pai, juro... não farei o que o senhor fez.

Jaime riu.

– Ótimo. Volte aos seus deveres... e diga a Sor Donnel para acrescentar um cata-vento ao seu escudo.

E então ficou sozinho com o Cavaleiro das Flores.

Esguio como uma espada, ágil e em forma, Sor Loras Tyrell usava uma túnica de linho branca como a neve e calções brancos de lã, com um cinto dourado em volta da cintura e uma rosa de ouro prendendo seu manto de seda fina. Os cabelos eram um suave desarranjo castanho, e os olhos eram também castanhos, e brilhantes de insolência. *Ele acredita que isso é um torneio e que acabaram de anunciar a sua justa.*

– Dezessete anos, e um cavaleiro da Guarda Real – disse Jaime. – Deve se sentir orgulhoso. Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, tinha dezessete anos quando foi nomeado. Sabia disso?

– Sim, senhor.

– E sabia que eu tinha *quinze*?

– Isso também, senhor. – E sorriu.

Jaime odiou aquele sorriso.

– Eu era melhor do que você, Sor Loras. Era maior, era mais forte e era mais rápido.

– E agora é mais velho – disse o rapaz. – Senhor.

Teve de rir. *Isso é absurdo demais. Tyrion riria de mim sem dó se me ouvisse agora, comparando o pinto com este rapazinho verde.*

– Mais velho e mais sábio, sor. Devia aprender comigo.

– Tal como você aprendeu com Sor Boros e Sor Meryn?

Aquela flecha aproximou-se demais do alvo.

– Aprendi com Touro Branco e Barristan, o Ousado – disse bruscamente Jaime. – Aprendi com Sor Arthur Dayne, a Espada da Manhã, que conseguiria matar vocês cinco com a mão esquerda enquanto mijava com a direita. Aprendi com o Príncipe Lewyn de Dorne, com Sor Oswell Whent e Sor Jonothor Darry, todos eles homens bons.

– Todos eles homens mortos.

*Ele sou eu*, compreendeu Jaime subitamente. *Estou falando comigo mesmo tal como era, cheio de uma arrogância convencida e de cavalaria sem base. Isso é o que acontece quando se é bom demais e novo demais.*

Assim como na esgrima, às vezes é melhor experimentar um golpe diferente.

– Dizem que lutou magnificamente na batalha... quase tão bem quanto o fantasma de Lorde Renly ao seu lado. Um Irmão Juramentado não tem segredos para com o Senhor Comandante. Diga-me, sor. Quem estava usando a armadura de Renly?

Por um momento Loras Tyrell pareceu poder recusar-se a responder, mas por fim lembrou-se de seus votos.

– Meu irmão – disse, de mau humor. – Renly era mais alto do que eu, e mais largo de peito. A armadura dele ficava folgada em mim, mas servia bem a Garlan.

– A mascarada foi ideia sua ou dele?

– Foi Lorde Mindinho quem a sugeriu. Ele disse que assustaria os ignorantes homens de armas de Stannis.

– E assustou-os. *E também alguns cavaleiros e fidalgos*. Bem, deu aos cantores algo para inspirar rimas, suponho que isso não deva ser desprezado. O que fez com Renly?

– Enterrei-o com minhas próprias mãos, num lugar que me mostrou um dia quando eu era escudeiro em Ponta Tempestade. Nunca ninguém o encontrará lá para perturbar o seu descanso. – Olhou para Jaime em desafio. – Protegerei o Rei Tommen com todas as minhas forças, juro. Darei a minha vida pela dele se for necessário. Mas nunca trairei Renly por palavras ou por atos. Ele era o rei que devia ter sido. Era o melhor de todos.

*O mais bem vestido, talvez*, pensou Jaime, mas por uma vez não o disse. A arrogância tinha saído de Sor Loras no momento em que começara a falar de Renly. *Ele respondeu honestamente. É orgulhoso, imprudente e cheio de mijo, mas não é falso. Ainda não.*

– Como queira. Mais uma coisa e poderá voltar aos seus deveres.

– Sim, senhor?

– Ainda tenho Brienne de Tarth numa cela de torre.

A boca do rapaz endureceu.

– Uma cela negra seria melhor.

– Está certo de que é isso que ela merece?

– Ela merece a morte. Eu disse a Renly que uma mulher não tinha lugar na Guarda Arco-Íris. Ela ganhou o corpo a corpo com um truque.

– Acho que me recordo de um outro cavaleiro que gostava de truques. Uma vez montou uma égua no cio contra um oponente montado num garanhão de mau temperamento. Que tipo de truque usou Brienne?

Sor Loras corou.

– Ela saltou... não importa. Ganhou, concedo-lhe isso. Sua Graça pôs um manto arco-íris em seus ombros. E ela matou-o. Ou deixou-o morrer.

– Há aí uma grande diferença. – *A diferença entre o meu crime e a vergonha de Boros Blount.*

– Ela tinha jurado protegê-lo. Sor Emmon Cuy, Sor Robar Royce, Sor Parmen Crane, eles também tinham jurado. Como poderia alguém atingi-lo com ela dentro da tenda e os outros à porta? A menos que participassem do ato.

– Havia cinco de vocês no banquete de casamento – ressaltou Jaime. – Como pôde Joffrey morrer? A menos que participassem do ato?

Sor Loras endireitou-se rigidamente.

– Não houve nada que pudéssemos fazer.

– A garota diz o mesmo. Ela chora por Renly, tal como você. Garanto-lhe que nunca chorei por Aerys. Brienne é feia e teimosa como um jumento. Mas falta-lhe a esperteza para ser uma mentirosa, e é leal para lá do bom senso. Prestou um juramento de me trazer para Porto Real, e aqui estou eu. Esta mão que perdi... bem, isso foi tanto obra minha como dela. Pesando tudo o que fez para me proteger, não tenho qualquer dúvida de que teria lutado por Renly, se tivesse havido um inimigo com quem lutar. Mas uma sombra? – Jaime sacudiu a cabeça. – Puxe a espada, Sor Loras. Mostre-me como *você* lutaria com uma sombra. Gostaria de ver isso.

Sor Loras não fez qualquer movimento para se erguer.

– Ela fugiu – disse. – Ela e Catelyn Stark abandonaram-no afogado em sangue e fugiram. Por que haveriam de fugir, se não fosse obra dela? – fitou a mesa. – Renly atribuiu-me a vanguarda. De outro modo teria sido eu a ajudá-lo a envergar a armadura. Ele muitas vezes confiava essa tarefa a mim. Nós tínhamos... tínhamos rezado juntos naquela noite. Deixei-o com ela. Sor Parmen e Sor Emmon guardavam a tenda e Sor Robar Royce também estava lá. Sor Emmon jurou que Brienne tinha... embora...

– Sim? – instou Jaime, detectando uma dúvida.

– O gorjal tinha sido atravessado. Um golpe limpo, através de um gorjal de aço. A armadura de Renly era do melhor, do mais fino aço. Como ela conseguiria fazer aquilo? Eu mesmo tentei, e não foi possível. Ela é anormalmente forte para uma mulher, mas até a Montanha teria precisado de um machado pesado. E por que vestir-lhe a armadura e só *depois* cortar a garganta dele? – dirigiu a Jaime um olhar confuso. – Mas se não foi ela... como pode ter sido uma *sombra*?

– Pergunte-lhe. – Jaime tomou uma decisão. – Vá à cela dela. Faça as suas perguntas e escute as respostas que ela der. Se ainda estiver convencido de que Brienne assassinou Lorde Renly, farei com que ela responda por isso. A decisão será sua. Acuse-a ou liberte-a. Tudo que peço é que a julgue com justiça, por sua honra de cavaleiro.

Sor Loras levantou-se.

– Farei isso. Por minha honra.

– Então terminamos.

O homem mais novo dirigiu-se à porta. Mas aí virou-se.

– Renly a achava absurda. Uma mulher vestida de cota de malha de homem, fingindo ser um cavaleiro.

– Se alguma vez a tivesse visto vestindo cetim cor-de-rosa e renda de Myr, não teria se queixado.

– Perguntei-lhe por que a mantinha por perto, se a achava assim tão grotesca. Ele disse que todos os outros cavaleiros queriam coisas dele, castelos, honrarias ou riquezas, mas tudo que Brienne queria era morrer por ele. Quando o vi todo ensanguentado, com ela fugida e os outros três incólumes... se ela for inocente, então Robar e Emmon... – Não parecia ser capaz de articular as palavras.

Jaime não tinha parado para refletir sobre aquele aspecto do assunto.

– Eu teria feito o mesmo, sor. – A mentira chegou-lhe fácil, mas Sor Loras pareceu grato por ouvi-la.

Quando o cavaleiro saiu, o Senhor Comandante sentou-se sozinho na sala branca, cheio de questões. O Cavaleiro das Flores tinha se sentido tão louco de dor por Renly que abatera dois de seus próprios Irmãos Juramentados, mas nunca ocorreu a Jaime fazer o mesmo aos cinco que tinham falhado a Joffrey. *Ele era meu filho, meu filho secreto... Que coisa sou eu, se não ergo a mão que me resta para vingar meu próprio*

*sangue e semente?* Devia pelo menos matar Sor Boros, só para se ver livre dele.

Olhou para o coto e fez uma careta. *Tenho de fazer qualquer coisa a esse respeito.* Se o falecido Sor Jacelyn Bywater podia usar uma mão de ferro, ele devia ter uma de ouro. *Cersei pode gostar. Uma mão dourada para afagar seus cabelos dourados e apertá-la bem contra mim.*

Mas a mão podia esperar. Havia outras coisas a tratar primeiro. Havia outras dívidas a pagar.

# SANSA

A escada que levava ao castelo de proa era íngreme e cheia de lascas, por isso Sansa aceitou ajuda de Lothor Brune. *Sor Lothor*, teve de recordar a si mesma. O homem tinha sido armado cavaleiro pelo valor demonstrado na Batalha da Água Negra. Embora nenhum cavaleiro de verdade usasse aqueles calções marrons remendados e aquelas botas gastas, nem aquele gibão de couro rachado e manchado pela água. Atarracado, com rosto quadrado, nariz amassado e um emaranhado de fortes cabelos grisalhos, Brune raramente falava. *Mas é mais forte do que parece*. Ela percebeu isso pela facilidade com que a ergueu no ar, como se não pesasse nada.

Para lá da proa do *Rei Bacalhau* estendia-se uma costa nua e pedregosa, varrida pelo vento, desprovida de árvores e pouco convidativa. Mesmo assim, era uma visão bem-vinda. Havia bastante tempo que vinham se afastando da costa no caminho de volta. A última tempestade tinha-os varrido para longe da vista da terra, e atirara tamanhas ondas contra os lados da galé que Sansa tivera certeza de que iam todos se afogar. Tinha ouvido o velho Oswell dizer que dois homens haviam sido arrastados borda afora e outro caíra do mastro e quebrara o pescoço.

Ela raramente se aventurava até o convés. Sua pequena cabine era úmida e fria, mas Sansa passara a maior parte da viagem doente... doente de terror, doente de febre, ou doente de enjoo... Não conseguia manter nada no estômago e até o sono custava a vir. Sempre que fechava os olhos via Joffrey rasgando o colarinho, arranhando a suave pele da garganta, morrendo com flocos de crosta de torta nos lábios e manchas de vinho no gibão. E os lamentos do vento no cordame faziam-lhe lembrar o terrível e agudo som de sugar que ele tinha feito enquanto lutava para inspirar ar. Às vezes sonhava também com Tyrion.

– Ele não fez nada – tinha dito ao Mindinho quando ele fez uma visita à sua cabine para ver se ela estava se sentindo melhor.

– Ele não matou Joffrey, é verdade, mas as mãos do anão estão longe de estar limpas. Teve uma esposa antes de você, sabia?

– Ele contou-me.

– E ele contou que, quando se cansou dela, deu-a de presente aos guardas do pai? Podia ter feito o mesmo com você, a seu tempo. Não derrame lágrimas pelo Duende, senhora.

O vento fez correr dedos salgados por seus cabelos, e Sansa estremeceu. Até tão perto da costa, o balanço do barco deixava seu estômago indisposto. Precisava desesperadamente de um banho e de uma muda de roupa. *Devo parecer tão descomposta como um cadáver, e cheiro a vômito.*

Lorde Petyr surgiu a seu lado, alegre como sempre.

– Bom dia. O ar salgado é tonificante, não lhe parece? Aguça-me sempre o apetite. – Rodeou seus ombros com um braço compreensivo. – Está bem? Parece tão pálida.

– É só a minha barriga. O enjoo.

– Um pouco de vinho será bom para isso. Vamos arranjar uma taça para você, assim que estivermos em terra firme. – Petyr apontou para o local onde uma velha torre de pederneira se delineava contra o céu cinzento sem vida, com as ondas se esmagando nas rochas abaixo dela. – Animado, não é? Temo que aqui não haja ancoradouro seguro. Iremos para a terra num bote.

– Aqui? – não queria ir para a terra ali. Tinha ouvido dizer que os Dedos eram um lugar lúgubre, e havia algo de abandonado e desolado na pequena torre. – Não podia ficar no navio até zarparmos para Porto Branco?

– Daqui, o *Rei* vira para leste rumo a Bravos. Sem nós.

– Mas... senhor, disse... disse que íamos para casa.

– E aqui está ela, por mais miserável que seja. A minha casa ancestral. Temo que não tenha nome. A sede de um grande senhor devia ter um nome, não concorda? Winterfell, Ninho da Águia, Correrrio, esses são *castelos*. Agora Senhor de Harrenhal, isso soa bem, mas o que era eu antes? Senhor da Bosta de Ovelha e dono do Forte Triste? Falta alguma coisa aí. – Seus olhos cinza-esverdeados olharam-na inocentemente. – Parece perturbada. Achava que nos dirigíamos a Winterfell, querida? Winterfell foi tomado, queimado e saqueado. Todos os que conhecia e

amava estão mortos. Os nortenhos que não caíram perante os homens de ferro estão fazendo guerra entre si. Até a Muralha está sob ataque. Winterfell foi o lar de sua infância, Sansa, mas já não é uma criança. É uma mulher-feita, e tem de criar o seu lar.

– Mas não aqui – disse ela, consternada. – Parece tão...

– ... pequeno, sem vida e insignificante? É tudo isso, e ainda pior. Os Dedos são um lugar adorável para quem por acaso for uma pedra. Mas nada tema, não nos demoraremos mais do que uma quinzena. Calculo que a sua tia já esteja a caminho para nos encontrar. – Sorriu. – A Senhora Lysa e eu vamos nos casar.

– Casar? – Sansa estava atordoada. – O senhor e a minha tia?

– O Senhor de Harrenhal e a Senhora do Ninho da Águia.

*Disse que era a minha mãe que amava*. Mas claro que a Senhora Catelyn estava morta, por isso, mesmo se tivesse amado secretamente Petyr e se lhe tivesse entregado a virgindade, agora não importava.

– Tão silenciosa, senhora – disse Petyr. – Estava certo de que gostaria de me dar a sua bênção. É coisa rara que um rapaz nascido para herdar pedras e cocozinhos de ovelha se case com a filha de Hoster Tully e viúva de Jon Arryn.

– Eu... eu rezo para que passem longos anos juntos, tenham muitos filhos e sejam muito felizes um com o outro. – Tinham-se passado anos desde que Sansa vira a irmã da mãe. *Ela será gentil comigo, certamente. É do meu sangue*. E o Vale de Arryn era belo, todas as canções diziam isso. Talvez não fosse assim tão terrível ficar ali durante algum tempo.

Lothor e o velho Oswell assumiram os remos e levaram-nos para terra. Sansa aconchegou-se à proa sob o seu manto com o capuz puxado para proteger a cabeça do vento, interrogando-se sobre o que a esperava. Criados saíram da torre ao encontro do grupo; uma velha magra e uma gorda de meia-idade, dois anciãos de cabelos brancos e uma menina com dois ou três anos e terçol num olho. Quando reconheceram Lorde Petyr, ajoelharam-se nas pedras.

– O meu pessoal – disse ele. – Não conheço a criança. Outro dos bastardos de Kella, suponho. Ela põe um no mundo a cada dois ou três anos.

Os dois velhos entraram na água até as coxas para erguer Sansa do barco de modo que não molhasse as saias. Oswell e Lothos foram

espirrando água até chegarem à margem, e o mesmo fez o próprio Mindinho. Este deu à velha um beijo na bochecha e sorriu à mais nova.

– Quem é o pai desta, Kella?

A gorda riu.

– Não sei bem, senhor. Não sou mulher pra lhes dizer que não.

– E todos os moços da terra são gratos por isso, tenho certeza.

– É bom tê-lo em casa, senhor – disse um dos velhos. Parecia ter pelo menos oitenta anos, mas usava uma brigantina com rebites e uma espada longa presa ao flanco. – De quanto tempo será a sua estadia?

– O menos possível, Bryen, não tenha medo. Diria que o lugar está habitável neste momento?

– Se soubéssemos que vinham, teríamos posto esteiras novas, senhor – disse a velha. – Há um fogo de esterco queimando.

– Nada diz "casa" como o cheiro de esterco queimando. – Petyr virou-se para Sansa. – Grisel foi a minha ama de leite, mas agora toma conta de meu castelo. Umfred é o meu intendente e Bryen... não o nomeei capitão da guarda da última vez que estive aqui?

– Nomeou, senhor. Disse também que ia arranjar mais alguns homens, mas não fez isso. Eu e os cães fazemos todas as vigias.

– E muito bem, tenho certeza. Ninguém fugiu com nenhuma das minhas pedras e cocôs de ovelha, vejo-o claramente. – Petyr indicou com um gesto a gorda. – Kella cuida de meus vastos rebanhos. Quantas ovelhas tenho no momento, Kella?

Ela teve de pensar por um momento.

– Vinte e três, senhor. Havia vinte e nove, mas os cães de Bryen mataram uma e abatemos algumas das outras pra salgar a carne.

– Ah, carneiro frio em salmoura. Devo estar *mesmo* em casa. Quando quebrar o jejum com ovos de gaivota e sopa de algas, terei certeza.

– Se quiser, senhor – disse a velha chamada Grisel.

Lorde Petyr fez uma careta.

– Venha, vejamos se o meu palácio é tão lúgubre como o recordo. – Subiu a costa à frente dos outros, por rochas tornadas escorregadias por algas em putrefação. Um punhado de ovelhas vagueava em volta da base da torre de pederneira, pastando a escassa grama que crescia entre o curral e o estábulo de telhado de colmo. Sansa teve de pisar com cuidado; havia cocô de ovelha por todo lado.

Lá dentro, a torre parecia ainda menor. Uma escada aberta de pedra corria em volta da parede interior, desde a galeria subterrânea até o telhado. Cada piso não era mais do que um único cômodo. Os criados viviam e dormiam na cozinha, no piso térreo, dividindo o espaço com um enorme mastim malhado e meia dúzia de cães pastores. Por cima havia um pequeno salão, e ainda mais acima o quarto de dormir. Não existiam janelas, mas havia seteiras em intervalos regulares na parede exterior, ao longo da curvatura da escada. Por cima da lareira pendia uma espada longa quebrada e um desgastado escudo de carvalho, com a tinta rachada e descascando.

Sansa não conhecia o símbolo pintado no escudo; uma cabeça de pedra cinza com olhos de fogo em fundo verde-claro.

– O escudo do meu avô – explicou Petyr quando a viu a fitá-lo. – O pai dele nasceu em Bravos e veio para o Vale como mercenário contratado por Lorde Corbray, e por isso o meu avô escolheu a cabeça do Titã como símbolo quando foi armado cavaleiro.

– É muito feroz – disse Sansa.

– Feroz demais, para um cara amigável como eu – disse Petyr. – Prefiro de longe o meu tejo.

Oswell fez mais duas viagens até o *Rei Bacalhau* para descarregar mantimentos. Entre as cargas que trouxe para terra havia vários tonéis de vinho. Petyr serviu uma taça a Sansa, como prometido.

– Aqui está, senhora, isso deve ajudar a sua barriga, espero eu.

Ter terra firme debaixo dos pés já ajudara, mas Sansa ergueu obedientemente o cálice com ambas as mãos e bebeu um golinho. O vinho era muito bom; *uma bela colheita da Árvore*, pensou. Tinha toques de carvalho, fruta e noites quentes de verão e os sabores desabrochavam em sua boca como flores abrindo-se ao sol. Só esperava conseguir mantê-lo na barriga. Lorde Petyr estava sendo tão gentil que não queria estragar tudo vomitando em cima dele.

Ele estava estudando-a por sobre seu próprio cálice, com os brilhantes olhos cinza-esverdeados cheios de... seria divertimento? Ou outra coisa? Sansa não tinha certeza.

– Grisel – gritou ele para a velha –, traga um pouco de comida. Nada pesado demais, que a senhora tem uma barriga fraca. Um pouco de fruta poderá, talvez, servir. Oswell trouxe algumas laranjas e romãs do *Rei*.

– Sim, senhor.

– Seria possível também tomar um banho quente? – perguntou Sansa.

– Eu mando Kella ir buscar água, senhora.

Sansa bebeu outro gole de vinho e tentou pensar em algo polido para dizer, mas Lorde Petyr poupou-a do trabalho. Quando Grisel e os outros criados foram embora, disse:

– Lysa não virá sozinha. Antes de ela chegar, temos de esclarecer quem você é.

– Quem sou... não compreendo.

– Varys tem informantes por todo lado. Se Sansa Stark for vista no Vale, o eunuco vai ficar sabendo dentro de uma volta de lua, e isso criaria lamentáveis... complicações. Não é seguro ser um Stark neste momento. Portanto, diremos ao pessoal de Lysa que é minha filha ilegítima.

– Ilegítima? – Sansa estava horrorizada. – Quer dizer uma bastarda?

– Bem, dificilmente poderia ser minha filha legítima. Nunca tomei esposa, isso é bem sabido. Como se chamaria?

– Eu... poderia usar o nome de minha mãe...

– Catelyn? Um pouco óbvio demais... mas o de *minha* mãe serviria. Alayne. Você gosta?

– Alayne é bonito. – Sansa esperava conseguir lembrar-se. – Mas eu não poderia ser filha legítima de algum cavaleiro a seu serviço? Ele poderia ter morrido galantemente na batalha, e...

– Não tenho cavaleiros galantes a meu serviço, Alayne. Uma história dessas atrairia tantas perguntas indesejáveis quanto um cadáver atrai corvos. Porém, é falta de educação bisbilhotar a origem dos filhos ilegítimos de um homem. – Ergueu a cabeça. – Então, quem é?

– Alayne... Stone, é? – quando ele confirmou com a cabeça, ela disse: – Mas quem é a minha mãe?

– A Kella?

– Não, por favor – disse ela, mortificada.

– Estava brincando. Sua mãe era uma senhora de Bravos, filha de um príncipe mercador. Conhecemo-nos em Vila Gaivota quando era encarregado do porto. Ela morreu ao dá-la à luz e confiou-a à Fé. Tenho alguns livros devocionais sobre os quais pode passar os olhos. Aprenda a citá-los. Nada desencoraja mais as perguntas indesejadas do que uma torrente de ladainha piedosa. Seja como for, em sua floração decidiu que

não era seu desejo ser uma septã e escreveu-me. Foi então que eu soube da sua existência. – Afagou a barba. – Acha que é capaz de se lembrar de tudo isso?

– Espero que sim. Será como jogar um jogo, não é?

– Gosta de jogos, Alayne?

Ia ter de habituar-se ao novo nome.

– Jogos? Eu... suponho que dependeria de...

Grisel reapareceu antes de poder dizer mais, equilibrando uma grande bandeja. Apoiou-a entre ambos. Havia maçãs, peras e romãs, um punhado de uvas feiosas, uma enorme laranja sanguínea. A velha tinha trazido também uma rodela de pão e um pote de manteiga. Petyr cortou uma romã em duas com o seu punhal e ofereceu metade a Sansa.

– Devia tentar comer, senhora.

– Obrigada, senhor. – As sementes de romã sujavam tanto; Sansa preferiu uma pera, e deu uma pequena mordidinha delicada. Estava muito madura; o sumo escorreu pelo seu queixo.

Lorde Petyr desalojou uma semente com a ponta do punhal.

– Deve sentir terrivelmente a falta de seu pai, eu sei. Lorde Eddard era um homem corajoso, honesto e leal... mas um jogador bastante incapaz. – Levou a semente à boca com a faca. – Em Porto Real, há dois tipos de pessoas. Os jogadores e as peças.

– E eu era uma peça? – receou a resposta.

– Sim, mas não deixe que isso a perturbe. Ainda é quase uma criança. Todos os homens começam sendo peças, e todas as donzelas também. Mesmo alguns que acham que são jogadores. – Comeu outra semente. – Cersei, para começar. Julga-se astuta, mas na verdade é completamente previsível. Sua força reside na beleza, no nascimento e na riqueza. Só a primeira dessas coisas é realmente dela, e em breve a abandonará. Nessa hora, terei pena dela. Deseja o poder, mas não tem ideia do que fazer com ele quando o obtém. Todo mundo quer alguma coisa, Alayne. E quando ficar sabendo o que um homem quer, saberá quem ele é, e como jogar com ele.

– Tal como jogou com Sor Dontos para envenenar Joffrey? – concluíra que *tinha* de ter sido Sor Dontos.

Mindinho riu.

– Sor Dontos, o Tinto, era um odre de vinho com pernas. Nunca poderia ser confiada a ele uma tarefa de tal magnitude. Ele, se não a estragasse, teria me traído. Não, tudo que Dontos teve de fazer foi tirá-la do castelo... e assegurar-se de que usava a rede de prata para cabelos.

*As ametistas negras.*

– Mas... se não foi Dontos, quem? Você tem outras... peças?

– Poderia virar Porto Real do avesso e não encontraria um único homem com um tejo cosido sobre o coração, mas isso não significa que eu não tenho amigos. – Petyr dirigiu-se até junto da escada. – Oswell, venha aqui em cima e deixe que a Senhora Sansa olhe para você.

O velho apareceu alguns momentos mais tarde, sorrindo e fazendo uma reverência. Sansa examinou-o, incerta.

– O que eu deveria estar vendo?

– Não o conhece? – perguntou Petyr.

– Não.

– Olhe melhor.

Sansa estudou o rosto do velho, enrugado e queimado pelo vento, seu nariz adunco, os cabelos brancos e as enormes mãos nodosas. *Havia* algo de familiar nele, mas Sansa teve de sacudir a cabeça.

– Não o conheço. Nunca vi Oswell antes de entrar no barco dele, tenho certeza.

Oswell sorriu, mostrando uma boca cheia de dentes tortos.

– Não, mas a senhora talvez tenha conhecido os meus três filhos.

Foram os "três filhos" e também aquele sorriso.

– *Kettleblack!* – os olhos de Sansa esbugalharam-se. – É um Kettleblack!

– Sim, senhora, às suas ordens.

– Ela está fora de si de alegria. – Lorde Petyr mandou-o embora com um gesto e voltou à romã enquanto Oswell descia os degraus. – Diga-me, Alayne... o que é mais perigoso, o punhal brandido por um inimigo, ou o punhal escondido encostado às suas costas por alguém que não chega a ver?

– O punhal escondido.

– Aí está uma garota esperta. – Ele sorriu, com os lábios finos tornados vermelhos pelas sementes de romã. – Quando o Duende mandou os guardas dela embora, a rainha mandou Sor Lancel contratar-lhe

mercenários. Lancel encontrou os Kettleblack, o que deliciou o pequeno senhor seu esposo, visto que os rapazes eram pagos por ele através do seu homem, Bronn. – Petyr soltou um risinho. – Mas fui eu quem disse a Oswell para mandar os filhos para Porto Real quando soube que Bronn andava à procura de espadas. Três punhais escondidos, Alayne, agora perfeitamente posicionados.

– Então um dos Kettleblack pôs o veneno na taça de Joff? – lembrou-se de que Sor Osmund tinha passado a noite inteira perto do rei.

– Terei dito isso? – Lorde Petyr cortou a laranja sanguínea em duas com o punhal e ofereceu metade a Sansa. – Os rapazes são traiçoeiros demais para participarem de uma tramoia dessas... e Osmund tornou-se especialmente indigno de confiança desde que entrou para a Guarda Real. Acho que aquele manto branco faz coisas aos homens. Até a homens como ele. – Inclinou o queixo para trás e espremeu a laranja sanguínea para que o sumo escorresse para sua boca. – Adoro o sumo, mas abomino os dedos pegajosos – reclamou, limpando as mãos. – Mãos limpas, Sansa. Faça o que fizer, assegure-se de que as suas mãos estejam limpas.

Sansa levou à boca um pouco de sumo de sua laranja com uma colher.

– Mas se não foram os Kettleblack e não foi Sor Dontos... você nem sequer estava na cidade, e não pode ter sido Tyrion...

– Não quer fazer outra tentativa, querida?

Ela sacudiu a cabeça.

– Eu não...

Petyr sorriu.

– Aposto que a certa altura durante a noite alguém lhe disse que a rede para cabelos estava torta e a endireitou para você.

Sansa levou uma mão à boca.

– Não pode querer dizer... ela queria me levar para Jardim de Cima, para me casar com o neto...

– O gentil e piedoso Willas Tyrell, com a sua boa índole. Fique grata por ter sido poupada, ele teria aborrecido você até a morte. Mas a velha não é entediante, admito. Uma temível velha bruxa, e que não é nem de perto tão frágil como finge ser. Quando cheguei a Jardim de Cima para regatear a mão de Margaery, ela deixou que o senhor seu filho fanfarronasse enquanto ela fazia perguntas mordazes a respeito da natureza de Joffrey. Elogiei-o até os céus, com certeza... enquanto os

meus homens espalhavam histórias perturbadoras entre os criados de Lorde Tyrell. É assim que se joga o jogo.

"Também plantei a ideia de Sor Loras vestir o branco. Não que o tenha *sugerido*, isso teria sido rude demais. Mas homens em minha comitiva disseminaram medonhas histórias sobre o modo como o povo tinha matado Sor Preston Greenfield e violado a Senhora Lollys, e fiz chegar algumas moedas de prata ao exército de cantores de Lorde Tyrell para que cantassem sobre Ryam Redwyne, Serwyn do Escudo Espelhado e Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão. Uma harpa pode ser tão perigosa como uma espada, nas mãos certas.

"Mace Tyrell pensou mesmo que era sua a ideia de fazer a inclusão de Sor Loras na Guarda Real parte do contrato de casamento. Quem melhor para proteger a filha do que o seu magnífico irmão cavaleiro? E aliviou-o da difícil tarefa de tentar encontrar terras e uma noiva para um terceiro filho, o que nunca é fácil, e se torna duplamente difícil no caso de Sor Loras.

"Mas, seja como for, a Senhora Olenna não estava disposta a permitir que Joff fizesse mal à sua preciosa e querida neta, mas ao contrário do filho também compreendeu que, sob as suas flores e trajes finos, Sor Loras é tão temperamental quanto Jaime Lannister. Atire Joffrey, Margaery e Loras numa panela, e tem os ingredientes para um guisado de regicida. A velha compreendeu também outra coisa. O filho estava decidido a fazer de Margaery uma rainha, e para isso precisava de um rei... mas não precisava de *Joffrey*. Teremos em breve outro casamento, espere e verá. Margaery casará com Tommen. Manterá a sua coroa de rainha e a sua virgindade, nenhuma das quais deseja em especial, mas que importa isso? A grande aliança ocidental será preservada... pelo menos por algum tempo."

*Margaery e Tommen*. Sansa não sabia o que dizer. Gostava de Margaery Tyrell e também de sua pequena avó de língua afiada. Tinha pensado com anseio em Jardim de Cima, com seus pátios e músicos, e as barcaças de prazer no Vago; a uma distância enorme daquela costa desolada. *Pelo menos aqui estou a salvo. Joffrey está morto, já não pode me machucar, e agora sou só uma bastarda. Alayne Stone não tem marido e não tem pretensões*. E, além disso, a tia estaria ali em breve. O longo pesadelo de

Porto Real tinha ficado para trás e sua caricatura de casamento também. Podia criar para si um novo lar ali, tal como Petyr havia dito.

Passaram-se oito longos dias até Lysa Arryn chegar. Choveu em cinco desses dias, enquanto Sansa permanecia sentada, entediada e inquieta junto à lareira, ao lado do velho cão cego. O animal estava doente e desdentado demais para montar guarda com Bryen, e o que fazia era principalmente dormir, mas quando ela lhe fez festas ele ganiu e lambeu sua mão, e depois disso tornaram-se bons amigos. Quando as chuvas pararam, Petyr percorreu com ela o perímetro de sua propriedade, o que demorou menos de meio dia. Ele possuía um monte de pedras, tal como tinha dito. Havia um local onde a maré saltava de uma furna, projetando-se dez metros no ar, e um outro onde alguém esculpira a estrela de sete pontas dos deuses novos num pedregulho. Petyr disse que aquilo marcava um dos locais onde os ândalos tinham desembarcado, quando vieram do outro lado do mar para arrancar o Vale das mãos dos Primeiros Homens.

Mais para o interior, uma dúzia de famílias vivia em cabanas de pedras empilhadas ao lado de uma turfeira.

– A minha plebe – disse Petyr, embora só o mais velho parecesse conhecê-lo. Havia também uma gruta de eremita em suas terras, mas sem eremita. – Ele agora está morto, mas quando eu era rapaz, meu pai levou-me para visitá-lo. O homem não se lavava havia quarenta anos, portanto pode imaginar o cheiro, mas supostamente tinha o dom da profecia. Apalpou-me um pouco e disse que eu seria um grande homem, e por isso o meu pai deu-lhe um odre de vinho. – Petyr fungou. – Eu teria dito a mesma coisa por meia taça.

Por fim, numa tarde cinzenta e ventosa, Bryen correu de volta à torre com os cães latindo logo atrás, para anunciar que se aproximavam cavaleiros vindos de sudoeste.

– Lysa – disse Lorde Petyr. – Venha, Alayne, vamos ao encontro dela.

Vestiram os mantos e esperaram lá fora. Os cavaleiros não eram mais de uma vintena; uma escolta muito modesta para a Senhora do Ninho da Águia. Acompanhavam-na três aias, bem como uma dúzia de cavaleiros envergando cota de malha e placa de peito. Tinha trazido também um septão e um cantor atraente com um bigode fino e longos caracóis cor de areia.

*Poderá aquela ser a minha tia?* A Senhora Lysa era dois anos mais nova do que sua mãe, mas aquela mulher parecia dez anos mais velha. Grossas tranças ruivas caíam-lhe abaixo da cintura, mas sob o dispendioso vestido de veludo e corpete decorado com pedras preciosas, o corpo mostrava-se flácido e saliente. O rosto vinha rosado e pintado, os seios eram pesados, os membros, grossos. Era mais alta do que Mindinho e também mais pesada; e não mostrou qualquer graça no modo desajeitado com que desceu do cavalo.

Petyr ajoelhou para lhe beijar os dedos.

– O pequeno conselho do rei ordenou-me que a cortejasse e conquistasse, senhora. Acredita que poderá me aceitar como seu senhor e esposo?

A Senhora Lysa projetou os lábios e puxou-o de volta em pé, para plantar um beijo em sua bochecha.

– Oh, talvez possa ser convencida. – Soltou um risinho. – Trouxe presentes para derreter meu coração?

– A paz do rei.

– Oh, que se dane a paz, o que mais me trouxe?

– A minha filha. – Mindinho fez sinal com uma mão a Sansa para avançar. – Senhora, permita-me que lhe apresente Alayne Stone.

Lysa Arryn não pareceu grandemente satisfeita por vê-la. Sansa fez uma profunda reverência, com a cabeça baixa.

– Uma bastarda? – ouviu a tia dizer. – Petyr, foi maroto? Quem era a mãe?

– A moça está morta. Tinha a esperança de levar Alayne para o Ninho da Águia.

– O que farei com ela lá?

– Tenho algumas ideias – disse Lorde Petyr. – Mas neste momento estou mais interessado no que farei com a senhora.

Toda a severidade derreteu no rosto redondo e rosado da tia, e por um momento Sansa pensou que Lysa Arryn estivesse a ponto de chorar.

– Querido Petyr, tive tantas saudades suas, não faz ideia, não pode fazer ideia. Yohn Royce tem andado instigando toda espécie de problemas, exigindo que eu convoque os vassalos e parta para a guerra. E todos os outros enxameiam à minha volta, Hunter, Corbray e aquele *horrendo* Nestor Royce, todos desejando desposar-me e tomar o meu

filho como protegido, mas nenhum deles me ama realmente. Só você, Petyr. Sonhei com você durante tanto tempo.

– E eu com você, senhora. – Passou um braço pelas costas dela e beijou-a no pescoço. – Quando podemos nos casar?

– Já – disse a Senhora Lysa, suspirando. – Trouxe o meu próprio septão e um cantor, e hidromel para o banquete de casamento.

– Aqui? – aquilo não lhe agradou. – Preferiria casar com a senhora no Ninho da Águia, com toda a corte presente.

– Que se dane a corte. Esperei durante tanto tempo que não aguento esperar nem mais um momento. – Envolveu-o com os braços. – Quero partilhar a sua cama esta noite, meu querido. Quero que façamos outro filho, um irmão para Robert ou uma doce filhinha.

– Eu também sonhei com isso, querida. Mas há muito a ganhar com uma grande boda pública, com todo o Vale...

– Não. – Lysa bateu o pé. – Quero-o agora, nesta mesma noite. E devo prevenir-lo de que depois de todos esses anos de silêncio e sussurros pretendo *gritar* quando me amar. Vou gritar tão alto que vão me ouvir no Ninho da Águia.

– Talvez possa dormir com você agora e casar mais tarde?

A Senhora Lysa soltou risinhos como se fosse uma menina.

– Oh, Petyr Baelish, você é tão *maroto*. Não, não, eu sou a Senhora do Ninho da Águia e ordeno que se case comigo neste exato momento.

Petyr encolheu os ombros.

– Nesse caso, seja como a senhora ordena. Sou impotente perante você, como sempre.

Proferiram seus votos menos de uma hora depois, em pé sob um dossel azul-celeste enquanto o sol se afundava a oeste. Depois, mesas foram montadas junto da pequena torre de pederneira e banquetearam-se com codorna, veado e javali assado, empurrando tudo com um bom e leve hidromel. Archotes foram acesos quando o ocaso se instalou. O cantor de Lysa tocou “O voto não proferido”, “Estações do meu amor” e “Dois corações que batem como um só”. Vários jovens cavaleiros até pediram a Sansa para dançar. A tia também dançou, fazendo rodopiar as saias quando Petyr a girou nos seus braços. O hidromel e o casamento tinham tirado anos de cima da Senhora Lysa. Ria de tudo desde que segurasse a mão do marido, e os olhos pareciam cintilar sempre que o olhava.

Quando chegou a hora de os levarem para a cama, os cavaleiros carregaram-na para a torre, despindo-a no caminho e gritando gracejos lascivos. *Tyrion poupou-me disso*, recordou Sansa. Não teria sido assim tão ruim ser despida para um homem que amasse, por amigos que os amassem a ambos. *Mas por Joffrey...* Estremeceu.

A tia só tinha trazido três senhoras consigo, por isso insistiram com Sansa para que ajudasse a despir Lorde Petyr e a empurrá-lo para a sua cama de núpcias. Ele submeteu-se com boa vontade e uma língua maliciosa, devolvendo o que recebia. Quando o conseguiram pôr dentro da torre e fora da roupa, as outras mulheres estavam coradas, com cordões soltos, vestidos tortos, saias em desarranjo. Mas Mindinho só sorria a Sansa enquanto o levavam para o quarto onde a senhora sua esposa esperava.

A Senhora Lysa e o Lorde Petyr tinham o quarto do terceiro andar para si, mas a torre era pequena... e cumprindo a promessa que havia feito, a tia gritou. Tinha começado a chover lá fora, levando os convivas para o salão um piso mais abaixo, e assim ouviram quase todas as palavras.

– Petyr – gemeu a tia de Sansa. – Oh, Petyr, Petyr, querido *Petyr*, oh oh oh. Aí, Petyr, aí. É aí o seu lugar. – O cantor da Senhora Lysa lançou-se numa versão lasciva de "O jantar da senhora", mas nem mesmo a sua voz e o som do instrumento foram capazes de abafar os gritos de Lysa. – Faça-me um bebê, Petyr – gritou –, faça-me outro bebezinho, querido. Oh, Petyr, meu precioso, meu precioso, *PEEEEEEEEEETYR!* – O último guincho foi tão alto que pôs os cães para ladrar, e duas das damas da tia quase não conseguiram conter o riso.

Sansa desceu a escada e penetrou na noite. Caía uma chuva ligeira sobre os restos do banquete, mas o ar tinha um cheiro fresco e limpo. A memória da sua noite de núpcias com Tyrion não a deixava. "No escuro, sou o Cavaleiro das Flores", ele tinha dito. "Poderia ser bom para você." Mas aquela foi apenas mais uma mentira Lannister. "Um cão consegue farejar uma mentira, sabe?", disse-lhe um dia o Cão de Caça. Quase conseguia ouvir a aspereza rude de sua voz. "Olhe em volta e dê uma boa fungadela. Aqui são todos mentirosos... e todos eles são melhores do que você." Perguntou a si mesma o que teria acontecido a Sandor Clegane. Saberia que Joffrey tinha sido morto? Será que se importaria? Durante anos, ele fora o escudo juramentado do rei.

Permaneceu fora durante bastante tempo. Quando por fim foi em busca de sua cama, molhada e friorenta, só o tênue clarão de um fogo de esterco iluminava o salão escurecido. Não se ouvia um som vindo de cima. O jovem cantor estava sentado em um canto, tocando uma canção lenta para si mesmo. Uma das aias da tia beijava um cavaleiro no cadeirão de Lorde Petyr, ambos com as mãos atarefadas debaixo das roupas do outro. Vários homens tinham bebido até adormecer e um estava na latrina, vomitando ruidosamente. Sansa foi encontrar o velho cão cego de Bryen na sua pequena alcova debaixo da escada e deitou-se ao lado dele. Ele acordou e lambeu-lhe o rosto.

– Meu velho e triste cão de caça – disse, afagando seu pelo.

– Alayne. – O cantor da tia estava em pé acima dela. – Querida Alayne. Chamo-me Marillion. Vi você entrar vinda da chuva. A noite está gelada e úmida. Deixe-me aquecê-la.

O velho cão ergueu a cabeça e rosnou, mas o cantor deu-lhe um tabefe e o cão escapuliu, ganindo.

– Marillion? – disse ela, insegura. – É... bondoso por pensar em mim, mas... peço que me desculpe. Estou muito cansada.

– E está muito bela. Tenho passado toda a noite fazendo canções para você na cabeça. Um deleite para os seus olhos, uma balada para os seus lábios, um dueto para os seus seios. Mas não as cantarei. Eram coisas fracas, indignas de tal beleza. – Sentou-se em sua cama e pôs a mão em sua perna. – Deixe-me em vez disso cantar para você com o meu corpo.

Um pouco do hálito dele chegou-lhe ao nariz.

– Está bêbado.

– Eu nunca fico bêbado. O hidromel só me deixa alegre. Estou em fogo. – A mão deslizou coxa acima. – E você também.

– Tire as mãos de cima de mim. Está fora de si.

– Misericórdia. Há horas que canto canções de amor. Meu sangue está agitado. E o seu também está, eu sei... não há garota que tenha metade da luxúria das que nasceram bastardas. Está molhada para mim?

– Eu sou uma *donzela* – protestou.

– Sério? Oh, Alayne, Alayne, minha bela donzela, dê-me o presente de sua inocência. Irá agradecer aos deuses por tê-lo feito. Farei com que cante mais alto do que a Senhora Lysa.

Sansa afastou-se dele com um empurrão, assustada.

– Se não me largar, a minh... o meu *pai* vai enforcá-lo. Lorde Petyr.

– O Mindinho? – ele soltou um risinho abafado. – A Senhora Lysa gosta bastante de mim, e eu sou o favorito de Lorde Robert. Se o seu pai me ofender, vou destruí-lo com um verso. – Pousou uma mão em seu seio e apertou. – Vamos tirar essa roupa molhada. Não vai querê-la rasgada, eu sei. Venha, doce senhora, ceda o coração...

Sansa ouviu o som suave do aço raspando em couro.

– Cantor – disse uma voz rude –, é melhor sair daqui, se quiser voltar a cantar. – A luz era fraca, mas ela viu o tênue brilho de uma lâmina.

O cantor também a viu.

– Arranje uma mulher para você... – A faca relampejou, e ele gritou. – Você me *cortou*!

– E faço coisa pior, se não for embora.

E, num instante, Marillion desapareceu. O outro ficou ali, erguendo-se acima de Sansa na escuridão.

– Lorde Petyr disse para vigiá-la. – Percebeu que era a voz de Lothor Brune. *Não, não é a do Cão de Caça, como poderia ser? Claro que tinha de ser Lothor...*

Naquela noite, Sansa quase não dormiu; em vez disso agitou-se e virou-se como fizera a bordo do *Rei Bacalhau*. Sonhou com a morte de Joffrey, mas quando ele arranhou a garganta e o sangue escorreu por seus dedos, Sansa viu com horror que era o irmão Robb. E sonhou também com a sua noite de núpcias, com os olhos de Tyrion a devorá-la enquanto se despia. Mas então ele tornou-se maior do que Tyrion tinha direito a ser, e quando se meteu na cama, tinha cicatrizes só de um lado do rosto. "Quero que me cante uma canção", rouquejou ele, e Sansa acordou e deu com o velho cão cego de novo a seu lado.

– Gostaria que fosse a Lady – disse.

Ao chegar a manhã, Grisel subiu até o quarto para servir ao senhor e à senhora uma travessa de pão matinal, com manteiga, mel, frutas e creme de leite. Voltou para dizer que Alayne era chamada. Sansa ainda estava tomada pelo sono e precisou de um momento para se lembrar de que a Alayne era *ela*.

A Senhora Lysa ainda se encontrava deitada, mas Lorde Petyr estava de pé e vestido.

– A sua tia quer falar com você – disse a Sansa enquanto puxava uma bota. – Disse-lhe quem é.

*Deuses, sejam bons.*

– Eu... agradeço, senhor.

Petyr enfiou a outra bota.

– Já aguentei o máximo do lar que sou capaz de suportar. Partimos para o Ninho da Águia esta tarde. – Beijou a senhora sua esposa e lambeu um resto de mel de seus lábios, e então desceu a escada.

Sansa ficou em pé aos pés da cama enquanto a tia comia uma pera e a estudava.

– Agora vejo – disse a Senhora Lysa, ao deixar de lado o caroço. – É tão parecida com Catelyn.

– É bondade sua dizê-lo.

– Não era para ser um elogio. A bem da verdade, é parecida demais com Catelyn. Algo tem de ser feito. Vamos escurecer seus cabelos antes de levarmos você para o Ninho da Águia, acho eu.

*Escurecer meus cabelos?*

– Se isso a agrada, tia Lysa.

– Não pode me chamar disso. Não podemos permitir que nenhuma palavra sobre a sua presença aqui chegue a Porto Real. Não pretendo deixar que o meu filho corra perigo. – Mordiscou um canto de um favo. – Mantive o Vale fora desta guerra. A nossa colheita foi abundante, as montanhas protegem-nos, e o Ninho da Águia é inexpugnável. Mesmo assim, não será bom atrair sobre nós a ira de Lorde Tywin. – Lysa apoiou o favo e lambeu mel dos dedos. – Petyr disse que esteve casada com Tyrion Lannister. Aquele *anão* nojento.

– Obrigaram-me a desposá-lo. Eu nunca quis isso.

– Assim como eu – disse a tia. – Jon Arryn não era anão, mas era *velho*. Pode não acreditar ao me ver agora, mas no dia em que casamos estava tão linda que envergonhei a sua mãe. Mas tudo que Jon desejava eram as espadas de meu pai, para ajudar os seus queridos rapazes. Devia tê-lo recusado, mas era um homem tão velho, quanto tempo poderia viver? Já não tinha metade dos dentes, e o hálito fedia a queijo ruim. Não consigo suportar um homem com mau hálito. O hálito de Petyr é sempre fresco... mas ele foi o primeiro homem que beijei, sabia? Meu pai disse que o nascimento dele era baixo demais, mas *eu* sabia como ele havia de

subir alto. Jon entregou-lhe a alfândega de Vila Gaivota para me agradar, mas quando ele aumentou os lucros dez vezes o senhor meu esposo se deu conta de sua inteligência e deu-lhe outros cargos, até o levou a Porto Real para ser mestre da moeda. Isso foi duro, vê-lo todos os dias e continuar casada com aquele velho frio. Jon cumpria o seu *dever* no quarto, mas não era mais capaz de me dar prazer do que foi capaz de me dar filhos. A sua semente era velha e fraca. Todos os meus bebês morreram, exceto Robert; três meninas e dois meninos. Todos os meus queridos bebês mortos, e aquele velho durava e durava com o seu hálito fedido. Portanto, como vê, eu também sofri. – A Senhora Lysa fungou. – Sabe que a sua pobre mãe está morta?

– Tyrion contou-me – disse Sansa. – Disse que os Frey a assassinaram nas Gêmeas, com Robb.

Lágrimas jorraram de repente dos olhos da Senhora Lysa.

– Somos agora mulheres sós, você e eu. Tem medo, filha? Seja brava. Nunca me recusaria a acolher a filha de Cat. Estamos ligadas pelo sangue. – Chamou Sansa para mais perto com um gesto. – Pode vir me beijar no rosto, Alayne.

Obedientemente, Sansa aproximou-se e ajoelhou-se junto à cama. A tia estava ensopada num odor doce, embora por baixo houvesse um cheiro azedo e leitoso. A bochecha tinha gosto de maquiagem e pó.

Quando Sansa se afastou, a Senhora Lysa pegou seu pulso.

– E agora diga-me – disse em tom penetrante. – Está esperando bebê? Quero a verdade, saberei se mentir para mim.

– Não – disse Sansa, sobressaltada pela pergunta.

– *É* uma mulher já florescida, não é?

– Sim. – Sansa sabia que a verdade sobre a sua floração não podia ser escondida por muito tempo no Ninho da Águia. – Tyrion não... ele nunca... – Sentiu o rubor subir rosto acima. – Sou ainda uma donzela.

– O anão era incapaz?

– Não. Ele era só... era... – *Gentil?* Não podia dizer isso, não ali, àquela tia que o odiava tanto. – Ele... ele tinha prostitutas, senhora. Ele próprio me disse.

– Prostitutas. – Lysa largou seu pulso. – Claro que sim. Que mulher se deitaria com tal criatura, se não por ouro? Devia ter matado o Duende quando esteve em meu poder, mas ele ludibriou-me. É cheio de baixa

astúcia, esse aí. O mercenário dele matou o meu bom Sor Vardis Egen. Catelyn não o devia ter trazido para o Ninho, eu disse a ela. E ainda foi embora com o meu tio. Foi um gesto errado. O Peixe Negro era o meu Cavaleiro do Portão, e desde que nos deixou os clãs da montanha têm se tornado muito ousados. Mas Petyr em breve deixará tudo isso como deve ser. Farei dele Senhor Protetor do Vale. – A tia sorriu pela primeira vez, quase com calor. – Ele pode não ser tão alto ou forte como certos homens, mas vale mais do que todos eles. Confie nele e faça o que lhe disser.

– Farei, tia... senhora.

A Senhora Lysa pareceu agradada com aquilo.

– Eu conheci o rapaz, o Joffrey. Costumava chamar o meu Robert por nomes cruéis, e uma vez bateu nele com uma espada de madeira. Um homem dirá que o veneno é desonroso, mas a honra de uma mulher é diferente. A Mãe talhou-nos para protegermos nossos filhos, e nossa única desonra reside no fracasso. Saberá disso quando tiver um filho.

– Um filho? – disse Sansa com incerteza.

Lysa fez um gesto negligente com a mão.

– Não será antes de se passarem muitos anos. É nova demais para ser mãe. Mas um dia vai querer filhos. Tal como vai querer se casar.

– Eu... eu *sou* casada, senhora.

– Sim, mas em breve será viúva. Fique feliz por o Duende preferir as rameiras dele. Não teria sido adequado que o meu filho recebesse as sobras daquele *anão*, mas como nunca a tocou... Que acharia de se casar com o seu primo, Lorde Robert?

A ideia abateu Sansa. Tudo o que sabia sobre Robert Arryn era que se tratava de um garotinho, e enfermiço. *Não é comigo que ela quer que o filho case, é com a minha pretensão. Ninguém casará comigo por amor*. Mas mentir era agora fácil.

– Eu... mal posso esperar para conhecê-lo, senhora. Mas ele ainda é uma criança, não é?

– Tem oito anos. E não é robusto. Mas é um rapaz tão bom, tão vivo e inteligente. Será um grande homem, Alayne. *A semente é forte*, disse o senhor meu esposo antes de morrer. Foram as suas últimas palavras. Os deuses deixam-nos às vezes vislumbrar o futuro quando estamos morrendo. Não vejo motivo para que não possa se casar assim que souber

que o seu marido Lannister está morto. Um casamento secreto, claro. Não se pode pensar que o Senhor do Ninho da Águia se casaria com uma bastarda, isso não seria próprio. Os corvos devem trazer-nos a notícia de Porto Real quando a cabeça do Duende rolar. Você e Robert poderão se casar no dia seguinte, não seria isso uma alegria? Será bom para ele ter uma pequena companheira. Ele brincava com o filho de Vardis Egen quando voltamos ao Ninho da Águia, e também com os filhos de meu intendente, mas sempre foram duros demais, e não tive alternativa exceto mandá-los embora. Lê bem, Alayne?

– A Septã Mordane tinha a gentileza de dizer que sim.

– Robert tem olhos fracos, mas gosta que leiam coisas para ele – confidenciou a Senhora Lysa. – Gosta de histórias sobre animais, principalmente. Conhece aquela cançãozinha sobre a galinha que se vestiu de raposa? Canto-a para ele o tempo todo, e ele nunca se cansa. E gosta de brincar de salto das rãs, de gira a espada, e de entra no meu castelo, mas tem de deixar que ganhe sempre. É apropriado, não acha? Afinal de contas, ele é o Senhor do Ninho da Águia, não pode nunca se esquecer disso. É bem-nascida, e os Stark de Winterfell sempre foram orgulhosos, mas Winterfell caiu, e agora na realidade não passa de uma pedinte, portanto deixe esse orgulho de lado. A gratidão caberá melhor a você, nas atuais circunstâncias. Sim, e a obediência. Meu filho terá uma esposa grata e obediente.

# JON

Os machados ressoavam dia e noite. Jon já não se lembrava da última vez que tinha dormido. Quando fechava os olhos, sonhava com a luta; quando acordava, lutava. Mesmo na Torre do Rei ouvia o incessante *tunc* de bronze, pederneira e aço roubados mordendo a madeira, e ouvia-o mais alto quando tentava descansar na cabana de aquecimento no topo da Muralha. Mance também tinha martelos trabalhando, assim como longas serras com dentes de osso e pederneira. Uma vez, quando Jon estava deslizando para um sono exausto, ouviu-se um grande estalo vindo da floresta assombrada e uma árvore-sentinela caiu numa nuvem de poeira e agulhas.

Quando Owen veio buscá-lo, estava acordado, tentando sem sucesso arranjar posição numa pilha de peles espalhada sobre o chão da cabana de aquecimento.

– Lorde Snow – disse Owen, sacudindo seu ombro –, a alvorada. – Estendeu uma mão a Jon para ajudá-lo a ficar em pé. Outros homens também estavam acordando, acotovelando-se uns aos outros enquanto calçavam as botas e afivelavam o cinto da espada no apertado confinamento da cabana. Ninguém falava. Estavam todos cansados demais para falar. Por aqueles dias, eram poucos os que chegavam a descer da Muralha. Demorava muito tempo para subir e descer na gaiola. Castelo Negro tinha sido abandonado ao Meistre Aemon, a Sor Wynton Sout e a mais alguns homens, velhos ou enfermos demais para lutar.

– Sonhei que o rei tinha vindo – disse Owen num tom feliz. – Meistre Aemon enviou um corvo, e o Rei Robert veio com todas as suas forças. Sonhei que via os seus estandartes dourados.

Jon obrigou-se a sorrir.

– Isso seria uma visão bem-vinda, Owen. – Ignorando a pontada de dor em sua perna, colocou um manto negro de peles sobre os ombros, apanhou a muleta e saiu para a Muralha, a fim de enfrentar mais um dia.

Uma rajada de vento enfiou finas gavinhas geladas em seus longos cabelos castanhos. A um quilômetro para o norte, os acampamentos dos selvagens acordavam, com as fogueiras erguendo dedos fumacentos para coçar o pálido céu da alvorada. Tinham erguido as suas tendas de peles ao longo do limite da floresta, incluindo mesmo um edifício tosco feito de troncos de árvores e ramos entretecidos; havia linhas de cavalos a leste, mamutes a oeste, e homens por todo lado, afiando as espadas, pondo pontas em lanças rústicas, vestindo armaduras improvisadas de peles, chifre e osso. Para cada homem que conseguia ver, Jon sabia que havia vinte outros invisíveis na floresta. A vegetação dava-lhes algum abrigo contra os ataques e escondia-os dos olhos dos odiados corvos.

Os arqueiros deles já avançavam, empurrando os manteletes rolantes.

– Aí vêm as nossas flechas para o café da manhã – anunciou Pyp alegremente, tal como fazia todas as manhãs. *É bom que ele possa fazer disso uma brincadeira*, pensou Jon. *Alguém tem de fazer*. Três dias antes, uma dessas flechas do café da manhã tinha atingido o Alyn Vermelho da Mata de Rosas na perna. Quem se debruçasse o suficiente ainda conseguia ver o seu corpo junto à base da Muralha. Jon tinha de pensar que era melhor eles sorrirem da brincadeira de Pyp do que pensarem a respeito do cadáver de Alyn.

Os manteletes eram escudos de madeira inclinados, suficientemente largos para esconder cinco membros do povo livre. Os arqueiros empurravam-nos para perto da Muralha e depois ajoelhavam-se atrás deles para disparar suas flechas através de fendas abertas na madeira. Da primeira vez que os selvagens os tinham levado, Jon gritou por flechas incendiárias e deixou meia dúzia em chamas, mas depois disso Mance começou a cobri-los com peles cruas. Nem todas as flechas incendiárias do mundo seriam capazes de botar fogo nelas agora. Os irmãos tinham até começado a fazer apostas sobre qual das sentinelas de palha colecionaria mais flechas antes do fim. Edd Doloroso liderava com quatro, mas Othell Yarwyck, Tumberjon e Watt do Lago Longo tinham três cada. Também foi Pyp que começou a batizar os espantalhos com o nome dos irmãos desaparecidos.

– Faz com que pareça que há mais de nós – disse.

– Mais de nós com flechas espetadas na barriga – protestou Grenn, mas o hábito parecia dar ânimo aos irmãos, e assim Jon permitiu que os

nomes ficassem e as apostas prosseguissem.

Na borda da Muralha, um ornamentado olho de Myr em latão apoiava-se em três longos pés. Meistre Aemon usara-o antigamente para contemplar as estrelas, antes de lhe falharem os olhos. Jon virou o tubo para baixo, a fim de observar o inimigo. Até aquela distância a enorme tenda branca de Mance Rayder, feita com peles de ursos-brancos, era inconfundível. As lentes de Myr traziam os selvagens para tão perto que Jon conseguia distinguir os rostos. Do próprio Mance não viu sinal naquela manhã, mas a sua mulher, Dalla, estava do lado de fora cuidando da fogueira, enquanto a irmã Val ordenhava uma cabra junto à tenda. Dalla parecia tão inchada que era uma surpresa conseguir se mover. *O bebê deve chegar muito em breve*, pensou Jon. Girou o olho para leste e procurou entre as tendas e árvores até encontrar a tartaruga. *Aquilo também deve chegar muito em breve*. Os selvagens tinham esfolado um dos mamutes mortos durante a noite e estavam amarrando firmemente a pele crua e ensanguentada à armação da tartaruga, mais uma camada por cima das peles de ovelha e outros animais. A tartaruga tinha um topo arredondado e oito enormes rodas, e sob as peles havia uma robusta armação de madeira. Quando os selvagens começaram a construí-la, Cetim pensou que estivessem fazendo um barco. *Não se enganou por muito*. A tartaruga era um casco virado ao contrário e aberto na frente e atrás; um edifício sobre rodas.

– Está pronta, não está? – perguntou Grenn.

– Quase. – Jon afastou os olhos. – Virá hoje, provavelmente. Encheu os barris?

– Todos. Congelaram bem durante a noite, o Pyp verificou.

Grenn tornara-se muito diferente do grande e desajeitado rapaz de pescoço vermelho de quem Jon ficara amigo. Tinha crescido quinze centímetros, o peito e os ombros tinham se alargado e não cortava o cabelo e a barba desde o Punho dos Primeiros Homens. Isso dava-lhe um aspecto tão enorme e hirsuto como se fosse um auroque, a alcunha zombeteira que Sor Alliser Thorne tinha colado nele durante o treino. Agora parecia cansado, porém. Quando Jon disse isso, ele assentiu.

– Ouvi os machados deles a noite toda. Não consegui dormir com todas as machadadas.

– Então vá dormir agora.

– Não preciso...

– Precisa. Quero que esteja descansado. Vá lá, não o deixo dormir durante a luta. – Obrigou-se a sorrir. – É o único que consegue mover estes malditos barris.

Grenn foi embora resmungando, e Jon voltou à lente, perscrutando o acampamento dos selvagens. De tempos em tempos, uma flecha passava por cima da sua cabeça, mas tinha aprendido a ignorá-las. Os tiros eram longínquos e o ângulo ruim, portanto, as chances de ser atingido eram pequenas. Continuou sem ver sinal de Mance Rayder no acampamento, mas viu Tormund Terror dos Gigantes e dois de seus filhos em volta da tartaruga. Os filhos lutavam com a pele de mamute enquanto Tormund roía uma perna assada de cabra e berrava ordens. Em outro local, localizou o troca-peles selvagem, Varamyr Seis-Peles, caminhando entre as árvores com seu gato-das-sombras em seu encalço.

Quando ouviu o chocalhar das correntes do guincho e o gemido férreo da porta da gaiola se abrindo, soube que seria Hobb trazendo-lhes o café da manhã, tal como fazia todas as manhãs. A visão da tartaruga de Mance tinha roubado o apetite de Jon. Já quase não tinham óleo, e o último barril de piche fora atirado da Muralha havia duas noites. Em breve as flechas também começariam a escassear, e não havia ninguém fazendo mais delas. E na noite antes da última chegara um corvo do oeste, de Sor Denys Mallister. Bowen Marsh perseguira os selvagens até a Torre Sombria, aparentemente, e ainda mais adiante, penetrando nas sombras da Garganta. Na Ponte das Caveiras tinha defrontado o Chorão e trezentos selvagens e vencido uma sangrenta batalha. Mas a vitória tinha saído cara. Mais de cem irmãos mortos, entre os quais Sor Endrew Tarth e Sor Aladale Wynch. A Velha Romã em si havia sido levada de volta à Torre Sombria gravemente ferida. Meistre Mullin estava tratando dele, mas passaria algum tempo até estar em condições de retornar a Castelo Negro.

Quando leu aquilo, Jon despachou Zei para Vila Toupeira no melhor cavalo que possuíam, a fim de suplicar aos aldeões que ajudassem a guarnecer a Muralha. A mulher não tinha voltado. Quando enviou Mully à sua procura, este voltou relatando que a aldeia inteira estava deserta, incluindo o bordel. O mais certo era que Zei os tivesse seguido, pela

estrada do rei afora. *Talvez devêssemos todos fazer o mesmo*, refletiu Jon sombriamente.

Obrigou-se a comer, com ou sem fome. Já era suficientemente ruim que não conseguisse dormir, não poderia prosseguir se também não se alimentasse. *Além do mais, esta pode ser minha última refeição. Pode ser a última refeição para todos nós*. E, assim, Jon tinha a barriga cheia de pão, bacon, cebolas e queijo quando ouviu Cavalo gritar:

– *A COISA VEM AÍ!*

Ninguém precisou perguntar o que "a coisa" era. E Jon também não precisou do olho de Myr do meistre para vê-la saindo de entre as tendas e as árvores.

– Afinal não se parece lá muito com uma tartaruga – comentou o Cetim. – As tartarugas não têm pelo.

– A maior parte delas também não tem rodas – disse Pyp.

– Faça soar o berrante de guerra – ordenou Jon, e Barricas deu dois longos sopros, para acordar Grenn e os outros homens adormecidos, que tinham estado de vigia durante a noite. Se os selvagens iam atacar, a Muralha precisaria de todos os homens. *E os deuses sabem como temos poucos*. Jon olhou para Pyp, Barricas e Cetim, Cavalo e Owen Idiota, Tim Língua-Presa, Mully, Bota Extra e os outros, e tentou imaginá-los avançando, lado a lado, espada com espada, contra uma centena de selvagens aos gritos na escuridão gelada do túnel, sem nada além de algumas barras de ferro entre uns e outros. Seria a esse ponto que se chegaria, a menos que conseguissem parar a tartaruga antes de ela abrir uma brecha no portão.

– É grande – disse Cavalo.

Pyp deu um estalo com os lábios.

– Pense em toda a sopa que vai dar. – A piada nasceu morta. Até Pyp tinha uma voz fatigada. *Ele parece meio morto*, pensou Jon, *mas todos nós estamos*.

O Rei-para-lá-da-Muralha tinha tantos homens que podia atirar atacantes frescos contra eles sempre, mas era o mesmo punhado de irmãos negros que tinha de aguentar todos os assaltos, e isso deixara-os em cacos.

Jon sabia que os homens por baixo da madeira e das peles estariam puxando com força, pondo nisso os ombros, esforçando-se por manter as

rodas girando, mas depois que a tartaruga estivesse instalada contra a Muralha trocariam as cordas por machados. Pelo menos Mance não tinha mandado os mamutes naquele dia. Jon sentiu-se satisfeito por isso. A espantosa força dos animais era desperdiçada na Muralha, e o seu tamanho só os transformava em alvos fáceis. O último tinha demorado um dia e meio para morrer, soltando bramidos fúnebres terríveis de se ouvir.

A tartaruga aproximou-se lentamente por entre pedras, tocos de árvores e arbustos. Os ataques anteriores tinham custado ao povo livre uma centena de vidas ou mais. A maior parte dos mortos ainda jazia no local onde tinha caído. Nos momentos de calmaria, os corvos vinham lhes fazer companhia, mas agora as aves fugiam aos guinchos. Não gostavam mais do aspecto daquela tartaruga do que ele.

Jon sabia que Cetim, Cavalo e os outros estavam olhando para ele, à espera de ordens. Sentia-se tão cansado que já quase não conseguia pensar. *A Muralha é minha*, lembrou a si mesmo.

– Owen, Cavalo, para as catapultas. Barricas, você e o Bota Extra para as balistas. Os outros ponham as cordas nos arcos. Flechas incendiárias. Vejamos se conseguimos botar fogo nela. – Jon sabia que provavelmente seria um gesto inútil, mas tinha de ser melhor do que ficar impotente.

Pesada e lenta, a tartaruga era um alvo fácil, e os arqueiros e besteiros rapidamente a transformaram num enorme ouriço de madeira... mas as peles úmidas protegeram-na, tal como tinham protegido os manteletes, e as flechas incendiárias apagavam-se praticamente no momento que atingiam o alvo. Jon xingou em surdina.

– Balistas – ordenou. – Catapultas.

Os dardos das balistas penetravam profundamente nas peles, mas não fizeram mais danos do que as flechas incendiárias. As pedras quicavam no topo da tartaruga, deixando amassados nas espessas camadas de peles. Uma pedra de um dos trabucos talvez a tivesse conseguido esmagar, mas uma das máquinas continuava avariada, e os selvagens tinham passado bem longe da área que a segunda atingia.

– Jon, continua a avançar – disse Owen Idiota.

Ele conseguia ver isso com os próprios olhos. Centímetro a centímetro, metro a metro, a tartaruga aproximava-se, rolando, retumbando e balançando enquanto atravessava o campo de morte. Uma vez que os

selvagens a instalassem contra a Muralha, ela daria todo o abrigo de que necessitavam enquanto seus machados abriam caminho através dos portões exteriores reparados às pressas. Lá dentro, debaixo do gelo, não levariam mais do que algumas horas retirando o entulho solto do túnel, e então nada haveria para detê-los além de dois portões de ferro, alguns cadáveres meio congelados e os irmãos que Jon quisesse lançar no caminho deles, para lutar e morrer nas trevas.

À sua esquerda, a catapulta soltou um *tunc* e encheu o ar de pedras girando. Estas metralharam a tartaruga como granizo e se dispersaram inofensivamente para o lado. Os arqueiros selvagens continuavam disparando flechas protegidos por seus manteletes. Uma delas atingiu com um ruído surdo o rosto de um homem de palha, e Pyp disse:

– Quatro para o Watt de Lago Longo! Temos um empate! – mas a flecha seguinte assobiou junto à sua própria orelha. – *Fora!* – gritou ele para baixo. – Eu não estou no torneio!

– As peles não queimam – disse Jon, tanto para si como para os outros. A única esperança que lhes restava era tentar esmagar a tartaruga quando atingisse a Muralha. Para isso, precisavam de pedregulhos. Por mais robusta que fosse a construção da tartaruga, um enorme pedaço de pedra que a atingisse em cheio vindo de uma altura de duzentos metros tinha de fazer algum estrago. – Grenn, Owen, Barricas, está na hora.

Junto da cabana de aquecimento havia uma fila de robustos barris de carvalho. Estavam cheios de rocha esmagada; o cascalho que os irmãos negros costumavam espalhar nos caminhos para obterem melhor apoio para os pés no topo da Muralha. Na noite anterior, depois de ver que o povo livre cobria a tartaruga de peles de ovelha, Jon tinha dito a Grenn para despejar água nos barris, tanta quanta eles pudessem conter. A água se infiltraria por entre a pedra esmagada, e durante a noite tudo aquilo estaria congelado. Era a coisa mais parecida com um pedregulho que teriam.

– Por que é que temos de congelar isto? – Grenn havia perguntado. – Por que é que não rolamos simplesmente os barris lá para baixo tal como estão?

Jon respondeu:

– Se eles baterem contra a Muralha durante a descida vão estourar, e cascalho solto iria se espalhar por todo lado. Não queremos fazer chover

pedrinhas sobre os filhos da puta.

Encostou o ombro em um dos barris com Grenn, enquanto Barricas e Owen lutavam com outro. Juntos, fizeram-no balançar de um lado para o outro, a fim de libertá-lo do gelo que se formara em volta da base.

– O desgraçado pesa uma tonelada. – disse Grenn.

– Deite-o e role-o – disse Jon. – Cuidado, que se rolar por cima do seu pé acaba como o Bota Extra.

Depois de o barril estar deitado, Jon pegou um archote e agitou-o sobre a superfície da Muralha, de um lado para o outro, apenas o suficiente para derreter um pouco o gelo. A fina película de água ajudou o barril a rolar mais facilmente. Facilmente demais, na verdade; quase o perderam. Mas, por fim, com quatro homens somando esforços, rolaram o pedregulho até a borda e voltaram a pô-lo em pé.

Tinham já quatro dos grandes barris de carvalho alinhados por cima do portão quando Pyp gritou:

– Temos uma tartaruga batendo à nossa porta! – Jon escorou bem a perna ferida e debruçou-se para dar uma olhada. *Tapumes. Marsh devia ter construído tapumes*.

Havia tantas coisas que deviam ter feito. Os selvagens estavam arrastando os gigantes mortos para longe do portão. Cavalo e Mully atiravam pedras neles, e Jon pensou ver um homem cair, mas as pedras eram pequenas demais para ter algum efeito sobre a tartaruga propriamente dita. Perguntou a si mesmo o que faria o povo livre com o mamute morto que se encontrava no caminho, mas então viu a resposta. A tartaruga era quase tão larga quanto um salão, então simplesmente içaram-na *por cima* da carcaça. Sua perna estremeceu, mas Cavalo agarrou no braço dele e puxou-o para um ponto seguro.

– Não devia se debruçar assim – disse o rapaz.

– Devíamos ter construído tapumes. – Jon pensou que conseguia ouvir o bater de machados na madeira, mas aquilo era provavelmente apenas o medo ressoando em seus ouvidos. Olhou para Grenn. – Agora.

Grenn pôs-se atrás de um barril, encostou o ombro nele, grunhiu, e começou a empurrar. Owen e Mully foram ajudá-lo. Empurraram o barril trinta centímetros, e depois mais trinta. E, de repente, desapareceu.

Ouviram o *tump* que o barril soltou ao atingir a Muralha na queda e então, muito mais alto, o estrondo da madeira sendo estilhaçada, seguido

por berros e gritos. Cetim soltou um grito de vitória, e Owen Idiota começou a dançar aos círculos, enquanto Pyp se debruçava para fora e gritava:

– A tartaruga estava recheada de coelhos! Vejam-nos fugindo aos saltos!

– *Outra vez!* – ladrou Jon, e Grenn e Barricas encostaram os ombros no barril seguinte e atiraram-no, rodopiando, pelo ar.

Quando terminaram, a parte da frente da tartaruga de Mance era uma ruína esmagada e lascada, e havia selvagens fugindo pela outra extremidade e esforçando-se por voltar ao acampamento. Cetim pegou sua besta e disparou alguns dardos contra eles, para botá-los para correr mais depressa. Grenn sorria abertamente através da barba, Pyp gracejava, e nenhum deles morreria naquele dia.

*Amanhã, porém...* Jon olhou de relance para a cabana. Restavam oito barris de cascalho onde havia doze alguns momentos antes. Percebeu então como estava cansado e quanto lhe doía o ferimento. *Tenho de dormir. Pelo menos algumas horas*. Podia pedir um pouco de vinho dos sonhos ao Meistre Aemon, isso ajudaria.

– Vou descer até a Torre do Rei – disse-lhes. – Chamem-me se Mance preparar alguma. Pyp, a Muralha é sua.

– Minha? – disse Pyp.

– Dele? – disse Grenn.

Sorrindo, deixou-os naquilo e desceu na gaiola.

Uma taça de vinho dos sonhos *realmente* ajudou. Assim que se estendeu na estreita cama de sua cela foi tomado pelo sono. Os sonhos foram esquisitos e sem forma, cheios de estranhas vozes, gritos e choros, e do som do berrante de guerra, soando grave e ruidoso, uma única nota trovejante que pairava no ar.

Quando acordou, o céu fora da fenda que lhe servia de janela mostrava-se negro, e quatro homens que não conhecia encontravam-se em pé à sua volta. Um trazia uma lanterna.

– Jon Snow – disse bruscamente o mais alto dos quatro –, enfie as botas e venha conosco.

O primeiro pensamento atordoado que teve foi que de algum modo a Muralha caíra enquanto dormia, que Mance Rayder tinha enviado mais gigantes ou outra tartaruga e que tinha aberto caminho através do portão.

Mas quando esfregou os olhos viu que os estranhos estavam todos vestidos de negro. *São homens da Patrulha da Noite*, compreendeu Jon.

– Vou para onde? Quem são vocês?

O homem alto fez um gesto, e dois dos outros arrancaram Jon da cama. Com a lanterna a iluminar o caminho levaram-no da cela e subiram meia volta de escada, até o aposento privado do Velho Urso. Viu Meistre Aemon em pé junto da lareira, com as mãos fechadas em volta do punho de uma bengala de abrunheiro. Septão Cellador estava meio bêbado, como de costume, e Sor Wynton Stout dormia num banco de janela. Os outros irmãos eram-lhe estranhos. Todos menos um.

Imaculado em seu manto forrado de peles e suas botas polidas, Sor Alliser Thorne virou-se para dizer:

– Aí está o vira-casaca, senhor. O bastardo de Ned Stark, de Winterfell.

– Não sou nenhum vira-casaca, Thorne – disse friamente Jon.

– Veremos. – Na cadeira de couro por trás da mesa onde o Velho Urso escrevia as suas cartas estava sentado um homem grande, largo e queixudo que Jon não conhecia. – Sim, veremos – voltou a dizer. – Não irá negar que é Jon Snow, espero? O bastardo do Stark?

– Ele gosta de se chamar de *Lorde* Snow. – Sor Alliser era um homem magro, esguio, compacto e vigoroso, e naquele momento seus olhos cruéis estavam escuros de divertimento.

– Foi você quem me apelidou de Lorde Snow – disse Jon. Sor Alliser gostava de dar alcunhas aos rapazes que treinava, durante os tempos passados como mestre de armas de Castelo Negro. O Velho Urso enviara Thorne para Atalaialeste-do-Mar. *Os outros devem ser homens de Atalaialeste. A ave chegou a Cotter Pyke e ele enviou-nos ajuda*. – Quantos homens trouxe? – perguntou ao homem sentado atrás da mesa.

– Quem faz perguntas sou eu – respondeu o queixudo. – Foi acusado de quebrar seus votos, covardia e deserção, Jon Snow. Nega ter abandonado os seus irmãos à morte no Punho dos Primeiros Homens e nega ter se juntado ao selvagem Mance Rayder, o autoproclamado Rei-para-lá-da-Muralha?

– *Abandonado...?* – Jon quase se engasgou com a palavra.

Meistre Aemon interveio então.

– Senhor, Donal Noye e eu discutimos estes assuntos quando Jon Snow voltou para junto de nós, e ficamos satisfeitos com as explicações dele.

– Bem, *eu* não estou satisfeito, meistre – disse o queixudo. – Vou ouvir com os meus ouvidos essas *explicações*. Ah, se vou!

Jon engoliu a ira.

– Não abandonei ninguém. Deixei o Punho na companhia de Qhorin Meia-Mão para bater o Passo dos Guinchos. Juntei-me aos selvagens sob ordens. Meia-Mão temia que Mance pudesse ter encontrado o Berrante do Inverno...

– O Berrante do Inverno? – Sor Alliser soltou um risinho. – Também lhe foi ordenado que contasse os *snarks* deles, Lorde Snow?

– Não, mas contei os seus *gigantes* o melhor que pude.

– *Sor* – exclamou o queixudo. – Irá se dirigir a Sor Alliser como *sor*, e a mim como *senhor*. Sou Janos Slynt, Senhor de Harrenhal e comandante aqui em Castelo Negro enquanto Bowen Marsh não voltar com a sua guarnição. Irá nos tratar com cortesia, ah, sim. Não admito ouvir um cavaleiro ungido como o bom Sor Alliser ser escarnecido pelo bastardo de um traidor. – Ergueu uma mão e espetou um dedo carnudo no rosto de Jon. – Nega ter levado uma mulher selvagem para a sua cama?

– Não. – O luto de Jon por Ygritte estava fresco demais para negá-la agora. – Não, senhor.

– Suponho que também tenha sido o Meia-Mão que ordenou que fodesse essa puta suja? – perguntou Sor Alliser com um sorriso afetado.

– *Sor*. Ela não era puta nenhuma, *sor*. Meia-Mão disse-me para não me recusar, não importa o que os selvagens me pedissem, mas... não negarei que fui além do que tinha de fazer, que... gostava dela.

– Então admite que quebrou os seus votos – disse Janos Slynt.

Jon sabia que metade dos homens de Castelo Negro visitavam Vila Toupeira de tempos em tempos para escavar em busca de tesouros enterrados no bordel, mas não desonraria Ygritte igualando-a às prostitutas de Vila Toupeira.

– Quebrei os meus votos com uma mulher. Isso admito. Sim.

– Sim, *senhor*! – quando Slynt franzia a testa, sua papada e seu queixo estremeciam. Era tão largo quanto o Velho Urso fora, e sem dúvida ia se tornar igualmente calvo se vivesse até a idade de Mormont. Metade de seus cabelos já tinha desaparecido, embora não pudesse ter mais de quarenta anos.

– Sim, senhor – disse Jon. – Cavalguei com os selvagens e comi com eles, como o Meia-Mão me ordenou que fizesse, e partilhei as peles com Ygritte. Mas juro-lhe que nunca virei a casaca. Fugi do Magnar assim que pude, e nunca levantei armas contra os meus irmãos ou o reino.

Os pequenos olhos de Lorde Slynt estudaram-no.

– Sor Glendon – ordenou. – Traga o outro prisioneiro.

Sor Glendon era o homem alto que tinha arrancado Jon da cama. Mais quatro homens acompanharam-no quando saiu da sala, mas retornaram pouco depois com um cativo, um homem pequeno, pálido, maltratado e de mãos e pés agrilhoados. Tinha as sobrancelhas unidas, o cabelo muito recuado nas têmporas e um bigode que parecia uma mancha de sujeira no lábio superior, mas o rosto estava inchado e manchado de hematomas, e tinha perdido a maior parte dos dentes da frente.

Os homens de Atalaialeste atiraram rudemente o cativo ao chão. Lorde Slynt olhou-o, de testa franzida.

– É este aquele de quem falou?

O cativo piscou olhos amarelos.

– É. – Foi só nesse instante que Jon reconheceu o Camisa de Chocalho. *É um homem diferente sem a armadura*, pensou. – É – repetiu o selvagem –, é o covarde que matou o Meia-Mão. Lá em cima nas Presas de Gelo, foi, depois de a gente ter caçado os outros corvos e matado todos. Queríamos também tratar deste, mas ele implorou por sua vida inútil, ofereceu-se pra se juntar à gente se o aceitássemos. O Meia-Mão jurou que antes disso ia ver o covarde morto, mas o lobo quase desfez Qhorin aos pedaços, e este aqui abriu a goela dele. – Então concedeu a Jon um sorriso de dentes quebrados e cuspiu sangue sobre os pés dele.

– E então? – perguntou Janos Slynt a Jon num tom duro. –Você nega? Ou irá dizer que Qhorin o ordenou que o matasse?

– Ele disse-me... – As palavras custaram a vir. – Ele disse-me para fazer *não importa o que* me pedissem.

Slynt olhou em volta do aposento privado, para os outros homens de Atalaialeste.

– Será que este rapaz pensa que eu caí de cabeça em uma carroça de nabos?

– Suas mentiras não vão salvá-lo agora, Lorde Snow – preveniu Sor Alliser Thorne. – Obteremos de você a verdade, bastardo.

– Eu disse-lhe a verdade. Nossos garranos estavam fraquejando, e o Camisa de Chocalho estava próximo. Qhorin disse-me para fingir que estava me juntando aos selvagens. “Não pode se recusar, não importa o que lhe seja solicitado”, disse ele. Qhorin sabia que iam me obrigar a matá-lo. Camisa de Chocalho ia matá-lo de qualquer forma, e ele também sabia disso.

– Então agora diz que o grande Qhorin Meia-Mão temia *esta* criatura? – Slynt olhou para Camisa de Chocalho e resfolegou.

– Todos os homens temem o Senhor dos Ossos – resmungou o selvagem. Sor Glendon chutou-o e ele calou-se.

– Eu não disse isso – insistiu Jon.

Slynt bateu o punho contra a mesa.

– Eu ouvi-o! Sor Alliser avaliou-o bem, segundo parece. Mente com os dentes de bastardo que tem na boca. Bem, não tolerarei isso. Não tolerarei! Pode ter enganado este *ferreiro* aleijado, mas não engana Janos Slynt! Ah, não. Janos Slynt não engole mentiras assim tão facilmente. Acha que o meu crânio está recheado de couves?

– Não sei do que é que está recheado o seu crânio. Senhor.

– Lorde Snow é um grande arrogante – disse Sor Alliser. – Assassinou Qhorin, da mesma forma que os outros vira-casacas assassinaram Lorde Mormont. Não me surpreenderia se descobrisse que tudo faz parte do mesmo terrível plano. Benjen Stark pode bem ter também um dedo nisso. Tanto quanto sabemos, ele pode estar sentado na tenda de Mance Rayder nesse exato momento. Conhece esses Stark, senhor.

– Conheço – disse Janos Slynt. – Conheço-os bem demais.

Jon descalçou a luva e mostrou-lhes a mão queimada.

– Queimei a mão protegendo Lorde Mormont de uma criatura. E meu tio era um homem de honra. Nunca teria traído os votos dele.

– Tal como você? – caçoou Sor Alliser.

Septão Cellador pigarreou.

– Lorde Slynt – disse –, este rapaz recusou-se a proferir os votos no septo, como deve ser, e em vez disso foi para lá da Muralha a fim de proferir os votos perante uma árvore-coração. Os deuses do pai, disse ele, mas são também deuses dos selvagens.

– São os deuses do Norte, septão. – Meistre Aemon foi cortês, mas firme. – Senhores, quando Donal Noye foi morto, foi este jovem Jon

Snow quem subiu à Muralha e a defendeu, contra toda a fúria do norte. Demonstrou ser valente, leal e cheio de recursos. Se não fosse ele, teria encontrado Mance Rayder aqui sentado quando chegou, Lorde Slynt. Está fazendo uma grande injustiça com ele. Jon Snow era o intendente e escudeiro do próprio Lorde Mormont. Foi escolhido para esse dever porque o Lorde Comandante viu nele grande promessa. Assim como eu.

– Promessa? – disse Slynt. – Bem, a promessa pode revelar-se falsa. Tem o sangue de Qhorin Meia-Mão nas mãos. Mormont confiava nele, você diz, mas e daí? Eu sei o que é ser traído por homens em quem se confia. Ah, sim. E conheço também os costumes dos lobos. – Apontou para o rosto de Jon. – Seu pai morreu como traidor.

– Meu pai foi assassinado. – Jon já tinha passado do ponto de importar-se com o que lhe fariam, mas não admitiria mais mentiras sobre o pai.

Slynt ficou roxo.

– Assassinato? Seu cachorro insolente. O Rei Robert ainda nem tinha esfriado quando Lorde Eddard começou a mover-se contra o filho. – Ficou de pé; mais baixo do que Mormont, mas largo de peito e braços, e com uma barriga correspondente. Uma pequena lança de ouro com esmalte vermelho na ponta prendia seu manto no ombro. – Seu pai morreu pela espada, mas era bem-nascido, uma Mão do Rei. Para você, uma corda bastará. Sor Alliser, leve este vira-casaca para uma cela de gelo.

– O senhor é sensato. – Sor Alliser agarrou Jon pelo braço.

Jon libertou-se com um empurrão e agarrou a garganta do cavaleiro com tal ferocidade que o ergueu no ar. Teria esganado o homem, se os homens de Atalaialeste não o tivessem afastado de Thorne. Este cambaleou para trás, esfregando as marcas que os dedos de Jon tinham deixado em seu pescoço.

– Veem com seus próprios olhos, irmãos. Este rapaz é um selvagem.

# TYRION

Quando a alvorada chegou, descobriu que não era capaz de enfrentar a ideia de comida. *Ao cair da noite, posso estar condenado*. Tinha o estômago ácido de bílis e sentia comichão no nariz. Tyrion coçou-o com a ponta da faca. *Aguentar uma última testemunha, e depois é a minha vez*. Mas o que fazer? Negar tudo? Acusar Sansa e Sor Dontos? Confessar, na esperança de passar o resto de seus dias na Muralha? Jogar os dados e rezar para que a Víbora Vermelha consiga derrotar Sor Gregor Clegane?

Tyrion apunhalou com indiferença uma salsicha gordurosa e cinzenta, desejando que fosse a irmã. *Faz um frio dos demônios na Muralha, mas pelo menos ficaria isolado de Cersei*. Não lhe parecia que pudesse ser um patrulheiro adequado, mas a Patrulha da Noite precisava tanto de homens inteligentes como de homens fortes. O Senhor Comandante Mormont tinha dito exatamente isso, quando Tyrion visitou Castelo Negro. *Mas há aqueles votos inconvenientes*. Significaria o fim de seu casamento e de qualquer pretensão que pudesse ter sobre Rochedo Casterly, mas, em todo caso, não parecia estar destinado a desfrutar de qualquer uma dessas coisas. E julgava recordar que havia um bordel numa aldeia próxima.

Não era a vida com que sonhara, mas era vida. E tudo que tinha de fazer para conquistá-la era confiar no pai, erguer-se em suas pequenas pernas deformadas e dizer: "Sim, fui eu, confesso". Essa era a parte que lhe dava nós nas entranhas. Quase desejava *realmente* ter cometido o ato de que era acusado, uma vez que parecia que teria de sofrer por ele fosse como fosse.

– Senhor? – disse Podrick Payne. – Eles estão aqui, senhor. Sor Addam. E os homens de manto dourado. Estão à espera lá fora.

– Pod, diga-me a verdade... acha que fui eu?

O rapaz hesitou. Quando tentou falar, não conseguiu emitir mais do que um fraco perdigoto.

*Estou perdido*. Tyrion suspirou.

– Não precisa responder. Foi um bom escudeiro para mim. Melhor do que eu merecia. Aconteça o que acontecer, agradeço por seus leais serviços.

Sor Addam Marbrand esperava à porta com seis homens de manto dourado. Nada tinha a dizer naquela manhã, aparentemente. *Outro homem bom que julga que sou um assassino de familiares.* Tyrion armou-se de toda a dignidade que conseguiu arranjar e bamboleou-se escadas abaixo. Sentia todos a observá-lo enquanto cruzava o pátio; os guardas nas muralhas, os palafreneiros junto aos estábulos, os ajudantes de cozinha, as lavadeiras e as criadas. Dentro da sala do trono, cavaleiros e fidalgos afastaram-se para deixá-los passar e murmuraram aos ouvidos de suas senhoras.

Assim que Tyrion ocupou seu lugar perante os juízes, outro grupo de homens de manto dourado introduziu Shae na sala.

Uma mão fria apertou-se em volta de seu coração. *Varys traiu-a*, pensou. Então lembrou-se. *Não. Eu mesmo a traí. Devia tê-la deixado com Lollys. Claro que iriam interrogar as aias de Sansa, eu faria o mesmo*. Tyrion esfregou a cicatriz lisa que tinha onde estivera o nariz, perguntando a si mesmo por que Cersei teria se dado ao trabalho. *Shae não sabe nada que possa me prejudicar*.

– Eles planejaram o ato juntos – disse ela, aquela garota que ele amava. – O Duende e a Senhora Sansa planejaram isso depois de o Jovem Lobo ter morrido. Sansa queria vingança pelo irmão e Tyrion pretendia ficar com o trono. Ia matar a irmã em seguida, e depois o senhor seu pai, para poder se tornar Mão do Príncipe Tommen. Mas um ano ou dois mais tarde, antes de Tommen crescer demais, ia matá-lo também, para pôr a coroa na cabeça.

– Como pode saber tudo isso? – perguntou o Príncipe Oberyn. – Por que o Duende iria contar esses planos à aia da esposa?

– Ouvi uma parte, senhor – disse Shae –, e a senhora também deixou escapar algumas coisas. Mas a maior parte ouvi dos lábios dele. Não era só aia da Senhora Sansa. Fui a prostituta dele, durante todo o tempo que passou em Porto Real. Na manhã do casamento, ele arrastou-me pro lugar onde guardam os crânios de dragão e fodeu-me ali, com os monstros por toda a volta. E quando eu chorei, ele disse que devia ser mais grata, que não era qualquer moça que podia se tornar prostituta do

rei. Foi aí que ele me contou como pretendia tornar-se rei. Disse que o pobre Joffrey nunca ia conhecer a noiva como ele tava me conhecendo. – Ela então começou a soluçar. – Nunca quis ser uma prostituta, senhores. Estava noiva. Ele era um escudeiro, um rapaz bom e corajoso, de bom nascimento. Mas o Duende viu-me no Ramo Verde e pôs o rapaz com quem eu queria casar na primeira fila da vanguarda, e depois de ele ser morto ordenou aos selvagens que me levassem à sua tenda. Shagga, o grande, e Timett, com o olho queimado. Ele disse que se não lhe desse prazer, me entregava a eles, e portanto eu dei. Depois trouxe-me pra cidade, pra ficar por perto quando ele me quisesse. Obrigou-me a fazer coisas tão vergonhosas...

O Príncipe Oberyn pareceu curioso.

– Que tipo de coisas?

– Coisas *indescritíveis*. – Enquanto as lágrimas rolavam lentamente por aquele rosto bonito, não havia dúvida de que todos os homens presentes no salão desejavam tomar Shae nos braços e confortá-la. – Com a boca e... outras partes do corpo, senhor. Todas as partes. Ele usou-me de todas as maneiras que há e... costumava me obrigar a dizer como ele era grande. *O meu gigante*, eu tinha de lhe chamar, *o meu gigante de Lannister*.

Osmund Kettleblack foi o primeiro a rir. Boros e Meryn juntaram-se a ele, e depois Cersei, Sor Loras e mais senhores e senhoras do que conseguia contar. A súbita rajada de hilaridade ressoou nas vigas e sacudiu o Trono de Ferro.

– É verdade – protestou Shae. – O meu gigante de Lannister. – As gargalhadas tornaram-se duas vezes mais ruidosas. A boca deles se torceu de diversão, as barrigas balançavam. Alguns riam tanto que expeliam ranho das narinas.

*Salvei-os a todos*, pensou Tyrion. *Salvei esta cidade vil e todas as suas vidas sem valor*. Havia centenas de pessoas na sala do trono, todas elas rindo, menos o pai de Tyrion. Ou pelo menos era o que parecia. Até a Víbora Vermelha riu alto, e Mace Tyrell parecia a ponto de estourar, mas Lorde Tywin Lannister permanecia sentado no meio deles como se fosse feito de pedra, com os dedos juntos por baixo do queixo.

Tyrion avançou.

– *SENHORES!* – gritou. Tinha de gritar, para ter alguma esperança de ser ouvido.

O pai levantou uma mão. Pouco a pouco, o salão voltou ao silêncio.

– Levem esta puta mentirosa para longe de minha vista – disse Tyrion – e eu darei a vocês a sua confissão.

Lorde Tywin assentiu, fez um gesto. Shae pareceu meio aterrorizada quando os homens de manto dourado a cercaram. Seus olhos encontraram-se com os de Tyrion quando ela foi levada do salão. Teria sido vergonha o que viu neles, ou medo? Perguntou a si mesmo o que Cersei lhe teria prometido. *Receberá o ouro ou as joias, o que quer que tenha pedido*, pensou enquanto via as costas dela se afastando, *mas antes da volta da lua ela vai ter você entretendo os homens de manto dourado em suas casernas*.

Tyrion ergueu o olhar para os olhos duros e verdes do pai, com as suas manchas de ouro frio e brilhante.

– Sou culpado – disse –, tão culpado. É isso o que querem ouvir?

Lorde Tywin nada disse. Mace Tyrell assentiu. O Príncipe Oberyn pareceu moderadamente desapontado.

– Admite ter envenenado o rei?

– Nada disso – disse Tyrion. – Da morte de Joffrey sou inocente. Sou culpado de um crime mais monstruoso. – Deu um passo na direção do pai. – Nasci. Sobrevivi. Sou culpado de ser um anão, confesso. E independentemente de quantas vezes o meu bondoso pai tenha me perdoado, persisti na minha infâmia.

– Isso é uma loucura, Tyrion – declarou Lorde Tywin. – Fale do assunto que aqui nos traz. Não está sendo julgado por ser um anão.

– É aí que está errado, senhor. Estive sendo julgado por ser um anão minha vida toda.

– Não tem nada a dizer em sua defesa?

– Nada a não ser isto: não fui eu. Mas agora desejava ter sido. – Virou-se para enfrentar o salão, aquele mar de rostos pálidos. – Gostaria de ter veneno suficiente para todos vocês. Fazem-me lamentar não ser o monstro que gostariam que fosse, mas aí está. Sou inocente, mas aqui não obterei justiça. Não me deixam alternativa exceto apelar aos deuses. Exijo julgamento pela batalha.

– Perdeu o juízo? – disse o pai.

– Não, encontrei-o. *Exijo julgamento pela batalha!*

Sua querida irmã não podia estar mais satisfeita.

– Ele tem esse direito, senhores – lembrou aos juízes. – Deixem que os deuses julguem. Sor Gregor Clegane lutará por Joffrey. Ele retornou à cidade anteontem à noite, a fim de colocar a sua espada a meu serviço.

O rosto de Lorde Tywin estava tão sombrio que por meio segundo Tyrion perguntou a si mesmo se ele também teria bebido vinho envenenado. Atingiu a mesa com um punho, furioso demais para falar. Foi Mace Tyrell quem se virou para Tyrion e fez a pergunta.

– Tem um campeão para defender a sua inocência?

– Tem, senhor. – O Príncipe Oberyn de Dorne pôs-se em pé. – O anão conseguiu me convencer.

A algazarra foi ensurdecedora. Tyrion sentiu especial prazer na súbita dúvida que vislumbrou nos olhos de Cersei. Foi preciso que cem homens de manto dourado batessem com o cabo das lanças no chão para que a sala do trono voltasse a se aquietar. A essa altura, Lorde Tywin Lannister já estava recomposto.

– Que o assunto seja decidido amanhã – declarou, num tom férreo. – Lavo as minhas mãos. – Lançou ao filho anão um olhar frio e zangado e depois saiu da sala a passos largos, pela porta do rei que se abria por trás do Trono de Ferro, com o irmão Kevan o seu lado.

Mais tarde, de volta à cela da torre, Tyrion serviu-se de uma taça de vinho e mandou Podrick Payne ir atrás de queijo, pão e azeitonas. Duvidava ser capaz de manter no estômago qualquer coisa mais pesada. *Achava que eu iria docilmente, pai?*, perguntou à sombra que as velas desenhavam na parede. *Tenho em mim muito de si para isso*. Sentia uma estranha paz, agora que tinha tirado o poder de vida e morte das mãos do pai e o depositado nas mãos dos deuses. *Assumindo que existem deuses, e que eles não estão pouco se lixando. Caso contrário, estou em mãos dornesas*. Não importa o que acontecesse, Tyrion estava satisfeito por saber que tinha feito em pedaços os planos de Lorde Tywin. Se o Príncipe Oberyn ganhasse, isso iria inflamar ainda mais Jardim de Cima contra os dorneses; Mace Tyrell veria o homem que aleijara seu filho ajudar o anão que quase envenenara sua filha escapar da devida punição. E se a Montanha triunfasse, Doran Martell poderia perfeitamente querer saber por que motivo o irmão tinha sido brindado com a morte em vez da

justiça que Tyrion lhe prometera. Dorne podia acabar mesmo por coroar Myrcella.

Quase valia a pena morrer para saber de todos os problemas que causara. *Virá ver o fim, Shae? Ficará lá com os outros, observando enquanto Sor Ilyn corta esta minha feia cabeça? Sentirá falta de seu gigante de Lannister quando ele estiver morto?* Esvaziou a taça, jogou-a para o alto e cantou com vigor.

Cavalgou pelas ruas da cidade,
desde o alto de sua colina,
Por becos e degraus e calçadas,
para os braços de sua menina.
Porque ela era o secreto tesouro,
a sua vergonha e o seu prazer.
E corrente e forte nada são,
comparados com beijos de mulher.

Sor Kevan não o visitou naquela noite. Provavelmente estava com Lorde Tywin, tentando aplacar os Tyrell. *Receio que não voltarei a ver meu tio*. Serviu-se de outra taça de vinho. Uma pena que tivesse mandado matar Symon Língua de Prata antes de aprender a letra inteira daquela canção. Não era uma canção ruim, para falar a verdade. Especialmente se comparada com aquelas que seriam escritas sobre si futuramente.

– *Porque mãos de ouro são sempre frias, mas há calor em mãos de mulher...* – cantou. Talvez devesse escrever ele mesmo os outros versos. Se vivesse tempo suficiente.

Naquela noite, surpreendentemente, Tyrion Lannister dormiu longa e profundamente. Acordou à primeira luz da aurora, bem repousado e com um robusto apetite, e quebrou o jejum com pão frito, morcela, bolinhos de maçã e uma dose dupla de ovos cozidos com cebolas e pimenta ardida de Dorne. Depois pediu licença aos guardas para visitar o seu campeão. Sor Addam consentiu.

Tyrion foi encontrar o Príncipe Oberyn bebendo uma taça de vinho tinto enquanto punha a armadura. Era servido por quatro de seus fidalgos dorneses mais novos.

– Um bom dia para o senhor – disse o príncipe. – Aceita uma taça de vinho?

– Você devia beber antes da batalha?

– Eu sempre bebo antes das batalhas.

– Isso poderá levar à sua morte. Pior, poderá levar à *minha* morte.

O Príncipe Oberyn riu.

– Os deuses protegem os inocentes. Você *é* inocente, espero?

– Só de matar Joffrey – admitiu Tyrion. – Espero que saiba o que se prepara para enfrentar. Gregor Clegane é...

– ... grande? Ouvi dizer que sim.

– Ele tem quase dois metros e quarenta de altura e deve pesar cento e noventa quilos, e tudo de músculo. Luta com uma espada de duas mãos, mas só precisa de uma para manejá-la. É conhecido por ter cortado homens ao meio com um único golpe. Sua armadura é tão pesada que nenhum homem menor do que ele seria capaz de suportar o peso, quanto mais mexer-se lá dentro.

O Príncipe Oberyn não se mostrou impressionado.

– Já matei homens grandes antes. O truque é desequilibrá-los. Assim que caírem, estarão mortos. – O dornês parecia tão jovialmente confiante que Tyrion se sentiu quase tranquilizado, até o outro se virar e dizer: – Daemon, a minha lança! – Sor Daemon atirou-a para ele, e a Víbora Vermelha apanhou-a no ar.

– Pretende enfrentar a Montanha com uma *lança*? – aquilo deixou Tyrion inquieto de novo. Em batalha, fileiras de lanças juntas faziam uma dianteira formidável, mas combate singular contra um espadachim habilidoso era outro assunto.

– Em Dorne gostamos de lanças. Além disso, é a única forma de me opor ao seu alcance. Olhe, Lorde Duende, mas assegure-se de não tocar. – A lança era freixo torneado com dois metros e meio de comprimento, com o cabo liso, grosso e pesado. Os últimos sessenta centímetros eram de aço: uma esguia ponta de lança em forma de folha que se estreitava para formar um perigoso espigão. As arestas pareciam suficientemente afiadas para fazer a barba. Quando Oberyn girou o cabo entre as palmas das mãos, cintilaram com um brilho negro. *Óleo? Ou veneno?* Tyrion decidiu que preferia não saber.

– Espero que seja bom com isso – disse em tom de dúvida.

– Não terá razões de queixa. Embora Sor Gregor talvez venha a ter. Por mais espessa que seja a sua placa, haverá fendas nas articulações. Do lado de dentro do cotovelo e do joelho, por baixo dos braços... Vou

encontrar um lugar para lhe fazer cócegas, prometo. – Pôs a lança de lado. – Dizem que um Lannister sempre paga as suas dívidas. Talvez queira voltar comigo a Lançassolar quando o derramamento de sangue do dia terminar. Meu irmão Doran ficaria muito satisfeito por conhecer o legítimo herdeiro de Rochedo Casterly... especialmente se ele trouxesse a sua adorável esposa, a Senhora de Winterfell.

*Será que a cobra julga que tenho Sansa enfiada em algum lugar, como uma noz que estivesse guardando para o inverno?* Se assim era, Tyrion não iria desenganá-lo.

– Uma viagem até Dorne poderá ser muito agradável, agora que reflito sobre o assunto.

– Faça planos para uma visita longa. – O Príncipe Oberyn bebericou o vinho. – Você e Doran têm muitos assuntos de interesse mútuo a discutir. Música, comércio, história, vinho, a moeda do anão... as leis de herança e sucessão. Sem dúvida que os conselhos de um tio beneficiariam a Rainha Myrcella nos árduos tempos que virão.

Se Varys tivesse passarinhos à escuta, Oberyn estava dando-lhes uma farta colheita.

– Creio que vou aceitar essa taça de vinho – disse Tyrion. *Rainha Myrcella?* Só teria sido mais tentador se tivesse Sansa escondida por baixo do manto. *Se ela declarasse apoio a Myrcella no lugar de Tommen, iria o Norte segui-la?* O que a Víbora Vermelha estava sugerindo era traição. Seria Tyrion realmente capaz de pegar em armas contra Tommen, contra o próprio pai? *Cersei cuspiria sangue*. Bastava isso para fazer com que talvez valesse a pena.

– Lembra-se da história que lhe contei quando nos encontramos pela primeira vez, Duende? – perguntou o Príncipe Oberyn, enquanto o Bastardo de Graçadivina ajoelhava à sua frente para prender suas grevas. – Não foi apenas devido à sua cauda que eu e minha irmã fomos a Rochedo Casterly. Andávamos numa espécie de demanda. Uma demanda que nos levou a Tombastela, à Árvore, a Vilavelha, às Ilhas Escudo, a Crakehall e, por fim, a Rochedo Casterly... mas nosso verdadeiro destino era o casamento. Doran estava prometido à Senhora Mellario de Norvos, portanto foi deixado para trás, como castelão de Lançassolar. Minha irmã e eu ainda não estávamos comprometidos.

“Elia achou tudo aquilo empolgante. Estava nessa idade, e sua saúde delicada nunca lhe permitira muitas viagens. Eu preferia me divertir caçoando dos pretendentes de minha irmã. Houve o Pequeno Senhor Vesgo, o Escudeiro Boca-de-Esguicho, um que chamei de Baleia que Caminha, esse tipo de coisa. O único minimamente apresentável foi o jovem Baelor Hightower. Era um rapaz bonito, e minha irmã andou meio apaixonada por ele até que o rapaz teve o infortúnio de peidar uma vez na nossa presença. Imediatamente o apelidei de Baelor Peidorreiro, e depois disso Elia não conseguia olhá-lo sem rir. Eu era um jovenzinho monstruoso, alguém devia ter cortado minha língua perversa.”

*Sim*, concordou Tyrion em silêncio. Baelor Hightower já não era jovem, mas continuava sendo o herdeiro de Lorde Leyton; rico, bonito e um cavaleiro de magnífica reputação. Agora chamavam-lhe *Baelor Sorriso Resplandecente*. Se Elia tivesse se casado com ele em vez de Rhaegar Targaryen, poderia estar em Vilavelha com os filhos crescendo à sua volta. Perguntou a si mesmo quantas vidas teriam sido apagadas por aquele pum.

– Lanisporto era o fim de nossa viagem – prosseguiu o Príncipe Oberyn, enquanto Sor Arron Qorgyle o auxiliava a vestir uma túnica almofadada de couro e começava a atá-la nas costas. – Sabia que as nossas mães se conheciam desde muito antes?

– Creio recordar que tinham estado juntas na corte quando meninas. Companheiras da Princesa Rhaella?

– Exatamente. Eu estava convencido de que as mães tinham cozinhado aquela trama entre si. O Escudeiro Boca-de-Esguicho e os de sua laia, e as várias jovens donzelas cheias de espinhas que me tinham sido exibidas eram as amêndoas antes do banquete, destinando-se apenas a abrir nossos apetites. O prato principal deveria ser servido em Rochedo Casterly.

– Cersei e Jaime.

– Que anão mais esperto. Elia e eu éramos mais velhos, certamente. Seus irmãos não podiam ter mais de oito ou nove anos. Em todo o caso, uma diferença de cinco ou seis anos é bastante pequena. E havia uma cabine vazia no nosso navio, uma cabine muito boa, o tipo de cabine que poderia se destinar a uma pessoa de nascimento elevado. Como se a intenção fosse levarmos alguém para Lançassolar. Um jovem pajem,

talvez. Ou uma companheira para Elia. A senhora sua mãe pretendia prometer Jaime à minha irmã, ou Cersei a mim. Talvez ambos.

– Talvez – disse Tyrion –, mas o meu pai...

– ... governava os Sete Reinos, mas em casa era governado pela senhora sua esposa, ou pelo menos era o que a *minha* mãe sempre dizia. – O Príncipe Oberyn ergueu os braços para que Lorde Dagos Manwoody e o Bastardo de Graçadivina pudessem enfiar uma longa camisa de cota de malha por sua cabeça. – Em Vilavelha ficamos sabendo da morte de sua mãe e do filho monstruoso que ela dera à luz. Podíamos ter voltado naquele momento, mas minha mãe decidiu prosseguir. Já lhe contei sobre o acolhimento que encontramos em Rochedo Casterly.

"O que não lhe contei é que a minha mãe esperou o tempo que era decente, e então abordou o seu pai com aquilo que nos levara ali. Anos mais tarde, em seu leito de morte, ela contou-me que Lorde Tywin nos recusou bruscamente. Informou-a de que a filha estava destinada ao Príncipe Rhaegar. E quando ela perguntou por Jaime, para desposar Elia, ele ofereceu a sua pessoa.

– Oferta essa que ela recebeu como um ultraje.

– E *era*. Até você pode ver isso, certamente.

– Oh, certamente. – *Tudo vem de trás e mais de trás,* pensou Tyrion*, de nossas mães e pais e dos que vieram antes deles. Somos marionetes a dançar, presos aos cordéis daqueles que chegaram antes de nós, e um dia nossos filhos ficarão com nossos cordéis e dançarão em nosso lugar*. – Bem, o Príncipe Rhaegar casou-se com Elia de Dorne, não com Cersei Lannister de Rochedo Casterly. Portanto, parece que a sua mãe ganhou essa justa.

– Ela achou que sim – concordou o Príncipe Oberyn –, mas o seu pai não é homem para esquecer tais desfeitas. Ensinou um dia essa lição ao Senhor e à Senhora Tarbeck, e aos Reyne de Castamere. E, em Porto Real, ensinou-a à minha irmã. O elmo, Dagos. – Mandwoody entregou-o a ele; um elmo elevado e dourado com um disco de cobre montado na testa, o sol de Dorne. Tyrion viu que a viseira havia sido removida. – Elia e os filhos esperam justiça há muito tempo. – O Príncipe Oberyn calçou luvas flexíveis de couro vermelho e voltou a pegar na lança. – Mas hoje vão obtê-la.

Para o combate fora escolhido o pátio exterior. Tyrion teve de saltar e correr para acompanhar as longas passadas do Príncipe Oberyn. *A serpente está impaciente*, pensou. *Esperemos que ele também esteja venenoso*. O dia estava cinzento e ventoso. O sol lutava para abrir caminho por entre as nuvens, mas Tyrion não seria mais capaz de indicar quem iria vencer essa luta do que aquela da qual a sua vida dependia.

Pareciam um milhar, as pessoas que tinham vindo ver se ele iria sobreviver ou morrer. Aglomeravam-se ao longo dos adarves do castelo e acotovelavam-se nos degraus de torres e fortalezas. Observavam a partir de portas de estábulos, de janelas e pontes, de varandas e telhados. E o pátio estava repleto, tanta gente que os homens de manto dourado e os cavaleiros da Guarda Real tinham de empurrar todos para trás, a fim de abrir espaço suficiente para o combate. Alguns tinham trazido cadeiras para assistir com mais conforto, enquanto outros se empoleiravam em barris. *Devíamos ter feito isso na Arena dos Dragões*, pensou amargamente Tyrion. *Podíamos ter cobrado uma moeda por cabeça e arranjaríamos o suficiente para pagar tanto a boda como o funeral de Joffrey*. Alguns dos espectadores até tinham crianças pequenas montadas sobre os ombros para verem melhor. Gritavam e apontavam ao ver Tyrion.

A própria Cersei parecia quase uma criança ao lado de Sor Gregor. Em sua armadura, a Montanha parecia maior do que qualquer homem tinha direito a ser. Sob um longo sobretudo amarelo ostentando os três cães negros de Clegane, usava armadura pesada por cima de cota de malha, com o baço aço cinza amassado e riscado em batalha. Por baixo daquilo haveria couro fervido e uma camada almofadada. Um elmo de topo chato estava afivelado ao seu gorjal, com buracos para respirar em volta da boca e do nariz e uma estreita ranhura para ver. A figura no topo do elmo era um punho de pedra.

Se Sor Gregor sofria com seus ferimentos, Tyrion não via sinal disso desde o outro lado do pátio. *Ele, ali em pé, parece ter sido esculpido em pedra*. A espada estava espetada no chão à sua frente, um metro e oitenta de metal marcado. As enormes mãos de Sor Gregor, revestidas por manoplas articuladas de aço, seguravam no guarda-mão de ambos os lados do cabo. Até a amante do Príncipe Oberyn empalideceu ao vê-lo.

– Vai lutar com *aquilo*? – disse Ellaria Sand num tom segredado.

– Vou matar aquilo – respondeu descuidadamente o seu amante.

Tyrion tinha suas próprias dúvidas, agora que se encontravam à beira do combate. Quando olhou para o Príncipe Oberyn viu-se desejando ter Bronn para defendê-lo... ou melhor ainda, Jaime. A Víbora Vermelha tinha uma armadura leve; grevas, braçais, gorjal, espaldar e braguilha de aço. Fora isso, Oberyn vestia couro flexível e sedas esvoaçantes. Sobre a cota de malha usava as suas escamas brilhantes de cobre, mas cota de malha e escamas, em conjunto, não lhe dariam um quarto da proteção da placa pesada de Gregor. Com a viseira removida, o elmo do príncipe não passava efetivamente de um meio-elmo, faltando-lhe até uma proteção para o nariz. Seu escudo redondo de aço era brilhantemente polido, e ostentava o sol e a lança em ouro vermelho, ouro amarelo, ouro branco e cobre.

*Dançar em volta dele até ficar tão cansado que mal consiga erguer o braço, e depois derrubá-lo de costas*. A Víbora Vermelha parecia ter a mesma ideia de Bronn. Mas o mercenário não tivera rodeios quanto ao risco dessa tática. *Espero, com os sete infernos, que saiba o que está fazendo, serpente*.

Tinham erigido uma plataforma ao lado da Torre da Mão, a meio caminho entre os dois campeões. Era aí que se sentava Lorde Tywin com o irmão, Sor Kevan. O Rei Tommen não estava visível; pelo menos por isso Tyrion sentia-se grato.

Lorde Tywin deu um breve relance ao seu filho anão, e então levantou a mão. Uma dúzia de trombeteiros soprou uma fanfarra para aquietar a multidão. O Alto Septão avançou com passinhos curtos e sua grande coroa de cristal e rezou para que o Pai no Céu os ajudasse naquele julgamento e para que o Guerreiro emprestasse a sua força ao braço do homem cuja causa era justa. *Esse sou eu*, quase gritou Tyrion, mas eles iriam apenas rir, e estava mortalmente farto de risos.

Sor Osmund Kettleblack trouxe a Clegane o seu escudo, uma coisa enorme de pesado carvalho reforçado com ferro negro. Enquanto a Montanha enfiava o braço esquerdo nas correias, Tyrion viu que outro símbolo havia sido pintado por cima dos cães de Clegane. Naquela manhã, Sor Gregor usava a estrela de sete pontas que os ândalos tinham trazido para Westeros quando cruzaram o mar estreito e esmagaram os

Primeiros Homens e os seus deuses. *Muito pio da sua parte, Cersei, mas duvido que os deuses se deixem impressionar.*

Havia cinquenta metros entre os dois. O Príncipe Oberyn avançou rapidamente, Sor Gregor de um modo mais agourento. *O chão não treme quando ele caminha*, disse Tyrion a si mesmo. *Isso é só o meu coração batendo*. Quando os dois homens chegaram a uma distância de dez metros, a Víbora Vermelha parou e gritou:

– Disseram-lhe quem eu sou?

Sor Gregor soltou um grunhido através dos buracos para respirar.

– Um morto qualquer. – E avançou, inexorável.

O dornês deslizou para o lado.

– Sou Oberyn Martell, um príncipe de Dorne – disse, enquanto a Montanha se virava para mantê-lo no seu campo de visão. – A Princesa Elia era minha irmã.

– Quem? – perguntou Gregor Clegane.

A longa lança de Oberyn saltou numa estocada, mas Sor Gregor parou a ponta dela com o escudo, empurrou-a para o lado, e investiu contra o príncipe, com a grande espada a relampejar. O dornês rodopiou para longe, intocado. A lança saltou em frente. Clegane golpeou-a com a espada, Martell puxou-a, após o que voltou a atirá-la em frente. Metal guinchou contra metal quando a ponta da espada deslizou no peito da Montanha, cortando o sobretudo e deixando um longo arranhão brilhante no aço que se encontrava por baixo.

– Elia Martell, Princesa de Dorne – sibilou a Víbora Vermelha. – Violou-a. Assassinou-a. Matou os filhos dela.

Sor Gregor grunhiu. Avançou pesadamente para acertar a cabeça do dornês. O Príncipe Oberyn evitou-o facilmente.

– Violou-a. Assassinou-a. Matou os filhos dela.

– Veio conversar ou lutar?

– Vim ouvir a sua confissão. – A Víbora Vermelha lançou um rápido golpe contra a barriga da Montanha, sem qualquer efeito.

Gregor tentou golpeá-lo e falhou. A longa lança dardejou por cima de sua espada. Qual língua de serpente, volteava para a frente e para trás, fintando embaixo e batendo em cima, em estocadas dirigidas às virilhas, ao escudo, aos olhos. *A Montanha dá um alvo grande, pelo menos*, pensou Tyrion. O Príncipe Oberyn dificilmente erraria, embora nenhum

de seus golpes tivesse conseguido penetrar a placa pesada de Sor Gregor. O dornês não parava de rodear o adversário, de lançar estocadas e de voltar a saltar para trás, forçando o homem maior a virar-se e virar-se de novo. *Clegane está perdendo-o de vista*. O elmo da Montanha tinha uma viseira estreita, o que lhe limitava severamente a visão. Oberyn estava fazendo bom uso desse fato e do comprimento da lança e de sua rapidez.

A luta prosseguiu naqueles moldes durante o que pareceu um longo período. Deslocaram-se de um lado para o outro pátio afora e rodaram e voltaram a rodar, descrevendo espirais, com Sor Gregor golpeando o ar enquanto a lança de Oberyn atingia os braços e as pernas e duas vezes as têmporas. O grande escudo de madeira de Gregor também recebeu a sua cota de golpes, até uma cabeça de cão espreitar de debaixo da estrela e em outros pontos ser o carvalho nu a surgir. Clegane soltava um grunhido de vez em quando, e uma vez Tyrion ouviu-o resmungar um xingamento, mas fora isso lutava num silêncio carrancudo.

Mas Oberyn Martell não.

– Violou-a – gritava, fintando. – Assassinou-a – dizia, esquivando-se de um golpe em arco da espada de Gregor. – Matou os filhos dela – berrava, atingindo a garganta do gigante com a ponta da lança, apenas para vê-la deslizar pelo espesso gorjal de aço com um guincho.

– Oberyn está brincando com ele – disse Ellaria Sand.

*Isso é brincadeira de tolos*, pensou Tyrion.

– A Montanha é grande demais para ser brinquedo de quem quer que seja.

Em torno do pátio, a multidão de espectadores aproximava-se lentamente dos dois combatentes, avançando centímetro a centímetro para ver melhor. A Guarda Real tentava contê-los, empurrando com força os basbaques com seus grandes escudos brancos, mas havia centenas de basbaques e só seis dos homens da armadura branca.

– Violou-a. – O Príncipe Oberyn parou um violento golpe com a ponta da lança. – Assassinou-a. – Atirou a ponta da lança contra os olhos de Clegane, tão depressa que o enorme homem vacilou para trás. – Matou os filhos dela. – A lança cintilou para o lado e para baixo, raspando na placa de peito da Montanha. – Violou-a. Assassinou-a. Matou os filhos dela. – A lança era sessenta centímetros mais longa do que a espada de Sor Gregor, mais do que o suficiente para mantê-lo a uma distância

incômoda. A Montanha golpeava a haste sempre que Oberyn saltava sobre ele, tentando cortar a ponta da lança, mas era como se estivesse tentando cortar de um golpe as asas de uma mosca. – Violou-a. Assassinou-a. Matou os filhos dela. – Gregor tentou investir, mas Oberyn esquivou-se para o lado e rodeou-o pelas costas. – Violou-a. Assassinou-a. Matou os filhos dela.

– Fique quieto. – Sor Gregor parecia estar se movendo um pouco mais lentamente, e a sua espada já não se erguia tanto como quando a luta tinha começado. – Fecha a merda da boca.

– Violou-a – disse o príncipe, deslocando-se para a direita.

– *Basta!* – Sor Gregor deu dois longos passos e fez cair a espada sobre a cabeça de Oberyn, mas o dornês recuou uma vez mais.

– Assassinou-a – disse.

– *CALE-SE!* – Gregor arremeteu com ímpeto, direto contra a ponta da lança, que atingiu com violência a parte direita de seu peito e depois deslizou para o lado com um hediondo guincho de aço.

De repente a Montanha encontrava-se suficientemente perto para atacar, com a sua enorme espada relampejando numa confusão de aço. A multidão também gritava. Oberyn esquivou-se do primeiro golpe e largou a lança, inútil agora que Sor Gregor tinha penetrado em seu raio de ação. O segundo golpe foi aparado pelo escudo do dornês. Metal colidiu com metal num estrondo ensurdecedor, pondo a Víbora Vermelha a cambalear para trás. Sor Gregor seguiu-o, berrando. *Ele não usa palavras, limita-se a rugir como um animal*, pensou Tyrion. A retirada de Oberyn transformou-se numa impetuosa fuga para trás, a meros centímetros da espada que lhe atacava o peito, os braços, a cabeça.

O estábulo encontrava-se atrás dele. Espectadores gritaram e empurraram-se para sair do caminho. Um deles tropeçou e caiu contra as costas de Oberyn. Sor Gregor atacou com toda a sua fúria selvagem. A Víbora Vermelha atirou-se para o lado, rolando. O infeliz cavalariço que estava atrás dele não foi assim tão rápido. No momento em que seu braço se erguia para proteger o rosto, a espada de Gregor cortou-o entre o cotovelo e o ombro.

– *Cale-SE!* – berrou a Montanha em resposta ao grito do cavalariço, e dessa vez brandiu a lâmina de lado, fazendo voar a metade superior da cabeça do rapaz por sobre o pátio, numa chuva de sangue e miolos.

Centenas de espectadores pareceram perder subitamente todo o interesse na culpa ou inocência de Tyrion Lannister, julgando pelo modo como se atropelaram e empurraram uns aos outros para fugir do pátio.

Mas a Víbora Vermelha de Dorne estava de novo em pé, com a sua longa lança na mão.

– Elia – gritou para Sor Gregor. – Violou-a. Assassinou-a. Matou os filhos dela. E agora, diga o nome dela.

A Montanha rodopiou. Elmo, escudo, espada, sobretudo, estava salpicado de sangue e entranhas da cabeça aos pés.

– Você fala demais – resmungou. – Faz minha cabeça doer.

– Vou ouvi-lo dizer isso. Ela era Elia de Dorne.

A Montanha fungou de desprezo e atacou... e nesse momento o sol rompeu por entre as nuvens baixas que escondiam o céu desde a alvorada.

*O sol de Dorne*, disse Tyrion a si mesmo, mas quem primeiro reagiu para colocar o sol nas costas foi Gregor Clegane. *Este homem é obtuso e brutal, mas tem os instintos de um guerreiro.*

A Víbora Vermelha agachou-se, semicerrando os olhos, e voltou a fazer a lança saltar em frente. Sor Gregor tentou golpeá-la, mas a estocada havia sido apenas uma finta. Desequilibrado, deu um passo trôpego para a frente.

O Príncipe Oberyn inclinou seu escudo amassado de metal. Um raio de luz do sol refletiu-se, cegante, em ouro e cobre polido, e penetrou na estreita fenda do elmo do adversário. Clegane ergueu seu escudo para se proteger do brilho. A lança do Príncipe Oberyn dardejou como um relâmpago e descobriu a brecha na pesada placa de aço, a articulação por baixo do braço. A ponta mergulhou através de cota de malha e couro fervido. Gregor soltou um grunhido estrangulado quando o dornês torceu a lança e a libertou.

– Elia. Diga o nome! Elia de Dorne! – descrevia um círculo, com a lança preparada para outra estocada. – *Diga o nome!*

Tyrion tinha a sua prece privada. *Caia e morra*, eram as palavras que a compunham. *Maldito seja, caia e morra!* O sangue que pingava da axila da Montanha era agora o seu, e devia estar sangrando ainda mais dentro da armadura. Quando tentou dar um passo, um joelho cedeu. Tyrion pensou que ele ia cair.

O Príncipe Oberyn tinha dado a volta por trás dele.

– *ELIA DE DORNE!* – gritou.

Sor Gregor começou a se virar, mas com demasiada lentidão e tarde demais. A ponta da lança penetrou daquela vez na parte de trás do joelho, através de camadas de cota de malha e couro entre as placas, penetrando na coxa e na barriga da perna. A Montanha cambaleou, oscilou e depois caiu de cara no chão. A enorme espada saltou de sua mão. Lenta e pesadamente, rolou sobre as costas.

O dornês jogou fora o seu escudo arruinado, pegou na lança com ambas as mãos e afastou-se lentamente. Atrás dele, a Montanha soltou um gemido e ergueu-se sobre um cotovelo. Oberyn rodopiou com a rapidez de um gato e *correu* em direção ao adversário caído.

– *EEEEELLLLLIIIIIAAAAA!* – gritou, ao empurrar a lança com todo o peso de seu corpo. O *crac* da haste de freixo quebrando foi um som quase tão delicioso quanto o lamento de fúria de Cersei, e por um instante o Príncipe Oberyn teve asas. *A serpente saltou com vara sobre a Montanha*. Um metro e vinte de lança partida projetavam-se da barriga de Clegane quando o Príncipe Oberyn rolou, se levantou e sacudiu a poeira. Jogou fora a lança estilhaçada e pegou a espada do adversário. – Se morrer antes de dizer o nome dela, sor, vou persegui-lo por todos os sete infernos – prometeu.

Sor Gregor tentou se levantar. A lança quebrada atravessara-o por completo e o estava prendendo ao chão. Fechou ambas as mãos em volta da haste, grunhindo, mas não foi capaz de puxá-la. Por baixo dele espalhava-se uma poça vermelha.

– Estou me sentindo mais inocente a cada instante – disse Tyrion a Ellaria Sand, a seu lado.

O Príncipe Oberyn aproximou-se do adversário.

– *Diga o nome!* – pôs um pé no peito da Montanha e ergueu a espada com ambas as mãos. Tyrion nunca saberia se ele pretendia cortar a cabeça de Gregor ou enfiar a ponta através de sua viseira.

A mão de Clegane saltou e agarrou o dornês atrás do joelho. A Víbora Vermelha fez a espada cair num golpe selvagem, mas estava desequilibrado, e o gume não fez mais do que deixar mais um amassado no braçal da Montanha. Então a espada foi esquecida quando a mão de Gregor se apertou e torceu, fazendo o dornês cair por cima dele. Lutaram

no meio da poeira e do sangue, com a lança quebrada se mexendo de um lado para o outro. Tyrion viu com horror que a Montanha tinha envolvido o príncipe num enorme braço, apertando-o com força contra o peito, como se fosse um amante.

– Elia de Dorne – todos ouviram Sor Gregor dizer, quando os dois ficaram suficientemente próximos para se beijar. Sua voz profunda retumbava dentro do elmo. – Matei a criazinha chorona dela. – Lançou a mão livre contra o rosto sem proteção de Oberyn, enfiando dedos de aço em seus olhos. – E *então* estuprei-a. – Clegane esmagou o punho na boca do dornês, transformando seus dentes em lascas. – E depois esmaguei a porra da cabeça dela. Assim. – Quando puxou para trás o enorme punho, o sangue em sua manopla pareceu fumegar no ar frio da alvorada. Ouviu-se um *crunch* nauseante. Ellaria Sand uivou de terror e o café da manhã de Tyrion subiu borbulhando até sua boca. Deu por si de joelhos, vomitando bacon, salsicha e bolinhos de maçã, e aquela dose dupla de ovos estrelados feitos com cebolas e pimenta ardida de Dorne.

Não chegou a ouvir o pai proferir as palavras que o condenavam. Talvez não houvesse necessidade de palavras. *Pus a minha vida nas mãos da Víbora Vermelha, e ele deixou-a cair*. Quando se lembrou, tarde demais, de que as serpentes não tinham mãos, Tyrion desatou a rir histericamente.

Já tinha descido metade da escada em espiral quando percebeu que os homens de manto dourado não o estavam levando de volta à sua sala de torre.

– Fui mandado para as celas negras – disse. Não obteve resposta. *Para que gastar saliva com os mortos?*

# DAENERYS

Dany quebrou o jejum à sombra do caquizeiro que crescia no jardim do terraço, observando os dragões se perseguirem uns aos outros em volta do cume da Grande Pirâmide onde outrora se erguera a enorme harpia de bronze. Meereen tinha uma vintena de pirâmides menores, mas nenhuma chegava sequer à metade da altura daquela. Dali conseguia ver toda a cidade: as estreitas vielas sinuosas e as largas ruas de tijolo, templos e celeiros, choupanas e palácios, bordéis e casas de banhos, jardins e fontes, os grandes círculos vermelhos das arenas de luta. E para lá das muralhas estendia-se o mar de peltre, o sinuoso Skahazadhan, as secas colinas marrons, pomares queimados e campos enegrecidos. Ali em cima, em seu jardim, Dany sentia-se às vezes como um deus, vivendo no topo da montanha mais alta do mundo.

*Será que todos os deuses se sentem assim tão sozinhos?* Alguns deviam se sentir, certamente. Missandei tinha lhe contado a história do Senhor da Harmonia, adorado pelo Pacífico Povo de Naath; era o único deus verdadeiro, segundo a sua pequena escriba, o deus que sempre existiu e sempre existiria, que fez a lua, as estrelas e a terra, e todas as criaturas que viviam sobre elas. *Pobre Senhor da Harmonia*. Dany apiedava-se dele. Devia ser terrível estar só para todo o sempre, servido por hordas de mulheres-borboletas que se podia criar ou destruir com uma palavra. Westeros ao menos tinha sete deuses, embora Viserys lhe tivesse dito que alguns septões afirmavam que os sete eram apenas aspectos de um deus único, sete facetas de um único cristal. Isso era uma confusão. Os sacerdotes vermelhos acreditavam em dois deuses, segundo tinha ouvido dizer, mas os dois estavam eternamente em guerra. Dany gostava ainda menos daquilo. Não gostaria de estar eternamente em guerra.

Missandei serviu-lhe ovos de pato e salsicha de cão e meia taça de vinho adoçado misturado com o sumo de um limão. O mel atraía moscas, mas uma vela odorífera afastava-as. Descobrira que as moscas não eram

tão incômodas ali em cima como no resto da cidade, mais uma coisa que lhe agradava na pirâmide.

– Tenho de me lembrar de fazer qualquer coisa a respeito das moscas – disse Dany. – Há muitas moscas em Naath, Missandei?

– Em Naath há borboletas – respondeu a escriba no Idioma Comum. – Mais vinho?

– Não. Tenho uma audiência em breve. – Dany tinha passado a gostar muito de Missandei. A pequena escriba com os grandes olhos dourados era possuidora de uma sabedoria bem para lá da idade. *E também é corajosa. Teve de ser, para sobreviver à vida que teve*. Um dia esperava ver essa lendária ilha de Naath. Missandei dizia que o Pacífico Povo fazia música em vez de guerra. Não matavam, nem sequer animais; comiam apenas frutas e nunca tocavam em carne. Os espíritos borboletas sagrados para o seu Senhor da Harmonia protegiam a ilha deles contra os que desejavam fazer-lhes mal. Muitos conquistadores tinham velejado para Naath a fim de molharem as espadas em sangue, mas só conseguiram adoecer e morrer. *As borboletas não os ajudam quando os navios dos escravos fazem incursões, porém*. – Um dia levo-a para casa, Missandei – prometeu Dany. *Se tivesse feito a mesma promessa a Jorah, teria me vendido mesmo assim?* – Juro.

– Esta está contente por ficar com a senhora, Vossa Graça. Naath estará lá sempre. A senhora é boa para est... para mim.

– Tal como você para mim. – Dany deu a mão à garota. – Venha me ajudar a me vestir.

Jhiqui ajudou Missandei a dar-lhe banho, enquanto Irri preparava suas roupas. Hoje usaria uma veste de samito púrpura e uma faixa prateada, com a coroa do dragão de três cabeças que a Irmandade Turmalina lhe dera em Qarth. Os chinelos também eram prateados, com saltos tão altos que ela tinha sempre algum receio de cair para a frente. Quando acabou de se vestir, Missandei trouxe um espelho de prata polida para Dany poder se ver. Dany fitou-se em silêncio. *Será este o rosto de um conquistador?* Pelo que podia ver, ainda parecia uma garotinha.

Ninguém a chamava de Daenerys, a Conquistadora, mas talvez viessem a fazê-lo. Aegon, o Conquistador, tinha vencido Westeros com três dragões, mas ela tomara Meereen com ratazanas de esgoto e um pinto de madeira, em menos de um dia. *Pobre Groleo*. Dany sabia que o homem

ainda andava desgostoso por causa do navio. Se uma galé de guerra podia abalroar outro navio, por que não um portão? Tinha sido essa a sua ideia quando ordenou aos capitães para encalhar os navios na costa. Os mastros tinham se transformado em seus aríetes, e uma multidão de libertos desfizera os cascos para construir manteletes, tartarugas, catapultas e escadas. Os mercenários tinham batizado os aríetes com nomes obscenos, e foi o mastro principal do *Meraxes* – anteriormente chamado *Partida de Joso* – que quebrou o portão oriental. Chamavam-no de Pica de Joso. A luta encarniçara-se, amarga e sangrenta, durante a maior parte de um dia e entrara noite adentro antes de a madeira começar a lascar e a figura de proa do *Meraxes*, uma cara de bobo risonha, conseguir trespassá-la.

Dany quis ser ela mesma a liderar o ataque, mas todos os seus capitães, sem exceção, disseram que isso seria loucura, e seus capitães nunca concordavam em coisa alguma. Em vez de liderar, tinha permanecido na retaguarda, montada em sua prata, envergando com uma longa camisa de cota de malha. Mas *ouviu* a cidade cair de uma distância de meia légua, quando os gritos de desafio dos defensores se transformaram em gritos de medo. Nesse momento, os dragões tinham rugido como se fossem um só, enchendo a noite de chamas. *Os escravos estão se rebelando*, compreendeu de imediato. *As minhas ratazanas de esgoto roeram seus grilhões*.

Depois de os últimos restos de resistência terem sido esmagados pelos Imaculados e de o saque terminar, Dany entrou em sua cidade. A pilha de mortos diante do portão principal era tão alta que seus libertos precisaram de quase uma hora para abrir caminho para a sua prata. A Pica de Joso e a grande tartaruga de madeira que a protegera, coberta de peles de cavalo, estavam abandonadas lá dentro. Passou por edifícios incendiados e janelas quebradas, através de ruas de tijolo cujas sarjetas estavam entupidas com os mortos, rígidos e inchados. Escravos gritando vivas erguiam para si mãos manchadas de sangue e chamavam-na de "Mãe" enquanto passava.

Na praça em frente à Grande Pirâmide, os meereeneses tinham se amontoado sem esperança. Os Grandes Mestres pareciam tudo menos grandes à luz da manhã. Despojados das joias e de seus *tokars* debruados, eram desprezíveis; uma manada de velhos com bolas murchas e pele

manchada e de jovens com penteados ridículos. Suas mulheres eram ou moles e carnudas ou secas como paus velhos, com a maquiagem facial riscada por lágrimas.

– Quero os seus líderes – disse-lhes Dany. – Entreguem-nos, e os demais serão poupados.

– Quantos? – perguntou uma velha, entre soluços. – Quantos quer para nos poupar?

– Cento e sessenta e três – respondeu.

Tinha ordenado que fossem pregados a postes de madeira em volta da praça, cada um apontando para o seguinte. A ira ardia feroz e quente dentro dela quando dera a ordem; fez com que se sentisse um dragão vingador. Mas, mais tarde, quando passou pelos moribundos nos postes, quando ouviu seus gemidos e sentiu o cheirou de entranhas e sangue...

Dany pôs o espelho de lado, franzindo a testa. *Foi justo. Foi mesmo. Fiz isso pelas crianças.*

A câmara de audiências ficava no piso imediatamente abaixo, uma sala cheia de ecos, de teto elevado e com paredes de mármore roxo. Era um lugar gelado, apesar de toda a sua grandiosidade. Havia ali um trono, uma coisa fantástica de madeira esculpida e dourada, com a forma de uma harpia selvagem. Tinha lançado-lhe um longo olhar e ordenado que fosse transformado em lenha.

– Não me sentarei no colo da harpia – disse-lhes. Em vez disso, sentava-se num simples banco de ébano. Servia, embora tivesse ouvido os meereeneses resmungarem que não era adequado para uma rainha.

Os companheiros de sangue estavam à sua espera. Sinetas de prata tilintavam em suas tranças oleadas, e usavam o ouro e as joias de homens mortos. Meereen era rica além do que era possível imaginar. Até os mercenários pareciam saciados, pelo menos por ora. Do outro lado da sala, Verme Cinzento usava o uniforme simples dos Imaculados, com o capacete de bronze provido de espigão debaixo de um braço. Naqueles, pelo menos, podia confiar, ou assim esperava... e no Ben Mulato Plumm também, no sólido Ben com seus cabelos cinza-esbranquiçados e rosto desgastado, tão querido por seus dragões. E Daario, a seu lado, cintilando de ouro. Daario e Ben Plumm, Verme Cinzento, Irri, Jhiqui, Missandei... enquanto os olhava, Dany deu por si imaginando qual deles seria o próximo a traí-la.

*O dragão tem três cabeças. Há no mundo dois homens em que posso confiar, se conseguir encontrá-los. Então já não estarei só. Seremos três contra o mundo, como Aegon e as irmãs*.

– A noite foi tão calma como pareceu? – perguntou Dany.

– Parece que sim, Vossa Graça – disse Ben Mulato Plumm.

Ficou contente. Meereen havia sido saqueada de forma bárbara, como sempre acontecia às cidades recém-caídas, mas Dany estava determinada a que isso terminasse, agora que a cidade lhe pertencia. Decretara que os assassinos seriam enforcados, que os saqueadores perderiam uma mão e os violadores, os seus membros viris. Oito homicidas pendiam das muralhas, e os Imaculados tinham enchido um cesto de trinta e cinco litros com mãos ensanguentadas e vermes moles e vermelhos, mas Meereen estava de novo calma. *Por quanto tempo?*

Uma mosca zumbiu ao redor de sua cabeça. Dany enxotou-a, irritada, mas o inseto retornou quase imediatamente.

– Há moscas demais nesta cidade.

Ben Plumm soltou uma gargalhada.

– Havia moscas em minha cerveja hoje de manhã. Engoli uma.

– As moscas são a vingança dos mortos. – Daario sorriu e afagou o dente central de sua barba. – Os cadáveres geram vermes, e os vermes geram moscas.

– Então vamos nos livrar dos cadáveres. Começando por aqueles que estão lá embaixo na praça. Verme Cinzento, tratará disso?

– A rainha ordena, estes obedecem.

– É melhor levar tanto sacas como pás, Verme – aconselhou Ben Mulato. – Aqueles já estão bem para lá de maduros. Andam caindo daqueles postes aos pedaços e estão cheios de...

– Ele sabe. E eu também. – Dany recordou o horror que sentira quando vislumbrou a Praça da Punição em Astapor. *Criei um horror igualmente grande, mas é certo que o mereceram. Justiça dura ainda assim é justiça*.

– Vossa Graça – disse Missandei –, os ghiscari enterram os seus mortos de honra em criptas por baixo de suas mansões. Se fervesse os ossos e os devolvesse às famílias, seria uma bondade.

*As viúvas vão me amaldiçoar mesmo assim*.

– Que assim se faça. – Dany fez um sinal para Daario. – Quantos pretendem hoje uma audiência?

– Apresentaram-se dois para se aquecer sob o seu esplendor.

Daario tomou para si um guarda-roupa inteiramente novo durante o saque de Meereen, e para condizer com ele voltara a pintar a barba cortada em tridente e os cabelos encaracolados com um profundo e rico tom de púrpura. Aquela coloração fazia com que os olhos parecessem também quase púrpura, como se ele fosse algum valiriano perdido.

– Chegaram durante a noite no *Estrela Índigo*, uma galé mercante de Qarth.

*Um navio traficante de escravos, quer dizer*. Dany franziu a testa.

– Quem são?

– O mestre do *Estrela* e um homem que diz falar por Astapor.

– Receberei primeiro o enviado.

Este revelou-se um homem pálido com cara de furão e pesados cordões de pérolas e fio de ouro pendurados do pescoço.

– Vossa Reverência! – gritou. – Meu nome é Ghael. Trago saudações do Rei Cleon de Astapor, Cleon, o Grande, para a Mãe de Dragões.

Dany ficou rígida.

– Deixei um conselho governando Astapor. Um curandeiro, um erudito e um sacerdote.

– Vossa Reverência, esses patifes manhosos traíram a sua confiança. Revelou-se que estavam maquinando a devolução do poder aos Grandes Mestres e das correntes ao povo. O Grande Cleon expôs os seus planos e cortou suas cabeças com um cutelo, e o grato povo de Astapor coroou-o por seu valor.

– Nobre Ghael – disse Missandei, no dialeto de Astapor –, será este o mesmo Cleon que era propriedade de Grazdan mo Ullhor?

A voz dela era franca, mas ficou claro que a pergunta deixou o enviado ansioso.

– Ele mesmo – admitiu. – Um grande homem.

Missandei inclinou-se para Dany.

– Era carniceiro na cozinha de Grazdan – a garota segredou-lhe ao ouvido. – Dizia-se que conseguia matar um porco mais depressa do que qualquer outro homem em Astapor.

*Dei a Astapor um rei carniceiro*. Dany sentiu-se enojada, mas sabia que não podia deixar que o enviado percebesse isso.

– Rezarei para que o Rei Cleon governe bem e sabiamente. O que ele quer de mim?

Ghael esfregou a boca.

– Talvez devêssemos conversar com maior privacidade, Vossa Graça?

– Não tenho segredos para os meus capitães e comandantes.

– Como desejar. O Grande Cleon pede-me para declarar a sua devoção pela Mãe de Dragões. Seus inimigos são os inimigos dele, diz o Grande Cleon, e acima de todos encontram-se os Sábios Mestres de Yunkai. Propõe um pacto entre Astapor e Meereen, contra os yunkaitas.

– Jurei que nenhum mal aconteceria a Yunkai se libertassem os escravos – disse Dany.

– Esses cães yunkaitas não são dignos de confiança, Vossa Reverência. Neste exato momento conspiram contra a senhora. Foram feitos novos recrutas e podem ser vistas escavações fora das muralhas da cidade, estão sendo construídos navios de guerra, foram enviados emissários a Nova Ghis e Volantis, no ocidente, para forjar alianças e contratar mercenários. Até enviaram cavaleiros para Vaes Dothrak, a fim de fazer cair um *khalasar* sobre a senhora. Cleon, o Grande, pediu-me que lhe diga para não ter medo. Astapor tem memória. Astapor não a abandonará. A fim de demonstrar a sua lealdade, o Grande Cleon oferece-se para selar a aliança com um casamento.

– Um casamento? Comigo?

Ghael sorriu. Seus dentes eram marrons e podres.

– O Grande Cleon dará muitos filhos fortes à senhora.

Dany viu-se privada de palavras, mas a pequena Missandei veio em seu auxílio.

– A primeira esposa dele deu-lhe filhos?

O enviado olhou-a com descontentamento.

– O Grande Cleon teve três filhas de sua primeira esposa. Duas de suas esposas mais recentes esperam bebê. Mas ele pretende pô-las de lado se a Mãe de Dragões consentir em desposá-lo.

– Que nobre da parte dele – disse Dany. – Refletirei sobre tudo o que disse, senhor. – Ordenou que fossem arranjados aposentos para Ghael passar a noite, em algum lugar num dos andares inferiores da pirâmide.

*Todas as minhas vitórias se transformam em escórias em minhas mãos*, pensou. *Não importa o que faça, tudo que produzo é morte e horror*.

Quando a notícia do que tinha acontecido a Astapor chegasse às ruas, como certamente chegaria, dezenas de milhares de escravos meereeneses recém-libertados iriam sem dúvida decidir segui-la quando partisse para oeste, temendo o que os esperaria se ficassem... mas podia bem acontecer que o que os esperaria na marcha fosse pior. Mesmo se esvaziasse todos os celeiros da cidade e entregasse Meereen à fome, como conseguiria alimentar tanta gente? O caminho à sua frente está repleto de dificuldades, derramamento de sangue e perigos. Sor Jorah prevenira-a disso. Prevenira-a de tantas coisas... ele... *Não, não pensarei em Jorah Mormont*. *Que espere um pouco mais.*

– Receberei agora esse capitão mercador – anunciou. O homem talvez tivesse melhores novas.

Essa esperança revelou-se vã. O mestre do *Estrela Índigo* era qarteno, de modo que chorou copiosamente quando foi interrogado a respeito de Astapor.

– A cidade sangra. Mortos apodrecem nas ruas, por enterrar, cada pirâmide é um acampamento armado, e os mercados não têm nem comida nem escravos para vender. E as pobres crianças! Os matadores do Rei Cutelo capturaram todos os rapazes de nascimento elevado de Astapor para fazer novos Imaculados, a fim de vendê-los, embora ainda faltem anos até estarem treinados.

O que mais surpreendeu Dany foi até que ponto não se surpreendeu. Deu por si a recordar Eroeh, a garota lhazarena que um dia tentara proteger, e aquilo que tinha acontecido a ela. *Será igual em Meereen quando me puser em marcha*, pensou. Os escravos das arenas de luta, criados e treinados para o massacre, já estavam se revelando indisciplinados e conflituosos. Pareciam julgar que a cidade agora lhes pertencia, bem como todos os homens e as mulheres que nela viviam. Dois deles estavam entre os oito que tinha enforcado. *Nada mais posso fazer*, disse a si mesma.

– O que quer de mim, capitão?

– Escravos – disse ele. – Meus porões estão estourando de marfim, âmbar cinza, peles de zebralo e outros produtos de boa qualidade. Quero trocá-los aqui por escravos, para vender em Lys e em Volantis.

– Não temos escravos para vender – disse Dany.

– Minha rainha? – Daario deu um passo adiante. – A margem do rio está cheia de meereeneses, implorando licença para se venderem a este qarteno. São mais do que as moscas.

Dany estava chocada.

– Eles *querem* ser escravos?

– Aqueles que vieram são bem-educados e de bom nascimento, querida rainha. Escravos assim são estimados. Nas Cidades Livres serão tutores, escribas, escravos de cama, e até curandeiros e sacerdotes. Dormirão em camas macias, comerão alimentos ricos e viverão em mansões. Aqui perderam tudo e vivem no medo e na miséria.

– Estou vendo. – Talvez não fosse assim tão chocante, se as histórias de Astapor fossem verdadeiras. Dany refletiu por um momento. – Qualquer homem que deseje vender-se *a si próprio* para a escravatura pode fazê-lo. Ou qualquer mulher. – Ergueu uma mão. – Mas não podem vender os filhos, e um homem não pode vender a esposa.

– Em Astapor a cidade ficava com um décimo do preço, toda vez que um escravo trocava de mãos – disse-lhe Missandei.

– Nós faremos o mesmo – decidiu Dany. As guerras eram ganhas com espadas, mas também com ouro. – Um décimo. Em moedas de ouro ou prata, ou em marfim. Meereen não tem necessidade de açafrão, cravo ou peles de zebralo.

– Será conforme ordena, gloriosa rainha – disse Daario. – Meus Corvos de Pedra coletarão o seu dízimo.

Dany sabia que se os Corvos de Pedra supervisionassem a coleta, metade do ouro iria de algum modo se extraviar. Mas os Segundos Filhos eram igualmente maus, e os Imaculados eram tão incorruptíveis como iletrados.

– Terão de ser mantidos registros – disse. – Procurem entre os libertos homens que saibam ler, escrever e fazer somas.

Com os seus assuntos tratados, o capitão do *Estrela Índigo* fez uma reverência e retirou-se. Dany mexeu-se desconfortavelmente no banco de ébano. Receava aquilo que viria a seguir, mas sabia que já o adiara por tempo demais. Yunkai e Astapor, ameaças de guerra, propostas de casamento, a marcha para oeste pairando sobre tudo... *Preciso dos meus cavaleiros. Preciso de suas espadas, e preciso de seus conselhos*. Mas a ideia de voltar a ver Jorah Mormont deixou-a como se tivesse engolido

uma colherada de moscas; zangada, agitada, agoniada. Quase as sentia zumbindo em sua barriga. *Sou do sangue do dragão. Tenho de ser forte. Tenho de ter fogo nos olhos quando os enfrentar, não lágrimas.*

– Diga a Belwas para trazer os meus cavaleiros – ordenou Dany, antes de ter tempo de mudar de ideia. – Os meus bons cavaleiros.

Belwas, o Forte, bufava por causa da subida quando os conduziu pelas portas, com uma mão carnuda segurando um braço de cada homem. Sor Barristan caminhava com a cabeça bem erguida, mas Sor Jorah fitava o chão de mármore ao se aproximar. *Um traz orgulho, o outro, culpa*. O velho escanhoara a barba branca. Parecia dez anos mais novo sem ela. Mas seu urso meio calvo parecia mais velho do que antes. Pararam diante do banco. Belwas, o Forte, deu um passo para trás e cruzou os braços sobre o peito coberto de cicatrizes. Sor Jorah pigarreou.

– *Khaleesi...*

Sentira tanta saudade da voz dele, mas tinha de ser severa.

– Cale-se. Eu lhe direi quando falar. – Ficou em pé. – Quando os enviei para os esgotos, parte de mim esperava não voltar a vê-los. Morrer afogado na merda de feitores parecia um fim adequado para mentirosos. Pensei que os deuses fossem cuidar de vocês, mas em vez disso regressaram para mim. Meus galantes cavaleiros de Westeros, um informante e um vira-casaca. Meu irmão teria enforcado a ambos. – Pelo menos teria sido essa a atitude de Viserys. Não sabia o que Rhaegar faria. – Admito que me ajudaram a conquistar esta cidade...

A boca de Sor Jorah comprimiu-se.

– Fomos nós que conquistamos esta cidade. Nós, as ratazanas do esgoto.

– Cale-se – repetiu ela... embora *houvesse* verdade no que ele tinha dito.

Enquanto a Pica de Joso e os outros aríetes arremetiam contra os portões da cidade e os arqueiros disparavam nuvens de flechas incendiárias por sobre as muralhas, Dany enviara duzentos homens pelo rio na calada da escuridão, a fim de incendiar os cascos que havia no porto. Mas isso tinha servido apenas para esconder seu verdadeiro propósito. Enquanto os navios em chamas atraíam o olhar dos defensores nas muralhas, um punhado de nadadores semiloucos dirigiu-se à desembocadura dos esgotos e soltou uma enferrujada grade de ferro. Sor

Jorah, Sor Barristan, Belwas, o Forte, e vinte bravos tolos esgueiraram-se na água marrom e pelo túnel de tijolo acima, uma força mista de mercenários, Imaculados e libertos. Dany tinha dito para escolherem apenas homens sem família... e de preferência sem olfato.

Tinham tido tanta sorte quanto coragem. Passara-se uma volta de lua desde a última chuva forte, e a água nos esgotos só chegava às coxas. O oleado em que tinham enrolado os archotes manteve-os secos, e por isso tinham luz. Alguns dos libertos assustaram-se com as enormes ratazanas até que Belwas, o Forte, apanhou uma e a cortou em duas com uma dentada. Um homem foi morto por um grande lagarto pálido que se ergueu da água escura e o arrastou pela perna, mas da vez seguinte em que foram vistas ondulações, Sor Jorah matou a fera com sua lâmina. Seguiram algumas vezes caminhos errados, mas assim que encontraram a superfície, Belwas, o Forte, levou-os para a arena de luta mais próxima, onde surpreenderam alguns guardas e arrebentaram as correntes dos escravos. Uma hora mais tarde, metade dos escravos lutadores de Meereen tinha se revoltado.

– Você *ajudou* a conquistar esta cidade – repetiu com obstinação. – E serviu-me bem no passado. Sor Barristan salvou-me do Bastardo do Titã, e do Homem Pesaroso em Qarth. Sor Jorah salvou-me do envenenador em Vaes Dothrak e voltou a salvar-me dos companheiros de sangue de Drogo depois da morte do meu sol-e-estrelas. – Tantas pessoas queriam vê-la morta que às vezes perdia a conta. – E no entanto mentiu, enganou-me, traiu-me. – Virou-se para Sor Barristan. – O senhor protegeu o meu pai por muitos anos, lutou ao lado de meu irmão no Tridente, mas abandonou Viserys no exílio e dobrou o joelho ao Usurpador. Por quê? E fale a *verdade*.

– Há verdades que são difíceis de ouvir. Robert era... um bom cavaleiro... cavalheiresco, corajoso... poupou-me a vida, e a vida de muitos outros... o Príncipe Viserys era apenas um garoto, iam se passar muitos anos até estar preparado para governar, e... perdoe-me, minha rainha, mas pediu a verdade... até quando criança, Viserys parecia ser filho de seu pai de maneiras que Rhaegar nunca parecera.

– Filho de meu pai? – Dany franziu a testa. – O que isso quer dizer?

O velho cavaleiro não hesitou.

– Seu pai é conhecido em Westeros como “o Rei Louco”. Ninguém nunca lhe disse isso?

– Viserys disse. – *O Rei Louco*. – O *Usurpador* chamava-lhe assim, o Usurpador e seus cães. – *O Rei Louco*. – Era mentira.

– Para que pedir a verdade – disse Sor Barristan em voz baixa – se fecha os ouvidos a ela? – hesitou, mas depois prosseguiu. – Já tinha lhe dito que usei um nome falso para que os Lannister não soubessem que tinha me juntado à senhora. Isso foi menos de metade do motivo, Vossa Graça. A verdade é que queria observá-la durante algum tempo antes de lhe jurar a minha espada. Para me certificar de que não era...

– ... filha do meu pai? – se não era filha do pai, quem seria?

– ... louca – concluiu ele. – Mas não vejo na senhora a mácula.

– *A mácula?* – irritou-se Dany.

– Não sou um meistre para lhe citar história, Vossa Graça. Minha vida foram as espadas, não os livros. Mas qualquer criança sabe que os Targaryen sempre dançaram demasiado perto da loucura. Seu pai não foi o primeiro. O Rei Jaehaerys disse-me um dia que a loucura e a grandeza eram dois lados da mesma moeda. “Sempre que um novo Targaryen nasce”, disse ele, “os deuses atiram uma moeda ao ar e o mundo segura a respiração para ver de que lado cairá”.

*Jaehaerys. Este velho conheceu o meu avô*. A ideia obrigou-a a refletir. A maior parte daquilo que sabia de Westeros tinha vindo do irmão, e o resto de Sor Jorah. Sor Barristan devia ter esquecido mais do que os outros dois algum dia souberam. *Este homem pode falar-me daquilo que levou até mim.*

– Então sou uma moeda nas mãos de um deus qualquer, é isso o que está dizendo, sor?

– Não – respondeu Sor Barristan. – É a legítima herdeira de Westeros. Até o fim dos meus dias, permanecerei seu leal cavaleiro, se me achar digno de voltar a pegar numa espada. Se não, contento-me em servir Belwas, o Forte, como seu escudeiro.

– E se eu decidir que é digno apenas de ser o meu bobo? – perguntou Dany num tom de escárnio. – Ou talvez o meu cozinheiro?

– Ficaria honrado, Vossa Graça – disse Selmy com calma dignidade. – Sou capaz de assar maçãs e cozinhar carne tão bem quanto qualquer homem, e já assei muitos patos em fogueiras de acampamentos. Espero

que goste deles gordurosos, com a pele tostada e os ossos cheios de sangue.

Aquilo fez Dany sorrir.

– Teria de estar louca para comer comida como essa. Ben Plumm, venha entregar a Sor Barristan a sua espada.

Mas o Barba-Branca recusou-se a aceitá-la.

– Atirei a minha espada aos pés de Joffrey e desde então não toquei em nenhuma outra. Só das mãos de minha rainha voltarei a aceitar uma espada.

– Como quiser. – Dany tirou a espada do Ben Mulato e ofereceu-a com o cabo para a frente. O velho pegou-a com reverência. – Agora ajoelhe-se – disse-lhe ela – e juramente-a ao meu serviço.

Ele ajoelhou-se e pousou a lâmina diante de Dany enquanto proferia as palavras. Ela quase não as ouviu. *Este foi o mais fácil*, pensou. *O outro será pior*. Quando Sor Barristan terminou, virou-se para Jorah Mormont.

– E agora você, sor. Diga-me a verdade.

O pescoço do grande homem estava vermelho; se de ira ou de vergonha, Dany não sabia.

– Tentei dizer-lhe a verdade meia centena de vezes. Disse-lhe que Arstan era mais do que parecia ser. Preveni a senhora de que Xaro e Pyat Pree não eram de confiança. Preveni-a...

– Preveniu-me contra todos, menos contra você. – A insolência dele enfureceu-a. *Devia ser mais humilde. Devia suplicar o meu perdão*. – "Não confie em ninguém, a não ser em Jorah Mormont", disse... e durante todo esse tempo era uma criatura da Aranha!

– Não sou *criatura* de ninguém. Sim, recebi o ouro do eunuco. Soube de algumas coisas sem importância e escrevi algumas cartas, mas foi tudo...

– *Tudo?* Espiou-me e vendeu-me aos meus inimigos!

– Durante algum tempo. – Ele disse de má vontade. – Parei.

– Quando? Quando foi que parou?

– Enviei um relatório de Qarth, mas...

– De *Qarth*? – Dany esperara que tivesse parado muito antes. – O que foi que escreveu de Qarth? Que era agora um de meus homens, que não queria mais fazer parte das tramoias deles? – Sor Jorah não enfrentava o

olhar dela. – Quando Khal Drogo morreu, pediu-me para ir consigo para Yi Ti e para o Mar de Jade. Esse desejo era seu ou de Robert?

– Isso era para protegê-la – insistiu ele. – Para mantê-la longe deles. Eu sabia que cobras eles eram...

– Cobras? E o que é você, sor? – ocorreu-lhe algo indizível. – Contou-lhes que eu esperava o filho de Drogo...

– *Khaleesi*...

– Que nem pense em negá-lo, sor – disse em tom penetrante Sor Barristan. – Eu estava presente quando o eunuco contou isso ao conselho, e Robert decretou que Sua Graça e o seu filho tinham de morrer. Você foi a fonte, sor. Até se falou que poderia realizar o ato em troca de perdão.

– Mentira. – O rosto de Sor Jorah tornou-se sombrio. – Eu nunca... Daenerys, fui eu quem *impediu* que bebesse o vinho.

– Sim. E como foi que soube que o vinho estava envenenado?

– Eu... eu apenas suspeitava... a caravana tinha trazido uma carta de Varys, prevenindo-me de que haveria atentados. Ele a queria vigiada, é certo, mas não machucada. – Ajoelhou-se. – Se não lhes tivesse dito nada, alguém o teria feito. *Sabe* disso.

– O que eu sei é que me traiu. – Tocou a barriga, onde o filho Rhaego perecera. – O que sei é que um envenenador tentou matar o meu filho graças a você. É isso o que eu *sei*.

– Não... não. – Ele sacudiu a cabeça. – Eu nunca quis... perdoe-me. Tem de me perdoar.

– *Tenho?* – era tarde demais. *Ele devia ter começado por suplicar perdão*. Não podia perdoá-lo como tinha pretendido. Ela tinha arrastado o vendedor de vinhos preso ao cavalo até nada restar dele. Não mereceria o mesmo o homem que o trouxera? *Este é Jorah, o meu urso feroz, o braço direito que nunca me falhou. Estaria morta sem ele, mas*... – Não posso perdoá-lo – disse. – Não posso.

– Perdoou o velho...

– Ele mentiu para mim a respeito do nome. Você vendeu os meus segredos aos homens que mataram meu pai e roubaram o trono de meu irmão.

– Protegi-a. Lutei por você. Matei por você.

*Beijou-me*, pensou ela, *traiu-me*.

– Entrei nos esgotos como se fosse uma ratazana. Por você.

*Poderia ter sido uma bondade se lá tivesse morrido*. Dany nada disse. Nada havia a dizer.

– Daenerys – disse ele –, eu amei-a.

E aí estava. *Três traições conhecerá. Uma vez por sangue, uma vez por ouro e uma vez por amor.*

– Os deuses não fazem nada sem um objetivo, segundo dizem. Não morreu em batalha, portanto isso deve querer dizer que ainda tem uma utilidade qualquer para eles. Mas para mim, não. Não o quero perto de mim. Está banido, sor. Volte para junto dos seus chefes em Porto Real e receba o seu perdão, se puder. Ou vá para Astapor. O rei carniceiro irá sem dúvida precisar de cavaleiros.

– Não. – Ele estendeu a mão para ela. – Daenerys, por favor, escute-me...

Ela afastou a mão dele com um tapa.

– Nunca tenha a ousadia de voltar a tocar em mim ou proferir o meu nome. Tem até a alvorada para juntar as suas coisas e abandonar esta cidade. Se for encontrado em Meereen após o raiar do dia, ordenarei a Belwas, o Forte, que arranque sua cabeça. E farei isso. Acredite no que lhe digo. – Virou as costas para ele, fazendo rodopiar as saias. *Não suporto ver o seu rosto*. – Tirem este mentiroso da minha vista – ordenou. *Não posso chorar. Não posso. Se chorar, vou perdoá-lo*. Belwas, o Forte, pegou no braço de Sor Jorah e arrastou-o para fora da sala. Quando Dany deu um relance para trás, o cavaleiro caminhava como se estivesse bêbado, aos tropeções e lentamente. Afastou o olhar até ouvir o abrir e fechar das portas. Então afundou-se novamente no banco de ébano. *Então ele partiu. O meu pai e a minha mãe, os meus irmãos, Sor Willem Darry, Drogo, que era o meu sol-e-estrelas, o filho dele que morreu dentro de mim e agora Sor Jorah...*

– A rainha tem bom coração – ronronou Daario através de sua barba de um roxo profundo –, mas aquele homem é mais perigoso do que todos os Oznaks e Meros combinados num só. – As fortes mãos do mercenário acariciaram o cabo de suas armas idênticas, aquelas sensuais mulheres douradas. – Nem precisa dizer uma palavra, meu esplendor. Faça apenas o menor dos acenos, e o seu Daario trará à senhora a feia cabeça de Jorah.

– Deixe-o em paz. Os pratos da balança agora estão equilibrados. Deixe-o ir para casa. – Dany imaginou Jorah deslocando-se por entre velhos carvalhos nodosos e grandes pinheiros, passando por espinheiros em flor, pedras cinzentas barbadas de musgo e pequenos arroios correndo, gelados, por vertentes íngremes. Viu-o entrando num salão feito de enormes troncos de árvores, onde cães dormiam junto à lareira e o cheiro da carne e do hidromel pairava, pesado, no ar cheio de fumaça. – Por enquanto terminamos – disse aos seus capitães.

Foi com dificuldade que não subiu correndo as amplas escadas de mármore. Irri ajudou-a a despir o traje para audiências e a colocar vestes mais confortáveis; calções largos de lã, uma túnica solta de feltro, um colete pintado dothraki.

– Está tremendo, *khaleesi* – disse a garota ao ajoelhar-se para amarrar as sandálias de Dany.

– Tenho frio – mentiu Dany. – Traga-me o livro que eu estava lendo ontem à noite. – Desejava perder-se nas palavras, em outros tempos e outros lugares. O grosso volume encadernado em couro estava cheio de canções e histórias dos Sete Reinos. Histórias infantis, a bem da verdade; simples e fantasiosas demais para serem história verdadeira. Todos os heróis eram altos e bonitos, e podia-se identificar os traidores por seus olhos matreiros. Mas adorava-as mesmo assim. Na noite passada estivera lendo a história das três princesas na torre vermelha, trancadas pelo rei pelo crime de serem belas.

Quando a aia trouxe o livro, Dany não teve dificuldade em encontrar a página em que tinha parado, mas não valia a pena. Deu por si lendo a mesma passagem meia dúzia de vezes. *Sor Jorah deu-me este livro como presente de casamento, no dia em que desposei Khal Drogo. Mas Daario tem razão, não o devia ter banido. Devia tê-lo conservado ao meu lado, ou matado*. Representava o papel de rainha, mas às vezes sentia-se ainda como uma garotinha assustada. *Viserys andava sempre dizendo como eu era tola. Seria realmente louco?* Fechou o livro. Ainda podia chamar Sor Jorah, se quisesse. Ou mandar Daario matá-lo.

Dany fugiu da decisão para o terraço. Foi dar com Rhaegal adormecido junto à piscina, um novelo verde e brônzeo tostando ao sol. Drogon estava empoleirado no topo da pirâmide, no local onde a enorme harpia de bronze tinha estado antes de ela ordenar que fosse derrubada. Abriu as

asas e rugiu quando a viu. Não se via sinal de Viserion, mas quando se dirigiu ao parapeito e perscrutou o horizonte, viu asas pálidas a distância, pairando sobre o rio. *Está caçando. Tornam-se mais ousados a cada dia que passa*. Mas ainda ficava ansiosa quando voavam até muito longe. *Um dia, um deles pode não voltar*, pensou.

– Vossa Graça?

Virou-se para deparar com Sor Barristan atrás de si.

– O que mais quer de mim, sor? Poupei-o, aceitei-o ao meu serviço, dê-me agora alguma paz.

– Perdoe-me, Vossa Graça. É que... agora que sabe quem eu sou... – O velho hesitou. – Um cavaleiro da Guarda Real está na presença do rei dia e noite. Por esse motivo, nossos votos exigem que protejamos seus segredos tal como protegeríamos sua vida. Mas os segredos de seu pai são agora por direito seus, bem como seu trono, e... pensei que talvez tivesse questões a me fazer.

*Questões?* Tinha uma centena de questões, um milhar, dez milhares. Por que não conseguia se lembrar de nenhuma?

– Meu pai era realmente louco? – perguntou antes de conseguir evitar. *Por que é que eu perguntei isso?* – Viserys dizia que essa conversa de loucura era uma manobra do Usurpador...

– Viserys era uma criança, e a rainha protegeu-o o máximo que pôde. Agora creio que o seu pai sempre teve em si um pouco de loucura. Mas era também encantador e generoso, de modo que suas pequenas falhas eram esquecidas. Seu reinado começou tão promissor... mas à medida que os anos iam passando, as falhas tornaram-se mais frequentes, até que...

Dany fê-lo parar.

– Será que eu quero ouvir isso agora?

Sor Barristan refletiu por um momento.

– Talvez não. Agora não.

– Agora não – concordou. – Um dia. Um dia deve me contar tudo. As coisas boas e ruins. Há *algo* de bom a ser contado a respeito de meu pai, certamente?

– Há, Vossa Graça. A respeito dele, e a respeito dos que vieram antes dele. Seu avô Jaehaerys e o irmão, o pai deles, Aegon, a sua mãe... e Rhaegar. Acima de tudo a respeito dele.

– Gostaria de ter podido conhecê-lo. – Sua voz estava melancólica.

– Gostaria que ele pudesse tê-la conhecido – disse o velho cavaleiro. – Quando estiver pronta, contarei tudo.

Dany deu um beijo no rosto de Sor Barristan e mandou-o embora.

Naquela noite, as aias trouxeram-lhe carneiro, com uma salada de passas e cenouras embebidas em vinho e um pão quente e farelento que pingava de mel. Não conseguiu comer nem uma migalha. *Terá Rhaegar alguma vez se sentido tão exausto?*, perguntou a si mesma. *Ou Aegon, após a sua conquista?*

Mais tarde, quando chegou o momento de dormir, Dany levou Irri consigo para a cama, pela primeira vez desde o navio. Mas mesmo enquanto estremecia de prazer e enredava os dedos nos espessos cabelos negros da aia, fazia de conta que era Drogo que tinha nos braços... porém, de algum modo, seu rosto não parava de se transformar no de Daario. *Se desejar Daario, só tenho de dizer*. Ficou deitada com as pernas de Irri entrelaçadas nas suas. *Os olhos dele pareciam quase púrpura, hoje...*

Os sonhos de Dany foram sombrios naquela noite, e ela acordou três vezes, por conta de pesadelos ainda meio frescos na memória. Na terceira vez estava muito inquieta para voltar a dormir. O luar se infiltrava pelas janelas oblíquas, cobrindo o piso de mármore de prateado. Uma brisa fresca soprava pelas portas abertas do terraço. Irri dormia sonoramente a seu lado, com os lábios levemente entreabertos, um mamilo surgindo por sobre as sedas de dormir. Por um momento, Dany sentiu-se tentada, mas era Drogo que queria, ou talvez Daario. Não Irri. A aia era doce e habilidosa, mas seus beijos tinham gosto de dever.

Levantou-se, deixando Irri adormecida ao luar. Jhiqui e Missandei estavam dormindo em suas camas. Dany enfiou-se numa túnica e atravessou descalça o chão de mármore, dirigindo-se ao terraço. O ar estava gelado, mas gostou da sensação da relva entre os dedos dos pés e do som das folhas sussurrando umas para as outras. Ondulações provocadas pelo vento perseguiam-se pela superfície da pequena piscina para banhos e faziam o reflexo da lua dançar e tremeluzir.

Encostou-se a um parapeito baixo de tijolo a fim de olhar para baixo, para a cidade. Meereen também dormia. *Perdida em sonhos sobre dias melhores, talvez*. A noite cobria as ruas como uma manta negra, escondendo os cadáveres e as ratazanas cinzentas que saíam dos esgotos

para se banquetearem com eles, os enxames de moscas que picavam. Tochas distantes cintilavam, vermelhas e amarelas, no local onde as sentinelas faziam suas rondas, e aqui e ali viu o tênue clarão de lanternas oscilando ao longo de uma viela. Talvez uma delas fosse Sor Jorah, levando lentamente o cavalo pela arreata na direção do portão. *Adeus, velho urso. Adeus, traidor.*

Ela era Daenerys Filha da Tormenta, a Não Queimada, *khaleesi* e rainha, Mãe de Dragões, matadora de feiticeiros, quebradora de correntes, e não havia ninguém neste mundo em quem pudesse confiar.

– Vossa Graça? – Missandei estava a seu lado, enrolada num roupão, com sandálias de lã nos pés. – Acordei e vi que tinha saído. Dormiu bem? Para onde está olhando?

– Para a minha cidade – disse Dany. – Estava à procura de uma casa com uma porta vermelha, mas à noite todas as portas são negras.

– Uma porta vermelha? – Missandei estava confusa. – Que casa é essa?

– Não é casa nenhuma. Não importa. – Dany pegou na mão da garota mais nova. – Nunca minta para mim, Missandei. Nunca me traia.

– Nunca o farei – prometeu Missandei. – Veja, a alvorada chega.

O céu tinha se tornado azul-cobalto do horizonte ao zênite, e por trás da linha de colinas baixas, a leste, via-se um clarão, de ouro pálido e cor de ostra. Dany ficou vendo o sol subir ao céu, de mãos dadas com Missandei. Todos os tijolos cinza se tornaram vermelhos, amarelos, azuis, verdes e laranja. As areias escarlate das arenas de luta transformaram-se em chagas sangrando perante seus olhos. Em outro local, a cúpula dourada do Templo das Graças refulgia brilhantemente, e estrelas de bronze tremeluziam ao longo das muralhas nos locais onde a luz do sol nascente tocava os espigões dos capacetes dos Imaculados. No terraço, um punhado de moscas agitou-se indolentemente. Uma ave pôs-se a gorjear no caquizeiro, logo seguida por mais duas. Dany inclinou a cabeça para escutar sua canção, mas não demorou muito até que os ruídos da cidade que acordava a submergissem.

*Os ruídos da minha cidade*.

Naquela manhã convocou seus capitães e comandantes para o jardim, em vez de descer à sala de audiências.

– Aegon, o Conquistador, trouxe fogo e sangue a Westeros, mas depois deu-lhe paz, prosperidade e justiça. Mas tudo que eu trouxe à Baía dos

Escravos foi morte e ruína. Fui mais *khal* do que rainha, esmagando e saqueando, e depois seguindo viagem.

– Não há nada por que valha a pena ficar – disse Ben Mulato Plumm.

– Vossa Graça, os senhores de escravos fizeram a perdição cair sobre si mesmos – disse Daario Naharis.

– Trouxe também a liberdade – fez notar Missandei.

– Liberdade para passar fome? – perguntou Dany em tom cortante. – Liberdade para morrer? Serei eu um dragão ou uma harpia? – *Serei louca? Terei a mácula?*

– Um dragão – disse Sor Barristan num tom que não admitia dúvida. – Meereen não é Westeros, Vossa Graça.

– Mas como serei eu capaz de governar sete reinos, se não conseguir governar uma única cidade? – ele não tinha resposta para aquela pergunta. Dany deu as costas a eles para voltar a olhar a cidade. – Meus filhos precisam de tempo para curar as feridas e aprender. Meus dragões precisam de tempo para crescer e testar as suas asas. E eu preciso das mesmas coisas. Não permitirei que esta cidade siga o caminho de Astapor. Não permitirei que a harpia de Yunkai volte a acorrentar aqueles que eu libertei. – Virou-se novamente para olhar o rosto deles. – Não me porei em marcha.

– Então o que fará, *khaleesi?* – perguntou Rakharo.

– Ficarei – disse ela. – Governarei. E serei uma rainha.

# JAIME

O rei estava sentado à cabeceira da mesa, com uma pilha de almofadas debaixo do traseiro, assinando cada documento que lhe era apresentado.

– Só mais alguns, Vossa Graça – garantiu-lhe Sor Kevan Lannister. – Este é um decreto de confisco contra Lorde Edmure Tully, despojando-o de Correrrio e de todas as suas terras e rendimentos, por rebelião contra o seu legítimo rei. Este é um decreto semelhante, contra o tio, Sor Brynden Tully, o Peixe Negro. – Tommen assinou-os um após o outro, mergulhando cuidadosamente a pena na tinta e escrevendo o seu nome numa letra grande e infantil.

Jaime observava do fundo da mesa, pensando em todos aqueles senhores que aspiravam a um lugar no pequeno conselho do rei. *Podem ficar com a porcaria do meu.* Se aquilo era o poder, por que teria sabor de tédio? Não se sentia particularmente poderoso vendo Tommen mergulhar de novo a pena no tinteiro. Sentia-se entediado.

*E dolorido*. Cada músculo de seu corpo doía, e as costelas e os ombros estavam cheios de hematomas, das pancadas que tinham levado, cortesia de Sor Addam Marbrand. Estremecia só de pensar nisso. Só podia ter esperança de que o homem mantivesse a boca fechada. Jaime conhecia Marbrand desde que este era rapaz, quando serviu como pajem em Rochedo Casterly; confiava mais nele do que em qualquer outro. O suficiente para lhe pedir para pegar em escudos e espadas de torneio. Queria saber se seria capaz de lutar com a mão esquerda.

*E agora sei*. O conhecimento era mais doloroso do que a surra que Sor Addam lhe dera, e a surra fora tão bem dada que quase não tinha conseguido se vestir naquela manhã. Se tivessem lutado a sério, Jaime teria morrido duas dúzias de mortes. Trocar de mão parecia tão simples. Não era. Todos os seus instintos estavam errados. Tinha de *pensar* sobre tudo, quando antes bastava se mover. E enquanto estava pensando, Marbrand batia nele. A mão esquerda nem sequer parecia capaz de

*segurar* uma espada longa da maneira certa; Sor Addam desarmara-o três vezes, fazendo sua arma rodopiar pelo ar.

– Este concede as ditas terras, rendimentos e castelo a Sor Emmon Frey e à senhora sua esposa, a Senhora Genna. – Sor Kevan apresentou ao rei outro maço de pergaminhos. Tommen mergulhou a pena no tinteiro e assinou. – Isto é um decreto de legitimação para um filho ilegítimo de Lorde Roose Bolton, do Forte do Pavor. E este nomeia Lorde Bolton como o seu Protetor do Norte. – Tommen punha tinta na pena e assinava, punha tinta na pena e assinava. – Este atribui a Sor Rolph Spicer direitos sobre o castelo de Castamere e eleva-o à categoria de lorde. – Tommen rabiscou seu nome.

*Devia ter procurado Sor Ilyn Payne*, refletiu Jaime. O Magistrado do Rei não era um amigo como Marbrand, e teria sido bem capaz de espancá-lo até tirar sangue... mas sem língua, não era provável que se vangloriasse disso depois. Não seria preciso mais do que um comentário casual de Sor Addam enquanto bebia, e o mundo inteiro logo saberia como ele se tornara inútil. Senhor Comandante da Guarda Real. Isso era uma piada cruel... embora não tanto quanto o presente que o pai tinha lhe enviado.

– Este é o seu real perdão para Lorde Gawen Westerling, a senhora sua esposa e a filha Jeyne, aceitando-os de volta à paz do rei – disse Sor Kevan. – Isto é um perdão para Lorde Jonos Bracken de Barreira de Pedra. Este é para Lorde Vance. Este é para Lorde Goodbrook. Este para Lorde Mooton, de Lagoa da Donzela.

Jaime pôs-se em pé.

– Parece ter esses assuntos bem controlados, tio. Deixarei Sua Graça com o senhor.

– Como quiser. – Sor Kevan também se levantou. – Jaime, devia ir encontrar o seu pai. Essa discórdia entre vocês...

– ... é obra dele. E não irá remediá-la enviando-me presentes debochados. Diga-lhe isso, se conseguir descolá-lo dos Tyrell durante tempo suficiente.

O tio fez uma expressão angustiada.

– O presente foi sincero. Achamos que poderia encorajá-lo...

– ... a fazer crescer uma mão nova? – Jaime virou-se para Tommen. Embora tivesse os caracóis dourados e os olhos verdes de Joffrey, o novo

rei pouco mais tinha em comum com o seu falecido irmão. Tinha tendência a engordar, seu rosto era rosado e redondo, e até gostava de ler. *Ainda não tem nove anos, este meu filho. O garoto não é o homem*. Passariam sete anos até que Tommen governasse de seu pleno direito. Até lá, o reino permaneceria firmemente nas mãos do senhor seu avô. – Senhor – perguntou –, tenho a sua autorização para sair?

– Como quiser, sor tio. – Tommen voltou a olhar para Sor Kevan. – Posso selá-los agora, tio-avô? – pressionar o selo real contra a cera quente era a parte de ser rei que preferia até agora.

Jaime saiu a passos largos da sala do conselho. Do lado de fora, à porta, foi encontrar Sor Meryn Trant, rígido e de guarda, em sua armadura de escamas brancas e manto alvo como a neve. *Se este aí ficar sabendo como eu sou fraco, ou o Kettleblack ou o Blount ouvirem alguma coisa sobre isso...*

– Fique aqui até Sua Graça acabar – disse – e depois escolte-o de volta a Maegor.

Trant inclinou a cabeça.

– Às ordens, senhor.

Naquela manhã, o pátio exterior estava cheio de gente e ruídos. Jaime dirigiu-se aos estábulos, onde um grande grupo de homens selava os cavalos.

– Pernas-de-Aço! – chamou. – Vai embora?

– Assim que a senhora estiver montada – disse o Pernas-de-Aço Walton. – O senhor de Bolton espera-nos. Aí está ela.

Um palafreneiro conduzia uma bela égua cinza através da porta do estábulo. No dorso do animal vinha montada uma garota magricela de olhos encovados, envolta num manto pesado. Era cinza, tal como o vestido que usava por baixo, e debruado de cetim branco. O broche que o prendia ao peito era trabalhado na forma de uma cabeça de lobo com olhos fendidos de opala. Os longos cabelos castanhos da garota eram violentamente soprados pelo vento. Achou que ela tinha um rosto bonito, mas os olhos eram tristes e cautelosos.

Quando o viu, inclinou a cabeça.

– Sor Jaime – disse, numa voz fina e ansiosa. – Foi gentil em vir se despedir de mim.

Jaime estudou-a de perto.

– Ah, então me conhece?

Ela mordeu o lábio.

– Talvez não se recorde, senhor, pois eu era pequena naquela altura... mas tive a honra de conhecê-lo em Winterfell quando o Rei Robert veio visitar meu pai, Lorde Eddard. – Baixou seus grandes olhos castanhos e murmurou: – Sou Arya Stark.

Jaime nunca tinha prestado muita atenção em Arya Stark, mas parecia-lhe que aquela garota era mais velha.

– Segundo ouvi dizer, você irá se casar.

– Deverei me casar com o filho de Lorde Bolton, Ramsay. Ele era um Snow, mas Sua Graça fez dele um Bolton. Dizem que é muito corajoso. Estou muito feliz.

*Então por que é que parece tão assustada?*

– Desejo-lhe felicidades, senhora. – Jaime virou-se de volta para Pernas-de-Aço. – Tem o dinheiro que lhe foi prometido?

– Sim, e distribuímo-lo. Tem os meus agradecimentos. – O nortenho sorriu. – Um Lannister sempre paga as suas dívidas.

– Sempre – disse Jaime, lançando um último relance à menina. Perguntou a si mesmo se haveria muitas semelhanças. Não que isso importasse. A verdadeira Arya Stark estava, com toda a probabilidade, enterrada em alguma sepultura anônima na Baixada das Pulgas. Com os irmãos mortos, bem como ambos os pais, quem se atreveria a chamar aquela garota de fraude? – Boa viagem – disse a Pernas-de-Aço. Nage ergueu a sua bandeira de paz, e os nortenhos formaram uma coluna tão cheia de buracos quanto seus mantos de peles e trotaram através do portão do castelo. A menina magra montada na égua cinza parecia pequena e desamparada no meio deles.

Alguns dos cavalos ainda recuavam perante a mancha escura no chão de terra batida, no local onde a terra tinha bebido o sangue vital do cavalariço que Gregor Clegane matara tão desajeitadamente. Aquela visão deixou Jaime furioso de novo. Tinha dito à Guarda Real para manter a multidão afastada, mas aquele palerma do Sor Boros se distraiu com o duelo. O idiota do rapaz partilhava parte da culpa, com certeza; e o dornês morto também. E acima de todos Clegane. O golpe que cortou o braço do rapaz tinha sido um infortúnio, mas aquele segundo golpe...

*Bem, Gregor está pagando por ele agora*. O Grande Meistre Pycelle andava tratando os ferimentos do homem, mas os uivos que ressoavam nos aposentos do meistre sugeriam que a cura não estava correndo tão bem como poderia.

– A carne gangrena e as feridas soltam pus – disse Pycelle ao conselho. – Nem mesmo as larvas querem tocar naquela imundície. Suas convulsões são tão violentas que tive de amordaçá-lo para evitar que cortasse a língua com os dentes. Removi o máximo de tecido que me atrevi a cortar e tratei a putrefação com vinho fervente e bolor de pão, mas sem resultado. As veias de seu braço estão se tornando negras. Quando o sangrei, todas as sanguessugas morreram. Senhores, tenho de saber qual foi a maligna substância que o Príncipe Oberyn usou na lança. Detenhamos os outros dorneses até se tornarem mais cooperativos.

Lorde Tywin havia recusado.

– Já haverá problemas suficientes com Lançassolar por causa da morte do Príncipe Oberyn. Não pretendo tornar as coisas piores prendendo seus companheiros.

– Então temo que Sor Gregor possa morrer.

– Sem dúvida que sim. Jurei que morreria na carta que enviei ao Príncipe Doran com o corpo do irmão. Mas tem de ser visto que foi a espada do Magistrado do Rei que o matou, e não uma lança envenenada. Cure-o.

O Grande Meistre Pycelle pestanejou, desalentado.

– Senhor...

– *Cure-o* – voltou a dizer Lorde Tywin, enfadado. – Vocês estão cientes de que Lorde Varys mandou pescadores para as águas que rodeiam Pedra do Dragão. Eles relatam que só resta uma força simbólica para defender a ilha. Os lisenos desapareceram da baía, e a maior parte das forças de Lorde Stannis desapareceu junto.

– Boas e melhores novas – anunciou Pycelle. – Que Stannis apodreça em Lys, digo eu. Estamos livres do homem e de suas ambições.

– Transformou-se num completo idiota quando Tyrion cortou sua barba? Estamos falando de *Stannis Baratheon*. O homem lutará até o fim, e mesmo depois. Se desapareceu, isso só pode querer dizer que pretende retomar a guerra. O mais provável é que desembarque em Ponta Tempestade e tente inflamar os senhores da tempestade. Se assim for,

está acabado. Mas um homem mais ousado poderia jogar os dados com Dorne. Se ele conquistasse Lançassolar para a sua causa, poderia prolongar esta guerra durante anos. Portanto, *não iremos* ofender os Martell mais ainda, *seja por que motivo for*. Os dorneses são livres para partir, e você *irá* curar Sor Gregor.

E assim a Montanha gritava, noite e dia. Lorde Tywin Lannister conseguia intimidar até o Estranho, aparentemente.

Enquanto Jaime subia os degraus em espiral da Torre da Espada Branca, ouvia Sor Boros roncando em sua cela. A porta de Sor Balon também estava fechada; tinha ficado com o rei naquela noite e dormiria o dia inteiro. À parte os roncos de Blount, a torre estava muito silenciosa. Isso convinha bastante a Jaime. *Eu devia descansar*. Na noite anterior, depois de sua dança com Sor Addam, sentira-se dolorido demais para dormir.

Mas quando entrou no quarto, encontrou a irmã à sua espera.

Ela estava junto da janela aberta, olhando para lá das muralhas exteriores, para o mar. O vento da baía rodopiava à sua volta, encostando o vestido ao corpo dela de um modo que acelerou o pulso de Jaime. Era branco, aquele vestido, como os reposteiros que pendiam da parede e os cortinados da cama. Voltas de minúsculas esmeraldas alegravam as pontas de suas largas mangas e espiralavam pelo corpete abaixo. Esmeraldas maiores estavam embutidas na teia dourada que prendia seus cabelos dourados. O vestido tinha um corte baixo, desnudando-lhe os ombros e a parte de cima dos seios. *Ela é tão bela*. Nada mais desejava exceto tomá-la nos braços.

– Cersei. – Fechou a porta sem fazer barulho. – Por que está aqui?

– Para onde mais poderia ir? – quando se virou para ele, havia lágrimas em seus olhos. – O pai deixou claro que já não sou desejada no conselho. Jaime, não pode falar com ele?

Jaime tirou o manto e pendurou-o num gancho na parede.

– Falo todos os dias com Lorde Tywin.

– Você *tem* de ser assim tão teimoso? Tudo que ele quer...

– ... é forçar-me a sair da Guarda Real e mandar-me de volta para Rochedo Casterly.

– Isso não pode ser assim tão terrível. Ele também vai me mandar de volta para Rochedo Casterly. Quer que eu esteja longe, para que possa ter

a mão livre com Tommen. Tommen é *meu* filho, não dele!

– Tommen é o rei.

– Ele é um garoto! Um garotinho assustado que viu o irmão ser *assassinado* no próprio casamento. E agora dizem-lhe que precisa se casar. A garota tem o dobro da idade dele e é duas vezes viúva!

Jaime deixou-se cair numa cadeira, tentando ignorar a dor dos músculos machucados.

– Os Tyrell são insistentes. Não vejo mal nisso. Tommen tem se sentido sozinho desde que Myrcella foi para Dorne. Ele gosta de ter Margaery e suas senhoras por perto. Que se casem.

– Ele é seu filho...

– Ele é da minha semente. Nunca me chamou de pai. Assim como Joffrey. Você avisou-me mil vezes para nunca mostrar interesse indevido por eles.

– Para mantê-los a salvo! E você também. O que pareceria se o meu irmão se fizesse de pai com os filhos do rei? Até Robert poderia ter começado a desconfiar.

– Bem, ele agora já está para lá da desconfiança. – A morte de Robert ainda deixava um sabor amargo na boca de Jaime. *Devia ter sido eu a matá-lo, e não Cersei*. – Só desejaria que ele tivesse morrido pelas minhas mãos. – *Quando eu ainda tinha duas*. – Se tivesse deixado o regicídio tornar-se um hábito, como ele gostava de dizer, poderia tê-la tomado como esposa para o mundo inteiro ver. Não me envergonho de amá-la, apenas das coisas que fiz para esconder isso. Aquele garoto em Winterfell...

– Eu mandei você atirá-lo da janela? Se tivesse ido caçar como supliquei, nada teria acontecido. Mas não, tinha de me possuir, não podia esperar até voltarmos à cidade.

– Já tinha esperado tempo suficiente. Odiava ver Robert entrando aos tropeções em sua cama todas as noites, sempre sem saber se naquela noite decidiria reivindicar os seus direitos de marido. – Jaime lembrou-se de repente de outra coisa que o perturbava com relação a Winterfell. – Em Correrrio, Catelyn Stark parecia convencida de que eu tinha mandado um salteador qualquer cortar a garganta do filho. Que eu lhe tinha dado um punhal.

– Isso – disse ela em tom de escárnio. – Tyrion perguntou-me sobre isso.

– *Houve* um punhal. As cicatrizes nas mãos da Senhora Catelyn eram bem reais, ela mostrou-me. Você...?

– Ah, não diga besteiras. – Cersei fechou a janela. – Sim, tive esperança de que o garoto morresse. E você também. Até *Robert* pensou que teria sido melhor assim. "Matamos os cavalos quando quebram uma perna, e os cães quando ficam cegos, mas somos fracos demais para mostrar a mesma misericórdia por crianças aleijadas", disse-me ele. Ele mesmo estava cego nesse momento, da bebida.

*Robert*? Jaime protegera o rei durante tempo suficiente para saber que Robert Baratheon dizia coisas quando estava de porre que negaria furiosamente no dia seguinte.

– Alguém estava presente quando Robert disse isso?

– Espero que não ache que ele disse isso a Ned Stark. Claro que estávamos a sós. Nós e as crianças. – Cersei tirou a rede para cabelos e enrolou-a numa das colunas da cama, após o que sacudiu seus caracóis dourados. – Talvez tenha sido Myrcella quem enviou esse homem com o punhal, parece-lhe que é possível?

Aquilo tinha a intenção de ser uma zombaria, mas Jaime compreendeu de imediato que ela acertara em cheio no cerne da questão.

– Myrcella, não. Joffrey.

Cersei franziu a testa.

– Joffrey não simpatizava com Robb Stark, mas o rapaz mais novo não lhe dizia nada. Ele próprio não passava de uma criança.

– Uma criança ansiosa por uma palmadinha na cabeça dada por esse bêbado que permitiu que ele acreditasse ser seu pai. – Teve uma ideia desconfortável. – Tyrion quase morreu por causa daquele maldito punhal. Se soubesse que tudo havia sido obra de Joffrey, podia ser esse o motivo...

– Não me interessa o *motivo* – disse Cersei. – Ele pode levar seus motivos consigo para o inferno. Se tivesse visto como Joff morreu... ele *lutou*, Jaime, ele lutou por cada golfada de ar, mas era como se algum espírito maligno tivesse as mãos em volta de sua garganta. Tinha um terror tão grande nos olhos... Quando era pequeno, corria para mim quando estava assustado ou magoado, e eu protegia-o. Mas naquela noite

não houve nada que eu pudesse fazer. Tyrion assassinou-o na minha frente, e *não houve nada que eu pudesse fazer*. – Cersei ajoelhou-se diante da cadeira de Jaime e tomou a sua mão boa entre as dela. – Joff está morto e Myrcella em Dorne. Tommen é tudo que me resta. Não pode deixar que o pai o afaste de mim. Jaime, por favor.

– Lorde Tywin não pediu a minha aprovação. Posso falar com ele, mas não me escutará...

– Escutará, se concordar em abandonar a Guarda Real.

– Não vou abandonar a Guarda Real.

A irmã tentou reprimir as lágrimas.

– Jaime, você é o meu reluzente cavaleiro. Não pode me abandonar quando mais preciso de você! Ele está roubando meu filho, mandando-me embora... e a menos que o impeça, o pai vai me forçar a casar de novo!

Jaime não devia ter ficado surpreso, mas ficou. As palavras foram um golpe no estômago mais forte do que qualquer um dos que Sor Addam Marbrand lhe dera.

– Com quem?

– E isso importa? Um lorde ou outro qualquer. Alguém de que o pai pense que precisa. Não me interessa. Não aceitarei outro marido. É o único homem que eu quero na minha cama, para sempre.

– Então *diga-lhe* isso!

Ela afastou as mãos.

– Está outra vez dizendo loucuras. Quer nos ver afastados, como a mãe fez daquela vez que nos pegou brincando? Tommen perderia o trono e Myrcella, o seu casamento... eu *quero* ser sua esposa, pertencemos um ao outro, mas isso nunca poderá acontecer, Jaime. Somos irmão e irmã.

– Os Targaryen...

– *Nós não somos os Targaryen*!

– Calminha – disse ele em tom zombeteiro. – Assim tão alto vai acordar os meus Irmãos Juramentados. Não pode ser, certo? As pessoas poderiam ficar sabendo que veio me visitar.

– Jaime – soluçou ela –, acha que *eu* não desejo isso tanto quanto você? Não importa o homem com quem me casarem, quero você ao meu lado, quero você em minha cama, quero você dentro de mim. Nada mudou

entre nós. Deixe-me provar. – Ela puxou a túnica dele para cima e começou a remexer nos cordões de seus calções.

Jaime deu por si a responder.

– Não – disse –, aqui, não. – Nunca tinham feito aquilo na Torre da Espada Branca, e muito menos nos aposentos do Senhor Comandante. – Cersei, este não é o local adequado.

– Tomou-me no septo. Aqui não é diferente. – Tirou seu pau para fora e inclinou a cabeça por cima dele.

Jaime empurrou-a com o coto da mão direita.

– *Não*. Aqui não, já disse. – Forçou-se a levantar-se.

Por um instante viu confusão nos brilhantes olhos verdes de Cersei, e também medo. Então a raiva substituiu-os. Ela recompôs-se, pôs-se em pé, alisou as saias.

– Foi a mão que lhe cortaram em Harrenhal, ou a virilidade? – quando sacudiu a cabeça, seus cabelos caíram em volta dos alvos ombros nus. – Fui uma tola por vir. Você não teve coragem para vingar Joffrey, por que devia pensar que protegeria Tommen? Diga-me, se o Duende tivesse matado todos os seus três filhos, teria *isso* o irritado?

– Tyrion não vai fazer mal a Tommen ou Myrcella. Ainda não tenho certeza de que matou Joffrey.

A boca dela torceu-se de fúria.

– Como pode *dizer* isso? Depois de todas as ameaças dele...

– Ameaças não querem dizer nada. Ele jura que não o fez.

– Oh, ele *jura*, então é isso? E os anões não mentem, é isso o que pensa?

– A mim, não. Assim como você.

– Seu grande idiota dourado. Ele mentiu para você mil vezes, e eu também. – Voltou a prender os cabelos e tirou a rede para cabelos da coluna da cama onde a pendurara. – Pense o que quiser. O monstrinho está numa cela negra, e em breve Sor Ilyn cortará sua cabeça. Talvez queira ficar com ela como recordação. – Lançou um relance à almofada. – Ele pode vigiá-lo enquanto você dorme sozinho naquela cama branca e fria. Até que os olhos apodreçam, pelo menos.

– É melhor ir embora, Cersei. Está me deixando bravo.

– Oh, um aleijado bravo. Que coisa assustadora. – Soltou uma gargalhada. – Pena que Lorde Tywin Lannister nunca tenha tido um filho.

Eu poderia ter sido o herdeiro que ele queria, mas faltava-me o pau. E, a propósito, é melhor enfiar o seu para dentro, irmão. Tem um ar bastante tristonho e pequenino, assim pendurado nos calções.

Depois de ela ir embora, Jaime aceitou o seu conselho, lutando contra os cordões com uma só mão. Sentia uma dor fantasma nos dedos que lhe chegava aos ossos. *Perdi uma mão, um pai, um filho, uma irmã e uma amante, e em breve perderei um irmão. E no entanto não param de me dizer que a Casa Lannister ganhou esta guerra.*

Jaime envergou o manto e desceu, indo encontrar Sor Boros Blount bebendo uma taça de vinho na sala comum.

– Quando terminar a bebida, diga a Sor Loras que estou pronto para recebê-la.

Sor Boros era covarde demais para fazer muito mais do que uma carranca.

– Está pronto para receber quem?

– Limite-se a dizer isso a Loras.

– Sim. – Sor Boros esvaziou a taça. – Sim, Senhor Comandante.

Levou o seu tempo cuidando do assunto, porém, ou então foi o Cavaleiro das Flores que se mostrou difícil de achar. Tinham-se passado várias horas quando chegaram, o magro e belo jovem e a grande donzela feia. Jaime estava sentado sozinho na sala redonda, folheando ociosamente o Livro Branco.

– Senhor Comandante – disse Sor Loras –, desejava receber a Donzela de Tarth?

– Sim. – Jaime fez-lhes um gesto com a mão esquerda para que se aproximassem. – Falou com ela, suponho?

– Conforme ordenou, senhor.

– E?

O rapaz ficou tenso.

– Eu... as coisas podem ter acontecido como ela diz, sor. Talvez tenha sido Stannis. Não posso ter certeza.

– Varys diz que o castelão de Ponta Tempestade também faleceu de forma estranha – disse Jaime.

– Sor Cortnay Penrose – disse Brienne num tom triste. – Um bom homem.

– Um homem teimoso. Um dia pôs-se firmemente no caminho do Rei de Pedra do Dragão. No seguinte, saltou de uma torre. – Jaime levantou-se. – Sor Loras, conversaremos mais sobre isso mais tarde. Pode deixar Brienne comigo.

A garota parecia tão feia e desajeitada como sempre, Jaime concluiu quando o Tyrell os deixou. Alguém tinha voltado a vesti-la com roupa de mulher, mas esse vestido servia-lhe muito melhor do que aquele hediondo trapo cor-de-rosa que o bode a obrigara a usar.

– Azul é uma cor que lhe cai bem, senhora – observou Jaime. – Combina bem com os seus olhos. – *Ela realmente tem uns olhos espantosos*.

Brienne olhou-se de relance e perturbou-se.

– A Septã Donyse almofadou o corpete, para deixá-lo com esta forma. Disse que o mandou para mim. – A garota permanecia junto à porta, como se pretendesse fugir a qualquer segundo. – Está...

– Diferente? – conseguiu fazer um meio sorriso. – Mais carne sobre as costelas e menos piolhos no cabelo, é tudo. O coto é o mesmo. Feche a porta e venha cá.

Ela fez o que ele pediu.

– O manto branco...

– ... é novo, mas tenho certeza de que o sujarei bem depressa.

– Não era isso... eu ia dizer que lhe caía bem. – Brienne aproximou-se, hesitante. – Jaime, falava a sério quando disse aquilo a Sor Loras? Sobre... sobre o Rei Renly e a sombra?

Jaime encolheu os ombros.

– Eu teria matado Renly pessoalmente se tivéssemos nos encontrado em batalha, que me importa quem lhe cortou a garganta?

– Disse que eu tinha honra...

– Eu sou o maldito Regicida, esqueceu-se? Quando digo que tem honra, isso é como ter uma prostituta assegurando a sua virgindade. – Encostou-se para trás e ergueu os olhos para ela. – Pernas-de-Aço vai a caminho do Norte, para entregar Arya Stark a Roose Bolton.

– Entregou-a a *ele*? – gritou ela, consternada. – Prestou um juramento à Senhora Catelyn...

– Com uma espada encostada na garganta, mas deixemos isso de lado. A Senhora Catelyn está morta. Não poderia devolver as filhas a ela

mesmo se as tivesse em meu poder. E a garota que o meu pai mandou com Pernas-de-Aço não é Arya Stark.

– *Não é* Arya Stark?

– Você ouviu. O senhor meu pai encontrou uma nortenha magricela mais ou menos da mesma idade com mais ou menos as mesmas cores. Vestiu-a de branco e cinza, deu-lhe um lobo de prata para prender o manto e botou-a a caminho para se casar com o bastardo de Bolton. – Ergueu o coto para apontar para ela. – Quis dizer-lhe isso antes que partisse a galope para salvá-la e se fizesse matar inutilmente. Não é nada má com uma espada, mas não é suficientemente boa para derrotar sozinha duzentos homens.

Brienne sacudiu a cabeça.

– Quando Lorde Bolton souber que o seu pai lhe pagou com moeda falsa...

– Oh, ele sabe. *Os Lannister mentem*, lembra? Não importa, a garota serve ao seu propósito igualmente bem. Quem irá dizer que ela não é Arya Stark? Todo mundo de que a garota era próxima está morto, exceto a irmã, que desapareceu.

– Por que me contaria tudo isso se fosse verdade? Está traindo os segredos de seu pai.

*Os segredos da Mão*, pensou ele. *Já não tenho pai*.

– Eu pago as minhas dívidas, como todos os outros leõezinhos bons. Prometi as filhas à Senhora Stark... e uma delas continua viva. Meu irmão pode saber onde se encontra, mas se sabe, não o diz. Cersei está convencida de que Sansa o ajudou a assassinar Joffrey.

A boca da moça fez uma expressão obstinada.

– Não acreditarei que aquela garota gentil é uma envenenadora. A Senhora Catelyn disse que ela tinha um coração afetuoso. Foi o seu irmão. Houve um julgamento, disse Sor Loras.

– Na verdade, houve dois. Tanto as palavras como as espadas lhe falharam. Uma bagunça sangrenta. Assistiu da janela?

– Minha cela dá para o mar. Mas ouvi os gritos.

– O Príncipe Oberyn de Dorne está morto, Sor Gregor Clegane, moribundo, e Tyrion condenado perante os olhos dos deuses e dos homens. Ele será mantido numa cela negra até o matarem.

Brienne olhou-o.

– Não acredita que tenha sido ele.

Jaime concedeu-lhe um sorriso duro.

– Vê, garota? Conhecemo-nos bem demais. Tyrion deseja ser eu desde que deu o primeiro passo, mas nunca me seguiria no regicídio. Foi Sansa Stark quem matou Joffrey. Meu irmão manteve silêncio para protegê-la. Ele tem esses ataques de galanteria de vez em quando. O último custou-lhe um nariz. Dessa vez custará a cabeça.

– Não – disse Brienne. – Não foi a filha da minha senhora. Não pode ter sido ela.

– Aí está a garota teimosa e burra de que me lembro.

Ela enrubesceu.

– Meu nome é...

– Brienne de Tarth. – Jaime suspirou. – Tenho um presente para você. – Estendeu a mão por baixo da cadeira do Senhor Comandante e tirou-a para fora, envolta em dobras de veludo carmesim.

Brienne aproximou-se como se a trouxa pudesse mordê-la, estendeu uma enorme mão sardenta e afastou uma dobra de tecido. Rubis cintilaram à luz. Pegou cuidadosamente no tesouro, enrolou os dedos em volta do cabo de couro e libertou lentamente a espada de sua bainha. As ondulações brilharam de sangue e negrume. Um dedo de luz refletida correu, vermelho, ao longo do gume.

– Isto é aço valiriano? Nunca vi cores assim.

– Nem eu. Houve um tempo em que teria dado a mão direita para brandir uma espada como essa. Agora parece que o fiz, portanto a lâmina é desperdiçada em mim. Aceite-a. – Antes que ela pudesse pensar em recusar, prosseguiu. – Uma espada tão boa precisa de um nome. Ficaria feliz se chamasse esta de Cumpridora de Promessas. Mais uma coisa. A lâmina tem um preço.

O rosto dela tornou-se sombrio.

– Eu disse-lhe, nunca servirei...

– ... criaturas tão malvadas. Sim, eu me lembro. Ouça-me até o fim, Brienne. Ambos prestamos juramentos a propósito de Sansa Stark. Cersei pretende assegurar-se de que a garota seja encontrada e morta, não importa onde ela tenha se enfiado...

O rosto simples de Brienne torceu-se de fúria.

– Se acredita que eu faria mal à filha de minha senhora em troca de uma *espada*, você...

– *Cale-se e ouça* – exclamou ele, irritado pelas suposições dela. – Quero que encontre Sansa primeiro e que a leve para qualquer lugar seguro. De outro modo, como nós iremos cumprir os estúpidos juramentos que prestamos à sua preciosa e falecida Senhora Catelyn?

A moça pestanejou.

– Eu... eu pensei...

– Eu sei o que *pensou*. – De repente, Jaime ficou farto de olhar para ela. *Bale como uma porcaria de uma ovelha*. – Quando Ned Stark morreu, a espada dele foi oferecida ao Magistrado do Rei – disse-lhe. – Mas meu pai achou que uma lâmina tão boa era desperdiçada num mero carrasco. Deu uma nova espada a Sor Ilyn, e mandou fundir a Gelo e forjá-la novamente. Havia metal suficiente para duas lâminas novas. Tem uma delas na mão. Portanto, irá proteger a filha de Ned Stark com o aço do próprio Ned Stark, se é que isso faz alguma diferença para você.

– Sor, eu... eu devo-lhe um pedido de desc...

Jaime interrompeu-a.

– Pegue a porcaria da espada e vá embora, antes que eu mude de ideia. Há uma égua baia nos estábulos, tão feia quanto você, mas um pouco mais bem treinada. Vá em perseguição do Pernas-de-Aço, vá em busca de Sansa, ou vá para casa, para a sua ilha de safiras, não me interessa. Não quero olhar mais para você.

– Jaime...

– *Regicida* – relembrou-lhe. – É melhor que use essa espada para limpar a cera dos ouvidos, garota. Nossa conversa acabou.

Teimosamente, ela insistiu.

– Joffrey era seu...

– Meu rei. Deixe as coisas assim.

– Diz que Sansa o matou. Por que protegê-la?

*Porque Joff não me era mais do que um esguicho de sêmen na boceta de Cersei. E porque merecia morrer.*

– Fiz reis e desfi-los. Sansa Stark é minha última oportunidade de honra. – Jaime deu um ligeiro sorriso. – Além disso, os regicidas deviam se juntar. Nunca mais vai embora?

A grande mão de Brienne fechou-se com força em volta da Cumpridora de Promessas.

– Vou. E encontrarei a garota e a manterei a salvo. Pela senhora mãe dela. E por você. – Fez uma reverência rígida, virou-se e saiu.

Jaime ficou sentado à mesa, sozinho, enquanto as sombras iam enchendo a sala. Quando o ocaso começou a se instalar, acendeu uma vela e abriu o Livro Branco em sua página. Encontrou pena e tinta numa gaveta. Por baixo da última linha escrita por Sor Barristan, escreveu numa letra desajeitada que poderia ter sido elogiada numa criança de seis anos que estivesse aprendendo as primeiras letras com o meistre:

*Derrotado no Bosque dos Murmúrios pelo Jovem Lobo Robb Stark durante a Guerra dos Cinco Reis. Mantido cativo em Correrrio e resgatado em troca de uma promessa não cumprida. Capturado de novo pelos Bravos Companheiros e mutilado por ordem de Vargo Hoat, o capitão deles, perdendo a mão da espada pela lâmina de Zollo, o Gordo. Devolvido em segurança a Porto Real por Brienne, a Donzela de Tarth.*

Quando terminou, ainda restava encher mais de três quartos de sua página, entre o leão de ouro no escudo carmesim ao topo e o escudo branco e vazio no fundo. Sor Gerold Hightower tinha começado a sua história e Sor Barristan Selmy continuara-a, mas o resto teria de ser escrito pelo próprio Jaime Lannister. Dali em diante, poderia escrever o que quer que decidisse escrever.

O que quer que decidisse...

# JON

O vento soprava forte do leste, tão forte que a pesada gaiola balançava sempre que uma rajada a apanhava em seus dentes. Uivava ao longo da Muralha, tremendo pelo gelo, fazendo o manto de Jon esvoaçar de encontro às barras. O céu era um cinza de ardósia, o sol, nada mais do que uma tênue mancha brilhante por trás das nuvens. Para além do campo de morte, via a cintilação de mil fogueiras ardendo, mas suas luzes pareciam pequenas e impotentes contra tamanha escuridão e frio.

*Um dia carregado*. Jon Snow envolveu as barras com mãos enluvadas e segurou-se bem, enquanto o vento martelava a gaiola mais uma vez. Quando olhou para baixo, por entre os pés, viu o chão perdido em sombras, como se estivesse sendo baixado para um poço sem fundo. *Bem, a morte é uma espécie de poço sem fundo*, refletiu, *e quando a obra deste dia estiver concluída, meu nome ficará para sempre envolto em sombras*.

Os homens diziam que as crianças bastardas nasciam da luxúria e da mentira; a sua natureza era libertina e traiçoeira. Antes, Jon pretendia provar que isso era um erro, mostrar ao senhor seu pai que podia ser um filho tão bom e leal quanto Robb. *Arruinei tudo isso*. Robb tinha se transformado num rei herói; se Jon fosse por acaso recordado, seria como vira-casaca, perjuro e assassino. Estava feliz por Lorde Eddard não estar vivo para assistir à sua vergonha.

*Devia ter ficado naquela gruta com Ygritte*. Se houvesse uma vida para além daquela, esperava dizer-lhe isso. *Ela vai arranhar meu rosto como a águia e amaldiçoar-me de ser covarde, mas direi mesmo assim*. Flexionou a mão da espada, como Meistre Aemon lhe ensinara a fazer. O hábito tinha se tornado parte de si e precisaria dos dedos flexíveis para ter nem que fosse meia chance de assassinar Mance Rayder.

Tinham-no tirado para fora naquela manhã, depois de quatro dias passados no gelo, fechado numa cela de um metro e meio por um metro e meio por um metro e meio, baixa demais para se pôr em pé, apertada

demais para se deitar de costas. Os intendentes tinham há muito descoberto que a comida e a carne duravam mais tempo nos armazéns de gelo esculpidos na base da Muralha... mas os prisioneiros não.

"Morrerá aqui, Lorde Snow", disse Sor Alliser imediatamente antes de fechar a pesada porta de madeira, e Jon tinha acreditado nele. Mas naquela manhã tinham vindo tirá-lo de lá e tinham-no levado, cheio de cãibras e tremendo, à Torre do Rei, para comparecer uma vez mais perante o queixudo Janos Slynt.

– Aquele velho meistre diz que não posso enforcá-lo – declarou Slynt. – Escreveu a Cotter Pyke, e até teve o maldito descaramento de me mostrar a carta. Diz que não é nenhum vira-casaca.

– Aemon viveu tempo demais, senhor – garantiu-lhe Sor Alliser. – Seu discernimento tornou-se tão escuro como os olhos.

– Sim – disse Slynt. – Um cego com uma corrente em volta do pescoço, quem ele pensa que é?

*Aemon Targaryen*, pensou Jon, *filho de um rei e irmão de um rei, e um rei que poderia ter sido*. Mas nada disse.

– Mesmo assim – falou Slynt –, não quero que se diga que Janos Slynt enforcou um homem injustamente. Não quero. Decidi dar-lhe uma última chance de demonstrar que é tão leal como diz ser, Lorde Snow. Uma última chance de cumprir o seu dever, sim! – Levantou-se. – Mance Rayder quer parlamentar conosco. Sabe que não tem chances, agora que Janos Slynt chegou, portanto quer conversar, este Rei-para-lá-da-Muralha. Mas o homem é covarde, e não quer vir até nós. Sem dúvida que sabe que o penduraria na forca. Penduraria pelos pés do topo da Muralha, na ponta de uma corda com sessenta metros de comprimento! Mas ele não vem. Pede que lhe mandemos um enviado.

– Vamos mandá-lo, Jon Snow. – Sor Alliser sorriu.

– Eu. – A voz de Jon não tinha vida. – Por que eu?

– Acompanhou estes selvagens – disse Thorne. – Mance Rayder conhece você. Estará mais inclinado a confiar em você.

Aquilo era tão errado que Jon poderia ter rido.

– Entendeu as coisas ao contrário. Mance suspeitou de mim desde o início. Se aparecer em seu acampamento de novo com um manto negro e falando pela Patrulha da Noite, saberá que o traí.

– Ele pediu um enviado, e nós vamos enviar um – disse Slynt. – Se for covarde demais para enfrentar este rei vira-casaca, podemos devolvê-lo à sua cela de gelo. Dessa vez sem as peles, parece-me. Sim.

– Não há necessidade disso, senhor – disse Sor Alliser. – Lorde Snow fará o que pedimos. Ele quer nos mostrar que não é nenhum vira-casaca. Quer mostrar que é um membro leal da Patrulha da Noite.

Jon tinha notado que Thorne era, de longe, o mais inteligente dos dois; aquilo fedia a obra dele por todo o lado. Estava preso numa armadilha.

– Eu vou – disse, numa voz apertada e seca.

– Senhor – lembrou Janos Slynt. – Vai me tratar por...

– Eu vou, *senhor*. Mas está cometendo um erro, *senhor*. Está mandando o homem errado, *senhor*. Ver-me será o suficiente para enfurecer Mance. O *senhor* teria uma melhor possibilidade de conseguir um acordo se enviasse...

– Um acordo? – Sor Alliser soltou um risinho.

– Janos Slynt não faz acordos com selvagens sem lei, Lorde Snow. Não, não faz.

– Não o estamos enviando para *falar* com Mance Rayder – disse Sor Alliser. – Estamos enviando-o para matar Mance Rayder.

O vento assobiou por entre as barras, e Jon Snow estremeceu. Tinha a perna latejando e a cabeça também. Não tinha condições de matar um gatinho, mas ali estava. *A armadilha tinha dentes*. Com Meistre Aemon a insistir na inocência de Jon, Lorde Janos não se atrevera a deixá-lo no gelo para morrer. Aquilo era melhor.

"Nossa honra não significa mais do que nossas vidas, desde que o reino fique em segurança", Qhorin Meia-Mão tinha dito nas Presas de Gelo. Precisava se lembrar daquilo. Quer matasse Mance, quer apenas tentasse e falhasse, o povo livre iria matá-lo. Até a deserção era impossível, se estivesse inclinado a tal coisa; para Mance, ele era um mentiroso e traidor comprovado.

Quando a gaiola parou com um solavanco, Jon saltou para o chão e sacudiu o cabo de Garralonga para que a lâmina bastarda ficasse solta dentro da bainha. O portão estava a alguns metros para a sua esquerda, ainda bloqueado pelos restos estilhaçados da tartaruga, com a carcaça de um mamute apodrecendo lá dentro. Havia também outros cadáveres, espalhados entre barris quebrados, piche endurecido e manchas de mato

queimado, tudo sob a sombra da Muralha. Jon não tinha qualquer desejo de se demorar ali. Pôs-se a caminhar na direção do acampamento dos selvagens, passando pelo corpo de um gigante cuja cabeça havia sido esmagada por uma pedra. Um corvo estava arrancando pedaços de cérebro do crânio estilhaçado do gigante. Olhou para cima quando ele passou. "*Snow*", gritou para ele. "*Snow, snow*." Então abriu as asas e partiu voando.

Assim que começou a avançar, um cavaleiro solitário emergiu do acampamento dos selvagens e veio em sua direção. Perguntou a si mesmo se Mance viria parlamentar na terra de ninguém. *Isso podia tornar as coisas mais fáceis, se bem que nada as tornará fáceis*. Mas quando a distância entre ambos diminuiu, Jon viu que o homem era baixo e largo, com anéis de ouro cintilando em braços grossos e uma barba branca que se espalhava por seu peito maciço.

– *Ha!* – trovejou Tormund quando se encontraram. – Jon Snow, o corvo. Tive receio de não o ver mais.

– Não sabia que tinha receio de alguma coisa, Tormund.

Aquilo fez o selvagem sorrir.

– Bem dito, moço. Tô vendo que seu manto é negro. O Mance não vai gostar disso. Se veio mudar de lado outra vez, é melhor subir de volta a sua Muralha ali.

– Enviaram-me para tratar com o Rei-para-lá-da-Muralha.

– Tratar? – Tormund riu. – Mas que palavra. Ha! Mance quer conversar, isso lá é verdade. Mas não sei lá muito bem se quer conversar com *você*.

– Foi a mim que enviaram.

– Tô vendo isso. Então é melhor vir daí. Quer montar?

– Posso ir a pé.

– Deu-nos boa luta aqui. – Tormund virou o garrano para o acampamento dos selvagens. – Você e seus irmãos. Tenho de admitir. Duzentos mortos e uma dúzia de gigantes. O próprio Mag entrou naquele seu portão e não saiu mais.

– Ele morreu pela espada de um homem valente chamado Donal Noye.

– Ah sim? Era algum grande senhor, esse Donal Noye? Um de seus cavaleiros brilhantes com roupas de baixo em aço?

– Um ferreiro. Só tinha um braço.

– Um ferreiro maneta matou Mag, o Poderoso? Ha! Essa deve ter sido uma luta digna de ser vista. O Mance vai fazer dela uma canção, você vai ver. – Tormund desprendeu um odre da sela e tirou a rolha dele. – Isso vai nos aquecer um pouco. A Donal Noye e a Mag, o Poderoso. – Bebeu um trago e passou o odre para Jon.

– A Donal Noye e a Mag, o Poderoso. – O odre estava cheio de hidromel, mas um hidromel tão potente que encheu os olhos de Jon de água e mandou gavinhas de fogo serpenteando por todo o seu peito. Depois da cela de gelo e da fria descida na gaiola, o calor era bem-vindo.

Tormund recuperou o odre e emborcou mais um trago e depois limpou a boca.

– O Magnar de Thenn jurou à gente que ia ter o portão escancarado, pra que tudo que tivéssemos de fazer fosse passear por ele cantando. Que ia botar a Muralha inteira abaixo.

– Botou abaixo parte dela – disse Jon. – Em cima da própria cabeça.

– Ha! – disse Tormund. – Bem, nunca vi grande utilidade no Styr. Quando um homem não tem nem barba, nem cabelo, nem orelhas, não se pode pegar bem nele quando se luta. – Mantinha o cavalo a passo lento, para que Jon pudesse ir coxeando a seu lado. – O que é que houve com essa perna?

– Uma flecha. Uma das de Ygritte, acho eu.

– Isso é que é mulher. Um dia tá beijando você, no outro o enche de flechas.

– Está morta.

– Ah, é? – Tormund sacudiu tristemente a cabeça. – Uma pena. Se eu fosse dez anos mais novo, tinha raptado-a pra mim. Aqueles cabelos que ela tinha... Bem, as fogueiras mais quentes são as que ardem mais depressa. – Ergueu o odre de hidromel. – A Ygritte, beijada pelo fogo! – bebeu um longo trago.

– A Ygritte, beijada pelo fogo – repetiu Jon quando Tormund lhe entregou o odre. Bebeu um trago ainda mais longo.

– Foi você que a matou?

– Foi um irmão meu. – Jon nunca soube qual, e esperava nunca saber.

– Malditos corvos. – O tom de Tormund era duro, mas estranhamente gentil. – Aquele Lança-Longa roubou-me a filha. Munda, a minha maçãzinha de outono. Raptou-a bem da minha tenda, com os quatro

irmãos dela por lá. Toregg passou o tempo todo dormindo, o grande palhaço, e Torwynd... bem, Torwynd, o Manso, isso diz tudo que é preciso dizer, não diz? Mas os mais novos deram luta ao moço.

– E Munda?

– Ela é do meu sangue – disse Tormund com orgulho. – Rasgou o lábio dele e arrancou-lhe metade de uma orelha com uma dentada, e ouvi dizer que ele tem tantos arranhões nas costas que não consegue pôr um manto. Mas gosta bastante dele. E por que não haveria de gostar? Ele não luta com lança, sabe? E nunca lutou. De onde acha que veio aquele nome dele então? Ha!

Jon teve de rir. Mesmo naquela hora, mesmo naquele local. Ygritte gostara do Lança-Longa Ryk. Jon esperava que ele tivesse encontrado alguma alegria com a Munda de Tormund. Alguém tinha de encontrar alegria em algum lugar.

"Você não sabe nada, Jon Snow", teria dito Ygritte. *Sei que vou morrer*, pensou. *Pelo menos isso sei*. "Todos os homens morrem" quase conseguia ouvi-la dizer "e as mulheres também, e todos os animais que voam, nadam ou correm. Não é *quando* se morre que importa, é *como*, Jon Snow". *É fácil para você dizer isso*, pensou em resposta. *Morreu bravamente em batalha, assaltando o castelo de um inimigo. Eu vou morrer como vira-casaca e assassino*. E a morte dele também não seria rápida, a menos que viesse na ponta da espada de Mance.

Logo estavam entre as tendas. Era o acampamento selvagem habitual; a vasta confusão de fogueiras e fossas, crianças e cabras vagueando livremente, ovelhas balindo entre as árvores, peles de cavalo penduradas para secar. Não tinha um plano, não tinha ordem, não tinha defesas. Mas havia homens, mulheres e animais por todo lado.

Muitos ignoraram-no, mas a cada um que prosseguia com a sua vida havia dez que paravam para encará-lo; crianças agachadas junto às fogueiras, velhas em carros de cães, habitantes de cavernas com o rosto pintado, corsários com garras, serpentes e cabeças cortadas pintadas em seus escudos, todos se viraram para ver. Jon também viu esposas de lanças, com longos cabelos soprados pelo vento que cheirava a pinheiro e suspirava por entre as árvores.

Ali não havia verdadeiras colinas, mas a tenda de peles brancas de Mance Rayder havia sido erguida num local de terreno elevado e

pedregoso bem no limite das árvores. O Rei-para-lá-da-Muralha esperava à porta, com o esfarrapado manto vermelho e negro esvoaçando ao vento. Jon viu que Harma Cabeça de Cão se encontrava com ele, de volta dos ataques e simulações feitos ao longo da Muralha, e Varamyr Seis-Peles também, rodeado por seu gato-das-sombras e dois esguios lobos cinzentos.

Quando viram quem a Patrulha tinha enviado, Harma virou a cabeça e cuspiu, e um dos lobos de Varamyr mostrou os dentes e rosnou.

– Deve ser muito valente ou muito estúpido, Jon Snow – disse Mance Rayder – para voltar para junto de nós vestindo um manto negro.

– O que mais vestiria um homem da Patrulha da Noite?

– Mate-o – instou Harma. – Mande o corpo de volta naquela gaiola que eles têm e diga-lhes que nos mandem outro. Eu fico com a cabeça dele como estandarte. Um vira-casaca é pior que um cão.

– Eu preveni que ele era falso. – O tom de Varamyr era brando, mas seu gato-das-sombras estava fitando Jon com uma expressão faminta nas fendas cinza que eram seus olhos. – Nunca gostei do cheiro dele.

– Recolha as garras, animal. – Tormund Terror dos Gigantes saltou do cavalo. – O moço tá aqui pra ouvir. Se puser uma pata nele, pode ser que eu arranje esse manto de gato-das-sombras que tenho cobiçado.

– Tormund Ama-Corvos – escarneceu Harma. – É um grande saco de vento, velho.

O troca-peles tinha um rosto cinzento, ombros redondos e era calvo, um homem que mais parecia um rato com olhos de lobisomem.

– Depois de um cavalo se habituar à sela, qualquer homem pode montá-lo – disse ele em voz baixa. – Depois de um animal se juntar a um homem, qualquer troca-peles pode entrar nele e montá-lo. Orell estava definhando dentro de suas penas, por isso fiquei com a águia. Mas a junção funciona nos dois sentidos, *warg*. Orell agora vive dentro de mim, murmurando como o odeia. E eu posso pairar por cima da Muralha e ver com olhos de águia.

– É assim que sabemos – disse Mance. – Sabemos como vocês eram poucos quando detiveram a tartaruga. Sabemos quantos vieram de Atalaialeste. Sabemos como seus suprimentos minguaram. Piche, óleo, flechas, lanças. Até a escada desapareceu, e aquela gaiola só pode içar

uns poucos. Nós sabemos. E agora você sabe que sabemos. – Abriu a aba da tenda. – Entre. O resto de vocês, esperem aqui.

– O que, até eu? – disse Tormund.

– *Especialmente* você. Sempre.

Lá dentro fazia calor. Uma pequena fogueira ardia sob os buracos para a fumaça, e um braseiro incandescia junto da pilha de peles onde Dalla jazia, pálida e suando. A irmã estava segurando sua mão. *Val*, recordou Jon.

– Tive pena quando Jarl caiu – disse-lhe.

Val olhou-o com olhos cinza-claros.

– Ele sempre escalou depressa demais. – Era tão bonita quanto ele lembrava, esguia, com seios cheios, graciosa até em repouso, com malares altos e pronunciados e uma grossa trança de cabelos cor de mel que lhe caía até a cintura.

– A hora de Dalla está chegando – explicou Mance. – Ela e Val ficarão. Elas sabem o que eu quero dizer.

Jon manteve o rosto imóvel como gelo. *Já é suficientemente ruim matar um homem em sua própria tenda sob uma trégua. Terei também de assassiná-lo diante de sua mulher enquanto nasce seu filho?* Fechou os dedos da mão da espada. Mance não vestia armadura, mas tinha a espada embainhada junto à anca esquerda. E havia outras armas na tenda, punhais e adagas, um arco e uma aljava cheia de flechas, uma lança de ponta de bronze no chão, ao lado do grande e negro...

... berrante.

Jon prendeu a respiração.

*Um berrante de guerra, um berrante de guerra grande como o diabo*.

– Sim – disse Mance. – O Berrante do Inverno, que Joramun soprou um dia para despertar os gigantes da terra.

O berrante era enorme, com dois metros e quarenta ao longo da curvatura e tão largo na boca que podia ter enfiado o braço lá dentro até o cotovelo. *Se isto veio de um auroque, era o maior que já existiu*. A princípio, pensou que as tiras de metal em volta dele eram de bronze, mas quando se aproximou percebeu que eram de ouro. *Ouro velho, mais castanho do que amarelo, e gravado com runas*.

– Ygritte disse que não chegou a encontrar o berrante.

– Pensa que só os corvos sabem mentir? Eu gostei bastante de você, para um bastardo... mas nunca confiei em você. Um homem tem de ganhar a minha confiança.

Jon encarou-o.

– Se tinha o Berrante de Joramun desde o início, por que não o usou? Para que se incomodar com a construção de tartarugas e com o envio de Thenns para nos matar enquanto dormíamos? Se esse berrante for tudo que as canções dizem que é, por que não simplesmente soprá-lo e pronto?

Foi Dalla quem lhe respondeu, a Dalla da enorme barriga, deitada em sua pilha de peles ao lado do braseiro.

– Nós, o povo livre, sabemos coisas que vocês, os que ajoelham, já esqueceram. Às vezes, a estrada mais curta não é a mais segura, Jon Snow. O Senhor Chifrudo disse um dia que a feitiçaria é uma espada sem cabo. Não há maneira segura de pegar nela.

Mance percorreu com uma mão a curvatura do grande berrante.

– Ninguém vai à caça só com uma flecha na aljava – disse. – Tive a esperança de que Styr e Jarl pegassem seus irmãos desprevenidos e nos abrissem o portão. Afastei a sua guarnição com simulações, incursões e ataques secundários. Bowen Marsh engoliu essa isca, como eu sabia que engoliria, mas seu bando de órfãos e aleijados mostrou-se mais teimoso do que eu esperava. Mas não pense que nos deteve. A verdade é que vocês são poucos demais e nós, muitos. Podia continuar com o ataque aqui e ainda mandar dez mil homens atravessar a Baía das Focas em jangadas e tomar Atalaialeste pela retaguarda. Também podia assaltar a Torre Sombria, conheço tão bem os acessos como qualquer outro homem vivo. Podia mandar homens e mamutes escavar os portões dos castelos que abandonaram, todos ao mesmo tempo.

– Então por que não faz isso? – Jon podia ter puxado Garralonga naquele momento, mas queria ouvir o que o selvagem tinha a dizer.

– Sangue – disse Mance Rayder. – No fim venceria, sim, mas vocês iriam me sangrar, e o meu povo já sangrou o suficiente.

– Suas perdas não foram assim tão pesadas.

– Pelas suas mãos, não. – Mance estudou o rosto de Jon. – Viu o Punho dos Primeiros Homens. Sabe o que aconteceu ali. Sabe o que enfrentamos.

– Os Outros...

– Eles ficam mais fortes à medida que os dias se tornam mais curtos e as noites mais frias. Primeiro matam-no, depois mandam seus mortos contra você. Os gigantes não foram capazes de lhes resistir, nem os Thenns, os clãs do rio de gelo ou os Cornopés.

– Nem você?

– Nem eu. – Havia ira naquela admissão, e uma amargura profunda demais para ser expressa por palavras. – Raymun Barba-Vermelha, Bael, o Bardo, Gendel e Gorne, o Senhor Chifrudo, todos eles vieram para o sul para conquistar, mas eu vim com o rabo entre as pernas para me esconder atrás da sua Muralha. – Voltou a encostar no berrante. – Se fizer soar o Berrante do Inverno, a Muralha cairá. Pelo menos é o que as canções me querem fazer crer. Há alguns entre o meu povo que não desejam nada com mais força...

– Mas depois que a Muralha cair – disse Dalla –, *o que irá parar os Outros?*

Mance concedeu-lhe um sorriso afetuoso.

– É uma mulher sensata, esta que encontrei. Uma verdadeira rainha. – Voltou-se de novo para Jon. – Volte e diga-lhes para abrirem o portão e deixarem-nos passar. Se o fizerem, darei o berrante, e a Muralha ficará em pé até o fim dos tempos.

*Abrir o portão e deixá-los passar*. Fácil de dizer, mas o que se seguiria? Gigantes acampados nas ruínas de Winterfell? Canibais na mata de lobos, bigas varrendo as terras acidentadas, povo livre raptando as filhas de construtores navais e ourives em Porto Branco e peixeiras ao largo da Costa Pedregosa?

– É um verdadeiro rei? – perguntou Jon subitamente.

– Nunca tive uma coroa na cabeça nem sentei o traseiro na porcaria de um trono, se é isso o que está perguntando – respondeu Mance. – Meu nascimento é tão baixo quanto poderia ser, nenhum septão me besuntou a cabeça com óleos, não sou dono de castelos, e a minha rainha usa peles e âmbar, e não seda e safiras. Sou o meu próprio campeão, o meu próprio bobo e o meu próprio harpista. Não se torna Rei-para-lá-da-Muralha por causa de quem foi o seu pai. O povo livre não seguirá um nome e não se importa com qual dos irmãos nasceu primeiro. Segue lutadores. Quando abandonei a Torre Sombria, havia cinco homens fazendo barulho a

respeito de como eles mesmos podiam ser do material de que são feitos os reis. Tormund era um, o Magnar, outro. Matei os outros três, quando deixaram claro que preferiam lutar a me seguir.

– Pode matar seus inimigos – disse Jon sem rodeios –, mas será capaz de governar seus amigos? Se deixarmos seu povo passar, é suficientemente forte para fazê-los manter a paz do rei e obedecer às leis?

– Às leis de quem? Às leis de Winterfell e de Porto Real? – Mance soltou uma gargalhada. – Quando quisermos leis, faremos as nossas. Pode ficar também com a sua real justiça e os seus reais impostos. Estou oferecendo-lhe o berrante, não a nossa liberdade. Não nos ajoelharemos perante vocês.

– E se recusarmos a proposta? – Jon não tinha dúvida de que recusariam. O Velho Urso poderia pelo menos ter escutado, embora recusasse diante da ideia de deixar trinta ou quarenta mil selvagens à solta nos Sete Reinos. Mas Alliser Thorne e Janos Slynt descartariam a ideia logo de cara.

– Se recusarem – disse Mance Rayder –, Tormund Terror dos Gigantes fará soar o Berrante do Inverno dentro de três dias, ao nascer do dia.

Levaria a mensagem para Castelo Negro e contaria a eles sobre o berrante, mas se deixasse Mance vivo, Lorde Janos e Sor Alliser usariam isso como prova de que era um vira-casaca. Mil pensamentos passaram pela cabeça de Jon. *Se puder destruir o berrante, esmagá-lo aqui e agora...* mas antes de poder começar a pensar bem nisso, ouviu o gemido grave de outro berrante qualquer, atenuado pelas paredes de peles da tenda. Mance também ouviu. Franzindo a testa, dirigiu-se para a porta. Jon seguiu-o.

O berrante de guerra era mais sonoro lá fora. Seu chamado tinha agitado o acampamento dos selvagens. Cavalos relinchavam e resfolegavam, gigantes rugiam no Idioma Antigo e até os mamutes estavam inquietos.

– Berrante de batedor – disse Tormund a Mance.

– Alguma coisa vem aí. – Varamyr estava sentado de pernas cruzadas no chão meio congelado, com os lobos descrevendo círculos agitadamente em volta dele. Uma sombra pairou por cima dele, e Jon

ergueu o olhar para ver as asas azul-acinzentadas de uma águia. – Vem do leste.

"Quando os mortos caminham, muralhas, estacas e espadas não significam nada, recordou. Não pode lutar com os mortos, Jon Snow." *Ninguém sabe disso tão bem quanto eu.*

Harma franziu as sobrancelhas.

– Do leste? As criaturas deviam estar atrás de nós.

– Do leste – repetiu o troca-peles. – *Alguma coisa vem aí*.

– Os Outros? – perguntou Jon.

Mance sacudiu a cabeça.

– Os Outros nunca vêm quando o sol está no céu. – Bigas chocalhavam através do campo de morte, transbordando de guerreiros que brandiam lanças de osso afiado. O rei gemeu. – Onde eles pensam que vão, porra? Quenn, leve aqueles idiotas de volta às suas posições. Alguém me traga o cavalo. A égua, não o garanhão. Também vou querer a minha armadura. – Mance deu um relance desconfiado à Muralha. No topo das ameias geladas, os soldados de palha mantinham-se em pé, colecionando flechas, mas não havia sinal de mais nenhuma atividade. – Harma, ponha em campo os seus batedores. Tormund, vá à procura de seus filhos e arranje uma linha tripla de lanças.

– Sim – disse Tormund, afastando-se a passos largos.

O pequeno troca-peles com ar de rato fechou os olhos e disse:

– Estou vendo-os. Aproximam-se ao longo dos riachos e das trilhas de caça...

– *Quem?*

– Homens. Homens a cavalo. Homens vestidos de aço e homens vestidos de negro.

– Corvos. – Mance transformou a palavra numa praga. Virou-se para Jon. – Será que os meus antigos irmãos pensaram que me apanhariam de calças arriadas se atacassem enquanto estivéssemos conversando?

– Se planejaram um ataque, não me falaram dele. – Jon não acreditava. Lorde Janos não tinha homens suficientes para atacar o campo dos selvagens. Além disso, encontrava-se do lado errado da Muralha, e o portão estava selado com entulho. *Ele tinha um tipo diferente de traição em mente, isso não pode ser obra sua.*

– Se está outra vez mentindo para mim, não sai vivo daqui – preveniu Mance. Os guardas trouxeram-lhe o cavalo e a armadura. Em outros pontos do acampamento, Jon viu gente correndo desordenadamente, com alguns homens se posicionando como se fossem assaltar a Muralha, enquanto outros se esgueiravam para a floresta, mulheres conduzindo carros de cães para leste, mamutes vagueando para oeste. Estendeu a mão por sobre o ombro e puxou a Garralonga, exatamente no momento em que uma fina linha de patrulheiros emergia do limite da floresta a trezentos metros de distância. Usavam cota de malha negra, meios-elmos negros e mantos negros. Com a armadura meio posta, Mance puxou a espada. – Então você não sabia de nada disto? – disse friamente a Jon.

Lentos como mel numa manhã fria, os patrulheiros caíram sobre o acampamento dos selvagens, abrindo caminho por entre maciços de giestas e pequenos bosques, por sobre raízes e pedras. Selvagens voaram ao seu encontro, berrando gritos de guerra e brandindo tacapes, espadas de bronze e machados de pederneira, galopando temerariamente contra seus velhos inimigos. *Um grito, um golpe e uma boa morte valente*, era como Jon ouvira os irmãos referindo-se à maneira de lutar do povo livre.

– Acredite no que quiser – disse Jon ao Rei-para-lá-da-Muralha –, mas nada sabia de ataque algum.

Harma passou por eles trovejando antes de Mance poder responder, à frente de trinta corsários. Seu estandarte seguia à sua frente; um cão morto empalado numa lança, fazendo chover sangue a cada passo. Mance observou enquanto ela se esmagava contra os patrulheiros.

– Pode ser que esteja dizendo a verdade – disse. – Estes parecem homens de Atalaialeste. Marinheiros a cavalo. Cotter Pyke sempre teve mais coragem do que juízo. Capturou o Senhor dos Ossos em Monte Longo, pode ter pensado em fazer o mesmo comigo. Se sim, é um idiota. Não tem homens suficientes, ele...

– *Mance!* – soou o grito. Era um batedor, irrompendo de entre as árvores num cavalo coberto de espuma. – *Mance*, há mais, estão por toda a nossa volta, homens de ferro, *ferro*, uma *tropa* de homens de ferro.

Praguejando, Mance saltou para a sela.

– Varamyr, fique e trate de que nenhum mal aconteça a Dalla. – O Rei-para-lá-da-Muralha apontou a espada a Jon. – E mantenha olhos extras neste corvo. Se ele fugir, corte-lhe a goela.

– Sim, eu trato disso. – O troca-peles era uma cabeça mais baixo do que Jon, baixo e mole, mas aquele gato-das-sombras era capaz de estripá-lo com uma pata. – Também estão vindo do norte – disse Varamyr a Mance. – É melhor ir.

Mance colocou o elmo com as suas asas de gralha. Seus homens também tinham montado.

– Ponta de lança – gritou Mance –, a mim, formar em cunha. – Mas quando deu com os calcanhares na égua e voou campo afora ao encontro dos patrulheiros, os homens que correram para acompanhá-lo perderam qualquer semelhança com uma formação.

Jon deu um passo em direção à tenda, pensando no Berrante do Inverno, mas o gato-das-sombras bloqueou-o, com a cauda balançando. As narinas da fera dilataram-se e escorreu saliva de seus dentes curvos da frente. *Ele cheira o meu medo*. Sentiu então mais do que nunca a falta de Fantasma. Os dois lobos estavam atrás dele, rosnando.

– Estandartes – ouviu Varamyr murmurar –, vejo estandartes dourados, oh... – Um mamute passou pesadamente por eles, bramindo, com meia dúzia de arqueiros na torre de madeira que levava sobre o dorso. – O rei... não...

Então o troca-peles jogou a cabeça para trás e *berrou*.

O som era chocante, ensurdecedor, pesado de agonia. Varamyr caiu, contorcendo-se, e o gato também estava gritando... e alto, alto no céu oriental, contra a muralha de nuvens, Jon viu a águia *queimando*. Durante um segundo brilhou mais do que uma estrela, engrinaldada de vermelho, dourado e laranja, batendo violentamente as asas como se fosse capaz de fugir da dor. E subiu, e subiu, e subiu ainda mais alto.

O grito fez Val sair da tenda, pálida.

– Que foi, o que aconteceu? – os lobos de Varamyr estavam lutando um contra o outro e o gato-das-sombras tinha fugido para o meio das árvores, mas o homem continuava se contorcendo no chão. – O que se passa com ele? – quis saber Val, horrorizada. – Onde está o Mance?

– Ali. – Jon apontou. – Foi lutar. – O rei levava a sua cunha esfarrapada na direção de um grupo de patrulheiros, fazendo a espada relampejar.

– Foi? Não pode ter ido, agora não. Começou.

– A batalha? – Jon viu os patrulheiros espalhando-se perante a sangrenta cabeça de cão de Harma. Os corsários gritaram, golpearam e

perseguiram os homens de negro até as árvores. Mas havia mais homens saindo da floresta, uma coluna de cavalaria. *Cavaleiros em cavalaria pesada*, viu Jon. Harma teve de reagrupar e dar a volta para ir a seu encontro, mas metade de seus homens tinha se adiantado em excesso.

– O *nascimento*! – Val estava gritando-lhe.

Soavam trombetas por todo lado, sonoras e metálicas. *Os selvagens não têm trombetas, têm apenas berrantes de guerra*. E sabiam disso tão bem quanto ele; o som pôs o povo livre para correr numa confusão, alguns na direção da luta, outros para longe dela. Um mamute estava pisoteando um rebanho de ovelhas que três homens tentavam levar para oeste. Os tambores batiam enquanto os selvagens corriam para formar quadrados e linhas, mas tarde demais e com muita desorganização e lentidão. O inimigo emergia da floresta, de leste, de nordeste, do norte; três grandes colunas de cavalaria pesada, toda revestida de aço escuro e cintilante e sobretudos claros de lã. Não eram os homens de Atalaialeste, esses não tinham passado de uma linha de batedores. Um exército. *O rei?* Jon sentia-se tão confuso quanto os selvagens. Poderia Robb ter retornado? Teria o rapaz no Trono de Ferro finalmente se posto em movimento?

– É melhor que volte para a tenda – disse a Val.

Do outro lado do campo de batalha, uma coluna tinha afogado Harma Cabeça de Cão. Outra esmagara-se contra o flanco dos lanceiros de Tormund enquanto ele e os filhos tentavam desesperadamente virá-los. Mas os gigantes estavam subindo em seus mamutes, e os cavaleiros em seus cavalos albardados não gostaram nada disso; Jon viu como os corcéis e cavalos de batalha gritavam e debandavam ao ver aquelas pesadas montanhas. Mas também havia medo do lado dos selvagens, com centenas de mulheres e crianças fugindo da batalha, algumas indo se meter cegamente sob os cascos dos garranos. Viu o carro de cães de uma velha entrar no caminho de três bigas, fazendo-as chocar umas com as outras.

– Deuses – sussurrou Val –, deuses, por que é que estão fazendo isso?

– Volte para a tenda e fique com Dalla. Aqui não está em segurança. – A segurança não seria muito maior lá dentro, mas ela não precisava ouvir isso.

– Tenho de encontrar a parteira – disse Val.

– A parteira é você. Eu fico aqui até o Mance retornar. – Tinha perdido Mance de vista, mas agora encontrara-o, abrindo caminho com a espada pelo meio de um agrupamento de homens a cavalo. Os mamutes tinham estilhaçado a coluna central, mas as outras duas aproximavam-se como tenazes. No limite oriental dos acampamentos, um grupo de arqueiros disparava flechas incendiárias contra as tendas. Viu um mamute arrancar um cavaleiro da sela e atirá-lo a doze metros de altura com um golpe de tromba. Selvagens fluíam por ali, mulheres e crianças que fugiam da batalha, algumas acompanhadas de homens que as apressavam. Uns poucos lançaram a Jon olhares sombrios, mas ele tinha Garralonga na mão, e ninguém o incomodou. Até Varamyr fugiu, engatinhando sobre as mãos e os joelhos.

Mais e mais homens jorravam das árvores, já não apenas cavaleiros mas também cavaleiros livres, arqueiros a cavalo e homens de armas com jaquetas e capacetes redondos, dúzias de homens, centenas de homens. Um deslumbramento de estandartes voava por cima deles. O vento sacudia-os com violência demais para que Jon visse os símbolos, mas vislumbrou um cavalo-marinho, um campo de aves, um anel de flores. E amarelo, tanto amarelo, estandartes amarelos com um símbolo vermelho, de quem eram aquelas armas?

A leste, norte e nordeste, viu bandos de selvagens tentando tomar posição e lutar, mas os atacantes passavam por cima deles. O povo livre ainda tinha a vantagem dos números, mas os atacantes possuíam armaduras de aço e cavalos pesados. Na parte mais densa do combate, Jon viu Mance levantar-se nos estribos. Seu manto vermelho e negro e o elmo alado tornavam-no fácil de localizar. Tinha a espada erguida, e os homens reuniam-se ao redor dele quando uma cunha de cavaleiros caiu sobre eles com lanças, espadas e machados longos. A égua de Mance empinou-se, escoiceando, e uma lança espetou-se no peito dele. Então a maré de aço submergiu-o.

*Acabou*, pensou Jon, *eles estão quebrando*. Os selvagens fugiam, jogavam as armas fora, homens de Cornopé, cavernícolas e Thenns revestidos de escamas de bronze, todos fugiam. Mance tinha desaparecido, alguém brandia a cabeça de Harma na ponta de uma estaca, as linhas de Tormund tinham quebrado. Só os gigantes em seus mamutes ainda resistiam, ilhas peludas num rubro mar de aço. Os fogos saltavam

de tenda em tenda e alguns dos grandes pinheiros também começavam a se incendiar. E outra cunha de cavaleiros couraçados surgiu por entre a fumaça, montados em cavalos albardados. Flutuando sobre eles vislumbravam-se os maiores estandartes vistos até então, estandartes reais grandes como lençóis; um amarelo com longas pontas, que exibia um coração flamejante, e outro que era como uma folha de ouro martelado, com um veado negro empinando-se e ondulando ao vento.

*Robert*, pensou Jon durante um momento louco, recordando o pobre Owen, mas quando as trombetas voltaram a soar e os cavaleiros avançaram, o nome que gritaram foi: "*Stannis! Stannis! STANNIS!*".

Jon virou-se, e entrou na tenda.

# ARYA

À porta da estalagem, pendurados em uma forca desgastada pelas intempéries, os ossos de uma mulher torciam-se e chocalhavam a cada rajada de vento.

*Conheço esta estalagem*. Mas não havia forca à porta quando tinha dormido ali com a irmã Sansa, sob o olhar vigilante da Septã Mordane.

– Não queremos entrar – decidiu subitamente Arya –, pode haver fantasmas.

– Sabe quanto tempo passou desde que eu bebi uma taça de vinho? – Sandor saltou da sela. – Além do mais, temos de ficar sabendo quem controla o vau rubi. Fique com os cavalos se quiser, por mim tô cagando.

– E se o reconhecerem? – Sandor já não se incomodava em esconder o rosto. Já não parecia se importar com quem o reconhecesse. – Podem querer prendê-lo.

– Que experimentem. – Soltou a espada na bainha e empurrou a porta.

Arya nunca teria melhor oportunidade de fugir. Podia se afastar, montada na Covarde, e levar também o Estranho. Mordeu o lábio. Então levou os cavalos para os estábulos e entrou atrás dele.

*Eles conhecem-no*. Foi o silêncio que lhe contou. Mas isso não era o pior. Ela também os conhecia. Não o estalajadeiro magricela, nem as mulheres, nem os trabalhadores rurais que estavam junto da lareira. Mas os outros. Os soldados. Ela conhecia os soldados.

– Procurando o seu irmão, Sandor? – a mão de Polliver estivera enfiada no corpete da moça que tinha no colo, mas agora a havia tirado para fora.

– Procurando uma taça de vinho. Estalajadeiro, um jarro de tinto. – Clegane atirou um punhado de moedas de cobre para o chão.

– Não quero problemas, sor – disse o estalajadeiro.

– Então não me chame de *sor*. – Sua boca torceu-se. – Está surdo, idiota? Pedi vinho. – Quando o homem fugiu, Clegane gritou às suas costas. – *Duas taças!* A garota também tem sede!

*Eles são só três*, pensou Arya. Polliver deu-lhe um breve relance e o rapaz que estava a seu lado nem chegou a olhá-la, mas o terceiro fitou-a longa e duramente. Era um homem de altura e constituição medianas, com um rosto tão comum que era difícil saber que idade tinha. *O Cócegas. Cócegas e Polliver juntos*. O rapaz era um escudeiro, julgando pela idade e pelo vestuário. Tinha uma grande espinha branca junto ao nariz e algumas vermelhas na testa.

– Este é o cachorro perdido de que Sor Gregor falou? – perguntou ao Cócegas. – Aquele que fez xixi nas esteiras e fugiu?

Cócegas apoiou uma mão no braço do rapaz, num aviso, e sacudiu vivamente a cabeça. Arya compreendeu aquilo com bastante clareza.

Mas o escudeiro não, ou então não se importou.

– Sor disse que o seu irmão cachorro enfiou o rabo entre as pernas quando a batalha esquentou demais em Porto Real. Disse que fugiu ganindo. – Dirigiu ao Cão de Caça um estúpido sorriso de zombaria.

Clegane estudou o rapaz e não disse palavra. Polliver tirou rudemente a moça de cima de si e pôs-se em pé.

– O moço tá bêbado – disse. O homem de armas era quase tão alto quanto o Cão de Caça, embora não fosse tão musculoso. Uma barba arredondada cobria-lhe o queixo e as maxilas, espessa, negra e bem cortada, mas a cabeça estava mais calva do que coberta. – Ele não aguenta o vinho, é só isso.

– Então não devia beber.

– O cachorro não assusta... – começou o rapaz, mas o Cócegas torceu casualmente sua orelha entre o indicador e o polegar. As palavras transformaram-se num guincho de dor.

O estalajadeiro retornou apressadamente, trazendo duas taças de pedra e um jarro numa bandeja de peltre. Sandor levou o jarro à boca. Arya via os músculos do pescoço dele trabalhando enquanto engolia. Quando bateu com ele na mesa, metade do vinho tinha desaparecido.

– Agora já pode servir. E é melhor que apanhe aqueles cobres, que são as únicas moedas que deve ver hoje.

– Nós pagaremos quando acabarmos de beber – disse Polliver.

– Quando acabar de beber, vai fazer cócegas no estalajadeiro para saber onde ele guarda o ouro. Como faz sempre.

O estalajadeiro lembrou-se de repente de algo que tinha na cozinha. Os homens da terra também estavam saindo, e as garotas já tinham desaparecido. O único som que se ouvia na sala comum era o tênue crepitar do fogo na lareira. *Também devíamos ir embora*, compreendeu Arya.

– Se anda à procura do Sor, vem tarde demais – disse Polliver. – Ele esteve em Harrenhal, mas já não está. A rainha mandou buscá-lo. – Arya viu que o homem trazia três lâminas à cintura; uma espada longa na anca esquerda e na direita um punhal e uma lâmina mais esguia, longa demais para ser uma adaga e curta demais para ser uma espada. – O Rei Joffrey está morto, sabe? – acrescentou. – Envenenado durante o banquete do próprio casamento.

Arya penetrou um pouco mais na sala. *Joffrey está morto*. Quase conseguia vê-lo, com os caracóis louros, o sorriso maldoso e os lábios grossos e moles. *Joffrey está morto!* Sabia que aquilo devia deixá-la feliz, mas de algum modo ainda se sentia vazia por dentro. Joffrey estava morto, mas se Robb também estava, que importava?

– Lá se foram os meus bravos irmãos da Guarda Real. – Cão de Caça soltou uma fungada de desprezo. – Quem foi que o matou?

– O Duende, pensam. Ele e a mulherzinha.

– Que mulher?

– Esquecia-me de que tem estado escondido debaixo de uma pedra. A nortenha. A filha de Winterfell. Ouvimos dizer que ela matou o rei com um feitiço e que depois se transformou num lobo com grandes asas de couro, como as de um morcego, e voou por uma janela de torre. Mas deixou o anão para trás e Cersei quer cortar a cabeça dele.

*Isso é estúpido*, pensou Arya. *Sansa só sabe canções, e não feitiços, e nunca casaria com o Duende*.

Cão de Caça sentou-se no banco mais próximo da porta. Sua boca torceu-se, mas só do lado queimado.

– Ela devia mergulhá-lo em fogovivo e cozê-lo. Ou fazer-lhe cócegas até a lua ficar negra. – Ergueu a taça de vinho e esvaziou-a de uma só vez.

*Ele é um deles*, pensou Arya quando viu aquilo. Mordeu o lábio com tanta força que sentiu o gosto do sangue. *É igualzinho a eles. Devia matá-lo quando dormisse*.

– Então Gregor tomou Harrenhal? – disse Sandor.

– Não foi preciso tomar muito – disse Polliver. – Os mercenários fugiram assim que souberam que estávamos a caminho, todos menos uns poucos. Um dos cozinheiros abriu uma poterna para a gente entrar, para se vingar de Hoat por lhe ter cortado o pé. – Soltou um risinho. – Ficamos com ele para cozinhar para nós, umas meninas para aquecer nossas camas e passamos todos os outros pela espada.

– *Todos* os outros? – disse Arya antes de conseguir se segurar.

– Bem, o Sor ficou com Hoat como passatempo.

Sandor disse:

– O Peixe Negro ainda está em Correrrio?

– Não por muito tempo – disse Polliver. – Está cercado. O velho Frey vai enforcar Edmure Tully se ele não entregar o castelo. O único local onde se luta a sério é em volta de Corvarbor. Os Blackwood e os Bracken. Os Bracken agora são dos nossos.

Cão de Caça serviu uma taça de vinho a Arya e outra a si mesmo, e bebeu-a enquanto fitava o fogo na lareira.

– O passarinho voou, foi? Bem, ainda bem para ela. Cagou na cabeça do Duende e voou.

– Vão encontrá-la – disse Polliver. – Nem que seja preciso metade do ouro de Rochedo Casterly.

– Uma garota bonita, segundo ouvi dizer – disse o Cócegas. – Doce como o mel. – Estalou os lábios e sorriu.

– E cortês – concordou Cão de Caça. – Uma senhorinha como deve ser. Ao contrário da porcaria da irmã.

– Também a encontraram – disse Polliver. – A irmã. Ouvi dizer que é para o bastardo de Bolton.

Arya bebericou o vinho para que não vissem sua boca. Não compreendia o que Polliver estava dizendo. *Sansa não tem nenhuma outra irmã*. Sandor Clegane riu alto.

– O que é tão engraçado assim? – perguntou Polliver.

Cão de Caça não deu nem um relance a Arya.

– Se quisesse que você soubesse, teria dito. Há navios em Salinas?

– Salinas? Como é que eu vou saber? Os mercadores voltaram para a Lagoa da Donzela, segundo ouvi dizer. Randyll Tarly tomou o castelo e

trancou Mooton numa cela de torre. Não ouvi porra nenhuma a respeito de Salinas.

Cócegas inclinou-se para a frente.

– Iria se lançar ao mar sem se despedir de seu irmão? – Arya sentiu arrepios ao ouvi-lo fazer uma pergunta. – Sor ia preferir que voltasse a Harrenhal com a gente, Sandor. Aposto que sim. Ou a Porto Real...

– Que isso se foda. Que ele se foda. Que você se foda.

Cócegas encolheu os ombros, endireitou-se e esticou uma mão para as costas, a fim de esfregar a parte de trás do pescoço. Então tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo; Sandor pôs-se em pé, Polliver puxou a espada e a mão de Cócegas chicoteou num arco borrado para enviar qualquer coisa prateada relampejando pela sala comum. Se o Cão de Caça não estivesse em movimento, a faca podia ter arrancado o seu pomo de adão; em vez disso, apenas roçou suas costelas, e acabou espetada, tremendo, na parede perto da porta. Ele então riu, uma gargalhada tão fria e vazia como se tivesse saído do fundo de um poço profundo.

– Eu tinha esperança de que fizesse alguma coisa estúpida. – A espada deslizou para fora da bainha bem a tempo de desviar para o lado a primeira estocada de Polliver.

Arya deu um passo para trás quando a longa canção de aço se iniciou. Cócegas saltou do banco com uma espada curta numa mão e um punhal na outra. Até o atarracado escudeiro moreno se levantara, procurando o cabo da espada às apalpadelas. Arya pegou sua taça de vinho que estava sobre a mesa e atirou-a na cara dele. A pontaria foi melhor do que havia sido nas Gêmeas. A taça atingiu-o bem em cheio na grande espinha branca e ele estatelou-se sobre o traseiro.

Polliver era um lutador sombrio e metódico e empurrou firmemente Sandor para trás, movendo a sua pesada espada longa com brutal precisão. Os golpes do Cão de Caça eram mais desleixados, as paradas apressadas, os pés lentos e desajeitados. *Ele está bêbado*, compreendeu Arya com consternação. *Bebeu demais, e depressa demais, sem comida na barriga*. E Cócegas estava deslizando ao longo da parede para ficar atrás dele. Arya pegou a segunda taça de vinho e atirou-a nele, mas o homem foi mais rápido do que o escudeiro e desviou a cabeça a tempo. O olhar que lhe dirigiu foi frio e cheio de promessas. *Há ouro escondido na aldeia?*, conseguia ouvi-lo perguntar. O estúpido do escudeiro estava se

agarrando à borda de uma mesa, apoiando-se nela para se pôr de joelhos. Arya sentiu o sabor do início do pânico no fundo da garganta. *O medo golpeia mais profundamente do que as espadas. O medo golpeia mais profundamente...*

Sandor soltou um grunhido de dor. O lado queimado de seu rosto escorria, vermelho, da têmpora à bochecha, e o coto de orelha desaparecera. Aquilo pareceu zangá-lo. Empurrou Polliver para trás com um ataque furioso, pressionando-o com a velha espada amassada que arranjara nas colinas. O homem barbudo cedeu terreno, mas nenhum dos golpes chegou sequer a tocá-lo. E então o Cócegas saltou sobre um banco, rápido como uma cobra, e golpeou a parte de trás do pescoço do Cão de Caça com a aresta de sua espada curta.

*Estão matando-o*. Arya não tinha mais taças, mas havia algo melhor para atirar. Puxou o punhal que tinham roubado do arqueiro moribundo e tentou arremessá-lo no Cócegas da mesma maneira que ele tinha feito. Não era o mesmo que atirar uma pedra ou uma maçã, porém. A faca balançou e atingiu-o no braço com o cabo. *Ele nem sequer a sentiu*. Estava concentrado demais em Clegane.

Enquanto apunhalava, Clegane torceu-se violentamente para o lado, conquistando para si uma pausa de meio segundo. Escorria sangue por seu rosto e do golpe no pescoço. Ambos os homens da Montanha o atacavam duramente, com Polliver golpeando a cabeça e os ombros enquanto Cócegas se precipitava para apunhalar as costas e a barriga. O pesado jarro de pedra continuava sobre a mesa. Arya agarrou-o com ambas as mãos, mas no momento em que o erguia alguém a agarrou pelo braço. O jarro escorregou de seus dedos e caiu com estrondo no chão. Obrigada a girar com um empurrão, deu por si à distância de um nariz do escudeiro. *Sua estúpida, esqueceu completamente dele*. Viu que a grande espinha branca tinha estourado.

– É o cachorro do cachorro? – ele tinha a espada na mão direita e o braço dela na esquerda, mas as mãos dela estavam livres, portanto puxou a faca do rapaz de sua bainha e voltou a embainhá-la na barriga, torcendo-a. Ele não usava cota de malha, nem mesmo couro fervido, por isso a faca penetrou facilmente, como a Agulha penetrara quando Arya matou o cavalariço em Porto Real. Os olhos do escudeiro abriram-se

muito e ele largou o braço dela. Arya girou na direção da porta e arrancou a faca do Cócegas da parede.

Polliver e Cócegas tinham encostado Cão de Caça em um canto, por trás de um banco, e um deles acrescentara aos seus outros ferimentos um feio golpe vermelho na coxa superior. Sandor apoiava-se na parede, sangrando e respirando ruidosamente. Parecia quase não conseguir manter-se em pé, quanto mais lutar.

– Jogue a espada fora e levamos você de volta a Harrenhal – disse-lhe Polliver.

– Para que Gregor possa acabar comigo em pessoa?

Cócegas disse:

– Talvez o dê a mim.

– Se me quer, venha me pegar. – Sandor desencostou-se da parede e ficou semiagachado atrás do banco, com a espada cruzada em frente do corpo.

– Acha que não pegamos? – disse Polliver. – Está bêbado.

– Pode ser que sim – disse Cão de Caça –, mas você está morto. – Seu pé projetou-se para a frente e apanhou o banco, atirando-o com força contra as canelas de Polliver. De algum modo, o barbudo conseguiu manter o equilíbrio, mas Cão de Caça abaixou-se sob a sua violenta estocada e lançou a própria espada para cima, num traiçoeiro golpe para trás. Sangue esguichou no teto e nas paredes. A lâmina ficou presa no meio da cara de Polliver, e quando Cão de Caça a soltou com uma sacudida, metade da cabeça do outro veio junto.

Cócegas recuou. Arya conseguia sentir o medo dele. A espada curta que tinha na mão pareceu de repente quase um brinquedo, comparada com a longa lâmina que Cão de Caça empunhava, e além disso não tinha armadura. Moveu-se rapidamente, ligeiro de pés, sem nunca tirar os olhos de Sandor Clegane. Foi a coisa mais simples do mundo para Arya aproximar-se dele por trás e apunhalá-lo.

– Há ouro escondido na aldeia? – gritou enquanto enfiava a lâmina em suas costas. – Há prata? Pedras preciosas? – apunhalou-o mais duas vezes. – Há comida? Onde está Lorde Beric? – então já estava em cima dele, ainda apunhalando-o. – Para onde foi ele? Quantos homens o acompanhavam? Quantos cavaleiros? Quantos arqueiros? Quantos, quantos, quantos, quantos, quantos, quantos? Há *ouro* na aldeia?

Tinha as mãos vermelhas e pegajosas quando Sandor a arrastou de cima dele.

– Basta – foi tudo que disse. Ele mesmo sangrava como um porco na matança e arrastava uma perna ao caminhar.

– Há mais um – relembrou-lhe Arya.

O escudeiro tinha puxado a faca da barriga e estava tentando parar o sangue com as mãos. Quando Cão de Caça o endireitou, o rapaz gritou e desatou a choramingar como um bebê.

– Misericórdia – chorou –, por favor. Não me mate. Mãe, misericórdia.

– Eu pareço-me com a merda da sua mãe? – Cão de Caça não tinha nada de humano. – Também matou este – disse a Arya. – Furou as tripas, e isso é o fim dele. Mas vai levar muito tempo para morrer.

O rapaz não pareceu ouvi-lo.

– Eu vim por causa das garotas – choramingou. – ... fazer de mim um homem, disse o Polly... oh, deuses, por favor, levem-me a um castelo... um meistre, levem-me a um meistre, o meu pai tem ouro... foi só por causa das garotas... misericórdia, sor.

Cão de Caça deu-lhe uma bofetada no rosto que o fez gritar outra vez.

– Não me chame de sor. – Virou-se novamente para Arya. – Este é seu, loba. Trate dele.

Arya sabia o que ele queria dizer. Dirigiu-se a Polliver e ajoelhou em seu sangue tempo suficiente para lhe desafivelar o cinto da espada. Pendurada junto ao punhal havia uma lâmina mais esguia, longa demais para ser uma adaga, curta demais para ser uma espada de homem... mas ajustava-se perfeitamente à sua mão.

– Lembra-se de onde fica o coração? – perguntou Cão de Caça.

Ela assentiu. O escudeiro rolou os olhos.

– Misericórdia.

A Agulha deslizou entre as suas costelas e deu-lhe misericórdia.

– Ótimo. – A voz de Sandor estava pesada de dor. – Se estes três estavam aqui nas putas, Gregor deve controlar o vau, além de Harrenhal. Podem aparecer mais dos seus animais de estimação a qualquer momento, e já matamos o suficiente desses malditos por um dia.

– Para onde vamos? – perguntou ela.

– Salinas. – Apoiou uma grande mão em seu ombro para evitar cair. – Arranje algum vinho, loba. E leve também o dinheiro que eles tiverem,

vamos precisar dele. Se houver navios em Salinas, podemos chegar ao Vale por mar. – A boca torceu-se para ela, enquanto mais sangue escorria de onde tivera a orelha. – Pode ser que a Senhora Lysa a case com o seu pequeno Robert. *Essa* era uma união que eu gostaria de ver. – Começou a rir, mas em vez disso gemeu.

Quando chegou o momento de partir, precisou da ajuda de Arya para voltar a subir no Estranho. Atara uma tira de tecido em volta do pescoço e outra em torno da coxa, e tirara o manto do escudeiro do gancho junto à porta. O manto era verde, com uma flecha verde numa banda branca, mas quando Cão de Caça o enrolou e o comprimiu contra a orelha rapidamente se tornou vermelho. Arya teve receio de que ele caísse no momento em que se puseram em movimento, mas de algum modo ele permaneceu na sela.

Não podiam se arriscar a um encontro com quem quer que controlasse o vau rubi, portanto, em vez de seguirem a estrada do rei, desviaram-se para sudeste, cruzando campos repletos de ervas daninhas, bosques e pântanos. Passaram-se horas até chegarem à margem do Tridente. Arya viu que o rio tinha voltado docilmente ao seu canal costumeiro, com toda a sua úmida raiva marrom desaparecida com as chuvas. *Ele também está cansado*, pensou.

Perto, à beira da água, encontraram um grupo de salgueiros que cresciam numa confusão de pedras desgastadas. Juntas, as pedras e as árvores formavam uma espécie de forte natural onde podiam se esconder tanto do rio como da trilha.

– Isto aqui serve – disse Cão de Caça. – Dê água aos cavalos e arranje lenha para uma fogueira. – Quando desmontou, teve de se apoiar num galho para não cair.

– A fumaça não será vista?

– Se alguém quiser nos encontrar, só tem de seguir o meu sangue. Água e lenha. Mas traga-me primeiro esse odre de vinho.

Depois de acender a fogueira, Sandor equilibrou o elmo sobre as chamas, despejou lá dentro metade do odre e caiu contra uma saliência de pedra coberta de musgo como se não pretendesse voltar a se levantar. Obrigou Arya a lavar o manto do escudeiro e a cortá-lo em faixas. Estas também foram enfiadas no elmo.

– Se tivesse mais vinho, bebia-o até ficar morto para o mundo. Talvez devesse mandá-la de volta àquela maldita estalagem para trazer mais dois ou três odres.

– Não – disse Arya. *Ele não faria isso, não é? Se fizer, eu simplesmente o abandono e vou embora*.

Sandor riu do medo no rosto dela.

– Uma brincadeira, lobinha. Uma merda duma brincadeira. Ache um pedaço de madeira, mais ou menos deste tamanho e não muito grosso. E lave a lama dele. Detesto o sabor de lama.

Não gostou dos primeiros dois pedaços de madeira que ela lhe trouxe. Quando encontrou um que lhe agradou, as chamas já tinham enegrecido a cabeça de cão até os olhos. Lá dentro, o vinho fervia furiosamente.

– Tire a caneca do meu rolo de dormir e encha-a até metade – disse-lhe. – Tome cuidado. Se virar aquela porcaria, mando-a *mesmo* buscar mais. Pegue o vinho e despeje-o sobre as minhas feridas. Acha que consegue fazer isso? – Arya assentiu. – Então está esperando o quê? – rosnou.

Os nós dos dedos dela roçaram no aço da primeira vez que encheu a caneca, deixando-lhe uma queimadura tão grande que ficou com bolhas. Arya teve de morder o lábio para evitar gritar. Cão de Caça usou o pedaço de madeira para o mesmo fim, prendendo-o entre os dentes enquanto ela despejava o vinho. Arya tratou primeiro do golpe na coxa, e depois da ferida menos profunda na parte de trás do pescoço. Sandor cerrou a mão direita num punho e esmurrou o chão quando ela tratou de sua perna. Quando foi a vez do pescoço, mordeu o pedaço de madeira com tanta força que este se quebrou, e Arya teve de lhe arranjar outro. Conseguia ver o terror nos olhos de Cão de Caça.

– Vire a cabeça. – Deixou pingar o vinho sobre a rubra carne viva que surgia onde ficava sua orelha, e fios de sangue castanho e vinho tinto escorreram sobre seu maxilar. Então ele gritou *mesmo*, apesar do pau. E depois desmaiou devido às dores.

Arya descobriu o que mais devia fazer sozinha. Pescou do fundo do elmo as faixas que tinham feito com o manto do escudeiro e usou-as para atar os cortes. Quando chegou ao ouvido, teve que envolver metade da cabeça dele para estancar a hemorragia. A essa altura, o ocaso já caía sobre o Tridente. Deixou os cavalos pastar, e então os prendeu para a

noite e instalou-se o mais confortavelmente que pôde num nicho entre duas pedras. A fogueira ardeu durante algum tempo e extinguiu-se. Arya observou a lua por entre os ramos, por cima de sua cabeça.

– Sor Gregor, a Montanha – disse em voz baixa. – Dunsen, Raff, o Querido, Sor Ilyn, Sor Meryn, Rainha Cersei. – Deixar de fora Polliver e Cócegas deu-lhe uma sensação estranha. E Joffrey também. Sentia-se contente por ele estar morto, mas gostaria de ter estado lá para vê-lo morrer, ou mesmo para ser ela a matá-lo. *Polliver disse que Sansa o matou, com o Duende*. Poderia isso ser verdade? O Duende era um Lannister, e Sansa... *Gostaria de poder me transformar em lobo e ganhar asas e voar para longe.*

Se Sansa também tinha desaparecido, já não havia Starks além dela. Jon estava na Muralha a mil léguas de distância, mas era um Snow, e aqueles vários tios e tias a quem o Cão de Caça queria vendê-la, esses também não eram Starks. Não eram *lobos*.

Sandor gemeu, e ela rolou sobre o flanco para olhá-lo. Percebeu que também tinha deixado de fora o nome dele. Por que teria feito isso? Tentou pensar em Mycah, mas era difícil lembrar-se de sua aparência. Não o conhecera por muito tempo. *Tudo o que ele fez foi brincar comigo de espada*.

– Cão de Caça – sussurrou, e: – *Valar morghulis*. – Ele talvez estivesse morto de manhã...

Mas quando a pálida luz da aurora chegou, filtrada pelas árvores, foi ele que a acordou com a ponta da bota. Arya sonhara de novo que era um lobo, perseguindo um cavalo sem cavaleiro por uma colina com uma alcateia atrás de si, mas o pé dele trouxe-a de volta exatamente no momento em que se aproximavam para a matança.

Cão de Caça continuava fraco, com todos os movimentos lentos e desajeitados. Afundou-se na sela e desatou a suar, e a orelha começou a sangrar através da atadura. Precisou de todas as suas forças para evitar cair do Estranho. Se os homens da Montanha tivessem vindo em seu encalço, Arya duvidava que ele fosse capaz sequer de erguer uma espada. Arya deu um olhar de relance por sobre o ombro, mas nada havia atrás deles além de um corvo que voava de árvore em árvore. O único som era o do rio.

Muito antes do meio-dia, Sandor Clegane cambaleava. Ainda restavam horas de luz do dia quando ele decidiu fazer uma parada.

– Preciso descansar – foi tudo o que disse. Daquela vez, quando desmontou, caiu *mesmo*. Em vez de tentar ficar de pé novamente, engatinhou debilmente para baixo de uma árvore e encostou-se no tronco. – Maldito inferno – praguejou. – Maldito inferno. – Quando viu Arya a fitá-lo, disse: – Era capaz de esfolá-la viva por uma taça de vinho, menina.

Em vez disso, Arya trouxe-lhe água. Ele bebeu um pouco, queixou-se de que tinha gosto de lama e deixou-se cair num sono ruidoso e febril. Quando Arya tocou nele, a pele ardia. Arya cheirou as ataduras como o Meistre Luwin fazia às vezes quando lhe tratava os cortes ou arranhões. Foi o rosto de Cão de Caça que tinha sangrado mais, mas foi o ferimento na coxa que pareceu a Arya ter um cheiro esquisito.

Perguntou a si mesma a que distância estaria aquele lugar, Salinas, e se seria capaz de encontrá-lo sozinha. *Não teria de matá-lo. Se apenas fosse embora e o abandonasse, ele morreria sozinho. Morreria de febre, e ficaria ali debaixo daquela árvore até o fim dos tempos*. Mas talvez fosse melhor se o matasse. Matara o escudeiro na estalagem e ele nada tinha feito a não ser agarrar o braço dela. Cão de Caça tinha matado Mycah. *Mycah e mais gente. Aposto que ele matou cem Mycahs*. E provavelmente teria matado Arya também, se não fosse o resgate.

A Agulha cintilou quando a desembainhou. Polliver mantivera-a limpa e afiada, pelo menos. Posicionou o corpo de lado, numa pose de dançarina de água, sem sequer pensar nisso. Folhas mortas estalaram sob os seus pés. *Rápida como uma cobra*, pensou. *Suave como seda de verão*.

Os olhos dele abriram-se.

– Lembra-se de onde fica o coração? – perguntou num sussurro rouco.

E ela ficou imóvel como pedra.

– Eu... eu estava só...

– *Não minta* – rosnou ele. – Odeio mentirosos. E odeio ainda mais embusteiros sem culhões. Vá, trate disso. – Quando Arya não se mexeu, ele disse: – Eu matei o seu filho de açougueiro. Cortei-o quase ao meio e depois ri dele. – Soltou um som estranho, e Arya precisou de um momento para perceber que o homem estava soluçando. – E o passarinho, a sua irmã bonita, fiquei lá com o meu manto branco e deixei

que a espancassem. E *arranquei* a maldita canção dela, ela não me deu. Também queria possuí-la. Devia ter feito isso. Devia tê-la fodido até fazer sangue e devia ter arrancado seu coração antes de deixá-la para aquele anão. – Um espasmo de dor contorceu seu rosto. – Quer me obrigar a suplicar, cadela? *Trate disso!* A dádiva da misericórdia... vingue o seu pequeno Michael...

– Mycah. – Arya afastou-se dele. – Você não merece a dádiva da misericórdia.

Cão de Caça viu Arya selar a Covarde com olhos brilhantes de febre. Nem uma vez tentou erguer-se e impedi-la. Mas quando ela montou, disse:

– Um verdadeiro lobo acabaria com um animal ferido.

*Talvez alguns lobos verdadeiros o encontrem*, pensou Arya. *Talvez o farejem quando o sol se puser*. Então ficaria sabendo o que os lobos faziam aos cães.

– Não devia ter batido em mim com aquele machado – disse. – Devia ter salvo a minha mãe. – Virou o cavalo e afastou-se dele, e não olhou para trás nem uma vez.

Numa manhã luminosa seis dias depois, chegou a um lugar onde o Tridente começava a se alargar e o ar cheirava mais a sal do que a árvores. Permaneceu perto da água, passando por campos de cultivo e fazendas, e um pouco depois do meio-dia uma vila apareceu na sua frente. *Salinas*, pensou, esperançosa. Um pequeno castelo dominava a vila; não passava de uma fortaleza, na verdade, uma única fortificação quadrada com um cercado e uma muralha exterior. A maior parte das lojas, estalagens e cervejarias em volta do porto tinha sido saqueada ou queimada, embora algumas casas parecessem ainda habitadas. Mas o porto estava lá, e para leste estendia-se a Baía dos Caranguejos, com águas que cintilavam azuis e verdes ao sol.

E havia navios.

*Três*, pensou Arya, *há três*. Dois eram apenas galés fluviais, barcos de pequeno calado e fundo raso concebidos para percorrer as águas do Tridente. O terceiro era maior, um navio mercante do mar salgado com duas fileiras de remos, uma proa dourada e três grandes mastros com velas roxas dobradas. O casco também estava pintado de roxo. Arya levou a Covarde até as docas para ver melhor. Estranhos não eram tão

estranhos num porto como são nas pequenas aldeias, e ninguém pareceu se importar com quem ela era ou com o motivo por que se encontrava ali.

*Preciso de prata*. A conclusão fez Arya morder o lábio. Tinham encontrado um veado e uma dúzia de cobres em Polliver, oito moedas de prata no escudeiro espinhento que ela tinha matado, e não mais do que um par de moedas na bolsa de Cócegas. Mas Cão de Caça tinha lhe dito para tirar as botas de Cócegas e cortar as roupas ensopadas em sangue, e ela descobriu um veado em cada pé, e três dragões de ouro cosidos no forro de seu gibão. Mas Sandor tinha ficado com tudo. *Não foi justo. Era tanto meu como dele*. Se lhe tivesse oferecido a dádiva da misericórdia... mas não tinha. E não podia voltar, assim como não podia suplicar ajuda. *Nunca se consegue ajuda suplicando-a*. Teria de vender a Covarde e esperar conseguir dinheiro suficiente.

Ficou sabendo por um rapaz junto às docas que o estábulo tinha sido queimado, mas a ex-proprietária do lugar continuava fazendo negócio atrás do septo. Arya encontrou-a sem dificuldade; uma mulher alta e robusta com um bom cheiro de cavalo. Gostou da Covarde à primeira vista, perguntou a Arya como a arranjara, e sorriu com a resposta dela.

– É um cavalo de boa linhagem, isso é bem evidente, e não duvido que pertenceu a um cavaleiro, querida – disse. – Mas o cavaleiro não era nenhum irmão seu que morreu. Já faço negócio ali com o castelo há muitos anos, e sei como se parecem os fidalgos. Esta égua é bem-nascida, mas você não é. – Espetou um dedo no peito de Arya. – Ou a encontrou, ou a roubou, não importa, foi o que foi. É a única maneira de uma coisinha malvestida como você acabar montada num palafrém.

Arya mordeu o lábio.

– Isso quer dizer que não vai comprá-la?

A mulher soltou um risinho.

– Quer dizer que aceitará o que eu lhe der, querida. Senão vamos ao castelo, e talvez fique sem nada. Ou até acabe enforcada, por roubar um bom cavalo de cavaleiro.

Meia dúzia de outras pessoas de Salinas andavam por ali, cuidando de seus assuntos, portanto Arya sabia que não podia matar a mulher. Em vez disso teve de morder o lábio e se deixar ser tapeada. A bolsa que recebeu era deploravelmente achatada, e quando pediu mais pela sela, freios e manta, a mulher apenas riu na sua cara.

*Ela nunca teria tapeado o Cão de Caça*, pensou durante a longa caminhada de volta às docas. A distância parecia ter aumentado quilômetros desde que a percorrera a cavalo.

A galé roxa ainda se encontrava no mesmo lugar. Se o navio tivesse zarpado enquanto estava sendo assaltada, isso teria sido demais para suportar. Um barril de hidromel estava sendo rolado pela prancha acima quando chegou. Quando tentou segui-lo, um marinheiro no convés gritou-lhe numa língua que não conhecia.

– Quero falar com o capitão – disse-lhe Arya. Ele limitou-se a gritar mais alto. Mas a agitação atraiu a atenção de um homem robusto e grisalho vestido com um casaco de lã roxa, e ele falava o Idioma Comum.

– Eu sou o capitão aqui – disse ele. – O que deseja? Rápido, pequena, temos de apanhar a maré.

– Quero ir para o norte, para a Muralha. Olhe, posso pagar. – Deu-lhe a bolsa. – A Patrulha da Noite tem um castelo junto ao mar.

– Atalaialeste. – O capitão despejou a prata na palma da mão e franziu a testa. – Isto é tudo que tem?

*Não é suficiente*, compreendeu Arya sem que lhe dissessem. Conseguia ver no rosto do homem.

– Não ia precisar de uma cabine, nem nada disso – disse. – Eu poderia dormir no porão, ou...

– Aceite-a como moça de cabine – disse um remador que passava por ali, com um fardo de lã ao ombro. – Ela pode dormir comigo.

– Tento na língua – exclamou o capitão.

– Eu poderia trabalhar – disse Arya. – Poderia esfregar os conveses. Eu já esfreguei os degraus de um castelo. Ou poderia remar...

– Não – disse ele –, não poderia. – Devolveu-lhe as moedas. – E não faria diferença se pudesse, pequena. O norte não tem nada para nós. Gelo, guerra e piratas. Vimos uma dúzia de navios piratas rumando para o norte quando viramos a Ponta da Garra Rachada, e não tenho nenhuma vontade de voltar a encontrá-los. Daqui, apontamos os remos para casa, e eu sugiro que você faça a mesma coisa.

*Não tenho casa*, pensou Arya. *Não tenho alcateia. E agora nem sequer tenho um cavalo*.

O capitão estava se virando quando ela disse:

– Que navio é este, senhor?

Ele parou tempo suficiente para lhe conceder um sorriso cansado.

– Esta é a galeota *Filha do Titã*, da Cidade Livre de Bravos.

– Espere – disse subitamente Arya. – Tenho mais uma coisa. – Enfiara-a na roupa de baixo para mantê-la em segurança, por isso teve de procurar bem fundo para achá-la, enquanto os remadores riam e o capitão esperava com óbvia impaciência.

– Mais uma moeda de prata não fará diferença, pequena – disse por fim.

– Não é prata. – Seus dedos fecharam-se sobre ela. – É ferro. Tome. – Enfiou-a na mão dele, a pequena moeda negra de ferro que Jaqen H'ghar lhe dera, tão gasta que o homem cuja cabeça mostrava não tinha feições. *Provavelmente não tem nenhum valor, mas...*

O capitão virou-a, pestanejou, e então voltou a olhá-la.

– Isto... como...?

*Jaqen disse para pronunciar as palavras também*. Arya cruzou os braços contra o peito.

– *Valar morghulis* – disse, tão alto como se soubesse o que aquilo queria dizer.

– *Valar dohaeris* – respondeu o homem, tocando a testa com dois dedos. – É *claro* que terá uma cabine.

## SAMWELL

—Ele suga com mais força do que o meu. – Goiva afagou a cabeça do bebê enquanto o segurava junto do mamilo.

– Tem fome – disse a loura chamada Val, aquela que os irmãos negros chamavam de princesa selvagem. – Viveu até agora de leite de cabra e das poções daquele meistre cego.

O rapaz ainda não tinha nome, tal como o de Goiva. Era esse o costume dos selvagens. Nem mesmo o filho de Mance Rayder teria um nome até o seu terceiro ano, aparentemente, embora Sam tivesse ouvido os irmãos chamarem-no de "principezinho" e "nascido-em-batalha".

Observou a criança se alimentar do seio de Goiva e então observou Jon observando. *Jon está sorrindo*. Um sorriso triste, ainda, mas decididamente uma espécie de sorriso. Sam sentiu-se contente por ver isso. *É a primeira vez que o vejo sorrir desde que voltei*.

Tinham caminhado de Fortenoite até Lago Profundo, e de Lago Profundo até Portão da Rainha, seguindo uma estreita trilha de um castelo até o seguinte, sem nunca perder de vista a Muralha. A um dia e meio de Castelo Negro, enquanto caminhavam penosamente com pés cobertos de calos, Goiva ouviu cavalos atrás deles e virou-se para ver uma coluna de cavaleiros negros que vinha de oeste.

– Irmãos meus – Sam tinha assegurado. – Ninguém usa esta estrada a não ser a Patrulha da Noite. – No fim era Sor Denys Mallister da Torre Sombria, com o ferido Bowen Marsh e os sobreviventes da batalha na Ponte das Caveiras. Quando Sam viu Dywen, Gigante e Edd Doloroso Tollett, descontrolou-se e chorou.

Foi através deles que ficou sabendo da batalha à sombra da Muralha.

– Stannis desembarcou os seus cavaleiros em Atalaialeste, e Cotter Pyke levou-os pelos caminhos dos patrulheiros, para apanhar os selvagens desprevenidos – contou-lhe o Gigante. – Esmagou-os. Mance Rayder foi capturado, mil de seus melhores guerreiros foram mortos, incluindo Harma Cabeça de Cão. O resto dispersou-se como folhas antes

de uma tempestade, segundo ouvimos dizer. – *Os deuses são bons*, pensou Sam. Se não tivesse se perdido enquanto se dirigia para o sul vindo da Fortaleza de Craster, ele e Goiva podiam ter esbarrado com a batalha... ou com o acampamento de Mance Rayder, pelo menos. Isso poderia ter sido bom para Goiva e o menino, mas não para ele. Sam tinha ouvido todas as histórias sobre aquilo que os selvagens faziam com corvos capturados. Estremeceu.

Mas nada do que os irmãos lhe tinham dito o preparara para o que foi encontrar em Castelo Negro. A sala comum tinha queimado até o chão e a grande escada de madeira era um monte de gelo partido e vigas carbonizadas. Donal Noye estava morto, bem como Rast, Dick Surdo, Alyn Vermelho e tantos outros, e no entanto o castelo tinha mais gente do que Sam alguma vez vira; não eram irmãos negros, mas soldados do rei, mais de mil homens. Havia um rei na Torre do Rei pela primeira vez desde que havia memória, e flutuavam estandartes na Lança, na Torre de Hardin, na Fortaleza Cinzenta, no Salão dos Escudos e em outros edifícios que tinham se mantido vazios e abandonados durante longos anos.

– O grande, o dourado com o veado preto, é o estandarte real da Casa Baratheon – disse Sam para Goiva, que nunca antes tinha visto bandeiras. – A raposa com as flores são da Casa Florent. A tartaruga é de Estermont, o peixe-espada é de Bar Emmon e as trombetas cruzadas pertencem aos Wensington.

– São todos brilhantes como flores. – Goiva apontou. – Gosto daqueles amarelos, com o fogo. Olhe, e alguns dos guerreiros têm a mesma coisa nas blusas.

– Um coração flamejante. Não sei de quem é esse símbolo.

Descobriu bastante depressa.

– Homens da rainha – disse-lhe Pyp (depois de soltar um grito e berrar "Fujam e barrem as portas, rapazes, é Sam, o Matador, que voltou da sepultura", enquanto Grenn abraçava Sam com tanta força que este achou que suas costelas iam quebrar) –, mas é melhor que não ande por aí perguntando onde está a rainha. Stannis deixou-a em Atalaialeste, com a filha e a frota. Não trouxe mulher nenhuma além da vermelha.

– A vermelha? – perguntou Sam, com incerteza.

– Melisandre de Asshai – disse Grenn. – A feiticeira do rei. Dizem que queimou um homem vivo em Pedra do Dragão para que Stannis tivesse ventos favoráveis para a sua viagem ao norte. E também cavalgou a seu lado na batalha e deu-lhe a espada mágica. Chamam de Luminífera. Espere até vê-la. Brilha como se tivesse um pedaço do sol lá dentro. – Voltou a olhar para Sam e deu um grande, desamparado e estúpido sorriso. – Ainda não consigo acreditar que está aqui.

Jon Snow também tinha sorrido ao vê-lo, mas foi um sorriso cansado, como aquele que mostrava agora.

– Afinal conseguiu voltar – disse. – E também trouxe Goiva. Bom trabalho, Sam.

O próprio Jon havia feito mais do que um bom trabalho, pelo que Grenn contara. Mas nem mesmo a captura do Berrante do Inverno e de um príncipe selvagem eram o bastante para Sor Alliser Thorne e os amigos, que continuavam a chamá-lo de vira-casaca. Embora Meistre Aemon dissesse que o seu ferimento estava sarando bem, Jon tinha outras cicatrizes, mais profundas do que aquelas que lhe rodeavam o olho. *Ele chora por sua garota selvagem e pelos irmãos.*

– É estranho – disse ele a Sam. – Craster não tinha nenhuma amizade por Mance, nem Mance por Craster, mas agora a filha de Craster está alimentando o filho de Mance.

– Eu tenho leite – disse Goiva, com uma voz suave e acanhada. – O meu só tira um pouco. Não é tão insaciável como este.

A selvagem chamada Val virou-se para eles.

– Ouvi os homens da rainha dizer que a mulher vermelha quer oferecer Mance ao fogo, assim que ele estiver suficientemente forte.

Jon lançou-lhe um olhar fatigado.

– Mance é um desertor da Patrulha da Noite. A pena por esse crime é a morte. Se tivesse sido a Patrulha a capturá-lo, já teria sido enforcado, mas é prisioneiro do rei, e ninguém além da mulher vermelha sabe o que o rei tem na cabeça.

– Quero vê-lo – disse Val. – Quero mostrar-lhe o filho. Ele merece isso antes que o matem.

Sam tentou explicar.

– Ninguém está autorizado a vê-lo exceto o Meistre Aemon, senhora.

– Se estivesse nas minhas mãos, Mance poderia pegar o filho no colo. – O sorriso de Jon desapareceu. – Lamento, Val. – Virou-lhe as costas. – Sam e eu temos que regressar aos deveres. Bem, Sam tem, pelo menos. Perguntaremos se pode visitar Mance. É tudo que posso prometer.

Sam ficou tempo suficiente para dar um apertão na mão de Goiva e prometer voltar depois do jantar. Depois correu atrás de Jon. Havia guardas à porta, homens da rainha com lanças. Jon já estava no meio da escada, mas esperou quando ouviu Sam bufando atrás de si.

– É mais do que amigo de Goiva, não é?

Sam enrubesceu.

– Goiva é boa. É boa e gentil. – Estava feliz por seu longo pesadelo ter terminado, feliz por estar de volta aos seus irmãos em Castelo Negro... mas certas noites, sozinho na cela, pensava no calor de Goiva quando se enrolavam sob as peles com o bebê entre ambos. – Ela... ela tornou-me mais corajoso, Jon. Não *corajoso*, mas... mais corajoso.

– Sabe que não pode ficar com ela – disse Jon com gentileza –, assim como eu não podia ficar com Ygritte. Proferiu as palavras, Sam, assim como eu. Assim como todos nós.

– Eu sei. Goiva disse que seria uma esposa para mim, mas... eu contei-lhe a respeito das palavras e do que elas significavam. Não sei se isso a deixou triste ou feliz, mas contei. – Engoliu nervosamente e disse: – Jon, pode haver honra numa mentira, se for dita com... boa intenção?

– Suponho que isso dependa da mentira e da intenção. – Jon olhou para Sam. – Eu não o aconselharia. Não foi feito para mentir, Sam. Você cora, guincha e gagueja.

– É verdade – disse Sam –, mas podia mentir numa carta. Sou melhor com uma pena na mão. Tive uma... uma ideia. Quando as coisas estiverem mais estabelecidas por aqui, pensei que talvez a melhor coisa para Goiva... pensei que podia enviá-la para Monte Chifre. Para junto de minha mãe e irmãs e... e p-p-pai. Se a Goiva dissesse que o bebê era m-meu... – Estava de novo corando. – A minha mãe quereria ficar com ele, eu sei. Arranjaria algum lugar para Goiva, alguma espécie de serviço, não seria tão duro como servir Craster. E Lorde R-Randyll, ele... ele nunca *diria* isso, mas poderia ficar satisfeito se acreditasse que eu tinha feito um bastardo numa garota selvagem qualquer. Pelo menos provaria que sou homem suficiente para dormir com uma mulher e gerar um filho.

Ele disse-me uma vez que eu iria morrer virgem, que nenhuma mulher jamais... você sabe... Jon, se eu fizesse isso, se escrevesse essa mentira... isso seria uma coisa boa? A vida que o garoto teria...

– Crescendo como bastardo no castelo do avô? – Jon encolheu os ombros. – Isso depende em grande medida de seu pai, e do tipo de garoto que este é. Se for como você...

– Não será. Seu verdadeiro pai é Craster. Você o viu, ele era duro como um velho toco de árvore, e Goiva é mais forte do que parece.

– Se o rapaz mostrar alguma habilidade com a espada ou a lança, deve ter pelo menos um lugar na guarda doméstica de seu pai – disse Jon. – Não é inédito que bastardos sejam treinados como escudeiros e elevados à condição de cavaleiros. Mas é melhor que tenha certeza de que Goiva consegue jogar esse jogo de forma convincente. Por aquilo que me disse de Lorde Randyll, duvido que aceite bem ser enganado.

Mais guardas estavam colocados nos degraus fora da torre. Aqueles eram homens do rei, porém; Sam rapidamente tinha aprendido a diferença. Os homens do rei eram tão terrenos e ímpios como quaisquer outros soldados, mas os da rainha eram fervorosos na sua devoção a Melisandre de Asshai e ao seu Senhor da Luz.

– Vai para o pátio de treinos outra vez? – perguntou Sam quando atravessaram o pátio. – Será sensato treinar tanto antes que a perna acabe de sarar?

Jon encolheu os ombros.

– O que mais posso fazer? Marsh afastou-me de meus deveres, com receio de que eu ainda seja um vira-casaca.

– São poucos os que acreditam nisso – garantiu-lhe Sam. – Sor Alliser e os amigos. A maior parte dos irmãos sabe que não é verdade. O Rei Stannis também sabe, aposto. Trouxe-lhe o Berrante do Inverno e capturou o filho de Mance Rayder.

– Tudo que fiz foi proteger Val e o bebê contra saqueadores quando os selvagens fugiram, e mantê-los lá até que os patrulheiros nos encontrassem. Não *capturei* ninguém. O Rei Stannis mantém bem os seus homens na mão, isso é evidente. Deixa-os saquear um pouco, mas só ouvi falar de três selvagens estupradas, e os homens que o fizeram foram todos castrados. Suponho que devia ter matado o povo livre enquanto fugia. Sor Allister tem andado dizendo por aí que a única vez que

desembainhei a espada foi para defender os nossos inimigos. Diz que não matei Mance Rayder porque estava aliado a ele.

– Isso é só o Sor Alliser – disse Sam. – Todo mundo sabe que tipo de homem ele é. – Com seu nobre nascimento, seu grau de cavaleiro e os muitos anos passados na Patrulha, Sor Alliser Thorne podia ter sido um forte pretendente ao título de Senhor Comandante, mas quase todos os homens que treinara durante seus anos como mestre de armas o desprezavam. Seu nome havia sido sugerido, claro, mas depois de ter acabado num fraco sexto lugar após o primeiro dia e de ter *perdido* votos no segundo, Thorne retirou-se em apoio ao Lorde Janos Slynt.

– O que todo mundo sabe é que Sor Alliser é um cavaleiro de nobre linhagem, e legítimo, enquanto eu sou o bastardo que matou Qhorin Meia-Mão e dormiu com uma esposa de lanças. Ouvi-os chamarem-me de *warg*. Como posso ser *warg* sem um lobo, pergunto? – sua boca torceu-se. – Já nem sequer sonho com o Fantasma. Todos os meus sonhos são sobre as criptas, sobre os reis de pedra em seus tronos. Às vezes ouço a voz de Robb e a do meu pai como se estivessem num banquete. Mas há uma parede entre nós, e sei que não foi posto nenhum lugar para mim.

*Os vivos não têm lugar nos banquetes dos mortos*. Despedaçou o coração de Sam manter então o silêncio. *Bran não está morto, Jon*, quis dizer. *Está com amigos, e vão para o norte num alce gigante à procura de um corvo de três olhos nas profundezas da floresta assombrada*. Aquilo parecia uma loucura tão grande que às vezes Sam Tarly pensava que devia ter sonhado, que teria imaginado toda a história por causa da febre, do medo e da fome... mas teria contado mesmo assim, se não tivesse dado sua palavra.

Três vezes jurara manter o segredo; uma ao próprio Bran, outra àquele estranho rapaz, Jojen Reed, e por fim a Mãos-Frias.

“O mundo acredita que o garoto está morto”, tinha dito o seu salvador quando partiu. “Que os seus ossos não sejam perturbados. Não queremos ninguém no nosso encalço. Jure, Samwell da Patrulha da Noite. Jure pela vida que me deve.”

Infeliz, Sam mudou o peso de uma perna para a outra e disse:

– Lorde Janos nunca será escolhido Senhor Comandante. – Era o melhor conforto que podia dar a Jon, o único conforto. – Isso não acontecerá.

– Sam, você é um tolo de bom coração. Abra os olhos. Está acontecendo há dias. – Jon tirou os cabelos dos olhos e disse: – Eu posso não saber nada, mas sei isso. Agora peço que me dê licença, tenho de bater minha espada em qualquer coisa com muita força.

Nada havia que Sam pudesse fazer, exceto ver Jon caminhar a passos largos na direção do arsenal e do pátio de treinos. Era ali que Jon Snow passava a maior parte das horas em que não dormia. Com Sor Endrew morto e Sor Alliser desinteressado, Castelo Negro não tinha mestre de armas, por isso Jon encarregara-se de trabalhar com os recrutas mais verdes; Cetim, Cavalo, Robin Saltitão com sua perna de pau, Arron e Emrick. E quando eles tinham deveres a cumprir, treinava sozinho durante horas com espada, escudo e lança, ou defrontava qualquer um que quisesse lutar com ele.

*Sam, você é um tolo de bom coração*, conseguiu ouvir Jon dizendo ao longo de todo o caminho de volta à torre do meistre. *Abra os olhos. Está acontecendo há dias*. Poderia ele ter razão? Um homem precisava dos votos de dois terços dos Irmãos Juramentados para se tornar Senhor Comandante da Patrulha da Noite, e após nove dias e nove votações ninguém estava sequer perto disso. Lorde Janos andava ganhando votos, era verdade, ultrapassando Bowen Marsh e depois Othell Yarwyck, mas ainda estava bem atrás de Sor Denys Mallister da Torre Sombria e de Cotter Pyke de Atalaialeste-do-Mar. *Um deles será o novo Senhor Comandante, com certeza*, disse Sam a si mesmo.

Stannis também tinha colocado guardas à porta do meistre. Lá dentro, os aposentos estavam quentes e cheios com os feridos da batalha; irmãos negros, homens do rei e homens da rainha. Clydas andava de um lado para o outro entre eles, com jarros de leite de cabra e de vinho dos sonhos, mas o Meistre Aemon ainda não havia retornado de sua visita matinal a Mance Rayder. Sam pendurou o manto num gancho e foi ajudar. Mas mesmo enquanto ia buscar coisas, servir leite ou vinho e trocar ataduras, as palavras de Jon continuaram a importuná-lo. *Sam, você é um tolo de bom coração. Abra os olhos. Está acontecendo há dias.*

Passou-se uma boa hora até que conseguisse retirar-se para ir alimentar os corvos. Na subida até a colônia, parou para verificar o registro que fizera da contagem da noite anterior. No início da votação, mais de trinta nomes tinham sido sugeridos, mas a maior parte foi retirada assim que se

tornou claro que não tinham chance de ganhar. Depois da noite passada, restavam sete. Sor Denys Mallister reunira duzentos e treze penhores, Cotter Pyke, cento e oitenta e sete, Lorde Slynt, setenta e quatro, Othell Yarwyck, sessenta, Bowen Marsh, quarenta e nove, Hobb Três-Dedos, cinco, e Edd Doloroso Tollett, um. *Pyp e suas estúpidas brincadeiras*. Sam verificou as contagens anteriores. Sor Denys, Cotter Pyke e Bowen Marsh vinham todos perdendo votos desde o terceiro dia e Othell Yarwyck, desde o sexto. Só Lorde Janos Slynt subia, dia após dia após dia.

Ouvia as aves crocitando na colônia, por isso guardou os papéis e subiu os degraus para ir alimentá-las. Viu com prazer que mais três corvos tinham chegado. "*Snow*", gritaram-lhe. "*Snow, snow, snow.*" Foi ele que lhes ensinou aquilo. Mesmo com os recém-chegados, a colônia parecia tristemente vazia. Poucas das aves que Aemon enviara tinham voltado até agora. *Mas uma chegou a Stannis. Uma encontrou Pedra do Dragão, e um rei que ainda se importava*. Sam sabia que, mil léguas para o sul, o pai tinha juntado a Casa Tarly à causa do rapaz no Trono de Ferro, mas nem o Rei Joffrey nem o pequeno Rei Tommen tinham feito alguma coisa quando a Patrulha gritou por ajuda. *De que serve um rei que não quer defender o seu reino?*, pensou, irritado, recordando a noite no Punho dos Primeiros Homens e a terrível viagem até a Fortaleza de Craster através da escuridão, do medo e das nevascas. Os homens da rainha deixavam-no inquieto, era verdade, mas pelo menos tinham *vindo*.

Nessa noite, durante o jantar, Sam procurou por Jon Snow, mas não o viu em lugar nenhum, na cavernosa adega de pedra onde agora os irmãos faziam as refeições. Por fim, ocupou um lugar no banco, junto de seus outros amigos. Pyp estava falando ao Edd Doloroso do concurso que tinham feito para ver qual dos soldados de palha juntaria mais flechas dos selvagens.

– Você esteve à frente a maior parte do tempo, mas Watt de Lago Longo levou três no último dia e ultrapassou você.

– Nunca ganho nada – lamentou-se Edd Doloroso. – Mas os deuses sempre sorriram ao Watt. Quando os selvagens o derrubaram da Ponte das Caveiras, de algum modo conseguiu aterrissar numa boa e funda lagoa cheia de água. Quanta sorte, não acertar em nenhuma daquelas pedras.

– A queda foi longa? – Grenn quis saber. – Cair na lagoa salvou a vida dele?

– Não – disse Edd Doloroso. – Já estava morto, da machadada que levou na cabeça. Mesmo assim, foi bastante sorte não ter batido nas pedras.

Hobb Três-Dedos tinha prometido aos irmãos quadril de mamute assado para aquela noite, talvez na esperança de mendigar mais alguns votos. *Se era essa a sua ideia, devia ter arranjado um mamute mais novo*, pensou Sam, enquanto tirava um fio de cartilagem de entre os dentes. Suspirando, afastou a comida.

Haveria outra votação em breve, e a tensão no ar era mais densa do que a fumaça. Cotter Pyke estava sentado junto ao fogo, rodeado de patrulheiros de Atalaialeste. Sor Denys Mallister encontrava-se perto da porta com um grupo menor de homens da Torre Sombria. *Janos Slynt tem o melhor lugar*, percebeu Sam, *a meio caminho entre as chamas e as correntes de ar*. Sentiu-se alarmado por ver Bowen Marsh a seu lado, pálido e acabado, com a cabeça ainda envolta em linho, mas escutando tudo o que Lorde Janos tinha a dizer. Quando mostrou isso aos amigos, Pyp disse:

– E olhe ali, é Sor Allister aos segredos com Othell Yarwyck.

Após a refeição, Meistre Aemon levantou-se para perguntar se algum dos irmãos desejava falar antes de depositarem os seus penhores. Edd Doloroso levantou-se, com o rosto de pedra e sombrio de sempre.

– Só quero dizer a quem quer que esteja votando em mim que com certeza daria um horrível Senhor Comandante. Mas estes outros também. – Foi seguido por Bowen Marsh, que se ergueu com uma mão no ombro de Lorde Slynt.

– Irmãos e amigos, peço que meu nome seja retirado desta escolha. O ferimento ainda me causa problemas e temo que a tarefa seja grande demais para mim... mas não para Lorde Janos aqui, que comandou os homens de manto dourado em Porto Real durante muitos anos. Vamos todos lhe dar o nosso apoio.

Sam ouviu resmungos irritados vindos do canto da sala onde estava Cotter Pyke, e Sor Denys olhou para um de seus companheiros e sacudiu a cabeça. *É tarde demais, o estrago está feito*. Perguntou a si mesmo onde Jon estaria, e por que motivo havia se mantido afastado.

A maior parte dos irmãos era iletrada, portanto segundo a tradição a escolha era feita depositando penhores em um grande caldeirão de ferro de fundo redondo que Hobb Três-Dedos e Owen Idiota tinham arrastado das cozinhas. Os barris de penhores estavam em um canto, atrás de uma pesada cortina, de modo que os votantes pudessem fazer sua escolha sem serem vistos. Era permitido pedir a um amigo para votar em seu nome, caso houvesse deveres a cumprir, então alguns homens tiravam dois, três ou quatro penhores, e Sor Denys e Cotter Pyke votavam pelas guarnições que tinham deixado para trás.

Quando finalmente o salão ficou vazio além deles, Sam e Clydas viraram o caldeirão de pernas para o ar na frente de Meistre Aemon. Uma cascata de conchas, pedras e moedas de cobre cobriu a mesa. As mãos enrugadas de Aemon ordenaram-nas com surpreendente rapidez, movendo as conchas para cá, as pedras para lá, as moedas para um lado, e a ocasional ponta de lança, prego e bolota para os montinhos respectivos. Sam e Clydas contaram as pilhas, mantendo cada um o seu registro.

Naquela noite era a vez de Sam dizer primeiro os resultados.

– Duzentos e três para Sor Denys Mallister – disse. – Cento e sessenta e nove para Cotter Pyke. Cento e trinta e sete para Lorde Janos Slynt, setenta e dois para Othell Yarwyck, cinco para Hobb Três-Dedos, e dois para Edd Doloroso.

– Eu tinha cento e sessenta e oito para Pyke – disse Clydas. – Temos dois votos a menos, pela minha contagem, e um pela de Sam.

– A contagem de Sam está correta – disse Meistre Aemon. – Jon Snow não votou. Não importa. Ninguém está perto.

Sam estava mais aliviado do que desapontado. Até com o apoio de Bowen Marsh, Lorde Janos ainda era apenas terceiro.

– Quem são estes cinco que continuam votando no Hobb Três-Dedos? – perguntou a ninguém em especial.

– Irmãos que o querem fora das cozinhas? – disse Clydas.

– Sor Denys caiu dez votos desde ontem – apontou Sam. – E Cotter Pyke caiu quase vinte. Isso não é bom.

– Não é bom para suas esperanças de se tornarem Senhor Comandante, com certeza – disse Meistre Aemon. – Mas no fim das contas pode ser bom para a Patrulha da Noite. Não cabe a nós decidir. Dez dias não é um

tempo excessivo. Certa vez, houve uma escolha que durou quase dois anos, umas setecentas votações. Os irmãos chegarão a uma decisão a seu tempo.

*Sim*, pensou Sam, *mas que decisão?*

Mais tarde, sobre taças de vinho aguado na privacidade da cela de Pyp, a língua de Sam soltou-se e deu por si pensando em voz alta.

– Cotter Pyke e Sor Denys Mallister vêm perdendo terreno, mas entre eles ainda têm quase dois terços – disse a Pyp e a Grenn. – Qualquer um dos dois poderia ser um bom Senhor Comandante. Alguém tem de convencer um deles a se retirar e a apoiar o outro.

– Alguém? – disse Grenn em tom de dúvida. – Que alguém?

– Grenn é tão burro que acha que *alguém* podia ser ele – disse Pyp. – Talvez quando alguém acabar de tratar de Pyke e Mallister, devesse convencer também o Rei Stannis a se casar com a Rainha Cersei.

– O Rei Stannis já é casado – objetou Grenn.

– O que vou fazer com ele, Sam? – suspirou Pyp.

– Cotter Pyke e Sor Denys não gostam muito um do outro – argumentou obstinadamente Grenn. – Discutem sobre *tudo*.

– Sim, mas só porque têm ideias diferentes sobre o que é melhor para a Patrulha – disse Sam. – Se nós explicássemos...

– *Nós?* – disse Pyp. – Como foi que *alguém* se transformou em *nós*? Eu sou o macaco do saltimbanco, lembra? E Grenn é, bem, *Grenn*. – Sorriu a Sam e abanou as orelhas. – Agora, você... você é filho de um lorde e intendente do meistre...

– E Sam, o Matador – disse Grenn. – Matou um Outro.

– Foi o *vidro de dragão* que o matou – disse-lhe Sam pela centésima vez.

– Filho de um lorde, intendente do meistre e Sam, o Matador – meditou Pyp. – *Você* poderia falar com eles, talvez...

– Poderia – disse Sam, soando tão pessimista quanto Edd Doloroso –, se não fosse covarde demais para encará-los.

# JON

Jon rodeou Cetim lentamente, de espada na mão, obrigando-o a se virar.

– Levante o escudo – disse.

– É pesado demais – reclamou o rapaz de Vilavelha.

– Tem o peso que precisa ter para parar uma espada – disse Jon. – E agora levante-o. – Deu um passo para a frente, golpeando. Cetim ergueu o escudo a tempo de apanhar a espada na borda e brandiu a sua lâmina contra as costelas de Jon. – Boa – disse Jon, quando sentiu o impacto em seu escudo. – Isso foi bom. Mas tem de colocar o corpo no movimento. Ponha o seu peso no aço e conseguirá fazer mais estragos do que apenas com a força do braço. Vá, tente outra vez, ataque-me, mas mantenha o escudo levantado, senão faço sua cabeça ressoar como se fosse um sino...

Em vez disso, Cetim deu um passo para trás e levantou a viseira.

– Jon – disse, numa voz ansiosa.

Quando se virou, ela estava em pé atrás dele, rodeada de meia dúzia de homens da rainha. *Pouco admira que o pátio tenha ficado tão silencioso*. Tinha visto Melisandre nas fogueiras noturnas, e nas idas e vindas pelo castelo, mas nunca tão de perto. *É bela*, pensou... mas havia algo mais do que um pouco perturbador em seus olhos vermelhos.

– Senhora.

– O rei deseja falar com você, Jon Snow.

Jon espetou a espada de treino no solo.

– Talvez me possa ser permitido que troque de roupa? Não estou em estado digno de comparecer perante um rei.

– Esperaremos no topo da Muralha – disse Melisandre. *Nós*, ouviu Jon, *e não ele. É como dizem. Esta é que é a sua verdadeira rainha, e não aquela que deixou em Atalaialeste.*

Pendurou a cota de malha e a armadura no arsenal, regressou à sua cela, livrou-se das roupas manchadas de suor e vestiu um conjunto limpo de vestes negras. Sabia que faria frio e ventaria na gaiola, e seria ainda

mais frio e ventaria mais no topo do gelo, por isso escolheu um pesado manto com capuz. Por último recolheu a Garralonga e atou a espada bastarda às costas.

Melisandre esperava-o na base da Muralha. Mandara embora os homens da rainha.

– O que Sua Graça quer de mim? – perguntou-lhe quando entraram na gaiola.

– Tudo o que tiver para dar, Jon Snow. Ele é um rei.

Jon fechou a porta e puxou a corda do sino. O guincho começou a girar. Subiram. O dia estava luminoso e a Muralha chorava, com longos dedos de água escorrendo por sua superfície e cintilando ao sol. No apertado confinamento da gaiola de ferro, sentia-se vivamente consciente da presença da mulher vermelha. *Até cheira a vermelho*. O odor lembrou-lhe a forja de Mikken, o modo como o ferro cheirava quando incandescente; o odor era fumaça e sangue. *Beijada pelo fogo*, pensou, recordando Ygritte. O vento penetrou no interior das longas vestes vermelhas de Melisandre e fez com que batessem contra as pernas de Jon, a seu lado.

– Não sente frio, senhora? – perguntou-lhe.

Ela riu.

– Nunca. – O rubi na garganta parecia pulsar, em uníssono com o bater de seu coração. – O fogo do Senhor vive dentro de mim, Jon Snow. Sinta-o. – Pôs a mão no rosto dele, e manteve-a ali enquanto ele sentia como ela estava quente. – É esta a sensação que a vida deve ter – disse-lhe ela. – Só a morte é fria.

Foram encontrar Stannis Baratheon em pé, sozinho, na borda da Muralha, pensativo, virado para o campo onde tinha vencido a sua batalha e a grande floresta verde que se estendia à frente. Estava vestido com os mesmos calções, túnica e botas negras que um homem da Patrulha da Noite usaria. Só o seu manto o distinguia: um pesado manto dourado forrado de peles negras, e preso com um broche com a forma de um coração flamejante.

– Trouxe-lhe o Bastardo de Winterfell, Vossa Graça – disse Melisandre.

Stannis virou-se para estudá-lo. Sob a sua pesada testa havia olhos que eram como lagoas azuis sem fundo. Seu rosto encovado e o forte maxilar

estavam cobertos com uma barba negro-azulada cortada curta e que pouco fazia para esconder a magreza de seu rosto, e o maxilar estava tenso. O pescoço e os ombros também estavam tensos, assim como a mão direita. Jon deu por si lembrando-se de uma coisa que Donal Noye havia dito um dia sobre os irmãos Baratheon. *Robert era o verdadeiro aço. Stannis é puro ferro, negro, duro e forte, mas quebradiço, como o ferro se torna*. *Quebrará antes de se dobrar*. Inquieto, ajoelhou, perguntando a si mesmo por que teria aquele rei quebradiço necessidade de si.

– Levante-se. Ouvi muitas coisas e mais ainda acerca de você, Lorde Snow.

– Não sou um lorde, senhor. – Jon levantou-se. – Sei o que ouviu dizer. Que sou um vira-casaca e um covarde. Que matei o meu irmão Qhorin Meia-Mão para que os selvagens me poupassem a vida. Que acompanhei Mance Rayder e tomei uma selvagem como esposa.

– Sim. Tudo isso e mais. Também é um *warg*, dizem eles, um troca-peles que de noite caminha como lobo. – O Rei Stannis tinha um sorriso duro. – Quanto disso é verdade?

– Eu tinha um lobo gigante, o Fantasma. Abandonei-o quando escalei a Muralha perto de Guardagris, e não voltei a vê-lo desde então. Qhorin Meia-Mão ordenou-me que me juntasse aos selvagens. Ele sabia que me obrigariam a matá-lo para provar a minha deserção, e disse-me para fazer tudo o que me pedissem. A mulher chamava-se Ygritte. Quebrei os votos com ela, mas juro em nome de meu pai que nunca virei a casaca.

– Acredito em você – disse o rei.

Aquilo surpreendeu-o.

– Por quê?

Stannis fungou.

– Conheço Janos Slynt. E também conheci Ned Stark. Seu pai não era meu amigo, mas só um idiota duvidaria de sua honradez ou de sua honestidade. É parecido com ele. – Um homem grande, Stannis Baratheon erguia-se bem mais alto do que Jon, mas tão magro que parecia dez anos mais velho do que era. – Sei mais do que pode pensar, Jon Snow. Sei que foi você quem encontrou o punhal de vidro de dragão que o filho de Randyll Tarly usou para matar o Outro.

– Foi o Fantasma que o encontrou. A lâmina estava enrolada no manto de um patrulheiro e enterrada no sopé do Punho dos Primeiros Homens. Havia também outras lâminas... pontas de lança, pontas de flecha, tudo de vidro de dragão.

– Sei que defendeu o portão aqui – disse o Rei Stannis. – Se não tivesse feito isso, eu teria chegado tarde demais.

– Foi Donal Noye quem defendeu o portão. Morreu lá embaixo no túnel, lutando contra o rei dos gigantes.

Stannis fez uma careta.

– Noye fez a minha primeira espada e também o martelo de guerra de Robert. Se deus tivesse achado por bem poupá-lo, ele daria um Senhor Comandante melhor para a sua ordem do que qualquer um daqueles idiotas que andam disputando o cargo.

– Cotter Pyke e Sor Denys Mallister não são idiotas, senhor – disse Jon. – São homens bons e capazes. Othell Yarwyck também, à sua maneira. Lorde Mormont confiava em todos eles.

– Seu Lorde Mormont confiava com demasiada facilidade. Se não fosse assim, não teria morrido da forma como morreu. Mas estávamos falando de você. Não esqueci que foi você quem nos trouxe este berrante mágico e quem capturou a esposa e o filho de Mance Rayder.

– Dalla morreu. – Aquilo ainda entristecia Jon. – Val é a irmã dela. Ela e o bebê não exigiram grande captura, Vossa Graça. Havia posto os selvagens em debandada, e o troca-peles que Mance deixara guardando a sua rainha enlouqueceu quando a águia queimou. – Jon olhou para Melisandre. – Há quem diga que foi obra sua.

Ela sorriu, com os longos cabelos de cobre caindo sobre o rosto.

– O Senhor da Luz tem garras flamejantes, Jon Snow.

Jon acenou com a cabeça e voltou-se de novo para o rei.

– Vossa Graça, falou de Val. Ela pediu para ver Mance Rayder, para lhe levar o filho. Seria uma... uma gentileza.

– O homem é um desertor de sua ordem. Seus irmãos estão todos insistindo na morte dele. Por que eu lhe faria uma gentileza?

Jon não tinha resposta para aquilo.

– Se não por ele, então por Val. Em nome da irmã, a mãe da criança.

– Gosta dessa Val?

– Mal a conheço.

– Dizem-me que é atraente.

– Muito – admitiu Jon.

– A beleza pode ser traiçoeira. Meu irmão aprendeu essa lição com Cersei Lannister. Ela assassinou-o, não duvide. E também ao seu pai e a Jon Arryn. – Franziu a testa. – Você acompanhou estes selvagens. Acha que há alguma honra neles?

– Sim – disse Jon –, mas o seu próprio tipo de honra.

– E em Mance Rayder?

– Sim. Penso que sim.

– No Senhor dos Ossos?

Jon hesitou.

– Nós o chamávamos de Camisa de Chocalho. Traiçoeiro e sedento de sangue. Se há honra nele, esconde-a por baixo de sua armadura de ossos.

– E naquele outro homem, aquele Tormund de muitos nomes que escapou de nós após a batalha? Responda-me com a verdade.

– Tormund Terror de Gigantes pareceu-me ser o tipo de homem que daria um bom amigo e um mau inimigo, Vossa Graça.

Stannis balançou secamente a cabeça.

– Seu pai era um homem de honra. Não era amigo meu, mas eu conhecia o seu valor. Seu irmão era um rebelde e um traidor que pretendia roubar metade do meu reino, mas não há homem que possa questionar a sua coragem. E você?

*Será que ele quer que diga que o adoro?* A voz de Jon soou dura e formal quando disse:

– Eu sou um homem da Patrulha da Noite.

– Palavras. Palavras são vento. Por que pensa que abandonei Pedra do Dragão e naveguei para a Muralha, Lorde Snow?

– Não sou um lorde, senhor. Veio porque o chamamos, espero. Embora não possa dizer por que motivo levou tanto tempo para vir.

Surpreendentemente, Stannis sorriu ao ouvir aquilo.

– É suficientemente ousado para ser um Stark. Sim, devia ter vindo mais cedo. Se não fosse o meu Mão, poderia nem sequer ter vindo. Lorde Seaworth é um homem de nascimento humilde, mas recordou-me de meu dever, quando tudo aquilo em que eu conseguia pensar era nos meus direitos. Tinha posto a carroça antes dos bois, disse Davos. Estava tentando conquistar o trono para salvar o reino, quando devia estar

tentando salvar o reino para conquistar o trono. – Stannis apontou para o norte. – É ali que encontrarei o inimigo que nasci para enfrentar.

– O nome dele não pode ser proferido – acrescentou Melisandre em voz baixa. – Ele é o Deus da Noite e do Terror, Jon Snow, e essas silhuetas na neve são as suas criaturas.

– Dizem-me que matou um desses cadáveres caminhantes para salvar a vida de Lorde Mormont – disse Stannis. – Pode ser que esta guerra também seja sua, Lorde Snow. Se me quiser ceder a sua ajuda.

– Minha espada está a serviço da Patrulha da Noite, Vossa Graça – respondeu cautelosamente Jon Snow.

Aquilo não agradou ao rei. Stannis rangeu os dentes e disse:

– De você preciso mais do que uma espada.

Jon não estava entendendo.

– Senhor?

– Preciso do Norte.

*O Norte*.

– Eu... o meu irmão Robb era Rei no Norte...

– Seu irmão era o legítimo Senhor de Winterfell. Se tivesse ficado em casa e cumprido o seu dever, em vez de se coroar e partir para a conquista das terras fluviais, poderia estar vivo hoje. Mas, seja como for. Você não é Robb, assim como eu não sou Robert.

As palavras ríspidas afastaram qualquer empatia que Jon pudesse ter sentido por Stannis.

– Eu amava meu irmão – disse.

– E eu o meu. Mas eram como eram, e nós também. Sou o único rei legítimo em Westeros, no norte ou no sul. E você é o bastardo de Ned Stark. – Stannis estudou-o com aqueles olhos azul-escuros. – Tywin Lannister nomeou Roose Bolton Protetor do Norte, como recompensa por trair o seu irmão. Os homens de ferro estão lutando entre si desde a morte de Balon Greyjoy, mas ainda controlam Fosso Cailin, Bosque Profundo, Praça de Torrhen e a maior parte da Costa Pedregosa. As terras do seu pai sangram, e eu não tenho forças nem tempo para estancar as feridas. O que é necessário é um Senhor de Winterfell. Um Senhor de Winterfell *leal*.

*Está olhando para mim*, pensou Jon, atordoado.

– Winterfell já não existe. Theon Greyjoy passou o archote nele.

– O granito não arde facilmente – disse Stannis. – O castelo pode ser reconstruído, a seu tempo. Não são as muralhas que fazem um senhor, é o homem. Seus nortenhos não me conhecem, não têm motivos para nutrir amizade por mim, mas vou precisar de suas forças para as batalhas que temos pela frente. Preciso de um filho de Eddard Stark para conquistá-los para o meu estandarte.

*Ele quer fazer de mim Senhor de Winterfell*. O vento soprava em rajadas, e Jon sentiu a cabeça tão leve que quase teve receio de ser soprado Muralha abaixo.

– Vossa Graça – disse –, esquece-se. Eu sou um Snow, não um Stark.

– Quem está se esquecendo é você – respondeu o Rei Stannis.

Melisandre pousou uma mão morna em seu braço.

– Um rei pode remover de um golpe a mácula da bastardia, Lorde Snow.

*Lorde Snow*. Sor Alliser Thorne tinha lhe dado essa alcunha, para zombar de seu nascimento bastardo. Muitos dos irmãos tinham se habituado a usá-la também, alguns com afeto, outros para magoar. Mas, de repente, ela tinha um som diferente aos ouvidos de Jon. Soava... real.

– Sim – disse, hesitante –, já houve casos de reis que legitimaram bastardos, mas... eu continuo sendo um irmão da Patrulha da Noite. Ajoelhei perante uma árvore-coração e jurei não possuir terras nem gerar filhos.

– Jon. – Melisandre estava tão próxima que conseguia sentir o calor de seu hálito. – R'hllor é o único deus verdadeiro. Um juramento prestado a uma árvore não tem mais poder do que um juramento prestado aos seus sapatos. Abra o coração e deixe que a luz do Senhor entre nele. Queime esses represeiros e aceite Winterfell como presente do Senhor da Luz.

Quando Jon era bem novo, novo demais para compreender o que significava ser bastardo, costumava sonhar que um dia Winterfell poderia ser seu. Mais tarde, mais crescido, sentiu-se envergonhado por esses sonhos. Winterfell passaria para Robb e depois para os filhos dele, ou então para Bran e Rickon, caso Robb morresse sem filhos. E depois deles vinham Sansa e Arya. Até sonhar que não fosse assim parecia desleal, como se estivesse traindo os irmãos no coração, desejando sua morte. *Nunca desejei isso*, pensou, em pé diante do rei de olhos azuis e da mulher vermelha. *Amei Robb, amei a todos eles... nunca desejei que*

*nenhum mal acontecesse a nenhum deles, mas aconteceu. E agora só resta eu*. Tudo o que tinha de fazer era dizer uma palavra, e seria Jon Stark, nunca mais um Snow. Tudo o que tinha de fazer era jurar lealdade a este rei, e Winterfell seria seu. Tudo o que tinha de fazer...

... era abjurar de novo os seus votos.

*E dessa vez não seria um estratagema*. Para reivindicar o castelo do pai, teria de se virar contra os deuses do pai.

O Rei Stannis voltou a olhar para o norte, com o manto dourado esvoaçando de seus ombros.

– Pode ser que me engane com você, Jon Snow. Ambos sabemos o que se diz dos bastardos. Poderá faltar a você a honra de seu pai, ou a perícia de seu irmão com as armas. Mas é a arma que o Senhor me deu. Encontrei-o aqui, tal como você encontrou o esconderijo de vidro de dragão aos pés do Punho, e pretendo usá-lo. Nem Azor Ahai venceu sozinho a sua guerra. Matei mil selvagens, capturei outros mil e dispersei o restante, mas ambos sabemos que eles voltarão. Melisandre viu isso em seus fogos. Esse Tormund Punho de Trovão provavelmente está reunindo os remanescentes neste exato momento, e planejando algum novo assalto. E quanto mais nos sangrarmos uns aos outros, mais fracos estaremos todos quando o verdadeiro inimigo cair sobre nós.

Jon tinha chegado à mesma conclusão.

– É como diz, Vossa Graça. – Perguntou a si mesmo onde aquele rei queria chegar.

– Enquanto seus irmãos tentam decidir quem deve liderá-los, eu tenho falado com este Mance Rayder. – Rangeu os dentes. – Um homem teimoso, esse, e orgulhoso. Não vai me deixar outra escolha a não ser entregá-lo às chamas. Mas capturamos outros também, outros líderes. Aquele que chama a si mesmo de Senhor dos Ossos, alguns dos chefes de clã deles, o novo Magnar de Thenn. Seus irmãos não gostarão disso, não mais do que os senhores de seu pai, mas eu pretendo permitir que os selvagens atravessem a Muralha... aqueles que me jurarem lealdade, que garantam manter a paz do rei e cumprir as leis do rei, e acolher o Senhor da Luz como seu deus. Até os gigantes, se aqueles grandes joelhos que eles têm puderem se dobrar. Vou instalá-los na Dádiva, depois de arrancá-la de seu novo Senhor Comandante. Quando os ventos frios se erguerem, sobreviveremos ou morreremos juntos. É hora de fazermos

uma aliança contra o nosso inimigo comum. – Olhou para Jon. – Concordaria?

– Meu pai sonhava em repovoar a Dádiva – admitiu Jon. – Ele e o meu tio Benjen costumavam conversar sobre isso. – *Nunca pensou em povoá-la com selvagens, porém... mas também nunca viveu com selvagens*. Não se iludia, o povo livre daria súditos insubmissos e vizinhos perigosos. Mas quando punha num prato da balança os cabelos ruivos de Ygritte e no outro os frios olhos azuis das criaturas, a escolha era fácil. – Concordo.

– Ótimo – disse o Rei Stannis –, pois a maneira mais segura de selar uma nova aliança é através de um casamento. Pretendo casar o meu Senhor de Winterfell com esta princesa selvagem.

Jon talvez tivesse vivido tempo demais com o povo livre; não conseguiu impedir-se de rir.

– Vossa Graça – disse –, cativa ou não, se pensa que pode simplesmente *me dar* Val, temo que tenha bastante a aprender sobre as mulheres selvagens. Quem quer que se case com ela é bom que esteja preparado para escalar até a sua janela de torre e levá-la na ponta da espada...

– *Quem quer* que case? – Stannis lançou-lhe um olhar avaliador. – Isso significa que não quer casar com a moça? Previno-o de que ela faz parte do preço que tem de pagar, se quiser o nome e o castelo de seu pai. Essa união é necessária, para ajudar a garantir a lealdade de meus novos súditos. Está me recusando, Jon Snow?

– Não – disse Jon, rápido demais. Era de Winterfell que o rei estava falando, e Winterfell não era algo que se pudesse recusar com ligeireza. – Isto é... tudo isso surgiu muito de repente, Vossa Graça. Posso suplicar-lhe algum tempo para pensar?

– Como quiser. Mas pense depressa. Não sou um homem paciente, como os seus irmãos negros estão prestes a descobrir. – Stannis apoiou uma mão magra e descarnada no ombro de Jon. – Não diga nada sobre o que falamos aqui hoje. A ninguém. Mas quando regressar, necessitará apenas dobrar o joelho, depositar a sua espada aos meus pés e colocar-se ao meu serviço, e voltará a se erguer como Jon Stark, o Senhor de Winterfell.

# TYRION

Quando ouviu ruídos através da espessa porta de madeira de sua cela, Tyrion Lannister preparou-se para morrer.

*Já é mais que tempo*, pensou. *Vá lá, vá lá, deem um fim a isto*. Pôs-se em pé com dificuldade. Suas pernas estavam adormecidas de estarem dobradas por baixo do corpo. Curvou-se e esfregou-as, aliviando a sensação de facas o pinicando. *Não irei para o cepo aos tropeções e bamboleios.*

Perguntou a si mesmo se o matariam ali no escuro ou se o arrastariam pela cidade para que Sor Ilyn Payne pudesse cortar-lhe a cabeça. Após a farsa que tinha sido o seu julgamento, sua querida irmã e seu dedicado pai podiam preferir ver-se livres dele discretamente, em vez de se arriscarem a uma execução pública. *Eu podia dizer ao populacho umas coisinhas bem escolhidas se me deixarem falar*. Mas seriam eles tão tolos assim?

Quando as chaves tilintaram e a porta da cela se abriu, rangendo, Tyrion encostou-se à umidade da parede, desejando ter uma arma. *Ainda posso morder e chutar. Morrerei com o sabor do sangue na boca, isso é sempre alguma coisa.* Desejou ter sido capaz de arranjar umas últimas palavras que fossem vibrantes. "Vão todos se foder" não era coisa que servisse para conquistar lugar de relevo nas histórias.

Luz de archote caiu sobre seu rosto. Protegeu os olhos com uma mão.

– Ora, tem medo de um anão? Trate disso, seu filho de uma puta bexiguenta. – Sua voz tinha se tornado roufenha com a falta de uso.

– Isso é maneira de falar da senhora nossa mãe? – o homem avançou, com uma tocha na mão esquerda. – Isto ainda é mais pavoroso do que a minha cela em Correrrio, embora não tão úmido.

Por um momento, Tyrion não conseguiu respirar.

– Você?

– Bem, a maior parte de mim. – Jaime estava magro e tinha os cabelos cortados curtos. – Deixei uma mão em Harrenhal. Trazer os Bravos

Companheiros do outro lado do mar estreito não foi uma das melhores ideias do pai. – Ergueu o braço e Tyrion viu o coto.

Uma gargalhada histérica saltou de seus lábios.

– Oh, deuses – disse. – Jaime, desculpe, mas... pela bondade dos deuses, olhe para nós dois. Maneta e Narigueta, os rapazes Lannister.

– Houve dias em que a minha mão cheirava tão mal que desejei não ter nariz. – Jaime baixou a tocha, para que a luz banhasse o rosto do irmão. – Uma cicatriz impressionante.

Tyrion afastou-se do clarão.

– Obrigaram-me a travar uma batalha sem o meu irmão mais velho para me proteger.

– Ouvi dizer que quase queimou a cidade.

– Uma mentira imunda. Só queimei o rio. – Abruptamente, Tyrion lembrou-se de onde estava e por quê. – Está aqui para me matar?

– Isso já é ingratidão. Talvez devesse deixá-lo aqui apodrecendo, se vai ser assim tão descortês.

– Apodrecer não é o destino que Cersei tem em mente para mim.

– Bem, não, para falar a verdade. Deverá ser decapitado amanhã de manhã, no antigo terreiro de torneios.

Tyrion voltou a gargalhar.

– Haverá comida? Vai ter de me ajudar com as últimas palavras, meus miolos têm andado aos círculos, como uma ratazana numa despensa.

– Não vai precisar de últimas palavras. Estou salvando você. – A voz de Jaime estava estranhamente solene.

– Quem disse que eu precisava ser salvo?

– Sabe, quase tinha me esquecido do homenzinho irritante que você é. Agora que me lembrou disso, acho que vou deixar que Cersei corte sua cabeça afinal.

– Ah, não vai, não. – Bamboleou-se para fora da cela. – É dia ou noite lá em cima? Perdi toda a noção do tempo.

– Passam três horas da meia-noite. A cidade dorme. – Jaime voltou a enfiar o archote na arandela, na parede entre as celas.

O corredor estava tão mal iluminado que Tyrion quase tropeçou no carcereiro, estatelado no frio chão de pedra. Empurrou-o com a ponta do pé.

– Está morto?

– Dormindo. Os outros três também. O eunuco misturou sonodoce no vinho deles, mas não o suficiente para matá-los. Pelo menos foi o que me jurou. Está esperando na escada, vestido com uma túnica de septão. Vai descer aos esgotos, e dali vai para o rio. Uma galé está esperando na baía. Varys tem agentes nas Cidades Livres que se assegurarão de que não lhe faltem fundos... mas tente não se fazer notar. Cersei mandará homens em seu encalço, não duvido. Pode ser boa ideia adotar outro nome.

– Outro nome? Oh, certamente. E quando os Homens Sem Rosto vierem me matar, direi: "Não, enganou-se de homem, eu sou *outro* anão com uma hedionda cicatriz na cara." – Ambos os Lannister riram do absurdo de tudo aquilo. Então Jaime ajoelhou-se e deu-lhe um rápido par de beijos nas bochechas, roçando os lábios na fita pregueada de tecido cicatricial.

– Obrigado, irmão – disse Tyrion. – Pela minha vida.

– Era... uma dívida que tinha para com você. – A voz de Jaime soava estranha.

– Uma dívida? – inclinou a cabeça. – Não compreendo.

– Ainda bem. Há portas que é melhor que fiquem fechadas.

– Ora, ora – disse Tyrion. – Haverá algo de sinistro e feio atrás disso? Será possível que alguém um dia tenha dito algo *cruel* a meu respeito? Tentarei não chorar. Conte-me.

– Tyrion...

*Jaime está com medo.*

– Conte-me – repetiu Tyrion.

O irmão afastou o olhar.

– Tysha – disse em voz baixa.

– Tysha? – seu estômago apertou-se. – O que tem ela?

– Não era uma prostituta. Não fui eu que a trouxe para você. Aquilo foi uma mentira que o pai me ordenou que dissesse. Tysha era... era o que parecia ser. Filha de um caseiro, encontrada por acaso na estrada.

Tyrion conseguia ouvir o tênue som da própria respiração assobiando através da cicatriz do nariz. Jaime não era capaz de encará-lo. *Tysha*. Tentou lembrar-se do aspecto dela. *Uma garota, era apenas uma garota, não era mais velha do que Sansa.*

– A minha esposa – crocitou. – Ela casou comigo.

– Pelo seu ouro, disse o pai. Era malnascida, e você, um Lannister de Rochedo Casterly. Tudo que ela queria era o ouro, o que fazia com que não fosse diferente de uma prostituta, portanto... portanto não seria uma mentira, não por completo, e... ele disse que você precisava de uma dura lição. Que aprenderia com ela e me agradeceria mais tarde...

– *Agradecê*-lo? – a voz de Tyrion estava estrangulada. – Ele deu-a aos guardas. Uma caserna cheia de guardas. E obrigou-me... a ver. – *Sim, e a mais do que ver. Também a possuí... minha esposa...*

– Eu não sabia que ele ia fazer isso. Tem de acreditar em mim.

– Ah, *tenho*, é? – rosnou Tyrion. – Por que devo acreditar em você sobre seja o que for, seja quando for? Ela era minha *esposa*!

– Tyrion...

Tyrion bateu nele. Foi um tabefe, dado com as costas da mão, mas colocou nele todas as suas forças, todo o seu medo, toda a sua raiva, toda a sua dor. Jaime estava acocorado, desequilibrado. O golpe fez com que tropeçasse e caísse de costas.

– Eu... suponho que mereci isso.

– Oh, você mereceu mais do que isso, Jaime. Você e a minha querida irmã e o nosso dedicado pai, sim. Nem consigo começar a dizer o que mereceram. Mas terão o que merecem, isso posso jurar para você. Um Lannister sempre paga as suas dívidas. – Tyrion afastou-se, bamboleando, quase voltando a tropeçar no carcereiro com a pressa. Antes de percorrer uma dúzia de metros deu um encontrão num portão de ferro que fechava a passagem. *Oh, deuses*. Por pouco não gritou.

Jaime surgiu atrás dele.

– Eu tenho as chaves do carcereiro.

– Então use-as. – Tyrion abriu-lhe passagem.

Jaime destrancou o portão, abriu-o e atravessou-o. Olhou para trás por sobre o ombro.

– Você vem?

– Não com você. – Tyrion atravessou o portão. – Dê-me as chaves e vá embora. Eu encontro Varys sozinho. – Inclinou a cabeça e fitou o irmão com seus olhos desiguais. – Jaime, consegue lutar com a mão esquerda?

– Bastante pior do que você – disse amargamente Jaime.

– Ótimo. Nesse caso estaremos bem equilibrados se alguma vez voltarmos a nos encontrar. O aleijado e o anão.

Jaime entregou-lhe a argola cheia de chaves.

– Ofereci a verdade a você. Deve-me o mesmo. Foi você? Matou-o?

A pergunta era outra faca, torcendo-se em suas tripas.

– Tem certeza de que quer saber? – perguntou Tyrion. – Joffrey teria sido um rei pior do que Aerys alguma vez foi. Ele roubou o punhal do pai e deu-o a um salteador para que cortasse a goela de Brandon Stark, sabia disso?

– Eu... achei que pudesse ter feito isso.

– Bem, um filho sai ao pai. Joff teria me matado também, uma vez que estivesse na posse de todos os seus poderes. Pelo crime de ser baixo e feio, do qual sou tão obviamente culpado.

– Não respondeu à minha pergunta.

– Meu pobre, estúpido, cego, mutilado idiota. Terei de soletrar tudo para que entenda? Muito bem. Cersei é uma puta mentirosa, e tem andado fodendo Lancel e Osmund Kettleblack e provavelmente até o Rapaz Lua, pelo que sei. E eu sou o monstro que todos dizem que sou. Sim, matei o seu abjeto filho. – Obrigou-se a sorrir. Devia ter sido uma visão hedionda, ali na escuridão iluminada pelo archote.

Jaime virou-se sem uma palavra e afastou-se.

Tyrion ficou vendo-o partir, com passos largos de suas pernas fortes, e parte de si desejou chamá-lo, dizer-lhe que não era verdade, implorar-lhe perdão. Mas então pensou em Tysha, e manteve o silêncio. Ficou à escuta dos passos que se afastavam até já não conseguir ouvi-los, e depois foi à procura de Varys, bamboleando-se.

O eunuco estava escondido na escuridão de uma escada em espiral, vestido com uma túnica marrom e comida pelas traças, com um capuz que escondia a palidez de seu rosto.

– Demorou tanto que temi que algo tivesse dado errado – disse ele quando viu Tyrion.

– Oh, não – sossegou-o Tyrion com veneno na voz. – O que *poderia* ter dado errado? – torceu a cabeça para trás, a fim de olhar para cima. – Mandei buscá-lo durante o julgamento.

– Não pude vir. A rainha tinha-me sob vigilância, noite e dia. Não me atrevi a ajudá-lo.

– Mas agora está me ajudando.

– Ah, estou? Ah. – Varys soltou um risinho. O som parecia estranhamente deslocado naquele lugar de pedra fria e escuridão cheia de ecos. – Seu irmão consegue ser muito persuasivo.

– Varys, você é tão frio e viscoso como uma lesma, alguém já lhe disse? Fez o melhor que pôde para me matar. Talvez eu devesse devolver o favor.

O eunuco suspirou.

– O cão fiel é chutado, e não importa o modo como a aranha tece a teia, nunca ninguém gosta dela. Mas se me matar aqui, temo por você, senhor. Pode nunca encontrar o caminho de volta à luz do dia. – Os olhos cintilaram à oscilante luz da tocha, escuros e úmidos. – Estes túneis estão cheios de armadilhas para os confiantes.

Tyrion fungou.

– Confiante? Sou o homem mais desconfiado dos Sete Reinos, você ajudou a garantir que assim fosse. – Esfregou o nariz. – Portanto diga-me, feiticeiro, onde está a minha inocente e donzela esposa?

– Não encontrei sinal da Senhora Sansa em Porto Real, lamento dizê-lo. Nem de Sor Dontos Hollard, o qual normalmente já teria aparecido bêbado em algum lugar, a essa altura. Foram vistos juntos na escada em espiral na noite em que ela desapareceu. Depois disso, nada. Houve muita confusão naquela noite. Meus passarinhos estão em silêncio. – Varys deu um leve puxão na manga do anão e puxou-o para a escada. – Senhor, temos de ir andando. Seu caminho é para baixo.

*Ao menos isso não é mentira nenhuma*. Tyrion bamboleou-se na pegada do eunuco, raspando com os calcanhares na pedra áspera à medida que iam descendo. Fazia muito frio na escadaria, um frio úmido de gelar os ossos que fez Tyrion começar a tremer imediatamente.

– Que parte das masmorras é esta? – perguntou.

– Maegor, o Cruel, decretou a construção de quatro pisos de masmorras para o seu castelo – respondeu Varys. – No piso superior, há celas grandes onde os criminosos comuns podem ser confinados juntos. Têm janelas estreitas, abertas no topo das paredes. O segundo piso tem as celas menores onde os cativos de nascimento elevado são mantidos. Não têm janelas, mas archotes nos corredores enviam luz suficiente através das barras. No terceiro piso as celas são menores e as portas são de madeira. São chamadas de celas negras. Foi em uma delas que foi

mantido, bem como Eddard Stark antes de você. Mas há um piso ainda mais profundo. Uma vez que um homem seja levado para o quarto piso, não volta a ver o sol nem a ouvir vozes humanas nem a respirar sem estar sujeito a uma dor agonizante. Maegor mandou construir as celas do quarto piso para a tortura. – Tinham chegado ao fundo dos degraus. Uma porta não iluminada abria-se na sua frente. – Este é o quarto piso. Dê-me a mão, senhor. Aqui é mais seguro caminhar na escuridão. Há coisas que não desejaria ver.

Tyrion hesitou por um momento. Varys já o traíra uma vez. Quem saberia que tipo de jogo o eunuco estava jogando? E que local melhor para assassinar um homem do que no meio das trevas, num lugar que ninguém sabia que existia? Seu corpo podia nunca ser encontrado.

Por outro lado, que alternativa tinha? Subir as escadas e sair pelo portão principal? Não, isso não serviria.

*Jaime não teria medo*, pensou, antes de se lembrar do que o irmão lhe fizera. Deu a mão ao eunuco e deixou-se conduzir através do negrume, seguindo o suave raspar do couro na pedra. Varys caminhava depressa, sussurrando de vez em quando, "Cuidado, aqui há três degraus", ou, "O túnel inclina-se para baixo aqui, senhor". *Cheguei aqui como Mão do Rei, atravessando os portões a cavalo, à frente dos meus próprios homens,* refletiu Tyrion, *e saio como uma ratazana, correndo na escuridão, de mãos dadas a uma aranha*.

Uma luz surgiu diante deles, tênue demais para ser a luz do dia, e cresceu à medida que se apressavam em sua direção. Passado algum tempo, Tyrion viu que se tratava de uma porta em arco, fechada por outro portão de ferro. Varys apresentou uma chave. Atravessaram a porta e entraram num pequeno aposento redondo. Havia mais cinco portas na sala, todas fechadas com barras de ferro. Havia também uma abertura no teto, e uma série de degraus de mão na parede por baixo da abertura, levando para cima. Um ornamentado braseiro encontrava-se de um lado, esculpido com a forma de uma cabeça de dragão. O carvão dentro da boca escancarada da fera já tinha se reduzido a brasas, mas ainda brilhava com uma lúgubre luz alaranjada. Embora bastante fraca, a luz era bem-vinda depois do negrume do túnel.

Além do braseiro, a sala encontrava-se vazia, mas o chão exibia o mosaico de um dragão de três cabeças, feito com ladrilhos vermelhos e

negros. Algo perturbou Tyrion por um momento. Então ocorreu-lhe o que era. *Este é o lugar de que Shae me falou, quando Varys a levou pela primeira vez à minha cama*.

– Estamos por baixo da Torre da Mão.

– Sim. – Dobradiças geladas gritaram em protesto quando Varys abriu uma porta havia muito fechada. Partículas de ferrugem caíram lentamente no chão. – Isso vai nos levar ao rio.

Tyrion dirigiu-se lentamente para a escada, percorreu com a mão o degrau inferior.

– Isso vai me levar ao meu quarto de dormir.

– Agora é o quarto do senhor seu pai.

Ergueu os olhos para o alçapão.

– Quanto terei de subir?

– Senhor, está fraco demais para uma loucura dessas, e além disso não há tempo. Temos de ir.

– Tenho assuntos a tratar lá em cima. Quão longa é a subida?

– Duzentos e trinta degraus, mas seja o que for que pretenda...

– Duzentos e trinta degraus, e depois o quê?

– O túnel à esquerda, mas escute-me...

– A que distância está do quarto? – Tyrion pôs um pé no degrau mais baixo da escada.

– Não passa de vinte metros. Mantenha uma mão na parede enquanto avançar. Detectará as portas pelo tato. O quarto é na terceira. – Suspirou. – Isso é uma loucura, senhor. Seu irmão devolveu-lhe a vida. Quer jogá-la fora, juntamente com a minha?

– Varys, a única coisa que prezo menos do que a minha vida neste momento é a sua. Espere-me aqui. – Deu as costas ao eunuco e começou a subir, contando em silêncio.

Degrau a degrau, penetrou na escuridão. A princípio conseguia ver o tênue contorno de cada degrau quando o agarrava, bem como a áspera textura da pedra atrás dele, mas à medida que ia subindo a escuridão cerrava-se. *Treze, catorze, quinze, dezesseis*. Ao chegar ao trigésimo degrau, os braços tremiam com a tensão de puxar. Descansou um pouco para ganhar fôlego e olhou para baixo. Um círculo de luz tênue brilhava muito embaixo, meio obscurecido por seus pés. Tyrion retomou a subida. *Trinte e nove, quarenta, quarenta e um*. Ao alcançar o quinquagésimo

degrau, suas pernas ardiam. A escada era infinita, entorpecedora. *Sessenta e oito, sessenta e nove, setenta*. Ao chegar ao octagésimo degrau, tinha as costas numa agonia surda. Mas continuou a subir. Não poderia explicar por quê. *Cento e treze, cento e catorze, cento e quinze*.

Depois de duzentos e trinta degraus, o poço estava negro como breu, mas ele conseguia sentir o ar quente que saía do túnel à sua esquerda, como se fosse o hálito de alguma grande fera. Apalpou desajeitadamente com um pé e saiu com cuidado da escada. O túnel ainda era mais apertado do que o poço. Qualquer homem de estatura normal teria sido obrigado a engatinhar, mas Tyrion era suficientemente baixo para caminhar direito. *Finalmente, um lugar feito para anões*. Suas botas raspavam suavemente contra a pedra. Caminhou lentamente, contando os passos, apalpando as paredes em busca de descontinuidades. Depois de um tempo começou a ouvir vozes, abafadas e indistintas a princípio, mas depois mais claras. Escutou com mais atenção. Dois dos guardas do pai estavam trocando gracejos a respeito da puta do Duende, dizendo como seria bom fodê-la, e como ela devia ansiar por um pau como deve ser em vez da coisinha atrofiada do anão.

– O mais provável é que seja torta – disse Lum. Isso levou-os a uma discussão sobre o modo como Tyrion morreria na manhã seguinte. – Ele vai chorar como uma mulher e suplicar misericórdia, vai ver – insistia Lum. Lester achava que enfrentaria o machado com a coragem de um leão, sendo um Lannister como era, e estava disposto a apostar nisso as botas novas. – Ah, estou cagando nas suas botas – disse Lum –, sabe que nunca vão servir aqui nestes meus pés. Olha, se eu ganhar, pode limpar a porcaria da minha cota de malha durante uma quinzena.

Ao longo de um a dois metros, Tyrion conseguiu ouvir cada palavra do regateio entre os dois, mas, quando prosseguiu, as vozes desvaneceram-se rapidamente. *Pouco admira que Varys não quisesse que eu subisse a maldita escada*, pensou Tyrion, sorrindo no escuro. *Passarinhos, oras*.

Chegou à terceira porta e tateou em volta durante bastante tempo até que seus dedos roçaram num pequeno gancho de ferro instalado entre duas pedras. Quando o puxou para baixo, ouviu-se um ruído surdo e fraco, que no silêncio pareceu o estrondo de uma avalanche, e um quadrado de tênue luz alaranjada abriu-se trinta centímetros à sua esquerda.

*A lareira!* Quase riu. A lareira estava cheia de cinzas quentes e tinha uma tora negra com um quente coração alaranjado ardendo por dentro. Atravessou cautelosamente, dando passos rápidos para não queimar as botas, esmagando suavemente as cinzas quentes debaixo dos calcanhares. Quando deu por si naquilo que antes havia sido o seu quarto, ficou imóvel por um longo momento, bebendo o silêncio. Teria o pai ouvido? Estenderia a mão para a espada e daria o alarme?

– Senhor? – chamou uma voz de mulher.

*Isso poderia ter me machucado em outros tempos, quando ainda sentia dor*. O primeiro passo foi o mais duro. Quando chegou à cama, Tyrion afastou as cortinas e ali estava ela, virando-se para ele com um sorriso sonolento nos lábios. Morreu quando viu Tyrion. A moça puxou os cobertores até o queixo, como se isso a protegesse.

– Estava à espera de alguém mais alto, querida?

Grandes lágrimas molhadas encheram os olhos dela.

– Eu não queria dizer aquelas coisas, a rainha obrigou-me. *Por favor*. Seu pai assusta-me tanto. – Sentou-se, deixando o cobertor deslizar até o colo. Por baixo encontrava-se nua, exceto pela corrente que trazia à garganta. Uma corrente de mãos de ouro ligadas, cada uma segurando na seguinte.

– Minha senhora Shae – disse Tyrion em voz baixa. – Todo o tempo que fiquei na cela negra esperando morrer, não parava de me lembrar de sua beleza. Vestida de seda ou tecido grosseiro, ou de coisa nenhuma...

– O senhor deve estar de volta daqui a pouco. Você devia ir, ou... veio me levar?

– Alguma vez gostou? – envolveu-lhe o rosto com as mãos, lembrando-se de todas as vezes que tinha feito isso. De todas as vezes que tinha deslizado as mãos em torno da cintura dela, apertado seus pequenos e firmes seios, afagado seus curtos cabelos escuros, tocado seus lábios, bochechas, orelhas. De todas as vezes que a abrira com um dedo para sondar a sua doçura secreta e fazê-la gemer. – Alguma vez gostou do meu toque?

– Mais do que tudo – disse ela –, meu gigante de Lannister.

*Essa foi a pior coisa que poderia ter dito, querida.*

Tyrion enfiou uma mão por baixo da corrente do pai, e torceu. Os elos apertaram-se, enterrando-se no pescoço dela.

– Porque mãos de ouro são sempre frias, mas há calor em mãos de mulher – disse.

Deu às mãos frias outra torção enquanto as quentes batiam nele, limpando-lhe as lágrimas.

Depois, encontrou o punhal de Lorde Tywin na mesa de cabeceira e enfiou-o no cinto. Uma maça com cabeça de leão, uma alabarda e uma besta tinham sido penduradas nas paredes. A alabarda seria uma arma incômoda de usar dentro de um castelo, e a maça pendurada em um lugar alto demais para que ele a alcançasse, mas um grande baú de madeira e ferro tinha sido encostado à parede logo abaixo da besta. Subiu no baú, pegou a besta e uma aljava de couro repleta de dardos, enfiou um pé no estribo e puxou-o para baixo até que a corda do arco engatilhou. Então enfiou um dardo na ranhura.

Jaime tinha lhe dado mais do que um sermão acerca das desvantagens das bestas. Se Lum e Lester surgissem de onde quer que estivessem conversando, nunca teria tempo de recarregar, mas pelo menos levaria um para o inferno consigo. Lum, se pudesse escolher. *Vai ter de limpar você mesmo a cota de malha, Lum. Perdeu.*

Bamboleando-se até a porta, escutou por um momento, após o que a abriu lentamente. Uma lâmpada ardia num nicho de pedra, lançando uma pálida luz amarela sobre o corredor. Só a chama se movia. Tyrion deslizou para fora do quarto, mantendo a besta abaixada, encostada à perna.

Foi encontrar o pai onde sabia que o encontraria, sentado nas sombras do poço das latrinas, com o roupão enrolado em volta dos quadris. Ao ouvir o som de passos, Lorde Tywin ergueu os olhos.

Tyrion concedeu-lhe uma meia reverência trocista.

– Senhor.

– Tyrion. – Se estava assustado, Tywin Lannister não mostrou qualquer sinal. – Quem o libertou de sua cela?

– Adoraria dizer, mas prestei um juramento sagrado.

– O eunuco – decidiu o pai. – Isto vai custar a cabeça dele. Essa é a minha besta? Aponte-a para baixo.

– Vai me punir se eu me recusar, pai?

– Esta fuga é uma loucura. Não vai ser morto, se é isso que teme. Ainda é minha intenção enviá-lo para a Muralha, mas não podia fazer

isso sem o consentimento de Lorde Tyrell. Abaixe a besta, e vamos até os meus aposentos conversar.

– Podemos perfeitamente conversar aqui. Talvez eu não queira ir para a Muralha, pai. Faz um frio dos diabos lá em cima, e creio que já aguentei frio suficiente vindo do senhor. Por isso, diga-me uma coisa, e eu vou embora. Uma simples pergunta, deve-me isso.

– Não lhe devo nada.

– Deu-me menos do que isso, toda a minha vida, mas isso vai me dar. O que fez com Tysha?

– Tysha?

*Ele nem sequer se lembra do nome dela.*

– A garota com quem me casei.

– Ah, sim. A sua primeira puta.

Tyrion apontou para o peito do pai.

– Da próxima vez que disser essa palavra, mato-o.

– Não tem coragem suficiente.

– Vamos descobrir? É uma palavra curta, e parece vir tão facilmente aos seus lábios. – Tyrion fez um gesto impaciente com a besta. – Tysha. O que fez com ela, depois de minha liçãõozinha?

– Não me lembro.

– Tente com mais força. Mandou matá-la?

O pai franziu os lábios.

– Não havia motivo para isso, ela já tinha aprendido qual era o lugar dela... e foi bem paga pelo trabalho do dia, se bem me lembro. Suponho que o intendente a tenha mandado embora. Nunca pensei em perguntar.

– Mandado embora para *onde*?

– Para onde quer que as putas vão.

O dedo de Tyrion apertou-se. A besta soltou um *uang* exatamente no momento em que Lorde Tywin começava a se levantar. O dardo atingiu-o acima da virilha e ele voltou a se sentar com um gemido. O dardo penetrou profundamente, bem até as penas, Sangue jorrou ao redor da haste, pingando sobre os pelos púbicos e as coxas nuas de Lorde Tywin.

– Atirou em mim – disse ele, incrédulo, com os olhos vidrados, em choque.

– Sempre foi rápido em compreender as situações, senhor – disse Tyrion. – Deve ser por isso que é Mão do Rei.

– Você... não é... não é meu filho.

– É justamente aí que se engana, pai. Ora, eu creio que sou você em letra pequena. E agora faça-me a bondade de morrer depressa. Tenho um navio para alcançar.

Por uma vez, o pai fez o que Tyrion lhe pediu. A prova foi o súbito fedor, quando suas tripas se soltaram no momento da morte. *Bem, estava no lugar certo para isso*, pensou Tyrion. Mas o fedor que encheu a latrina forneceu ampla evidência de que a frequentemente repetida piada a respeito de seu pai era apenas mais uma mentira.

No fim das contas, Lorde Tywin Lannister não cagava ouro.

## SAMWELL

O rei estava zangado. Sam viu-o de imediato. Enquanto os irmãos negros entravam, um a um, e ajoelhavam na sua frente, Stannis afastou o café da manhã de pão duro, charque e ovos cozidos, e olhou-os friamente. A seu lado, a mulher vermelha, Melisandre, parecia achar a cena divertida.

*Não tenho lugar aqui*, pensou Sam com ansiedade, quando os olhos vermelhos dela caíram sobre si. *Alguém tinha de ajudar Meistre Aemon a subir os degraus. Não olhe para mim, sou só o intendente do meistre*. Os outros eram candidatos ao posto do Velho Urso, todos menos Bowen Marsh, que se retirara da eleição, mas continuava a ser castelão e Senhor Intendente. Sam não compreendia por que Melisandre havia de parecer tão interessada *nele*.

O Rei Stannis manteve os irmãos negros de joelhos durante um tempo extraordinariamente longo.

– Levantem-se – disse por fim. Sam ofereceu o ombro ao Meistre Aemon para ajudá-lo a ficar em pé novamente.

O som de Lorde Janos Slynt limpando a garganta quebrou o tenso silêncio.

– Vossa Graça, permita-me que exprima o nosso agrado por sermos aqui convocados. Quando vislumbrei seus estandartes a partir da Muralha, soube que o reino estava salvo. "Aí vem um homem que nunca esquece o seu dever", disse eu ao bom Sor Alliser. "Um homem *forte*, e um verdadeiro rei." Posso felicitá-lo por sua vitória sobre os selvagens? Os cantores farão grandes coisas dela, eu sei...

– Os cantores podem fazer o que bem entenderem – interrompeu Stannis. – Poupe-me de sua bajulação, Janos, que não lhe servirá de nada. – Ficou em pé e mostrou a todos o cenho carregado. – A Senhora Melisandre disse-me que ainda não escolheram um Senhor Comandante. Estou descontente. Quando tempo mais esta loucura vai durar?

– Senhor – disse Bowen Marsh em tom defensivo –, ninguém conquistou ainda dois terços dos votos. Só se passaram dez dias.

– Nove dias a mais. Tenho cativos cujo destino deve ser decidido, um reino que precisa ser posto em ordem, uma guerra a travar. Escolhas têm de ser feitas, decisões que envolverão a Muralha e a Patrulha da Noite. Por direito, o seu Senhor Comandante deveria ter algo a dizer nessas decisões.

– Deveria, sim – falou Janos Slynt. – Mas há que dizê-lo. Nós, os irmãos, somos simples soldados. Soldados, sim! E Vossa Graça saberá que os soldados se sentem mais confortáveis obedecendo a ordens. Eles se beneficiariam de sua real orientação, parece-me. Para o bem do reino. Para ajudá-los a escolher sabiamente.

A sugestão indignou alguns dos outros.

– Também quer que o rei limpe nosso cu? – disse irritadamente Cotter Pyke.

– A escolha de um Senhor Comandante cabe aos Irmãos Juramentados, e apenas a eles – insistiu Sor Denys Mallister.

– Se escolherem sabiamente, não me escolherão – gemeu Edd Doloroso.

Meistre Aemon, calmo como sempre, disse:

– Sua Graça, a Patrulha da Noite escolhe seu próprio líder desde que Brandon, o Construtor, ergueu a Muralha. Até Jeor Mormont tivemos novecentos e noventa e sete Senhores Comandantes em sucessão ininterrupta, todos eles escolhidos pelos homens de quem seriam líderes, uma antiga tradição de muitos milhares de anos.

Stannis rangeu os dentes.

– Não é meu desejo imiscuir-me em seus direitos e tradições. E quanto à *real orientação*, Janos, se a sua ideia é que eu devia dizer aos seus irmãos que devem escolhê-lo, tenha a coragem de afirmá-lo.

Aquilo surpreendeu Lorde Janos. Sorriu com incerteza e começou a transpirar, mas Bowen Marsh, ao seu lado, disse:

– Quem será mais adequado para comandar os homens de manto negro do que um homem que um dia comandou os de manto dourado, senhor?

– Qualquer um de vocês, creio eu. Até o cozinheiro. – O olhar que o rei lançou a Slynt era frio. – Janos dificilmente terá sido o primeiro homem de manto dourado a aceitar um suborno, admito, mas pode ter sido o

primeiro comandante a engordar a bolsa através da venda de posições e promoções. Nos últimos tempos, deve ter tido metade dos oficiais na Patrulha da Cidade pagando-lhe parte de seus salários. Não é verdade, Janos?

O pescoço de Slynt estava se tornando roxo.

– Mentiras, tudo mentiras! Um homem forte faz inimigos, Vossa Graça sabe disso, eles murmuram mentiras atrás de suas costas. Nunca nada foi provado, nem um homem testemunhou...

– Dois homens que estavam preparados para testemunhar morreram subitamente durante suas rondas. – Stannis estreitou os olhos. – Não brinque comigo, senhor. Eu vi as provas que Jon Arryn apresentou ao pequeno conselho. Se o rei tivesse sido eu, você teria perdido mais do que o seu cargo, garanto-lhe, mas Robert encolheu os ombros aos seus pequenos lapsos. "Todos eles roubam", lembro-me de ouvi-lo dizer. "É preferível um ladrão que conhecemos do que um que desconhecemos, o homem seguinte pode ser pior." Palavras de Lorde Petyr na boca de meu irmão, aposto. Mindinho tinha faro para o ouro, e estou certo de que arranjou as coisas de forma que a coroa lucrasse tanto com a sua corrupção quanto você.

A papada de Lorde Slynt tremia, mas antes de ele ter tempo de preparar mais protestos, Meistre Aemon disse:

– Vossa Graça, segundo a lei, os crimes e as transgressões anteriores são limpos quando um homem profere suas palavras e se torna um Irmão Juramentado da Patrulha da Noite.

– Estou consciente disso. Se por acaso Lorde Janos aqui for o melhor que a Patrulha da Noite tem a oferecer, rangerei os dentes e engolirei esse fato. Não me importa nada quem de seus homens será escolhido, desde que *façam uma escolha*. Temos uma guerra a travar.

– Vossa Graça – disse Sor Denys Mallister, num tom de cuidadosa cortesia. – Se está falando dos selvagens...

– Não estou. E você sabe disso, sor.

– E o senhor deve saber que, embora nos sintamos gratos pela ajuda que nos deu contra Mance Rayder, não lhe podemos fornecer auxílio em sua disputa pelo trono. A Patrulha da Noite não participa nas guerras dos Sete Reinos. Ao longo de oito mil anos...

– Eu conheço a sua história, Sor Denys – disse bruscamente o rei. – Dou-lhe a minha palavra, não lhes pedirei para erguer a espada contra nenhum dos rebeldes e usurpadores que me atormentam. Mas espero que continuem defendendo a Muralha como sempre fizeram.

– Defenderemos a Muralha até o último homem – disse Cotter Pyke.

– Que provavelmente serei eu – disse Edd Doloroso em tom resignado.

Stannis cruzou os braços.

– Também precisarei de mais algumas coisas de vocês. Coisas que talvez não me deem com tanta prontidão. Quero seus castelos. E quero a Dádiva.

Aquelas palavras sem rodeios estouraram entre os irmãos negros como um frasco de fogovivo atirado num braseiro. Marsh, Mallister e Pyke, todos tentaram falar ao mesmo tempo. O Rei Stannis deixou-os falar. Quando terminaram, disse:

– Eu tenho três vezes mais homens do que vocês. Posso ocupar as terras, se quiser, mas preferiria fazer isso legalmente, com o seu consentimento.

– A Dádiva foi perpetuamente oferecida à Patrulha da Noite, Vossa Graça – insistiu Bowen Marsh.

– O que significa que não pode ser legalmente capturada, adquirida ou tomada de vocês. Mas o que foi oferecido uma vez pode voltar a ser oferecido.

– O que fará com a Dádiva? – quis saber Cotter Pyke.

– Darei melhor uso a ela do que vocês deram. Quanto aos castelos, Atalaialeste, Castelo Negro e Torre Sombria continuarão sendo seus. Guarneçam-nos como sempre fizeram, mas tenho de ficar com os outros para as *minhas* guarnições, se quisermos defender a Muralha.

– Você não tem homens suficientes – retrucou Bowen Marsh.

– Alguns dos castelos abandonados são pouco mais do que ruínas – disse Othell Yarwyck, o Primeiro Construtor.

– Ruínas podem ser reconstruídas.

– Reconstruídas? – disse Yarwyck. – Mas quem fará o trabalho?

– Isso é problema meu. Necessitarei que me forneçam uma lista, detalhando o estado atual de cada castelo e o que será necessário para restaurá-lo. Pretendo tê-los todos guarnecidos de novo dentro de um ano, com fogueiras noturnas ardendo perante seus portões.

– Fogueiras noturnas? – Bowen Marsh dirigiu a Melisandre um olhar hesitante. – Agora devemos acender fogueiras noturnas?

– Sim. – A mulher levantou-se num turbilhão de seda escarlate, com os longos cabelos acobreados caindo em volta de seus ombros. – As espadas, sozinhas, não podem deter esta escuridão. Só a luz do Senhor consegue fazer isso. Não se iludam, bons sores e valentes irmãos, a guerra que viemos travar não é uma querela mesquinha a propósito de terras e honrarias. A nossa é uma guerra pela própria vida, e se falharmos o mundo morre conosco.

Sam viu que os oficiais não sabiam como entender aquilo. Bowen Marsh e Othell Yarwyck trocaram um olhar de dúvida, Janos Slynt estava furioso e Hobb Três-Dedos tinha a expressão de quem preferia estar cortando cenouras naquele momento. Mas todos pareceram surpreendidos ao ouvir Meistre Aemon murmurar:

– A guerra de que fala é a guerra pela alvorada, senhora. Mas onde está o príncipe que foi profetizado?

– Ele está na sua frente – declarou Melisandre –, embora não tenha olhos para ver. Stannis Baratheon é Azor Ahai regressado, o guerreiro do fogo. Nele, as profecias cumprem-se. O cometa vermelho ardeu no céu para anunciar a sua vinda, e ele traz a Luminífera, a espada vermelha dos heróis.

Sam viu que as palavras dela pareceram deixar o rei desesperadamente desconfortável. Stannis rangeu os dentes e disse:

– Chamaram, e eu vim, senhores. Agora têm de sobreviver comigo, ou morrer comigo. É melhor que se habituem a isso. – Fez um gesto brusco. – É tudo. Meistre, fique por um momento. E você também, Tarly. Os outros podem ir.

*Eu?*, pensou Sam, aflito, enquanto os irmãos faziam reverências e se dirigiam para a porta. *O que ele quer comigo?*

– É aquele que matou a criatura na neve – disse o Rei Stannis, depois de só restarem os quatro na sala.

– Sam, o Matador. – Melisandre sorriu.

Sam sentiu o rosto enrubescer.

– Não, senhora. Vossa Graça. Quer dizer, sou, sim. Sou Samwell Tarly, sim.

– Seu pai é um soldado capaz – disse o Rei Stannis. – Derrotou uma vez o meu irmão, em Vaufreixo. Mance Tyrell reclamou alegremente as honras dessa vitória, mas Lorde Randyll tinha resolvido o assunto antes de Tyrell sequer encontrar o campo de batalha. Ele matou Lorde Cafferen com aquela sua grande espada valiriana e mandou a cabeça dele a Aerys. – O rei esfregou o queixo com um dedo. – Você não é o tipo de filho que eu esperaria que um homem assim tivesse.

– Eu... eu não sou o tipo de filho que ele desejava, senhor.

– Se não tivesse vestido o negro, daria um refém útil – devaneou Stannis.

– Ele vestiu o negro, senhor – apontou Meistre Aemon.

– Estou bem consciente desse fato – disse o rei. – Estou consciente de mais do que pensa, Aemon Targaryen.

O velho inclinou a cabeça.

– Sou apenas Aemon, senhor. Abandonamos o nome de nossas Casas quando forjamos as correntes de meistre.

O rei respondeu àquilo com um aceno seco, como quem diz que sabia e não se importava.

– Matou aquela criatura com um punhal de obsidiana, segundo me dizem – disse ele a Sam.

– S-sim, Vossa Graça. Foi Jon Snow quem me deu.

– Vidro de dragão. – O riso da mulher vermelha era música. – *Fogo congelado*, na língua da antiga Valíria. Pouco admira que seja anátema para aqueles frios filhos do Outro.

– Em Pedra do Dragão, onde tinha a minha sede, vê-se muita desta obsidiana nos velhos túneis por baixo da montanha – disse o rei a Sam. – Grandes pedaços, pedregulhos, veios. A maior parte é negra, se bem me lembro, mas havia também alguma verde, alguma vermelha, até púrpura. Mandei dizer a Sor Rolland, o meu castelão, para começar a miná-la. Não controlarei Pedra do Dragão durante muito mais tempo, receio, mas o Senhor da Luz talvez nos permita obter *fogo congelado* suficiente para nos armarmos contra essas criaturas, antes que o castelo caía.

Sam pigarreou.

– S-senhor. O punhal... o vidro de dragão apenas estilhaçou-se quando tentei apunhalar uma criatura.

Melisandre sorriu.

– É a necromancia que anima essas criaturas, mas elas não deixam de ser apenas carne morta. O aço e o fogo servirão para elas. Aqueles que chamam de Outros são algo mais.

– Demônios feitos de neve, gelo e frio – disse Stannis Baratheon. – O antigo inimigo. O único inimigo que importa. – Voltou a fitar Sam. – Disseram-me que você e aquela garota selvagem passaram por baixo da Muralha, através de um portão mágico qualquer.

– O P-Portão Negro – gaguejou Sam. – Por baixo de Fortenoite.

– Fortenoite é o maior e mais antigo dos castelos na Muralha – disse o rei. – É lá que pretendo me instalar, enquanto travo esta guerra. Você irá me mostrar esse portão.

– Eu – disse Sam –, eu m-mostro, se... – *Se ainda estiver lá. Se se abrir para um homem que não veste negro. Se...*

– Mostrará – exclamou Stannis. – Eu direi quando.

Meistre Aemon sorriu.

– Vossa Graça – disse –, antes de irmos, pergunto a mim mesmo se poderia nos fazer a grande honra de mostrar essa maravilhosa lâmina de que tanto ouvimos falar.

– *Você* quer ver a Luminífera? Um *cego*?

– Sam será os meus olhos.

O rei franziu a testa.

– Todo mundo já viu a coisa, por que não um cego? – seu cinto da espada e a bainha estavam pendurados em um gancho perto da lareira. Pegou o cinto e desembainhou a espada. Aço roçou em madeira e couro, e uma radiância encheu o aposento privado; cintilando, ondulando, uma dança de luz dourada, alaranjada e vermelha, todas as cores brilhantes do fogo.

– Conte-me, Samwell. – Meistre Aemon tocou-lhe o braço.

– Ela *brilha* – disse Sam, em voz abafada. – Como se estivesse em fogo. Não há chamas, mas o aço é amarelo, vermelho e laranja, lampejando e tremeluzindo como o sol na água, só que mais bonito. Gostaria que pudesse vê-la, meistre.

– Agora estou vendo, Sam. Uma espada cheia da luz do sol. Uma beleza de se admirar. – O velho fez uma hirta reverência. – Vossa Graça. Minha senhora. Foi muita amabilidade sua.

Quando o Rei Stannis embainhou a espada cintilante, a sala pareceu ficar muito escura, apesar da luz do sol que entrava pela janela.

– Muito bem, já a viram. Podem voltar aos seus deveres. E lembrem-se do que eu disse. Seus irmãos escolherão um Senhor Comandante esta noite, caso contrário eu farei desejarem que tivessem escolhido.

Meistre Aemon manteve-se perdido em pensamentos enquanto Sam o ajudava a descer a estreita escada em espiral. Mas quando atravessavam o pátio, disse:

– Não senti nenhum calor. Você sentiu, Sam?

– Calor? Vindo da espada? – tentou lembrar-se. – O ar em volta dela estremecia, como faz por cima de um braseiro quente.

– Mas não *sentiu* nenhum calor, não é? E a bainha em que a espada estava guardada, é de madeira e couro, não é? Ouvi o som quando Sua Graça puxou a espada. O couro estava chamuscado, Sam? A madeira parecia queimada ou enegrecida?

– Não – admitiu Sam. – Que eu visse, não.

Meistre Aemon assentiu. De volta aos seus aposentos, pediu a Sam para acender a lareira e ajudá-lo a se sentar na cadeira junto a ela.

– É difícil ser tão velho – suspirou enquanto se instalava na almofada. – E ainda mais difícil ser tão cego. Sinto falta do sol. E dos livros. Acima de tudo sinto falta dos livros. – Aemon fez um gesto com uma mão. – Não precisarei mais de você até a votação.

– A votação... Meistre, não há algo que possa fazer? O que o rei disse sobre Lorde Janos...

– Eu lembro-me – disse Meistre Aemon –, mas, Sam, eu sou um meistre, acorrentado e juramentado. Meu dever é aconselhar o Senhor Comandante, seja ele quem for. Não seria adequado que eu fosse visto favorecendo um candidato em detrimento de outro.

– Eu não sou um meistre – disse Sam. – Poderia *eu* fazer alguma coisa?

Aemon virou seus alvos olhos cegos para o rosto de Sam e sorriu suavemente.

– Ora, não sei, Samwell. Poderia?

*Poderia*, pensou Sam. *Tenho de fazer*. E tinha de fazer imediatamente. Se hesitasse, perderia a coragem com certeza. *Sou um homem da Patrulha da Noite*, lembrou a si mesmo enquanto cruzava o pátio, apressado. *Sou sim. Posso fazer isso*. Tinha havido uma época em que

estremeceria e guincharia se Lorde Mormont apenas o olhasse, mas esse era o velho Sam, de antes do Punho dos Primeiros Homens e da Fortaleza de Craster, de antes das criaturas e do Mãos-Frias e do Outro montado em seu cavalo morto. Ele agora era mais corajoso. *Goiva tornou-me mais corajoso*, tinha dito a Jon. Era verdade. Tinha de ser verdade.

Cotter Pyke era o mais assustador dos dois comandantes, por isso Sam foi primeiro falar com ele, enquanto a coragem ainda estava quente. Foi encontrá-lo no antigo Salão dos Escudos, jogando dados com três de seus homens de Atalaialeste e um sargento ruivo que viera de Pedra do Dragão com Stannis.

Mas quando Sam pediu licença para falar com ele, Pyke ladrou uma ordem, e os outros pegaram o dado e as moedas e deixaram-nos a sós.

Ninguém chamaria algum dia Cotter Pyke de bem-apessoado, embora o corpo que se encontrava sob a sua brigantina tachonada e os calções de tecido grosseiro fosse esguio, duro e forte. Os olhos eram pequenos e juntos, tinha o nariz quebrado, e os cabelos recuados nas têmporas formavam um bico tão pronunciado quanto a ponta de uma lança. As bexigas tinham devastado violentamente seu rosto, e a barba que deixou crescer para esconder as cicatrizes era fina e irregular.

– Sam, o Matador! – disse ele, em jeito de saudação. – Tem certeza de que apunhalou um Outro, e não um cavaleiro de neve de alguma criança?

*Isso não está começando bem.*

– Foi o vidro de dragão que o matou, senhor – explicou debilmente Sam.

– Sim, sem dúvida. Bem, desembucha, Matador. Foi o meistre que o mandou vir até mim?

– O meistre? – Sam engoliu em seco. – Eu... eu estive agora com ele, senhor. – Aquilo não era realmente uma mentira, mas se Pyke quisesse ler a informação da maneira errada, podia deixá-lo mais inclinado a escutar. Sam respirou fundo e lançou-se em seu apelo.

Pyke interrompeu-o antes de dizer vinte palavras.

– Quer que me ajoelhe e beije a bainha do lindo manto do Mallister, é isso? Devia ter imaginado. Vocês, os fidalgos, formam rebanhos como se fossem ovelhas. Bem, diga a Aemon que desperdiçou sua saliva e o meu tempo. Se alguém devesse se retirar, devia ser o Mallister. O homem é *velho* demais para o raio do cargo, e talvez devesse lhe dizer isso. Nós

escolhemos o homem, e de repente estamos aqui de volta dentro de um ano, escolhendo outro qualquer.

– Ele é velho – concordou Sam –, mas tem muita ex-experiência.

– De se sentar em sua torre e remexer em mapas, talvez. O que ele planeja fazer? Escrever cartas às criaturas? Ele é um cavaleiro, muito bem, mas não é um *lutador*, e eu estou cagando e andando para quem ele derrubou do cavalo num torneio de idiotas qualquer há cinquenta anos. O Meia-Mão travou todas as batalhas dele, até um velho cego devia ser capaz de ver isso. E, mais do que nunca, nós precisamos de um lutador, com este maldito rei em cima de nós. Hoje são ruínas e campos vazios, muito bem, mas o que irá *Sua Graça* querer amanhã? Acha que o *Mallister* tem estômago para enfrentar Stannis Baratheon e aquela cadela vermelha? – Soltou uma gargalhada. – Eu não.

– Então não irá apoiá-lo? – disse Sam, desalentado.

– É o Sam, o Matador, ou o Dick Surdo? Não, não irei apoiá-lo. – Pyke sacudiu um dedo em frente de seu rosto. – Veja se entende isto, rapaz. Eu não *quero* a porcaria do cargo, e nunca quis. Luto melhor com um convés debaixo de mim, não com um cavalo, e Castelo Negro fica longe demais do mar. Mas prefiro ser enrabado por uma espada em brasa a entregar a Patrulha da Noite àquela águia peralta da Torre Sombria. E você pode correr de volta para junto do velho e contar-lhe o que eu disse se ele perguntar. – Ficou em pé. – Desapareça da minha vista.

Sam precisou de toda a coragem que lhe restava para dizer:

– E... e se houvesse outra pessoa? Poderia a-apoiar outra pessoa?

– Quem? Bowen Marsh? O homem conta colheres. Othell é um seguidor, faz o que lhe dizem, e faz bem, mas não passa disso. Slynt... bem, seus homens gostam dele, admito, e quase valeria a pena enfiá-lo no real papo e ver se Stannis se engasgava, mas não. Há demasiado de Porto Real nesse aí. Um sapo ganha asas e pensa que é a merda de um dragão. – Pyke soltou uma gargalhada. – Sobra quem? Hobb? Podíamos escolhê-lo, suponho, mas depois quem é que iria assar o seu carneiro, Matador? Você parece ser um homem que gosta do seu carneiro.

Nada mais havia a dizer. Derrotado, Sam só pôde gaguejar seus agradecimentos e retirar-se. *Terei mais sucesso com Sor Denys*, tentou dizer a si mesmo enquanto atravessava o castelo. Sor Denys era um cavaleiro, bem-nascido e educado, e tinha tratado Sam com toda a

cortesia quando o encontrou com Goiva na estrada. *Sor Denys vai me escutar, tem de escutar*.

O comandante da Torre Sombria tinha nascido à sombra da Torre Ressonante de Guardamar, e cada centímetro de seu corpo se parecia com um Mallister. Zibelina forrava seu colarinho e realçava as mangas de seu gibão de veludo negro. Uma águia prateada prendia as garras nas dobras de seu manto. A barba era branca como neve, o cabelo quase desaparecera, e o rosto exibia profundas rugas, era certo. Mas ele ainda possuía graça nos movimentos e dentes na boca, e os anos não tinham enevoado nem seus olhos azul-acinzentados nem sua cortesia.

– Senhor de Tarly – disse, quando seu intendente levou Sam até ele, na Lança, onde os homens da Torre Sombria estavam alojados. – Agrada-me ver que se recuperou de sua provação. Posso oferecer-lhe uma taça de vinho? A senhora sua mãe é uma Florent, se bem me lembro. Um dia tenho de lhe contar como derrubei ambos os seus avôs no mesmo torneio. Mas não hoje, sei que temos assuntos mais prementes a tratar. Vem da parte de Meistre Aemon, com certeza. Ele tem conselhos a me dar?

Sam bebeu um gole de vinho e escolheu as palavras com cuidado.

– Um meistre acorrentado e juramentado... não seria adequado que fosse visto influenciando a escolha do Senhor Comandante...

O velho cavaleiro sorriu.

– Motivo pelo qual não veio pessoalmente falar comigo. Sim, compreendo bastante bem, Samwell. Aemon e eu somos ambos velhos, e sábios em tais assuntos. Diga o que veio dizer.

O vinho era doce, e Sor Denys escutou o apelo de Sam com grave cortesia, ao contrário de Cotter Pyke. Mas quando terminou, o velho cavaleiro sacudiu a cabeça.

– Concordo que seria um dia negro na nossa história se um rei nomeasse o nosso Senhor Comandante. Este rei, especialmente. Não é provável que mantenha a coroa por muito tempo. Mas realmente, Samwell, devia ser Pyke a retirar-se. Tenho mais apoio do que ele, e sou mais adequado ao cargo.

– É verdade – concordou Sam –, mas Cotter Pyke poderia servir. Dizem que provou frequentemente o seu valor em batalha. – Não pretendia ofender Sor Denys elogiando o seu rival, mas de que outra forma poderia convencê-lo a se retirar?

– Muitos de nossos irmãos demonstraram o seu valor em batalha. Não basta. Há assuntos que não podem ser decididos com um machado de guerra. Meistre Aemon compreenderá esse fato, embora Cotter Pyke não compreenda. O Senhor Comandante da Patrulha da Noite é um *senhor*, acima de tudo. Tem de ser capaz de lidar com outros senhores... e também com reis. Tem de ser um homem merecedor de respeito. – Sor Denys inclinou-se para a frente. – Nós dois somos filhos de grandes senhores. Conhecemos a importância do nascimento, do sangue e desse treino inicial que nunca pode ser substituído. Eu fui escudeiro aos doze anos, cavaleiro aos dezoito, campeão aos vinte e dois. Sou comandante na Torre Sombria há trinta e três anos. O sangue, o nascimento e o treino tornaram-me apto a lidar com reis. O Pyke... bem, ouviu-o esta manhã, perguntando se Sua Graça lhe limparia o traseiro? Samwell, não é meu hábito falar mal de meus irmãos, mas sejamos francos... os homens de ferro são uma raça de piratas e ladrões, e Cotter Pyke já andava violando e assassinando quando mal tinha deixado de ser um rapaz. Meistre Harmune lê e escreve as cartas dele, e tem feito isso há anos. Não, por mais relutância que sinta em desapontar o Meistre Aemon, não poderia de forma honrosa afastar-me pelo Pyke de Atalaialeste.

Daquela vez, Sam estava preparado.

– E poderia fazê-lo por outra pessoa? Se houvesse alguém mais adequado?

Sor Denys refletiu por um momento.

– Nunca desejei a honra em si mesma. Na última eleição, afastei-me, grato, quando o nome de Lorde Mormont foi sugerido, tal como tinha feito por Lorde Qorgyle na eleição anterior. Desde que a Patrulha da Noite permaneça em boas mãos, estou satisfeito. Mas Bowen Marsh não está à altura da tarefa e Othell Yarwyck também não. E este dito Senhor de Harrenhal é uma cria de carniceiro promovida pelos Lannister. Não me admira que seja venal e corrupto.

– Há outro homem – Sam deixou escapar. – O Senhor Comandante Mormont confiou nele. E Donal Noye e Qhorin Meia-Mão também. Embora o nascimento dele não seja tão nobre quanto o seu, provém de sangue antigo. Nasceu e foi educado num castelo, e aprendeu a manejar espada e lança com um cavaleiro e as letras com um meistre da Cidadela. O pai era um senhor, e o irmão, um rei.

Sor Denys afagou sua longa barba branca.

– Talvez – disse, após um longo momento. – É muito jovem, mas... talvez. Poderá servir, admito, embora eu fosse mais adequado. Não tenho qualquer dúvida. Eu seria a escolha mais sensata.

*Jon disse que podia haver honra numa mentira, se fosse dita pelos motivos certos*. Sam disse:

– Se não escolhermos um Senhor Comandante esta noite, o Rei Stannis pretende nomear Cotter Pyke. Ele disse isso ao Meistre Aemon esta manhã, depois de todos vocês terem saído.

– Entendo. – Sor Denys ergueu-se. – Tenho de pensar sobre isso. Obrigado, Samwell. E dê os meus agradecimentos também ao Meistre Aemon.

Sam estava tremendo quando saiu da Lança. *O que foi que eu fiz?*, pensou. *O que foi que eu disse?* Se o pegassem mentindo... *fariam o quê? Iriam me enviar para a Muralha? Tirar minhas entranhas? Transformar-me numa criatura?* De repente, tudo aquilo lhe pareceu absurdo. Como podia se sentir tão assustado com Cotter Pyke e Sor Denys Mallister, depois de ter visto um corvo comer o rosto de Paul Pequeno?

Pyke não se mostrou satisfeito com o seu retorno.

– Você outra vez? Seja rápido, você começa a me aborrecer.

– Só preciso de mais um momento – prometeu Sam. – Disse que não se retiraria por Sor Denys, mas poderia se retirar por outro homem.

– Quem é dessa vez, Matador? Você?

– Não. Um lutador. Donal Noye entregou-lhe a Muralha quando os selvagens chegaram e era escudeiro do Velho Urso. O único problema é que é bastardo.

Cotter Pyke soltou uma gargalhada.

– Oh, inferno. Isso ia enfiar uma lança no cu do Mallister, não ia? Pode valer a pena só por isso. O rapaz talvez não seja tão ruim, não é? – fungou. – Mas eu seria melhor. Eu sou o líder de quem precisamos, qualquer idiota consegue ver isso.

– Qualquer idiota – concordou Sam –, até eu. Mas... bem, eu não devia lhe contar, mas... o Rei Stannis pretende nos obrigar a aceitar Sor Denys, se não escolhermos um homem esta noite. Ouvi-o dizendo isso ao Meistre Aemon, depois do resto de vocês ter sido mandado embora.

# JON

Emmett de Ferro era um jovem patrulheiro alto e magricela cuja resistência, força e habilidade com a espada eram o orgulho de Atalaialeste. Jon saía sempre de suas sessões hirto e dolorido, e no dia seguinte acordava coberto de hematomas, o que era exatamente o que queria. Nunca conseguiria se aperfeiçoar defrontando gente como Cetim, Cavalo ou mesmo Grenn.

Jon gostava de pensar que na maior parte dos dias batia tanto quanto apanhava, mas não naquele. Quase não tinha dormido na noite anterior, e após passar uma hora virando-se na cama, num desassossego, desistiu até de tentar, vestiu-se e percorreu o topo da Muralha até o sol nascer, lutando com a oferta de Stannis Baratheon. A falta de sono estava agora se fazendo sentir, e Emmett malhava nele sem misericórdia pátio afora, mantendo-o sobre os calcanhares com um longo golpe em arco após outro, e batendo nele de tempos em tempos com o escudo, para variar. O braço de Jon ficou dormente com os impactos, e a espada de treino sem gume parecia tornar-se mais pesada a cada momento.

Estava prestes a baixar a lâmina e pedir para pararem quando Emmett fez uma finta baixa e arremeteu por cima de seu escudo com um violento golpe direto que atingiu Jon num lado da cabeça. Cambaleou, com o elmo e a cabeça ressoando com a força do ataque. Durante meio segundo o mundo para lá de sua viseira foi uma mancha indistinta.

E então os anos desapareceram, e ele estava uma vez mais de volta a Winterfell, usando um casaco de couro almofadado em vez de cota de malha e placa de aço. Sua espada era feita de madeira, e era Robb quem o defrontava, e não Emmett de Ferro.

Tinham treinado juntos todas as manhãs, desde que tiveram idade suficiente para andar; Snow e Stark, rodopiando e golpeando-se pelos pátios de Winterfell, gritando e rindo, e às vezes chorando quando ninguém estava vendo. Quando lutavam não eram garotinhos, e sim cavaleiros e poderosos heróis. “Eu sou o Príncipe Aemon, o Cavaleiro do

Dragão”, gritava Jon, e Robb gritava em resposta: “Bem, eu sou Florian, o Bobo”. Ou então Robb dizia: “Eu sou o Jovem Dragão”, e Jon respondia: “Eu sou Sor Ryam Redwyne”.

Naquela manhã tinha sido ele quem gritou primeiro.

– Eu sou o Senhor de Winterfell – gritou, como gritara cem vezes antes. Mas daquela vez, *daquela* vez, Robb respondeu:

– Você não pode ser Senhor de Winterfell, é um bastardo. A senhora minha mãe diz que nunca poderá ser Senhor de Winterfell.

*Achava que tinha esquecido isso*. Jon sentia sangue na boca, do golpe que sofrera.

No fim, Halder e Cavalo tiveram de afastá-lo de Emmett de Ferro, cada um dos homens segurando um de seus braços. O patrulheiro estava sentado no chão, atordoado, com o escudo meio feito em lascas, a viseira do elmo torta, e a espada a seis metros de distância.

– Jon, basta – Halder estava gritando –, ele caiu, você desarmou-o. *Basta*!

*Não. Não basta. Nunca basta*. Jon largou a espada.

– Desculpe – murmurou. – Emmett, está ferido?

Emmett de Ferro tirou seu elmo amassado.

– Houve alguma parte de *rendo-me* que não conseguiu entender, Lorde Snow? – Mas aquilo foi dito de forma amigável. Emmett era um homem amigável e adorava a canção das espadas. – Que o Guerreiro me proteja – gemeu –, agora sei o que Qhorin Meia-Mão deve ter sentido.

Aquilo foi demais. Jon libertou-se dos amigos e se retirou para o arsenal, sozinho. Ainda tinha os ouvidos ressoando do golpe que Emmett lhe dera. Sentou-se no banco e afundou a cabeça nas mãos. *Por que estou tão zangado?*, perguntou a si mesmo, mas era uma pergunta estúpida. *Senhor de Winterfell. Poderia ser Senhor de Winterfell. Herdeiro de meu pai.*

Mas não foi o rosto de Lorde Eddard que viu flutuando na sua frente; foi o da Senhora Catelyn. Com os seus profundos olhos azuis e a boca dura e fria, parecia-se um pouco com Stannis. *Ferro*, pensou, *mas quebradiço*. Ela o olhava daquela maneira como costumava olhá-lo em Winterfell, sempre que ele se sobrepunha a Robb nas espadas, nas somas, ou em qualquer outra coisa. *Quem é você?*, sempre lhe parecia que aquele olhar dizia. *Este não é o seu lugar. Por que está aqui?*

Os amigos ainda estavam no pátio de treinos, mas Jon não se encontrava em estado de encará-los. Saiu do arsenal pelos fundos, descendo uma íngreme escada de pedra até os caminhos de minhoca, os túneis subterrâneos que ligavam as fortalezas e as torres do castelo. Foi uma caminhada curta até a casa de banhos, onde deu um mergulho frio para lavar o suor do corpo e depois se enfiou numa quente banheira de pedra. O calor levou um pouco da dor dos músculos e fez Jon pensar nas lagoas lamacentas de Winterfell, que fumegavam e borbulhavam no bosque sagrado. *Winterfell*, pensou. *Theon deixou-o queimado e quebrado, mas eu poderia restaurá-lo*. Certamente o pai teria desejado isso, e Robb também. Nunca teriam desejado que o castelo fosse abandonado à ruína.

"Você não pode ser Senhor de Winterfell, é um bastardo", ouviu de novo Robb dizer. E os reis de pedra rosnavam para ele com línguas de granito. "Não pertence a Winterfell. Este não é o seu lugar." Quando Jon fechou os olhos, viu a árvore-coração, com seus ramos claros, folhas vermelhas e rosto solene. Lorde Eddard sempre dizia que o represeiro era o coração de Winterfell... mas para salvar o castelo, Jon teria de arrancar esse coração até suas antigas raízes e entregá-lo ao faminto deus de fogo da mulher vermelha. *Não tenho o direito*, pensou. *Winterfell pertence aos deuses antigos*.

O som de vozes ecoando no teto abobadado trouxe-o de volta a Castelo Negro.

– Não sei – um homem estava dizendo, numa voz pesada de dúvidas. – Talvez se conhecesse melhor o homem... Lorde Stannis não tinha nada de muito bom a dizer dele, digo-lhe isso.

– Quando Stannis Baratheon teve muitas coisas boas a dizer de alguém? – voz pétrea de Sor Alliser era inconfundível. – Se permitirmos que Stannis escolha nosso Senhor Comandante, transformamo-nos em seus vassalos em tudo menos no nome. Não é provável que Tywin Lannister se esqueça disso, e você sabe que será Lorde Tywin quem vai ganhar no fim. Já derrotou Stannis uma vez, na Água Negra.

– Lorde Tywin é favorável a Slynt – disse Bowen Marsh, numa voz inquieta e ansiosa. – Posso lhe mostrar a carta dele, Othell. Chamou Slynt de "o nosso fiel amigo e servidor".

Jon Snow ergueu-se de repente, e os três homens imobilizaram-se ao ouvir o som da água escorrendo.

– Senhores – disse, com fria cortesia.

– O que está fazendo aqui, bastardo? – perguntou Thorne.

– Tomando banho. Mas não deixem que eu estrague as suas maquinações. – Jon saiu de dentro da banheira, secou-se, vestiu-se e deixou-os conspirando. Lá fora, descobriu que não fazia nenhuma ideia de onde ir. Passou pelo esqueleto da Torre do Senhor Comandante, onde um dia tinha salvado o Velho Urso de um morto; passou pelo local onde Ygritte morreu com aquele sorriso triste no rosto; passou pela Torre do Rei, onde ele, Cetim e Dick Surdo Follard tinham esperado pelo Magnar e os seus Thenns; passou pelos restos empilhados e carbonizados da grande escada de madeira. O portão interior estava aberto, então Jon penetrou no túnel e começou a atravessar a Muralha. Sentia o frio à sua volta, o peso de todo o gelo por cima de sua cabeça. Passou pelo local onde Donal Noye e Mag, o Poderoso, tinham lutado e morrido juntos, atravessou o novo portão exterior, e saiu para a luz pálida e fria do sol.

Só então se permitiu parar, respirar, pensar. Othell Yarwyck não era um homem de fortes convicções, exceto naquilo que dizia respeito a madeira, pedra e argamassa. O Velho Urso sabia disso. *Thorne e Marsh irão fazê-lo mudar de opinião, Yarwyck irá apoiar Lorde Janos, e Lorde Janos será escolhido Senhor Comandante. E isso deixa-me o quê, além de Winterfell?*

Um vento rodopiava contra a Muralha, puxando seu manto. Sentia o frio que vinha do gelo tal como o calor vem de uma fogueira. Jon puxou o capuz para cima e recomeçou a andar. A tarde encaminhava-se para o fim, e o sol estava baixo a oeste. Cem metros à frente ficava o acampamento onde o Rei Stannis confinou seus cativos selvagens dentro de um anel de valas, estacas afiadas, e altas cercas de madeira. Para a esquerda havia três grandes fossos para fogueiras, onde os vencedores tinham queimado os corpos de todos os membros do povo livre que tinham morrido à sombra da Muralha, fossem enormes gigantes cobertos de pelo, fossem pequenos homens de Cornopé. O terreno de matança ainda era uma desolação de mato chamuscado e piche endurecido, mas o povo de Mance deixou sinais de sua passagem por todo lado: uma pele rasgada que podia ter feito parte de uma tenda, um malho de gigante, a

roda de uma biga, uma lança quebrada, uma pilha de estrume de mamute. No limite da floresta assombrada, onde as tendas tinham se erguido, Jon encontrou um toco de carvalho e sentou-se.

*Ygritte queria que eu fosse um selvagem, Stannis quer que eu seja o Senhor de Winterfell. Mas o que eu quero?* O sol engatinhou pelo céu e foi mergulhar atrás da Muralha, no local onde esta descrevia uma curva através dos montes a ocidente. Jon ficou observando, enquanto essa altíssima extensão de gelo adotava os tons vermelhos e rosados do poente. *Preferiria ser enforcado como vira-casaca por Lorde Janos ou abjurar os meus votos, casar com Val e tornar-me Senhor de Winterfell?* Parecia uma escolha fácil quando pensava nela nesses termos... se bem que, se Ygritte ainda fosse viva, pudesse ter sido ainda mais fácil. Val era uma estranha para ele. Não era de doer os olhos, com certeza, e tinha sido irmã da rainha de Mance Rayder, mesmo assim...

*Teria de raptá-la se quisesse o seu amor, mas ela poderia me dar filhos. Eu poderia um dia segurar nos braços um filho de meu próprio sangue*. Um filho era algo com que Jon Snow nunca se atrevera a sonhar, desde que decidira viver a sua vida na Muralha. *Podia chamá-lo de Robb. Val gostaria de ficar com o filho da irmã, mas poderíamos criá-lo em Winterfell, e o filho da Goiva também. Sam nunca teria de contar a sua mentira. E também encontraríamos lugar para Goiva, e Sam poderia ir visitá-la uma vez por ano, ou algo assim. O filho de Mance e o de Craster cresceriam como irmãos, como aconteceu comigo e Robb*.

Jon compreendeu então que desejava aquilo. Desejava-o tanto como jamais tinha desejado alguma coisa. *Sempre o desejei*, pensou, sentindo-se culpado. *Que os deuses me perdoem*. Era uma fome que trazia dentro de si, afiada como uma lâmina de vidro de dragão. Uma fome... conseguia senti-la. Era de comida que necessitava, de presas, de um veado vermelho que fedesse a medo ou de um grande alce, orgulhoso e desafiador. Desejava matar e encher a barriga de carne fresca e sangue quente e escuro. Sua boca começou a se encher de saliva ao pensar nisso.

Passou-se um longo momento até compreender o que estava acontecendo. Quando isso aconteceu, pôs-se em pé de um salto.

– *Fantasma?* – virou-se para a floresta, e ali estava ele, saltando em silêncio do interior do ocaso verde, com a respiração saindo quente e branca de suas mandíbulas abertas. – *Fantasma!* – gritou, e o lobo

gigante desatou a correr. Estava mais esguio do que antes, mas também estava maior, e o único som que fazia era o suave estalar de folhas mortas sob as patas. Quando se aproximou de Jon, saltou, e ambos lutaram entre a grama amarronzada e as longas sombras, enquanto as estrelas surgiam por cima deles. – Deuses, lobo, onde *esteve*? – disse Jon quando o Fantasma parou de lhe mordiscar o braço. – Achava que tinha morrido, como Robb e Ygritte e todos os outros. Não consegui senti-lo desde que escalei a Muralha, nem mesmo em sonhos. – O lobo gigante não tinha resposta a dar, mas lambeu o rosto de Jon com uma língua que era como lixa úmida, e seus olhos capturaram a última luz e brilharam como dois grandes sóis vermelhos.

*Olhos vermelhos*, percebeu Jon, *mas não como os de Melisandre*. O lobo tinha olhos de represeiro. *Olhos vermelhos, boca vermelha, pelo branco. Sangue e osso, como uma árvore-coração. Este pertence aos deuses antigos*. E só ele, entre todos os lobos gigantes, era branco. Tinham encontrado seis filhotes nas neves do fim do verão, ele e Robb; cinco que eram cinzentos, negros e castanhos, para os cinco Stark, e um branco, tão branco como a neve. Snow.

Então obteve a sua resposta.

Sob a Muralha, os homens da rainha estavam acendendo a sua fogueira noturna. Viu Melisandre emergir do túnel com o rei a seu lado, para liderar as preces que acreditava que manteriam a escuridão afastada.

– Vem, Fantasma – disse Jon ao lobo. – Comigo. Você tem fome, eu sei. Consegui sentir. – Correram juntos para o portão, dando uma volta larga em torno da fogueira noturna, na qual altas chamas enfiavam as garras na barriga negra da noite.

Os homens do rei encontravam-se em grande evidência nos pátios de Castelo Negro. Paravam quando Jon passava por eles, e ficavam olhando de boca aberta. Compreendeu que nenhum deles jamais tinha visto um lobo gigante, e Fantasma era duas vezes maior do que os lobos comuns que patrulhavam as suas florestas do sul. Enquanto se dirigia ao arsenal, Jon olhou casualmente para cima e viu Val em pé, na sua janela de torre. *Lamento*, pensou, *não sou o homem que a raptará daí*.

No pátio de treinos deparou com uma dúzia de homens do rei com archotes e longas lanças nas mãos. O sargento olhou para Fantasma e

franziu a testa, e dois dos seus homens baixaram as lanças até que o cavaleiro que os liderava disse:

– Afastem-se e deixem-nos passar. – E, dirigindo-se a Jon, disse: – Está atrasado para o jantar.

– Então saia do meu caminho, sor – respondeu Jon, e foi o que o outro fez.

Ouviu o ruído antes mesmo de chegar ao pé das escadas; vozes alteradas, xingamentos, alguém esmurrando uma mesa. Jon entrou na adega praticamente sem ser notado. Os irmãos enchiam os bancos e as mesas, mas os que estavam em pé e aos gritos eram mais numerosos do que aqueles que se encontravam sentados, e ninguém comia. Não havia comida. *O que está acontecendo aqui?* Lorde Janos Slynt berrava qualquer coisa sobre vira-casacas e traições, Emmett de Ferro encontrava-se em pé sobre uma mesa com a espada desembainhada na mão, Hobb Três-Dedos amaldiçoava um patrulheiro da Torre Sombria... um homem qualquer de Atalaialeste bateu com o punho algumas vezes na mesa, exigindo silêncio, mas tudo que conseguiu foi somar esse ruído ao burburinho que ecoava sob o teto abobadado.

Pyp foi o primeiro a notar a presença de Jon. Sorriu ao ver Fantasma, levou dois dedos à boca e assobiou como só um filho de saltimbanco sabia assobiar. O som estridente cortou o clamor como uma espada. Enquanto Jon caminhava na direção das mesas, mais irmãos reparavam nele e ficavam quietos. Um silêncio espalhou-se pela adega, até que os únicos sons que se ouviram foram os calcanhares de Jon soltando estalidos do chão de pedra, e o suave crepitar da lenha na lareira.

Sor Alliser Thorne estilhaçou o silêncio.

– O vira-casacas finalmente agracia-nos com sua presença.

Lorde Janos estava ruborizado e tremendo.

– A *fera* – arquejou. – Olhem! A fera que arrancou a vida do Meia-Mão. Um *warg* caminha entre nós, irmãos. Um *WARG*! Esta... esta *criatura* não é digna de nos liderar! Este *lobisomem* não é digno de viver!

Fantasma mostrou as presas, mas Jon apoiou uma mão na cabeça dele.

– Senhor – disse –, quer me dizer o que está acontecendo aqui?

Meistre Aemon respondeu do outro lado da sala.

– Seu nome foi sugerido para Senhor Comandante, Jon.

Aquilo era tão absurdo que Jon teve de sorrir.

– Por quem? – disse, em busca dos amigos. Aquilo tinha de ser uma das brincadeiras de Pyp, com certeza. Mas Pyp encolheu os ombros, e Grenn balançou a cabeça. Foi Edd Doloroso Tollett quem se levantou.

– Por mim. Sim, fazer isso a um amigo é terrivelmente cruel, mas antes você do que eu.

Lorde Janos recomeçou a falar furiosamente.

– Isso, isso é um ultraje. Nós devíamos enforcar esse rapaz. Sim! Enforquem-no, enforquem-no por ser um vira-casacas e *warg*, juntamente com o amigo Mance Rayder. *Senhor Comandante?* Não aceitarei isso, não admitirei isso!

Cotter Pyke pôs-se em pé.

– *Você* não admite isso? Pode ser que tenha treinado aqueles homens de manto dourado para lamber a merda do seu cu, mas agora está usando um manto preto.

– Qualquer irmão pode pôr qualquer nome à nossa consideração, desde que o homem tenha proferido seus votos – disse Sor Dennis Mallister. – Tollett está inteiramente no seu direito, senhor.

Uma dúzia de homens começou a falar ao mesmo tempo, cada um tentando sobrepor sua voz à dos outros, e não tardou muito até que metade da sala estivesse de novo aos gritos. Daquela vez foi Sor Alliser Thorne quem saltou para cima da mesa e ergueu as mãos exigindo silêncio.

– *Irmãos!* – gritou – Não lucramos nada com isso. Sugiro que votemos. Este rei que ocupou a Torre do Rei colocou homens em todas as portas para se assegurar de que não comamos nem saiamos até que a escolha seja feita. Que seja! Votaremos, e votaremos de novo, a noite inteira se necessário, até termos o nosso comandante... mas antes de depositarmos os penhores, creio que nosso Primeiro Construtor tem algo a nos dizer.

Othell Yarwyck levantou-se lentamente, de cenho franzido. O grande construtor esfregou seu queixo protuberante e disse:

– Bem, vou retirar o meu nome. Já houve dez oportunidades de me escolherem, e não o fizeram. Não o suficiente de vocês, pelo menos. Eu ia dizer que aqueles que estavam depositando um penhor por mim deviam escolher Lorde Janos...

Sor Alliser fez um aceno.

– Lorde Slynt é a melhor escolha...

– Não tinha *acabado*, Alliser – protestou Yarwyck. – Lorde Slynt comandou a Patrulha da Cidade em Porto Real, todos sabemos, e era Senhor de Harrenhal...

– Ele nem sequer *viu* Harrenhal – gritou Cotter Pyke.

– Bem, isso é verdade – disse Yarwyck. – Seja como for, agora que estou aqui em pé, não me lembro por que foi que pensei que Slynt seria uma escolha assim tão boa. Isso seria como dar um chute na boca do Rei Stannis, e não vejo como é que isso nos é útil. Pode ser que o Snow seja melhor. Está há mais tempo na Muralha, é sobrinho de Ben Stark e serviu o Velho Urso como escudeiro. – Yarwyck encolheu os ombros. – Escolham quem quiserem, desde que não seja eu. – E sentou-se.

Jon viu que Janos Slynt, que já estava vermelho, ficara roxo, mas Sor Alliser Thorne tinha empalidecido. O homem de Atalaialeste estava de novo batendo na mesa com o punho, mas agora gritava pelo caldeirão. Alguns de seus amigos adotaram o grito.

– *Caldeirão!* – rugiram eles, como um só. – *Caldeirão, caldeirão, CALDEIRÃO!*

O caldeirão estava no canto junto à lareira, uma enorme coisa negra de fundo redondo, com duas enormes alças e uma tampa pesada. Meistre Aemon disse algo a Sam e Clydas, e eles agarraram as alças e arrastaram o caldeirão para a mesa. Alguns dos irmãos já estavam fazendo fila junto aos barris de penhores quando Clydas tirou a tampa e quase a deixou cair em cima do pé. Com um grito roufenho e um bater de asas, um enorme corvo saltou de dentro do caldeirão. Voou para cima, talvez em busca das vigas, ou de uma janela por onde escapar, mas não havia vigas no porão e também não havia janelas. O corvo estava encurralado. Crocitando ruidosamente, voou aos círculos pela sala, uma, duas, três vezes. E Jon ouviu Samwell Tarly gritar:

– Eu conheço aquela ave! É o corvo de Lorde Mormont!

O corvo pousou na mesa mais próxima de Jon. "*Snow*", crocitou. Era uma ave velha, suja e enlameada. "*Snow*", voltou a dizer, "*Snow, snow, snow*". Caminhou até a borda da mesa, abriu de novo as asas e voou para o ombro de Jon.

Lorde Janos Slynt sentou-se tão pesadamente que fez *tum*, mas Sor Alliser encheu a adega com uma gargalhada zombeteira.

– Sor Porquinho pensa que somos todos tolos, irmãos – disse. – Ele ensinou à ave este truquezinho. Todos eles dizem *snow*, é só ir à colônia e escutar com seus ouvidos. A ave de Mormont sabia mais palavras além dessa.

O corvo inclinou a cabeça e olhou para Jon. "*Grão?*", disse com ar esperançoso. Quando não obteve nem grão nem uma resposta, soltou um *cuorc* e resmungou: "*Caldeirão? Caldeirão? Caldeirão?*".

E o resto foram pontas de flecha, uma torrente de pontas de flecha, um dilúvio de pontas de flecha, pontas de flecha suficientes para afogar as últimas pedras e conchas, e também todas as moedas de cobre.

Quando a contagem terminou, Jon deu por si rodeado. Alguns deram-lhe tapinhas nas costas, enquanto outros se dobravam para ajoelhar perante si como se fosse um senhor de verdade. Cetim, Owen Idiota, Halder, Sapo, Bota Extra, Gigante, Mully, Ulmer da Mata de Rei, Donnel Doce Hill e meia centena de outros comprimiram-se ao seu redor. Dywen bateu seus dentes de madeira e disse:

– Pela bondade dos deuses, nosso Senhor Comandante ainda usa cueiros.

Emmett de Ferro disse:

– Espero que isso não queira dizer que já não posso dar-lhe uma surra daquelas da próxima vez que treinarmos, senhor. – Hobb Três-Dedos quis saber se ele continuaria comendo com os homens ou se iria querer as refeições enviadas para o aposento privado. Até Bowen Marsh se aproximou para dizer que ficaria feliz por continuar sendo Senhor Intendente se fosse essa a vontade de Lorde Snow.

– Lorde Snow – disse Cotter Pyke –, se estragar isto, eu arranco seu fígado e como-o cru com cebolas.

Sor Denys Mallister foi mais cortês.

– Foi coisa difícil, aquela que o jovem Samwell me pediu – confessou o velho cavaleiro. – Quando Lorde Qorgyle foi eleito, eu disse a mim mesmo: "Não importa, ele está na Muralha há mais tempo do que você, a sua hora chegará". Quando foi Lorde Mormont, pensei: "Ele é forte e feroz, mas é velho, a sua hora ainda pode chegar". Mas você pouco mais é do que um rapaz, Lorde Snow, e agora tenho de retornar à Torre Sombria sabendo que a minha hora nunca virá. – Deu um sorriso cansado. – Não me faça morrer arrependido. Seu tio era um grande

homem. O senhor seu pai e o pai dele também. Esperarei do senhor precisamente o mesmo.

– Sim – disse Cotter Pyke. – E pode começar por dizer àqueles homens do rei que está feito, e que queremos a porcaria do jantar.

"*Jantar*", gritou o corvo. "*Jantar, jantar.*"

Os homens do rei saíram da porta quando lhes falaram da eleição, e Hobb Três-Dedos e meia dúzia de ajudantes dirigiram-se a trote para as cozinhas a fim de ir buscar a comida. Jon não esperou para comer. Atravessou o castelo, perguntando a si mesmo se estaria sonhando, com o corvo ao ombro e Fantasma logo atrás. Pyp, Grenn e Sam seguiram-no, tagarelando, mas quase não ouviu uma palavra até que Grenn sussurrou:

– *Sam* conseguiu isso.

E Pyp disse:

– Sam *conseguiu* isso! – Pyp tinha trazido consigo um odre de vinho, e bebeu um longo trago e entoou: – Sam, Sam, Sam, o feiticeiro, Sam, o prodígio, Sam, Sam, o homem maravilha, ele conseguiu. Mas quando foi que escondeu o corvo no caldeirão, Sam, e como, com os sete infernos, podia ter certeza de que ele voaria para o Jon? Se o pássaro tivesse decidido empoleirar-se na cabeça gorda de Janos Slynt, teria estragado tudo.

– Não tive nada a ver com o corvo – insistiu Sam. – Quando voou de dentro do caldeirão, quase me molhei todo.

Jon soltou uma gargalhada, meio espantado por ainda se lembrar de como se fazia.

– São todos um bando de idiotas loucos, sabem disso?

– Nós? – disse Pyp. – Chama a *nós* de idiotas? Não fomos nós que fomos escolhidos como o nonocentésimo nonagésimo oitavo Senhor Comandante da Patrulha da Noite. É melhor que tome algum vinho, Lorde Snow. Acho que vai precisar de *muito* vinho.

Então Jon Snow tirou o odre da mão de Pyp e bebeu um gole. Mas só um. A Muralha era sua, a noite era escura, e tinha um rei a enfrentar.

# SANSA

Acordou de repente, com todos os nervos a tremer. Por um momento não se lembrou de onde estava. Tinha sonhado que era pequena, dividindo ainda um quarto com a irmã Arya. Mas foi a aia que ouviu se mexendo no sono, não a irmã, e aquilo não era Winterfell, mas o Ninho da Águia. *E eu sou Alayne Stone, uma bastarda*. O quarto estava frio e negro, embora ela se sentisse quente sob os cobertores. A alvorada ainda não havia chegado. Às vezes sonhava com Sor Ilyn Payne e acordava com o coração aos saltos, mas aquele sonho não tinha sido assim. *O lar. Estava sonhando com o meu lar*.

O Ninho da Águia não era lar nenhum. Não era maior do que a Fortaleza de Maegor, e fora de suas abruptas muralhas brancas ficavam apenas a montanha e a longa e traiçoeira descida que passava por Céu, Neve e Pedra e levava aos Portões da Lua, no fundo do vale. Não havia para onde ir e pouco havia para fazer. Os criados mais velhos diziam que aqueles salões ressoavam de risos na época em que seu pai e Robert Baratheon eram protegidos de Jon Arryn, mas esses dias tinham passado havia muitos anos. A tia mantinha pouco pessoal, e raramente permitia que as visitas subissem para lá dos Portões da Lua. Além de sua idosa aia, o único companheiro de Sansa era Lorde Robert, com oito anos e quase três meses.

*E Marillion. Há sempre Marillion*. Quando tocava para eles no jantar, com frequência o jovem cantor parecia estar cantando diretamente para Sansa. A tia não ficava nada satisfeita. A Senhora Lysa tinha um fraco por Marillion e banira duas criadas e até um pajem por dizerem mentiras a respeito dele.

Lysa estava tão solitária quanto Sansa. Seu novo esposo parecia passar mais tempo no sopé da montanha do que em seu cume. Agora andava longe, já partira havia quatro dias, para um encontro com os Corbray. Juntando aqui e ali as conversas que tinha ouvido, Sansa sabia que os vassalos de Jon Arryn se ressentiam do casamento de Lysa e só de má

vontade concediam a Petyr a sua autoridade como Senhor Protetor do Vale. O ramo principal da Casa Royce estava perto da revolta aberta devido à recusa da tia de Sansa em ajudar Robb na guerra, e os Waynwood, Redfort, Belmore e Templeton davam-lhes todo o apoio. Os clãs da montanha também andavam causando problemas, e o velho Lorde Hunter morrera de forma tão súbita que os dois filhos mais novos andavam acusando o irmão mais velho de o ter assassinado. O Vale de Arryn podia ter sido poupado do pior da guerra, mas estava longe de ser o local idílico pelo qual a Senhora Lysa o queria fazer passar.

*Não vou voltar a dormir*, percebeu Sansa. *Tenho a cabeça num tumulto*. Afastou relutantemente a almofada, atirou os cobertores para trás, dirigiu-se à janela e abriu as venezianas.

Nevava no Ninho da Águia.

Lá fora, os flocos pairavam com a suavidade e o silêncio da memória. Teria *sido isso que me acordou?* A neve já jazia numa camada espessa sobre o jardim, lá embaixo, cobrindo a grama, salpicando de branco os arbustos e as estátuas e pesando nos galhos das árvores. A cena levou Sansa de volta a noites frias de muito tempo atrás, no longo verão de sua infância.

A última vez que vira neve havia sido no dia em que tinha partido de Winterfell. *Aquela foi uma nevada mais leve do que esta*, recordou. *Robb tinha flocos derretendo nos cabelos quando me abraçou, e a bola de neve que Arya tentou fazer não parava de se desfazer em suas mãos*. Doía-lhe lembrar-se de como tinha se sentido feliz naquela manhã. Hullen ajudara-a a montar, e ela partira a cavalo com os flocos de neve girando à sua volta, para ver o grande e vasto mundo. *Pensei que a minha canção estava começando naquele dia, mas tinha quase terminado*.

Sansa deixou as janelas abertas enquanto se vestia. Sabia que estaria frio, embora as torres do Ninho da Águia rodeassem o jardim e o protegessem do pior dos ventos de montanha. Vestiu roupa de baixo de seda e uma combinação de linho e, por cima, um vestido quente de lã azul de carneiro. Dois pares de meias longas para as pernas, botas que eram atadas até os joelhos, pesadas luvas de couro, e por fim um manto com capuz de suave pele de raposa branca.

A aia enrolou-se melhor em seu cobertor quando a neve começou a entrar pela janela. Sansa entreabriu a porta e desceu pela escada em

caracol. Quando abriu a porta do jardim, ele estava tão lindo que prendeu a respiração, sem desejar perturbar uma beleza tão perfeita. A neve caía e caía, tudo num silêncio fantasmagórico, e acumulava-se numa camada grossa e contínua no chão. Todas as cores tinham fugido do mundo exterior. Era um lugar de brancos, negros e cinza. Torres brancas, neve branca e estátuas brancas, sombras negras e árvores negras, tudo coberto pelo céu cinza-escuro. *Um mundo puro*, pensou Sansa. *Este não é o meu lugar*.

Mas saiu mesmo assim. As botas rasgaram buracos até os tornozelos na superfície alva e lisa da neve, mas não fizeram nenhum som. Sansa vagueou por entre arbustos congelados e esguias árvores escuras e perguntou a si mesma se estaria ainda sonhando. Flocos de neve que caíam roçavam seu rosto com a leveza dos beijos de um amante e derretiam-se em suas bochechas. No centro do jardim, ao lado da estátua da mulher chorosa que jazia no chão, quebrada e meio enterrada, virou o rosto para o céu e fechou os olhos. Sentiu a neve nas pálpebras, saboreou-a nos lábios. Era o sabor de Winterfell. O sabor da inocência. O sabor dos sonhos.

Quando Sansa voltou a abrir os olhos, estava de joelhos. Não se lembrava de ter caído. Parecia-lhe que o céu tinha tomado um tom mais claro de cinza. *A alvorada*, pensou. *Outro dia. Outro novo dia*. Era dos dias antigos que tinha fome. Era por eles que rezava. Mas a quem podia rezar? Sabia que um dia o jardim se destinara a um bosque sagrado, mas o solo era raso e pedregoso demais para que um represeiro ganhasse raízes. *Um bosque sagrado sem deuses, tão vazio quanto eu*.

Pegou um punhado de neve e apertou-a entre os dedos. Pesada e úmida, a neve comprimia-se com facilidade. Sansa ficou fazendo bolas de neve, dando-lhes forma e alisando-as até ficarem redondas, brancas e perfeitas. Recordou uma nevada de verão em Winterfell, durante a qual Arya e Bran a emboscaram ao sair da fortaleza, uma bela manhã. Cada um deles tinha uma dúzia de bolas de neve à mão, e ela nenhuma. Bran estava empoleirado no telhado da ponte coberta, fora de alcance, mas Sansa perseguiu Arya pelos estábulos e em volta das cozinhas até ambas ficarem sem fôlego. Até podia tê-la apanhado, mas tinha escorregado em um pouco de gelo. A irmã voltou para ver se teria se machucado. Quando disse que não, Arya atingiu-a no rosto com outra bola de neve, mas Sansa

agarrou-lhe a perna e puxou-a para baixo e estava esfregando neve no cabelo dela quando Jory apareceu e as separou, rindo.

*O que faço com as bolas de neve?* Olhou para o seu pequeno e triste arsenal. *Não há ninguém em quem atirá-las*. Deixou que a que estava fazendo lhe caísse das mãos. *Em vez disso, podia fazer um cavaleiro de neve*, pensou. *Ou até...*

Juntou duas das bolas de neve, acrescentou uma terceira, comprimiu mais neve em volta delas e deu a tudo a forma de um cilindro. Quando ficou pronto, colocou-o em pé e usou a ponta do mindinho para fazer os buracos das janelas. As ameias em volta do topo precisaram de um pouco mais de cuidado, mas quando ficaram prontas, tinha uma torre. *Agora preciso de muralhas*, pensou Sansa, *e, depois, de uma fortaleza*. Pôs mãos à obra.

A neve caía e o castelo erguia-se. Duas muralhas que se erguiam até a altura do tornozelo, a interior mais alta do que a exterior. Torres e torreões, fortalezas e escadarias, uma cozinha redonda, um arsenal quadrado, os estábulos ao longo do interior da muralha ocidental. Quando começou era apenas um castelo, mas não muito depois Sansa soube que era Winterfell. Encontrou gravetos e galhos caídos por baixo da neve e quebrou suas extremidades para fazer as árvores do bosque sagrado. Para as lápides do cemitério usou pedaços de casca de árvore. Pouco tempo depois tinha as luvas e as botas cobertas por uma crosta branca, as mãos formigando e os pés ensopados e frios, mas não fazia mal. O castelo era tudo o que importava. Algumas coisas eram difíceis de recordar, mas a maior parte vinha com facilidade, como se tivesse estado lá apenas no dia anterior. A Torre da Biblioteca, com a íngreme escada de pedra enrolada à sua volta, pelo exterior. A guarita, dois enormes baluartes, o portão arqueado entre eles, ameias ao longo do topo...

E durante todo o tempo a neve não parou de cair, empilhando-se em montículos em volta de seus edifícios tão depressa quanto ela os erguia. Estava compactando o telhado do Grande Salão quando ouviu uma voz, e ergueu os olhos para se deparar com a aia chamando-a da janela e perguntando se estava bem, se desejava quebrar o jejum. Sansa balançou a cabeça e voltou à escultura de neve, acrescentando uma chaminé a uma das pontas do Grande Salão, no local onde a lareira estaria lá dentro.

A alvorada esgueirou-se para o jardim como uma ladra. O cinza do céu ficou ainda mais claro, e as árvores e os arbustos tomaram um tom de verde-escuro sob suas estolas de neve. Alguns criados saíram e observaram-na durante algum tempo, mas não prestou atenção neles, e eles rapidamente voltaram para dentro, para onde fazia mais calor. Sansa viu a Senhora Lysa olhá-la de sua varanda, enrolada num roupão de veludo azul debruado de pele de raposa, mas quando voltou a olhar a tia tinha desaparecido. Meistre Colemon esticou a cabeça da colônia de corvos e espreitou para baixo durante algum tempo, magricelo e tremendo, mas curioso.

As pontes não paravam de ruir. Havia uma ponte coberta entre o arsenal e a fortaleza principal, e outra que ligava o quarto andar da torre sineira ao segundo andar da colônia de corvos, mas por mais cuidadosa que fosse ao esculpi-las, elas não resistiam. Na terceira vez que uma delas ruiu, soltou uma praga em voz alta e sentou-se, numa frustração impotente.

– Comprima a neve em volta de uma vareta, Sansa.

Não sabia havia quanto tempo ele estava a observá-la, ou quando tinha voltado do Vale.

– Uma vareta? – perguntou.

– Isso vai lhe dar suficiente resistência para se manter, creio eu – disse Petyr. – Posso entrar em seu castelo, senhora?

Sansa estava desconfiada.

– Não o quebre. Seja...

– ... gentil? – ele sorriu. – Winterfell resistiu a inimigos mais ferozes do que eu. Isto *é* Winterfell, não é?

– Sim – admitiu Sansa.

Ele caminhou ao longo do exterior das muralhas.

– Costumava sonhar com ele, naqueles anos que se seguiram a Cat ter ido para o Norte com Eddard Stark. Em meus sonhos era sempre um lugar escuro e frio.

– Não. Sempre foi quente, mesmo quando nevava. Água das nascentes termais é canalizada através das paredes para aquecê-las, e dentro dos jardins de vidro era sempre como o mais quente dia de verão. – Levantou-se, erguendo-se acima do grande castelo branco. – Não consigo imaginar como fazer o telhado de vidro por cima dos jardins.

Mindinho afagou o queixo, onde tinha a barba antes de Lysa lhe pedir para raspá-la.

– O vidro estava preso em molduras, não estava? Sua resposta são gravetos. Tire a casca deles e cruze-os, e use casca de árvore para atá-los uns aos outros e formar molduras. Eu mostro. – Deslocou-se pelo jardim, recolhendo paus e gravetos e sacudindo a neve deles. Quando obteve o suficiente, passou por cima de ambas as muralhas com um longo passo e agachou-se no meio do pátio. Sansa aproximou-se para ver o que ele estava fazendo. As mãos de Petyr eram hábeis e seguras, e não muito depois tinha uma treliça de gravetos, muito parecida com aquela que servia de telhado aos jardins de vidro de Winterfell. – Vamos ter de imaginar o vidro, certamente – disse quando lhe entregou.

– Isto é perfeito – disse Sansa.

Ele tocou o rosto dela.

– E isto também.

Sansa não compreendeu.

– Isto o quê?

– O seu sorriso, senhora. Faço-lhe outro?

– Se quiser.

– Nada me agradaria mais.

Ela ergueu as paredes dos jardins de vidro enquanto Mindinho os cobria, e quando terminaram essa tarefa, ele ajudou-a a prolongar as muralhas e a construir o edifício dos guardas. Quando usou varetas para as pontes cobertas, elas resistiram, tal como ele havia dito que resistiriam. A Primeira Fortaleza era bastante simples, uma antiga torre redonda e atarracada, mas Sansa voltou a ficar sem saber o que fazer quando chegou a hora de pôr as gárgulas ao longo do topo. De novo, ele tinha a solução.

– Tem estado nevando em seu castelo, senhora – destacou. – Com que se parecem as gárgulas quando estão cobertas de neve?

Sansa fechou os olhos para vê-las em sua memória.

– São só protuberâncias brancas.

– Muito bem. Gárgulas são difíceis, mas protuberâncias brancas devem ser fáceis. – E eram.

A Torre Quebrada foi ainda mais simples. Fizeram juntos uma torre alta, ajoelhando-se lado a lado para rolá-la até ficar lisa, e quando a

ergueram, Sansa enfiou os dedos no topo, agarrou um punhado de neve e atirou em cheio no rosto dele. Petyr soltou um ganido quando a neve se enfiou em seu colarinho.

– Isso não foi nada cavalheiresco, senhora.

– Tal como não o foi trazer-me para cá, quando jurou que me levaria para casa.

Perguntou a si mesma de onde teria vindo a coragem, para lhe falar com tanta franqueza. *De Winterfell*, pensou. *Sou mais forte dentro das muralhas de Winterfell*.

O rosto dele ficou sério.

– Sim, enganei-a sobre isso... e sobre outra coisa também.

Sansa sentiu o estômago se agitando.

– Que outra coisa?

– Disse-lhe que nada me agradaria mais do que ajudá-la com o seu castelo. Temo que também tenha sido uma mentira. Há outra coisa que me agradaria mais. – Aproximou-se. – Isto.

Sansa tentou se afastar, mas ele puxou-a para si e de repente a estava beijando. Debilmente, tentou contorcer-se, mas só conseguiu apertar-se mais contra ele. A boca dele estava sobre a sua, engolindo suas palavras. Mindinho tinha gosto de menta. Durante meio segundo, Sansa cedeu ao seu beijo... antes de virar o rosto para o lado e se arrancar de seu abraço.

– O que está *fazendo*?

Petyr endireitou o manto.

– Estou beijando uma donzela de neve.

– É suposto que beije a *ela*. – Sansa olhou de relance para a varanda de Lysa, mas estava agora vazia. – A senhora sua esposa.

– E beijo. Lysa não tem razões de queixa. – Sorriu. – Gostaria que pudesse se ver, senhora. É tão bela. Está coberta de neve como uma pequena cria de urso, mas o rosto está corado e quase não consegue respirar. Há quanto tempo está aqui? Deve estar com muito frio. Deixe-me aquecê-la, Sansa. Tire as luvas, dê-me as suas mãos.

– Não dou. – Ele soava quase como Marillion, na noite em que o cantor se embebedara durante o casamento. Porém, dessa vez Lothor Brune não surgiria para salvá-la; Sor Lothor era um homem de Petyr. – Não devia ter me beijado. Eu poderia ser sua filha...

– Poderia – admitiu ele, com um sorriso triste. – Mas não é, certo? É filha de Eddard Stark e de Cat. Mas acho que talvez seja ainda mais bela do que a sua mãe, quando tinha a sua idade.

– Petyr, por favor. – A voz soava tão fraca. – Por favor...

– Um *castelo*!

A voz era sonora, estridente e infantil. Mindinho virou-se.

– Lorde Robert. – Esboçou uma reverência. – Devia estar na neve sem as suas luvas?

– Foi você que fez o castelo de neve, Lorde Mindinho?

– A Alayne fez a maior parte, senhor.

Sansa disse.

– Era para ser Winterfell.

– Winterfell? – Robert era pequeno para oito anos, um espeto de menino com pele manchada e olhos que estavam sempre lacrimejando. Debaixo de um braço trazia o puído boneco de pano que levava para todo lado.

– Winterfell é a sede da Casa Stark – disse Sansa ao seu futuro marido. – O grande castelo do Norte.

– Não é assim tão grande. – O menino ajoelhou perante a guarita. – Olhe, aqui vem um gigante para botá-lo abaixo. – Pôs o boneco em pé na neve e moveu-o aos trancos. – *Tumba-tumba, sou um gigante, sou um gigante* – cantarolou. – *Ho-ho-ho, abra os portões, senão trituro-os e esmago-os*. – Balançando o boneco pelas pernas, derrubou o topo de uma das torres da guarita e depois a outra.

Aquilo foi mais do que Sansa podia suportar.

– Robert, *pare com isso*.

Mas em vez de parar, ele voltou a balançar o boneco e trinta centímetros de muralha explodiram. Ela tentou agarrar a mão dele, mas só conseguiu pegar o boneco. Ouviu-se um sonoro ruído de rasgar quando o fino pano se abriu. De repente, ela tinha a cabeça do boneco, Robert tinha as pernas e o corpo, e o enchimento de trapos e serragem estava se derramando na neve.

A boca de Lorde Robert estremeceu.

– Você o *matooooooooou* – berrou. Então desatou a tremer. Começou com um pequeno arrepio apenas, mas poucos segundos depois tinha caído sobre o castelo, agitando violentamente os membros. Torres

brancas e pontes de neve estilhaçaram-se e caíram por todos os lados. Sansa ficou horrorizada, mas Petyr Baelish pegou nos pulsos do garoto e gritou pelo meistre.

Guardas e criadas chegaram instantes depois para ajudar a segurar Robert, e Meistre Colemon surgiu um pouco mais tarde. A doença dos tremores de Robert Arryn não era nada de novo para as pessoas do Ninho da Águia, e a Senhora Lysa treinara-os todos para virem correndo ao primeiro grito do rapaz. O meistre segurou a cabeça do pequeno lorde e deu-lhe meia taça de vinho dos sonhos, murmurando palavras tranquilizadoras. Lentamente, a violência do ataque pareceu reduzir-se, até nada restar além de um pequeno tremor nas mãos.

– Ajudem-no a subir aos meus aposentos – disse Colemon aos guardas. – Uma sangria ajudará a acalmá-lo.

– Foi culpa minha. – Sansa mostrou-lhes a cabeça do boneco. – Eu rasguei o boneco dele em dois. Não queria fazer isso, mas...

– Sua senhoria estava destruindo o castelo – disse Petyr.

– Um gigante – sussurrou o garoto, chorando. – Não fui eu, foi um gigante que fez mal ao castelo. Ela *matou*-o! Odeio-a! É uma bastarda e eu *odeio*-a! Não *quero* ser sangrado!

– Senhor, seu sangue precisa ser refinado – disse Meistre Colemon. – É o sangue ruim que o deixa zangado, e a raiva que traz os tremores. Agora venha.

E levaram o garoto. *O senhor meu esposo*, pensou Sansa, enquanto contemplava as ruínas de Winterfell. A neve tinha parado de cair, e fazia mais frio do que antes. Perguntou a si mesma se Lorde Robert passaria a boda toda tremendo. *Pelo menos Joffrey era saudável de corpo*. Uma raiva enlouquecida tomou conta dela. Pegou um galho partido e enfiou-o na cabeça rasgada do boneco, após o que a espetou no topo da destruída guarita de seu castelo de neve. Os criados pareceram ficar horrorizados, mas quando Mindinho viu o que ela tinha feito, riu.

– Se as histórias forem verdadeiras, esse não é o primeiro gigante cuja cabeça acabou nas muralhas de Winterfell.

– São só histórias – disse ela, e abandonou-o ali.

De volta ao seu quarto, Sansa despiu o manto e as botas úmidas e sentou-se junto da lareira. Não duvidava de que seria obrigada a responder pelo ataque de Lorde Robert. *Talvez a Senhora Lysa me mande*

*embora*. A tia era rápida para banir quem quer que lhe desagradasse, e nada lhe desagradava mais do que aqueles que suspeitava de maltratarem seu filho.

Sansa teria acolhido de bom grado o banimento. Os Portões da Lua eram muito maiores do que o Ninho da Águia, e também mais animados. Lorde Nestor Royce parecia rude e severo, mas a filha Myranda governava o castelo em seu nome, e todos eram unânimes em dizer que era brincalhona. Até a suposta bastardia de Sansa poderia não contar muito contra si lá embaixo. Uma das filhas ilegítimas do Rei Robert estava a serviço de Lorde Nestor, e dizia-se que ela e a Senhora Myranda eram grandes amigas, tão próximas quanto irmãs.

*Direi à minha tia que não quero me casar com Robert*. Nem o próprio Alto Septão podia declarar uma mulher casada se ela se recusasse a proferir os votos. Não era uma pedinte, não importa o que a tia dissesse. Tinha treze anos, era uma mulher florescida e casada, a herdeira de Winterfell. Sansa às vezes sentia pena de seu pequeno primo, mas não era capaz de imaginar que algum dia desejasse ser sua esposa. *Preferiria voltar a estar casada com Tyrion*. Se a Senhora Lysa soubesse disso, certamente a mandaria para longe... para longe dos beicinhos, tremores e olhos lacrimejantes de Robert, para longe dos olhares demorados de Marillion, para longe dos beijos de Petyr. *Vou contar para ela. Vou mesmo!*

Foi ao fim da tarde que a Senhora Lysa mandou chamá-la. Sansa tinha passado o dia todo reunindo coragem, mas assim que Marillion surgiu à sua porta, todas as suas dúvidas regressaram.

– A Senhora Lysa requer a sua presença no Alto Salão. – Os olhos do cantor despiam-na enquanto falava, mas Sansa já tinha se habituado a isso.

Marillion era bonito, não havia como negar; jovial e esguio, com pele lisa, cabelos cor de areia, um sorriso encantador. Mas tornara-se bastante odiado no Vale, por todos exceto a tia e o pequeno Lorde Robert. Pelo que diziam as conversas dos criados, Sansa não era a primeira donzela a sofrer o seu assédio, e as outras não tinham tido Lothor Brune para defendê-las. Mas a Senhora Lysa não queria ouvir queixas contra ele. Desde que tinha chegado ao Ninho da Águia, o cantor tornou-se seu favorito. Cantava até que Lorde Robert adormecesse todas as noites, e

torcia o nariz aos pretendentes da Senhora Lysa com versos que caçoavam de seus pontos fracos. A tia fez chover sobre ele ouro e presentes; roupas caras, um bracelete de ouro, um cinto incrustado de pedras de lua, um bom cavalo. Até lhe dera o falcão preferido do falecido marido. Tudo aquilo servia para tornar Marillion impecavelmente cortês na presença da Senhora Lysa, e impecavelmente arrogante longe dela.

– Obrigada – disse-lhe rigidamente Sansa. – Eu conheço o caminho.

Ele não quis ir embora.

– A senhora disse-me para levá-la.

*Levar-me*? Não gostou de como aquilo soava.

– Agora é um guarda? – Mindinho tinha demitido o capitão da guarda do Ninho da Águia e colocado Sor Lothor Brune em seu lugar.

– Precisa de guarda? – disse Marillion com ligeireza. – Devia saber que ando compondo uma nova canção. Uma canção tão doce e triste que derreterá até o seu coração gelado. Pretendo chamá-la de "A rosa da beira da estrada". É sobre uma garota ilegítima tão bela que enfeitiçava todos os homens que pusessem os olhos nela.

*Eu sou uma Stark de Winterfell*, desejou dizer-lhe. Mas em vez disso assentiu e permitiu que a levasse ao longo da escada da torre e por uma ponte. O Alto Salão tinha estado fechado durante todo o tempo que passara no Ninho da Águia. Sansa perguntou a si mesma por que motivo a tia o teria aberto. Normalmente preferia o conforto de seu aposento privado, ou o calor aconchegante da sala de audiências de Lorde Arryn, com a sua vista sobre a queda d'água.

Dois guardas com manto azul-celeste flanqueavam as portas de madeira esculpida do Alto Salão, de lanças na mão.

– Ninguém deve entrar enquanto Alayne estiver com a Senhora Lysa – disse-lhes Marillion.

– Entendido.

Os homens deixaram-nos passar e em seguida cruzaram as lanças. Marillion fechou as portas e trancou-as com uma terceira lança, mais longa e mais grossa do que as que os guardas usavam.

Sansa sentiu uma pontada de desconforto.

– Por que fez isso?

– A senhora a espera.

Ela olhou em volta hesitantemente. A Senhora Lysa estava no estrado, sentada num cadeirão de espaldar alto feito de represeiro esculpido, sozinha. À sua direita encontrava-se um segundo cadeirão, mais alto do que o seu, com uma pilha de almofadas azuis sobre o assento, mas Lorde Robert não estava lá sentado. Sansa esperava que ele tivesse se recuperado. Mas não era provável que Marillion lhe dissesse.

Sansa percorreu o carpete de seda azul entre fileiras de pilares canelados esguios como lanças. O assoalho e as paredes do Alto Salão eram feitos de mármore de um branco leitoso, com veios azuis. Raios de pálida luz do sol caíam na diagonal, provenientes de estreitas janelas arqueadas abertas na parede oriental. Entre as janelas havia archotes, montados em altas arandelas de ferro, mas nenhum deles estava aceso. Seus passos caíam suavemente sobre o carpete. Lá fora, o vento soprava, frio e solitário.

No meio de tanto mármore branco, até a luz do sol parecia de certo modo gelada... embora nem de perto tão gelada quanto a tia. A Senhora Lysa usava um vestido de veludo de cor creme e pusera um colar de safiras e pedras de lua. Seus cabelos ruivos tinham sido penteados numa grossa trança e caíam sobre um ombro. Estava sentada no cadeirão observando a aproximação da sobrinha, com o rosto rubro e inchado por baixo da tinta e do pó. Da parede atrás dela, pendia um enorme estandarte, a lua e o falcão da Casa Arryn em creme e azul.

Sansa parou diante do estrado e fez uma reverência.

– Senhora. Mandou me chamar. – Ainda ouvia o ruído do vento, e os suaves acordes que Marillion estava tocando ao fundo do salão.

– Eu vi o que você fez – disse a Senhora Lysa.

Sansa alisou as dobras da saia.

– Espero que Lorde Robert esteja melhor. Não pretendia rasgar o seu boneco. Ele estava esmagando meu castelo de neve, eu só...

– Vai se fazer de recatada comigo? – disse a tia. – Não estava falando do boneco de Robert. Eu *vi* quando o beijou.

O Alto Salão pareceu ficar um pouco mais frio. As paredes, o chão e as colunas podiam perfeitamente ter se transformado em gelo.

– Foi ele que me beijou.

As narinas de Lysa dilataram.

– E por que ele faria isso? Tem uma esposa que o ama. Uma mulher-feita, não uma garotinha. Não tem necessidade de gente como você. Confesse, menina. Atirou-se nele. Foi assim que as coisas se passaram.

Sansa deu um passo para trás.

– Não é verdade.

– Aonde vai? Está com medo? Um comportamento impudico como esse tem de ser punido, mas não serei dura com você. Temos um carrasco para Robert, como é costume das Cidades Livres. Sua saúde é delicada demais para ser ele a brandir o açoite. Arranjarei uma garota comum qualquer para levar as suas chicotadas, mas primeiro tem de assumir o que fez. Não posso tolerar uma mentirosa, Alayne.

– Eu estava construindo um castelo de neve – disse Sansa. – Lorde Petyr estava me ajudando, e depois beijou-me. Foi isso o que viu.

– Não tem honra alguma? – disse a tia em tom penetrante. – Ou será que me toma por uma idiota? Toma, não toma? Toma-me por uma idiota. Sim, agora vejo. Não sou uma idiota. Pensa que pode ter qualquer homem que queira porque é jovem e bela. Não pense que não vi os olhares que dirige a Marillion. Sei de tudo o que se passa no Ninho da Águia, senhorinha. E também já conheci gente da sua laia antes. Mas engana-se se acha que grandes olhos e sorrisos de prostituta lhe servirão para conquistar Petyr. Ele é meu. – A tia levantou-se. – Todos tentaram afastá-lo de mim. O senhor meu pai, o meu esposo, a sua mãe... principalmente a Catelyn. Ela também gostava de beijar o meu Petyr, ah, se gostava.

Sansa recuou mais um passo.

– A minha mãe?

– Sim, a sua mãe, a sua preciosa mãe, a minha querida irmã Catelyn. Que nem pense em se fazer de inocente comigo, sua mentirosazinha nojenta. Levou todos aqueles anos em Correrrio brincando com Petyr como se ele fosse seu brinquedinho. Provocou-o com sorrisos, palavras suaves e olhares lascivos, e fez das noites dele um tormento.

– Não. – *Minha mãe está morta*, quis gritar. *Ela era sua própria irmã, e está morta*. – Ela não fez isso. Não o faria.

– Como pode saber? Estava lá? – Lysa desceu do cadeirão, fazendo rodopiar as saias. – Veio com Lorde Bracken e Lorde Blackwood, daquela vez que nos visitaram para levar a disputa deles à consideração

de meu pai? O cantor de Lorde Bracken cantou para nós, e Catelyn dançou seis danças com Petyr naquela noite, *seis*, eu contei. Quando os lordes começaram a discutir, meu pai levou-os para a sua sala de audiências, de modo que deixou de haver quem nos impedisse de beber. Edmure embebedou-se, apesar de ser tão novo... e Petyr tentou beijar a sua mãe, mas ela o afastou. *Riu* dele. Ele pareceu tão magoado que eu achei que o meu coração fosse estourar, e depois bebeu até perder os sentidos em cima da mesa. Tio Brynden levou-o para a cama antes que meu pai o encontrasse naquele estado. Mas não se lembra de nada disso, não é? – Olhou para baixo, zangada. – *Não é*?

*Ela está bêbada, ou louca?*

– Eu não era nascida, senhora.

– Você não era nascida. Mas eu era, portanto não ouse me dizer o que é verdade. Eu *sei* o que é verdade. Beijou-o!

– Foi ele que me beijou – voltou a insistir Sansa. – Eu nunca quis...

– Silêncio, não lhe dei licença para falar. Seduziu-o, tal como a sua mãe fez naquela noite em Correrrio, com seus sorrisos e sua dança. Acha que eu me esqueceria? Foi essa a noite em que me esgueirei para a cama dele para confortá-lo. Sangrei, mas foi a mais doce das dores. Ele disse-me então que me amava, mas chamou-me de *Cat*, logo antes de voltar a adormecer. Mesmo assim, fiquei com ele até o céu começar a se iluminar. Sua mãe não o merecia. Ela nem sequer quis lhe dar um favor para usar quando ele lutou contra Brandon Stark. *Eu* teria dado o meu favor ao Petyr. Dei-lhe tudo. Ele agora é meu. Não de Catelyn, e não seu.

A resolução de Sansa havia murchado perante o ataque da tia. Lysa Arryn a estava assustando mais que a Rainha Cersei jamais a assustara.

– Ele é seu, senhora – disse, tentando soar submissa e arrependida. – Tenho a sua licença para ir embora?

– Não, não tem. – O hálito da tia cheirava a vinho. – Se fosse outra pessoa, você seria banida. Mandaria você para baixo, para os Portões da Lua de Lorde Nestor, ou de volta para os Dedos. Gostaria de passar a vida naquela costa desolada, rodeada de mulheres porcas e cocozinhos de ovelha? Era isso que meu pai queria para Petyr. Todo mundo pensou que foi por causa daquele estúpido duelo com Brandon Stark, mas não é verdade. O pai disse que eu devia agradecer aos deuses por um senhor tão grande como Jon Arryn estar disposto a me aceitar manchada, mas eu

sabia que era só por causa das espadas. Tinha de me casar com Jon, senão meu pai iria me expulsar como fez com o irmão, mas era a Petyr que eu estava destinada. Estou lhe contando isso tudo para que compreenda como nos amamos um ao outro, quanto tempo sofremos e sonhamos um com o outro. Fizemos juntos um bebê, um precioso bebezinho. – Lysa encostou as mãos na barriga, como se a criança ainda estivesse ali. – Quando o roubaram de mim, prometi a mim mesma que nunca deixaria que voltasse a acontecer. Jon queria mandar meu querido Robert para Pedra do Dragão, e aquele rei beberrão queria entregá-lo a Cersei Lannister, mas eu não permiti... assim como não vou permitir que me roube o meu Petyr Mindinho. Está me ouvindo, Alayne, ou Sansa, ou como quer que chame a si mesma? Está ouvindo o que estou lhe dizendo?

– Sim. Juro, nunca mais o beijarei ou... ou o seduzirei. – Sansa achou que era aquilo que a tia quisesse ouvir.

– Então agora já admite? Foi você, como eu pensava. É tão libertina quanto a sua mãe. – Lysa agarrou-a pelo pulso. – Venha comigo. Há uma coisa que quero lhe mostrar.

– Está me machucando. – Sansa contorceu-se. – Por favor, tia Lysa, eu não fiz nada. Juro.

A tia ignorou seus protestos.

– *Marillion*! – gritou. – Preciso de você, Marillion! *Preciso* de você!

O cantor tinha ficado discretamente ao fundo da sala, mas acorreu de imediato ao grito da Senhora Arryn.

– Senhora?

– Toque-nos uma canção. Toque “A falsa e a bela”.

Os dedos de Marillion roçaram as cordas.

– *O senhor chegou a cavalo num dia de chuva, tralolé, tralolé, tralolélolá...*

A Senhora Lysa puxou o braço de Sansa. Era andar ou ser arrastada, portanto decidiu andar, percorrendo meio salão e passando entre um par de pilares, até uma porta de represeiro instalada na parede de mármore. A porta encontrava-se firmemente fechada, com três pesadas trancas de bronze para mantê-la no lugar, mas Sansa ouvia o vento lá fora mordendo suas arestas. Quando viu o crescente de lua esculpido na madeira, plantou os pés no chão.

– A Porta da Lua. – Tentou se libertar, aos puxões. – Por que está me mostrando a Porta da Lua?

– Agora está guinchando como um rato, mas no jardim foi bastante ousada, não foi? Foi bastante ousada na neve.

– *A senhora fazia costura num dia de chuva* – cantava Marillion –, *tralolé, tralolé, tralolélolá...*

– Abra a porta – ordenou Lysa. – Estou dizendo para abri-la. Vai abri-la, senão mando chamar os meus guardas. – Empurrou Sansa em frente. – Sua mãe pelo menos era corajosa. Levante as trancas.

*Se eu fizer o que ela diz, vai me largar*. Sansa agarrou uma das barras de bronze, soltou-a com um puxão e atirou-a ao chão. A segunda barra retiniu no mármore, seguida pela terceira. Mal tinha tocado no trinco quando a pesada porta de madeira *voou* para dentro e bateu com estrondo na parede. Um monte de neve estava empilhado na soleira, e todo ele foi soprado contra elas, trazido numa explosão de ar frio que deixou Sansa tremendo. Tentou dar um passo para trás, mas aí encontrava-se a tia. Lysa pegou-a pelo pulso e pôs a outra mão entre as suas omoplatas, empurrando-a à força para a porta aberta.

Atrás da porta havia céu branco, neve caindo e nada mais.

– Olhe para baixo – disse a Senhora Lysa. – Olhe para *baixo*.

Tentou se libertar, mas os dedos da tia enterravam-se em seu braço como garras. Lysa deu-lhe outro empurrão, e Sansa soltou um guincho. O pé esquerdo atravessou uma crosta de neve e soltou-a. Nada havia à sua frente além de ar vazio, e um castelo intermediário cento e oitenta metros abaixo, agarrando-se ao flanco da montanha.

– Não! – gritou Sansa. – Está me assustando! – Atrás dela, Marillion continuava a tocar a harpa e a cantar "*tralolé, tralolé, tralolélolá*".

– Ainda quer licença para ir embora? Quer?

– Não. – Sansa fez pressão com os pés no chão e tentou contorcer-se para trás, mas a tia não se moveu. – Dessa maneira não. Por favor... – Ergueu uma mão, procurando com os dedos o batente da porta, mas não conseguiu encontrar um apoio, e os pés estavam escorregando no chão úmido de mármore. A Senhora Lysa empurrava-a inexoravelmente para a frente. A tia tinha mais de vinte quilos a mais do que ela.

– *A senhora trocava beijos num monte de feno* – estava cantando Marillion. Sansa torceu-se para o lado, histérica de medo, e um pé

escorregou por sobre a borda. Gritou. – *Tralolé, tralolé, tralolélolá.* – O vento levantou suas saias e mordeu suas pernas nuas com dentes frios. Sentia flocos de neve derretendo nas bochechas. Sansa esbracejou, encontrou a grossa trança ruiva de Lysa e agarrou-se bem nela.

– Meu cabelo! – guinchou a tia. – Largue meu cabelo! – Estava tremendo, soluçando. As duas vacilaram na borda do precipício. Muito longe, ouviu os guardas baterem na porta com as lanças, exigindo que os deixassem entrar. Marillion interrompeu a canção.

– *Lysa!* O que significa isso? – o grito cortou através dos soluços e da respiração pesada. Passos ecoaram ao longo do Alto Salão. – *Saia* daí. Lysa, o que você está fazendo? – os guardas continuavam a bater à porta; Mindinho tinha entrado pelo fundo, pela entrada do senhor que se abria atrás do estrado.

Quando Lysa se virou, suas mãos fraquejaram o suficiente para que Sansa se libertasse. Caiu sobre os joelhos, e Petyr Baelish viu-a. Parou subitamente.

– Alayne. Qual é o problema aqui?

– É *ela.* – A Senhora Lysa agarrou uma madeixa dos cabelos de Sansa. – O problema é *ela*. Ela *beijou*-o.

– Diga-lhe – suplicou Sansa. – Diga-lhe que estávamos só construindo um castelo...

– *Cale-se!* – gritou a tia. – Não lhe dei licença para falar. Seu castelo não interessa a ninguém.

– Ela é uma criança, Lysa. A filha de Cat. O que você acha que estávamos fazendo?

– Eu ia casá-la com *Robert*! Não tem gratidão. Não tem... não tem *decência*. Você não é dela para que o beije. *Não é dela!* Estava lhe dando uma lição, só isso.

– Estou vendo. – Mindinho afagou o queixo. – Acho que ela compreende agora. Não é verdade, Alayne?

– Sim – soluçou Sansa. – Compreendo.

– Não a quero aqui. – Os olhos da tia estavam brilhantes de lágrimas. – Por que foi que a trouxe para o Vale, Petyr? Este não é o seu lugar. Não pertence a este lugar.

– Sendo assim, mandamo-la embora. De volta a Porto Real, se quiser. – Deu um passo na direção delas. – Agora largue-a. Deixe-a afastar-se da

porta.

– *NÃO!* – Lysa deu outro puxão na cabeça de Sansa. Neve rodopiou em volta delas, fazendo com que as saias esvoaçassem ruidosamente. – Não pode desejá-la. Não pode. Ela é uma garotinha estúpida de cabeça oca. Não o ama como eu o tenho amado. Eu sempre o amei. Já demonstrei isso, não foi? – lágrimas escorreram por seu rosto inchado e vermelho. – Eu dei a você o presente de minha virgindade. Teria dado também um filho, mas eles assassinaram-no com chá de lua, com tanásia, menta e losna, uma colher de mel e uma gota de poejo. Não fui eu, eu nunca *soube*, só bebi o que o pai me deu...

– Isso passou e está feito, Lysa. Lorde Hoster está morto, e o seu velho meistre também. – Mindinho aproximou-se. – Caiu outra vez no vinho? Não devia falar tanto. Não queremos que Alayne saiba mais do que devia, não é? Ou Marillion.

A Senhora Lysa ignorou aquilo.

– A Cat nunca lhe deu nada. Fui eu quem arranjou seu primeiro posto, quem fez com que Jon o trouxesse para a corte para podermos ficar perto um do outro. Prometeu-me que nunca se esqueceria disso.

– E não me esqueci. Estamos juntos, tal como você sempre desejou, tal como sempre planejamos. Mas largue o cabelo de Sansa...

– Não largo! Vi-os aos beijos na neve. Ela é exatamente como a mãe. Catelyn beijou-o no bosque sagrado, mas nunca foi *a sério*, ela nunca quis você. Por que foi que a amou mais? Era eu, sempre fui *eeeeeu!*

– Eu sei, amor. – Ele deu mais um passo. – E estou aqui. Tudo o que tem de fazer é pegar na minha mão, vamos. – Estendeu-a para ela. – Não há motivo para todas essas lágrimas.

– Lágrimas, lágrimas, *lágrimas* – soluçou ela histericamente. – Não há necessidade de lágrimas... mas não foi isso o que disse em Porto Real. Disse-me para pôr as lágrimas no vinho de Jon, e foi o que eu fiz. Por Robert, e por *nós!* E escrevi a Catelyn e contei-lhe que os Lannister tinham matado o senhor meu esposo, tal como você disse para fazer. Isso foi tão inteligente... sempre foi inteligente, eu disse isso ao pai, disse: o Petyr é tão inteligente, subirá bem alto, subirá, subirá, e é doce e gentil e tenho o seu bebê na barriga... Por que foi que a beijou? *Por quê?* Agora estamos juntos, estamos juntos após tanto tempo, tanto, tanto tempo, por que é que havia de querer *beijáááá-la*?

– Lysa – Petyr suspirou –, depois de todas as tempestades que aguentamos, devia confiar mais em mim. Juro, nunca mais sairei de seu lado, enquanto ambos formos vivos.

– Sério? – perguntou ela, chorando. – Oh, *sério*?

– Sério. Agora solte a garota e venha aqui me dar um beijo.

Lysa atirou-se nos braços do Mindinho, soluçando. Enquanto eles se abraçavam, Sansa afastou-se engatinhando da Porta da Lua e envolveu os braços no pilar mais próximo. Sentia o coração aos saltos. Havia neve em seus cabelos, e o sapato direito tinha desaparecido. *Deve ter caído*. Estremeceu e abraçou com mais força o pilar.

Mindinho deixou Lysa soluçar contra o seu peito por um momento e depois pôs as mãos em seus braços e deu-lhe um pequeno beijo.

– Minha esposa querida, pateta, ciumenta – disse ele com um risinho. – Eu só amei uma mulher, garanto.

Lysa Arryn deu um sorriso trêmulo.

– Só uma? Oh, Petyr, jura? Só uma?

– Só a Cat. – E deu-lhe um curto e forte empurrão.

Lysa tropeçou para trás, com os pés escorregando no mármore úmido. E então desapareceu. Não chegou a gritar. Durante o mais longo dos momentos não se ouviu som algum exceto o vento.

Marillion arquejou.

– Você... você...

Os guardas estavam gritando do lado de fora da porta, batendo nela com as hastes de suas pesadas lanças. Lorde Petyr pôs Sansa em pé.

– Não se machucou? – quando ela balançou a cabeça, ele disse: – Então corra, deixe os guardas entrar. Depressa, não há tempo a perder. Este cantor matou a senhora minha esposa.

# EPÍLOGO

A estrada que levava a Pedravelhas rodeava duas vezes o monte antes de chegar ao cume. Cheia de vegetação e pedregosa, teria causado um avanço lento mesmo no melhor dos tempos, mas a nevasca da noite anterior deixara-a também lamacenta. *Neve no outono nas terras fluviais, não é natural*, pensou sombriamente Merrett. Não tinha sido uma grande nevasca, era certo, só o suficiente para atapetar o solo durante uma noite. A maior parte começou a derreter assim que o sol surgiu. Mesmo assim, Merrett havia considerado isso um mau presságio. Entre chuvas, inundações, fogo e guerra, tinham perdido duas colheitas e boa parte de uma terceira. Um inverno prematuro significaria a fome por todas as terras fluviais. Muitas pessoas passariam fome e algumas morreriam. Merrett só esperava não ser uma dessas pessoas. *Mas posso vir a ser. Com a minha sorte, posso mesmo. Nunca tive sorte nenhuma*.

À sombra das ruínas do castelo, as vertentes inferiores do monte estavam cobertas por uma floresta tão densa que meia centena de fora da lei podia perfeitamente estar ali escondida. *Podem estar me observando agora mesmo*. Merrett olhou em volta, e nada viu além de tojo, fetos, cardos, junco e amoreiras-silvestres entre os pinheiros e as sentinelas cinza-esverdeadas. Em outros pontos, olmos e freixos despidos de folhas e carvalhos pequenos sufocavam o terreno como ervas daninhas. Não viu nenhum fora da lei, mas isso pouco queria dizer. Os fora da lei eram melhores em se esconder do que os homens honestos.

A bem da verdade, Merrett odiava a floresta, e odiava ainda mais os fora da lei. “Os fora da lei roubaram-me a vida”, fora ouvido protestando quando estava de pileque. Estava de pileque com demasiada frequência, dizia o pai, frequente e ruidosamente. *É bem verdade*, pensou, pesaroso. Nas Gêmeas era preciso arranjar uma distinção qualquer, caso contrário eram capazes de se esquecer de sua existência, mas descobrira que uma reputação como o maior bebedor do castelo pouco havia feito para melhorar as suas chances. *Um dia esperei me tornar o maior cavaleiro*

*que algum dia baixou uma lança para o ataque. Os deuses roubaram-me isso. Por que não haveria de beber uma taça de vinho de vez em quando? Ajuda minhas dores de cabeça. Além disso, minha mulher é uma megera, meu pai despreza-me, meus filhos são inúteis. O que tenho eu que me leve a ficar sóbrio?*

Mas agora estava sóbrio. Bem, tinha bebido dois cornos de cerveja quando quebrou o jejum e uma pequena taça de tinto quando se pôs a caminho, mas isso havia sido apenas para evitar que a cabeça latejasse. Merrett sentia a dor de cabeça preparando-se atrás dos olhos e sabia que se lhe desse meia oportunidade, em breve se sentiria como se tivesse uma trovoada entre as orelhas. Às vezes, as dores de cabeça eram tão fortes que até chorar doía demais. Então tudo o que conseguia fazer era ficar deitado na cama, num quarto escuro, com um pano úmido por cima dos olhos, e amaldiçoar a sorte e o fora da lei anônimo que lhe fizera aquilo.

Só de pensar nisso, ficava ansioso. Agora não podia se dar ao luxo de ter uma dor de cabeça. *Se trouxer o Petyr de volta em segurança, a minha sorte mudará*. Levava o ouro, tudo que tinha de fazer era subir ao topo de Pedravelhas, encontrar-se no castelo arruinado com os malditos fora da lei, e fazer a troca. Um simples resgate. Nem ele poderia estragar aquilo... a menos que tivesse uma dor de cabeça, uma tão forte que o deixasse incapaz de montar a cavalo. Devia estar nas ruínas até o pôr do sol, não choramingando enrolado sobre si mesmo à beira da estrada. Merrett esfregou as têmporas com dois dedos. *Mais uma volta ao monte e estarei lá.* Quando a mensagem tinha chegado e ele se ofereceu para levar o resgate, o pai olhou-o de viés e disse:

– *Você*, Merrett? – e desatou a rir pelo nariz, aquele hediondo *heh, heh, heh* que fazia quando ria. Merrett tinha sido praticamente obrigado a suplicar antes de lhe darem o maldito saco de ouro.

Algo se moveu na vegetação rasteira ao longo da beira da estrada. Merrett puxou as rédeas com força e levou a mão à espada, mas era apenas um esquilo.

– Estúpido – disse a si mesmo, voltando a enfiar a espada na bainha sem ter chegado a desembainhá-la por completo. – Os fora da lei não têm cauda. Maldito inferno, Merrett, controle-se. – Seu coração estava aos saltos no peito, como se fosse um rapazinho verde em sua primeira

campanha. *Como se esta fosse a mata do rei e eu me preparasse para enfrentar a antiga Irmandade, em vez do patético bando de salteadores do Senhor do Relâmpago.* Por um momento sentiu-se tentado a dar meia-volta e trotar monte abaixo, em busca da cervejaria mais próxima. Aquele saco de ouro compraria um monte de cerveja, suficiente para que se esquecesse por completo de Petyr Espinha. *Que o enforquem, foi ele que fez com que isso lhe acontecesse. Não é mais do que merece, depois de ir atrás de uma seguidora de acampamentos qualquer como se fosse um veado no cio*.

Sua cabeça tinha começado a doer; por enquanto pouco, mas sabia que pioraria. Merrett esfregou a ponte do nariz. Na realidade não tinha nenhum direito de pensar tão mal de Petyr. *Eu próprio fiz o mesmo quando era da idade dele*. No seu caso, tudo que o ato tinha lhe custado foi uma gonorreia, mesmo assim não devia condenar o outro. As prostitutas tinham encantos, especialmente quando se tinha um rosto como o de Petyr. O pobre moço tinha uma esposa, com certeza, mas ela era metade do problema. Não só tinha o dobro de sua idade, como andava dormindo também com o irmão Walder, se o que se contava fosse verdade. Havia sempre muito falatório nas Gêmeas, e só uma pequena parte era verdade, mas naquele caso Merrett acreditava. Walder Negro era um homem que tomava aquilo que desejava, mesmo se fosse a mulher do irmão. Também possuíra a mulher de Edwyn, isso era de conhecimento geral. Sabia-se que a Bela Walda se enfiava em sua cama de tempos em tempos, e havia até quem dissesse que ele havia conhecido a sétima Senhora Frey bastante melhor do que deveria. Pouco admirava que se recusasse a se casar. Para que comprar uma vaca quando havia úberes por todo lado suplicando que os ordenhasse?

Praguejando em surdina, Merrett enfiou os calcanhares nos flancos do cavalo e retomou a subida. Por mais tentador que fosse detonar o ouro em bebida, sabia que se não voltasse com Petyr Espinha melhor seria não voltar nunca mais.

Lorde Walder faria noventa e dois anos em breve. Seus ouvidos tinham começado a fraquejar, os olhos já quase não funcionavam, e a gota estava tão ruim que tinha de ser carregado para todo lado. Todos os filhos concordavam que não era possível que durasse muito mais tempo. *E quando ele se for, tudo mudará, e não para melhor*. O pai era queixoso e

teimoso, com uma vontade de ferro e uma língua viperina, mas acreditava em cuidar dos seus. De todos os seus, mesmo daqueles que lhe desagradaram e o desapontaram. *Até daqueles de cujo nome não se lembra*. Mas quando ele se fosse...

Quando Sor Stevron era o herdeiro, tudo era diferente. O velho passara sessenta anos treinando Stevron, e enfiou na cabeça dele que sangue era sangue. Mas Stevron tinha morrido em campanha com o Jovem Lobo no oeste – "da espera, sem dúvida", gracejou Lothar Coxo quando o corvo lhes trouxe a notícia –, e seus filhos e netos eram uma espécie diferente de Frey. Agora o herdeiro era o filho de Stevron, Sor Ryman; um homem obtuso, teimoso e ganancioso. E depois de Ryman vinham os filhos, Edwyn e Walder Negro, que eram ainda piores.

– Felizmente – disse uma vez Lothar Coxo – odeiam-se ainda mais um ao outro do que nos odeiam.

Merrett não tinha certeza de que isso fosse auspicioso, e, já agora, o próprio Lothar podia ser mais perigoso do que qualquer dos outros dois. Lorde Walder tinha ordenado o massacre dos Stark no casamento de Roslin, mas foi Lothar Coxo quem o planejou com Roose Bolton, até o ponto de escolher que canções seriam tocadas. Lothar era um tipo muito divertido para uma bebedeira em conjunto, mas Merrett nunca seria tolo o suficiente para lhe virar as costas. Nas Gêmeas aprendia-se bem cedo que só se podia confiar nos irmãos de pai e mãe, e mesmo nesses não até muito longe.

Era provável que quando o velho morresse fosse cada filho por si, e cada filha também. O novo Senhor da Travessia manteria nas Gêmeas, sem dúvida, *alguns* de seus tios, sobrinhos e primos, aqueles de que gostasse ou em quem confiasse, ou, o que era mais provável, aqueles que achasse que lhe seriam úteis. *O resto de nós será posto para fora, para nos virarmos sozinhos*.

A perspectiva preocupava Merrett mais do que as palavras podiam exprimir. Faria quarenta anos dentro de menos de três, era velho demais para adotar a vida de cavaleiro andante... mesmo se *fosse* um cavaleiro, o que no caso não era. Não possuía terras nem riquezas que fossem suas. Possuía as roupas que trazia no corpo mas não muito mais, nem mesmo o cavalo que montava. Não era suficientemente inteligente para ser um meistre, não era suficientemente piedoso para septão ou selvagem o

bastante para mercenário. *Os deuses não me deram nenhum dom além do nascimento, e mesmo aí limitaram-me*. De que servia ser filho de uma Casa rica e poderosa, quando se era o *nono* filho? Quando se levava em conta os netos e bisnetos, Merrett tinha mais chances de ser escolhido Alto Septão do que de herdar as Gêmeas.

*Não tenho sorte nenhuma*, pensou amargamente. *Nunca tive nenhuma maldita sorte*. Era um homem grande, largo de peito e ombros, apesar da altura mediana. Ao longo dos últimos dez anos tornara-se mole e carnudo, bem sabia, mas quando era mais novo, Merrett tinha sido quase tão robusto quanto Sor Hosteen, seu irmão de pai e mãe mais velho, que era habitualmente considerado o mais forte dos filhos de Lorde Walder Frey. Quando garoto, tinha sido enviado para Crakehall, a fim de servir a família da mãe como pajem. Quando o velho Lorde Sumner fez dele escudeiro, todos assumiram que se tornaria Sor Merrett em não mais do que alguns anos, mas os fora da lei da Irmandade da Mata de Rei tinham cagado nesses planos. Enquanto seu colega escudeiro Jaime Lannister se cobria de glória, Merrett começou por pegar uma gonorreia de uma seguidora de acampamentos e depois conseguiu ser capturado por uma *mulher*, aquela que chamavam de Cerva Branca. Lorde Sumner resgatou-o dos fora da lei, mas na batalha seguinte foi derrubado com um golpe de maça que lhe quebrou o elmo e o deixou sem sentidos durante uma quinzena. Disseram-lhe mais tarde que todos julgaram que morreria.

Merrett não tinha morrido, mas seus dias de luta tinham terminado. Até a mais leve pancada na cabeça lhe causava uma dor que o cegava e o reduzia às lágrimas. Sob tais circunstâncias, a cavalaria estava fora de questão, disse-lhe Lorde Sumner, não sem gentileza. Foi enviado de volta às Gêmeas para enfrentar o venenoso desdém de Lorde Walder.

Depois disso a sorte de Merrett só piorou. O pai tinha conseguido de algum modo arranjar-lhe um bom casamento; casou-se com uma das filhas de Lorde Darry, na época em que os Darry ainda se mantinham numa posição elevada nos favores do Rei Aerys. Mas pareceu que assim que deflorou a sua noiva, Aerys perdeu o trono. Ao contrário dos Frey, os Darry tinham sido proeminentes lealistas Targaryen, o que lhes custou metade das terras, a maior parte da fortuna e quase todo o poder. E quanto à senhora sua esposa, achara-o uma grande desilusão desde o primeiro momento e insistiu em levar anos pondo no mundo nada mais

do que meninas: três vivas, uma natimorta e outra que morreu na infância, antes de finalmente gerar um filho. A filha mais velha revelou-se uma devassa; a segunda, uma glutona. Quando Ami foi pega nos estábulos com nada menos do que *três* palafreneiros, foi forçado a casá-la com um maldito *cavaleiro andante*. Essa situação não podia se tornar pior, tinha pensado... até Sor Pate decidir que poderia ganhar renome derrotando Sor Gregor Clegane. Ami voltou correndo, transformada em viúva, para consternação de Merrett e indubitável deleite de todos os cavalariços das Gêmeas.

Merrett atreveu-se a esperar que a sua sorte estivesse finalmente mudando quando Roose Bolton escolheu casar-se com a *sua* Walda, em vez de alguma de suas primas mais magras e mais agradáveis à vista. A aliança Bolton era importante para a Casa Frey e a filha ajudara a garanti-la; tinha achado que aquilo certamente contaria para alguma coisa. O velho rapidamente o desenganou.

– Ele escolheu-a porque é *gorda* – disse Lorde Walder. – Pensa que o Bolton não esteve se cagando para o fato de ser cria sua? Acha que ele se sentou para pensar: "*Heh*, Merrett Cabeça de Carneiro, é esse mesmo o homem de que preciso para meu sogro? Sua Walda é uma porca vestida de seda, foi por isso que ele a escolheu, e eu não vou lhe agradecer por isso. Teríamos obtido a mesma aliança por metade do preço, se a sua porquinha largasse a colher de vez em quando."

A humilhação final foi entregue com um sorriso, quando Lothar Coxo o chamou para discutir o seu papel no casamento de Roslin.

– Todos temos de desempenhar o nosso papel, de acordo com os nossos dons – tinha dito o meio-irmão. – Você terá uma tarefa e só uma, Merrett, mas creio que está habilitado para ela. Quero que se assegure de que o Grande-Jon Umber fique tão bêbado que quase não consiga manter-se em pé, quanto mais lutar.

*E mesmo nisso falhei*. Levou o enorme nortenho a beber vinho suficiente para matar três homens normais, mas depois de Roslin ter sido levada para a cama, o Grande-Jon ainda conseguiu tirar a espada do primeiro homem que o abordou, quebrando o braço dele ao fazê-lo. Tinham sido precisos oito homens para acorrentá-lo, e o esforço deixou dois homens feridos, um morto e o pobre e velho Sor Leslyn Haigh com

uma orelha a menos. Quando deixou de conseguir lutar com as mãos, Umber lutou com os dentes.

Merrett fez um momento de pausa e fechou os olhos. Sua cabeça latejava como aquele maldito tambor que havia sido tocado no casamento, e durante um momento foi com dificuldade que conseguiu se manter na sela. *Tenho de continuar*, disse a si mesmo. Se pudesse trazer de volta o Petyr Espinha, isso certamente o poria nas boas graças de Sor Ryman. Petyr podia ser um ramo do lado sem sol, mas não era tão frio quanto Edwyn nem tão quente quanto o Walder Negro. *O rapaz ficará grato por meu papel, e o seu pai verá que sou leal, um homem que vale a pena ter por perto*.

Mas só se estivesse lá com o ouro até o pôr do sol. Merrett olhou o céu de relance. *Bem a tempo*. Precisava de algo para firmar suas mãos. Puxou o odre que pendia da sela, tirou a rolha dele e bebeu um longo trago. O vinho era espesso e doce, tão escuro que quase chegava a ser negro, mas, deuses, era bom.

A muralha exterior de Pedravelhas rodeara em outros tempos o cume do monte como uma coroa adorna a cabeça de um rei. Só restavam as fundações e algumas pilhas de pedras partidas e manchadas de líquenes que lhe davam na altura da cintura. Merrett avançou ao longo da linha da muralha até chegar ao local onde a guarita deveria existir. As ruínas eram mais abundantes ali, e ele teve de desmontar para atravessá-las com o palafrém. A oeste, o sol havia desaparecido atrás de um banco de nuvens baixas. Tojo e fetos cobriam as vertentes, e dentro das muralhas desaparecidas as ervas daninhas batiam em sua cintura. Merrett desprendeu a espada dentro da bainha e olhou em volta com cautela, mas não viu nenhum fora da lei. *Será que vim no dia errado?* Parou e esfregou as têmporas com os polegares, mas isso em nada contribuiu para aliviar a pressão por trás de seus olhos. *Sete malditos infernos...*

De algum lugar, bem dentro do castelo, uma música tênue chegou-lhe por entre as árvores.

Merrett viu-se tremendo, apesar do manto. Abriu o odre e bebeu outro gole de vinho. *Podia simplesmente voltar, cavalgar para Vilavelha e detonar o ouro em bebida. Nunca se conseguia nada de bom tratando com um bando de fora da lei*. Aquela vil cadela da Wenda tinha marcado sua nádega com uma cerva quando o teve cativo. Não admirava que a

esposa o desprezasse. *Tenho de levar isto até o fim. Petyr Espinha poderá ser um dia Senhor da Travessia, Edwyn não tem filhos eWalder Negro só tem bastardos. Petyr vai se lembrar de quem veio buscá-lo*. Bebeu outro gole, devolveu a rolha ao odre e levou o palafrém através de pedras quebradas, tojo e árvores esguias chicoteadas pelo vento, seguindo os sons até o que tinha sido o pátio do castelo.

Folhas caídas jaziam em grande número no chão, como soldados após alguma grande matança. Um homem vestido de traje verde remendado e desbotado estava sentado de pernas cruzadas num desgastado sepulcro de pedra, dedilhando as cordas de uma harpa. A música era suave e triste. Merrett conhecia a canção. *No alto dos salões dos reis que partiram, Jenny dançava com os seus fantasmas...*

– Saia daí – disse Merrett. – Está sentado em cima de um rei.

– O velho Tristifer não vai se importar com o meu traseiro ossudo. Chamavam-lhe o Martelo da Justiça. Há muito tempo que não ouve canções novas. – O fora da lei saltou para o chão. Saudável e magro, tinha um rosto estreito e feições de raposa, mas a boca era tão larga que o sorriso parecia tocar suas orelhas. Algumas madeixas de cabelo castanho eram sopradas sobre a sua testa. Empurrou-as para trás com a mão livre e disse: – Lembra-se de mim, senhor?

– Não. – Merrett franziu a testa. – Por que haveria de me lembrar?

– Cantei no casamento de sua filha. E creio que bastante bem. Aquele Pate com quem ela se casou era meu primo. Somos todos primos em Seterrios. Isso não o impediu de se tornar sovina quando chegou a hora de me pagar. – Encolheu os ombros. – Por que é que o senhor seu pai nunca me chamou para tocar nas Gêmeas? Será que não faço barulho suficiente para sua senhoria? Segundo o que tenho ouvido, ele gosta da coisa barulhenta.

– Traz o ouro? – perguntou uma voz mais ríspida, atrás de si.

A garganta de Merrett estava seca. *Malditos fora da lei, sempre escondidos nos arbustos*. Tinha sido a mesma coisa na mata do rei; apanhava-se cinco deles, e outros dez saltavam de lugar nenhum.

Quando se virou, rodeavam-no por todos os lados; um infeliz bando de velhos com rosto enrugado e rapazes de face lisa, mais novos do que o Petyr Espinha, todos eles vestidos de farrapos de tecido grosseiro, couro fervido e partes de armaduras pertencentes a homens mortos. Havia uma

mulher com eles, enrolada num manto com capuz que era três vezes maior do que devia ser para lhe servir. Merrett estava perturbado demais para contá-los, mas pareciam ser pelo menos uma dúzia, talvez uma vintena.

– Eu fiz uma pergunta. – Quem falou foi um homem grande e barbudo com dentes tortos e verdes e um nariz quebrado; mais alto do que Merrett, embora não tão pesado na barriga. Um meio-elmo cobria sua cabeça e um remendado manto amarelo, os ombros largos. – Onde está seu ouro?

– No alforje. Cem dragões de ouro. – Merrett pigarreou. – Vão recebê-los quando eu vir que Petyr...

Um fora da lei atarracado e zarolho avançou antes de ele conseguir terminar, estendeu a mão para o alforje com uma ousadia que só vendo e encontrou o saco. Merrett fez um movimento para agarrá-lo, mas depois pensou duas vezes. O fora da lei abriu o cordel, tirou uma moeda e mordeu-a.

– Tem o sabor certo. – Sopesou o saco. – E também tem o peso certo.

*Eles vão roubar o ouro e ficar com Petyr*, pensou Merrett num súbito pânico.

– Isso é o resgate completo. Tudo que pediram. – As palmas de suas mãos suavam. Limpou-as nos calções. – Qual de vocês é Beric Dondarrion? – Dondarrion era um senhor antes de se tornar fora da lei, podia ainda ser um homem de honra.

– Ora, sou eu – disse o zarolho.

– É um diabo de um mentiroso, Jack – disse o barbudo grande com o manto amarelo. – É a minha vez de ser Lorde Beric.

– Isso quer dizer que eu tenho de ser Thoros? – o cantor riu. – Senhor, lamento dizer, mas Lorde Beric foi exigido em outro local. Os tempos que correm são difíceis, e há muitas batalhas a travar. Mas nós lidaremos com você tal como ele lidaria, nada tema.

Merrett temia muitas coisas. E a cabeça latejava. Muito mais daquilo, e estaria soluçando.

– Vocês têm o seu ouro – disse. – Deem-me o meu sobrinho, e eu vou embora. – Petyr era na realidade um meio-sobrinho-neto, mas não havia necessidade de entrar nesses detalhes.

– Ele está no bosque sagrado – disse o homem com o manto amarelo. – Vamos levá-lo até ele. Notch, segure o cavalo dele.

Merrett entregou relutantemente o arreio. Não via outra alternativa.

– Meu odre – ouviu-se dizendo. – Um gole de vinho, para sossegar a minha...

– Nós não bebemos com gente como você – disse bruscamente o do manto amarelo. – É por aqui. Siga-me.

Folhas esmagaram-se sob os calcanhares do grupo, e cada passo enfiou um espeto de dor nas têmporas de Merrett. Caminharam em silêncio, com o vento soprando em rajadas em volta deles. Tinha nos olhos a última luz do sol poente enquanto ia tropeçando nos montículos cobertos de musgo que eram tudo o que restava da fortaleza. Atrás dela ficava o bosque sagrado.

Petyr Espinha pendia do galho de um carvalho, com um nó corredio bem apertado em volta de seu pescoço longo e esguio. Os olhos saltavam de um rosto negro, olhando acusadoramente para Merrett. *Chegou tarde demais*, pareciam dizer. Mas não tinha chegado. *Não tinha!* Veio quando lhe tinham dito para vir.

– Mataram-no – coaxou.

– Inteligência aguçada como uma agulha, a deste – disse o zarolho.

Um auroque trovejava na cabeça de Merrett. *Mãe, misericórdia*, pensou.

– Eu trouxe o ouro.

– Isso foi bom de sua parte – disse amigavelmente o cantor. – Vamos nos certificar de que lhe seja dado bom uso.

Merrett afastou os olhos de Petyr. Sentia o sabor da bílis na garganta.

– Vocês... vocês não tinham direito de fazer isso.

– Tínhamos uma corda – disse o do manto amarelo. – Isso é direito suficiente.

Dois dos fora da lei agarraram os braços de Merrett e ataram-nos firmemente por trás das costas. Estava num choque profundo demais para oferecer resistência.

– Não – foi tudo que conseguiu dizer. – Eu só vim resgatar o Petyr. Disseram que se tivessem o ouro até o pôr do sol não lhe fariam mal...

– Bem – disse o cantor –, com essa nos pegou, senhor. Acontece que isso foi uma espécie de mentira.

O fora da lei zarolho avançou com um longo rolo de corda de cânhamo. Enrolou uma ponta em volta do pescoço de Merrett, apertou-a bem, e atou um nó forte por baixo de sua orelha. A outra ponta foi atirada por cima do galho do carvalho. O grandalhão do manto amarelo pegou-a.

– O que está fazendo? – Merrett sabia como aquilo parecia estúpido, mas não conseguia acreditar no que estava acontecendo, mesmo então. – Nunca se atreveriam a enforcar um Frey.

O do manto amarelo soltou uma gargalhada.

– Aquele outro, o rapaz das espinhas, disse a mesma coisa.

*Ele não fala a sério. Não pode falar a sério*.

– Meu pai vai pagá-los. Eu valho um grande resgate, mais do que Petyr, duas vezes mais.

O cantor suspirou.

– Lorde Walder pode estar meio cego e artrítico, mas não é tão burro para morder a mesma isca duas vezes. Temo que da próxima vez envie uma centena de espadas em vez de uma centena de dragões.

– E enviará mesmo! – Merrett tentou soar severo, mas a voz traiu-o. – Enviará mil espadas e matará todos vocês.

– Tem de nos pegar primeiro. – O cantor olhou de relance o pobre Petyr. – E não pode nos enforcar duas vezes, não é? – arrancou um acorde melancólico das cordas de sua harpa. – Vamos, não se borre todo. Tudo que tem de fazer é responder-me uma pergunta, e eu direi para o deixarem partir.

Merrett diria qualquer coisa se isso quisesse dizer que salvaria a vida.

– O que você quer saber? Direi a verdade, juro.

O fora da lei dirigiu-lhe um sorriso encorajador.

– Bem, acontece que andamos à procura de um cão que fugiu.

– Um cão? – Merrett não estava entendendo. – Que tipo de cão?

– Ele responde pelo nome de Sandor Clegane. Thoros diz que se dirigia às Gêmeas. Encontramos os barqueiros que fizeram a travessia do Tridente com ele, e o pobre diabo que assaltou na estrada do rei. Por acaso o viu no casamento?

– No Casamento Vermelho? – Merrett sentia-se como se o crânio estivesse prestes a explodir, mas fez o melhor que pôde para se lembrar. Houve tanta confusão, mas certamente alguém teria falado do cão de Joffrey se o tivessem visto farejando em volta das Gêmeas. – Ele não

estava no castelo. Pelo menos não no banquete principal... pode ter estado no banquete bastardo, ou nos acampamentos, mas... não, alguém teria dito...

– Ele estaria acompanhado por uma criança – disse o cantor. – Uma menina magricela, com cerca de dez anos. Ou talvez um garoto da mesma idade.

– Acho que não – disse Merrett. – Que eu saiba, não.

– Não? Ah, que pena. Bem, então vai subir.

– *Não* – guinchou Merrett sonoramente. – Não, *não faça isso*, eu dei a sua resposta, disse que me deixaria partir.

– Parece-me que o que eu disse foi que lhes *diria* para deixarem-no partir. – O cantor olhou para o do manto amarelo. – Limo, deixe-o partir.

– Vá se foder – replicou bruscamente o fora da lei grandalhão.

O cantor ofereceu a Merrett um encolher de ombros impotente e começou a tocar "O dia em que enforcaram o Robin Negro".

– *Por favor*. – O resto da coragem de Merrett escorria-lhe perna abaixo. – Eu não lhes fiz mal. Trouxe o ouro, como ordenaram. Respondi à pergunta. Tenho *filhos*.

– Que o Jovem Lobo nunca terá – disse o fora da lei zarolho.

Merrett quase não conseguia pensar devido ao latejar na sua cabeça.

– Ele envergonhou-nos, o reino inteiro estava rindo, tínhamos de limpar a mancha em nossa honra. – O pai tinha dito tudo aquilo e mais ainda.

– Talvez. O que sabe uma porcaria de um bando de camponeses sobre a honra de um lorde? – o do manto amarelo deu três voltas ao redor da mão com a ponta da corda. – Mas sabemos umas coisas a respeito de assassinato.

– Não foi assassinato. – Tinha a voz esganiçada. – Foi vingança, nós tínhamos direito à nossa vingança. Foi a *guerra*. Aegon, nós o chamávamos de Guizo, um pobre débil mental que nunca fez mal a ninguém, a Senhora Stark cortou a goela dele. Perdemos meia centena de homens nos acampamentos. Sor Garse Goodbrook, marido de Kyra, e Sor Tytos, filho de Jared... alguém esmagou a cabeça dele com um machado... o lobo gigante do Stark matou quatro de nossos lobeiros e arrancou o braço do mestre dos canis de seu ombro, mesmo depois de o enchermos de dardos...

– E por isso costurou a cabeça dele ao pescoço de Robb Stark depois que os dois estavam mortos – disse o do manto amarelo.

– Foi o meu pai que fez isso. Tudo o que eu fiz foi beber. Não mataria um homem por beber. – Merrett lembrou-se então de uma coisa, uma coisa que podia ser a sua salvação. – Dizem que Lorde Beric sempre concede um julgamento, que não mata nenhum homem a menos que algo seja provado contra ele. O Casamento Vermelho foi obra de meu pai, e de Ryman e de Lorde Bolton. Lothar armou as tendas de maneira a caírem e pôs os besteiros na galeria com os músicos, Walder Bastardo liderou o ataque aos acampamentos... são eles que querem, não eu, eu só bebi um pouco de vinho... *vocês não têm testemunhas*.

– Pois acontece que aí se engana. – O cantor virou-se para a mulher encapuzada. – Senhora?

Os fora da lei afastaram-se quando ela avançou, sem dizer palavra. Quando abaixou o capuz, algo se apertou no peito de Merrett, e por um momento não conseguiu respirar. *Não. Não, eu a vi morrer. Ela esteve morta durante um dia e uma noite antes de despirem-na e atirarem seu corpo no rio. Raymund abriu a garganta dela de orelha a orelha. Ela estava morta.*

O manto e o colarinho escondiam o golpe que a lâmina do irmão tinha feito, mas seu rosto estava em estado pior ainda do que ele se lembrava. A carne tornara-se esponjosa na água e tomara a cor do leite coalhado. Metade dos cabelos tinha desaparecido, e o resto ficou tão branco e quebradiço como o de uma velha. Sob o couro cabeludo destroçado, o rosto era feito de pele rasgada e sangue negro, nos locais em que a cortara com as próprias unhas. Mas os olhos eram aquilo que tinha de mais terrível. Os olhos viam-no, e o odiavam.

– Ela não fala – disse o homem grande do manto amarelo. – Vocês, malditos bastardos, cortaram a garganta dela fundo demais para isso. Mas ela lembra-se. – Virou-se para a morta e disse: – O que diz, senhora? Ele participou?

Os olhos da Senhora Catelyn não o deixaram por um instante. Assentiu com a cabeça.

Merrett Frey abriu a boca para suplicar, mas o nó corredio afogou suas palavras. Seus pés deixaram o chão, enquanto a corda cortava

profundamente a carne mole por baixo de seu queixo. Subiu, esperneando e torcendo-se, subiu, subiu, e subiu.

# APÊNDICE

## OS REIS E SUAS CORTES

## O REI NO TRONO DE FERRO

JOFFREY BARATHEON, o Primeiro do Seu Nome, um rapaz de treze anos, filho mais velho do Rei Robert I Baratheon e da Rainha Cersei, da Casa Lannister,

– sua mãe, RAINHA CERSEI, Rainha Regente e Protetora do Reino,

– espadas a serviço de Cersei:

– OSFRYD KETTLEBLACK, irmão mais novo de Sor Osmund Kettleblack da Guarda Real,

– OSNEY KETTLEBLACK, o mais novo dos irmãos de Sor Osmund Kettleblack da Guarda Real,

– sua irmã, PRINCESA MYRCELLA, uma menina de nove anos, protegida do Príncipe Doran Martell, em Lançassolar,

– seu irmão, PRÍNCIPE TOMMEN, um menino de oito anos, herdeiro do Trono de Ferro,

– seu avô, TYWIN LANNISTER, Senhor de Rochedo Casterly, Protetor do Oeste e Mão do Rei,

– seus tios e primos paternos:

– o irmão de seu pai, STANNIS BARATHEON, senhor rebelde de Pedra do Dragão, autointitulado rei,

– a filha de Stannis, SHIREEN, uma menina de onze anos,

– o irmão de seu pai, {RENLY BARATHEON}, senhor rebelde de Ponta Tempestade, assassinado no meio de seu exército,

– o irmão de sua avó, SOR ELDON ESTERMONT,

– o filho de Sor Eldon, SOR AEMON ESTERMONT,

– o filho de Sor Aemon, SOR ALYN ESTERMONT,

– seus tios e primos maternos:

– o irmão de sua mãe, SOR JAIME LANNISTER, dito REGICIDA, cativo em Correrrio,

– o irmão de sua mãe, TYRION LANNISTER, dito DUENDE, ferido na Batalha da Água Negra,

– o escudeiro de Tyrion, PODRICK PAYNE,

– o comandante da guarda de Tyrion, SOR BRONN DA ÁGUA NEGRA, antigo mercenário,

– a concubina de Tyrion, SHAE, uma seguidora de acampamentos, agora servindo como aia de Lollys Stokeworth,

– o irmão de seu avô, SOR KEVAN LANNISTER,

– o filho de Sor Kevan, SOR LANCEL LANNISTER, antigo escudeiro do Rei Robert, ferido na Batalha da Água Negra, moribundo,

– o irmão de seu avô, {TYGETT LANNISTER}, morto de varíola,

– o filho de Tygett, TYREK LANNISTER, um escudeiro, desaparecido desde o grande tumulto,

– a esposa bebê de Tyrek, a SENHORA ERMESANDE HAYFORD,

– seus irmãos ilegítimos, bastardos do Rei Robert:

– MYA STONE, uma donzela de dezenove anos, a serviço de Lorde Nestor Royce, nos Portões da Lua,

– GENDRY, um aprendiz de ferreiro, fugitivo nas terras fluviais e ignorante de sua linhagem,

– EDRIC STORM, o único filho bastardo reconhecido pelo Rei Robert, protegido do tio Stannis em Pedra do Dragão,

– sua Guarda Real:

– SOR JAIME LANNISTER, Senhor Comandante,

– SOR MERYN TRANT,

– SOR BALON SWANN,

– SOR OSMUND KETTLEBLACK,

– SOR LORAS TYRELL, o Cavaleiro das Flores,

– SOR ARYS OAKHEART,

– seu pequeno conselho:

– LORDE TYWIN LANNISTER, Mão do Rei,
– SOR KEVAN LANNISTER, mestre das leis,
– LORDE PETYR BAELISH, dito MINDINHO, mestre da moeda,
– VARYS, um eunuco, dito ARANHA, mestre dos segredos,
– LORDE MACE TYRELL, mestre dos navios,
– GRANDE MEISTRE PYCELLE,

– sua corte e seus servidores:
– SOR ILYN PAYNE, o Magistrado do Rei, um carrasco,
– LORDE HALLYNE, O PIROMANTE, um sábio da Guilda dos Alquimistas,
– RAPAZ LUA, um bobo,
– ORMOND DE VILAVELHA, o harpista e bardo real,
– DONTOS HOLLARD, um bobo e bêbado, anteriormente um cavaleiro chamado SOR DONTOS, O VERMELHO,
– JALABHAR XHO, Príncipe do Vale da Flor Vermelha, exilado das Ilhas do Verão,
– SENHORA TANDA STOKEWORTH,
– sua filha, FALYSE, casada com Sor Balman Byrch,
– sua filha, LOLLYS, de trinta e quatro anos, por casar e de fraca inteligência, à espera de um bebê após ter sido violada,
– seu curandeiro e conselheiro, MEISTRE FRENKEN,
– LORDE GYLES ROSBY, um velho enfermiço,
– SOR TALLARD, um promissor jovem cavaleiro,
– LORDE MORROS SLYNT, um escudeiro, filho mais velho do antigo Comandante da Patrulha da Cidade,
– JOTHOS SLYNT, seu irmão mais novo, um escudeiro,
– DANOS SLYNT, ainda mais novo, um pajem,
– SOR BOROS BLOUNT, um ex-cavaleiro da Guarda Real, demitido por covardia pela Rainha Cersei,
– JOSMYN PECKLEDON, um escudeiro, e um herói da Batalha da Água Negra,
– SOR PHILIP FOOTE, nomeado Senhor da Marcha por seu valor durante a Batalha da Água Negra,

– LOTHOR BRUNE, chamado LOTHOR PAPA-MAÇÃS por seus feitos durante a Batalha da Água Negra, um ex-cavaleiro livre a serviço de Lorde Baelish,

– outros senhores e cavaleiros em Porto Real:
– MATHIS ROWAN, Senhor de Bosquedouro,
– PAXTER REDWYNE, Senhor da Árvore,
– os filhos gêmeos de Lorde Paxtrer, SOR HORAS e SOR HOBBER, escarnecidos como HORROR e BABEIRO,
– o curandeiro de Lorde Redwyne, MEISTRE BALLABAR,
– ARDRIAN CELTIGAR, Senhor da Ilha da Garra,
– LORDE ALESANDER STAEDMON, dito MOEDÓFILO,
– SOR BONIFER HASTY, dito O BOM, um cavaleiro afamado,
– SOR DONNEL SWANN, herdeiro de Pedrelmo,
– SOR RONNET CONNINGTON, dito RONNET, O VERMELHO, o Cavaleiro do Poleiro do Grifo,
– AURANE WATERS, o Bastardo de Derivamarca,
– SOR DERMOT DA MATA DE CHUVA, um cavaleiro afamado,
– SOR TIMON SCRAPESWORD, um cavaleiro afamado,

– o povo de Porto Real:
– a Patrulha da Cidade (os “homens de manto dourado”):
– {SOR JACELYN BYWATER, dito MÃO DE FERRO}, Comandante da Patrulha da Cidade, morto por seus próprios homens durante a Batalha da Água Negra,
– SOR ADDAM MARBRAND, Comandante da Patrulha da Cidade, sucessor de Sor Jacelyn,
– CHATAYA, dona de um bordel de luxo,
– ALAYAYA, sua filha,
– DANCY, MAREI, JAYDE, garotas de Chataya,
– TOBHO MOTT, um mestre armeiro,
– PANÇA DE FERRO, um ferreiro,
– HAMISH, O HARPISTA, um cantor afamado,
– COLLIO QUAYNIS, um cantor de Tyrosh,

– BETHANY DEDOS-BELOS, uma cantora,
– ALARIC DE EYSEN, um cantor, muito viajado,
– GALYEON DE CUY, um cantor, notório pela duração de suas canções,
– SYMON LÍNGUA DE PRATA, um cantor,

A bandeira do Rei Joffrey ostenta o veado coroado dos Baratheon, negro sobre dourado, e o leão dos Lannister, dourado sobre carmesim, combatente.

**O REI NO NORTE**
**O REI DO TRIDENTE**

ROBB STARK, Senhor de Winterfell, Rei no Norte e Rei do Tridente, filho mais velho de Eddard Stark, Senhor de Winterfell, e da Senhora Catelyn, da Casa Tully,

– seu lobo gigante, VENTO CINZENTO,

– sua mãe, SENHORA CATELYN, da Casa Tully, viúva de Lorde Eddard Stark,

– seus irmãos:

– sua irmã, PRINCESA SANSA, uma donzela de doze anos, cativa em Porto Real,

– a loba gigante de Sansa {LADY}, morta no Castelo de Darry,

– sua irmã, PRINCESA ARYA, uma menina de dez anos, desaparecida e julgada morta,

– a loba gigante de Arya, NYMERIA, perdida perto do Tridente,

– seu irmão, PRÍNCIPE BRANDON, dito BRAN, herdeiro do Norte, um menino de oito anos, julgado morto,

– o lobo gigante de Bran, VERÃO,

– os companheiros e protetores de Bran:

– MEERA REED, uma donzela de dezesseis anos, filha de Lorde Howland Reed da Atalaia da Água Cinzenta,

– JOJEN REED, o seu irmão, de treze anos,

– HODOR, um cavalariço simplório, com dois metros e dez de altura,

– seu irmão, PRÍNCIPE RICKON, um menino de quatro anos, julgado morto,

– o lobo gigante de Rickon, CÃO-FELPUDO,

– a companheira e protetora de Rickon:

– OSHA, uma cativa selvagem, que servia como ajudante de cozinha em Winterfell,

– seu meio-irmão, JON SNOW, um Irmão Juramentado da Patrulha da Noite,

– o lobo gigante de Jon, FANTASMA,

– seus tios e tias paternos:

– o irmão mais velho do pai, {BRANDON STARK}, assassinado por ordem do Rei Aerys II Targaryen,

– a irmã do pai, {LYANNA STARK}, morta nas Montanhas de Dorne durante a Rebelião de Robert,

– o irmão mais novo do pai, BENJEN STARK, um homem da Patrulha da Noite, perdido para lá da Muralha,

– seus tios, tias e primos maternos:

– a irmã mais nova da mãe, LYSA ARRYN, Senhora do Ninho da Águia e viúva de Lorde Jon Arryn,

– seu filho, ROBERT ARRYN, Senhor do Ninho da Águia,

– o irmão mais novo da mãe, SOR EDMURE TULLY, herdeiro de Correrrio,

– o irmão de seu avô, SOR BRYNDEN TULLY, dito PEIXE NEGRO,

– as espadas a ele juramentadas e os companheiros de batalha:

– seu escudeiro, OLYVAR FREY,

– SOR WENDEL MANDERLY, segundo filho do Senhor de Porto Branco,

– PATREK MALLISTER, herdeiro de Guardamar,

– DACEY MORMONT, filha mais velha da Senhora Maege Mormont e herdeira da Ilha dos Ursos,

– JON UMBER, dito PEQUENO-JON, herdeiro da Última Lareira,

– DONNEL LOCKE, OWEN NORREY, ROBIN FLINT, nortenhos,

– os senhores seus vassalos capitães e comandantes:

– (com o exército de Robb nas terras ocidentais)

– SOR BRYNDEN TULLY, o PEIXE NEGRO, comandando os batedores,

– JON UMBER, chamado GRANDE-JON, comandando a vanguarda,

– RICKARD KARSTARK, Senhor de Karhold,

– GALBART GLOVER, Senhor de Bosque Profundo,

– MAEGE MORMONT, Senhora da Ilha dos Ursos,

– {SOR STEVRON FREY}, filho mais velho de Lorde Walder Frey e herdeiro das Gêmeas, morto em Cruzaboi,

– o filho mais velho de Sor Stevron, SOR RYMAN FREY,

– o filho de Sor Ryman, WALDER NEGRO FREY,

– MARTYN RIVERS, filho bastardo de Lorde Walder Frey,

– (com a tropa de Roose Bolton, em Harrenhal)

– ROOSE BOLTON, Senhor do Forte do Pavor,

– SOR AENYS FREY, SOR JARED FREY, SOR HOSTEEN FREY, SOR DANWELL FREY,

– o meio-irmão bastardo deles, RONEL RIVERS,

– SOR WYLIS MANDERLY, herdeiro de Porto Branco,

– SOR KYLE CONDON, um cavaleiro a seu serviço,

– RONEL STOUT,

– VARGO HOAT, da Cidade Livre de Qohor, comandante de uma companhia de mercenários, os Bravos Companheiros,

– seu tenente, URSWYCK, dito O FIEL,

– seu tenente, SEPTÃO UTT,

– TIMEON DE DORNE, RORGE, IGGO, ZOLLO, O GORDO, DENTADAS, TOGG JOTH de Ibben, PYG, TRÊS DEDOS, os seus homens,

– QYBURN, um meistre sem corrente e ocasional necromante, seu curandeiro,

– (com o exército nortenho no ataque de Valdocaso)
– ROBETT GLOVER, de Bosque Profundo,
– SOR HELMAN TALLHART, de Praça de Torrhen,
– HARRION KARSTARK, único filho sobrevivente de Lorde Rickard Karstark e herdeiro de Karhold,

– (em viagem para o norte com os ossos de Lorde Eddard)
– HALLIS MOLLEN, capitão dos guardas de Winterfell,
– JACKS, QUENT, SHADD, guardas,

– os senhores seus vassalos e castelões no norte:
– WYMAN MANDERLY, Senhor de Porto Branco,
– HOWLAND REED, Senhor da Atalaia da Água Cinzenta, um cranogmano,
– MORS UMBER, dito PAPA-CORVOS, HOTHER UMBER, dito TERROR-DAS-RAMEIRAS, tios do Grande-Jon Umber, cocastelões da Última Lareira,
– LYESSA FLINT, Senhora da Atalaia da Viúva,
– ONDREW LOCKE, Senhor de Castelovelho, um velho,
– {CLEY CERWYN}, Senhor de Cerwyn, um rapaz de catorze anos, morto em batalha em Winterfell,
– sua irmã, JONELLE CERWYN, uma donzela de trinta e dois anos, agora a Senhora de Cerwyn,
– {LEOBALD TALLHART}, irmão mais novo de Sor Helman, castelão em Praça de Torrhen, morto em batalha em Winterfell,
– a esposa de Leobald, BERENA, da Casa Hornwood,
– o filho de Leobald, BRANDON, um rapaz de catorze anos,
– o filho de Leobald, BEREN, um menino de dez anos,
– o filho de Sor Helman, {BENFRED}, morto por homens de ferro na Costa Pedregosa,
– a filha de Sor Helman, EDDARA, uma menina de nove anos, herdeira de Praça de Torrhen,
– SENHORA SYBELLE, esposa de Robett Glover, cativa de Asha Greyjoy em Bosque Profundo,

– o filho de Robett, GAWEN, de três anos, legítimo herdeiro do Bosque Profundo, cativo de Asha Greyjoy,

– a filha de Robett, ERENA, um bebê de um ano, cativa de Asha Greyjoy em Bosque Profundo,

– LARENCE SNOW, um filho bastardo de Lorde Hornwood e protegido de Galbart Glover, com treze anos, cativo de Asha Greyjoy em Bosque Profundo.

A bandeira do Rei no Norte permanece igual à que foi durante milhares de anos: o lobo gigante cinza dos Stark de Winterfell, correndo por um campo branco de gelo.

## O REI NO MAR ESTREITO

STANNIS BARATHEON, o Primeiro do Seu Nome, segundo filho de Lorde Steffron Baratheon e da Senhora Cassana da Casa Estermont, anteriormente Senhor de Pedra do Dragão,

– sua esposa, SENHORA SELYSE, da Casa Florent,

– a PRINCESA SHIREEN, sua filha, uma menina de onze anos,

– CARA-MALHADA, seu bobo louco,

– seu sobrinho ilegítimo, EDRIC STORM, um rapaz de doze anos, filho bastardo do Rei Robert e de Delena Florent,

– seus escudeiros, DEVAN SEAWORTH e BRYEN FARRING,

– sua corte e servidores:

– LORDE ALESTER FLORENT, Senhor da Fortaleza de Águas Claras e Mão do Rei, tio da rainha,

– SOR AXELL FLORENT, castelão de Pedra do Dragão e líder dos homens da rainha, tio da rainha,

– SENHORA MELISANDRE DE ASSHAI, dita MULHER VERMELHA, sacerdotisa de R'hllor, o Senhor da Luz, Deus da Chama e da Sombra,

– MEISTRE PYLOS, curandeiro, tutor, conselheiro,

– SOR DAVOS SEAWORTH, dito CAVALEIRO DAS CEBOLAS e às vezes MÃO-CURTA, antigo contrabandista,

– a esposa de Davos, SENHORA MARYA, filha de um carpinteiro,

– seus sete filhos:

– {DALE}, perdido na Água Negra,

– {ALLARD}, perdido na Água Negra,

– {MATTHOS}, perdido na Água Negra,

– {MARIC}, perdido na Água Negra,
– DEVAN, escudeiro do Rei Stannis,
– STANNIS, um menino de nove anos,
– STEFFON, um menino de seis anos,

– SALLADHOR SAAN, da Cidade Livre de Lys, autointitulado Príncipe do Mar Estreito e Senhor da Baía da Água Negra, dono da galé *Valiriana* e de uma frota de galés irmãs daquela,

– MEIZO MAHR, um eunuco por ele contratado,

– KHORANE SATHMANTES, comandante de sua galé *Dança de Shayala*,

– "MINGAU" e "LAMPREIA", dois carcereiros,

– os senhores seus vassalos:

– MONTERYS VELARYON, Senhor das Marés e Mestre de Derivamarca, um menino de seis anos,

– DURAM BAR EMMON, Senhor de Ponta Aguda, um rapaz de quinze anos,

– SOR GILBERT FARRING, castelão de Ponta Tempestade.

– LORDE ELWOOD MEADOWS, ajudante de campo de Sor Gilbert,

– MEISTRE JURNE, conselheiro e curandeiro de Sor Gilbert,

– LORDE LUCOS CHYTTERING, dito PEQUENO LUCOS, um rapaz de dezesseis anos,

– LESTER MORRIGEN, Senhor do Ninho de Corvo,

– seus cavaleiros e espadas juramentadas:

– SOR LOMAS ESTERMONT, tio do rei pelo lado materno,

– seu filho, SOR ANDREW ESTERMONT,

– SOR ROLLAND STORM, dito BASTARDO DE NOCTICANTIGA, filho ilegítimo do falecido Lorde Bryen Caron,

– SOR PARMEN CRANE, dito PARMEN PÚRPURA, cativo em Jardim de Cima,

– SOR ERREN FLORENT, irmão mais novo da Rainha Selyse, cativo em Jardim de Cima,

– SOR GERALD GOWER,

– SOR TRISTON DE MONTE DA TALHA, anteriormente a serviço de Lorde Guncer Sunglass,
– LEWYS, dito ESPOSA DE PEIXES,
– OMER BLACKBERRY,

Rei Stannis escolheu como símbolo o coração em chamas do Senhor da Luz: um coração vermelho rodeado por chamas cor de laranja sobre fundo amarelo-vivo. No interior do coração encontra-se retratado o veado coroado da Casa Baratheon, de negro.

## A RAINHA NO OUTRO LADO DO MAR

DAENERYS TARGARYEN, a Primeira do Seu Nome, *Khaleesi* dos dothraki, dita DAENERYS, FILHA DA TORMENTA, a NÃO QUEIMADA, MÃE DE DRAGÕES, única herdeira sobrevivente de Aerys II Targaryen, viúva de Khal Drogo dos dothraki,

– seus dragões em crescimento, DROGON, VISERION, RHAEGAL,

– sua Guarda Real:

– SOR JORAH MORMONT, antigo Senhor da Ilha dos Ursos, exilado por traficar escravos,

– JHOGO, *ko* e companheiro de sangue, o chicote,

– AGGO, *ko* e companheiro de sangue, o arco,

– RAKHARO, *ko* e companheiro de sangue, o *arakh*,

– BELWAS, O FORTE, um eunuco, ex-escravo nos fossos de luta de Meereen,

– seu escudeiro idoso, ARSTAN, dito BARBA-BRANCA; um homem de Westeros,

– suas aias:

– IRRI, uma moça dothraki, de quinze anos,

– JHIQUI, uma moça dothraki, de catorze anos,

– GROLEO, capitão da grande coca *Balerion*, um marinheiro pentoshi contratado por Illyrio Mopatis,

– sua família falecida:

– {RHAEGAR}, Príncipe de Pedra do Dragão e herdeiro do Trono de Ferro, morto pelo Rei Robert no Tridente,

– {RHAENYS}, filha de Rhaegar e de Elia de Dorne, assassinada durante o Saque de Porto Real,

– {AEGON}, filho de Rhaegar e de Elia de Dorne, assassinado durante o Saque de Porto Real,

– {VISERYS}, autoproclamado Rei Viserys, o Terceiro do Seu Nome, dito o REI PEDINTE, morto em Vaes Dothrak por Khal Drogo,

– {DROGO}, seu esposo, um grande *khal* dos dothraki, nunca derrotado em batalha, morto de um ferimento,

– {RHAEGO}, filho natimorto de Daenerys e Khal Drogo, morto no ventre por Mirri Maz Duur,

– seus inimigos conhecidos:

– KHAL PONO, outrora *ko* de Drogo,

– KHAL JHAQO, outrora *ko* de Drogo,

– MAGGO, seu companheiro de sangue,

– OS IMORREDOUROS DE QARTH, um bando de magos,

– PYAT PREE, um mago qarteno,

– OS HOMENS PESAROSOS, uma guilda de assassinos qartenos,

– seus aliados incertos, antigos e atuais:

– XARO XHOAN DAXOS, um príncipe mercador de Qarth,

– QUAITHE, uma umbromante mascarada de Asshai,

– ILLYRIO MOPATIS, um magíster da Cidade Livre de Pentos, que arranjou o casamento de Daenerys com Khal Drogo,

– em Astapor:

– KRAZNYS MO NAKLOZ, um rico mercador de escravos,

– sua escrava, MISSANDEI, uma menina de dez anos, pertencente ao Pacífico Povo de Naath,

– GRAZDAN MO ULLHOR, um velho mercador de escravos, muito rico,

– seu escravo, CLEON, açougueiro e cozinheiro,

– VERME CINZENTO, um eunuco dos Imaculados,

– em Yunkai:

– GRAZDAN MO ERAZ, enviado e nobre,

– MERO DE BRAVOS, dito BASTARDO DO TITÃ, comandante dos Segundos Filhos, uma companhia livre,

– BEN MULATO PLUMM, um sargento dos Segundos Filhos, um mercenário de dúbia ascendência,

– PRENDAHL NA GHEZN, um mercenário ghiscari, capitão dos Corvos Tormentosos, uma companhia livre,

– SALLOR, O CALVO, um mercenário qarteno, capitão dos Corvos Tormentosos,

– DAARIO NAHARIS, um excêntrico mercenário tyroshi, capitão dos Corvos Tormentosos,

– em Meereen:

– OZNAK ZO PAHL, um herói da cidade,

A bandeira de Daenerys Targaryen é a de Aegon, o Conquistador, e da dinastia que ele estabeleceu: um dragão de três cabeças, vermelho sobre fundo negro.

## REI DAS ILHAS E DO NORTE

BALON GREYJOY, o Nono do Seu Nome desde o Rei Cinzento, autointitulado Rei das Ilhas de Ferro e do Norte, Rei do Sal e da Rocha, Filho do Vento Marinho e Senhor Ceifeiro de Pyke,

– sua esposa, SENHORA ALANNYS, da Casa Harlaw,

– seus filhos:

– {RODRIK}, o filho mais velho, morto em Guardamar durante a Rebelião Greyjoy,

– {MARON}, o segundo filho, morto em Pyke durante a Rebelião Greyjoy,

– ASHA, a terceira filha, capitã do *Vento Negro* e conquistadora de Bosque Profundo,

– THEON, o filho mais novo, comandante do *Cadela do Mar* e durante um breve período Príncipe de Winterfell,

– o escudeiro de Theon, WEX PYKE, filho bastardo do meio-irmão de Lorde Botley, um rapaz mudo de doze anos,

– a tripulação de Theon, os homens do *Cadela do Mar*:

– URZEN, MARON BOTLEY, dito BARBAS-DE-PEIXE, STYGG, GEVIN HARLAW, CADWYLE,

– seus irmãos:

– EURON, dito OLHO DE CORVO, capitão do *Silêncio*, um notório fora da lei, pirata e corsário,

– VICTARION, Senhor Capitão da Frota de Ferro, mestre do *Vitória de Ferro*,

– AERON, dito CABELO-MOLHADO, um sacerdote do Deus Afogado,

– seu pessoal em Pyke:

– MEISTRE WENDAMYR, curandeiro e conselheiro,

– HELYA, governanta do castelo,

– seus guerreiros e espadas juramentadas:

– DAGMER, dito BOCA-FENDIDA, capitão do *Bebedor de Espuma*,

– BLUETOOTH, um capitão de dracar,

– ULLER, SKYTE, remadores e guerreiros,

– ANDRIK, O SÉRIO, um homem gigantesco,

– QARL, dito QARL, O DONZEL, imberbe mas mortífero,

– pessoas de Fidalporto:

– OTTER GIMPKNEE, estalajadeiro e devasso,

– SIGRIN, um carpinteiro naval,

– os senhores seus vassalos:

– SAWANE BOTLEY, Senhor de Fidalporto, em Pyke

– LORDE WYNCH, de Bosque de Ferro, em Pyke,

– STONEHOUSE, DRUMM e GOODBROTHER, de Velha Wyk,

– LORDE GOODBROTHER, SPARR, LORDE MERLYN e LORDE FARWYND, de Grande Wyk,

– LORDE HARLAW, de Harlaw,

– VOLMARK, MYRE, STONETREE e KENNING, de Harlaw,

– ORKWOOD e TAWNEY, de Montrasgo

– LORDE BLACKTYDE, de Pretamare,

– LORDE SALTCLIFFE e LORDE SUNDERLY, de Salésia.

# OUTRAS CASAS, GRANDES E PEQUENAS

## CASA ARRYN

Os Arryn são descendentes dos Reis da Montanha e Vale, uma das mais antigas e puras linhagens da nobreza ândala. A Casa Arryn não participou da Guerra dos Cinco Reis, retendo suas forças a fim de proteger o Vale de Arryn. O selo dos Arryn é a lua e o falcão, em branco, sobre fundo azul-celeste. O lema dos Arryn é: *Tão Alto Como a Honra*.

ROBERT ARRYN, Senhor do Ninho da Águia, Defensor do Vale, protetor do Leste, um rapaz enfermiço de oito anos,

– sua mãe, SENHORA LYSA, da Casa Tully, terceira esposa e viúva de Lorde Jon Arryn, e irmã de Catelyn Stark,

– o pessoal de sua casa:

– MARILLION, um belo e jovem cantor, muito apreciado pela Senhora Lysa,

– MEISTRE COLEMON, conselheiro, curandeiro e tutor,

– SOR MARWYN BELMORE, capitão da guarda,

– MORD, um carcereiro brutal,

– os senhores seus vassalos, cavaleiros e servidores:

– LORDE NESTOR ROYCE, Supremo Intendente do Vale e castelão dos Portões da Lua, pertencente ao ramo menor da Casa Royce,

– o filho de Lorde Nestor, SOR ALBAR,

– a filha de Lorde Nestor, MYRANDA,

– MYA STONE, uma garota bastarda a seu serviço, filha ilegítima do Rei Robert I Baratheon,

– LORDE YOHN ROYCE, dito BRONZE YOHN, Senhor de Pedrarruna, pertencente ao ramo principal da Casa Royce, primo de Lorde Nestor,

– o filho mais velho de Lorde Yohn, SOR ANDAR,

– o segundo filho de Lorde Yohn, {SOR ROBAR}, um cavaleiro da Guarda Arco-Íris de Renly Baratheon, morto em Ponta Tempestade por Sor Loras Tyrell,

– o filho mais novo de Lorde Yohn, {SOR WAYMAN}, um homem da Patrulha da Noite, perdido para lá da Muralha,

– SOR LYN CORBRAY, um pretendente da Senhora Lysa,

– MYCHEL REDFORT, seu escudeiro,

– SENHORA ANYA WAYNWOOD,

– o filho mais velho e herdeiro da Senhora Anya, SOR MORTON, pretendente da Senhora Lysa,

– o segundo filho da Senhora Anya, SOR DONNEL, o Cavaleiro do Portão,

– EON HUNTER, Senhor de Solar de Longarco, um velho, pretendente da Senhora Lysa,

– HORTON REDFORT, Senhor de Fortencarnado.

## CASA FLORENT

Os Florent da Fortaleza de Águas Claras são vassalos dos Tyrell, apesar de uma pretensão mais forte a Jardim de Cima por virtude de um laço de sangue com a Casa Gardener, os antigos Reis da Campina. Ao estourar a Guerra dos Cinco Reis, Lorde Alester Florent seguiu os Tyrell na proclamação pelo Rei Renly, mas o seu irmão, Sor Axell, escolheu o Rei Stannis, o qual servia havia anos como castelão de Pedra do Dragão. A sobrinha de ambos, Selyse, era e é a rainha do Rei Stannis. Quando Renly morreu em Ponta Tempestade, os Florent passaram-se para Stannis com todas as suas forças, tendo sido os primeiros dos vassalos de Renly a fazê-lo. O selo da Casa Florent exibe uma cabeça de raposa rodeada por um círculo de flores.

ALESTER FLORENT, Senhor de Águas Claras,
– sua esposa, SENHORA MELARA, da Casa Crane,
– seus filhos:
– ALEKYNE, herdeiro de Águas Claras,
– MELESSA, casada com Lorde Randyll Tarly,
– RHEA, casada com Lorde Leyton Hightower,
– os irmãos:
– SOR AXELL, castelão em Pedra do Dragão,
– {SOR RYAM}, morto ao cair de um cavalo,
– a filha de Sor Ryam, RAINHA SELYSE, casada com o Rei Stannis Baratheon,
– o filho mais velho de Sor Ryam, {SOR IMRY}, ao comando da frota de Stannis Baratheon na Água Negra, perdido com o *Fúria*,

– o segundo filho de Sor Ryam, SOR ERREN, mantido cativo em Jardim de Cima,

– SOR COLIN,

– a filha de Sor Colin, DELENA, casada com SOR HOSMAN NORCROSS,

– o filho de Delena, EDRIC STORM, um bastardo do Rei Robert I Baratheon, com doze anos de idade,

– o filho de Delena, ALESTER NORCROSS, de oito anos,

– o filho de Delena, RENLY NORCROSS, um menino de dois anos,

– o filho de Sor Colin, MEISTRE OMER, a serviço em Carvalho Velho,

– o filho de Sor Colin, MERRELL, um escudeiro na Árvore,

– a sua irmã, RYLENE, casada com Sor Rycherd Crane.

## CASA FREY

Poderosos, ricos e numerosos, os Frey são vassalos da Casa Tully, mas nem sempre foram diligentes em desempenhar o seu dever. Quando Robert Baratheon enfrentou Rhaegar Targaryen no Tridente, os Frey só chegaram depois da batalha terminada, e daí em diante Lorde Hoster Tully passou a chamar Lorde Walder de "o Atrasado Lorde Frey". Também se diz de Walder Frey que é o único senhor dos Sete Reinos que poderia tirar um exército dos calções.

Ao estourar a Guerra dos Cinco Reis, Robb Stark conquistou a aliança de Lorde Walder com a promessa de desposar uma de suas filhas ou netas. Dois dos netos de Lorde Walder foram enviados para Winterfell para lá serem educados.

WALDER FREY, Senhor da Travessia,
– de sua primeira esposa {SENHORA PERRA}, da Casa Royce:
– {SOR STEVRON}, o filho mais velho, morto após a Batalha de Cruzaboi,
– c. {Corenna Swann, morta de uma doença debilitante},
– o filho mais velho de Stevron, SOR RYMAN, herdeiro das Gêmeas,
– o filho de Ryman, EDWYN, casado com Janyce Hunter,
– a filha de Edwyn, WALDA, uma menina de oito anos,
– o filho de Ryman, WALDER, dito WALDER NEGRO,
– o filho de Ryman, PETYR, dito PETYR ESPINHA,
– c. Mylenda Caron,
– a filha de Petyr, PERRA, uma menina de cinco anos,
– c. {Jeyne Lydden, morta numa queda de cavalo},

– o filho de Stevron, AEGON, um débil mental, dito GUIZO,
– a filha de Stevron, {MAEGELLE}, morta no parto, c. Sor Dafyn Vance,
– a filha de Maegelle, MARIANNE, uma donzela,
– o filho de Maegelle, WALDER VANCE, um escudeiro,
– o filho de Maegelle, PATREK VANCE,
– c. {Marsella Waynwood, morta no parto}
– o filho de Stevron, WALTON, c. Deana Hardyng,
– o filho de Walton, STEFFON, dito O DOCE,
– a filha de Walton, WALDA, dita BELA WALDA,
– o filho de Walton, BRYAN, um escudeiro,
– SOR EMMON, c. Genna, da Casa Lannister,
– o filho de Emmon, SOR CLEOS, c. Jeyne Darry,
– o filho de Cleos, TYWIN, um escudeiro de onze anos,
– o filho de Cleos, WILLEM, um pajem em Cinzamarca, nove anos,
– o filho de Emmon, SOR LYONEL, c. Melesa Crakehall,
– o filho de Emmon, TION, um cativo em Correrrio,
– o filho de Emmon, WALDER, dito WALDER VERMELHO, catorze anos, um escudeiro em Rochedo Casterly,
– SOR AENYS, c. {Tyana Wylde, morta no parto},
– o filho de Aenys, AEGON NASCIDO-EM-SANGUE, um fora da lei,
– o filho de Aenys, RHAEGAR, c. Jeyne Beesbury,
– o filho de Rhaegar, ROBERT, um rapaz de treze anos,
– a filha de Rhaegar, WALDA, uma menina de dez anos, dita WALDA BRANCA,
– o filho de Rhaegar, JONOS, um menino de oito anos,
– PERRIANE, c. Sor Laslyn Haigh,
– o filho de Perriane, SOR HARYS HAIGH,
– o filho de Harys, WALDER HAIGH, um menino de quatro anos,
– o filho de Perriane, SOR DONNEL HAIGH,
– o filho de Perriane, ALYN HAIGH, um escudeiro,

– de sua segunda esposa {SENHORA CYRENNA}, da Casa Swann:
– SOR JARED, o seu filho mais velho, c. {Alys Frey},

– o filho de Jared, SOR TYTOS, c. Zhoe Blanetree,
– a filha de Tytos, ZIA, uma donzela de catorze anos,
– o filho de Tytos, ZACHERY, um rapaz de doze anos, em treino no Septo de Vilavelha,
– a filha de Jared, KYRA, c. Sor Garse Goodbrook,
– o filho de Kyra, WALDER GOODBROOK, um menino de nove anos,
– a filha de Kyra, JEYNE GOODBROOK, de seis anos,
– o SEPTÃO LUCEON, a serviço no Grande Septo de Baelor, em Porto Real,

– de sua terceira esposa {SENHORA AMAREI}, da Casa Crakehall:
– SOR HOSTEEN, o seu filho mais velho, c. Bellena Hawick,
– o filho de Hosteen, SOR ARWOOD, c. Ryella Royce,
– a filha de Arwood, RYELLA, uma menina de cinco anos,
– os filhos gêmeos de Arwood, ANDROW e ALYN, de três anos,
– SENHORA LYTHENE, c. Lorde Lucias Vypren,
– a filha de Lythene, ELIANA, c. Sor Jon Wylde,
– o filho de Elyana, RICKARD WYLDE, de quatro anos,
– o filho de Lythene, SOR DAMON VYPREN,
– SYMOND, c. Betharios de Bravos,
– o filho de Symond, ALESANDER, um cantor,
– a filha de Symond, ALYX, uma donzela de dezessete anos,
– o filho de Symond, BRADAMAR, um menino de dez anos, criado em Bravos como protegido de Oro Tendyris, um mercador dessa cidade,
– SOR DANWELL, c. Wynafrei Whent,
– (muitos natimortos e abortos)
– MERRETT, c. Mariya Darry,
– a filha de Merrett, AMEREI, dita AMI, uma viúva de dezesseis anos, c. {Sor Pate do Ramo Azul},
– a filha de Merrett, WALDA, dita WALDA GORDA, uma donzela de quinze anos, c. Lorde Roose Bolton,
– a filha de Merrett, MARISSA, uma donzela de treze anos,
– o filho de Merrett, WALDER, dito PEQUENO WALDER, um menino de oito anos, aprisionado em Winterfell enquanto era protegido

da Senhora Catelyn Stark,

– {SOR GEREMY}, afogado, c. Carolei Waynwood,

– o filho de Geremy, SANDOR, um rapaz de doze anos, escudeiro de Sor Donnel Waynwood,

– a filha de Geremy, CYNTHEA, uma menina de nove anos, protegida da Senhora Anya Waynwood,

– SOR RAYMUND, c. Beony Beesbury,

– o filho de Raymund, ROBERT, com dezesseis anos, em treino na Cidadela em Vilavelha,

– o filho de Raymund, MALWYN, de quinze anos, aprendiz de um alquimista em Lys,

– as filhas gêmeas de Raymund, SERRA e SARRA, donzelas de catorze anos,

– a filha de Raymund, CERSEI, de seis anos, dita PEQUENA ABELHA,

– de sua quarta esposa {SENHORA ALYSSA}, da Casa Blackwood:

– LOTHAR, o seu filho mais velho, dito LOTHAR COXO, c. Leonella Lefford,

– a filha de Lothar, TYSANE, uma menina de sete anos,

– a filha de Lothar, WALDA, uma menina de quatro anos,

– a filha de Lothar, EMBERLEI, uma menina de dois anos,

– SOR JAMMOS, c. Sallei Paege,

– o filho de Jammos, WALDER, dito GRANDE WALDER, um menino de oito anos, aprisionado em Winterfell enquanto era protegido da Senhora Catelyn Stark,

– os filhos gêmeos de Jammos, DICKON e MATHIS, de cinco anos,

– SOR WHALEN, c. Sylwa Paege,

– o filho de Whalen, HOSTER, um rapaz de doze anos, escudeiro de Sor Damon Paege,

– a filha de Whalen, MERIANNE, dita MERRY, uma menina de onze anos,

– SENHORA MORYA, c. Flement Brax,

– o filho de Morya, ROBERT BRAX, de nove anos, criado em Rochedo Casterly como pajem,

– o filho de Morya, WALDER BRAX, um menino de seis anos,
– o filho de Morya, JON BRAX, um bebê de três anos,
– TYTA, dita TYTA, A DONZELA, uma donzela de vinte e nove anos,

– de sua quinta esposa {SENHORA SARYA}, da Casa Whent:
– nenhuma prole,

– de sua sexta esposa {SENHORA BETHANY}, da Casa Rosby:
– SOR PERWYN, o seu filho mais velho,
– SOR BENFREY, c. Jyanna Frey, uma prima,
– a filha de Benfrey, DELLA, dita DELLA SURDA, uma menina de três anos,
– o filho de Benfrey, OSMUND, um menino de dois anos,
– MEISTRE WILLAMEN, ao serviço em Solar de Longarco,
– OLYVAR, escudeiro de Robb Stark,
– ROSLIN, uma donzela de dezesseis anos,

– de sua sétima esposa {SENHORA ANNARA}, da Casa Farring:
– ARWYN, uma donzela de catorze anos,
– WENDEL, o filho mais velho, um rapaz de treze anos, criado em Guardamar como pajem,
– COLMAR, prometido à Fé, com onze anos,
– WALTYR, dito TYR, um menino de dez anos,
– ELMAR, anteriormente prometido a Arya Stark, um menino de nove anos,
– SHIREI, uma menina de seis anos,

– a sua oitava esposa, SENHORA JOYEUSE, da Casa Erenford,
– ainda sem prole,

– filhos ilegítimos de Lorde Walder, de mães diversas,

– WALDER RIVERS, dito WALDER BASTARDO,
– o filho do Walder Bastardo, SOR AEMON RIVERS,
– a filha do Walder Bastardo, WALDA RIVERS,
– MEISTRE MELWYS, a serviço em Rosby,
– JEYNE RIVERS, MARTYN RIVERS, RYGER RIVERS, RONEL RIVERS, MELLARA RIVERS, e outros.

## CASA LANNISTER

Os Lannister de Rochedo Casterly permanecem como o principal apoio da pretensão do Rei Joffrey ao Trono de Ferro. Vangloriam-se de descender de Lann, o Esperto, o lendário trapaceiro da Era dos Heróis. O ouro de Rochedo Casterly e de Dente Dourado fez dela a mais rica entre as Grandes Casas. O selo Lannister é um leão dourado num fundo carmesim. Seu lema é *Ouçam-me Rugir!*

TYWIN LANNISTER, Senhor de Rochedo Casterly, Protetor do Oeste, Escudo de Lanisporto e Mão do Rei,

– seu filho, SOR JAIME, dito REGICIDA, irmão gêmeo da Rainha Cersei, Senhor Comandante da Guarda Real e Protetor do Leste, cativo em Correrrio,

– sua filha, RAINHA CERSEI, gêmea de Jaime, viúva do Rei Robert I Baratheon, Rainha Regente em nome de seu filho Joffrey,

– seu filho, REI JOFFREY BARATHEON, um rapaz de treze anos,

– sua filha, PRINCESA MYRCELLA BARATHEON, uma menina de nove anos, protegida do Príncipe Doran Martell em Dorne,

– seu filho, PRÍNCIPE TOMMEN BARATHEON, um menino de oito anos, herdeiro do Trono de Ferro,

– seu filho anão, TYRION, dito DUENDE, dito MEIO-HOMEM, ferido e mutilado na Água Negra,

– seus irmãos:

– SOR KEVAN, irmão mais velho de Lorde Tywin,

– a esposa de Sor Kevan, DORNA, da Casa Swyft,
– seu filho, SOR LANCEL, antigo escudeiro do Rei Robert, ferido e moribundo,
– seu filho, WILLEM, gêmeo de Martyn, um escudeiro, cativo em Correrrio,
– seu filho, MARTYN, gêmeo de Willem, um escudeiro, cativo de Robb Stark,
– sua filha, JANEI, uma menina de dois anos,
– GENNA, sua irmã, casada com Sor Emmon Frey,
– seu filho, SOR CLEOS FREY, cativo em Correrrio,
– seu filho, SOR LYONEL,
– seu filho, TION FREY, um escudeiro, cativo em Correrrio,
– seu filho, WALDER, dito WALDER VERMELHO, escudeiro em Rochedo Casterly,
– {SOR TYGETT}, seu segundo irmão, morto de varíola,
– a viúva de Tygett, DARLESSA, da Casa Marbrand,
– seu filho, TYREK, escudeiro do rei, desaparecido,
– {GERION}, seu irmão mais novo, perdido no mar,
– a filha bastarda de Gerion, JOY, de onze anos,

– seu primo {SOR STAFFORD LANNISTER}, irmão da falecida Senhora Joanna, morto em Cruzaboi,
– as filhas de Sor Stafford, CERENNA e MYRIELLE,
– o filho de Sor Stafford, SOR DAVEN,
– seus primos:
– SOR DAMION LANNISTER, c. Senhora Shiera Crakehall,
– seu filho, SOR LUCION,
– sua filha, LANNA, c. Lorde Antario Jast,
– MARGOT, c. Lorde Titus Peake,

– o pessoal de sua casa:
– MEISTRE CREYLEN, curandeiro, tutor e conselheiro,
– VILARR, capitão dos guardas,
– LUM e LESTER VERMELHO, guardas,

– WAT RISO-BRANCO, um cantor,
– SOR BENEDICT BROOM, mestre de armas,

– os senhores seus vassalos:
– DAMON MARBRAND, Senhor de Cinzamarca,
– SOR ADDAM MARBRAND, seu filho e herdeiro,
– ROLAND CRAKEHALL, Senhor de Paço de Codorniz,
– seu irmão {SOR BURTON CRAKEHALL}, morto por Lorde Beric Dondarrion e seus fora da lei,
– seu filho e herdeiro, SOR TYBOLT CRAKEHALL,
– seu segundo filho, SOR LYLE CRAKEHALL, dito VARRÃO FORTE, cativo no Castelo de Donzelarrosa,
– seu filho mais novo, SOR MERLON CRAKEHALL,
– {ANDROS BRAX}, Senhor de Valcorno, afogado durante a Batalha dos Acampamentos,
– seu irmão {SOR RUPERT BRAX}, morto em Cruzaboi,
– seu filho mais velho, SOR TYTOS BRAX, atual Senhor de Valcorno, cativo nas Gêmeas,
– seu segundo filho {SOR ROBERT BRAX}, morto na Batalha dos Vaus,
– seu terceiro filho, SOR FLEMENT BRAX, atual herdeiro,
– {LORDE LEO LEFFORD}, afogado no Moinho de Pedra,
– REGENARD ESTREN, Senhor de Vieleira, cativo nas Gêmeas,
– GAWEN WESTERLING, Senhor do Despenhadeiro, cativo em Guardamar,
– sua esposa, SENHORA SYBELL, da Casa Spicer,
– seu irmão, SOR ROLPH SPICER,
– seu primo, SOR SAMWELL SPICER,
– seus filhos:
– SOR RAYNALD WESTERLING,
– JEYNE, uma donzela de dezesseis anos,
– ELEYNA, uma menina de doze anos,
– ROLLAM, um menino de nove anos,
– LEWIS LYDDEN, Senhor de Toca Funda,
– LORDE ANTARIO JAST, cativo no Castelo de Donzelarrosa,

– LORDE PHILIP PLUMM,
– seus filhos, SOR DENNIS PLUMM, SOR PETER PLUMM e SOR HARWYN PLUMM, dito PEDRADURA,
– QUENTEN BANEFORT, Senhor de Forte Ruína, cativo de Lorde Jonos Bracken,

– seus cavaleiros e capitães:
– SOR HARYS SWYFT, sogro de Sor Kevan Lannister,
– o filho de Sor Harys, SOR STEFFON SWYFT,
– a filha de Sor Steffon, JOANNA,
– a filha de Sor Harys, SHIERLE, c. Sor Melwyn Sarsfield,
– SOR FORLEY PRESTER,
– SOR GARTH GREENFIELD, cativo no Solar de Corvarbor,
– SOR LYMOND VIKARY, cativo no Pouso do Viajante,
– SOR SELMOND STACKSPEAR,
– seu filho, SOR STEFFON STACKSPEAR,
– seu filho mais novo, SOR ALYN STACKSPEAR,
– TERRENCE KENNING, Senhor de Kayce,
– SOR KENNOS DE KAYCE, um cavaleiro a seu serviço,
– SOR GREGOR CLEGANE, dito A MONTANHA QUE CAVALGA,
– POLLIVER, CHISWYCK, RAFF, O QUERIDO, DUNSEN e CÓCEGAS, soldados ao seu serviço,
– {SOR AMORY LORCH}, dado de alimento a um urso por Vargo Hoat após a queda de Harrenhal.

## CASA MARTELL

Dorne foi o último dos Sete Reinos a jurar lealdade ao Trono de Ferro. Tanto o sangue como os costumes e a história distinguem os homens de Dorne dos outros reinos. Quando estourou a Guerra dos Cinco Reis, Dorne não participou. Com o prometimento de Myrcella Baratheon ao Príncipe Trystane, Lançassolar declarou o seu apoio ao Príncipe Joffrey e convocou os vassalos. O estandarte Martell é um sol vermelho atravessado por uma lança dourada. Seu lema é *Insubmissos, Não Curvados, Não Quebrados*.

DORAN NYMEROS MARTELL, Senhor de Lançassolar, Príncipe de Dorne,
– sua esposa, MELLARIO, da Cidade Livre de Norvos,
– seus filhos:
– PRINCESA ARIANNE, a filha mais velha, herdeira de Lançassolar,
– PRÍNCIPE QUENTYN, o filho mais velho,
– PRÍNCIPE TRYSTANE, o filho mais novo, prometido a Myrcella Baratheon,
– seus irmãos:
– sua irmã {PRINCESA ELIA}, casada com o Príncipe Rhaegar Targaryen, morta durante o Saque de Porto Real,
– seus filhos:
– {PRINCESA RHAENYS}, uma garotinha, assassinada durante o Saque de Porto Real,

– {PRÍNCIPE AEGON}, um bebê, morto durante o Saque de Porto Real,
– seu irmão, PRÍNCIPE OBERYN, dito VÍBORA VERMELHA,
– a amante do Príncipe Oberyn, ELLARIA SAND,
– as filhas bastardas do Príncipe Oberyn, OBARA, NYMERIA, TYENE, SARELLA, ELIA, OBELLA, DOREA, LOREZA, ditas AS SERPENTES DA AREIA,
– os companheiros do Príncipe Oberyn:
– HARMEN ULLER, Senhor da Toca do Inferno,
– o irmão de Harmen, SOR ULWYCK ULLER,
– SOR RYON ALLYRION,
– o filho ilegítimo de Sor Ryon, SOR DAEMON SAND, dito BASTARDO DE GRAÇADIVINA,
– DAGOS MANWOODY, Senhor de Tumbarreal,
– os filhos de Dagos, MORS e DICKON,
– o irmão de Dagos, SOR MYLES MANWOODY,
– SOR ARRON QORGYLE,
– SOR DEZIEL DALT, o Cavaleiro de Limoeiros,
– MYRIA JORDAYNE, herdeira da Penha,
– LARRA BLACKMONT, Senhora de Monpreto,
– sua filha, JYNESSA BLACKMONT,
– seu filho, PERROS BLACKMONT, um escudeiro,
– o pessoal de sua casa:
– AREO HOTAH, um mercenário norvoshi, capitão dos guardas,
– MEISTRE CALEOTTE, conselheiro, curandeiro e tutor,
– os senhores seus vassalos:
– HARMEN ULLER, Senhor da Toca do Inferno,
– EDRIC DAYNE, Senhor de Tombastela,
– DELONNE ALLYRION, Senhora de Graçadivina,
– DAGOS MANWOODY, Senhor de Tumbarreal,
– LARRA BLACKMONT, Senhora de Monpreto,
– TREMOND GARGALEN, Senhor da Costa do Sal,
– ANDERS YRONWOOD, Senhor de Paloferro,
– NYMELLA TOLAND.

## CASA TULLY

Lorde Edmyn Tully de Correrrio foi um dos primeiros senhores do rio a jurar lealdade a Aegon, o Conquistador. O vitorioso Aegon recompensou-o atribuindo à Casa Tully o domínio sobre as terras do Tridente. O símbolo dos Tully é uma truta saltante, de prata, em fundo ondulado de azul e vermelho. O mote dos Tully é: *Família, Dever, Honra*.

HOSTER TULLY, Senhor de Correrrio,
– sua esposa {SENHORA MINISA}, da Casa Whent, morta no parto,
– seus filhos:
– CATELYN, viúva de Lorde Eddard Stark de Winterfell,
– seu filho mais velho, ROBB STARK, Senhor de Winterfell, Rei no Norte e Rei do Tridente,
– sua filha, SANSA STARK, uma donzela de doze anos, cativa em Porto Real,
– sua filha ARYA STARK, de dez anos, desaparecida há um ano,
– seu filho, BRANDON STARK, de oito anos, julgado morto,
– seu filho, RICKON STARK, de quatro anos, julgado morto,
– LYSA, viúva de Lorde Jon Arryn do Ninho da Águia,
– seu filho, ROBERT, Senhor do Ninho da Águia e Defensor do Vale, um rapaz enfermiço de oito anos,
– SOR EDMURE, seu único filho, herdeiro de Correrrio,
– amigos e companheiros de Sor Edmure:
– SOR MARQ PIPER, herdeiro de Donzelarrosa,
– LORDE LYMOND GOODBROOK,

– SOR RONALD VANCE, dito O MAU, e seus irmãos, SOR HUGO, SOR ELLERY e KIRTH,

– PATREK MALLISTER, LUCAS BLACKWOOD, SOR PERWYN FREY, TRISTAN RYGER, SOR ROBERT PAEGE,

– seu irmão, SOR BRYNDEN, chamado Peixe Negro,

– o pessoal de sua casa:

– MEISTRE VYMAN, conselheiro, curandeiro e tutor,

– SOR ROBIN RYGER, capitão da guarda,

– LEW COMPRIDO, ELWOOD, DELP, guardas,

– UTHERYDES WAYN, intendente de Correrrio,

– RYMUND, O RIMANTE, um cantor,

– os senhores seus vassalos:

– JONOS BRACKEN, Senhor de Barreira de Pedra,

– JASON MALLISTER, Senhor de Guardamar,

– WALDER FREY, Senhor da Travessia,

– CLEMENT PIPER, Senhor do Castelo de Donzelarrosa,

– KARYL VANCE, Senhor do Pouso do Viajante,

– NORBERT VANCE, Senhor de Atranta,

– THEOMAR SMALLWOOD, Senhor de Solar de Bolotas,

– sua esposa, SENHORA RAVELLA, da Casa Swann,

– sua filha, CARELLEN,

– WILLIAM MOOTON, Senhor de Lagoa da Donzela,

– SHELLA WHENT, a desalojada Senhora de Harrenhal,

– SOR HALMON PAEGE,

– TYTOS BLACKWOOD, Senhor de Corvarbor.

## CASA TYRELL

Os Tyrell ascenderam ao poder como intendentes dos Reis da Campina, cujos domínios incluíam as planícies férteis desde a Marca de Dorne e da Torrente da Água Negra até as costas do Mar do Poente. Através da linha feminina, dizem descender de Garth Greenhand, o rei jardineiro dos Primeiros Homens, que usava uma coroa de trepadeiras e flores e fazia a terra florescer. Quando Mern IX, o último rei da Casa Gardener, foi morto no Campo de Fogo, seu intendente Harlen Tyrell rendeu Jardim de Cima a Aegon, o Conquistador. Aegon concedeu-lhe o castelo e o domínio sobre a Campina. O símbolo dos Tyrell é uma rosa dourada em fundo verde-relva. Seu lema é: *Crescendo Fortes*.

Lorde Mace Tyrell declarou seu apoio a Renly Baratheon no início da Guerra dos Cinco Reis, e deu-lhe a mão de sua filha Margaery. Após a morte de Renly, Jardim de Cima aliou-se à Casa Lannister, e Margaery foi prometida ao Rei Joffrey.

MACE TYRELL, Senhor de Jardim de Cima, Protetor do Sul, Defensor das Marcas, Supremo Marechal da Campina,

– sua esposa, SENHORA ALERIE, da Casa Hightower de Vilavelha,

– seus filhos:

– WILLAS, o filho mais velho, herdeiro de Jardim de Cima,

– SOR GARLAN, dito GALANTE, o segundo filho,

– sua esposa, SENHORA LEONETTE, da Casa Fossoway,

– SOR LORAS, dito CAVALEIRO DAS FLORES, o filho mais novo, Irmão Juramentado da Guarda Real,

– MARGAERY, sua filha, uma viúva de quinze anos, prometida ao Rei Joffrey I Baratheon,

– as companheiras e servidoras de Margaery:

– suas primas, MEGGA, ALLA e ELINOR TYRELL,

– o prometido de Elinor, ALYN AMBROSE, escudeiro,

– SENHORA ALYSANNE BULWER, uma menina de oito anos,

– MEREDYTH CRANE, dita MERRY,

– TAENA DE MYR, esposa de LORDE ORTON MERRYWEATHER,

– SENHORA ALYCE GRACEFORD,

– SEPTÃ NYSTERICA, uma irmã da Fé,

– sua mãe viúva, a SENHORA OLENNA, da Casa Redwyne, dita RAINHA DOS ESPINHOS,

– os guardas da Senhora Olenna, ARRYK e ERRYK, ditos ESQUERDO e DIREITO,

– suas irmãs:

– SENHORA MINA, casada com Paxter Redwyne, Senhor da Árvore,

– seus filhos:

– SOR HORAS REDWYNE, gêmeo de Hobber, escarnecido como HORROR,

– SOR HOBBER REDWYNE, gêmeo de Horas, escarnecido como BABEIRO,

– DESMERA REDWYNE, uma donzela de dezesseis anos,

– SENHORA JANNA, casada com Sor Jon Fossoway,

– seus tios e primos:

– o irmão do pai, GARTH, dito o GROSSO, Senhor Senescal de Jardim de Cima,

– os filhos bastardos de Garth, GARSE e GARRETT FLOWERS,

– o irmão do pai, SOR MORYN, Senhor Comandante da Patrulha da Cidade de Vilavelha,

– o filho de Moryn, {SOR LUTHOR}, c. Senhora Elyn Norridge,

– o filho de Luthor, SOR THEODORE, c. Senhora Lia Serry,

– a filha de Theodore, ELINOR,

– o filho de Theodore, LUTHOR, um escudeiro,

– o filho de Luthor, MEISTRE MEDWYCK,
– a filha de Luthor, OLENE, c. Sor Leo Blackbar,
– o filho de Moryn, LEO, dito LEO PREGUIÇOSO,
– o irmão do pai, MEISTRE GORMON, um erudito da Cidadela,
– seu primo, (SOR QUENTIN), morto em Vaufreixo,
– o filho de Quentin, SOR OLIVER, c. Senhora Lysa Meadows,
– os filhos de Olymer, RAYMUND e RICKARD,
– a filha de Olymer, MEGGA,
– seu primo, MEISTRE NORMUND, a serviço em Coroanegra,
– seu primo {SOR VICTOR}, morto pelo Cavaleiro Sorridente da Irmandade da Mata de Rei,
– a filha de Victor, VICTARIA, c. {Lorde Jon Bulwer}, morto de uma febre de verão,
– a sua filha, SENHORA ALYSANNE BULWER, de oito anos,
– o filho de Victor, SOR LEO, c. Senhora Alys Beesbury,
– as filhas de Leo, ALLA e LEONA,
– os filhos de Leo, LYONEL, LUCAS e LORENT,

– o pessoal de sua casa em Jardim de Cima:
– MEISTRE LOMYS, conselheiro, curandeiro e tutor,
– IGON VYRWELL, capitão da guarda,
– SOR VORTIMER CRANE, mestre de armas,
– ABETOURO, bobo, enormemente gordo.

– os senhores seus vassalos:
– RANDYLL TARLY, Senhor de Monte Chifre,
– PAXTER REDWYNE, Senhor da Árvore,
– ARWYN OAKHEART, Senhora de Carvalho Velho,
– MATHIS ROWAN, Senhor de Bosquedouro,
– ALESTER FLORENT, Senhor da Fortaleza de Águas Claras, um rebelde partidário de Stannis Baratheon,
– LEYTON HIGHTOWER, Voz de Vilavelha, Senhor do Porto,
– ORTON MERRYWEATHER, Senhor de Mesalonga,
– LORDE ARTHUR AMBROSE,

– seus cavaleiros e espadas a ele juramentadas:

– SOR MARK MULLENDORE, mutilado durante a Batalha da Água Negra,

– SOR JON FOSSOWAY, dos Fossoway da maçã verde.

– SOR TANTON FOSSOWAY, dos Fossoway da maçã vermelha.

# OS REBELDES, FORA DA LEI E IRMÃOS JURAMENTADOS

## OS IRMÃOS JURAMENTADOS DA PATRULHA DA NOITE

(em patrulha para lá da Muralha)

JEOR MORMONT, Senhor Comandante da Patrulha da Noite, dito o VELHO URSO,

– JON SNOW, o Bastardo de Winterfell, seu intendente e escudeiro, perdido numa incursão ao Passo dos Guinchos,

– FANTASMA, o seu lobo gigante, branco e silencioso,

– EDDISON TOLETT, dito EDD DOLOROSO, seu escudeiro,

– THOREN SMALLWOOD, no comando dos patrulheiros,

– DYWEN, ADAGA, PÉ-LEVE, GRENN, BEDWYCK, dito GIGANTE, OLLO MÃO-CORTADA, GRUBBS, BERNARR, dito BERNARR CASTANHO, outro BERNARR, dito BERNARR PRETO, TIM STONE, ULMER DA MATA DE REI, GARTH, dito PENA-CINZA, GARTH DE VIAVERDE, GARTH DE VILAVELHA, ALAN DE ROSBY, RONNEL HARCLAY, AETHAN, RYLES, MAWNEY, patrulheiros,

– JARMEN BUCKWELL, no comando dos batedores,

– BANNEN, REDGE WHITEYE, TUMBERJON, FORNIO, GOADY, patrulheiros e batedores,

– SOR OTTYN WYTHERS, no comando da retaguarda,

– SOR MALLADOR LOCKE, no comando da coluna logística,

– DONNEL HILL, dito DOCE DONNEL, seu escudeiro e intendente,

– HAKE, um intendente e cozinheiro,

– CHETT, um intendente feio, tratador dos cães,

– SAMWELL TARLY, um intendente gordo, tratador dos corvos, escarnecido como SOR PORQUINHO,

– LARK, dito HOMEM DAS IRMÃS, o seu primo ROLLEY DE VILIRMÃS, KARL PÉ-TORTO, MASLYN, PAUL PEQUENO, SERROTE, LEY MÃO ESQUERDA, ÓRFÃO OSS, BILL RESMUNGÃO, intendentes,

– {QHORIN MEIA-MÃO}, comandando os patrulheiros da Noite Sombria, morto no Passo dos Guinchos,

– {ESCUDEIRO DALBRIDGE, EGGEN}, patrulheiros, mortos no Passo dos Guinchos,

– COBRA DAS PEDRAS, um patrulheiro e alpinista, perdido no Passo dos Guinchos enquanto se deslocava a pé,

– BLANE, segundo oficial de Qhorin Meia-Mão, comandando os homens da Torre Sombria no Punho dos Primeiros Homens,

– SOR BYAM FLINT,

(em Castelo Negro)

– BOWEN MARSH, Senhor Intendente e castelão,

– MEISTRE AEMON (TARGARYEN), curandeiro e conselheiro, um cego, com cem anos de idade,

– o seu intendente, CLYDAS,

– BENJEN STARK, Primeiro Patrulheiro, desaparecido, temendo-se que esteja morto,

– SOR WYNTON STOUT, patrulheiro há oitenta anos,

– SOR ALADALE WYNCH, PYPAR, DICK SURDO FOLLARD, HAL PELUDO, JACK NEGRO BULWER, ELRON, MATTHAR, patrulheiros,

– OTHELL YARWYCK, Primeiro Construtor,

– BOTA EXTRA, JOVEM HENLY, HALDER, ALBETT, BARRICAS, PATE MALHADO DE LAGOA DA DONZELA, construtores,

– DONAL NOYE, armeiro, ferreiro e intendente, sem um braço,

– HOBB TRÊS-DEDOS, intendente e chefe cozinheiro,

– TIM LÍNGUA-PRESA, CALMA, MULLY, VELHO HENLY, CUGEN, ALYN VERMELHO DA MATA DE ROSAS, JEREN, intendentes,

– SEPTÃO CELLADOR, um devoto ébrio,

– SOR ENDREW TARTH, mestre de armas,

– RAST, ARRON, EMRICK, CETIM, SALTO DE PISCO, recrutas em treinamento,

– CONWY, GUEREN, recrutadores e coletores,

(em Atalaialeste-do-Mar)

COTTER PYKE, Comandante, Atalaialeste,
– MEISTRE HARMUNE, curandeiro e conselheiro,
– SOR ALLISER THORNE, mestre de armas,
– JANOS SLYNT, ex-comandante da Patrulha da Cidade de Porto Real, durante um breve período Senhor de Harrenhal,
– SOR GLENDON HEWETT,
– DAREON, intendente e cantor,
– EMMETT DE FERRO, um patrulheiro afamado por sua força,

(na Torre Sombria)
SOR DENYS MALLISTER, Comandante, Torre Sombria,
– WALLACE MASSEY, seu intendente e escudeiro,
– MEISTRE MULLIN, curandeiro e conselheiro.

## A IRMANDADE SEM ESTANDARTES
## UMA SOCIEDADE DE FORA DA LEI

BERIC DONDARRION, Senhor de Portonegro, dito O SENHOR DO RELÂMPAGO, frequentemente dado como morto,

– seu braço direito, THOROS DE MYR, um sacerdote vermelho,

– seu escudeiro, EDRIC DAYNE, Senhor de Tombastela, de doze anos,

– seus seguidores:

– LIMO, chamado LIMO MANTO LIMÃO, outrora soldado,

– HARWIN, filho de Hullen, anteriormente a serviço de Lorde Eddard Stark em Winterfell,

– BARBA-VERDE, um mercenário tyroshi,

– TOM DE SETERRIOS, um cantor de duvidosa reputação, dito TOM SETE-CORDAS e TOM DAS SETE,

– ANGUY, O ARQUEIRO, um arqueiro originário da Marca de Dorne,

– JACK SORTUDO, um homem procurado pela justiça, com um olho a menos,

– O CAÇADOR LOUCO, do Septo de Pedra,

– KYLE, NOTCH, DENNETT, arqueiros,

– MERRIT DE VILALUA, WATTY, O MOLEIRO, LUKE PROMISSOR, MUDGE, DICK IMBERBE, os fora da lei do seu bando,

– na Estalagem do Ajoelhado:

– SHARNA, a estalajadeira, cozinheira e parteira,

– seu marido, dito MARIDO,

– RAPAZ, um órfão de guerra,

– no Pêssego, um bordel em Septo de Pedra:

– TANÁSIA, a proprietária ruiva,

– ALYCE, CASS, LANNA, JYZENE, HELLY, SINETA, algumas de suas funcionárias,

– em Solar de Bolotas, a sede da Casa Smallwood:

– SENHORA RAVELLA, anteriormente da Casa Swann, esposa de Lorde Theomar Smallwood,

– aqui, ali e acolá:

– LORDE LYMOND LYCHESTER, um velho de mente incerta, que um dia deteve Sor Maynard na ponte,

– seu jovem prestador de cuidados, MEISTRE ROONE,

– o fantasma de Coração Alto,

– a Senhora das Folhas,

– o septão em Brotadança.

**OS SELVAGENS, ou**
**O POVO LIVRE**

MANCE RAYDER, Rei-para-lá-da-Muralha,
– DALLA, sua esposa grávida,
– VAL, sua irmã mais nova,

– seus chefes e capitães:
– HARMA, dita CABEÇA DE CÃO, no comando da vanguarda,
– O SENHOR DOS OSSOS, escarnecido como CAMISA DE CHOCALHO, chefe de um bando de guerra,
– YGRITTE, uma jovem esposa de lanças, membro de seu bando,
– RYK, dito LANÇA-LONGA, membro de seu bando,
– RAGWYLE, LENYL, membros de seu bando,
– seu cativo, JON SNOW, o corvo-que-veio,
– FANTASMA, o lobo gigante de Jon, branco e silencioso,
– STYR, o Magnar de Thenn,
– JARL, um jovem assaltante, amante de Val,
– GRIGG, O BODE, ERROK, QUORT, BODGER, DEL, GRANDE FURÚNCULO, DAN DE CÂNHAMO, HENK, O ELMO, LENN, DEDO-DO-PÉ, POLEGARES DE PEDRA, assaltantes,
– TORMUND, Rei-Hidromel de Solar Ruivo, dito TERROR DOS GIGANTES, ALTO-FALANTE, SOPRADOR DE CHIFRES e QUEBRADOR DE GELO, e ainda PUNHO DE TROVÃO, ESPOSO DE URSAS, FALADOR COM OS DEUSES e PAI DE TROPAS, líder de um bando de guerra,
– os seus filhos, TOREGG, O ALTO, TORWYRD, O MANSO, DORMUND e DRYN, a sua filha MUNDA,
– {ORELL, dito ORELL, A ÁGUIA}, um troca-peles morto por Jon Snow no Passo dos Guinchos,
– MAG MAR TUN DOH WEG, dito MAG, O PODEROSO, dos gigantes,

– VARAMYR, dito SEIS-PELES, um troca-peles que controla três lobos, um gato-das-sombras e um urso-branco,

– O CHORÃO, um assaltante e líder de um bando de guerra,

– {ALFYN MATA-CORVOS}, um assaltante, morto por Qhorin Meia-Mão da Patrulha da Noite,

CRASTER, da Fortaleza de Craster, que não se ajoelha perante ninguém,

– GOIVA, sua filha e esposa, no fim da gravidez,

– DYAH, FERNY, NELLA, três de suas dezenove mulheres.

# AGRADECIMENTOS

Se os tijolos não estiverem benfeitos, a muralha cai.

E esta muralha que estou construindo é realmente enorme, portanto preciso de um monte de tijolos. Felizmente, conheço um monte de tijoleiros e também todos os tipos de pessoas úteis.

Meu obrigado e reconhecimento vai, uma vez mais, para aqueles bons amigos que tão amavelmente me emprestaram seus conhecimentos (e, em alguns casos, até os seus *livros*) para que os meus tijolos pudessem ser bons e sólidos – do meu Arquimestre Sage Walker ao Primeiro-Construtor Carl Keim, passando por Melinda Snodgrass, meu mestre dos cavalos.

E, como sempre, a Parris.

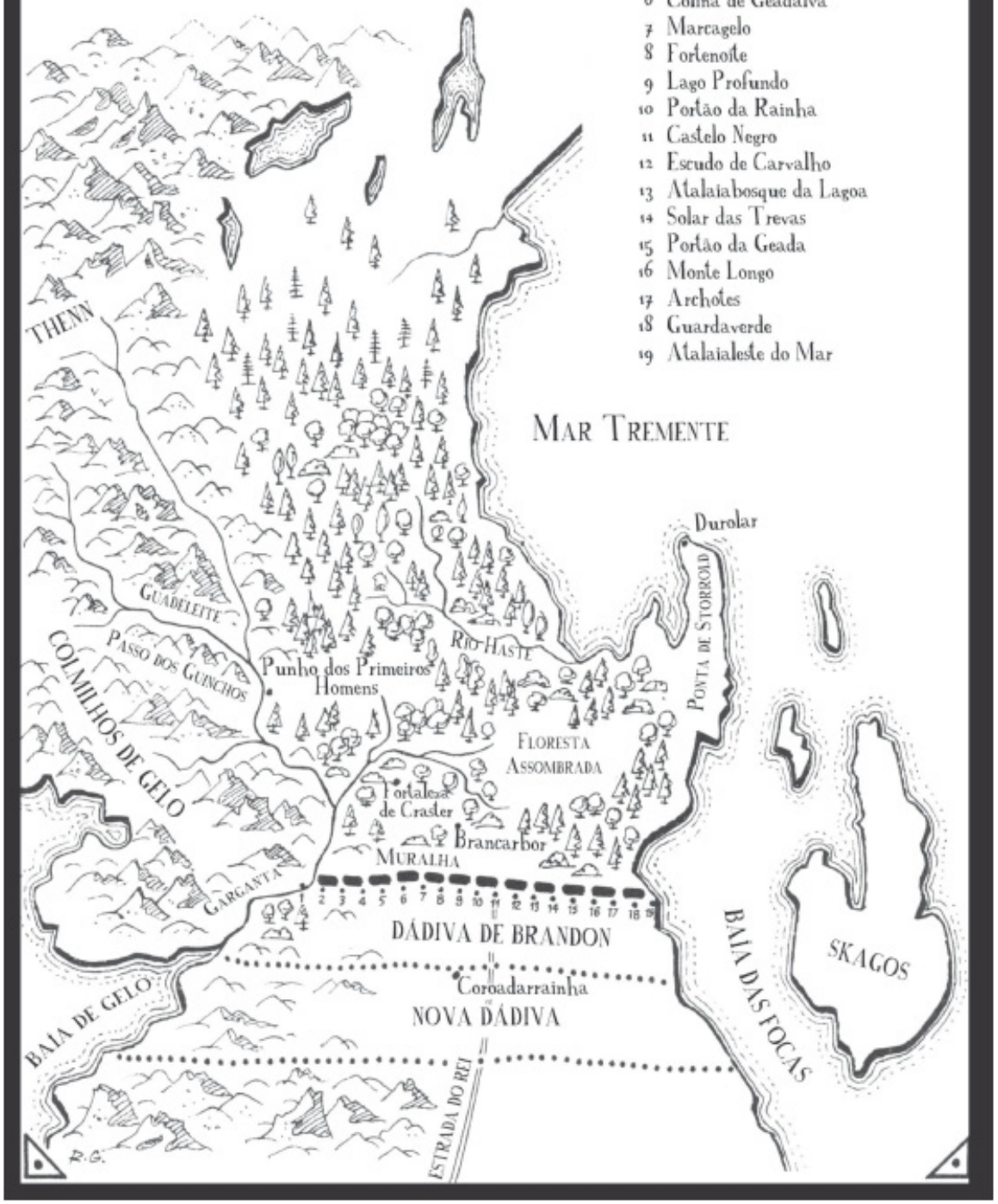
# Para lá da Muralha

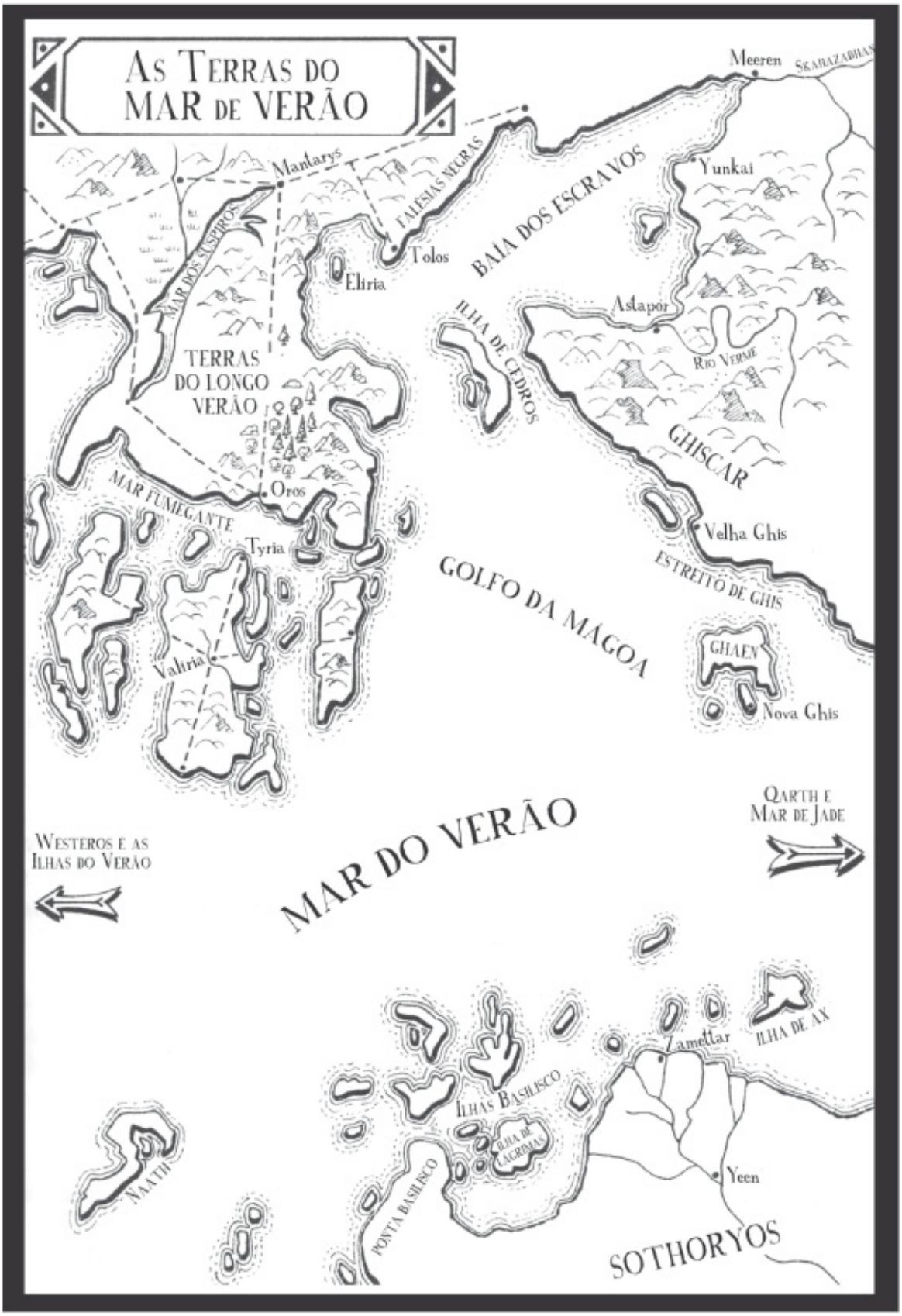
## A Terra de Sempre Inverno

(não mapeada)

### Fortalezas do Norte

1 Atalaioeste da Ponta
2 Torre Sombria
3 Bosque de Sentinelas
4 Guardagris
5 Portapedra
6 Colina de Geadalva
7 Marcagelo
8 Fortenoite
9 Lago Profundo
10 Portão da Rainha
11 Castelo Negro
12 Escudo de Carvalho
13 Atalaiabosque da Lagoa
14 Solar das Trevas
15 Portão da Geada
16 Monte Longo
17 Archotes
18 Guardaverde
19 Atalaialeste do Mar




As Terras do Mar de Verão
Meeren
Skahazadhan
Mantarys
Falesias Negras
Baía dos Escravos
Yunkai
Mar dos Suspiros
Tolos
Eliria
Astapor
Ilha de Cedros
Rio Verme
Terras do Longo Verão
Ghiscar
Mar Fumegante
Oros
Velha Ghis
Tyria
Estreito de Ghis
Golfo da Mágoa
Ghaen
Valiria
Nova Ghis
Qarth e Mar de Jade
Westeros e as Ilhas do Verão
Mar do Verão
Ilha de Ax
Zamettar
Ilhas Basilisco
Ilha de Lágrimas
Naath
Ponta Basilisco
Yeen
Sothoryos

O Sul
N
Três Irmãs
Os Dedos
Aguafria
Bosque Afundado
As Gêmeas
Guardamar
Ramo Verde
Ilhas de Ferro
Pretamare
Montrasgo
Cantoforte
VALE DE ARRYN
Ninho de Águia
Ancora Velha
Ramo Azul
Tridente
Passo Sangrento
Ferrobles
Vila Gaivotas
Pedrarruna
Salésia
Pyke
Feirajusta
Forte Vermelho
Forte Desgraça
Ramo Vermelho
Pedregoso
Correrrio
Baía dos Caranguejos
Harrenhal
Ilha Quieta
Olho de Deus
Estrada do Rei
Dente Dourado
Donzelarrosa
Hastes
Pouso de Gralhas
Valecorno
Campossomo
Rochedo Casterly
Toca Funda
Pedra do Dragão
Lannisporto
Estrada de Ouro
Ponta Afiada
Porto Real
Bosquedouro
Bailepedra
Campodemilho
CAMPINA
Lago Vermelho
Estrada do Mar
Solardeprata
MataReal
Solar de Montefeno
Tarth
Carvalho Velho
Estrada da Rosa
Vale d'Erva
Arroiozul
Vago
Mesalonga
Ponta Tempestade
Poleiro do Grifo
BAÍA DOS NAUFRÁGIOS
Casais de Chuva
Jardim de Cima
Ninho de Corvo
MARCA DE DORNE
Caminho do Espinhaço
Pedrelmo
Matabruma
Monte Chifre
Poleiro do Abutre
Cabo da Fúria
Estermonte
Bandallon
MAR DE DORNE
Tumbarreal
Vilavella
Terraltas
Monpreto
Ghaston Grey
Coroanegra
Alto Ermitério
Colina Fantasma
Três Torres
Tor
Braço Partido
Tombastella
DORNE
Graça-dos-Deuses
Casasolar
Areinho
Vath
Lançasolar
Vath
Costa do Sal
Limoeiros
Árvore
Mapa por James Sinclair

GEORGE R.R.
MARTIN
O FESTIM DOS CORVOS
AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO
LIVRO QUATRO
LeYa

GEORGE R.R.

# MARTIN

# O FESTIM DOS CORVOS

AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO

*LIVRO QUATRO*

# Ficha Técnica

Copyright © George R. R. Martin
Todos os direitos reservados.
Versão brasileira © 2012 Texto Editores Ltda.
Titulo original: *A Feast for Crows*

Diretor editorial: Pascoal Soto
Editora: Mariana Rolier
Produtora editorial: Sonnini Ruiz
Assistente editorial: Carolina Rodrigues Proença

Preparação de texto: Vivian Miwa Matsushita
Revisão: Márcia Duarte, Bel Ribeiro e Juliana Caldas
Ilustração da capa: Marc Simonetti © Èditions J'ailu

Dados internacionais de catalogação na publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Martin, George R. R.
O festim dos corvos / George R. R. Martin ; tradução: Jorge Candeias. − São Paulo :
Leya, 2012. –(As crônicas de gelo e fogo ; 4)

Título original: A feast for crows.
ISBN 9788580445053

1. Ficção fantástica americana. I. Título. II. Série
11-12863 CDD-813
Índices para catálago sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Texto Editores Ltda.
[Uma editora do grupo LeYa]
Rua Desembagador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP
www.leya.com

Para Stephen Boucher,
feiticeiro do Windows, dragão do DOS,
sem o qual este livro teria sido
escrito a lápis.

O NORTE
Floresta Assombrada
Skane
A COSTA GELADA
A MURALHA
Torre Sombria
Castelo Negro
Atalaia leste do Mar
BAÍA DAS FOCAS
BAÍA DE GELO
Ilha dos Ursos
Lago Longo
Colinas Solitárias
Rio Último
Karhold
Forte do Pavor
N
Mataderlobos
Winterfell
Águas Choronas
Praça de Torrhen
Estrada do Rei
Fora Branca
Ramo Partido
TERRAS ACIDENTADAS
Ariete
Vila Acidentada
Porto Branco
Atalaia da Viúva
Fosso Cailin
Castelovelho
O GARGALO
DENTADA
Vilirmãs
Atalaia da Água Cinzenta
Três Irmãs
Os Dedos
As Gémeas
Prelamare
Ilhas de Ferro
Montrasgo
Guardamar
Ramo Verde
Ninho de Águia
VALE DE ARRYN
Ramo Azul
Passo Sangrento
Pyke
Salésia
Mapa por James Sinclair
Correrrio
Ramo Vermelho

O SUL
N
Três Irmãs
Os Dedos
Aguafria
Bosque Afundado
As Gémeas
Guardamar
Ramo Verde
Cantoforte
VALE DE ARRYN
Ilhas de Ferro
Pretamare
Montrasgo
Ninho de Águia
Ancora Velha
Ramo Azul
Tridente
Passo Sangrento
Ferrobles
Vila Gaivotas
Pedrarruna
Salésia
Pyke
Feirajusta
Forte Vermelho
Forte Desgraça
Ramo Vermelho
Pelbreno
Corrèrrio
Baía dos Caranguejos
Harrenhal
Ilha Quieta
Olho de Deus
Dente Dourado
Donzelarrosa
Estrada do Rio
Hastes
Pouso de Gralhas
Estrada do Rei
Valecorno
Campossano
Rochedo Casterly
Toca Funda
Pedra do Dragão
Lannisporto
Ponta Afiada
Estrada de Ouro
Porto Real
Bosquedouro
Bailepedra
Campodemilho
CAMPINA
Lago Vermelho
Estrada do Mar
Mata Real
Solardeprata
Solar de Montefeno
Tarth
Carvalho Velho
Estrada da Rosa
Vale d'Erva
Arroiaual
Vale
Mesalonga
Ponta Tempestade
Poleiro do Grifo
BAÍA DOS NAUFRÁGIOS
Jardim de Cima
Casais de Chuva
Ninho de Corvo
Pedrelmo
Matabruma
MARCA DE DORNE
Caminho do Espinhaço
Monte Chifre
Poleiro do Abutre
Cabo da Fúria
Estermonte
Bandallon
MAR DE DORNE
Tumbarreal
Vilavelha
Terraltas
Monpreto
Ghaston Grey
Corcanegra
Alto Ermitério
Colina Fantasma
Três Torres
Tor
Braço Partido
Tombastella
DORNE
Graça-dos-Deuses
Casasolar
Vath
Lançasolar
Areníto
Vath
Costa do Sal
Limoeiros
Árvore
Mapa por James Sinclair

# PRÓLOGO

Dragões – Mollander disse. Pegou uma maçã estragada que estava no chão e a fez saltar de uma mão para a outra.

– Atire a maçã – Alleras, o Esfinge pediu. Puxou uma flecha da aljava e a prendeu na corda do arco.

– Eu queria ver um dragão – Roone era o mais novo do grupo, um rapaz atarracado ainda a dois anos de se tornar homem. – Queria muito.

*E eu queria dormir abraçado a Rosey*, Pate pensou. Mexeu-se inquieto no banco. De manhã, a garota podia bem ser sua. *Vou levá-la para longe de Vilavelha, para o outro lado do mar estreito até uma das Cidades Livres*. Lá não havia meistres, não existia ninguém que o acusasse.

Ouvia as gargalhadas de Emma, vindas de uma janela fechada, por cima de sua cabeça, misturadas com a voz mais profunda do homem que estava com ela. Era a mais velha das mulheres que serviam no Pena e Caneca, tinha pelo menos quarenta anos, mas ainda era bonita ao seu jeito carnudo. Rosey era sua filha, tinha quinze anos e acabara de florir. Emma decretara que a virgindade de Rosey custaria um dragão de ouro. Pate poupara nove veados de prata e um cântaro de estrelas e moedas de cobre, mas isto de nada lhe serviria. Teria tido mais chances de trazer ao mundo um dragão de verdade do que de poupar moedas suficientes para uma de ouro.

– Nasceu tarde demais para dragões, moço – disse a Roone Armen, o Acólito. Armen usava uma tira de couro em volta do pescoço, amarrada com elos de peltre, estanho, chumbo e cobre, e assim como a maioria dos acólitos, parecia pensar que os noviços tinham nabos crescendo entre os ombros no lugar da cabeça. – O último pereceu durante o reinado do Rei Aegon Terceiro.

– O último dragão em *Westeros* – insistiu Mollander.

– Atire a maçã – Alleras voltou a pedir. Era um jovem atraente, aquele Esfinge. Todas as criadas tinham um fraco por ele. Às vezes, até Rosey

lhe tocava no braço quando lhes trazia vinho, e Pate tinha de ranger os dentes e fingir não ver.

– O último dragão em Westeros *foi* o último dragão – disse Armen com teimosia. – Isto é bem sabido.

– A *maçã* – Alleras repetiu. – A menos que queira comê-la.

– Lá vai – arrastando a perna de pau, Mollander deu um curto salto, rodopiou e arremessou horizontalmente a maçã para as névoas que pairavam sobre o Vinhomel. Não fosse o pé, teria sido um cavaleiro como seu pai. Tinha a força necessária naqueles braços grossos e ombros largos, e a maçã voou para longe e rápido demais...

... mas não tão rápido quanto a flecha que assobiou em seu encalço, um metro de haste de madeira dourada com penas escarlates. Pate não a viu atingir a maçã, mas a ouviu. Um *tchunc* suave ecoou por sobre o rio, seguido por um respingar de água.

Mollander assobiou:

– Em cheio. Boa.

*Nem de perto tão boa quanto Rosey*. Pate adorava seus olhos cor de avelã e seus seios em botão, e o modo como sorria sempre que o via. Adorava as covinhas em seu rosto. Às vezes, ela andava descalça enquanto servia, para sentir a erva sob os pés. Também adorava aquilo. Adorava o cheiro limpo e fresco que ela exalava, o modo como os cabelos se enrolavam atrás das orelhas. Adorava até mesmo seus dedos dos pés. Uma noite, ela o deixara esfregar seus pés e brincar com eles, e Pate inventara uma história divertida para cada dedo, a fim de fazê-la sorrir.

Talvez fizesse melhor em permanecer deste lado do mar estreito. Podia comprar um burro com o dinheiro que poupara, e Rosey e ele podiam montá-lo por turnos enquanto vagueavam por Westeros. Ebrose podia não considerá-lo merecedor da prata, mas Pate sabia como endireitar um osso e curar uma febre com sanguessugas. O povo ficaria grato por sua ajuda. Se conseguisse aprender a cortar cabelos e a fazer barbas, podia mesmo se tornar barbeiro. *Isso seria o bastante*, disse a si próprio, *desde que tivesse a Rosey*. Rosey era tudo que desejava no mundo.

Nem sempre fora assim. Sonhara outrora ser meistre em um castelo, a serviço de um senhor generoso qualquer que o honrasse por sua sabedoria e lhe concedesse um belo cavalo branco como agradecimento

por seus serviços. E quão alto o montaria, quão nobremente, distribuindo sorrisos aos plebeus quando passasse por eles na estrada...

Certa noite, na sala comum do Pena e Caneca, após a segunda caneca de uma cidra terrivelmente forte, Pate gabara-se de que não seria noviço para sempre.

– É bem verdade – gritara Leo Preguiçoso. – Vai ser um ex-noviço e criar porcos.

Ele engoliu de um só trago o resto em sua caneca. Naquela manhã, a varanda iluminada a archote do Pena e Caneca era uma ilha de luz num mar de névoa. A jusante, o distante sinal luminoso da Torralta flutuava no relento da noite como uma lua alaranjada e brumosa, mas a luz pouco fez para melhorar-lhe o estado de espírito.

*A esta hora o alquimista já devia ter chegado*. Tudo fora alguma brincadeira cruel, ou teria acontecido alguma coisa ao homem? Não seria a primeira vez que a fortuna cobria Pate de amargura. Uma vez achara-se afortunado por ter sido escolhido para ajudar o velho Arquimeistre Walgrave com os corvos, sem sonhar que logo também estaria buscando suas refeições, varrendo seus aposentos e vestindo-o todas as manhãs. Todos diziam que Walgrave esquecera mais da criação de corvos do que a maior parte dos meistres chegava a saber, por isso Pate assumira que um elo negro de ferro era o mínimo que poderia esperar, mas acabara por descobrir que isto era algo que Walgrave não poderia lhe dar. O velho continuava a ser arquimeistre apenas por cortesia. Por maior que tivesse sido como meistre, agora o mais comum era que suas vestes escondessem roupas íntimas emporcalhadas, e meio ano antes um grupo de acólitos o encontrara às lágrimas na Biblioteca, pois não fora capaz de encontrar o caminho de volta até seus aposentos. Era Meistre Gormon quem se sentava sob a máscara de ferro no lugar de Walgrave, o mesmo Gormon que um dia acusara Pate de roubo.

Na macieira, à beira d'água, um rouxinol começou a cantar. Era um som doce, uma pausa bem-vinda nos gritos roucos e no crocitar sem fim dos corvos de que cuidara o dia inteiro. Os corvos brancos conheciam seu nome, e o resmungavam uns para os outros sempre que o vislumbravam, "*Pate, Pate, Pate*", até deixá-lo a ponto de gritar. As grandes aves brancas eram o orgulho do Arquimeistre Walgrave. Desejava comê-las

quando ele morresse, mas Pate andava meio desconfiado de que as aves também pretendiam comê-lo.

Talvez fosse a cidra terrivelmente forte – não viera para beber, mas Alleras se encarregara de pagar, para festejar seu elo de cobre, e a culpa dera-lhe sede –, mas quase soava como se o rouxinol estivesse trinando *ouro por ferro, ouro por ferro, ouro por ferro*. O que era muitíssimo esquisito, pois tinha sido aquilo que o estranho dissera na noite em que Rosey os apresentara.

– Quem é você? – Pate perguntou, e o homem respondeu:

– Um alquimista. Sei transformar ferro em ouro – e, então, tinha uma moeda na mão, dançando sobre os nós dos dedos, fazendo brilhar o suave ouro amarelo à luz das velas. De um lado, havia um dragão de três cabeças, do outro, a cabeça de um rei qualquer morto. *Ouro por ferro*, recordou Pate, *não conseguirá melhor. Você a deseja? Você a ama?*

– Não sou nenhum ladrão – disse ao homem que se designava alquimista. – Sou um noviço da Cidadela.

O alquimista inclinou a cabeça e disse:

– Se reconsiderar, voltarei aqui dentro de três dias, com meu dragão.

Tinham se passado três dias. Pate regressara ao Pena e Caneca, ainda incerto do que ele seria, mas, em vez do alquimista, encontrara Mollander, Armen e o Esfinge, com Roone a reboque. Teria levantado suspeitas se não se juntasse a eles.

O Pena e Caneca nunca fechava. Havia seiscentos anos que se erguia em sua ilha no Vinhomel, e nem por uma vez deixara de funcionar. Embora o alto edifício de madeira se inclinasse para o sul, como os noviços por vezes após beber uma caneca, Pate supunha que a estalagem continuaria em pé por mais seiscentos anos, vendendo vinho, cerveja e cidra terrivelmente forte a homens do rio e do mar, ferreiros e cantores, sacerdotes e príncipes, e aos noviços e acólitos da Cidadela.

– Vilavelha não é o mundo – Mollander declarou, alto demais. Era filho de um cavaleiro, mas não poderia estar mais bêbado. Desde que lhe tinham trazido a notícia da morte do pai na Água Negra, embebedava-se quase todas as noites. Até em Vilavelha, longe das batalhas e em segurança atrás de suas muralhas, a Guerra dos Cinco Reis tocara-os a todos... embora o Arquimeistre Benedict insistisse que nunca houvera

uma guerra de cinco reis, já que Renly Baratheon fora morto antes de Balon Greyjoy ter sido coroado.

– Meu pai sempre disse que o mundo era maior do que o castelo de qualquer senhor – prosseguiu Mollander. – Os dragões devem ser a menor das coisas que um homem poderá encontrar em Qarth, Asshai e Yi Ti. Essas histórias dos marinheiros...

– ... são histórias contadas por marinheiros – Armen o interrompeu. – *Marinheiros*, meu caro Mollander. Vá até as docas e aposto que encontrará marinheiros que lhe falarão das sereias com as quais dormiram, ou de como passaram um ano na barriga de um peixe.

– Como é que sabe que não passaram? – Mollander bateu os pés grama afora, à procura de mais maçãs. – Precisaria estar na barriga do peixe para jurar isto. Um marinheiro com uma história, tudo bem, um homem podia rir dela, mas quando remadores vindos de quatro navios diferentes contam a mesma história em quatro línguas diferentes...

– A história *não é* a mesma – insistiu Armen. – Dragões em Asshai, dragões em Qarth, dragões em Meereen, dragões dothraki, dragões libertando escravos... todas as histórias são diferentes umas das outras.

– Só nos detalhes – Mollander ficava mais teimoso quando bebia, mas até sóbrio era obstinado. – Todos falam de *dragões*, e de uma bela jovem rainha.

O único dragão que interessava a Pate era feito de ouro amarelo. Perguntou a si mesmo o que teria acontecido ao alquimista. *Ao terceiro dia... Ele disse que estaria aqui.*

– Há outra maçã perto do seu pé – gritou Alleras a Mollander –, e eu ainda tenho duas flechas na aljava.

– Que se foda sua aljava – Mollander apanhou o fruto caído. – Ela está bichada – protestou, mas a atirou mesmo assim. A flecha atingiu a maçã quando ela começava a cair e a cortou ao meio. Uma metade caiu no telhado de um torreão, rolou até outro mais baixo e caiu; não atingiu Armen por meio metro.

– Se cortar um verme na metade, criará dois vermes – informou-os o acólito.

– Se ao menos acontecesse o mesmo com as maçãs, nunca ninguém precisaria passar fome – Alleras disse com um de seus sorrisos gentis. Esfinge andava sempre sorrindo, como se conhecesse algum gracejo

secreto. Isto lhe dava um aspecto malicioso que combinava bem com o queixo pontiagudo, o bico que a linha dos cabelos formava no meio da testa e o denso matagal de cachos negros de azeviche cortados curtos.

Alleras seria meistre. Só estava na Cidadela havia um ano, mas já forjara três elos de sua corrente de meistre. Armen podia ter mais, mas levara um ano para ganhar cada um deles. Mesmo assim, também chegaria a meistre. Roone e Mollander continuavam a ser noviços de pescoço rosado, mas Roone era muito novo, e Mollander gostava mais de beber do que de ler.

Mas Pate...

Estava na Cidadela havia cinco anos, chegara com não mais que treze anos, mas seu pescoço permanecia tão rosado quanto fora no dia em que viera das terras ocidentais. Julgara-se pronto por duas vezes. Da primeira, apresentara-se ao Arquimeistre Vaellyn para demonstrar seu conhecimento dos céus. Em vez disso, descobriu como foi que Vinagre Vaellyn ganhou este apelido. Pate levou dois anos reunindo coragem para voltar a tentar. Então, submetera-se ao velho e amável Arquimeistre Ebrose, famoso por sua voz suave e mãos gentis. Mas os suspiros de Ebrose revelaram-se tão dolorosos quanto as farpas de Vaellyn.

– Uma última maçã – prometeu Alleras –, e eu conto a vocês minhas suspeitas acerca desses dragões.

– O que você poderia saber que já não sei? – Mollander resmungou. Encontrou uma maçã num galho, saltou, arrancou-a e a arremessou. Alleras puxou a corda do arco até a orelha, virando-se habilmente para seguir o alvo. Atirou a flecha precisamente no momento em que a maçã começava a cair.

– Falha sempre no último tiro – Roone disse.

A maçã mergulhou no rio, intacta.

– Viu? – Roone confirmou.

– O dia em que se acertam todos os alvos é aquele em que se para de melhorar – Alleras desprendeu a corda do arco e o enfiou em seu estojo de couro. O arco fora esculpido em amagodouro, madeira rara e lendária das Ilhas do Verão. Pate tentara dobrá-lo uma vez e falhara. *Esfinge parece franzino, mas há força naqueles braços magros*, refletiu, enquanto Alleras passava uma perna por sobre o banco e estendia a mão

para a taça de vinho. – O dragão tem três cabeças – anunciou em sua arrastada pronúncia dornesa.

– Isto é um enigma? – Roone quis saber. – Nas histórias, as esfinges sempre falam por enigmas.

– Não é enigma nenhum – Alleras bebericou o vinho. Os outros emborcavam canecas da cidra terrivelmente forte pela qual Pena e Caneca era famoso, mas ele preferia os estranhos vinhos doces do país da mãe. Mesmo em Vilavelha, tais vinhos não se obtinham a baixo preço.

Fora Leo Preguiçoso quem apelidara Alleras de "o Esfinge". Uma esfinge é um pouco disso, um pouco daquilo: rosto humano, corpo de um leão, asas de um falcão. Alleras era igual: pai dornês e a mãe uma mulher de pele negra das Ilhas do Verão. Sua pele era escura como teca. E, tal como as esfinges de mármore verde que guardavam o portão principal da Cidadela, Alleras tinha olhos de ônix.

– Nunca nenhum dragão teve três cabeças, exceto em escudos e bandeiras – disse Armen, o Acólito, com firmeza. – Isto é um símbolo heráldico, nada mais. Além disso, os Targaryen estão todos mortos.

– Nem todos – disse Alleras. – O Rei Pedinte tinha uma irmã.

– Achava que a cabeça dela tinha sido esmagada contra uma parede – Roone interveio.

– Não – Alleras respondeu. – Foi a cabeça do jovem filho do Príncipe Rhaegar que foi atirada contra uma parede pelos bravos homens do Leão de Lannister. Estamos falando da irmã de Rhaegar, nascida em Pedra do Dragão antes de o castelo cair. Aquela a quem chamaram Daenerys.

– A *Nascida na Tormenta*. Agora me lembro – Mollander ergueu bem alto a caneca, agitando a cidra que restava. – A ela! – emborcou, bateu com a caneca vazia na mesa, arrotou e limpou a boca com as costas da mão. – Onde está Rosey? Nossa legítima rainha merece outra rodada de cidra, não acha?

Armen, o Acólito, pareceu assustado.

– Baixe a voz, imbecil. Nem devia brincar com essas coisas. Nunca se sabe quem pode estar ouvindo. A Aranha tem ouvidos por todo lado.

– Oh, não mije nas calças Armen. Estava propondo uma nova rodada, não uma rebelião.

Pate ouviu um risinho abafado. Uma voz suave e zombeteira gritou atrás dele.

– Sempre soube que você era um traidor, Salto de Rã – Leo Preguiçoso estava encostado à entrada da antiga ponte de pranchas, envolto em cetim listrado de verde e dourado, com meia capa de seda negra presa ao ombro por uma rosa de jade. Pela cor das manchas, o vinho que deixara pingar na parte da frente do traje era um tinto robusto. Uma madeixa de seus cabelos louro-acinzentados caía-lhe por sobre um olho.

Mollander irritou-se ao vê-lo.

– Que se dane você. Vá embora. Não é bem-vindo aqui – Alleras pousou-lhe uma mão no braço, para acalmá-lo, enquanto Armen franzia as sobrancelhas.

– Leo. Senhor. Julgava que ainda estaria confinado à Cidadela por...

– ... mais três dias – Leo Preguiçoso encolheu os ombros. – Perestan diz que o mundo tem quarenta mil anos. Mollos, que tem quinhentos mil. Que são três dias, eu lhe pergunto? – embora houvesse uma dúzia de mesas vazias na varanda, Leo sentou-se na deles. – Pague-me uma taça de dourado da Árvore, Salto de Rã, e eu talvez não informe meu pai sobre seu brinde. As pedras viraram-se contra mim na Sorte Xadrez, e desperdicei meu último veado no jantar. Leitão com molho de ameixas, recheado com castanhas e trufas brancas. Um homem precisa comer. O que vocês comeram, rapazes?

– Carneiro – Mollander resmungou. Não soava nada satisfeito com aquilo. – Dividimos um quarto de carneiro cozido.

– Estou certo de que ficaram satisfeitos – Leo virou-se para Alleras. – O filho de um senhor devia ser generoso, Esfinge. Soube que ganhou seu elo de cobre. Bebo a isto.

Alleras deu um sorriso.

– Eu só pago aos amigos. E não sou nenhum filho de senhor, já lhe disse. Minha mãe era uma mercadora.

Os olhos de Leo eram cor de avelã, e brilhavam de vinho e malícia.

– Sua mãe era uma macaca das Ilhas do Verão. Os dorneses fodem qualquer coisa que tenha um buraco entre as pernas. Sem ofensa. Pode ser castanho como uma noz, mas pelo menos toma banho. Ao contrário de nosso criador de porcos malhados – indicou Pate com um aceno de mão.

*Se batesse na boca dele com a caneca, podia partir metade de seus dentes*, Pate pensou. Pate Malhado, o criador de porcos, era o herói de

mil histórias libertinas: um rústico de bom coração e cabeça vazia que sempre conseguia vencer os fidalgos gordos, os altivos cavaleiros e os septões pomposos que lhe criavam dificuldades. De algum modo, sua estupidez revelava ser uma espécie de astúcia rude; as histórias terminavam sempre com Pate Malhado sentado no cadeirão de um lorde ou dormindo com a filha de um cavaleiro. Mas eram só histórias. No mundo real, os criadores de porcos nunca se davam tão bem. Às vezes, Pate achava que a mãe devia odiá-lo para lhe ter dado o nome que dera.

Alleras já não sorria mais.

– Vá pedir desculpa.

– Ah, vou? – Leo retrucou. – Como poderia, com minha garganta tão seca...

– Envergonha sua Casa com cada palavra que pronuncia – disse-lhe Alleras. – Envergonha a Cidadela por ser um de nós.

– Eu sei. Por isso pague-me um pouco de vinho, para que eu possa afogar minha vergonha.

Mollander falou:

– Eu gostaria de arrancar sua língua pela raiz.

– Sério? E como é que eu lhe contaria sobre os dragões? – Leo voltou a encolher os ombros. – O mestiço tem razão. A filha do Rei Louco está viva e conseguiu fazer nascer três dragões.

– Três? – Roone exclamou, espantado.

Leo deu-lhe palmadinhas na mão.

– Mais do que dois e menos do que quatro. Se eu fosse você não tentaria ganhar o elo dourado por enquanto.

– Deixe-o em paz – Mollander o avisou.

– Que Salto de Rã tão cavalheiresco. Como quiser. Todos os homens de todos os navios que velejaram a menos de cem léguas de Qarth estão falando sobre esses dragões. Alguns até lhes dirão que os viram. O Mago está inclinado a crer neles.

Armen comprimiu os lábios em desaprovação:

– Marwyn é insano. Arquimeistre Perestan seria o primeiro a lhe dizer isto.

– Arquimeistre Ryam diz o mesmo – Roone rebateu.

Leo bocejou:

– O mar é molhado, o sol é quente e os animais enjaulados odeiam o cão de guarda.

*Ele tem um nome zombeteiro para todo mundo*, Pate pensou, mas não podia negar que Marwyn se parecia mais com um cão de guarda do que com um meistre. *É como se quisesse nos morder*. O Mago não era como os outros meistres. Diziam que se fazia acompanhar de prostitutas e de feiticeiros andantes, que falava com ibbeneses peludos e ilhéus do Verão negros como breu na própria língua desses povos, e fazia sacrifícios a deuses estranhos nos pequenos templos dos marinheiros que se erguiam junto aos cais. Os homens falavam que o tinham visto na parte erma da cidade, em arenas de ratazanas e bordéis negros, na companhia de saltimbancos, cantores, mercenários e até pedintes. Alguns chegavam mesmo a sussurrar que certa vez ele matara um homem com os punhos.

Quando Marwyn regressou a Vilavelha, depois de passar oito anos no leste mapeando terras distantes, em busca de livros perdidos e aprendendo com feiticeiros e umbromantes, Vinagre Vaellyn apelidara-o de "Marwyn, o Mago". O nome espalhara-se rapidamente por toda Vilavelha, para grande aborrecimento de Vaellyn.

"Deixe os feitiços e as preces para os sacerdotes e os septões, e direcione a inteligência para a aprendizagem de verdades em que um homem possa confiar", aconselhara Arquimeistre Ryam certa vez a Pate, mas o anel, o bastão e a máscara de Ryam eram de ouro amarelo, e sua corrente de meistre não incluía um elo de aço valiriano.

Armen olhou ao longo do nariz para Leo Preguiçoso. Tinha o nariz perfeito para isto, comprido, estreito e pontiagudo.

– Arquimeistre Marwyn acredita em muitas coisas curiosas – disse –, mas não tem mais provas dos dragões do que Mollander. Só tem mais histórias de marinheiro.

– Está enganado – Leo respondeu. – Há uma vela de vidro ardendo nos aposentos do Mago.

Um silêncio caiu sobre a varanda iluminada por archotes. Armen suspirou e balançou a cabeça. Mollander pôs-se a rir. Esfinge estudou Leo com seus grandes olhos negros. Roone pareceu não compreender.

Pate sabia das velas de vidro, embora nunca tivesse visto uma ardendo. Eram o segredo mais mal guardado da Cidadela. Dizia-se que tinham sido trazidas de Valíria para Vilavelha mil anos antes da Perdição. Ouvira

dizer que havia quatro; uma verde e três negras, e todas altas e retorcidas.

– O que são essas velas de vidro? – Roone quis saber.

Armen, o Acólito, pigarreou:

– Antes de um acólito proferir seus votos, deve passar a noite anterior de vigília na cripta. Não lhe é permitido archote, lâmpada, lanterna ou círio... só uma vela de obsidiana. Tem de passar a noite na escuridão, a menos que seja capaz de acendê-la. Alguns tentam. Os tolos e os teimosos, aqueles que estudaram os ditos mistérios superiores. É frequente cortarem os dedos, pois dizem que as arestas da vela são afiadas como navalhas. Então, com mãos ensanguentadas, têm de esperar a alvorada pensando sobre seu fracasso. Homens mais sensatos vão simplesmente dormir, ou passam a noite em oração, mas todos os anos há sempre alguns que precisam tentar.

– Sim – Pate ouvira as mesmas histórias. – Mas de que *serve* uma vela que não ilumina?

– É uma lição – Armen explicou –, a última lição que temos de aprender antes de colocar nossa corrente de meistre. A vela de vidro representa a verdade e a aprendizagem, coisas raras, belas e frágeis. Tem a forma de uma vela para nos lembrar que um meistre deve iluminar o lugar em que presta serviço, e é afiada para nos lembrar que o conhecimento pode ser perigoso. Os sábios podem se tornar arrogantes com sua sabedoria, mas um meistre deve permanecer sempre humilde. A vela de vidro também nos lembra disso. Mesmo depois de ter proferido os votos, colocado a corrente e partido para servir, um meistre recordará a escuridão de sua vigília e se lembrará de que nada do que tentou conseguiu fazer que a vela acendesse... pois, mesmo com o conhecimento, algumas coisas não são possíveis.

Leo Preguiçoso desatou a rir:

– Não são possíveis para você, quer dizer. Vi a vela ardendo com meus próprios olhos.

– Você viu *uma* vela ardendo, não duvido – Armen rebateu. – Uma vela de cera negra, talvez.

– Sei o que vi. A luz era estranha e brilhante, muito mais brilhante do que a de qualquer vela de cera de abelha ou de sebo. Criava sombras

estranhas e a chama nunca oscilava, nem mesmo quando uma brisa soprou pela porta aberta atrás de mim.

Armen cruzou os braços:

– A obsidiana não arde.

– *Vidro de dragão* – Pate completou. – O povo a chama de vidro de dragão – não sabia por que, mas aquilo lhe parecia importante.

– Pois que chame – meditou Alleras, o Esfinge –, e se houver de novo dragões no mundo...

– Dragões e coisas mais sombrias – Leo completou. – As ovelhas cinzentas fecharam os olhos, mas o cão de guarda vê a verdade. Velhos poderes acordam. Sombras se agitam. Uma era de maravilha e terror cairá em breve sobre nós, uma era para deuses e heróis – espreguiçou-se, exibindo seu sorriso indolente. – Isto vale uma rodada, creio eu.

– Já bebemos o suficiente – Armen os alertou. – A manhã chegará mais depressa do que gostaríamos, e o Arquimeistre Ebrose falará sobre as propriedades da urina. Aqueles que pretendem forjar um elo de prata fariam bem em comparecer à palestra.

– Longe de mim afastar vocês da prova de mijo – Leo caçoou. – Cá pra nós, prefiro o sabor do dourado da Árvore.

– Se a escolha for entre você e o mijo, eu bebo o mijo – Mollander afastou-se da mesa. – Venha, Roone.

Esfinge estendeu a mão para o estojo do arco.

– Para mim também é cama. Imagino que sonharei com dragões e velas de vidro.

– Todos? – Leo encolheu os ombros. – Bem, a Rosey fica. Talvez acorde nossa pequena doçura e faça dela uma mulher.

Alleras viu a expressão no rosto de Pate.

– Se ele não tem um cobre para uma taça de vinho, não pode ter um dragão para a garota.

– Sim – Mollander concordou. – Além disso, é preciso ser homem para fazer de uma garota uma mulher. Venha, Pate. O Velho Walgrave acordará quando o sol nascer. Ele vai precisar da sua ajuda para ir à latrina.

*Se hoje se lembrar de quem sou*. O Arquimeistre Walgrave não tinha dificuldade em distinguir os corvos uns dos outros, mas não era tão bom

com as pessoas. Havia dias em que parecia pensar que Pate era alguém chamado Cressen.

– Ainda não – disse aos amigos. – Vou ficar por algum tempo – a alvorada ainda não rompera, não propriamente. O alquimista ainda podia aparecer, e Pate pretendia estar ali se viesse.

– Como quiser – Armen assentiu. Alleras lançou um olhar demorado a Pate, depois pendurou o arco num ombro magro e seguiu os outros na direção da ponte. Mollander estava tão bêbado que tinha de caminhar apoiado no ombro de Roone para não cair. A Cidadela não ficava a grande distância em voo de corvo, mas nenhum deles era um corvo, e Vilavelha era um verdadeiro labirinto, cheia de ruelas, vielas entrecruzadas e ruas estreitas e tortuosas.

– Cuidado – ouviu Armen dizer quando as névoas do rio engoliram os quatro –, a noite está úmida e as pedras estarão escorregadias.

Quando desapareceram, Leo Preguiçoso observou amargamente Pate por cima da mesa.

– Que tristeza. Esfinge escapuliu-se com toda sua prata, abandonando-me ao Pate Malhado, o criador de porcos – espreguiçou-se, bocejando. – Diga lá, como anda nossa adorável Roseyzinha?

– Está dormindo – Pate respondeu secamente.

– Nua, com certeza – Leo abriu um sorriso. – Acha que ela vale mesmo um dragão? Suponho que um dia terei de verificar.

Pate sabia que não era boa ideia responder àquilo.

Leo não precisava de resposta.

– Suponho que uma vez que eu rasgue a garota, seu preço caia de forma que até criadores de porcos consigam pagá-la. Devia me agradecer.

*Devia matar você*, pensou Pate, mas estava longe de se encontrar suficientemente bêbado para jogar a vida fora. Leo recebera treinamento em armas e tinha fama de ser mortífero com a espada de sicário e o punhal. E se Pate, de algum modo, conseguisse matá-lo, isto lhe custaria também a cabeça. Leo tinha dois nomes, enquanto Pate não possuía mais do que um, e o segundo era Tyrell. Sor Moryn Tyrell, comandante da Patrulha da Cidade de Vilavelha, era pai de Leo. Mace Tyrell, Senhor de Jardim de Cima e Protetor do Sul, era seu primo. E o Velho de Vilavelha, Lorde Leyton da Torralta, que incluía “Protetor da Cidadela” entre seus

muitos títulos, era vassalo juramentado à Casa Tyrell. *Deixe estar*, disse Pate a si mesmo. *Ele diz essas coisas só para me ferir*.

As névoas estavam se iluminando a leste. *A alvorada*, Pate compreendeu. *A alvorada chegou, e o alquimista não*. Não sabia se deveria rir ou chorar. *Ainda serei um ladrão se devolver tudo e ninguém souber de nada?* Era outra pergunta para a qual não tinha resposta, como aquelas que Ebrose e Vaellyn lhe tinham feito outrora.

Quando se afastou do banco e se levantou, a cidra terrivelmente forte subiu-lhe à cabeça toda de uma vez. Teve de se apoiar na mesa para se equilibrar.

– Deixe Rosey em paz – disse, ao modo de despedida. – Deixe-a em paz, senão pode ser que eu o mate.

Leo Tyrell afastou os cabelos do olho num movimento rápido:

– Não travo duelos com criadores de porcos. Vá embora.

Pate virou-se e atravessou a varanda. Seus calcanhares ressoaram nas desgastadas tábuas da velha ponte. Quando chegou ao outro lado, o céu oriental tornava-se rosado. *O mundo é grande*, disse a si mesmo. *Se comprasse o tal burro, ainda poderia vaguear pelas estradas e atalhos dos Sete Reinos, sangrando o povo e catando-lhe lêndeas dos cabelos. Podia oferecer-me num navio qualquer, puxar um remo e velejar para Qarth, a dos Portões de Jade, para ver esses malditos dragões com meus próprios olhos. Não preciso voltar para o velho Walgrave e os corvos.*

Mas sem saber como, os pés levaram-no na direção da Cidadela.

Quando o primeiro raio de sol perfurou as nuvens a leste, os sinos matinais começaram a repicar no Septo do Marinheiro junto ao porto. O Septo do Senhor juntou-se ao primeiro um momento mais tarde, seguido pelos Sete Santuários em seus jardins do outro lado do Vinhomel e, por fim, o Septo Estrelado, que fora a sede do Alto Septão durante os mil anos que antecederam o desembarque de Aegon em Porto Real. Compunham uma música poderosa. *Embora não tão doce quanto a de um pequeno rouxinol.*

Também ouvia cantos sob o repique dos sinos. Todas as manhãs, à primeira luz da aurora, os sacerdotes vermelhos reuniam-se para dar as boas-vindas ao sol no exterior de seu modesto templo erguido junto aos cais. *Pois a noite é escura e cheia de terrores*. Pate ouvira-os gritar aquelas palavras uma centena de vezes, pedindo ao seu deus R'hllor para

protegê-los da escuridão. Os Sete eram deuses suficientes para ele, mas ouvira dizer que Stannis Baratheon orava agora às fogueiras noturnas. Até pusera o coração flamejante de R'hllor em seus estandartes, em vez do veado coroado. *Se ele conquistar o Trono de Ferro, vamos todos ter de aprender a letra da canção dos sacerdotes vermelhos*, Pate pensou, mas isto não era provável. Tyrion Lannister esmagara Stannis e R'hllor na Água Negra, e em breve acabaria com eles e espetaria a cabeça do pretendente Baratheon num espigão por cima dos portões de Porto Real.

À medida que as névoas da noite se dissipavam, Vilavelha ia tomando forma à sua volta, emergindo fantasmagoricamente das sombras que antecediam a alvorada. Pate nunca vira Porto Real, mas sabia que era uma cidade de taipa, uma extensão de ruas lamacentas, telhados de colmo e telheiros de madeira. Vilavelha era construída em pedra, e todas as suas ruas eram calçadas com pedras, até a mais erma das vielas. A cidade nunca era tão bela como ao romper da aurora. A oeste do Vinhomel, as sedes das guildas ladeavam a margem como uma fileira de palácios. A montante, as cúpulas e torres da Cidadela erguiam-se de ambos os lados do rio, ligadas por pontes de pedra repletas de casas e edifícios públicos. A jusante, sob as muralhas de mármore negro e janelas arqueadas do Septo Estrelado, as mansões dos piedosos aglomeravam-se como crianças reunidas em torno dos pés de uma velha viúva rica.

Mais adiante, onde o Vinhomel se alargava e mergulhava na Enseada dos Murmúrios, erguia-se a Torralta, com suas fogueiras de aviso brilhantes contra o fundo da aurora. Do local onde se erguia no topo das escarpas da Ilha da Batalha, sua sombra cortava a cidade como uma espada. Os nascidos e criados em Vilavelha sabiam dizer as horas pelo ponto onde a sombra caía. Alguns falavam que do topo da torre se conseguia ver tudo, até a Muralha. Talvez fosse por isso que Lorde Leyton não descia havia mais de uma década, preferindo governar sua cidade a partir das nuvens.

A carroça de um açougueiro passou por Pate trovejando ao longo da estrada do rio, levando cinco leitões que guinchavam aflitos. Afastando-se de seu caminho, evitou por pouco ser salpicado quando uma mulher esvaziou um balde de dejetos noturnos de uma janela por cima dele. *Quando for um meistre num castelo, terei um cavalo para montar*,

pensou. Então, tropeçou numa pedra e perguntou a si mesmo quem estava tentando enganar. Para ele não haveria corrente, lugar de honra à mesa de um senhor ou um alto cavalo branco para montar. Seus dias seriam passados ouvindo o *cuorc* dos corvos e lavando manchas de merda da roupa íntima do Arquimeistre Walgrave.

Estava apoiado num joelho, tentando limpar a lama de sua veste, quando uma voz soou:

– Bom dia, Pate.

O alquimista estava em pé ao seu lado.

Pate se levantou:

– O terceiro dia... disse que estaria no Pena e Caneca.

– Você estava com amigos. Não desejei me intrometer em sua camaradagem – o alquimista trajava um manto de viajante com capuz marrom e ordinário. O sol nascente espreitava por sobre os telhados atrás do seu ombro, tornando difícil distinguir o rosto dentro do capuz. – Já decidiu o que é?

*Será que ele precisa me obrigar a dizer?*

– Suponho que sou um ladrão.

– Achei que talvez fosse.

A parte mais difícil tinha sido agachar-se para puxar o cofre que estava sob a cama do Arquimeistre Walgrave. Embora o cofre fosse robusto e reforçado com ferro, sua fechadura estava quebrada. Meistre Gormon suspeitava que Pate a danificara, mas não era verdade. Fora o próprio Walgrave quem quebrara a fechadura, depois de perder a chave que a abria.

Lá dentro, Pate encontrara um saco de veados de prata, uma madeixa de cabelos louros atada com uma fita, uma miniatura pintada de uma mulher que se assemelhava a Walgrave (até no bigode) e uma manopla de cavaleiro feita de aço articulado, que pertencera a um príncipe, segundo Walgrave afirmava, embora já não parecesse ser capaz de se lembrar de qual deles. Quando Pate a sacudira, a chave caíra no chão.

*Se eu a pegar, serei um ladrão*, lembrava-se de ter pensado. A chave era velha e pesada, feita de ferro negro; supostamente abria todas as portas da Cidadela. Só os arquimeistres possuíam chaves como aquela. Os outros transportavam as suas consigo ou as escondiam em algum local seguro, mas se Walgrave tivesse escondido a sua, nunca mais

ninguém a veria. Pate pegou a chave e percorreu metade do caminho até a porta antes de voltar e pegar também a prata. Um ladrão era um ladrão, quer roube muito ou pouco. "*Pate*", chamara um dos corvos brancos, "*Pate, Pate, Pate*."

– Tem o meu dragão? – perguntou ao alquimista.

– Se você tiver o que quero.

– Dê-me aqui. Quero ver – Pate não tencionava permitir que o enganassem.

– A estrada do rio não é lugar para isto. Venha.

Não teve tempo de pensar, de pesar suas alternativas. O alquimista se afastava. Pate tinha de segui-lo ou perderia tanto Rosey quanto o dragão, e para sempre. E foi o que fez. Enquanto caminhavam, enfiou a mão na manga. Conseguia sentir a chave, em segurança, dentro do bolso escondido que cosera ali. As vestes de meistre tinham bolsos por todo lado. Pate sabia disso desde rapaz.

Tinha de se apressar para conseguir acompanhar os passos mais longos do alquimista. Desceram por uma viela, viraram uma esquina, atravessaram o antigo Mercado dos Ladrões, percorreram a Ruela do Trapeiro. Por fim, o homem entrou em outra viela, mais estreita do que a primeira.

– Já chega – Pate disse. – Não há ninguém à nossa volta. Faremos a troca aqui.

– Como quiser.

– Quero o meu dragão.

– Com certeza – a moeda surgiu. O alquimista a fez caminhar por sobre os nós dos dedos, da mesma maneira que fizera quando Rosey os apresentara. À luz da manhã o dragão cintilava enquanto se movia, e dava aos dedos do alquimista um brilho dourado.

Pate tirou a moeda da mão do outro. O ouro parecia-lhe morno contra a pele da mão. Levou-o à boca e o trincou, como vira os homens fazer. Para falar a verdade, não tinha certeza de qual deveria ser o sabor do ouro, mas não queria parecer um tolo.

– A chave? – o alquimista perguntou educadamente.

Algo levou Pate a hesitar.

– É algum livro que deseja? – dizia-se que alguns dos velhos pergaminhos valirianos trancados nas galerias subterrâneas eram as

únicas cópias que restavam no mundo.

– O que eu quero não é da sua conta.

– Não – *está feito*, disse Pate a si mesmo. *Vá. Corra de volta ao Pena e Caneca, acorde Rosey com um beijo e diga-lhe que te pertence*. Mas, ainda assim se deixou-se ficar. – Mostre-me seu rosto.

– Como quiser – o alquimista tirou o capuz.

Era apenas um homem, e seu rosto era apenas isto. Um rosto de jovem, comum, com faces cheias e a sombra de uma barba. Uma tênue cicatriz entrevia-se na bochecha direita. Tinha um nariz adunco e uma densa cabeleira preta que se encaracolava, bem apertada, em volta das orelhas. Não era um rosto que Pate reconhecesse.

– Não o conheço.

– Nem eu a ti.

– Quem é você?

– Um estranho. Ninguém. De verdade.

– Oh – Pate ficara sem palavras. Pegou a chave e a pousou na mão do estranho, experimentando a cabeça leve, sentindo-se quase com vertigens. *Rosey*, recordou a si mesmo. – Então é tudo.

Já tinha percorrido metade da viela quando o chão de pedras começou a se mover sob seus pés. *As pedras estão escorregadias e úmidas*, pensou, mas não era isso. Sentia o coração martelando no peito.

– O que está acontecendo? – perguntou. Suas pernas tinham se transformado em água. – Não compreendo.

– E nunca compreenderás – respondeu uma voz num tom triste.

O chão de pedras saltou para beijar o rapaz. Pate tentou gritar por ajuda, mas a voz também falhou.

Seu último pensamento foi para Rosey.

## O PROFETA

O profeta estava afogando homens em Grande Wyk quando vieram lhe dizer que o rei estava morto.

Era uma manhã fria e de ventania, e o mar mostrava o mesmo tom plúmbeo do céu. Os primeiros três homens tinham oferecido sem temor suas vidas ao Deus Afogado, mas o quarto era fraco na fé e começou a se debater quando os pulmões gritaram por ar. Mergulhado até a cintura na rebentação, Aeron segurou o rapaz nu pelos ombros e empurrou-lhe a cabeça para baixo quando ele tentou inspirar um pouco de ar.

– Tenha coragem – ordenou. – Viemos do mar e ao mar temos de regressar. Abra a boca e beba profundamente a bênção de deus. Encha os pulmões de água, para que possa morrer e renascer. De nada adianta resistir.

Ou o rapaz não conseguia ouvir com a cabeça submersa nas ondas, ou a fé o tinha abandonado por completo. Desatou a espernear e a se sacudir com tamanha violência, que Aeron teve de pedir ajuda. Quatro de seus afogados entraram na água para segurar o desgraçado e mantê-lo submerso.

– Senhor Deus que se afogou por nós – orou o sacerdote, numa voz profunda como o mar –, permita que Emmond, seu servo, renasça do mar, assim como você. Abençoe-o com sal, abençoe-o com pedra, abençoe-o com aço.

Por fim, terminou. Não havia mais bolhas de ar saindo da boca do rapaz, e toda a força sumira de seus membros. Emmond flutuava de cabeça para baixo no mar pouco profundo, branco, frio e em paz.

Foi então que Cabelo-Molhado percebeu que três cavaleiros tinham se juntado aos seus afogados na costa pedregosa. Aeron conhecia Sparr, um velho com rosto de machadinha e olhos lacrimejantes, cuja voz trêmula era lei naquela parte de Grande Wyk. Seu filho Steffarion acompanhava-o, com outro jovem, cujo manto vermelho-escuro e forrado de peles

estava preso ao ombro com um ornamentado broche que mostrava o berrante de guerra negro e dourado dos Goodbrother. *Um dos filhos de Gorold*, decidiu o sacerdote num relance. A esposa de Goodbrother dera tardiamente à luz três filhos altos, após uma dúzia de filhas, e dizia-se que não havia homem capaz de distinguir um filho dos demais. Aeron Cabelo-Molhado não se dignou a tentar. Fosse aquele Greydon, Gormond ou Gran, o sacerdote não tinha tempo para ele.

Rosnou uma ordem brusca, e seus afogados pegaram o rapaz morto pelos braços e pernas para levá-lo até acima da linha da maré. O sacerdote os seguiu, vestido apenas com uma tanga de pele de foca que lhe cobria as partes íntimas. Encharcado e com os pelos arrepiados, voltou para a terra, atravessando a areia molhada e fria e os seixos polidos pelo mar. Um de seus afogados entregou-lhe uma veste de pesado tecido grosseiro, tingido com tons variados de verde, azul e cinza, as cores do mar e do Deus Afogado. Aeron envergou a veste e soltou os cabelos. Negros e molhados; nenhuma lâmina lhes tocara desde que o mar o erguera. Envolviam-lhe os ombros como um manto esfarrapado e filamentoso, e caíam-lhe até abaixo da cintura. Aeron entrançava neles cordões de algas, e fazia o mesmo na barba emaranhada e por cortar.

Seus afogados formavam um círculo em volta do rapaz morto, orando. Norjen trabalhava com seus braços, enquanto Rus estava sentado sobre o rapaz, comprimindo-lhe ritmicamente o peito, mas todos se afastaram para deixar Aeron passar. Ele abriu os lábios frios do rapaz e deu a Emmond o beijo da vida, e voltou a dá-lo, e de novo, até que o mar jorrou de sua boca. O rapaz pôs-se a tossir e a cuspir, e seus olhos se abriram, cheios de medo.

*Outro que regressou*. Era um sinal do favor do Deus Afogado, diziam os homens. Todos os outros sacerdotes perdiam alguém de vez em quando, até Tarle, o Triplamente-Afogado, que um dia fora considerado tão santo que acabara escolhido para coroar um rei. Mas Aeron Greyjoy, nunca. Ele era o Cabelo-Molhado, aquele que vira os salões aquáticos do próprio deus e regressara para falar deles.

– Erga-se – disse ao rapaz ofegante enquanto lhe dava uma palmada nas costas nuas. – Afogou-se e nos foi devolvido. O que está morto não pode morrer.

– Mas volta – o rapaz tossiu violentamente, cuspindo mais água. – Volta a se erguer – cada palavra era arrancada com dor, mas o mundo era assim; um homem tinha de lutar para viver. – Volta a se erguer – Emmond pôs-se instavelmente em pé. – Mais duro. E mais forte.

– Agora pertence ao deus – disse-lhe Aeron. Os outros afogados reuniram-se em volta do rapaz e todos lhe deram um soco e um beijo de boas-vindas à irmandade. Um deles o ajudou a colocar uma veste de tecido grosseiro tingido com tons variados de verde, azul e cinza. Outro presenteou-o com uma maça feita de madeira trazida pelo mar. – Agora pertence ao mar, e por isso o mar o armou – disse Aeron. – Oramos para que manejes sua maça com ferocidade contra todos os inimigos de nosso deus.

Só então o sacerdote se virou para os três cavaleiros que observavam de cima das selas.

– Vieram para ser afogados, senhores?

Sparr tossiu.

– Fui afogado quando jovem – disse –, e meu filho no dia de seu nome.

Aeron soltou uma fungadela. Que Steffarion Sparr fora entregue ao Deus Afogado pouco depois de nascer não duvidava. Também conhecia o modo como isto acontecera, um rápido mergulho numa tina de água do mar que quase não molhara a cabeça do bebê. Pouco admirava que os homens de ferro tivessem sido conquistados, eles, que outrora dominavam todos os locais onde se conseguia ouvir o som das ondas.

– Aquilo não foi um verdadeiro afogamento – disse aos cavaleiros. – Aquele que não morre de verdade não pode esperar se erguer da morte. Por que vieram, se não foi para demonstrar sua fé?

– O filho de Lorde Gorold veio procurá-lo, com notícias – Sparr indicou o jovem de manto vermelho.

O rapaz parecia não ter mais de dezesseis anos.

– Sim, e você é qual deles? – Aeron quis saber.

– Gormond. Gormond Goodbrother, se lhe aprouver.

– É ao Deus Afogado que devemos aprazer. Você foi afogado, Gormond Goodbrother?

– No dia do meu nome, Cabelo-Molhado. Meu pai mandou que o procurasse e o levasse até ele. Precisa vê-lo.

– Aqui estou eu. Que Lorde Gorold venha e banqueteie os olhos – Aeron pegou um odre de couro que Rus lhe entregara depois de enchê-lo com água do mar. O sacerdote tirou a rolha e bebeu um gole.

– Devo levá-lo até a fortaleza – insistiu o jovem Gormond de cima de seu cavalo.

*Ele tem medo de desmontar, um cuidado para não molhar as botas.*

– Tenho trabalho do deus a fazer – Aeron Greyjoy era um profeta. Não admitia que pequenos senhores lhe ordenassem o que fazer como se fosse um servo.

– Gorold recebeu uma ave – disse Sparr.

– Uma ave de meistre, vinda de Pyke – confirmou Gormond.

*Asas escuras, palavras escuras.*

– Os corvos voam sobre sal e pedra. Se há notícias que me dizem respeito, pode falar.

– As notícias que trazemos são apenas para seus ouvidos, Cabelo-Molhado – Sparr retrucou. – Não são assuntos de que eu queira falar aqui, diante dos outros.

– *Esses outros* são meus afogados, servos do deus, assim como eu. Não tenho segredos para eles, nem para o nosso deus, junto a cujo mar me encontro.

Os cavaleiros trocaram um olhar.

– Diga a ele – Sparr encorajou o jovem do manto vermelho, que então reuniu coragem.

– O rei está morto – disse, com toda a simplicidade. Quatro pequenas palavras, e no entanto o próprio mar tremeu quando as pronunciou.

Havia quatro reis em Westeros, mas Aeron não precisou perguntar sobre qual deles se falava. Balon Greyjoy, e nenhum outro, governava as Ilhas de Ferro. *O rei está morto. Como pode ser?* Aeron vira o irmão mais velho ainda não havia uma volta de lua, quando regressara às Ilhas de Ferro depois de assolar a Costa Pedregosa. Os cabelos grisalhos de Balon tinham se tornado quase brancos enquanto o sacerdote andara distante, e a inclinação de seus ombros pronunciara-se mais desde quando os dracares tinham partido. Mas, apesar disso, o rei não parecera enfermo.

Aeron Greyjoy construíra sua vida sobre dois poderosos pilares. Aquelas quatro pequenas palavras tinham derrubado um deles. *Só me*

*resta o Deus Afogado. Que me torne tão forte e incansável quanto o mar.*

– Conte-me como meu irmão morreu.

– Sua Graça atravessava uma ponte em Pyke quando caiu e foi atirado contra as rochas.

O castelo Greyjoy erguia-se sobre um promontório irregular, e suas torres e fortalezas tinham sido construídas no topo de maciças colunas de pedra que se projetavam do mar. Pontes uniam Pyke; pontes em arco de pedra esculpida e pontes suspensas de corda de cânhamo e tábuas de madeira.

– A tempestade soprava quando ele caiu? – perguntou-lhes Aeron.

– Sim – o jovem respondeu –, soprava.

– O Deus da Tempestade o derrubou – anunciou o sacerdote. Havia um milhar de milhares de anos que o mar e o céu estavam em guerra. Do mar tinham vindo os homens de ferro, e os peixes que os sustentavam mesmo no auge do inverno, mas as tempestades traziam apenas angústia e desgosto. – Meu irmão Balon tornou-nos grandes novamente, e isto atraiu a ira do Deus da Tempestade. Agora banqueteia-se nos salões aquáticos do Deus Afogado, com sereias obedecendo ao seu mínimo desejo. Caberá a nós, que ficamos para trás neste vale seco e sombrio, terminar sua grande obra – voltou a tampar o odre. – Falarei com o senhor seu pai. A que distância estamos de Cornartelo?

– Seis léguas. Pode cavalgar comigo.

– Um cavalga mais depressa do que dois. Dê-me seu cavalo, e o Deus Afogado o abençoará.

– Leve meu cavalo, Cabelo-Molhado – Steffarion Sparr ofereceu.

– Não. A montaria dele é mais forte. O seu cavalo, rapaz.

O jovem hesitou por meio segundo, após o que desmontou e entregou as rédeas a Cabelo-Molhado. Aeron enfiou um pé descalço e negro num estribo e subiu para a sela. Não gostava de cavalos, eram criaturas das terras verdes e ajudavam a tornar os homens fracos, mas a necessidade obrigava a cavalgada. *Asas escuras, palavras escuras*. Uma tempestade estava se formando, ouvia-o nas ondas, e as tempestades nada traziam que não fosse maligno.

– Encontrem-me em Seixeira, sob a torre de Lorde Merlyn – disse aos seus afogados, enquanto virava a cabeça do cavalo.

O caminho era duro, por montes, florestas e desfiladeiros pedregosos, ao longo de uma trilha estreita que com frequência parecia desaparecer sob os cascos dos cavalos. Grande Wyk era a maior das Ilhas de Ferro, tão vasta que alguns de seus senhores tinham propriedades que não faziam fronteira com o mar sagrado. Gorold Goodbrother era um deles. Sua fortaleza ficava nos Montes Pedradura, o mais longe dos domínios do Deus Afogado que se podia estar nas ilhas. Seu povo trabalhava nas minas de Gorold, na escuridão rochosa subterrânea. Alguns viviam e morriam sem pôr os olhos em água salgada. *Pouco admira que uma tal gente seja complicada e estranha.*

Enquanto Aeron cavalgava, seus pensamentos se voltaram para os irmãos.

Nove filhos tinham nascido das virilhas de Quellon Greyjoy, o Senhor das Ilhas de Ferro. Harlon, Quenton e Donel tinham nascido da primeira esposa de Lorde Quellon, uma mulher de Pedrarbor. Balon, Euron, Victarion, Urrigon e Aeron eram os filhos da segunda, uma Sunderly de Salésia. Para terceira esposa, Quellon escolhera uma rapariga das terras verdes, que lhe deu um rapaz enfermiço e idiota chamado Robin, o irmão que era melhor esquecer. O sacerdote não tinha memória de Quenton ou Donel, falecidos ainda crianças. Recordava-se de Harlon apenas vagamente, sentado de rosto cinzento e imóvel numa sala de torre sem janelas, e falando em sussurros que se iam tornando mais tênues a cada dia que passava, à medida que a escamagris transformava sua língua e seus lábios em pedra. *Um dia banquetearemos juntos com peixe nos salões aquáticos do Deus Afogado, nós quatro, e Urri também*.

Nove filhos tinham nascido das virilhas de Quellon Greyjoy, mas só quatro tinham sobrevivido até a idade adulta. Era assim este mundo frio, onde os homens pescavam no mar, escavavam o solo e morriam, enquanto as mulheres davam à luz crianças de vida breve em camas de sangue e dor. Aeron fora a última e a menor das quatro lulas gigantes, e Balon o mais velho e o mais ousado, um rapaz feroz e destemido que vivia apenas para devolver aos homens de ferro sua antiga glória. Aos dez anos, escalara os Penhascos de Pederneira até a torre assombrada do Senhor Cego. Aos treze conseguia governar os remos de um dracar e dançar a dança dos dedos tão bem quanto qualquer homem das ilhas. Aos quinze velejara com Dagmer Boca-Fendida até os Degraus e passara um

verão na pilhagem. Matara aí o primeiro homem e tomara as duas primeiras esposas de sal. Aos dezessete Balon capitaneava seu primeiro navio. Era tudo aquilo que um irmão mais velho devia ser, embora nunca tivesse mostrado a Aeron nada exceto desprezo. *Eu era fraco e cheio de pecado, e desprezo era mais do que merecia. Era melhor ser desprezado por Balon, o Bravo, do que ser amado por Euron Olho de Corvo*. E se a idade e o desgosto tinham tornado Balon amargo com os anos, tinham-no também deixado mais determinado do que qualquer outro homem vivo. *Ele nasceu como filho de um lorde e morreu como um rei, assassinado por um deus ciumento*, Aeron pensou, *e agora a tempestade está prestes a chegar, uma tempestade como estas ilhas nunca conheceram*.

Há muito já escurecera quando o sacerdote vislumbrou as pontiagudas ameias de ferro de Cornartelo, que tentavam agarrar o crescente da lua. A fortaleza de Gorold tinha um aspecto desajeitado e pesado, e fora construída com grandes pedras cortadas do monte que se erguia por trás dela. Sob as muralhas, as entradas de grutas e antigas minas abriam-se como bocas negras e desdentadas. Os portões de ferro de Cornartelo tinham sido fechados e trancados para a noite. Aeron bateu neles com uma pedra até que o clangor acordou um guarda.

O jovem que o deixou entrar era a imagem de Gormond, cujo cavalo tomara.

– Qual deles é você? – Aeron quis saber.

– Gran. Meu pai o espera lá dentro.

O salão era escuro e amplo, cheio de sombras. Uma das filhas de Gorold ofereceu ao sacerdote um corno de cerveja. Outra avivou um fogo sombrio que gerava mais fumaça do que calor. O próprio Gorold Goodbrother conversava em voz baixa com um homem magro que trajava uma veste de bom tecido cinzento e trazia em volta do pescoço uma corrente de muitos metais que o identificava como um meistre da Cidadela.

– Onde está Gormond? – perguntou Gorold quando viu Aeron.

– Regressa a pé. Mande embora as mulheres, senhor. E o meistre também – não gostava de meistres. Seus corvos eram criaturas do Deus da Tempestade, e, desde Urri, não confiava em suas curas. Nenhum homem verdadeiro escolheria uma vida de escravatura nem forjaria uma corrente de servidão para usar em volta do pescoço.

– Gysella, Gwin, deixem-nos – Goodbrother ordenou secamente. – Você também, Gran. O Meistre Murenmure ficará.

– Ele sairá.

– Este salão é meu, Cabelo-Molhado. Não cabe a você me dizer quem deve ir e quem deve ficar. O meistre fica.

*O homem vive longe demais do mar*, disse Aeron a si mesmo.

– Então vou embora – disse a Goodbrother. Esteiras secas estalaram sob seus pés descalços e negros quando se virou e se dirigiu à porta. Parecia que tinha cavalgado muito tempo para nada.

Aeron estava quase diante da porta quando o meistre pigarreou e disse:

– Euron Olho de Corvo ocupa a Cadeira de Pedra do Mar.

Cabelo-Molhado virou-se. O salão arrefecera de um momento para outro. *Olho de Corvo está a meio mundo de distância. Balon mandou-o embora há dois anos, e jurou que se regressasse isto lhe custaria a vida.*

– Conte-me – disse, com voz rouca.

– Entrou em Fidalporto no dia seguinte ao da morte do rei e reclamou o castelo e a coroa na condição de irmão mais velho de Balon – disse Gorold Goodbrother. – Agora está enviando corvos, convocando a Pyke os capitães e os reis de todas as ilhas para dobrarem o joelho e lhe prestarem homenagem como seu rei.

– Não – Aeron Cabelo-Molhado não pesou as palavras. – Só um homem devoto pode se sentar na Cadeira de Pedra do Mar. Olho de Corvo não adora nada exceto seu próprio orgulho.

– Esteve em Pyke há não muito tempo e viu o rei – disse Goodbrother. – Balon lhe disse alguma coisa a respeito da sucessão?

*Sim*. Tinham conversado na Torre do Mar, enquanto o vento uivava do lado de fora das janelas e as ondas se quebravam sem descanso lá embaixo. Balon abanara a cabeça, em desespero, quando ouvira o que Aeron tinha a lhe dizer sobre o último filho que lhe restava.

– Os lobos fizeram dele um fraco, tal como eu temia – dissera o rei. – Rezo ao deus para que o tenham matado, para que não se coloque no caminho de Asha – era esta a cegueira de Balon; revia-se na filha selvagem e obstinada, e acreditava que ela podia sucedê-lo. Nisto enganava-se, e Aeron tentara lhe dizer isso.

– Nenhuma mulher governará os homens de ferro, nem mesmo uma como Asha – insistira, mas Balon sabia ser surdo para aquilo que não

desejava ouvir.

Antes que o sacerdote tivesse tempo de responder a Gorold Goodbrother, a boca do meistre abriu-se mais uma vez.

– Pelo direito, a Cadeira de Pedra do Mar pertence a Theon, ou a Asha, se o príncipe estiver morto. A lei é esta.

– Lei da terra verde – Aeron disse com desprezo. – Que nos interessa isso? Somos homens de ferro, os filhos do mar, os escolhidos do Deus Afogado. Nenhuma mulher pode nos governar, assim como nenhum homem sem deus pode fazê-lo.

– E Victarion? – perguntou Gorold Goodbrother. – Ele tem a Frota de Ferro. Irá Victarion avançar com uma pretensão, Cabelo-Molhado?

– Euron é o irmão mais velho... – começou o meistre.

Aeron silenciou-o com um olhar. Fosse em pequenas vilas de pescadores, ou em grandes fortalezas de pedra, um olhar assim de Cabelo-Molhado fazia que donzelas perdessem a força nas pernas e punha crianças aos gritos a correr para junto das mães, e era mais do que o suficiente para dominar o servo com a corrente ao pescoço.

– Euron é mais velho – disse o sacerdote –, mas Victarion é mais devoto.

– Haverá guerra entre eles? – o meistre perguntou.

– Homens de ferro não devem derramar o sangue de homens de ferro.

– Um sentimento piedoso, Cabelo-Molhado – disse Goodbrother –, mas não é algo de que seu irmão partilhe. Mandou afogar Sawane Botley por dizer que a Cadeira de Pedra do Mar pertencia por direito a Theon.

– Se ele foi afogado, nenhum sangue foi derramado – Aeron rebateu.

O meistre e o lorde trocaram um olhar.

– Tenho de mandar uma mensagem a Pyke, e logo – disse Gorold Goodbrother. – Cabelo-Molhado, gostaria de obter seu conselho. O que será, homenagem ou desafio?

Aeron passou a mão na barba e refletiu. *Vi a tempestade, e seu nome é Euron Olho de Corvo:*

– Por ora, envie apenas silêncio – ele respondeu ao lorde. – Tenho de rezar sobre isso.

– Reze tudo o que quiser – alertou-o o meistre. – Isto não muda a lei. Theon é o legítimo herdeiro, e Asha vem depois.

– *Silêncio!* – Aeron rugiu. – Os homens de ferro passaram tempo demais ouvindo meistres com corrente no pescoço tagarelando sobre as terras verdes e suas leis. É hora de voltarmos a escutar o mar. É hora de escutarmos a voz do deus – sua própria voz ressoou no salão fumacento, tão cheia de poder que nem Gorold Goodbrother nem seu meistre se atreveram a responder. *O Deus Afogado está comigo*, pensou Aeron. *Ele me mostrou o caminho*.

Goodbrother ofereceu-lhe o conforto do castelo para a noite, mas o sacerdote declinou. Raramente dormia sob o teto de um castelo, e nunca o fazia tão longe do mar.

– Conhecerei o conforto nos salões aquáticos do Deus Afogado sob as ondas. Nascemos para sofrer, para que nosso sofrimento nos fortaleça. Não preciso mais do que um cavalo repousado para me levar até Seixeira.

E isto Goodbrother sentiu-se feliz por fornecer. Enviou também o filho Greydon, a fim de mostrar ao sacerdote o caminho mais curto até o mar, através dos montes. Quando partiram, a aurora ainda demoraria uma hora para surgir, mas as montarias eram resistentes e de patas seguras, e fizeram um bom tempo, apesar da escuridão. Aeron fechou os olhos e proferiu uma prece silenciosa e, passado algum tempo, pôs-se a dormitar na sela.

O som chegou tênue, o grito de uma dobradiça enferrujada.

– Urri – murmurou, e acordou, temeroso. *Aqui não há dobradiças, não há porta, não há Urri*. Um machado voador levara metade da mão de Urri quando tinha catorze anos e brincava de dança dos dedos, enquanto o pai e os irmãos mais velhos estavam longe, na guerra. A terceira esposa de Lorde Quellon fora uma Piper do Castelo de Donzelarrosa, uma moça com grandes seios macios e olhos castanhos de corça. Em vez de curar a mão de Urri pelo Costume Antigo, com fogo e água do mar, entregara-o ao seu meistre das terras verdes, que jurara conseguir costurar os dedos em falta. Fizera-o, e depois usara poções, cataplasmas e ervas, mas a mão gangrenou e Urri contraiu uma febre. Quando o meistre lhe serrou o braço, era tarde demais.

Lorde Quellon nunca regressou de sua última viagem; o Deus Afogado, em sua bondade, concedeu-lhe uma morte no mar. Foi Lorde Balon quem voltou, com os irmãos Euron e Victarion. Quando Balon ouviu sobre o

que acontecera a Urri, removeu três dos dedos do meistre com um cutelo de cozinheiro e mandou a mulher do pai costurá-los. Cataplasmas e poções funcionaram tão bem para o meistre como para Urrigon. O homem morreu em delírio, e a terceira esposa de Lorde Quellon o seguiu pouco depois, quando a parteira removeu uma filha natimorta de seu ventre. Aeron sentira-se feliz. Tinha sido seu machado que cortara os dedos de Urri, enquanto dançavam juntos a dança dos dedos, como os amigos e irmãos costumavam fazer.

Ainda envergonhava-o recordar os anos que se seguiram à morte de Urri. Aos dezesseis intitulava-se homem, mas na verdade não passava de um saco de vinho com pernas. Cantava, dançava (mas não a dança dos dedos, esta nunca mais), gracejava, tagarelava e fazia troça. Tocava gaita, fazia malabarismo, montava a cavalo e era capaz de beber mais do que todos os Wynch e os Botley e também metade dos Harlaw. O Deus Afogado concede a todos os homens um dom, até a ele; nenhum homem era capaz de mijar por mais tempo ou até mais longe do que Aeron Greyjoy, habilidade que provava em todos os banquetes. Uma vez apostara seu novo dracar contra uma manada de cabras que seria capaz de apagar uma lareira sem recorrer a nada exceto seu pau. Aeron banqueteara-se com cabra durante um ano e batizara o navio de *Tempestade Dourada*, embora Balon tivesse ameaçado enforcá-lo no mastro do dracar quando lhe contaram que tipo de esporão o irmão pretendia colocar na proa.

No fim das contas, *Tempestade Dourada* naufragou ao largo da Ilha Bela durante a primeira rebelião de Balon, cortado ao meio por uma enorme galé de guerra chamada *Fúria* quando Stannis Baratheon apanhara Victarion na armadilha que montara e esmagara a Frota de Ferro. Mas o deus ainda não se cansara de Aeron, e o levou para terra. Um grupo de pescadores o tornou cativo e o levou acorrentado até Lanisporto, onde passou o resto da guerra nas entranhas de Rochedo Casterly, provando que as lulas gigantes eram capazes de mijar durante mais tempo e até mais longe do que os leões, os javalis ou as galinhas.

*Esse homem está morto*. Aeron afogara-se e renascera do mar, como o profeta do próprio deus. Não havia mortal que fosse capaz de assustá-lo, e o mesmo se podia dizer da escuridão... e das memórias, os ossos da alma. *O som de uma porta abrindo-se, o grito de uma dobradiça de ferro*

*enferrujada. Euron regressara*. Não importava. Ele era o sacerdote Cabelo-Molhado, o amado do deus.

– Haverá guerra? – perguntou Greydon Goodbrother quando o sol iluminou os montes. – Uma guerra de irmão contra irmão?

– Se o Deus Afogado desejar. Nenhum homem sem deus pode se sentar na Cadeira de Pedra do Mar – *Olho de Corvo lutará, isto é certo*. Nenhuma mulher seria capaz de derrotá-lo, nem mesmo Asha; as mulheres eram feitas para travar suas batalhas na cama de partos. E Theon, se ainda estivesse vivo, era igualmente impotente, um rapaz de ataques de mau humor e sorrisos. Em Winterfell demonstrara seu valor, o que possuía, mas Olho de Corvo não era nenhum rapaz aleijado. Os conveses do navio de Euron estavam pintados de vermelho, para melhor esconder o sangue que os ensopava. *Victarion. O rei tem de ser Victarion, senão a tempestade nos matará a todos*.

Greydon o deixou depois de o sol nascer, para ir levar a notícia da morte de Balon aos primos, em suas torres em Covabaixa, no Forte do Espigão do Corvo e no Lago do Cadáver. Aeron prosseguiu sozinho, subindo montes e descendo vales ao longo de uma trilha pedregosa que ia se tornando mais larga e nítida à medida que se aproximava do mar. Em todas as aldeias fazia uma pausa para pregar, assim como nos pátios dos pequenos senhores.

– Nascemos do mar, e ao mar voltaremos – dizia-lhes. Sua voz era profunda como o oceano, e trovejava como as ondas. – O Deus da Tempestade, em sua ira, arrancou Balon de seu castelo e o derrubou, e ele agora banqueteia-se sob as ondas nos salões aquáticos do Deus Afogado – então, erguia as mãos: – *Balon está morto! O rei está morto!* Mas um rei voltará! Pois o que está morto não pode morrer, mas volta a se erguer, mais duro e mais forte! *Um rei se erguerá!*

Alguns daqueles que o escutavam largavam as enxadas e as picaretas para segui-lo, de modo que, quando ouviu o bater das ondas, uma dúzia de homens caminhava atrás de seu cavalo, tocados pelo deus e desejosos de se afogar.

Seixeira era o lar de vários milhares de pescadores, cujas cabanas se aglomeravam em volta da base de uma casa-torre quadrada com um torreão em cada canto. Duas vintenas dos afogados de Aeron esperavam-no aí, acampados ao longo de uma praia de areia cinzenta, em tendas de

pele de foca e abrigos construídos com madeira trazida pelo mar. Suas mãos tinham sido endurecidas pela maresia, marcadas por redes e linhas, ganhado calos por causa dos remos, picaretas e machados, mas agora aquelas mãos empunhavam maças duras como ferro, feitas de madeira trazida pelo mar, pois o deus armara-os com seu arsenal submarino.

Tinham construído um abrigo para o sacerdote logo acima da linha das marés. Aeron enfiou-se lá de bom grado, depois de afogar seus mais recentes seguidores. *Meu deus*, orou, *fala-me com o estrondo das ondas e diga-me o que fazer. Os capitães e os reis esperam a sua palavra. Quem será nosso rei no lugar de Balon? Canta-me na língua do leviatã, para que eu possa saber o seu nome. Diga-me, oh Senhor sob as ondas, quem tem força para combater as tempestades em Pyke?*

Embora a cavalgada até Cornartelo o tivesse deixado cansado, Aeron Cabelo-Molhado não conseguiu ficar quieto em seu abrigo de madeira trazida pelo mar e teto de algas negras. As nuvens chegaram para esconder a lua e as estrelas, e a escuridão caiu tão densa sobre o mar como sobre sua alma. *Balon favorecia Asha, a filha de seu corpo, mas uma mulher não pode governar os homens de ferro. Tem de ser Victarion*. Nove filhos tinham nascido das virilhas de Quellon Greyjoy, e Victarion era o mais forte de todos, um autêntico touro, destemido e obediente. *E é aí que se encontra o perigo*. Um irmão mais novo deve obediência ao mais velho, e Victarion não era homem que velejasse contra a tradição. *Mas ele não tem nenhuma simpatia por Euron, não a tem desde que a mulher morreu.*

Lá fora, sob o ressonar de seus afogados e os lamentos do vento, ouviu o rebentar das ondas, o martelo de seu deus chamando para a batalha. Aeron arrastou-se para fora do pequeno abrigo e penetrou no frio da noite. Levantou-se, nu, pálido, descarnado e alto, e nu caminhou até o negro mar salgado. A água estava gelada, mas a carícia de seu deus não o fez vacilar. Uma onda esmagou-se contra seu peito, fazendo-o cambalear. A seguinte quebrou-se por cima de sua cabeça. Sentiu o sabor do sal nos lábios e a presença do deus à sua volta, e seus ouvidos ressoaram-lhe com a glória de sua canção. *Nove filhos nasceram das virilhas de Quellon Greyjoy, e eu fui o último, tão fraco e assustado quanto uma menina. Mas não mais. Esse homem afogou-se, e o deus fez-me forte.* O frio mar salgado o rodeou, abraçou-o, avançou através de sua carne fraca

de homem e tocou-lhe os ossos. *Ossos*, pensou. *Os ossos da alma. Os ossos de Balon, e os de Urri. A verdade encontra-se em nossos ossos, pois a carne se decompõe, e o osso resiste. E no monte de Nagga, os ossos do Palácio do Rei Cinzento...*

E descarnado, pálido e tremendo, Aeron Cabelo-Molhado lutou para regressar à terra, mais sábio do que era ao entrar no mar. Pois encontrara a resposta em seus ossos, e o caminho que tinha diante de si tornara-se evidente. A noite estava tão fria que o corpo pareceu fumegar quando regressou em silêncio ao abrigo, mas havia uma fogueira ardendo em seu coração, e por uma vez o sono chegou facilmente, sem ser quebrado pelo grito de dobradiças de ferro.

Quando acordou, o dia estava ensolarado e ventoso. Aeron quebrou o jejum com um caldo de amêijoas e algas marinhas preparado numa fogueira feita com madeira trazida pelo mar. Tinha acabado de terminar a refeição quando Merlyn desceu de sua casa-torre, com meia dúzia de guardas, à sua procura.

– O rei está morto – disse-lhe Cabelo-Molhado.

– Sim. Recebi uma ave. E agora outra – Merlyn era um homem calvo, redondo e carnudo que chamava a si mesmo de "lorde", à maneira das terras verdes, e se vestia de peles e veludos. – Um corvo convoca-me a Pyke, e outro às Dez Torres. Vocês, as lulas gigantes, têm muitos tentáculos, despedaçam um homem. Que me diz, sacerdote? Para onde devo enviar meus dracares?

Aeron franziu as sobrancelhas.

– Dez Torres, você diz? Que lula gigante o chama lá? – Dez Torres era a sede do Senhor de Harlaw.

– A Princesa Asha. Virou as velas para casa. O Leitor envia corvos, convocando todos os seus amigos a Harlaw. Diz que Balon pretendia que ela ocupasse a Cadeira de Pedra do Mar.

– O Deus Afogado decidirá quem deve ocupar a Cadeira de Pedra do Mar – disse o sacerdote. – Ajoelhe-se, para que possa abençoá-lo – Lorde Merlyn caiu sobre os joelhos, Aeron tirou a rolha do odre e despejou água do mar em sua careca. – Senhor Deus que se afogou por nós, permita que Meldred, seu criado, renasça do mar. Abençoe-o com o sal, abençoe-o com a pedra, abençoe-o com o aço – água escorria pelas gordas bochechas de Merlyn e ensopava-lhe a barba e a capa de pele de

raposa. – O que está morto não pode morrer – terminou Aeron –, mas volta a se erguer, mais duro e mais forte – mas, quando Merlyn se ergueu, disse-lhe: – Fique e escute, para que possa espalhar a palavra do deus.

A um metro da beira da água as ondas rebentavam em volta de um pedregulho redondo de granito. E foi ali que Aeron Cabelo-Molhado subiu, para que todo seu cardume pudesse vê-lo e ouvir as palavras que tinha a dizer.

– Nascemos do mar, e ao mar regressaremos – começou, como fizera cem vezes antes. – O Deus da Tempestade, em sua ira, arrancou Balon de seu castelo e o derrubou, e ele agora banqueteia-se sob as ondas – E, então, ergueu as mãos: – *O rei de ferro está morto!* Mas um rei voltará a surgir! Pois o que está morto não pode morrer, mas volta a se erguer, mais duro e mais forte!

– *Um rei se erguerá!* – gritaram os afogados.

– Um rei se erguerá. Tem de se erguer. Mas quem? – Cabelo-Molhado escutou por um momento, mas apenas as ondas lhe responderam. – *Quem será o nosso rei?*

Os afogados puseram-se a bater com as maças umas nas outras.

– *Cabelo-Molhado!* – gritaram. – *Rei Cabelo-Molhado! Rei Aeron! Dê-nos o Cabelo-Molhado!*

Aeron balançou a cabeça.

– Se um pai tem dois filhos e dá um machado a um deles e uma rede ao outro, qual dos dois pretende que seja o guerreiro?

– O machado é para o guerreiro – gritou Rus em resposta – e a rede, para um pescador dos mares.

– Sim – Aeron respondeu. – O deus levou-me até as profundezas sob as águas e afogou a coisa imprestável que eu era. Quando voltou a me atirar para terra, me deu olhos para ver, orelhas para ouvir e uma voz para espalhar a sua palavra, para que eu pudesse ser o seu profeta e ensinar sua verdade àqueles que a esqueceram. Não fui feito para me sentar na Cadeira de Pedra do Mar... tal como Euron Olho de Corvo não o foi. Pois eu escutei o deus, que disse: *Nenhum homem sem deus pode se sentar na minha Cadeira de Pedra do Mar!*

Merlyn cruzou os braços diante do peito.

– Então é Asha? Ou Victarion? Diga-nos, sacerdote!

– O Deus Afogado dirá, mas não aqui – Aeron apontou para a gorda face branca de Merlyn. – Não olhe para mim, nem para as leis do homem, mas sim para o mar. Ice as velas e estenda os remos, senhor, e siga até Velha Wyk. Você e todos os capitães e reis. Não vá para Pyke, não abaixe a cabeça perante o infiel; nem para Harlaw, ligar-se a mulheres intriguistas. Aponte a proa para a Velha Wyk, onde se erguia o Palácio do Rei Cinzento. Em nome do Deus Afogado eu o convoco. *Convoco a todos!* Deixem seus salões e cabanas, seus castelos e fortalezas, e regressem ao monte de Nagga para uma assembleia de homens livres!

Merlyn olhou-o de boca aberta.

– Uma assembleia de homens livres? Não há uma verdadeira assembleia há...

– ... *muito tempo!* – gritou Aeron, angustiado. – Mas na alvorada dos dias, os homens de ferro escolhiam os próprios reis, promovendo os mais valorosos entre eles. É hora de regressarmos ao Costume Antigo, pois só isto nos devolverá a grandeza. Foi uma assembleia de homens livres que escolheu Urras Pé-de-Ferro como Rei Supremo e lhe pôs na cabeça uma coroa de madeira trazida pelo mar. Sylas Nariz-Chato, Harrag Hoare, a Velha Lula Gigante, foi a assembleia que os ergueu a todos. E *dessa* assembleia emergirá um homem capaz de terminar o trabalho que o Rei Balon iniciou e nos devolver a liberdade. *Não* vá para Pyke, nem para as Dez Torres de Harlaw, mas para a Velha Wyk, repito. Reivindique o monte de Nagga e os ossos do Palácio do Rei Cinzento, pois nesse lugar sagrado, quando a lua se afogar e renascer, elegeremos um rei respeitável, um rei *devoto* – voltou a erguer bem alto as mãos ossudas. – *Escutem*! Escutem as ondas! Escutem o deus! Ele está falando conosco e diz: *Não teremos rei a menos que seja escolhido pela assembleia de homens livres!*

Ergueu-se um rugido em resposta àquilo e os afogados bateram suas maças umas nas outras.

– *Uma assembleia de homens livres!* – gritaram. – *Uma assembleia, uma assembleia. Não há rei exceto pela assembleia!* – e o clamor que fizeram foi tão trovejante que certamente Olho de Corvo ouviu os gritos em Pyke, bem como o maligno Deus da Tempestade em seu salão de nuvens. E Aeron Cabelo-Molhado soube que agira bem.

## O CAPITÃO DOS GUARDAS

As laranjas sanguíneas já estão mais que maduras – observou o príncipe em uma voz fatigada, quando o capitão dos guardas o empurrou para a varanda.

Depois, não voltou a falar durante horas.

A observação sobre as laranjas era verdadeira. Algumas tinham caído e rebentado no mármore rosa-claro. O penetrante cheiro doce que exalavam enchia as narinas de Hotah cada vez que inspirava. Sem dúvida o príncipe também sentia seu aroma, enquanto se mantinha sentado sob as árvores na cadeira de rodas que Meistre Caleotte lhe fizera, com almofadas de pena de ganso e ruidosas rodas de ébano e ferro.

Durante um longo período, os únicos sons que se ouviram foram os das crianças chapinhando nas lagoas e nas fontes, e, uma vez, um suave *plop* quando outra laranja caiu na varanda e rebentou. Então o capitão ouviu o tênue tamborilar de botas em mármore vindo do lado mais afastado do palácio.

*Obara*. Conhecia seus passos; de pernas longas, apressados, furiosos. Nos estábulos junto aos portões, seu cavalo estaria coberto de espuma e ensanguentado pelas esporas. Montava sempre garanhões e gabava-se de ser capaz de dominar qualquer cavalo que houvesse em Dorne... e qualquer homem também. O capitão ouvia também outros passos, o rápido arrastar de pés do Meistre Caleotte, que se apressava para acompanhar a mulher.

Obara Sand sempre caminhava depressa demais. *Ela persegue algo que nunca poderá alcançar*, disse certa vez o príncipe sobre a filha, aos ouvidos do capitão.

Quando a mulher surgiu sob o arco triplo, Areo Hotah estendeu seu machado de cabo longo para o lado, a fim de lhe bloquear a passagem. A cabeça da arma estava presa a um cabo com um metro e oitenta, e ela não podia desviar.

– Senhora, basta – sua voz era um resmungo grave, pesada com o sotaque de Norvos. – O príncipe não quer ser incomodado.

O rosto de Obara era de pedra antes de ele falar; depois, endureceu ainda mais.

– Está no meu caminho, Hotah – Obara era a mais velha das Serpentes de Areia, uma mulher de ossos grandes, de quase trinta anos, com os olhos juntos e cabelos castanhos como os da prostituta de Vilavelha que a dera à luz. Sob um manto de sedareia mosqueado de marrom-escuro e dourado, as roupas de montar eram de um couro velho e marrom, usado e flexível. Eram as coisas mais leves que vestia. Usava um chicote enrolado preso a uma anca e trazia a tiracolo um escudo redondo de aço e cobre. Deixara a lança lá fora. Areo Hotah deu graças por aquilo. Apesar de sua força e rapidez, sabia que a mulher não era páreo para ele... mas *ela* não sabia, e o capitão não sentia nenhum desejo de ver o sangue de Obara espalhado no mármore cor-de-rosa claro.

Meistre Caleotte mudou o peso de um pé para o outro.

– Senhora Obara, eu tentei lhe dizer...

– Ele sabe que meu pai está morto? – perguntou Obara ao capitão, sem prestar mais atenção ao meistre do que a que prestaria a uma mosca, se alguma fosse suficientemente insensata para lhe zumbir ao redor da cabeça.

– Sabe – o capitão respondeu. – Recebeu uma ave...

A morte chegara a Dorne em asas de corvo, escrita com letra pequena e selada com uma gota de dura cera vermelha. Caleotte devia ter pressentido o que havia naquela carta, pois dera-a a Hotah para que a entregasse. O príncipe agradecera-lhe, mas durante o mais longo dos momentos não quis quebrar o selo. Ficara sentado a tarde inteira com o pergaminho no colo, observando as brincadeiras das crianças. Observara-as até que o sol se pôs e o ar da noite arrefeceu o suficiente para fazer que se recolhesse; então, observou a luz das estrelas refletida na água. A lua já nascia quando mandou Hotah buscar uma vela, para que pudesse ler sua carta sob as laranjeiras, na escuridão da noite.

Obara tocou o chicote.

– Milhares de homens atravessam as areias a pé para subir o Caminho do Espinhaço e poder ajudar Ellaria a trazer meu pai para casa. Os septos estão prestes a rebentar de tão cheios, e os sacerdotes vermelhos

acenderam as fogueiras em seus templos. Nos bordéis as mulheres dormem com qualquer homem que vá em busca delas recusando pagamento. Em Lançassolar, no Braço Partido, ao longo do Sangueverde, nas montanhas, nas areias profundas, em todo lado, *em todo lado*, as mulheres arrancam os cabelos e os homens gritam de raiva. Ouve-se a mesma pergunta em todas as línguas: *O que fará Doran? O que fará seu irmão para vingar nosso príncipe assassinado?* – aproximou-se do capitão. – E você me diz *ele não quer ser incomodado!*

– Ele não quer ser incomodado – voltou a dizer Areo Hotah.

O capitão dos guardas conhecia o príncipe que protegia. Um dia, há muito tempo, um jovem imberbe chegara de Norvos, um rapaz grande de ombros largos, com uma cabeleira escura. Esses cabelos agora eram brancos, e o corpo ostentava as cicatrizes de muitas batalhas... mas conservava a força e mantinha o machado afiado, como os sacerdotes barbudos lhe haviam ensinado. *Ela não passará*, disse a si mesmo, e em voz alta falou:

– O príncipe está observando as crianças brincarem. Ele *nunca* deve ser incomodado quando está fazendo isso.

– Hotah – Obara Sand insistiu –, você vai sair do meu caminho, senão pego esse machado e...

– Capitão – a ordem veio de suas costas. – Deixe-a passar. Eu falo com ela – a voz do príncipe estava rouca.

Areo Hotah pôs o machado na vertical e deu um passo para o lado. Obara lançou-lhe um último e longo olhar e passou por ele a passos largos, com o meistre a apressar-se para acompanhá-la. Caleotte não tinha mais de metro e meio de altura e era calvo como um ovo. Seu rosto era tão liso e gordo que era difícil calcular sua idade, mas já estava ali antes do capitão, chegara até a servir a mãe do príncipe. Apesar da idade e da amplidão da cintura, ainda era bastante ágil e esperto como poucos, mas era também dócil. *Não é oponente à altura para nenhuma das Serpentes da Areia*, pensou o capitão.

À sombra das laranjeiras, o príncipe ocupava sua cadeira com as pernas gotosas apoiadas diante de si, e escuras olheiras sob os olhos... embora Hotah não soubesse dizer se aquilo que o mantinha sem dormir era o pesar ou a gota. Embaixo, nas fontes e lagoas, as crianças prosseguiam suas brincadeiras. Os mais novos não tinham mais de cinco

anos, e os mais velhos, nove e dez. Metade garotas, e metade rapazes. Hotah ouvia-os chapinhando e gritando uns aos outros em vozes altas e estridentes.

– Não faz muito tempo era uma das crianças naquelas lagoas, Obara – disse o príncipe quando ela se ajoelhou diante de sua cadeira de rodas.

Ela deu uma fungadela.

– Foi há vinte anos, ou quase tanto tempo que não faz diferença. E não fiquei aqui por muito tempo. Sou a cria da prostituta, ou será que se esqueceu? – quando ele não respondeu, ela voltou a se erguer e pôs as mãos nas ancas. – Meu pai foi assassinado.

– Foi morto em combate singular durante um julgamento por batalha – disse o Príncipe Doran. – Pela lei, isto não é assassinato.

– Ele era seu *irmão*.

– Sim.

– O que pretende fazer a respeito disso?

O príncipe virou laboriosamente a cadeira para encarar Obara. Embora não tivesse mais de cinquenta e dois anos, Doran Martell parecia muito mais velho. Sob as vestes de linho, seu corpo era mole e disforme, e era difícil olhar para suas pernas. A gota inchara e ruborizara-lhe as articulações de forma grotesca; o joelho esquerdo era uma maçã, o direito, um melão, e os dedos dos pés tinham se transformado em uvas vermelho-escuras, tão maduras que parecia bastar um toque para rebentarem. Até o peso de uma colcha conseguia fazê-lo estremecer, embora suportasse a dor sem queixas. *O silêncio é amigo de um príncipe*, o capitão ouvira-o dizer uma vez à filha. *As palavras são como flechas, Arianne. Depois de disparadas, não podem ser chamadas de volta.*

– Escrevi a Lorde Tywin...

– *Escreveu*? Se fosse metade do homem que meu pai era...

– Eu não sou seu pai.

– Isto eu sei – a voz de Obara estava carregada de desprezo.

– Você queria que eu partisse para a guerra.

– Não espero tal coisa. Nem precisa sair de sua cadeira. Permita que eu vingue meu pai. Tem uma hoste no Passo do Príncipe. Lorde Yronwood tem outra no Caminho do Espinhaço. Entregue-me uma delas e a outra a Nym. Que ela percorra a estrada do rei enquanto tiro os senhores da Marca de seus castelos e dou a volta para marchar sobre Vilavelha.

– E como espera controlar Vilavelha?
– Bastará saqueá-la. A riqueza da Torralta...
– O que deseja é ouro?
– O que desejo é sangue.
– Lorde Tywin nos entregará a cabeça da Montanha.
– E quem nos entregará a cabeça de Lorde Tywin? A Montanha sempre foi seu animal de estimação.
O príncipe fez um gesto na direção das lagoas:
– Obara, olhe para as crianças, se lhe aprouver.
– Não me apraz. Obteria mais prazer enfiando a lança na barriga de Lorde Tywin. Eu o obrigarei a cantar "As Chuvas de Castamere" enquanto tiro suas tripas para fora à procura de ouro.
– *Olhe* – repetiu o príncipe. – É uma ordem.
Algumas das crianças mais velhas jaziam de barriga para baixo no mármore liso e rosado, bronzeando-se ao sol. Outras moviam-se no mar, mais adiante. Três construíam um castelo de areia com um grande espigão que se assemelhava à Torre da Lança do Palácio Antigo. Vinte delas, ou mais, tinham se reunido na lagoa grande para ver as batalhas em que as crianças menores lutavam nos baixios sobre os ombros das maiores, que tinham água pela cintura, e tentavam derrubar os adversários na água. Sempre que um par caía, o respingar era seguido por uma revoada de gargalhadas. Viram uma garota morena como uma noz puxar um rapaz muito loiro de cima dos ombros do irmão e cair de cabeça na lagoa.
– Seu pai jogou esse mesmo jogo, outrora, tal como eu fiz antes dele – disse o príncipe. – Tínhamos dez anos de diferença, portanto, eu já deixara as lagoas quando ele tinha idade suficiente para brincar, mas costumava observá-lo quando vinha visitar a mãe. Ele era tão feroz, mesmo garoto... Rápido como uma cobra-d'água. Várias vezes o vi derrubar garotos muito maiores do que ele. Lembrou-me disso no dia em que partiu para Porto Real. Jurou que o faria uma vez mais, caso contrário nunca o teria deixado ir.
– *Deixado* ir? – Obara soltou uma gargalhada. – Como se pudesse tê-lo impedido. A Víbora Vermelha de Dorne ia aonde bem entendia.
– É verdade. Gostaria de ter alguma palavra de conforto para...

– Não vim em busca de *conforto* – a voz dela estava cheia de escárnio. – No dia em que meu pai veio reclamar-me, minha mãe não quis que eu partisse. “Ela é uma garota”, disse, “e não me parece que seja sua. Tive milhares de outros homens”. Ele atirou a lança aos meus pés e deu com as costas da mão na cara de minha mãe, fazendo-a chorar. “Garota ou rapaz, nós travamos nossas batalhas”, disse, “mas os deuses nos deixam escolher as armas que usamos”. Apontou para a lança e depois para as lágrimas de minha mãe, e eu peguei a lança. “Eu disse que ela era minha”, meu pai falou, e me levou. Minha mãe se matou com a bebida em menos de um ano. Dizem que chorava quando morreu – Obara aproximou-se da cadeira do príncipe. – Deixe-me usar a lança; nada mais peço.

– É muito o que me pede, Obara. Pensarei sobre o assunto.

– Já pensou demais.

– Talvez tenha razão. Mandarei uma mensagem para Lançassolar.

– Desde que a mensagem seja a guerra – Obara girou sobre os calcanhares e foi embora de um modo tão irritado como quando chegara, dirigindo-se aos estábulos em busca de um cavalo repousado e de outro galope impetuoso estrada afora.

Meistre Caleotte deixou-se ficar para trás.

– Meu príncipe? – perguntou o homenzinho redondo. – Suas pernas doem?

O príncipe abriu um tênue sorriso.

– O sol está quente?

– Devo buscar algo para as dores?

– Não. Preciso da cabeça em condições.

O meistre hesitou:

– Meu príncipe, será... será prudente permitir que a Senhora Obara regresse a Lançassolar? Ela certamente irá inflamar os plebeus. Eles amavam muito seu irmão.

– Assim como todos nós – comprimiu as têmporas com os dedos. – Não. Tem razão. Devo regressar também a Lançassolar.

O homenzinho redondo hesitou novamente:

– Será isto sensato?

– Não é sensato, mas é necessário. É melhor enviar um mensageiro a Ricasso e ordenar-lhe que abra meus aposentos na Torre do Sol. Informe

minha filha Arianne de que estarei lá amanhã.

*A minha pequena princesa*. O capitão sentira amargamente sua falta.

– Será visto – avisou o meistre.

O capitão compreendeu. Dois anos antes, quando trocaram Lançassolar pela paz e isolamento dos Jardins de Água, a gota do Príncipe Doran não estava, nem de perto, tão mau. Naqueles dias ainda caminhava, embora lentamente, apoiando-se numa bengala e fazendo esgares de dor a cada passo. O príncipe não desejava que seus inimigos soubessem como tinha enfraquecido, e o Velho Palácio e sua cidade sombria estavam cheios de olhos. *Olhos*, pensou o capitão, *e degraus que ele não pode subir. Teria de voar para alcançar o topo da Torre do Sol*.

– Eu *tenho* de ser visto. Alguém tem de despejar óleo na água. Dorne tem de ser lembrada de que ainda tem um príncipe – sorriu com um ar triste. – Por mais velho e gotoso que seja.

– Se regressar a Lançassolar, terá de conceder audiência à Princesa Myrcella – disse Caleotte. – Seu cavaleiro branco estará com ela... e *sabe* que ele envia cartas à rainha.

– Suponho que deve enviar.

*O cavaleiro branco*. O capitão franziu as sobrancelhas. Sor Arys viera para Dorne a fim de servir sua princesa, como Areo Hotah viera um dia com a sua. Mesmo os nomes de ambos soavam estranhamente similares: Areo e Arys. Mas as semelhanças terminavam aí. O capitão deixara Norvos e seus sacerdotes barbudos, mas Sor Arys Oakheart ainda servia ao Trono de Ferro. Hotah sentia certa tristeza sempre que via o homem com o longo manto branco de neve, na época em que o príncipe o enviara a Lançassolar. Um dia, pressentia, os dois lutariam; nesse dia, Oakheart morreria, com o machado de cabo longo do capitão a fender-lhe o crânio. Deslizou a mão ao longo do liso cabo de freixo do machado e perguntou a si mesmo se esse dia estaria se aproximando.

– A tarde já está quase no fim – o príncipe disse. – Esperaremos pela manhã. Assegure-se de que minha liteira esteja pronta à primeira luz da aurora.

– Às suas ordens – Caleotte fez uma saudação. O capitão afastou-se para o meistre passar, e ficou escutando os passos que desapareciam.

– Capitão? – a voz do príncipe era suave.

Hotah deu um passo adiante, com uma mão fechada sobre o machado. Sentia na palma da mão o freixo tão liso como a pele de uma mulher. Quando chegou à cadeira de rodas, bateu fortemente com a base no chão, para anunciar sua presença, mas o príncipe só tinha olhos para as crianças.

– Tinha irmãos, capitão? – perguntou. – Lá em Norvos, quando era novo? Irmãs?

– Ambos – Hotah respondeu. – Dois irmãos, três irmãs. Eu era o mais novo – *o mais novo e não desejado. Outra boca para alimentar, um garoto grande que comia demais e cujas roupas logo deixavam de lhe servir*. Pouco admira que o tivessem vendido aos sacerdotes barbudos.

– Eu fui o mais velho – disse o príncipe –, e no entanto sou o último. Depois de Mors e Olyvar terem morrido no berço, perdi a esperança de vir a ter irmãos. Tinha nove anos quando Elia chegou, e era um escudeiro a serviço na Costa do Sal. Quando o corvo chegou com a notícia de que minha mãe tinha sido levada para a cama um mês antes do tempo, já tinha idade suficiente para saber que o bebê não sobreviveria. Mesmo quando Lorde Gargalen me disse que eu tinha uma irmã, garanti-lhe que ela morreria logo. Mas sobreviveu, graças à misericórdia da Mãe. E um ano depois Oberyn chegou, berrando e esperneando. Era um homem-feito na época em que eles brincavam nestas lagoas. Mas aqui estou, e eles partiram.

Areo Hotah não sabia o que responder àquilo. Era apenas um capitão dos guardas, mantinha-se estranho àquela terra e ao seu deus de sete faces, mesmo após todos aqueles anos. *Servir. Obedecer. Proteger*. Prestara aqueles votos aos dezesseis anos, no dia em que casara com o machado. *Votos simples para homens simples*, tinham dito os sacerdotes barbudos. Não fora treinado para consolar príncipes de luto.

Continuava a tentar arranjar algumas palavras para dizer quando outra laranja caiu, com um pesado ruído úmido, a não mais de meio metro de onde o príncipe se encontrava sentado. Doran encolheu-se com o som, como se de algum modo o tivesse magoado.

– Basta – suspirou –, já chega. Vá embora, Areo. Deixe-me observar as crianças mais algumas horas.

Quando o sol se pôs, o ar arrefeceu e as crianças foram para dentro, em busca do jantar. O príncipe ainda permaneceu sob suas laranjeiras,

observando as lagoas paradas e o mar que se estendia mais adiante. Um criado trouxe-lhe uma taça de azeitonas de cor púrpura, com pão folha, queijo e massa de grão-de-bico. Comeu um pouco, e bebeu uma taça do doce e pesado vinho-forte que adorava. Quando esvaziou a taça, voltou a enchê-la. Por vezes, nas horas profundas e negras da madrugada, o sono vinha encontrá-lo em sua cadeira. Só então o capitão o empurrava ao longo da galeria iluminada pelo luar, passando por uma fileira de pilares canelados e através de uma graciosa arcada, até uma grande cama com frescos lençóis de linho num aposento que dava para o mar. Doran gemeu quando o capitão o deslocou, mas os deuses mostraram-se bondosos, e ele não acordou.

A cela onde o capitão dormia era contígua ao quarto do seu príncipe. Sentou-se na cama estreita, tirou de seu nicho a pedra de amolar e o oleado e pôs-se a trabalhar. *Mantenha o machado afiado*, tinham lhe dito os sacerdotes barbudos no dia em que o marcaram. E fazia-o sempre.

Enquanto amolava o machado, Hotah pensou em Norvos, na cidade alta na colina e na baixa junto ao rio. Ainda recordava os sons dos três sinos, o modo como os profundos repiques de Noom o faziam estremecer até os ossos, a voz forte e orgulhosa de Narrah, e o riso doce e prateado de Nyel. O sabor do bolo de inverno voltou a encher-lhe a boca, rico de gengibre, pinhões e pedacinhos de cereja, com *nahsa* para empurrá-lo para baixo, leite de cabra fermentado servido numa taça de ferro e misturado com mel. Viu a mãe, com seu vestido com gola de esquilo, aquele que não usava mais do que uma vez por ano, quando iam ver os ursos dançar ao longo da Escadinha dos Pecadores. E sentiu o fedor de pelo queimado de quando o sacerdote barbudo lhe tocara o centro do peito com o ferrete. A dor tinha sido tão violenta, que tivera medo de que o coração parasse, mas Areo Hotah não vacilara. Os pelos nunca mais voltaram a crescer sobre o machado.

O capitão só pousou sua esposa de freixo e ferro na cama quando ambos os gumes ficaram suficientemente afiados. Bocejando, despiu a roupa suja, atirou-a no chão e estendeu-se no colchão de palha. Pensar no ferrete fizera a marca comichar, e teve de se coçar antes de fechar os olhos. *Devia ter apanhado as laranjas que caíram*, pensou, e adormeceu sonhando com seu gosto ácido e doce, e com a sensação pegajosa que o sumo vermelho lhe deixava nos dedos.

A aurora chegou cedo demais. À porta dos estábulos, a menor das três liteiras transportadas por cavalos estava pronta, a de madeira de cedro com cortinados de seda vermelha. O capitão escolheu para acompanhá-la vinte lanceiros, dos trinta que estavam servindo nos Jardins de Água; os outros ficariam para proteger o terreno e as crianças, algumas das quais eram filhos e filhas de grandes senhores e ricos mercadores.

Embora o príncipe tivesse falado em partir à primeira luz da aurora, Areo Hotah sabia que se atrasaria. Enquanto o meistre ajudava Doran Martell a tomar banho e enfaixava suas articulações inchadas com ataduras de linho ensopadas em loções calmantes, o capitão vestiu um camisão de escamas de cobre, como era próprio de seu posto, e um manto ondulante de sedareia marrom-escuro e amarelo para manter o sol afastado do cobre. O dia prometia ser quente, e fazia tempo que o capitão deixara de lado a pesada capa de pelo de cavalo e a túnica de couro tachonado que usara em Norvos, capazes de cozinhar um homem em Dorne. Mantivera o meio-elmo de ferro, com sua crista de espigões aguçados, mas agora o usava enrolado em seda cor de laranja, entrelaçando o tecido com os espigões. De outro modo, o sol que incidisse sobre o metal deixaria sua cabeça latejando antes que avistassem o palácio.

O príncipe ainda não estava pronto para partir. Antes disso, decidira quebrar o jejum com uma laranja sanguínea e uma bandeja de ovos de gaivota cortados em cubos, com pequenas porções de presunto e piripiri. E não poderia partir sem se despedir das várias crianças que lhe tinham se tornado especialmente queridas: o garoto Dalt, os descendentes da Senhora Blackmont e a órfã de rosto redondo cujo pai vendera tecidos e especiarias ao longo do Sangueverde. Doran manteve um magnífico cobertor de Myr sobre as pernas enquanto falava com eles, a fim de poupar as crianças da visão de suas articulações inchadas e cheias de ataduras.

Era meio-dia quando se puseram a caminho; o príncipe em sua liteira, Meistre Caleotte montado num burro e os demais a pé. Cinco lanceiros caminhavam à frente e outros cinco atrás, com mais dez a flanquear a liteira de ambos os lados. O próprio Areo Hotah ocupou o lugar que lhe era familiar à direita do príncipe, apoiando o machado num ombro enquanto caminhava. A estrada entre Lançassolar e os Jardins de Água

corria junto ao mar, e o grupo tinha uma brisa fresca para mitigar o calor enquanto avançava por uma região vermelho-amarronzada, de pedra, areia e árvores retorcidas e mirradas.

No meio do caminho, a segunda Serpente de Areia juntou-se a eles.

Apareceu de súbito sobre uma duna, montada num corcel de areia dourado com uma crina que era como fina seda branca. Até a cavalo, a Senhora Nym parecia graciosa, trajando cintilantes vestes largas de cor lilás e uma grande capa de seda em tons creme e cobre que se erguia a cada sopro de vento e a fazia parecer prestes a levantar voo. Nymeria Sand tinha vinte e cinco anos e era esguia como um salgueiro. Seus cabelos negros e lisos, presos em uma longa trança atada com fio de ouro vermelho, começavam em bico acima dos olhos, à semelhança dos cabelos do pai. Com as maçãs do rosto altas, lábios cheios e pele branca como leite, possuía toda a beleza que faltava à irmã mais velha... mas a mãe de Obara fora uma prostituta de Vilavelha, ao passo que Nym nascera do mais nobre sangue da antiga Volantis. Uma dúzia de lanceiros montados seguia-a, com escudos redondos que flamejavam ao sol, duna abaixo.

O príncipe prendera as cortinas da liteira a fim de mantê-las abertas e apreciar melhor a brisa que soprava do mar. Senhora Nym pôs-se ao seu lado, refreando sua bela égua dourada para deixá-la no mesmo ritmo da liteira.

– É bom vê-lo, tio – cantou, como se tivesse sido a sorte que a trouxera ali. – Posso seguir convosco até Lançassolar? – o capitão estava do lado oposto da liteira, mas conseguia ouvir cada palavra que a Senhora Nym dizia.

– Ficarei feliz se o fizer – respondeu o Príncipe Doran, embora não *soasse* feliz aos ouvidos do capitão. – A gota e a tristeza não são bons companheiros de estrada – com aquilo, o capitão sabia que ele queria dizer que cada seixo enfiava uma lança em suas articulações inchadas.

– Não posso aliviar a gota – ela disse –, mas meu pai não tinha nenhum uso para dar à tristeza. A vingança estava mais a seu gosto. É verdade que Gregor Clegane admitiu ter assassinado Elia e os filhos?

– Rugiu sua culpa para que toda a corte ouvisse – o príncipe admitiu. – Lorde Tywin prometeu-nos sua cabeça.

– E um Lannister sempre paga suas dívidas – Senhora Nym respondeu –, no entanto, parece-me que Lorde Tywin pretende nos pagar com nossas próprias moedas. Recebi uma ave de nosso querido Sor Daemon, que jura que meu pai fez cócegas àquele monstro mais de uma vez durante a luta. Se for verdade, Sor Gregor é um homem morto, e não graças a Tywin Lannister.

O príncipe fez uma careta. Se era devido à dor causada pela gota ou às palavras da sobrinha o capitão não saberia dizer.

– Pode ser verdade.

– Pode ser? Eu digo que é.

– Obara quer que eu parta para a guerra.

Nym soltou uma gargalhada:

– Sim, ela quer passar Vilavelha no archote. Odeia tanto essa cidade quanto nossa irmãzinha a ama.

– E você?

Nym lançou-lhe um relance por sobre um ombro, para onde os companheiros seguiam, duas dúzias de metros mais atrás.

– Eu estava na cama com os gêmeos Fowler quando a notícia chegou – o capitão a ouviu dizer. – Conhece o lema dos Fowler? Deixe-me pairar! É tudo que peço de você. Deixe-me pairar, tio. Não preciso de nenhuma hoste poderosa, só de uma doce irmã.

– Obara?

– Tyene. Obara é ruidosa demais. Tyene é tão doce e gentil que não há homem que suspeite dela. Obara transformaria Vilavelha na pira funerária de nosso pai, mas eu não sou assim tão ambiciosa. Quatro vidas me bastam. Os gêmeos dourados de Lorde Tywin, como recompensa pelos filhos de Elia. O velho leão, pela própria Elia. E, por fim, o reizinho, pelo meu pai.

– O garoto nunca nos maltratou.

– O garoto é um bastardo nascido de traição, incesto e adultério, se acreditarmos em Lorde Stannis – o tom divertido desaparecera de sua voz, e o capitão deu por si observando-a através de olhos semicerrados. A irmã Obara usava o chicote à anca e levava uma lança onde qualquer um pudesse vê-la. Senhora Nym não era menos mortífera, embora mantivesse suas facas bem escondidas. – Só sangue real pode limpar o assassinato de meu pai.

– Oberyn morreu durante combate singular, lutando por um assunto que não lhe dizia respeito. Não chamo isto de assassinato.

– Chame do que quiser. Enviamos-lhes o melhor homem de Dorne, e eles nos devolvem um saco de ossos.

– Ele extravasou tudo o que lhe pedi. "Tire as medidas desse rei rapaz e seu conselho, e tome nota de seus pontos fortes e fracos", eu lhe disse, no terraço. Estávamos comendo laranjas. "Arranje-nos amigos, se for possível encontrar algum. Descubra o que puder sobre o fim de Elia, mas trate de não provocar indevidamente Lorde Tywin", foram essas as palavras que lhe dirigi. Oberyn deu risada e disse: "Quando foi que provoquei algum homem... *indevidamente*? Faria melhor em avisar os Lannister para não me provocarem". Ele queria justiça para Elia, mas não estava disposto a esperar...

– Ele esperou dezessete anos – Senhora Nym o interrompeu. – Se eles tivessem matado você, meu pai teria levado os vassalos para o norte antes de seu cadáver esfriar. Se fosse você, neste momento as lanças estariam caindo como chuva sobre a Marca.

– Não duvido.

– Tal como não deve duvidar disto, meu príncipe: minhas irmãs e eu não esperaremos dezessete anos por *nossa* vingança – então, enterrou as esporas na égua e desapareceu a galope, na direção de Lançassolar, seguida a grande velocidade por sua comitiva.

O príncipe recostou-se nas almofadas e fechou os olhos, mas Hotah sabia que não tinha adormecido. *Tem dores*. Por um momento pensou em chamar Meistre Caleotte à liteira, mas se o Príncipe Doran o quisesse, ele mesmo o teria feito.

As sombras da tarde tornaram-se longas e escuras, e o sol ficou tão vermelho e inchado quanto as articulações do príncipe antes de o grupo vislumbrar as torres de Lançassolar a leste. Primeiro, a esguia Torre da Lança, com quarenta e cinco metros de altura coroada por uma lança de aço dourado que lhe acrescentava outros nove metros; depois, a grandiosa Torre do Sol, com sua cúpula de ouro e vitral; e, por fim, o Navio de Areia, com sua cor marrom-escura, que parecia um gigantesco dromon que tivesse encalhado e se transformado em pedra.

Apenas três léguas de estrada costeira separavam Lançassolar de Jardins de Água, mas tratava-se de dois mundos diferentes. Lá, as

crianças divertiam-se nuas ao sol, música tocava em pátios lajeados e o ar enchia-se com o penetrante aroma de limões e laranjas sanguíneas. Aqui, o ar cheirava a poeira, suor e fumaça, e as noites borbulhavam com o burburinho de vozes. Em vez do mármore cor-de-rosa dos Jardins de Água, Lançassolar fora construída com lama e palha, e era colorida em tons de marrom. A antiga fortaleza da Casa Martell erguia-se na extremidade mais oriental de uma pequena protuberância de pedra e areia, cercada pelo mar por três lados. Para oeste, à sombra das maciças muralhas de Lançassolar, lojas feitas de adobe e casebres sem janelas agarravam-se ao castelo como cracas ao casco de uma galé. Estábulos, estalagens, tabernas e bordéis tinham crescido a oeste das lojas e dos casebres, muitos deles cercados por seus próprios muros, e mais casebres tinham se erguido à sombra daqueles muros. *E por aí fora, e daí em diante, como os sacerdotes barbudos diriam*. Comparada com Tyrosh, Myr ou a Grande Norvos, a cidade sombria não passava de uma vila, mas era a coisa mais semelhante a uma cidade que aqueles dorneses possuíam.

A chegada da Senhora Nym precedera à deles por algumas horas, e não havia dúvida de que ela avisara os guardas de sua vinda, pois o Portão Triplo encontrava-se aberto quando se aproximaram. Era apenas ali que os portões estavam alinhados uns atrás dos outros para permitir que os visitantes passassem sob todas as três Muralhas Sinuosas, dirigindo-se diretamente ao Velho Palácio, sem ter primeiro de abrir caminho através de milhas de vielas estreitas, pátios escondidos e ruidosos bazares.

Príncipe Doran fechou as cortinas de sua liteira assim que vislumbrou a Torre da Lança, mesmo assim o povo gritou-lhe enquanto a liteira passava. *As Serpentes de Areia incitaram a população*, o capitão pensou, preocupado. Atravessaram a miséria do crescente exterior e penetraram no segundo portão. Atrás dele, o vento fedia a alcatrão, água do mar e algas em putrefação, e a multidão tornava-se mais densa a cada passo.

– *Abram alas para o Príncipe Doran!* – trovejou Areo Hotah, batendo com o cabo da lança nos tijolos. – *Abram alas para o Príncipe de Dorne!*

– O príncipe está morto! – guinchou uma mulher atrás dele.

– Às lanças! – berrou um homem de uma varanda.

– *Doran!* – gritou uma voz de nascimento elevado. – Às lanças!

Hotah desistiu de procurar quem falava; a multidão era demasiado densa, e um terço dela gritava: "*Às lanças! Vingança pela Víbora!*". Quando alcançaram o terceiro portão, os guardas empurravam gente para os lados a fim de abrir caminho para a liteira do príncipe, e a multidão atirava objetos. Um rapaz esfarrapado conseguiu passar pelos lanceiros com uma romã meio podre na mão, mas quando viu Areo Hotah em seu caminho com o machado pronto, deixou o fruto cair sem ser arremessado e fugiu com rapidez. Outros, mais para trás, fizeram voar limões, limas e laranjas, gritando "*Guerra! Guerra! Às lanças!*". Um dos guardas foi atingido no olho por um limão, e o próprio capitão viu uma laranja rebentar aos seus pés.

Não veio resposta de dentro da liteira. Doran Martell manteve-se oculto no interior de suas muralhas de seda até que as mais grossas do castelo os engoliram a todos, e a porta levadiça caiu atrás dele com um estrondo chocalhante. O ruído dos gritos foi desaparecendo lentamente. A Princesa Arianne estava à espera no pátio exterior, para saudar o pai, com metade da corte ao redor: o velho e cego senescal Ricasso, Sor Manfrey Martell, o castelão, o jovem Meistre Myles com suas vestes cinzentas e barba sedosa e perfumada, duas vintenas de cavaleiros de Dorne vestidos de linho leve de meia centena de cores. A pequena Myrcella Baratheon encontrava-se acompanhada por sua septã e por Sor Arys da Guarda Real, que sufocava em suas escamas esmaltadas de branco.

A Princesa Arianne dirigiu-se a passos largos para a liteira, sobre sandálias de pele de cobra atadas nas coxas. Os cabelos eram uma juba de cachos negros de azeviche que lhe caíam até a base das costas, e na testa trazia uma faixa de sóis de cobre. *Ela continua a ser uma coisinha pequenina*, pensou o capitão. Enquanto as Serpentes de Areia eram altas, Arianne saíra à mãe, que não tinha mais de um metro e cinquenta e sete. Mas, sob o seu cinturão incrustado de joias e camadas soltas de leve seda púrpura e samito amarelo, possuía um corpo de mulher, viçoso e de curvas arredondadas.

– Pai – anunciou quando as cortinas se abriram –, Lançassolar rejubila com seu regresso.

– Sim, eu ouvi o júbilo – o príncipe abriu um sorriso triste e envolveu o rosto da filha com uma mão enrubescida e inchada. – Está com boa

aparência. Capitão, tenha a bondade de me ajudar a descer daqui.

Hotah enfiou o machado na bandoleira que trazia às costas e envolveu o príncipe nos braços, com delicadeza para não lhe sacudir as articulações inchadas. Mesmo assim, Doran Martell reprimiu um gemido de dor.

– Ordenei aos cozinheiros que preparassem um banquete para esta noite – disse Arianne –, com todos os seus pratos preferidos.

– Temo que não possa fazer-lhes justiça – o príncipe lançou um relance demorado em volta do pátio. – Não vejo Tyene.

– Ela suplica uma conversa em privado. Mandei-a para a sala do trono, a fim de esperar sua chegada.

O príncipe suspirou:

– Muito bem. Capitão? Quanto mais depressa despachar isto, mais depressa posso descansar.

Hotah carregou-o pelas longas escadas de pedra da Torre do Sol até a grande sala redonda sob a cúpula, onde a última luz da tarde entrava em diagonal através de espessas janelas de vidro multicolorido e ia pincelar o pálido mármore com diamantes de meia centena de cores. Ali os esperava a terceira Serpente de Areia.

Estava sentada de pernas cruzadas numa almofada, sob o estrado onde se situavam os cadeirões, mas ergueu-se quando entraram, trajando um vestido justo de samito azul-claro com mangas de renda de Myr que a fazia parecer tão inocente quanto a própria Donzela. Em uma mão tinha um bordado em que estivera trabalhando, na outra trazia um par de agulhas douradas. Os cabelos também eram dourados, e os olhos eram profundas lagoas azuis... e, no entanto, de algum modo lembravam ao capitão os olhos do pai, embora os de Oberyn tivessem sido negros como a noite. *Todas as filhas do Príncipe Oberyn têm seus olhos de víbora*, notou Hotah de súbito. *A cor não importa.*

– Tio – Tyene Sand o saudou. – Tenho estado a sua espera.

– Capitão, ajude-me a sentar no cadeirão.

Havia dois cadeirões no estrado, quase gêmeos um do outro, mas um tinha a lança Martell embutida em ouro no espaldar, enquanto o outro ostentava o sol ardente de Roine, que flutuava nos mastros dos navios de Nymeria quando eles chegaram a Dorne pela primeira vez. O capitão pousou o príncipe sob a lança e se afastou.

– Dói tanto assim? – a voz da Senhora Tyene era gentil, e ela parecia tão doce quanto morangos de verão. A mãe fora uma septã, enquanto ela possuía um ar de inocência quase sobrenatural. – Há alguma coisa que eu possa fazer para aliviar as dores?

– Diga o que tem a dizer e deixe-me repousar. Estou cansado, Tyene.

– Fiz isto para você, tio – Tyene desdobrou a peça que estivera bordando. Mostrava o pai, o Príncipe Oberyn, sorridente, montado num corcel de areia envergando uma armadura vermelha. – Quando terminar, é seu, para ajudá-lo a se lembrar de meu pai.

– Não é provável que me esqueça dele.

– É bom saber. Muitos têm tido dúvidas.

– Lorde Tywin prometeu-me a cabeça da Montanha.

– Ele é *tão* gentil... mas a espada de um carrasco não é um fim adequado ao bravo Sor Gregor. Rezamos durante tanto tempo por sua morte, que é apenas justo que ele também reze por ela. Eu conheço o veneno que meu pai usou, e não há nenhum outro mais lento ou doloroso. Em breve talvez ouçamos os gritos da Montanha até aqui, em Lançassolar.

Príncipe Doran suspirou:

– Obara clama por guerra. Nym se contentará com o assassinato. E você?

– A guerra – disse Tyene –, embora não a guerra de minha irmã. Os dorneses lutam melhor em casa. Portanto, o que sugiro é que amolemos as espadas e esperemos. Quando os Lannister e os Tyrell caírem sobre nós, os massacraremos nos passos e enterraremos seus corpos sob as areias sopradas pelo vento, como fizemos cem vezes antes.

– *Se* eles caírem sobre nós.

– Oh, mas terão de cair, se não quiserem ver o reino despedaçado de novo, como estava antes de casarmos com os dragões. Foi o pai que me disse. Ele disse que tinha de agradecer ao Duende por nos ter enviado a Princesa Myrcella. Ela é tão linda, não lhe parece? Gostaria de ter cachos como os dela. Foi feita para ser rainha, assim como a mãe – covinhas desabrocharam nas bochechas de Tyene. – Eu me sentiria honrada se cuidasse da boda e também orientasse o fabrico das coroas. Trystane e Myrcella são tão inocentes, que pensei que talvez ouro branco... com esmeraldas, para combinar com os olhos de Myrcella. Oh, diamantes e

pérolas também serviriam, desde que os pequenos sejam casados e coroados. Então teremos apenas de saudar Myrcella como a Primeira do Seu Nome, Rainha dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, e legítima herdeira dos Sete Reinos de Westeros, e esperar que os leões venham.

– A *legítima* herdeira? – o príncipe soltou uma fungadela.

– Ela é mais velha que o irmão – explicou Tyene, como se ele fosse algum idiota. – Por lei, o Trono de Ferro deverá passar para ela.

– Pela lei de *Dorne*.

– Quando o bom Rei Daeron se casou com a Princesa Myriah e nos juntou ao seu reino, foi estabelecido que em Dorne dominaria sempre a lei de Dorne. E acontece que *Myrcella* está em Dorne.

– É verdade – o tom dele mostrava má vontade. – Deixe-me pensar sobre isso.

Tyene zangou-se:

– Pensa demais, tio.

– Penso?

– O pai dizia que sim.

– Oberyn não pensava o suficiente.

– Alguns homens *pensam* porque têm medo de *agir*.

– Há uma diferença entre medo e cautela.

– Oh, tenho que rezar para nunca vê-lo *assustado*, tio. Talvez se esqueça de respirar – ela levantou a mão...

O capitão bateu o cabo do machado contra o mármore com um estrondo surdo.

– Senhora, tem muita ousadia. Afaste-se do estrado, se lhe aprouver.

– Não pretendia fazer nenhum mal, capitão. Amo meu tio, assim como sei que ele amava meu pai – Tyene caiu sobre um joelho diante do príncipe. – Disse tudo o que tinha para dizer, tio. Perdoe-me se o ofendi; meu coração está despedaçado. Ainda tenho seu amor?

– Sempre.

– Dê-me, então, a sua bênção e vou embora.

Doran hesitou durante meio segundo antes de pousar a mão na cabeça da sobrinha:

– Seja corajosa, filha.

– Oh, como poderia não ser? Sou filha *dele*.

Assim que Tyene se retirou, Meistre Caleotte correu para o estrado.

– Meu príncipe, ela não... mostre-me, deixe-me ver sua mão – examinou primeiro a palma e depois a virou gentilmente para farejar a parte de trás dos dedos do príncipe. – Não, ótimo. Muito bom. Não há arranhões, portanto...

O príncipe retirou a mão.

– Meistre, posso lhe pedir um pouco de leite de papoula? Uma pequena dose será suficiente.

– Leite de papoula. Sim, com certeza.

– Agora mesmo, pode ser? – insistiu Doran Martell com gentileza, e Caleotte correu para a escada.

Lá fora o sol tinha se posto. A luz dentro da cúpula era o azul do ocaso, e todos os diamantes no chão estavam desvanecendo. O príncipe manteve-se sentado em seu cadeirão sob a lança Martell, com o rosto pálido de dor. Após um longo silêncio, virou-se para Areo Horah.

– Capitão – disse –, quão leais são meus guardas?

– São leais – o capitão não sabia o que mais dizer.

– Todos? Ou alguns?

– São bons homens. Bons *homens de Dorne*. Cumprirão as minhas ordens – bateu com o machado no chão. – Trarei a cabeça de qualquer homem que o traia.

– Não quero cabeças. Quero obediência.

– É sua – *Servir. Obedecer. Proteger. Votos simples para um homem simples*. – Quantos homens são necessários?

– Deixarei isto ao seu critério. Pode ser que um punhado de bons homens nos sirva melhor do que vinte. Quero isto feito tão rápida e silenciosamente quanto for possível, sem derramamento de sangue.

– Rápido, silencioso e sem sangue, sim, senhor. Quais são suas ordens?

– Encontre as filhas de meu irmão, prenda-as e as confine nas celas no topo da Torre da Lança.

– As Serpentes de Areia? – a garganta do capitão estava seca. – Todas... todas as oito, meu príncipe? As pequenas também?

O príncipe refletiu sobre aquilo.

– As filhas de Ellaria são novas demais para representar perigo, mas há quem talvez procure usá-las contra mim. Seria melhor mantê-las a salvo

e ao nosso alcance. Sim, as pequenas também... mas primeiro prenda Tyene, Nymeria e Obara.

– Às ordens meu príncipe – o capitão tinha o coração perturbado. *Minha princesinha não gostará disso*. – E Sarella? Ela é uma mulher-feita, tem quase vinte anos.

– A menos que regresse a Dorne, não há nada que eu possa fazer a respeito de Sarella, exceto rezar para que mostre mais bom-senso do que as irmãs. Deixe-a com o seu... jogo. Reúna as outras. Não dormirei até saber que estão em segurança e sob guarda.

– Será feito – o capitão hesitou. – Quando isso chegar às ruas, os plebeus irão se revoltar.

– Toda a Dorne fará alarido – Doran Martell falou numa foz fatigada. – Só rezo para que Lorde Tywin os ouça em Porto Real, para que saiba como é leal o amigo que tem em Lançassolar.

## CERSEI

Ela sonhou que estava sentada no Trono de Ferro, bem alto, acima de todos eles.

Os cortesãos eram ratos brilhantemente coloridos lá embaixo. Grandes senhores e orgulhosas senhoras ajoelhavam-se diante dela. Valentes jovens cavaleiros depositavam as espadas aos seus pés e suplicavam-lhe favores, e a rainha sorria para eles. Até que o anão apareceu, surgido de parte nenhuma, apontando para ela e uivando de riso. Os senhores e as senhoras começaram também a soltar risinhos, escondendo o sorriso atrás das mãos. Foi só então que a rainha percebeu que estava nua.

Horrorizada, tentou cobrir-se com as mãos. As farpas e lâminas do Trono de Ferro morderam-lhe a carne quando se agachou para esconder a vergonha. O sangue escorreu-lhe, rubro, pelas pernas, enquanto dentes de aço lhe mordiam as nádegas. Quando tentou se levantar, o pé enfiou-se numa fenda de metal retorcido. Quanto mais lutava, mais o trono a engolia, arrancando pedaços de carne de seus seios e barriga, cortando-lhe os braços e as pernas até os deixar luzidios e cintilantes de vermelho.

E o irmão não parava de rolar lá embaixo, rindo.

O divertimento dele ainda lhe ecoava nos ouvidos quando sentiu um leve toque no ombro e acordou de repente. Durante meio segundo, a mão pareceu fazer parte do pesadelo, e Cersei gritou, mas era apenas Senelle. O rosto da aia estava branco e assustado.

*Não estamos sozinhas*, percebeu a rainha. Sombras erguiam-se ao redor de sua cama, silhuetas altas com cota de malha a luzir debilmente por baixo de seus mantos. Homens armados não tinham nada a fazer ali. *Onde estão os meus guardas?* O quarto encontrava-se mergulhado na escuridão, exceto pela lanterna que um dos intrusos segurava bem alto. *Não posso mostrar medo*. Cersei afastou para trás os cabelos desgrenhados pelo sono e disse:

– Que querem de mim? – um homem avançou sob a luz da lanterna, e ela viu que seu manto era branco. – Jaime? – *sonhei com um irmão, mas o outro veio me acordar.*

– Vossa Graça? – a voz não era a do irmão. – O Senhor Comandante disse para vir buscá-la – os cabelos dele encaracolavam-se como os de Jaime, mas os do irmão eram ouro batido, tais como os dela, ao passo que os daquele homem eram mais escuros e oleosos. Fitou-o, confusa, enquanto ele resmungava qualquer coisa acerca de uma latrina e uma besta, e dizia o nome do pai. *Ainda estou sonhando*, pensou Cersei. *Não acordei, e meu pesadelo não terminou. Tyrion sairá em breve de debaixo da cama e começará a rir de mim.*

Mas aquilo era uma loucura. O irmão anão encontrava-se nas celas negras, condenado a morrer exatamente naquele dia. Olhou para as mãos, virando-as para se certificar de que ainda tinha todos os dedos. Quando passou a mão pelo braço, a pele estava arrepiada, mas sem cortes. Não havia ferimentos em suas pernas, nem um rasgão nas solas dos pés. *Um sonho, foi só isso, um sonho. Bebi demais na noite passada, esses medos são só humores nascidos do vinho. Quem rirá serei eu, ao anoitecer. Meus filhos estarão a salvo, o trono de Tommen estará seguro e meu retorcido pequeno* valonqar *terá uma cabeça a menos e estará apodrecendo.*

Jocelyn Swyft estava junto ao seu cotovelo, pressionando-a para que pegasse uma taça. Cersei bebeu um gole; água com algumas gotas de limão, tão azeda que a cuspiu. Ouvia o vento noturno agitando as janelas, e via com uma estranha clareza penetrante. Jocelyn tremia como uma folha, tão assustada quanto Senelle. Sor Osmund Kettleblack pairava acima dela. Atrás dele encontrava-se Sor Boros Blount, com uma lanterna. À porta, havia guardas Lannister com leões dourados cintilando no topo dos capacetes. Também pareciam assustados. *Poderá ser?*, perguntou a rainha a si mesma. *Poderá ser verdade?*

Ergueu-se e permitiu que Senelle lhe pusesse um roupão sobre os ombros para esconder sua nudez. Foi a própria Cersei quem atou o cinto, sentindo os dedos rígidos e desastrados.

– O senhor meu pai mantém guardas à minha volta, de noite e de dia – disse. Sentia a língua pesada. Bebeu outro gole de água com limão e fez bochechos para lhe refrescar o hálito. Uma mariposa entrara na lanterna

que Sor Boros segurava; conseguia ouvi-la zumbindo e via a sombra de suas asas enquanto batia no vidro.

– Os guardas estavam em seus postos, Vossa Graça – disse Osmund Kettleblack. – Encontramos uma porta escondida atrás da lareira. Uma passagem secreta. O Senhor Comandante desceu para ver onde vai dar.

– Jaime? – o terror a capturou, súbito como uma tempestade. – Jaime devia estar com o *rei*...

– O garoto nada sofreu. Sor Jaime enviou uma dúzia de homens para ver como ele se encontrava. Sua Graça dorme em paz.

*Que tenha um sonho melhor do que o meu, e um despertar mais suave.*

– Quem está com o rei?

– Sor Loras tem essa honra, se lhe aprouver.

Não aprazia. Os Tyrell não passavam de intendentes que os reis do dragão tinham elevado muito acima de seu estatuto. Sua vaidade era excedida apenas por sua ambição. Sor Loras podia ser tão lindo quanto um sonho de donzela, mas por baixo de seu manto branco era Tyrell até os ossos. Tanto quanto sabia, o maligno fruto daquela noite fora plantado e nutrido em Jardim de Cima.

Mas essa era uma suspeita que não se atrevia a exprimir em voz alta.

– Permita-me um momento para que me vista. Sor Osmund, acompanhe-me à Torre da Mão. Sor Boros, desperte os carcereiros e certifique-se de que o anão continua em sua cela – não queria proferir seu nome. *Ele nunca teria encontrado coragem para erguer a mão contra o pai*, disse a si mesma, mas tinha de ter certeza.

– Às ordens de Vossa Graça – Blount entregou a lanterna a Sor Osmund. Cersei não se sentiu insatisfeita por vê-lo pelas costas. *O pai nunca devia ter lhe devolvido o branco*. O homem provara ser um covarde.

Quando abandonaram a Fortaleza de Maegor, o céu tomara um profundo tom de azul-cobalto, embora as estrelas ainda brilhassem. *Todas menos uma*, pensou Cersei. *A estrela brilhante do oeste caiu, e agora as noites serão mais escuras*. Fez uma pausa sobre a ponte levadiça que transpunha o fosso seco, fitando os espigões no fundo deste. *Eles não se atreveriam a mentir para mim sobre uma coisa dessas*.

– Quem foi que o encontrou?

– Um de seus guardas – disse Sor Osmund. – Lum. Sentiu o chamamento da natureza e encontrou sua senhoria na latrina.

*Não, isto não pode ser. Não é assim que um leão morre*. A rainha sentia-se estranhamente calma. Lembrou-se da primeira vez que perdera um dente, quando não era mais que uma menininha. Não doera, mas o buraco que ficara na boca era tão estranho que não conseguia parar de tocá-lo com a língua. *Agora há um buraco no mundo onde estava o pai, e os buracos querem algo que os preencha*.

Se Tywin Lannister estava realmente morto, ninguém se encontrava a salvo... principalmente seu filho, no trono. Quando o leão cai, as feras menores avançam, os chacais, os abutres e os cães bravios. Iriam tentar deixá-la de lado, como sempre tinham feito. Teria de agir depressa, como quando Robert morrera. Aquilo podia ser obra de Stannis Baratheon, por intermédio de algum homem a soldo. Podia perfeitamente ser o prelúdio de outro ataque contra a cidade. Esperava que fosse. *Que ele venha. Vou esmagá-lo, tal como meu pai fez, e desta vez morrerá*. Stannis não a assustava mais do que Mace Tyrell. Ninguém a assustava. Era uma filha do Rochedo, um leão. *Não haverá mais conversas sobre me obrigarem a voltar a casar*. Rochedo Casterly agora era seu, com todo o poder da Casa Lannister. Nunca mais ninguém a menosprezaria. Mesmo quando Tommen deixasse de ter necessidade de um regente, a Senhora de Rochedo Casterly continuaria a ser uma força a ter em conta.

O sol nascente pintara de vermelho-vivo o topo das torres, mas a noite ainda se acumulava sob as muralhas. O castelo exterior estava tão silencioso que poderia imaginá-lo com todos mortos. *E deviam estar. Não convém que Lorde Tywin morra só. Um homem como ele merece uma comitiva para cuidar de suas necessidades no inferno.*

Quatro lanceiros com manto vermelho e elmo coroado por leões guardavam a porta da Torre da Mão.

– Ninguém deve entrar ou sair sem a minha autorização – disse-lhes. A ordem veio-lhe fácil. *Meu pai também tinha aço na voz*.

Dentro da torre, a fumaça dos archotes irritou-lhe os olhos, mas Cersei não chorou, como o pai não teria chorado. *Sou o único verdadeiro filho que ele teve*. Os calcanhares raspavam na pedra enquanto subia, e ainda conseguia ouvir a mariposa esvoaçando furiosamente dentro da lanterna

de Sor Osmund. *Morra*, pensou a rainha, irritada, *voe para a chama e acabe com isso*.

No topo da escada encontravam-se mais dois guardas de manto vermelho. Lester Vermelho murmurou uma condolência quando ela passou. A respiração da rainha era rápida e pouco profunda, e ela sentia o coração tamborilar no peito. *Os degraus*, disse a si mesma, *esta maldita torre tem degraus demais*. Estava quase decidida a derrubá-la.

O salão estava cheio de tolos que falavam em murmúrios, como se Lorde Tywin estivesse dormindo e eles tivessem medo de acordá-lo. Tanto os guardas como os criados se encolhiam diante dela, com as bocas se movendo. Via suas gengivas cor-de-rosa e as línguas se mexendo, mas suas palavras não faziam mais sentido do que o zumbido da mariposa. *O que estão fazendo aqui? Como souberam?* O correto teria sido chamarem-na primeiro. Ela era a Rainha Regente, ter-se-iam esquecido disso?

À porta do quarto da Mão encontrava-se Sor Meryn Trant com sua armadura e manto brancos. A viseira do seu elmo estava aberta, e as bolsas sob os olhos davam-lhe um ar de quem ainda estava adormecido.

– Tire essa gente daqui – disse-lhe Cersei. – Meu pai está na latrina?

– Levaram-no de volta para a cama, senhora – Sor Meryn abriu a porta para que entrasse.

A luz da manhã entrava em diagonal através das janelas e pintava barras douradas nas esteiras espalhadas pelo chão do quarto. Tio Kevan estava de joelhos ao lado da cama, tentando rezar, mas quase não conseguia forçar as palavras a sair. Guardas aglomeravam-se perto da lareira. A porta secreta de que Sor Osmund falara encontrava-se escancarada por trás das cinzas; não era maior que um forno. Um homem teria de engatinhar. *Mas Tyrion é só meio homem*. O pensamento a irritou. *Não, o anão está trancado numa cela negra*. Aquilo não podia ser obra sua. *Stannis*, disse a si mesma, *é Stannis quem está por trás disso. Ele ainda tem partidários na cidade. Ele, ou os Tyrell...*

Sempre se falara de passagens secretas no interior da Fortaleza Vermelha. Supunha-se que Maegor, o Cruel, matara os homens que construíram o castelo a fim de manter o conhecimento sobre elas secreto. *Quantos outros quartos terão portas escondidas?* Cersei teve uma súbita visão do anão de quatro, saindo de detrás de uma tapeçaria no quarto de

Tommen com uma lâmina na mão. *Tommen está bem guardado*, disse a si mesma. Mas Lorde Tywin também estivera.

Por um momento, não reconheceu o morto. Sim, tinha cabelos semelhantes aos do pai, mas aquele era decerto outro homem qualquer, um homem menor, e muito mais velho. Tinha o roupão puxado para cima, sobre o peito, o que o deixava nu abaixo da cintura. O dardo atingira-o na virilha, entre o umbigo e o membro viril, e penetrara tão profundamente que apenas se viam as penas. Os pelos púbicos tinham endurecido por causa do sangue seco. Mais sangue coagulava no umbigo.

O cheiro que ele exalava a fez torcer o nariz.

– Tire-lhe o dardo do corpo – ordenou. – Este homem é a Mão do Rei! – *e o meu pai. O senhor meu pai. Deveria gritar e arrancar os cabelos?* Dizia-se que Catelyn Stark rasgara o próprio rosto em tiras sangrentas quando os Frey mataram seu precioso Robb. *Gostaria disso, pai?*, desejou perguntar a ele. *Ou preferiria que eu fosse forte? Chorou por seu pai?* O avô morrera quando Cersei tinha apenas um ano de idade, mas conhecia a história. Lorde Tytos tornara-se muito gordo, e o coração rebentara-lhe um dia, enquanto subia as escadas para ir ter com a amante. O pai de Cersei encontrava-se em Porto Real quando aconteceu, servindo como Mão do Rei Louco. Lorde Tywin estivera com frequência em Porto Real quando ela e Jaime eram jovens. Se ele chorara quando lhe trouxeram a notícia da morte do pai, fizera-o onde ninguém pudesse ver-lhe as lágrimas.

A rainha sentia as unhas enterrarem-se nas palmas das mãos.

– Como puderam deixá-lo assim? Meu pai foi Mão de três reis, o maior homem que alguma vez caminhou nos Sete Reinos. Os sinos devem soar por ele, tal como soaram por Robert. Tem de ser banhado e vestido como é próprio de sua posição, de arminho, pano de ouro e seda carmesim. Onde está Pycelle? *Onde está Pycelle?* – virou-se para os guardas. – Puckens, traga o Grande Meistre Pycelle. Ele precisa ver Lorde Tywin.

– Ele já o viu, Vossa Graça – Puckens respondeu. – Veio, viu, e foi-se, para chamar as irmãs silenciosas.

*Foram me buscar por último*. Perceber aquilo deixou-a quase furiosa demais para falar. *E Pycelle corre para enviar uma mensagem em vez de sujar suas mãos moles e enrugadas. O homem é um inútil*.

– Encontre Meistre Ballabar – ordenou. – Encontre Meistre Frenken. Qualquer um dos dois – Puckens e Orelha-Curta correram para obedecê-la. – Onde está meu irmão?

– Lá embaixo, no túnel. Há um poço, com degraus de ferro presos à pedra. Sor Jaime foi ver até que profundidade chega.

*Ele só tem uma mão*, quis gritar-lhes. *Devia ter sido um de vocês a ir. Ele não tem nada que andar descendo escadas. Os homens que assassinaram nosso pai podem estar lá embaixo, à espera dele*. O irmão gêmeo sempre fora impetuoso demais e, segundo parecia, nem mesmo perder uma mão o ensinara a ter cautela. Estava prestes a ordenar aos guardas para descerem à procura de Jaime e o trazerem de volta quando Puckens e Orelha-Curta regressaram com um homem de cabelos grisalhos entre os dois.

– Vossa Graça – Orelha-Curta disse –, este diz que era um meistre.

O homem fez uma profunda reverência.

– Como posso servir Vossa Graça?

O rosto do homem lhe era vagamente familiar, embora não fosse capaz de se lembrar. *Velho, mas não tão velho quanto Pycelle. Este ainda tem em si alguma força*. Era alto, embora tivesse as costas ligeiramente tortas, e mostrava rugas em volta dos ousados olhos azuis. *Tem a garganta nua*.

– Não usa corrente de meistre.

– Foi-me tirada. Meu nome é Qyburn, se aprouver a Vossa Graça. Tratei a mão de seu irmão.

– Seu coto, você quer dizer – agora lembrava-se dele. Viera de Harrenhal com Jaime.

– Não consegui salvar a mão de Sor Jaime, é verdade. Minhas artes salvaram-lhe o braço, porém, e talvez mesmo a vida. A Cidadela tirou-me a corrente, mas não puderam me tirar os conhecimentos.

– Talvez seja suficiente – decidiu. – Se falhar, perderá mais do que uma corrente, garanto-lhe. Tire o dardo da barriga de meu pai e o prepare para as irmãs silenciosas.

– Às ordens de minha rainha – Qyburn dirigiu-se à cama, fez uma pausa, olhou para trás. – E como é que lido com a garota, Vossa Graça?

– Garota? – Cersei não reparara no segundo corpo. Aproximou-se a passos largos da cama, atirou para o lado a pilha de colchas

ensanguentadas e lá estava ela, nua, fria, e rosada... exceto o rosto, que se tornara tão negro quanto o de Joff no banquete de casamento. Uma corrente de mãos de ouro ligadas umas às outras estava meio enterrada na carne de sua garganta, torcida com tanta força que lhe rasgara a pele. Cersei silvou como uma gata irritada.

– O que *ela* faz aqui?

– Nós a encontramos aí, Vossa Graça – Orelha-Curta respondeu. – É a amante do Duende – como se isso explicasse por que ela estava ali.

*O senhor meu pai não tinha nenhuma utilidade a dar a prostitutas*, pensou. *Depois da morte de nossa mãe, nunca tocou numa mulher*. Lançou ao guarda um frio olhar.

– Isto não é... quando o pai de Lorde Tywin morreu, ele regressou a Rochedo Casterly e foi encontrar uma... uma mulher dessa espécie... adornada com as joias da senhora sua mãe, usando um de seus vestidos. Ele os arrancou dela, e arrancou tudo o mais também. Durante uma quinzena, ela foi obrigada a desfilar, nua, pelas ruas de Lanisporto, para confessar a todos os homens que encontrasse que era ladra e meretriz. Era assim que Lorde Tywin Lannister lidava com prostitutas. Ele nunca... esta mulher estava aqui para outro fim qualquer, não para...

– Talvez sua senhoria estivesse interrogando a garota acerca de sua ama – sugeriu Qyburn. – Sansa Stark desapareceu na noite em que o rei foi assassinado, segundo ouvi dizer.

– É verdade – Cersei adotou avidamente a sugestão. – Estava interrogando-a, com certeza. Não pode haver qualquer dúvida – conseguia ver Tyrion com aquele olhar atravessado, observando-a, a boca torcida num esgar de macaco sob as ruínas do nariz. *E que melhor maneira de interrogá-la do que nua, com as pernas bem abertas?*, sussurrou o anão. *Também é assim que gosto de interrogá-la.*

A rainha virou as costas à cena. *Não olharei para ela*. De repente, até estar na mesma sala da morta era demais. Passou por Qyburn com um empurrão e saiu para o salão.

Sor Osmund recebera a companhia dos irmãos Osney e Osfryd.

– Há uma mulher morta no quarto da Mão – disse Cersei aos três Kettleblack. – Ninguém deve saber que ela estava aqui.

– Sim, senhora – Sor Osney tinha tênues arranhões no rosto, onde outra das prostitutas de Tyrion o tinha machucado. – E o que faremos com ela?

– Dê aos seus cães. Mantenha-a como companheira de cama. Que me importa? *Ela nunca esteve aqui*. Mandarei cortar a língua de qualquer homem que se atreva a dizer que esteve. Compreendeu?

Osney e Osfryd trocaram um olhar.

– Sim, Vossa Graça.

Seguiu-os de volta ao quarto e ficou observando-os envolver a garota nos cobertores ensanguentados do pai. *Shae, o nome dela era Shae*. A última vez que tinham conversado fora na noite anterior ao julgamento por combate do anão, depois de aquele dornês sorridente ter se oferecido como seu campeão. Shae inquirira acerca de umas joias que Tyrion lhe oferecera, e de certas promessas que Cersei poderia ter feito, uma mansão na cidade e um cavaleiro que a desposasse. A rainha deixara claro que a prostituta não obteria nada até que lhes dissesse para onde fora Sansa Stark.

– Era a aia dela. Espera que eu acredite que não sabia nada dos seus planos? – dissera. Shae partira banhando-se em lágrimas.

Sor Osfryd pôs o cadáver empacotado no ombro.

– Quero aquela corrente – disse Cersei. – Assegure-se de não arranhar o ouro – Osfryd acenou com a cabeça e se dirigiu para a porta. – Não, pelo pátio não – apontou para a passagem secreta. – Há um poço que vai dar nas masmorras. Por ali.

Quando Sor Osfryd apoiou-se num joelho diante da lareira, a luz lá dentro tornou-se mais brilhante, e a rainha ouviu ruídos. Jaime emergiu, dobrado sobre si mesmo como uma velha, com as botas fazendo pequenas nuvens com a fuligem do último fogo de Lorde Tywin.

– Saiam da frente – disse aos Kettleblack.

Cersei correu para ele.

– Você os encontrou? Encontrou os assassinos? Quantos eram? – decerto eram mais de um. Um homem sozinho não poderia ter matado seu pai.

O rosto do irmão trazia um ar descomposto.

– O poço desce até uma câmara onde se encontram meia dúzia de túneis. Estão fechados por portões de ferro, acorrentados e trancados. Preciso encontrar as chaves – lançou um relance pelo quarto. – Quem quer que tenha feito isso pode ainda estar escondido nas paredes. Aquilo ali é um labirinto, e escuro.

Cersei imaginou Tyrion engatinhando entre as paredes como uma ratazana monstruosa. *Não. Está sendo tola. O anão está em sua cela*.

– Ataque as paredes com martelos. Derrube esta torre, se for preciso. Quero que os encontrem. Quem quer que tenha feito isso. Quero-os mortos.

Jaime a abraçou, com a mão boa a apertar-lhe o dorso. Ele cheirava a cinzas, mas tinha o sol da manhã nos cabelos, dando-lhes um brilho dourado. Desejou puxar o rosto dele para o seu e beijá-lo. *Mais tarde*, disse a si mesma, *mais tarde virá ter comigo, para me confortar.*

– Somos os seus herdeiros, Jaime – sussurrou. – Cabe a nós terminar sua obra. Precisa tomar o lugar do pai como Mão. Agora percebe isto, certamente. Tommen irá precisar de você...

Ele a afastou e ergueu o braço, pondo-lhe o coto diante dos olhos.

– Uma Mão sem mão? Piada sem graça, irmã. Não me peça para governar.

O tio ouviu a recusa. Qyburn também, e os Kettleblack igualmente, lutando para fazer passar sua trouxa pelas cinzas. Até os guardas ouviram, Puckens, Hoke, Perna de Cavalo e Orelha-Curta. *Todo o castelo saberá ao cair da noite*. Cersei sentiu o calor subir-lhe ao rosto.

– Governar? Nada disse de governar. Eu governarei até meu filho ter idade.

– Não sei de quem tenho mais pena – o irmão respondeu. – Se de Tommen ou dos Sete Reinos.

Ela o esbofeteou. O braço de Jaime ergueu-se para segurar o golpe com a rapidez de um gato... mas aquele gato tinha um coto no lugar da mão direita. Os dedos dela deixaram marcas vermelhas em sua face.

O som levou o tio a se erguer.

– Seu pai jaz aqui *morto*. Tenham a decência de levar a briga lá para fora.

Jaime inclinou a cabeça, num pedido de desculpa.

– Perdoe-nos, tio. Minha irmã está doente de dor. Ela esquece o que é apropriado.

Cersei desejou voltar a esbofeteá-lo por aquilo. *Devia estar louca quando pensei que ele podia ser Mão*. Mais depressa aboliria o cargo. Quando lhe teria uma Mão trazido algo além de pesar? Jon Arryn pusera Robert Baratheon em sua cama, e antes de morrer começara também a

farejar em volta dela e de Jaime. Eddard Stark apanhara o fio da meada onde Arryn o deixara; sua intromissão forçara-a a se livrar de Robert mais depressa do que teria desejado, antes de ter tempo de tratar de seus pestilentos irmãos. Tyrion vendera Myrcella aos dorneses, tomara um de seus filhos como refém e assassinara o outro. E quando Lorde Tywin regressara a Porto Real...

*A próxima Mão conhecerá o seu lugar*, prometeu a si mesma. Teria de ser Sor Kevan. O tio era incansável, prudente, infalivelmente obediente. Poderia contar com ele, tal como o pai contara. *A mão não discute com a cabeça*. Tinha um reino para governar, mas precisaria de novos homens para ajudá-la na tarefa. Pycelle era um bajulador trêmulo, Jaime perdera a coragem com a mão da espada, e Mace Tyrell e seus amiguinhos Redwyne e Rowan não eram dignos de confiança. Tanto quanto sabia, podiam ter desempenhado um papel naquilo. Lorde Tyrell devia saber que nunca governaria os Sete Reinos enquanto Tywin Lannister vivesse.

*Terei de agir com cautela em relação a ele*. A cidade estava cheia de seus homens, e Lorde Tyrell até conseguira plantar um de seus filhos na Guarda Real e pretendia plantar a filha na cama de Tommen. Ainda deixava-a furiosa pensar que o pai concordara em prometer Tommen a Margaery Tyrell. *A garota tem o dobro da idade dele e é duas vezes viúva*. Mace Tyrell afirmava que a filha ainda era virgem, mas Cersei tinha suas dúvidas. Joffrey fora assassinado antes de poder se deitar com a esposa, mas ela fora casada com Renly... *Um homem pode preferir o sabor do hipocraz, mas quando se coloca uma caneca de cerveja na sua frente emborca-a bem depressa*. Teria de ordenar a Lorde Varys que descobrisse o que pudesse.

Aquilo a fez parar. Esquecera-se de Varys. *Ele devia estar aqui. Está sempre aqui*. Sempre que algo de importância acontecia na Fortaleza Vermelha, o eunuco aparecia como que saído de parte nenhuma. *Jaime está aqui, assim como tio Kevan, Pycelle chegou e partiu, mas Varys não*. Um dedo frio tocou-lhe a espinha. *Ele participou disto. Deve ter temido que o pai quisesse cortar-lhe a cabeça, por isso atacou primeiro*. Lorde Tywin nunca sentira nenhuma amizade pelo afetado mestre dos sussurros. E se havia homem que conhecia os segredos da Fortaleza Vermelha, era certamente o mestre dos sussurros. *Ele deve ter feito causa*

*comum com Lorde Stannis. Afinal de contas, serviram juntos no conselho de Robert...*

Cersei dirigiu-se à porta do quarto para falar com Sor Meryn Trant:

– Trant, traga-me Lorde Varys. Guinchando e esperneando, se preciso, mas ileso.

– Às ordens de Vossa Graça.

Mas, assim que um homem da Guarda Real partiu, outro regressou. Sor Boros Blount estava corado e ofegava da corrida precipitada degraus acima.

– Desapareceu – ele arquejou ao ver a rainha, caindo sobre um joelho. – O Duende... tem a cela aberta, Vossa Graça... não há sinal dele em lugar nenhum...

*O sonho era verdadeiro.*

– Eu dei ordens – disse. – Ele deveria ser mantido sob guarda, dia e noite...

O peito de Blount palpitava.

– Um dos carcereiros também desapareceu. Chamava-se Rugen. Dois outros homens foram encontrados adormecidos.

Foi com dificuldade que Cersei evitou gritar:

– Espero que não os tenha acordado, Sor Boros. Deixe-os dormir.

– Dormir? – ergueu o olhar, interrogador e confuso. – Sim, Vossa Graça. Quanto tempo deverá...

– Para sempre. Certifique-se de que durmam para sempre, sor. Não admitirei que guardas durmam em serviço – *ele está nas paredes. Matou o pai, assim como a mãe, e, ainda, Joff*. O anão também viria atrás dela, a rainha sabia disso, tal como a velha vaticinara na escuridão daquela tenda. *Eu ri na cara dela, mas a mulher tinha poderes. Vi meu futuro numa gota de sangue. A minha perdição*. Sentia as pernas fraquejarem. Sor Boros tentou segurá-la pelo braço, mas a rainha se afastou ao seu toque. Tanto quanto sabia, ele podia ser uma das criaturas de Tyrion. – Afaste-se de mim – disse. – *Afaste-se!* – cambaleou até um banco.

– Vossa Graça? – disse Blount. – Devo buscar uma taça de água?

*Eu preciso é de sangue, não de água. O sangue de Tyrion, o sangue do* valonqar. Os archotes rodopiaram à sua volta. Cersei fechou os olhos e viu o anão sorrindo-lhe. *Não*, pensou, *não, já tinha quase me visto livre*

*de você*. Mas os dedos de Tyrion tinham se fechado em torno do seu pescoço, e sentia-os começar a apertar.

## BRIENNE

Procuro uma donzela de treze anos – disse ela à dona de casa de cabelos grisalhos junto ao poço da aldeia. – Uma donzela bem-nascida e muito bela, com olhos azuis e cabelos ruivos. Talvez esteja viajando com um cavaleiro corpulento de quarenta anos ou com um bobo. Você a viu?

– Que me lembre não – respondeu a mulher batendo na testa com os nós dos dedos. – Mas vou ficar alerta, ah, isso vou.

O ferreiro também não a tinha visto, e o septão da aldeia também não, ou a garota que arrancava cebolas de seu jardim, ou qualquer outra das pessoas simples que a Donzela de Tarth encontrou entre as cabanas de taipa de Rosby. Mesmo assim, persistiu. *Este é o caminho mais curto para Valdocaso*, disse Brienne a si mesma. *Se Sansa veio por aqui, alguém deve tê-la visto*. Aos portões do castelo fez sua pergunta aos dois lanceiros cuja divisa mostravam três arminhos vermelhos, as armas da Casa Rosby.

– Se ela está na estrada por esses dias, não será donzela por muito tempo – disse o homem mais velho. O mais novo quis saber se a garota também era ruiva entre as pernas.

*Aqui não encontrarei ajuda*. Quando Brienne voltou a montar, vislumbrou um garoto magricela em cima de um cavalo malhado na outra ponta da aldeia. *Não falei com aquele*, pensou, mas o garoto desapareceu atrás do septo antes de ela ter tempo de interrogá-lo. Não se incomodou em segui-lo. O mais provável era que não soubesse mais do que os outros. Rosby era pouco mais que um lugarejo à beira da estrada; Sansa não teria motivo algum para se demorar ali. Regressando à estrada, Brienne seguiu para norte e para leste, passando por pomares de macieiras e campos de cevada, e rapidamente deixou a aldeia e seu castelo para trás. *Seria em Valdocaso que encontraria sua presa*, disse a si mesma. *Se é que Sansa veio nesta direção.*

– Encontrarei a garota e a manterei a salvo – prometera Brienne a Sor Jaime em Porto Real. – Pela senhora sua mãe. E por você – nobre promessa, mas proferir palavras era fácil. Agir era difícil. Demorara-se demais e descobrira muito pouco na cidade. *Devia ter partido mais cedo... mas para onde?* Sansa Stark desaparecera na noite em que o Rei Joffrey morreu, e se alguém a vira desde então, ou tivera alguma pista do local para onde poderia ter se dirigido, não falava. *Comigo, pelo menos.*

Brienne estava convencida de que a garota deixara a cidade. Se ainda estivesse em Porto Real, os homens de manto dourado a teriam encontrado. Só poderia ter ido para outro local... mas outro local é um lugar muito grande. *Se eu fosse uma donzela que acabou de florir, sozinha e assustada, em perigo desesperador, o que faria?*, perguntara a si mesma. *Para onde iria?* Para ela, a resposta foi simples. Regressaria a Tarth, para junto do pai. Mas o pai de Sansa fora decapitado diante dela. A senhora sua mãe também estava morta, assassinada nas Gêmeas, e Winterfell, a grande fortificação dos Stark, fora saqueado e queimado, e sua gente passada na espada. *Ela não tem um lar para onde voltar, não tem pai, não tem mãe, não tem irmãos*. Podia estar na vila seguinte, ou num navio com destino a Asshai; uma coisa parecia tão provável quanto a outra.

Mesmo se Sansa Stark quisesse voltar para casa, como chegaria lá? A estrada do rei não era segura; até uma criança saberia disso. Os homens de ferro controlavam Fosso Cailin no meio do Gargalo, e nas Gêmeas estavam os Frey, que tinham assassinado o irmão de Sansa e a senhora sua mãe. A garota podia seguir por mar se tivesse dinheiro, mas o porto em Porto Real continuava em ruínas, com o rio transformado numa confusão de cais quebrados e galés incendiadas e afundadas. Brienne fizera perguntas ao longo das docas, mas ninguém conseguia se lembrar de um navio ter partido na noite em que Rei Joffrey morrera. Alguns navios mercantes tinham ancorado na baía e descarregaram por meio de botes, dissera-lhe um homem, mas eram mais numerosos os que prosseguiam ao longo da costa até Valdocaso, cujo porto nunca tivera tanto movimento.

A égua de Brienne era linda de se ver, e manteve um belo ritmo. Havia mais viajantes do que teria imaginado ser possível. Irmãos mendicantes passavam por ela com as tigelas penduradas ao pescoço. Um jovem

septão passou a galope num palafrém tão elegante como o de qualquer lorde, e, mais tarde, encontrou um bando de irmãs silenciosas que balançaram a cabeça quando Brienne lhe fez suas perguntas. Um comboio de carros de bois arrastava-se penosamente para o sul, com cereais e sacas de lã, e mais tarde ela passou por um criador de porcos que levava uma vara de animais, e por uma velha numa liteira a cavalo, com uma escolta de guardas montados. Perguntou a todos se teriam visto uma garota de nascimento elevado, com treze anos, olhos azuis e cabelos ruivos. Ninguém vira. Interrogou-os também a respeito da estrada que tinha em frente.

– Daqui a Valdocaso tá bastante segura – disse-lhe um homem –, mas, mais adiante, há fora da lei e desertores na floresta.

Só os pinheiros marciais e as árvores-sentinelas ainda ostentavam verde; as árvores de folha caduca tinham vestido mantos marrom-avermelhados e dourados, ou então haviam se descoberto para arranhar o céu com ramos castanhos e nus. Cada rajada de vento fazia que a estrada sulcada fosse atravessada por rodopiantes nuvens de folhas mortas. Faziam um som roçagante ao se esgueirar junto aos cascos da grande égua baia que Jaime Lannister lhe concedera. *É tão fácil encontrar uma folha no vento como achar uma garota perdida em Westeros*. Deu por si perguntando-se se Jaime teria lhe atribuído aquela tarefa como uma cruel brincadeira. Talvez Sansa Stark estivesse morta, decapitada pelo papel desempenhado na morte do Rei Joffrey, enterrada em alguma sepultura anônima. Que melhor forma de esconder seu assassinato do que enviar uma garota grande e estúpida de Tarth à sua procura?

*Jaime não faria isso. Ele foi sincero. Deu-me a espada e a batizou Cumpridora de Promessas*. Fosse como fosse, não fazia diferença. Prometera à Senhora Catelyn que lhe traria as filhas, e não havia promessa mais solene do que aquela feita aos mortos. A garota mais nova estava morta havia muito, Jaime afirmara; a Arya que os Lannister tinham enviado para o norte a fim de se casar com o bastardo de Roose Bolton era uma fraude. Só restava Sansa. Brienne tinha de encontrá-la.

Perto do ocaso, viu uma fogueira de acampamento ardendo ao lado de um regato. Dois homens encontravam-se sentados junto dela grelhando trutas, com as armas e armaduras empilhadas debaixo de uma árvore. Um deles era velho, e o outro, de qualquer forma mais novo, estava longe

de ser jovem. O homem mais novo ergueu-se para saudar Brienne. Tinha uma grande barriga que lhe esticava os cordões do justilho de pele de corça malhado. Uma barba hirsuta e por aparar cobria-lhe o rosto e o queixo da cor de ouro antigo.

– Temos truta para três, sor – gritou.

Não era a primeira vez que Brienne era confundida com um homem. Tirou o elmo, deixando que os cabelos se derramassem, livres. Eram loiros, da cor da palha seca, e quase igualmente quebradiços. Longos e finos, foram soprados em volta de seus ombros.

– Agradeço-lhe, sor.

O cavaleiro andante semicerrou os olhos com um tal zelo que ela compreendeu que o homem devia ser míope.

– É uma senhora? Armada e vestida de armadura? Illy, pela bondade dos deuses, o *tamanho* que ela tem.

– Também a tomei por um cavaleiro – disse o mais velho, virando as trutas.

Se Brienne fosse um homem, seria chamada de grande; para uma mulher, era enorme. *Monstruosa* era a palavra que ouvira a vida inteira. Era larga de ombros e mais larga nas ancas. As pernas eram longas, e os braços, grossos. O peito era mais músculo do que seios. As mãos eram grandes, e os pés, enormes. E, além de tudo, era feia, com uma cara equina e sardenta, e dentes que pareciam ser quase grandes demais para a boca. Não precisava que lhe recordassem de nada daquilo.

– Sores – disse –, viram uma donzela de treze anos na estrada? Tem olhos azuis e cabelos rubros, e talvez estivesse na companhia de um homem robusto, de rosto ruborizado, com quarenta anos.

O cavaleiro andante míope coçou a cabeça.

– Não me lembro de nenhuma donzela assim. Que tipo de cabelo é o rubro?

– Vermelho-acastanhado, normalmente – disse o homem mais velho. – Não, não a vimos.

– Não a vimos, senhora – disse-lhe o mais novo. – Vamos, desmonte, o peixe está quase pronto. Tem fome?

De fato tinha, mas também tinha cautela. A reputação dos cavaleiros andantes era duvidosa. “Um cavaleiro andante e um cavaleiro assaltante

são dois lados da mesma espada", dizia-se. *Esses dois não parecem muito perigosos*.

– Posso saber seus nomes, sores?

– Tenho a honra de ser Sor Creighton Longbough, sobre o qual cantam os cantores – disse o barrigudo. – Talvez tenha ouvido falar de meus feitos na Água Negra. Meu companheiro é Sor Illifer, o Sem-Vintém.

Se havia canções sobre Creighton Longbough, não eram das que Brienne tivesse ouvido. Os nomes dos homens não tinham mais significado para ela do que suas armas. O escudo verde de Sor Creighton mostrava apenas um comandante castanho e uma profunda ranhura feita por algum machado de guerra. O de Sor Illifer mostrava-se gironado de ouro e arminho, embora tudo nele sugerisse que nunca conhecera mais do que ouro e arminho pintado. Não teria menos de sessenta anos, e possuía um rosto atormentado e estreito, sob o capuz de um remendado manto de tecido grosseiro. Andava vestido de cota de malha, mas pontos de ferrugem sarapintavam o ferro como sardas. Brienne era uma cabeça mais alta do que qualquer dos dois, e estava mais bem montada e armada também. *Se temer homens como estes, é melhor que troque a espada por um par de agulhas de tricô.*

– Agradeço a vocês, bons sores – disse. – De bom grado partilharei sua truta – desmontando, Brienne tirou a sela da égua e deu-lhe de beber antes de prendê-la, deixando-a pastar. Empilhou as armas, escudo e alforjes sob um ulmeiro. Quando terminou, a truta já estava pronta e estaladiça. Sor Creighton trouxe-lhe uma, e Brienne sentou-se de pernas cruzadas no chão para comer.

– Seguimos para Valdocaso, senhora – disse-lhe Longbough, enquanto desfazia sua truta com os dedos. – Faria bem em seguir conosco. As estradas são perigosas.

Brienne poderia ter lhe contado mais sobre os perigos das estradas do que ele gostaria de saber.

– Agradeço-lhe, sor, mas não preciso de sua proteção.

– Insisto. Um verdadeiro cavaleiro deve proteger o sexo gentil.

Brienne tocou o cabo da espada:

– Isto me defenderá, sor.

– Uma espada tem apenas o valor do homem que a brande.

– E eu a brando suficientemente bem.

– Como quiser. Não seria cortês discutir com uma senhora. Nós a levaremos em segurança até Valdocaso. Um grupo de três pode cavalgar de forma mais segura do que uma pessoa sozinha.

*Éramos três quando partimos de Correrrio, e, no entanto, Jaime perdeu a mão da espada, e Cleos Frey, a vida.*

– Sua montaria não seria capaz de acompanhar o ritmo da minha – o castrado castanho de Sor Creighton era uma velha criatura, com o dorso demasiado curvo e olhos ramelosos, e o cavalo de Sor Illifer parecia pouco robusto e meio morto de fome.

– Meu corcel serviu-me bastante bem na Água Negra – insistiu Sor Creighton. – Ora, ali realizei grande carnificina e conquistei uma dúzia de resgates. A senhora conhecia Sor Herbert Bolling? Nunca o reencontrará agora. Matei-o de um golpe. Quando as espadas se encontram, nunca achará Sor Creighton Longbough na retaguarda.

O companheiro soltou um risinho seco:

– Creigh, para com isso. Gente como ela não tem uso a dar a gente como nós.

– Gente como eu? – Brienne não tinha certeza do que ele queria dizer.

Sor Illifer entortou um dedo ossudo na direção de seu escudo. Embora a pintura estivesse rachada e descascando, o símbolo aparecia com clareza: um morcego negro num campo dividido em faixas de prata e ouro.

– Usa um escudo de mentiroso, ao qual não tem direito. O avô de meu avô ajudou a matar os últimos Lothston. Ninguém desde então se atreveu a mostrar esse morcego, negro como as ações daqueles que o usavam.

O escudo era aquele que Sor Jaime levara do armeiro de Harrenhal. Brienne encontrara-o nos estábulos com a égua e muitas outras coisas; sela e freios, camisa de cota de malha e grande elmo com viseira, bolsas de ouro e prata e um pergaminho mais valioso do que qualquer delas.

– Perdi meu escudo – explicou.

– Um verdadeiro cavaleiro é o único escudo de que uma donzela necessita – declarou Sor Creighton em tom resoluto.

Sor Illifer o ignorou:

– Um homem descalço procura uma bota, e um homem com frio, um manto. Mas quem se cobriria em vergonha? Lorde Lucas usou o morcego, bem como o Proxeneta e Manfryd do Capuz Negro, seu filho.

Por que usar um brasão desses, pergunto eu a mim mesmo, a menos que seu pecado seja ainda maior... e mais *fresco* – desembainhou o punhal, um feio bocado de ferro barato. – Uma mulher monstruosamente grande e forte que esconde suas verdadeiras cores. Creigh, contemple a Donzela de Tarth, que abriu a real goela de Renly.

– Isto é uma mentira – Renly Baratheon fora mais do que um rei para ela. Amara-o desde que ele fora a Tarth pela primeira vez, durante a vagarosa viagem senhorial com que marcara a passagem à idade adulta. O pai dera-lhe as boas-vindas com um banquete e ordenara a Brienne para estar presente; de outro modo ter-se-ia escondido em seu quarto como uma fera ferida. Naquela época, não era mais velha do que Sansa, e temia mais os risos abafados do que as espadas. *Eles saberão da rosa*, dissera a Lorde Selwyn, *rirão de mim*. Mas a Estrela da Tarde não quisera ceder.

E Renly Baratheon mostrou-lhe toda cortesia, como se ela fosse uma donzela como devia ser, e bonita. Até dançara com Brienne, e nos braços dele sentira-se graciosa, e seus pés flutuaram chão afora. Mais tarde, outros pediram-lhe uma dança, por causa do exemplo dado por ele. Desse dia em diante, só desejara estar perto de Lorde Renly, para servi-lo e protegê-lo. Mas, no fim, falhara-lhe. *Renly morreu em meus braços, mas não o matei*, pensou, mas aqueles cavaleiros andantes nunca compreenderiam.

– Teria dado a vida por Rei Renly e morrido feliz – disse. – Não lhe fiz nenhum mal. Juro-o pela minha espada.

– Quem jura pela espada são os cavaleiros – disse Sor Creighton.

– Jure pelos Sete – sugeriu Illifer, o Sem-Vintém.

– Seja pelos Sete. Não fiz nenhum mal ao Rei Renly. Juro-o pela Mãe. Que eu nunca conheça sua misericórdia se estiver mentindo. Juro-o pelo Pai, e peço que ele possa me julgar com justiça. Juro-o pela Donzela e pela Velha, pelo Ferreiro e pelo Guerreiro. E juro-o pelo Estranho, e que ele me leve agora se sou falsa.

– Ela jura bem, para uma donzela – admitiu Sor Creighton.

– É verdade – Sor Illifer, o Sem-Vintém encolheu os ombros. – Bem, se mente, os deuses tratarão dela – voltou a guardar o punhal. – O primeiro turno de vigia é seu.

Enquanto os cavaleiros andantes dormiam, Brienne perambulou sem descanso pelo pequeno acampamento, escutando o crepitar da fogueira. *Devia seguir caminho enquanto posso*. Não conhecia aqueles homens, mas não conseguia se convencer a abandoná-los sem defesa. Mesmo na escuridão da noite, havia viajantes na estrada e ruídos nos bosques que podiam ou não ser corujas e raposas à caça. E assim Brienne vagou, e manteve a lâmina solta dentro da bainha.

No fim das contas, o turno foi fácil. *Depois* é que se tornou difícil, quando Sor Illifer acordou e disse que a renderia. Brienne abriu uma manta no chão e enrolou-se para fechar os olhos. *Não dormirei*, disse a si mesma, apesar de se encontrar exausta até os ossos. Nunca dormira facilmente na presença de homens. Mesmo nos acampamentos de Lorde Renly, o risco de violação estava sempre presente. Era uma lição que aprendera sob as muralhas de Jardim de Cima, e voltara a aprender quando ela e Jaime caíram nas mãos dos Bravos Companheiros.

O frio da terra infiltrou-se através dos cobertores de Brienne e enfiou-se em seus ossos. Não demorou muito para sentir cada músculo comprimido e dolorido, do queixo aos dedos dos pés. Perguntou a si mesma se Sansa Stark também teria frio onde quer que estivesse. Senhora Catelyn dissera que Sansa era uma alma gentil, que adorava bolo de limão, vestidos de seda e canções de cavalaria, mas a garota vira a cabeça do pai ser cortada e depois fora forçada a se casar com um de seus assassinos. Se metade das histórias fosse verdadeira, o anão era o mais cruel de todos os Lannister. *Se ela envenenou Rei Joffrey, o Duende certamente a forçou. Ela estava só e sem amigos naquela corte*. Em Porto Real, Brienne encontrara uma certa Brella, que fora uma das aias de Sansa. A mulher dissera-lhe que havia pouco calor entre Sansa e o anão. Talvez estivesse fugindo tanto dele quanto do assassinato de Joffrey.

Quaisquer sonhos que Brienne pudesse ter tido haviam desaparecido quando a aurora a despertou. Sentia as pernas rígidas como madeira devido ao terreno frio, mas ninguém a molestara, e seus bens mantinham-se intactos. Os cavaleiros andantes estavam acordados e de pé. Sor Illifer esfolava um esquilo para o café da manhã, enquanto Sor Creighton estava virado para uma árvore, aliviando-se numa boa e longa mijadela. *Cavaleiros andantes*, pensou, *velhos, vaidosos, roliços e*

*míopes, mas, apesar de tudo, homens decentes*. Animava-a saber que ainda existiam homens decentes no mundo.

Quebraram o jejum com esquilo assado, mingau de bolota e picles, enquanto Sor Creighton a divertia com suas façanhas na Água Negra, onde matara uma dúzia de temíveis cavaleiros de que ela nunca ouvira falar:

– Oh, foi uma luta fora do comum, senhora – disse –, um combate único e sangrento – admitiu que Sor Illifer também lutara nobremente na batalha. Mas o próprio Illifer pouco disse.

Quando chegou o momento de continuarem a viagem, os cavaleiros puseram-se um de cada lado dela, como guardas protegendo uma grande senhora qualquer... embora aquela senhora fizesse que ambos os protetores se parecessem anões e, na ocasião, estivesse mais bem armada e couraçada.

– Alguém passou durante o turno de vocês? – Brienne lhes perguntou.

– Alguém como uma donzela de treze anos, com cabelos rubros? – disse Sor Illifer, o Sem-Vintém. – Não, senhora. Ninguém.

– Eu vi alguns – interpôs Sor Creighton. – Um moço de lavoura qualquer, montado num cavalo malhado, e meia hora mais tarde seis homens a pé com cajados e foices. Viram nossa fogueira e pararam para deitar um longo olhar aos nossos cavalos, mas mostrei-lhes um pouco do meu aço e disse-lhes para prosseguirem. Tipos duros, pelo aspecto, e também desesperados, mas não o suficiente para brincar com Sor Creighton Longbough.

*Certamente não*, pensou Brienne, *assim tão desesperados, não*. Virou a cabeça para esconder o sorriso. Felizmente Sor Creighton estava absorto demais na história de sua épica batalha com o Cavaleiro da Galinha Vermelha para reparar que a donzela se divertia. Era bom ter companheiros na estrada, mesmo companheiros como aqueles dois.

Era meio-dia quando Brienne ouviu cânticos à deriva através das árvores nuas e marrons.

– Que barulho é esse? – perguntou Sor Creighton.

– Vozes erguidas em prece – Brienne conhecia o cântico. *Imploram proteção ao Guerreiro e pedem à Velha que lhes ilumine o caminho.*

Sor Illifer, o Sem-Vintém desnudou sua lâmina deformada e refreou o cavalo para esperar a chegada do grupo.

– Já estão próximos.

Os cânticos enchiam a floresta como um trovão piedoso. E, de súbito, a fonte do som surgiu na estrada. Um grupo de irmãos suplicantes seguia à frente, homens malvestidos e barbudos, com vestes de tecido grosseiro, alguns descalços, e outros de sandálias. Atrás deles marchavam três vintenas de homens, mulheres e crianças esfarrapadas, uma porca malhada e várias ovelhas. Vários dos homens traziam machados, e os que empunhavam pedaços de madeira e maças toscas eram mais numerosos. Entre eles seguia uma carroça de duas rodas feita de madeira cinzenta e lascada, contendo uma grande pilha de crânios e pedaços de osso. Quando viram os cavaleiros andantes, os irmãos mendicantes pararam e o cântico morreu.

– Bons cavaleiros – disse um deles –, a Mãe ama vocês.

– E a você, irmão – disse Sor Illifer. – Quem são?

– Pobres companheiros – disse um homem grande com um machado. Apesar do frio da floresta outonal, não vestia camisa, e no peito tinha cinzelada uma estrela de sete pontas. Guerreiros ândalos ostentavam estrelas como aquela gravadas na carne quando atravessaram pela primeira vez o mar estreito para esmagar os reinos dos Primeiros Homens.

– Marchamos para a cidade – disse uma mulher alta atrás da carroça –, para levar estes ossos sagrados ao Abençoado Baelor, e procurar o auxílio e a proteção do rei.

– Juntem-se a nós, amigos – exortou um pequeno homem magro que trajava uma veste de septão e usava um cristal numa corrente em volta do pescoço. – Westeros necessita de todas as espadas.

– Nós seguimos para Valdocaso – declarou Sor Creighton –, mas talvez pudéssemos levar vocês em segurança até Porto Real.

– Caso tenham dinheiro para nos pagar pela escolta – acrescentou Sor Illifer, que parecia tão prático como sem vintém.

– Os pardais não precisam de ouro – respondeu o septão.

Sor Creighton não compreendeu:

– Pardais?

– O pardal é a mais humilde e a mais comum das aves, assim como nós somos os mais humildes e os mais comuns dos homens – o septão possuía um rosto magro e anguloso e uma barba curta, grisalha e

castanha. Seus cabelos finos estavam puxados e atados atrás da cabeça, e tinha os pés nus e negros, nodosos e duros como raízes de uma árvore. – Estes são os ossos de homens santos, assassinados por sua fé. Serviram os Sete até a morte. Alguns morreram de fome, outros foram torturados. Septos foram pilhados, donzelas e mães foram violadas por homens ímpios e adoradores de demônios. Até irmãs silenciosas foram molestadas. Nossa Mãe no Céu grita em sua angústia. É hora de todos os cavaleiros ungidos abandonarem seus senhores terrenos e defenderem a nossa Fé Sagrada. Venham conosco para a cidade, caso amem os Sete.

– Tenho bastante amor por eles – disse Illifer –, mas preciso comer.

– Assim como todos os filhos da Mãe.

– Vamos para Valdocaso – Sor Illifer repetiu terminantemente.

Um dos irmãos mendicantes cuspiu, e uma mulher soltou um gemido.

– São falsos cavaleiros – disse o grandalhão com a estrela gravada no peito. Vários outros brandiram pedaços de madeira.

O septão descalço os acalmou com uma palavra.

– Não julguem, pois o julgamento cabe ao Pai. Deixe-os passar em paz. Eles também são pobres companheiros, perdidos na terra.

Brienne fez a égua avançar:

– Minha irmã também está perdida. Uma garota de treze anos com cabelos ruivos e bonita de se ver.

– Todos os filhos da Mãe são bonitos de se ver. Que a Donzela vigie essa pobre moça... e a você também, julgo eu – o septão pôs um dos tirantes da carroça no ombro e começou a puxar. Os irmãos mendicantes recomeçaram o cântico. Brienne e os cavaleiros andantes ficaram parados, montados nos cavalos, enquanto a procissão passava lentamente, seguindo a estrada sulcada na direção de Rosby. O som de seus cânticos foi diminuindo lentamente até morrer.

Sor Creighton ergueu uma nádega da sela para coçar o traseiro.

– Que tipo de homem mataria um santo septão?

Brienne conhecia esse tipo de homem. Perto de Lagoa da Donzela, recordava-se, os Bravos Companheiros tinham pendurado um septão, de cabeça para baixo, no galho de uma árvore e usado seu cadáver para praticar tiro ao alvo. Perguntou a si mesma se seus ossos estariam empilhados naquela carroça com todos os outros.

– Um homem teria de ser um idiota para violar uma irmã silenciosa – Sor Creighton declarou. – Ou até para pôr as mãos em uma... diz-se que são as esposas do Estranho, e suas partes femininas são frias e úmidas como gelo – lançou um relance a Brienne. – Ah... peço perdão.

Brienne esporeou a égua na direção de Valdocaso. Um momento depois, Sor Illifer a seguiu, e Sor Creighton fechou a retaguarda.

Três horas mais tarde encontraram outro grupo que seguia penosamente na direção de Valdocaso; um mercador e seus criados, acompanhados por outro cavaleiro andante. O mercador montava uma égua cinzenta sarapintada, enquanto os criados se revezavam para puxar seu carro. Quatro esforçavam-se nos tirantes, enquanto os outros dois caminhavam ao lado das rodas. Mas quando ouviram o som de cavalos se colocaram em volta do carro com bastões de freixo ferrados, prontos para serem usados. O mercador puxou uma besta e o cavaleiro, uma espada.

– Perdoem minha suspeita – gritou o mercador –, mas os tempos são conturbados, e só tenho o bom Sor Shadrich para me defender. Quem são?

– Ora – respondeu Sor Creighton, ofendido –, sou o famoso Sor Creighton Longbough, vindo da batalha da Água Negra, e este é meu companheiro, Sor Illifer, o Sem-Vintém.

– Não pretendemos lhes fazer nenhum mal – disse Brienne.

O mercador a avaliou com ar duvidoso.

– Senhora, devia estar a salvo em casa. Por que usa um vestuário tão pouco natural?

– Procuro minha irmã – não se atrevia a mencionar o nome de Sansa, com a garota sendo acusada de regicídio. – É uma donzela bem-nascida e bela, com olhos azuis e cabelos ruivos. Talvez a tenham visto com um cavaleiro robusto de quarenta anos, ou um bobo bêbado.

– As estradas estão cheias de bobos bêbados e de donzelas espoliadas. Quanto a cavaleiros robustos, é difícil a qualquer homem honesto manter a barriga redonda quando a tantos falta comida... embora Sor Creighton não tenha passado fome, ao que parece.

– Tenho ossos grandes – insistiu Sor Creighton. – Seguimos juntos por algum tempo? Não duvido do valor de Sor Shadrich, mas ele parece pequeno, e é melhor três lâminas do que uma.

*Quatro lâminas*, pensou Brienne, mas controlou a língua.

O mercador olhou para sua escolta.

– O que diz, sor?

– Oh, esses três não são nada a temer – Sor Shadrich era um homem seco e nervoso, com rosto de raposa, nariz aguçado e um montículo de cabelos cor de laranja, montado num corcel marrom de pernas altas. Embora não tivesse mais de um metro e cinquenta e cinco, possuía modos senhores de si. – Aquele é velho; o outro, gordo, e a grande é mulher. Que venham.

– Assim seja – o mercador abaixou a besta.

Quando retomaram viagem, o cavaleiro contratado deixou-se ficar para trás e olhou Brienne de cima a baixo como se ela fosse uma boa peça de porco salgado.

– É uma garota forte e saudável, parece.

A troça de Sor Jaime golpeara-a profundamente; as palavras do homenzinho quase nem lhe tocaram.

– Uma gigante, comparada com certos homens.

Ele deu risada.

– Sou suficientemente grande onde conta, garota.

– O mercador chamou-o Shadrich.

– Sor Shadrich de Vale Sombrio. Há quem me chame de Rato Louco – virou o escudo para lhe mostrar seu símbolo, um grande rato branco com ferozes olhos vermelhos sobre faixas marrom e azul. – O marrom simboliza as terras que percorri, e o azul, os rios que atravessei. O rato sou eu.

– E você é louco?

– Oh, bastante. Um rato comum foge do sangue e da batalha. O louco procura-os.

– Aparentemente é raro encontrá-los.

– Encontro-os o suficiente. É verdade que não sou nenhum cavaleiro de torneios. Guardo meu valor para o campo de batalha, mulher.

Supunha que *mulher* era marginalmente melhor do que *garota*.

– Então, você e o bom Sor Creighton têm muito em comum.

Sor Shadrich deu risada:

– Oh, duvido, mas pode ser que você e eu partilhemos uma missão. Uma irmãzinha perdida, não é? Com olhos azuis e cabelos ruivos? –

voltou a rir. – Não é o único caçador nos bosques. Eu também procuro Sansa Stark.

Brienne manteve o rosto como uma máscara para esconder a consternação.

– Quem é essa Sansa Stark, e por que a procura?

– Por amor, que outra coisa poderia ser?

Brienne franziu a testa:

– Amor?

– Sim, amor pelo ouro. Ao contrário de nosso bom Sor Creighton, realmente lutei na Água Negra, mas do lado perdedor. Meu resgate arruinou-me. Sabe quem é Varys, espero? O eunuco ofereceu um saco rechonchudo de ouro por essa garota de que nunca ouviu falar. Não sou um homem ganancioso. Se alguma moça grande demais me ajudasse a encontrar essa criança marota, eu dividiria o dinheiro da Aranha com ela.

– Julguei que estivesse a soldo do mercador.

– Só até Valdocaso. Hibald é tão avarento quanto temeroso. E é *muito* temeroso. Que me diz, garota?

– Não conheço nenhuma Sansa Stark – ela insistiu. – Ando à procura de minha irmã, uma moça bem-nascida...

– ... com olhos azuis e cabelos ruivos. Diga-me, quem é esse cavaleiro que viaja com sua irmã? Ou será que o chamou de bobo? – Sor Shadrich não esperou pela resposta de Brienne, o que era bom, visto que não tinha nenhuma. – Um certo bobo desapareceu de Porto Real na noite da morte do Rei Joffrey, um tipo robusto com o nariz cheio de veias rotas, um certo Sor Dontos, o Vermelho, originalmente de Valdocaso. Rezo para que sua irmã e seu bobo bêbado não sejam confundidos com a garota Stark e Sor Dontos. Isto poderia ser um grande infortúnio – bateu os calcanhares no corcel e avançou a trote.

Até Jaime Lannister só raramente fizera que Brienne se sentisse uma tola tão grande. *Não é o único caçador nos bosques*. A mulher, Brella, contara-lhe como Joffrey despojara Sor Dontos das esporas, como a Senhora Sansa suplicara a Joffrey que lhe poupasse a vida. *Ele a ajudou a fugir*, decidiu Brienne, depois de ouvir a história. *Se encontrar Sor Dontos, encontrarei Sansa*. Deveria ter sabido que outros também o compreenderiam. *Alguns podem mesmo ser menos palatáveis do que Sor*

*Shadrich*. Só podia esperar que Sor Dontos tivesse escondido bem Sansa. *Mas, se for assim, como é que eu a encontro?*

Curvou os ombros e prosseguiu, com a testa franzida.

A noite já se aproximava quando o grupo chegou a uma estalagem, um edifício alto de madeira que se erguia junto à confluência de dois rios, empoleirada numa velha ponte de pedra. Era este o nome da estalagem, disse-lhes Sor Creighton, a Velha Ponte de Pedra. O estalajadeiro era seu amigo.

– Não é mau cozinheiro, e os quartos não têm mais pulgas do que o habitual – assegurou. – Quem é a favor de uma cama quente esta noite?

– Nós não, a não ser que seu amigo as esteja nos oferecendo – disse Sor Illifer, o Sem-Vintém. – Não temos dinheiro para quartos.

– Posso pagar por nós três – a Brienne não faltava dinheiro; Jaime tratara disso. Nos alforjes encontrara uma bolsa cheia de veados de prata e estrelas de cobre, outra menor atulhada de dragões de ouro, e um pergaminho ordenando a todos os súditos leais do rei para prestarem assistência à portadora, Brienne da Casa Tarth, que tratava de assuntos de Sua Graça. Estava assinado numa letra infantil por Tommen, o Primeiro do Seu Nome, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, e Senhor dos Sete Reinos.

Hibald também parou na estalagem e pediu aos seus homens para deixarem a carroça perto dos estábulos. Uma quente luz amarela brilhava através das vidraças em forma de losango das janelas do estabelecimento, e Brienne ouviu um garanhão bramir ao sentir o cheiro de sua égua. Estava soltando a sela quando um rapaz saiu da porta do estábulo e disse:

– Deixe-me fazer isso, sor.

– Não sou nenhum *sor* – respondeu-lhe –, mas pode levar a égua. Certifique-se de que seja alimentada e escovada, e que lhe deem de beber.

O rapaz ruborizou-se:

– Peço perdão, senhora. Pensei...

– É um erro comum – Brienne entregou-lhe as rédeas e seguiu os outros para a estalagem, com os alforjes no ombro e o rolo de dormir debaixo de um braço.

Serragem cobria o chão de tábuas da sala comum, e o ar cheirava a lúpulo, fumaça e carne. Um assado silvava e crepitava no fogo, sem ninguém cuidando dele. Seis homens da terra estavam sentados em volta de uma mesa, conversando, mas calaram-se quando os estranhos entraram. Brienne sentiu seus olhos. Apesar da cota de malha, do manto e do justilho, sentiu-se nua quando um homem disse:

– Olhem para aquilo – soube que não estava falando de Sor Shadrich.

O estalajadeiro apareceu, trazendo três canecas em cada mão e derramando cerveja a cada passo.

– Tem quartos, bom homem? – perguntou-lhe o mercador.

– Pode ser que tenha – respondeu o estalajadeiro –, para quem tiver dinheiro.

Sor Creighton Longbough pareceu ofendido.

– Naggle, é assim que saúda um velho amigo? Sou eu, Longbough.

– É você, sim. Deve-me sete veados. Mostre-me alguma prata e eu lhe mostro uma cama – o estalajadeiro pousou as canecas uma a uma, derramando mais cerveja sobre a mesa enquanto o fazia.

– Pago por um quarto para mim e por outro para os meus dois companheiros – Brienne indicou Sor Creighton e Sor Illifer.

– Eu também vou querer um quarto – disse o mercador –, para mim e para o bom Sor Shadrich. Meus criados dormirão em seus estábulos, se concordar.

O estalajadeiro olhou-os bem:

– Não me agrada, mas pode ser que deixe. Vão querer jantar? Aquilo ali no espeto é uma boa cabra, oh se é.

– Eu mesmo julgarei se ela é boa ou não – anunciou Hibald. – Meus homens se contentarão com pão e gordura do assado.

E assim jantaram. Brienne experimentou a cabra, depois de seguir o estalajadeiro escada acima, enfiar-lhe umas tantas moedas na mão e guardar suas posses no segundo quarto que o homem lhe mostrou. Pediu também cabra para Sor Creighton e para Sor Illifer, visto que tinham partilhado as trutas com ela. Os cavaleiros andantes e o septão empurraram a carne para baixo com cerveja, mas Brienne bebeu uma taça de leite de cabra. Ficou à mesa, escutando as conversas e esperando, contra qualquer esperança, ouvir algo que a ajudasse a encontrar Sansa.

– Vem de Porto Real – disse um dos homens da terra a Hibald. – É verdade que o Regicida foi mutilado?

– É bem verdade – disse Hibald. – Perdeu a mão da espada.

– Sim – disse Sor Creighton –, arrancada por um lobo gigante, segundo ouvi dizer, um daqueles monstros que desceram do Norte. Nunca veio nada de bom do Norte. Até os deuses deles são esquisitos.

– Não foi um lobo – ouviu-se Brienne contestar. – Sor Jaime perdeu a mão para um mercenário de Qohor.

– Não é coisa fácil lutar com a mão ruim – observou Rato Louco.

– *Bah* – disse Sor Creighton Longbough. – Acontece que luto igualmente bem com ambas as mãos.

– Oh, não tenho nenhuma dúvida disso – Sor Shadrich ergueu a caneca numa saudação.

Brienne recordou sua luta com Jaime Lannister na floresta. Fora com dificuldade que mantivera a espada dele afastada. *Ele estava fraco do tempo que passou encarcerado, e tinha correntes nos pulsos. Nenhum cavaleiro dos Sete Reinos poderia enfrentá-lo na posse de todas as suas forças, sem correntes que lhe dificultassem os movimentos*. Jaime fizera muitas coisas malignas, mas o homem *sabia* lutar! Sua mutilação fora monstruosamente cruel. Uma coisa era matar um leão, outra era cortar-lhe a pata e deixá-lo quebrado e desorientado.

De súbito, a sala comum ficou ruidosa demais para suportá-la nem que fosse por mais um momento. Brienne murmurou boas-noites e foi para a cama. O teto em seu quarto era baixo; ao entrar com uma vela na mão, teve de se abaixar para não bater a cabeça. Os únicos objetos no quarto eram uma cama suficientemente grande para seis pessoas e o coto de uma vela alta no peitoril da janela. Acendeu-a com a vela que trazia na mão, trancou a porta e pendurou o cinto da espada em uma das colunas da cama. A bainha era uma coisa simples, madeira envolta em couro marrom e fendido, e a espada ainda mais simples. Comprara-a em Porto Real, para substituir a lâmina que os Bravos Companheiros lhe tinham roubado. *A espada de Renly*. Ainda doía-lhe saber que a perdera.

Mas tinha outra espada escondida no rolo de dormir. Sentou-se na cama e a tirou para fora. Ouro cintilou, amarelo, à luz da vela, e rubis arderam, rubros. Quando tirou a Cumpridora de Promessas da bainha ornamentada, Brienne sentiu que a respiração se prendia em sua

garganta. As ondulações corriam, negras e vermelhas, pelas profundezas do aço. *Aço valiriano, forjado com feitiços*. Era uma espada digna de um herói. Quando pequena, a ama enchera-lhe os ouvidos com contos de valor, regalando-a com os nobres feitos de Sor Galladon de Morne, de Florian, o Bobo, do Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, e de outros campeões. Cada um usava sua espada famosa, e certamente o lugar da Cumpridora de Promessas era na sua companhia, mesmo que o seu não fosse.

– Irá proteger a filha de Ned Stark com o aço do próprio Ned Stark – prometera Jaime.

Ajoelhando-se entre a cama e a parede, ergueu a lâmina e proferiu uma prece silenciosa à Velha, cuja lâmpada dourada mostrava aos homens o caminho pela vida. *Guie-me*, rezou, *ilumine o caminho que tenho pela frente, mostre-me o rumo que leva até Sansa*. Falhara a Renly, falhara à Senhora Catelyn. Não podia falhar a Jaime. *Ele confiou sua espada a mim. Confiou-me sua honra*.

Depois, estendeu-se o melhor que pôde na cama. Apesar de ser bem larga, não era comprida o suficiente, por isso Brienne deitou-se em diagonal. Ouvia o tinir das canecas vindo de baixo e vozes que ecoavam degraus acima. As pulgas de que Longbough falara fizeram sua aparição. Coçar-se a ajudou a se manter acordada.

Ouviu Hibald subir as escadas, e algum tempo depois também os cavaleiros.

– ... não cheguei a saber seu nome – Sor Creighton disse enquanto passava –, mas no escudo trazia uma galinha vermelha como sangue, e sua lâmina pingava tripas... – a voz do homem desvaneceu-se, e em algum lugar mais acima uma porta se abriu e fechou.

A vela apagou-se. A escuridão caiu sobre a Velha Ponte de Pedra, e a estalagem ficou tão sossegada que Brienne conseguia ouvir o murmúrio do rio. Só então se levantou para reunir suas coisas. Abriu lentamente a porta, pôs-se à escuta, e descalça desceu as escadas. Lá fora calçou as botas e se dirigiu rapidamente aos estábulos para selar a égua baia, pedindo um perdão silencioso a Sor Creighton e a Sor Illifer enquanto montava. Um dos criados de Hibald acordou quando ela passou por ele, já a cavalo, mas nada fez para detê-la. Os cascos da égua ressoaram na velha ponte de pedra. Então, as árvores fecharam-se à sua volta, negras

como breu e cheias de fantasmas e memórias. *Vou à sua procura, Senhora Sansa*, pensou, enquanto penetrava na escuridão. *Não tenha medo. Não descansarei enquanto não encontrá-la*.

## SAMWELL

Samlia sobre os Outros quando viu o rato.

Seus olhos estavam vermelhos e ardiam. *Não devia esfregá-los tanto*, dizia sempre a si mesmo enquanto os esfregava. A poeira os irritava e fazia que lacrimejassem, e havia poeira por todo lado lá embaixo. Pequenas nuvens enchiam o ar toda vez que uma página era virada, e nuvens cinzentas erguiam-se sempre que ele movia uma pilha de livros para ver o que poderia estar escondido por baixo.

Sam não sabia quanto tempo passara desde que dormira pela última vez, mas restavam pouco mais de dois centímetros da gorda vela de sebo que acendera quando começara a ler o irregular monte de páginas soltas que encontrara atadas com barbante. Estava brutalmente cansado, mas era difícil parar. *Mais um livro*, dizia a si mesmo, *depois paro*. *Mais um fólio, só mais um. Mais uma página, e vou para cima descansar e comer qualquer coisa*. Mas havia sempre outra página depois daquela, e outra a seguir, e outro livro à espera por baixo da pilha. *Vou só dar uma espiadela rápida para ver qual o assunto deste*, pensava, e antes de se dar conta já tinha lido metade. Nada comera desde a tigela de sopa de feijão com toucinho que ingerira na companhia de Pyp e Grenn. *Bem, exceto o pão e o queijo, mas só dei uma mordidinha*, pensou. Foi então que lançou um rápido relance à bandeja vazia e viu o rato banqueteando-se com as migalhas do pão.

O roedor tinha metade do comprimento de seu mindinho, com olhos negros e pelo cinzento e macio. Sam sabia que devia matá-lo. Os ratos podiam preferir pão e queijo, mas também comiam papel. Encontrara bastante cocô de rato entre as prateleiras e as pilhas, e algumas das encadernações de couro dos livros mostravam sinais de terem sido roídas.

*Mas é uma coisinha tão pequenina. E esfomeada*. Como eu poderia lhe recusar algumas migalhas? *Mas está comendo livros...*

Depois de passar horas na cadeira, as costas de Sam estavam rígidas como uma prancha, e ele sentia as pernas meio adormecidas. Sabia que não seria suficientemente rápido para apanhar o rato, mas talvez conseguisse esmagá-lo. Junto ao seu cotovelo encontrava-se uma maciça cópia encadernada em couro dos *Anais do Centauro Negro*, o exaustivamente detalhado relato do Septão Jorquen acerca dos nove anos que Orbert Caswell servira como Senhor Comandante da Patrulha da Noite. Havia uma página para cada dia de seu mandato, e todas pareciam começar com: "Lorde Orbert levantou-se à alvorada e moveu as tripas", exceto a última, que dizia: "Lorde Orbert foi encontrado morto ao amanhecer".

*Nenhum rato é adversário à altura do Septão Jorquen*. Muito lentamente, Sam pegou o livro com a mão esquerda. Era grosso e pesado, e quando tentou erguê-lo só com uma mão, o volume escorregou de seus dedos gordos e voltou a cair com estrondo. O rato desapareceu em meio segundo, com a rapidez de um raio. Sam sentiu-se aliviado. Esmagar o pobre bicho teria lhe dado pesadelos.

– Mas não devia comer os livros – disse em voz alta. Talvez devesse trazer mais queijo da próxima vez que viesse àquele lugar.

Ficou surpreso ao reparar no quanto a vela ardera. A sopa de feijão com toucinho teria sido naquele dia ou no anterior? *Foi ontem. Deve ter sido ontem.* Perceber aquilo o fez bocejar. Jon devia estar se perguntando o que teria lhe acontecido, embora não houvesse dúvida de que Meistre Aemon compreenderia. Antes de perder a vista, o meistre amara tanto os livros como Samwell Tarly. Compreendia o modo como por vezes se podia cair dentro deles, como se cada página fosse um buraco aberto para outro mundo.

Pondo-se de pé, Sam fez uma careta devido às pontadas e alfinetadas que sentia na barriga das pernas. A cadeira era muito dura e enfiava-se na parte de trás das coxas quando Sam se debruçava sobre um livro. *Tenho que me lembrar de trazer uma almofada.* Seria melhor se pudesse dormir ali embaixo, na cela que encontrara meio escondida atrás de quatro arcas cheias de páginas soltas que tinham se separado dos livros a que pertenciam, mas não queria deixar Meistre Aemon só por tanto tempo. Nos últimos tempos, ele não andava forte e precisava de ajuda,

especialmente com os corvos. Aemon tinha Clydas, com certeza, mas Sam era mais jovem e levava mais jeito com as aves.

Com uma pilha de livros e pergaminhos debaixo do braço esquerdo e a vela na mão direita, Sam abriu caminho através dos túneis a que os irmãos chamavam caminhos de minhoca. Um pálido pilar de luz iluminava os íngremes degraus de madeira que levavam à superfície, de modo que soube que o dia tinha chegado lá em cima. Deixou a vela queimando num nicho na parede e começou a subir. Ao alcançar o quinto degrau, já arquejava. No décimo, parou para passar os livros para o braço direito.

Emergiu sob um céu da cor de chumbo branco. *Um céu de neve*, Sam pensou, dando uma olhadela para cima. A perspectiva de neve o deixou inquieto. Lembrou-se daquela noite no Punho dos Primeiros Homens, quando as criaturas e a neve chegaram juntas. *Não seja tão covarde*, pensou. *Tem seus Irmãos Juramentados à sua volta, sem falar de Stannis Baratheon e de todos os seus cavaleiros*. As fortalezas e torres de Castelo Negro erguiam-se à sua volta, tornadas insignificantes pela imensidão de gelo da Muralha. Um pequeno exército arrastava-se sobre o gelo com neve até os joelhos, onde uma nova escada em zigue-zague trepava para se encontrar com os restos da antiga. O som de suas serras e martelos ecoava no gelo. Jon tinha os construtores trabalhando dia e noite naquela tarefa. Sam ouvira alguns reclamar durante o jantar, insistindo que Lorde Mormont nunca os encarregara nem de metade daquele trabalho. Mas sem a grande escada não havia como chegar ao topo da Muralha, exceto pelo elevador de correntes. E por mais que Samwell Tarly odiasse degraus, odiava ainda mais a gaiola do elevador. Sempre fechava os olhos quando subia ou descia nela, convencido de que a corrente estava prestes a quebrar. Todas as vezes que a gaiola de ferro raspava no gelo, seu coração parava de bater por um instante.

*Dragões existiram aqui há duzentos anos*, Sam deu por si pensando enquanto observava a gaiola descer lentamente. *Eles teriam se limitado a voar até o topo da Muralha*. Rainha Alysanne visitara Castelo Negro montada em seu dragão, e Jaehaerys, seu rei, viera à sua procura no dele. Poderia Alaprata ter deixado um ovo para trás? Ou teria Stannis encontrado um ovo em Pedra do Dragão? *Mesmo se tiver um ovo, como espera chocá-lo?* Baelor, o Abençoado, rezara sobre seus ovos, e outros

Targaryen tentaram incubá-los com feitiçaria. Tudo que conseguiram foi farsa e tragédia.

– Samwell – disse uma voz sorumbática –, vim buscá-lo. Disseram-me para levar você até o Senhor Comandante.

Um floco de neve pousou no nariz de Sam.

– Jon quer me ver?

– Quanto a isso, não sei dizer – disse Edd Doloroso Tollett. – Nunca quis ver metade das coisas que vi, e nunca vi metade das coisas que quis ver. Não me parece que o querer esteja envolvido na coisa. Mas é melhor ir mesmo assim. Lorde Snow quer falar com você assim que terminar de falar com a mulher de Craster.

– Goiva.

– Essa mesma. Se minha ama de leite fosse como ela, ainda mamaria. A minha tinha costeletas.

– A maior parte das cabras tem costeletas – gritou Pyp, no momento em que, com Grenn, surgia de uma esquina, com arcos nas mãos e aljavas de flechas às costas. – Onde estava, Matador? Sentimos sua falta ontem à noite no jantar. Um boi assado inteiro ficou sobrando.

– Não me chame de Matador – Sam ignorou a piada sobre o boi. Era só o Pyp. – Estava lendo. Apareceu um rato...

– Não fale de ratos com o Grenn. Ele tem pavor deles.

– Não tenho nada – Grenn declarou com indignação.

– Ia ter medo de comer um.

– Comeria mais ratos do que você.

Edd Doloroso Tollett soltou um suspiro:

– Quando eu era moço, só comíamos ratos em dias especiais de banquete. Eu era o mais novo, por isso sempre ficava com o rabo. Não há carne no rabo.

– Onde está seu arco, Sam? – Grenn perguntou. Sor Alliser costumava chamá-lo de *Auroque*, e cada dia que passava ele parecia crescer um pouco mais para dentro da alcunha. Chegara à Muralha grande, mas lento, de pescoço e cintura grossos, com o rosto vermelho e desajeitado. Embora o pescoço ainda se ruborizasse quando Pyp lhe fazia alguma brincadeira, horas de trabalho com a espada e o escudo tinham lhe endireitado a barriga, endurecido os braços, alargado o peito. Era *forte*, e também desgrenhado como um auroque.

– Ulmer estava à sua espera junto aos alvos.

– Ulmer – Sam repetiu, atrapalhado. Instituir exercícios diários de tiro com arco para toda a guarnição, até os intendentes e os cozinheiros, foi quase a primeira coisa que Jon Snow fez como Senhor Comandante. A Patrulha colocara muita ênfase na espada e insuficiente no arco, disse, uma relíquia dos dias em que um irmão em dez fora um cavaleiro, e não um em cem. Sam compreendia a sensatez do decreto, mas detestava o treino com arco com quase igual força como que detestava subir escadas. Quando usava as luvas, nunca conseguia acertar em nada, mas se as tirava ficava com bolhas nos dedos. Aqueles arcos eram *perigosos*. Cetim arrancara metade de uma unha com a corda de um arco. – Eu me esqueci.

– Partiu o coração da princesa selvagem, Matador – disse Pyp. Nos últimos tempos, Val ganhara o hábito de observá-los da janela de seu quarto na Torre do Rei. – Ela andou à sua procura.

– Não andou nada! Não diga isso! – Sam só falara com Val duas vezes, quando Meistre Aemon a visitara para se certificar de que os bebês eram saudáveis. A princesa era tão bonita que era frequente dar por si gaguejando e corando em sua presença.

– Por que não? – perguntou Pyp. – Ela quer ter filhos seus. Talvez devêssemos chamá-lo de Sam, o Sedutor.

Sam enrubesceu. Sabia que Rei Stannis tinha planos para Val; ela era a argamassa com a qual pretendia selar a paz entre os nortenhos e o povo livre.

– Hoje não tenho tempo para o tiro com arco, preciso encontrar Jon.

– Jon? Jon? Conhecemos alguém chamado Jon, Grenn?

– Ele fala do Senhor Comandante.

– Ahhh... O Grande Lorde Snow. Com certeza. Por que quer ir ter com ele? Nem sequer consegue mexer as orelhas – Pyp mexeu nas suas, para mostrar que conseguia. Eram orelhas grandes, vermelhas de frio. – Ele agora é *Lorde* Snow de verdade, bem-nascido, como um raio para gente como nós.

– Jon tem deveres – Sam rebateu em sua defesa. – A Muralha é sua, com tudo o que isto traz.

– Um homem também tem deveres para com os amigos. Se não fôssemos nós, nosso Senhor Comandante podia ser Janos Slynt. Lorde

Janos teria enviado Snow em patrulha nu e montado numa mula. “Galope até a Fortaleza de Craster”, ele teria dito, “e traga-me de volta o manto e as botas do Velho Urso”. Nós o salvamos disso, mas agora ele tem *deveres* demais para beber uma taça de vinho temperado junto à lareira?

Grenn concordou:

– Os deveres dele não o afastam do pátio. Os dias em que está lá, lutando com alguém, são mais numerosos do que os outros.

Sam tinha de admitir que aquilo era verdade. Uma vez, quando Jon viera consultar Meistre Aemon, Sam lhe perguntara por que passava tanto tempo praticando com a espada.

– O Velho Urso nunca treinou muito quando era Senhor Comandante – Sam comentou. Em resposta, Jon pusera Garralonga na mão de Sam. Deixara-o sentir a leveza e o equilíbrio da espada, fizera-o virar a lâmina para que as ondulações cintilassem no metal escuro como fumaça.

– Aço valiriano – disse –, forjado com feitiços e afiado como uma navalha, praticamente indestrutível. Um espadachim deve ser tão bom quanto sua espada, Sam. Garralonga é aço valiriano, mas eu não sou. O Meia-Mão podia ter me matado com a mesma facilidade com que você esmaga um inseto.

Sam devolveu-lhe a espada.

– Quando tento esmagar um inseto, ele sempre voa para longe. Só consigo dar um tapa no braço. Machuca.

Aquilo fez Jon rir.

– Como quiser. Qhorin podia ter me matado com a mesma facilidade com que você come uma tigela de mingau de aveia – Sam gostava de mingau de aveia, especialmente quando eram adoçados com mel.

– Não tenho tempo para isso – Sam deixou os amigos e dirigiu-se ao armeiro, apertando os livros ao peito. *Sou o escudo que defende os reinos dos homens*, recordou. Perguntou a si mesmo o que esses homens diriam caso percebessem que seus reinos eram defendidos por homens como Grenn, Pyp e Edd Doloroso.

A Torre do Senhor Comandante fora destruída pelo incêndio, e Stannis Baratheon apropriara-se da Torre do Rei para sua residência, por isso Jon Snow se estabelecera nos modestos quartos de Donal Noye por trás do armeiro. Goiva saía quando Sam chegou, envolta no velho manto que ele lhe dera quando fugiram da Fortaleza de Craster. Passou por ele

correndo, mas Sam agarrou seu braço, deixando cair dois livros ao fazê-lo.

– Goiva.

– Sam – a voz dela parecia rouca. Goiva tinha cabelos escuros e era magra, com os grandes olhos castanhos de uma corça. As dobras do velho manto de Sam a engoliam, com o rosto meio escondido pelo capuz, mas apesar disso tremia. Parecia abatida e assustada.

– O que houve? – perguntou-lhe Sam. – Como estão os bebês?

Goiva libertou-se da mão dele.

– Estão bem, Sam. Bem.

– Com os dois, é um espanto que consiga dormir – disse Sam num tom agradável. – Qual deles ouvi chorando ontem à noite? Achei que nunca mais pararia.

– Foi o filho de Dalla. Chora quando quer mamar. O meu... o meu quase nunca chora. Às vezes gorgoleja, mas... – seus olhos encheram-se de lágrimas. – Tenho que ir. Já passa da hora de alimentá-los. Se não for, vou ficar cheia de leite – correu pátio afora, deixando um Sam perplexo para trás.

Teve de se ajoelhar para apanhar os livros que deixara cair. *Não devia ter trazido tantos*, disse a si mesmo, enquanto sacudia terra do *Compêndio de Jade* de Colloquo Votar, um grosso volume de contos e lendas do Oriente que Meistre Aemon lhe ordenara que encontrasse. O livro parecia não ter sido danificado. Já *Pele de Dragão, uma História da Casa Targaryen do Exílio à Apoteose, com Considerações Sobre a Vida e a Morte dos Dragões*, de Meistre Thomax, não tivera tanta sorte. Abrira-se ao cair, e algumas páginas tinham ficado enlameadas, incluindo uma que exibia uma imagem bastante boa de Balerion, o Terror Negro, feita com tintas coloridas. Sam amaldiçoou-se por ser um idiota desastrado enquanto alisava as páginas e as sacudia. A presença de Goiva agitava-o sempre e levantava... bem, *coisas*. Um Irmão Juramentado da Patrulha da Noite não devia sentir o tipo de coisas que Goiva o fazia sentir, especialmente quando falava sobre os seios, e...

– Lorde Snow está à espera – dois guardas envergando manto negro e meio-elmo de ferro encontravam-se em pé junto às portas do armeiro, encostados às lanças. Quem falou foi Hal Peludo. Mully ajudou Sam a se levantar. Proferiu um agradecimento atrapalhado e apressou-se para

passar por eles, agarrando-se desesperadamente à pilha de livros enquanto abria caminho pela forja com sua bigorna e foles. Fantasma estava deitado perto da bigorna, roendo um osso de boi para chegar ao tutano. O grande lobo gigante branco ergueu os olhos quando Sam passou, mas não soltou um som.

O aposento privado de Jon ficava no fundo, atrás das fileiras de lanças e escudos. Ele lia um pergaminho quando Sam entrou. O corvo do Senhor Comandante Mormont encontrava-se empoleirado em seu ombro, espreitando para baixo como se também estivesse lendo, mas, quando a ave viu Sam, abriu as asas e voou em sua direção gritando "Grão, grão!".

Deslocando os livros, Sam enfiou o braço no saco que se encontrava junto à porta e, quando o tirou, trazia uma mão cheia de sementes. O corvo pousou-lhe no pulso e comeu de sua palma, dando-lhe uma bicada tão forte que Sam soltou um ganido e recolheu a mão. O corvo voltou a levantar voo, e grãos vermelhos e amarelos voaram para todo lado.

– Feche a porta, Sam – leves cicatrizes ainda marcavam a face de Jon, no local onde uma águia tentara arrancar-lhe um olho. – Esse patife rasgou sua pele?

Sam pôs os livros de lado e tirou a luva.

– Rasgou – sentiu a cabeça dando voltas. – Estou *sangrando*.

– Todos derramamos nosso sangue pela Patrulha. Use luvas mais grossas – com um pé, Jon empurrou uma cadeira para ele. – Sente-se e dê uma olhada nisso – entregou-lhe o pergaminho.

– O que é? – Sam quis saber. O corvo pôs-se à caça de grãos de milho entre as esteiras.

– Um escudo de papel.

Sam chupou o sangue da palma da mão enquanto lia. Reconheceu a letra de Meistre Aemon assim que a viu. Tinha uma escrita pequena e precisa, mas o velho não conseguia ver onde a tinta borrara, e por vezes deixava manchas disformes.

– Uma carta para o Rei Tommen?

– Em Winterfell, Tommen lutou com meu irmão Bran com uma espada de madeira. Estava tão gordo que parecia um ganso estufado. Bran jogou-o ao chão – Jon dirigiu-se à janela. – Mas Bran está morto, e o rechonchudo Tommen de rosto rosado está sentado no Trono de Ferro, com uma coroa aninhada entre seus cachos dourados.

*Bran não está morto*, Sam desejou dizer. *Foi para além da Muralha com o Mãos-Frias*. Mas ficou com as palavras presas na garganta. *Jurei que não contaria*.

– Não assinou a carta.

– O Velho Urso suplicou ajuda ao Trono de Ferro uma centena de vezes. Enviaram-lhe Janos Slynt. Nenhuma carta fará que os Lannister gostem mais de nós. Especialmente depois de ouvirem dizer que temos ajudado Stannis.

– Só para defender a Muralha, não em sua rebelião – Sam voltou a ler rapidamente a carta. – É o que *diz* aqui.

– A diferença pode escapar a Lorde Tywin – Jon recuperou a carta. – Por que haveria de nos ajudar agora? Nunca o fez antes.

– Bem – disse Sam –, ele não vai querer que se diga que Stannis correu em defesa do reino enquanto o Rei Tommen brincava com seus brinquedos. Isto faria cair o escárnio sobre a Casa Lannister.

– O que eu quero fazer cair sobre a Casa Lannister é a morte e a destruição, não o escárnio – Jon ergueu a carta. – *A Patrulha da Noite não participa nas guerras dos Sete Reinos* – leu. – *Nossos juramentos são prestados ao reino, e o reino encontra-se agora em terrível perigo. Stannis Baratheon ajuda-nos contra nossos inimigos além da Muralha, embora nós não sejamos seus homens...*

– Bem – Sam respondeu, torcendo-se –, e *não* somos. Somos?

– Dei a Stannis alimentos, abrigo e Fortenoite, além de autorização para instalar uma parte do povo livre na Dádiva. É tudo.

– Lorde Tywin dirá que foi muito.

– Stannis diz que não é o suficiente. Quanto mais der a um rei, mais ele vai querer. Estamos percorrendo uma ponte de gelo com um abismo de cada lado. Agradar a um rei já é bastante difícil. Agradar a dois é praticamente impossível.

– Sim, mas... se os Lannister prevalecerem e Lorde Tywin decidir que traímos o rei ao ajudarmos Stannis, isto poderá significar o fim da Patrulha da Noite. Ele tem os Tyrell atrás de si, com todo o poderio de Jardim de Cima. E derrotou Lorde Stannis na Água Negra – ver sangue podia fazer Sam desmaiar, mas sabia como as guerras eram vencidas. Seu pai assegurara-se disso.

– Água Negra foi uma batalha. Robb venceu todas as suas batalhas, e mesmo assim perdeu a cabeça. Se Stannis for capaz de levantar o Norte...

*Ele tenta convencer a si próprio*, Sam compreendeu, *mas não consegue*. Os corvos tinham partido de Castelo Negro numa tempestade de asas negras, apelando aos senhores do Norte para se declararem por Stannis Baratheon e juntarem suas forças às dele. Fora o próprio Sam quem enviara a maior parte das aves. Até então só um corvo regressara, aquele que fora enviado a Karhold. À exceção deste, o silêncio fora ensurdecedor.

Mesmo que de algum modo conseguisse trazer os nortenhos para seu lado, Sam não via como poderia Stannis esperar igualar o poderio combinado de Rochedo Casterly, Jardim de Cima e das Gêmeas. Mas, sem o Norte, sua causa certamente estaria perdida. *Tão perdida quanto a Patrulha da Noite, se Lorde Tywin nos considerar traidores*.

– Os Lannister têm seus próprios nortenhos. Lorde Bolton e seu bastardo.

– Stannis tem os Karstark. Se conseguir conquistar Porto Branco...

– Se – enfatizou Sam. – Se não... senhor, até um escudo de papel é melhor do que nenhum.

Jon sacudiu a carta.

– Suponho que sim – suspirou, depois pegou uma pena e rabiscou uma assinatura no fim da carta. – Traga-me a cera de selar – Sam aqueceu um pedaço de cera negra na chama de uma vela, fez pingar um pouco sobre o pergaminho e observou Jon comprimir com firmeza o selo do Senhor Comandante na pequena poça que criara. – Leve isto a Meistre Aemon quando sair – ordenou –, e diga-lhe que despache uma ave para Porto Real.

– Farei isso – Sam hesitou. – Senhor, se posso perguntar... vi Goiva sair daqui. Estava quase chorando.

– Val a enviou outra vez para suplicar por Mance.

– Oh – Val era a irmã da mulher que o Rei-Para-Lá-da-Muralha tomara como rainha. Stannis e seus homens chamavam-na a princesa selvagem. A irmã Dalla morrera durante a batalha, embora nenhuma lâmina a tivesse tocado; perecera ao dar à luz o filho de Mance Rayder. O próprio Rayder iria em breve segui-la para o túmulo, se os murmúrios que Sam ouvira tivessem algum fundo de verdade. – Que foi que lhe disse?

– Que falaria com Stannis, embora duvide que minhas palavras o influenciem. O primeiro dever de um rei é defender o reino, e Mance o atacou. Não é provável que Sua Graça se esqueça deste fato. Meu pai costumava dizer que Stannis Baratheon era um homem justo. Nunca ninguém disse que era clemente – Jon fez uma pausa e franziu as sobrancelhas. – Preferiria ser eu mesmo a decapitar Mance. Ele foi outrora um homem da Patrulha da Noite. Por direito, sua vida nos pertence.

– Pyp diz que a Senhora Melisandre pretende entregá-lo às chamas, a fim de fazer algum feitiço.

– Pyp devia aprender a controlar a língua. Ouvi a mesma história sobre outros. Sangue de um rei para despertar um dragão. Onde Melisandre pensa encontrar um dragão adormecido ninguém tem bem certeza. É um absurdo. O sangue de Mance não é mais régio do que o meu. Nunca usou uma coroa nem se sentou num trono. É um fora da lei, nada mais. Não há qualquer poder em sangue de fora da lei.

O corvo ergueu os olhos do chão e gritou: "*Sangue*".

Jon não lhe deu atenção.

– Vou mandar Goiva embora.

– Oh – Sam balançou a cabeça, para cima e para baixo. – Bem, isso é... isso é bom, senhor – seria o melhor para ela, ir para algum lugar quente e seguro, bem longe da Muralha e da luta.

– Ela e o bebê. Precisaremos arranjar outra ama de leite para seu irmão de leite.

– Leite de cabra pode servir até que encontre uma substituta. É melhor para um bebê do que o de vaca – Sam lera aquilo em algum lugar. Mexeu-se na cadeira. – Senhor, ao procurar nos anais, encontrei outro garoto comandante. Quatrocentos anos antes da Conquista. Osric Stark tinha dez anos quando foi escolhido, mas serviu durante sessenta. São quatro, senhor. Não está nem perto de ser o mais novo. Até agora é o quinto mais novo.

– Sendo que os quatro mais novos são todos filhos, irmãos ou bastardos do Rei no Norte. Diga-me algo útil. Fale-me de nosso inimigo.

– Os Outros – Sam lambeu os lábios. – São mencionados nos anais, embora não com tanta frequência como eu esperava. Isto é, nos anais que encontrei e vasculhei. Sei que há mais que ainda não encontrei. Alguns

dos livros mais antigos estão se despedaçando. As páginas se desfazem quando tento virá-las. E os livros *realmente* velhos... ou se desfizeram por completo, ou estão enterrados em algum lugar onde ainda não procurei, ou... bem, pode ser que esses livros não existam, e nunca tenham existido. As histórias mais antigas que temos foram escritas depois dos ândalos chegarem a Westeros. Os Primeiros Homens só nos deixaram runas em pedras, de modo que tudo o que julgamos saber sobre a Era dos Heróis, a Era da Alvorada e a Era da Longa Noite vem de relatos escritos por septões milhares de anos mais tarde. Há arquimeistres na Cidadela que questionam tudo isso. Essas velhas histórias estão cheias de reis que governaram por centenas de anos, e cavaleiros que andaram por aí mil anos antes de serem cavaleiros. Conhece as histórias: Brandon, o Construtor, Symeon Olhos de Estrela, o Rei da Noite... dizemos que é o nono centésimo nonagésimo oitavo Senhor Comandante da Patrulha da Noite, mas a lista mais antiga que encontrei menciona seiscentos e setenta e quatro comandantes, o que sugere que foi escrita durante...

– Há muito tempo – Jon interrompeu. – E os Outros?

– Encontrei menções a vidro de dragão. Durante a Era dos Heróis, os filhos da floresta costumavam oferecer à Patrulha da Noite cem punhais de obsidiana todos os anos. A maior parte das histórias concordam que os Outros vêm quando está frio. Ou então fica frio quando eles vêm. Por vezes aparecem durante tempestades de neve e somem quando os céus se limpam. Escondem-se da luz do sol e emergem à noite... ou então a noite cai quando emergem. Algumas histórias falam deles montados em cadáveres de animais mortos. Ursos, lobos gigantes, mamutes, cavalos, não importa, desde que esteja morto. Aquele que matou Paul Pequeno estava montado num cavalo morto, por isso essa parte é realmente verdade. Alguns relatos falam também de aranhas gigantes de gelo. Não sei o que elas são. Homens que caem em batalha contra os Outros precisam ser queimados, caso contrário os mortos voltarão a se erguer como seus servos.

– Já sabíamos tudo isso. A questão é: como os combatemos?

– A armadura dos Outros é à prova da maior parte das lâminas comuns, se é possível crer nas histórias – Sam respondeu –, e as espadas que usam são tão frias que estilhaçam o aço. Mas o fogo os afugenta, e são

vulneráveis à obsidiana – recordou-se daquele que enfrentara na floresta assombrada, e o modo como parecera se derreter quando o ferira com o punhal de vidro de dragão que Jon lhe fizera. – Encontrei um relato da Longa Noite que fala do último herói a matar Outros com uma lâmina de aço de dragão. Supostamente não conseguiam resisti-lo.

– Aço de dragão? – Jon franziu as sobrancelhas. – Aço *valiriano*?

– Esta também foi minha primeira ideia.

– Então, se eu conseguir convencer os senhores dos Sete Reinos a nos dar suas lâminas valirianas, tudo será salvo? Isto não será tão difícil – a gargalhada que soltou não tinha qualquer alegria. – Descobriu quem os Outros são, de onde vêm, o que querem?

– Ainda não, senhor, mas pode ser que simplesmente tenha lido os livros errados. Há centenas que ainda não folheei. Dê-me mais tempo e encontrarei tudo o que houver para encontrar.

– Não há mais tempo – o tom de Jon era triste. – Tem que juntar suas coisas, Sam. Vai com Goiva.

– Vou? – por um momento, Sam não compreendeu. – Eu vou? Para Atalaialeste, senhor? Ou... para onde...

– Vilavelha.

– *Vilavelha?* – o nome saiu num guincho. Monte Chifre ficava perto de Vilavelha. *Minha casa*. A ideia deixou-lhe a cabeça zonza. *Meu pai*.

– Aemon também.

– Aemon? O *Meistre* Aemon? Mas... ele tem cento e dois anos de idade, senhor, não pode... Está mandando ele *e* eu? Quem cuidará dos corvos? Se adoecerem ou se se ferirem, quem...

– Clydas. Ele está com Aemon há anos.

– Clydas é só um intendente, e está ficando cego. Precisa de um *meistre*. Meistre Aemon está tão fraco, que uma viagem marítima... – pensou na Árvore e na *Rainha da Árvore* e quase se engasgou com a língua. – Isso pode... ele é velho, e...

– Sua vida estará em risco. Estou ciente disso, Sam, mas o risco aqui é maior. Stannis sabe quem Aemon é. Se a mulher vermelha precisar de sangue real para os seus feitiços...

– Oh – Sam empalideceu.

– Daeron se juntará a vocês em Atalaialeste. Minha esperança é que suas canções nos conquistem alguns homens no sul. O *Melro* os levará

até Bravos. De lá, arranjará uma forma de chegar a Vilavelha. Se ainda quiser assumir o bebê de Goiva como seu bastardo, mande-a, e a criança, para Monte Chifre. Se não, Aemon encontrará para ela um lugar de criada na Cidadela.

– Meu b-b-bastardo – dissera, e era verdade, mas... *Toda aquela água. Posso me afogar. Os navios sempre podem afundar, e o outono é uma estação tempestuosa*. Mas Goiva estaria com ele, e o bebê cresceria em segurança – Sim, eu... minha mãe e irmãs ajudarão Goiva a criar a criança – *posso mandar uma carta, não terei de ir pessoalmente a Monte Chifre*. – Daeron podia levá-la para Vilavelha tão bem quanto eu. Eu... venho treinando o tiro com arco todas as tardes com Ulmer, conforme ordenou... Bem, menos quando estou nas câmaras subterrâneas, mas disse-me para descobrir coisas sobre os Outros. O arco deixa meus ombros doloridos e cria bolhas em meus dedos – mostrou a Jon o lugar onde uma rebentara. – Mas continuo treinando. Agora são mais numerosas as vezes que acerto no alvo do que as que erro, mas continuo a ser o pior arqueiro que alguma vez curvou um arco. Mas gosto das histórias de Ulmer. Alguém precisa escrevê-las e colocá-las num livro.

– Faça isto. Há pergaminho e tinta na Cidadela, e também arcos. Espero que continue com seu treino. Sam, a Patrulha da Noite tem centenas de homens capazes de disparar uma flecha, mas só uma mão cheia sabe ler ou escrever. Preciso que se torne meu novo meistre.

A palavra o fez estremecer. *Não, Pai, por favor, não voltarei a falar disso, juro pelos Sete. Mostre-me uma saída, por favor, mostre-me uma saída.*

– Senhor, eu... o meu trabalho é aqui, os livros...

– ... ainda estarão aqui quando voltar para nós.

Sam pôs a mão na garganta. Quase conseguia sentir a corrente ali, sufocando-o.

– Senhor, a Cidadela... lá nos obrigam a cortar cadáveres – *obrigam-nos a usar uma corrente em volta do pescoço. Se é corrente que quer, venha comigo*. Durante três dias e três noites Sam adormeceu soluçando, com as mãos e os pés acorrentados a uma parede. A corrente em volta da garganta estava tão apertada que rasgara sua pele, e sempre que rolava para o lado errado, no sono, cortava-lhe a respiração. – Não posso usar uma corrente.

– Pode. Usará. Meistre Aemon está velho e cego. Suas forças o estão abandonando. Quem tomará seu lugar quando ele morrer? Meistre Mullin, da Torre Sombria, é mais guerreiro do que erudito, e Meistre Harmune de Atalaialeste passa mais tempo bêbado do que sóbrio.

– Se pedir mais meistres à Cidadela...

– Pretendo pedir. Precisaremos de todos os que nos mandarem. Mas não é assim tão fácil substituir Aemon Targaryen – Jon fez uma expressão de surpresa. – Estava convencido de que isto lhe agradaria. Há tantos livros na Cidadela que ninguém pode ter esperança de ler todos. Vai se dar bem por lá, Sam. Eu sei que vai.

– Não. Posso ler os livros, mas... um m-meistre tem de ser um curandeiro, e o s-s-sangue me faz desmaiar – estendeu a mão trêmula para Jon ver. – Sou Sam, o Assustado, não Sam, o Matador.

– Assustado? Com o quê? As censuras de velhos? Sam, você viu as criaturas atacarem o Punho, uma maré de mortos-vivos com mãos negras e brilhantes olhos azuis. Matou um Outro.

– Foi o vidro de d-d-d-dragão, não fui eu.

– Cale-se. Mentiu, maquinou e conspirou para fazer de mim Senhor Comandante. *Irá* me obedecer. Irá para a Cidadela e forjará uma corrente, e se tiver de abrir cadáveres, que seja. Pelo menos em Vilavelha os cadáveres não levantarão objeções.

*Ele não compreende*.

– Senhor – disse Sam –, meu p-p-p-pai, Lorde Randyll, ele, ele, ele, ele, ele... a vida de um meistre é uma vida de *servidão* – balbuciava, bem o sabia. – Nenhum filho da Casa Tarly alguma vez usará uma corrente. Os homens de Monte Chifre não se dobram nem se vergam perante senhores insignificantes – *se é corrente que quer, venha comigo*. – Jon, não posso desobedecer ao meu *pai*.

*Jon*, ele repetiu, mas Jon desaparecera. Agora quem o encarava era Lorde Snow, olhos cinzentos duros como gelo.

– Você não tem pai – Lorde Snow o repreendeu. – Só irmãos. Só tem a nós. Sua vida pertence à Patrulha da Noite, por isso vai enfiar sua roupa num saco, com todas as coisas que quiser levar para Vilavelha. Partirá uma hora antes do nascer do sol. E eis outra ordem. Deste dia em diante, *não* chamará a si mesmo de covarde. Enfrentou mais coisas neste último ano do que a maioria dos homens durante a vida. Pode enfrentar a

Cidadela, mas a enfrentará como Irmão Juramentado da Patrulha da Noite. Não posso ordenar que seja valente, mas *posso,* sim, que esconda seus medos. Proferiu as palavras, Sam. Lembra-se?

*Sou a espada na escuridão*. Mas era uma desgraça com uma espada, e a escuridão o assustava.

– Eu... eu vou tentar.

– Não vai tentar. Vai obedecer.

"*Obedecer.*" O corvo de Mormont bateu suas grandes asas negras.

– Às suas ordens, senhor. O... o Meistre Aemon sabe?

– Isto foi tanto ideia dele como minha – Jon abriu-lhe a porta. – Nada de despedidas. Quanto menos pessoas souberem disso, melhor. Uma hora antes da primeira luz da aurora, junto ao cemitério.

Mais tarde, Sam não conseguiria se lembrar de ter saído do armeiro. Só voltou a si quando já tropeçava em lama e manchas de neve velha, na direção dos aposentos de Meistre Aemon. *Podia me esconder*, disse a si mesmo. *Podia me esconder nas câmaras subterrâneas entre os livros. Podia viver lá embaixo com os ratos e me esgueirar à noite para roubar comida*. Pensamentos insanos, bem sabia, tão inúteis quanto desesperados. As câmaras subterrâneas seriam o primeiro lugar onde iriam procurá-lo. O *último* lugar onde o procurariam era além da Muralha, mas aí a loucura seria ainda maior. *Os selvagens me apanhariam e me matariam lentamente. Podiam me queimar vivo, como a mulher vermelha pretende fazer a Mance Rayder.*

Quando foi encontrar Meistre Aemon na colônia de corvos, entregou-lhe a carta de Jon e despejou seus temores num grande jorro de palavras.

– Ele não compreende – Sam sentia-se prestes a vomitar. – Se eu puser uma corrente ao pescoço, o senhor meu p-p-p-pai... ele, ele, ele...

– Meu pai levantou as mesmas objeções quando escolhi uma vida de serviço – disse o velho. – Foi o pai *dele* quem me enviou para a Cidadela. O Rei Daeron fora pai de quatro filhos, e três tinham filhos seus. *Dragões demais é tão perigoso quanto dragões de menos*, ouvi Sua Graça dizer ao senhor meu pai no dia em que me mandaram embora – Aemon levou uma mão malhada à corrente de muitos metais que pendia, solta, em volta de seu estreito pescoço. – A corrente é pesada, Sam, mas meu bisavô tinha razão. E seu Lorde Snow também.

"*Snow*", resmungou um corvo. "*Snow*", ecoou um outro. Então todos uniram à palavra. "*Snow, snow, snow, snow, snow.*" Sam lhes ensinara. Viu que ali não receberia ajuda. Meistre Aemon estava tão encurralado quanto ele. *Ele morrerá no mar*, pensou, desesperado. *É idoso demais para sobreviver a uma viagem dessas. O filhinho de Goiva também pode morrer, não é tão grande e forte quanto o bebê de Dalla. Será que Jon quer nos matar a todos?*

Na manhã seguinte, Sam deu por si selando a égua que trouxera de Monte Chifre e levando-a pelos arreios até o cemitério que havia junto da estrada oriental. Os alforjes transbordavam de queijo, salsichas e ovos cozidos, e metade de um presunto salgado que Hobb Três-Dedos lhe dera no dia do seu nome.

– É um homem que *aprecia* a cozinha, Matador – dissera o cozinheiro. – Precisamos de mais homens como você – o presunto ajudaria, sem dúvida. O caminho até Atalaialeste era longo e frio, e não havia vilas nem estalagens à sombra da Muralha.

A hora que precedia o amanhecer era escura e calma. Castelo Negro parecia estranhamente silencioso. No cemitério, um par de carroças de duas rodas o esperava, com Jack Negro Bulwer e uma dúzia de patrulheiros experientes, tão duros como os garranos que montavam. Kedge Olho-Branco praguejou sonoramente quando seu único olho bom vislumbrou Sam.

– Não ligue para ele, Sam – disse Jack Negro. – Perdeu uma aposta, disse que ia ter de arrastá-lo aos guinchos de debaixo de alguma cama.

Meistre Aemon estava fraco demais para montar um cavalo, de modo que uma carroça lhe fora preparada com uma cama coberta com uma alta pilha de peles e um toldo de couro atado por cima, a fim de manter afastadas a chuva e a neve. Goiva e o filho seguiriam com ele. A segunda carroça levaria suas roupas e posses, bem como uma arca de velhos livros raros que Aemon pensava que a Cidadela poderia não ter. Sam passara metade da noite à procura deles, embora tivesse encontrado apenas um em quatro. *Ainda bem, senão precisaríamos de outra carroça.*

Quando o meistre surgiu, vinha enrolado numa pele de urso com o triplo do seu tamanho. Quando Clydas o levava para a carroça soprou uma rajada de vento, e o velho cambaleou. Sam correu para ele e pôs-lhe

um braço em volta. Outra rajada como aquela poderia soprá-lo por cima da Muralha.

– Segure-se em meu braço, meistre. Não é longe.

O cego fez um aceno enquanto o vento puxava para trás os capuzes de ambos.

– Em Vilavelha sempre faz calor. Há uma estalagem numa ilha no Vinhomel, onde costumava ir quando era um jovem noviço. Será agradável voltar a me sentar lá e bebericar cidra.

Quando por fim introduziram o meistre na carroça, Goiva já surgira, com a criança agasalhada nos braços. Sob o capuz, seus olhos estavam vermelhos de chorar. Jon apareceu no mesmo instante, com Edd Doloroso.

– Lorde Snow – chamou Meistre Aemon –, deixei um livro em meus aposentos. O *Compêndio de Jade*. Foi escrito pelo aventureiro volanteno Colloquo Votar, que viajou até o Oriente e visitou todas as terras do Mar de Jade. Há uma passagem que pode achar interessante. Disse a Clydas para marcá-la para você.

– Certamente a lerei – Jon Snow respondeu.

Um fio de muco branco escorreu do nariz de Meistre Aemon. O velho o limpou com as costas da luva.

– O conhecimento é uma arma, Jon. Arme-se bem antes de partir para a batalha.

– Farei isso – uma leve nevasca começou a cair, com grandes flocos fofos despencando preguiçosamente do céu. Jon virou-se para Jack Negro Bulwer. – Faça o melhor tempo que puder, mas não corra riscos desnecessários. Tem um velho e um bebê de peito com você. Trate de mantê-los quentes e bem alimentados.

– Faça o mesmo, senhor – disse Goiva. – Faça o mesmo com o outro. Encontre outra ama de leite, como disse que faria. Você me prometeu. O bebê... o bebê de Dalla... o principezinho, quer dizer... arranje uma boa mulher para que ele cresça grande e forte.

– Tem a minha palavra quanto a isto – Jon Snow disse solenemente.

– Não lhe dê um nome. Não faça isto até que ele tenha mais de dois anos. Dá azar dar-lhes nome quando ainda mamam no peito. Vocês, os corvos, podem não saber disto, mas é verdade.

– Às suas ordens, senhora.

Um espasmo de ira relampejou no rosto de Goiva.

– Não me chame assim. Sou uma mãe, não uma senhora. Sou mulher de Craster e filha de Craster, e uma *mãe*.

Edd Doloroso segurou o bebê enquanto Goiva subia na carroça e cobriu-lhe as pernas com algumas peles cheirando a mofo. Àquela altura, o céu oriental já se mostrava mais cinzento do que negro. Lew Mão Esquerda estava ansioso para se pôr a caminho. Edd entregou a criança, e Goiva a colocou no peito. *Esta pode ser a última vez que vejo Castelo Negro*, pensou Sam enquanto montava na égua. Por mais que outrora tivesse odiado Castelo Negro, deixar o lugar o estava dilacerando.

– *Vamos* – ordenou Bulwer. Um chicote estalou, e as carroças começaram a retumbar lentamente pela estrada sulcada enquanto a neve caía ao redor. Sam deixou-se ficar junto a Clydas, Edd Doloroso e Jon Snow.

– Bem – disse –, até a vista.

– Até a vista, Sam – disse Edd Doloroso. – Não é provável que seu navio afunde, parece-me. Os navios só naufragam quando estou a bordo.

Jon ficou observando as carroças.

– Na primeira vez que vi Goiva – disse –, ela estava encostada à parede da Fortaleza de Craster, uma garota magricela de cabelos escuros, com uma grande barriga, encolhida com medo do Fantasma. Ele tinha se metido no meio dos coelhos dela, e parece que ela tinha medo de que a abrisse e devorasse o bebê... mas não era do lobo que ela devia ter tido medo, não?

*Não*, pensou Sam. *O perigo era Craster, seu próprio pai*.

– Ela tem mais coragem do que imagina.

– E você também, Sam. Faça uma viagem rápida e segura, e cuide dela, de Aemon e da criança – Jon abriu um sorriso estranho e triste. – E puxe o capuz para cima. Os flocos de neve estão derretendo em seus cabelos.

## ARYA

A luz ardia tênue e distante, baixa no horizonte, brilhando através das névoas marítimas.

– Parece uma estrela – Arya disse.

– A estrela do lar – Denyo respondeu.

O pai dele gritava ordens. Marinheiros subiam e desciam os três grandes mastros e moviam-se pelo cordame, rizando as pesadas velas púrpura. Embaixo, remadores arquejavam e se esforçavam em duas grandes fileiras de remos. Os conveses inclinaram-se, rangendo, quando a galeota *Filha do Titã* adernou para estibordo e começou a mudar de bordo.

*A estrela do lar*. Arya estava em pé, na proa, com a mão pousada na figura dourada, uma donzela que segurava uma taça de fruta. Durante meio segundo permitiu-se fingir que o que tinha em frente *era* o seu lar.

Mas era uma estupidez. Seu lar desaparecera, os pais estavam mortos, e todos os irmãos tinham sido assassinados, exceto Jon Snow, na Muralha. Fora para esse lugar que quisera ir. Dissera isso ao capitão, mas nem mesmo a moeda de ferro conseguira convencê-lo. Arya nunca parecia chegar aos lugares que se propunha alcançar. Yoren jurara entregá-la em Winterfell, mas acabara em Harrenhal, e Yoren, na sepultura. Quando fugira de Harrenhal na direção de Correrrio, Limo, Anguy e Tom das Sete tornaram-na cativa e, em vez disso, arrastaram-na para o monte oco. Então, Cão de Caça a raptara e a levara para as Gêmeas. Arya deixara-o moribundo junto ao rio e prosseguira até Salinas, esperando arranjar passagem para Atalaialeste do Mar, só que...

*Bravos pode não ser tão ruim. Syrio era de Bravos, e Jaqen também pode estar lá*. Fora Jaqen quem lhe dera a moeda de ferro. Ele não fora realmente seu amigo como Syrio tinha sido, mas que bem lhe tinham feito os amigos? *Não preciso de amigos, desde que tenha a Agulha*.

Esfregou a ponta do polegar no suave botão de punho da espada, desejando, desejando...

Na verdade, Arya não sabia o que desejar, assim como não sabia o que a esperava sob aquela luz distante. O capitão dera-lhe passagem, mas não tivera tempo de conversar com ela. Alguns dos membros da tripulação evitavam-na, mas outros davam-lhe presentes, um garfo de prata, luvas sem dedos, um chapéu mole de lã remendado com couro. Um homem mostrara-lhe como fazer nós de marinheiro. Outro servia-lhe pequenas doses de vinho ardente. Os amigáveis batiam no peito, dizendo os nomes uma e outra vez até que Arya os repetisse, embora nenhum tivesse tido a ideia de perguntar *seu* nome. Chamavam-na Salgada, visto ter embarcado em Salinas, perto da foz do Tridente. Supunha que era um nome tão bom como qualquer outro.

As últimas das estrelas da noite tinham desaparecido... todas, menos o par que estava logo em frente.

– Agora são *duas* estrelas.

– Dois olhos – Denyo disse. – O Titã nos vê.

O Titã de Bravos. A Velha Ama contara-lhes histórias sobre o Titã, em Winterfell. Era um gigante alto como uma montanha, e sempre que Bravos estava em perigo acordava com fogo nos olhos, fazendo trovejar e ranger os membros de pedra enquanto entrava no mar para esmagar os inimigos.

"Os bravosianos alimentam-no com a carne suculenta e cor-de-rosa de garotinhas bem-nascidas", terminava a Ama, e Sansa soltava um guincho estúpido. Mas Meistre Luwin dizia que o Titã era apenas uma estátua, e as histórias da Velha Ama não passavam de histórias.

*Winterfell ardeu e caiu*, recordou Arya a si mesma. A Velha Ama e Meistre Luwin estavam ambos mortos, provavelmente, e Sansa também. Não fazia bem nenhum pensar neles. *Todos os homens têm de morrer*. Era isso que as palavras queriam dizer, as palavras que Jaqen H'ghar lhe ensinara quando lhe dera a gasta moeda de ferro. Aprendera mais palavras bravosianas desde que deixara Salinas, as palavras para *por favor*, *obrigado*, *mar*, *estrela* e *vinho ardente*, mas chegara até elas sabendo que *todos os homens têm de morrer*. A maior parte da tripulação da *Filha* tinha alguma noção do idioma comum, das noites passadas em terra, em Vilavelha, Porto Real e Lagoa da Donzela, embora apenas o

capitão e os filhos o falassem suficientemente bem para conversar com ela. Denyo era o mais novo desses filhos, um gorducho e alegre garoto de doze anos que cuidava da cabine do pai e ajudava o irmão mais velho com as contas.

– Espero que seu Titã não esteja com fome – disse-lhe Arya.

– Fome? – perguntou Denyo, confuso.

– Não interessa – mesmo que o Titã *realmente* comesse carne suculenta e rosada de garotinhas, Arya não o temeria. Era uma coisinha magricela, não uma refeição decente para um gigante, e tinha quase onze anos, praticamente uma mulher-feita. *E, além disso, a Salgada não é bem-nascida*. – O Titã é o deus de Bravos? – ela perguntou. – Ou honram os Sete?

– Todos os deuses são honrados em Bravos – o filho do capitão gostava quase tanto de falar sobre sua cidade como apreciava falar sobre o navio do pai. – Os seus Sete têm aqui um septo, o Septo-do-Ultramar, mas só os marinheiros de Westeros prestam culto nele.

*Não são os meus Sete. Eram os deuses da minha mãe, e deixaram que os Frey a assassinassem nas Gêmeas*. Perguntou a si mesma se encontraria em Bravos um bosque sagrado com um represeiro no coração. Denyo talvez soubesse, mas não podia lhe perguntar. A Salgada era de Salinas, e o que saberia uma garota de Salinas dos velhos deuses do Norte? *Os velhos deuses estão mortos*, disse a si mesma, *como a mãe, o pai, Robb, Bran e Rickon, todos mortos*. Lembrava-se de seu pai ter dito, havia muito tempo, que, quando os ventos frios sopram, o lobo solitário morre e a alcateia sobrevive. *Ele entendeu tudo ao contrário*. Arya, a loba solitária, sobreviveu, mas os lobos da alcateia tinham sido capturados, mortos e esfolados.

– Os Cantores da Lua trouxeram-nos para este local de refúgio, onde os dragões de Valíria não conseguissem nos encontrar – disse Denyo. – O templo deles é o maior. Honramos também o Pai das Águas, mas sua casa é construída de novo sempre que toma uma noiva. O resto dos deuses vivem juntos numa ilha no centro da cidade. É aí que encontrará o... o Deus das Muitas Faces.

Os olhos do Titã pareciam agora brilhantes e mais afastados um do outro. Arya não conhecia nenhum Deus das Muitas Faces, mas, se respondia a preces, podia ser o deus que procurava. *Sor Gregor*, pensou,

*Dunsen, Raff, o Querido, Sor Ilyn, Sor Meryn, Rainha Cersei. Já são só seis*. Joffrey estava morto, Cão de Caça matara Polliver e ela mesma apunhalara Cócegas e aquele estúpido escudeiro espinhento. *Não o teria matado se ele não tivesse me agarrado*. Cão de Caça estava moribundo quando o deixara nas margens do Tridente, ardendo em febre devido ao ferimento. *Devia ter lhe oferecido a dádiva da misericórdia e enfiado uma faca em seu coração.*

– Salgada, olhe! – Denyo pegou no braço de Arya e a fez se virar. – Consegue ver? *Ali* – ele apontou.

As névoas cederam à frente do navio, cortinas cinzentas esfarrapadas afastadas pela proa. A *Filha do Titã* abria caminho através das águas cinzentas esverdeadas, apoiada em asas enfunadas de cor púrpura. Arya ouvia os gritos das aves marinhas por cima de sua cabeça. Ali, no local para onde Denyo apontava, uma linha de cumeadas rochosas erguia-se, súbita, do mar, com vertentes íngremes cobertas de pinheiros marciais e abetos negros. Mas, mesmo em frente, o mar abrira caminho, e ali, sobre as águas abertas, erguia-se o Titã, com seus olhos em fogo e seus longos cabelos verdes soprados pelo vento.

Suas pernas erguiam-se sobre a abertura, com um pé plantado em cada montanha, e os ombros subiam bem acima dos cumes irregulares. As pernas tinham sido esculpidas em pedra sólida, o mesmo granito negro dos montes submarinos sobre os quais se erguia, embora usasse em volta das ancas uma saia couraçada de bronze esverdeado. A placa de peito também era de bronze, e a cabeça era um meio-elmo com crista. Os cabelos que o vento soprava eram feitos de cordas de cânhamo tingidas de verde, e enormes fogueiras ardiam nas grutas que eram os seus olhos. Uma mão descansava no topo da cumeada da esquerda, com dedos de bronze enrolados em volta de uma protuberância de pedra; a outra projetava-se no ar, agarrando o cabo de uma espada quebrada.

*É só um pouco maior do que a estátua do Rei Baelor em Porto Real*, disse a si mesma quando ainda se encontravam bem distantes. Mas, à medida que a galeota se aproximou do local onde as ondas rebentavam contra a cumeada, o Titã cresceu ainda mais. Arya ouvia o pai de Denyo berrando ordens com sua voz profunda, e, no cordame, os homens enrolavam as velas. *Vamos passar, a remo, por baixo das pernas do Titã*. Arya viu as seteiras abertas na grande placa de peito em bronze, e

manchas e salpicos nos braços e ombros do Titã, nos locais onde as aves marinhas faziam os ninhos. O pescoço virou-se para cima. *Baelor, o Abençoado, não lhe chegaria ao joelho. Podia passar por cima das muralhas de Winterfell*.

Então o Titã soltou um poderoso rugido.

O som foi tão monstruoso quanto ele, um terrível trovejar e ranger, tão forte que até afogou a voz do capitão e o estrondo que as ondas faziam contra aquelas elevações vestidas de pinheiros. Um milhar de aves marinhas levantou voo ao mesmo tempo, e Arya encolheu-se até ver que Denyo estava dando risada.

– Ele avisa o Arsenal de nossa chegada, é tudo – gritou. – Não precisa ter medo.

– Não *tive* – gritou Arya em resposta. – Foi do ruído, só isso.

O vento e as ondas tinham agora a *Filha do Titã* bem presa nas mãos, empurrando-a rapidamente para o canal. A dupla fileira de remos mergulhava ritmicamente, fustigando o mar com espuma branca enquanto a sombra do Titã caía sobre eles. Por um momento pareceu certo que se esmagariam contra as rochas sob as pernas dele. Aninhada à proa com Denyo, Arya sentia o sabor do sal onde a maresia lhe tocara o rosto. Tinha de olhar diretamente para cima para ver a cabeça do Titã.

"Os bravosianos alimentam-no com a carne suculenta e cor-de-rosa de garotinhas bem-nascidas", ouviu de novo a Velha Ama dizer, mas ela *não era* uma garotinha, e não se deixaria assustar por uma estúpida *estátua*.

Mesmo assim, manteve a mão pousada na Agulha enquanto se esgueiravam por entre as pernas do Titã. Mais seteiras pontilhavam o interior daquelas grandes coxas de pedra, e quando Arya virou o pescoço para ver o cesto da gávea passar com uns bons dez metros de folga, vislumbrou alçapões por baixo da saia couraçada do Titã, e rostos pálidos a fitá-los por detrás das barras de ferro.

E, então, estavam do lado de lá.

A sombra ergueu-se, as elevações cobertas de pinheiros afastaram-se de ambos os lados, os ventos reduziram-se e se acharam em movimento por uma grande lagoa. Em frente, erguia-se outro monte submarino, uma protuberância de rocha que se projetava da água como um punho coberto de espigões, com ameias rochosas eriçadas de balistas, catapultas de fogo e trabucos.

– O Arsenal de Bravos – disse Denyo, tão orgulhoso como se o tivesse construído. – Ali conseguem construir uma galé de guerra em um dia. – Arya via dezenas de galés amarradas ao cais e empoleiradas em rampas de lançamento. As proas pintadas de outras embarcações espreitavam de dentro de um sem-número de barracões de madeira erguidos ao longo das costas rochosas, esguias, más e famintas, como se fossem cães de caça num canil, à espera de serem chamados pelo berrante de um caçador. Tentou contá-las, mas havia muitas, e viam-se mais docas, barracões e cais onde a linha da costa fazia uma curva e se afastava.

Duas galés tinham vindo ao seu encontro. Pareciam pairar sobre a água como libélulas, com os remos de cor clara relampejando. Arya ouviu o capitão gritar-lhes, e os capitães delas gritando respostas, mas não compreendeu as palavras. Um grande berrante soou. As galés puseram-se de ambos os lados do navio deles, tão próximas que conseguia ouvir o som abafado dos tambores soando dentro de seus cascos de cor púrpura, *bum bum bum bum bum bum bum bum*, como as batidas de corações.

Então as galés ficaram para trás, e o Arsenal também. Em frente estendeu-se uma vastidão de água cor de ervilha, encrespada como uma folha de vidro colorido. De seu coração úmido ergueu-se a cidade propriamente dita, uma grande extensão de cúpulas, torres e pontes, cinzentas, douradas e vermelhas. *As cem ilhas de Bravos no mar*.

Meistre Luwin falara-lhes de Bravos, mas Arya esquecera a maior parte do que dissera. Era uma cidade plana, isto ela via mesmo de longe, ao contrário de Porto Real, que se erguia em suas três grandes colinas. As únicas colinas que havia ali eram aquelas que os homens tinham erguido com tijolo e granito, bronze e mármore. Faltava mais alguma coisa, embora Arya demorasse alguns momentos para compreender o que era. *A cidade não tem muralhas*. Mas quando disse isso a Denyo, o garoto riu dela.

– Nossas muralhas são feitas de madeira e pintadas de púrpura – disse-lhe. – Nossas muralhas são as nossas *galés*. Não precisamos de outras.

O convés rangeu sob seus pés. Arya virou-se para descobrir o pai de Denyo erguendo-se acima dela com seu grande casaco de capitão feito de lã púrpura. O Capitão-Mercador Ternesio Terys não usava barba, e mantinha curtos e bem tratados os cabelos grisalhos, emoldurando seu rosto quadrado queimado pelo vento. Durante a travessia vira-o com

frequência trocando gracejos com a tripulação, mas quando franzia as sobrancelhas, os homens fugiam dele como quem foge de uma tempestade. Agora estava de testa franzida.

– Nossa viagem está no fim – disse a Arya. – Vamos para Porto Axadrezado, onde os oficiais da alfândega do Senhor do Mar virão a bordo inspecionar nossos porões. Levarão nisso meio dia, levam sempre, mas não é preciso que você espere que se despachem. Junte suas coisas. Vou baixar um bote e Yorko vai pôr você em terra.

*Em terra*. Arya mordeu o lábio. Atravessara o mar estreito para chegar ali, mas se o capitão tivesse perguntado lhe teria dito que queria ficar a bordo da *Filha do Titã*. Salgada era pequena demais para manejar um remo, agora sabia disso, mas podia aprender a costurar cabos e a rizar velas e traçar um rumo através do grande mar salgado. Certa vez, Denyo a levara até o cesto da gávea, e não sentira medo nenhum, embora o convés parecesse uma coisinha minúscula lá embaixo. *E também sei fazer somas e manter uma cabine arrumada*.

Mas a galeota não precisava de um segundo moço de cabine. Além do mais, bastava-lhe olhar para o rosto do capitão para saber como estava ansioso por se ver livre dela. Portanto, Arya limitou-se a assentir.

– Em terra – disse, embora em terra quisesse dizer apenas estranhos.

– *Valar dohaeris* – levou dois dedos à testa. – Eu lhe peço que se lembre de Ternesio Terys e do serviço que ele lhe prestou.

– Eu me lembrarei – disse Arya em voz baixa. O vento a puxava pelo manto, insistente como um fantasma. Era hora de ir embora.

*Junte suas coisas*, dissera o capitão, mas eram bem poucas. Só as roupas que usava, sua pequena bolsa de moedas, os presentes que a tripulação lhe dera, o punhal que trazia na anca esquerda e a Agulha que usava à direita.

O bote ficou pronto antes dela, e Yorko pôs-se aos remos. Era também filho do capitão, mas mais velho do que Denyo e menos amigável. *Não cheguei a me despedir de Denyo*, pensou enquanto descia para se juntar a Yorko. Perguntou a si mesma se alguma vez voltaria a ver o garoto. *Devia ter lhe dito adeus*.

A *Filha do Titã* minguou na esteira do bote enquanto a cidade crescia a cada movimento dos remos de Yorko. Um porto estava visível à direita, um emaranhado de quebra-mares e cais repletos de baleeiros de casco

largo vindos de Ibben, navios cisne das Ilhas do Verão e mais galés do que uma garota conseguiria contar. Outro porto, mais distante, podia ser avistado à esquerda, para lá de uma ponta de terreno afundado, onde os topos de edifícios meio afogados se projetavam da água. Arya nunca vira tantos edifícios de grandes dimensões juntos num mesmo lugar. Porto Real tinha a Fortaleza Vermelha, o Grande Septo de Baelor e o Fosso dos Dragões, mas Bravos parecia fazer alarde de uma vintena de templos, torres e palácios de igual tamanho, ou até maiores. *Voltarei a ser um rato*, pensou sombriamente, *tal como era em Harrenhal antes de fugir*.

De onde o Titã se encontrava, a cidade parecia construída numa grande ilha, mas à medida que Yorko os levava para mais perto, Arya foi vendo que ela se erguia em muitas ilhas pequenas e muito próximas, ligadas por pontes arqueadas de pedra que transpunham um sem-número de canais. Para lá do porto vislumbrou ruas com casas de pedra cinzenta, tão próximas umas das outras que se encostavam. Aos olhos de Arya tinham um aspecto estranho, com quatro e cinco andares de altura e muito estreitas, com telhados de telha pontiagudos que eram como chapéus bicudos. Não viu colmo, e notou apenas algumas casas de madeira, do tipo que conhecia de Westeros. *Eles não têm árvores*, compreendeu. *Bravos é toda em pedra, uma cidade cinzenta num mar verde*.

Yorko virou para o norte das docas e para o interior da desembocadura de um grande canal, uma larga estrada aquática e verde que corria direto para o coração da cidade. Passaram sob os arcos de uma ponte recurva feita em pedra e decorada com meia centena de espécies de peixes, caranguejos e lulas. Uma segunda ponte surgiu em frente, esta esculpida com um rendilhado de vinhedos folhosos, e depois desta uma terceira, que os fitava com um milhar de olhos pintados. As embocaduras de canais menores abriam-se de ambos os lados, e as de outros ainda menores abriam-se nestes. Arya viu que algumas das casas eram construídas por cima dos canais, transformando-os numa espécie de túnel. Barcos esguios deslizavam de um lado para o outro, talhados de modo a tomarem a forma de serpentes aquáticas com cabeças pontiagudas e caudas erguidas. Arya viu que aqueles barcos não se moviam a remo, mas sim à vara, por homens que se mantinham em pé em suas popas, envoltos em mantos cinzentos, marrons e de um profundo verde-musgo. Viu também enormes barcaças de fundo chato, carregadas

com grandes pilhas de caixotes e barris, empurradas por vinte vareiros de cada lado, e elegantes casas flutuantes com lanternas de vidro colorido, cortinados de veludo e brônzeas figuras de proa. A uma grande distância, erguendo-se tanto sobre os canais como sobre as casas, via-se uma espécie de massiva estrada de pedra, sustentada por três fileiras de poderosos arcos que marchavam para o sul, para o interior da neblina.

– O que é aquilo? – perguntou Arya a Yorko, apontando.

– O rio de água doce – ele respondeu. – Traz água doce do continente, através das planícies de maré e dos baixios salgados. Boa água doce para os fontanários.

Quando olhou para trás, o porto e a lagoa estavam fora de vista. Em frente, uma fileira de grandes estátuas erguia-se de ambos os lados do canal, solenes homens de pedra com longas vestes de bronze, salpicados com os excrementos de aves marinhas. Alguns seguravam livros, outros carregavam punhais, outros, martelos. Um tinha uma estrela dourada na mão erguida. Outro emborcava um jarro de pedra, despejando no canal um infindável jorro de água.

– São deuses? – ela quis saber.

– Senhores do Mar – disse Yorko. – A Ilha dos Deuses é mais adiante. Consegue ver? Depois de seis pontes, na margem direita. Aquele é o Templo dos Cantores da Lua.

Era um daqueles edifícios que Arya vislumbrara da lagoa, uma massa grandiosa de mármore branco como a neve, encimada por uma enorme cúpula prateada, cujas janelas de vidro leitoso mostravam todas as fases da lua. Um par de donzelas de mármore flanqueava seus portões, tão altas como os Senhores do Mar, sustentando um lintel em forma de crescente.

Depois erguia-se outro templo, um edifício de pedra vermelha, tão severo como qualquer fortaleza. No topo de sua grande torre quadrada ardia uma fogueira num braseiro de ferro com seis metros de largura, enquanto fogueiras menores flanqueavam suas portas de bronze.

– Os sacerdotes vermelhos adoram suas fogueiras – disse-lhe Yorko. – Seu deus é o Senhor da Luz, o rubro R'hllor.

*Eu sei*. Arya lembrou-se de Thoros de Myr com seus bocados de velha armadura, usada sobre vestes tão desbotadas que parecia mais um sacerdote cor-de-rosa do que vermelho. Mas seu beijo trouxera Lorde

Beric de volta à vida. Observou a casa do deus vermelho enquanto passava por ela, perguntando-se se aqueles sacerdotes bravosianos de R'hllor seriam capazes de fazer a mesma coisa.

A seguir surgiu uma enorme estrutura de tijolo ornamentada de liquens. Arya poderia tê-la tomado por um armazém, se Yorko não tivesse dito:

– Aquele é o Refúgio Sagrado, onde honramos os deuses menores que o mundo esqueceu. Também vai ouvir as pessoas chamarem-no Coelheira – um pequeno canal corria entre as altas paredes cobertas de liquens da Coelheira, e foi aí que ele virou o barco para a direita. Passaram por um túnel e voltaram a sair para a luz do dia. Mais templos erguiam-se de ambos os lados.

– Não sabia que existiam tantos deuses – Arya disse.

Yorko soltou um grunhido. Fizeram uma curva e passaram por baixo de outra ponte. À esquerda surgiu um pequeno monte rochoso com um templo sem janelas, de pedra cinzenta escura no topo. Um lance de escadas de pedra levava de suas portas a uma doca coberta.

Yorko inverteu o sentido da remada e o bote colidiu suavemente com estacas de pedra. Agarrou uma argola de ferro destinada a segurá-los por um momento.

– É aqui que a deixo.

A doca estava coberta de sombras, os degraus eram íngremes. O telhado de telhas negras do templo fazia um bico aguçado, como o das casas ao longo dos canais. Arya mordeu o lábio. *Syrio veio de Bravos. Pode ter visitado este templo. Pode ter subido esses degraus*. Agarrou uma argola e pulou para a doca.

– Sabe o meu nome – disse Yorko de dentro do barco.

– Yorko Terys.

– *Valar dohaeris* – empurrou o cais com o remo e flutuou para águas mais profundas. Arya ficou vendo-o remar de volta para onde tinham vindo, até que o barco desapareceu nas sombras da ponte. Quando o marulhar dos remos se esvaiu, quase conseguiu ouvir o bater do seu coração. De súbito estava em outro lugar... de volta a Harrenhal com Gendry, talvez, ou com Cão de Caça nas florestas ao longo do Tridente. *Salgada é uma criança estúpida*, disse a si mesma. *Sou uma loba, e não vou ter medo*. Afagou o cabo da Agulha para lhe dar sorte e mergulhou

nas sombras, subindo dois degraus de cada vez, para que ninguém pudesse alguma vez dizer que tinha medo.

No topo encontrou um conjunto de portas esculpidas em madeira com três metros e meio de altura. A porta da esquerda era feita de represeiro branco como osso; a da direita, de reluzente ébano. No centro encontrava-se esculpido um rosto de lua; ébano no lado do represeiro, represeiro no lado do ébano. O aspecto das portas fez que se lembrasse, sem saber por que, da árvore-coração no bosque sagrado de Winterfell. *As portas me observam*, pensou. Empurrou ambas ao mesmo tempo com o lado das mãos enluvadas, mas nenhuma quis se mover. *Trancadas*.

– Deixe-me entrar, suas estúpidas – disse. – Atravessei o mar estreito – fechou a mão em punho e bateu. – Jaqen disse-me para vir. Tenho a moeda de ferro – tirou-a da bolsa e a exibiu. – Veem? *Valar morghulis*.

As portas não responderam, exceto abrindo-se.

Abriram-se para dentro, num silêncio total, sem mão humana que as movesse. Arya deu um passo em frente, e depois outro. As portas se fecharam atrás dela, e por um momento ficou cega. Tinha a Agulha na mão, embora não se recordasse de tê-la desembainhado.

Algumas velas ardiam ao longo das paredes, mas emitiam tão pouca luz que Arya não conseguia ver os próprios pés. Alguém sussurrava, baixo demais para que distinguisse palavras. Outra pessoa chorava. Ouviu passos leves, couro deslizando sobre pedra, uma porta abrindo e fechando. *Água, também ouço água*.

Lentamente, seus olhos se ajustaram. O templo parecia muito maior por dentro do que parecera de fora. Os septos de Westeros tinham sete lados, com sete altares para os sete deuses, mas ali havia mais deuses do que sete. Estátuas deles erguiam-se ao longo das paredes, maciças e ameaçadoras. Em volta de seus pés, velas vermelhas tremeluziam, tênues como estrelas distantes. A mais próxima era uma mulher de mármore com seis metros e meio de altura. Lágrimas verdadeiras escorriam de seus olhos e enchiam a bacia que embalava nos braços. Atrás dela estava um homem com cabeça de leão sentado num trono, esculpido em ébano. Do outro lado das portas, um enorme cavalo de bronze e ferro empinava-se em duas grandes patas. Mais adiante conseguia distinguir um grande rosto de pedra, um bebê de cor clara com uma espada, uma hirsuta cabra preta do tamanho de um auroque, um homem encapuzado apoiado num

cajado. O resto era-lhe apenas grandes silhuetas, entrevistas na escuridão. Entre os deuses havia alcovas escondidas, carregadas de sombras, aqui e ali com uma vela a arder.

Silenciosa como uma sombra, Arya avançou por entre fileiras de longos bancos de pedra de espada na mão. Os pés disseram-lhe que o chão era feito de pedra; não de mármore polido, como o do Grande Septo de Baelor, mas algo mais áspero. Passou por algumas mulheres que sussurravam juntas. O ar estava quente e pesado, tão pesado que bocejou. Sentiu o cheiro das velas. O odor não era familiar, e atribuiu-o a algum tipo estranho de incenso, mas, à medida que penetrava mais profundamente no templo, elas pareceram cheirar a neve, a agulhas de pinheiro e a guisado quente. *Cheiros bons*, disse Arya a si mesma, e sentiu-se um pouco mais corajosa. Suficientemente corajosa para voltar a embainhar a Agulha.

No centro do templo encontrou a água que ouvira; um tanque com três metros de largura, negro como tinta e iluminado por fracas velas vermelhas. Ao lado, encontrava-se sentado um homem jovem, com um manto prateado, chorando baixinho. Viu-o mergulhar a mão na água, fazendo correr ondinhas pelo tanque. Quando tirou os dedos da água chupou-os, um por um. *Deve ter sede*. Havia taças de pedra ao longo da borda do tanque. Arya encheu uma e a levou para ele beber. O jovem fitou a garota por um longo momento quando ela lhe ofereceu a água.

– *Valar morghulis* – ele disse.

– *Valar dohaeris* – ela respondeu.

Ele bebeu até o fim e deixou cair a taça no tanque com um *plop* suave. Então, pôs-se em pé, cambaleando, segurando a barriga. Por um momento Arya pensou que o homem ia cair. Foi só então que viu a mancha escura, sob seu cinto, que se espalhava diante de seus olhos.

– Foi apunhalado – exclamou, mas o homem não lhe deu atenção. Arrastou-se na direção da parede com um andar instável e enfiou-se numa alcova, estendendo-se em uma dura cama de pedra. Quando Arya olhou em volta, viu outras alcovas. Em algumas, velhos dormiam.

*Não*, pareceu ouvir uma voz meio lembrada sussurrando em sua mente. *Estão mortos, ou agonizando. Olhe com os olhos.*

Uma mão tocou seu braço.

Arya girou para longe, mas era só uma garotinha; uma garotinha pálida envergando uma veste com capuz que parecia engoli-la, negra do lado direito e branca do esquerdo. Sob o capuz estava um rosto lúgubre e ossudo, chupado, e olhos escuros que pareciam grandes como pires.

– Não me agarre – disse Arya, num aviso, à criança abandonada. – Matei o último rapaz que fez isso.

A garota disse algumas palavras que Arya não compreendeu.

Balançou a cabeça.

– Não fala o idioma comum?

Uma voz atrás dela disse:

– Eu falo.

Arya não gostava da maneira como não paravam de surpreendê-la. O homem encapuzado era alto, envolto numa versão maior da veste preta e branca que a garota usava. Sob o capuz, tudo que conseguia ver era a tênue cintilação vermelha da luz das velas que se refletia em seus olhos.

– Que lugar é este? – perguntou-lhe.

– Um lugar de paz – a voz do homem era gentil. – Está em segurança aqui. Esta é a Casa do Preto e Branco, filha. Embora seja nova para procurar o favor do Deus de Muitas Faces.

– É como o deus do Sul, aquele com sete rostos?

– Sete? Não. As faces dele são incontáveis, pequena, tantas como as estrelas que há no céu. Em Bravos, os homens rezam como querem... mas no fim de todos os caminhos está o Deus de Muitas Faces à espera. Ele estará lá para você um dia, não tema. Não precisa correr para os seus braços.

– Só vim à procura de Jaqen H'ghar.

– Não conheço esse nome.

O coração de Arya afundou-se.

– Ele era de Lorath. Tinha cabelos brancos de um lado e vermelhos do outro. Disse que me ensinaria segredos e me deu isto – tinha a moeda de ferro apertada na mão. Quando abriu os dedos, ela ficou colada à palma suada.

O sacerdote estudou a moeda, embora não tenha feito nenhum movimento para tocar nela. A criança abandonada dos olhos grandes também a observava. Por fim, o homem encapuzado disse:

– Diga-me seu nome, filha.

– Salgada. Venho de Salinas, junto ao Tridente.

Embora não conseguisse ver-lhe o rosto, de algum modo sentiu-o sorrir.

– Não – disse o homem. – Diga-me o seu nome.

– Pombinha – respondeu novamente.

– O seu nome verdadeiro, filha.

– Minha mãe chamou-me Nan, mas os outros me chamavam Doninha...

– O seu nome.

Arya engoliu em seco.

– Arry. Sou *Arry*.

– Está mais perto. E agora, a verdade?

*O medo golpeia mais profundamente que as espadas*, disse a si mesma.

– Arya – da primeira vez, murmurou a palavra. Da segunda, atirou-a. – Sou *Arya*, da Casa Stark.

– Sim – ele respondeu –, mas a Casa do Preto e Branco não é lugar para Arya da Casa Stark.

– Por favor – ela pediu. – Não tenho para onde ir.

– Teme a morte?

Arya mordeu o lábio.

– Não.

– Vejamos – o sacerdote tirou o capuz. Por baixo não havia rosto, só uma caveira amarelecida com uns restos de pele ainda agarrados às bochechas e um verme branco contorcendo-se numa órbita vazia. – Beije-me, filha – crocitou, numa voz tão seca e enrouquecida como o matraquear da morte.

*Será que ele quer me assustar?* Arya beijou-o no lugar onde o nariz deveria estar e tirou-lhe o verme do olho, com a intenção de comê-lo, mas ele se desvaneceu como uma sombra em sua mão.

A caveira amarela também desapareceu, e o velho mais amável que Arya já vira sorriu.

– Nunca ninguém tentou comer meu verme – disse. – Tem fome, filha?

*Sim*, ela pensou, *mas não de comida*.

## CERSEI

Caía uma chuva fria que deixava as muralhas e os baluartes da Fortaleza Vermelha escuros como sangue. A rainha pegou na mão do rei e o levou com firmeza pelo pátio lamacento, até onde a liteira esperava com a sua escolta.

– Tio Jaime disse que eu podia montar a cavalo e atirar moedas ao povo – argumentou o garoto.

– Quer ficar doente? – ela não arriscaria; Tommen nunca fora tão robusto quanto Joffrey. – Seu avô iria querer que parecesse um rei de verdade em seu velório. Não vamos aparecer no Grande Septo molhados e enlameados – *lá é ruim demais que eu tenha de voltar a usar luto*. O negro nunca lhe favorecera. Com sua pele clara, fazia que parecesse meio cadavérica. Ela se levantara uma hora antes da alvorada para tomar banho e arrumar os cabelos, e não pretendia deixar que a chuva arruinasse seu trabalho.

Dentro da liteira, Tommen recostou-se às almofadas e espreitou a chuva que caía.

– Os deuses estão chorando pelo avô. A Senhora Jocelyn diz que as gotas de chuva são suas lágrimas.

– Jocelyn Swyft é uma tola. Se os deuses pudessem chorar, teriam chorado por seu irmão. Chuva é chuva. Feche a cortina antes que deixe entrar mais. Essa capa é de zibelina, quer ensopá-la?

Tommen fez o que lhe era pedido. Sua docilidade preocupava-a. Um rei tinha de ser forte. *Joffrey teria discutido. Nunca foi fácil de intimidar*.

– Não se esparrame dessa maneira – ela advertiu Tommen. – Sente-se como um rei. Ponha os ombros para trás e endireite a coroa. Quer que ela caia da sua cabeça diante de todos os seus lordes?

– Não, mãe – o garoto se endireitou e ergueu as mãos para arrumar a coroa. A coroa de Joff era grande demais para ele. Tommen sempre tendera para a robustez, mas seu rosto agora parecia mais magro. *Ele*

*anda comendo bem?* Não podia se esquecer de perguntar ao intendente. Não podia correr o risco de que Tommen adoecesse, não enquanto Myrcella estivesse nas mãos dos dorneses. *Ele, a seu tempo, crescerá até que a coroa de Joff lhe sirva bem*. Até que isso acontecesse, podia ser necessária uma menor, uma que não ameaçasse engolir sua cabeça. Levaria o assunto aos ourives.

A liteira desceu lentamente a Colina de Aegon. Dois dos membros da Guarda Real seguiam à frente deles, cavaleiros brancos montados em cavalos brancos com mantos brancos que pendiam, ensopados, de seus ombros. Atrás vinham cinquenta guardas Lannister vestidos de ouro e carmesim.

Tommen espreitou as ruas vazias através das cortinas.

– Pensei que houvesse mais gente. Quando o pai morreu, o povo veio todo nos ver passar.

– A chuva os empurrou para casa – Porto Real nunca amara Lorde Tywin. *Mas ele nunca quis amor. "Não pode comer amor, nem comprar um cavalo com ele, nem aquecer os salões numa noite fria"*, ouvira-o dizer uma vez a Jaime, quando o irmão não era mais velho do que Tommen.

No Grande Septo de Baelor, aquela magnificência em mármore erguida no cume da Colina de Visenya, o pequeno aglomerado de pessoas de luto era menos numeroso que os homens de manto dourado que Sor Addam Marbrand espalhara pela praça. *Mais tarde virão mais*, disse a rainha a si mesma enquanto Sor Meryn Trant a ajudava a descer da liteira. Só os bem-nascidos e seus séquitos seriam admitidos no serviço fúnebre; haveria outro à tarde para os plebeus, e as preces da noite eram abertas a todos. Cersei teria de regressar a essa altura, para que o povo a visse de luto. *A turba precisa ter o seu espetáculo*. Era um aborrecimento. Tinha cargos a preencher, uma guerra a vencer, um reino a governar. O pai teria compreendido.

O Alto Septão veio ao seu encontro no topo da escadaria. Um velho corcunda, com uma barba grisalha e pouco densa, era de tal modo vergado pelo peso de suas ornamentadas vestes que tinha os olhos ao nível dos seios da rainha... embora sua coroa, uma estrutura elevada de cristal cortado e ouro tecido, lhe acrescentasse um bom meio metro de altura.

Lorde Tywin dera-lhe aquela coroa para substituir a que fora perdida quando a turba matara o Alto Septão anterior. Depois de arrancarem o gordo idiota de sua liteira, tinham-no despedaçado, no dia em que Myrcella zarpara para Dorne. *Esse era um grande glutão e um homem manejável. Este...* Aquele Alto Septão era obra de Tyrion, recordou Cersei de súbito. Era uma ideia inquietante.

A mão malhada do velho pareceu uma pata de galinha quando espreitou de dentro de uma manga coberta de arabescos dourados e pequenos cristais. Cersei ajoelhou no mármore molhado e beijou-lhe os dedos, e disse a Tommen para fazer o mesmo. *Que sabe ele de mim? Quanto lhe terá dito o anão?* O Alto Septão sorria ao entrar com ela no septo. Mas seria um sorriso traiçoeiro, cheio de conhecimento silencioso, ou não passaria de uma torção vazia nos lábios enrugados de um velho? A rainha não conseguiu ter certeza.

Atravessaram o Salão das Lâmpadas sob globos coloridos de vitral, com a mão de Tommen na sua. Trant e Kettleblack os flanqueavam, com água pingando de seus mantos molhados formando poças no chão. O Alto Septão caminhava lentamente, apoiado a um cajado de represeiro encimado por um globo de cristal. Era servido por sete dos Mais Devotos, que cintilavam em pano de prata. Tommen usava pano de ouro sob sua capa de zibelina, e a rainha, um velho vestido de veludo negro forrado de arminho. Não houvera tempo para mandar fazer um novo, e não podia usar o mesmo que usara para Joffrey, nem aquele com que enterrara Robert.

*Pelo menos não se esperará de mim que vista luto por Tyrion. Para isto vestirei seda carmesim e pano de ouro, e usarei rubis nos cabelos*. Proclamara que o homem que lhe trouxesse a cabeça do anão seria elevado a lorde, ainda que seu nascimento ou estatuto social fosse ruim e baixo. Corvos levavam a promessa a todas as partes dos Sete Reinos, e logo a notícia atravessaria o mar estreito até as Nove Cidades Livres e as terras que se estendiam mais para diante. *Que o Duende fuja até o fim do mundo, não me escapará.*

A procissão régia cruzou as portas interiores e entrou no cavernoso coração do grande Septo, percorrendo uma larga coxia, uma das sete que se encontravam sob a cúpula. À esquerda e à direita, os bem-nascidos caíam de joelhos quando o rei e a rainha passavam. Muitos dos vassalos

do pai encontravam-se presentes, bem como cavaleiros que tinham lutado ao lado de Lorde Tywin em meia centena de batalhas. Vê-los fez Cersei sentir-se mais confiante. *Não estou desprovida de amigos*.

Sob a majestosa cúpula de vidro, ouro e cristal do Grande Septo, o corpo de Lorde Tywin descansava sobre uma plataforma de mármore com degraus. À cabeça, encontrava-se Jaime em pé, em vigília, com sua única mão boa fechada sobre o cabo de uma grande espada dourada cuja ponta se apoiava no chão. O manto com capuz que envergava era branco como neve recém-caída, e as escamas de seu longo camisão eram de madrepérola ornamentadas com ouro. *Lorde Tywin teria preferido vê-lo vestido com o ouro e carmesim Lannister*, pensou. *Sempre o irritou ver Jaime todo de branco*. E o irmão estava de novo deixando crescer a barba. Os pelos cobriam-lhe o maxilar e as bochechas, dando ao seu rosto um aspecto rude e tosco. *Podia pelo menos ter esperado que os ossos do pai fossem enterrados sob o Rochedo*.

Cersei levou o rei a subir três curtos degraus, para se ajoelhar junto ao corpo. Os olhos de Tommen estavam cheios de lágrimas.

– Chore baixinho – disse-lhe, debruçando-se em sua direção. – É um rei, não um bebê chorão. Seus senhores o estão observando – o garoto limpou as lágrimas com as costas da mão. Tinha os olhos dela, verde-esmeralda, tão grandes e brilhantes como os de Jaime tinham sido na idade de Tommen. O irmão fora um rapaz tão *bonito*... mas também feroz, tão feroz como Joffrey, uma verdadeira cria de leão. A rainha pôs o braço em volta de Tommen e beijou-lhe os cachos dourados. *Ele vai precisar de mim para lhe ensinar como governar e mantê-lo a salvo dos inimigos*. Alguns estavam em volta deles naquele exato momento, fingindo ser amigos.

As irmãs silenciosas tinham couraçado Lorde Tywin como se ele fosse travar uma última batalha. Usava sua melhor armadura, aço pesado esmaltado de um carmesim profundo e escuro, com ornamentos de ouro nas manoplas, grevas e placa de peito. Os ristes eram esplendores dourados; tinha uma leoa de ouro agachada sobre cada ombro; um leão provido de juba coroava o grande elmo pousado ao lado de sua cabeça. Sobre o peito encontrava-se uma espada enfiada em uma bainha dourada incrustada de rubis, e as mãos do morto fechavam-se em volta do cabo da espada, calçadas com luvas de cota de malha dourada. *Até na morte seu*

*rosto é nobre*, pensou, *se bem que a boca...* Os cantos dos lábios do pai curvavam-se muito ligeiramente para cima, dando-lhe um ar de vago assombro. *Isto não está bom*. Culpou Pycelle; ele devia ter dito às irmãs silenciosas que Lorde Tywin Lannister nunca sorria. *O homem é tão inútil quanto mamilos numa placa de peito*. Aquele meio sorriso fazia que Lorde Tywin parecesse, de algum modo, menos terrível. Isto, e o fato de ter os olhos fechados. Os olhos do pai sempre tinham sido perturbadores; verde-claros, quase luminosos, semeados de ouro. Os olhos que conseguiam ver o interior das pessoas, conseguiam ver como no seu íntimo elas eram fracas, incapazes e feias. *Quando ele nos olhava, descobríamos isso.*

Sem ser chamada, uma recordação a assaltou, a do banquete que o Rei Aerys dera quando Cersei chegara à corte, uma garota tão verde como a erva do verão. O velho Merryweather lamentava ter que subir as taxas sobre o vinho quando Lorde Rykker disse:

– Se precisarmos de ouro, Sua Graça podia sentar Lorde Tywin em seu penico – Aerys e seus bajuladores gargalharam ruidosamente, enquanto o pai fitava Rykker por cima de sua taça de vinho. O olhar permaneceu até muito depois de a graça terminar. Rykker virou a cabeça, voltou a virá-la, encontrou os olhos do pai, depois os ignorou, bebeu uma caneca de cerveja e foi embora, vermelho, derrotado por um par de olhos inflexíveis.

*Os olhos de Lorde Tywin agora estão fechados para sempre*, pensou Cersei. *É com o meu olhar que a partir deste momento irão vacilar, é o meu franzir de sobrancelhas que têm de temer. Também sou uma leoa.*

Com o céu tão cinzento lá fora, a escuridão tomava conta do septo. Se a chuva parasse, o sol passaria através dos cristais suspensos para envolver o cadáver em arcos-íris. O Senhor de Rochedo Casterly merecia arcos-íris. Fora um grande homem. *Mas eu serei maior. Daqui a mil anos, quando os meistres escreverem sobre esta época, você será lembrado apenas como pai da Rainha Cersei.*

– Mãe – Tommen puxou-lhe pela manga. – O que é que cheira tão mal?

*O senhor meu pai.*

– A morte – também sentia o cheiro; um tênue sopro de decomposição que a fazia querer franzir o nariz. Cersei o ignorou. Os sete septões de vestes prateadas encontravam-se atrás da plataforma, implorando ao Pai

no Céu que julgasse Lorde Tywin com justiça. Quando terminaram, setenta e sete septãs reuniram-se diante do altar da Mãe e puseram-se a cantar para ela, em busca de misericórdia. Tommen já estava inquieto àquela altura, e até os joelhos da rainha tinham começado a doer. Olhou Jaime de relance. O gêmeo mantinha-se imóvel como se tivesse sido esculpido em pedra, e não respondeu ao seu olhar.

Nos bancos, tio Kevan estava ajoelhado com os ombros curvados e o filho ao seu lado. *Lancel tem pior aspecto do que meu pai*. Apesar de ter apenas dezessete anos, podia ter passado por um homem de setenta; tinha o rosto cinzento, estava muito magro, mostrava bochechas mirradas, olhos afundados e cabelos tão brancos e quebradiços como giz. *Como pode Lancel estar entre os vivos quando Tywin Lannister está morto? Terão os deuses perdido o juízo?*

Lorde Gyles tossia mais do que de costume e cobria o nariz com um quadrado de seda vermelha. *Ele também sente o cheiro*. O Grande Meistre Pycelle tinha os olhos fechados. *Se se deixou dormir, juro que mandarei chicoteá-lo*. À direita da plataforma ajoelhavam-se os Tyrell: o Senhor de Jardim de Cima, sua hedionda mãe e a desenxabida esposa, o filho Garlan e a filha Margaery. *A Rainha Margaery*, lembrou a si mesma; viúva de Joffrey e futura esposa de Tommen. Margaery parecia-se muito com o irmão, o Cavaleiro das Flores. A rainha perguntou a si mesma se teriam outras coisas em comum. *Nossa pequena rosa tem um bom número de senhoras a fazer-lhe companhia, de noite e de dia*. Estavam agora com ela, quase uma dúzia. Cersei estudou seus rostos, curiosa. *Quem é a mais temerosa, a mais libertina, a mais faminta de favores? Quem tem a língua mais solta?* Trataria de descobrir.

Foi um alívio quando as cantorias finalmente terminaram. O cheiro que vinha do cadáver do pai parecia ter se tornado mais intenso. A maioria dos presentes teve a decência de fingir que nada estava errado, mas Cersei viu duas das primas da Senhora Margaery franzir seus pequenos narizes Tyrell. Enquanto ela e Tommen percorriam lentamente a coxia, a rainha julgou ouvir alguém murmurar "latrina" e rir, mas quando virou a cabeça para ver quem teria falado, encontrou um mar de rostos solenes a olhá-la sem expressão. *Nunca se atreveriam a gracejar sobre ele quando ainda era vivo. Teria transformado suas tripas em água com um olhar.*

De volta ao Salão das Lâmpadas, os presentes zumbiram à sua volta, densos como moscas, ansiosos por fazer chover sobre si condolências inúteis. Ambos os gêmeos Redwyne lhe beijaram a mão, e o pai fez-lhe o mesmo às faces. Hallyne, o Piromante, prometeu-lhe que uma mão flamejante arderia no céu por cima da cidade no dia em que os ossos do pai partissem para oeste. Entre ataques de tosse, Lorde Gyles disse-lhe que contratara um mestre escultor para fazer uma estátua de Lorde Tywin, a fim de ser colocada em eterna vigília junto ao Portão do Leão. Sor Lambert Turnberry surgiu com uma pala sobre o olho direito, jurando que a usaria até conseguir trazer-lhe a cabeça do anão seu irmão.

Assim que a rainha conseguiu escapar às garras daquele idiota, achou-se encurralada pela Senhora Falyse de Stokeworth e pelo marido, Sor Balman Byrch.

– A senhora minha mãe manda condolências, Vossa Graça – borbulhou-lhe Falyse. – Lollys foi forçada a ficar de cama por causa do bebê, e a mãe sentiu que devia ficar com ela. Suplica que a perdoe e disse-me para lhe perguntar... minha mãe admirava seu falecido pai acima de todos os homens. Se minha irmã tiver um menino, é seu desejo que o chamemos Tywin, se... se agradar à senhora.

Cersei fitou-a, horrorizada:

– Sua irmã idiota encontra uma forma de ser violada por metade de Porto Real e Tanda pensa honrar o bastardo com o nome do senhor meu pai? Parece-me que não.

Falyse recuou como se tivesse sido esbofeteada, mas o marido limitou-se a afagar o espesso bigode loiro com um polegar.

– Eu disse isto mesmo à Senhora Tanda. Arranjaremos um nome mais, ah... adequado para o bastardo de Lollys, dou-lhe a minha palavra.

– Assegure-se disto – Cersei os empurrou com o ombro e se afastou. Viu que Tommen caíra nas garras de Margaery Tyrell e da avó. A Rainha dos Espinhos era tão baixa que por um instante Cersei a tomou por outra criança. Antes de conseguir salvar o filho das rosas, a multidão a levou para encontrar-se cara a cara com o tio. Quando a rainha lhe lembrou o encontro que tinham marcado para mais tarde, Sor Kevan fez um aceno fatigado e pediu licença para se retirar. Mas Lancel deixou-se ficar, a imagem perfeita de um homem com um pé na sepultura. *Mas estará saindo ou entrando?*

Cersei forçou-se a sorrir:

– Lancel, estou feliz por vê-lo assim mais forte. Meistre Ballabar trouxe-nos relatos tão terríveis que tememos por sua vida. Mas achava que a essa altura estaria a caminho de Darry, para tomar posse de sua senhoria – o pai promovera Lancel a lorde depois da Batalha da Água Negra, como presente para o irmão Kevan.

– Ainda não. Há bandos de fora da lei no meu castelo – a voz do primo era tão tênue quanto o bigode em seu lábio superior. Embora seus cabelos tivessem se tornado brancos, o buço mantinha-se cor de areia. Cersei fitara-o com frequência quando tivera o rapaz dentro de si, agitando-se obedientemente. *Parece uma mancha de sujeira no lábio*. Costumava ameaçar limpá-la com um pouco de cuspe. – Meu pai diz que as terras fluviais precisam de uma mão forte.

*Uma pena que vão receber a sua*, teve vontade de dizer. Em vez disso, sorriu.

– E também irá se casar.

Uma expressão sombria passou pelo rosto devastado do jovem cavaleiro:

– Uma garota Frey, e não de minha escolha. Nem sequer é donzela. Uma viúva, de sangue Darry. Meu pai diz que isto me ajudará com os camponeses, mas estes estão todos mortos – estendeu-lhe a mão. – É uma crueldade, Cersei. Vossa Graça sabe que eu amo...

– ... a Casa Lannister – Cersei terminou por ele. – Ninguém pode pôr isso em dúvida, Lancel. Que sua esposa lhe dê filhos fortes – *é melhor não deixar que o senhor seu avô organize a boda, porém*. – Eu sei que desempenhará muitos feitos nobres em Darry.

Lancel assentiu, claramente infeliz:

– Quando pareceu que eu poderia vir a morrer, meu pai trouxe o Alto Septão para rezar por mim. É um bom homem – os olhos do primo estavam úmidos e brilhantes, olhos de criança num rosto de velho. – Diz que a Mãe me poupou para algum santo propósito, para que possa expiar os meus pecados.

Cersei perguntou a si mesma como pretenderia o rapaz expiá-la a ela. *Armá-lo cavaleiro foi um erro, e dormir com ele um maior*. Lancel era erva fraca, e não gostava nada daquela religiosidade que acabara de surgir; ele era muito mais divertido quando tentava ser Jaime. *Que terá*

*esse pateta chorão dito ao Alto Septão? E o que dirá à sua pequena Frey quando se deitarem juntos no escuro?* Se confessasse ter dormido com Cersei, bem, ela podia lidar com isso. Os homens andavam sempre mentindo sobre as mulheres; atribuiria a confissão à fanfarronice de um rapazinho imberbe impressionado por sua beleza. *Mas se se puser a cantar sobre Robert e o vinho-forte...*

– A expiação é mais eficiente através da prece – disse-lhe Cersei. – Da prece *silenciosa* – deixou-o a refletir sobre aquilo e preparou-se para enfrentar a hoste Tyrell.

Margaery abraçou-a como uma irmã, o que a rainha achou presunçoso, mas aquele não era local para repreendê-la. A Senhora Alerie e as primas contentaram-se com beijar dedos. A Senhora Graceford, que estava muito grávida, pediu à rainha licença para chamar o bebê de Tywin, se fosse menino, ou Lanna, se fosse menina. *Outro?*, quase gemeu. *O reino irá afogar-se em Tywins*. Consentiu com a amabilidade que conseguiu arranjar, fingindo deleite.

Foi a Senhora Merryweather quem realmente lhe agradou.

– Vossa Graça – disse, com sua apaixonada entoação de Myr –, enviei uma mensagem aos meus amigos do outro lado do mar estreito, pedindo-lhes para capturarem imediatamente o Duende caso ele mostre sua feia cara nas Cidades Livres.

– Tem muitos amigos do outro lado do mar?

– Em Myr, muitos. Em Lys também, e em Tyrosh. Homens de poder.

Cersei podia acreditar perfeitamente. A mulher de Myr era muito mais bela do que devia; de pernas longas e seios cheios, com uma pele lisa cor de oliva, lábios maduros, enormes olhos escuros e espessos cabelos negros que lhe davam sempre o aspecto de alguém que tivesse acabado de sair da cama. *Até cheira a pecado, como uma lótus exótica qualquer.*

– Lorde Merryweather e eu temos o único desejo de servir Vossa Graça e o pequeno rei – ronronou a mulher, com um olhar que era tão prenhe como a Senhora Graceford.

*Esta é ambiciosa, e seu senhor é orgulhoso mas pobre.*

– Temos de voltar a conversar, senhora. Taena, não é? É muito gentil. Eu sei que seremos grandes amigas.

Então o Senhor de Jardim de Cima caiu sobre ela.

Mace Tyrell não era mais do que dez anos mais velho que Cersei, mas ela pensava nele como se tivesse a idade do pai, e não a sua. Não chegava bem à altura de Lorde Tywin, mas fora isto, era maior, com um peito largo e uma barriga que crescera até se tornar ainda mais larga. Os cabelos eram cor de avelã, mas havia manchas de branco e cinzento em sua barba. O rosto mostrava-se frequentemente rubro.

– Lorde Tywin era um grande homem, um homem extraordinário – declarou em tom solene depois de lhe beijar ambos os lados do rosto. – Nunca voltaremos a ver alguém como ele, temo.

*Está olhando para alguém como ele, seu palerma*, pensou Cersei. *É a filha dele que está na sua frente*. Mas precisava de Tyrell e do poderio de Jardim de Cima para manter Tommen no seu trono, portanto, disse apenas:

– Sentiremos muito sua falta.

Tyrell pôs-lhe a mão no ombro.

– Não há homem vivo que seja digno de vestir a armadura de Lorde Tywin, isto é evidente. Contudo, o reino continua a existir e tem de ser governado. Se houver alguma coisa que eu possa fazer para servir nesta hora sombria, Vossa Graça tem apenas de pedir.

*Se quer ser Mão do Rei, senhor, tenha a coragem de anunciá-lo claramente*. A rainha sorriu. *Que leia nisto o que bem quiser.*

– Decerto o senhor é necessário na Campina?

– Meu filho Willas é um moço capaz – respondeu o homem, recusando-se a aceitar a sugestão. – Pode ter uma perna torta, mas não lhe faltam miolos. E, em breve, Garlan tomará Águas Claras. Entre ambos, a Campina ficará em boas mãos, se eu por acaso for necessário em outro lugar. O governo do reino deve vir em primeiro lugar, dizia com frequência Lorde Tywin. E apraz-me trazer à Vossa Graça boas notícias a este respeito. Meu tio Garth concordou em servir como mestre da moeda, tal como o senhor seu pai desejava. Está a caminho de Vilavelha para embarcar. Os filhos o acompanharão. Lorde Tywin mencionou qualquer coisa sobre encontrar lugares também para eles. Talvez na Patrulha da Cidade.

O sorriso da rainha congelou com tamanha rigidez, que temeu que seus dentes rachassem. *Garth, o Grosso, no pequeno conselho, e seus dois bastardos com manto dourado... será que os Tyrell acham que vou me*

*limitar a lhes servir o reino numa bandeja dourada?* A arrogância daquilo a deixou sem fôlego.

– Garth serviu-me bem como Senhor Senescal, tal como serviu meu pai antes de mim – prosseguia Tyrell. – Mindinho tinha nariz para o ouro, admito, mas Garth...

– Senhor – Cersei o interrompeu –, temo que tenha havido algum mal-entendido. Pedi a Lorde Gyles Rosby para servir como nosso novo mestre da moeda, e ele me deu a honra de aceitar.

Mace fitou-a boquiaberto.

– Rosby? Aquele... débil dado a ataques de tosse? Mas... o assunto foi objeto de um acordo, Vossa Graça. Garth segue para Vilavelha.

– É melhor enviar uma ave a Lorde Hightower e pedir-lhe para se assegurar de que seu tio não embarque. Detestaríamos que Garth enfrentasse um mar de outono para nada – e exibiu um sorriso agradável.

Um rubor subiu pelo grosso pescoço do Tyrell.

– Isso... o senhor seu pai assegurou-me... – e pôs-se a falar atrapalhadamente.

Então, apareceu a mãe e deu-lhe o braço.

– Aparentemente Lorde Tywin não partilhou seus planos com nossa regente, não consigo *imaginar* por quê. Seja como for, é o que temos, não vale a pena ameaçar Sua Graça. Ela tem toda a razão, precisa escrever a Lorde Leyton antes que Garth embarque num navio. Sabe que o mar vai deixá-lo enjoado e piorar seu problema de gases – a Senhora Olenna concedeu a Cersei um sorriso desdentado. – Os salões de seu conselho cheirarão melhor com Lorde Gyles, embora me pareça que aquela tosse me causaria distração. Todos adoramos o velho querido tio Garth, mas o homem é flatulento, não há como negá-lo. E eu detesto maus cheiros – sua face enrugada enrugou-se um pouco mais. – Para falar a verdade, veio-me ao nariz algo desagradável no septo sagrado. Talvez também o tenha percebido?

– Não – Cersei respondeu friamente. – Um odor, diz?

– Era mais um fedor.

– Talvez sinta saudades de suas rosas de outono. Mantivemos a senhora aqui tempo demais – quanto mais depressa livrasse a corte da Senhora Olenna, melhor. Lorde Tyrell sem dúvida despacharia um bom número de

cavaleiros para levar a mãe para casa em segurança, e quanto menos espadas Tyrell houvesse na cidade, melhor dormiria a rainha.

– Realmente sinto falta das fragrâncias de Jardim de Cima, confesso – disse a velha senhora –, mas claro que não posso partir até ver minha querida Margaery casada com seu precioso pequeno Tommen.

– Também aguardo esse dia com ansiedade – interveio Tyrell. – Acontece que Lorde Tywin e eu estávamos prestes a definir uma data. Talvez possamos prosseguir essa conversa, Vossa Graça.

– Em breve.

– Em breve servirá – disse a Senhora Olenna com uma fungadela. – E agora venha, Mace, deixe Sua Graça prosseguir com a sua... dor.

*Hei de vê-la morta, velha*, prometeu Cersei a si mesma enquanto a Rainha dos Espinhos se afastava com passinhos titubeantes entre seus enormes guardas, um par de homens com dois metros e dez que a divertia chamar Esquerdo e Direito. *Veremos se dará um bom cadáver*. A velha era duas vezes mais esperta do que o senhor seu filho, isto era evidente.

A rainha arrancou o filho a Margaery e às primas e dirigiu-se para as portas. Lá fora, a chuva finalmente parara. O ar de outono cheirava bem, a frescor. Tommen tirou a coroa.

– Volte a pôr isso na cabeça – ordenou-lhe Cersei.

– Faz meu pescoço doer – disse o garoto, mas fez o que lhe era pedido. – Eu vou me casar em breve? Margaery diz que assim que casarmos podemos ir para Jardim de Cima.

– Você não vai para Jardim de Cima, mas pode voltar ao castelo a cavalo – Cersei chamou Sor Meryn Trant com um gesto. – Traga um montaria para Sua Graça e pergunte a Lorde Gyles se me dá a honra de partilhar minha liteira – as coisas estavam acontecendo mais depressa do que antecipara; não havia tempo a perder.

Tommen ficou feliz com a perspectiva de andar a cavalo, e claro que Lorde Gyles se sentiu honrado com o convite... se bem que quando Cersei lhe pediu para ser seu mestre da moeda tenha desatado a tossir com tal violência que ela temeu que o homem pudesse morrer ali mesmo. Mas a Mãe mostrou-se misericordiosa, e Gyles acabou por se recuperar o suficiente para aceitar e até começar a tossir o nome dos

homens que queria substituir, oficiais das alfândegas e agentes de lãs nomeados pelo Mindinho, e até um dos guarda-chaves.

– Nomeie a vaca como quiser, desde que o leite flua. E se a questão surgir, juntou-se ao conselho ontem.

– Ont... – um ataque de tosse o obrigou a dobrar-se sobre si mesmo. – Ontem. Com certeza – Lorde Gyles tossiu num quadrado de seda vermelha, como que para esconder o sangue que vinha com a saliva. Cersei fingiu não reparar.

*Quando ele morrer, arranjarei outra pessoa*. Talvez devesse voltar a chamar Mindinho. A rainha não conseguia imaginar que deixassem Petyr Baelish continuar como Senhor Protetor do Vale por muito tempo com Lysa Arryn morta. Os senhores do Vale já se agitavam, se o que Pycelle dizia fosse verdade. *Assim que afastarem dele aquele maldito garoto, Lorde Petyr regressará de quatro.*

– Vossa Graça? – tossiu Lorde Gyles e limpou a boca. – Poderia... – voltou a tossir. – ... perguntar quem... – foi sacudido por outro ataque de tosse – ... quem será Mão do Rei?

– Meu tio – Cersei respondeu num tom ausente.

Foi um alívio ver os portões da Fortaleza Vermelha erguerem-se diante de si. Pôs Tommen a cargo dos escudeiros e retirou-se para os seus aposentos a fim de descansar, sentindo-se grata.

Mas, assim que descalçou os sapatos, Jocelyn entrou timidamente para dizer que Qyburn se encontrava lá fora implorando uma audiência.

– Mande-o entrar – ordenou a rainha. *Um governante não tem descanso*.

Qyburn era velho, mas os cabelos ainda tinham mais cinza do que neve, e as rugas de riso em volta de sua boca faziam-no parecer o avô preferido de uma garotinha qualquer. *Um avô bastante maltrapilho, porém*. O colarinho de sua toga mostrava-se puído, e uma manga fora arrancada e cosida deficientemente.

– Tenho de pedir perdão a Vossa Graça por minha aparência – ele disse. – Estive lá embaixo nas masmorras investigando a fuga do Duende, conforme ordenou.

– E o que foi que descobriu?

– Na noite em que Lorde Varys e seu irmão desapareceram, um terceiro homem também desapareceu.

– Sim, o carcereiro. Que há com ele?

– O homem se chamava Rugen. Um carcereiro de segunda que estava encarregado das celas negras. O carcereiro-chefe descreve-o como corpulento, com a barba por fazer e um modo áspero de falar. Foi nomeado pelo velho rei, Aerys, e ia e vinha conforme lhe convinha. As celas negras não estiveram ocupadas com frequência nos últimos anos. Os outros carcereiros tinham medo dele, ao que parece, mas nenhum sabia muito sobre o homem. Não tinha amigos nem família. E também não bebia ou frequentava bordéis. A cela onde dormia era úmida e lúgubre, e a palha do catre estava bolorenta. O penico transbordando.

– Eu sei de tudo isso – Jaime examinara a cela de Rugen, e os homens de manto dourado de Sor Addam tinham voltado a examiná-la.

– Sim, Vossa Graça – disse Qyburn –, mas sabia que por baixo daquele penico fedorento havia uma pedra solta, que se abria para um pequeno buraco? O tipo de lugar onde um homem podia esconder coisas de valor que não queria que fossem descobertas?

– Coisas de valor? – aquilo era novidade. – Moedas, você quer dizer? – sempre suspeitara de que Tyrion teria, de algum modo, comprado o carcereiro.

– Para lá de qualquer dúvida. É certo que o buraco estava vazio quando o encontrei. Não há dúvida de que, quando fugiu, Rugen levou consigo seu tesouro ilegalmente adquirido. Mas quando me agachei sobre o buraco com o archote, vi qualquer coisa cintilando e raspei a terra até desenterrá-la – Qyburn abriu a palma da mão. – Uma moeda de ouro.

Sim, de ouro, mas assim que Cersei pegou nela soube que não estava certa. *Pequena demais*, pensou, *fina demais*. A moeda era velha e estava gasta. De um lado mostrava um rosto de rei, de perfil, do outro, a impressão de uma mão.

– Isto não é dragão nenhum – disse.

– Não mesmo – concordou Qyburn. – Data de antes da Conquista, Vossa Graça. O rei é Garth Décimo Segundo, e a mão é o símbolo da Casa Gardener.

*De Jardim de Cima*. Cersei fechou a mão em volta da moeda. *Que traição é esta?* Mace Tyrell fora um dos juízes de Tyrion e clamara ruidosamente por sua morte. *Seria algum estratagema? Poderia ter passado o tempo todo conspirando com o Duende, planejando a morte do*

*pai?* Com Tywin Lannister em sua sepultura, Lorde Tyrell era uma escolha óbvia para Mão do Rei, mesmo assim...

– Não falará disto a ninguém – ordenou.

– Vossa Graça pode confiar em minha discrição. Qualquer homem que acompanhe uma companhia de mercenários sabe como controlar a língua, caso contrário não a manterá por muito tempo.

– Na minha companhia também – a rainha guardou a moeda. Pensaria naquilo mais tarde. – E o outro assunto?

– Sor Gregor – Qyburn encolheu os ombros. – Examinei-o, conforme me ordenou. O veneno na lança da Víbora era de manticora vindo do leste, apostaria nisso minha vida.

– Pycelle diz que não. Ele disse ao senhor meu pai que o veneno de manticora mata no instante em que chega ao coração.

– E é verdade. Mas esse veneno foi de algum modo *engrossado*, para prolongar a morte da Montanha.

– Engrossado? Engrossado como? Com alguma outra substância?

– Pode ser como Vossa Graça sugere, embora na maior parte dos casos adulterar um veneno limite-se a diminuir sua potência. Pode ser que a causa seja... menos natural, digamos. Um feitiço, julgo eu.

*Será este sujeito um palerma tão grande quanto Pycelle?*

– Então está me dizendo que a Montanha foi vítima de algum tipo de *feitiçaria* negra?

Qyburn ignorou o escárnio na voz dela.

– Ele está morrendo por causa do veneno, mas lentamente, e numa intensa agonia. Meus esforços para lhe diminuir as dores mostraram-se tão infrutíferos como os de Pycelle. Sor Gregor está habituado demais à papoula, temo. Seu escudeiro me diz que é atormentado por cegantes dores de cabeça, e que é frequente emborcar leite de papoula como homens menores emborcam cerveja. Seja como for, suas veias tornaram-se negras dos pés à cabeça, suas águas estão baças de pus, e o veneno comeu-lhe um buraco no flanco do tamanho do meu punho. Na verdade, é um milagre que o homem ainda esteja vivo.

– O tamanho que tem – sugeriu a rainha, franzindo a sobrancelha. – Gregor é um homem muito grande. E também muito estúpido. Estúpido demais para saber quando morrer, ao que parece – estendeu a taça e Senelle voltou a enchê-la. – Seus gritos assustam Tommen. Até chegaram

a me acordar certas noites. Diria que já passa do momento de chamarmos Ilyn Payne.

– Vossa Graça – Qyburn retrucou –, talvez seja possível que eu leve Sor Gregor para as masmorras? Seus gritos não a incomodarão ali, e poderei tratar dele com mais liberdade.

– Tratar dele? – ela riu. – Que Sor Ilyn trate dele.

– Se é esse o desejo de Vossa Graça – Qyburn respondeu –, mas o veneno... seria útil saber mais sobre ele, não? Mande um cavaleiro matar um cavaleiro e um arqueiro atingir um arqueiro, diz o povo com frequência. Para combater as artes negras... – não concluiu o pensamento, apenas limitou-se a sorrir-lhe.

*Ele não é Pycelle, isto é evidente*. A rainha avaliou o homem, curiosa.

– Por que foi que a Cidadela tirou sua corrente?

– Os arquimeistres são todos covardes em seu íntimo. Marwyn os chama as ovelhas cinzentas. Eu era um curandeiro tão dotado quanto Ebrose, mas aspirava superá-lo. Ao longo de centenas de anos os homens da Cidadela abriram os corpos dos mortos para estudar a natureza da vida. Eu desejava compreender a natureza da morte, por isso abri os corpos dos vivos. Por este crime, as ovelhas cinzentas envergonharam-me e me forçaram ao exílio... mas compreendo melhor a natureza da vida e da morte do que qualquer homem em Vilavelha.

– Compreende? – aquilo a intrigou. – Muito bem. A Montanha é sua. Faça o que quiser com ele, mas confine seus estudos às celas negras. Quando ele morrer, traga-me a cabeça. Meu pai a prometeu a Dorne. Príncipe Doran preferiria matar Gregor pessoalmente, sem dúvida, mas todos temos de sofrer desapontamentos nesta vida.

– Muito bem, Vossa Graça – Qyburn pigarreou. – No entanto, não estou tão bem fornecido como Pycelle. Tenho de me equipar com certos...

– Darei instruções a Lorde Gyles para fornecer ouro suficiente para suas necessidades. Compre também algumas vestes novas. Tem o aspecto de alguém que acabou de chegar da Baixada das Pulgas – estudou-lhe os olhos, perguntando a si mesma até onde se atreveria a confiar naquele homem. – Terei de dizer que não será bom para você se alguma notícia dos seus... trabalhos... atravessar estas paredes?

– Não, Vossa Graça – Qyburn concedeu-lhe um sorriso tranquilizador. – Seus segredos estão seguros comigo.

Depois de ele ir embora, Cersei serviu-se de uma taça de vinho-forte e a bebeu junto à janela, observando as sombras que se estendiam do outro lado do pátio e pensando na moeda. *Ouro da Campina. Por que um carcereiro de segunda em Porto Real teria ouro da Campina, a menos que tenha sido pago para ajudar a trazer a morte ao pai?*

Por mais que tentasse, não parecia ser capaz de trazer à memória o rosto de Lorde Tywin sem ver aquele meio sorrisinho pateta e se lembrar do mau cheiro que vinha de seu cadáver. Perguntou a si mesma se Tyrion também estaria de algum modo por trás daquilo. *É coisa pequena e cruel, como ele*. Poderia Tyrion ter transformado Pycelle num instrumento seu? *Ele enviou o velho para as celas negras, e esse Rugen estava encarregado das celas negras*, lembrou-se. Os fios estavam todos emaranhados de maneira que não lhe agradavam. *Esse Alto Septão também é uma criatura de Tyrion*, Cersei recordou de súbito, *e o pobre corpo do pai esteve ao seu cuidado do pôr do sol ao amanhecer*.

O tio chegou pontualmente ao pôr do sol, usando um gibão acolchoado de lã cor de carvão, tão sombrio quanto seu rosto. Como todos os Lannister, Sor Kevan tinha pele clara e era loiro, embora com cinquenta e cinco anos tivesse perdido a maior parte dos cabelos. Ninguém nunca diria que era bonito. Largo de cintura, ombros redondos, um queixo quadrado e protuberante que a barba cortada rente pouco fazia para esconder, lembrava-lhe um velho mastim... mas um velho mastim fiel era precisamente aquilo de que necessitava.

Comeram um jantar simples de beterrabas, pão e bife malpassado, com um jarro de tinto de Dorne para empurrá-lo para baixo. Sor Kevan pouco disse, e quase não tocou na taça de vinho. *Ele rumina demais*, decidiu Cersei. *Precisa ser posto para trabalhar a fim de acabar com o desgosto.*

E foi o que disse, depois de os últimos restos de comida serem levados e os criados saírem.

– Eu sei como meu pai confiava em você, tio. Agora tenho de fazer o mesmo.

– Precisa de uma Mão – ele disse –, e Jaime recusou.

*Ele vai direito ao assunto. Assim seja*.

– Jaime... senti-me tão desamparada com o pai morto que quase não sabia o que estava dizendo. Jaime é galante, mas um pouco tolo, para

falar a verdade. Tommen precisa de um homem mais experiente. Alguém mais velho...

– Mace Tyrell é mais velho.

As narinas de Cersei dilataram-se.

– Nunca – afastou uma madeixa da testa. – Os Tyrell vão longe demais.

– Seria uma tola se fizesse de Mace Tyrell sua Mão – Sor Kevan admitiu –, mas uma tola maior se fizesse dele seu inimigo. Ouvi falar sobre o que aconteceu no Salão das Lâmpadas. Mace devia saber que não era boa ideia abordar tais assuntos em público, mas, mesmo assim, você se mostrou pouco sensata ao envergonhá-lo perante metade da corte.

– É preferível isto a ter de aguentar outro Tyrell no conselho – a censura do tio a aborreceu. – Rosby será um mestre de moeda adequado. Já viu aquela liteira dele, com os entalhes e as cortinas de seda? Seus cavalos são mais bem ataviados do que os da maior parte dos cavaleiros. Um homem tão rico não deve ter problemas em encontrar ouro. Quanto à posição de Mão... quem melhor para concluir o trabalho de meu pai do que o irmão que estava presente em todos os seus conselhos?

– Todos os homens precisam de alguém em quem possam confiar. Tywin tinha a mim, e antes teve sua mãe.

– Ele a amava muito – Cersei recusava-se a pensar na prostituta morta na cama do pai. – Eu sei que agora estão juntos.

– Assim espero – Sor Kevan estudou-lhe o rosto por um longo momento antes de responder. – Pede muito de mim, Cersei.

– Não peço mais do que o meu pai.

– Estou cansado – o tio estendeu a mão para a taça de vinho e bebeu um gole. – Tenho uma esposa que já não vejo há dois anos, um filho morto para chorar, outro prestes a se casar e assumir uma senhoria. O castelo Darry precisa recuperar sua força, suas terras têm de ser protegidas, seus campos queimados devem ser arados e replantados. Lancel precisa da minha ajuda.

– Assim como Tommen – Cersei não esperara que fosse necessário aliciar Kevan. *Ele nunca se mostrou renitente com meu pai*. – O reino precisa de você.

– O reino. Pois. E a Casa Lannister – voltou a bebericar o vinho. – Muito bem. Ficarei para servir Sua Graça...

– Ótimo – ela começou a dizer, mas Sor Kevan levantou a voz e não a deixou prosseguir.

– ... desde que também me nomeie regente, além de Mão, e volte para Rochedo Casterly.

Durante meio segundo Cersei só conseguiu olhá-lo.

– A regente sou *eu* – lembrou-lhe.

– Era. Tywin não pretendia que continuasse a desempenhar este papel. Ele me falou dos planos que tinha de enviá-la de volta para Rochedo e lhe arranjar um novo marido.

Cersei sentiu a ira aumentar.

– Ele falou disso, sim. E eu lhe disse que não era meu desejo voltar a me casar.

O tio mostrou-se inflexível.

– Se está decidida contra outro casamento, não a forçarei. Mas no que toca ao resto... Agora é a Senhora de Rochedo Casterly. Seu lugar é lá.

*Como se atreve?*, quis gritar. Em vez disso, disse:

– Também sou a Rainha Regente. Meu lugar é com meu filho.

– Seu pai não pensava isso.

– Meu pai está morto.

– Para meu desgosto e para desgraça de todo o reino. Abra os olhos e olhe em volta, Cersei. O reino está em ruínas. Tywin poderia ter sido capaz de pôr as coisas nos eixos, mas...

– *Eu* colocarei as coisas nos eixos! – Cersei suavizou o tom de voz. – Com a sua ajuda, tio. Se me servir tão fielmente como serviu meu pai...

– Você não é seu pai. E Tywin sempre considerou Jaime seu legítimo herdeiro.

– *Jaime*... Jaime proferiu votos. Ele nunca pensa, ri de tudo e de todos, e diz a primeira coisa que lhe vem à cabeça. Jaime é um tolo bonito.

– E no entanto foi sua primeira escolha para Mão do Rei. O que isso faz de você, Cersei?

– Eu lhe disse, estava doente de desgosto, não pensei...

– Não – concordou Sor Kevan. – E é por isso mesmo que deve regressar a Rochedo Casterly e deixar o reino nas mãos de quem pensa.

– *O rei é meu filho!* – Cersei pôs-se em pé.

– Sim – disse o tio –, e pelo que vi de Joffrey, é tão incapaz no papel de mãe como no de governante.

Ela atirou-lhe no rosto o conteúdo da taça.

Sor Kevan ergueu-se com solene dignidade.

– Vossa Graça – vinho escorria-lhe pelas bochechas e pingava de sua barba cortada rente. – Com a sua licença, posso me retirar?

– Com que direito ousa propor-me condições? Não é mais do que um dos cavaleiros a serviço do meu pai.

– Não possuo terras, é verdade. Mas tenho certos rendimentos e arcas de dinheiro guardadas. Meu pai não se esqueceu de nenhum dos filhos quando morreu, e Tywin sabia como recompensar bons serviços. Dou de comer a duzentos cavaleiros e posso duplicar esse número se for necessário. Há cavaleiros livres que seguiriam meu estandarte, e tenho o ouro necessário para contratar mercenários. Seria sensata em não me subestimar, Vossa Graça... e mais sábia ainda em não fazer de mim um inimigo.

– Está *me ameaçando*?

– Estou aconselhando-a. Se não me ceder a regência, nomeie-me seu castelão em Rochedo Casterly e faça de Mathis Rowan ou de Randyll Tarly a Mão do Rei.

*Vassalos Tyrell, ambos*. A sugestão a deixou sem fala. *Será que foi comprado?*, perguntou a si mesma. *Terá aceitado ouro Tyrell para trair a Casa Lannister?*

– Mathis Rowan é sensível, prudente e estimado – prosseguiu o tio, absorto. – Randyll Tarly é o melhor soldado do reino. Fraca Mão para tempos de paz, mas com Tywin morto não há melhor homem para terminar esta guerra. Lorde Tyrell não pode se ofender se você escolher um de seus vassalos como Mão. Tanto Tarly como Rowan são homens capazes... e *leais*. Nomeie qualquer um e o tornarei seu. Fortalecerá a si mesma e enfraquecerá Jardim de Cima, mas é provável que Mace lhe agradeça – encolheu os ombros. – É este o meu conselho, aceite-o ou não. Por mim, pode até nomear o Rapaz Lua como sua Mão. Meu irmão está morto, mulher. Vou levá-lo para casa.

*Traidor*, ela pensou. *Vira-casaca*. Perguntou a si mesma quanto Mace Tyrell lhe teria dado.

– Quer abandonar seu rei quando ele mais precisa de você – disse-lhe. – Quer abandonar Tommen.

– Tommen tem a mãe – os olhos verdes de Sor Kevan encontraram os seus, sem pestanejar. Uma última gota de sangue tremeluziu, úmida e rubra, sob seu queixo, e finalmente caiu. – Sim – acrescentou em voz baixa, após uma pausa –, e o pai também, julgo eu.

## JAIME

Sor Jaime Lannister, todo de branco, estava em pé ao lado da plataforma onde o pai jazia, com cinco dedos enrolados em volta do cabo de uma espada dourada.

Ao pôr do sol, o interior do Grande Septo de Baelor tornou-se sombrio e fantasmagórico. A última luz do dia caía em diagonal das janelas elevadas, banhando os grandes retratos dos Sete com uma obscuridade vermelha. Em volta dos seus altares, velas aromáticas tremeluziam enquanto sombras profundas juntavam-se nos transeptos e rastejavam em silêncio pelo chão de mármore. Os ecos das vésperas morreram quando os últimos carpidores partiram.

Balon Swann e Loras Tyrell permaneceram depois de os outros irem embora.

– Ninguém aguenta uma vigília durante sete dias e sete noites – disse Sor Balon. – Quando foi a última vez que dormiu, senhor?

– Quando o senhor meu pai estava vivo – Jaime respondeu.

– Permita-me que me mantenha em vigília esta noite em seu lugar – ofereceu Sor Loras.

– Ele não era seu pai – *não o matou. Eu matei. Tyrion pode ter disparado a besta que o matou, mas eu disparei Tyrion*. – Deixe-me.

– Às suas ordens, senhor – Swann concordou. Sor Loras pareceu querer discutir mais, mas Sor Balon o pegou pelo braço e o levou consigo. Jaime ficou à escuta enquanto os ecos de seus passos iam desaparecendo. E então ficou de novo sozinho com o senhor seu pai, entre as velas, os cristais e o cheiro doce e doentio da morte. Doíam-lhe as costas devido ao peso da armadura, e sentia as pernas quase adormecidas. Mudou um pouco de posição e apertou os dedos em volta da espada dourada. Não podia brandir uma espada, mas podia pegar numa. Sentia a mão

desaparecida latejar. Aquilo era quase engraçado. Tinha mais sensações na mão que perdera do que no resto do corpo que lhe restava.

*Minha mão está faminta por uma espada. Preciso matar alguém. Varys, para começar, mas primeiro tenho de encontrar a pedra debaixo da qual ele se escondeu.*

– Ordenei ao eunuco que o levasse a um navio, não ao seu quarto – disse ao cadáver. – O sangue está tanto nas mãos dele como nas... nas de Tyrion – *o sangue está tanto nas mãos dele como nas minhas*, pretendera dizer, mas as palavras ficaram-lhe presas na garganta. *O que quer que Varys tenha feito, fui eu que o obriguei a fazê-lo.*

Esperara nos aposentos do eunuco, naquela noite, quando por fim decidira não permitir que o irmão mais novo morresse. Enquanto esperava, afiara o punhal com uma mão só, obtendo um estranho conforto do *raspa-raspa-raspa* do aço na pedra. Ao ouvir o som de passos, pusera-se em pé junto à porta. Varys entrara numa maré de pó e lavanda. Jaime aproximara-se dele por trás, dera-lhe um pontapé na parte de trás dos joelhos, ajoelhara sobre seu peito e enfiara-lhe a faca sob o queixo alvo e macio, obrigando-o a erguer a cabeça.

– Ora, Lorde Varys – disse, em tom agradável –, achei que o encontraria aqui.

– Sor Jaime? – Varys arquejou. – Assustou-me.

– Pretendi assustar – quando torceu o punhal, um fiozinho de sangue correu lâmina abaixo. – Estava aqui pensando que você poderia me ajudar a arrancar meu irmão da cela antes que Sor Ilyn lhe corte a cabeça. É uma cabeça feia, admito, mas ele só tem uma.

– Sim... bem... se fizer o favor... de afastar a lâmina... sim, devagar, se aprouver ao senhor, devagar, oh, fui picado... – o eunuco tocara o pescoço e fitara de boca aberta vendo o sangue que trouxera nos dedos. – Sempre odiei o aspecto do meu próprio sangue.

– Terá mais para odiar em breve, a menos que me ajude.

Varys lutou para se sentar:

– Seu irmão... se o Duende desaparecesse inexplicavelmente da cela, seriam feitas p-perguntas. Eu t-temeria por minha vida...

– Sua vida me pertence. Não me interessa que segredos conhece. Se Tyrion morrer, você não sobreviverá por muito tempo, eu lhe prometo.

– Ah – o eunuco chupou o sangue dos dedos. – Pede uma coisa terrível... libertar o Duende que matou nosso adorável rei. Ou será que o julga inocente?

– Inocente ou culpado – disse Jaime, como o tolo que era –, um Lannister paga suas dívidas – as palavras tinham vindo tão facilmente.

Não dormira desde então. Conseguia ver o irmão, o modo como o anão sorrira sob o coto do nariz enquanto a luz dos archotes lhe lambia o rosto.

– Meu pobre, estúpido, cego, mutilado idiota – rosnou, numa voz pesada de malícia. – Cersei é uma puta mentirosa e tem andado a foder Lancel e Osmund Kettleblack, e provavelmente até o Rapaz Lua, tanto quanto sei. E eu sou o monstro que todos dizem que sou. Sim, matei seu abjeto filho.

*Ele não disse que pretendia matar nosso pai. Se tivesse dito, eu o teria impedido. Então seria eu o assassino de familiares, não ele.*

Jaime perguntou a si mesmo onde Varys estaria escondido. Sensatamente o mestre dos murmúrios não regressara aos seus aposentos, e uma busca à Fortaleza Vermelha também não o detectara. Talvez o eunuco tivesse embarcado com Tyrion, em vez de ficar para responder a perguntas incômodas. Se assim fosse, àquela altura os dois estariam bem longe, partilhando um jarro de vinho dourado da Árvore na cabine de uma galé.

A menos que o irmão também tenha assassinado Varys e deixado seu cadáver para apodrecer sob o castelo. Lá embaixo, podiam se passar anos antes que seus ossos fossem encontrados. Jaime levara uma dúzia de guardas para baixo, com archotes, cordas e lanternas. Durante horas tinham andado às apalpadelas por passagens retorcidas, estreitas galerias, portas escondidas, escadas secretas e poços que mergulhavam num negrume absoluto. Raramente se sentira tão completamente mutilado. É muito o que um homem toma como certo quando tem duas mãos. Escadas, por exemplo. Nem engatinhar era fácil; não era em vão que falavam em *mãos* e joelhos. E também não podia segurar num archote e subir, como os outros.

E tudo para nada. Encontraram apenas escuridão, poeira e ratazanas. E dragões, à espreita lá embaixo. Recordava o soturno brilho cor de laranja das brasas na boca do dragão de ferro. O braseiro aquecia um aposento

situado no fundo de um poço onde se encontrava meia dúzia de túneis. No chão, deparara com um mosaico desgastado que mostrava o dragão de três cabeças da Casa Targaryen feito com ladrilhos negros e vermelhos. *Conheço você, Regicida*, a fera parecia dizer. *Estive aqui o tempo todo, à espera que viesse ter comigo*. E parecia a Jaime que reconhecera a voz, os tons de ferro que tinham outrora pertencido a Rhaegar, Príncipe de Pedra do Dragão.

O dia em que se despedira de Rhaegar, no pátio da Fortaleza Vermelha, estava ventoso. O príncipe envergava a armadura negra como a noite, com o dragão de três cabeças realçado com rubis na placa de peito.

– Vossa Graça – suplicou Jaime –, permita que Darry fique desta vez para guardar o rei, ou Sor Barristan. Seus mantos são tão brancos como o meu.

O Príncipe Rhaegar balançou a cabeça.

– Meu real progenitor teme mais seu pai do que o nosso primo Robert. Quer você por perto, para que Lorde Tywin não lhe possa tocar. Não me atrevo a tirar-lhe essa muleta numa hora dessas.

A ira de Jaime subiu-lhe à garganta.

– Eu não sou uma muleta. Sou um cavaleiro da Guarda Real.

– Então guarde o rei – exclamou Sor Jon Darry. – Quando envergou esse manto, prometeu obedecer.

Rhaegar pousou a mão no ombro de Jaime.

– Quando essa batalha terminar, pretendo convocar um conselho. Serão feitas mudanças. Pretendia fazê-lo havia muito, mas... bem, não vale a pena falar de caminhos não seguidos. Conversaremos quando eu regressar.

Aquelas foram as últimas palavras que Rhaegar Targaryen lhe dissera. Fora dos portões reunira-se um exército, enquanto outro descia sobre o Tridente. E, assim, o Príncipe de Pedra do Dragão montou, colocou seu grande elmo negro, e partiu em direção ao seu destino.

*Tinha mais razão do que julgava. Quando a batalha terminou, mudanças foram feitas*.

– Aerys pensava que nenhum mal lhe podia acontecer se me mantivesse por perto – disse ao cadáver do pai. – Não é divertido? – Lorde Tywin parecia achar que sim; seu sorriso estava mais largo do que antes. *Ele parece gostar de estar morto*.

Era estranho, mas não sentia desgosto. *Onde estão minhas lágrimas? Onde está minha raiva?* A Jaime Lannister nunca faltara raiva.

– Pai – disse ao cadáver –, foi você quem me disse que lágrimas são sinal de fraqueza num homem, por isso não pode esperar que eu chore por você.

Um milhar de senhores e senhoras tinham vindo desfilar junto ao estrado naquela manhã, e vários milhares de pessoas comuns fizeram o mesmo depois do meio-dia. Usavam roupas escuras e rostos solenes, mas Jaime suspeitava que seriam mais do que muitos os que estavam secretamente deliciados por ver o grande homem deitado ali. Mesmo no oeste, Lorde Tywin fora mais respeitado do que amado, e Porto Real ainda se recordava do Saque.

De todos os presentes, o Grande Meistre Pycelle parecera o mais perturbado.

– Servi seis reis – disse a Jaime após o segundo serviço, enquanto farejava com ar duvidoso em volta do cadáver –, mas aqui perante nós jaz o maior homem que conheci. Lorde Tywin não usava coroa, mas era tudo o que um rei devia ser.

Sem a barba, Pycelle parecia não apenas velho, mas frágil. *Barbeá-lo foi a coisa mais cruel que Tyrion podia ter feito*, pensou Jaime, que sabia o que era perder uma parte de si, a parte que nos torna quem somos. A barba de Pycelle fora magnífica, branca como a neve e fofa como lã de ovelha, uma massa luxuriante que cobria bochechas e queixo e lhe caía quase até o cinto. O Grande Meistre tinha o hábito de afagá-la quando pontificava. Aquilo lhe dava um ar de sabedoria e escondia todo o tipo de coisas desagradáveis: a pele solta que pendia por baixo do maxilar do velho, a pequena boca lamurienta e os dentes em falta, verrugas, rugas e manchas da idade demasiado numerosas para contar. Embora Pycelle estivesse tentando deixar crescer de novo o que perdera, não parecia bem-sucedido. Só tufos e fiapos brotavam de suas bochechas enrugadas e queixo fraco, tão finos que Jaime via a pele manchada e cor-de-rosa por baixo.

– Sor Jaime, vi coisas terríveis no meu tempo – disse o velho. – Guerras, batalhas, os mais chocantes assassinatos... Era rapaz em Vilavelha quando a praga cinzenta levou metade da cidade e três quartos da Cidadela. Lorde Hightower incendiou todos os navios que se

encontravam no porto, fechou os portões e ordenou aos guardas que matassem todos os que tentassem fugir, fossem homens, mulheres ou bebês de peito. Mataram-no depois de a praga terminar. No dia em que reabriu o porto, arrancaram-no do cavalo e rasgaram-lhe a goela, e fizeram o mesmo ao seu jovem filho. Ainda hoje os ignorantes de Vilavelha cospem ao ouvir seu nome, mas Quenton Hightower fez o que era necessário. Seu pai era também esse tipo de homem. Um homem que fazia o que era necessário.

– É por isso que ele parece tão satisfeito consigo mesmo?

Os vapores que se erguiam do cadáver faziam os olhos de Pycelle lacrimejar.

– A carne... à medida que seca, os músculos se retesam e puxam-lhe os lábios para cima. Aquilo não é um sorriso, é só... um *ressecamento*, nada mais – pestanejou para reprimir as lágrimas. – Deve me perdoar. Estou tão cansado – apoiando-se pesadamente na bengala, Pycelle saíra lentamente do septo com passos titubeantes. *Este também está para morrer*, compreendeu Jaime. Pouco admirava que Cersei o tivesse chamado de inútil.

A bem dizer, sua querida irmã parecia pensar que metade da corte ou era inútil ou traiçoeira; Pycelle, a Guarda Real, os Tyrell, o próprio Jaime... até Sor Ilyn Payne, o cavaleiro silencioso que servia como carrasco. Como Magistrado do Rei, as masmorras eram de sua responsabilidade. Visto que lhe faltava uma língua, Payne deixara em grande medida a gestão dessas masmorras aos seus subordinados, mesmo assim Cersei atribuía-lhe a culpa pela fuga de Tyrion. *Foi obra minha, não dele*, quase lhe disse Jaime. Em vez disso, prometera descobrir as respostas que conseguisse arrancar do chefe dos carcereiros de segunda, um velho corcunda chamado Rennifer Longwaters.

– Vejo que está se perguntando que tipo de nome é esse – tagarelou o homem quando Jaime foi interrogá-lo. – É um nome antigo, é verdade. Não sou homem de me gabar, mas há sangue real nas minhas veias. Sou descendente de uma princesa. Meu pai me contou a história quando eu não passava de um menino – Longwaters não era menino havia muitos anos, a julgar pela cabeça manchada e pelos fios brancos que lhe cresciam no queixo. – Ela era o mais belo tesouro da Arcada das Donzelas. Lorde Oakenfist, o grande almirante, tinha perdido o coração

por ela, apesar de ser casado com outra. Ela deu ao filho deles o nome de bastardo "Waters" em honra do pai, e ele cresceu para se tornar um grande cavaleiro, tal como o filho, que pôs "Long" antes de "Waters" para que os homens soubessem que ele mesmo não era de nascimento ilegítimo. Portanto, tenho um bocadinho de dragão em mim.

– Sim, quase confundi você com Aegon, o Conquistador – Jaime respondeu. "Waters" era um nome de bastardo comum nos arredores da Baía da Água Negra; era mais provável que o velho Longwaters descendesse de algum cavaleiro doméstico de segunda linha do que de uma princesa. – Mas acontece que tenho de tratar de assuntos mais urgentes do que a sua linhagem.

Longwaters inclinou a cabeça:

– O prisioneiro perdido.

– E o carcereiro desaparecido.

– Rugen – o velho completou. – Um carcereiro de segunda. Estava encarregado do terceiro andar, as celas negras.

– Fale-me dele – Jaime teve de dizer. *Uma maldita farsa*. Ele sabia quem Rugen era, ainda que Longwaters não.

– Mal-arranjado, com a barba por fazer, de fala grosseira. Não gostava do homem, isto é verdade, confesso. Rugen estava aqui quando cheguei, há doze anos. Ele tinha sido nomeado pelo Rei Aerys. O homem raramente andava por aqui, devo dizer. Fiz notar isto em meus relatórios, senhor. Fiz com toda a certeza, dou-lhe minha palavra, a palavra de um homem com sangue real.

*Fale mais uma vez desse sangue real e pode ser que eu derrame um pouco dele*, pensara Jaime.

– Quem via esses relatórios?

– Certos relatórios eram enviados ao mestre da moeda, outros, ao mestre dos murmúrios. Todos ao carcereiro-chefe e ao Magistrado do Rei. Sempre foi assim nas masmorras – Longwaters coçou o nariz. – Rugen estava aqui quando era preciso, senhor. Devo dizer isto. As celas negras são pouco usadas. Antes de o pequeno irmão de sua senhoria ser enviado para baixo, tivemos o Grande Meistre Pycelle durante algum tempo e, antes dele, Lorde Stark, o traidor. Houve outros três, plebeus, mas Lorde Stark os entregou à Patrulha da Noite. Não achei que fosse

bom libertar aqueles três, mas os papéis estavam em ordem. Também o fiz notar num relatório, pode estar certo disso.

– Fale-me dos dois carcereiros que adormeceram.

– Carcereiros? – Longwaters fungou. – Esses não eram carcereiros. Eram só *guardas*. A coroa paga salários por vinte guardas, senhor, uma vintena completa, mas durante meu tempo nunca tivemos mais de doze. Também deveríamos ter seis carcereiros de segunda, dois em cada andar, mas só há três.

– Você e mais dois?

Longwaters voltou a fungar.

– Eu sou o *chefe* dos carcereiros de segunda, senhor. Estou acima deles. Sou encarregado das contas. Se o senhor desejar examinar meus livros, verá que todos os números são exatos – Longwaters consultou o grande livro encadernado em couro que estava aberto na sua frente. – No momento, temos quatro prisioneiros no primeiro andar e um no segundo, além do irmão de vossa senhoria – o velho franziu a sobrancelha. – Que fugiu, com certeza. É verdade. Riscarei o nome dele – pegou uma pena e pôs-se a afiá-la.

*Seis prisioneiros*, pensou Jaime amargamente, *enquanto pagamos salários a vinte guardas, seis carcereiros de segunda, um chefe dos carcereiros de segunda, um carcereiro e um Magistrado do Rei.*

– Quero interrogar esses dois guardas.

Rennifer Longwaters pusera-se a afiar sua pena e olhava de soslaio para Jaime, com ar de dúvida.

– Interrogá-los, senhor?

– Foi o que eu disse.

– É verdade, senhor. Certamente que foi, e no entanto... o senhor pode interrogar quem quiser, é verdade, não cabe a mim dizer que não pode. Mas, sor, se me permite a ousadia, não me parece que eles responderão. Estão mortos, senhor.

– *Mortos*? Por ordem de quem?

– Sua, eu imagino, ou... do rei, talvez? Não perguntei. Não... não cabe a mim questionar a Guarda Real.

Aquilo fora sal para a ferida de Jaime; Cersei usara seus próprios homens para sua sangrenta obra, eles e seus preciosos Kettleblack.

– Seus cretinos sem miolos – rosnou Jaime mais tarde a Boros Blount e Osmund Kettleblack, numa masmorra que fedia a sangue e a morte. – Que imaginavam que estavam fazendo?

– Nada mais do que nos foi ordenado, senhor – Sor Boros era mais baixo do que Jaime, mas mais pesado. – Sua Graça assim ordenou. Sua irmã.

Sor Osmund enfiou um polegar no cinto da espada.

– Ela disse que os homens deviam dormir para sempre. Portanto, meus irmãos e eu tratamos disso.

*Lá isso é verdade*. Um cadáver encontrava-se estatelado na mesa, de barriga para baixo, como se estivesse sem sentidos num banquete, mas era uma poça de sangue que se espalhava sob sua cabeça, não de vinho. O segundo guarda conseguira erguer-se do banco e puxar o punhal antes de alguém lhe enfiar uma espada entre as costelas. O fim deste tinha sido o mais demorado e tumultuoso. *Disse a Varys que ninguém devia sofrer nessa fuga*, pensou Jaime, *mas devia tê-lo dito ao meu irmão e à minha irmã*.

– Isso foi errado, sor.

Sor Osmund encolheu os ombros.

– Ninguém sentirá a falta deles. Aposto que participaram da coisa, com aquele que desapareceu.

*Não*, Jaime podia ter lhe dito. *Varys drogou o vinho deles para fazê-los dormir*.

– Se assim fosse, podíamos ter lhes arrancado a verdade – *... tem andado a foder Lancel e Osmund Kettleblack, e provavelmente até o Rapaz Lua, tanto quanto sei...* – Se eu fosse de natureza desconfiada, poderia perguntar a mim mesmo por que motivo estariam com tanta pressa para se assegurarem de que estes dois nunca seriam levados a interrogatório. Precisaram silenciá-los para esconder seus papéis nisto?

– Nós? – Kettleblack engasgou-se com aquilo. – Tudo que fizemos foi o que a rainha ordenou. Por minha palavra como vosso Irmão Juramentado.

Os dedos fantasmas de Jaime estavam crispados quando disse:

– Traga Osney e Osfryd para cá e limpem a porcaria que fizeram. E da próxima vez que minha querida irmã ordenar que mate um homem, venha ter comigo antes. Fora isso, permaneça longe da minha vista, sor.

As palavras ecoaram na sua cabeça na escuridão do Septo de Baelor. Por cima, todas as janelas tinham se tornado negras, e ele conseguia ver a tênue luz de estrelas distantes. O sol pusera-se de vez. O fedor da morte estava ficando mais forte, apesar das velas aromáticas. O cheiro recordou a Jaime Lannister o passo sob o Dente Dourado, onde conquistara uma gloriosa vitória nos primeiros dias da guerra. Na manhã após a batalha, os corvos tinham se banqueteado tanto com os vencedores quanto com os derrotados, tal como se banquetearam com Rhaegar Targaryen após o Tridente. *Quanto pode valer um corvo, se um corvo pode jantar um rei?*

Jaime suspeitava que naquele momento havia corvos voando ao redor das sete torres e da grande cúpula do Septo de Baelor, com asas negras que batiam contra o ar da noite enquanto procuravam uma forma de entrar. *Todos os corvos dos Sete Reinos deviam lhe prestar homenagem, pai. De Castamere a Água Negra, você os alimentou bem*. Aquela ideia agradou ao Lorde Tywin; seu sorriso alargou-se mais um pouco. *Maldito inferno, ele está sorrindo como um noivo a caminho da cama.*

Aquilo era tão grotesco que fez Jaime rir alto.

O som ecoou nos transeptos, nas criptas e nas capelas, como se os mortos sepultados nas paredes também estivessem rindo. *E por que não? Isto é mais absurdo do que uma farsa de saltimbanco, eu fazendo vigília por um pai que ajudei a matar, e enviando homens para capturar o irmão que ajudei a libertar...* Ordenara a Sor Addam Marbrand que passasse uma busca na Rua da Seda.

– Procure debaixo de cada cama, sabe como meu irmão gosta de bordéis – os homens de manto dourado encontrariam coisas mais interessantes por baixo das saias das prostitutas do que debaixo de suas camas. Perguntou a si mesmo quantos bastardos nasceriam daquela busca inútil.

De modo próprio, seus pensamentos dirigiram-se a Brienne de Tarth. *Estúpida garota teimosa e feia*. Perguntou a si mesmo onde ela estaria. *Pai, dê-me forças*. Quase uma prece... mas seria o deus que invocava o Pai no Céu cujo alto retrato dourado cintilava à luz das velas do outro lado do septo? Ou estaria rezando para o cadáver que jazia na sua frente? *Será que importa? Nunca escutaram, nem um nem outro*. O Guerreiro fora o deus de Jaime desde que tivera idade para segurar uma espada. Outros homens podiam ser pais, filhos, maridos, mas não Jaime

Lannister, cuja espada era tão dourada quanto os cabelos. Ele era um guerreiro, e era só isso que alguma vez seria.

*Devia contar a verdade a Cersei, admitir que fui eu quem libertou nosso irmãozinho da cela*. Afinal, a verdade servira tão magnificamente a Tyrion. *Matei seu abjeto filho, e agora também vou matar seu pai*. Jaime ouviu o Duende dar risada nas sombras. Virou a cabeça para ver, mas o som era apenas o do próprio riso regressando aos seus ouvidos. Fechou os olhos, e no mesmo instante os abriu de súbito. *Não posso dormir*. Se dormisse, podia sonhar. Oh, como Tyrion ria dissimuladamente... *uma puta mentirosa... fodendo Lancel e Osmund Kettleblack...*

À meia-noite, as dobradiças das Portas do Pai soltaram um rangido quando várias centenas de septões encheram o templo para suas orações. Alguns traziam as vestimentas de fios de prata e as grinaldas de cristal que identificavam os Mais Devotos; seus irmãos mais humildes usavam os cristais em correias penduradas no pescoço e trajavam vestes brancas cingidas com cintos de sete cordões, cada um entrelaçado com uma cor diferente. Pelas Portas da Mãe marcharam septãs brancas vindas de seu claustro, em filas de sete e cantando em voz baixa, enquanto as irmãs silenciosas chegavam em fila única pelas Escadas do Estranho. As criadas da morte vinham vestidas de cinza-claro, com o rosto encapuzado e coberto por xales, de modo que apenas seus olhos podiam ser vistos. Uma hoste de irmãos também apareceu, com vestes de todos os tons de marrom e até de tecido grosseiro por tingir, atadas à cintura com bocados de corda de cânhamo. Alguns traziam o martelo de ferro do Ferreiro pendurado em volta do pescoço, enquanto outros carregavam tigelas de pedinte.

Nenhum dos devotos prestou a mínima atenção a Jaime. Percorreram um circuito no septo, rezando em cada um dos sete altares, a fim de honrar os sete aspectos da divindade. A todos os deuses fizeram sacrifício, a cada um cantaram um hino. Suas vozes ergueram-se doces e solenes. Jaime fechou os olhos para escutar, mas voltou a abri-los quando começou a balançar. *Estou mais cansado do que imaginava*.

Tinham se passado anos desde sua última vigília. *Era então mais novo, um rapaz de quinze anos*. Na época não usara armadura, apenas uma simples túnica branca. O septo onde passara a noite não tinha nem um

terço do tamanho de cada um dos sete transeptos do Grande Septo. Jaime pousara a espada nos joelhos do Guerreiro, amontoara a armadura a seus pés e ajoelhara no áspero chão de pedra perante o altar. Quando a alvorada chegou, tinha os joelhos esfolados e ensanguentados.

"Todos os cavaleiros têm de sangrar, Jaime", disse Sor Arthur Dayne quando o viu. "O sangue é o selo de sua devoção." Ao amanhecer, bateu-lhe no ombro; a pálida lâmina era tão aguçada que até aquele toque ligeiro atravessou a túnica de Jaime, e ele voltou a sangrar. Mas nada sentiu. Era um rapaz quando se ajoelhou; ergueu-se cavaleiro. *O Jovem Leão, não o Regicida.*

Mas isso fora há muito tempo, e o rapaz estava morto.

Não saberia dizer quando as orações terminaram. Talvez se tivesse deixado dormir, ainda em pé. Depois de os devotos terem saído, o Grande Septo ficou novamente em silêncio. As velas eram uma muralha de estrelas que ardiam na escuridão, embora o ar estivesse fétido de morte. Jaime moveu a mão na espada dourada. Talvez devesse ter deixado que Sor Loras o rendesse, afinal. *Cersei teria detestado*. O Cavaleiro das Flores ainda era meio rapaz, arrogante e vaidoso, mas tinha capacidade para ser grande, para realizar atos dignos do Livro Branco.

O Livro Branco estaria à espera quando sua vigília terminasse, com a página aberta numa recriminação muda. *Mais rápido faria o maldito livro em pedaços do que o encheria de mentiras*. Mas, se não mentisse, o que poderia escrever senão a verdade?

Uma mulher estava na sua frente.

*Está chovendo de novo*, pensou quando viu como estava molhada. A água pingava-lhe do manto e ia se acumular em volta dos pés. *Como foi que ela chegou aqui? Não a ouvi entrar*. Estava vestida como uma criada de taberna, com um pesado manto de tecido grosseiro, mal tingido numa miríade de tons de marrom e com a bainha desfazendo-se. Um capuz escondia-lhe o rosto, mas Jaime via as velas dançando nas lagoas verdes de seus olhos e, quando ela se moveu, a reconheceu.

– Cersei – falou lentamente, como um homem que tivesse acabado de sair de um sonho, ainda sem saber bem onde se encontrava. – Que horas são?

– É a hora do lobo – a irmã abaixou o capuz e fez uma careta. – Do lobo afogado, talvez – sorriu-lhe, cheia de doçura. – Lembra-se da primeira vez que vim ter contigo assim? Foi numa estalagem deprimente perto da Viela da Doninha, eu vestia roupas de criada para passar pelos guardas do pai.

– Eu me lembro. Foi na Viela da Enguia – *ela quer alguma coisa de mim*. – Por que está aqui a essa hora? Que quer de mim? – a última palavra ecoou pelo septo, *mimmimmimmimmimmimmimmimmim*, atenuando-se até se transformar num murmúrio. Por um momento atreveu-se a ter esperança de ela desejar apenas o conforto de seus braços.

– Fale baixo – a voz dela soava estranha... sem fôlego, quase assustada. – Jaime, Kevan recusou meu pedido. Não quer servir como Mão, ele... ele sabe de nós. Ele mesmo o disse.

– Recusou? – aquilo o surpreendeu. – Como podia saber? Ele deve ter lido o que Stannis escreveu, mas não há...

– *Tyrion* sabia – ela lhe recordou. – Quem poderá dizer que histórias aquele vil anão terá contado, ou a quem? Tio Kevan é o de menos. O Alto Septão... Tyrion o promoveu à coroa quando o gordo morreu. Ele também pode saber – aproximou-se. – Você *tem* que ser Mão de Tommen. Não confio em Mace Tyrell. E se ele teve qualquer papel na morte do pai? Pode ter andado conspirando com Tyrion. O Duende pode estar a caminho de Jardim de Cima...

– Não está.

– Seja a minha Mão – ela rogou –, e governaremos os Sete Reinos juntos, como um rei e sua rainha.

– Foi rainha de Robert. E, no entanto, não quer ser a minha.

– Queria, se me atrevesse. Mas nosso filho...

– Tommen não é filho meu, tal como Joffrey não era – sua voz era dura. – Fez que também fossem de Robert.

A irmã vacilou.

– Jurou que me amaria sempre. Obrigar-me a suplicar não é ato de quem ama.

Jaime sentia nela o cheiro do medo, mesmo através do fétido odor do cadáver. Desejou tomá-la nos braços e beijá-la, enterrar o rosto em seus

cachos dourados e prometer-lhe que nunca ninguém lhe faria mal... *aqui não*, pensou, *aqui em frente dos deuses e do pai, não*.

– Não – ele respondeu. – Não posso. Não o farei.

– Eu *preciso* de você. Preciso da minha outra metade – Jaime ouvia a chuva tamborilando nas janelas, muito acima. – Você é eu, eu sou você. Preciso que esteja comigo. *Em* mim. Por favor, Jaime. *Por favor*.

Jaime olhou para ver se Lorde Tywin não estaria se erguendo do estrado numa fúria, mas o pai jazia imóvel e frio, apodrecendo.

– Eu nasci para um campo de batalha, não para uma sala de conselho. E agora talvez seja inadequado até para isso.

Cersei limpou as lágrimas numa esfarrapada manga marrom.

– Muito bem. Se é campos de batalha que quer, será campos de batalha que lhe darei – puxou o capuz para cima num movimento irritado. – Fui uma tola em vir. Fui uma tola por ter amado você um dia – seus passos ecoaram, ruidosos, no silêncio, e deixaram manchas úmidas no chão de mármore.

A alvorada apanhou Jaime quase desprevenido. Quando o vidro da cúpula começou a clarear, de súbito um arcos-íris reluziu nas paredes, no chão e nos pilares, banhando o cadáver de Lorde Tywin numa névoa de luz multicolorida. A Mão do Rei apodrecia visivelmente. Seu rosto tomara uma coloração esverdeada, e os olhos estavam bastante afundados, dois poços negros. Fissuras tinham se aberto nas faces, e um fétido fluido branco derramava-se através das articulações de sua magnífica armadura de ouro e carmesim, indo formar poças por baixo do corpo.

Os septões foram os primeiros a ver, quando regressaram para as orações da manhã. Cantaram suas canções, rezaram suas preces e enrugaram o nariz, e um dos Mais Devotos ficou nauseado de tal modo que teve de ser ajudado para sair do septo. Pouco tempo depois, um rebanho de noviços chegou para balançar incensórios, e o ar ficou tão saturado que o estrado pareceu coberto de fumo. Todos os arcos-íris desapareceram naquela neblina perfumada, e, no entanto, o fedor persistiu, um cheiro doce e putrefato que encheu Jaime de náuseas.

Quando as portas foram abertas, os Tyrell estavam entre os primeiros a entrar, como era próprio do seu estatuto. Margaery trouxe um grande buquê de rosas douradas. Pousou-as ostensivamente na base do estrado

de Lorde Tywin, mas ficou com uma e a manteve encostada ao nariz enquanto ocupava seu lugar. *Então a garota é tão esperta quanto bonita. Tommen podia ficar bem mais mal servido de rainha. Outros ficaram*. As senhoras de Margaery seguiram-lhe o exemplo.

Cersei esperou até que o restante estivesse em seus lugares para fazer sua entrada, com Tommen ao lado. Sor Osmund Kettleblack caminhava ao lado deles com seu aço branco esmaltado e manto branco de lã.

*"... tem andado fodendo Lancel e Osmund Kettleblack, e provavelmente até o Rapaz Lua, tanto quanto sei..."*

Jaime vira Kettleblack nu na casa de banhos, vira os pelos negros em seu peito e o matagal mais hirsuto entre as pernas. Imaginou aquele peito pressionado contra o da irmã, aqueles pelos arranhando a pele macia de seus seios. *Ela não faria isso. O Duende mentiu*. Ouro tecido e arame negro emaranhados, suados. A face estreita de Kettleblack retesando-se cada vez que penetrava fundo. Jaime conseguia ouvir a irmã a gemer. *Não. Uma mentira*.

De olhos vermelhos e pálida, Cersei subiu os degraus para se ajoelhar diante do pai, puxando Tommen para baixo ao seu lado. O rapaz recuou ao ver o avô, mas a mãe o agarrou pelo pulso antes que tivesse tempo de fugir.

– *Reze* – sussurrou, e Tommen tentou. Mas só tinha oito anos, e Lorde Tywin era um horror. Uma inspiração desesperada, e então o rei desatou a soluçar. – *Pare com isso!* – Cersei ordenou. Tommen virou a cabeça e dobrou-se sobre si mesmo, vomitando. A coroa caiu e rolou pelo chão de mármore. A mãe se afastou, enojada, e no mesmo instante o rei pôs-se a correr na direção das portas, tão depressa quanto suas pernas de oito anos conseguiam levá-lo.

– Sor Osmund, renda-me – Jaime ordenou num tom penetrante quando Kettleblack se virou para perseguir a coroa. Entregou ao homem a espada de ouro e saiu atrás de seu rei. Alcançou-o no Salão das Lâmpadas, sob o olhar de duas dúzias de septãs sobressaltadas.

– Lamento – Tommen chorava. – Farei melhor amanhã. A mãe diz que um rei deve indicar o caminho, mas o cheiro me deixou enjoado.

*Isso não é bom. Muitas orelhas ávidas e olhos observadores*.

– É melhor irmos até lá fora, Vossa Graça – Jaime levou o garoto para fora, para onde o ar era tão fresco e limpo como o de Porto Real podia

ser. Duas vintenas de homens de manto dourado tinham sido colocadas em volta da praça, a fim de guardar os cavalos e as liteiras. Levou o rei para um lado, bem longe de toda a gente, e o sentou nos degraus de mármore.

– Eu não estava assustado – o garoto insistiu. – O cheiro me deixou enjoado. Não deixou você? Como conseguiu suportá-lo, tio, sor?

*Cheirei minha própria mão apodrecer, quando Vargo Hoat me obrigou a usá-la como pingente*.

– Um homem pode suportar quase qualquer coisa se tiver de ser – Jaime disse ao filho. *Cheirei um homem a assar, quando Rei Aerys o cozinhou em sua própria armadura*. – O mundo está cheio de horrores, Tommen. Pode lutar contra eles, ou rir deles, ou olhar sem ver... fugindo para dentro de si mesmo.

Tommen refletiu sobre aquilo.

– Eu... eu às vezes fugia para dentro de mim – confessou –, quando o Joffy...

– *Joffrey* – Cersei estava perto deles, com o vento a sacudir-lhe as saias em volta das pernas. – O nome do seu irmão era *Joffrey*. Ele nunca teria me envergonhado assim.

– Não queria envergonhar você. Não estava assustado, mãe. Só que o senhor seu pai cheirava tão mal...

– Acha que ele cheirava melhor a mim? Eu também tenho nariz – agarrou-lhe a orelha e o obrigou a se levantar. – Lorde Tyrell tem nariz. Você o viu vomitar no septo sagrado? Viu a Senhora Margaery berrar como um bebê?

Jaime se levantou:

– Cersei, basta.

As narinas dela dilataram-se.

– Sor? Por que está aqui? Jurou ficar de vigília até terminar o velório, se bem me lembro.

– Já terminou. Vá olhar para ele.

– Não. Sete dias e sete noites, você disse. Certamente o Senhor Comandante se lembra de como se conta até sete. Conte seus dedos e depois some dois.

Outras pessoas tinham começado a sair para a praça, fugindo dos odores insalubres do septo.

– Cersei, mantenha a voz baixa – Jaime a alertou. – Lorde Tyrell aproxima-se.

Aquilo a atingiu, e a rainha puxou Tommen para junto de si. Mace Tyrell fez uma reverência diante do garoto:

– Sua Graça não está indisposto, espero?

– O rei foi dominado pelo desgosto – Cersei respondeu.

– Tal como todos nós. Se houver algo que eu possa fazer...

Muito em cima, um corvo soltou um sonoro grito. Estava empoleirado na estátua do Rei Baelor, cagando em sua santa cabeça.

– Há muito que pode fazer por Tommen, senhor – Jaime interveio. – Talvez possa dar a Sua Graça a honra de jantar com ela, após os serviços da noite?

Cersei lançou-lhe um olhar fulminante, mas por uma vez teve o bom-senso de morder a língua.

– Jantar? – Tyrell pareceu surpreso. – Suponho que... claro, ficaremos honrados. A senhora minha esposa e eu.

A rainha forçou um sorriso e soltou ruídos simpáticos. Mas, depois de Tyrell se retirar e Tommen ser mandado embora com Sor Addam Marbrand, virou-se irritada para Jaime:

– Está bêbado ou delirando, sor? Por favor, diga-me, por que vou jantar com aquele idiota ganancioso e sua pueril esposa? – uma rajada de vento agitou seus cabelos dourados. – Eu *não* o nomearei Mão, se é isso o que...

– Precisa do Tyrell – Jaime a interrompeu –, mas não *aqui*. Peça-lhe que tome Ponta Tempestade em nome de Tommen. Elogie-o, e diga-lhe que precisa dele em campo, para substituir nosso pai. Mace se julga um poderoso guerreiro. Ou entrega Ponta Tempestade a você, ou estraga tudo e faz papel de idiota. Seja como for, você ganha.

– Ponta Tempestade? – Cersei fez uma expressão pensativa. – Sim, mas... Lorde Tyrell deixou tediosamente claro que não abandonará Porto Real até que Tommen se case com Margaery.

Jaime suspirou:

– Então, que se casem. Demorará anos até que Tommen tenha idade para consumar o casamento. E até que o faça, a união sempre pode ser posta de lado. Dê a Tyrell esse casamento e mande-o embora brincar de guerra.

Um sorriso matreiro cruzou o rosto da irmã.

– Até os cercos têm seus perigos – murmurou. – Ora, o nosso Senhor de Jardim de Cima pode até perder a vida num empreendimento como este.

– Existe este risco – Jaime aquiesceu. – Especialmente se sua paciência desta vez se esgotar e ele decidir assaltar o portão.

Cersei lançou-lhe um olhar demorado:

– Sabe – ela disse –, por um momento soou tal qual nosso pai.

## BRIENNE

Os portões de Valdocaso estavam fechados e trancados. Na escuridão que antecedia a alvorada, as muralhas da vila brilhavam com uma luz pálida e difusa. Em suas ameias moviam-se farrapos de nevoeiro como sentinelas fantasmagóricas. Uma dúzia de carroças e carros de bois tinha se alinhado fora dos portões, à espera do nascer do sol. Brienne ocupou seu lugar atrás de um monte de nabos. Doía-lhe a barriga das pernas, e desejava desmontar e estendê-las. Não muito depois, outra carroça saiu ribombando da floresta. Quando o sol começou a brilhar, a fila estendia-se ao longo de um quarto de milha.

Os lavradores lançavam-lhe relances curiosos, mas ninguém falou com ela. *Cabe a mim falar com eles*, disse Brienne a si mesma, mas sempre achara difícil falar com estranhos. Desde garota sempre fora tímida. Longos anos de escárnio apenas a tinham tornado mais tímida. *Preciso perguntar por Sansa. De que outro modo a encontrarei?* Limpou a garganta:

– Mulher – disse à mulher da carroça dos nabos –, por acaso viu minha irmã na estrada? Uma jovem donzela, com treze anos e de rosto bonito, com olhos azuis e cabelos ruivos. Pode estar acompanhada de um cavaleiro bêbado.

A mulher balançou a cabeça, mas o marido disse:

– Então não é donzela nenhuma, aposto. A pobre garota tem nome?

A cabeça de Brienne estava vazia. *Devia ter inventado um nome qualquer para ela*. Qualquer nome serviria, mas nenhum lhe ocorreu.

– Sem nome? Bem, as estradas estão cheias de garotas sem nome.

– E o cemitério está mais cheio ainda – a mulher completou.

Quando a aurora rebentou, os guardas apareceram nos baluartes. Os agricultores subiram para seus carros e sacudiram as rédeas. Brienne também montou e lançou um relance para trás. A maioria das pessoas que esperavam para entrar em Valdocaso era composta por gente do

campo com cargas de frutas e legumes para vender. Um par de homens ricos da vila seguiam em palafréns de boa criação uma dúzia de lugares atrás dela, e mais para trás vislumbrou um garoto magricela num cavalo malhado. Não havia sinal dos dois cavaleiros, nem de Sor Shadrich, o Rato Louco.

Os guardas mandavam as carroças passar quase sem olhar, mas quando Brienne chegou ao portão chamou-lhes a atenção.

– Alto! – gritou o capitão. Dois homens que envergavam camisas de cota de malha cruzaram as lanças para lhe barrar o caminho. – Declare o que pretende fazer aqui.

– Procuro o Senhor de Valdocaso, ou seu meistre.

Os olhos do capitão demoraram-se em seu escudo.

– O morcego negro de Lothston. Essas são armas de má reputação.

– Não são minhas. Pretendo mandar pintar o escudo de novo.

– Ah, é mesmo? – o capitão esfregou o queixo coberto de barba por fazer. – Pois minha irmã faz esses trabalhos. Você a encontrará na casa com as portas pintadas, em frente das Sete Espadas – fez um gesto para os guardas. – Deixem-na passar, rapazes. É uma garota.

O portão abria-se para uma praça de mercado, onde aqueles que tinham entrado antes dela descarregavam, preparando-se para oferecer seus nabos, cebolas amarelas e sacas de cevada. Outros vendiam armas e armaduras, e muito barato, a julgar pelos preços que gritavam quando ela passava. *Os saqueadores chegaram com as gralhas pretas depois de todas as batalhas*. Brienne levou o cavalo a passo por perto de armaduras sujas de sangue marrom, elmos amassados, espadas denteadas. Também se arranjava roupa: botas de couro, mantos de peles, sobretudos manchados com rasgões suspeitos. Conhecia muitos dos símbolos. O punho coberto de cota de malha, o alce, o sol branco, o machado de lâmina dupla, todos eram símbolos do Norte. Mas homens de Tarly também tinham morrido ali, bem como muitos vindos das terras da tempestade. Viu maçãs verdes e vermelhas, um escudo que ostentava os três relâmpagos de Leygood, arreios decorados com as formigas de Ambrose. O caçador andante de Lorde Tarly aparecia em muitos símbolos, broches e gibões. *Amigo ou inimigo, os corvos não fazem distinção*.

Era possível comprar escudos de pinho e tília por pouco dinheiro, mas Brienne limitou-se a passar por eles. Pretendia ficar com o escudo de carvalho que Jaime lhe dera, o escudo que ele mesmo usara de Harrenhal a Porto Real. Um escudo de pinho tinha suas vantagens. Era mais leve e, portanto, mais fácil de usar, e a madeira macia era mais propícia a prender o machado ou a espada de um inimigo. Mas o carvalho oferecia maior proteção, se fosse suficientemente forte para suportar o peso.

Valdocaso fora construída em volta do porto. Ao norte da vila erguiam-se falésias de calcário; ao sul, um promontório rochoso abrigava os navios ancorados das tempestades que subiam do mar estreito. O castelo tinha vista para o porto, e a fortaleza quadrada e as grandes torres cilíndricas podiam ser vistas de todos os pontos da vila. Nas ruas calçadas com pedras e densamente povoadas era mais fácil caminhar do que seguir a cavalo, e Brienne levou a égua para um estábulo e continuou a pé, com o escudo a tiracolo e o rolo de dormir debaixo do braço.

Não foi difícl encontrar a irmã do capitão. Sete Espadas era a maior estalagem da vila, uma estrutura de quatro andares que se elevava acima da vizinhança, e as portas duplas da casa em frente estavam maravilhosamente pintadas. Mostravam um castelo numa floresta de outono, com as árvores cobertas de tons de dourado e marrom-avermelhado. Hera trepava pelos troncos de antigos carvalhos, e até as bolotas tinham sido representadas com um cuidado afetuoso. Quando Brienne olhou mais de perto, viu criaturas na folhagem: uma raposa vermelha escondida, dois pardais num ramo e, por trás dessas folhas, a sombra de um javali.

– Sua porta é muito bela – disse à mulher de cabelos escuros que abriu quando ela bateu. – Que castelo é este?

– Todos os castelos – disse a irmã do capitão. – O único que conheço é o Forte Pardo, junto ao porto. Inventei o outro na minha cabeça, imaginei o aspecto que um castelo devia ter. Também nunca vi um dragão, nem um grifo, nem um unicórnio – a mulher tinha modos bem-dispostos, mas quando Brienne lhe mostrou o escudo o rosto tornou-se sombrio. – Minha velha mãe costumava dizer que morcegos gigantes voavam de Harrenhal em noites sem luar para levar as crianças más às panelas da Doida Danelle. Às vezes eu os ouço arranhar as janelas – chupou os dentes por um momento, pensativa. – O que vai colocar no lugar disto?

As armas de Tarth eram esquarteladas de rosa e azul e ostentavam um sol amarelo e um crescente de lua. Mas, enquanto os homens a julgassem uma assassina, Brienne não se atrevia a usá-las.

– Sua porta me fez lembrar de um velho escudo que há tempos vi no armeiro de meu pai – ela descreveu as armas o melhor que conseguia se lembrar.

A mulher assentiu:

– Posso pintá-lo já, mas a tinta vai precisar secar. Arranje um quarto na Sete Espadas, se achar por bem. Eu levo o escudo para você amanhã de manhã.

Brienne não pretendia passar a noite em Valdocaso, mas talvez fosse melhor. Não sabia se o senhor do castelo se encontrava presente, ou se consentiria em falar com ela. Agradeceu à pintora e cruzou a rua de pedras até a estalagem. Por cima da porta do estabelecimento, sete espadas de madeira balançavam sob um espigão de ferro. A cal que as cobria estava fendida e descascando, mas Brienne conhecia seu significado. Representavam os sete filhos de Darklyn que tinham usado o manto branco da Guarda Real. Nenhuma outra casa em todo o reino podia se orgulhar de tantos. *Foram a glória da sua Casa. E agora são um letreiro por cima de uma estalagem*. Abriu caminho para a sala comum e pediu ao estalajadeiro um quarto e banho.

O homem a colocou no segundo andar, e uma mulher com uma marca de nascença cor de fígado no rosto trouxe para cima uma banheira de madeira e depois a água, balde por balde.

– Restam alguns Darklyn em Valdocaso? – perguntou Brienne ao entrar na banheira.

– Bem, há Darkes, eu mesma sou uma. Meu marido diz que eu era Darke antes de nos casarmos e mais escura depois – ela riu. – Não pode atirar uma pedra em Valdocaso sem acertar em algum Darke, Darkwood ou Dargood, mas os fidalgos Darklyn desapareceram todos. Lorde Denys foi o último deles, o querido tolinho. Sabia que os Darklyn eram reis em Valdocaso antes de os ândalos chegarem? Nunca o diria olhando para mim, mas tenho sangue real. Consegue vê-lo? Devia obrigá-los a dizer: "Vossa Graça, outra taça de cerveja. Vossa Graça, o penico precisa ser esvaziado, e vá buscar mais uns molhos de lenha novos, Vossa Maldita Graça, que a lareira está apagando" – voltou a dar risada e despejou as

últimas gotas do balde. – Bom, aí está. Essa água está quente o suficiente para você?

– Há de servir – a água estava morna.

– Eu traria mais, mas só faria derramar. Uma garota com seu tamanho enche uma banheira.

*Só uma banheira apertada e pequena como esta*. Em Harrenhal, as banheiras eram enormes e feitas de pedra. O ar da casa de banhos estava pesado com o vapor que se erguia da água, e Jaime aparecera, caminhando através dessa névoa, nu como no dia de seu nome, parecendo meio cadáver e meio deus. *Ele entrou na banheira comigo*, recordou, corando. Pegou num bocado de sabão duro e esfregou-se debaixo dos braços, tentando evocar o rosto de Renly.

Quando a água esfriou, Brienne estava tão limpa como era possível ficar. Vestiu a mesma roupa que despira e apertou bem o cinto da espada em volta das ancas, mas deixou ficar para trás a cota de malha e o elmo, para não parecer tão ameaçadora no Forte Pardo. Era agradável esticar as pernas. Os guardas nos portões do castelo usavam jaquetas de couro com um símbolo que exibia martelos de guerra cruzados sobre uma aspa branca.

– Desejo falar com seu senhor – disse-lhes Brienne.

Um dos homens riu:

– Então é melhor gritar bem alto.

– Lorde Rykker seguiu para Lagoa da Donzela com Randyll Tarly – disse o outro. – Deixou Sor Rufus Leek como castelão, para cuidar da Senhora Rykker e dos pequenos.

E foi a Leek que a levaram. Sor Rufus era um homem baixo, robusto e de barba grisalha, cuja perna esquerda terminava num coto.

– Perdoe-me se não me levanto – disse. Brienne entregou-lhe a carta, mas Leek não sabia ler e mandou buscar o meistre, um homem calvo com o couro cabeludo sardento e um bigode hirto e vermelho.

Quando ouviu o nome Hollard, o meistre franziu as sobrancelhas com irritação.

– Quantas vezes preciso cantar essa canção? – o rosto dela deve tê-la denunciado. – Julgava que seria a primeira a vir à procura de Dontos? Está mais perto da vigésima primeira. Os homens de manto dourado

estiveram aqui dias depois do assassinato do rei, com mandato do Lorde Tywin. E o que você tem, se me permite a curiosidade?

Brienne mostrou-lhe a carta, com o selo de Tommen e a assinatura infantil. O meistre fez *hmmm,* e *aaa*, arranhou a cera e por fim a devolveu.

– Parece estar em ordem – sentou-se em um banco e indicou outro a Brienne. – Não cheguei a conhecer Sor Dontos. Ele era rapaz quando saiu de Valdocaso. Os Hollard foram outrora uma Casa nobre, é certo. Conhece suas armas? Riscas horizontais em vermelho e rosa sob um chefe begro portando três coroas de ouro. Os Darklyn foram reis pouco importantes durante a Era dos Heróis, e três deles tomaram esposas Hollard. Mais tarde, seu pequeno reino foi engolido por reinos maiores, mas os Darklyn sobreviveram e os Hollard os serviam... sim, até mesmo em desafio. Sabia disso?

– Um pouco – seu meistre costumava dizer que fora o Desafio de Valdocaso que enlouquecera o Rei Aerys.

– Em Valdocaso os plebeus ainda amam Lorde Denys, apesar da desgraça que lhes trouxe. É à Senhora Serala, sua esposa de Myr, que atribuem a culpa. Chamam-na a Serpente de Renda. Se ao menos Lorde Darklyn tivesse se casado com uma Staunton ou uma Stokeworth... bem, sabe como os plebeus gostam de falar. A Serpente de Renda encheu os ouvidos do marido com veneno de Myr, eles dizem, até que Lorde Denys se ergueu contra seu rei e o tornou cativo. Ao fazê-lo, seu mestre de armas, Sor Symon Hollard, abateu Sor Gwayne Gaunt da Guarda Real. Durante meio ano, Aerys foi mantido dentro destas mesmas muralhas, enquanto a Mão do Rei se mantinha fora de Valdocaso com uma poderosa hoste. Lorde Tywin tinha força suficiente para assaltar a vila assim que quisesse, mas Lorde Denys mandou-lhe uma mensagem dizendo que ao primeiro sinal de assalto mataria o rei.

Brienne lembrava-se do que acontecera em seguida.

– O rei foi salvo – disse. – Barristan, o Ousado, o levou daqui.

– Pois levou – disse o meistre. – Assim que Lorde Denys perdeu o refém, preferiu abrir os portões e pôr fim ao desafio a permitir que Lorde Tywin tomasse a vila. Dobrou o joelho e suplicou por misericórdia, mas o rei não era dado ao perdão. Lorde Denys perdeu a cabeça, tal como os irmãos e as irmãs, os tios, os primos, todos os Darklyn fidalgos. A

Serpente de Renda foi queimada viva, pobre mulher, se bem que a língua lhe tivesse sido arrancada primeiro, bem como as partes femininas, com as quais, se dizia, ela teria escravizado seu senhor. Metade de Valdocaso ainda lhe dirá que Aerys foi demasiado brando com ela.

– E os Hollard?

– Proscritos e destruídos – o meistre respondeu. – Eu forjava minha corrente na Cidadela quando isso aconteceu, mas li os relatos de seus julgamentos e punições. Sor Jon Hollard, o Intendente, era casado com a irmã de Lorde Denys e morreu com a esposa, tal como o filho pequeno de ambos, que era meio Darklyn. Robin Hollard era um escudeiro e, quando o rei foi capturado, dançou em volta dele e puxou-lhe a barba. Morreu na roda. Sor Symon Hollard foi morto por Sor Barristan durante a fuga do rei. As terras Hollard foram confiscadas, o castelo derrubado, as aldeias passadas pelo archote. Tal como aconteceu com os Darklyn, a Casa Hollard foi extinta.

– Exceto Dontos.

– É bem verdade. O jovem Dontos era filho de Sor Steffon Hollard, irmão gêmeo de Sor Symon, que morrera alguns anos antes e não participou no Desafio. Aerys queria cortar a cabeça do rapaz mesmo assim, mas Sor Barristan pediu que a vida lhe fosse poupada. O rei não podia dizer não ao homem que o salvara, e assim Dontos foi levado para Porto Real como escudeiro. Tanto quanto eu saiba, ele nunca regressou a Valdocaso. E por que haveria de regressar? Não possuía terras aqui, não tinha nem família nem castelo. Se Dontos e essa garota nortenha ajudaram a assassinar nosso querido rei, parece-me que gostariam de colocar tantas léguas quantas pudessem entre si e a justiça. Procure-os em Vilavelha, se quiser insistir, ou do outro lado do mar estreito. Procure-os em Dorne ou na Muralha. Procure-os em *outro lugar* – ergueu-se. – Ouço meus corvos chamando. Perdoe-me se me despeço de você.

A caminhada de volta à estalagem pareceu mais longa do que a caminhada até o Forte Pardo, embora isso talvez se devesse apenas ao seu estado de espírito. Não encontraria Sansa Stark em Valdocaso, isso parecia evidente. Se Sor Dontos a tivesse levado para Vilavelha ou para lá do mar estreito, como o meistre parecia pensar, não havia esperança para a demanda de Brienne. *O que há para ela em Vilavelha?*, perguntou

a si mesma. *O meistre não a conheceu, assim como não conheceu Hollard. Ele não teria ido para junto de estranhos.*

Em Porto Real, Brienne encontrara uma das antigas aias de Sansa empregada num bordel como lavadeira.

– Servi ao Lorde Renly antes da Senhora Sansa, e os dois tornaram-se traidores – lamentou-se amargamente a mulher, que se chamava Brella. – Não há lorde que me toque agora, por isso tenho de lavar para prostitutas – mas quando Brienne a interrogou sobre Sansa, ela disse: – Eu lhe direi o que disse a Lorde Tywin. Aquela garota estava sempre rezando. Ia ao septo e acendia as velas como uma senhora respeitável, mas quase todas as noites ia ao bosque sagrado. Ela voltou para o Norte, ah, se voltou. É lá que estão os *deuses* dela.

Mas o Norte era enorme, e Brienne não fazia nenhuma ideia de qual seria o vassalo do pai em quem Sansa mais se inclinaria a confiar. *Ou será que ela procuraria seu próprio sangue?* Embora todos os irmãos tivessem sido mortos, Brienne sabia que Sansa ainda tinha um tio e um meio-irmão bastardo na Muralha, a serviço da Patrulha da Noite. Outro tio, Edmure Tully, estava cativo nas Gêmeas, mas o tio deste, Sor Brynden, ainda controlava Correrrio. E a irmã mais nova da Senhora Catelyn governava o Vale. *O sangue chama pelo sangue*. Sansa podia perfeitamente ter corrido para junto de um deles. Mas, qual?

A Muralha ficava decerto longe demais, e além disso era um lugar ermo e amargo. E para chegar a Correrrio, a garota teria de atravessar as terras fluviais dilaceradas pela guerra e passar através das linhas de cerco dos Lannister. O Ninho da Águia seria mais simples, e a Senhora Lysa certamente acolheria a filha da irmã...

Em frente, a viela dobrava-se. Sem saber como, Brienne fizera uma curva errada. Deu por si num beco sem saída, um pequeno pátio lamacento onde três porcos fuçavam em volta de um poço baixo de pedra. Um deles guinchou ao vê-la, e uma velha que tirava água do poço a olhou de cima a baixo com um ar desconfiado.

– O que você quer?

– Estou à procura da Sete Espadas.

– Volte pelo caminho por onde veio. À esquerda no septo.

– Agradeço-lhe – Brienne virou-se para voltar a percorrer seus passos e deu um encontrão em alguém que dobrava apressadamente a esquina. A

colisão desequilibrou-o e o fez cair sobre o traseiro e a lama. – Perdão – Brienne murmurou. Ele não passava de um garoto; um garoto magricela com cabelos lisos e finos e terçol debaixo de um olho. – Machucou-se? – ofereceu a mão para ajudá-lo a se erguer, mas o garoto afastou-se precipitadamente, sobre os calcanhares e os cotovelos. Não podia ter mais de dez ou doze anos, embora usasse uma camisa de cota de malha e tivesse uma espada numa bainha de couro a tiracolo. – Eu o conheço? – perguntou Brienne. O rosto dele lhe parecia vagamente familiar, embora não conseguisse identificá-lo .

– Não. Não conhece. Você nunca... – o garoto pôs-se desajeitadamente em pé. – P-p-perdoe-me, senhora. Não estava olhando. Quer dizer, estava, mas para baixo. Estava olhando para baixo. Para os meus pés – o garoto fugiu, mergulhando rapidamente pelo caminho por onde tinha vindo.

Algo nele despertou todas as suspeitas de Brienne, mas não ia começar a persegui-lo pelas ruas de Valdocaso. *Fora dos portões, esta manhã, foi lá que o vi*, lembrou-se. *Ele vinha montado num cavalo malhado*. E parecia que o tinha visto também em outro lugar, mas onde?

Quando Brienne voltou a encontrar a Sete Espadas, a sala comum estava cheia. Quatro septãs sentavam-se ao lado da lareira, trajando vestes manchadas e empoeiradas pela estrada. O resto dos bancos era ocupado por gente da terra, que enfiava bocados de pão em tigelas de guisado quente de caranguejo e os levava à boca. O cheiro pôs-lhe o estômago a trovejar, mas não viu lugares vazios. Então uma voz atrás dela disse:

– Senhora, aqui, fique com o meu lugar – só quando ele saltou do banco é que Brienne percebeu que quem falara era um anão. O homenzinho não chegava a ter metro e meio de altura. Tinha um nariz bulboso e cheio de veias, os dentes estavam vermelhos da folhamarga, e trazia as vestes marrons, feitas de tecido grosseiro, de um santo irmão, com o martelo de ferro do Ferreiro pendurado no grosso pescoço.

– Fique com seu lugar – ela respondeu. – Posso ficar em pé tão bem quanto você.

– Sim, mas minha cabeça não tende tanto a bater no teto – a fala do anão era rude, mas cortês. Brienne via a coroa de seu couro cabeludo, onde raspara o cabelo. Muitos dos santos irmãos usavam tonsuras como

aquela. A Septã Roelle dissera-lhe uma vez que aquilo pretendia mostrar que nada tinham a esconder do Pai.

– O Pai não consegue ver através do cabelo? – Brienne perguntara. *Coisa estúpida de se dizer*. Fora uma criança lenta; a Septã Roelle dizia isso com frequência. Agora sentia-se quase tão estúpida como na época, por isso ocupou o lugar do homenzinho na ponta do banco, pediu guisado com um gesto e virou-se para agradecer ao anão.

– Serve alguma santa casa em Valdocaso, irmão?

– Era mais perto de Lagoa da Donzela, senhora, mas os lobos correram com a gente com o fogo – respondeu o homem, roendo uma casca de pão. – Reconstruímos o melhor que pudemos, até chegarem uns mercenários. Não sei dizer quem eles eram, mas roubaram-nos os porcos e mataram os irmãos. Enfiei-me num tronco oco e me escondi, mas os outros eram grandes demais. Levei muito tempo para enterrar todos, mas o Ferreiro, o Ferreiro deu-me forças. Quando acabei, desenterrei umas moedas que o irmão mais velho tinha escondido e fui-me embora sozinho.

– Encontrei mais alguns irmãos a caminho de Porto Real.

– Sim, há centenas nas estradas. E não só irmãos. Septões também, e povo comum. Todos pardais. Pode ser que eu também seja um pardal. O Ferreiro fez-me suficientemente pequeno – soltou um risinho. – E que triste história é a sua, senhora?

– Ando à procura de minha irmã. É bem-nascida, tem só treze anos, uma donzela bonita com olhos azuis e cabelos ruivos. Talvez a tenha visto viajando com um homem. Um cavaleiro, talvez um bobo. Há ouro para o homem que me ajude a encontrá-la.

– Ouro? – o homem dirigiu-lhe um sorriso vermelho. – Uma tigela daquele guisado de caranguejo era recompensa bastante para mim, mas temo que não possa ajudá-la. Encontrei bobos, e em grande número, mas não muitas donzelas bonitas – inclinou a cabeça e pensou por um momento. – Houve um bobo em Lagoa da Donzela, agora que penso nisso. Estava vestido de trapos e sujeira, pelo que consegui ver, mas por baixo da sujeira havia retalhos de várias cores.

*Dontos Hollard usava retalhos?* Ninguém disse a Brienne que sim... mas também ninguém disse que não. Mas por que o homem usaria trapos? Teria algum infortúnio caído sobre ele e sobre Sansa depois de

fugirem de Porto Real? Podia bem ser que sim, com as estradas tão perigosas. *E podia não ser que não fosse.*

– Esse bobo tinha um nariz vermelho, cheio de veias rotas?

– Quanto a isso, não posso jurar. Confesso que prestei pouca atenção nele. Tinha ido para Lagoa da Donzela depois de enterrar meus irmãos, achando que talvez encontrasse um navio que me levasse para Porto Real. A primeira vez que vi o bobo foi junto às docas. Tinha um ar furtivo e teve o cuidado de evitar os soldados de Lorde Tarly. Mais tarde voltei a encontrá-lo no Ganso Fedorento.

– O Ganso Fedorento? – ela disse, demonstrando incerteza.

– Um lugar duvidoso – admitiu o anão. – Os homens de Lorde Tarly patrulham o porto em Lagoa da Donzela, mas o Ganso está sempre cheio de marinheiros, e há notícias de alguns terem introduzido homens às escondidas a bordo de seus navios, se o preço lhes agradasse. Esse bobo andava à procura de passagem para três para o outro lado do mar estreito. Vi-o ali com frequência, conversando com remadores das galés. Às vezes cantava uma canção engraçada.

– À procura de passagem para *três*? Não para dois?

– Três, senhora. Quanto a isso já eu juro, pelos Sete.

*Três*, ela pensou. *Sansa, Sor Dontos... mas quem seria o terceiro? O Duende?*

– O bobo encontrou o navio que procurava?

– Isso já não sei responder – disse-lhe o anão –, mas uma noite alguns dos soldados de Lorde Tarly visitaram o Ganso à procura dele, e alguns dias mais tarde ouvi outro homem gabando-se de que tinha enganado um bobo e tinha o ouro que o provava. Estava bêbado, e pagou cerveja a toda a gente.

– Enganou um bobo – ela repetiu. – Que queria o homem dizer com isso?

– Não sei responder. Mas o nome dele era Lesto Dick, disso eu me lembro – o anão abriu as mãos. – Temo que seja tudo o que posso lhe oferecer, além das preces de um homem pequeno.

Fiel à sua palavra, Brienne comprou-lhe uma tigela de guisado quente de caranguejo... e também um pouco de pão fresco aquecido e uma taça de vinho. Enquanto o homem comia, em pé ao seu lado, ela se pôs a pensar sobre o que lhe tinha sido dito. Poderia o Duende ter se juntado a

eles? Se fosse Tyrion Lannister, e não Dontos Hollard, por trás do desaparecimento de Sansa, fazia sentido que tivessem de fugir para o lado de lá do mar estreito.

Depois de o homenzinho terminar sua tigela de guisado, terminou também o que Brienne deixara na sua.

– Devia comer mais – ele disse. – Uma mulher tão grande como você precisa manter as forças. Daqui à Lagoa da Donzela não é longe, mas por esses dias a estrada é perigosa.

*Eu sei*. Fora naquela mesma estrada que Sor Cleos Frey morrera, e ela e Sor Jaime tinham sido capturados pelos Saltimbancos Sangrentos. *Jaime tentou me matar*, recordou, *embora estivesse magro e fraco, e com os pulsos acorrentados*. Mesmo assim quase conseguiu, mas isso tinha sido antes de Zollo ter lhe cortado a mão. Zollo, Rorge e Shagwell a teriam violado meia centena de vezes se Sor Jaime não lhes tivesse dito que ela valia seu peso em safiras.

– Senhora? Parece triste. Está pensando em sua irmã? – o anão deu-lhe palmadinhas na mão. – A Velha iluminará seu caminho até ela, nada tema. A Donzela a manterá a salvo.

– Rezo para que tenha razão.

– Tenho – ele fez uma reverência. – Mas agora devo prosseguir. Ainda tenho um longo caminho a percorrer até chegar a Porto Real.

– Tem um cavalo? Uma mula?

– Duas mulas – o homenzinho deu risada. – Ali estão elas, na ponta de minhas pernas. Levam-me onde eu quero ir – fez nova reverência e bamboleou-se na direção da porta, balançando a cada passo.

Brienne ficou à mesa depois de o anão partir, demorando-se com um copo de vinho aguado. Não bebia vinho com frequência, mas muito de vez em quando o achava útil para lhe acalmar a barriga. *E para onde desejo ir?*, perguntou a si mesma. *Para Lagoa da Donzela, à procura de um homem chamado Lesto Dick, num lugar chamado Ganso Fedorento?*

Da última vez que vira Lagoa da Donzela, a vila era uma desolação, com seu senhor trancado dentro do castelo e o povo morto, fugido ou escondido. Lembrava-se de casas queimadas e ruas vazias, portões esmagados e quebrados. Cães selvagens escondiam-se atrás dos cavalos do grupo, enquanto cadáveres inchados flutuavam como enormes lírios-d'água brancos na lagoa alimentada por uma nascente que emprestava o

nome à vila. *Jaime cantou "Seis Donzelas numa Lagoa" e deu risada quando lhe pedi para se calar*. E Randyll Tarly também estava em Lagoa da Donzela, outro motivo para ela evitar o lugar. Talvez fizesse melhor em embarcar para Vila Gaivota ou Porto Branco. *Podia fazer as duas coisas, porém. Fazer uma visita ao Ganso Fedorento e falar com esse Lesto Dick, e depois arranjar um navio em Lagoa da Donzela que me levasse mais para o norte.*

A sala comum começava a se esvaziar. Brienne partiu ao meio um bocado de pão, escutando as conversas nas outras mesas. A maioria relacionava-se com a morte de Lorde Tywin Lannister.

– Assassinado pelo próprio filho, dizem – contava um homem da terra, pelo aspecto, um sapateiro –, aquele vil anãozinho.

– E o rei é só um garoto – disse a mais velha das quatro septãs. – Quem irá nos governar até que ele tenha idade?

– O irmão de Lorde Tywin – disse um guarda. – Ou aquele Lorde Tyrell, se calhar. Ou o Regicida.

– Esse não – declarou o estalajadeiro. – Esse perjuro não – cuspiu para a lareira. Brienne deixou o pão cair-lhe das mãos e sacudiu dos calções as migalhas. Já ouvira o suficiente.

Naquela noite sonhou que se encontrava de novo na tenda de Renly. Todas as velas estavam se apagando, e o frio era intenso à sua volta. Algo se movia pela escuridão verde, algo maligno e horrível precipitava-se para o seu rei. Brienne quis protegê-lo, mas tinha os membros rígidos e gelados, e precisava de mais energia do que aquela de que dispunha apenas para erguer a mão. E quando a espada de sombra cortou o gorjal de aço verde e o sangue começou a jorrar, Brienne viu que o rei moribundo afinal não era Renly, mas sim Jaime Lannister, e ela falhara com ele.

A irmã do capitão foi encontrá-la na sala comum, bebendo uma taça de leite e mel, com três ovos crus atirados lá para dentro.

– Fez um belíssimo trabalho – disse, quando a mulher lhe mostrou o escudo recém-pintado. Era mais um quadro do que um brasão propriamente dito, e vê-lo a levou de volta através de longos anos até a escuridão fria do armeiro do pai. Recordou como fizera passar as pontas dos dedos pela tinta lascada que se desvanecia, pelas folhas verdes da árvore e ao longo do trajeto da estrela cadente.

Brienne pagou à irmã do capitão vez e meia a soma que tinham combinado e meteu o escudo ao ombro quando deixou a estalagem, depois de comprar do cozinheiro um pouco de pão duro, queijo e farinha. Abandonou a vila pelo portão norte, cavalgando lentamente através dos campos e quintas onde se desenrolara o pior da luta quando os lobos caíram sobre Valdocaso.

Lorde Randyll Tarly comandara o exército de Joffrey, composto por homens do oeste, homens da tempestade e cavaleiros da Campina. Seus homens que ali tinham morrido tinham sido levados para dentro das muralhas, a fim de repousarem em tumbas de heróis sob os septos de Valdocaso. Os mortos do Norte, muito mais numerosos, foram enterrados em valas comuns junto ao mar. Por cima do dólmen que marcava o lugar de seu repouso, os vencedores tinham erguido uma placa de madeira rudemente talhada. Tudo o que dizia era AQUI JAZEM OS LOBOS. Brienne parou ao seu lado e proferiu uma prece silenciosa por eles, e também por Catelyn Stark, pelo filho Robb e por todos os homens que tinham morrido com eles.

Recordou a noite em que a Senhora Catelyn soubera que os filhos estavam mortos, os dois garotinhos que deixara em Winterfell para mantê-los a salvo. Brienne compreendera que algo estava terrivelmente errado. Perguntara-lhe se tinha recebido notícias dos filhos.

"Não tenho nenhum filho a não ser Robb", a Senhora Catelyn lhe respondera. Soara como se uma faca estivesse torcendo em sua barriga. Brienne estendera a mão por sobre a mesa para lhe dar conforto, mas parara antes que os dedos roçassem nos da mulher mais velha, por temer que ela se retraísse. Senhora Catelyn virara as mãos, para mostrar a Brienne as cicatrizes nas palmas e nos dedos, onde uma faca outrora se enterrara profundamente em sua carne. Então, pusera-se a falar das filhas. "Sansa era uma dama", dissera, "sempre cortês e ansiosa por agradar. Nada amava mais do que histórias sobre valentes cavaleiros. Vê-se que quando crescer se tornará uma mulher muito mais bela do que eu. Era frequente escovar-lhe eu mesma seus cabelos. Tinha cabelos ruivos, espessos e macios... o vermelho nele brilhava como cobre à luz dos archotes".

Também falara de Arya, a filha mais nova, mas Arya andava perdida, e o mais provável era que estivesse morta. Mas Sansa... *Eu a encontrarei,*

*senhora*, jurou Brienne ao fantasma insatisfeito da Senhora Catelyn. *Nunca deixarei de procurá-la. Abrirei mão de minha vida se necessário, abrirei mão da minha honra, abrirei mão de todos os meus sonhos, mas eu a encontrarei.*

Para além do campo de batalha, a estrada corria paralela à costa, entre o ondulante mar cinza-esverdeado e uma linha de colinas baixas de calcário. Brienne não era a única viajante na estrada. Havia aldeias de pescadores junto à costa ao longo de muitas léguas, e os pescadores usavam aquela estrada para levar seus peixes para o mercado. Passou por uma peixeira acompanhada das filhas, que seguiam para casa com cestos vazios sobre os ombros. Com a armadura posta, tomaram-na por um cavaleiro até lhe verem o rosto. Então, as garotas sussurraram uma para a outra e lançaram-lhe olhares.

– Viram uma donzela de treze anos ao longo da estrada? – perguntou-lhes. – Uma donzela bem-nascida, com olhos azuis e cabelos ruivos? – Sor Shadrich deixara-a cautelosa, mas tinha de continuar tentando. – Pode viajar com um bobo – mas elas se limitaram a balançar a cabeça e riram-se dela por trás das mãos.

Na primeira aldeia a que chegou, rapazes descalços puseram-se a correr junto ao seu cavalo. Tinha colocado o elmo, ferida pelos risinhos dos pescadores, por isso a tomaram por um homem. Um rapaz ofereceu-lhe todas as suas amêijoas, outro caranguejos, e outro a irmã.

Brienne comprou três caranguejos do segundo rapaz. Quando deixou a aldeia, começava a chover e a ventar. *Tempestade a caminho*, pensou, olhando de relance para o mar. As gotas de chuva pingaram ruidosamente no aço de seu elmo, ressoando em seus ouvidos enquanto avançava, mas era melhor do que estar distante, num barco.

Depois de uma hora rumo ao norte, a estrada dividia-se numa pilha de pedras derrubadas que assinalava as ruínas de um pequeno castelo. O ramo direito seguia o litoral, serpenteando ao longo da costa na direção de Ponta da Garra Rachada, uma terra lúgubre de pântanos e pinhais baldios; o da esquerda corria por colinas, campos de cultivo e bosques até Lagoa da Donzela. A chuva caía com mais força a essa altura. Brienne desmontou e levou a égua para fora da estrada, a fim de se abrigar entre as ruínas. O trajeto das muralhas do castelo ainda se discernia entre as sarças, as ervas daninhas e os ulmeiros silvestres, mas

as pedras que as tinham erguido estavam espalhadas como cubos de brinquedo por entre as estradas. Contudo, parte da fortaleza principal ainda se encontrava em pé. Suas torres triplas eram de granito cinzento, tal como as muralhas quebradas, mas os merlões eram de arenito amarelo. *Três coroas*, percebeu, ao fitá-las através da chuva. *Três coroas douradas*. Aquilo fora um castelo Hollard. Certamente Sor Dontos teria nascido ali.

Levou a égua através dos detritos até a entrada principal da fortaleza. Da porta restavam apenas dobradiças enferrujadas, mas o telhado ainda se encontrava em bom estado, e o interior estava seco. Brienne prendeu a égua a uma arandela de parede, tirou o elmo e sacudiu os cabelos. Estava à procura de um pouco de madeira seca para acender uma fogueira quando ouviu o ruído de outro cavalo que se aproximava. Um instinto qualquer fez que recuasse para as sombras, onde não podia ser vista da estrada. Aquela era a mesma estrada onde ela e Sor Jaime tinham sido capturados. Não pretendia voltar a passar pelo mesmo perigo.

O cavaleiro era um homem pequeno. *O Rato Louco*, pensou, ao vê-lo pela primeira vez. *De algum modo conseguiu me seguir*. Sua mão caiu sobre o cabo da espada, e perguntou a si mesma se Sor Shadrich a julgaria presa fácil só porque era uma mulher. O castelão de Lorde Grandison um dia tinha cometido esse erro. Seu nome era Humfrey Wagstaff; um velho orgulhoso de sessenta e cinco anos, com nariz de falcão e cabeça malhada. No dia em que ficaram noivos, prevenira Brienne de que esperava que ela agisse como uma mulher decente depois de se casarem.

"Não terei a senhora minha esposa andando por aí em cota de malha masculina. Nisto vai me obedecer, caso contrário serei forçado a puni-la."

Ela tinha dezesseis anos, e as espadas não lhe eram estranhas, mas ainda era acanhada, apesar da perícia demonstrada no pátio. Mas, sem que soubesse onde, encontrara coragem para dizer a Sor Humfrey que só aceitaria punições de um homem que fosse capaz de derrotá-la. O velho cavaleiro enrubesceu, mas concordou em envergar sua armadura para lhe ensinar qual era o lugar próprio de uma mulher. Lutaram com armas embotadas de torneio, de modo que a maça de Brienne não tinha espigões. Quebrou a clavícula de Sor Humfrey, duas de suas costelas e o

noivado. Foi seu terceiro marido em perspectiva, e o último. O pai não voltou a insistir.

Se *fosse* Sor Shadrich quem lhe farejava o rasto, podia perfeitamente ter nas mãos uma luta. Não pretendia se associar ao homem ou deixar que ele a seguisse até Sansa. *Ele tinha o tipo de arrogância fácil que vem com a habilidade com as armas*, pensou, *mas era pequeno. Terei sobre ele a vantagem do alcance, e devo também ser mais forte.*

Brienne era tão forte quanto a maioria dos cavaleiros, e seu antigo mestre de armas costumava dizer que era mais rápida do que qualquer mulher de seu tamanho tinha o direito de ser. Os deuses também lhe tinham concedido vigor, o que Sor Goodwin julgava ser uma nobre dádiva. Lutar com espada e escudo era coisa cansativa, e era frequente que a vitória coubesse ao homem com maior resistência. Sor Goodwin ensinara-lhe a lutar cautelosamente, a conservar as forças enquanto deixava que os adversários gastassem as suas em ataques furiosos.

"Os homens irão sempre subestimá-la", dizia, "e seu orgulho os levará a querer vencê-la rapidamente, para que não se diga que uma mulher lhes deu forte luta". Brienne percebeu a verdade daquelas palavras assim que partiu para o mundo. Até Jaime Lannister caíra sobre ela daquela forma, na floresta perto de Lagoa da Donzela. Se os deuses fossem bons, o Rato Louco cometeria o mesmo erro. *Ele pode ser um cavaleiro experiente*, pensou, *mas não é nenhum Jaime Lannister*. Desembainhou a espada.

Mas não foi o corcel acastanhado de Sor Shadrich que se aproximou do ponto onde a estrada bifurcava, e sim um velho e estafado cavalo malhado, com um garoto sobre o dorso. Quando Brienne viu o cavalo, recuou, confusa. *É só um garoto qualquer*, pensou, até ver o rosto que espreitava por baixo do capuz. *O garoto de Valdocaso, aquele que esbarrou em mim. É ele.*

O garoto não deitou sequer um relance ao castelo arruinado, mas olhou primeiro ao longo de uma estrada, e depois da outra. Após um momento de hesitação, virou o cavalo na direção das colinas e avançou penosamente. Brienne o observou enquanto desaparecia por entre a chuva que caía, e de repente lembrou-se de que vira aquele mesmo garoto em Rosby. *Ele anda me seguindo*, compreendeu, *mas esse é um jogo que pode ser jogado por dois*. Desamarrou a égua, subiu para a sela e foi atrás dele.

O garoto fitava o chão enquanto avançava, observando os sulcos da estrada que se enchiam de água. A chuva abafou o som da aproximação de Brienne, e não havia dúvida de que o capuz também desempenhou seu papel. O garoto não olhou para trás nem uma vez, até Brienne surgir a trote atrás dele e dar ao cavalo malhado uma pancada na garupa com o lado da espada.

O cavalo empinou-se, e o garoto magricela levantou voo, com o manto batendo como um par de asas. Afundou-se na lama e se ergueu com terra e erva morta e marrom entre os dentes, deparando com Brienne em pé por cima dele. Era o mesmo garoto, sem sombra de dúvida. Reconheceu o terçol.

– Quem é você? – quis saber.

A boca do garoto moveu-se sem um som. Seus olhos estavam grandes como ovos.

– Pu – foi só o que conseguiu emitir. – Pu – sua camisa de cota de malha fez um som de chocalho quando ele estremeceu. – Pu. Pu.

– Por favor? – disse Brienne. – Está pedindo *por favor*? – encostou-lhe a ponta da espada ao pomo de adão. – Por favor, diga-me quem é e por que está me seguindo.

– Não pu-pu-*por favor* – meteu um dedo na boca e fez saltar um torrão de terra, cuspindo. – Pu-pu-*Pod*. Meu nome. Pu-pu-*Podrick*. Pu-Payne.

Brienne abaixou a espada. Sentiu uma onda de simpatia pelo garoto. Lembrou-se de um dia em Entardecer, e de um jovem cavaleiro com uma rosa na mão. *Ele trouxe a rosa para me dar*. Ou pelo menos foi o que a septã lhe dissera. Tudo o que tinha de fazer era dar-lhe as boas-vindas ao castelo do pai. Ele tinha dezoito anos, com longos cabelos ruivos que lhe caíam sobre os ombros. Ela tinha doze, e estava bem apertada num vestido novo e rígido, com o corpete reluzente de granadas. Os dois eram da mesma altura, mas ela não fora capaz de olhá-lo nos olhos, nem de proferir as palavras simples que a septã lhe ensinara. *Sor Ronnet. Dou-lhe as boas-vindas ao salão do senhor meu pai. É bom contemplar finalmente seu rosto.*

– Por que está me seguindo? – perguntou ao garoto. – Disseram-lhe para me espionar? Pertence a Varys ou à rainha?

– Não. Nem a um nem a outro. A ninguém.

Brienne calculou-lhe a idade em dez anos, mas era péssima para avaliar a idade das crianças. Achava sempre que eram mais novas do que a idade real, talvez por sempre ter sido grande para a idade. *Monstruosamente grande*, costumava dizer a Septã Roelle, *e masculinizada*.

– Esta estrada é perigosa demais para um garoto sozinho.

– Para um *escudeiro* não é. Sou escudeiro dele. O escudeiro da Mão.

– De Lorde Tywin? – Brienne embainhou a espada.

– Não. Dessa Mão não. Da outra antes. O filho dele. Lutei com ele na batalha. Gritei "*Meio-Homem! Meio-Homem!*".

*O escudeiro do Duende*. Brienne nem sequer soubera que ele tinha escudeiro. Tyrion Lannister não era nenhum cavaleiro. Talvez tivesse um criado ou dois para servi-lo, supunha, um pajem e um copeiro, alguém que o ajudasse a se vestir. Mas um *escudeiro*?

– Por que anda me seguindo? – quis saber. – O que quer?

– Encontrá-la – o garoto pôs-se em pé. – A senhora dele. Você anda à procura dela. Brella me disse. Ela é mulher dele. Brella não, a Senhora Sansa. Por isso pensei, se a encontrasse... – o rosto do garoto torceu-se numa súbita angústia. – Sou seu *escudeiro* – repetiu, enquanto a chuva lhe escorria pelo rosto –, mas ele *me abandonou*.

## SANSA

Uma vez, quando era apenas uma menininha, um cantor ambulante ficara com eles em Winterfell durante meio ano. Era um velho, com cabelos brancos e rosto queimado pelo vento, mas cantava sobre cavaleiros, demandas e belas senhoras, e Sansa chorara lágrimas amargas quando ele os deixara, e suplicara ao pai que não lhe permitisse partir.

"O homem cantou-nos três vezes cada canção que conhece", dissera-lhe Lorde Eddard com gentileza. "Não posso mantê-lo aqui contra sua vontade. Mas não precisa chorar. Prometo a você que outros cantores virão."

Mas não tinham vindo, durante um ano ou mais. Sansa rezara aos Sete no seu septo e aos deuses antigos junto à árvore-coração, pedindo-lhes para trazerem o velho de volta, ou, melhor ainda, para mandarem outro cantor, jovem e de boa aparência. Mas os deuses não responderam, e os salões de Winterfell mantiveram-se silenciosos.

Mas isso tinha sido quando era uma menininha, e tola. Agora era uma donzela, com treze anos e florescida. Todas as suas noites estavam cheias de canções, e de dia rezava por silêncio.

Se o Ninho da Águia fosse como os outros castelos, só ratazanas e carcereiros teriam ouvido o morto cantando. As paredes das masmorras eram suficientemente espessas para engolir tanto canções como gritos. Mas as celas do céu tinham uma parede de ar livre, e cada acorde que o morto tocava voava livre para ir ecoar nas saliências rochosas da Lança do Gigante. E as canções que ele escolhia... Cantava sobre a Dança dos Dragões, sobre a bela Jonquil e seu bobo, sobre Jenny de Pedravelhas e o Príncipe das Libélulas. Cantava sobre traições e assassinatos dos mais chocantes, sobre homens enforcados e vingança sangrenta. Cantava sobre a dor e a tristeza.

Não importa para onde fosse no castelo, Sansa não conseguia fugir à música. Pairava pela escada em caracol da torre acima, encontrava-a nua

no banho, jantava com ela ao pôr do sol e esgueirava-se para o interior de seu quarto mesmo quando trancava bem as portas. Chegava no fino ar frio e, tal como o ar, arrepiava-a. Embora não tivesse nevado sobre o Ninho da Águia, desde o dia em que a Senhora Lysa caíra, as noites tinham sido todas amargamente frias.

A voz do cantor era forte e doce. Sansa achava que ele soava melhor do que alguma vez soara antes, com a voz de certo modo mais rica, cheia de dor, medo e saudade. Não compreendia por que teriam os deuses dado uma voz assim a um homem tão perverso. *Ele teria me tomado à força nos Dedos se Petyr não tivesse posto Sor Lothor para me vigiar*, Sansa tinha de recordar a si mesma. *E tocou para sufocar meus gritos quando tia Lysa tentou me matar.*

Aquilo não tornava as canções mais fáceis de ouvir.

– Por favor – suplicou a Lorde Petyr –, não pode obrigá-lo a parar?

– Dei ao homem minha palavra, querida – Petyr Baelish, Senhor de Harrenhal, Senhor Supremo do Tridente e Senhor Protetor do Ninho da Águia e do Vale de Arryn, ergueu os olhos da carta que escrevia. Escrevera uma centena de cartas desde a queda da Senhora Lysa. Sansa vira os corvos partindo e voltando à colônia. – Prefiro suportar suas canções do que ouvi-lo soluçar.

*É melhor que ele cante, sim, mas...*

– Ele tem que tocar a noite inteira, senhor? Lorde Robert não consegue dormir. Ele chora...

– ... pela mãe. Não podemos fazer nada quanto a isso, a mulher está morta – Petyr encolheu os ombros. – Não será por muito mais tempo. Lorde Nestor subirá até aqui amanhã de manhã.

Sansa já se encontrara uma vez com Lorde Nestor, após o casamento de Petyr com a tia. Royce era o Guardião dos Portões da Lua, o grande castelo que se erguia na base da montanha e protegia a escada que levava ao Ninho da Águia. O grupo nupcial passara uma noite como seu hóspede antes de começar a subida. Lorde Nestor quase não a olhara por duas vezes, mas a perspectiva de ele estar a caminho a aterrorizava. Ele também era o Supremo Intendente do Vale, vassalo de confiança de Jon Arryn e da Senhora Lysa.

– Ele não... não deixará que Lorde Nestor se encontre com Marillion, não?

O horror deve ter transparecido em seu rosto, pois Petyr pousou a pena:

– Pelo contrário. Insistirei para que fale com ele – indicou-lhe com um gesto que se sentasse na cadeira ao seu lado. – Chegamos a um entendimento, eu e Marillion. Mord consegue ser muito persuasivo. E se o nosso cantor nos desiludir e cantar uma canção que não queiramos ouvir, ora, você e eu teremos apenas de dizer que ele mente. Em quem imagina que Lorde Nestor acreditará?

– Em nós? – Sansa desejava poder ter certeza.

– Claro. Ele ganhará com as nossas mentiras.

O aposento privado estava quente, o fogo na lareira crepitava alegremente, mas Sansa estremeceu mesmo assim.

– Sim, mas... mas e se...

– E se Lorde Nestor der mais valor à honra do que ao lucro? – Petyr pôs o braço em volta dela. – E se o que ele quiser for a verdade e a justiça para sua senhora assassinada? – sorriu. – Eu conheço Lorde Nestor, querida. Acha que alguma vez permitiria que ele fizesse mal à minha filha?

*Eu não sou sua filha*, ela pensou. *Sou Sansa Stark, filha de Lorde Eddard e da Senhora Catelyn, do sangue de Winterfell*. Mas não disse nada. Se não fosse Petyr Baelish, teria sido *Sansa* em vez de Lysa Arryn a rodopiar pelo frio céu azul até a morte rochosa cento e oitenta metros abaixo. *Ele é tão ousado*. Sansa gostaria de ter a sua coragem. Quis voltar para a cama e se esconder debaixo do cobertor, dormir, e voltar a dormir. Não dormia uma noite inteira desde a morte de Lysa Arryn.

– Não podia dizer a Lorde Nestor que eu estou... indisposta, ou...

– Ele vai querer ouvir seu relato da morte de Lysa.

– Senhor, se... se Marillion disser o que realmente...

– Se ele mentir, você quer dizer?

– Mentir? Sim... se ele mentir, será a minha história contra a dele, e se Lorde Nestor me olhar nos olhos e vir como estou assustada...

– Um toque de medo não será descabido, Alayne. Viu uma coisa temível. Nestor ficará comovido – Petyr estudou-lhe os olhos, como se os estivesse vendo pela primeira vez. – Tem os olhos de sua mãe. Olhos honestos e inocentes. Azuis como um mar ao sol. Quando for um pouco mais velha, muitos homens irão se afogar nesses olhos.

Sansa não soube o que responder àquilo.

– Tudo o que precisa fazer é contar a Lorde Nestor a mesma história que contou a Lorde Robert – Petyr prosseguiu.

*Robert não passa de um garotinho doente*, pensou, *Lorde Nestor é um homem-feito, severo e desconfiado*. Robert não era forte e tinha de ser protegido, até da verdade.

– Algumas mentiras são ditas por amor – assegurara-lhe Petyr. E fez que se lembrasse dessas palavras.

– Quando mentimos a Lorde Robert, foi apenas para poupá-lo – ela disse.

– E essa mentira pode poupar a *nós*. De outra forma, você e eu teremos de abandonar o Ninho da Águia pela mesma porta que Lysa usou – Petyr voltou a pegar na pena. – Serviremos mentiras e dourado da Árvore a Lorde Nestor, e ele os beberá e pedirá mais, garanto a você.

*Também está servindo mentiras a mim*, Sansa compreendeu. Contudo, eram mentiras reconfortantes, e julgava que a intenção era boa. *Uma mentira não é tão ruim se a intenção for boa*. Se ao menos acreditasse nelas...

As coisas que a tia dissera imediatamente antes de cair ainda perturbavam seriamente Sansa.

– Delírios – chamava-os Petyr. – Minha esposa estava louca, viu isso com seus próprios olhos – e tinha visto. *Tudo que fiz foi construir um castelo de neve, e ela quis me empurrar pela Porta da Lua. Petyr me salvou. Ele amava minha mãe, e...*

E a ela? Como podia duvidar? Ele a salvara.

*Ele salvou Alayne, sua filha*, sussurrou uma voz dentro de si. Mas ela era também Sansa... e por vezes parecia-lhe que o Senhor Protetor era também duas pessoas. Era Petyr, seu protetor, caloroso, divertido e gentil... mas também era Mindinho, o senhor que ela conhecera em Porto Real, sorrindo maliciosamente e afagando a barba enquanto sussurrava ao ouvido da Rainha Cersei. E Mindinho não era seu amigo. Quando Joff mandara espancá-la, fora o Duende que a defendera, não o Mindinho. Quando os Lannister a casaram com Tyrion contra sua vontade, fora Sor Garlan, o Galante, que a reconfortara, não o Mindinho. Mindinho nunca erguera nem sequer o mindinho por ela.

*Exceto para me tirar de lá. Ele fez isso por mim. Julgava que era Sor Dontos, o meu pobre, velho e bêbado Florian, mas foi sempre Petyr*.

*Mindinho era apenas uma máscara que ele tinha de usar*. Só que, por vezes, Sansa achava difícil distinguir onde o homem terminava e a máscara começava. Mindinho e Lorde Petyr se pareciam muito. Teria fugido de ambos, talvez, mas não havia para onde ir. Winterfell estava incendiado e desolado, Bran e Rickon, mortos e frios. Robb fora traído e assassinado nas Gêmeas, com a senhora sua mãe. Tyrion fora executado por matar Joffrey, e se alguma vez regressasse a Porto Real, a rainha também mandaria cortar sua cabeça. A tia, por quem nutrira esperança de que a manteria a salvo, tentara assassiná-la. Tio Edmure era refém dos Frey, ao passo que o tio-avô, o Peixe Negro, se encontrava cercado em Correrrio. *Não tenho para onde ir exceto permanecer aqui*, Sansa pensou, infeliz, *e nenhum amigo verdadeiro além de Petyr.*

Naquela noite o morto cantou "O Dia em que Enforcaram o Robin Negro", "As Lágrimas da Mãe" e "As Chuvas de Castamere". Depois, parou por um bom tempo, mas, no exato momento em que Sansa começava a cair no sono, ele recomeçou a tocar. Cantou "Seis Mágoas", "Folhas Caídas" e "Alysanne". *Canções tão tristes*, pensou. Quando fechava os olhos conseguia vê-lo em sua cela do céu, enrolado a um canto, longe do céu frio e negro, encolhido por baixo de uma pele de animal, com a harpa aninhada ao peito. *Não posso ter pena dele*, disse a si mesma. *É vaidoso e cruel, e logo estará morto*. Não podia salvá-lo. E por que quereria fazê-lo? Marillion tentara violá-la, e Petyr salvara-lhe a vida não uma, mas duas vezes. *Há mentiras que é preciso contar*. Foram mentiras que a tinham mantido viva em Porto Real. Se não tivesse mentido a Joffrey, sua Guarda Real a teria espancado até sangrar.

Após "Alysanne", o cantor voltou a ficar em silêncio, por tempo suficiente para Sansa se apoderar de uma hora de descanso. Mas, no momento em que a primeira luz da manhã espreitou através das janelas, ouviu os suaves acordes de "Numa Manhã Nevoenta" pairando, vindos de baixo, e acordou imediatamente. Aquela canção era mais adequada para uma mulher, um lamento cantado por uma mãe na alvorada que se seguira a uma terrível batalha, enquanto procurava entre os mortos o corpo do único filho. *A mãe canta sua dor pelo filho morto*, pensou Sansa, *mas Marillion sofre por seus dedos, por seus olhos*. As palavras subiram como flechas e trespassaram-na na escuridão.

Oh, viu meu moço, bom sor?
Tem cabelo de um castanho-avermelhado
Prometeu que voltaria para mim
Em Vila Vêndea está seu lar situado

Sansa cobriu as orelhas com uma almofada de pena de ganso para fugir ao resto da canção, mas de nada serviu. O dia chegou, ela acordou, e Lorde Nestor Royce subia a montanha.

O Supremo Intendente e seu grupo chegaram ao Ninho da Águia no fim da tarde, quando o vale se estendia lá embaixo em tons de dourado e vermelho e o vento aumentava. Trouxe o filho, Sor Albar, bem como uma dúzia de cavaleiros e uma vintena de homens de armas. *Tantos estranhos*. Sansa olhou ansiosamente seus rostos, perguntando a si mesma se seriam amigos ou inimigos.

Petyr recebeu os visitantes com um gibão de veludo negro provido de mangas cinzentas que combinavam com os calções de lã e emprestavam certa escuridão aos seus olhos verde-acinzentados. Meistre Colemon estava ao seu lado, com a corrente de muitos metais pendendo, solta, em volta de seu pescoço longo e magricela. Embora o meistre fosse de longe o mais alto dos dois homens, era o Senhor Protetor que atraía o olhar. Pusera de lado seus sorrisos naquele dia, segundo parecia. Escutou solenemente enquanto Royce apresentava os cavaleiros que o acompanhavam e depois disse:

– Os senhores são bem-vindos aqui. Conhecem nosso Meistre Colemon, naturalmente. Lorde Nestor, lembra-se de Alayne, minha filha ilegítima?

– Com certeza – Lorde Nestor Royce era um homem de pescoço taurino e peito em forma de barril, estava ficando calvo e possuía uma barba salpicada de cinza e, além disso, tinha um olhar severo. Inclinou a cabeça um centímetro inteiro em saudação.

Sansa fez uma reverência, assustada demais para falar, temendo dizer algo que não devia. Petyr a colocou em pé.

– Querida, seja uma boa menina e traga Lorde Robert ao Alto Salão para receber os convidados.

– Sim, pai – a voz soou-lhe fina e tensa. *Uma voz de mentirosa*, pensou, enquanto corria escadas acima e atravessava a galeria até a Torre da Lua.

*Uma voz culpada*.

Gretchel e Maddy ajudavam Robert Arryn a enfiar-se nos calções quando Sansa entrou em seu quarto. O Senhor do Ninho da Águia tinha estado de novo chorando. Tinha os olhos vermelhos e úmidos, as pestanas remelentas, o nariz inchado e ranhoso. Um fio de muco cintilava por baixo de uma narina, e o lábio inferior estava ensanguentado no local onde o mordera. *Lorde Nestor não pode vê-lo assim*, Sansa pensou, desesperada.

– Gretchel, me busque a bacia – pegou na mão do garoto e o puxou para a cama. – Meu passarinho dormiu bem ontem à noite?

– Não – o rapaz fungou. – Não dormi nem um bocadinho, Alayne. Ele estava *cantando* outra vez, e minha *porta* trancada. Chamei para me deixarem sair, mas ninguém veio. Alguém me trancou no meu quarto.

– Isso foi maldade da parte deles – mergulhando um pano macio na água morna, começou a limpar-lhe o rosto... Com suavidade, oh, com tanta suavidade. Se se esfregasse Robert com demasiada energia, ele podia se pôr a tremer. O garoto era frágil e terrivelmente pequeno para a idade. Tinha oito anos, mas Sansa conheceu crianças maiores com cinco.

O lábio de Robert palpitou:

– Eu ia dormir com você.

*Eu sei que ia*. O passarinho fora acostumado a aninhar-se ao lado da mãe, até ela se casar com Lorde Petyr. Desde a morte da Senhora Lysa, ele se pusera a vaguear pelo Ninho da Águia em busca de outras camas. Aquela de que mais gostava era a de Sansa... Motivo pelo qual ela pedira a Sor Lothor Brune para que trancasse sua porta na noite anterior. Não teria se importado se ele se limitasse a dormir, mas o garoto sempre tentava se aconchegar em seus seios, e quando era dominado pelos ataques de tremores costumava molhar a cama.

– Lorde Nestor Royce subiu dos Portões para falar com você – Sansa limpou-o por baixo do nariz.

– Eu não quero falar com *ele* – Robert resmungou. – Quero uma história. Uma história sobre o Cavaleiro Alado.

– Depois – Sansa retrucou. – Primeiro tem de falar com Lorde Nestor.

– Lorde Nestor tem um sinal – ele disse, contorcendo-se. Robert tinha medo de homens com sinais no rosto. – Mamãe dizia que ele era *terrível*.

– Meu pobre passarinho – Sansa alisou-lhe o cabelo para trás. – Tem saudades dela, eu sei. Lorde Petyr também tem. Ele a amava tanto quanto você – aquilo era uma mentira, apesar de bem-intencionada. A única mulher que Petyr alguma vez amara fora a mãe assassinada de Sansa. Confessara-o à Senhora Lysa imediatamente antes de empurrá-la pela Porta da Lua. *Ela era louca e perigosa. Assassinou o próprio senhor seu marido, e teria me assassinado se Petyr não tivesse aparecido para me salvar.*

Robert não precisava saber disso, porém. Era apenas um garotinho doente que amava a mãe.

– Pronto – Sansa tentou animá-lo –, agora já parece um senhor como deve ser. Maddy, vá buscar o manto dele – era de lã de ovelha, macia e quente, de um bonito azul-celeste que realçava o creme de sua túnica. Sansa prendeu o manto em volta dos ombros com um broche de prata em forma de um crescente de lua e o levou pela mão. Desta vez, Robert foi docilmente.

O Alto Salão estivera fechado desde a queda da Senhora Lysa, e voltar àquele lugar fez que Sansa sentisse arrepios. O salão era longo, grandioso e belo, supunha, mas não gostava dele. No melhor dos tempos era um lugar pálido e frio. Os esguios pilares pareciam ossos de dedos, e os veios azuis no mármore branco faziam lembrar as veias nas pernas de uma velha. Embora cinquenta arandelas de prata se projetassem das paredes, tinham sido acendidos menos de uma dúzia de archotes, e as sombras dançavam pelos assoalhos e iam aglomerar-se em todos os cantos. Seus passos e os de Robert ecoaram no mármore, e Sansa conseguiu ouvir o vento matraqueando na Porta da Lua. *Não posso olhá-la*, disse a si mesma, *senão desato a tremer tanto quanto Robert*.

Com a ajuda de Maddy, sentou Robert em seu trono de represeiro com uma pilha de almofadas por baixo e mandou dizer que sua senhoria iria receber os convidados. Dois guardas com manto azul-celeste abriram as portas na extremidade mais distante do salão, e Petyr os fez entrar e percorrer o longo tapete azul que corria por entre as fileiras de pilares brancos como osso.

O garoto saudou Lorde Nestor com uma cortesia guinchada e não fez nenhuma menção ao seu sinal. Quando o Supremo Intendente perguntou

pela senhora sua mãe, as mãos de Robert começaram a tremer muito ligeiramente.

– Marillion fez mal à minha mãe. Atirou-a pela Porta da Lua.

– Vossa Senhoria viu o acontecimento? – perguntou Sor Marwyn Belmore, um cavaleiro esgalgado de cabelos ruivos, que fora capitão dos guardas de Lysa até Petyr colocar Sor Lothor Brune em seu lugar.

– A Alayne viu – disse o rapaz. – E o senhor meu padrasto.

Lorde Nestor olhou para ela. Sor Albar, Sor Marwyn, Meistre Colemon, todos estavam olhando. *Ela era minha tia, mas queria me matar*, Sansa pensou. *Arrastou-me para a Porta da Lua e tentou me empurrar para fora. Não quis beijo nenhum, estava fazendo um castelo na neve*. Abraçou-se para evitar tremer.

– Perdoe-a, senhores – Petyr Baelish disse brandamente. – Ela ainda tem pesadelos com aquele dia. Pouco admira que não suporte falar sobre o assunto – aproximou-se por trás dela e pousou-lhe gentilmente as mãos nos ombros. – Eu sei como é difícil para você, Alayne, mas nossos amigos têm de ouvir a verdade.

– Sim – sentia a garganta tão seca que quase lhe doía falar. – Eu vi... eu estava com a Senhora Lysa quando... – uma lágrima rolou-lhe pela face. *Isso é bom, uma lágrima é bom*. – ... quando Marillion... a empurrou – e voltou a contar a história, quase sem sequer ouvir as palavras que iam jorrando de sua boca.

Antes de chegar à metade, Robert começou a chorar, com as almofadas movendo-se perigosamente debaixo de seu corpo.

– Ele matou minha *mãe*. Quero que ele voe! – o tremor nas mãos piorara, e os braços também estavam se sacudindo. A cabeça do garoto deu um puxão violento e os dentes desataram a bater. – *Voar!* – guinchou. – *Voar, voar* – os braços e as pernas agitavam-se violentamente. Lothor Brune correu para o estrado a tempo de apanhar o garoto, que escorregava do trono. Meistre Colemon estava um passo atrás dele, embora não houvesse nada que pudesse fazer.

Tão impotente quanto os demais, Sansa pôde apenas ficar no mesmo lugar, observando enquanto o ataque de tremores se desenrolava. Uma das pernas de Robert atingiu Sor Lothor no rosto. Brune soltou uma praga, mas manteve-se agarrado ao garoto, que se torcia, esbracejava e se molhava. Os visitantes não proferiram uma palavra; Lorde Nestor, pelo

menos, já vira aqueles ataques. Passaram-se longos momentos até que os espasmos de Robert começaram a acalmar, e pareceram ainda mais longos. Perto do fim, o pequeno fidalgo estava tão fraco que não conseguia se endireitar.

– É melhor levar sua senhoria para a cama e sangrá-lo – disse Lorde Petyr. Brune ergueu o garoto nos braços e o levou do salão. Meistre Colemon o seguiu, de cara fechada.

Quando os passos dos dois homens se desvaneceram, não se ouviu um som no Alto Salão do Ninho da Águia. Sansa conseguia ouvir o vento noturno gemendo lá fora e arranhando a Porta da Lua. Sentia muito frio, e estava muito cansada. *Terei de voltar a contar a história?*, perguntou a si mesma.

Mas deve tê-la contado suficientemente bem. Lorde Nestor limpou a garganta:

– Aquele cantor desagradou-me desde o princípio – resmungou. – Pedi à Senhora Lysa para mandá-lo embora. Pedi-lhe muitas vezes.

– Sempre deu bons conselhos a ela, senhor.

– Ela não se importou – queixou-se Royce. – Escutou-me de má vontade, e não ligou.

– Minha senhora era demasiado confiante para este mundo – Petyr falou com tanta ternura que Sansa quase teria podido acreditar que amara a esposa. – Lysa não conseguia ver o mal nos homens, só o bem. Marillion cantava canções doces, e ela confundiu isso com a sua natureza.

– Ele nos chamou de porcos – Sor Albar Royce falou. Um cavaleiro de modos bruscos e ombros largos que raspava o queixo, mas cultivava espessas suíças negras que lhe emolduravam o rosto rústico como se fossem vedações, Sor Albar era uma versão mais nova do pai. – Fez uma canção sobre dois porcos que andavam fuçando em volta de uma montanha, comendo os restos de um falcão. Supomos sermos nós, mas quando o disse, ele riu de mim. “Ora, sor, é uma canção sobre alguns porcos”, ele disse.

– E também fez piada de mim – Sor Marwyn Belmore lembrou. – Apelidou-me de Sor Ding-Dong. Quando jurei que lhe cortaria a língua, fugiu para junto da Senhora Lysa e se escondeu atrás de suas saias.

– Como fazia com frequência – Lorde Nestor emendou. – O homem era covarde, mas o favor que a Senhora Lysa lhe mostrava tornava-o insolente. Ela vestia-o como um lorde, deu-lhe anéis de ouro e um cinto de pedra de lua.

– E até o falcão preferido de Lorde Jon – o gibão do cavaleiro ostentava as seis velas brancas de Waxley. – Sua senhoria adorava aquela ave. Foi Rei Robert quem lhe deu.

Petyr Baelish suspirou:

– Era impróprio – concordou –, e eu pus um fim nisso. Lysa concordou em mandá-lo embora. Foi por isso que se encontrou aqui com ele naquele dia. Eu devia ter estado com ela, mas nunca imaginei... se não tivesse insistido... fui eu quem a matou.

*Não*, Sansa rebateu em pensamento, *não pode dizer isso, não pode lhe dizer, não pode*. Mas Albar Royce estava balançando a cabeça.

– Não, senhor, não deve se culpar – disse.

– Isto foi obra do cantor – concordou o pai. – Traga-o para cima, Lorde Petyr. Ponhamos um ponto final neste triste episódio.

Petyr Baelish se recompôs e disse:

– Como quiser, senhor – virou-se para os guardas, deu uma ordem, e o cantor foi trazido das masmorras. Com ele veio o carcereiro Mord, um homem monstruoso com pequenos olhos negros e um rosto torto e cheio de cicatrizes. Uma orelha e parte da face tinham sido cortadas em alguma batalha, mas restavam cento e trinta quilos de pálida carne branca. Sua roupa servia-lhe mal e tinha um cheiro rançoso e putrefato.

Marillion, por contraste, parecia quase elegante. Alguém lhe dera banho e o vestira com um par de calções azul-celeste e uma túnica branca e larga com mangas em balão, cintada com uma faixa prateada que fora presente da Senhora Lysa. Luvas brancas de seda cobriam-lhe as mãos, ao passo que uma venda de seda branca poupava aos senhores a visão de seus olhos.

Mord ficou atrás dele com um açoite. Quando o carcereiro o atingiu nas costelas, o cantor caiu sobre um joelho:

– Bons senhores, peço-lhes perdão.

Lorde Nestor franziu as sobrancelhas:

– Confessa o seu crime?

– Se tivesse olhos, choraria – a voz do cantor, tão forte e segura à noite, mostrava-se agora seca e sussurrante. – Amava-a tanto que não consegui suportar vê-la nos braços de outro homem, saber que partilhava sua cama. Não quis fazer nenhum mal à minha querida senhora, juro. Tranquei a porta para que ninguém nos pudesse perturbar enquanto declarava minha paixão, mas a Senhora Lysa foi tão fria... Quando me disse que esperava um filho de Lorde Petyr, uma... uma loucura assaltou-me...

Sansa fitou as mãos do cantor enquanto ele falava. Maddy Gorda afirmava que Mord lhe arrancara três dedos, ambos os mindinhos e um anelar. Os mindinhos realmente pareciam algo mais hirtos do que os outros dedos, mas com aquelas luvas era difícil ter certeza. *Pode não ter passado de uma história. Como Maddy saberia?*

– Lorde Petyr teve a bondade de me deixar ficar com a harpa – disse o cantor cego. – A harpa e... a língua... para poder cantar minhas canções. A Senhora Lysa gostava muito de meu canto...

– Leve esta criatura daqui, senão sou capaz de matá-lo eu mesmo – rosnou Lorde Nestor. – Olhar para ele me dá agonia.

– Mord, leve-o de volta para sua cela do céu – Petyr ordenou.

– Sim, senhor – Mord agarrou rudemente Marillion pelo colarinho: – Chega de falar – quando o carcereiro abriu a boca, Sansa viu, para seu espanto, que os dentes do homem eram de ouro. Ficaram a observá-lo levar o cantor na direção das portas, meio arrastado, meio empurrado.

– O homem tem de morrer – declarou Sor Marwyn Belmore depois de os dois saírem. – Devia ter seguido a Senhora Lysa pela Porta da Lua.

– Sem a língua – acrescentou Sor Albar Royce. – Sem aquela língua mentirosa e trocista.

– Fui demasiado gentil com ele, bem sei – Petyr Baelish falou em tom apologético. – Para falar a verdade, tenho pena dele. Matou por amor.

– Por amor ou por ódio – disse Belmore –, ele tem de morrer.

– Logo – disse Lorde Nestor num tom duro. – Ninguém fica por muito tempo nas celas do céu. O azul chamará por ele.

– Talvez chame – Petyr Baelish retrucou –, mas se Marillion responderá, só ele pode dizer – fez um gesto e seus guardas abriram as portas na ponta mais distante do salão. – Sores, sei que devem estar cansados após a subida. Foram preparados quartos para todos vocês

passarem a noite, e comida e vinho os esperam no Salão Inferior. Oswell, mostre-lhes o caminho e assegure-se de que tenham tudo aquilo de que precisam – virou-se para Nestor Royce: – Senhor, me faria companhia no aposento privado para uma taça de vinho? Alayne, querida, venha nos servir.

Um fogo baixo ardia no aposento privado, onde um jarro de vinho os esperava. *Dourado da Árvore*. Sansa encheu a taça de Lorde Nestor, enquanto Petyr remexia a lenha com um atiçador de ferro.

Lorde Nestor sentou-se junto à lareira.

– Este não será o fim desse assunto – disse a Petyr, como se Sansa não se encontrasse presente. – Meu primo pretende interrogar pessoalmente o cantor.

– Bronze Yohn desconfia de mim – Petyr puxou um pedaço de madeira para o lado.

– Ele pretende vir em força. Symond Templeton se juntará a ele, não duvide. E temo que a Senhora Waynwood também.

– E Lorde Belmore, o Jovem Lorde Hunter, Horton Redfort. Trarão Sam Forte Stone, os Tollett, os Shett, os Coldwater, alguns dos Corbray.

– Está bem informado. Que Corbray? Lorde Lyonel?

– Não, o irmão. Sor Lyn não gosta de mim, por algum motivo.

– Lyn Corbray é um homem perigoso – disse Lorde Nestor num tom obstinado. – Que pretende fazer?

– Que *posso* eu fazer além de lhes dar as boas-vindas se vierem? – Petyr remexeu mais um pouco as chamas e pousou o atiçador.

– Meu primo pretende retirar-lhe o título de Senhor Protetor.

– Se assim for, não posso impedi-lo. Tenho uma guarnição de vinte homens. Lorde Royce e os amigos podem recrutar vinte mil – Petyr dirigiu-se à arca de carvalho que se encontrava sob a janela. – Bronze Yohn fará o que fizer – disse, ajoelhando-se. Abriu a arca, tirou dela um rolo de pergaminho e o levou a Lorde Nestor. – Senhor. Isto é um sinal da amizade que a minha senhora nutria por você.

Sansa viu Royce desenrolar o pergaminho, e surpreendeu-se, logo depois, por ver lágrimas nos olhos do homem.

– Isso... isso é inesperado, senhor.

– Inesperado, mas não imerecido. A senhora lhe dava mais valor do que a todos os seus outros vassalos. Era o seu rochedo, ela me disse.

– O seu rochedo – Lorde Nestor enrubesceu. – Ela disse isso?

– Com frequência. E isto – Petyr indicou o pergaminho com um gesto – é a prova.

– É... é bom saber. Jon Arryn dava valor aos meus serviços, bem sei, mas a Senhora Lysa... ela desdenhou de mim quando vim cortejá-la, e temi... – Lorde Nestor franziu a testa. – Ostenta o selo dos Arryn, bem vejo, mas a assinatura...

– Lysa foi assassinada antes de o documento lhe poder ser apresentado para assinar, por isso assinei na qualidade de Senhor Protetor. Sabia que seria este o seu desejo.

– Estou vendo – Lorde Nestor enrolou o pergaminho. – É... atencioso, senhor. Sim, e não é desprovido de coragem. Há quem chame imprópria esta concessão e o censure por fazê-la. O posto de Guardião nunca foi hereditário. Os Arryn ergueram os Portões nos dias em que ainda usavam a Coroa do Falcão e governavam o Vale como reis. O Ninho da Águia era sua sede de verão, mas quando as neves começavam a cair, a corte descia. Há quem diga que os Portões eram tão régios quanto o Ninho da Águia.

– Não há rei no Vale há trezentos anos – Petyr Baelish fez notar.

– Os dragões chegaram – Lorde Nestor concordou. – Mas mesmo depois disso, os Portões continuaram a ser um castelo Arryn. O próprio Jon Arryn foi Guardião dos Portões enquanto o pai esteve vivo. Após sua ascensão, nomeou o irmão Ronnel para esta honraria, e mais tarde o primo Denys.

– Lorde Robert não tem irmãos, apenas primos afastados.

– É verdade – Lorde Nestor segurava com força o pergaminho. – Não direi que não tive esperança de obter isto. Enquanto Lorde Jon governou o reino como Mão, coube a mim governar o Vale em seu nome. Fiz tudo o que me pediu, e não pedi nada para mim. Mas, pelos deuses, eu mereci isso!

– É verdade – Petyr confirmou –, e Lorde Robert dorme mais facilmente sabendo que está sempre lá um amigo dedicado no sopé de sua montanha – ergueu uma taça. – Portanto... um brinde, senhor. À Casa Royce, Guardiã dos Portões da Lua... agora e para sempre.

– Agora e para sempre, sim! – as taças de prata tiniram uma na outra.

Mais tarde, muito mais tarde, depois de o jarro de vinho dourado da Árvore secar, Lorde Nestor retirou-se para ir se juntar à sua companhia de cavaleiros. Àquela altura, Sansa estava dormindo em pé, desejando apenas enfiar-se na cama, mas Petyr pegou-lhe pelo pulso.

– Vê as maravilhas que se conseguem com mentiras e Dourado da Árvore?

Por que sentia vontade de chorar? Era bom que Nestor Royce estivesse do lado deles.

– Foi tudo mentira?

– Não *tudo*. Lysa chamava frequentemente Lorde Nestor de rochedo, embora não me pareça que pretendesse elogiá-lo. Chamava o filho dele de estúpido. Sabia que Lorde Nestor sonhava em ter os Portões em seu próprio nome, um senhor de verdade, e não só de nome, mas Lysa sonhava em ter outros filhos e queria que o castelo passasse para o irmão mais novo de Robert – pôs-se em pé. – Compreende o que aconteceu aqui, Alayne?

Sansa hesitou por um momento:

– Deu ao Lorde Nestor os Portões da Lua para assegurar seu apoio.

– É verdade – Petyr admitiu –, mas o nosso rochedo é um Royce, o que significa que é excessivamente orgulhoso e suscetível. Se lhe tivesse perguntado qual era o seu preço, teria inchado como um sapo irritado com a desfeita feita à sua honra. Mas assim... O homem não é *completamente* estúpido, mas as mentiras que lhe apresentei foram mais agradáveis do que a verdade. Ele *quer* acreditar que Lysa lhe atribuía mais valor do que aos seus outros vassalos. Afinal, um desses outros é Bronze Yohn, e Nestor está muito consciente do fato de ter nascido no ramo *menor* da Casa Royce. Quer mais para o filho. Homens de honra farão coisas pelos filhos que nunca pensariam em fazer por si.

Sansa assentiu:

– A assinatura... podia ter feito Lorde Robert colocar a mão e o selo, mas em vez disso...

– ... assinei eu mesmo, como Senhor Protetor. Por quê?

– Para que... se for destituído, ou... ou morto...

– ... a pretensão de Lorde Nestor aos Portões seja subitamente posta em causa. Garanto a você que isso não lhe passou despercebido. Foi

inteligente de sua parte ter visto este aspecto. Embora não seja mais do que eu esperaria de minha filha.

– Obrigada – sentia-se absurdamente orgulhosa por ter juntado as peças daquele enigma, mas também confusa. – Mas não sou sua filha. Não de verdade. Quer dizer, finjo ser Alayne, mas *você* sabe...

Mindinho pôs-lhe um dedo sobre os lábios:

– Eu sei o que sei, e você também. Há coisas que é melhor deixar por dizer, doçura...

– Mesmo quando estivermos a sós?

– Especialmente quando estivermos a sós. Senão, chegará um dia em que um criado entrará numa sala sem se fazer anunciar, ou um guarda, à porta, calhará de ouvir algo que não devia. Quer mais sangue em suas mãozinhas bonitas, querida?

O rosto de Marillion pareceu flutuar na sua frente, com a venda branca sobre os olhos. Atrás dele, via Sor Dontos, ainda com os dardos de besta espetados no corpo.

– Não – Sansa respondeu. – Por favor.

– Sinto-me tentado a dizer que isso que jogamos não é jogo nenhum, filha, mas claro que é. O jogo dos tronos.

*Eu nunca pedi para jogar*. O jogo era perigoso demais. *Uma escorregadela, e estou morta.*

– Oswell... senhor, Oswell trouxe-me de Porto Real na noite em que fugi. Ele deve saber quem sou.

– Se tiver metade da inteligência de um cocô de ovelha, julgo que sim. Sor Lothor também sabe. Mas Oswell está a meu serviço há muito tempo, e Brune tem a boca fechada por natureza. Kettleblack vigia Brune para mim, e Brune vigia Kettleblack. Não confie em ninguém, eu disse um dia a Eddard Stark, mas ele não quis ouvir. Você é Alayne, e tem de ser Alayne *o tempo todo* – pousou dois dedos no seio esquerdo dela. – Até aqui. Em seu coração. Consegue fazer isso? Consegue ser minha filha no coração?

– Eu... – *eu não sei, senhor*, quase disse, mas não era aquilo que ele queria ouvir. *Mentiras e Dourado da Árvore*, pensou. – Eu sou Alayne, pai. Quem haveria de ser?

Lorde Mindinho beijou-lhe a face.

– Com a minha inteligência e a beleza de Cat, o mundo será nosso querida. E agora, para a cama.

Gretchel acendera-lhe a lareira e afofara seu colchão de penas. Sansa despiu-se e se enfiou debaixo dos cobertores. *Ele não cantará esta noite*, rezou, *não cantará com Lorde Nestor e os outros no castelo. Não se atreveria*. Fechou os olhos.

Acordou no meio da noite, quando o pequeno Robert subiu na sua cama. *Esqueci de dizer a Lothor para voltar a trancá-lo*, repreendeu-se. Nada havia a fazer quanto a isso, portanto, envolveu-o com um braço.

– Passarinho? Pode ficar, mas tente não se mexer muito. Feche os olhos e durma, pequeno.

– Está bem – ele se aninhou bem e pôs a cabeça entre os seus seios. – Alayne? Você agora é a minha mãe?

– Suponho que sim – ela disse. Se uma mentira era bem-intencionada, não faria mal.

## A FILHA DA LULA GIGANTE

O salão ressoava de Harlaws bêbados, todos eles primos afastados. Todos os senhores tinham pendurado seu estandarte por trás dos bancos onde seus homens se sentavam. *Não bastam*, pensou Asha Greyjoy, olhando-os da galeria, *são muito menos do que seria necessário*. Três quartos dos bancos encontravam-se vazios.

Qarl, o Donzel, já o dissera, quando *Vento Negro* se aproximava, vindo do mar. Contara os dracares atracados à sombra do castelo do tio, e sua boca se comprimira:

– Eles não vieram – observara –, ou pelo menos não vieram em número suficiente – não estava enganado, mas Asha não podia concordar com ele num local onde sua tripulação pudesse ouvir. Não duvidava da devoção de seus homens, mas até os homens de ferro hesitariam em dar a vida por uma causa que estivesse claramente perdida.

*Tenho assim tão poucos amigos?* Entre os estandartes, viu o peixe prateado de Botley, a árvore de pedra dos Stonetree, o leviatã negro de Volmark, os nós corredios dos Myre. O resto eram foices Harlaw. Boremund usava a sua em fundo azul-claro, a de Hotho estava encerrada numa bordadura crenada, e o Cavaleiro esquartelara a sua com o garrido pavão da Casa da mãe. Até Sigfryd Cabelo-de-Prata ostentava duas foices emaranhadas em fundo dividido por faixas. Só Lorde Harlaw exibia a foice de prata simples em fundo negro como a noite, tal como esvoaçara na aurora dos tempos; Rodrik, dito o Leitor, Senhor das Dez Torres, Senhor de Harlaw, o Harlaw de Harlaw... seu tio preferido.

O cadeirão de Lorde Rodrik encontrava-se vazio. Duas foices de prata batida cruzavam-se por cima dele, de tal modo enormes que até um gigante teria dificuldade em brandi-las, mas por baixo encontravam-se apenas almofadas vazias. Asha não estava surpresa. O banquete já se concluíra havia muito. Só restavam ossos e as bandejas engorduradas

sobre as mesas de montar. O resto era beber, e o tio Rodrik nunca apreciara a companhia de bêbados briguentos.

Virou-se para Três-Dentes, uma velha de idade temível que fora intendente do tio desde o tempo em que era conhecida como a Doze-Dentes.

– Meu tio está com os seus livros?

– Sim, onde mais estaria? – a mulher era tão velha que um septão dissera certo dia que devia ter dado de mamar à Velha. Isto acontecera nos tempos em que a Fé ainda era tolerada nas ilhas. Lorde Rodrik tivera septões nas Dez Torres, não a bem de sua alma, mas da de seus livros. – Com os livros e com Botley. Também está com ele.

O estandarte dos Botley estava pendurado no salão, um cardume de peixes prateados sobre fundo verde-claro, embora Asha não tivesse visto seu *Lesta Barbatana* entre os outros dracares.

– Ouvi dizer que meu tio Olho de Corvo tinha mandado afogar o velho Sawane Botley.

– Este é o Lorde *Tristifer* Botley.

*Tris*. Perguntou a si mesma o que teria acontecido ao filho mais velho de Sawane, Harren. *Descobrirei em breve, sem dúvida. Isso será embaraçoso*. Já não via Tris Botley desde... não, não devia relembrar aquilo.

– E a senhora minha mãe?

– Na cama – Três-Dentes respondeu –, na Torre da Viúva.

*Claro, onde havia de ser?* A viúva que dera o nome à torre era sua tia. A Senhora Gwynesse voltara para casa para fazer luto depois de o marido ter morrido ao largo da Ilha Bela durante a primeira rebelião de Balon Greyjoy.

– Ficarei só até que me passe o desgosto – foram as famosas palavras que dissera ao irmão –, embora por direito as Dez Torres devessem ser minhas, porque sou mais velha do que você sete anos – longos anos tinham se passado desde então, mas a viúva ainda permanecia lá, de luto, resmungando de vez em quando que o castelo devia ser seu. *E agora Lorde Rodrik tem uma segunda irmã viúva meio louca sob seu telhado*, Asha refletiu. *Pouco admira que procure refúgio nos livros.*

Mesmo agora era difícil crer que a frágil e enfermiça Senhora Alannys tinha sobrevivido ao marido, Lorde Balon, que parecia tão duro e forte.

Quando Asha partira para a guerra, fizera-o de coração pesado, temendo que a mãe pudesse morrer antes de ter tempo de regressar. Nem uma vez pensara que pudesse ser o pai a perecer. *O Deus Afogado prega-nos peças selvagens a todos, mas os homens são ainda mais cruéis*. Uma tempestade súbita e uma corda quebrada tinham atirado Balon Greyjoy para a morte. *Pelo menos é o que dizem.*

A última vez que Asha vira a mãe foi quando aportara nas Dez Torres para embarcar água fresca, a caminho do Norte e do ataque a Bosque Profundo. Alannys Harlaw nunca teve o tipo de beleza que os cantores apreciavam, mas a filha adorava seu rosto feroz e forte e o riso em seus olhos. Naquela última visita, porém, encontrara a Senhora Alannys num banco de janela, aninhada debaixo de uma pilha de peles, de olhos fitos no mar. *Isto é a minha mãe, ou o seu fantasma?*, lembrava-se de ter pensado ao beijá-la no rosto.

Encontrara a pele da mãe fina como pergaminho, e seus longos cabelos estavam brancos. Restava algum orgulho no modo como erguia a cabeça, mas os olhos estavam baços e enevoados, e a boca tremera quando lhe perguntara por Theon.

– Trouxe o meu menino? – perguntou. Theon tinha dez anos quando fora levado para Winterfell como refém, e no que tocava à Senhora Alannys teria sempre dez anos, aparentemente.

– Theon não pôde vir – teve de lhe dizer. – O pai o mandou pilhar ao longo da Costa Pedregosa – Senhora Alannys não arranjara nada para responder àquilo. Limitara-se a assentir lentamente, mas era evidente que as palavras da filha tinham sido um golpe profundo.

*E agora tenho de lhe dizer que Theon está morto, e lhe espetar mais um punhal no coração*. Onde já havia duas facas enterradas. Nas lâminas estavam escritas as palavras *Rodrik* e *Maron*, e era frequente torcerem-se cruelmente na noite. *Vou vê-la amanhã*, prometeu Asha a si mesma. A viagem era longa e cansativa, não podia enfrentar a mãe agora.

– Tenho de falar com Lorde Rodrik – disse a Três-Dentes. – Cuide da minha tripulação, depois de acabarem de descarregar o *Vento Negro*. Trarão cativos. Quero que tenham camas mornas e uma refeição quente.

– Há carne de vaca fria nas cozinhas. E mostarda num grande pote de pedra, de Vilavelha – pensar naquela mostarda fez a velha sorrir. Um único dente, longo e marrom, espreitou de suas gengivas.

– Isto não servirá. Tivemos uma travessia dura. Quero que eles tenham qualquer coisa quente na barriga – Asha enfiou um polegar no cinto tachonado que lhe envolvia as ancas. – Lorde Glover e os filhos não devem sentir falta de madeira ou de calor. Coloque-os em alguma torre, não nas masmorras. O bebê está doente.

– Os bebês sempre ficam doentes. A maioria morre, e a gente tem pena. Vou perguntar ao senhor onde pôr essa gente-lobo.

Asha apertou o nariz da mulher entre o polegar e o indicador.

– Você vai fazer o que eu disse. E se *esse* bebê morrer, ninguém terá mais pena do que você. – Três-Dentes soltou um guincho e prometeu obedecer. Asha soltou-a e foi em busca do tio.

Era bom voltar a percorrer aqueles salões. Sempre se sentira em casa em Dez Torres, mais do que em Pyke. *Não é um castelo, são dez castelos espremidos uns contra os outros*, ela pensara na primeira vez que o vira. Lembrava-se de corridas sem fôlego pelas escadas e ao longo de adarves e pontes cobertas, de pescar no Longo Cais de Pedra, de dias e noites perdidos no meio da abundância de livros do tio. Tinha sido o avô de seu avô quem construíra o castelo, o mais novo das ilhas. Lorde Theomore Harlaw perdera três filhos no berço e culpava por isso os porões inundados, as pedras úmidas e o salitre putrefato do antigo Solar de Harlaw. Dez Torres era mais arejado, mais confortável, mais bem situado... mas Lorde Theomore fora um homem inconstante, como qualquer de suas esposas poderia ter testemunhado. Tivera seis, tão diferentes umas das outras como suas dez torres.

A Torre dos Livros era a maior das dez, de forma octogonal feita com grandes blocos de pedra cinzelada. A escada tinha sido construída por dentro das espessas paredes. Asha subiu rapidamente, até o quinto andar e à seção onde o tio lia. *Não que haja alguma seção em que ele não leia*. Lorde Rodrik raramente era visto sem um livro na mão, fosse na latrina, no convés de seu *Canção do Mar*, ou enquanto concedia audiência. Asha vira-o frequentemente lendo no cadeirão sob as foices de prata. Escutava cada caso que lhe era apresentado, pronunciava a sentença... e lia um pouco enquanto o capitão dos guardas ia buscar o próximo suplicante.

Encontrou-o debruçado sobre uma mesa, junto a uma janela, cercado de rolos de pergaminho que podiam ter vindo da Valíria de antes da Destruição, e pesados livros encadernados em couro com fechos de

bronze e ferro. Velas de cera de abelha tão grossas e altas como o braço de um homem ardiam de ambos os lados do local onde se sentava, apoiadas em ornamentados suportes de ferro. Lorde Rodrik Harlaw não era nem gordo nem magro; nem alto nem baixo; nem feio nem bonito. Tinha cabelos castanhos, tal como os olhos, embora a barba curta e bem cuidada preferia tivesse embranquecido. Em geral, era um homem comum, que se distinguia apenas por seu amor pelas palavras escritas, que tantos homens de ferro achavam pouco viril e intimidador.

– Tio – fechou a porta atrás de si. – Que leitura era tão urgente para levá-lo a deixar seus convidados sem anfitrião?

– O *Livro dos Livros Perdidos* do Arquimeistre Marwyn – ergueu o olhar da página para estudá-la. – Hotho trouxe-me uma cópia de Vilavelha. Tem uma filha com quem quer que eu case – Lorde Rodrik tamborilou no livro com uma longa unha. – Vê isto? Marwyn afirma ter achado três páginas de *Sinais e Portentos*, visões escritas pela filha donzela de Aenar Targaryen, antes de a Destruição cair sobre Valíria. Lanny sabe que está aqui?

– Por enquanto não – *Lanny* era o nome carinhoso que dava à mãe de Asha; só o Leitor a chamava assim. – Deixe-a descansar – Asha tirou uma pilha de livros de um banco e se sentou. – Três-Dentes parece ter perdido mais dois dos seus. Agora a chama de Um-Dente?

– Quase não a chamo de todo. A mulher me assusta. Que horas são? – Lorde Rodrik lançou um relance pela janela, para o mar iluminado pelo luar. – Escuro, tão cedo? Não tinha reparado. Veio tarde. Procuramos você há alguns dias.

– Os ventos estiveram contrários, e tive de me preocupar com cativos. A mulher e os filhos de Robett Glover. O mais novo ainda está ao peito, e o leite da Senhora Glover secou durante a travessia. Não tive alternativa senão dar com o *Vento Negro* em seco na Costa Pedregosa e fazer meus homens saírem à procura de uma ama de leite. Em vez disso, encontraram uma cabra. A menina não se desenvolve. Há alguma mãe amamentando na aldeia? Bosque Profundo é importante para os meus planos.

– Seus planos têm de mudar. Chegou tarde demais.

– Tarde e com fome – esticou as longas pernas por baixo da mesa e virou as páginas do livro mais próximo, o discurso de um septão sobre a

guerra de Maegor, o Cruel, contra os Pobres Companheiros. – Oh, e também com sede. Um corno de cerveja iria bem, tio.

Lorde Rodrik franziu os lábios:

– Bem sabe que não autorizo comida ou bebida na biblioteca. Os livros...

– ... podem sofrer danos – Asha soltou uma gargalhada.

O tio franziu as sobrancelhas:

– Gosta mesmo de me provocar.

– Oh, não faça esse ar ofendido. Nunca conheci um homem que eu não provocasse, já devia saber disso bastante bem a essa altura. Mas basta de falar de mim. Está bem?

Ele encolheu os ombros:

– Suficientemente bem. Meus olhos estão enfraquecendo. Mandei encomendar em Myr uma lente que me ajude a ler.

– E como passa minha tia?

Lorde Rodrik suspirou:

– Continua a ser sete anos mais velha do que eu, e convencida de que Dez Torres devia lhe pertencer. Gwynesse está se tornando esquecida, mas *disto* não se esquece. Faz luto tão profundo por seu marido como no dia em que ele morreu, embora nem sempre consiga se lembrar do nome do homem.

– Não estou certa de ela ter alguma vez sabido o nome dele – Asha fechou o livro do septão com estrondo. – Meu pai foi assassinado?

– Sua mãe acredita que sim.

*Houve momentos em que ela mesma o teria assassinado de bom grado*, pensou.

– E em que acredita meu tio?

– Balon caiu para a morte quando uma ponte de corda se rompeu debaixo de si. Uma tempestade estava se aproximando, e a ponte balançava e torcia-se com cada rajada de vento – Rodrik encolheu os ombros. – Pelo menos é o que nos foi dito. Sua mãe recebeu uma ave do Meistre Wendamyr.

Asha desembainhou o punhal e pôs-se a limpar as unhas.

– Três anos longe, e o Olho de Corvo regressa no preciso dia em que meu pai morre.

– No dia seguinte, segundo ouvimos dizer. *Silêncio* ainda estava no mar quando Balon morreu, ou pelo menos é isto que se afirma. Mesmo assim, concordo que o regresso de Euron foi... combinado, digamos?

– Não seria desse modo que eu diria – Asha espetou a ponta do punhal na mesa. – *Onde estão os meus navios?* Contei duas vintenas de dracares atracados lá embaixo, nem de perto o suficiente para arrancar o Olho de Corvo da cadeira de meu pai.

– Eu enviei as convocatórias. Em seu nome, pelo amor que tenho por ti e por sua mãe. A Casa Harlaw reuniu-se. Os Stonetree também, tal como os Volmark. Alguns Myre...

– Todos da ilha de Harlaw... uma ilha entre sete. Vi no salão um estandarte solitário dos Botley, de Pyke. Onde estão os navios de Salésia, dos Orkwood, das Wyks?

– Baelor Blacktyde veio de Pretamare me consultar, e voltou logo a zarpar – Lorde Rodrik fechou o *Livro dos Livros Perdidos*. – A essa altura está na Velha Wyk.

– Na Velha Wyk? – Asha temera que ele se preparasse para dizer que tinham ido todos para Pyke, para prestar homenagem ao Olho de Corvo. – Velha Wyk, por quê?

– Achei que soubesse. Aeron Cabelo-Molhado convocou uma assembleia de homens livres.

Asha atirou a cabeça para trás e rebentou em gargalhadas.

– O Deus Afogado deve ter enfiado um peixe-espinho pelo cu do tio Aeron. Uma *assembleia de homens livres*? Isso é alguma brincadeira, ou será que ele está falando sério?

– Cabelo-Molhado não brinca desde que foi afogado. E os outros sacerdotes seguiram-no na convocatória. Beron Cego Blacktyde, Tarle, o Triplamente-Afogado... até a Velha Gaivota Cinzenta deixou o rochedo em que vive para pregar essa assembleia por toda a ilha de Harlaw. Os capitães estão se reunindo em Velha Wyk neste exato momento.

Asha estava espantada.

– Olho de Corvo concordou em estar presente nessa farsa sagrada e respeitar a sua decisão?

– Olho de Corvo não me faz confidências. Desde que me chamou a Pyke para lhe prestar homenagem, não tive notícias de Euron.

*Uma assembleia de homens livres. Isto é algo novo... ou melhor, algo muito antigo*.

– E meu tio Victarion? O que pensa ele da ideia do Cabelo-Molhado?

– Foi enviada a Victarion a notícia da morte do seu pai. E dessa assembleia também, não tenho dúvidas. Para além disso, não sei dizer.

*Antes uma assembleia do que uma guerra*.

– Acho que vou beijar os pés fedorentos do Cabelo-Molhado e tirar as algas de entre seus dedos – Asha desenterrou o punhal e voltou a embainhá-lo. – Uma maldita *assembleia de homens livres*!

– Em Velha Wyk – Lorde Rodrik confirmou. – Embora eu reze para que não se torne maldita. Tenho andado consultando a *História dos Homens de Ferro*, de Haereg. Da última vez que os reis do sal e os reis da rocha se encontraram numa assembleia de homens livres, Urron de Montrasgo deixou seus homens com machados à solta entre os outros, e as costelas de Nagga ficaram vermelhas de sangue e tripas. A Casa Greyiron governou sem ser escolhida durante mil anos após esse dia negro, até a chegada dos ândalos.

– Precisa me emprestar o livro de Haereg, tio – teria de aprender tudo o que pudesse sobre as assembleias antes de chegar a Velha Wyk.

– Pode lê-lo aqui. É velho e frágil – Rodrik a estudou, franzindo as sobrancelhas. – O Arquimeistre Rigney escreveu um dia que a história é uma roda, pois a natureza do homem é fundamentalmente imutável. O que aconteceu antes irá forçosamente voltar a acontecer, ele disse. Penso nisso sempre que reflito sobre Olho de Corvo. Euron Greyjoy soa estranhamente semelhante a Urron Greyiron a estes velhos ouvidos. Não irei a Velha Wyk. E você também não devia ir.

Asha sorriu:

– E perder a primeira assembleia de homens livres convocada em... há quanto tempo *foi*, tio?

– Quatro mil anos, se Haereg for digno de crédito. Metade disso, se aceitar os argumentos do Meistre Denestan em *Questões*. Ir a Velha Wyk não terá utilidade alguma. Esse sonho de realeza é uma loucura em nosso sangue. Eu disse isso ao seu pai da primeira vez que se revoltou, e é mais verdade agora do que era àquela altura. Precisamos é de terra, não de coroas. Com Stannis Baratheon e Tywin Lannister lutando pelo Trono de Ferro, temos uma rara oportunidade de melhorar nossa sorte. Tomemos o

lado de um ou do outro, ajudemo-lo a chegar à vitória com as nossas frotas e reivindiquemos as terras de que necessitamos junto de um rei grato.

– Isso pode valer alguma reflexão, depois de eu ocupar a Cadeira de Pedra do Mar – Asha observou.

O tio suspirou:

– Não vai querer ouvir isto, Asha, mas não será escolhida. Nunca uma mulher governou os homens de ferro. Gwynesse *é* sete anos mais velha do que eu, mas quando nosso pai morreu, as Dez Torres passaram para mim. Acontecerá o mesmo com você. É a filha de Balon, não seu filho. E tem três tios.

– Quatro.

– Três tios da lula gigante. Eu não conto.

– Para mim, conta. Enquanto tiver meu tio das Dez Torres, tenho Harlaw – Harlaw não era a maior das Ilhas de Ferro, mas a mais rica e a mais populosa, e não se podia desprezar o poderio de Lorde Rodrik. Em Harlaw, Harlaw não tinha rival. Os Volmark e Stonetree possuíam grandes propriedades na ilha e gabavam-se de contar famosos capitães e ferozes guerreiros entre os seus, mas até os mais ferozes se dobravam diante da foice. Os Kenning e os Myre, em tempos amargos inimigos, havia muito tinham sido transformados à força em vassalos.

– Meus primos são fiéis a mim, e na guerra deverão comandar suas espadas e velas. Mas numa assembleia de homens livres... – Lorde Rodrik balançou a cabeça. – À sombra dos ossos de Nagga cada capitão é igual aos demais. Alguns podem gritar seu nome, não duvido. Mas não serão suficientes. E quando os gritos ressoarem por Victarion ou pelo Olho de Corvo, alguns daqueles que agora bebem em meu salão se juntarão aos outros. Volto a dizer: não zarpe em direção a essa tempestade. Sua luta não tem esperança.

– Nenhuma luta está perdida até ser travada. A melhor pretensão é a minha. Sou a herdeira nascida do corpo de Balon.

– Continua a ser uma criança obstinada. Pense em sua pobre mãe. É tudo o que resta a Lanny. Seria capaz de jogar um archote no *Vento Negro* para mantê-la aqui.

– O quê? E me obrigar a ir a nado até Velha Wyk?

– Uma longa travessia em água fria, por uma coroa que não poderá manter. Seu pai tinha mais coragem do que bom-senso. O Costume Antigo serviu bem às ilhas quando éramos um pequeno reino entre muitos, mas a Conquista de Aegon pôs fim a isso. Balon recusou-se a ver o que estava bem diante de seus olhos. O Costume Antigo morreu com Harren Negro e os filhos.

– Eu sei disso – Asha amara o pai, mas não se iludia. Balon fora cego a respeito de certas coisas. *Um homem corajoso, mas um mau senhor*. – Isso significa que temos de viver e morrer como servos do Trono de Ferro? Se há rochedos a estibordo e uma tempestade a bombordo, um capitão sensato traça uma terceira rota.

– Mostre-me essa terceira rota.

– Mostrarei... na assembleia de homens livres. Tio, como pode sequer pensar em não ir? Isso será história, viva...

– Prefiro minha história morta. Esta escreve-se com tinta, e a espécie viva, com sangue.

– Quer morrer velho e covarde na cama?

– Que outro modo existe? Embora não até que acabe de ler – Lorde Rodrik dirigiu-se à janela. – Não perguntou pela senhora sua mãe.

*Tive medo.*

– Como ela está?

– Mais forte. Ainda poderá sobreviver a todos. Irá certamente sobreviver a você, se persistir nessa loucura. Come mais do que comia quando chegou aqui, e com frequência dorme a noite inteira.

– Ótimo – em seus últimos anos em Pyke, a Senhora Alannys não conseguia dormir. Vagueava à noite pelos salões com uma vela à procura dos filhos. "*Maron?*", gritava com voz estridente. "*Rodrik, onde está? Theon, meu bebê, venha para a mãe.*" Muitas tinham sido as vezes em que Asha vira o meistre tirar farpas dos calcanhares da mãe, de manhã, depois de ela ter atravessado descalça a oscilante ponte de tábuas até a Torre do Mar. – Vou vê-la de manhã.

– Ela há de lhe perguntar notícias de Theon.

*O Príncipe de Winterfell*.

– O que foi que lhe disse?

– Pouco e menos um pouco. Nada havia para dizer – hesitou. – Tem certeza de que está morto?

– Não tenho certeza de nada.

– Encontrou um corpo?

– Encontramos pedaços de muitos corpos. Os lobos estiveram lá antes de nós... os de quatro patas, mas pouca reverência mostraram por seus familiares de duas. Os ossos dos mortos estavam espalhados e foram quebrados para chegar ao tutano. Confesso que foi difícil perceber o que tinha acontecido naquele lugar. Parece que os nortenhos lutaram entre si.

– Os corvos lutam pela carne de um morto e matam-se uns aos outros por seus olhos – Lorde Rodrik estendeu os olhos para o mar, observando o jogo que o luar disputava com as ondas. – Tivemos um rei, depois cinco. Agora tudo que vejo são corvos em disputa pelo cadáver de Westeros – fechou as janelas. – Não vá à Velha Wyk, Asha. Fique com sua mãe. Temo que não a tenhamos conosco por muito tempo.

Asha mexeu-se no banco:

– Minha mãe educou-me para ser ousada. Se não for, passarei o resto da minha vida perguntando a mim mesma o que poderia ter acontecido se tivesse ido.

– Se for, o resto da sua vida pode ser curta demais para perguntas.

– Antes assim do que encher o resto de meus dias queixando-me de que a Cadeira de Pedra do Mar é minha por direito. Não sou nenhuma Gwynesse.

Aquilo o fez crispar-se.

– Asha, meus dois filhos adultos alimentaram os caranguejos de Ilha Bela. Não é provável que eu volte a me casar. Fique, e a nomearei herdeira de Dez Torres. Contente-se com isso.

– Dez Torres? – *bem gostaria de poder fazê-lo*. – Seus primos não gostarão disso. O Cavaleiro, o velho Sigfryd, Hotho Corcunda...

– Eles têm suas próprias terras e fortalezas.

*É bem verdade*. O úmido e meio arruinado Solar de Harlaw pertencia ao velho Sigfryd Harlaw, o Grisalho; o corcunda Hotho Harlaw estava sediado na Torre Bruxuleante, numa escarpa que dominava a costa ocidental. O Cavaleiro, Sor Harras Harlaw, mantinha uma corte em Jardim Cinzento; Boremund, o Azul, governava no topo do Monte da Bruxa. Mas todos eram subordinados a Lorde Rodrik.

– Boremund tem três filhos, Sigfryd Grisalho tem netos e Hotho tem ambições – Asha rebateu. – Todos eles pretendem suceder ao senhor, até

Sigfryd. Este tenciona viver para sempre.

– O Cavaleiro será Senhor de Harlaw depois de mim – disse o tio –, mas pode governar tão facilmente a partir do Jardim Cinzento como daqui. Troque a lealdade por ele pelo castelo, e Sor Harras a protegerá.

– Posso proteger a mim mesma. Tio, eu sou uma lula gigante. Asha, da Casa Greyjoy – pôs-se em pé. – É o lugar do meu pai que quero, não o seu. Aquelas suas foices parecem perigosas. Uma pode cair e cortar minha cabeça. Não, me sentarei na Cadeira de Pedra do Mar.

– Então não passa de mais um corvo gritando por carne putrefata – Rodrik voltou a se sentar atrás de sua mesa. – Saia. Quero regressar ao Arquimeistre Marwyn e à sua busca.

– Avise-me se ele encontrar outra página – o tio era o tio. Nunca mudaria. *Mas irá à Velha Wyk, diga o que disser.*

Àquela altura, sua tripulação estaria comendo no salão. Asha sabia que devia se juntar a eles, para falar daquela reunião em Velha Wyk e sobre o que ela lhes significava. Seus homens ficariam solidamente atrás dela, mas precisaria também dos outros, dos primos Harlaw, dos Volmark e dos Stonetree. *São esses que tenho de conquistar*. Sua vitória em Bosque Profundo lhe seria útil, uma vez que seus homens começassem a se gabar dela, como sabia que fariam. A tripulação de seu *Vento Negro* tinha um orgulho perverso nos feitos de sua capitã. Metade deles amava-a como a uma filha, e a outra metade queria abrir-lhe as pernas, mas tanto uns como outros morreriam por ela. *E eu por eles*, pensava quando empurrou a porta na base das escadas e entrou no pátio iluminado pelo luar.

– Asha? – uma sombra saiu de trás do poço.

Sua mão dirigiu-se imediatamente para o punhal... até que o luar transformou a silhueta escura num homem com manto de pele de foca. *Outro fantasma.*

– Tris. Achei que estaria no salão.

– Queria ver você.

– Que parte de mim, pergunto-me? – sorriu. – Bem, aqui estou, toda crescida. Olhe tanto quanto quiser.

– Uma mulher – aproximou-se. – E bela.

Tristifer Botley engordara desde a última vez que o vira, mas tinha os mesmos cabelos indomáveis de que se lembrava, e olhos tão grandes e confiantes como os de uma foca. *São realmente olhos doces*. Era este o

problema com o pobre Tristifer; demasiado doce para as Ilhas de Ferro. *Seu rosto tornou-se bonito*, pensou Asha. Quando era mais novo, Tris fora muito atormentado por espinhas. Asha sofrera do mesmo problema; talvez tenha sido isso que os aproximara.

– Lamentei quando soube de seu pai – ela lhe disse.

– Eu sofro pelo seu.

*Por quê?*, ela quase perguntou. Tinha sido Balon quem mandara o rapaz embora de Pyke, para ser protegido de Baelor Blacktyde.

– É verdade que agora é Lorde Botley?

– Em nome, pelo menos. Harren morreu em Fosso Cailin. Um dos demônios dos pântanos o atingiu com uma flecha envenenada. Mas não sou senhor de nada. Quando meu pai lhe negou a pretensão à Cadeira de Pedra do Mar, Olho de Corvo o afogou e obrigou meus tios a jurar-lhe lealdade. Mesmo depois disso, deu metade das terras de meu pai a Holt de Ferro. Lorde Wynch foi o primeiro homem a dobrar o joelho e a chamá-lo de rei.

A Casa Wynch era forte em Pyke, mas Asha teve o cuidado de não deixar transparecer sua consternação.

– Wynch nunca teve a coragem de seu pai.

– Seu tio o comprou – disse Tris. – *Silêncio* regressou com porões cheios de tesouros. Metais preciosos e pérolas, esmeraldas e rubis, safiras do tamanho de ovos, sacos de moedas tão pesados que não há homem que os consiga levantar... Olho de Corvo tem andado comprando amigos por todos os lados. Meu tio Germund chama agora a si próprio Lorde Botley, e governa em Fidalporto em nome de seu tio.

– Você é o legítimo Lorde Botley – garantiu-lhe Asha. – Quando a Cadeira de Pedra do Mar for minha, as terras de seu pai lhe serão restituídas.

– Se quiser... Isto para mim não é nada. Está tão adorável ao luar, Asha. Agora é uma mulher-feita, mas lembro-me de quando era uma garota magricela com o rosto todo cheio de espinhas.

*Por que eles sempre têm de mencionar as espinhas?*

– Também me lembro disso – *embora não com tanto gosto como você*. Dos cinco rapazes que a mãe trouxera para Pyke a fim de criá-los depois de Ned Stark ter levado seu último filho sobrevivente como refém, Tris era o que tinha a idade mais próxima da de Asha. Não foi o primeiro

rapaz que ela beijou, mas foi o primeiro a desatar os nós de seu corpete e a enfiar uma mão suada por baixo, para tatear os seios que despontavam.

*Eu o teria deixado tatear mais do que isso, se ele tivesse tido ousadia*. A primeira floração caíra sobre ela durante a guerra e despertara-lhe o desejo, mas, mesmo antes dela, Asha fora curiosa. *Ele estava lá, era da minha idade e estava disposto, foi só isso... isso e o sangue da lua*. Mesmo assim, chamara aquilo de amor, até Tris começar a falar dos filhos que ela lhe daria; pelo menos uma dúzia de filhos, e, oh, algumas filhas também.

"Não quero uma dúzia de filhos", dissera-lhe, aterrorizada. "Quero ter *aventuras*." Não muito depois, Meistre Qalen os encontrara na brincadeira, e o jovem Tristifer Botley foi mandado embora para Pretamare.

– Escrevi cartas para você – ele disse –, mas Meistre Joseran não as quis mandar. Uma vez, dei um veado a um remador num navio mercante com destino a Fidalporto, que prometeu pôr a carta nas suas mãos.

– Seu remador enganou você e atirou a carta ao mar.

– Era o que eu temia. Também não me chegaram a dar suas cartas.

*Não escrevi nenhuma*. Na verdade, sentira-se aliviada quando Tris foi mandado embora. Àquela altura, suas apalpadelas tinham começado a aborrecê-la. Mas isso não era algo que ele quisesse ouvir.

– Aeron Cabelo-Molhado convocou uma assembleia de homens livres. Irá falar por mim?

– Vou para qualquer lugar com você, mas... Lorde Blacktyde diz que a assembleia é uma loucura perigosa. Pensa que seu tio cairá sobre eles e os matará a todos, como Urron fez.

Ele é suficientemente louco para isso.

– Faltam-lhe forças.

– Não sabe que forças ele possui. Tem reunido homens em Pyke. Orkwood de Montrasgo levou-lhe vinte dracares e Jon Cara-Sumida Myre, uma dúzia. Lucas Mão-Esquerda Codd está com eles. E também Harren Meio-Hoare, o Remador Vermelho, Kemmett Pyke, o Bastardo, Rodrik Freeborn, Torwold Dente-Castanho...

– Homens de pouca monta – Asha conhecia-os a todos. – Filhos de esposas de sal, netos de servos. Os Codd... conhece o *lema* deles?

– “Apesar de Todos os Homens nos Desprezarem” – Tris recitou –, mas se a apanharem naquelas redes, ficará tão morta como se fossem senhores dos dragões. E isto não é o pior. Olho de Corvo trouxe monstros do oriente... sim, e também *feiticeiros*.

– O tio sempre teve um fraco por gente extravagante e por bobos – Asha respondeu. – Meu pai costumava discutir com ele sobre isso. Que os feiticeiros convoquem os seus deuses. Cabelo-Molhado convocará o nosso, e os afogará. Terei sua voz na assembleia dos homens livres, Tris?

– Terá a mim por completo. Sou seu homem, para sempre. Asha, gostaria de me casar com você. A senhora sua mãe deu seu consentimento.

Asha abafou um gemido. *Podia ter me pedido primeiro... embora talvez não sentisse nem metade da satisfação com a resposta.*

– Agora não sou um segundo filho – ele prosseguiu. – Sou o legítimo Lorde Botley, como você mesma disse. E você é...

– O que eu sou será decidido em Velha Wyk. Tris, já não somos crianças às apalpadelas um com o outro, tentando perceber o que entra onde. Pensa que quer se casar comigo, mas não quer.

– Quero. Você é tudo com que sonho. Asha, juro pelos ossos de Nagga, nunca toquei em outra mulher.

– Vai tocar numa... ou em duas, ou em dez. Eu toquei em mais homens do que consigo contar. Alguns com os lábios, outros mais com o machado – entregara sua virtude aos dezesseis anos, a um belo marinheiro loiro numa galé mercante vinda de Lys. Ele só sabia cinco palavras do idioma comum, mas “foder” era uma delas... precisamente a palavra que ela tivera esperança de ouvir. Depois, Asha tivera o bom-senso de procurar uma bruxa da floresta, que lhe ensinara como infundir chá da lua para manter a barriga lisa.

Botley pestanejou, como se não percebesse bem o que ela tinha acabado de dizer.

– Você... eu achei que esperaria. Por que... – esfregou a boca. – Asha, você foi *forçada*?

– Tão forçada que lhe rasguei a túnica. Você não quer se casar comigo, acredite no que lhe digo. É uma doçura de rapaz, sempre foi, mas não sou uma doçura de garota. Se nos casarmos, em breve acabará me odiando.

– Nunca. Asha, *sofri* por você.

Já tinha ouvido o bastante daquilo. Uma mãe enfermiça, um pai assassinado e uma praga de tios eram problemas suficientes para qualquer mulher; não precisava também de um cachorrinho doente de amor.

– Procure um bordel, Tris. Elas o curarão desse sofrimento.

– Nunca poderia... – Tristifer balançou a cabeça. – Você e eu estávamos destinados, Asha. Sempre soube que seria minha esposa e a mãe de meus filhos – pegou-a no antebraço.

Num piscar de olhos o punhal dela estava encostado à garganta dele:

– Afaste essa mão, senão não viverá o suficiente para gerar um filho. *Já* – quando o jovem a obedeceu, ela abaixou a lâmina. – Quer uma mulher, muito bem. Porei uma na sua cama esta noite. Finja que sou eu, se isto lhe der prazer, mas não ouse voltar a me agarrar. Sou a sua rainha, não a sua esposa. Lembre-se disto – Asha embainhou o punhal e o deixou ali parado, com uma gorda gota de sangue escorrendo lentamente pelo pescoço, negra à pálida luz do luar.

## CERSEI

– Oh, rezo aos Sete para que não permitam que chova na boda do rei – disse Jocelyn Swyft enquanto apertava os cordões do vestido da rainha.

– Ninguém quer chuva – Cersei respondeu. Quanto a ela, queria tempestade e gelo, ventos uivantes, trovões que abalassem as próprias pedras da Fortaleza Vermelha. Queria uma tempestade comparável à sua raiva. Mas, a Jocelyn disse: – Mais apertado. Mais *apertado*, sua tolinha afetada.

Era o casamento que a enfurecia, embora a garota Swyft de espírito lento fosse um alvo mais seguro. A posse do Trono de Ferro por Tommen não era suficientemente sólida para que se arriscasse a ofender Jardim de Cima. E assim não seria enquanto Stannis Baratheon controlasse Pedra do Dragão e Ponta Tempestade, enquanto Correrrio permanecesse em desafio, enquanto os homens de ferro percorressem os mares como lobos. Por isso Jocelyn teria de comer a refeição que Cersei teria preferido servir a Margaery Tyrell e à sua hedionda e encarquilhada avó.

Para quebrar o jejum, a rainha mandou pedir às cozinhas dois ovos cozidos, uma fatia de pão e um pote de mel. Mas, quando abriu o primeiro ovo e encontrou um pinto ensanguentado e meio formado lá dentro, sentiu o estômago agitar-se.

– Leve isto daqui e traga-me vinho quente com especiarias – ordenou a Senelle. O ar frio estava se instalando em seus ossos, e tinha um longo e desagradável dia à sua frente.

Jaime tampouco ajudou seu humor quando apareceu todo de branco, e ainda com a barba por fazer, para lhe contar como planejava evitar que o filho fosse envenenado.

– Terei homens nas cozinhas observando a preparação de cada prato – disse. – Os homens de manto dourado de Sor Addam escoltarão os criados quando trouxerem a comida para a mesa, para se certificarem de que nada foi adulterado no caminho. Sor Boros provará todos os pratos

antes de Tommen pôr uma garfada na boca. E se tudo isso falhar, Meistre Ballabar estará sentado ao fundo do salão, com laxantes e antídotos para vinte venenos comuns. Tommen estará a salvo, eu lhe prometo.

– A salvo – as palavras tinham um gosto amargo na sua língua. Jaime não compreendia. Ninguém compreendia. Só Melara estivera na tenda para ouvir as ameaças resmungadas da velha bruxa, e agora estava, havia muito, morta. – Tyrion não matará da mesma forma duas vezes. É muito astucioso para isso. Pode estar debaixo do chão agora mesmo, escutando cada palavra que dizemos e fazendo planos para abrir a goela de Tommen.

– Supondo que estivesse – Jaime cogitou –, quaisquer que sejam os planos que ele faça, continuará a ser pequeno e deformado. Tommen estará cercado pelos melhores cavaleiros de Westeros. A Guarda Real o protegerá.

Cersei lançou um relance para onde a manga da túnica branca do irmão fora pregada por cima do seu coto.

– Lembro-me de como esses seus magníficos cavaleiros guardaram bem Joffrey. Quero que fique com Tommen a noite toda, entendido?

– Porei um guarda à sua porta.

Ela pegou-lhe o braço:

– Um guarda, não. Você. E *dentro* do quarto.

– Para o caso de Tyrion sair engatinhando da lareira? Não o fará.

– Isto é o que você diz. Vai me dizer que encontrou todos os túneis secretos que há nessas paredes? – ambos sabiam que não. – *Não* deixarei Tommen sozinho com Margaery nem por meio segundo.

– Eles não estarão a sós. As primas dela estarão com eles.

– E você também. Eu ordeno, em nome do rei – Cersei não queria que Tommen e a esposa sequer partilhassem uma cama, mas os Tyrell tinham insistido.

"Marido e mulher devem dormir juntos", disse a Rainha dos Espinhos, "mesmo que não façam mais do que dormir. Certamente a cama de Sua Graça é suficientemente grande para dois". A Senhora Alerie servira de eco à sogra.

"Que os pequenos se aqueçam durante a noite. Isto os aproximará. Margaery partilha frequentemente as mantas com as primas. Cantam e

brincam e murmuram segredos umas às outras quando as velas são apagadas."

"Que delícia", disse Cersei. "Que continuem assim, à vontade. Na Arcada das Donzelas."

"Tenho certeza de que Sua Graça sabe o que é melhor", disse a Senhora Olenna à Senhora Alerie. "Afinal de contas, é a mãe do garoto, *disto* temos todos certeza. E certamente podemos concordar quanto à noite da boda? Um homem não deve dormir separado de sua esposa na noite do casamento. Se o fizerem, trará má sorte à união."

*Um dia ainda hei de lhe ensinar o significado de "má sorte"*, a rainha jurou.

"Margaery pode partilhar o quarto de Tommen por essa noite", foi forçada a dizer. "Mas nada mais."

"Vossa Graça é tão graciosa", respondeu a Rainha dos Espinhos, e todos trocaram sorrisos.

Os dedos de Cersei estavam enterrados no braço de Jaime com força suficiente para deixar manchas negras.

– Preciso de *olhos* dentro daquele quarto – ela disse.

– Para ver o quê? – ele quis saber. – Não pode haver perigo de uma consumação. Tommen está longe de ter idade para isto.

– E Ossifer Plumm estava, de longe, morto demais, mas isto não o impediu de gerar um filho, não é mesmo?

O irmão fez uma expressão de incompreensão:

– Quem foi Ossifer Plumm? O pai do Lorde Philip, ou... quem?

*Ele é quase tão ignorante quanto Robert. Tinha todos os miolos na mão da espada.*

– Esqueça Plumm, lembre-se só do que lhe disse. Jure que ficará ao lado de Tommen até o sol nascer.

– Às ordens – ele respondeu, como se seus medos fossem infundados. – Ainda pretende continuar com o incêndio da Torre da Mão?

– Depois do banquete – era a única parte das festividades do dia que Cersei achava que apreciaria. – O senhor nosso pai foi assassinado naquela torre. Não suporto olhá-la. Se os deuses forem bons, o fogo poderá fazer sair umas tantas ratazanas das ruínas.

Jaime fez rolar os olhos:

– Tyrion, você quer dizer.

– Ele, Lorde Varys e o tal carcereiro.

– Se algum dos três estivesse escondido na torre, já o teríamos encontrado. Tive um pequeno exército atacando-a com picaretas e martelos. Derrubamos paredes, arrancamos soalhos, e descobrimos meia centena de passagens secretas.

– E tanto quanto sabe pode haver mais meia centena – algumas das galerias secretas tinham se revelado tão pequenas que Jaime necessitara de pajens e moços de estrebaria para explorá-las. Tinha sido encontrada uma passagem até as celas negras e um poço de pedra que parecia não ter fundo. Encontraram um aposento cheio de crânios e ossos amarelecidos, e quatro sacos de baças moedas de prata do reinado do primeiro Rei Viserys, e ainda mil ratazanas... Mas nem Tyrion nem Varys faziam parte desse número, e, por fim, Jaime insistira em pôr termo à busca. Um rapaz tinha ficado entalado numa passagem estreita e precisou ser puxado pelos pés, aos gritos. Outro caíra por um poço e quebrara as pernas. Dois guardas desapareceram ao explorar um túnel lateral, e alguns dos outros juravam que conseguiam ouvir seus tênues chamados através da pedra, mas quando os homens de Jaime deitaram abaixo a parede, descobriram apenas terra e pedra solta do outro lado. – O Duende é pequeno e astucioso. Pode ainda estar nas paredes. Se estiver, o fogo o fará sair.

– Mesmo se Tyrion ainda estiver escondido no castelo, não estará na Torre da Mão. Nós a reduzimos a uma casca.

– Bem, gostaria que pudéssemos fazer o mesmo com o resto desta porcaria de castelo – Cersei retrucou. – Depois da guerra, pretendo construir um novo palácio na outra margem do rio – sonhara com aquilo na noite da antevéspera, um magnífico castelo branco rodeado por bosques e jardins, a longas léguas dos maus cheiros e do ruído de Porto Real. – Esta cidade é uma fossa. Por moeda de prata, mudava a corte para Lanisporto e governaria a partir de Rochedo Casterly.

– Isto seria uma loucura ainda maior do que queimar a Torre da Mão. Enquanto Tommen estiver sentado no Trono de Ferro, o reino o vê como o verdadeiro rei. Esconda-o por baixo do Rochedo e ele se transformará em mais um pretendente ao trono, igualzinho a Stannis.

– Estou consciente disto – a rainha falou em tom penetrante. – Disse que queria mudar a corte para Lanisporto, não que o faria. Sempre foi

assim tão lento, ou será que perder uma mão o deixou estúpido?

Jaime ignorou aquilo:

– Se as chamas se espalharem para lá da torre, podem acabar queimando o castelo, quer queira quer não. O fogovivo é traiçoeiro.

– Lorde Hallyne assegurou-me de que seus piromantes são capazes de controlar o fogo – a Guilda dos Alquimistas andava fazendo mais fogovivo havia uma quinzena. – Que todo o Porto Real veja as chamas. Será uma lição para nossos inimigos.

– Agora soa como Aerys.

As narinas de Cersei dilataram-se:

– Cuidado com a língua, sor.

– Também te amo, querida irmã.

*Como pude alguma vez amar essa miserável criatura?*, perguntou a si mesma depois de Jaime ter ido embora. *Ele era seu gêmeo, sua sombra, sua outra metade*, sussurrou outra voz. *Outrora, talvez*, pensou. *Mas não mais. Transformou-se num estranho para mim.*

Comparado com a magnificência das bodas de Joffrey, o casamento do Rei Tommen foi uma coisa modesta e pequena. Ninguém desejava outra cerimônia suntuosa, especialmente a rainha, e ninguém queria pagá-la, principalmente os Tyrell. E, assim, o jovem rei tomou Margaery Tyrell como esposa no septo real da Fortaleza Vermelha, com menos de cem convidados presentes, em vez dos milhares que tinham visto o irmão unir-se à mesma mulher.

A noiva estava encantadora, alegre e bela, o noivo ainda tinha cara de bebê e era rechonchudo. Recitou os votos numa voz aguda e infantil, prometendo seu amor e devoção à filha duas vezes viúva de Mace Tyrell. Margaery trazia o mesmo vestido que usara para se casar com Joffrey, uma confecção arejada de pura seda de cor marfim, renda de Myr, e pérolas. Cersei, por seu lado, ainda estava de negro, em sinal de luto pelo primogênito assassinado. Sua viúva podia ficar satisfeita com os risos, as bebidas e as danças e com pôr de lado todas as memórias de Joff, mas a mãe não o esqueceria com tanta facilidade.

*Isto está errado*, pensou. *Foi cedo demais. Um ano, dois anos poderiam ser tempo suficiente. Jardim de Cima devia ter se contentado com um noivado*. Cersei fitou o local onde Mace Tyrell se encontrava entre a

esposa e a mãe. *Forçou-me a essa caricatura de casamento, senhor, e disto não esquecerei.*

Quando chegou o momento de trocar os mantos, a noiva caiu graciosamente sobre os joelhos e Tommen a cobriu com a pesada monstruosidade de pano de ouro com que Robert cobrira Cersei no dia de seu casamento, com o veado coroado de Baratheon trabalhado nas costas em contas de ônix. Cersei quis empregar o belo manto de seda vermelha que Joffrey usara.

"Foi o manto que o senhor meu pai usou quando se casou com a senhora minha mãe", explicou aos Tyrell, mas a Rainha dos Espinhos também a isto levantou obstáculos.

"Aquela coisa velha?", disse a velha. "A mim parece bastante desfiado... e, se me perdoa o atrevimento, de mau agouro. E não seria um *veado* mais apropriado para o filho legítimo do Rei Robert? No meu tempo, uma noiva punha as cores do *marido*, não da senhora sua sogra."

Graças a Stannis e à sua nojenta carta, já havia rumores demais a propósito da linhagem de Tommen. Cersei não se atrevia a atiçar as fogueiras insistindo que envolvesse a noiva no carmesim Lannister, e, portanto, cedeu com a maior simpatia que conseguiu arranjar. Mas a visão de todo aquele ouro e ônix ainda a enchia de ressentimento. *Quanto mais der a esses Tyrell, mais eles exigirão de nós.*

Quando todos os votos foram proferidos, o rei e sua nova rainha saíram do septo para aceitar felicitações.

– Westeros tem agora duas rainhas, e a nova é tão bela quanto a velha – trovejou Lyle Crakehall, um palerma de um cavaleiro que frequentemente fazia Cersei se lembrar de seu falecido e não lamentado marido. Teve vontade de esbofeteá-lo. Gyles Rosby fez menção de lhe beijar a mão, e conseguiu apenas tossir-lhe nos dedos. Lorde Redwyne beijou-a numa bochecha e Mace Tyrell em ambas. O Grande Meistre Pycelle disse a Cersei que não perdera um filho, mas ganhara uma filha. Pelo menos foi poupada dos abraços lacrimosos da Senhora Tanda. Nenhuma das mulheres Stokeworth aparecera, e pelo menos por isso a rainha sentia-se grata.

Entre os últimos encontrava-se Kevan Lannister.

– Ouvi dizer que pretende nos deixar para outro casamento – disse-lhe a rainha.

– Pedra-Dura expulsou os desertores do castelo de Darry – respondeu-lhe o tio. – A noiva de Lancel nos espera lá.

– A senhora sua esposa irá se juntar ao senhor para as núpcias?

– As terras fluviais estão ainda muito perigosas. A escumalha de Vargo Hoat continua a monte, e Beric Dondarrion tem andado a enforcar Freys. É verdade que Sandor Clegane se juntou a ele?

*Como ele sabe disso?*

– Há quem diga que sim. Os relatórios são confusos – a ave tinha chegado na noite anterior, vinda de uma septeria erguida numa ilha situada perto da foz do Tridente. A vila vizinha de Salinas fora selvaticamente atacada por um bando de fora da lei, e alguns dos sobreviventes afirmavam que um brutamontes rugidor, com um elmo em forma de cabeça de cão, encontrava-se entre os assaltantes. Ele teria supostamente matado uma dúzia de homens e violado uma garota de doze anos. – Sem dúvida Lancel estará ansioso para dar caça quer a Clegane, quer a Lorde Beric, a fim de restaurar a paz do rei nas terras fluviais.

Sor Kevan fitou-a nos olhos por um momento:

– Meu filho não é homem para lidar com Sandor Clegane.

*Pelo menos nisso concordamos.*

– O pai dele poderia ser.

A boca do tio endureceu:

– Se meu serviço não é necessário no Rochedo...

*Seu serviço era necessário aqui*. Cersei nomeara o primo Damion Lannister castelão para o Rochedo, e outro primo, Sor Daven Lannister, Protetor do Oeste. *A insolência tem seu preço, tio.*

– Traga-nos a cabeça de Sandor, e sei que Sua Graça ficará muito grato. Joff talvez gostasse do homem, mas Tommen sempre teve medo dele... com bons motivos, ao que parece.

– Quando um cão se torna mau, a culpa é do dono – Sor Kevan observou. Então se virou e foi embora.

Jaime a acompanhou até o Pequeno Salão, onde o banquete estava sendo preparado.

– Eu o culpo por tudo isso – murmurou enquanto caminhavam. – *Que casem*, disse. Margaery devia estar de luto por Joffrey, e não se casando com o irmão. Devia estar tão doente de dor como eu. Não acredito que

seja donzela. Renly tinha um pau, não tinha? Era irmão de Robert, *com certeza* tinha um pau. Se aquela velha repugnante acha que vou permitir que meu filho...

– Vai se ver livre da Senhora Olenna bem depressa – Jaime a interrompeu calmamente. – Vai regressar a Jardim de Cima amanhã.

– Isto é o que ela diz – Cersei não confiava em nenhuma promessa Tyrell.

– Ela vai embora – o irmão insistiu. – Mace levará metade das forças Tyrell para Ponta Tempestade, e a outra metade regressará à Campina com Sor Garlan, para concretizar sua pretensão a Águas Claras. Mais alguns dias e as únicas rosas que restarão em Porto Real serão Margaery e suas senhoras, e mais alguns guardas.

– E Sor Loras. Ou será que se esqueceu de seu *Irmão Juramentado*?

– Sor Loras é um cavaleiro da Guarda Real.

– Sor Loras é tão Tyrell que mija água de rosas. Nunca devia ter lhe sido dado um manto branco.

– Eu não o teria escolhido, admito. Ninguém se incomodou em me consultar. Loras servirá suficientemente bem, penso eu. Depois de um homem envergar aquele manto, este muda aquele.

– Certamente mudou *você*, e não foi para melhor.

– Também te amo, querida irmã – segurou a porta para ela entrar e a levou para a mesa elevada e para sua cadeira ao lado do rei. Margaery ficaria do outro lado de Tommen, no lugar de honra. Quando entrou, de braço dado com o pequeno rei, fez questão de parar para beijar Cersei no rosto e de atirar os braços em volta dela.

– Vossa Graça – disse a garota, com um descaramento do tamanho do mundo –, sinto-me como se agora tivesse uma segunda mãe. Rezo para que nos tornemos muito próximas, unidas pelo amor por seu querido filho.

– Eu amei ambos os meus filhos.

– Joffrey também se encontra nas minhas preces – disse Margaery. – Amei-o muito, embora nunca tenha tido oportunidade de conhecê-lo.

*Mentirosa*, a rainha pensou. *Se o tivesse amado nem que fosse por um instante, não teria tido essa pressa indecorosa em se casar com o irmão. A coroa dele foi tudo o que alguma vez quis*. Por moeda de prata, teria

esbofeteado a corada noiva ali mesmo no estrado, à vista de metade da corte.

Tal como o serviço religioso, o banquete de casamento foi modesto. A Senhora Alerie encarregara-se de todos os preparativos; Cersei não teve estômago para voltar a enfrentar aquela intimidante tarefa, depois do modo como terminara o casamento de Joffrey. Só foram servidos sete pratos. O Abetouro e o Rapaz Lua entretiveram os convidados entre os pratos, e músicos tocaram enquanto comiam. Ouviram flautistas e rabequistas, um alaúde e um pífaro, uma harpa vertical. O único cantor era um favorito qualquer da Senhora Margaery, um fogoso jovem galo cantante todo vestido em tons de azulão que chamava a si mesmo Bardo Azul. Cantou algumas canções de amor e se retirou.

– Que desapontamento – protestou a Senhora Olenna em voz alta. – Esperava ouvir "As Chuvas de Castamere".

Sempre que Cersei olhava para a velha, o rosto de Maggy, a Rã, parecia pairar diante de seus olhos, enrugada, terrível e sábia. *Todas as velhas se parecem umas com as outras*, tentou dizer a si mesma, *é só isso*. Na verdade, a feiticeira corcunda não se parecia em nada com a Rainha dos Espinhos, mas de algum modo a visão do desagradável sorrisinho da Senhora Olenna era o bastante para levar Cersei de volta à tenda de Maggy. Ainda conseguia se lembrar do cheiro, recendente de estranhas especiarias orientais, e da moleza das gengivas de Maggy quando sugara o sangue do dedo de Cersei. *Rainha será*, prometera a velha, com os lábios ainda úmidos, vermelhos e brilhantes, *até chegar outra, mais jovem e bela, para te derrubar e tirar tudo aquilo que lhe é querido*.

Cersei lançou um relance para além de Tommen, para onde Margaery encontrava-se sentada, rindo com o pai. *Ela é bastante bonita*, teve de admitir, *mas a maior parte daquilo é juventude. Até as garotas do campo são bonitas numa certa idade, quando ainda são frescas, inocentes e intactas, e a maior parte delas tem os mesmos cabelos e olhos castanhos que ela possui. Só um tolo afirmaria alguma vez que é mais bela do que eu*. Contudo, o mundo estava cheio de tolos. E a corte do filho também.

Seu humor não melhorou quando Mace Tyrell ergueu-se para dar início aos brindes. Levantou bem alto um cálice de ouro, sorrindo para sua filhinha bonita, e, numa voz trovejante, disse:

– Ao rei e à rainha! – todas as outras ovelhas *baaaaaa*liram com ele.

– *Ao rei e à rainha!* – gritaram, batendo as taças. – *Ao rei e à rainha!* – Cersei não teve alternativa exceto beber com eles, enquanto desejava que os convivas não tivessem mais do que um único rosto, para que lhes pudesse atirar o vinho aos olhos e lhes lembrasse de que *ela* era a verdadeira rainha. O único dos bajuladores Tyrell que pareceu se lembrar dela foi Paxter Redwyne, que se ergueu para fazer seu brinde, cambaleando um pouco.

– *A ambas as nossas rainhas!* – chilreou. – *À rainha nova e à velha!*

Cersei bebeu várias taças de vinho e foi fazendo a comida dar voltas em um prato de ouro. Jaime comeu ainda menos, e raramente se dignou a ocupar seu lugar no estrado. *Está tão ansioso quanto eu*, compreendeu a rainha enquanto o observava percorrendo o salão, afastando as tapeçarias com a mão boa a fim de se assegurar de que ninguém estava escondido atrás delas. Ela sabia que havia lanceiros Lannister a postos em volta do edifício. Sor Osmund Kettleblack guardava uma porta, Sor Meryn Trant a outra. Balon Swann estava em pé atrás da cadeira do rei, e Loras Tyrell atrás da da rainha. Não tinham sido autorizadas espadas no banquete, salvo aquelas que os cavaleiros brancos traziam.

*Meu filho está em segurança*, disse Cersei a si mesma. *Ninguém pode vir atacá-lo, aqui não, não agora*. Mas todas as vezes que olhava para Tommen, via Joffrey arranhando a garganta. E quando o garoto começou a tossir, o coração da rainha parou de bater por um momento. Na pressa de chegar até ele, atirou ao chão uma criada.

– Foi só um pouco de vinho que desceu pelo lugar errado – garantiu-lhe Margaery Tyrell, sorrindo. Pôs a mão de Tommen entre as suas e beijou-lhe os dedos. – O meu amorzinho tem de beber golinhos pequenos. Viu? Quase matou sua mãe de susto.

– Lamento, mãe – Tommen desculpou-se, envergonhado.

Aquilo era mais do que Cersei conseguia suportar. *Não posso deixar que me vejam chorar*, pensou, quando sentiu as lágrimas subindo-lhe aos olhos. Passou por Sor Meryn Trant e saiu para a passagem dos fundos. Sozinha, sob uma vela de sebo, permitiu-se um soluço trêmulo e depois outro. *Uma mulher pode chorar, mas uma rainha não.*

– Vossa Graça? – disse uma voz atrás dela. – Intrometo-me?

Era uma voz de mulher, temperada com os sotaques do leste. Por um instante, temeu que Maggy, a Rã, estivesse falando-lhe do túmulo. Mas

era apenas a esposa de Merryweather, a beldade de olhos escuros e oblíquos que Lorde Orton tinha desposado durante seu exílio e que trouxera consigo para Mesalonga.

– O Pequeno Salão está tão abafado – Cersei ouviu-se falando. – A fumaça estava fazendo meus olhos lacrimejar.

– Os meus também, Vossa Graça – a Senhora Merryweather era tão alta quanto a rainha, mas em vez de ser clara, era escura, com cabelos de corvo, pele cor de oliva e uma década mais nova. Ofereceu à rainha um lenço azul-claro de seda e renda. – Também tenho um filho. Sei que chorarei rios no dia em que ele se casar.

Cersei limpou o rosto, furiosa por ter deixado que lhe vissem as lágrimas.

– Obrigada – disse friamente.

– Vossa Graça, eu... – a mulher de Myr abaixou a voz. – Há algo que deve saber. Sua aia foi comprada e paga. Ela conta à Senhora Margaery tudo o que faz.

– Senelle? – uma fúria súbita retorceu a barriga da rainha. Não haveria ninguém em que pudesse confiar? – Tem certeza disso?

– Mandei-a seguir. Margaery nunca se encontra diretamente com ela. As primas são seus corvos, levam-lhe mensagens. Por vezes Elinor, por vezes Alla, por vezes Megga. Todas são próximas a Margaery como irmãs. Encontram-se no septo e fingem rezar. Coloque um homem seu amanhã na galeria e verá Senelle sussurrar a Megga sob o altar da Donzela.

– Se isto for verdade, por que resolveu me contar? É uma das companheiras de Margaery. Por que haveria de traí-la? – Cersei aprendera a suspeitar no colo do pai; aquilo podia perfeitamente ser alguma armadilha, uma mentira destinada a semear a discórdia entre o leão e a rosa.

– Mesalonga pode estar juramentada a Jardim de Cima – respondeu a mulher, com uma sacudidela em seus cabelos negros –, mas eu sou de Myr, e minha lealdade pertence ao meu marido e ao meu filho. Quero tudo o que for melhor para eles.

– Estou vendo – na proximidade da passagem, a rainha conseguia sentir o cheiro do perfume da outra mulher, um odor almiscarado que falava de musgo, de terra e de flores silvestres. Por baixo, cheirou-lhe a

ambição. *Ela prestou testemunho no julgamento de Tyrion*, Cersei lembrou-se de súbito. *Viu o Duende pôr o veneno na taça de Joff, e não teve medo de dizê-lo*. – Examinarei este assunto – prometeu. – Se o que diz for verdade, será recompensada – *e se estiver mentido, mandarei que te cortem a língua, e ficarei também com as terras e o ouro do senhor seu marido.*

– Vossa Graça é gentil. E bela – Senhora Merryweather sorriu. Tinha dentes brancos, e lábios cheios e escuros.

Quando a rainha regressou ao Pequeno Salão, foi encontrar o irmão andando inquieto de um lado para o outro.

– Foi só um gole de vinho que seguiu pelo lugar errado. Embora também tenha me sobressaltado.

– Tenho na barriga um nó tão apertado que não consigo comer – rosnou-lhe. – O vinho conhece a bílis. Este casamento foi um erro.

– Este casamento foi necessário. O garoto está em segurança.

– Idiota. Nunca ninguém que use uma coroa está em segurança – lançou um olhar pelo salão. Mace Tyrell ria entre seus cavaleiros. Lorde Redwyne e Lorde Rowan conversavam com ar furtivo. Sor Kevan encontrava-se sentado ao fundo do salão, cismando, de olhos fitos no vinho, enquanto Lancel murmurava qualquer coisa a um septão. Senelle deslocava-se ao longo da mesa, enchendo as taças das primas da rainha com vinho vermelho como sangue. O Grande Meistre Pycelle adormecera. *Não há ninguém com quem possa contar, nem mesmo Jaime*, compreendeu sombriamente. *Terei de varrer todos para longe e cercar o rei de gente minha*.

Mais tarde, depois de terem sido servidos os doces, as nozes e o queijo, e de a mesa ter sido limpa, Margaery e Tommen deram início às danças, parecendo mais do que um pouco ridículos enquanto rodopiavam pelo salão. A garota Tyrell era uns bons quarenta e cinco centímetros mais alta do que seu pequeno marido, e Tommen era, quando muito, um dançarino desastrado, sem nenhuma da graça fácil de Joffrey. Contudo, fez sinceramente seu melhor e pareceu não se dar conta do espectáculo que estava dando. Assim que a Donzela Margaery o despachou, apareceram as primas, uma atrás da outra, insistindo que Sua Graça também tinha de dançar com elas. *Antes de acabarem, hão de fazê-lo tropeçar e arrastar os pés como um bobo*, Cersei pensou com

ressentimento enquanto observava. *Metade da corte rirá dele às suas costas*.

Enquanto Alla, Elinor e Megga se revezavam com Tommen, Margaery deu uma volta pelo salão com o pai, e depois outra com o irmão Loras. O Cavaleiro das Flores vestia seda branca, com um cinto de rosas douradas na cintura e uma rosa de jade prendendo-lhe o manto. Podiam ser gêmeos, pensou Cersei ao vê-los. Sor Loras era um ano mais velho do que a irmã, mas tinha os mesmos grandes olhos castanhos, os mesmos densos cabelos castanhos que lhes caíam em grandes cachos até os ombros, a mesma pele lisa e imaculada. *Uma bela colheita de espinhas lhe ensinaria alguma humildade*. Loras era mais alto e tinha uns traços de macia penugem castanha no rosto, e Margaery tinha formas de mulher, mas, fora isso, eram mais parecidos do que ela e Jaime. Isto também a aborreceu.

Seu próprio gêmeo interrompeu-lhe o devaneio.

– Vossa Graça honraria seu cavaleiro branco com uma dança?

Cersei lançou-lhe um olhar fulminante:

– E tê-lo apalpando-me com esse coto? Não. Mas vou deixar que me encha a taça de vinho. Se achar que consegue fazer sem derramar.

– Um aleijado como eu? Não é provável – ele se afastou e fez outro circuito pelo salão. Cersei teve de encher sua taça ela mesma.

Também negou uma dança a Mace Tyrell, e mais tarde a Lancel. Os outros entenderam a sugestão, e mais ninguém a abordou. *Nossos firmes amigos e leais senhores*. Nem sequer podia confiar nos ocidentais, espadas e vassalos juramentados ao pai. Se seu próprio tio andava conspirando com seus inimigos...

Margaery dançava com a prima Alla, Megga com Sor Tallad, o Alto. A outra prima, Elinor, partilhava uma taça de vinho com o jovem e atraente Bastardo de Derivamarca, Aurane Waters. Não era a primeira vez que a rainha reparava em Waters, um jovem esguio com olhos cinza-esverdeados e longos cabelos loiros prateados. Na primeira vez que o viu, durante meio segundo quase pensou que Rhaegar voltara das cinzas. *É o cabelo*, disse a si mesma. *Não tem nem metade da beleza que Rhaegar tinha. O rosto é muito estreito, e tem aquela cova no queixo*. Todavia, os Velaryon provinham de antiga linhagem valiriana, e alguns possuíam os mesmos cabelos prateados dos reis-dragão de antigamente.

Tommen regressou ao seu lugar e pôs-se a mordiscar um bolinho de maçã. O lugar do tio encontrava-se vazio. A rainha finalmente o descobriu a um canto, numa intensa conversa com o filho de Mace Tyrell, Garlan. *O que eles têm para discutir?* A Campina podia chamar galante Sor Garlan, mas Cersei não confiava mais nele do que em Margaery ou em Loras. Não esquecera a moeda de ouro que Qyburn descobrira debaixo do penico do carcereiro. *Uma mão de ouro de Jardim de Cima. E Margaery anda me espionando*. Quando Senelle apareceu para lhe encher a taça de vinho, a rainha teve de resistir à tentação de agarrá-la pela garganta e esganá-la. *Não ouse sorrir para mim, sua cadelinha traiçoeira. Antes de acabar com você, vai suplicar por misericórdia.*

– Parece-me que Sua Graça já bebeu vinho suficiente para uma noite – ouviu o irmão Jaime dizer.

*Não*, pensou a rainha. *Nem todo o vinho do mundo seria suficiente para me ajudar a passar por este casamento*. Ergueu-se tão depressa que quase caiu. Jaime a pegou pelo braço e a equilibrou. Ela se soltou e bateu palmas. A música morreu, as vozes aquietaram-se.

– *Senhores e senhoras* – chamou Cersei em voz alta –, se tiverem a bondade de ir até lá fora comigo, acenderemos uma vela para celebrar a união de Jardim de Cima e Rochedo Casterly, e uma nova era de paz e abundância para nossos Sete Reinos.

A Torre da Mão erguia-se escura e abandonada, mostrando apenas buracos escancarados onde outrora tinham estado portas de carvalho e janelas providas de portadas. Mas mesmo arruinada e desrespeitada, dominava o pátio exterior. Enquanto os convivas jorravam do Pequeno Salão, passavam por sua sombra. Quando Cersei olhou para cima, viu as ameias fortificadas da torre abocanhando uma lua cheia de outono e sentiu uma curiosidade momentânea de saber quantas Mãos de quantos reis teriam feito dela seu lar durante os últimos três séculos.

A cem metros da torre, inspirou fundo para impedir a cabeça de girar.

– Lorde Hallyne! Pode começar.

Hallyne, o piromante, disse "*Hmmmmmm*" e brandiu o archote que trazia. Os arqueiros nas muralhas retesaram seus arcos e dispararam uma dúzia de flechas incendiárias através das janelas escancaradas.

A torre incendiou-se com um *uoch*. Em meio segundo, seu interior ficou vivo de luz, vermelha, amarela, laranja... e verde, um verde-escuro de mau agouro, a cor da bílis, do jade e do mijo de piromante. "Substância" era o nome que os alquimistas lhe davam, mas as pessoas comuns chamavam-lhe *fogovivo*. Cinquenta jarros tinham sido colocados dentro da Torre da Mão, com lenha e barris de piche, e a maior parte das posses terrenas de um anão chamado Tyrion Lannister.

A rainha conseguia sentir o calor daquelas chamas verdes. Os piromantes diziam que só três coisas ardiam com mais calor do que sua substância: o fogo de dragão, os fogos subterrâneos e o sol de verão. Algumas das senhoras arfaram quando as primeiras chamas surgiram nas janelas, lambendo as paredes exteriores como longas línguas verdes. Outros soltaram vivas e fizeram brindes.

*É belo*, pensou, *tão belo como Joffrey, quando o puseram em meus braços*. Nunca nenhum homem a fizera se sentir tão bem como se sentira quando ele abocanhou seu mamilo para mamar.

Tommen fitava o incêndio de olhos esbugalhados, tão fascinado quanto assustado, até que Margaery lhe sussurrou qualquer coisa ao ouvido e o fez rir. Alguns dos cavaleiros puseram-se a fazer apostas quanto ao tempo que a torre demoraria para ruir. Lorde Hallyne murmurava consigo mesmo e balançava sobre os calcanhares.

Cersei pensou em todas as Mãos do Rei que conhecera ao longo dos anos: Owen Merryweather, Jon Connington, Qarlton Chelsted, Jon Arryn, Eddard Stark, o irmão Tyrion. E o pai, Lorde Tywin Lannister, acima de todos, o pai. *Estão todos agora ardendo*, disse a si mesma, saboreando a ideia. *Estão mortos e ardem, todos eles, com todas as suas tramas, maquinações e traições. Este é o meu dia. É o meu castelo, e o meu reino.*

A Torre da Mão soltou um súbito gemido, tão forte que todas as conversas pararam abruptamente. Pedra rachou e fendeu-se, e parte das ameias superiores caiu e atingiu o chão com um estrondo que abalou a colina, gerando uma nuvem de poeira e fumo. Quando o ar fresco penetrou pela alvenaria quebrada, o fogo cresceu para o alto. Chamas verdes saltaram para o céu e rodopiaram em volta umas das outras. Tommen encolheu-se, até que Margaery pegou sua mão e disse:

– Olhe, as chamas estão dançando. Tal como nós fizemos, meu amor.

– Estão mesmo – a voz do garoto estava cheia de espanto. – Mãe, olhe, elas estão dançando.

– Estou vendo. Lorde Halline, o incêndio durará quanto tempo?

– Toda a noite, Vossa Graça.

– Faz uma vela bonita, admito – disse a Senhora Olenna Tyrell, apoiada à bengala entre o Esquerdo e o Direito. – Emana luz suficiente para irmos dormir em segurança, julgo eu. Ossos velhos cansam-se, e esses jovens já tiveram excitação suficiente para uma noite. Está na hora de o rei e a rainha serem postos na cama.

– Sim – Cersei chamou Jaime com um gesto. – Senhor Comandante, escolte Sua Graça e sua pequena rainha para suas almofadas, por favor.

– Às suas ordens. Você também?

– Não é necessário – Cersei sentia-se demasiado viva para dormir. O fogovivo a purificava, queimava sua raiva e seu medo, enchendo-a de resolução. – As chamas são tão bonitas. Quero admirá-las durante algum tempo.

Jaime hesitou:

– Não devia ficar sozinha.

– Não estarei sozinha. Sor Osmund pode ficar comigo e manter-me a salvo. O seu Irmão Juramentado.

– Se agradar a Vossa Graça – Kettleblack dispôs-se.

– Agrada-me – Cersei deu-lhe o braço, e, lado a lado, ficaram olhando a fúria do fogo.

## O CAVALEIRO MACULADO

A noite estava extraordinariamente fria, mesmo para o outono. Um vento vivo e úmido rodopiava pelas vielas, levantando a poeira do dia. Um vento do norte, e cheio de gelo. Sor Arys Oakheart puxou o capuz para cima a fim de esconder o rosto. *Não seria bom que fosse reconhecido*. Uma quinzena antes, um mercador tinha sido assassinado na cidade das sombras, um homem inofensivo que viera a Dorne em busca de fruta e encontrara a morte em vez de tâmaras. Seu único crime tinha sido ser de Porto Real.

*A turba encontraria um adversário mais duro em mim*. Teria quase agradecido um ataque. A mão caía-lhe para ir roçar levemente o cabo da espada que pendia, meio escondida, entre as pregas de suas vestes sobrepostas de linho, a exterior com suas riscas azul-turquesa e filas de sóis dourados, e a mais leve e laranja por baixo. O traje dornês era confortável, mas seu pai teria ficado horrorizado se tivesse vivido tempo suficiente para ver o filho vestido assim. Era um homem da Campina, e os dorneses eram seus inimigos ancestrais, como testemunhavam as tapeçarias em Carvalho Velho. A Arys ainda bastava fechar os olhos para vê-las. Lorde Edgerran, o Mãos-Abertas, sentado em esplendor com as cabeças de uma centena de dorneses empilhadas em volta dos seus pés. As Três Folhas, no Passo do Príncipe, perfuradas por lanças dornesas. Alester soprando o berrante de guerra com seu último suspiro. Sor Olyvar, o Carvalho Verde, todo vestido de branco, morrendo ao lado do Jovem Dragão. *Dorne não é lugar adequado para um Oakheart, seja ele qual for.*

Mesmo antes de o Príncipe Oberyn ter morrido, o cavaleiro sentia-se pouco à vontade sempre que saía do recinto de Lançassolar para percorrer as vielas da cidade sombria. Sentia olhos postos em si onde quer que fosse, pequenos e negros olhos dorneses que o fitavam com uma

hostilidade mal dissimulada. Os lojistas faziam o possível para enganá-lo em cada negócio, e por vezes perguntava a si mesmo se os taberneiros cuspiriam em sua bebida. Uma vez, um grupo de rapazes esfarrapados pusera-se a atirar-lhe pedras, até que ele puxou a espada e os afugentou. A morte da Víbora Vermelha inflamara ainda mais os dorneses, embora as ruas tivessem se acalmado um pouco desde que o Príncipe Doran confinara as Serpentes de Areia a uma torre. Mesmo assim, usar abertamente o manto branco na cidade sombria seria pedir para ser atacado. Trouxera três consigo: dois de lã, um leve e um pesado, e o terceiro de fina seda branca. Sentia-se nu sem um deles pendendo-lhe dos ombros.

*Antes nu do que morto*, disse a si mesmo. *Ainda sou um membro da Guarda Real, mesmo sem manto. Ela tem de respeitar isso. Tenho de fazer que compreenda*. Nunca devia ter se deixado arrastar para aquilo, mas o cantor dissera que o amor pode transformar qualquer homem num tolo.

Era frequente que a cidade sombria de Lançassolar parecesse deserta ao calor do dia, quando apenas moscas se deslocavam zumbindo pelas ruas poeirentas, mas, uma vez caída a noite, as mesmas ruas voltavam à vida. Sor Arys ouviu uma música tênue que flutuava através de janelas tapadas por persianas enquanto passava por baixo, e, em algum lugar, tambores batiam o ritmo rápido de uma dança de lanças, dando à noite um pulsar. No local onde três vielas se encontravam junto à segunda das Muralhas Sinuosas, uma almofadeira chamou de uma varanda. Estava vestida de joias e azeite. Lançou-lhe um olhar, curvou os ombros e avançou, direto aos dentes do vento. *Nós, os homens, somos tão fracos. Os corpos traem até os mais nobres de nós*. Pensou no Rei Baelor, o Abençoado, que jejuava até desmaiar para domar os desejos que o envergonhavam. Teria ele de fazer o mesmo?

Um homem baixo encontrava-se em frente a uma arcada, grelhando postas de cobra num braseiro, virando-as com pinças de madeira à medida que iam torrando. O pungente odor de seus molhos trouxe lágrimas aos olhos do cavaleiro. Ouvira dizer que o melhor molho de cobra tinha uma gota de veneno, bem como sementes de mostarda e pimentões de dragão. Myrcella passara a gostar da comida de Dorne tão depressa como do seu príncipe de Dorne, e de tempos em tempos Sor

Arys experimentava um prato ou outro para contentá-la. A comida queimava-lhe a boca e o deixava ansiando por vinho; e queimava ainda mais ao sair do que ao entrar. Mas sua princesinha gostava.

Deixara-a em seus aposentos, debruçada sobre uma mesa de jogo em frente do Príncipe Tristane, empurrando elaboradas peças por quadrados de jade, cornalina e lápis-lazúli. Os lábios cheios de Myrcella estavam ligeiramente abertos, e seus olhos verdes semicerrados de concentração. O jogo chamava-se *cyvasse*. Chegara a Vila Tabueira numa galé mercante proveniente de Volantis, e os órfãos tinham-no espalhado para cima e para baixo ao longo do Sangueverde. A corte dornesa era louca por ele.

Sor Arys limitava-se a achá-lo enlouquecedor. Havia dez peças diferentes, cada uma com seus próprios atributos e poderes, e o tabuleiro mudava de jogo para jogo, dependendo do modo como os jogadores distribuíam seus quadrados iniciais. Príncipe Trystane tornara-se imediatamente apreciador, e Myrcella aprendera o jogo para poder jogar com ele. Não tinha ainda bem onze anos, e seu prometido treze; mesmo assim, nos últimos tempos, era mais frequente ela ganhar do que perder. Trystane não parecia se importar. As duas crianças não podiam parecer mais diferentes, ele com sua pele cor de oliva e lisos cabelos negros, ela branca como leite, com uma cabeleira de cachos dourados; claro e escuro, como a Rainha Cersei e o Rei Robert. Rezava para que Myrcella encontrasse mais alegrias em seu rapaz dornês do que a mãe achara em seu senhor da tempestade.

Sentia-se inquieto por deixá-la, embora devesse ficar a salvo dentro do castelo. Havia apenas duas portas que davam acesso aos aposentos de Myrcella na Torre do Sol, e Sor Arys mantinha dois homens em cada uma; guardas domésticos Lannister, homens que tinham vindo com eles de Porto Real, testados em batalha, duros, e leais até os ossos. Myrcella tinha também suas aias e a Septã Eglantine, e o Príncipe Trystane era servido por seu escudo juramentado, Sor Gascoyne do Sangueverde. *Ninguém a incomodará*, disse a si mesmo, *e dentro de uma quinzena estaremos longe e a salvo*.

Príncipe Doran assim prometera. Embora Arys tivesse se sentido chocado quando vira como o príncipe dornês parecia envelhecido e enfermo, não duvidava de sua palavra.

“Lamento não ter podido me encontrar com você até agora, ou conhecer a Princesa Myrcella”, disse Martell quando Arys foi recebido em seu aposento privado, “mas confio que minha filha Arianne o tenha feito se sentir bem-vindo aqui em Dorne, sor”.

“Fez, meu príncipe”, respondeu, e rezou para que nenhum rubor se atrevesse a traí-lo.

“Nossa terra é dura e pobre, mas não está desprovida de belezas. Fico triste que não tenha visto de Dorne mais do que Lançassolar, mas temo que nem você nem sua princesa estariam a salvo fora dessas muralhas. Nós, os dorneses, somos um povo de sangue quente, rápido na ira e lento no perdão. Alegraria meu coração se pudesse lhe garantir que as Serpentes de Areia estão sozinhas em seu desejo de guerra, mas não mentirei a você, sor. Ouviu meu povo nas ruas, gritando-me para que convoque as lanças. Temo que metade de meus lordes concorde com eles.”

“E o senhor, meu príncipe?”, atrevera-se o cavaleiro a perguntar.

“Minha mãe ensinou-me há muitos anos que só loucos travam guerras que não podem vencer.” Se a franqueza da pergunta o ofendera, Príncipe Doran escondera bem. “Mas essa paz é frágil... tão frágil como a sua princesa.”

“Só um animal faria mal a uma menina.”

“Minha irmã Elia também tinha uma menina. Seu nome era Rhaenys. Era também uma princesa.” O príncipe suspirou. “Aqueles que querem mergulhar uma faca na Princesa Myrcella não lhe têm nenhum rancor, tal como Sor Amory Lorch não tinha quando matou Rhaenys, se é que o fez mesmo. Procuram apenas me obrigar a agir. Pois, se Myrcella fosse morta em Dorne enquanto estivesse sob a minha proteção, quem acreditaria nas minhas justificativas?”

“Nunca ninguém fará mal a Myrcella enquanto eu for vivo.”

“Uma nobre jura”, disse Doran Martell com um tênue sorriso, “mas é apenas um homem, sor. Tive esperança de que aprisionar minhas obstinadas sobrinhas pudesse ajudar a acalmar as águas, mas tudo o que fizemos foi correr com as baratas para debaixo das esteiras. Todas as noites ouço-as murmurando e afiando as facas.”

*Ele tem medo*, Sor Arys compreendeu. *Olhe, a mão treme-lhe. O Príncipe de Dorne está aterrorizado*. Faltaram-lhe palavras.

“As minhas desculpas, sor”, disse o Príncipe Doran. “Estou fraco e doente, e por vezes... Lançassolar cansa-me, com seu ruído, imundície e odores. Assim que meus deveres me permitirem, pretendo regressar aos Jardins de Água. Quando o fizer, levarei comigo a Princesa Myrcella.” Antes de o cavaleiro ter tempo de protestar, o príncipe ergueu a mão de articulações vermelhas e inchadas. “Irá também. E sua septã, suas aias, seus guardas. As muralhas de Lançassolar são fortes, mas à sua sombra fica a cidade sombria. Mesmo dentro do castelo há centenas de pessoas indo e vindo todos os dias. Os Jardins são meu porto seguro. Príncipe Maron os construiu como presente para sua noiva Targaryen, a fim de assinalar o casamento de Dorne com o Trono de Ferro. Lá, o outono é uma estação adorável... dias quentes, noites frescas, a brisa salgada que vem do mar, as fontes e as lagoas. E há outras crianças, rapazes e garotas de nascimento elevado e de boa estirpe. Myrcella terá amigos de sua idade com quem brincar. Não se sentirá sozinha.”

“Às suas ordens.” As palavras do príncipe martelavam-lhe a cabeça. *Lá, ela ficará em segurança*. Mas, se assim era, por que Doran Martell lhe teria pedido para não escrever para Porto Real a fim de relatar a mudança? *Myrcella ficará mais segura se ninguém souber exatamente onde se encontra*. Sor Arys concordara, mas que alternativa teria? Era um cavaleiro da Guarda Real, mas, apesar de tudo, era apenas um homem, tal como o príncipe dissera.

A viela abriu-se de súbito para um pátio iluminado pelo luar. *Depois da loja do fabricante de velas*, ela escrevera, *um portão e uma curta escadaria exterior*. Empurrou o portão e subiu os degraus desgastados até uma porta sem nada que a distinguisse das demais. *Devo bater?* Em vez disso, empurrou a porta, abrindo-a, e deu por si num aposento grande e sombrio, com teto baixo, iluminado por um par de velas aromáticas que tremeluziam em nichos cortados nas espessas paredes de barro. Viu sob as sandálias tapetes de Myr decorados com padrões, uma tapeçaria pendurada numa parede, uma cama.

– Senhora? – chamou. – Onde está?

– Aqui – ela saiu da sombra atrás da porta.

Uma serpente ornamentada enrolava-se em volta de seu braço direito, com escamas de cobre e ouro cintilando quando se movia. Era tudo o que vestia.

*Não*, quis o cavaleiro lhe dizer, *só vim dizer-lhe que tenho de ir embora*, mas quando a viu brilhar à luz das velas pareceu perder o poder da fala. Sentia a garganta tão seca como as areias de Dorne. E em silêncio ficou, bebendo a glória daquele corpo, a cova de sua garganta, os seios redondos e maduros com seus enormes mamilos escuros, as curvas luxuriantes da cintura e da anca. E então, sem saber como, deu por si abraçando-a, e ela tirando-lhe as vestes, e, quando alcançou a túnica interior, pegou-a pelos ombros e rasgou a seda até o umbigo, mas Arys já ultrapassara o ponto em que ainda se importava. A pele dela era lisa por baixo de seus dedos, tão quente ao toque como areia cozida pelo sol de Dorne. Ergueu-lhe a cabeça e encontrou seus lábios. Sua boca abriu-se sob a dele, e seus seios encheram-lhe as mãos. Sentiu os mamilos se retesarem quando roçou neles os polegares. Os cabelos dela eram negros e espessos, e cheiravam a orquídeas, um cheiro escuro e terroso que o deixou tão teso que quase doía.

– Toque-me, sor – murmurou-lhe a mulher ao ouvido. Sua mão deslizou ao longo da barriga arredondada e foi encontrar o lugar doce e úmido por baixo do matagal de pelos negros. – Sim, aí – ela murmurou enquanto Arys enfiava um dedo em seu interior. Ela soltou um som lamuriento, puxou-o para a cama e o empurrou para baixo. – Mais, oh, mais, sim, que bom, meu cavaleiro, meu cavaleiro, meu querido cavaleiro branco, sim, você, você, desejo você – as mãos dela guiaram-no para dentro de si e depois envolveram-lhe as costas para puxá-lo para mais perto. – Mais fundo – murmurou. – Sim, oh – quando o envolveu com as pernas, pareceram-lhe fortes como aço. As unhas arranharam-lhe as costas enquanto a penetrava, outra vez, e outra, e outra, até que ela gritou e arqueou as costas por baixo de si. Quando o fez, os dedos fecharam-se sobre seus mamilos, beliscando-os até que ele derramou sua semente dentro dela. *Podia morrer agora, feliz*, pensou o cavaleiro, e durante uma dúzia de segundos, ao menos, ficou em paz.

Não morreu.

Seu desejo fora tão profundo e sem limites como o mar, mas quando a maré desceu, os rochedos da vergonha e da culpa ergueram-se, tão afiados como sempre. Por vezes, as ondas cobriam-nos, mas permaneciam por baixo de água, duros, negros e viscosos. *Que estou fazendo?*, perguntou a si mesmo. *Sou um cavaleiro da Guarda Real*. Saiu

de cima dela e se esticou, de olhos fitos no teto. Uma grande rachadura o atravessava, de uma parede a outra. Não reparara nisso antes, tal como não reparara na imagem da tapeçaria, uma cena de Nymeria e de seus dez mil navios. *Só vejo ela. Um dragão podia estar espreitando pela janela, e eu não teria visto nada além dos seus seios, seu rosto, seu sorriso.*

– Há vinho – ela murmurou junto do seu pescoço. Passou-lhe a mão pelo peito. – Tem sede?

– Não – rolou para longe dela e se sentou à beira da cama. O quarto estava quente, mas, no entanto, tremia.

– Está sangrando – ela disse. – Arranhei com muita força.

Quando lhe tocou as costas, Arys estremeceu como se os dedos estivessem em chamas.

– Não faça isso – nu, pôs-se em pé. – Já chega.

– Tenho bálsamo. Para os arranhões.

*Mas não para a vergonha.*

– Os arranhões não são nada. Perdoe-me, senhora, preciso ir...

– Tão depressa? – ela tinha uma voz rouca, uma boca larga feita para murmúrios, lábios cheios, maduros para beijar. Os cabelos negros e densos caíam-lhe em cascata sobre os ombros nus até o topo dos seios cheios. Encaracolavam-se em grandes, macios e indolentes cachos. Até os pelos na púbis eram macios e encaracolados. – Fique comigo esta noite, sor. Ainda tenho muito a lhe ensinar.

– Já aprendi demais com você.

– Durante as lições pareceu bastante feliz, sor. Tem certeza de que não irá para outra cama, ter com outra mulher? Diga-me quem é ela. Lutarei por você, de peito nu, faca contra faca – sorriu. – A menos que seja uma Serpente de Areia. Se assim for, podemos partilhá-lo. Amo muito as minhas primas.

– Sabe que não tenho outras mulheres. Só... a obrigação.

Ela rolou sobre um cotovelo para observá-lo, com os grandes olhos negros brilhando à luz das velas.

– Essa cadela bexiguenta? Conheço-a. Seca como poeira entre as pernas, e seus beijos deixam-no sangrando. Que a obrigação durma só, para variar, e fique comigo esta noite.

– Meu lugar é no palácio.

Ela suspirou.

– Com sua outra princesa. Acabará por me deixar com ciúmes. Parece-me que a ama mais do que a mim. A donzela é nova demais para você. Precisa de uma mulher, não de uma garotinha, mas posso fazer papel de inocente, se isso o excita.

– Não devia dizer tais coisas – *lembre-se, ela é dornesa*. Na Campina, os homens diziam que era a comida que deixava os dorneses tão temperamentais e suas mulheres tão violentas e sensuais. *Pimentões de fogo e estranhas especiarias aquecem o sangue, ela não pode evitá-lo*. – Eu amo Myrcella como uma filha – nunca poderia ter uma filha sua, tal como nunca poderia ter uma esposa. Em vez disso, tinha um manto branco. – Vamos para os Jardins de Água.

– A seu tempo – ela concordou –, se bem que com meu pai tudo demore quatro vezes mais do que devia. Se ele diz que pretende partir amanhã, com certeza irá colocar-se a caminho dentro de uma quinzena. Você se sentirá sozinho nos Jardins, garanto. E onde está o bravo e jovem galante que disse que desejava passar o resto da vida nos meus braços?

– Estava bêbado quando disse isso.

– Tinha bebido três taças de vinho aguado.

– Estava embriagado por você. Tinham-se passado dez anos desde que... desde que enverguei o branco e, até você, não tinha tocado nenhuma mulher. Não sabia o que o amor podia ser, mas agora... tenho medo.

– O que poderia assustar meu cavaleiro branco?

– Temo por minha honra – ele respondeu – e pela sua.

– Eu posso cuidar da minha honra – levou um dedo ao seio, afagando lentamente o mamilo. – E dos meus prazeres, se necessário. Sou uma mulher-feita.

Lá isso era, para lá de qualquer dúvida. Vê-la ali no colchão de penas, sorrindo aquele sorriso travesso, brincando com o seio... teria alguma vez havido mulher com mamilos tão grandes e tão prontos para responder? Quase não conseguia olhar para eles sem desejar agarrá-los, chupá-los até ficarem rijos, úmidos e brilhantes...

Afastou os olhos. Tinha a roupa íntima espalhada nos tapetes. O cavaleiro dobrou-se para apanhá-la.

– Suas mãos tremem – ela notou. – Elas prefeririam estar acariciando-me, julgo eu. É preciso tanta pressa para vestir a roupa, sor? Prefiro-o

como está. Na cama, despidos, somos fiéis às nossas naturezas, um homem e uma mulher, amantes, uma só carne, tão próximos como duas pessoas podem ser. Nossas roupas tornam-nos diferentes. Prefiro ser sangue e carne do que sedas e joias, e você... você não é o seu manto branco, sor.

– Mas sou – disse Sor Arys. – Eu *sou* meu manto. E isto tem de terminar, para o seu bem, e também para o meu. Se formos descobertos...

– Os homens o julgarão afortunado.

– Os homens me julgarão um perjuro. E se alguém fosse ter com seu pai e contasse para ele o modo como a desonrei?

– Meu pai é muitas coisas, mas nunca ninguém o chamou de tolo. O Bastardo de Graçadivina tirou-me a virgindade quando tínhamos ambos catorze anos. Sabe o que meu pai fez quando soube? – ela juntou os lençóis com as mãos e os puxou até o queixo, para esconder a nudez. – Nada. Meu pai é muito bom fazendo nada. Chama isto de *pensar*. Diga-me a verdade, sor, é a minha desonra que o preocupa, ou a sua?

– Ambas – a acusação foi uma punhalada. – É por isso que esta deverá ser a última vez.

– Já disse isso antes.

*Disse mesmo, e também falava sério. Mas sou fraco, caso contrário não estaria aqui*. Não podia dizer isso a ela; era o tipo de mulher que despreza a fraqueza, podia senti-lo. *Tem em si mais do tio do que do pai*. Virou-se e encontrou a túnica interna de seda numa cadeira. Ela rasgara o tecido até o umbigo quando lhe despira a vestimenta.

– Isso está estragado – queixou-se. – Como poderei usá-la agora?

– Ao contrário – ela sugeriu. – Depois de envergar as vestes, ninguém verá o rasgão. Sua pequena princesa talvez costure para você. Ou deverei eu mandar-lhe uma túnica nova para Jardins de Água?

– Não me mande presentes – isto serviria apenas para chamar a atenção. Sacudiu a túnica interna e enfiou-a pela cabeça, com as costas para a frente. Sentia a seda fresca contra a pele, embora aderisse às costas nos locais onde ela o arranhara. Serviria para voltar ao palácio, pelo menos. – Tudo o que quero é pôr fim a este... a este...

– Será isto galante, sor? Magoa-me. Começo a pensar que todas as suas palavras de amor eram mentiras.

*Nunca poderia mentir para você*. Sor Arys sentiu-se como se ela o tivesse esbofeteado.

– Por qual outro motivo eu teria posto de lado minha honra, não fosse por amor? Quando estou com você, eu... quase não consigo pensar, é tudo aquilo que sempre sonhei, mas...

– As palavras são vento. Se me ama, não me deixe.

– Eu prestei um *juramento*...

– ... de não se casar nem gerar filhos. Bem, eu bebi o meu chá de lua, e sabe que não posso casar com você – sorriu. – Embora talvez pudesse ser convencida a mantê-lo como concubino.

– Agora zomba de mim.

– Talvez um pouco. Acha que é o único membro da Guarda Real que alguma vez amou uma mulher?

– Sempre houve homens que acharam mais fácil proferir votos do que mantê-los – admitiu. Sor Boros Blount não era nenhum estranho na Rua da Seda, e Sor Preston Greenfield costumava visitar uma certa casa de comerciante de fazendas sempre que seu proprietário andava fora, mas Arys não desejava envergonhar seus Irmãos Juramentados falando de suas fraquezas. – Sor Terrence Toyne foi encontrado na cama com a amante do seu rei – preferiu dizer. – Era amor, ele jurou, mas custou-lhe a vida, e a dela, e originou a ruína da sua Casa e a morte do cavaleiro mais nobre que já viveu.

– Sim, mas o que me diz de Lucamore, o Ardente, com suas três esposas e dezesseis filhos? A canção sempre me dá vontade de rir.

– A verdade não é assim tão engraçada. Em vida nunca o chamaram Lucamore, o Ardente. Seu nome era Sor Lucamore Strong, e toda sua vida era uma mentira. Quando a fraude foi descoberta, seus próprios Irmãos Juramentados o castraram, e o Velho Rei o mandou para a Muralha. Esses dezesseis filhos foram deixados aos prantos. Ele não era um verdadeiro cavaleiro, tal como aconteceu com Terrence Toyne...

– E o Cavaleiro do Dragão? – ela atirou os lençóis para o lado e pousou os pés no chão. – O mais nobre cavaleiro que já viveu, você disse, e levou sua rainha para a cama e a deixou grávida.

– Não acreditarei nisso – ele respondeu, ofendido. – A história da traição do Príncipe Aemon com a Rainha Naerys era apenas isto, uma história, uma mentira que o irmão contou quando quis pôr de lado seu

filho legítimo a favor de seu bastardo. Aegon não era chamado o Indigno sem motivo – encontrou o cinto da espada e o afivelou em volta da cintura. Embora tivesse um aspecto estranho sobre a seda da túnica interna dornesa, o peso familiar da espada e do punhal fez que se recordasse de quem era. – Não serei lembrado como Sor Arys, o Indigno – declarou. – Não mancharei meu manto.

– Sim – ela retrucou –, esse belo manto branco. Esqueceu-se de que meu tio-avô usou o mesmo manto. Morreu quando eu era pequena, mas ainda me lembro dele. Era alto como uma torre e costumava fazer-me cócegas até eu perder o fôlego de tanto rir.

– Nunca tive a honra de conhecer o Príncipe Lewyn – Sor Arys respondeu –, mas todos são unânimes em dizer que era um grande cavaleiro.

– Um grande cavaleiro com uma concubina. Ela hoje é uma velha, mas os homens dizem que na juventude era uma beleza rara.

*O Príncipe Lewyn?* Aquela era uma história que Sor Arys nunca ouvira. Ele ficou chocado. A traição de Terrence Toyne e as fraudes de Lucamore, o Ardente, estavam registradas no Livro Branco, mas não havia sequer a sugestão de uma mulher na página do Príncipe Lewyn.

– Meu tio sempre disse que era a espada na mão de um homem que determinava seu valor, não aquela que tinha entre as pernas – ela continuou –, portanto, poupe-me de sua pia conversa sobre mantos manchados. Não foi nosso amor que o desonrou, foram os monstros a quem serviu e os brutamontes a quem chamou de irmãos.

Aquilo o atingiu muito perto do alvo.

– Robert não era monstro nenhum.

– Subiu no trono por cima dos cadáveres de crianças – ela rebateu –, se bem que devo admitir que não era propriamente um Joffrey.

*Joffrey*. Fora um rapaz bonito, alto e forte para a idade, mas isso era todo o bem que se podia dizer dele. Ainda envergonhava Sor Arys lembrar-se de todas as vezes que batera na pobre garota Stark por ordem do rapaz. Quando Tyrion o escolheu para ir com Myrcella para Dorne, acendeu uma vela ao Guerreiro em agradecimento.

– Joffrey está morto, envenenado pelo Duende – nunca teria achado o anão capaz de tal enormidade. – Agora o rei é Tommen, e ele não é o irmão.

– Nem a irmã.

Era verdade. Tommen era um homenzinho de bom coração que procurava sempre fazer o seu melhor, mas na última vez em que Sor Arys o vira ele chorava no cais. Myrcella não derramara uma lágrima, embora fosse ela quem estivesse abandonando o lar para selar uma aliança com sua virgindade. A verdade era que a princesa era mais corajosa do que o irmão, e também mais inteligente e confiante. Tinha o espírito mais vivo, as cortesias mais polidas. Nunca nada a intimidava, nem mesmo Joffrey. A força está realmente nas mulheres. Pensava não só em Myrcella, mas também na mãe dela e na sua, a Rainha dos Espinhos, nas belas, mortíferas Serpentes de Areia da Víbora Vermelha. E na Princesa Arianne Martell, acima de tudo nela.

– Não desejo dizer que está enganada – a voz soou-lhe rouca.

– Não quer? *Não pode!* Myrcella é mais capaz para governar...

– Um filho tem precedência sobre uma filha.

– *Por quê?* Porque deus fez as coisas assim? Sou herdeira do meu pai. Devo abdicar dos meus direitos em favor de meus irmãos?

– Está distorcendo minhas palavras. Nunca disse... Dorne é diferente. Os Sete Reinos nunca foram governados por uma rainha.

– O primeiro Viserys pretendia que a filha Rhaenyra o sucedesse, será que é capaz de negar? Mas, enquanto o rei jazia moribundo, o Senhor Comandante de sua Guarda Real decidiu que devia ser de outro modo.

*Sor Criston Cole*. Criston, o Fazedor de Reis, pusera irmão contra irmã e dividira a Guarda Real contra si mesma, dando origem à terrível guerra a que os cantores chamavam a Dança dos Dragões. Alguns diziam que ele agira por ambição, pois o Príncipe Aegon era mais tratável do que sua voluntariosa irmã mais velha. Outros concediam-lhe motivos mais nobres e argumentavam que defendia o antigo costume ândalo. Alguns sussurravam que Sor Criston fora amante da Princesa Rhaenyra antes de envergar o branco e desejava vingança contra a mulher que o desdenhara.

– O Fazedor de Reis realizou um grande mal – disse Sor Arys –, e pagou caro por isso, mas...

– ... mas talvez os Sete o tenham enviado para cá a fim de que um cavaleiro branco pudesse consertar aquilo que outro arruinou. Sabe que quando meu pai regressar aos Jardins de Água pretende levar Myrcella com ele?

– Para mantê-la a salvo daqueles que querem lhe causar mal.

– Não. Para mantê-la longe daqueles que procurariam coroá-la. O Príncipe Oberyn Víbora lhe teria colocado ele mesmo a coroa na cabeça se tivesse sobrevivido, mas meu pai não tem coragem para isso – pôs-se em pé. – Diz que ama a garota como a uma filha do seu sangue. Deixaria que sua filha fosse espoliada de seus direitos e trancada numa prisão?

– Os Jardins de Água não são nenhuma prisão – protestou Arys debilmente.

– Uma prisão não tem fontes nem figueiras, é isto o que pensa? Mas, uma vez que a garota lá esteja, não será autorizada a sair. Tal como você. Hotah se assegurará disso. Não o conhece como eu conheço. Ele é terrível quando entra em ação.

Sor Arys franziu as sobrancelhas. O grande capitão norvoshi de rosto marcado sempre o deixara profundamente inquieto. *Dizem que dorme com aquele grande machado do seu lado*.

– O que acha que devo fazer?

– Nada além do que jurou fazer. Proteger Myrcella com a vida. Defendê-la... *e* aos seus direitos. Colocar-lhe uma coroa na cabeça.

– Eu prestei um *juramento*!

– A Joffrey, não a Tommen.

– Sim, mas Tommen é um garoto de boa índole. Ele será melhor rei do que Joffrey.

– Mas não melhor do que Myrcella. Ela também ama o garoto. Eu sei que não permitirá que nenhum mal lhe aconteça. Ponta Tempestade é legitimamente sua, visto que Lorde Renly não deixou herdeiros e Lorde Stannis está proscrito. A seu tempo, Rochedo Casterly também passará para o garoto, por via da senhora sua mãe. Será um lorde tão importante como qualquer outro no reino... mas Myrcella deve ocupar o Trono de Ferro.

– A lei... não sei...

– Eu sei – quando se levantava, o longo emaranhado negro de seus cabelos caía-lhe até a parte inferior das costas. – Aegon, o Dragão, criou a Guarda Real e seus votos, mas o que um rei faz, outro pode desfazer ou alterar. Antes, a Guarda Real servia de forma vitalícia, mas Joffrey demitiu Sor Barristan para que seu cão pudesse ter um manto. Myrcella vai querer que seja feliz, e também gosta de mim. Ela nos dará licença

para casar se lhe pedirmos – Arianne pôs os braços em volta dele e encostou o rosto em seu peito. O topo da cabeça chegava-lhe logo abaixo do queixo. – Pode ficar comigo e com o manto branco, se for isto o que deseja.

*Ela está me dilacerando.*

– Sabe que quero, mas...

– Eu sou uma princesa de Dorne – ela falou com sua voz enrouquecida –, e não é adequado que me faça implorar.

Sor Arys sentia o cheiro do perfume que tinha nos cabelos, e sentia-lhe o coração batendo contra seu peito. Seu corpo estava respondendo à proximidade da mulher e não duvidava de que ela também o sentia. Quando pôs os braços sobre seus ombros, percebeu que ela tremia.

– Arianne? Minha princesa? O que há, meu amor?

– Terei de dizer, sor? Tenho medo. Chama-me *amor*, mas recusa-me, no momento em que me é mais necessário. Será assim tão errado da minha parte querer um cavaleiro que me mantenha em segurança?

Ele nunca a ouvira parecer tão vulnerável.

– Não – disse –, mas tem os guardas de seu pai para mantê-la em segurança, porque...

– São os guardas de meu pai que temo – por um momento, pareceu mais nova do que Myrcella. – Foram os guardas de meu pai que acorrentaram minhas queridas primas.

– Acorrentadas, não. Ouvi dizer que têm todo o conforto.

Ela soltou uma gargalhada amarga:

– Você as viu? Ele não me permite vê-las, sabia disso?

– Andavam falando de traição, fomentando a guerra...

– Loreza tem seis anos. Dorea oito. Que guerras podiam elas fomentar? E, no entanto, meu pai as aprisionou com as irmãs. Você o viu. O medo leva até mesmo os homens fortes a fazer coisas que talvez nunca fizessem, e meu pai nunca foi forte. Arys, coração, escuta-me pelo amor que diz sentir por mim. Nunca fui tão destemida como minhas primas, pois fui feita com semente mais fraca, mas Tyene e eu temos a mesma idade e somos próximas como irmãs desde pequenas. Não há segredos entre nós. Se ela pode ser aprisionada, eu também posso, e pelo mesmo motivo... este, de Myrcella.

– Seu pai nunca faria isso.

– Não conhece meu pai. Eu o tenho desapontado desde que cheguei a este mundo sem um pau. Tentou casar-me meia dúzia de vezes com grisalhos desdentados, cada um mais desprezível do que o anterior. Nunca me *ordenou* que os desposasse, admito, mas bastam as ofertas para demonstrar a baixa conta em que me tem.

– Mesmo assim, é sua herdeira.

– Sou?

– Ele a deixou governando Lançassolar quando se mudou para os seus Jardins de Água, não deixou?

– *Governando*? Não. Deixou o primo, Sor Manfrey, como castelão, o velho e cego Ricasso como senescal, seus beleguins para coletar taxas e impostos para o tesoureiro Alyse Ladybright contar, seus xerifes para policiar a cidade sombria, seus funcionários judiciais para realizar julgamentos, e Meistre Myles para tratar de quaisquer cartas que não precisassem de atenção pessoal do príncipe. Acima de todos, colocou a Víbora Vermelha. Minha tarefa eram os festejos e os divertimentos, e o entretenimento de hóspedes distintos. Oberyn visitava os Jardins de Água duas vezes a cada quinzena. A mim, convocava duas vezes por ano. Não sou a herdeira que meu pai quer, ele deixou isto claro. Nossas leis o constrangem, mas sei que ele preferiria que meu irmão o sucedesse.

– Seu irmão? – Sor Arys pôs-lhe a mão debaixo do queixo e ergueu-lhe a cabeça, para melhor olhar nos seus olhos. – Não pode estar falando de Tristane, ele é só um garoto.

– Não é Tris. Quentyn – os olhos dela eram arrojados e negros como o pecado, e não vacilavam. – Sei a verdade desde meus catorze anos, desde o dia em que fui ao aposento privado do meu pai para lhe dar um beijo de boa-noite e não o encontrei lá. Soube mais tarde que minha mãe tinha mandado chamá-lo. Ele deixara uma vela acesa. Quando fui apagá-la, encontrei uma carta incompleta ao seu lado, para meu irmão Quentyn, que se encontrava em Paloferro. Meu pai dizia a Quentyn que ele devia fazer tudo o que seu meistre e o mestre de armas lhe pedissem, porque "*um dia sentará onde me sento e governará todo o Dorne, e um governante deve ser forte de mente e de corpo*" – uma lágrima correu pela face macia de Arianne. – Palavras do meu pai, escritas com sua letra. Ficaram marcadas a fogo na minha memória. Nessa noite, e muitas depois, chorei até adormecer.

Sor Arys ainda não conhecia Quentyn Martell. O príncipe fora criado por Lorde Yronwood desde tenra idade, servira-lhe como pajem, depois como escudeiro, e até preferira ser armado cavaleiro por suas mãos em vez das da Víbora Vermelha. *Se eu fosse um pai, também quereria que meu filho me sucedesse*, pensou, mas tinha sentido dor na voz dela e sabia que, se dissesse o que pensava, a perderia.

– Talvez tenha compreendido mal – disse. – Era apenas uma criança. O príncipe talvez tenha escrito isso só para encorajar seu irmão a ser mais diligente.

– Acha isso? Então, diga-me, onde Quentyn está agora?

– O príncipe está com a hoste de Lorde Yronwood no Caminho do Espinhaço – Sor Arys respondeu cautelosamente. Era o que o muito idoso castelão de Lançassolar lhe dissera quando chegou a Dorne. O meistre com a barba sedosa dissera o mesmo.

Arianne objetou:

– Isto é o que meu pai quer que pensemos, mas tenho amigos que me dizem outras coisas. Meu irmão atravessou o mar estreito em segredo, pretendendo ser um simples mercador. Por quê?

– Como hei de saber? Pode haver uma centena de motivos.

– Ou um só. Está ciente de que a Companhia Dourada quebrou seu contrato com Myr?

– Os mercenários sempre quebram contratos.

– A Companhia Dourada não. Gabam-se de que *nossa palavra vale ouro* desde os dias do Açamargo. Myr está à beira da guerra com Lys e Tyrosh. Por que quebrar um contrato que lhes oferecia a possibilidade de bom pagamento e bom saque?

– Talvez Lys lhes tenha oferecido pagamento melhor. Ou Tyrosh.

– Não – ela rebateu. – Acreditaria nisso se fosse alguma das outras companhias livres, sim. A maioria mudaria de lado por moeda de prata. A Companhia Dourada é diferente. Uma irmandade de exilados e de filhos de exilados, unida pelo sonho de Açamargo. O que eles desejam é a terra natal, tanto como o ouro. Lorde Yronwood sabe disso tão bem quanto eu. Seus ancestrais acompanharam Açamargo durante três das Rebeliões Blackfyre – pegou na mão de Sor Arys e entrelaçou seus dedos nos dele. – Alguma vez já viu as armas da Casa Toland, de Monte Espírito?

Arys teve de pensar por um momento.

– Um dragão comendo a própria cauda?

– O dragão é o tempo. Não tem princípio nem fim, portanto, todas as coisas ressurgem. Anders Yronwood é Criston Cole renascido. Ele murmura aos ouvidos do meu irmão que é *ele* quem deve governar depois do meu pai, que não está certo que os homens se ajoelhem perante as mulheres... que Arianne, em particular, não está preparada para governar, sendo a voluntariosa libertina que é – sacudiu os cabelos em desafio. – Portanto, suas duas princesas partilham uma causa comum, sor... E partilham também um cavaleiro que afirma amá-las a ambas, mas não quer lutar por elas.

– Lutarei – Sor Arys caiu sobre um joelho. – Myrcella *é* a mais velha, e a mais adequada para a coroa. Quem defenderá seus direitos, se não seu guarda real? Minha espada, minha vida, minha honra, todas lhe pertencem... e a você, delícia do meu coração. Juro, nenhum homem a espoliará do seu direito de nascença enquanto eu ainda tiver forças para erguer uma espada. Sou seu. O que quer de mim?

– Tudo – ela se ajoelhou para beijar-lhe os lábios. – Tudo, meu amor, meu amor verdadeiro, meu doce amor, e para sempre. Mas, primeiro...

– Peça, e será seu.

– ... Myrcella.

## BRIENNE

O muro de pedra era velho e em ruínas, mas vê-lo do outro lado do terreno fez os pelos da nuca de Brienne se arrepiarem.

*Foi ali que os arqueiros se esconderam e mataram o pobre Cleos Frey*, pensou... Mas, meia milha à frente passou por outro muro que se parecia muito com o primeiro, e já não tinha tanta certeza. A estrada sulcada virava-se e se torcia, e as árvores nuas e marrons pareciam diferentes das verdes de que se lembrava. Já teria passado pelo local onde Sor Jaime desembainhara a espada do primo? Onde estavam os bosques nos quais tinham lutado? E o riacho em que tinham chapinhado enquanto se golpeavam um ao outro até que o ruído fizera que os Bravos Companheiros caíssem sobre eles?

– Senhora? Sor? – Podrick nunca sabia bem como chamá-la. – O que procura?

*Fantasmas.*

– Um muro por onde passei há tempos. Não importa – *isso aconteceu quando Sor Jaime ainda tinha ambas as mãos. Como o abominava, e a todos os seus sarcasmos e sorrisos.* – Fique quieto, Podrick. Ainda pode haver fora da lei nesses bosques.

O garoto olhou as árvores nuas e marrons, as folhas úmidas, a estrada lamacenta que se estendia à frente.

– Eu tenho uma espada. Posso lutar.

*Mas não suficientemente bem*. Brienne não duvidava da coragem do garoto, apenas da sua prática. Podia ser um escudeiro, pelo menos no nome, mas os homens de quem fora escudeiro tinham-no servido mal.

Arrancara-lhe a história aos poucos ao longo da estrada desde Valdocaso. Pertencia a um ramo menor da Casa Payne, um rebento empobrecido que brotara das virilhas de um filho mais novo. O pai passara a vida como escudeiro de primos mais ricos e gerara Podrick na

filha de um fabricante de velas com quem se casara antes de morrer na Rebelião Greyjoy. Quando tinha quatro anos, a mãe o abandonou com um desses primos, para poder correr atrás de um cantor ambulante que lhe tinha posto outro bebê na barriga. Podrick não se lembrava de sua aparência. Sor Cedric Payne foi a coisa mais parecida com um pai que o garoto conheceu, embora, por suas histórias gaguejadas, parecesse a Brienne que o primo Cedric tratara Podrick mais como um criado do que como um filho. Quando Rochedo Casterly convocou os vassalos, o cavaleiro levara-o consigo para tratar de seu cavalo e limpar sua cota de malha. Então, Sor Cedric foi morto nas terras fluviais enquanto lutava na hoste de Lorde Tywin.

Longe de casa, sozinho e sem vintém, o garoto ligara-se a um cavaleiro andante gordo chamado Sor Lorimer, o Barriga, que fazia parte do contingente de Lorde Lefford, encarregado da proteção do comboio logístico.

"Os rapazes que guardam a comida são sempre os que comem melhor", gostava de dizer Sor Lorimer, até ser descoberto com um pernil de porco salgado que roubara das reservas pessoais de Lorde Tywin. Tywin Lannister decidiu enforcá-lo como lição para os outros saqueadores. Podrick tinha partilhado o pernil, e podia ter também a corda, mas seu nome o salvou. Sor Kevan Lannister ficou a cargo dele, e algum tempo mais tarde pôs o garoto para servir de escudeiro ao sobrinho Tyrion.

Sor Cedric ensinara Podrick a cuidar de um cavalo e examinar as ferraduras em busca de pedras, e Sor Lorimer ensinara-lhe como roubar, mas nem um nem outro lhe dera grande treino com uma espada. O Duende, pelo menos, despachara-o para o mestre de armas da Fortaleza Vermelha quando chegaram à corte. Mas Sor Aron Santagar foi morto durante os tumultos do pão, o que foi o fim do treino para Podrick.

Brienne fez duas espadas com madeira de galhos caídos para ter uma ideia da perícia de Podrick. Gostou de ver que o garoto era lento na fala, mas não com as mãos. Embora destemido e atento, também estava desnutrido e era muito magro, nem perto de ter a força necessária. Se sobrevivera à Batalha da Água Negra, como afirmava, só podia ter sido porque ninguém tinha achado que valesse a pena matá-lo.

"Pode chamar a si mesmo de escudeiro", disse-lhe, "mas vi pajens com metade de sua idade que poderiam deixá-lo sangrando. Se ficar comigo,

vai adormecer quase todas as noites com bolhas nas mãos e manchas negras nos braços, e ficará tão duro e dolorido que quase não dormirá. Não vai querer isso".

"Quero", insistiu o rapaz. "Quero isso mesmo. As manchas negras e as bolhas. Quer dizer, não quero, mas quero. Sor. Senhora."

Até aquele momento, ele tinha permanecido fiel à palavra dada, e Brienne à sua. Podrick não se queixava. Todas as vezes que lhe aparecia uma bolha nova na mão da espada, sentia necessidade de mostrá-la com orgulho. E também cuidava bem dos cavalos. *Ainda não é um escudeiro*, lembrou a si mesma, *mas não sou nenhum cavaleiro, por mais que ele me chame "sor"*. Teria mandado o garoto embora, mas ele não tinha para onde ir. Além disso, e embora Podrick dissesse que não sabia para onde fora Sansa Stark, talvez soubesse mais do que o que tinha consciência. Algum comentário casual, meio lembrado, podia conter a chave para a demanda de Brienne.

– Sor? Senhora? – Podrick apontou. – Há um carro ali.

Brienne viu: um carro de bois de madeira, com duas rodas e flancos elevados. Um homem e uma mulher esforçavam-se com os tirantes, puxando o carro ao longo dos sulcos na direção de Lagoa da Donzela. *Gente do campo, pelo aspecto.*

– Agora, devagar – disse ao garoto. – Eles podem nos tomar por dois fora da lei. Não diga mais do que o necessário, e seja cortês.

– Vou ser, sor. Cortês. Senhora – o garoto pareceu quase satisfeito com a ideia de ser confundido com um fora da lei.

Os camponeses foram observando ambos com cautela enquanto se aproximavam a trote, mas depois de Brienne deixar claro que não lhes pretendiam fazer mal, permitiram que seguissem a seu lado.

– Nós tínhamos um boi – disse-lhe o velho enquanto abriam caminho por entre os campos afogados de ervas daninhas, lagos de lama mole e árvores queimadas e enegrecidas –, mas os lobos levaram-no – o homem tinha o rosto vermelho do esforço de puxar o carro. – Também nos levaram a filha e com ela fizeram o que quiseram, mas ela voltou depois da batalha lá embaixo, em Valdocaso. O boi não. Os lobos o comeram, imagino.

A mulher tinha pouco a acrescentar. Era vinte anos mais nova do que o homem, mas não proferiu palavra, limitou-se a olhar para Brienne do

mesmo modo como poderia ter olhado para um vitelo de duas cabeças. A Donzela de Tarth já vira tais olhares antes. A Senhora Stark fora gentil com ela, mas a maior parte das mulheres era tão cruel como os homens. Não saberia dizer o que a magoava mais, se as moças bonitas com suas línguas de vespa e gargalhadas estaladiças, ou se as senhoras de olhos frios que escondiam o desdém por trás de uma máscara de cortesia. E as mulheres comuns podiam ser piores do que ambas.

– Lagoa da Donzela estava toda em ruínas da última vez que a vi – disse. – Os portões estavam quebrados e metade da vila tinha sido queimada.

– Reconstruíram-na um pouco. Aquele Tarly é um homem duro, mas um lorde mais corajoso do que o Mooton. Ainda há bandos de fora da lei na floresta, mas não tantos como antes. Tarly capturou os piores, e os deixou uma cabeça mais curtos com aquela grande espada que tem – virou a cabeça e cuspiu. – Não viram algum fora da lei na estrada?

– Nenhum – *desta vez*. Quanto maior a distância para Valdocaso, mais vazia tinha estado a estrada. Os únicos viajantes que vislumbraram sumiram na floresta antes de se aproximarem deles, exceto um grande septão barbudo que encontraram caminhando com duas vintenas de seguidores de pés doloridos. As estalagens por que tinham passado tinham sido saqueadas e abandonadas, ou transformadas em fortificações. No dia anterior tinham encontrado uma das patrulhas de Lorde Randyll, eriçada de arcos e lanças. Os cavaleiros tinham cercado ambos enquanto seu capitão interrogava Brienne, mas, por fim, os deixaram seguir caminho.

"Tenha cautela, mulher. Os próximos homens que encontrar podem não ser tão honestos como meus rapazes. Cão de Caça atravessou o Tridente com uma centena de fora da lei, e diz-se que andam violando todas as moças que encontram e cortando-lhes as tetas como troféus."

Brienne sentiu-se obrigada a transmitir aquele aviso ao agricultor e à mulher. O homem balançou a cabeça enquanto lhe contava a história, mas quando terminou voltou a cuspir e disse:

– Cães, lobos e leões, que os Outros os carreguem a todos. Esses fora da lei não se atreverão a chegar muito perto de Lagoa da Donzela. Pelo menos enquanto Lorde Tarly tiver o governo do lugar.

Brienne conhecia Lorde Randyll Tarly dos tempos passados na hoste do Rei Renly. Embora não conseguisse encontrar em si capacidade para gostar do homem, tampouco era capaz de esquecer a dívida que tinha para com ele. *Se os deuses forem bons, passaremos por Lagoa da Donzela antes que ele saiba que lá estou.*

– A vila será devolvida a Lorde Mooton depois da luta terminada – disse ao agricultor. – Sua senhoria foi perdoada pelo rei.

– Perdoado? – o velho soltou uma gargalhada. – Por quê? Por ficar com o cu sentado na merda do seu castelo? Mandou homens a Correrrio para lutar, mas ele não foi. Os leões saquearam-lhe a vila, e depois os lobos fizeram o mesmo, e depois mercenários, e sua senhoria ficou sentadinho e em segurança atrás de suas muralhas. O irmão nunca se esconderia assim. Sor Myles foi duro como rocha até aquele Robert matá-lo.

*Mais fantasmas*, Brienne pensou.

– Ando à procura de minha irmã, uma bela donzela de treze anos. Talvez a tenha visto?

– Não vi donzelas, nem belas nem feias.

*Ninguém viu*. Mas tinha de continuar perguntando.

– A filha de Mooton, essa é uma donzela – prosseguiu o homem. – Pelo menos até as núpcias. Estes ovos são para o casamento dela. Ela e o filho de Tarly. Os cozinheiros hão de precisar de ovos para os bolos.

– Sim – *o filho de Lorde Tarly. O jovem Dickon vai se casar*. Tentou se lembrar da idade que ele teria; oito ou dez anos, pensava. Brienne fora prometida aos sete, a um homem três anos mais velho, o filho mais novo de Lorde Caron, um garoto tímido com um grande sinal por cima do lábio. Só se tinham encontrado uma vez, por ocasião de seu noivado. Dois anos mais tarde ele estava morto, levado pelo mesmo resfriado que levara o Lorde e a Senhora Caron e suas filhas. Se tivesse sobrevivido, teriam se casado um ano depois de sua primeira floração, e toda sua vida teria sido diferente. Não estaria ali naquele momento, envergando cota de malha masculina e carregando uma espada, à procura da filha de uma morta. O mais provável seria estar em Nocticantiga, trocando os cueiros de um bebê seu e dando de mamar a outro. Não era um pensamento novo para Brienne. Fazia-a sempre sentir-se um pouco triste, mas também um pouco aliviada.

O sol estava meio escondido por trás de algumas nuvens quando emergiram por entre as árvores enegrecidas para encontrar Lagoa da Donzela na sua frente, com as profundas águas da baía logo a seguir. Brienne viu de imediato que os portões da vila tinham sido reconstruídos e reforçados, e que besteiros patrulhavam outra vez as muralhas de pedra rosada. Por cima da casa do portão flutuava o estandarte real do Rei Tommen, um veado negro e um leão dourado beligerantes em fundo dividido de ouro e carmesim. Outros estandartes exibiam o caçador dos Tarly, mas o salmão vermelho da Casa Mooton flutuava apenas no castelo erguido em sua colina.

Junto à porta levadiça depararam com uma dúzia de guardas armados com alabardas. Suas divisas identificavam-nos como soldados da hoste de Lorde Tarly, embora nenhum deles fosse subordinado ao próprio Tarly. Brienne viu dois centauros, um relâmpago, um escaravelho azul e uma flecha verde, mas não o caçador andante de Monte Chifre. O sargento trazia um pavão no peito, com a cauda colorida desbotada pelo sol. Quando os agricultores se aproximaram com o carro, o homem assobiou:

– E isto agora é o quê? Ovos? – atirou um ao ar, apanhou-o e sorriu. – Ficamos com eles.

O velho protestou:

– Nossos ovos são para o Lorde Mooton. Para os bolos de casamento e coisas assim.

– Coloque suas galinhas para pôr mais. Não como um ovo há meio ano. Toma, para não dizer que não foi pago – atirou um punhado de moedas aos pés do velho.

A mulher do agricultor interveio:

– Isto não é suficiente. Nem está perto.

– E eu digo que é – o sargento esbrevejou. – Por esses ovos, e por você também. Traga-a cá, rapazes. Ela é nova demais para esse velho – dois dos guardas encostaram as alabardas à muralha e puxaram a mulher para longe do carro, à força. O agricultor ficou assistindo, de rosto cinzento, mas não se atreveu a se mover.

Brienne esporeou sua égua:

– Liberte-a.

Sua voz fez os guardas hesitarem tempo suficiente para que a mulher do agricultor batesse neles.

– Isso não lhe diz respeito – disse um dos homens. – Cuidado com a língua, moça.

Em vez de ter cuidado com a língua, Brienne desembainhou a espada.

– Ora, ora – disse o sargento –, aço nu. Parece me cheirar a fora da lei. Sabe o que Lorde Tarly faz aos fora da lei? – ainda tinha o ovo que tirara do carro. A mão se fechou sobre ele, e a gema escorreu por entre os dedos.

– Eu sei o que Lorde Randyll faz aos fora da lei – Brienne rebateu. – Também sei o que faz a estupradores.

Esperava que o nome pudesse intimidá-los, mas o sargento limitou-se a sacudir o ovo das mãos e fazer sinal aos seus homens para se espalharem. Brienne deu por si cercada por pontas de aço.

– O que dizia, moça? O que é que Lorde Tarly faz a...

– ... estupradores – concluiu uma voz mais profunda. – Castra-os, ou os manda para a Muralha. Às vezes ambas as coisas. E corta dedos de ladrões – um jovem de ar indiferente saiu da casa do portão, com um cinto de espada afivelado à cintura. O sobretudo que usava por cima de seu aço tinha outrora sido branco, e aqui e ali ainda era, por baixo das manchas de erva e do sangue seco. Ostentava o símbolo no peito: um veado marrom, morto, atado e pendurado em uma vara.

*Ele*. A voz do homem era um soco no estômago de Brienne, o rosto, uma lâmina nas entranhas.

– Sor Hyle – disse, rigidamente.

– É melhor que a deixem em paz, rapazes – preveniu Sor Hyle Hunt. – Esta é Brienne, a Bela, a Donzela de Tarth, que matou o Rei Renly e metade de sua Guarda Arco-Íris. É tão má como feia, e não há ninguém mais feio... talvez exceto você, Penico, mas seu pai era a ponta traseira de um auroque, de modo que tem uma boa desculpa. O pai *dela* é a Estrela da Tarde de Tarth.

Os guardas riram, mas as alabardas afastaram-se.

– Não devíamos capturá-la, sor? – perguntou o sargento. – Por matar Renly?

– Por quê? Renly era um rebelde. Todos nós éramos, rebeldes até o último homem, mas agora somos os leais rapazes de Tommen – o cavaleiro fez sinal aos agricultores para atravessarem o portão. – O

intendente de sua senhoria ficará feliz por ver esses ovos. Vá encontrá-lo no mercado.

O velho esfregou a testa com os nós dos dedos:

– Muito obrigado, senhor. É um verdadeiro cavaleiro, isto ficou claro. Anda, mulher – voltaram a entregar os ombros ao carro e cruzaram ruidosamente o portão.

Brienne os seguiu a trote, com Podrick mordendo-lhe os calcanhares. *Um verdadeiro cavaleiro*, pensou, carrancuda. Dentro da vila, refreou o cavalo. Viam-se as ruínas de um estábulo à esquerda, abertas para uma viela lamacenta. Em frente, três prostitutas seminuas paradas na varanda de um bordel, aos cochichos entre si. Uma delas parecia-se um pouco com a seguidora de acampamentos que um dia viera ter com Brienne para lhe perguntar se tinha uma boceta ou um pau dentro dos calções.

– Aquele cavalo malhado deve ser o mais hediondo que já vi – disse Sor Hyle, referindo-se à montaria de Podrick. – Surpreende-me que não seja você a montá-lo, senhora. Tem planos de me agradecer a ajuda?

Brienne saltou da égua. Era uma cabeça mais alta do que Sor Hyle.

– Um dia vou lhe agradecer num corpo a corpo, sor.

– Como agradeceu ao Ronnet Vermelho? – Hunt soltou uma gargalhada. Tinha um riso cheio e rico, embora o rosto fosse simples. Um rosto honesto, tinha pensado outrora, antes de descobrir a verdade; cabelos castanhos desgrenhados, olhos cor de avelã, uma pequena cicatriz junto ao olho esquerdo. O queixo tinha uma cova e o nariz era torto, mas ele ria bem e com frequência.

– Não devia estar vigiando seu portão?

Ele fez-lhe uma careta:

– Meu primo Alyn anda por aí à caça de fora da lei. Sem dúvida regressará com a cabeça do Cão de Caça, todo satisfeito e coberto de glória. Entretanto, estou condenado a guardar este portão, graças a você. Espero que esteja satisfeita, minha beldade. Do que anda à procura?

– De um estábulo.

– Junto ao portão leste. Este queimou.

*Isto posso ver.*

– O que disse àqueles homens... Eu estava com Rei Renly quando ele morreu, mas foi uma feitiçaria qualquer que o matou, sor. Juro por minha

espada – pousou a mão no punho, pronta a lutar se Hunt a chamasse de mentirosa na cara.

– Sim, e foi o Cavaleiro das Flores quem retalhou a Guarda Arco-Íris. Num bom dia poderia ter sido capaz de derrotar Sor Emmon. Ele era um lutador imprudente e cansava-se com facilidade. Mas Royce? Não. Sor Robar era duas vezes melhor espadachim do que você... Embora você *não seja um* espadachim, não é? A palavra espadachina existe? Que demanda traz a Donzela a Lagoa da Donzela, pergunto-me?

*Ando à procura de minha irmã, uma donzela de treze anos*, quase disse, mas Sor Hyle saberia que ela não tinha irmãs.

– Procuro um homem, num lugar chamado Ganso Fedorento.

– Pensei que Brienne, a Beldade, não via nenhuma utilidade nos homens – havia uma ponta de crueldade em seu sorriso. – Ganso Fedorento. Aí está um nome apropriado... pelo menos a parte do fedorento. É junto ao porto. Mas primeiro virá comigo falar com sua senhoria.

Brienne não temia Sor Hyle, mas ele era um dos capitães de Randyll Tarly. Um assobio, e uma centena de homens viria correndo para defendê-lo.

– Serei presa?

– O que, por Renly? Quem era ele? Desde então mudamos de rei, alguns de nós duas vezes. Ninguém se importa, ninguém se lembra – pousou a mão levemente em seu braço. – Por aqui, por favor.

Ela se soltou.

– Agradeceria se não me tocasse.

– Finalmente um agradecimento – ele disse com um sorriso forçado.

Da última vez que Brienne estivera em Lagoa da Donzela, a vila era uma desolação, um lugar lúgubre de ruas vazias e casas queimadas. Agora, as ruas estavam cheias de porcos e de crianças, e a maior parte dos edifícios incendiados tinha sido derrubada. Nos lotes onde alguns desses edifícios antes se erguiam tinham sido plantados legumes; tendas de mercadores e pavilhões de cavaleiros ocupavam o lugar de outros. Brienne viu novas casas em construção, uma estalagem de pedra erguendo-se onde ardera uma estalagem de madeira, um novo telhado de ardósia no septo da vila. O ar fresco de outono ressoava com o ruído de serras e martelos. Homens transportavam madeira pelas ruas, e pedreiros

guiavam suas carroças por ruelas lamacentas. Muitos ostentavam o caçador andante no peito.

– Os soldados estão reconstruindo a vila – ela disse, surpresa.

– Não duvido que preferissem estar jogando dados, bebendo e fodendo, mas Lorde Randyll acredita em pôr homens ociosos para trabalhar.

Brienne julgou que seria levada para o castelo. Em vez disso, Hunt os conduziu na direção do movimentado porto. Ficou satisfeita por ver que os mercadores tinham regressado a Lagoa da Donzela. Estavam ancoradas uma galé, uma galeota e uma grande coca de dois mastros, assim como uma vintena de pequenos barcos de pesca. Viam-se mais pescadores ao largo, na baía. *Se o Ganso Fedorento não der em nada, arranjarei passagem num navio*, decidiu. Vila Gaivota estava apenas a distância de uma curta viagem. Dali podia abrir caminho até o Ninho da Águia com bastante facilidade.

Foram encontrar Lorde Tarly no mercado de peixe, exercendo a justiça.

Uma plataforma tinha sido erguida junto à água, sobre a qual sua senhoria podia olhar os homens acusados de crimes. À sua esquerda via-se um longo cadafalso, com cordas suficientes para vinte homens. Havia ali quatro cadáveres balançando. Um parecia fresco, mas era evidente que os outros três já estavam ali havia algum tempo. Um corvo arrancava pedaços de carne dos restos apodrecidos de um dos mortos. Os outros corvos tinham fugido, com receio da multidão da vila que se reunira na esperança de ver algum enforcamento.

Lorde Randyll partilhava a plataforma com Lorde Mooton, um homem pálido, mole e gordo num gibão branco e calções vermelhos, com um manto de arminho preso ao ombro por um broche vermelho e dourado com a forma de um salmão. Tarly usava cota de malha e couro fervido, e uma placa de peito de aço cinzento. O cabo de uma espada longa espreitava por cima de seu ombro esquerdo. Chamava-se *Veneno do Coração*, o orgulho da sua Casa.

Quando chegaram, um adolescente com manto de tecido grosseiro e um gibão sujo estava sendo ouvido.

– Não fiz mal a ninguém, senhor – Brienne ouviu-o dizer. – Só levei o que os septões deixaram quando fugiram. Se tiver de me cortar o dedo por causa disso, corte.

– É costume cortar um dedo de um ladrão – respondeu Lorde Tarly em voz dura –, mas um homem que rouba de um septo está roubando dos deuses. – Virou-se para seu capitão dos guardas. – Sete dedos. Deixe-lhe os polegares.

– Sete? – o ladrão empalideceu. Quando os guardas o agarraram, tentou lutar, mas debilmente, como se já estivesse mutilado. Observando-o, Brienne não conseguiu deixar de pensar em Sor Jaime, e no modo como gritara quando o *arakh* de Zollo caíra, relampejando.

O homem seguinte era um padeiro, acusado de misturar serragem na farinha. Lorde Randyll multou-o em cinquenta veados de prata. Quando o padeiro jurou que não tinha tanta prata, sua senhoria declarou que podia levar uma chibatada por cada veado que lhe faltasse. Foi seguido por uma prostituta descomposta e de rosto cinzento, acusada de transmitir um esquentamento a quatro dos soldados de Tarly.

– Lave-lhe as partes íntimas com lixívia e atire-a numa masmorra – ordenou Tarly. Quando a prostituta foi levada embora, aos soluços, sua senhoria viu Brienne à frente da multidão, em pé entre Podrick e Sor Hyle. Franziu-lhe as sobrancelhas, mas seus olhos não traíram nem um tremular de reconhecimento.

Um marinheiro da galeota foi o próximo. Seu acusador era um arqueiro da guarnição de Lorde Mooton, com uma mão enfaixada e um salmão no peito.

– Se aprouver ao senhor, este magano enfiou-me o punhal na mão. Disse que o estava trapaceando nos dados.

Lorde Tarly afastou o olhar de Brienne para avaliar os homens que tinha na sua frente.

– E estava?

– Não, senhor. Nunca.

– Por roubo, corto um dedo. Minta para mim, e enforco você. Devo pedir para ver esses dados?

– Os dados? – o arqueiro olhou para Mooton, mas sua senhoria fitava os barcos de pesca. O arqueiro engoliu em seco. – Pode ser que eu... os dados, eles me dão sorte, é verdade, mas eu...

Tarly ouvira o bastante:

– Corte-lhe o mindinho. Pode escolher qual. Um prego através da palma da outra mão – pôs-se em pé. – Acabamos. Leve o resto de volta à

masmorra, tratarei deles amanhã – virou-se para fazer um gesto a Sor Hyle para que avançasse. Brienne o seguiu.

– Senhor – disse, quando se aproximou de Lorde Randyll. Sentiu-se de novo com oito anos.

– Senhora. A que devemos esta... honra?

– Fui enviada em busca de... de... – hesitou.

– Como o encontrará, se não sabe como se chama? Matou Lorde Renly?

– Não.

Tarly pesou a palavra. *Ele está me julgando, do mesmo modo como julgou os outros*.

– Não – disse por fim –, só o deixou morrer.

Renly morrera em seus braços, com o sangue de sua vida a ensopá-la. Brienne estremeceu:

– Foi feitiçaria. Eu nunca...

– Você *nunca*? – a voz de Tarly transformara-se num chicote. – Sim. Você nunca devia ter envergado cota de malha, nem afivelado um cinto de espada. Você nunca devia ter deixado o salão de seu pai. Isto é uma guerra, não um baile das colheitas. Por todos os deuses, devia meter você num navio de volta a Tarth.

– Faça isto e responderá perante o trono – sua voz soou aguda, uma voz de moça, quando pretendera que soasse destemida. – Podrick. Em meu alforje vai encontrar um pergaminho. Traga-o a sua senhoria.

Tarly pegou a carta, desenrolou-a, franzindo a testa. Seus lábios mexeram-se enquanto lia.

– Assuntos do rei. Que tipo de assuntos?

*Minta para mim, e eu enforco você.*

– S-Sansa Stark.

– Se a garota Stark estivesse aqui, eu saberia. Ela correu de volta para o Norte, aposto. Esperando encontrar refúgio com um dos vassalos do pai. É melhor que reze para escolher o certo.

– Em vez disso, pode ter ido para o Vale – Brienne surpreendeu-se dizendo, quase sem querer –, para junto da irmã da mãe.

Lorde Randyll lançou-lhe um olhar de desprezo.

– Senhora Lysa está morta. Um cantor qualquer a empurrou por uma montanha abaixo. Agora quem controla o Ninho da Águia é Mindinho...

Embora não por muito tempo. Os senhores do Vale não são homens que dobrem o joelho a um macaco arrivista cujo único talento consiste em contar cobres – devolveu-lhe a carta. – Vá para onde quiser e faça o que bem entender... Mas, quando for violada não venha me pedir justiça. Será você a causadora com sua loucura – lançou um relance a Sor Hyle. – E você, sor, devia estar em seu portão. Dei-lhe esta ordem, não dei?

– Deu, senhor – Hyle Hunt assentiu –, mas pensei...

– Pensou demais – Lorde Tarly afastou-se a passos largos.

*Lysa Tully está morta*. Brienne ficou imóvel debaixo do cadafalso com o precioso pergaminho na mão. A multidão se dispersara, e os corvos tinham regressado para continuar seu banquete. *Um cantor a empurrou por uma montanha*. Teriam os corvos também se alimentado da irmã da Senhora Catelyn?

– Falou do Ganso Fedorento, senhora – Sor Hyle lembrou-lhe. – Se quiser que lhe mostre...

– Volte para o seu portão.

Uma expressão de aborrecimento passou pelo rosto dele. *Um rosto simples, não honesto.*

– Se é esta sua vontade.

– É.

– Foi só um jogo para passar o tempo. Não pretendíamos fazer mal algum – hesitou. – Ben morreu, sabia? Abatido na Água Negra. Farrow também, assim como Will, o Cegonha. E Mark Mullendore sofreu um ferimento que lhe custou metade do braço.

*Ótimo*, Brienne quis dizer. *Ótimo, fez por merecer*. Mas lembrou-se de Mullendore sentado à porta de seu pavilhão com o macaco no ombro, metido numa pequena camisa de cota de malha, os dois fazendo caretas um ao outro. Do que os tinha chamado Catelyn Stark, naquela noite em Pontamarga? *Os cavaleiros de verão*. Agora era outono, e eles caíam como folhas...

Virou as costas a Hyle Hunt.

– Podrick, venha.

O garoto trotou atrás dela, levando os cavalos.

– Vamos à procura do lugar? Do Ganso Fedorento?

– Eu vou. Você vai para os estábulos, junto ao portão oriental. Pergunte ao dono se há alguma estalagem onde possamos passar a noite.

– Sim, sor. Senhora – Podrick não tirou os olhos do chão enquanto avançavam, chutando pedras de vez em quando. – Sabe onde é? O Ganso? O Ganso Fedorento, quero dizer.

– Não.

– Ele disse que nos mostraria. Aquele cavaleiro. Sor Kyle.

– Hyle.

– Hyle. Que foi que ele lhe fez, sor? Isto é, senhora?

*O garoto pode ser um trapalhão quando fala, mas não é estúpido.*

– Em Jardim de Cima, quando Rei Renly convocou os vassalos, um grupo de homens jogou um jogo comigo. Sor Hyle era um deles. Foi um jogo cruel, doloroso, e nada cavalheiresco – parou. – O portão oriental é por ali. Espere lá por mim.

– Às ordens, senhora. Sor.

Nenhuma tabuleta assinalava Ganso Fedorento. Precisou da maior parte de uma hora para encontrar a taberna, no fundo de uma escada de madeira por baixo do celeiro de um ferro-velho. O lugar era escuro, o teto, baixo, e Brienne bateu com a cabeça numa viga ao entrar. Não havia gansos à vista. Viam-se alguns bancos espalhados por ali, e um bem comprido tinha sido encostado a uma parede de terra. As mesas eram velhos barris de vinho, cinzentos e carunchosos. O prometido fedor a tudo permeava. Era principalmente vinho, umidade e míldio, disse-lhe seu nariz, mas também havia um pouco de latrina, e algo de cemitério.

Os únicos bebedores eram três homens do mar originários de Tyrosh, rosnando uns aos outros através de barbas verdes e purpúreas. Fizeram-lhe uma breve inspeção, e um disse qualquer coisa que pôs os outros a rir. A proprietária estava atrás de uma tábua que fora colocada por cima de dois barris. Era uma mulher redonda, pálida, que perdia os cabelos, com enormes seios macios que balançavam por baixo de uma camisa manchada. Parecia que os deuses a tinham feito de massa de pão por cozer.

Brienne não se atreveu a pedir água naquele lugar. Comprou uma taça de vinho e disse:

– Procuro um homem chamado Lesto Dick.

– Dick Crabb. Aparece aí quase todas as noites – a mulher olhou a cota de malha e a espada de Brienne. – Se vem abri-lo, trate disto em outro lugar. Não queremos confusão com Lorde Tarly.

– Quero falar com ele. Por que lhe faria mal?

A mulher encolheu os ombros:

– Se acenasse quando ele chegar, ficaria grata.

– Grata até que ponto?

Brienne pousou uma estrela de cobre na mesa entre as duas e arranjou um lugar nas sombras com uma boa vista sobre a escada.

Provou o vinho. Deixava um amargor de óleo na língua e trazia um pelo boiando. *Um pelo tão frágil como minha esperança de encontrar Sansa*, pensou enquanto tentava pescá-lo. Tentar encontrar Sor Dontos não dera frutos, e com Senhora Lysa morta, o Vale já não parecia um refúgio provável. *Onde está, Senhora Sansa? Correu para casa, para Winterfell, ou será que está com seu marido, como Podrick parece pensar?* Brienne não queria seguir a garota para o outro lado do mar estreito, onde até a língua lhe seria estranha. *Aí serei ainda mais monstruosa do que aqui, obrigada a grunhir e a gesticular para me fazer entender. Rirão de mim, tal como riram em Jardim de Cima.* Um rubor subiu-lhe pelo rosto ao se lembrar.

Quando Renly pôs a coroa, a Donzela de Tarth atravessou a Campina para se juntar a ele. O rei a saudara com cortesia e a aceitara ao seu serviço. Mas não se passara o mesmo com seus senhores e cavaleiros. Brienne não esperava calorosas boas-vindas. Estava preparada para a frieza, para a zombaria, para a hostilidade. Já antes tinha jantado dessa carne. Não foi o escárnio de muitos que a deixou confusa e vulnerável, mas sim a gentileza de poucos. A Donzela de Tarth fora prometida por três vezes, mas nunca cortejada até chegar a Jardim de Cima.

Grande Ben Bushy tinha sido o primeiro, um dos poucos homens no acampamento de Renly que era mais alto do que ela. Enviara-lhe o escudeiro para limpar sua cota de malha, e a presenteara com um corno de beber feito de prata. Sor Edmund Ambrose tinha ido além, trazendo flores e pedindo-lhe que o acompanhasse a cavalo. Sor Hyle Hunt sobrepusera-se a ambos. Oferecera-lhe um livro, belamente iluminado e repleto de uma centena de histórias de valor cavaleiresco. Trouxera maçãs e cenouras para seus cavalos, e uma pluma de seda azul para seu elmo. Contara-lhe os mexericos do acampamento e dissera coisas inteligentes e perspicazes que a fizeram sorrir. Até treinara com ela um dia, o que teve mais significado do que todo o resto.

Brienne pensou que tinha sido por causa dele que os outros tinham começado a se mostrar corteses. *Mais do que corteses*. À mesa, os homens lutavam por um lugar ao seu lado, oferecendo-se para lhe encher a taça de vinho ou para lhe buscar pedaços de timo de vitela. Sor Richard Farrow tocara canções de amor em seu alaúde à porta do seu pavilhão. Sor Hugh Beesbury trouxera-lhe um pote de mel "tão doce como as donzelas de Tarth". Sor Mark Mullendore fizera-a rir com as palhaçadas do seu macaco, uma curiosa criaturinha preta e branca vinda das Ilhas do Verão. Um cavaleiro andante chamado Will, o Cegonha, oferecera-se para lhe fazer uma massagem nos ombros.

Brienne recusou. Recusou a todos. Quando Sor Owen Inchfield a agarrou uma noite e lhe roubou um beijo, ela o empurrou, fazendo-o cair de traseiro em cima de uma fogueira. Mais tarde, olhara-se num espelho. Seu rosto era tão largo, ela era dentuça e sardenta como sempre, de lábios grossos, maxilas fortes, tão feia. Tudo que desejava era ser um cavaleiro e servir o Rei Renly, mas agora...

Não era propriamente a única mulher das redondezas. Até as seguidoras de acampamentos eram mais bonitas do que ela, e lá em cima, no castelo, Lorde Tyrell banqueteava todas as noites o Rei Renly, enquanto donzelas bem-nascidas e adoráveis senhoras dançavam ao som de flauta, trompa e harpa. *Por que é gentil comigo?*, tinha vontade de gritar todas as vezes que um cavaleiro que lhe era estranho a elogiava. *O que você quer?*

Randyll Tarly solucionou o mistério no dia em que enviou dois de seus homens de armas para convocá-la a se apresentar em seu pavilhão. Seu filho mais novo, Dickon, tinha ouvido quatro cavaleiros dando risada enquanto selavam os cavalos, e contado ao senhor seu pai o que eles tinham dito.

Tinham feito uma aposta.

Dissera-lhe que tinha nascido entre três dos cavaleiros mais novos: Ambrose, Bushy e Hyle Hunt, de seu próprio pessoal. Mas à medida que a notícia se espalhava pelo acampamento, outros tinham se juntado ao jogo. Cada homem tinha de comprar a entrada na competição com um dragão de ouro, e a soma total iria para aquele que conseguisse desvirginá-la.

“Pus fim ao passatempo”, disse-lhe Tarly. “Alguns desses... competidores... são menos honrosos do que os outros, e as apostas cresciam todos os dias. Era só uma questão de tempo até que um deles decidisse reclamar o prêmio à força.”

“Eram cavaleiros”, ela disse, atordoada, “cavaleiros ungidos”.

“E homens de honra. A culpa é sua.”

A acusação fê-la vacilar.

“Eu nunca... senhor, eu nada fiz para encorajá-los.”

“O fato de estar aqui os encorajou. Se uma mulher quer se comportar como uma seguidora de acampamentos, não pode levantar objeções a ser tratada como tal. Uma hoste de guerra não é lugar para uma donzela. Se tem alguma consideração por sua virtude ou pela honra da sua Casa, despirá essa cota de malha, regressará para casa e suplicará a seu pai que lhe arranje um marido.”

“Eu vim lutar”, ela insistiu. “Ser um cavaleiro.”

“Os deuses fizeram os homens para lutar, e as mulheres para ter filhos”, disse-lhe Randyll Tarly. “A guerra de uma mulher desenrola-se na cama de partos.”

Alguém descia as escadas da taberna. Brienne pôs o vinho de lado quando um homem esfarrapado, descarnado, de feições angulosas e com cabelos castanhos sujos entrou no Ganso. Lançou um rápido olhar aos marinheiros de Tyrosh e outro, mais demorado, a Brienne, e dirigiu-se ao balcão.

– Vinho – disse –, e nada do mijo do seu cavalo lá dentro, obrigadinho.

A mulher lançou um olhar a Brienne e fez um aceno com a cabeça.

– Eu lhe pago vinho – gritou a garota –, em troca de uma palavra.

O homem a examinou com olhos cautelosos.

– Uma palavra? Eu sei um monte de palavras – sentou-se no banco à frente dela. – Diga-me qual delas a senhora quer ouvir, e Lesto Dick a dirá.

– Ouvi dizer que enganou um bobo.

O esfarrapado bebericou o vinho enquanto pensava.

– Se calhar até enganei. Ou não – usava um gibão desbotado e rasgado, de onde o símbolo de um senhor qualquer tinha sido arrancado. – Quem é que quer saber?

– Rei Robert – Brienne pousou um veado de prata no barril entre ambos. Via-se de um lado a cabeça de Robert e, do outro, o veado.

– E ele sabe? – o homem pegou na moeda e a fez rodopiar, sorrindo. – Gosto de ver um rei dançar, pa-tara, pa-tara, pa-tara-tara. Pode ser que tenha visto esse seu bobo.

– Ele estava acompanhado de uma garota?

– Duas garotas – disse o homem de imediato.

– *Duas* garotas? – *Poderá a outra ser Arya?*

– Bom – disse o homem –, eu não vi os docinhos, veja, mas ele estava à procura de passagem para três.

– Passagem para onde?

– Para o outro lado do mar, se não me falha a memória.

– Lembra-se do aspecto do homem?

– Era um bobo – tirou a moeda rodopiante da mesa quando ela começou a parar, e a fez desaparecer. – Um bobo assustado.

– Por que assustado?

Ele encolheu os ombros:

– Não disse, mas o velho Lesto Dick conhece o cheiro do medo. Veio aqui quase todas as noites, comprando bebidas para os marinheiros, dizendo graças, cantando cantiguinhas. Só que, uma noite, vieram uns homens com aquele caçador nas mamas e seu bobo ficou branco como leite e não abriu o bico até saírem – aproximou seu banco do dela. – Aquele Tarly tem soldados correndo as docas, vigiando todos os navios que entram e saem. O homem que quer um veado vai à floresta, o que quer um navio vai às docas. Seu bobo não se atrevia. De modo que lhe ofereci ajuda.

– Que tipo de ajuda?

– O tipo que custa mais que um veado de prata.

– Diga-me, e receberá outro.

– Deixe eu ver – ele disse. Ela pousou outro veado no barril. Ele o fez rodopiar, sorriu, e o recolheu. – Um homem que não pode ir até os navios precisa que os navios venham ter com ele. Disse-lhe que conhecia um lugar onde isso pode acontecer. Um lugar escondido.

Um arrepio subiu ao longo dos braços de Brienne.

– Uma enseada de contrabandistas. Mandou o bobo ter com contrabandistas.

– Ele e as duas moças – soltou um risinho. – Só que, bom, o lugar para onde os mandei não recebe barcos há uns tempos. Aí há uns trinta anos – coçou o nariz. – Que ligação tem com esse bobo?

– Essas duas garotas são minhas irmãs.

– Ah, sim? Pobrezinhas. Eu também tive uma irmã. Um espeto de moça com nós nos joelhos, mas depois lhe cresceu um par de tetas e o filho de um cavaleiro enfiou-se entre as pernas dela. A última vez que a vi, estava a caminho de Porto Real para ganhar a vida deitada.

– Para onde os enviou?

Outro encolher de ombros.

– Quanto a isso não me lembro.

– *Para onde?* – Brienne pôs, com uma palmada, outro veado de prata no barril.

Ele devolveu-lhe a moeda com um piparote.

– Para um lugar que não há veado que encontre... mas um dragão pode ser que sim.

Brienne sentiu que a prata não arrancaria a verdade do homem. *O ouro talvez arranque, ou talvez não. Aço seria mais seguro*. Brienne tocou no punhal e depois enfiou a mão na bolsa. Encontrou um dragão de ouro e o pôs no barril.

– Para onde?

O esfarrapado agarrou a moeda e a mordeu.

– Linda. Faz que me lembre de Ponta da Garra Rachada. Ao norte daqui. É uma terra selvagem de montes e pântanos, mas acontece que fui aí nascido e criado. Meu nome é Dick Crabb, apesar de quase toda a gente me chamar Lesto Dick.

Brienne não lhe disse seu nome.

– Na Ponta da Garra Rachada, *onde*?

– Nos Murmúrios. Conhece Clarence Crabb, claro.

– Não.

Aquilo pareceu surpreendê-lo.

– Estou falando de *Sor* Clarence Crabb. Tenho o sangue dele em mim. Tinha dois metros e quarenta e era tão forte que arrancava pinheiros com uma mão só e atirava-os a meia milha. Não havia cavalo que lhe aguentasse o peso, de modo que montava um auroque.

– Que tem ele a ver com essa enseada de contrabandistas?

– A mulher era uma bruxa da floresta. Sempre que Sor Clarence matava um homem, trazia sua cabeça para casa, e a mulher beijava-a na boca e a trazia de volta à vida. Eram senhores, ah sim, e feiticeiros, e cavaleiros e piratas famosos. Um foi o rei de Valdocaso. Davam ao velho Crabb bons conselhos. Como eram só cabeças, não podiam falar muito alto, mas também nunca se calavam. Quando se é uma cabeça, falar é o único passatempo que se tem. De modo que a fortaleza de Crabb acabou chamada Murmúrios. Ainda é, mesmo que seja uma ruína há mil anos. É um lugar solitário os Murmúrios – o homem fez que a moeda caminhasse habilmente sobre os nós dos dedos. – Um dragão sozinho sente falta de companhia. Mas dez...

– Dez dragões são uma fortuna. Toma-me por uma tola?

– Não, mas posso levá-la a um bobo – a moeda dançou para um lado e para outro. – Levá-la aos Murmúrios, senhora.

Brienne não gostava do modo como os dedos do homem brincavam com aquela moeda de ouro. Apesar disso...

– Seis dragões se encontrarmos minha irmã. Dois se só encontrarmos o bobo. Nada se não encontrarmos nada.

Crabb encolheu os ombros.

– Seis está bom. Seis servem.

*Depressa demais*. Agarrou-lhe o pulso antes de ter tempo de guardar o ouro.

– Não tente me enganar. Pode descobrir que sou dura de roer.

Quando o largou, Crabb esfregou o pulso.

– Merda – resmungou. – Machucou minha mão.

– Lamento. Minha irmã é uma garota de treze anos. Preciso encontrá-la antes...

– ... antes que algum cavaleiro se meta na racha dela. Pois estou ouvindo você. É como se já estivesse salva, Lesto Dick está agora com você. Encontre-se comigo no portão oriental à primeira luz da manhã. Tenho de ir falar com um tipo a respeito de um cavalo.

## SAMWELL

O mar deixava Samwell Tarly enjoado.

Nem tudo se devia ao seu medo do afogamento, embora não houvesse dúvida de que isto fazia parte. Eram também os movimentos do navio, o modo como os conveses balançavam debaixo dos seus pés.

– Tenho uma barriga fraca – confessou a Dareon no dia em que zarparam de Atalaialeste do Mar. O cantor dera-lhe uma palmada nas costas e dissera:

– Com uma barriga tão grande como a sua, Matador, isto é um monte de fraqueza.

Sam tentara manter a coragem no rosto, pelo menos por Goiva. Ela nunca tinha visto o mar. Durante a penosa travessia das neves, após a fuga da Fortaleza de Craster, tinham deparado com vários lagos, e até estes tinham sido para ela uma maravilha. Quando o *Melro* deslizara para longe da costa, a garota se pôs a tremer, e grandes lágrimas salgadas rolaram-lhe rosto abaixo.

– Deuses, sejam bons – Sam a ouvira sussurrar. Atalaialeste tinha sido a primeira coisa a sumir, e a Muralha foi ficando cada vez menor a distância, até finalmente desaparecer. Àquela altura o vento estava aumentando de intensidade. As velas ostentavam o cinzento desbotado de um manto negro que fora lavado com muita frequência, e o rosto de Goiva estava branco de medo.

– Este navio é bom – Sam tentou lhe dizer. – Não precisa ter medo – mas ela se limitou a olhá-lo, apertou mais o bebê contra o peito e fugiu para baixo.

Sam logo deu por si bem agarrado ao talabardão observando o movimento dos remos. O modo como se moviam todos em conjunto era de algum modo belo de se contemplar, e melhor do que olhar para a água, que só o fazia pensar em se afogar. Quando era pequeno, o senhor

seu pai tentara ensiná-lo a nadar atirando-o à lagoa que havia no sopé de Monte Chifre. A água entrara-lhe no nariz, na boca e nos pulmões; levou horas tossindo e arquejando depois de Sor Hyle tê-lo puxado para fora. Depois disso, nunca mais se atreveu a entrar na água até mais do que a cintura.

Baía das Focas era muito mais profunda do que sua cintura, e não se mostrava tão plácida como aquela pequena lagoa perto do castelo do pai. Suas águas eram cinzentas, verdes e agitadas, e a costa arborizada que seguiam era uma confusão de rochedos e redemoinhos. Mesmo que de algum modo fosse capaz de nadar até tão longe, o mais provável era que as ondas o arremessassem contra alguma pedra e lhe fizessem a cabeça em pedaços.

– À procura de sereias, Matador? – perguntou Daeron quando viu Sam olhando para o outro lado da baía. De cabelos claros e olhos cor de avelã, o jovem e atraente cantor de Atalaialeste parecia-se mais com um príncipe escuro qualquer do que com um irmão negro.

– Não – Sam não sabia o que procurava, ou o que fazia naquele barco. *Estou indo para a Cidadela forjar uma corrente e ser um meistre, para prestar melhor serviço à Patrulha*, disse a si mesmo, mas aquela ideia só o deixava abatido. Não queria ser um meistre, ter uma pesada corrente em volta do pescoço, fria, de encontro à pele. Não queria abandonar os irmãos, os únicos amigos que já tivera. E certamente não queria encarar o pai que o enviara para a Muralha para que morresse.

Para os outros era diferente. Para eles, a viagem teria um final feliz. Goiva ficaria a salvo em Monte Chifre, com todo o Westeros entre si e os horrores que conhecera na floresta assombrada. Na condição de criada no castelo do pai, permaneceria aquecida e seria bem alimentada, uma pequena parte de um grande mundo com que nunca poderia ter sonhado enquanto esposa de Craster. Veria o filho crescer, grande e forte, e tornar-se caçador, palafreneiro ou ferreiro. Se o rapaz mostrasse aptidão para as armas, algum cavaleiro podia até mesmo tomá-lo como escudeiro.

Meistre Aemon também ia para um lugar melhor. Era agradável pensar nele passando o tempo que lhe restava banhado pelas brisas tépidas de Atalaialeste, conversando com os meistres seus colegas e partilhando sua sabedoria com acólitos e noviços. Conquistara seu descanso, conquistara-o cem vezes.

Até Daeron seria mais feliz. Sempre clamara inocência da violação que o enviara para a Muralha, insistindo que seu lugar era na corte de algum senhor, cantando em troca do jantar. Jon nomeara-o recrutador, para tomar o lugar de um homem chamado Yoren, que desaparecera e estava presumivelmente morto. Sua tarefa seria viajar pelos Sete Reinos cantando o valor da Patrulha da Noite e, de tempo em tempo, regressar à Muralha com novos recrutas.

A viagem seria longa e dura, ninguém poderia negar, mas pelo menos para os outros teria um final feliz. Era este o consolo de Sam. *Vou por eles*, dizia a si mesmo, *pela Patrulha da Noite, e pelo final feliz*. Mas quanto mais tempo passava olhando para o mar, mais frio e profundo ele lhe parecia.

Mas *não* olhar para a água era ainda pior, compreendeu Sam na estreita cabine sob o castelo de popa que os passageiros partilhavam. Tentou afastar a mente da irritação que sentia no estômago conversando com Goiva enquanto ela dava de mamar ao filho.

– Este navio vai nos levar até Bravos – disse. – Depois arranjamos outro que nos leve para Vilavelha. Quando era pequeno, li um livro sobre Bravos. Toda a cidade foi construída numa lagoa, sobre uma centena de pequenas ilhas, e têm lá um titã, um homem de pedra com centenas de metros de altura. Têm barcos em vez de cavalos, e seus saltimbancos apresentam histórias escritas em vez de se limitarem a inventar as farsas estúpidas de costume. A comida também é muito boa, especialmente o peixe. Têm todos os tipos de bivalves, enguias e ostras, apanhados frescos na lagoa. Devemos passar alguns dias lá. Se tivermos tempo, podemos ir ver um espectáculo de saltimbancos e comer umas ostras.

Achava que aquilo a entusiasmaria. Não podia ter se enganado mais. Goiva o observava com olhos baços, sem expressão, espreitando através de madeixas de cabelos sujos.

– Se quiser, senhor.

– O que é que *você* quer? – perguntou-lhe Sam.

– Nada – virou-lhe as costas e deslocou o filho de um seio para o outro.

Os movimentos do barco estavam agitando os ovos, o bacon e o pão frito que Sam comera antes de o navio zarpar. De repente não pôde suportar a cabine por um instante mais que fosse. Levantou-se e correu escada acima para ir oferecer o café da manhã ao mar. O enjoo caiu com

tanta força sobre Sam que ele não parou para ver de que lado estava soprando o vento, o que fez que vomitasse da amurada errada e acabasse por salpicar-se de vômito. Mesmo assim, sentiu-se muito melhor depois... Embora não por muito tempo.

O navio era o *Melro*, a maior das galés da Patrulha. Cotter Pyke dissera a Meistre Aemon em Atalaialeste do Mar que o *Corvo da Tormenta* e a *Garra* eram mais rápidos, mas eram navios de guerra, esguios, velozes aves de rapina nas quais os remadores sentavam-se em convés aberto. O *Melro* era uma melhor escolha para as águas agitadas do mar estreito para lá de Skagos.

"Tem havido tempestades", prevenira-os Pyke. "As tempestades de inverno são piores, mas as de outono são mais frequentes."

Os primeiros dez dias foram bastante calmos à medida que o *Melro* se arrastava ao longo da Baía das Focas, sem nunca perder a costa de vista. Fazia frio quando o vento soprava, mas havia algo de tonificante no cheiro salgado do ar. Sam quase não conseguia comer e, quando se forçava a empurrar algo para baixo, não ficava lá por muito tempo, mas fora isso não passava muito mal. Tentava assegurar a coragem de Goiva e dar-lhe o ânimo que conseguisse, mas isto se revelava difícil. Ela não queria subir ao convés, não importava o que ele dissesse, e parecia preferir aninhar-se no escuro com o filho. O bebê parecia não gostar mais do navio do que a mãe. Quando não estava berrando, vomitava o leite. Tinha o intestino solto, e sempre em movimento, sujando as peles em que Goiva o envolvia para mantê-lo quente e enchendo o ar com um fedor marrom. Por mais velas de sebo que Sam acendesse, o cheiro de merda persistia.

Era mais agradável ficar ao ar livre, especialmente quando Dareon cantava. O cantor era conhecido dos remadores do *Melro* e tocava para eles enquanto remavam. Conhecia todas as canções de que os homens gostavam: as tristes, como "O Dia em que Enforcaram Robin Negro", "O Lamento da Sereia" e "Outono do Meu Dia"; as estimulantes, como "Lanças de Ferro" e "Sete Espadas Para Sete Filhos"; as obscenas, como "O Jantar da Senhora", "A Sua Florzinha" e "Meggett era uma Alegre Donzela, uma Alegre Donzela era Ela". Quando cantava "O Urso e a Bela Donzela", todos os remadores cantavam com ele, e o *Melro* parecia voar sobre as águas. Sam sabia, dos dias de treino sob o comando de Alliser

Thorne, que Dareon não era grande espadachim, mas tinha uma bela voz. “Mel derramado sobre um trovão”, chamara-o um dia Meistre Aemon. Tocava harpa e rabeca, e até escrevia as próprias canções... embora Sam não as achasse lá muito boas. Mesmo assim, era bom sentar-se para escutá-lo, apesar de a arca ser tão dura e cheia de farpas que Sam se sentia quase grato por suas nádegas carnudas. *Os gordos levam uma almofada consigo para onde quer que vão*, pensava.

Meistre Aemon também preferia passar seus dias no convés, aconchegado por baixo de uma pilha de peles, fitando a água.

– O que ele está observando? – Dareon perguntou certo dia. – Para ele, é tão escuro aqui em cima como lá embaixo na cabine.

O velho o ouviu. Embora os olhos de Aemon tivessem escurecido, nada havia de errado com seus ouvidos.

– Da última vez que passei por aqui, vi todas as pedras, árvores e carneirinhos, e observei as gaivotas cinzentas que voavam em nossa esteira. Tinha trinta e cinco anos, e era um meistre da corrente havia dezesseis. Ovo queria que o ajudasse a governar, mas eu sabia que meu lugar era este. Ele mandou-me para o norte a bordo do *Dragão Dourado* e insistiu que seu amigo Sor Duncan me levasse em segurança até Atalaialeste. Nenhum recruta chegara à Muralha com tanta pompa desde que Nymeria enviara para a Patrulha seis reis presos em correntes de ouro. Ovo também esvaziou as masmorras, para que eu não tivesse de proferir os votos sozinho. Chamava-os minha guarda de honra. Um deles foi ninguém mais, ninguém menos que Brynden Rivers. Mais tarde escolhido Senhor Comandante.

– O Corvo de Sangue? – Dareon quis saber. – Conheço uma canção sobre ele. Chama-se “Mil Olhos e Mais Um”. Mas pensava que ele tinha vivido há cem anos.

– Todos nós vivemos. Um dia fui tão novo como você – aquilo pareceu entristecê-lo. Tossiu, fechou os olhos e adormeceu, oscilando em suas peles sempre que uma onda fazia balançar o navio.

Velejaram sob céus cinzentos, para leste e para sul, e de novo para leste, enquanto a Baía das Focas ia se alargando ao redor deles. O capitão, um irmão envelhecido com uma barriga que mais parecia uma barrica de cerveja, usava panos negros tão manchados e desbotados que a tripulação a ele se referia como Velho Farrapo Salgado. Raramente dizia

palavra. O imediato compensava, fazendo borbulhar o ar salgado com pragas sempre que o vento amainava ou os remadores pareciam fraquejar. Comiam mingau de aveia de manhã, mingau de ervilha à tarde e bife salgado, bacalhau salgado e carneiro salgado à noite, e empurravam tudo para baixo com cerveja. Daeron cantava, Sam vomitava, Goiva chorava e dava de mamar ao bebê, Meistre Aemon dormia e tremia, e os ventos tornavam-se mais frios e fortes a cada dia que passava.

Mesmo assim, era uma viagem melhor do que a última que Sam empreendera. Não tinha mais de dez anos quando zarpara na galé de Lorde Redwyne, a *Rainha da Árvore*. Cinco vezes maior do que o *Melro* e magnífica de se contemplar, tinha três grandes velas cor de vinho e fileiras de remos que relampejavam em ouro e branco ao sol. O modo como se erguiam e abaixavam enquanto o navio partia de Vilavelha fizera Sam prender a respiração... Mas essa era a última recordação agradável que tinha dos Estreitos Redwyne. Na época, como agora, o mar deixara-o enjoado, para descontentamento do senhor seu pai.

E quando chegaram à Árvore, as coisas tinham ido de mal a pior. Os filhos gêmeos de Lorde Redwyne desprezaram Sam à primeira vista. Todas as manhãs encontravam alguma maneira nova de envergonhá-lo no pátio de treinos. No terceiro dia, Horas Redwyne fizera-o grunhir como um porco quando pedira trégua. No quinto, seu irmão Hobber vestira uma ajudante de cozinha com sua armadura e a deixou espancar Sam com uma espada de madeira até fazê-lo chorar. Quando ela se revelou, todos os escudeiros, pajens e moços de estrebaria uivaram de riso.

"O rapaz precisa de um bocado de preparação, nada mais", dissera o pai nessa noite a Lorde Redwyne, mas o bobo de Redwyne fez balançar o chocalho e respondeu:

"Sim, com uma pitada de pimenta, uns quantos cravinhos de boa qualidade e uma maçã na boca." Depois daquilo, Lorde Randyll proibiu Sam de comer maçãs enquanto permanecessem sob o teto de Paxter Redwyne. Também passou enjoado na viagem de regresso, mas o alívio por voltar para casa era tão grande que quase acolhera de bom grado o sabor do vômito no fundo da garganta. Foi só depois de estarem de volta a Monte Chifre que a mãe disse a Sam que o pai não pretendia trazê-lo de volta.

“Horas devia voltar em seu lugar, enquanto você ficaria na Árvore como pajem e copeiro de Lorde Paxter. Se lhe tivesse agradado, seria prometido à filha.” Sam ainda recordava o toque suave da mão da mãe enquanto lhe limpava as lágrimas com um pouco de renda umedecida por sua saliva. “Meu pobre Sam”, ela tinha murmurado. “Meu pobre, pobre Sam.”

*Será bom voltar a vê*-la, pensou, enquanto agarrava-se à amurada do *Melro* e observava as ondas que se quebravam na costa rochosa. *Se ela me visse de negro, isto até poderia deixá-la orgulhosa. “Agora sou um homem, mãe”, podia lhe dizer, “um intendente e um homem da Patrulha da Noite. Meus irmãos chamam-me às vezes Sam, o Matador.”* Veria também o irmão Dickon e as irmãs. *“Vejam”*, podia lhes dizer, *“vejam, no fim das contas servi para alguma coisa”*.

Mas se fosse a Monte Chifre, o pai podia estar lá.

A ideia fez sua barriga oscilar outra vez. Sam dobrou-se sobre o talabardão e vomitou, mas não contra o vento. Daquela vez dirigira-se à amurada certa. Estava ficando bom naquilo.

Pelo menos foi o que pensou, até o *Melro* deixar a terra para trás e se dirigir para leste, cruzando a baía na direção das costas de Skagos.

A ilha localizava-se na embocadura da Baía das Focas, maciça e montanhosa, uma terra dura e inóspita habitada por selvagens. Sam tinha lido que viviam em grutas e em sombrias praças-fortes de montanha, e levavam grandes unicórnios hirsutos para a guerra. Skagos significava “pedra” no Idioma Antigo. Os skagosi chamavam a si mesmos nascidos na pedra, mas os outros nortenhos os chamavam skaggs, e gostavam pouco deles. Não havia mais de cem anos que Skagos se levantara em rebelião. A revolta tinha levado anos para ser controlada, e custou a vida do Senhor de Winterfell e de centenas das espadas a ele juramentadas. Algumas canções diziam que os skaggs eram canibais; supostamente seus guerreiros comiam o coração e o fígado dos homens que matavam. Nos tempos antigos, os skagosi velejaram até a ilha vizinha de Skane, capturaram suas mulheres, mataram seus homens e comeram-nos numa praia de cascalho, num banquete que durou uma quinzena. Skane permanecia despovoada desde então.

Dareon também conhecia as canções. Quando os ermos picos cinzentos de Skagos ergueram-se do mar, juntou-se a Sam à proa do *Melro* e disse:

– Se os deuses forem bons, podemos ver de relance um unicórnio.

– Se o capitão for bom, não nos aproximaremos o suficiente. As correntes são traiçoeiras em volta de Skagos, e há rochedos capazes de quebrar o casco de um navio como se fosse um ovo. Mas não diga isso a Goiva. Ela já está suficientemente assustada.

– Ela e aquela cria birrenta que tem. Não sei qual dos dois faz mais barulho. O único momento em que ele para de berrar é quando ela lhe enfia um mamilo na boca, e nesse momento é *ela* quem começa a soluçar.

Sam também reparara naquilo.

– Talvez o bebê a machuque – disse, sem convicção. – Se os dentes estiverem nascendo...

Dareon puxou uma corda do alaúde com um dedo, fazendo soar uma nota de zombaria.

– Tinha ouvido dizer que os selvagens eram mais corajosos do que isso.

– Ela *é* corajosa – Sam insistiu, apesar de até ele ter de admitir que nunca tinha visto Goiva em estado tão deplorável. Embora ela normalmente escondesse o rosto e mantivesse a cabine às escuras, Sam via que seus olhos andavam sempre vermelhos, e seu rosto, úmido de lágrimas. Mas quando lhe perguntava qual era o problema, limitava-se a balançar a cabeça, deixando-o sozinho à procura de respostas. – O mar a assusta, é só isso – disse a Dareon. – Antes de vir para a Muralha, tudo o que conhecia era a Fortaleza de Craster e a floresta que havia ao redor. Não sei se se afastou mais do que meia légua do lugar em que nasceu. Conhece os rios e riachos, mas nunca tinha visto um lago até encontrarmos um, e o mar... o mar é uma coisa assustadora.

– Nunca estivemos fora de vista da terra.

– Mas vamos estar – ao próprio Sam esta parte não agradava.

– Certamente um pouco de água não assusta o Matador.

– Não – Sam mentiu –, a mim, não. Mas Goiva... talvez se você lhes tocasse umas canções de embalar isso ajudasse o bebê a dormir.

A boca de Dareon torceu-se de repugnância.

– Só se ela enfiar uma rolha no cu do garoto. Não suporto o cheiro.

No dia seguinte, começaram as chuvas, e o mar encrespou-se mais.

– É melhor irmos para baixo, para onde está seco – disse Sam a Aemon, mas o velho meistre limitou-se a sorrir, e respondeu:

– Gosto de sentir a chuva no rosto, Sam. Parece lágrimas. Deixe-me ficar um pouco mais, eu lhe peço. Passou-se muito tempo desde a última vez que chorei.

Se Meistre Aemon pretendia ficar no convés, velho e fraco como estava, Sam não tinha alternativa exceto fazer o mesmo. Ficou ao lado do velho durante quase uma hora, aconchegado ao manto enquanto uma chuva suave e constante o empapava até os ossos. Aemon quase não parecia senti-la. Suspirou e fechou os olhos, e Sam aproximou-se dele, a fim de protegê-lo do vento. *Ele logo me pedirá para ajudá-lo a ir para a cabine*, disse a si mesmo. *Tem de pedir*. Mas não o fez, e por fim o trovão começou a soar a distância, para leste.

– *Temos* de ir para baixo – Sam disse, tremendo. Meistre Aemon não respondeu. Foi só então que Sam percebeu que o velho adormecera. – Meistre – disse, sacudindo suavemente seu ombro. – Meistre Aemon, acorde.

Os alvos olhos cegos de Aemon abriram-se.

– Ovo? – disse, enquanto a chuva lhe escorria rosto abaixo. – Ovo, sonhei que era velho.

Sam não soube o que fazer. Ajoelhou, pegou o velho no colo e o levou para baixo. Nunca ninguém o chamara de forte, e a chuva empapara os panos negros do Meistre Aemon, duplicando-lhe o peso, mas mesmo assim não pesava mais do que uma criança.

Quando entrou na cabine com Aemon nos braços, descobriu que Goiva deixara que todas as velas se apagassem. O bebê estava dormindo e ela se encontrava enrolada em um canto, soluçando baixinho nas dobras do grande manto negro que Sam lhe dera.

– Ajude-me – ele pediu com urgência. – Ajude-me a secá-lo e a aquecê-lo.

Ela se ergueu de imediato, e os dois tiraram o velho meistre de dentro da roupa molhada e submergiram-no numa pilha de peles. Porém, a pele de Aemon estava úmida e fria, pegajosa ao toque.

– Enfie-se aí com ele – disse Sam a Goiva. – Abraçe-o. Aqueça-o com seu corpo. Temos de aquecê-lo – e ela assim fez, sem proferir uma palavra, continuando o tempo todo a fungar. – Onde está Dareon? – Sam

quis saber. – Ficaremos mais quentes se estivermos juntos. Ele também precisa ficar aqui – encaminhava-se para cima, a fim de ir em busca do cantor, quando a coberta se ergueu debaixo de si e em seguida caiu sob seus pés. Goiva soltou um lamento, Sam caiu com força, perdendo o apoio das pernas, e o bebê acordou aos berros.

O balanço seguinte do navio chegou quando Sam lutava para voltar a se levantar. Atirou Goiva para os seus braços, e a rapariga selvagem agarrou-se a ele com tanta força que Sam quase deixou de respirar.

– Não se assuste – disse-lhe. – Isto é só uma aventura. Um dia contará essa história ao seu filho – aquilo apenas conseguiu que ela enterrasse as unhas em seu braço. Estremeceu, com o corpo inteiro tremendo com a violência dos soluços. *Qualquer coisa que eu diga só a deixa pior*. Abraçou-a bem, desconfortavelmente consciente dos seios da rapariga apertados contra seu corpo. Assustado como estava, de algum modo aquilo foi suficiente para deixá-lo ereto. *Ela vai sentir*, pensou, envergonhado, mas se sentiu não deu sinal, limitando-se a se agarrar a ele com mais força.

Depois daquilo, os dias confundiram-se uns com os outros. Nunca viam o sol. Os dias eram cinzentos, e as noites, negras, exceto quando os relâmpagos iluminavam o céu sobre os picos de Skagos. Estavam todos esfomeados, mas ninguém conseguia comer. O capitão abriu um barril de vinhardente para fortalecer os remadores. Sam provou uma taça e suspirou quando serpentes quentes lhe ziguezaguearam garganta e peito abaixo. Dareon também tomou gosto pela bebida, e a partir daí raramente se mantinha sóbrio.

As velas foram içadas, e depois abaixadas, e uma se soltou do mastro e voou para longe como uma grande ave cinzenta. Enquanto o *Melro* dava a volta pela costa sul de Skagos, viram os restos de uma galé nos rochedos. Alguns dos membros da tripulação tinham dado à costa, e as gralhas e os caranguejos tinham se reunido para lhes prestar homenagem.

– Perto demais, raios que o partam – resmungou o Velho Farrapo Salgado quando viu aquilo. – Um bom golpe, e nos desfazemos ao lado deles – exaustos como estavam, seus remadores voltaram a se dobrar sobre os remos, e o navio passou ao largo em direção ao sul, penetrando no mar estreito, até Skagos se reduzir a não mais do que algumas silhuetas escuras no céu, que podiam ter sido nuvens de trovoada, os

topos de grandes montanhas negras, ou as duas coisas. Depois disso, tiveram oito dias e sete noites de viagem com céu limpo e mar calmo.

Então, chegaram mais tempestades, piores do que as anteriores.

Teriam sido três tempestades, ou apenas uma, entrecortada por calmarias? Sam não chegou a saber, embora tentasse desesperadamente interessar-se pelo assunto.

– *Que importa?* – certa vez gritou-lhe Dareon, quando estavam todos aninhados na cabine. *Não importa*, Sam quis lhe dizer, *mas enquanto estiver pensando nisso, não pensarei em me afogar, ou no enjoo, ou nos tremores do Meistre Aemon.*

– Não importa – logrou guinchar, mas o trovão afogou o resto, e a coberta balançou e o derrubou de lado. Goiva soluçava. O bebê berrava. E lá em cima conseguia-se ouvir o Velho Farrapo Salgado berrando com a tripulação, o capitão esfarrapado que nunca falava.

*Odeio o mar*, Sam pensou, *odeio o mar, odeio o mar, odeio o mar*. O relâmpago seguinte foi tão brilhante que iluminou a cabine através das frestas das tábuas do teto. *Este é um navio bom e bem conservado, um navio bom e bem conservado, um bom navio*, disse a si mesmo. *Não afundará. Não tenho medo*.

Durante uma das calmarias entre temporais, Sam estava agarrado à amurada com tanta força que tinha os nós dos dedos brancos, desejando desesperadamente vomitar, quando ouviu alguns homens da tripulação resmungar que aquilo era o resultado de trazer uma mulher a bordo do navio, e ainda por cima uma selvagem.

– Fodeu o próprio pai – ouviu um homem dizer, enquanto o vento voltava a soprar com mais força. – Isto é pior do que ser puta. É pior do que *tudo*. Vamos todos nos afogar se não nos livrarmos dela, e daquela abominação que pariu.

Sam não se atreveu a confrontá-los. Eram homens mais velhos, duros e vigorosos, com braços e ombros tornados grossos por anos passados remando. Mas assegurou-se de que mantinha a faca afiada, e sempre que Goiva saía da cabine para urinar, ia com ela.

Nem mesmo Dareon tinha algo de bom a dizer sobre a garota selvagem. Uma vez, a pedido de Sam, o cantor tocou uma canção de embalar para acalmar seu bebê, mas no meio do primeiro verso Goiva desatou a soluçar de forma inconsolável.

– Com os sete malditos infernos – Dareon exclamou –, nem sequer consegue parar de chorar tempo suficiente para ouvir uma *canção*?

– Toque – suplicou Sam –, cante-lhe só a canção.

– Ela não precisa de uma canção – Dareon replicou. – Precisa de uma boa surra, ou, se calhar, de uma foda bem dada. Saia da minha frente, Matador – empurrou Sam para o lado e saiu da cabine, em busca de consolo numa taça de vinhardente e na rude irmandade dos remos.

A essa altura, Sam estava no limite de sua capacidade mental. Já quase se acostumara aos odores, mas, entre as tempestades e os soluços de Goiva, não dormia havia dias.

– Não há algo que possa lhe dar? – perguntou ao Meistre Aemon em voz muito baixa, quando viu que o velho estava acordado. – Uma erva ou poção qualquer, para que não tenha tanto medo?

– O que ouve não é medo – disse-lhe o velho. – Aquilo é o som do desgosto, e para isto não há poções. Deixe que as lágrimas percorram seu caminho, Sam. Não será capaz de suster a corrente.

Sam não compreendeu.

– Ela vai rumo a um lugar seguro. Um lugar *quente*. Por que haveria de sentir desgosto?

– Sam – sussurrou o velho –, tem dois olhos bons e mesmo assim não vê. Ela é uma mãe chorando pelo filho.

– Ele está enjoado, nada mais. Estamos todos enjoados. Assim que chegarmos a Bravos...

– ... o bebê continuará a ser filho de Dalla, e não o fruto do seu corpo.

Sam precisou de um momento para se convencer daquilo que Aemon estava sugerindo.

– Isso não pode... ela não... claro que é filho dela. Goiva nunca teria abandonado a Muralha sem o *filho*. Ela o ama.

– Ela deu de mamar a ambos, e amou-os ambos – Aemon disse –, mas não da mesma forma. Não há mãe que ame os filhos por igual, nem mesmo a Mãe no Céu. Goiva não abandonou a criança de bom grado, tenho certeza. Que ameaça Senhor Comandante fez, que promessas, só posso tentar adivinhar... mas estou certo de que houve ameaças e promessas.

– Não. Não, isto é errado. Jon nunca...

– Jon nunca o faria. Lorde Snow o fez. Às vezes não há escolha feliz, Sam, só há uma menos dolorosa do que as outras.

*Não há escolha feliz*. Sam pensou em todas as provações por que ele e Goiva tinham passado, na Fortaleza de Craster e na morte do Velho Urso, na neve, no gelo e nos ventos gélidos, em dias e dias e dias de caminhada, nas criaturas em Brancarbor, no Mãos-Frias e na árvore de corvos, na Muralha, na Muralha, na Muralha, no Portão Negro por baixo da terra. Para que servira tudo aquilo? *Não há escolhas felizes, e não há finais felizes*.

Teve vontade de gritar. Teve vontade de uivar e soluçar, e tremer e enrolar-se e choramingar. *Ele trocou os bebês*, disse a si mesmo. *Ele trocou os bebês para proteger o pequeno príncipe, para mantê-lo longe das fogueiras da Senhora Melisandre, longe de seu deus vermelho. Se ela queimar o filho de Goiva, quem se importará? Ninguém, a não ser Goiva. Ele era apenas uma cria de Craster, uma abominação nascida do incesto, não o filho do Rei-Para-Lá-da-Muralha. Não serve como refém, não serve como sacrifício, não serve para nada, nem sequer tem nome.*

Sem palavras, Sam cambaleou até o convés para vomitar, mas não tinha nada na barriga que pudesse ser deitado fora. A noite caíra sobre eles, uma estranha noite calma como já não viam havia muitos dias. O mar estava negro como vidro. Aos remos, os remadores descansavam. Um ou dois dormiam em seu lugar. O vento enfunava as velas, e para norte Sam conseguia mesmo ver uma porção de estrelas, e o vagabundo vermelho a que o povo livre chamava o Ladrão. *Aquela devia ser a minha estrela*, Sam pensou cheio de tristeza. *Ajudei a fazer de Jon Senhor Comandante, e levei-lhe Goiva e o bebê. Não há finais felizes.*

– Matador – Dareon surgiu ao seu lado, inconsciente da sua dor. – Uma bela noite, para variar. Olhe, as estrelas estão surgindo. Podemos até vir a ter um pouco de luar. Pode ser que o pior tenha passado.

– Não – Sam limpou o nariz e apontou para o sul com um dedo gordo, na direção da escuridão que se ia juntando. – Olhe para lá – disse. Assim que falou, brilhou um relâmpago, súbito e silencioso, com uma luz que cegava. As nuvens distantes cintilaram durante meio segundo, montanhas empilhadas sobre montanhas, de cor púrpura, vermelha e amarela, mais altas do que o mundo. – O pior não passou. O pior está só começando, e não há finais felizes.

– Pela bondade dos deuses – disse Dareon, rindo. – Matador... é um covarde *tão* grande.

## JAIME

Lorde Tywin Lannister entrou na cidade montado num garanhão, com a armadura esmaltada de carmesim polida cintilando, rebrilhando de pedras preciosas e ouro. Deixou-a numa carroça alta envolta em estandartes carmesim, com seis irmãs silenciosas prestando assistência aos seus ossos.

A procissão fúnebre partiu de Porto Real através do Portão dos Deuses, mais largo e mais magnífico do que o Portão do Leão. Para Jaime, a escolha parecia errada O pai fora um leão, isto ninguém poderia negar, mas nem mesmo Lorde Tywin alguma vez afirmara ser um deus.

Uma guarda de honra de cinquenta cavaleiros cercava o carro de Lorde Tywin, com flâmulas carmesim esvoaçando em suas lanças. Os senhores do oeste seguiam logo atrás. Os ventos faziam seus estandartes bater, obrigando os símbolos a dançar e tremular. Subindo a trote ao longo da coluna, Jaime passou por javalis, texugos e escaravelhos, por uma flecha verde e por um boi vermelho, por alabardas e lanças cruzadas, um gato das árvores, um morango, uma manga e quatro esplendores emaranhados.

Lorde Brax usava um gibão de pano de prata cinza-claro rasgado, com um unicórnio de ametista pregado sobre o coração. Lorde Jast trazia uma armadura de aço negro, com três cabeças de leão em ouro embutidas na placa de peito. Os rumores sobre sua morte não eram tão falsos, a julgar por seu aspecto; ferimentos e o tempo que passou encarcerado tinham-no transformado em uma sombra do homem que já tinha sido. Lorde Banefort resistira melhor à batalha, e parecia pronto para regressar imediatamente à guerra. Plumm usava púrpura; Prester, arminho; Moreland, castanho-avermelhado e verde, mas todos envergavam manto de seda carmesim, em honra do homem que escoltavam até sua casa.

Atrás dos senhores vinham uma centena de besteiros e trezentos homens de armas, e também de seus ombros fluía carmesim. Em seu

manto branco e alva armadura de escamas, Jaime sentia-se deslocado no meio daquele rio de vermelho.

E o tio tampouco o deixava mais à vontade.

– Senhor Comandante – disse Sor Kevan, quando Jaime se aproximou a trote e se pôs ao seu lado, à cabeça da coluna. – Sua Graça tem alguma última ordem para mim?

– Não estou aqui por Cersei – um tambor começou a soar atrás deles, lento, compassado, fúnebre. *Morto*, parecia dizer, *morto, morto*. – Vim me despedir. Ele era meu pai.

– E dela.

– Eu não sou Cersei. Tenho barba, e ela seios. Se ainda estiver confuso, tio, conte as minhas mãos. Cersei tem duas.

– Ambos têm gosto para a zombaria – o tio respondeu. – Poupe-me de seus gracejos, sor, não são coisa que aprecie.

– Como quiser – *isto não está correndo tão bem quanto eu esperava*. – Cersei teria desejado se despedir do senhor, mas tem muitos deveres inadiáveis.

Sor Kevan fungou:

– Todos temos. Como passa seu rei? – seu tom transformava a pergunta em uma censura.

– Bastante bem – Jaime respondeu em tom defensivo. – Balon Swann passa com ele as manhãs. Um bom e valente cavaleiro.

– Houve tempos em que isto estava subentendido quando os homens falavam daqueles que usavam o manto branco.

*Ninguém pode escolher seus irmãos*, Jaime pensou. *Dê-me licença para escolher os meus homens, e a Guarda Real voltará a ser grande*. Mas isto, colocado desta maneira, de forma direta, parecia débil, uma vanglória vazia de um homem a quem o reino chamava Regicida. *Um homem com merda no lugar da honra*. Jaime deixou passar. Não viera para discutir com o tio.

– Sor – disse –, tem de fazer as pazes com Cersei.

– Estamos em guerra? Ninguém me avisou.

Jaime ignorou aquilo.

– Discórdia entre Lannister só pode ajudar os inimigos de nossa Casa.

– Se existe discórdia, não é obra minha. Cersei quer governar. Ótimo. O reino é dela. Tudo que peço é ser deixado em paz. Meu lugar é em

Darry, com meu filho. O castelo precisa ser restaurado, e as terras plantadas e protegidas – soltou uma gargalhada amarga. – E sua irmã pouco mais me deixou com que ocupar meu tempo. Também tenho de tratar do casamento de Lancel. A noiva tem se tornado impaciente, à espera de nossa chegada a Darry.

*A sua viúva vinda das Gêmeas*. O primo Lancel seguia dez metros atrás. Com os olhos encovados e cabelos secos e brancos, parecia mais velho do que Lorde Jast. Jaime sentia comichão nos dedos fantasmas sempre que o olhava... *fodendo Lancel e Osmund Kettleblack, e provavelmente até o Rapaz Lua, tanto quanto sei*... tentara falar com Lancel mais vezes do que conseguia contar, mas nunca o encontrara sozinho. Se não estava acompanhado pelo pai, era por algum septão. *Ele pode ser filho de Kevan, mas tem leite nas veias. Tyrion mentiu para mim. Suas palavras destinavam-se a ferir.*

Jaime afastou o primo dos pensamentos e voltou a se virar para o tio.

– Ficará em Darry após o casamento?

– Durante algum tempo, talvez. Sandor Clegane tem lançado ataques ao longo do Tridente, segundo dizem. Sua irmã quer a cabeça dele. Pode ter se juntado a Dondarrion.

Jaime tinha ouvido falar de Salinas. Àquela altura, metade do reino já ouvira. O ataque tinha sido excepcionalmente selvagem. Mulheres violadas e mutiladas, crianças massacradas nos braços das mães, metade da vila passada no archote.

– Randyll Tarly está em Lagoa da Donzela. Ele que lide com os fora da lei. Preferiria que fosse para Correrrio.

– Sor Daven tem o comando lá. O Protetor do Oeste. Ele não precisa de mim. Lancel sim.

– Como quiser, tio – a cabeça de Jaime batia no mesmo ritmo do tambor. *Morto, morto, morto*. – Faria bem em se manter cercado por seus cavaleiros.

O tio lançou-lhe um olhar frio:

– Isto é uma ameaça, sor?

*Uma ameaça?* A sugestão o surpreendeu.

– Uma advertência. Só queria... Sandor é perigoso.

– Eu já enforcava fora da lei e cavaleiros ladrões quando você ainda cagava nas fraldas. Não sou homem para sair e enfrentar sozinho Clegane

e Dondarrion, se é isto que teme, sor. Nem todos os Lannisters são loucos por glória.

*Ora, tio, creio que está falando de mim.*

– Addam Marbrand poderia lidar com esses fora da lei tão bem quanto você. Brax, Banefort, Plumm e qualquer um dos outros também. Mas nenhum seria uma boa Mão do Rei.

– Sua irmã conhece minhas condições. Elas não mudaram. Diga-lhe isto da próxima vez que estiver em seu quarto – Sor Kevan enterrou os calcanhares no corcel e galopou em frente, colocando um abrupto fim à conversa.

Jaime deixou-o ir, com a mão de espada que não tinha crispando-se. Esperara, contra toda esperança, que Cersei tivesse, de algum modo, entendido mal, mas era claro que não. *Ele sabe sobre nós. Sobre Tommen e Myrcella. E Cersei sabe que ele sabe*. Sor Kevan era um Lannister de Rochedo Casterly. Não era capaz de acreditar que ela lhe pudesse fazer mal, mas... *Eu estava errado sobre Tyrion, por que não estaria sobre Cersei?* Quando filhos andavam matando os pais, o que impediria uma sobrinha de ordenar a morte de um tio? *Um tio inconveniente, que sabe demais.* Embora talvez Cersei esperasse que o Cão de Caça pudesse tratar do assunto antes dela. Se Sandor Clegane abatesse Sor Kevan, ela não precisaria manchar as mãos de sangue. *E ele fará isto, caso se encontrem*. Kevan Lannister fora, tempos antes, um homem resoluto de espada na mão, mas já não era novo, e Cão de Caça...

A coluna o alcançou. Quando o primo passou por ele, flanqueado por seus dois septões, Jaime o chamou.

– Lancel. Primo. Queria felicitá-lo por seu casamento. Só lamento que meus deveres não me permitam estar presente.

– Sua Graça tem de ser protegida.

– E será. Mesmo assim, detesto perder sua noite de núpcias. Segundo julgo saber, é seu primeiro casamento e o segundo dela. Estou certo de que a senhora ficará feliz por lhe mostrar o que encaixa onde.

O comentário obsceno arrancou uma gargalhada de vários dos senhores que se encontravam por perto e um olhar desaprovador dos septões de Lancel. O primo remexeu-se desconfortavelmente na sela.

– Sei o suficiente para cumprir meu dever de marido, sor.

– Isto é precisamente aquilo que uma noiva deseja em sua noite de núpcias – Jaime rebateu. – Um marido que saiba como cumprir seu *dever*.

Um rubor subiu ao rosto de Lancel.

– Rezo por você, primo. E por Sua Graça, a rainha. Que a Velha a oriente para a sabedoria, e que o Guerreiro a proteja.

– Para que Cersei precisaria do Guerreiro? Tem a mim – Jaime fez o cavalo dar meia-volta, com o manto branco tremulando ao vento. *O Duende estava mentindo. Mais depressa Cersei teria o cadáver de Robert entre as pernas do que um tolo piedoso como Lancel. Tyrion, seu canalha maldoso, devia ter mentido sobre alguém mais crível.* Passou a galope pelo carro fúnebre do pai, dirigindo-se à cidade distante.

As ruas de Porto Real pareciam quase desertas quando Jaime Lannister se dirigiu à Fortaleza Vermelha, no topo da Colina de Aegon. Os soldados que enchiam os antros de jogo e as casas de pasto da cidade tinham ido quase todos embora. Garlan, o Galante, levara metade das forças Tyrell para Jardim de Cima, e as senhoras sua mãe e sua avó tinham partido com ele. A outra metade marchara para o sul com Mace Tyrell e Mathis Rowan, a fim de investir contra Ponta Tempestade.

Quanto à hoste Lannister, dois mil veteranos experientes permaneciam acampados fora das muralhas da cidade, esperando a chegada da frota de Paxter Redwyne que os levaria a atravessar a Baía da Água Negra até Pedra do Dragão. Lorde Stannis parecia ter deixado apenas uma pequena guarnição para trás quando zarpara para o norte, de modo que dois mil homens seriam mais do que suficientes, de acordo com a avaliação de Cersei.

O resto dos ocidentais regressara para junto de suas esposas e filhos, para reconstruir suas casas, semear seus campos e conseguir uma última colheita. Cersei levara Tommen para uma ronda aos seus acampamentos antes de se porem em marcha, com o propósito de permitir que os homens saudassem seu pequeno rei. Nunca estivera tão bela como naquele dia, com um sorriso nos lábios e o sol de outono brilhando em seus cabelos dourados. Não importa o que dissessem da irmã, ela sabia como fazer que os homens a amassem quando se importava o suficiente para tentar.

Quando Jaime entrou a trote pelos portões do castelo, deparou com duas dúzias de cavaleiros arremetendo contra um estafermo no pátio exterior. *Mais uma coisa que já não posso fazer*, pensou. Uma lança era mais pesada e difícil de manejar do que uma espada, e esta já se mostrava provação suficiente. Supunha que poderia tentar segurar a lança com a mão esquerda, mas isto significaria passar o escudo para o braço direito. Numa justa, o adversário estava sempre do lado esquerdo. Um escudo no braço direito seria tão útil quanto mamilos na placa de peito. *Não, meus dias de justas chegaram ao fim*, pensou enquanto desmontava, mesmo assim, parou para assistir durante algum tempo.

Sor Tallad, o Alto, perdeu a montaria quando o saco de areia deu a volta e o atingiu na cabeça. Varrão Forte atingiu o escudo com tanta força que o rachou. Kennos de Kayce terminou a destruição. Um novo escudo foi pendurado para Sor Dermot, da Mata de Chuva. Lambert Turnberry deu apenas um golpe de raspão, mas Jon Imberbe Bettley, Humfrey Swyft e Alyn Stackspear conseguiram todos golpes bem dados, e Ronnet Vermelho Connington quebrou a lança, e acertou em cheio. Então, o Cavaleiro das Flores montou e reduziu todos os outros ao embaraço.

Jaime sempre achara que três quartos de uma justa eram equitação. Sor Loras montava de forma soberba e manejava uma lança como se tivesse nascido com uma na mão... o que sem dúvida explicava a expressão aflita da mãe. *Ele coloca a ponta precisamente onde pretende colocá-la e parece ter o equilíbrio de um gato. Talvez não tenha sido assim tão por acaso que me derrubou*. Era uma pena que nunca mais pudesse testar o rapaz. Deixou os homens absortos em seu desporte.

Cersei encontrava-se em seu aposento privado, na Fortaleza de Maegor, com Tommen e a morena esposa de Lorde Merryweather. Estavam os três rindo com o Grande Meistre Pycelle.

– Perdi algum gracejo inteligente? – Jaime perguntou ao cruzar a soleira da porta.

– Oh, veja – ronronou a Senhora Merryweather –, seu bravo irmão regressou, Vossa Graça.

– A maior parte dele – Jaime percebeu que a rainha segurava um copo. Nos últimos tempos, Cersei parecia ter sempre um jarro de vinho à mão, ela que antes desprezara Robert Baratheon por beber. Não gostava daquilo, mas ultimamente parecia não gostar de nada que a irmã fizesse.

– Grande Meistre – ela disse –, partilhe as novas com o Senhor Comandante, por favor.

Pycelle parecia desesperadamente desconfortável.

– Chegou uma ave – disse. – De Stokeworth. Senhora Tanda manda a notícia de que a filha Lollys deu à luz um filho forte e saudável.

– E nunca adivinhará o nome que deram ao bastardozinho, irmão.

– Se bem me lembro, queriam chamá-lo Tywin.

– Sim, mas eu os proibi. Disse a Falyse que não aceitaria que o nobre nome de nosso pai fosse atribuído à descendência mal gerada de algum criador de porcos e de uma porca desmiolada.

– Senhora Stokeworth insiste que o nome da criança não foi obra sua – interveio o Grande Meistre Pycelle. Suor salpicava sua testa enrugada. – Escreve dizendo que foi o marido de Lollys quem fez a escolha. Aquele homem, Bronn, ele... parece que ele...

– Tyrion – Jaime arriscou. – Chamou à criança *Tyrion*.

O velho fez um aceno trêmulo, limpando a testa com a manga da veste.

Jaime teve de rir.

– Aí está, querida irmã. Tem andado à procura de Tyrion por todo lado, e ele esteve todo o tempo escondido no ventre de Lollys.

– Engraçado. Você e Bronn são ambos tão engraçados. Sem dúvida que o bastardo suga uma das tetas de Lollys Idiota neste exato momento, enquanto esse mercenário o observa, sorrindo de sua pequena insolência.

– Talvez a criança tenha alguma semelhança com seu irmão – sugeriu a Senhora Merryweather. – Pode ter nascido deformado, ou sem nariz – e soltou uma gargalhada gutural.

– Teremos de mandar um presente para o querido garoto – a rainha declarou. – Não teremos, Tommen?

– Podíamos lhe mandar um gatinho.

– Uma cria de leão – disse a Senhora Merryweather. *Para lhe rasgar a goelinha*, sugeria seu sorriso.

– Tenho um tipo diferente de presente em mente – Cersei rebateu.

*O mais provável é que seja um novo padrasto*. Jaime conhecia a expressão que a irmã trazia nos olhos. Já vira-a, e a última vez fora na noite do casamento de Tommen, quando ela queimara a Torre da Mão. A luz verde do fogovivo banhara o rosto de quem assistia, fazendo-os parecer-se com cadáveres em putrefação, uma alcateia de alegres

vampiros, mas alguns dos cadáveres eram mais bonitos do que os outros. Mesmo sob aquele brilho sinistro, Cersei era bela de se contemplar. Ficara em pé, com uma mão no peito, os lábios entreabertos, os olhos verdes brilhando. *Ela está chorando*, então Jaime tinha compreendido, mas se era de desgosto ou de êxtase não saberia dizer.

Ver aquilo o enchera de inquietação, fazendo-o se recordar de Aerys Targaryen e do modo como as chamas o excitava. Um rei não tem segredos para com sua Guarda Real. As relações entre Aerys e sua rainha tinham sido tensas durante os últimos anos de seu reinado. Dormiam separados, e faziam o que podiam para evitar um ao outro durante as horas de vigília. Mas sempre que Aerys entregava um homem às chamas, a Rainha Rhaella teria um visitante durante a noite. No dia em que queimara sua mão da maça e do punhal, Jaime e Jon Darry tinham ficado de guarda à porta do quarto dela enquanto o rei obtinha seu prazer.

– Está me machucando – tinham ouvido Rhaella gritar através da porta de carvalho. – Está *me machucando* – de certo e estranho modo, aquilo tinha sido pior do que os gritos de Lorde Chelsted.

– Juramos defendê-la também – Jaime finalmente foi compelido a dizer.

– Sim, juramos – Darry respondeu –, mas não dele.

Jaime só tinha visto Rhaella uma vez depois daquilo, na manhã do dia em que partira para Pedra do Dragão. A rainha estava envolta num manto e levava um capuz na cabeça quando subira para a real casa sobre rodas que a levaria ao longo da vertente da Colina de Aegon até o navio que a aguardava, mas ouvira as aias sussurrando depois de ela partir. Diziam que o aspecto da rainha era tal que parecia que uma fera a tinha dilacerado, rasgando-lhe as coxas com as garras e roendo-lhe os seios. *Uma fera coroada*, Jaime soube.

No fim, o Rei Louco tornara-se tão temeroso que não admitia lâminas em sua presença, exceto as espadas que a Guarda Real usava. Sua barba estava cheia de nós e suja, os cabelos eram um emaranhado loiro-prateado que lhe chegava à cintura, as unhas garras rachadas e amarelas, com vinte centímetros de comprimento. Mesmo assim as lâminas o atormentavam, aquelas de que não poderia nunca escapar, as lâminas do Trono de Ferro. Seus braços e suas pernas estavam sempre cobertos de crostas e cortes meio cicatrizados.

*Que seja o rei de ossos carbonizados e carne queimada*, recordou Jaime, estudando o sorriso da irmã. *Que seja rei das cinzas*.

– Vossa Graça – disse –, podemos conversar em particular?

– Como quiser. Tommen, já passa da hora de sua aula de hoje. Vá com o Grande Meistre.

– Sim, mãe. Estamos estudando Baelor, o Abençoado.

A Senhora Merryweather também se retirou, beijando a rainha em ambas as bochechas.

– Devo regressar para o jantar, Vossa Graça?

– Ficarei muito zangada com você se não o fizer.

Jaime não conseguiu evitar reparar no modo como a mulher de Myr movia as ancas ao caminhar. *Cada passo é uma sedução*. Quando a porta se fechou atrás dela, pigarreou e disse:

– Primeiro aqueles Kettleblack, depois Qyburn, agora ela. A fauna que a rodeia hoje em dia é bem estranha, querida irmã.

– Estou me tornando muito amiga da Senhora Taena. Ela me diverte.

– Ela é uma das companheiras de Margaery Tyrell – relembrou-lhe Jaime. – Dá informações sobre você à pequena rainha.

– Claro que dá – Cersei dirigiu-se ao aparador para voltar a encher a taça. – Margaery ficou deliciada quando lhe pedi licença para tomar Taena como minha companheira. Devia tê-la ouvido. "Ela será uma irmã para você, assim como tem sido para mim. Claro que pode ficar com ela! Eu tenho as minhas primas e as outras senhoras." Nossa pequena rainha não quer que eu me sinta sozinha.

– Se sabe que ela é uma espiã, por que acolhê-la?

– Margaery não tem metade da esperteza que julga ter. Não faz ideia da doce serpente que tem naquela cadela de Myr. Uso Taena para transmitir à pequena rainha aquilo que quero que ela saiba. Parte até é verdade – os olhos de Cersei brilhavam com a travessura. – E Taena me conta tudo o que a Donzela Margaery faz.

– Ah... conta? O que você sabe sobre essa mulher?

– Sei que é uma mãe, com um filho jovem que deseja subir alto no mundo. Fará tudo o que for necessário para se assegurar de que isto aconteça. As mães são todas iguais. Senhora Merryweather pode ser uma serpente, mas está longe de ser estúpida. Sabe que posso fazer mais por

ela do que Margaery, portanto, torna-se útil para mim. Você se surpreenderia com todas as coisas interessantes que me contou.

– Que tipo de coisas?

Cersei sentou-se sob a janela:

– Sabia que a Rainha dos Espinhos tem uma arca cheia de moedas em sua casa sobre rodas? Ouro velho de antes da Conquista. Se algum mercador for suficientemente insensato para fazer um preço em moedas de ouro, ela lhe paga com mãos de Jardim de Cima, que têm metade do peso dos nossos dragões. Que mercador se atreveria a se queixar de ser enganado pela senhora mãe de Mace Tyrell? – bebericou o vinho e perguntou: – Gostou do seu pequeno passeio?

– Nosso tio fez um comentário sobre sua ausência.

– Os comentários de nosso tio não me interessam.

– Deviam interessar. Podia fazer bom uso dele. Se não fosse em Correrrio ou no Rochedo, então no Norte, contra Lorde Stannis. O pai sempre contou com Kevan quando...

– Roose Bolton é o nosso Protetor do Norte. Ele lidará com Stannis.

– Lorde Bolton está encurralado abaixo do Gargalo, impedido de chegar ao Norte pelos homens de ferro em Fosso Cailin.

– Não por muito tempo. O filho bastardo de Bolton removerá em breve esse pequeno obstáculo. Lorde Bolton terá dois mil Frey para aumentar suas forças, sob o comando dos filhos de Lorde Walder, Hosteen e Aenys. Isto deve ser mais do que suficiente para lidar com Stannis e alguns milhares de desertores.

– Sor Kevan...

– ... terá as mãos cheias em Darry, ensinando Lancel como limpar o cu. A morte do pai o castrou. É um homem velho e acabado. Daven e Damion nos servirão melhor.

– Serão suficientes – Jaime não tinha disputas com os primos. – Mas ainda precisa de uma Mão. Se não for o nosso tio, então, quem?

A irmã soltou uma gargalhada:

– Você, não. Nada tema a este respeito. Talvez o marido de Taena. O avô dele foi Mão de Aerys.

*A Mão da cornucópia*. Jaime lembrava-se bastante bem de Owen Merryweather, um homem amigável, mas ineficaz.

– Se bem me lembro, ele fez tão bom trabalho que Aerys o exilou e confiscou suas terras.

– Robert as devolveu. Algumas, pelo menos. Taena ficará contente se Orton conseguir recuperar o resto.

– A ideia aqui é agradar a uma puta qualquer de Myr? E eu que pensava que era governar o reino.

– *Eu* governo o reino.

*Que os Sete nos salvem a todos, mas é verdade*. A irmã gostava de pensar em si própria como um Lorde Tywin com seios, mas enganava-se. O pai fora tão inexorável e implacável como um glaciar, enquanto Cersei era toda fogovivo, especialmente quando contrariada. Ficara tonta como uma donzela quando soube que Stannis abandonara Pedra do Dragão, certa de que ele finalmente desistira da luta e zarpara para o exílio. Quando chegou do Norte a notícia de que voltara a aparecer na Muralha, sua fúria fora terrível de se contemplar. *Não lhe faltam miolos, mas não tem bom-senso nem paciência.*

– Precisa de uma Mão forte para ajudá-la.

– Um governante *fraco* precisa de uma Mão forte, como Aerys precisou do pai. Um governante forte necessita apenas de um criado diligente que ponha em prática suas ordens – fez rodopiar o vinho. – Lorde Hallyne podia adequar-se. Não seria o primeiro piromante a servir como Mão do Rei.

*Não mesmo. Eu matei o último.*

– Dizem que pretende fazer de Aurane Waters mestre dos navios.

– Alguém anda lhe dando informações a meu respeito? – quando ele não respondeu, Cersei jogou os cabelos para trás e disse: – Waters adapta-se bem ao cargo. Passou metade da vida nos navios.

– Metade da vida? Ele não pode ter mais do que vinte anos.

– Vinte e dois. E então? O pai nem sequer tinha vinte e um quando Aerys Targaryen o nomeou Mão. Já é mais que hora de Tommen ter alguns homens jovens à sua volta, no lugar de todos aqueles grisalhos enrugados. Aurane é forte e vigoroso.

*Forte, vigoroso e atraente...*, Jaime pensou. *Ela tem andado fodendo Lancel e Osmund Kettleblack, e provavelmente até o Rapaz Lua, tanto quanto sei...*

– Paxter Redwyne seria uma escolha melhor. Ele comanda a maior frota em Westeros. Aurane Waters podia comandar um esquife, mas só se você comprasse um para ele.

– Você é uma criança, Jaime. Redwyne é vassalo do Tyrell e sobrinho daquela hedionda avó que ele tem. Não quero nenhuma das criaturas de Lorde Tyrell no meu conselho.

– No conselho de Tommen, você quer dizer.

– Você sabe o que quero dizer.

*Bem demais*.

– O que sei é que Aurane Waters é má ideia, e Hallyne pior ainda. Quanto a Qyburn... pela bondade dos deuses, Cersei, ele acompanhou *Vargo Hoat*. A Cidadela o *despojou da corrente!*

– As ovelhas cinzentas. Qyburn tornou-se muito útil para mim. E é leal, o que é mais do que posso dizer de minha própria família.

*Os corvos se banquetearão com todos nós se seguir este caminho, querida irmã.*

– Cersei, ouça o que está dizendo. Está enxergando anões em cada sombra e transformando amigos em inimigos. O tio Kevan não é seu inimigo. *Eu* não sou seu inimigo.

O rosto dela retorceu-se de fúria:

– Supliquei-lhe ajuda. Pus-me de joelhos por você, e *você me recusou*!

– Os meus votos...

– ... não o impediram de matar Aerys. As palavras são vento. Podia ter ficado comigo, mas preferiu um manto. Vá embora.

– Irmã...

– *Vá embora*, eu disse. Estou farta de olhar para este feio coto que traz aí. *Vá embora!* – para apressá-lo, lançou-lhe a taça de vinho à cabeça. Falhou, mas Jaime entendeu a deixa.

O ocaso foi encontrá-lo sentado sozinho na sala comum da Torre da Espada Branca, com uma taça de tinto de Dorne e o Livro Branco. Virava páginas com o coto da mão da espada quando o Cavaleiro das Flores entrou, despiu o manto e o cinto da espada e os pendurou num cabide ao lado dos de Jaime.

– Vi você hoje no pátio – Jaime disse. – Montou bem.

– Com certeza foi melhor do que *bem* – Sor Loras serviu-se de uma taça de vinho e se sentou do outro lado da mesa em forma de meia-lua.

– Um homem mais modesto poderia ter respondido “O senhor é muito gentil”, ou “Tive uma boa montaria”.

– O cavalo era adequado, e o senhor é tão gentil quanto sou modesto – Loras indicou o livro com um gesto. – Lorde Renly sempre dizia que os livros eram coisa de meistre.

– Este é coisa nossa. A história de todos os homens que algum dia usaram um manto branco está escrita aqui.

– Já passei os olhos por ele. Os escudos são bonitos. Prefiro livros com mais iluminuras. Lorde Renly possuía alguns com desenhos capazes de cegar um septão.

Jaime teve de sorrir:

– Aqui não há nenhum desses, sor, mas as histórias abrirão seus olhos. Faria bem em conhecer a vida daqueles que vieram antes de nós.

– Já conheço. Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, Sor Ryam Redwyne, o Coração-Magno, Barristan, o Ousado...

– ... Gwayne Corbray, Alyn Connington, o Demônio de Darry. Deve também ter ouvido falar de Lucamore Strong.

– Sor Lucamore, o Ardente? – Sor Loras parecia se divertir. – Três mulheres e trinta filhos, não foi? Cortaram-lhe o pau. Quer que eu cante a canção, senhor?

– E Sor Terrence Toyne?

– Dormiu com a amante do rei e morreu aos gritos. A lição é: homens que usam calções brancos devem mantê-los bem atados.

– Gyles Manto-Cinza? Orivel, o Mãos-Largas?

– Gyles foi um traidor, Orivel um covarde. Homens que envergonharam o manto branco. O que o senhor está sugerindo?

– Pouco e menos ainda. Não se ofenda quando não há qualquer intenção de ofender, sor. E o Longo Tom Costayne?

Sor Loras balançou a cabeça.

– Foi um cavaleiro da Guarda Real durante sessenta anos.

– Quando foi isso? Nunca...

– E Sor Donnel de Valdocaso?

– Posso ter ouvido o nome, mas...

– Addison Hill? O Coruja Branca, Michael Mertyns? Jeffory Norcross? Chamavam-no Render-Jamais. Robert Vermelho Flowers? Que pode me dizer sobre eles?

– Flowers é um nome de bastardo. Hill também.

– E, no entanto, ambos chegaram ao comando da Guarda Real. Suas histórias estão no livro. Rolland Darklyn também está aqui. O mais jovem homem a servir na Guarda Real antes de mim. O manto lhe foi dado num campo de batalha, e ele morreu menos de uma hora depois de envergá-lo.

– Não pode ter sido muito bom.

– Foi suficientemente bom. Morreu, mas seu rei sobreviveu. Montes de homens corajosos usaram o manto branco. A maior parte foi esquecida.

– A maior parte merece ser esquecida. Os heróis serão sempre recordados. Os melhores.

– Os melhores e os piores – *o que significa que é provável que um de nós sobreviva nas canções.* – E alguns que eram um pouco das duas coisas. Como ele – Tamborilou na página que estava lendo.

– Quem? – Sor Loras esticou a cabeça para ver. – Dez bolas negras em fundo escarlate. Não conheço essas armas.

– Pertenciam a Criston Cole, que serviu o primeiro Viserys e o segundo Aegon – Jaime fechou o Livro Branco. – Chamavam-no o Fazedor de Reis.

## CERSEI

*Três miseráveis idiotas com um* saco *de couro*, pensou a rainha quando os homens se dobraram sobre os joelhos à sua frente. O aspecto deles não a encorajava. *Suponho que haja sempre uma chance.*

– Vossa Graça – disse Qyburn em voz baixa –, o pequeno conselho...

– ... esperará por mim. Talvez possa levar notícias sobre a morte de um traidor – do outro lado da cidade, os sinos do Septo de Baelor cantavam sua canção de luto. *Nenhum sino soará por você*, Tyrion, pensou Cersei. *Mergulharei sua cabeça em alcatrão e darei seu corpo retorcido aos cães*. – Em pé – ela ordenou aos aspirantes a lordes. – Mostrem o que me trouxeram.

Eles se levantaram; três homens feios e esfarrapados. Um tinha um furúnculo no pescoço, e nenhum tomara banho no último meio ano. A possibilidade de elevar gente como eles a uma senhoria a divertia. *Podia colocá-los ao lado de Margaery em banquetes*. Quando o idiota chefe desatou a corda que fechava o saco e mergulhou a mão lá dentro, o cheiro de decomposição encheu a sala de audiências como uma fétida roseira. A cabeça que ele tirou para fora era verde-acinzentada e estava repleta de larvas. *Cheira como o pai*. Dorcas arquejou, e Jocelyn cobriu a boca com a mão e vomitou.

A rainha examinou o prisioneiro, sem vacilar:

– Mataram o anão errado – disse por fim, ressentindo-se de cada palavra.

– Não matamos, não – um dos idiotas se atreveu a dizer. – Isto tem de ser ele, sor. Um anão, vê? Apodreceu um bocado, é só isso.

– E também lhe cresceu um nariz novo – Cersei observou. – E um nariz bastante proeminente, eu diria. O nariz de Tyrion foi cortado numa batalha.

Os três idiotas trocaram um olhar.

– Ninguém nos disse – informou aquele que tinha a cabeça na mão. – Este apareceu caminhando com todo o descaramento do mundo, um anão feio qualquer, e a gente pensou...

– Ele *disse* que era um pardal – acrescentou o do furúnculo –, e *você* disse que ele estava mentindo – a acusação dirigia-se ao terceiro homem.

A rainha enfureceu-se ao pensar que tinha deixado o pequeno conselho à espera por causa daquela farsa.

– Desperdiçaram meu tempo e mataram um homem inocente. Devia mandar cortar-lhes a cabeça – mas, se o fizesse, o próximo homem poderia hesitar e permitir que o Duende escapasse. Preferia fazer uma pilha de anões mortos com três metros de altura a deixar que isso acontecesse. – Saiam da minha vista.

– Sim, Vossa Graça – disse o do furúnculo. – Pedimos perdão.

– Quer a cabeça? – perguntou o homem que a tinha na mão.

– Entregue-a a Sor Meryn. Não, *dentro* do saco, seu cretino. Sim. Sor Osmund, acompanhe-os até lá fora.

Trant levou a cabeça e Kettleblack os carrascos, deixando apenas o café da manhã da Senhora Jocelyn como indício de sua visita.

– Limpe isto imediatamente – ordenou-lhe a rainha. Aquela tinha sido a terceira cabeça que lhe entregavam. *Pelo menos esta era de um anão*. A última era apenas de uma criança feia.

– Alguém encontrará o anão, não tema – garantiu-lhe Sor Osmund. – E quando o fizerem, o deixaremos bem morto.

*Ah, é mesmo?* Na noite anterior Cersei tinha sonhado com a velha, com suas maxilas pedregosas e a voz coaxante. Maggy, a Rã, era como a chamavam nas ruas de Lanisporto. *Se o pai tivesse descoberto o que ela me disse, teria mandado cortar-lhe a língua*. Mas Cersei nunca contara a ninguém, nem mesmo a Jaime. *Melara disse que se nunca falássemos das profecias dela, não as esqueceríamos. Disse que uma profecia esquecida não se podia tornar verdadeira.*

– Tenho informantes farejando o Duende por todo lado, Vossa Graça – disse Qyburn. Envergava algo muito semelhante a uma veste de meistre, mas branca, em vez de cinza, imaculada como os mantos da Guarda Real. Volutas de ouro decoravam-lhe a bainha, as mangas e o rígido colarinho alto, e trazia uma faixa dourada atada à cintura. – Em Vilavelha, Vila

Gaivota, Dorne, até nas Cidades Livres. Não importa para onde fuja, meus transmissores de segredos o encontrarão.

– Parte do princípio de que ele abandonou Porto Real. Pode estar escondido no Septo de Baelor, tanto quanto sabemos, balançando nas cordas dos sinos para fazer aquela horrível algazarra – Cersei fez uma expressão amarga e permitiu que Dorcas a ajudasse a se levantar. – Venha, senhor. Meu conselho espera – deu o braço a Qyburn ao descer as escadas. – Tratou daquela pequena tarefa que lhe atribuí?

– Tratei, Vossa Graça. Lamento que tenha demorado tanto tempo. É uma cabeça tão grande. Os escaravelhos levaram muitas horas para limpar a carne. Como pedido de desculpas, forrei uma caixa de ébano e prata com feltro, para fazer uma apresentação adequada do crânio.

– Um saco de pano serviria igualmente bem. Príncipe Doran quer a cabeça. Está pouco se importando com o tipo de caixa em que ela virá.

O repicar dos sinos era mais forte no pátio. *Ele era só um Alto Septão. Quanto mais tempo teremos de aguentar isto?* Os sinos eram mais melodiosos do que os gritos da Montanha tinham sido, mas...

Qyburn pareceu pressentir o que ela pensava.

– Os sinos pararão ao pôr do sol, Vossa Graça.

– Isso será um grande alívio. Como sabe?

– Saber é a natureza do serviço que presto.

*Varys nos fez acreditar que era insubstituível. Que tolos fomos*. Depois de a rainha ter feito constar que Qyburn ocuparia o lugar do eunuco, os parasitas de costume não tinham perdido tempo em se dar a conhecer para trocar seus sussurros por algumas moedas. *Sempre foi a prata, não a Aranha. Qyburn nos servirá igualmente bem*. Estava ansiosa para ver a expressão no rosto de Pycelle quando Qyburn ocupasse seu lugar.

Um cavaleiro da Guarda Real encontrava-se sempre a postos na porta dos aposentos do conselho quando o pequeno conselho estava em sessão. Naquele dia, era Sor Boros Blount.

– Sor Boros – disse a rainha num tom agradável –, pareceu bastante pálido hoje de manhã. Algo que tenha comido, talvez? – Jaime fizera dele provador do rei. *Uma tarefa saborosa, mas vergonhosa para um cavaleiro*. Blount odiava-a. Suas bochechas caídas estremeceram quando segurou a porta para eles passarem.

Os conselheiros aquietaram-se quando ela entrou. Lorde Gyles tossiu como em saudação, fazendo ruído suficiente para acordar Pycelle. Os outros ergueram-se, proferindo palavras cerimoniosas. Cersei permitiu-se o mais tênue dos sorrisos.

– Senhores, sei que todos perdoarão meu atraso.

– Estamos aqui para servir Vossa Graça – disse Sor Harys Swyft. – É um prazer esperar sua chegada.

– Estou certa de que todos conhecem Lorde Qyburn.

Grande Meistre Pycelle não a desapontou.

– *Lorde* Qyburn? – conseguiu dizer, tornando-se roxo. – Vossa Graça, este... Um meistre profere votos sagrados, jurando não possuir terras nem senhorias...

– Sua Cidadela tirou-lhe a corrente – lembrou Cersei. – Se ele não é um, não pode ser limitado pelos votos de meistre. Talvez recorde-se de que também chamávamos o eunuco de *lorde*.

Pycelle pôs-se a falar de maneira atrapalhada.

– Este homem é... ele é inadequado...

– Não ouse falar de *adequação* comigo depois do nauseabundo objeto de escárnio em que transformou o cadáver do meu pai.

– Vossa Graça não pode pensar... – o velho ergueu a mão manchada, como que para se proteger de um golpe. – As irmãs silenciosas removeram as entranhas e os órgãos de Lorde Tywin, drenaram-lhe o sangue... tomaram todos os cuidados... seu corpo foi preenchido com sais e ervas odoríferas...

– Oh, poupe-me dos detalhes repugnantes. Eu cheirei o resultado de seus *cuidados*. As artes curativas de Lorde Qyburn salvaram a vida de meu irmão, e não duvido de que ele servirá ao rei de forma mais hábil do que aquele eunuco afetado. Senhor, conhece seus colegas do conselho?

– Seria débil informador se não conhecesse, Vossa Graça – Qyburn sentou-se entre Orton Merryweather e Gyles Rosby.

*Meus conselheiros*. Cersei arrancara todas os rosas, e todos aqueles com obrigações para com o tio ou os irmãos. Em seus lugares encontravam-se homens cuja lealdade lhe pertencia. Até lhes dera novos títulos, e pedidos de empréstimo às Cidades Livres; a rainha não admitiria nenhum “mestre” na corte além de si própria. Orton Merryweather era seu administrador de justiça; Gyles Rosby, seu senhor

tesoureiro. Aurane Waters, o fogoso jovem Bastardo de Derivamarca, seria seu grande almirante.

E para Mão, Sor Harys Swyft.

Mole, careca e obsequioso, Swyft possuía um absurdo tufozinho branco de barba onde a maioria dos homens tinha um queixo. O galo anão azul de sua Casa estava desenhado em contas de lápis-lázuli na frente de seu gibão de pelúcia amarela. Por cima daquilo, usava uma capa de veludo azul decorada com uma centena de mãos douradas. Sor Harys ficara deliciado com a nomeação, obtuso demais para perceber que era mais refém do que Mão. A filha era esposa do tio de Cersei, e Kevan amava sua senhora desprovida de queixo, por mais rasa de peito que fosse, por mais galináceas que fossem suas pernas. Enquanto tivesse Sor Harys na mão, Kevan Lannister teria de pensar duas vezes antes de se lhe opor. *É certo que um sogro não é o refém ideal, mas antes um escudo fraco do que nenhum*.

– O rei virá juntar-se a nós? – perguntou Orton Merryweather.

– Meu filho está brincando com sua pequena rainha. No momento, sua ideia de ser rei é carimbar papéis com o selo real. Sua Graça ainda é novo demais para compreender assuntos de Estado.

– E o nosso valente Senhor Comandante?

– Sor Jaime encontra-se em seu armeiro, experimentando uma mão. Sabe que estávamos todos fartos daquele feio toco. E creio bem que ele acharia esses procedimentos tão cansativos quanto Tommen – Aurane Waters respondeu com um risinho. *Ótimo*, pensou Cersei, *quanto mais rirem, menos ameaçadores eles serão. Que riam*. – Temos vinho?

– Temos, Vossa Graça – Orton Merryweather não era um homem de boa aparência, com seu grande nariz de aspecto pesado e o desordenado matagal ruivo alaranjado que tinha na cabeça, mas nunca era menos que cortês. – Temos tinto de Dorne e Dourado da Árvore, e um belo hipocraz doce de Jardim de Cima.

– O dourado, parece-me. Acho os vinhos de Dorne tão amargos quanto os dorneses – enquanto Merryweather lhe enchia a taça, Cersei disse: – Suponho que podemos começar por eles.

Os lábios do Grande Meistre Pycelle ainda tremiam, mas de algum modo conseguiu descobrir onde tinha a língua.

– Às suas ordens. Príncipe Doran prendeu as insubmissas bastardas do irmão, mas Lançassolar continua em ebulição. O príncipe escreve que não tem esperança de acalmar as águas até receber a justiça que lhe foi prometida.

– Com certeza – *uma criatura cansativa esse príncipe*. – Sua longa espera está prestes a terminar. Vou enviar Balon Swann a Lançassolar, para lhe entregar a cabeça de Gregor Clegane – Sor Balon teria também outra tarefa, mas era melhor omitir esta parte.

– Ah – Sor Harys Swyft remexeu sua divertida barbicha com o polegar e o indicador. – Então ele está morto? Sor Gregor?

– Imagino que sim, senhor – Aurane Waters disse secamente. – Disseram-me que remover a cabeça de cima do corpo é frequentemente mortal.

Cersei o favoreceu com um sorriso; apreciava um pouco de espírito, desde que não fosse ela o alvo.

– Sor Gregor não resistiu aos ferimentos, tal como Grande Meistre Pycelle tinha previsto.

Pycelle fitou Qyburn com uma expressão amarga.

– A lança estava envenenada. Ninguém poderia tê-lo salvado.

– Foi o que disse. Lembro-me bem – a rainha virou-se para sua Mão. – De que falavam quando cheguei, Sor Harys?

– De pardais, Vossa Graça. O Septão Raynard diz que podem subir a dois mil os que se encontram na cidade, e chegam mais todos os dias. Seus líderes pregam sobre a condenação e a adoração de demônios...

Cersei provou o vinho. *Muito agradável*.

– E já há muito que alguém devia fazê-lo, não lhe parece? De que chamaria aquele deus vermelho que Stannis adora, se não de demônio? A Fé deve opor-se a um mal como este – Qyburn lembrara-lhe daquilo, o esperto homem. – Nosso falecido Alto Septão deixava passar muitas coisas, temo. A idade diminuíra-lhe a visão e exaurira-lhe as forças.

– Ele era um velho acabado, Vossa Graça – Qyburn sorriu para Pycelle. – Seu falecimento não nos devia ter surpreendido. Ninguém pode pedir mais do que morrer pacificamente no sono ainda cheio de anos.

– Não – disse Cersei –, mas esperemos bem que seu sucessor seja mais vigoroso. Meus amigos da outra colina dizem-me que o mais provável é que seja Torbert ou Raynard.

Grande Meistre Pycelle pigarreou.

– Também tenho amigos entre os Mais Devotos, e eles falam do Septão Ollidor.

– Não menospreze Luceon – disse Qyburn. – Na noite passada homenageou trinta dos Mais Devotos com leitão e Dourado da Árvore, e de dia distribui pão duro aos pobres, para demonstrar sua piedade.

Aurane Waters parecia tão aborrecido quanto Cersei com toda aquela conversa oca sobre septões. Visto de perto, seus cabelos eram mais prateados do que dourados, e os olhos eram cinza-esverdeados, ao passo que os do Príncipe Rhaegar tinham sido purpúreos. Mesmo assim, a semelhança... Perguntou a si mesma se Waters cortaria a barba por ela. Embora fosse dez anos mais novo do que Cersei, desejava-a; ela percebia no modo como a olhava. Os homens olhavam-na daquela forma desde que os seios tinham começado a despontar. *Porque eu era tão bela, diziam eles, mas Jaime também era belo, e nunca os olhava daquela forma*. Quando era pequena, por vezes vestia a roupa do irmão, de brincadeira. Ficava sempre surpresa com a diferença de tratamento dos homens para com ela quando pensavam que era Jaime. Até o próprio Lorde Tywin...

Pycelle e Merryweather continuavam a jogar com as palavras a propósito de quem se tornaria o novo Alto Septão.

– Um servirá tão bem quanto o outro – anunciou abruptamente a rainha –, mas seja quem for, quem colocar a coroa de cristal deve proclamar um anátema contra o Duende – o último Alto Septão mantivera-se notavelmente silencioso acerca de Tyrion. – Quanto a esses pardais cor-de-rosa, desde que não preguem a traição, são problema da Fé, não nosso.

Lorde Orton e Sor Harys murmuraram acordo. A tentativa de Gyles Rosby para fazer o mesmo dissolveu-se num ataque de tosse. Cersei virou o rosto, repugnada, quando ele puxou um escarro de muco ensanguentado.

– Meistre, trouxe a carta vinda do Vale?

– Trouxe, Vossa Graça – Pycelle colheu-a de sua pilha de papéis e a alisou. – É mais uma declaração do que uma carta. Assinada em Pedrarruna por Bronze Yohn Royce, Senhora Waynwood, os Lordes Hunter, Redfort e Belmore e por Symond Templeton, o Cavaleiro de Novestrelas. Todos eles afixaram seus selos. Escrevem...

*Um monte de asneiras.*

– Os senhores podem ler a carta se assim o desejarem. Royce e os outros estão reunindo homens por baixo do Ninho da Águia. Pretendem retirar de Mindinho o cargo de Senhor Protetor do Vale, à força se necessário. A questão é: devemos permitir?

– Lorde Baelish procura nossa ajuda? – Harys Swyft quis saber.

– Por enquanto não. Na verdade, parece bastante despreocupado. Sua última carta menciona os rebeldes apenas de passagem antes de me implorar que lhe envie umas velhas tapeçarias de Robert.

Sor Harys passou os dedos pela barba.

– E esses senhores da declaração, será que *eles* apelam ao rei para que os ajude?

– Não.

– Então... talvez não tenhamos de fazer nada.

– Uma guerra no Vale seria uma grande tragédia – Pycelle observou.

– Guerra? – Orton Merryweather soltou uma gargalhada. – Lorde Baelish é um homem muito divertido, mas não se trava uma guerra com ditos de espírito. Duvido que chegue a haver derramamento de sangue. E será que importa quem é regente do pequeno Lorde Robert, desde que o Vale envie seus impostos?

*Não*, decidiu Cersei. Na verdade, Mindinho tinha sido mais útil na corte. *Ele tinha um dom para arranjar ouro, e nunca tossia.*

– Lorde Orton me convenceu. Meistre Pycelle, instrua esses Senhores Declarantes de que nenhum mal deve acontecer a Petyr. Fora isso, a coroa se satisfará com quaisquer disposições que possam fazer para a governança do Vale durante a menoridade de Robert Arryn.

– Muito bem, Vossa Graça.

– Podemos discutir a frota? – Aurane Waters perguntou. – Menos de uma dúzia de nossos navios sobreviveu ao inferno na Água Negra. Temos de restaurar nosso poder no mar.

Merryweather assentiu:

– O poder naval é altamente essencial.

– Seria possível fazer uso dos homens de ferro? – Orton Merryweather questionou. – O inimigo do nosso inimigo? O que quereria de nós a Cadeira de Pedra do Mar como preço de uma aliança?

– Eles querem o Norte – respondeu Grande Meistre Pycelle –, que o nobre pai de nossa rainha prometeu à Casa Bolton.

– Que inconveniente – Merryweather interveio. – Mesmo assim, o Norte é grande. As terras poderiam ser divididas. Não precisa ser um arranjo permanente. Bolton poderá consentir, desde que lhe asseguremos de que nossas forças serão suas assim que Stannis for destruído.

– Ouvi dizer que Balon Greyjoy está morto – disse Sor Harys Swyft. – Sabemos quem governa agora as ilhas? Lorde Balon tinha um filho?

– Leo? – tossiu Lorde Gyles. – Theo?

– Theon Greyjoy foi criado em Winterfell, como protegido de Eddard Stark – disse Qyburn. – Não é provável que seja nosso amigo.

– Tinha ouvido dizer que estava morto – disse Merryweather.

– Só havia um filho? – Sor Harys Swyft repuxou a barbicha. – Irmãos. Havia irmãos. Não havia?

*Varys saberia*, pensou Cersei com irritação.

– Não pretendo subir para a cama com essa lamentável corja de lulas. A vez deles chegará, depois de ter lidado com Stannis. Aquilo de que necessitamos é de uma frota nossa.

– Proponho que construamos novos dromones – Aurane Waters falou. – Dez, para começar.

– E de onde virá o dinheiro? – Pycelle indagou.

Lorde Gyles tomou aquilo como um convite para recomeçar a tossir. Veio-lhe à boca mais cuspe cor-de-rosa, e ele o limpou dando pancadinhas na boca com um quadrado de seda vermelha.

– Não há... – conseguiu dizer, antes de a tosse lhe engolir as palavras. – ... não... nós não...

Sor Harys mostrou-se suficientemente perspicaz para compreender o significado que se escondia atrás da tosse.

– Os rendimentos da coroa nunca foram tão altos – objetou. – Foi o próprio Sor Kevan quem me disse.

Lorde Gyles tossiu:

– ... despesas... manto dourado...

Cersei já ouvira as objeções do homem.

– Nosso senhor tesoureiro está tentando nos dizer que temos homens de manto dourado de mais e ouro de menos – a tosse de Gyles começara a aborrecê-la. Garth, o Grosso, talvez não tivesse sido assim tão ruim. –

Embora altos, os rendimentos da coroa não são suficientes para acompanhar as dívidas de Robert. Por consequência, decidi adiar o pagamento das somas devidas à Fé Sagrada e ao Banco de Ferro de Bravos até o fim da guerra – não havia dúvida de que o novo Alto Septão retorceria suas santas mãos, e os bravosianos guinchariam e grasnariam, mas, e daí? – Os fundos poupados serão usados para a construção de nossa nova frota.

– Vossa Graça é prudente – disse Lorde Merryweather. – Esta é uma medida sensata. E necessária, até a guerra terminar. Concordo.

– Eu também – Sor Harys assentiu.

– Vossa Graça – disse Pycelle numa voz insegura –, temo que isto cause mais problemas do que imagina. O Banco de Ferro...

– ... continua em Bravos, longe, do outro lado do mar. Eles terão seu ouro, meistre. Um Lannister paga suas dívidas.

– Os bravosianos também têm um ditado – a corrente provida de joias de Pycelle tilintou suavemente. – *O Banco de Ferro obterá o que lhe é devido*.

– O Banco de Ferro obterá o que lhe é devido quando eu disser. Até esse momento, o Banco de Ferro esperará respeitosamente. Lorde Waters, dê início à construção de seus dromones.

– Muito bem, Vossa Graça.

Sor Harys remexeu alguns papéis.

– O assunto seguinte... Recebemos uma carta de Lorde Frey evidenciando algumas exigências...

– Quantas terras e honrarias quer esse homem? – a rainha exclamou. – Sua mãe deve ter tido três tetas.

– Os senhores podem não saber – disse Qyburn –, mas nas tabernas e casas de pasto da cidade, há quem sugira que a coroa pode ter sido de algum modo cúmplice do crime de Lorde Walder.

Os outros conselheiros fitaram-no com incerteza.

– Refere-se ao Casamento Vermelho? – perguntou Aurane Waters.

– Crime? – disse Sor Harys. Pycelle pigarreou ruidosamente. Lorde Gyles tossiu.

– Aqueles pardais são particularmente diretos – preveniu Qyburn. – O Casamento Vermelho foi uma afronta a todas as leis dos deuses e dos

homens, ela dizem, e os que tiveram uma participação no caso estão condenados.

Cersei não foi lenta para perceber o que ele queria dizer.

– Lorde Walder terá de enfrentar em breve o julgamento do Pai. É muito velho. Que os pardais cuspam em sua memória. Nada tem a ver conosco.

– Não – Sor Harys concordou.

– Não – ecoou Lorde Merryweather.

– Ninguém poderia pensar o contrário – Pycelle confirmou. Lorde Gyles tossiu.

– Um pouco de cuspe no túmulo de Lorde Walder não é coisa que perturbe os vermes – concordou Qyburn –, mas também seria útil se alguém fosse *punido* pelo Casamento Vermelho. Algumas cabeças Frey fariam muito pelo apaziguamento do Norte.

– Lorde Walder nunca sacrificará os seus – Pycelle lembrou.

– Não – Cersei interveio em tom meditativo –, mas seus herdeiros podem ser menos escrupulosos. Podemos esperar que Lorde Walder nos faça em breve a cortesia de morrer. Que melhor maneira para o novo Senhor da Travessia se livrar de meios-irmãos, primos desagradáveis e irmãs intriguistas do que indicando-os como culpados?

– Enquanto aguardamos a morte de Lorde Walder, há outro assunto – disse Aurane Waters. – A Companhia Dourada quebrou o contrato com Myr. Nas docas, tenho ouvido homens dizer que Lorde Stannis os contratou e vai trazê-los do outro lado do mar.

– Com o que lhes pagaria? – perguntou Merryweather. – Neve? Eles se chamam Companhia *Dourada*. Quanto ouro tem Stannis?

– Não muito – assegurou-lhe Cersei. – Lorde Qyburn falou com a tripulação daquela galé de Myr que se encontra na baía. Dizem que a Companhia Dourada se dirige a Volantis. Se pretendem vir para Westeros, estão marchando na direção errada.

– Talvez tenham se cansado de lutar do lado perdedor – sugeriu Lorde Merryweather.

– Também há isto – a rainha concordou. – Só um cego não consegue ver que nossa guerra está praticamente ganha. Lorde Tyrell tem Ponta Tempestade sob ataque. Correrrio está cercada pelos Frey e por meu primo Daven, nosso novo Protetor do Oeste. Os navios de Lorde

Redwyne cruzaram os Estreitos de Tarth e sobem rapidamente a costa. Só restam em Pedra do Dragão alguns barcos de pesca para se oporem ao desembarque de Redwyne. O castelo pode se aguentar durante algum tempo, mas, assim que controlarmos o porto, podemos separar a guarnição do mar. Então só restará o próprio Stannis para nos aborrecer.

– Se é possível crer em Lorde Janos, ele está tentando fazer causa comum com os selvagens – avisou Grande Meistre Pycelle.

– Selvagens vestidos de peles – declarou Lorde Merryweather. – Lorde Stannis deve estar realmente desesperado para procurar tais aliados.

– Desesperado e insensato – concordou a rainha. – Os nortenhos odeiam os selvagens. Roose Bolton não deverá ter problemas em ganhá-los para nossa causa. Alguns já se reuniram ao seu filho bastardo para ajudá-lo a enxotar os malditos homens de ferro de Fosso Cailin e abrir caminho para o regresso de Lorde Bolton. Umber, Ryswell... esqueço-me dos outros nomes. Até Porto Branco está a ponto de se juntar a nós. Seu lorde concordou em casar ambas as netas com nossos amigos Frey e em abrir o porto aos nossos navios.

– Achava que não tínhamos navios – Sor Harys manifestou-se, confuso.

– Wyman Manderly era um vassalo leal de Eddard Stark – disse o Grande Meistre Pycelle. – Podemos confiar em tal homem?

*Não podemos confiar em ninguém.*

– É um velho gordo e assustado. No entanto, está se mostrando teimoso num ponto. Insiste que não dobrará o joelho até que lhe seja devolvido o herdeiro.

– E este herdeiro está em nossas mãos? – perguntou Sor Harys.

– Encontra-se em Harrenhal, se ainda estiver vivo. Gregor Clegane o tomou cativo – a Montanha nem sempre fora branda com seus prisioneiros, mesmo aqueles que valiam um resgate considerável. – Se estiver morto, suponho que tenhamos de enviar a Lorde Manderly a cabeça daqueles que o mataram, com nossos mais sinceros pedidos de desculpa – se uma cabeça era suficiente para apaziguar um príncipe de Dorne, um saco de cabeças deveria ser mais do que adequado para um nortenho gordo enrolado em peles de foca.

– Mas Lorde Stannis não procurará conquistar também a aliança de Porto Branco? – perguntou o Grande Meistre Pycelle.

– Oh, ele tentou. Lorde Manderly nos enviou suas cartas e respondeu com evasivas. Stannis exige as espadas e a prata de Porto Branco, pelas quais oferece... bem, *nada* – um dia teria de acender uma vela ao Estranho por ter levado Renly, deixando Stannis. Se tivesse sido ao contrário, sua vida teria sido mais dura. – Hoje mesmo chegou outra ave. Stannis enviou seu contrabandista de cebolas para negociar com Porto Branco em seu nome. Manderly enfiou o desgraçado numa cela. Pergunta o que deve fazer com ele.

– Que o envie para cá, para podermos interrogá-lo – sugeriu Lorde Merryweather. – O homem pode saber muitas coisas valiosas.

– Ele que morra – disse Qyburn. – Sua morte será uma lição para o Norte, mostrando-lhes o que acontece aos traidores.

– Estou bastante de acordo – a rainha disse. – Dei instruções a Lorde Manderly para lhe cortar imediatamente a cabeça. Isto porá fim a qualquer chance de Porto Branco apoiar Stannis.

– Stannis precisará de outra Mão – observou Aurane Waters com um risinho. – O cavaleiro dos nabos, talvez?

– Um cavaleiro dos nabos? – Sor Harys Swyft estava confuso. – Quem é esse homem? Nunca ouvi falar dele.

A única resposta de Waters foi um rolar de olhos.

– E se Lorde Manderly recusar? – Merryweather quis saber.

– Não se atreverá. A cabeça do Cavaleiro das Cebolas é a moeda com a qual terá de comprar a vida do filho – Cersei sorriu. – Aquele velho palerma gordo pode ter sido leal aos Stark à sua maneira, mas com os lobos de Winterfell extintos...

– Vossa Graça se esqueceu da Senhora Sansa – Pycelle lembrou-lhe.

A rainha se irritou.

– Pode ter certeza de que *não* me esqueci dessa pequena loba – recusava-se a proferir o nome da garota. – Devia ter lhe mostrado às celas negras, como filha de um traidor, mas em vez disso a acolhi entre os meus. Partilhou do meu salão e da minha lareira, brincou com meus filhos. Alimentei-a, vesti-a, tentei deixá-la um pouco menos ignorante acerca do mundo, e como foi que ela me pagou a bondade? Ajudou a assassinar meu filho. Quando encontrarmos o Duende, encontraremos também a Senhora Sansa. Ela não está morta... mas antes de eu acabar o

que tenho planejado para ela, garanto-lhes, desatará a cantar ao Estranho, suplicando seu beijo.

Seguiu-se um silêncio incômodo. *Terão todos engolido a língua?*, Cersei pensou, irritada. Aquilo era o suficiente para se perguntar por que se incomodava com um conselho.

– Em todo caso – ela prosseguiu –, a filha mais *nova* de Lorde Eddard está com Lorde Bolton e irá se casar com seu filho Ramsay assim que Fosso Cailin cair – desde que a garota desempenhasse seu papel suficientemente bem para cimentar a pretensão a Winterfell, nenhum dos Bolton se importaria muito se ela fosse, na realidade, a cria de algum intendente ataviada por Mindinho. – Se o Norte precisa ter um Stark, lhe daremos um – permitiu que Lorde Merryweather voltasse a encher sua taça. – Outro problema surgiu na Muralha, porém. Os irmãos da Patrulha da Noite perderam o juízo e escolheram o bastardo de Ned Stark para ser seu Senhor Comandante.

– O rapaz chama-se Snow – Pycelle informou inutilmente.

– Vi-o de passagem uma vez em Winterfell – disse a rainha –, se bem que os Stark tivessem feito o possível para escondê-lo. Parece-se muito com o pai – os bastardos do marido também tinham a sua aparência, embora Robert pelo menos tenha tido a elegância de mantê-los longe de vista. Uma vez, depois daquele lamentável assunto do gato, fizera uns ruídos sobre trazer uma filha ilegítima qualquer para a corte.

"Faça o que quiser", dissera-lhe Cersei, "mas talvez venha a descobrir que a cidade não é um lugar saudável para uma garota em crescimento". A mancha negra que aquelas palavras lhe tinham conquistado não fora fácil esconder de Jaime, mas não voltara a ouvir falar daquela bastarda. *Catelyn Tully era uma ratinha, caso contrário teria se livrado daquele Jon Snow no berço. Em vez disso, deixou a tarefa suja para mim.*

– Snow também partilha o gosto de Lorde Eddard pela traição – disse. – O pai queria entregar o reino a Stannis. O filho deu-lhe terras e castelos.

– A Patrulha da Noite jurou não participar nas guerras dos Sete Reinos – recordou-lhes Pycelle. – Ao longo de milhares de anos, os irmãos negros mantiveram esta tradição.

– Até agora – Cersei rebateu. – O bastardo nos escreveu para afirmar que a Patrulha da Noite não favorece nenhum dos lados, mas seus atos

revelam a mentira de suas palavras. Deu a Stannis comida e abrigo, e mesmo assim tem a insolência de nos suplicar armas e homens.

– Um ultraje – declarou Lorde Merryweather. – Não podemos permitir que a Patrulha da Noite junte suas forças às de Lorde Stannis.

– Temos de declarar esse Snow um traidor e um rebelde – concordou Sor Harys Swyft. – Os irmãos negros têm de destituí-lo.

O Grande Meistre Pycelle assentiu solenemente:

– Proponho que informemos Castelo Negro de que não lhes serão enviados mais homens até que Snow desapareça.

– Nossos novos dromones vão precisar de remadores – disse Aurane Waters. – Mandemos instruções aos lordes para que daqui em diante enviem a mim seus caçadores furtivos e ladrões, e não à Muralha.

Qyburn inclinou-se para a frente com um sorriso.

– A Patrulha da Noite nos protege a todos dos snarks e dos gramequins. Senhores, o que digo é que temos de *ajudar* os bravos irmãos negros.

Cersei lançou-lhe um olhar penetrante:

– Que está dizendo?

– O seguinte – disse Qyburn. – Há anos que a Patrulha da Noite suplica por homens. Lorde Stannis respondeu ao seu apelo. Poderá o Rei Tommen fazer menos do que isto? Sua Graça deve mandar cem homens para a Muralha. Ostensivamente para vestir o negro, mas, na verdade...

– ... para destituir Jon Snow do comando – terminou Cersei, deliciada. *Eu sabia que tinha razão em querê-lo no meu conselho*. – É isto mesmo que vamos fazer – soltou uma gargalhada. *Se esse bastardo for mesmo filho do seu pai, não suspeitará de nada. Talvez até me agradeça, antes de a lâmina deslizar entre suas costelas*. – Deverá ser feito com cautela, certamente. Deixe o resto comigo, senhores – era assim que havia de lidar com um inimigo: com um punhal, não com uma declaração. – Hoje fizemos um bom trabalho, senhores. Agradeço-lhes. Há mais algum assunto?

– Uma última coisa, Vossa Graça – adiantou-se Aurane Waters, num tom de quem pede desculpas. – Hesito em ocupar o tempo do conselho com ninharias, mas, nos últimos tempos, tem-se ouvido um estranho falatório nas docas. Marinheiros vindos do leste. Falam de dragões...

– ... e sem dúvida de manticoras e de *snarks* barbudos? – Cersei soltou uma curta gargalhada abafada. – Venha ter comigo quando falarem de

*anões*, senhor – pôs-se em pé, a fim de assinalar o fim da reunião.

Soprava um vento forte de outono quando Cersei saiu da sala do conselho, e os sinos do Abençoado Baelor continuavam a cantar sua canção de luto do outro lado da cidade. No pátio, duas vintenas de cavaleiros golpeavam-se uns aos outros com espadas e escudos, somando ruído ao ruído. Sor Boros Blount escoltou a rainha de volta aos seus aposentos, onde foi encontrar Senhora Merryweather aos risinhos com Jocelyn e Dorcas.

– O que é tão engraçado?

– Os gêmeos Redwyne – Taena respondeu. – Ambos se apaixonaram pela Senhora Margaery. Costumavam lutar um contra o outro para ver qual deles seria o próximo Senhor da Árvore. Agora, ambos querem se juntar à Guarda Real, só para ficar perto da pequena rainha.

– Os Redwyne sempre tiveram mais sardas do que miolos – mas era útil saber aquilo. *Se o Horror ou o Babeiro for encontrado na cama com Margaery*... Cersei perguntou a si mesma se a pequena rainha gostaria de sardas. – Dorcas, vá buscar Sor Osney Kettleblack.

Dorcas corou:

– Às suas ordens.

Depois de a garota sair, Taena Merryweather lançou à rainha um olhar zombeteiro.

– Por que foi que ela ficou tão vermelha?

– Amor – foi a vez de Cersei rir. – Ela gosta do nosso Sor Osney – era o mais novo dos Kettleblack, o escanhoado. Embora tivesse os mesmos cabelos negros, nariz adunco e sorriso fácil do irmão Osmund, uma bochecha ostentava três longos arranhões, cortesia de uma das prostitutas de Tyrion. – Gosta das cicatrizes dele, parece-me.

Os olhos escuros da Senhora Merryweather brilharam de malícia.

– É isso mesmo. As cicatrizes fazem um homem parecer perigoso, e o perigo é excitante.

– Choca-me, senhora – disse a rainha, provocando. – Se o perigo a excita tanto assim, por que se casou com Lorde Orton? Todos o apreciamos, é verdade, mesmo assim... – Petyr comentara uma vez que a cornucópia que adornava as armas da Casa Merryweather se adequava admiravelmente a Lorde Orton, visto que tinha cabelos cor de cenoura,

um nariz tão grande quanto uma raiz de beterraba e mingau de ervilha no lugar de miolos.

Taena deu risada:

– Meu senhor é mais magnânimo do que perigoso, é verdade. Mas... espero que Vossa Graça não pense mal de mim, mas não cheguei inteiramente donzela à cama de Orton.

*Vocês nas Cidades Livres são todas prostitutas, não são?* Era bom saber; um dia, poderia arranjar utilidade para isto.

– E, diga-me, quem foi esse amante tão... cheio de perigo?

A pele cor de oliva de Taena tornou-se ainda mais escura quando ela corou.

– Oh, não devia ter dito nada. Vossa Graça guardará meu segredo, não é?

– Os homens têm cicatrizes; as mulheres, mistérios – Cersei beijou-lhe o rosto. *Arrancarei o nome dele bem depressa.*

Quando Dorcas regressou com Sor Osney Kettleblack, a rainha mandou suas senhoras embora.

– Venha sentar-se comigo junto à janela, Sor Osney. Quer uma taça de vinho? – foi ela mesma quem os serviu. – Seu manto está gasto. Tenho em mente colocá-lo num novo.

– O que, um branco? Quem morreu?

– Ninguém, por enquanto – disse a rainha. – É este o seu desejo, juntar-se ao seu irmão Osmund em nossa Guarda Real?

– Preferiria ser guarda da *rainha*, se aprouver a Vossa Graça – quando Osney sorriu, as cicatrizes em seu rosto tomaram um tom vermelho vivo.

Os dedos de Cersei percorreram o caminho que elas seguiam no rosto do homem.

– Tem uma língua ousada, sor. Ainda fará que volte a me descontrolar.

– Ótimo – Sor Osney pegou-lhe a mão e beijou-lhe bruscamente os dedos. – Minha querida rainha.

– É um homem perverso – sussurrou a rainha –, e não um verdadeiro cavaleiro, penso eu – permitiu que lhe tocasse os seios através da seda do vestido. – Basta.

– Não basta. Eu a desejo.

– Já me teve.

– Só uma vez – voltou a agarrar o seio esquerdo e deu-lhe um apertão desajeitado que fez Cersei se lembrar de Robert.

– Uma boa noite para um bom cavaleiro. Prestou-me um serviço com valentia, e obteve a recompensa – Cersei passeou os dedos pelas ataduras dele. Conseguia senti-lo enrijecer através dos calções. – Foi um cavalo novo que montou no pátio ontem de manhã?

– O garanhão negro? Sim. Um presente de meu irmão Osfryd. Chamei-o Meia-Noite.

*Que maravilhosa originalidade.*

– Uma bela montaria para uma batalha. Para o prazer, porém, nada se compara a um galope numa jovem potra fogosa – concedeu-lhe um sorriso e um apalpão. – Diga-me a verdade. Acha que nossa pequena rainha é bonita?

Sor Osney se retraiu, cauteloso.

– Suponho que sim. Para uma garota. Eu prefiro ter uma mulher.

– E por que não ambas? – Cersei sussurrou. – Faça-me o favor de colher a rosinha, e não me achará ingrata.

– A rosinha... fala de Margaery? – o ardor de Sor Osney estava murchando nos calções. – Ela é a esposa do rei. Não houve um membro qualquer da Guarda Real que perdeu a cabeça por se deitar com a esposa de um rei?

– Há séculos – *ela era a amante do rei, não a esposa, e a cabeça foi a única coisa que ele não perdeu. Aegon desmembrou-o pedaço por pedaço e obrigou a mulher a assistir*. Contudo, Cersei não queria que Osney se pusesse a remoer esse antigo e desagradável caso. – Tommen não é Aegon, o Indigno. Não tenha medo, ele fará o que eu lhe pedir. Pretendo que seja Margaery a perder a cabeça, não você.

Aquilo o fez hesitar.

– Refere-se à virgindade?

– Isto também. Assumindo que ainda a tenha – voltou a percorrer-lhe as cicatrizes. – A menos que pense que Margaery se mostre indiferente aos seus... encantos.

Osney lançou-lhe um olhar magoado.

– Ela gosta bastante de mim. Aquelas suas primas andam sempre me atormentando por causa do nariz. Que é muito grande, e tal. Da última

vez que Megga fez isso, Margaery disse-lhes para parar, e que eu tinha um rosto adorável.

– Então, aí tem a prova.

– Aí tenho – concordou o homem, em tom de dúvida –, mas o que terei se ela... se eu... depois de nós...

– ... fizerem o ato? – Cersei concedeu-lhe um sorriso cheio de farpas. – Dormir com uma rainha é traição. Tommen não terá alternativa exceto enviá-lo para a Muralha.

– A Muralha? – ele repetiu, consternado.

Foi com dificuldade que Cersei evitou rir. *Não, é melhor não. Os homens odeiam que alguém ria deles.*

– Um manto negro combinará bem com seus olhos e com esses seus cabelos negros.

– Ninguém regressa da Muralha.

– Você regressará. Tudo que precisa fazer é matar um rapaz.

– Que rapaz?

– Um bastardo conivente com Stannis. É jovem e verde, e você terá cem homens.

Kettleblack tinha medo, Cersei conseguia sentir, mas era orgulhoso demais para admiti-lo. *Os homens são todos iguais.*

– Já perdi a conta dos rapazes que matei – insistiu. – Depois de esse bastardo estar morto, obterei o perdão do rei?

– Isto, e uma senhoria – a menos que os irmãos de Snow enforquem você primeiro. – Uma rainha precisa de um consorte. Um consorte que não conheça o medo.

– Lorde Kettleblack? – um sorriso lento espalhou-se por seu rosto, e as cicatrizes flamejaram, rubras. – Sim, gosto do som disso. Um majestoso lorde...

– ... e digno de dormir com uma rainha.

O homem franziu as sobrancelhas.

– A Muralha é fria.

– E eu sou quente – Cersei pôs-lhe os braços em volta do pescoço. – Durma com uma garota e mate um rapaz, e serei sua. Tem coragem para isto?

Osney pensou um momento antes de assentir.

– Sou seu homem.

– É sim, sor – beijou-o e permitiu-lhe saborear um pouco de língua antes de se afastar. – Basta por agora. O resto terá de esperar. Sonhará comigo esta noite?

– Sim – a voz dele soou rouca.

– E quando estiver na cama com a nossa Donzela Margaery? – perguntou, provocando-o. – Quando estiver dentro dela, sonhará comigo nesse momento?

– Sonharei – jurou Osney Kettleblack.

– Ótimo.

Depois de ele sair, Cersei chamou Jocelyn para lhe escovar os cabelos enquanto se descalçava e se espreguiçava como uma gata. *Fui feita para isso*, disse a si mesma. O que mais lhe agradava era a pura elegância do plano. Nem mesmo Mace Tyrell se atreveria a defender sua filha querida se fosse apanhada em flagrante com um homem como Osney Kettleblack, e nem Stannis Baratheon nem Jon Snow teriam motivos para se interrogar sobre o motivo de Osney ser enviado para a Muralha. Assegurar-se-ia de ser Sor Osmund quem descobriria o irmão com a pequena rainha; deste modo, a lealdade dos outros dois Kettleblack não teria de ser posta em causa. *Se o pai me pudesse ver agora, não se apressaria tanto a falar em voltar a me casar. Uma pena que esteja tão morto. Ele e Robert, Jon Arryn, Ned Stark, Renly Baratheon, todos mortos. Só resta Tyrion, e não por muito tempo.*

Naquela noite, a rainha chamou a Senhora Merryweather ao seu quarto.

– Toma uma taça de vinho? – perguntou-lhe.

– Uma pequena – a mulher de Myr soltou uma gargalhada. – Uma grande.

– Amanhã quero que faça uma visita à minha nora – disse Cersei enquanto Dorcas a vestia para se deitar.

– A Senhora Margaery fica sempre feliz em me ver.

– Eu sei – a rainha não deixou de reparar no título que Taena usou ao se referir à pequena esposa de Tommen. – Diga-lhe que mandei sete velas de cera de abelha ao Septo de Baelor em memória de nosso querido Alto Septão.

Taena riu:

– Se é assim, ela mandará setenta e sete velas a fim de não ser ultrapassada em luto.

– Ficarei muito zangada se não o fizer – disse a rainha, sorrindo. – Diga-lhe também que tem um admirador secreto, um cavaleiro tão enfeitiçado por sua beleza que não consegue dormir à noite.

– Posso perguntar a Vossa Graça que cavaleiro é este? – a malícia cintilou nos grandes olhos escuros de Taena. – Poderá ser Sor Osney?

– Poderá ser – disse a rainha –, mas não mencione este nome de imediato. Obrigue-a a se esforçar para obtê-lo. Fará o que lhe peço?

– Se lhe agradar. É tudo que desejo, Vossa Graça.

Lá fora levantava-se um vento frio. Ficaram acordadas até tarde, madrugada adentro, bebendo vinho Dourado da Árvore e contando histórias uma à outra. Taena embebedou-se bastante e Cersei arrancou-lhe o nome de seu amante secreto. Era um capitão naval de Myr, meio pirata, com cabelos negros até os ombros e uma cicatriz que lhe marcava o rosto do queixo à orelha.

– Disse-lhe cem vezes que não, e ele dizia que sim – contou-lhe a outra mulher –, até que por fim também eu estava dizendo sim. Ele não era o tipo de homem que podia ser recusado.

– Conheço o gênero – disse a rainha com um sorriso perverso.

– Vossa Graça alguma vez conheceu um homem assim, pergunto-me?

– Robert – Cersei mentiu, pensando em Jaime.

Mas quando fechou os olhos, foi com o outro irmão que sonhou, e com os três malditos idiotas com quem começara o dia. No sonho, a cabeça que traziam no saco era a de Tyrion. Mandara revesti-la de bronze e guardava-a no penico.

## O CAPITÃO DE FERRO

O vento soprava do norte enquanto o *Vitória de Ferro* contornava o promontório e penetrava na baía santa chamada Berço de Nagga.

Victarion juntou-se a Nute, o Barbeiro, à proa do navio. Em frente, erguia-se a costa sagrada de Velha Wyk e a colina coberta de grama que se estendia por trás, onde as costelas de Nagga se elevavam da terra como os troncos de grandes árvores brancas, tão largas quanto o mastro de um dromon e duas vezes mais altas.

*Os ossos do Palácio do Rei Cinzento*. Victarion conseguia sentir a magia daquele lugar.

– Balon ergueu-se sob aqueles ossos quando se intitulou rei pela primeira vez – recordou. – Jurou reconquistar-nos a liberdade, e Tarle, o Triplamente-Afogado, pôs-lhe na cabeça uma coroa de madeira trazida pelo mar. "*BALON!*", gritaram eles. "*BALON! BALON REI!*"

– Gritarão seu nome com a mesma força – Nute disse.

Victarion respondeu com um aceno, embora não partilhasse das certezas do Barbeiro. *Balon tinha três filhos e uma filha que amava muito.*

Dissera isso mesmo aos seus capitães em Fosso Cailin, quando o incentivaram a reclamar a Cadeira de Pedra do Mar.

– Os filhos de Balon estão mortos – argumentou Ralf Vermelho Stonehouse –, e Asha é uma mulher. Você era o forte braço direito de seu irmão, deve pegar a espada que ele deixou cair – quando Victarion lhes lembrou que Balon lhe ordenara que defendesse o Fosso contra os nortenhos, Ralf Kenning disse:

– Os lobos estão quebrados, senhor. Para que serve conquistar este pântano e perder as ilhas? – e Ralf Coxo acrescentou: – O Olho de Corvo passou muito tempo longe. Não nos conhece.

*Euron Greyjoy, Rei das Ilhas e do Norte*. A ideia despertara-lhe uma velha ira no coração, mas ainda assim...

– As palavras são vento – Victarion lhes disse –, e o único vento bom é aquele que nos enche as velas. Querem me ver lutar contra o Olho de Corvo? Irmão contra irmão, homem de ferro contra homem de ferro? – Euron continuava a ser seu irmão mais velho, por maior que fosse a inimizade entre ambos. *Não há homem mais amaldiçoado do que aquele que mata um familiar.*

Mas quando chegou a convocatória do Cabelo-Molhado, o chamado para a assembleia de homens livres, então tudo mudou. *Aeron fala com a voz do Deus Afogado*, recordou Victarion a si mesmo, *e se o Deus Afogado quiser que eu ocupe a Cadeira de Pedra do Mar...* No dia seguinte, entregou o comando de Fosso Cailin a Ralf Kenning e partiu por terra em direção ao Rio Febre, onde a Frota de Ferro se encontrava entre juncos e salgueiros. Mares agitados e ventos instáveis tinham-no atrasado, mas só um navio se perdera, e ele estava em casa.

O *Luto* e a *Vingança de Ferro* vinham logo atrás quando o *Vitória de Ferro* passou o promontório. Mais atrasados vinham *Mão-Dura*, *Vento de Ferro*, *Fantasma Cinzento*, *Lorde Quellon*, *Lorde Vickon*, *Lorde Dagon* e os outros, nove décimos da Frota de Ferro, velejando na maré da noite numa coluna irregular que se estendia por longas léguas. A visão de suas velas enchia Victarion Greyjoy de contentamento. Nunca houvera homem que amasse as esposas com metade do amor que o Senhor Capitão tinha por seus navios.

Ao longo do litoral sagrado de Velha Wyk, dracares debruavam a costa até perder de vista, com os mastros arremessados para o alto como lanças. Nas águas mais profundas flutuavam navios capturados: cocas, carracas e dromones ganhos em ataques ou na guerra, grandes demais para dar à costa. À proa, à popa e nos mastros flutuavam estandartes familiares.

Nute, o Barbeiro, semicerrou os olhos em direção à terra:

– Aquilo é a *Canção do Mar* de Lorde Harlaw? – Barbeiro era um homem atarracado, com pernas arqueadas e braços longos, mas seus olhos não eram tão penetrantes como tinham sido na juventude. Nessa época, atirava um machado com tanta precisão que os homens diziam que seria capaz de fazer com ele a barba de alguém.

– Sim, a *Canção do Mar* – Rodrik, o Leitor, abandonara seus livros, segundo parecia. – E ali está o *Trovejante* do velho Drumm, com o

*Voador Noturno* de Blacktyde ao lado – os olhos de Victarion eram tão penetrantes como sempre tinham sido. Mesmo com as velas enroladas e os estandartes pendendo sem vento, reconhecia os navios, como era próprio do Senhor Capitão da Frota de Ferro. – O *Barbatana de Prata* também. Algum familiar de Sawane Botley – Victarion ouvira dizer que o Olho de Corvo afogara Lorde Botley, e seu herdeiro morrera em Fosso Cailin, mas havia irmãos e também outros filhos. *Quantos? Quatro? Não, cinco, e nenhum com algum motivo para nutrir amizade pelo Olho de Corvo.*

E então a viu: uma galé de mastro único, esguia e de amurada baixa, com um casco vermelho-escuro. As velas, agora enroladas, eram negras como um céu sem estrelas. Mesmo ancorada, *Silêncio* parecia tão cruel quanto rápida. À proa encontrava-se uma donzela de ferro negro com um braço estendido. Sua cintura era fina; os seios, empinados e orgulhosos; as pernas, longas e bem torneadas. Uma cabeleira de cabelos de ferro negro soprada pelo vento escorria-lhe da cabeça, e os olhos eram de madrepérola, mas não tinha boca.

As mãos de Victarion fecharam-se em punho. Espancara quatro homens até a morte com aquelas mãos, e também uma esposa. Embora tivesse os cabelos salpicados de geada, era tão forte quanto sempre fora, com um largo peito de touro e a barriga lisa de um rapaz. *O assassino de familiares é amaldiçoado aos olhos dos deuses e dos homens*, fizera-lhe lembrar Balon no dia em que expulsou Olho de Corvo para o mar.

– Ele está aqui – disse Victarion ao Barbeiro. – Abaixe as velas. Prosseguiremos a remos. Ordene a *Luto* e *Vingança de Ferro* para se interporem entre *Silêncio* e o mar. O resto da frota deverá fechar a baía. Ninguém deve sair a não ser que eu ordene, nem homem, nem corvo.

Os homens que se encontravam na costa tinham visto suas velas. Gritos ecoaram através da baía enquanto amigos e familiares trocavam saudações. Mas nenhum vinha de *Silêncio*. Em suas cobertas, uma tripulação diversa de mudos e mestiços não proferia palavra enquanto o *Vitória de Ferro* se aproximava. Homens negros como alcatrão fitavam-no, assim como outros, atarracados e peludos como os símios de Sothoros. *Monstros*, pensou Victarion.

Lançaram âncora a vinte metros do *Silêncio*.

– Desça um bote. Quero ir a terra – afivelou o cinto da espada enquanto os remadores ocupavam seus lugares; a espada pendia-lhe de uma anca, um punhal da outra. Nute, o Barbeiro, prendeu-lhe o manto de Senhor Capitão em volta dos ombros. Era feito de nove camadas de pano de ouro, cosido de modo a tomar a forma da lula gigante de Greyjoy, com tentáculos que lhe caíam até as botas. Por baixo, levava uma pesada cota de malha cinzenta sobre couro fervido negro. Em Fosso Cailin habituara-se a usar cota de malha noite e dia. Ombros e costas doloridos eram mais fáceis de suportar do que entranhas sangrentas. Bastava as flechas envenenadas dos demônios do pântano arranhar um homem para que algumas horas mais tarde ele estivesse aos gritos, enquanto a vida lhe escorria pernas abaixo, em jorros vermelhos e marrons. *Seja quem for que conquiste a Cadeira de Pedra do Mar, hei de tratar dos demônios do pântano.*

Victarion pôs um grande elmo de guerra negro, esculpido na forma de uma lula gigante em ferro, com tentáculos que se enrolavam rosto abaixo e se uniam sob o queixo. A essa altura, o bote estava pronto.

– Ponho as arcas a seu cargo – disse a Nute enquanto subia para a amurada. – Assegure-se de que fiquem bem guardadas – muito dependia das arcas.

– Às suas ordens, Vossa Graça.

Victarion respondeu com uma expressão amarga.

– Ainda não sou rei de nada – e desceu para o bote.

Aeron Cabelo-Molhado o esperava na rebentação, com seu odre enfiado debaixo do braço. O sacerdote era esguio e alto, embora mais baixo que Victarion. O nariz erguia-se de um rosto ossudo como a barbatana de um tubarão, e os olhos eram de ferro. A barba chegava-lhe à cintura, e cordões emaranhados de cabelo batiam-lhe na parte de trás das pernas quando o vento soprava.

– Irmão – disse, enquanto as ondas se quebravam, brancas e frias, entre seus tornozelos –, o que está morto não pode morrer.

– Mas volta a se erguer, mais duro e mais forte – Victarion tirou o elmo e se ajoelhou. A baía encheu-lhe as botas e ensopou-lhe os calções quando Aeron despejou um jorro de água salgada sobre sua testa. E assim oraram.

– Onde está nosso irmão Olho de Corvo? – perguntou o Senhor Capitão a Aeron Cabelo-Molhado quando as orações terminaram.

– A tenda dele é aquela grande, de pano de ouro, ali onde o ruído é maior. Cerca-se de homens ímpios e de monstros, mais do que antes. Nele o sangue de nosso pai tornou-se perverso.

– E o de nossa mãe também – Victarion não falaria de matar parentes, ali naquele lugar divino, sob os ossos de Nagga e o Palácio do Rei Cinzento, mas eram muitas as noites nas quais sonhava em enfiar um punho coberto por cota de malha no rosto sorridente de Euron, até a pele rachar e seu sangue maligno escorrer, rubro e livre. *Não posso. Dei minha palavra a Balon*. – Vieram todos? – perguntou ao irmão sacerdote.

– Todos os que importam. Os capitães e os reis – nas Ilhas de Ferro, eram uma e a mesma coisa, pois cada capitão era um rei em seu convés, e qualquer rei tinha de ser um capitão. – Pretende reclamar a coroa de nosso pai?

Victarion imaginou-se sentado na Cadeira de Pedra do Mar.

– Se for esta a vontade do Deus Afogado.

– As ondas falarão – disse Aeron Cabelo-Molhado e virou-lhe costas. – Escute as ondas, irmão.

– Sim – perguntou a si mesmo a que soaria seu nome sussurrado por ondas e gritado pelos capitães e reis. *Se a taça chegar até mim, não a porei de lado*.

Uma multidão reunira-se para saudá-lo e tentar obter seu favor. Victarion viu homens de todas as ilhas: Blacktyde, Tawney, Orkwood, Stonetree, Wynch, e muitos mais. Os Goodbrother de Velha Wyk, os Goodbrother de Grande Wyk e os Goodbrother de Orkmont tinham vindo todos. Os Codd lá se encontravam, embora qualquer homem decente os desprezasse. Os humildes Shepherd, Weaver e Netley roçavam os ombros com homens de Casas antigas e orgulhosas; até os humildes Humble, do sangue de servos e esposas de sal. Um Volmark deu uma palmada nas costas de Victarion; dois Sparr enfiaram-lhe um odre de vinho nas mãos. Bebeu longamente, limpou a boca e permitiu que o levassem até suas fogueiras, para ouvi-los falar de guerra, coroas e saque, e da glória e liberdade de seu reinado.

Nessa noite, os homens da Frota de Ferro ergueram uma enorme tenda de tela acima da linha das marés, para Victarion banquetear com meia

centena de capitães famosos cabrito assado, bacalhau salgado e lagosta. Aeron também compareceu. Comeu peixe e bebeu água, enquanto os capitães emborcavam cerveja suficiente para pôr a flutuar a Frota de Ferro. Muitos foram os que lhe prometeram suas vozes: Fralegg, o Forte, o inteligente Alvyn Sharp, o corcunda Hotho Harlaw. Hotho ofereceu-lhe uma filha para sua rainha.

– Não tenho sorte com esposas – disse-lhe Victarion. Sua primeira mulher morrera no parto, dando-lhe uma filha natimorta. A segunda fora atingida por bexigas. E a terceira...

– Um rei precisa de um herdeiro – insistiu Hotho. – Olho de Corvo traz três filhos para mostrar à assembleia.

– Bastardos e mestiços. Que idade tem essa filha?

– Doze anos – Hotho respondeu. – Bela e fértil, acabada de florir, com cabelos da cor do mel. Por enquanto seus seios são pequenos, mas tem boas ancas. Saiu à mãe, mais do que a mim.

Victarion sabia que isso queria dizer que a garota não tinha uma corcunda. Mas quando tentou imaginá-la, só conseguiu ver a esposa que matara. Soltara um soluço cada vez que a atingira, e depois a levou para os rochedos, a fim de oferecê-la aos caranguejos.

– Verei de bom grado a garota depois de coroado – disse. Hotho não se atrevera a esperar mais do que aquilo, e foi-se embora arrastando os pés, satisfeito.

Baelor Blacktyde foi mais difícil de contentar. Sentou-se junto ao cotovelo de Victarion com sua túnica de lã de ovelha de veiro negro e verde, de rosto liso e boa aparência. Seu manto era de zibelina e estava preso por uma estrela de sete pontas feita em prata. Passara oito anos como refém em Vilavelha e regressara um adorador dos sete deuses das terras verdes.

– Balon era louco, Aeron é mais louco ainda, e Euron é o mais louco de todos – disse Lorde Baelor. – E você, Senhor Capitão? Se gritar seu nome, colocará fim a esta guerra louca?

Victarion franziu as sobrancelhas.

– Quer que eu dobre o joelho?

– Se for necessário. Não podemos resistir sozinhos contra Westeros inteiro. Rei Robert assim provou, para nossa tristeza. Balon queria pagar o preço de ferro pela liberdade, dizia ele, mas nossas mulheres

compraram as coroas de Balon com camas vazias. Minha mãe foi uma delas. O Costume Antigo está morto.

– O que está morto não pode morrer, mas se ergue, mais duro e mais forte. Dentro de cem anos, os homens cantarão sobre Balon, o Ousado.

– É melhor chamá-lo Balon, o Fazedor de Viúvas. De bom grado trocaria sua liberdade por um pai. Tem algum para me dar? – quando Victarion não respondeu, Blacktyde fungou e foi embora.

A tenda foi ficando quente e fumacenta. Dois dos filhos de Gorold Goodbrother derrubaram uma mesa, lutando. Will Humble perdeu uma aposta e teve de comer a bota; o Pequeno Lenwood Tawney tocou rabeca, enquanto Romny Weaver cantava "A Taça Sangrenta" e "Chuva de Aço" e outras velhas canções de piratas. Qarl, o Donzel, e Eldred Codd dançaram a dança dos dedos. Um rugido de risos ressoou quando um dos dedos de Eldred caiu na taça de vinho de Ralf, o Coxo.

Uma mulher encontrava-se entre os que davam risada. Victarion ergueu-se e a viu junto à aba da tenda, murmurando qualquer coisa ao ouvido de Qarl, o Donzel, que o fez rir também. Tinha esperado que não fosse suficientemente tola para vir até ali, mas vê-la fez que risse mesmo assim.

– *Asha* – gritou numa voz de comando. – *Sobrinha*.

Ela abriu caminho até junto dele, esguia e flexível em suas botas de cano alto de couro manchado pelo sal, calções de lã verde e túnica acolchoada marrom, com um justilho de couro sem mangas meio desatado.

– Tio – Asha Greyjoy era alta para uma mulher, mas teve de se pôr na ponta dos pés para beijá-lo no rosto. – Agrada-me vê-lo em minha assembleia de homens livres.

– Sua? – Victarion soltou uma gargalhada. – Embebedou-se, sobrinha? Sente-se. Não vi seu *Vento Negro* na praia.

– Coloquei-o em terra sob o castelo de Norne Goodbrother e atravessei a ilha a cavalo – sentou-se num banco e, sem pedir licença, serviu-se do vinho de Nute, o Barbeiro. Nute não levantou objeções; desmaiara de bêbado algum tempo antes. – Quem defende o Fosso?

– Ralf Kenning. Com o Jovem Lobo morto, só restam os demônios do pântano para nos atormentar.

– Os Stark não eram os únicos nortenhos. O Trono de Ferro nomeou o Senhor do Forte do Pavor Protetor do Norte.

– Quer me dar lições sobre a guerra? Já travava batalhas quando você ainda mamava do leite da sua mãe.

– E também perdia batalhas – Asha bebeu um trago de vinho.

Victarion não gostou de ser lembrado da Ilha Bela.

– Qualquer homem deve perder uma batalha na juventude, para que não perca uma guerra quando for velho. Não veio avançar com uma pretensão, espero eu.

Ela o provocou com um sorriso:

– E se tiver?

– Há homens que se lembram de quando era uma garotinha, nadando nua no mar e brincando com sua boneca.

– Também brinquei com machados.

– É verdade – teve de reconhecer –, mas uma mulher quer um marido, não uma coroa. Quando eu for rei, lhe darei um.

– Meu tio é tão bom para mim. Devo lhe arranjar uma esposa bonita quando for rainha?

– Não tenho sorte com esposas. Há quanto tempo está aqui?

– Há tempo suficiente para ver que tio Cabelo-Molhado despertou mais do que era sua intenção. Drumm pretende avançar com uma pretensão, e houve quem escutasse Tarle, o Três Vezes Afogado, dizer que Maron Volmark é o verdadeiro herdeiro da linhagem negra.

– O rei tem de ser uma lula gigante.

– Olho de Corvo é uma lula gigante. O irmão mais velho tem prioridade sobre o mais novo – Asha inclinou-se para mais perto. – Mas eu fui gerada pelo corpo do Rei Balon; portanto, tenho prioridade sobre ambos. Escute-me, tio...

Mas então caiu um súbito silêncio. Os cantos morreram, o Pequeno Lenwood Tawney abaixou a rabeca, homens viraram a cabeça. Até o ruído dos pratos e das facas foi silenciado.

Uma dúzia de recém-chegados tinha entrado na tenda de banquetes. Victarion viu Jon Cara-Sumida Myre, Torwold Dente-Castanho, Lucas Mão-Esquerda Codd. Germund Botley cruzava os braços contra a placa de peito dourada que tirara de um capitão Lannister durante a primeira rebelião de Balon. Orkwood de Montrasgo estava em pé atrás dele. Atrás

de ambos, via-se Mão de Pedra, Quellon Humble e Remador Vermelho com seus cabelos de fogo entrançados. Ralf, o Pastor, também, bem como Ralf de Fidalporto e Qarl, o Servo.

E Olho de Corvo, Euron Greyjoy.

*Parece não ter mudado*, pensou Victarion. *Parece igual ao que foi no dia em que riu na minha cara e partiu*. Euron era o mais bonito dos filhos de Lorde Quellon, e três anos de exílio não o tinham mudado. Seus cabelos ainda eram negros como o mar da meia-noite, sem nenhum fio branco à vista, e o rosto era ainda liso e claro sob a barba escura bem cuidada. Uma pala de couro negro cobria o olho esquerdo de Euron, mas o direito era azul como um céu de verão.

*Seu olho sorridente*, pensou Victarion.

– Olho de Corvo – saudou-o.

– *Rei* Olho de Corvo, irmão – Euron sorriu. Seus lábios pareciam muito escuros à luz das lâmpadas, machucados e azuis.

– Não teremos nenhum rei que não saia da assembleia de homens livres – Cabelo-Molhado pôs-se em pé. – Nenhum homem sem deus...

– ... pode sentar-se na Cadeira de Pedra do Mar, sim – Euron passou os olhos pela tenda. – Acontece que nos últimos tempos sentei-me com frequência na Cadeira de Pedra do Mar. Ela não levanta objeções – seu olho sorridente cintilava. – Quem sabe mais de deuses do que eu? Deuses dos cavalos e deuses do fogo, deuses feitos de ouro com olhos de pedras preciosas, deuses esculpidos em madeira de cedro, deuses cinzelados em montanhas, deuses de ar vazio... conheço-os todos. Vi seus povos engrinaldá-los de flores e derramar o sangue de cabras, touros e galinhas em seu nome. E ouvi as preces, em meia centena de línguas. Cure minha perna atrofiada, faça com que a donzela me ame, conceda-me um filho saudável. Salve-me, socorra-me, torne-me rico... *proteja*-me! Proteja-me dos meus inimigos, proteja-me da escuridão, proteja-me dos caranguejos que tenho na barriga, dos senhores dos cavalos, dos escravagistas, dos mercenários que me batem à porta. Proteja-me de *Silêncio* – soltou uma gargalhada. – *Sem deus*? Ora, Aeron, eu sou o homem com mais deuses que alguma vez içou uma vela! Você serve a um deus, Cabelo-Molhado, mas eu servi a dez mil. De Ib a Asshai, quando os homens veem *minhas* velas, rezam.

O sacerdote ergueu um dedo ossudo:

– Eles rezam a árvores, a ídolos de ouro e a abominações com cabeça de cabra. Falsos deuses...

– É assim mesmo – disse Euron –, e, por tal pecado, mato-os todos. Derramo seu sangue no mar e semeio suas mulheres chorosas com minha semente. Seus pequenos deuses não conseguem me impedir; portanto, é evidente que são falsos deuses. Sou mais devoto até do que você, Aeron. Talvez devesse ser você quem deva se ajoelhar à minha frente para que o abençoe.

O Remador Vermelho riu ruidosamente daquilo, e os outros o imitaram.

– *Tolos* – disse o sacerdote –, tolos, servos e cegos, é isso que são. Não veem o que está à sua frente?

– Um rei – disse Quellon Humble.

Cabelo-Molhado cuspiu e saiu a passos largos para a noite.

Depois de ele sair, Olho de Corvo virou seu olho sorridente para Victarion.

– Senhor Capitão, não tem saudações para dar a um irmão que estava muito longe? Nem você, Asha? Como passa a senhora sua mãe?

– Mal – Asha respondeu. – Um homem qualquer fez dela uma viúva.

Euron encolheu os ombros.

– Ouvi dizer que foi o Deus da Tempestade quem atirou Balon para a morte. Quem é esse homem que o matou? Diga-me seu nome, sobrinha, para que possa me vingar.

Asha pôs-se em pé:

– Conhece seu nome tão bem quanto eu. Passou três anos longe de nós, e no entanto o *Silêncio* regressa no próprio dia da morte do senhor meu pai.

– Está me acusando? – Euron perguntou com brandura.

– Deveria fazê-lo? – a dureza na voz de Asha fez Victarion franzir as sobrancelhas. Era perigoso falar assim ao Olho de Corvo, mesmo quando seu olho sorridente brilhava de alegria.

– Será que eu controlo os ventos? – perguntou o Olho de Corvo aos seus animais de estimação.

– Não, Vossa Graça – disse Orkwood de Montrasgo.

– Ninguém controla os ventos – Germund Botley confirmou.

– Seria bom se controlasse – falou o Remador Vermelho. – Poderia velejar para onde quisesse e nunca seria apanhado em calmarias.

– Aí está, pela boca de três bravos homens – disse Euron. – *Silêncio* estava no mar quando Balon morreu. Se duvida da palavra de um tio, dou licença para perguntar à minha tripulação.

– Uma tripulação de mudos? Sim, isto de muito irá me servir.

– Um marido de muito lhe serviria – Euron voltou a se virar para seus seguidores. – Torwold, não me lembro, você tem mulher?

– Só uma – Torwold Dente-Castanho sorriu, e mostrou como ganhara o nome.

– Eu não sou casado – anunciou Lucas Mão-Esquerda Codd.

– E por bons motivos – Asha interveio. – As *mulheres* também desprezam os Codd. Não me olhe com esse ar tristonho, Lucas. Ainda tem sua famosa mão – e fez um movimento de vaivém com o punho.

Codd pôs-se a praguejar, até que Olho de Corvo lhe colocou uma mão no peito.

– Isso foi cortês, Asha? Feriu Lucas até o osso.

– É mais fácil do que feri-lo no caralho. Atiro tão bem um machado quanto qualquer homem, mas quando o alvo é tão pequeno...

– A garota está descontrolada – rosnou Jon Cara-Sumida Myre. – Balon a deixou acreditar que era um homem.

– Seu pai cometeu o mesmo erro com você – Asha devolveu.

– Dê ela para mim, Euron – sugeriu Remador Vermelho. – Aplicarei uma surra que lhe deixará o cu tão vermelho quanto meu cabelo.

– Tente – Asha o enfrentou –, e de hoje em diante poderemos passar a chamá-lo Eunuco Vermelho – tinha um machado de arremesso na mão. Atirou-o ao ar e o apanhou habilmente. – Aqui está meu marido, tio. Qualquer homem que me queira precisa discutir o assunto com ele.

Victarion deu um grande murro na mesa.

– Não quero sangue derramado aqui. Euron, pegue seus... animais de estimação... e vá embora.

– Estava à espera de uma recepção mais calorosa vinda de você, Victarion. Eu *sou* seu irmão mais velho... e, em breve, seu legítimo rei.

O rosto de Victarion tornou-se sombrio.

– Quando a assembleia de homens livres falar, veremos quem usará a coroa de madeira trazida pelo mar.

– Nisso concordamos – Euron levou dois dedos à pala que lhe cobria o olho esquerdo e se retirou. Os outros o seguiram como cães pastores. O silêncio deixou-se ficar para trás em sua esteira, até que Pequeno Lenwood Tawney voltou a pegar na rabeca. O vinho e a cerveja recomeçaram a fluir, mas vários dos convivas tinham perdido a sede. Eldred Codd esgueirou-se para fora da tenda, agarrado à mão ensanguentada, seguido por Will Humble, Hotho Harlaw e por um belo bando de Goodbrothers.

– Tio – Asha pôs-lhe a mão no ombro. – Venha dar uma volta comigo, por favor.

Fora da tenda o vento aumentava de intensidade. Nuvens corriam através do rosto pálido da lua. Pareciam-se um pouco com galés, remando com força para o abalroamento. As estrelas eram poucas e tênues. Ao longo de toda a praia, os navios repousavam, com mastros altos que se erguiam da rebentação como uma floresta. Victarion ouvia seus cascos rangendo enquanto se movimentavam na areia. Ouvia os lamentos de seu cordame, o som de estandartes tremulando. Mais à frente, nas águas mais profundas da baía, navios maiores balançavam, ancorados, sombras lúgubres, engrinaldadas em névoa.

Caminharam juntos pela praia logo acima da rebentação, longe dos acampamentos e das fogueiras.

– Diga-me a verdade, tio – Asha pediu –, por que Euron partiu tão de repente?

– Olho de Corvo partia frequentemente para a ceifa.

– Nunca por tanto tempo.

– Ele levou *Silêncio* para leste. É uma viagem longa.

– Eu perguntei *por que* ele partiu, não para onde – quando Victarion não respondeu, Asha disse: – Eu estava longe quando *Silêncio* se fez ao mar. Tinha levado *Vento Negro* ao redor da Árvore até os Degraus, para roubar umas bugigangas dos piratas lisenos. Quando voltei para casa, Euron tinha partido, e sua nova esposa estava morta.

– Era só uma esposa de sal – não tocara em outra mulher desde que a entregara aos caranguejos. *Terei de tomar uma esposa quando for rei. Uma esposa de verdade para ser minha rainha e me dar filhos. Um rei precisa de um herdeiro.*

– Meu pai se recusou a falar dela – Asha lembrou-se.

– Não serve para nada falar de coisas que ninguém pode mudar – estava cansado do assunto. – Vi o dracar do Leitor.

– Precisei de todo meu encanto para arrancá-lo de sua Torre dos Livros.

*Então ela tem os Harlaw*. O franzir de sobrancelhas de Victarion aprofundou-se.

– Não pode ter esperança de governar. É uma mulher.

– Então foi por isso que sempre perdi os concursos de mijo? – Asha riu. – Tio, dói dizer, mas talvez tenha razão. Passei quatro dias e quatro noites bebendo com os capitães e os reis, ouvindo o que eles dizem... e o que não querem dizer. Os meus estão comigo, bem como muitos Harlaw. Também tenho Tris Botley e mais alguns outros. Não é o suficiente – deu um pontapé numa pedra e a fez mergulhar na água, entre dois dracares. – Estou pensando em gritar o nome do meu tio.

– Que tio? – ele quis saber. – Tem três.

– Quatro. Tio, me escute. Colocarei eu mesma em sua cabeça a coroa de madeira trazida pelo mar... se concordar em partilhar o governo.

– *Partilhar* o governo? Como é possível? – a mulher não dizia coisa com coisa. *Vai querer ser minha rainha?* Victarion deu por si olhando para Asha de uma nova maneira. Sentiu o membro viril começar a enrijecer. *Ela é filha de Balon*, lembrou a si mesmo. Lembrava-se dela quando menina, atirando machados em uma porta. Cruzou os braços sobre o peito. – Na Cadeira de Pedra do Mar só dá para se sentar um.

– Então que se sente meu tio – Asha respondeu. – Eu ficarei atrás de você, para proteger suas costas e murmurar em seu ouvido. Nenhum rei pode governar sozinho. Até quando os dragões ocupavam o Trono de Ferro, tinham homens para ajudá-los. As Mãos do Rei. Deixe-me ser sua Mão, tio.

Nunca nenhum Rei das Ilhas precisara de uma Mão, muito menos uma que fosse mulher. *Os capitães e os reis troçariam de mim quando estivessem bebendo.*

– Por que gostaria de ser minha Mão?

– Para acabar com essa guerra antes que ela acabe conosco. Ganhamos tudo que é provável que ganhemos... e podemos perder tudo com igual rapidez, a menos que façamos a paz. Mostrei a Senhora Glover toda cortesia, e ela jura que seu senhor negociará comigo. Se devolvermos Bosque Profundo, Praça de Torrhen e Fosso Cailin, ela diz, os nortenhos

nos cederão Ponta do Dragão Marinho e toda a Costa Pedregosa. Essas terras são esparsamente povoadas, mas são dez vezes maiores do que todas as ilhas em conjunto. Uma troca de reféns selará o pacto, e cada lado concordará em fazer causa comum com o outro, no caso do Trono de Ferro...

Victarion soltou um risinho.

– Essa Senhora Glover está lhe fazendo de tonta, sobrinha. Ponta do Dragão Marinho e Costa Pedregosa são nossas. Para que entregar seja o que for? Winterfell está incendiado e quebrado, e o Jovem Lobo apodrece, sem cabeça, na terra. Temos *todo* o Norte, como o senhor seu pai sonhava.

– Quando os dracares aprenderem a atravessar árvores, talvez. Um pescador pode apanhar no anzol um leviatã cinzento, mas ele o arrastará para a morte, a menos que o liberte. O Norte é grande demais para ser controlado por nós, e está repleto de nortenhos.

– Volte para suas bonecas, sobrinha. Deixe a vitória nas guerras para os guerreiros – Victarion mostrou-lhe os punhos. – Tenho duas mãos. Nenhum homem precisa de três.

– Mas conheço um homem que precisa da Casa Harlaw.

– Hotho Corcunda ofereceu-me a filha para ser minha rainha. Se aceitá-la, terei os Harlaw.

Aquilo surpreendeu a garota.

– É Lorde Rodrik quem governa a Casa Harlaw.

– Rodrik não tem filhas, só livros. Hotho será seu herdeiro, e eu serei o rei – depois de dizer as palavras em voz alta, passaram-lhe a soar como verdade. – Olho de Corvo esteve longe tempo demais.

– Há homens que parecem maiores a distância – Asha o preveniu. – Caminhe entre as fogueiras se se atrever e escute. Não andam contando histórias sobre sua força ou minha famosa beleza. Só falam de Olho de Corvo; dos lugares distantes que ele viu, das mulheres que violou e dos homens que matou, das cidades que saqueou, do modo como queimou a frota de Lorde Tywin em Lanisporto...

– Fui *eu* quem queimou a frota dos leões – insistiu Victarion. – Com minhas próprias mãos atirei o primeiro archote para o seu navio almirante.

– Olho de Corvo planejou o ataque – Asha pôs-lhe a mão no braço. – E também matou sua esposa... Não matou?

Balon ordenara-lhes para não falarem naquilo, mas Balon estava morto.

– Pôs-lhe um bebê na barriga e me fez tratar da morte. Também devia tê-lo matado, mas Balon não permitia fratricídio em seu salão. Mandou Euron para o exílio, para nunca mais regressar...

– ... enquanto Balon vivesse?

Victarion olhou para os punhos.

– Ela pôs-me cornos. Não tive alternativa – *se os outros ficassem sabendo, os homens teriam rido de mim, como Olho de Corvo riu quando o confrontei. "Ela veio ter comigo úmida e de boa vontade"*, vangloriara-se. *"Parece que Victarion é grande por todo o lado, menos onde importa."* Mas não podia lhe dizer aquilo.

– Lamento por você – Asha disse – e lamento mais por ela... Mas deixa-me pouca escolha exceto reivindicar a Cadeira de Pedra do Mar para mim.

*Não pode.*

– A saliva que gastar é sua, mulher.

– Sim – ela concordou, e o deixou.

## O AFOGADO

Foi só quando ficou com os braços e as pernas dormentes de frio que Aeron Greyjoy lutou por retornar à terra e voltou a envergar suas vestes.

Fugira de Olho de Corvo como se ainda fosse a coisinha fraca de antes, mas, quando as ondas se quebraram sobre sua cabeça, voltaram a recordar-lhe que esse homem estava morto. *Renasci do mar como um homem mais duro e mais forte*. Nenhum mortal poderia assustá-lo, assim como a escuridão ou os ossos de sua alma, os cinzentos e terríveis ossos de sua alma. *O som de uma porta se abrindo, o grito de uma dobradiça de ferro enferrujada.*

A veste do sacerdote crepitou quando a puxou para baixo, ainda rígida do sal proveniente da última lavagem, uma quinzena antes. A lã aderiu ao seu peito úmido, bebendo a água salgada que lhe escorria cabelos abaixo. Encheu o odre e o colocou sobre o ombro.

Ao caminhar pela praia, um afogado que regressava de um chamamento da natureza encontrou-se com ele na escuridão.

– Cabelo-Molhado – murmurou. Aeron pôs-lhe a mão na cabeça, o abençoou e prosseguiu seu caminho. O chão ergueu-se sob seus pés, a princípio levemente, e logo de um modo mais íngreme. Quando sentiu mato entre os dedos dos pés, soube que tinha deixado a praia para trás. Lentamente subiu, escutando as ondas. *O mar nunca se cansa. Eu tenho de ser igualmente incansável.*

No topo da colina, quarenta e quatro costelas monstruosas erguiam-se da terra como os troncos de grandes árvores pálidas. A cena fazia o coração de Aeron bater mais depressa. Nagga tinha sido o primeiro dragão marinho, o mais poderoso que alguma vez se erguera das ondas. Alimentava-se de lulas gigantes e leviatãs, e afogava ilhas inteiras em sua ira, mas o Rei Cinzento o matou, e o Deus Afogado transformou seus ossos em pedra, para que os homens nunca deixassem de se maravilhar com a coragem do primeiro dos reis. As costelas de Nagga

transformaram-se nas vigas e nos pilares de seu salão, e as mandíbulas do dragão foram seu trono. *Reinou aqui durante mil e sete anos*, Aeron recordou. *Foi aqui que tomou sua esposa sereia e planejou as guerras contra o Deus da Tempestade. Daqui governou tanto pedra como sal, usando vestes de algas cosidas e uma coroa branca e alta feita com os dentes de Nagga*.

Mas isso fora na alvorada dos dias, quando homens poderosos ainda viviam na terra e no mar. O salão fora aquecido pelo fogo da vida de Nagga, que fora transformado pelo Rei Cinzento num servo seu. Das paredes pendiam tapeçarias tecidas de algas prateadas muito agradáveis à vista. Os guerreiros do Rei Cinzento banqueteavam-se com as dádivas do mar numa mesa com a forma de uma grande estrela-do-mar, sentados em tronos esculpidos de madrepérola. *Acabou, toda a glória acabou*. Os homens eram agora menores. Suas vidas tinham se tornado curtas. O Deus da Tempestade afogara o fogo de Nagga após a morte do Rei Cinzento, as cadeiras e as tapeçarias tinham sido roubadas, o telhado e as paredes tinham apodrecido. Até o grande trono de colmilhos do Rei Cinzento fora engolido pelo mar. Só os ossos de Nagga resistiram, para recordar aos homens de ferro os prodígios do passado.

*Basta*, pensou Aeron Greyjoy.

Nove largos degraus tinham sido talhados no cume pedregoso da colina. Por trás erguiam-se os grandes montes de Velha Wyk, com montanhas a distância, negras e cruéis. Aeron fez uma pausa onde ficavam as portas, tirou a rolha do odre, bebeu um gole de água salgada e virou-se para encarar o mar. *Nascemos do mar e ao mar temos de regressar*. Mesmo ali conseguia ouvir o incessante estrondo das ondas e sentir o poder do deus que se ocultava debaixo das águas. Aeron caiu de joelhos. *Enviou-me o seu povo*, orou. *Eles deixaram seus palácios e suas cabanas, seus castelos e suas fortalezas, e vieram para este lugar, para os ossos de Nagga, de todas as aldeias de pescadores e de todos os vales escondidos. Agora, conceda-lhes a sabedoria para reconhecer o verdadeiro rei quando ele se erguer à sua frente, e a força para repelir o falso*. Passou a noite toda orando, pois quando o deus se encontrava em si, Aeron Greyjoy não tinha mais necessidade de sono do que as ondas ou os peixes do mar.

Nuvens escuras corriam à frente do vento quando a primeira luz da aurora penetrou furtivamente no mundo. O céu negro tornou-se cinzento como ardósia, e o mar negro cinza-esverdeado; as montanhas negras de Grande Wyk, do outro lado da baía, envergaram os tons azul-esverdeados dos pinheiros marciais. Enquanto a cor se esgueirava de volta ao mundo, uma centena de estandartes ergueu-se e começou a tremular. Aeron contemplou o peixe prateado de Botley, a lua sangrenta de Wynch, as árvores verde-escuras de Orkwood. Viu berrantes de guerra, leviatãs e foices, e por todo lado as lulas gigantes, grandiosas e douradas. Por baixo, servos e esposas de sal começavam a se movimentar, remexendo brasas para lhes dar nova vida e preparar peixe para os capitães e os reis quebrarem o jejum. A luz da alvorada tocou a praia pedregosa, e Aeron observou homens que acordavam, atirando para o lado suas mantas de pele de foca enquanto pediam seu primeiro corno de cerveja. *Bebam longamente*, pensou, *pois hoje temos um trabalho divino a fazer.*

O mar também se agitava. As ondas aumentavam à medida que o vento se levantava, erguendo plumas de borrifos contra os dracares. *O Deus Afogado acorda,* pensou Aeron. Ouvia sua voz irromper das profundezas do mar. *Estarei com você aqui, neste dia, meu forte e fiel servo*, dizia a voz. *Nenhum homem sem deus pode se sentar em minha Cadeira de Pedra do Mar.*

Foi ali, sob o arco das costelas de Nagga, que seus afogados o foram encontrar, em pé, alto e austero com seus longos cabelos negros soprados pelo vento.

– Chegou o momento? – perguntou Rus. Aeron assentiu e disse:

– Chegou. Faça soar a convocação.

Os afogados pegaram nas clavas de madeira trazida pelo mar e puseram-se a batê-las umas nas outras enquanto desciam a colina. Outros juntaram-se a eles, e o clangor espalhou-se ao longo da praia. Faziam um tal estalar e tinir que era como se uma centena de árvores estivessem batendo umas nas outras com os ramos. Timbales também começaram a soar, *bum-bum-bum-bum-bum, bum-bum-bum-bum-bum*. Um berrante de guerra berrou, seguido por outro. *AAAAAAuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu*.

Homens abandonaram as fogueiras para abrir caminho até os ossos do Palácio do Rei Cinzento; remadores, timoneiros, fabricantes de velas, construtores navais, guerreiros com seus machados e pescadores com

suas redes. Alguns tinham servos para servi-los; outros, esposas de sal. Outros, que tinham velejado com bastante frequência até as terras verdes, eram servidos por meistres, cantores e cavaleiros. Os plebeus aglomeraram-se num crescente em volta da base da colina, com os servos, as crianças e as mulheres na retaguarda. Os capitães e os reis subiram as vertentes. Aeron Cabelo-Molhado viu o alegre Sigfry Stonetree, Andrik, o Sério, o cavaleiro Sor Harras Harlaw. Lorde Baelor Blacktyde, em seu manto de zibelina, encontrava-se ao lado de Stonehouse, com suas esfarrapadas peles de foca. Victarion erguia-se mais alto do que os demais, à exceção de Andrik. O irmão não trazia elmo, mas fora isso vestia a armadura completa, com o manto da lula gigante pendendo-lhe, dourado, dos ombros. *Será ele o nosso rei. Quem poderá olhá-lo e duvidar?*

Quando Cabelo-Molhado ergueu as mãos ossudas, os timbales e os berrantes de guerra silenciaram-se, os afogados abaixaram as clavas e todas as vozes se calaram. Só restou o som das ondas batendo, um rugido que não havia homem que conseguisse aquietar.

– Nascemos do mar, e todos ao mar regressamos – começou Aeron, a princípio em voz baixa, para que os homens se esforçassem por ouvir. – O Deus da Tempestade, em sua ira, arrancou Balon de seu castelo e o derrubou, mas ele agora banqueteia-se sob as ondas, nos salões aquáticos do Deus Afogado – ergueu os olhos para o céu. – *Balon está morto! O rei de ferro está morto!*

– *O rei está morto!* – gritaram seus afogados.

– No entanto, o que está morto não pode morrer, mas volta a se erguer, mais duro e mais forte! – recordou-lhes. – Balon caiu, Balon, meu irmão, que honrou o Costume Antigo e pagou o preço de ferro. Balon, o Bravo, Balon, o Abençoado, Balon, o Três-Vezes-Coroado, que nos reconquistou a liberdade e nosso deus. Balon está morto... Mas um rei de ferro voltará a se erguer para ocupar a Cadeira de Pedra do Mar e governar as ilhas.

– *Um rei se erguerá!* – responderam eles. – *Ele se erguerá!*

– Ele vai. Tem de se erguer – a voz de Aeron trovejou como as ondas. – Mas, quem? Quem deverá ocupar o lugar de Balon? Quem deverá governar estas ilhas sagradas? Estará ele agora entre nós? – o sacerdote abriu as mãos. – *Quem deverá reinar sobre nós?*

Uma gaivota respondeu-lhe com um grito. A multidão começou a se agitar, como homens despertando de um sonho. Cada homem olhava os vizinhos, para ver qual deles poderia ousar reivindicar uma coroa. *Olho de Corvo nunca foi paciente*, disse Aeron Cabelo-Molhado a si mesmo. *Talvez seja o primeiro a falar*. Se o fizesse, isto seria o seu fim. Os capitães e os reis tinham percorrido um longo caminho para chegar àquele banquete, e não escolheriam o primeiro prato que fosse posto na sua frente. *Eles vão querer provar e experimentar, uma dentada de um, uma mordiscadela de outro, até encontrar aquele que mais lhes convêm.*

Euron devia também saber disso. Ficou de braços cruzados entre seus mudos e seus monstros. Só o vento e as ondas responderam à convocação de Aeron.

– Os homens de ferro precisam de um rei – insistiu o sacerdote após um longo silêncio. – Volto a perguntar. *Quem deverá reinar sobre nós?*

– Eu – chegou a resposta, vinda de baixo.

De imediato soou um grito irregular de "Gylbert! Gylbert Rei!". Os capitães abriram alas para deixar que o pretendente e seus campeões subissem a colina para se colocar ao lado de Aeron sob as costelas de Nagga.

O pretendente a rei era um lorde alto e seco, com uma expressão melancólica e um rosto cavado e escanhoado. Seus três campeões tomaram posição dois degraus abaixo dele, trazendo sua espada, seu escudo e seu estandarte. Partilhavam certa semelhança com o fidalgo alto, e Aeron tomou-os por seus filhos. Um deles desenrolou o estandarte, um grande dracar negro contra um sol poente.

– Sou Gylbert Farwynd, Senhor da Luz Solitária – disse o lorde à assembleia de homens livres.

Aeron conhecia alguns Farwynd, uma gente estranha que possuía terras nas costas mais ocidentais de Grande Wyk e nas ilhas espalhadas mais adiante, rochedos tão pequenos que a maioria não podia suportar mais do que uma única família. Dessas ilhas, a Luz Solitária era a mais distante, a oito dias de viagem para noroeste, por entre colônias de focas e leões-marinhos e o ilimitado oceano cinzento. Os Farwynd daí eram ainda mais estranhos do que os outros. Havia quem lhes chamasse troca-peles, profanas criaturas que podiam tomar a forma de leões-marinhos, morsas e até baleias malhadas, os lobos-do-mar selvagens.

Lorde Gylbert começou a falar. Falou de uma terra maravilhosa para além do Mar do Poente, uma terra sem inverno nem necessidades, onde a morte não dominava.

– Façam de mim seu rei, e os levarei até lá – gritou. – Construiremos dez mil navios, como Nymeria fez um dia, e zarparemos com todo nosso povo para ir desembarcar para lá do poente. Nesse lugar, cada homem será um rei, e cada esposa uma rainha.

Seus olhos, viu Aeron, eram agora cinzentos, logo azuis, tão mutáveis como o mar. *Olhos de louco*, pensou, *olhos de tolo*. A visão de que falava era sem dúvida um ardil implantado pelo Deus da Tempestade para atrair os nascidos de ferro à destruição. As oferendas que seus homens espalharam perante a assembleia de homens livres incluíam peles de foca e dentes de morsa, braçadeiras feitas de osso de baleia, berrantes de guerra com enfeites de bronze. Os capitães olharam e viraram-lhes as costas, deixando que homens menores se servissem dos presentes. Quando o tolo terminou de falar e seus campeões se puseram a gritar seu nome, só os Farwynd acompanharam o grito, e mesmo assim, nem todos. Logo os gritos de "Gylbert! Gylbert Rei!" desvaneceram-se no silêncio. A gaivota gritou sonoramente por cima deles e foi empoleirar-se no topo de uma das costelas de Nagga enquanto o Senhor da Luz Solitária descia a colina.

Aeron Cabelo-Molhado deu de novo um passo à frente.

– Volto a perguntar. *Quem deverá reinar sobre nós*?

– Eu! – trovejou uma voz profunda, e uma vez mais a multidão abriu alas.

O dono da voz foi carregado colina acima numa cadeira de madeira trazida pelo mar esculpida, transportada nos ombros por seus netos. Uma grande ruína em forma de homem, com cento e trinta quilos de peso e noventa anos de idade, trazia um manto branco de pele de urso. Seus cabelos também eram brancos como a neve, e a enorme barba cobria-o como uma manta, do rosto às ancas, de tal modo que era difícil determinar onde terminava a barba e começava a pele. Embora os netos fossem homens grandes e bem constituídos, lutavam com seu peso nos íngremes degraus de pedra. Sentaram-no diante do Palácio do Rei Cinzento, e três permaneceram abaixo dele na condição de campeões.

*Há sessenta anos, ele podia perfeitamente ter conquistado a preferência da assembleia*, pensou Aeron, *mas sua hora passou há muito*.

– Eu! – rugiu o homem da cadeira, numa voz tão enorme quanto ele. – E por que não? Quem há de melhor? Sou Erik Ferreiro, para aqueles que são cegos. Erik, o Justo. Erik Quebra-Bigornas. Mostre-lhes meu martelo, Thormor – um dos campeões o ergueu para que todos vissem; era uma coisa monstruosa, com o cabo coberto de couro velho e a cabeça um tijolo de aço do tamanho de um pão. – Não sei dizer quantas mãos transformei em pasta com aquele martelo – disse Erik –, mas pode ser que algum ladrão saiba. Também não sei dizer quantas cabeças esmaguei contra minha bigorna, mas há umas tantas viúvas que sabem. Podia lhes contar todos os meus feitos em batalha, mas tenho oitenta e oito anos, e não viverei o suficiente para terminar. Se a idade é sabedoria, ninguém é mais sábio do que eu. Se a grandeza é força, ninguém é mais forte. Querem um rei com herdeiros? Tenho tantos que perdi a conta. Rei Erik, sim, gosto de como isso soa. Vamos, digam comigo. *ERIK! ERIK QUEBRA-BIGORNAS! ERIK REI!*

Enquanto os netos do homem acompanhavam o grito, seus filhos avançaram com arcas sobre o ombro. Quando as abriram na base dos degraus de pedra, uma torrente de prata, bronze e aço derramou-se; braçadeiras, colares, punhais, adagas e machados de arremesso. Alguns capitães apanharam os melhores objetos e acrescentaram suas vozes ao cântico. Mas, assim que o grito começou a crescer, uma voz de mulher cortou através dele.

– *Erik!* – homens afastaram-se para deixá-la passar. Com um pé no primeiro degrau, ela disse: – Erik, levante-se.

O silêncio se fez. O vento soprava, as ondas quebravam-se contra a costa, homens murmuravam aos ouvidos uns dos outros. Erik Ferreiro fitava Asha Greyjoy.

– Garota. Três vezes maldita garota. O que disse?

– Levante-se, Erik – ela gritou. – Levante-se, e eu gritarei seu nome com todos os outros. Levante-se e serei a primeira a segui-lo. Quer uma coroa, não? Levante-se e vá buscá-la.

Em outro ponto da multidão, Olho de Corvo soltou uma gargalhada. Erik o fuzilou com o olhar. As mãos do grandalhão fecharam-se com força em volta dos braços de seu trono de madeira trazida pelo mar. Seu

rosto ficou vermelho, e logo depois púrpura. Os braços tremeram com o esforço. Aeron viu uma grossa veia azul pulsando em seu pescoço enquanto o homem lutava para se erguer. Por um momento pareceu que talvez conseguisse fazê-lo, mas perdeu o fôlego de repente, gemeu, e voltou a afundar-se na almofada. Euron riu ainda mais alto. O grandalhão deixou pender a cabeça e envelheceu num piscar de olhos. Os netos levaram-no de volta para o sopé da colina.

– Quem governará os nascidos no ferro? – voltou a gritar Aeron Cabelo-Molhado. – Quem reinará sobre nós?

Os homens entreolharam-se. Alguns olharam para Euron, outros para Victarion, uns poucos para Asha. Ondas quebraram-se, verdes e brancas, contra os dracares. A gaivota soltou outro grito, um grito roufenho e desamparado.

– Faça sua pretensão, Victarion – gritou Merlyn. – Acabemos com esta farsa.

– Quando estiver pronto – gritou Victarion em resposta.

Aquilo agradou a Aeron. *É melhor que ele espere.*

Drumm veio a seguir, outro velho, embora não tanto quanto Erik. Subiu a colina com as próprias pernas, e à anca trazia a Rubra Chuva, sua famosa espada, forjada de aço valiriano nos dias de antes da Destruição. Seus campeões eram homens dignos de nota: os filhos Denys e Donnel, ambos intrépidos guerreiros, e entre ambos vinha Andrik, o Sério, um homem gigantesco, com braços grossos como árvores. Falava bem a Drumm que tal homem o defendesse.

– Onde está escrito que nosso rei tem de ser uma lula gigante? – Drumm começou. – Que direito tem Pyke de nos governar? Grande Wyk é a maior das ilhas, Harlaw, a mais rica, Velha Wyk, a mais sagrada. Quando a linhagem negra foi consumida pelo fogo de dragão, os nascidos no ferro deram a primazia a Vickon Greyjoy, é certo... mas como *lorde*, não como rei.

Era um bom início. Aeron ouviu gritos de aprovação, mas estes minguaram quando o velho se pôs a falar da glória dos Drumm. Falou de Dale, o Pavor, de Roryn, o Salteador, dos cem filhos de Gormond Drumm, o Velho Pai. Desembainhou a Rubra Chuva e contou-lhes como Hilmar Drumm, o Astucioso, obtivera-a de um cavaleiro couraçado com miolos e uma clava de madeira. Falou de navios havia muito perdidos e

de batalhas esquecidas há oitocentos anos, e a multidão foi ficando irrequieta. Falou, e falou, e depois falou ainda mais.

E quando as arcas de Drumm foram abertas, os capitães viram os avaros presentes que lhes tinha trazido. *Nunca nenhum trono foi comprado com bronze*, pensou Cabelo-Molhado. A verdade naquele pensamento era ouvida claramente, à medida que os gritos de "*Drumm! Drumm! Dunstan Rei!*" se dissipavam.

Aeron sentiu um aperto na barriga, e pareceu-lhe que as ondas estavam batendo com mais força do que antes. *É tempo*, pensou. *É tempo de Victarion avançar com sua pretensão.*

– Quem reinará sobre nós? – gritou o sacerdote uma vez mais, mas daquela vez seus ferozes olhos negros descobriram o irmão na multidão. – Nove filhos nasceram das virilhas de Quellon Greyjoy. Um era mais poderoso do que todos os outros, e não conhecia o medo.

Victarion devolveu-lhe o olhar e assentiu. Os capitães afastaram-se à sua frente enquanto ele subia os degraus.

– Irmão, dê-me uma bênção – ele disse ao chegar ao topo. Ajoelhou-se e inclinou a cabeça. Aeron tirou a rolha de seu odre e despejou um jato de água do mar na testa de Victarion.

– *O que está morto não pode morrer* – disse o sacerdote, e o irmão respondeu:

– *... mas volta a se erguer, mais duro e mais forte.*

Quando Victarion se levantou, seus campeões se posicionaram abaixo dele; Ralf, o Coxo, Ralf Vermelho Stonehouse e Nute, o Barbeiro, todos eles notáveis guerreiros. Stonehouse trazia o estandarte Greyjoy: a lula gigante dourada num campo tão negro quanto o mar da meia-noite. Assim que ele se desenrolou, os capitães e os reis começaram a gritar o nome do Senhor Capitão. Victarion esperou que se aquietassem, e então disse:

– Todos vocês me conhecem. Se querem palavras doces, procurem em outro lugar. Não tenho língua de cantor. Tenho um machado, e tenho isto – ergueu suas enormes mãos revestidas de cota de malha para lhes mostrar, e Nute, o Barbeiro, exibiu seu machado, um temível bocado de aço. – Fui um irmão leal – Victarion prosseguiu. – Quando Balon se casou, foi a mim que enviou a Harlaw para lhe trazer a noiva. Liderei seus dracares em muitas batalhas, e não perdi mais do que uma. Da

primeira vez que Balon pôs uma coroa, fui eu quem velejou para Lanisporto, a fim de fazer cerco à cauda do leão. Da segunda vez, foi a mim que enviou para esfolar o Jovem Lobo, caso ele voltasse aos uivos para casa. Tudo que terão de mim é mais daquilo que tiveram com Balon. É tudo o que tenho a dizer.

Com aquelas palavras, seus campeões começaram a entoar: "*VICTARION! VICTARION REI!*". Embaixo, seus homens despejavam as arcas, uma cascata de prata, ouro e pedras preciosas, uma riqueza de saque. Capitães lutaram para conseguir as mais ricas peças, gritando enquanto o faziam. "*VICTARION! VICTARION! VICTARION REI!*" Aeron observou Olho de Corvo. *Falará agora, ou deixará que a assembleia siga seu rumo?* Orkwood de Montrasgo murmurava no ouvido de Euron.

Mas não foi Euron quem pôs fim aos gritos, foi a *mulher*. Enfiou dois dedos na boca e *assobiou*, um som penetrante e estridente que cortou através do tumulto como uma faca corta coalhada.

– Tio! *Tio!* – dobrando-se, apanhou um colar de ouro torcido e saltitou degraus acima. Nute pegou-lhe pelo braço, e durante meio segundo Aeron teve esperança de que os campeões do irmão a mantivessem em silêncio, mas Asha libertou-se da mão do Barbeiro com uma sacudidela e disse qualquer coisa a Ralf Vermelho que o fez se afastar. Enquanto abria caminho, os aplausos iam se desvanecendo. Era a filha de Balon Greyjoy, e a multidão tinha curiosidade de ouvi-la falar.

– Foi bom de sua parte trazer tais dádivas à minha assembleia de homens livres, tio – disse a Victarion –, mas não precisa usar tanta armadura. Prometo que não lhe farei mal – Asha virou-se para encarar os capitães. – Não há homem mais bravo do que meu tio, ninguém é mais forte, ninguém é mais feroz numa luta. E ele conta até dez tão depressa quanto qualquer outro, já o vi fazê-lo... apesar de ter de descalçar as botas quando precisa chegar a vinte – aquilo os fez rir. – Mas não tem filhos. As esposas dele andam sempre morrendo. Olho de Corvo é mais velho e tem melhor pretensão...

– Ele tem! – gritou o Remador Vermelho lá de baixo.

– Ah, mas a minha pretensão é ainda melhor – Asha pôs o colar na cabeça a um ângulo confiante, de forma que ouro reluzisse contra seus cabelos escuros. – O irmão de Balon não pode ter precedência sobre o filho de Balon!

– Os filhos de Balon estão mortos – gritou Ralf, o Coxo. – Não vejo mais do que a filhinha de Balon!

– Filha? – Asha enfiou a mão por baixo do gibão. – O-ho! Que é isto? Deverei lhe mostrar? Alguns de vocês já não veem uma desde que desmamaram – os homens voltaram a rir. – Tetas num rei são uma coisa terrível, a canção é esta? Ralf, me pegou, eu *sou* uma mulher... embora não seja uma *velha* como você. Ralf, o Coxo... não devia ser Ralf, o Frouxo? – Asha tirou um punhal de entre os seios. – Também sou uma mãe, e aqui está o meu bebê de peito! – ergueu-o. – E aqui, os meus campeões – forçaram passagem pelos três de Victarion para se colocarem abaixo dela: Qarl, o Donzel, Tristifer Botley e o cavaleiro Sor Harras Harlaw, cuja espada Anoitecer era tão legendária quanto a Rubra Chuva de Dunstan Drumm. – Meu tio disse que o conhecem. Também conhecem a mim...

– Quero conhecê-la melhor! – alguém gritou.

– Vá para casa e conheça sua mulher – gritou Asha em resposta. – O tio diz que lhes dará mais do que meu pai lhes deu. Bem, e o que foi isso? Ouro e glória, dirão alguns. *Liberdade*, sempre agradável. Sim, é verdade, ele nos deu isso... e também viúvas, como Lorde Blacktyde lhes dirá. Quantos de vocês tiveram a casa passada no archote quando Robert chegou? Quantos tiveram as filhas violadas e despojadas? Vilas incendiadas e castelos arruinados. Meu pai lhes deu isso. O que ele deu a vocês foi a *derrota*. O tio aqui lhes dará mais. Eu não.

– O que nos dará? – perguntou Lucas Codd. – Costura?

– Sim, Lucas. Vou costurar um reino para todos nós – atirou o punhal de uma mão para a outra. – Temos de aprender uma lição com o Jovem Lobo, que venceu todas as batalhas... e perdeu tudo.

– Um lobo não é uma lula gigante – objetou Victarion. – O que a lula gigante agarra não perde, seja dracar ou leviatã.

– E o que foi que nós agarramos, tio? O Norte? O que é isso, além de léguas e léguas de léguas e léguas longe do barulho do mar? Tomamos Fosso Cailin, Bosque Profundo, Praça de Torrhen, e até Winterfell. O que temos para mostrar? – fez um sinal e seus homens do Vento Negro abriram caminho à frente, com arcas de carvalho e ferro nos ombros. – Ofereço-lhes as riquezas da Costa Pedregosa – Asha anunciou quando a primeira foi virada ao contrário. Uma avalanche de seixos tombou,

caindo em cascata degraus abaixo; seixos cinzentos, negros e brancos, alisados pelo mar. – Ofereço-lhes as riquezas de Bosque Profundo – ela falou no momento em que a segunda arca era aberta. Uma torrente de pinhas derramou-se, rolando e saltando até junto da multidão. – E, por fim, o ouro de Winterfell – da terceira arca vieram nabos amarelos, redondos, duros e tão grandes quanto uma cabeça, que caíram entre os seixos e as pinhas. Asha apunhalou um. – Harmund Sharp – gritou –, seu filho Harrag morreu em Winterfell por isto – puxou o nabo da lâmina e atirou para ele. – Tem mais filhos, creio eu. Se quer trocar a vida deles por nabos, grite o nome do meu tio!

– E se gritar o *seu* nome? – quis saber Harmund. – O que acontece?

– A paz – ela respondeu. – Terras. Vitória. Darei a vocês Ponta do Dragão Marinho e a Costa Pedregosa, terra negra e árvores altas, e pedras suficientes para que cada filho mais novo construa um palácio. Também teremos os nortenhos... como amigos, para se oporem conosco contra o Trono de Ferro. Sua escolha é simples. Coroem-me, para a paz e para a vitória. Ou coroem meu tio, para mais guerra e mais derrota – voltou a embainhar o punhal. – O que querem, homens de ferro?

– *VITÓRIA!* – gritou Rodrik, o Leitor, com as mãos em volta da boca. – *Vitória, e Asha!*

– *ASHA!* – ecoou Lorde Baelor Blacktyde. – *ASHA RAINHA!*

A tripulação de Asha acompanhou o grito, "*ASHA! ASHA! ASHA RAINHA!*". Bateram os pés no chão, sacudiram os punhos e berraram, enquanto Cabelo-Molhado os ouvia, incrédulo. *Ela quer deixar a obra do pai incompleta!* E, no entanto, Tristifer Botley gritava por ela, como muitos Harlaw, alguns Goodbrother, o enrubescido Lorde Merlyn, mais homens do que o sacerdote teria acreditado ser possível... por uma *mulher*!

Mas outros mantinham-se em silêncio, ou resmungavam comentários aos vizinhos.

– Nada de paz de covardes! – rugiu Ralf, o Coxo. Ralf Vermelho Stonehouse fez rodopiar o estandarte Greyjoy e berrou:

– *Victarion! VICTARION! VICTARION!* – homens começaram a se empurrar. Alguém atirou uma pinha na cabeça de Asha. Quando se esquivou, sua coroa improvisada caiu. Por um momento pareceu ao sacerdote que se encontrava no topo de um gigantesco formigueiro, com

mil formigas fervilhando a seus pés. Gritos de "*Asha!*" e "*Victarion!*" voaram de um lado para o outro, e pareceu que uma feroz tempestade estava prestes a engolir todos. *O Deus da Tempestade está entre nós*, pensou o sacerdote, *semeando fúria e discórdia.*

Penetrante como uma estocada, o som de um berrante cortou o ar.

Viva e funesta era sua voz, um grito quente e trêmulo que fazia que os ossos de um homem parecessem *tamborilar* com ele. O grito demorou-se no ar úmido do mar: *aaaaRRIIIIIIiiiiiiiiiiiiiiiii*.

Todos os olhos se viraram na direção do som. Era um dos mestiços de Euron que soprava o chamado, um homem monstruoso com a cabeça raspada. Braçadeiras de ouro, jade e âmbar preto cintilavam em seus braços, e no seu peito largo estava tatuada uma ave de rapina qualquer, com garras que pingavam sangue.

*aaaaRRRIIIIIiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii.*

O berrante que soprava era reluzentemente negro e retorcido, e erguia-se mais alto do que um homem enquanto era sustido com ambas as mãos. Estava enfeitado com faixas de ouro vermelho e aço escuro, com antigos glifos valirianos nelas incisos, glifos que pareciam brilhar, rubros, enquanto o som ia aumentando.

*aaaaaaaRRRIIIIIIIIIIIIiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii.*

Era um som terrível, um lamento de dor e fúria que parecia queimar as orelhas. Aeron Cabelo-Molhado cobriu as suas e rezou para que o Deus Afogado fizesse erguer uma poderosa onda que esmagasse o berrante e o reduzisse ao silêncio, mesmo assim o guincho perdurava e perdurava. *É o berrante do inferno*, quis gritar, embora nenhum homem o pudesse ouvir. As bochechas do tatuado estavam tão distendidas que pareciam prestes a rebentar, e os músculos do seu peito torciam-se de um modo que parecia que a ave estava prestes a se libertar da sua pele e levantar voo. E agora os glifos ardiam brilhantemente, com cada linha e letra cintilando como fogo branco. O som perdurava, e perdurava, e perdurava, ecoando nas vociferantes colinas que se erguiam atrás deles e atravessando as águas do Berço de Nagga para ir ressoar nas montanhas de Grande Wyk, perdurando, e perdurando, e perdurando, até encher o mundo inteiro.

E quando parecia que o som nunca terminaria, terminou.

O fôlego do soprador por fim falhou. Ele cambaleou e quase caiu. O sacerdote viu Orkwood de Montrasgo segurá-lo, enquanto Lucas Mão-

Esquerda Codd lhe tirava o retorcido berrante negro das mãos. Um fino fiapo de fumo saía do berrante, e o sacerdote viu sangue e bolhas nos lábios do homem que o soprara. A ave em seu peito também sangrava.

Euron Greyjoy subiu lentamente a colina, com todos os olhos postos nele. Por cima, a gaivota gritou, e voltou a gritar. *Nenhum homem sem deus pode se sentar na Cadeira de Pedra do Mar*, pensou Aeron, mas sabia que tinha de deixar o irmão falar. Seus lábios moveram-se silenciosamente numa prece.

Os campeões de Asha afastaram-se, os de Victarion também. O sacerdote deu um passo para trás e pousou a mão na pedra rude e fria das costelas de Nagga. Olho de Corvo parou no topo dos degraus, à porta do Palácio do Rei Cinzento, e virou seu olho sorridente para os capitães e os reis, mas Aeron também conseguia sentir seu outro olho, aquele que mantinha escondido.

– *HOMENS DE FERRO* – disse Euron Greyjoy –, ouviram meu berrante. Agora escutem minhas palavras. Sou irmão de Balon, o mais velho dos filhos vivos de Quellon. O sangue de Lorde Vickon corre-me nas veias, bem como o da Velha Lula Gigante. E, no entanto, naveguei até mais longe do que qualquer um deles. Só uma lula gigante viva nunca conheceu a derrota. Só uma nunca dobrou o joelho. Só uma velejou até Asshai da Sombra e viu maravilhas e terrores além da imaginação...

– Se gostou tanto assim da Sombra, volte para lá – gritou Qarl, o Donzel, o da face rosada, um dos campeões de Asha.

Olho de Corvo o ignorou.

– Meu irmão mais novo quer terminar a guerra de Balon e reclamar o Norte. Minha querida sobrinha quer nos dar paz e pinhas – seus lábios azuis torceram-se num sorriso. – Asha prefere a vitória à derrota. Victarion quer um reino, não uns escassos metros de terra. De mim, terão ambas as coisas.

"Chamam-me Olho de Corvo. Bem, quem tem um olho mais penetrante do que o corvo? Após cada batalha, os corvos chegam às centenas e aos milhares para se banquetear dos que tombaram. Um corvo pode ver a morte de longe. E eu digo que todo Westeros está morrendo. Aqueles que me seguirem se banquetearão até o fim dos seus dias.

"Somos os nascidos no ferro, e outrora fomos conquistadores. Nosso decreto corria todos os pontos em que fosse ouvido o som das ondas.

Meu irmão quer que se contentem com o frio e triste Norte, e minha sobrinha, com menos ainda... mas eu lhes darei Lanisporto. Jardim de Cima. A Árvore. Vilavelha. As terras fluviais e a Campina, a mata de rei e a mata de chuva, Dorne e as marcas, as Montanhas da Lua e o Vale de Arryn, Tarth e os Degraus. O que digo é que tomemos *tudo*! O que digo é que tomemos *Westeros* – lançou um relance ao sacerdote. – Tudo para a maior glória de nosso Deus Afogado, com certeza."

Durante meio segundo até Aeron foi arrebatado pela ousadia daquelas palavras. O sacerdote sonhara o mesmo sonho quando vira pela primeira vez o cometa no céu. *Varreremos as terras verdes com fogo e espada, desenraizaremos os sete deuses dos septões e as árvores brancas dos nortenhos...*

– Olho de Corvo – Asha gritou–, deixou os miolos em Asshai? Se não conseguimos segurar o Norte, e realmente não conseguimos, como poderemos conquistar todos os Sete Reinos?

– Ora, já foi feito antes. Terá Balon ensinado a esta garota assim tão pouco das coisas da guerra? Victarion, ao que parece, a filha de nosso irmão nunca ouviu falar de Aegon, o Conquistador.

– Aegon? – Victarion cruzou os braços sobre o peito couraçado. – Que tem o Conquistador a ver conosco?

– Sei tanto de guerra quanto você, Olho de Corvo – Asha voltou a falar. – Aegon Targaryen conquistou Westeros com *dragões*.

– E nós faremos o mesmo – prometeu Euron Greyjoy. – Aquele berrante que ouviram encontrei entre as ruínas fumegantes daquilo que foi Valíria, por onde nenhum homem, exceto eu, se atreveu a caminhar. Ouviram seu chamado e sentiram seu poder. É um berrante de dragão, enfeitado com faixas de ouro vermelho e aço valiriano com encantamentos nele gravados. Os senhores dos dragões de outrora faziam soar berrantes daqueles, antes de a Destruição devorá-los. Com este berrante, homens de ferro, posso prender *dragões* à minha vontade.

Asha riu sonoramente:

– Um berrante para prender cabras à sua vontade seria de maior utilidade, Olho de Corvo. Já não há dragões.

– De novo, garota, engana-se. Há três, e eu sei onde encontrá-los. Certamente isto vale uma coroa de madeira trazida pelo mar.

– *EURON!* – gritou Lucas Mão-Esquerda Codd.

– *EURON! OLHO DE CORVO! EURON!* – ecoou Remador Vermelho.

Os mudos e mestiços do *Silêncio* abriram as arcas de Euron e derramaram as dádivas diante dos capitães e dos reis. Então, quem o sacerdote ouviu foi Hotho Harlaw, enquanto enchia as mãos de ouro. Gorold Goodbrother também gritou, assim como Erik Quebra-Bigornas. "*EURON! EURON! EURON!*" O grito se expandiu, transformou-se num rugido. "*EURON! EURON! OLHO DE CORVO! EURON REI!*" Rolou pela colina de Nagga acima, como se fosse o Deus da Tempestade fazendo chocalhar as nuvens. "*EURON! EURON! EURON! EURON! EURON! EURON!*"

Até um sacerdote pode duvidar. Até um profeta pode conhecer o terror. Aeron Cabelo-Molhado procurou seu deus dentro de si, e encontrou apenas silêncio. Enquanto um milhar de vozes gritavam o nome do irmão, tudo que conseguia ouvir era o grito de uma dobradiça de ferro enferrujada.

## BRIENNE

A leste de Lagoa da Donzela, os montes erguiam-se, selvagens, e os pinheiros fechavam-se em volta deles como uma hoste de soldados cinza-esverdeados.

Lesto Dick dizia que a estrada costeira era o caminho mais curto e mais fácil, por isso raramente perdiam de vista a baía. As vilas e aldeias ao longo da costa iam se tornando menores à medida que avançavam, e também menos frequentes. Ao cair da noite procuravam uma estalagem. Crabb partilhava a cama comum com outros viajantes, enquanto Brienne pagava um quarto para si e para Podrick.

– Seria mais barato se dormíssemos todos na mesma cama, senhora – dizia Lesto Dick. – Podia pôr sua espada entre nós. Velho Dick é um tipo inofensivo. Cavalheiresco como um cavaleiro e tão honesto como o dia é longo.

– Os dias estão ficando mais curtos – Brienne observou.

– Bom, pode ser que sim. Se não confia em mim na cama, podia enrolar-me no chão, senhora.

– No meu chão, não.

– Um homem pode pensar que não tem nenhuma confiança em mim.

– A confiança é ganha. Como o ouro.

– Como quiser, senhora – Crabb respondeu –, mas lá em cima, ao norte, onde a estrada acaba, àquela altura terá de confiar no Dick. Se eu quisesse lhe roubar o ouro à ponta da espada, quem é que me impediria?

– Não tem uma espada. Mas eu sim.

Brienne fechou a porta entre eles e ficou ali, à escuta, até ter certeza de ele ter ido embora. Por mais lesto que fosse, Dick Crabb não era nenhum Jaime Lannister, nenhum Rato Louco, nem sequer um Humfrey Wagstaff. Era magro e desnutrido, e sua única armadura era um meio-elmo amassado e salpicado de ferrugem. Em vez de espada, usava uma

velha adaga cheia de entalhes. Enquanto estivesse acordada, o homem não lhe constituía nenhuma ameaça.

– Podrick – disse –, chegará uma hora em que não haverá mais estalagens para nos fornecer abrigo. Não confio em nosso guia. Quando acamparmos, pode me vigiar enquanto durmo?

– Ficar acordado, senhora? Sor – o garoto refletiu. – Tenho uma espada. Se Crabb tentar lhe fazer mal, posso matá-lo.

– Não – ela respondeu com severidade. – Não deve tentar lutar com ele. Tudo que peço é que o vigie enquanto durmo, e que me acorde se ele fizer alguma coisa suspeita. Vai descobrir que acordo depressa.

Crabb mostrou suas verdadeiras cores no dia seguinte, quando pararam para dar água aos cavalos. Brienne teve de se esconder atrás de alguns arbustos para esvaziar a bexiga. No momento em que se agachava, ouviu Podrick dizer:

– O que está fazendo? Saia daí – acabou o que tinha para fazer, puxou os calções para cima e, quando voltou à estrada, encontrou Lesto Dick limpando farinha dos dedos.

– Não vai encontrar dragões nos alforjes – disse-lhe. – Transporto ouro comigo – uma parte encontrava-se na bolsa que trazia no cinto, o resto estava escondido num par de bolsos cosidos no interior do vestuário. A gorda bolsa que tinha dentro do alforje estava cheia de cobres grandes e pequenos, tostões e meios tostões, pequenas moedas de prata e estrelas... e fina farinha branca, para torná-la ainda mais gorda. Comprara a farinha do cozinheiro das Sete Espadas na manhã em que partira de Valdocaso.

– Dick não tinha más intenções, senhora – torceu seus dedos sujos de farinha para mostrar que não tinha armas. – Queria só ver se tinha os dragões que me prometeu. O mundo está cheio de mentirosos, prontos para enganar um homem honesto. Não que *você* seja um deles.

Brienne esperava que ele fosse melhor guia do que era ladrão.

– É melhor irmos andando – voltou a montar.

Dick costumava cantar enquanto viajavam; nunca era uma canção inteira, só um pedaço desta, um verso daquela. Brienne suspeitava que o homem pretendia seduzi-la, para fazê-la baixar a guarda. Por vezes tentava convencer Brienne e Podrick a cantar com ele, mas sem sucesso. O garoto era tímido demais, e tinha a língua muito presa, e Brienne não cantava. *Cantava para o seu pai?*, perguntara-lhe uma vez a Senhora

Stark, em Correrrio. *Cantava para Renly?* Não o fizera, nunca embora tivesse desejado... tinha-o desejado...

Quando não estava cantando, Lesto Dick falava, regalando-os com histórias sobre a Ponta da Garra Rachada. Cada vale sombrio tinha seu senhor, ele dizia, todos unidos apenas pela desconfiança que sentiam por forasteiros. Em suas veias, o sangue dos Primeiros Homens corria escuro e forte.

– Os ândalos tentaram tomar Garra, mas sangramos os tipos nos vales e os afogamos nos pântanos. Só que o que os filhos deles não conseguiram conquistar com as espadas, as lindas filhas conquistaram com beijos. Casaram com as Casas que não conseguiam conquistar, ah sim.

Os reis Darklyn de Valdocaso tinham tentado impor seu domínio sobre Ponta da Garra Rachada; os Mooton de Lagoa da Donzela também, e mais tarde foi a vez dos altivos Celtigar da Ilha dos Caranguejos. Mas os homens da Garra conheciam seus pântanos e florestas como nenhum forasteiro podia conhecer, e quando eram muito pressionados, desapareciam nas cavernas que transformavam seus montes em colmeias. Quando não lutavam com aspirantes a conquistadores, lutavam uns contra os outros. Suas rixas de sangue eram tão profundas e escuras como os pântanos entre os seus montes. De tempos em tempos, algum campeão trazia a paz à Ponta, mas nunca durava mais do que sua vida. Lorde Lucifer Hardy fora um dos grandes, e os Irmãos Brune também. O Velho Crackbones ainda mais, mas os Crabb eram os mais poderosos de todos. Dick ainda se recusava a acreditar que Brienne nunca tivesse ouvido falar de Sor Clarence Crabb e de suas façanhas.

– Por que eu mentiria? – Brienne lhe perguntou. – Todos têm seus heróis locais. No lugar de onde venho, os cantores cantam sobre Sor Galladon de Morne, o Cavaleiro Perfeito.

– Sor Gallaquem do quê? – o homem soltou uma fungadela. – Nunca ouvi falar. Por que diabos era ele assim tão perfeito?

– Sor Galladon foi um campeão de tal valor que a própria Donzela perdeu o coração por ele. Deu-lhe uma espada encantada como símbolo do seu amor. Chamava-se a Justa Donzela. Nenhuma espada vulgar era capaz de pará-la, e nenhum escudo podia aguentar seu beijo. Sor Galladon usava orgulhosamente a Justa Donzela, mas só por três vezes a

desembainhou. Não queria usá-la contra os mortais, pois era tão potente que desequilibraria qualquer luta.

Crabb achou aquilo hilariante.

– O Cavaleiro Perfeito? Soa mais ao Palerma Perfeito. Para que raio serve uma espada mágica se não for para usá-la?

– Honra – ela respondeu. – O motivo é a honra.

Aquilo só conseguiu fazê-lo rir mais alto.

– Sor Clarence Crabb seria capaz de limpar o rabo peludo de seu Cavaleiro Perfeito, senhora. Se algum dia tivessem se encontrado, era mais uma cabeça cheia de sangue na prateleira dos Murmúrios, cá para mim. "Devia ter usado a espada mágica", ela diria a todas as outras cabeças. "Devia ter usado a merda da espada."

Brienne não pôde evitar sorrir.

– Talvez – admitiu –, mas Sor Galladon não era nenhum tolo. Contra um inimigo de dois metros e quarenta, montado num auroque, podia perfeitamente ter desembainhado a Justa Donzela. Usou-a uma vez para matar um dragão, segundo dizem.

Lesto Dick não se deixou impressionar.

– O Crackbones também lutou com um dragão, mas não precisou de espada mágica nenhuma. Deu-lhe apenas um nó no pescoço, de modo que cada vez que o bicho soltava fogo, assava o próprio rabo.

– E o que fez Crackbones quando Aegon e as irmãs chegaram? – perguntou-lhe Brienne.

– Estava morto. A senhora devia saber disso – Crabb lançou-lhe um olhar de esguelha. – Aegon mandou a irmã à Garra Rachada, a tal Visenya. Os senhores tinham ouvido falar do fim de Harren. Como não eram tolos, puseram as espadas aos pés dela. A rainha tomou-os como seus homens e disse que não deviam lealdade a Lagoa da Donzela, Ilha dos Caranguejos ou Valdocaso. Isso não impediu aqueles malditos Celtigar de mandar homens à costa oriental para coleta de impostos. Se manda o suficiente, alguns regressam... fora isso, dobramo-nos só aos nossos senhores, e ao rei. Ao rei *verdadeiro*, não a Robert e gente de sua laia – cuspiu. – Havia Crabbs, Brunes e Boggses com o Príncipe Rhaegar no Tridente, e na Guarda Real também. Um Hardy, um Cave, um Pyne, e *três* Crabb, Clement, Rupert e Clarence, o Baixo. Tinha um metro e oitenta, o tipo, mas era baixo comparado com o *verdadeiro* Sor Clarence.

Somos todos bons homens dos dragões aqui no caminho da Garra Rachada.

O movimento continuou diminuindo à medida que avançavam para norte e para leste, até que por fim deixaram de encontrar estalagens. Àquela altura, a estrada costeira era mais ervas daninhas do que sulcos. Naquela noite abrigaram-se em uma aldeia de pescadores. Brienne pagou um punhado de cobres aos aldeões para os deixarem pernoitar num celeiro cheio de feno. Ficou com o sobrado para si e para Podrik, e puxou a escada depois de subirem.

– Se me deixar aqui embaixo sozinho, posso perfeitamente roubar os cavalos – Crabb gritou. – É melhor que os faça subir a escada também, senhora – quando ela o ignorou, ele continuou: – Esta noite vai chover. Uma chuva fria e forte. Você e o Pods vão dormir aconchegadinhos e quentes, e o pobre velho Dick vai ficar aqui embaixo, tremendo sozinho – balançou a cabeça, resmungando, enquanto transformava uma pilha de feno numa cama. – Nunca conheci donzela tão desconfiada como você.

Brienne enrolou-se debaixo do manto, com Podrick bocejando a seu lado. *Não fui sempre cautelosa*, podia lhe ter gritado. *Quando era menina, acreditava que todos os homens eram tão nobres como meu pai*. Até os homens que lhe diziam como era uma menina bonita, como era alta, esperta e inteligente, como era graciosa quando dançava. Foi Septã Roelle quem tirou as lascas de cima de seus olhos.

"Eles só dizem essas coisas para conquistar o favor do senhor seu pai", dissera a mulher. "Encontrará a verdade no espelho, não na língua dos homens." Foi uma lição dura, que a fez chorar, mas servira-lhe bem em Harrenhal, quando Sor Hyle e os amigos jogaram seu jogo. *Uma donzela deve ser desconfiada neste mundo, senão não será donzela por muito tempo*, ela pensava quando a chuva começou a cair.

No corpo a corpo, em Pontamarga, procurara seus pretendentes e os espancara um por um, Farrow, Ambrose e Bushy, Mark Mullendore, Raymond Nayland e Will, o Cegonha. Atropelara Harry Sawyer e quebrara o elmo de Robin Potter, deixando-lhe uma feia cicatriz. E quando o último deles caiu, a Mãe lhe entregou Connington. Daquela vez, Sor Ronnet empunhava uma espada, em vez de uma rosa. Cada golpe que lhe desferira era mais doce do que um beijo.

Loras Tyrell fora o último a enfrentar sua fúria naquele dia. Nunca a cortejara, quase nem sequer a olhara, mas naquele dia trazia três rosas douradas no escudo, e Brienne odiava rosas. Vê-las dera-lhe uma força furiosa. Adormeceu sonhando com a luta que tinham tido, e com Sor Jaime prendendo-lhe um manto arco-íris em volta dos ombros.

Ainda chovia na manhã seguinte. Ao quebrarem o jejum, Lesto Dick sugeriu que esperassem até a chuva parar.

– E isso será quando? Amanhã? Dentro de uma quinzena? Quando o verão voltar? Não. Temos mantos, e léguas a percorrer.

Choveu durante todo aquele dia. A estreita trilha que seguiam rapidamente se transformou em lama por baixo deles. As árvores que viam estavam despidas, e a chuva contínua transformara as folhas caídas em um tapete encharcado e marrom. Apesar do seu forro de pele de esquilo, o manto de Dick deixava passar água, e Brienne via-o tremer. Sentiu um pouco de pena do homem. *Ele não tem comido bem, isto é evidente*. Perguntou a si mesma se haveria realmente uma enseada de contrabandistas, ou um castelo arruinado chamado Murmúrios. Homens famintos fazem coisas desesperadas. Tudo aquilo podia ser um estratagema para enganá-la. A suspeita amargou-lhe o estômago.

Durante algum tempo pareceu que o gotejar constante da chuva era o único som que havia no mundo. Lesto Dick continuou a avançar, sem querer saber de nada. Observou-o de perto, notando o modo como dobrava as costas, como se se enrolar sobre si mesmo na sela pudesse mantê-lo seco. Daquela vez não havia uma aldeia à mão quando a escuridão caiu sobre eles. Nem havia árvores que lhes fornecessem abrigo. Foram forçados a acampar por entre alguns rochedos, cinquenta metros acima da linha das marés. Os rochedos, pelo menos, manteriam o vento afastado.

– É melhor fazermos turnos de vigia esta noite, senhora – disse-lhe Crabb, no momento em que Brienne lutava para acender uma fogueira de madeira trazida pelas marés. – Num lugar como este pode haver chapinheiros.

– Chapinheiros? – Brienne lançou-lhe um olhar desconfiado.

– Monstros – Lesto Dick explicou com satisfação. – Parecem homens até se chegar perto, mas a cabeça é grande demais, e têm escamas onde um homem tem pelos. São brancos como a barriga de um peixe, com

pele entre os dedos. Estão sempre úmidos e cheiram a peixe, mas atrás daqueles lábios tristes há filas de dentes verdes afiados como agulhas. Há quem diga que os Primeiros Homens os mataram a todos, mas não acredite nisso. Chegam de noite e roubam criancinhas malcriadas, andando por aí com aqueles pés de pato, fazendo um ruidinho de chapinhar. Ficam com as moças para acasalar, mas comem os rapazes, roendo-os com aqueles dentes verdes e afiados – mostrou um sorriso a Podrick. – Você eles comeriam, garoto. Comeriam você *cru*.

– Se tentarem, eu mato eles – Podrick tocou a espada.

– Tente isso. Tente. Os chapinheiros não são fáceis de matar – piscou um olho a Brienne. – É uma mocinha má, senhora?

– Não – *só uma tola*. A madeira estava muito úmida para acender, por mais faíscas que Brienne fizesse saltar da pederneira e do aço. Os gravetos fumegaram um pouco, mas foi tudo. Descontente, instalou-se com as costas apoiadas num rochedo, cobriu-se com o manto e resignou-se a uma noite fria e úmida. Sonhando com uma refeição quente, roeu uma porção de carne de vaca dura e salgada, enquanto Lesto Dick falava sobre quando Sor Clarence Crabb lutara com o rei dos chapinheiros. *Ele conta histórias animadas*, teve de admitir, *mas Mark Mullendore também era divertido com seu macaquinho*.

O tempo estava úmido demais para se ver o sol se pôr, e muito cinzento para se ver a lua nascer. A noite foi negra e desprovida de estrelas. Crabb esgotou as histórias e foi dormir. Podrick logo também estava ressonando. Brienne ficou sentada com as costas apoiadas ao rochedo escutando as ondas. *Está perto do mar, Sansa?*, perguntou a si mesma. *Está à espera nos Murmúrios por um navio que nunca chegará? Quem está com você? Passagem para três, ele disse. Terá o Duende se juntado a você e a Sor Dontos, ou será que encontrou sua irmãzinha?*

O dia fora longo, e Brienne estava cansada. Descobriu que até ficar sentada contra o rochedo, com a chuva tamborilando levemente ao redor, fazia que suas pálpebras começassem a pesar. Dormitou por duas vezes. Da segunda, acordou de repente, com o coração aos saltos, convencida de que alguém estava em pé acima dela. Sentia os membros rígidos, e o manto se enrolava em seus tornozelos. Libertou-se dele com um pontapé e se levantou. Lesto Dick estava aninhado de encontro a um rochedo,

meio enterrado em areia molhada e pesada, dormindo. *Um sonho. Foi um sonho.*

Talvez tivesse cometido um erro ao abandonar Sor Creighton e Sor Illifer. Tinham lhe parecido honestos. *Gostaria que Jaime estivesse comigo*, pensou... mas ele era um cavaleiro da Guarda Real, o lugar que lhe competia era com o rei. Além disso, era Renly quem desejava. *Jurei que o protegeria e falhei. Depois jurei que o vingaria e também falhei em fazê-lo. Em vez disso, fugi com a Senhora Catelyn, e também falhei com ela*. O vento mudara de direção, e a chuva escorria por seu rosto.

No dia seguinte, a estrada reduziu-se a um fio pedregoso, e por fim a uma mera sugestão. Perto do meio-dia, chegou a um fim abrupto no sopé de uma escarpa esculpida pelo vento. Por cima, um pequeno castelo franzia a testa por sobre as ondas, com três torres tortas delineadas contra um céu de chumbo.

– Aquilo são os Murmúrios? – Podrick quis saber.

– Aquilo lhe parece a porcaria de uma ruína? – Crabb cuspiu. – Aquilo é o Antro Terrível, onde o velho Lorde Brune tem sua sede. Mas a estrada acaba aqui. Para nós, daqui para a frente são pinheiros.

Brienne estudou a escarpa.

– Como chegamos lá em cima?

– É fácil – Lesto Dick deu a volta com o cavalo. – Fique perto do Dick. Os chapinheiros são bichos que apanham os que ficam para trás.

O caminho ascendente revelou-se uma íngreme trilha pedregosa escondida no interior de uma fenda na rocha. A maior parte era natural, mas aqui e ali tinham sido esculpidos degraus para facilitar a subida. Paredes abruptas de rocha, carcomida por séculos de vento e respingos das ondas, apertavam-nos de ambos os lados. Em alguns pontos tinham tomado formas fantásticas. Lesto Dick indicou algumas enquanto subiam.

– Ali está a cabeça de um ogro, veem? – disse, e Brienne sorriu quando a viu. – E aquilo ali é um dragão de pedra. A outra asa partiu-se quando meu pai era moço. Aquilo ali por cima são as tetas caídas como as de uma velha bruxa – e lançou um relance ao peito de Brienne.

– Sor? Senhora? – disse Podrick. – Há um cavaleiro.

– Onde? –nenhuma das rochas lhe sugeria um cavaleiro.

– Na estrada. Não é cavaleiro de pedra. Um verdadeiro. Está nos seguindo. Lá embaixo – apontou.

Brienne torceu-se na sela. Tinham subido até uma altura suficiente para ver léguas ao longo da costa. O cavalo aproximava-se pela mesma estrada que tinham percorrido, duas ou três milhas atrás deles. Outra vez? Lançou um relance desconfiado a Lesto Dick.

– Não me olhe torto – ele resmungou. – Ele não tem nada a ver com o velho Lesto Dick, seja quem for. Algum homem do Brune, o mais certo, voltando das guerras. Ou um daqueles cantores que andam de um lado para outro – virou a cabeça e cuspiu. – Não é chapinheiro nenhum, isto é certo. Esses não montam a cavalo.

– Não – Brienne assentiu. Naquilo, pelo menos, podiam concordar.

Os últimos trinta metros da subida revelaram-se os mais íngremes e traiçoeiros. Pedrinhas soltas rolavam por baixo dos cascos dos cavalos e caíam aos saltos pelo caminho pedregoso que tinham deixado para trás. Quando emergiram da fenda na rocha, encontraram-se junto às muralhas do castelo. Num parapeito, por cima deles, um rosto os espreitou, após o que desapareceu. Brienne achou que podia ter sido uma mulher, e disse isso mesmo a Lesto Dick.

Ele concordou.

– Brune é velho demais para subir aos adarves, e os filhos e netos foram para as guerras. Não ficou ninguém aqui a não ser mulheres, e um bebê ranhoso ou dois.

Estava nos lábios de Brienne perguntar ao guia de qual dos reis fora a causa que Lorde Brune abraçara, mas já não tinha importância. Os filhos de Brune tinham partido; alguns podiam nem regressar. *Não conseguiremos hospitalidade aqui esta noite*. Não era provável que um castelo cheio de velhos, mulheres e crianças abrisse as portas a estranhos armados.

– Fala de Lorde Brune como se o conhecesse – disse a Lesto Dick.

– Pode ser que tenha conhecido, há tempos.

Brienne lançou um relance ao peito do gibão do homem. Fios soltos e um bocado esfarrapado de pano mais escuro indicavam o lugar de onde um símbolo qualquer fora arrancado. Seu guia era um desertor, não duvidava. Poderia o cavaleiro que os seguia ser um de seus irmãos de armas?

– Devíamos continuar – exortou o homem –, antes que Brune comece a perguntar a si mesmo por que diabo estamos aqui à sombra de suas muralhas. Até uma mulher pode esticar a porcaria da corda de uma besta – Dick indicou com um gesto os montes de pedra calcária que se erguiam atrás do castelo, com suas vertentes arborizadas. – Daqui para a frente não há mais estradas, só ribeiros e trilhas de caça, mas a senhora não precisa ter medo. Lesto Dick conhece esta região.

Era isto o que Brienne temia. O vento soprava em rajadas ao longo do topo da escarpa, mas a única coisa que conseguia cheirar era uma armadilha.

– E aquele cavaleiro? – a menos que seu cavalo fosse capaz de caminhar sobre as ondas, em breve subiria a escarpa.

– Que é que tem ele? Se for um palerma qualquer de Lagoa da Donzela, pode nem sequer encontrar a porcaria do caminho. E se encontrar, o despistamos nos bosques. Lá não vai ter estrada para seguir.

*Só nosso rastro*. Brienne perguntou a si mesma se não seria melhor enfrentar o cavaleiro ali, de espada na mão. *Parecerei uma completa idiota se for um cantor ambulante ou um dos filhos de Lorde Brune*. Supunha que Crabb tivesse razão. *Se ainda estiver atrás de nós amanhã, posso então lidar com ele.*

– Como quiser – disse, virando a égua na direção das árvores.

O castelo de Lorde Brune minguou às suas costas e logo ficou fora de vista. Sentinelas e pinheiros marciais erguiam-se por toda volta, atirando altas lanças vestidas de verde para o céu. O chão da floresta era um tapete de agulhas com a espessura de uma muralha de castelo juncado de pinhas. Os cascos dos cavalos pareciam não fazer um ruído. Choveu um pouco, parou durante algum tempo, e então recomeçou a chover, mas entre os pinheiros quase não sentiram uma gota.

O avanço era muito mais lento nos bosques. Brienne incitava a égua a avançar através da penumbra verde, ziguezagueando de um lado para o outro por entre as árvores. Percebeu que seria muito fácil se perder ali. Todos os lados para onde olhava pareciam iguais. O próprio ar parecia cinzento, verde e imóvel. Galhos de pinheiro raspavam em seus braços e arranhavam ruidosamente o escudo recém-pintado. A estranha quietude mexia-lhe mais com os nervos a cada hora que passava.

Também a incomodava Lesto Dick. Mais tarde, nesse mesmo dia, quando o ocaso se aproximava, tentou cantar.

– *Havia um urso, um urso, um urso! Preto e castanho e coberto de pelo* – cantou, com uma voz tão áspera quanto um par de calções de lã. Os pinheiros beberam sua canção, assim como bebiam o vento e a chuva. Pouco depois, parou.

– Isto aqui é ruim – disse Podrick. – Este é um mau lugar.

Brienne sentia o mesmo, mas não serviria de nada admiti-lo.

– Um pinhal é um lugar sombrio, mas no fim das contas é só uma floresta. Não há nada aqui que tenhamos que temer.

– E os chapinheiros? E as cabeças?

– Aí está um moço esperto – Lesto Dick retrucou, rindo.

Brienne lançou-lhe um olhar aborrecido.

– Os chapinheiros não existem – disse a Podrick –, e as cabeças também não.

Os montes subiram, os montes desceram. Brienne deu por si rezando para que Lesto Dick fosse honesto e soubesse para onde os estava levando. Sozinha, nem sequer tinha certeza de que conseguiria encontrar o mar. De dia ou de noite, o céu mostrava-se de um cinza sólido e encoberto, sem sol nem estrelas que a ajudassem a se orientar.

Acamparam cedo naquela noite, depois de descerem uma colina e de se acharem na beira de um reluzente pântano verde. À luz cinza-esverdeada, o terreno que se estendia em frente parecia bastante sólido, mas quando avançaram, engolira-lhes os cavalos até o garrote. Tiveram de dar meia-volta e lutar para regressar para terreno mais sólido.

– Não importa – garantiu-lhes Crabb. – Voltamos a subir a colina e descemos por outro lado.

O dia seguinte foi igual. Cavalgaram por entre pinheiros e pântanos, sob céus escuros e chuva intermitente, passando por poços e grutas e pelas ruínas de antigas fortalezas cujas pedras estavam cobertas de musgo. Cada pilha de pedras tinha uma história, e Lesto Dick contou-as todas. Caso se acreditasse no que ele contava, os homens da Ponta da Garra Rachada tinham lavado seus pinheiros com sangue. A paciência de Brienne começou rapidamente a se esgotar.

– Quanto falta? – quis finalmente saber. – A essa altura já devemos ter visto todas as árvores de Ponta da Garra Rachada.

– Nem as sombras – disse Crabb. – Já estamos perto. Olhe, o bosque está ficando menos denso. Estamos perto do mar estreito.

*É provável que esse bobo que ele me prometeu seja meu próprio reflexo numa poça*, pensou Brienne, mas parecia inútil voltar depois de vir até tão longe. Contudo, estava cansada, não podia negar. Sentia as coxas duras como ferro, por causa da sela, e nos últimos tempos dormia só quatro horas por noite, enquanto Podrick a vigiava. Se Lesto Dick pretendesse tentar assassiná-los, estava convencida de que o faria ali, em terreno que conhecia bem. Podia estar levando-os para algum covil de ladrões, onde tivesse familiares tão traiçoeiros quanto ele. Ou talvez estivesse apenas fazendo que andassem em círculos, à espera de que o outro cavaleiro os apanhasse. Não tinham visto nenhum sinal do homem desde que deixaram para trás o castelo de Lorde Brune, mas isso não significava que tivesse desistido da perseguição.

*Talvez tenha que matá-lo*, disse a si mesma uma noite, enquanto andava de um lado para outro no acampamento. A ideia a deixou indisposta. Seu velho mestre de armas sempre questionara se ela seria suficientemente dura para a batalha.

"Tem nos braços a força de um homem", dissera-lhe Sor Goodwin, mais de uma vez, "mas seu coração é mole como o de qualquer donzela. Uma coisa é treinar no pátio, com uma espada embotada na mão, outra é enfiar trinta centímetros de aço afiado nas tripas de um homem e ver a luz apagar-se de seus olhos". Para endurecê-la, Sor Goodwin mandou-a ao carniceiro do pai, a fim de abater cordeiros e leitões. Os leitões guincharam e os cordeiros gritaram como crianças assustadas. Quando acabou, Brienne estava cega com as lágrimas e tinha a roupa tão ensanguentada que a deu à aia para que a queimasse. Mas Sor Goodwin ainda ficara com dúvidas. "Um leitão é um leitão. Com um homem é diferente. Quando eu era um escudeiro tão novo quanto você, tive um amigo que era forte, rápido e ágil, um campeão no pátio. Todos sabíamos que um dia seria um cavaleiro magnífico. Então, a guerra chegou aos Degraus. Vi meu amigo pôr seu adversário de joelhos e tirar-lhe o machado da mão, mas no momento em que pôde acabar com ele, hesitou durante meio segundo. Na batalha, meio segundo é uma vida inteira. O homem puxou a adaga e descobriu uma fenda na armadura do meu amigo. Sua força, sua rapidez, seu valor, toda sua perícia duramente

conquistada... valeu menos do que um peido de saltimbanco, *porque vacilou perante a matança*. Lembre-se disso, garota."

*Eu me lembrarei*, prometeu à sombra do homem, ali no pinhal. Sentou-se numa pedra, desembainhou a espada e pôs-se a amolar seu gume. *Eu me lembrarei, e rezo para não vacilar.*

O dia seguinte amanheceu ventoso, frio e nublado. Não chegaram a ver o sol nascer, mas, quando o negrume se transformou em cinza, Brienne soube que estava na hora de voltar a selar o cavalo. Com Lesto Dick indicando o caminho, voltaram a penetrar nos pinheiros. Brienne o seguiu de perto, com Podrick fechando a retaguarda em seu cavalo malhado.

O castelo caiu sobre eles sem avisar. Num momento estavam nas profundezas da floresta, sem nada à vista ao longo de léguas e léguas a não ser pinheiros. Então, deram a volta a um pedregulho, e uma brecha surgiu à frente. Uma milha mais adiante, a floresta terminou abruptamente. Em frente havia céu e mar... e um castelo antigo e arruinado, abandonado e coberto de vegetação na beira de uma falésia.

– Os Murmúrios – Lesto Dick anunciou. – Escutem. Dá para ouvir as cabeças.

A boca de Podrick escancarou-se.

– Estou ouvindo.

Brienne também as ouvia. Um murmúrio tênue e suave que parecia vir tanto do chão como do castelo. O som foi ficando mais forte à medida que se aproximavam da falésia. Era o mar, ela percebeu de repente. As ondas tinham roído buracos na falésia, lá embaixo, e ressoavam por grutas e túneis por baixo da terra.

– Não há cabeça nenhuma – disse. – O que está ouvindo murmurar são as ondas.

– As ondas não murmuram. São cabeças.

O castelo fora feito de velhas pedras soltas e não tinha duas que fossem iguais. Musgo crescia, denso, em fendas entre as rochas, e havia árvores crescendo nas fundações. A maior parte dos castelos antigos possuía um bosque sagrado. Pelo aspecto, Murmúrios pouco mais tinham. Brienne levou a égua até a borda da falésia, onde a muralha exterior ruíra. Montículos de hera venenosa vermelha cresciam sobre a pilha de pedras partidas. Amarrou o cavalo a uma árvore e aproximou-se o mais que se

podia atrever do precipício. Quinze metros mais abaixo, as ondas turbilhonavam por dentro e por cima dos restos de uma torre desfeita. Por trás, vislumbrou a embocadura de uma grande caverna.

– Isto é a antiga torre sinaleira – disse Lesto Dick quando se aproximou de Brienne por trás. – Caiu quando eu tinha metade da idade do Pods aqui. Havia degraus até a enseada, mas quando a ribanceira ruiu, caíram também. Os contrabandistas deixaram de vir aqui depois disso. Houve época em que eles podiam entrar com os botes na gruta, mas já não podem. Vê? – pôs-lhe a mão nas costas e apontou com a outra.

A pele de Brienne se arrepiou. *Um empurrão, e vou fazer companhia à torre lá embaixo*. Deu um passo para trás.

– Tire as mãos de cima de mim.

Crabb fez uma careta.

– Eu estava só...

– Não me interessa o que você *estava só*. Onde fica o portão?

– Lá do outro lado – o homem hesitou. – Esse seu bobo não é homem de guardar rancor, é? – perguntou, nervoso. – Quer dizer, na noite passada pus-me a pensar se ele está zangado com o velho Lesto Dick, por causa daquele mapa que lhe vendi e porque não lhe disse que os contrabandistas já não desembarcam aqui.

– Com o ouro que vai receber, pode devolver a ele o que quer que tenha pago por sua *ajuda* – Brienne não conseguia imaginar Dontos Hollard constituindo uma ameaça. – Isto é, se ele estiver mesmo aqui.

Fizeram o circuito das muralhas. O castelo tinha sido triangular, com torres quadradas em cada canto. Os portões estavam muito apodrecidos. Quando Brienne puxou um deles, a madeira rachou-se e se desfez em longas lascas úmidas, e metade do portão caiu sobre ela. Viu mais sombras verdes lá dentro. A floresta abrira brechas nas muralhas e engolira torre e parede exterior. Mas havia uma porta levadiça atrás do portão, com dentes profundamente afundados no solo macio e lamacento. O ferro estava vermelho de ferrugem, mas aguentou quando Brienne o sacudiu.

– Há muito tempo que ninguém usa este portão.

– Podia escalar a muralha – ofereceu-se Podrick. – Pela falésia. Onde a muralha caiu.

– É muito perigoso. Aquelas pedras pareceram-me soltas, e aquela hera vermelha é venenosa. Deve haver uma porta secreta.

Encontraram-na no lado norte do castelo, meio escondida atrás de uma amoreira silvestre. As amoras tinham sido todas colhidas, e metade do arbusto fora cortado para abrir caminho até a porta. A visão dos galhos quebrados encheu Brienne de inquietação.

– Alguém passou por ali, e não faz muito tempo.

– O seu bobo e as moças – disse Crabb. – Eu lhe disse.

*Sansa?* Brienne não conseguia acreditar. Até um bêbado encharcado em vinho como Dontos Hollard teria bom-senso suficiente para não trazê-la para este lugar desolado. Algo nas ruínas a enchia de desconforto. Não encontraria ali a garota Stark... mas precisava dar uma olhadela. *Alguém esteve aqui*, pensou. *Alguém que precisava ficar escondido*.

– Vou entrar – disse. – Crabb, você vem comigo. Podrick, quero que vigie os cavalos.

– Quero ir também. Sou um escudeiro. Posso lutar.

– É por isso que quero que fique aqui. Pode haver alguns fora da lei nesses bosques. Não nos atrevemos a deixar os cavalos desprotegidos.

Podrick remexeu numa pedra com a bota.

– Como quiser.

Brienne abriu caminho através das amoras silvestres e puxou um anel ferrugento de ferro. A porta secreta resistiu durante um momento, mas depois se abriu de repente, com as dobradiças gritando em protesto. O som fez que os pelos na parte de trás de seu pescoço se eriçassem. Desembainhou a espada. Apesar de vestida de cota de malha e couro fervido, sentiu-se nua.

– Vá em frente, senhora – incentivou-a Lesto Dick, atrás dela. – Está esperando o quê? Velho Crabb está morto há mil anos.

O que *estava* esperando? Brienne disse a si mesma que estava sendo tola. O som era só o mar, ecoando constantemente pelas cavernas por baixo do castelo, subindo e descendo a cada onda. *Realmente* soava como murmúrios, porém, e por um momento quase conseguiu ver as cabeças, arrumadas em suas prateleiras resmungando umas com as outras.

– *Devia ter usado a espada* – uma delas dizia. – *Devia ter usado a espada mágica.*

– Podrick – disse Brienne. – Há uma espada e uma bainha embrulhadas em meu rolo de dormir. Traga-as para mim.

– Sim, sor. Senhora. Eu levarei – o garoto saiu correndo.

– Uma espada? – Lesto Dick coçou atrás da orelha. – Tem uma espada na mão. Para que precisa de outra?

– Esta é para você – Brienne ofereceu-lhe o cabo.

– Sério? – Crabb estendeu, hesitante, a mão, como se a lâmina pudesse mordê-lo. – A donzela desconfiada está dando uma espada ao velho Dick?

– Espero que saiba como se usa.

– Sou um Crabb – arrancou-lhe a espada da mão. – Tenho o mesmo sangue do velho Sor Clarence – golpeou o ar e sorriu para Brienne. – Há quem diga que é a espada que faz o senhor.

Quando Podrick Payne regressou, trazia a Cumpridora de Promessas com tanto cuidado como se fosse uma criança. Lesto Dick soltou um assobio ao ver a ornamentada bainha com sua fileira de cabeças de leão, mas silenciou-se quando ela desembainhou a arma e experimentou um golpe. *Até o som que faz é mais aguçado do que o de uma espada comum.*

– Comigo – ela disse a Crabb. Esgueirou-se, de lado, pela porta secreta, abaixando a cabeça para passar sob o arco da porta.

O pátio exterior abriu-se na sua frente, coberto de vegetação. À esquerda ficava o portão principal e a casca arruinada daquilo que poderia ter sido um estábulo. Árvores novas espreitavam de metade das baias e cresciam através do colmo seco e castanho do telhado. À direita, viu degraus de madeira apodrecidos que desciam para a escuridão de uma masmorra ou um armazém subterrâneo. Onde estivera a torre de menagem, encontrava-se uma pilha de pedras derrubadas, cobertas de musgo verde e púrpura. O pátio era só ervas daninhas e agulhas de pinheiro. Havia pinheiros marciais por todo lado, alinhados em solenes fileiras. Entre eles erguia-se um estranho branco, um represeiro jovem e esguio com um tronco tão pálido quanto uma donzela enclausurada. Folhas vermelhas escuras nasciam em seus longos ramos. Mais adiante, encontrava-se o vazio do céu e do mar, no local onde a muralha ruíra...

... e os restos de uma fogueira.

Os murmúrios mordiscavam-lhe os ouvidos, insistentes. Brienne ajoelhou-se junto à fogueira. Pegou num pedaço de madeira enegrecido,

cheirou-o, remexeu as cinzas. *Alguém tentou se manter quente ontem à noite. Ou então estavam enviando um sinal a um navio de passagem.*

– Oláááááááá – gritou Lesto Dick. – Tem alguém aqui?

– Cale-se – Brienne ordenou.

– Pode haver alguém escondido. Querendo dar uma olhadela em nós antes de se mostrar – dirigiu-se até o lugar onde os degraus desciam para o subsolo e espreitou a escuridão. – *Oláááááááá* – voltou a gritar. – Tem alguém aí embaixo?

Brienne viu uma árvore jovem balançar. Um homem esgueirou-se do interior dos arbustos, de tal modo coberto de terra que parecia ter nascido do chão. Trazia uma espada quebrada na mão, mas foi seu rosto que a fez hesitar, os olhos pequenos e as narinas largas e achatadas.

Conhecia aquele nariz. Conhecia aqueles olhos. Os amigos o chamavam de *Pyg*.

Tudo pareceu acontecer num segundo. Outro homem apareceu sobre a borda do poço, sem fazer mais ruído do que uma serpente faria ao deslizar sobre uma pilha de folhas úmidas. Usava um meio-elmo de ferro enrolado em seda vermelha manchada e tinha uma lança de arremesso curta e grossa na mão. Brienne também o conhecia. Atrás de si ouviu um restolhar no momento em que uma cabeça espreitou através das folhas vermelhas. Crabb estava por baixo do represeiro. Olhou para cima e viu o rosto.

– Está aqui – gritou para Brienne. – É o seu bobo.

– Dick – ela chamou com urgência –, venha aqui.

Shagwell deixou-se cair do represeiro zurrando uma gargalhada. Estava vestido de retalhos, mas de tal modo desbotados e manchados que exibiam mais marrom do que cinza ou cor-de-rosa. No lugar do malho de um bobo, trazia um mangual triplo, com três bolas eriçadas de pregos acorrentadas a um cabo de madeira. Brandiu-o com força e por baixo, e um dos joelhos de Crabb explodiu numa nuvem de sangue e osso.

– *Isto* é engraçado – vangloriou-se Shagwell quando Dick caiu. A espada que Brienne lhe dera voou de sua mão e desapareceu nas ervas daninhas. Ficou contorcendo-se no chão, gritando, agarrado aos restos do joelho. – Oh, olhem – disse Shagwell –, é o Dick Contrabandista, o tipo que nos fez o mapa. Veio até tão longe para nos devolver o ouro?

– *Por favor* – Dick choramingou –, por favor, não, minha perna...

– Dói? Posso fazer parar.

– Deixe-o em paz – Brienne disse.

– *NÃO!* – Dick guinchou, erguendo mãos ensanguentadas para proteger a cabeça. Shagwell voltou a fazer rodopiar a bola de espigões em volta da cabeça e a atirou contra o meio da cara de Crabb. Ouviu-se um repugnante ruído de esmagamento. No silêncio que se seguiu, Brienne conseguiu ouvir o som do seu coração.

– Shags mau – disse o homem que tinha saído do poço. Quando viu o rosto de Brienne, soltou uma gargalhada. – Você outra vez, mulher? O que foi, veio nos caçar? Ou estava com saudades de nossas caras amigáveis?

Shagwell dançou de um pé para o outro e fez girar seu malho.

– Foi atrás de mim que ela veio. Sonha comigo todas as noites quando enfia os dedos na racha. Ela me quer, rapazes, a grande cavalgadura tem saudades do alegre Shags! Vou fodê-la cu acima e enchê-la de semente de retalhos, até parir um euzinho.

– Vai ter que usar um buraco diferente para isso, Shags – disse Timeon, com seu sotaque arrastado de Dorne.

– Então, o melhor é usar os buracos todos. Só para ter certeza – moveu-se para sua direita enquanto Pyg a cercava pela esquerda, forçando-a recuar na direção da beirada irregular da falésia. *Passagem para três*, recordou Brienne.

– Vocês são apenas três.

Timeon encolheu os ombros.

– Fomos todos cada um para o seu lado, depois de deixarmos Harrenhal. Urswyck e seu bando fotam para o sul, na direção de Vilavelha. Rorge achou que podia escapulir-se de Salinas. Eu e os meus rapazes dirigimo-nos a Lagoa da Donzela, mas não conseguimos nos aproximar de um navio – o dornês sopesou a lança. – Acabou com o Vargo com aquela dentada, sabia? A orelha ficou preta e começou a sair pus. Rorge e Urswyck queriam ir embora, mas o Bode disse que tínhamos de defender seu castelo. Senhor de Harrenhal, diz ele que é, que ninguém o roubaria dele. Disse aquilo todo babão, como falava sempre. Ouvimos dizer que a Montanha o matou um bocadinho de cada vez. Um dia uma mão, no seguinte um pé, cortados com toda a limpeza. Ligavam os cotos para que o Hoat não morresse. Estava guardando o pau para o

fim, mas uma ave qualquer chamou-o a Porto Real, de modo que acabou com ele e foi-se embora.

– Não estou aqui por vocês. Estou à procura d... – quase disse *da minha irmã*. – de um bobo.

– *Eu* sou um bobo – anunciou Shagwell num tom feliz.

– O bobo errado – Brienne exclamou. – Aquele que quero encontrar está com uma garota bem-nascida, a filha de Lorde Stark, de Winterfell.

– Então é o Cão de Caça que procura – disse Timeon. – Acontece que ele também não está aqui. Só nós.

– Sandor Clegane? – Brienne perguntou. – Que quer dizer?

– É ele quem tem a miúda Stark. Segundo ouvi dizer, ela tentava chegar a Correrrio e ele a raptou. Maldito cão.

*Correrrio*, pensou Brienne. *Ela se dirigia a Correrrio. Para junto dos tios.*

– Como sabe?

– Ouvi dizer de um dos tipos de Beric. O senhor do relâmpago também anda à procura dela. Mandou seus homens para cima e para baixo ao longo do Tridente para farejar seu rastro. Encontramos três deles depois de Harrenhal e arrancamos a história de um deles antes de morrer.

– Pode ter mentido.

– Pode, mas não mentiu. Mais tarde ouvimos contar como Cão de Caça matou três dos homens do irmão numa estalagem junto ao entroncamento. A garota estava lá com ele. O estalajadeiro jurou antes de Rorge matá-lo, e as putas disseram a mesma coisa. Eram um grupinho bem feio. Não tão feio quanto você, veja bem, mas mesmo assim...

*Ele está tentando me distrair*, Brienne percebeu, *tenta me colocar para dormir com a voz*. Pyg aproximava-se devagar. Shagwell deu um salto em sua direção. Afastou-se deles, recuando. *Se eu deixar, vão me fazer recuar até cair da falésia.*

– Fiquem onde estão – avisou.

– Acho que vou te foder pelo nariz, garota – anunciou Shagwell. – Isso não seria divertido?

– Ele tem um pau muito pequeno – explicou Timeon. – Larga essa espada bonita, e pode ser que a tratemos bem, mulher. Precisamos de ouro para pagar aos contrabandistas, nada mais.

– E se eu lhes der ouro, vão me deixar ir embora?

– Vamos – Timeon sorriu. – Depois de foder com todos nós. Pagaremos você como a uma puta de verdade. Uma moeda de prata por cada foda. Caso contrário, ficamos com o ouro e violamos você do mesmo jeito, e fazemos o que a Montanha fez a Lorde Vargo. O que prefere?

– Isto – Brienne atirou-se contra Pyg.

Ele ergueu sua lâmina quebrada para proteger o rosto, mas enquanto se levantava, Brienne se abaixou. A Cumpridora de Promessas mordeu através de couro, lã, pele e músculo, enfiando-se na coxa do mercenário. Pyg revidou violentamente no momento em que perdia o apoio da perna. Sua espada quebrada raspou na cota de malha de Brienne antes de ele cair de costas. Ela espetou-lhe a espada na garganta, torceu a lâmina com força e puxou-a para fora, rodopiando no exato momento em que a lança de Timeon lhe passou relampejando pelo rosto. *Não vacilei*, pensou, enquanto o sangue escorria, rubro, por seu rosto. *Viu, Sor Goodwin?* Quase nem senti o golpe.

– É a sua vez – disse a Timeon, no momento em que o dornês puxava uma segunda lança, mais curta e mais larga do que a primeira. – Atire-a.

– Para que possa se esquivar e me atacar? Ficaria tão morto quanto Pyg. Não. Pegue-a, Shags.

– Pegue você – Shagwell respondeu. – Viu o que ela fez ao Pyg? Está doida com o sangue da lua – o bobo encontrava-se atrás dela, e Timeon à frente. Não importa para onde virasse, um deles estaria às suas costas.

– Pegue-a – Timeon insistiu –, e deixo você foder o cadáver.

– Oh, você me adora *mesmo* – o mangual rodopiava. *Escolha um*, disse Brienne a si mesma. *Escolha um e mate-o depressa*. Então, surgiu uma pedra, vinda de lugar nenhum, e atingiu Shagwell na cabeça. Brienne não hesitou. Voou contra Timeon.

Ele era melhor do que Pyg, mas tinha apenas uma curta lança de arremesso, ao passo que ela possuía uma lâmina de aço valiriano. A Cumpridora de Promessas estava viva em suas mãos. Nunca fora tão rápida. A lâmina transformou-se em uma mancha cinzenta. Timeon feriu-a no ombro quando Brienne caiu sobre ele, mas ela cortou-lhe a orelha e metade da bochecha, cortou-lhe a ponta da lança e enfiou-lhe trinta centímetros de aço ondulado na barriga, através dos elos da camisa de cota de malha que ele usava.

Timeon ainda tentava lutar quando ela puxou a espada de dentro do seu corpo, com os ferimentos a escorrer, vermelhos de sangue. Ele atirou a mão ao cinto e puxou um punhal, o que levou Brienne a cortar-lhe a mão. *Essa foi por Jaime*.

– Pela misericórdia da Mãe – arquejou o dornês, com sangue saindo da boca aos jorros e irrompendo do pulso. – Acabe com isso. Mande-me de volta para Dorne, sua puta de merda.

Foi o que ela fez.

Shagwell estava de joelhos quando se virou, com um ar desnorteado, enquanto tateava em busca do mangual. Quando se pôs em pé, cambaleante, outra pedra o atingiu na orelha. Podrick subira na muralha caída e estava em pé no meio da hera, de testa franzida, com outra pedra na mão.

– Eu lhe *disse* que podia lutar! – gritou para baixo.

Shagwell tentou se afastar, de quatro.

– Rendo-me – o bobo gritou –, *rendo*-me. Não deve fazer mal ao querido Shagwell, sou engraçado demais para morrer.

– Não é melhor do que os outros. Roubou, violou e assassinou.

– Oh, é verdade, é verdade, não vou negar... mas sou *divertido*, com todos os meus gracejos e cambalhotas. Faço os homens rir.

– E as mulheres chorar.

– E a culpa disso é minha? As mulheres não têm senso de humor.

Brienne abaixou a Cumpridora de Promessas.

– Cave uma sepultura. Ali, debaixo do represeiro – apontou com a lâmina.

– Não tenho pá.

– Tem duas mãos – *uma a mais do que deixou a Jaime.*

– Para que o esforço? Deixe-os para os corvos.

– Timeon e Pyg podem alimentar os corvos. Lesto Dick terá uma sepultura. Ele era um Crabb. Este é o lugar dele.

O solo estava mole por causa da chuva, mesmo assim o bobo precisou do resto do dia para cavar uma cova suficientemente profunda. A noite caía quando ele terminou, com as mãos ensanguentadas e cheias de bolhas. Brienne embainhou a Cumpridora de Promessas, pegou Dick Crabb e o levou para o buraco. Era difícil olhar para seu rosto.

– Lamento nunca ter confiado em você. E agora já não sei como fazê-lo.

Quando se ajoelhou para pousar o corpo, pensou: *O bobo fará agora sua tentativa, enquanto eu estiver de costas.*

Ouviu sua respiração entrecortada meio segundo antes de Podrick gritar um aviso. Shagwell trazia um bocado irregular de rocha na mão. Brienne tinha o punhal enfiado na manga.

Um punhal quase sempre vence uma rocha.

Afastou-lhe o braço e lhe enfiou o aço nas tripas.

– Ria – rosnou-lhe. Em vez disso, ele gemeu. – Ria – repetiu, agarrando-lhe a garganta com uma mão e apunhalando sua barriga com a outra. – *Ria!* – e continuou dizendo aquilo, uma e outra vez, até ficar com a mão vermelha até o pulso e o fedor da morte do bobo estar prestes a sufocá-la. Mas Shagwell não chegou a rir. Os soluços que Brienne ouvia eram todos seus. Quando percebeu isso, jogou a faca e estremeceu.

Podrick ajudou Brienne a baixar Lesto Dick para sua cova. Quando terminaram, a lua já subia no céu. Brienne sacudiu a terra das mãos e atirou dois dragões para a sepultura.

– Por que fez isso, senhora? Sor? – Pod quis saber.

– Era a recompensa que lhe prometi para que encontrasse o bobo.

Uma gargalhada soou atrás deles. Brienne arrancou a Cumpridora de Promessas da bainha e rodopiou, esperando mais Saltimbancos Sangrentos... mas era apenas Hyle Hunt empoleirado no topo da muralha em ruínas, de pernas cruzadas.

– Se houver bordéis no inferno, o desgraçado há de lhe agradecer – gritou o cavaleiro para baixo. – Caso contrário, isto é desperdício de bom ouro.

– Eu cumpro minhas promessas. O que *você* faz aqui?

– Lorde Randyll me pediu que os seguisse. Se por algum estranho acaso tropeçassem em Sansa Stark, ele me disse para levá-la de volta para Lagoa da Donzela. Nada tema, ordenou-me que não lhes fizesse mal.

Brienne fungou.

– Como se pudesse.

– O que fará agora, senhora?

– Eu o cobrirei.

– Referia-me à garota. À Senhora Sansa.

Brienne pensou por um momento.

– Ela se dirigia a Correrrio, se o que Timeon contou for verdade. Em algum lugar, ao longo do caminho, foi capturada pelo Cão de Caça. Se o encontrar...

– ... ele a matará.

– Ou então eu o mato – ela disse, teimosamente. – Vai me ajudar a cobrir o pobre Crabb, sor?

– Nenhum verdadeiro cavaleiro poderia dizer não a uma tal beleza – Sor Hyle desceu da muralha. Juntos empurraram a terra para cima de Lesto Dick, enquanto a lua se erguia no céu, e debaixo da terra as cabeças de reis esquecidos murmuravam segredos.

## A FAZEDORA DE RAINHAS

Sob o sol ardente de Dorne, a riqueza era tanto medida em água como em ouro, de modo que cada poço era zelosamente guardado. Contudo, o poço em Pedramarela secara havia cem anos, e seus guardiões tinham partido para algum lugar mais úmido, abandonando sua modesta fortaleza com suas colunas caneladas e arcadas triplas. Mais tarde, as areias tinham chegado, para reclamar o que lhes pertencia.

Arianne Martell chegou com Drey e Sylva no momento em que o sol se punha, com o ocidente transformado numa tapeçaria de ouro e púrpura e as nuvens brilhando em tons de carmesim. As ruínas pareciam também ter brilho; as colunas tombadas projetavam uma luz rosada, sombras rubras rastejavam pelo chão de pedra rachado, e as próprias areias passavam de dourado a laranja e a púrpura à medida que a luz se desvanecia. Garin chegara algumas horas antes, e o cavaleiro chamado Estrela Negra no dia anterior.

– Isto aqui é lindo – observou Drey enquanto ajudava Garin a dar água aos cavalos. Tinham trazido consigo sua própria água. Os corcéis de areia de Dorne eram rápidos e incansáveis, e continuavam a avançar longas léguas depois de os outros cavalos cederem, mas nem mesmo eles podiam passar sem água. – Como soube deste lugar?

– Meu tio me trouxe aqui, com Tyene e Sarella – a recordação fez Arianne sorrir. – Apanhou umas tantas víboras e mostrou a Tyene a maneira mais segura de obter seu veneno. Sarella pôs-se a revirar pedras, sacudir areia dos mosaicos, e quis saber tudo o que havia para saber sobre as pessoas que tinham vivido ali.

– E o que você fez, princesa? – Sylva Malhada perguntou.

*Sentei-me junto ao poço e fingi que um cavaleiro ladrão tinha me trazido para cá para avançar sobre mim*, pensou, *um homem alto e duro, com olhos negros e cabelo recuado nas têmporas*. A recordação a deixou embaraçada.

– Sonhei – disse –, e, quando o sol se pôs, sentei-me de pernas cruzadas aos pés do meu tio e supliquei-lhe uma história.

– Príncipe Oberyn era um homem cheio de histórias – Garin também estivera com eles naquele dia; era irmão de leite de Arianne, e os dois tornaram-se inseparáveis desde antes de aprenderem a andar. – Lembro-me de ele ter contado a história do Príncipe Garin, aquele em honra do qual me deram o nome.

– Garin, o Grande – Drey confirmou –, a maravilha de Roine.

– Esse mesmo. Fez Valíria tremer.

– Tremeram – disse Sor Gerold –, e depois o mataram. Se eu levasse um quarto de milhão de homens para a morte, me chamariam Gerold, o Grande? – fungou. – Acho que vou ficar como Estrela Negra. Pelo menos o nome é meu – desembainhou sua espada, sentou-se à beira do poço seco e pôs-se a amolar a lâmina com uma pedra.

Arianne o observou com cuidado. *É suficientemente bem-nascido para dar um consorte de mérito*, pensou. *O pai questionaria meu bom-senso, mas nossos filhos seriam tão belos quanto senhores dos dragões*. Se existia homem mais atraente em Dorne, ela não o conhecia. Sor Gerold Dayne tinha um nariz aquilino, malares elevados, e maxilar forte. Mantinha o rosto escanhoado, mas os cabelos densos caíam-lhe até o colarinho como um glaciar de prata, dividido por uma faixa negra como a meia-noite. *Mas tem uma boca cruel, e uma língua mais cruel ainda*. Ali, sentado contra a luz do sol moribundo, amolando o aço, seus olhos pareciam negros, mas ela observara-os de mais perto e sabia que eram purpúreos. *De um púrpura escuro. Escuro e furioso.*

Ele deve ter sentido o olhar dela posto em si, pois levantou os olhos da espada, enfrentou seu olhar e sorriu. Arianne sentiu calor subir-lhe ao rosto. *Nunca devia tê-lo trazido. Se me lançar um olhar daqueles quando Arys estiver aqui, teremos sangue na areia*. De quem, não saberia dizer. Por tradição, os homens da Guarda Real eram os melhores cavaleiros de todos os Sete Reinos... mas Estrela Negra era o Estrela Negra.

As noites de Dorne tornavam-se frias na areia. Garin arranjou-lhes madeira, galhos descorados até se tornarem brancos, provenientes de árvores que tinham murchado e morrido havia cem anos. Drey acendeu uma fogueira, assobiando enquanto fazia saltar faíscas da pederneira.

Depois de a madeira pegar fogo, sentaram-se em volta das chamas e passaram um odre de vinho do verão de mão em mão... todos menos Estrela Negra, que preferiu beber limonada amarga. Garin estava animado e os entreteve com as últimas histórias de Vila Tabueira, na foz do Sangueverde, onde os órfãos do rio vinham comerciar com as carracas, cocas e galés provenientes do outro lado do mar estreito. Se fosse possível acreditar nos marinheiros, o leste fervilhava de maravilhas e terrores: uma revolta de escravos em Astapor, dragões em Qarth, praga cinzenta em Yi Ti. Um novo rei corsário ascendera nas Ilhas Basilisco e atacara a Vila das Árvores Altas, e em Qohor, seguidores dos sacerdotes vermelhos tinham se amotinado e tentado incendiar a Cabra Negra.

– E a Companhia Dourada quebrou o contrato com Myr, justamente no momento em que os myranos se preparavam para declarar guerra a Lys.

– Os lisenos os compraram – Sylva sugeriu.

– Lisenos espertos – Drey retrucou. – Lisenos espertos e covardes.

Arianne sabia que não era assim. *Se Quentyn tiver a Companhia Dourada atrás de si...* Seu grito era "Sob o ouro, o aço amargo". *Vai precisar de aço amargo e de mais do que isso, irmão, se pensa em me pôr de lado*. Arianne era amada em Dorne e Quentyn, pouco conhecido. Nenhuma companhia de mercenários podia mudar isso.

Sor Gerold se levantou.

– Acho que vou dar uma mijada.

– Veja onde põe os pés – aconselhou Drey. – Já faz algum tempo que o Príncipe Oberyn colheu o veneno das víboras da região.

– Eu fui criado com veneno, Dalt. Qualquer víbora que me morda vai se arrepender – Sor Gerold desapareceu através de uma arcada quebrada.

Depois de ele sair, os outros trocaram olhares.

– Perdoe-me, princesa – disse Garin em voz baixa –, mas não gosto daquele homem.

– Que pena – Drey lamentou. – Acho que ele está meio apaixonado por você.

– Precisamos dele – recordou-lhes Arianne. – Pode ser que precisemos de sua espada, e certamente necessitaremos do seu castelo.

– O Alto Ermitério não é o único castelo de Dorne – observou Sylva Malhada –, e você tem outros cavaleiros que a querem bem. Drey é um cavaleiro.

– Sou – ele afirmou. – Tenho um cavalo maravilhoso e uma espada muito boa, e meu valor só é inferior a... bem, a vários homens, na verdade.

– Melhor dizendo, a várias centenas, sor – Garin retrucou.

Arianne os deixou na brincadeira. Drey e Sylva Malhada eram seus amigos mais queridos, se não contasse a prima Tyene, e Garin andava provocando-a desde a época em que ambos bebiam das mamas da mãe dele, mas naquele momento não estava com disposição para brincadeiras. O sol tinha se posto, e o céu estava cheio de estrelas. *Tantas*. Apoiou as costas em um pilar canelado e perguntou a si mesma se o irmão estaria olhando as mesmas estrelas naquela noite, estivesse onde estivesse. *Vê a branca, Quentyn? Aquela é a estrela de Nymeria, ardendo, luminosa, e aquela faixa leitosa atrás dela, aquilo são dez mil navios. Ela ardeu tanto quanto qualquer homem, e eu farei o mesmo. Não roubará meu direito de nascença!*

Quentyn era muito novo quando foi enviado para Paloferro; novo demais, segundo a mãe deles. Os norvoshi não criavam os filhos fora de casa, e a Senhora Mellario nunca perdoara o Príncipe Doran por dela afastar o filho.

"Não gosto mais disso do que você", Arianne ouvira o pai dizer, "mas há uma dívida de sangue, e Quentyn é a única moeda que Lorde Ormond aceitará".

"*Moeda?*", sua mãe gritara. "Ele é seu *filho*. Que tipo de pai usa sua carne e seu sangue para pagar dívidas?"

"O tipo principesco", respondera Doran Martell.

Príncipe Doran ainda fingia que o irmão se encontrava com Lorde Yronwood, mas a mãe de Garin vira-o em Vila Tabueira, disfarçado de mercador. Um de seus companheiros tinha um olho vesgo, tal como Cletus Yronwood, o turbulento filho de Lorde Anders. Um meistre também viajava com eles, um meistre conhecedor de línguas. *Meu irmão não é tão esperto quanto julga ser. Um homem esperto teria partido de Vilavelha, mesmo que isso significasse uma viagem mais longa. Em Vilavelha, podia ter passado incógnito*. Arianne tinha amigos entre os órfãos de Vila Tabueira, e alguns tinham ficado curiosos com o motivo que levaria um príncipe e um filho de senhor a viajar sob nomes falsos e a procurar passagem para o outro lado do mar estreito. Um deles subira a

uma janela, arrombara a fechadura no pequeno cofre de Quentyn e encontrara os pergaminhos lá dentro.

Arianne teria dado muito, e mais ainda, para saber se aquela viagem secreta pelo mar estreito tinha sido obra de Quentyn e apenas sua... mas os pergaminhos que transportava estavam selados com o sol e a lança de Dorne. O primo de Garin não se atrevera a quebrá-lo para lê-los, mas...

– Princesa – Sor Gerold Dayne estava atrás dela, meio iluminado pela luz das estrelas e meio escondido pelas sombras.

– Como foi sua mijada? – inquiriu maliciosamente Arianne.

– A areia ficou devidamente grata – Dayne pôs um pé na cabeça de uma estátua que podia ter sido a Donzela antes de as areias destruírem os traços do rosto. – Ocorreu-me enquanto mijava que esse seu plano pode não lhe trazer o que deseja.

– E o que é que eu desejo, sor?

– A libertação das Serpentes de Areia. Vingança para Oberyn e Elia. Conheço a canção. Quer provar um pouco de sangue de leão.

*Isto, e o meu direito de nascença. Quero Lançassolar e o trono do meu pai. Quero Dorne.*

– Quero justiça.

– Chame do que quiser. Coroar a garota Lannister é um gesto sem significado. Ela nunca ocupará o Trono de Ferro. Nem obterá a guerra que deseja. O leão não é tão facilmente provocado.

– O leão está morto. Quem sabe qual das crias a leoa prefere?

– Aquela que estiver em sua toca – Sor Gerold puxou a espada, que cintilou à luz das estrelas, afiada como mentiras. – É com isto que se começa uma guerra. Não com uma coroa de ouro, mas com uma lâmina de aço.

*Não sou nenhuma assassina de crianças.*

– Guarde isso. Myrcella está sob minha proteção. E Sor Arys não permitirá que nenhum mal aconteça à sua preciosa princesa, sabe disso.

– Não, senhora. O que sei é que os Dayne andam matando os Oakheart há vários milhares de anos.

A arrogância do homem a deixou sem fôlego.

– Parece-me que os Oakheart andam matando os Dayne há tanto tempo quanto.

– Todos nós temos nossas tradições familiares – Estrela Negra embainhou a espada. – A lua está nascendo, e vejo seu modelo de perfeição se aproximar.

Os olhos dele eram penetrantes. O cavaleiro no grande palafrém cinzento revelou ser realmente Sor Arys, com o manto branco esvoaçando ousadamente enquanto esporeava o cavalo areia afora. Princesa Myrcella vinha atrás, em montaria dupla, enrolada numa veste com capuz que lhe escondia os cachos dourados.

No momento em que Sor Arys a ajudou a descer do cavalo, Drey caiu sobre um joelho na sua frente.

– Vossa Graça.

– Senhora minha suserana – Sylva Malhada ajoelhou-se ao lado dele.

– Minha rainha, sou seu – Garin caiu sobre ambos os joelhos.

Confusa, Myrcella agarrou-se ao braço de Arys Oakheart.

– Por que é que estão me chamando Graça? – perguntou Myrcella em voz lamentosa. – Sor Arys, que lugar é este, e quem são eles?

*Será que ele não lhe disse nada?* Arianne avançou num rodopio de seda, sorrindo para deixar a criança à vontade.

– São meus amigos verdadeiros e leais, Vossa Graça... e querem ser também seus amigos.

– Princesa Arianne? – a garota atirou os braços em volta dela. – Por que é que me chamam rainha? Aconteceu algo de ruim a Tommen?

– Ele caiu sob o domínio de homens maus, Vossa Graça – disse Arianne –, e temo que tenham conspirado com ele para lhe roubar o trono.

– O trono? Está falando do Trono de *Ferro*? – a garota estava mais confusa do que nunca. – Ele não o roubou. Tommen é...

– ... mais novo do que você, certo?

– Eu sou um ano mais velha.

– Isto quer dizer que o Trono de Ferro é seu por direito – Arianne explicou. – Seu irmão é apenas um garotinho, não deve culpá-lo. Tem maus conselheiros... Mas *você* tem amigos. Posso ter a honra de apresentá-la? – pegou na mão da menina. – Vossa Graça, apresento-lhe Sor Andrey Dalt, o herdeiro de Limoeiros.

– Os amigos me chamam Drey – ele disse –, e ficaria muito honrado se Vossa Graça fizesse o mesmo.

Embora Drey tivesse um rosto aberto e um sorriso fácil, Myrcella olhou-o com prudência.

– Até que o conheça, tenho de chamá-lo *sor*.

– Seja qual for o nome que Vossa Graça prefira, estou às suas ordens.

Sylva pigarreou, e Arianne disse:

– Posso lhe apresentar a Senhora Sylva Santagar, minha rainha? Minha querida Sylva Malhada.

– Por que a chamam assim? – perguntou Myrcella.

– Por causa das minhas sardas, Vossa Graça – Sylva respondeu –, embora todos finjam que é por eu ser herdeira de Matamalhada.

O seguinte era Garin, um tipo de membros soltos, trigueiro, com um longo nariz e um botão de jade numa orelha.

– Este é o alegre Garin, dos órfãos, que me faz rir – Arianne o apresentou –, a mãe dele foi minha ama de leite.

– Lamento que esteja morta – Myrcella disse.

– Não está, querida rainha – Garin mostrou o dente de ouro que Arianne lhe comprara para substituir aquele que quebrara. – O que minha senhora quer dizer é que pertenço aos órfãos do Sangueverde.

Myrcella teria tempo bastante para aprender a história dos órfãos durante a viagem rio acima. Arianne levou sua futura rainha até o último membro do pequeno bando.

– Por último, mas primeiro em valor, apresento-lhe Sor Gerold Dayne, um cavaleiro de Tombastela.

Sor Gerold caiu sobre um joelho. O luar brilhou em seus olhos escuros enquanto ele estudava friamente a menina.

– Houve um Arthur Dayne – disse Myrcella. – Ele foi cavaleiro da Guarda Real nos tempos do Rei Louco Aerys.

– Era a Espada da Manhã. Está morto.

– Agora é você a Espada da Manhã?

– Não. Os homens chamam-me Estrela Negra, e eu pertenço à noite.

Arianne afastou dele a criança.

– Deve estar com fome. Temos tâmaras, queijo e azeitonas, e limonada doce para beber. Mas não deve comer ou beber demais. Após um pequeno descanso, temos de nos colocar a caminho. Aqui na areia é sempre melhor viajar à noite, antes de o sol subir no céu. É melhor para os cavalos.

– E para os cavaleiros – emendou Sylva Malhada. – Venha, Vossa Graça, se aqueça. Eu me sentirei honrada se deixar que lhe sirva.

Enquanto levava a princesa para perto da fogueira, Arianne sentiu Sor Gerold atrás de si.

– Minha Casa existe há dez mil anos, desde a aurora dos tempos – ele protestou. – Por que é que meu primo é o único Dayne de que as pessoas se lembram?

– Ele foi um grande cavaleiro – interveio Sor Arys Oakheart.

– Tinha uma grande espada – completou Estrela Negra.

– E um grande coração – Sor Arys tomou Arianne pelo braço. – Princesa, gostaria de lhe falar por um momento.

– Venha – ela levou Sor Arys mais para dentro das ruínas. Por baixo do manto, o cavaleiro usava um gibão de pano de ouro com as três folhas verdes de carvalho de sua Casa nele bordadas. Na cabeça, trazia um elmo de aço leve encimado por um espigão denteado, coberto por voltas de um lenço amarelo, à moda dornesa. Podia ter passado por um cavaleiro qualquer, não fosse o manto. Era de cintilante seda branca, pálido como o luar e etéreo como uma brisa. *Um manto da Guarda Real para lá de qualquer dúvida, o galante tolo*. – O que a garota sabe?

– Muito pouco. Antes de deixarmos Porto Real, o tio a fez lembrar que eu era seu protetor e que quaisquer ordens que lhe desse se destinavam a mantê-la a salvo. Ela também ouviu o povo nas ruas gritando por vingança. Sabia que isso não era jogo nenhum. A garota é valente, e sábia para além da idade. Fez tudo o que lhe pedi e nunca levantou nenhuma questão – o cavaleiro tomou-lhe o braço, olhou em volta, e abaixou a voz. – Há outras notícias que deve ouvir. Tywin Lannister está morto.

Aquilo era um choque.

– Morto?

– Assassinado pelo Duende. A rainha assumiu a regência.

– Ah foi? – *uma mulher no Trono de Ferro?* Arianne refletiu sobre aquilo por um momento e decidiu que tanto melhor. Se os senhores dos Sete Reinos se acostumassem ao governo da Rainha Cersei, ser-lhes-ia muito mais fácil dobrar os joelhos à Rainha Myrcella. E Lorde Tywin fora um adversário perigoso; sem ele, os inimigos de Dorne seriam muito mais fracos. *Os Lannister andam matando Lannisters, que bom.* – Que aconteceu ao anão?

– Fugiu – Sor Arys respondeu. – Cersei oferece uma senhoria a quem quer que lhe entregue sua cabeça – num pátio interior coberto de azulejos, meio enterrado pela areia solta, empurrou-a de encontro a uma coluna para beijá-la, e a mão subiu-lhe ao seio. Beijou-a longa e profundamente, e tentou subir-lhe as saias, mas Arianne se libertou dele, rindo.

– Estou vendo que fazer rainhas o excita, sor, mas não temos tempo para isso. Mais tarde, prometo – tocou-o no rosto. – Encontrou algum problema?

– Só Trystane. Queria sentar-se junto à cama de Myrcella e jogar *cryvasse* com ela.

– Eu disse a você que ele teve manchas vermelhas quando tinha quatro anos. Só se pode pegá-las uma vez. Devia ter dito que Myrcella sofria de escamagris, isso o teria mantido bem longe.

– O garoto, talvez, mas não o meistre de seu pai.

– Caleotte – ela disse. – Ele tentou vê-la?

– Depois de eu lhe descrever as manchas vermelhas que ela tinha no rosto, não. Disse que não se podia fazer nada até que a doença seguisse seu caminho, e me deu um pote de unguento para lhe diminuir a coceira.

Nunca ninguém com menos de dez anos morrera de manchas vermelhas, mas a doença podia ser mortal em adultos, e Meistre Caleotte nunca sofrera dela quando criança. Arianne descobrira isso quando sofreu com as suas manchas, aos oito anos.

– Ótimo. E a aia? É convincente?

– A distância. O Duende a escolheu com este propósito, entre muitas garotas de nascimento mais nobre. Myrcella a ajudou a cachear os cabelos, e foi ela mesma quem lhe pintou as manchas na cara. São parentes distantes. Lanisporto está cheio de Lannys, Lannetts, Lantells e Lannisters menores, e metade deles tem aquele cabelo amarelo. Vestida com o roupão de Myrcella, com o unguento do meistre espalhado no rosto... até podia enganar a mim, numa luz fraca. Foi muito mais difícil arranjar um homem que tomasse meu lugar. Dake é o que tem altura mais próxima da minha, mas é gordo demais, por isso enfiei Rolder na minha armadura e lhe disse para manter a viseira abaixada. O homem é sete centímetros mais baixo do que eu, mas talvez ninguém repare se não

estivermos lado a lado. Em todo caso, não sairá dos aposentos de Myrcella.

– Não precisamos mais do que alguns dias. Depois, a princesa estará fora do alcance do meu pai.

– Onde? – puxou-a para si e esfregou-lhe o nariz no pescoço. – Está na hora de me contar o resto do seu plano, não acha?

Ela riu, afastando-o.

– Não, está na hora de nos pormos a cavalo.

A lua coroara Donzela da Lua quando partiram das ruínas poeirentas de Pedramarela, avançando para sudoeste. Arianne e Sor Arys tomaram a dianteira, com Myrcella entre os dois, montada numa égua fogosa. Garin seguia logo atrás com Sylva Malhada, enquanto os dois cavaleiros dorneses fechavam a retaguarda. *Somos sete*, percebeu Arianne enquanto cavalgavam. Não pensara naquilo antes, mas parecia um bom presságio para sua causa. *Sete cavaleiros a caminho da glória. Um dia, os cantores tornarão a todos nós imortais*. Drey quisera um grupo maior, mas isso poderia ter atraído atenções indesejadas, e cada homem a mais duplicava o risco de traição. *Isto, pelo menos, meu pai me ensinou*. Mesmo quando era mais jovem e mais forte, Doran Martell tinha sido um homem cauteloso, muito dado a silêncios e a segredos. *É tempo de pousar seus fardos, mas não admitirei desfeitas à sua honra ou à sua pessoa*. Ela o retiraria para os seus Jardins de Água, a fim de viver os anos que lhe restassem rodeado das gargalhadas de crianças e do cheiro de limas e laranjas. *Sim, e Quentyn pode lhe fazer companhia. Depois de coroar Myrcella e libertar as Serpentes de Areia, todo o Dorne se reunirá sob os meus estandartes*. Os Yronwood podiam se declarar por Quentyn, mas sozinhos não constituíam ameaça. Caso passassem para o lado de Tommen e dos Lannister, faria que Estrela Negra os destruísse, das raízes aos ramos.

– Estou cansada – Myrcella protestou, depois de passar várias horas sobre a sela. – Ainda falta muito? Aonde vamos?

– Princesa Arianne vai levar Vossa Graça para um lugar onde estará a salvo – assegurou-lhe Sor Arys.

– É uma longa viagem – Arianne explicou –, mas será mais fácil depois de chegarmos a Sangueverde. Alguns dos membros do povo de Garin, os órfãos do rio, irão se encontrar conosco lá. Vivem em barcos e

os empurram com vara para cima e para baixo, ao longo do Sangueverde e dos afluentes, pescando e colhendo frutas, e fazendo qualquer trabalho que seja necessário.

– Sim – Garin gritou alegremente –, e cantamos, tocamos e dançamos sobre a água, e conhecemos muitas e muitas coisas sobre as artes de curar. Minha mãe é a melhor parteira de Westeros, e meu pai sabe curar verrugas.

– Como podem ser órfãos se têm pai e mãe? – a garota perguntou.

– Eles são os roinares – Arianne tornou explicar –, e a Mãe deles era o rio Roine.

Myrcella não compreendeu.

– Pensava que *vocês* fossem os roinares. Vocês, os dorneses, quero dizer.

– Somos em parte, Vossa Graça. Tenho em mim o sangue de Nymeria, bem como o de Mors Martell, o lorde dornês com quem ela se casou. No dia do casamento, Nymeria incendiou seus navios, para que seu povo compreendesse que não podia haver regresso. A maioria ficou feliz por ver aquelas chamas, pois suas viagens tinham sido longas e terríveis até chegar a Dorne, e muitos e mais ainda tinham sido perdidos para tempestades, doenças e escravidão. Houve uns poucos que choraram, porém. Não gostaram desta terra seca e vermelha, nem do seu deus de sete caras, e agarraram-se aos seus costumes antigos, construíram barcos com os cascos dos navios queimados e se transformaram nos órfãos do Sangueverde. A Mãe, em suas canções, não é a *nossa* Mãe, mas sim a Mãe Roine, cujas águas os alimentaram desde a aurora dos tempos.

– Ouvi dizer que os roinares tinham um deus tartaruga qualquer – disse Sor Arys.

– O Velho do Rio é um deus menor – Garin respondeu. – Também nasceu da Mãe Rio e lutou contra o Rei Caranguejo para conquistar o domínio sobre todos os que vivem sob a corrente.

– Oh – Myrcella pareceu entender.

– Ouvi dizer que você também travou algumas grandes batalhas, Vossa Graça – Drey falou na sua voz mais alegre. – Dizem que não mostra nenhuma misericórdia para com nosso valente Príncipe Trystane na mesa de *cryvasse*.

– Ele põe os quadrados sempre da mesma maneira, com todas as montanhas à frente e os elefantes nos passos – Myrcella respondeu. – De modo que mando o meu dragão para comer seus elefantes.

– Sua aia também sabe jogar? – Drey quis saber.

– Rosamund? – Myrcella perguntou. – Não. Tentei ensiná-la, mas ela disse que as regras são muito difíceis.

– Ela também é uma Lannister? – perguntou a Senhora Sylva.

– É uma Lannister de *Lanisporto*, não uma Lannister de Rochedo Casterly. Tem os cabelos da cor do meu, mas são lisos, em vez de cacheados. Rosamund realmente não me favorece, mas quando se veste com a minha roupa as pessoas que não nos conhecem julgam que sou eu.

– Então já fez isso antes?

– Oh, sim. Trocamos de lugar no *Mar Ligeiro*, a caminho de Bravos. A Septã Eglantine passou tinta marrom nos meus cabelos. Disse que estávamos jogando um jogo, mas a ideia era me manter a salvo caso o navio fosse capturado por meu tio Stannis.

A garota estava visivelmente cansada, de modo que Arianne gritou para que parassem. Voltaram a dar de beber aos cavalos, descansaram durante algum tempo e comeram um pouco de queijo e fruta. Myrcella dividiu uma laranja com Sylva Malhada, enquanto Garin comeu azeitonas e cuspiu os caroços para cima de Drey.

Arianne tivera esperança de chegar ao rio antes do nascer do sol, mas o grupo se colocou a caminho muito mais tarde do que planejara, e ainda estavam nas selas quando o céu de oriente ficou vermelho. Estrela Negra aproximou-se dela a meio galope.

– Princesa – disse –, eu seguiria a um ritmo mais acelerado, a menos que, no fim das contas, queira mesmo matar a garota. Não temos tendas, e de dia as areias são cruéis.

– Eu conheço as areias tão bem quanto você, sor – Arianne respondeu. Apesar disso, fez o que lhe sugerira. Era duro para as montarias, mas seria melhor perder seis cavalos do que uma princesa.

Em pouco tempo o vento chegou em rajadas de oeste, quente, seco e cheio de areia. Arianne cobriu o rosto com o véu. Era feito de uma seda tremeluzente, verde-clara em cima e amarela embaixo, com as cores fundindo-se uma na outra. Pequenas pérolas verdes davam-lhe peso e castanholavam baixinho entre si quando se mexia.

– Sei por que é que a minha princesa usa um véu – Sor Arys falou no momento em que ela o prendia às têmporas de seu elmo de cobre. – Se não fosse assim, sua beleza brilharia no céu mais do que o sol.

Arianne teve de rir.

– Não, sua princesa usa um véu para manter a luminosidade afastada dos olhos e a areia da boca. Devia fazer o mesmo, sor – perguntou a si mesma quanto tempo seu cavaleiro branco teria levado polindo aquele laborioso galanteio. Sor Arys era uma companhia agradável na cama, mas ele e o espírito não se conheciam.

Seus dorneses cobriram os rostos tal como ela, e Sylva Malhada ajudou a velar a pequena princesa contra o sol, mas Sor Arys permaneceu obstinado. Não demorou muito até o suor começar a escorrer-lhe pelo rosto e as faces tomarem um rubor rosado. *Muito mais tempo, e ele cozerá naquela roupa pesada*, ela refletiu. Não seria o primeiro. Em séculos anteriores, muitas hostes tinham cruzado o Passo do Príncipe com estandartes esvoaçando, só para secarem e assarem nas quentes e rubras areias de Dorne.

– As armas da Casa Martell ostentam o sol e a lança, as preferidas dos dorneses – escrevera um dia o Jovem Dragão em sua jactanciosa *Conquista de Dorne* –, mas, das duas, o sol é a mais mortífera.

Felizmente não tinham de atravessar as areias profundas, apenas uma faixa das terras áridas. Quando Arianne vislumbrou um falcão rodopiando bem alto acima deles, num céu sem nuvens, soube que o pior tinha ficado para trás. Em pouco tempo chegavam a uma árvore. Era uma coisa nodosa e retorcida, com tantos espinhos quanto folhas, da espécie chamada penúria de areia, mas significava que não se encontravam longe de água.

– Estamos quase lá, Vossa Graça – Garin disse alegremente a Myrcella quando viram mais penúrias de areia em frente, um bosque delas crescendo em volta do leito seco de um riacho. O sol atingia a terra como um martelo de fogo, mas não importava, a viagem estava perto do fim. Pararam de novo para dar água aos cavalos, beberam profundamente de seus odres e umedeceram os véus, após o que montaram para a arrancada final. Meia légua depois cavalgavam sobre escalracho e passavam por olivais. Depois de uma linha de colinas pedregosas, a erva tornou-se mais verde e mais luxuriante, e apareceram limoais regados por uma teia

de velhos canais. Garin foi o primeiro a vislumbrar o rio cintilando em tons de verde. Soltou um grito e correu na frente.

Arianne Martell atravessara uma vez o Vago, quando fora com três das Serpentes de Areia visitar a mãe de Tyene. Comparado com aquele poderoso curso d'água, o Sangueverde quase não merecia o nome de rio, mesmo assim era a vida de Dorne. O nome provinha do verde opaco de suas águas lentas; mas quando se aproximaram, a luz do sol pareceu transformá-las em ouro. Poucas vezes vira uma paisagem mais agradável. *A parte seguinte deverá ser lenta e simples*, pensou, *pelo Sangueverde acima, e depois pelo Vaith, até tão longe quanto um barco de varejo pode chegar*. Isto lhe daria tempo bastante para preparar Myrcella para tudo o que se seguiria. Depois do Vaith, as areias profundas os esperavam. Precisariam da ajuda de Arenito e da Toca do Inferno para fazer a travessia, mas não duvidava que ela surgiria. Víbora Vermelha fora criado em Arenito, e a concubina do Príncipe Oberyn, Ellaria Sand, era filha ilegítima de Lorde Uller; quatro das Serpentes de Areia eram suas netas. *Coroarei Myrcella na Toca do Inferno e erguerei ali meus estandartes.*

Encontraram o barco a meia légua para jusante, escondido sob os ramos pendentes de um grande salgueiro verde. Baixos e de través largo, os barcos de varejo quase não tinham calado de que se pudesse falar; o Jovem Dragão depreciara-os como "cabanas construídas em jangadas", mas nisso pouca justiça havia. Todos os barcos dos órfãos, exceto os dos mais pobres, eram maravilhosamente esculpidos e pintados. Aquele tinha sido trabalhado em tons de verde, com uma cana do leme curva, de madeira, com a forma de uma sereia, e cabeças de peixe espreitando das amuradas. Varas, cordas e jarros de azeite atravancavam seu convés, e lanternas de ferro balançavam à proa e à popa. Arianne não viu órfãos. *Onde está a tripulação?*, perguntou a si mesma.

Garin puxou as rédeas do cavalo por baixo do salgueiro.

– Acordem, seus dorminhocos de olhos de peixe – gritou ao saltar da sela. – Sua *rainha* está aqui e quer suas régias boas-vindas. Subam, saiam, queremos canções e vinho doce. Minha boca está pronta a...

A porta do barco de varejo abriu-se com estrondo. À luz do sol surgiu Areo Hotah, com um longo machado na mão.

Garin parou com um sobressalto. Arianne sentiu como se um machado tivesse se enterrado em sua barriga. *Não era para terminar assim. Não era para isso acontecer*. Quando ouviu Drey dizer:

– Aí está o último rosto que eu esperava ver – soube que tinha de agir.

– Para trás! – gritou, saltando de novo para a sela. – Arys, proteja a princesa...

Hotah bateu com o cabo do machado no convés. Por de trás das ornamentadas amuradas do barco de varejo ergueu-se uma dúzia de guardas armados com lanças de arremesso ou bestas. Mais surgiram no topo da cabine.

– Renda-se, minha princesa – gritou o capitão –, caso contrário teremos de matar todos, exceto a criança e você, ordens de seu pai.

A Princesa Myrcella estava sentada, imóvel, na montaria. Garin afastou-se lentamente do barco de varejo, com as mãos no ar. Drey desafivelou o cinto da espada.

– Rendermo-nos parece o mais sensato – gritou para Arianne, no momento em que a espada caía no chão com um ruído surdo.

– *Não!* – Sor Arys Oakheart colocou o cavalo entre Arianne e as bestas, com a espada brilhando, prateada, na mão. Desprendera o escudo e enfiara o braço esquerdo nas correias. – Não a capturará enquanto eu ainda respirar.

*Seu idiota descuidado*, foi tudo que Arianne teve tempo de pensar, *o que acha que está fazendo?*

A gargalhada de Estrela Negra ressoou:

– É cego ou estúpido, Oakheart? Eles são muitos. Abaixe a espada.

– Faça o que ele diz, Sor Arys – Drey insistiu.

*Fomos capturados, sor*, podia ter gritado Arianne. *Sua morte não nos libertará. Se ama sua princesa, renda-se*. Mas, quando tentou falar, as palavras ficaram presas na garganta.

Sor Arys Oakheart lançou-lhe um último olhar cheio de desejo, depois espetou as esporas no cavalo e avançou.

Investiu impetuosamente contra o barco de varejo, com o manto branco esvoaçando atrás de si. Arianne Martell nunca tinha visto nada com metade da galanteria, ou da estupidez, daquele ataque.

– *Nããããão* – guinchou, mas encontrara a voz tarde demais. Numa besta soou um *trum* e, em seguida, noutra. Hotah berrou uma ordem. A

tão curta distância, a armadura do cavaleiro branco bem podia ter sido feita de pergaminho. O primeiro dardo penetrou através do pesado escudo de carvalho, perfurando-lhe o ombro. O segundo raspou-lhe a têmpora. Uma lança de arremesso atingiu a montaria de Sor Arys no flanco, mesmo assim o cavalo continuou avançando, vacilando ao atingir a prancha de embarque. – *Não* – gritava uma garota qualquer, uma garotinha tola qualquer –, *não, por favor, não era para isso acontecer* – também conseguia ouvir Myrcella guinchando, com a voz estridente de medo.

A espada de Sor Arys golpeou para a direita e para a esquerda, e dois lanceiros caíram. O cavalo empinou-se e escoiceou o rosto de um besteiro no momento em que o homem tentava recarregar, mas as outras bestas foram disparadas, enchendo o grande corcel com seus dardos. Os projéteis atingiam-no com tanta força que empurravam o cavalo para o lado. Perdeu o apoio das patas e caiu sobre o convés. De algum modo, Arys Oakheart saltou, livre. Até conseguiu continuar com a espada na mão. Pôs-se de joelhos com dificuldade, ao lado de seu cavalo moribundo...

... e deu com Areo Hotah em pé acima de si.

O cavaleiro branco ergueu a lâmina lento demais. O machado de Hotah cortou-lhe o braço direito no ombro, afastou-se, girando, jorrando sangue, e voltou a desferir, num relâmpago, um terrível golpe com as duas mãos que cortou a cabeça de Arys Oakheart e a atirou no ar, rodopiando. A cabeça caiu entre os juncos, e o Sangueverde engoliu o vermelho com um suave chapinhar.

Arianne não se lembrou de montar no cavalo. Talvez tenha caído. Também não se lembrava disso. Mas deu por si com as mãos e os pés na areia, tremendo, soluçando e vomitando o almoço. *Não*, era tudo o que conseguia pensar, *não, ninguém devia sair machucado, estava tudo planejado, eu fui tão cuidadosa*. Ouviu Areo Hotah rugir:

– Atrás dele. Não pode escapar. *Atrás dele!* – Myrcella estava no chão, chorando, tremendo, com o rosto pálido entre as mãos, e sangue escorria por entre seus dedos. Arianne não compreendia. Homens subiam precipitadamente nos cavalos enquanto outros caíam sobre ela e seus companheiros, mas nada daquilo fazia sentido. Caíra num sonho, um

terrível pesadelo rubro. *Isso não pode ser real. Acordarei em breve e rirei dos terrores da noite.*

Quando tentaram atar-lhe as mãos atrás das costas, não resistiu. Um dos guardas a colocou de pé com um puxão. Usava as cores do pai. Outro dobrou-se e tirou a faca de arremesso que ela trazia dentro da bota, um presente da prima, a Senhora Nym.

Areo Hotah recebeu-a das mãos do homem e, de testa franzida, a olhou.

– O príncipe disse que devo levá-la de volta para Lançassolar – anunciou. Tinha as bochechas e a testa salpicadas com o sangue de Arys Oakheart. – Lamento, pequena princesa.

Arianne ergueu a face riscada por lágrimas.

– Como ele descobriu? – perguntou ao capitão. – Eu fui tão cuidadosa. Como ele descobriu?

– Alguém falou – Hotah encolheu os ombros. – Há sempre alguém que fala.

## ARYA

Todas as noites, antes de dormir, murmurava sua prece para a almofada.

– Sor Gregor – começava. – Dunsen, Raff, o Querido, Sor Ilyn, Sor Meryn, Rainha Cersei – teria murmurado também os nomes dos Frey da Travessia, se os soubesse. *Um dia saberei*, dizia a si mesma, *e então matarei todos*.

Nenhum murmúrio era tênue demais para ser ignorado na Casa do Preto e Branco.

– Criança – disse um dia o homem amável –, que nomes são esses que murmura à noite?

– Não murmuro nome nenhum – ela respondeu.

– Mente – ele esbravejou. – Todos mentem quando têm medo. Alguns contam muitas mentiras, outros só algumas. Alguns têm só uma grande mentira que contam com tanta frequência, que quase chegam a acreditar nela... embora uma pequena parte de si saiba sempre que continua a ser uma mentira, e isso transparece-lhes no rosto. Fale-me desses nomes.

Arya mordeu o lábio.

– Os nomes não importam.

– Importam – o homem amável insistiu. – Conte-me, filha.

*Conte-me, senão colocamos você na rua*, foi o que ela ouviu.

– São pessoas que odeio. Quero que morram.

– Ouvimos muitas preces dessas nesta Casa.

– Eu sei – Arya retrucou. Um dia, Jaqen H'ghar concedera-lhe três de suas preces. *Tudo que tive de fazer foi murmurar.*

– Foi por isso que veio até nós? – prosseguiu o homem amável. – Para aprender as nossas artes, para que possa matar esses homens que odeia?

Arya não sabia como responder àquilo.

– Talvez.

– Então veio ao lugar errado. Não cabe a você decidir quem vive e quem morre. Esse dom pertence ao das Muitas Faces. Nós não somos mais do que seus servos, presos ao juramento de cumprir a sua vontade.

– Oh – Arya olhou de relance as estátuas dispostas ao longo das paredes, com velas cintilando em volta dos pés. – Qual dos deuses é ele?

– Ora, todos – disse o sacerdote vestido de preto e branco.

Nunca lhe disse seu nome. A criança abandonada tampouco o fez, a garotinha de olhos grandes e rosto chupado que a fazia lembrar outra garotinha, chamada Doninha. Tal como Arya, a criança abandonada vivia sob o templo, com três acólitos, dois criados e uma cozinheira chamada Umma. Umma gostava de falar enquanto trabalhava, mas Arya não compreendia uma palavra do que dizia. Os outros não tinham nomes, ou preferiam não dizê-los. Um criado era muito velho, com as costas dobradas como um arco. O segundo tinha rosto vermelho e pelos crescendo nas orelhas. Tomou-os a ambos por mudos até ouvi-los rezar. Os acólitos eram mais novos. O mais velho era da idade do pai de Arya; os outros dois não podiam ser muito mais velhos do que Sansa, sua irmã. Eles também usavam preto e branco, mas suas vestes não tinham capuz, e eram negras do lado esquerdo e brancas do direito. Com as vestes do homem amável e da criança abandonada era ao contrário. Arya recebeu uma vestimenta de criada, uma túnica de lã não tingida, calções largos, roupa de baixo feita de linho e chinelos de pano.

Só o homem amável conhecia o idioma comum.

– Quem é você? – perguntava-lhe todos os dias.

– Ninguém – respondia, ela que tinha sido Arya da Casa Stark, Arya Debaixo dos Pés, Arya Cara de Cavalo. E também Arry e Doninha, e Pombinha e Salgada, Nan, a copeira, um rato cinzento, uma ovelha, o fantasma de Harrenhal... mas não de verdade, não no coração do seu coração. Ali, era Arya de Winterfell, a filha de Lorde Eddard Stark e da Senhora Catelyn, que outrora tivera irmãos chamados Robb, Bran e Rickon, uma irmã chamada Sansa, uma loba gigante chamada Nymeria, um meio-irmão chamado Jon Snow. Ali, era alguém... mas não era esta a resposta que ele queria.

Sem uma língua comum, Arya não tinha como falar com os outros. Mas escutava-os, e repetia para si mesma as palavras que ouvia enquanto tratava de seus deveres. Embora o acólito mais novo fosse cego, estava

encarregado das velas. Percorria o templo calçado com chinelos macios, rodeado pelos murmúrios das velhas que vinham todos os dias rezar. Mesmo sem olhos, sabia sempre quais das velas tinham se apagado.

– Tem o olfato para guiá-lo – explicou o homem amável –, e o ar é mais quente onde uma vela está ardendo – disse a Arya para fechar os olhos e experimentar.

Rezavam à aurora, antes de quebrarem o jejum, ajoelhando-se em volta do tanque imóvel e negro. Em certos dias, era o homem amável quem liderava as preces. Noutros, era a criança abandonada. Arya só conhecia algumas palavras de bravosi, aquelas que eram iguais em alto valiriano. Por isso rezava sua própria oração ao Deus das Muitas Faces, aquela que dizia: "Sor Gregor, Dunsen, Raff, o Querido, Sor Ilyn, Sor Meryn, Rainha Cersei". Rezava em silêncio. Se o Deus das Muitas Faces fosse um deus de fato, a ouviria.

Os fiéis vinham à Casa do Preto e Branco todos os dias. A maioria sozinha, e permanecia só; acendiam velas num ou noutro altar, rezavam junto ao tanque, e por vezes choravam. Alguns bebiam da taça negra e iam dormir; eram mais os que não bebiam. Não havia serviços religiosos, nem canções, nem hinos de louvor para agradar ao deus. O templo nunca estava cheio. De tempos em tempos, um fiel pedia para falar com um sacerdote, e o homem amável ou a criança abandonada levavam-no para o sacrário, mas isso não acontecia com frequência.

Trinta deuses diferentes estavam dispostos ao longo das paredes, rodeados por suas pequenas luzes. Arya viu que a Mulher Chorosa era a preferida das velhas; os ricos preferiam o Leão da Noite; os pobres, o Viajante Encapuzado. Os soldados acendiam velas a Bakkalon, a Criança Pálida; os marinheiros, à Donzela Pálida de Lua e ao Rei Bacalhau. O Estranho também tinha seu santuário, embora quase ninguém fosse ter com ele. A maior parte do tempo só uma única vela bruxuleava a seus pés. O homem amável dizia que não importava.

– Ele tem muitas caras e muitos ouvidos para ouvir.

O pequeno monte em que se erguia o templo era uma colmeia de passagens esculpidas na rocha. Os sacerdotes e acólitos tinham suas celas para dormir no primeiro andar; Arya e os criados, no segundo. O andar inferior era proibido a todos, exceto aos sacerdotes. Era aí que ficava o santo sacrário.

Quando não estava trabalhando, Arya era livre para perambular como quisesse por entre as caves e os armazéns, desde que não deixasse o templo nem descesse ao terceiro andar. Encontrou uma sala cheia de armas e armaduras, elmos ornamentados e antigas e curiosas placas de peito, espadas, punhais e adagas, bestas e grandes lanças com pontas em forma de folha. Outra câmara estava repleta de roupa, espessas peles e magníficas sedas em meia centena de cores, junto a pilhas de farrapos malcheirosos e roupas de tecido grosseiro. *Também deve haver câmaras de tesouros*, ela concluiu. Imaginou pilhas de placas douradas, sacos de moedas de prata, safiras azuis como o mar, cordas de pérolas gordas e verdes.

Um dia, o homem amável surgiu inesperadamente junto dela e lhe perguntou o que andava fazendo. Arya lhe disse que tinha se perdido.

– Mente. Pior: mente *mal*. Quem é?

– Ninguém.

– Outra mentira – e suspirou.

Weese teria batido nela até sair sangue se a tivesse apanhado numa mentira, mas na Casa do Preto e Branco as coisas eram diferentes. Quando estava ajudando na cozinha, Umma por vezes lhe dava uma pancada com a colher se se colocasse no caminho, mas nunca ninguém mais lhe levantou a mão. *Só levantam as mãos para matar*, pensou.

Dava-se bastante bem com a cozinheira. Umma enfiava-lhe uma faca na mão e apontava para uma cebola, e Arya a cortava. Umma empurrava-a na direção de um monte de massa, e Arya a amassava até a cozinheira dizer pare (*pare* foi a primeira palavra bravosiana que aprendeu). Umma entregava-lhe um peixe, e Arya o preparava, cortava-o em filetes e o passava nas nozes que a cozinheira esmagava. As águas salobras que rodeavam Bravos pululavam de peixes e mariscos de todos os tipos, explicara o homem amável. Um rio lento e marrom entrava na lagoa pelo lado sul, vagueando através de uma grande extensão de juncos, lagoas de maré e lodaçais. Amêijoas e berbigões abundavam por ali; mexilhões e almiscareiros, rãs e tartarugas, caranguejos do lodo, caranguejos-leopardo e caranguejos alpinistas, enguias vermelhas, negras, listradas, lampreias e ostras; todos faziam aparições frequentes na mesa de madeira esculpida onde os criados do Deus das Muitas Faces faziam as refeições. Certas noites, Umma temperava o peixe com sal marinho e

grãos de pimenta fendidos, ou cozinhava as enguias com fatias de alho. Muito de vez em quando, a cozinheira chegava mesmo a usar um pouco de açafrão. *Torta Quente teria gostado deste lugar*, Arya pensava.

O jantar era sua hora preferida do dia. Passara-se muito tempo desde que ela ia dormir todas as noites de barriga cheia. Certas noites, o homem amável permitia que lhe fizesse perguntas. Uma vez perguntou-lhe por que as pessoas que vinham ao templo pareciam tão em paz; na sua terra, as pessoas tinham medo de morrer. Lembrava-se de como aquele escudeiro espinhento chorara quando o apunhalara na barriga, e do modo como Sor Amory Lorch suplicara quando o Bode mandara atirá-lo à arena dos ursos. Lembrava-se da aldeia junto ao Olho de Deus, e do modo como os aldeões guinchavam e berravam sempre que Cócegas começava a fazer perguntas sobre ouro.

– A morte não é a pior coisa que existe – respondeu o homem amável. – É o presente que Ele nos dá, um fim para as carências e a dor. No dia em que nascemos, o Deus das Muitas Faces nos manda um anjo negro para atravessar a vida ao nosso lado. Quando nossos pecados e nosso sofrimento se tornam muito grandes para ser suportados, o anjo pega nossa mão para nos levar até as terras da noite, onde as estrelas brilham sempre fortes. Aqueles que vêm beber da taça negra estão em busca do seu anjo. Se têm medo, as velas os acalma. Em que você pensa quando sente o cheiro de nossas velas ardendo, pequena?

*Winterfell*, podia ter dito. *Sinto cheiro de neve, fumaça e agulhas de pinheiro. Sinto cheiro de estábulos. Sinto o cheiro do riso de Hodor e da luta de Jon e Robb no pátio, e de Sansa cantando sobre uma estúpida bela senhora qualquer. Sinto cheiro das criptas onde estão os reis de pedra, sinto o cheiro de pão quente assando, sinto o cheiro do bosque sagrado. Sinto o cheiro da minha loba, de seu pelo, quase como se ainda estivesse comigo.*

– Não sinto cheiro de nada – respondeu, esperando para ver o que ele diria.

– Mente – ele disse –, mas pode guardar seus segredos, se quiser, Arya da Casa Stark – só a chamava assim quando o descontentava. – Sabe que pode deixar este lugar. Não é uma de nós, por enquanto. Pode ir para casa quando quiser.

– Disse-me que se eu partisse não poderia voltar.

– É verdade.

Aquelas palavras a entristeceram. *Syrio também costumava dizer isso*, Arya recordou. *Sempre dizia*. Syrio Forel ensinara-lhe a trabalhar com a Agulha e morrera por ela.

– Não quero partir.

– Então fique... mas, lembre-se, a Casa do Preto e Branco não é uma casa de órfãos. Todos têm de servir sob este teto. *Valar dohaeris* é como dizemos aqui. Fique se quiser, mas saiba que exigiremos sua obediência. Em todos os momentos e em tudo. Se não puder obedecer, terá de partir.

– Posso obedecer.

– Veremos.

Tinha outras tarefas além de ajudar Umma. Varria o chão do templo; servia as refeições, organizava pilhas de roupa dos mortos, esvaziava-lhes as bolsas e contava montes de estranhas moedas. Todas as manhãs acompanhava o homem amável quando ele fazia o circuito do templo para encontrar os mortos. *Silenciosa como uma sombra*, dizia a si mesma, lembrando-se de Syrio. Transportava uma lanterna pelas grossas portadas de ferro. Em cada alcova, abria um pouco a portada para procurar cadáveres.

Os mortos nunca eram difíceis de encontrar. Vinham à Casa do Preto e Branco, rezavam uma hora, um dia ou um ano, bebiam água escura e doce do tanque, e estendiam-se numa cama de pedra por trás de um ou de outro deus. Fechavam os olhos e adormeciam, e nunca mais acordavam.

– A dádiva do Deus das Muitas Faces toma uma miríade de formas – disse-lhe o homem amável –, mas aqui é sempre gentil.

Quando encontravam um cadáver, ele proferia uma prece e assegurava-se de que a vida fugira do corpo, enquanto Arya ia buscar os criados, cuja tarefa consistia em carregar os mortos para as câmaras. Ali, acólitos despiam e lavavam os corpos. As roupas, moedas e coisas de valor eram guardadas numa arca, para depois serem organizadas. A carne fria era levada para o sacrário inferior, onde só os sacerdotes podiam ir; o que acontecia ali Arya não estava autorizada a saber. Um dia, enquanto jantava, uma terrível suspeita a assaltou, pousou a faca e fitou com suspeita uma fatia de carne branca. O homem amável viu o horror em seu rosto.

– É porco, pequena – disse-lhe –, é só porco.

Sua cama era de pedra, e a fazia lembrar-se de Harrenhal e a cama onde dormira quando esfregava degraus para Weese. O colchão estava cheio de trapos em vez de palha, o que fazia que fosse mais grumoso do que aquele que tivera em Harrenhal, mas também lhe dava menos coceira. Permitiam-lhe tantos cobertores quantos desejasse; grossos cobertores de lã, verdes, vermelhos e de tecido xadrez. E a cela era só sua. Guardava ali seus tesouros: o garfo de prata, o chapéu mole e as luvas sem dedos que lhe tinham sido oferecidos pelos marinheiros da *Filha do Titã*, seu punhal, suas botas e o cinto, sua pequena reserva de moedas, as roupas que usava...

E Agulha.

Embora seus deveres lhe deixassem pouco tempo para treinar, praticava sempre que podia, duelando com sua sombra à luz de uma vela azul. Uma noite, a criança abandonada calhou de passar por ali e viu Arya treinando. A garota não disse nada, mas no dia seguinte o homem amável acompanhou Arya até a cela.

– Tem de se livrar de tudo isto – disse sobre seus tesouros.

Arya sentiu-se profundamente ferida.

– Isto é meu.

– E quem é você?

– Ninguém.

Ele pegou o garfo de prata.

– Isto pertence a Arya da Casa Stark. Todas estas coisas lhe pertencem. Não há lugar para elas aqui. Não há lugar para ela. O nome dela é orgulhoso demais, e nós não temos espaço para o orgulho. Aqui somos servos.

– Eu sirvo – ela retrucou, magoada. Gostava do garfo de prata.

– Brinca de ser uma serva, mas em seu íntimo é a filha de um senhor. Adotou outros nomes, mas os usou com a mesma leveza com que poderia ter usado um vestido. Por baixo deles, sempre esteve a Arya.

– Eu não uso *vestidos*. Não se pode lutar num estúpido *vestido*.

– Por que quer lutar? É algum espadachim, pavoneando-se pelas vielas, ansiando por sangue? – suspirou. – Antes de beber da taça fria, deve oferecer tudo o que você é ao das Muitas Faces. Seu corpo. Sua alma. *Você*. Se não conseguir fazer isso, deve deixar este lugar.

– A moeda de ferro...

– ... pagou sua passagem até aqui. Deste ponto em diante, tem de ser você a pagar seu percurso, e o preço é elevado.

– Não tenho ouro.

– O que oferecemos não pode ser comprado com ouro. O preço é sua pessoa por inteiro. Os homens seguem muitos caminhos através deste vale de lágrimas e dor. O nosso é o mais duro. Poucos são os que foram feitos para percorrê-lo. É preciso uma força incomum de corpo e espírito, e um coração ao mesmo tempo duro e forte.

*Tenho um buraco onde costumava ficar o coração*, pensou, *e mais nenhum lugar para onde ir.*

– Sou forte. Tão forte quanto você. Sou dura.

– Acha que este é o único lugar para você – era como se ele ouvisse seus pensamentos. – Engana-se. Encontraria um trabalho mais brando na casa de um mercador qualquer. Ou preferiria ser uma cortesã e ter canções cantadas à sua beleza? Diga uma palavra e enviaremos você para Pérola Negra ou para Filha da Penumbra. Dormirá em pétalas de rosa e usará saias de seda que sussurram ao caminhar, e grandes senhores se transformarão em pedintes por seu sangue de donzela. Ou, se o que deseja for casamento e filhos, diga-me, e lhe encontraremos um marido. Um aprendiz honesto, um velho rico, um marinheiro, quem você desejar.

Arya não queria nada daquilo. Sem palavras, balançou a cabeça.

– É com Westeros que sonha, pequena? A *Brilhante Senhora* de Luco Prestayn parte amanhã, para Vila Gaivota, Valdocaso, Porto Real e Tyrosh. Arranjamos passagem nela para você?

– Eu acabei de *chegar* de Westeros – por vezes parecia terem se passado mil anos desde que fugira de Porto Real, outras, parecia ter sido ontem, mas sabia que não podia voltar. – Partirei, se não me quiser, mas não para *lá*.

– Meus desejos não interessam – disse o homem amável. – Pode ser que o Deus das Muitas Faces tenha trazido você para este lugar para ser um instrumento Seu, mas quando olho para você vejo uma criança... e, pior, uma menina. Muitos serviram Aquele das Muitas Faces ao longo dos séculos, mas só um punhado de seus servos foram mulheres. As mulheres trazem vida ao mundo. Nós trazemos a dádiva da morte. Ninguém pode fazer ambas as coisas.

*Ele está tentando me amedrontar para me afastar*, Arya pensou, *como fez com o verme.*

– Isso não me importa.

– Devia importar. Fique, e o Deus das Muitas Faces ficará com as suas orelhas, seu nariz, sua língua. Ficará com seus tristes olhos cinzentos que viram tantas coisas. Ficará com suas mãos, seus pés, com seus braços e pernas, suas partes íntimas. Ficará com suas esperanças e sonhos, com seus amores e ódios. Aqueles que entram ao Seu serviço têm de renunciar a tudo o que faz deles quem são. Pode fazer isso? – envolveu-lhe o queixo com uma mão e a fitou profundamente nos olhos, tão profundamente que a fez estremecer. – Não – disse –, não me parece que possa.

Arya afastou-lhe a mão com um tapa.

– Poderia, se *quisesse*.

– Isto é o que diz Arya da Casa Stark, comedora de vermes.

– Posso renunciar a *tudo* o que quiser!

Ele indicou seus tesouros com um gesto.

– Então, comece com isto.

Naquela noite, após o jantar, Arya voltou para a cela, despiu a veste e murmurou seus nomes, mas o sono se recusou a levá-la. Revirou-se no colchão recheado de trapos roendo o lábio. Conseguia sentir o buraco dentro de si onde tivera o coração.

Na noite cerrada, voltou a se levantar, vestiu a roupa que usara na viagem desde Westeros e afivelou seu cinto da espada. A Agulha pendia-lhe de uma anca e o punhal da outra. Com o chapéu mole na cabeça, as luvas sem dedos enfiadas no cinto e o garfo de prata na mão, subiu os degraus sorrateiramente. *Aqui não há lugar para Arya da Casa Stark*, pensou. O lugar de Arya era Winterfell, só que Winterfell já não existia. *Quando as neves caem e os ventos brancos sopram, o lobo solitário morre, mas a alcateia sobrevive*. Contudo, ela não tinha alcateia. Tinham matado a sua, Sor Ilyn, Sor Meryn e a rainha; e quando tentara formar uma nova, fugiram todos, Torta Quente, Gendry, Yoren e Lommy Mãos-Verdes, até Harwin, que fora um dos homens do pai. Cruzou as portas com um empurrão e penetrou na noite.

Era a primeira vez que estava no exterior desde que entrara no templo. O céu estava coberto, e nevoeiro cobria o chão como um cobertor

cinzento e gasto. À direita, ouviu o ruído de remadas vindo do canal. Bravos, a Cidade Secreta, pensou. O nome parecia muito adequado. Desceu em silêncio os íngremes degraus, até a doca coberta, com as brumas rodopiando em volta dos seus pés. O nevoeiro era tão denso que não conseguia ver a água, mas ouvia-a bater levemente contra pilares de pedra. A distância, uma luz brilhava através das sombras: *a fogueira noturna no templo dos sacerdotes vermelhos*, pensou.

À beira da água parou, com o garfo de prata na mão. Era prata verdadeira, e maciça. *O garfo não é meu. Foi a Salgada que me deu*. Atirou-o dissimuladamente e ouviu o suave *plop* que ele fez quando afundou na água.

O chapéu mole foi-se em seguida, e depois as luvas. Também eram da Salgada. Esvaziou a bolsa na palma da mão; cinco veados de prata, nove estrelas de cobre, alguns pennies, meios pennies e moedas de quatro groats. Espalhou-os na água. Em seguida, jogou as botas, e elas fizeram o maior ruído ao cair na água. O punhal as seguiu, aquele que obtivera do arqueiro que suplicara ao Cão de Caça por misericórdia. O cinto da espada mergulhou no canal. O manto, a túnica, os calções, a roupa de baixo, tudo. Tudo, menos Agulha.

Ficou em pé na beira da doca, pálida, arrepiada e tremendo no nevoeiro. Na sua mão, Agulha parecia murmurar. *Espete-lhes a ponta afiada*, dizia, e, depois, *não diga a Sansa!* Via-se a marca de Mikken na lâmina. *É só uma espada*. Se precisasse de uma, havia uma centena sob o templo. Agulha era pequena demais para ser uma espada como deve ser, era pouco mais do que um brinquedo. Arya era uma garotinha estúpida quando Jon mandara fazê-la para ela.

– É só uma espada – disse, agora em voz alta...

... mas não era.

A Agulha era Robb, Bran e Rickon, a mãe e o pai, até Sansa. Agulha era as muralhas cinzentas de Winterfell, e o riso do seu povo. Agulha era as neves de verão, as histórias da Velha Ama, a árvore-coração com suas folhas vermelhas e seu aspecto assustador, o cheiro quente de terra dos jardins de vidro, o som do vento do norte estremecendo as janelas do seu quarto. Agulha era o sorriso de Jon Snow. *Ele costumava despentear meus cabelos e me chamar de "irmãzinha"*, recordou, e de repente lágrimas brotaram em seus olhos.

Polliver roubara-lhe a espada quando os homens da Montanha a tinham feito cativa, mas quando ela e Cão de Caça entraram na estalagem no entroncamento, ali estava ela. *Os deuses quiseram que eu ficasse com ela*. Não os Sete, nem Aquele das Muitas Faces, mas os deuses do pai, os velhos deuses do Norte. *O Deus das Muitas Faces pode ficar com o resto*, pensou, *mas não pode ficar com isto*.

Subiu os degraus nua como no dia de seu nome, agarrada à Agulha. No meio do caminho, uma das pedras se mexeu sob seus pés. Arya ajoelhou-se e escavou em volta das bordas com os dedos. A princípio a pedra não queria se mover, mas ela persistiu, atacando com as unhas a argamassa que se desfazia. Por fim, a pedra se deslocou. Arya soltou um grunhido, pegou-a com ambas as mãos e puxou. Uma fenda abriu-se à sua frente.

– Aqui ficará em segurança – disse a Agulha. – Ninguém saberá onde está, exceto eu. Empurrou a espada e a bainha para baixo do degrau, e, depois, a pedra de volta ao seu lugar, para que parecesse igual a todas as outras. Ao subir para o templo, contou os degraus, para saber onde voltar e encontrar a espada. Um dia poderia ter necessidade dela. – Um dia – murmurou a si mesma.

Não disse ao homem amável o que tinha feito, mas ele soube. Na noite seguinte, veio à sua cela após o jantar.

– Pequena – disse –, venha se sentar comigo. Tenho uma história para lhe contar.

– Que tipo de história? – ela quis saber, cautelosa.

– A história de nossa origem. Se quer ser uma de nós, é melhor que saiba quem somos e como surgimos. As pessoas podem murmurar sobre os Homens Sem Rosto de Bravos, mas somos mais antigos do que a Cidade Secreta. Antes de o Titã se erguer, antes do desmascaramento de Uthero, antes da Fundação, já existíamos. Florescemos em Bravos por entre esses nevoeiros do norte, mas lançamos inicialmente raízes em Valíria, entre os desventurados escravos que trabalhavam nas profundas minas sob as Catorze Chamas que iluminavam as noites da Cidade Franca de outrora. A maior parte das minas são lugares úmidos e gelados, cortados de pedra fria e morta, mas as Catorze Chamas eram montanhas vivas, com veios de rocha derretida e corações de fogo. De modo que as minas da antiga Valíria eram sempre quentes, e ficavam mais quentes à medida que os poços mergulhavam mais fundo, sempre

mais fundo. Os escravos trabalhavam num forno. As rochas em volta deles estavam quentes demais para ser tocadas. O ar fedia a enxofre e ressecava seus pulmões quando o respiravam. As solas de seus pés se queimavam e rebentavam em bolhas, mesmo através das sandálias mais grossas. Por vezes, quando perfuravam uma parede em busca de ouro, encontravam vapor, ou água fervente, ou rocha derretida. Certos túneis eram tão baixos que os escravos não podiam ficar em pé, e tinham de engatinhar ou se dobrar. E também havia *wyrms* nessa escuridão vermelha.

– Vermes? Minhocas? – ela disse, franzindo as sobrancelhas.

– *Wyrms* de fogo. Há quem diga que são parentes dos dragões, pois os *wyrms* também respiram fogo. Em vez de voarem pelo céu, abrem caminho através de pedra e terra. Se é possível crer nas antigas lendas, havia *wyrms* entre as Catorze Chamas mesmo antes da chegada dos dragões. Os jovens não são maiores do que esse seu braço magricela, mas podem crescer até dimensões monstruosas e não sentem nenhuma amizade pelos homens.

– Eles matavam os escravos?

– Cadáveres queimados e enegrecidos eram frequentemente encontrados em poços onde as rochas estavam rachadas ou cheias de buraco. Mesmo assim, as minas tornavam-se mais profundas. Escravos pereciam às vintenas, mas seus donos não se importavam. Achava-se que ouro vermelho e amarelo e prata eram mais preciosos do que a vida de escravos, pois estes eram baratos na antiga Cidade Franca. Durante a guerra, os valirianos capturavam-nos aos milhares. Em tempos de paz, faziam criação, embora só os piores fossem enviados para morrer lá embaixo na escuridão vermelha.

– Os escravos não se revoltaram e lutaram?

– Alguns fizeram isso – ele respondeu. – As revoltas eram comuns nas minas, mas poucas conseguiram alguma coisa. Os senhores dos dragões da antiga Cidade Livre eram fortes na feitiçaria, e homens menores desafiavam-nos por sua conta e risco. O primeiro Homem Sem Rosto foi um dos que assim fez.

– Quem era? – Arya perguntou, antes de parar para pensar.

– Ninguém – o homem continuou. – Há quem diga que ele próprio era escravo. Outros insistem que era filho de um proprietário, nascido de

uma família nobre. Alguns até lhe dirão que era um capataz que se apiedou dos homens que tinha sob seu comando. A verdade é que ninguém sabe. Fosse quem fosse, colocava-se entre os escravos e escutava suas preces. Homens de cem nações diferentes trabalhavam nas minas, e cada um rezava ao seu próprio deus em sua própria língua, mas todos suplicavam a mesma coisa. Era a libertação que pediam, um fim para a dor. Uma coisa pequena e simples. E, no entanto, seus deuses não lhes respondiam, e seu sofrimento continuava. *Serão os seus deuses surdos?*, perguntava ele a si mesmo... até que uma noite, na escuridão vermelha, foi assaltado por um momento de compreensão.

"Todos os deuses têm seus instrumentos, homens e mulheres que os servem e os ajudam a cumprir sua vontade na Terra. Os escravos não lançavam súplicas a uma centena de deuses diferentes, segundo parecia, mas a um deus com uma centena de faces diferentes... e *ele* era o instrumento desse deus. Nessa mesma noite, escolheu o mais infeliz dos escravos, aquele que rezara mais zelosamente pela libertação, e o libertou da servidão. A primeira dádiva fora feita."

Arya afastou-se dele.

– Ele matou o *escravo*? – aquilo não parecia certo. – Ele devia ter matado os *donos*!

– Ele também levou a dádiva para eles... mas esta é uma história para outro dia, uma história que é melhor não compartilhar com ninguém – ergueu a cabeça: – E você, quem é, pequena?

– Ninguém.

– Mentira.

– Como é que *sabe*? É magia?

– Um homem não precisa ser feiticeiro para distinguir a verdade da mentira, desde que tenha olhos. Só é preciso aprender a ler um rosto. Observar os olhos. A boca. Os músculos aqui, no canto dos maxilares, e aqui, onde o pescoço se une aos ombros – tocou-a ligeiramente com dois dedos. – Alguns mentirosos piscam. Outros não afastam os olhos. Alguns os afastam. Outros lambem os lábios. Muitos cobrem a boca um pouco antes de dizer uma mentira, como que para esconder sua falsidade. Outros sinais podem ser mais sutis, mas estão sempre lá. Um sorriso falso e um verdadeiro podem parecer iguais, mas são tão diferentes como o ocaso e a aurora. Sabe distinguir o ocaso da aurora?

Arya confirmou com a cabeça, embora não tivesse certeza.

– Então pode aprender a ver uma mentira... e quando o fizer, nenhum segredo estará a salvo de você.

– Ensine-me – seria ninguém, se precisasse ser. Ninguém tinha buracos dentro de si.

– Ela lhe ensinará – disse o homem amável quando a criança abandonada apareceu à porta. – Começando pela língua de Bravos. De que servirá se não souber falar nem compreender? E você ensinará sua língua a ela. Vocês duas aprenderão juntas, uma com a outra. Fará isso?

– Sim – Arya respondeu, e a partir daquele momento transformou-se numa noviça na Casa do Preto e Branco. Suas roupas de criada foram levadas e foi-lhe dada uma veste, uma veste de preto e branco, tão untuosamente suave quanto a velha manta vermelha que outrora tivera em Winterfell. Por baixo, usava roupa íntima de bom linho branco e uma túnica negra que lhe passava dos joelhos.

Daí em diante, ela e a criança abandonada passavam o tempo juntas, tocando em coisas e apontando, cada uma tentando ensinar à outra algumas palavras em sua língua. A princípio, palavras simples, taça, vela e sapato; depois, palavras mais difíceis; depois, frases. Outrora, Syrio Forel costumara-se a obrigar Arya a permanecer apoiada sobre uma perna até começar a tremer. Mais tarde, enviara-a à caça de gatos. Dançara a dança de água nos ramos de árvores com uma espada de pau na mão. Todas essas coisas tinham sido difíceis, mas aquilo era mais.

*Até costurar era mais divertido do que aprender a língua*, disse a si mesma após uma noite em que esquecera metade das palavras que julgava saber e pronunciara a outra metade tão mal que a criança abandonada rira dela. *Minhas frases são tão tortas quanto os pontos costumavam ser*. Se a garota não fosse tão pequena e não tivesse um ar tão esfomeado, Arya teria batido em seu estúpido rosto. Em vez disso, mordeu o lábio. *Estúpida demais para aprender, e estúpida demais para desistir.*

A criança abandonada aprendia o Idioma Comum mais depressa. Um dia, no jantar, virou-se para Arya e perguntou:

– Quem é?

– Ninguém – Arya respondeu, em bravosi.

– Mente – disse a criança abandonada. – Tem de mentir mais bem.

Arya riu.

– Mais bem? Quer dizer *melhor*, estúpida.

– Melhor estúpida. Eu lhe mostro.

No dia seguinte, deram início ao jogo das mentiras, fazendo perguntas uma à outra, alternadamente. Por vezes, respondiam com a verdade, outras, mentiam. Quem fazia a pergunta tinha de diferenciar o que era verdadeiro e o que era falso. A criança abandonada parecia saber sempre. Arya tinha de adivinhar. E na maior parte das vezes errava.

– Quantos anos você tem? – perguntou-lhe uma vez a criança abandonada, no Idioma Comum.

– Dez – Arya respondeu, e ergueu dez dedos. *Achava* que ainda tinha dez anos, embora fosse difícil ter certeza. Os bravosianos contavam os dias de uma forma diferente da que era usada em Westeros. Tanto quanto sabia, o dia de seu nome podia já ter chegado e partido.

A criança abandonada confirmou com a cabeça. Arya respondeu-lhe da mesma maneira, e no seu melhor bravosi disse:

– Quantos anos *você* tem?

A criança abandonada mostrou dez dedos. Depois mais dez, e de novo dez. Então seis. Seu rosto continuava tão liso quanto águas paradas. *Ela não pode ter trinta e seis anos*, Arya pensou. *É uma garotinha*.

– Mentirosa – disse. A criança abandonada balançou a cabeça e mostrou-lhe os dedos outra vez: dez, dez, dez e seis. Disse as palavras para trinta e seis e fez Arya repeti-las.

No dia seguinte, contou ao homem amável o que a criança abandonada afirmara.

– Ela não mentiu – disse o sacerdote com um risinho. – Aquela que você chama de criança abandonada é uma mulher-feita que passou a vida a serviço d'Aquele das Muitas Faces. Deu-Lhe tudo o que era, tudo o que podia vir a ser, todas as vidas que se encontravam em seu interior.

Arya mordeu o lábio.

– Eu serei como ela?

– Não – ele respondeu –, não a menos que o deseje. Foram os venenos que a transformaram no que você vê.

*Venenos*. Então compreendeu. Todas as noites depois das preces, a criança abandonada esvaziava um jarro de pedra nas águas do tanque negro.

A criança abandonada e o homem amável não eram os únicos servos do Deus das Muitas Faces. De tempos em tempos, outros visitavam a Casa do Preto e Branco. O gordo tinha ferozes olhos negros, um nariz adunco e uma boca larga cheia de dentes amarelos. O do rosto severo nunca sorria; seus olhos eram claros, e os lábios, cheios e escuros. O homem bonito tinha a barba de uma cor diferente sempre que o via, e também um nariz diferente, mas nunca era menos do que atraente. Aqueles três eram os que vinham com mais frequência, mas havia outros: o vesgo, o fidalgo, o esfomeado. Um dia, o gordo e o vesgo chegaram juntos. Umma mandou Arya servi-los.

– Quando não os estiver servindo, deve permanecer tão imóvel como uma escultura feita em pedra – disse-lhe o homem amável. – Consegue fazer isso?

– Sim – *antes de poder aprender a se mover, deve aprender a ficar quieta*, ensinara-lhe Syrio Forel havia muito tempo em Porto Real, e ela aprendera. Servira como copeira de Roose Bolton em Harrenhal, e ele flagelava quem lhe derramasse o vinho.

– Ótimo – disse o homem amável. – Seria melhor se também fosse cega e surda. Pode ouvir coisas, mas deve fazê-las entrar por uma orelha e sair pela outra. Não escute.

Arya ouviu muitas e mais coisas nessa noite, mas quase tudo era na língua de Bravos, e quase não compreendia uma palavra em dez. *Imóvel como pedra*, disse a si mesma. A parte mais difícil era lutar para não bocejar. Antes de a noite terminar, tinha a cabeça vagueando. Ali em pé, com o jarro nas mãos, sonhou que era uma loba, correndo livre por uma floresta iluminada pelo luar, com uma grande alcateia uivando em seu rastro.

– Os outros homens são todos sacerdotes? – perguntou ao homem amável na manhã seguinte. – Aqueles eram seus rostos verdadeiros?

– O que você acha, pequena?

Arya achava que *não*.

– Jaqen H'ghar também é um sacerdote? Sabe se Jaqen vai voltar para Bravos?

– Quem? – ele perguntou, todo inocência.

– Jaqen *H'ghar*. Ele me deu a moeda de ferro.

– Não conheço ninguém com esse nome, pequena.

– Perguntei-lhe como é que mudava de rosto, e ele disse que não era mais difícil do que arranjar um nome novo, se se soubesse como.

– É mesmo?

– Vai me mostrar como mudar de rosto?

– Se quiser – envolveu-lhe o queixo com a mão e virou-lhe a cabeça. – Encha as bochechas e coloque a língua para fora.

Arya encheu as bochechas e pôs a língua de fora.

– Pronto. Seu rosto mudou.

– Não era isso que eu quis dizer. Jaqen usou magia.

– Toda feitiçaria tem um custo, pequena. São necessários anos de preces, sacrifícios e estudo para fazer um encantamento como deve ser.

– *Anos*? – ela retrucou, desanimada.

– Se fosse fácil, todo mundo faria. É preciso caminhar antes de correr. Por que usar um feitiço, se truques de saltimbanco servem?

– Também não sei nenhum truque de saltimbanco.

– Então, treine fazer caretas. Por baixo da pele há músculos. Aprenda a usá-los. O rosto é seu. Suas as bochechas, os lábios, as orelhas. Sorrisos e caretas não devem aparecer como tempestades súbitas. Um sorriso deve ser um criado e vir apenas quando chamado. Aprenda a *governar* seu rosto.

– Mostre-me como.

– Encha as bochechas – ela obedeceu. – Erga as sobrancelhas. Não, mais alto – também o fez. – Ótimo. Veja quanto tempo consegue ficar assim. Não será muito. Tente outra vez amanhã. Há de encontrar um espelho de Myr nas câmaras. Treine diante dele por uma hora todos os dias. Olhos, narinas, bochechas, orelhas, lábios, aprenda a governá-los todos – pôs-lhe a mão no queixo. – Quem é você?

– Ninguém.

– Uma mentira. Uma triste mentirinha, pequena.

Encontrou o espelho de Myr no dia seguinte, e todas as manhãs e todas as noites sentava-se diante dele, com uma vela de cada lado, fazendo caretas. *Governe seu rosto*, dizia a si mesma, *e poderá mentir*.

Não muito tempo depois, o homem amável ordenou-lhe que ajudasse os outros acólitos a preparar os cadáveres. O trabalho não era nem de perto tão duro quanto esfregar degraus para Weese. Por vezes, se o cadáver era grande ou gordo, lutava com o peso, mas a maior parte dos

mortos eram velhos ossos secos em pele enrugada. Arya olhava-os enquanto os lavava, perguntando a si mesma o que os tinha trazido ao tanque negro. Lembrava-se de uma história que ouvira da Velha Ama, sobre o modo como, por vezes, durante um longo inverno, os homens que tinham vivido para lá de seus anos anunciavam que iam à caça. *E suas filhas choravam e os filhos viravam o rosto para o fogo*, conseguia ouvir a Velha Ama contar, *mas ninguém os impedia, ou lhes perguntava que animal pretendiam matar, com as neves tão profundas e o vento frio a uivar.* Perguntou a si mesma o que os velhos bravosianos diriam aos filhos e às filhas antes de partirem para a Casa do Preto e Branco.

A lua deu uma volta e mais outra, embora Arya nunca a visse. Servia, lavava os mortos, fazia caretas diante dos espelhos, aprendia a língua bravosi e tentava se lembrar de que não era ninguém.

Um dia, o homem amável mandou chamá-la.

– Seu sotaque é um horror – disse –, mas sabe palavras suficientes para fazer que o que quer seja entendido, de certo modo. Está na hora de nos deixar por algum tempo. A única maneira de realmente dominar nossa língua é falando-a todos os dias, do nascer ao pôr do sol. Deve partir.

– Quando? – perguntou-lhe. – Para onde?

– Agora – ele respondeu. – Para lá destas paredes encontrará as cem ilhas de Bravos no mar. Foram-lhe ensinadas as palavras para mexilhões, amêijoas e berbigões, não foram?

– Sim – Arya as repetiu em seu melhor bravosi.

Seu melhor bravosi o fez sorrir.

– Servirá. Ao longo dos cais por baixo da Vila Afogada encontrará um vendedor de peixe chamado Brusco, um bom homem com umas costas más. Ele precisa de uma garota que lhe empurre o carrinho de mão e venda suas amêijoas, seus berbigões e seus mexilhões aos marinheiros vindos dos navios. Essa garota será você. Entendeu?

– Sim.

– E quando Brusco perguntar, quem é você?

– Ninguém.

– Não. Isso não servirá fora desta Casa.

Arya hesitou.

– Podia ser a Salgada, de Salinas.

– A Salgada é conhecida de Ternesio Terys e dos homens da Filha do Titã. Você está marcada pela maneira de falar, portanto, tem de ser uma garota qualquer de Westeros... mas uma garota diferente, penso eu.

Ela mordeu o lábio:

– Podia ser Gata?

– Gata – ele pesou o nome. – Sim. Bravos está cheia de gatos. Mais um não dará na vista. É a Gata, uma órfã de...

– Porto Real – visitara o Porto Branco com o pai duas vezes, mas conhecia melhor Porto Real.

– Exatamente. Seu pai era mestre remador numa galé. Quando sua mãe morreu, ele levou você com ele para o mar. Então também morreu, e seu capitão não tinha uso a lhe dar, portanto, expulsou-a do navio em Bravos. E qual era o nome do navio?

– *Nymeria* – ela disse de imediato.

Naquela noite abandonou a Casa do Preto e Branco. Uma longa faca de ferro seguia presa à sua anca direita, escondida pelo manto, uma coisa remendada e desbotada, o tipo de coisa que um órfão usaria. Os sapatos machucavam-lhe os pés e a túnica estava tão puída que o vento a trespassava. Mas Bravos estava na sua frente. O ar da noite cheirava à fumaça, sal e peixe. Os canais eram sinuosos, e as vielas mais ainda. Homens lançavam-lhe olhares curiosos quando ela passava, e crianças pedintes gritavam palavras que ela não compreendia. Não demorou muito para ficar completamente perdida.

– Sor Gregor – entoou, ao atravessar uma ponte de pedra sustentada por quatro arcos. Do centro conseguiu ver os mastros de navios no Porto do Trapeiro. – Dunsen, Raff, o Querido, Sor Ilyn, Sor Meryn, Rainha Cersei – começou a chover. Arya virou a cabeça para cima e deixou que as gotas lhe lavassem o rosto, tão feliz que poderia dançar. – *Valar morghulis* – disse – *valar morghulis, valar morghulis*.

## ALAYNE

Quando o sol nascente entrou em torrente pelas janelas, Alayne sentou-se na cama e se espreguiçou. Gretchel ouviu-a acordar e se levantou imediatamente para ir lhe buscar o roupão. Os quartos tinham ficado gelados durante a noite. *Será pior quando o inverno nos tiver bem presos nas mãos*, pensou. *O inverno tornará este lugar tão frio quanto uma sepultura*. Alayne vestiu o roupão e atou o cinto em volta da cintura.

– O fogo está quase apagado – observou. – Ponha mais lenha para queimar, por favor.

– Às ordens da senhora – disse a velha.

Os aposentos de Alayne na Torre da Donzela eram maiores e mais suntuosos do que o pequeno quarto onde fora mantida quando a Senhora Lysa estava viva. Agora tinha um quarto de vestir e uma latrina privativa, e uma varanda de pedra branca esculpida com vista para o Vale. Enquanto Gretchel cuidava da lareira, Alayne atravessou descalça o quarto e saiu. A pedra estava fria sob seus pés, e o vento soprava furiosamente, como sempre fazia ali em cima, mas a vista a fez se esquecer de tudo aquilo por um segundo. A da Donzela era a mais oriental das sete esguias torres do Ninho da Águia, e tinha o Vale perante si, suas florestas, rios e campos cobertos de névoa à luz da manhã. O modo como o sol batia nas montanhas fazia-as parecerem ser feitas de ouro maciço.

*Tão lindo*. O cume coberto de neve da Lança do Gigante erguia-se por cima dela, uma imensidão de pedra e gelo que tornava insignificante o castelo empoleirado num dos seus lados. Pingentes de gelo com seis metros de comprimento adornavam a borda do precipício onde as Lágrimas de Alyssa caíam no verão. Um falcão pairou por cima da cascata gelada, asas azuis bem abertas no céu da manhã. *Também gostaria de ter asas*.

Pousou as mãos na balaustrada de pedra esculpida e obrigou-se a espreitar por sobre a borda. Viu Céu duzentos metros mais abaixo, e os degraus de pedra talhados na montanha, o caminho sinuoso que passava por Neve e Pedra até o fundo do vale. Conseguia ver as torres e fortalezas dos Portões da Lua, pequenas como brinquedos de criança. Em volta das muralhas, as hostes dos Senhores Declarantes agitavam-se, emergindo das tendas como formigas de um formigueiro. *Se ao menos fossem realmente formigas, podíamos pisar nelas e esmagá-las.*

O Jovem Lorde Hunter e seus recrutas tinham se juntado aos outros dois dias antes. Nestor Royce fechara-lhes os Portões, mas tinha menos de trezentos homens em sua guarnição. Cada um dos Senhores Declarantes trouxera mil, e eles eram seis. Alayne conhecia o nome deles tão bem quanto o seu. Benedar Belmore, Senhor de Cantoforte. Symond Templeton, o Cavaleiro de Novestrelas. Horton Redfort, Senhor de Fortencarnado. Anya Waynwood, Senhora de Ferrobles. Gilwood Hunter, chamado Jovem Lorde Hunter por todos, Senhor de Solar de Longarco. E Yohn Royce, o mais poderoso de todos, o formidável Bronze Yohn, Senhor de Pedrarruna, primo de Nestor e chefe do ramo principal da Casa Royce. Os seis tinham se reunido em Pedrarruna após a queda de Lysa Arryn e fizeram um pacto, jurando proteger Lorde Robert, o Vale e uns aos outros. Sua declaração não fazia nenhuma menção ao Senhor Protetor, mas falava de "desgoverno" a que havia de pôr fim, e também de "falsos amigos e maus conselheiros".

Uma rajada fria de vento subiu-lhe pelas pernas. Voltou aos seus aposentos para escolher um vestido com o qual quebrar o jejum. Petyr dera-lhe o guarda-roupa de sua falecida esposa, uma abundância de sedas, cetins, veludos e peles bem além de qualquer coisa que tivesse sonhado, embora a esmagadora maioria lhe ficasse enorme; Senhora Lysa tornara-se muito robusta durante sua longa sucessão de gravidezes, natimortos e abortos. Contudo, alguns dos vestidos mais velhos tinham sido feitos para a jovem Lysa Tully de Correrrio, e Gretchel conseguira reformar outros para servirem em Alayne, que tinha as pernas quase tão longas aos treze anos quanto sua tia tivera aos vinte.

Naquela manhã, seu olhar prendeu-se num vestido nas cores Tully, em parte vermelho, em parte azul, forrado de arminho. Gretchel a ajudou a enfiar os braços nas mangas em forma de sino e atou-lhe as costas, após

o que lhe escovou e prendeu os cabelos. Alayne voltara a escurecê-lo na noite anterior, antes de ir para a cama. A tinta que a tia lhe dera transformava seu rico ruivo no castanho queimado de Alayne, mas raramente se passava muito tempo antes que o vermelho começasse a surgir de novo nas raízes. *E o que farei quando a tinta acabar?* A tinta viera de Tyrosh, do outro lado do mar estreito.

Ao descer para o café da manhã, Alayne sentiu-se de novo impressionada pela quietude do Ninho da Águia. Não havia castelo mais silencioso em todos os Sete Reinos. Os criados, ali, eram poucos e velhos, e mantinham as vozes baixas para não perturbar o jovem senhor. Não havia cavalos na montanha, nem cães de caça que ladrassem ou rosnassem, e tampouco cavaleiros a treinar no pátio. Até os passos dos guardas pareciam estranhamente abafados quando caminhavam ao longo dos salões de pedra clara. Ouvia-se o vento gemendo e suspirando em torno das torres, mas era tudo. Quando chegara ao Ninho da Águia, houvera também o murmúrio das Lágrimas de Alyssa, mas a cascata estava agora congelada. Gretchel dizia que ficaria em silêncio até a primavera.

Foi encontrar Lorde Robert sozinho no Salão da Manhã, acima das cozinhas, empurrando desinteressadamente uma colher de madeira em uma grande tigela de mingau de aveia e mel.

– Quero ovos – ele protestou quando a viu. – Quero *três* ovos malcozidos e um pouco de presunto.

Não tinham ovos, assim como não tinham presunto. Os celeiros do Ninho da Águia tinham aveia, milho e cevada suficiente para alimentá-los durante um ano, mas dependiam de uma garota bastarda chamada Mya Stone para lhes trazer alimentos frescos do fundo do vale. Com os Senhores Declarantes acampados no sopé da montanha, não havia maneira de Mya passar. Lorde Belmore, o primeiro dos seis a chegar aos Portões, enviara um corvo para dizer a Mindinho que não subiria mais comida até o Ninho da Águia enquanto Lorde Robert não fosse enviado para baixo. Não era propriamente um cerco, pelo menos por enquanto, mas a diferença não era grande.

– Poderá comer ovos quando Mya vier, tantos quantos quiser – prometeu Alayne ao pequeno fidalgo. – Ela trará ovos, manteiga e melões, todos os tipos de coisas saborosas.

O garoto não se deixou apaziguar.

– Eu queria ovos *hoje*.

– Passarinho, não há ovos, sabe disso. Por favor, coma seu mingau, está uma delícia – comeu uma colher cheia.

Robert empurrou a colher de um lado para o outro da tigela e de volta, mas não a levou à boca.

– Não tenho fome – decidiu. – Quero voltar para a cama. Não dormi nada na noite passada. Ouvi alguém *cantar*. Meistre Colemon me deu vinho dos sonhos, mas ouvi mesmo assim.

Alayne pousou a colher.

– Se alguém estivesse cantando, eu também teria ouvido. Foi só um pesadelo.

– Não, *não foi* um pesadelo – lágrimas encheram-lhe os olhos. – Marillion estava cantando outra vez. Seu pai diz que ele está morto, mas *não está*.

– Está – assustava-a ouvi-lo falar daquele jeito. *Já é suficientemente ruim que seja pequeno e doente, o que acontecerá se também for louco?* – Passarinho, *está*. Marillion amava demais a senhora sua mãe e não podia viver com aquilo que lhe fez, de modo que se atirou para o céu – Alayne não vira o corpo, assim como Robert não o vira, mas não duvidava de a morte do cantor ser um fato. – Ele partiu, garanto.

– Mas eu o ouço todas as noites. Até quando fecho as janelas e ponho uma *almofada* na cabeça. Seu pai devia ter-lhe cortado a língua. Eu *disse* para cortar, mas ele não quis.

*Ele precisava de uma língua para confessar.*

– Seja um bom menino e coma seu mingau – Alayne suplicou. – Por favor? Por mim?

– Não quero mingau – Robert arremessou a colher para longe. Chocou-se contra uma tapeçaria pendurada e deixou uma mancha de mingau numa lua de seda branca. – O *senhor* quer *ovos*!

– O senhor comerá mingau e ficará grato por isso – a voz de Petyr soou atrás deles.

Alayne virou-se e o viu na soleira em arco da porta, com Meistre Colemon ao seu lado.

– Devia prestar atenção ao Senhor Protetor, senhor – disse o meistre. – Os senhores seus vassalos estão subindo a montanha para lhe prestar

homenagem, portanto, precisa de todas as suas forças.

Robert esfregou o olho esquerdo com o nó de um dedo.

– Mande-os embora. Não os *quero*. Se vierem, faço-os voar.

– Tenta-me grandemente, senhor, mas temo que lhes tenha prometido salvo-conduto – Petyr respondeu. – Em qualquer caso, é tarde demais para mandá-los voltar. A essa altura, podem já ter chegado a Pedra.

– Por que é que não nos deixam em paz? – lamentou-se Alayne. – Não lhes fizemos nenhum mal. O que *querem* de nós?

– Querem só Lorde Robert. Ele, e o Vale – Petyr sorriu. – Serão oito. Lorde Nestor os está trazendo para cima, e virão acompanhados de Lyn Corbray. Sor Lyn não é o tipo de homem que fique distante quando há sangue à vista.

As palavras dele pouco fizeram para acalmar os temores de Alayne. Lyn Corbray matara quase tantos homens em duelos quanto em batalha. A garota sabia que ele conquistara as esporas durante a Rebelião de Robert, lutando primeiro contra Lorde Jon Arryn nos portões de Vila Gaivota e depois sob seus estandartes, no Tridente, onde abatera o Príncipe Lewyn de Dorne, um cavaleiro branco da Guarda Real. Petyr disse que o Príncipe Lewyn já estava gravemente ferido quando a maré da batalha o levara até sua dança final com a Senhora Desespero, mas acrescentou:

– Mas isto não é argumento que queira usar com Corbray. Àqueles que o fazem é rapidamente dada a oportunidade de perguntar a verdade ao Martell em pessoa, lá embaixo, nos salões do inferno – se metade do que ouvira dizer dos guardas de Lorde Robert fosse verdade, Lyn Corbray era mais perigoso do que todos os seis Senhores Declarantes juntos.

– Por que *ele* vem? – perguntou. – Pensava que os Corbray estivessem com você.

– Lorde Lyonel Corbray está bem-disposto em relação ao meu governo – disse Petyr –, mas o irmão segue seu próprio caminho. No Tridente, quando o pai deles foi ferido, foi Lyn quem apanhou a Senhora Desespero para matar o homem que o tinha abatido. Enquanto Lyonel levava o velho aos meistres, na retaguarda, Lyn liderou o ataque contra os dorneses que ameaçavam a ala esquerda de Robert, desbaratou suas linhas e matou Lewyn Martell. Assim, quando o velho Lorde Corbray morreu, outorgou a Senhora ao filho mais novo. Lyonel ficou com suas terras, título,

castelo e todo seu dinheiro, mas ainda sente que foi despojado de seu direito de nascença, ao passo que Sor Lyn... Bem, ele ama tanto Lyonel quanto me ama. Queria a mão de Lysa para si.

– Não gosto de Sor Lyn – insistiu Robert. – Não o quero aqui. Mande-o para baixo. Nunca disse que ele podia vir. *Aqui*, não. A mãe dizia que o Ninho da Águia é *inexpugnável*.

– Sua mãe está morta, senhor. Até o décimo sexto dia de seu nome, quem governa o Ninho da Águia sou *eu* – Petyr virou-se para a criada corcunda que pairava perto dos degraus da cozinha. – Mela, busque outra colher para sua senhoria. Ele quer comer seu mingau.

– Não quero *nada*! Quero que meu mingau *voe*! – desta vez, Robert atirou a tigela, com mingau, mel e tudo. Petyr Baelish esquivou-se rapidamente, mas Meistre Colemon não foi tão veloz. A tigela de madeira o atingiu em cheio no peito, e seu conteúdo explodiu em seu rosto e ombros. Soltou um ganido muito pouco digno de um meistre, enquanto Alayne se virava para acalmar o pequeno fidalgo, mas era tarde demais. O ataque começava. Um jarro de leite voou quando sua mão o atingiu, descontrolada. Quando tentou se levantar, fez tombar a cadeira para trás e caiu por cima dela. O pé atingiu Alayne na barriga, com tanta força que a deixou sem fôlego.

– Oh, pela bondade dos deuses – ouviu Petyr dizer, com repugnância.

Gotículas de mingau salpicavam o rosto e os cabelos de Meistre Colemon quando ele se ajoelhou sobre seu doente, murmurando palavras tranquilizadoras. Uma gota escorreu-lhe lentamente pela face direita, como se fosse uma lágrima grumosa e marrom-acinzentada. *Não é um ataque tão ruim quanto o último*, pensou Alayne, tentando manter a esperança. Quando os tremores passaram, dois guardas em manto azul-celeste e camisas de cota de malha prateada tinham aparecido, chamados por Petyr.

– Levem-no de volta para a cama e o sangrem – disse o Senhor Protetor, e o guarda mais alto ergueu o garoto nos braços. *Eu mesma podia levá-lo*, pensou Alayne. *Ele não é mais pesado do que uma boneca.*

Colemon deixou-se ficar para trás um momento antes de segui-los.

– Senhor, talvez fosse melhor deixar essa conferência para outro dia. Os ataques de sua senhoria pioraram desde a morte da Senhora Lysa. Estão mais frequentes e mais violentos. Sangro o menino tanto quanto

me atrevo, e misturo vinho dos sonhos e leite de papoula para ajudá-lo a dormir, mas...

– Ele dorme doze horas por dia – Petyr retrucou. – Preciso dele acordado de vez em quando.

O meistre passou os dedos pelos cabelos, fazendo cair gotas de mingau no chão.

– Senhora Lysa dava o seio à sua senhoria sempre que ele ficava cansado demais. Arquimeistre Ebrose diz que o leite de uma mãe tem muitas propriedades salutares.

– É este o seu conselho, meistre? Que arranjemos uma ama de leite para o Senhor do Ninho da Águia e Defensor do Vale? Quando haveremos de desmamá-lo, no dia de seu casamento? Talvez assim possa passar diretamente dos mamilos da ama para os da esposa – a gargalhada de Lorde Petyr deixou claro o que pensava daquilo. – Não, penso que não. Sugiro que encontre outra maneira. O garoto gosta de doces, não gosta?

– Doces? – Colemon parecia surpreso.

– Doces. Bolos e tortas, compotas e geleias, favos de mel. Talvez uma pitada de sonodoce no leite, já experimentou? Só uma pitada, para acalmá-lo e diminuir seus malditos tremores.

– Uma pitada? – o pomo de adão do meistre moveu-se para cima e para baixo quando engoliu em seco. – Uma pitada pequena... talvez, talvez. Sem ser exagerada nem abusar na frequência, sim, podia experimentar...

– Uma pitada – disse Lorde Petyr –, antes de trazê-lo para a conferência com os senhores.

– Às suas ordens, senhor – o meistre apressou-se a sair, fazendo a corrente tilintar baixinho a cada passo.

– Pai – perguntou Alayne quando ele saiu –, quer uma tigela de mingau para quebrar o jejum?

– Desprezo mingau de aveia – olhou-a com os olhos do Mindinho. – Preferia quebrar o jejum com um beijo.

Uma filha verdadeira não recusaria um beijo ao pai, portanto, Alayne foi ter com ele e o beijou, um beijo rápido e seco na bochecha, e com igual ligeireza se afastou.

– Que... cumpridora de seus deveres – Mindinho sorriu com os lábios, mas não com os olhos. – Bem, acontece que tenho outros deveres para

você. Diga à cozinheira para aquecer um pouco de vinho tinto com mel e passas. Nossos convidados estarão com frio e sede depois de sua longa subida. Deverá recebê-los quando chegarem e lhes oferecer aperitivos. Vinho, pão e queijo. Que tipo de queijo nos resta?

– Do branco azedo e do azul malcheiroso.

– Do branco. E também é melhor que troque de roupa.

Alayne olhou o vestido, do profundo azul e rico vermelho-escuro de Correrrio.

– É muito...

– É muito *Tully*. Os Senhores Declarantes não ficarão felizes se virem minha filha bastarda pavonear-se por aí com as roupas de minha falecida esposa. Arranje outra coisa. Tenho de lembrá-la para evitar o azul-celeste e o creme?

– Não – azul-celeste e creme eram as cores da Casa Arryn. – Oito, você disse... Bronze Yohn é um deles?

– O único que importa.

– Bronze Yohn *me conhece* – fê-lo se lembrar. – Foi hóspede em Winterfell quando o filho foi para o Norte vestir o negro – tinha uma tênue lembrança de ter se apaixonado perdidamente por Sor Waymar, mas aquilo acontecera havia uma vida, quando não passava de uma garotinha estúpida. – E não foi essa a única vez. Lorde Royce viu... ele voltou a ver Sansa Stark em Porto Real, durante o Torneio da Mão.

Petyr pôs-lhe um dedo sob o queixo.

– Que Royce tenha visto este rosto bonito não duvido, mas foi um rosto em mil. Um homem lutando num torneio tem mais em que pensar do que em uma criança na multidão. E, em Winterfell, Sansa era uma garotinha de cabelos ruivos. Minha filha é uma donzela, alta e bela, e seus cabelos são cor de avelã. Os homens veem o que esperam ver, Alayne – deu-lhe um beijo no nariz. – Mande Maddy acender a lareira no aposento privado. Receberei ali os Senhores Declarantes.

– Não vai ser no Alto Salão?

– Não. Que os deuses não permitam que me vejam perto do cadeirão dos Arryn. Poderão pensar que pretendo me sentar nele. Nádegas nascidas tão baixo como as minhas não podem nunca aspirar a almofadas tão sublimes.

– O aposento privado – devia ter parado ali, mas as palavras jorraram de sua boca. – Se lhes desse Robert...

– ... e o Vale?

– Eles *têm* o Vale.

– Oh, uma boa parte, é verdade. Mas não todo. Gostam muito de mim em Vila Gaivota, e também tenho alguns amigos fidalgos. Grafton, Lynderly, Lyonel Corbray... embora reconheça que não são adversários à altura dos Senhores Declarantes. Apesar disso, para onde queria que fôssemos, Alayne? De volta ao meu poderoso forte nos Dedos?

Sansa já pensara sobre aquilo.

– Joffrey deu-lhe Harrenhal. Ali é o senhor legítimo.

– Em título. Precisava de um grande domínio para casar com Lysa, e os Lannister não me dariam Rochedo Casterly.

– Sim, mas o castelo é *seu*.

– Ah, e que castelo ele é. Salões cavernosos e torres arruinadas, fantasmas e correntes de ar, custoso para aquecer, impossível de guarnecer... e há aquela pequena questão da maldição.

– Só existem maldições nas canções e nas histórias.

Aquilo pareceu diverti-lo.

– Alguém fez uma canção sobre Gregor Clegane agonizando de uma estocada de lança envenenada? Ou sobre o mercenário antes dele, cujos membros Sor Gregor foi removendo uma articulação por vez? Esse tomou o castelo a Sor Amory Lorch, que o recebeu das mãos de Lorde Tywin. Um foi morto por um urso e o outro, por seu anão. A Senhora Whent também morreu, segundo ouvi dizer. Lothston, Strong, Harroway... Harrenhal fez murchar todas as mãos que o tocaram.

– Então ofereça-o a Lorde Frey.

Petyr riu.

– Talvez o faça. Ou, melhor ainda, à nossa querida Cersei. Embora não devesse falar mal dela, visto que vai me enviar algumas magníficas tapeçarias. Não é bondade da parte dela?

A menção do nome da rainha a fez retesar-se.

– Ela *não é* bondosa. Assusta-me. Se soubesse onde eu estou...

– ... poderia ser obrigado a tirá-la do jogo mais cedo do que planejei. Desde que ela não tire a si própria primeiro – Petyr a provocou com um pequeno sorriso. – No jogo dos tronos, até as peças mais humildes podem

ter vontade própria. Por vezes, recusam-se a fazer as jogadas que planejei para elas. Preste bem atenção, Alayne. É uma lição que Cersei Lannister ainda terá que aprender. Bom, não tem deveres a cumprir?

De fato tinha. Tratou primeiro do aquecimento do vinho, encontrou um queijo azedo branco que serviria e ordenou à cozinheira que cozesse pão para vinte pessoas, para o caso de os Senhores Declarantes trazerem mais homens do que o esperado. *Depois de comer nosso pão e sal são hóspedes, e não podem nos fazer mal*. Os Frey tinham quebrado todas as leis de hospitalidade quando assassinaram a senhora sua mãe e o irmão nas Gêmeas, mas não podia crer que um lorde tão nobre como Yohn Royce se rebaixasse a fazer o mesmo.

Em seguida, o aposento privado. Tinha o chão coberto por um tapete de Myr, de modo que não era necessário espalhar esteiras. Alayne pediu a dois criados para montar a mesa e trazer oito das pesadas cadeiras de carvalho e couro. Para um banquete, teria colocado uma delas à cabeceira da mesa, outra na outra ponta e três ao longo de cada um dos lados, mas aquilo não era nenhum banquete. Disse aos homens para dispor seis cadeiras de um dos lados da mesa e duas do outro. Àquela altura, os Senhores Declarantes podiam já ter chegado a Neve. A subida demorava a maior parte de um dia, mesmo sendo feita a cavalo e em mulas. A pé, a maioria dos homens levava vários dias.

Talvez a conversa dos senhores se prolongasse noite adentro. Necessitariam de velas novas. Depois de Maddy acender a lareira, mandou-a lá embaixo buscar as velas odoríferas de cera de abelha que Lorde Waxley oferecera à Senhora Lysa quando tentara conquistar sua mão. Então voltou a visitar as cozinhas, para se certificar de que o vinho e o pão estariam a postos. Tudo pareceu estar sob controle, e ainda havia tempo suficiente para tomar banho, lavar os cabelos e trocar de roupa.

Havia um vestido de seda púrpura que a fez hesitar, e outro de veludo azul-escuro fendido de prata que teria despertado toda a cor de seus olhos, mas por fim lembrou-se de que Alayne era, afinal de contas, uma bastarda, e não devia ousar vestir-se acima de sua condição. O vestido que escolheu era de lã de cordeiro, marrom-escuro e de corte simples, com folhas e arabescos bordados no corpete, mangas e bainha em fio dourado. Era modesto e apropriado, embora fosse pouco mais rico do que algo que uma criada poderia vestir. Petyr dera-lhe também todas as joias

da Senhora Lysa, e Sansa experimentou vários colares, mas todos pareciam ostentosos. Por fim, escolheu uma simples fita de veludo de um dourado outonal. Quando Gretchel foi buscar o espelho prateado de Lysa, a cor pareceu-lhe perfeita para a massa de cabelos castanho-escuros de Alayne. *Lorde Royce nunca me reconhecerá*, pensou. *Ora, eu mesma quase não me reconheço.*

Sentindo-se quase tão ousada quanto Petyr Baelish, Alayne Stone envergou seu sorriso e desceu ao encontro de seus hóspedes.

O Ninho da Águia era o único castelo dos Sete Reinos em que a entrada principal ficava por baixo das masmorras. Íngremes degraus de pedra subiam o flanco da montanha, passando por Pedra e por Neve, mas chegavam ao fim em Céu. Os cento e oitenta metros finais da subida eram verticais, forçando os candidatos a visitante a desmontar das mulas e fazer uma escolha. Podiam subir no oscilante cesto de madeira que era usado para içar provisões ou escalar uma chaminé rochosa usando apoios para as mãos abertos na rocha.

Lorde Redfort e a Senhora Waynwood, os mais velhos dos Senhores Declarantes, escolheram ser içados pelo guincho, após o que o cesto voltou a descer para o gordo Lorde Belmore. Os outros senhores fizeram a escalada. Alayne os recebeu na Sala Crescente, ao lado de uma lareira reconfortante, onde lhes deu as boas-vindas em nome de Lorde Robert e lhes serviu pão e queijo e porções de vinho quente com especiarias em taças de prata.

Petyr dera-lhe um registro armorial para estudar, de modo que reconheceu seus símbolos, embora não lhes reconhecesse o rosto. O castelo vermelho era Redfort, evidentemente; um homem baixo com uma barba grisalha bem aparada e olhos brandos. Senhora Anya era a única mulher entre os Senhores Declarantes e usava um manto de um profundo tom de verde, com a roda quebrada de Waynwood realçada por contas de âmbar negro. Seis sinos de prata sobre púrpura era Belmore, com barriga em forma de pera e ombros redondos. A barba era um horror ruivo-acinzentado que rebentava de uma multiplicidade de queixos. A de Symond Templeton, por contraste, era negra e terminava numa ponta aguçada. Um nariz em forma de bico e frios olhos azuis faziam o Cavaleiro de Novestrelas parecer uma elegante ave de rapina. Seu gibão exibia nove estrelas negras sobre uma aspa dourada. O manto de arminho

do Jovem Lorde Hunter confundiu-a, até ver o broche que o prendia, cinco flechas de prata em leque. Alayne teria posto sua idade mais perto dos cinquenta do que dos quarenta anos. O pai governara em Solar de Longarco durante quase sessenta anos, apenas para morrer de forma tão abrupta que havia quem murmurasse que o novo lorde tinha apressado sua herança. O rosto e o nariz de Hunter estavam vermelhos como maçãs, o que denunciava certo gosto pela uva. Assegurou-se de lhe encher a taça tão depressa quanto ele a esvaziava.

O homem mais novo do grupo ostentava três corvos ao peito, cada um trazendo nas garras um coração rubro de sangue. Os cabelos castanhos chegavam-lhe aos ombros; uma madeixa rebelde encaracolava-se em sua testa. Sor Lyn Corbray, pensou Alayne, com um relance cauteloso à sua boca dura e olhos inquietos.

Os últimos a chegar foram os Royce, Lorde Nestor e Bronze Yohn. O Senhor de Pedrarruna era tão alto quanto Cão de Caça. Embora tivesse cabelos grisalhos e rugas no rosto, Lorde Yohn ainda parecia poder quebrar a maior parte dos homens mais novos como se fossem gravetos nas suas enormes mãos nodosas. Seu rosto vincado e solene trouxe de volta todas as memórias de Sansa do tempo que passara em Winterfell. Lembrava-se dele à mesa, conversando calmamente com a mãe. Ouvia sua voz refletida nas muralhas quando voltara de uma caçada com um gamo atrás da sela. Conseguia vê-lo no pátio, com uma espada de treino na mão, derrubando o pai ao chão e virando-se para derrotar também Sor Rodrik. *Ele vai me reconhecer. Como não poderia?* Pensou em atirar-se a seus pés para suplicar sua proteção. *Ele nunca lutou por Robb, por que haveria de lutar por mim? A guerra acabou, e Winterfell caiu.*

– Lorde Royce – perguntou timidamente –, quer uma taça de vinho, para espantar o frio?

Bronze Yohn tinha olhos cor de ardósia, meio escondidos atrás das sobrancelhas mais hirsutas que alguma vez vira. Enrugaram-se quando se viraram para baixo para olhá-la.

– Eu conheço você, garota?

Alayne sentiu-se como se tivesse engolido a língua, mas Lorde Nestor a salvou.

– Alayne é filha ilegítima do Senhor Protetor – disse ao primo com maus modos.

– O mindinho do Mindinho tem andado atarefado – disse Lyn Corbray, com um sorriso maldoso. Belmore riu, e Alayne sentiu a cor aumentar em seu rosto.

– Quantos anos tem, criança? – perguntou a Senhora Waynwood.

– Catorze, senhora – por um momento esqueceu-se da idade que Alayne devia ter. – E não sou uma criança, mas uma donzela florida.

– Mas não *desflorada*, esperemos – o farto bigode do Jovem Lorde Hunter escondia-lhe a boca por completo.

– Ainda – disse Lyn Corbray, como se ela não estivesse presente. – Mas pronta a colher em breve, diria eu.

– Isso é o que passa por cortesia no Lar do Coração? – os cabelos de Anya Waynwood estavam ficando grisalhos, e ela tinha pés de galinha em volta dos olhos e pele solta sob o queixo, mas o ar de nobreza que possuía era inconfundível. – A garota é jovem e de bom nascimento, e já sofreu horrores o suficiente. Controle a língua, sor.

– Minha língua é problema meu – replicou Corbray. – Vossa senhoria faria bem em controlar a sua. Nunca aceitei bem reprimendas, como um número razoável de homens mortos poderiam lhe dizer.

Senhora Waynwood virou-lhe as costas.

– É melhor que nos leve ao seu pai, Alayne. Quanto mais depressa nos despacharmos com isto, melhor.

– O Senhor Protetor os espera no aposento privado. Se os senhores me seguirem – ao saírem da Sala Crescente subiram uma íngreme escada de mármore que evitava tanto as criptas quanto as masmorras e passava por baixo de três alçapões, nos quais os Senhores Declarantes fingiram não reparar. Belmore depressa desatou a bufar como um fole, e o rosto de Redfort ficou tão cinzento quanto os cabelos. Os guardas no topo das escadas içaram a porta levadiça quando o grupo se aproximou. – Por aqui, se aprouver aos senhores – Alayne os levou pela arcada, passando por uma dúzia de magníficas tapeçarias. Sor Lothor Brune encontrava-se em pé à porta do aposento privado. Abriu-lhes a porta e entrou atrás deles.

Petyr estava sentado à mesa de montar com uma taça de vinho ao alcance da mão, observando um pergaminho de um branco puro. Ergueu o olhar no momento em que os Senhores Declarantes enchiam a sala.

– Senhores, sejam bem-vindos. Você também, senhora. A subida é cansativa, bem sei. Por favor, sentem-se. Alayne, minha querida, mais vinho para nossos nobres hóspedes.

– Como quiser, pai – agradou-lhe ver que as velas tinham sido acendidas; o aposento privado cheirava a noz-moscada e a outras especiarias dispendiosas. Foi buscar o jarro enquanto os visitantes se instalavam lado a lado... Todos, menos Nestor Royce, que hesitou antes de dar a volta à mesa e ocupar a cadeira vazia ao lado de Lorde Petyr, e Lyn Corbray, que em vez de se sentar foi encostar-se à lareira. O rubi em forma de coração no cabo de sua espada brilhou, rubro, quando ele se pôs a aquecer as mãos. Alayne viu-o sorrir a Sor Lothor Brune. *Sor Lyn é muito bonito para um homem já com certa idade*, pensou, *mas não gosto do modo como sorri.*

– Tenho estado a ler esta sua notável declaração – começou Petyr. – Magnífica. Qualquer que tenha sido o meistre que escreveu isto, tem o dom para as palavras. Só desejava que me tivessem convidado para assinar também.

Aquilo os pegou desprevenidos.

– Você? – Belmore manifestou-se. – Assinar?

– Manejo uma pena tão bem quanto qualquer homem, e ninguém ama mais Lorde Robert do que eu. Quanto a esses falsos amigos e maus conselheiros, com certeza, acabemos com eles. Senhores, estou com vocês, de coração e de mão. Mostrem-me onde assinar, suplico-lhes.

Alayne, servindo, ouviu Lyn Corbray soltar um risinho. Os outros pareceram não saber o que dizer até que Bronze Yohn Royce fez estalar os nós dos dedos e disse:

– Não viemos pedir sua assinatura. Tampouco pretendemos esgrimir palavras com você, Mindinho.

– Que pena. E eu que gosto tanto de uma palavrinha bem esgrimida – Petyr pôs o pergaminho de lado. – Como quiserem. Sejamos francos. O que querem de mim, senhores e senhora?

– Não queremos nada de você – Symond Templeton fitou o Senhor Protetor com seu frio olhar azul. – Queremos que vá embora.

– Embora? – Petyr fingiu surpresa. – Para onde hei de ir?

– A coroa fez de você Senhor de Harrenhal – observou o jovem Lorde Hunter. – Isto devia ser suficiente para qualquer homem.

– As terras fluviais precisam de um senhor – disse o velho Horton Redfort. – Correrrio está cercado, Bracken e Blackwood estão em guerra aberta, e os fora da lei percorrem livremente ambas as margens do Tridente, roubando e matando à vontade. Cadáveres por enterrar juncam a paisagem por todo lado.

– Faz que a ideia soe maravilhosamente atraente, Lorde Redfort – Petyr respondeu –, mas acontece que tenho deveres urgentes aqui. E é preciso pensar em Lorde Robert. Querem que eu arraste uma criança enferma para o meio de uma carnificina como essa?

– Sua senhoria permanecerá no Vale – declarou Yohn Royce.

– Pretendo levar o garoto comigo para Pedrarruna e criá-lo de forma a ser um cavaleiro de que Jon Arryn se orgulharia.

– Por que Pedrarruna? – Petyr tentava adivinhar. – Por que não Ferrobles ou Fortencarnado? Por que não Solar de Longarco?

– Qualquer um desses castelos serviria igualmente bem – declarou Lorde Belmore –, e sua senhoria os visitaria um de cada vez, a seu tempo.

– Ah sim? – o tom de Petyr parecia sugerir dúvidas.

A Senhora Waynwood suspirou.

– Lorde Petyr, se pensa em nos pôr uns contra os outros, pode poupar o esforço. Falamos aqui a uma só voz. Pedrarruna serve-nos a todos. Lorde Yohn criou três belos filhos seus, não há homem mais preparado para criar sua jovem senhoria. Meistre Helliweg é bastante mais velho e mais experiente do que seu Meistre Colemon, e mais adequado para tratar as fraquezas de Lorde Robert. Em Pedrarruna o garoto aprenderá as artes da guerra com o Forte Sam Stone. Ninguém pode esperar encontrar um mestre de armas melhor. Septão Lucos o instruirá nos assuntos do espírito. Em Pedrarruna também encontrará outros garotos da sua idade, companheiros mais adequados do que as velhas e os mercenários que atualmente o rodeiam.

Petyr Baelish afagou a barba.

– Sua senhoria precisa de companheiros, não discordo. Mas Alayne dificilmente é uma velha. Lorde Robert gosta muito de minha filha, ele mesmo ficará feliz por lhes dizer. E acontece que pedi a Lorde Grafton e a Lorde Lynderly para me mandarem um filho cada um como protegido. Tanto um como outro têm um garoto da idade de Robert.

Lyn Corbray soltou uma gargalhada.

– Dois filhotinhos de um par de cãezinhos de colo.

– Robert também devia ter um garoto mais velho por perto. Um jovem escudeiro promissor, digamos. Alguém que pudesse admirar e tentar igualar – Petyr virou-se para a Senhora Waynwood. – Tem um rapaz assim em Ferrobles, senhora. Talvez possa concordar em enviar-me Harrold Hardyng.

Anya Waynwood pareceu estar se divertindo.

– Lorde Petyr, é o ladrão mais ousado que algum dia pretendo conhecer.

– Não desejo roubar o rapaz – disse Petyr –, mas ele e Lorde Robert deviam ser amigos.

Bronze Yohn Royce inclinou-se para a frente.

– É adequado e próprio que Lorde Robert se torne amigo do jovem Harry, e fará isso... Em Pedrarruna, aos meus cuidados, como meu protegido e escudeiro.

– Entregue-nos o garoto – disse Lorde Belmore –, e poderá partir do Vale, sem ser molestado, a caminho de seus legítimos domínios em Harrenhal.

Petyr lançou-lhe um olhar de branda censura.

– Está sugerindo que, caso contrário, poderá me acontecer algo de mal, senhor? Não consigo imaginar por quê. Minha falecida esposa parecia pensar que meus legítimos domínios eram *estes*.

– Lorde Baelish – disse a Senhora Waynwood –, Lysa Tully era viúva de Jon Arryn e mãe de seu filho, e governou aqui como regente. Você... sejamos francos, não é Arryn nenhum, e Lorde Robert não é do seu sangue. Com que direito ousa nos governar?

– Julgo recordar que Lysa me nomeou Senhor Protetor.

O Jovem Lorde Hunter disse:

– Lysa Tully nunca foi realmente do Vale, e não tinha o direito de dispor de nós.

– E Lorde Robert? – Petyr perguntou. – Vossa senhoria também vai querer afirmar que a Senhora Lysa não tinha o direito de dispor do próprio filho?

Nestor Royce estivera sempre em silêncio, mas naquele momento interveio sonoramente.

– Um dia, nutri a esperança de desposar eu mesmo a Senhora Lysa. Tal como o pai de Lorde Hunter e o filho da Senhora Anya. Corbray quase não saiu de perto dela durante meio ano. Se tivesse escolhido qualquer um de nós, ninguém aqui presente contestaria seu direito de ser o Senhor Protetor. Acontece que ela escolheu Lorde Mindinho e confiou o filho aos seus cuidados.

– Ele também era filho de Jon Arryn, primo – disse Bronze Yohn, mostrando ao Guardião a testa franzida. – Ele pertence ao Vale.

Petyr fingiu confusão.

– O Ninho da Águia faz tanto parte do Vale quanto Pedrarruna. A menos que alguém o tenha deslocado...

– Brinque quanto quiser, Mindinho – disse Lorde Belmore com arrogância. – O garoto virá conosco.

– Reluto em desapontá-lo, Lorde Belmore, mas meu enteado ficará aqui comigo. Ele não é uma criança robusta, como todos vocês bem sabem. A viagem o sobrecarregaria severamente. Como seu padrasto e Senhor Protetor, não posso permitir.

Symond Templeton pigarreou e disse:

– Cada um de nós tem mil homens no sopé desta montanha, Mindinho.

– Que lugar excelente para eles.

– Se for necessário, podemos convocar muitos mais.

– Está me ameaçando com a guerra, sor? – Petyr não soava nem um pouco assustado.

Bronze Yohn disse:

– Nós ficaremos com Lorde Robert.

Por um momento pareceu ter se chegado a um impasse, até que Lyn Corbray se afastou da lareira.

– Toda essa conversa me deixa doente. Mindinho há de nos convencer a despir a roupa de baixo se o escutarmos tempo suficiente. A única maneira de pôr em seu lugar gente como ele é com o aço – puxou a espada.

Petyr abriu as mãos.

– Não uso espada, sor.

– Podemos consertar isso facilmente – a luz das velas ondulou ao longo do aço da lâmina de Corbray, de um cinza como fumaça, tão escuro

que fez Sansa lembrar-se de Gelo, a espada do pai. – Seu comedor de maçãs tem uma lâmina. Diga-lhe para lhe entregar, ou puxe esse punhal.

Alayne viu Lothor Brune estender as mãos para sua espada, mas antes que as lâminas tivessem tempo de se cruzar, Bronze Yohn ergueu-se furioso.

– *Guarde seu aço, sor!* É um Corbray ou um *Frey*? Aqui somos hóspedes.

Senhora Waynwood franziu os lábios e disse:

– Isto é vergonhoso.

– Embainhe a espada, Corbray – ecoou o Jovem Lorde Hunter. – Envergonha a todos nós com isto.

– Vamos, Lyn – Redfort censurou num tom mais suave. – Isto não servirá para nada. Ponha a Senhora Desespero na cama.

– Minha senhora tem sede – insistiu Sor Lyn. – Sempre que sai para dançar, gosta de uma gota de sangue.

– Sua senhora terá de passar sede – Bronze Yohn pôs-se diretamente na frente de Corbray.

– Os Senhores Declarantes – Lyn Corbray fungou. – Deviam ter chamado a si próprios de as Seis Velhas – voltou a enfiar a espada escura na bainha e os deixou, dando a Brune um encontrão como se não o visse ali. Alayne ficou ouvindo seus passos se afastarem.

Anya Waynwood e Horton Redfort trocaram um olhar. Hunter esvaziou a taça de vinho e a estendeu para que fosse enchida de novo.

– Lorde Baelish – disse Sor Symond –, deve nos perdoar por esse espetáculo.

– Ah, devo? – a voz de Mindinho arrefecera. – Vocês o trouxeram aqui, senhores.

Bronze Yohn disse:

– Nunca foi nossa intenção...

– *Vocês o trouxeram aqui*. Eu teria todo o direito de chamar os guardas e mandar prender todos.

Hunter se levantou com tamanha violência que quase fez o jarro saltar das mãos de Alayne.

– Deu-nos salvo-conduto!

– Sim. Agradeça por eu ter mais honra do que certas pessoas – Petyr parecia mais zangado do que Alayne alguma vez o vira. – Li sua

*declaração* e ouvi suas exigências. Agora, ouçam as minhas. Tirem seus exércitos desta montanha. Vão para casa e deixem meu filho em paz. Houve mau governo, não negarei, mas isso foi obra de Lysa, não minha. Deem-me um ano apenas, e com a ajuda de Lorde Nestor prometo que nenhum de vocês terá qualquer motivo para se queixar.

– Isto é o que você diz – Belmore rebateu. – Mas como podemos confiar em você?

– Ousa dizer que *eu* não sou digno de confiança? Não fui eu quem desnudou aço no meio de uma conferência. Fala de defender Lorde Robert ao mesmo tempo que lhe nega comida. Isto precisa terminar. Não sou um guerreiro, mas lutarei contra vocês se não levantarem esse cerco. Há outros senhores além de vocês no Vale, e Porto Real também mandará homens. Se é guerra que querem, digam agora, e o Vale sangrará.

Alayne conseguia ver a dúvida desabrochar nos olhos dos Senhores Declarantes.

– Um ano não é um período de tempo tão longo assim – disse Lorde Redfort, incerto. – Talvez... se nos der garantias...

– Nenhum de nós deseja a guerra – reconheceu a Senhora Waynwood. – O outono declina, e temos de nos preparar para o inverno.

Belmore pigarreou.

– No fim deste ano...

– ... se não tiver colocado o Vale nos eixos, eu me demitirei voluntariamente do cargo de Senhor Protetor – prometeu-lhes Petyr.

– Acho que isso é mais do que justo – interveio Lorde Nestor.

– Não deve haver represálias – insistiu Templeton. – Nenhuma conversa sobre traição ou rebelião. Tem de jurar isto também.

– De bom grado – Petyr afirmou. – O que quero é amigos, não inimigos. Perdoarei a todos por escrito, se o desejarem. Até Lyn Corbray. Seu irmão é um bom homem, não há necessidade de trazer vergonha a uma nobre Casa.

Senhora Waynwood virou-se para os outros Senhores Declarantes.

– Senhores, talvez possamos conferenciar?

– Não há necessidade. É evidente que ele ganhou – os olhos cinzentos de Bronze Yohn examinaram Petyr Baelish. – Não gosto da ideia, mas ao que parece tem o seu um ano. É melhor usá-lo bem, senhor. Nem todos

nós nos deixamos enganar – abriu a porta com tanta força que quase a arrancou das dobradiças.

Mais tarde houve uma espécie de banquete, embora Petyr fosse forçado a se desculpar pela simplicidade da comida. Robert foi trazido, às pressas, com um gibão creme e azul, e desempenhou o papel de pequeno lorde de uma forma bastante agradável. Bronze Yohn não estava lá para ver; já partira do Ninho da Águia para dar início à longa descida, tal como fizera Sor Lyn Corbray antes dele. Os outros senhores permaneceram com eles até a manhã seguinte.

*Ele os enfeitiçou*, pensou Alayne naquela noite, enquanto, na cama, ouvia o vento uivar junto às suas janelas. Não saberia dizer de onde a suspeita viera, mas uma vez que lhe atravessou a mente não a deixou dormir. Virou-se e se remexeu, roendo a ideia como um cão faria com um velho osso. Por fim, levantou-se e se vestiu, deixando Gretchel com seus sonhos.

Petyr ainda estava acordado, rabiscando uma carta.

– Alayne – disse. – Minha querida. O que a traz aqui tão tarde?

– Preciso saber. O que acontecerá dentro de um ano?

Ele pousou a pena.

– Redfort e Waynwood são velhos. Um ou ambos poderão morrer. Gilwood Hunter será assassinado pelos irmãos. Provavelmente pelo jovem Harlan, que organizou a morte de Lorde Eon. Perdido por cem, perdido por mil, eu sempre digo. Belmore é corrupto e pode ser comprado. Com Templeton farei amizade. Bronze Yohn Royce continuará a ser hostil, bem temo, mas enquanto permanecer sozinho não é grande ameaça.

– E Sor Lyn Corbray?

A luz das velas dançava em seus olhos.

– Sor Lyn continuará a ser meu implacável inimigo. Falará de mim com desprezo e repugnância a todos os homens que encontrar, e emprestará sua espada a qualquer conspiração secreta para me derrubar.

Foi então que a suspeita de Alayne se transformou em certeza.

– E como o recompensará por esse serviço?

Mindinho soltou uma sonora gargalhada.

– Com ouro, rapazes e promessas, claro. Sor Lyn é um homem de gostos simples, minha querida. Só gosta de ouro, de rapazes, e de matar.

## CERSEI

O rei fazia beicinho.

– Quero me sentar no Trono de Ferro – disse-lhe. – Deixava Joff sentar-se lá em cima sempre.

– Joffrey tinha doze anos.

– Mas eu sou o *rei*. O trono me *pertence*.

– Quem foi que lhe disse isso? – Cersei respirou fundo, para que Dorcas lhe apertasse mais o vestido. Era uma garota grande, muito mais forte do que Senelle, embora também fosse mais desajeitada.

O rosto de Tommen enrubesceu.

– Ninguém me disse.

– Ninguém? É assim que chama a senhora sua esposa? – a rainha sentia o cheiro de Margaery Tyrell em toda aquela rebelião. – Se mentir para mim, não terei alternativa exceto mandar buscar Pate e ordenar que o espanque até sangrar – Pate era o garoto que era açoitado no lugar de Tommen, tal como o fora no lugar de Joffrey. – É isso que você quer?

– Não – resmungou o rei com ar mal-humorado.

– Quem lhe disse?

Ele remexeu os pés.

– A Senhora Margaery – sabia que não devia chamá-la de *rainha* ao alcance dos ouvidos da mãe.

– Assim é melhor. Tommen, eu tenho assuntos sérios a decidir, assuntos que você é novo demais para entender. Não preciso de um tolo garotinho agitando-se no trono atrás de mim e distraindo-me com perguntas infantis. Suponho que Margaery também ache que devia estar presente nas reuniões do meu conselho?

– Sim – ele admitiu. – Diz que eu tenho de aprender a ser rei.

– Quando for mais velho, poderá estar presente em tantos conselhos quantos quiser – disse-lhe Cersei. – Garanto-lhe que ficará cansado deles rapidamente. Robert costumava cochilar durante as sessões – *quando*

*sequer se incomodava em estar presente*. – Preferia caçar e fazer falcoaria, e deixava os assuntos tediosos para o velho Lorde Arryn. Lembra-se dele?

– Morreu de dor de barriga.

– É verdade, pobre homem. Se você está tão ansioso por aprender, talvez devesse aprender o nome de todos os reis de Westeros *e* das Mãos que os serviram. Pode recitá-los para mim amanhã.

– Sim, mãe – ele concordou docilmente.

– Este é meu bom garoto – o governo era seu; Cersei não pretendia abrir mão dele até que Tommen se tornasse homem. *Eu esperei, ele também pode esperar. Esperei metade da vida*. Desempenhara o papel de filha obediente, de noiva rosada, de esposa maleável. Aguentara os apalpões bêbados de Robert, o ciúme de Jaime, as piadas de Renly, Varys com seus risinhos abafados, Stannis que não parava de ranger os dentes. Contendera com Jon Arryn, Ned Stark e seu vil, traiçoeiro e assassino irmão anão, e durante todo o tempo prometia a si mesma que um dia seria a sua vez. *Se Margaery Tyrell acha que pode roubar minha hora ao sol, é bom que pense duas vezes*.

Mesmo assim, era uma maneira desagradável de quebrar o jejum, e o dia de Cersei não melhorou tão cedo. Passou o resto da manhã com Lorde Gyles e seus livros de registros, ouvindo-o tossir sobre estrelas, veados e dragões. Depois dele, chegou Lorde Waters para informá-la que os primeiros três dromones estavam quase concluídos, e para suplicar mais ouro a fim de terminá-los com o esplendor que mereciam. A rainha concedeu-lhe o pedido com satisfação. O Rapaz Lua deu cambalhotas enquanto Cersei almoçava com membros das guildas mercantis e ouvia suas queixas sobre pardais que vagueavam pelas ruas e dormiam nas praças. *Posso ter de usar os homens de manto dourado para correr com esses pardais da cidade*, ela pensava quando Pycelle apareceu sem ser convidado.

Nos últimos tempos, o Grande Meistre tinha andado especialmente rabugento no conselho. Na última sessão, queixara-se amargamente dos homens que Aurane Waters escolhera para capitanear seus dromones. Waters pretendia dar os navios a homens mais jovens, enquanto Pycelle argumentava a favor da experiência, insistindo que os comandos deviam

ir para os capitães que tivessem sobrevivido aos incêndios na Água Negra.

"Homens temperados, de comprovada lealdade", chamara-os o Grande Meistre. Cersei a eles se referia como velhos, e pusera-se do lado de Lorde Waters.

"A única coisa que esses capitães provaram foi que sabiam nadar", dissera. "Nenhuma mãe deve sobreviver aos filhos, e nenhum capitão deve sobreviver ao navio." Pycelle recebera mal a censura.

Naquele dia parecia menos colérico, e até conseguiu abrir um trêmulo sorriso.

– Vossa Graça, boas-novas – anunciou. – Wyman Manderly fez o que ordenou e decapitou o Cavaleiro das Cebolas de Lorde Stannis.

– Temos certeza disso?

– A cabeça e as mãos do homem foram colocadas sobre as muralhas de Porto Branco. Lorde Wyman assim admite, e os Frey confirmam. Viram lá a cabeça, com uma cebola na boca. E as mãos, uma das quais marcada por seus dedos encurtados.

– Ótimo – Cersei exultou. – Envie uma ave a Manderly e informe-o que o filho lhe será devolvido de imediato, agora que demonstrou sua lealdade – Porto Branco regressaria em breve à paz do rei, e Roose Bolton e seu filho bastardo aproximavam-se de Fosso Cailin pelo sul e pelo norte. Depois de o Fosso estar nas mãos deles, juntariam forças e expulsariam também os homens de ferro de Praça de Torrhen e de Bosque Profundo. Isto devia lhes garantir a lealdade dos demais vassalos de Ned Stark quando chegasse o momento de marchar contra Lorde Stannis.

Ao sul, entretanto, Mace Tyrell erguera uma cidade de tendas junto a Ponta Tempestade e tinha duas dúzias de catapultas atirando pedras contra as maciças muralhas do castelo, até agora com pouco efeito. *Lorde Tyrell, o guerreiro*, cismou a rainha. *Seu símbolo devia ser um gordo sentado*.

Naquela tarde, o obstinado enviado de Bravos apareceu para sua audiência. Cersei a adiara durante uma quinzena, e a teria adiado de bom grado durante mais um ano, mas Lorde Gyles afirmava que já não conseguia lidar com o homem... Embora a rainha começasse a perguntar a si mesma se Gyles era capaz de fazer *alguma coisa* além de tossir.

Noho Dimittis, chamava-se o bravosiano. Um nome irritante para um homem irritante. Sua voz também assim era. Cersei remexeu-se na cadeira enquanto ele falava, perguntando a si mesma quanto tempo teria de suportar suas fanfarronices. Atrás dela erguia-se o Trono de Ferro, cujas farpas e lâminas derramavam sombras retorcidas pelo chão. Só o rei ou a sua Mão podiam se sentar no trono propriamente dito. Cersei sentava-se perto da base, numa cadeira de madeira dourada estofada com almofadas carmesim.

Quando o bravosiano fez uma pausa para ganhar fôlego, Cersei viu sua brecha.

– Isto é um assunto mais adequado para o nosso senhor tesoureiro.

Aquela resposta não agradou ao nobre Noho, segundo parecia.

– Já falei com Lorde Gyles seis vezes. Ele tosse e se desculpa, Vossa Graça, mas o ouro não aparece.

– Fale com ele uma sétima vez – Cersei sugeriu num tom agradável. – O número sete é sagrado para nossos deuses.

– Vejo que agrada a Vossa Graça fazer um gracejo.

– Quando faço um gracejo, sorrio. Está me vendo sorrir? Ouve risos? Asseguro-lhe de que, quando faço um gracejo, os homens riem.

– O Rei Robert...

– ... está morto – ela disse, em tom penetrante. – O Banco de Ferro terá seu ouro quando esta rebelião for reprimida.

Ele teve a insolência de lhe franzir as sobrancelhas.

– Vossa Graça...

– Esta audiência chegou ao fim – Cersei suportara mais do que o suficiente por um dia. – Sor Meryn, mostre a saída ao nobre Noho Dimittis. Sor Osmund, pode acompanhar-me aos meus aposentos – os convidados chegariam em breve, e tinha de tomar banho e trocar de roupa. O jantar prometia ser também uma coisa entediante. Governar um reino era trabalho duro; sete, então...

Sor Osmund Kettleblack pôs-se a seu lado na escada, alto e esguio em seus panos brancos da Guarda Real. Quando Cersei teve certeza de que estavam totalmente sozinhos, deu-lhe o braço.

– Diga-me, como passa seu irmão mais novo?

Sor Osmund fez uma expressão de desconforto.

– Ah... bastante bem, só que...

– Só o quê? – a rainha deixou que um traço de ira transparecesse em sua voz. – Tenho de confessar que começo a perder a paciência com nosso querido Osney. Já é mais que hora de ele domar aquela potrazinha. Nomeei-o escudo juramentado de Tommen para que pudesse passar algum tempo todos os dias na companhia de Margaery. A essa altura já devia ter colhido a rosa. A pequena rainha é cega para os seus encantos?

– Não há nada de errado com os encantos dele. Ele é um Kettleblack, não é? Com a sua licença – Sor Osmund passou os dedos pelos oleosos cabelos negros. – O problema está nela.

– E por quê? – a rainha começara a nutrir dúvidas acerca de Sor Osney. Talvez outro homem fosse mais do gosto de Margaery. *Aurane Waters, com aqueles cabelos prateados, ou um tipo grande e robusto como Sor Tallad.* – A donzela preferiria outra pessoa? O rosto do seu irmão a desagrada?

– Ela gosta do seu rosto. Tocou-lhe as cicatrizes há dois dias, ele me disse. "Que mulher lhe fez isto?", ela perguntou. Osney nunca disse que tinha sido uma mulher, mas ela sabia. Talvez alguém lhe tenha dito. Ele diz que ela sempre o toca quando conversam. Endireita-lhe o broche do manto, afasta-lhe os cabelos para trás, coisas assim. Uma vez, no treino de tiro ao alvo, pediu-lhe que lhe mostrasse como se pega num arco longo, e ele teve de colocar os braços em volta dela. Osney diz-lhe gracejos obscenos, e ela dá risada e responde com outros ainda mais obscenos. Não, ela o deseja, isto é evidente, mas...

– Mas? – Cersei o incitou.

– Nunca estão sozinhos. O rei está quase sempre com eles e, quando não está, há outras pessoas. Duas de suas damas partilham sua cama, todas as noites. Outras duas trazem-lhe o café da manhã e ajudam-na a se vestir. Ela reza com a septã, lê com a prima Elinor, canta com a prima Alla, cose com a prima Megga. Quando não vai fazer falcoaria com Janna Fossoway e Merry Crane, está jogando o entra-no-meu-castelo com aquela garotinha Bulwer. Nunca vai montar sem levar uma comitiva, pelo menos quatro ou cinco companheiros e uma dúzia de guardas. E há sempre homens em volta dela, até na Arcada das Donzelas.

– Homens – aquilo era alguma coisa. Aquilo tinha possibilidades. – Diga-me, que homens são esses?

Sor Osmund encolheu os ombros.

– Cantores. É louca por cantores e malabaristas e gente dessa espécie. Cavaleiros, que vêm sonhar com as primas. Osney diz que Sor Tallad é o pior. Aquele grande imbecil não parece saber se é Elinor ou Alla que deseja, mas sabe que a deseja com toda força. Os gêmeos Redwyne também vão visitá-la. O Babeiro traz flores e frutas, e Horror interessou-se pelo alaúde. Segundo o que Osney diz, seria possível fazer sons mais agradáveis estrangulando um gato. O ilhéu do verão também anda sempre por lá.

– Jalabhar Xho? – Cersei soltou uma fungadela de desprezo. – Mendigando ouro e espadas para reconquistar sua terra, certamente – por trás de suas joias e penas, Xho pouco mais era do que um pedinte bem-nascido. Robert podia ter posto fim à maçada de uma vez por todas com um firme "não", mas a ideia de conquistar as Ilhas do Verão apelara ao ébrio imbecil de seu marido. Sem dúvida sonhava com garotas de pele bronzeada, nuas por baixo de mantos de penas, com mamilos negros como carvão. De modo que, em vez de um "não", Robert sempre dizia a Xho: "Ano que vem", embora, sem que se soubesse bem como, o próximo ano nunca chegava.

– Não sei dizer se ele estava mendigando, Vossa Graça – Sor Osmund respondeu. – Osney diz que está lhes ensinando a língua do Verão. Não a Osney, à rai... à potra, e às suas primas.

– Um cavalo que falasse a língua do Verão seria uma grande sensação – a rainha disse secamente. – Diga ao seu irmão para manter as esporas bem afiadas. Em breve encontrarei alguma maneira de ele montar sua potra, pode contar com isso.

– Direi a ele, Vossa Graça. Osney está ansioso por tal montaria, não julgue que não está. Ela é uma coisinha bonita, a potra.

*É por mim que ele está ansioso, imbecil*, pensou a rainha. *Tudo que quer de Margaery é a senhoria que ela tem entre as pernas*. Por mais que gostasse de Osmund, por vezes ele lhe parecia tão lento de raciocínio quanto Robert. *Espero que tenha a espada mais rápida do que os miolos. Pode chegar o dia em que Tommen precise dela.*

Passavam pela sombra lançada pelas ruínas da Torre da Mão quando o ruído de aclamações os submergiu. Do outro lado do pátio, um escudeiro qualquer tinha passado pelo estafermo e pusera-lhe o braço a girar. As aclamações eram lideradas por Margaery Tyrell e suas galinhas. *Um*

*grande tumulto por pouca coisa. Dir-se-ia que o rapaz tinha ganho um torneio.* Então, ficou surpresa em ver que quem estava montado no corcel era Tommen, todo revestido de aço dourado.

A rainha não teve escolha exceto colocar um sorriso no rosto e ir ver o filho. Chegou perto dele no momento em que o Cavaleiro das Flores o ajudava a descer do cavalo. O garoto estava sem fôlego de tão excitado.

– Viram? – perguntava a toda a gente. – Fiz do jeito que Sor Loras disse. Viu, Sor Osney?

– Vi – Osney Kettleblack assentiu. – Uma bela visão.

– Tem melhor postura do que eu, senhor – acrescentou Sor Dermot.

– E também quebrei a lança. Sor Loras, ouviu?

– Alto como o estalido do trovão – uma rosa de jade e ouro prendia do manto branco de Sor Loras ao ombro, e o vento bagunçava-lhe habilmente as madeixas castanhas. – Fez uma magnífica corrida, mas uma vez não basta. Deve repeti-la amanhã. Tem de montar todos os dias, até que cada golpe seja bom e direto, e a lança faça tanto parte de você quanto seu braço.

– Quero fazer isso.

– Foi soberbo – Margaery caiu sobre um joelho, beijou o rei no rosto e pôs um braço em volta dele. – Irmão, tome cuidado – avisou a Loras. – Meu galante marido estará derrubando você dentro de alguns anos, ao que me parece – as três primas concordaram, e a miserável garotinha Bulwer pôs-se aos saltos, cantarolando:

– Tommen vai ser *campeão*, *campeão*, *campeão*.

– Quando for um homem-feito – Cersei a interrompeu.

Os sorrisos deles murcharam como rosas beijadas pela geada. A velha septã bexigosa foi a primeira a dobrar o joelho. Os outros imitaram-na, exceto a pequena rainha e o irmão.

Tommen não pareceu reparar no súbito frio que tomou conta da atmosfera.

– Mãe, você me viu? – fervilhou em tom de felicidade. – Quebrei a lança no escudo, e o saco não me atingiu!

– Estava observando da outra ponta do pátio. Esteve muito bem, Tommen. Não esperava menos de você. A justa está em seu sangue. Um dia dominará as liças, como fez seu pai.

– Nenhum homem conseguirá vencê-lo – Margaery Tyrell dirigiu à rainha um sorriso recatado. – Mas eu não sabia que Rei Robert era assim tão dotado para a justa. Por favor, diga-nos, Vossa Graça, que torneios ele ganhou? Que grandes cavaleiros derrubou? Sei que o rei gostará de ouvir falar das vitórias do pai.

Um rubor subiu pelo pescoço de Cersei. A garota a apanhara. Robert Baratheon tinha sido, na verdade, um competidor indiferente nas justas. Durante os torneios preferia de longe o corpo a corpo, quando podia espancar homens até fazer sangue com machados embotados ou martelos. Era em Jaime que estava pensando quando falara. *Não é próprio de mim perder o controle*.

– Robert venceu o torneio do Tridente – teve de dizer. – Derrubou o Príncipe Rhaegar e nomeou-me sua rainha do amor e da beleza. Surpreende-me que não conheça essa história, nora – não deu a Margaery tempo para preparar uma resposta. – Sor Osmund, ajude meu filho a tirar a armadura, se fizer a bondade. Sor Loras, acompanhe-me. Preciso trocar uma palavra com você.

O Cavaleiro das Flores não teve alternativa exceto segui-la como o cachorrinho que era. Cersei esperou até estarem na escada em espiral antes de dizer:

– Diga-me, de quem foi essa ideia?

– Da minha irmã – admitiu o jovem. – Sor Tallad, Sor Dermot e Sor Portifer arremetiam contra o estafermo, e a rainha sugeriu que Sua Graça talvez gostasse de experimentar.

*Ele a chama desse jeito para me aborrecer.*

– E o seu papel?

– Ajudei Sua Graça a envergar a armadura e mostrei-lhe como segurar a lança – ele respondeu.

– Aquele cavalo era muito maior do que devia ser para ele. E se tivesse caído? E se o saco de areia tivesse batido em sua cabeça?

– Manchas negras e lábios rachados fazem parte de ser um cavaleiro.

– Começo a entender por que seu irmão é um aleijado – agradou-lhe ver que aquilo varreu o sorriso do lindo rosto do rapaz. – Meu irmão talvez não lhe tenha explicado seus deveres, sor. Está aqui para proteger meu filho de seus inimigos. Treiná-lo para a cavalaria é território do mestre de armas.

– A Fortaleza Vermelha não tem mestre de armas desde que Aron Santagar foi morto – respondeu Sor Loras, com uma sugestão de censura na voz. – Sua Graça tem quase nove anos e está ansioso por aprender. Na sua idade, devia ser um escudeiro. Alguém precisa ensiná-lo.

*Alguém ensinará, mas não será você.*

– Diga-me, de quem foi escudeiro, sor? – perguntou, com voz doce. – De Lorde Renly, não foi?

– Tive essa honra.

– Sim, era o que eu pensava – Cersei já vira como se tornavam fortes os laços entre os escudeiros e os cavaleiros que serviam. Não queria que Tommen se tornasse próximo de Loras Tyrell. O Cavaleiro das Flores não era o tipo de homem que um garoto devesse emular. – Fui descuidada. Com um reino para governar, uma guerra para travar e um pai para chorar, não sei como deixei passar a questão crucial de nomear um novo mestre de armas. Retificarei imediatamente este erro.

Sor Loras empurrou para trás uma madeixa castanha que lhe tinha caído sobre a testa.

– Vossa Graça não encontrará nenhum homem com metade da minha destreza com a espada e a lança.

*Somos modestos, não somos?*

– Tommen é o seu rei, não seu escudeiro. Cabe a você lutar e morrer por ele, se for necessário. Nada mais.

Deixou-o na ponte levadiça que passava sobre o fosso seco com seu leito de espigões de ferro e entrou sozinha na Fortaleza de Maegor. *Onde vou arranjar um mestre de armas?*, perguntou a si mesma enquanto subia a escada que levava aos seus aposentos. Tendo recusado Sor Loras, não se atrevia a virar-se para nenhum dos cavaleiros da Guarda Real; isto seria colocar sal na ferida, o que certamente enfureceria Jardim de Cima. *Sor Tallad? Sor Dermot? Deve haver alguém*. Tommen começava a gostar de seu novo escudo juramentado, mas Osney estava se revelando menos capaz do que esperara na questão da Senhora Margaery, e tinha um cargo diferente em mente para o irmão Osfryd. Era realmente uma pena que Cão de Caça tivesse pegado raiva. Tommen sempre tivera medo da voz dura e do rosto queimado de Sandor Clegane, e o escárnio de Clegane teria sido o antídoto perfeito para o cavalheirismo afetado de Loras Tyrell.

*Aron Santagar era dornês*, recordou Cersei. *Podia apelar a Dorne*. Séculos de sangue e guerra interpunham-se entre Lançassolar e Jardim de Cima. *Sim, um dornês podia adequar-se admiravelmente às minhas necessidades. Deve haver alguns bons espadachins em Dorne.*

Quando entrou no aposento privado, Cersei encontrou Lorde Qyburn lendo num banco de janela.H

– Se aprouver a Vossa Graça, tenho relatórios.

– Mais conspirações e traições? – Cersei resmungou. – Tive um dia longo e cansativo. Conte-me depressa.

Ele sorriu com simpatia.

– Às suas ordens. Diz-se que o Arconte de Tyrosh ofereceu termos a Lys para pôr fim à guerra comercial que têm em curso. Havia o rumor de que Myr se preparava para entrar na guerra do lado de Tyrosh, mas, sem a Companhia Dourada, os myranos não acharam poder...

– O que os myranos acreditam não me preocupa – as Cidades Livres andavam sempre a lutar umas com as outras. Suas eternas traições e alianças pouco ou nada significavam para Westeros. – Tem alguma notícia de maior importância?

– A revolta de escravos em Astapor espalhou-se para Meereen, ao que parece. Marinheiros saídos de uma dúzia de navios falam de dragões...

– Harpias. Em Meereen são harpias – lembrava-se daquilo de algum lugar. Meereen ficava na ponta mais distante do mundo, para leste, depois de Valíria. – Que os escravos se revoltem. Que me importa isso? Em Westeros não temos escravos. É tudo que tem para mim?

– Há algumas notícias vindas de Dorne que Vossa Graça poderá achar de maior interesse. Príncipe Doran aprisionou Sor Daemon Sand, um bastardo que outrora serviu como escudeiro ao Víbora Vermelha.

– Lembro-me dele – Sor Daemon estivera entre os cavaleiros dorneses que acompanharam o Príncipe Oberyn até Porto Real. – Que foi que ele fez?

– Exigiu que as filhas do Príncipe Oberyn fossem libertadas.

– Mais tolo é.

– Além disso – disse Lorde Qyburn –, a filha do Cavaleiro de Matamalhada foi prometida muito inesperadamente a Lorde Estermont, segundo nos informam nossos amigos em Dorne. Foi enviada para

Pedraverde nessa mesma noite, e diz-se que ela e Estermont já se casaram.

– Um bastardo na barriga explicaria isso – Cersei brincou com uma madeixa de cabelo. – Que idade tem a corada noiva?

– Vinte e três, Vossa Graça. Ao passo que Lorde Estermont...

– ... deve ter setenta. Estou ciente disso – os Estermont eram seus familiares por afinidade, através de Robert, cujo pai tomara uma delas como esposa naquilo que devia ter sido um ataque de luxúria ou de loucura. Quando Cersei se casara com o rei, a senhora mãe de Robert estava morta havia muito tempo, embora ambos os seus irmãos tivessem aparecido para a boda, após o que se deixaram ficar durante meio ano. Mais tarde, Robert insistira em devolver a cortesia com uma visita a Estermont, uma ilhota montanhosa ao largo do Cabo da Fúria. A úmida e sombria quinzena que Cersei passara em Pedraverde, a sede da Casa Estermont, fora a mais longa de sua jovem vida. Jaime apelidara o castelo, assim que o vira, de "*Merdaverde*", e rapidamente pusera Cersei a chamá-la do mesmo jeito. Fora isso, passava os dias vendo seu real marido fazer falcoaria, caçar, beber com os tios e espancar vários dos primos até deixá-los sem sentidos no pátio de Merdaverde.

Também tinha havido uma prima, uma viuvinha robusta com seios grandes como melões, cujo marido e pai tinham ambos morrido em Ponta Tempestade durante o cerco.

"O pai dela foi bom para mim", dissera-lhe Robert, "e ela e eu brincávamos juntos quando éramos pequenos". Não demorou muito tempo para começar outra vez a brincar com ela. Assim que Cersei fechava os olhos, o rei escapulia para ir consolar a pobre criatura solitária. Uma noite, mandou Jaime segui-lo, para confirmar as suspeitas. Quando o irmão regressou, perguntou-lhe se queria Robert morto.

"Não", respondera, "quero-o encornado". Gostava de pensar que tinha sido naquela noite que Joffrey foi concebido.

– Eldon Estermont tomou uma esposa cinquenta anos mais nova do que ele – disse a Qyburn. – Por que deveria me importar com isso?

Ele encolheu os ombros.

– Não digo que deva... mas Daemon Sand e essa garota Santagar eram ambos próximos da filha do Príncipe Doran, Arianne, ou pelo menos é o

que os dorneses nos querem levar a crer. Talvez queira dizer pouco ou nada, mas achei que Vossa Graça devia saber.

– Agora já sei – estava perdendo a paciência. – Tem mais?

– Mais uma coisa. Um assunto sem importância – dirigiu-lhe um sorriso que era um pedido de desculpas e lhe falou de um espectáculo de fantoches, no qual o reino dos animais era governado por um grupo de altivos leões. – Os leões fantoches vão se tornando gananciosos e arrogantes à medida que essa história traiçoeira progride, até começarem a devorar seus súditos. Quando o nobre veado levanta objeções, os leões devoram-no também e rugem que estão no seu direito, visto serem as mais poderosas das feras.

– E acaba assim? – Cersei quis saber, parecendo se divertir. Vista sob a luz certa, a história podia ser encarada como uma salutar lição.

– Não, Vossa Graça. No fim, um dragão eclode de um ovo e devora todos os leões.

O final levava o espectáculo de fantoches da simples insolência à traição.

– Idiotas sem miolos. Só cretinos arriscariam a cabeça por causa de um dragão de madeira – refletiu por um momento. – Envie alguns de seus cochichadores a esses espectáculos e tome nota de quem os assiste. Se houver homens dignos de nota, quero conhecer seus nomes.

– E o que será feito com eles, se me permite a ousadia?

– Qualquer homem de posses deverá ser multado. Metade de sua fortuna deverá ser suficiente, para lhe ensinar uma boa lição e voltar a encher nossos cofres, sem chegarmos propriamente a arruiná-lo. Os que forem pobres demais para pagar podem perder um olho, por assistir a traições. Para os titereiros, o machado.

– Eles são quatro. Talvez Vossa Graça possa me conceder dois deles para os meus fins. Uma mulher seria particularmente...

– Dei-vos Senelle – a rainha retrucou em tom penetrante.

– Infelizmente a pobre garota está bastante... exausta.

Cersei não gostava de pensar naquilo. A garota fora com ele sem suspeitar de nada, julgando que ia servir. Nem mesmo quando Qyburn lhe fechou a corrente em volta do pulso pareceu compreender. A recordação ainda deixava a rainha nauseada. *As celas estavam geladas. Até os archotes tremiam. E aquela coisa maligna gritando na escuridão...*

– Sim, pode ficar com uma mulher. Duas, se lhe aprouver. Mas, primeiro, quero nomes.

– Às suas ordens – Qyburn se retirou.

Lá fora o sol se punha. Dorcas preparara-lhe um banho. A rainha estava mergulhada agradavelmente em água tépida e meditava sobre o que queria dizer aos seus convidados para o jantar quando Jaime irrompeu porta adentro, ordenando a Jocelyn e Dorcas que saíssem. O irmão parecia bastante menos que imaculado e exalava cheiro de cavalo. Trazia também Tommen consigo.

– Querida irmã – disse –, o rei quer uma palavrinha.

As madeixas douradas de Cersei flutuavam na água do banho. A sala estava cheia de vapor. Um pingo de suor escorreu-lhe pelo rosto.

– Tommen? – disse, numa voz perigosamente suave. – O que é agora?

O garoto conhecia aquele tom. Encolheu-se.

– Sua Graça quer o corcel branco amanhã – Jaime respondeu por ele. – Para sua lição de justa.

Cersei sentou-se na banheira.

– Não haverá justas.

– Haverá, sim – balbuciou Tommen através do lábio inferior. – Tenho de montar *todos os dias*.

– E montará – declarou a rainha –, depois de termos um mestre de armas adequado para supervisionar seu treino.

– Eu não *quero* um mestre de armas adequado. Quero Sor Loras.

– Tem esse rapaz numa conta demasiado alta. Sua pequena esposa encheu-lhe a cabeça de ideias tolas acerca de sua perícia, eu sei, mas Osmund Kettleblack é três vezes melhor cavaleiro do que Loras.

Jaime soltou uma gargalhada.

– O Osmund Kettleblack que eu conheço, não.

Teve vontade de esganá-lo. *Talvez tenha de ordenar a Sor Loras que permita que Sor Osmund o derrube do cavalo*. Aquilo talvez expulsasse as estrelas dos olhos de Tommen. *Salgue uma lesma e envergonhe um herói, eles encolhem logo.*

– Vou mandar vir um dornês para treinar você – disse. – Os dorneses são os melhores cavaleiros de justas do reino.

– Não são nada – disse Tommen. – Seja como for, não quero nenhum dornês estúpido, quero *Sor Loras*. *É uma ordem*.

Jaime soltou uma gargalhada. *Ele não está ajudando em nada. Será que acha isso divertido?* A rainha deu uma palmada irritada na água.

– Terei de mandar buscar Pate? Você *não* me dá ordens. Eu sou sua mãe.

– Sim, mas eu sou o *rei*. Margaery diz que todos têm de fazer o que o rei disser. Quero meu corcel branco selado de manhã para que Sor Loras possa me ensinar a montar em justas. E também quero um gatinho, e não quero comer beterrabas – ele cruzou os braços.

Jaime continuava a rir. A rainha o ignorou.

– Tommen, venha cá – quando ele não foi, ela suspirou. – Tem medo? Um rei não deve mostrar medo – o garoto aproximou-se da banheira, com os olhos baixos. Ela estendeu um braço e afagou-lhe os cachos dourados. – Rei ou não, é um garotinho. Até ter idade, o governo é meu. Você *vai* aprender a justar, eu lhe prometo. Mas não com Loras. Os cavaleiros da Guarda Real têm deveres mais importantes a desempenhar do que brincar com uma criança. Pergunte ao Senhor Comandante. Não é verdade, sor?

– Deveres muito importantes – Jaime abriu um ligeiro sorriso. – Cavalgar em volta das muralhas da cidade, por exemplo.

Tommen parecia prestes a chorar.

– Posso ao menos ter um gatinho?

– Talvez – a rainha concedeu. – Desde que eu não ouça mais disparates sobre justas. Pode me fazer essa promessa?

Ele remexeu os pés.

– Sim.

– Ótimo. Agora saia. Meus convidados estarão aqui em breve.

Tommen obedeceu, mas antes de sair virou-se e disse:

– Quando for rei de pleno direito, vou tornar as beterrabas *ilegais*.

O irmão de Cersei fechou a porta com o coto.

– Vossa Graça – disse, quando os dois ficaram a sós –, estou curioso. Está bêbada, ou será apenas estúpida?

Ela voltou a dar uma palmada na água, fazendo voar água e encharcar os pés do irmão.

– Cuidado com a língua, senão...

– ... senão o quê? Vai me mandar inspecionar as muralhas da cidade outra vez? – sentou-se e cruzou as pernas. – A porcaria das suas muralhas

está em bom estado. Rastejei por cada centímetro e examinei todos os sete portões. Três dobradiças no Portão de Ferro estão enferrujadas, e o Portão do Rei e o Portão da Lama precisam ser substituídos depois da pancada que Stannis lhes deu com os aríetes. As muralhas estão tão fortes como sempre foram... Mas talvez Vossa Graça tenha se esquecido de que os nossos amigos de Jardim de Cima estão *dentro* das muralhas?

– Não me esqueço de nada – disse-lhe, pensando numa certa moeda de ouro, com uma mão de um lado e a cabeça de um rei esquecido no outro. *Como foi que um miserável desgraçado de um carcereiro se arranjou para ter uma moeda daquelas escondida debaixo do penico? Como é que um homem como Rugen obtém ouro velho de Jardim de Cima?*

– Esta foi a primeira vez que ouvi falar de um novo mestre de armas. Vai ter de procurar muito, e durante bastante tempo, para encontrar um melhor justador do que Loras Tyrell. Sor Loras é...

– Eu sei o que ele é. Não o quero perto de meu filho. É melhor que lhe relembre seus deveres – a água do banho estava esfriando.

– Ele conhece seus deveres, e não há melhor lanceiro...

– Você era melhor, antes de perder a mão. Sor Barristan também, quando era novo. Arthur Dayne era melhor, e Príncipe Rhaegar faria frente até a ele. Não me venha com disparates sobre a ferocidade da Flor. Ele não passa de um rapaz – estava farta de ter Jaime contrariando-a. Nunca ninguém contrariara o senhor seu pai. Quando Tywin Lannister falava, os homens obedeciam. Quando Cersei falava, sentiam-se livres para aconselhá-la, contradizê-la e até se *recusarem* a fazer o que ela queria. *Tudo porque sou mulher. Porque não posso lutar com eles com uma espada. Tinham por Robert mais respeito do que têm por mim, e Robert era um bêbado desmiolado*. Não admitiria aquilo, especialmente de Jaime. *Tenho de me livrar dele, e depressa*. Certa vez, sonhara que os dois poderiam governar os Sete Reinos lado a lado, mas Jaime transformara-se mais em obstáculo do que em aliado.

Cersei ergueu-se da banheira. Água escorreu-lhe pelas pernas e pingou-lhe dos cabelos.

– Quando quiser seu conselho, pedirei. Deixe-me, sor. Preciso me vestir.

– Seus convidados para o jantar, já sei. Que trama é esta agora? Há tantas que me confundo – o olhar dele caiu sobre a água que formava

gotas nos pelos dourados entre suas pernas.

*Ele ainda me deseja.*

– Com saudades do que perdeu, irmão?

Jaime ergueu os olhos.

– Também te amo, querida irmã. Mas é uma tola. Uma bela tola dourada.

As palavras machucaram. *Chamou-me de coisas mais gentis em Pedraverde, na noite em que plantou Joff dentro de mim*, Cersei pensou.

– Fora – virou-lhe as costas e ficou ouvindo-o partir, tateando a porta com o coto.

Enquanto Jocelyn se assegurava de que tudo estava a postos para o jantar, Dorcas ajudou a rainha a envergar o vestido novo. Tinha listras de brilhante cetim verde, alternadas com listras macias de veludo negro, e uma intricada renda de Myr por sobre o corpete. A renda de Myr era dispendiosa, mas era necessário que uma rainha tivesse o melhor aspecto possível em todas as ocasiões, e as malditas lavadeiras tinham feito encolher vários de seus antigos vestidos até deixarem de lhe servir. Cersei as teria chicoteado por causa da falta de cuidado, mas Taena instara-a a ser misericordiosa.

"O povo a amará mais se for bondosa", dissera, e Cersei ordenou que o valor dos vestidos fosse deduzido do pagamento das mulheres, uma solução muito mais elegante.

Dorcas pôs-lhe um espelho de prata na mão. *Muito bem*, pensou a rainha, sorrindo ao seu reflexo. Era agradável sair do luto. O negro fazia-a parecer pálida demais. *Uma pena que não jante com a Senhora Merryweather*, refletiu a rainha. Fora um longo dia, e o espírito de Taena animava-a sempre. Cersei não tinha uma amiga que apreciasse tanto desde Melara Hetherspoon, e Melara revelara-se uma conspiradorazinha ambiciosa com ideias superiores à sua condição. *Não devia pensar mal dela. Está morta e afogada, e me ensinou a nunca confiar em ninguém, a não ser em Jaime.*

Quando se juntou aos convidados no aposento privado, eles já tinham se servido de uma boa dose de hipocraz. *Senhora Falyse não se limita a ter aspecto de peixe, também bebe como um*, refletiu, quando percebeu o jarro meio vazio.

– Querida Falyse – exclamou, beijando o rosto da mulher –, e valente Sor Balman. Fiquei tão perturbada quando ouvi a notícia sobre sua querida, querida mãe. Como passa a nossa Senhora Tanda?

Senhora Falyse pareceu estar prestes a chorar.

– É bondade da parte de Vossa Graça perguntar. O quadril da mãe ficou estilhaçado pela queda, diz Meistre Frenken. Ele fez o que pôde. Agora rezamos, mas...

*Reze quanto quiser, ela estará morta mesmo assim antes da volta da lua*. Mulheres tão velhas como Tanda Stokeworth não sobreviviam a um quadril quebrado.

– Juntarei minhas preces às suas – disse Cersei. – Lorde Qyburn disse-me que Tanda foi atirada do cavalo.

– A correia da sela rebentou quando ela montava – disse Sor Balman Byrch. – O rapaz do estábulo devia ter visto que a tira de couro estava gasta. Foi castigado.

– Severamente, espero eu – a rainha se sentou e indicou aos convidados que deviam se sentar também. – Aceita outra taça de hipocraz, Falyse? Sempre apreciou a bebida, segundo me recordo.

– É tão bom que se lembre, Vossa Graça.

*Como podia ter me esquecido?*, pensou Cersei. *Jaime dizia que era um espanto que não mijasse hipocraz.*

– Como foi sua viagem?

– Desconfortável – lamentou-se Falyse. – Choveu quase o dia todo. Pensávamos em passar a noite em Rosby, mas aquele jovem protegido de Lorde Gyles nos recusou hospitalidade – fungou. – Guarde minhas palavras. Quando Gyles morrer, aquele desgraçado malnascido há de fugir com o seu ouro. Até pode tentar exigir as terras e a senhoria, embora legitimamente Rosby deva passar para as nossas mãos quando Gyles falecer. A senhora minha mãe era tia de sua segunda esposa, prima terceira do próprio Gyles.

*Seu símbolo é um cordeiro, senhora, ou uma espécie qualquer de macaco ganancioso?*, pensou Cersei.

– Lorde Gyles ameaça morrer desde que o conheço, mas continua conosco, e continuará por muitos anos, espero – abriu um sorriso agradável. – Não tenho dúvida de que nos enterrará a todos.

– Provavelmente – concordou Sor Balman. – O protegido de Rosby não foi o único a nos molestar, Vossa Graça. Encontramos também rufiões na estrada. Criaturas imundas e desleixadas, com escudos de couro e machados. Alguns tinham estrelas cosidas nos justilhos, estrelas sagradas de sete pontas, mesmo assim tinham um aspecto maligno.

– Tenho certeza de que estavam cobertos de piolhos – Falyse acrescentou.

– Chamam a si mesmos *pardais* – disse Cersei. – São uma praga que desceu sobre a terra. Nosso novo Alto Septão terá de lidar com eles uma vez que seja coroado. Caso contrário, eu mesma o farei.

– Sua Alta Santidade já foi escolhida? – Falyse quis saber.

– Não – a rainha teve de confessar. – Septão Olidor estava à beira de ser escolhido, até que alguns desses pardais o seguiram até um bordel e o arrastaram nu para a rua. Luceon parece agora a escolha provável, embora nossos amigos na outra colina digam que ele ainda está a alguns votos do número necessário.

– Que a Velha guie a deliberação com sua lâmpada dourada da sabedoria – disse a Senhora Falyse, muito piamente.

Sor Balman remexeu-se na cadeira.

– Vossa Graça, um assunto incômodo, mas... Para que maus sentimentos não se desenvolvam entre nós, deve saber que nem minha boa esposa nem sua mãe tiveram qualquer participação na escolha do nome daquela criança bastarda. Lollys é uma criatura simples, e seu marido é dado ao humor negro. Disse-lhe para escolher um nome mais apropriado para o garoto. Ele riu.

A rainha bebericou do vinho e estudou o homem. Sor Balman fora, há tempos, um justador digno de nota e um dos mais bonitos cavaleiros dos Sete Reinos. Ainda se podia gabar de um belo bigode; fora isso não envelhecera bem. Seus cabelos louros ondulados recuaram, enquanto a barriga avançava inexoravelmente contra o gibão. *Como ferramenta, deixa muito a desejar*, refletiu. *Apesar disso, há de servir.*

– Tyrion foi um nome de rei antes da chegada dos dragões. O Duende o conspurcou, mas talvez essa criança possa devolver-lhe a honra – *se o bastardo viver o suficiente.* – Eu sei que não tem culpa. Senhora Tanda é a irmã que nunca tive, e vocês... – sua voz falhou. – Perdoem-me. Vivo com medo.

Falyse abriu e fechou a boca, o que a fez parecer um peixe particularmente estúpido.

– Com... com medo, Vossa Graça?

– Não durmo uma noite inteira desde que Joffrey morreu – Cersei encheu as taças com hipocraz. – Meus amigos... vocês *são* meus amigos, espero? E do Rei Tommen?

– Aquele querido garoto – declarou Sor Balman. – Vossa Graça, o lema da Casa Stokeworth é *Orgulhosa de Ser Fiel*.

– Bem gostaria que houvesse mais como vocês, bom sor. Digo-lhe a verdade, tenho sérias dúvidas acerca de Sor Bronn da Água Negra.

Marido e mulher trocaram um olhar.

– O homem é insolente, Vossa Graça – Falyse observou. – Grosseiro e blasfemo.

– Ele não é um verdadeiro cavaleiro – Sor Balman acrescentou.

– Não – Cersei sorriu, toda para ele. – E você é um homem capaz de reconhecer o verdadeiro cavalheirismo. Lembro-me de tê-lo visto justar em... qual foi aquele torneio em que lutou tão brilhantemente, sor?

Ele sorriu com modéstia.

– Aquela coisa em Valdocaso há seis anos? Não, não estava lá, caso contrário certamente teria sido coroada rainha do amor e da beleza. Teria sido o torneio em Lanisporto após a Rebelião Greyjoy? Derrubei muitos bons cavaleiros nesse...

– Foi esse mesmo – o rosto de Cersei tornou-se sombrio. – O Duende desapareceu na noite em que meu pai morreu, deixando para trás dois honestos carcereiros em poças de sangue. Há quem diga que ele fugiu para lá do mar estreito, mas eu duvido. O anão é astucioso. Talvez ainda ande por perto, planejando mais assassinatos. Talvez algum amigo o esteja escondendo.

– Bronn? – Sor Balman afagou seu farto bigode.

– Ele sempre foi uma criatura do Duende. Só o Estranho sabe quantos homens ele mandou para o inferno a mando de Tyrion.

– Vossa Graça, julgo que teria reparado num anão que tentasse se esconder em nossas terras – Sor Balman respondeu.

– Meu irmão é pequeno. Foi feito para se esconder – Cersei permitiu que a mão tremesse. – O nome de uma criança é pouca coisa... mas

insolência não punida gera rebelião. E esse homem, Bronn, tem andado reunindo mercenários à sua volta, segundo me disse Qyburn.

– Acolheu quatro cavaleiros em seu pessoal – disse Falyse.

Sor Balman soltou uma fungadela.

– Minha boa esposa lisonjeia-os ao chamá-los cavaleiros. São mercenários promovidos, sem que seja possível encontrar um dedo de cavalaria sequer entre os quatro.

– Como eu temia. Bronn está reunindo espadas para o anão. Que os Sete protejam meu filhinho. O Duende vai matá-lo tal como matou seu irmão – soltou um soluço. – Meus amigos, coloco minha honra em suas mãos... Mas, o que é a honra de uma rainha contra os medos de uma mãe?

– Diga, Vossa Graça – sossegou-a Sor Balman. – Suas palavras nunca sairão desta sala.

Cersei estendeu a mão por sobre a mesa e apertou a dele.

– Eu... eu dormiria mais facilmente à noite se ouvisse dizer que Sor Bronn sofrera um... um acidente... enquanto caçava, talvez.

Sor Balman refletiu por um momento.

– Um acidente *mortal*?

*Não, desejo que lhe quebre o mindinho*. Teve de morder o lábio. *Meus inimigos estão por toda a parte, e meus amigos são tolos.*

– Suplico-lhe, sor – sussurrou –, não me obrigue a dizê-lo...

– Compreendo – Sor Balman ergueu um dedo.

*Um nabo teria entendido mais depressa.*

– É realmente um verdadeiro cavaleiro, sor. A resposta para as preces de uma mãe assustada – Cersei deu-lhe um beijo. – Faça-o depressa, por favor. Bronn tem apenas um punhado de homens à sua volta agora, mas, se não agirmos, certamente reunirá mais – beijou Falyse. – Nunca esquecerei disso, meus amigos. Meus amigos *verdadeiros* de Stokeworth. *Orgulhosa de ser Fiel*. Dou-lhes a minha palavra, arranjaremos a Lollys um marido melhor quando tudo isto terminar – *um Kettleblack, talvez*. – Nós, os Lannister, pagamos nossas dívidas.

O resto foi hipocraz e beterrabas com manteiga, pão quente, lúcio com crosta de ervas e costeletas de javali. Cersei passara a gostar muito de javali desde a morte de Robert. Nem sequer se importou com a companhia, apesar de Falyse manter um sorriso afetado e Balman ter

ficado gabando-se desde a sopa até a sobremesa. Já passava da meia-noite quando conseguiu se ver livre deles. Sor Balman mostrou-se grande quando sugeriu mais um jarro, e a rainha não achou prudente recusar. *Podia ter contratado um Homem sem Rosto para matar Bronn por metade do que gastei em hipocraz*, refletiu quando eles finalmente saíram.

Àquela hora, o filho estava profundamente adormecido, mas Cersei foi vê-lo antes de ir para a cama. Ficou surpresa ao ver três gatinhos negros aninhados ao seu lado.

– De onde vieram? – perguntou a Sor Meryn Trant, à porta do quarto régio.

– A pequena rainha deu a ele. Só queria lhe dar um, mas ele não conseguiu decidir de qual gostava mais.

*É melhor do que tirá-los de dentro da mãe com uma adaga, suponho*. As desajeitadas tentativas de sedução de Margaery eram tão óbvias que se tornavam risíveis. *Tommen é novo demais para beijos, portanto, dá-lhe gatinhos*. Mas Cersei teria preferido que não fossem negros. Gatos pretos traziam má sorte, como a filha de Rhaegar descobrira naquele mesmo castelo. *Ela teria sido minha filha, se o Rei Louco não tivesse pregado sua cruel peça ao pai*. Tinha de ter sido a loucura que levara Aerys a recusar a filha de Lorde Tywin e a tomar-lhe, em vez disso, o filho, enquanto casava seu próprio filho com uma débil princesa de Dorne de olhos negros e peito liso.

A memória da rejeição ainda a amargurava, mesmo após todos aqueles anos. Muitas tinham sido as noites que passara observando Príncipe Rhaegar no salão, tocando sua harpa de cordas de prata com aqueles seus dedos longos e elegantes. Teria algum outro homem sido tão belo? *Mas ele era mais do que um homem. Seu sangue era o sangue da antiga Valíria, o sangue de dragões e de deuses*. Quando ainda não passava de uma garotinha, o pai prometera-lhe que se casaria com Rhaegar. Não podia ter mais do que seis ou sete anos.

“Nunca fale disso, filha”, dissera-lhe, sorrindo seu sorriso secreto que só Cersei chegou a ver. “Não fale disso até que Sua Graça concorde com o noivado. Deve ser o nosso segredo, por ora.” E assim tinha sido, embora uma vez tivesse feito um desenho de si mesma atrás de Rhaegar, voando num dragão, com os braços bem apertados em volta de seu peito.

Quando Jaime o descobriu, Cersei disse-lhe que era a Rainha Alysanne e o Rei Jaehaerys.

Tinha dez anos quando finalmente viu seu príncipe em carne e osso, no torneio que o senhor seu pai organizara para dar as boas-vindas ao oeste ao Rei Aerys. Bancadas tinham sido erguidas por baixo das muralhas de Lanisporto, e as aclamações do povo ecoavam no Rochedo Casterly como trovões. *Eles aclamaram o pai com o dobro da força com que aclamaram o rei*, recordou a rainha, *mas só com metade da força com que aclamaram o Príncipe Rhaegar.*

Com dezessete anos e recém-armado cavaleiro, Rhaegar Targaryen usava aço negro sobre cota de malha dourada quando entrou a galope curto na liça. Longas flâmulas de seda vermelha, dourada e cor de laranja flutuavam sobre o seu elmo como chamas. Dois dos tios de Catelyn caíram perante a sua lança, bem como uma dúzia dos melhores justadores do pai, a fina flor do oeste. De noite, o príncipe tocou a harpa de prata e a fez chorar. Quando lhe foi apresentada, Cersei quase se afogou nas profundezas de seus tristes olhos púrpura. *Ele foi machucado*, lembrava-se de ter pensado, *mas eu remediarei sua dor quando estivermos casados*. Comparado com Rhaegar, até seu belo Jaime parecera não ser mais do que um rapazinho imberbe. *O príncipe vai ser meu marido*, pensou, estonteada de excitação, *e quando o velho rei morrer, eu serei a rainha*. A tia confidenciara-lhe essa verdade antes do torneio.

"Tem de estar especialmente bela", dissera-lhe a Senhora Genna, remexendo-lhe no vestido, "porque no banquete final será anunciado que você e o Príncipe Rhaegar estão prometidos".

Cersei fora tão feliz naquele dia. De outra forma nunca teria se atrevido a visitar a tenda de Maggy, a Rã. Só o fez para mostrar a Jeyne e Melara que a leoa nada teme. *Ia ser uma rainha. Por que deveria uma rainha ter medo de uma velha hedionda qualquer?* A lembrança daquela profecia ainda a enchia de arrepio uma vida mais tarde. *Jeyne fugiu aos gritos da tenda, com medo*, lembrava-se a rainha, *mas Melara ficou, e eu também. Deixamos que ela provasse nosso sangue e rimos de suas estúpidas profecias. Nenhuma delas fazia o mínimo sentido*. Ela seria a esposa do Príncipe Rhaegar, não importava o que a mulher dissesse. O *pai* lhe prometera, e a palavra de Tywin Lannister valia ouro.

Seu riso morreu ao fim do torneio. Não houve nenhum banquete final, não houve brindes para celebrar seu noivado com o Príncipe Rhaegar. Só silêncios frios e olhares gelados entre o rei e seu pai. Mais tarde, depois de Aerys, do filho e de todos os seus galantes cavaleiros terem partido para Porto Real, a garota foi ter com a tia, em lágrimas e sem compreender.

"Seu pai propôs a união", dissera-lhe a Senhora Genna, "mas Aerys recusou-se a ouvir falar do assunto. 'É o meu criado mais capaz, Tywin', dissera o rei, 'mas um homem não casa seu herdeiro com a filha do criado.' Seque essas lágrimas, pequena. Alguma vez já viu um leão chorar? Seu pai encontrará outro homem para você, um homem melhor do que Rhaegar".

Contudo, a tia mentira, e o pai falhara com ela, tal como Jaime estava falhando agora. *O pai não encontrou homem melhor. Em vez disso, deu-me Robert, e a maldição de Maggy desabrochou como uma flor venenosa*. Se ao menos tivesse me casado com Rhaegar, como os deuses pretendiam, ele nunca teria olhado duas vezes para a pequena loba. *Rhaegar hoje seria o nosso rei, e eu seria a sua rainha, a mãe de seus filhos*.

Nunca perdoara Robert por tê-lo matado.

Mas a verdade era que os leões não eram bons em perdoar. Como Sor Bronn da Água Negra logo descobriria.

## BRIENNE

Foi Hyle Hunt quem insistiu para que levassem as cabeças.

– Tarly há de querê-las para as muralhas.

– Não temos alcatrão – Brienne observou. – A carne apodrecerá. Deixe-as – não queria viajar através da penumbra verde dos pinhais com as cabeças dos homens que matara.

Hunt não lhe deu ouvidos. Ele mesmo cortou o pescoço dos mortos, atou as três cabeças pelos cabelos e pendurou-as na sela. Brienne não teve alternativa exceto fazer de conta que não estavam lá, mas, por vezes, especialmente à noite, conseguia sentir os olhos mortos em suas costas, e uma vez sonhou que as ouvia murmurar umas com as outras.

O tempo estava frio e úmido na Ponta da Garra Rachada quando caminharam sobre os próprios passos no sentido inverso. Em alguns dias chovia, em outros ameaçava chover. Nunca se sentiam quentes. Até quando acampavam, era difícil encontrar madeira seca suficiente para uma fogueira.

Quando chegaram aos portões de Lagoa da Donzela, uma hoste de moscas os seguia, um corvo comera os olhos de Shagwell, e Pyg e Timeon estavam cobertos de vermes. Brienne e Podrick havia muito tinham se acostumado a seguir cem metros à frente de Hunt, para manter o cheiro da decomposição bem atrás. Sor Hyle afirmava ter perdido todo o sentido do olfato.

– Enterre-os – dizia-lhe Brienne sempre que acampavam para a noite, mas Hunt não devia nada à teimosia. *O mais certo é que ele diga a Lorde Randyll que matou os três.*

Para sua honra, porém, o cavaleiro não fez nada disso.

– O escudeiro gago atirou uma pedra – disse, quando ele e Brienne foram levados à presença de Tarly no pátio do castelo de Mooton. As cabeças tinham sido apresentadas a um sargento da guarda, a quem foi

ordenado que as limpasse, alcatroasse e montasse por cima do portão. – A espadachim fez o resto.

– Todos os três? – Lorde Randyll estava incrédulo.

– Lutando daquela maneira, podia ter matado mais três.

– E encontrou a garota Stark? – perguntou Tarly a Brienne.

– Não, senhor.

– Em vez disso matou umas tantas ratazanas. Gostou?

– Não, senhor.

– É uma pena. Bem, provou um pouco de sangue. Demonstrou seja o que for que queria demonstrar. É hora de tirar essa cota de malha e de voltar a vestir roupas apropriadas. Há navios no porto. Um deles terá de parar em Tarth. Quero você nele.

– Obrigada, senhor, mas não.

O rosto de Lorde Tarly sugeria que não havia nada que lhe agradasse mais do que espetar a cabeça de Brienne num espigão e colocá-la por cima dos portões de Lagoa da Donzela com Timeon, Pyg e Shagwell.

– Pretende prosseguir com essa loucura?

– Pretendo encontrar a Senhora Sansa.

– Se me permite, senhor – disse Sor Hyle –, eu a vi lutar com os Saltimbancos. Ela é mais forte do que a maioria dos homens, e também é rápida...

– A espada é rápida – interrompeu Tarly. – É esta a natureza do aço valiriano. Mais forte do que a maioria dos homens? Sei. É uma aberração da natureza, longe de mim negá-lo.

*Homens como ele nunca gostarão de mim*, pensou Brienne, *não importa o que eu faça*.

– Senhor, pode ser que Sandor Clegane saiba da garota. Se conseguisse encontrá-lo...

– Clegane tornou-se fora da lei. Agora acompanha Beric Dondarrion, ao que parece. Ou não, as histórias variam. Mostre-me onde eles estão escondidos, e de bom grado lhes rasgarei a barriga, lhes puxarei as entranhas para fora e as queimarei. Enforcamos dúzias de fora da lei, mas os chefes ainda nos escapam. Clegane, Dondarrion, o sacerdote vermelho, e agora uma mulher chamada Coração de Pedra... como é que *você* propõe encontrá-los, se eu não consigo?

– Senhor, eu... – não tinha nenhuma boa resposta para lhe dar. – Tudo que posso fazer é tentar.

– Então tente. Tem a sua carta, não precisa da minha permissão, mas eu a dou mesmo assim. Se tiver sorte, tudo que ganhará com seu esforço serão assaduras da sela. Caso contrário, talvez Clegane lhe permita viver, depois de ele e sua matilha acabarem de violá-la. Pode rastejar de volta a Tarth com o bastardo de um cão na barriga.

Brienne ignorou aquilo.

– Se me permite a pergunta, quantos homens acompanham Cão de Caça?

– Seis, sessenta ou seiscentos. Parece que depende da pessoa a quem se pergunta – Randyll Tarly estava claramente farto da conversa, e começou a virar-lhe as costas.

– Se o meu escudeiro e eu pudermos suplicar por sua hospitalidade até...

– Suplique o que quiser. Não os tolerarei sob o meu telhado.

Sor Hyle Hunt deu um passo adiante.

– Se me permite a ousadia, julgava que o telhado ainda era de Lorde Mooton.

Tarly lançou ao cavaleiro um olhar venenoso.

– Mooton tem a coragem de um verme. Não me fale de Mooton. Quanto a você, senhora, diz-se que seu pai é um bom homem. Se assim é, tenho pena dele. Há homens que são abençoados com filhos, outros, com filhas. Nenhum homem merece ser amaldiçoado com alguém como você. Viva ou morra, Senhora Brienne, mas não regresse à Lagoa da Donzela enquanto eu governar aqui.

*As palavras são vento*, Brienne disse a si mesma. *Não podem machucá-la. Deixe-as passar por você como água.*

"Às suas ordens, senhor", tentou dizer, mas Tarly foi-se embora antes de ela conseguir articular as palavras. Saiu do pátio como uma sonâmbula, sem saber para onde ir.

Sor Hyle pôs-se a seu lado.

– Há estalagens.

Brienne balançou a cabeça. Não queria conversa com Hyle Hunt.

– Lembra-se do Ganso Fedorento?

Seu manto ainda guardava o fedor do lugar.

– Por quê?

– Encontre-se comigo lá amanhã, ao meio-dia. Meu primo Alyn foi um dos homens enviados para encontrar o Cão de Caça. Eu falo com ele.

– E por que faria isso?

– Por que não? Se tiver sucesso onde Alyn falhou, poderei atormentá-lo com isso durante anos.

Ainda havia estalagens em Lagoa da Donzela; Sor Hyle não se enganara. Contudo, algumas tinham sido incendiadas durante um ou outro saque, e assim continuavam, e aquelas que restavam estavam cheias até rebentar com homens da hoste de Lorde Tarly. Ela e Podrick visitaram-nas todas naquela tarde, mas não havia camas disponíveis em nenhuma.

– Sor? Senhora? – disse Podrick no momento em que o sol se punha. – Há navios. Navios têm camas. Camas de rede. Ou beliches.

Os homens de Lorde Randyll ainda patrulhavam as docas, tantos como as moscas que tinham esvoaçado em volta das cabeças dos três Saltimbancos Sangrentos, mas seu sargento conhecia Brienne de vista e os deixou passar. Os pescadores locais prendiam amarras para a noite e anunciavam a captura do dia, mas o interesse dela centrava-se nos navios maiores que percorriam as águas tempestuosas do mar estreito. Havia meia dúzia no porto, embora um deles, uma galeota chamada *Filha do Titã*, estivesse atirando as amarras para o cais a fim de zarpar com a maré da noite. Ela e Podrick Payne fizeram a ronda aos navios que ficaram. O mestre da *Garota de Vila Gaivota* tomou Brienne por uma prostituta e lhes disse que seu navio não era um bordel, e um arpoeiro de um baleeiro ibenês ofereceu-se para lhe comprar o garoto, mas encontraram melhor sorte em outros navios. Comprou uma laranja para Podrick no *Caminhante do Mar*, uma coca vinda de Vilavelha, via Tyrosh, Pentos e Valdocaso.

– A seguir é Vila Gaivota – disse-lhe o capitão –, e daí dobramos os Dedos e rumamos a Vilirmãs e Porto Branco, se as tempestades deixarem. Aqui o *Caminhante* é um navio limpo, não tem tantos ratos como a maioria, e vamos ter a bordo ovos frescos e manteiga recém-preparada. A senhora está à procura de passagem para o norte?

– Não – *ainda não*. Sentia-se tentada, mas...

Enquanto se dirigiam ao cais seguinte, Podrick saltou de um pé para o outro e disse:

– Sor? Senhora? E se a senhora fosse para casa? Minha outra senhora, quero dizer. Sor. A Senhora Sansa.

– Incendiaram a casa dela.

– Mesmo assim. É onde estão seus *deuses*. E os deuses não morrem.

*Os deuses não morrem, mas as garotas sim.*

– Timeon era um homem cruel e um assassino, mas não me parece que tenha mentido sobre Cão de Caça. Não podemos ir para o norte até termos certeza. Haverá outros navios.

Na ponta oriental do porto finalmente encontraram abrigo para a noite a bordo de uma galé mercante maltratada pelo mar, chamada *Senhora de Myr*. Estava bastante adernada, depois de ter perdido o mastro e metade da tripulação numa tempestade, mas o dono não tinha a quantia de que necessitava para repará-la, de modo que ficou feliz por aceitar algumas moedas de Brienne e permitir que ela e Pod partilhassem uma cabine vazia.

Tiveram uma noite agitada. Brienne acordou por três vezes. Uma quando a chuva começou e outra com um rangido que a fez pensar que Lesto Dick se aproximava pé ante pé para matá-la. Da segunda vez acordou de faca na mão, mas não era nada. Na escuridão da pequena e apertada cabine, precisou de um momento para se lembrar de que Lesto Dick estava morto. Quando finalmente voltou a adormecer, sonhou com os homens que matara. Dançavam em volta dela, troçando, dando-lhe beliscões enquanto ela os golpeava com a espada. Fez todos eles em tiras sangrentas, mesmo assim continuaram a formigar em volta dela... Shagwell, Timeon e Pyg, sim, mas também Randyll Tarly, e Vargo Hoat, e Ronnet Vermelho Connington. Ronnet tinha uma rosa entre os dedos. Quando lhe apresentou a rosa, Brienne cortou-lhe a mão.

Acordou transpirando, e passou o resto da noite encolhida sob o manto, ouvindo a chuva tamborilar no convés sobre sua cabeça. Foi uma noite violenta. De tempos em tempos ouvia o som de trovões distantes e pensava no navio bravosiano que zarpara na maré da noite.

Na manhã seguinte, redescobriu o Ganso Fedorento, acordou sua desmazelada proprietária e pagou-lhe por umas salsichas gordurentas, pão frito, meia taça de vinho, um jarro de água fervida e duas taças

limpas. A mulher olhou Brienne com o canto dos olhos enquanto punha a água para ferver.

– Você é a grandalhona que foi com Lesto Dick. Estou me lembrando. Ele enganou você?

– Não.

– Violou-a?

– Não.

– Roubou seu cavalo?

– Não. Foi morto por três fora da lei.

– Fora da lei? – a mulher parecia mais curiosa do que perturbada. – Sempre achei que o Dick ia acabar pendurado, ou mandado para a Muralha.

Comeram o pão frito e metade das salsichas. Podrick Payne empurrou a sua para baixo com água com sabor de vinho, enquanto Brienne embalava uma taça de vinho aguado e perguntava a si mesma por que teria vindo. Hyle Hunt não era um verdadeiro cavaleiro. Seu rosto honesto era só uma máscara de saltimbanco. *Não preciso de sua ajuda, não preciso de sua proteção, e não preciso dele*, disse a si mesma. *Ele provavelmente nem sequer virá. Dizer-me para nos encontrarmos aqui foi só mais uma brincadeira.*

Estava se levantando para ir embora quando Sor Hyle chegou.

– Senhora. Podrick – olhou de relance as taças, os pratos e as salsichas meio comidas que esfriavam numa poça de gordura, e disse: – Deuses, espero que não tenha comido a comida deste lugar.

– O que comemos não lhe diz respeito – Brienne respondeu. – Encontrou seu primo? O que foi que ele lhe disse?

– Sandor Clegane foi visto pela última vez em Salinas, no dia do ataque. Depois cavalgou para oeste, ao longo do Tridente.

Brienne franziu as sobrancelhas.

– O Tridente é um rio comprido.

– Sim, mas não me parece que nosso cão tenha vagueado até muito longe da foz. Westeros perdeu o encanto que tinha para ele, ao que parece. Em Salinas andava à procura de um *navio* – Sor Hyle tirou um rolo de pele de ovelha da bota, afastou as salsichas, e o desenrolou. Revelou-se um mapa. – Cão de Caça matou três dos homens do irmão na velha estalagem junto ao entroncamento, aqui. Liderou o ataque a

Salinas, aqui – tamborilou em Salinas com o dedo. – Pode estar encurralado. Os Frey estão aqui em cima nas Gêmeas, Darry e Harrenhal ficam para o sul, do outro lado do Tridente, a oeste tem os Blackwood e os Bracken em guerra, e Lorde Randyll está aqui em Lagoa da Donzela. A estrada de altitude até o Vale está fechada pela neve, ainda que conseguisse passar pelos clãs da montanha. Para onde haveria um cão de ir?

– Se ele estiver com Dondarrion...?

– Não está. Alyn tem certeza disso. Os homens de Dondarrion também andam à procura dele. Espalharam o rumor de que pretendiam enforcá-lo pelo que fez em Salinas. Não participaram nisso. Lorde Randyll anda dizendo que participaram na esperança de virar os plebeus contra Beric e sua irmandade. Nunca apanhará o senhor do relâmpago enquanto o povo continuar a protegê-lo. E há um outro bando, liderado pela tal mulher, Coração de Pedra... amante de Lorde Beric, de acordo com uma história. Ela supostamente foi enforcada pelos Frey, mas Dondarrion a beijou e devolveu-a à vida, e agora ela não pode morrer, assim como ele – Brienne examinou o mapa.

– Se Clegane foi visto pela última vez em Salinas, esse seria o lugar certo para encontrar seu rasto.

– Alyn disse que já não resta ninguém em Salinas, a não ser um velho cavaleiro escondido em seu castelo.

– Mesmo assim, seria um lugar para começar.

– Há um homem – disse Sor Hyle. – Um septão. Ele atravessou meu portão um dia antes de vocês aparecerem. O nome dele é Meribald. Nascido e criado no rio, e serviu ali a vida toda. Parte amanhã para fazer seu circuito, e visita sempre Salinas. Devíamos ir com ele.

Brienne ergueu vivamente o olhar.

– *Devíamos*?

– Eu vou com você.

– Não, não vai.

– Bem, eu vou com o Septão Meribald até Salinas. Você e Podrick podem ir para onde bem quiserem.

– Lorde Randyll ordenou que me seguisse outra vez?

– Ele ordenou que ficasse longe de você. Lorde Randyll é de opinião que você talvez se beneficiasse de uma boa e rija violação.

– Então por que haveria de seguir comigo?
– É isso ou voltar aos deveres do portão.
– Se o seu senhor ordenou...
– Ele já não é o meu senhor.
Aquilo a surpreendeu.
– Abandonou seu serviço?
– Sua senhoria informou-me de que já não tinha necessidade da minha espada, nem da minha insolência. Vai dar no mesmo. Daqui em diante, desfrutarei da vida aventurosa de um cavaleiro andante... se bem que, no caso de encontrarmos Sansa Stark, imagino que seremos bem recompensados.
*Ouro e terras, é tudo que ele vê nisto.*
– Pretendo salvar a garota, não vendê-la. Fiz um juramento.
– Eu não me lembro de tê-lo feito.
– É por isso que não virá comigo.
Partiram na manhã seguinte, ao nascer do sol.
Era uma estranha procissão: Sor Hyle montado num corcel cor de avelã e Brienne em sua grande égua cinzenta, Podrick Payne escarranchado em seu cavalo malhado de dorso curvado, e o Septão Meribald caminhando ao lado deles, com seu cajado, indicando o caminho a um pequeno burro e a um grande cão. O burro levava uma carga tão pesada que Brienne sentiu certo temor de que lhe quebrasse o dorso.
– Comida para os pobres e famintos das terras fluviais – disse-lhes o Septão Meribald aos portões de Lagoa da Donzela. – Sementes, nozes e fruta seca, mingau de aveia, farinha, pão de cevada, três queijos amarelos da estalagem perto do Portão do Bobo, bacalhau salgado para mim, carneiro salgado para o Cão... oh, e sal. Cebolas, cenouras, nabos, duas sacas de feijão, quatro de cevada e nove de laranjas. Tenho um fraquinho por laranjas, confesso. Comprei estas de um marinheiro, e temo que sejam as últimas que comerei até a primavera.
Meribald era um septão sem septo, apenas um degrau acima de um irmão mendicante na hierarquia da Fé. Havia centenas como ele, um bando esfarrapado cuja humilde tarefa era se arrastar de uma aldeia minúscula como cocô de mosca para a seguinte, conduzindo serviços sagrados, celebrando casamentos e perdoando pecados. Esperava-se que aqueles que visitava o alimentassem e lhe fornecessem abrigo, mas a

maioria era tão pobre quanto ele, e Meribald não podia permanecer muito tempo num lugar sem causar dificuldades aos seus hóspedes. Estalajadeiros bondosos deixavam-no por vezes dormir em suas cozinhas ou estábulos, e havia septerias e castros, e até alguns castelos, onde sabia que lhe seria dada hospitalidade. Onde não havia lugares assim por perto, dormia sob as árvores ou dentro de sebes.

– Há muitas boas sebes nas terras fluviais – dizia Meribald. – As velhas são as melhores. Nada bate uma sebe com cem anos. Dentro de uma dessas, um homem pode dormir tão aconchegado quanto numa estalagem, e com menos medo de pulgas.

O septão não sabia ler nem escrever, como confessou alegremente na estrada, mas conhecia uma centena de preces diferentes e podia recitar de memória longas passagens da *Estrela de Sete Pontas*, o que era tudo que bastava nas aldeias. Tinha o rosto marcado por cicatrizes e a pele queimada pelo vento, uma mecha de espessos cabelos grisalhos, rugas nos cantos dos olhos. Embora fosse um homem grande, com um metro e oitenta, tinha um modo de se inclinar para a frente ao caminhar que o fazia parecer muito mais baixo. Suas mãos eram grandes e exibiam uma textura de couro, com os nós dos dedos vermelhos e sujeira debaixo das unhas, e ele tinha os maiores pés que Brienne alguma vez vira, nus, negros e duros como chifres.

– Não uso sapato há vinte anos – disse ele a Brienne. – No primeiro ano, tinha mais bolhas do que dedos nos pés, e as solas sangravam como porcos sempre que caminhava por pedra dura, mas rezei, e o Sapateiro no Céu transformou-me a pele em couro.

– Não há nenhum sapateiro no céu – Podrick protestou.

– Há, sim, moço... embora talvez o conheça por outro nome. Diga-me, de qual dos sete deuses gosta mais?

– Do Guerreiro – Podrick respondeu, sem um momento de hesitação.

Brienne pigarreou.

– No Entardecer, o septão de meu pai sempre disse que não havia mais do que um deus.

– Um deus com sete aspectos. É verdade, senhora, e tem razão em fazer notar isso, mas o mistério dos Sete Que São Um não é fácil de entender para a gente simples, e se eu sou alguma coisa simples, falo de sete deuses – Meribald voltou-se de novo para Podrick. – Nunca conheci

um garoto que não adorasse o Guerreiro. Mas eu sou velho e, como velho, adoro o Ferreiro. Sem o seu trabalho, o que defenderia o Guerreiro? Todas as vilas têm um ferreiro, e todos os castelos também. Fazem os arados de que precisamos para plantar as nossas culturas, os pregos que usamos para construir os nossos navios, as ferraduras para proteger os cascos de nossos fiéis cavalos, as brilhantes espadas de nossos senhores. Ninguém podia duvidar do valor de um ferreiro, por isso batizamos um dos Sete em sua honra, mas podíamos perfeitamente ter lhe chamado Lavrador ou Pescador, Carpinteiro ou Sapateiro. Aquilo em que ele trabalha não importa. O que importa é que trabalha. O Pai governa, o Guerreiro luta, o Ferreiro labuta, e juntos fazem tudo aquilo que é legítimo que um homem faça. Tal como o Ferreiro é um aspecto da divindade, o Sapateiro é um aspecto do Ferreiro. Foi ele quem ouviu as minhas preces e me curou os pés.

– Os deuses são bons – disse Sor Hyle numa voz seca –, mas para que incomodá-los, quando podia simplesmente ter ficado com os sapatos?

– Andar descalço era a minha penitência. Até os santos septões podem ser pecadores, e a minha carne era tão fraca quanto a carne pode ser. Era jovem e cheio de vitalidade, e as garotas... Um septão pode parecer galante como um príncipe se for o único homem que se conhece que já esteve a mais de uma milha de nossa aldeia. Eu recitava-lhes coisas da *Estrela de Sete Pontas*. O Livro da Donzela era o que funcionava melhor. Oh, eu era um homem perverso antes de tirar os sapatos. Envergonha-me pensar em todas as donzelas que deflorei.

Brienne moveu-se desconfortavelmente na sela, recordando o acampamento à sombra das muralhas de Jardim de Cima e a aposta que Sor Hyle e os outros tinham feito para ver quem primeiro conseguia dormir com ela.

– Andamos à procura de uma donzela – confidenciou Podrick Payne. – Uma donzela bem-nascida de treze anos, com cabelos ruivos.

– Pensava que procurava um fora da lei.

– Também – Podrick admitiu.

– A maior parte dos viajantes faz o possível para evitar homens assim – disse o Septão Meribald –, mas vocês andam à procura deles.

– Só procuramos um fora da lei – disse Brienne. – O Cão de Caça.

– Foi o que Sor Hyle me contou. Que os Sete os protejam, filha. Diz-se que ele deixa um rastro de bebês assassinados e donzelas violentadas por onde passa. Ouvi chamarem-no Cão Louco de Salinas. O que gente boa iria querer de tal criatura?

– A donzela de que Podrick falou pode estar com ele.

– De verdade? Então temos de rezar pela pobre garota.

*E por mim*, pensou Brienne, *uma prece também por mim. Pedi à Velha para erguer a lâmpada e me levar até a Senhora Sansa, e ao Guerreiro para dar força ao meu braço, para que eu possa protegê-la*. Mas não disse aquelas palavras em voz alta; não as diria onde Hyle Hunt pudesse ouvi-las e zombar de sua fraqueza de mulher.

Com o Septão Meribald a pé e seu burro tão carregado, o progresso foi lento ao longo de todo aquele dia. Não seguiram pela estrada principal para oeste, o caminho que Brienne outrora percorrera com Sor Jaime, quando vieram em sentido contrário e foram encontrar Lagoa da Donzela saqueada e cheia de cadáveres. Em vez disso, dirigiram-se para noroeste, seguindo a costa da Baía dos Caranguejos por uma trilha tortuosa que era tão pequena que não aparecia em nenhum dos preciosos mapas de pele de ovelha de Sor Hyle. Os íngremes montes, os negros pântanos e as florestas de pinheiros da Ponta da Garra Rachada não se viam em parte alguma daquele lado de Lagoa da Donzela. As terras por onde viajavam eram baixas e úmidas, uma região selvagem de dunas de areia e pântanos de água salgada sob a vasta abóbada azul-acinzentada do céu. A estrada tendia a desaparecer por entre os juncos e as lagoas de maré, apenas para voltar a aparecer uma milha mais à frente; Brienne sabia que sem Meribald certamente já teriam se perdido. O chão era frequentemente pouco estável, de modo que havia lugares em que o septão avançava sozinho, sondando o terreno com o cajado para se assegurar de que havia apoio suficiente. Não se viam árvores por léguas ao redor, só o mar, o céu e a areia.

Nenhuma terra poderia ser mais diferente de Tarth, com suas montanhas e quedas-d'água, seus prados de altitude e vales ensombrados, mas Brienne achou que aquele lugar tinha sua própria beleza. Atravessaram uma dúzia de lentos cursos de água, repletos de rãs e de grilos, viram andorinhas-do-mar flutuando muito acima da baía, ouviram

o chamado dos borrelhos entre as dunas. Uma vez, uma raposa cruzou seu caminho e pôs o cão de Meribald a latir como louco.

E também havia pessoas. Algumas viviam entre os juncos, em casas feitas de lama e palha, enquanto outras pescavam na baía em pequenos barcos de couro e construíam as casas sobre instáveis estacas de madeira nas dunas. A maior parte parecia viver só, longe da vista de qualquer habitação humana além da sua. Pareciam ser, na maior parte, um povo reservado, mas perto do meio-dia o cão desatou de novo a latir, e três mulheres emergiram dos juncos para dar a Meribald um cesto de vime cheio de amêijoas. Em troca, o septão deu uma laranja a cada uma, embora as amêijoas fossem no mundo tão comuns como lama, e as laranjas raras e valiosas. Uma das mulheres era muito velha, outra estava pesada com uma criança na barriga, e a terceira era uma garota tão fresca e bonita como uma flor na primavera. Quando Meribald as levou consigo para escutar seus pecados, Sor Hyle soltou um risinho e disse:

– Dir-se-ia que os deuses caminham conosco... pelo menos a Donzela, a Mãe e a Velha – Podrick pareceu tão espantado que Brienne teve de lhe dizer que não, que eram só três mulheres dos pântanos.

Mais tarde, quando retomaram a viagem, ela se virou para o septão e disse:

– Essas pessoas vivem a menos de um dia de viagem de Lagoa da Donzela, e no entanto a guerra não as tocou.

– Têm pouco que se toque, senhora. Seus tesouros são conchas, pedras e barcos de couro, suas melhores armas são facas de ferro enferrujadas. Nascem, vivem, amam, morrem. Sabem que Lorde Mooton governa suas terras, mas poucos foram os que alguma vez o viram, e Correrrio e Porto Real não passam de nomes para eles.

– E, no entanto, conhecem os deuses – Brienne retrucou. – Isto é obra sua, me parece. Há quanto tempo percorre as terras fluviais?

– Fará quarenta anos em breve – disse o septão, e o cão soltou um sonoro latido. – De Lagoa da Donzela a Lagoa da Donzela, meu circuito demora meio ano, e às vezes mais, mas não direi que conheço o Tridente. Vislumbro os castelos dos grandes senhores só a distância, mas conheço as vilas francas e os castros, as aldeias pequenas demais para terem nome, as sebes e os montes, os regatos onde um homem com sede pode beber e as grutas onde pode se abrigar. E também conheço as estradas

que o povo usa, os trilhos tortos e lamacentos que não aparecem em mapas de pergaminho – soltou um risinho. – E é bom que conheça. Meus pés percorreram dez vezes cada milha.

As estradas secundárias são aquelas que os fora da lei usam, e as grutas seriam belos locais para homens foragidos se esconderem. Uma ponta de desconfiança levou Brienne a perguntar a si mesma se Sor Hyle conheceria aquele homem tão bem quanto pensava.

– Isso tudo dá uma vida solitária, septão.

– Os Sete estão sempre comigo – disse Meribald –, e tenho o meu fiel criado, e o Cão.

– Seu cão tem nome? – Podrick Payne qui saber.

– Deve ter – disse Meribald –, mas não é meu. Ele não.

O cão latiu e abanou a cauda. Era uma criatura enorme e hirsuta, pelo menos sessenta quilos de cão, mas amigável.

– A quem pertence? – o rapaz perguntou novamente.

– Ora, a si mesmo, e aos Sete. Quanto ao nome, não me disse qual é. Chamo-lhe Cão.

– Oh – era evidente que Podrick não sabia o que pensar de um cão chamado Cão. O garoto ruminou aquilo durante algum tempo, após o que disse: – Eu tinha um cão quando era pequeno. Dei-lhe o nome de Herói.

– E era?

– E era o quê?

– Um herói.

– Não. Mas era um bom cão. Morreu.

– O Cão mantém-me a salvo nas estradas, mesmo em tempos tão penosos como estes. Nem lobos nem os fora da lei se atrevem a me molestar quando o Cão está ao meu lado – o septão franziu as sobrancelhas. – Os lobos tornaram-se terríveis nos últimos tempos. Há lugares onde um homem sozinho faria bem em encontrar uma árvore para dormir. Ao longo de toda a vida, a maior alcateia que vi tinha menos de uma dúzia de lobos, mas a grande alcateia que percorre agora o Tridente chega a centenas.

– Você os encontrou? – perguntou Sor Hyle.

– Fui poupado disso, que os Sete me protejam, mas ouvi-os à noite, e mais de uma vez. Tantas vozes... um som capaz de gelar o sangue de um homem. Até pôs o Cão a tremer, e ele matou uma dúzia de lobos –

afagou a cabeça do cão. – Há quem diga que são demônios. Dizem que a alcateia é liderada por uma loba monstruosa, uma sombra furtiva, sinistra, cinzenta e enorme. Dizem que houve quem a visse derrubar um auroque sozinha, que nenhuma armadilha ou laço consegue prendê-la, que não teme nem o aço, nem o fogo, que mata qualquer lobo que tente montá-la, e não devora nenhuma carne que não seja humana.

Sor Hyle Hunt riu.

– Agora conseguiu, septão. Os olhos do pobre Podrick estão tão grandes como ovos cozidos.

– Não estão nada – Podrick replicou, indignado. O Cão latiu.

Naquela noite, montaram um acampamento frio nas dunas. Brienne mandou Podrick percorrer a costa a fim de encontrar alguma madeira trazida pelo mar para fazer uma fogueira, mas ele voltou de mãos vazias, com lama até os joelhos.

– A maré desceu, sor. Senhora. Não há água, só lamaçais.

– Fique longe da lama, garoto – aconselhou Septão Meribald. – A lama não gosta de estranhos. Se caminhar pelo lugar errado, ela se abre e engole você.

– É só *lama* – Podrick insistiu.

– Até encher sua boca e começar a entrar pelo seu nariz. Então é a morte – sorriu para tirar o gelo das palavras. – Limpe essa lama e venha comer um gomo de laranja, jovem.

O dia seguinte foi mais do mesmo. Quebraram o jejum com bacalhau salgado e mais gomos de laranja, e estavam a caminho antes de o sol ter tempo de se erguer por completo, com um céu cor-de-rosa por trás e um púrpura adiante. O Cão seguiu à frente, farejando cada agrupamento de canas e parando de vez em quando para urinar num deles; parecia conhecer a estrada tão bem quanto Meribald. Os gritos das andorinhas-do-mar chegavam até eles, trêmulos, pelo ar da manhã, enquanto a maré subia com rapidez.

Perto do meio-dia pararam numa minúscula aldeia, a primeira que encontraram, onde oito das casas construídas sobre estacas erguiam-se por cima de um pequeno riacho. Os homens estavam fora, pescando em seus barcos de couro, mas as mulheres e os garotos pequenos desceram oscilantes escadas de corda e reuniram-se em volta do Septão Meribald

para rezar. Após o serviço, ele os absolveu de seus pecados e deixou-lhes alguns nabos, uma saca de feijão e duas de suas preciosas laranjas.

De volta à estrada, o septão disse:

– Faríamos bem em manter uma vigia esta noite, amigos. Os aldeões dizem ter visto três desertores esgueirando-se em volta das dunas, a oeste da antiga torre de vigia.

– Só três? – Sor Hyle sorriu. – Três são moleza para a nossa espadachim. Não é provável que incomodem homens armados.

– A não ser que estejam morrendo de fome – disse o septão. – Há comida nestes pântanos, mas só para quem tem olho para encontrá-la, e esses homens são forasteiros, sobreviventes de uma batalha qualquer. Se nos abordarem, sor, suplico-lhe, deixe-os comigo.

– O que fará com eles?

– Eu os alimentarei. Pedirei para que confessem seus pecados, a fim de poder perdoá-los. E os convidarei a virem conosco até a Ilha Silenciosa.

– Isso é o mesmo que convidá-los para que abram nossas goelas enquanto dormimos – Hyle Hunt replicou. – Lorde Randyll tem maneiras melhores de lidar com desertores... aço e corda de cânhamo.

– Sor? Senhora? – Podrick os interrompeu. – Um desertor é um fora da lei?

– Mais ou menos – Brienne respondeu.

O Septão Meribald discordou.

– Mais menos do que mais. Há muitas espécies de fora da lei, assim como há muitas espécies de pássaros. Tanto um borrelho como uma águia marinha têm asas, mas não são a mesma coisa. Os cantores adoram cantar sobre bons homens forçados a sair da lei para combater um senhor malvado qualquer, mas a maioria dos fora da lei são mais parecidos com esse Cão de Caça voraz do que com o senhor do relâmpago. São homens maus, movidos pela ganância, amargurados pela maldade, que desprezam os deuses e só se preocupam consigo. Os desertores são mais merecedores de nossa piedade, embora possam ser igualmente perigosos. Quase todos são plebeus, gente simples que nunca tinha estado a mais de uma milha da casa onde nasceu até que algum senhor veio levá-los para a guerra. Mal calçados e malvestidos, partem marchando sob seus estandartes, muitas vezes sem melhores armas do que uma foice, uma

enxada afiada ou um martelo que eles mesmos fizeram atando uma pedra a um pedaço de madeira com tiras de pele de animal.

"Irmãos marcham com irmãos, filhos com pais, amigos com amigos. Ouviram as canções e as histórias, e por isso vão se embora de coração ansioso, sonhando com as maravilhas que verão, com as riquezas e as glórias que conquistarão. A guerra parece uma bela aventura, a melhor que a maioria deles alguma vez conhecerá. Então experimentam o sabor da batalha. Para alguns, essa única experiência é suficiente para quebrá-los. Outros resistem durante anos, até perderem a conta de todas as batalhas em que lutaram, mas mesmo um homem que sobreviveu a cem combates pode fugir no centésimo primeiro. Irmãos veem os irmãos morrer, pais perdem os filhos, amigos veem os amigos tentando manter as entranhas dentro do corpo depois de serem rasgados por um machado. Veem o senhor que os levou para aquele lugar abatido, e outro senhor qualquer grita que agora pertencem a ele. São feridos, e quando a ferida ainda está apenas meio cicatrizada, sofrem outro ferimento. Nunca há o suficiente para comer, os sapatos se desfazem devido às marchas, as roupas estão rasgadas e apodrecendo, e metade deles anda cagando nos calções por beber água ruim. Se quiserem botas novas ou um manto mais quente ou talvez um meio-elmo de ferro enferrujado, têm de tirá-los de um cadáver, e não demora muito para que comecem também a roubar dos vivos, do povo em cujas terras combatem, homens muito parecidos com os que eram. Matam suas ovelhas e roubam suas galinhas, e daí é um pequeno passo até levarem também suas filhas.

"E um dia, olham ao redor e percebem que todos os seus amigos e familiares se foram, que estão lutando ao lado de estranhos, sob um estandarte que quase nem reconhecem. Não sabem onde estão nem como voltar para casa, e o senhor por quem combatem não sabe seus nomes, mas ali vem ele, gritando-lhes para se posicionarem, para fazerem uma fileira com as lanças, foices e enxadas afiadas, para aguentarem. E os cavaleiros caem sobre eles, homens sem rosto vestidos de aço, e o trovão de ferro de seu ataque parece encher o mundo... E o homem quebra. Vira-se e foge, ou rasteja para longe, depois por cima dos cadáveres, ou escapole na calada da noite e encontra um lugar qualquer para se esconder. Toda noção de casa está perdida a essa altura, e reis, senhores e deuses significam menos para ele do que um naco de carne estragada que

lhes permita sobreviver mais um dia, ou um odre de vinho ruim que possa afogar-lhes o medo durante algumas horas. O desertor sobrevive dia a dia, de refeição em refeição, mais animal do que homem. A Senhora Brienne não erra. Em tempos como estes, o viajante deve ter atenção aos desertores, e temê-los... mas também deve ter piedade por eles."

Quando Meribald terminou, um profundo silêncio caiu sobre o pequeno bando. Brienne ouvia o vento farfalhando através de um grupo de salgueiros e, mais distante, o tênue grito de um mergulhão. Ouvia o Cão arquejar suavemente enquanto saltitava ao lado do septão e de seu burro, com a língua pendendo-lhe da boca. O silêncio estendeu-se, até que, por fim, ela disse:

– Que idade tinha quando o levaram para a guerra?

– Ora, não era mais velho do que seu garoto – Meribald respondeu. – Novo demais para tal coisa, na verdade, mas meus irmãos iam todos, e eu não quis ser deixado para trás. Willam disse que eu podia ser seu escudeiro, apesar de Will não ser nenhum cavaleiro, só um criado armado com uma faca de cozinha que tinha roubado da estalagem. Morreu nos Degraus, e não chegou a desferir um golpe. Foi a febre que deu conta dele, e de meu irmão Robin. Owen morreu de uma maça que lhe rachou a cabeça, e o amigo dele, Jon Bexigas, foi enforcado por violação.

– A Guerra dos Reis de Nove Moedas? – perguntou Hyle Hunt.

– Foi assim que a chamaram, apesar de eu nunca ter visto um rei nem ganhado uma moeda. Mas foi uma guerra. Lá isso foi.

## SAMWELL

Sam estava em pé junto à janela, balançando nervosamente enquanto via a última luz do sol desaparecer atrás de uma fileira de telhados bicudos. *Ele deve ter voltado a se embebedar*, pensou sombriamente. *Ou então conheceu outra garota*. Não sabia se devia praguejar ou chorar. Dareon era supostamente seu irmão. *Peçam-lhe para cantar, e ninguém o fará melhor. Peçam-lhe para fazer qualquer outra coisa...*

As névoas da noite tinham começado a se erguer, fazendo subir dedos cinzentos pelas paredes dos edifícios que se debruçavam sobre o antigo canal.

– Ele prometeu voltar – Sam falou. – Você também o ouviu.

Goiva olhou-o com olhos vermelhos e inchados. Os cabelos pendiam-lhe em volta do rosto, sujos e emaranhados. Parecia um animal desconfiado, espreitando por detrás de um arbusto. Tinham se passado dias desde a última vez que tiveram fogo, mesmo assim a garota selvagem gostava de se aninhar perto da lareira, como se nas cinzas frias ainda restasse algo de calor.

– Ele não gosta de ficar aqui conosco – ela disse, sussurrando para não acordar o bebê. – Isto aqui é triste. Ele gosta de onde há vinho e sorrisos.

*Sim*, pensou Sam, *e há vinho em todo lugar, menos aqui*. Bravos estava cheia de estalagens, cervejarias e bordéis. E se Dareon preferia um fogo e uma taça de vinho aquecido a pão bolorento e à companhia de uma mulher chorosa, um covarde gordo e um velho doente, quem podia censurá-lo? *Eu podia censurá-lo. Ele disse que voltaria antes do crepúsculo; disse que nos traria vinho e comida.*

Voltou a olhar pelas janelas, esperando contra toda esperança ver o cantor correndo para casa. A escuridão caía sobre a cidade secreta, arrastando-se pelas vielas e ao longo dos canais. O bom povo de Bravos começaria em breve a fechar as janelas e a meter trancas nas portas. A noite pertencia aos espadachins e às cortesãs. *Os novos amigos de*

*Dareon*, Sam refletiu amargamente. Era só neles que o cantor falava nos últimos tempos. Estava tentando escrever uma canção sobre uma cortesã, uma mulher chamada Sombra de Lua que o ouvira cantar junto à Lagoa da Lua e o recompensara com um beijo.

"Devia ter lhe pedido prata", dissera-lhe Sam. "Nós precisamos de dinheiro, não de beijos." Mas o cantor limitara-se a sorrir.

"Há beijos que valem mais do que ouro amarelo, Matador."

Aquilo também o enfurecia. Daeron não deveria andar inventando canções sobre cortesãs. Deveria estar cantando sobre a Muralha e o valor da Patrulha da Noite. Jon tinha a esperança de que suas canções talvez persuadissem alguns jovens a vestir o negro. Mas, em vez disso, cantava sobre beijos dourados, cabelos prateados e lábios muito vermelhos. Nunca ninguém vestia o negro por causa de lábios muito vermelhos.

E, por vezes, sua música acordava o bebê. Então a criança desatava a chorar, Dareon gritava-lhe para que se calasse, Goiva chorava, e o cantor saía num rompante e passava dias sem regressar.

"Todo aquele choro me dá vontade de lhe dar um tabefe", protestava, "e quase não consigo dormir com seus soluços".

*Também choraria se tivesse perdido um filho*, Sam quase lhe disse. Não podia culpar Goiva por sua dor. Em vez disso, culpava Jon Snow e perguntava a si mesmo quando o coração de Jon teria se transformado em pedra. Uma vez colocara essa mesma questão ao Meistre Aemon, quando Goiva fora ao canal trazer-lhes água.

"Quando o elevou a Senhor Comandante", o velho respondera.

Até o momento, ali, apodrecendo naquele quarto frio sob os beirais, parte de Sam não queria acreditar que Jon tivesse feito o que Meistre Aemon julgava. *Mas deve ser verdade. Por que outro motivo Goiva choraria tanto?* Tudo que tinha a fazer era lhe perguntar de quem era a criança que amamentava, mas não tinha coragem. Tinha medo da resposta que podia receber. *Ainda sou um covarde, Jon*. Não importa para onde fosse naquele grande mundo, seus medos o acompanhavam.

Um estrondo oco ecoou nos telhados de Bravos, como o som de um trovão distante; o Titã, fazendo soar o cair da noite a partir do outro lado da lagoa. O ruído foi suficientemente forte para acordar o bebê, e seu súbito pranto acordou Meistre Aemon. Quando Goiva foi dar o seio à

criança, os olhos do velho abriram-se e ele se agitou debilmente em sua cama estreita.

– Ovo? Está escuro. Por que está tão escuro?

*Porque é cego*. A consciência de Aemon devaneava cada vez mais desde a chegada a Bravos. Havia dias em que não parecia saber onde estava. Em outros, perdia-se enquanto dizia qualquer coisa e se punha a falar incoerentemente sobre o pai ou o irmão. *Ele tem cento e dois anos*, lembrou Sam a si mesmo, mas fora igualmente velho em Castelo Negro, e ali sua consciência nunca devaneara.

– Sou eu – teve de dizer. – Samwell Tarly. O seu intendente.

– Sam – Meistre Aemon lambeu os lábios e pestanejou. – Sim. E aqui é Bravos. Perdoe-me, Sam. A manhã chegou?

– Não – Sam pôs a mão na testa do velho. Tinha a pele úmida de suor, fria e pegajosa ao toque, e cada inspiração era um silvo suave. – É de noite, meistre. Esteve dormindo.

– Por muito tempo. Está frio aqui.

– Não temos lenha – disse-lhe Sam –, e o estalajadeiro não nos quer dar mais, a menos que tenhamos dinheiro – era a quarta ou a quinta vez que tinham aquela conversa. *Devia ter usado nosso dinheiro para comprar lenha*, repreendia-se Sam todas as vezes. *Devia ter tido o bom-senso de mantê-lo aquecido.*

Em vez disso, esbanjara o resto da prata num curandeiro da Casa das Mãos Vermelhas, um homem alto e pálido com vestes decoradas com rodopiantes faixas vermelhas e brancas. Tudo que a prata conseguira tinha sido meio frasco de vinho dos sonhos.

– Isto pode ajudar a tornar-lhe mais fácil o falecimento – dissera o bravosiano, de uma forma que não era desprovida de gentileza. Quando Sam perguntou se ele não podia fazer mais nada, o homem balançou a cabeça. – Tenho unções, poções e infusões, tinturas, venenos e cataplasmas. Podia sangrá-lo, purgá-lo, usar nele sanguessugas... Mas, para quê? Não há sanguessuga que o faça voltar a ser jovem. Este homem é velho, e tem a morte nos pulmões. Dê-lhe isto e o deixe dormir.

E assim Sam fizera, a noite inteira e o dia inteiro, mas agora o velho estava lutando para se sentar.

– Temos de descer até os navios.

*Outra vez os navios.*

– Está fraco demais para sair – teve de dizer. Um resfriado entrara em Meistre Aemon durante a viagem e se instalara em seu peito. Ao chegarem a Bravos, estava tão fraco que tinham sido obrigados a trazê-lo para terra. Nessa altura ainda tinham um gordo saco de prata, de modo que Daeron pediu a maior cama da estalagem. A que lhes foi dada era suficientemente grande para oito pessoas, e o estalajadeiro insistiu em cobrar-lhes por esse número.

– Amanhã podemos ir às docas – Sam prometeu. – Poderá fazer perguntas por lá e descobrir qual é o próximo navio a partir para Vilavelha – até no outono Bravos continuava a ser um porto movimentado. Uma vez que Aemon estivesse suficientemente forte para viajar, não deviam ter problema em encontrar um navio adequado para levá-los para onde tinham de ir. Pagar pela passagem se mostraria mais difícil. Um navio dos Sete Reinos seria sua melhor esperança. *Um mercador de Vilavelha, talvez, com familiares na Patrulha da Noite. Ainda deve haver alguns que honram os homens que patrulham a Muralha.*

– Vilavelha – silvou Meistre Aemon. – Sim. Sonhei com Vilavelha, Sam. Era jovem outra vez, e tinha comigo meu irmão Ovo e aquele cavaleiro grande que ele servia. Estávamos bebendo na velha estalagem onde faziam a cidra terrivelmente forte – voltou a tentar se levantar, mas o esforço revelou-se demais para ele. Após um momento, recostou-se. – Os navios – disse de novo. – Encontraremos neles a nossa resposta. Sobre os dragões. Preciso saber.

*Não*, Sam pensou, *aquilo de que precisa é de comida e calor, uma barriga cheia e um fogo quente crepitando na lareira.*

– Tem fome, meistre? Ainda temos algum pão e um pouco de queijo.

– Agora não, Sam. Mais tarde, quando me sentir mais forte.

– Como ficará mais forte se não comer? – nenhum deles tinha comido muito no mar, pelo menos depois de Skagos. Os temporais de outono os tinham perseguido ao longo de todo o mar estreito. Por vezes subiam do sul, numa fúria de trovões, relâmpagos e chuvas negras que caíam durante dias. Outas, desciam do norte, frios e soturnos, com ventos selvagens que trespassavam os homens. Uma vez ficara tão frio que, quando Sam acordou, encontrou todo o navio coberto de gelo, brilhando, branco como uma pérola. O capitão desmontara e amarrara o mastro ao

convés, para concluir a travessia apenas a remos. Ninguém comia quando viram o Titã.

Mas, depois de estar a salvo em terra, Sam dera por si com uma fome imensa. Acontecera o mesmo com Dareon e Goiva. Até o bebê começara a mamar com mais vigor. Mas Aemon...

– O pão embolorou, mas posso ir à cozinha pedir um pouco de molho de carne para empapá-lo – Sam disse ao velho. O estalajadeiro era um homem duro, com olhos frios e desconfiado daqueles estranhos vestidos de negro que tinha sob seu telhado, mas o cozinheiro era mais gentil.

– Não. Mas talvez aceite um gole de vinho.

Não tinham vinho. Dareon prometera comprar um pouco com o dinheiro que ganhasse cantando.

– Teremos vinho mais tarde – Sam obrigou-se a dizer. – Tem água, mas não é da boa – a água boa chegava pelos arcos do grande aqueduto de tijolo a que os bravosianos chamavam o rio de água doce. Os ricos canalizavam-na para suas casas; os pobres enchiam os baldes em fontes públicas. Sam mandara Goiva buscar um pouco, esquecendo-se de que a garota selvagem vivera a vida inteira nas imediações da Fortaleza de Craster e nunca vira sequer uma vila de mercado. O labirinto de pedra cheio de ilhas e canais que era Bravos, sem mato nem árvores, repleto de estranhos que falavam numa língua que ela não compreendia, assustara-a tanto que perdera o mapa e rapidamente a si mesma. Sam a encontrara chorando aos pés de pedra de um senhor do mar qualquer havia muito morto. – Só temos água do canal – disse ao Meistre Aemon –, mas o cozinheiro deu uma fervida. Também há vinho dos sonhos, se precisar de mais.

– Já sonhei o suficiente por ora. Água do canal bastará. Ajude-me, por favor.

Sam ergueu o velho e levou-lhe a taça aos lábios secos e rachados. Mesmo assim, metade escorreu pelo peito do meistre.

– Chega – tossiu Aemon, após alguns goles. – Assim vai me afogar – estremeceu nos braços de Sam. – Por que o quarto está tão frio?

– Já não temos lenha – Daeron pagara ao estalajadeiro preço duplo por um quarto com lareira, mas nenhum deles tinha imaginado a lenha ali tão dispendiosa. Não cresciam árvores em Bravos, à exceção dos pátios e jardins dos poderosos. E os bravosianos não cortavam os pinheiros que

cobriam as ilhas exteriores, que rodeavam sua grande lagoa e funcionavam como quebra-ventos para protegê-los das tempestades. Em vez disso, a lenha era trazida em barcaças, pelos rios e do outro lado da lagoa. Até a bosta era cara ali; os bravosianos usavam barcos em vez de cavalos. Nada daquilo teria importado se tivessem partido para Vilavelha conforme planejado, mas isso se mostrara impossível com o Meistre Aemon tão fraco. Outra viagem por mar aberto o mataria.

A mão de Aemon deslizou sobre as mantas, procurando o braço de Sam às apalpadelas.

– Temos de ir às docas, Sam.

– Quando estiver mais forte – o velho não se encontrava em estado de enfrentar a maresia salgada e os ventos úmidos que sopravam ao longo da margem, e toda a Bravos era uma grande margem. Ao norte ficava o Porto Púrpura, onde os navios mercantes bravosianos encontravam-se amarrados sob as cúpulas e torres do Palácio do Senhor do Mar. A oeste ficava o Porto do Trapeiro, repleto de navios das outras Cidades Livres, de Westeros e Ibben e das fabulosas e distantes terras do leste. E por todo lado havia pequenos cais e ancoradouros, e velhos cais cinzentos onde camaroeiros, caranguejeiros e pescadores atracavam depois do trabalho nos lodaçais e na foz dos rios. – Será um esforço muito grande para você.

– Então vá em meu lugar – instou Aemon –, e traga-me alguém que tenha visto esses dragões.

– Eu? – Sam ficou consternado com a sugestão. – Meistre, foi só uma história. Uma história de marinheiro – Daeron também tinha culpa naquilo. O cantor andava trazendo das cervejarias e bordéis todos os tipos de estranhas histórias. Infelizmente, estava bebendo quando ouvira a que falava de dragões e não conseguia se lembrar dos detalhes. – Daeron pode ter inventado tudo que contou. Os cantores fazem isso. Inventam coisas.

– Inventam – Meistre Aemon concordou –, mas até a história mais fantasiosa pode ter um núcleo de verdade. Encontra-me essa verdade, Sam.

– Não saberia a quem nem como perguntar. Só sei um pouco de alto valiriano, e quando me falam em bravosi não entendo metade do que estão dizendo. Você fala mais línguas do que eu, quando estiver mais forte, poderá...

– E quando estarei eu mais forte, Sam? Diga-me isso.

– Em breve. Se descansar e comer. Quando chegarmos a Vilavelha...

– Não voltarei a ver Vilavelha. Agora sei – o velho apertou mais o braço de Sam. – Estarei com os meus irmãos em breve. Alguns estavam ligados a mim pelos votos e outros pelo sangue, mas eram todos meus irmãos. E o meu pai... nunca pensou que o trono passasse para ele, e no entanto passou. Costumava dizer que isso era a sua punição pelo golpe que matara o irmão. Rezo para que tenha encontrado na morte a paz que nunca conheceu em vida. Os septões cantam canções sobre doces fins, sobre pousar nossos fardos e viajar para uma terra longínqua e encantada onde podemos rir, amar e nos banquetear até o fim dos tempos... Mas, e se para lá da muralha chamada morte não existir nenhuma terra de luz e mel, se só existir o frio, a escuridão e a dor?

*Ele tem medo*, Sam percebeu.

– Não está morrendo. Está doente, só isso. Passará.

– Dessa vez não, Sam. Sonhei... na calada da noite um homem faz todas as perguntas que não se atreve a fazer à luz do dia. Para mim, nestes últimos anos, só uma questão permaneceu. Por que teriam os deuses me tirado a vista e as forças, condenando-me ao mesmo tempo a permanecer neste mundo durante tanto tempo, gelado e esquecido? Que uso teriam para um velho acabado como eu? – os dedos de Aemon tremeram, gravetos envoltos em pele manchada. – Eu me lembro, Sam. Ainda me lembro.

As coisas que dizia não faziam sentido.

– Lembra-se do quê?

– Dos dragões – o velho sussurrou. – Eram a dor e a glória de minha Casa.

– O último dragão morreu antes de ter nascido – Sam respondeu. – Como é possível que se lembre deles?

– Vejo-os nos sonhos, Sam. Vejo uma estrela vermelha a sangrar no céu. Ainda me lembro do vermelho. Vejo suas sombras na neve, ouço o estalar de asas de couro, sinto seu bafo quente. Meus irmãos também sonhavam com dragões, e os sonhos mataram todos eles. Sam, nós estremecemos à beira de profecias meio recordadas, de maravilhas e terrores que nenhum homem vivo hoje pode esperar compreender... ou...

– Ou? – Sam quis saber.

– ... ou não – Aemon abriu um suave e pequeno sorriso. – Ou então sou um velho, febril e moribundo – fechou fatigadamente os olhos brancos e depois forçou-se a abri-los de novo. – Não devia ter deixado a Muralha. Lorde Snow não podia saber, mas *eu* devia tê-lo visto. O fogo consome, mas o frio preserva. A Muralha... mas é tarde demais para correr de volta. O Estranho espera à minha porta e não aceitará uma recusa. Intendente, serviu-me com fidelidade. Faça esta última coisa valente por mim. Vá até os navios, Sam. Aprenda tudo que conseguir sobre esses dragões.

Sam libertou o braço da mão do velho.

– Irei. Se quiser. Só que... – não sabia mais o que dizer. *Não posso me recusar*. Podia também procurar Dareon, ao longo das docas e cais do Porto do Trapeiro. *Primeiro encontro Dareon, e vamos juntos até os navios. E, quando voltarmos, traremos comida, vinho e lenha. Teremos fogo e uma boa refeição quente*. Ergueu-se. – Bem. Neste caso, é melhor que vá andando. Vou-me embora. Goiva ficará aqui. Goiva, tranque a porta quando eu sair – *o Estranho espera à sua porta.*

Goiva assentiu, embalando o bebê ao peito, com os olhos enchendo-se de lágrimas. *Ela vai chorar outra vez*, Sam compreendeu. Era mais do que conseguia aguentar. O cinto da espada pendia de um cabide na parede, ao lado do velho berrante fendido que Jon lhe dera. Pegou o cinto e o afivelou em volta de si, depois pôs o manto negro de lã sobre os ombros arredondados, abaixou a cabeça ao passar pela porta e desceu, tilintando, uma escada de madeira, cujos degraus rangiam sob seu peso. A estalagem tinha duas portas da frente, uma das quais se abria para uma rua, e a outra para um canal. Sam saiu pela primeira, a fim de evitar a sala comum onde o estalajadeiro certamente lhe lançaria a olhadela mal-humorada que reservava para os hóspedes cuja estadia se prolongava além da conta.

O ar estava gélido, mas a noite não trouxera nem metade do nevoeiro de outras. Sam sentiu-se grato por isso. Por vezes as névoas cobriam o chão com tal densidade que um homem não conseguia ver os próprios pés. Uma vez ficara a um passo de cair num canal.

Quando garoto, Sam lera uma história de Bravos e sonhara em vir até ali um dia. Quisera contemplar o Titã erguendo-se do mar, severo e terrível, deslizar ao longo dos canais num barco serpentino junto a todos

os palácios e templos, e ver os espadachins executar sua dança de água com as lâminas a relampejar à luz das estrelas. Mas agora que estava ali, tudo que desejava era partir e seguir para Vilavelha.

Com o capuz sobre a cabeça e o manto esvoaçando, abriu caminho ao longo das pedras da calçada na direção do Porto do Trapeiro. O cinto da espada ameaçava cair-lhe até os tornozelos, e tinha sempre de puxá-lo para cima ao caminhar. Manteve-se nas ruas menores e mais escuras, onde era pouco provável encontrar alguém, mas cada gato que por ele passava punha-lhe o coração aos saltos... e Bravos estava repleta de gatos. *Tenho de encontrar Dareon*, pensou. *Ele é um homem da Patrulha da Noite, meu Irmão Juramentado; ele e eu podemos decidir o que fazer*. As forças de Meistre Aemon tinham desaparecido, e Goiva estaria perdida mesmo se não se encontrasse afogada em desgosto, mas Dareon... *Não devia pensar mal dele. Pode estar ferido, talvez seja por isso que não voltou. Pode estar morto, jazendo em alguma viela numa poça de sangue, ou boiando de barriga para baixo num dos canais*. À noite, os espadachins pavoneavam-se pela cidade em suas melhores roupas bicolores, ansiosos por demonstrar sua perícia com aquelas espadas esguias que usavam. Alguns lutariam por qualquer motivo, outros por nenhum, e Dareon tinha uma língua solta e um temperamento efervescente, especialmente depois de beber. *Só porque um homem sabe cantar sobre batalhas não significa que esteja pronto para travá-las*.

As melhores cervejarias, estalagens e bordéis ficavam perto do Porto Púrpura ou da Lagoa da Lua, mas Dareon preferia o Porto do Trapeiro, onde os fregueses se mostravam mais inclinados a falar o idioma comum. Sam começou sua busca pela Estalagem da Enguia Verde, pelo Barqueiro Negro e pela casa de Moroggo, lugares onde Dareon já tocara. Não o encontrou em nenhum deles. À porta da Casa do Nevoeiro encontravam-se amarrados vários barcos serpentinos aguardando clientes, e Sam tentou perguntar aos varejadores se tinham visto um cantor todo vestido de negro, mas nenhum dos homens compreendeu seu alto valiriano. *Ou isso, ou preferem não compreender*. Sam espreitou a sombria taberna que ficava sob o segundo arco da Ponte de Nabbo, onde quase nem cabiam dez pessoas. Dareon não era uma delas. Tentou a Estalagem do Proscrito, a Casa das Sete Lâmpadas e o bordel chamado Gataria, onde obteve estranhos olhares, mas nenhuma ajuda.

Ao sair, quase se chocou com dois jovens sob a lanterna vermelha da Gataria. Um era escuro, e o outro claro. O de cabelos escuros disse qualquer coisa em bravosi.

– Lamento – Sam teve de dizer. – Não compreendo – afastou-se deles com medo. Nos Sete Reinos os nobres envolviam-se em veludos, sedas e samitos de uma centena de cores, enquanto os camponeses e o povo usava lã crua e ráfia de um marrom apagado. Em Bravos era o contrário. Os espadachins exibiam-se como pavões, afagando as espadas, enquanto os poderosos vestiam-se com um cinzento de carvão e púrpura, azuis que eram quase negros e negros tão escuros quanto uma noite sem luar.

– Meu amigo Terro diz que você é tão gordo que o deixa enjoado – disse o espadachim de cabelos claros, cuja jaqueta era, de um lado, de veludo verde e, do outro, de pano de prata. – Meu amigo Terro diz que o chocalhar de sua espada lhe faz doer a cabeça – falava no idioma comum. O outro, o espadachim de cabelos escuros com o brocado cor de vinho e manto amarelo, cujo nome aparentemente seria Terro, fez algum comentário em bravosi, e seu amigo de cabelos claros deu risada e disse: – Meu amigo Terro diz que você se veste acima de sua condição. É algum grande senhor para usar o negro?

Sam quis fugir, mas se o fizesse provavelmente tropeçaria na própria espada. *Não toque na espada*, disse a si mesmo. Até um dedo no cabo podia ser o suficiente para que um dos espadachins vislumbrasse um desafio. Tentou pensar em palavras que pudessem apaziguá-los.

– Não sou... – foi tudo que conseguiu dizer.

– Ele não é um senhor – interveio uma voz de criança. – Está na Patrulha da Noite, estúpido. De *Westeros* – uma garota deslocou-se para a luz, empurrando um carrinho de mão cheio de algas; uma criatura malvestida e magricela, com grandes botas e cabelos irregulares e sujos. – Tem outro lá embaixo, no Porto Feliz, cantando cantigas à Esposa do Marinheiro – ela disse aos dois espadachins. Para Sam, disse: – Se perguntarem quem é a mais bela mulher do mundo, responda o Rouxinol, senão será desafiado para um duelo. Quer comprar amêijoas? Vendi todas as minhas ostras.

– Não tenho dinheiro – Sam respondeu.

– Ele não tem dinheiro – zombou o espadachim de cabelos claros. Seu amigo de cabelos escuros abriu um sorriso e disse qualquer coisa em

bravosi. – Meu amigo Terro tem frio. Seja um bom amigo gordo e dê-lhe seu manto.

– Não faça isso – disse a garota do carrinho de mão –, senão logo pedirão suas botas, e não demorará muito para que fique nu.

– Gatinhas que uivam alto demais acabam afogadas nos canais – avisou o espadachim de cabelos claros.

– Só se não tiverem garras – e de repente surgiu uma faca na mão esquerda da garota, uma lâmina tão esguia como ela. Aquele que se chamava Terro disse qualquer coisa ao amigo de cabelos claros e os dois foram embora, rindo um para o outro.

– Obrigado – Sam agradeceu à garota depois de ficarem sozinhos.

Sua faca desapareceu.

– Se usar uma espada à noite, isso significa que pode ser desafiado. *Quer* lutar com eles?

– Não – a palavra saiu num guincho que fez Sam estremecer.

– É mesmo da Patrulha da Noite? Nunca tinha visto um irmão negro como você – a garota indicou o carrinho de mão com um gesto. – Pode ficar com as últimas amêijoas, se quiser. Já está escuro, agora ninguém vai comprá-las. Vai para a Muralha?

– Para Vilavelha – Sam pegou uma amêijoa cozida e a devorou. – Estamos esperando para embarcar de novo – a amêijoa estava boa. Comeu outra.

– Os espadachins nunca incomodam alguém que não tenha uma espada. Nem mesmo estúpidos cus de camelo como Terro e Orbelo.

– Quem é você?

– Ninguém – a garota fedia a peixe. – Costumava ser alguém, mas agora não sou. Pode me chamar de Gata, se quiser. Quem é você?

– Samwell, da Casa Tarly. Fala o idioma comum.

– Meu pai era mestre dos remadores na *Nymeria*. Um espadachim o matou por dizer que minha mãe era mais bela do que o Rouxinol. Não foi um desses cus de camelo que conheceu, foi um espadachim de verdade. Um dia hei de lhe abrir a goela. O capitão disse que *Nymeria* não precisava de garotinhas, de modo que me pôs fora. Brusco acolheu-me e me deu um carrinho de mão – ergueu os olhos para ele. – Em que navio vai partir?

– Compramos passagem na *Senhora Ushanora*.

A garota olhou para ele desconfiada.

– Ela já partiu. Não sabia? Partiu há vários dias.

*Eu sei*, Sam podia ter dito. Ele e Dareon tinham ficado na doca, observando o subir e o descer dos remos, enquanto ela avançava na direção do Titã e do mar aberto.

"Bem", dissera o cantor, "já era". Se Sam fosse um homem mais valente, o teria atirado à água. Quando tocava para convencer garotas a tirar a roupa, Dareon tinha uma língua de mel, mas na cabine do capitão, sem saber como, Sam ficara encarregado de toda a conversa, tentando persuadir os bravosianos a esperar por eles.

"Já esperei três dias por esse velho", dissera o capitão. "Tenho os porões cheios, e meus homens já deram a foda de despedida nas mulheres. Com ou sem vocês, minha *Senhora* parte na próxima maré."

"Por favor", Sam tinha suplicado. "Só mais alguns dias, é tudo que peço. Para que Meistre Aemon possa recuperar as forças."

"Ele não tem forças." O capitão visitara a estalagem na noite anterior para ver Aemon com os próprios olhos. "É velho e está doente, e não quero que morra na minha *Senhora*. Fique com ele ou o abandone, não me interessa. Eu zarparei." Pior ainda, recusara-se a devolver o dinheiro da passagem que lhe tinham pago, a prata que se destinava a levá-los a salvo até Vilavelha. "Compraram a minha melhor cabine. Está lá, à sua espera. Se não quiserem ocupá-la, a culpa não é minha. Por que teria de arcar com as perdas?"

*A essa altura já podíamos estar em Valdocaso*, Sam pensou, pesarosamente. *Podíamos até ter chegado a Pentos, se os ventos ajudassem.*

Mas nada disso interessaria à garota do carrinho de mão.

– Disse que viu um cantor...

– No Porto Feliz. Vai se casar com a Esposa do Marinheiro.

– Casar?

– Ela só se deita com os que se casam.

– Onde fica esse Porto Feliz?

– Em frente ao Navio do Saltimbanco. Posso lhe mostrar o caminho.

– Eu conheço o caminho – Sam já tinha visto o Navio do Saltimbanco. *Dareon não pode se casar! Ele proferiu os votos!* – Tenho de ir.

Desatou a correr. Era uma longa distância sobre ruas de pedras escorregadias. Não demorou muito para começar a arquejar, com seu comprido manto negro a esvoaçar ruidosamente em suas costas. Tinha de manter uma mão no cinto da espada enquanto corria. As poucas pessoas que encontrava lançavam-lhe olhares curiosos, e uma vez um gato empinou-se e silvou para ele. Quando chegou ao navio, cambaleava. Porto Feliz era mesmo do outro lado da viela.

Assim que entrou, corado e sem fôlego, uma mulher zarolha envolveu-lhe o pescoço com os braços.

– Não – Sam lhe disse. – Não estou aqui para isso – ela respondeu em bravosi. – Não falo essa língua – Sam falou em alto valiriano. Havia velas acesas e um fogo crepitando na lareira. Alguém arranhava uma rabeca, e viu duas garotas dançando em volta de um sacerdote vermelho, de mãos dadas. A zarolha empurrou os seios contra seu peito. – Não faça isso! Não estou aqui para isso!

– *Sam!* – ressoou a voz familiar de Dareon. – Yna, largue-o, este é Sam, o Matador. Meu Irmão Juramentado!

A zarolha descolou-se dele, embora mantivesse a mão em seu braço. Uma das dançarinas gritou:

– Ele pode me matar, se quiser.

E a outra disse:

– Acha que me deixará tocar em sua espada?

Por trás delas uma galeota púrpura tinha sido pintada na parede, tripulada por mulheres vestidas com botas cujo cano lhes chegava às coxas, e nada mais. Um marinheiro tyroshi encontrava-se a um canto, sem sentidos, ressonando para dentro de sua enorme barba escarlate. Em outro canto, uma mulher mais velha, com seios enormes, virava pedras com um grande ilhéu do verão vestido de penas negras e escarlates. No centro de tudo encontrava-se Dareon, sentado, esfregando o nariz no pescoço da mulher que tinha ao colo. Ela usava seu manto negro.

– Matador – chamou o cantor numa voz ébria –, venha conhecer a senhora minha esposa – os cabelos dele eram areia e mel, e seu sorriso caloroso. – Cantei-lhe canções de amor. As mulheres se derretem como manteiga quando canto. Como poderia resistir a este rosto? – beijou-lhe o nariz. – Esposa, dê um beijo no Matador, ele é meu irmão – quando a garota se levantou, Sam viu que estava nua por baixo do manto. – Não se

ponha a apalpar minha mulher, Matador – disse Dareon, rindo. – Mas se quiser uma das irmãs, fique à vontade. Ainda tenho dinheiro que chegue, acho.

*Dinheiro que podia ter nos arranjado comida*, Sam pensou, *dinheiro que podia ter nos arranjado lenha, para que Meistre Aemon se mantivesse aquecido.*

– O que você fez? Não pode se *casar*. Proferiu os votos, assim como eu. Podiam cortar sua cabeça por isso.

– Só estamos casados por esta noite, Matador. Nem em Westeros alguém nos corta a cabeça por isso. Nunca esteve em Vila Toupeira escavando tesouros enterrados?

– Não – Sam enrubesceu. – Eu nunca...

– Então, e a sua garota selvagem? Deve tê-la fodido duas ou três vezes. Todas aquelas noites na floresta, enrolados debaixo do manto, não me diga que nunca o enfiou nela? – com um movimento de mão, indicou uma cadeira. – Sente-se, Matador. Tome uma taça de vinho. Tome uma puta. Tome as duas coisas.

Sam não queria uma taça de vinho.

– Prometeu voltar antes do anoitecer. Prometeu trazer vinho e comida.

– Foi assim que matou o Outro? Repreendendo-o até a morte? – Dareon soltou uma gargalhada. – Minha mulher é ela, não é você. Se não quer beber no meu casamento, vá embora.

– Venha comigo – Sam o chamou. – Meistre Aemon acordou e quer ouvir falar dos tais dragões. Anda falando sobre estrelas sangrando, sombras brancas, sonhos e... se conseguíssemos descobrir mais acerca dos dragões, isso poderia ajudar a sossegá-lo. Ajude-me.

– Amanhã. Na noite do meu casamento, não – Dareon levantou-se, tomou a noiva pela mão e começou a subir as escadas, puxando-a atrás de si.

Sam bloqueou a passagem.

– Você *prometeu*, Dareon. Proferiu os votos. Deveria ser meu irmão.

– Em Westeros. Isto parece ser Westeros?

– Meistre Aemon...

– ... está morrendo. Aquele curandeiro listrado em que esbanjou toda a nossa prata disse isso mesmo – a boca de Dareon tinha adotado uma

expressão de dureza. – Escolha uma garota ou vá embora, Sam. Está estragando meu casamento.

– Eu vou – Sam respondeu. – Mas você vem comigo.

– Não. Estou farto de você. Estou farto do negro – Dareon arrancou o manto de sua noiva nua e o atirou ao rosto de Sam. – Tome. Atire esse trapo no velho, talvez isso o mantenha um pouco mais aquecido. Não vou precisar dele. Em breve hei de andar vestido de veludo. Daqui a um ano hei de usar peles e comer...

Sam bateu nele.

Não pensou em fazê-lo. Sua mão subiu, fechou-se num punho e esmagou-se na boca do cantor. Dareon praguejou, a mulher nua soltou um guincho e Sam atirou-se ao cantor e o derrubou, de costas, sobre uma mesa baixa. Eram quase da mesma altura, mas Sam tinha o dobro do peso de Dareon, e por uma vez estava zangado demais para ter medo. Esmurrou-o no rosto e na barriga, e depois pôs-se a espancá-lo nos ombros com ambas as mãos. Quando Dareon agarrou seus pulsos, Sam deu-lhe uma cabeçada e rachou-lhe o lábio. O cantor o soltou e Sam deu-lhe um soco no nariz. Em algum lugar, um homem ria e uma mulher praguejava. A luta pareceu tornar-se mais lenta, como se duas moscas negras lutassem em âmbar. Então alguém arrastou Sam de cima do peito do cantor. Também bateu nessa pessoa, e algo duro quebrou-se em sua cabeça.

Quando voltou a si, estava na rua, voando através do nevoeiro. Durante meio segundo viu água negra embaixo. Então, o canal subiu e o atingiu na cara.

Sam afundou como uma pedra, como um pedregulho, como uma montanha. A água entrou pelos seus olhos e no nariz, escura, fria e salgada. Quando tentou gritar por ajuda, engoliu mais. Esperneando e tentando respirar, rolou, com bolhas explodindo pelo nariz. *Nada*, disse a si mesmo, *nada*. A água salgada fez seus olhos arderem quando os abriu, cegando-o. Assomou à superfície só por um instante, inspirou uma golfada de ar e agitou desesperadamente a mão aberta enquanto a outra agarrava a margem do canal. Mas as pedras eram escorregadias e viscosas, e Sam não conseguiu encontrar apoio. Voltou a afundar.

E foi sentindo cada vez mais o frio contra a pele à medida que a água lhe foi encharcando a roupa. O cinto da espada deslizou-lhe pernas

abaixo e enrodilhou-se em volta dos tornozelos. *Vou me afogar*, pensou, num pânico cego e negro. Bracejou, tentando voltar à superfície, mas em vez disso bateu com o rosto no fundo do canal. *Estou de cabeça para baixo*, compreendeu, *estou me afogando*. Algo se moveu por baixo de uma mão que se agitava, uma enguia ou um peixe, deslizando entre seus dedos. *Não posso me afogar, Meistre Aemon morrerá sem mim, e Goiva ficará sem ninguém. Tenho de nadar, preciso...*

Então ouviu um enorme barulho de água espirrando, e algo se enrolou em volta dele, por baixo dos braços e em torno do peito. *A enguia*, foi seu primeiro pensamento, *a enguia me apanhou, vai me puxar para baixo*. Abriu a boca para gritar e engoliu mais água. *Afoguei-me*, foi seu último pensamento. *Oh, pela bondade dos deuses, eu me afoguei*.

Quando abriu os olhos estava deitado de costas, e um grande e negro ilhéu do verão batia-lhe na barriga com punhos do tamanho de presuntos. *Pare com isso, está me machucando*, Sam tentou gritar. Em vez de palavras, vomitou água e arquejou. Estava encharcado e tremia, deitado na rua de pedras, no meio de uma poça de água do canal. O ilhéu do verão voltou a socá-lo na barriga, e mais água lhe esguichou do nariz.

– Pare com isso – Sam arquejou. – Não me afoguei. Não me afoguei.

– Não – seu salvador debruçou-se sobre ele, enorme, negro, pingando. – Deve a Xhondo muitas penas. A água arruinou o belo manto de Xhondo.

Sam viu que era verdade. O manto de penas grudava-se aos enormes ombros do homem, encharcado e sujo.

– Não queria...

– ... nadar? Xhondo viu. Muito esguichar. Gordos deviam boiar – agarrou o gibão de Sam com um enorme punho negro e o colocou de pé. – Xhondo anda com *Vento de Canela*. Muitas línguas fala, um bocado. Dentro, Xhondo riu, a ver você dar socos no cantor. E Xhondo ouve – um largo sorriso branco espalhou-se por seu rosto. – Xhondo conhece esses dragões.

## JAIME

Esperava que a essa altura já tivesse se cansado dessa deplorável barba. Todos esses pelos o deixam parecido com Robert – a irmã pusera o luto de lado em prol de um vestido cor de jade, com mangas de renda de Myr prateada. Uma esmeralda do tamanho de um ovo de pombo pendia-lhe do pescoço num fio de ouro.

– A barba de Robert era preta. A minha é dourada.

– Dourada? Ou prateada? – Cersei arrancou um pelo de sob o queixo do irmão e o ergueu. Era grisalho. – Está perdendo a cor, irmão. Transformou-se em um fantasma do que era, numa coisa pálida e aleijada. E tão descorado, sempre de branco – desembaraçou-se do pelo com um piparote. – Prefiro você vestido de ouro e carmesim.

*Eu prefiro você sarapintada de luz do sol, com gotículas de água na pele nua*. Desejava beijá-la, levá-la para o quarto, atirá-la na cama... *ela tem andado fodendo Lancel e Osmund Kettleblack, e o Rapaz Lua...*

– Vou lhe propor um negócio. Liberte-me deste dever e minha navalha está às suas ordens.

A boca dela comprimiu-se. Estivera bebendo vinho quente com especiarias e cheirava à noz-moscada.

– Ousa regatear comigo? Deverei relembrá-lo de que jurou obedecer?

– Jurei proteger o rei. Meu lugar é ao seu lado.

– Seu lugar é onde quer que ele ordene que esteja.

– Tommen põe o selo em todos os papéis que você coloca na frente dele. Isto é obra sua, e é uma loucura. Para que nomear Daven seu Protetor do Oeste se não confia nele?

Cersei sentou-se junto à janela. Por trás dela, Jaime conseguia ver as ruínas enegrecidas da Torre da Mão.

– Por que tanta relutância, sor? Perdeu a coragem com a mão?

– Prestei um juramento à Senhora Stark de nunca mais pegar em armas contra os Stark ou os Tully.

– Uma promessa de bêbado feita com uma espada na garganta.

– Como poderei defender Tommen se não estiver com ele?

– Derrotando seus inimigos. O pai sempre disse que um golpe rápido de espada é uma defesa melhor do que qualquer escudo. Admito que a maioria dos golpes de espada precisam de uma mão. Apesar disso, até um leão mutilado pode inspirar medo. Quero Correrrio. Quero Brynden Tully agrilhoado ou morto. E alguém tem de pôr Harrenhal nos eixos. Precisamos urgentemente de Wylis Manderly, assumindo que ainda esteja vivo e cativo, mas a guarnição não respondeu a nenhum dos nossos corvos.

– Quem está em Harrenhal são homens de Gregor – Jaime lembrou à irmã. – A Montanha gostava deles cruéis e estúpidos. O mais provável é que tenham comido seus corvos, com mensagens e tudo.

– É por isso que o estou mandando para lá. Podem comê-lo também, valente irmão, mas espero que lhes cause indigestão – Cersei alisou a saia. – Quero que Sor Osmund comande a Guarda Real na sua ausência.

*... ela tem andado fodendo Lancel e Osmund Kettleblack, e o Rapaz Lua, tanto quanto sei...*

– Essa escolha não lhe pertence. Se eu tiver de ir, Sor Loras ficará no comando em meu nome.

– Isto é alguma piada? Sabe o que sinto por Sor Loras.

– Se não tivesse mandado Balon Swann para Dorne...

– Preciso dele lá. Os dorneses não são dignos de confiança. Aquela serpente vermelha foi campeão de Tyrion, esqueceu-se disso? Não deixarei minha filha à mercê deles. E *não* terei Sor Loras no comando da Guarda Real.

– Sor Loras é três vezes melhor homem do que Sor Osmund.

– Suas noções de virilidade mudaram um pouco, irmão.

Jaime sentiu a ira aumentar.

– É verdade, Loras não olha para suas tetas como Sor Osmund, mas não penso...

– Pense nisto – Cersei o esbofeteou.

Jaime não fez nenhum esforço para bloquear o golpe.

– Estou vendo que vou precisar de uma barba mais espessa para me proteger das carícias da minha rainha – desejava arrancar-lhe o vestido e transformar-lhe os golpes em beijos. Já o fizera antes, na época em que tinha duas mãos.

Os olhos da rainha eram gelo verde.

– É melhor que vá embora, sor.

*... Lancel, Osmund Kettleblack e o Rapaz Lua...*

– Além de mutilado, é surdo? Encontrará a porta atrás de você, sor.

– Às suas ordens – Jaime girou nos calcanhares e a deixou.

Em algum lugar os deuses estavam dando risada. Cersei nunca aceitara de bom grado ser contrariada, ele *sabia* disso. Palavras mais suaves poderiam tê-la feito mudar de ideia, mas nos últimos tempos bastava vê-la para se sentir irritado.

Parte de si ficaria contente por deixar Porto Real para trás. Em nada lhe agradava a companhia dos bajuladores e dos tolos que rodeavam Cersei. "O mais pequeno conselho" era como agora diziam na Baixada das Pulgas, de acordo com Addam Marbrand. E Qyburn... podia ter salvo a vida de Jaime, mas não deixava de ser um Saltimbanco Sangrento.

"Qyburn fede a segredos", dissera a Cersei, num aviso. E isto apenas a fizera rir.

"Todos nós temos segredos, irmão", respondera.

*... ela tem andado fodendo Lancel e Osmund Kettleblack, e provavelmente até o Rapaz Lua, tanto quanto sei...*

Quarenta cavaleiros e outros tantos escudeiros esperavam-no à porta dos estábulos da Fortaleza Vermelha. Metade era de ocidentais juramentados à Casa Lannister, e os outros, inimigos recentes transformados em amigos duvidosos. Sor Dermot da Mata de Chuva levaria o estandarte de Tommen, Ronnet Vermelho Connington carregaria a bandeira branca da Guarda Real. Um Paege, um Piper e um Peckledon partilhariam a honra de servir o Senhor Comandante como escudeiros.

"Mantenha os amigos atrás de você e os inimigos onde possa vê-los", aconselhara-o um dia Sumner Crakehall. Ou teria sido o pai?

Sua montaria era um baio sanguíneo, e o corcel de batalha, um magnífico garanhão cinzento. Tinham se passado longos anos desde a última vez que Jaime dera nome a qualquer um de seus cavalos; vira muitos morrer em batalha, e isto se tornava mais duro quando lhes era

dado nome. Mas quando o rapaz Piper começou a chamá-los Honra e Glória, deu risada e deixou que os nomes pegassem. Glória usava arreios do carmesim Lannister; Honra estava ajaezado com o branco da Guarda Real. Josmyn Peckledon segurou nas rédeas do cavalo quando Sor Jaime montou. O escudeiro era magro como uma lança, com longos braços e pernas, cabelos oleosos de um castanho de rato, e bochechas cobertas por uma suave penugem de pêssego. Seu manto ostentava o carmesim Lannister, mas o sobretudo mostrava as dez moletas púrpura de sua Casa, dispostas em fundo de amarelo.

– Senhor – perguntou o rapaz –, quer sua nova mão?

– Use-a, Jaime – instou Sor Kennos de Kayce. – Acene aos plebeus e dê-lhes algo para contar aos filhos.

– Penso que não – Jaime não queria mostrar à multidão uma mentira dourada. *Que vejam o coto. Que vejam o aleijado* – mas fique à vontade para compensar minha falta, Sor Kennos. Acene com ambas as mãos e sacuda os pés, se quiser. – Pegou nas rédeas com a mão esquerda e deu meia-volta com o cavalo. – Payne – chamou enquanto os outros formavam –, seguirá ao meu lado.

Sor Ilyn Payne abriu caminho até junto de Jaime, parecendo um pedinte num baile. Sua cota de malha estava velha e enferrujada, e era usada sobre uma jaqueta de couro fervido manchada. Nem o homem nem sua montaria ostentavam símbolos heráldicos; o escudo estava tão amassado e fendido que era difícil dizer de que cor teria sido a tinta que outrora o cobrira. Com seu rosto severo e olhos vazios e encovados, Sor Ilyn podia ter passado pela própria morte... e fora o que fizera, durante anos.

*Mas não mais*. Sor Ilyn constituíra metade do preço de Jaime por engolir a ordem de seu rei garoto como um bom Menino Comandante. A outra metade fora Sor Addam Marbrand.

"Preciso deles", dissera à irmã, e Cersei não se opôs. *O mais provável é ter ficado satisfeita por se livrar deles*. Sor Addam era amigo de infância de Jaime, e o carrasco silencioso fora um homem do pai de ambos, se é que era homem de alguém. Payne fora capitão da guarda da Mão quando alguém o ouviu vangloriar de que era Lorde Tywin quem governava os Sete Reinos e dizia ao Rei Aerys o que fazer. Aerys Targaryen cortara-lhe a língua por isso.

– Abram os portões – disse Jaime, e o Varrão-Forte, com sua voz trovejante, gritou:

*– ABRAM OS PORTÕES!*

Quando Mace Tyrell se pusera em marcha através do Portão da Lama ao som de tambores e rabecas, milhares de pessoas encheram as ruas para aclamá-lo. Garotinhos tinham se juntado à marcha, caminhando ao lado dos soldados Tyrell com cabeça erguida e elevando bem as pernas, enquanto as irmãs desses meninos atiravam beijos das janelas.

Mas naquele dia era diferente. Algumas prostitutas gritavam convites à passagem dos homens, e um vendedor de pastéis de carne anunciava a mercadoria. Na Praça do Sapateiro, dois pardais esfarrapados estavam pregando diante de várias centenas de plebeus, clamando pela danação de homens sem deus e adoradores de demônios. A multidão abriu alas para deixar a coluna passar. Tanto pardais como sapateiros os observaram com olhos embotados.

– Gostam do cheiro das rosas, mas não sentem amizade pelos leões – Jaime observou. – Minha irmã faria bem em tomar nota disso – Sor Ilyn não lhe respondeu. *O companheiro perfeito para uma longa cavalgada. Vou apreciar sua companhia.*

A maior parte de suas tropas o esperava além das muralhas da cidade; Sor Addam Marbrand com seus batedores, Sor Steffon Swyft e o comboio logístico, a Santa Centena do velho Sor Bonifer, o Bom, os arqueiros a cavalo de Sarsfield, Meistre Gulian com quatro gaiolas cheias de corvos, duas centenas de cavaleiros pesados sob o comando de Sor Flement Brax. Somando tudo, não era uma grande hoste; menos de mil homens ao todo. Um grande número era a última coisa necessária em Correrrio. Um exército Lannister já investia sobre o castelo, bem como uma força ainda maior dos Frey; a última ave que tinham recebido sugeria que os sitiantes estavam com dificuldades para se manter alimentados. Brynden Tully limpara o terreno antes de se retirar para o interior de suas muralhas.

*Não que precisasse de grande limpeza*. Pelo que Jaime vira das terras fluviais, quase não havia campo de cultivo que ainda estivesse por queimar, vila por saquear e donzela por espoliar. *E agora minha querida irmã me manda para terminar o trabalho que Amory Lorch e Gregor Clegane começaram*. Aquilo lhe deixava um sabor amargo na boca.

Perto de Porto Real, a estrada do rei era tão segura quanto qualquer estrada podia ser em tempos como aqueles. Mesmo assim, Jaime enviou Marbrand e seus batedores na frente.

– Robb Stark me pegou desprevenido no Bosque dos Murmúrios – disse. – Isso nunca mais voltará a acontecer.

– Tem a minha palavra quanto a isso – Marbrand parecia visivelmente aliviado por estar de novo a cavalo, usando o manto de um cinza esfumaçado de sua Casa, em vez da lã dourada da Patrulha da Cidade. – Se algum inimigo se aproximar mais do que uma dúzia de léguas, ficará sabendo dele de antemão.

Jaime ordenara severamente que nenhum homem devia se afastar da coluna sem sua permissão. Se não fosse assim, sabia que teria jovens fidalgotes aborrecidos fazendo corridas pelos campos, espalhando gado e estragando as plantações. Ainda viam-se vacas e ovelhas perto da cidade; maçãs nas árvores e frutos nos arbustos, campos de cevada, aveia e trigo de inverno, carroças e carros de bois na estrada. Mais adiante, as coisas não seriam tão rosadas.

Avançando à frente da hoste com Sor Ilyn silencioso ao seu lado, Jaime sentiu-se quase satisfeito. O sol estava quente em suas costas e o vento afagava-lhe os cabelos como os dedos de uma mulher. Quando Lew Pequeno Piper se aproximou a galope com um elmo cheio de amoras silvestres, Jaime comeu uma mão cheia e disse ao rapaz para partilhar o resto com os outros escudeiros e Sor Ilyn Payne.

Payne parecia tão confortável em seu silêncio como em sua cota de malha enferrujada e couro fervido. O ruído dos cascos de seu castrado e o chocalhar da espada na bainha sempre que se movia na sela eram os únicos sons que emitia. Embora seu rosto marcado pelas bexigas fosse severo e seus olhos frios como gelo num lago de inverno, Jaime sentia que o homem estava satisfeito por ter vindo. *Dei-lhe uma escolha*, recordou a si mesmo. *Ele podia ter me dito não e continuado como magistrado do rei*.

A nomeação de Sor Ilyn fora um presente de casamento de Robert Baratheon para o pai de sua noiva, uma sinecura para compensar Payne pela língua que perdera a serviço da Casa Lannister. Ele dava um magnífico carrasco. Nunca estragara uma execução, e raramente precisava de um segundo golpe. E havia algo em seu silêncio que

inspirava terror. Raras vezes um magistrado do rei parecia ser tão adequado ao seu cargo.

Quando Jaime decidiu levá-lo consigo, procurara os aposentos de Sor Ilyn, na ponta do Passeio do Traidor. O andar superior da torre atarracada e semicircular estava dividido em celas para prisioneiros que precisassem de algum grau de conforto, cavaleiros cativos ou fidalgos à espera de resgate ou troca. A entrada para as masmorras propriamente ditas ficava ao nível do chão, atrás de uma porta de ferro martelado e de uma segunda porta de madeira cinzenta e lascada. Nos andares intermediários ficavam quartos reservados para o uso do Carcereiro Chefe, para o Senhor Confessor e para o Magistrado do Rei. O Magistrado era um carrasco, mas por tradição também estava encarregado das masmorras e dos homens que nelas trabalhavam.

E Sor Ilyn Payne era singularmente pouco adequado para esta tarefa. Como não sabia ler nem escrever, e não podia falar, ele deixara o governo das masmorras aos seus subordinados, não importando quem fossem. Porém, o reino não tinha um Senhor Confessor desde o segundo Daeron, e o último Carcereiro Chefe tinha sido um mercador de tecidos que comprara o cargo de Mindinho durante o reinado de Robert. Sem dúvida que teve um bom lucro com ele durante alguns anos, até cometer o erro de conspirar com mais alguns palermas ricos para entregar o trono a Stannis. Chamavam a si mesmos "Homens Chifrudos", e Joff pregara-lhe hastes na cabeça antes de atirá-los por cima das muralhas da cidade. Portanto, recaíra em Rennifer Longwaters, o chefe de costas tortas dos carcereiros de segunda, que afirmava com entediante abundância de pormenores ter em si uma "gota de dragão", a tarefa de destrancar as portas das masmorras para Jaime entrar e conduzi-lo pelos estreitos degraus que subiam por dentro das paredes até o local onde Ilyn Payne vivera durante quinze anos.

Os aposentos fediam a comida apodrecida, e as esteiras estavam cobertas de bichos. Quando Jaime entrou, quase pisou numa ratazana. A espada longa de Payne repousava sobre uma mesa de montar, ao lado de uma pedra de amolar e de um oleado sebento. O aço mostrava-se imaculado, com o gume cintilando, azul, à luz pálida, mas noutros pontos havia pilhas de roupa suja espalhadas pelo chão, e os pedaços de cota de malha e armadura espalhados aqui e ali estavam rubros de ferrugem.

Jaime não conseguiu contar os jarros de vinho quebrados. *O homem não tem interesse por nada além de matar*, pensou, no momento em que Sor Ilyn emergia de um quarto que fedia a penicos transbordando.

"Sua Graça pede-me que lhe reconquiste as terras fluviais", dissera-lhe Jaime. "Gostaria de tê-lo comigo... caso consiga aguentar a ideia de desistir de tudo isto."

Sua resposta foi o silêncio, e um longo olhar sem pestanejar. Mas no momento em que Jaime se preparava para se virar e ir embora, Payne lhe fez um aceno. *E aqui estamos*. Jaime lançou um relance ao seu companheiro. *Talvez ainda haja esperança para ambos.*

Nessa noite acamparam à sombra do castelo dos Hayford, que se erguia no topo de uma colina. Enquanto o sol descia, uma centena de tendas brotou na base da colina, ao longo das margens do riacho que corria junto a ela. Foi o próprio Jaime quem posicionou as sentinelas. Não esperava problemas tão perto da cidade, mas o tio Stafford também julgara-se um dia em segurança em Cruzaboi. Era melhor não correr riscos.

Quando o convite para jantar com o castelão da Senhora Hayford desceu do castelo, Jaime levou consigo Sor Ilyn, bem como Sor Addam Marbrand, Sor Bonifer Hasty, Ronnet Vermelho Connington, Varrão Forte e uma dúzia de outros cavaleiros e fidalgos.

– Suponho que devia usar a mão – disse a Peck antes de iniciar a subida.

O rapaz foi imediatamente buscá-la. A mão era esculpida em ouro, muito semelhante a uma de verdade, com unhas de madrepérola nela embutidas e os dedos e o polegar meio fechados, a fim de poder com eles segurar a haste de um cálice. *Não posso lutar, mas posso beber*, refletiu Jaime enquanto o rapaz apertava as correias que lhe prendiam a mão ao coto.

"Deste dia em diante, os homens o chamarão Mão d'Ouro, senhor", assegurara-lhe o armeiro da primeira vez que a encaixara no pulso de Jaime. *Enganava-se. Serei Regicida até morrer.*

A mão de ouro foi motivo de muitos comentários de admiração durante o jantar, pelo menos até Jaime derrubar um cálice de vinho. Então foi dominado pelo mau humor.

– Se admira tanto assim esta maldita coisa, corte a mão da espada e pode ficar com ela – disse a Flement Brax. Depois daquilo não houve

mais conversas sobre a mão, e conseguiu beber em paz um pouco de vinho.

A senhora do castelo era uma Lannister por casamento, um bebê rechonchudo que foi casado com Tyrek, primo de Jaime, antes de completar um ano. A Senhora Ermesande foi trazida para a aprovação do grupo, como era próprio, toda enrolada num pequeno vestido de pano de ouro com o fretado e a pala ondeada verde da Casa Hayford desenhados com minúsculas contas de jade. Mas a menina logo começou a chorar, depois do que foi rapidamente enxotada para a cama pela ama de leite.

– Não houve notícias de nosso Senhor Tyrek? – perguntou seu castelão enquanto era servido um prato de truta.

– Nenhuma – Tyrek Lannister desaparecera durante os tumultos em Porto Real, enquanto Jaime estava cativo em Correrrio. O rapaz teria catorze anos àquela altura, assumindo-se que ainda estivesse vivo.

– Eu mesmo liderei uma busca, por ordens de Lorde Tywin – interveio Addam Marbrand enquanto tirava as espinhas de seu peixe –, mas não descobri mais do que o Bywater antes de mim. O rapaz foi visto pela última vez a cavalo, quando a força da turba quebrou a formação de homens de manto dourado. Depois disso... Bem, sua montaria foi encontrada, mas o cavaleiro não. O mais provável é terem-no derrubado e matado. Mas, se foi assim, onde está o corpo? A multidão deixou os outros cadáveres no local, por que não o dele?

– Ele teria sido mais valioso vivo – sugeriu Varrão Forte. – Qualquer Lannister traria um robusto resgate.

– Sem dúvida – concordou Marbrand –, e no entanto nunca houve um pedido de resgate. O rapaz simplesmente desapareceu.

– O rapaz está morto – Jaime bebera três taças de vinho e sua mão dourada parecia se tornar mais pesada e desajeitada a olhos vistos. *Um gancho me serviria igualmente bem*. – Se se deram conta de quem mataram, sem dúvida que atiraram o corpo ao rio com medo da ira de meu pai. Em Porto Real conhecem o sabor que ela tinha. Lorde Tywin sempre pagou suas dívidas.

– Sempre – Varrão Forte concordou, e isso foi o fim da conversa.

Mas, mais tarde, sozinho no quarto de torre que lhe fora oferecido para a noite, Jaime deu por si com dúvidas. Tyrek servira o Rei Robert como escudeiro, ao lado de Lancel. O conhecimento podia ser mais valioso do

que o ouro, mais mortífero do que um punhal. Foi em Varys que pensou então, sorrindo e cheirando a lavanda. O eunuco tinha agentes e informantes por toda a cidade. Seria coisa simples arranjar as coisas de forma que Tyrek fosse capturado durante a confusão... desde que soubesse de antemão que era provável que a turba entrasse em tumulto. *E Varys sabia de tudo, ou pelo menos era isso que gostava de nos fazer acreditar. Mas não deu nenhum aviso a Cersei sobre esse tumulto. Nem desceu aos navios para se despedir de Myrcella.*

Abriu as janelas. A noite estava esfriando, e uma lua cornuda cavalgava o céu. À luz que ela lançava sua mão brilhava, baça. *Não serve para esganar eunucos, mas é suficientemente pesada para transformar aquele sorriso viscoso numa bela ruína vermelha*. Queria bater em alguém.

Jaime foi encontrar Sor Ilyn amolando a espada.

– Está na hora – disse ao homem. O carrasco levantou-se e o seguiu, arrastando as botas de couro rachado pelos íngremes degraus de pedra enquanto desciam a escada. Um pequeno pátio abria-se junto ao armeiro. Jaime encontrou ali dois escudos, dois meios-elmos e um par de espadas embotadas de torneio. Entregou uma a Payne e pegou a outra com a mão esquerda, enquanto enfiava a direita nas presilhas do escudo. Seus dedos de ouro eram suficientemente curvos para enganchar, mas não podiam agarrar, de modo que seu controle sobre o escudo era instável. – Outrora foi um cavaleiro, sor – Jaime disse. – Eu também. Vejamos o que somos agora.

Sor Ilyn ergueu a lâmina em resposta, e Jaime atirou-se imediatamente ao ataque. Payne estava tão enferrujado quanto sua cota de malha, e não era tão forte quanto Brienne, mas parou todos os golpes com sua lâmina ou interpôs o escudo. Dançaram sob a lua crescente enquanto as espadas embotadas cantavam sua canção de aço. O cavaleiro silencioso contentou-se por algum tempo em deixar que Jaime liderasse a dança, mas, por fim, começou a responder a cada golpe com um seu. Assim que passou ao ataque, atingiu Jaime na coxa, no ombro, no antebraço. Fez-lhe a cabeça ressoar por três vezes com golpes atirados ao elmo. Uma cutilada arrancou-lhe o escudo do braço direito e quase arrebentou as correias que prendiam a mão de ouro ao coto. Quando baixaram as

espadas, Jaime estava cheio de manchas negras e dolorido, mas o vinho fora queimado e tinha a cabeça limpa.

– Voltaremos a dançar – prometeu a Sor Ilyn. – Amanhã, e no dia seguinte. Dançaremos todos os dias, até que eu seja tão bom com a mão esquerda quanto fui com a direita.

Sor Ilyn abriu a boca e soltou um som seco. *Uma gargalhada*, Jaime compreendeu. Algo se retorceu em suas entranhas.

Ao amanhecer, nenhum dos outros teve a ousadia de fazer menção às suas manchas negras. Ao que parecia, ninguém ouvira o som das espadas na noite. Mas quando voltaram a descer dos cavalos para acampar, Lew Pequeno Piper deu voz à pergunta que cavaleiros e fidalgos não se atreviam a fazer. Jaime sorriu.

– A Casa Hayford tem moças cheias de luxúria. Isto são mordidas de amor, rapaz.

Outro dia luminoso e de ventania foi seguido por um enevoado, e depois houve três dias de chuva. O vento e a água não tinham importância. A coluna manteve o ritmo, para o norte ao longo da estrada do rei, e todas as noites Jaime encontrava algum lugar recatado para arranjar mais mordidas de amor. Lutaram dentro de um estábulo observados por uma mula zarolha, e na adega de uma estalagem entre os barris de vinho e cerveja. Lutaram na concha enegrecida de um grande celeiro de pedra, numa ilha arborizada num riacho pouco profundo e num campo aberto enquanto a chuva tamborilava suavemente em seus elmos e escudos.

Jaime arranjava desculpas para seus passeios noturnos, mas não era insensato a ponto de pensar que os outros acreditavam nelas. Addam Marbrand certamente sabia o que ele andava fazendo, e alguns dos outros capitães deviam suspeitar. Mas nenhum falou no assunto ao alcance de seus ouvidos... e como à única testemunha faltava uma língua, não tinha de temer que alguém descobrisse exatamente quão inepto se tornara o Regicida com a espada.

Em pouco tempo viam-se sinais da guerra por todo lado. Ervas daninhas, espinheiros e matagais cresciam tão altos como a cabeça de um cavalo em campos onde o trigo de outono devia estar maturando; a estrada do rei estava despojada de viajantes, e lobos governavam o fatigado mundo do crepúsculo à alvorada. A maioria dos animais era

suficientemente cautelosa para se manter a distância, mas um dos batedores de Marbrand viu o cavalo ser perseguido e morto quando desmontou para urinar.

– Nenhum animal teria tamanha ousadia – declarou Sor Bonifer, o Bom, com tristeza no rosto austero. – Isto são demônios em pele de lobo, enviados para nos castigar por nossos pecados.

– Então este deve ter sido um cavalo notavelmente pecador – Jaime retrucou, em pé junto ao que restava do pobre animal. Deu ordens para que o resto da carcaça fosse cortada e salgada; poderiam vir a precisar da carne.

Num lugar chamado Berrante de Porca encontraram um velho e rijo cavaleiro chamado Sor Roger Hogg, que defendia teimosamente sua torre com seis homens de armas, quatro besteiros e uma vintena de camponeses. Sor Roger era tão grande e hirsuto como um porco de engorda, e Sor Kennos sugeriu que podia ser algum Crakehall perdido, visto que o símbolo deles era um varrão malhado. Varrão Forte pareceu acreditar e passou uma intensa hora interrogando Sor Roger acerca de seus ancestrais.

Jaime estava mais interessado no que Hogg tinha a dizer sobre os lobos.

– Tivemos alguns problemas com um bando daqueles lobos da estrela branca – disse-lhe o velho cavaleiro. – Vieram por aí farejando seu rastro, senhor, mas nós corremos com eles, e enterramos três lá embaixo, ao pé dos nabos. Antes deles houve um grupo de malditos leões, com a sua licença. Aquele que os liderava tinha uma manticora no escudo.

– Sor Amory Lorch – Jaime esclareceu. – O senhor meu pai ordenou-lhe que assolasse as terras fluviais.

– Às quais nós não pertencemos – disse resolutamente Sor Roger Hogg. – Minha lealdade é devida à Casa Hayford, e a Senhora Ermesande dobra seu pequeno joelho a Porto Real, ou o fará assim que tiver idade para andar. Eu disse isso a ele, mas esse Lorch não era bom ouvinte. Matou metade de minhas ovelhas e três boas cabras leiteiras, e tentou me assar na minha torre. Mas minhas muralhas são de pedra sólida com dois metros e meio de espessura, de modo que, depois de o fogo se apagar, foi-se embora aborrecido. Os lobos vieram em seguida, aqueles de quatro patas. Comeram as ovelhas que a manticora me deixou. Fiquei com

algumas boas peles como recompensa, mas peles não enchem a barriga de ninguém. O que devemos fazer, senhor?

– Plante – Jaime respondeu –, e reze por uma última colheita – não era resposta animadora, mas era a única que podia dar.

No dia seguinte, a coluna atravessou o riacho que servia como fronteira entre as terras que deviam lealdade a Porto Real e aquelas obrigadas a Correrrio. Meistre Gulian consultou um mapa e anunciou que aqueles montes pertenciam aos irmãos Wode, um par de cavaleiros com terras, juramentados a Harrenhal... mas *seus* fortes tinham sido construídos de terra e madeira, e só restavam vigas enegrecidas.

Não apareceu nenhum Wode, nem nenhum de seus plebeus, embora alguns fora da lei tivessem se abrigado nos porões da fortaleza do segundo irmão. Um deles usava as ruínas de um manto carmesim, mas Jaime o enforcou com os outros. E isto lhe fez bem. Era justiça. *Habitue-se a isso, Lannister, e um dia os homens talvez lhe chamem Mão d'Ouro, afinal. Mão d'Ouro, o Justo.*

O mundo foi ficando mais cinzento à medida que se aproximavam de Harrenhal. Avançavam sob céus de ardósia, ao lado de águas que brilhavam, velhas e frias como uma folha de aço batido. Jaime deu por si a se perguntar se Brienne teria passado por ali antes dele. *Se ela pensou que Sansa Stark se dirigiu a Correrrio...* Caso tivessem encontrado outros viajantes, podia ter parado para perguntar se algum deles teria por acaso visto uma donzela bonita, com cabelos ruivos, ou uma grande e feia, com um rosto capaz de coalhar leite. Mas não havia nada nas estradas exceto lobos, e seus uivos não continham respostas.

As torres da loucura do Harren Negro surgiram por fim do outro lado das águas de peltre do lago, cinco dedos negros retorcidos, pedra deformada que se estendia para o céu. Embora Mindinho tivesse sido nomeado Senhor de Harrenhal, parecia não ter grande pressa de ocupar seus novos domínios, e assim coube a Jaime Lannister "pôr em ordem" Harrenhal a caminho de Correrrio.

Não duvidava de que o castelo necessitava ser posto em ordem. Gregor Clegane arrancara o imenso e sombrio castelo dos Saltimbancos Sangrentos antes de Cersei chamá-lo a Porto Real. Sem dúvida que os homens da Montanha continuavam a chocalhar lá dentro como outras tantas ervilhas secas no interior de uma armadura, mas não eram os

homens ideais para devolver o Tridente à paz do rei. A única paz que o bando de Sor Gregor alguma vez dera a alguém era a da sepultura.

Os batedores de Sor Addam tinham relatado que os portões de Harrenhal encontravam-se fechados e trancados. Jaime enfileirou seus homens à frente deles e ordenou a Sor Kennos de Kayce para fazer soar o Berrante de Herrock, negro, retorcido e enfeitado com ouro velho.

Depois de três sopros terem ecoado nas muralhas, ouviram o gemido de dobradiças de ferro e os portões se abriram lentamente. As muralhas da loucura do Harren Negro eram tão espessas que Jaime passou por baixo de uma dúzia de alçapões antes de emergir à súbita luz do sol no pátio onde dissera adeus aos Saltimbancos Sangrentos não havia assim tanto tempo. Ervas daninhas brotavam da terra bem batida, e moscas zumbiam em volta da carcaça de um cavalo.

Um punhado de homens de Sor Gregor emergiu das torres para vê-lo desmontar; homens de olhos e bocas duras, todos eles. *Tinham de ser, para acompanhar a Montanha*. O melhor que podia ser dito dos homens de Gregor era que não eram propriamente um bando tão vil e violento como os Bravos Companheiros.

– Que eu seja fodido, Jaime Lannister – exclamou um homem de armas cinzento e grisalho. – É o raio do Regicida, rapazes. Que eu seja fodido com uma lança!

– E você, quem é? – Jaime quis saber.

– Sor costumava chamar-me Boca de Merda, se aprouver ao senhor – cuspiu nas mãos e limpou a cara com elas, como se aquilo de algum modo o deixasse mais apresentável.

– Encantador. É você quem comanda aqui?

– Eu? Não, merda. Senhor. Que me enrabem com a porra duma lança – Boca de Merda tinha na barba migalhas suficientes para alimentar a guarnição. Jaime teve de rir. O homem tomou aquilo como encorajamento. – Que me enrabem com a porra duma lança – voltou a dizer, e também se pôs a rir.

– Ouviu o homem – disse Jaime a Ilyn Payne. – Arranje uma boa e longa lança e enfie-lhe cu acima.

Sor Ilyn não tinha uma lança, mas Jon Imberbe Bettley atirou-lhe uma de bom grado. O riso ébrio de Boca de Merda parou abruptamente.

– Mantenha a merda dessa coisa longe de mim.

– Decida-se – Jaime ordenou. – Quem tem o comando aqui? Sor Gregor nomeou um castelão?

– Polliver – disse outro homem –, só que o Cão de Caça o matou, senhor. Ele e o Cócegas, e aquele moço Sarsfield.

*Outra vez o Cão de Caça.*

– Sabe que foi de Sandor? Você o viu?

– Nós não, senhor. O estalajadeiro nos disse.

– Aconteceu na estalagem do entroncamento, senhor – quem falou foi um homem mais novo, com um matagal de cabelos cor de areia. Usava a corrente de moedas que outrora pertencera a Vargo Hoat; moedas de meia centena de cidades distantes, de prata e ouro, de cobre e bronze, moedas quadradas e redondas, triângulos e anéis e bocados de osso. – O estalajadeiro jurou que o homem tinha um lado da cara todo queimado. As putas dele contaram a mesma história. Sandor tinha um garoto qualquer com ele, um moço esfarrapado do campo. Fizeram Polly e Cócegas em pedaços sangrentos e foram embora Tridente abaixo.

– Mandou homens atrás deles?

Boca de Merda franziu as sobrancelhas, como se a ideia fosse dolorosa.

– Não, senhor. Que nos fodam a todos, não mandamos.

– Quando um cão enlouquece, corta-se sua garganta.

– Bem – disse o homem, esfregando a boca –, eu nunca gostei muito do Polly, aquele merda, e o Cão era irmão do Sor, de modo que...

– Nós somos maus, senhor – interrompeu o homem que usava as moedas –, mas é preciso ser doido para enfrentar Cão de Caça.

Jaime o olhou de cima a baixo. *Mais ousado do que os outros, e não tão bêbado quanto Boca de Merda.*

– Teve medo dele.

– Eu não diria *medo*, senhor. Diria que o estávamos deixando para homens melhores que nós. Para alguém como o Sor. Ou você.

*Eu, quando tinha duas mãos*. Jaime não se iludia. Agora Sandor trataria dele em dois tempos.

– Tem nome?

– Rafford, se aprouver. A maioria me chama de Raff.

– Raff, reúna a guarnição no Salão das Cem Lareiras. Os cativos também. Vou querer vê-los. Inclusive aquelas putas da encruzilhada. Oh,

e Hoat. Fiquei perturbado quando soube que morreu. Gostaria de ver sua cabeça.

Quando a trouxeram, descobriu que os lábios do Bode tinham sido cortados, tal como as orelhas e a maior parte do nariz. Os corvos tinham jantado seus olhos. Mas ainda era possível reconhecê-lo ali. Jaime reconheceria sua barba em qualquer lugar; uma absurda corda de pelos com sessenta centímetros de comprimento que pendia de um queixo pontiagudo. Além disso, só algumas fitas de pele com textura de couro ainda aderiam ao crânio do qohorik.

– Onde está o resto dele? – perguntou.

Ninguém lhe queria dizer. Por fim, Boca de Merda baixou os olhos e resmungou:

– Apodreceu, sor. E foi comida.

– Um dos cativos andava sempre mendigando comida – admitiu Rafford –, de modo que o Sor disse para lhe dar bode assado. Mas o qohorik não tinha lá muita carne. O Sor cortou-lhe primeiro as mãos e os pés, depois os braços e as pernas.

– O paneleiro gordo ficou com a maior parte, senhor – esclareceu Boca de Merda –, mas o Sor disse para a gente tratar de que todos os cativos provassem um bocadinho. E o próprio Hoat também. Aquele filho da puta babava-se quando a gente lhe dava de comer, e a gordura corria por aquela barba fininha que ele tinha.

*Pai*, pensou Jaime, *ambos os seus cães enlouqueceram*. Deu por si recordando histórias que ouvira pela primeira vez na infância, em Rochedo Casterly, sobre a louca Senhora Lothston que se banhava em banheiras de sangue e presidia banquetes de carne humana dentro daquelas mesmas muralhas.

De algum modo, a vingança perdera o sabor.

– Leve isto e jogue no lago – Jaime atirou a cabeça de Hoat a Peck e voltou-se para falar à guarnição. – Até que Lorde Petyr chegue para reclamar seus domínios, Sor Bonifer Hasty controlará Harrenhal em nome da coroa. Aqueles de vocês que desejarem, podem se juntar a ele, se ele os aceitar. O resto seguirá comigo para Correrrio.

Os homens da Montanha olharam uns para os outros.

– Nós estamos à espera de pagamento – um deles disse. – Foi promessa do Sor. Ricas recompensas, ele disse.

– Foram as palavras dele – concordou Boca de Merda. – *Ricas recompensas para quem seguir comigo* – uma dúzia de outros pôs-se a clamar o acordo.

Sor Bonifer ergueu uma mão enluvada.

– Qualquer homem que permaneça comigo terá uma jeira de terra para trabalhar, uma segunda jeira quando tomar esposa, e uma terceira quando seu primeiro filho nascer.

– Terra, sor? – Boca de Merda cuspiu. – Tô cagando pra isso. Se quiséssemos arar a porra da terra, bem podíamos ter ficado em casa, com a sua licença, sor. *Ricas recompensas*, disse o Sor. Querendo dizer ouro.

– Se tiver alguma queixa, vá a Porto Real e leve-a à minha querida irmã – Jaime virou-se para Rafford. – Quero ver agora esses cativos. Começando por Sor Wylis Manderly.

– É o gordo? – Rafford perguntou.

– Espero piamente que sim. E não me conte histórias tristes sobre como ele morreu, senão todo seu bando pode sofrer o mesmo.

Quaisquer esperanças que pudesse ter nutrido de encontrar Shagwell, Pyg ou Zollo definhando nas masmorras foram tristemente desiludidas. Os Bravos Companheiros tinham abandonado Vargo Hoat até o último homem, aparentemente. Do pessoal da Senhora Whent, só restavam três: o cozinheiro que abrira a porta secreta a Sor Gregor, um armeiro corcunda chamado Ben Blackthumb e uma garota chamada Pia, que já não era nem de perto tão bonita como fora da última vez que Jaime a vira. Alguém lhe quebrara o nariz e lhe arrancara metade dos dentes. A garota caiu aos pés de Jaime quando o viu, soluçando e agarrando-se à sua perna com força histérica, até que Varrão Forte a obrigou a soltá-la.

– Ninguém lhe fará mal agora – disse à garota, mas isso só a fez soluçar mais alto.

Os outros cativos tinham sido mais bem tratados. Sor Wylis Manderly estava entre eles, com vários outros nortenhos de elevado nascimento, tomados prisioneiros pela Montanha Que Cavalga no combate nos vaus do Tridente. Reféns úteis, todos eles valiam um resgate considerável. Estavam todos esfarrapados, imundos e desgrenhados, e alguns tinham manchas negras recentes, dentes quebrados e dedos em falta, mas seus ferimentos tinham sido lavados e tratados, e nenhum passara fome.

Jaime perguntou a si mesmo se teriam alguma noção do que tinham andado comendo, e decidiu que era melhor não perguntar.

Em nenhum restava qualquer desafio; especialmente em Sor Wylis, uma banheira de sebo de cara peluda com olhos mortiços e bochechas pálidas e caídas. Quando Jaime lhe disse que seria escoltado até Lagoa da Donzela e ali posto num navio com destino a Porto Branco, Sor Wylis transformou-se numa poça no chão, e soluçou durante mais tempo e mais ruidosamente do que Pia. Foram necessários quatro homens para colocá-lo em pé. *Muito bode assado*, refletiu Jaime. *Deuses, como odeio este maldito castelo*. Harrenhal vira mais horrores em seus trezentos anos do que Rochedo Casterly testemunhara em três mil.

Jaime ordenou que fossem acesos fogos no Salão das Cem Lareiras e enviou o cozinheiro coxeando até as cozinhas para preparar uma refeição quente para os homens de sua coluna.

– Qualquer coisa, menos bode.

Quanto a ele, jantou no Salão do Caçador com Sor Bonifer Hasty, uma solene cegonha dada a salgar o discurso com apelos aos Sete.

– Não quero nenhum dos seguidores de Sor Gregor – declarou enquanto cortava uma pera tão seca quanto ele, assegurando-se de que o sumo inexistente do fruto não mancharia seu imaculado gibão púrpura, decorado com a faixa branca cotizada de sua Casa. – Não terei tais pecadores ao meu serviço.

– Meu septão costumava dizer que todos os homens são pecadores.

– Não se enganava – Sor Bonifer admitiu –, mas alguns pecados são mais negros do que outros, e mais nauseabundos às narinas dos Sete.

*E você não tem mais nariz do que meu pequeno irmão, caso contrário meus pecados o fariam se engasgar com essa pera.*

– Muito bem. Tirarei o bando de Gregor de suas mãos – podia sempre dar uso a combatentes. Se não fosse outro, podia mandá-los subir as escadas na frente, caso tivesse necessidade de assaltar as muralhas de Correrrio.

– Leve também a puta – pediu Sor Bonifer. – Sabe qual é. A garota das masmorras.

– Pia – da última vez que estivera ali, Qyburn mandara a garota à sua cama, julgando que aquilo lhe agradaria. Mas a Pia que tinham trazido das masmorras era uma criatura diferente da doce, simples e risonha

criatura que se lhe enfiara sob as mantas. Cometera o erro de falar quando Sor Gregor queria silêncio, e a Montanha fizera-lhe os dentes em lascas com um punho coberto de cota de malha e quebrara-lhe também o belo narizinho. Teria feito pior, sem dúvida, se Cersei não o tivesse chamado a Porto Real para enfrentar a lança da Víbora Vermelha. Jaime não ficaria de luto por ele. – Pia nasceu neste castelo – disse a Sor Bonifer. – É a única casa que alguma vez conheceu.

– Ela é uma fonte de corrupção – Sor Bonifer protestou. – Não a quero perto de meus homens, exibindo as suas... formas.

– Julgo que seus dias de exibição tenham ficado para trás – Jaime rebateu –, mas, se ela levanta tantas objeções a você, eu a levo – supunha que podia fazer dela uma lavadeira. Seus escudeiros não se importavam de lhe montar a tenda, tratar do cavalo ou limpar sua armadura, mas a tarefa de cuidar da sua roupa era vista por eles como pouco viril. – É capaz de defender Harrenhal apenas com a sua Santa Centena? – Jaime quis saber. Na verdade, deviam chamá-los Santos Oitenta e Seis, visto terem perdido catorze homens na Água Negra, mas não havia dúvida de que Sor Bonifer recomporia as fileiras assim que encontrasse recrutas suficientemente pios.

– Não prevejo dificuldades. A Velha iluminará nosso caminho, e o Guerreiro dará força aos nossos braços.

*Ou, então, o Estranho aparecerá em busca de todo o seu santo bando*. Jaime não tinha certeza de quem convencera a irmã de que Sor Bonifer deveria ser nomeado castelão de Harrenhal, mas a nomeação cheirava a Orton Merryweather. Julgava lembrar-se vagamente de que Hasty outrora servira o avô de Merryweather. E o administrador de justiça de cabelos cor de cenoura era mesmo o tipo de idiota simplório capaz de partir do princípio de que alguém chamado "o Bom" era a exata poção de que as terras fluviais necessitavam para curar as feridas deixadas por Roose Bolton, Vargo Hoat e Gregor Clegane.

*Mas talvez não se engane*. Hasty provinha das terras da tempestade, de modo que não tinha nem amigos nem inimigos ao longo do Tridente; não havia contendas de sangue, nem dívidas a pagar, nem companheiros a recompensar. Ele era sóbrio, justo e cumpridor, não havia nos Sete Reinos soldados mais bem disciplinados do que os seus Santos Oitenta e Seis, e davam um belo espetáculo quando faziam seus grandes castrados

cinzentos rodopiar e se empinar. Mindinho uma vez brincou que Sor Bonifer também devia ter castrado os cavaleiros, de tão imaculada era sua reputação.

Mesmo assim, Jaime duvidava de quaisquer soldados que fossem mais conhecidos por seus lindos cavalos do que pelos inimigos que tivessem matado. *Eles rezam bem, suponho, mas serão capazes de lutar?* Não tinham se desonrado na Água Negra, tanto quanto sabia, mas também não tinham se distinguido. O próprio Sor Bonifer fora um cavaleiro promissor na juventude, mas algo lhe acontecera, uma derrota, uma desonra ou uma visão próxima da morte, e depois disso decidira que justar era uma vaidade vazia e pusera definitivamente a lança de lado.

*Mas Harrenhal tem de ser controlado, e o Baelor Olho do Cu aqui é o homem que Cersei escolheu para controlá-lo.*

– Este castelo tem má reputação – preveniu-o –, e uma reputação que foi bem merecida. Diz-se que Harren e os filhos ainda vagueiam de noite pelos salões, incendiados. Aqueles que os contemplam rebentam em chamas.

– Não temo sombras, sor. Está escrito na *Estrela de Sete Pontas* que espíritos, criaturas de além-túmulo e mortos-vivos não podem fazer mal a um homem piedoso, desde que ele esteja coberto pela armadura de sua fé.

– Então, arme-se de fé, com certeza, mas use também cota de malha e uma placa de aço. Todos os homens que controlam este castelo parecem ter triste fim. A Montanha, o Bode, até meu pai...

– Se perdoar minha ousadia, eles não eram homens devotos, como nós somos. O Guerreiro nos protege, e a ajuda está sempre próxima, caso algum terrível inimigo nos ameace. Meistre Gulian ficará aqui com seus corvos, Lorde Lancel está perto, em Darry, com a sua guarnição, e Lorde Randyll controla Lagoa da Donzela. Juntos, nós três perseguiremos e destruiremos quaisquer fora da lei que percorram esta região. Depois disso, os Sete guiarão o bom povo de volta às suas aldeias, para arar a terra, plantá-la e reconstruir.

*Aqueles que o Bode não matou, pelo menos*. Jaime enganchou a haste de seu cálice de vinho nos dedos de ouro.

– Se algum dos Bravos Companheiros de Hoat cair em suas mãos, avise-me imediatamente – o Estranho podia ter se escapulido com o

Bode antes de Jaime arranjar oportunidade para tratar dele, mas o gordo Zollo ainda andava por aí, com Shagwell, Rorge, Fiel Urswyck e os outros.

– Para que possa torturá-los e matá-los?

– Suponho que você os perdoaria se estivesse em meu lugar?

– Se se arrependessem sinceramente de seus pecados... Sim, abraçaria a todos como irmãos e rezaria com eles antes de mandá-los para o cepo. Os pecados podem ser perdoados. Os crimes requerem punição – Hasty fechou as mãos à sua frente, fazendo com elas uma espécie de campanário, de um modo que fez que Jaime se lembrasse desconfortavelmente do pai. – Se for Sandor Clegane que encontrarmos, o que quer que eu faça?

*Reze muito*, pensou Jaime, *e fuja*.

– Mande-o juntar-se ao seu querido irmão, e fique feliz por os deuses terem feito sete infernos. Apenas um não seria suficiente para encerrar ambos os Clegane – pôs-se desajeitadamente em pé. – Beric Dondarrion é diferente. Se o capturar, mantenha-o preso até o meu regresso. Vou querer levá-lo para Porto Real com uma corda em volta do pescoço e ordenar a Sor Ilyn que lhe corte a cabeça onde metade do reino possa ver.

– E o tal sacerdote de Myr que o acompanha? Diz-se que espalha sua falsa fé por todo lado.

– Mate-o, beije-o, ou reze com ele, faça o que quiser.

– Não tenho nenhum desejo de beijar o homem, senhor.

– Não tenho dúvidas de que ele diria o mesmo de você – o sorriso de Jaime transformou-se num bocejo. – Perdão. Vou me retirar, se não tiver objeções.

– Nenhuma, senhor – disse Hasty. Certamente queria rezar.

Jaime queria lutar. Atacou os degraus dois a dois, até onde o ar da noite fosse frio e revigorante. No pátio iluminado por archotes, Varrão Forte e Sor Flement Brax defrontavam-se enquanto um círculo de homens de armas os aclamava. *Sor Lyle levará a melhor nesta luta*, compreendeu. *Tenho de encontrar Sor Ilyn*. Tinha de novo a comichão nos dedos. Seus passos afastaram-no do ruído e da luz. Passou por baixo da ponte coberta e atravessou o Pátio das Lâminas antes de perceber para onde se dirigia.

Ao se aproximar da arena dos ursos, viu o brilho de uma lanterna e a pálida luz invernal que ela derramava sobre as fileiras de íngremes

bancos de pedra. *Parece que alguém chegou antes de mim*. A arena seria um belo local para dançar; talvez Sor Ilyn tivesse se antecipado.

Mas o cavaleiro em pé junto à arena era maior; um homem rude e barbudo, com um sobretudo vermelho e branco adornado com grifos. *Connington. O que ele faz aqui?* Lá embaixo, a carcaça do urso ainda jazia na areia, embora só restassem os ossos e a pele esfarrapada meio enterrados. Jaime sentiu uma pontada de piedade pelo animal. *Pelo menos morreu em batalha.*

– Sor Ronnet – chamou –, se perdeu? É um grande castelo, bem sei.

Ronnet Vermelho ergueu a lanterna.

– Quis ver o local onde o urso dançou com a donzela não muito bela – a barba do homem brilhava à luz da lanterna como se estivesse em fogo. Jaime sentiu o cheiro de vinho em seu hálito. – É verdade que a garota dançou nua?

– Nua? Não – perguntou a si mesmo como aquela mentira teria sido adicionada à história. – Os Saltimbancos enfiaram-na num vestido de seda cor-de-rosa e meteram-lhe uma espada de torneio na mão. O Bode queria que sua morte fosse *divertida*. Se não fosse assim...

– ... a visão de Brienne nua poderia ter feito o urso fugir aterrorizado – Connington soltou uma gargalhada.

Jaime não.

– Fala como se conhecesse a senhora.

– Estive prometido a ela.

Aquilo o pegou de surpresa. Brienne nunca mencionara um noivado.

– O pai arranjou-lhe uma união...

– Três vezes – Connington ressaltou. – Eu fui o segundo. Ideia de meu pai. Eu tinha ouvido dizer que a garota era feia, e foi o que lhe disse, mas ele respondeu que todas as mulheres eram iguais depois de se apagar a vela.

– Seu pai – Jaime examinou o sobretudo do Ronnet Vermelho, onde dois grifos se defrontavam num fundo vermelho e branco. Grifos dançantes. – Era... irmão de nossa falecida Mão, não?

– Primo. Lorde Jon não tinha irmãos.

– Não – veio-lhe tudo à memória. Jon Connington fora amigo do Príncipe Rhaegar. Quando Merryweather falhara tão tristemente em conter a Rebelião de Robert e não fora possível encontrar o Príncipe

Rhaegar, Aerys virara-se para a segunda melhor opção e promovera Connington ao cargo de Mão. Mas o Rei Louco andava sempre cortando as Mãos. Cortara Lorde Jon depois da Batalha dos Sinos, despindo-o de honrarias, terras e riquezas, e expulsando-o mar afora para ir morrer no exílio, onde rapidamente bebera até a morte. Mas o primo, pai do Ronnet Vermelho, juntara-se à rebelião e fora recompensado com o Poleiro do Grifo após o Tridente. Mas só recebera o castelo; Robert ficara com o ouro e outorgara a maior parte das terras dos Connington a aliados mais fervorosos.

Sor Ronnet era um cavaleiro com terras, nada mais. Para um homem como ele, a Donzela de Tarth teria sido realmente um belo aperitivo.

– Por que não se casou? – Jaime quis saber.

– Ora, fui a Tarth e a vi. Era seis anos mais velho do que ela, mas a garota conseguia me olhar nos olhos. Era uma porca vestida de seda, embora a maioria das porcas tenha tetas maiores. Quando tentou falar, quase se engasgou com a própria língua. Dei-lhe uma rosa, e disse a ela que isso seria tudo que teria de mim – Connington olhou a arena de relance. – O urso era menos peludo do que essa aberração. Eu...

A mão dourada de Jaime atingiu-o na boca com tanta força que o outro cavaleiro caiu aos tropeções degraus abaixo. A lanterna caiu e esmagou-se, e o azeite se espalhou, em chamas.

– Estava falando de uma senhora de elevado nascimento, Sor. Chame-a pelo nome. Chame-a Brienne.

Connington afastou-se das chamas que se espalhavam, apoiado nas mãos e nos joelhos.

– Brienne. Se agrada ao senhor – cuspiu um escarro de sangue aos pés de Jaime. – Brienne, a Bela.

## CERSEI

Foi uma lenta subida até o topo da Colina de Visenya. Enquanto os cavalos se esforçavam para subir, a rainha recostou-se numa almofada vermelha macia. De fora vinha a voz de Sor Osmund Kettleblack.

– Abram alas. Limpem a rua. Abram alas para Sua Graça, a rainha.

– Margaery *realmente* mantém uma corte animada – Senhora Merryweather dizia. – Temos malabaristas, saltimbancos, poetas, fantoches...

– Cantores? – Cersei sugeriu.

– Mais do que muitos, Vossa Graça. Hamish, o Harpista, toca para ela uma vez por quinzena, e por vezes Alaric de Eysen nos entretém durante uma noite, mas seu favorito é o Bardo Azul.

Cersei recordava-se de ver o Bardo no casamento de Tommen. *Jovem e bonito de se olhar. Poderá haver aí alguma coisa?*

– Ouvi dizer que também há outros homens. Cavaleiros e cortesãos. Admiradores. Diga-me a verdade, senhora. Acha que Margaery ainda é donzela?

– Ela diz que é, Vossa Graça.

– Realmente diz. E você, diz o quê?

Os olhos negros de Taena cintilaram de malícia.

– Quando se casou com Lorde Renly em Jardim de Cima, ajudei a despi-lo. Sua senhoria era um homem bem-feito e robusto. Vi a prova quando o atiramos para a cama de núpcias onde sua noiva aguardava nua como no dia de seu nome, com um lindo rubor por baixo da colcha. Sor Loras a tinha trazido em pessoa degraus acima. Margaery pode dizer que o casamento nunca foi consumado, que Lorde Renly bebera vinho demais no banquete de casamento, mas garanto-lhe que aquilo que tinha entre as pernas estava tudo, menos cansado, da última vez que o vi.

– Teria por acaso visto a cama nupcial na manhã seguinte? – Cersei quis saber. – Ela sangrou?

– Não foi exibido nenhum lençol, Vossa Graça.

*Uma pena*. Apesar de tudo, a ausência de um lençol ensanguentado, apenas, pouco queria dizer. Tinha ouvido falar que as camponesas comuns sangravam como porcos em sua noite de núpcias, mas isso era menos verdadeiro no que dizia respeito a donzelas de nascimento elevado como Margaery Tyrell. Dizia-se que era mais provável que a filha de um lorde entregasse a virgindade a um cavalo do que a um marido, e Margaery montava desde que tivera idade para andar.

– Consta-me que a pequena rainha tem muitos admiradores entre os nossos cavaleiros domésticos. Os gêmeos Redwyne, Sor Tallad... Diga-me, quem mais?

Senhora Merryweather encolheu os ombros.

– Sor Lambert, o tolo que esconde um olho bom atrás de uma pala. Bayard Norcross. Courtenay Greenhill. Os irmãos Woodwright, por vezes Portifer e muitas vezes Lucantine. Oh, e o Grande Meistre Pycelle é um visitante frequente.

– Pycelle? Verdade? – teria aquele trêmulo e velho verme abandonado o leão em favor da rosa? *Se for verdade, irá se arrepender*. – Quem mais?

– O ilhéu do verão com seu manto de penas. Como pude me esquecer dele, com sua pele negra como tinta? Outros vêm cortejar as primas. Elinor está prometida ao rapaz Ambrose, mas adora flertar, e Megga tem um novo pretendente todas as quinzenas. Uma vez beijou um latrineiro na cozinha. Ouvi falar sobre um casamento dela com o irmão da Senhora Bulwer, mas estou certa de que se Megga pudesse escolher, preferiria Mark Mullendore.

Cersei soltou uma gargalhada.

– O cavaleiro das borboletas que perdeu o braço na Água Negra? De que serve metade de um homem?

– Megga acha-o doce. Pediu à Senhora Margaery para ajudá-la a encontrar um macaco para ele.

– Um macaco – a rainha não soube o que dizer a respeito daquilo. *Pardais e macacos. É verdade, o reino está enlouquecendo*. – E o nosso valente Sor Loras? Com que frequência ele visita a irmã?

– Mais do que qualquer dos outros – quando Taena franzia as sobrancelhas, aparecia uma minúscula ruga entre seus olhos escuros. – Visita-a todas as manhãs e todas as noites, a menos que seus deveres interfiram. O irmão é devotado a ela, partilham tudo com... oh... – por um momento a mulher de Myr pareceu quase chocada. Então, um sorriso se espalhou por seu rosto. – Tive a mais perversa das ideias, Vossa Graça.

– É melhor guardá-la para você. A colina está repleta de pardais, e todos sabemos como os pardais abominam a perversidade.

– Ouvi dizer que também abominam o sabão e a água, Vossa Graça.

– Talvez rezas demais roubem o olfato de um homem. Não me esquecerei de perguntar a Sua Alta Santidade se isto é verdade.

As cortinas tremulavam de um lado para o outro, numa onda de seda carmesim.

– Orton me disse que o Alto Septão não tem nome – Senhora Taena lembrou-se. – Poderá ser verdade? Em Myr todos temos nomes.

– Oh, ele teve nome *um dia*. Todos tiveram – a rainha fez um gesto de indiferença com a mão. – Até septões nascidos de sangue nobre respondem apenas por seus nomes próprios depois de tomarem votos. Quando um deles é elevado a *Alto* Septão, põe de lado também esse nome. A Fé lhe dirá que ele já não tem necessidade de um nome de homem, porque se transformou na manifestação dos deuses.

– Como distingue os Altos Septões uns dos outros?

– Com dificuldade. É preciso dizer "o gordo" ou "aquele que veio antes do gordo" ou "o velho que morreu durante o sono". É sempre possível arrancar-lhes o nome próprio, se se quiser, mas eles se ofendem se o usarmos. Faz que se lembrem de que um dia nasceram como homens comuns, e não gostam disso.

– O senhor meu marido me disse que este novo nasceu com sujeira debaixo das unhas.

– Suspeito que sim. Como regra, os Mais Devotos elevam um dos seus, mas houve exceções – o Grande Meistre Pycelle a informara da história, de forma detalhada e entediante. – Durante o reinado do Rei Baelor, o Abençoado, um simples pedreiro foi escolhido como Alto Septão. O homem trabalhava a pedra de forma tão bela que Baelor decidiu que era o Ferreiro renascido em carne mortal. Não sabia ler nem escrever, nem era capaz de se recordar das palavras da mais simples das preces – ainda

havia quem afirmasse que a Mão de Baelor mandara envenenar o homem para poupar embaraços ao reino. – Depois de esse Alto Septão morrer, foi elevado um garoto de oito anos, mais uma vez por insistência do Rei Baelor. Sua Graça declarou que o garoto operava milagres, embora nem mesmo suas pequenas mãos curandeiras tivessem salvo Baelor durante seu último jejum.

Senhora Merryweather soltou uma gargalhada.

– Oito anos? Talvez meu filho possa ser Alto Septão. Tem quase sete.

– Ele reza muito? – a rainha perguntou.

– Prefere brincar com espadas.

– Então é um garoto de verdade. É capaz de dizer o nome de todos os sete deuses?

– Acho que sim.

– Terei de levá-lo em consideração – Cersei não duvidava de que havia uma grande quantidade de garotos que honrariam mais a coroa de cristal do que o desgraçado a quem os Mais Devotos haviam decidido outorgá-la. *Isso é o que acontece quando se deixa que idiotas e covardes governem a si mesmos. Da próxima vez, escolherei seu chefe*. E a próxima vez podia não demorar muito a chegar se o novo Alto Septão continuasse a aborrecê-la. A Mão de Baelor tinha pouco a ensinar a Cersei Lannister em assuntos como esse.

– *Saiam do caminho!* – Sor Osmund Kettleblack gritava. – *Abram alas para a Graça da Rainha!*

A liteira começou a parar, o que só podia querer dizer que estavam perto do topo da colina.

– Devia trazer esse seu filho para a corte – disse Cersei à Senhora Merryweather. – Seis anos não é novo demais. Tommen precisa de outros garotos à sua volta. Por que não o seu filho? – Joffrey nunca tivera um amigo íntimo de sua idade, não que se lembrasse. *O pobre garoto sempre esteve só. Eu tinha Jaime quando era criança... e Melara, até ela cair no poço*. Joff gostara de Cão de Caça, certamente, mas isso não era amizade. Procurava o pai que nunca encontrara em Robert. *Um irmãozinho adotivo pode ser justamente o que Tommen precisa para se afastar de Margaery e de suas galinhas*. A seu tempo, podiam tornar-se tão próximos quanto Robert e seu amigo de infância, Ned Stark. *Um tolo, mas um tolo leal. Tommen precisará de amigos leais que lhe vigiem a retaguarda.*

– Vossa Graça é bondosa, mas Russell nunca conheceu outro lar além de Mesalonga. Temo que se sentiria perdido nesta grande cidade.

– A princípio, sim – admitiu a rainha –, mas logo superaria isso, assim como eu superei. Quando meu pai mandou me trazerem para a corte, chorei, e Jaime se enfureceu, até que minha tia se sentou comigo no Jardim de Pedra e me disse que não havia ninguém em Porto Real que devesse temer. "É uma leoa", disse, "e cabe a todas as feras menores temerem você". Seu filho também encontrará sua coragem. Certamente preferiria tê-lo por perto, onde pudesse vê-lo todos os dias. É o seu único filho, não?

– Por ora. O senhor meu marido pediu aos deuses para nos abençoar com outro, para o caso de...

– Eu sei – pensou em Joffrey, arranhando o pescoço. Em seus últimos momentos olhara-a num apelo desesperado, e uma súbita recordação parara-lhe o coração; uma gota de sangue rubro silvando na chama de uma vela, uma voz coaxante que falava de coroas e mortalhas, de morte às mãos do *valonqar*.

Fora da liteira, Sor Osmund gritava qualquer coisa, e alguém gritava-lhe em resposta. A liteira parou com um solavanco.

– Estão todos mortos? – rugiu Kettleblack. – *Saiam da porcaria do caminho!*

A rainha puxou para trás um canto da cortina e chamou Sor Meryn Trant com um gesto.

– O que está acontecendo?

– São os pardais, Vossa Graça – Sor Meryn usava armadura de escamas brancas por baixo do manto. Seu elmo e seu escudo estavam pendurados na sela. – Acampados na rua. Faremos que se mexam.

– Faça-o, mas com gentileza. Não quero ser apanhada em outro tumulto – Cersei deixou a cortina cair. – Isso é absurdo.

– Sim, Vossa Graça – concordou a Senhora Merryweather. – O Alto Septão devia ter vindo ter com você. E esses deploráveis pardais...

– Ele os alimenta, os acaricia, os *abençoa*. E no entanto não quer abençoar o rei – sabia que a bênção era um ritual vazio, mas os rituais e as cerimônias tinham poder aos olhos dos ignorantes. O próprio Aegon, o Conquistador, determinara que o início de seu reinado se dera no dia em

que o Alto Septão o ungira em Vilavelha. – Esse miserável sacerdote irá obedecer, caso contrário descobrirá quão fraco e humano ainda é.

– Orton diz que o que ele realmente quer é ouro. Que pretende reter a bênção até que a coroa retome os pagamentos.

– A Fé terá seu ouro assim que tenhamos paz – os Septões Torbert e Raynard tinham se mostrado muito compreensivos no que dizia respeito à sua promessa... Ao contrário dos malditos bravosianos, que perseguiram o pobre Lorde Gyles tão impiedosamente que ele caíra de cama, tossindo sangue. *Precisávamos daqueles navios*. Não podia depender da Árvore para a marinha; os Redwyne eram próximos demais dos Tyrell. Precisava de suas próprias forças no mar.

Os dromones que se erguiam no rio lhe dariam isso. O navio-almirante teria duas vezes mais remos do que o *Martelo do Rei Robert*. Aurane pedira-lhe autorização para lhe dar como nome *Lorde Tywin*, e Cersei ficara feliz por conceder. Esperava com antecipação ouvir os homens falar do casco e dos remos do pai. Outro dos navios se chamaria *Doce Cersei,* e teria uma figura de proa dourada, esculpida à sua semelhança, vestida de cota de malha, com um elmo de leão e uma lança na mão. *Valente Joffrey*, *Senhora Joanna* e *Leoa* a seguiriam para o mar, em conjunto com *Rainha Margaery*, *Rosa Dourada*, *Lorde Renly*, *Senhora Olenna* e *Princesa Myrcella*. A rainha cometera o erro de dizer a Tommen que podia batizar os últimos cinco. Ele chegara a escolher *Rapaz Lua* para um deles. Só quando Lorde Aurane sugerira que os homens talvez não quisessem servir num navio batizado em honra de um bobo é que o garoto concordara relutantemente em honrar a irmã.

– Se esse septão esfarrapado planeja me obrigar a *comprar* a bênção de Tommen, em breve aprenderá umas coisas – disse a Taena. A rainha não pretendia se submeter a uma matilha de sacerdotes.

A liteira voltou a parar, tão subitamente que Cersei se sobressaltou.

– Oh, isto é de enfurecer – voltou a se debruçar para fora e viu que tinham chegado ao topo da Colina de Visenya. Em frente, erguia-se o Grande Septo de Baelor, com sua magnífica cúpula e sete torres brilhantes, mas entre si e os degraus de mármore estendia-se um soturno mar de humanidade, marrom, esfarrapado e sujo. *Pardais*, pensou, fungando, embora nenhum deles algum dia tivesse exalado cheiro tão fétido.

Cersei ficou espantada. Qyburn trouxera-lhe relatórios sobre a quantidade de pardais, mas ouvir falar dos números era uma coisa, e outra era vê-los. Centenas e mais centenas estavam acampados na praça, nos jardins. Suas fogueiras enchiam o ar de fumaça e cheiros ruins. Tendas de ráfia e cabanas miseráveis feitas de lama e pedaços de madeira sujavam o imaculado mármore branco. Estavam aninhados até nos degraus, sob as altas portas do Grande Septo.

Sor Osmund regressou a trote para junto dela. Ao seu lado seguia Sor Osfryd, montado num garanhão tão dourado quanto seu manto. Osfryd era o Kettleblack do meio, mais calado do que os irmãos, e mais inclinado a franzir as sobrancelhas do que a sorrir. *E também mais cruel, se as histórias forem verdadeiras. Talvez devesse tê-lo enviado para a Muralha*.

O Grande Meistre Pycelle quisera um homem mais velho, "mais experiente nos usos da guerra", para comandar os homens de manto dourado, e vários dos outros conselheiros tinham concordado com ele.

"Sor Osfryd tem experiência suficiente", dissera-lhes, mas nem mesmo isso os calara. *Latem para mim como uma matilha de cãezinhos irritantes*. Já praticamente esgotara sua paciência com Pycelle. O homem até tivera a audácia de levantar objeções quando falara em mandar buscar um mestre de armas em Dorne, com o argumento de que isso poderia ofender os Tyrell. "Por que acha que estou *fazendo* isso?", perguntara a ele desdenhosamente.

– Perdão, Vossa Graça – disse Sor Osmund. – Meu irmão chamou mais homens de manto dourado. Abriremos uma passagem, não tema.

– Não tenho tempo. Prosseguirei a pé.

– Por favor, Vossa Graça – Taena pegou-lhe o braço. – Eles me assustam. São centenas, e tão sujos.

Cersei beijou-lhe o rosto.

– O leão não teme o pardal... mas é bom que se preocupe. Eu sei que gosta bastante de mim, senhora. Sor Osmund, tenha a bondade de me ajudar a descer.

*Se soubesse que precisaria caminhar, teria me vestido de acordo*. Trazia um vestido branco fendido com pano de ouro, rendado, mas recatado. Tinham se passado vários anos desde a última vez que o envergara, e a rainha achava-o desconfortavelmente apertado na cintura.

– Sor Osmund, Sor Meryn, me acompanhem. Sor Osfryd, assegure-se de que nada de mal aconteça à minha liteira – alguns dos pardais pareciam suficientemente descarnados e de olhos vazios para comer seus cavalos.

Enquanto abria caminho através da multidão esfarrapada, passando por suas fogueiras, carroças e rudes abrigos, a rainha deu por si lembrando-se de outra multidão que um dia se reunira naquela praça. No dia em que se casara com Robert Baratheon, milhares tinham aparecido para aclamá-los. Todas as mulheres usavam suas melhores roupas, e metade dos homens trazia crianças nos ombros. Quando emergira de dentro do septo, de mão dada com o jovem rei, a multidão soltara um rugido tão alto que poderia ter sido ouvido em Lanisporto.

"Eles gostam bastante de você, senhora", murmurara-lhe Robert ao ouvido. "Veja, todos os rostos estão sorrindo." Durante aquele curto momento, fora feliz no casamento... até lançar por acaso um relance a Jaime. *Não*, lembrava-se de ter pensado, *não são todos os rostos, senhor.*

Agora ninguém sorria. Os olhares que os pardais lhe lançavam eram mortiços, carrancudos, hostis. Abriam caminho, mas com relutância. *Se fossem mesmo pardais, um grito os teria feito voar. Uma centena de homens de manto dourado com lanças, espadas e maças limparia essa gentalha bem depressa*. Seria isso que Lorde Tywin teria feito. *Ele teria cavalgado por cima deles, em vez de caminhar através da populaça*.

Quando viu o que tinham feito a Baelor, o Adorado, a rainha teve motivos para se arrepender do seu coração suave. A grande estátua de mármore, que durante cem anos sorrira serenamente sobre a praça, estava enterrada até a cintura numa pilha de ossos e crânios. Alguns dos crânios mostravam pedaços de carne ainda agarrada. Um corvo encontrava-se pousado em um desses crânios, desfrutando de um banquete seco com uma consistência de couro. Havia moscas por todo lado.

– Que significa isto? – perguntou Cersei à multidão. – Pretendem enterrar o Abençoado Baelor numa montanha de carniça?

Um homem perneta deu um passo em frente, apoiado numa muleta de madeira.

– Vossa Graça, esses são os ossos de homens e mulheres santos, assassinados devido à sua fé. Septões, septãs, irmãos negros, pardos e

verdes, irmãs brancas, azuis e cinzentas. Alguns foram enforcados, outros estripados. Septos foram pilhados, donzelas e mães foram violadas por homens ímpios e adoradores de demônios. Até irmãs silenciosas foram molestadas. A Mãe no Céu chora em angústia. Trouxemos seus ossos de todo o reino até aqui para servir de testemunho à agonia da Santa Fé.

Cersei sentia o peso dos olhos sobre si.

– O rei saberá dessas atrocidades – respondeu solenemente. – Tommen partilhará de sua indignação. Isto é obra de Stannis e de sua bruxa vermelha, e dos nortenhos selvagens que adoram árvores e lobos – ergueu a voz: – *Bom povo, seus mortos serão vingados!*

Alguns aclamaram, mas só alguns.

– Não pedimos vingança por nossos mortos – disse o perneta –, apenas proteção para os vivos. Para os septos e lugares santos.

– O Trono de Ferro tem de defender a Fé – resmungou um homem corpulento e grosseiro, com uma estrela de sete pontas pintada na testa. – Um rei que não protege seu povo não é rei nenhum – murmúrios de assentimento ergueram-se entre aqueles que o cercavam. Um homem teve a audácia de agarrar no pulso de Sor Meryn e dizer:

– É tempo de todos os cavaleiros ungidos renunciarem aos seus senhores terrenos e defenderem a nossa Santa Fé. Junte-se a nós, Sor, se ama os Sete.

– Tire as mãos de cima de mim – Sor Meryn bradou, libertando-se com uma sacudidela.

– Estou ouvindo-os – disse Cersei. – Meu filho é jovem, mas ama bastante os Sete. Terão a sua proteção, e a minha.

O homem com a estrela na testa não se mostrou apaziguado.

– O Guerreiro nos defenderá – disse –, não esse rei garoto gordo.

Meryn Trant estendeu a mão para a espada, mas Cersei o parou antes que a desembainhasse. Tinha apenas dois cavaleiros no meio de um mar de pardais. Via bastões e foices, clavas e maças, vários machados.

– Não quero sangue derramado neste lugar sagrado, Sor – *por que todos os homens são umas crianças? Abata ele e os outros nos desfarão membro a membro.* – Somos todos filhos da Mãe. Venha, Sua Alta Santidade nos espera – mas, ao abrir caminho na direção dos degraus do septo, um bando de homens armados saiu e bloqueou as portas. Usavam

cota de malha e couro fervido, com pedaços de placa de aço amassados aqui e ali. Alguns traziam lanças, e outros, espadas. Eram mais numerosos os que preferiam machados, e tinham estrelas vermelhas cosidas em seus sobretudos embranquecidos. Dois deles tiveram a insolência de cruzar as lanças e barrar-lhe a passagem.

– É assim que recebem sua rainha? – perguntou-lhes. – Digam-me, onde estão Raynard e Torbert? – não era hábito desses dois perderem uma oportunidade para adulá-la. Torbert fazia sempre alarde de se pôr de joelhos para lhe lavar os pés.

– Não conheço os homens de que fala – disse um dos homens com uma estrela vermelha no sobretudo –, mas se pertencerem à Fé, certamente os Sete tiveram necessidade dos seus serviços.

– Septão Raynard e Septão Torbert pertencem aos *Mais Devotos* – Cersei respondeu –, e ficarão furiosos quando souberem que obstruiu minha passagem. Pretende negar-me a entrada no septo sagrado de Baelor?

– Vossa Graça – disse um homem de barba grisalha com um ombro curvado. – É bem-vinda aqui, mas seus homens deverão deixar o cinto da espada. Não são permitidas armas lá dentro, por ordens do Alto Septão.

– Cavaleiros da Guarda Real não põem de lado suas espadas, nem mesmo na presença do rei.

– Na casa do rei, deverá reinar a palavra do rei – respondeu o cavaleiro idoso –, mas esta é a casa dos deuses.

A cor subiu-lhe ao rosto. Bastaria dizer uma palavra a Meryn Trant e aquele grisalho de costas arqueadas iria se encontrar com seus deuses mais cedo do que talvez preferisse. *Mas aqui não. Agora não.*

– Espere por mim – disse secamente à Guarda Real. Sozinha, subiu os degraus. Os lanceiros descruzaram as lanças. Outros dois homens encostaram seu peso às portas, e elas se afastaram com um grande rangido.

No Salão das Lâmpadas, Cersei foi encontrar uma vintena de septões de joelhos, mas não em oração. Tinham baldes de água e sabão e esfregavam o chão. Suas vestes de tecido grosseiro e sandálias levaram Cersei a tomá-los por pardais, até que um deles ergueu a cabeça. Tinha o rosto vermelho como uma beterraba, e bolhas rebentadas sangravam em suas mãos.

– Vossa Graça.

– Septão Raynard? – a rainha quase não conseguia crer no que via. – O que faz de joelhos?

– Está limpando o chão – o homem que falou era vários centímetros mais baixo do que a rainha e magro como um pau de vassoura. – O trabalho é uma forma de prece, muito do agrado do Ferreiro – o homem se levantou, de escova na mão. – Vossa Graça. Temos estado à sua espera.

A barba do homem era grisalha, castanha e cortada curta, os cabelos atados num nó apertado por trás da cabeça. Embora as vestes que envergava estivessem limpas, estavam também puídas e remendadas. Enrolara as mangas até os cotovelos enquanto esfregava o chão, mas abaixo dos joelhos o pano estava encharcado. O rosto era marcadamente pontiagudo, com olhos encovados castanhos como lama. *Seus pés estão nus*, Cersei percebeu, consternada. E também eram hediondos, umas coisas duras e coriáceas, tornadas grossas por calos.

– É você Sua Alta Santidade?

– Sim.

*Pai, dê-me forças*. A rainha sabia que devia se ajoelhar, mas o chão estava molhado com sabão e água suja, e ela não desejava estragar o vestido. Lançou um relance aos velhos de joelhos.

– Não vejo o meu amigo, o Septão Torbert.

– Septão Torbert foi confinado a uma cela de penitente, a pão e água. É um pecado que um homem seja tão gordo quando metade do reino passa fome.

Cersei já aguentara o suficiente por um dia. Deixou-o ver sua ira.

– É assim que me cumprimenta? Com uma escova na mão, pingando água? Sabe quem eu sou?

– Vossa Graça é a Rainha Regente dos Sete Reinos – o homem disse –, mas na *Estrela de Sete Pontas* está escrito que tal como os homens se dobram perante seus senhores e os senhores perante seus reis, assim os reis e as rainhas devem se dobrar perante os Sete Que São Um Só.

*Está me dizendo para ajoelhar?* Caso estivesse, não a conhecia muito bem.

– O certo seria que tivesse me cumprimentado na escada, com suas melhores vestes e a coroa de cristal na cabeça.

– Não temos nenhuma coroa, Vossa Graça.

Suas sobrancelhas franziram-se mais.

– O senhor meu pai deu ao seu antecessor uma coroa de rara beleza, trabalhada em cristal e ouro tecido.

– E por esta dádiva honramos seu pai em nossas preces – disse o Alto Septão –, mas os pobres precisam mais de comida na barriga do que nós precisamos de ouro e cristal na cabeça. A coroa foi vendida. O mesmo aconteceu às outras que tínhamos nas câmaras subterrâneas, bem como todos os nossos anéis e vestes de pano de ouro e prata. A lã manterá os homens igualmente quentes. Foi para isso que os Sete nos deram as ovelhas.

*Ele é completamente louco*. Os Mais Devotos também deviam estar para eleger aquela criatura... Loucos, ou aterrorizados pelos pedintes que lhes batiam à porta. Os informadores de Qyburn diziam que Septão Luceon estava a nove votos da eleição quando aquelas portas tinham cedido, e uma torrente de pardais entrara no Grande Septo com seu líder nos ombros e machados nas mãos.

Fitou o homenzinho com um olhar gelado.

– Há algum lugar onde possamos falar com mais privacidade, Vossa Santidade?

O Alto Septão entregou a escova a um dos Mais Devotos.

– Se Vossa Graça me seguir...

Levou-a através das portas interiores, entrando no septo propriamente dito. Os passos de ambos ecoaram no chão de mármore. Partículas de pó dançavam nos feixes de luz colorida que entravam em diagonal pelos vitrais da grande cúpula. Incenso adoçava o ar, e ao lado dos sete altares brilhavam velas como se fossem estrelas. Um milhar tremeluzia para a Mãe, e quase outras tantas para a Donzela, mas era possível contar as velas do Estranho com duas mãos e ainda sobrariam dedos.

Até aquele local os pardais tinham invadido. Uma dúzia de cavaleiros andantes malvestidos estava ajoelhada perante o Guerreiro, suplicando-lhe que abençoasse as espadas que tinham empilhado aos seus pés. No altar da Mãe, um septão liderava as preces de uma centena de pardais, com vozes tão distantes como ondas batendo na costa. O Alto Septão levou Cersei até onde a Velha erguia sua lanterna. Quando se ajoelhou perante o altar, ela não teve outra escolha exceto ajoelhar-se ao seu lado.

Misericordiosamente, aquele Alto Septão não era tão prolixo quanto o gordo tinha sido. *Suponho que deva me sentir grata por isso.*

Sua Alta Santidade não fez nenhum movimento para se erguer quando terminou a prece. Parecia que teriam de conferenciar de joelhos. *Um estratagema de homem pequeno*, pensou, parecendo se divertir.

– Alta Santidade – disse –, esses pardais estão assustando a cidade. Quero que vão embora.

– Para onde hão de ir, Vossa Graça?

*Há sete infernos, qualquer um servirá.*

– Para o lugar de onde vieram, imagino.

– Eles vieram de todo lado. Assim como o pardal é o mais humilde e comum dos pássaros, eles são os mais humildes e comuns dos homens.

*Eles são comuns, pelo menos nisso concordamos.*

– Viu o que fizeram à estátua do Abençoado Baelor? Conspurcam a praça com seus porcos, cabras e dejetos noturnos.

– É mais fácil lavar dejetos noturnos do que sangue, Vossa Graça. Se a praça foi conspurcada, foi pela execução que aqui aconteceu.

*Ele se atreve a atirar Ned Stark na minha cara?*

– Todos a lamentamos. Joffrey era jovem, e não tão sensato como poderia ser. Lorde Stark devia ter sido decapitado em outro lugar, por respeito ao Abençoado Baelor... Mas o homem *era* um traidor, que não o esqueçamos.

– Rei Baelor perdoou aqueles que conspiraram contra si.

*O Rei Baelor aprisionou as próprias irmãs, cujo único crime era serem belas.* Da primeira vez que Cersei ouvira aquela história, dirigira-se ao berçário de Tyrion e beliscara o monstrinho até fazê-lo chorar. *Devia ter apertado seu nariz e enfiado uma meia na sua boca*. Forçou-se a sorrir.

– Rei Tommen também perdoará os pardais, depois de eles voltarem para suas casas.

– A maioria deles perdeu a casa. Há sofrimento por todo lado... e luto, e morte. Antes de vir para Porto Real, cuidava de meia centena de aldeolas, pequenas demais para terem seu próprio septo. Caminhava de uma aldeia até a seguinte celebrando casamentos, absolvendo pecadores de seus pecados, batizando recém-nascidos. Essas aldeias já não existem, Vossa Graça. Ervas daninhas e espinheiros crescem onde os jardins outrora floriam, e ossos entulham as margens das estradas.

– A guerra é uma coisa terrível. Essas atrocidades são obra dos nortenhos, e de Lorde Stannis e seus adoradores de demônios.

– Alguns de meus pardais falam de bandos de leões que os espoliaram... e do Cão de Caça, que era um homem juramentado a Vossa Graça. Em Salinas, matou um septão idoso e atacou uma garota de doze anos, uma criança inocente prometida à Fé. Usou a armadura enquanto a violava, e a terna carne da menina foi rasgada e esmagada pelo ferro da cota de malha. Quando acabou, deu-a aos seus homens, que lhe cortaram o nariz e os mamilos.

– Sua Graça não pode ser responsabilizada pelos crimes de todos os homens que um dia serviram a Casa Lannister. Sandor Clegane é um traidor e um bruto. Por que acha que o destituí de meu serviço? Ele agora luta pelo fora da lei Beric Dondarrion, não pelo Rei Tommen.

– É como diz. E no entanto é preciso perguntar: por onde andavam os cavaleiros do rei quando essas coisas aconteciam? Não é verdade que Jaehaerys, o Conciliador, um dia jurou pelo próprio Trono de Ferro que a coroa sempre protegeria e defenderia a Fé?

Cersei não fazia ideia do que Jaehaerys, o Conciliador, poderia ter jurado.

– É verdade – concordou –, e o Alto Septão o abençoou e o ungiu como rei. É uma tradição que cada novo Alto Septão dê ao rei sua bênção... E no entanto se recusou a abençoar o Rei Tommen.

– Vossa Graça está enganada. Nós não nos recusamos.

– Não vieram.

– A hora ainda não está madura.

*É um sacerdote ou um vendedor de hortaliças?*

– E o que poderia fazer para torná-la... mais madura? – *se ele se atrever a mencionar ouro, lidarei com este como lidei com o último, e encontrarei um piedoso garoto de oito anos para usar a coroa de cristal.*

– O reino está cheio de reis. Para que a Fé enalteça um acima dos demais temos de ter certeza. Há trezentos anos, quando Aegon, o Dragão, desembarcou no sopé desta mesma colina, o Alto Septão trancou-se no interior do Septo Estrelado de Vilavelha e rezou durante sete dias e sete noites, sem ingerir nada além de pão e água. Quando saiu, anunciou que a Fé não se oporia a Aegon e às irmãs, pois a Velha erguera sua lanterna e lhe mostrara o caminho adiante. Se Vilavelha pegasse em armas contra o

Dragão, Vilavelha arderia, e Torralta, Cidadela e o Septo Estrelado seriam derrubados e destruídos. Lorde Hightower era um homem devoto. Quando ouviu a profecia, manteve suas forças em casa e abriu os portões da cidade a Aegon quando ele chegou. E Sua Alta Santidade ungiu o Conquistador com os sete óleos. Eu devo fazer o que ele fez há trezentos anos. Devo rezar e jejuar.

– Durante sete dias e sete noites?

– Durante o tempo que for necessário.

Cersei sentiu vontade de esbofetear o solene e devoto rosto do homem. *Podia ajudá-lo a jejuar*, pensou. *Podia trancar você em alguma torre e me assegurar de que ninguém lhe traria comida até os deuses falarem.*

– Aqueles falsos reis abraçam falsos deuses – Cersei lembrou-lhe. – Só o Rei Tommen defende a Santa Fé.

– E, no entanto, os septos são queimados e saqueados por toda parte. Até irmãs silenciosas foram violadas, gritando sua angústia até o céu. Vossa Graça viu os ossos e os crânios de nossos santos mortos?

– Vi – obrigou-se a dizer. – Dê a Tommen sua bênção, e poremos fim a essas afrontas.

– E como fará tal coisa, Vossa Graça? Enviará um cavaleiro para percorrer as estradas com cada irmão mendicante? Dará homens para defender nossas septãs contra os lobos e os leões?

*Vou fazer de conta que não falou de leões*.

– O reino está em guerra. Sua Graça precisa de todos os homens – Cersei não pretendia esbanjar as forças de Tommen para que servissem de amas-secas a pardais, ou para proteger as bocetas enrugadas de um milhar de septãs. *Metade delas provavelmente rezam por uma boa violação*. – Seus pardais têm cacetes e machados. Que defendam a si próprios.

– As leis do Rei Maegor proíbem-nos, como Vossa Graça deve saber. Foi por decreto dele que a Fé pousou as espadas.

– Agora o rei é Tommen, não Maegor – que lhe importava o que Maegor, o Cruel, decretara trezentos anos antes? *Em vez de tirar as espadas das mãos dos fiéis, devia tê-las usado para os seus próprios fins*. Apontou para onde o Guerreiro se erguia por cima de seu altar de mármore vermelho. – O que ele tem na mão?

– Uma espada.

– Ele se esqueceu de como usá-la?

– As leis de Maegor...

– ... podem ser desfeitas – deixou aquilo pairar entre ambos, esperando que o Alto Septão engolisse a isca.

Ele não a desiludiu.

– A Fé Militante renascida... Esta seria a resposta para trezentos anos de preces, Vossa Graça. O Guerreiro voltaria a erguer sua espada brilhante e limparia este pecaminoso reino de todo o mal. Se Sua Graça me permitisse restaurar as antigas ordens abençoadas da Espada e da Estrela, todos os homens devotos dos Sete Reinos saberiam que ele é o nosso senhor legítimo e verdadeiro.

Era bom ouvir aquilo, mas Cersei teve o cuidado de não parecer muito ávida.

– Vossa Alta Santidade falou há pouco de perdão. Nestes tempos conturbados, Rei Tommen ficaria muito grato se pudesse arranjar maneira de perdoar a dívida da coroa. Parece-me que devemos à Fé cerca de novecentos mil dragões.

– Novecentos mil, seiscentos e setenta e quatro dragões. Ouro que poderia alimentar os famintos e reconstruir um milhar de septos.

– É ouro o que deseja? – perguntou a rainha. – Ou será que prefere ver aquelas poeirentas leis de Maegor postas de lado?

O Alto Septão refletiu sobre aquilo por um momento.

– Como quiser. Esta dívida será perdoada, e o Rei Tommen terá sua bênção. Os Filhos do Guerreiro me escoltarão até ele, brilhando na glória de sua Fé, enquanto meus pardais partem para defender os dóceis e humildes do mundo, renascidos como Pobres Irmãos, como antigamente.

A rainha se levantou e alisou as saias.

– Mandarei preparar os papéis, e Sua Graça os assinará e colocará o selo real neles – se havia alguma parte de ser rei que Tommen adorava, era brincar com o seu selo.

– Que os Sete protejam Sua Graça. Que tenha um longo reinado – o Alto Septão fez das mãos um campanário e ergueu os olhos para o céu. – Que os malvados tremam!

*Está ouvindo isto, Lorde Stannis?* Cersei não conseguiu conter um sorriso. Nem mesmo o senhor seu pai poderia ter se saído melhor. De um golpe, livrara Porto Real da praga dos pardais, assegurara a bênção de

Tommen e diminuíra a dívida da coroa em quase um milhão de dragões. Tinha o coração pairando bem alto quando permitiu que o Alto Septão a acompanhasse de volta ao Salão das Lâmpadas.

A Senhora Merryweather partilhou o deleite da rainha, embora nunca tivesse ouvido falar dos Filhos do Guerreiro ou dos Pobres Irmãos.

– Datam de antes da Conquista de Aegon – explicou-lhe Cersei. – Os Filhos do Guerreiro eram uma ordem de cavaleiros que renunciavam às suas terras e ouro e juramentavam as espadas à Sua Alta Santidade. Os Pobres Irmãos... eram mais humildes, apesar de muito mais numerosos. Uma espécie de irmãos mendicantes, embora carregassem machados em vez de tigelas. Vagueavam pelas estradas escoltando viajantes de septo em septo e de vila em vila. Seu símbolo era a estrela de sete pontas, vermelha sobre branco, de modo que o povo simples os chamavam Estrelas. Os Filhos do Guerreiro usavam manto arco-íris e armadura com entalhes de prata por cima de cilícios, e traziam cristais em forma de estrela nos botões do punho da espada. Esses eram as Espadas. Homens santos, ascetas, fanáticos, feiticeiros, matadores de dragões, caçadores de demônios... havia muitas histórias sobre eles. Mas todos concordam que eram implacáveis em seu ódio por todos os inimigos da Santa Fé.

Senhora Merryweather compreendeu de imediato.

– Inimigos como Lorde Stannis e sua feiticeira vermelha, talvez?

– Ora, sim, por acaso – Cersei respondeu, rindo como uma menina. – Iniciamos um jarro de hipocraz ao fervor dos Filhos do Guerreiro no caminho para casa?

– Ao fervor dos Filhos do Guerreiro e ao brilhantismo da Rainha Regente. A Cersei, a Primeira do Seu Nome!

O hipocraz era tão doce e saboroso quanto o triunfo de Cersei, e a liteira da rainha pareceu quase flutuar enquanto atravessava a cidade de volta à Fortaleza Vermelha. Mas, na base da Colina de Aegon, encontraram Margaery Tyrell e as primas, que regressavam de um passeio. *Ela me segue aonde quer que eu vá*, pensou Cersei, aborrecida, quando pôs os olhos na pequena rainha.

Atrás de Margaery vinha uma longa comitiva de cortesãos, guardas e criados, muitos dos quais carregados com cestos de flores frescas. Cada uma das primas trazia um admirador a reboque; o espigado escudeiro Alyn Ambrose acompanhava Elinor, a quem encontrava-se prometido,

Sor Tallad vinha com a tímida Alla, e Mark Mullendore, com seu único braço, seguia com Megga, rechonchuda e risonha. Os gêmeos Redwyne escoltavam duas das outras damas de Margaery, Meredith Crane e Janna Fossoway. Todas as mulheres traziam flores nos cabelos. Jalabhar Xho também se juntara ao grupo, tal como Sor Lambert Turnberry com sua pala e o bonito cantor conhecido como Bardo Azul.

*E claro que um cavaleiro da Guarda Real tem de acompanhar a pequena rainha, e claro que é o Cavaleiro das Flores*. Numa armadura de escamas brancas com entalhes de ouro, Sor Loras resplandecia. Embora já não tomasse a liberdade de treinar Tommen no manejo das armas, o rei ainda passava muito mais tempo do que devia em sua companhia. Todas as vezes que o garoto regressava de uma tarde passada com sua pequena esposa, tinha alguma nova história a contar sobre algo que Sor Loras dissera ou fizera.

Margaery saudou-os quando as duas colunas se encontraram e pôs-se ao lado da liteira da rainha. Tinha as bochechas rosadas, e os cachos castanhos caíam-lhe livremente em volta dos ombros, agitados por cada sopro de vento.

– Estávamos colhendo flores de outono na mata do rei – disse-lhes.

*Eu sei onde esteve*, pensou a rainha. Seus informantes eram muito bons em mantê-la a par dos movimentos de Margaery. *É uma garota tão irrequieta, nossa pequena rainha*. Raramente deixava que se passassem mais de dois dias sem que fosse passear a cavalo. Certos dias cavalgava ao longo da estrada de Rosby à caça de conchas e para comer junto ao mar. Outras vezes levava a comitiva para a outra margem do rio, a fim de passar uma tarde fazendo falcoaria. A pequena rainha gostava também de sair de barco, velejando para cima e para baixo ao longo da Torrente da Água Negra sem nenhum destino em particular. Quando sentia-se devota, deixava o castelo para ir rezar no Septo de Baelor. Tornou-se freguesa de uma dúzia de costureiras diferentes, era bem conhecida entre os ourives da cidade e até visitara o mercado de peixe perto do Portão da Lama, para dar uma olhadela na pesca do dia. Onde quer que fosse, o povo a adulava, e a Senhora Margaery fazia o que podia para alimentar seu ardor. Andava sempre dando esmolas a pedintes, comprando tortas quentes nas carroças dos padeiros e refreando o cavalo para falar com mercadores comuns.

Se dependesse dela, teria posto Tommen para fazer todas essas coisas. Andava eternamente convidando-o para acompanhá-la e às suas galinhas em suas aventuras, e o garoto eternamente suplicava à mãe permissão para ir. A rainha dera seu consentimento algumas vezes, apenas para permitir que Sor Osney passasse mais algumas horas na companhia de Margaery. *E de muito isso serviu. Osney revelou-se um doloroso desapontamento.*

"Lembra-se do dia em que sua irmã zarpou para Dorne?", perguntara Cersei ao filho. "Você se recorda dos uivos da turba quando voltávamos para o castelo? Das pedras, das pragas?"

Mas o rei mostrara-se surdo ao bom-senso, graças à sua pequena rainha.

"Se nos misturarmos aos plebeus, eles gostarão mais de nós."

"A turba gostou tanto do Alto Septão gordo que lhe desfez um membro de cada vez, e ele era um homem santo", forçara-o a se lembrar. Tudo que conseguira tinha sido deixá-lo emburrado. *Tal como Margaery quer, aposto. Tenta me roubar Tommen todos os dias e de todas as maneiras*. Joffrey teria visto além do seu sorriso de intriguista e a faria tomar consciência do seu lugar, mas Tommen era mais ingênuo. *Ela sabia que Joff era forte demais para si mesma*, Cersei pensou, lembrando-se da moeda de ouro que Qyburn encontrara. *Para a Casa Tyrell ter esperança de governar, ele tinha de ser tirado do caminho*. Recordou-se que Margaery e sua hedionda avó tinham outrora conspirado para casar Sansa Stark com o irmão aleijado da pequena rainha, Willas. Lorde Tywin se antecipara a elas, casando Sansa com Tyrion, mas a ligação estava lá. *Estão todos juntos na intriga*, compreendeu num sobressalto. *Os Tyrell subornaram os carcereiros para libertar Tyrion e levaram-no às pressas estrada das rosas abaixo, para se ir juntar à sua desprezível noiva. A essa altura os dois estão a salvo em Jardim de Cima, escondidos atrás de uma muralha de rosas.*

– Devia ter vindo conosco, Vossa Graça – tagarelou a pequena intriguista enquanto subiam a encosta da Colina de Aegon. – Podíamos ter passado horas tão agradáveis juntas. As árvores estão vestidas de dourado, vermelho e laranja, e há flores por todo lado. E castanhas também. Assamos algumas no caminho de volta.

– Não tenho tempo para cavalgar pelos bosques e colher flores – Cersei respondeu. – Tenho um reino para governar.

– Só um, Vossa Graça? Quem governa os outros seis? – Margaery soltou uma alegre gargalhadinha. – Espero que perdoe meu gracejo. Conheço o fardo que carrega. Devia deixar-me partilhar a carga. Deve haver algumas coisas que eu possa fazer para ajudar. Acabaria com todo esse falatório sobre você e eu rivalizarmos pelo rei.

– É isso que dizem? – Cersei sorriu. – Que tolice. Nunca a considerei uma rival, nem por um momento.

– Agrada-me tanto ouvir isso – a garota não parecia perceber que fora golpeada. – Você e Tommen precisam vir conosco da próxima vez. Sei que Sua Graça adoraria. O Bardo Azul tocou para nós, e Sor Tallad nos mostrou como lutar com um bastão, como o povo luta. Os bosques são tão lindos no outono.

– Meu falecido marido também adorava a floresta – nos primeiros anos de casamento, Robert eternamente implorava para que Cersei fosse à caça com ele, mas ela sempre pedia dispensa. As viagens de caça de Robert permitiam-lhe passar tempo com Jaime. *Dias de ouro e noites de prata*. A dança que os dois tinham dançado fora decerto perigosa. Dentro da Fortaleza Vermelha havia olhos e ouvidos por todo lado, e nunca se podia ter certeza de quando Robert regressaria. De algum modo, o perigo só servira para fazer que o tempo passado juntos fosse ainda mais emocionante. – Mesmo assim, a beleza pode por vezes esconder um perigo mortal – ela preveniu a pequena rainha. – Robert perdeu a vida na floresta.

Margaery sorriu a Sor Loras; um sorriso doce e fraternal, cheio de carinho.

– Vossa Graça é gentil por temer por mim, mas meu irmão me mantém bem protegida.

*Vá caçar*, Cersei dissera a Robert meia centena de vezes. *Meu irmão me mantém bem protegida*. Recordou o que Taena lhe dissera horas antes, e uma gargalhada saltou-lhe dos lábios.

– Vossa Graça tem um riso tão lindo – Senhora Margaery lançou-lhe um sorriso zombeteiro. – Podemos saber qual é a piada?

– Saberá – a rainha respondeu. – Garanto a você que saberá.

## O PIRATA

Os tambores marcavam um ritmo de batalha enquanto o *Vitória de Ferro* precipitava-se adiante, rompendo com o esporão as agitadas águas verdes. O navio menor, à sua frente, virava de bordo, chicoteando o mar com os remos. Rosas agitavam-se em seus estandartes; à proa e à popa uma rosa branca num brasão vermelho, no topo do mastro uma dourada num campo tão verde quanto a grama. O *Vitória de Ferro* varreu-lhe o flanco com tanta força que metade do destacamento de abordagem perdeu o equilíbrio. Remos se partiram e fizeram-se em lascas, doce música para os ouvidos do capitão.

Saltou sobre o talabardão, caindo no convés embaixo, com o manto dourado tremulando atrás de si. As rosas brancas recuaram, como os homens faziam sempre que viam Victarion Greyjoy armado e couraçado, de rosto escondido atrás do elmo em forma de lula gigante. Seguravam espadas, lanças e machados, mas nove em dez não trazia armadura, e o décimo tinha apenas uma camisa de escamas cosidas umas às outras. *Estes não são homens de ferro*, pensou Victarion. *Ainda têm medo de se afogar.*

– Peguem-no! – gritou um homem. – Está sozinho!

– *VENHAM!* – rugiu em resposta. – *Venham me matar, se conseguirem.*

Os guerreiros rosados convergiram de todos os lados, com aço cinzento nas mãos e terror por trás dos olhos. Seu medo era tão palpável que Victarion conseguia saboreá-lo. Golpeou à esquerda e à direita, decepando o braço do primeiro homem pelo cotovelo e abrindo uma grande fenda no ombro do segundo. O terceiro enterrou o machado no macio pinho do escudo de Victarion, que o empurrou contra o rosto do idiota, derrubou-o e o matou quando tentou se levantar. Enquanto lutava para libertar o machado das costelas do morto, uma lança o atingiu entre as omoplatas. Foi como se alguém lhe tivesse dado uma palmada nas

costas. Victarion rodopiou e atirou o machado contra a cabeça do lanceiro, sentindo o impacto no braço quando o aço cortou, com estrondo, elmo, cabelos e crânio. O homem vacilou durante meio segundo, até o capitão de ferro libertar o aço e empurrar o cadáver, que cambaleou convés afora, sem força nos membros, parecendo mais bêbado do que morto.

A essa altura seus nascidos no ferro já o tinham seguido até o convés do dracar quebrado. Ouviu Wulfe Uma-Orelha soltar um uivo quando se lançou ao trabalho, vislumbrou Ragnor Pyke com sua cota de malha enferrujada, viu Nute, o Barbeiro, fazer um machado de arremesso rodopiar pelo ar e atingir um homem no peito. Victarion matou outro homem, e depois mais um. Teria matado um terceiro, mas Ragnor o abateu primeiro.

– Bom golpe – berrou-lhe Victarion.

Quando se virou em busca da próxima vítima do seu machado, viu o capitão do outro lado do convés. Tinha o sobretudo branco manchado de sangue e tripas, mas Victarion conseguia distinguir as armas que trazia no peito, a rosa branca dentro de seu brasão vermelho. O homem ostentava o mesmo símbolo no escudo, num fundo branco com uma moldura ameiada de vermelho.

– *Você!* – gritou o capitão de ferro através da carnificina. – *Você, o da rosa! Seria você o senhor de Escudossul?*

O outro ergueu a viseira para mostrar um rosto sem barba.

– Seu filho e herdeiro, Sor Talbert Serry. E quem é você, lula?

– Sua morte – Victarion investiu contra ele.

Serry saltou para defrontá-lo. Sua espada era de bom aço forjado em castelo, e o jovem cavaleiro a fazia cantar. Seu primeiro golpe foi baixo, e Victarion o afastou com o machado. O segundo atingiu o capitão de ferro no elmo antes que tivesse tempo de erguer o escudo. Victarion respondeu com um golpe lateral de machado. O escudo de Serry interpôs-se. Voaram lascas de madeira, e a rosa branca fendeu-se de cima a baixo com um belo e penetrante *crac*. A espada do jovem cavaleiro bateu-lhe na coxa, uma, duas, três vezes, gritando contra o aço. *Este rapaz é rápido*, compreendeu o capitão de ferro. Atingiu o rosto de Serry com o escudo e o fez cambalear para trás, de encontro ao talabardão. Victarion ergueu o machado e pôs todo seu peso no golpe, para rasgar o

rapaz do pescoço às virilhas, mas Serry rodopiou para longe. A cabeça do machado esmagou-se contra a amurada, fazendo voar lascas, e ficou presa ali quando tentou libertá-la. O convés moveu-se sob seus pés, e o homem de ferro caiu sobre um joelho.

Sor Talbert deitou fora o escudo quebrado e lançou um corte vertical com a espada. O escudo de Victarion tinha feito metade da rotação quando tropeçara. Apanhou a lâmina de Serry com um punho de ferro. Aço articulado foi esmagado, e uma punhalada de dor o fez soltar um grunhido, mas Victarion aguentou.

– Eu também sou rápido, rapaz – disse enquanto arrancava a espada das mãos do cavaleiro e a atirava ao mar.

Os olhos de Sor Talbert esbugalharam-se.

– A minha espada...

Victarion atingiu o rapaz na garganta com um punho ensanguentado.

– Vá buscá-la – disse, forçando-o a cair de costas, por cima da amurada, para dentro da água manchada de sangue.

Com aquilo conseguiu uma pausa para soltar o machado. As rosas brancas recuavam diante da maré de ferro. Alguns tentavam fugir para dentro do navio, enquanto outros gritavam por trégua. Victarion sentia sangue quente escorrer por seus dedos, por baixo da cota de malha, do couro e do aço articulado, mas isso não era nada. Do outro lado do mastro, um espesso nó de inimigos continuava lutando, resistindo, ombro contra ombro, num círculo. *Aqueles pelo menos são homens. Preferem morrer a se render*. Victarion concederia a alguns esse desejo. Bateu no escudo com o machado e avançou sobre eles.

O Deus Afogado não esculpira Victarion Greyjoy para lutar com palavras em assembleias de homens livres, nem para combater inimigos furtivos e dissimulados em pântanos intermináveis. Era para *aquilo* que fora posto na terra; para avançar vestido de aço com um machado rubro a gotejar na mão, oferecendo a morte a cada golpe.

Atacaram-no pela frente e pelas costas, mas, pelo dano que lhe causaram, as espadas bem podiam ter sido chibatas de salgueiro. Não havia lâmina capaz de atravessar o aço pesado de Victarion Greyjoy, e ele não dava aos inimigos tempo suficiente para encontrar os pontos fracos nas juntas, onde apenas cota de malha e couro o protegiam. Que três homens o assaltassem, ou quatro, ou cinco; não fazia diferença. Matava-

os um de cada vez, confiando no aço para protegê-lo dos outros. Quando um inimigo caía, direcionava sua fúria para o seguinte.

O último homem a enfrentá-lo devia ter sido um ferreiro; os ombros pareciam os de um touro, e um deles era muito mais musculoso do que o outro. Sua armadura era uma brigantina tachonada e um boné de couro fervido. O único golpe que deu completou a destruição do escudo de Victarion, mas a estocada que este atirou em resposta abriu-lhe a cabeça em duas. *Seria bom se pudesse lidar com Olho de Corvo com essa simplicidade*. Quando voltou a libertar o machado, o crânio do ferreiro pareceu rebentar. Osso, sangue e cérebro saltaram para todo lado, e o cadáver caiu para a frente, contra suas pernas. *Tarde demais para suplicar por trégua*, pensou Victarion enquanto se desenredava do morto.

A essa altura, o convés encontrava-se escorregadio sob seus pés, e os mortos e moribundos jaziam em pilhas por todos os lados. Deitou o escudo fora e encheu os pulmões de ar.

– Senhor capitão – ouviu o Barbeiro dizer ao seu lado –, o dia é nosso.

A toda volta o mar estava cheio de navios. Alguns ardiam, outros afundavam, outros tinham sido feitos em lascas. Entre os cascos, a água estava espessa como guisado, cheia de cadáveres, galhos quebrados e homens agarrados aos destroços. A distância, meia dúzia dos dracares dos homens do sul corria de volta ao Vago. *Podem ir*, pensou Victarion, *que contem a história*. Depois de um homem virar as costas e fugir da batalha, deixava de ser um homem.

Seus olhos ardiam do suor que neles entrara durante a luta. Dois de seus remadores ajudaram-no a desprender o elmo da lula gigante para que pudesse tirá-lo. Victarion limpou a testa.

– Aquele cavaleiro – resmungou –, o cavaleiro da rosa branca. Algum de vocês o puxou para fora? – o filho de um senhor valeria um resgate considerável; do pai, se Lorde Serry tivesse sobrevivido àquele dia. Ou talvez de seu suserano em Jardim de Cima.

Mas nenhum de seus homens tinha visto o que acontecera ao cavaleiro depois de cair navio afora. O mais provável era que tivesse se afogado.

– Que se banqueteie tão bem quanto lutou nos salões aquáticos do Deus Afogado – embora os homens das Ilhas Escudo chamassem a si mesmos marinheiros, cruzavam os mares aterrorizados e seguiam levemente vestidos para a batalha, com medo do afogamento. O jovem Serry tinha

sido diferente. *Um homem corajoso*, pensou Victarion. *Quase um nascido no ferro*.

Entregou o navio capturado a Ragnor Pyke, nomeou uma dúzia de homens para tripulá-lo e subiu de volta para o seu *Vitória de Ferro*.

– Retire as armas e armaduras dos cativos e cuide de seus ferimentos – disse a Nute, o Barbeiro. – Atire os moribundos ao mar. Se algum pedir misericórdia, corte-lhe a garganta primeiro – só sentia desprezo por homens assim; era melhor afogar-se em água do mar do que em sangue. – Quero uma contagem dos navios que ganhamos e de todos os cavaleiros e fidalgos que capturamos. Também quero seus estandartes – um dia os penduraria em seu salão, para que quando se tornasse velho e frágil pudesse recordar todos os inimigos que matara quando era jovem e forte.

– Será feito – Nute abriu um sorriso. – É uma bela vitória.

*Sim*, pensou, *uma grande vitória para o Olho de Corvo e seus feiticeiros*. Os outros capitães voltariam a gritar o nome do irmão quando as notícias chegassem a Escudorroble. Euron seduzira-os com sua língua fluente e olho sorridente, e prendera-os à sua causa com o saque de meia centena de terras distantes; ouro e prata, armaduras ornamentadas, espadas curvas com botões de punho dourados, punhais de aço valiriano, peles listradas de tigres e de gatos malhados, manticoras de jade e antigas esfinges valirianas, arcas de noz-moscada, cravinho e açafrão, presas de marfim e chifres de unicórnio, penas verdes, cor de laranja e amarelas vindas do Mar do Verão, rolos de boa seda e cintilante samito... E, no entanto, tudo isso era quase nada comparado com isto. *Agora, deu-lhes conquista, e são seus de uma vez por todas*, pensou o capitão. O sabor que tinha na língua era amargo. *Essa vitória foi minha, não dele. Onde estava? Em Escudorroble, descansando num castelo. Roubou-me a esposa e o trono, e agora me rouba a glória*.

A obediência era natural para Victarion Greyjoy; nascera nela. Crescendo até a idade adulta à sombra dos irmãos, seguira obedientemente Balon em tudo que fizera. Mais tarde, quando os filhos de Balon nasceram, fora aos poucos aceitando a ideia de um dia também se ajoelhar diante deles, quando um tomasse o lugar do pai na Cadeira de Pedra do Mar. Mas o Deus Afogado chamara Balon e os filhos para seus

salões aquáticos, e Victarion não conseguia se dirigir a Euron como “rei” sem sentir o gosto da bílis na garganta.

O vento tornava-se mais fresco, e sentia uma sede furiosa. Depois de uma batalha sempre desejava vinho. Entregou o convés a Nute e desceu. Em sua apertada cabine de popa, foi encontrar a mulher morena, úmida e pronta; a batalha talvez também tivesse aquecido seu sangue. Tomou-a por duas vezes, em rápida sucessão. Quando terminaram, havia sangue espalhado por seus seios, coxas e barriga, mas era sangue dele, proveniente do golpe que tinha na palma da mão. A morena lavou o ferimento com vinagre fervido.

– O plano era bom, admito – disse Victarion quando ela se ajoelhou ao seu lado. – O Vago agora está aberto para nós, como estava antigamente – o rio era indolente, largo, lento e traiçoeiro com recifes e bancos de areia. A maior parte das embarcações marítimas não se atrevia a navegar para lá de Jardim de Cima, mas os dracares, com seus baixos calados, podiam subir até Pontamarga. Nos tempos antigos, os nascidos no ferro tinham velejado ousadamente pela estrada do rio e feito pilhagens ao longo de todo o Vago e de seus afluentes... Até que os reis da mão verde armaram os pescadores das quatro pequenas ilhas ao largo da foz do Vago e os nomearam seus escudos.

Tinham se passado dois mil anos, mas nas torres de vigia ao longo de suas costas escarpadas os grisalhos ainda mantinham a antiga vigília. Ao primeiro vislumbre de dracares, os velhos acendiam suas fogueiras sinaleiras, e o chamado saltava de monte em monte e de ilha em ilha. *Medo! Inimigos! Atacantes! Atacantes!* Quando os pescadores viam as fogueiras ardendo nos locais altos, punham de lado as redes e os arados e pegavam nas espadas e nos machados. Seus senhores saíam em corrida dos castelos, servidos por cavaleiros e homens de armas. Berrantes de guerra ecoavam sobre as águas, vindos de Escudoverde e Escudogris, de Escudorroble e Escudossul, e seus dracares deslizavam de enseadas de pedra coberta de musgo ao longo das costas, com os remos relampejando, enquanto atravessavam em nuvens os estreitos e iam selar o Vago e perseguir e assolar os atacantes rio acima até sua destruição.

Euron mandara Torwold Dente-Castanho e o Remador Vermelho para o Vago com uma dúzia de dracares rápidos, para que os senhores das Ilhas Escudo partissem em perseguição. Quando a frota principal chegara, só

restava um punhado de guerreiros para defender as ilhas propriamente ditas. Os nascidos no ferro tinham vindo na maré do fim da tarde, para que o clarão do poente os mantivesse escondidos dos grisalhos nas torres de vigia até ser tarde demais. Tinham o vento nas costas, como estivera ao longo de toda a viagem desde Velha Wyk. Murmurava-se na frota que os feiticeiros de Euron tinham mais do que muito a ver com isso, que o Olho de Corvo apaziguava o Deus da Tempestade com sacrifícios de sangue. De que outra forma se atreveria a velejar até tão longe para oeste, em vez de seguir a linha da costa como era costume?

Os nascidos no ferro encalharam seus dracares nas praias de cascalho e jorraram para o crepúsculo púrpura com aço a cintilar nas mãos. A essa altura, as fogueiras já ardiam nos locais elevados, mas poucos tinham ficado para trás para pegar em armas. Escudogris, Escudoverde e Escudossul caíram antes de o sol nascer. Escudorroble resistiu mais meio dia. E quando os homens dos Quatro Escudos desistiram da perseguição movida a Torwold e ao Remador Vermelho e viraram para jusante, foram encontrar a Frota de Ferro à sua espera na foz do Vago.

– Tudo aconteceu como Euron disse – Victarion dirigiu-se à morena enquanto ela enfaixava sua mão com linho. – Seus feiticeiros devem tê-lo visto – o irmão tinha três a bordo do *Silêncio*, confidenciara Quellon Humble num murmúrio. – Mas ainda precisa de mim para travar suas batalhas – Victarion insistiu. –, os feiticeiros podem ser muito bons, mas é o sangue e o aço que vencem as guerras – o vinagre fez o ferimento doer mais do que nunca. Afastou a mulher com um empurrão e fechou o punho, carrancudo. – Traga-me vinho.

Bebeu na escuridão, meditando sobre o irmão. *Se não der o golpe com minha própria mão, serei mesmo assim um fratricida?* Não havia homem que Victarion temesse, mas a maldição do Deus Afogado o fazia hesitar. *Se for outro a abatê-lo às minhas ordens, seu sangue manchará também minhas mãos?* Aeron Cabelo-Molhado saberia a resposta, mas o sacerdote estava em algum lugar nas Ilhas de Ferro, ainda com esperança de amotinar os nascidos no ferro contra seu rei recém-coroado. *Nute, o Barbeiro, é capaz de barbear um homem com um machado arremessado a vinte metros de distância. E nenhum dos mestiços de Euron conseguiria resistir a Wulfe Uma-Orelha ou a Andrik, o Sério. Qualquer um deles*

*poderia fazê-lo*. Mas sabia que o que um homem *pode* fazer e o que *quer* fazer eram duas coisas diferentes.

"As blasfêmias de Euron farão cair a fúria do Deus Afogado sobre todos nós", profetizara Aeron, ainda em Velha Wyk. "Temos de detê-lo, irmão. Ainda somos do sangue de Balon, não somos?"

"Ele também é", Victarion respondera. "Não gosto disto mais do que você, mas Euron é o rei. Sua assembleia de homens livres o elegeu, e foi você mesmo quem lhe pôs na cabeça a coroa de madeira trazida pelo mar!"

"Eu pus a coroa em sua cabeça", dissera o sacerdote, com algas pingando dos cabelos, "e de bom grado a arrancaria e coroaria você no lugar. Só você tem força suficiente para lutar contra ele."

"Foi o Deus Afogado que o elevou", Victarion protestara. "Que seja o Deus Afogado a derrubá-lo."

Aeron lançara-lhe um olhar sinistro, aquele que tinha fama de tornar imprópria a água de poços e deixar estéreis as mulheres.

"Não foi o deus que falou. Sabe-se que Euron tem feiticeiros e magos malignos naquele seu navio vermelho. Eles jogaram algum feitiço sobre nós para não conseguirmos ouvir o mar. Os capitães e os reis estavam bêbados com toda aquela conversa de dragões."

"Bêbados, ou com medo daquele berrante. Ouviu o som que ele fez. Mas não importa. Euron é o nosso rei."

"Meu, não", o sacerdote declarara. "O Deus Afogado ajuda os valentes, não aqueles que se abrigam dentro dos navios quando a tempestade chega. Se não quer se mexer para remover Olho de Corvo da Cadeira de Pedra do Mar, preciso eu mesmo pôr mãos nesta obra."

"Como? Não tem navios, não tem espadas."

"Tenho a minha voz", o sacerdote respondeu, "e o deus está comigo. Minha é a força do mar, uma força à qual Olho de Corvo não pode esperar resistir. As ondas podem se quebrar na montanha, mas continuam a vir, onda atrás de onda, e no fim só restarão seixos onde esteve a montanha. E em pouco tempo até os seixos serão varridos para longe, para formar o chão sob o mar por toda a eternidade."

"Seixos?", Victarion resmungou. "Está louco se pensa em derrubar Olho de Corvo com conversas sobre ondas e seixos."

“Os nascidos no ferro serão as ondas”, Cabelo-Molhado retrucou. “Não os grandes e senhoriais, mas o povo simples, os que lavram a terra e os que pescam no mar. Os capitães e os reis fizeram subir Euron, mas o povo o derrubará. Irei a Grande Wyk, a Harlaw, a Montrasgo, à própria Pyke. Minhas palavras serão ouvidas em cada vila e aldeia. Nenhum homem sem deus pode se sentar na Cadeira de Pedra do Mar!”, balançou a cabeça hirsuta e penetrou a passos largos na noite. Quando o sol se ergueu no dia seguinte, Aeron Greyjoy desaparecera da Velha Wyk. Nem mesmo seus afogados sabiam para onde. Dizia-se que Olho de Corvo se limitara a rir quando o informaram.

Mas, embora o sacerdote tivesse desaparecido, seus terríveis avisos permaneceram. Victarion deu por si lembrando-se também das palavras de Baelor Blacktyde. “*Balon era louco, Aeron é mais louco ainda, e Euron é o mais louco de todos*.” O jovem senhor tentara zarpar para casa após a assembleia de homens livres, recusando-se a aceitar Euron como suserano. Mas a Frota de Ferro fechara a baía, pois o hábito da obediência estava profundamente inculcado em Victarion Greyjoy, e Euron usava a coroa de madeira trazida pelo mar. O *Voador da Noite* fora apreendido, e Lorde Blacktyde, acorrentado, foi entregue ao rei. Os mudos e mestiços de Euron tinham-no cortado em sete partes para alimentar os sete deuses das terras verdes que ele adorara.

Como recompensa por seu leal serviço, o recém-coroado rei dera a Victarion a morena, roubada de algum mercador de escravos a caminho de Lys.

“Não quero nenhuma de suas sobras”, dissera desdenhosamente ao irmão, mas quando Olho de Corvo declarou que a mulher seria morta se não a aceitasse, fraquejou. A língua dela tinha sido arrancada, mas exceto por este pormenor estava intacta, e era também bela, com uma pele tão castanha quanto teca oleada. Mas, por vezes, quando a olhava, surpreendia-se lembrando da primeira mulher que o irmão lhe dera, para fazer dele um homem.

Victarion quis voltar a usar a morena, mas achou-se incapaz.

– Vá buscar outro odre de vinho – disse-lhe –, e depois saia – quando ela regressou com um odre de tinto amargo, o capitão o levou para o convés, onde podia respirar o ar limpo do mar. Bebeu metade do odre e despejou o resto no mar, para todos os homens que tinham morrido.

O *Vitória de Ferro* permaneceu durante horas ao largo da foz do Vago. Enquanto a maior parte da Frota de Ferro se punha a caminho de Escudorroble, Victarion manteve *Luto*, *Lorde Dagon*, *Vento de Ferro* e *Desgraça da Donzela* ao seu redor como retaguarda. Içaram sobreviventes do mar e viram *Mão-Dura* afundar-se lentamente, arrastado para o fundo pelo destroço que abalroara. Quando o navio desapareceu sob as águas, Victarion tinha a contagem que havia pedido. Perdera seis navios e capturara trinta e oito.

– Servirá – disse a Nute. – Aos remos. Regressemos à Vila de Lorde Hewett.

Os remadores curvaram as costas em direção a Escudorroble, e o capitão de ferro voltou para baixo.

– Podia matá-lo – disse à morena. – Embora seja um grande pecado matar um rei, e um pecado pior matar um irmão – franziu as sobrancelhas. – Asha devia ter me dado sua voz – como ela pôde esperar conquistar os capitães e os reis com suas pinhas e nabos? *O sangue de Balon corre-lhe nas veias, mas não deixa de ser uma mulher.* Fugira após a assembleia de homens livres. Na noite em que a coroa de madeira trazida pelo mar fora colocada na cabeça de Euron, ela e sua tripulação tinham se dissipado. Uma pequena parte de Victarion sentia-se satisfeita com isso. *Se a garota mantiver a cabeça no lugar, casará com algum lorde nortenho e viverá com ele em seu castelo, longe do mar e de Euron Olho de Corvo.*

– A Vila de Lorde Hewett, Senhor Capitão – gritou um tripulante.

Victarion ergueu-se. O vinho abafara o latejar em sua mão. Talvez a levasse ao meistre de Hewett para que a visse, se o homem não tivesse sido morto. Regressou ao convés no momento em que dobravam um promontório. O modo como o castelo de Lorde Hewett se erguia por cima do porto fê-lo se lembrar de Fidalporto, embora aquela vila fosse duas vezes maior. Uma vintena de dracares patrulhava as águas além da enseada, com a lula gigante dourada tremulando em suas velas. Centenas de outros navios encontravam-se encalhados ao longo das praias de cascalho e içados para os pontões que cercavam o porto. Num cais de pedra viam-se três grandes cocas e uma dúzia de outras menores embarcando saque e provisões. Victarion deu ordens para o *Vitória de Ferro* lançar âncora.

– Mande preparar um bote.

A vila parecia estranhamente parada quando se aproximaram. A maior parte das lojas e casas tinha sido saqueada, como suas portas arrombadas e janelas quebradas testemunhavam, mas só o septo fora passado no archote. As ruas estavam atulhadas de cadáveres, todos eles com um pequeno bando de gralhas-pretas prestando-lhes assistência. Um bando de taciturnos sobreviventes deslocava-se entre eles, afastando as aves negras e atirando os mortos para um carro, a fim de serem enterrados. A ideia encheu Victarion de repugnância. Nenhum verdadeiro filho do mar quereria apodrecer debaixo da terra. Como encontraria os salões aquáticos do Deus Afogado para beber e banquetear-se por toda a eternidade?

*Silêncio* encontrava-se entre os navios por que passaram. O olhar de Victarion foi atraído para sua figura de proa em ferro, a donzela sem boca, com cabelos soprados pelo vento e braço estendido. Seus olhos de madrepérola pareceram segui-lo. *Ela tinha uma boca como qualquer outra mulher, até Olho de Corvo costurá-la.*

Ao se aproximarem da costa, reparou numa fila de mulheres e crianças que eram pastoreadas para o convés de uma das grandes cocas. Algumas tinham as mãos atadas atrás das costas, e todas usavam laços de corda de cânhamo em torno do pescoço.

– Quem são? – perguntou aos homens que ajudaram a amarrar seu bote.

– Viúvas e órfãos. Serão vendidos como escravos.

– Vendidos? – não havia escravos nas Ilhas de Ferro, apenas servos. Um servo estava obrigado a servir, mas não era um bem. Seus filhos nasciam livres, desde que fossem entregues ao Deus Afogado. E os servos nunca eram comprados ou vendidos em troca de ouro. Se um homem não pagasse o preço de ferro por servos, não tinha nenhum. – Deviam ser servas, ou esposas de sal – ele protestou.

– É por decreto do rei – o homem respondeu.

– Os fortes sempre tiraram dos fracos – Nute, o Barbeiro falou. – Servas ou escravas, não tem importância. Seus homens não foram capazes de defendê-las, portanto, agora são nossas, para fazermos com elas o que quisermos.

*O Costume Antigo não é assim*, podia ter dito, mas não houve tempo. Sua vitória precedera-o, e os homens reuniam-se à sua volta para lhe dar os parabéns. Victarion deixou-os adulá-lo, até que um se pôs a elogiar a ousadia de Euron.

– É ousado velejar longe da vista de terra, para que nenhuma notícia de nossa aproximação chegasse a estas ilhas antes de nós – resmungou –, mas atravessar metade do mundo para ir caçar dragões, isto é outra coisa – não esperou resposta e abriu caminho através da aglomeração, dirigindo-se à fortaleza.

O castelo de Lorde Hewett era pequeno, mas forte, com paredes espessas e portões de carvalho com rebites que evocavam as antigas armas de sua Casa, um brasão de carvalho com rebites de ferro sobre um fundo ondulado de azul e branco. Mas era a lula gigante de Greyjoy que flutuava agora no topo de suas torres de telhado verde, e finalmente encontraram os grandes portões queimados e partidos. Nas ameias caminhavam homens de ferro com lanças e machados, e também alguns dos mestiços de Euron.

No pátio, Victarion encontrou Gorold Goodbrother e o velho Drumm, conversando em voz baixa com Rodrik Harlaw. Nute, o Barbeiro, soltou um grito ao vê-los.

– Leitor – gritou –, por que a cara amarrada? Seus receios não serviram de nada. O dia é nosso, e nossa é a recompensa!

A boca de Lorde Rodrik franziu-se.

– Fala destes rochedos? Os quatro juntos não chegam a fazer uma Harlaw. Conquistamos umas tantas pedras, árvores e bugigangas, e a inimizade da Casa Tyrell.

– As rosas? – Nute soltou uma gargalhada. – Que rosa pode causar dano às lulas gigantes das profundezas? Tiramos-lhes os escudos e fizemos todos eles em pedaços. O que os protegerá agora?

– Jardim de Cima – o Leitor respondeu. – Em breve, todo o poderio da Campina será reunido contra nós, Barbeiro, e então pode ser que descubra que há rosas com espinhos de aço.

Drumm assentiu com a cabeça, com a mão no cabo de sua Rubra Chuva.

– Lorde Tarly usa a espada Veneno do Coração, forjada em aço valiriano, e está sempre na vanguarda Tyrell.

A ira de Victarion estalou:

– Que venha. Tornarei minha a espada dele, tal como seu antepassado tomou a Rubra Chuva. Que venham todos, e que tragam também os Lannister. Um leão pode ser bastante feroz em terra, mas no mar é a lula gigante que tem o poder supremo – daria metade dos dentes pela chance de experimentar o machado contra o Regicida ou o Cavaleiro das Flores. Era este o tipo de batalha que compreendia. O fratricida era amaldiçoado aos olhos dos deuses e dos homens, mas o guerreiro era honrado e reverenciado.

– Não tenha medo, Senhor Capitão – o Leitor disse. – Todos eles virão. Sua Graça assim deseja. Por que outro motivo nos teria ordenado que deixássemos voar os corvos de Hewett?

– Você lê demais e não luta o suficiente – Nute interveio. – Seu sangue é leite – mas o Leitor fingiu não ouvir.

Um festim tempestuoso desenrolava-se quando Victarion entrou no salão. Nascidos no ferro enchiam as mesas, bebendo, gritando e empurrando-se uns aos outros, vangloriando-se dos homens que tinham matado, dos feitos que tinham realizado, daquilo que tinham conquistado. Muitos estavam ornamentados com objetos pilhados. Lucas Mão-Esquerda Codd e Quellon Humble tinham arrancado tapeçarias das paredes para lhe servirem de manto. Germund Botley usava um fio de pérolas e granadas sobre sua dourada placa de peito Lannister. Andrik, o Sério, andava por ali cambaleando com uma mulher debaixo de cada braço; embora continuasse sério, tinha anéis em todos os dedos. Em vez de travessas esculpidas em velho pão bolorento, os capitães comiam de bandejas de prata maciça.

O rosto de Nute, o Barbeiro, escureceu de fúria enquanto olhava em volta.

– Olho de Corvo manda enfrentarmos os dracares enquanto seus homens tomam os castelos e as aldeias e arrecadam todo o saque e as mulheres. Que foi que deixou para nós?

– Nós temos a glória.

– A glória é boa – Nute respondeu –, mas o ouro é melhor.

Victarion encolheu os ombros.

– Olho de Corvo diz que teremos Westeros inteiro. Árvore, Vilavelha, Jardim de Cima... Será ali que encontrará seu ouro. Mas chega de

conversas. Tenho fome.

Por direito de sangue, Victarion podia ter exigido um lugar no estrado, mas não queria comer com Euron e suas criaturas. Em vez disso, escolheu um lugar junto a Ralf, o Coxo, capitão do *Lorde Quellon*.

– Uma grande vitória, Senhor Capitão – Coxo o cumprimentou. – Uma vitória merecedora de uma senhoria. Devia ficar com uma ilha.

*Lorde Victarion. Sim, e por que não?* Podia não ser a Cadeira de Pedra do Mar, mas seria alguma coisa.

Hotho Harlaw estava do outro lado da mesa, chupando carne de um osso. Deitou-o fora com um piparote e dobrou-se para a frente.

– O Cavaleiro vai ficar com Escudogris. Meu primo. Sabia?

– Não – Victarion olhou para o outro lado do salão, para onde Sor Harras Harlaw bebia vinho de uma taça dourada; um homem alto, de rosto comprido e austero. – Por que Euron daria uma ilha àquele?

Hotho ergueu sua taça de vinho vazia e uma pálida jovem com um vestido de veludo azul e renda dourada voltou a enchê-la.

– O Cavaleiro tomou Vila Severa sozinho. Plantou o estandarte junto ao castelo e desafiou os Grimm a enfrentá-lo. Um assim fez, depois outro, e outro a seguir. Matou-os todos... Bem, quase, dois se renderam. Quando o sétimo homem caiu, o septão de Lorde Grimm decidiu que os deuses tinham falado e entregou o castelo – Hotho soltou uma gargalhada. – Ele vai ser Senhor de Escudogris, e que lhe faça bom proveito. Com ele longe, sou eu o herdeiro do Leitor – bateu no peito com a taça de vinho. – Hotho, o Corcunda, Senhor de Harlaw.

– Sete, você quer dizer – Victarion perguntou a si mesmo como Anoitecer se aguentaria contra o seu machado. Nunca lutara contra um homem armado com uma lâmina de aço valiriano, embora tivesse espancado muitas vezes o jovem Harras Harlaw quando eram jovens. Ainda rapaz, Harlaw tinha sido um grande amigo do filho mais velho de Balon, Rodrik, que morrera à sombra das muralhas de Guardamar.

O banquete era bom. O vinho, dos melhores, e havia boi assado, malpassado e ensanguentado, e também pato recheado e baldes de caranguejo fresco. O Senhor Comandante não deixou de reparar que as garotas que serviam usavam finas lãs e faustosos veludos. Tomou-as por ajudantes de cozinha vestidas com as roupas da Senhora Hewett e de suas damas, até que Hoth lhe disse que *eram* a Senhora Hewett e suas damas.

Eram oito: sua senhoria, ainda bem atraente, embora tivesse engordado, e sete mulheres mais jovens, com idade entre dez e vinte e cinco anos, suas filhas e noras.

Lorde Hewett em pessoa estava sentado em seu lugar habitual sobre o estrado, vestido com todos os seus enfeites heráldicos. Os braços e as pernas tinham sido atados à cadeira, e um enorme rabanete branco fora enfiado entre seus dentes, para que não pudesse falar... embora pudesse ver e ouvir. Olho de Corvo ocupara o lugar de honra à direita de sua senhoria. Tinha uma garota bonita e roliça, de dezessete ou dezoito anos, no colo, descalça e desgrenhada, com os braços em volta de seu pescoço.

– Quem é aquela? – Victarion perguntou aos homens que o rodeavam.

– A bastarda de sua senhoria – disse Hotho com uma gargalhada. – Antes de Euron tomar o castelo, era obrigada a servir os outros à mesa e a fazer as refeições com os criados.

Euron levou os lábios azuis ao pescoço da garota, ela soltou um risinho e sussurrou-lhe qualquer coisa ao ouvido. Sorrindo, ele voltou a beijar-lhe a garganta. A pele branca da garota estava coberta de marcas vermelhas onde a boca dele estivera; formavam um colar rosado em volta de seu pescoço e ombros. Outro sussurro ao ouvido, e desta vez Olho de Corvo riu alto, após o que bateu com a taça de vinho na mesa, pedindo silêncio.

– Boas senhoras – gritou para suas criadas bem-nascidas –, Falia está preocupada com seus belos vestidos. Não quer vê-los manchados de gordura, vinho e apalpadelas de dedos sujos, visto que lhe prometi que podia escolher sua roupa entre os seus guarda-roupas depois do banquete. Portanto, o melhor é que se dispam.

Um rugido de gargalhadas varreu o grande salão, e o rosto de Lorde Hewett ficou tão vermelho que Victarion julgou que sua cabeça rebentaria. As mulheres não tiveram escolha exceto obedecer. A mais nova chorou um pouco, mas a mãe a confortou e ajudou a desfazer os nós costas abaixo. Depois, continuaram a servir como antes, movendo-se entre as mesas com jarros cheios de vinho, para encher todas as taças vazias, só que agora o faziam nuas.

*Ele envergonha Hewett como outrora me envergonhou*, pensou o capitão, recordando-se do modo como a esposa soluçara enquanto ele a espancava. Sabia que os habitantes dos Quatro Escudos se casavam

frequentemente entre si, tal como os nascidos no ferro. Uma daquelas criadas nuas podia perfeitamente ser esposa de Sor Talbert Serry. Uma coisa era matar um inimigo, outra era desonrá-lo. Victarion fez um punho. Tinha a mão ensanguentada onde o ferimento empapara o linho.

No estrado, Euron empurrou sua cadela para o lado e trepou para cima da mesa. Os capitães puseram-se a bater com as taças na mesa e os pés no chão.

– *EURON!* – gritavam. – *EURON! EURON! EURON!* – era de novo a assembleia de homens livres.

– Jurei dar Westeros a vocês – Olho de Corvo falou quando o tumulto esmoreceu –, e aqui têm um pouco dele para saborear. Um pedaço, nada mais do que isso... Mas nos banquetearemos antes do cair da noite! – os archotes ao longo das paredes soltavam um brilho vivo, e ele também, lábios azuis, olho azul e tudo o mais. – O que a lula gigante agarra não larga. Estas ilhas outrora foram nossas, e agora são de novo... Mas precisamos de homens fortes para defendê-las. Portanto, erga-se, Sor Harras Harlaw, Senhor de Escudogris – o Cavaleiro pôs-se em pé, com a mão apoiada no botão de pedra da lua da Anoitecer. – Erga-se, Andrik, o Sério, Senhor de Escudossul – Andrik empurrou suas mulheres para o lado e se levantou de um salto, como uma montanha que se erguesse subitamente do mar. – Erga-se, Maron Volmark, Senhor de Escudoverde – um rapazinho imberbe de dezesseis anos, Volmark pôs-se hesitantemente em pé, parecendo um senhor dos coelhos. – E erga-se, Nute, o Barbeiro, Senhor de Escudorroble.

Os olhos de Nute puseram-se cautelosos, como se temesse ser alvo de uma brincadeira cruel.

– Um lorde? – grasnou.

Victarion tinha esperado que Olho de Corvo entregasse as senhorias às suas criaturas, Stonehand, Remador Vermelho e Lucas Mão-Esquerda Codd. *Um rei tem de ser pródigo*, tentou dizer a si mesmo, mas outra voz sussurrou: *Os presentes de Euron estão envenenados*. Quando revirou a ideia na cabeça, viu com clareza. *O Cavaleiro era o herdeiro escolhido pelo Leitor, e Andrik, o Sério, o forte braço direito de Dunstan Drumm. Volmark é um rapaz inexperiente, mas tem em si o sangue do Harren Negro por via materna. E o Barbeiro...*

Victarion o agarrou pelo antebraço.

– Recuse!

Nute olhou para ele como se tivesse enlouquecido.

– Recusar? Terras e uma senhoria? Irá fazer de mim um senhor? – libertou o braço com um puxão e pôs-se em pé, gozando os vivas.

*E agora me rouba os homens*, pensou Victarion.

Rei Euron chamou pela Senhora Hewett, para que lhe trouxesse uma nova taça de vinho e a ergueu bem alto acima da cabeça.

– Capitães e reis, ergam as taças aos Senhores dos Quatro Escudos! – Victarion bebeu com os outros. *Não há vinho mais doce do que aquele roubado de um inimigo.* Alguém lhe dissera aquilo um dia. O pai, ou o irmão Balon. *Um dia beberei o seu vinho, Olho de Corvo, e roubarei de você tudo que lhe é querido*. Mas haveria alguma coisa que fosse querida a Euron?

– Amanhã nos prepararemos de novo para zarpar – o rei dizia. – Encham as barricas de novo com água de nascente, levem todas as sacas de cereais e barris de carne de vaca e todas as ovelhas e cabras que possamos transportar. Os feridos que ainda estiverem suficientemente vigorosos para puxar um remo remarão. Os outros ficarão aqui, para ajudar a manter estas ilhas nas mãos de seus novos senhores. Torwold e Remador Vermelho regressarão em breve com mais provisões. Nossos conveses irão feder a porcos e galinhas na viagem para leste, mas voltaremos com dragões.

– Quando? – a voz era de Lorde Rodrik. – Quando regressaremos, Vossa Graça? Dentro de um ano? Três anos? Cinco? Seus dragões estão a um mundo de distância, e o outono chegou – o Leitor avançou, enumerando todos os perigos. – Galés defendem os Estreitos Redwyne. A costa dornesa é seca e estéril, quatrocentas léguas de redemoinhos, falésias e baixios escondidos, quase desprovida de um desembarcadouro seguro seja onde for. Depois, esperam-nos os Degraus, com suas tempestades e seus ninhos de piratas lisenos e myranos. Se um milhar de navios se fizer à vela, trezentos poderão chegar ao outro lado do mar estreito... E então, o quê? Lys não nos dará as boas-vindas, e Volantis tampouco. Onde encontrará água doce e alimentos? A primeira tempestade nos dispersará por metade da terra.

Um sorriso brincou nos lábios azuis de Euron.

– Eu *sou* a tempestade, senhor. A primeira e a última. Levei *Silêncio* em viagens mais longas do que esta, e em viagens muito mais perigosas. Esquece-se? Naveguei pelo Mar Fumegante e vi Valíria.

Todos os presentes sabiam que a Destruição ainda reinava em Valíria. Ali, o próprio mar fervia e fumegava, e a terra fora invadida por demônios. Dizia-se que qualquer marinheiro que sequer vislumbrasse as montanhas de fogo de Valíria erguendo-se acima das ondas sofreria em breve uma morte terrível, e, no entanto, Olho de Corvo estivera lá e regressara.

– Ah, viu? – perguntou o Leitor, muito suavemente.

O sorriso azul de Euron eclipsou-se.

– Leitor – Euron falou em meio ao silêncio –, faria melhor se mantivesse o nariz em seus livros.

Victarion conseguia sentir o constrangimento no salão. Pôs-se em pé.

– Irmão – trovejou. – Não respondeu às perguntas de Harlaw.

Euron encolheu os ombros.

– O preço dos escravos está subindo. Venderemos os nossos em Lys e Volantis. Isto e o saque que capturamos aqui nos darão ouro suficiente para comprar provisões.

– Agora somos traficantes de escravos? – o Leitor questionou. – E para quê? Dragões que nenhum dos presentes viu? Deveremos perseguir a fantasia de um marinheiro bêbado qualquer até o longínquo fim da terra?

Suas palavras geraram resmungos de assentimento.

– A Baía dos Escravos é longe demais – gritou Ralf, o Coxo.

– E perto demais de Valíria – gritou Quellon Humble. Fralegg, o Forte, disse:

– Jardim de Cima é perto. Procuremos por dragões ali, digo eu. Da espécie *dourada*! – Alvyn Sharp ecoou:

– Para que navegar pelo mundo quando temos o Vago à nossa frente? – Ralf Vermelho Stonehouse pôs-se em pé num salto:

– Vilavelha é mais rica, e Árvore ainda mais. A frota Redwyne anda longe. Só temos de estender a mão para colher a mais madura fruta de Westeros.

– Fruta? – o olho do rei parecia mais negro do que azul. – Só um covarde rouba um fruto quando pode tomar o pomar.

– É a Árvore que queremos – Ralf Vermelho retrucou, e outros homens o acompanharam no grito. Olho de Corvo deixou-se varrer pelos gritos. Então, saltou da mesa, agarrou sua cadela pelo braço e a arrastou para fora do salão.

*Fugiu como um cão*. O controle de Euron sobre a Cadeira de Pedra do Mar de repente pareceu não estar tão firme como estivera momentos antes. *Eles não o seguirão até a Baía dos Escravos. Talvez não sejam tão cães e tolos como temi*. Aquilo era uma ideia tão animadora que Victarion teve de empurrá-la para baixo. Esvaziou uma taça com o Barbeiro, para lhe mostrar que não tinha má vontade por causa da senhoria, mesmo tendo vindo da mão de Euron.

Lá fora, o sol se pusera. A escuridão reunia-se para além das paredes, mas dentro delas os archotes ardiam com um brilho alaranjado, e a fumaça que soltavam concentrava-se sob as vigas do telhado como uma sombra cinzenta. Bêbados puseram-se a dançar a dança dos dedos. A certa altura, Lucas Mão-Esquerda Codd decidiu que desejava uma das filhas de Lorde Hewett e a possuiu sobre a mesa enquanto as irmãs gritavam e soluçavam.

Victarion sentiu uma pancada no ombro. Um dos filhos mestiços de Euron estava na sua frente, um garoto de dez anos com cabelos lanosos e a pele da cor da lama.

– Meu pai quer falar com você.

Victarion ergueu-se, cambaleante. Era um homem grande, com uma vasta capacidade para o vinho, mesmo assim bebera demais. *Espanquei-a até a morte com minhas próprias mãos*, pensou, *mas Olho de Corvo a matou quando se enfiou nela. Eu não tive alternativa*. Seguiu o pequeno bastardo para fora do salão e pela espiral de uma escada de pedra acima. Os sons da violação e da festança foram diminuindo à medida que subiam, até restar apenas o suave raspar das botas na pedra.

Olho de Corvo ocupara o quarto de Lorde Hewett com sua filha bastarda. Quando Victarion entrou, a garota estava nua, deitada na cama, ressonando baixinho. Euron encontrava-se em pé junto à janela, bebendo de uma taça de prata. Usava o manto de zibelina que tirara de Blacktyde, a pala de couro, e nada mais.

– Quando era rapaz, sonhei que podia voar – anunciou. – Quando acordei, não podia... ou pelo menos foi o que o meistre disse. Mas, e se

ele mentiu?

Victarion sentia o cheiro do mar que entrava pela janela aberta, embora o quarto fedesse a vinho, sangue e sexo. O frio ar salgado ajudou a limpar-lhe a cabeça.

– O que quer dizer com isso?

Euron virou-se para encará-lo, com os machucados lábios azuis curvados num meio sorriso.

– Talvez possamos voar. Todos nós. Como saber, a menos que saltemos de uma torre alta qualquer? – o vento entrava em rajadas pela janela e sacudia-lhe o manto de zibelina. Havia algo de obsceno e perturbador em sua nudez. – Não há homem que realmente saiba o que pode fazer a menos que se atreva a fazer.

– A janela está ali. Salte – Victarion não tinha paciência para aquilo. A mão ferida o incomodava. – O que você quer?

– O mundo – a luz da lareira cintilou no olho de Euron. Seu olho sorridente. – Aceita uma taça do vinho de Lorde Hewett? Não há vinho cuja doçura chegue aos calcanhares daquele que é tirado de um adversário derrotado.

– Não – Victarion afastou o olhar. – Cubra-se.

Euron sentou-se e puxou o manto, de modo a cobrir-lhe as virilhas.

– Tinha me esquecido de como meus nascidos no ferro são uma gente pequena e barulhenta. Quero trazer-lhes dragões, e eles gritam por uvas.

– As uvas são reais. Um homem pode se empanturrar de uvas. Seu sumo é doce e fazem vinho. O que fazem os dragões?

– Angústia – Olho de Corvo bebericou de sua taça de prata. – Uma vez tive um ovo de dragão nesta mão, irmão. Um feiticeiro de Myr jurou que conseguia fazê-lo eclodir se lhe desse um ano e todo o ouro que me pedisse. Quando me cansei de suas desculpas, matei-o. Enquanto o homem observava as entranhas deslizando-lhe por entre os dedos, disse: "*Mas não se passou um ano*" – soltou uma gargalhada. – Cragorn morreu, sabia?

– Quem?

– O homem que soprou meu berrante de dragão. Quando o meistre o abriu, tinha os pulmões carbonizados, negros como fuligem.

Victarion estremeceu.

– Mostre-me esse ovo de dragão.

– Atirei-o ao mar durante um ataque de mau humor – Euron encolheu os ombros. – Ocorre-me que o Leitor não se enganava. Uma frota grande demais nunca poderá se manter unida ao longo de tal distância. A viagem é longa demais e muito perigosa. Só nossos melhores navios e tripulações podem esperar viajar até a Baía dos Escravos e voltar. A Frota de Ferro.

*A Frota de Ferro é minha*, Victarion pensou. Nada disse.

Olho de Corvo encheu duas taças com um estranho vinho negro que fluía espesso como mel.

– Beba comigo, irmão. Prove isto – ofereceu uma das taças a Victarion.

O capitão pegou a taça que Euron não oferecera, cheirou desconfiadamente seu conteúdo. Visto de perto, o líquido parecia mais azul do que negro. Era espesso e de aspecto oleoso, e cheirava a carne podre. Experimentou um pequeno gole e o cuspiu imediatamente.

– Que porcaria. Quer me envenenar?

– Quero abrir seus olhos – Euron bebeu profundamente de sua taça e sorriu. – Sombra da Tarde, o vinho dos magos. Encontrei um barril quando capturei uma certa galeota vinda de Qarth, que trazia também cravinho e noz-moscada, quarenta fardos de seda verde e quatro magos que contaram uma curiosa história. Um deles ousou me ameaçar, de modo que o matei e o dei para os outros três comerem. A princípio recusaram-se a comer a carne do amigo, mas quando ficaram suficientemente famintos mudaram de ideia. Os homens são carne.

*Balon era louco, Aeron é mais louco, e Euron é o mais louco de todos*. Victarion virava-se para ir embora quando Olho de Corvo disse:

– Um rei tem de tomar uma esposa, para lhe dar herdeiros. Irmão, preciso de você. Irá à Baía dos Escravos trazer o meu amor?

*Outrora eu também tive um amor*. As mãos de Victarion fecharam-se em punhos, e uma gota de sangue caiu no chão, com um pequeno ruído. *Devia espancar você até sangrar e dar seu corpo para os caranguejos comerem, como fiz com ela.*

– Você tem filhos – disse ao irmão.

– Mestiços ilegítimos, nascidos de putas e carpideiras.

– São frutos do seu corpo.

– Também o conteúdo do meu penico assim é. Nenhum deles é digno de se sentar na Cadeira da Pedra do Mar, muito menos no Trono de

Ferro. Não, para fazer um herdeiro que o mereça preciso de uma mulher diferente. Quando a lula gigante casa com o dragão, irmão, que o mundo se acautele.

– Que dragão? – Victarion quis saber, franzindo as sobrancelhas.

– A última de sua linhagem. Dizem que é a mais bela mulher do mundo. Os cabelos são louros prateados, e os olhos ametistas... Mas não precisa aceitar minha palavra, irmão. Vá até a Baía dos Escravos, contemple sua beleza e a traga para mim.

– Por que haveria de fazer isso? – Victarion o questionou.

– Por amor. Por dever. Porque seu rei assim ordena – Euron soltou um risinho abafado. – E pela Cadeira de Pedra do Mar. É sua, assim que eu reclamar para mim o Trono de Ferro. Você me sucederá como eu sucedi Balon... E seus filhos legítimos o sucederão um dia.

*Meus filhos*. Mas para ter um filho legítimo, primeiro um homem precisaria ter uma esposa. Victarion não tinha sorte com esposas. *Os presentes de Euron estão envenenados*, recordou a si mesmo, *mas, ainda assim...*

– A escolha é sua, irmão. Viva como servo ou morra como rei. Atreve-se a voar? Se não saltar, nunca saberá.

O olho sorridente de Euron estava brilhante de escárnio.

– Ou será que estou lhe pedindo muito? Velejar para além de Valíria é coisa de meter medo.

– Eu seria capaz de levar a Frota de Ferro até o inferno, se fosse necessário – quando Victarion abriu a mão, a palma estava rubra de sangue. – Sim, irei até a Baía dos Escravos. Descobrirei essa mulher-dragão e a trarei de volta – *mas não para você. Roubou e espoliou minha mulher; portanto, eu ficarei com a sua. A mais bela mulher do mundo, para mim.*

## JAIME

Os campos junto das muralhas de Darry estavam sendo cultivados novamente. As culturas queimadas tinham sido aradas, e os batedores de Sor Addam mencionaram ter visto mulheres arrancando ervas daninhas da terra arada, enquanto uma parelha de bois rasgava novos sulcos nos limites de um bosque próximo. Uma dúzia de homens barbudos com machados mantinha-se de guarda enquanto o trabalho avançava.

Quando Jaime e sua coluna chegaram ao castelo, todos tinham fugido para dentro das muralhas. Foi encontrar Darry fechado em si mesmo, tal como Harrenhal estivera. *Gelidamente acolhido por meu próprio sangue.*

– Faça soar o berrante – ordenou. Sor Kennos de Kayce pegou o Berrante de Herrock que trazia a tiracolo e o fez soar. Enquanto esperava por uma resposta vinda do castelo, Jaime observou o estandarte que esvoaçava, marrom e carmesim, por sobre a barbacã do primo. Aparentemente, Lancel decidira esquartelar o leão de Lannister com o lavrador de Darry. Viu naquilo a mão do tio, tal como na escolha da noiva para Lancel. A Casa Darry governava aquelas terras desde que os ândalos derrubaram os Primeiros Homens. Não restava dúvida de que Sor Kevan compreendera que o filho teria menos problemas se os camponeses o vissem como uma continuação da antiga linhagem, obtendo aquelas terras por direito de casamento, e não por decreto real. *Kevan devia ser a Mão de Tommen. Harys Swyft é uma cavalgadura, e minha irmã é estúpida se pensa que não.*

Os portões do castelo abriram-se lentamente.

– Meu primo não terá espaço para instalar mil homens – disse Jaime ao Varrão Forte. – Acamparemos à sombra da muralha ocidental. Quero fossos e estacas no perímetro. Ainda há bandos de fora da lei por estes lados.

– Teriam de ser loucos para atacar uma força tão poderosa como a nossa.

– Loucos ou esfomeados – até ter uma ideia mais concreta sobre aqueles fora da lei e sua força, Jaime não se sentia inclinado a correr riscos com a defesa. – Fossos e estacas – voltou a dizer, antes de esporear Honra na direção do portão. Sor Dermot seguiu ao seu lado, com o veado e o leão reais, e Sor Hugo Vance com o estandarte branco da Guarda Real. Jaime atribuíra ao Ronnet Vermelho a tarefa de levar Wylis Manderly até Lagoa da Donzela, para não ter de continuar a vigiá-lo.

Pia seguia com os escudeiros de Jaime, no castrado que Peck lhe arranjara.

– É como um castelo de brinquedo – ouviu-a dizer. *Ela não conheceu nenhum lar além de Harrenhal*, refletiu. *Todos os castelos no reino lhe parecerão pequenos, exceto o Rochedo.*

Josmyn Peckleton dizia a mesma coisa.

– Não pode compará-lo com Harrenhal. Harren Negro construiu grande demais – Pia o escutou com a solenidade de uma garota de cinco anos que recebe lições da septã. *Não passa disso, uma garotinha num corpo de mulher, cheia de cicatrizes e assustada*. Mas Peck estava cativado por ela. Jaime suspeitava que o rapaz nunca conhecera uma mulher, e Pia ainda era bastante bonita, desde que mantivesse a boca fechada. *Não seria ruim se ele dormisse com ela, suponho, desde que ela queira.*

Um dos homens da Montanha tinha tentado violar a garota em Harrenhal, e pareceu honestamente perplexo quando Jaime ordenara a Ilyn Payne que lhe cortasse a cabeça.

"Já a tive antes, uma centena de vezes", não parara de dizer enquanto o obrigavam a se ajoelhar. "Uma centena de vezes, senhor. Todos a tivemos." Quando Sor Ilyn presenteara Pia com a cabeça do homem, ela sorrira através de seus dentes arruinados.

Darry mudara várias vezes de mãos durante a luta, e seu castelo tinha uma vez sido queimado, e pelo menos duas saqueado, mas, aparentemente, Lancel pouco tempo demorara para colocar as coisas em ordem. Os portões do castelo estavam instalados novamente, pranchas toscas de carvalho, reforçadas com tachões de ferro. Um novo estábulo estava sendo construído no local onde o antigo fora passado pelo archote. Os degraus que levavam à torre de menagem tinham sido substituídos, bem como as portadas em muitas das janelas. Pedras enegrecidas

mostravam os locais onde as chamas as tinham lambido, mas o tempo e a chuva tinham extinguido suas marcas.

Dentro das muralhas, besteiros percorriam os adarves, alguns com manto carmesim e elmo encimado por leões, outros com o azul e cinza da Casa Frey. Quando Jaime atravessou o pátio a trote, galinhas fugiram de sob os cascos de Honra, ovelhas baliram e camponeses fitaram-no com olhos carrancudos. *Camponeses armados*, não lhe passou despercebido. Alguns tinham foices; outros, cajados; outros, ainda, enxadas de tal forma afiadas que exibiam pontas cruéis. Machados também estavam à mostra, e vislumbrou vários homens barbudos com estrelas vermelhas de sete pontas cosidas em túnicas esfarrapadas e imundas. *Mais dos malditos pardais. De onde veio toda essa gente?*

Do tio Kevan não viu sinal. Nem de Lancel. Só um meistre veio ao seu encontro, com uma veste cinzenta esvoaçando em volta de suas pernas descarnadas.

– Senhor Comandante, Darry está honrado por esta... visita inesperada. Deve nos perdoar pela falta de preparativos. Fomos levados a crer que se dirigia para Correrrio.

– Darry fica no caminho – Jaime mentiu. *Correrrio pode esperar*. E se por acaso o cerco terminasse antes de chegar ao castelo, seria poupado da necessidade de pegar em armas contra a Casa Tully.

Desmontando, entregou Honra a um moço de estrebaria.

– Encontrarei meu tio aqui? – não forneceu um nome. Sor Kevan era o único tio que lhe restava, o último filho sobrevivente de Tytos Lannister.

– Não, senhor. Sor Kevan retirou-se após a boda – o meistre puxou pelo colar de corrente, como se se tivesse se transformado demasiado apertado para seu pescoço. – Sei que Lorde Lancel ficará contente por vê-lo e... e a todos os seus galantes cavaleiros. Embora me doa confessar que Darry não pode alimentar tantos homens.

– Nós temos nossas próprias provisões. Você é...?

– Meistre Ottomore, se aprouver ao senhor. A Senhora Amerei desejaria dar-lhe as boas-vindas em pessoa, mas está tratando dos preparativos para um banquete em sua honra. É sua esperança que o senhor e seus principais cavaleiros e capitães nos façam companhia à mesa esta noite.

– Uma refeição quente será muito bem-vinda. Os dias têm estado frios e úmidos – Jaime passou os olhos pelo pátio, pelo rosto barbudo dos pardais. *Muitos. E também os Frey são numerosos*. – Onde poderei encontrar Pedra-Dura?

– Recebemos relatos sobre os fora da lei na outra margem do Tridente. Sor Harwyn levou cinco cavaleiros e vinte arqueiros e foi lidar com eles.

– E Lorde Lancel?

– Está em suas preces. Sua senhoria ordenou-nos para nunca o incomodarmos quando está rezando.

*Ele e Sor Bonifer deverão se entender.*

– Muito bem – mais tarde haveria tempo suficiente para falar com o primo. – Leve-me até os meus aposentos e ordene que um banho seja preparado lá.

– Se agradar ao senhor, o instalamos na Torre do Lavrador. Eu o levarei até lá.

– Conheço o caminho – Jaime não era estranho àquele castelo. Ele e Cersei tinham estado hospedados ali por duas vezes, uma a caminho de Winterfell com Robert, e a outra na viagem de volta a Porto Real. Embora fosse pequeno para um castelo, era maior do que uma estalagem e tinha boa caça ao longo do rio. Robert Baratheon nunca se mostrara relutante em impor-se à hospitalidade de seus súditos.

A torre era muito semelhante àquilo que dela recordava.

– As paredes continuam despidas – observou Jaime enquanto o meistre o levava ao longo de uma galeria.

– Lorde Lancel espera um dia cobri-las com tapeçarias – Ottomore comentou. – Cenas de piedade e devoção.

*Piedade e devoção*. Foi com dificuldade que evitou rir. As paredes também tinham estado nuas em sua primeira visita. Tyrion indicara os quadrados de pedra mais escura onde tapeçarias tinham estado penduradas. Sor Raymun podia removê-las, mas não as marcas que deixavam. Mais tarde, o Duende fizera deslizar um punhado de veados para as mãos de um dos criados de Darry em troca da chave do porão onde as tapeçarias em falta se encontravam escondidas. Mostrou-as a Jaime à luz de uma vela, sorrindo; retratos tecidos de todos os reis Targaryen, do primeiro Aegon até o segundo Aenys.

“Se contar a Robert, ele talvez faça de *mim* Senhor de Darry”, dissera o anão, entre gargalhadas.

Meistre Ottomore levou Jaime até o topo da torre.

– Espero que fique confortável aqui, senhor. Há uma latrina, para quando a natureza chamar. Sua janela dá para o bosque sagrado. O quarto está ligado ao da senhora, com uma cela de criado entre ambos.

– Estes são os aposentos do próprio Lorde Darry.

– Sim, senhor.

– Meu primo é generoso demais. Não pretendia pôr Lancel fora de seu próprio quarto.

– Lorde Lancel tem dormido no septo.

*Dorme com a Mãe e a Donzela, quando tem uma esposa quente atrás daquela porta?* Jaime não soube se deveria rir ou chorar. *Talvez esteja rezando para que o pau endureça*. Em Porto Real havia o rumor de que os ferimentos de Lancel o tinham deixado incapaz. *Mesmo assim, devia ter senso suficiente para tentar*. A posse das novas terras pelo primo não estaria segura até gerar um filho à esposa meio Darry. Jaime começava a se arrepender do impulso que o trouxera ali. Agradeceu a Ottomore, fez que se lembrasse do banho e mandou que Peck o acompanhasse à porta.

O quarto do senhor mudara desde sua última visita, e não para melhor. Velhas esteiras apodrecidas cobriam o chão no lugar do bom tapete de Myr que antes estivera lá, e toda a mobília era nova e malfeita. A cama de Sor Raymun Darry era suficientemente grande para seis pessoas, com cortinas de veludo marrom e colunas de carvalho esculpidas com trepadeiras e folhas; a de Lancel era um granuloso catre de palha posto abaixo da janela, onde a primeira luz da aurora com certeza o acordaria. Sem dúvida que a outra cama teria sido queimada, esmagada ou roubada, mesmo assim...

Quando a banheira chegou, Lew Pequeno tirou as botas de Jaime e o ajudou a remover sua mão de ouro. Peck e Garrett carregaram água, e Pia arranjou qualquer coisa limpa para ensopar. A garota o olhou de relance, timidamente, enquanto lhe tirava o gibão às sacudidelas. Jaime ficou desconfortavelmente consciente das curvas dos quadris e dos seios por baixo do vestido de tecido grosseiro marrom que ela trazia. Deu por si recordando as coisas que Pia lhe segredara em Harrenhal, na noite em

que Qyburn a enviara à sua cama. *Às vezes, quando estou com um homem*, dissera, *fecho os olhos e finjo que é você quem está em cima de mim*.

Sentiu-se grato quando o banho ficou suficientemente profundo para esconder sua ereção. Quando mergulhou na água fumegante, recordou outro banho, aquele que partilhara com Brienne. Estivera febril e enfraquecido devido à perda de sangue, e o calor entontecera-o tanto que dera por si falando coisas que era melhor deixar por dizer. Dessa vez não tinha semelhante desculpa. *Lembre-se de seus votos. Pia é mais digna da cama de Tyrion do que da sua.*

– Vá buscar sabão e uma escova rija – disse a Peck. – Pia, pode nos deixar.

– Sim, senhor. Obrigada, senhor – ela cobria a boca quando falava, para esconder os dentes quebrados.

– Deseja-a? – perguntou Jaime a Peck depois de a garota sair.

O escudeiro ficou vermelho como uma beterraba.

– Se ela quiser você, tome-a. Com certeza lhe ensinará algumas coisas que vai achar úteis na noite de núpcias, e não é provável que arranje um bastardo com ela – Pia abrira as pernas para metade do exército do pai e nunca engravidara; o mais provável era que a garota fosse estéril. – Mas, se se deitar com ela, seja gentil.

– Gentil, senhor? Como... como posso...?

– Palavras doces. Toques gentis. Não quer se casar com ela, mas enquanto estiver na cama trate-a como trataria sua noiva.

O rapaz assentiu.

– Senhor, eu... para onde posso levá-la? Nunca há lugar para... para...

– ... ficar sozinho? – Jaime abriu um sorriso. – Passaremos várias horas jantando. A palha parece cheia de grumos, mas há de servir.

Os olhos de Peck esbugalharam-se.

– A cama de sua senhoria?

– Quando acabar, você também se sentirá um senhor, se Pia souber o que fazer – *e alguém devia dar algum uso àquele miserável colchão de palha.*

Quando desceu para o banquete naquela noite, Jaime Lannister usava um gibão de rico veludo fendido com pano de ouro e uma corrente de ouro salpicada de diamantes negros. Também prendera a mão de ouro, que fora polida até mostrar um belo e radiante brilho. Aquele não era

lugar apropriado para usar o branco. O dever esperava-o em Correrrio; o que o trouxera ali fora uma necessidade mais sombria.

O Grande Salão de Darry era grande só por cortesia. Mesas de montar preenchiam-no de parede a parede e as vigas do teto estavam negras de fumaça. Jaime foi colocado para se sentar no estrado, à direita da cadeira vazia de Lancel.

– Meu primo não irá se juntar a nós para o jantar? – perguntou ao se sentar.

– Meu senhor prefere jejuar – disse a esposa de Lancel, a Senhora Amerei. – Está doente de desgosto pelo pobre Alto Septão – era uma garota robusta, de pernas longas e peitos cheios, com cerca de dezoito anos; uma garota saudável, pelo aspecto, embora seu rosto chupado e sem queixo fizesse Jaime se lembrar de seu falecido e não lamentado primo Cleos, que sempre tivera um certo aspecto de doninha.

*Jejuar? É um idiota ainda maior do que eu suspeitava*. O primo devia andar ocupado gerando na sua viúva um pequeno herdeiro com cara de doninha, em vez de se matar de fome. Perguntou a si mesmo o que Sor Kevan poderia ter dito acerca do novo fervor do filho. Poderia ter sido esse o motivo da partida abrupta do tio?

Sobre tigelas de sopa de feijão e toucinho, a Senhora Amerei contou a Jaime como seu primeiro marido fora morto por Sor Gregor Clegane quando os Frey ainda lutavam por Robb Stark.

– Supliquei-lhe para não ir, mas meu Pate era, oh, *tão* corajoso, e jurou que seria ele o homem que mataria aquele monstro. Queria arranjar um grande renome para si.

*Todos queremos.*

– Quando eu era escudeiro, disse a mim mesmo que seria eu o homem que mataria o Cavaleiro Sorridente.

– O Cavaleiro Sorridente? – ela parecia confusa. – Quem foi esse?

*A Montanha da minha juventude. Com metade do tamanho e o dobro da loucura.*

– Um fora da lei, há muito morto. Ninguém com quem vossa senhoria deva se preocupar.

O lábio de Amerei tremeu. Lágrimas rolaram-lhe dos olhos castanhos.

– Deve perdoar minha filha – disse uma mulher mais velha. Senhora Amerei trouxera consigo uma vintena de Frey para Darry; um irmão, um

tio, um tio em segundo grau, vários primos... e a mãe, que nascera Darry. – Ainda chora pelo pai.

– Alguns fora da lei o *mataram* – soluçou a Senhora Amerei. – O pai só tinha ido resgatar Petyr Espinha. Ele levou-lhes o ouro que pediam, mas penduraram-no mesmo assim.

– *Enforcaram*, Ami. Seu pai não era uma tapeçaria – Senhora Mariya voltou a se virar para Jaime. – Creio que o conhecia, sor.

– Servimos juntos, outrora, como escudeiros, em Paço de Codorniz – não chegaria a ponto de afirmar terem sido amigos. Quando Jaime chegara, Merrett Frey era o valentão do castelo, dominava todos os rapazes mais novos. *Então tentou intimidar a mim*. – Ele era... muito forte – foi o único elogio que lhe ocorreu. Merrett mostrara-se lento, desajeitado e estúpido, mas *era* forte.

– Lutaram juntos contra a Irmandade da Mata de Rei – fungou a Senhora Amerei. – Meu pai costumava contar-me histórias.

*Seu pai costumava gabar-se e mentir, você quer dizer.*

– Lutamos – as principais contribuições do Frey para a luta tinham consistido em contrair sífilis de uma seguidora de acampamentos e ser capturado pela Cerva Branca. A rainha fora da lei queimara-lhe o rabo com seu símbolo antes de devolvê-lo, após o resgate, a Sumner Crakehall. Merrett passara uma quinzena sem conseguir se sentar, embora Jaime duvidasse de que o ferro em brasa fosse tão desagradável quanto as panelas de merda que os colegas escudeiros o tinham obrigado a comer quando regressara. *Os rapazes são as criaturas mais cruéis da face da terra*. Pôs a mão de ouro em volta da taça de vinho e a ergueu. – À memória de Merrett – disse. Era mais fácil beber ao homem do que falar dele.

Depois do brinde, Senhora Amerei parou de chorar e a conversa à mesa virou-se para os lobos, os de quatro patas. Sor Danwell Frey afirmou que havia mais animais na região do que até o avô conseguia recordar.

– Perderam todo o medo do homem. Alcateias atacaram nossa coluna logística durante a viagem desde as Gêmeas. Nossos arqueiros tiveram de encher de flechas uma dúzia antes de os outros fugirem – Sor Addam Marbrand confessou que sua coluna enfrentara problemas semelhantes no trajeto desde Porto Real.

Jaime concentrou-se na comida que tinha diante de si, arrancando pedaços de pão com a mão esquerda e atrapalhando-se com a taça de vinho com a direita. Observou Addam Marbrand encantado com a garota que tinha ao lado, observou Steffon Swyft voltar a travar a batalha de Porto Real com pão, nozes e cenouras. Sor Kennos pôs uma criada no colo, insistindo para que a garota lhe tocasse o pífaro, enquanto Sor Dermot regalava alguns escudeiros com histórias sobre cavaleiros vagueando pela mata de chuva. Mais ao fundo da mesa, Hugo Vance fechara os olhos. *Está refletindo sobre os mistérios da vida*, pensou Jaime. *Ou isso ou cochilando entre um prato e o seguinte*. Voltou-se novamente para a Senhora Mariya.

– Os fora da lei que mataram seu marido... eram do bando de Lorde Beric?

– Foi o que pensamos a princípio – embora os cabelos da Senhora Mariya estivessem salpicados de grisalho, ainda era uma mulher de aspecto agradável. – Os assassinos se dispersaram quando saíram de Pedravelhas. Lorde Vypren seguiu um bando até Feirajusta, mas ali perdeu o rastro. Walder Negro levou cães de caça e caçadores para o Atoleiro da Bruxa atrás dos outros. Os camponeses negaram tê-los visto, mas quando foram interrogados intensamente cantaram uma cantiga diferente. Falaram de um homem de um olho só e de outro que usava manto amarelo... e de uma mulher, coberta por manto e capuz.

– Uma mulher? – achava que a Cerva Branca tivesse ensinado Merrett a se manter longe de garotas fora da lei. – Também havia uma mulher na Irmandade da Mata de Rei.

– Eu sei – *e como não*, sugeria seu tom de voz, *se ela deixou sua marca no meu marido?* – A Cerva Branca era jovem e bela, segundo dizem. Essa mulher encapuzada não é nem uma coisa nem outra. Os camponeses queriam fazer que acreditássemos que seu rosto estava rasgado e cheio de cicatrizes, e que seus olhos eram terríveis de contemplar. Dizem que liderava os fora da lei.

– Liderava-os? – Jaime achava difícil acreditar naquilo. – Beric Dondarrion e o sacerdote vermelho...

– ... não foram vistos – Senhora Mariya parecia ter certeza.

– Dondarrion está morto – Varrão Forte interveio. – A Montanha enfiou-lhe uma faca no olho, temos conosco homens que viram.

– Esta é uma história – disse Addam Marbrand. – Outros lhe dirão que Lorde Beric não pode ser morto.

– Sor Harwyn diz que essas histórias são mentiras – Senhora Amerei enrolou uma trança no dedo. – Ele me prometeu a cabeça de Lorde Beric. É muito galante – corava por baixo das lágrimas.

Jaime se lembrou da cabeça que dera a Pia. Quase conseguia ouvir o risinho do seu irmão mais novo. *O que aconteceu com dar flores às mulheres?*, Tyrion poderia ter perguntado. Ele teria também algumas palavras para Harwyn Plumm, embora *galante* não fosse uma delas. Os irmãos Plumm eram tipos grandes e robustos, com pescoço grosso e rosto vermelho; ruidosos e vigorosos, rápidos no riso, rápidos na ira, rápidos no perdão. Harwyn era um tipo diferente de Plumm; de olhos duros e taciturno, rancoroso... e mortal com o martelo na mão. Era um bom homem para comandar uma guarnição, mas não para ser amado. *Se bem que*... Jaime fitou Senhora Amerei.

Os criados traziam o prato de peixe, um lúcio cozido numa crosta de ervas e nozes moídas. A senhora de Lancel provou, aprovou e ordenou que a primeira porção fosse servida a Jaime. Enquanto lhe serviam o peixe, ela se debruçou sobre o lugar do marido para lhe tocar a mão de ouro.

– Podia matar Lorde Beric, Sor Jaime. Matou o Cavaleiro Sorridente. Por favor, senhor, suplico-lhe, fique e nos ajude com Lorde Beric e Cão de Caça – seus dedos pálidos acariciaram os de ouro de Jaime.

*Será que ela acha que consigo sentir?*

– Foi o Espada da Manhã quem matou o Cavaleiro Sorridente, senhora. Sor Arthur Dayne, um cavaleiro melhor do que eu – Jaime recolheu seus dedos de ouro e voltou-se para a Senhora Mariya. – Walder Negro seguiu essa mulher encapuzada e seus homens até onde?

– Os cães voltaram a farejar seu cheiro ao norte do Atoleiro da Bruxa – disse-lhe a mulher mais velha. – Ele jura que não estava mais de meio dia atrás deles quando desapareceram no Gargalo.

– Que apodreçam lá – declarou alegremente Sor Kennos. – Se os deuses forem bons, serão engolidos por areias movediças ou devorados por lagartos-leões.

– Ou acolhidos por comedores de rãs – disse Sor Danwell Frey. – Eu não acharia os cranogmanos incapazes de abrigar alguns fora da lei.

– Bem gostaria que fossem só eles – replicou a Senhora Mariya. – Alguns dos senhores do rio também andam de mãos dadas com os homens de Lorde Beric.

– Assim como os plebeus – fungou a filha. – Sor Harwyn diz que os escondem e os alimentam, e, quando lhes perguntam para onde foram, mentem. *Mentem* para os próprios senhores!

– Mande cortar-lhes a língua – sugeriu Varrão Forte.

– Boa sorte em obter respostas depois disso – Jaime rebateu. – Se querem a ajuda deles, terão de fazer que os amem. Foi assim que Arthur Dayne agiu quando avançou contra a Irmandade da Mata de Rei. Pagou aos plebeus por aquilo que comeu, levou suas queixas ao Rei Aerys, expandiu as pastagens em volta de suas aldeias, até lhes conquistou o direito de derrubar certo número de árvores todos os anos e abater alguns dos veados do rei durante o outono. O povo da floresta tinha se virado para Toyne para defendê-lo, mas Sor Arthur fez mais por eles do que a Irmandade alguma vez podia almejar fazer e os conquistou para o seu lado. Depois disso, o resto foi fácil.

– O Senhor Comandante fala com sabedoria – Senhora Mariya observou. – Nunca nos livraremos desses fora da lei até que os plebeus comecem a amar Lancel da mesma forma que amaram meu pai e meu avô.

Jaime lançou um relance ao lugar vazio do primo. *Mas Lancel nunca conquistará o amor deles com rezas.*

Senhora Amerei fez beicinho.

– Sor Jaime, suplico-lhe, não nos abandone. Meu senhor precisa de você, e eu também. Estes tempos são tão temíveis. Há noites em que quase não consigo dormir, com medo.

– Meu lugar é junto do rei, senhora.

– Eu virei – ofereceu-se Varrão Forte. – Depois de terminarmos em Correrrio, ficarei me coçando por outra luta. Não que seja provável que Beric Dondarrion me dê uma. Lembro-me do homem de torneios passados. Era um moço atraente, com um manto bonito. Franzino e inexperiente.

– Isso foi antes de morrer – o jovem Sor Arwood Frey disse. – O povo diz que a morte o mudou. Pode matá-lo, mas ele não permanece morto.

Como se luta com um homem assim? E também há o Cão de Caça. Ele matou vinte homens em Salinas.

Varrão Forte soltou uma gargalhada roufenha.

– Vinte estalajadeiros gordos, talvez. Vinte criados mijando nos calções. Vinte irmãos mendicantes com tigelas. Mas não vinte cavaleiros. Não *a mim*.

– Há um cavaleiro em Salinas – Sor Arwood insistiu. – Ele se escondeu atrás de suas muralhas enquanto Clegane e seus cães enlouquecidos assolavam a vila. Não viu as coisas que ele fez, sor. Eu vi. Quando as notícias chegaram às Gêmeas, avancei com Harys Haigh, o irmão Donnel e meia centena de homens, arqueiros e homens de armas. Pensávamos que aquilo tinha sido obra de Lorde Beric e esperávamos encontrar seu rastro. Tudo que resta de Salinas é o castelo e o velho Sor Quincy, tão assustado que não quis abrir os portões, falou conosco das ameias, aos gritos. O resto são ossos e cinzas. Uma vila inteira. Cão de Caça passou os edifícios no archote e o povo na espada, e foi embora dando risada. As mulheres... não acreditaria no que ele fez a algumas das mulheres. Não falarei disto à mesa. Embrulhou-me o estômago quando vi.

– Chorei quando ouvi contar – Senhora Amerei lamentou-se.

Jaime bebericou o vinho.

– Como pode ter certeza de que foi o Cão de Caça? – aquilo que descreviam parecia mais trabalho de Gregor do que de Sandor. Sandor era duro e brutal, é certo, mas o irmão mais velho é quem era o verdadeiro monstro da Casa Clegane.

– Ele foi visto – Sor Arwood confirmou. – Aquele seu elmo não é fácil de confundir, ou de esquecer, e houve alguns que sobreviveram para contar a história. A garota que violou, alguns rapazes que se esconderam, uma mulher que encontramos presa sob uma viga enegrecida, os pescadores que, de seus barcos, observaram a carnificina...

– Não chame de carnificina – Senhora Mariya pediu em voz baixa. – Isto é um insulto aos carniceiros honestos. Salinas foi obra de um animal feroz em pele humana.

*Estes tempos são para feras*, Jaime refletiu, *para leões, lobos e cães raivosos, para corvos e gralhas pretas.*

– Uma obra maligna – Varrão Forte voltou a encher a taça. – Senhora Mariya, Senhora Amerei, sua angústia me comoveu. Dou-lhes minha

palavra, assim que Correrrio cair, regressarei para dar caça ao Cão de Caça e matá-lo em seu nome. Os cães não me assustam.

*Este devia assustar*. Ambos os homens eram grandes e poderosos, mas Sandor Clegane era muito mais rápido e lutava com uma selvageria que Lyle Crakehall não podia esperar igualar.

Mas a Senhora Amerei estava entusiasmada.

– É um verdadeiro cavaleiro, Sor Lyle, por ajudar uma dama em dificuldades.

*Pelo menos não chamou a si mesma "donzela"*. Jaime estendeu a mão para a taça, e a derrubou. A toalha de mesa, de linho, bebeu o vinho. Seus companheiros fingiram não reparar na mancha vermelha que se espalhava. *Cortesia da mesa de honra*, disse a si mesmo, mas tinha gosto de piedade. Ergueu-se de repente.

– Senhora. Peço que me dê licença.

Senhora Amerei pareceu ofendida.

– Quer nos deixar? Ainda há veado e capões recheados com cogumelos.

– Muito bons, sem dúvida, mas não conseguiria dar nem mais uma dentada. Tenho de falar com meu primo – com uma reverência, Jaime os deixou entregue à sua comida.

Também no pátio havia homens comendo. Os pardais tinham se reunido em volta de uma dúzia de fogueiras para aquecer as mãos contra o frio do ocaso e vigiar gordas salsichas que chiavam e pingavam sobre as chamas. Não podiam ser menos de cem. *Bocas inúteis*. Jaime perguntou a si mesmo quantas salsichas o primo tinha estocadas e como pretendia alimentar os pardais depois de seus homens irem embora. *Quando chegar o inverno estarão comendo ratazanas, a menos que consigam uma colheita*. Com o outono tão avançado, as chances de mais uma colheita não eram boas.

Encontrou o septo depois do pátio interno do castelo; um edifício sem janelas, de sete lados e parcialmente construído em madeira, com portas de madeira entalhada e um telhado de telha. Três pardais encontravam-se sentados nos degraus. Quando Jaime se aproximou, ergueram-se.

– Onde vai, senhor? – perguntou um deles. Era o menor dos três, mas tinha a barba mais comprida.

– Lá dentro.

– Sua senhoria está lá, rezando.

– Sua senhoria é meu primo.

– Bem, neste caso, senhor – disse outro pardal, um homem enorme e calvo com uma estrela de sete pontas pintada por cima de um olho –, não vai querer incomodar seu primo durante as preces.

– Lorde Lancel pede orientação ao Pai no Céu – disse o terceiro pardal, o que não tinha barba. Um rapaz, Jaime pensou, mas sua voz identificava-o como uma mulher, vestida de trapos disformes e uma camisa ferrugenta. – Reza pela alma do Alto Septão e de todos os outros que morreram.

– Amanhã continuarão mortos – Jaime lhe respondeu. – O Pai no Céu tem mais tempo do que eu. Sabe quem sou?

– Um lorde qualquer – disse o grandalhão com o olho estrelado.

– Um aleijado qualquer – disse o pequeno com a comprida barba.

– O Regicida – disse a mulher –, mas nós não somos reis, somos apenas Pobres Companheiros, e você não pode entrar, a menos que sua senhoria permita – girou nas mãos uma maça com pregos, e o homem pequeno ergueu um machado.

As portas atrás deles abriram-se.

– Deixem meu primo passar em paz, amigos – Lancel ordenou em voz baixa. – Tenho estado à espera dele.

Os pardais deram um passo para o lado.

Lancel parecia ainda mais magro do que em Porto Real. Estava descalço, vestido com uma túnica simples de lã não tingida que o fazia se assemelhar mais a um pedinte do que a um lorde. Raspara o topo da cabeça até deixá-lo liso, mas a barba crescera-lhe um pouco. Chamar àquilo penugem de pêssego teria sido insultuoso para o pêssego. Combinava estranhamente com os cabelos brancos que lhe rodeavam as orelhas.

– Primo – Jaime falou quando ficaram a sós dentro do septo –, perdeu o raio do juízo?

– Prefiro dizer que encontrei a minha fé.

– Onde está seu pai?

– Foi embora. Discutimos – Lancel ajoelhou-se perante o altar de seu outro Pai. – Quer rezar comigo, Jaime?

– Se eu rezar bem, o Pai vai me dar uma mão nova?

– Não. Mas o Guerreiro lhe dará coragem, o Ferreiro lhe emprestará força e a Velha lhe dará sabedoria.

– É de uma mão que preciso – os sete deuses erguiam-se por cima de altares esculpidos cuja madeira escura brilhava à luz das velas. Um tênue cheiro de incenso pairava no ar. – Dorme aqui embaixo?

– Todas as noites faço a cama junto a um altar diferente, e os Sete enviam-me visões.

Baelor, o Abençoado, também havia tido visões. *Especialmente quando jejuava.*

– Há quanto tempo não come?

– A fé é todo o alimento de que necessito.

– A fé é como mingau de aveia. É melhor com leite e mel.

– Sonhei que viria. No sonho, sabia o que fiz. Como pequei. Você me matou por isso.

– É mais provável que seja você a se matar com todos esses jejuns. Não foi Baelor, o Abençoado, que jejuou até o ataúde?

– Nossa vida é como a chama de uma vela, segundo a *Estrela de Sete Pontas*. Qualquer brisa errante pode nos apagar. A morte nunca está longe neste mundo, e sete infernos esperam os pecadores que não se arrependem de seus pecados. Reze comigo, Jaime.

– Se assim fizer, comerá uma tigela de mingau? – quando o primo não respondeu, Jaime suspirou. – Devia estar dormindo com sua mulher, não com a Donzela. Precisa de um filho com sangue Darry se quiser manter este castelo.

– Uma pilha de pedras frias. Nunca a pedi. Nunca a desejei. Só desejava... – Lancel estremeceu. – Que os Sete me salvem, mas eu desejava ser você.

Jaime teve de rir.

– É melhor ser eu do que o Abençoado Baelor. Darry precisa de um leão, primo. E nossa pequena Frey também. Ela fica úmida entre as pernas sempre que alguém menciona Pedra-Dura. Se ainda não se deitou com ele, deitará em breve.

– Se o ama, desejo-lhes felicidade.

– Um leão não devia ter cornos. Tomou a garota como esposa.

– Disse algumas palavras e dei-lhe um manto vermelho, mas só para agradar a meu pai. O casamento requer a consumação. O Rei Baelor foi

obrigado a se casar com a irmã Daena, mas nunca viveram como marido e mulher, e ele a pôs de lado assim que foi coroado.

– O reino teria ficado mais bem servido se ele tivesse fechado os olhos e fodido a irmã. Conheço história suficiente para saber disso. Seja como for, não é provável que o confundam com Baelor, o Abençoado.

– Não – Lancel admitiu. – Ele era um espírito raro, puro, bravo e inocente, intocado por todo o mal do mundo. Eu sou um pecador, com muitíssimo a expiar.

Jaime pousou a mão no ombro do primo.

– O que você sabe sobre pecado, primo? Eu matei o meu rei.

– O homem corajoso mata com uma espada, o covarde com um odre de vinho. Somos ambos regicidas, sor.

– Robert não era um verdadeiro rei. Há até quem diga que o veado é a presa natural do leão – Jaime conseguia sentir os ossos sob a pele do primo... e também algo mais. Lancel usava um cilício por baixo da túnica. – Que mais fez que requeira tanta expiação? Diga-me.

O primo abaixou a cabeça, com lágrimas deslizando pelo rosto.

Essas lágrimas foram toda a resposta de que Jaime precisou.

– Matou o rei – disse –, e depois fodeu a rainha.

– Eu nunca...

– ... se deitou com a minha querida irmã? – *diga. Diga!*

– Nunca derramei minha semente dentro... dentro...

– ... da boceta? – Jaime sugeriu.

– ... do ventre – Lancel concluiu. – Não é traição, a menos que se termine lá dentro. Dei-lhe conforto, depois de o rei morrer. Você tinha sido capturado, seu pai encontrava-se em campo, e seu irmão... ela tinha medo dele, e com bons motivos. Ele me obrigou a traí-la.

– Ah obrigou? – *Lancel, Sor Osmund e quantos mais? Seria a parte sobre o Rapaz Lua só um sarcasmo?* – Forçou-o?

– *Não!* Eu a amava. Queria protegê-la.

*Queria ser eu*. Seus dedos fantasma coçaram. No dia em que a irmã viera à Torre da Espada Branca para lhe suplicar que renunciasse aos seus votos, rira-se depois de ele a recusar e vangloriara-se de lhe ter mentido mil vezes. Jaime tomara aquilo como uma tentativa desajeitada de feri-lo como ele a ferira. *Pode ter sido a única coisa verdadeira que ela alguma vez me disse.*

– Não pense mal da rainha – Lancel suplicou. – Toda carne é fraca, Jaime. Nenhum mal proveio de nosso pecado. Nenhum... nenhum bastardo.

– Nenhum. Os bastardos raramente são feitos na barriga – perguntou a si mesmo o que o primo diria se lhe confessasse seus pecados, as três traições a que Cersei dera os nomes de Joffrey, Tommen e Myrcella.

– Fiquei zangado com Sua Graça depois da batalha, mas o Alto Septão disse que eu devia perdoá-la.

– Ah, confessou seus pecados a Sua Alta Santidade?

– Ele rezou por mim quando fui ferido. Era um bom homem.

*É um homem morto. Fizeram soar os sinos por ele.* Perguntou a si mesmo se o primo faria alguma ideia do fruto que suas palavras tinham gerado.

– Lancel, é um maldito tolo.

– Não se engana – Lancel retrucou –, mas minha tolice ficou para trás, sor. Pedi ao Pai no Céu para me mostrar o caminho, e ele mostrou. Vou renunciar a esta senhoria e a esta esposa. Pedra-Dura pode ficar com ambas, se quiser. Amanhã regressarei a Porto Real e juramentarei espada ao novo Alto Septão e aos Sete. Pretendo proferir votos e juntar-me aos Filhos do Guerreiro.

O rapaz não falava coisa com coisa.

– Os Filhos do Guerreiro foram proscritos há trezentos anos.

– O novo Alto Septão os fez renascer. Emitiu um chamado aos guerreiros de mérito para colocarem a vida e a espada a serviço dos Sete. Os Pobres Companheiros também serão restaurados.

– Por que o Trono de Ferro permitiria tal coisa? – Jaime lembrava-se de que um dos primeiros reis Targaryen lutara durante anos para suprimir as duas ordens militares, embora não recordasse qual. Maegor, talvez, ou o primeiro Jaehaerys. *Tyrion saberia*.

– Sua Alta Santidade escreveu que o Rei Tommen deu seu consentimento. Mostro-lhe a carta, se quiser.

– Mesmo se isso for verdade... é um leão do Rochedo, um senhor. Tem esposa, castelo, terras a defender, pessoas a proteger. Se os deuses forem bons, terá filhos do seu sangue para sucedê-lo. Por que jogaria tudo isso fora em troca... em troca de um voto qualquer?

– Por que você o fez? – Lancel perguntou em voz baixa.

*Por honra*, poderia ter dito Jaime. *Por glória*. Mas teria sido mentira. A honra e a glória tinham desempenhado seus papéis, mas a maior parte do motivo fora Cersei. Uma gargalhada escapou de seus lábios.

– Vai correr para junto do Alto Septão ou de minha querida irmã? Reze por isso, primo. Reze *muito*.

– Rezará comigo, Jaime?

Olhou em volta, para os deuses do septo. A Mãe, cheia de misericórdia. O Pai, severo em julgamento. O Guerreiro, com uma mão sobre a espada. O Estranho, nas sombras, com o rosto meio humano escondido sob um capuz. *Julgava que eu era o Guerreiro e Cersei a Donzela, mas todo o tempo ela foi o Estranho, escondendo seu verdadeiro rosto do meu olhar.*

– Reze por mim, se quiser – disse ao primo. – Esqueci todas as palavras.

Os pardais ainda esvoaçavam em volta dos degraus quando Jaime voltou a sair para a noite.

– Obrigado – disse-lhes. – Agora me sinto muito mais santo.

E foi em busca de Sor Ilyn e de um par de espadas.

O pátio do castelo estava cheio de olhos e ouvidos. Para fugir deles, procuraram o bosque sagrado de Darry. Ali não havia pardais, só árvores nuas e sombrias, com galhos negros que arranhavam o céu. Um tapete de folhas mortas rangia sob seus pés.

– Vê aquela janela, sor? – Jaime usou uma espada para apontar. – Ali era o quarto de Raymun Darry. Onde o Rei Robert dormiu, em nosso regresso de Winterfell. A filha de Ned Stark tinha fugido depois de seu lobo ter atacado Joff, deve se lembrar. Minha irmã quis que a garota perdesse uma mão. A velha punição por bater em alguém de sangue real. Robert disse-lhe que era cruel e louca. Levaram metade da noite discutindo... Bem, Cersei discutiu, e Robert bebeu. Já depois da meia-noite, a rainha me chamou. O rei estava sem sentidos, ressonando no tapete de Myr. Perguntei à minha irmã se queria que o levasse para a cama. Ela me disse que devia levá-la para a cama, e se desembaraçou do roupão. Possuí-a na cama de Raymun Darry, depois de passar por cima de Robert. Se Sua Graça tivesse acordado, eu o teria matado naquele momento, naquele lugar. Não seria o primeiro rei a morrer pela minha espada... Mas conhece essa história, não é verdade? – golpeou um galho de árvore, partindo-o ao meio. – Enquanto a fodia, Cersei gritou: “Eu

*quero*”. Julguei que se referia a mim, mas o que ela queria era a garota Stark, mutilada ou morta – *as coisas que faço por amor.* – Foi só por sorte que os homens dos Stark encontraram a garota antes de mim. Se eu tivesse dado com ela primeiro...

As marcas de bexigas no rosto de Sor Ilyn eram buracos negros à luz do archote, tão escuras como a alma de Jaime, e então ele fez aquele som de estalar.

*Está rindo de mim*, Jaime Lannister compreendeu.

– Tanto quanto sei, você também fodeu minha irmã, seu bastardo de cara bexigosa – cuspiu. – Bem, feche a merda da boca e me mate, se conseguir.

## BRIENNE

A septeria erguia-se numa ilha que se projetava da superfície, a meia milha da costa, no local onde a extensa foz do Tridente se alargava ainda mais para beijar a Baía dos Caranguejos. Sua prosperidade era evidente até da costa. As encostas encontravam-se cobertas de campos em terraços, com lagoas cheias de peixes na base e, no cume, um moinho de vento, cujas velas de madeira e lona giravam lentamente empurradas pela brisa que soprava da baía. Brienne viu ovelhas pastando na vertente da colina e cegonhas caminhando pelas águas pouco profundas que rodeavam o desembarcadouro.

– Salinas fica mesmo em frente – disse Septão Meribald, apontando para o norte, para lá da baía. – Os irmãos nos levarão até lá na maré da manhã, embora tema o que iremos encontrar. Apreciemos uma boa refeição quente antes de enfrentarmos isso. Os irmãos têm sempre um osso a mais para o Cão – o Cão latiu e abanou a cauda.

A maré agora descia, e depressa. A água que separava a ilha da costa recuava, deixando para trás uma larga extensão de cintilantes lodaçais marrons, salpicados de lagoas de maré que resplandeciam como moedas de ouro ao sol da tarde. Brienne coçou a parte de trás do pescoço, onde um inseto a mordera. Prendera os cabelos no alto da cabeça, e o sol aquecera-lhe a pele.

– Por que a chamam Ilha Quieta? – Podrick quis saber.

– Aqueles que lá habitam são penitentes, que procuram expiar seus pecados através da contemplação, da reza e do silêncio. Só o Irmão Mais Velho e seus funcionários têm autorização para falar, e estes últimos só podem falar durante um dia a cada sete.

– As irmãs silenciosas nunca falam – Podrick retrucou. – Ouvi dizer que não têm língua.

Septão Meribald sorriu.

– As mães já intimidavam as filhas com essa história quando eu tinha a sua idade. Não havia nenhuma verdade nela naquela época, e continua a não haver agora. Um voto de silêncio é um ato de contrição, um sacrifício, através do qual demonstramos nossa devoção aos Sete no Céu. Um mudo tomar um voto de silêncio seria como um homem sem pernas desistir da dança – levou o burro pela ladeira, fazendo sinal aos outros para o seguirem. – Se quiserem dormir sob um teto esta noite, terão de desmontar e atravessar a lama comigo. Chamamos este o caminho da fé. Só os fiéis podem atravessar em segurança. Os malvados são engolidos pelas areias movediças ou se afogam quando a maré sobe. Nenhum de vocês é malvado, espero eu. Mesmo assim, eu teria cuidado com o lugar onde ponho os pés. Caminhem apenas por onde eu caminhar, e chegarão ao outro lado.

Brienne não pôde deixar de reparar que o caminho da fé era tortuoso. Embora a ilha parecesse se erguer a nordeste do local onde deixaram a costa para trás, Septão Meribald não se dirigiu diretamente para lá. Em vez disso, arrancou para leste, na direção das águas mais profundas da baía, que cintilavam, azuis e prateadas, a distância. A mole lama marrom esguichava por entre os dedos de seus pés. Enquanto caminhava, parava de vez em quando para sondar o caminho em frente com o cajado. O Cão mantinha-se junto aos seus calcanhares, farejando todas as pedras, conchas e aglomerados de algas. Para variar, não saltou na frente nem se pôs a vaguear.

Brienne seguiu-o, tendo o cuidado de se manter perto da fila de pegadas deixadas pelo cão, pelo burro e pelo homem santo. Depois vinha Podrick, e por fim Sor Hyle. A cem metros da margem, Meribald virou subitamente para o sul, ficando praticamente de costas voltadas para a septeria. Seguiu nessa direção por mais cem metros, levando-os por entre duas lagoas de maré pouco profundas. O Cão enfiou o focinho numa delas e ganiu quando um caranguejo o beliscou com a pinça. Seguiu-se uma breve mas furiosa luta, até que o Cão regressou a trote, molhado e salpicado de lama, com o caranguejo entre as mandíbulas.

– Não é para *lá* que queremos ir? – gritou Sor Hyle lá de trás, apontando para a septeria. – Parecemos caminhar para todos os lados, menos para aquele lugar.

– Fé – pediu o Septão Meribald. – Acredite, persista e siga, assim encontraremos o lugar que procuramos.

Os baixios cintilavam, úmidos, a toda a volta, salpicados de meia centena de cores. A lama era de um marrom tão escuro que parecia quase negro, mas havia também faixas de areia dourada, rochas que se projetavam em tons de cinza e vermelho, e emaranhados de algas negras e verdes. Cegonhas caminhavam por entre as lagoas de maré e deixavam suas pegadas por todo lado, e caranguejos fugiam pela superfície de águas pouco profundas. O ar cheirava a maresia e a putrefação, e o terreno sugava-lhes os pés e só os largava com relutância, com um estalo e um suspiro lamacento. Septão Meribald virou, voltou a virar, e virou uma vez mais. Suas pegadas enchiam-se de água assim que ele avançava. Quando o solo se tornou mais firme e começou a se erguer sob seus pés, tinham caminhado pelo menos uma milha e meia.

Três homens estavam à espera deles quando subiram pelas pedras quebradas que rodeavam a linha de costa da ilha. Trajavam as vestes marrom-escuras de irmãos, com largas mangas em forma de sino e capuz pontiagudo. Dois também tinham enrolado faixas de lã em volta da metade inferior do rosto, de modo que tudo que se conseguia ver deles eram os olhos. O terceiro irmão era aquele que falava.

– Septão Meribald – chamou. – Já se passou quase um ano. Seja bem-vindo. E seus companheiros também.

O Cão abanou a cauda e Meribald sacudiu lama dos pés.

– Podemos pedir-lhes hospitalidade por uma noite?

– Claro que sim. Esta noite há guisado de peixe. Irá precisar do barco de manhã?

– Se não for pedir muito – Meribald virou-se para os companheiros de viagem. – Irmão Narbert é funcionário da ordem, de modo que lhe é permitido falar um dia a cada sete. Irmão, estas boas pessoas ajudaram-me na viagem. Sor Hyle Hunt é um galante cavaleiro vindo da Campina. O garoto é Podrick Payne, originário das terras ocidentais. E esta é a Senhora Brienne, conhecida como a Donzela de Tarth.

Irmão Narbert parou de repente.

– Uma mulher.

– Sim, irmão – Brienne soltou os cabelos e os sacudiu. – Não há mulheres aqui?

– Atualmente, não – Narbert respondeu. – As mulheres que nos visitam vêm até nós doentes, feridas ou muito grávidas. Os Sete abençoaram nosso Irmão Mais Velho com mãos curativas. Ele devolveu a saúde a muitos homens que nem mesmo os meistres conseguiam curar, e a muitas mulheres também.

– Não estou doente, nem ferida, muito menos grávida.

– Senhora Brienne é uma donzela guerreira – confidenciou Septão Meribald –, e anda em busca do Cão de Caça.

– Ah, sim? – Narbert pareceu surpreso. – Para que fim?

Brienne tocou o cabo da Cumpridora de Promessas.

– Para este – respondeu.

O funcionário a estudou.

– É... musculosa para uma mulher, é verdade, mas... talvez deva levar este assunto ao Irmão Mais Velho. Ele deve tê-la visto atravessar a lama. Venha.

Narbert os levou por um caminho de seixos que penetrava um pomar de macieiras e levava a um estábulo caiado com um bicudo telhado de colmo.

– Podem deixar aqui os animais. Irmão Gillam se assegurará de que lhes sejam fornecidos alimentos e água.

Mais de três quartos do estábulo encontravam-se vazios. Numa das extremidades via-se meia dúzia de mulas, que eram tratadas por um pequeno irmão de pernas arqueadas que Brienne tomou por Gillam. Ao fundo, na parte mais distante, bem afastado dos outros animais, um enorme garanhão negro berrou ao ouvir as vozes dos recém-chegados e escoiceou a porta de sua cocheira.

Sor Hyle deitou ao grande cavalo um olhar de admiração enquanto entregava as rédeas a Irmão Gillam.

– Um belo animal.

Irmão Narbert suspirou.

– Os Sete enviam-nos bênçãos, e os Sete enviam-nos provações. Até pode ser belo, mas o Trazido Pela Correnteza foi com certeza parido no inferno. Quando tentamos atá-lo a um arado, escoiceou o Irmão Rawney e partiu-lhe a tíbia em dois lugares. Tínhamos esperança de que a castração pudesse melhorar o mau temperamento do animal, mas... Irmão Gillam, pode mostrar a eles?

Irmão Gillam tirou o capuz. Por baixo dele havia cabelos loiros embaraçados, uma tonsura no topo da cabeça e um curativo manchado de sangue onde ficava uma orelha.

Podrick susteve a respiração.

– O cavalo arrancou sua orelha à *dentada*?

Gillam assentiu e voltou a cobrir a cabeça.

– Perdoe-me, irmão – disse Sor Hyle –, mas eu poderia arrancar-lhe a outra orelha, se se aproximasse de mim com uma tesoura.

A brincadeira não caiu bem para Irmão Narbert.

– É um cavaleiro, sor. O Trazido Pela Correnteza é um animal de carga. O Ferreiro deu cavalos aos homens para ajudá-los em seu trabalho – virou-se. – Por favor. O Irmão Mais Velho certamente está à espera.

O declive era mais acentuado do que parecera do outro lado dos baixios. Para facilitar a subida, os irmãos tinham subido um lance de escadas de madeira, que vagueavam de um lado para o outro ao longo da vertente e por entre os edifícios. Depois de um longo dia na sela, Brienne sentiu-se contente pela oportunidade de esticar as pernas.

Passaram por uma dúzia de membros da ordem durante a subida; homens encapuzados e vestidos de marrom-escuro que lhes lançavam olhares curiosos ao passar, mas não proferiam nenhuma saudação. Um deles levava um par de vacas leiteiras para um pequeno celeiro com telhado coberto de grama; outro manejava uma batedeira de manteiga. Nas vertentes mais elevadas viram três rapazes conduzindo ovelhas, e ainda mais acima passaram por um cemitério, onde um irmão maior do que Brienne lutava para cavar uma sepultura. Pelo modo como se movia, era evidente que o homem era coxo. Ao atirar uma pá de solo pedregoso por sobre um ombro, um punhado caiu sobre os pés do grupo.

– Mais cuidado com isso – repreendeu-o Irmão Narbert. – Septão Meribald podia ter ficado com a boca cheia de terra – o coveiro abaixou a cabeça. Quando Cão foi farejá-lo, deixou cair a pá e coçou-lhe uma orelha.

– Um noviço – Narbert explicou.

– Para quem é a sepultura? – Sor Hyle perguntou quando retomaram a subida pelos degraus de madeira.

– Para o Irmão Clement, que o Pai o julgue com justiça.

– Era velho? – Podrick Payne quis saber.

– Se achar que quarenta e oito anos é velho, sim, mas não foram os anos que o mataram. Morreu de ferimentos sofridos em Salinas. Tinha levado um pouco de nosso hidromel ao mercado de lá, no dia em que os fora da lei caíram sobre a vila.

– Cão de Caça? – Brienne falou.

– Outro, igualmente brutal. Cortou a língua do pobre Clement quando ele se recusou a falar. Visto que tinha tomado um voto de silêncio, o assaltante disse que não precisava dela. O Irmão Mais Velho há de saber mais. Ele guarda para si o pior das notícias do exterior, para não perturbar a tranquilidade da septeria. Muitos de nossos irmãos vieram para cá para escapar aos horrores do mundo, não para relembrá-los. Irmão Clement não foi o único homem ferido entre nós. Há ferimentos que não se veem – Irmão Narbert fez um gesto para a direita. – Ali fica o nosso pomar de verão. As uvas são pequenas e ácidas, mas dão um vinho bebível. Também fazemos nossa própria cerveja, e a fama do hidromel e da cidra que fazemos chega longe.

– A guerra não chegou aqui? – Brienne perguntou.

– Essa guerra não, graças aos Sete. Nossas preces nos protegem.

– E as suas marés – sugeriu Meribald. Cão latiu seu acordo.

O topo do monte era coroado por um muro baixo de pedra solta, que cercava um aglomerado de grandes edifícios; o moinho, com as pás rangendo enquanto giravam, os claustros onde os irmãos dormiam e o edifício comum onde faziam as refeições, um septo de madeira para orações e meditação, com janelas de vitral, largas portas esculpidas com retratos da Mãe e do Pai, e um campanário de sete lados com um terraço no topo. Por trás, estendia-se um jardim para cultivo de legumes, onde alguns irmãos mais velhos arrancavam ervas daninhas. Irmão Narbert fez os visitantes darem a volta em um castanheiro e os levou até uma porta de madeira instalada na face do monte.

– Uma gruta com uma porta? – Sor Hyle exclamou, surpreso.

Septão Meribald sorriu.

– Chama-se Buraco do Eremita. O primeiro homem santo a descobrir o caminho até aqui viveu lá dentro e alcançou tantas maravilhas que outros vieram se juntar a ele. Isso foi há dois mil anos, segundo dizem. A porta apareceu algum tempo mais tarde.

Há dois mil anos o Buraco do Eremita talvez tivesse sido um lugar úmido e escuro, com chão de terra e ecos de água pingando, mas já não era assim. A gruta em que Brienne e seus companheiros entraram tinha sido transformada em um santuário quente e acolhedor. Tapetes de lã cobriam o chão, tapeçarias enfeitavam as paredes. Altas velas de cera de abelha davam uma luminosidade mais do que ampla. A mobília era estranha, mas simples; uma longa mesa, um banco comprido de costas altas, uma arca, várias estantes altas, cheias de livros, e cadeiras. Tudo fora feito de madeira trazida pela correnteza, pedaços com formas estranhas astuciosamente unidos e polidos até brilharem com um profundo tom dourado à luz das velas.

O Irmão Mais Velho não era aquilo que Brienne esperava encontrar. Dificilmente poderia ser chamado *mais velho*, para começar; enquanto os irmãos que arrancavam ervas daninhas no jardim tinham os ombros caídos e as costas encurvadas dos velhos, ele erguia-se alto e reto, e se deslocava com o vigor de um homem no auge de seus anos. Tampouco mostrava o rosto gentil e bondoso que ela tinha esperado de um curandeiro. Sua cabeça era grande e quadrada, os olhos sagazes, e o nariz vermelho e coberto de veias. Embora usasse uma tonsura, seu couro cabeludo mostrava-se tão hirsuto quanto o pesado queixo.

*Parece-se mais com um homem feito para quebrar ossos do que para curá-los*, pensou a Donzela de Tarth enquanto o Irmão Mais Velho atravessava a sala em passos largos para ir abraçar Septão Meribald e fazer festas ao Cão.

– É sempre um dia alegre quando nossos amigos Meribald e Cão nos honram com outra visita – anunciou, antes de se virar para seus outros hóspedes. – E novos rostos são sempre bem-vindos. Vemos tão poucos...

Meribald entregou-se às cortesias de costume antes de se sentar no banco. Ao contrário do Irmão Narbert, o Irmão Mais Velho não pareceu consternado pelo sexo de Brienne, mas seu sorriso vacilou e se desvaneceu quando o septão lhe contou o motivo por que ela e Sor Hyle tinham vindo.

– Entendo – foi tudo que disse, antes de se virar para eles. – Devem ter sede. Por favor, bebam um pouco de nossa cidra doce para lavar a poeira da viagem de suas gargantas – ele mesmo os serviu. As taças também tinham sido esculpidas em madeira trazida pela correnteza, e não havia

duas iguais. Quando Brienne as elogiou, disse: – A senhora é muito gentil. Tudo que fazemos é cortar e polir a madeira. Aqui somos abençoados. No local onde o rio se encontra com a baía, as correntes e marés lutam umas contra as outras, e muitas coisas estranhas e maravilhosas são empurradas em nossa direção e vêm dar às nossas costas. A madeira é o de menos. Encontramos taças de prata e potes de ferro, sacas de lã e fardos de seda, elmos enferrujados e espadas cintilantes... sim, e também rubis.

Aquilo interessou Sor Hyle.

– Os rubis de Rhaegar?

– Talvez. Quem poderá dizer? A batalha aconteceu a muitas léguas daqui, mas o rio é incansável e paciente. Foram encontrados seis. Estamos todos à espera do sétimo.

– Antes rubis do que ossos – Septão Meribald esfregava o pé, fazendo cair flocos de lama de sob os dedos. – Nem todos os presentes do rio são agradáveis. Os bons irmãos também recolhem os mortos. Vacas e veados afogados, porcos mortos inchados e com até metade do tamanho de cavalos. Sim, e cadáveres.

– Muitos cadáveres, nos dias que correm – o Irmão Mais Velho suspirou. – Nosso coveiro não tem descanso. Homens do rio, homens do ocidente, homens do norte, todos vêm dar aqui à costa. Tanto cavaleiros quanto canalhas. Nós os enterramos lado a lado, Stark e Lannister, Blackwood e Bracken, Frey e Darry. É este o dever que o rio nos pede em troca de todos os seus presentes, e nós o cumprimos o melhor que podemos. Mas por vezes encontramos uma mulher... Ou, pior, uma criança morta. Esses são os presentes mais cruéis – virou-se para o Septão Meribald. – Espero que tenha tempo para absolver nossos pecados. Desde que os assaltantes mataram o velho Septão Bennet, não temos ninguém para nos ouvir em confissão.

– Arranjarei tempo – Meribald respondeu –, embora espere que tenha pecados melhores do que os da última vez em que passei por aqui – Cão latiu. – Vê? Até o Cão se aborreceu.

Podrick Payne estava confuso.

– Pensava que ninguém podia falar. Bem, ninguém não. Os irmãos. Os outros irmãos, vocês não.

– É permitido quebrar o silêncio em confissão – o Irmão Mais Velho explicou. – É difícil falar de pecado com mímicas.

– Queimaram o septo em Salinas? – Hyle Hunt perguntou.

O sorriso sumiu.

– Em Salinas queimaram tudo, exceto o castelo. Só ele era feito de pedra... embora pudesse perfeitamente ter sido feito de sebo, pelo bem que fez à vila. Caiu sobre mim o dever de tratar alguns dos sobreviventes. Os pescadores os trouxeram do outro lado da baía, depois de as chamas terem se apagado e eles julgarem ser seguro rumar para a terra. Uma pobre mulher tinha sido violada uma dúzia de vezes, e seus seios... Senhora, usa cota de malha de homem, de modo que não lhe pouparei a esses horrores... Seus seios tinham sido rasgados, mastigados e *comidos*, como que por algum... animal cruel. Fiz o que pude por ela, embora fosse bem pouco. Ao morrer, suas piores pragas não foram dirigidas contra os homens que a tinham violado, nem contra o monstro que devorara sua carne viva, mas contra Sor Quincy Cox, que trancou os portões quando os fora da lei entraram na vila e ficou a salvo atrás de muralhas de pedra enquanto seu povo gritava e morria.

– Sor Quincy é um velho – disse com gentileza Septão Meribald. – Seus filhos e netos andam distantes ou estão mortos, os netos ainda são garotos, e tem duas filhas. O que poderia ter feito um homem contra tantos?

*Poderia ter tentado*, pensou Brienne. *Poderia ter morrido. Velho ou novo, um verdadeiro cavaleiro jura proteger aqueles que são mais fracos do que ele, ou morrer tentando.*

– Palavras verdadeiras e sábias – disse o Irmão Mais Velho ao Septão Meribald. – Quando fizer a travessia para Salinas, sem dúvida Sor Quincy lhe pedirá perdão. Alegra-me que esteja aqui para dá-lo. Eu não consegui – pôs de lado a taça de madeira trazida pela correnteza e se levantou. – O sino para o jantar tocará em breve. Meus amigos, querem vir comigo ao septo, rezar pelas almas da boa gente de Salinas, antes de nos sentarmos para partir o pão e compartilhar um pouco de comida e bebida?

– De bom grado – Meribald respondeu, e Cão latiu.

O jantar na septeria foi a refeição mais estranha que Brienne já comera, embora não fosse de todo desagradável. A comida era simples,

mas muito boa; havia pães estaladiços e ainda quentes do forno, recipientes de barro cheios de manteiga recém-batida, mel proveniente das colmeias da septeria e um espesso guisado de caranguejo, mexilhão e pelo menos três tipos de peixe. Septão Meribald e Sor Hyle beberam do hidromel que os irmãos faziam e declararam-no excelente, enquanto ela e Podrick contentavam-se com mais cidra doce. E a refeição também não foi melancólica. Meribald proferiu uma prece antes de ser servida a comida, e enquanto os irmãos comiam em quatro longas mesas de montar, um deles tocou harpa vertical, enchendo a sala de sons suaves e doces. Quando o Irmão Mais Velho dispensou o músico para que fosse comer, Irmão Narbert e outro funcionário se alternaram na leitura de trechos de *A Estrela de Sete Pontas*.

Quando as leituras foram concluídas, o que restava da comida tinha sido levado por noviços cuja tarefa era servir. A maioria era de garotos com idade próxima à de Podrick, ou mais novos, mas havia também adultos, incluindo o grande coveiro que tinham encontrado no monte, que caminhava com o desajeitado porte oscilante de alguém que é meio aleijado. Quando a sala se esvaziou, o Irmão Mais Velho pediu a Narbert para levar Podrick e Sor Hyle para seus catres nos claustros.

– Não se importam de partilhar uma cela, espero? Não é grande, mas irão achá-la confortável.

– Quero ficar com o sor – disse Podrick. – Quer dizer, com a senhora.

– O que você e a Senhora Brienne fazem fora daqui é entre vocês e os Sete – disse o Irmão Narbert –, mas, na Ilha Quieta, os homens e as mulheres não dormem sob o mesmo teto, a menos que sejam casados.

– Temos algumas cabanas modestas reservadas para as mulheres que nos visitam, sejam senhoras nobres ou simples garotas de aldeia – disse o Irmão Mais Velho. – Não são usadas com frequência, mas as mantemos limpas e secas. Senhora Brienne, permita-me que lhe mostre o caminho?

– Sim, obrigada. Podrick, vá com Sor Hyle. Aqui somos hóspedes dos irmãos santos. Sob o teto deles, valem as suas regras.

As cabanas das mulheres ficavam do lado oriental da ilha, com vista para uma larga extensão de lama e as águas distantes da Baía dos Caranguejos. Ali fazia mais frio do que do lado abrigado, e era um lugar mais selvagem. O monte era mais inclinado, e o caminho meandrava de um lado para o outro por entre ervas e sarças, rochedos esculpidos pelo

vento e árvores retorcidas e espinhosas que se agarravam tenazmente à vertente pedregosa. Em uma das curvas, o Irmão Mais Velho fez uma pausa.

– Numa noite límpida, era possível ver daqui os incêndios de Salinas. Fica logo ali, do outro lado da baía – ele apontou.

– Não há nada – Brienne observou.

– Só resta o castelo. Até os pescadores foram embora, os poucos afortunados que estavam na água quando os assaltantes chegaram. Viram as casas queimarem e ouviram os berros e os gritos flutuando pelo porto, com medo demais para levar os barcos para terra. Quando por fim desembarcaram, foi para enterrar amigos e familiares. O que há agora para eles em Salinas além de ossos e memórias amargas? Mudaram-se para Lagoa da Donzela ou para outras vilas – fez um gesto com a lanterna, e retomaram a descida. – Salinas nunca foi um porto importante, mas os navios visitavam-no de vez em quando. Era isso que os assaltantes queriam, uma galé ou uma coca que os levasse para o outro lado do mar estreito. Quando descobriram que não havia nenhuma, fizeram cair a raiva e o desespero sobre o povo da vila. Pergunto-me, senhora... O que espera encontrar ali?

– Uma garota – disse-lhe. – Uma garota bem-nascida de treze anos, com um rosto bonito e cabelos ruivos.

– Sansa Stark? – o nome foi dito em voz baixa. – Acha que essa pobre criança está com Cão de Caça?

– O dornês disse que ela ia a caminho de Correrrio. Timeon. Era mercenário, um dos Bravos Companheiros, um assassino, violador e mentiroso, mas não me parece que tenha mentido a respeito disso. Disse que Cão de Caça a raptou e a levou consigo.

– Entendo – o caminho descreveu uma curva e ali estavam as cabanas, diante deles. O Irmão Mais Velho referira-se a elas como modestas. E eram. Pareciam colmeias feitas de pedra, baixas e arredondadas, sem janelas. – Esta – disse, indicando a cabana mais próxima, a única que tinha fumaça saindo do buraco no meio do telhado. Brienne teve de se abaixar quando entrou, para evitar bater a cabeça no lintel. Lá dentro encontrou um chão de terra batida, um catre de palha, peles e mantas para mantê-la aquecida, uma pequena fogueira e duas cadeiras baixas. O

Irmão Mais Velho sentou-se numa e pousou a lanterna. – Posso ficar por um momento? Acho que devíamos conversar.

– Se quiser – Brienne desprendeu o cinto da espada e o pendurou na segunda cadeira, após o que se sentou de pernas cruzadas sobre o catre.

– Seu dornês não mentiu – começou o Irmão Mais Velho –, mas temo que não o tenha compreendido. Anda perseguindo o lobo errado, senhora. Eddard Stark tinha duas filhas. Foi a outra que Sandor Clegane capturou, a mais nova.

– *Arya* Stark? – Brienne fitou o homem de boca aberta, estupefata. – Tem certeza? A irmã da Senhora Sansa está viva?

– Àquela altura estava – o Irmão Mais Velho respondeu. – Agora... não sei. Pode estar entre as crianças mortas em Salinas.

As palavras foram como uma faca em sua barriga. *Não*, pensou Brienne. *Não, isso seria cruel demais*.

– *Pode* estar... Quer dizer que não tem certeza...?

– Estou certo de que a pequena esteve com Sandor Clegane na estalagem junto ao entroncamento, aquela que era da velha Masha Heddle antes de os leões a enforcarem. Estou certo de que iam a caminho de Salinas. Além disso... não. Não sei onde ela se encontra ou até se está viva. Mas há uma coisa que sei. O homem que persegue está morto.

Aquilo foi outro choque.

– Como foi que ele morreu?

– Como viveu, pela espada.

– Tem certeza disso?

– Fui eu mesmo quem o enterrou. Posso lhe dizer onde fica a sepultura, se quiser. Cobri-o com pedras para evitar que os necrófagos desenterrassem sua carne, e pousei o elmo no topo do monte, para identificar o local de seu último descanso. Este foi um grave erro. Outro viajante qualquer descobriu minha marca e ficou com ela. O homem que violou e matou em Salinas não foi Sandor Clegane, embora talvez seja igualmente perigoso. As terras fluviais estão cheias desse tipo de devoradores de carniça. Não os chamarei lobos. Estes são mais nobres do que isso... e os cães também, julgo eu. Sei um pouco sobre esse homem, Sandor Clegane. Foi escudo juramentado do Príncipe Joffrey durante muitos anos, e até aqui ouvíamos falar de seus feitos, tanto os bons como os maus. Se metade do que ouvimos é verdade, tratava-se de uma alma

amarga e atormentada, de um pecador que troçava igualmente dos deuses e dos homens. Ele servia, mas não encontrava orgulho no serviço. Lutava, mas não obtinha alegria da vitória. Bebia para afogar a dor num mar de vinho. Não amava, e tampouco era amado. Era o ódio que o movia. Embora cometesse muitos pecados, nunca procurava perdão. Enquanto outros homens sonham com amor, ou com riqueza, ou glória, esse Sandor Clegane sonhava matar o próprio irmão, um pecado tão terrível que me faz estremecer só de falar nele. E, no entanto, era esse o pão que o nutria, o combustível que mantinha suas fogueiras queimando. Por ignóbil que fosse, a esperança de ver o sangue do irmão em sua espada era tudo aquilo para que vivia aquela triste e furiosa criatura... E até isso lhe foi roubado, quando o Príncipe Oberyn de Dorne apunhalou Sor Gregor com uma lança envenenada.

– Parece ter pena dele – disse Brienne.

– E tive. Você também teria se apiedado dele, se o tivesse visto no fim. Deparei com ele junto ao Tridente, atraído por seus gritos de dor. Suplicou-me que lhe desse a misericórdia, mas jurei não voltar a matar. Em vez disso, banhei-lhe a testa febril com água do rio, dei-lhe vinho e fiz um cataplasma para o ferimento, mas meus esforços foram pequenos e tardios demais. Cão de Caça morreu ali, em meus braços. Talvez tenha visto um grande garanhão negro em nossos estábulos. Era seu cavalo de guerra, Estranho. Um nome blasfemo. Preferimos chamá-lo de Trazido Pela Correnteza, uma vez que foi encontrado junto ao rio. Temo que o animal tenha a natureza do antigo dono.

*O cavalo*. Vira o garanhão, ouvira-o escoicear, mas não tinha compreendido. Os corcéis de batalha eram treinados para escoicear e morder. Na guerra, eram uma arma, assim como os homens que os montavam. *Como Cão de Caça.*

– Então é verdade – Brienne disse sem emoção na voz. – Sandor Clegane está morto.

– Repousa – o Irmão Mais Velho fez uma pausa. – É jovem, filha. Já contei quarenta e quatro dias de meu nome... o que faz que tenha mais que o dobro de sua idade, julgo eu. Você se surpreenderia em saber que já fui um cavaleiro?

– Não. Parece mais um cavaleiro do que um homem santo – estava escrito em seu peito e ombros e naquele grande maxilar quadrado. – Por

que desistiu da cavalaria?

– Nunca a escolhi. Meu pai era um cavaleiro, assim como o dele tinha sido. E meus irmãos também, todos eles. Fui treinado para a batalha desde o dia em que me acharam com idade suficiente para pegar em uma espada de madeira. Vi minha cota de batalhas, e não me desgracei. Também tive mulheres, e então me desgracei, pois algumas tomei pela força. Havia uma garota com quem desejava me casar, a filha mais nova de um pequeno lorde, mas era o terceiro filho de meu pai e não tinha nem terras nem riquezas para lhe oferecer... só uma espada, um cavalo, um escudo. Tudo somado, era um triste homem. Quando não estava lutando, estava bêbado. Minha vida era escrita em vermelho, em sangue e vinho.

– Quando foi que mudou? – Brienne quis saber.

– Quando morri na Batalha do Tridente. Lutei pelo Príncipe Rhaegar, embora ele não tivesse chegado a saber meu nome. Não lhe saberia dizer o porquê, exceto que o nobre que eu servia estava a serviço de um nobre que servia um nobre que decidira apoiar o dragão e não o veado. Se tivesse decidido de outra forma, eu poderia ter estado na outra margem do rio. A batalha foi uma coisa sangrenta. Os cantores querem nos fazer acreditar que foi apenas Rhaegar e Robert a lutar no meio da correnteza por uma mulher que ambos afirmavam amar, mas asseguro-lhe que outros homens também combatiam, e eu fui um deles. Uma flecha atravessou minha coxa e outra trespassou-me o pé, e meu cavalo foi morto entre minhas pernas, mas continuei lutando. Ainda me lembro de quão desesperado estava por encontrar outro cavalo, pois não tinha dinheiro para comprar um, e sem cavalo já não seria um cavaleiro. Era só nisso que eu pensava, para falar a verdade. Não cheguei a ver o golpe que me derrubou. Ouvi cascos atrás de mim e pensei: *um cavalo!*, mas, antes de ter tempo para me virar, algo se esmagou contra minha cabeça e me atirou ao rio, onde deveria ter me afogado. Em vez disso, acordei aqui, na Ilha Quieta. O Irmão Mais Velho me disse que tinha dado à costa na maré, nu como no dia de meu nome. Só posso imaginar que alguém me tenha encontrado nos baixios, despido-me de armadura, botas e calções, e voltado a me empurrar para águas mais profundas. O rio fez o resto. Todos nascemos nus, de modo que suponho que seja adequado que eu tenha chegado à minha segunda vida de forma idêntica. Passei os dez anos seguintes em silêncio.

– Compreendo – Brienne não sabia por que o homem lhe contara tudo aquilo, ou que outra coisa deveria dizer.

– Ah, sim? – ele se inclinou para a frente, com as grandes mãos nos joelhos. – Se compreende, desista dessa sua demanda. Cão de Caça está morto e, seja como for, ele nunca teve a sua Sansa Stark. Quanto ao animal que usa seu elmo, ele será encontrado e enforcado. As guerras estão no fim, e esses fora da lei não podem sobreviver à paz. Randyll Tarly anda à caça deles a partir de Lagoa da Donzela, e Walder Frey a partir das Gêmeas, e há um jovem novo senhor em Darry, um homem piedoso que certamente irá pôr suas terras nos eixos. Vá para casa, filha. Você *tem* uma casa, o que é mais do que muitos podem dizer nestes dias sombrios. Tem um pai nobre que certamente a ama. Pense em seu desgosto, caso nunca regresse. Talvez lhe levem sua espada e seu escudo depois de haver caído. Ele talvez até os pendure em seu salão e os olhe com orgulho... Mas, se perguntar a ele, sei que lhe diria que preferiria ter uma filha viva do que um escudo estilhaçado.

– Uma filha – os olhos de Brienne encheram-se de lágrimas. – Ele merece isso. Uma filha que possa cantar para ele, embelezar-lhe o salão e lhe dar netos. Merece também um filho, um filho forte e galante, que traga honra ao seu nome. Mas Galladon afogou-se quando eu tinha quatro anos e ele oito, e Alysanne e Arianne morreram ainda no berço. Sou a única criança com quem os deuses permitiram que ficasse. A anormal, que não serve para ser um filho *ou* uma filha – tudo jorrou então de Brienne, como sangue negro de uma ferida; as traições e os noivados, Ronnet Vermelho e sua rosa, Lorde Renly dançando com ela, a aposta sobre sua virgindade, as lágrimas amargas que derramara na noite em que seu rei se casou com Margaery Tyrell, o corpo a corpo em Pontamarga, o manto arco-íris de que tanto se orgulhara, a sombra no pavilhão do rei, Renly morrendo em seus braços, Correrrio e a Senhora Catelyn, a viagem ao longo do Tridente, o duelo com Jaime nos bosques, os Saltimbancos Sangrentos, Jaime gritando *"Safiras"*, Jaime na banheira em Harrenhal, com vapor erguendo-se de seu corpo, o sabor do sangue de Vargo Hoat quando lhe mordera a orelha, a arena dos ursos, Jaime saltando para a areia, a longa viagem até Porto Real, Sansa Stark, a promessa que fizera a Jaime, a promessa que fizera à Senhora Catelyn, a Cumpridora de Promessas, Valdocaso, Lagoa da Donzela, Lesto Dick e a

Garra Rachada e os Murmúrios, os homens que matara... – Eu *tenho* de encontrá-la – concluiu. – Outros andam à procura, todos eles desejando capturá-la e vendê-la à rainha. Tenho de encontrá-la primeiro. Prometi a Jaime. Ele batizou a espada de *Cumpridora de Promessas*. Tenho de tentar salvá-la... ou morrer tentando.

## CERSEI

— *Mil navios!* – os cabelos castanhos da pequena rainha estavam desgrenhados e despenteados, e a luz dos archotes fazia suas faces parecerem coradas, como se tivesse acabado de sair dos braços de algum homem. – Vossa Graça, isso tem de ter uma resposta *violenta*! – sua última palavra ressoou nas vigas e ecoou pela cavernosa sala do trono.

Sentada em seu cadeirão dourado e carmesim, sob o Trono de Ferro, Cersei sentia um crescente aperto no pescoço. *Tem*, pensou. *Ela se atreve a me dizer "tem"*. Sentiu o impulso de esbofetear a garota Tyrell. *Devia estar de joelhos, suplicando minha ajuda. Em vez disso, ousa dizer à sua legítima rainha o que ela tem de fazer.*

– Mil navios? – Sor Harys Swyft respirava ruidosamente. – Com certeza não. Não há nenhum senhor que comande mil navios.

– Um tolo assustado qualquer contou em dobro – concordou Orton Merryweather. – É isso, ou são os vassalos de Lorde Tyrell que estão mentindo para nós, exagerando os números do inimigo para que não os achemos frouxos.

Os archotes da parede do fundo faziam estender a longa sombra farpada do Trono de Ferro por metade da distância até as portas. A extremidade mais distante do salão estava perdida na escuridão, e Cersei não conseguia evitar sentir que as sombras também estavam se fechando em volta de si. *Meus inimigos estão por toda parte, e meus amigos são incapazes*. Bastava-lhe olhar os conselheiros de relance para saber que assim era; só Lorde Qyburn e Aurane Waters pareciam acordados. Os outros tinham sido tirados da cama pelos mensageiros de Margaery batendo em suas portas, e estavam ali, amarrotados e confusos. Lá fora, a noite estava negra e silenciosa. O castelo e a cidade dormiam. Boros Blount e Meryn Trant pareciam estar também , embora em pé. Até Osmund Kettleblack bocejava. *Mas Loras não. Nosso Cavaleiro das*

*Flores não.* Estava em pé atrás da irmã mais nova, uma sombra pálida com uma espada longa à anca.

– Metade desse número de navios ainda seria quinhentos, senhor – fez Waters notar a Orton Merryweather. – Só a Árvore tem força no mar suficiente para se opor a uma frota desse tamanho.

– E os seus novos dromones? – Sor Harys questionou. – Com certeza os dracares dos homens de ferro não poderão resistir aos nossos dromones. O *Martelo do Rei Robert* é o mais poderoso navio de guerra de todo Westeros.

– Era – Waters rebateu. – O *Doce Cersei* será seu igual, depois de concluído, e o *Lorde Tywin* terá duas vezes o tamanho de ambos. Mas só metade deles se encontra equipada, e nenhum tem a tripulação completa. Mesmo quando tiverem, os números se manterão frontalmente contra nós. O dracar comum é pequeno comparado com as nossas galés, é verdade, mas os homens de ferro também têm navios maiores. O *Grande Lula Gigante* de Lorde Balon e os navios de guerra da Frota de Ferro foram feitos para a batalha, não para ataques de corso. São iguais às nossas galés, menores em velocidade e força, e a maior parte encontra-se mais bem tripulada e capitaneada. Os homens de ferro vivem a vida inteira no mar.

*Robert devia ter limpado as ilhas depois de Balon Greyjoy ter se levantado contra ele*, Cersei pensou. *Esmagou a sua frota, queimou suas vilas e quebrou seus castelos, mas quando os teve de joelhos, voltou a largá-los. Devia ter criado outra ilha com seus crânios*. Era isso que seu pai teria feito, mas Robert nunca teve o estômago necessário a um rei com a esperança de manter a paz no reino.

– Os homens de ferro não se atrevem a atacar a Campina desde o tempo em que Dagon Greyjoy ocupou a Cadeira de Pedra do Mar – Cersei disse. – Por que o fariam agora? O que os encorajou?

– Seu novo rei – Qyburn estava com as mãos escondidas nas mangas. – Irmão de Lorde Balon. Chamam-no Olho de Corvo.

– Os corvos fazem seus banquetes nas carcaças dos mortos e moribundos – disse o Grande Meistre Pycelle. – Não descem sobre animais vigorosos e saudáveis. Lorde Euron irá se empanturrar de ouro e saque, sim, mas assim que nos movermos contra ele, regressará a Pyke, como Lorde Dagon costumava fazer nos seus tempos.

– Engana-se – Margaery Tyrell interveio. – Corsários não atracam com tais forças. *Mil navios!* Lorde Hewett e Lorde Chester foram mortos, assim como o filho e herdeiro de Lorde Serry, que fugiu para Jardim de Cima com os poucos navios que lhe restaram, e Lorde Grimm é prisioneiro em seu próprio castelo. Willas diz que o rei de ferro promoveu quatro lordes seus para os lugares dos nossos.

*Willas*, pensou Cersei, *o aleijado. A culpa disso é dele. Aquele idiota do Mace Tyrell deixou a defesa da Campina nas mãos do desgraçado de um fracote.*

– Das Ilhas de Ferro às Escudo é uma longa viagem – fez notar. – Como podem mil navios ter percorrido toda essa distância sem serem vistos?

– Willas crê que não seguiram a costa – Margaery respondeu. – Fizeram a viagem fora de vista de terra, penetrando profundamente no Mar do Poente e caindo sobre a costa vindos de Oeste.

*O mais provável é que o aleijado não tivesse as torres de vigia guarnecidas, e agora teme que descubramos. A pequena rainha está inventando desculpas pelo irmão.* Cersei tinha a boca seca. *Preciso de uma taça de dourado da Árvore.* Se os homens de ferro decidissem tomar a Árvore em seguida, logo o reino inteiro poderia estar passando sede.

– Stannis pode ter tido um dedo nisso. Balon Greyjoy ofereceu ao senhor meu pai uma aliança. O filho talvez tenha oferecido uma a Stannis.

Pycelle franziu as sobrancelhas.

– O que Lorde Stannis ganharia com...

– Ele *ganha* outra base de operações. E saque. Isto também. Stannis precisa de ouro para pagar seus mercenários. Ao assaltar o oeste, espera poder nos distrair de Pedra do Dragão e Ponta Tempestade.

Lorde Merryweather assentiu com a cabeça.

– Uma diversão. Stannis é mais astucioso do que julgávamos. Vossa Graça é esperta por ter descortinado o plano.

– Lorde Stannis está tentando ganhar os nortenhos para sua causa – disse Pycelle. – Se fizer amizade com os nascidos no ferro, não pode esperar...

– Os nortenhos não o aceitam – Cersei rebateu, perguntando a si mesma como poderia um homem tão erudito ser tão estúpido. – Lorde

Manderly cortou a cabeça e as mãos do Cavaleiro das Cebolas, sabemos disso pelos Frey, e meia dúzia de outros senhores do Norte juntaram-se a Lorde Bolton. *O inimigo do meu inimigo é meu amigo*. Para onde mais Stannis há de se virar, além dos homens de ferro e dos selvagens, os inimigos do Norte? Mas, se julga que vou cair em sua armadilha, é mais tolo do que você – virou-se novamente para a pequena rainha. – As Ilhas Escudo pertencem à Campina. Grimm, Serry e os outros estão juramentados a Jardim de Cima. Cabe a Jardim de Cima dar resposta a isto.

– Jardim de Cima responderá – disse Margaery Tyrell. – Willas mandou uma mensagem a Leyton Hightower, em Vilavelha, para que trate de suas defesas. Garlan está reunindo homens para voltar a tomar as ilhas. Mas a maior parte de nossas forças permanece com o senhor meu pai. Temos de lhe enviar uma mensagem para Ponta Tempestade. Imediatamente.

– E levantar o cerco? – Cersei não gostou da presunção de Margaery. *Ela me diz "imediatamente". Será que me toma por sua aia?* – Não tenho nenhuma dúvida de que isso agradaria a Lorde Stannis. Está me ouvindo, senhora? Se ele conseguir afastar nossos olhos de Pedra do Dragão e Ponta Tempestade para esses rochedos...

– *Rochedos*? – Margaery arquejou. – Vossa Graça disse *rochedos*?

O Cavaleiro das Flores pousou a mão no ombro da irmã.

– Se Vossa Graça me permitir, a partir desses *rochedos* os homens de ferro ameaçam Vilavelha e a Árvore. A partir de praças-fortes nos Escudos, atacantes podem subir o Vago até o próprio coração da Campina, como faziam antigamente. Com homens suficientes, podem até ameaçar Jardim de Cima.

– É mesmo? – a rainha retrucou, toda inocente. – Ora, então é melhor que seus bravos irmãos os escorracem desses rochedos, e depressa.

– Como sugeriria a rainha que o façam, sem navios em número suficiente? – perguntou Sor Loras. – Willas e Garlan podem recrutar dez mil homens dentro de uma quinzena e duas vezes esse número em uma volta de lua, mas não são capazes de caminhar sobre a água, Vossa Graça.

– Jardim de Cima ergue-se sobre o Vago – Cersei lembrou-lhe. – Vocês e seus vassalos controlam mil léguas de litoral. Não haverá pescadores

ao longo de suas costas? Não têm barcaças de prazer, não têm botes, não têm galés fluviais, não têm esquifes?

– Muitos, e mais ainda – admitiu Sor Loras.

– Barcos como esses devem ser mais do que suficientes para levar uma hoste através de uma pequena extensão de água, julgo eu.

– E quando os dracares dos nascidos no ferro caírem sobre nossa frota improvisada enquanto tenta atravessar essa "pequena extensão de água", o que Vossa Graça acha que devemos fazer então?

*Afogar-se*, Cersei respondeu em pensamento.

– Jardim de Cima também tem ouro. Tem a minha autorização para contratar mercenários do outro lado do mar estreito.

– Piratas de Myr e Lys, é isso o que quer dizer? – perguntou Loras com desprezo. – A escória das Cidades Livres?

*É tão insolente quanto a irmã.*

– Lamento dizê-lo, mas todos nós temos de lidar com escória de vez em quando – disse, com uma doçura venenosa. – Talvez tenha uma ideia melhor?

– Só a Árvore tem galés em número suficiente para recuperar a foz do Vago das mãos dos homens de ferro e proteger meus irmãos de seus dracares durante a travessia. Suplico a Vossa Graça, envie uma mensagem para Pedra do Dragão e ordene a Lorde Redwyne para içar imediatamente as velas.

*Pelo menos tem o bom-senso de suplicar*. Paxter Redwyne possuía duzentos navios de guerra, e cinco vezes esse número em carracas mercantes, cocas de vinho, galés comerciais e baleeiros. Contudo, encontrava-se acampado à sombra das muralhas de Pedra do Dragão, e a maior parte de sua frota estava ocupada com travessias da Baía da Água Negra, transportando homens para o assalto dessa fortaleza insular. O restante patrulhava a Baía dos Naufrágios, ao sul, onde só sua presença impedia que Ponta Tempestade fosse reabastecida por mar.

Aurane Waters irritou-se com a sugestão de Sor Loras.

– Se Lorde Redwyne fizer zarpar seus navios, como vamos abastecer nossos homens em Pedra do Dragão? Sem as galés da Árvore, como manteremos o cerco a Ponta Tempestade?

– O cerco pode ser retomado mais tarde, depois de...

Cersei o interrompeu.

– Ponta Tempestade é cem vezes mais valiosa do que os Escudos, e Pedra do Dragão... enquanto permanecer nas mãos de Stannis Baratheon, é uma faca na garganta do meu filho. Libertaremos Lorde Redwyne e sua frota quando o castelo cair – a rainha se levantou. – Esta audiência chegou ao fim. Grande Meistre Pycelle, uma palavra.

O velho sobressaltou-se, como se a voz de Cersei o tivesse acordado de algum sonho de juventude, mas antes de ter tempo de responder, Loras Tyrell avançou a passos largos, com uma tal rapidez que a rainha se retraiu, alarmada. Estava prestes a gritar pela defesa de Sor Osmund quando o Cavaleiro das Flores caiu sobre um joelho.

– Vossa Graça, permita-me que tome Pedra do Dragão.

A mão da irmã subiu à boca.

– Loras, não.

Sor Loras ignorou a súplica.

– Levará meio ano ou mais obrigando Pedra do Dragão à submissão pela fome, como Lorde Paxter pretende fazer. Dê-me o comando, Vossa Graça. O castelo será seu dentro de uma quinzena, nem que eu tenha de derrubá-lo com as mãos nuas.

Ninguém dava a Cersei um presente tão delicioso desde que Sansa Stark correra para junto de si a fim de divulgar os planos de Lorde Eddard. Ficou feliz por ver que Margaery empalidecera.

– Sua coragem deixa-me sem fôlego, Sor Loras – a rainha disse. – Lorde Waters, algum dos novos dromones está pronto para ser lançado ao mar?

– O *Doce Cersei* está, Vossa Graça. Um navio rápido e tão forte quanto a rainha que lhe deu o nome.

– Magnífico. Que o *Doce Cersei* leve imediatamente nosso Cavaleiro das Flores a Pedra do Dragão. Sor Loras, o comando é seu. Jure-me que não regressará até que Pedra do Dragão pertença a Tommen.

– Juro, Vossa Graça – e pôs-se em pé.

Cersei beijou-o em ambas as faces. Também beijou a irmã do cavaleiro e murmurou:

– Tem um irmão galante – ou Margaery não teve a elegância de responder, ou o medo lhe roubara as palavras por completo.

A alvorada ainda tardava várias horas quando Cersei se esgueirou pela porta do rei, atrás do Trono de Ferro. Sor Osmund seguia à sua frente

com um archote, e Qyburn ia ao seu lado, caminhando em pequenos passos. Pycelle tinha de se esforçar para acompanhá-los.

– Se Vossa Graça me permite – ofegou –, os jovens são demasiado ousados e só pensam na glória da batalha, nunca em seus perigos. Sor Loras... esse seu plano está repleto de perigos. Assaltar as muralhas de Pedra do Dragão...

– ... é de *grande* coragem.

– ... coragem, sim, mas...

– Não tenho dúvida alguma de que o nosso Cavaleiro das Flores será o primeiro homem a atingir as ameias – *e talvez o primeiro a cair*. O bastardo bexiguento que Stannis deixara para defender o castelo não era nenhum imberbe campeão de torneios, mas um matador experiente. Se os deuses fossem bons, daria a Sor Loras o fim glorioso que ele parecia desejar. *Assumindo que o rapaz não se afogará no caminho*. Tinha havido outra tempestade na noite anterior, uma das violentas. A chuva caíra durante horas em lençóis negros. *E não seria uma tristeza?*, cismou a rainha. *O afogamento é comum. Sor Loras anseia por glória como os verdadeiros homens anseiam por mulheres, o mínimo que os deuses podem fazer é conceder-lhe uma morte digna de uma canção.*

Mas não importa o que acontecesse ao rapaz em Pedra do Dragão, a rainha sairia vencedora. Se Loras tomasse o castelo, Stannis sofreria um sério golpe, e a frota Redwyne poderia zarpar para ir ao encontro dos homens de ferro. Se falhasse, ela se asseguraria de que ele ficasse com a parte do leão da culpa. Não há nada que faça um herói perder tanto o brilho do que o fracasso. *E se vier para casa em cima do escudo, coberto de sangue e glória, Sor Osney estará lá para consolar a irmã aos prantos.*

A gargalhada não podia continuar a ser contida. Saltou de entre os lábios de Cersei e ecoou corredor afora.

– Vossa Graça? – pestanejou o Grande Meistre Pycelle, deixando a boca abrir-se. – Por que... por que ri?

– Ora – ela teve de dizer –, de outra forma talvez chorasse. Meu coração está arrebentando de amor por nosso Sor Loras e por seu valor.

Deixou Grande Meistre na escada em espiral. *Aquele já viveu mais do que qualquer utilidade que um dia pode ter tido*, decidiu a rainha. Tudo que Pycelle parecia fazer nos últimos tempos era infernizá-la com avisos

e objeções. Até objetara ao entendimento a que chegara com o Alto Septão, olhando-a de boca aberta e olhos baços e ramelosos quando lhe ordenara que preparasse os papéis necessários, balbuciando acerca de história velha e morta, até que Cersei o interrompeu.

"Os tempos do Rei Maegor terminaram, e seus decretos também", dissera com firmeza. "Estes são os tempos do Rei Tommen e meus." *Teria feito melhor se o tivesse deixado para morrer nas celas negras*.

– Se Sor Loras falhar, Vossa Graça precisará encontrar outro homem digno da Guarda Real – disse Lorde Qyburn enquanto atravessavam o fosso coberto de espigões que cingia a Fortaleza de Maegor.

– Alguém que seja magnífico – ela concordou. – Alguém tão jovem, rápido e forte que Tommen esqueça tudo sobre Loras. Um pouco de galanteria não faria mal, mas sua cabeça não deve estar cheia de ideias tolas. Conhece algum homem assim?

– Infelizmente, não – Qyburn respondeu. – Tinha em mente outro tipo de campeão. O que lhe falta em galanteria, lhe daria multiplicado por dez em devoção. Protegerá seu filho, matará seus inimigos e guardará seus segredos, e nenhum homem vivo será capaz de lhe dar resistência.

– Isso é o que você diz. Palavras são vento. Quando a hora chegar, pode apresentar esse seu modelo de perfeição e veremos se ele é tudo aquilo que promete.

– Cantarão sobre ele, juro – os olhos de Lorde Qyburn enrugaram-se de divertimento. – Posso lhe perguntar sobre a armadura?

– Fiz a sua encomenda. O armeiro julga-me louca. Garante-me que nenhum homem é suficientemente forte para se mover e lutar envergando tal peso de aço – Cersei deitou ao meistre sem corrente um olhar de aviso. – Faça de mim tola e morrerá aos gritos. Está consciente disso?

– Sempre, Vossa Graça.

– Ótimo. Não diga mais nada sobre isso.

– A rainha é sensata. Estas paredes têm ouvidos.

– Sim – à noite, Cersei por vezes ouvia pequenos sons, até em seus próprios aposentos. *Ratos nas paredes*, costumava dizer a si mesma, *não passa disso*.

Uma vela ardia junto à sua cama, mas a lareira apagara-se e não havia mais nenhuma luz. O quarto também estava frio. Cersei despiu-se e

enfiou-se nas mantas, deixando o vestido amontoado no chão. Ao lado, na cama, Taena moveu-se.

– Vossa Graça – murmurou em voz baixa. – Que horas são?

– A hora da coruja – a rainha respondeu.

Embora Cersei dormisse frequentemente só, nunca gostara daquilo. Suas memórias mais antigas eram de partilhar uma cama com Jaime, quando ainda eram tão novos que ninguém os conseguia distinguir. Mais tarde, depois de serem separados, tivera uma série de companheiras de cama, a maioria garotas de sua idade, as filhas dos cavaleiros domésticos ou vassalos do pai. Nenhuma lhe agradara, e poucas duraram algum tempo. *Serpentezinhas, todas elas. Criaturas insípidas e choronas, sempre contando histórias e tentando se intrometer entre mim e Jaime*. Apesar disso, tinha havido noites, nas negras entranhas do Rochedo, em que aceitara de bom grado o calor delas ao seu lado. Uma cama vazia era uma cama fria.

Principalmente ali. Aquele quarto era gelado, e seu maldito marido real morrera sob aquele dossel. *Robert Baratheon, o Primeiro de Seu Nome, que nunca haja um segundo. Um brutamontes obtuso e bêbado. Que chore no inferno*. Taena aquecia-lhe a cama tão bem quanto Robert, e nunca tentava forçá-la a abrir as pernas. Nos últimos tempos, partilhara mais frequentemente a cama de Cersei do que a de Lorde Merryweather. Orton não parecia se importar... ou, se se importava, tinha esperteza suficiente para não dizê-lo.

– Fiquei preocupada quando acordei e não a vi aqui – murmurou a Senhora Merryweather, sentando-se e encostando-se nas almofadas, com a colcha enrolada na cintura. – Há algo errado?

– Não – Cersei respondeu –, tudo está bem. Amanhã, Sor Loras partirá para Pedra do Dragão, a fim de conquistar o castelo, libertar a frota Redwyne e nos demonstrar a todos sua virilidade – contou à myrana tudo o que tinha ocorrido sob a sombra oscilante do Trono de Ferro. – Sem seu valente irmão, nossa pequena rainha está praticamente nua. Tem seus guardas, com certeza, mas eu tenho visto o capitão por aí, no castelo. Um velho tagarela com um esquilo no sobretudo. Os esquilos fogem dos leões. Ele não tem o que é preciso para desafiar o Trono de Ferro.

– Margaery tem outras espadas ao seu redor – assegurou a Senhora Merryweather. – Fez muitos amigos na corte, e tanto ela como as jovens

primas têm admiradores.

– Alguns pretendentes não me preocupam – Cersei retrucou. – O exército em Ponta Tempestade, contudo...

– O que pretende fazer, Vossa Graça?

– Por que quer saber? – a pergunta foi um pouco direta demais para o gosto de Cersei. – Espero que não esteja planejando partilhar meus indolentes devaneios com nossa pobre rainhazinha.

– Nunca. Não sou a tal Senelle.

Cersei não queria pensar em Senelle. *Ela pagou a minha bondade com traição*. Sansa Stark também assim fizera. E o mesmo tinham feito Melara Hetherspoon e a gorda Jeyne Farman, quando as três eram garotas. *Nunca teria entrado naquela tenda se não fossem elas. Nunca teria permitido que Maggy, a Rã, saboreasse meus amanhãs numa gota de sangue.*

– Ficaria muito triste se alguma vez traísse minha confiança, Taena. Não teria alternativa exceto entregá-la a Lorde Qyburn, mas sei que choraria.

– Nunca lhe darei motivo para chorar, Vossa Graça. Se o fizer, bastará dizer e eu mesma me entregarei a Qyburn. Só desejo estar perto de você. Servi-la de todas as formas que me pedir.

– E por esse serviço, que recompensa espera?

– Nada. Agrada-me agradá-la – Taena rolou sobre si mesma, pondo-se de lado, com a pele cor de oliva brilhando à luz das velas. Seus seios eram maiores do que os da rainha, e terminavam em enormes mamilos, negros como um chifre. *Ela é mais nova do que eu. Seus seios ainda não começaram a cair*. Cersei perguntou a si mesma como seria beijar outra mulher. Não um beijo ligeiro na bochecha, como era cortesia comum entre as senhoras de nascimento elevado, mas um beijo intenso nos lábios. Os de Taena eram muito cheios. Perguntou a si mesma como seria chupar aqueles seios, deitar a mulher de Myr de costas, forçá-la a abrir as pernas e usá-la como um homem a usaria, do modo como Robert a usava quando estava cheio de bebida e ela não conseguia levá-lo até o fim com a mão ou a boca.

Aquelas tinham sido as piores noites, em que jazia impotente debaixo dele enquanto ele se satisfazia, fedendo a vinho e grunhindo como um javali. Normalmente rolava de cima dela e adormecia assim que

terminava, e já ressonava antes de sua semente ter tempo de secar nas coxas de Cersei. Depois, ficava sempre dolorida, em carne viva entre as pernas, com os seios machucados pelos maus-tratos que ele lhes dava. A única vez que a deixara molhada fora na noite do casamento.

Robert era bastante atraente quando se casaram, alto, forte e poderoso, mas seus cabelos eram negros e pesados, os pelos eram densos no peito e grossos em volta do sexo. *Foi o homem errado que regressou do Tridente*, pensava por vezes a rainha enquanto ele abria caminho através de seu corpo. Nos primeiros anos, quando a montava com mais frequência, fechava os olhos e fingia que Robert era Rhaegar. Não conseguia fingir que era Jaime; era muito diferente, era-lhe estranho demais. Até seu *cheiro* era errado.

Para Robert, essas noites nunca aconteciam. Ao amanhecer, não se lembrava de nada, ou pelo menos era nisso que queria levá-la a crer. Uma vez, durante o primeiro ano do casamento, Cersei exprimira seu desagrado no dia seguinte.

"Machucou-me", ela tinha então protestado. Ele teve a decência de parecer envergonhado.

"Não fui eu, senhora", dissera, num carrancudo tom de amuo, como uma criança pega roubando bolos de maçã da cozinha. "Foi o vinho. Bebo vinho demais." Para empurrar para dentro a admissão, estendera a mão para o corno de cerveja. Quando o levara à boca, ela atirara-lhe seu próprio corno à cara, com tanta força que lhe lascara um dente. Anos mais tarde, num banquete, ouvira-o contar a uma criada o modo como rachara o dente numa luta corpo a corpo. *Bem, nosso casamento foi uma luta corpo a corpo*, refletiu, *portanto ele não mentiu*.

Mas todo o resto tinha sido mentira. Ele se *lembrava* do que lhe fazia à noite, estava convencida disso. Conseguia vê-lo em seus olhos. Ele só fingia esquecer; era mais fácil fazer isso do que enfrentar a vergonha. Bem lá no fundo, Robert Baratheon era um covarde. Com o passar do tempo, os ataques foram se tornando menos frequentes. Durante o primeiro ano, tomava-a pelo menos uma vez a cada quinze dias; por fim, nem chegava a uma vez por ano. Nunca tinha parado por completo, contudo. Mais cedo ou mais tarde chegaria sempre uma noite em que beberia demais e viria reclamar seus direitos. O que o envergonhava à luz do dia dava-lhe prazer na escuridão.

– Minha rainha? – Taena Merryweather a tirou de seus pensamentos. – Tem uma expressão estranha nos olhos. Alguma coisa errada?

– Estava só... relembrando – tinha a garganta seca. – É uma boa amiga, Taena. Não tenho uma verdadeira amiga desde...

Alguém bateu com força à porta.

*Outra vez?* A urgência do som a fez estremecer. *Terão mais mil navios caído sobre nós?* Enfiou-se num roupão e foi ver quem era.

– Peço perdão por incomodá-la, Vossa Graça – disse o guarda –, mas a Senhora Stokeworth está lá embaixo e implora por uma audiência.

– A essa hora? – Cersei explodiu. – Terá Falyse perdido o juízo? Diga-lhe que me retirei. Diga-lhe que há plebeus nos Escudos sendo chacinados. Diga-lhe que passei metade da noite acordada. Recebo-a de manhã.

O guarda hesitou.

– Se aprouver a Vossa Graça, ela... ela não está nas melhores condições, se compreende o que quero dizer.

Cersei franziu as sobrancelhas. Assumira que Falyse estava ali para lhe dizer que Bronn se encontrava morto.

– Muito bem. Terei de me vestir. Leve-a para meu aposento privado e diga-lhe para esperar – quando a Senhora Merryweather se preparou para se levantar e ir com ela, a rainha objetou. – Não, fique. Pelo menos uma de nós deve ter algum descanso. Não demorarei.

O rosto da Senhora Falyse estava inchado e cheio de manchas negras, os olhos vermelhos por causa das lágrimas. Tinha o lábio inferior rachado, e as roupas manchadas e rasgadas.

– Pela bondade dos deuses – Cersei exclamou enquanto a introduzia no aposento privado e fechava a porta. – O que aconteceu ao seu rosto?

Falyse não pareceu ouvir a pergunta.

– Ele o *matou* – disse, numa voz trêmula. – Mãe, misericórdia, ele... ele... – e rebentou em soluços, com o corpo todo estremecendo.

Cersei serviu uma taça de vinho e a levou à mulher que chorava.

– Beba isto. O vinho a acalmará. Isso. Um pouco mais. Pare com esse choro e diga-me por que está aqui.

Foi preciso o resto do jarro para a rainha finalmente conseguir arrancar toda a triste história da Senhora Falyse. Quando o fez, não soube se deveria rir ou se enfurecer.

– Combate singular – repetiu. *Não haverá ninguém nos Sete Reinos com quem eu possa contar? Serei a única pessoa de Westeros com um pouco de miolos?* – Está me dizendo que Sor Balman desafiou Bronn para um *combate singular*?

– Ele falou que seria s-s-simples. A lança é uma arma de c-cavaleiro, ele disse, e B-Bronn não era um verdadeiro cavaleiro. Balman disse que o derrubaria do cavalo e acabaria com ele enquanto estivesse a-a-atordoado.

Bronn não era um cavaleiro, isso era verdade. Era um assassino endurecido pela batalha. *O cretino do seu marido escreveu a própria sentença de morte.*

– Um plano magnífico. Devo me atrever a lhe perguntar por que terminou mal?

– B-Bronn enfiou a lança no peito do pobre c-c-c-cavalo de Balman. Balman, ele... suas pernas foram esmagadas quando o animal caiu. Ele gritou tanto que dava dó...

*Os mercenários não têm dó*, Cersei podia ter dito.

– Pedi a vocês para planejar um acidente de caça. Uma flecha perdida, uma queda do cavalo, um javali furioso... há tantas maneiras de um homem morrer na floresta. E nenhuma delas envolve *lanças*.

Falyse não pareceu ouvi-la.

– Quando tentei correr para o meu Balman, ele, ele, ele *bateu* em meu rosto. Obrigou meu senhor a c-c-confessar. Balman gritava pelo Meistre Frenken, para que o tratasse, mas o mercenário, ele, ele, ele...

– Confessar? – Cersei não gostou da palavra. – Confio que nosso bravo Sor Balman tenha controlado a língua.

– Bronn enfiou-lhe um punhal no *olho* e disse-me que era melhor que eu saísse de Stokeworth antes do pôr do sol, senão o mesmo aconteceria comigo. Disse que me entregaria à g-g-guarnição, se algum deles me quisesse. Quando ordenei que Bronn fosse capturado, um de seus cavaleiros teve a insolência de dizer que eu devia fazer o que Lorde Stokeworth dizia. Chamou-o *Lorde Stokeworth*! – Senhora Falyse agarrou-se à mão da rainha. – Vossa Graça precisa me dar cavaleiros. Uma centena de cavaleiros! E besteiros, para retomar meu castelo. Stokeworth é meu! Eles nem sequer me autorizaram ir buscar minha

*roupa*! Bronn disse que agora era a roupa da mulher dele, todas as minhas s-sedas e veludos.

*Os trapos são o menor de seus problemas*. A rainha libertou seus dedos da mão pegajosa da mulher.

– Pedi a vocês para soprar uma vela para ajudar a proteger o rei. Em vez disso, atiraram um frasco de fogovivo sobre ele. Será que o imbecil de seu Balman ligou meu nome a isso? Diga-me que não o fez.

Falyse lambeu os lábios.

– Ele... ele estava com dores, tinha as pernas quebradas. Bronn disse que lhe mostraria misericórdia, mas... O que vai acontecer à minha pobre m-m-mãe?

*Imagino que morrerá.*

– O que acha? – Senhora Tanda podia perfeitamente já estar morta. Bronn não parecia ser o tipo de homem que faria um grande esforço para tratar de uma velha com um quadril quebrado.

– Precisa me ajudar. Para onde irei? O que farei?

*Talvez possa se casar com o Rapaz Lua*, Cersei quase disse. *É um idiota quase tão grande quanto seu falecido marido*. Não podia se arriscar a uma guerra à porta de Porto Real, especialmente naquele momento.

– As irmãs silenciosas sempre ficam felizes por receber viúvas – disse. – A vida que levam é serena, uma vida de rezas, contemplação e boas obras. Trazem alívio aos vivos e paz aos mortos – *e não falam*. Não podia ter a mulher correndo pelos Sete Reinos, espalhando histórias perigosas.

Falyse estava surda perante o bom-senso.

– Tudo que fizemos, fizemos ao serviço de Vossa Graça. *Orgulhosos de ser Fiéis*. Você disse...

– Eu me lembro – Cersei forçou um sorriso. – Ficará aqui conosco, senhora, até o momento de acharmos uma maneira de reconquistar seu castelo. Deixe que lhe sirva outra taça de vinho. Ajudará você a dormir. Está cansada e com o coração enfermo, isto é evidente. Minha pobre, querida Falyse. Isso, beba.

Enquanto sua convidada labutava com o jarro, Cersei foi à porta e chamou as aias. Disse a Dorcas que encontrasse Lorde Qyburn e o trouxesse ali imediatamente. Despachou Jocelyn Swyft para as cozinhas.

– Traga pão e queijo, um empadão de carne e algumas maçãs. E vinho. Temos sede.

Qyburn chegou antes da comida. A Senhora Falyse tinha emborcado mais três taças àquela altura e começava a deixar cair a cabeça, embora de vez em quando acordasse e soltasse mais um soluço. A rainha afastou-se com Qyburn e lhe contou a loucura de Sor Balman.

– Não posso ter Falyse espalhando histórias pela cidade. O desgosto a deixou fraca de espírito. Ainda precisa de mulheres para o seu... trabalho?

– Preciso, Vossa Graça. Os titereiros estão bastante gastos.

– Então leve-a e faça com ela o que quiser. Mas, uma vez que desça às celas negras... tenho de dizer mais alguma coisa?

– Não, Vossa Graça. Eu compreendo.

– Ótimo – a rainha voltou a colocar um sorriso no rosto. – Querida Falyse, Meistre Qyburn está aqui. Ele a ajudará a descansar.

– Oh – Falyse disse vagamente. – Oh, que bom.

Quando a porta se fechou atrás deles, Cersei serviu-se de mais uma taça de vinho.

– Estou cercada de inimigos e imbecis – disse. Nem sequer podia confiar em seu próprio sangue e família, nem em Jaime, que outrora fora sua outra metade. *Ele deveria ser minha espada e escudo, meu forte braço direito. Por que insiste em me irritar?*

Bronn não era mais do que um aborrecimento, certamente. Nunca acreditara de verdade que ele estivesse dando abrigo ao Duende. Seu deformado irmãozinho era esperto demais para permitir que Lollys desse seu nome ao maldito bastardo que mal parira, sabendo que isso certamente atrairia a fúria da rainha sobre ela. A Senhora Merryweather fizera-o notar, e tinha razão. A troça era certamente obra do mercenário. Conseguia imaginá-lo observando seu enrugado e vermelho filho adotivo mamando numa das tetas inchadas de Lollys, com uma taça de vinho na mão e um sorriso insolente no rosto. *Sorria o quanto quiser, Sor Bronn, não vai demorar até que grite. Desfrute de sua senhora desmiolada e de seu castelo roubado enquanto pode. Quando a hora certa chegar, hei de esmagá-lo como se fosse uma mosca*. Talvez devesse enviar Loras Tyrell para o esmagamento, se o Cavaleiro das Flores conseguisse arranjar um meio de regressar vivo de Pedra do Dragão. *Isso seria delicioso. Se os deuses forem bons, matarão um ao outro, como Sor Arryk e Sor Erryk*. E quanto a Stokeworth... não, estava cansada de pensar em Stokeworth.

Taena voltara a adormecer quando a rainha regressou ao quarto com a cabeça girando. *Vinho de mais e sono de menos*, disse a si mesma. Não eram todas as noites que era acordada duas vezes com notícias tão alarmantes. *Pelo menos consegui acordar. Robert estaria bêbado demais para se levantar, quanto mais governar. Teria cabido a Jon Arryn lidar com tudo isso*. Agradava-lhe pensar que dava um rei melhor do que Robert.

O céu que se via da janela já começava a clarear. Cersei sentou-se na cama ao lado da Senhora Merryweather, escutando sua suave respiração, observando seus seios subir e descer. *Sonhará ela com Myr?*, perguntou a si mesma. *Ou será com seu amante da cicatriz, o homem perigoso de cabelos escuros que não se deixava recusar?* Tinha bastante certeza de que Taena não sonhava com Lorde Orton.

Cersei envolveu o seio da outra mulher numa mão. A princípio com suavidade, quase sem tocá-lo, sentindo na palma da mão o calor que ele emitia, a pele macia como cetim. Deu-lhe um apertão brando, e, então, percorreu levemente o grande mamilo escuro com a unha, de um lado para o outro, e de um lado para o outro novamente, até que o sentiu enrijecer. Quando ergueu os olhos, os de Taena estavam abertos.

– Isto é bom? – perguntou.

– Sim – Senhora Merryweather respondeu.

– E isto? – Cersei beliscou o mamilo, puxando-o com força, torcendo-o entre seus dedos.

A mulher de Myr soltou uma arfada de dor.

– Está me machucando.

– É só o vinho. Bebi um jarro no jantar e outro com a viúva Stokeworth. Tive de beber para mantê-la calma – torceu também o outro mamilo de Taena, puxando-o até que a outra mulher arquejou. – Sou a rainha. Pretendo reclamar meus direitos.

– Faça o que quiser – os cabelos de Taena eram negros como os de Robert, mesmo os pelos entre as pernas, e quando Cersei a tocou ali, descobriu-os encharcados, enquanto os de Robert eram grossos e secos. – Por favor – disse a mulher de Myr –, prossiga, minha rainha. Faça o que quiser comigo. Sou sua.

Mas não valia a pena. Não conseguia sentir, fosse o que fosse que Robert sentia nas noites em que a tomava. Não havia prazer naquilo, pelo

menos para si. Para Taena, sim. Seus mamilos eram dois diamantes negros, o sexo estava escorregadio e fumegante. *Robert teria amado você durante uma hora*. A rainha enfiou um dedo naquele pântano de Myr, e depois outro, movendo-os para dentro e para fora, *mas depois de se derramar dentro de você, sentiria dificuldade para lembrar seu nome.*

Queria ver se seria tão fácil com uma mulher como sempre fora com Robert. Dez mil de seus filhos morreram na palma de minha mão, Vossa Graça, pensou, enfiando um terceiro dedo em Myr. *Enquanto roncava, eu lambia seus filhos um por um de meu rosto e dedos, todos aqueles pálidos príncipes pegajosos. Você reclamava seus direitos, senhor, mas na escuridão eu comia seus herdeiros*. Taena estremeceu. Arquejou algumas palavras numa língua estrangeira e então voltou a estremecer, arqueou as costas e gritou. *Soa como se estivesse sendo trespassada*, pensou a rainha. Por um momento, permitiu-se imaginar que seus dedos eram as presas de um javali rasgando a mulher de Myr das virilhas à garganta.

Ainda não sentia prazer.

Nunca sentira com ninguém, exceto Jaime.

Quando tentou afastar a mão, Taena a apanhou e beijou-lhe os dedos.

– Querida rainha, como posso lhe dar prazer? – fez deslizar a mão pelo flanco de Cersei e tocou-lhe o sexo. – Diga-me o que quer de mim, meu amor.

– Deixe-me – Cersei virou-lhe as costas e puxou os cobertores para se cobrir, estremecendo. A aurora já rompia. Logo seria manhã, e tudo aquilo seria esquecido.

Jamais acontecera.

## JAIME

As trombetas soaram num bramido de bronze e cortaram o ar parado e azul do ocaso. Josmyn Peckleton pôs-se em pé imediatamente, precipitando-se para o cinto da espada de seu chefe.

*O rapaz tem bons instintos.*

– Os fora da lei não fazem soar trombetas para anunciar sua chegada – disse-lhe Jaime. – Não precisarei da espada. Deve ser meu primo, o Protetor do Oeste.

Os recém-chegados desmontavam quando Jaime saiu da tenda; meia dúzia de cavaleiros, e uma vintena de arqueiros e homens de armas a cavalo.

– *Jaime!* – rugiu um homem desgrenhado que trajava cota de malha dourada e um manto de pele de raposa. – Tão magro, e todo de branco! E também barbado!

– Isto? Não passa de restolho, comparado a essa sua juba, primo – a barba eriçada e o cerrado bigode de Sor Daven transformavam-se em suíças tão densas quanto uma sebe, e estas fundiam-se com o emaranhado matagal amarelo que lhe cobria a cabeça, escondido pelo elmo que ele agora tirava. Em algum lugar, no meio de todos aqueles pelos, espreitava um nariz achatado e um par de vivos olhos cor de avelã. – Algum fora da lei roubou sua navalha?

– Jurei que não deixaria que me cortassem os cabelos até que meu pai fosse vingado – para um homem com um aspecto tão leonino, Daven Lannister soava estranhamente acanhado. – Mas o Jovem Lobo chegou primeiro ao Karstark. Roubou-me a vingança – entregou o elmo a um escudeiro e fez passar os dedos pelos cabelos, onde o peso do aço o esmagara. – Gosto de um pouco de cabelo. As noites estão ficando mais frias, e um pouco de folhagem ajuda a manter o rosto quente. Sim, e Tia Genna sempre disse que eu tinha um queixo de tijolo – agarrou os braços

de Jaime. – Tememos por você depois do Bosque dos Murmúrios. Ouvimos dizer que o lobo gigante do Stark tinha rasgado sua goela.

– Chorou lágrimas amargas por mim, primo?

– Metade de Lanisporto estava de luto. A metade feminina – o olhar de Sor Daven dirigiu-se ao toco de Jaime. – Então é verdade. Os bastardos lhe tiraram a mão da espada.

– Tenho uma nova, feita de ouro. Há muitas vantagens de só se ter uma mão. Bebo menos vinho por temer derramá-lo, e raramente me dá vontade de coçar o cu na corte.

– Sim, lá isso é verdade. Talvez deva cortar a minha também – o primo soltou uma gargalhada. – Foi Catelyn Stark quem a cortou?

– Vargo Hoat – *de onde vêm essas histórias?*

– O qohorik? – Sor Daven cuspiu. – Isso é para ele e para todos os seus Bravos Companheiros. Eu disse ao seu pai que cuidava da pilhagem, mas ele recusou. Algumas tarefas são adequadas aos leões, ele disse, mas é melhor deixar a pilhagem para os bodes e os cães.

Jaime sabia que aquelas eram as palavras exatas de Lorde Tywin; quase conseguia ouvir a voz do pai.

– Entre, primo. Precisamos conversar.

Garrett tinha acendido os braseiros, e os carvões incandescentes enchiam a tenda de Jaime com um calor rubro. Sor Daven libertou-se do manto e o atirou a Lew Pequeno.

– É um Piper, rapaz? – rosnou. – Tem ar de tampinha.

– Sou Lewys Piper, se aprouver ao senhor.

– Uma vez deixei seu irmão sangrando num corpo a corpo. O palerma do tampinha se ofendeu quando lhe perguntei se quem dançava nua em seu escudo era a irmã.

– Ela é o símbolo de nossa Casa. Não temos nenhuma irmã.

– Maior é a pena. Seu símbolo tem umas belas tetas. Mas que tipo de homem se esconde atrás de uma mulher nua? Cada vez que dava uma pancada no escudo do seu irmão me sentia pouco cavalheiresco.

– Basta – Jaime o repreendeu, rindo. – Deixe-o em paz. – Pia aquecia vinho para eles, mexendo a panela com uma colher. – Tenho de saber o que posso esperar encontrar em Correrrio.

O primo encolheu os ombros.

– O cerco arrasta-se. Peixe Negro senta-se dentro do castelo, nós nos sentamos aqui fora nos acampamentos. Uma chatice dos demônios, se quer saber a verdade – Sor Daven sentou-se num banco de acampamento. – Tully devia fazer uma investida, para nos lembrar a todos de que ainda estamos em guerra. Também seria bom se nos libertasse de uns tantos Frey. De Ryman, para começar. O homem passa mais tempo bêbado do que sóbrio. Oh, e Edwyn. Não é tão obtuso quanto o pai, mas está tão cheio de ódio quanto um furúnculo de pus. E o nosso Sor Emmon... não, *Lorde* Emmon, que os Sete nos salvem, é melhor não esquecer seu novo título... Este nosso Senhor de Correrrio não faz nada além de me dizer como dirigir o cerco. Quer que eu tome o castelo sem *danificá-lo*, visto que agora é a sua casa senhorial.

– Esse vinho já está quente? – Jaime perguntou a Pia.

– Sim, senhor – a garota cobriu a boca quando falou. Peck serviu o vinho numa bandeja dourada. Sor Daven tirou as luvas e pegou uma taça.

– Obrigado, rapaz. E você, quem é?

– Josmyn Peckledon, se aprouver ao senhor.

– Peck foi um herói na Água Negra – Jaime disse. – Matou dois cavaleiros e capturou outros dois.

– Deve ser mais perigoso do que parece, moço. Isso é uma barba ou esqueceu de lavar a sujeira da cara? A mulher de Stannis Baratheon tem um bigode mais farto. Quantos anos tem?

– Quinze, sor.

Sor Daven soltou uma fungadela.

– Sabe o que os heróis têm de melhor, Jaime? Morrem novos e deixam mais mulheres para o resto de nós – atirou a taça ao escudeiro. – Volte a encher isso até a borda, e eu também o chamarei de herói. Tenho sede.

Jaime ergueu sua taça com a mão esquerda e bebeu um gole. O calor se espalhou por seu peito.

– Falava dos Frey que queria ver mortos. Ryman, Edwyn, Emmon...

– E Walder Rivers – Daven completou –, aquele filho da puta. Detesta ser bastardo, e detesta todos que não são. Mas Sor Perwyn parece ser um tipo decente, podemos poupá-lo. E às mulheres também, que vou me casar com uma delas, segundo ouvi dizer. Seu pai podia ter achado por bem me consultar sobre esse casamento. Meu pai estava em negociações

com Paxter Redwyne antes de Cruzaboi, sabia? Redwyne tem uma filha com um belo dote...

– Desmera? – Jaime soltou uma gargalhada. – O que você acha de sardas?

– Se minhas alternativas são Frey ou sardas, bem... metade das descendentes de Lorde Walder se parecem com furões.

– Só metade? Dê-se por contente. Eu vi a mulher de Lancel em Darry.

– A Ami Portão, pela bondade dos deuses. Não consegui acreditar que Lancel a tenha escolhido. O que se passa com aquele rapaz?

– Tornou-se piedoso – Jaime respondeu –, mas não foi ele quem fez a escolha. A mãe da Senhora Amerei é uma Darry. Nosso tio achou que isso ajudaria Lancel com o povo de Darry.

– Como? Fodendo-os? Sabe por que a chamam de Ami Portão? Ela ergue a porta levadiça para qualquer cavaleiro que passe por perto. É melhor que Lancel arranje um armeiro que lhe faça um elmo com cornos.

– Isso não será necessário. Nosso primo está a caminho de Porto Real, para tomar votos como uma das espadas do Alto Septão.

Sor Daven não teria parecido mais espantado se Jaime lhe tivesse dito que Lancel decidira se tornar macaco de saltimbanco.

– Não pode ser. Está brincando comigo. Ami Portão deve ser uma doninha ainda maior do que eu tinha ouvido falar se conseguiu levar o rapaz a fazer *isso*.

Quando Jaime se despediu da Senhora Amerei, ela chorava suavemente por causa da dissolução de seu casamento, enquanto permitia que Lyle Crakehall a consolasse. Suas lágrimas ficaram longe de perturbá-lo, tanto quanto os olhares duros de seus familiares espalhados pelo pátio.

– Espero que não pretenda também tomar votos, primo – disse a Daven. – Os Frey são suscetíveis no que diz respeito aos contratos de matrimônio. Detestaria voltar a desiludi-los.

Sor Daven fungou.

– Casarei e dormirei com minha doninha, nada tema. Sei o que aconteceu a Robb Stark. Mas pelo que Edwyn me diz, é melhor que eu escolha uma que ainda não floriu, caso contrário, é provável que descubra que Walder Negro esteve lá primeiro. Aposto que tomou Ami Portão, e mais do que três vezes. Isso talvez explique a religiosidade de Lancel e o humor do pai.

– Viu Sor Kevan?

– Sim. Ele passou por aqui a caminho do oeste. Pedi-lhe para me ajudar a tomar o castelo, mas Kevan nem quis ouvir falar no assunto. Ficou refletindo todo o tempo que passou aqui. Bastante cortês, mas frio. Jurei-lhe que nunca pedi para ser Protetor do Oeste, que a honra devia ter cabido a ele, e ele declarou que não tinha ressentimento, mas nunca poderia deduzir isto pelo seu tom. Ficou três dias, e quase nem me disse três palavras. Gostaria que tivesse ficado, seus conselhos me seriam úteis. Nossos amigos Frey não se atreveriam a contrariar Sor Kevan como me têm contrariado.

– Conte-me – Jaime pediu.

– Gostaria de contar, mas por onde começo? Enquanto eu construía aríetes e torres de cerco, Ryman Frey construiu um cadafalso. Todos os dias, à alvorada, aparece com Edmure Tully, põe-lhe uma corda em volta do pescoço e ameaça enforcá-lo, a menos que o castelo se renda. Peixe Negro não dá importância a essa farsa, de modo, que ao cair da noite, Lorde Edmure é de novo levado para baixo. A mulher está grávida, sabia?

Não sabia.

– Edmure a levou para a cama depois do Casamento Vermelho?

– Estava com ela na cama *durante* o Casamento Vermelho. Roslin é uma coisinha bonita, quase nem parece uma doninha. E gosta de Edmure, estranhamente. Perwyn me diz que ela reza por uma menina.

Jaime refletiu naquilo por um momento.

– Uma vez nascido o filho de Edmure, Lorde Walder deixará de ter necessidade dele.

– É também assim que vejo as coisas. Nosso tio Emm... ah, isto é, *Lorde* Emmon, quer ver Edmure enforcado de imediato. A presença de um Tully, Senhor de Correrrio, perturba-o quase tanto quanto o esperado nascimento de mais um. Implora-me diariamente para *obrigar* Sor Ryman a pendurar Tully, não importa como. Entretanto, tenho Lorde Gawen Westerling me puxando a outra manga. Peixe Negro tem a senhora sua esposa dentro do castelo, com três de suas crias ranhosas. Sua senhoria teme que Tully os mate se os Frey enforcarem Edmure. Uma delas é a rainhazinha do Jovem Lobo.

Jaime achava que tinha conhecido Jeyne Westerling, embora não conseguisse se lembrar de sua aparência. *Deve ser realmente bela para valer um reino*.

– Sor Brynden não matará crianças – assegurou ao primo. – Ele não é um peixe assim tão negro – começava a compreender por que Correrrio ainda não caíra. – Fale-me dos seus arranjos, primo.

– Temos o castelo bem cercado. Sor Ryman e os Frey estão a norte do Pedregoso. A sul do Ramo Vermelho encontra-se Lorde Emmon, com Sor Forley Prester e aquilo que resta de sua velha hoste, além dos senhores do rio que passaram para o nosso lado após o Casamento Vermelho. Um bando carrancudo, não me importo de assim afirmar. Prestam para ficar amuados nas respectivas tendas, mas não para muito mais. Meu acampamento fica entre os rios, diante do fosso e dos portões principais de Correrrio. Fizemos passar um dique flutuante através do Ramo Vermelho, a jusante do castelo. Manfryd Yew e Raynard Ruttiger estão a cargo de sua defesa, de modo que ninguém possa escapar por barco. Também lhes dei redes, para pescar. Ajuda a nos manter alimentados.

– Podemos derrotar o castelo pela fome?

Sor Daven balançou a cabeça.

– Peixe Negro expulsou de Correrrio todas as bocas inúteis e colheu tudo que havia nos campos. Tem reservas suficientes para manter homens e cavalos vivos durante dois anos.

– E como estamos aprovisionados?

– Enquanto houver peixe nos rios, não passaremos fome, embora eu não saiba como alimentaremos os cavalos. Os Frey têm trazido comida e forragem das Gêmeas, mas Sor Ryman diz que não tem o bastante para partilhar, portanto, temos de ser nós a nos abastecermos. Metade dos homens que mando em busca de comida não regressa. Alguns estão desertando. Encontramos outros apodrecendo debaixo das árvores, com corda em volta do pescoço.

– Deparamos com alguns, anteontem – Jaime confirmou. Os batedores de Addam Marbrand os tinham encontrado, pendendo, com rostos negros, sob uma macieira silvestre. Os cadáveres tinham sido desnudados, e cada homem tinha uma maçã enfiada entre os dentes. Nenhum mostrava ferimento; era evidente que tinham se rendido. Varrão Forte ficara furioso ao ver aquilo, jurando vingança sangrenta contra a

cabeça de qualquer homem capaz de amarrar guerreiros e deixá-los para morrer como se fossem leitões.

– Podem ter sido os fora da lei – Sor Daven disse depois de Jaime ter contado a história –, ou não. Ainda andam por aí bandos de nortenhos. E esses Senhores do Tridente podem ter dobrado o joelho, mas me parece que os corações continuam a ser... lupinos.

Jaime olhou de relance seus dois jovens escudeiros, que pairavam perto dos braseiros fingindo não escutar. Lewys Piper e Garrett Paege eram ambos filhos de senhores do rio. Criara amizade pelos dois, e detestaria ter de entregá-los a Sor Ilyn.

– As cordas sugerem-me Dondarrion.

– Seu senhor do relâmpago não é o único homem que sabe como atar um laço. Não me faça falar de Lorde Beric. Está aqui, está ali, está em todo lado, mas quando homens são enviados atrás dele, evapora-se como orvalho. Os senhores do rio o estão ajudando, não duvide disso nem por um momento. Um maldito senhor das marcas, se dá para acreditar em tal coisa. Um dia ouve-se dizer que o homem está morto, no segundo lhe contam que ele não pode ser morto – Sor Daven pousou a taça de vinho. – Meus batedores falam de fogueiras nos lugares elevados durante a noite. Fogueiras sinaleiras, julgam eles... como se houvesse um anel de vigilantes a nossa volta. E também há fogos nas aldeias. Algum novo deus...

*Não, um antigo.*

– Thoros, o sacerdote gordo de Myr que costumava beber com Robert, está com Dondarrion – Jaime tinha a mão de ouro pousada na mesa. Tocou-a e viu o ouro cintilar à luz abafada dos braseiros. – Lidaremos com Dondarrion se tiver de ser, mas Peixe Negro tem de vir primeiro. Ele deve saber que sua causa é perdida. Tentou negociar com ele?

– Sor Ryman tentou. Foi a cavalo até os portões do castelo, meio bêbado e fanfarrão, fazendo ameaças. Peixe Negro apareceu nas ameias durante tempo suficiente para dizer que não desperdiçaria boas palavras com homens sórdidos. Então, espetou uma flecha na garupa do palafrém de Ryman. O cavalo empinou, o Frey caiu na lama e eu ri tanto que quase mijei nas calças. Se fosse eu naquele castelo, teria enfiado aquela flecha na garganta mentirosa de Ryman.

– Usarei um gorjal quando for negociar com ele – Jaime disse com um meio sorriso. – Pretendo oferecer-lhe condições generosas – se conseguisse pôr fim àquele cerco sem derramar sangue, então não poderiam dizer que pegara em armas contra a Casa Tully.

– Tente à vontade, mas duvido que as palavras saiam vitoriosas. Temos de tomar o castelo de assalto.

Houvera uma época, não fazia muito tempo, em que Jaime aconselharia, sem a menor dúvida, o mesmo curso de ação. Sabia que não podia ficar ali durante dois anos para derrotar Peixe Negro pela fome.

– Não importa o que façamos, temos de agir depressa – disse a Sor Daven. – Meu lugar é em Porto Real, com o rei.

– Sim – o primo concordou. – Não duvido de que sua irmã precise de você. Por que ela mandou Sor Kevan embora? Achava que o nomearia Mão.

– Ele não quis aceitar o cargo – *não foi tão cego quanto fui.*

– Kevan devia ser Protetor do Oeste. Ou você. Não que eu não esteja grato pela honra, veja bem, mas nosso tio tem duas vezes a minha idade e mais experiência de comando. Espero que saiba que nunca pedi isso.

– Ele sabe.

– Como está Cersei? Tão bela como sempre?

– Deslumbrante – *instável*. – Dourada – *falsa como ouro dos tolos*. Na noite anterior, sonhara ter flagrado a irmã fodendo o Rapaz Lua. Matara o bobo e, com a mão de ouro, fizera em lascas os dentes de Cersei, tal como Gregor Clegane fizera à pobre Pia. Em seus sonhos, Jaime tinha sempre duas mãos; uma era feita de ouro, mas funcionava tão bem quanto a outra. – Quanto mais depressa nos despacharmos com Correrrio, mais depressa regressarei para junto de Cersei – o que Jaime faria então, não sabia.

Conversou com o primo durante mais uma hora antes de o Protetor do Oeste finalmente se retirar. Depois de ele partir, Jaime prendeu a mão de ouro e o manto marrom para ir caminhar por entre as tendas.

Na verdade, gostava daquela vida. Sentia-se mais confortável entre soldados, em campo, do que alguma vez se sentira na corte. E seus homens também pareciam confortáveis com ele. Junto a uma fogueira, três besteiros ofereceram-lhe um pouco da lebre que tinham apanhado. Junto a outra, um jovem cavaleiro lhe pediu conselhos quanto à melhor

maneira de se defender contra um martelo de guerra. Embaixo, junto ao rio, observou duas lavadeiras que travavam uma justa na água pouco profunda, ombro a ombro ao lado de um par de homens de armas. As garotas estavam meio bêbadas e seminuas, rindo e batendo uma na outra com mantos enrolados, enquanto uma dúzia de outros homens as incentivavam. Jaime apostou uma estrela de cobre na garota loira que montava Raff, o Querido, mas a perdeu quando as duas caíram na água por entre os juncos.

Do outro lado do rio lobos uivavam, e o vento soprava em rajadas através de um maciço de salgueiros, fazendo seus galhos se contorcerem e suspirar. Jaime encontrou Sor Ilyn Payne sozinho, em frente à tenda, passando uma pedra de amolar pela espada.

– Venha – disse, e o cavaleiro silencioso ergueu-se, com um pequeno sorriso. *Ele gosta disso*, compreendeu. *Agrada-lhe me humilhar todas as noites. Talvez lhe agradasse ainda mais me matar*. Gostaria de acreditar que melhorava, mas as melhorias eram lentas e não aconteciam sem um preço. Por baixo do aço, da lã e do couro fervido que trajava, Jaime Lannister era uma tapeçaria de cortes, crostas de sangue e manchas negras.

Uma sentinela os desafiou ao saírem do acampamento com os cavalos pela arreata. Jaime deu uma palmada no ombro do homem com a mão de ouro.

– Fique atento. Há lobos por aí – voltaram, ao longo do Ramo Vermelho, até as ruínas de uma aldeia por onde tinham passado naquela tarde. E foi ali que dançaram sua dança da meia-noite, entre pedras enegrecidas e cinzas velhas e frias. Durante algum tempo Jaime teve supremacia. Talvez a velha perícia *estivesse* voltando, permitiu-se pensar. Talvez naquela noite fosse Payne quem dormiria machucado e ensanguentado.

Foi como se Sor Ilyn tivesse ouvido seus pensamentos. Parou indolentemente o último golpe de Jaime e lançou um contra-ataque que empurrou o adversário para o rio, fazendo-o ir parar na lama pelo escorregão da bota que o fez perder o equilíbrio. Acabou de joelhos, com a espada do cavaleiro silencioso na garganta e a sua perdida entre os canaviais. Ao luar, as marcas de bexigas no rosto de Payne eram grandes como crateras. Ele fez aquele som de estalar que podia ter sido uma

gargalhada e deslizou a espada pela garganta de Jaime até a ponta repousar entre seus lábios. Só então recuou e embainhou o aço.

*Teria feito melhor se desafiasse Raff, o Querido, com uma puta às costas*, pensou Jaime enquanto sacudia lama da mão dourada. Parte de si desejou arrancar aquela coisa e atirá-la ao rio. Não prestava para nada, e a esquerda não era muito melhor. Sor Ilyn voltara para junto dos cavalos, deixando-o sozinho para se pôr em pé. *Pelo menos ainda tenho duas dessas*.

O último dia da viagem foi frio e ventoso. O vento matraqueava por entre os galhos nos bosques nus e marrons e fazia os juncos do rio dobrarem-se ao longo do Ramo Vermelho. Ainda que coberto com a lã do manto de inverno da Guarda Real Jaime conseguia sentir os dentes de ferro do vento enquanto avançava ao lado do primo Daven. Foi ao fim da tarde que avistaram Correrrio, erguendo-se da ponta estreita onde o Pedregoso se juntava ao Ramo Vermelho. O castelo Tully parecia um grande navio de pedra, com sua proa apontando para jusante. Suas muralhas de arenito estavam ensopadas de uma luz de tom dourado-avermelhado, e pareciam mais altas e mais espessas do que Jaime se recordava. *Essa noz não se quebrará com facilidade*, pensou sombriamente. Se Peixe Negro não lhe desse ouvidos, não teria alternativa exceto quebrar a promessa que fizera a Catelyn Stark. A promessa que fizera ao seu rei tinha primazia.

O dique que atravessava o rio e os três grandes acampamentos do exército sitiante eram precisamente como o primo descrevera. O acampamento de Sor Ryman Frey, ao norte do Pedregoso, era o maior e o mais desordenado. Um grande cadafalso cinzento erguia-se acima das tendas, tão alto quanto qualquer catapulta. Nele encontrava-se uma figura solitária com uma corda em volta do pescoço. *Edmure Tully*. Jaime sentiu um acesso de piedade. *Mantê-lo ali em pé dia após dia, com aquele laço em volta do pescoço... seria melhor cortar-lhe a cabeça e acabar com o assunto*.

Por trás do cadafalso, tendas e fogueiras para cozinhar espalhavam-se numa desordem irregular. Os fidalgos Frey e seus cavaleiros tinham erguido os pavilhões confortavelmente a montante das fossas das latrinas; para jusante ficavam casinhotos lamacentos, carroças e carros de bois.

– Sor Ryman não quer que seus rapazes se aborreçam, de modo que lhes dá prostitutas e lutas de galos e de ursos – Sor Devan contou. – Até arranjou o raio de um *cantor*. Nossa tia trouxe Wat Sorriso-Branco de Lanisporto, se consegue acreditar em tal coisa, de modo que Ryman também tinha de ter um cantor. Não podíamos simplesmente represar o rio e afogar aquela cambada toda, primo?

Jaime via arqueiros deslocando-se por trás dos merlões nas ameias do castelo. Por cima deles, agitavam-se os estandartes da Casa Tully, a truta prateada desafiante em seu fundo listrado de vermelho e azul. Mas na torre mais alta esvoaçava uma bandeira diferente; um longo estandarte branco decorado com o lobo gigante dos Stark.

– A primeira vez que vi Correrrio, era um escudeiro tão verde como a grama estival –, disse Jaime ao primo. – O velho Sumner Crakehall me mandou entregar uma mensagem, que ele jurou não poderia ser confiada a um corvo. Lorde Hoster reteve-me durante uma quinzena enquanto pensava na resposta, e sentou-me ao lado da filha Lysa a cada refeição.

– Pouco admira que tenha vestido o branco. Eu teria feito o mesmo.

– Oh, Lysa não era tão temível como nos últimos tempos – tinha sido uma garota bonita, para falar a verdade; com covinhas no rosto e delicada, de longos cabelos ruivos. *Mas tímida. Dada a silêncios de língua atada e ataques de riso, sem nada do fogo de Cersei*. A irmã mais velha parecera mais interessante, embora Catelyn estivesse prometida a um rapaz nortenho qualquer, o herdeiro de Winterfell... Mas naquela idade nenhuma garota chegava sequer perto de interessar Jaime tanto quanto o famoso irmão de Hoster, que ganhara renome ao combater os Reis das Nove Moedas nos Degraus. À mesa, ignorara a pobre Lysa, enquanto pressionava Brynden Tully, pedindo-lhe histórias sobre Maelys, o Monstruoso, e o Príncipe de Ébano. *Sor Brynden era mais novo do que sou agora,* refletiu Jaime, *e eu mais novo do que Peck.*

O vau mais próximo do Ramo Vermelho ficava a montante do castelo. Para chegar ao acampamento de Sor Daven, tinham de atravessar o de Emmon Frey, passando pelos pavilhões dos senhores do rio que tinham dobrado o joelho e sido aceitos de volta à paz do rei. Jaime reparou nos estandartes de Lychester e Vance, Roote e Goodbrood, nas bolotas da Casa Smallford e na donzela dançante de Lorde Piper, mas as bandeiras que *não* viu deram-lhe o que pensar. A águia prateada de Mallister não se

via em lado nenhum, nem o cavalo vermelho de Bracken, o salgueiro dos Ryger, as serpentes entrelaçadas de Paege. Embora todos tivessem renovado sua lealdade ao Trono de Ferro, nenhum tinha vindo se juntar ao cerco. Jaime sabia que os Bracken estavam em guerra com os Blackwood, o que explicava sua ausência, mas os outros...

*Nossos novos amigos não são amigos nenhuns. Sua lealdade não é mais profunda do que suas peles*. Correrrio tinha de ser tomado, e depressa. Quanto mais tempo o cerco se arrastasse, mais ânimo daria a outros teimosos, como Tytos Blackwood.

No vau, Sor Kennos de Kayce soprou o Berrante de Herrock. *Isso deve trazer Peixe Negro às ameias*. Sor Hugo e Sor Dermot indicaram a Jaime o caminho através do rio, fazendo espirrar a lamacenta água vermelho-amarronzada com o estandarte branco da Guarda Real e o veado e o leão de Tommen esvoaçando. O resto da coluna os seguiu de perto.

O acampamento Lannister ressoava com o som de martelos de madeira, vindo de onde uma nova torre de cerco era erguida. Outras duas torres estavam completas, meio cobertas por peles de cavalo por curtir. Entre ambas encontrava-se um aríete rolante; um tronco de árvore com a ponta endurecida pelo fogo, suspenso por correntes sob uma cobertura de madeira. *Meu primo não ficou parado, ao que parece*.

– Senhor – perguntou Peck –, onde quer sua tenda?

– Ali, naquela elevação – apontou com a mão de ouro, embora não se adequasse bem a tal tarefa. – Ali a logística, e lá as linhas dos cavalos. Usaremos as latrinas que meu primo tão bondosamente cavou para nós. Sor Addam, inspecione nosso perímetro, com os olhos abertos para quaisquer fraquezas – Jaime não previa um ataque, mas também não previra o Bosque dos Murmúrios.

– Devo convocar os furões para um conselho de guerra? – Daven perguntou.

– Só depois de eu ter falado com Peixe Negro – com um gesto, Jaime chamou Jon Imberbe Bettley. – Pegue um estandarte de paz e leve uma mensagem ao castelo. Informe Sor Brynden Tully de que quero trocar ideias com ele à primeira luz da aurora. Irei até a borda do fosso e me encontrarei com ele em sua ponte levadiça.

Peck pareceu alarmado.

– Senhor, os arqueiros poderiam...

– Não o farão – Jaime desmontou. – Erga minha tenda e plante meus estandartes – *e veremos quem vem correndo, e com que rapidez.*

Não precisou de muito tempo. Pia estava atarefada com um braseiro, tentando acender as brasas. Peck foi ajudá-la. Nos últimos tempos, era frequente que Jaime adormecesse com o som dos dois fodendo em um canto da tenda. Enquanto Garrett desprendia as fivelas das grevas de Jaime, a aba da tenda se abriu.

– Então, finalmente chegou? – trovejou sua tia. Enchia a entrada, com o marido espreitando por trás dela. – Já era mais que tempo. Não tem um abraço para dar à sua velha tia gorda? – estendeu os braços, não lhe deixando alternativa exceto ir abraçá-la.

Genna Lannister tinha sido uma mulher formosa na juventude, sempre ameaçando transbordar do corpete. Agora, a única forma que tinha era de um quadrado. O rosto era largo e liso; o pescoço, um grosso pilar cor-de-rosa; o busto, enorme. Transportava carne suficiente para fazer dois maridos. Jaime a abraçou obedientemente e esperou que a mulher lhe beliscasse a orelha, o que ela fazia desde sempre, mas naquele dia absteve-se. Em vez disso, espetou-lhe beijos moles e descuidados nas bochechas.

– Lamento sua perda.

– Mandei fazer uma mão nova, de ouro – e mostrou-lhe.

– Muito lindo. Também farão um pai de ouro para você? – a voz da Senhora Genna era penetrante. – A perda a que me referia era Tywin.

– Um homem como Tywin Lannister só surge uma vez em mil anos – declarou seu marido. Emmon Frey era um homem rabugento de mãos nervosas. Podia pesar sessenta quilos... mas só molhado, e vestido de cota de malha. Era um espeto envolto em lã, sem queixo aparente, falha esta que a proeminência do pomo de adão ostentada pela garganta tornava ainda mais absurda. Metade de seus cabelos desaparecera antes de ele fazer trinta anos. Agora tinha sessenta, e só restavam uns poucos fiapos brancos.

– Nos últimos tempos, nos tem chegado histórias estranhas – disse a Senhora Genna, depois de Jaime ter mandado embora Pia e os escudeiros. – Uma mulher quase não consegue saber em que acreditar. Poderá ser verdade que Tyrion matou Tywin? Ou é alguma calúnia que sua irmã espalhou?

– É verdade – o peso da mão de ouro tornara-se penoso. Remexeu nas correias que a prendiam ao pulso.

– Um filho erguer a mão contra um pai – Sor Emmon retrucou. – Monstruoso. São dias negros os que vivemos em Westeros. Temo por todos nós com Lorde Tywin desaparecido.

– Temia por todos nós quando ele estava entre os vivos – Genna instalou seu amplo traseiro num banco, que rangeu de forma alarmante sob seu peso. – Sobrinho, fale-nos de nosso filho Cleos e do modo como morreu.

Jaime desprendeu a última fivela e pôs a mão de lado.

– Fomos emboscados por um bando de fora da lei. Sor Cleos os fez dispersar, mas isso custou-lhe a vida – a mentira surgiu facilmente, e Jaime viu que tinha agradado a ambos.

– O rapaz tinha coragem, eu sempre disse. Estava em seu sangue – uma espuma rosada cintilava nos lábios de Sor Emmon quando falava, graças à folhamarga que gostava de mascar.

– Seus ossos deviam ser enterrados sob o Rochedo, no Salão dos Heróis – Senhora Genna declarou. – Onde ele foi posto em repouso?

*Em lugar nenhum. Os Saltimbancos Sangrentos despiram-lhe o cadáver e deixaram a carne para banquetear os corvos.*

– Junto a um riacho – mentiu. – Quando esta guerra terminar, encontrarei o lugar e o mandarei para casa – ossos eram ossos; naqueles dias, nada era mais fácil de arranjar.

– Esta guerra... – Lorde Emmon limpou a garganta, fazendo mover o pomo de adão para cima e para baixo. – Deveria ter visto as máquinas de cerco. Aríetes, catapultas, torres. Não pode ser, Jaime. Daven pretende quebrar minhas muralhas, esmagar meus portões. Ele fala de piche queimando, de incendiar o castelo. O *meu* castelo – puxou uma manga para cima, tirou de lá um pergaminho e o atirou ao rosto de Jaime. – Tenho o decreto. Assinado pelo rei, por Tommen, vê? O selo real, o veado e o leão. Sou o legítimo senhor de Correrrio, e não o quero reduzido a uma ruína fumegante.

– Oh, guarde essa bobagem – exclamou a mulher. – Enquanto Peixe Negro se mantiver dentro de Correrrio, pode muito bem limpar o rabo com esse papel e todo o bem que ele nos traz – embora fosse uma Frey

há cinquenta anos, Senhora Genna ainda era muito Lannister. *Uma grande quantidade de Lannister*. – Jaime lhe entregará o castelo.

– Com certeza – Lorde Emmon aquiesceu. – Sor Jaime, a fé que o senhor seu pai depositou em mim não foi mal dirigida, verá. Pretendo ser firme, mas justo, com meus novos vassalos. Blackwood e Bracken, Jason Mallister, Vance e Piper, todos aprenderão que têm um suserano justo em Emmon Frey. E meu pai também, sim. Ele é o Senhor da Travessia, mas *eu* sou o Senhor de Correrrio. Um filho tem o dever de obedecer ao pai, é verdade, mas um vassalo deve obedecer ao seu suserano.

*Oh, pela bondade dos deuses.*

– Você não é suserano dele, sor. Leia seu pergaminho. Foi-lhe atribuído Correrrio com suas terras e seus rendimentos, nada mais. Petyr Baelish é o Senhor Supremo do Tridente. Correrrio ficará sujeito à lei de Harrenhal.

Aquilo não agradou Lorde Emmon.

– Harrenhal é uma ruína, assombrada e amaldiçoada – objetou –, e Baelish... o homem é um contador de moedas, não um senhor como deve ser, seu nascimento...

– Se está descontente com as nomeações, vá a Porto Real e leve o assunto à minha querida irmã – não tinha dúvidas de que Cersei devoraria Emmon Frey e palitaria os dentes com seus ossos. *Isto é, se não estiver ocupada demais fodendo Osmund Kettleblack.*

Senhora Genna soltou uma fungadela.

– Não há necessidade de incomodar Sua Graça com tal disparate. Emm, por que é que não vai até lá fora apanhar um pouco de ar?

– Um pouco de ar?

– Ou uma longa mijadela, se preferir. Meu sobrinho e eu temos assuntos de *família* a discutir.

Lorde Emmon corou.

– Sim, está quente aqui. Esperarei lá fora, senhora. Sor – sua senhoria enrolou o pergaminho, esboçou uma reverência dirigida a Jaime e saiu da tenda com um passo pouco seguro.

Era difícil não sentir desprezo por Emmon Frey. Chegara a Rochedo Casterly em seu décimo quarto ano para se casar com uma leoa com metade de sua idade. Tyrion costumava dizer que Lorde Tywin lhe dera uma barriga nervosa como presente de casamento. *Genna também*

*desempenhou seu papel*. Jaime lembrava-se de muitos banquetes em que Emmon ficava espetando, carrancudo, os talheres na comida enquanto a esposa trocava gracejos obscenos com qualquer cavaleiro doméstico que se encontrasse sentado à sua esquerda, em conversas que eram interrompidas por sonoros ataques de riso. *Ela deu ao Frey quatro filhos, é certo. Pelo menos diz que são dele*. E ninguém em Rochedo Casterly teve coragem de sugerir o contrário, especialmente Sor Emmon.

Assim que ele saiu, a senhora sua esposa revirou os olhos.

– Meu dono e senhor. Em que seu pai *pensava* ao nomeá-lo Senhor de Correrrio?

– Imagino que pensasse em seus filhos.

– Eu também penso neles. Emm dará um senhor miserável. Ty poderá se sair melhor, se tiver o bom-senso de aprender comigo e não com o pai – passou os olhos pela tenda. – Tem vinho?

Jaime descobriu um jarro e a serviu, com uma mão só.

– Por que está aqui, senhora? Devia ter permanecido em Rochedo Casterly até os combates terminarem.

– Assim que Emm soube que era um senhor, teve de vir imediatamente reclamar o que lhe pertencia – Senhora Genna bebeu um gole e limpou a boca na manga. – Seu pai devia ter nos dado Darry. Cleos casou-se com uma das filhas do homem do arado, se bem se lembra. Sua chorosa viúva está furiosa por as terras do senhor seu pai não terem sido entregues aos filhos. A Ami Portão é Darry só pelo lado da mãe. Minha nora Jeyne é sua tia, irmã da Senhora Mariya.

– Uma irmã mais nova – Jaime ressaltou –, e Ty ficará com Correrrio, uma recompensa melhor do que Darry.

– Uma recompensa envenenada. A Casa Darry está extinta pela linhagem masculina, a Tully não. Aquele cabeça de carneiro do Sor Ryman põe um laço em volta do pescoço de Edmure, mas não quer enforcá-lo. E Roslin Frey tem uma truta crescendo na barriga. Meus netos nunca estarão seguros em Correrrio enquanto algum Tully permanecer vivo.

Jaime sabia que ela não se enganava.

– Se Roslin tiver uma filha...

– ... ela poderá se casar com Ty, desde que o velho Lorde Walder consinta. Sim, já tinha pensado nisso. Mas há a mesma probabilidade de

nascer um garoto, e seu pauzinho enevoaria o assunto. E se Sor Brynden sobreviver ao cerco, pode se sentir inclinado a reclamar Correrrio em seu próprio nome... ou em nome do jovem Robert Arryn.

Jaime lembrava-se do pequeno Robert de Porto Real ainda mamando nas tetas da mãe aos quatro anos.

– Arryn não viverá o suficiente para gerar descendência. E por que o Senhor do Ninho da Águia precisaria de Correrrio?

– Por que um homem com um pote de ouro precisa de outro? Os homens são ambiciosos. Tywin devia ter dado Correrrio a Kevan, e Darry a Emm. Ter-lhe-ia dito isso, se ele tivesse se incomodado em me perguntar, mas quando foi que seu pai alguma vez consultou alguém além de Kevan? – soltou um profundo suspiro. – Veja, não culpo Kevan por querer a propriedade mais segura para o filho. Conheço-o bem demais.

– O que Kevan quer e o que Lancel deseja parecem ser coisas diferentes – contou-lhe a decisão que Lancel tomara de renunciar à esposa, terras e senhoria para lutar pela Fé Sagrada. – Se ainda quiser Darry, escreva a Cersei e apresente seus argumentos.

Senhora Genna sacudiu a taça numa recusa.

– Não, esse cavalo já abandonou o pátio. Emm tem enfiado na sua cabeça bicuda que vai governar as terras fluviais. E Lancel... Suponho que devíamos ter previsto o que aconteceria. Afinal de contas, uma vida dedicada a proteger o Alto Septão não é assim tão diferente de uma vida dedicada a proteger o rei. Temo que Kevan fique furioso. Tão furioso quanto Tywin ficou quando você meteu na cabeça vestir o branco. Pelo menos Kevan ainda tem Martyn como herdeiro. Pode casá-lo com a Ami Portão no lugar de Lancel. Que os Sete nos salvem a todos – a tia soltou um suspiro. – E por falar nos Sete, por que Cersei permitiria que a Fé voltasse a se armar?

Jaime encolheu os ombros.

– Tenho certeza de que teve motivos.

– Motivos? – Senhora Genna soltou um ruído mal-educado. – É melhor que sejam *bons* motivos. Os Espadas e Estrelas incomodaram até os Targaryen. O próprio Conquistador movia-se com cautela no que dizia respeito à Fé, para que não se lhe opusessem. E quando Aegon morreu e os lordes se ergueram contra os filhos, ambas as ordens estiveram no

âmago dessa rebelião. Os senhores mais piedosos apoiavam-nos, bem como muitos dos plebeus. O Rei Maegor acabou por ter de lhes colocar a cabeça a prêmio. Pagou um dragão pela cabeça de um Filho do Guerreiro impenitente e um veado de prata pelo escalpe de um Pobre Companheiro, se bem me lembro da história. Milhares foram mortos, mas quase outros tantos continuaram a vagar pelo reino, em desafio, até que o Trono de Ferro matou Maegor e o Rei Jaehaerys concordou em perdoar todos aqueles que pusessem de lado suas espadas.

– Tinha me esquecido da maior parte disso – Jaime confessou.

– Tanto você quanto sua irmã – bebeu mais um trago de vinho. – É verdade que Tywin estava sorrindo no velório?

– Estava apodrecendo no velório. Isto fez que sua boca se torcesse.

– Não passou disso? – aquilo pareceu entristecê-la. – Os homens dizem que Tywin nunca sorria, mas sorriu quando se casou com sua mãe, e quando Aerys o nomeou Mão. Quando o Solar Tarbeck ruiu sobre a Senhora Ellyn, aquela cadela intriguista, Tyg afirmou que, nesse momento, ele sorriu. E sorriu em seu parto, Jaime, vi-o com meus próprios olhos. Você e Cersei, rosados e perfeitos, tão parecidos como duas gotas de água... bem, exceto entre as pernas. Os *pulmões* que tinham!

– Ouça-nos rugir – Jaime sorriu. – Em seguida vai me dizer como ele gostava de rir.

– Não. Tywin desconfiava do riso. Tinha ouvido muitas pessoas rirem de seu avô – franziu as sobrancelhas. – Garanto-lhe, esta farsa de cerco não o teria divertido. Como pretende acabar com ela, agora que está aqui?

– Negociando com Peixe Negro.

– Isso não funcionará.

– Pretendo oferecer-lhe boas condições.

– Condições exigem confiança. Os Frey assassinaram convidados sob o seu teto, e você, bem... Não pretendo ofender, meu amor, mas *matou* um certo rei que tinha jurado proteger.

– E matarei Peixe Negro se não se render – seu tom era mais ríspido do que pretendera, mas não estava com disposição para que lhe atirassem Aerys Targaryen à cara.

– Como? Com a língua? – a voz dela era de escárnio. – Posso ser uma velha gorda, mas não tenho queijo entre as orelhas, Jaime. E Peixe Negro também não. Ameaças vazias não o intimidarão.

– O que aconselharia?

Ela encolheu pesadamente os ombros.

– Emm quer a cabeça de Edmure cortada. Desta vez talvez tenha razão. Sor Ryman nos transformou em motivo de chacota com aquele seu cadafalso. Precisa mostrar a Sor Brynden que suas ameaças têm dentes.

– Matar Edmure poderá endurecer a determinação de Sor Brynden.

– Determinação é uma coisa que nunca faltou a Brynden Peixe Negro. Hoster Tully poderia ter lhe dito isso – Senhora Genna bebeu o resto do vinho. – Bem, eu nunca ousaria lhe dizer como travar uma guerra. Sei qual é o meu lugar... ao contrário da sua irmã. É verdade que Cersei incendiou a Fortaleza Vermelha?

– Só a Torre da Mão.

A tia revirou os olhos.

– Teria feito melhor se tivesse deixado ficar a torre e queimado a Mão. Harys *Swyft*? Se algum homem algum dia mereceu suas armas, este é Sor Harys. E Gyles Rosby, que os Sete nos salvem... Pensava que ele tinha morrido havia anos. Merryweather... Seu pai costumava chamar o avô dele de "galhofas", é bom que saiba. Tywin afirmava que a única coisa em que o Merryweather era bom era em rir dos ditos espirituosos do rei. Sua senhoria atirou-se às gargalhadas para o exílio, se bem me lembro. Cersei também pôs um bastardo qualquer no conselho, e uma panela na Guarda Real. Tem a Fé armando-se e os bravosianos exigindo o pagamento de empréstimos por todo Westeros. Nada disso estaria acontecendo se tivesse tido o simples bom-senso de fazer de seu tio Mão do Rei.

– Sor Kevan recusou o cargo.

– Foi o que ele disse. Não explicou por quê. Houve muitas coisas que ele não disse. Não *quis* dizer – Senhora Genna fez uma careta. – Kevan *sempre* fez o que lhe era pedido. Não é de seu feitio virar as costas ao dever, qualquer que ele seja. Há algo errado aqui, consigo sentir o cheiro.

– Ele disse que estava cansado – *ele sabe*, dissera Cersei, estavam ambos junto ao cadáver do pai. *Ele sabe de nós*.

– Cansado? – a tia enrugou os lábios. – Imagino que tenha o direito de estar cansado. Foi duro para Kevan viver a vida inteira à sombra de Tywin. Foi duro para todos os meus irmãos. A sombra que Tywin lançava era longa e negra, e todos eles tiveram de lutar para encontrar um pouco de sol. Tygett tentou valer por si próprio, mas nunca conseguiu igualar seu pai, e isso só o encheu de raiva cada vez mais à medida que os anos passaram. Gerion fazia piadas. Mais vale troçar do jogo do que jogar e perder. Mas Kevan viu bem cedo em que pé as coisas estavam, de modo que arranjou para si um lugar ao lado de seu pai.

– E você? – Jaime quis saber.

– O jogo não é para garotas. Eu era a preciosa princesa do meu pai... E também a de Tywin, até desapontá-lo. Meu irmão nunca aprendeu a gostar do sabor do desapontamento – pôs-se em pé. – Já disse o que vim dizer, não tomarei mais seu tempo. Faça o que Tywin teria feito.

– Amava-o? – Jaime supreendeu-se com a própria pergunta.

A tia o olhou com uma expressão estranha.

– Tinha sete anos quando Walder Frey convenceu o senhor meu pai a dar minha mão a Emm. Seu *segundo* filho, nem sequer seu herdeiro. Meu pai era o terceiro filho, e filhos mais novos anseiam pela aprovação de quem tem uma idade mais avançada. Frey detectou nele essa fraqueza, e meu pai concordou por nenhum motivo melhor do que agradá-lo. Meu noivado foi anunciado num banquete em que metade do ocidente se encontrava presente. Ellyn Tarbeck deu risada, e o Leão Vermelho saiu furioso do salão. Os outros sentaram-se sobre as línguas. Só Tywin se atreveu a falar contra a união. Um garoto de dez anos. Meu pai ficou branco como leite de égua, e Walder Frey *tremia* – ela sorriu. – Como podia não amá-lo depois daquilo? Isso não é o mesmo que dizer que aprovei tudo o que ele fez, ou que tenha apreciado muito a companhia do homem que se tornou... Mas todas as garotinhas precisam de um irmão mais velho para protegê-las. Tywin era grande mesmo enquanto pequeno – soltou um suspiro. – Quem nos protegerá agora?

Jaime a beijou no rosto.

– Ele deixou um filho.

– Sim, deixou. É isso o que temo mais, para falar a verdade.

Aquilo era um comentário estranho.

– Por que haveria de temer?

– Jaime – ela disse, puxando-lhe a orelha –, querido, eu o conheço desde que era um bebê no colo de Joanna. Sorri como Gerion e luta como Tyg, e há um pouco de Kevan em você, caso contrário não usaria esse manto... Mas o filho de Tywin é *Tyrion*, não você. Certa vez, eu disse isso na cara de seu pai, e ele não falou comigo durante meio ano. Os homens são uns tremendos idiotas. Até aqueles que aparecem uma vez a cada mil anos.

# GATA DOS CANAIS

Acordou antes de o sol nascer, no pequeno quarto sob a caleira que partilhava com as filhas de Brusco.

Gata era sempre a primeira a acordar. Estava quente e aconchegada sob as mantas, com Talea e Brea. Ouvia os sons suaves da respiração das garotas. Quando se moveu, sentando-se e procurando os chinelos às apalpadelas, Brea resmungou um protesto sonolento e virou-se para o outro lado. O frio das paredes de pedra cinzenta encheu a Gata de arrepios. Vestiu-se depressa na escuridão. Ao enfiar a túnica pela cabeça, Talea abriu os olhos e pediu:

– Gata, seja amiga e traga-me minha roupa – era uma garota desajeitada, toda ela pele, ossos e cotovelos, sempre queixando-se do frio.

Gata foi buscar a roupa, e Talea enfiou-se nela por baixo das mantas. Juntas, puxaram da cama a irmã mais velha de Talea, enquanto Brea resmungava ameaças sonolentas.

Quando as três desceram a escada que levava ao quarto sob a caleira, Brusco e os filhos já se encontravam no barco, no pequeno canal atrás da casa. Ele gritou às garotas para que se apressassem, como fazia todas as manhãs. Os filhos ajudaram Talea e Brea a entrar no barco. Gata era responsável por desamarrar a embarcação do pilar, atirar a corda a Brea e empurrar o barco para longe da doca com um pé enfiado numa bota. Os filhos de Brusco encostaram-se às suas varas. Gata correu e saltou por cima do espaço vazio, que se alargava entre a doca e o convés.

Depois disso, ficou sem nada para fazer além de se manter sentada, bocejando durante muito tempo, enquanto Brusco e os filhos os empurravam através da escuridão que antecedia a alvorada ao longo de uma confusão de pequenos canais. O dia parecia ser um dos raros naquele lugar: nítido, limpo e luminoso. Bravos só tinha três tipos de tempo; nevoeiro era ruim, chuva era pior, e chuva gelada o pior de todos.

Mas, de vez em quando, chegava uma manhã em que a alvorada rebentava em tons de rosa e azul, e o ar ficava revigorante e salgado. Esses eram os dias de que Gata mais gostava.

Quando chegaram à larga e reta via aquática que era o Longo Canal, viraram para o sul, na direção do mercado de peixe. Gata sentou-se de pernas cruzadas, reprimindo um bocejo e tentando se lembrar dos detalhes de seu sonho. *Sonhei que era de novo um lobo*. Aquilo de que conseguia se lembrar melhor eram os cheiros: árvores e terra, seus irmãos de alcateia, os odores de cavalo, veado e homem, todos diferentes uns dos outros, e o penetrante cheiro acre do medo, sempre igual. Em certas noites, os sonhos de lobo eram tão vívidos que conseguia ouvir os irmãos uivando mesmo quando acordava, e uma vez Brea afirmara que ela rosnava no sono enquanto esperneava sob as mantas. Achou que aquilo era alguma mentira estúpida, mas Talea já dissera o mesmo.

*Não devia andar sonhando sonhos de lobo*, disse a si mesma. *Agora sou uma gata, não uma loba. Sou a Gata dos Canais*. Os sonhos de lobo pertenciam a Arya da Casa Stark. Mas, por mais que tentasse, não conseguia se livrar de Arya. Não fazia diferença alguma dormir sob o templo ou no pequeno quarto sob a caleira, com as filhas de Brusco; os sonhos de lobo continuavam a assombrá-la durante a noite... e por vezes outros sonhos também.

Os sonhos de lobo eram os bons. Neles, ela era rápida e forte, perseguindo as presas com a alcateia atrás de si. Era o outro sonho que odiava, aquele em que tinha duas pernas em vez de quatro patas. Neste, andava sempre à procura da mãe, aos tropeções, por uma terra devastada repleta de lama, sangue e fogo. Estava sempre chovendo nesse sonho, e ela conseguia ouvir a mãe gritar, mas um monstro com cabeça de cão não queria largá-la para que fosse em seu socorro. Neste sonho, estava sempre chorando, como uma garotinha assustada. *Os gatos nunca choram*, disse a si mesma, *assim como os lobos. É só um sonho estúpido.*

O Longo Canal levou o barco de Brusco a atravessar sob as verdes cúpulas de cobre do Palácio da Verdade e das grandes torres quadradas dos Prestayn e Antaryon, antes de passar sob os imensos arcos cinzentos do rio de água doce e entrar no bairro conhecido como Cidade de Lodo, onde os edifícios eram menores e menos grandiosos. Mais tarde, o canal ficaria entupido de barcos serpentinos e barcaças, mas na escuridão que

antecedia a aurora tinham a via quase só para si. Brusco gostava de chegar ao mercado de peixe na hora em que o Titã rugia para anunciar a chegada do sol. O som reverberaria pela lagoa, atenuado pela distância, mas ainda seria suficientemente forte para acordar a cidade adormecida.

Quando Brusco e os filhos amarraram o barco junto do mercado de peixe, este encontrava-se repleto de vendedores de arenques e vendedoras de bacalhau, apanhadores de ostras, cavadores de amêijoas, intendentes, cozinheiros, governantas e marinheiros vindos das galés, todos negociando ruidosamente uns com os outros enquanto inspecionavam o pescado da manhã. Brusco caminhava de barco em barco, examinando qualquer marisco que encontrasse e batendo de tempos em tempos num barril ou gaiola com a bengala.

– Esta – dizia. – Sim – *tap tap*. – Esta – *tap tap*. – Não, essa não. Aqui – *tap*. Não era lá muito falador. Talea dizia que o pai era tão avaro com as palavras como com as moedas. Ostras, conquilhas, caranguejos, mexilhões, berbigões, por vezes grandes camarões... Brusco comprava de tudo, dependendo do que parecia melhor em cada dia. Cabia aos demais transportar para o barco as gaiolas ou barris em que ele batia com a bengala. Brusco tinha problemas nas costas e não conseguia erguer nada mais pesado do que uma caneca de cerveja marrom.

Gata ficava sempre fedendo a salitre e peixe quando empurravam o barco de volta para casa. Acostumara-se tanto ao cheiro que já quase nem o sentia. O trabalho não a incomodava. Quando seus músculos doíam de levantar coisas ou as costas ficavam doloridas por causa do peso de um barril, dizia a si mesma que estava ficando mais forte.

Com todos os barris carregados, Brusco voltou a afastá-los do cais, e os filhos varejaram de volta pelo Longo Canal. Brea e Talea sentaram-se na parte da frente do barco, trocando segredos uma com a outra. Gata sabia que estavam falando do rapaz de Brea, aquele que a fazia subir ao telhado para se encontrarem, depois de o pai adormecer.

“Aprenda três coisas novas antes de voltar para nós”, ordenara-lhe o homem amável, quando a enviara para a cidade. E assim ela fazia sempre. Por vezes, não passava de três palavras novas na língua de Bravos. Outras, levava-lhe histórias de marinheiro ou estranhos e maravilhosos acontecimentos do vasto mundo úmido que se estendia além das ilhas de Bravos, guerras e chuvas de sapos e dragões eclodindo.

Outras, ainda, aprendia três novas piadas ou três novas adivinhas, ou truques de um ou de outro ofício. E de vez em quando descobria algum segredo.

Bravos era uma cidade feita para segredos, repleta de nevoeiros, máscaras e suspiros. A garota descobrira que a própria existência da cidade mantivera-se em segredo durante um século; sua localização estivera escondida durante três vezes mais tempo.

"As Nove Cidades Livres são as filhas da Valíria de outrora", ensinara-lhe o homem amável, "mas Bravos é o filho bastardo que fugiu de casa. Somos um povo mestiço, os filhos de escravos, prostitutas e ladrões. Nossos antepassados vieram de meia centena de terras até aqui em busca de refúgio, para escapar dos senhores dos dragões que os tinham escravizado. Meia centena de deuses veio com eles, mas existe um deus que todos tinham em comum".

"O Das Muitas Faces."

"E de muitos nomes", ele tinha lhe dito. "Em Qohor é a Cabra Preta; em Yi Ti, o Leão da Noite; em Westeros, o Estranho. Mas, no final, todos os homens têm de se submeter a Ele, não importa se adoram os Sete ou o Senhor da Luz, a Irmã da Lua, o Deus Afogado ou o Grande Pastor. Toda a humanidade lhe pertence... Caso contrário, em algum lugar no mundo haveria um povo que viveria para sempre. Conhece algum povo que viva para sempre?"

"Não", ela tinha respondido. "Todos os homens têm de morrer."

Gata sempre encontrava o homem amável à sua espera quando se esgueirava de volta ao templo, no ápice da noite, quando a lua era negra.

"O que sabe agora que não sabia quando nos deixou?", ele lhe perguntava sempre.

"Sei o que o Beqqo Cego põe no molho quente que usa nas ostras", ela respondia. "Sei que os saltimbancos na Lanterna Azul vão apresentar *O Senhor do Semblante Desgraçado,* e os saltimbancos do Navio querem responder com *Sete Remadores Bêbados*. Sei que o livreiro Lotho Lornel dorme na casa do Capitão-Mercador Moredo Prestayn sempre que o honrado capitão mercador viaja, e se muda sempre que a *Raposa* retorna para casa."

"É bom saber essas coisas. E quem é você?"

"Ninguém."

“Mente. É a Gata dos Canais, eu a conheço bem. Vá dormir, filha. Amanhã tem de servir.”

“Todos os homens têm de servir.” E era o que ela fazia, por três dias a cada trinta. Quando a lua estava negra, ela não era ninguém, apenas uma criada do Deus das Muitas Faces com uma veste preta e branca. Caminhava ao lado do homem amável entre a escuridão odorífera levando sua lanterna de ferro. Lavava os mortos, revistava-lhes as roupas e contava suas moedas. Em certos dias, ainda ajudava Umma a cozinhar, cortando grandes cogumelos brancos e preparando o peixe. Mas só quando a lua estava negra. Durante o resto do tempo era uma garota órfã, com um par de botas gastas e grandes demais para seus pés e um manto marrom de bainha esfarrapada, que gritava “Mexilhões, amêijoas e conquilhas” enquanto empurrava o carro de mão pelo Porto do Trapeiro.

Sabia que a lua estaria negra naquela noite; na noite anterior não passara de uma lasca.

*O que sabe agora que não sabia quando nos deixou?*, perguntaria o homem amável assim que a visse. *Sei que Brea, a filha de Brusco, se encontra com um rapaz no telhado quando o pai está dormindo*, pensou. *Talea diz que Brea deixa que ele a toque, mesmo ele sendo só uma ratazana dos telhados, e que supostamente todas as ratazanas dos telhados são ladrões*. Mas essa era só uma coisa. Gata precisaria de mais duas. Não estava preocupada. Havia sempre coisas novas a aprender nos navios.

Quando voltaram para casa, Gata ajudou os filhos de Brusco a descarregar o barco. Brusco e as filhas dividiram o marisco entre três carrinhos de mão, dispondo-o sobre camadas de algas.

– Voltem quando tudo estiver vendido – ele disse às garotas, como fazia todas as manhãs, e elas partiram para anunciar o pescado. Brea levaria seu carrinho de mão até o Porto Púrpura, para vender aos marinheiros bravosianos cujos navios se encontravam ancorados ali. Talea experimentaria as vielas em volta da Lagoa da Lua, ou venderia entre os templos da Ilha dos Deuses. Gata se dirigiria para Porto do Trapeiro, como fazia nove dias em dez.

Só aos bravosianos era permitido o uso do Porto Púrpura, da Cidade Afogada e do Palácio do Senhor do Mar; navios pertencentes às cidades-irmãs e do resto do grande mundo tinham de usar o Porto do Trapeiro,

mais pobre, violento e sujo. Também mais barulhento, pois marinheiros e mercadores de meia centena de terras se aglomeravam em seus cais e vielas, misturando-se com aqueles que os serviam e os depredavam. Era o lugar de que a Gata mais gostava em Bravos. Gostava do barulho e dos cheiros estranhos, e de ver que navios tinham chegado na maré da noite e que outros haviam partido. Também gostava dos marinheiros; dos ruidosos tyroshi com suas vozes trovejantes e barbas pintadas; dos lisenos de cabelos claros, sempre tentando baixar os preços mais uma ninharia; dos atarracados e peludos marinheiros do Porto de Ibben, rosnando pragas em vozes baixas e ásperas. Seus preferidos eram os ilhéus do verão, com suas peles tão lisas e escuras como teca. Usavam mantos de penas vermelhas, verdes e amarelas, e os grandes mastros e velas brancas de seus navios cisne eram magníficos.

Por vezes também havia gente de Westeros, remadores e marinheiros de carracas de Vilavelha, galés mercantes de Valdocaso, Porto Real e Vila Gaivota, cocas vinícolas de casco largo vindas da Árvore. Gata conhecia as palavras bravosianas para mexilhões, conquilhas e amêijoas, mas ao longo do Porto do Trapeiro apregoava a mercadoria em língua franca, a dos ancoradouros, docas e tabernas de marinheiro, uma grosseira confusão de palavras e frases numa dúzia de línguas, acompanhada por sinais e gestos de mãos, a maioria dos quais insultuosa. Era desses que Gata mais gostava. Qualquer homem que a incomodasse habilitava-se a ver a figa ou a ouvir-se descrito como caralho de burro ou cu de camelo.

"Talvez nunca tenha visto um camelo", dizia-lhes, "mas reconheço um cu de camelo quando sinto o cheiro".

Muito de vez em quando aquilo enfurecia alguém, mas nas ocasiões em que isso acontecia, tinha sua lâmina de dedo. Mantinha-a muito afiada, e sabia como usá-la. Roggo Vermelho lhe ensinara uma noite, em Porto Feliz, enquanto esperava que Lanna ficasse livre. Mostrara-lhe como escondê-la na manga e fazê-la deslizar para fora só quando dela precisasse, e como cortar uma bolsa de um modo tão suave e rápido que as moedas estariam todas gastas antes que o dono desse por sua falta. Era bom saber aquilo, até o homem amável concordara; especialmente à noite, quando os espadachins e as ratazanas dos telhados andavam pelas ruas.

Gata fizera amigos ao longo dos atracadouros; carregadores e saltimbancos, cordoeiros e reparadores de velas, taberneiros, cervejeiros, padeiros, pedintes e prostitutas. Compravam-lhe amêijoas e conquilhas, contavam-lhe histórias verdadeiras sobre Bravos e mentiras sobre suas vidas, e riam-se do modo como as palavras saíam quando ela tentava falar bravosi. Nunca permitia que isso a incomodasse. Em vez disso, mostrava-lhes a figa e dizia-lhes que eram cus de camelo, o que os fazia rugir risadas. Gyloro Dothare ensinou-lhe canções sujas, e seu irmão Gyleno lhe disse quais eram os melhores lugares para apanhar enguias. Os saltimbancos do Navio mostraram-lhe a pose de um herói e lhe ensinaram discursos tirados da *Canção do Roine*, das *Duas Esposas do Conquistador* e da *Lasciva Senhora do Mercador*. Pena, o homenzinho de olhos tristes, que inventava todas as farsas obscenas para o Navio, ofereceu-se para lhe ensinar como uma mulher deve beijar, mas Tagganaro bateu-lhe com um bacalhau e pôs fim àquela conversa. Cossomo, o Prestidigitador, a instruiu em truques de mãos. Era capaz de engolir ratos e de tirá-los das orelhas.

– É magia – disse.

– Não é nada – Gata rebateu. – O rato esteve o tempo todo em sua manga. Eu o vi se mexer.

*Ostras, amêijoas, conquilhas* eram suas palavras mágicas, e, como todas as boas palavras mágicas, conseguiam levá-la a quase qualquer lugar. Abordara navios vindos de Lys, Vilavelha e do Porto de Ibben e vendera-lhes ostras em pleno convés. Em certos dias empurrava o carrinho de mão perto das torres dos poderosos, para oferecer amêijoas cozidas aos guardas que lhes protegiam os portões. Uma vez apregoara o pescado nos degraus do Palácio da Verdade, e quando outro vendedor ambulante tentara correr com ela, virou seu carro e espalhou suas ostras pela rua de pedra. Funcionários da alfândega do Porto Axadrezado compravam seus mariscos, e o mesmo faziam os remadores da Cidade Afogada, cujas cúpulas e torres afundadas se projetavam das águas verdes da lagoa. Certa vez, quando Brea ficara de cama por causa do sangue da lua, Gata empurrou o carrinho de mão até o Porto Púrpura para vender caranguejos e camarões aos remadores da barcaça de prazer do Senhor do Mar, coberta da proa à popa com rostos sorridentes. Em outros dias, seguia o rio de água doce até a Lagoa da Lua. Vendia a espadachins

fanfarrões vestidos de cetim listrado e a guardiães das chaves e funcionários judiciais com seus monótonos casacos marrons e cinzentos. Mas regressava sempre ao Porto do Trapeiro.

*Ostras, amêijoas, conquilhas*, gritava a garota enquanto empurrava o carrinho de mão ao longo dos ancoradouros. *Mexilhões, camarões e conquilhas*. Um sujo gato cor de laranja pôs-se a segui-la, atraído pelo som de seu pregão. Mais à frente, um segundo gato surgiu, uma triste coisa cinzenta suja de lama, com a cauda cortada. Os gatos gostavam do cheiro da Gata. Em certos dias, acabava com uma dúzia deles atrás de si antes do pôr do sol. De vez em quando, a garota atirava-lhes uma ostra e ficava observando, para ver qual deles conseguia levá-la. Reparou que os machos maiores raramente ganhavam; o mais comum era que o prêmio coubesse a um animal menor e mais rápido, magro, mau e esfomeado. *Como eu*, dizia a si mesma. Seu preferido era um velho macho muito magro, com uma orelha roída que a fazia se lembrar de um gato que outrora perseguira por toda a Fortaleza Vermelha. *Não, isso foi outra garota qualquer, não fui eu.*

Gata viu que dois dos navios que tinham estado ali no dia anterior haviam desaparecido, mas cinco novos tinham ancorado; uma pequena carraca chamada *Macaco de Bronze*, um enorme baleeiro ibenês que fedia a piche, sangue e óleo de baleia, duas cocas em mau estado provenientes de Pentos e uma esguia galé verde originária da Velha Volantis. Ela parou na base de todas as pranchas para apregoar suas amêijoas e ostras, uma vez na língua franca e outra no Idioma Comum de Westeros. Um tripulante do baleeiro a amaldiçoou tão alto, que afugentou os gatos que a acompanhavam, e um dos remadores de Pentos perguntou-lhe quanto queria pela amêijoa que tinha entre as pernas. Mas teve melhor sorte nos outros navios. Um imediato na galé verde devorou meia dúzia de ostras e contou-lhe como seu capitão havia sido morto pelos piratas lisenos que tinham tentado abordá-los perto dos Degraus.

– Foi aquele bastardo do Saan, com o *Filho da Velha Mãe* e seu grande *Valiriana*. Escapamos, mas por pouco.

O pequeno *Macaco de Bronze* revelou-se proveniente de Vila Gaivota, com uma tripulação de Westeros que ficou feliz por falar com alguém no Idioma Comum. Um deles perguntou como uma garota de Porto Real

tornara-se vendedora de mexilhões nas docas de Bravos, de modo que foi obrigada a contar sua história.

– Ficamos aqui durante quatro dias e quatro longas noites – disse-lhe outro. – Onde um homem deve ir para encontrar um pouco de diversão?

– Os saltimbancos no Navio estão apresentando *Os Sete Remadores Bêbados* – ela respondeu –, e há lutas de enguias na Adega Malhada, junto dos portões da Cidade Afogada. Ou, se quiserem, podem ir à Lagoa da Lua, onde os espadachins travam duelos à noite.

– Sim, isso é bom – disse outro marinheiro –, mas o que Wat queria mesmo era uma mulher.

– As melhores prostitutas são as do Porto Feliz, lá embaixo, onde está ancorado o Navio dos saltimbancos – ela apontou o lugar. Algumas das prostitutas das docas eram perigosas, e os marinheiros recém-chegados nunca sabiam quais. S'vrone era a pior. Todos diziam que assaltara e matara uma dúzia de homens, fazendo rolar os corpos para os canais, a fim de alimentar as enguias. A Filha Bêbada podia ser amável quando sóbria, mas não quando tomada pelo vinho. E Jeyne Úlcera era, na realidade, um homem. – Pergunte pela Divertida. Seu verdadeiro nome é Meralyn, mas todo mundo a chama de Divertida, e é o que ela é – Divertida comprava uma dúzia de ostras toda vez que Gata passava pelo bordel e as partilhava com suas garotas. Tinha bom coração, todos diziam. "Isso, e o maior par de tetas de toda a Bravos", ela gostava de alardear sobre si mesma.

Suas garotas também eram simpáticas; Bethany Corada e Esposa do Marinheiro, Yna Zarolha, que sabia ler o destino numa gota de sangue, a pequena e bonita Lanna, até Assadora, a mulher ibenesa com bigode. Podiam não ser belas, mas eram gentis com ela.

– Porto Feliz é o lugar onde vão todos os carregadores – Gata garantiu aos homens do *Macaco de Bronze*. – "Os rapazes descarregam os navios", Divertida sempre diz, "e minhas garotas descarregam os rapazes que neles navegam".

– E aquelas prostitutas finas sobre as quais os cantores cantam? – perguntou o macaco mais novo, um rapaz ruivo com sardas que não devia ter mais de dezesseis anos. – São tão bonitas como dizem? Onde é que arranjo uma delas?

Os camaradas olharam para ele e riram.

– Com os sete infernos, rapaz – disse um deles. – Pode ser que o capitão pudesse arranjar para si uma cortesã, mas só se vendesse a porra do navio. Esse tipo de boceta é para senhores e pessoas assim, não para gente como nós.

As cortesãs de Bravos tinham fama em todo o mundo. Cantores cantavam sobre elas, ourives e joalheiros banhavam-nas de presentes, artesãos suplicavam pela honra de fazerem negócio com elas, príncipes mercadores pagavam preços régios para tê-las nos braços em bailes, banquetes e espetáculos de saltimbancos, e espadachins matavam-se uns aos outros em nome delas. Enquanto ia empurrando o carrinho de mão ao longo dos canais, por vezes Gata vislumbrava uma delas flutuando por perto, a caminho de passar uma noite com um amante qualquer. Cada cortesã tinha sua própria barcaça e criados para levá-la aos seus encontros. Poetisa carregava sempre um livro na mão, Sombra de Lua usava apenas branco e prata, e Rainha Bacalhau nunca era vista sem suas Sereias, quatro jovens donzelas no rubor de sua primeira floração que lhe sustinham a cauda do vestido e lhe penteavam os cabelos. Cada cortesã era mais bela do que a outra. Até a Senhora Velada era bela, embora só aqueles que tomava como amantes chegassem a ver seu rosto.

– Vendi três conquilhas a uma cortesã – Gata disse aos marinheiros. – Chamou por mim quando saía da barcaça – Brusco deixara-lhe claro que nunca devia falar com uma cortesã, a menos que ela falasse primeiro, mas a mulher sorrira-lhe e lhe pagara em prata, dez vezes mais do que as conquilhas valiam.

– E quem era? A Rainha das Conquilhas?

– Pérola Negra – disse-lhes. Divertida afirmava que Pérola Negra era a mais famosa de todas as cortesãs.

"Essa descende dos dragões", a mulher lhe dissera. "A primeira Pérola Negra era uma rainha pirata. Um príncipe de Westeros tomou-a como amante e com ela teve uma filha, que cresceu para se tornar cortesã. Sua filha a sucedeu, e a filha *desta* sucedeu à mãe, até chegar à atual. Que foi que ela te disse, Gata?"

Ao que ela respondeu: "Disse '*Quero três conquilhas'* e '*Tem um pouco de molho picante, pequena?'*"

"E você disse o quê?"

“Disse ‘*Não, minha senhora’* e ‘*Não me chame de pequena. Meu nome é Gata*’. Devia ter molho picante. Beqqo tem, e vende três vezes mais ostras do que Brusco.”

Gata também contara ao homem amável sobre Pérola Negra.

– Seu verdadeiro nome é Bellegere Otherys – ela lhe disse. Aquela era uma das três coisas que tinha descoberto.

– Sim – disse o sacerdote em voz baixa. – A mãe era Bellonara, mas a primeira Pérola Negra também se chamava Bellegere.

Mas Gata sabia que os homens do *Macaco de Bronze* não se importavam com o nome da mãe de uma cortesã. Em vez disso, pediu-lhes notícias dos Sete Reinos e da guerra.

– Guerra? – um deles riu. – Que guerra? Não há guerra nenhuma.

– Não há guerra em Vila Gaivota – disse outro. – Não há guerra no Vale. O pequeno senhor nos manteve fora dela, como a mãe já tinha feito.

*Como a mãe já tinha feito*. A senhora do Vale era irmã da sua mãe.

– A Senhora Lysa – disse –, ela está...?

– ... morta? – concluiu o rapaz sardento cuja cabeça estava cheia de cortesãs. – Sim. Assassinada pelo seu próprio cantor.

– Oh – *não é nada para mim. A Gata dos Canais nunca teve uma tia. Nunca teve*. Ela ergueu o carrinho de mão e o empurrou, para longe do *Macaco de Bronze*, aos saltos nas ruas de pedra. – Ostras, amêijoas e conquilhas – gritou. – Ostras, amêijoas e conquilhas – vendeu a maior parte das amêijoas aos carregadores que descarregavam a grande coca vinícola da Árvore, e o resto aos homens que reparavam uma galé mercante de Myr, danificada pelas tempestades.

Mais à frente, nas docas, encontrou Tagganaro sentado com as costas apoiadas num pilar, ao lado de Casso, o Rei das Focas. Comprou-lhe alguns mexilhões, e Casso latiu e deixou que ela lhe apertasse a barbatana.

– Venha trabalhar comigo, Gata – pediu Tagganaro enquanto chupava a carne dos mexilhões. Andava em busca de um novo parceiro desde que a Filha Bêbada espetara a faca na mão do Pequeno Narbo. – Pagaria mais do que Brusco, e você não ficaria cheirando a peixe.

– Casso gosta do meu cheiro – ela disse. O Rei das Focas latiu, como que concordando. – A mão de Narbo não está melhor?

– Três dedos não se dobram – lamentou-se Tagganaro, entre chupadas nos mexilhões. – Para que presta um ladrão que não pode usar os dedos? Narbo era bom em pegar bolsas, mas não tão bom em pegar prostitutas.

– Divertida diz o mesmo – Gata tinha pena. Gostava do Pequeno Narbo, mesmo ele sendo um ladrão. – O que ele vai fazer?

– Diz que vai puxar um remo. Bastam-lhe dois dedos para isso, ele acha, e o Senhor do Mar anda sempre à procura de mais remadores. Eu lhe digo: "Narbo, não. Esse mar é mais frio do que uma donzela e mais cruel do que uma puta. É melhor que corte a mão e se ponha a pedir". Casso sabe que tenho razão. Não sabe, Casso?

A foca latiu, e Gata não conseguiu deixar de sorrir. Atirou-lhe mais uma conquilha antes de voltar à sua vida.

O dia estava quase no fim quando ela chegou ao Porto Feliz, na viela em frente ao local onde o Navio estava atracado. Alguns dos saltimbancos encontravam-se sentados no topo do casco riscado, passando um odre de vinho de mão em mão, mas quando viram o carrinho da Gata desceram para comer algumas ostras. Ela lhes perguntou como iam os Sete Remadores Bêbados. Joss, o Sombrio, balançou a cabeça.

– Quence finalmente encontrou Allaquo na cama com Sloey. Atiraram-se um ao outro com espadas de brinquedo, e ambos nos deixaram. Segundo parece, esta noite seremos só cinco remadores bêbados.

– Tentaremos compensar em embriaguez aquilo que nos falta em remadores – declarou Myrmello. – Eu, pelo menos, estou à altura da tarefa.

– Pequeno Narbo quer ser remador – Gata lhes disse. – Se ficassem com ele, seriam seis.

– É melhor ir ter com a Divertida – Joss rebateu. – Sabe muito bem como ela fica aborrecida quando lhe faltam as ostras.

Mas, quando Gata adentrou o bordel, foi encontrar Divertida sentada na sala comum, de olhos fechados, ouvindo Dareon tocar sua harpa. Yna também se encontrava ali, entrançando os belos e longos cabelos dourados de Lanna. Outra estúpida canção de amor. Lanna estava sempre pedindo ao cantor para lhe tocar estúpidas canções de amor. Era a mais nova das prostitutas, com apenas catorze anos. Gata sabia que a Divertida pedia por ela três vezes mais do que por qualquer uma das outras garotas.

Ver Dareon ali sentado, tão insolente, secando Lanna com os olhos enquanto os dedos dançavam nas cordas da harpa a irritou. As prostitutas o chamavam de o cantor negro, mas agora quase não havia negro nele. Com o dinheiro que as canções lhe trazia, o corvo transformara-se num pavão. Naquele dia usava um manto de veludo púrpura forrado com veiro, uma túnica com listras brancas e lilases, e calças de duas cores de espadachim, mas também possuía um manto de seda e outro feito de veludo borgonha que era forrado com pano de ouro. O único negro que trazia estava nas botas. A Gata ouvira-o dizer a Lanna que atirara todo o resto em um canal.

"Cansei de escuridão", ele tinha anunciado.

*Ele é um homem da Patrulha da Noite*, pensou, enquanto o cantor cantava sobre uma senhora estúpida qualquer que se atirara de uma estúpida torre porque seu estúpido príncipe estava morto. *A senhora devia matar aqueles que assassinaram o príncipe. E o cantor devia estar na Muralha*. Quando Dareon aparecera pela primeira vez em Porto Feliz, Arya quase perguntara se a levaria consigo para Atalaialeste, mas depois o ouvira dizer a Bethany que nunca regressaria.

"Camas duras, bacalhau salgado e patrulhas sem fim, a Muralha é isso", dissera. "Além do mais, não há em Atalaialeste ninguém que chegue aos seus calcanhares em beleza. Como é que eu poderia deixá-la?" Gata ouvira dizer que ele falara o mesmo a Lanna, e a uma das prostitutas da Gataria, e até ao Rouxinol, na noite em que tocou na Casa das Sete Lâmpadas.

*Gostaria de ter estado aqui na noite em que o gordo bateu nele*. As prostitutas da Divertida ainda riam da cena. Yna disse que o gordo ficara vermelho como uma beterraba a cada vez que o tocara, mas quando a confusão começou a se armar, Divertida mandara arrastá-lo para fora e atirá-lo ao canal.

Gata pensava no gordo, lembrando-se de como o salvara de Terro e de Orbello, quando a Esposa do Marinheiro surgiu à sua frente.

– Ele canta uma canção bonita – murmurou em voz baixa, no Idioma Comum de Westeros. – Os deuses devem tê-lo amado para lhe dar uma voz assim, e aquele rosto bonito também.

*Ele é bonito de rosto e feio de coração*, Arya pensou, mas nada disse. Dareon casara-se uma vez com a Esposa do Marinheiro, que só se deitava

com homens que a desposassem. Por vezes, Porto Feliz tinha três ou quatro casamentos por noite. Era frequente que Ezzelyno, o alegre e ensopado em vinho sacerdote vermelho, executasse os ritos. Quando não era ele, era Eustace, que outrora fora septão no Septo-do-Ultramar. Se nem sacerdote nem septão estivessem disponíveis, uma das prostitutas corria ao Navio e trazia um saltimbanco. Divertida afirmava sempre que os saltimbancos davam sacerdotes muito melhores do que os de verdade, especialmente Myrmello.

Os casamentos eram ruidosos e alegres, com muita bebida. Sempre que Gata aparecia com seu carrinho de mão, a Esposa do Marinheiro insistia para que seu novo marido lhe comprasse algumas ostras, para lhe dar potência para a consumação. Tinha essa maneira de ser boa, e também era rápida para rir, mas Gata achava que também havia algo de triste nela.

As outras prostitutas diziam que a Esposa do Marinheiro visitava a Ilha dos Deuses nos dias em que sua flor se encontrava em florescência, e que conhecia todos os deuses que ali viviam, até aqueles que Bravos esquecera. Diziam que ela ia rezar por seu primeiro marido, seu marido verdadeiro, que se perdera no mar quando ela não era mais velha do que Lanna.

"Acha que se encontrar o deus certo, ele talvez envie os ventos e sopre seu velho amor de volta para ela", dizia Yna Zarolha, que a conhecia havia mais tempo, "mas eu rezo para que isso nunca aconteça. Seu amor está morto, consegui saboreá-lo em seu sangue. Se alguma vez regressar para junto dela, será um cadáver".

A canção de Dareon estava finalmente terminando. Enquanto as últimas notas se desvaneciam no ar, Lanna soltou um suspiro e o cantor pôs a harpa de lado e a puxou para seu colo. Tinha começado a lhe fazer cócegas quando Gata disse em voz alta:

– Há ostras, se alguém quiser – então, os olhos de Divertida se abriram.

– Ótimo – disse a mulher. – Traga-as aqui, filha. Yna, vá buscar um pouco de pão e vinagre.

O sol rubro e inchado pendia no céu por trás da fileira de mastros quando Gata se retirou de Porto Feliz, com uma gorda bolsa de moedas e um carrinho de mão vazio, exceto pelo sal e pelas algas. Dareon também

estava saindo. Prometera cantar na Estalagem da Enguia Verde naquela noite, ele lhe disse enquanto caminhavam juntos.

– Todas as vezes que toco na Enguia saio de lá com prata – gabou-se –, e em certas noites há capitães e donos de navios ali – cruzaram uma pequena ponte e abriram caminho por uma retorcida rua secundária enquanto as sombras do dia se tornavam mais longas. – Logo estarei tocando no Púrpura, e depois disso no Palácio do Senhor do Mar – prosseguiu Dareon. O carrinho vazio da Gata estrondeava nas ruas de pedra, fazendo sua própria espécie de música matraqueada. – Ontem comi arenque com as prostitutas, mas antes de se passar um ano estarei comendo caranguejo-imperador com as cortesãs.

– O que aconteceu ao seu irmão? – Gata lhe perguntou. – O gordo. Conseguiu arranjar navio para Vilavelha? Disse que estava previsto que embarcasse na *Senhora Ushanora*.

– Estava previsto que todos embarcássemos nesse navio. Ordens de Lorde Snow. Eu disse ao Sam: "deixe o velho", mas o idiota do gordo não quis me dar ouvidos – a última luz do sol poente brilhou em seus cabelos. – Bem, agora é tarde demais.

– Isso é certo – Gata respondeu quando penetraram nas sombras de uma pequena viela retorcida.

Quando ela voltou para a casa de Brusco, um nevoeiro noturno formava-se por cima do pequeno canal. Arrumou o carrinho de mão, encontrou Brusco em seu quarto das contas e deixou cair a bolsa com estrondo na mesa à sua frente, assim como as botas.

Brusco deu uma palmada na bolsa.

– Ótimo. Mas o que é isto?

– Botas.

– É difícil encontrar boas botas – disse Brusco –, mas essas são pequenas demais para os meus pés. – Pegou um pé e o examinou de olhos semicerrados.

– A lua estará negra esta noite – ela o lembrou.

– Então é melhor rezar – Brusco pôs as botas de lado e despejou as moedas para contá-las. – *Valar dohaeris*.

*Valar morghulis*, ela pensou.

Erguia-se nevoeiro por todo lado quando se pôs a caminho pelas ruas de Bravos. Tremia um pouco quando empurrou a porta de represeiro e

entrou na Casa do Preto e Branco. Naquela noite só havia algumas velas ardendo, tremeluzindo como estrelas caídas. Na escuridão, todos os deuses eram estranhos.

Nas câmaras subterrâneas, desprendeu o manto esfarrapado da Gata, despiu pela cabeça a túnica marrom fedendo a peixe da Gata, descalçou com um pontapé as botas manchadas de sal da Gata, libertou-se da roupa de baixo da Gata e banhou-se em água com limão, a fim de se ver livre até do cheiro da Gata dos Canais. Quando emergiu, ensaboada e esfregada até ficar cor-de-rosa, e com os cabelos castanhos colados ao rosto, a Gata desaparecera. Envergou vestes limpas e um par de macios chinelos de tecido, e dirigiu-se às cozinhas, a fim de mendigar um pouco de comida a Umma. Os sacerdotes e acólitos já tinham comido, mas a cozinheira guardara para ela um pouco de bom bacalhau frito e uma porção de purê de nabo amarelo. Devorou a comida, lavou o prato e então foi ajudar a criança abandonada a preparar suas poções.

A parte que lhe competia era principalmente ir buscar coisas, escalando escadas acima para encontrar as ervas e as folhas de que a criança abandonada precisava.

– O sonodoce é o mais gentil dos venenos – disse-lhe a criança abandonada, enquanto esmagava um pouco com um almofariz e um pilão. – Alguns grãos abrandam os batimentos do coração, evitam que a mão trema e fazem que um homem se sinta calmo e forte. Uma pitada dá uma noite de sono profundo e sem sonhos. Três produzem aquele sono que não termina. O sabor é muito doce, por isso é melhor usá-lo em bolos, tortas e vinhos com mel. Tome, sinta o aroma da doçura – deixou-a absorver o cheiro, após o que a mandou escada acima buscar uma garrafa de vidro vermelho. – Este é um veneno mais cruel, mas não tem sabor nem cheiro, de modo que é mais fácil de esconder. Os homens o chamam lágrimas de Lys. Dissolvido em vinho ou água, corrói as entranhas e a barriga de um homem e mata como uma doença desses órgãos. Cheire – Arya obedeceu, e não sentiu cheiro de nada. A criança abandonada pôs as lágrimas de um lado e abriu um grosso frasco de pedra. – Esta pasta está temperada com sangue de basilisco. Dá um aroma saboroso à carne cozida, mas, se for comida, produz uma loucura violenta, tanto em animais como nos homens. Um rato atacará um leão depois de provar sangue de basilisco.

Arya mordeu o lábio.

– E isso funciona em cães?

– Em qualquer animal de sangue quente – a criança abandonada a esbofeteou.

Arya levou a mão ao rosto, mais surpresa do que magoada.

– Por que fez isso?

– É Arya da Casa Stark quem morde o lábio sempre que está pensando. É Arya da Casa Stark?

– Não sou ninguém – estava zangada. – Quem é você?

Não esperava que a criança abandonada respondesse, mas ela respondeu.

– Nasci filha única de uma Casa antiga, herdeira de meu nobre pai. Minha mãe morreu quando eu era pequena, não tenho nenhuma lembrança dela. Quando tinha seis anos, meu pai voltou a se casar. Sua nova esposa tratou-me bem até dar à luz uma filha sua. Então, foi seu desejo que eu morresse, para que seu sangue herdasse a riqueza de meu pai. Devia ter procurado o favor do Deus de Muitas Faces, mas não podia suportar o sacrifício que ele lhe pediria. Em vez disso, planejou ela mesma me envenenar. O veneno deixou-me como me vê agora, mas não morri. Quando os curandeiros da Casa das Mãos Vermelhas contaram ao meu pai o que ela tinha feito, ele veio até aqui e fez um sacrifício, oferecendo toda sua riqueza e a mim. O das Muitas Faces ouviu suas preces. Fui trazida para o templo para servir, e a esposa do meu pai recebeu o presente.

Arya observou-a, desconfiada.

– Isso é verdade?

– Há nisso verdade.

– E também há mentiras?

– Há uma falsidade, e um exagero.

Arya estivera observando o rosto da criança abandonada durante todo o tempo que passara contando a história, mas a outra garota não mostrara sinais.

– O Deus das Muitas Faces ficou com dois terços da riqueza do seu pai, não com a riqueza toda.

– Isso mesmo. Foi esse o meu exagero.

Arya sorriu, percebeu que estava sorrindo, e deu um beliscão na bochecha. *Governe seu rosto*, disse a si mesma. *Meu sorriso é meu criado, deve surgir às minhas ordens.*

– Qual parte era mentira?

– Nenhuma. Menti sobre a mentira.

– Mentiu? Ou está mentindo agora?

Mas antes de a criança abandonada ter tempo de responder, o homem amável entrou na sala, sorrindo.

– Regressou para junto de nós.

– A lua está negra.

– Está. Que três coisas sabe e não sabia da última vez que nos deixou?

*Sei trinta coisas novas*, quase respondeu.

– Três dos dedos do Pequeno Narbo não se dobram. Quer ser um remador.

– É bom saber disso. E o que mais?

Recordou seu dia.

– Quence e Alaquo lutaram um com o outro e deixaram o Navio, mas acho que vão voltar.

– Só acha, ou *sabe*?

– Só acho – teve de confessar, embora estivesse segura daquilo. Os saltimbancos tinham de comer, assim como os outros homens, e Quence e Alaquo não eram suficientemente bons para a Lanterna Azul.

– Isso mesmo – disse o homem amável. – E a terceira coisa?

Daquela vez não hesitou.

– Daeron está morto. O cantor negro que dormia no Porto Feliz. Era na verdade um desertor da Patrulha da Noite. Alguém lhe cortou a garganta e o empurrou para um canal, mas ficaram com as botas.

– Boas botas são difíceis de encontrar.

– Isso mesmo – tentou manter o rosto imóvel.

– Pergunto a mim mesmo quem poderia ter feito uma coisa dessas.

– Arya da Casa Stark – observou os olhos do homem, sua boca, os músculos do seu maxilar.

– Essa garota? Julgava que ela tinha deixado Bravos. Quem é você?

– Ninguém.

– Mente – virou-se para a criança abandonada. – Tenho a garganta seca. Faça-me um favor, traga uma taça de vinho para mim e leite quente para

nossa amiga Arya, que regressou para junto de nós tão inesperadamente.

Ao longo da viagem pela cidade, Arya interrogara-se sobre o que o homem amável diria quando lhe contasse sobre Dareon. Talvez ficasse zangado com ela, ou talvez contente por ela ter dado ao cantor a dádiva do Deus das Muitas Faces. Representara aquela conversa na cabeça meia centena de vezes, como um saltimbanco num espetáculo. Mas nunca pensara em *leite quente*.

Quando o leite chegou, Arya o bebeu. Cheirava um pouco a queimado e deixava um sabor amargo na boca.

– Agora vá para a cama, filha – disse o homem amável. – Amanhã tem de servir.

Naquela noite voltou a sonhar que era um lobo, mas este era diferente dos outros. Neste sonho não havia alcateia. Vagueava só, saltando pelos telhados e caminhando em silêncio junto das margens de um canal, perseguindo sombras através do nevoeiro.

Quando acordou na manhã seguinte, estava cega.

## SAMWELL

*Vento de Canela* era um navio cisne originário da Vila das Árvores Altas, nas Ilhas do Verão, onde os homens eram negros, as mulheres sensuais, e os deuses estranhos. Não havia um septão a bordo que os liderasse nas orações de passagem para o outro mundo, e por isso a tarefa coube a Samwell Tarly, em algum lugar ao largo da costa meridional e ressequida pelo sol de Dorne.

Sam vestiu seus panos negros para proferir as palavras, embora a tarde estivesse quente e úmida, quase sem uma aragem.

– Ele era um bom homem – começou... Mas assim que articulou as palavras soube que estavam erradas. – Não. Ele era um *grande* homem. Um meistre da Cidadela, acorrentado e juramentado, e Irmão Juramentado da Patrulha da Noite, sempre fiel. Quando nasceu, deram-lhe o nome de um herói que morrera novo demais, mas, embora tenha vivido muito, muito tempo, sua vida não foi menos heroica. Não há homem mais sábio, mais gentil, mais bondoso. Na Muralha, uma dúzia de Senhores Comandantes chegou e partiu durante seus anos de serviço, mas ele sempre esteve lá para lhes dar conselhos. Também aconselhou reis. Ele mesmo podia ter sido rei, mas quando lhe ofereceram a coroa disse-lhes que a deviam dar ao irmão mais novo. Quantos homens o fariam? – Sam sentiu as lágrimas lhe subirem aos olhos e soube que não conseguiria prosseguir durante muito tempo. – Ele era do sangue do dragão, mas agora seu fogo se apagou. Ele era Aemon Targaryen. E agora sua vigília terminou.

– E agora sua vigília terminou – murmurou Goiva quando ele se calou, embalando o bebê nos braços. Kojja Mo serviu-lhe de eco no Idioma Comum de Westeros, e depois repetiu as palavras na língua do verão para Xhondo, o pai e o resto da tripulação ali reunida. Sam deixou pender a cabeça e começou a chorar, com soluços tão sonoros e cheios de dor que

faziam seu corpo todo tremer. Goiva colocou-se ao seu lado e o deixou chorar em seu ombro. Havia lágrimas em seus olhos também.

O ar estava úmido, e quente, e calmo de morte, enquanto *Vento de Canela* encontrava-se à deriva num mar de um azul profundo, bem longe de vista da terra.

– Sam Preto disse boas palavras – Xhondo falou. – Agora bebemos à sua vida – gritou qualquer coisa na língua do verão, e um casco de rum temperado foi rolado para o convés e aberto, para que aqueles que estavam de serviço pudessem emborcar uma taça em memória do velho dragão cego. A tripulação só o conhecera por pouco tempo, mas os ilhéus de verão reverenciavam os idosos e celebravam seus mortos.

Sam nunca tinha bebido rum. A bebida era estranha e subia à cabeça; a princípio doce, mas com um amargor de fogo que lhe queimou a língua. Estava cansado, muito cansado. Doía-lhe cada músculo do corpo, e havia outras dores em lugares onde Sam nem sabia que existiam músculos. Tinha os joelhos rígidos, as mãos cobertas de bolhas recém-surgidas e pedaços de pele pegajosos, em carne viva, onde as bolhas antigas tinham rebentado. Mas, assim mesmo, o rum e a tristeza pareceram afastar as dores para longe.

– Se tivéssemos conseguido levá-lo para Vilavelha, os arquimeistres podiam tê-lo salvo – disse a Goiva enquanto bebiam rum no alto castelo de proa do *Vento de Canela*. – Os curandeiros da Cidadela são os melhores dos Sete Reinos. Durante algum tempo pensei... esperei...

Em Bravos, a recuperação de Aemon parecera possível. A conversa de Xhondo sobre dragões quase pareceu fazer que o velho voltaria a ser quem fora. Naquela noite tinha comido até o fim aquilo que Sam lhe pusera na frente.

“Nunca ninguém procurou uma garota”, dissera, “Fora um príncipe a ser prometido, não uma princesa. Rhaegar, pensava eu... a fumaça era do incêndio que devou Solarestival no dia de seu nascimento, o sal vinha das lágrimas derramadas por aqueles que morreram. Ele partilhou minha crença quando era novo, mas mais tarde persuadiu-se de que seria o filho a cumprir a profecia, pois um cometa foi visto no céu de Porto Real na noite em que Aegon foi concebido, e Rhaegar tinha certeza de que a estrela sangrando era um cometa. Que tolos fomos por nos julgarmos tão sábios! O erro teve origem na tradução. Os dragões não são nem machos

nem fêmeas, Barth viu aí a verdade, mas ora uma coisa, ora outra, tão mutáveis como chamas. A língua nos induziu em erro durante mil anos. A escolhida é *Daenerys*, nascida entre sal e fumaça. Os dragões assim nos provam." Tinha bastado falar dela para parecer fortalecê-lo. "Tenho de ir ter com ela. *Tenho* de ir. Gostaria de ser ao menos dez anos mais novo."

O velho tornou-se tão determinado que até subiu sozinho a prancha de embarque do *Vento de Canela*, depois de Sam ter negociado o transporte do grupo. Já dera a Xhondo a espada e a bainha, para compensar o grande imediato pelo manto de penas que estragara ao salvar Sam de morrer afogado. A única coisa de valor que ainda lhe restava eram os livros que tinham trazido das câmaras de Castelo Negro. Sam separara-se deles com um humor sombrio.

"Destinavam-se à Cidadela", disse, quando Xhondo lhe perguntou o que se passava. Quando o imediato traduziu aquelas palavras, o capitão deu risada.

"Quhuru Mo diz que os homens cinzentos ainda terão esses livros", dissera-lhe Xhondo, "só que os comprarão de Quhuru Mo. Os meistres dão boa prata por livros que não conseguem encontrar, e às vezes ouro vermelho e amarelo."

O capitão também quis a corrente de Aemon, mas isto Sam recusara. Ceder a corrente era uma grande vergonha para qualquer meistre, explicou-lhe. Xhondo teve de voltar três vezes a essa parte até que Quhuru Mo a aceitasse. Quando o acordo foi feito, Sam estava reduzido às botas, aos panos pretos, à roupa de baixo e ao berrante quebrado que Jon Snow encontrara no Punho dos Primeiros Homens. *Não tive alternativa*, disse a si mesmo. *Não podíamos ficar em Bravos e, fora roubar ou mendigar, não havia outra maneira de pagar pela passagem*. Teria considerado barato três vezes aquele preço se tivessem conseguido levar Meistre Aemon a salvo até Vilavelha.

Mas a viagem para o sul tinha sido tempestuosa, e cada pé de vento cobrava seu preço nas forças e no ânimo do velho. Em Pentos, pedira para ser trazido para o convés, para que Sam pudesse pintar-lhe uma imagem da cidade com palavras, mas aquela tinha sido a última vez que saíra da cama do capitão. Pouco mais tarde, seu espírito recomeçara a vaguear. Quando *Vento de Canela* passou pela Torre que Sangra e entrou

no porto de Tyrosh, Aemon já não falava em tentar encontrar um navio que o levasse para leste. Em vez disso, sua conversa virara-se para Vilavelha e os arquimeistres da Cidadela.

"Tem de lhes contar, Sam", dissera. "Aos arquimeistres. Tem de fazer que compreendam. Os homens que estavam na Cidadela nos meus tempos estão mortos há cinquenta anos. Esses outros não chegaram a me conhecer. Minhas cartas... em Vilavelha devem ter parecido os delírios de um velho desmiolado. Tem de convencê-los onde não consegui. Conte-lhes, Sam... conte-lhes como são as coisas na Muralha... as criaturas e os caminhantes brancos, o frio arrepiante..."

"Contarei", Sam tinha prometido. "Somarei minha voz à sua, meistre. Ambos diremos a eles, os dois, juntos."

"Não", o velho lhe respondeu. "Terá de ser você. Conte-lhes. A profecia... O sonho do meu irmão... A Senhora Melisandre leu mal os sinais. Stannis... Stannis tem em si um pouco de sangue de dragão, é verdade. Os irmãos também tinham. Rhaelle, a filhinha do Ovo, foi através dela que o arranjaram... A mãe do pai deles... Costumava chamar-me Tio Meistre quando era pequena. Lembrei-me disso, por isso me permiti ter esperança... talvez quisesse... Todos nos enganamos a nós mesmos quando queremos acreditar. Acima de todos Melisandre, creio eu. A espada é a errada, ela precisa saber disso... Luz sem calor... Um brilho vazio... A espada é a *errada*, e a falsa luz só pode nos levar para uma escuridão mais profunda, Sam. Nossa esperança é *Daenerys*. Diga-lhes isso, na Cidadela. Obrigue-os a escutá-lo. Têm de lhe mandar um meistre. Daenerys deve ser aconselhada, instruída, *protegida*. Deixei-me ficar todos esses anos à espera, observando, e agora que o dia amanheceu sou velho demais. Estou morrendo, Sam." Lágrimas brotaram de seus alvos olhos cegos quando assim admitiu. "A morte não devia provocar medo a um homem tão velho como eu, mas provoca. Não é uma tolice? É sempre escuro onde estou, por que deveria temer a escuridão? Mas não posso evitar me interrogar sobre o que se seguirá, quando o último calor abandonar meu corpo. Irei banquetear-me para sempre no salão dourado do Pai, como dizem os septões? Voltarei a conversar com o Ovo, encontrarei Dareon inteiro e feliz, ouvirei minhas irmãs cantar para seus filhos? E se forem os senhores dos cavalos quem têm razão? Cavalgarei para sempre pelo céu noturno num garanhão feito de chamas? Ou deverei

regressar a este vale de sofrimento? Quem saberá dizê-lo, realmente? Quem esteve além da muralha da morte e viu? Só as criaturas, e nós sabemos como elas são. Nós sabemos."

Havia muito pouco que Sam pudesse responder àquilo, mas oferecera ao velho o pouco conforto que conseguira dar. E Goiva entrara mais tarde e cantara-lhe uma canção, uma cantiga disparatada que aprendera com algumas das outras mulheres de Craster. A música fizera o velho sorrir e ajudara-o a adormecer.

Esse foi um de seus últimos dias bons. Depois disso, o velho passou mais tempo dormindo do que acordado, enrolado sob uma pilha de peles na cabine do capitão. Por vezes murmurava no sono. Quando acordava, chamava por Sam, insistindo que tinha de lhe dizer uma coisa, mas o mais frequente era que já tivesse se esquecido do que queria falar quando Sam chegava. Mesmo quando se lembrava, seu discurso era pura confusão. Falava de sonhos sem nunca mencionar o sonhador, de uma vela de vidro que não podia ser acesa e de ovos que não eclodiam. Dizia que a esfinge era a adivinha, não o adivinho, qualquer que fosse o significado que isso tivesse. Pedira a Sam que lhe lesse passagens de um livro escrito pelo Septão Barth, cujas obras tinham sido queimadas durante o reinado de Baelor, o Abençoado. Uma vez acordara chorando.

"O dragão tem de ter três cabeças", gemera, "mas eu sou velho e fraco demais para ser uma delas. Devia estar com ela, mostrando-lhe o caminho, mas o corpo traiu-me".

Enquanto *Vento de Canela* abria caminho entre os Degraus, era mais frequente Meistre Aemon esquecer o nome de Sam do que se recordar dele. Em certos dias, tomava-o por um de seus falecidos irmãos.

– Ele estava fraco demais para uma viagem tão longa – Sam disse a Goiva no castelo de proa, após mais um trago de rum. – Jon devia ter sabido. Aemon tinha cento e dois anos, nunca devia ter sido enviado para o mar. Se tivéssemos permanecido em Castelo Negro, ele poderia ter vivido mais dez anos.

– Ou então ela talvez o queimasse. A mulher vermelha – até ali, a mil léguas da Muralha, Goiva sentia-se relutante em dizer o nome da Senhora Melisandre em voz alta. – Ela queria sangue de rei para seus fogos. Val sabia que sim. Lorde Snow também. Foi por isso que me obrigaram a levar o bebê de Dalla e deixar o meu no lugar dele. Meistre

Aemon adormeceu e não acordou, mas, se tivesse ficado, ela o teria queimado.

*Ele vai arder mesmo assim*, Sam pensou, infeliz, *só que agora serei eu a queimá-lo*. Os Targaryen sempre entregavam seus caídos às chamas. Quhuru Mo não autorizara uma pira funerária a bordo do *Vento de Canela*, por isso o cadáver de Aemon foi enfiado em um barril de rum pançapreta a fim de ficar preservado até que o navio chegasse a Vilavelha.

– Na noite antes de morrer, ele perguntou se podia pegar o bebê – Goiva continuou. – Tive medo de que ele o deixasse cair, mas não deixou. Embalou-o e murmurou uma canção para ele, e o filho de Dalla estendeu a mãozinha e tocou-lhe o rosto. Puxou-lhe o lábio de uma tal maneira que pensei que podia machucá-lo, mas só fez o velho dar risada – ela afagou a mão de Sam. – Podíamos chamar o pequeno de Meistre, se quiser. Quando tiver idade, não agora. Podíamos.

– *Meistre* não é um nome. Mas poderia chamá-lo Aemon.

Goiva refletiu sobre aquilo.

– Dalla o deu à luz durante a batalha, enquanto as espadas cantavam à sua volta. Deve ser este o seu nome. Aemon Nascido em Batalha. Aemon Canção d'Aço.

*Um nome que até o senhor meu pai poderia gostar. Um nome de guerreiro*. O garoto era filho de Mance Rayder e neto de Craster, afinal de contas. Não tinha nada do sangue covarde de Sam.

– Sim. Dê-lhe esse nome.

– Quando ele fizer dois anos – ela prometeu –, antes não.

– Onde está o garoto? – de repente Sam perguntou. Por causa do rum e do sofrimento, demorara todo aquele tempo para perceber que Goiva não tinha o bebê consigo.

– Está com Kojja. Pedi a ela para tomar conta dele durante algum tempo.

– Oh – Kojja Mo era a filha do capitão, mais alta do que Sam e esguia como uma lança, com uma pele tão negra e lisa como azeviche polido. Também capitaneava os arqueiros vermelhos do navio e retesava um arco de amagodouro com dupla curvatura e capacidade para disparar uma flecha a quatrocentos metros. Quando os piratas os tinham atacado nos Degraus, as flechas de Kojja mataram uma dúzia, enquanto as de Sam

caíram na água. As únicas coisas de que Kojja gostava mais do que do seu arco era de embalar o filho de Dalla sobre os joelhos e cantar-lhe na língua do verão. O príncipe selvagem transformara-se no queridinho de todas as mulheres da tripulação, e Goiva parecia confiá-lo a elas como nunca o confiara a nenhum homem.

– Isso foi gentil da parte de Kojja – disse Sam.

– A princípio, tive medo dela – Goiva confessou. – É tão escura, e tem uns dentes tão grandes e brancos que tive medo de que fosse cria de animal, ou um monstro, mas não é. É boa. Gosto dela.

– Eu sei que gosta – ao longo da maior parte de sua vida, o único homem que Goiva conhecera fora o aterrorizador Craster. O resto do seu mundo tinha sido feminino. *Os homens a assustam, mas as mulheres não*, Sam compreendeu. Conseguia entender por quê. Em Monte Chifre ele também tinha preferido a companhia das garotas. As irmãs eram boas para ele, e embora as outras garotas zombassem dele, por vezes era mais fácil ignorar palavras cruéis do que os socos e as bofetadas que recebia dos outros garotos do castelo. Mesmo agora, no *Vento de Canela*, Sam sentia-se mais confortável com Kojja Mo do que com seu pai, embora isso pudesse ser porque ela falava o Idioma Comum, e ele não.

– Também gosto de você, Sam – Goiva murmurou. – E gosto dessa bebida. Tem sabor de fogo.

*Sim*, Sam pensou, *uma bebida para dragões*. Tinham as taças vazias, por isso se dirigiu ao barril e voltou a enchê-las. Viu que o sol se encontrava baixo a oeste, inchado até ficar com o triplo do tamanho habitual. Sua luz avermelhada fazia que o rosto de Goiva parecesse corado e rubro. Beberam uma taça a Kojja Mo, outra ao filho de Dalla e uma terceira ao bebê de Goiva, que se encontrava na Muralha. E, depois disso, não podiam deixar de beber duas taças por Aemon, da Casa Targaryen.

– Que o Pai o julgue com justiça – Sam pediu, fungando. O sol já quase desaparecera quando acabaram com o brinde a Meistre Aemon. Só uma longa e fina linha vermelha ainda brilhava no horizonte ocidental, como uma fenda no céu. Goiva disse que a bebida fazia o navio rodopiar, por isso Sam a ajudou a descer a escada que levava aos aposentos das mulheres, à proa do navio.

Uma lanterna estava pendurada junto à porta da cabine, e nela ele bateu a cabeça ao entrar.

– Ai – disse, e Goiva perguntou:

– Machucou? Deixe-me ver – inclinou-se para ele...

... e o beijou na boca.

Sam deu por si respondendo ao beijo. *Proferi o juramento*, pensou, mas as mãos puxavam os panos negros, e os cordões dos calções. Interrompeu o beijo durante tempo suficiente para dizer:

– Não podemos

Mas Goiva respondeu:

– Podemos – e voltou a cobrir-lhe a boca com a sua. O *Vento de Canela* girava à volta deles, e Sam sentia o sabor do rum na língua de Goiva, e de repente os seios dela ficaram nus e ele os tocava. *Proferi o juramento*, voltou Sam a pensar, mas um dos mamilos de Goiva descobriu o caminho até seus lábios. Era rosado e estava duro, e quando o chupou, o leite dela encheu-lhe a boca, misturando-se com o sabor do rum, e ele nunca saboreara nada tão saudável, doce e bom. *Se eu fizer isso, não sou melhor do que Dareon*, Sam pensou, mas era bom demais para parar. E de repente estava com o pau de fora, projetando-se de seus calções como um gordo mastro cor-de-rosa. Tinha um aspecto tão idiota ali em pé que ele poderia ter dado risada, mas Goiva o empurrou para a sua rede, ergueu as saias em volta das coxas e abaixou-se sobre ele com um pequeno som lamurioso. Aquilo era ainda melhor do que os mamilos. *Ela é tão úmida*, ele pensou, arquejando. *Não sabia que uma mulher podia ficar tão úmida lá embaixo.*

– Agora sou sua mulher – ela sussurrou, deslizando por ele, para cima e para baixo. E Sam gemeu e pensou: *não, não pode ser, proferi o juramento*, mas a única coisa que proferiu foi:

– Sim.

Quando terminaram, Goiva adormeceu com os braços em volta de Sam e o rosto pousado em seu peito. Sam também precisava dormir, mas estava embriagado de rum, leite materno e Goiva. Sabia que devia voltar para sua rede na cabine dos homens, mas estava gostando tanto de sentir a garota enrolada contra si que não conseguiu se mover.

Outros entraram, homens e mulheres, e Sam os ouviu beijando-se, rindo e copulando uns com os outros. *Ilhéus do verão. É assim que fazem*

*luto. Respondem à morte com a vida*. Sam lera isso em algum lugar, havia muito tempo. Perguntou a si mesmo se Goiva saberia, se Kojja Mo lhe teria dito o que fazer.

Inspirou a fragrância de seus cabelos e prendeu os olhos na lanterna que balançava sobre sua cabeça. *Nem mesmo a própria Velha me tiraria disto em segurança*. A melhor coisa a fazer seria sair dali escondido e se atirar ao mar. *Se me afogasse, ninguém nunca precisaria saber que me envergonhei e quebrei o juramento, e Goiva pode arranjar um homem melhor para si, um que não seja um grande covarde gordo.*

Acordou na manhã seguinte em sua rede na cabine dos homens, com Xhondo berrando sobre o vento.

– *Há vento* – o imediato não parava de gritar. – *Acorde e trabalhe, Sam Preto. Há vento* – o que faltava a Xhondo em vocabulário, ele compensava com volume. Sam rolou de sua rede e pôs-se em pé, arrependendo-se de imediato. Tinha a cabeça a ponto de se partir, uma das bolhas na palma da mão abrira-se durante a noite, e sentia-se prestes a vomitar.

Mas Xhondo não tinha misericórdia, de modo que tudo que Sam pôde fazer foi lutar para voltar a vestir seus panos negros. Encontrou-os nas tábuas por baixo de sua cama de rede, todos enrolados numa pilha úmida. Cheirou-os, para ver se estariam muito sujos, e inalou o cheiro do sal, do mar e do piche, de lona úmida e de bolor, de fruta, de peixe e de rum pançapreta, de estranhas especiarias e madeiras exóticas, e um entontecedor aroma de seu próprio suor. Mas o cheiro de Goiva também se encontrava neles, o cheiro limpo de seus cabelos e o cheiro doce de seu leite, e aquilo o deixou contente por vesti-los. Contudo, teria dado tudo por meias quentes e secas. Uma espécie qualquer de fungo começara a crescer entre os dedos dos seus pés.

A arca de livros nem chegara perto de pagar a passagem para quatro desde Bravos até Vilavelha. Mas o *Vento de Canela* precisava de braços, e Quhuru Mo concordara em levá-los, desde que trabalhassem durante a viagem. Quando Sam protestara que Meistre Aemon estava fraco demais, que o garoto era um bebê de peito e que Goiva tinha terror do mar, Xhondo limitara-se a rir:

– Sam Preto é grande homem gordo. Sam Preto trabalha por quatro.

Na verdade, Sam era tão desajeitado que duvidava estar fazendo sequer o trabalho de um bom homem, mas tentava. Lavava conveses com escova e deixava-os lisos com pedras, puxava as correntes da âncora, enrolava cordas, caçava ratos, cosia velas rasgadas, remendava rombos com piche fervendo, preparava peixe e cortava frutas para o cozinheiro. Goiva também tentava. Era melhor manejando o cordame do que Sam, embora de tempos em tempos a visão de tanta água ainda a fizesse fechar os olhos.

*Goiva*, Sam pensou, *o que vou eu fazer com ela?*

Foi um longo dia calorento, tornado ainda mais longo pelo latejar em sua cabeça. Sam ocupou-se com as cordas, as velas e as outras obrigações que Xhondo lhe atribuíra, e tentou evitar que os olhos se desviassem para o barril de rum que continha o corpo do velho Meistre Aemon... ou para Goiva. Não podia encarar a garota selvagem naquele momento, não podia encará-la depois do que tinham feito na noite anterior. Quando ela subia ao convés, ele descia ao porão. Quando ela vinha para a proa, ele ia para a popa. Quando ela lhe sorria, ele virava-lhe as costas, sentindo-se desprezível. *Devia ter me atirado ao mar enquanto ela ainda dormia,* pensou. *Sempre fui um covarde, mas nunca fui um traidor, até agora.*

Se Meistre Aemon não tivesse morrido, Sam poderia ter lhe perguntado o que fazer. Se Jon estivesse a bordo, ou até Pyp e Grenn, podia ter recorrido a eles. Em vez deles, tinha Xhondo. *Xhondo não compreenderia o que eu lhe diria. Se compreendesse, apenas me diria para voltar a foder a garota.* "Foder" tinha sido a primeira palavra no Idioma Comum que Xhondo aprendera, e gostava muito dela.

Tinha a sorte de o *Vento de Canela* ser tão grande. A bordo do *Melro*, Goiva o teria encurralado em dois tempos. As grandes embarcações das Ilhas do Verão eram conhecidas como "navios cisne" nos Sete Reinos, por causa das suas encapeladas velas brancas e suas figuras de proa, a maior parte das quais representava aves. Grandes como eram, cavalgavam as ondas com uma graça que era só sua. Com um bom vento fresco de popa, *Vento de Canela* podia ultrapassar qualquer galé, embora ficasse impotente numa calmaria. E oferecia muitos lugares onde um covarde podia se esconder.

Perto do fim de seu turno, Sam finalmente foi encurralado. Descia uma escada quando Xhondo o agarrou pelo colarinho.

– *Sam Preto vem com Xhondo* – disse, arrastando-o pelo convés e largando-o aos pés de Kojja Mo.

Muito para o norte, via-se uma neblina baixa no horizonte. Kojja apontou para lá.

– Ali fica a costa de Dorne. Areia, pedras e escorpiões, e nenhum bom ancoradouro ao longo de centenas de léguas. Pode nadar para lá se quiser, e ir a pé até Vilavelha. Vai ter que atravessar as profundezas do deserto, escalar algumas montanhas e atravessar o Torentine a nado. Ou então pode ir ter com Goiva.

– Não compreende. Na noite passada, nós...

– ... honraram seus mortos e os deuses que fizeram a ambos. Xhondo fez o mesmo. Eu estava com a criança, caso contrário teria estado com ele. Vocês de Westeros transformam o amor em vergonha. Não há vergonha em amar. Se seus septões dizem que há, seus sete deuses devem ser demônios. Nas ilhas, sabemos melhor das coisas. Nossos deuses deram-nos pernas para correr, narizes para cheirar, mãos para tocar e sentir. Que deus louco e cruel daria a um homem olhos e depois lhe diria que deve mantê-los fechados para sempre e nunca olhar toda a beleza do mundo? Só um deus monstruoso, um demônio das trevas – Kojja pôs a mão entre as pernas de Sam. – Os deuses também te deram isto por uma razão, para... Qual é a palavra usada em Westeros?

– *Foder* – de pronto Xhondo sugeriu.

– Sim, para foder. Para dar prazer e fazer filhos. Não há vergonha nisso.

Sam afastou-se dela.

– Eu fiz um juramento. *Não tomarei esposa e não gerarei filhos*. Proferi as palavras.

– Ela conhece as palavras que proferiu. É uma criança em algumas coisas, mas não é cega. Sabe por que usa o negro, por que vai para Vilavelha. Sabe que não pode ficar com você. Quer você durante algum tempo, nada mais. Perdeu o pai e o marido, a mãe e as irmãs, e a casa, o seu *mundo*. Tudo que tem é você e o bebê. De modo que, ou vai ter com ela, ou vai nadar.

Sam olhou desesperado para a neblina que assinalava a costa distante. Sabia que nunca conseguiria nadar até tão longe.

E foi ter com Goiva.

– O que fizemos... se eu pudesse tomar uma esposa, preferia ter você do que qualquer princesa ou donzela bem-nascida, mas não posso. Continuo a ser um corvo. Proferi o juramento, Goiva. Fui com Jon para a floresta e disse as palavras diante de uma árvore-coração.

– As árvores nos vigiam – Goiva sussurrou, limpando as lágrimas do rosto de Sam. – Na floresta, elas veem tudo... mas aqui não há árvores. Só há água, Sam. Só água.

## CERSEI

O dia estava frio, cinzento e úmido. Tinha chovido a manhã inteira com intensidade, e mesmo depois de a chuva parar as nuvens se recusaram a partir. Não chegaram a ver o sol. Um tempo tão desgraçado era suficiente para desencorajar até a pequena rainha. Em vez de sair a cavalo com suas galinhas e sua comitiva de guardas e admiradores, acabou passando o dia inteiro na Arcada das Donzelas com as galinhas, ouvindo o Bardo Azul cantar.

O dia de Cersei tinha sido um pouco melhor, até o cair da noite. Quando o céu cinzento começava a se transformar em negro, disseram-lhe que o *Doce Cersei* entrara no porto na maré da noite, e que Aurane Waters se encontrava lá fora e solicitava uma audiência.

A rainha mandou que o troxessem imediatamente. Assim que ele entrou em seu aposento privado, soube que as notícias eram boas.

– Vossa Graça – ele disse com um largo sorriso –, Pedra do Dragão lhe pertence.

– Magnífico – pegou-lhe nas mãos e o beijou na face. – Sei que Tommen também ficará contente. Isso significa que podemos libertar a frota de Lorde Redwyne e expulsar os homens de ferro dos Escudos – as notícias que chegavam da Campina tornavam-se mais terríveis a cada corvo. Aparentemente, os homens de ferro não tinham se contentado com seus novos rochedos. Assolavam o Vago com força, e tinham chegado ao ponto de atacar a Árvore e as ilhas menores que a cercavam. Os Redwyne não haviam mantido mais do que uma dúzia de navios de guerra em suas águas, e todos tinham sido subjugados, capturados ou afundados. E agora havia relatórios que diziam que esse louco que chamava a si mesmo Euron Olho de Corvo estava enviando navios para a Enseada dos Murmúrios, em direção a Vilavelha.

– Lorde Paxter embarcava provisões para a viagem para casa quando o *Doce Cersei* zarpou – relatou Lorde Waters. – Imagino que a essa altura

sua frota principal já tenha se feito ao mar.

– Esperemos que façam uma viagem rápida e com melhor tempo do que o de hoje – a rainha puxou Waters para o banco da janela, ao seu lado. – Temos esse triunfo a agradecer a Sor Loras?

O sorriso dele desvaneceu-se.

– Alguns dirão que sim, Vossa Graça.

– Alguns? – a rainha lançou um olhar zombeteiro. – Você não?

– Nunca vi cavaleiro mais bravo – disse Waters –, mas ele transformou num massacre aquilo que poderia ter sido uma vitória sem sangue. Mil homens estão mortos, ou tão perto disso que não faz diferença. A maioria homens nossos. E não são só homens comuns, Vossa Graça, mas cavaleiros e jovens senhores, os melhores e os mais bravos.

– E o próprio Sor Loras?

– Completará mil e um. Levaram-no para o castelo após a batalha, mas os ferimentos são graves. Perdeu tanto sangue que os meistres sequer o sangram.

– Oh, que tristeza. Tommen ficará com o coração partido. Ele admirava tanto nosso galante Cavaleiro das Flores.

– E o povo também – disse o seu almirante. – Teremos virgens chorando sobre o vinho por todo o reino quando Loras morrer.

A rainha sabia que ele não se enganava. Três mil pessoas comuns tinham se reunido junto do Portão da Lama para se despedir de Sor Loras no dia em que zarpara, e três em cada quatro eram mulheres. Ver aquilo só servira para encher Cersei de desprezo. Desejara gritar-lhes que eram ovelhas, dizer-lhes que tudo que alguma vez poderiam esperar de Loras Tyrell era um sorriso e uma flor. Mas, em vez disso, o proclamara o mais ousado cavaleiro dos Sete Reinos e sorrira quando Tommen o presenteara com uma espada cravejada de joias para levar para a batalha. O rei também lhe dera um abraço, o que não fazia parte dos planos de Cersei, mas agora não importava. Podia se dar ao luxo de ser generosa. Loras Tyrell estava moribundo.

– Conte-me – Cersei ordenou. – Quero saber tudo, do princípio ao fim.

A sala já escurecera quando ele terminou. A rainha acendeu algumas velas e mandou Dorcas às cozinhas para lhes trazer um pouco de pão e queijo e de carne cozida com raiz-forte. Enquanto jantavam, pediu a

Aurane para voltar a lhe contar a história, a fim de se lembrar corretamente de todos os detalhes.

– Afinal de contas, não desejo que nossa preciosa Margaery ouça essas notícias de um estranho – justificou-se. – Eu mesma lhe contarei.

– Vossa Graça é bondosa – Waters disse com um sorriso. *Um sorriso malévolo*, pensou a rainha. Aurane não se parecia tanto com o Príncipe Rhaegar como ela julgara. *Tem os mesmos cabelos, mas também os têm metade das prostitutas de Lys, se as histórias forem verdadeiras. Rhaegar era um homem. Este é um rapaz dissimulado, e nada mais. Contudo, útil à sua maneira.*

Margaery estava na Arcada das Donzelas, bebericando vinho e tentando aprender com as três primas um novo jogo qualquer de Volantis. Embora fosse tarde, os guardas admitiram Cersei de imediato.

– Vossa Graça – começou –, é melhor que ouça as notícias através de mim. Aurane regressou de Pedra do Dragão. Seu irmão é um herói.

– Sempre soube que era – Margaery não parecia surpresa. *E por que haveria de estar? Já esperava isso desde o momento em que Loras suplicou o comando*. Mas quando Cersei terminou a história, lágrimas cintilavam nas bochechas da rainha mais nova.

– Redwyne tinha mineiros trabalhando, a fim de fazer passar um túnel sob as muralhas do castelo, mas isso era lento demais para o Cavaleiro das Flores. Sem dúvida que pensava no povo do senhor seu pai sofrendo nos Escudos. Lorde Waters diz que ordenou o assalto menos de meio dia depois de tomar o comando, após o castelão de Lorde Stannis ter recusado sua oferta para decidir o cerco entre os dois, em combate singular. Loras foi o primeiro a passar pela brecha quando o aríete quebrou os portões do castelo. Cavalgou diretamente para a boca do dragão, dizem, todo de branco, brandindo a maça de armas em volta da cabeça, matando à esquerda e à direita.

Megga Tyrell já soluçava abertamente àquela altura.

– Como foi que ele morreu? – perguntou. – Quem o matou?

– Nenhum homem teve essa honra – Cersei responde. – Sor Loras foi atingido por um dardo na coxa e por outro no ombro, mas continuou a lutar galantemente, embora o sangue saísse em golfadas. Mais tarde sofreu um golpe de maça que lhe quebrou algumas costelas. Depois disso... Mas, não, desejo lhe poupar do pior.

– Diga-me – disse Margaery. – Eu ordeno.

*Ordena?* Cersei parou por um momento e decidiu que deixaria aquilo passar.

– Os defensores se retiraram para uma fortaleza interior, depois de a muralha exterior ser tomada. Loras também liderou o ataque ali. Tomou um banho de azeite fervente.

A Senhora Alla ficou branca como cal e fugiu da sala.

– Lorde Waters me garantiu que os meistres estão fazendo tudo que podem, mas temo que seu irmão esteja bastante queimado – Cersei tomou Margaery nos braços para confortá-la. – Ele salvou o reino – quando beijou a pequena rainha no rosto, sentiu o gosto salgado de suas lágrimas. – Jaime anotará todos os seus feitos no Livro Branco, e os cantores cantarão sobre ele durante mil anos.

Margaery soltou-se de seu abraço com tamanha violência que Cersei quase caiu.

– Estar moribundo não é estar morto – ela disse.

– Não, mas os meistres dizem...

– *Estar moribundo não é estar morto!*

– Só quis poupá-la...

– Eu sei o que quis. Saia.

*Agora sabe como me senti na noite em que Joffrey morreu*. Fez uma reverência, com o rosto numa máscara de fria cortesia.

– Querida filha. Sinto-me tão triste por você. Vou deixá-la com seu pesar.

Senhora Merryweather não apareceu naquela noite, e Cersei deu por si inquieta demais para dormir. *Se Lorde Tywin pudesse me ver agora, saberia que tinha o seu herdeiro, um herdeiro merecedor do Rochedo*, pensou, deitada na cama, com Jocelyn Swyft ressonando suavemente na outra almofada. Margaery logo estaria chorando as lágrimas amargas que devia ter chorado por Joffrey. Mace Tyrell talvez também chorasse, mas não lhe dera motivo para romper com ela. O que fizera, afinal, além de honrar Loras com a sua confiança? Ele pedira o comando de joelho dobrado, à vista de metade da corte.

*Quando ele morrer, tenho de erguer uma estátua sua em algum lugar e dar-lhe um funeral como Porto Real nunca viu*. O povo gostaria disso.

Tommen também. *Mace pode até me agradecer, pobre homem. E quanto à senhora sua mãe, se os deuses forem bons, essa notícia a matará.*

O nascer do sol foi o mais bonito que Cersei vira em anos. Taena apareceu pouco depois e confessou ter passado a noite consolando Margaery e suas senhoras, bebendo vinho, chorando e contando histórias sobre Loras.

– Margaery continua convencida de que ele não morrerá – relatou, enquanto a rainha se vestia para uma audiência. – Planeja enviar seu meistre para cuidar dele. As primas estão rezando pela misericórdia da Mãe.

– Eu também rezarei. Amanhã, venha comigo ao Septo de Baelor, e acenderemos cem velas pelo nosso galante Cavaleiro das Flores – virou-se para a aia. – Dorcas, traga-me a coroa. A nova, por favor – era mais leve do que a antiga, de ouro tecido de um tom claro, encrustado de esmeraldas que relampejavam quando a rainha virava a cabeça.

– Vieram quatro por causa do Duende hoje de manhã – Sor Osmund anunciou quando Jocelyn o deixou entrar.

– Quatro? – a rainha estava agradavelmente surpresa. Havia um fluxo constante de informantes a caminho da Fortaleza Vermelha, afirmando saber de Tyrion, mas quatro em um só dia não era comum.

– Sim – Osmund confirmou. – Um deles lhe trouxe uma cabeça.

– Recebo-o primeiro. Traga-o ao aposento privado – *que dessa vez não haja erros. Que eu me veja finalmente vingada, para que Joff possa repousar em paz*. Os septões diziam que o número sete era sagrado para os deuses. Se assim fosse, essa sétima cabeça talvez lhe trouxesse o bálsamo pelo qual sua alma ansiava.

O homem revelou ser tyroshi; baixo, espadaúdo e suado, com um sorriso untuoso que a fazia lembrar-se de Varys e uma barba bifurcada pintada de verde e cor-de-rosa. Cersei não gostou dele assim que o viu, mas estava disposta a ignorar seus defeitos se realmente tivesse a cabeça de Tyrion dentro da arca que trazia. Era de cedro, com enfeites de marfim, num padrão de trepadeiras e flores, com dobradiças e presilhas de ouro branco. Uma coisa maravilhosa, mas o único interesse da rainha jazia no que poderia estar lá dentro. *Pelo menos é suficientemente grande. Tyrion tinha uma cabeça grotescamente grande para alguém tão pequeno e atrofiado.*

– Vossa Graça – murmurou o tyroshi, com uma profunda reverência –, vejo que é tão adorável como rezam as histórias. Mesmo para lá do mar estreito ouvimos falar de sua grande beleza, e do desgosto que dilacera seu coração gentil. Não há homem que possa lhe devolver seu bravo e jovem filho, mas é minha esperança poder pelo menos oferecer-lhe algum bálsamo para a dor – pousou a mão na arca. – Trago-lhe justiça. Trago-lhe a cabeça de seu *valonqar*.

A velha palavra valiriana causou-lhe um arrepio, embora também lhe tivesse dado um tinido de esperança.

– O Duende já não é meu irmão, se é que alguma vez o foi – declarou. – E não direi seu nome. Outrora foi um nome orgulhoso, antes de ele desonrá-lo.

– Em Tyrosh, o chamamos Mãos-Vermelhas, devido ao sangue que escorre de seus dedos. O sangue de um rei, e o de um pai. Há quem diga que ele também matou a mãe, rasgando-lhe o ventre com selváticas garras ao nascer.

*Que disparate*, Cersei pensou.

– É verdade – disse. – Se a cabeça do Duende estiver nessa arca, farei de você senhor e lhe atribuirei ricas terras e fortalezas – os títulos eram mais baratos do que pó, e as terras fluviais estavam cheias de castelos arruinados, que se erguiam desolados por entre campos abandonados e aldeias incendiadas. – Minha corte me espera. Abra a caixa e deixe-me ver.

O tyroshi abriu a caixa com um floreio e deu um passo para trás, sorrindo. Lá dentro, a cabeça de um anão repousava sobre uma camada de macio veludo azul, fitando-a.

Cersei examinou-a longamente.

– Esse não é o meu irmão – tinha um sabor amargo na boca. *Suponho que seria esperar demais, especialmente depois de Loras. Os deuses nunca são tão bons.* – Esse homem tem olhos castanhos. Tyrion tinha um olho negro e o outro verde.

– Os olhos, é verdade... Vossa Graça, os olhos de seu irmão tinham... apodrecido, de certa forma. Tomei a liberdade de substituí-los por vidro... mas da cor errada, tal como disse.

Aquilo só a aborreceu mais.

– Sua cabeça pode ter olhos de vidro, mas eu não tenho. Há gárgulas em Pedra do Dragão mais parecidas com o Duende do que essa criatura. Este é *careca*, e duas vezes mais velho do que meu irmão. O que aconteceu com os dentes?

O homem se encolheu perante a fúria em sua voz.

– Ele tinha um belo conjunto de dentes de ouro, Vossa Graça, mas nós... lamento...

– Oh, ainda não. Mas vai lamentar – *devia mandar estrangulá-lo. Que arqueje por ar até ficar com o rosto preto, como meu querido filho*. As palavras estavam em seus lábios.

– Um engano honesto. Um anão parece-se tanto com os outros, e... Vossa Graça poderá observar, ele não tem nariz...

– Não tem nariz porque você o *cortou*.

– Não! – o suor na testa do homem traiu a mentira da negação.

– Sim – uma doçura venenosa insinuou-se no tom de Cersei. – Pelo menos teve esse bom-senso. O último idiota tentou me dizer que um feiticeiro ambulante tinha feito com que voltasse a crescer. Mesmo assim, parece-me que deve um nariz a esse anão. A Casa Lannister paga suas dívidas, e você também pagará. Sor Meryn, leve esta fraude a Qyburn.

Sor Meryn Trant pegou o braço do tyroshi, ainda protestando, e o puxou para fora da sala. Depois de os outros saírem, Cersei virou-se para Osmund Kettleblack.

– Sor Osmund, tire essa coisa da minha vista e mande entrar os outros três que afirmam ter informações sobre o Duende.

– Sim, Vossa Graça.

Infelizmente, os três candidatos a informantes não se mostraram mais úteis do que o tyroshi. Um disse que o Duende estava escondido num bordel de Vilavelha, dando prazer aos homens com a boca. Aquilo dava uma imagem engraçada, mas Cersei não acreditou nem por um instante. O segundo afirmava ter visto o anão num espectáculo de saltimbancos em Bravos. O terceiro insistiu que Tyrion se tornara eremita nas terras fluviais e vivia numa colina assombrada qualquer. A rainha respondeu o mesmo a todos.

– Se fizerem a bondade de levar alguns de meus bravos cavaleiros a esse anão, serão ricamente recompensados – prometeu. – Desde que seja

o Duende. Caso contrário... Bem, meus cavaleiros têm pouca paciência para fraudes e para tolos que os fazem perseguir sombras. Um homem poderia perder a língua – e, de repente, os três informantes perderam a certeza e admitiram que talvez pudessem ter visto outro anão qualquer.

Cersei nunca se dera conta da existência de tantos anões.

– Estará o mundo inteiro transbordando desses monstrinhos retorcidos? – protestou, enquanto o último dos informantes era conduzido para fora. – Quantos poderá haver?

– Menos do que havia – retrucou a Senhora Merryweather. – Posso ter a honra de acompanhar Vossa Graça à audiência?

– Se conseguir suportar o tédio – Cersei respondeu. – Robert era um idiota no que dizia respeito à maioria das coisas, mas tinha razão num aspecto. Governar um reino é trabalho cansativo.

– Entristece-me ver Vossa Graça tão cheia de cuidados. Fuja, divirta-se, e deixe essas cansativas petições para a Mão do Rei. Podíamos nos vestir como criadas e passar o dia entre o povo, para ouvir o que eles têm a dizer sobre a queda de Pedra do Dragão. Eu conheço a estalagem onde o Bardo Azul toca quando não está cantando para a pequena rainha, e um certo porão onde um prestidigitador transforma chumbo em ouro, água em vinho e garotas em rapazes. Ele talvez pudesse aplicar seus feitiços em nós. Não divertiria Vossa Graça ser homem por uma noite?

*Se eu fosse homem, seria Jaime*, pensou a rainha. *Se fosse homem, poderia governar este reino em meu próprio nome em vez de no de Tommen.*

– Só se você permanecesse mulher – disse, sabendo que era isso o que Taena queria ouvir. – É uma malvada por me tentar assim, mas que tipo de rainha eu seria se pusesse meu reino nas mãos trêmulas de Harys Swyft?

Taena fez beicinho.

– Vossa Graça é diligente demais.

– Sou – Cersei admitiu – e antes de terminar o dia, estarei arrependida de assim ser – deu o braço à Senhora Merryweather. – Venha.

Jalabhar Xho era o primeiro peticionário desse dia, como era próprio de seu estatuto como um príncipe no exílio. Por magnífico que parecesse em seu brilhante manto de penas, só tinha vindo mendigar. Cersei

deixou-o fazer sua súplica habitual por homens e armas que o ajudassem a reconquistar o Vale da Flor Vermelha, e depois disse:

– Sua Graça está travando sua própria guerra, Príncipe Jalabhar. O rei não tem homens que possa dispensar para sua causa neste momento. Talvez ano que vem – Aquilo era o que Robert lhe dizia sempre. No ano seguinte lhe diria *nunca*, mas hoje não. Pedra do Dragão era sua.

Lorde Hallyne da Guilda dos Alquimistas apresentou-se para pedir autorização para os seus piromantes chocarem qualquer ovo de dragão que pudesse aparecer em Pedra do Dragão, agora que a ilha estava segura e de volta às mãos do rei.

– Se tivessem restado alguns ovos desses, Stannis os teria vendido para pagar por sua rebelião – disse-lhe a rainha. Absteve-se de dizer que o plano era louco. Desde que o último dragão Targaryen morrera, todas as tentativas do gênero tinham terminado em morte, desastre ou desgraça.

Um grupo de mercadores surgiu perante ela a fim de suplicar à coroa para interceder por eles junto ao Banco de Ferro de Bravos. Os bravosianos andavam exigindo o pagamento das dívidas por saldar, pelos vistos, e recusavam todos os novos empréstimos. *Precisamos de nosso próprio banco*, decidiu Cersei, *o Banco Dourado de Lanisporto*. Quando o trono de Tommen estivesse seguro, talvez pudesse fazer que isso acontecesse. No momento, tudo o que pôde fazer foi dizer aos mercadores para pagarem aos usurários bravosianos aquilo que lhes era devido.

A delegação da Fé era liderada por seu velho amigo, Septão Raynard. Seis dos Filhos do Guerreiro escoltaram-no pela cidade; juntos faziam sete, um número sagrado e favorável. O novo Alto Septão, ou Alto Pardal, como o Rapaz Lua o apelidara, fazia tudo em grupos de sete. Os cavaleiros usavam cinturões listrados com as sete cores da Fé. Cristais adornavam o punho de suas espadas e os espigões de seus elmos. Transportavam escudos em forma de estrela, num estilo que não era comum desde a Conquista, ostentando um símbolo que não era visto nos Sete Reinos havia séculos: uma espada arco-íris cintilando, brilhante, em fundo escuro. Cerca de uma centena de cavaleiros já se apresentara para juramentar suas vidas e espadas aos Filhos do Guerreiro, segundo Qyburn dizia, e apareciam mais todos os dias. *Bêbados de deuses, todos eles. Quem haveria de pensar que o reino tinha tantos?*

A maioria era de cavaleiros domésticos ou andantes, mas um punhado era de elevado nascimento; filhos mais novos de pequenos senhores, velhos que ansiavam pela expiação de velhos pecados. E havia Lancel. Julgara que Qyburn estava brincando quando lhe disse que o cretino de seu primo renunciara a castelo, terras e esposa e voltara à cidade para se juntar à Nobre e Poderosa Ordem dos Filhos do Guerreiro, mas ali estava ele com os outros tolos piedosos.

Cersei não gostava nada daquilo. E tampouco estava contente com a contínua truculência e ingratidão do Alto Pardal.

– Onde está o Alto Septão? – perguntou a Raynard. – Foi ele quem convoquei.

Septão Raynard adotou um tom pesaroso.

– Sua Alta Santidade mandou-me em seu lugar e me pediu para dizer a Vossa Graça que os Sete lhe ordenaram que fosse combater a maldade.

– Como? Pregando a castidade ao longo da Rua da Seda? Será que ele julga que rezar por prostitutas faz delas virgens novamente?

– Nosso corpo foi esculpido pelo Pai e pela Mãe para podermos juntar homem com mulher e gerar filhos legítimos – respondeu Raynard. – É vil e pecaminoso que as mulheres vendam as partes sagradas por dinheiro.

Aquele piedoso sentimento poderia ter sido mais convincente se a rainha não soubesse que Septão Raynard tinha amigas especiais em todos os bordéis da Rua da Seda. Não havia dúvida de que ele decidira que fazer eco aos chilreios do Alto Pardal era preferível a lavar assoalhos.

– Não se atreva a pregar comigo – disse-lhe. – Os encarregados dos bordéis têm andado se queixando, e com razão.

– Se os pecadores falam, por que os justos hão de lhes dar ouvidos?

– Esses pecadores alimentam os cofres reais – disse a rainha sem rodeios –, e seu dinheiro ajuda a pagar os salários de meus homens de manto dourado e a construir galés para defender nossas costas. E também há o comércio a se levar em conta. Se Porto Real não tivesse bordéis, os navios iriam para Valdocaso ou Vila Gaivota. Sua Alta Santidade me prometeu paz nas minhas ruas. A prostituição ajuda a manter essa paz. Os homens comuns privados de prostitutas são capazes de recorrer à violação. Daqui em diante, que Sua Alta Santidade faça suas orações no septo, onde é o seu lugar.

A rainha também esperara ouvir notícias trazidas por Lorde Gyles, mas foi o Grande Meistre Pycelle quem surgiu em seu lugar, de rosto cinzento e apologético, para lhe dizer que Rosby se encontrava fraco demais para sair da cama.

– É triste dizê-lo, mas temo que Lorde Gyles tenha de se reunir em breve aos seus nobres antepassados. Que o Pai o julgue com justiça.

*Se Rosby morrer, Mace Tyrell e a pequena rainha tentarão novamente forçar-me a aceitar Garth, o Grosso.*

– Lorde Gyles já tem aquela tosse há *anos*, e ela nunca o matou – protestou. – Ele tossiu durante metade do reinado de Robert e durante todo o de Joffrey. Se agora está moribundo, só pode ser porque alguém quer vê-lo morto.

O Grande Meistre Pycelle pestanejou, incrédulo.

– Vossa Graça? Q-quem quereria ver Lorde Gyles morto?

– Seu herdeiro, talvez – *ou a pequena rainha*. – Alguma mulher que ele tenha desdenhado há tempos – *Margaery, Mace e a Rainha dos Espinhos, por que não? Gyles está em seu caminho*. – Um velho inimigo. Um novo. Você.

O velho empalideceu.

– V-vossa Graça graceja. Eu... eu purguei sua senhoria, sangrei-o, tratei dele com cataplasmas e infusões... os vapores dão-lhe algum alívio, e o sonodoce ajuda a acalmar a violência de sua tosse, mas temo que agora ele esteja cuspindo pedaços de pulmão com o sangue.

– Seja como for. Regressará para junto de Lorde Gyles e o informará de que não tem minha autorização para morrer.

– Se aprouver a Vossa Graça – Pycelle fez uma reverência rígida.

Havia mais, e mais, e mais, cada peticionário era mais aborrecido do que o anterior. E naquela noite, depois de o último finalmente ter partido, quando comia um jantar simples com o filho, disse-lhe:

– Tommen, quando fizer suas rezas antes de se deitar, diga à Mãe e ao Pai que é grato por ainda ser uma criança. Ser rei é trabalho duro. Garanto a você, não gostará. Bicam você como um bando de corvos. Todos querem um pedaço da sua carne.

– Sim, mãe – Tommen respondeu num tom triste. Cersei compreendeu que a pequena rainha lhe contara o que acontecera a Sor Loras. Sor Osmund disse que o garoto tinha chorado. *Ele é novo. Quando for da*

*idade de Joff, já não se lembrará da aparência de Loras*. – Mas eu não me importaria que eles me bicassem – prosseguiu o filho. – Devia ir com você todos os dias às audiências, para escutar. Margaery diz...

– ... muito mais do que devia – Cersei o interrompeu. – Por meia moeda, de bom grado mandaria arrancar-lhe a língua.

– *Não diga isso* – Tommen gritou de repente, com a pequena face redonda tornando-se vermelha. – Deixe-lhe a língua em paz. Não a toque. Eu sou o rei, e não você.

Cersei fitou-o, incrédula.

– O que foi que disse?

– O rei sou eu. Eu é que digo que línguas serão arrancadas, não você. Não deixarei que faça mal a Margaery. *Não deixarei*. Proíbo-a.

Cersei o agarrou pela orelha e o arrastou aos guinchos para a porta, onde Sor Boros Blount se encontrava de guarda.

– Sor Boros, Sua Graça se esqueceu do seu lugar. Tenha a bondade de escoltá-lo até o quarto e de trazer Pate. Dessa vez quero que seja o próprio Tommen a chicotear o garoto. Deverá continuar até que ele sangre de ambas as bochechas. Se Sua Graça recusar, ou disser uma palavra de protesto, chame Qyburn e diga-lhe para remover a língua de Pate, para que Sua Graça compreenda o custo da insolência.

– Às suas ordens – Sor Boros arquejou, olhando o rei de relance com constrangimento. – Vossa Graça, venha comigo, por favor.

Quando a noite caiu sobre a Fortaleza Vermelha, Jocelyn acendeu a lareira no quarto da rainha enquanto Dorcas acendia as velas junto da cama. Cersei abriu a janela para apanhar um pouco de ar e descobriu que as nuvens tinham voltado a esconder as estrelas.

– Que noite tão escura, Vossa Graça – Dorcas murmurou.

*Sim*, pensou, *mas não tão escura como na Arcada das Donzelas, ou em Pedra do Dragão, onde Loras Tyrell jaz queimado e sangrando, ou lá embaixo, nas celas negras sob o castelo*. A rainha não sabia por que motivo aquilo lhe ocorrera. Tinha decidido não dedicar a Falyse mais nenhum pensamento. *Combate singular. Falyse devia ter tido o bom-senso de não se casar com tamanho idiota*. Segundo o que transpirara de Stokeworth, Senhora Tanda morrera de um resfriado no peito, causado pelo quadril quebrado. Lollys Desmiolada fora proclamada Senhora Stokeworth, sendo Sor Bronn seu senhor. *Tanda morta e Gyles*

*moribundo. Ainda bem que temos o Rapaz Lua, caso contrário a corte ficaria completamente privada de bobos*. A rainha sorriu ao pousar a cabeça na almofada. *Quando lhe beijei o rosto, saboreei o sal de suas lágrimas*.

Sonhou um sonho antigo, sobre três garotas com manto marrom, uma velha encarquilhada e uma tenda que cheirava a morte.

A tenda da velha era escura, com um teto alto e bicudo. Ela não queria entrar, assim como não quisera aos dez anos, mas as outras garotas a observavam, por isso não podia recuar. No sonho eram três, tal como tinha sido em vida. A gorda Jeyne Farman deixou-se ficar para trás, como sempre fazia. Era um assombro que tivesse chegado tão longe. Melara Hetherspoon era mais corajosa, mais velha e mais bonita, à sua maneira sardenta. Envoltas em manto de tecido grosseiro, com os capuzes erguidos, as três tinham esgueirado-se para fora da cama e atravessado o terreno de torneios para ir em busca da feiticeira. Melara ouvira as criadas segredando que ela era capaz de amaldiçoar um homem ou fazê-lo se apaixonar, conjurar demônios e prever o futuro.

Em vida, as garotas tinham estado sem fôlego e entontecidas, segredando umas com as outras enquanto avançavam, com tanta excitação quanto medo. O sonho era diferente. Nele, os pavilhões encontravam-se cobertos de sombras, e os cavaleiros e criados por que passavam eram feitos de neblina. As garotas vaguearam por muito tempo antes de encontrar a tenda da velha. Quando o fizeram, todos os archotes já estavam se apagando. Cersei observou as garotas se juntarem, sussurrando umas com as outras. *Voltem*, tentou lhes dizer. *Afastem-se. Não há nada aqui para vocês*. Mas, embora movesse a boca, nenhuma palavra saiu.

A filha de Lorde Tywin foi a primeira a atravessar a aba, com Melara logo atrás. Jeyne Farman entrou por último e tentou se esconder atrás das outras duas, como sempre fazia.

O interior da tenda estava repleto de cheiros. Canela e noz-moscada. Pimenta vermelha, branca e preta. Leite de amêndoa e cebolas. Cravinho, erva-limão e o precioso açafrão, e especiarias mais estranhas, ainda mais raras. A única luz provinha de um braseiro de ferro com a forma de uma cabeça de basilisco, uma tênue luz verde que fazia as paredes da tenda

parecer frias, mortas e apodrecidas. Teria também sido assim em vida? Cersei não parecia se lembrar.

No sonho, a feiticeira dormia, como um dia dormira em vida. *Deixem-na em paz*, quis gritar a rainha. *Suas tolinhas, nunca acordem uma feiticeira adormecida*. Sem língua, só podia observar enquanto a garota tirava o manto, dava um pontapé na cama da bruxa e dizia:

– Acorde, queremos saber sobre nosso futuro.

Quando Maggy, a Rã, abriu os olhos, Jeyne Farman soltou um guincho assustado e fugiu da tenda, mergulhando de cabeça na noite. Estúpida, rechonchuda, tímida, pequena Jeyne, de rosto pálido e gordo, assustada com cada sombra. *No entanto, foi ela a sensata*. Jeyne ainda vivia na Ilha Bela. Casara com um dos vassalos do senhor seu irmão e parira uma dúzia de filhos.

Os olhos da velha eram amarelos e estavam envoltos por uma crosta de uma coisa nojenta qualquer. Em Lanisporto dizia-se que ela era jovem e bela quando o marido a trouxera do leste com uma carga de especiarias, mas a idade e o mal tinham deixado em si suas marcas. Era baixa, atarracada e verrugosa, com bochechas esverdeadas e textura de gravilha. Já não tinha dentes, e as tetas pendiam-lhe até os joelhos. Se se ficasse perto demais dela, conseguia-se cheirar a doença, e quando falava o hálito era estranho, forte e malcheiroso.

– Fora – disse a velha às garotas, num murmúrio coaxante.

– Viemos para uma profecia – disse-lhe a jovem Cersei.

– Fora – coaxou a velha pela segunda vez.

– Ouvimos dizer que consegue ver o amanhã – disse Melara. – Só queremos saber com que homens vamos nos casar.

– Fora – coaxou Maggy, pela terceira vez.

*Dê-lhe ouvidos*, teria gritado a rainha se tivesse língua. *Ainda têm tempo para fugir. Fujam, suas tolinhas!*

A garota de cachos dourados pôs as mãos na cintura.

– Dê-nos a nossa profecia, senão vou falar com o senhor meu pai e ele manda chicoteá-la por insolência.

– Por favor – suplicou Melara. – Leia nosso futuro, e depois vamos embora.

– Algumas das que aqui estão não têm futuro – resmungou Maggy com sua terrível voz profunda. Aconchegou o roupão em volta dos ombros e

fez um sinal às garotas para que se aproximassem. – Venham, se não querem ir. Tolas. Venham, sim. Tenho de saborear seu sangue.

Melara empalideceu, mas Cersei não. Uma leoa não teme a rã, por mais velha e feia que seja. Devia ter ido embora, devia ter escutado, devia ter fugido. Mas, em vez disso, pegou o punhal que Maggy lhe ofereceu e fez passar a retorcida lâmina de ferro pela ponta de seu polegar. Então fez o mesmo com Melara.

Na tenda verde e escura, o sangue parecia mais negro do que vermelho. A boca desdentada de Melara tremeu ao vê-lo.

– Aqui – sussurrou –, dê-me aqui. – Quando Cersei ofereceu a mão, ela sugou o sangue com gengivas tão moles como as de um bebê recém-nascido. A rainha ainda se lembrava de como sua boca era estranha e fria.

– Pode fazer três perguntas – disse a velha, depois de terminar de beber. – Não vai gostar das minhas respostas. Pergunte, ou então vá embora.

*Vá*, pensou a rainha que sonhava, *controle a língua e fuja*. Mas a garota não tinha bom-senso suficiente para sentir medo.

– Quando é que me caso com o príncipe? – quis saber.

– Nunca. Casará com o rei.

Sob seus cachos dourados, o rosto da garota enrugou-se de perplexidade. Durante anos depois daquilo, pensou que aquelas palavras queriam dizer que não se casaria com Rhaegar até depois de o pai, Aerys, ter morrido.

– Mas *vou* ser rainha? – perguntou seu eu mais novo.

– Sim – a malícia cintilou nos olhos amarelos de Maggy. – Rainha será... até chegar outra, mais nova e mais bela, para derrubar você e roubar tudo aquilo que lhe for querido.

A ira relampejou no rosto da criança.

– Se ela tentar, mando meu irmão matá-la – nem mesmo então parou, sendo a criança obstinada que era. Ainda lhe era devida mais uma pergunta, mais um vislumbre da vida que a esperava. – O rei e eu teremos filhos? – perguntou.

– Oh, sim. Ele dezesseis, e você três.

Aquilo não fazia sentido para Cersei. O polegar latejava onde o cortara, e seu sangue pingava no tapete. *Como é possível?*, quis perguntar, mas já

não tinha mais perguntas.

Porém, a velha ainda não terminara com ela.

– De ouro será sua coroa, e de ouro sua mortalha – disse. – E quando suas lágrimas a afogar, o *valonqar* enrolará as mãos em sua pálida garganta branca e a estrangulará até roubar sua vida.

– O que é um *valonqar*? Algum monstro? – a garota dourada não gostava daquela profecia. – É uma mentirosa, uma rã verrugosa e uma velha selvagem e malcheirosa, e não acredito em uma palavra que diz. Vamos embora, Melara. Não vale a pena ouvi-la.

– Eu também tenho três perguntas – insistiu a amiga. E quando Cersei lhe puxou o braço, ela se libertou e voltou outra vez para a velha. – Vou me casar com Jaime? – perguntou muito depressa.

*Sua garota estúpida*, pensou a rainha, ainda hoje zangada. *Jaime nem sequer sabia que você existia*. Nessa época, o irmão vivia apenas para as espadas, os cães e os cavalos... e para ela, sua gêmea.

– Nem Jaime, nem nenhum outro homem – Maggy respondeu. – Serão os vermes que ficarão com sua virgindade. A morte está aqui hoje, pequena. Sente o cheiro do hálito dela? Está muito perto.

– O único hálito que cheiramos é o seu – Cersei disse. Havia um jarro com uma poção espessa qualquer junto ao seu cotovelo, pousado numa mesa. Pegou o jarro e o atirou aos olhos da velha. Em vida, ela gritou numa estranha língua estrangeira qualquer e as amaldiçoou quando fugiram da sua tenda. Mas, no sonho, seu rosto se dissolveu, derretendo-se em fios de névoa cinzenta até que tudo o que restou foram dois olhos vesgos e amarelos, os olhos da morte.

*O* valonqar *enrolará as mãos em sua garganta*, ouviu a rainha, mas a voz não pertencia à velha. As mãos emergiram das névoas de seu sonho e envolveram-lhe o pescoço; mãos grossas e fortes. Por cima delas flutuava o rosto dele, olhando-a de esguelha com seus olhos desiguais. *Não*, a rainha tentou gritar, mas os dedos do anão enterraram-se profundamente em seu pescoço, afogando seus protestos. Esperneou e esganiçou-se, sem resultado. Não levou muito tempo para começar a fazer o mesmo som que o filho fizera, o terrível som agudo de sugar que assinalara a última inspiração de Joff nesta terra.

Acordou, arquejando, no escuro, com a manta enrolada em volta do pescoço. Cersei puxou-a com tamanha violência que a rasgou, e sentou-

se na cama, com o peito arfando. *Um sonho*, disse a si mesma, *um sonho antigo e uma colcha presa, não passou disso*.

Taena de novo passava a noite com a pequena rainha, de modo que era Dorcas quem dormia ao seu lado. A rainha sacudiu rudemente a garota pelo ombro.

– Acorde e vá buscar Pycelle. Ele deve estar com Lorde Gyles, espero. Traga-o aqui imediatamente – ainda sonolenta, Dorcas saiu aos tropeções da cama e correu pelo aposento em busca de suas roupas, roçando os pés nus nas esteiras.

*Séculos* mais tarde, Grande Meistre Pycelle entrou arrastando os pés e parou diante dela com a cabeça baixa, pestanejando suas grossas pálpebras e lutando para não bocejar. Parecia que o peso da enorme corrente de meistre em volta do caniço que era seu pescoço o puxava para o chão. Que Cersei se lembrasse, Pycelle sempre fora velho, mas houve uma época em que também era magnífico: ricamente vestido, digno, impecavelmente cortês. Sua imensa barba branca lhe dava um ar de sabedoria. Mas Tyrion raspara sua barba, e aquilo que voltara a crescer era digno de dó, uns tufos irregulares de pelos finos e quebradiços que pouco faziam para esconder a pele solta e cor-de-rosa que tinha sob o queixo pendente. *Isso não é um homem*, pensou Cersei, *são só as ruínas de um. As celas negras roubaram-lhe todas as forças que pudesse ter possuído. Isso e a navalha do Duende.*

– Quantos anos tem? – Cersei perguntou abruptamente.

– Oitenta e quatro, se aprouver a Vossa Graça.

– Um homem mais novo me agradaria mais.

A língua de Pycelle surgiu momentaneamente entre seus lábios.

– Não tinha mais que quarenta e dois quando o Conclave me chamou. Kaeth tinha oitenta quando o escolheram, e Ellendor estava próximo dos noventa. As preocupações do cargo esmagaram-nos, e ambos estavam mortos menos de um ano depois de terem sido nomeados. Merion os sucedeu, com sessenta e seis apenas, mas morreu de um resfriado a caminho de Porto Real. Depois disso, o Rei Aegon pediu à Cidadela para mandar um homem mais novo. Foi o primeiro rei que servi.

*E Tommen será o último.*

– Preciso que me forneça uma poção. Algo que me ajude a dormir.

– Uma taça de vinho antes de deitar freq...

– Eu *bebo* vinho, seu cretino desmiolado. Quero algo mais forte. Algo que não me permita sonhar.

– Você... Vossa Graça não deseja sonhar?

– O que foi que acabei de dizer? Terão seus ouvidos se tornado tão fracos quanto seu pau? É capaz de me fazer uma poção assim ou terei de ordenar a Lorde Qyburn para retificar mais uma de suas falhas?

– Não. Não há necessidade de envolver esse... de envolver Qyburn. Sono sem sonhos. Terá sua poção.

– Ótimo. Pode ir – mas, quando ele se virou para a porta, a rainha o chamou de volta. – Mais uma coisa. O que a Cidadela ensina a respeito de profecias? Nosso amanhã pode ser predito?

O velho hesitou. Uma mão enrugada tateou cegamente o peito, como que tentando afagar a barba que não estava lá.

– Nosso amanhã pode ser predito? – repetiu lentamente. – Talvez. Há certos feitiços nos livros antigos... Mas o que Vossa Graça devia perguntar é "Nosso amanhã *deve* ser predito?". E a isso responderia: "Não". Há portas que é melhor manter fechadas.

– Assegure-se de fechar a minha quando sair – devia saber de antemão que o homem lhe daria uma resposta tão inútil quanto ele próprio.

Na manhã seguinte quebrou o jejum com Tommen. O garoto parecia muito resignado; dar o castigo a Pate servira ao seu objetivo, segundo parecia. Comeram ovos fritos, pão frito, bacon e umas laranjas sanguíneas recém-chegadas de Dorne. O filho estava cercado por seus gatinhos. Ao observar os bichos brincando em volta dos pés dele, Cersei sentiu-se um pouco melhor. *Nada de mal acontecerá a Tommen enquanto eu continuar viva*. Mataria metade dos lordes de Westeros e todos os plebeus se fosse este o preço para mantê-lo a salvo.

– Vá com Jocelyn – disse ao garoto depois de comerem.

Então, mandou buscar Qyburn.

– Senhora Falyse ainda está viva?

– Viva, sim. Talvez não inteiramente... confortável.

– Sei – Cersei refletiu por um momento. – Esse homem, Bronn... Não posso afirmar que gosto da ideia de ter um inimigo tão próximo. Todo seu poder deriva de Lollys. Se apresentássemos a irmã mais velha...

– É pena – Qyburn soou em tom de lamento. – Temo que Senhora Falyse já não seja capaz de governar Stokeworth. Ou, na verdade, de se

alimentar sozinha. Aprendi bastante com ela, agrada-me dizer, mas as lições não surgiram inteiramente livres de custos. Espero não ter excedido as instruções de Vossa Graça.

– Não – quaisquer que fossem suas intenções, agora era tarde demais. Não fazia sentido remoer coisas assim. *É melhor que ela morra*, disse a si mesma. *Não ia desejar continuar a viver sem o marido. Apesar de ser o imbecil que era, a tola parecia gostar dele*. – Há outro assunto. Na noite passada tive um sonho terrível.

– Todos sofrem com isso, de vez em quando.

– Esse sonho dizia respeito a uma bruxa que visitei quando criança.

– Uma bruxa da floresta? A maioria delas é de criaturas inofensivas. Sabem um pouco de ervas e algo sobre partos, mas, além disso...

– Ela era mais do que isso. Metade de Lanisporto ia ter com ela em busca de encantos e poções. Era mãe de um pequeno senhor, um mercador rico a quem foi dado um título pelo meu avô. O pai desse senhor encontrara-a enquanto fazia negócios no leste. Havia quem dissesse que ela o tinha enfeitiçado, embora seja mais provável que o único feitiço necessário tenha sido aquele que tinha entre as pernas. Nem sempre tinha sido hedionda, ou pelo menos é o que diziam. Não me lembro do nome da mulher. Qualquer coisa comprida, oriental e exótica. O povo a chamava Maggy.

– *Maegi*?

– É assim que se pronuncia? A mulher sugava-nos uma gota de sangue do dedo e dizia o que o futuro nos traria.

– A magia de sangue é a espécie mais negra de feitiçaria. Há quem diga que também é a mais poderosa.

Cersei não queria ouvir aquilo.

– Essa *maegi* fez certas profecias. A princípio, ri delas, mas... Ela predisse a morte de uma das minhas aias. Na época em que fez a profecia, a garota tinha onze anos, era saudável como um cavalinho e vivia a salvo no interior do Rochedo. Mas, pouco depois, caiu em um poço e se afogou – Melara suplicara-lhe que nunca falasse daquilo que tinham ouvido naquela noite na tenda da *maegi*. *Se nunca falarmos sobre isso, logo esqueceremos, e então terá sido apenas um pesadelo*, dissera-lhe. *Os pesadelos nunca se tornam reais*. Ambas eram tão novas que aquilo soara quase sensato.

– Ainda sofre por essa amiga de infância? – perguntou Qyburn. – É isso o que a perturba, Vossa Graça?

– Melara? Não. Quase nem consigo me lembrar de seu rosto. É só que... A *maegi* sabia quantos filhos eu teria, e sabia dos bastardos de Robert. Anos antes de ele gerar sequer o primeiro, ela sabia. Garantiu-me que eu seria rainha, mas disse que outra rainha chegaria... – *mais nova e mais bela, ela disse.* – ... Outra rainha, que me roubaria tudo aquilo que amo.

– E deseja se antecipar a essa profecia?

*Mais do que qualquer outra coisa*, pensou.

– *Posso* antecipar-me a ela?

– Oh, sim. Nunca duvide disso.

– Como?

– Penso que Vossa Graça sabe como.

E sabia. *Sempre soube*, pensou. *Mesmo na tenda. "Se ela tentar, mando meu irmão matá-la."*

Mas saber o que precisava fazer era uma coisa, e como fazê-lo era outra bem diferente. Já não podia confiar em Jaime. Uma doença súbita seria o melhor, mas os deuses raramente se mostravam tão prestativos. *Então, como? Uma faca, uma almofada, uma taça de veneno do coração?* Todas essas opções criavam problemas. Quando um velho morria durante o sono, ninguém pensava duas vezes no assunto, mas uma garota de dezesseis anos encontrada morta na cama certamente levantaria questões incômodas. Além do mais, Margaery nunca dormia só. Mesmo com Sor Loras moribundo, havia espadas ao seu redor, dia e noite.

*As espadas têm dois gumes, porém. Os próprios homens que a guardam podiam ser usados para derrubá-la*. As provas teriam de ser tão esmagadoras que nem mesmo o senhor pai de Margaery teria alternativa exceto dar consentimento à sua execução. Isso não seria fácil. *Não é provável que seus amantes confessem, sabendo que isso custaria tanto suas cabeças como a dela. A menos que...*

No dia seguinte, a rainha encontrou Osmund Kettleblack no pátio, lutando com um dos gêmeos Redwyne. Qual não saberia dizer, nunca fora capaz de distingui-los. Observou o combate durante algum tempo, e então chamou Sor Osmund.

– Acompanhe-me por um momento – disse –, e diga-me a verdade. Não quero elogios vazios, nada de conversas sobre como um Kettleblack é três vezes melhor do que qualquer outro cavaleiro. Muito pode depender de sua resposta. Seu irmão Osney. Quão bom espadachim ele é?

– É bom. Já o viu. Não é tão forte como eu ou Osfryd, mas é rápido na matança.

– Ele seria capaz de derrotar Sor Boros Blount, se se chegasse a esse ponto?

– Boros, a Barriga? – Sor Osmund riu alto. – Ele tem o quê? Quarenta anos? Cinquenta? Passa metade do tempo meio bêbado, e é gordo mesmo quando está sóbrio. Se alguma vez teve gosto pela batalha, perdeu-o. Sim, Vossa Graça, se Sor Boros quiser ser morto, Osney pode tratar disso com bastante facilidade. Por quê? Boros cometeu alguma traição?

– Não – ela disse. *Mas Osney sim*.

## BRIENNE

Encontraram o primeiro cadáver a uma milha do entroncamento.

Balançava sob o galho de uma árvore morta, cujo tronco enegrecido ainda ostentava as marcas do relâmpago que a vitimara. As gralhas-pretas tinham estado trabalhando em seu rosto, e os lobos haviam se banqueteado com a parte de baixo das pernas, que pendiam perto do solo. Só restavam ossos e trapos abaixo dos joelhos... e um sapato muito roído, semicoberto de lama e bolor.

– O que é que ele tem na boca? – Podrick perguntou.

Brienne teve de se erguer para olhar. O rosto do cadáver estava cinza, verde e horrendo, a boca, aberta e distendida. Alguém enfiara uma pedra branca e irregular entre seus dentes. Uma pedra, ou...

– Sal – Septão Meribald respondeu.

Cinquenta metros mais adiante viram o segundo corpo. Os necrófagos tinham-no puxado para baixo, de modo que o que dele restava encontrava-se espalhado no chão sob uma corda velha enrolada em volta do galho de um ulmeiro. Brienne podia ter passado sem notá-lo, se Cão não o tivesse farejado e saltado para as ervas daninhas, para cheirar mais de perto.

– O que você tem aí, Cão? – Sor Hyle desmontou, apressou-se a seguir o animal e deparou com um meio elmo. O crânio do morto ainda se encontrava lá dentro, acompanhado de algumas larvas e escaravelhos. – Bom aço – anunciou – e não está muito amassado, embora o leão tenha perdido a cabeça. Pod, quer um elmo?

– Esse não. Tem vermes aí dentro.

– Os vermes podem ser tirados, rapaz. É enjoado como uma garota.

Brienne franziu as sobrancelhas.

– É grande demais para ele.

– Ele há de crescer.

– Mas não quero – Podrick insistiu. Sor Hyle encolheu os ombros e atirou o elmo partido para a floresta, com leão e tudo. Cão latiu e foi erguer a perna contra a árvore.

Depois daquilo, dificilmente avançavam cem metros sem encontrar um cadáver. Pendiam sob freixos e amieiros, faias e vidoeiros, lariços e ulmeiros, velhos salgueiros embranquecidos e faustosos castanheiros. Cada homem tinha um laço em volta do pescoço e pendia de uma corda de cânhamo, e a boca de todos estava cheia de sal. Alguns usavam mantos cinzentos, azuis ou carmesins, embora a chuva e o sol os tivessem desbotado tanto que era difícil distinguir as cores umas das outras. Outros tinham símbolos cosidos ao peito. Brienne viu machados, flechas, vários salmões, um pinheiro, uma folha de carvalho, escaravelhos, pequenos galos, uma cabeça de javali, meia dúzia de tridentes. *Desertores*, compreendeu, *a escória de uma dúzia de exércitos, os restos dos lordes*.

Alguns dos mortos tinham sido calvos, outros, barbudos, alguns eram novos, outros, velhos, alguns tinham sido baixos, e alguns, altos; alguns eram gordos, outros, magros. Inchados na morte, com rosto roído e apodrecido, todos se assemelhavam. *Na árvore da forca, todos os homens são irmãos*. Brienne lera isso num livro, embora não conseguisse se recordar qual.

Foi Hyle Hunt quem finalmente expressou em palavras o que todos tinham compreendido.

– Foram estes os homens que saquearam Salinas.

– Que o Pai os julgue com dureza – disse Meribald, amigo do idoso septão da vila.

Quem eles eram estava longe de interessar tanto Brienne quanto quem os enforcara. O laço era o método de execução preferido de Beric Dondarrion e de seu bando de fora da lei, dizia-se. Se assim fosse, o dito senhor do relâmpago poderia perfeitamente encontrar-se por perto.

Cão latiu, e Septão Meribald olhou em volta e franziu as sobrancelhas.

– Vamos mais depressa? O sol vai se pôr em breve, e cadáveres são má companhia à noite. Estes homens, vivos, eram negros e perigosos. Duvido que a morte os tenha melhorado.

– Nisso discordamos – Sor Hyle se manifestou. – Estes são precisamente o tipo de homem que mais é aperfeiçoado pela morte –

mesmo assim, esporeou o cavalo e todos aumentaram um pouco a velocidade.

Mais à frente, as árvores começaram a rarear, embora o mesmo não acontecesse aos cadáveres. Os bosques deram lugar a campos lamacentos, e os galhos das árvores, a cadafalsos. Nuvens de corvos erguiam-se aos guinchos dos cadáveres quando os viajantes se aproximavam, e voltavam a se instalar depois de passarem. *Esses homens eram maus*, recordou Brienne a si mesma, mas ver aquilo continuava a entristecê-la. Forçou-se a olhar para todos os homens, um de cada vez, em busca de rostos familiares. Pensou reconhecer alguns de Harrenhal, mas o estado em que estavam tornava difícil ter certeza. Nenhum tinha um elmo em forma de cabeça de cão, mas eram poucos os que tinham qualquer tipo de elmo. A maioria fora despida de armas, armadura e botas antes de ser pendurados.

Quando Podrick quis saber o nome da estalagem onde esperavam passar a noite, Septão Meribald apegou-se avidamente à pergunta, talvez para afastar do espírito de todos as horríveis sentinelas da beira da estrada.

– Alguns a chamam Velha Estalagem. Ali existe uma estalagem há muitas centenas de anos, embora *esta* só tenha sido construída durante o reinado do primeiro Jaehaerys, o rei que construiu a estrada do rei. Dizem que Jaehaerys e sua rainha dormiam ali durante suas viagens. Durante algum tempo, a estalagem foi conhecida como Duas Coroas, em sua honra, até que um estalajadeiro construiu uma torre sineira e mudou o nome para Estalagem do Toque de Sino. Mais tarde, passou para um cavaleiro aleijado chamado Jon Comprido Heddle, que se dedicou a trabalhar o ferro quando ficou idoso demais para combater. Ele forjou um novo sinal para o pátio, um dragão de três cabeças em ferro negro que pendurou em um poste de madeira. O animal era tão grande que teve de ser feito em uma dúzia de peças, unidas com corda e arame. Quando o vento soprava, tinia e ressoava, de modo que a estalagem se tornou conhecida por todo lado como o Dragão Ressonante.

– O sinal do dragão ainda está lá? – Podrick qui saber também.

– Não – Septão Meribald respondeu. – Quando o filho do ferreiro era já um velho, um filho bastardo do quarto Aegon ergueu-se em rebelião contra seu irmão legítimo e escolheu como símbolo um dragão negro.

Estas terras pertenciam então a Lorde Darry, e sua senhoria era ferozmente leal ao rei. Ver o dragão de ferro negro o deixou furioso, e por isso derrubou o poste, fez o sinal em pedaços e os atirou ao rio. Uma das cabeças do dragão foi dar à costa na Ilha Quieta muitos anos mais tarde, embora nessa época estivesse vermelha de ferrugem. O estalajadeiro não voltou a pendurar outro sinal, e os homens esqueceram-se do dragão e se acostumaram a chamar o lugar de Estalagem do Rio. Nesses dias, o Tridente passava por baixo de sua porta dos fundos, e metade dos quartos foi construída por cima da água. Diz-se que os hóspedes podiam jogar uma linha pela janela e apanhar trutas. Também havia ali um embarcadouro, de onde os viajantes podiam atravessar para a Vila do Lorde Harroway e para Alvasparedes.

– Deixamos o Tridente ao sul daqui e temos avançado para o norte e o oeste... não na direção do rio, mas para longe dele.

– Sim, senhora – o septão confirmou. – O rio se deslocou. Foi há setenta anos. Ou terá sido há oitenta? Foi quando o avô da velha Masha Heddle era dono do lugar. Foi ela quem me contou toda essa história. Uma mulher amável, a Masha, amiga de folhamarga e de bolos de mel. Quando não tinha um quarto para mim, deixava-me dormir junto da lareira, e nunca me mandou embora sem um pouco de pão e queijo e alguns bolos duros.

– É ela agora a estalajadeira? – Podrick perguntou.

– Não. Os leões a enforcaram. Depois de irem embora, ouvi dizer que um dos sobrinhos tentou reabrir a estalagem, mas as guerras tornaram as estradas perigosas demais para as pessoas comuns viajarem, de modo que havia pouca freguesia. Ele trouxe prostitutas, mas nem isso conseguiu salvá-lo. Algum lorde também o matou, segundo ouvi dizer.

Sor Hyle fez uma careta.

– Nunca imaginei que ser dono de estalagem fosse um perigo tão mortal.

– O que é perigoso é ter nascimento plebeu, quando os grandes senhores jogam seu jogo dos tronos – Septão Meribald rebateu. – Não é verdade, Cão? – Cão latiu seu acordo.

– E então – disse Podrick –, a estalagem tem algum nome *agora*?

– O povo a chama de a Estalagem do Entroncamento. O Irmão Mais Velho me disse que duas das sobrinhas de Masha Heddle voltaram a abri-

la à clientela – ergueu o cajado. – Se os deuses forem bons, aquela fumaça que se ergue atrás dos enforcados sai de suas chaminés.

– Podiam chamar o lugar de Estalagem da Forca – Sor Hyle sugeriu.

Qualquer que fosse o nome, a estalagem era grande, erguendo-se três andares acima das estradas lamacentas, com paredes, torreões e chaminés feitos de boa pedra branca que rebrilhava, pálida e fantasmagórica, contra o céu cinzento. Sua ala sul tinha sido construída sobre pesados pilares de madeira por cima de uma rachada e afundada extensão de ervas daninhas e grama morta e marrom. Um estábulo com telhado de colmo e uma torre sineira tinham sido ligados ao lado norte. Todo o complexo era cercado por um muro baixo de pedras brancas, quebradas e cobertas de musgo.

*Pelo menos ninguém a incendiou*. Em Salinas, só tinham encontrado morte e desolação. Quando Brienne e os companheiros chegaram de barco, vindos da Ilha Quieta, os sobreviventes já tinham fugido, e os mortos estavam entregues à terra, mas ficara o cadáver da própria vila, em cinzas e por enterrar. O ar ainda cheirava a fumaça, e os gritos das gaivotas flutuando na aragem pareciam quase humanos, como lamentos de crianças perdidas. Até o castelo parecia esquecido e abandonado. Cinzento como as cinzas da vila ao redor, ele consistia de uma torre quadrada cercada por uma muralha exterior, construída de forma a dominar o porto. Estava bem fechado quando Brienne e os outros fizeram os cavalos sair do barco, sem nada em movimento nas suas ameias, a não ser estandartes. Foi preciso um quarto de hora de latidos do Cão e de batidas do Septão Meribald ao portão da frente com o bastão para que uma mulher aparecesse por cima deles e quisesse saber o que pretendiam.

Àquela altura o barco já partira e começava a chover.

– Sou um santo septão, minha boa senhora – Meribald gritou para cima –, e estes são honestos viajantes. Procuramos abrigo da chuva e um lugar perto de sua lareira para passar a noite – a mulher não se deixou comover por seu apelo.

– A estalagem mais próxima fica no entroncamento, a oeste – ela respondeu. – Não queremos estranhos aqui. Fora – depois de ela desaparecer, nem as preces de Meribald, nem os latidos de Cão, nem as

pragas de Sor Hyle conseguiram trazê-la de volta. Por fim, passaram a noite na floresta, sob um abrigo feito de galhos entrelaçados.

Mas na estalagem do entroncamento havia vida. Mesmo antes de chegarem ao portão, Brienne ouviu o som de marteladas, tênues, mas contínuas. Traziam um ressoar metálico.

– Uma forja – Sor Hyle observou. – Ou têm com eles um ferreiro ou o fantasma do velho estalajadeiro está fazendo outro dragão de ferro – esporeou o cavalo. – Espero que também tenham um cozinheiro fantasma. Um frango assado e estaladiço era coisa para pôr o mundo nos eixos.

O pátio da estalagem era um mar de lama marrom que sugava os cascos dos cavalos. O clangor do aço era mais alto ali, e Brienne viu o brilho rubro da forja para lá da extremidade mais distante dos estábulos, por trás de um carro de bois com uma roda partida. Também via cavalos nos estábulos, e um garoto pequeno se balançava pendurado nas correntes enferrujadas da velha forca que se erguia acima do pátio. Quatro garotas estavam no alpendre da estalagem, observando-o. A mais nova não tinha mais de dois anos, e estava nua. A mais velha, com nove ou dez anos, tinha os braços protetoramente em volta da pequena.

– Meninas – gritou-lhes Sor Hyle –, vão correndo buscar sua mãe.

O garoto deixou-se cair da corrente e se precipitou para os estábulos. As quatro garotas mostraram-se inquietas. Passado um momento, uma delas disse:

– Não temos mães.

E outra acrescentou:

– Eu tive, mas eles a mataram.

A mais velha das quatro deu um passo adiante, empurrando a pequena para trás de sua saia.

– Quem é você? – quis saber.

– Honestos viajantes em busca de abrigo. Meu nome é Brienne, e este é o Septão Meribald, que é bem conhecido nas terras fluviais. O garoto é meu escudeiro, Podrick Payne, e o cavaleiro é Sor Hyle Hunt.

O martelar parou de súbito. A garota no alpendre os examinou, desconfiada como só alguém de dez anos sabe ser.

– Meu nome é Willow. Vão querer camas?

– Camas, cerveja e comida quente que nos encha a barriga – Sor Hyle Hunt respondeu enquanto desmontava. – Você é a estalajadeira?

Ela balançou a cabeça.

– A estalajadeira é a minha irmã Jeyne. Ela não está aqui. Só temos carne de cavalo para comer. Se vem em busca de prostitutas, não há. Minha irmã correu com elas. Mas temos camas. Algumas com colchão de penas, mas a maioria tem colchão de palha.

– E todas elas têm pulgas, não duvido – Sor Hyle retrucou.

– Tem moedas para pagar? Prata?

Sor Hyle deu risada.

– Prata? Por uma noite em uma cama e um pernil de cavalo? Pretende nos roubar, criança?

– Queremos prata. Caso contrário, podem dormir na floresta com os mortos – Willow olhou de relance o burro e os barris e trouxas que tinha ao lombo. – Aquilo é comida? Onde arranjou?

– Lagoa da Donzela – Meribald respondeu. Cão latiu.

– Interroga todos os seus hóspedes dessa maneira? – perguntou Sor Hyle.

– Não temos tantos hóspedes assim. Não é como antes da guerra. Hoje em dia é principalmente pardais que andam pelas estradas, ou gente pior.

– Pior? – Brienne espantou-se.

– Ladrões – disse uma voz de rapaz vinda dos estábulos. – Assaltantes.

Brienne virou-se e viu um fantasma.

*Renly*. Nenhum golpe de martelo no coração poderia tê-la abatido tanto.

– Senhor? – arquejou.

– Senhor? – o rapaz empurrou para trás uma madeixa de cabelos negros que lhe caíra sobre os olhos. – Sou só um ferreiro.

*Ele não é Renly*, Brienne compreendeu. *Renly está morto. Renly morreu em meus braços, e era um homem de vinte e um anos. Este é só um rapaz*. Um rapaz que se parecia com aquele Renly que viera pela primeira vez a Tarth. *Não, mais novo. Tem o queixo mais quadrado, e as sobrancelhas mais espessas*. Renly era esbelto e flexível, ao passo que aquele rapaz tinha os ombros pesados e o braço direito musculoso tão frequente nos ferreiros. Usava um longo avental de couro, mas por baixo tinha o tronco nu. Uma barba escura por fazer cobria-lhe as bochechas e

o queixo, e tinha uma espessa cabeleira negra que lhe tapava as orelhas. Os cabelos do Rei Renly eram daquele negro de carvão, mas os dele sempre estavam limpos, escovados e penteados. Por vezes os cortava curtos, outras, deixava-os cair, soltos, sobre os ombros, ou presos num rabo de cavalo com uma fita dourada, mas nunca se mostravam emaranhados ou empapados de suor. E embora seus olhos fossem daquele mesmo azul profundo, os de Lorde Renly sempre tinham sido calorosos e receptivos, cheios de risos, ao passo que os daquele rapaz transbordavam de fúria e desconfiança.

O septão também o viu.

– Não pretendemos nenhum mal, rapaz. Quando esta estalagem era de Masha Heddle, sempre teve um bolo de mel para mim. Por vezes, ela até me deixava dormir em uma cama, se a estalagem não estivesse cheia.

– Ela está morta – disse o rapaz. – Os leões a enforcaram.

– Enforcar gente parece ser o passatempo preferido neste lugar – Sor Hyle Hunt observou. – Gostaria de ter um pouco de terra por aqui. Plantaria cânhamo, venderia corda e faria minha fortuna.

– Todas essas crianças – disse Brienne para a garota chamada Willow. – São suas... irmãs? Irmãos? Parentes diretos e primos?

– Não – Willow a fitava de um modo que Brienne conhecia bem. – São só... não sei... os pardais os trazem para cá, às vezes. Outros chegam sozinhos. Se é uma mulher, por que se veste como um homem?

Septão Meribald respondeu.

– Senhora Brienne é uma donzela guerreira em uma demanda. Mas, neste momento, precisa de uma cama seca e uma fogueira quente. Assim como todos nós. Meus velhos ossos dizem que vai voltar a chover, e logo. Tem quartos para nós?

– Não – disse o jovem ferreiro.

– Sim – disse a garota chamada Willow.

Trocaram olhares furiosos. Então Willow bateu com o pé no chão.

– Eles têm *comida*, Gendry. Os pequenos estão com fome – ela assobiou, e surgiram mais crianças como que por magia; garotos esfarrapados com madeixas por cortar saíram engatinhando por debaixo do alpendre, e furtivas garotas surgiram em janelas que davam para o pátio. Alguns traziam bestas, retesadas e carregadas.

– Podiam chamar o lugar de a Estalagem das Bestas – Sor Hyle sugeriu.

*A Estalagem dos Órfãos seria mais apropriado*, Brienne pensou.

– Wat, ajude-os com os cavalos – disse Willow. – Will, jogue essa pedra fora, eles não vieram nos fazer mal. Tanásia, Pate, vão buscar lenha para alimentar o fogo. Jon Vintém, ajude o septão com aqueles fardos. Eu lhes mostro uns quartos.

Por fim, escolheram três quartos adjacentes uns aos outros, cada um com sua cama com colchão de penas e sua janela. O de Brienne também tinha uma lareira. Pagou mais algumas moedas por um pouco de lenha.

– Eu durmo em seu quarto ou no de Sor Hyle? – perguntou Podrick enquanto ela abria as janelas.

– Aqui não é a Ilha Quieta – Bienne disse-lhe. – Pode ficar comigo – ao amanhecer, pretendia que os dois partissem sozinhos. Septão Meribald ia prosseguir para Nogueira, Meandro e para a Vila de Lorde Harroway, mas Brienne não via sentido em continuar seguindo-o. Ele tinha Cão para lhe fazer companhia, e o Irmão Mais Velho a persuadira de que não encontraria Sansa Stark ao longo do Tridente. – Pretendo me levantar antes de o sol nascer, enquanto Sor Hyle ainda estiver dormindo – Brienne não lhe perdoara por Jardim de Cima... e, como ele mesmo dissera, Hunt não prestara juramento algum a respeito de Sansa.

– Para onde vamos, sor? Quer dizer, senhora?

Brienne não tinha resposta pronta para lhe dar. Tinham chegado a uma encruzilhada, literalmente; o lugar onde a estrada do rei, a estrada do rio e a estrada de altitude se juntavam. Esta última os levaria para leste, através das montanhas, até o Vale de Arryn, onde a tia da Senhora Sansa governara até sua morte. Para oeste, corria a estrada do rio, que seguia o curso do Ramo Vermelho até Correrrio e ao tio-avô de Sansa, que estava cercado, mas ainda vivo. Ou então podiam seguir para o norte, pela estrada do rei, passando pelas Gêmeas e pelo Gargalo, com seus pântanos e lodaçais. Se conseguisse encontrar uma forma de passar por Fosso Cailin e por quem quer que agora controlasse o castelo, a estrada do rei os levaria até Winterfell.

*Ou podia seguir pela estrada do rei para o sul*, pensou Brienne. *Podia escapulir de volta para Porto Real, confessar a Sor Jaime meu fracasso, devolver-lhe a espada e arranjar um navio que me levasse para Tarth,*

*como Irmão Mais Velho me instou a fazer*. A ideia era amarga, mas havia uma parte de si que ansiava por Entardecer e pelo pai, e outra que perguntava a si mesma se Jaime a confortaria caso chorasse em seu ombro. Era isso o que os homens queriam, não era? Mulheres delicadas e impotentes, que precisavam ser protegidas?

– Sor? Senhora? Eu perguntei para onde vamos.

– Lá para baixo, para a sala comum, jantar.

A sala comum estava repleta de crianças. Brienne tentou contá-las, mas não paravam quietas por um instante, de modo que contou algumas duas ou três vezes e outras não chegou a contar, até finalmente desistir. Tinham juntado as mesas para formar três longas fileiras, e os garotos mais velhos carregavam bancos da parte de trás. *Mais velho* queria dizer dez ou doze anos. Gendry era o que havia de mais próximo a um homem-feito, mas era Willow quem gritava todas as ordens, como se fosse uma rainha em seu castelo e as outras crianças não passassem de criados.

*Se ela fosse bem-nascida, o comando lhe seria natural, assim como a deferência para os outros*. Brienne perguntou a si mesma se Willow poderia ser mais do que aparentava. A garota era nova e simples demais para ser Sansa Stark, mas tinha a idade certa para ser a irmã caçula, e até a Senhora Catelyn dissera que faltava a Arya a beleza da irmã. *Cabelos castanhos, olhos castanhos, magricela... Poderia ser?* Lembrava-se de os cabelos de Arya Stark serem castanhos, mas Brienne não estava certa quanto à cor de seus olhos. *Ambos castanhos, seria? Será que ela não tinha morrido em Salinas, afinal?*

Lá fora, a última luz do dia apagava-se. Dentro da estalagem, Willow mandara acender quatro gordurosas velas de sebo e dissera às garotas para manter a lareira com fogo vivo e quente. Os garotos ajudaram Podrick Payne a descarregar o burro e levaram para dentro o bacalhau salgado, o carneiro, os legumes, as frutas secas e as rodelas de queijo, enquanto Septão Meribald se dirigia à cozinha para se encarregar do mingau de aveia.

– Infelizmente, já não tenho laranjas, e duvido que veja mais alguma até a primavera – disse ele a um garotinho. – Já comeu uma laranja, menino? Alguma vez espremeu uma e chupou seu sumo? – quando o garoto balançou a cabeça numa negativa, o septão despenteou-lhe os

cabelos. – Então eu lhe trarei uma, quando chegar a primavera, se for um bom menino e me ajudar a mexer o mingau.

Sor Hyle tirou as botas para aquecer os pés junto à lareira. Quando Brienne se sentou ao seu lado, ele indicou com a cabeça o outro lado da sala.

– Há manchas de sangue no chão, ali onde o Cão está farejando. Foram raspadas, mas o sangue introduziu-se profundamente na madeira, e não há maneira de tirá-lo de lá.

– Foi esta a estalagem em que Sandor Clegane matou três dos homens do irmão – recordou Brienne.

– Sim, foi – concordou Hunt –, mas quem poderá dizer que foram os primeiros a morrer aqui... ou que serão os últimos?

– Tem medo de um punhado de crianças?

– Quatro seriam um punhado. Dez seriam uma indigestão. Isto é uma cacofonia. As crianças deviam ser embrulhadas em fraldas e penduradas na parede até crescer o peito às garotas e os rapazes terem idade para fazer a barba.

– Tenho pena delas. Todas perderam a mãe e o pai. Algumas os viram ser mortos.

Hunt revirou os olhos.

– Esqueci-me de que estava falando com uma mulher. Seu coração é tão mole quanto o mingau de nosso septão. Será possível? Em algum lugar dentro dessa espadachim está uma mãe aflita por dar à luz. O que realmente deseja é um bebê cor-de-rosa para mamar em seu peito – Sor Hyle abriu um sorriso. – Para isso precisa de um homem, segundo ouvi dizer. Um marido, de preferência. Por que não eu?

– Ainda espera ganhar sua aposta...

– O que quero ganhar é você, a única descendente viva de Lorde Selwyn. Sei de homens que se casaram com desmioladas e bebês de peito por propriedades com um décimo do tamanho de Tarth. Não sou Renly Baratheon, confesso, mas tenho a virtude de ainda estar entre os vivos. Há quem diga que esta é a minha única virtude. O casamento seria útil para ambos. Terras para mim, e um castelo cheio disto para você – indicou as crianças com um movimento de mão. – Eu sou capaz, asseguro-lhe. Gerei pelo menos uma bastarda, que eu saiba. Não tenha

medo, não a obrigarei a acolhê-la. Da última vez que fui vê-la, a mãe me deu um banho com uma panela de sopa.

Um rubor subiu pelo pescoço de Brienne.

– Meu pai tem só quarenta e quatro anos. Não é velho demais para voltar a se casar e ter um filho com sua nova esposa.

– Isso é um risco... *Se* seu pai voltar a se casar e *se* sua noiva demonstrar ser fértil e *se* o bebê for um garoto. Já fiz apostas piores.

– E perdeu. Jogue seu jogo com outra, sor.

– Assim fala uma donzela que nunca jogou o jogo com ninguém. Uma vez que o jogue, adotará outro modo de ver as coisas. No escuro, é tão bela quanto qualquer outra mulher. Seus lábios foram feitos para serem beijados.

– São lábios – disse Brienne. – Todos são iguais.

– E todos os lábios são feitos para serem beijados – concordou Hunt em um tom agradável. – Deixe a porta do seu quarto destrancada esta noite, e eu me esgueirarei para sua cama para lhe demonstrar a verdade do que digo.

– Se o fizer, será um eunuco quando for embora – Brienne levantou-se e se afastou dele.

Septão Meribald perguntou se podia fazer com as crianças uma oração de graças, ignorando a garotinha que engatinhava nua sobre a mesa.

– Sim – Willow concordou, pegando a garota antes de ela conseguir chegar ao mingau. E assim abaixaram juntos a cabeça e agradeceram ao Pai e à Mãe as suas dádivas... Todos, menos o rapaz de cabelos negros da forja, que cruzou os braços e ficou quieto, os olhos cheios de fúria, enquanto os outros rezavam. Brienne não foi a única a reparar nisso. Quando a oração terminou, Septão Meribald atravessou a mesa com o olhar e disse:

– Não tem amor pelos deuses, filho?

– Pelos seus deuses, não – Gendry levantou-se abruptamente. – Tenho trabalho a fazer – e saiu a passos largos, sem dar sequer uma mordida na comida.

– Há algum outro deus que ele adore? – Hyle Hunt quis saber.

– O Senhor da Luz – esganiçou-se um garotinho esquelético, que não teria mais de seis anos.

Willow bateu-lhe com a colher.

– Ben Boca Grande. Há *comida*. Devia estar comendo em vez de incomodar os senhores com conversas.

As crianças caíram sobre o jantar como lobos cairiam sobre um veado ferido, discutindo por causa do bacalhau, fazendo em pedaços o pão de centeio e enchendo tudo de mingau. Nem a enorme rodela de queijo sobreviveu por muito tempo. Brienne contentou-se com peixe, pão e cenouras, enquanto Septão Meribald dava duas colheiradas ao cão a cada uma que ele mesmo comia. Lá fora, começou a chover. Dentro, o fogo crepitava e a sala comum estava cheia de ruídos de mastigar e dos barulhos produzidos por Willow quando batia nas crianças com a colher.

– Um dia, aquela garota será uma temível esposa para um homem qualquer – observou Sor Hyle. – Aquele pobre aprendiz, provavelmente.

– Alguém devia levar-lhe alguma comida, antes que acabe.

– Você é alguém.

Brienne enrolou num pano uma cunha de queijo, uma fatia de pão, uma maçã seca e dois pedaços de bacalhau frito desfazendo-se. Quando Podrick se levantou para segui-la, ela lhe disse para voltar a se sentar e comer.

– Não demoro.

A chuva caía pesadamente no pátio. Brienne cobriu a comida com uma dobra do manto. Alguns dos cavalos relincharam para ela quando passou pelos estábulos. *Eles também têm fome.*

Gendry estava na forja, de peito nu por baixo de seu avental de couro. Martelava uma espada como se desejasse que ela fosse um inimigo, com os cabelos ensopados de suor caindo-lhe sobre a testa. Brienne ficou a observá-lo por um momento. *Ele tem os olhos de Renly e os cabelos de Renly, mas não a sua constituição. Lorde Renly era mais esguio do que musculoso... ao contrário do irmão, Robert, cuja força era legendária.*

Foi só quando parou para limpar a testa que Gendry a viu ali parada.

– O que *você* quer?

– Trouxe o jantar – abriu o embrulho para ele ver.

– Se eu quisesse comida, teria comido alguma.

– Um ferreiro precisa comer para manter as forças.

– É minha mãe?

– Não – Brienne pousou a comida. – Quem era sua mãe?

– O que você tem a ver com isso?

– Nasceu em Porto Real – o modo como ele falava dava-lhe essa certeza.

– Eu e muitos outros – e mergulhou a espada numa cuba de água da chuva para temperá-la. O aço quente silvou, furioso.

– Quantos anos tem? – Brienne quis saber. – Sua mãe ainda está viva? E seu pai, quem era ele?

– Faz perguntas demais – ele pousou a espada. – Minha mãe está morta, e nunca conheci meu pai.

– É um bastardo.

Ele tomou aquilo como um insulto.

– Sou um *cavaleiro*. Esta espada será minha em breve, assim que a terminar.

*O que um cavaleiro estaria fazendo trabalhando numa forja?*

– Tem cabelos negros e olhos azuis, e nasceu à sombra da Fortaleza Vermelha. Nunca ninguém reparou na sua cara?

– O que minha cara tem de errado? Não é tão feia quanto a sua.

– Em Porto Real deve ter visto Rei Robert.

Ele encolheu os ombros.

– Às vezes. Em torneios, de longe. Uma vez no Septo de Baelor. Os homens de manto dourado empurraram-nos para o lado, para que ele pudesse passar. Outra vez, estava brincando perto do Portão da Lama quando ele voltou de uma caçada. Estava tão bêbado que quase me atropelou. Era um grande beberrão gordo, mas melhor rei do que esses seus filhos.

*Eles não são seus filhos. Stannis disse a verdade, naquele dia em que se encontrou com Renly. Joffrey e Tommen nunca foram filhos de Robert. Mas esse rapaz...*

– Escute-me – Brienne começou. Então ouviu Cão latir, ruidosa e freneticamente. – Alguém vem vindo.

– Amigos – Gendry respondeu, sem se mostrar preocupado.

– Que tipo de amigos? – Brienne dirigiu-se à porta da forja para espreitar através da chuva.

Ele encolheu os ombros.

– Irá conhecê-los bem depressa.

*Posso não querer conhecê-los*, ela pensou, enquanto os primeiros cavaleiros surgiam, espirrando água das poças no pátio. Sob o tamborilar

da chuva e os latidos do Cão, conseguiu ouvir o tênue tinir de espadas e cotas de malha sob seus mantos esfarrapados. Contou-os à medida que foram aparecendo. Dois, quatro, seis, sete. Alguns estavam feridos, julgando pelo modo como cavalgavam. O último homem era maciço e pesado, tão grande quanto dois dos outros. Seu cavalo estava exausto e ensanguentado, e cambaleava sob seu peso. Todos os cavaleiros tinham os capuzes erguidos contra a chuva intensa, exceto ele. Seu rosto era largo e sem pelos, com uma palidez de verme, e as bochechas redondas estavam cobertas de chagas.

Brienne susteve a respiração e puxou pela Cumpridora de Promessas. *Muitos*, pensou, com um sobressalto de medo, *eles são muitos*.

– Gendry – disse em voz baixa –, vai querer uma espada e armadura. Estes não são seus amigos. Não são amigos de ninguém.

– Do que está falando? – o rapaz aproximou-se e parou atrás dela, de martelo na mão.

Um relâmpago estalou para o sul enquanto os cavaleiros desmontavam. Durante meio segundo, a escuridão transformou-se em dia. Um machado cintilou num azul prateado, luz refletiu-se em cotas de malha e placas de aço, e sob o escuro capuz do cavaleiro da frente Brienne vislumbrou um focinho de ferro e fileiras de dentes de aço rosnando.

Gendry também o viu.

– Ele.

– Não é ele. É seu elmo – Brienne tentou manter o medo afastado da voz, mas tinha a boca seca como poeira. Fazia uma ideia bastante precisa de quem usava o elmo do Cão de Caça. *As crianças*, pensou.

A porta da estalagem abriu-se com estrondo. Willow saiu para a chuva com uma besta na mão. A garota gritava para os cavaleiros, mas um trovão rolou pelo pátio, afogando suas palavras. Quando o estrondo se desvaneceu, Brienne ouviu o homem dentro do elmo do Cão de Caça dizer:

– Dispare um dardo contra mim, e eu enfio essa besta na sua boceta e fodo você com ela. Depois arranco o caralho de seus olhos e obrigo você a comê-los – a fúria na voz do homem fez Willow recuar um passo, tremendo.

*Sete*, Brienne voltou a pensar, em desespero. Sabia que não tinha chance contra sete. *Nem chance, nem alternativa.*

Saiu para a chuva, com a Cumpridora de Promessas na mão.

– *Deixe-a em paz*. Se quer violar alguém, experimente comigo.

Os fora da lei viraram-se como um só homem. Um deles riu, e outro disse qualquer coisa numa língua que Brienne não entendia. O enorme homem com o largo rosto branco soltou um *sssssssssssss* malévolo. O homem com o elmo do Cão de Caça desatou a rir.

– É ainda mais feia do que me lembrava. Mais depressa violava seu cavalo.

– Cavalos, é isso que queremos – disse um dos homens feridos. – Cavalos descansados e alguma comida. Alguns fora da lei vêm atrás de nós. Dê-nos seus cavalos e vamos embora. Não queremos lhes fazer mal.

– Que se foda essa merda – o fora da lei com o elmo do Cão de Caça puxou da sela um machado de batalha. – Quero cortar-lhe a merda das pernas. Vou colocá-la em cima dos tocos pra que me veja foder a garota da besta.

– Com o quê? – Brienne o provocou. – Shagwell disse que cortaram seu membro viril quando o deixaram sem nariz.

Queria provocá-lo, e conseguiu. Berrando pragas, ele correu para ela, fazendo saltar respingos de água negra enquanto atacava. Os outros deixaram-se ficar para trás, a fim de assistir ao espetáculo, como ela rezara para que fizessem. Brienne ficou imóvel como pedra, à espera. O pátio estava escuro, e a lama, escorregadia sob os pés. *É melhor deixar que ele venha até mim. Se os deuses forem bons, há de escorregar e cair.*

Os deuses não eram assim tão bons, mas a espada dela era. *Cinco passos, quatro passos, agora*, contou Brienne, e a Cumpridora de Promessas ergueu-se ao encontro do ímpeto dele. Aço bateu em aço quando a lâmina de Brienne atravessou os farrapos do homem e abriu uma fenda em sua cota de malha, no mesmo momento em que seu machado caía sobre ela. Brienne esquivou-se para o lado, voltando a golpear-lhe o peito na retirada.

Ele a seguiu, cambaleando e sangrando, rugindo em fúria.

– *Puta!* – trovejou. – *Anormal! Cadela! Vou dar você ao meu cão para fodê-la, sua cadela de merda!* – seu machado rodopiava em arcos assassinos, uma brutal sombra negra que se tornava prateada sempre que um relâmpago surgia. Brienne não tinha escudo para parar os golpes. Tudo que podia fazer era recuar, afastando-se dele, correndo para um

lado ou para outro, enquanto a cabeça do machado voava contra si. Uma vez, a lama cedeu sob seu calcanhar e ela quase caiu, mas recuperou o equilíbrio sem saber bem como, embora o machado tivesse raspado em seu ombro esquerdo, deixando uma braseiro de dor em seu rastro.

– Atingiu a puta – gritou um dos homens, e outro disse:

– Vamos lá ver como é que ela dança para longe desse golpe.

E dançar foi o que ela fez, aliviada por eles estarem assistindo. Antes isso do que interferirem. Não podia lutar contra sete, sozinha não, mesmo se um ou dois estivessem feridos. O velho Sor Goodwin estava havia muito em sua tumba, e no entanto Brienne conseguia ouvi-lo murmurando em seu ouvido. *Os homens irão sempre subestimá-la*, dizia, *e seu orgulho os fará querer vencê-la depressa, para que não se diga que uma mulher lhes deu luta. Deixe-os gastar as forças em ataques furiosos, enquanto conserva as suas. Espere e observe, menina, espere e observe*. E ela esperou, observando, movendo-se de lado, e logo para trás, e então de novo para o lado, golpeando ora o rosto dele, ora as pernas, ora o braço. Os golpes dele começaram a cair mais devagar quando o machado se tornou mais pesado. Brienne virou-o para que a chuva caísse sobre seus olhos e deu dois passos rápidos para trás. Ele ergueu o machado uma vez mais, praguejando, e saltou sobre ela, com um pé deslizando na lama...

... E ela saltou para enfrentar seu ataque, com ambas as mãos no cabo da espada. O ataque precipitado dele trouxe-o de encontro à ponta da espada, e a Cumpridora de Promessas trespassou pano, cota de malha, couro e mais pano, afundou-se profundamente em suas entranhas e saiu por suas costas, fazendo um som de arranhar ao raspar-lhe a coluna. O machado do homem caiu de seus dedos sem força, e ele tombou sobre ela, esmagando o rosto de Brienne com o elmo da Cabeça de Cão. Brienne sentiu o metal frio e molhado contra o rosto. Chuva caía em rios pelo aço e, quando o relâmpago voltou a surgir, ela viu dor e medo, e uma completa incredulidade através das fendas para os olhos.

– Safiras – segredou-lhe, enquanto dava à sua lâmina uma forte torção que o fez estremecer. O peso dele desabou sobre ela, e de repente era um cadáver que abraçava, ali, na chuva negra. Deu um passo para trás e o deixou cair...

... e o Dentadas caiu sobre ela, aos guinchos.

Caiu como uma avalanche de lã molhada e carne de um branco de leite, erguendo-a no ar e atirando-a ao chão. Brienne caiu numa poça com um *splash* que lhe atirou água pelo nariz e para dentro dos olhos. Todo o ar foi forçado a sair de seus pulmões, e a cabeça estalou com um *crac* de encontro a uma pedra semienterrada.

– Não – foi tudo que teve tempo de dizer antes de Dentadas cair em cima dela, enterrando-a mais na lama com seu peso. Uma das mãos dele estava em seus cabelos, puxando sua cabeça para trás. A outra procurava sua garganta às apalpadelas. A Cumpridora de Promessas desaparecera, arrancada de suas mãos. Era tudo que tinha para lutar contra ele, mas quando lhe atingiu o rosto com um punho, foi como esmurrar uma bola de úmida e branca massa de pão. Ele *silvou*.

Brienne voltou a bater nele, e de novo, e *de novo*, atingindo-lhe o olho com a base da mão, mas ele não parecia sentir seus golpes. Arranhou-lhe os pulsos, mas o aperto só se tornou mais forte, embora sangue escorresse dos cortes que deixara ao arranhá-lo. Ele a estava esmagando e sufocando. Ela empurrou seus ombros, para fazê-lo sair de cima, mas ele era pesado como um cavalo, impossível de mover. Quando tentou dar-lhe uma joelhada nas virilhas, não conseguiu mais do que enfiar-lhe o joelho na barriga. Grunhindo, Dentadas arrancou-lhe um punhado de cabelo.

*Meu punhal*. Brienne agarrou-se àquele pensamento, desesperada. Conseguiu enfiar a mão entre ambos, com os dedos contorcendo-se sob a pele acre e sufocante do homem, procurando até finalmente encontrar o cabo. Dentadas pôs as mãos em volta de seu pescoço e começou a bater sua cabeça contra o chão. O relâmpago voltou a brilhar, daquela vez dentro de seu crânio, mas de algum modo os dedos apertaram-se, puxando o punhal de dentro da bainha. Com o homem em cima de si, Brienne não conseguia erguer a lâmina para apunhalá-lo, por isso a empurrou com força contra sua barriga. Algo quente e úmido jorrou entre seus dedos. Dentadas voltou a *silvar*, mais alto do que antes, e largou sua garganta apenas tempo suficiente para esmurrá-la no rosto. Ouviu ossos a estalar, e a dor a cegou por um instante. Quando tentou voltar a golpeá-lo, ele arrancou-lhe o punhal dos dedos e espetou-lhe um joelho no braço, quebrando-o. Então, voltou a pegar sua cabeça e retomou a tentativa de arrancá-la de entre os ombros.

Brienne conseguia ouvir Cão latindo, e havia homens gritando a toda a volta, e entre os trovões ouviu o tinir de aço em aço. *Sor Hyle*, pensou, *Sor Hyle juntou-se ao combate*, mas tudo aquilo parecia longínquo e sem importância. Seu mundo não era maior do que as mãos em sua garganta e o rosto que pairava em cima de si. A chuva escorreu do capuz dele quando se inclinou para mais perto. O hálito do homem fedia a queijo apodrecido.

Brienne tinha o peito ardendo, e a tempestade encontrava-se atrás de seus olhos, cegando-a. Ossos raspavam uns nos outros dentro de seu corpo. A boca do Dentadas escancarou-se com uma amplidão impossível. Brienne viu-lhe os dentes, amarelos e tortos, afiados em ponta. Quando se fecharam na carne macia de sua bochecha, ela quase não o sentiu. Sentia-se cair em espiral para a escuridão. *Ainda não posso morrer*, disse a si mesma, *há uma coisa que ainda preciso fazer.*

A boca do Dentadas libertou-se, cheia de sangue e de carne. Cuspiu, sorriu e voltou a afundar os dentes pontiagudos em sua carne. Daquela vez mastigou e engoliu. *Ele está me comendo*, Brienne compreendeu, mas já não lhe restavam forças para lutar. Sentiu-se como se flutuasse sobre si mesma, observando o horror como se estivesse acontecendo com outra mulher qualquer, uma garota estúpida que pensava ser um cavaleiro. *Terminará logo*, disse a si mesma. *Então não importará se ele me comer*. Dentadas puxou a cabeça para trás e voltou a abrir a boca, uivando, deitando-lhe a língua de fora. Terminava numa ponta aguçada e pingava sangue, mais longa do que qualquer língua devia ser. Deslizando de dentro de sua boca para fora, e para fora, e para fora, rubra, úmida e cintilante, era algo hediondo e obsceno. *Sua língua tem trinta centímetros de comprimento*, pensou Brienne, logo antes de ser levada pela escuridão. *Olha, parece quase uma espada.*

## JAIME

O broche que prendia o manto de Sor Brynden Tully era um peixe negro, trabalhado em âmbar negro e ouro. Sua cota de malha era sombria e cinzenta. Por cima, usava grevas, gorjal, manoplas, ombreiras e joelheiras de aço enegrecido, e nada disso chegava sequer perto da escuridão que emanava da expressão em seu rosto enquanto esperava por Jaime Lannister na extremidade da ponte levadiça, sozinho, em cima de um corcel cor de avelã, ajaezado em vermelho e azul.

*Ele não gosta de mim*. Tully tinha um rosto escarpado, profundamente enrugado e queimado pelo vento, sob madeixas rígidas e grisalhas, mas Jaime ainda conseguia ver o grande cavaleiro que um dia cativara um escudeiro com histórias sobre os Reis das Nove Moedas. Os cascos de Honra tamborilaram nas tábuas da ponte levadiça. Jaime pensara longa e duramente sobre se deveria levar para aquele encontro sua armadura dourada ou a branca; por fim, escolhera uma jaqueta de couro e um manto carmesim.

Parou a um metro de Sor Brynden e inclinou a cabeça diante do homem mais velho.

– Regicida – disse Tully.

Que ele tivesse escolhido aquele nome como a primeira palavra a proferir era eloquente quanto bastava, mas Jaime estava decidido a dominar o temperamento.

– Peixe Negro – retorquiu. – Obrigado por ter vindo.

– Assumo que regressou para cumprir os juramentos que fez à minha sobrinha – disse Sor Brynden. – Se bem me lembro, prometeu a Catelyn as filhas em troca de sua liberdade – sua boca comprimiu-se. – No entanto, não vejo as garotas. Onde estão?

*Ele precisa me obrigar a dizê-lo?*

– Não as tenho.

– Pena. Deseja retornar para seu cativeiro? Sua antiga cela ainda está disponível. Pusemos palha fresca no chão.

*E um belo balde novo para eu cagar, não duvido.*

– Isso foi atencioso de sua parte, sor, mas temo que tenha de declinar. Prefiro os confortos do meu pavilhão.

– Enquanto Catelyn desfruta dos confortos de sua tumba.

*Não houve participação minha na morte da Senhora Catelyn*, ele poderia ter dito, *e suas filhas já haviam desaparecido quando cheguei a Porto Real*. Estava-lhe na língua falar de Brienne e da espada que lhe dera, mas Peixe Negro olhava-o como Eddard Stark o olhara quando o encontrara no Trono de Ferro com o sangue do Rei Louco na espada.

– Vim falar dos vivos, não dos mortos. Daqueles que não precisam morrer, mas morrerão...

– ... A menos que lhe entregue Correrrio. É agora que ameaça enforcar Edmure? – sob suas espessas sobrancelhas, os olhos de Tully eram pedra. – Meu sobrinho está marcado para morrer, não importa o que eu faça. Por isso, enforque-o e termine o assunto. Suponho que Edmure esteja tão farto de ficar naquele cadafalso como estou de vê-lo ali.

*Ryman Frey é um maldito idiota*. A farsa que encenara com Edmure e o cadafalso só tornara Peixe Negro mais obstinado, isto era evidente.

– Tem com você a Senhora Sybelle Westerling e três de seus filhos. Devolverei seu sobrinho em troca deles.

– Assim como devolveu as filhas da Senhora Catelyn?

Jaime não se deixou provocar.

– Uma velha e três crianças em troca de seu suserano. É um negócio melhor do que poderia esperar.

Sor Brynden exibiu um sorriso duro.

– Não lhe falta descaramento, Regicida. Mas barganhar com traidores é como construir em areia movediça. Cat devia ter tido a sensatez de não confiar em alguém como você.

*Foi em Tyrion que ela confiou*, Jaime quase disse. *O Duende também a enganou.*

– As promessas que fiz à Senhora Catelyn me foram arrancadas com a ponta de uma espada.

– E o juramento que prestou a Aerys?

Sentiu os dedos fantasmas se torcerem.

– Aerys não tem nada a ver com isso. Trocará os Westerling por Edmure?

– Não. Meu rei confiou sua rainha aos meus cuidados, e jurei mantê-la a salvo. Não a entregarei para um laço Frey.

– A garota foi perdoada. Nenhum mal lhe acontecerá. Tem a minha palavra quanto a isso.

– Sua palavra de *honra*? – Sor Brynden ergueu uma sobrancelha. – Sabe ao menos o que é honra?

*Um cavalo.*

– Prestarei qualquer juramento que me exigir.

– Poupe-me, Regicida.

– Quero fazê-lo. Arrie seus estandartes e abra os portões, e concederei a vida aos seus homens. Aqueles que desejarem permanecer em Correrrio a serviço de Lorde Emmon podem fazê-lo. Os outros ficarão livres para ir para onde quiserem, embora eu lhes exija que entreguem as armas e armaduras.

– Pergunto a mim mesmo até onde conseguirão ir, desarmados, antes que um bando de "fora da lei" caia sobre eles. Não se atreverá a permitir que se juntem a Lorde Beric, ambos sabemos. E eu? Serei exibido em passeata por Porto Real, para morrer como Eddard Stark?

– Permitirei que vista o negro. O bastardo de Ned Stark é o Senhor Comandante na Muralha.

Peixe Negro estreitou os olhos.

– Terá seu pai também organizado isso? Catelyn nunca confiou no rapaz, se bem me lembro, assim como nunca confiou em Theon Greyjoy. Parece que tinha razão a respeito de ambos. Não, sor, acho que não. Morrerei aquecido, se lhe aprouver, com uma espada na mão, rubra de sangue de leão.

– O sangue Tully é igualmente vermelho – Jaime lhe lembrou. – Se não quer entregar o castelo, terei de atacá-lo. Morrerão centenas de homens.

– Centenas dos meus. Milhares dos seus.

– Sua guarnição perecerá até o último homem.

– Conheço essa letra. Canta-a com a melodia de "As Chuvas de Castamere"? Meus homens preferirão morrer de pé lutando do que de joelhos diante do machado de um carrasco.

*Isso não está indo bem.*

– Esse desafio não tem utilidade alguma, sor. A guerra acabou, e seu Jovem Lobo está morto.

– Assassinado, em quebra de todas as sagradas leis da hospitalidade.

– Obra dos Frey, não minha.

– Chamo do que eu quiser. Fede a Tywin Lannister.

Jaime não podia negar aquilo.

– Meu pai também está morto.

– Que o Pai o julgue com justiça.

*Aí está uma terrível perspectiva.*

– Eu teria matado Robb Stark no Bosque dos Murmúrios se tivesse conseguido chegar até ele. Houve uns tolos que se puseram em meu caminho. Importa o modo como o rapaz pereceu? Não está menos morto, e seu reino morreu com ele.

– Além de mutilado, deve ser cego. Erga os olhos e verá que o lobo gigante ainda voa sobre nossas muralhas.

– Já o vi. Tem um ar solitário. Harrenhal caiu. Guardamar e Lagoa da Donzela também. Os Bracken dobraram o joelho, e têm Tytos Blackwood encurralado em Corvarbor. Piper, Vance, Mooton, todos os seus vassalos se renderam. Só resta Correrrio. Temos vinte vezes mais homens do que vocês.

– Vinte vezes mais homens requerem vinte vezes mais comida. Como estão suas provisões, senhor?

– Suficientemente bem para ficarmos aqui até o fim dos tempos, se necessário, enquanto vocês passam fome no interior de suas muralhas – disse a mentira com o máximo de ousadia que conseguiu arranjar, esperando não ser traído pela expressão em seu rosto.

Peixe Negro não se deixou enganar.

– O fim dos seus tempos, talvez. Nossas provisões são amplas, embora eu tema que não tenhamos deixado grande coisa nos campos para os visitantes.

– Podemos trazer comida das Gêmeas – Jaime retrucou –, ou do oeste, através dos montes, se se chegar a tal ponto.

– Se você o diz. Longe de mim questionar a palavra de um cavaleiro tão honrado.

O escárnio na voz do outro irritou Jaime.

– Há uma maneira mais rápida de decidir o assunto. Um combate singular. Meu campeão contra o seu.

– Perguntava a mim mesmo quando chegaria a essa ideia – Sor Brynden soltou uma gargalhada. – Quem será? Varrão Forte? Addam Marbrand? Walder Negro Frey? – inclinou-se para a frente. – Por que não você e eu, sor?

*Essa teria sido uma bela luta em outros tempos*, Jaime pensou, *alimento perfeito para os cantores.*

– Quando a Senhora Catelyn me libertou, obrigou-me a jurar que não voltaria a empunhar armas contra os Stark ou os Tully.

– Um juramento muito conveniente, sor.

O rosto de Jaime tornou-se sombrio.

– Está me chamando de covarde?

– Não. Estou chamando-o de aleijado – Peixe Negro indicou com a cabeça a mão dourada de Jaime. – Ambos sabemos que não pode lutar com isso.

– Eu tive duas mãos – *jogaria a vida fora por orgulho?*, sussurrou uma voz dentro de si. – Há quem diga que um aleijado e um velho estão bem um para o outro. Liberte-me do juramento prestado à Senhora Catelyn, e minha espada defrontará a sua. Se eu ganhar, Correrrio é nossa. Se me matar, levantaremos o cerco.

Sor Brynden voltou a rir.

– Por mais que gostasse ter a chance de lhe tirar essa espada dourada e de arrancar seu coração negro, suas promessas não têm nenhum valor. Nada ganharia com sua morte além do prazer de matá-lo, e não arriscarei minha vida por isso... Por menor que seja o risco.

Era bom que Jaime não tivesse trazido espada; caso contrário a teria desembainhado e, se Sor Brynden não o matasse, os arqueiros nas muralhas certamente o matariam.

– Existem alguns termos que aceitaria? – perguntou a Peixe Negro.

– Vindos de você? – Sor Brynden encolheu os ombros. – Não.

– Por que se incomodou em vir falar comigo?

– Um cerco é mortalmente cansativo. Quis ver esse seu coto e ouvir as desculpas que teria arranjado para suas últimas barbaridades. Foram mais fracas do que eu esperava. Decepciona sempre, Regicida – Peixe Negro deu meia-volta com a égua e trotou de volta a Correrrio. A porta

levadiça desceu apressadamente, mordendo de maneira profunda o chão lamacento com seus espigões de ferro.

Jaime virou a cabeça de Honra para trás, para o longo trajeto de regresso às linhas de cerco dos Lannister. Sentia os olhos postos em si; os homens Tully em suas ameias, os Frey do outro lado do rio. *Se não forem cegos, todos saberão que ele me atirou aos dentes a proposta que lhe fiz.* Teria de assaltar o castelo. *Bem, o que é mais um juramento quebrado para o Regicida? É só mais merda no balde*. Jaime decidiu ser o primeiro homem a chegar às ameias. *E, com essa minha mão de ouro, provavelmente o primeiro a cair.*

De volta ao acampamento, Lew Pequeno segurou-lhe os freios, enquanto Peck o ajudava a descer da sela. *Consideram-me um aleijado tão grande que não consegue nem desmontar sozinho?*

– Como foi, senhor? – perguntou o primo, Sor Daven.

– Ninguém espetou uma flecha na garupa do meu cavalo. Fora isso, pouco houve que me distinguisse de Sor Ryman – fez um trejeito. – Portanto, agora vamos ter de tornar o Ramo Vermelho mais vermelho – *culpe a si mesmo por isso, Peixe Negro. Poucas alternativas me deixou*. – Reúna um conselho de guerra. Sor Addam, Varrão Forte, Forley Prester, esses seus senhores do rio... e os nossos amigos Frey. Sor Ryman, Lorde Emmon, quaisquer outros que queiram trazer.

Reuniram-se rapidamente. Lorde Piper e ambos os Lordes Vance vieram falar pelos senhores arrependidos do Tridente, cuja lealdade seria em breve posta à prova. O oeste estava representado por Sor Daven, Varrão Forte, Addam Marbrand e Forley Prester. Lorde Emmon Frey juntou-se a eles, com a esposa. Senhora Genna ocupou seu banco com um olhar que desafiava qualquer dos homens que ali se encontravam a pôr em causa sua presença. Nenhum deles o fez. Os Frey enviaram Sor Walder Rivers, conhecido como "Walder Bastardo", e o primogênito de Sor Ryman, Edwyn, um homem esguio e pálido com um nariz achatado e cabelos escuros e escorridos. Sob um manto azul de lã de ovelha, Edwyn trazia um justilho de bem talhado couro de vitela cinzento com complexos arabescos trabalhados no couro.

– Eu falo pela Casa Frey – anunciou. – Meu pai encontra-se indisposto esta manhã.

Sor Daven soltou uma fungadela.

– Está bêbado ou é só a ressaca do vinho de ontem à noite?

Edwyn tinha a boca dura e má de um sovina.

– Lorde Jaime – disse –, terei de suportar tamanha descortesia?

– É verdade? – perguntou-lhe Jaime. – Seu pai está bêbado?

O Frey comprimiu os lábios e olhou Sor Ilyn Payne, que se encontrava em pé ao lado da aba da tenda com sua cota de malha enferrujada, e a espada espreitando atrás de um ombro ossudo.

– Ele... meu pai tem uma barriga má, senhor. O vinho tinto ajuda sua digestão.

– Deve estar digerindo o raio de um mamute – disse Sor Daven. Varrão Forte soltou uma gargalhada, e Senhora Genna um risinho abafado.

– Basta – disse Jaime. – Temos um castelo a conquistar – quando seu pai convocava conselhos deixava seus capitães falarem primeiro. Estava decidido a fazer o mesmo. – Como devemos proceder?

– *Enforque* Edmure Tully, para começar – instou Lorde Emmon Frey. – Isso dirá a Sor Brynden que falamos sério. Se enviarmos a cabeça de Sor Edmure ao tio, talvez isso o convença a se render.

– Brynden Peixe Negro não se deixa convencer tão facilmente – Karyl Vance, Senhor do Pouso do Viajante, tinha um olhar melancólico. Uma mancha de vinho, de nascença, cobria-lhe metade do pescoço e um dos lados do rosto. – Seu próprio irmão não conseguiu convencê-lo a entrar numa cama de casado.

Sor Daven balançou a cabeça hirsuta.

– Temos de assaltar as muralhas, como digo desde o início. Torres de cerco, escadas, um aríete para quebrar o portão, é isso que aqui faz falta.

– Eu liderarei o assalto – disse Varrão Forte. – Damos um pouco de aço e fogo ao peixe, eis o que digo.

– As muralhas são *minhas* – protestou Lorde Emmon –, e o portão que querem quebrar é meu – voltou a tirar da manga o pergaminho. – O próprio Rei Tommen me concedeu...

– Todos nós já vimos seu papel, tio – interrompeu Edwyn Frey. – Por que é que não vai mostrá-lo a Peixe Negro, para variar?

– Assaltar as muralhas será coisa sangrenta – disse Addam Marbrand. – Proponho que esperemos por uma noite sem luar e enviemos pelo rio uma dúzia de homens escolhidos num barco com remos abafados. Podem

escalar as muralhas com cordas e ganchos, e abrir os portões pela parte de dentro. Eu os liderarei, se o conselho assim desejar.

– Loucura – declarou Walder Rivers, o bastardo. – Sor Brynden não é homem para ser enganado por truques assim.

– O obstáculo é Peixe Negro – concordou Edwyn Frey. – Seu elmo ostenta no topo uma truta negra que o torna fácil de identificar a distância. Proponho deslocar as torres de cerco para perto das muralhas, enchê-las de arqueiros e fingir um ataque aos portões. Isso trará Sor Brynden às ameias, com elmo e tudo. Que todos os arqueiros salpiquem as flechas com os dejetos da noite e escolham como alvo esse elmo. Assim que Sor Brynden morrer, Correrrio é nosso.

– Meu – chilreou Lorde Emmon. – Correrrio é *meu*.

A marca de nascença de Lorde Karyl escureceu.

– Serão os dejetos a sua contribuição, Edwyn? Um veneno mortal, não duvido.

– Peixe Negro merece uma morte mais nobre, e eu sou o homem que pode lhe dar isso – Varrão Forte deu um soco na mesa. – Eu o desafiarei para combate singular. Maça, machado ou espada, não importa. O velho será minha refeição.

– Por que haveria ele de se dignar a aceitar seu desafio, sor? – perguntou Sor Forley Prester. – O que ele poderia ganhar com um tal duelo? Levantaríamos o cerco se ele ganhasse? Não acredito. E ele também não. Um combate singular não resultaria em nada.

– Eu conheço Brynden Tully desde que servimos juntos como escudeiros, a serviço de Lorde Darry – disse Norbert Vance, o cego Senhor de Atranta. – Se aprouver aos senhores, deixem-me ir falar com ele e tentar fazê-lo compreender que não há esperança em sua posição.

– Ele compreende isso bastante bem – Lorde Piper rebateu. Era um homem baixo, rotundo, de pernas arqueadas, com um matagal de indomáveis cabelos ruivos, pai de um dos escudeiros de Jaime; a semelhança com o rapaz era inconfundível. – O raio do homem não é estúpido, Norbert. Ele tem olhos... e juízo bastante para se render a gente como esta – e dirigiu um gesto rude a Edwyn Frey e Walder Rivers.

Edwyn enfureceu-se.

– Se o senhor de Piper pretende insinuar...

– Eu não *insinuo*, Frey. Digo o que penso com franqueza, como um homem honesto. Mas o que saberia você dos modos dos homens honestos? É uma traiçoeira doninha mentirosa, como toda sua família. Mais depressa beberia um quartilho de mijo do que aceitaria a palavra de qualquer Frey – debruçou-se sobre a mesa. – Responda-me a isto: onde está Marq? O que fez ao meu filho? Ele era um *convidado* em seu maldito casamento.

– E nosso convidado de honra permanecerá – disse Edwyn –, até que demonstre sua lealdade a Sua Graça, Rei Tommen.

– Cinco cavaleiros e vinte homens de armas foram com Marq para as Gêmeas – Piper emendou. – Também são seus convidados, Frey?

– Alguns dos cavaleiros, talvez. Os outros não receberam mais do que mereciam. Faria bem em dominar essa língua de traidor, Piper, a menos que queira que seu herdeiro lhe seja devolvido aos pedaços.

*Os conselhos de meu pai nunca corriam assim*, Jaime pensou quando Piper se pôs em pé de um salto.

– Diga isso com uma espada na mão, Frey – rosnou o pequeno homem. – Ou será que só luta com manchas de merda?

A cara chupada do Frey empalideceu. Ao seu lado, Walder Rivers se ergueu.

– Edwyn não é um homem de armas... Mas eu sou, Piper. Se tiver mais comentários a fazer, vá lá fora e os faça.

– Isto é um conselho de guerra, não uma guerra – Jaime lembrou-lhes. – Sentem-se, ambos – nenhum dos homens se mexeu. – *Já!*

Walder Rivers sentou-se. Lorde Piper não foi tão fácil de intimidar. Resmungou uma praga e saiu da tenda a passos largos.

– Mando homens atrás dele para arrastá-lo de volta, senhor? – Sor Daven perguntou a Jaime.

– Mande Sor Ilyn – instou Edwyn Frey. – Só precisamos da cabeça.

Karyl Vance virou-se para Jaime.

– Lorde Piper deu voz à dor. Marq é seu primogênito. Todos aqueles cavaleiros que o acompanharam às Gêmeas eram primos e sobrinhos.

– Todos traidores e rebeldes, quer dizer – Edwyn Frey retrucou.

Jaime lançou-lhe um olhar frio.

– As Gêmeas também apoiaram a causa do Jovem Lobo – lembrou aos Frey. – Depois o traíram. Isso faz que sejam duas vezes mais traiçoeiros

do que Piper – gostou de ver o fino sorriso de Edwyn coalhar e morrer. *Já aguentei conselhos suficientes por um dia*, decidiu. – Terminamos. Tratem de seus preparativos, senhores. Atacaremos à primeira luz da aurora.

O vento soprava do norte quando os lordes saíram em fila da tenda. Jaime conseguia cheirar o fedor dos acampamentos Frey do lado de lá do Pedregoso. Do outro lado da água, Edmure Tully estava abandonado sobre o grande cadafalso cinzento, com uma corda em volta do pescoço.

A tia foi a última a partir, com o marido a morder-lhe os calcanhares.

– Senhor sobrinho – protestou Emmon –, esse assalto contra meus domínios... Não pode fazer isso – quando engoliu em seco, o pomo de adão moveu-se para cima e para baixo. – Não *pode*. Eu... eu o proíbo – estivera mascando folhamarga outra vez; uma espuma rosada cintilava em seus lábios. – O castelo é meu, tenho o pergaminho. Assinado pelo rei, pelo pequeno Tommen. Sou o legítimo senhor de Correrrio e...

– Enquanto Edmure Tully estiver vivo não é – disse Senhora Genna. – Ele tem coração e cabeça fracos, bem sei, mas vivo o homem continua a ser um perigo. O que pretende fazer quanto a isso, Jaime?

*O perigo é Peixe Negro, não Edmure.*

– Deixe Edmure comigo. Sor Lyle, Sor Ilyn, venham comigo, por favor. Está na hora de fazer uma visita àquele cadafalso.

Pedregoso era mais profundo e rápido do que Ramo Vermelho, e o vau mais próximo ficava a léguas a montante. O barco tinha acabado de partir com Walder Rivers e Edwyn Frey quando Jaime e seus homens chegaram ao rio. Enquanto esperavam seu regresso, Jaime disse-lhes o que queria. Sor Ilyn cuspiu para o rio.

Quando os três saíram do barco na margem norte, uma seguidora de acampamentos embriagada ofereceu-se para dar prazer com a boca a Varrão Forte.

– Olha, dê prazer ao meu amigo – disse Sor Lyle, empurrando-a na direção de Sor Ilyn. Rindo, a mulher aproximou-se para beijar Payne nos lábios, mas então viu seus olhos e se encolheu.

Os caminhos entre as fogueiras eram pura lama marrom, misturada com bosta de cavalo e revirada tanto por cascos como por botas. Por todo lado Jaime via as torres gêmeas da Casa Frey exibida em escudos e estandartes, azuis sobre fundo cinzento, em conjunto com as armas de

Casas menores juramentadas à Travessia: a garça-real de Erenford, a forquilha de Haigh, os três rebentos de visco branco de Lorde Charlton. A chegada do Regicida não passou despercebida. Uma velha que vendia leitões aninhados num cesto parou para fitá-lo, um cavaleiro com um rosto que quase lhe era familiar caiu sobre um joelho, e dois homens de armas que mijavam em uma vala viraram-se e deram uma ducha um no outro.

– Sor Jaime – chamou alguém atrás dele, mas Jaime continuou a caminhar sem se virar. Ao redor, vislumbrou o rosto de homens que tinha tentado matar no Bosque dos Murmúrios, onde os Frey lutaram sob os estandartes do lobo gigante de Robb Stark. Sua mão dourada pendia-lhe, pesada, do flanco.

O grande pavilhão retangular de Ryman Frey era o maior do acampamento; suas paredes de lona cinzenta tinham sido feitas de quadrados cosidos uns aos outros para fazer lembrar pedras, e seus dois bicos evocavam as Gêmeas. Longe de estar indisposto, Sor Ryman desfrutava de um pouco de entretenimento. O som dos risos ébrios de uma mulher pairaram no ar, vindos de dentro da tenda, misturados com a toada de uma harpa e a voz de um cantor. *Mais tarde lidarei com você, sor*, Jaime pensou. Walder Rivers estava em pé diante de sua modesta tenda, conversando com dois homens de armas. Seu escudo mostrava as armas da Casa Frey com as cores invertidas e uma faixa vermelha sobre as torres. Quando o bastardo viu Jaime, franziu as sobrancelhas. *Ora, isto é que é um frio olhar de suspeita. Aquele tipo é mais perigoso do que qualquer um de seus irmãos legítimos.*

O cadafalso fora erguido a três metros do chão. Dois lanceiros encontravam-se em posição na base dos degraus.

– Não pode subir sem licença de Sor Ryman – disse um deles a Jaime.

– Isto diz que posso – Jaime bateu no cabo da espada com um dedo. – A questão é: terei de passar por cima do seu cadáver?

O lanceiro afastou-se para o lado.

No topo do cadafalso, o Senhor de Correrrio fitava o alçapão abaixo de si. Tinha os pés negros e cobertos de lama seca, as pernas estavam nuas. Edmure usava uma suja túnica de seda listrada do azul e vermelho de Tully, e um laço de corda de cânhamo. Ao ouvir os passos de Jaime, ergueu a cabeça e lambeu os lábios secos e rachados.

– *Regicida*? – ver Sor Ilyn fez o Senhor de Correrrio esbugalhar os olhos. – Antes uma espada do que uma corda. Cuide disso, Payne.

– Sor Ilyn – disse Jaime. – Ouviu Lorde Tully. Cuide disso.

O cavaleiro silencioso pegou na espada com ambas as mãos. Era longa e pesada, tão afiada como o aço comum podia ser. Os lábios rachados de Edmure moveram-se sem emitir um som. Quando Sor Ilyn puxou a lâmina para trás, fechou os olhos. O golpe teve todo o peso de Payne atrás de si.

– *Não! Pare! NÃO!* – Edwyn Frey surgiu arquejando. – Meu pai vem aí. O mais depressa que pode. Jaime, precisa...

– *Senhor* agrada-me mais, Frey – Jaime disse. – E faria bem em omitir *precisa* de qualquer frase dirigida a mim.

Sor Ryman subiu ruidosamente a escada do cadafalso na companhia de uma prostituta de cabelos de palha, tão bêbada quanto ele. O vestido que trazia era atado à frente, mas alguém o abrira até o umbigo, de modo que os seios transbordavam de lá de dentro. Eram enormes e pesados, com grandes mamilos marrons. Um aro de bronze martelado empoleirava-se, torto, em sua cabeça, gravado com runas e ornado com pequenas espadas negras. Quando viu Jaime, deu risada.

– Quem, nos sete infernos, é este?

– O Senhor Comandante da Guarda Real – retorquiu Jaime com uma fria cortesia. – Posso lhe fazer a mesma pergunta, senhora?

– Senhora? Não sou senhora nenhuma. Sou a rainha.

– Minha irmã ficará surpresa quando ouvir essa notícia.

– Lorde Ryman coroou-me, em pessoa – balançou seus amplos quadris. – Sou a rainha das putas.

*Não*, pensou Jaime, *minha querida irmã também é dona deste título.*

Sor Ryman descobriu que tinha língua.

– Cale a boca cadela, Lorde Jaime não quer ouvir os disparates de uma puta qualquer – aquele Frey era um homem corpulento, de rosto largo, olhos pequenos e um mole e carnudo conjunto de queixos. O hálito fedia a vinho e cebolas.

– Fazendo rainhas, Sor Ryman? – Jaime perguntou gentilmente. – É estúpido. Tão estúpido quanto essa coisa com Lorde Edmure.

– Eu avisei Peixe Negro. Disse-lhe que Edmure morreria, a menos que o castelo se rendesse. Mandei fazer esse cadafalso para lhe mostrar que

Sor Ryman Frey não faz ameaças vãs. Em Guardamar, meu filho Walder fez o mesmo com Patrek Mallister, e Lorde Jason dobrou o joelho, mas... Peixe Negro é um homem frio. Rejeitou-nos, de modo que...

– ... enforcou Lorde Edmure?

O homem enrubesceu.

– O senhor meu avô... Se enforcássemos o homem, não teríamos *refém*, sor. Pensou nisso?

– Só um idiota faz ameaças que não está preparado para levar adiante. Se eu ameaçasse bater em você caso não calasse a boca e você ousasse falar, o que acha que eu faria?

– Sor, não compre...

Jaime bateu no Frey. Foi um golpe dado com as costas da mão de ouro, mas a força com que foi dado fez Sor Ryman cair para trás, aos tropeções, nos braços de sua puta.

– Tem uma cabeça gorda, Sor Ryman, e também um pescoço grosso. Sor Ilyn, quantos golpes seriam necessários para cortar aquele pescoço?

Sor Ilyn encostou um único dedo ao nariz.

Jaime soltou uma gargalhada.

– Uma arrogância vazia. Eu aposto em três.

Ryman Frey caiu de joelhos.

– Eu nada fiz...

– ... além de beber e ficar com as putas. Bem sei.

– Sou herdeiro da Travessia. Não pode...

– Eu lhe avisei a respeito de falar – Jaime viu o homem ficar branco. *Um bêbado, um idiota e um covarde. É melhor que Lorde Walder sobreviva a esse tipo, senão os Frey estão feitos*. – Está dispensado, sor.

– Dispensado?

– Ouviu o que eu disse. Vá embora.

– Mas... para onde irei?

– Para o inferno, ou para casa, o que preferir. Que não esteja no acampamento quando o sol nascer. Pode levar sua rainha das putas, mas essa coroa que ela usa não – Jaime virou-se para o filho de Sor Ryman. – Edwyn, lhe darei o comando que era de seu pai. Tente não ser tão estúpido como ele.

– Isso não deverá ser tão difícil, senhor.

– Envie uma mensagem a Lorde Walder. A coroa exige todos os seus prisioneiros – Jaime fez um gesto com a mão de ouro. – Sor Lyle, traga-o.

Edmure Tully caíra de bruços no patíbulo quando a lâmina de Sor Ilyn cortara a corda em duas. Trinta centímetros de cânhamo ainda pendiam do laço amarrado ao seu pescoço. Varrão Forte agarrou na ponta da corda e a puxou até colocá-lo em pé.

– Um peixe com uma coleira – ele disse, rindo alto. – Aí está uma coisa que nunca tinha visto.

Os Frey abriram alas para deixá-los passar. Uma multidão reunira-se junto do cadafalso, incluindo uma dúzia de seguidoras de acampamentos em vários graus de nudez. Jaime reparou num homem que trazia uma harpa.

– Você. Cantor. Venha comigo.

O homem tirou o chapéu.

– Às ordens do senhor.

Ninguém proferiu uma palavra no trajeto de volta ao barco, com o cantor de Sor Ryman a segui-los. Mas, quando afastaram o barco da margem do rio e se dirigiram à margem sul do Pedregoso, Edmure Tully agarrou Jaime pelo braço.

– *Por quê?*

*Um Lannister paga suas dívidas*, pensou, *e você é a única moeda que me resta.*

– Considere isso um presente de casamento.

Edmure o fitou com olhos desconfiados.

– Um... presente de casamento?

– Segundo me disseram, sua esposa é bonita. Tinha de ser, para ter ficado com ela na cama enquanto sua irmã e seu rei eram assassinados.

– Não sabia – Edmure lambeu os lábios rachados. – Havia rabequistas à porta do quarto...

– E a Senhora Roslin o distraiu.

– Ela... eles a obrigaram a fazer aquilo, Lorde Walder e os outros. Roslin não queria... Ela chorou, mas pensei que era...

– A visão de seu esplêndido membro viril? Sim, isso deve fazer qualquer mulher chorar, com certeza.

– Ela está grávida de um filho meu.

*Não*, Jaime retrucou em pensamento, *o que cresce na barriga dela é a sua morte*. De volta ao seu pavilhão, mandou embora Varrão Forte e Sor Ilyn, mas não o cantor.

– Posso precisar de uma canção em breve – disse ao homem. – Lew, aqueça água para o meu convidado tomar banho. Pia, arranje-lhe uma roupa limpa. Nada que tenha leões, por favor. Peck, vinho para Lorde Tully. Está com fome, senhor?

Edmure confirmou com a cabeça, mas seus olhos mantinham-se cheios de suspeita.

Jaime instalou-se num banco enquanto Tully tomava seu banho. A imundície saiu em nuvens cinzentas.

– Depois de comer, meus homens o escoltarão até Correrrio. O que acontecer depois depende de você.

– O que quer dizer?

– Seu tio é um velho. Valente, sim, mas a melhor parte de sua vida ficou para trás. Não tem noiva que chore por ele, nem filhos para defender. Uma boa morte é tudo que Peixe Negro pode almejar... Mas a você restam anos, Edmure. E é *você*, não ele, o legítimo senhor da Casa Tully. Seu tio serve às suas ordens. O destino de Correrrio está em suas mãos.

Edmure sobressaltou-se.

– O destino de Correrrio...

– Entregue o castelo e ninguém morrerá. Seu povo pode ir em paz ou ficar para servir Lorde Emmon. Será permitido a Sor Brynden que vista o negro, e o mesmo acontecerá a todos os membros da guarnição que escolham se juntar a ele. A você também, se sentir o apelo da Muralha. Ou pode ir para Rochedo Casterly como meu cativo e se beneficiar de todo o conforto e cortesia que é próprio de um refém de seu estatuto. Mandarei sua esposa se juntar a você, se quiser. Se seu filho for menino, servirá à Casa Lannister como pajem e escudeiro, e quando conquistar seu grau de cavaleiro, cederei a ele algumas terras. Se Roslin lhe der uma filha, darei um bom dote quando ela tiver idade para se casar. A você poderá ser dada liberdade condicional depois de terminada a guerra. Basta que entregue o castelo.

Edmure ergueu as mãos da banheira e observou a água que escorria entre seus dedos.

– E se eu não me render?

*Precisa me obrigar a dizer as palavras?* Pia estava junto à aba da tenda com os braços cheios de roupa. Seus escudeiros também ouviam, assim como o cantor. *Que ouçam*, pensou Jaime. *Que o mundo ouça. Não importa*. Obrigou-se a sorrir.

– Viu nossos números, Edmure. Viu as escadas, as torres, as catapultas, os aríetes. Se eu der a ordem, meu primo lançará uma ponte sobre o seu fosso e quebrará o portão. Centenas de homens morrerão, a maioria seus. Seus antigos vassalos constituirão a primeira onda de atacantes, de modo que começará o dia matando os pais e os irmãos de homens que morreram por você nas Gêmeas. A segunda onda serão os Frey, não me faltam desses. Meus homens do oeste serão os seguintes, quando seus arqueiros já tiverem escassez de flechas e seus cavaleiros se encontrarem tão cansados que quase não conseguirão erguer as lâminas. Quando o castelo cair, todos os que se encontrarem lá dentro serão passados pela espada. Seus rebanhos serão abatidos, seu bosque sagrado será derrubado, suas fortalezas e torres queimarão. Derrubarei suas muralhas e mudarei o curso do Pedregoso para passar sobre as ruínas. Quando terminar, ninguém saberá que aqui outrora havia um castelo – Jaime se levantou. – Sua esposa poderá parir antes disso. Suponho que vai querer seu filho. Mandarei para você quando nascer. Em uma catapulta.

Um silêncio seguiu-se ao discurso. Edmure ficou sentado no banho. Pia apertou a roupa contra os seios. O cantor apertou uma corda na harpa. Lew Pequeno tirou o miolo de uma fatia de pão duro para fazer um prato, fingindo não ter ouvido. *Em uma catapulta*, Jaime refletiu. Se sua tia estivesse ali, continuaria a dizer que o herdeiro de Tywin era Tyrion?

Edmure Tully finalmente encontrou a voz.

– Poderia sair desta banheira e matá-lo aí mesmo, Regicida.

– Podia tentar – Jaime esperou. Quando Edmure não fez nenhum movimento para se erguer, disse: – Vou deixá-lo saborear minha comida. Cantor, toque para nosso convidado enquanto ele come. Conhece a canção, suponho?

– Aquela sobre a chuva? Sim, senhor. Conheço-a.

Edmure pareceu ver o homem pela primeira vez.

– Não. Ele não. Afaste-o de mim.

– Ora, é só uma canção – Jaime rebateu. – Ele não pode ter uma voz assim *tão* ruim.

## CERSEI

Grande Meistre Pycelle já era velho quando Cersei o conheceu, mas parecia ter envelhecido mais cem anos nas três últimas noites. Precisou de uma eternidade para dobrar o joelho enferrujado à sua frente, e depois de fazê-lo não conseguiu voltar a se erguer até Sor Osmund o agarrar e pô-lo em pé.

Cersei o estudou com desagrado.

– Lorde Qyburn informou-me que Lorde Gyles tossiu pela última vez.

– Sim, Vossa Graça. Fiz o melhor que pude para aliviar suas últimas horas.

– Fez? – a rainha virou-se para a Senhora Merryweather. – Eu *disse* que queria Rosby vivo, não disse?

– Disse, Vossa Graça.

– Sor Osmund, o que se lembra da conversa?

– Ordenou ao Grande Meistre Pycelle que salvasse o homem, Vossa Graça. Todos ouvimos.

A boca de Pycelle abriu-se e se fechou.

– Vossa Graça tem de saber que fiz tudo que podia ser feito pelo pobre homem.

– Assim como fez com Joffrey? E o pai dele, meu querido marido? Robert era tão forte quanto qualquer homem nos Sete Reinos, e, no entanto, o perdeu para um javali. Oh, e não nos esqueçamos de Jon Arryn. Sem dúvida teria matado também Ned Stark, se eu tivesse deixado que ficasse com ele mais tempo. Diga-me, meistre, foi na Cidadela que aprendeu a apertar as mãos e a arranjar desculpas?

A voz dela fez o velho se encolher.

– Ninguém poderia ter feito mais, Vossa Graça. Eu... eu sempre prestei um serviço leal.

– Quando aconselhou o Rei Aerys a abrir os portões à aproximação da hoste de meu pai, era essa a sua ideia de serviço leal?

– Isso... eu avaliei mal o...

– Foi esse um bom conselho?

– Vossa Graça certamente tem de saber...

– O que eu *sei* é que, quando meu filho foi envenenado, você se mostrou ser menos útil do que o Rapaz Lua. O que eu *sei* é que a coroa tem uma necessidade desesperada de ouro, e nosso senhor tesoureiro está morto.

O velho idiota agarrou-se àquilo.

– Eu... eu esboçarei uma lista de homens capazes para ocupar o lugar de Lorde Gyles no conselho.

– Uma lista – Cersei divertiu-se com o atrevimento. – Posso bem imaginar o tipo de lista que me arranjaria. Grisalhos, tolos gananciosos e Garth, o Grosso – seus lábios se comprimiram. – Tem andado muito na companhia da Senhora Margaery nos últimos tempos.

– Sim. Sim, eu... a Rainha Margaery tem estado muito perturbada por causa de Sor Loras. Eu forneço à Sua Graça preparados para dormir e... outros tipos de poção.

– Sem dúvida. Diga-me, foi nossa pequena rainha quem lhe ordenou que matasse Lorde Gyles?

– M-matar? – os olhos do Grande Meistre Pycelle ficaram do tamanho de ovos cozidos. – Vossa Graça não pode acreditar... Foi a sua tosse, por todos os deuses, eu... Sua Graça não faria... Ela não tinha má vontade contra Lorde Gyles, por que haveria a Rainha Margaery de querê-lo...

– ... morto? Ora, para plantar outra rosa no conselho de Joffrey. É cego ou foi comprado? Rosby estava em seu caminho, de modo que o pôs na cova. Com a sua conivência.

– Vossa Graça, juro-lhe, Lorde Gyles pereceu devido à tosse – sua boca tremia. – Minha lealdade sempre esteve com a coroa, com o reino... c-com a Casa Lannister.

*Nesta ordem?* O medo de Pycelle era palpável. *Está suficientemente maduro. É hora de espremer o fruto e provar seu sumo.*

– Se é tão leal como diz, por que está mentindo para mim? Não se incomode em negar. Começou a dançar em volta da Donzela Margaery *antes* de Sor Loras partir para Pedra do Dragão, portanto, poupe-me de

mais histórias sobre só desejar consolar nossa nora em sua dor. O que o leva tão frequentemente à Arcada das Donzelas? Não é, certamente, a desenxabida conversa de Margaery. Anda cortejando aquela sua septã de cara bexiguenta? Anda fazendo festinhas na pequena Senhora Bulwer? É seu espião, informando-a sobre mim para alimentar suas maquinações?

– Eu... eu obedeço. Um meistre jura servir.

– Um grande meistre jura servir o *reino*.

– Vossa Graça, ela... ela é a rainha...

– *Eu* sou a rainha.

– Quis dizer... ela é a esposa do rei e...

– Eu sei quem ela é. O que quero saber é por que precisa de *você*. Minha nora está doente?

– Doente? – o velho puxou a coisa a que chamava de barba, aquela sementeira remendada de pelos finos e brancos que brotava da saliência solta e rosada que tinha sob o queixo. – N-não está doente, Vossa Graça, não exatamente. Meus votos me proíbem de divulgar...

– Seus votos serão pequeno conforto nas celas negras – avisou-o a rainha. – Ou eu ouço a verdade ou você passará a usar correntes.

Pycelle ruiu sobre os joelhos.

– Suplico-lhe... Fui um homem do senhor seu pai, e um amigo seu no problema de Lorde Arryn. Não poderia sobreviver às masmorras, de novo não...

– Por que é que Margaery manda chamá-lo?

– Ela deseja... ela... ela...

– *Diga!*

O velho encolheu-se de medo.

– Chá de lua – sussurrou. – Chá de lua, para...

– Eu sei para que é usado o chá de lua – *aí está.* – Muito bem. Endireite esses joelhos vergados e tente se lembrar de como é ser um homem. – Pycelle lutou para se levantar, mas levou tanto tempo que teve de pedir para Osmund Kettleblack lhe dar outro puxão. – E quanto a Lorde Gyles, não há dúvida de que o Pai no Céu o julgará com justiça. Não deixou filhos?

– Não há filhos de sua semente, mas há um protegido...

– ... que não é do seu sangue – Cersei ignorou aquele aborrecimento com um golpe de mão. – Gyles conhecia nossa terrível necessidade de

ouro. Sem dúvida que lhe falou do desejo que tinha de deixar todas as suas terras e fortuna a Tommen – o ouro de Rosby ajudaria a refrescar seus cofres, e as terras e o castelo de Rosby podiam ser outorgados a um dos seus como recompensa por serviços leais. Lorde Waters, talvez. Aurane tinha andado sugerindo a necessidade que sentia de uma propriedade, sua senhoria não passava de uma honraria vazia sem propriedades. Cersei sabia que o homem tinha os olhos postos em Pedra do Dragão, mas mirava alto demais. Rosby seria mais adequado ao seu nascimento e estatuto.

– Lorde Gyles adorava Vossa Graça de todo o coração – Pycelle disse –, mas... seu protegido...

– ... sem dúvida irá compreender, depois de ouvir você falar do desejo expresso por Lorde Gyles ao morrer. Vá, e cuide do assunto.

– Se aprouver a Vossa Graça – Grande Meistre Pycelle quase tropeçou na própria veste com a pressa de sair.

Senhora Merryweather fechou a porta nas costas dele.

– Chá de lua – disse, voltando-se para a rainha. – Que tolice da parte dela. Por que haveria de fazer uma coisa dessas, de correr tal risco?

– A pequena rainha tem apetites que Tommen por enquanto é novo demais para satisfazer – isso era sempre um perigo, quando uma mulher-feita era casada com uma criança. *Ainda mais com uma viúva. Ela pode afirmar que Renly nunca a tocou, mas não acredito*. As mulheres só bebiam chá de lua por um motivo; as donzelas não tinham nenhuma necessidade da bebida. – Meu filho foi traído. Margaery tem um amante. Isto é alta traição, punível com a morte – só podia esperar que a bruxa com cara de ameixa seca da mãe de Mace Tyrell sobrevivesse o suficiente para assistir ao julgamento. Ao insistir que Tommen e Margaery casassem de imediato, Senhora Olenna condenara sua preciosa rosa à espada de um carrasco. – Jaime levou Sor Ilyn Payne. Suponho que terei de encontrar outro Magistrado do Rei para lhe fazer voar a cabeça.

– Eu farei isso – ofereceu-se Osmund Kettleblack com um sorriso fácil. – Margaery tem um pescocinho bonito. Uma boa espada afiada o atravessará sem dificuldade.

– Atravessaria – Taena interveio –, mas há um exército Tyrell em Ponta Tempestade e outro em Lagoa da Donzela. Eles também têm espadas

afiadas.

*Estou inundada por rosas*. Era um aborrecimento. Ainda precisava de Mace Tyrell, mesmo que não precisasse da filha. *Pelo menos até que Stannis seja derrotado. Depois, não precisarei de nenhum deles*. Mas, como podia se livrar da filha sem perder o pai?

– Traição é traição – disse –, mas precisamos de provas, algo mais substancial do que chá de lua. Se se *provar* que ela é infiel, até o próprio pai terá de condená-la, caso contrário a vergonha dela se transformará na sua.

Kettleblack mordeu uma ponta do bigode.

– Temos de apanhá-los durante o ato.

– Como? Qyburn tem olhos postos nela dia e noite. Seus criados aceitam minhas moedas, mas só nos trazem ninharias. E, no entanto, ninguém viu esse amante. Os ouvidos à sua porta ouvem cantos, risos, mexericos, nada que possamos usar.

– Margaery é astuta demais para ser apanhada assim tão facilmente – Senhora Merryweather observou. – Suas mulheres são as muralhas de seu castelo. Dormem com ela, vestem-na, rezam com ela, leem com ela, fazem costura com ela. Quando não está fazendo falcoaria ou passeando a cavalo, está brincando de entra-no-meu-castelo com a pequena Alysanne Bulwer. Sempre que há homens por perto, a septã encontra-se presente, ou então as primas.

– *Em algum momento* ela tem que se livrar das galinhas – a rainha insistiu. Então, uma ideia a assaltou. – A menos que as senhoras também participem... Nem todas, talvez, mas algumas.

– As primas? – até Taena mostrou dúvidas. – Todas as três são mais novas do que a pequena rainha, e também mais inocentes.

– Libertinas vestidas com o branco de donzelas. Isto só torna seus pecados mais chocantes. Seus nomes perdurarão em vergonha – de repente, a rainha pôde quase saboreá-lo. – Taena, o senhor seu marido é o meu administrador de justiça. Vocês dois devem jantar comigo esta noite – queria aquilo feito depressa, antes de Margaery enfiar na cabecinha a ideia de regressar a Jardim de Cima ou zarpar para Pedra do Dragão para acompanhar o irmão ferido às portas da morte. – Ordenarei aos cozinheiros que preparem um javali para nós. E claro que precisamos de alguma música, para ajudar nossa digestão.

Taena foi muito rápida em compreender.

– Música. Exatamente.

– Vá informar o senhor seu marido e fazer preparativos para o cantor – Cersei ordenou. – Sor Osmund, pode ficar. Temos muito a discutir. Também precisarei de Qyburn.

Infelizmente, as cozinhas revelaram-se desprovidas de javalis, e não havia tempo para pôr caçadores em campo. Em vez disso, os cozinheiros mataram uma das porcas do castelo e serviram-lhes pernil guarnecido com cravinho, untado com mel e cerejas secas. Não era o que Cersei queria, mas contentou-se com o que havia. Para sobremesa, tinham maçãs cozidas com um forte queijo branco. Senhora Taena saboreou cada garfada. Não se pode dizer o mesmo de Orton Merryweather, cujo rosto redondo se manteve manchado e pálido com o caldo de queijo. Bebeu muito, e não parou de lançar olhares de soslaio ao cantor.

– Uma grande pena o que aconteceu a Sor Gyles – Cersei disse por fim. – Contudo, atrevo-me a dizer que nenhum de nós sentirá falta de sua tosse.

– Não, penso que não.

– Vamos precisar de um novo senhor tesoureiro. Se o Vale não estivesse tão instável, traria de volta Petyr Baelish, mas... Estou com ideias de testar Sor Harys no cargo. Ele não pode ser pior do que Gyles, e pelo menos não tosse.

– Sor Harys é Mão do Rei – Taena refutou.

*Sor Harys é um refém, e até nisso é fraco.*

– Já é hora de Tommen ter uma Mão mais enérgica.

Lorde Orton levantou o olhar da taça de vinho.

– Enérgica. Com certeza – hesitou. – Quem...?

– Você, senhor. Está em seu sangue. Seu bisavô ocupou o lugar de meu pai como Mão de Aerys – substituir Tywin Lannister por Owen Merryweather revelara-se semelhante a trocar um cavalo de batalha por um burro, era certo, mas Owen já era um homem velho e acabado quando Aerys o promovera, amável, ainda que ineficaz. O neto era mais novo, e... *Bem, ele tem uma mulher forte*. Era uma pena que Taena não pudesse servir como Mão. Era três vezes mais homem do que o marido, e muito mais divertida. No entanto, também nascera em Myr e era mulher, de modo que Orton teria de servir. – Não tenho dúvidas de que é mais capaz

do que Sor Harys – *o conteúdo de meu penico é mais capaz do que Sor Harys*. – Consentirá em servir?

– Eu... Sim, claro. Vossa Graça concede-me uma grande honra.

*Uma honra maior do que merece.*

– Serviu-me habilmente como administrador de justiça, senhor. E continuará a fazê-lo nos... tempos difíceis que se aproximam – quando viu que Merryweather compreendera o que queria dizer, a rainha virou seu sorriso para o cantor. – E você também deve ser recompensado, por todas as doces canções que tocou para nós enquanto comíamos. Os deuses lhe concederam um dom.

O cantor fez uma reverência.

– É bondade de Vossa Graça dizê-lo.

– Não é bondade – Cersei respondeu –, é meramente a verdade. Taena me disse que o chamam de Bardo Azul.

– Chamam, Vossa Graça – as botas do cantor eram de macio couro de vitela azul, e os calções de boa lã azul. A túnica que usava era de seda azul-clara, intercalada com cintilante cetim azul. Até chegara ao ponto de pintar o cabelo de azul, à moda de Tyrosh. Longos e encaracolados, os cabelos caíam-lhe até os ombros e cheiravam como se tivessem sido lavados em água de rosas. *De rosas azuis, sem dúvida. Pelo menos tem os dentes brancos*. Eram bons dentes, nem um pouco tortos.

– Não tem outro nome?

Uma sugestão de rosa inundou-lhe o rosto.

– Quando garoto era chamado Wat. É um bom nome para um rapaz do campo, mas menos adequado a um cantor.

Os olhos do Bardo Azul eram da mesma cor dos de Robert. Bastava isso para Cersei odiá-lo.

– É fácil compreender por que é o favorito da Senhora Margaery.

– Sua Graça é bondosa. Ela diz que lhe dou prazer.

– Oh, estou certa disso. Posso ver seu alaúde?

– Se aprouver a Vossa Graça – sob a cortesia havia uma tênue sugestão de desconforto, mas ele entregou-lhe o alaúde mesmo assim. Não se recusa um pedido da rainha.

Cersei fez vibrar uma corda e sorriu perante o som.

– Doce e triste como o amor. Diga-me, Wat... a primeira vez que levou Margaery para a cama foi antes de ela se casar com meu filho ou depois?

Por um momento ele não pareceu compreender. Quando entendeu, seus olhos esbugalharam-se.

– Vossa Graça foi mal informada. Juro-lhe, eu nunca...

– Mentiroso! – Cersei bateu o alaúde no rosto do cantor com tamanha força que a madeira pintada explodiu em pedaços e lascas. – Lorde Orton, chame meus guardas e leve esta criatura para as masmorras.

O rosto de Orton Merryweather estava úmido de medo.

– Isto... oh, infâmia... ele se atreveu a seduzir *a rainha*?

– Temo que tenha sido o contrário, mas é um traidor mesmo assim. Que cante para Lorde Qyburn.

O Bardo Azul ficou branco.

– Não – pingou sangue de seus lábios, onde o alaúde o rasgara. – Eu nunca... – quando Merryweather lhe pegou no braço, ele gritou: – *Mãe, misericórdia, não*.

– Eu não sou sua mãe – disse-lhe Cersei.

Mesmo nas celas negras, tudo que obtiveram dele foram desmentidos, orações e súplicas por misericórdia. Não demorou muito a escorrer-lhe sangue peito abaixo, vindo de todos os dentes partidos, e ele molhou seus calções azul-escuros três vezes, mesmo assim o homem persistiu em suas mentiras.

– Será possível que tenhamos o cantor errado? – perguntou Cersei.

– Tudo é possível, Vossa Graça. Não tenha medo. O homem confessará antes de a noite terminar.

Lá embaixo, nas masmorras, Qyburn usava lã grosseira e um avental de couro de ferreiro. Dirigindo-se ao Bardo Azul, disse:

– Lamento se os guardas foram rudes com você. A educação deles é tristemente deficiente – a voz era bondosa, solícita. – Tudo que queremos de você é a verdade.

– Eu lhes disse a verdade – soluçou o cantor. Correntes de ferro prendiam-no solidamente à fria parede de pedra.

– Nós sabemos que não – Qyburn tinha na mão uma navalha, cujo gume cintilava tenuemente à luz do archote. Cortou a roupa do Bardo Azul, até deixar o homem nu, exceto por suas altas botas azuis. Cersei achou divertido ver que os pelos entre suas pernas eram castanhos.

– Diga-nos como deste prazer à pequena rainha – ordenou.

– Eu nunca... Eu cantei, só isso, cantei e toquei. Suas senhoras lhes dirão. Elas estavam sempre conosco. As primas.

– De quantas delas tem conhecimento carnal?

– De nenhuma. Sou apenas um cantor. Por favor.

Qyburn disse:

– Vossa Graça, pode ser que este pobre homem tenha só tocado para Margaery enquanto ela recebia outros amantes.

– Não. *Por favor*. Ela nunca... eu *cantei*. Só *cantei*...

Lorde Qyburn percorreu com uma mão o peito do Bardo Azul.

– Ela põe seus mamilos na boca durante os jogos de amor? – pôs um deles entre o polegar e o indicador e torceu. – Há homens que gostam disso. Os mamilos deles são tão sensíveis como os de uma mulher – a navalha relampejou, o cantor guinchou. Em seu peito, um olho vermelho chorou sangue. Cersei sentiu-se nauseada. Parte de si queria fechar os olhos, virar as costas para fazer aquilo parar. Mas era a rainha, e tratava-se de traição. *Lorde Tywin não teria afastado o olhar*.

No fim, o Bardo Azul contou-lhes a vida inteira, até o primeiro dia de seu nome. O pai era fabricante de velas, e Wat fora educado nesse mister, mas, ainda garoto, descobrira que tinha mais habilidade para fazer alaúdes do que cilindros de cera. Aos doze anos, fugira para se juntar a uma trupe de músicos cuja apresentação ouvira numa feira. Vagueara por metade da Campina antes de vir para Porto Real, na esperança de cair nas boas graças da corte.

– Boas graças? – Qyburn soltou um risinho. – É assim que as mulheres o chamam agora? Temo que tenha arranjado muitas, meu amigo... e da rainha errada. A verdadeira encontra-se na sua frente.

*Sim*. Cersei culpava Margaery Tyrell por aquilo. Não fosse ela, Wat podia ter vivido uma vida longa e fértil, cantando suas cançonetas e deitando-se com criadoras de porcos e filhas de caseiros. *Suas intrigas obrigaram-me a isto. Ela conspurcou-me com sua perfídia.*

Ao romper da aurora, as altas botas azuis do cantor estavam cheias de sangue e ele lhes contara como Margaery se acariciava enquanto via as primas dar-lhe prazer com a boca. Em outros momentos, cantava para ela enquanto saciava seus apetites com outros amantes.

– Quem eram eles? – a rainha quis saber, e o infeliz Wat nomeou Sor Tallad, o Alto, Lambert Turnberry, Jalabhar Xho, os gêmeos Redwyne,

Osney Kettleblack, Hugh Clifton e o Cavaleiro das Flores.

Aquilo a desagradou. Não se atrevia a manchar o nome do herói de Pedra do Dragão. Além disso, ninguém que conhecesse Sor Loras acreditaria em tal coisa. Os Redwyne também não podiam estar incluídos no grupo. Sem a Árvore e sua frota, o reino nunca poderia esperar se ver livre daquele Euron Olho de Corvo e de seus malditos homens de ferro.

– Só está cuspindo o nome de homens que viu em seus aposentos. Nós queremos a *verdade*!

– A verdade – Wat olhou-a com o único olho azul que Qyburn lhe deixara. Sangue borbulhou através dos buracos que mostrava onde tinham estado os dentes da frente. – Eu posso ter tido... uma falha de memória.

– Horas e Hobber não participaram nisto, não?

– Não – admitiu. – Eles não.

– E quanto a Sor Loras, tenho certeza de que Margaery teve todo o cuidado para esconder do irmão o que andava fazendo.

– Teve. Agora me lembro. Uma vez, tive de me esconder debaixo da cama quando Sor Loras veio visitá-la. *Ele nunca poderá saber*, ela disse.

– Prefiro esta canção à outra – era melhor deixar os grandes senhores de fora. Mas os outros... Sor Tallad fora cavaleiro andante, Jalabhar Xho era um exilado e um pedinte, Clifton era o único dos guardas da pequena rainha. *E Osney é a cereja em cima do bolo*. – Sei que se sente melhor por ter dito a verdade. Quero que se lembre disso quando Margaery comparecer ao julgamento. Se começar a mentir outra vez...

– Não começarei. Direi a verdade. E depois...

– ... ser-lhe-á permitido vestir o negro. Tem a minha palavra a esse respeito – Cersei virou-se para Qyburn. – Trate de limpá-lo e cuidar dos ferimentos, e dê-lhe leite de papoula para as dores.

– Vossa Graça é bondosa – Qyburn deixou cair a navalha ensanguentada num balde de vinagre. – Margaery pode querer saber para onde foi seu bardo.

– Os cantores vêm e vão, são tristemente famosos por isso.

Subir a escura escada de pedra que levava às celas negras deixou Cersei sem fôlego. *Tenho de descansar*. Chegar à verdade era um trabalho cansativo, e temia o que se seguiria. *Tenho de ser forte. O que tenho de fazer, faço-o por Tommen e pelo reino*. Era uma pena que

Maggy, a Rã, estivesse morta. *Merda para a sua profecia, velha. A pequena rainha pode ser mais nova do que eu, mas nunca foi mais bela, e logo estará morta.*

Senhora Merryweather estava à espera em seu quarto. Era noite cerrada, mais próxima da aurora do que do ocaso. Jocelyn e Dorcas encontravam-se ambas dormindo, mas Taena não.

– Foi terrível? – perguntou.

– Não pode imaginar. Preciso dormir, mas temo sonhar.

Taena afagou-lhe os cabelos.

– Foi tudo por Tommen.

– Foi. Eu sei que foi – Cersei estremeceu. – Tenho a garganta seca. Seja doce e sirva-me um pouco de vinho.

– Se lhe agradar. Isso é tudo que desejo.

*Mentirosa*. Cersei sabia o que Taena desejava. Que fosse. A mulher estar embevecida consigo só ajudava a assegurar que ela e o marido permaneciam leais. Num mundo tão cheio de traição, isso valia uns tantos beijos. *Ela não é pior do que a maioria dos homens. Pelo menos não há perigo de alguma vez me deixar grávida.*

O vinho ajudou, mas não o suficiente.

– Sinto-me conspurcada – lamentou-se a rainha junto à janela, com a taça na mão.

– Um banho a deixará em condições, minha querida – Senhora Merryweather acordou Dorcas e Jocelyn e mandou que buscassem água quente. Enquanto enchiam a banheira, Taena ajudou a rainha a se despir, desatando-lhe com dedos hábeis as fitas do vestido e puxando-o para baixo. Então, libertou-se do próprio vestido e o deixou amontoar-se no chão.

As duas partilharam o banho, com Cersei recostada nos braços de Taena.

– Tommen precisa ser poupado do pior disto – disse à mulher de Myr. – Margaery ainda o leva todos os dias ao septo, para pedirem aos deuses que lhe curem o irmão – Sor Loras continuava irritantemente a agarrar-se à vida. – Ele também gosta das primas dela. Será duro para ele perdê-las todas.

– Talvez nem todas as três sejam culpadas – sugeriu Senhora Merryweather. – Ora, pode bem acontecer de que uma não tenha

participado. Se ficou envergonhada e enojada pelas coisas que viu...

– ... pode ser convencida a testemunhar contra as outras. Sim, muito bem, mas qual delas é a inocente?

– Alla.

– A acanhada?

– Tem esse ar, mas há mais nela de *dissimulado* do que de *acanhado*. Deixe-a comigo, minha querida.

– De bom grado – por si só, a confissão do Bardo Azul nunca seria suficiente. Afinal de contas, os cantores ganhavam a vida mentindo. Alla Tyrell seria uma grande ajuda, se Taena conseguisse colocá-la em suas mãos. – Sor Osney também confessará. Os outros deverão ser levados a entender que só através da confissão poderão conquistar o perdão do rei, e a Muralha – Jalabhar Xho acharia a verdade atraente. Estava menos certa a respeito dos outros, mas Qyburn era persuasivo...

A aurora rompia sobre Porto Real quando saíram da banheira. A pele da rainha estava branca e enrugada devido à longa imersão.

– Fique comigo – pediu a Taena. – Não quero dormir sozinha – até proferiu uma oração antes de se enfiar debaixo da coberta, suplicando sonhos bons à Mãe.

A oração revelou-se um desperdício de saliva; como sempre, os deuses mostraram-se surdos. Cersei sonhou que estava de novo nas celas negras, só que dessa vez era ela quem se encontrava acorrentada à parede, em vez do cantor. Estava nua, e sangue pingava da ponta de seus seios, de onde o Duende lhe arrancara os mamilos com os dentes.

– Por favor – suplicou –, por favor, meus filhos não, não faça mal aos meus filhos – Tyrion limitou-se a olhá-la de esguelha. Também ele estava nu, coberto de pelos grossos que o faziam assemelhar-se mais a um macaco do que a um homem.

– Vai vê-los coroados – ele disse –, e vai vê-los morrer – então, enfiou seu seio sangrento na boca e pôs-se a chupar, e a dor cortou através dela como uma faca quente.

Acordou tremendo nos braços de Taena.

– Um pesadelo – disse, com voz fraca. – Gritei? Lamento.

– Os sonhos se transformam em poeira à luz do dia. Foi o anão outra vez? Por que é que esse homenzinho tolo a assusta tanto?

– Ele ia me matar. Foi predito quando eu tinha dez anos. Eu queria saber com quem casaria, mas ela disse...

– Ela?

– A *maegi* – as palavras jorraram dela. Ainda conseguia ouvir Melara Hetherspoon insistindo que, se nunca falassem das profecias, elas não se concretizariam. *Mas ela não ficou lá muito silenciosa no poço. Gritou e guinchou*. – Tyrion é o *valonqar* – disse. – Usa essa palavra em Myr? É alto valiriano, quer dizer *irmão mais novo* – depois de Melara se afogar, interrogara a Septã Saranella sobre a palavra.

Taena pegou sua mão e a afagou.

– Essa mulher era odiosa, velha, doente e feia. Era jovem e bela, cheia de vida e orgulho. Ela vivia em Lanisporto, segundo disse, portanto, devia saber do anão e do modo como ele matou a senhora sua mãe. Essa criatura não se atrevia a bater em você, por causa de quem era, por isso procurou feri-la com sua língua viperina.

*Será possível?* Cersei queria acreditar naquilo.

– Mas Melara morreu, tal como ela predisse. Não cheguei a me casar com o Príncipe Rhaegar. E Joffrey... o anão matou meu filho diante dos meus olhos.

– Um filho – disse a Senhora Merryweather –, mas tem outro, amável e forte, e nenhum mal acontecerá a *ele*.

– Nunca, enquanto eu viver – dizer isso a ajudava a acreditar que era verdade. *Os sonhos transformam-se em poeira à luz do dia, sim*. Lá fora, o sol da manhã brilhava através de uma cerração de nuvens. Cersei saiu de debaixo dos cobertores. – Esta manhã vou quebrar o jejum com o rei. Quero ver meu filho – *tudo que faço, faço por ele.*

Tommen a ajudou a voltar a si. Nunca lhe fora mais precioso do que naquela manhã, tagarelando sobre os gatinhos enquanto fazia pingar mel sobre um pedaço de pão escuro quente, recém-tirado do forno.

– Sor Salto apanhou um rato – disse-lhe o garoto –, mas a Senhora Bigodes o roubou.

*Eu nunca fui tão doce e inocente*, Cersei pensou. *Como ele espera governar este reino cruel?* A mãe em si queria apenas protegê-lo; a rainha sabia que ele teria de endurecer, caso contrário o Trono de Ferro certamente o devoraria.

– Sor Salto deve aprender a defender seus direitos – disse-lhe. – Neste mundo, os fracos são sempre as vítimas dos fortes.

O rei refletiu sobre aquilo, lambendo mel dos dedos.

– Quando Sor Loras voltar, vou aprender a lutar com lança, espada e maça de armas, como ele luta.

– Aprenderá a lutar – prometeu a rainha –, mas não com Sor Loras. Ele não vai voltar, Tommen.

– Margaery diz que vai. Nós rezamos por ele. Pedimos a misericórdia da Mãe e que o Guerreiro lhe dê forças. Elinor diz que esta é a mais dura batalha de Sor Loras.

Cersei alisou-lhe os cabelos para trás, os macios cachos dourados que tanto lhe faziam lembrar Joff.

– Vai passar a tarde com sua esposa e as primas?

– Ela disse que precisa jejuar e se purificar.

*Jejuar e se purificar... Oh, para o Dia da Donzela*. Tinham-se passado anos desde que Cersei tivera de celebrar aquele dia santo em particular. *Três vezes casada, mas ainda quer nos fazer acreditar que é donzela*. Recatada e de branco, a pequena rainha levaria suas galinhas ao Septo de Baelor para acender grandes velas brancas aos pés da Donzela e pendurar grinaldas de pergaminho em volta de seu pescoço sagrado. *Algumas de suas galinhas, pelo menos*. No Dia da Donzela, tanto viúvas como mães ou prostitutas eram proibidas de entrar nos septos, assim como os homens, a fim de não profanarem as sagradas canções de inocência. Só donzelas podiam...

– Mãe? Disse algo de errado?

Cersei deu um beijo na testa do filho.

– Disse uma coisa muito sábia, querido. Agora vá brincar com seus gatinhos.

Mais tarde, convocou Sor Osney Kettleblack ao seu aposento privado. Ele chegou do pátio, suado e fanfarrão, e quando se apoiou num joelho despiu-a com os olhos, como sempre fazia.

– Erga-se, sor, e sente-se aqui junto a mim. Prestou-me um valente serviço um dia, mas agora tenho uma tarefa mais dura para você.

– Sim, e eu tenho uma coisa dura para você.

– Isso tem de esperar – passou-lhe os dedos levemente sobre as cicatrizes. – Lembra-se da puta que lhe fez isto? Quando regressar da

Muralha, será sua. Gostaria de tê-la?

– É você que eu desejo.

Aquela era a resposta certa.

– Primeiro terá de confessar sua traição. Os pecados de um homem podem envenenar-lhe a alma se ele os deixar apodrecer. Eu sei que deve ser difícil viver com aquilo que fez. Já está na hora de se livrar da vergonha.

– Vergonha? – Osney pareceu confuso. – Eu já disse a Osmund, Margaery só provoca. Nunca me deixa fazer mais do que...

– Protegê-la é cavalheiresco de sua parte – Cersei o interrompeu –, mas é um cavaleiro bom demais para continuar vivendo com seu crime. Não, precisa ir ao Grande Septo de Baelor esta noite e falar com o Alto Septão. Quando os pecados de um homem são tão sombrios, só Sua Alta Santidade em pessoa pode salvá-lo dos tormentos do inferno. Conte-lhe como dormiu com Margaery e com as primas.

Osney pestanejou.

– O quê, com as primas também?

– Megga e Elinor – decidiu Cersei –, Alla nunca – esse pequeno detalhe tornaria toda a história mais plausível. – Alla chorava e suplicava às outras que parassem de pecar.

– Só Megga e Elinor? Ou também Margaery?

– Margaery com toda a certeza. Era ela quem estava por trás de tudo.

Contou-lhe tudo que tinha em mente. À medida que Osney ia ouvindo, a apreensão lentamente foi se espalhando por seu rosto. Quando Cersei terminou, ele disse:

– Depois de lhe cortar a cabeça, quero roubar o beijo que ela nunca me deu.

– Pode roubar todos os beijos que quiser.

– E depois disso, a Muralha?

– Só por pouco tempo. Tommen é um rei clemente.

Osney coçou a face marcada.

– Normalmente, quando minto sobre alguma mulher, sou eu quem diz que nunca a fodi, e ela quem afirma que sim. Isto... Nunca menti ao *Alto Septão*. Acho que se vai parar em algum inferno por isso. Um dos ruins.

A rainha surpreendeu-se. A última coisa que esperava de um Kettleblack era devoção.

– Está se recusando a me obedecer?

– Não – Osney tocou-lhe os cabelos dourados. – O que acontece é que as melhores mentiras têm alguma verdade nelas... para lhes dar sabor, por assim dizer. E você quer que eu conte como fodi uma rainha...

Cersei quase o esbofeteou. Quase. Mas tinha ido longe demais, e havia muito em jogo. *Tudo que faço, faço por Tommen*. Virou a cabeça e tomou a mão de Sor Osney nas suas, beijando-lhe os dedos. Eram ásperos e duros, calejados da espada. *Robert tinha mãos assim*, pensou.

Cersei envolveu-lhe o pescoço nos braços.

– Não gostaria que dissessem que fiz de você um mentiroso – sussurrou em uma voz enrouquecida. – Dê-me uma hora, e vá ter comigo em meu quarto.

– Já esperamos o suficiente – Osney enfiou os dedos no corpete de seu vestido e o puxou, a seda abriu-se com um som de rasgar tão forte que Cersei temeu que metade da Fortaleza Vermelha o tivesse ouvido. – Tire o resto antes que também o rasgue – ele disse. – Pode ficar com a coroa. Gosto de ver você de coroa.

## A PRINCESA NA TORRE

Sua prisão era agradável.

Arianne sentia-se confortada por isso. Por que o pai faria um esforço tão grande para lhe fornecer todo o conforto no cativeiro se a tivesse marcado para uma morte de traidora? *Ele não pode querer me matar*, disse a si mesma uma centena de vezes. *Não tem em si crueldade tão grande. Sou do seu sangue e semente, sou sua herdeira, sua única filha*. Se fosse necessário, se atiraria ao chão junto às rodas de sua cadeira, admitiria sua falha, lhe suplicaria perdão. E choraria. Quando ele visse lágrimas deslizando por seu rosto, a perdoaria.

Estava menos certa de se perdoar a si mesma.

– Areo – suplicara ao seu captor durante a longa cavalgada seca que a trouxera de Sangueverde de volta a Lançassolar. – Nunca quis que a garota se machucasse. Precisa acreditar em mim.

Hotah respondera apenas com grunhidos. Arianne conseguia sentir sua ira. Estrela Negra, o mais perigoso de todo seu pequeno grupo de conspiradores, escapara. Cavalgara mais depressa do que os perseguidores e desaparecera nas profundezas do deserto, com a lâmina suja de sangue.

– Você me conhece, capitão – dissera Arianne, enquanto as léguas ficavam para trás. – Conhece-me desde pequena. Sempre me manteve a salvo, assim como mantinha a senhora minha mãe quando veio com ela da Grande Norvos para ser seu escudo em uma terra estranha. Agora preciso de você. Preciso de sua ajuda. Nunca pretendi...

– O que pretendeu não importa, pequena princesa – dissera Areo Hotah. – Só o que fez importa – seu semblante era uma pedra. – Lamento. Cabe ao meu príncipe ordenar, e a Hotah obedecer.

Arianne esperara ser levada perante o cadeirão do pai, sob a cúpula de vitral da Torre do Sol. Mas Hotah entregara-a na Torre da Lança, à

custódia do senescal do pai, Ricasso, e de Sor Manfrey Martell, o castelão.

– Princesa – dissera Ricasso –, perdoe um velho cego que não pode subir com você. Estas pernas não estão à altura de tantos degraus. Um aposento lhe foi preparado. Sor Manfrey a levará para lá, para esperar até que seja desejo do príncipe chamá-la.

– Desejo? Penoso dever, quer dizer. Meus amigos também ficarão confinados aqui? – Arianne tinha sido separada de Garin, Drey e dos outros após a captura, e Hotah recusara-se a dizer o que seria feito com eles.

– Isto cabe ao príncipe decidir – era tudo que o capitão tinha a dizer sobre o assunto. Sor Manfrey mostrou-se um pouco mais cooperativo.

– Foram levados para Vila Tabueira e serão transportados por navio para Sinistres Gris até que o Príncipe Doran decida seu destino.

Sinistres Gris era um velho castelo arruinado empoleirado num rochedo no Mar de Dorne, uma prisão lúgubre e pavorosa para onde os piores criminosos eram enviados a fim de apodrecer e morrer.

– Isso significa que meu pai pretende *matá-los*? – Arianne não conseguia acreditar. – Tudo que fizeram foi por amor a mim. Se meu pai tem de derramar sangue, devia ser o meu.

– Como quiser, princesa.

– Quero falar com ele.

– Ele achou que talvez quisesse – Sor Manfrey pegou seu braço e a empurrou escadas acima, para cima e para cima, até deixá-la sem fôlego. A Torre da Lança tinha meia centena de metros de altura, e sua cela ficava quase no topo. Arianne examinou todas as portas por que passaram, perguntando a si mesma se alguma das Serpentes de Areia estaria trancada lá dentro.

Depois de a sua porta ser fechada e trancada, Arianne explorou seu novo lar. A cela era grande e arejada, e não lhe faltava conforto. Havia tapetes de Myr no chão, vinho tinto para beber, livros para ler. A um canto encontrava-se um ornamentado tabuleiro de *cryvasse*, com peças esculpidas em marfim e ônix, embora não tivesse ninguém com quem jogar, mesmo que se sentisse inclinada a fazê-lo. Tinha um colchão de penas onde dormir e uma latrina com assento de mármore, cujo cheiro era adoçado por um cesto cheio de ervas. Àquela altura, a vista era

magnífica. Uma janela abria-se para leste, de modo que podia observar o sol nascer do mar. A outra lhe permitia olhar para a Torre do Sol, e para as Muralhas Sinuosas e o Portão Triplo que se erguiam mais atrás.

A exploração demorara menos tempo do que ela teria levado para atar um par de sandálias, mas pelo menos serviu para manter as lágrimas afastadas durante alguns instantes. Arianne descobriu uma bacia e um jarro de água fria e lavou as mãos e o rosto, mas não havia esfregadela que conseguisse limpar seu desgosto. *Arys*, pensou, *meu cavaleiro branco*. Lágrimas encheram seus olhos, e de repente se viu chorando, com o corpo inteiro sacudido por soluços. Recordou como o pesado machado de Hotah abrira caminho através da carne e do osso dele, o modo como sua cabeça saltara, girando, pelo ar. *Por que fez aquilo? Por que jogar a vida fora? Nunca disse para fazê-lo, não quis isso, só quis... eu quis... quis...*

Nessa noite, chorou até adormecer... Pela primeira vez, embora não pela última. Nem mesmo nos sonhos encontrara paz. Sonhava com Arys Oakheart a acariciá-la, a sorrir-lhe, a dizer-lhe que a amava... Mas os dardos mantinham-se espetados em seu corpo e os ferimentos sangravam, transformando os panos brancos em vermelhos. Parte de si sabia que era um pesadelo, mesmo enquanto dormia. *Ao chegar a manhã, tudo isso desaparecerá*, disse a princesa a si mesma, mas quando a manhã chegou ela continuava na sua cela, Sor Arys permanecia morto e Myrcella... *Eu nunca desejei aquilo, nunca. Não desejei nenhum mal à garota. Tudo que quis foi que ela fosse uma rainha. Se não tivéssemos sido traídos...*

"Alguém contou", dissera Hotah. A lembrança ainda a deixava zangada. Arianne agarrou-se àquilo, alimentando a chama que ardia em seu coração. A ira era melhor do que as lágrimas, melhor do que a dor, melhor do que a culpa. Alguém tinha contado, alguém em quem ela tinha confiado. Arys Oakheart perdera a vida por causa disso, fora morto tanto pelo murmúrio do traidor como pelo machado do capitão. O sangue que correra pelo rosto de Myrcella também era obra do traidor. Alguém contou, alguém que ela tinha amado. Este era o mais cruel de todos os golpes.

Descobriu uma arca cheia de suas roupas aos pés da cama, então, despiu o traje manchado pela viagem com o qual dormiu e vestiu a roupa

mais reveladora que encontrou, tufos de seda que cobriam tudo e nada escondiam. Príncipe Doran podia tratá-la como uma criança, mas ela se recusava a se vestir como tal. Sabia que um traje assim desconcertaria o pai quando ele viesse castigá-la por ter fugido com Myrcella. Contava com isso. *Se tenho de engatinhar e chorar, que ele também fique desconfortável.*

Esperou por ele naquele dia, mas quando a porta finalmente se abriu, revelou apenas os criados com a refeição do meio-dia.

– Quando é que poderei falar com meu pai? – perguntou, mas nenhum deles quis responder. O cabrito fora assado com limão e mel. Com ele vieram folhas de videira envolvendo uma mistura de passas, cebolas, cogumelos e ardente pimenta de dragão. – Não tenho fome – Arianne disse. Os amigos estariam comendo biscoitos de marinheiro e carne de vaca salgada a caminho de Sinistres Gris. – Levem isto, e tragam-me Príncipe Doran – mas eles deixaram a comida, e seu pai não veio. Passado algum tempo, a fome enfraquecera-lhe a determinação, e sentou-se para comer.

Depois de terminar a refeição, nada mais havia para Arianne fazer. Pôs-se a passear em volta da sua torre, duas vezes, e três, e três vezes três. Sentou-se diante do tabuleiro de *cryvasse* e moveu, entediada, um elefante. Enrolou-se no banco abaixo da janela e tentou ler um livro, até que as palavras se transformaram numa névoa, e ela compreendeu que estava chorando novamente. *Arys, meu querido, meu cavaleiro branco, por que fez aquilo? Devia ter se rendido. Eu tentei lhe dizer, mas as palavras ficaram presas na minha garganta. Seu tolo galante, não queria que morresse nem que Myrcella... Oh, pela bondade dos deuses, aquela garotinha...*

Por fim, voltou a se enfiar na cama. O mundo tinha escurecido, e pouco havia que pudesse fazer além de dormir. *Alguém contou*, pensou. *Alguém contou*. Garin, Drey e Sylva Malhada eram amigos de infância, eram-lhe tão queridos como a prima Tyene. Não conseguia acreditar que a denunciassem... Mas isso só deixava Estrela Negra, e se era ele o traidor, por que teria virado a espada contra a pobre Myrcella? *Ele queria matá-la em vez de coroá-la, disse isso mesmo em Pedramarela. Disse que seria assim que eu obteria a guerra que desejava*. Mas não fazia sentido que

Dayne fosse o traidor. Se Sor Gerold tivesse sido o bicho na maçã, por que teria virado a espada contra Myrcella?

*Alguém contou*. Poderia ter sido Sor Arys? Teria a culpa do cavaleiro branco subjugado seu desejo? Teria ele amado mais Myrcella do que a si e traído sua nova princesa para expiar a traição à antiga? Estaria tão envergonhado por aquilo que fizera que preferira jogar a vida fora no Sangueverde do que viver para enfrentar a desonra?

*Alguém contou*. Quando o pai viesse vê-la, descobriria. Contudo, Príncipe Doran não veio no dia seguinte. Nem no outro. A princesa foi deixada sozinha para passear pelo quarto, chorar e alimentar seus ferimentos. Durante as horas de luz, tentava ler, mas os livros que lhe tinham dado eram mortalmente enfadonhos: imponentes velhas histórias e geografias, mapas anotados, um estudo aborrecidíssimo sobre as leis de Dorne, *A Estrela de Sete Pontas* e *Vida dos Altos Septões*, um enorme volume sobre dragões que conseguia a proeza de torná-los tão interessantes quanto tritões. Arianne teria dado tudo por uma cópia de *Dez Mil Navios* ou de *Os Amores da Rainha Nymeria*, qualquer coisa que lhe ocupasse os pensamentos e lhe permitisse fugir de sua torre por uma hora ou duas, mas esses divertimentos eram-lhe negados.

De seu banco de janela tinha apenas de relancear o olhar para fora para ver a grande cúpula de ouro e vidro colorido embaixo, onde o pai concedia audiências. *Ele me chamará em breve*, dizia a si mesma.

Não estava autorizada a receber visitas, com exceção dos criados; Bors com sua barba por fazer, o alto Timoth que pingava dignidade, as irmãs Morra e Mellei, a pequena e bonita Cedra, a velha Belandra que fora aia da sua mãe. Traziam-lhe refeições, mudavam-lhe a roupa da cama e esvaziavam o penico, mas nenhum queria falar com ela. Quando pedia mais vinho, Timoth ia buscá-lo. Se desejasse algum de seus pratos preferidos, figos, azeitonas ou pimentões recheados com queijo, bastava-lhe dizer a Belandra e a comida aparecia. Morra e Mellei levavam sua roupa suja e devolviam-na limpa e fresca. A cada dois dias, traziam-lhe uma banheira, e a tímida Cedra ensaboava-lhe as costas e a ajudava a escovar os cabelos.

Mas nenhum deles tinha uma palavra a lhe dizer, e tampouco dignavam-se a lhe contar o que acontecia no mundo que se estendia para além de sua gaiola de arenito.

– Estrela Negra foi capturado? – perguntou um dia a Bors. – Ainda o perseguem? – o homem limitou-se a virar-lhe as costas e a se afastar. – Ficou surdo? – atirou-lhe Arianne. – Volte aqui e me responda. É uma ordem – a única resposta dele foi o som da porta se fechando.

– Timoth – ela tentou em outro dia –, o que aconteceu à Princesa Myrcella? Eu não quis que nenhum mal lhe acontecesse – a última vez que vira a outra princesa tinha sido durante o regresso a Lançassolar. Fraca demais para montar a cavalo, Myrcella viajou numa liteira, com a cabeça envolta em ataduras de seda na parte onde Estrela Negra a atingira, com os olhos verdes brilhantes de febre. – Diga-me que ela não morreu, eu lhe suplico. Que mal pode haver em eu saber disso? Diga-me como ela está – Timoth nada quis responder.

– Belandra – disse Arianne, alguns dias mais tarde –, se alguma vez amou a senhora minha mãe, apiede-se de sua pobre filha e me diga quando é que meu pai pretende vir me visitar. Por favor. Por favor – mas Belandra também perdera a língua.

*Isto é a ideia que o meu pai faz de um tormento? Nem ferros em brasa, nem a roda, mas simplesmente o silêncio?* Aquilo era tão característico de Doran Martell que Arianne teve de rir. *Ele pensa que está sendo sutil, quando está apenas sendo fraco*. Decidiu desfrutar do sossego, usar o tempo para se curar e se fortalecer para aquilo que viria em seguida.

Sabia que não valia a pena remoer constantemente Sor Arys. Em vez disso, obrigou-se a pensar nas Serpentes de Areia, especialmente em Tyene. Arianne gostava de todas as suas primas bastardas, da suscetível e temperamental Obara à pequena Loreza, a mais nova, com apenas seis anos. Mas Tyene sempre fora a de que mais gostava; a irmã querida que nunca tivera. A princesa nunca fora chegada aos irmãos; Quentyn encontrava-se em Paloferro, e Trystane era novo demais. Não, sempre fora ela e Tyene, com Garin, Drey e Sylva Malhada. Nym juntava-se a eles, por vezes, nos jogos, e Sarella passava a vida tentando se meter onde não era seu lugar, mas tinham sido quase sempre uma companhia de cinco. Mergulhavam nas lagoas e fontes dos Jardins de Água e iam para a batalha empoleirados nas costas nuas uns dos outros. Juntas, ela e Tyene tinham aprendido a ler, a andar a cavalo, a dançar. Aos dez anos, Arianne roubou um jarro de vinho, e as duas se embebedaram juntas. Haviam partilhado refeições, camas e joias. Teriam partilhado também o

primeiro homem, mas Drey ficara excitado demais e cobrira os dedos de Tyene de esperma no momento em que ela o tirara para fora dos calções. *As mãos dela são um perigo*. A recordação a fez sorrir.

Quanto mais pensava nas primas, mais sentia falta delas. *Tanto quanto sei, podem estar bem abaixo de mim*. Nessa noite, Arianne tentou bater no chão com o salto da sandália. Quando ninguém respondeu, debruçou-se de uma janela e espreitou para baixo. Conseguia ver outras janelas mais abaixo, menores do que a sua, algumas nem passavam de seteiras.

– *Tyene!* – chamou. – *Tyene, está aí? Obara, Nym? Conseguem me ouvir? Ellaria? Alguém? TYENE?* – a princesa passou metade da noite pendurada à janela, chamando, até ficar com a garganta em carne viva, mas não lhe chegaram gritos em resposta. Aquilo a assustou mais do que poderia exprimir. Se as Serpentes de Areia estavam aprisionadas na Torre da Lança, certamente a teriam ouvido gritar. Por que não teriam respondido? *Se meu pai lhes fez algum mal, nunca o perdoarei, nunca*, disse a si mesma.

Depois de se passar uma quinzena, tinha a paciência em farrapos.

– Quero falar com meu pai, já – disse a Bors, com sua voz mais autoritária. – Vai me levar até ele – ele não a levou. – Estou pronta para ver o príncipe – disse a Timoth, mas ele virou-lhe as costas como se não tivesse ouvido. Na manhã seguinte, Arianne estava à espera junto à porta quando ela se abriu. Passou por Belandra com um salto, fazendo que uma bandeja de ovos com especiarias se esmagasse contra a parede, mas os guardas a apanharam antes de ter percorrido três metros. Também os conhecia, mas mostraram-se surdos às suas súplicas. Arrastaram-na de volta à cela, bracejando e esperneando.

Arianne decidiu que teria de ser mais sutil. Cedra era sua melhor esperança; a garota era jovem, ingênua e crédula. A princesa lembrou-se de que um dia Garin se gabara de dormir com ela. No banho seguinte, enquanto Cedra lhe ensaboava os ombros, pôs-se a falar de tudo e de nada.

– Sei que lhe foi ordenado que não falasse comigo – disse –, mas ninguém me disse para não falar com você – falou sobre o calor do dia, e daquilo que tinha jantado na noite anterior, e de como a pobre Belandra se tornava lenta e rígida. Príncipe Oberyn armara cada uma de *suas* filhas para que nunca ficassem sem defesa, mas Arianne Martell não tinha

nenhuma arma além de sua astúcia. E, assim, sorriu e se mostrou encantadora, e não pediu a Cedra nada em troca, nem palavra, nem aceno.

No dia seguinte, ao jantar, voltou a tagarelar com a garota enquanto ela a servia. Daquela vez deu um jeito de mencionar Garin. Cedra ergueu acanhadamente os olhos ao ouvir o nome dele e quase derramou o vinho que servia. *Então é assim, não é?*, pensou Arianne.

Durante o banho seguinte, falou dos amigos aprisionados, especialmente de Garin.

– É por ele que mais temo – confidenciou à criada. – Os órfãos são espíritos livres, vivem para vagabundear. Garin precisa de sol e de ar fresco. Se o trancarem em alguma fria e úmida cela de pedra, como sobreviverá? Não durará um ano em Sinistres Gris – Cedra não respondeu, mas quando Arianne se levantou, a criada tinha o rosto pálido e apertava a esponja com tanta força que o sabão pingava no tapete de Myr.

Mesmo assim, foram precisos mais quatro dias e dois banhos para ter a garota na mão.

– Por favor – Cedra sussurrou finalmente, depois de Arianne pintar uma viva imagem de Garin atirando-se da janela da cela, para saborear a liberdade uma última vez antes de morrer. – Precisa ajudá-lo. Por favor, não o deixe morrer.

– Trancada aqui em cima pouco posso fazer – sussurrou em resposta. – Meu pai não quer me receber. *Você* é a única que pode salvar Garin. Ama-o?

– Sim – Cedra murmurou, corando. – Mas como posso ajudar?

– Pode fazer sair uma carta minha – disse a princesa. – Fará isso? Correrá o risco... por Garin?

Os olhos de Cedra esbugalharam-se. Mas confirmou com a cabeça.

*Tenho um corvo*, pensou Arianne, triunfante, *mas envio-o para quem?* O único de seus conspiradores que escapara à rede do pai tinha sido Estrela Negra. No entanto, àquela altura Sor Gerold podia perfeitamente já ter sido capturado; e se não tivesse sido, certamente já tinha fugido de Dorne. Seu pensamento seguinte foi a mãe de Garin e os órfãos de Sangueverde. *Não, eles não. Tem de ser alguém com real poder, alguém que não tenha participado de nosso plano, mas que possa ter motivos*

*para nutrir simpatia por nós*. Pensou em apelar à mãe, mas a Senhora Mellario estava longe, em Norvos. E, além disso, havia muitos anos que o Príncipe Doran não dava ouvidos à senhora sua esposa. *Ela também não. Preciso de um fidalgo, um fidalgo suficientemente grande para coagir meu pai a me libertar.*

O mais poderoso dos senhores de Dorne era Anders Yronwood, o Sangue-Real, Senhor de Paloferro e Protetor do Caminho de Pedra, mas Arianne não era tola para procurar ajuda junto do homem que criara seu irmão Quentyn. *Não*. O irmão de Drey, Sor Deziel Dalt outrora tinha aspirado casar-se com ela, mas era obediente demais para se opor ao seu príncipe. E, além disso, embora o Cavaleiro de Limoeiros pudesse intimidar um pequeno senhor, não tinha força suficiente para influenciar o Príncipe de Dorne. *Não*. Arianne finalmente decidiu que não tinha mais do que duas esperanças reais: Harmen Uller, Senhor da Toca do Inferno, e Franklyn Fowler, Senhor de Alcanceleste e Protetor do Passo do Príncipe.

*Metade dos Uller é meio louca*, dizia o provérbio, *e os outros são piores*. Ellaria Sand era filha ilegítima de Lorde Harmen. Ela e suas pequenas tinham sido presas com o resto das Serpentes de Areia. Isso devia ter deixado Lorde Harmen furioso, e os Uller eram perigosos quando se enfureciam. *Perigosos demais, talvez.* A princesa não queria colocar mais vidas em perigo.

Lorde Fowler poderia ser uma escolha mais segura. Chamavam-no o Velho Falcão. Nunca se dera bem com Anders Yronwood; havia um feudo de sangue entre as duas casas que remontava a mil anos quando os Fowler preferiram apoiar os Martell e não os Yronwood durante a Guerra de Nymeria. Os gêmeos Fowler também eram amigos afamados da Senhora Nym, mas quanto peso teria isso junto do Velho Falcão?

Arianne vacilou durante quatro dias enquanto redigia sua carta secreta.

"Dê ao homem que lhe entregar esta carta cem veados de prata", começou. Isso asseguraria que a mensagem seria entregue. Disse na carta onde estava e suplicou que a salvassem. "Seja quem for que me tire desta cela, não será esquecido quando eu me casar." *Isso deverá trazer os heróis correndo.* A menos que Príncipe Doran a tivesse proscrito, ainda era a legítima herdeira de Lançassolar; o homem que se casasse com ela um dia governaria Dorne ao seu lado. Arianne só podia rezar para que

seu salvador se revelasse mais novo do que os velhos que o pai lhe oferecera ao longo dos anos. “Quero um consorte com dentes”, dissera-lhe quando recusara o último.

Não se atrevia a pedir pergaminho por temer levantar suspeitas entre seus captores, por isso escreveu a carta no pé de uma página arrancada da *Estrela de Sete Pontas* e a enfiou na mão de Cedra no próximo dia de banho.

– Junto do Portão Triplo há um lugar onde as caravanas carregam provisões antes de atravessar as areias profundas – disse-lhe Arianne. – Procure um viajante que se dirija ao Passo do Príncipe e prometa-lhe cem veados de prata se puser isto nas mãos de Lorde Fowler.

– Farei isso – Cedra escondeu a mensagem no corpete. – Encontrarei alguém antes do pôr do sol, princesa.

– Ótimo – Arianne exultou. – Amanhã me diga como foi.

Mas a garota não regressou na manhã seguinte. Nem no outro dia. Quando chegou o momento de Arianne tomar banho, foi Morra e Mellei que lhe encheram a banheira e ficaram para lavar suas costas e escovar os cabelos.

– Cedra adoeceu? – perguntou-lhes a princesa, mas nenhuma das duas quis responder. Só conseguia pensar: *ela foi apanhada. Que outra coisa poderia ser?* Nessa noite quase não dormiu, com medo do que poderia acontecer.

Quando Timoth lhe trouxe o desjejum na manhã seguinte, Arianne pediu para ver Ricasso em vez do pai. Era evidente que não conseguiria forçar o Príncipe Doran a recebê-la, mas certamente um mero senescal não ignoraria uma convocatória da legítima herdeira de Lançassolar.

No entanto, ignorou.

– Transmitiu a Ricasso o que eu lhe disse? – perguntou da próxima vez que viu Timoth. – Disse-lhe que eu precisava dele? – quando o homem se recusou a responder, Arianne pegou um jarro de vinho tinto e o virou em cima da cabeça do criado. O homem se retirou, pingando, com o rosto transformado numa máscara de dignidade ferida. *Meu pai pretende me deixar aqui para apodrecer*, a princesa concluiu. *Ou então está planejando me casar com algum velho idiota repugnante e pretende me manter trancada até a noite de núpcias.*

Arianne Martell crescera contando que um dia se casaria com um grande senhor qualquer, escolhido pelo pai. Havia sido ensinada que era para isso que as princesas serviam... Embora, tinha de admitir, seu tio Oberyn tivesse visto o assunto de forma diferente.

"Se quiserem se casar, casem", dissera o Víbora Vermelha às filhas. "Se não, tirem prazer onde o encontrarem. Não é coisa que abunde no mundo. Mas escolham bem. Se deixarem que um idiota ou um bruto lhes coloque a sela, não venham ter comigo para se verem livres dele. Eu lhes dei as ferramentas para tratarem disso sozinhas."

A liberdade que Príncipe Oberyn permitia às suas bastardas nunca fora partilhada pela herdeira legítima do Príncipe Doran. Arianne tinha de se casar; assim ela tinha aceitado. Sabia que Drey a desejara; e o irmão dele, Deziel, o Cavaleiro de Limoeiros, também. Daemon Sand chegara mesmo a lhe pedir a mão. Mas Daemon era bastardo, e Príncipe Doran não pretendia que ela se casasse com um dornês.

Arianne também aceitara isso. Houve um ano em que o irmão do Rei Robert tinha vindo de visita e ela fizera seu melhor para seduzi-lo, mas era pouco mais que uma menina, e Lorde Renly parecera mais assombrado do que inflamado por suas ofertas. Mais tarde, quando Hoster Tully lhe pedira para ir a Correrrio a fim de conhecer seu herdeiro, acendera velas de agradecimento à Donzela, mas Príncipe Doran declinara o convite. A princesa poderia até ter tomado em conta Willas Tyrell, com perna aleijada e tudo, mas o pai se recusara a mandá-la a Jardim de Cima para conhecê-lo. Tentara ir a despeito dele, com a ajuda de Tyene... Mas Príncipe Oberyn as apanhara em Vaith e as trouxera de volta. Nesse mesmo ano, Príncipe Doran tentara prometê-la a Ben Beesbury, um fidalgo menor que se não tinha oitenta anos pouco faltava, e que era tão cego quanto desdentado.

Beesbury morrera alguns anos mais tarde. Isso lhe dava algum pequeno conforto na presente situação; não podia ser obrigada a se casar com ele se o homem estava morto, e o Senhor da Travessia voltara a se casar; portanto, desse também estava salva. *Contudo, Elden Estermont continua vivo e por se casar. Bem como Lorde Rosby e Lorde Grandison*. Este última chamavam Grandison Barbagris, mas quando Arianne o conheceu, sua barba havia se tornado branca como a neve. No banquete de boas-vindas, adormecera entre o prato de peixe e o de carne. Drey tinha dito

que aquilo era adequado, visto que seu símbolo era um leão adormecido. Garin a desafiara a ver se conseguia lhe dar um nó na barba sem acordá-lo, mas Arianne se conteve. Grandison lhe pareceu então um tipo agradável, menos lamuriento do que Estermont e mais robusto do que Rosby. Contudo, nunca se casaria com ele. *Nem mesmo se Hotah se puser atrás de mim com seu machado.*

Ninguém veio se casar com ela no dia seguinte, nem no outro. Cedra também não regressou. Arianne tentou conquistar Morra e Mellei da mesma forma, mas não funcionou. Se tivesse conseguido apanhar uma delas sozinha podia ter alguma esperança, mas, juntas, as irmãs eram uma muralha. Àquela altura, a princesa teria achado bem-vindo o toque de um ferro quente ou uma noite passada na roda. A solidão era capaz de levá-la à loucura. *Mereço o machado de um carrasco por aquilo que fiz, mas ele nem sequer me dará isso. Mais depressa me trancará e esquecerá que um dia existi*. Perguntou a si mesma se Meistre Caleotte estaria elaborando uma proclamação para nomear o irmão Quentyn herdeiro de Dorne.

Os dias chegaram e partiram, um atrás do outro, tantos, que Arianne perdeu a conta do tempo que passara aprisionada. Deu por si passando cada vez mais tempo na cama, até chegar ao ponto de não se levantar de todo, exceto para usar a latrina. As refeições que os criados traziam arrefeciam, intocadas. Arianne dormia e acordava, e voltava a dormir, e continuava a se sentir cansada demais para se levantar. Rezava à Mãe pedindo misericórdia, e ao Guerreiro em busca de coragem, e depois dormia mais um pouco. Novas refeições substituíam as antigas, mas ela também não as comia. Uma dia em que se sentiu especialmente forte, levou toda a comida até a janela e a atirou para o pátio, para que não a tentasse. O esforço a deixou exausta, e, assim, engatinhou para a cama e passou meio dia dormindo.

E então chegou um dia em que uma mão rude a acordou, sacudindo-a pelo ombro.

– Pequena princesa – disse uma voz que conhecia desde a infância. – Levante-se e se vista. O príncipe a chama – Areo Hotah, seu velho amigo e protetor, estava em pé junto dela. *Falando* com ela. Arianne sorriu, sonolenta. Era bom ver aquele rosto vincado, cheio de cicatrizes, e ouvir sua voz áspera e profunda e o forte sotaque de Norvos.

– O que fez com Cedra?

– O príncipe a mandou para os Jardins de Água – Hotah respondeu. – Ele lhe contará. Mas, primeiro, tem de se lavar e comer.

Devia estar com o aspecto de uma miserável criatura. Arianne saiu com dificuldade da cama, fraca como uma gatinha.

– Mande Morra e Mellei prepararem um banho – disse-lhe –, e diga a Timoth que me traga um pouco de comida. Nada pesado. Um pouco de caldo frio e um pedaço de pão e fruta.

– Sim – Hotah aquiesceu, e ela percebeu que nunca ouvira som mais adorável.

O capitão esperou lá fora enquanto a princesa se banhava, escovava os cabelos e comia frugalmente um pouco do queijo e da fruta que lhe tinham trazido. Bebeu um pouco de vinho para sossegar o estômago. *Estou assustada*, percebeu, *pela primeira vez na vida sinto medo do meu pai*. Aquilo a fez rir tanto que deixou sair vinho pelo nariz. Quando chegou o momento de se vestir, escolheu um vestido simples de linho cor de marfim, com gavinhas e uvas purpúreas bordadas em volta das mangas e do corpete. Não colocou joias. *Tenho de me mostrar casta, humilde e arrependida. Preciso me atirar aos pés dele e lhe suplicar perdão, caso contrário posso nunca mais ouvir outra voz humana.*

Quando finalmente ficou pronta, o ocasojá caíra. Arianne julgou que Hotah a levaria até a Torre do Sol para ouvir o julgamento do pai, mas, em vez disso, a entregou no aposento privado do pai, onde foram encontrar Doran Martell sentado atrás de uma mesa de *cryvasse*, com as pernas gotosas colocadas sobre um apoio almofadado para os pés. Estava brincando com um elefante de ônix, virando-o nas mãos avermelhadas e inchadas. O príncipe parecia pior do que alguma vez o vira. Tinha o rosto pálido e entumecido, as articulações tão inflamadas que lhe doía só de olhar para elas. Vê-lo assim fez que o coração de Arianne se voltasse para o pai... Mas, sem que soubesse por que, não conseguiu se ajoelhar e suplicar, como tinha planejado.

– Pai – preferiu dizer.

Quando ele ergueu a cabeça para olhá-la, tinha os olhos escuros enevoados de dor. *Será a gota?*, perguntou Arianne a si mesma. *Ou serei eu?*

– Um povo estranho e sutil, os volantenos – murmurou, enquanto colocava o elefante de lado. – Vi Volantis uma vez, a caminho de Norvos, onde me encontrei pela primeira vez com Mellario. Os sinos estavam tocando e os ursos dançavam nos degraus. Areo deve se lembrar desse dia.

– Lembro – ecoou Areo Hotah em sua voz profunda. – Os ursos dançavam e os sinos tocavam, e o príncipe vinha vestido de vermelho, dourado e laranja. Minha senhora me perguntou quem era aquele que tanto brilhava.

Príncipe Doran abriu um sorriso tristonho.

– Deixe-nos, capitão.

Hotah bateu com o cabo de seu machado no chão, girou sobre os calcanhares e se retirou.

– Eu lhes disse para colocar um tabuleiro de *cryvasse* em seus aposentos – o pai falou quando ficaram sozinhos.

– Com quem pretendia que eu jogasse? – *por que ele está falando de um jogo? Terá a gota roubado seus miolos?*

– Consigo. Às vezes é melhor estudar um jogo antes de se tentar jogá-lo. Quão bem conhece o jogo, Arianne?

– Suficientemente bem para jogar.

– Mas não para ganhar. Meu irmão gostava do combate pelo combate, mas eu só jogo os jogos que posso ganhar. *Cryvasse* não é para mim – estudou o rosto dela por um longo momento antes de perguntar: – Por quê? Diga-me isso, Arianne. Diga-me por quê.

– Pela honra de nossa Casa – a voz do pai a deixara zangada. Soava tão triste, tão exausto, tão *fraco*. *É um príncipe!*, quis gritar. *Devia estar em fúria!* – Sua docilidade envergonha Dorne inteira, pai. Seu irmão foi para Porto Real em seu lugar, e *eles o mataram!*

– E acha que não sei disso? Oberyn está comigo cada vez que fecho os olhos.

– Dizendo-lhe para abri-los, sem dúvida – Arianne sentou-se diante do tabuleiro de *cryvasse*, em frente ao pai.

– Não lhe dei licença para se sentar.

– Então chame Hotah e me açoite por minha insolência. É o Príncipe de Dorne. Pode fazê-lo – tocou uma das peças de *cryvasse*, o cavalo pesado. – Apanhou Sor Gerold?

Ele balançou a cabeça.

– Bem gostaria que tivéssemos apanhado. Foi uma tola por tê-lo metido nisto. Estrela Negra é o homem mais perigoso de Dorne. Você e ele nos causaram um grande dano.

Arianne quase sentiu receio de perguntar.

– Myrcella. Ela está...?

– ... morta? Não, embora Estrela Negra tenha feito seu melhor. Todos os olhos estavam no seu cavaleiro branco, de modo que ninguém parece ter grandes certezas sobre o que aconteceu exatamente, mas parece que o cavalo dela recuou diante do dele no último instante, impedindo-o de cortar o topo do crânio da garota. Mesmo assim, o golpe abriu-lhe o rosto até o osso e cortou-lhe a orelha direita. Meistre Caleotte conseguiu salvar-lhe a vida, mas não há cataplasma ou poção capaz de lhe restaurar o rosto. Ela era minha *protegida*, Arianne. Prometida ao seu irmão e sob a minha proteção. Desonrou-nos a todos.

– Nunca lhe desejei nenhum mal – Arianne insistiu. – Se Hotah não tivesse interferido...

– ... teria coroado Myrcella rainha, para iniciar uma rebelião contra o irmão. Em vez de uma orelha, teria perdido a vida.

– Só se perdêssemos.

– *Se*? A palavra é *quando*. Dorne é o menos populoso dos Sete Reinos. O Jovem Dragão achou por bem fazer todos os nossos exércitos maiores quando escreveu aquele seu livro, para tornar sua conquista mais gloriosa na mesma proporção, e nós achamos por bem regar a semente que ele plantou e deixar nossos inimigos nos julgarem mais poderosos do que somos. Mas uma princesa devia conhecer a verdade. O valor é fraco substituto para os números. Dorne não pode esperar ganhar uma guerra contra o Trono de Ferro. Sozinho, não. E, no entanto, pode bem ser isto o que você nos deu. Sente-se orgulhosa? – o príncipe não lhe deu tempo para responder. – O que farei com você, Arianne?

Parte dela quis dizer *perdoe-me*, mas suas palavras a tinham ferido demais.

– Ora, faça o que sempre faz. Nada.

– Você torna difícil a um homem engolir sua fúria.

– É melhor parar de engolir, é provável que se engasgue com ela – o príncipe não respondeu. – Diga-me como soube de meus planos.

– Sou o Príncipe de Dorne. Os homens procuram cair em minhas graças.

*Alguém contou.*

– Sabia, e no entanto permitiu que eu fugisse com Myrcella. Por quê?

– Este foi o meu erro, e revelou ser um erro grave. É minha filha, Arianne. A garotinha que costumava correr para mim quando esfolava o joelho. Achei difícil acreditar que conspiraria contra mim. Tive de saber a verdade.

– Agora sabe. Quero saber quem me denunciou.

– Eu também iria querer se estivesse em seu lugar.

– Não me dirá?

– Não consigo imaginar nenhuma razão para fazê-lo.

– Acha que não sou capaz de descobrir a verdade sozinha?

– Tente à vontade. Até que descubra, terá de desconfiar de todos eles... e ter um pouco de desconfiança é bom para uma princesa – Príncipe Doran suspirou. – Desilude-me, Arianne.

– Diz o corvo ao melro. Há anos que me desaponta, pai – não pretendera ser tão franca com ele, mas as palavras jorravam. *Pronto, agora já falei*.

– Eu sei. Sou brando, fraco e cauteloso demais, clemente demais com nossos inimigos. Neste momento, contudo, você precisa de um pouco dessa clemência, parece-me. Devia estar suplicando meu perdão, em vez de me provocar mais.

– Só peço clemência para meus amigos.

– Que nobre da sua parte.

– O que eles fizeram foi por me amarem. Não merecem morrer em Sinistres Gris.

– Por acaso, concordo. À exceção de Estrela Negra, seus outros conspiradores não foram mais do que crianças tontas. Apesar disso, aquilo não foi um inofensivo jogo de *cryvasse*. Você e seus amigos estavam brincando de traições. Eu podia ter mandado cortar-lhes a cabeça.

– Podia, mas não fez. Dayne, Dalt, Santagar... Não, nunca se atreveria a transformar essas Casas em inimigos.

– Atrevo-me a mais do que você sonha... Mas deixemos isso de lado. Sor Andrey foi enviado para Norvos a fim de servir a senhora sua mãe

durante três anos. Garin passará os próximos dois anos em Tyrosh. De sua família entre os órfãos recebi dinheiro e reféns. Senhora Sylva não foi punida por mim, mas está em idade de se casar. O pai a despachou para Pedraverde, a fim de desposar Lorde Estermont. Quanto a Arys Oakheart, escolheu seu próprio destino, e o enfrentou corajosamente. Um cavaleiro da Guarda Real... O que foi que lhe *fizeste*?

– Fodi-o, pai. Ordenou-me que entretivesse nossos nobres visitantes, se bem me lembro.

O rosto dele enrubesceu.

– Bastou isso?

– Disse-lhe que, uma vez que Myrcella fosse rainha, nos daria licença para casar. Ele me queria para esposa.

– Fez tudo o que pôde para impedir que ele desonrasse seus votos, certamente – disse o pai.

Foi a vez dela corar. A sedução de Sor Arys levara meio ano. Embora ele afirmasse ter conhecido outras mulheres antes de vestir o branco, ela nunca teria adivinhado pela forma como agia. Suas carícias eram desajeitadas, os beijos, nervosos, e da primeira vez que se deitaram juntos ele derramou a semente na sua coxa quando ela o guiava para si com a mão. Pior, foi consumido pela vergonha. Se tivesse um dragão por cada vez que ele sussurrava "Não devíamos fazer isso", estaria mais rica do que os Lannister. *Terá ele atacado Areo Hotah na esperança de me salvar?*, perguntou Arianne a si mesma. *Ou teria feito para que eu fugisse, para lavar a desonra com o sangue de sua vida?*

– Ele me amava – ouviu a si mesma dizendo. – Morreu por mim.

– Se assim foi, pode bem ser apenas o primeiro de muitos. Você e suas primas queriam a guerra. Podem ter o que desejam. Outro cavaleiro da Guarda Real aproxima-se lentamente de Lançassolar neste exato momento. Sor Balon Swann me traz a cabeça da Montanha. Meus vassalos têm andado atrasando-o, para me arranjar algum tempo. Os Wyl retiveram-no no Caminho do Espinhaço durante oito dias, caçando com e sem falcões, e Lorde Yronwood o banqueteou por uma quinzena quando ele emergiu das montanhas. Atualmente está na Penha, onde Senhora Jordayne organizou jogos em sua honra. Quando chegar a Monte Espírito, encontrará Senhora Toland, decidido a ultrapassá-la. Mas mais cedo ou mais tarde, Sor Balon chegará a Lançassolar, e quando isso

acontecer ele esperará ver Princesa Myrcella... e Sor Arys, seu Irmão Juramentado. O que lhe diremos, Arianne? Deverei dizer que Oakheart pereceu num acidente de caça, ou sobre uma queda em alguma escada escorregadia? Talvez Arys tenha ido nadar nos Jardins de Água, escorregado no mármore, batido com a cabeça e morrido afogado?

– Não – Arianne respondeu. – Diga que ele morreu defendendo sua pequena princesa. Diga a Sor Balon que Estrela Negra tentou matá-la e Sor Arys se interpôs entre ambos e lhe salvou a vida – era assim que os cavaleiros brancos da Guarda Real deviam morrer, dando a vida por aqueles que tinham jurado proteger. – Sor Balon pode ficar desconfiado, como você ficou quando os Lannister mataram sua irmã e os filhos, mas não terá provas...

– ... até falar com Myrcella. Ou terá essa corajosa criança de sofrer também um trágico acidente? Se assim for, isso significará a guerra. Não haverá mentira que salve Dorne da fúria da rainha se sua filha perecer enquanto estiver aos meus cuidados.

*Ele precisa de mim*, Arianne compreendeu. *Foi por isso que me mandou buscar.*

– Eu podia dizer a Myrcella o que dizer, mas por que o faria?

Um espasmo de ira percorreu o rosto do pai.

– Previno-lhe, Arianne, estou sem paciência.

– Comigo? – *isso é tão típico*. – Com Lorde Tywin e os Lannister sempre teve a indulgência de Baelor, o Abençoado, mas para seu sangue, nada.

– Confunde indulgência com paciência. Trabalhei para a queda de Tywin Lannister desde o dia em que me informaram sobre Elia e os filhos. Era minha esperança despi-lo de tudo o que tinha de mais querido antes de matá-lo, mas ao que parece seu filho anão roubou-me este prazer. Retiro um certo consolo em saber que morreu uma morte cruel nas mãos do monstro que ele próprio gerou. Mas não importa. Lorde Tywin uiva nas profundezas do inferno... Onde milhares irão se juntar a ele se a sua loucura se transformar em guerra – o pai fez um trejeito, como se a própria palavra lhe fosse dolorosa. – É isso que você quer?

A princesa recusou-se a se deixar intimidar.

– Quero minhas primas libertadas. Quero meu tio vingado. Quero os meus direitos.

– Os seus *direitos*?

– Dorne.

– Terá Dorne depois que eu morrer. Está assim tão ansiosa por se ver livre de mim?

– Eu devia lhe devolver essa pergunta, pai. Há anos que tenta se ver livre de mim.

– Isto não é verdade.

– Não? Vamos perguntar ao meu irmão?

– Trystane?

– *Quentyn*.

– O que há com ele?

– Onde está?

– Com a hoste de Lorde Yronwood no Caminho do Espinhaço.

– Mente bem, pai, admito. Nem sequer pestanejou. Quentyn foi para Lys.

– De onde tirou essa ideia?

– Um amigo me disse – ela também podia ter segredos.

– Seu amigo mentiu. Dou-lhe minha palavra, seu irmão não foi para Lys. Juro pelo sol e lança e pelos Sete.

Arianne não se deixava enganar com tanta facilidade.

– Então é Myr? Tyrosh? Sei que ele está em algum lugar para lá do mar estreito, contratando mercenários para me roubar o direito de nascença.

O rosto do pai tornou-se sombrio.

– Essa desconfiança não a honra, Arianne. Devia ser Quentyn a conspirar contra mim. Mandei-o para longe quando não passava de uma criança, jovem demais para compreender as necessidades de Dorne. Anders Yronwood foi mais pai para ele do que eu, e no entanto seu irmão se mantém leal e obediente.

– E por que não? Favorece-o, sempre foi assim. Ele se parece com você, pensa como você, que pretende lhe dar Dorne, não se incomode em negá-lo. Eu li sua carta – as palavras ainda ardiam brilhantes como fogo em sua memória. – "*Um dia ocupará o meu lugar e governará Dorne inteira*", escreveu a ele. Diga-me, pai, quando foi que decidiu me deserdar? Foi no dia em que Quentyn nasceu, ou quando *eu* nasci? O que lhe fiz para fazer que me odiasse tanto? – para sua fúria, havia lágrimas em seus olhos.

– Nunca odiei você – a voz do Príncipe Doran era frágil como pergaminho e cheia de dor. – Arianne, não compreende.

– Nega ter escrito essas palavras?

– Não. Isso aconteceu quando Quentyn foi para Yronwood. Sim, pretendia que ele me sucedesse. Tinha outros planos para você.

– Oh, sim – ela retrucou, cheia de escárnio –, e que planos! Gyles Rosby. Ben Cego Beesbury. Barbagris Grandison. Eram esses os seus *planos*.

Não lhe deu nenhuma chance de responder.

– Sei que é meu dever dar um herdeiro a Dorne, *nunca* me esqueci disso. Teria casado, e de bom grado, mas os homens que me trouxe eram insultos. Com cada um deles cuspiu em mim. Se alguma vez sentiu algum amor por mim, por que me oferecer a *Walder Frey*?

– Porque sabia que o desdenharia. Eu tinha de ser visto *tentando* encontrar um consorte para você depois de chegar a uma certa idade, caso contrário teria levantado suspeitas, mas não me atrevi a lhe trazer um homem que pudesse aceitar. Estava prometida, Arianne.

*Prometida?* Arianne o fitou, incrédula.

– O que está dizendo? É mais uma mentira? Nunca disse...

– O pacto foi selado em segredo. Pretendia lhe contar quando tivesse idade suficiente... Quando chegasse à idade adulta, pensava, mas...

– Tenho vinte e três anos, há sete que sou uma mulher-feita.

– Eu sei. Se a mantive na ignorância durante esse tempo, foi só para protegê-la. Arianne, sua natureza... Para você, um segredo era apenas uma história especial para murmurar a Garin e Tyene à noite, na cama. Garin mexerica como só os órfãos são capazes, e Tyene não guarda segredos de Obara e da Senhora Nym. E se elas soubessem... Obara gosta de vinho demais, e Nym é muito chegada aos gêmeos Fowler. E a quem os gêmeos Fowler poderiam fazer confidências? *Não podia correr o risco.*

Sentiu-se perdida, confusa. *Prometida. Eu fui prometida.*

– Quem é? A quem estive prometida todos esses anos?

– Não importa. Ele está morto.

Aquilo a deixou mais desconcertada do que nunca.

– Os velhos são tão frágeis. Foi um quadril quebrado, um resfriado, a gota?

– Foi um vaso de ouro derretido. Nós, os príncipes, fazemos nossos cuidadosos planos, e os deuses põem tudo abaixo – Príncipe Doran fez um gesto fatigado com uma mão irritada e vermelha. – Dorne será seu. Tem a minha palavra quanto a isto, se minha palavra ainda tiver algum significado para você. Seu irmão Quentyn tem um caminho mais duro a percorrer.

– Que caminho? – Arianne o olhou com suspeita. – O que está guardando para si? Que os Sete me salvem, mas estou farta de segredos. Conte-me o resto, pai... Ou então nomeie Quentyn seu herdeiro, mande chamar Hotah e seu machado e deixe-me morrer ao lado de minhas primas.

– Pensa mesmo que eu faria mal às filhas de meu irmão? – o pai fez uma careta. – A Obara, Nym e Tyene nada falta, exceto a liberdade, e Ellaria e as filhas estão alegremente escondidas nos Jardins de Água. Dorea anda por lá, sorrateira, derrubando laranjas das árvores com sua maça de armas, e Elia e Obella transformaram-se no terror das lagoas – suspirou. – Não se passou assim tanto tempo desde que era você quem brincava naquelas lagoas. Costumava montar nos ombros de uma garota mais velha... Uma garota alta, de cabelos amarelos como palha...

– Jeyne Fowler, ou a irmã Jennelyn – tinham se passado anos sem que Arianne pensasse nisso. – Oh, e Frynne, o pai era um ferreiro. Ela tinha cabelos castanhos. Mas Garin era meu preferido. Quando montava Garin, ninguém conseguia nos derrotar, nem mesmo Nym e aquela garota tyroshi de cabelos verdes.

– Essa garota de cabelos verdes era a filha do Arconte. Esperava-se que eu a enviasse para Tyrosh no lugar dela. Teria servido o Arconte como copeira e se encontrado em segredo com o seu prometido, mas sua mãe ameaçou se ferir se eu lhe roubasse mais algum filho, e eu... Não pude fazer tal coisa.

*A história cada vez mais se torna estranha.*

– Foi para lá que Quentyn foi? Para Tyrosh, a fim de cortejar a filha de cabelos verdes do Arconte?

O pai pegou uma peça de *cryvasse*.

– Tenho de saber como chegou ao seu conhecimento que Quentyn estava no estrangeiro. Seu irmão partiu com Cletus Yronwood, Meistre Kedry e três dos melhores jovens cavaleiros do Lorde Yronwood numa

longa e perigosa viagem, com um resultado incerto no fim. Foi para nos devolver aquilo que é desejo de nosso coração.

Ela estreitou os olhos.

– O que é o desejo de nosso coração?

– A vingança – a voz dele era baixa, como se tivesse receio de que alguém estivesse ouvindo. – A justiça – Príncipe Doran pressionou o dragão de ônix contra a palma da mão dela com seus dedos inchados e gotosos, e murmurou: – *Fogo e sangue*.

## ALAYNE

Virou a argola de ferro e abriu a porta com um empurrão, só um pouco.

– Passarinho? – chamou. – Posso entrar?

– Tenha cuidado, senhora – avisou a velha Gretchel, apertando as mãos. – Sua senhoria atirou o penico no meistre.

– Então não tem penico para me atirar. Não há trabalho que devesse estar fazendo? E você também, Maddy... as janelas estão todas fechadas e as portas trancadas? A mobília já foi toda coberta?

– Toda, senhora – Maddy respondeu.

– É melhor ir se certificar – Alayne adentrou o quarto escurecido. – Sou só eu, passarinho.

Alguém fungou na escuridão.

– Está sozinha?

– Estou, senhor.

– Então se aproxime. Só você.

Alayne fechou firmemente a porta atrás de si. Era de carvalho sólido, com dez centímetros de espessura; Maddy e Gretchel podiam tentar escutar o que quisessem, e nada ouviriam. Ainda bem. Gretchel sabia controlar a língua, mas Maddy mexericava desavergonhadamente.

– Foi Meistre Colemon que mandou você aqui? – perguntou o garoto.

– Não – ela mentiu. – Ouvi dizer que meu passarinho estava aflito – depois de seu encontro com o penico, o meistre correra para Sor Lothor, e Brune viera ter com ela.

"Se a senhora conseguir convencê-lo a sair da cama, ótimo", o cavaleiro lhe disse, "não terei de arrancá-lo de lá".

*E não pode ser assim*, disse a si mesma. Quando Robert era tratado com aspereza, costumava ter ataques de tremores.

– Está com fome, senhor? – perguntou ao pequeno lorde. – Quer que mande Maddy até lá embaixo para lhe trazer frutas com creme, ou um

pouco de pão quente com manteiga? – tarde demais, lembrou-se de que não havia pão quente; as cozinhas estavam fechadas e os fornos, frios. *Se isso tirar Robert da cama, poderá valer a pena o incômodo de acender um fogo*, disse a si mesma.

– Não quero comida – disse o pequeno lorde, numa voz esganiçada e petulante. – Hoje vou ficar na cama. Podia ler para mim, se quisesse.

– Aqui está escuro demais para ler – as pesadas cortinas que cobriam as janelas tornavam o quarto negro como a noite. – Meu passarinho se esqueceu de que dia é hoje?

– Não – ele respondeu –, mas não vou. Quero ficar na cama. Podia ler histórias do Cavaleiro Alado para mim.

O Cavaleiro Alado era Sor Artys Arryn. A lenda rezava que expulsara os Primeiros Homens do Vale e voara até o topo da Lança do Gigante sobre o dorso de um enorme falcão para matar o Rei Grifo. Havia uma centena de histórias sobre suas aventuras. O pequeno Robert conhecia todas tão bem que poderia recitá-las de memória, mesmo assim gostava que as lessem para ele.

– Querido, temos que ir – ela disse ao garoto –, mas, prometo, quando chegarmos aos Portões da Lua, lerei *duas* histórias do Cavaleiro Alado.

– Três – ele disse e imediato. Independente do que lhe era oferecido, Robert queria sempre mais.

– Três – ela concordou. – Posso deixar entrar um pouco de sol?

– Não. A luz machuca meus olhos. Venha para a cama, Alayne.

Ela foi até as janelas mesmo assim, desviando-se do penico quebrado. Conseguia cheirá-lo melhor do que o via.

– Não as abrirei muito. Só o suficiente para ver o rosto do meu passarinho.

Ele fungou.

– Se tem mesmo de ser assim.

As cortinas eram feitas de felpudo veludo azul. Puxou uma delas um dedo para trás e a prendeu. Partículas de poeira puseram-se a dançar num raio da luz pálida da manhã. As pequenas vidraças em forma de diamante da janela estavam obscurecidas por geada. Alayne esfregou uma com a palma da mão, o suficiente para vislumbrar um brilhante céu azul e um clarão branco vindo do flanco da montanha. O Ninho da Águia estava

envolto num manto de gelo, e a Lança do Gigante, mais acima, enterrada em um metro de neve.

Quando se virou, Robert Arryn estava encostado à almofada, olhando-a. *O Senhor do Ninho da Águia e Defensor do Vale*. Uma manta de lã cobria-o abaixo da cintura. Acima dela estava nu, um garoto pálido com os cabelos tão longos como os de qualquer garota. Robert tinha membros alongados, um peito liso e côncavo e uma pequena barriga, e olhos que estavam sempre vermelhos e ramelosos. *Ele não pode evitar ser como é. Nasceu pequeno e doente.*

– Parece muito forte nesta manhã, senhor – ele adorava que lhe dissessem como era forte. – Quer que mande Maddy e Gretchel trazer água quente para seu banho? Maddy pode esfregar suas costas e lavar seus cabelos, para deixá-lo limpo e senhorial para a viagem. Não seria bom?

– Não. Odeio a Maddy. Tem uma verruga no olho, e esfrega com tanta força que machuca. A minha mamãe nunca me machucava ao esfregar.

– Eu digo a Maddy para não esfregar meu passarinho com tanta força. Você se sentirá melhor quando estiver limpo e fresco.

– Não quero banho, já *disse*, minha cabeça dói horrivelmente.

– Quer que traga um pano quente para sua testa? Ou uma taça de vinho de sonhos? Mas só uma pequena. Mya Stone está à espera lá embaixo, em Céu, e ficará magoada se adormecer. Sabe como ela gosta de você.

– Mas eu não gosto *dela*. É só a garota das mulas – Robert fungou. – Meistre Colemon colocou uma coisa nojenta qualquer no leite ontem à noite, senti o gosto. Disse a ele que queria leite doce, mas ele não quis trazer para mim. Nem sequer quando lhe *ordenei*. O senhor sou eu, ele devia fazer o que eu mando. Ninguém faz o que eu digo.

– Eu falo com ele – prometeu Alayne –, mas só se sair da cama. Está um dia lindo lá fora, passarinho. O sol brilha, está um dia perfeito para descer a montanha. As mulas estão à espera em Céu, com Mya...

A boca dele estremeceu.

– Odeio essas mulas malcheirosas. Certa vez uma delas tentou me morder! Diga a essa Mya que vou ficar aqui – soava como se estivesse prestes a chorar. – Ninguém pode me fazer mal desde que eu fique aqui. O Ninho da Águia é inexpugnável.

– Quem quereria fazer mal ao meu passarinho? Seus senhores e cavaleiros o adoram, e o povo aclama seu nome – *ele tem medo*, pensou, *e com bom motivo*. Desde que a senhora sua mãe caíra, o garoto não queria sequer sair para a varanda, e o caminho que levava do Ninho da Águia aos Portões da Lua era suficientemente perigoso para assustar qualquer um. Alayne tinha ficado com o coração na garganta quando subiu com Senhora Lysa e Lorde Petyr, e todos concordavam que a descida era ainda mais aflitiva, já que se passava o tempo todo olhando para baixo. Mya podia falar de grandes senhores e ousados cavaleiros que tinham empalidecido e molhado a roupa de baixo na montanha. *E nenhum deles tinha a doença dos tremores*.

Mesmo assim, não podia ficar ali. No fundo do vale, o outono ainda se demorava, morno e dourado, mas o inverno fechara-se em volta dos picos das montanhas. Já tinham suportado três tempestades de neve e uma de gelo que transformara o castelo em cristal durante quinze dias. O Ninho da Águia podia ser inexpugnável, mas logo também seria inacessível, e a descida tornava-se dia a dia mais perigosa. A maioria dos criados e soldados do castelo já tinha feito a descida. Só uma dúzia ainda permanecia ali em cima, para servir Lorde Robert.

– Passarinho – ela disse com suavidade –, a descida vai ser tão alegre, verá. Sor Lothor estará conosco, e Mya também. As mulas dela já subiram e desceram mil vezes esta velha montanha.

– Odeio mulas – ele insistiu. – Elas são más. Já lhe *disse*, uma tentou me morder quando eu era pequeno.

Alayne sabia que Robert nunca aprendera a montar como deveria. Mulas, cavalos, burros, não importava; para ele eram todos feras temíveis, tão aterrorizadoras como dragões ou grifos. Fora trazido para o Vale aos seis anos, com a cabeça aninhada entre os seios cheios de leite da mãe, e depois jamais deixou o Ninho da Águia.

Mesmo assim, tinham de ir, antes de o gelo se fechar de vez em volta do castelo. Não havia maneira de saber quantos dias mais o tempo se aguentaria.

– Mya evitará que as mulas mordam – Alayne também insistiu –, e eu seguirei logo atrás de você. Sou só uma garota, não tão corajosa e forte como você. Se eu sou capaz de fazê-lo, sei que você também será, passarinho.

– Eu *poderia* fazê-lo – Lorde Robert respondeu –, mas decidi que não farei – limpou o nariz ranhoso com as costas da mão. – Diga a Mya que vou ficar na cama. Talvez desça amanhã, se me sentir melhor. Hoje está muito frio lá fora, e minha cabeça dói. Você também pode beber um pouco de leite doce, e vou dizer a Gretchel para que nos traga favos de mel para comer. Vamos dormir, trocar beijos e jogar jogos, e você pode ler histórias sobre o Cavaleiro Alado para mim.

– Lerei. Três histórias, como prometi... Quando chegarmos aos Portões da Lua – Alayne estava perdendo a paciência. *Temos que ir*, recordou a si mesma, *senão ainda estaremos na zona nevada quando o sol se puser.* – Lorde Nestor preparou um banquete para lhe dar as boas-vindas, com sopa de cogumelos, carne de veado e bolos. Não quer desapontá-lo, quer?

– Haverá bolos de limão? – Lorde Robert adorava bolos de limão, talvez porque Alayne também gostasse.

– Bolos de limão, limãozinho, limãozão – assegurou-lhe –, e poderá comer tantos quantos quiser.

– Cem? – ele quis saber. – Posso comer *cem*?

– Se lhe agradar – sentou-se na cama e alisou-lhe os longos cabelos finos. *Ele tem cabelos bonitos*. A própria Senhora Lysa os escovava todas as noites e os cortava quando era preciso. Depois de sua queda, Robert sofrera terríveis ataques de tremores sempre que alguém se aproximava dele com uma lâmina, de modo que Petyr ordenara que deixassem que seus cabelos crescessem. Alayne enrolou uma madeixa no dedo e disse: – Bom, sairá da cama e deixará que lhe vista?

– Quero cem bolos de limão e *cinco* histórias!

*Gostaria de lhe dar cem palmadas e cinco bofetadas. Não se atreveria a se comportar assim se Petyr estivesse aqui*. O pequeno senhor sentia um bom e saudável medo do padrasto. Alayne forçou-se a sorrir.

– Como meu senhor quiser. Mas nada até estar lavado, vestido e a caminho. Venha, antes que a manhã chegue ao fim – pegou firmemente na sua mão e o arrancou da cama.

Mas, antes de ter tempo de chamar os criados, passarinho pôs os braços magros em volta de Alayne e a beijou. Foi um beijo de garotinho, e desajeitado. Tudo que Robert Arryn fazia era desajeitado. *Se fechar os olhos, posso fingir que é o Cavaleiro das Flores*. Sor Loras um dia dera uma rosa a Sansa Stark, mas nunca a beijara... E nenhum Tyrell alguma

vez beijaria Alayne Stone. Por mais bonita que fosse, nascera do lado errado dos lençóis.

Quando os lábios do garoto tocaram os seus, deu por si lembrando-se de outro beijo. Ainda recordava a sensação de ter aquela cruel boca comprimida contra a sua. Viera ter com Sansa na escuridão, enquanto um fogo verde enchia o céu. *Levou uma canção e um beijo, e não me deixou nada além de um manto ensanguentado*.

Não importava. Esse dia terminara, e Sansa também.

Alayne afastou seu pequeno lorde.

– Basta. Pode voltar a me beijar quando chegarmos aos Portões, se cumprir sua promessa.

Maddy e Gretchel estavam à espera lá fora, com Meistre Colemon, que já tinha lavado os dejetos dos cabelos e mudado de vestes. Os escudeiros de Robert também tinham aparecido. Terrance e Gyles conseguiam sempre farejar problemas.

– Lorde Robert está se sentindo mais forte – disse Alayne às criadas. – Vão buscar água quente para o seu banho, mas procurem não escaldá-lo. E não lhe puxem os cabelos quando os desembaraçarem, ele detesta isso – um dos escudeiros abafou um risinho, e ela lhe disse: – Terrance, prepare a roupa de montar de sua senhoria e seu manto mais quente. Gyles, limpe aquele penico quebrado.

Gyles Grafton fez uma careta.

– Não sou nenhuma criada.

– Faça o que Senhora Alayne ordena, senão Lothor Brune saberá – Meistre Colemon falou, seguindo-a ao longo do corredor e pela escada em caracol. – Estou grato por sua intervenção, senhora. Tem jeito para lidar com ele – hesitou. – Observou algum tremor enquanto esteve com ele?

– Os dedos tremiam-lhe um pouco quando peguei sua mão, nada mais. Ele disse que o senhor colocou uma coisa nojenta qualquer em seu leite.

– Nojenta? – Colemon olhou-a, piscando, e o pomo de adão moveu-se para cima e para baixo. – Eu apenas... o nariz dele está sangrando?

– Não.

– Ótimo. Isso é bom – a corrente tilintou suavemente quando o meistre balançou a cabeça, empoleirada no topo de um pescoço ridiculamente longo e magro. – Essa descida... senhora, poderá ser mais seguro se eu

der à sua senhoria um pouco de leite de papoula. Mya Stone podia prendê-lo à garupa de sua mula mais segura enquanto ele dormisse.

– O Senhor do Ninho da Águia não pode descer de sua montanha atado como uma saca de sementes de cevada – quanto a isso Alayne tinha certeza. O pai a avisara de que não se atreviam a permitir que a fragilidade e a covardia de Robert fossem conhecidas por muita gente. *Gostaria que ele estivesse aqui. Teria sabido o que fazer.*

Mas Petyr Baelish encontrava-se do outro lado do Vale, em uma visita a Lorde Lyonel Corbray por ocasião de seu casamento. Viúvo, com quarenta e tantos anos e sem filhos, Lorde Lyonel ia se casar com a robusta filha de dezesseis anos de um mercador rico de Vila Gaivotas. Tinha sido o próprio Petyr quem combinara a união. Dizia-se que o dote da noiva era assombroso; tinha de ser, já que ela de nascimento plebeu. Os vassalos de Corbray estariam presentes, bem como Lorde Waxley, Lorde Grafton, Lorde Lynderly e alguns pequenos senhores e cavaleiros com terras... e Lorde Belmore, que nos últimos tempos se reconciliara com o pai. Esperava-se que os outros Senhores Declarantes também comparecessem à boda, de modo que a presença de Petyr era essencial.

Alayne compreendia tudo aquilo bastante bem, mas a situação significava que o fardo de fazer que o passarinho descesse a montanha em segurança caíra sobre ela.

– Dê a sua senhoria uma taça de leite doce – disse ao meistre. – Isso evitará que ele trema na viagem para baixo.

– Ele bebeu uma taça ainda não faz três dias – Colemon objetou.

– E queria outra na noite passada, mas lhe recusou.

– Era cedo demais. Senhora, não compreende. Eu disse ao Senhor Protetor, uma pitada de sonodoce evita os tremores, mas não abandona o corpo, e com o tempo...

– O tempo não importará se sua senhoria tiver um ataque de tremores e cair da montanha. Se meu pai estivesse aqui, sei que lhe diria para manter Lorde Robert calmo a todo custo.

– Eu tento, senhora, mas seus ataques tornam-se cada vez mais violentos, e ele tem o sangue tão fino que já não me atrevo a sangrá-lo. O sonodoce... Tem *certeza* de que ele não sangrava do nariz?

– Estava fungando – admitiu Alayne –, mas não vi nenhum sangue.

– Tenho de falar com o Senhor Protetor. Esse banquete... Pergunto a mim mesmo se será sensato, logo em seguida à tensão da descida.

– Não será um grande banquete – assegurou-lhe. – Não haverá mais de quarenta convidados. Lorde Nestor e seu pessoal, o Cavaleiro do Portão, alguns senhores menores e as respectivas comitivas...

– Lorde Robert não gosta de estranhos, sabe disso, e haverá bebidas, ruído... *música*. A música o assusta.

– A música o acalma – Alayne o corrigiu –, especialmente a harpa vertical. O que ele não suporta são cantos, desde que Marillion matou sua mãe – Alayne dissera a mentira tantas vezes que já era mais frequente lembrar-se dos acontecimentos dessa maneira; a outra não parecia mais do que um pesadelo que por vezes lhe perturbava o sono. – Lorde Nestor não terá cantores no banquete, só flautas e rabecas para as danças – o que faria quando a música começasse a tocar? Era uma questão incômoda, à qual o coração e a cabeça davam respostas diferentes. Sansa adorava danças, mas Alayne... – Dê a Lorde Robert uma taça de leite doce antes de partirmos, e outra no banquete, e não deverá haver problemas.

– Muito bem – fizeram uma pausa na base da escada. – Mas essas deverão ser as últimas. Em meio ano, ou mais.

– É melhor levar este assunto ao Senhor Protetor – Alayne cruzou a porta e atravessou o pátio. Sabia que Colemon queria apenas o melhor para o garoto que estava sob sua responsabilidade, mas o que era melhor para Robert, o garoto, e o que era melhor para Lorde Arryn nem sempre eram a mesma coisa. Petyr assim falara, e era verdade. *Mas Meistre Colemon só se preocupa com o garoto. O pai e eu temos preocupações maiores.*

Neve velha cobria o pátio, e pingentes pendiam das varandas e das torres como lanças de cristal. O Ninho da Águia tinha sido construído com boa pedra branca, e o manto do inverno tornava-o ainda mais branco. *Tão belo*, pensou Alayne, *tão inexpugnável*. Não conseguia amar aquele lugar, por mais que tentasse. Mesmo antes de os guardas e criados terem descido, o castelo lhe parecera vazio como uma tumba, e ainda mais quando Petyr Baelish andava longe. Ali em cima, desde Marillion ninguém mais cantava. Nunca ninguém ria alto demais. Até os deuses eram silenciosos. O Ninho da Águia possuía um septo, mas não tinha septão; um bosque sagrado, mas sem árvore-coração. *Aqui nenhuma*

*prece é atendida*, pensava com frequência, embora houvesse dias em que se sentia tão solitária que tinha de tentar. Só o vento lhe respondia, cantando sem cessar em volta das sete esguias torres brancas e fazendo chocalhar a Porta da Lua a cada rajada. *Será ainda pior no inverno*, compreendeu. *No inverno, isto será uma fria prisão branca.*

E, no entanto, a ideia de partir a assustava quase tanto quanto Robert. Ela apenas o escondia melhor. O pai dizia que não havia vergonha em ter medo, só em mostrá-lo.

"Todos os homens vivem com medo", dissera. Alayne não tinha certeza se acreditava. Nada assustava Petyr Baelish. *Ele só disse aquilo para me dar coragem*. Teria de mostrar coragem lá embaixo, onde a possibilidade de ser desmascarada era muito maior. Os amigos de Petyr na corte mandaram-lhe a notícia de que a rainha tinha homens em campo em busca do Duende e de Sansa Stark. *Custará minha cabeça se for encontrada*, lembrou a si mesma enquanto descia um lance de geladas escadas de pedra. *Tenho de ser Alayne o tempo todo, por dentro e por fora.*

Lothor Brune estava na sala do guincho, ajudando o carcereiro Mord e dois criados a carregar arcas de roupas e fardos de pano em seis enormes baldes de madeira de carvalho, cada um deles suficientemente grande para carregar três homens. Os grandes guinchos eram a maneira mais fácil de chegar a Céu, o castelo intermediário, cento e oitenta metros abaixo. Não fosse os guinchos, era preciso descer a chaminé natural de pedra que se abria na subcâmara. *Ou ir como Marillion, e Senhora Lysa antes dele.*

– O garoto está fora da cama? – Sor Lothor perguntou.

– Estão lhe dando banho. Estará pronto dentro de uma hora.

– Contemos que esteja. Mya não esperará até depois do meio-dia – a sala do guincho não era aquecida, e a respiração dele condensava em névoa a cada palavra.

– Ela esperará – Alayne respondeu. – Tem de esperar.

– Não tenha tanta certeza, senhora. É meio mula, aquela. Acho que deixaria todos nós passando fome aqui antes de pôr aqueles animais em risco – Brune sorriu quando disse aquilo. *Ele sorri sempre que fala de Mya Stone*. Mya era muito mais nova do que Sor Lothor, mas quando o pai negociava o casamento entre Lorde Corbray e a filha do mercador,

dissera-lhe que as garotas jovens eram sempre mais felizes com homens mais velhos.

"A inocência e a experiência dão um casamento perfeito", dissera.

Alayne perguntou a si mesma o que Mya pensaria de Sor Lothor. Com seu nariz esmagado, queixo quadrado, e cabelos macios e completamente grisalhos, Brune não podia ser chamado de bonito, mas também não era *feio*. *É um rosto comum, mas honesto*. Embora tivesse sido elevado ao grau de cavaleiro, o nascimento de Sor Lothor era muito baixo. Uma noite lhe contara que era aparentado com os Brune de Cova Castanha, uma velha família de cavaleiros da Ponta da Garra Rachada.

"Fui ter com eles quando meu pai morreu", ele confessou, "mas não me deram a mínima, e disseram que eu não era do seu sangue". Não quis falar do que aconteceu depois disso, exceto que aprendera tudo o que sabia sobre armas da maneira mais difícil. Sóbrio, era um homem calmo, mas forte. *E Petyr diz que é leal. Não confia em ninguém mais do que nele*. Brune seria um bom partido para uma garota bastarda como Mya Stone, pensou. *Poderia ser diferente se o pai a tivesse reconhecido, mas ele não o fez. E Maddy diz que, além disso, ela não é donzela.*

Mord pegou no chicote e o fez estalar, e o primeiro par de bois pôs-se a caminhar penosamente em círculo, virando o guincho. A corrente desenrolou-se, chocalhando ao raspar na pedra e fazendo oscilar o balde de carvalho que iniciava a longa descida até Céu. *Pobres bois*, Alayne pensou. Mord lhes cortaria a garganta antes de partir e deixá-los para os falcões. O que restasse quando o Ninho da Águia fosse reaberto seria assado para o banquete de primavera, se não estivesse estragado. Uma boa reserva de carne congelada e dura predizia um verão de abundância, segundo afirmava a velha Gretchel.

– Senhora – Sor Lothor a chamou –, é melhor que saiba. Mya não subiu sozinha. Senhora Myranda a acompanha.

– Oh – *por que subiria a montanha, apenas para voltar a descê-la?* Myranda Royce era a filha de Lorde Nestor. Na única vez que Sansa visitara os Portões da Lua, a caminho do Ninho da Águia, com a tia Lysa e Lorde Petyr, ela não estava lá, mas Alayne ouvira os soldados do Ninho da Águia e as criadas falarem muito dela desde então. A mãe morrera havia muito, de modo que era a Senhora Myranda quem cuidava do

castelo do pai; segundo os rumores, a corte era muito mais animada quando ela se encontrava presente do que quando estava longe.

"Mais cedo ou mais tarde terá de conhecer Myranda Royce", prevenira-a Petyr. "Quando isso acontecer, tenha cautela. Ela gosta de fazer o papel de tola alegre, mas é mais sagaz do que o pai. Cuidado com a língua perto dela."

*Terei*, pensou, *mas não sabia que teria de começar tão cedo.*

– Robert ficará satisfeito – ele gostava de Myranda Royce. – Deve me perdoar, sor. Preciso terminar de fazer as malas – sozinha, subiu pela última vez os degraus que levavam ao seu quarto. As janelas haviam sido trancadas, as portas fechadas, e a mobília fora coberta. Parte de suas coisas já tinha sido levada, e o resto armazenado. Todas as sedas e os samitos da Senhora Lysa seriam deixados para trás. Seus linhos mais puros e veludos mais felpudos, os ricos bordados e a bela renda de Myr; tudo ficaria. Lá embaixo, Alayne tinha de se vestir modestamente, como era próprio de uma garota de modesto nascimento. *Não importa*, disse a si mesma. *Nem aqui me atrevi a usar as melhores roupas.*

Gretchel desfizera a cama e preparara o resto de suas roupas. Alayne já trazia meias de lã por baixo das saias, sobre uma dupla camada de roupa de baixo. Agora envergou uma túnica de lã de cordeiro e um manto de peles com capuz, apertando-o com o sabiá esmaltado, presente de Petyr. Também havia um cachecol e um par de luvas de couro forradas de peles, que combinavam com suas botas de montar. Depois de vestir tudo aquilo, sentiu-se tão gorda e peluda como uma cria de urso. *Sentir-me-ei grata pela roupa na montanha*, teve de recordar a si mesma. Olhou uma última vez para o quarto antes de sair. *Aqui estive em segurança*, pensou, *mas lá embaixo...*

Quando Alayne regressou à sala do guincho, foi encontrar Mya Stone impaciente à espera com Lothor Brune e Mord. *Deve ter subido no balde para saber o motivo da demora*. Magra e vigorosa, Mya parecia tão dura como os velhos couros de montar que usava por baixo do gibão prateado. Tinha os cabelos tão negros como a asa de um corvo, tão curtos e desgrenhados que Alayne suspeitou que os cortava com um punhal. Os olhos de Mya eram seu melhor traço, grandes e azuis. *Ela podia ser bonita, se se vestisse como uma garota*. Alayne deu por si curiosa em saber se Sor Lothor gostaria mais dela vestida de ferro e couro, ou se

sonhava em vê-la enfeitada de renda e seda. Mya gostava de dizer que o pai tinha sido um bode e a mãe, uma coruja, mas Alayne soube a verdadeira história por Maddy. *Sim*, pensou, olhando agora para ela, *aqueles são os olhos dele, e também tem seus cabelos, os espessos cabelos pretos que partilhava com Renly.*

– Onde está ele? – quis saber a garota bastarda.

– Sua senhoria está sendo banhado e vestido.

– Tem de se apressar. Está esfriando, não sente? Temos de estar abaixo de Neve antes de o sol se pôr.

– Como está o vento? – Alayne quis saber.

– Podia estar pior... e estará, depois de anoitecer – Mya afastou uma madeixa dos olhos. – Se ele levar muito mais tempo no banho, ficaremos encurralados aqui em cima o inverno todo, sem nada para comer além de nós.

Alayne não soube o que responder àquilo. Felizmente, foi poupada à resposta pela chegada de Robert Arryn. O pequeno senhor trazia veludo azul-celeste, um colar de ouro e safiras, e um manto branco de pele de urso. Cada um dos escudeiros segurava numa ponta, a fim de evitar que o manto se arrastasse pelo chão. Meistre Colemon os acompanhava, com um puído manto cinzento forrado de pele de esquilo. Gretchel e Maddy não vinham muito atrás.

Quando sentiu o vento frio no rosto, Robert titubeou, mas Terrance e Gyles estavam atrás dele, de modo que não pôde fugir.

– Senhor – disse Mya –, acompanha-me até lá embaixo?

*Brusca demais*, Alayne pensou. *Ela devia tê-lo saudado com um sorriso, e dito como parece forte e corajoso.*

– Quero a Alayne – Lorde Robert respondeu. – Só irei com ela.

– O balde pode levar nós três.

– Só quero a Alayne. Você é toda fedorenta, como uma mula.

– Às suas ordens – o rosto de Mya não mostrou nenhuma emoção.

Algumas das correntes dos guinchos estavam presas a baldes de vime, outras a robustos baldes de carvalho. O maior destes últimos era mais alto do que Alayne, com arcos de ferro cingindo suas aduelas marrom-escuras. Mesmo assim, quando pegou na mão de Robert e o ajudou a entrar, tinha o coração na garganta. Depois de o alçapão ser fechado atrás deles, a madeira os rodeou por todos os lados. Só o topo estava aberto. *É*

*melhor assim*, disse a si mesma, *não podemos olhar para baixo*. Abaixo deles havia apenas Céu e o céu. Cento e oitenta metros de céu. Por um momento, deu por si curiosa em saber quanto tempo sua tia teria levado para percorrer aquela distância, e qual teria sido seu último pensamento enquanto a montanha corria ao seu encontro. *Não, não posso pensar nisso. Não posso!*

– SOLTE! – soou o grito de Sor Lothor. Alguém empurrou o balde com força. Este oscilou e se inclinou, raspou no chão e então balançou, livre. Alayne ouviu o *crac* do chicote de Mord e o chocalhar da corrente. Começaram a descer, a princípio aos solavancos e sobressaltos, depois de uma forma mais regular. Robert tinha o rosto pálido e os olhos inchados, mas suas mãos estavam calmas. O Ninho da Águia encolheu por cima deles. As celas do céu dos andares inferiores faziam o castelo se parecer um pouco com uma colmeia quando visto de baixo. *Uma colmeia feita de gelo*, pensou Alayne, *um castelo feito de neve*. Ouvia o vento assobiar em volta do balde.

Trinta metros abaixo, uma súbita rajada os apanhou. O balde oscilou para o lado, girando no ar, e então colidiu com força contra a face da rocha atrás deles. Estilhaços de gelo e neve choveram sobre os dois, e o carvalho rangeu e se deformou. Robert arquejou e agarrou-se a Alayne, enterrando o rosto entre os seus seios.

– Meu senhor é corajoso – ela disse quando o sentiu tremer. – Estou tão assustada, que quase nem consigo falar, mas você não.

Sentiu que ele assentia.

– O Cavaleiro Alado era corajoso, e eu também sou – vangloriou-se o garoto para o seu corpete. – Sou um *Arryn*.

– Meu passarinho me abraça com força? – ela perguntou, embora ele já a estivesse apertando tanto que quase não conseguia respirar.

– Se quiser – ele murmurou. E, fortemente abraçados um ao outro, continuaram a descer em direção a Céu.

*Chamar isto de castelo é como chamar de lago uma poça no chão de uma latrina*, Alayne pensou quando o balde foi aberto para desembarcarem no castelo intermediário. Céu não passava de uma muralha em forma de crescente, feita de pedra velha e sem argamassa, que cercava uma saliência rochosa e a abertura escancarada de uma caverna. Lá dentro havia armazéns e estábulos, um longo salão natural e

os apoios entalhados que levavam ao Ninho da Águia. Lá fora, o terreno estava semeado de pedras e pedregulhos quebrados. Rampas de terra davam acesso à muralha. Cento e oitenta metros acima, o Ninho da Águia era tão pequeno que Alayne podia esconder o castelo com a mão, mas muito abaixo se estendia o Vale, verde e dourado.

Vinte mulas os esperavam dentro do castelo intermediário, com dois condutores de mulas e a Senhora Myranda Royce. A filha de Lorde Nestor revelou-se uma mulher baixa e carnuda, da mesma idade de Mya Stone, mas enquanto Mya era magra e vigorosa, Myranda tinha um corpo mole e de cheiro doce, largo de ancas, pesado de peito e extremamente roliço. Seus espessos cachos cor de avelã emolduravam bochechas redondas e rubras, uma boca pequena e um par de animados olhos castanhos. Quando Robert saiu cautelosamente do balde, ela ajoelhou-se numa mancha de neve para lhe beijar a mão e o rosto.

– Senhor – disse –, ficou tão *grande*!

– Fiquei? – Robert perguntou, contente.

– Logo ficará mais alto do que eu – ela mentiu. Levantou-se e sacudiu a neve das saias. – E você deve ser a filha do Senhor Protetor – acrescentou, enquanto o balde iniciava, chocalhando, a viagem de regresso ao Ninho da Águia. – Já tinha ouvido dizer que era bela. Vejo que é verdade.

Alayne fez uma reverência.

– A senhora é bondosa por dizê-lo.

– Bondosa? – a garota mais velha soltou uma gargalhada. – Que tédio isso seria. Almejo ser malvada. Tem de me contar todos seus segredos na viagem para baixo. Posso chamá-la Alayne?

– Se quiser, senhora – *mas de mim não arrancará segredos*.

– Eu sou "senhora" nos Portões, mas aqui na montanha pode me chamar de Randa. Quantos anos tem, Alayne?

– Catorze, senhora – tinha decidido que Alayne Stone devia ser mais velha do que Sansa Stark.

– *Randa*. Parece que já se passaram cem anos desde que tive catorze. Como era inocente. Ainda é inocente, Alayne?

Alayne corou.

– Não devia... sim, claro.

– Está se guardando para Lorde Robert? – brincou Senhora Myranda. – Ou haverá algum ardente escudeiro sonhando com seus favores?

– Não – Alayne respondeu, ao mesmo tempo que Robert dizia:

– Ela é *minha* amiga. Terrance e Gyles não podem ficar com ela.

Àquela altura um segundo balde já chegava, batendo suavemente em um monte de neve gelada. Meistre Colemon saiu lá de dentro com os escudeiros Terrance e Gyles. O guincho seguinte trouxe Maddy e Gretchel, acompanhadas por Mya Stone. A garota bastarda não demorou a assumir o comando.

– Não queremos nos amontoar na montanha – disse aos outros condutores de mulas. – Eu levo Lorde Robert e seus companheiros. Ossy, você traz para baixo Sor Lothor e os outros, mas dê-me uma vantagem de uma hora. Carrot, você ficará responsável pelas arcas e caixas – virou-se para Robert Arryn, com os cabelos negros esvoaçando. – Que mula montará hoje, senhor?

– Elas são todas fedorentas. Fico com aquela cinzenta, que tem a orelha roída. Quero que Alayne venha comigo. E Myranda também.

– Onde o caminho for suficientemente largo. Venha, senhor, vamos colocá-lo em sua mula. Há um cheiro de neve no ar.

Passou-se mais meia hora antes de estarem prontos para partir. Quando todos montaram, Mya Stone deu uma ordem decidida, e dois dos homens de armas de Céu abriram os portões. Mya foi a primeira a sair, com Lorde Robert logo atrás, envolto em seu manto de pele de urso. Alayne e Myranda Royce os seguiam, depois vinham Gretchel e Maddy, e em seguida Terrance Lynderly e Gyles Grafton. Meistre Colemon fechava a retaguarda, trazendo pela correia uma segunda mula carregada com suas arcas de ervas e poções.

Além das muralhas, o vento aumentou rapidamente de intensidade. Ali estavam acima da linha das árvores, expostos aos elementos. Alayne sentiu-se grata por ter vestido roupa tão quente. O manto batia ruidosamente atrás dela, e uma súbita rajada arrancou-lhe o capuz da cabeça. Soltou uma gargalhada, mas, alguns metros mais à frente, Lorde Robert torceu-se e disse:

– Está frio demais. Devíamos voltar e esperar até o tempo ficar mais quente.

– No fundo do vale estará mais quente, senhor – Mya falou. – Verá quando chegarmos lá.

– Eu não *quero* ver – Robert rebateu, mas Mya não lhe prestou atenção.

A estrada era uma tortuosa série de degraus de pedra esculpidos no flanco da montanha, mas as mulas conheciam cada centímetro dela, o que deixou Alayne contente. Aqui e ali a pedra fora estilhaçada pela tensão causada por um sem-fim de estações, com seus gelos e degelos. Aglomerações de neve, de um branco que cegava, agarravam-se à rocha de ambos os lados do caminho. O sol brilhava, o céu estava azul e havia falcões aos círculos por cima do grupo, cavalgando o vento.

Ali em cima, onde a encosta era mais íngreme, os degraus ziguezagueavam de um lado para outro, em vez de mergulharem direto para baixo. *Sansa Stark subiu a montanha, mas é Alayne Stone quem desce*. Era um pensamento estranho. Lembrava-se de que, ao subir, Mya a avisara para manter os olhos no caminho que se estendia adiante.

"Olhe para cima, não para baixo", dissera... Mas isto não era possível na descida. *Podia fechar os olhos. A mula conhece o caminho, não precisa de mim*. Mas aquilo parecia algo que Sansa, aquela garota assustada, teria feito. Alayne era uma mulher mais velha, e tinha a coragem dos bastardos.

A princípio, seguiram em fila única, mas, mais abaixo, o caminho alargava-se o suficiente para dois cavaleiros seguirem lado a lado, e Myranda Royce aproximou-se de Alayne.

– Recebemos uma carta de seu pai – disse, com tal casualidade que era como se estivessem sentadas, bordando, com a septã. – Está a caminho de casa, ele diz, e espera ver sua querida filha em breve. Escreve que Lyonel Corbray parece muito contente com a noiva, e ainda mais com o seu dote. *Espero* que Lorde Lyonel se lembre de qual dos dois tem de levar para a cama. Senhora Waynwood apareceu no banquete nupcial com o Cavaleiro de Novestrelas, diz Lorde Petyr, para espanto de todos.

– Anya Waynwood? É mesmo? – dos seis Senhores Declarantes, restavam três, aparentemente. No dia em que partira da montanha, Petyr Baelish mostrara-se confiante em conquistar Symond Templeton para o seu lado, mas a Senhora Waynwood não. – Há mais alguma coisa? – perguntou. O Ninho da Águia era um lugar tão solitário, que estava

ansiosa por qualquer migalha de novidades vinda do mundo lá fora, por trivial ou insignificante que fosse.

– De seu pai não, mas nos chegaram outras aves. A guerra prossegue, em todo lado, menos aqui. Correrrio rendeu-se, mas Pedra do Dragão e Ponta Tempestade ainda resistem pelo Lorde Stannis.

– Senhora Lysa foi tão sensata por nos manter longe da guerra.

Myranda deu um sorrisinho astuto.

– Sim, ela era a própria alma da sensatez, aquela boa senhora – mexeu-se na sela. – Por que as mulas são tão ossudas e temperamentais? Mya não as alimenta o suficiente. Uma boa mula gorda seria mais confortável de montar. Há um novo Alto Septão, sabia? Oh, e a Patrulha da Noite tem um rapaz como comandante, um filho bastardo qualquer de Eddard Stark.

– Jon Snow? – disse antes de pensar, espantada.

– Snow? Sim, deve ser Snow, suponho.

Havia séculos que não pensava em Jon. Era apenas seu meio-irmão, mesmo assim... Com Robb, Bran e Rickon mortos, Jon Snow era o único irmão que lhe restava. *Agora também sou bastarda, como ele. Oh, seria tão bom voltar a vê-lo*. Mas estava claro que isso nunca poderia acontecer. Alayne Stone não tinha irmãos, ilegítimos ou não.

– Nosso primo Bronze Yohn organizou um corpo a corpo em Pedrarruna – prosseguiu Myranda Royce, sem se dar conta de nada –, um pequeno, só para escudeiros. Destinava-se a que Harry, o Herdeiro, ganhasse o título, e foi o que ele fez.

– Harry, o Herdeiro?

– O protegido da Senhora Waynwood. Harrold Hardyng. Suponho que agora tenhamos de chamá-lo *Sor* Harry. Bronze Yohn o armou cavaleiro.

– Oh – Alayne sentiu-se confusa. Por que o protegido da Senhora Waynwood haveria de ser seu herdeiro? Ela tinha filhos de seu sangue. Um deles era o Cavaleiro do Portão Sangrento, Sor Donnel. Mas não quis parecer estúpida, de modo que tudo que disse foi: – Rezo para que prove ser um cavaleiro de mérito.

Senhora Myranda soltou uma fungadela.

– Eu rezo para que apanhe bexigas. Tem uma filha bastarda de uma plebeia qualquer, sabia? O senhor meu pai tinha a esperança de me casar com Harry, mas a Senhora Waynwood nem quis ouvir falar do assunto.

Não sei se foi a mim que achou inadequada, ou só o meu dote – suspirou. – Realmente preciso de um novo marido. Tive um, outrora, mas o matei.

– Matou? – Alayne exclamou, chocada.

– Oh, sim. Ele morreu em cima de mim. *Dentro* de mim, para falar a verdade. Sabe o que acontece numa cama de casal, espero?

Alayne pensou em Tyrion, e no Cão de Caça, e no modo como ele a beijara, e confirmou com a cabeça.

– Isso deve ter sido terrível, senhora. Ele morrer. *Ai*, quero eu dizer, enquanto... enquanto estava...

– ... a foder-me? – Senhora Myranda encolheu os ombros. – É decerto desconcertante. Para não falar da descortesia. Ele nem sequer teve a decência de plantar uma criança em mim. Os velhos têm a semente fraca. De modo que aqui estou eu, viúva, mas quase por usar. Harry podia ter se saído muito pior. E atrevo-me mesmo a dizer que sairá. O mais provável é a Senhora Waynwood casá-lo com uma de suas netas, ou com uma das de Bronze Yohn.

– Com certeza, senhora – Alayne lembrou-se do aviso de Petyr.

– *Randa*. Vá lá, consegue dizê-lo. Ran-Da.

– Randa.

– Muito melhor. Temo que tenha de lhe pedir perdão. Achará que sou uma terrível cabra, bem sei, mas deitei-me com aquele belo rapaz, Marillion. Não sabia que ele era um monstro. Cantava lindamente, e sabia fazer as coisas mais deliciosas com os dedos. Nunca o teria levado para a cama se soubesse que empurraria Senhora Lysa pela Porta da Lua. Por regra, não me deito com monstros – estudou o rosto e o peito de Alayne. – É mais bonita do que eu, mas meus seios são maiores. Os meistres dizem que seios grandes não produzem mais leite do que os pequenos, mas não acredito. Alguma vez conheceu uma ama de leite com mamas pequenas? As suas são grandes para uma garota da sua idade, mas como são seios bastardos não me preocuparei com eles – Myranda aproximou sua mula da dela. – Sabe que a nossa Mya não é donzela, espero?

Sabia. A gorda Maddy segredara-lhe essa informação, num dia que Mya trouxera para cima as suas provisões.

– Maddy me disse.

– Claro que disse. Tem a boca tão grande como os quadris, e os quadris são *enormes*. Foi Mychel Redfort. Ele era escudeiro de Lyn Corbray. Um escudeiro de verdade, ao contrário daquele rapaz desajeitado que Sor Lyn tem agora. Dizem que só aceitou este por dinheiro. Mychel era o melhor jovem espadachim do Vale, e também galante... Pelo menos foi o que a pobre Mya pensou, até que o homem se casou com uma das filhas de Bronze Yohn. Tenho certeza de que Lorde Horton não lhe deu escolha nesse assunto, mesmo assim foi uma coisa cruel de se fazer com Mya.

– Sor Lothor gosta dela – Alayne olhou de relance a garota das mulas, vinte passos mais abaixo. – Mais do que isso.

– Lothor *Brune*? – Myranda ergueu uma sobrancelha. – E ela sabe? – não esperou resposta. – Ele não tem chance, pobre homem. Meu pai tentou arranjar par para Mya, mas ela não quis nenhum deles. É *mesmo* meio mula, aquela.

Involuntariamente, Alayne deu por si simpatizando-se com a garota mais velha. Não tivera uma amiga com quem mexericar desde a pobre Jeyne Poole.

– Acha que Sor Lothor gosta dela como é, vestida de couro e cota de malha? – perguntou à garota mais velha, que tanta experiência do mundo parecia ter. – Ou será que sonha com ela envolta em sedas e veludos?

– Ele é um homem. Sonha com ela nua.

*Está tentando me fazer corar outra vez.*

Senhora Myranda deve ter ouvido seus pensamentos.

– Você realmente fica de um belo tom de rosa. Quando coro, fico igualzinha a uma maçã. Mas há anos que não coro – inclinou-se para mais perto. – Seu pai planeja voltar a se casar?

– Meu pai? – Alayne nunca pensara naquilo. Sem saber por que, a ideia a deixou desconfortável. Surpreendeu-se lembrando da expressão no rosto de Lysa Arryn quando caíra pela Porta da Lua.

– Todos sabemos como ele era dedicado à Senhora Lysa – Myranda voltou a falar –, mas não pode ficar eternamente de luto. Precisa de uma esposa bonita e jovem para lhe lavar o desgosto. Imagino que podia escolher entre metade das nobres donzelas do Vale. Quem poderia ser melhor marido do que nosso ousado Senhor Protetor? Embora ele pudesse ter um nome melhor que *Mindinho*. Sabe se o dedo é assim tão mínimo?

– O dedo? – Alayne voltou a corar. – Eu não... nunca...

Senhora Myranda riu tanto que Mya Stone lançou um relance para trás.

– Não se incomode com isso, Alayne, tenho certeza de que é suficientemente grande.

Passaram por baixo de um arco esculpido pelo vento, onde longos pingentes pendiam da pedra clara, gotejando sobre eles. Do outro lado, o caminho estreitava e mergulhava bruscamente por trinta metros ou mais. Myranda foi forçada a deixar-se ficar para trás. Alayne afrouxou as rédeas da mula. A inclinação daquela parte da descida a obrigou a se agarrar bem à sela. Ali, os degraus tinham sido desgastados e alisados pelos cascos ferrados de todas as mulas que os tinham pisado, até se assemelharem a uma série de bacias de pedra pouco profundas. Água enchia o fundo das bacias, cintilando dourada ao sol da tarde. *Agora é água*, pensou Alayne, *mas ao chegar a noite se transformará toda em gelo*. Percebeu que prendia a respiração, e a soltou. Mya Stone e Lorde Robert tinham quase atingido a agulha de rocha onde o declive voltava a diminuir. Tentou olhar para eles, e só para eles. *Não cairei*, disse a si mesma. *A mula de Mya me levará até o outro lado*. O vento guinchava à sua volta, enquanto o animal ia avançando passo a passo, aos solavancos e raspando com as patas. Pareceu demorar uma vida.

Então, de repente, viu-se no fim da descida com Mya e seu pequeno senhor, aninhados por baixo de uma retorcida agulha rochosa. Em frente estendia-se uma depressão elevada, estreita e gelada. Alayne ouvia o vento gritar, e o sentia puxar seu manto. Lembrava-se daquele lugar, da subida. Então a assustara, e a assustava agora.

– É mais largo do que parece – Mya dizia a Lorde Albert em voz alegre. – Um metro de largura, e não tem mais de seis de comprimento, não é nada.

– Não é nada – disse Robert. Sua mão tremia.

*Oh, não*, pensou Alayne. *Por favor. Aqui não. Não agora.*

– É melhor levar as mulas pela correia – disse Mya. – Se aprouver ao senhor, eu levo a minha primeiro, e depois volto para vir buscar a sua – Lorde Robert não respondeu. Fitava a estreita depressão com seus olhos avermelhados. – Não demorarei, senhor – prometeu Mya, mas Alayne duvidava que o garoto sequer a ouvira.

Quando a garota bastarda tirou a mula de debaixo do abrigo da agulha, o vento a capturou em seus dentes. Seu manto se ergueu, torcendo-se e batendo no ar. Mya cambaleou, e durante meio segundo pareceu que seria arrastada para o precipício, mas de algum modo conseguiu recuperar o equilíbrio e avançou.

Alayne tomou a mão enluvada de Robert na sua, para tentar parar seu tremor.

– Passarinho – disse –, estou assustada. Pegue na minha mão e ajude-me a atravessar. Sei que *você* não tem medo.

Ele a olhou, com pupilas que eram pequenas e escuras cabeças de alfinete em olhos tão grandes e brancos como ovos.

– Não tenho?

– Você, não. É o meu cavaleiro alado. Sor Passarinho.

– O Cavaleiro Alado podia voar – ele sussurrou.

– Mais alto do que as montanhas – e deu-lhe um apertão na mão.

Senhora Myranda juntara-se a eles na agulha.

– Podia – ecoou, quando viu o que estava acontecendo.

– Sor Passarinho – Lorde Robert disse, e Alayne compreendeu que não se atreveria a esperar pelo regresso de Mya. Ajudou o garoto a desmontar e, de mãos dadas, saíram para a depressão de rocha nua, com os mantos batendo e torcendo-se em suas costas. Ao redor havia ar e céu vazio, o chão caía abruptamente de ambos os lados. Havia gelo sob seus pés e pedras quebradas só à espera para torcerem um tornozelo, e o vento uivava ferozmente. *Soa como um lobo*, Sansa pensou. *Um lobo fantasma, tão grande quanto as montanhas*.

E então se viram do outro lado, e Mya Stone estava rindo e erguendo Robert para um abraço.

– Cuidado – Alayne a alertou. – Ele pode machucá-la se começar a bracejar. Não parece, mas pode – arranjaram um lugar para ele, uma fenda na rocha, para mantê-lo abrigado do vento frio. Alayne cuidou dele até os tremores passarem, enquanto Mya regressava para ajudar os outros a atravessar.

Mulas descansadas esperavam por eles em Neve, assim como uma refeição quente, constituída de cabra estufada e cebolas. Comeu com Mya e Myranda.

– Então, além de bela é corajosa – disse-lhe Myranda.

– Não – o elogio a fez corar. – Não sou. Estava muito assustada. Não me parece que conseguiria atravessar sem Lorde Robert – virou-se para Mya Stone. – Quase caiu.

– Está enganada. Eu nunca caio – os cabelos de Mya caíram-lhe sobre o rosto, escondendo um olho.

– Eu disse quase. Eu a vi. Não teve medo?

Mya balançou a cabeça.

– Lembro-me de um homem atirando-me ao ar quando era muito pequena. Ele é alto como o céu, e me atira tão alto que me sinto voando. Estamos os dois rindo, rindo tanto que quase não consigo respirar, e por fim rio com tanta força que me molho toda, mas isso só o faz rir ainda mais. Nunca tinha medo quando ele me atirava. Sabia que estaria sempre lá para me apanhar – empurrou os cabelos para trás. – E então houve um dia em que não estava. Os homens vão e vêm. Mentem, morrem ou nos abandonam. Mas uma montanha não é um homem, e uma pedra é filha da montanha. Eu confio no meu pai e nas minhas mulas. Não cairei – pousou a mão num esporão irregular de rocha e se pôs em pé. – É melhor terminar. Ainda temos um longo caminho a percorrer, e sinto cheiro de tempestade.

A neve começou a cair no momento em que saíam de Pedra, o maior e o mais baixo dos três castelos intermediários que defendiam a abordagem ao Ninho da Águia. Àquela altura, caía o ocaso. Senhora Myranda sugeriu que talvez pudessem voltar, passar a noite em Pedra e retomar a descida quando o sol nascesse, mas Mya não quis ouvir falar da ideia.

– Até lá a neve pode ter metro e meio de profundidade, e os degraus estarão traiçoeiros até para minhas mulas – ela disse. – É melhor continuarmos. Iremos devagar.

E foi o que fizeram. Abaixo de Pedra, os degraus eram mais largos e menos íngremes, ziguezagueando para dentro e para fora dos grandes pinheiros e das árvores-sentinela cinza-esverdeadas que cobriam as encostas inferiores da Lança do Gigante. As mulas de Mya, aparentemente, conheciam cada raiz e pedra da descida, e alguma que esquecessem era lembrada pela garota bastarda. Metade da noite se passou até avistarem as luzes dos Portões da Lua através da neve que caía. A última parte da viagem foi a mais pacífica. A neve não parou de

cair, cobrindo o mundo de branco. Passarinho adormeceu na sela, oscilando de um lado para o outro com os movimentos da mula. Até Senhora Myranda se pôs a bocejar e a se queixar de cansaço.

– Temos aposentos preparados para todos vocês – disse a Alayne –, mas, se quiser, pode partilhar minha cama esta noite. É grande o suficiente para quatro.

– Sentir-me-ia honrada, senhora.

– Randa. Sinta-se sortuda por eu estar tão cansada. Só tenho vontade de me enrolar e dormir. Normalmente, quando as senhoras partilham minha cama, têm de pagar um imposto de almofada e me contar tudo sobre as malvadezas que fizeram.

– E se não fizeram malvadezas?

– Ora, nesse caso têm de confessar todas as malvadezas que *querem* fazer. Você não, claro. Consigo ver como é virtuosa só de olhar para essas suas bochechas rosadas e esses grandes olhos azuis – voltou a bocejar. – Espero que tenha os pés quentes. Detesto companheiras de cama com pés frios.

Quando finalmente chegaram ao castelo do pai, Senhora Myranda também já cochilava, e Alayne sonhava com a cama. *Será um colchão de penas*, disse a si mesma. *Macio, quente e grosso, debaixo de um monte de peles. Sonharei um sonho agradável, e quando acordar haverá cães latindo, mulheres fofocando junto ao poço, espadas ressoando no pátio. E mais tarde haverá um banquete, com música e danças*. Após o silêncio mortal do Ninho da Águia, ansiava por gritos e risos.

Mas, quando os viajantes desciam das mulas, um dos guardas de Petyr surgiu vindo da fortaleza.

– Senhora Alayne – disse –, Senhor Protetor está à sua espera.

– Ele voltou? – ela perguntou, sobressaltada.

– Voltou ao cair da noite. A senhora o encontrará na torre oeste.

A hora era mais próxima da alvorada do que do ocaso, e a maior parte do castelo encontrava-se adormecida, mas Petyr Baelish não. Alayne foi encontrá-lo sentado junto a uma crepitante lareira, bebendo vinho quente com especiarias na companhia de três homens que ela não conhecia. Todos se levantaram quando ela entrou, e Petyr dirigiu-lhe um sorriso caloroso.

– Alayne. Venha, dê um beijo em seu pai.

Alayne o abraçou obedientemente e lhe deu um beijo na face.

– Lamento incomodar, pai. Ninguém me disse que tinha companhia.

– Você nunca incomoda, querida. Estava agora mesmo contando a esses bons cavaleiros como minha filha é atenciosa.

– Atenciosa e bela – disse um jovem e elegante cavaleiro, cuja espessa cabeleira loira caía em cascata até bem depois dos ombros.

– Sim – disse o segundo cavaleiro, um indivíduo entroncado com uma espessa barba salpicada de branco, nariz vermelho, proeminente e com veias rebentadas, e mãos nodosas, grandes como presuntos. – Não mencionou essa parte, senhor.

– Eu faria o mesmo se ela fosse minha filha – disse o último cavaleiro, um homem baixo e seco, com um sorriso sardônico, nariz pontiagudo e hirsutos cabelos cor de laranja. – Especialmente perto de homens grosseiros como nós.

Alayne riu.

– São grosseiros? – disse, brincando. – Ora, e eu que os tomei por galantes cavaleiros.

– Cavaleiros são – Petyr interveio. – Quanto à galanteria, ainda está por ser demonstrada, mas podemos ter esperança. Permita-me que lhe apresente Sor Byron, Sor Morgarth e Sor Shadrich. Sores, Senhora Alayne, minha filha ilegítima e muito esperta... com a qual tenho de conferenciar, se fizerem a bondade de nos deixar a sós.

Os três cavaleiros fizeram reverências e se retiraram, embora o alto de cabelos loiros lhe tenha beijado a mão antes de sair.

– Cavaleiros andantes? – Alayne perguntou, quando a porta foi fechada.

– Cavaleiros famintos. Achei melhor termos mais algumas espadas à nossa volta. Os tempos tornam-se cada vez mais interessantes, minha querida, e quando os tempos assim são, nunca se pode ter espadas demais. O *Rei Bacalhau* regressou a Vila Gaivota, e o velho Oswell tinha algumas histórias para contar.

Alayne sabia não ser boa ideia perguntar que tipo de histórias. Se Petyr quisesse que ela soubesse, lhe teria dito.

– Não o esperava de volta tão cedo – disse. – Agrada-me que tenha vindo.

– Nunca teria percebido tal coisa pelo beijo que me deu – puxou-a para si, prendeu-lhe o rosto entre as mãos, e a beijou nos lábios durante muito tempo. – Este é o tipo de beijo que diz *bem-vindo a casa*. Trate de melhorar da próxima vez.

– Sim, pai – conseguia sentir-se corar.

Ele não lhe guardou rancor pelo beijo.

– Não acreditaria em metade do que está acontecendo em Porto Real, querida. Cersei cambaleia de idiotice em idiotice, ajudada por seu conselho de surdos, mudos e cegos. Sempre julguei que ela deixaria o reino falido e se destruiria, mas nunca esperei que o fizesse assim tão *depressa*. É bastante irritante. Esperava ter quatro ou cinco anos calmos para plantar certas sementes e deixar alguns frutos amadurecer, mas agora... Ainda bem que prospero no caos. A pouca paz e ordem que os cinco reis nos deixaram não sobreviverá por muito tempo às três rainhas, temo bem.

– Três rainhas? – não estava compreendendo.

E Petyr também não achou por bem explicar. Em vez disso, sorriu e disse:

– Trouxe um presente à minha querida menina.

Alayne ficou tão contente quanto surpresa.

– É um vestido? – tinha ouvido dizer que havia boas costureiras em Vila Gaivota, e estava farta de usar vestidos sem graça.

– Coisa melhor. Tente outra vez.

– Joias?

– Não há joias que possam esperar igualar os olhos da minha filha.

– Limões? Encontrou limões? – prometera bolo de limão a Passarinho, e para fazer bolo de limão eram precisos limões.

Petyr Baelish pegou-lhe na mão e a sentou em seu colo.

– Fiz um contrato de casamento para você.

– Um contrato... – sua garganta apertou-se. Não queria voltar a se casar, não agora, talvez nunca mais. – Eu não... não posso me casar. Pai, eu... – Alayne olhou para a porta, a fim de se assegurar de que estava fechada. – Eu *sou* casada – sussurrou. – Você sabe.

Petyr pôs-lhe um dedo nos lábios para silenciá-la.

– O anão casou com a filha de Ned Stark, não com a minha. Mas não importa. É só um noivado. O casamento terá de esperar até que Cersei

esteja acabada e Sansa seguramente viúva. E você precisa conhecer o rapaz e conquistar sua aprovação. Senhora Waynwood não o obrigará a se casar contra sua vontade, é bastante firme quanto a isso.

– Senhora *Waynwood*? – Alayne quase não conseguia acreditar no que ouvia. – Por que haveria ela de casar um dos filhos com... com uma...

– ... bastarda? Para começar, você é a bastarda do *Senhor Protetor*, não se esqueça. Os Waynwood são muito antigos e muito orgulhosos, mas não tão ricos como se poderia pensar, como descobri quando comecei a comprar-lhes a dívida. Não que Senhora Anya alguma vez vendesse um filho por ouro. Mas um protegido... O jovem Harry é só um primo, e o dote que ofereci à sua senhoria é ainda maior do que aquele que Lyonel Corbray acabou de receber. Tinha de ser, para ela se arriscar à fúria de Bronze Yohn. Isso porá abaixo todos os planos dele. Está prometida a Harrold Hardyng, querida, desde que consiga conquistar seu coração de rapaz... O que para você não deverá ser difícil.

– Harry, o Herdeiro? – Alayne tentou se recordar do que Myranda lhe dissera sobre ele na montanha. – Ele acabou de ser armado cavaleiro. E tem uma filha bastarda de uma plebeia qualquer.

– E outra a caminho, de outra garota. Harry pode ser um sedutor, não há dúvida. Macios cabelos cor de areia, profundos olhos azuis e covinhas quando sorri. E *muito* galante, segundo ouvi dizer – provocou-a com um sorriso. – Bastarda ou não, querida, quando essa união for anunciada, será invejada por todas as donzelas bem-nascidas do Vale, e também por algumas das terras fluviais e da Campina.

– Por quê? – Alayne não compreendia. – Sor Harrold é... Como é que pode ser herdeiro da Senhora Waynwood? Ela não tem filhos de seu próprio sangue?

– Três – Petyr admitiu. Alayne sentia cheiro de vinho no hálito dele, cravo e noz-moscada. – E também filhas e netos.

– Eles não têm precedência sobre Harry? Não compreendo.

– Compreenderá. Escute – Petyr pegou-lhe na mão e esfregou-lhe levemente a palma com os dedos. – Lorde Jasper Arryn, comecemos por ele. Pai de Jon Arryn. Ele gerou três crianças, dois filhos e uma filha. Jon era o mais velho, de modo que o Ninho da Águia e a senhoria passaram para ele. A irmã Alys casou-se com Sor Elys Waynwood, tio da atual Senhora Waynwood – fez uma careta. – Elys e Alys, não é uma delícia?

O filho mais novo de Lorde Jasper, Sor Ronnel Arryn, casou-se com uma garota Belmore, mas só lhe tocou o sino uma ou duas vezes antes de morrer de um mal de barriga. Elbert, o filho deles, nasceu numa cama no momento em que o pobre Ronnel morria noutra, ao fundo do corredor. Está prestando atenção, querida?

– Sim. Havia Jon, Alys e Ronnel, mas Ronnel morreu.

– Ótimo. Bom, Jon Arryn se casou três vezes, mas as duas primeiras esposas não lhe deram filhos, de modo que durante longos anos o sobrinho Elbert foi seu herdeiro. Entretanto, Elys arava Alys com bastante diligência, e ela paria uma vez por ano. Deu-lhe nove filhos, oito garotas e um precioso rapazinho, outro Jasper, após o que morreu, exausta. O jovem Jasper, sem mostrar consideração pelos heroicos esforços que tinham sido desenvolvidos para gerá-lo, arranjou maneira de ser escoiceado na cabeça por um cavalo aos três anos. Um surto de bexigas levou-lhe duas das irmãs pouco depois, deixando seis. A mais velha se casou com Sor Denys Arryn, um primo afastado dos Senhores do Ninho da Águia. Há vários ramos da Casa Arryn espalhados pelo Vale, todos tão orgulhosos quanto penuriosos, à exceção dos Arryn de Vila Gaivotas, que tiveram o raro bom-senso de se casar com mercadores. São ricos, mas não chegam a ser refinados, por isso ninguém fala deles. Sor Denys provinha de um dos ramos pobres e orgulhosos... Mas também era combatente de renome em justas, atraente e galante, e transbordante de cortesia. E possuía aquele mágico nome Arryn, o que o tornava ideal para a mais velha das garotas Waynwood. Seus filhos seriam Arryn, e os herdeiros seguintes do Vale, caso algo de mal acontecesse a Elbert. Bem, e calhou de acontecer a Elbert o Rei Louco Aerys. Conhece essa história?

Conhecia.

– O Rei Louco o assassinou.

– De fato. E, pouco depois, Sor Denys deixou sua esposa Waynwood grávida para partir para a guerra. Morreu durante a Batalha dos Sinos, de um excesso de galanteria e de um machado. Quando contaram sua morte à sua senhora, ela pereceu de desgosto, e o filho recém-nascido rapidamente a seguiu. Não importava. Jon Arryn arranjara uma jovem esposa durante a guerra, uma que tinha motivos para julgar fértil. Estava muito esperançoso, tenho certeza, mas ambos sabemos que tudo que obteve de Lysa foi natimortos, abortos, e o pobre Passarinho.

“O que nos traz de volta às restantes filhas de Elys e Alys. A mais velha foi deixada com terríveis cicatrizes pelas mesmas bexigas que mataram suas irmãs, de modo que se tornou septã. Outra foi seduzida por um mercenário. Sor Elys a expulsou, e ela se juntou às irmãs silenciosas depois de o bastardo morrer ainda bebê. A terceira se casou com o Senhor das Bossas, mas demonstrou ser estéril. A quarta estava a caminho das terras fluviais para se casar com um Bracken qualquer quando Homens Queimados a levaram. Sobrou a mais nova, que se casou com um cavaleiro com terras, juramentado aos Waynwood, e lhe deu um filho, a quem chamou Harrold, que faleceu – virou-lhe a mão e deu-lhe um leve beijo no pulso. – Portanto, diga-me, querida: por que é Harry, o Herdeiro?

Os olhos dela esbugalharam-se.

– Ele não é herdeiro da Senhora Waynwood. É herdeiro de *Robert*. Se Robert morrer...

Petyr arqueou uma sobrancelha.

– *Quando* Robert morrer. Nosso pobre e bravo Passarinho é um garoto tão doente que é apenas questão de tempo. *Quando* Robert morrer, Harry, o Herdeiro, se tornará Lorde Harrold, Defensor do Vale e Senhor do Ninho da Águia. Os vassalos de Jon Arryn nunca gostarão de mim, nem de nosso tolo e trêmulo Robert, mas gostarão de seu Jovem Falcão... E quando se reunirem para o seu casamento, e você sair com seus longos cabelos ruivos, vestida com um manto de donzela branco e cinza, com um lobo gigante desenhado na parte de trás... Ora, todos os cavaleiros do Vale oferecerão suas espadas para reconquistar o que é seu por direito de sangue. De modo que são estes os presentes que lhe dou, minha querida Sansa... Harry, o Ninho da Águia e Winterfell. Isto merece outro beijo, não acha?

## BRIENNE

*Isto é um pesadelo horrível*, pensou. Mas, se sonhava, por que doía tanto?

A chuva tinha parado de cair, mas o mundo inteiro estava molhado. Sentia o manto tão pesado quanto a cota de malha. As cordas que lhe prendiam os pulsos estavam empapadas, o que só as apertava mais. Não importa como virasse as mãos, não conseguia se libertar. Não compreendia quem a atara ou por quê. Tentou perguntar às sombras, mas elas não responderam. Talvez não a ouvissem. Talvez não fossem reais. Sob as camadas de lã úmida e cota de malha enferrujada, tinha a pele corada e febril. Perguntou a si mesma se tudo aquilo seria apenas um delírio provocado pela febre.

Tinha um cavalo por baixo de si, embora não conseguisse se lembrar de ter montado. Estava deitada de barriga para baixo sobre os quartos traseiros do animal, como se fosse um saco de aveia. Os pulsos e os tornozelos tinham sido firmemente amarrados uns aos outros. O ar estava úmido e o solo encontrava-se encoberto por névoas. A cabeça latejava-lhe a cada passo. Ouvia vozes, mas tudo o que via era a terra sob os cascos do cavalo. Havia coisas quebradas dentro de si. Sentia o rosto inchado, tinha a bochecha pegajosa de sangue, e cada oscilação e sacudidela provocavam-lhe uma punhalada de dor no braço. Ouvia Podrick chamando-a, como que de uma grande distância.

– Sor? – ele não parava de dizer. – Sor? Senhora? Sor? Senhora? – a voz era tênue e difícil de ouvir. Por fim, restou só o silêncio.

Sonhou que estava em Harrenhal, de novo na arena dos ursos. Daquela vez quem a enfrentava era Dentadas, enorme, careca e branco como um verme, com chagas sangrentas nas faces. Aproximou-se, nu, afagando o membro, fazendo ranger os dentes aguçados. Ela fugiu dele.

– Minha espada – gritou. – A Cumpridora de Promessas. Por favor – a audiência não lhe deu resposta. Renly encontrava-se presente, com Lesto

Dick e Catelyn Stark. Shagwell, Pyg e Timeon tinham vindo, e os cadáveres das árvores também, com seus rostos encovados, línguas inchadas e órbitas vazias. Brienne gemeu de horror ao vê-los, e Dentadas pegou-lhe no braço, puxou-a para si e lhe arrancou um bocado de carne do rosto. – Jaime – ouviu-se gritar – *Jaime*.

Mesmo nas profundezas do sonho, a dor estava presente. O rosto latejava. O ombro sangrava. Respirar doía-lhe. Dores estalavam em seu braço como relâmpagos. Gritou por um meistre.

– Nós não temos meistre – disse uma voz de garota. – Sou só eu.

*Procuro uma garota*, recordou Brienne. *Uma donzela bem-nascida de treze anos, com olhos azuis e cabelos ruivos*.

– Senhora? – disse. – Senhora Sansa?

Um homem riu.

– Ela acha que você é Sansa Stark.

– Não pode continuar por muito tempo. Vai morrer.

– É um leão a menos. Não é coisa que me faça chorar.

Brienne ouviu o ruído de alguém rezando. Pensou no Septão Meribald, mas as palavras estavam todas erradas. *A noite é escura e cheia de terrores, e os sonhos também.*

Atravessavam um bosque sombrio, um lugar úmido, escuro e silencioso, onde os pinheiros cresciam muito juntos. O solo era mole sob os cascos do cavalo, e os rastros que deixava atrás de si enchiam-se de sangue. Ao seu lado, seguia Lorde Renly, Dick Crabb e Vargo Hoat. Sangue corria da garganta de Renly. Da orelha rasgada do Bode escorria pus.

– Vamos para onde? – Brienne perguntou. – Para onde esté me levando? – ninguém quis responder. *Como poderiam? Estão todos mortos*. Isso significava que ela também estava?

Tinha à sua frente Lorde Renly, seu querido rei sorridente. Levava o cavalo por entre as árvores. Brienne o chamou para lhe dizer quanto o amava, mas quando ele se virou para olhá-la de testa franzida, viu que afinal não se tratava de Renly. Renly nunca franzia a testa. *Ele sempre teve um sorriso para mim*, pensou... exceto...

"Frio", dissera seu rei, confundido, e uma sombra moveu-se sem um homem que a deitasse, e o sangue de seu querido senhor se derramou pelo aço verde do gorjal para ir ensopar suas mãos. Ele fora um homem

quente, mas o sangue estava frio como gelo. *Isto não é real*, disse a si mesma. *Isto é outro pesadelo, e logo acordarei*.

Sua montaria parou de repente. Mãos rudes a pegaram. Viu feixes da luz vermelha da tarde caindo em diagonal por entre os galhos de um castanheiro. Um cavalo remexeu as folhas mortas em busca de castanhas, e homens deslocaram-se ali perto, falando em voz baixa. Dez, doze, talvez mais. Brienne não reconheceu seus rostos. Estava estendida no chão, com as costas apoiadas a um tronco de árvore.

– Beba isto, senhora – disse a voz da garota. Levou uma taça aos lábios de Brienne. O sabor era forte e amargo. Brienne cuspiu.

– Água – arquejou. – Por favor. Água.

– Água não a ajudará com a dor. Isto sim. Um pouco – a garota voltou a encostar a taça nos lábios de Brienne.

Até beber doía. Vinho escorreu-lhe queixo abaixo e pingou sobre seu peito. Quando a taça ficou vazia, a garota tornou a enchê-la de um odre. Brienne foi bebendo até se engasgar.

– Basta.

– Não basta. Tem um braço quebrado e algumas de suas costelas estão trincadas. Duas, talvez três.

– Dentadas – Brienne disse, lembrando-se do peso dele, do modo como o joelho a atingira no peito.

– Sim. Um verdadeiro monstro esse.

Recordou-se de tudo; os relâmpagos por cima e a lama por baixo, a chuva pingando suavemente no aço escuro do elmo do Cão de Caça, a terrível força das mãos do Dentadas. De repente deixou de conseguir suportar estar atada. Tentou libertar-se das cordas, mas tudo que conseguiu foi piorar as escoriações. Os pulsos estavam demasiado apertados. Havia sangue seco no cânhamo.

– Ele está morto? – estremeceu. – Dentadas. *Ele está morto?* – lembrava-se dos dentes dele enterrando-se na carne do seu rosto. A ideia de que ainda pudesse andar por ali, em algum lugar, respirando, fazia Brienne ter vontade de gritar.

– Está. Gendry enfiou-lhe uma ponta de lança na nuca. Beba, senhora, senão lhe despejo isto garganta abaixo.

Ela bebeu.

– Ando à procura de uma garota – sussurrou, entre tragos. Quase disse *minha irmã*. – Uma donzela bem-nascida de treze anos. Tem olhos azuis e cabelos ruivos.

– Não sou eu.

*Não*. Brienne podia ver. A garota era magra a ponto de parecer esfomeada. Usava os cabelos castanhos numa trança, e tinha olhos que eram mais velhos do que sua idade. *Cabelos castanhos, olhos castanhos, simples. Willow, seis anos mais velha.*

– É a irmã. A estalajadeira.

– Se calhar, sou – a garota a olhou de soslaio. – E se for?

– Tem nome? – Brienne quis saber. Seu estômago gorgolejou. Teve receio de vomitar.

– Heddle. Como a Willow. Jeyne Heddle.

– Jeyne. Desamarre-me as mãos. Por favor. Tenha piedade. As cordas estão deixando meus pulsos em carne viva. Estou sangrando.

– Não é permitido. Deve ficar presa até... Até ser levada à presença da senhora – Renly estava atrás da garota, afastando seus cabelos negros dos olhos. *Renly não. Gendry*. – A senhora quer que responda por seus crimes.

– Senhora – o vinho estava fazendo sua cabeça girar. Era difícil pensar. – Coração de Pedra. É dela que fala? – Lorde Randyll a mencionara, em Lagoa da Donzela. – A Senhora Coração de Pedra.

– Há quem a chame assim. Outros a chamam de outras coisas. A Irmã Silenciosa. A Mãe Impiedosa. A Carrasca.

*A Carrasca*. Quando Brienne fechou os olhos, viu os cadáveres balançando sob os galhos nus e marrons, com os rostos negros e inchados. De repente, sentiu um medo desesperado.

– Podrick. Meu escudeiro. Onde está Podrick? E os outros... Sor Hyle, o Septão Meribald. O Cão. Que fizeram com o Cão?

Gendry e a garota trocaram um olhar. Brienne lutou por se pôr em pé e conseguiu por um momento sustentar-se sobre um joelho antes de o mundo começar a girar.

– Foi você quem matou o Cão, senhora – ouviu Gendry dizer, logo antes de a escuridão voltar a engoli-la.

Então viu-se de volta aos Murmúrios, em pé no meio das ruínas e defrontando Clarence Crabb. Ele era enorme e feroz, montado num

auroque mais peludo do que ele. O animal escavou o chão, furioso, fazendo profundos sulcos na terra. Os dentes de Crabb tinham sido aguçados até formar pontas. Quando Brienne tentou puxar pela espada, encontrou a bainha vazia.

– Não – gritou, no momento em que Sor Clarence atacava. Não era justo. Não podia lutar sem sua espada mágica. Sor Jaime lhe dera. A ideia de falhar com ele como falhara com Lorde Renly lhe dava vontade de chorar. – A minha espada. Por favor, tenho de encontrar minha espada.

– A garota quer a espada de volta – declarou uma voz.

– E eu quero que Cersei Lannister me faça um broche. E daí?

– Jaime a chamou Cumpridora de Promessas. *Por favor* – mas as vozes não lhe deram ouvidos, e Clarence Crabb caiu sobre ela como um trovão e cortou-lhe a cabeça. Brienne caiu em espiral numa escuridão mais profunda.

Sonhou que estava deitada num barco, com a cabeça apoiada no colo de alguém. Havia sombras a toda volta, homens encapuzados vestidos de cota de malha e couro, que os levavam à força de remos abafados através de um rio nevoento. Estava ensopada de suor e ardia em febre, mas ao mesmo tempo também tremia. O nevoeiro estava cheio de rostos.

– *Beleza* – murmuravam os salgueiros na margem, mas os juncos diziam: – *Monstro, monstro* – Brienne estremecia.

– Pare – pediu. – Alguém faça-os parar.

Da vez seguinte que acordou, Jeyne levava-lhe uma taça de sopa quente aos lábios. *Caldo de cebolas*, Brienne. Bebeu tanto quanto foi capaz, até que um pedaço de cenoura ficou preso em sua garganta e a fez se engasgar. Tossir era uma agonia.

– Calma – a garota lhe pediu.

– Gendry – arquejou. – Tenho de falar com Gendry.

– Ele voltou para trás no rio, senhora. Vai voltar para sua forja, para Willow e os pequenos, para mantê-los a salvo.

*Ninguém pode mantê-los a salvo*. Recomeçou a tossir.

– Ah, deixe-a sufocar. Poupa-nos uma corda – um dos homens das sombras empurrou a garota para o lado. Estava coberto com cota de malha enferrujada e trazia um cinto com tachões. De seu quadril pendia espada e punhal. Um manto amarelo estava colado aos seus ombros,

encharcado e imundo. Dos ombros erguia-se uma cabeça de cão em aço, com os dentes desnudados num rosnido.

– *Não* – Brienne gemeu. – Não, está morto, eu o matei.

Cão de Caça soltou uma gargalhada.

– Entendeu as coisas ao contrário. Eu é que vou matá-la. Mataria você agora, mas a senhora quer vê-la enforcada.

*Enforcada*. A palavra a trespassou com um solavanco de medo. Olhou para a garota, Jeyne. *Ela é nova demais para ser tão dura.*

– Pão e sal – Brienne arquejou. – A estalagem... Septão Meribald alimentou as crianças... nós dividimos o pão com sua irmã...

– O direito de hóspede já não tem tanto significado como antes – disse a garota. – Já não o tem desde que a senhora voltou do casamento. Alguns daqueles que balançam junto ao rio também achavam que eram hóspedes.

– Nós achamos outras coisas – disse Cão de Caça. – Eles queriam camas. Nós lhes demos árvores.

– Mas temos mais árvores – interveio outra sombra, com apenas um olho atrás de um elmo redondo coberto de ferrugem. – Temos sempre mais árvores.

Quando chegou o momento de voltar a montar, enfiaram-lhe um capuz de couro na cabeça. Não havia buracos para os olhos. O couro abafava os sons à sua volta. O sabor de cebola permaneceu em sua boca, penetrante como a noção de seu fracasso. *Eles querem me enforcar*. Pensou em Jaime, em Sansa, no seu pai em Tarth, e sentiu-se contente pelo capuz. Ajudava a esconder as lágrimas que lhe subiam aos olhos. De vez em quando, ouvia os outros conversar, mas não conseguia distinguir as palavras. Após algum tempo, entregou-se ao cansaço e aos lentos e regulares movimentos do cavalo.

Daquela vez sonhou que estava de novo em casa, no Entardecer. Através das altas janelas arqueadas do salão do senhor seu pai via o sol se pôr. *Aqui estava a salvo. Estava a salvo.*

Estava vestida de brocado de seda, um vestido esquartelado de azul e vermelho, decorado com sóis dourados e crescentes prateados. Em outra garota podia ter sido um vestido bonito, mas não nela. Tinha doze anos, sentia-se desajeitada e desconfortável enquanto esperava para conhecer o jovem cavaleiro com quem o pai combinara que se casaria, um rapaz seis

anos mais velho, que certamente um dia seria um famoso campeão. Temia sua chegada. Tinha o peito pequeno demais, as mãos e os pés grandes demais. Os cabelos não paravam de se pôr em pé, e havia uma espinha aninhada na dobra ao lado do nariz.

– Ele vai lhe trazer uma rosa – prometeu-lhe o pai, mas uma rosa não servia, uma rosa não podia mantê-la em segurança. Era uma espada que queria. *A Cumpridora de Promessas. Tenho de encontrar a garota. Tenho de encontrar a honra dele.*

Finalmente as portas se abriram, e seu prometido entrou a passos largos no salão do pai. Tentou saudá-lo como fora instruída a fazer, mas apenas conseguiu que sangue lhe jorrasse da boca. Cortara a língua com os dentes enquanto esperava. Cuspiu-a aos pés do jovem cavaleiro, e viu a repugnância em seu rosto.

– Brienne, a Beleza – ele disse em tom trocista. – Já vi porcas mais belas do que você – atirou-lhe a rosa ao rosto. Enquanto se afastava, os grifos em seu manto ondularam, perderam nitidez e transformaram-se em leões. *Jaime!*, quis gritar. *Jaime, volte para mim!* Mas sua língua jazia no chão ao lado da rosa, afogada em sangue.

Brienne acordou de repente, ofegando.

Não sabia onde se encontrava. O ar estava frio e pesado, e cheirava a terra, vermes e bolor. Estava estendida num catre, sob uma pilha de peles de ovelha, com rocha acima da cabeça e raízes perfurando as paredes. A única luz provinha de uma vela alta, que fumegava num charco de cera derretida.

Afastou as peles de ovelha para o lado. Viu que alguém a despira de roupas e armadura. Estava vestida com uma combinação de lã marrom, pouco espessa, mas limpa. Uma tala tinha sido colocada em seu antebraço, enfaixado com linho. Sentia um lado do rosto molhado e rígido. Quando se tocou, descobriu uma espécie qualquer de cataplasma úmido que lhe cobria a bochecha, o maxilar e a orelha. *Dentadas...*

Brienne se levantou. Sentia as pernas fracas como água, e a cabeça leve como ar.

– Tem alguém aí?

Algo se moveu em uma das alcovas sombrias por trás da vela; um velho grisalho vestido de farrapos. As mantas que o cobriam deslizaram para o chão. Sentou-se e esfregou os olhos.

– Senhora Brienne? Assustou-me. Estava sonhando.

*Não*, ela pensou, *eu é quem estava.*

– Que lugar é este? É uma masmorra?

– Uma gruta. Como ratazanas, temos de correr de volta aos nossos buracos quando os cães vêm farejar nosso rastro, e há mais cães a cada dia – ele trazia os restos esfarrapados de uma velha veste cor-de-rosa e branca. Os cabelos eram longos, grisalhos e emaranhados, e a pele solta das bochechas e do queixo estava coberta por uma barba hirsuta. – Está com fome? Conseguiria manter no estômago uma taça de leite? Talvez um pouco de pão e mel?

– Quero minha roupa. Minha espada – sentia-se nua sem sua cota de malha, e queria a Cumpridora de Promessas ao seu lado. – A saída. Mostre-me a saída – o chão da gruta era de terra e pedra, áspero sob as solas dos seus pés. Ainda sentia a cabeça leve, como se estivesse flutuando. A luz tremeluzente lançava estranhas sombras. *Espíritos dos mortos*, pensou, *dançando à minha volta, escondendo-se quando me viro para olhá-los*. Viu buracos, rachaduras e fendas por todo lado, mas não havia maneira de saber quais das passagens levavam ao exterior, quais a fariam penetrar mais profundamente na gruta e quais não iam dar a lugar nenhum. Todas estavam negras como breu.

– Posso sentir a temperatura de sua testa, senhora? – a mão do carcereiro estava coberta de cicatrizes e era dura, cheia de calos, mas estranhamente gentil. – A febre baixou – anunciou, numa voz temperada pelo sotaque das Cidades Livres. – Ótimo. Ainda ontem parecia que tinha a carne em fogo. Jeyne temeu que pudéssemos perdê-la.

– Jeyne. A garota alta?

– Essa mesma. Embora não seja tão alta quanto você, senhora. Os homens a chamam Jeyne Longa. Foi ela quem pôs seu braço na posição correta e colocou a tala, tão bem quanto qualquer meistre. Fez também o que pôde pelo seu rosto, lavando os ferimentos com cerveja fervida para parar a necrose. Mesmo assim... Uma dentada humana é uma coisa nojenta. Foi daí que veio a febre, estou certo – o homem grisalho tocou-lhe o rosto enfaixado. – Tivemos de cortar alguma carne. Temo que seu rosto não fique bonito.

*Ele nunca foi bonito.*

– Fala de cicatrizes?

– Senhora, aquela criatura arrancou metade de sua bochecha.

Brienne não conseguiu evitar um estremecimento. *Todos os cavaleiros têm cicatrizes de batalha*, prevenira-a Sor Goodwin, quando lhe pedira que a ensinasse a manejar a espada. *É isso o que quer, pequena?* Mas seu velho mestre de armas falava de golpes de espada; nunca poderia ter previsto os dentes pontiagudos do Dentadas.

– Para que colocar meus ossos no lugar e lavar meus ferimentos se pretendem me enforcar?

– Realmente, para quê? – ele relanceou os olhos pela vela, como se já não conseguisse suportar olhá-la. – Disseram-me que lutou bravamente na estalagem. Limo não devia ter saído da encruzilhada. Foi-lhe dito que ficasse por perto, escondido, para vir imediatamente se visse fumaça saindo da chaminé... Mas, quando lhe chegou uma mensagem dizendo que Cão Louco de Salinas tinha sido visto dirigindo-se para o norte, ao longo do Ramo Verde, mordeu a isca. Andávamos havia tanto tempo à caça daquele grupo... Mesmo assim, ele devia ter pensado melhor. Acabou gastando meio dia para perceber que os saltimbancos tinham usado um riacho para esconder o rastro e voltado, nas suas costas, e então perdeu mais tempo rodeando uma coluna de cavaleiros Frey. Se não fosse você, haveria apenas cadáveres na estalagem quando Limo e seus homens regressassem. Foi *por isso* que Jeyne cuidou de suas feridas, talvez. Não importa o que tenha feito, ganhou esses ferimentos de forma honrada, na melhor das causas.

*Não importa o que tenha feito.*

– O que pensa que fiz? – disse. – *Quem é você?*

– Éramos homens do rei quando começamos – disse-lhe o homem –, mas homens do rei têm de ter um rei, e nós não temos. Também éramos irmãos, mas agora nossa irmandade se dispersou. Não sei quem somos, para falar a verdade, nem sei para onde nos dirigimos. Só sei que a estrada é escura. Os fogos não me mostraram o que está no fim.

*Eu sei onde ela termina. Vi os cadáveres nas árvores.*

– Fogos – repetiu Brienne. E, de repente, compreendeu. – É o sacerdote de Myr. O feiticeiro vermelho.

Ele abaixou os olhos para a roupa esfarrapada e abriu um sorriso triste.

– O fingidor cor-de-rosa, talvez. Sou Thoros, outrora de Myr, sim... um mau sacerdote e um feiticeiro pior.

– Acompanha Dondarrion, o senhor do relâmpago.

– O relâmpago aparece e desaparece, e depois não volta a ser visto. Acontece o mesmo com os homens. Temo que o fogo de Lorde Beric tenha desaparecido deste mundo. Em seu lugar lidera-nos uma sombra mais ameaçadora.

– Cão de Caça?

O sacerdote enrugou os lábios.

– Cão de Caça está morto e enterrado.

– Eu o vi. Na floresta.

– Um sonho febril, senhora.

– Ele disse que queria me enforcar.

– Até os sonhos podem mentir. Senhora, há quanto tempo não come? Certamente está faminta.

Compreendeu que estava. Sentia a barriga oca.

– Comida... comida seria bem-vinda, obrigada.

– Uma refeição, neste caso. Sente-se. Falaremos mais, mas primeiro uma refeição. Espere aqui – Thoros acendeu um círio na vela inclinada e desapareceu num buraco negro por trás de uma saliência de rocha. Brienne deu por si sozinha na pequena gruta. *Mas por quanto tempo?*

Percorreu o aposento em busca de uma arma. Qualquer tipo de arma teria servido; um bastão, uma maça, um punhal. Só encontrou pedras. Uma se ajustava bem ao seu punho... Mas recordou os Murmúrios, e o que tinha acontecido quando Shagwell tentara opor uma pedra a uma faca. Quando ouviu os passos do sacerdote, deixou a pedra cair no chão da gruta e regressou ao lugar onde estivera sentada.

Thoros tinha pão, queijo e uma tigela de guisado.

– Lamento – disse. – O resto do leite azedou, e já não temos mel. A comida torna-se escassa. Seja como for, isto irá encher sua barriga.

O guisado estava frio e gorduroso; o pão, duro, e o queijo, mais duro ainda. Brienne nunca comera nada tão delicioso.

– Meus companheiros estão aqui? – perguntou ao sacerdote, enquanto enchia a colher com os últimos restos do guisado.

– O septão foi libertado e seguiu seu caminho. Não havia nenhum mal nele. Os outros estão aqui, aguardando julgamento.

– Julgamento? – franziu as sobrancelhas. – Podrick Payne não passa de um garoto.

– Ele diz que é um escudeiro.

– Sabe como os garotos gostam de se gabar.

– O escudeiro do Duende. Lutou em batalhas, ele mesmo admitiu. Até chegou a matar, caso se acredite no que diz.

– Um garoto – ela voltou a dizer. – Tenha piedade.

– Senhora – disse Thoros –, não duvido de que a gentileza, a misericórdia e o perdão ainda possam ser encontrados em algum lugar nestes Sete Reinos, mas não os procure aqui. Isto é uma gruta, não um templo. Quando os homens são obrigados a viver como ratazanas na escuridão subterrânea, sua piedade logo se esgota, assim como acontece com o leite e o mel.

– E a justiça? Pode ser encontrada em grutas?

– Justiça – Thoros deu um sorriso tristonho. – Lembro-me da justiça. Tinha um sabor agradável. Era a justiça que pretendíamos quando Beric nos liderava, ou pelo menos era isso que dizíamos a nós mesmos. Éramos homens do rei, cavaleiros e heróis... Mas alguns cavaleiros são sombrios e cheios de terror, senhora. A guerra transforma todos nós em monstros.

– Está dizendo que são monstros?

– Estou dizendo que somos humanos. Não é a única pessoa com ferimentos, Senhora Brienne. Alguns de meus irmãos eram bons homens quando isto começou. Alguns eram... Menos bons, digamos, embora haja quem diga que não importa como um homem começa, mas apenas como termina. Suponho que com as mulheres seja igual – o sacerdote se levantou. – Temo que nosso tempo juntos esteja no fim. Ouço meus irmãos se aproximar. A nossa senhora manda que a busquem.

Brienne ouviu os passos e viu a luz do archote tremeluzir na passagem.

– Disse-me que ela tinha ido a Feirajusta.

– E foi. Voltou enquanto dormia. Ela nunca dorme.

*Não terei medo*, disse a si mesma, mas era tarde demais para isso. Substituiu essa promessa por outra: *não permitirei que vejam meu medo*. Eles eram quatro, homens duros com rostos macilentos, vestidos de cota de malha, escamas e couro. Reconheceu um deles; o homem com um olho dos seus sonhos.

O maior dos quatro usava um manto amarelo manchado e esfarrapado.

– Gostou da comida? – perguntou. – Espero que sim. Deve ser a última refeição que fará – tinha cabelos castanhos e barba, era musculoso e

possuía um nariz partido, fruto de maus cuidados. *Conheço esse homem*, Brienne pensou.

– É o Cão de Caça.

Ele abriu um sorriso. Seus dentes eram horríveis; tortos e com manchas marrons devido à cárie.

– Suponho que seja. Visto que a senhora tratou de matar o último – virou a cabeça e escarrou.

Brienne recordou o relâmpago estalando, a lama sob os seus pés.

– Quem eu matei foi Rorge. Ele tirou o elmo da tumba de Clegane, e você o roubou de seu cadáver.

– Não estou ouvindo ele protestar.

Thoros prendeu a respiração, consternado.

– Isso é verdade? O elmo de um morto? Caímos assim tão baixo?

O grandalhão lançou-lhe um olhar carrancudo.

– É bom aço.

– Não há nada de bom nesse elmo, nem nos homens que o usaram – disse o sacerdote vermelho. – Sandor Clegane era um homem atormentado, e Rorge, um animal em pele humana.

– Não sou nem um nem outro.

– Então para que mostrar ao mundo a cara deles? Selvagem, a rosnar, retorcida... é isso o que quer ser, Limo?

– Vê-la vai encher de medo meus inimigos.

– Vê-la me enche de medo.

– Então feche os olhos – o homem do manto amarelo fez um gesto brusco. – Traga a puta.

Brienne não resistiu. Eles eram quatro, e ela estava fraca e ferida, nua sob a combinação de lã. Tinha de dobrar o pescoço para evitar bater com a cabeça enquanto a levavam pela sinuosa passagem. O caminho em frente ergueu-se bruscamente, virando duas vezes antes de emergir numa caverna muito maior, cheia de fora da lei.

Um buraco de fogueira fora escavado no centro da caverna, e o ar estava azul de fumaça. Homens aglomeravam-se junto às chamas, aquecendo-se contra o frio da gruta. Outros estavam em pé ao longo das paredes, ou sentavam-se de pernas cruzadas em catres de palha. Também havia mulheres, e até algumas crianças, que espreitavam por detrás da

saia das mães. O único rosto que Brienne reconheceu pertencia a Jeyne Longa Heddle.

Uma mesa de montar tinha sido erguida do outro lado da gruta, numa fenda da rocha. Por trás dela encontrava-se sentada uma mulher toda vestida de cinza, com um manto e um capuz. Tinha nas mãos uma coroa, um aro de bronze rodeado por espadas de ferro. Estava estudando-a, afagando as lâminas com os dedos, como que para verificar se estavam afiadas. Os olhos cintilavam sob o capuz.

Cinza era a cor das irmãs silenciosas, as criadas do Estranho. Brienne sentiu um arrepio subir-lhe a espinha. *Coração de Pedra*.

– Senhora – disse o grandalhão. – Aqui está ela.

– Sim – disse o zarolho. – A puta do Regicida.

Brienne vacilou.

– Por que me chama assim?

– Se eu ganhasse um veado de prata toda vez que dissesse o nome dele, estaria tão rico quanto seus amigos Lannister.

– Isso foi só... não compreende...

– Será que não? – o grandalhão soltou uma gargalhada. – Acho que talvez entendamos. Há um fedor de *leão* em você, senhora.

– Não é verdade.

Outro dos fora da lei deu um passo adiante, um homem mais novo com um justilho gorduroso de pele de ovelha. Na mão trazia a Cumpridora de Promessas.

– Isto diz que é – a voz dele era carregada com o sotaque do Norte. Tirou a espada da bainha e a pousou diante da Senhora Coração de Pedra. À luz vinda da fogueira, as ondulações vermelhas e negras da lâmina quase pareciam se mover, mas a mulher de cinza só tinha olhos para o botão do punho: uma cabeça de leão em ouro, com olhos de rubi que brilhavam como duas estrelas vermelhas.

– E também há isto – Thoros de Myr tirou um pergaminho da manga e o pousou junto à espada. – Ostenta o selo do rei garoto e diz que o portador está tratando de seus assuntos.

A Senhora Coração de Pedra pôs a espada de lado para ler a carta.

– A espada me foi dada para um bom propósito – Brienne disse. – Sor Jaime prestou um juramento a Catelyn Stark...

– ... antes de seus amigos lhe cortarem a garganta, com certeza – disse o homem grande com o manto amarelo. – Todos conhecemos o Regicida e seus juramentos.

*Não adianta*, Brienne compreendeu. *Nada que eu diga irá fazê-los mudar de ideia*. Apesar disso, decidida, foi em frente.

– Ele prometeu as filhas à Senhora Catelyn, mas quando chegamos a Porto Real elas tinham desaparecido. Jaime me mandou em busca da Senhora Sansa...

– ... e se tivesse achado a garota – perguntou o jovem nortenho –, o que deveria fazer com ela?

– Protegê-la. Levá-la para algum lugar seguro.

O grandalhão soltou uma gargalhada.

– Onde fica isso? Na masmorra de Cersei?

– Não.

– Negue o que quiser. Aquela espada diz que é uma mentirosa. Será que espera que acreditemos que os Lannister andam entregando espadas de ouro e rubis a *inimigos*? Que o Regicida queria que escondesse a garota de sua própria *irmã gêmea*? Suponho que o papel com o selo do rei garoto fosse apenas para o caso de precisar limpar o cu, não? E depois há a companhia em que anda... – o grandalhão virou-se e fez um gesto, as fileiras de fora da lei abriram-se, e outros dois cativos foram trazidos. – O garoto era o escudeiro do próprio Duende, senhora – ele se dirigiu à Senhora Coração de Pedra. – O outro é um dos malditos cavaleiros domésticos do maldito Randyll Tarly.

Hyle Hunt tinha sido espancado com tanta violência, que seu rosto estava inchado quase até deixar de ser reconhecível. Tropeçou quando o empurraram, e quase caiu. Podrick o agarrou pelo braço.

– Sor – disse o garoto com ar infeliz quando viu Brienne. – Quero dizer, senhora. Lamento.

– Não há nada a lamentar – Brienne virou-se para a Senhora Coração de Pedra. – Seja qual for a traição que julga que cometi, senhora, Podrick e Sor Hyle não participaram dela.

– São leões – disse o zarolho. – Isso basta. Que sejam enforcados, digo eu. O Tarly enforcou uma vintena dos nossos, já é mais que tempo de a gente pendurar uns tantos dos dele.

Sor Hyle dirigiu a Brienne um tênue sorriso.

– Senhora – disse –, devia ter se casado comigo quando me ofereci. Agora, temo que esteja condenada a morrer donzela, e eu, pobre.

– *Liberte-os* – Brienne suplicou.

A mulher de cinza não deu resposta. Estudou a espada, o pergaminho, a coroa de bronze e ferro. Por fim, ergueu a mão até a garganta e agarrou o pescoço, como se pretendesse esganar a si mesma. Em vez disso, falou... Sua voz era hesitante, irregular, torturada. O som parecia vir de sua garganta, em parte um coaxo, em parte um arquejo de asmático, em parte um matraquear de morte. *A língua dos condenados*, pensou Brienne.

– Não compreendo. O que foi que ela disse?

– Perguntou como se chama essa sua lâmina – respondeu o jovem nortenho com o justilho de pele de ovelha.

– Cumpridora de Promessas – Brienne respondeu.

A mulher de cinza *silvou* por entre os dedos. Seus olhos eram dois poços rubros ardendo nas sombras. Voltou a falar.

– Não, ela disse. Chame-a de Quebradora de Promessas. Foi feita para a traição e o assassínio. Ela a batiza como *Falsa Amiga*. Como você.

– Para quem fui falsa?

– Para ela – disse o nortenho. – Poderá a senhora ter se esquecido de que um dia jurou se pôr ao seu serviço?

Só havia uma mulher a quem a Donzela de Tarth tinha jurado servir.

– Isto não pode ser – disse. – Ela está morta.

– A morte e o direito de hóspede – Jeyne Longa Heddle resmungou. – Não têm tanto significado como tinham antes, nem uma coisa nem outra.

Senhora Coração de Pedra abaixou o capuz e desenrolou o cachecol de lã cinzenta que lhe cobria o rosto. Seus cabelos estavam secos e quebradiços, brancos como osso. A testa salpicada de verde e cinza, manchada com os rebentos marrons da putrefação. A pele agarrava-se ao seu rosto em faixas rasgadas, dos olhos até o maxilar. Alguns dos cortes estavam cobertos por crostas de sangue seco, mas outros escancaravam-se para revelar o crânio, por baixo.

*O rosto dela*, Brienne pensou. *O rosto dela era tão forte e bonito, sua pele era tão lisa e macia.*

– Senhora Catelyn? – lágrimas encheram-lhe os olhos. – Disseram... disseram que estava morta.

– E está – Thoros de Myr interveio. – Os Frey rasgaram-lhe a garganta de orelha a orelha. Quando a encontramos junto ao rio, estava morta havia três dias. Harwin suplicou-me que lhe desse o beijo da vida, mas tinha se passado tempo demais. Não quis fazê-lo, por isso Lorde Beric pôs os lábios sobre os dela, e a chama da vida passou dele para ela. E... ela se ergueu. Que o Senhor da Luz nos proteja. Ela *se ergueu*.

*Ainda estou sonhando?*, perguntou Brienne a si mesma. *Será isto outro pesadelo nascido dos dentes do Dentadas?*

– Nunca a traí. Diga-lhe isso. Juro pelos Sete. Juro pela minha *espada*.

A coisa que tinha sido Catelyn Stark voltou a agarrar a garganta, com dedos que apertavam o pavoroso e longo corte no pescoço, e estrangulou mais sons.

– Palavras são vento, ela diz – o nortenho esclareceu Brienne. – Ela diz que deve demonstrar sua fidelidade.

– Como? – Brienne quis saber.

– Com a sua espada. Você a chama de *Cumpridora de Promessas*? Então cumpra a promessa que lhe fez, a senhora diz.

– O que ela quer de mim?

– Quer o filho vivo, ou os homens que o mataram mortos – o grandalhão respondeu. – Quer alimentar os corvos, como fizeram no Casamento Vermelho. Os Frey e os Bolton, sim. Nós os daremos a ela, tantos quantos queira. Tudo o que lhe pede é Jaime Lannister.

*Jaime*. O nome era uma faca retorcendo-se em sua barriga.

– Senhora Catelyn, eu... não compreende, Jaime... ele me salvou de ser violada quando os Saltimbancos Sangrentos nos capturaram, e mais tarde voltou para vir me buscar, saltou de mãos nuas para a arena dos ursos... Juro, ele não é o homem que era. Mandou-me em busca de Sansa, para mantê-la a salvo, não podia ter participação no Casamento Vermelho.

Os dedos da Senhora Catelyn enterraram-se profundamente na garganta, e as palavras saíram num matraquear, sufocadas e entrecortadas, um fluxo tão frio como gelo. O nortenho disse:

– Ela diz que deve escolher. Pegar a espada e matar o Regicida ou ser enforcada como traidora. A espada ou a corda, ela diz. Escolha, ela diz. *Escolha*.

Brienne lembrou-se do sonho, a espera no salão do pai pelo rapaz com quem deveria se casar. No sonho, cortara a língua com os dentes. *Tinha a*

*boca cheia de sangue.* Inspirou entre espamos e disse:

– Não farei tal escolha.

Houve um longo silêncio. Então, a Senhora Coração de Pedra voltou a falar. Daquela vez, Brienne compreendeu o que disse. Foi só uma palavra.

– *Enforque-os* – crocitou.

– Às suas ordens, senhora – prontificou-se o grandalhão.

Voltaram a atar os pulsos de Brienne com cordas e a levaram para fora da caverna, por um caminho sinuoso de pedra que subia à superfície. Ficou surpresa por ver que lá fora era manhã. Feixes da pálida luz da aurora penetravam em diagonal por entre as árvores. *Tantas árvores por escolher*, pensou. *Não terão de nos levar até longe.*

E não levaram. Sob um salgueiro torto, os fora da lei enfiaram-lhe um laço pela cabeça, apertaram-no bem em seu pescoço e fizeram passar a outra ponta da corda por cima de um galho. A Hyle Hunt e Podrick Payne foram dados elmos. Sor Hyle gritava que mataria Jaime Lannister, mas Cão de Caça deu-lhe um tabefe no rosto e o calou, e lhe colocou o elmo.

– Se tiverem crimes a confessar aos seus deuses, esta é a hora de fazê-lo.

– Podrick nunca lhes fez mal. Meu pai o resgatará. Tarth é conhecida como a ilha safira. Envie Podrick com os meus ossos ao Entardecer, e terão safiras, prata, tudo que quiserem.

– Quero minha mulher e filha de volta – disse Cão de Caça. – Seu pai pode me dar isso? Se não puder, pode ir levar no cu. O garoto vai apodrecer ao seu lado. Lobos hão de roer seus ossos.

– Vai enforcá-la, Limo? – perguntou o zarolho. – Ou pensa em matar a cadela com conversa?

Cão de Caça arrancou a ponta da corda do homem que a segurava.

– Vamos lá ver se ela sabe dançar – disse, e deu um puxão.

Brienne sentiu o cânhamo apertar, enterrando-se em sua pele, puxando-lhe o queixo para cima. Sor Hyle os amaldiçoava com eloquência, mas o garoto não. Podrick não chegou a erguer os olhos, nem mesmo quando seus pés foram arrancados do chão. *Se isso for outro sonho, está na hora de acordar. Se isto for real, está na hora de morrer*. Tudo que conseguia ver era Podrick, com o laço em volta do pescoço, as pernas torcendo-se. Sua boca se abriu e Pod esperneava, sufocava, *morria*. Brienne inspirou

desesperadamente no momento em que a corda a estrangulava. Nunca nada doera tanto.

Gritou uma palavra.

## CERSEI

Septã Moelle era uma velha de cabelos brancos, com um rosto pontudo como um machado e lábios comprimidos em perpétua desaprovação. *Esta ainda tem a virgindade intacta, aposto*, Cersei pensou, *embora a essa altura esteja dura e rígida como couro fervido*. Seis dos cavaleiros do Alto Pardal escoltavam-na, com a espada arco-íris de sua ordem renascida desenhada nos escudos pontiagudos.

– Septã – Cersei estava sentada sob o Trono de Ferro, vestida de seda verde e renda dourada. – Diga à Sua Alta Santidade que estamos aborrecidos com ele. Ousa demais – esmeraldas cintilavam em seus dedos e nos cabelos dourados. Os olhos da corte e da cidade estavam postos nela, e queria que vissem a filha de Lorde Tywin. Quando aquela farsa terminasse, saberiam que não tinham mais do que uma verdadeira rainha. *Mas, primeiro, temos de dançar a dança e não falhar nenhum passo.* – Senhora Margaery é a leal e gentil esposa do meu filho, sua companheira e consorte. Sua Alta Santidade não tinha motivo para pôr as mãos na sua pessoa, ou para aprisioná-la e às jovens primas, que tão queridas são por todos nós. Exijo que as liberte.

A expressão severa da Septã Moelle não vacilou.

– Transmitirei as palavras de Vossa Graça a Sua Alta Santidade, mas tenho o penoso dever de dizer que a jovem rainha e suas senhoras não podem ser libertadas até que a sua inocência seja provada.

– *Inocência?* Ora, basta olhar para seus doces e jovens rostos para ver como são inocentes.

– Um rosto doce esconde frequentemente um coração de pecador.

Senhora Merryweather interveio da mesa do conselho.

– De que ofensa foram essas jovens donzelas acusadas, e por quem?

A septã respondeu:

– Megga Tyrell e Elinor Tyrell são acusadas de lascívia, fornicação e conspiração para cometer alta traição. Alla Tyrell, de testemunhar sua vergonha e de ajudá-las a escondê-la. E disso foi também acusada a Rainha Margaery, além de adultério e alta traição.

Cersei levou uma mão ao peito.

– Diga-me quem anda espalhando tais calúnias sobre a minha nora! Não acredito em uma palavra do que estou ouvindo. Meu querido filho ama a Senhora Margaery de todo o coração, ela nunca poderia ter sido cruel a ponto de enganá-lo.

– O acusador é um cavaleiro de sua própria guarda. Sor Osney Kettleblack confessou ao Alto Septão em pessoa ter tido contato carnal com a rainha, diante do altar do Pai.

Na mesa do conselho, Harys Swyft arfou, e o Grande Meistre Pycelle virou a cabeça. Um zumbido encheu o ar, como se houvesse mil vespas à solta na sala do trono. Algumas das senhoras nas galerias começaram a se esgueirar para o exterior, seguidas por uma corrente de pequenos senhores e cavaleiros que estavam no fundo da sala. Os homens de manto dourado deixaram-nos ir, mas a rainha instruíra Sor Osfryd para tomar nota de todos os que fugissem. *De repente as rosas Tyrell não cheiram tão bem.*

– Sor Osney é jovem e enérgico, admito – disse a rainha –, mas, apesar disso, é um cavaleiro de confiança. Se ele diz que participou nisto... Não, não pode ser. Margaery é uma donzela!

– Não é. Eu mesma a examinei, a pedido de Sua Alta Santidade. Sua virgindade não está intacta. Septã Aglantine e Septã Melicent dirão o mesmo, bem como a própria septã da Rainha Margaery, Nysterica, que foi confinada a uma cela de penitente pelo papel desempenhado na vergonha da rainha. Senhora Megga e Senhora Elinor também foram examinadas. Descobriu-se que ambas tinham sido rompidas.

As vespas tornavam-se tão ruidosas que a rainha já quase nem conseguia ouvir-se pensar. *Espero que a pequena rainha e as primas tenham gostado dessas suas cavalgadas.*

Lorde Merryweather pôs-se aos murros na mesa.

– A Senhora Margaery prestou juramentos solenes atestando sua virgindade à Sua Graça, à rainha e ao falecido Lorde Tywin. Muitos dos presentes os testemunharam. Lorde Tyrell também proclamou sua

inocência, e o mesmo fez a Senhora Olenna, a qual todos sabemos estar acima de qualquer suspeita. Quer que acreditemos que todas essas nobres pessoas *mentiram*?

– Talvez elas também tenham sido enganadas, senhor – Septã Moelle se manifestou. – Quanto a isso não posso dizer nada. Só posso garantir a verdade daquilo que descobri pessoalmente quando examinei a rainha.

A imagem daquela velha amarga enfiando os dedos enrugados pela bocetinha cor-de-rosa de Margaery era tão engraçada que Cersei quase soltou uma gargalhada.

– Insistimos que Sua Alta Santidade permita que nossos meistres examinem minha nora, para determinar se há alguma migalha de verdade nessas calúnias. Grande Meistre Pycelle, irá acompanhar Septã Moelle ao Septo do Adorado Baelor e voltará para junto de nós com a verdade acerca da virgindade de nossa Margaery.

Pycelle ficara da cor do branco coalhado. *Nas reuniões do conselho, o maldito do velho imbecil não se cala, mas agora que preciso de algumas de suas palavras perdeu a capacidade da fala*, pensou a rainha, antes de o velho finalmente sair com um:

– Não preciso examinar suas... suas partes privadas – sua voz estava trêmula. – Lastimo dizer... a Rainha Margaery não é donzela. Ordenou-me que lhe fizesse chá da lua, não uma, mas muitas vezes.

O tumulto que se seguiu àquilo foi tudo que Cersei Lannister poderia ter desejado.

O arauto real bateu no chão com seu bastão, mas isso pouco fez para abafar o ruído. A rainha deixou-o inundá-la por alguns segundos, saboreando o som da desgraça da pequena rainha. Quando o achou suficiente, ergueu-se com uma expressão de pedra e ordenou que os homens de manto dourado evacuassem o salão. *Margaery Tyrell está acabada*, pensou, exultante. Seus cavaleiros brancos puseram-se ao seu redor enquanto saía pela porta do rei, por trás do Trono de Ferro; Boros Blount, Meryn Trant e Osmund Kettleblack, os últimos membros da Guarda Real que restavam na cidade.

O Rapaz Lua estava junto à porta, com o chocalho numa mão, fitando a confusão com os seus grandes olhos redondos. *Pode ser um bobo, mas mostra sua loucura honestamente. Maggy, a Rã, também devia andar vestida de retalhos por tudo o que sabia sobre o futuro*. Cersei rezava

para que a velha fraude estivesse aos gritos no inferno. A rainha mais nova, cuja chegada predissera, estava acabada, e se essa profecia podia falhar, as outras também podiam. *Nada de mortalhas douradas, nada de* valonqar, *estou finalmente livre da sua maldade coaxante.*

O restante de seu pequeno conselho saiu atrás dela. Harys Swyft parecia aturdido. Tropeçou à porta, e poderia ter caído se Aurane Waters não o tivesse segurado pelo braço. Até Orton Merryweather parecia ansioso.

– O povo gosta da pequena rainha – disse. – Não receberá isso bem. Temo o que possa acontecer em seguida, Vossa Graça.

– Lorde Merryweather tem razão – Lorde Waters concordou. – Se aprouver a Vossa Graça, lançarei à água o resto de nossos novos dromones. Vê-los na Água Negra com o estandarte do Rei Tommen flutuando em seus mastros recordará à cidade quem governa aqui, e os manterá a salvo, caso a turba decida voltar a entrar em motim.

Deixou o resto por dizer. Uma vez na Água Negra, os dromones podiam impedir Mace Tyrell de atravessar o rio com seu exército, tal como Tyrion impedira Stannis. Jardim de Cima não possuía poderio marítimo próprio deste lado de Westeros. Dependia da frota Redwyne, atualmente de regresso à Árvore.

– Uma medida prudente – anunciou a rainha. – Até essa tempestade passar, quero seus navios tripulados e na água.

Sor Harys Swyft estava tão pálido e suado que parecia prestes a desmaiar.

– Quando as notícias sobre isso chegarem a Lorde Tyrell, sua fúria não conhecerá limites. Haverá sangue nas ruas...

*O cavaleiro das galinhas trêmulas*, refletiu Cersei. *Devia escolher um verme como símbolo, sor. Uma galinha é ousada demais para você. Se Mace Tyrell nem sequer assalta Ponta Tempestade, como imagina que se atreverá a atacar os deuses?* Quando o homem acabou de disparatar, disse:

– Não deve chegar-se ao derramamento de sangue, e pretendo me assegurar de que isso não ocorra. Irei pessoalmente ao Septo de Baelor para falar com a Rainha Margaery e o Alto Septão. Sei que Tommen os ama a ambos, e que desejaria que eu fizesse a paz entre eles.

– Paz? – Sor Harys esfregou levemente a testa com sua manga de veludo. – Se a paz for possível... Isto é muito valente de sua parte.

– Algum tipo de julgamento poderá ser necessário – a rainha retrucou –, para revelar como falsas essas ignóbeis calúnias e mentiras, e mostrar ao mundo que nossa querida Margaery é a inocente que todos sabemos que é.

– Sim – Merryweather assentiu –, mas esse Alto Septão pode querer julgar ele mesmo a rainha, como a Fé julgava os homens antigamente.

*Espero que sim*, Cersei respondeu em pensamento. Não era provável que um tal tribunal olhasse com benevolência rainhas traiçoeiras que abrem as pernas a cantores e profanam os ritos sagrados da Donzela para esconder sua vergonha.

– O mais importante é descobrir a verdade, estou certa de que todos concordamos – Cersei voltou a falar. – E agora, senhores, devem me perdoar. Tenho de ir ter com o rei. Ele não deve ficar sozinho num momento como este.

Tommen pescava gatos quando a mãe regressou para junto dele. Dorcas fizera-lhe um rato com pedaços de peles e atara-o a um longo barbante preso à ponta de uma velha vara de pescar. Os gatinhos adoravam persegui-lo, e não havia nada que o garoto mais gostasse do que puxá-lo chão afora com os animais saltando atrás dele. Pareceu surpreso quando Cersei o envolveu nos braços e o beijou na testa.

– Por que fez isso, mãe? Por que está chorando?

*Porque você está a salvo*, quis lhe dizer. *Porque nenhum mal lhe acontecerá.*

– Está enganado. Um leão nunca chora – haveria tempo mais tarde para lhe falar de Margaery e das primas. – Há alguns mandados que quero que assine.

Pelo bem do rei, a rainha omitira os nomes nos mandados de captura. Tommen os assinou em branco e comprimiu alegremente seu selo contra a cera quente, como sempre fazia. Depois daquilo, ela o mandou embora com Jocelyn Swyft.

Quando sor Osfryd Kettleblack chegou, a tinta já secava. Cersei escrevera pessoalmente os nomes: Sor Tallad, o Alto, Jalabhar Xho, Hamish, o Harpista, Hugh Clifton, Mark Mullendore, Bayard Norcross,

Lambert Timberry, Horas Redwyne, Hobber Redwyne, e um certo rústico chamado Wat, que chamava a si mesmo Bardo Azul.

– Tantos – Sor Osfryd remexeu nos mandados, tão desconfiado das palavras como se fossem baratas rastejando sobre o pergaminho. Nenhum dos Kettleblack sabia ler.

– Dez. Tem seis mil homens de manto dourado. São suficientes para dez, penso eu. Alguns dos espertos podem ter fugido, se os rumores lhes chegaram aos ouvidos a tempo. Se assim for, não importa; sua ausência só os faz parecer mais culpados. Sor Tallad é algo imbecil e pode tentar resistir. Assegure-se de que não morra antes de confessar, e não faça mal a nenhum dos outros. Alguns bem podem ser inocentes – era importante que se descobrisse que os gêmeos Redwyne tinham sido falsamente acusados. Isso demonstraria a justiça dos julgamentos contra os outros.

– Teremos a todos antes de o sol nascer, Vossa Graça – Sor Osfryd hesitou. – Uma multidão está se juntando diante da porta do Septo de Baelor.

– Que tipo de multidão? – qualquer coisa inesperada a deixava desconfiada. Lembrou-se do que Lorde Waters dissera sobre os tumultos. *Não pensei no modo como os plebeus poderiam reagir a isso. Margaery tem sido seu animalzinho de estimação*. – Quantas pessoas?

– Umas cem, mais ou menos. Gritam para que o Alto Septão liberte a pequena rainha. Podemos correr com eles, se quiser.

– Não. Deixe-os gritar até ficarem roucos, isso não fará o pardal mudar de ideia. Ele só dá ouvidos aos deuses – havia certa ironia em Sua Alta Santidade ter uma multidão irada acampada à sua porta, visto que fora exatamente uma multidão dessas que lhe entregara a coroa de cristal. *Que ele prontamente vendeu*. – A Fé agora tem seus próprios cavaleiros. Que defendam eles o septo. Oh, e feche também as muralhas da cidade. Ninguém deverá entrar ou sair de Porto Real sem a minha autorização até que isso esteja esclarecido e terminado.

– Às suas ordens, Vossa Graça – Sor Osfryd fez uma reverência e foi arranjar alguém que lhe lesse os mandados.

Quando o sol se pôs nesse dia, todos os acusados de traição estavam presos. Hamish, o Harpista, perdera os sentidos quando o tinham ido capturar, e Sor Tallad, o Alto, ferira três homens de manto dourado antes de os outros o dominarem. Cersei ordenou que fossem dados aposentos

confortáveis numa torre aos gêmeos Redwyne. Os outros foram para as masmorras.

– Hamish está com dificuldade de respirar – informou-a Qyburn quando veio visitá-la nessa noite. – Está pedindo um meistre.

– Diga-lhe que pode ser visto por um assim que confessar – refletiu por um momento. – Ele é velho demais para ter estado entre os amantes, mas sem dúvida foi obrigado a tocar e cantar para Margaery enquanto ela recebia outros homens. Precisaremos de detalhes.

– Eu o ajudarei a se recordar deles, Vossa Graça.

No dia seguinte, Senhora Merryweather ajudou Cersei a se vestir para a visita de ambas à pequena rainha.

– Nada muito rico ou colorido – disse. – Algo adequadamente devoto e sem graça para o Alto Septão. É capaz de ele me obrigar a acompanhá-lo em orações.

Por fim, escolheu um macio vestido de lã que a cobria da garganta aos tornozelos, apenas com alguns arabescos bordados no corpete e as mangas confeccionadas em fio dourado, para suavizar a severidade de seu corte. Ainda melhor, o marrom ajudaria a esconder a sujeira, caso fosse obrigada a se ajoelhar.

– Enquanto estiver confortando minha nora, você falará com as três primas – disse a Taena. – Conquiste Alla, se puder, mas tenha cuidado com o que diz. Os deuses podem não ser os únicos a estar à escuta.

Jaime sempre dizia que a parte mais dura de uma batalha é o momento imediatamente antes, enquanto se espera pelo início da carnificina. Quando saiu para a rua, Cersei viu que o céu estava cinzento e sombrio. Não podia correr o risco de ser apanhada por uma tempestade e chegar ao Septo de Baelor ensopada e enlameada. Isto queria dizer liteira. Como escolta, levou dez guardas domésticos Lannister e Boros Blount.

– A turba de Margaery pode não ter inteligência suficiente para distinguir um Kettleblack do outro – disse a Sor Osmund –, e não posso tê-lo abrindo caminho à força através dos plebeus. É melhor manter-se fora de vista por uns tempos.

Enquanto atravessavam Porto Real, Taena teve uma súbita dúvida.

– Esse julgamento – disse, em voz baixa –, e se Margaery exigir que a sua culpa ou inocência seja determinada por combate judiciário?

Um sorriso roçou nos lábios de Cersei.

– Como rainha, sua honra tem de ser defendida por um cavaleiro da Guarda Real. Ora, qualquer criança em Westeros sabe como o Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, foi o campeão de sua irmã, a Rainha Naerys, contra as acusações de Sor Morghil. Mas com Sor Loras tão gravemente ferido, temo que o papel de Príncipe Aemon tenha de cair sobre um de seus Irmãos Juramentados – encolheu os ombros. – Mas quem? Sor Arys e Sor Balon andam longe, em Dorne, Jaime está em Correrrio, e Sor Osmund é irmão do homem que a acusa, o que deixa apenas... Oh, puxa...

– Boros Blount e Meryn Trant – Senhora Taena soltou uma gargalhada.

– Sim, e Sor Meryn tem andado adoentado nos últimos tempos. Lembre-me de lhe dizer isso quando regressarmos ao castelo.

– Lembrarei, minha querida – Taena pegou-lhe na mão e a beijou. – Rezo para nunca ofendê-la. É terrível quando provocada.

– Qualquer mãe faria o mesmo para proteger seus filhos – Cersei respondeu. – Quando pensa em trazer esse seu garoto para a corte? Russell, não é esse seu nome? Podia treinar com Tommen.

– Isso animaria o garoto, eu sei... Mas as coisas estão tão incertas neste momento, acho melhor esperar até o perigo passar.

– Terminará logo – Cersei prometeu. – Mande uma mensagem para Mesalonga para que Russell embale seu melhor gibão e sua espada de madeira. Um novo jovem amigo será precisamente a coisa certa para ajudar Tommen a esquecer sua perda, depois que a pequena cabeça de Margaery rolar.

Desceram da liteira sob a estátua de Baelor, o Abençoado. A rainha ficou satisfeita por ver que os ossos e a sujeira tinham sido levados dali. Sor Osfryd dissera a verdade; a multidão não era nem tão numerosa nem tão insubmissa como os pardais tinham sido. Estavam por ali em pequenos grupos, fitando carrancudos as portas do Grande Septo, onde uma fileira de septões noviços fora disposta, de bastões nas mãos. *Nada de aço*, Cersei notou. Aquilo era ou muito sensato, ou muito estúpido, não tinha bem certeza.

Ninguém fez a mínima tentativa para detê-la. Tanto o povo como os noviços abriram alas à sua passagem. Uma vez dentro, foram recebidas por três cavaleiros no Salão das Lâmpadas, todos eles envergando as vestes listradas com as cores do arco-íris dos Filhos do Guerreiro.

– Estou aqui para visitar minha nora – disse-lhes Cersei.

– Sua Alta Santidade tem estado à sua espera. Sou Sor Theodan, o Fiel, anteriormente Sor Theodan Wells. Se Vossa Graça me acompanhar.

O Alto Pardal estava ajoelhado, como sempre. Dessa vez rezava diante do altar do Pai. E não interrompeu a prece quando a rainha se aproximou, obrigou-a a esperar impacientemente até terminar. Só então se ergueu e lhe fez uma reverência.

– Vossa Graça. Este é um triste dia.

– Muito triste. Temos a sua licença para falar com Margaery e as primas? – decidiu empregar modos dóceis e humildes; com aquele homem, era capaz de ser esta a atitude que melhor funcionaria.

– Se é este o seu desejo. Depois venha ter comigo, filha. Temos de rezar juntos, você e eu.

A pequena rainha fora confinada no topo de uma das esguias torres do Grande Septo. Sua cela tinha dois metros e meio de comprimento por dois de largura, sem mobília, exceto por um catre forrado de palha e um banco para orações, um jarro de água, uma cópia da *Estrela de Sete Pontas* e uma vela para iluminar a leitura. A única janela era pouco mais larga do que uma seteira.

Cersei foi encontrar Margaery descalça e tremendo, envergando o vestido de tecido grosseiro de uma noviça. Suas madeixas estavam todas emaranhadas, e tinha os pés muito sujos.

– Tiraram minha *roupa* – disse-lhe a pequena rainha quando ficaram a sós. – Trajava um vestido de renda cor de marfim, com pérolas de água doce no corpete, mas as septãs puseram as *mãos* em cima de mim e me despiram por completo. Às minhas primas também. Megga atirou uma septã para cima das velas e incendiou-lhe a toga. Mas temo por Alla. Ficou branca como leite, assustada demais até para chorar.

– Pobre pequena – não havia cadeiras, de modo que Cersei se sentou ao lado da pequena rainha em seu catre. – Senhora Taena foi falar com ela, para lhe fazer saber que não foi esquecida.

– Ele nem sequer me deixa vê-las – enfureceu-se Margaery. – Mantém-nos separadas umas das outras. Até a sua chegada, não me foram permitidas visitas além das septãs. Uma aparece de hora em hora para perguntar se desejo confessar minhas fornicações. Nem sequer me deixam dormir. Acordam-me para exigir confissões. Na noite passada,

confessei à Septã Unella que desejava arrancar-lhe os olhos com as unhas.

*É uma pena não ter feito isso*, Cersei pensou. *Cegar uma pobre septã qualquer certamente persuadiria o Alto Pardal da sua culpa.*

– Estão interrogando suas primas da mesma forma.

– Malditos sejam, então – Margaery esbravejou. – Malditos sejam nos sete infernos. Alla é amável e tímida, como podem sujeitá-la a isso? E Megga... Ela ri alto como uma prostituta das docas, eu sei, mas por dentro não passa de uma garotinha. Amo-as todas, e elas me amam. Se esse pardal pensa em obrigá-las a mentir sobre mim...

– Temo que elas também tenham sido acusadas. Todas as três.

– Minhas *primas*? – Margaery empalideceu. – Alla e Megga pouco mais são do que crianças. Vossa Graça, isto... isto é obsceno. Irá nos tirar daqui?

– Bem gostaria de poder fazê-lo – tinha a voz cheia de pesar. – Sua Alta Santidade tem seus novos cavaleiros guardando-as. Para libertar vocês, precisaria mandar os homens de manto dourado e profanar este lugar santo com uma matança – Cersei pegou na mão de Margaery. – Mas não tenho estado parada. Reuni todos aqueles que Sor Osney identificou como seus amantes. Eles dirão a Sua Alta Santidade que é inocente, tenho certeza, e jurarão isso em seu julgamento.

– Julgamento? – agora havia verdadeiro medo na voz da garota. – Tem de haver um julgamento?

– De que outra forma provaria sua inocência? – Cersei deu à mão de Margaery um apertão tranquilizador. – Tem o direito de escolher a forma de julgamento, é certo. É a rainha. Os cavaleiros da Guarda Real juraram defendê-la.

Margaery compreendeu de imediato.

– Um julgamento por batalha? Mas Loras está ferido, de outra forma ele...

– Ele tem seis irmãos.

Margaery a fitou, e então tirou a mão de entre as suas.

– Isso é alguma piada? Boros é um covarde, Meryn é velho e lento, seu irmão foi mutilado, os outros dois estão longe, em Dorne, e Osmund é um maldito *Kettleblack*. Loras tem *dois* irmãos, e não seis. Se houver julgamento por batalha, quero Garlan como meu campeão.

– Sor Garlan não é membro da Guarda Real – disse a rainha. – Quando a honra da rainha está em causa, a lei e os costumes obrigam a que seu campeão seja um dos sete homens juramentados do rei. O Alto Septão irá insistir, bem temo – *eu me assegurarei disso.*

Margaery não respondeu de imediato, mas seus olhos castanhos estreitaram-se com suspeita.

– Blount ou Trant – disse por fim. – Teria de ser um deles. Gostaria disso, não? Osney Kettleblack faria qualquer um deles em pedaços.

*Sete infernos*. Cersei envergou uma expressão ferida.

– Comete uma injustiça para comigo, filha. Tudo o que quero...

– ... é o seu filho, todo para você. Ele nunca terá uma esposa que não seja odiada por você. E eu *não* sou sua filha, graças aos deuses. Deixe-me.

– Está se comportando como uma tola. Só estou aqui para ajudá-la.

– Para me ajudar a entrar na sepultura. Pedi a você que saísse. Irá me obrigar a chamar os carcereiros para que a arrastem daqui para fora, sua vil, intriguista, malvada cadela?

Cersei apanhou as saias com dignidade.

– Isso deve ser muito assustador para você. Perdoarei essas palavras – ali, como na corte, nunca se sabia quem poderia estar à escuta. – Eu também sentiria medo se estivesse em seu lugar. Grande Meistre Pycelle admitiu que lhe fornecia chá de lua, e o seu Bardo Azul... Se fosse você, senhora, rezaria à Velha por sabedoria e à Mãe por misericórdia. Temo que em breve venha a ter uma terrível necessidade de ambas as coisas.

Quatro septãs grisalhas escoltaram a rainha na descida da escada da torre. Cada uma das velhas parecia mais frágil do que a outra. Quando chegaram ao nível do chão, continuaram a descer, penetrando no coração da Colina de Visenya. Os degraus terminaram muito debaixo da terra, onde uma fileira de archotes tremeluzentes iluminava um longo corredor.

Foi encontrar o Alto Septão à sua espera numa pequena câmara de audiências com sete lados. A sala era simples e espartana, com paredes de pedra nuas, uma mesa toscamente talhada, três cadeiras e um banco de oração. Os rostos dos Sete tinham sido esculpidos nas paredes. Cersei achou as esculturas rudimentares e feias, mas havia certo poder nelas, especialmente em volta dos olhos, globos de ônix, malaquite e selenite amarela, que de algum modo faziam os rostos ganharem vida.

– Falou com a rainha? – perguntou o Alto Septão.

Cersei resistiu à tentação de dizer: *a rainha sou eu.*

– Falei.

– Todos os homens pecam, até os reis e as rainhas. Eu mesmo pequei, e fui perdoado. Mas sem a confissão, não pode haver perdão. A rainha não quer confessar.

– Talvez seja inocente.

– Não é. Santas septãs a examinaram, e atestam que sua virgindade foi quebrada. Ela estava bêbada de chá de lua para assassinar no ventre o fruto de suas fornicações. Um cavaleiro ungido jurou sobre a espada ter tido contato carnal com ela e com duas de suas três primas. Outros também dormiram com ela, segundo ele diz, e fornece muitos nomes de homens, tanto grandes como humildes.

– Meus homens de manto dourado os levaram, todos, para as masmorras – garantiu-lhe Cersei. – Por enquanto só um foi interrogado, um cantor chamado Bardo Azul. O que ele tinha a dizer é perturbador. Mesmo assim, rezo para que, quando minha nora seja levada a julgamento, ainda se prove sua inocência – hesitou. – Tommen ama tanto sua pequena rainha, Vossa Santidade, que temo possa ser difícil para ele ou seus senhores julgá-la com justiça. Talvez o julgamento deva ser conduzido pela Fé?

O Alto Pardal uniu suas mãos magras.

– Tive essa mesma ideia, Vossa Graça. Tal como Maegor, o Cruel, tirou um dia as espadas da Fé, assim Jaehaerys, o Conciliador, nos privou das balanças da justiça. E, no entanto, quem é verdadeiramente digno de julgar uma rainha, além dos Sete no Céu e dos devotos na terra? Um número sagrado de sete juízes presidirá este caso. Três serão do seu sexo, feminino. Uma donzela, uma mãe e uma velha. Quem poderia estar mais preparado para julgar a imoralidade das mulheres?

– Isto será o melhor. Com certeza, Margaery tem o direito de exigir que sua culpa ou inocência seja provada por combate judiciário. Se assim for, seu campeão deve ser um dos Sete de Tommen.

– Os Cavaleiros da Guarda Real serviram como os legítimos campeões do rei e da rainha desde o tempo de Aegon, o Conquistador. A Coroa e a Fé falam a uma só voz quanto a isto.

Cersei cobriu o rosto com as mãos, como quem está em sofrimento. Quando voltou a erguer a cabeça, uma lágrima cintilava num olho.

– Estes são realmente dias tristes – disse –, mas agrada-me ver que estamos tão de acordo. Se Tommen estivesse aqui, sei que lhe agradeceria. Juntos, você e eu, temos de descobrir a verdade.

– Descobriremos.

– Tenho de regressar ao castelo. Com a sua licença, levarei Sor Osney Kettleblack comigo. O pequeno conselho vai querer interrogá-lo e ouvir pessoalmente suas acusações.

– Não – o Alto Septão respondeu.

Foi apenas uma palavra, uma pequena palavra, mas Cersei a sentiu como um balde de água fria na cara. Pestanejou, e sua convicção vacilou, só um pouco.

– Sor Osney ficará preso em segurança, eu lhe garanto.

– Ele está preso em segurança aqui. Venha. Eu lhe mostrarei.

Cersei sentia os olhos dos Sete fixos nela, olhos de jade, malaquite e ônix, e um súbito arrepio de medo a atravessou, frio como gelo. *Eu sou a rainha*, disse a si mesma. *Filha de Lorde Tywin*. Relutantemente, seguiu-o.

Sor Osney não estava longe. O aposento era escuro e fechado por uma pesada porta de ferro. O Alto Septão exibiu a chave que a abria e desprendeu um archote de uma parede para iluminar a sala.

– Faça o favor de entrar, Vossa Graça.

Lá dentro, Osney Kettleblack pendia do teto, nu, balançando de um par de pesadas correntes de ferro. Fora chicoteado. Suas costas e seus ombros tinham sido deixados quase sem pele, e golpes e vergões também lhe cobriam as pernas e o traseiro.

A rainha quase não conseguiu suportar olhá-lo. Virou-se para o Alto Septão.

– O que *fez*?

– Procuramos a verdade, e com grande zelo.

– Ele lhe disse a verdade. Veio ter com você de livre e espontânea vontade e confessou seus pecados.

– Sim. Ele fez isso. Já ouvi muitos homens confessarem, Vossa Graça, mas raramente ouvi um homem tão contente por ser tão culpado.

– Você o *chicoteou*!

– Não pode haver penitência sem dor. Ninguém deve ser poupado do castigo, como eu disse a Sor Osney. Raramente me sinto tão próximo de Deus como quando estou sendo chicoteado pela minha maldade, embora meus pecados mais sombrios não cheguem nem perto do negrume dos dele.

– M-mas – gaguejou –, você prega a misericórdia da Mãe...

– Sor Osney saboreará esse doce leite na vida após a morte. Está escrito na *Estrela de Sete Pontas* que todos os pecados podem ser perdoados, mas os crimes devem ser punidos mesmo assim. Osney Kettleblack é culpado de traição e assassinato, e a pena pela traição é a morte.

*Ele é apenas um sacerdote, não pode fazer isso.*

– Não cabe à Fé condenar um homem à morte, seja qual for seu delito.

– Seja qual for seu delito – o Alto Septão repetiu lentamente as palavras, pesando-as. – É estranho afirmá-lo, Vossa Graça, mas quanto mais diligentemente aplicávamos o chicote, mais os delitos de Sor Osney pareciam mudar. Ele agora quer nos fazer crer que nunca tocou em Margaery Tyrell. Não é verdade, Sor Osney?

Osney Kettleblack abriu os olhos. Quando viu a rainha ali, diante de si, passou a língua pelos lábios inchados e disse:

– A Muralha. Prometeu-me a Muralha.

– Está louco – Cersei rebateu. – Você o levou à loucura.

– Sor Osney – disse o Alto Septão, numa voz firme e clara –, teve contatos carnais com a rainha?

– Sim – as correntes retiniram levemente quando Osney nelas se torceu. – Com essa aí. Foi ela a rainha que fodi, e a que me mandou matar o antigo Alto Septão. O homem não tinha guardas. Limitei-me a entrar quando ele dormia e comprimi uma almofada em seu rosto.

Cersei rodopiou sobre si mesma e fugiu.

O Alto Septão tentou apanhá-la, mas era um pardal velho, e ela era uma leoa do Rochedo. Empurrou-o para o lado e atravessou a porta de rompante, fechando-a atrás de si com estrondo. *Os Kettleblack, preciso dos Kettleblack, enviarei Osfryd com os homens de manto dourado e Osmund com a Guarda Real, Osney negará tudo assim que o libertarem, e eu me livro do Alto Septão como me livrei do outro.* As quatro velhas septãs bloquearam-lhe a passagem e tentaram agarrá-la com suas mãos

encarquilhadas. Atirou uma ao chão, arranhou o rosto de outra e chegou à escada. No meio da subida, lembrou-se de Taena Merryweather. A recordação a fez tropeçar, arquejante. *Que os Sete me salvem*, orou. *Taena sabe de tudo. Se também a apanharem, e a chicotearem...*

Conseguiu fugir até o septo, mas não foi mais longe. Havia mulheres à sua espera ali, mais septãs e também irmãs silenciosas, mais novas do que as quatro velhas lá de baixo.

– Eu sou a *rainha* – gritou, recuando para longe delas. – Mandarei decapitá-las por isso, mandarei decapitar todos. Deixem-me passar – em vez disso, agarraram-na. Cersei fugiu para o altar da Mãe, mas apanharam-na aí, uma vintena delas, e a arrastaram, esperneando, pelas escadas da torre acima. Dentro da cela, três irmãs silenciosas seguraram-na enquanto uma septã chamada Scolera a despia por completo. Até lhe levou a roupa de baixo. Outra septã lhe atirou um vestido de tecido grosseiro. – Não pode fazer isso – a rainha não parava de gritar. – Sou uma Lannister, solte-me, meu irmão matará você, Jaime abrirá você da garganta à boceta, *largue-me*! Eu sou *a rainha*!

– A rainha devia rezar – disse Septã Scolera, antes de a deixarem nua na cela fria e desolada.

Cersei não era a dócil Margaery Tyrell, para enfiar seu vestidinho e se submeter a um tal cativeiro. *Ensinarei a eles o que significa pôr um leão numa jaula*, pensou. Rasgou o vestido em cem pedaços, descobriu um jarro de água e o esmagou contra a parede, e então fez o mesmo com o penico. Quando ninguém apareceu, pôs-se a esmurrar a porta. A escolta que trouxera estava lá embaixo, na praça: dez guardas Lannister e Sor Boros Blount. *Quando me ouvirem, virão me buscar e arrastarão o maldito Alto Pardal para a Fortaleza Vermelha, acorrentado.*

Gritou, deu pontapés e uivou até lhe doer a garganta, à porta e à janela. Ninguém gritou em resposta, nem veio salvá-la. A cela começou a escurecer. Também estava esfriando. Cersei pôs-se a tremer. *Como podem me deixar assim, sem um fogo sequer? Eu sou a sua rainha*. Começou a se arrepender de ter rasgado o vestido que lhe tinham dado. Havia uma manta no catre do canto, uma coisa puída de fina lã marrom. Era áspera e pinicava, mas era tudo que tinha. Cersei aninhou-se debaixo da manta para evitar tremer, e não muito depois caiu num sono exausto.

Quando voltou a si, uma mão pesada a sacudia para acordá-la. Estava um negro de breu dentro da cela, e uma mulher enorme e feia estava ajoelhada por cima dela, com uma vela na mão.

– Quem é você? – quis saber a rainha. – Veio me libertar?

– Sou a Septã Unella. Vim ouvir você contar tudo sobre seus assassinatos e suas fornicações.

Cersei afastou-lhe a mão com uma palmada.

– Mandarei cortar sua cabeça. Não ouse me tocar. Vá embora.

A mulher ergueu-se.

– Vossa Graça. Voltarei dentro de uma hora. Talvez então esteja pronta para confessar.

Uma hora, e uma hora, e uma hora. Assim se passou a mais longa noite que Cersei Lannister alguma vez conhecera, à exceção da noite do casamento de Joffrey. A garganta lhe doía de tanto gritar, e quase não conseguia engolir. A cela ficou gelada. Quebrara o penico, de modo que teve de se acocorar a um canto para urinar e ver os dejetos escorrer pelo chão. Cada vez que fechava os olhos, Unella aparecia de novo por cima dela, sacudindo-a e lhe perguntando se queria confessar seus pecados.

Com o dia não veio nenhum alívio. Septã Moelle trouxe-lhe uma tigela de mingau de aveia aguado e cinza ao nascer do sol. Cersei atirou-lhe a tigela na cabeça. Mas, quando trouxeram um novo jarro de água, tinha tanta sede que não teve escolha exceto beber. Quando trouxeram outro vestido, cinza, fino e cheirando a bolor, envergou-o sobre sua nudez. E nessa noite, quando Moelle voltou a aparecer, comeu o pão e o peixe e exigiu vinho para empurrá-los para baixo. Não apareceu nenhum vinho, só Septã Unella, fazendo sua visita marcada para perguntar se a rainha estava pronta para confessar.

*O que está acontecendo?*, perguntou Cersei a si mesma quando a fina fatia de céu que se via de sua janela começou a escurecer de novo. *Por que ninguém veio me tirar daqui?* Não conseguia acreditar que os Kettleblack abandonassem o irmão. O que seu conselho estava fazendo? *Covardes e traidores. Quando sair daqui, mandarei decapitar o bando inteiro, e arranjarei homens melhores para seus lugares.*

Por três vezes, nesse dia, ouviu os sons de gritos distantes erguendo-se da praça, mas era o nome de Margaery que a multidão gritava, não o seu.

Era perto da aurora do segundo dia e Cersei lambia o resto do mingau do fundo da tigela quando a porta de sua cela se abriu inesperadamente para deixar Lorde Qyburn entrar. Foi com dificuldade que resistiu à tentação de se atirar aos seus braços.

– Qyburn – murmurou –, oh, deuses, estou tão satisfeita por ver seu rosto. Leve-me para casa.

– Isto não será permitido. Deverá ser julgada perante um tribunal sagrado de sete, por assassinato, traição e fornicação.

Cersei estava tão exausta que, a princípio, as palavras não lhe pareceram fazer sentido.

– Tommen. Fale-me de meu filho. Ele ainda é rei?

– Sim, Vossa Graça. Está bem e em segurança no interior das muralhas da Fortaleza de Maegor, protegido pela Guarda Real. Mas sente-se só. Pergunta por você e por sua pequena rainha. Por enquanto, ninguém lhe falou de... de seu...

– ... de minhas dificuldades? – Cersei sugeriu. – E Margaery?

– Deverá ser julgada também, pelo mesmo tribunal que conduzirá seu julgamento. Mandei entregar o Bardo Azul ao Alto Septão, como Vossa Graça ordenou. Está agora aqui, em algum lugar abaixo de nós. Meus informantes dizem que o estão chicoteando, mas por enquanto continua a cantar a mesma doce canção que lhe ensinamos.

*A mesma doce canção*. Tinha a cabeça embotada por falta de sono. *Wat, o verdadeiro nome dele é Wat*. Se os deuses fossem bons, Wat podia morrer sob o chicote, deixando Margaery sem maneira alguma de provar que seu testemunho era falso.

– Onde estão meus cavaleiros? Sor Osfryd... o Alto Septão pretende matar seu irmão Osney, seus homens de manto dourado têm de...

– Osfryd Kettleblack já não comanda a Patrulha da Cidade. O rei o destituiu do cargo e nomeou para o seu lugar o capitão do Portão do Dragão, um certo Humfrey Waters.

Cersei estava tão cansada que nada daquilo fazia sentido.

– Por que Tommen faria isso?

– O garoto não tem culpa. Quando seu conselho lhe põe um decreto na frente, assina seu nome e põe o selo.

– Meu conselho... quem? Quem faria isso? Você não...

– Infelizmente fui demitido do conselho, embora por enquanto permitam que continue meu trabalho com os informantes do eunuco. O reino é governado por Sor Harys Swyft e pelo Grande Meistre Pycelle. Enviaram um corvo para Rochedo Casterly, convidando seu tio a regressar à corte e assumir a regência. Se ele quiser aceitar, é bom que se apresse. Mace Tyrell abandonou o cerco de Ponta Tempestade e marcha de volta à cidade com seu exército, e há relatos de que Randyll Tarly também está a caminho, desde Lagoa da Donzela.

– Lorde Merryweather concordou com isso?

– Merryweather demitiu-se de seu lugar no conselho e fugiu para Mesalonga com a esposa, que foi quem primeiro nos trouxe a notícia de... das acusações... contra Vossa Graça.

– Deixaram Taena ir – aquela era a melhor coisa que ouvia desde que o Alto Pardal dissera não. Taena poderia tê-la condenado. – E Lorde Waters? Seus navios... se ele trouxer as tripulações para terra, deve ter homens suficientes para...

– Assim que a notícia dos atuais problemas de Vossa Graça chegou ao rio, Lorde Waters içou as velas, pôs os remos na água e levou a frota para o mar. Sor Harys teme que ele pretenda se juntar a Lorde Stannis. Pycelle crê que ele se dirige aos Degraus, para se estabelecer como pirata.

– Todos os meus lindos dromones – Cersei quase riu. – O senhor meu pai costumava dizer que os bastardos eram traiçoeiros por natureza. Gostaria de lhe ter dado ouvidos – estremeceu. – Estou perdida, Qyburn.

– Não – ele pegou a mão de Cersei. – Ainda há esperança. Vossa Graça tem o direito de provar sua inocência por combate. Minha rainha, seu campeão está a postos. Não há homem em todos os Sete Reinos que tenha esperança de lhe fazer frente. Se desse a ordem...

Daquela vez ela realmente riu. Era engraçado, terrivelmente engraçado, hediondamente engraçado.

– Os deuses transformaram em piadas todas as nossas esperanças e planos. Tenho um campeão que ninguém pode derrotar, mas estou proibida de usá-lo. Eu sou a *rainha*, Qyburn. Minha honra só pode ser defendida por um Irmão Juramentado da Guarda Real.

– Entendo – o sorriso morreu no rosto de Qyburn. – Vossa Graça, não sei o que dizer. Não sei como aconselhá-la...

Mesmo em seu estado exausto e assustado, a rainha sabia que não se atrevia a confiar seu destino a um tribunal de pardais. Tampouco podia contar com a intervenção de Sor Kevan, depois das palavras que tinham sido trocadas entre ambos da última vez que se encontraram. *Terá de ser julgamento por combate. Não há outra maneira*.

– Qyburn, pelo amor que tem a mim, suplico-lhe, envie uma mensagem em meu nome. Um corvo, se puder. Se não, um mensageiro a cavalo. Deve enviá-la para Correrrio, para o meu irmão. Conte-lhe o que aconteceu, e escreva... escreva...

– Sim, Vossa Graça?

Cersei lambeu os lábios, tremendo.

– Venha imediatamente. Ajude-me. Salve-me. Preciso de você como nunca antes precisei. Eu o amo. Amo. Amo. *Venha imediatamente*.

– Às suas ordens. Três vezes "amo"?

– Três vezes – tinha de chegar até ele. – Ele virá. Sei que sim. Tem de vir. Jaime é minha única esperança.

– Minha rainha... – disse Qyburn – esqueceu-se? Sor Jaime não tem a mão da espada. Se lutar por você e perder...

*Deixaremos este mundo juntos, como chegamos a ele um dia.*

– Ele não perderá. Jaime não. Não com a minha vida em jogo.

## JAIME

O novo Senhor de Correrrio estava tão zangado que tremia.

– Fomos enganados – disse. – Este homem nos ludibriou! – perdigotos cor-de-rosa voavam de seus lábios enquanto espetava um dedo em Edmure Tully. – Quero a sua cabeça! Eu governo em Correrrio, por decreto do próprio rei, eu...

– Emmon – disse a esposa –, o Senhor Comandante conhece o decreto do rei. Sor Edmure conhece o decreto do rei. Os moços de estrebaria conhecem o decreto do rei.

– *O senhor sou eu, e vou ter a cabeça dele!*

– Por qual crime? – apesar de estar bastante magro, Edmure ainda tinha um aspecto mais senhorial do que Emmon Frey. Trazia um gibão acolchoado de lã vermelha com uma truta saltitante bordada no peito. As botas eram negras, os calções, azuis. Seus cabelos ruivos tinham sido lavados e cortados, sua barba vermelha cortada curta. – Fiz tudo aquilo que me foi pedido.

– Ah, é mesmo? – Jaime Lannister não dormira desde que Correrrio abrira os portões, e sua cabeça latejava. – Não me lembro de lhe pedir para deixar Sor Brynden escapar.

– Exigiu que eu entregasse o castelo, não o meu tio. Será culpa minha que seus homens o tenham deixado se esgueirar através de suas linhas de cerco?

Jaime não estava se divertindo.

– *Onde ele está?* – sua voz deixava transparecer a irritação que sentia. Seus homens tinham revirado Correrrio por três vezes, e Brynden Tully não fora encontrado em lugar nenhum.

– Ele não chegou a me dizer para onde pretendia ir.

– E você não perguntou. Como foi que ele saiu?

– Os peixes nadam. Até os negros – Edmure sorriu.

Jaime sentiu-se fortemente tentado a esmurrar-lhe a boca com a mão de ouro. Alguns dentes a menos poriam fim aos seus sorrisos. Para um homem que ia passar o resto da vida como prisioneiro, Edmure estava contente demais consigo mesmo.

– Temos masmorras por baixo de Rochedo Casterly que servem tão bem a um homem como uma armadura. Nelas, não é possível se virar, sentar-se ou alcançar os pés quando as ratazanas começam a roer seus dedos. Gostaria de reformular essa resposta?

O sorriso de Lorde Edmure desapareceu.

– Deu sua palavra de que seria tratado com honra, como é próprio do meu estatuto.

– E será – disse Jaime. – Cavaleiros mais nobres do que você morreram às lágrimas nessas masmorras, e muitos grandes senhores também. Até um ou dois reis, se bem recordo a história. Sua esposa pode ficar com outra cela ao lado da sua, se quiser. Não gostaria de separar os dois.

– Ele nadou mesmo – disse Edmure, carrancudo. Tinha os mesmos olhos azuis da irmã Catelyn, e Jaime viu neles a mesma repugnância que um dia vira nos dela. – Erguemos a porta levadiça do Portão da Água. Não toda, só cerca de um metro. O suficiente para abrir espaço sob a água, embora o portão continuasse a parecer estar fechado. Meu tio é um bom nadador. Depois de escurecer, enfiou-se por baixo dos espigões.

*E da mesma forma se esgueirou por baixo de nossa represa flutuante, sem dúvida.* Uma noite sem luar, guardas entediados, um peixe negro num rio negro boiando, em silêncio, corrente abaixo. Se Ruttiger, Yew ou qualquer um de seus homens ouviu um ruído de água, atribuiu-o a uma tartaruga ou a uma truta. Edmure esperara a maior parte do dia antes de arriar o lobo gigante de Stark em sinal de rendição. Na confusão que envolvera a passagem do castelo de umas mãos para as outras, só na manhã seguinte informaram Jaime de que o Peixe Negro não se encontrava entre os prisioneiros.

Dirigiu-se à janela e estendeu o olhar pelo rio. Era um luminoso dia de outono, e o sol brilhava nas águas. *A essa altura, Peixe Negro pode estar dez léguas para jusante.*

– Temos de encontrá-lo – insistiu Emmon Frey.

– Ele será encontrado – Jaime falou com uma certeza que não sentia. – Tenho cães de caça e caçadores em busca de seu rastro neste exato momento – Sor Addam Marbrand liderava as buscas na margem sul do rio, e Sor Dermot da Mata de Chuva na margem norte. Pensara em envolver também os senhores do rio, mas era mais provável que Vance, Piper e os de sua laia ajudassem Peixe Negro a escapar do que o acorrentassem. Contas feitas, não se sentia esperançoso. – Ele pode fugir de nós durante algum tempo – disse –, mas acabará por ter de subir à superfície.

– E se ele tentar tomar meu castelo de volta?

– Tem uma guarnição de duzentos homens – uma guarnição grande demais, na verdade, mas Lorde Emmon tinha um temperamento ansioso. Pelo menos não teria problemas em alimentá-la; Peixe Negro deixara Correrrio amplamente aprovisionado, tal como dissera. – Depois do esforço que Sor Brynden fez para nos deixar, duvido que volte a aparecer – *a menos que se torne líder de um bando de fora da lei*. Não duvidava que Peixe Negro pretendia continuar o combate.

– Esta é a sua propriedade – disse a Senhora Genna ao marido. – Cabe a você defendê-la. Se não conseguir fazê-lo, passe-a no archote e corra de volta ao Rochedo.

Lorde Emmon esfregou a boca. A mão tornou-se vermelha e viscosa da folhamarga.

– Com certeza. Correrrio é meu, e nunca ninguém o tirará de mim – lançou a Edmure Tully um último olhar desconfiado, enquanto Senhora Genna o arrastava para fora do aposento privado.

– Há mais alguma coisa que deseja me dizer? – perguntou Jaime a Edmure quando os dois ficaram a sós.

– Este é o aposento privado do meu pai – o Tully respondeu. – Governou as terras fluviais a partir daqui, com sabedoria e competência. Gostava de se sentar junto àquela janela. A luz ali era boa, e sempre que levantava os olhos de seu trabalho via o rio. Quando sentia os olhos cansados, pedia a Cat que lhe lesse em voz alta. Certa vez, Mindinho e eu construímos um castelo de blocos de madeira, ali, ao lado da porta. Nunca saberá como vê-lo nesta sala me deixa doente, Regicida. Nunca saberá quanto o desprezo.

Quanto àquilo, enganava-se.

– Já fui desprezado por homens melhores do que você, Edmure – Jaime chamou um guarda. – Leve sua senhoria de volta à sua torre, e assegure-se de que seja alimentado.

O Senhor de Correrrio saiu em silêncio. Na manhã seguinte, partiria para oeste. Sor Forley Prester comandaria sua escolta; cem homens, incluindo vinte cavaleiros. *É melhor duplicar esse número. Lorde Beric pode tentar libertar Edmure antes de chegarem a Dente Dourado*. Jaime não queria ter de capturar o Tully pela terceira vez.

Regressou à cadeira de Hoster Tully, pegou o mapa do Tridente e o alisou sob a mão dourada. *Para onde eu iria se fosse Peixe Negro?*

– Senhor Comandante? – um guarda estava à porta. – A Senhora Westerling e a filha estão lá fora, conforme ordenou.

Jaime pôs o mapa de lado.

– Mande-as entrar – *ao menos a garota não desapareceu também*. Jeyne Westerling tinha sido a rainha de Robb Stark, a garota que lhe custara tudo. Com um lobo na barriga, podia ter se mostrado mais perigosa do que Peixe Negro.

Não parecia perigosa. Jeyne era uma garota esbelta, com não mais que quinze ou dezesseis anos, mais desajeitada do que graciosa. Tinha quadris estreitos, seios do tamanho de maçãs, uma juba de cachos castanhos e os suaves olhos castanhos de uma corça. *Bastante bonita para uma criança*, Jaime considerou, *mas não é garota por quem perder um reino*. Tinha o rosto inchado, e havia uma crosta em sua testa, meio escondida por uma madeixa de cabelos castanhos.

– O que aconteceu aí? – perguntou-lhe Jaime.

A garota virou a cabeça para o lado.

– Não é nada – insistiu a mãe, uma mulher de rosto severo, com um vestido de veludo verde. Um colar de conchas de ouro envolvia-lhe o longo e magro pescoço. – Ela não queria abrir mão da coroazinha que o rebelde lhe deu, e quando tentei tirar de sua da cabeça, a teimosa resistiu.

– Era minha – Jeyne soluçava. – Não tinha direito. Robb mandou fazê-la para mim. Eu o *amava*.

A mãe ameaçou esbofeteá-la, mas Jaime interpôs-se entre as duas.

– Nada disso – avisou à Senhora Sybell. – Sentem-se, ambas – a garota enrolou-se na cadeira como um animal assustado, mas a mãe sentou-se

rigidamente, de cabeça erguida. – Querem vinho? – perguntou-lhes. A garota não respondeu.

– Não, obrigada – a mãe respondeu.

– Como quiserem – Jaime virou-se para a filha. – Lamento sua perda. O rapaz tinha coragem, admito. Há uma pergunta que tenho de lhe fazer. Espera um filho dele, senhora?

Jeyne saltou da cadeira e teria fugido da sala se o guarda que se encontrava à porta não a tivesse segurado pelo braço.

– Não está – disse a Senhora Sybell, enquanto a filha lutava por escapar. – Assegurei-me disso, como o senhor seu pai me pediu.

Jaime assentiu com a cabeça. Tywin Lannister não era homem para não prestar atenção a esses detalhes.

– Largue a garota – disse –, já não preciso dela, por ora – enquanto Jeyne fugia, aos soluços, escada acima, examinou a mãe. – A Casa Westerling tem seu perdão, e seu irmão Rolph foi nomeado Senhor de Castamere. Que mais quer de nós?

– O senhor seu pai prometeu-me casamentos meritórios para Jeyne e para a irmã mais nova. Senhores ou herdeiros, jurou-me ele, não irmãos mais novos nem cavaleiros domésticos.

*Senhores ou herdeiros. Com certeza*. Os Westerling eram uma Casa antiga e orgulhosa, mas a própria Senhora Sybell nascera Spicer, numa linhagem de mercadores enobrecidos. A avó fora uma espécie qualquer de bruxa meio louca vinda do leste, segundo julgava recordar. E os Westerling estavam empobrecidos. Filhos mais novos teriam sido o melhor que as filhas de Sybell Spicer poderiam ter almejado numa situação normal, mas um bom e gordo pote de ouro Lannister faria até a viúva de um rebelde morto parecer atraente aos olhos de algum senhor.

– Terão seus casamentos – disse Jaime –, mas Jeyne tem de esperar dois anos completos antes de voltar a se casar – se a garota tomasse outro esposo cedo demais e tivesse um filho dele, inevitavelmente surgiriam rumores de que o pai era o Jovem Lobo.

– Também tenho dois filhos – fez-lhe lembrar a Senhora Westerling. – Rollam está comigo, mas Raynald era cavaleiro e foi com os rebeldes para as Gêmeas. Se eu tivesse sabido o que ia acontecer ali, nunca teria permitido tal coisa – havia uma sugestão de censura em sua voz. –

Raynald nada sabia de... do entendimento com o senhor seu pai. Ele pode estar cativo nas Gêmeas.

*Ou pode estar morto*. Walder Frey também não teria sabido do *entendimento*.

– Irei investigar. Se Sor Raynald ainda estiver cativo, pagaremos seu resgate em seu nome.

– Foi mencionada a ideia de também arranjar uma união para ele. Uma noiva de Rochedo Casterly. O senhor seu pai disse que Raynald deveria ficar feliz, se tudo corresse como esperava.

*Mesmo da cova a mão morta de Lorde Tywin move-nos a todos.*

– Felity é filha ilegítima de meu falecido tio Gerion. Um noivado pode ser combinado, se for este o seu desejo, mas o casamento terá de esperar. Felity tinha nove ou dez anos da última vez que a vi.

– Filha *ilegítima*? – Senhora Sybell pareceu ter acabado de engolir um limão. – Quer que um Westerling case com uma *bastarda*?

– Não o desejo mais do que ver Felity casada com o filho de uma cadela intriguista e traiçoeira. Ela merece algo melhor – Jaime teria estrangulado alegremente a mulher com seu colar de conchas. Felity era uma criança adorável, ainda que solitária; o pai fora o tio preferido de Jaime. – Sua filha vale dez vezes mais do que você, senhora. Amanhã partirão com Edmure e Sor Forley. Até lá faria bem em ficar longe da minha vista – gritou por um guarda, e a Senhora Sybell saiu com os lábios firmemente comprimidos. Jaime teve de perguntar a si mesmo quanto Lorde Gawen saberia das intrigas da mulher. *Quanto sabemos nós, os homens?*

Quando Edmure e os Westerling partiram, quatrocentos homens seguiram com eles; Jaime voltara a duplicar a escolta no último instante. Acompanhou-os ao longo de algumas milhas, para conversar com Sor Forley Prester. Embora trouxesse uma cabeça de touro no sobretudo e cornos no elmo, o homem não poderia ser menos bovino. Era baixo, seco e endurecido. Com seu nariz achatado, a careca e a barba castanha salpicada de cinza, parecia-se mais com um estalajadeiro do que com um cavaleiro.

– Não sabemos onde está Peixe Negro – Jaime lembrou-lhe –, mas se tiver oportunidade de libertar Edmure, ele o fará.

– Isso não acontecerá, senhor – assim como a maioria dos estalajadeiros, Sor Forley não era nenhum tolo. – Batedores e guardas avançados ocultarão nossa marcha, e fortificaremos os acampamentos durante a noite. Escolhi dez homens para ficar com o Tully noite e dia, meus melhores arqueiros. Se ele sair da estrada, mesmo que seja por dez centímetros, dispararão tantas flechas sobre ele que a própria mãe o confundirá com um ganso.

– Ótimo – Jaime preferiria que o Tully chegasse a salvo a Rochedo Casterly, mas antes morto do que foragido. – É melhor também manter alguns arqueiros perto da filha de Lorde Westerling.

Sor Forley pareceu surpreso.

– A filha de Gawen? Ela é...

– ... a viúva do Jovem Lobo – concluiu Jaime –, e duas vezes mais perigosa do que Edmure, se conseguir fugir.

– Às suas ordens, senhor. Ela será vigiada.

Jaime teve de passar a meio galope pelos Westerling ao percorrer a coluna de volta a Correrrio. Lorde Gawen acenou-lhe gravemente quando passou, mas Senhora Sybell olhou através dele com olhos que eram como lascas de gelo. Jeyne não chegou a vê-lo. A viúva seguia de olhos baixos, aninhada sob um manto com capuz. Sob as pesadas dobras do manto, suas roupas eram finas, mas estavam rasgadas. *Rasgou-as ela mesma, em sinal de luto*, Jaime compreendeu. *Isso não deve ter agradado a mãe*. Deu por si curioso em saber se Cersei rasgaria o vestido se alguma vez lhe dissessem que ele estava morto.

Em vez de regressar ao castelo de imediato, atravessou uma vez mais o Pedregoso para fazer uma visita a Edwyn Frey e discutir a transferência dos prisioneiros do bisavô. A hoste Frey começara a se desagregar horas depois da rendição de Correrrio, à medida que os vassalos e cavaleiros livres de Lorde Walder iam desmontando os acampamentos para se dirigirem para casa. Os Frey que ainda restavam se preparavam para partir, mas foi encontrar Edwyn com o tio bastardo no pavilhão deste último.

Os dois estavam debruçados sobre um mapa, discutindo acaloradamente, mas calaram-se quando Jaime entrou.

– Senhor Comandante – disse Rivers com fria cortesia, mas Edwyn exclamou:

– O sangue de meu pai está em suas mãos, sor.

Aquilo apanhou Jaime de surpresa.

– Como assim?

– Foi você quem o mandou para casa, não foi?

*Alguém tinha de fazê-lo.*

– Aconteceu algum infortúnio a Sor Ryman?

– Foi enforcado com toda sua comitiva – disse Walder Rivers. – Os fora da lei os capturaram duas léguas a sul de Feirajusta.

– Dondarrion?

– Ou ele ou Thoros, ou aquela mulher, Coração de Pedra.

Jaime franziu as sobrancelhas. Ryman Frey tinha sido um idiota, um covarde e um beberrão, e não era provável que alguém sentisse muitas saudades do homem, em particular os outros Frey. Se os olhos secos de Edwyn eram indicação de algo, nem mesmo seus próprios filhos fariam luto por ele durante muito tempo. *Mesmo assim... Esses fora da lei estão se tornando ousados se se atrevem a enforcar o herdeiro de Lorde Walder a menos de um dia a cavalo das Gêmeas.*

– Quantos homens Sor Ryman tinha consigo? – quis saber.

– Três cavaleiros e uma dúzia de homens de armas – disse Rivers. – É quase como se soubessem que ele ia regressar às Gêmeas, e com uma escolta pequena.

A boca de Edwyn torceu-se.

– Meu irmão está metido nisto, aposto. Ele deixou os fora da lei escapar depois de terem assassinado Merrett e Petyr, e o motivo é este. Com nosso pai morto, só resta a mim entre Walder Negro e as Gêmeas.

– Não há nenhuma prova disso – disse Walder Rivers.

– Não preciso de provas. Conheço meu irmão.

– Seu irmão está em Guardamar – insistiu Rivers. – Como ele poderia saber que Sor Ryman ia regressar às Gêmeas?

– Alguém lhe disse – disse Edwyn em tom amargo. – Pode ter certeza de que ele tem espiões em nosso acampamento.

*E você tem espiões em Guardamar*. Jaime sabia que a inimizade entre Edwyn e Walder Negro era profunda, mas qual deles sucederia o avô como Senhor da Travessia não lhe interessava.

– Perdoe-me por me intrometer em sua dor – disse secamente –, mas temos outros assuntos a ponderar. Quando regressar às Gêmeas, por

favor, informe Lorde Walder que o Rei Tommen exige todos os cativos que aprisionaram no Casamento Vermelho.

Sor Walder franziu as sobrancelhas.

– Esses prisioneiros são valiosos, sor.

– Sua Graça não os pediria se fossem inúteis.

Frey e Rivers trocaram um olhar. Edwyn disse:

– O senhor meu avô esperará uma recompensa por esses prisioneiros.

*E a terá, assim que me crescer uma nova mão*, Jaime respondeu em pensamento.

– Todos nós temos esperanças – disse com brandura. – Diga-me, Sor Raynald Westerling conta-se entre esses cativos?

– O cavaleiro das conchas? – Edwyn fez uma expressão de desprezo. – Esse pode ser encontrado alimentando os peixes no fundo do Ramo Verde.

– Ele estava no pátio quando nossos homens foram abater o lobo gigante – disse Walder Rivers. – Whalen exigiu-lhe a espada, e ele a entregou com bastante docilidade, mas quando os besteiros começaram a encher o lobo de flechas, pegou no machado de Whalen e libertou o monstro da rede que lhe tinham atirado. Whalen diz que recebeu um dardo no ombro e outro nas tripas, mas ainda conseguiu chegar ao adarve e se atirar no rio.

– Deixou uma trilha de sangue nos degraus – Edwyn acrescentou.

– Encontraram seu cadáver mais tarde? – Jaime quis saber.

– Encontramos mil cadáveres mais tarde. Depois de passarem alguns dias no rio, ficam todos muito parecidos uns com os outros.

– Ouvi dizer que o mesmo acontece com os enforcados – Jaime rebateu antes de se retirar.

Na manhã seguinte, pouco restava do acampamento Frey além de moscas, bosta de cavalo e o cadafalso de Sor Ryman, abandonado na margem do Pedregoso. O primo quis saber o que fazer com ele e com o equipamento de cerco que construíra, os aríetes, as tartarugas, as torres e as catapultas. Daven propôs que arrastassem tudo para Corvarbor e o usassem ali. Jaime disse-lhe para passar tudo no archote, começando pelo cadafalso.

– Pretendo lidar em pessoa com Lorde Tytos. Não será necessária uma torre de cerco.

Daven trespassou a espessa barba com um sorriso.

– Combate singular, primo? Não parece muito justo. Tytos é um velho grisalho.

*Um velho grisalho com duas mãos.*

Nessa noite, ele e Sor Ilyn lutaram durante três horas. Foi uma de suas melhores noites. Se o combate fosse de verdade, Payne só o teria matado por duas vezes. Meia dúzia de mortes eram o mais comum, e havia noites ainda piores.

– Se continuar com isso durante mais um ano, posso me tornar tão bom quanto Peck – Jaime declarou, e Sor Ilyn soltou os estalidos que queriam dizer que estava se divertindo. – Venha, vamos beber mais um pouco do bom vinho tinto de Hoster Tully.

O vinho tornara-se parte de seu ritual noturno. Sor Ilyn era o companheiro de bebida perfeito. Nunca interrompia, nem pedia favores, nem contava longas histórias sem importância. Tudo que fazia era beber e escutar.

– Eu devia mandar arrancar a língua de todos os meus amigos – disse Jaime enquanto lhes enchia as taças –, e à minha família também. Uma Cersei silenciosa seria uma delícia. Embora fosse sentir falta de sua língua quando nos beijássemos – e bebeu. O vinho era um tinto forte, doce e pesado. Aquecia-o ao descer. – Não consigo me lembrar de quando começamos a nos beijar. A princípio, foi inocente. Até deixar de ser – terminou o vinho e pôs a taça de lado. – Tyrion disse-me uma vez que a maioria das putas não nos beija. Fodem-nos até nos deixarem sem forças, ele disse, mas nunca sentimos os lábios delas nos nossos. Acha que minha irmã beija Kettleblack?

Sor Ilyn não respondeu.

– Não me parece que seria apropriado que eu mate meu próprio Irmão Juramentado. O que tenho de fazer é castrá-lo e enviá-lo para a Muralha. Foi isso que fizeram com Lucamore, o Ardente. Sor Osmund pode não aceitar de bom grado a castração, é certo. E há os irmãos a se levar em conta. Irmãos podem ser perigosos. Depois de Aegon, o Indigno, condenar Sor Terrence Toyne à morte por dormir com sua amante, os irmãos de Toyne fizeram o melhor que puderam para matá-lo. Mas o melhor que puderam não foi suficientemente bom, graças ao Cavaleiro

do Dragão, mas não foi por falta de tentar. Está escrito no Livro Branco. Está tudo lá, menos o que fazer com Cersei.

Sor Ilyn passou um dedo pela garganta.

– Não – Jaime respondeu. – Tommen perdeu um irmão, e o homem em quem pensava como pai. Se eu matasse a mãe, me odiaria por isso... E aquela sua querida esposa arranjaria uma forma de usar esse ódio para benefício de Jardim de Cima.

Sor Ilyn sorriu de um modo que não agradou a Jaime. *Um sorriso feio. Uma alma feia.*

– Fala demais – disse ao homem.

No dia seguinte, Sor Dermot da Mata de Chuva regressou ao castelo de mãos vazias. Quando lhe perguntaram o que encontrara, respondeu:

– Lobos. Milhares dos malditos bichos – tinha perdido dois sentinelas para os lobos. Tinham saltado da escuridão para atacá-los. – Homens armados revestidos de cota de malha e couro fervido, e mesmo assim as feras não tiveram medo deles. Antes de morrer, Jate disse que a alcateia era liderada por uma loba de tamanho monstruoso. Um lobo gigante, a julgar por suas palavras. Os lobos também penetraram em nossas linhas de cavalos. Os malditos bastardos mataram meu baio preferido.

– Um anel de fogueiras em volta de seu acampamento poderia mantê-los afastados – Jaime sugeriu, embora tivesse dúvidas. Poderia o lobo gigante de Sor Dermot ser o mesmo animal que atacara Joffrey perto do entroncamento?

Lobos ou não, Sor Dermot voltou a sair na manhã seguinte, com cavalos descansados e mais homens, a fim de retomar as buscas por Brynden Tully. Nessa mesma tarde, os senhores do Tridente vieram ter com Jaime para lhe pedir licença para regressarem às suas terras. Ele a concedeu. Lorde Piper também quis saber novidades do filho Marq.

– Todos os cativos serão resgatados – Jaime prometeu. Enquanto os senhores do rio se retiravam, Lorde Karyl Vance deixou-se ficar para trás, para dizer:

– Lorde Jaime, tem de ir a Corvarbor. Enquanto for Jonos quem está junto de seus portões, Tytos nunca se renderá, mas sei que dobrará o joelho para você – Jaime agradeceu-lhe o conselho.

Varrão Forte foi quem partiu em seguida. Queria regressar a Darry, conforme prometera, e dar combate aos fora da lei.

– Atravessamos metade do raio do reino, e para quê? Para que pudesse fazer Edmure Tully mijar-se nas calças? Não há nenhuma canção para isso. Preciso de uma *luta*. Quero o Cão de Caça, Jaime. Ele ou o senhor das Marcas.

– A cabeça do Cão de Caça é sua se conseguir apanhá-la – Jaime lhe respondeu –, mas Beric Dondarrion deve ser capturado vivo, para ser levado para Porto Real. Sua morte tem de ser vista por mil pessoas, senão, não permanecerá morto – Varrão Forte respondeu àquilo com um resmungo, mas acabou por concordar. No dia seguinte, partiu com o escudeiro e os homens de armas, além de Jon Imberbe Bettley, que decidira que caçar fora da lei era preferível a regressar para junto da esposa, famosa por sua falta de beleza. Segundo se dizia, ela possuía a barba que faltava a ele.

Jaime ainda precisava lidar com a guarnição. Até o último homem, todos tinham jurado que nada sabiam sobre os planos de Sor Brynden ou para onde ele teria ido.

– Estão mentindo – Emmon Frey insistiu, mas Jaime achava que não.

– Se não partilhar seus planos com ninguém, ninguém pode traí-lo – fez notar. Senhora Genna sugeriu que alguns dos homens podiam ser interrogados. Jaime recusou. – Dei minha palavra a Edmure de que, se ele se rendesse, a guarnição poderia partir sem ser incomodada.

– Isto foi cavalheiresco de sua parte – disse a tia –, mas, aqui, é necessário força, não cortesia.

*Pergunte a Edmure se sou cavalheiresco*, Jaime pensou. *Pergunte-lhe sobre a catapulta*. De algum modo não lhe parecia ser provável que os meistres o confundissem com o Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, quando escrevessem as histórias de ambos. Mesmo assim, sentia-se curiosamente satisfeito. A guerra estava praticamente ganha. Pedra do Dragão caíra e não duvidava que Ponta Tempestade cairia em breve, não importava que Stannis andasse pela Muralha. Os nortenhos não gostariam mais dele do que os senhores da tempestade. Se Roose Bolton não o destruísse, o inverno cuidaria disso.

Ele fizera sua parte ali em Correrrio, sem chegar a pegar em armas contra os Stark e os Tully. Depois de encontrar Peixe Negro, ficaria livre para regressar a Porto Real, onde devia estar. *Meu lugar é com meu rei. Com meu filho*. Será que Tommen gostaria de saber disso? A verdade

custaria o trono ao garoto. *Prefere ter um pai ou uma cadeira, garoto?* Jaime desejava conhecer a resposta. *Ele gosta de pôr seu selo em papéis*. O garoto podia nem sequer acreditar nele, certamente. Cersei diria que era mentira. *Minha querida irmã, a enganadora.* Teria de arranjar alguma forma de arrancar Tommen de suas garras antes que o garoto se transformasse em outro Joffrey. Enquanto isso, devia arranjar outro pequeno conselho para o garoto. *Se Cersei puder ser posta de lado, Sor Kevan talvez concorde em servir como Mão de Tommen*. E se não concordasse, bem, os Sete Reinos não tinham falta de homens capazes. Forley Prester seria uma boa escolha, ou Roland Crakehall. Caso se mostrasse necessário um homem que não fosse oriundo do oeste para aplacar os Tyrell, sempre havia Mathis Rowan... ou até Petyr Baelish. Mindinho era tão amigável quanto esperto, mas seu nascimento era demasiado baixo para constituir ameaça para qualquer um dos grandes senhores, dado não possuir contingente próprio. *A Mão perfeita.*

A guarnição Tully partiu na manhã seguinte, despida de todas as suas armas e armaduras. Cada homem foi autorizado a levar comida para três dias e a roupa que trazia no corpo, depois de prestar um juramento solene de nunca mais pegar em armas contra Lorde Emmon ou a Casa Lannister.

– Se tiver sorte, um em cada dez homens pode respeitar esse juramento – Senhora Genna observou.

– Ótimo. Prefiro enfrentar nove homens a dez. O décimo podia ser aquele que me mataria.

– Os outros nove o matarão com igual rapidez.

– Antes isso do que morrer na cama – *ou na latrina*.

Dois homens decidiram não partir com os outros. Sor Desmond Grell, o antigo mestre de armas de Lorde Hoster, preferiu vestir o negro. O mesmo decidiu Sor Robin Ryger, capitão da guarda de Correrrio.

– Este castelo foi meu lar durante quarenta anos – Grell justificou. – Você diz que sou livre para partir, mas para onde? Sou velho e corpulento demais para um cavaleiro andante. Mas os homens são sempre bem-vindos na Muralha.

– Como quiser – Jaime respondeu, embora isso fosse um aborrecimento. Permitiu que ficassem com as armas e as armaduras e destacou uma dúzia dos homens de Gregor Clegane para escoltá-los até

Lagoa da Donzela. Entregou o comando a Rafford, aquele a quem chamavam O Querido.

– Assegure-se de que os prisioneiros cheguem a Lagoa da Donzela inteiros – disse ao homem –, senão, aquilo que Sor Gregor fez ao Bode parecerá uma brincadeira engraçada comparada com o que farei a você.

Mais dias se passaram. Lorde Emmon reuniu Correrrio inteiro no pátio, tanto a gente de Lorde Edmure quanto a sua, e falou-lhes durante quase três horas sobre o que se esperava deles, agora que era seu chefe e senhor. De vez em quando brandia o pergaminho, enquanto moços de estrebaria, criadas e ferreiros escutavam num silêncio taciturno e uma ligeira chuva caía sobre todos.

O cantor, aquele que Jaime tomara de Sor Ryman Frey, também estava ali, escutando. Jaime deu com ele em pé numa porta aberta, onde estava seco.

– Sua senhoria devia ter sido cantor – o homem lhe disse. – Esse discurso é mais longo do que uma balada das Marca, e não me parece que ele tenha parado para respirar.

Jaime foi obrigado a rir.

– Lorde Emmon não precisa respirar, desde que consiga mastigar. Vai fazer uma canção sobre isso?

– Uma engraçada. Vou chamá-la "Falando aos Peixes".

– Desde que não a toque onde minha tia possa ouvi-la – Jaime nunca tinha prestado muita atenção ao homem. Era um tipo pequeno, vestido com calções verdes esfarrapados e uma túnica rasgada, de um tom mais claro de verde, com remendos de couro marrom cobrindo os buracos. O nariz era longo e pontudo, o sorriso, grande e solto. Finos cabelos castanhos caíam-lhe até o colarinho, emaranhados e sujos. *Uns cinquenta anos*, Jaime deduziu, *harpista ambulante e bem gasto pela vida*. – Não era de Sor Ryman quando o encontrei? – perguntou.

– Só por quinze dias.

– Esperava que partisse com os Frey.

– Aquele ali em cima é um Frey – disse o cantor, indicando com a cabeça Lorde Edmure. – E este castelo parece um lugar bem aconchegante para passar o inverno. Wat Sorriso-Branco foi para casa com Sor Forley, de modo que pensei em ver se poderia ficar com o lugar dele. Wat tem aquela voz aguda e doce que gente como eu não pode

esperar igualar. Mas sei o dobro das canções picantes que ele sabe. Com a sua licença, senhor.

– Deve se dar magnificamente com a minha tia – disse Jaime. – Se espera passar o inverno aqui, assegure-se de que sua música agrade à Senhora Genna. É ela que importa.

– Você não?

– Meu lugar é junto do rei. Não ficarei aqui por muito tempo.

– Lamento ouvir isso, senhor. Conheço canções melhores do que "As Chuvas de Castamere". Podia ter tocado para o senhor... Oh, sim, todo tipo de coisas.

– Em outra ocasião qualquer – Jaime declinou. – Tem nome?

– Tom de Seterrios, se aprouver ao senhor – o cantor tirou o chapéu. – Mas a maioria das pessoas me chamam de Tom das Sete.

– Canta bem, Tom das Sete.

Nessa noite, sonhou que estava de volta ao Grande Septo de Baelor, ainda em vigília sobre o cadáver do pai. O septo estava em silêncio e mergulhado na escuridão, até que uma mulher emergiu das sombras e se dirigiu lentamente para o estrado.

– Irmã? – ele disse.

Mas não era Cersei. Estava toda vestida de cinza, uma irmã silenciosa. Um capuz e um véu escondiam-lhe as feições, mas Jaime conseguia ver as velas ardendo nas lagoas verdes de seus olhos.

– Irmã – repetiu –, o que quer de mim? – essa última palavra ecoou por todo o septo, *mimmimmimmimmimmimmimmimmimmimmimmim*.

– Não sou sua irmã, Jaime – a mulher ergueu uma mão macia e pálida e empurrou o capuz para trás. – Esqueceu de mim?

*Posso me esquecer de alguém que nunca conheci?* As palavras ficaram-lhe presas na garganta. Ele a *conhecia*, mas tinha se passado tanto tempo...

– Também esquecerá o senhor seu pai? Pergunto a mim mesma se alguma vez o conheceu de verdade – seus olhos eram verdes, e os cabelos, ouro tecido. Jaime não seria capaz de dizer que idade ela tinha. *Quinze anos*, pensou, *ou cinquenta*. Subiu os degraus e parou junto do estrado. – Jaime nunca conseguiu suportar que zombassem dele. Era isso que mais detestava.

– Quem é você? – tinha que ouvi-la responder.

– A questão é: Quem é você?

– Isto é um sonho.

– É? – ela abriu um sorriso triste. – Conte as mãos, menino.

*Uma*. Uma mão, apertada com força em volta do cabo da espada. Só uma.

– Nos meus sonhos, tenho sempre duas mãos – ergueu o braço direito e olhou, sem compreender a fealdade de seu toco.

– Todos sonhamos com coisas que não podemos ter. Tywin sonhava que o filho seria um grande cavaleiro, e que a filha seria rainha. Sonhava que seriam tão fortes, corajosos e belos, que nunca ninguém riria deles.

– Eu sou um cavaleiro – disse-lhe Jaime –, e Cersei uma rainha.

Uma lágrima rolou pelo rosto da mulher. Voltou a erguer o capuz e virou-lhe as costas. Jaime gritou, mas ela já se afastava, com a saia sussurrando canções de ninar ao raspar no chão. *Não me deixe*, quis gritar, mas era evidente que ela já o deixara havia muito.

Acordou nas trevas, tremendo. O quarto tornara-se frio como gelo. Jaime afastou as mantas com o toco da mão da espada. Viu que o fogo na lareira se apagara e a janela tinha sido aberta pelo vento. Atravessou o aposento negro como breu para ir lutar com as portadas, mas, quando atingiu a janela, seus pés nus encontraram algo úmido. Jaime recuou, momentaneamente sobressaltado. Seu primeiro pensamento foi de sangue, mas sangue não era tão frio.

Era neve, caindo através da janela.

Em vez de fechar as portadas, escancarou-as. O pátio, embaixo, estava coberto por um fino manto branco, que se tornava mais espesso sob seus olhos. Os merlões das ameias usavam capuzes brancos. Os flocos caíam em silêncio, alguns pairavam janela adentro para ir derreter em seu rosto. Jaime conseguia ver sua respiração.

*Neve nas terras fluviais*. Se estava nevando ali, podia perfeitamente estar também em Lanisporto, e em Porto Real. *O inverno marcha para o sul, e metade de nossos celeiros está vazia*. As sementeiras que ainda se encontrassem nos campos estavam perdidas. Não haveria mais plantações, nenhuma esperança de uma última colheita. Deu por si perguntando-se o que seu pai faria para alimentar o reino, antes de se lembrar que Tywin Lannister estava morto.

Quando rompeu a manhã, a neve chegava ao tornozelo e era mais profunda no bosque sagrado, onde montes de neve tinham sido acumulados pelo vento sob as árvores. Escudeiros, moços de estrebaria e pajens de nascimento elevado tinham se transformado de novo em crianças sob o frio feitiço branco e travavam uma guerra de bolas de neve pelos pátios e ao longo das ameias. Jaime ouviu suas risadas. Houvera uma época, não muito tempo antes, em que poderia ter estado lá fora, fazendo bolas de neve com os melhores entre eles, para atirá-las em Tyrion quando se bamboleasse por perto, ou para enfiar nas costas do vestido de Cersei. *Mas é preciso duas mãos para fazer uma bola de neve decente.*

Ouviu-se um leve toque na porta.

– Veja quem é, Peck.

Era o velho meistre de Correrrio, agarrando uma mensagem na mão enrugada e encarquilhada. O rosto de Vyman estava tão branco quanto a neve recém-caída.

– Eu sei – disse Jaime –, chegou um corvo branco da Cidadela. O inverno chegou.

– Não, senhor. A ave veio de Porto Real. Tomei a liberdade... não sabia... – estendeu-lhe a carta.

Jaime a leu no banco sob a janela, banhado pela luz daquela fria manhã branca. As palavras de Qyburn eram sóbrias e objetivas; as de Cersei, febris e ardentes. *Venha imediatamente. Ajude-me. Salve-me. Preciso de você como nunca antes precisei. Eu o amo. Amo. Amo. Venha imediatamente.*

Vyman pairava perto da porta, à espera, e Jaime sentiu que Peck também o observava.

– O senhor deseja responder? – perguntou o meistre, após um longo silêncio.

Um floco de neve caiu sobre a carta. Enquanto derretia, a tinta começou a borrar. Jaime voltou a enrolar o pergaminho, apertando-o tanto quanto uma única mão permitia, e o entregou a Peck.

– Não – respondeu. – Ponha isto no fogo.

## SAMWELL

A parte mais perigosa da viagem foi a última. Os Estreitos Redwyne estavam repletos de dracares, tal como os avisara em Tyrosh. Com o grosso da frota da Árvore do outro lado de Westeros, os homens de ferro tinham saqueado Porto Ryam e tomado Vilavinha e Porto da Estrela do Mar, usando-os como base para cair sobre a navegação com destino a Vilavelha.

Por três vezes foram avistados dracares do cesto da gávea. Porém, dois desses navios estavam muito longe, para trás, e *Vento de Canela* rapidamente se distanciou deles. O terceiro surgiu perto do pôr do sol, tentando cortar-lhes a entrada na Enseada dos Murmúrios. Quando viram seus remos subindo e descendo, flagelando as águas acobreadas, deixando-as brancas, Kojja Mo mandou seus arqueiros para os castelos de proa e popa, com seus grandes arcos de amagodouro, que eram capazes de enviar uma flecha mais longe e com mais precisão até do que o teixo de Dorne. Esperou o dracar chegar a uma distância de duzentos metros do navio cisne antes de dar a ordem de disparar. Sam disparou com os outros, e daquela vez lhe pareceu que sua flecha atingiu o navio. Um disparo bastou. O dracar virou de bordo para o sul, em busca de presa mais dócil.

Um profundo ocaso azul caía quando entraram na Enseada dos Murmúrios. Goiva pôs-se à proa com o bebê, fitando de boca aberta um castelo nos rochedos.

– Três Torres – disse-lhe Sam –, a sede da Casa Costayne – delineado contra as estrelas do princípio da noite, com luz de archotes tremeluzindo em suas janelas, o castelo formava um magnífico quadro, mas vê-lo o entristecia. A viagem estava quase no fim.

– É muito alto – Goiva estava impressionada.

– Espere até ver a Torralta.

O bebê de Dalla começou a chorar. Goiva abriu a túnica e deu o seio ao garoto. Sorriu enquanto amamentava e afagou-lhe os macios cabelos castanhos. *Ela acabou por amar este tanto quanto o que deixou para trás*, Sam compreendeu. Esperava que os deuses fossem gentis para com ambas as crianças.

Os homens de ferro tinham penetrado até nas águas abrigadas da Enseada dos Murmúrios. Ao chegar a manhã, enquanto *Vento de Canela* continuava a avançar na direção de Vilavelha, começou a colidir com cadáveres que eram empurrados para o mar pela corrente. Alguns dos corpos transportavam tripulações de corvos, que se erguiam no ar protestando ruidosamente quando o navio cisne perturbava suas jangadas grotescamente inchadas. Campos carbonizados e aldeias queimadas surgiam nas margens, e os baixios e bancos de areia estavam semeados de navios desfeitos. Os mais comuns eram embarcações mercantes e barcos de pesca, mas também viram dracares abandonados e destroços de dois grandes dromones. Um tinha sido queimado até a linha de água, enquanto o outro tinha um buraco escancarado e estilhaçado no flanco, onde seu casco fora abalroado.

– Batalha aqui – disse Xhondo. – Não muito tempo atrás.

– Quem seria louco a ponto de atacar tão perto de Vilavelha?

Xhondo apontou para um dracar meio afundado nos baixios. De sua popa pendiam os restos de um estandarte, manchado pela fumaça e esfarrapado. Sam nunca tinha visto o símbolo: um olho vermelho com pupila negra sob uma coroa de ferro negra sustentada por dois corvos.

– De quem é aquele estandarte? – Sam quis saber. Xhondo limitou-se a encolher os ombros.

O dia seguinte chegou frio e brumoso. Quando *Vento de Canela* passou lentamente por outra aldeia de pescadores saqueada, uma galé de guerra surgiu deslizando pelo nevoeiro, batendo lentamente os remos em sua direção. *Caçadora* era o nome que ostentava, sob uma figura de proa que representava uma esguia donzela vestida de folhas brandindo uma lança. Um segundo mais tarde, duas galés menores apareceram de ambos os lados da maior, como um par de galgos seguindo o dono. Para alívio de Sam, mostravam o estandarte do veado e do leão de Tommen por cima da alva torre escalonada de Vilavelha, com sua coroa de chamas.

O capitão da *Caçadora* era um homem alto, com manto de um cinza-fumaça debruado de chamas vermelhas de cetim. Pôs sua galé ao lado do *Vento de Canela*, ergueu os remos e gritou que vinha a bordo. Enquanto seus besteiros e os arqueiros de Kojja Mo se observavam por cima da estreita extensão de água, ele atravessou com meia dúzia de cavaleiros, fez um aceno a Quhuru Mo e pediu para ver seus porões. Pai e filha conferenciaram brevemente e concordaram.

– As minhas desculpas – disse o capitão quando concluiu a inspeção. – Entristece-me que homens honestos tenham de aguentar tal descortesia, mas antes isso do que ter homens de ferro em Vilavelha. Apenas quinze dias atrás alguns desses malditos bastardos capturaram um navio mercante tyroshi nos estreitos. Mataram sua tripulação, vestiram suas roupas e usaram as tintas que encontraram para colorir os bigodes com meia centena de cores. Uma vez dentro das muralhas, tentaram incendiar o porto e abrir um portão lá de dentro, enquanto combatíamos o fogo. Podia ter resultado, mas deram de cara com o *Senhora da Torre*, e seu mestre dos remadores tem por esposa uma tyroshi. Quando viu todas as barbas verdes e purpúreas, saudou-os na língua de Tyrosh, e nenhum deles sabia as palavras para lhe responder à saudação.

Sam ficou estarrecido.

– Eles não podem querer atacar *Vilavelha*.

O capitão do *Caçadora* deitou-lhe um olhar curioso.

– Estes não são meros corsários. Os homens de ferro sempre atacaram onde puderam. Surgiam de repente, vindos do mar, levavam consigo algum ouro e garotas e zarpavam, mas raramente havia mais do que um ou dois dracares, e nunca mais de meia dúzia. Agora são centenas os navios deles que nos atormentam, que saem das Ilhas Escudo e de alguns dos rochedos que rodeiam a Árvore. Capturaram o Recife do Caranguejo de Pedra, a Ilha dos Porcos e o Palácio da Sereia, e têm outros ninhos no Rochedo da Ferradura e no Berço do Bastardo. Sem a frota de Lorde Redwyne, faltam-nos os navios necessários para lidar com eles.

– O que Lorde Hightower está fazendo? – Sam deixou escapar. – Meu pai sempre disse que era tão rico quanto os Lannister e podia reunir três vezes mais espadas do que qualquer outro dos vassalos de Jardim de Cima.

– Mais até, se varrer as calçadas – o capitão retrucou –, mas espadas de nada servem contra os homens de ferro, a menos que aqueles que as manejem saibam caminhar sobre a água.

– Hightower tem de fazer *alguma coisa*.

– Com certeza. Lorde Leyton está trancado no topo de sua torre, com a Donzela Louca, consultando livros de feitiços. Pode ser que conjure um exército vindo das profundezas. Ou não. Baelor está construindo galés; Gunthor tem o porto a seu cargo; Garth treina novos recrutas; e Humfrey foi a Lys contratar navios mercenários. Se conseguir arrancar uma frota como deve ser da puta da irmã, podemos começar a pagar aos homens de ferro com alguma de sua própria moeda. Até lá, o melhor que podemos fazer é defender a enseada e esperar que a cadela da rainha em Porto Real solte a trela de Lorde Paxter.

A amargura nas palavras finais do capitão chocou tanto Sam quanto aquilo que ele disse. *Se Porto Real perder Vilavelha e a Árvore, o reino inteiro poderá desmoronar*, pensou, enquanto observava o *Caçadora* e as irmãs que se afastavam.

Perguntou-se se mesmo Monte Chifre estaria verdadeiramente a salvo. As terras Tarly ficavam no interior, entre colinas densamente arborizadas, cem léguas para nordeste de Vilavelha e a uma grande distância de qualquer costa. Deviam estar bem além do alcance de homens de ferro e dracares, mesmo com o senhor seu pai longe, combatendo nas terras fluviais, e o castelo fracamente defendido. O Jovem Lobo certamente pensara que o mesmo se aplicava a Winterfell, até o dia em que Theon Vira-Manto escalara suas muralhas. Sam não suportava a ideia de ter feito Goiva e o bebê percorrer toda aquela distância, para ficar longe do perigo, só para abandoná-los no meio de uma guerra.

Passou o resto da viagem lutando com suas dúvidas, sem saber o que fazer. Supunha que podia manter Goiva consigo em Vilavelha. As muralhas da cidade eram muito mais impressionantes do que as do castelo do pai, e tinham milhares de homens para defendê-las, contra o punhado que Lorde Randyll teria deixado em Monte Chifre quando marchara para Jardim de Cima a fim de obedecer à convocatória de seu suserano. Mas, se o fizesse, teria de arranjar algum modo de escondê-la; a Cidadela não permitia que seus noviços mantivessem esposas ou

amantes, pelo menos não abertamente. *Além disso, se ficar muito mais tempo com Goiva, como encontrarei forças para deixá-la?* E *tinha* de deixá-la, caso contrário seria forçado a desertar. *Eu proferi o juramento*, lembrou Sam a si mesmo. *Se desertar, isso me custará a cabeça. E, sendo assim, como isso ajudaria Goiva?*

Pesou a ideia de suplicar a Kojja Mo e ao pai para levarem a garota selvagem consigo para as Ilhas do Verão. Mas esse rumo também tinha seus perigos. Quando *Vento de Canela* zarpasse de Vilavelha, teria de voltar a atravessar os Estreitos Redwyne, e dessa vez talvez não fosse tão afortunado. E se o vento morresse, e os ilhéus do verão dessem por si mergulhados numa calmaria? Se as histórias que ouvira fossem verdadeiras, Goiva seria levada como serva ou esposa de sal, e era provável que o bebê fosse lançado ao mar por ser um aborrecimento.

*Temos de prosseguir até Monte Chifre*, por fim Sam decidiu. *Assim que chegarmos a Vilavelha, alugarei uma carroça e alguns cavalos e a levarei pessoalmente até lá*. Assim poderia examinar o castelo e sua guarnição e, se alguma parte do que visse lhe levantasse dúvidas, podia simplesmente dar meia-volta e trazer Goiva de volta para Vilavelha.

Chegaram a Vilavelha numa manhã fria e úmida, coberta com um nevoeiro tão denso que o sinal luminoso da Torralta era a única parte visível da cidade. Um dique flutuante fechava o porto, ligando duas dúzias de cascos apodrecidos. Logo atrás encontrava-se uma fileira de navios de guerra, ancorados junto a três grandes dromones e ao enorme navio almirante de quatro cobertas de Lorde Hightower, o *Honra de Vilavelha*. Mais uma vez, *Vento de Canela* teve de se submeter à inspeção. Agora foi o filho de Lorde Leyton, Gunthor, quem veio a bordo, trajando um manto de pano prata e uma couraça de escamas cinzentas e esmaltadas. Sor Gunthor estudara durante vários anos na Cidadela e falava o idioma do verão, de modo que ele e Quhuru Mo se reuniram na cabine do capitão para conferenciar em privado.

Sam aproveitou o tempo para explicar seus planos a Goiva.

– Primeiro, a Cidadela, para entregar as cartas de Jon e lhes informar a morte de Meistre Aemon. Suponho que os arquimeistres mandem um carro para vir buscar seu corpo. Depois arranjarei cavalos e uma carroça para levá-la à minha mãe em Monte Chifre. Regressarei assim que conseguir, mas talvez não possa até amanhã de manhã.

– Amanhã de manhã – a garota repetiu, e lhe deu um beijo de boa sorte.

Passado algum tempo, Sor Gunthor reapareceu e fez sinal para que abrissem a corrente, a fim de que o *Vento de Canela* pudesse atravessar o dique e atracar. Sam juntou-se a Kojja Mo e a três de seus arqueiros, resplandecentes nos mantos de penas que só usavam em terra, junto da prancha de embarque enquanto o navio cisne era amarrado. Sentiu-se maltrapilho ao lado deles, com seus largos trajes negros, manto desbotado e botas manchadas pelo salitre.

– Quanto tempo permanecerão no porto?

– Dois dias, dez, quem poderá dizer? O tempo que demorar para esvaziar os porões e voltar a enchê-los – Kojja sorriu. – Meu pai também tem de visitar os meistres cinzentos. Tem livros para vender.

– Goiva pode ficar a bordo até o meu regresso?

– Goiva pode ficar tanto tempo quanto quiser – espetou um dedo na barriga de Sam. – Ela não come tanto como certas pessoas.

– Não sou tão gordo como era – Sam rebateu em sua defesa. A passagem para o sul servira para isso. Todos aqueles turnos de vigia, e nada para comer, exceto fruta e peixe. Os ilhéus do verão adoravam fruta e peixe.

Sam seguiu os arqueiros pela prancha, mas, uma vez em terra, separaram-se e seguiram cada um o seu caminho. Sam esperava ainda se lembrar do caminho para a Cidadela. Vilavelha era um labirinto, e não tinha tempo a perder.

O dia estava úmido, e as ruas de pedra estavam molhadas e escorregadias debaixo dos seus pés e as vielas mostravam-se cobertas de névoa e mistério. Sam evitou-as o melhor que pôde e permaneceu na estrada do rio, que serpenteava ao longo do Vinhomel através do coração da cidade antiga. Era bom ter de novo terreno sólido sob seus pés em vez de um convés oscilante, mas ainda assim a caminhada o deixou desconfortável. Sentia olhos postos em si, espreitando de varandas e janelas, observando-o de dentro de soleiras escurecidas. No *Vento de Canela* conhecia todos os rostos. Ali, não importa para onde se virasse, via um novo estranho. Ainda pior era a ideia de ser visto por alguém que o conhecesse. Lorde Randyll Tarly era conhecido em Vilavelha, mas pouco amado. Sam não sabia o que seria pior: ser reconhecido por um

dos inimigos do senhor seu pai ou por um de seus amigos. Puxou o capuz para cima e acelerou o passo.

Os portões da Cidadela eram flanqueados por um par de esfinges verdes muito altas com corpo de leão, asas de águia e cauda de serpente. Uma tinha rosto de homem, e a outra, de mulher. Logo atrás ficava o Lar do Escriba, onde o povo de Vilavelha vinha procurar acólitos para lhes escrever os testamentos ou ler as cartas. Meia dúzia de escribas entediados estavam sentados em barracas abertas à espera de algum freguês. Em algumas delas havia livros sendo vendidos e comprados. Sam parou numa que oferecia mapas e examinou um da Cidadela, desenhado à mão, a fim de averiguar qual o caminho mais curto para a Residência do Senescal.

O caminho dividia-se onde a estátua do Rei Daeron Primeiro sentava-se em seu grande cavalo de pedra, de espada erguida na direção de Dorne. Uma gaivota encontrava-se empoleirada na cabeça do Jovem Dragão, e havia outras duas na espada. Sam seguiu pela rua da esquerda, que corria junto ao rio. Na Doca Gotejante, viu dois acólitos ajudando um velho a entrar num barco para uma curta viagem até a Ilha Sangrenta. Uma jovem mãe subiu atrás do velho, com um bebê, não muito mais velho do que o de Goiva, guinchando em seus braços. Por baixo da doca, alguns ajudantes de cozinha andavam pelos baixios apanhando rãs. Uma fila de noviços de faces rosadas passou correndo perto dele, rumo à septeria. *Devia ter vindo para cá quando era da idade deles*, Sam pensou. *Se tivesse fugido e arranjado um nome falso, poderia ter desaparecido entre os outros noviços. Meu pai poderia ter fingido que Dickon era seu único filho. Duvido que tivesse se incomodado em me procurar, a menos que eu tivesse levado uma mula. Então teria me dado caça, mas só por causa da mula.*

À porta da Residência do Senescal, os reitores prendiam um noviço mais velho no tronco.

– Roubou comida das cozinhas – explicou um deles aos acólitos que esperavam para atirar no prisioneiro uma saraivada de vegetais podres. Todos lançaram olhares curiosos a Sam quando passou por eles a passos largos, com o manto negro enfunando-se atrás de si como uma vela.

Para além das portas foi encontrar um salão de chão de pedra e altas janelas arqueadas. Na outra extremidade, um homem de rosto chupado

encontrava-se sentado sobre um estrado alto arranhando um livro-mestre com uma pena. Embora ele trajasse uma veste de meistre, não havia corrente em volta do seu pescoço. Sam pigarreou.

– Bom-dia.

O homem ergueu os olhos e não pareceu aprovar aquilo que viu.

– Cheira a noviço.

– Espero vir a sê-lo em breve – Sam tirou do bolso as cartas que Jon lhe dera. – Vim da Muralha com Meistre Aemon, mas ele morreu durante a viagem. Se pudesse falar com o Senescal...

– Seu nome?

– Samwell. Samwell Tarly.

O homem escreveu o nome em seu livro-mestre e indicou com a pena um banco encostado à parede.

– Sente-se. Será chamado a seu tempo.

Sam sentou-se no banco.

Outros chegaram e partiram. Alguns entregaram mensagens e se retiraram. Alguns falaram com o homem no estrado e foram mandados entrar pela porta atrás e por uma escada em caracol. Alguns se juntaram a Sam nos bancos, à espera de que seus nomes fossem chamados. Tinha quase certeza de que alguns dos que foram convocados tinham chegado depois dele. Depois da quarta ou da quinta vez que isso aconteceu, ergueu-se e voltou a atravessar a sala.

– Quanto tempo ainda falta?

– O Senescal é um homem importante.

– Eu venho da Muralha.

– Então não terá dificuldade em andar um pouco mais. Até aquele banco ali, debaixo da janela.

Sam regressou ao banco. Passou mais uma hora. Outros entraram, falaram com o homem no estrado, esperaram uns momentos e foram mandados entrar. Durante todo esse tempo, o porteiro nem sequer olhou para Sam de relance. O nevoeiro lá fora foi se tornando menos denso à medida que o dia passava, e uma pálida luz do sol entrou em diagonal pelas janelas. Deu por si observando os grãos de poeira dançando na luz. Deixou escapar um bocejo, e depois outro. Remexeu numa bolha rebentada na palma da mão e depois encostou a cabeça para trás e fechou os olhos.

Devia ter adormecido. Quando deu por si, o homem no estrado chamava um nome. Sam pôs-se em pé de um salto, após o que se voltou a se sentar quando compreendeu que não era o seu.

– Tem de passar uma moeda a Lorcas, senão ficará esperando aqui três dias – disse uma voz atrás dele. – O que traz a Patrulha da Noite à Cidadela?

A voz era de um jovem magro, esbelto e de boa aparência, vestido com calções de pele de corça e uma brigantina verde ajustada ao corpo e tachonada de ferro. Tinha a pele de uma leve cor de cerveja castanha e uma coroa de densos cachos negros que se juntavam em bico por cima de seus grandes olhos negros.

– O Senhor Comandante está restaurando os castelos abandonados – Sam explicou. – Precisamos de mais meistres, para os corvos... Falou em moeda?

– Uma moeda servirá. Por um veado de prata, Lorcas carregaria você nas costas até o Senescal. Há cinquenta anos é acólito. Odeia noviços, especialmente os de nascimento nobre.

– Como sabe que sou de nascimento nobre?

– Da mesma maneira que você sabe que sou meio dornês – o rapaz falou, com um sorriso, num suave e arrastado dornês.

Sam procurou uma moeda:

– É um noviço?

– Acólito. Alleras, mas alguns me chamam de Esfinge.

O nome fez Sam dar um salto.

– A esfinge é a adivinha, não o adivinho – disse, sem pensar. – Sabe o que isso significa?

– Não. É um enigma?

– Bem que eu gostaria de saber. Sou Samwell Tarly. Sam.

– Prazer. E que negócios tem Samwell Tarly com o Arquimeistre Theobald?

– É ele o Senescal? – Sam perguntou, confuso. – Meistre Aemon dizia que seu nome era Norren.

– Nos últimos dois turnos não. Há um novo todos os anos. Ocupam o cargo com um dos arquimeistres, a maioria dos quais o vê como uma tarefa ingrata que os afasta de seu verdadeiro trabalho. Este ano, a pedra preta saiu para o Arquimeistre Walgrave, mas sua cabeça tende a

vaguear, de modo que Theobald avançou e disse que serviria durante o mandato dele. É um homem duro, mas bom. Disse Meistre *Aemon*?

– Sim.

– Aemon *Targaryen*?

– Outrora, sim. A maioria das pessoas o chamava simplesmente Meistre Aemon. Morreu durante nossa viagem para o sul. Como é que sabe dele?

– Como não saber? Era mais do que o mais velho meistre vivo. Era o homem mais velho em Westeros, e sobreviveu a mais história do que Arquimeistre Perestan alguma vez aprendeu. Podia ter nos contado muitas coisas sobre o reinado do pai e do tio. Que idade tinha, você sabe?

– Cento e dois anos.

– O que ele fazia no mar na sua idade?

Sam remoeu a questão por um momento, perguntando-se quanto devia dizer. *A esfinge é a adivinha, não o adivinho*. Poderia Meistre Aemon ter se referido *àquela* Esfinge? Parecia pouco provável.

– O Senhor Comandante Snow o mandou embora para lhe salvar a vida – começou, hesitante. Falou desajeitadamente do Rei Stannis e de Melisandre de Asshai, pretendendo parar por aí, mas uma coisa levou a outra e deu por si falando de Mance Rayder e de seus selvagens, de sangue real e de dragões, e antes de se dar conta do que estava acontecendo, todo o resto jorrou-lhe da boca; as criaturas no Punho dos Primeiros Homens, o Outro em seu cavalo morto, o assassinato do Velho Urso na Fortaleza de Craster, Goiva e a fuga de ambos, Brancarbor e Paul Pequeno, Mãos-Frias e os corvos, Jon se tornando senhor comandante, *Melro*, Dareon, Bravos, os dragões que Xhondo vira em Qarth, o *Vento de Canela* e tudo que Meistre Aemon murmurou no fim da vida. Reteve apenas os segredos que jurara manter, sobre Bran Stark e os companheiros e os bebês que Jon Snow trocara. – Daenerys é a única esperança – concluiu. – Aemon disse que a Cidadela tinha de lhe enviar imediatamente um meistre para trazê-la para Westeros antes que seja tarde demais.

Alleras escutou com atenção. Pestanejou de tempos em tempos, mas nunca riu nem o interrompeu. Quando Sam terminou, tocou-lhe levemente no antebraço com uma esguia mão castanha e disse:

– Poupe sua moeda, Sam. Theobald não acreditará em metade dessa história, mas há quem talvez acredite. Quer vir comigo?

– Para onde?

– Falar com um arquimeistre.

*Tem de lhes dizer, Sam*, dissera Meistre Aemon. *Tem de contar aos arquimeistres.*

– Muito bem – poderia sempre voltar ao Senescal na manhã seguinte, com uma moeda na mão. – Temos de andar muito?

– Não muito. A Ilha dos Corvos.

Não precisaram de um barco para chegar; uma desgastada ponte levadiça de madeira ligava a ilha à margem oriental.

– A Corvoaria é o edifício mais velho da Cidadela – disse-lhe Alleras, enquanto atravessavam as águas lentas do Vinhomel. – Diz-se que na Era dos Heróis era o quartel-general de um senhor pirata que ficava aqui assaltando os navios que desciam o rio.

Sam viu que musgo e trepadeiras cobriam as paredes, e corvos patrulhavam as ameias no lugar dos arqueiros. Não havia memória de a ponte levadiça ter sido içada.

Dentro das muralhas do castelo era fresco e havia pouca luz. Um antigo represeiro enchia o pátio, como fizera desde que aquelas pedras tinham sido erguidas pela primeira vez. O rosto esculpido no tronco estava coberto pelo mesmo musgo purpúreo que pendia pesadamente dos galhos claros da árvore. Metade dos galhos pareciam mortos, mas nos outros algumas folhas vermelhas ainda farfalhavam, e era aí que os corvos gostavam de se empoleirar. A árvore estava cheia deles, e havia mais nas janelas arqueadas que se abriam mais acima, em volta de todo o pátio. O chão encontrava-se salpicado por seus excrementos. Enquanto cruzavam o pátio, um dos corvos esvoaçou por cima de suas cabeças, e Sam ouviu os outros crocitando uns com os outros.

– Arquimeistre Walgrave tem seus aposentos na torre ocidental, por baixo da colônia branca – disse-lhe Alleras. – Os corvos brancos e os pretos guerreiam como dorneses e gente da Marca, por isso os mantém separados.

– Arquimeistre Walgrave compreenderá o que eu lhe disser? – Sam quis saber. – Disse que a cabeça dele tende a vaguear.

– Ele tem bons e maus dias – Alleras respondeu –, mas não é Walgrave que vamos visitar – abriu a porta da torre norte e começou a subir. Sam galgou os degraus atrás dele. Ouviam-se asas batendo e murmúrios vindos de cima, e aqui e ali um grito irritado, quando os corvos se queixavam por terem sido acordados.

No topo dos degraus, um jovem pálido e loiro, com quase a mesma idade de Sam, estava sentado junto a uma porta de carvalho e ferro, fitando intensamente a chama de uma vela com o olho direito. O esquerdo estava escondido atrás de uma madeixa de cabelos loiros muito claros.

– Está à procura de quê? Seu destino? Sua morte?

O jovem loiro afastou os olhos da vela, piscando.

– Mulheres nuas – respondeu. – Quem é este agora?

– Samwell. Um novo noviço. Veio ver o Mago.

– A Cidadela já não é o que era – o loiro protestou. – Aceitam qualquer coisa hoje em dia. Cães morenos e dorneses, criadores de porcos, aleijados, cretinos, e agora uma baleia vestida de preto. E eu que pensava que os leviatãs eram cinzentos – uma meia capa com listras verdes e douradas envolvia-lhe um ombro. Era muito bonito, embora tivesse olhos astutos e uma boca cruel.

Sam o conhecia.

– Leo Tyrell – a menção do nome o fez se sentir como se ainda fosse um garoto de sete anos, prestes a molhar a roupa de baixo. – Sou Sam, de Monte Chifre. Filho de Lorde Randyll Tarly.

– É mesmo? – Leo lançou-lhe outro olhar. – Suponho que seja. Seu pai disse a todos que estava morto. Ou será que só desejava que estivesse? – sorriu. – Ainda é um covarde?

– Não – Sam mentiu. Jon lhe dera uma ordem. – Estive além da Muralha e lutei em batalhas. Chamam-me Sam, o Matador – não sabia por que dissera aquilo. As palavras limitaram-se a jorrar para fora.

Leo deu risada, mas antes de ter tempo de responder, a porta atrás dele se abriu.

– Para dentro, Matador – resmungou o homem que surgiu na soleira. – E você também, Esfinge. Já.

– Sam – Alleras o chamou –, este é o Arquimeistre Marwyn.

Marwyn usava uma corrente de muitos metais em torno do seu pescoço de touro. Fora isso, parecia-se mais com um criminoso das docas do que um meistre. Tinha uma cabeça grande demais para o corpo, e o modo como a projetava para a frente, junto com o queixo quadrado, fazia que parecesse prestes a arrancar a cabeça de alguém. Embora fosse baixo e atarracado, tinha peito e ombros pesados, e uma barriga de cerveja redonda, dura como pedra, que empurrava os atilhos do justilho de couro que usava em vez da veste tradicional. Hirsutos pelos brancos brotavam-lhe das orelhas e das narinas. A testa sobressaía-se, o nariz tinha sido quebrado mais de uma vez e folhamarga manchara-lhe os dentes de um vermelho mosqueado. Tinha as maiores mãos que Sam já vira.

Quando Sam hesitou, uma dessas mãos agarrou seu braço e o fez atravessar a porta com um puxão. A sala atrás da porta era grande e redonda. Havia livros e rolos por todo lado, espalhados nas mesas e amontoados no chão em pilhas com mais de um metro de altura. Tapeçarias desbotadas e mapas esfarrapados cobriam as paredes de pedra. Um fogo ardia na lareira, sob uma panela de cobre. O que quer que esta contivesse cheirava a queimado. Além da fogueira, a única luz que havia ali provinha de uma grande vela negra no centro da sala.

A vela era desagradavelmente brilhante. Havia algo de estranho nela. A chama não tremeluzia, nem mesmo quando Arquimeistre Marwyn fechou a porta com tanta força que papéis voaram de uma mesa próxima. A luz também fazia qualquer coisa estranha às cores. Os brancos eram brilhantes como a neve recém-caída, o amarelo cintilava como ouro, os vermelhos transformavam-se em chamas, mas as sombras eram tão negras que pareciam buracos abertos no mundo. Sam deu por si fitando-a. A vela propriamente dita tinha quase um metro de altura e era esguia como uma espada, com arestas e retorcida, de um negro reluzente.

– Isso é...?

– ... obsidiana – disse o outro homem que se encontrava presente no aposento, um indivíduo novo, pálido, carnudo e macilento, com ombros redondos, mãos delicadas, olhos juntos e manchas de comida nas vestes.

– Você chama isso de vidro de dragão – Arquimeistre Marwyn lançou um relance momentâneo à chama. – Arde mas não é consumido.

– O que alimenta a chama? – Sam quis saber.

– O que alimenta o fogo de um dragão? – Marwyn sentou-se num banco. – Toda a feitiçaria valiriana tem raízes no sangue ou no fogo. Os feiticeiros da Cidade Livre podiam ver além das montanhas, dos mares e dos desertos com uma dessas velas de vidro. Podiam entrar nos sonhos de um homem e dar-lhe visões, e falar uns com os outros a meio mundo de distância, sentados diante de suas velas. Acha que isso podia ser útil, Matador?

– Não precisaríamos de corvos.

– Só depois das batalhas – o arquimeistre arrancou uma folhamarga de um fardo, enfiou-a na boca e pôs-se a mastigá-la. – Conte-me tudo o que confidenciou à nossa esfinge de Dorne. Sei muitas dessas coisas e mais ainda, mas alguns pequenos detalhes podem ter me escapado.

Não era homem a quem se pudesse dizer não. Sam hesitou por um momento, e então voltou a contar sua história, enquanto Marwyn, Alleras e o outro noviço escutavam.

– Meistre Aemon acreditava que Daenerys Targaryen era a realização de uma profecia... Ela, não Stannis nem Príncipe Rhaegar, nem o principezinho cuja cabeça foi atirada contra a parede.

– Nascida entre o sal e o fumo, sob uma estrela sangrenta. Conheço a profecia – Marwyn virou a cabeça e escarrou uma bola de muco vermelho para o chão. – Não que confie nela. Gorghan de Velha Ghis escreveu um dia que uma profecia é como uma mulher traiçoeira. Mete o seu membro na boca, você geme de prazer e pensa, “que maravilha, que agradável, que bom isto é”... E então seus dentes se fecham e seus gemidos se transformam em gritos. É essa a natureza da profecia, Gorghan disse. A profecia sempre arranca seu pau a dentada – mascou durante algum tempo. – Mesmo assim...

Alleras pôs-se ao lado de Sam.

– Aemon teria ido ter com ela se tivesse forças para isso. Queria que lhe mandássemos um meistre, para aconselhá-la, protegê-la e trazê-la para casa em segurança.

– Ah queria? – Arquimeistre Marwyn encolheu os ombros. – Talvez seja bom que tenha morrido antes de chegar a Vilavelha. Caso contrário, as ovelhas cinzentas talvez tivessem de matá-lo, e isso teria feito os queridos dos pobres velhos torcer as mãos encarquilhadas.

– Matá-lo? – Sam estava chocado. – Por quê?

– Se eu lhe disser, podem ter de matar você também – Marwyn abriu um horrendo sorriso com o sumo da folhamarga escorrendo, rubro, entre os dentes. – Quem você acha que matou todos os dragões da última vez? Galantes matadores de dragões armados de espadas? – cuspiu. – O mundo que a Cidadela está construindo não tem lugar para feitiçaria, profecias ou velas de vidro, e muito menos para dragões. Pergunte a si mesmo por que foi deixado que Aemon Targaryen desperdiçasse a vida na Muralha, quando, por direito próprio, devia ter sido promovido a arquimeistre. O motivo foi seu *sangue*. Não podiam confiar nele. Assim como não podem confiar em mim.

– O que fará? – Alleras, o Esfinge perguntou.

– Arranjarei um meio de chegar à Baía dos Escravos no lugar de Aemon. O navio cisne que trouxe o Matador deve responder bastante bem às minhas necessidades. As ovelhas cinzentas irão enviar seu homem numa galé, sem dúvida. Com bons ventos, deverei chegar antes – Marwyn voltou a olhar Sam de relance e franziu as sobrancelhas. – Você... você devia ficar e forjar a sua corrente. Se eu fosse você, faria isso depressa. Chegará um momento em que será necessário na Muralha – virou-se para o noviço de rosto macilento: – Arranje uma cela seca para o Matador. Dormirá aqui, e o ajudará a cuidar dos corvos.

– M-m-mas – Sam gaguejou –, os outros arquimeistres... o Senescal... o que lhes direi?

– Diga-lhes como são sábios e bons. Diga-lhes que Aemon ordenou que você se colocasse nas mãos deles. Diga-lhes que sempre sonhou em um dia ser autorizado a usar a corrente e servir o bem supremo, que o serviço é a maior das honras, e a obediência é sua maior virtude. Mas não diga nada sobre profecias ou dragões, a menos que goste de veneno no mingau de aveia – Marwyn tirou um manto de couro manchado de um cabide perto da porta e o apertou bem. – Esfinge, proteja este rapaz.

– Protegerei – Alleras respondeu, mas o arquimeistre já tinha saído. Ouviram suas botas batendo nos degraus.

– Aonde ele foi? – Sam quis saber, desorientado.

– Para as docas. O Mago não é homem de perder tempo – Alleras sorriu. – Tenho uma confissão a fazer. Nosso encontro não foi casual, Sam. O Mago mandou que eu o agarrasse antes que falasse com Theobald. Ele sabia que estava a caminho.

– Como?

Alleras indicou a vela de vidro com um aceno.

Sam fitou a estranha chama pálida por um momento, após o que pestanejou e afastou o olhar. Escurecia do outro lado da janela.

– Há uma cela vazia por baixo da minha na torre ocidental, com uma escada que leva diretamente aos aposentos de Walgrave – disse o jovem de rosto macilento. – Se não se importar com o barulho dos corvos, tem uma boa vista sobre o Vinhomel. Serve?

– Suponho que sim – Sam sabia que tinha de dormir em algum lugar.

– Eu levarei algumas mantas de lã para você. Paredes de pedra ficam frias durante a noite, até mesmo aqui.

– Obrigado – havia algo no pálido e delicado jovem que lhe desagradava, mas não queria parecer descortês, de modo que acrescentou: – Meu nome não é Matador. Sou Sam. Samwell Tarly.

– Eu me chamo Pate – o outro se apresentou –, como o criador de porcos.

## ENQUANTO ISSO, NA MURALHA...

"Ei, espere aí!", alguns de vocês podem estar dizendo agora. "Espere aí, espere aí! Onde está Dany e os dragões? Onde está Tyrion? Quase não vimos Jon Snow. Isso não pode ser tudo..."

Bem, não. Há mais a caminho. Outro livro tão grande quanto este.

Não me esqueci de escrever sobre as outras personagens. Longe disso. Escrevi montes de coisas sobre elas. Páginas e páginas e páginas. Capítulos e mais capítulos. Ainda estava escrevendo quando percebi que o livro se tornara grande demais para ser publicado em um único volume... e ainda não estava perto de terminá-lo. Para contar toda a história que eu queria, ia ter de dividi-lo em dois.

A maneira mais simples de fazer isso teria sido pegar o que tinha, dividi-lo ao meio e terminar com "Continua". Mas, quanto mais pensava nisso, mais sentia que os leitores ficariam mais satisfeitos com um livro que contasse toda a história para metade das personagens em vez de um com metade da história para todas as personagens. De modo que foi este o caminho que escolhi seguir.

Tyrion, Jon, Dany, Stannis e Melisandre, Davos Seaworth e o resto das personagens que vocês adoram ou adoram detestar estarão no próximo volume, *A dança com dragões*, que se centrará em acontecimentos ao longo da Muralha e do outro lado do mar, tal como este livro se centrou em Porto Real.

– George R. R. Martin
Junho de 2005

# APÊNDICE

# OS REIS E SUAS CORTES

## A RAINHA REGENTE

CERSEI LANNISTER, Primeira de Seu Nome, viúva do {Rei Robert I Baratheon}, Rainha Viúva, Protetora do Reino, Senhora de Rochedo Casterly e Rainha Regente,

– os filhos da Rainha Cersei:

– {REI JOFFREY I BARATHEON}, envenenado em seu banquete de casamento, um rapaz de treze anos,

– PRINCESA MYRCELLA BARATHEON, uma garota de nove anos, protegida do Príncipe Doran Martell, de Lançassolar,

– REI TOMMEN I BARATHEON, um rei garoto de oito anos,

– seus gatinhos, SOR SALTO, SENHORA BIGODES, BOTAS,

– os irmãos da Rainha Cersei:

– SOR JAIME LANNISTER, seu irmão gêmeo, chamado REGICIDA, Senhor Comandante da Guarda Real,

– TYRION LANNISTER, chamado DUENDE, um anão, acusado e condenado por regicídio e assassinato de familiares,

– PODRICK PAYNE, escudeiro de Tyrion, um garoto de dez anos,

– tios, tia e primos da Rainha Cersei:

– SOR KEVAN LANNISTER, seu tio,

– SOR LANCEL, filho de Sor Kevan, primo da rainha, antigo escudeiro do Rei Robert e amante de Cersei, recentemente promovido a Senhor de Darry,

– {WILLEM}, filho de Sor Kevan, assassinado em Correrrio,

– MARTYN, irmão gêmeo de Willem, um escudeiro,

– JANEI, filha de Sor Kevan, uma garota de três anos,

– SENHORA GENNA LANNISTER, tia de Cersei, c. Sor Emmon Frey,
– {SOR CLEOS FREY}, filho de Genna, morto pelos fora da lei,
– SOR TYWIN FRET, chamado TY, filho de Cleos,
– WILLEM FREY, filho de Cleos, um escudeiro,
– SOR LYONEL FREY, segundo filho de Genna,
– {TION FREY}, filho de Genna, assassinado em Correrrio,
– WALDER FREY, chamado WALDER VERMELHO, filho mais novo de Genna, um pajem em Rochedo Casterly,
– TYREK LANNISTER, primo de Cersei, filho do falecido irmão de seu pai, Tygett,
– SENHORA ERMESANDE HAYFORD, esposa infanta de Tyrek,
– JOY HILL, filha bastarda do tio perdido da Rainha Cersei, Gerion, uma garota de onze anos,
– CERENNA LANNISTER, prima de Cersei, filha de seu falecido tio Stafford, irmão da mãe da rainha,
– MYRIELLE LANNISTER, prima de Cersei e irmã de CERENNA, filha do tio Stafford,
– SOR DAVEN LANNISTER, primo de Cersei, filho de Stafford,
– SOR DAMION LANNISTER, um primo mais afastado, c. Shiera Crakehall,
– SOR LUCION LANNISTER, seu filho,
– LANNA, sua filha, c. Lorde Antario Jast,
– SENHORA MARGOT, uma prima ainda mais afastada, c. Lorde Titus Peake,

– pequeno conselho do Rei Tommen:
– {LORDE TYWIN LANNISTER}, Mão do Rei,
– SOR JAIME LANNISTER, Senhor Comandante da Guarda Real,
– SOR KEVAN LANNISTER, mestre das leis,
– VARYS, um eunuco, mestre dos segredos,
– GRANDE MEISTRE PYCELLE, conselheiro e curandeiro,
– LORDE MACE TYRELL, LORDE MATHIS ROWAN, LORDE PAXTER REDWYNE, conselheiros,

– Guarda Real de Tommen:
– SOR JAIME LANNISTER, Senhor Comandante,

– SOR MERYN TRANT,
– SOR BOROS BLOUNT, afastado e depois readmitido,
– SOR BALON SWANN,
– SOR OSMUND KETTLEBLACK,
– SOR LORAS TYRELL, o Cavaleiro das Flores,
– SOR ARYS OAKHEART, com a Princesa Myrcella em Dorne,

– servidores de Cersei em Porto Real:
– SENHORA JOCELYN SWYFT, sua companheira,
– SENELLE e DORCAS, suas aias e criadas,
– LUM, LESTER VERMELHO, HOKE, dito PERNA DE CAVALO, ORELHA-CURTA e PUCKENS, guardas,

– RAINHA MARGAERY, da Casa Tyrell, uma donzela de dezesseis anos, noiva viúva do Rei Joffrey I Baratheon e de Lorde Renly Baratheon antes dele,
– a corte de Margaery em Porto Real:
– MACE TYRELL, Senhor de Jardim de Cima, seu pai,
– SENHORA ALERIE, da Casa Hightower, sua mãe,
– SENHORA OLENNA TYRELL, sua avó, uma viúva idosa chamada RAINHA DOS ESPINHOS,
– ARRYK e ERRYK, guardas da Senhora Olenna, gêmeos com dois metros e dez de altura, ditos ESQUERDO e DIREITO,
– SOR GARLAN TYRELL, irmão de Margaery, O GALANTE,
– sua esposa, SENHORA LEONETTE, da Casa Fossoway,
– SOR LORAS TYRELL, seu irmão mais novo, o Cavaleiro das Flores, Irmão Juramentado da Guarda Real,
– as companheiras de Margaery:
– suas primas, MEGGA, ALLA e ELINOR TYRELL,
– o prometido de Elinor, ALYN AMBROSE, escudeiro,
– SENHORA ALYSANNE BULWER, uma menina de oito anos,
– MEREDYTH CRANE, chamada MERRY,
– SENHORA TAENA MERRYWEATHER,
– SENHORA ALYCE GRACEFORD,
– SEPTÃ NYSTERICA, uma irmã da Fé,
– PAXTER REDWYNE, Senhor da Árvore,

– seus filhos gêmeos, SOR HORAS e SOR HOBBER,
– MEISTRE BALLABAR, seu curandeiro e conselheiro,
– MATHIS ROWAN, Senhor de Bosquedouro,
– SOR WILLAM WYTHERS, capitão dos guardas de Margaery,
– HUGH CLIFTON, um belo e jovem guarda,
– SOR PORTIFER WOODWRIGHT e seu irmão, SOR LUCANTINE,

– a corte de Cersei em Porto Real:
– SOR OSFRYD KETTLEBLACK e SOR OSNEY KETTLEBLACK, irmãos mais novos de Sor Osmund Kettleblack,
– SOR GREGOR CLEGANE, chamado A MONTANHA QUE CAVALGA, agonizando dolorosamente de um ferimento envenenado,
– SOR ADDAM MARBRAND, Comandante da Patrulha da Cidade de Porto Real (os "homens de manto dourado"),
– JALABHAR XHO, Príncipe do Vale da Flor Vermelha, um exilado das Ilhas do Verão,
– GYLES ROSBY, Senhor de Rosby, incomodado por uma tosse,
– ORTON MERRYWEATHER, Senhor de Mesalonga,
– TAENA, sua esposa, uma mulher de Myr,
– SENHORA TANDA STOKEWORTH,
– SENHORA FALYSE, sua filha mais velha e herdeira,
– SOR BALMAN BYRCH, esposo da Senhora Falyse,
– SENHORA LOLLYS, sua filha mais nova, grávida e de cabeça fraca,
– SOR BRONN DA ÁGUA NEGRA, esposo da Senhora Lollys, um ex-mercenário,
– {SHAE}, uma seguidora de acampamentos a serviço como criada de quarto de Lollys, estrangulada na cama de Lorde Tywin,
– MEISTRE FRENKEN, a serviço da Senhora Tanda,
– SOR ILYN PAYNE, o Magistrado do Rei, um carrasco,
– RENNIFER LONGWATERS, chefe dos carcereiros de segunda das masmorras da Fortaleza Vermelha,
– RUGEN, carcereiro de segunda das celas negras,
– LORDE HALLYNE, O PIROMANTE, um sábio da Guilda dos Alquimistas,
– NOHO SIMITTIS, enviado do Banco de Ferro de Bravos,

– QYBURN, um necromante, outrora um meistre da Cidadela, mais recentemente membro dos Bravos Companheiros,
– RAPAZ LUA, o bobo real,
– PATE, um garoto de oito anos, castigado no lugar do Rei Tommen,
– ORMOND de VILAVELHA, o harpista e bardo real,
– SOR MARK MULLENDORE, que perdeu um macaco e metade de um braço na Batalha da Água Negra,
– AURANE WATERS, o Bastardo de Derivamarca,
– LORDE ALESANDER STAEDMON, chamado SAGORRO,
– SOR RONNET CONNINGTON, chamado RONNET VERMELHO, o Cavaleiro de Poleiro do Grifo,
– SOR LAMBERT TURNBERRY, SOR DERMOT DA MATA DE CHUVA, SOR TALLAD, chamado O ALTO, SOR BAYARD NORCROSS, SOR BONIFER DESPACHADA, chamado BONIFER, O BOM, SOR HUGO VANCE, cavaleiros juramentados do Trono de Ferro,
– SOR LYLE CRAKEHALL, chamado VARRÃO FORTE, SOR ALYN STACKSPEAR, SOR JON BETTLEY, chamado JON IMBERBE, SOR STEFFON SWYFT, SOR HUMFREY SWYFT, cavaleiros juramentados de Rochedo Casterly,
– JOSMYN PECKLEDON, um escudeiro e herói da Água Negra,
– GARRETT PAEGE e LEW PIPER, escudeiros e reféns,

– o povo de Porto Real:
– o ALTO SEPTÃO, Pai dos Fiéis, Voz dos Sete na Terra, um velho frágil,
– SEPTÃO TORBERT, SEPTÃO RAYNARD, SEPTÃO LUCEON, SEPTÃO OLLIDOR, dos Mais Devotos, a serviço dos Sete no Grande Septo de Baelor,
– SEPTÃ MOELLE, SEPTÃ AGLANTINE, SEPTÃ HELICENT, SEPTÃ UNELLA, dos Mais Devotos, a serviço dos Sete no Grande Septo de Baelor,
– os “pardais”, os mais humildes dos homens, ferozes em sua piedade,
– CHATAYA, proprietária de um bordel caro,
– ALAYAYA, sua filha,
– DANCY, MAREI, duas das garotas de Chataya,

– BRELLA, uma criada, nos últimos tempos a serviço da Senhora Sansa Stark,
– TOBHO MOTT, um mestre armeiro,
– HAMISH, O HARPISTA, um cantor idoso,
– ALARIC DE EYSEN, um cantor, muito viajado,
– WAT, um cantor, apresentando-se como BARDO AZUL,
– SOR THEODAN WELLS, um piedoso cavaleiro, mais tarde chamado SOR THEODAN, O FIEL.

O estandarte do Rei Tommen ostenta o veado coroado dos Baratheon, negro sobre dourado, e o leão dos Lannister, dourado sobre carmesim, combatente.

## O REI NA MURALHA

STANNIS BARATHEON, o Primeiro de Seu Nome, segundo filho de Lorde Steffron Baratheon e da Senhora Cassana da Casa Estermont, Senhor de Pedra do Dragão, autointitulado Rei de Westeros,

–SENHORA SELYSE, da Casa Florent, sua esposa, atualmente em Atalaialeste do Mar,

– a PRINCESA SHIREEN, sua filha, uma menina de onze anos,

– CARA-MALHADA, seu bobo louco,

– EDRIC STORM, seu sobrinho bastardo, filho do Rei Robert e da Senhora Delena Florent, um rapaz de doze anos, em viagem pelo mar estreito no *Prendos Louco*,

– SOR ANDREW ESTERMONT, primo do Rei Stannis, um homem do rei, no comando da escolta de Edric,

– SOR GERALD GOWER, LEWYS, chamado PEIXEIRA, SOR TRISTON DE MONTE DA TALHA, OMER BLACKBERRY, homens do rei, guardas e protetores de Edric,

– a corte de Stannis em Castelo Negro:

– SENHORA MELISANDRE DE ASSHAI, chamada MULHER VERMELHA, uma sacerdotisa de R'hllor, o Senhor da Luz,

– MANCE RAYDER, Rei-Para-Lá-da-Muralha, um cativo condenado à morte,

– o filho de Rayder e de sua esposa {DALLA}, um recém-nascido ainda sem nome, "o príncipe selvagem",

– GOIVA, a ama de leite do bebê, uma garota selvagem,
– seu filho, outro recém-nascido ainda sem nome, gerado pelo pai dela, {CRASTER},
– SOR RICHARD HORPE, SOR JUSTINO MASSEY, SOR CLAYTON SUGGS, SOR GODRY FARRING, chamado GIGANTICIDA, LORDE HARWOOD FELL, SOR CORLISS PENNY, homens da rainha e cavaleiros,
– DEVAN SEAWORTH e BRYEN FARRING, escudeiros reais,

– a corte de Stannis em Atalaialeste do Mar:
– SOR DAVOS SEAWORTH, chamado CAVALEIRO DAS CEBOLAS, Senhor da Mata de Chuva, Almirante do Mar Estreito e Mão do Rei,
– SOR AXELL FLORENT, tio da rainha Selyse, o líder dos homens da rainha,
– SALLADHOR SAAN, de Lys, um pirata e mercenário, dono do *Valiriana* e de uma frota de galés,

– a guarnição de Stannis em Pedra do Dragão:
– SOR ROLLAND STORM, chamado O BASTARDO DE NOCTICANTIGA, um homem do rei, castelão de Pedra do Dragão,
– MEISTRE PYLOS, curandeiro, tutor, conselheiro,
– “MINGAU” e “LAMPREIA”, dois carcereiros,

– senhores juramentados de Pedra do Dragão:
– MONTERYS VELARYON, Senhor das Marés e Mestre de Derivamarca, um garoto de seis anos,
– DURAM BAR EMMON, Senhor de Ponta Aguda, um rapaz de quinze anos,

– guarnição de Stannis em Ponta Tempestade:
– SOR GILBERT FARRING, castelão de Ponta Tempestade.
– LORDE ELWOOD MEADOWS, ajudante de campo de Sor Gilbert,
– MEISTRE JURNE, conselheiro e curandeiro de Sor Gilbert,

– senhores juramentados de Ponta Tempestade:

– ELDON ESTERMONT, Senhor de Pedraverde, tio do Rei Stannis, tio-avô do Rei Tommen, um cauteloso amigo de ambos,
– SOR AEMON, filho e herdeiro de Lorde Eldon, com Rei Tommen em Porto Real,
– SOR ALYN, filho de Sor Aemon, também com Rei Tommen em Porto Real,
– SOR LOMAS, irmão de Lorde Eldon, tio e aliado do Rei Stannis, em Ponta Tempestade,
– SOR ANDREW, filho de Sor Lomas, protetor de Edric Storm no mar estreito,
– LESTER MORRIGEN, Senhor do Ninho de Corvo,
– LORDE LUCOS CHYTTERING, chamado PEQUENO LUCOS, um jovem de dezesseis anos,
– DAVOS SEAWORTH, Senhor da Mata de Chuva,
– MARYA, sua esposa, filha de um carpinteiro,
– {DALE, ALLARD, MATTHOS, MARIC}, os quatro filhos mais velhos, perdidos na Batalha da Água Negra,
– DEVAN, escudeiro com Rei Stannis em Castelo Negro,
– STANNIS, um garoto de dez anos, com Senhora Marya no Cabo da Fúria,
– STEFFON, um garoto de seis anos, com Senhora Marya no Cabo da Fúria,

Stannis escolheu como símbolo o coração em chamas do Senhor da Luz; um coração vermelho rodeado por chamas cor de laranja sobre um fundo amarelo-vivo. No interior do coração encontra-se retratado o veado coroado da Casa Baratheon, de negro.

## REI DAS ILHAS E DO NORTE

Os Greyjoy de Pike afirmam descender do Rei Cinzento da Era dos Heróis. As lendas dizem que o Rei Cinzento governava o próprio mar e que tinha uma sereia como esposa. Aegon, o Dragão acabou com a linhagem do último Rei das Ilhas de Ferro, mas permitiu que os homens de ferro retomassem o Antigo Costume e escolhessem quem teria a primazia entre eles. O escolhido foi Lorde Vickon Greyjoy de Pyke. O símbolo dos Greyjoy é uma lula-gigante dourada em um campo negro. Suas palavras são *Nós não semeamos*.

A primeira Rebelião Greyjoy contra o Trono de Ferro foi derrotada pelo Rei Robert I Baratheon e por Lorde Eddard Stark de Winterfell, mas no caos que se seguiu à morte de Robert, Lorde Balon se proclamou rei novamente, e enviou seus navios para atacar o norte.

{BALON GREYJOY}, o Nono de Seu Nome Desde o Rei Cinzento, Rei das Ilhas de Ferro e do Norte, Rei do Sal e Rocha, Filho do Vento Marinho e Senhor Ceifeiro de Pyke, morto numa queda,

– a viúva do Rei Balon, SENHORA ALANNYS, da Casa Harlaw,

– seus filhos:

– {RODRIK}, morto durante a primeira rebelião de Balon,

– {MARON}, morto durante a primeira rebelião de Balon,

– ASHA, sua filha, capitã do *Vento Negro* e conquistadora de Bosque Profundo,

– THEON, autointitulado Príncipe de Winterfell, chamado pelos nortenhos THEON VIRA-MANTO,

– os irmãos e meio-irmãos do Rei Balon:
– {HARLON}, morto de escamagris na juventude,
– {QUENTON}, morto na infância,
– {DONEL}, morto na infância,
– EURON, chamado OLHO DE CORVO, capitão do *Silêncio*,
– VICTARION, Senhor Capitão da Frota de Ferro, mestre do *Vitória de Ferro*,
– {URRIGON}, morto de um ferimento gangrenado,
– AERON, dito CABELO-MOLHADO, um sacerdote do Deus Afogado,
– RUS e NORJEN, dois de seus acólitos, os "homens afogados",
– {ROBIN}, morto na infância,
– o pessoal do Rei Balon em Pyke:
– MEISTRE WENDAMYR, curandeiro e conselheiro,
– HELYA, governanta do castelo,

– os guerreiros e as espadas juramentadas do Rei Balon:
– DAGMER, chamado BOCA-FENDIDA, capitão do *Bebedor de Espuma*, ao comando dos nascidos no ferro em Praça de Torrhen,
– BLUETOOTH, um capitão de dracar,
– ULLER, SKYTE, remadores e guerreiros,

– PRETENDENTES À CADEIRA DE PEDRA DO MAR NA ASSEMBLEIA DE HOMENS LIVRES, EM VELHA WYK
GYLBERT FARWYND, Senhor da Luz Solitária,
– os campeões de Gylbert: seus filhos GYLES, YGON e YOHN,

ERIK FERREIRO, chamado ERIK QUEBRA-BIGORNAS e ERIK, O JUSTO, um velho, outrora capitão e corsário famoso,
– os campeões de Erik: seus netos UREK, THORMOR, DAGON,

DUNSTAN DRUMM, Drumm, Mão de Osso, Senhor de Velha Wyk,
– os campeões de Dunstan: seus filhos DENYS e DONNEL, e ANDRIK, O SÉRIO, um homem gigantesco,

ASHA GREYJOY, única filha de Balon Greyjoy, capitã do *Vento Negro*,
– os campeões de Asha: QARL, O DONZEL, TRISTIFER BOTLEY e SOR HARRAS HARLAW,
– os capitães e aliados de Asha: LORDE RODRIK HARLAW, LORDE BAELOR BLACKTYDE, LORDE MELDRED MERLYN, HARMUND SHARP,

VICTARION GREYJOY, irmão de Balon Greyjoy, mestre do *Vitória de Ferro* e Senhor Capitão da Frota de Ferro,
– os campeões de Victarion: RALF VERMELHO STONEHOUSE, RALF, O COXO, e NUTE, O BARBEIRO,
– os capitães e aliados de Victarion: HOTHO HARLAW, ALVYN SHARP, FRALEGG, O FORTE, ROMNY WEAVER, VONTADE HUMBLE, LENWOOD PEQUENO TAWNEY, RALF KENNING, MARON VOLMARK, GOROLD GOODBROTHER,
– os membros da tripulação de Victarion: WULFE UMA-ORELHA, RAGNOR PYKE,
– a companheira de cama de Victarion, certa mulher morena, muda e sem língua, um presente do irmão Euron,

EURON GREYJOY, chamado OLHO DE CORVO, irmão de Balon Greyjoy e capitão do *Silêncio*,
– os campeões de Euron: GREMUND BOTLEY, LORDE ORKWOOD DE MONTRASGO, DONNOR SALTCLIFFE,
– os capitães e aliados de Euron: TORWOLD DENTE-CASTANHO, JON CARA-SUMIDA MYRE, RODRIK FREEBORN, O REMADOR VERMELHO, LUCAS MÃO-ESQUERDA CODD, QUELLON HUMBLE, HARREN MEIO--HOARE, KEMMETT PYKE, O BASTARDO, QARL, O SERVO, MÃO DE PEDRA, RALF, O PASTOR, RALF DE FIDALPORTO,
– os membros da tripulação de Euron: CRAGORN

– os vassalos de Balon, os Senhores das Ilhas de Ferro:

EM PYKE

– {SAWANE BOTLEY}, Senhor de Fidalporto, afogado por Euron Olho de Corvo,
– {HARREN}, seu filho mais velho, morto em Fosso Cailin,
– TRISTIFER, seu segundo filho e legítimo herdeiro, despojado pelo tio,
– SYMOND, HARLON, VICKON e BENNARION, seus filhos mais novos, igualmente despojados,
– GERMUND, seu irmão, nomeado Senhor de Fidalporto,
– os filhos de Germund, BALON e QUELLON,
– SARGON e LUCIMORE, meio-irmãos de SAWANE,
– WEX, um rapaz mudo de doze anos, filho bastardo de Sargon, escudeiro de Theon Greyjoy,
– WALDON WYNCH, Senhor de Bosque de Ferro,

EM HARLAW
– RODRIK HARLAW, dito O LEITOR, Senhor de Harlaw, Senhor de Dez Torres, Harlaw de Harlaw,
– SENHORA GWYNESSE, sua irmã mais velha,
– SENHORA ALANNYS, sua irmã mais nova, viúva do Rei Balon Greyjoy,
– SIGFRYD HARLAW, chamado SIGFRYD CABELO DE PRATA ou SIGFRYD GRISALHO, seu tio-avô, dono de Solar de Harlaw,
– HOTHO HARLAW, chamado HOTHO CORCUNDA, da Torre Bruxuleante, um primo,
– SOR HARRAS HARLAW, chamado O CAVALEIRO, Cavaleiro de Jardim Cinzento, um primo,
– BOREMUND HARLAW, chamado BOREMUND, O AZUL, dono de Monte da Bruxa, um primo,
– vassalos e espadas juramentadas de Lorde Rodrik:
– MARON VOMARK, Senhor de Volmark,
– MYRE, STONETREE e KENNING,
– pessoal de Lorde Rodrik:
– TRÊS-DENTES, sua intendente, uma velha,

EM PRETAMARE

– BAELOR BLACKTYDE, Senhor de Pretamare, capitão do *Voador Noturno*,
– BEN CEGO BLACKTYDE, um sacerdote do Deus Afogado,

EM VELHA WYK
– DUNSTAN DRUMM, o Drumm, capitão do *Trovejante*,
– NORNE GOODBROTHER, de Pedrasmagada,
– STONEHOUSE,
– TARLE, chamado TARLE, O TRÊS VEZES AFOGADO, um sacerdote do Deus Afogado,

EM GRANDE WYK
– GOROLD GOODBROTHER, Senhor de Cornartelo,
– seus filhos, GREYDON, GRAN e GORMOND, trigêmeos,
– suas filhas, GYSELLA e GWIN,
– MEISTRE MURENMURE, tutor, curandeiro e conselheiro,
– TRISTON FARWYND, Senhor de Ponta de Pelefoca,
– SPARR,
– seu filho e herdeiro, STEFFARION,
– MELDRED MERLYN, Senhor de Seixeira,

EM MONTRASGO
– ORKWOOD DE MONTRASGO,
– LORDE TAWNEY,

EM SALÉSIA
– LORDE DONNOR SALTCLIFFE,
– LORDE SUNDERLY,

NAS ILHAS E ROCHEDOS MENORES
– GYLBERT FARWYND, Senhor da Luz Solitária,
– A VELHA GAIVOTA CINZENTA, um sacerdote do Deus Afogado.

# OUTRAS CASAS, GRANDES E PEQUENAS

## CASA ARRYN

Os Arryn são descendentes dos Reis da Montanha e do Vale. Seu símbolo é a lua e o falcão, branco sobre fundo azul-celeste. A Casa Arryn não participou na Guerra dos Cinco Reis. O lema dos Arryn é: *Tão Alto Como a Honra*.

ROBERT ARRYN, Senhor do Ninho da Águia, Defensor do Vale, intitulado pela mãe o Verdadeiro Protetor do Leste, um garoto enfermiço de oito anos, às vezes chamado PASSARINHO,

– sua mãe, {SENHORA LYSA}, da Casa Tully, viúva de Lorde Jon Arryn, empurrada pela Porta da Lua para a morte,

– seu padrasto, PETYR BAELISH, chamado MINDINHO, Senhor de Harrenhal, Senhor Supremo do Tridente e Senhor Protetor do Vale,

– ALAYNE STONE, filha ilegítima de Lorde Petyr, uma donzela de treze anos, na realidade, Sansa Stark,

– SOR LOTHOR BRUNE, um mercenário a serviço de Lorde Petyr, capitão dos guardas do Ninho da Águia,

– OSWELL, um homem grisalho de armas a serviço de Lorde Petyr, às vezes chamado KETTLEBLACK,

– o pessoal de Lorde Robert no Ninho da Águia:

– MARILLION, um atraente e jovem cantor, muito apreciado pela Senhora Lysa, acusado de seu assassinato,

– MEISTRE COLEMON, conselheiro, curandeiro e tutor,

– MORD, um carcereiro brutal com dentes de ouro,
– GRETCHEL, MADDY e MELA, criadas,

– os senhores vassalos de Lorde Robert, os Senhores do Vale:
– LORDE NESTOR ROYCE, Supremo Intendente do Vale e castelão dos Portões da Lua,
– SOR ALBAR, filho e herdeiro de Lorde Nestor,
– MYRANDA, dita RANDA, filha de Lorde Nestor, uma viúva, mas pouco usada,
– o pessoal de Lorde Nestor:
– SOR MARWYN BELMORE, capitão dos guardas,
– MYA STONE, uma tratadora de mulas e guia, filha bastarda do Rei Robert I Baratheon,
– OSSY e CARROT, tratadores de mulas,
– LYONEL CORBRAY, Senhor de Lar do Coração,
– SOR LYN CORBRAY, seu irmão e herdeiro, que brande a afamada espada Senhora Desespero,
– SOR LUCAS CORBRAY, seu irmão mais novo,
– JON LYNDERLY, Senhor da Mata de Cobras,
– TERRANCE, seu filho e herdeiro, um jovem escudeiro,
– EDMUND WAXLEY, o Cavaleiro de Tocalar,
– GEROLD GRAFTON, o Senhor de Vila Gaivota,
– GYLES, seu filho mais novo, um escudeiro,
– TRISTON SUNDERLAND, Senhor das Três Irmãs,
– GODRIC BORRELL, Senhor de Irmã Doce,
– ROLLAND LONGTHORPE, Senhor de Irmã Longa,
– ALESANDOR TORRENT, Senhor de Irmã Pequena,

– os Senhores Declarantes, vassalos da Casa Arryn unidos em defesa do jovem Lorde Robert:
– YOHN ROYCE, chamado BRONZE YOHN, Senhor de Pedrarruna, pertencente ao ramo principal da Casa Royce,
– SOR ANDAR, único filho sobrevivente de Bronze Yohn e herdeiro de Pedrarruna,
– o pessoal de Bronze Yohn:
– MEISTRE HELLIWEG, tutor, curandeiro, conselheiro,

– SEPTÃO LUCOS,
– SOR SAMWELL STONE, dito SAM FORTE STONE, mestre de armas,
– vassalos e espadas juramentadas de Bronze Yohn:
– ROYCE COLDWATER, Senhor de Regato de Aguafria,
– SOR DAMON SHETT, Cavaleiro de Torre das Gaivotas,
– UTHOR TOLLETT, Senhor de Vale Cinzento,
– ANYA WAYNWOOD, Senhora de Castelo de Ferrobles
– SOR MORTON, seu filho mais velho e herdeiro,
– SOR DONNEL, seu segundo filho, o Cavaleiro do Portão,
– WALLACE, seu filho mais novo,
– HARROLD HARDYNG, seu protegido, um escudeiro frequentemente chamado HARRY, O HERDEIRO,
– BENEDAR BELMORE, Senhor de Cantoforte,
– SOR SYMOND TEMPLETON, o Cavaleiro de Novestrelas,
– {EON HUNTER}, Senhor de Solar de Longarco, recentemente falecido,
– SOR GILWOOD, filho mais velho e herdeiro de Lorde Eon, agora chamado JOVEM LORDE HUNTER,
– SOR EUSTACE, segundo filho de Lorde Eon,
– SOR HARLAN, filho mais novo de Lorde Eon,
– pessoal do Jovem Lorde Hunter:
– MEISTRE WILLAMEN, conselheiro, curandeiro, tutor,
– HORTON REDFORT, Senhor de Fortencarnado, três vezes casado,
– SOR JASPER, SOR CREIGHTON, SOR JON, seus filhos,
– SOR MYCHEL, seu filho mais novo, cavaleiro recém-armado, c. Ysilla Royce de Pedrarruna,

– chefes de clã das Montanhas da Lua,
– SHAGGA, FILHO DE DOLF, DOS CORVOS DE PEDRA, presentemente na liderança de um bando na mata de rei,
– TIMETT, FILHO DE TIMETT, DOS HOMENS QUEIMADOS,
– CHELLA, FILHA DE CHEYK, DOS ORELHAS NEGRAS,
– CRAWN, FILHO DE CALOR, DOS IRMÃOS DA LUA.

## CASA FLORENT

Os Florent da Fortaleza de Águas Claras são vassalos de Jardim de Cima. Ao rebentar a Guerra dos Cinco Reis, Lorde Alester Florent seguiu seu suserano na proclamação pelo Rei Renly, mas seu irmão, Sor Axell, escolheu Stannis, marido de sua sobrinha Selyse. Após a morte de Renly, Lorde Alester passou para o lado de Stannis com todas as forças de Águas Claras. Stannis fez de Lorde Alester sua Mão e entregou o comando de sua frota a Sor Imry Florent, irmão da esposa. Tanto a frota como Sor Imry se perderam na Batalha da Água Negra, e os esforços realizados por Lorde Alester para negociar uma paz após a derrota foram vistos pelo Rei Stannis como traição. Ele foi entregue à sacerdotisa vermelha Melisandre, que o queimou como sacrifício a R'hllor.

O Trono de Ferro também declarou os Florent traidores, pelo apoio dado a Stannis e à sua rebelião. Foram proscritos, e a Fortaleza de Águas Claras e suas terras foram atribuídas a Sor Garlan Tyrell.

O selo da Casa Florent exibe uma cabeça de raposa rodeada por um círculo de flores.

{ALESTER FLORENT}, Senhor de Águas Claras, queimado como traidor,

– sua esposa, SENHORA MELARA, da Casa Crane,

– seus filhos:

– ALEKYNE, senhor proscrito de Águas Claras, fugiu para Vilavelha, a fim de procurar refúgio em Torralta,

– SENHORA MELESSA, casada com Lorde Randyll Tarly,
– SENHORA RHEA, casada com Lorde Leyton Hightower,
– seus irmãos:
– SOR AXELL, um homem da rainha, a serviço da sobrinha, a Rainha Selyse, em Atalaialeste do Mar,
– {SOR RYAM}, morto ao cair de um cavalo,
– SELYSE, sua filha, esposa e rainha do Rei Stannis I Baratheon,
– SHIREEN BARATHEON, sua única filha,
– {SOR IMRY}, seu filho mais velho, morto na Batalha da Água Negra,
– SOR ERREN, seu segundo filho, cativo em Jardim de Cima,
– SOR COLIN, castelão na Fortaleza de Águas Claras,
– DELENA, sua filha, c. SOR HOSMAN NORCROSS,
– seu filho ilegítimo, EDRIC STORM, filho do Rei Robert I Baratheon,
– ALESTER NORCROSS, seu filho legítimo mais velho, um garoto de nove anos,
– RENLY NORCROSS, seu segundo filho legítimo, um garoto de três anos,
– MEISTRE OMER, filho mais velho de Sor Colin, a serviço em Carvalho Velho,
– MERRELL, o filho mais novo de Sor Colin, um escudeiro na Árvore,
– RYLENE, irmã de Lorde Alester, c. Sor Rycherd Crane.

## CASA FREY

Os Frey são vassalos da Casa Tully, mas nem sempre foram diligentes em desempenhar seu dever. Ao rebentar a Guerra dos Cinco Reis, Robb Stark conquistou a aliança de Lorde Walder com a promessa de desposar uma de suas filhas ou netas. Quando se casou com a Senhora Jeyne Westerling, os Frey conspiraram com Roose Bolton e assassinaram o Jovem Lobo e seus seguidores, naquilo que ficou conhecido como o Casamento Vermelho.

WALDER FREY, Senhor da Travessia,
– de sua primeira esposa, {SENHORA PERRA}, da Casa Royce:
– {SOR STEVRON}, morto após a Batalha de Cruzaboi,
– c. {Corenna Swann}, morta de uma doença debilitante,
– o filho mais velho de Stevron, SOR RYMAN, herdeiro das Gêmeas,
– o filho de Ryman, EDWYN, casado com Janyce Hunter,
– a filha de Edwyn, WALDA, uma menina de nove anos,
– o filho de Ryman, WALDER, chamado WALDER NEGRO,
– o filho de Ryman, {PETYR}, chamado PETYR ESPINHA, enforcado em Pedravelhas, c. Mylenda Caron,
– a filha de Petyr, PERRA, uma menina de cinco anos,
– c. {Jeyne Lydden}, morta numa queda de cavalo,
– o filho de Stevron, {AEGON}, chamado GUIZO, morto no Casamento Vermelho por Catelyn Stark,

– a filha de Stevron, {MAEGELLE}, morta no parto, c. Sor Dafyn Vance,
– a filha de Maegelle, MARIANNE, uma donzela,
– o filho de Maegelle, WALDER VANCE, um escudeiro,
– o filho de Maegelle, PATREK VANCE,
– c. {Marsella Waynwood}, morta no parto,
– o filho de Stevron, WALTON, c. Deana Hardyng,
– o filho de Walton, STEFFON, chamado O DOCE,
– a filha de Walton, WALDA, chamada BELA WALDA,
– o filho de Walton, BRYAN, um escudeiro,

– SOR EMMON, segundo filho de Lorde Walder, c. Genna Lannister, da Casa Lannister,
– o filho de Emmon, {SOR CLEOS}, morto pelos fora da lei perto de Lagoa da Donzela, c. Jeyne Darry,
– o filho de Cleos, TYWIN, um escudeiro de onze anos,
– o filho de Cleos, WILLEM, um pajem em Cinzamarca, de dez anos,
– o filho de Emmon, SOR LYONEL, c. Melesa Crakehall,
– o filho de Emmon, {TION}, um escudeiro, assassinado por Rickard Karstark enquanto cativo em Correrrio,
– o filho de Emmon, WALDER, chamado WALDER VERMELHO, de catorze anos, um escudeiro em Rochedo Casterly,

– SOR AENYS, terceiro filho do Lorde Walder, c. {Tyana Wylde}, morta no parto,
– o filho de Aenys, AEGON NASCIDO EM SANGUE, um fora da lei,
– o filho de Aenys, RHAEGAR, c. {Jeyne Beesbury}, morta de uma doença debilitante,
– o filho de Rhaegar, ROBERT, um rapaz de treze anos,
– a filha de Rhaegar, WALDA, uma garota de dez anos, chamada WALDA BRANCA,
– o filho de Rhaegar, JONOS, um garoto de oito anos,

– PERRIANE, filha de Lorde Walder, c. Sor Leslyn Haigh,
– o filho de Perriane, SOR HARYS HAIGH,
– o filho de Harys, WALDER HAIGH, um garoto de quatro anos,

– o filho de Perriane, SOR DONNEL HAIGH,
– o filho de Perriane, ALYN HAIGH, um escudeiro,

– de sua segunda esposa, {SENHORA CYRENNA}, da Casa Swann:
– SOR JARED, o quarto filho de Lorde Walder, c. {Alys Frey},
– o filho de Jared, {SOR TYTOS}, morto por Sandor Clegane durante o Casamento Vermelho, c. Zhoe Blanetree,
– a filha de Tytos, ZIA, uma donzela de catorze anos,
– o filho de Tytos, ZACHERY, um rapaz de doze anos juramentado à Fé, em treinamento no Septo de Vilavelha,
– a filha de Jared, KYRA, c. {Sor Garse Goodbrook}, morto durante o Casamento Vermelho,
– o filho de Kyra, WALDER GOODBROOK, um garoto de nove anos,
– a filha de Kyra, JEYNE GOODBROOK, de seis anos,
– SEPTÃO LUCEON, a serviço no Grande Septo de Baelor,

– de sua terceira esposa, {SENHORA AMAREI}, da Casa Crakehall:
– SOR HOSTEEN, c. Bellena Hawick,
– o filho de Hosteen, SOR ARWOOD, c. Ryella Royce,
– a filha de Arwood, RYELLA, uma garota de cinco anos,
– os filhos gêmeos de Arwood, ANDROW e ALYN, com quatro anos,
– a filha de Arwood, HOSTELLA, um bebê recém-nascido,
– LYTHENE, filha de Lorde Walder, c. Lorde Lucias Vypren,
– a filha de Lythene, ELIANA, c. Sor Jon Wylde,
– o filho de Elyana, RICKARD WYLDE, de quatro anos,
– o filho de Lythene, SOR DAMON VYPREN,
– SYMOND, c. Betharios de Bravos,
– o filho de Symond, ALESANDER, um cantor,
– a filha de Symond, ALYX, uma donzela de dezessete anos,
– o filho de Symond, BRADAMAR, um garoto de dez anos, protegido de Oro Tendyris, um mercador de Bravos,
– SOR DANWELL, oitavo filho de Lorde Walder, c. Wynafrei Whent,
– {muitos natimortos e abortos},
– {MERRETT}, enforcado em Pedravelhas, c. Mariya Darry,
– a filha de Merrett, AMEREI, chamada AMI, c. {Sor Pate do Ramo Azul}, morto por Sor Gregor Clegane,

– a filha de Merrett, WALDA, chamada WALDA GORDA, c. Roose Bolton, Senhor do Forte do Pavor,
– a filha de Merrett, MARISSA, uma donzela de treze anos,
– o filho de Merrett, WALDER, chamado PEQUENO WALDER, de oito anos, um escudeiro a serviço de Ramsay Bolton,
– {SOR GEREMY}, afogado, c. Carolei Waynwood,
– o filho de Geremy, SANDOR, um rapaz de doze anos, escudeiro,
– a filha de Geremy, CYNTHEA, uma garota de nove anos, protegida da Senhora Anya Waynwood,
– SOR RAYMUND, c. Beony Beesbury,
– o filho de Raymund, ROBERT, um acólito na Cidadela,
– o filho de Raymund, MALWYN, a serviço como alquimista em Lys,
– as filhas gêmeas de Raymund, SERRA e SARRA,
– a filha de Raymund, CERSEI, chamada PEQUENA ABELHA,
– os filhos gêmeos de Raymund, JAIME e TYWIN, recém-nascidos,

– de sua quarta esposa, {SENHORA ALYSSA}, da Casa Blackwood:
– LOTHAR, o décimo segundo filho de Lorde Walder, chamado LOTHAR COXO, c. Leonella Lefford,
– a filha de Lothar, TYSANE, uma garota de sete anos,
– a filha de Lothar, WALDA, uma garota de cinco anos,
– a filha de Lothar, EMBERLEI, uma garota de três anos,
– a filha de Lothar, LEANA, um bebê recém-nascido,
– SOR JAMMOS, décimo terceiro filho de Lorde Walder, c. Sallei Paege,
– o filho de Jammos, WALDER, chamado GRANDE WALDER, um escudeiro a serviço de Ramsey Bolton,
– os filhos gêmeos de Jammos, DICKON e MATHIS, de cinco anos,
– SOR WHALEN, décimo quarto filho de Lorde Walder, c. Sylwa Paege,
– o filho de Whalen, HOSTER, um escudeiro de doze anos, a serviço de Sor Damon Paege,
– a filha de Whalen, MERIANNE, chamada MERRY, de onze anos,
– MORYA, filha de Lorde Walder, c. Sor Flement Brax,
– o filho de Morya, ROBERT BRAX, de nove anos, um pajem em Rochedo Casterly,

– o filho de Morya, WALDER BRAX, um garoto de seis anos,
– o filho de Morya, JON BRAX, um bebê de três anos,
– TYTA, filha de Lorde Walder, chamada TYTA, A DONZELA,

– de sua quinta esposa, {SENHORA SARYA}, da Casa Whent:
– nenhuma prole,

– de sua sexta esposa, {SENHORA BETHANY}, da Casa Rosby:
– SOR PERWYN, o décimo quinto filho de Lorde Walder,
– {SOR BENFREY}, décimo sexto filho de Lorde Walder, morto de um ferimento sofrido no Casamento Vermelho, c. Jyanna Frey, uma prima,
– a filha de Benfrey, DELLA, chamada DELLA SURDA, uma garota de três anos,
– o filho de Benfrey, OSMUND, um garoto de dois anos,
– MEISTRE WILLAMEN, décimo sétimo filho de Lorde Walder, a serviço em Solar de Longarco,
– OLYVAR, décimo oitavo filho de Lorde Walder, antigo escudeiro de Robb Stark,
– ROSLIN, dezesseis anos, c. Lorde Edmure Tully no Casamento Vermelho,

– de sua sétima esposa, {SENHORA ANNARA}, da Casa Farring:
– ARWYN, filha de Lorde Walder, uma donzela de catorze anos,
– WENDEL, décimo nono filho de Lorde Walder, de treze anos, pajem em Guardamar,
– COLMAR, vigésimo filho de Lorde Walder, de onze anos e prometido à Fé,
– WALTYR, chamado TYR, vigésimo primeiro filho de Lorde Walder, de dez anos,
– ELMAR, último filho varão de Lorde Walder, um garoto de nove anos, por um breve período prometido a Arya Stark,
– SHIREI, a filha mais nova de Lorde Walder, uma garota de sete anos,

– sua oitava esposa, SENHORA JOYEUSE, da Casa Erenford,
– atualmente grávida,

– filhos ilegítimos de Lorde Walder, de mães diversas,
– WALDER RIVERS, chamado WALDER BASTARDO,
– o filho de Walder Bastardo, SOR AEMON RIVERS,
– a filha de Walder Bastardo, WALDA RIVERS,
– MEISTRE MELWYS, a serviço em Rosby,
– JEYNE RIVERS, MARTYN RIVERS, RYGER RIVERS, RONEL RIVERS, MELLARA RIVERS e outros.

## CASA HIGHTOWER

Os Hightower de Vilavelha estão entre as mais antigas e orgulhosas das Grandes Casas de Westeros, traçando sua ascendência até os Primeiros Homens. Outrora reis, governam Vilavelha e arredores desde a Aurora dos Dias, acolhendo os ândalos em vez de resistir a eles, e mais tarde dobrando o joelho aos Reis da Campina e renunciando às coroas ao mesmo tempo que retinham todos seus antigos privilégios. Embora poderosos e imensamente ricos, os Senhores da Torre Alta têm uma tradição de preferir o comércio à batalha, e raramente desempenharam papel importante nas guerras de Westeros. Os Hightower foram determinantes para a fundação da Cidadela e continuam a protegê-la até o presente. Sutis e sofisticados, sempre foram grandes benfeitores da aprendizagem e da Fé, e dizem que certos membros da família também se interessaram pela alquimia, necromancia e outras artes feiticeiras.

As armas da Casa Hightower ostentam uma torre escalonada de branco e coroada com fogo sobre fundo cinza-fumaça. O lema da Casa é: *Nós Iluminamos o Caminho*.

LEYTON HIGHTOWER, Voz de Vilavelha, Senhor do Porto, Senhor da Torre Alta, Defensor da Cidadela, Farol do Sul, chamado O VELHO DE VILAVELHA,

– SENHORA RHEA, da Casa Hightower, sua quarta esposa,

– o filho mais velho e herdeiro de Lorde Leyton, SOR BAELOR, chamado BAELOR SORRISOVIVO, c. Rhonda Rowan,

– a filha de Lorde Leyton, MALORA, chamada A DONZELA LOUCA,

– a filha de Lorde Leyton, ALERIE, c. Lorde Mace Tyrell,
– o filho de Lorde Leyton, SOR GARTH, chamado AÇOGRIS,
– a filha de Lorde Leyton, DENYSE, c. Sor Desmond Redwyne,
– seu filho, DENYS, um escudeiro,
– a filha de Lorde Leyton, LEYLA, c. Sor Jon Cupps,
– a filha de Lorde Leyton, ALYSANNE, c. Lorde Arthur Ambrose,
– a filha de Lorde Leyton, LYNESSE, c. Lorde Jorah Mormont, atualmente principal concubina de Tregar Ormollen, de Lys,
– o filho de Lorde Leyton, SOR GUNTHOR, c. Jeyne Fossoway, dos Fossoway da maçã verde,
– o filho mais novo de Lorde Leyton, SOR HUMFREY,

– os vassalos de Lorde Leyton:
– TOMMEN COSTAYNE, Senhor de Três Torres,
– ALYSANNE BULWER, Senhora de Coroanegra, uma garota de oito anos,
– MARTYN MULLENDORE, Senhor de Terraltas,
– WARRYN BEESBURY, Senhor de Bosquemel,
– BRANSTON CUY, Senhor de Solar de Girassol,

– o povo de Vilavelha:
– EMMA, uma criada no Pena e Caneca, onde as mulheres são bem-dispostas e a cidra é terrivelmente forte,
– ROSEY, sua filha, uma garota de quinze anos cuja virgindade custará um dragão de ouro,

– os Arquimeistres da Cidadela:
– ARQUIMEISTRE NORREN, Senescal no ano que termina, cujo anel, bastão e máscara são de electrum,
– ARQUIMEISTRE THEOBALD, Senescal no ano que começa, cujo anel, bastão e máscara são de chumbo,
– ARQUIMEISTRE EBROSE, o curador, cujo anel, bastão e máscara são de prata,
– ARQUIMEISTRE MARWYN, chamado MARWYN, O MAGO, cujo anel, bastão e máscara são de aço valiriano,

– ARQUIMEISTRE PERESTAN, o historiador, cujo anel, bastão e máscara são de cobre,
– ARQUIMEISTRE VAELLYN, chamado VAELLYN VINAGRE, o astrônomo, cujo anel, bastão e máscara são de bronze,
– ARQUIMEISTRE RYAM, cujo anel, bastão e máscara são de ouro amarelo,
– ARQUIMEISTRE WALGRAVE, um velho com capacidade mental incerta, cujo anel, bastão e máscara são de ferro negro,
– GALLARD, CASTOS, ZARABELLO, BENEDICT, GARIZON, NYMOS, CETHERES, WILLIFER, MOLLOS, HARODON, GUYNE, AGRIVANE, OCLEY, todos arquimeistres,

– meistres, acólitos e noviços da Cidadela:
– MEISTRE GORMON, que frequentemente serve no lugar de Walgrave,
– ARMEN, um acólito de quatro elos, chamado O ACÓLITO,
– ALLERAS, chamado O ESFINGE, um acólito de três elos, arqueiro dedicado,
– ROBERT FREY, de dezesseis anos, um acólito de dois elos,
– LORCAS, um acólito de nove elos, a serviço do Senescal,
– LEO TYRELL, chamado LEO PREGUIÇOSO, um noviço de nascimento elevado,
– MOLLANDER, um noviço nascido aleijado de um pé,
– PATE, que cuida dos corvos do Arquimeistre Walgrave, um noviço pouco promissor,
– ROONE, um jovem noviço.

## CASA LANNISTER

Os Lannister de Rochedo Casterly permanecem como o principal apoio da pretensão do Rei Tommen ao Trono de Ferro. Orgulham-se de descender de Lann, o Esperto, o legendário malandro da Era dos Heróis. O ouro de Rochedo Casterly e de Dente Dourado fez dos Lannister a mais rica entre as Grandes Casas. O selo Lannister é um leão dourado em fundo carmesim. Seu lema é *Ouça-me Rugir!*

{TYWIN LANNISTER}, Senhor de Rochedo Casterly, Escudo de Lanisporto, Protetor do Oeste, e Mão do Rei, assassinado pelo filho anão em sua latrina,

– os filhos de Lorde Tywin:

– CERSEI, gêmea de Jaime, agora Senhora de Rochedo Casterly,

– JAIME, gêmeo de Cersei, chamado REGICIDA,

– TYRION, chamado DUENDE, anão e assassino de parentes,

– os irmãos de Lorde Tywin e respectivos descendentes:

– SOR KEVAN LANNISTER, c. Dorna, da Casa Swyft,

– SENHORA GENNA, c. Sor Emmon Frey, agora Senhor de Correrrio,

– o filho mais velho de Genna, {SOR CLEOS FREY}, c. Jeyne, da Casa Darry, morto pelos fora da lei,

– o filho mais velho de Cleos, SOR TYWIN FREY, chamado TY, agora herdeiro de Correrrio,

– o segundo filho de Cleos, WILLEM FREY, um escudeiro,

– o segundo filho de Genna, SOR LYONEL FREY,
– o terceiro filho de Genna, {TION FREY}, um escudeiro, assassinado enquanto cativo em Correrrio,
– o filho mais novo de Genna, WALDER FREY, chamado WALDER VERMELHO, pajem em Rochedo Casterly,
– WAT RISO-BRANCO, um cantor a serviço da Senhora Genna,
– {SOR TYGETT LANNISTER}, morto de varíola,
– TYREK, filho de Tygett, desaparecido e julgado morto,
– SENHORA ERMESANDE HAYFORD, esposa infanta de Tyrek,
– {GERION LANNISTER}, perdido no mar,
– JOY HILL, filha bastarda de Gerion, com onze anos,
– demais parentes próximos de Lorde Tywin:
– {SOR STAFFORD LANNISTER}, primo e irmão da esposa de Lorde Tywin, morto em batalha em Cruzaboi,
– CERENNA e MYRIELLE, filhas de Stafford,
– SOR DAVEN LANNISTER, filho de Sor Stafford,
– SOR DAMION LANNISTER, um primo, c. Senhora Shiera Crakehall,
– seu filho, SOR LUCION,
– sua filha, LANNA, c. Lorde Antario Jast,
– SENHORA MARGOT, uma prima, c. Lorde Titus Peake,

– o pessoal de sua casa em Rochedo Casterly:
– MEISTRE CREYLEN, curandeiro, tutor e conselheiro,
– VILARR, capitão dos guardas,
– SOR BENEDICT BROOM, mestre de armas,
– WAT RISO-BRANCO, um cantor,

– vassalos e espadas juramentadas, os Senhores do Oeste:
– DAMON MARBRAND, Senhor de Cinzamarca,
– SOR ADDAM MARBRAND, seu filho e herdeiro, Comandante da Patrulha da Cidade em Porto Real,
– ROLAND CRAKEHALL, Senhor de Paço de Codorniz,
– o irmão de Roland, {SOR BURTON}, morto pelos fora da lei,
– o filho e herdeiro de Roland, SOR TYBOLT,
– o filho de Roland, SOR LYLE, chamado VARRÃO FORTE,

– o filho mais novo de Roland, SOR MERLON,
– SEBASTION FARMAN, Senhor de Ilha Bela,
– JEYNE, sua irmã, c. SOR GARETH CLIFTON,

– TYTOS BRAX, Senhor de Valcorno,
– SOR FLEMENT BRAX, seu irmão e herdeiro,
– QUENTEN BANEFORT, Senhor de Forte Ruína,
– SOR HARYS SWYFT, sogro de Sor Kevan Lannister,
– o filho de Sor Harys, SOR STEFFON SWYFT,
– a filha de Sor Steffon, JOANNA,
– a filha de Sor Harys, SHIERLE, c. Sor Melwyn Sarsfield,
– REGENARD ESTREN, Senhor de Vieleira, cativo nas Gêmeas,
– GAWEN WESTERLING, Senhor do Despenhadeiro,
– sua esposa, SENHORA SYBELL, da Casa Spicer,
– seu irmão, SOR ROLPH SPICER, recém-nomeado Senhor de Castamere,
– seu primo, SOR SAMWELL SPICER,
– seus filhos:
– SOR RAYNALD WESTERLING,
– JEYNE, viúva de Robb Stark,
– ELEYNA, uma garota de doze anos,
– ROLLAM, um garoto de nove anos,
– SOR SELMOND STACKSPEAR,
– seu filho, SOR STEFFON STACKSPEAR,
– seu filho mais novo, SOR ALYN STACKSPEAR,
– TERRENCE KENNING, Senhor de Kayce,
– SOR KENNOS DE KAYCE, um cavaleiro ao seu serviço,
– LORDE ANTARIO JAST,
– LORDE ROBIN MORELAND,
– SENHORA ALYSANNE LEFFORD,
– LEWIS LYDDEN, Senhor de Toca Funda,
– LORDE PHILIP PLUMM,
– seus filhos, SOR DENNIS PLUMM, SOR PETER PLUMM e SOR HARWYN PLUMM, chamado PEDRADURA,
– LORDE GARRISON PRESTER,
– SOR FORLEY PRESTER, seu primo,

– SOR GREGOR CLEGANE, chamado A MONTANHA QUE CAVALGA,
– SANDOR CLEGANE, seu irmão,
– SOR LORENT LORCH, um cavaleiro com terras,
– SOR GARTH GREENFIELD, um cavaleiro com terras,
– SOR LYMOND VIKARY, um cavaleiro com terras,
– SOR RAYNARD RUTTIGER, um cavaleiro com terras,
– SOR MANFRED YEW, um cavaleiro com terras,
– SOR TYBOLT HETHERSPOON, um cavaleiro com terras,
– {MELARA HETHERSPOON}, sua filha, afogada em um poço enquanto protegida em Rochedo Casterly.

## CASA MARTELL

Dorne foi o último dos Sete Reinos a jurar lealdade ao Trono de Ferro. Tanto o sangue como os costumes, a geografia e a história distinguem os dorneses dos outros reinos. Quando rebentou a Guerra dos Cinco Reis, Dorne não participou, mas depois que Myrcella Baratheon foi prometida ao Príncipe Trystane, Lançassolar declarou seu apoio ao Príncipe Joffrey. O estandarte Martell é um sol vermelho trespassado por uma lança dourada. Seu lema é: *Insubmissos, Não Curvados, Não Quebrados*.

DORAN NYMEROS MARTELL, Senhor de Lançassolar, Príncipe de Dorne,

– sua esposa, MELLARIO, da Cidade Livre de Norvos,

– seus filhos:

– PRINCESA ARIANNE, a filha mais velha, herdeira de Lançassolar,

– GARIN, irmão de leite e companheiro de Arianne, pertencente aos órfãos do Sangueverde,

– PRÍNCIPE QUENTYN, recém-armado cavaleiro, há muito tempo educado pelo Lorde Yronwood de Paloferro,

– PRÍNCIPE TRYSTANE, prometido a Myrcella Baratheon,

– os irmãos do Príncipe Doran:

– {PRINCESA ELIA, violada e assassinada durante o Saque de Porto Real},

– {RHAENYS TARGARYEN}, sua filha pequena, assassinada durante o Saque de Porto Real,

– {AEGON TARGARYEN}, um bebê de peito, assassinado durante o Saque de Porto Real,
– {PRÍNCIPE OBERYN}, chamado VÍBORA VERMELHA, morto por Sor Gregor Clegane durante um julgamento por combate,
– ELLARIA SAND, a amante do Príncipe Oberyn, filha ilegítima de Lorde Harmen Uller,
– AS SERPENTES DA AREIA, bastardas do Príncipe Oberyn:
– OBARA, de vinte e oito anos, filha de Oberyn e de uma prostituta de Vilavelha,
– NYMERIA, chamada SENHORA NYM, de vinte e cinco anos, filha de uma mulher nobre de Volantis,
– TYENE, de vinte e três anos, filha de Oberyn e de uma septã,
– SARELLA, de dezenove anos, filha de uma mercadora, capitã do *Beijo Emplumado*,
– ELIA, de catorze anos, filha de Ellaria Sand,
– OBELLA, de doze anos, filha de Ellaria Sand,
– DOREA, de oito anos, filha de Ellaria Sand,
– LOREZA, de seis anos, filha de Ellaria Sand,

– a corte do Príncipe Doran, nos Jardins de Água:
– AREO HOTAH, de Norvos, capitão dos guardas,
– MEISTRE CALEOTTE, conselheiro, curandeiro e tutor,
– três vintenas de crianças, tanto de nascimento elevado como plebeu, filhos e filhas de senhores, cavaleiros, órfãos, mercadores, artesãos e camponeses, seus protegidos,

– a corte do Príncipe Doran, em Lançassolar:
– PRINCESA MYRCELLA BARATHEON, sua protegida, prometida ao Príncipe Trystane,
– SOR ARYS OAKHEART, escudo juramentado de Myrcella,
– ROSAMUND LANNISTER, aia e companheira de Myrcella, uma prima afastada,
– SEPTÃ EGLANTINE, confessora de Myrcella,
– MEISTRE MYLES, conselheiro, curandeiro e tutor,
– RICASSO, Senescal em Lançassolar, velho e cego,
– SOR MANFREY MARTELL, castelão em Lançassolar,

– SENHORA ALYSE LADYBRIGHT, senhora tesoureira,
– SOR GASCOYNE do Sangueverde, escudo juramentado do Príncipe Trystane,
– BORS e TIMOTH, criados em Lançassolar,
– BELANDRA, CEDRA, as irmãs MORRA e MELLEI, criadas em Lançassolar,

– vassalos do Príncipe Doran, os Senhores de Dorne:
– ANDERS YRONWOOD, Senhor de Paloferro, Protetor do Caminho de Pedra, o Sangue-Real,
– SOR CLETUS, seu filho, conhecido por ter um olho estrábico,
– MEISTRE KEDRY, curandeiro, tutor e conselheiro,
– HARMEN ULLER, Senhor da Toca do Inferno,
– ELLARIA SAND, sua filha ilegítima,
– SOR ULWYCK ULLER, seu irmão,
– DELONNE ALLYRION, Senhora de Graçadivina,
– SOR RYON, seu filho e herdeiro,
– SOR DAEMON SAND, filho ilegítimo de Ryon, o Bastardo de Graçadivina,
– DAGOS MANWOODY, Senhor de Tumbarreal,
– MORS e DICKON, seus filhos,
– SOR MYLES, seu irmão,
– LARRA BLACKMONT, Senhora de Monpreto,
– JYNESSA, sua filha e herdeira,
– PERROS, seu filho, um escudeiro,
– NYMELLA TOLAND, Senhora de Monte Espírito,
– QUENTYN QORGYLE, Senhor de Arenito,
– SOR GULIAN, seu filho mais velho e herdeiro,
– SOR ARRON, seu segundo filho,
– SOR DEZIEL DALT, o Cavaleiro de Limoeiros,
– SOR ANDREY, seu irmão e herdeiro, chamado DREY,
– FRANKLYN FOWLER, Senhor de Alcanceleste, chamado O VELHO FALCÃO, Protetor do Passo do Príncipe,
– JEYNE e JENNELYN, suas filhas gêmeas,
– SOR SYMON SANTAGAR, o Cavaleiro de Matamalhada,

– SYLVA, sua filha e herdeira, chamada SYLVA MALHADA devido às suas sardas,

– EDRIC DAYNE, Senhor de Tombastela, um escudeiro,

– SOR GEROLD DAYNE, chamado ESTRELA NEGRA, o Cavaleiro de Alto Ermitério, seu primo e vassalo,

– TREBOR JORDAYNE, Senhor da Penha,

– MYRIA, sua filha e herdeira,

– TREMOND GARGALEN, Senhor da Costa do Sal,

– DAERON VAITH, Senhor das Dunas Rubras.

## CASA STARK

A ascendência dos Stark remonta a Brandon, o Construtor, e aos antigos Reis do Inverno. Ao longo de milhares de anos governaram a partir de Winterfell como Reis do Norte, até que Torrhen Stark, o Rei Que Ajoelhou, escolheu jurar fidelidade a Aegon, o Dragão, em vez de lhe dar batalha. Quando Lorde Eddard Stark de Winterfell foi executado pelo Rei Joffrey, os nortenhos renunciaram a sua lealdade ao Trono de Ferro e proclamaram o filho de Lorde Eddard, Robb, o Rei no Norte. Durante a Guerra dos Cinco Reis, ele ganhou todas as batalhas, mas foi traído e assassinado pelos Frey e pelos Bolton nas Gêmeas durante o casamento do tio.

{ROBB STARK}, Rei no Norte, Rei do Tridente, Senhor de Winterfell, filho mais velho de Lorde Eddard Stark e da Senhora Catelyn, da Casa Tully, um jovem de dezesseis anos chamado O JOVEM LOBO,

– {VENTO CINZENTO}, seu lobo gigante, morto no Casamento Vermelho,

– seus irmãos legítimos:

– SANSA, sua irmã, c. Tyrion, da Casa Lannister,

– {LADY}, sua loba gigante, morta no Castelo de Darry,

– ARYA, sua irmã, uma menina de onze anos, desaparecida e julgada morta,

– NYMERIA, sua loba gigante, que vagueia pelas terras fluviais,

– BRANDON, chamado BRAN, um garoto aleijado de nove anos, herdeiro de Winterfell, julgado morto,
– VERÃO, seu lobo gigante,
– os companheiros e protetores de Bran:
– MEERA REED, uma donzela de dezesseis anos, filha de Lorde Howland Reed da Atalaia da Água Cinzenta,
– JOJEN REED, seu irmão, de treze anos,
– HODOR, um moço de estrebaria simplório, com dois metros e dez de altura,
– RICKON, seu irmão, um garoto de quatro anos, julgado morto,
– CÃO-FELPUDO, seu lobo gigante, negro e selvagem,
– a companheira de Rickon, OSHA, uma selvagem, outrora cativa em Winterfell,
– seu meio-irmão bastardo, JON SNOW, da Patrulha da Noite,
– FANTASMA, o lobo gigante de Jon, branco e silencioso,
– as espadas juramentadas de Robb:
– {DONNEL LOCKE, OWEN NORREY, DACEY MORMONT, SOR WENDEL MANDERLY, ROBIN PEDERNEIRO}, mortos no Casamento Vermelho,
– HALLIS MOLLEN, capitão dos guardas, que escolta os ossos de Eddard Stark de volta a Winterfell,
– JACKS, QUENT, SHADD, guardas,
– os tios e primos de Robb:
– BENJEN STARK, o irmão mais novo do pai, perdido em uma patrulha além da Muralha, julgado morto,
– {LYSA ARRYN}, irmã da mãe, Senhora do Ninho da Águia, c. Lorde Jon Arryn, empurrada para a morte,
– seu filho, ROBERT ARRYN, Senhor do Ninho da Águia e Defensor do Vale, um garoto enfermiço,
– EDMURE TULLY, Senhor de Correrrio, irmão da mãe, aprisionado no Casamento Vermelho,
– SENHORA ROSLIN, da Casa Frey, noiva de Edmure,
– SOR BRYNDEN TULLY, chamado PEIXE NEGRO, tio da mãe, castelão de Correrrio,

– os vassalos do Jovem Lobo, os Senhores do Norte:

– ROOSE BOLTON, Senhor do Forte do Pavor, o vira-manto,
– {DOMERIC}, seu filho legítimo e herdeiro, morto de problemas de barriga,
– RAMSAY BOLTON (anteriormente RAMSAY SNOW), filho ilegítimo de Roose, chamado O BASTARDO DE BOLTON, castelão do Forte do Pavor,
– WALDER FREY e WALDER FREY, chamados GRANDE WALDER e PEQUENO WALDER, escudeiros de Ramsay,
– {CHEIRETE}, um homem de armas tristemente famoso pelo fedor que exala, morto ao passar por Ramsay,
– "ARYA STARK", cativa de Lorde Roose, uma garota dissimulada, prometida a Ramsay,
– WALTON, chamado PERNAS D'AÇO, capitão de Roose,
– BETHO CASSEL, KYRA, NABO, PALLA, BANDY, SHYRA, PALLA e VELHA NAN, mulheres de Winterfell, mantidas cativas no Forte do Pavor,

– JON UMBER, chamado GRANDE-JON, Senhor da Última Lareira, cativo nas Gêmeas,
– {JON}, chamado PEQUENO-JON, o filho mais velho e herdeiro de Grande-Jon, morto no Casamento Vermelho,
– MORS, chamado CROWFOOD, tio de Grande-Jon, castelão na Última Lareira,
– HOTHER, chamado TERROR DAS PROSTITUTAS, tio de Grande-Jon, também castelão na Última Lareira,

– {RICKARD KARSTARK}, Senhor de Karhold, decapitado por traição e assassinato de prisioneiros,
– {EDDARD}, seu filho, morto no Bosque dos Murmúrios,
– {TORRHEN}, seu filho, morto no Bosque dos Murmúrios,
– HARRION, seu filho, cativo em Lagoa da Donzela,
– ALYS, filha de Lorde Rickard, uma donzela de quinze anos,
– o tio de Rickard, ARNOLF, castelão de Karhold,

– GALBERT GLOVER, Senhor de Bosque Profundo, solteiro,
– ROBETT GLOVER, seu irmão e herdeiro,

– a esposa de Robett, SYBELLE, da Casa Locke,
– seus filhos:
– GAWEN, um garoto de três anos,
– ERENA, um bebê de peito,
– O protegido de Galbert, LARENCE SNOW, filho ilegítimo de {Lorde Halys Hornwood}, um rapaz de treze anos,

– HOWLAND REED, Senhor da Atalaia da Água Cinzenta, um cranogmano,
– sua esposa, JYANA, dos cranogmanos,
– seus filhos:
– MEERA, uma jovem caçadora,
– JONJEN, um rapaz abençoado com a visão verde,

– WYMAN MANDERLY, Senhor de Porto Branco, muitíssimo gordo,
– SOR WYLIS MANDERLY, seu filho mais velho e herdeiro, muito gordo, cativo em Harrenhal,
– a esposa de Wylis, LEONA, da Casa Woolfield,
– WINAFRYD, sua filha, uma donzela de dezenove anos,
– WYLLA, sua filha, uma donzela de quinze anos,
– {SOR WENDEL MANDERLY}, seu segundo filho, morto no Casamento Vermelho,
– SOR MARLON MANDERLY, seu primo, comandante da guarnição do Porto Branco,
– MEISTRE THEOMORE, conselheiro, tutor, curandeiro,

– MAEGE MORMONT, Senhora da Ilha dos Ursos,
– {DACEY}, sua filha mais velha e herdeira, morta no Casamento Vermelho,
– ALYSANE, LYRA, JORELLE, LYANNA, suas filhas,
– {JEOR MORMONT}, seu irmão, Senhor Comandante da Patrulha da Noite, morto por seus próprios homens,
– SOR JORAH MORMONT, filho de Lorde Jeor, outrora Senhor da Ilha dos Ursos por direito próprio, um cavaleiro condenado e exilado,

– {SOR HELMAN TALLHART}, Senhor da Praça de Torrhen, morto em Valdocaso,
– {BENFRED}, seu filho e herdeiro, morto por homens de ferro na Costa Pedregosa,
– EDDARA, sua filha, cativa em Praça de Torrhen,
– {LEOBALD}, seu irmão, morto em Winterfell,
– a esposa de Leobald, BERENA, da Casa Hornwood, cativa em Praça de Torrhen,
– seus filhos, BRANDON e BEREN, igualmente cativos na Praça de Torrhen,

– RODRIK RYSWELL, Senhor dos Regatos,
– BARBREY DUSTIN, sua filha, Senhora de Vila Acidentada, viúva de {Lorde Willam Dustin},
– HARWOOD STOUT, seu vassalo, um pequeno senhor em Vila Acidentada,
– {BETHANY BOLTON}, sua filha, segunda esposa de Lorde Roose Bolton, morta de uma febre,
– ROGER RYSWELL, RICKARD RYSWELL, ROOSE RYSWELL, seus irascíveis primos e vassalos,

– {CLEY CERWYN}, Senhor de Cerwyn, morto em Winterfell,
– JONELLE, sua irmã, uma donzela de trinta e dois anos,
– LYNESSA FLINT, Senhora de Atalaia da Viúva,
– ONDREW LOCKE, Senhor de Castelovelho, um velho,
– HUGO WULL, chamado GRANDE BALDE, chefe de seu clã,
– BRANDON NORREY, chamado O NORREY, chefe de seu clã,
– TORREN LIDDLE, chamado O LIDDLE, chefe de seu clã,

As armas Stark ostentam um lobo gigante cinza correndo por um campo branco de gelo. O lema dos Stark é: *O Inverno Está Chegando*.

## CASA TULLY

Lorde Edmyn Tully de Correrrio foi um dos primeiros entre os senhores do rio a jurar lealdade a Aegon, o Conquistador. O Rei Aegon o recompensou atribuindo à Casa Tully o domínio sobre todas as terras do Tridente. O símbolo dos Tully é uma truta saltante, prateada, em fundo ondulado de azul e vermelho. O lema dos Tully é: *Família, Dever, Honra*.

EDMURE TULLY, Senhor de Correrrio, aprisionado em seu casamento e mantido cativo pelos Frey,
– SENHORA ROSLIN, da Casa Frey, a jovem noiva de Edmure,
– {SENHORA CATELYN STARK}, sua irmã, viúva de Lorde Eddard Stark de Winterfell, morta no Casamento Vermelho,
– {SENHORA LYSA ARRYN}, sua irmã, viúva de Lorde Jon Arryn do Vale, empurrada para a morte no Ninho da Águia,
– SOR BRYNDEN TULLY, chamado PEIXE NEGRO, tio de Edmure, castelão de Correrrio,
– o pessoal de Lorde Edmure em Correrrio:
– MEISTRE VYMAN, conselheiro, curandeiro e tutor,
– SOR DESMOND GRELL, mestre de armas,
– SOR ROBIN RYGER, capitão da guarda,
– LEW COMPRIDO, ELWOOD, DELP, guardas,
– UTHERYDES WAYN, intendente de Correrrio,

– vassalos de Edmure, os Senhores do Tridente:
– TYTOS BLACKWOOD, Senhor de Solar de Corvarbor,

– {LUCAS}, seu filho, morto no Casamento Vermelho,
– JONOS BRACKEN, Senhor de Barreira de Pedra,
– JASON MALLISTER, Senhor de Guardamar, prisioneiro em seu próprio castelo,
– PATREK, seu filho, aprisionado com o pai,
– SOR DENYS MALLISTER, tio de Lorde Jason, membro da Patrulha da Noite,
– CLEMENT PIPER, Senhor do Castelo de Donzelarrosa,
– seu filho e herdeiro, SOR MARQ PIPER, aprisionado no Casamento Vermelho,
– KARYL VANCE, Senhor do Pouso do Viajante,
– sua filha mais velha e herdeira, LIANE,
– suas filhas mais novas, RHIALTA e EMPHYRIA,
– NORBERT VANCE, o cego Senhor de Atranta,
– seu filho mais velho e herdeiro, SOR RONALD VANCE, chamado O MAU,
– seus filhos mais novos, SOR HUGO, SOR ELLERY, SOR KIRTH e MEISTRE JON,
– THEOMAR SMALLWOOD, Senhor de Solar de Bolotas,
– sua esposa, SENHORA RAVELLA, da Casa Swann,
– sua filha, CARELLEN,
– WILLIAM MOOTON, Senhor de Lagoa da Donzela,
– SHELLA WHENT, a desalojada Senhora de Harrenhal,
– SOR WILLIS WODE, um cavaleiro ao seu serviço,
– SOR HALMON PAEGE,
– LORDE LYMOND GOODBROOK.

## CASA TYRELL

Os Tyrell ascenderam ao poder como intendentes dos Reis da Campina, embora digam descender de Garth Greenhand, o rei jardineiro dos Primeiros Homens. Quando o último rei da Casa Gardener foi morto no Campo de Fogo, seu intendente Harlen Tyrell entregou Jardim de Cima a Aegon, o Conquistador. Aegon concedeu aos Tyrell o castelo e o domínio sobre a Campina. Mace Tyrell declarou seu apoio a Renly Baratheon no início da Guerra dos Cinco Reis e lhe deu a mão de sua filha Margaery. Após a morte de Renly, Jardim de Cima fez aliança com a Casa Lannister, e Margaery foi prometida ao Rei Joffrey.

MACE TYRELL, Senhor de Jardim de Cima, Protetor do Sul, Defensor das Marcas, Supremo Marechal da Campina,
– sua esposa, SENHORA ALERIE, da Casa Hightower de Vilavelha,
– seus filhos:
– WILLAS, o filho mais velho, herdeiro de Jardim de Cima,
– SOR GARLAN, chamado GALANTE, o segundo filho, recentemente nomeado Senhor de Águas Claras,
– a esposa de Garlan, SENHORA LEONETTE, da Casa Fossoway,
– SOR LORAS, o Cavaleiro das Flores, o filho mais novo, Irmão Juramentado da Guarda Real,
– MARGAERY, sua filha, duas vezes casada e duas vezes viúva,
– as companheiras e servidoras de Margaery:

– suas primas, MEGGA, ALLA e ELINOR TYRELL,
– o prometido de Elinor, ALYN AMBROSE, escudeiro,
– SENHORA ALYSANNE BULWER, SENHORA ALYCE GRACEFORD, SENHORA TAENA MERRYWEATHER, MEREDYTH CRANE, chamada MERRY, SEPTÃ NYSTERICA, suas companheiras,
– a mãe viúva de Mace, SENHORA OLENNA, da Casa Redwyne, chamada RAINHA DOS ESPINHOS,
– ARRYK e ERRYK, seus guardas, gêmeos com dois metros e dez de altura, chamados ESQUERDO e DIREITO,
– as irmãs de Mace:
– SENHORA MINA, casada com Paxter Redwyne, Senhor da Árvore,
– seus filhos:
– SOR HORAS REDWYNE, gêmeo de Hobber, escarnecido como HORROR,
– SOR HOBBER REDWYNE, gêmeo de Horas, escarnecido como BABEIRO,
– DESMERA REDWYNE, uma donzela de dezesseis anos,
– SENHORA JANNA, casada com Sor Jon Fossoway,
– os tios e primos de Mace:
– o tio de Mace, GARTH, chamado o GROSSO, Senhor Senescal de Jardim de Cima,
– os filhos bastardos de Garth, GARSE e GARRETT FLOWERS,
– o tio de Mace, SOR MORYN, Senhor Comandante da Patrulha da Cidade de Vilavelha,
– o filho de Moryn, {SOR LUTHOR}, c. Senhora Elyn Norridge,
– o filho de Luthor, SOR THEODORE, c. Senhora Lia Serry,
– a filha de Theodore, ELINOR,
– o filho de Theodore, LUTHOR, um escudeiro,
– o filho de Luthor, MEISTRE MEDWYCK,
– a filha de Luthor, OLENE, c. Sor Leo Blackbar,
– o filho de Moryn, LEO, chamado LEO PREGUIÇOSO, um noviço na Cidadela de Vilavelha,
– o tio de Mace, MEISTRE GORMON, a serviço na Cidadela,
– o primo de Mace, {SOR QUENTIN}, morto em Vaufreixo,
– o filho de Quentin, SOR OLIVER, c. Senhora Lysa Meadows,
– os filhos de Olymer, RAYMUND e RICKARD,

– a filha de Olymer, MEGGA,
– o primo de Mace, MEISTRE NORMUND, a serviço em Coroanegra,
– o primo de Mace, {SOR VICTOR}, morto pelo Cavaleiro Sorridente da Irmandade da Mata de Rei,
– a filha de Victor, VICTARIA, c. {Lorde Jon Bulwer}, morto de uma febre de verão,
– a sua filha, SENHORA ALYSANNE BULWER, de oito anos,
– o filho de Victor, SOR LEO, c. Senhora Alys Beesbury,
– as filhas de Leo, ALLA e LEONA,
– os filhos de Leo, LYONEL, LUCAS e LORENT,

– o pessoal de Mace em Jardim de Cima:
– MEISTRE LOMYS, conselheiro, curandeiro e tutor,
– IGON VYRWELL, capitão da guarda,
– SOR VORTIMER CRANE, mestre de armas,
– BOSSAS DE MANTEIGA, bobo, enormemente gordo.

– os senhores seus vassalos, os Senhores da Campina:
– RANDYLL TARLY, Senhor de Monte Chifre,
– PAXTER REDWYNE, Senhor da Árvore,
– SOR HORAS e SOR HOBBER, seus filhos gêmeos,
– o curandeiro de Lorde Paxter, MEISTRE BALLABAR,
– ARWYN OAKHEART, Senhora de Carvalho Velho,
– o filho mais novo da Senhora Arwyn, SOR ARYS, um Irmão Juramentado da Guarda Real,
– MATHIS ROWAN, Senhor de Bosquedouro, c. Bethany, da Casa Redwyne,
– LEYTON HIGHTOWER, Voz de Vilavelha, Senhor do Porto,
– HUMFREY HEWETT, Senhor de Escudorroble,
– FALIA FLOWERS, sua filha bastarda,
– OSBERT SERRY, Senhor de Escudossul,
– SOR TALBERT, seu filho e herdeiro,
– GUTHOR GRIMM, Senhor de Escudogris,
– MORIBALD CHESTER, Senhor de Escudoverde,
– ORTON MERRYWEATHER, Senhor de Mesalonga,
– SENHORA TAENA, sua esposa, uma mulher de Myr,

– RUSSEL, seu filho, um garoto de oito anos,
– LORDE ARTHUR AMBROSE, c. Senhora Alysanne Hightower,

– seus cavaleiros e espadas a ele juramentadas:
– SOR JON FOSSOWAY, dos Fossoway da maçã verde.
– SOR TANTON FOSSOWAY, dos Fossoway da maçã vermelha.

O símbolo dos Tyrell é uma rosa dourada em campo verde-relva. Seu lema é: *Crescendo Fortes*.

# REBELDES E VAGABUNDOS
# PLEBEUS E IRMÃOS JURAMENTADOS

## FIDALGOS, VIAJANTES E COMUNS

– SOR CREIGHTON LONGBOUGH e SOR ILLIFER, O SEM-VINTÉM, cavaleiros andantes e companheiros,

– HIBALD, um mercador temeroso e avarento,

– SOR SHADRICH DE VALE SOMBRIO, chamado RATO LOUCO, um cavaleiro andante a serviço de Hibald,

– BRIENNE, A DONZELA DE TARTH, também chamada BRIENNE, A BELA, donzela em uma demanda,

– LORDE SELWYN, O ESTRELA DA TARDE, Senhor de Tarth, seu pai,

– {GRANDE BEN BUSHY}, SOR HYLE HUNT, SOR MARK MULLENDORE, SOR EDMUND AMBROSE, {SOR RICHARD FARROW}, {WILL, O CEGONHA}, SOR HUGH BEESBURY, SOR RAYMOND NAYLAND, HARRY SAWYER, SOR OWEN INCHFIELD, ROBIN POTTER, outrora seus pretendentes,

– RENFRED RYKKER, Senhor de Valdocaso,

– SOR RUFUS LEEK, um cavaleiro perneta ao seu serviço, castelão do Forte Pardo, em Valdocaso,

– WILLIAM MOOTON, Senhor de Lagoa da Donzela,

– ELEANOR, sua filha mais velha e herdeira, de treze anos,

– RANDYLL TARLY, Senhor de Monte Chifre, no comando das forças do Rei Tommen ao longo do Tridente,

– DICKON, seu filho e herdeiro, um jovem escudeiro,

– SOR HYLE HUNT, juramentado ao serviço da Casa Tarly,

– SOR ALYN HUNT, primo de Sor Hyle, igualmente a serviço de Lorde Randyll,

– DICK CRABB, chamado LESTO DICK, um Crabb de Ponta da Garra Rachada,

– EUSTACE BRUNE, Senhor do Antro Terrível,

– BENNARD BRUNE, o Cavaleiro de Cova Castanha, seu primo,
– SOR ROGER HOGG, o Cavaleiro do Corno de Porca,
– SEPTÃO MERIBALD, um septão descalço,
– seu cão, CÃO,
– O IRMÃO MAIS VELHO, da Ilha Quieta,
– IRMÃO NARBERT, IRMÃO GILLAM, IRMÃO RAWNEY, irmãos penitentes da Ilha Quieta,
– SOR QUINCY COX, o Cavaleiro de Salinas, um velho em sua segunda infância,

– na velha estalagem do entroncamento:
– JEYNE HEDDLE, chamada JEYNE LONGA, estalajadeira, uma jovem alta de dezoito anos,
– WILLOW, sua irmã, austera com uma colher,
– TANÁSIA, PATE, JON VINTÉM, BEN, órfãos na estalagem,
– GENDRY, um aprendiz de ferreiro e filho bastardo do Rei Robert I Baratheon, ignorante sobre seu nascimento,

– em Harrenhal:
– RAFFORD, chamado RAFF, O QUERIDO, BOCA DE MERDA, DUNSEN, membros da guarnição,
– BEN BLACKTHUMB, um ferreiro e armeiro,
– PIA, uma criada, outrora bonita,
– MEISTRE GULIAN, curandeiro, tutor e conselheiro,

– em Darry:
– SENHORA AMEREI FREY, chamada AMI PORTÃO, uma amorosa jovem viúva prometida a Lorde Lancel Lannister,
– a mãe da Senhora Amerei, SENHORA MARIYA, da Casa Darry, viúva de Merrett Frey,
– a irmã da Senhora Amerei, MARISSA, uma donzela de treze anos,
– SOR HARWYN PLUMM, chamado PEDRA-DURA, comandante da guarnição,
– MEISTRE OTTOMORE, curandeiro, tutor e conselheiro,

– na Estalagem do Ajoelhado:

– SHARNA, a estalajadeira, cozinheira e parteira,
– seu marido, chamado MARIDO,
– RAPAZ, um órfão de guerra,
– TORTA QUENTE, um filho de padeiro, agora órfão.

## HOMENS FORA DA LEI E DESERTORES

{BERIC DONDARRION}, outrora Senhor de Portonegro, seis vezes morto,
– EDRIC DAYNE, Senhor de Tombastela, um rapaz de doze anos, escudeiro de Lorde Beric,
– O CAÇADOR LOUCO, do Septo de Pedra, seu aliado ocasional,
– BARBA-VERDE, um mercenário tyroshi, seu amigo inseguro,
– ANGUY, O ARQUEIRO, um arqueiro originário da Marca de Dorne,
– MERRIT DE VILALUA, WATTY, O MOLEIRO, MEG PANTANOSA, JON DE NOGUEIRA, fora da lei de seu bando,

SENHORA CORAÇÃO DE PEDRA, uma mulher encapuzada, por vezes chamada MÃE IMPIEDOSA, A IRMÃ SILENCIOSA e A CARRASCA,
– LIMO, chamado LIMO MANTO LIMÃO, outrora soldado,
– THOROS DE MYR, um sacerdote vermelho,
– HARWIN, filho de Hullen, um nortenho anteriormente a serviço de Lorde Eddard Stark em Winterfell,
– JACK SORTUDO, um homem caolho procurado pela justiça,
– TOM DE SETERRIOS, um cantor de reputação duvidosa, chamado TOM SETE-CORDAS e TOM DAS SETE,
– LUKE PROMETEDOR, NOTCH, MUDGE, DICK IMBERBE, os fora da lei,

SANDOR CLEGANE, chamado CÃO DE CAÇA, outrora escudo juramentado do Rei Joffrey, mais tarde um Irmão Juramentado da Guarda Real, visto pela última vez febril e moribundo junto do Tridente,

{VARGO HOAT}, da Cidade Livre de Qohor, chamado O BODE, um capitão mercenário de discurso baboso, morto em Harrenhal por Sor Gregor Clegane,

– seus Bravos Companheiros, também chamados Saltimbancos Sangrentos:

– URSWYCK, chamado O FIEL, seu lugar-tenente,

– SEPTÃO UTT, enforcado por Lorde Beric Dondarrion,

– TIMEON DE DORNE, ZOLLO, O GORDO, RORGE, DENTADAS, PYG, SHAGWELL, O BOBO, TOGG JOTH de Ibben, TRÊS DEDOS, dispersos e em fuga,

– no Pêssego, um bordel em Septo de Pedra:

– TANÁSIA, a proprietária ruiva,

– ALYCE, CASS, LANNA, JYZENE, HELLY, SINA, algumas de suas pêssegas,

– em Solar de Bolotas, a sede da Casa Smallwood:

– SENHORA RAVELLA, anteriormente da Casa Swann, esposa de Lorde Theomar Smallwood,

– aqui, ali e acolá:

– LORDE LYMOND LYCHESTER, um velho de mente incerta, que um dia deteve Sor Maynard na ponte,

– seu jovem prestador de cuidados, MEISTRE ROONE,

– o fantasma de Coração Alto,

– a Senhora das Folhas,

– o septão em Brotadança.

## OS IRMÃOS JURAMENTADOS DA PATRULHA DA NOITE

JON SNOW, o Bastardo de Winterfell, nonocentésimo nonagésimo oitavo Senhor Comandante da Patrulha da Noite,
– FANTASMA, seu lobo gigante, branco e silencioso,
– seu intendente, EDDISON TOLETT, chamado EDD DOLOROSO,

OS HOMENS DE CASTELO NEGRO
– BENJEN STARK, Primeiro Patrulheiro, há muito desaparecido, presumivelmente morto,
– SOR WYNTON STOUT, um patrulheiro idoso, de cabeça fraca,
– KEDGE WHITEYE, BEDWYCK, dito GIGANTE, MATTHAR, DYWEN, GARTH PENA-CINZA, ULMER DA MATA DE REI, ELRON, PYPAR, chamado PYP, GRENN, chamado AUROQUE, BERNARR, chamado BERNARR PRETO, GOADY, TIM STONE, JACK NEGRO BULWER, GEOFF, chamado O ESQUILO, BEN BARBUDO, partulheiros,
– BOWEN MARSH, Senhor Intendente,
– HOBB TRÊS-DEDOS, intendente e chefe cozinheiro,
– {DONAL NOYE}, antigo armeiro e ferreiro, morto ao portão por Mag, o Poderoso,
– OWEN, chamado IDIOTA, TIM LÍNGUA-ENREDADA, MULLY, CUGEN, DONNEL HILL, chamado DOCE DONNEL, LEW MÃO ESQUERDA, JEREN, WICK WHITTLESTICK, intendentes,
– OTHELL YARWYCK, Primeiro Construtor,
– BOTA EXTRA, HALDER, ALBETT, BARRICAS, construtores,
– CONWY, GUEREN, recrutadores viajantes,
– SEPTÃO CELLADOR, um devoto ébrio,
– SOR ALLISER THORNE, antigo mestre de armas,

– LORDE JANOS SLYNT, antigo comandante da Patrulha da Cidade de Porto Real, durante um breve período Senhor de Harrenhal,
– MEISTRE AEMON (TARGARYEN), curandeiro e conselheiro, um cego, com cento e dois anos de idade,
– o intendente de Aemon, CLYDAS,
– o intendente de Aemon, SAMWELL TARLY, gordo e dado aos livros,
– EMMETT DE FERRO, anteriormente de Atalaialeste, mestre de armas,
–HARRETH chamado CAVALO, os gêmeos ARRON e EMRICK, SANTIN, HOP-ROBIN, recrutas em treinamento

Os homens de torre sombria
SOR DENYS MALLISTER, Comandante, Torre Sombria,
– seu intendente e escudeiro, WALLACE MASSEY,
– MEISTRE MULLIN, curandeiro e conselheiro.
– {QHORIN MEIA-MÃO}, patrulheiro chefe, morto por Jon Snow além da Muralha,
– irmãos da Torre Sombria:
– {ESCUDEIRO DALBRIDGE, EGGEN}, patrulheiros, mortos no Passo dos Guinchos,
– COBRA DAS PEDRAS, um patrulheiro, perdido no Passo dos Guinchos enquanto se deslocava a pé,

Os homens de Atalaialeste do mar
COTTER PYKE, comandante,
– MEISTRE HARMUNE, curandeiro e conselheiro,
– VELHO FARRAPO SALGADO, capitão do *Melro*,
– SOR GLENDON HEWETT,
– irmãos de Atalaialeste:
– DAREON, intendente e cantor,

Na fortaleza de Craster (os traidores)
– ADAGA, que assassinou Craster, seu anfitrião,
– OLLO MÃO-CORTADA, que matou seu senhor comandante, Jeor Mormont,

– GARTH DE VIAVERDE, MAWNEY, GRUBBS, ALAN DE ROSBY, antigos patrulheiros,

– KARL PÉ-TORTO, ÓRFÃO OSS, BILL RESMUNGÃO, antigos intendentes.

## OS SELVAGENS, OU O POVO LIVRE

MANCE RAYDER, Rei-Para-Lá-da-Muralha, um cativo em Castelo Negro,
– sua esposa, {DALLA}, morta no parto,
– seu filho, morto em batalha, sem nome
– VAL, a irmã mais nova de Dalla, "a princesa selvagem", uma cativa em Castelo Negro,

– chefes e capitães selvagens:
– {HARMA}, chamada CABEÇA DE CÃO, morta junto da Muralha,
– HALLECK, seu irmão,
– O SENHOR DOS OSSOS, escarnecido como CAMISA DE CHOCALHO, um corsário e chefe de um bando de guerra, cativo em Castelo Negro,
– {YGRITTE}, uma jovem esposa de lanças, amante de Jon Snow, morta durante o ataque a Castelo Negro,
– RYK, chamado LANÇA-LONGA, membro de seu bando,
– RAGWYLE, LENYL, membros de seu bando,
– {STYR}, Magnar de Thenn, morto durante o ataque a Castelo Negro,
– SIGORN, filho de Styr, o novo Magnar de Thenn,
– TORMUND, Rei-Hidromel de Solar Ruivo, dito TERROR DOS GIGANTES, ALTO-FALANTE, SOPRADOR DE CHIFRES e QUEBRADOR DE GELO, e ainda PUNHO DE TROVÃO, ESPOSO DE URSAS, FALADOR COM OS DEUSES e PAI DE HOSTES,
– os filhos de Tormund, TOREGG, O ALTO, TORWYRD, O MANSO, DORMUND e DRYN, sua filha MUNDA,
– O CHORÃO, um assaltante e líder de um bando de guerra,
– {ALFYN MATA-CORVOS}, um assaltante, morto por Qhorin Meia-Mão da Patrulha da Noite,

– {ORELL, chamado ORELL, A ÁGUIA}, um troca-peles morto por Jon Snow no Passo dos Guinchos,
– {MAG MAR TUN DOH WEG}, chamado MAG, O PODEROSO, um gigante, morto por Donal Noye no portão de Castelo Negro,
– VARMYR, chamado SEIS-PELES, um troca-peles que controla três lobos, um gato das sombras e um urso das neves,
– {JARL}, um jovem assaltante, amante de Val, morto numa queda da Muralha,
– GRIGG, O BODE, ERROK, BODGER, DEL, GRANDE FURÚNCULO, DAN DE CÂNHAMO, HENK, O ELMO, LENN, DEDO DO PÉ, selvagens e assaltantes,

{CRASTER}, dono da Fortaleza de Craster, morto por Adaga, da Patrulha da Noite, um hóspede sob o seu teto,
– GOIVA, sua filha e esposa,
– o filho recém-nascido de Goiva, ainda sem nome,
– DYAH, FERNY, NELLA, três das dezenove mulheres de Craster.

# PARA LÁ DO MAR ESTREITO

## A RAINHA DO OUTRO LADO DO MAR

DAENERYS TARGARYEN, a Primeira de Seu Nome, Rainha de Meereen, Rainha dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Senhora dos Sete Reinos, Protetora do Território, *Khaleesi* do Grande Mar de Erva, chamada DAENERYS, FILHA DA TORMENTA, a NÃO QUEIMADA, MÃE DOS DRAGÕES,

– seus dragões, DROGON, VISERION, RHAEGAL,

– seu irmão, {RHAEGAR}, Príncipe de Pedra do Dragão, morto por Robert Baratheon no Tridente,

– a filha de Rhaegar, {RHAENYS}, assassinada durante o Saque de Porto Real,

– o filho de Rhaegar, {AEGON}, um bebê de peito, assassinado durante o Saque de Porto Real,

– seu irmão, {VISERYS}, o Terceiro de Seu Nome, chamado o REI PEDINTE, coroado com ouro derretido,

– o senhor seu esposo, {DROGO}, um *khal* dos dothraki, morto de um ferimento gangrenado,

– filho natimorto de Daenerys e Khal Drogo, {RHAEGO}, morto no ventre pela *maegi* Mirri Maz Duur,

– sua Guarda Real:

– SOR BARRISTAN SELMY, chamado BARRISTAN, O OUSADO, outrora Senhor Comandante da Guarda Real do Rei Robert,

– JHOGO, *ko* e companheiro de sangue, o chicote,

– AGGO, *ko* e companheiro de sangue, o arco,
– RAKHARO, *ko* e companheiro de sangue, o *arakh*,
– BELWAS, O FORTE, eunuco e antigo escravo de combate,

– seus capitães e comandantes:
– DAARIO NAHARIS, um excêntrico mercenário tyroshi, no comando da companhia dos Corvos Tormentosos,
– BEN PLUMM, chamado BEN CASTANHO, um mercenário mestiço, no comando da companhia dos Segundos Filhos,
– VERME CINZENTO, um eunuco, no comando dos Imaculados, uma companhia de infantaria eunuca,
– GROLEO de Pentos, anteriormente capitão da grande coca *Saduleon*, agora um almirante sem frota,

– suas aias:
– IRRI e JHIQUI, duas garotas dothraki, de dezesseis anos,
– MISSANDEI, uma escriba e tradutora de Naath,

– seus inimigos conhecidos e potenciais:
– GRAZDAN MO ERAZ, um nobre de Yunkai,
– KHAL PONO, outrora *ko* de Khal Drogo,
– KHAL JHAQO, outrora *ko* de Khal Drogo,
– MAGGO, seu companheiro de sangue,
– OS IMORREDOUROS DE QARTH, um bando de magos,
– PYAT PREE, um mago qarteno,
– OS HOMENS PESAROSOS, uma guilda de assassinos qartenos,
– SOR JORAH MORMONT, antigo Senhor da Ilha dos Ursos,
– {MIRRI MAZ DUUR}, esposa de deus e *maegi*, criada do Grande Pastor de Lhazar,

– seus aliados incertos, passados e presentes:
– XARO XHOAN DAXOS, um príncipe mercador de Qarth,
– QUAITHE, uma umbromante mascarada de Asshai,
– ILLYRIO MOPATIS, um magíster da Cidade Livre de Pentos, que arranjou o casamento de Daenerys com Khal Drogo,
– CLEON, O GRANDE, rei carniceiro de Astapor,

– KHAL MORO, aliado ocasional de Khal Drogo,
– RHOGORO, seu filho e *khalakka*,
– KHAL JOMMO, aliado ocasional de Khal Drogo.

Os Targaryen são do sangue do dragão e descendem dos grandes senhores da antiga Cidade Livre de Valíria, identificando-se seu legado por olhos lilases, índigo ou violeta e cabelos de um loiro prateado. A fim de preservar seu sangue e mantê-lo puro, a Casa Targaryen frequentemente casou irmão com irmã, primo com prima, tio com sobrinha. O fundador da dinastia, Aegon, o Conquistador, tomou ambas as irmãs como esposas e foi pai de filhos varões com ambas. A bandeira Targaryen é um dragão de três cabeças, vermelho sobre fundo negro, representando as três cabeças de Aegon e das irmãs. O lema dos Targaryen é: *Fogo e Sangue*.

## EM BRAVOS

FERREGO ANTARYON, Senhor do Mar de Bravos,
– QARRO VOLENTIN, Primeira Espada de Bravos, seu protetor,
– BELLEGERE OTHERYS, chamada PÉROLA NEGRA, uma cortesã descendente da rainha pirata homônima,
– A SENHORA VELADA, A RAINHA BACALHAU, A SOMBRA DE LUA, A FILHA DA PENUMBRA, O ROUXINOL, A POETISA, cortesãs famosas,
– TERNESIO TERYS, capitão mercador do *Filha do Titã*,
– YORKO e DENYO, dois de seus filhos,
– MOREDO PRESTAYN, capitão mercador da *Raposa*,
– LOTHO LORNEL, um comerciante de livros e pergaminhos antigos,
– EZZELYNO, um sacerdote vermelho, frequentemente embriagado,
– SEPTÃO EUSTACE, caído em desgraça e expulso do sacerdócio,
– TERRO e ORBELO, um par de espadachins,
– BEQQO CEGO, um peixeiro,
– BRUSCO, um peixeiro,
– suas filhas, TALEA e BREA,
– MERALYN, chamada DIVERTIDA, proprietária do Porto Feliz, um bordel próximo do Porto do Trapeiro,
– A ESPOSA DO MARINHEIRO, uma prostituta em Porto Feliz,
– LANNA, sua filha, uma jovem prostituta,
– BETHANY CORADA, YNA ZAROLHA, ASSADORA DE IBBEN, as prostitutas de Porto Feliz,
– ROGGO VERMELHO, GYLORO DOTHARE, GYLENO DOTHARE, um escriba chamado PENA, COSSOMO, O PRESTIDIGITADOR, fregueses de Porto Feliz,
– TAGGANARO, um carteirista e ladrão das docas,
– CASSO, O REI DAS FOCAS, sua foca treinada,

– PEQUENO NARBO, seu parceiro ocasional,

– MYRMELLO, JOSS, O SOMBRIO, QUENCE, ALLAQUO, SLOEY, saltimbancos que atuam todas as noites no Navio,

– S'VRONE, uma prostituta das docas com inclinações assassinas,

– A FILHA BÊBADA, uma prostituta de temperamento instável,

– JEYNE ÚLCERA, uma prostituta de sexo incerto,

– O HOMEM AMÁVEL e A CRIANÇA ABANDONADA, servos do Deus de Muitas Faces na Casa do Branco e Negro,

– UMMA, a cozinheira do templo,

– O HOMEM BONITO, O GORDO, O FIDALGO, O DE ROSTO SEVERO, O VESGO e O ESFOMEADO, servos secretos do Deus das Muitas Faces,

– ARYA da Casa Stark, uma garota com uma moeda de ferro, também conhecida como ARRY, NAN, DONINHA, POMBINHA, SALGADA e GATA,

– QUHURU MO, da Vila das Árvores Altas, nas Ilhas do Verão, mestre do navio mercante *Vento de Canela*,

– KOJJA MO, sua filha, a arqueira vermelha,

– XHONDO DHORU, imediato no *Vento de Canela*.

# AGRADECIMENTOS

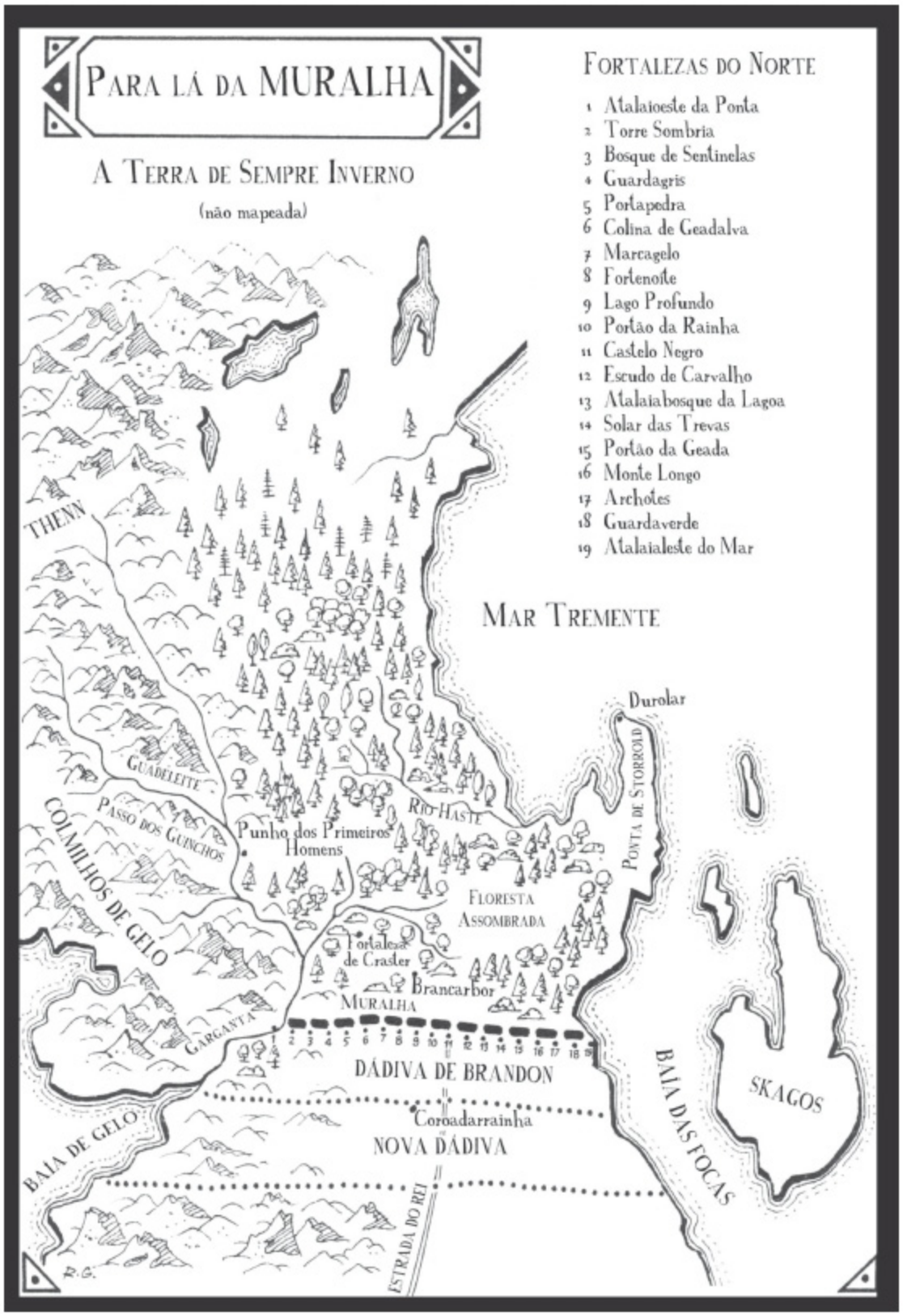
Este foi dos diabos.

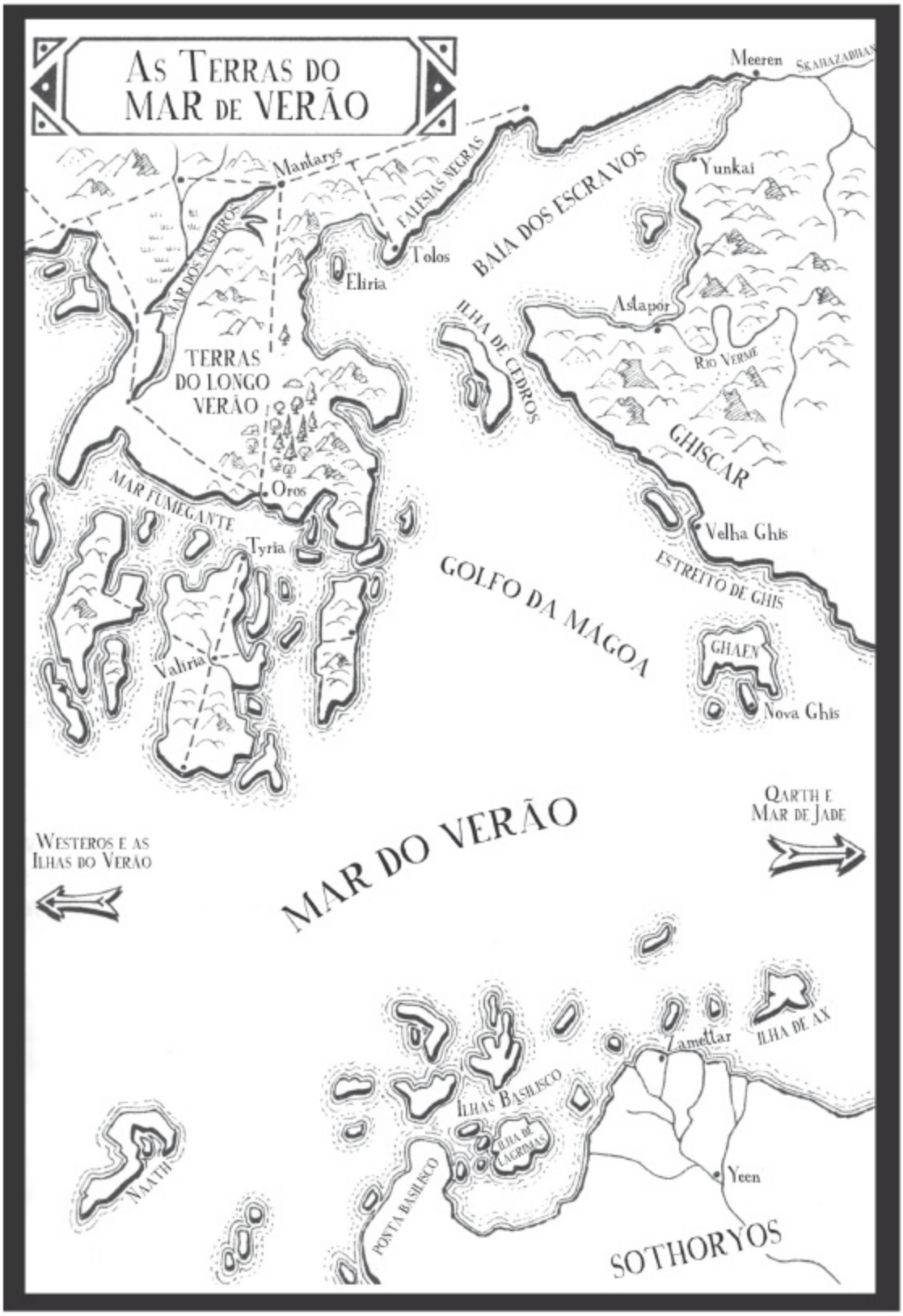
Meus agradecimentos e estima vão uma vez mais para aquelas firmes almas, os meus editores: Nita Taublib, Joy Chamberlain, Jane Johnson e, especialmente, Anne Lesley Groell, por seus conselhos, seu bom humor e enorme paciência.

Agradeço também aos meus leitores, por todos os gentis e incentivantes e-mails e por sua paciência. Um tirar de elmo especial a Lodey dos Três Punhos, Pod, o Coelho Diabólico, Trebla e Daj, os Reis Triviais, à doce Carícia da Muralha, a Lannister, o Matador de Esquilos e ao resto da Irmandade sem Estandartes, esse bando ébrio e meio louco de valentes cavaleiros e adoráveis senhoras que organiza as melhores festas nas convenções mundiais, ano após ano. Gostaria de tocar uma fanfarra a Elio e Linda, que parecem conhecer os Sete Reinos melhor do que eu, e me ajudam a manter a continuidade como deve ser. Seu website e sua enciclopédia eletrônica sobre Westeros são uma alegria e uma maravilha.

Agradeço também a Walter Jon Williams por me guiar através de mais mares salgados, a Sage Walker por sanguessugas, febres e ossos partidos, a Pati Nagle pelo HTML, por escudos giratórios e por divulgar rapidamente todas as minhas novidades, e a Melinda Snodgrass e Daniel Abraham por serviços que foram realmente além de todas as suas obrigações. Eu consigo com uma pequena ajuda de meus amigos.

Não há palavras suficientes para Parris, que esteve presente nos dias bons e ruins, em cada maldita página. Basta dizer que não poderia contar estas Crônicas sem ela.


Para lá da Muralha
A Terra de Sempre Inverno
(não mapeada)
Fortalezas do Norte
1 Atalaioeste da Ponta
2 Torre Sombria
3 Bosque de Sentinelas
4 Guardagris
5 Portapedra
6 Colina de Geadalva
7 Marcagelo
8 Fortenoite
9 Lago Profundo
10 Portão da Rainha
11 Castelo Negro
12 Escudo de Carvalho
13 Atalaiabosque da Lagoa
14 Solar das Trevas
15 Portão da Geada
16 Monte Longo
17 Archotes
18 Guardaverde
19 Atalaialeste do Mar
Mar Tremente
Thenn
Durolar
Guadeleite
Passo dos Guinchos
Colmilhos de Gelo
Punho dos Primeiros Homens
Rio Haste
Ponta de Storroud
Floresta Assombrada
Fortaleza de Craster
Brancarbor
Muralha
Garganta
Dádiva de Brandon
Coroadarrainha
Nova Dádiva
Baía de Gelo
Estrada do Rei
Baía das Focas
Skagos


As Terras do Mar de Verão
Meeren
Skahazadhan
Mantarys
Falesias Negras
Baía dos Escravos
Yunkai
Mar dos Suspiros
Tolos
Eliria
Ilha de Cedros
Astapor
Rio Verde
Terras do Longo Verão
Ghiscar
Mar Fumegante
Oros
Tyria
Velha Ghis
Estreito de Ghis
Golfo da Mágoa
Ghaen
Valiria
Nova Ghis
Qarth e Mar de Jade
Westeros e as Ilhas do Verão
Mar do Verão
Ilha de Ay
Zamettar
Ilhas Basilisco
Ilha de Lágrimas
Naath
Ponta Basilisco
Yeen
Sothoryos

BIBLIOTECA
DO EXILADO

GEORGE R.R.
MARTIN
A DANÇA DOS DRAGÕES
AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO
LIVRO CINCO
LeYa

GEORGE R.R.

# MARTIN

# A DANÇA DOS DRAGÕES

## AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO

*LIVRO CINCO*

BIBLIOTECA
DO EXILADO

# Ficha Técnica

Copyright © George R. R. Martin
Todos os direitos reservados.
Versão brasileira © 2012 Texto Editores Ltda.
Título original: A Dance with Dragons

Diretor editorial: Pascoal Soto
Produtora editorial: Sonnini Ruiz
Assistente editorial: Carolina Pereira da Rocha

Coordenação editorial: Estúdio Sabiá
Preparação de texto: Rosane Albert
Revisão: Leandro Morita, Valéria Sanalios, Bruno SR
Ilustração da capa: Marc Simonetti
Capa: Scintilla Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martin, George R. R.
A dança dos dragões / George R. R. Martin ;
tradução Marcia Blasques. − São Paulo : Leya,
2012. – (Coleção as crônicas de gelo e fogo ; 5)

Título original: A dance with dragons.
ISBN 9788580445763

1. Ficção fantástica norte-americana. I. Título. II. Série.
12-08553 CDD-813.5

Índices para catálago sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813.5

Texto Editores Ltda.
[Uma editora do grupo LeYa]
Rua Desembagador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP
www.leya.com

O NORTE
Floresta Assombrada
Skane
A MURALHA
A COSTA GELADA
Torre Sombria
Castelo Negro
Atalaialeste do Mar
BAÍA DAS FOCAS
Skagos
BAÍA DE GELO
Ilha dos Ursos
Lar Derradeiro
Lago Longo
Colinas Solitárias
Rio Último
Karhold
Bosque Profundo
Mataldelobos
Forte do Pavor
N
Winterfell
Águas Gêmeas
Praça de Torrhen
Costa Rochosa
Estrada do Rei
Faca Branca
Ramo Partido
TERRAS ACIDENTADAS
Ariete
Vila Acidentada
Porto Branco
Atalaia da Viúva
Os Regatos
Fosso Cailin
Castelovelho
O GARGALO
DENTADA
Vilirmã
Atalaia da Água Cinzenta
Três Irmãs
Os Dedos
As Gêmeas
Ilhas de Ferro
Pretamare
Velha Wyk
Montrasgo
Guardamar
Grande Wyk
Harlaw
Salésia
Pyke
Ramo Verde
Ramo Azul
Ninho da Águia
VALE DE ARRYN
Passo Sangrento
Mapa por James Sinclair
Correrrio
Ramo Vermelho

*Este é para meus fãs,*
*para Lodey, Trebla, Stego, Pod, Caress,*
*Yags, X-Ray e Mr. X, Kate, Chataya,*
*Mormont, Mich,*
*Jamie, Vanessa, Ro,*

*para Stubby, Louise, Agravaine, Wert,*
*Malt, Jo, Mouse, Telisiane, Blackfyre,*
*Bronn Stone, Filha do Coiote e o restante*
*dos homens loucos e das mulheres selvagens*
*da Irmandade Sem Estandartes,*

*para meus magos do website, Elio e Linda,*
*senhores de Westeros, Winter e Fabio do*
*WIC, e Gibbs de Pedra do Dragão, que*
*começou tudo isso,*

*para homens e mulheres de Asshai, na*
*Espanha, que cantam para nós sobre um*
*urso e uma bela donzela, e os fabulosos fãs*
*da Itália, que me deram tanto vinho,*

*para meus leitores na Finlândia, Alemanha,*
*Brasil, Portugal, França, Holanda*
*e todas as terras distantes que estiveram*
*esperando por*
*esta dança*

*e para todos os amigos e fãs que ainda*
*encontrarei, obrigado*
*pela paciência.*

# Uma observação sobre a cronologia

Tivemos um bom espaço de tempo entre os livros, eu sei. Então, um lembrete pode ser útil.

O livro que você tem nas mãos é o quinto volume de *As crônicas de gelo e fogo*. O quarto volume foi *O festim dos corvos*. Contudo, este volume não dá sequência ao anterior no sentido tradicional, mas corre em paralelo a ele.

Tanto *Dança* quanto *Festim* iniciam a história imediatamente após os eventos do terceiro volume da série, *A tormenta de espadas*. Enquanto *Festim* foca nos acontecimentos em Porto Real e seus arredores, nas Ilhas de Ferro e em Dorne, *Dança* nos leva para o norte, até Castelo Negro e a Muralha (e para além dela), e para o outro lado do mar estreito, até Pentos e a Baía dos Escravos, a fim de contar as histórias de Tyrion Lannister, Jon Snow, Daenerys Targaryen e todos os outros personagens que você não viu no volume anterior. Em vez de sequenciais, os dois livros são simultâneos... divididos geograficamente, em vez de cronologicamente.

Mas só até um ponto.

*A dança dos dragões* é um livro mais comprido do que *O festim dos corvos*, e cobre um longo período de tempo. Aproximadamente na metade deste volume, você notará que certos personagens focalizados em *O festim dos corvos* aparecem de novo. E isso significa exatamente o que você acha que significa: a narrativa chegou até o momento em que *Festim* acaba, e os dois riachos se uniram novamente, para seguirem em um só rio.

Na sequência, *Os ventos do inverno*. Neste, espero, todos estarão tremendo juntos novamente...

George R. R. Martin

# Prólogo

A noite estava repulsiva com o cheiro de homem.

O warg parou embaixo de uma árvore e farejou, seu pelo marrom-acinzentado manchado pela sombra. Um sopro de vento por entre os pinheiros trouxe o rastro humano até ele, juntamente com cheiros mais fracos que falavam de raposas, lebres, focas, veados, até mesmo de lobos. Aqueles eram odores humanos também, o warg sabia; o fedor de velhas peles, mortas e azedas, quase encoberto pelos rastros mais fortes de fumaça, sangue e podridão. Somente o homem tirava a pele de outros animais e vestia couros e pelos.

Wargs não têm medo do homem como os lobos têm. Ódio e fome faziam espirais em sua barriga, e ele deu um rosnado baixo, chamando seu irmão de um olho só e a pequena e astuta irmã. Conforme ele corria por entre as árvores, os companheiros de matilha seguiam em seus calcanhares. Eles haviam pegado o rastro. Conforme o warg corria, via através dos olhos dos irmãos e se enxergava na frente. A respiração da matilha resfolegava quente e branca das longas mandíbulas cinzentas. O gelo havia congelado entre suas patas, duro como pedra, mas a caçada começara, a presa à frente. *Carne*, o warg pensava, *comida*.

Um homem sozinho é uma coisa frágil. Grande e forte, com bons olhos afiados, mas obtuso na audição e insensível aos odores. Cervos, alces e até mesmo lebres são mais rápidos, ursos e javalis são mais ferozes na luta. Já homens em matilhas são perigosos. Quando os lobos se aproximaram da presa, o warg escutou o choro de um filhote, a crosta da última neve da noite quebrando sob as desajeitadas patas humanas, o crepitar dos couros endurecidos contra as longas garras cinza que os homens carregavam.

*Espadas*, uma voz dentro dele sussurrou, *lanças*.

Nas árvores haviam crescido dentes de gelo que pendiam arreganhados dos ramos castanhos sem folhas. Um-Olho correu rapidamente por entre a vegetação rasteira, espalhando neve. Os companheiros de matilha o seguiram. Subiram uma ladeira e desceram a encosta depois dela, até que a floresta se abriu diante deles e os homens estavam lá. Um era fêmea. O pacote embrulhado em pele que ela segurava era seu filhote. *Deixe-a por último*, a voz sussurrava, *os machos são os mais perigosos*. Eles rugiam uns para os outros como os homens fazem, mas o warg podia sentir o terror entre eles. Um dos homens tinha um dente de madeira mais alto que ele mesmo. O homem atirou o dente, mas sua mão tremia e o arremesso saiu alto demais.

Então a matilha caiu sobre eles.

Seu irmão de um olho jogou o atirador de dentes em um monte de neve e rasgou a garganta do homem enquanto ele lutava. Sua irmã escorregou por trás do outro e o pegou pela retaguarda. Isso deixava a fêmea e o filhote para ele.

Ela tinha um dente também, pequeno, feito de osso, mas o derrubou quando as mandíbulas do warg se fecharam em torno de sua perna. Conforme ela caiu, enrolou ambos os braços ao redor do filhote barulhento. Por baixo das peles, a fêmea era apenas pele e ossos, mas suas tetas estavam cheias de leite. A carne mais doce era a do filhote. O lobo deixou as melhores partes para o irmão. Em volta das carcaças, a neve congelada se tornava rosa e vermelha, enquanto a matilha enchia a barriga.

A léguas dali, em uma choupana de taipa de um cômodo só, telhado de palha com buraco para fumaça e chão de terra batida, Varamyr estremeceu, tossiu e lambeu os lábios. Seus olhos estavam vermelhos, os lábios rachados, a garganta seca, mas o gosto de sangue e gordura enchia-lhe a boca, enquanto a barriga inchada gritava por alimento. *A carne de uma criança*, ele pensou, lembrando-se de Bump. *Carne humana*. Havia ele descido tão baixo a ponto de correr atrás de carne humana? Quase podia ouvir Haggon resmungando para ele.

– Os homens podem comer a carne das bestas e as bestas a carne dos homens, mas o homem que come a carne do homem é uma abominação.

*Abominação*. Essa sempre foi a palavra favorita de Haggon. *Abominação, abominação, abominação*. Comer carne humana era

abominação, acasalar-se como lobo com outro lobo era abominação, e tomar o corpo de outro homem era a pior abominação de todas. *Haggon era fraco, tinha medo do próprio poder. Morreu chorando e sozinho quando lhe arranquei a segunda vida.* Varamyr devorara-lhe pessoalmente o coração. *Ele me ensinou muito, e ainda mais, e a última coisa que aprendi com ele foi o gosto da carne humana.*

Isso foi como lobo. Ele nunca havia comido carne de outra pessoa com seus dentes humanos. Apesar disso, não invejava o banquete da sua matilha. Os lobos estavam tão famintos quanto ele, magros, com frio e com fome, e as presas... *dois homens e uma mulher, um bebê em seus braços, fugindo da morte. Eles teriam perecido em pouco tempo, de qualquer maneira, de exposição ao frio ou de inanição. Dessa maneira foi melhor, mais rápido. Uma bênção.*

– Uma bênção – ele disse em voz alta. A garganta estava em carne viva, mas era bom ouvir uma voz humana, mesmo que a sua própria. O ar cheirava a mofo e umidade, o chão estava frio e duro, e o fogo fornecia mais fumaça que calor. Ele se moveu para o mais perto das chamas que ousava, tossindo e estremecendo, sentindo palpitar o lado do corpo onde tinha a ferida aberta. O sangue encharcara seus calções até o joelho e secara, formando uma dura crosta marrom.

Cynara avisara que isso podia acontecer.

– Eu costurei da melhor maneira possível – ela dissera –, mas você precisa descansar e deixar sarar, ou a carne vai rasgar novamente.

Cynara fora a última de suas companheiras, uma esposa de lança dura como raiz velha, verrugosa, queimada pelo vento e enrugada. Os outros os haviam deixado ao longo do caminho. Um a um, ficaram para trás ou foram adiante, de volta às antigas vilas, ou seguiram pelo Guadeleite, ou para Durolar, ou mesmo para uma morte solitária na floresta. Varamyr não sabia e não se importava. *Eu devia ter tomado um deles quando tive chance. Um dos gêmeos, ou o homem grande com o rosto marcado, ou o jovem de cabelo vermelho.* Ele tivera medo, contudo. Um dos outros podia perceber o que estava acontecendo. As pessoas do grupo podiam se virar contra ele e matá-lo. E as palavras de Haggon o haviam assombrado, e então a chance passara.

Depois da batalha, milhares perambulavam pela floresta, famintos, amedrontados, fugindo da carnificina que se abatera sobre eles na

Muralha. Alguns falavam em voltar para o lar que tinham abandonado, outros em organizar um segundo ataque aos portões, mas a maioria estava perdida, sem noção de para onde ir ou do que fazer. Eles haviam escapado dos corvos de capas negras e dos cavaleiros de aço cinzento, mas inimigos mais implacáveis os espreitavam agora. Todos os dias mais corpos eram deixados nas trilhas. Alguns morriam de fome, outros de frio ou de doenças. Outros foram assassinados por aqueles que tinham sido seus irmãos em armas quando todos marcharam para o Sul com Mance Rayder, o Rei-para-lá-da-Muralha.

*Mance caiu*, os sobreviventes diziam uns para os outros em vozes desesperadas, *Mance foi capturado, Mance está morto*.

– Harma está morta e Mance, capturado. Os outros fugiram e nos deixaram – Cynara afirmara, enquanto costurava sua ferida. – Tormund, o Chorão, Seis-Peles, todos bravos saqueadores. Onde estão agora?

*Ela não me conhece*, Varamyr percebeu, *e por que deveria?* Sem seus animais, ele não parecia um grande homem. *Eu era Varamyr Seis-Peles, que partilhava o pão com Mance Rayder*. Dera-se o nome de Varamyr aos dez anos de idade. *Um nome adequado para um lorde, um nome para canções, um nome poderoso e temível*. E, mesmo assim, havia fugido dos corvos como um coelho assustado. O terrível Lorde Varamyr tinha sido um covarde, mas não podia suportar que Cynara soubesse disso, e disse para a esposa de lança que se chamava Haggon. Mais tarde, perguntou-se por que aquele nome viera aos seus lábios, entre todos os que poderia ter escolhido. *Eu comi seu coração e bebi seu sangue, e ele ainda me assombra*.

Um dia, enquanto fugiam, um cavaleiro veio a galope pela floresta, em um magro cavalo branco, gritando que todos deviam ir para o Guadeleite, onde o Chorão reunia guerreiros para cruzar a Ponte dos Crânios e tomar a Torre Sombria. Muitos o seguiram, a maioria não. Mais tarde, um obstinado guerreiro vestido de pele e âmbar foi de fogueira em fogueira, exortando todos os sobreviventes a irem para o Norte, refugiarem-se no vale dos thenns. Por que alguém consideraria aquele um local seguro, quando os próprios thenns o haviam abandonado, Varamyr nunca soube, mas centenas o seguiram. Centenas mais seguiram a feiticeira da floresta que tivera uma visão de uma frota de navios que levaria o povo livre para o sul.

– Temos que procurar o mar – gritou Mãe Toupeira, e seus seguidores dirigiram-se para o leste.

Varamyr poderia ter estado entre eles, se estivesse mais forte. Mas o mar era cinza, frio e distante, e ele sabia que não viveria para vê-lo. Estivera morto e moribundo por nove vezes, e esta seria sua morte verdadeira. *Uma capa de pele de esquilo*, recordou, *ele me esfaqueou por uma capa de pele de esquilo*.

A antiga dona havia morrido, a parte de trás da cabeça esmagada em uma polpa vermelha salpicada de pedaços de ossos, mas a capa parecia quente e grossa. Estava nevando, e Varamyr perdera sua capa na Muralha. Suas peles de dormir e roupas de baixo de lã, as botas de pele de carneiro e as luvas forradas, o estoque de hidromel e de comida, os tufos de cabelo das mulheres com quem dormira, e até mesmo as pulseiras de ouro que Mance lhe havia dado, tudo perdido ou deixado para trás. *Queimei e morri, e então corri, meio louco de dor e terror*. A lembrança ainda o envergonhava, mas ele não estivera sozinho. Outros correram também, centenas deles, milhares. *A batalha estava perdida. Os cavaleiros vieram, invencíveis em aço, matando todos que ficaram para lutar. Era correr ou morrer.*

Mas a morte não era tão mais fácil de ultrapassar. Quando Varamyr viu a mulher morta na floresta, ajoelhou-se para retirar a capa dela e não notou o garoto até que o menino irrompeu de seu esconderijo para acertá-lo com uma longa faca de osso e arrancar a capa de seus dedos.

– A mãe dele – Cynara lhe contou mais tarde, depois que o garoto fugiu. – Era a capa da mãe dele, e ele viu você roubando ela...

– Ela estava morta – Varamyr disse, estremecendo conforme a agulha de osso penetrava em sua carne. – Alguém esmagou a cabeça dela. Algum corvo.

– Nenhum corvo. Homens cornopés. Eu vi. – A agulha dela puxou um dos lados do corte, fechando-o. – São selvagens. E quem estava aqui para domá-los?

*Ninguém. E se Mance está morto, o povo livre está condenado*. Os thenns, os gigantes, os cornopés, os moradores das cavernas de dentes afiados, os homens da costa ocidental com suas carruagens de ossos... todos estavam condenados. Até mesmo os corvos. Eles podiam não saber

ainda, mas esses bastardos de capa negra iriam perecer com o resto. O inimigo estava chegando.

A voz áspera de Haggon ecoou em sua cabeça.

– Você morrerá uma dúzia de mortes, rapaz, e cada uma delas doerá... mas quando sua morte verdadeira chegar, você viverá de novo. A segunda vida é mais simples e mais doce, dizem.

Varamyr Seis-Peles descobriria a verdade disso em breve. Podia sentir o gosto de sua morte verdadeira na fumaça acre que pairava no ar, no calor sob seus dedos quando deslizou a mão por baixo das roupas e tocou sua ferida. O frio estava nele também, bem no fundo dos ossos. Desta vez seria o frio que o mataria.

Sua última morte tinha sido pelo fogo. *Eu queimei*. Primeiro, no meio da confusão, ele pensou que algum arqueiro da Muralha o tinha acertado com uma flecha incendiada... mas o fogo vinha *de dentro*, consumindo-o. E a dor...

Varamyr já havia morrido nove vezes. Uma vez, morrera de golpe de lança, noutra, de uma dentada de urso na garganta, e houve ainda a vez que morrera em um banho de sangue, dando à luz um filhote natimorto. Morreu sua primeira morte aos seis anos de idade, com o machado do pai esmagando seu crânio. Mas mesmo aquela vez não fora tão agonizante quanto o fogo em suas entranhas, crepitando ao longo de suas asas, *devorando-o*. Quando tentou voar para longe daquilo, seu medo só fez as chamas aumentarem e ficarem ainda mais quentes. Num momento, ele planava sobre a Muralha, com seus olhos de águia observando os movimentos dos homens abaixo. Então as chamas transformaram seu coração em cinza enegrecida, mandaram seu espírito aos gritos de volta para a própria pele, e por um tempo ele enlouqueceu. Até a lembrança daquele momento era suficiente para fazê-lo estremecer.

Foi quando percebeu que o fogo se apagara.

Restara apenas um emaranhado negro-acinzentado de madeira carbonizada, com algumas brasas brilhando entre as cinzas. *Ainda há fumaça, só precisa de madeira*. Rangendo os dentes de dor, Varamyr rastejou até a pilha de galhos partidos que Cynara juntara antes de sair para caçar e atirou alguns gravetos nas cinzas.

– Pega – resmungou. – *Queima*. – Soprou sobre as cinzas e disse uma oração sem palavras para os deuses sem nome da floresta, da colina e dos

campos.

Os deuses não responderam. Depois de um tempo, a fumaça também cessou. A pequena cabana já ficava mais fria. Varamyr não tinha pederneira, mecha ou gravetos secos. Nunca conseguiria fazer o fogo queimar novamente, não sozinho.

– Cynara – gritou, a voz áspera e alquebrada pela dor. – *Cynara!*

O queixo dela era pontudo e seu nariz, achatado, e ela tinha uma pinta na bochecha, de onde saíam quatro pelos escuros. Um rosto feio e duro, mas mesmo assim ele teria dado tudo para vislumbrá-la na porta da cabana. *Eu deveria tê-la tomado antes que ela partisse*. Há quanto tempo ela se fora? Dois dias? Três? Varamyr não tinha certeza. Estava escuro dentro da cabana, e ele tinha entrado e saído do sono sem saber se era dia ou noite.

– Espere – ela dissera. – Voltarei com comida.

Então, como um tolo, ele esperara, sonhando com Haggon e Bump e com todos os erros que cometera em sua longa vida, mas dias e noites se passaram e Cynara não retornou. *Ela não voltará*. Varamyr se perguntava se ele teria se revelado. Poderia ela saber o que ele estava pensando só de olhá-lo, ou teria ele murmurado algo em seus sonhos febris?

*Abominação*, ouviu Haggon dizendo. Era quase como se o caçador estivesse ali, naquele mesmo cômodo.

– Ela é somente uma feia esposa de lança – Varamyr disse para si mesmo. – Eu sou um grande homem. Eu sou Varamyr, o warg, o troca-peles, não está certo que ela viva e eu deva morrer.

Ninguém respondeu. Não havia ninguém ali. Cynara se fora. Ela o abandonara da mesma forma que todos os demais.

Sua mãe também o abandonara. *Ela chorou por Bump, mas nunca chorou por mim*. Na manhã que o pai o tirou da cama para entregá-lo a Haggon, ela não lhe deu sequer um olhar. Ele gritara e chutara enquanto era arrastado pela floresta, até o pai lhe dar um tapa e mandar que se calasse.

– Você pertence a sua própria espécie – foi tudo o que lhe disse, quando o jogou aos pés de Haggon.

*Ele não estava errado*, Varamyr pensou, tremendo. *Haggon me ensinou muito, e ainda mais. Me ensinou a caçar e a pescar, a destrinchar uma carcaça e tirar as espinhas de um peixe, e a encontrar meu caminho na*

*floresta. E me ensinou o caminho do warg e os segredos dos troca-peles, embora meu dom tenha sido mais forte que o dele.*

Anos mais tarde, tentou encontrar os pais, para contar-lhes que seu Lump havia se tornado o grande Varamyr Seis-Peles, mas ambos tinham sido mortos e queimados. *Desaparecido nas árvores e riachos, nas rochas e na terra. Desaparecido no pó e nas cinzas.* Fora isso que a feiticeira das florestas dissera para sua mãe quando Bump morreu. Lump não queria ser um torrão de terra. O garoto sonhava com o dia em que bardos cantariam seus feitos e moças bonitas o beijariam. *Quando crescer, serei o Rei-para-lá-da-Muralha*, Lump prometera a si mesmo. Não chegou a tanto, mas chegou perto. Varamyr Seis-Peles era um nome que os homens temiam. Seguia para as batalhas no dorso de um urso-das-neves de quase quatro metros de altura, mantinha três lobos e um gato-das-sombras como seus servos e sentava-se à direita de Mance Rayder. *Foi Mance quem me trouxe para este lugar. Nunca deveria tê-lo ouvido. Eu deveria ter escorregado na pele do meu urso e ter feito Mance em pedaços*.

Antes de Mance, Varamyr Seis-Peles fora um senhor das sortes. Vivia sozinho em um cômodo feito de musgo, lama e troncos cortados que tinha sido de Haggon, e era servido por seus animais. Uma dúzia de vilas o homenageavam com pão, sal e sidra, oferecendo-lhe frutas de seus pomares e vegetais de suas hortas. A carne, ele mesmo arranjava. Sempre que desejava uma mulher, enviava o gato-das-sombras para persegui-la e, qualquer que fosse a garota na qual ele colocasse o olho, ela vinha docilmente para sua cama. Algumas vinham chorando, mas mesmo assim, vinham. Varamyr lhes dava sua semente, pegava um tufo de seus cabelos para recordar-se delas e as mandava embora. De tempos em tempos, algum herói da vila aparecia com a lança em punho para matar a besta-fera e salvar uma irmã, uma amante ou uma filha. Esses ele matava, mas nunca fazia mal às mulheres. Algumas até mesmo abençoou como crianças. *Mirrados. Pequenas coisas insignificantes como Lump, e nenhum deles com o dom*.

O medo o colocou em pé, vacilante. Segurando o lado do corpo para estancar o sangue que escorria do ferimento, Varamyr cambaleou até a porta. Empurrou para o lado a pele que a cobria e deu de cara com um

muro branco. *Neve*. Não era à toa que estava tão escuro e esfumaçado lá dentro. A neve que caía havia enterrado a cabana.

Quando Varamyr empurrou, a neve, ainda macia e molhada, desmoronou e abriu caminho. Do lado de fora, a noite estava branca como a morte; pálidas nuvens finas dançavam na presença de uma lua prateada, enquanto milhares de estrelas assistiam friamente. Ele podia ver as formas corcundas de outras cabanas sepultadas sob a neve e, além delas, a sombra pálida de um represeiro blindado em gelo. Para sul e oeste, as colinas eram um vasto deserto branco, onde nada se movia exceto a neve soprada pelo vento.

– Cynara – Varamyr chamou fracamente, imaginando quão distante ela poderia ter ido. – Cynara. Mulher. Onde você está?

Ao longe, um lobo uivou.

Um arrepio atravessou o corpo de Varamyr. Ele conhecia aquele uivo tão bem quanto um dia Lump conhecera a voz de sua mãe. Um-Olho. Era o mais velho dos três, o maior, o mais feroz. Perseguidor era mais magro, mais rápido, mais jovem. Manhosa, a mais astuta. Mas os dois tinham medo de Um-Olho. O velho lobo era destemido, implacável, selvagem.

Varamyr perdera o controle de seus outros animais na agonia da morte da águia. O gato-das-sombras correra para a floresta, enquanto o urso-das-neves usara as garras contra quem se aproximasse, rasgando quatro homens antes de ser derrubado por uma lança. E teria matado Varamyr se tivesse podido alcançá-lo. O urso o odiava, enraivecendo-se todas as vezes que o warg vestia sua pele ou subia em suas costas.

Seus lobos, no entanto...

*Meus irmãos. Minha matilha*. Em muitas noites frias, ele dormira com os lobos, seus corpos peludos amontoados sobre ele para mantê-lo aquecido. *Quando eu morrer, eles vão se banquetear com minha carne e deixar somente ossos para cumprimentar o degelo da primavera*. O pensamento era estranhamente reconfortante. Seus lobos tinham frequentemente forrageado para ele enquanto percorriam o território; parecia apropriado que os alimentasse no final. Ele bem que podia começar sua segunda vida rasgando a carne morna de seu próprio cadáver.

Os cães eram os animais mais fáceis para se ligar; viviam tão próximos ao homem que eram quase humanos. Escorregar para dentro da pele de um cão era como vestir uma bota velha, com o couro amaciado pelo uso. Assim como a bota é moldada para conter um pé, um cão é moldado para conter uma coleira, mesmo uma coleira que não possa ser vista pelo olho humano. Lobos são mais difíceis. Um homem pode fazer amizade com um lobo, até mesmo dobrar um lobo, mas nenhum homem pode verdadeiramente *domar* um lobo.

– Lobos e mulheres casam-se para a vida toda – Haggon dizia com frequência. – Você pega um, é um casamento. O lobo é parte de você desse dia em diante, e você é parte dele. Ambos vão mudar.

Outros animais são melhores deixados sozinhos, o caçador afirmara. Gatos são vaidosos e cruéis, sempre prontos para se virar contra você. Alces e veados são presas; vestindo suas peles por muito tempo até o mais corajoso dos homens se torna um covarde. Ursos, javalis, texugos, doninhas... Haggon não se ligava a tais coisas.

– Nunca queira vestir certos tipos de pele, rapaz. Você não gostará daquilo que se tornará. – Aves eram as piores, ele dizia. – Os homens não foram feitos para deixar a terra. Passe muito tempo nas nuvens e você não vai querer voltar para baixo novamente. Conheci troca-peles que experimentaram gaviões, corujas, corvos. Mesmo quando estavam em suas próprias peles, sentavam-se, sonhadores, olhando para cima, para o maldito azul.

Nem todos os troca-peles sentiam o mesmo. Uma vez, quando Lump tinha dez anos, Haggon o levou a um encontro. Os wargs eram os mais numerosos no grupo, os irmãos-lobos, mas o garoto achou os outros estranhos e mais fascinantes. Borroq se parecia tanto ao seu javali que só lhe faltavam as presas, Orell tinha sua águia, Briar, seu gato-das-sombras (no momento em que os viu, Lump desejou um gato-das-sombras para si), a mulher-cabra Grisella...

No entanto, nenhum deles foi tão forte quanto Varamyr Seis-Peles, nem mesmo Haggon, alto e sombrio, com suas mãos tão duras quanto pedra. O caçador morrera chorando, depois que Varamyr tomou Pelecinza, expulsando Haggon para reivindicar o animal para si. *Sem segunda vida para você, velho*. Varamyr Três-Peles, ele se chamava

naquela época. Pelecinza foi a quarta, embora o velho lobo estivesse frágil e quase sem dentes, logo acompanhando Haggon na morte.

Varamyr podia tomar qualquer animal que quisesse, dobrando-o à sua vontade, fazendo da carne deles a sua própria. Cão ou lobo, urso ou texugo...

*Cynara*, ele pensou.

Haggon chamaria isso de abominação, o pecado mais negro de todos, mas Haggon estava morto, devorado e queimado. Mance também o teria amaldiçoado, mas tinha sido assassinado ou capturado. *Ninguém nunca saberá. Serei Cynara, a esposa de lança, e Varamyr Seis-Peles estará morto.* Seu dom pereceria com seu corpo, imaginava. Perderia seus lobos e viveria o resto de seus dias como uma mulher magra e verrugosa... mas viveria. *Se ela voltar. Se eu ainda estiver forte o bastante para tomá-la*.

Uma onda de tontura tomou conta de Varamyr. Caiu sobre os joelhos, as mãos afundando em um monte de neve. Pegou um punhado e encheu a boca, esfregando-a contra a barba e os lábios rachados, sugando a umidade. A água estava tão gelada que mal conseguia engolir, e mais uma vez notou quão febril seu corpo estava.

A neve derretida só o fez ficar com mais fome. Era por comida que sua barriga ansiava, não por água. A neve tinha parado de cair, mas o vento estava aumentando, enchendo o ar de cristais, cortando seu rosto enquanto ele lutava contra o turbilhão, a ferida abrindo e fechando novamente. Sua respiração formava uma rala nuvem branca. Quando alcançou o represeiro, encontrou um galho caído comprido o suficiente para servir de muleta. Apoiando-se pesadamente no galho, cambaleou em direção à cabana mais próxima. Talvez os aldeões tivessem esquecido alguma coisa quando partiram... um saco de maçãs, alguma carne seca, qualquer coisa que o mantivesse vivo até o retorno de Cynara.

Estava quase lá quando a muleta estalou sob seu peso e suas pernas foram arremessadas para cima.

Quanto tempo permaneceu deitado, com o sangue tingindo a neve de vermelho, Varamyr não poderia dizer. *A neve vai me enterrar*. Seria uma morte pacífica. *Dizem que você se sente aquecido próximo do fim, aquecido e sonolento.* Seria bom sentir-se aquecido novamente, embora ficasse triste em pensar que então nunca chegaria a ver as terras verdes,

as terras quentes para lá da Muralha, sobre as quais Mance costumava cantar.

– O mundo para lá da Muralha não é para nossa espécie – Haggon costumava dizer. – O povo livre teme os troca-peles, mas também nos honram. Ao sul da Muralha, os ajoelhadores nos caçariam e nos matariam como porcos.

*Você me avisou*, Varamyr pensou, *mas também foi você quem me mostrou Atalaialeste*. Ele não devia ter mais do que dez anos. Haggon trocou uma dúzia de cordas de âmbar e um trenó cheio de peles por seis odres de vinho, um pacote de sal e uma chaleira de cobre. Atalaialeste era um local melhor para comércio do que Castelo Negro; era lá que os navios chegavam, carregados de mercadorias das lendárias terras de além-mar. Os corvos conheciam Haggon como caçador e amigo da Patrulha da Noite e apreciavam as notícias que ele trazia da vida para lá da Muralha. Alguns também o conheciam como troca-peles, mas ninguém falava no assunto. Foi lá, em Atalaialeste do Mar, que o garoto começara a sonhar com o quente Sul.

Varamyr podia sentir os flocos de neve derretendo em sua testa. *Isso não é tão ruim quanto ser queimado. Me deixe dormir e nunca acordar, me deixe começar minha segunda vida.* Seus lobos estavam perto agora. Ele podia senti-los. Deixaria essa carne fraca para trás e se tornaria um deles, caçando à noite e uivando para a lua. O warg se transformaria em um verdadeiro lobo. *Mas em qual deles?*

Em Manhosa, não. Haggon teria chamado de abominação, mas Varamyr uma vez escorregou para dentro da pele da loba quando ela estava sendo montada por Um-Olho. Ele não queria passar sua nova vida como uma fêmea, a menos que não tivesse escolha. Perseguidor poderia servir melhor, o macho mais jovem... embora Um-Olho fosse maior e mais feroz, e era Um-Olho quem sempre pegava Manhosa quando ela entrava no cio.

– Eles dizem que você esquece – Haggon lhe dissera, algumas semanas antes de sua própria morte. – Quando a carne humana morre, seu espírito vive dentro do animal, mas a cada dia suas memórias desaparecem, e o animal se torna um pouco menos warg, um pouco mais lobo, até que nada do homem reste e apenas o animal permaneça.

Varamyr conhecia a verdade daquilo. Quando reivindicou a águia que havia sido de Orell, pôde sentir o outro troca-peles irado com sua presença. Orell havia sido morto pelo corvo vira-casaca Jon Snow, e o ódio ao seu assassino era tão forte que Varamyr também se encontrou odiando o rapaz. Soube o que Jon era no momento em que viu o magnífico lobo branco gigante espreitando ao lado do rapaz. Um troca-peles sempre pode sentir outro. *Mance deveria ter me deixado tomar o lobo gigante. Teria sido uma segunda vida digna de um rei.* Ele poderia ter feito, não tinha dúvidas. O dom era forte em Snow, mas o jovem era ignorante, ainda lutava contra sua natureza, quando deveria glorificá-la.

Varamyr podia ver os olhos vermelhos do represeiro olhando para ele do tronco branco. *Os deuses estão me analisando*. Um arrepio passou por seu corpo. Havia feito coisas más, coisas terríveis. Havia roubado, matado, estuprado. Havia se empanturrado de carne humana e lambido o sangue de homens mortos enquanto jorrava de suas gargantas rasgadas. Tinha perseguido seus inimigos pela floresta e caído sobre eles enquanto dormiam, arrancando as entranhas de suas barrigas e espalhando-as pela terra enlameada. *Que doce era a carne deles*.

– Era o animal, não eu – disse, em um sussurro rouco. – Era o dom que vocês me deram.

Os deuses não responderam. Sua respiração era uma neblina pálida no ar. Ele podia sentir o gelo se formando em sua barba. Varamyr Seis-Peles fechou os olhos.

Sonhou um sonho antigo de um casebre à beira-mar, três cães choramingando, lágrimas de uma mulher.

*Bump. Ela chorou por Bump, mas nunca chorou por mim.*

Lump nascera um mês antes do previsto e ficava doente com tanta frequência que ninguém esperava que sobrevivesse. Sua mãe esperou até que tivesse quase quatro anos para lhe dar um nome, e então era muito tarde. Toda a vila o chamava de Lump, o nome que sua irmã Meha lhe dera quando ele ainda estava na barriga da mãe. Meha também dera o nome de Bump, mas o irmão caçula de Lump nascera no tempo certo, grande, vermelho e robusto, sugando avidamente as tetas maternas. A mãe iria dar a ele o nome do pai. *Mas Bump morreu. Morreu quando tinha dois anos, e eu seis, três dias antes do dia dedicado ao seu nome.*

– O seu pequeno está com os deuses agora – a feiticeira da floresta disse para sua mãe, enquanto ela chorava. – Ele não se machucará novamente, nem sentirá fome e nunca mais chorará. Os deuses o levaram para dentro da terra, para dentro das árvores. Os deuses estão ao nosso redor, nas rochas e nos riachos, nas aves e nos animais terrestres. Seu Bump se juntou a eles agora. Ele será o mundo e tudo o que está nele.

As palavras da velha mulher atravessaram Lump como uma faca. *Bump vê. Ele está me olhando. Ele sabe.* Lump não podia se esconder dele, não podia escorregar para trás da saia da mãe ou fugir com os cães para escapar da fúria do pai. *Os cães*. Cotó, Fungada e Resmungo. *Eram bons cães*. *Eram meus amigos*.

Quando o pai encontrou os cães farejando ao redor do cadáver de Bump, não havia como saber qual deles tinha feito aquilo, então pegou o machado para acabar com os três. Suas mãos tremiam tanto que foram necessárias duas pancadas para silenciar Fungada e mais quatro para derrubar Resmungo. O cheiro de sangue pairava pesado no ar, e o som dos cães morrendo era terrível de se ouvir. Mesmo assim, Cotó veio quando o pai o chamou. Era o mais velho, e seu treinamento suplantava seu pavor. No momento que Lump escorregou para dentro de sua pele, era tarde demais.

*Não, pai, por favor*, ele tentou dizer, mas cães não falam a língua dos homens, então tudo o que saiu foi um gemido comovente. O machado acertou o meio do crânio do cachorro e, no interior do casebre, o menino soltou um grito. *Foi assim que eles souberam*. Dois dias mais tarde, o pai o arrastou para a floresta. Levava consigo o machado, e Lump pensou que teria o mesmo fim dos cães. Em vez disso, foi dado para Haggon.

Varamyr acordou abruptamente, com violência, o corpo todo sendo sacudido.

– Levanta! – a voz estava gritando. – Levanta, temos que ir. São centenas deles.

A neve o cobrira com um rígido cobertor branco. *Tão frio*. Quando tentou se mover, descobriu que sua mão estava congelada no chão. Deixou a pele na neve quando a soltou com um puxão.

– Levanta! – ela gritou novamente. – Eles estão chegando.

Cynara havia voltado para ele. Ela o segurava pelos ombros e o sacudia, gritando na sua cara. Varamyr podia sentir o hálito dela e o calor

que ele proporcionava em suas bochechas dormentes pelo frio. *Agora*, ele pensou, *faça agora ou morra*.

Reuniu todas as forças que lhe restavam, saltou de sua própria pele e se forçou para dentro dela.

Cynara arcou as costas e gritou.

*Abominação*. Seria ela, ele ou Haggon? Ele nunca soube. Seu antigo corpo caiu na neve quando as mãos dela o soltaram. A esposa de lança se contorceu violentamente, gritando. O gato-das-sombras costumava lutar com ele de forma selvagem, e o urso-das-neves ficava meio louco por um tempo, dando patadas nas árvores, nas pedras e até mesmo no ar, mas aquilo era pior.

– Sai daqui, *sai daqui!* – ele ouviu a própria boca gritando. O corpo cambaleou, caiu e levantou novamente, as mãos se agitando, as pernas indo para cá e para lá, numa dança grotesca, enquanto os espíritos dele e dela lutavam pelo controle. Ela sugou um bocado de ar gelado, e Varamyr sentiu meio segundo de júbilo por provar a força de um corpo jovem, mas os dentes dela trincaram com força e a boca se encheu de sangue. Ela ergueu as mãos até o rosto. Ele tentou baixá-las novamente, mas as mãos não obedeceram, e ela estava agarrando seus olhos. *Abominação*, ele lembrou, afundando em sangue, dor e loucura. Quando ele tentou gritar, ela cuspiu a língua para fora.

O mundo branco revirou e caiu. Por um momento, era como se ele estivesse dentro do represeiro, vendo, através dos olhos vermelhos esculpidos na árvore, um moribundo levemente contraído no chão e uma mulher louca dançando, cega e ensanguentada, sob a lua, chorando lágrimas vermelhas e rasgando as próprias roupas. Então ambos se foram, e ele estava subindo, fundindo-se, seu espírito amparado por algum vento frio. Estava na neve e nas nuvens, era um pardal, um esquilo, um carvalho. Uma coruja voou silenciosamente entre as árvores, caçando uma lebre; Varamyr estava dentro da coruja, dentro da lebre, dentro das árvores. Profundamente enterradas sob o chão gelado, minhocas escavavam cegamente na escuridão, e também era elas. *Eu sou a floresta e tudo o que há nela*, pensou, exultante. Centenas de corvos levantaram voo, grasnando conforme o sentiam passar. Um grande alce barriu, inquieto com os filhotes ao seu redor. Um lobo gigante adormecido levantou a cabeça para farejar o ar vazio. Antes que seus

corações pudessem bater novamente, ele havia passado, procurando pela sua matilha, por Um-Olho, Perseguidor e Manhosa. Seus lobos o salvariam, disse para si mesmo.

Esse foi seu último pensamento como homem.

A morte real veio repentinamente; ele sentiu um choque de frio, como se tivesse sido mergulhado nas águas de um lago congelado. Então se viu correndo pela neve enluarada, com o restante da matilha logo atrás. Metade do mundo estava escuro. *Um-Olho*, soube. Uivou, e Manhosa e Perseguidor fizeram eco.

Quando chegaram ao cume, os lobos pararam. *Cynara*, lembrou, e uma parte dele lamentou pelo que havia perdido e outra parte pelo que havia feito. Embaixo, o mundo tinha se transformado em gelo. Dedos congelados saíam dos represeiros, indo de uma árvore até a outra. A vila abandonada já não estava vazia. Sombras de olhos azuis andavam entre os montes de neve. Alguns vestiam marrom, outros vestiam negro e alguns estavam nus, as peles brancas como a neve. Um vento atravessava as colinas, pesado com os cheiros que vinham das criaturas: carne morta, sangue seco, peles que fediam a mofo e podridão, e urina. Manhosa rosnou e mostrou os dentes, os pelos do pescoço eriçados. *Não homens. Não presas. Não esses.*

As criaturas abaixo se moveram, mas não estavam vivas. Uma a uma, levantaram as cabeças em direção aos três lobos na colina. A última a olhar foi a criatura que havia sido Cynara. Ela vestia lã, pele e couro, e sobre isso um casaco congelado que estalava quando se movia e brilhava à luz da lua. Pálidos pingentes rosa pendiam de seus dedos, dez longas facas de sangue congelado. E, nos fossos onde seus olhos estiveram, uma pálida luz azul tremulava, emprestando às feições grosseiras uma beleza estranha que nunca tiveram em vida.

*Ela me vê.*

# Tyrion

Ele bebeu seu trajeto pelo mar estreito.

O navio era pequeno, a cabine, menor, mas o capitão não permitia sua presença no convés. O balanço do chão sob seus pés embrulhava o estômago, e a comida miserável parecia ainda pior quando ele a vomitava. Mas por que precisava de carne salgada, queijo duro e pão cheio de vermes quando tinha vinho para nutri-lo? Era tinto e amargo, muito forte. Algumas vezes, punha o vinho para fora também, mas sempre havia mais.

– O mundo está cheio de vinho – murmurou na cabine úmida. Seu pai nunca tinha visto utilidade nos bêbados, mas o que isso importava? Agora estava morto. Ele o matara. *Um dardo na barriga, meu senhor, todo ele para você. Se eu fosse melhor com uma besta, teria acertado o pau com o qual você me fez, seu filho da puta.*

Embaixo do convés não havia dia ou noite. Tyrion marcava o tempo pelo vai e vem do grumete que lhe trazia as refeições que ele não comia. O garoto sempre trazia um escovão e um balde também, para limpar a cabine.

– Isso é vinho dornense? – Tyrion lhe perguntou certa vez, enquanto o rapaz puxava a rolha do odre. – Isso me lembra certa serpente que conheci. Um sujeito engraçado, até que uma montanha caiu sobre ele.

O grumete não respondeu. Era um garoto feio, embora deva-se admitir que mais formoso que certo anão com metade do nariz e uma cicatriz que ia do olho ao queixo.

– Eu o ofendi? – Tyrion perguntou, enquanto o menino esfregava o chão. – Ordenaram que você não falasse comigo? Ou algum anão sacaneou sua mãe? – isso também ficou sem resposta. – Para onde estamos navegando? Responda-me. – Jaime mencionara as Cidades Livres, mas nunca dissera qual delas. – Vamos para Bravos? Tyrosh?

Myr? – Tyrion teria preferido ir para Dorne. *Myrcella é mais velha do que Tommen e, pelas leis dornenses, o Trono de Ferro é dela. Vou ajudá-la a reclamar seus direitos, como o Príncipe Oberyn sugeriu.*

Mas Oberyn estava morto, a cabeça esmagada em destroços sangrentos pelo punho blindado de Sor Gregor Clegane. E sem a Víbora Vermelha para incitá-lo, Doran Martell levaria esse plano incerto em consideração? *Em vez disso, ele poderia me acorrentar e me mandar de volta para minha doce irmã*. A Muralha pode ser mais segura. O Velho Urso dissera que a Patrulha da Noite precisa de homens como Tyrion. Contudo, Mormont estava morto. Agora, Slynt pode ser o Senhor Comandante. Aquele filho de açougueiro não era o tipo que esquecia quem o havia mandado para a Muralha. *Preciso mesmo passar o resto da minha vida comendo carne salgada e papa de aveia com assassinos e ladrões?* Não que o resto da vida dele fosse durar muito. Janos Slynt se encarregaria disso.

O grumete molhou o escovão e esfregou vigorosamente.

– Você já visitou as casas de prazer de Lys? – o anão inquiriu. – Será para lá que as putas vão? – Tyrion não conseguia se lembrar da palavra valiriana para puta, em todo caso era tarde demais. O garoto jogou o escovão no balde e partiu.

*O vinho está turvando meu juízo.* Ele aprendeu a ler em Alto Valiriano nos joelhos de seu meistre, embora o que se fale nas nove Cidades Livres... bem, não é exatamente um dialeto, mas nove dialetos em vias de se separar em nove línguas. Tyrion entendia algum bravosi e um punhado de myrishi. Em Tyrosh, seria capaz de amaldiçoar os deuses, chamar um homem de trapaceiro e pedir uma cerveja, graças a um mercenário que conhecera no Rochedo. *Pelo menos em Dorne se falava a Língua Comum.* Como a comida e as leis, a fala dornense era temperada com os sabores do Roine, mas um homem podia compreendê-la. *Dorne, sim, Dorne para mim*. Ele se arrastou para a cama, acalentando esse pensamento como uma criança faz com sua boneca.

O sono nunca veio fácil para Tyrion Lannister. A bordo do navio, nunca veio completamente, embora de tempos em tempos ele tivesse conseguido embriagar-se o suficiente para apagar por um tempo. Ao menos, não sonhou. Já sonhara o suficiente para uma vida pequena. *E com coisas tão tolas: amor, justiça, amizade, glória. Assim como sonhara*

*ser alto.* Isso tudo estava fora do seu alcance, Tyrion sabia agora. Mas ele não sabia para onde as putas iam.

– Para onde quer que as putas vão – seu pai tinha dito. *Suas últimas palavras, e que palavras foram*. A besta *zuniu*, Lorde Tywin caiu sentado, e Tyrion Lannister encontrou-se bamboleando pela escuridão, com Varys ao seu lado. Deve ter descido as escadas com esforço, duzentos e trinta degraus até onde as brasas laranja brilhavam na boca do dragão de ferro. Não se recordava de nada disso. Somente do som da besta e do fedor das vísceras de seu pai se abrindo. *Até mesmo na morte ele encontrou um jeito de me cagar.*

Varys o guiou pelos túneis, mas não falaram nada até saírem ao lado da Água Negra, onde Tyrion conseguiu uma famosa vitória e perdeu o nariz. Foi aí que o anão se virou para o eunuco e disse:

– Matei meu pai – no mesmo tom que um homem usaria para dizer: "Perdi o dedo do pé".

O mestre dos sussurros estava vestido como um irmão mendicante, com uma túnica de tecido rústico marrom, comida por traças, e um capuz que cobria de sombras suas gordas e macias bochechas e a cabeça careca.

– Você não devia ter subido aquelas escadas – ele disse em tom de reprovação.

"Aonde quer que as putas vão." Tyrion queria que seu pai não tivesse dito aquilo. *Se eu não tivesse soltado o gatilho, ele teria visto que minhas ameaças eram vazias. Teria tirado a besta das minhas mãos como certa vez tirou Tysha de meus braços. Ele estava se levantando quando o matei.*

– Matei Shae também – ele confessou para Varys.

– Você sabia o que ela era.

– Sabia. Mas nunca soube o que ele era.

Varys deu um riso abafado. – E agora você sabe.

*Eu devia ter matado o eunuco também.* Um pouco mais de sangue em suas mãos, quem se importaria? Não saberia dizer o que segurara sua adaga. Não foi gratidão. Varys o salvara da espada do carrasco, mas somente porque Jaime o obrigara. *Jaime... não, melhor não pensar em Jaime.*

Em vez disso encontrou um odre de vinho fresco e o sugou como se fosse o seio de uma mulher. O vinho amargo escorria pelo queixo e molhava a túnica suja, a mesma que usara na cela. O chão balançava sob

seus pés e, quando tentou se levantar, caiu de lado e bateu com força em um anteparo. *Uma tempestade*, percebeu, *ou então estou mais bêbado do que pensava*. Vomitou o vinho e se deitou um pouco, imaginando se o navio afundaria. *Essa é a sua vingança, pai? O Pai aí de cima o fez sua Mão?*

– É assim que se paga um assassino de familiares – disse, enquanto o vento uivava lá fora. Não parecia justo afogar o grumete, o capitão e todo o resto da tripulação por algo que ele havia feito, mas desde quando os deuses são justos? E nesse momento a escuridão o engoliu.

Quando se mexeu novamente, sua cabeça parecia prestes a estourar e o navio rodava em círculos vertiginosos, embora o capitão insistisse em que tinham chegado ao porto. Tyrion lhe disse para ficar quieto e reagiu debilmente quando um imenso marinheiro careca o pegou sob um braço e o carregou para o porão, onde um barril de vinho vazio o aguardava. Era pequeno e achatado, apertado até mesmo para um anão. Tyrion urinou-se enquanto tentava lutar, e isso foi o melhor que conseguiu. Foi enfiado de cabeça para baixo, os joelhos apertando-se contra as orelhas. A ponta do nariz pinicava horrivelmente, mas os braços estavam tão apertados que não conseguia se coçar. *Uma liteira apropriada para alguém da minha estatura*, pensou, enquanto fechavam a tampa. Podia ouvir vozes gritando, enquanto era içado. Qualquer balanço fazia sua cabeça bater contra o fundo. O mundo girou e girou quando o barril rolou para fora do navio, e então parou com uma batida que o fez querer gritar. Outro barril se chocou contra o seu, e Tyrion mordeu a língua.

Foi a viagem mais longa de sua vida, embora não tenha levado mais do que meia hora. Foi levantado e abaixado, rolado e empilhado, derrubado e endireitado, e rolado novamente. Através das aduelas de madeira, ouvia os homens gritando, e uma vez um cavalo relinchou ali perto. Suas pernas atrofiadas começaram a ter câimbras e logo doíam tanto que esqueceu o martelar na cabeça.

E terminou como começou, com outro rolar que o deixou tonto e mais sacudido. Do lado de fora, vozes estranhas falavam em uma língua que ele não conhecia. Alguém começou a bater em cima do barril, e a tampa se abriu de repente. A luz inundou tudo, assim como o ar fresco. Tyrion ofegou avidamente e tentou se levantar, mas só conseguiu tombar o barril e esparramar-se em um chão duro de terra.

Um homem gordo e grotesco assomou sobre ele, com uma barba amarela bifurcada, segurando um martelo de madeira e um cinzel de ferro. Seu roupão era grande o bastante para servir como pavilhão de torneio, mas o cinto atado frouxamente tinha se desfeito, expondo uma gigantesca barriga branca e um par de peitos pesados que pendiam como sacos de sebo cobertos de grossos pelos amarelos. Fazia Tyrion lembrar-se de um peixe-boi morto que certa vez dera à praia, nas cavernas sob o Rochedo Casterly.

O homem gordo olhou para baixo e sorriu.

– Um anão bêbado – disse, na Língua Comum de Westeros.

– Um peixe-boi apodrecendo – a boca de Tyrion estava cheia de sangue. Cuspiu nos pés do homem gordo. Estavam em uma adega comprida e escura, com tetos abobadados e paredes de pedra manchadas de salitre. Barris de vinho e cerveja os cercavam, mais que suficientes para manter um anão sedento em segurança durante a noite. *Ou durante uma vida.*

– Você é insolente. Gosto disso em um anão. – Quando o homem gordo riu, sua carne balançou tão vigorosamente que Tyrion ficou com medo que caísse e o esmagasse. – Está com fome, meu pequeno amigo? Cansado?

– Com sede. – Tyrion lutou com seus joelhos. – E imundo.

O homem gordo cheirou.

– Primeiro um banho, então. Depois comida e uma cama macia, que tal? Meus servos providenciarão isso. – Colocou o martelo e o cinzel de lado. – Minha casa é sua. Qualquer amigo dos meus amigos do outro lado da água é amigo de Illyrio Mopatis, sim.

*Qualquer amigo de Varys, a Aranha, é alguém em quem confiarei o quanto mais longe estiver de mim.*

Apesar disso, o homem gordo cumpriu bem a promessa do banho. Tão logo entrou na água quente, Tyrion fechou os olhos e rapidamente adormeceu. Acordou nu em um colchão de penas de ganso tão macio que parecia que tinha mergulhado em uma nuvem. Sua língua estava espessa e a garganta em carne viva, mas seu pau estava tão duro quanto uma barra de ferro. Rolou cama afora, encontrou um penico e começou a enchê-lo com gemidos de prazer.

O quarto estava escuro, mas havia faixas amarelas de sol entre as ripas da persiana. Tyrion balançou as últimas gotas e bamboleou sobre tapetes de Myr estampados tão macios quanto a grama nova da primavera. Escalou desajeitadamente o assento da janela e aventurou-se a abrir a persiana e ver para onde Varys e os deuses o tinham mandado.

Embaixo da janela seis cerejeiras montavam guarda ao redor de uma piscina de mármore, seus ramos delgados desfolhados e marrons. Um rapaz nu estava na água, pronto para um duelo, com uma lâmina bravosi na mão. Era flexível e bonito, com não mais do que dezesseis anos e um cabelo loiro liso que lhe caía sobre os ombros. Parecia tão real que levou um longo tempo até que o anão percebesse que era de mármore pintado, embora a espada brilhasse como aço de verdade.

Do outro lado da piscina havia uma parede de tijolos, com quase quatro metros de altura e pontas de ferro no topo. Além dela estava a cidade. Um mar de telhados cercava uma baía. Era possível ver torres de tijolo quadradas, um grande templo vermelho e, distante, uma mansão sobre uma colina. Bem longe, a luz do sol brilhava nas águas profundas. Barcos de pesca se moviam pela baía, as velas tremulando ao vento, e, mais distantes, mastros de navios maiores disputavam espaço ao longo da costa. *Certamente algum deles vai para Dorne ou para Atalaialeste do Mar*. Mas Tyrion não tinha como pagar a passagem, nem servia para puxar um remo. *Eu poderia entrar como grumete e ganhar um lugar no navio deixando a tripulação me mandar de um lado para o outro no mar estreito.*

Perguntou-se onde estava. *Até o ar cheira diferente aqui*. Estranhas especiarias perfumavam o vento frio de outono, e ele podia ouvir um fraco som do vozerio vindo das ruas além do muro. Parecia algo como Valiriano, mas ele não conseguia reconhecer mais do que uma palavra em cinco. *Não é Bravos*, concluiu, *nem Tyrosh*. Os ramos sem folhas e o ar frio também eram indícios contra Lys, Myr e Volantis.

Quando ouviu a porta se abrir atrás dele, Tyrion virou-se e confrontou seu gordo anfitrião.

– Estamos em Pentos, não?

– Exatamente. Onde mais?

*Pentos*. Bem, não era Porto Real, era o máximo que podia dizer sobre o lugar.

– Para onde as putas vão? – ele se ouviu perguntando.

– Aqui as putas ficam nos bordéis, como em Westeros. Mas você não precisa disso, meu pequeno amigo. Escolha uma das minhas servas. Nenhuma delas o recusará.

– Escravas? – o anão perguntou severamente.

O homem gordo acariciou uma das pontas da oleosa barba amarela, um gesto que pareceu a Tyrion incrivelmente obsceno.

– A escravidão é proibida em Pentos, nos termos do tratado que os bravosis nos impuseram há centenas de anos. Mesmo assim, elas não o recusarão – Illyrio fez uma pesada meia reverência. – Mas agora, meu pequeno amigo, você precisa me desculpar. Tenho a honra de ser magíster nesta grande cidade, e o príncipe nos convocou para uma sessão. – Sorriu, mostrando uma boca cheia de dentes tortos e amarelos. – Explore a mansão e os jardins, mas não se perca para fora dos muros. É melhor que ninguém saiba que está aqui.

– Aqui, onde? Eu fui para algum lugar?

– Teremos tempo suficiente para conversar esta tarde. Meu pequeno amigo e eu comeremos, beberemos e faremos grandes planos, sim?

– Sim, meu gordo amigo – Tyrion respondeu. *Ele acha que me usará para obter algum lucro*. Era tudo lucro com os príncipes mercadores das Cidades Livres. "Soldados de especiarias e senhores do queijo", era como seu pai os chamava, com desprezo. Amanhecesse um dia em que Illyrio Mopatis visse mais benefício em um anão morto do que em um vivo, e ele se encontraria dentro de outro barril de vinho ao anoitecer. *Será bom eu partir antes que esse dia chegue*. E esse dia viria, não tinha dúvidas; Cersei não o perdoaria, e até Jaime poderia ter ficado aborrecido em encontrar um dardo na barriga do pai.

Um vento suave movimentava as águas na piscina abaixo, ao redor do espadachim nu. Isso fez Tyrion se lembrar de como Tysha sacudia os cabelos durante a falsa primavera do casamento deles, antes que ele ajudasse os guardas do pai a estuprá-la. Ele pensara nesses guardas durante a viagem, tentando lembrar quantos haviam sido. Seria de se esperar que ele lembrasse, mas não. Uma dúzia? Vários? Uma centena? Ele não poderia dizer. Eram todos homens crescidos, altos e fortes... embora todos os homens parecessem altos para um anão de treze anos. Tysha saberia o número. Cada um deles lhe deu um veado de prata, então

ela só teria que contar as moedas. *Uma moeda de prata de cada um deles e uma de ouro de mim*. Seu pai insistiu para que ele também pagasse. *Um Lannister sempre paga suas dívidas.*

"Aonde quer que as putas vão", ele ouviu Lorde Tywin dizer mais uma vez, e novamente a corda da besta zuniu.

O magíster o convidara a explorar a mansão. Encontrou roupas limpas em uma arca de cedro incrustada de lápis-lazúli e madrepérola. Eram roupas feitas para um garoto pequeno, ele notou enquanto lutava para vesti-las. Os tecidos eram suficientemente ricos, ainda que um pouco mofados, mas o corte era muito longo nas pernas e muito curto nos braços, com um colarinho que teria deixado sua cara azulada se conseguisse mantê-lo fechado. Algumas traças também tinham andado por ali. Mas pelo menos as roupas não cheiravam a vômito.

Tyrion começou sua exploração pela cozinha, onde duas mulheres gordas e um criado o observaram com cuidado, enquanto ele se servia de queijo, pão e figos.

– Um bom dia para vocês, belas damas – disse, com uma mesura. – Vocês sabem para onde as putas vão? – Quando elas não responderam, ele repetiu a pergunta em Alto Valiriano, embora tivesse que dizer *cortesãs* no lugar de *putas*. A cozinheira mais jovem e mais gorda deu de ombros desta vez.

Ele se perguntou o que elas fariam se as tomasse pela mão e as arrastasse até seu quarto. *Nenhuma delas vai recusá-lo*, Illyrio garantira, mas de algum modo Tyrion não achava que ele se referisse àquelas duas. A mulher mais nova era velha o suficiente para ser sua mãe, e a mais velha podia ser mãe *dela*. Ambas eram quase tão gordas quanto Illyrio, com tetas maiores que a cabeça do anão. *Eu poderia me sufocar em carne.* Havia piores maneiras de morrer. Como o jeito que seu pai morreu, por exemplo. *Eu deveria tê-lo feito cagar um pouco de ouro antes de morrer*. Lorde Tywin podia ter sido sovina com sua aprovação e afeto, mas sempre fora mão aberta quando o assunto era dinheiro. *A única coisa mais lamentável do que um anão sem nariz é um anão sem nariz que não tem ouro.*

Tyrion deixou as mulheres gordas com seus pães e chaleiras e foi em busca da adega onde Illyrio o decantara na noite anterior. Não foi difícil de encontrar. Havia vinho suficiente ali para mantê-lo bêbado por

centenas de anos; tintos doces da Campina e tintos amargos de Dorne, pálidos âmbares pentoshis, o verde néctar de Myr, três tonéis pontuados de dourado da Árvore, além de vinhos do lendário leste, de Qarth e Yi Ti, e Asshai pela Sombra. No fim, Tyrion escolheu um barril de vinhoforte marcado como estoque pessoal de Lorde Runceford Redwyne, o avô do atual Lorde da Árvore. O gosto era lânguido e pesado na língua, a cor, um roxo tão escuro que parecia quase negro na adega pouco iluminada. Tyrion encheu uma taça e um garrafão com uma boa quantidade e levou-os para o jardim, pensando em beber sob as cerejeiras que vira mais cedo.

No caminho, entrou por uma porta errada e não encontrou a piscina que espiara da janela, mas não se importou. Os jardins atrás da mansão eram tão agradáveis quanto, e muito maiores. Caminhou por eles por algum tempo, bebendo. Os muros fariam qualquer castelo sentir vergonha, e as pontas de ferro sobre o topo pareciam estranhamente nuas sem cabeças que as adornassem. Tyrion imaginou como a cabeça da irmã ficaria espetada ali, com alcatrão em seus cabelos dourados e moscas zunindo dentro e fora de sua boca. *Sim, e Jaime deve ficar na ponta de ferro ao lado dela*, decidiu. *Ninguém deve ficar entre meu irmão e minha irmã.*

Com uma corda e um gancho ele devia ser capaz de ultrapassar aquele muro. Tinha braços fortes e não pesava muito. Deveria ser capaz de escalar, se não se empalasse em uma das pontas de ferro. *Procurarei uma corda amanhã*, decidiu.

Viu três portões durante sua caminhada; a entrada principal com sua guarita, um postigo nos canis e um portão no jardim, escondido atrás de um emaranhado de hera desbotada. O último estava acorrentado, os outros, protegidos. Os guardas eram gordos, com o rosto tão suave quanto bumbum de bebê, e cada um deles usava um capacete pontudo de bronze. Tyrion reconhecia um eunuco quando via um. E conhecia esse tipo pela reputação. Não temiam nada e não sentiam dor, dizia-se, e eram leais aos seus mestres até a morte. *Eu faria um bom uso de umas poucas centenas para mim*, refletiu. *Pena que não pensei nisso antes de virar mendigo*.

Andou ao longo de uma galeria de colunas e através de um arco pontiagudo, chegando a um pátio ladrilhado, onde uma mulher lavava

roupas em um poço. Ela parecia ter a mesma idade dele, com um cabelo ruivo embotado e um rosto largo, coberto de sardas.

– Gostaria de um pouco de vinho? – ele perguntou. Ela olhou para ele incerta. – Não tenho taça para você, teremos que dividir.

A lavadeira voltou a torcer as túnicas e pendurá-las para secar. Tyrion instalou-se em um banco de pedra com seu garrafão.

– Me diga, até onde devo acreditar no Magíster Illyrio? – O nome a fez olhar para cima. – Tanto assim? – Rindo, ele cruzou as pernas atrofiadas e tomou um gole. – Eu detestaria desempenhar qualquer papel que o queijeiro tenha em mente para mim, mas como posso recusar? Os portões estão guardados. Talvez você possa me contrabandear para fora sob suas saias? Eu ficaria tão grato que poderia me casar com você. Já tenho duas esposas, por que não três? Ah, mas onde nós viveríamos?

Ele lhe deu o sorriso mais simpático que um anão com meio nariz poderia conseguir.

– Tenho uma sobrinha em Lançassolar, lhe contei? Poderia fazer um monte de travessuras em Dorne, com Myrcella. Poderia fazer meu sobrinho e minha sobrinha entrarem em guerra um contra o outro, não seria engraçado? – A lavadeira pendurou uma das túnicas de Illyrio, grande o suficiente para dobrar como uma vela de navio. – Eu deveria ter vergonha desses pensamentos malvados, você está certa. É melhor eu ir para a Muralha. Todos os crimes são limpos quando um homem se junta à Patrulha da Noite, é o que dizem. Embora eu tema que não vão me deixar manter você lá, docinho. Não há mulheres na Muralha, nenhuma doce esposa sardenta para esquentá-lo na cama durante a noite, apenas ventos gelados, bacalhau salgado e um pouco de cerveja. Você acha que parecerei mais alto de negro, minha senhora? – Ele encheu sua taça novamente. – O que me diz? Norte ou Sul? Devo expiar os pecados antigos ou cometer alguns novos?

A lavadeira lhe deu uma última olhada, pegou sua cesta e foi embora. P*arece que não consigo manter uma esposa por muito tempo*, Tyrion refletiu. De algum modo, seu garrafão tinha secado. *Talvez eu deva cambalear de volta à adega*. Mas o vinho forte estava fazendo sua cabeça girar, e os degraus da adega eram muito íngremes.

– Para onde as putas vão? – ele perguntou para a roupa estendida no varal. Talvez devesse ter perguntado para a lavadeira. *Não quero dizer*

*que você é uma puta, minha querida, mas talvez você saiba para onde elas vão*. Ou, melhor ainda, devia ter perguntado ao seu pai.

– Aonde quer que as putas vão – Lorde Tywin dissera. *Ela me amava. Ela era a filha de um arrendatário, ela me amava e se casou comigo, e ela confiou em mim*.

O garrafão vazio escorregou de suas mãos e rolou pelo jardim. Tyrion jogou-se para fora do banco e foi buscá-lo. Ao fazer isso, viu alguns cogumelos crescendo entre as rachaduras de um ladrilho do piso. Eram de um branco pálido, manchado, e por baixo tinham ranhuras vermelhas, escuras como sangue. O anão apanhou um e o cheirou. *Delicioso*, pensou, e *mortal*.

Havia sete cogumelos. Talvez os Sete estivessem tentando lhe dizer algo. Colheu todos, pegou uma luva do varal para embrulhá-los com cuidados e guardou-os no bolso. O esforço o deixou tonto, então arrastou-se de volta para o banco, deitou de barriga para cima e fechou os olhos.

Quando acordou novamente, havia voltado ao seu quarto, afundado mais uma vez no colchão de penas de ganso enquanto uma garota loira o sacudia pelos ombros.

– Meu senhor – ela dizia –, seu banho o aguarda. Magíster Illyrio o espera para jantar em uma hora.

Tyrion apoiou-se nos travesseiros, com a cabeça entre as mãos.

– Eu sonhei ou você fala a Língua Comum?

– Sim, meu senhor. Fui trazida para agradar o rei. – Ela tinha belos olhos azuis, era jovem e esbelta.

– Tenho certeza de que agradou. Preciso de vinho.

Ela derramou vinho em uma taça para ele.

– Magíster Illyrio disse que eu devo lavar suas costas e aquecer sua cama. Meu nome...

– ... Não me interessa. Você sabe para onde as putas vão?

Ela corou.

– As putas se vendem por moedas.

– Ou joias, vestidos, castelos. Mas para onde elas vão?

A garota não entendeu a pergunta.

– É um enigma, senhor? Não sou boa em charadas. O senhor vai me falar a resposta?

*Não*, ele pensou. *Também desprezo enigmas*.

– Não vou lhe falar nada. Faça-me o mesmo favor. – *A única parte sua que me interessa é aquela entre as suas pernas*, ele quase disse. As palavras estavam na ponta da língua, mas de alguma maneira não saíram de seus lábios. *Ela não é Shae*, o anão disse para si mesmo, *apenas uma pequena tola que pensa que brinco com enigmas*. Verdade seja dita, nem a boceta dela o interessava muito. *Devo estar doente, ou morto*.

– Você mencionou um banho? Não podemos deixar o grande queijeiro esperando.

Enquanto ele se banhava, a garota lavava seus pés, esfregava suas costas e escovava seus cabelos. Depois, ela esfregou uma pomada cheirosa em suas panturrilhas, para aliviar a dor, e vestiu-o novamente com roupas de menino, uma calça cor de vinho, um pouco mofada, e um gibão de veludo azul forrado com samito.

– Meu senhor vai me querer depois do jantar? – ela perguntou enquanto amarrava as botas dele.

– Não. Não quero mais saber de mulheres. – *Putas*.

A garota lidou com a decepção bem demais para o gosto dele.

– Se meu senhor preferir um rapaz, posso providenciar um para esperá-lo na cama.

*O senhor prefere sua esposa. O senhor prefere uma moça chamada Tysha*.

– Somente se ele souber para onde as putas vão.

A garota apertou os lábios. *Ela me despreza*, ele percebeu, *mas não mais do que desprezo a mim mesmo*. Que já havia fodido muita mulher que odiava a visão que ele proporcionava, Tyrion Lannister não tinha dúvida, mas as outras tiveram, pelo menos, a gentileza de fingir afeição. *Um pouco de honesta aversão pode ser refrescante, como um vinho amargo depois de um muito doce.*

– Acho que mudei de ideia – disse para ela. – Me espere na cama. Nua, se quiser; chegarei bêbado demais para lidar com suas roupas. Mantenha a boca fechada e as coxas abertas e nós dois teremos uma esplêndida noite. – Deu-lhe um olhar malicioso, esperando um sabor de medo, mas tudo o que teve dela foi repulsa. *Ninguém teme um anão*. Nem mesmo Lorde Tywin tivera medo, ainda que Tyrion estivesse com uma besta nas mãos.

– Você geme quando está sendo fodida? – ele perguntou para a camareira.

– Se o agradar, meu senhor.

– Talvez agrade ao senhor estrangulá-la. Foi isso que fiz com minha última puta. Você acha que seu mestre faria alguma objeção? Certamente não. Ele tem centenas como você, mas nenhum outro como eu. – Dessa vez, ao sorrir, conseguiu o medo que queria.

Illyrio estava reclinado em um sofá estofado, devorando pimentas e cebolinhas de uma tigela de madeira. Sua testa estava cheia de gotas de suor, os olhos de porco brilhando sobre as bochechas gordas. Joias dançavam quando ele movia as mãos, ônix e opala, olhos de tigre e turmalina, rubi, ametista, safira, esmeralda, azeviche e jade, um diamante negro e uma pérola verde. *Eu poderia viver por anos desses anéis*, Tyrion ponderou, *mas precisaria de um cutelo para reclamá-los*.

– Venha sentar, meu pequeno amigo – Illyrio acenou-lhe para se aproximar.

O anão subiu em uma cadeira. Era grande demais para ele, um trono almofadado feito para acomodar as maciças nádegas do Magíster, com pernas grossas e robustas para suportar seu peso. Tyrion Lannister sempre vivera em um mundo grande demais para ele, mas na mansão de Illyrio Mopatis a desproporção assumia dimensões grotescas. *Sou um rato na toca de um mamute*, ponderou, *mas pelo menos o mamute tem uma boa adega*. O pensamento o fez sentir sede. Pediu vinho.

– Gostou da garota que mandei para você? – Illyrio perguntou.

– Se eu quisesse uma garota, teria pedido.

– Se ela falhou em agradá-lo...

– Ela fez tudo o que lhe foi pedido.

– Eu esperava isso. Ela foi treinada em Lyz, onde eles fazem do amor uma arte. O rei gostava muito dela.

– Eu mato reis, não sabia? – Tyrion sorriu maldosamente sobre a taça de vinho. – Não quero sobras reais.

– Como desejar. Vamos comer. – Illyrio bateu palmas, e os serviçais entraram correndo.

Começaram com um caldo de caranguejo e tamboril e uma sopa fria de limão e ovo. Então vieram codornizes no mel, lombo de cordeiro, fígado de ganso embebido em vinho, chirivias com manteiga e leitão. A visão

de toda aquela comida fez Tyrion se sentir enjoado, mas obrigou-se a provar uma colherada da sopa, por educação. Uma vez feito isso, percebeu que estava perdido. As cozinheiras podiam ser velhas e gordas, mas conheciam seu ofício. Ele nunca havia comido tão bem, nem mesmo na corte.

Enquanto sugava a carne dos ossos de uma codorniz, perguntou a Illyrio sobre o compromisso da manhã. O homem gordo encolheu os ombros.

– Há problemas no leste. Astapor caiu, assim como Meereen. Cidades escravagistas ghiscaris, que já eram velhas quando o mundo era jovem.

O leitão estava fatiado. Illyrio alcançou um pedaço de torresmo, mergulhou-o em molho de ameixa e comeu-o com os dedos.

– A Baía dos Escravos é bem longe de Pentos. – Tyrion espetou um fígado de ganso na ponta da faca. *Nenhum homem é tão amaldiçoado quanto o assassino de familiares*, pensou, *mas eu poderia aprender a gostar deste inferno*.

– Isso é verdade – Illyrio concordou –, mas o mundo é uma grande teia, e um homem não se atreve a tocar em um único fio, com medo de que todos os outros tremam. Mais vinho? – Illyrio estalou uma pimenta em sua boca. – Não, algo melhor. – Bateu palmas.

Ao som, um criado entrou com um prato coberto. Colocou-o na frente de Tyrion, e Illyrio se inclinou sobre a mesa para remover a tampa.

– Cogumelos – o Magíster anunciou, enquanto o cheiro subia. – Com uma pitada de alho e banhados em manteiga. Disseram-me que o gosto é requintado. Pegue um, meu amigo. Pegue dois.

Tyrion tinha um gordo cogumelo negro a meio caminho da boca, mas algo na voz de Illyrio o fez parar abruptamente.

– Depois de você, meu senhor. – E empurrou o prato na direção de seu anfitrião.

– Não, não. – Magíster Illyrio empurrou os cogumelos de volta. Por um breve momento era como se um garoto travesso espiasse de dentro do corpo inchado do queijeiro. – Depois de você. Eu insisto. A cozinheira fez especialmente para você.

– Verdade? – Lembrou-se da cozinheira, a farinha em suas mãos, os seios pesados atravessados por veias azul-escuras. – Muito gentil da

parte dela, mas... não. – Tyrion devolveu o cogumelo para o lago de manteiga do qual emergira.

– Você é muito desconfiado. – Illyrio sorriu através da barba bifurcada amarela. *Ele deve lubrificá-la toda manhã, para fazê-la brilhar como ouro*, Tyrion suspeitava. – Você é covarde? Não tinha ouvido isso de você.

– Nos Sete Reinos é considerada uma grave violação de hospitalidade envenenar o convidado no jantar.

– Aqui também. – Illyrio Mopatis pegou sua taça de vinho. – No entanto, quando um convidado deseja claramente acabar com a própria vida, seu anfitrião deve ajudá-lo, não? – Ele tomou um gole. – Magíster Ordello foi envenenado por um cogumelo há menos de meio ano. A dor não é tanta, me disseram. Algumas cólicas no intestino, uma dor súbita atrás dos olhos, e está feito. Melhor um cogumelo do que uma espada atravessada no pescoço, não é mesmo? Por que morrer com gosto de sangue na boca, quando pode ser de manteiga e alho?

O anão estudou o prato diante de si. O cheiro de alho e manteiga enchia sua boca d'água. Parte dele queria aqueles cogumelos, mesmo sabendo o que eram. Não era corajoso o suficiente para enfiar aço gelado em sua própria barriga, mas uma mordida em um cogumelo não seria tão difícil. Isso o assustava mais do que ele poderia dizer.

– Você se engana comigo – ouviu-se dizendo.

– É mesmo? Espero que sim. Se prefere afogar-se em vinho, basta dizer e será providenciado rapidamente. Afogar-se taça por taça é uma perda de tempo e de vinho.

– Você se engana comigo – Tyrion disse novamente, mais alto. Os cogumelos na manteiga brilhavam à luz do lampião, escuros e convidativos. – Não tenho desejo de morrer, juro. Tenho... – Sua voz sumiu, incerta. *O que tenho? Uma vida para viver? Trabalho a fazer? Filhos para criar, terras para governar, uma mulher para amar?*

– Você não tem nada – completou Magíster Illyrio –, mas podemos mudar isso. – Pegou um cogumelo da manteiga e mastigou-o vigorosamente. – Delicioso.

– Os cogumelos não estão envenenados. – Tyrion estava irritado.

– Não. Por que eu ia desejar-lhe mal? – Magíster Illyrio comeu outro. – Temos que mostrar um pouco de confiança, você e eu. Vamos, coma. –

Bateu palmas novamente. – Temos trabalho a fazer. Meu pequeno amigo deve manter as forças em dia.

Os criados trouxeram garça recheada com figos, costeletas de vitela com leite de amêndoa, creme de arenque, cebolas caramelizadas, queijos fortes, pratos de *escargots* e miúdos e um cisne negro em sua plumagem. Tyrion recusou o cisne, que o fez lembrar-se de um jantar com a irmã. Serviu-se da garça e do arenque, além de algumas cebolas adocicadas. E os criados enchiam sua taça cada vez que ela ficava vazia.

– Você bebe um bocado de vinho para um homem tão pequeno.

– Assassinar familiares é um trabalho duro. Dá sede.

Os olhos do homem gordo brilhavam como as gemas em seus dedos.

– Há aqueles em Westeros que acham que matar Lorde Lannister foi apenas um bom começo.

– Melhor que não deixem minha irmã ouvi-los dizer isso, ou terão línguas mais curtas. – O anão partiu um pedaço de pão ao meio. – E você deve ter cuidado ao falar da minha família, Magíster. Assassino de familiares ou não, eu ainda sou um leão.

Aquilo parecia divertir muito o senhor do queijo. Deu um tapa na coxa carnuda e disse:

– Vocês, westerosis, são todos iguais. Costuram algum animal em um pedaço de seda e, de repente, são leões, dragões ou águias. Posso trazer um leão de verdade para você, meu pequeno amigo. O príncipe mantém um em sua coleção particular. Gostaria de dividir a jaula com ele?

Os senhores dos Sete Reinos realmente levavam seus estandartes muito a sério, Tyrion tinha que admitir. – Muito bem – admitiu. – Um Lannister não é um leão. Mas eu ainda sou filho do meu pai, e Jaime e Cersei são meus, para matá-los.

– Estranho que você mencione sua bela irmã – Illyrio disse, mordiscando *escargots*. – A rainha ofereceu títulos e propriedades para o homem que levar sua cabeça, não importa quão humilde seja o nascimento dele.

Não era mais do que Tyrion esperava.

– Se quiser apanhá-la nessa promessa, faça-a também abrir as pernas para você. Minha melhor parte pela melhor parte dela, um acordo justo.

– Prefiro ter meu peso em ouro. – O queijeiro riu tanto que Tyrion temeu que estivesse prestes a explodir. – Todo o ouro em Rochedo

Casterly, por que não?

– O ouro eu garanto – disse o anão, aliviado por não estar prestes a se afogar em uma avalanche de enguias e miúdos semidigeridos –, mas Rochedo é meu.

– Que seja. – O Magíster cobriu a boca e deu um poderoso arroto. – Você acha que o Rei Stannis vai dá-lo a você? Disseram-me que é um grande seguidor da lei. Seu irmão vestiu o manto branco, então você é o herdeiro por todas as leis de Westeros.

– Stannis poderia muito bem me conceder Rochedo Casterly – disse Tyrion –, mas temos o pequeno problema do regicídio e do assassinato de familiares. Por esses crimes ele me encurtaria uma cabeça, e já sou curto o suficiente do jeito que sou. Mas por que você acha que eu me uniria a Lorde Stannis?

– Por que mais você iria para a Muralha?

– Stannis está na Muralha? – Tyrion esfregou o nariz. – O que, pelos sete infernos, Stannis está fazendo na Muralha?

– Tremendo, acho. É mais quente em Dorne. Talvez ele devesse ter navegado para lá.

Tyrion estava começando a suspeitar que uma certa lavadeira sardenta entendia mais da Língua Comum do que parecia.

– Acontece que minha sobrinha Myrcella está em Dorne. Passou pela minha cabeça fazê-la rainha.

Illyrio sorriu enquanto os criados serviam cerejas escuras em creme doce para ambos.

– O que essa pobre criança fez, para que você a queira morta?

– Mesmo um assassino de parentes não precisa matar todos os parentes – Tyrion disse, magoado. – Fazê-la rainha, eu disse. Não matá-la.

O queijeiro pegou uma colherada de cerejas.

– Em Volantis, eles usam uma moeda que tem uma coroa de um lado e uma caveira do outro. Ainda assim é a mesma moeda. Fazê-la rainha é matá-la. Dorne pode se levantar por Myrcella, mas Dorne só não basta. Se você é esperto como seus amigos dizem, deve saber disso.

Tyrion olhou para o homem gordo com novo interesse. *Ele está certo em ambos os casos. Fazê-la rainha é matá-la. E eu sabia disso.*

– Gestos vãos são tudo o que me resta. Esse, ao menos, faria minha irmã chorar lágrimas amargas.

Magíster Illyrio limpou creme doce da boca com as costas da mão gorda.

– A estrada para Rochedo Casterly não passa por Dorne, meu pequeno amigo. Tampouco por baixo da Muralha. Ainda assim há uma estrada, eu lhe digo.

– Sou um traidor desonrado, um regicida e um assassino de familiares. – Aquela conversa de estradas o irritava. *Será que ele acha que isso é um jogo?*

– O que um rei faz, outro pode desfazer. Em Pentos, temos um príncipe, meu amigo. Ele preside os bailes e as festas e passeia pela cidade em uma liteira de marfim e ouro. Três arautos vão adiante dele, com as balanças douradas do comércio, a espada de ferro da guerra e o chicote de prata da justiça. No primeiro dia de cada novo ano ele deve deflorar a donzela dos campos e a donzela dos mares. – Illyrio se inclinou para a frente, com os cotovelos sobre a mesa. – No entanto, se uma colheita falhar ou uma guerra for perdida, cortaremos a garganta do Príncipe para apaziguar os deuses e escolheremos um novo príncipe entre as quarenta famílias.

– Lembre-me de nunca ser príncipe de Pentos.

– Os seus Sete Reinos são tão diferentes? Não há paz em Westeros, nem justiça, nem fé... e logo não haverá comida. Quando os homens estão doentes e mortos de medo, procuram um salvador.

– Podem procurar, mas tudo o que encontrarão será Stannis...

– Não Stannis. Nem Myrcella. – O sorriso amarelo se alargou. – Outro. Mais forte que Tommen, mais gentil que Stannis, com uma pretensão melhor do que a da menina Myrcella. Um salvador vindo do outro lado do mar para curar as feridas da sangrada Westeros.

– Belas palavras – Tyrion estava indiferente. – Palavras são vento. Quem é esse maldito salvador?

– Um dragão. – O queijeiro viu o olhar no rosto do anão e riu. – Um dragão com três cabeças.

# Daenerys

Ela ouvia o morto subindo as escadas. O som dos passos lentos e compassados ecoava entre os pilares roxos do salão. Daenerys Targaryen o esperava no banco de ébano que usava como trono. Seus olhos estavam pesados de sono, a cabeleira louro-prateada emaranhada.

– Vossa Graça – disse Sor Barristan Selmy, o Senhor Comandante da Guarda da Rainha –, não há necessidade de ver isso.

– Ele morreu por mim. – Dany apertou a pele de leão de encontro ao peito. Por baixo, uma túnica de linho puro a cobria até metade da coxa. Estava sonhando com uma casa de porta vermelha, quando Missandei a acordou. Não teve tempo para se vestir.

– *Khaleesi* – sussurrou Irri –, não deve tocar no homem morto. Dá má sorte tocar os mortos.

– A menos que a senhora mesma o tenha matado. – Jhiqui tinha ossos maiores do que Irri, quadris largos e seios pesados. – É sabido.

– É sabido – Irri concordou.

Os dothrakis eram sábios no que dizia respeito a cavalos, mas podiam ser completos tolos em relação a outras coisas. *Além disso, são apenas garotas*. Suas servas estavam havia muito tempo com ela; mulheres crescidas se olhasse para elas, com cabelos negros, pele cor de cobre e olhos amendoados, mesmo assim meninas. Elas lhe haviam sido dadas quando se casara com Khal Drogo. E foi Drogo quem lhe dera a pele que vestia agora, a cabeça e o couro de um *hrakkar*, o leão branco do mar dothraki. Era muito grande e tinha um cheiro de mofo, mas a fazia sentir como se seu sol-e-estrelas ainda estivesse perto dela.

Verme Cinzento apareceu nos primeiros degraus, com uma tocha na mão. Seu capacete de bronze era ornamentado com três lanças. Atrás dele seguiam quatro de seus Imaculados, carregando o homem morto sobre os ombros. Seus capacetes tinham apenas uma lança, e os rostos

mostravam tão pouco que era como se também fossem feitos de bronze. Colocaram o cadáver a seus pés. Sor Barristan puxou a mortalha manchada de sangue. Verme Cinzento abaixou a tocha, e então ela pôde ver.

O rosto do homem morto era liso e sem pelos, embora as bochechas tivessem um talho que ia de orelha a orelha. Tinha sido um homem alto, de olhos azuis e face justa. *Algum filho de Lys ou da velha Volantis o arrancara de um navio de corsários e o vendera à escravidão na vermelha Astapor*. Ainda que seus olhos estivessem abertos, eram suas feridas que choravam. Havia mais feridas do que ela podia contar.

– Vossa Graça – Sor Barristan disse –, havia uma harpia desenhada nos ladrilhos do beco onde ele foi encontrado...

– ... Desenhada com sangue. – Daenerys, agora, já sabia como aquilo era feito. Os Filhos da Harpia faziam a matança à noite, e sobre cada morto deixavam sua marca. – Verme Cinzento, por que esse homem estava sozinho? Ele não tinha parceiro? – Ela ordenara que os Imaculados andassem pelas ruas da cidade de Meereen à noite sempre aos pares.

– Minha rainha – respondeu o capitão –, seu servo Escudo Robusto não estava de serviço na noite passada. Ele tinha ido a um... a um certo lugar... para beber e conseguir companhia.

– Um certo lugar? O que você quer dizer?

– Uma casa de prazer, Vossa Graça.

*Um bordel*. Metade de seus libertos eram de Yunkai, onde os Sábios Mestres tinham sido famosos por treinar escravos de cama. *O caminho dos setes suspiros*. Bordéis tinham brotado como cogumelos por toda Meereen. *Era tudo o que sabiam fazer. E precisavam sobreviver*. A comida estava mais cara a cada dia, embora o preço da carne humana ficasse mais barato. Nos distritos mais pobres entre os degraus das pirâmides da nobreza escravagista de Meereen, havia bordéis para todos os gostos eróticos imagináveis, ela sabia. *Mesmo assim...*

– O que um eunuco esperava encontrar em um bordel?

– Mesmo aqueles que não têm as partes de homem ainda têm um coração de homem, Vossa Graça – disse Verme Cinzento. – Contaram para este um que seu servo Escudo Robusto algumas vezes dava moedas para as mulheres dos bordéis se deitarem com ele e o abraçarem.

*O sangue do dragão não chora*.

– Escudo Robusto – ela disse, de olhos secos. – Era esse o nome dele?

– Se a agradar, Vossa Graça.

– É um bom nome. – Os Bons Mestres de Astapor não permitiam que os soldados escravos tivessem nomes. Alguns de seus Imaculados adotaram os nomes de nascimento, depois que ela os libertou; outros escolheram nomes novos. – Sabe-se quantos atacaram Escudo Robusto?

– Este um não se sabe. Muitos.

– Seis ou mais – disse Sor Barristan. – Pela aparência dos ferimentos, eles o esfaquearam de todos os lados. Ele foi encontrado com a bainha vazia. Pode ser que tenha ferido alguns de seus atacantes.

Dany fez uma oração silenciosa para que, em algum lugar, um dos Filhos da Harpia estivesse morrendo naquele momento, agarrando a barriga e contorcendo-se de dor.

– Por que cortaram seu rosto desta maneira?

– Graciosa Rainha – disse Verme Cinzento –, os assassinos forçaram os órgãos genitais de um bode pela garganta de seu servo Escudo Robusto. Este um os removeu antes de trazê-lo aqui.

*Eles não poderiam comer seus próprios genitais. Os Astapori os removiam até a raiz.*

– Os Filhos estão ficando mais ousados – Dany observou. Até aquele momento, eles haviam se limitado a atacar libertos sem armas cortando-os nas ruas, ou invadindo suas casas na calada da noite para matá-los em suas camas. – Esse é o primeiro dos meus soldados a ser assassinado.

– O primeiro – Sor Barristan avisou –, mas não o último.

*Ainda estou em guerra*, Dany percebeu, *só que agora estou lutando com sombras*. Ela desejara uma pausa na matança por algum tempo, para construir e curar.

Descartando a pele do leão, ajoelhou-se ao lado do cadáver e fechou os olhos do morto, ignorando o sobressalto de Jhiqui.

– Escudo Robusto não será esquecido. Lavem-no e vistam-no para batalha, e queimem-no com seu capacete, escudo e lança.

– Será feito como Vossa Graça ordena – disse Verme Cinzento.

– Envie homens para o Templo das Graças e pergunte se alguém apareceu na Graça Azul com um ferimento de espada. E espalhe a notícia de que pagaremos um bom ouro pela espada curta de Escudo Robusto.

Interrogue os açougueiros e os pastores para saber quem castrou bodes adultos. – Talvez algum pastor confessasse. – E, daqui em diante, nenhum dos meus homens anda sozinho depois de escurecer.

– Estes uns obedecerão.

Daenerys empurrou o cabelo para trás.

– Encontre esses covardes para mim. Encontre-os, para que eu possa ensinar aos Filhos da Harpia o que significa acordar o dragão.

Verme Cinzento fez uma mesura. Seus Imaculados fecharam a mortalha mais uma vez, levantaram o morto sobre os ombros e o levaram do salão. Sor Barristan Selmy ficou para trás. Seu cabelo era branco e havia pequenas rugas nos cantos de seus olhos azuis. Suas costas, no entanto, ainda eram eretas e os anos não tinham roubado sua habilidade com as armas.

– Vossa Graça – disse –, temo que seus eunucos estejam mal preparados para as tarefas que lhes são delegadas.

Dany voltou para o banco e enrolou a pele ao redor dos ombros novamente.

– Os Imaculados são meus melhores guerreiros.

– Soldados, não guerreiros, se me permite, Vossa Graça. São feitos para a batalha, para permanecer ombro com ombro atrás de seus escudos, com suas lanças avante. O treinamento que tiveram os ensinou a serem obedientes, sem medo e perfeitos, sem pensar ou hesitar... não a desvendar segredos ou fazer perguntas.

– Cavaleiros me serviriam melhor? – Selmy vinha treinando cavaleiros para ela, ensinando os filhos dos escravos a lutarem com lança e espada longa, à moda westerosi... mas o que bons lanceiros poderiam fazer contra covardes que matam nas sombras?

– Não nisso – o velho admitiu. – E Vossa Graça não tem cavaleiros, me perdoe. Levarão anos até que os garotos estejam prontos.

– Então quem, se não os Imaculados? Os dothrakis seriam ainda piores. – Os dothrakis lutavam no dorso de cavalos. Homens montados são mais úteis em campos abertos e colinas do que em ruas estreitas e becos da cidade. Além das muralhas de tijolos multicoloridos de Meereen, as regras de Dany não tinham muito efeito. Milhares de escravos ainda trabalhavam nas vastas propriedades nas colinas, cultivando trigo e oliveiras, pastoreando ovelhas e cabras, minerando sal e cobre. Os

armazéns de Meereen podiam abrigar grandes suprimentos de grãos, óleo, azeitonas, frutas secas e carne salgada, mas os estoques estavam diminuindo. Então Dany enviou seu reduzido khalasar para subjugar o interior, sob comando de seus três companheiros de sangue, enquanto Ben Mulato Plumm levou os Segundos Filhos para proteger o Sul das incursões dos yunkaítas.

A tarefa mais crucial fora dada a Daario Naharis, o loquaz Daario, com seu dente de ouro, sua barba em forma de tridente e aquele sorriso perverso por detrás do bigode roxo. Além das colinas do leste, havia uma cadeia de montanhas arredondadas de arenito, o Passo Khyzai e Lhazar. Se Daario pudesse convencer os lhazarenos a reabrir as rotas comerciais terrestres, grãos poderiam ser trazidos pelo rio ou através das montanhas, se necessário... mas os Homens-Ovelha não tinham nenhuma razão para gostar de Meereen.

– Quando os Corvos Tormentosos retornarem de Lhazar, talvez possa usá-los nas ruas – disse para Sor Barristan. – Precisa me dar licença, Sor. Os peticionários logo estarão em meus portões. Tenho que vestir minhas orelhas de abano e ser a rainha deles novamente. Convoque Reznak e o Cabeça-Raspada, quero vê-los quando estiver vestida.

– Às ordens de Vossa Graça. – Selmy curvou-se.

A Grande Pirâmide erguia-se duzentos e cinquenta metros em direção ao céu, desde sua enorme base quadrada até o cume, onde a rainha mantinha seus aposentos particulares cercados de folhagens e piscinas perfumadas. Um frio e azul amanhecer levantava-se sobre a cidade, e Dany saiu para o terraço. No oeste, a luz do sol brilhava sobre as cúpulas douradas do Templo das Graças e gravava profundas sombras por trás das pirâmides dos poderosos. *Em algumas dessas pirâmides, os Filhos da Harpia estão tramando novos assassinatos, e sou impotente para detê-los.*

Viserion sentiu sua inquietação. O dragão branco estava enroscado em uma pereira, a cabeça apoiada na cauda. Quando Dany passou, seus olhos se abriram, duas piscinas de ouro derretido. Seus chifres eram dourados também, bem como as escamas que corriam pelas costas da cabeça à cauda.

– Você é preguiçoso – ela lhe disse, coçando-o sob a mandíbula. As escamas eram quentes ao toque, como uma armadura deixada por muito

tempo exposta ao sol. *Dragões são fogo transformado em carne.* Ela lera isso em um dos livros que Sor Jorah lhe dera de presente de casamento. – Você deveria estar caçando com seus irmãos. Você e Drogo andaram brigando novamente? – Seus dragões estavam crescendo muito selvagens. Rhaegal tinha agarrado Irri e Viserion havia incendiado o *tokar* de Reznak, da última vez que o senescal viera. *Eu os tenho deixado muito por conta própria, mas onde encontrarei tempo para eles?*

A cauda de Viserion, enroscada em um galho, batia no tronco da árvore com tanta força que uma pera caiu aos pés de Dany. O dragão desdobrou as asas e deu um meio voo, meio pulo até o parapeito. *Ele cresce*, ela pensou enquanto ele se lançava em direção ao céu. *Todos os três estão crescendo. Logo serão grandes o suficiente para suportar meu peso.* Então, ela voaria como Aegon, o Conquistador, havia feito, para o alto e para o alto, até que Meereen ficasse tão pequena que poderia fazê-la sumir atrás de seu polegar.

Ela observava Viserion subir em círculos cada vez maiores, até que o perdeu de vista além das águas barrentas do Skahazadhan. Só então Dany voltou para dentro da pirâmide, onde Irri e Jhiqui a aguardavam para escovar seus cabelos emaranhados e vesti-la como convinha à Rainha de Meereen, em um *tokar* ghiscari.

O vestido era uma coisa desajeitada, um tecido solto disforme que tinha que ser enrolado ao redor de seus quadris, sob um braço e por cima de um ombro, as franjas soltas cuidadosamente organizadas e dispostas em camadas. Atado frouxamente, ficava como se fosse cair; se muito apertado, ficava enroscado, e a pessoa podia tropeçar nele. Mesmo quando atado de maneira adequada, o *tokar* exigia que a pessoa que o vestia o segurasse no lugar com a mão esquerda. Andar em um *tokar* requeria passos pequenos e truncados, além de um equilíbrio requintado para não pisar nas pesadas franjas à direita. Não era uma roupa feita para alguém que fosse trabalhar. O *tokar* era uma vestimenta de mestre, um sinal de riqueza e poder.

Dany desejara banir o *tokar* quando tomou Meereen, mas seus conselheiros a convenceram do contrário.

– A Mãe de Dragões precisa usar o *tokar* ou será odiada para sempre – avisara a Graça Verde, Galazza Galare. – Nas lãs de Westeros ou em um vestido de rendas de Myr, Sua Iluminada permanecerá para sempre como

uma estranha entre nós, uma estrangeira grotesca, uma conquistadora bárbara. A Rainha de Meereen deve ser uma Senhora da Antiga Ghis.

Ben Mulato Plumm, capitão dos Segundos Filhos, colocou de forma mais sucinta.

– O homem que quer ser o rei dos coelhos deve estar pronto para usar um par de orelhas de abano.

As orelhas de abano que ela escolhera naquele dia eram feitas de linho branco puro, com franja de pendões dourados. Com a ajuda de Jhiqui, ela colocou o *tokar* corretamente na terceira tentativa. Irri buscou sua coroa, feita na forma do dragão de três cabeças de sua Casa. As caudas eram feitas de ouro, as asas de prata e as três cabeças de marfim, ônix e jade. Os ombros e pescoço de Dany estariam duros e doloridos pelo peso antes que o dia terminasse. *Uma coroa não deve assentar fácil na cabeça*. Um de seus antepassados reais havia dito isso certa vez. *Algum Aegon, mas qual?* Cinco Aegons haviam governado os Sete Reinos de Westeros. Teria havido um sexto, mas os cães do Usurpador assassinaram o filho de seu irmão quando ele ainda era um bebê de peito. *Se ele tivesse vivido, eu poderia ter me casado com ele*. Aegon era mais próximo da minha idade do que Viserys. Dany só fora concebida depois que Aegon e sua irmã foram assassinados. O pai deles, seu irmão Rhaegar, morrera antes ainda, abatido pelo Usurpador no Tridente. Seu irmão Viserys morrera gritando em Vaes Dothrak, com uma coroa de ouro derretido sobre a cabeça. *Eles me matarão também, se eu permitir. As facas que mataram Escudo Robusto foram feitas para mim.*

Ela não se esquecera das crianças escravas que os Grandes Mestres tinham pregado ao longo da estrada de Yunkai. Eles tinham calculado cento e sessenta e três, uma criança a cada quilômetro, pregadas nos marcos com um braço estendido apontando o caminho para Meereen. Depois que a cidade caiu, Dany pregara um número igual de Grandes Mestres. Enxames de moscas assistiram à sua morte lenta, e o fedor permaneceu um longo tempo na praça. No entanto, alguns dias depois, ela temera ter ido longe demais. Esses meereeneses eram um povo astuto e obstinado que resistia a ela uma vez após outra. Eles libertaram seus escravos, sim... apenas para contratá-los novamente como servos, e com salários tão baixos que a maioria mal podia se dar ao luxo de comer. E ainda os Grandes Mestres se reuniram sobre suas altas pirâmides para

reclamar de como a rainha dragão havia enchido a nobre cidade deles de mendigos sujos, ladrões e prostitutas.

*Para governar Meereen, preciso ganhar os meereeneses, por mais que os despreze*.

– Estou pronta – disse para Irri.

Reznak e Skahaz a esperavam no alto dos degraus de mármore.

– Grande rainha – exclamou Reznak mo Reznak –, está tão radiante hoje que temo olhá-la. – O senescal vestia um *tokar* de seda castanho com franjas douradas. Um homem pequeno e pegajoso, ele cheirava como se tivesse se banhado em perfume e falava uma forma bastarda de Alto Valiriano, corrompida e temperada por um espesso rosnado ghiscari.

– É muito gentil em dizer isso – respondeu Dany, na mesma língua.

– Minha rainha – rosnou Skahaz mo Kandaq, da cabeça raspada. O cabelo ghiscari era denso e hirto; por muito tempo fora moda entre os homens das Cidades de Escravos moldá-lo como chifres, espinhos e asas. Raspando a cabeça, Skahaz havia deixado a velha Meereen para trás e aceitado a nova, e seus parentes haviam feito o mesmo, seguindo seu exemplo. Outros os seguiram, talvez por moda, medo ou ambição. Dany não saberia dizer; cabeças-raspadas, eram chamados. Skahaz era o Cabeça-Raspada... o mais vil dos traidores para os Filhos da Harpia e sua laia. – Fomos informados sobre o eunuco.

– O nome dele era Escudo Robusto.

– Mais morrerão, a menos que os assassinos sejam punidos. – Mesmo com a careca, Skahaz tinha um rosto odioso; uma sobrancelha hirsuta, olhos pequenos com pesadas bolsas sob eles, um nariz grande, escuro de cravos, uma pele oleosa que parecia mais amarela do que o âmbar usual dos ghiscaris. Era um rosto brusco, bestial, raivoso. Ela só podia rezar para que fosse honesto também.

– Como posso puni-los se não sei quem são? – Dany exigiu dele. – Diga-me isso, audaz Skahaz.

– Vossa Graça não tem falta de inimigos. Pode ver suas pirâmides de seu terraço. Zhak, Hazkar, Ghazzen, Merreq, Loraq, todas as antigas famílias escravagistas. Pahl. Pahl mais que qualquer outro. Uma casa de mulheres, agora. Mulheres velhas e amargas, com desejo de sangue. Mulheres não esquecem. Mulheres não perdoam.

*Não*, Dany pensou, *e os cães do Usurpador vão descobrir isso quando eu retornar a Westeros*. Era verdade que havia sangue entre ela e a casa de Pahl. Oznak zo Pahn havia sido morto por Belwas, o Forte, em combate singular. Seu pai, comandante da patrulha da cidade de Meereen, morrera defendendo os portões quando o aríete de Joso os arrebentou em pedaços. Três tios estavam entre os cento e sessenta e três da praça.

– Quanto ouro temos que oferecer por informações sobre os Filhos da Harpia? – Dany perguntou.

– Uma centena de honras, se agradar Vossa Iluminada.

– Um milhar de honras nos agradará mais. Faça isso.

– Vossa Graça não pediu meu conselho – disse Skahaz Cabeça-Raspada –, mas direi que sangue deve ser pago com sangue. Pegue um homem de cada família que citei e mate-o. Da próxima vez que um dos seus for assassinado, pegue dois de cada uma das grandes casas e mate ambos. Não haverá um terceiro homicídio.

Reznak gritou em pânico.

– Nãaaaao... gentil rainha, uma selvageria dessas traria a ira dos deuses sobre nós. Encontraremos os assassinos, prometo, e quando o fizermos, eles provarão ser ignóbeis miseráveis, a senhora verá.

O senescal era tão careca quanto Skahaz, mas neste caso os deuses eram os culpados. "Se algum cabelo for insolente de aparecer, meu barbeiro está com a navalha pronta", ele garantiu, quando ela o nomeou. Houve momentos em que Dany se perguntou se aquela navalha não estaria melhor se guardada para a garganta de Reznak. Era um homem útil, mas ela não gostava muito dele, nem confiava nele. Os Imortais de Qarth haviam dito que ela seria três vezes traída. Mirri Maz Duur fora a primeira, Sor Jorah, o segundo. Seria Reznak o terceiro? O Cabeça-Raspada? Daario? *Ou seria alguém de quem eu nunca suspeitaria, como Sor Barristan, Verme Cinzento ou Missandei?*

– Skahaz – ela disse para o Cabeça-Raspada –, agradeço seu conselho. Reznak, veja o que mil honras podem conseguir. – Segurando o *tokar*, Daenerys começou a descer a escada de mármore. Um passo de cada vez, para não tropeçar na franja e cair de cabeça na corte.

Missandei a anunciou. A pequena escriba tinha uma voz doce e forte.

*– Todos de joelhos para Daenerys Nascida da Tormenta, a Não Queimada, Rainha de Meereen, Rainha dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Khaleesi do Grande Mar de Grama, Rompedora de Algemas e Mãe de Dragões.*

O salão estava repleto. Os Imaculados permaneciam de costas para os pilares, segurando escudos e lanças, as pontas dos capacetes apontadas para cima como facas. Os meereeneses se reuniam sob as janelas leste. Os libertos estavam bem distantes de seus antigos senhores. *Até que estejam juntos, Meereen não conhecerá a paz*.

– Em pé. – Dany sentou-se em seu banco. O salão se levantou. *Isso, pelo menos, eles fizeram como um só*.

Reznak mo Reznak tinha uma lista. O costume exigia que a rainha começasse com o enviado astapori, um ex-escravo que se chamava Lorde Ghael, embora ninguém parecesse saber do que ele era senhor.

Lorde Ghael tinha uma boca de dentes tortos e escuros e um pontudo rosto amarelo de doninha. Também tinha um presente.

– Cleon, o Grande, envia essas sandálias como prova de seu amor por Daenerys Nascida da Tormenta, a Mãe de Dragões.

Irri colocou as sandálias nos pés de Dani. Eram de couro dourado, decoradas com pérolas verdes de água doce. *Será que o rei açougueiro pensa que um par de belas sandálias vai ganhar minha mão?*

– O Rei Cleon é muito generoso. Pode agradecer-lhe o belo presente. – Adoráveis, mas feitas para uma criança. Dany tinha pés pequenos, mesmo assim a ponta das sandálias esmagava seus dedos.

– O Grande Cleon ficará satisfeito em saber que a agradou – disse Lorde Ghael. – Sua Magnificência me pede para dizer que permanece pronto para defender a Mãe de Dragões de seus inimigos.

*Se propuser novamente que me case com o Rei Cleon, jogo uma sandália na cabeça dele*, Dany pensou, mas desta vez o enviado astapori não fez nenhuma menção ao casamento real. Em vez disso, falou:

– Está chegando o tempo de Astapor e Meereen acabarem com o reino selvagem dos Sábios Mestres de Yunkai, que são inimigos jurados de todos os que vivem em liberdade. O Grande Cleon me pede para dizer que ele e seus novos Imaculados marcharão em breve.

*Seus novos Imaculados são uma brincadeira indecente*.

– O Rei Cleon deveria ter a sensatez de cuidar do próprio jardim e deixar que os yunkaítas cuidem do deles. – Não que Dany tivesse algum amor por Yunkai. Estava começando a se arrepender de ter deixado a Cidade Amarela livre depois de derrotar seu exército em campo. Os Sábios Mestres haviam restaurado a escravidão assim que ela partiu, e andavam ocupados cobrando impostos, contratando mercenários e fazendo alianças contra ela.

No entanto, Cleon, o autointitulado Grande, não era melhor. O Rei Açougueiro restabelecera a escravidão em Astapor, com a única diferença que os ex-escravos passaram a ser os senhores e os antigos senhores, escravos.

– Sou apenas uma garota e conheço pouco dos caminhos da guerra – disse para Lorde Ghael –, mas temos ouvido que Astapor está faminta. O Rei Cleon deveria alimentar seu povo antes de liderá-los para a batalha. – Fez um gesto, dispensando-o. Ghael se retirou.

– Magnificência – solicitou Reznak mo Reznak –, pode atender ao nobre Hizdahr zo Loraq?

*De novo?* Dany assentiu e Hizdahr se adiantou; um homem alto, muito magro, com uma impecável pele âmbar. Fez uma mesura, no mesmo lugar em que Escudo Robusto jazera morto não muito tempo antes. *Preciso deste homem*, Dany recordou a si mesma. Hizdahr era um rico comerciante, com muitos amigos em Meereen, e muitos mais além dos mares. Conhecia Volantis, Lys e Qarth, tinha parentes em Tolos e Elyria, e dizia-se que tinha alguma influência em Nova Ghis, onde os yunkaítas estavam tentando criar hostilidade contra Dany e suas leis.

E ele era rico. Famoso e fabulosamente rico...

*E gostaria de ficar ainda mais rico, se eu conceder sua petição*. Quando Dany fechara as arenas de luta da cidade, o valor desses espaços havia diminuído. Hizdahr zo Loraq as agarrara com as duas mãos e agora era dono da maioria das arenas de Meereen.

O nobre tinha asas de hirsutos cabelos negro-avermelhados brotando das têmporas. Davam a impressão de que sua cabeça estava prestes a levantar voo. Seu rosto ficava ainda mais comprido com a barba presa com anéis de ouro. Seu *tokar* roxo tinha franjas com ametistas e pérolas.

– Vossa Iluminada sabe o motivo que me traz aqui.

– Talvez porque você não tenha outro propósito que não seja me atormentar. Quantas vezes já lhe disse não?

– Cinco vezes, Vossa Magnificência.

– Seis, agora. Não reabriremos as arenas de luta.

– Se Vossa Majestade ouvisse meus argumentos...

– Eu ouvi. Cinco vezes. Você tem algum novo?

– Velhos argumentos – Hizdahr admitiu –, novas palavras. Palavras amáveis e corteses, mais aptas a convencer uma rainha.

– O que está em questão é sua causa, não sua cortesia. Ouvi seus argumentos tantas vezes que eu mesma poderia pleitear seu caso. Devo? – Dany inclinou-se para a frente. – As arenas de combate fazem parte de Meereen desde que a cidade foi fundada. Os combates têm natureza profundamente religiosa, um sacrifício de sangue aos deuses de Ghis. A arte mortal de Ghis não é mera carnificina, mas a demonstração de coragem, habilidade e força que mais agrada aos deuses. Lutadores vitoriosos são paparicados e aclamados, os mortos são homenageados e lembrados. Reabrir as arenas de luta seria uma demonstração de respeito aos usos e costumes do povo de Meereen. As arenas são famosas em todo o mundo. Atraem comércio para Meereen e enchem os cofres da cidade com moedas vindas dos confins da terra. Todos os homens partilham o gosto por sangue, gosto esse que as arenas ajudam a saciar. Dessa maneira, deixam Meereen mais tranquila. Para criminosos condenados a morrer sobre as areias, a arena representa um julgamento por combate, uma última chance para um homem provar sua inocência. – Ela recostou-se novamente, com um meneio de cabeça. – Aí está. Como me saí?

– Vossa Iluminada pleiteou o caso muito melhor do que eu esperava fazer por mim mesmo. Vejo que é tão eloquente quanto bonita. Estou muito convencido.

Ela teve que rir.

– Ah, mas eu não estou.

– Vossa Magnificência – sussurrou Reznak mo Reznak em seu ouvido –, é habitual a cidade cobrar um décimo de todos os lucros das arenas, descontados os gastos, com imposto. Esse dinheiro poderia ter nobres fins.

– Poderia... mas, se *reabríssemos* as arenas, deveríamos ter nosso décimo do *valor bruto*. Sou apenas uma garota jovem, que sabe pouco

desses assuntos, mas convivi com Xaro Xhoan Daxos tempo suficiente para aprender bastante. Hizdahr, se você pudesse comandar exércitos como comanda os argumentos, poderia conquistar o mundo... mas minha resposta ainda é *não*. Pela sexta vez.

– Como disse a rainha. – Curvou-se mais uma vez, tão profundamente quanto antes. As pérolas e as ametistas retiniram suavemente contra o chão de mármore. Hizdahr zo Loraq era um homem muito flexível.

*Ele pode ser bonito, mas tem aquele cabelo bobo.* Reznak e a Graça Verde haviam pedido que Dany tomasse um nobre meereenese como marido, para reconciliar a cidade com suas leis. Hizdahr zo Loraq poderia valer um olhar mais cuidadoso. *Antes ele que Skahaz*. O Cabeça-Raspada havia oferecido anular seu casamento por ela, mas a ideia fez Dany estremecer. Hizdahr, ao menos, sabia sorrir.

– Magnificência – disse Reznak, consultando sua lista –, o nobre Grazdan zo Galare gostaria de se dirigir à senhora. Poderia ouvi-lo?

– Será um prazer – disse Dany, admirando o brilho do ouro e das pérolas verdes das sandálias de Cleon, enquanto fazia seu melhor para ignorar o aperto em seus dedos. Grazdan, ela havia sido avisada, era um primo da Graça Verde, cujo apoio ela julgava inestimável. A sacerdotisa era a voz da paz, da aceitação e da obediência à autoridade legítima. *Posso dar ao primo dela uma audiência respeitável, o que quer que ele deseje.*

Ele desejava ouro. Dany se recusara a indenizar qualquer um dos Grandes Mestres pelo valor de seus escravos, mas o meereenese tinha elaborado outra maneira de tirar dinheiro dela. O nobre Grazdan possuíra certa vez uma escrava que era uma tecelã muito fina, segundo diziam; as peças que saíam de seu tear eram muito valorizadas, não só em Meereen, mas em Nova Ghis, em Astapor e em Qarth. Quando a mulher ficou idosa, Grazdan comprou meia dúzia de moças e ordenou que a velha as introduzisse nos segredos de seu ofício. A velha já morrera. As jovens, agora livres, abriram uma loja perto da muralha do porto para vender suas tecelagens. Grazdan zo Galare pedia uma parcela dos ganhos das mulheres.

– Elas devem sua habilidade a mim – insistiu. – Tirei-as do lote em leilão e dei um tear para cada uma delas.

Dany ouviu em silêncio, o rosto imóvel. Quando ele acabou, disse:

– Qual era o nome da antiga tecelã?

– A escrava? – Grazdan deslocou seu peso de uma perna para a outra, franzindo a testa. – Ela se chamava... Elza, creio eu. Ou Ella. Faz seis anos que morreu. Já tive tantos escravos, Vossa Graça.

– Digamos que seja Elza. Eis nossa decisão: das moças, você não terá nada. Foi Elza quem as ensinou a tecer, não você. De você, as moças terão um tear novo, o melhor que o dinheiro possa comprar. Isso é por esquecer o nome da velha.

Reznak ia convocar o próximo *tokar*, mas Dany insistiu para que chamasse um liberto. Depois, passou a alternar entre os antigos mestres e os ex-escravos. Muitos e ainda mais assuntos foram levados para ela, pedindo reparação. Meereen havia sido selvagemente saqueada após sua queda. As pirâmides dos poderosos foram poupadas da devastação, mas as partes mais humildes da cidade haviam sido entregues a uma orgia de roubos e assassinatos conforme os escravos locais se sublevavam e as hordas de famintos vindas de Yunkai e Astapor invadiam os portões quebrados. Seus Imaculados finalmente restauraram a ordem, mas o saque deixou uma epidemia de problemas em sua esteira. E então as pessoas vinham para ver a rainha.

Veio uma rica mulher, cujos marido e filho tinham morrido defendendo as muralhas da cidade. Durante o saque, ela havia fugido para a casa do irmão, com medo. Quando voltou, encontrou a casa transformada em um bordel. As prostitutas haviam se enfeitado com as joias e roupas da antiga proprietária. Ela queria sua casa e suas joias de volta.

– Elas podem ficar com as roupas – permitiu.

Dany concedeu-lhe as joias, mas negou a casa, que fora perdida quando a mulher a abandonou.

Um ex-escravo veio acusar um certo nobre dos Zhak. O homem recentemente havia tomado para esposa uma liberta que esquentava a cama do nobre antes da cidade cair. O nobre havia tomado a virgindade da mulher, usado-a para seu prazer e deixado-a com uma criança. O novo marido queria que o nobre fosse castrado pelo crime de estupro, e também queria uma bolsa de ouro como pagamento por criar o bastardo como seu filho. Dany concedeu-lhe o ouro, mas não a castração.

– Quando ele se deitou com ela, sua esposa era propriedade dele para fazer o que bem entendesse. Por lei, não houve estupro. – Ela percebeu que sua decisão não agradou ao homem, mas se castrasse todos que haviam forçado sexo com as escravas, governaria uma cidade de eunucos.

Veio um rapaz, mais jovem do que Dany, frágil e marcado por cicatrizes, vestindo um *tokar* cinza desgastado, arrastando uma franja prateada. Sua voz falhou quando contou como dois escravos de sua família haviam entrado na casa na noite em que os portões se quebraram. Um havia matado seu pai, o outro, o irmão mais velho. Ambos tinham estuprado sua mãe, antes de matá-la. O rapaz fugira com apenas a cicatriz no rosto, mas um dos assassinos ainda vivia na casa de seu pai, e o outro se unira aos soldados da rainha, como um dos Homens da Mãe. Ele queria os dois enforcados.

*Sou rainha de uma cidade construída sobre pó e morte*. Dany não teve escolha a não ser negar o pedido do rapaz. Ela havia declarado anistia a todos os crimes cometidos durante o saque. Nem puniria escravos por se levantar contra seus mestres.

Ao ouvir a decisão da rainha, o rapaz correu na direção dela, mas seus pés se enroscaram no *tokar* e ele se estatelou de cabeça no mármore púrpura. No instante seguinte, Belwas, o Forte, estava sobre ele. O enorme eunuco marrom puxou-o por uma mão e o sacudiu como um mastim faria com um rato.

– Basta, Belwas – Dany ordenou. – Liberte-o.

Para o rapaz, disse:

– Conserve esse *tokar*, pois ele salvou sua vida. Você é apenas um rapaz, então vamos esquecer o que aconteceu aqui. Você deve fazer o mesmo. – Ao deixar o salão, o rapaz olhou para trás por cima do ombro, e quando Dany fitou seus olhos, pensou, *a Harpia tem outro filho*.

Ao meio-dia, Daenerys sentia o peso da coroa em sua cabeça e a dureza do banco sob as nádegas. Com tantos ainda à espera de sua disposição, não parou para comer. Em vez disso, enviou Jhiqui às cozinhas para buscar um pão pita, azeitonas, figos e queijo. Mordiscava enquanto ouvia e tomava goles de vinho aguado. Os figos estavam bons, as azeitonas ainda melhores, mas o vinho deixou um gosto amargo e metálico na boca. As pequenas e pálidas uvas nativas da região produziam uma safra

notadamente inferior. *Não teremos comércio de vinho*. Além disso, os Grandes Mestres haviam queimado as melhores parreiras, juntamente com as oliveiras.

Na parte da tarde, veio um escultor propondo substituir a grande harpia de bronze da Praça da Purificação por um projeto com a imagem de Dany. Ela recusou a proposta com o máximo de cortesia que pôde conseguir. Um lúcio de tamanho sem precedentes havia sido apanhado no Skahazadhan, e o pescador desejava dar o peixe à rainha. Ela admirou o extravagante animal, recompensou o pescador com uma bolsa de prata e enviou o lúcio para a cozinha. Um caldeireiro tinha feito para ela uma cota de malha de cobre polido para usar na guerra. Ela aceitou com exagerados agradecimentos; era uma peça linda de se ver, e todo aquele cobre polido deveria brilhar lindamente ao sol – embora, em uma batalha real, preferisse estar revestida em aço. Mesmo uma jovem moça sem experiência nos caminhos da guerra sabia d*isso*.

As sandálias que o Rei Açougueiro lhe enviara estavam ficando desconfortáveis demais. Dany as tirou e sentou-se sobre um dos pés, enquanto o outro balançava para a frente e para trás. Não era uma pose muito régia, mas ela estava cansando de ser régia. A coroa lhe dava dores de cabeça e suas nádegas começavam a ficar dormentes.

– Sor Barristan – chamou –, eu sei qual é a qualidade que um rei mais precisa.

– Coragem, Vossa Graça?

– Nádegas de ferro – brincou. – Tudo o que faço é sentar.

– Vossa Graça exige demais de si mesma. Devia permitir que seus conselheiros cuidassem mais de seus encargos.

– Tenho conselheiros demais e almofadas de menos. – Dany virou-se para Reznak. – Quantos mais?

– Vinte e três, se agradar Vossa Magnificência. Com muitos pedidos. – O senescal consultou alguns papéis. – Um bezerro e três cabras. Os demais serão ovelhas e cordeiros, não há dúvida.

– Vinte e três. – Dany suspirou. – Meus dragões desenvolveram um gosto prodigioso por carne de cordeiro desde que começamos a pagar os pastores pelos animais que eles matam. Essas alegações são comprovadas?

– Alguns homens trouxeram ossos queimados.

– Homens fazem fogo. Homens cozinham carne de cordeiro. Ossos queimados não provam nada. Ben Castanho diz que há lobos vermelhos nas colinas fora da cidade, além de chacais e cães selvagens. Devemos pagar uma boa prata para cada cordeiro que se perde entre Yunkai e o Skahazadhan?

– Não, Magnificência. – Reznak fez uma mesura. – Devo mandar esses patifes embora, ou devo mandar açoitá-los?

Daenerys se mexeu no banco.

– Nenhum homem deve temer vir até mim. – Algumas alegações eram falsas, ela não duvidava, mas a maioria era genuína. Os dragões estavam demasiado grandes para se contentar com ratos, cães e gatos. *Quanto mais comem, maiores ficam*, Sor Barristan a havia advertido, *e quanto maiores ficam, mais comem*. Drogon, especialmente, ia até muito longe e podia facilmente devorar uma ovelha por dia. – Pague-os pelo valor dos animais – ela disse a Reznak –, mas, de hoje em diante, os requerentes devem apresentar-se no Templo das Graças e fazer um juramento sagrado diante dos deuses de Ghis.

– Assim será. – Reznak virou-se para os peticionários. – Sua Magnificência, a Rainha, consentiu em compensar cada um de vocês pelos animais que perderam – disse, na língua ghiscari. – Apresentem-se aos meus administradores, amanhã, e serão pagos em moeda ou espécie, como preferirem.

O pronunciamento foi recebido com um silêncio taciturno. *E você imaginava que isso os deixaria felizes*, Dany pensou. *Eles tiveram o que vieram buscar. Não tem jeito de agradar essas pessoas?*

Um homem ficou para trás enquanto o resto partia; um homem atarracado, com o rosto queimado pelo vento, malvestido. Seu cabelo era um capacete grosseiro de fios negro-avermelhados cortado na altura das orelhas, e em uma das mãos segurava um triste saco de pano. Ficou de cabeça baixa, olhando para o chão de mármore, como se tivesse se esquecido de onde estava. *E o que esse aí quer?,* Dany se perguntou.

– *Todos de joelhos para Daenerys Nascida da Tormenta, a Não Queimada, Rainha de Meereen, Rainha dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Khaleesi do Grande Mar de Grama, Rompedora de Algemas e Mãe de Dragões* – gritou Missandei em sua voz alta e doce.

Conforme Dany se levantou, seu *tokar* começou a escorregar. Ela o pegou e o enrolou de volta no lugar.

– Você com o saco – chamou –, deseja falar conosco? Pode se aproximar.

Quando ele levantou a cabeça, seus olhos estavam vermelhos e magoados como uma ferida aberta. Dany vislumbrou Sor Barristan chegando, uma sombra branca ao seu lado. O homem se aproximou tropegamente, um passo e depois o outro, segurando o saco. *Está bêbado ou doente?,* ela se perguntou. Havia sujeira sob suas unhas amarelas rachadas.

– O que é isso? – Dany perguntou. – Você nos trouxe alguma reclamação, alguma petição? O que tem para nós?

Ele passou nervosamente a língua sobre os lábios rachados.

– Eu... eu trouxe...

– Ossos? – ela disse, impaciente. – Ossos queimados?

Ele levantou o saco e derramou seu conteúdo no mármore.

Os ossos estavam ali, ossos quebrados e enegrecidos. Os ossos maiores haviam sido quebrados, pelo tutano.

– Foi o negro – o homem disse, em um rosnado ghiscari –, a sombra alada. Ele veio do céu e... e...

*Não*. Dany estremeceu. *Não, não, oh, não.*

– Você é surdo, seu tolo? – Reznak mo Reznak exigiu do homem. – Não ouviu meu pronunciamento? Fale com meus administradores amanhã, e eles pagarão por sua ovelha.

– Reznak – Sor Barristan disse sobriamente –, segure a língua e abra os olhos. Esses não são ossos de uma ovelha.

*Não*, Dany pensou, *esses são ossos de uma criança.*

# Jon

O lobo branco corria por um tronco negro, ao pé de um pálido penhasco tão alto quanto o céu. A lua corria com ele, deslizando por um emaranhado de galhos desfolhados suspenso sobre sua cabeça, no céu estrelado.

– Snow – a lua murmurou. O lobo não respondeu. A neve era triturada sob suas patas. O vento soprava por entre as árvores.

Ao longe, ele podia ouvir seus companheiros de matilha chamando por ele, de igual para igual. Estavam caçando também. Uma chuva selvagem chicoteava as costas de seu irmão negro, enquanto ele rasgava a carne de um enorme bode, lavando o sangue do lado do seu corpo onde o longo chifre da presa o havia acertado. Em outro lugar, sua irmãzinha levantava a cabeça para cantar para a lua, e uma centena de pequenos primos cinzentos interrompia a caçada para cantar com ela. As colinas eram mais quentes onde ela estava, e mais abundantes de comida. Várias noites a matilha da irmã se fartara com carne de ovelhas, vacas e cavalos, as presas dos homens, e, às vezes, até com a carne do próprio homem.

– Snow – a lua chamou novamente, tagarelando. O lobo branco seguia ao longo da trilha do homem, sob o penhasco de gelo. O gosto de sangue estava em sua língua, e em seus ouvidos soava a canção dos cem primos. Antes eles eram seis, cinco choramingando cegos na neve, ao lado do cadáver da mãe, sugando o leite gelado de seus duros mamilos mortos, enquanto ele se arrastava sozinho. Restavam quatro... e um deles o lobo branco não conseguia mais sentir.

– Snow – a lua insistia.

O lobo branco correu dela, seguindo em direção à caverna da noite onde o sol tinha se escondido, sua respiração congelando no ar. Nas noites sem estrelas, o grande penhasco ficava negro como uma rocha, a escuridão elevando-se sobre o mundo inteiro, mas, quando a lua saía, ele

brilhava pálido e frio como um córrego congelado. A pele do lobo era grossa e peluda, mas quando o vento soprava sob o gelo, nenhum pelo conseguia afastar a sensação de frio. Do outro lado, o vento estava ainda mais frio, o lobo sentia. Era onde seu irmão estava, o irmão cinzento que cheirava a verão.

– Snow. – Um pingente de gelo caiu de um galho. O lobo branco virou-se e mostrou os dentes. – Snow. – Seu pelo se eriçou, conforme a floresta se dissolvia ao seu redor. – Snow, Snow, Snow! – Ele ouviu o bater de asas. Através da escuridão, um corvo voou.

A ave pousou no peito de Jon Snow, com um baque e um arranhar de garras.

– SNOW! – gritou diante de seu rosto.

– Já ouvi. – A sala estava escura, e seu colchão de palha, duro. Uma luz acinzentada vazava pelas persianas, prometendo mais um frio dia sombrio. – Era assim que você acordava Mormont? Tire as penas da minha cara. – Jon estendeu o braço para fora dos cobertores para espantar o corvo. Era um pássaro grande, velho, ousado e desalinhado, e totalmente sem medo. *Snow,* ele gritou, batendo as asas até o dossel da cama. *Snow, Snow*. Jon encheu o punho com o travesseiro e o arremessou no ar, mas o pássaro alçou voo. O travesseiro atingiu a parede e estourou, espalhando seu recheio por todo lado, bem no momento em que Edd Doloroso Tollett enfiava a cabeça pela porta.

– Com licença – disse, ignorando o turbilhão de penas –, devo buscar o café da manhã, Senhor?

*Grão*, gritou o corvo. *Grão, grão.*

– Corvo assado – Jon sugeriu. – E meio quartilho de cerveja. – Ter um intendente para servi-lo ainda era algo estranho; havia não muito tempo, era ele quem servia o café da manhã do Senhor Comandante Mormont.

– Três milhos e um corvo assado – disse Edd Doloroso. – Muito bem, Senhor, só que Hobb fez ovos cozidos, chouriço e maçãs cozidas com ameixas secas. As maçãs com ameixas estão ótimas, exceto pelas ameixas. Eu mesmo não vou comê-las. Bem, havia uma época em que Hobb picava-as com castanhas e cenouras e escondia-as dentro de uma galinha. Nunca confie em um cozinheiro, senhor. Eles servirão ameixas secas quando menos se esperar.

– Mais tarde. – O café da manhã podia esperar; Stannis, não. – Algum problema com as paliçadas na noite passada?

– Não, desde que colocou guardas nas guaritas, senhor.

– Ótimo. – Mil selvagens estavam confinados para lá da Muralha, os cativos que Stannis Baratheon fizera quando seus cavaleiros esmagaram a miscelânea de tropas de Mance Rayder. Muitos dos prisioneiros eram mulheres, e alguns dos guardas as tinham furtivamente levado para aquecer suas camas. Homens do rei, homens da rainha, não parecia importar; e alguns irmãos negros haviam tentado a mesma coisa. Homens são homens, e aquelas eram as únicas mulheres a mil léguas.

– Mais duas selvagens se renderam – Edd continuou. – Uma mãe com uma menina pendurada em suas saias. Ela tinha um bebê também, todo enrolado em peles, mas estava morto.

*Morto,* disse o corvo. Era uma das palavras favoritas da ave. *Morto, morto, morto.*

Eles tinham vagado livremente na maioria das noites, mortos de fome, criaturas semicongeladas que haviam fugido da batalha na Muralha, só para rastejar de volta quando perceberam que não havia lugar seguro para onde fugir.

– A mãe foi interrogada? – Jon perguntou. Stannis Baratheon havia esmagado as tropas de Mance Rayder e tomado o Rei-para-lá-da-Muralha como seu prisioneiro... mas os selvagens ainda estavam lá fora, o Chorão, Tormund Terror dos Gigantes e milhares mais.

– Sim, senhor – disse Edd –, mas tudo o que ela sabia é que tinha fugido durante a batalha e se escondido na floresta. Enchemos ela de papa de aveia, a mandamos para as paliçadas e queimamos o bebê.

Queimar crianças mortas tinha deixado de ser um problema para Jon Snow; já as vivas eram outro assunto. *Dois reis para acordar o dragão. O pai primeiro e depois o filho, para que ambos os reis morram.* As palavras tinham sido murmuradas por um dos homens da rainha, enquanto Meistre Aemon limpava suas feridas. Jon imaginou que era a febre falando. Aemon tinha hesitado.

– Há poder no sangue de um rei – o velho Meistre lhe avisara –, e homens melhores do que Stannis fizeram coisas piores do que essa. – *O rei pode ser duro e implacável, sim, mas um bebê de peito? Apenas um monstro daria uma criança viva às chamas.*

Jon mijou na escuridão, enchendo seu penico enquanto o corvo do Velho Urso murmurava queixas. Os sonhos de lobo estavam ficando mais fortes, e ele se pegava lembrando-se deles até mesmo acordado. *Fantasma sabe que Vento Cinzento morreu*. Robb tinha morrido nas Gêmeas, traído por homens que acreditava serem seus amigos, e seu lobo havia perecido com ele. Bran e Rickon tinham sido assassinados também, decapitados por ordem de Theon Greyjoy, que fora protegido de seu pai... mas, se os sonhos não mentem, seus lobos escaparam. Na Coroadarrainha, um deles tinha saído das trevas para salvar a vida de Jon. *Verão, tinha de ser ele. Sua pele era cinzenta, e Cão Felpudo é negro*. Ele se perguntava se alguma parte de seus falecidos irmãos vivia dentro de seus lobos.

Encheu a bacia com o garrafão de água do lado da cama, lavou o rosto e as mãos, vestiu um conjunto negro de lã limpo, atou um gibão de couro preto e calçou um par de botas surradas. O corvo de Mormont o olhava com astutos olhos escuros, e então voou até a janela.

– Você acha que sou seu servo? – Quando Jon abriu a janela com seus grossos painéis de vidro amarelo em forma de diamante, o frio da manhã bateu em seu rosto. Respirou para limpar os vestígios da noite enquanto o corvo voava para longe. *Esse pássaro é muito espertinho.* Tinha sido companheiro do Velho Urso por longos anos, mas isso não o impedira de comer o rosto de Mormont quando ele morreu.

Do lado de fora dos aposentos de dormir, um lance de degraus descia para uma sala maior, decorada com uma mesa de pinho marcada pelo uso e uma dúzia de cadeiras de carvalho e couro. Com Stannis na Torre do Rei e a Torre do Senhor Comandante queimada até só restar a casca, Jon havia se estabelecido nas modestas instalações de Donal Noye, atrás do arsenal. Com o tempo, sem dúvida, precisaria de alojamentos maiores, mas esses serviriam por enquanto, até ele se acostumar a comandar.

A concessão que o rei lhe deixara para assinar estava sobre a mesa, embaixo de uma taça de prata que tinha sido de Donal Noye. O ferreiro de um braço havia deixado poucos pertences pessoais: a taça, seis moedas de um dinheiro e uma estrela de cobre, um broche de esmalte negro com o fecho quebrado, um gibão brocado mofado com o veado de Ponta Tempestade. *Seus tesouros eram suas ferramentas e as espadas e facas que fez. Sua vida estava na forja*. Jon moveu a taça para cima e leu

o pergaminho mais uma vez. *Se eu colocar meu selo nisso, serei sempre lembrado como o Senhor Comandante que entregou a Muralha*, pensou, *mas se eu recusar...*

Stannis Baratheon estava se mostrando um convidado espinhoso e inquieto. Tinha percorrido a estrada do rei até quase a Coroadarrainha, rondando pelas cabanas vazias da Vila da Toupeira, inspecionando as ruínas dos fortes em Portão da Rainha e em Escudo de Carvalho. Todas as noites, andava pelo alto da Muralha com a Senhora Melisandre e, durante os dias, visitava as paliçadas, escolhendo cativos para serem interrogados pela mulher vermelha. *Ele não gosta de ficar parado*. Aquela não seria uma manhã agradável, Jon temia.

Do arsenal veio um barulho de escudos e espadas, conforme o último grupo de rapazes e recrutas se armava. Ele podia ouvir a voz de Emmett de Ferro dizendo-lhes para se apressar com aquilo. Cotter Pyke não tinha gostado de perdê-lo, mas o jovem patrulheiro tinha o dom para treinar os homens. *Ele ama lutar e vai ensinar os rapazes a gostar também*. Pelo menos era o que esperava.

A capa de Jon estava pendurada em um cabide junto à porta, seu cinturão em outro. Vestiu ambos e encaminhou-se para o arsenal. O tapete onde Fantasma dormia estava vazio, notou. Dois guardas estavam no interior das portas, vestidos com capas pretas e meios-elmos de ferro, carregando lanças nas mãos. – O Senhor gostaria de escolta? – perguntou Garse.

– Acho que consigo encontrar a Torre do Rei sozinho. – Jon odiava ter guardas atrás de si aonde quer que fosse. Fazia-o sentir-se como uma mãe pata liderando uma procissão de patinhos.

Os rapazes de Emmett de Ferro estavam no pátio, espadas embotadas batendo nos escudos, e empurrando-se uns aos outros. Jon parou por um momento para ver Cavalo pressionando Salto de Pisco através do pátio. Cavalo tinha as qualidades de um bom lutador, percebeu. Era forte e estava ficando mais forte ainda, e seus instintos eram afiados. Salto de Pisco era de outro tipo. Tinha os pés bastante tortos, e também temia ser atingido. *Talvez possa fazer dele um intendente.* A luta terminou abruptamente, com Salto de Pisco no chão.

– Boa luta – Jon disse para Cavalo –, mas você mantém o escudo muito baixo quando parte para o ataque. Você deve corrigir isso, ou acabará

morto.

– Sim, senhor. Vou deixar ele no alto da próxima vez. – Cavalo puxou Salto de Pisco, que estava caído a seus pés, e o rapaz levantou-se com o corpo em um arco desajeitado.

Alguns dos cavaleiros de Stannis estavam treinando do outro lado do pátio. *Homens do rei em um canto, homens da rainha no outro*, Jon não podia deixar de notar, *mas apenas alguns deles. Está muito frio para a maioria.* Ao passar por eles, uma voz potente chamou em suas costas.

– RAPAZ! VOCÊ AÍ! *RAPAZ!*

*Rapaz* não era a pior coisa da qual Jon Snow havia sido chamado desde que fora escolhido Senhor Comandante. Ele ignorou.

– *Snow* – a voz insistiu. – *Senhor Comandante*.

Dessa vez ele parou.

– Sor?

O cavaleiro era quase quinze centímetros mais alto do que ele.

– Um homem que carrega consigo aço valiriano deve usá-lo para algo mais do que coçar o traseiro.

Jon tinha visto o sujeito pelo castelo – um cavaleiro de grande renome segundo ele mesmo dizia. Durante a batalha sob a Muralha, Sor Godry Farring havia matado gigantes em fuga, perseguindo-os a cavalo e atingindo-os com a lança pelas costas, desmontando então para cortar as cabeças lamentavelmente pequenas das criaturas. Os homens da rainha passaram a chamá-lo de Godry, o Matador de Gigantes.

Jon se lembrou de Ygritte, gritando. *Eu sou o último dos gigantes*.

– Uso Garralonga quando devo, sor.

– Muito bem, vamos? – Sor Godry desembainhou sua própria lâmina. – Mostre-nos. Prometo não machucá-lo, rapaz.

*Quanta gentileza*.

– Numa outra hora, sor. Temo ter outros deveres agora.

– Teme. Posso ver. – Sor Godry sorriu para seus amigos. – Ele teme – repetiu, para os mais lentos.

– Com sua licença – Jon deu-lhe as costas.

O Castelo Negro parecia um lugar triste e abandonado à luz do pálido amanhecer. *Meu comando*, Jon Snow refletiu com tristeza, *é tanto uma ruína quanto uma fortaleza*. A Torre do Senhor Comandante era apenas uma casca, os Salões Comuns, uma pilha de madeira enegrecida, a Torre

de Hardin parecia prestes a desabar na próxima rajada de vento... embora estivesse assim havia anos. Atrás, levantava-se a Muralha: imensa, proibitiva, gélida, apinhada de construtores que colocavam novos remendos na escada, unindo vigas novas às antigas. Eles trabalhavam do amanhecer ao anoitecer. Sem a escada, não havia como chegar ao topo da Muralha, salvo pela gaiola de ferro. E isso não serviria se os selvagens atacassem novamente.

Acima da Torre do Rei, o grande estandarte de guerra dourado da Casa Baratheon estalava como um chicote no telhado, onde havia não muito tempo Jon Snow estivera com o arco na mão, matando thenns e o povo livre, ao lado de Cetim e Dick Surdo Follard. Dois homens da rainha estavam tremendo nos degraus, com as mãos sob as axilas e as lanças encostadas na porta.

– Essas luvas de tecido nunca vão servir – disse-lhes Jon. – Falem com Bowen Marsh pela manhã, e ele dará para cada um de vocês um par de luvas de couro, forradas de pele.

– Iremos, sim, senhor. Obrigado – disse o guarda mais velho.

– Isso se nossas malditas mãos não estiverem congeladas – o mais jovem completou, sua respiração uma névoa pálida. – Eu costumava achar que era frio nas Marcas de Dorne. O que eu sabia?

*Nada*, pensou Jon Snow, *o mesmo que eu.*

A meio caminho dos sinuosos degraus, deparou-se com Samwell Tarly, que descia as escadas.

– Você estava com o Rei? – Jon perguntou.

– Meistre Aemon me mandou com uma carta.

– Entendo. – Alguns senhores confiavam em seus meistres para lerem suas cartas e lhes transmitirem os conteúdos delas, mas Stannis insistia em ele mesmo romper os selos. – Como Stannis a recebeu?

– Pela cara, não muito feliz. – Sam baixou a voz até um sussurro. – Eu não deveria falar sobre isso.

– Então, não falamos. – Jon se perguntou qual dos vassalos de seu pai teria recusado prestar homenagens ao Rei Stannis desta vez. *Ele havia sido bem rápido em espalhar a notícia quando Karhold lhe declarou apoio*. – Como você e seu arco estão se saindo?

– Encontrei um bom livro sobre arco e flecha – Sam franziu a testa. – Mas praticar é mais difícil do que ler sobre o assunto. Fico com bolhas.

– Continue. Podemos precisar de seu arco sobre a Muralha se os Outros aparecerem em alguma noite escura.

– Oh, espero que não.

Mais guardas permaneciam do lado de fora dos aposentos do Rei.

– Não são permitidas armas na presença de Sua Graça, senhor – o sargento disse. – Vou precisar dessa espada. E das suas facas também. – Não faria bem algum protestar, Jon sabia. Entregou-lhes seu armamento.

Dentro dos aposentos o ar estava morno. A Senhora Melisandre estava sentada perto do fogo, seu rubi brilhando contra a pele branca do pescoço. Ygritte fora beijada pelo fogo; a sacerdotisa vermelha *era* o fogo e seus cabelos eram sangue e chamas. Stannis estava atrás da mesa rústica onde o Velho Urso costumava se sentar para fazer as refeições. Cobrindo a mesa havia um grande mapa do Norte, pintado em um pedaço irregular de couro cru. Uma vela de sebo segurava uma das extremidades do mapa, uma luva de aço, a outra.

O rei usava calções de lã de cordeiro e um gibão acolchoado, mesmo assim parecia tão duro e desconfortável como se estivesse revestido em armadura e cota de malha. Sua pele era couro pálido, sua barba, cortada tão rente que poderia ter sido pintada. Uma franja sobre as têmporas era tudo o que lhe restara do cabelo preto. Em suas mãos estava um pergaminho com um selo de cera verde-escuro rompido.

Jon se ajoelhou. O rei franziu a testa para ele e sacudiu o pergaminho com raiva.

– Levante-se. Me diga, quem é *Lyanna Mormont*?

– Uma das filhas da Senhora Maege, Majestade. A mais jovem. Recebeu esse nome por causa da irmã do meu pai.

– Para agradar ao senhor seu pai, não duvido. Sei que jogo é esse. Quantos anos tem essa garota miserável?

Jon teve que pensar um momento.

– Dez... Ou quase isso. Posso saber como ela ofendeu Sua Graça?

Stannis leu a carta.

– *A Ilha dos Ursos não reconhece nenhum rei que não o Rei do Norte, cujo nome é STARK*. Uma garota de dez anos, você diz, e ela se atreve a repreender seu rei legítimo. – Sua barba rente parecia uma sombra pelas bochechas magras. – Mantenha essa notícia com você, Lorde Snow. Karhold está comigo, e é tudo o que os homens precisam saber. Não

quero seus irmãos contando histórias sobre como essa criança cuspiu em mim.

– Ao seu comando, Majestade – Maege Mormont havia seguido para o Sul com Robb, Jon sabia. Sua filha mais velha também havia se unido às tropas do Jovem Lobo. Mesmo se as duas estivessem mortas, a Senhora Maege tinha deixado pelo menos uma das filhas mais velhas como castelã. Ele não entendia por que Lyanna havia escrito para Stannis, e não podia ajudar, mas se perguntava se a resposta da garota seria diferente caso a carta tivesse sido selada com um lobo gigante em vez de um veado coroado e assinada por Jon Stark, Senhor de Winterfell. *É tarde demais para essas dúvidas. Você fez sua escolha*.

– Dois grupos de corvos foram enviados – o rei reclamou – e ainda não tivemos resposta, só silêncio e desafio. Obediência é o que cada sujeito leal deve ao seu rei. Mas todos os vassalos do seu pai viraram as costas para mim, com exceção dos Karstark. Arnolf Karstark é o único homem honrado no Norte?

Arnolf Karstark era o tio do falecido Lorde Rickard. Fora feito castelão de Karhold quando seu sobrinho e os filhos dele foram para o Sul com Robb, e havia sido o primeiro a responder ao chamado do Rei Stannis por obediência, declarando sua lealdade. *Os Karstark não têm outra escolha*, Jon poderia ter dito. Rickard Karstark traíra o Lobo Gigante e derramara sangue dos leões. O veado era a única esperança de Karhold.

– Em tempos confusos como estes, até mesmo os homens de honra devem se perguntar onde está seu dever. Vossa Graça não é o único rei a exigir obediência.

A Senhora Melisandre se agitou.

– Diga-me, Lorde Snow... onde estavam esses outros reis quando os selvagens atacaram sua Muralha?

– A milhares de léguas daqui, e surdos às nossas necessidades – Jon respondeu. – Não esqueci disso, minha senhora. Nem me esquecerei. Mas os vassalos do meu pai têm esposas e filhos para proteger, e camponeses que morrerão se eles escolherem mal. Sua Graça exige muito deles. Dê-lhes tempo, e eles encontrarão suas respostas.

– Respostas como esta? – O rei Stannis amassou a carta de Lyanna na mão.

– Mesmo no Norte os homens temem a ira de Tywin Lannister. Os Bolton também são maus inimigos para se ter. Não é à toa que têm um homem esfolado em seu estandarte. O Norte cavalgou com Robb, sangrou com ele, morreu por ele. Tiveram uma boa porção de tristeza e morte, e agora o senhor vem lhes oferecer outra dose. Pode culpá-los se ficarem com o pé atrás? Perdoe-me, Sua Graça, mas alguns vão olhá-lo e ver apenas outro pretendente condenado.

– Se Sua Graça está condenada, o reino está condenado também – disse a Senhora Melisandre. – Lembre-se disso, Lorde Snow. É o único rei verdadeiro de Westeros que está diante de você.

Jon manteve o rosto impenetrável.

– É como diz, senhora.

Stannis bufou.

– Você gasta suas palavras como se cada uma delas fosse um dragão de ouro. Eu me pergunto: quanto ouro você tem?

– Ouro? – *Eram esses os dragões que a mulher vermelha queria acordar? Dragões feitos de ouro?* – As taxas que nós coletamos são pagas em espécie, Vossa Graça. A Patrulha é rica em nabos, mas pobre em moedas.

– Nabos não vão apaziguar Salladhor Saan. Exijo ouro ou prata.

– Para isso, é necessário Porto Branco. A cidade não se compara a Vilavelha ou Porto Real, mas ainda é um próspero porto. Lorde Manderly é o vassalo mais rico do meu pai.

– Lorde Gordo-demais-para-sentar-em-um-cavalo. – A carta que Lorde Manderly tinha enviado de Porto Branco falava de sua idade e sua enfermidade, e pouco mais que isso. Stannis ordenara a Jon que também não comentasse sobre essa carta.

– Talvez o senhorio gostasse de uma esposa selvagem – disse a Senhora Melisandre. – Esse homem gordo é casado, Lorde Snow?

– Sua esposa morreu há tempos. Lorde Wyman tem dois filhos crescidos, e netos do mais velho. E ele *é* gordo demais para sentar em um cavalo, cento e noventa quilos no mínimo. Val nunca iria querer um homem assim.

– Apenas uma única vez você podia tentar dar uma resposta que me agradasse, Lorde Snow – o rei resmungou.

– Eu esperava que a verdade o agradasse, Majestade. Seus homens chamam Val de princesa, mas para o povo livre ela é apenas a irmã da falecida esposa do rei deles. Se forçá-la a casar com um homem que não deseja, ela é capaz de cortar a garganta dele na noite de núpcias. Mesmo se ela aceitar um marido, isso não quer dizer que os selvagens vão segui-lo, ou ao senhor. O único homem que pode uni-los à sua causa é Mance Rayder.

– Eu sei disso – Stannis disse, infeliz. – Passei horas falando com o homem. Ele sabe muito e ainda mais sobre nosso verdadeiro inimigo, e é um homem astuto, lhe garanto. Mas, mesmo se ele renunciar a sua realeza, continuará a ser um perjuro. Deixe um desertor viver, e incentivará outros a desertarem. Não. Leis devem ser feitas de ferro, não de pudim. Mance Rayder deve ser executado por todas as leis dos Sete Reinos.

– As leis terminam na Muralha, Vossa Graça. O senhor podia fazer bom uso de Mance.

– E eu pretendo. Vou queimá-lo, e o Norte verá como lido com vira-casacas e traidores. Tenho outro homem para liderar os selvagens. E tenho o filho de Rayder, não se esqueça. Uma vez que o pai esteja morto, o filhote será o Rei-para-lá-da-Muralha.

– Vossa Graça está enganado. – *Você não sabe nada, Jon Snow*, Ygritte costumava dizer, mas ele havia aprendido. – O bebê não é mais príncipe do que Val é uma princesa. Você não se torna Rei-para-lá-da-Muralha porque seu pai era.

– Bom – disse o rei –, pois eu não suportarei outros reis em Westeros. Você assinou a concessão?

– Não, Vossa Graça – *E aí vem*. Jon fechou seus dedos queimados e os abriu novamente. – O senhor pede muito.

– Peço? Eu *pedi* para você ser Lorde de Winterfell e Protetor do Norte. Eu *exijo* esses castelos.

– Já lhe cedemos o Fortenoite.

– Ratos e ruínas. Um presente avarento que não custará nada ao doador. Seu próprio homem, Yarwyck, diz que será necessário meio ano até que o castelo fique habitável.

– Os outros fortes não estão melhores.

– Eu sei disso. Não importa. São tudo o que temos. Há dezenove fortes ao longo da Muralha, e você tem homens em apenas três deles. Quero ter cada um deles guarnecidos novamente antes que o ano acabe.

– Não tenho nenhuma objeção a isso, Majestade, mas lá também está dito que o senhor pode conceder esses castelos para cavaleiros e senhores, a fim de mantê-los como suas próprias casas, como vassalos de Vossa Graça.

– Espera-se que os reis sejam mão-aberta com seus seguidores. Lorde Eddard não ensinou nada para seu bastardo? Muitos de meus cavaleiros e senhores abandonaram ricas terras e fortes castelos no Sul. A lealdade deles deve ficar sem recompensa?

– Se Vossa Graça deseja perder todos os vassalos do meu pai, não há meio mais seguro para isso do que dar propriedades nortenhas para lordes do Sul.

– Como posso perder homens que não tenho? Eu esperava outorgar Winterfell para um nortenho, você deve se lembrar. Um filho de Eddard Stark. Ele jogou a oferta na minha cara. – Stannis Baratheon com uma queixa era como um mastim com um osso; roía até o último pedaço.

– Por direito Winterfell deve ir para minha irmã Sansa.

– A Senhora Lannister, você quer dizer? Está assim tão ansioso para ver o Duende empoleirado na cadeira do seu pai? Eu lhe prometo que isso não acontecerá enquanto eu viver, Lorde Snow.

Jon sabia que era melhor não prolongar o assunto.

– Majestade, alguns afirmam que o senhor pretende conceder terras e castelos para Camisa de Chocalho e para o Magnar de Thenn.

– Quem disse isso?

Era a conversa que circulava pelo Castelo Negro.

– Se o Senhor quer saber, escutei a história de Goiva.

– Quem é *Goiva*?

– A ama de leite – disse a Senhora Melisandre. – Vossa Graça lhe deu liberdade no castelo.

– Não para espalhar histórias. Ela é necessária por suas tetas, não por sua língua. Terei mais leite dela, e menos conversas.

– Castelo Negro não precisa de bocas inúteis – Jon concordou. – Enviarei Goiva para o Sul no próximo navio que sair de Atalaialeste.

Melisandre tocou o rubi em seu pescoço. – Goiva está amamentando o filho de Dalla, além do seu próprio. Parece cruel separar nosso pequeno príncipe de seu irmão de leite, senhor.

*Cuidado agora, cuidado*.

– A mãe de leite é tudo o que partilharam. O filho de Goiva é maior e mais robusto. Ele chuta o príncipe e o belisca, e o empurra do peito. Craster era seu pai, um homem cruel e ganancioso, e o sangue fala.

O rei estava confuso.

– Eu pensei que a ama de leite era filha de Craster.

– Esposa e filha, Vossa Graça. Craster se casava com todas as filhas. O menino de Goiva é fruto dessa união.

– O pai a engravidou? – Stannis parecia chocado. – Faremos bem em nos livrar dela, então. Não aceitarei essas abominações aqui. Isto não é Porto Real.

– Posso encontrar outra ama de leite. Se não houver outra entre as selvagens, pedirei uma para os clãs da montanha. Até lá, leite de cabra deverá nutrir o garoto, se for do agrado de Vossa Graça.

– Comida pobre para um príncipe... mas melhor do que leite de prostituta, isso é. – Stannis tamborilou os dedos sobre o mapa. – Se pudermos voltar ao assunto dos fortes...

– Vossa Graça – disse Jon, com fria cortesia –, tenho alojado e alimentado seus homens a um custo terrível para nossos estoques de inverno. Tive que vesti-los para que não congelassem.

Stannis não se importou.

– Sim, você compartilhou seu porco salgado e seu mingau de aveia e jogou alguns panos pretos para nos manter aquecidos. Trapos que os selvagens teriam tirado de seus cadáveres se eu não tivesse vindo para o Norte.

Jon ignorou o comentário.

– Dei forragem para seus cavalos, e uma vez que a escada esteja pronta, enviarei construtores para restaurar Fortenoite. Também concordei que o senhor estabelecesse selvagens na Dádiva, terras que foram dadas para a Patrulha da Noite perpetuamente.

– Você me oferece terras vazias e desoladas e ainda me nega os castelos que exijo para recompensar meus lordes e vassalos.

– A Patrulha da Noite construiu esses castelos...

– E a Patrulha da Noite os abandonou.

– ... para defender a Muralha – Jon completou, teimosamente –, não como lugares para os senhores do Sul. As pedras desses fortes foram assentadas com o sangue e os ossos dos meus irmãos, mortos há muito tempo. Não posso dá-los para o senhor.

– Não pode ou não dará? – As veias no pescoço do rei destacavam-se, afiadas como espadas. – Eu lhe ofereci um nome.

– Eu tenho um nome, Vossa Graça.

– Snow. Alguma vez um nome foi mais de mau agouro? – Stannis tocou o punho da espada. – Quem você pensa que é?

– O patrulheiro na Muralha. A espada na escuridão.

– Não me venha com seu juramento. – Stannis desembainhou a espada que chamava de Luminífera. – *Aqui* está a espada na escuridão. – A luz ondulava para cima e para baixo pela lâmina, ora vermelha, ora amarela, ora laranja, pintando o rosto do rei em duros tons brilhantes. – Até mesmo um menino inexperiente deve ser capaz de ver isto. Você é cego?

– Não, Majestade. Concordo que esses castelos devem ser guarnecidos...

– O garoto comandante concorda. Que sorte.

– ... pela Patrulha da Noite.

*Você não tem homens para isso.*

– Então me dê homens, Majestade. Providenciarei oficiais para cada um dos fortes abandonados, comandantes experientes, que conheçam a Muralha e as terras além dela, e saibam como sobreviver ao inverno que está chegando. Em retribuição a tudo o que lhe demos, consiga-me os homens para guarnecer os fortes. Homens em armas, arqueiros, meninos ainda crus. Posso levar até seus feridos e enfermos.

Stannis olhou para ele, incrédulo, e depois deu uma gargalhada.

– Você é realmente ousado, Snow, posso garantir isso, mas é louco se acha que meus homens vão vestir negro.

– Eles podem vestir capas das cores que quiserem, desde que obedeçam a meus oficiais como obedeceriam aos seus.

O rei estava imóvel.

– Tenho cavaleiros e senhores a meu serviço, descendentes de nobres Casas, antigas em sua honra. Não se pode esperar que sigam as ordens de caçadores, camponeses e assassinos.

*Ou bastardos, Majestade?*

– Sua própria Mão é um contrabandista.

– Era um contrabandista. Cortei seus dedos por isso. Disseram-me que você é o nonocentésimo nonagésimo oitavo homem a comandar a Patrulha da Noite, Lorde Snow. O que você acha que o nonocentésimo nonagésimo nono diria sobre esses castelos? A imagem de sua cabeça em uma lança poderia inspirá-lo a ser mais prestativo. – O rei pousou sua brilhante espada sobre o mapa, ao longo da Muralha, o aço brilhava como a luz do sol na água. – Você só é Senhor Comandante com meu consentimento. É bom que se lembre disso.

– Sou Senhor Comandante porque meus irmãos me escolheram. – Houve manhãs em que Jon Snow quase não acreditava em si mesmo, quando ele acordava pensando que tudo não passava de um pesadelo. *É como colocar novas roupas*, Sam lhe havia dito. *O caimento parece estranho no início, mas assim que você as usa por um tempo, parecem mais confortáveis*.

– Alliser Thorne reclamou da maneira como você foi escolhido, e não posso dizer que ele não tenha razão na queixa. – O mapa permanecia entre eles como um campo de batalha, umedecido pelas cores da espada brilhante. – A contagem foi feita por um *homem cego*, com seu amigo gordo ao lado. E Slynt chama você de vira-casaca.

*E quem reconheceria um melhor do que Slynt?*

– Um vira-casaca diria o que o senhor deseja ouvir e o trairia mais tarde. Vossa Graça sabe que fui escolhido de forma justa. Meu pai sempre disse que o senhor é um homem justo. – *Justo mas rigoroso* haviam sido as palavras exatas de Lorde Eddard, mas Jon achava que não seria sensato partilhar isso.

– Lorde Eddard não era meu amigo, mas não era destituído de algum juízo. Ele teria me dado esses castelos.

*Nunca*.

– Não posso dizer o que meu pai teria feito. Eu fiz um juramento, Vossa Graça. A Muralha é minha.

– Por enquanto. Veremos como vai mantê-la. – Stannis apontou para ele. – Fique com suas ruínas, se elas significam tanto para você. No entanto, eu prometo que, se alguma delas permanecer vazia quando o ano

terminar, eu as tomarei com ou sem sua permissão. E se uma delas cair para o inimigo, sua cabeça a seguirá na sequência. Agora, saia.

A Senhora Melisandre levantou-se de seu lugar próximo à lareira.

– Com sua permissão, Majestade, levarei Lorde Snow de volta aos aposentos dele.

– Por quê? Ele sabe o caminho. – Stannis acenou para que os dois fossem embora. – Faça o que quiser. Devan, comida. Ovos cozidos e água de limão.

Depois do calor vindo dos aposentos do rei, a escada encaracolada parecia assustadoramente fria.

– O vento está aumentando, senhora – o sargento avisou Melisandre enquanto devolvia as armas de Jon. – Deveria colocar uma capa mais quente.

– Tenho minha fé para me aquecer. – A mulher vermelha desceu a escada ao lado de Jon. – Sua Graça está gostando cada vez mais de você.

– Percebi. Ele só ameaçou cortar minha cabeça duas vezes.

Melisandre riu.

– São seus silêncios que você deve temer, não suas palavras. – Assim que saíram para o pátio, o vento fez o manto de Jon bater contra ela. A sacerdotisa vermelha empurrou a lã negra para o lado e passou o braço pelo dele. – É possível que você não esteja errado sobre o rei selvagem. Vou rezar para o Senhor da Luz me orientar. Quando olho para as chamas, posso ver através da pedra e da terra e encontrar a verdade nas almas dos homens. Posso falar com reis há muito mortos e com crianças que ainda não nasceram, e assistir aos anos e às estações do tremulante passado, até o final dos dias.

– E o fogo nunca erra?

– Nunca... apesar de que nós, sacerdotes, somos mortais e algumas vezes erramos, confundindo o deve ser com o pode ser.

Jon podia sentir o coração dela, mesmo através da lã e do couro fervido. A imagem dos dois de braços dados formava um quadro curioso. *Teremos fofoca nos alojamentos esta noite.*

– Se você realmente pode ver o futuro nas chamas, me diga quando e como o próximo ataque dos selvagens virá. – Ele escorregou o braço, libertando-se dela.

– R’hllor nos manda as visões que ele deseja, mas procurarei por este homem, Tormund, nas chamas. – Os lábios de Melisandre se curvaram em um sorriso. – Já vi você nas chamas, Jon Snow.

– É uma ameaça, senhora? Quer me queimar também?

– Você se engana com meus propósitos. – Ela lhe deu um olhar inquiridor. – Temo tê-lo deixado inquieto, Lorde Snow.

Jon não podia negar.

– A Muralha não é lugar para uma mulher.

– Está enganado. Sonhei com sua Muralha, Jon Snow. Grande foi o conhecimento que a ergueu e grandes foram os feitiços presos sob seu gelo. Nós caminhamos por baixo de uma dobradiça do mundo. – Melisandre olhou para ele, seu hálito quente formando uma nuvem úmida no ar. – Este é meu lugar tanto quanto é seu, e logo você precisará seriamente de mim. Não recuse minha amizade, Jon. Vi você na tempestade, muito pressionado, com inimigos por todos os lados. Você tem tantos inimigos... Devo dizer-lhe seus nomes?

– Eu sei os nomes.

– Não esteja tão certo disso. – O rubi na garganta de Melisandre brilhava, vermelho. – Não são os inimigos que o maldizem abertamente que você deve temer, mas aqueles que sorriem quando você está olhando e amolam as facas quando você vira as costas. Faz bem em manter seu lobo sempre por perto. Gelo, eu vi, e adagas na escuridão. Sangue congelado vermelho e duro, e aço nu. Estava muito frio.

– É sempre frio na Muralha.

– Você acha?

– *Eu sei*, senhora.

– Então você não sabe nada, Jon Snow – ela sussurrou.

# Bran

*Já estamos lá?* – Bran nunca dizia as palavras em voz alta, mas elas estavam frequentemente em seus lábios, conforme a esfarrapada companhia marchava através de bosques de carvalhos antigos e imponentes e sentinelas verde-acinzentadas, passando por pinheiros sombrios e castanheiros desfolhados. *Estamos perto?,* o garoto se perguntava, enquanto Hodor subia uma encosta rochosa, ou descia por alguma fenda escura, onde montes de neve suja rachavam sob seus pés. *Quanto falta?,* ele pensava, cada vez que o grande alce atravessava um córrego semicongelado. *Quanto tempo mais? Está tão frio. Cadê o corvo de três olhos?*

Balançando na cesta de vime nas costas de Hodor, o menino debruçava-se, abaixando a cabeça sempre que o cavalariço passava sob o galho de um carvalho. A neve caía novamente, molhada e pesada. Hodor andava com um dos olhos fechado congelado, a espessa barba castanha emaranhada com a geada e gelo pendurado nas pontas do bigode. Uma mão enluvada ainda segurava a longa espada que pegara das criptas sob Winterfell, e de tempos em tempos ele se lançava em batalha imaginária, espalhando a neve. – Hod-d-d-dor –, resmungava, com os dentes batendo.

O som era estranhamente reconfortante. Na jornada de Winterfell até a Muralha, Bran e seus companheiros haviam tornado os quilômetros mais curtos conversando e contando histórias, mas aqui era diferente. Até mesmo Hodor sentira. Seus *hodors* ficaram menos frequentes do que eram ao sul da Muralha. Havia um silêncio naquela floresta diferente de qualquer coisa que Bran conhecera. Antes de começar a nevar, o vento norte rodopiava ao redor do grupo e nuvens de folhas mortas e marrons quicavam no solo, com um crepitar que lembrava baratas correndo em um armário. Mas agora as folhas estavam todas enterradas sob um cobertor branco. De tempos em tempos, um corvo voava para o alto,

batendo as grandes asas negras contra o ar frio. Caso contrário, o mundo ficava em silêncio.

Um pouco mais à frente, o alce avançava entre os montes de neve com a cabeça baixa, a enorme galhada coberta por uma crosta de gelo. O cavaleiro sentava nas costas do animal, triste e silencioso. *Mãos Frias* era o nome que o rapaz gordo, Sam, lhe dera, pois embora o homem tivesse o rosto pálido, suas mãos eram negras e duras como ferro, e também frias como o metal. O resto dele estava envolto em camadas de lã, couro fervido e cota de malha, suas feições encobertas por uma capa com capuz e um lenço preto cobrindo a metade inferior do rosto.

Atrás do cavaleiro, Meera Reed passara os braços ao redor do irmão, para protegê-lo do vento e do frio com o calor do próprio corpo. Uma crosta de ranho congelado havia se formado sob o nariz de Jojen e, de vez em quando, ele tremia violentamente. *Ele parece tão pequeno*, Bran pensou quando o viu tremer. *Parece menor que eu e mais fraco também, e eu sou o aleijado.*

Verão vinha na traseira do pequeno bando. A respiração do lobo gigante congelava no ar da floresta, conforme ele caminhava atrás deles, ainda mancando da pata que havia sido atingida por uma flecha na Coroadarrainha. Bran sentia a dor da velha ferida toda vez que escorregava para dentro da pele do animal. Ultimamente, Bran usava mais a pele de Verão do que a sua própria; o lobo sentia a mordida do frio, apesar da espessura de sua pelagem, mas podia ver mais e ouvir melhor do que o garoto na cesta, empacotado como um bebê em seus cueiros.

Outras vezes, quando estava cansado de ser um lobo, Bran escorregava para dentro da pele de Hodor. O gentil gigante gemia quando o sentia, e batia na cabeça, enquanto a balançava de um lado para o outro, mas não tão violentamente como havia sido na primeira vez, na Coroadarrainha. *Ele sabe que sou eu*, o garoto gostava de dizer para si mesmo. *Está se acostumando comigo agora*. Mesmo assim, ele nunca se sentiu confortável na pele de Hodor. O grande cavalariço não entendia o que estava acontecendo, e Bran podia sentir seu medo no fundo da boca. Sentia-se melhor dentro de Verão. *Eu sou ele, e ele sou eu. Ele sente o que eu sinto*.

Algumas vezes, Bran podia sentir o lobo gigante farejando atrás do alce, perguntando-se se conseguiria abater o grande animal. Verão crescera acostumado aos cavalos de Winterfell, mas isso era um alce, e alces são presas. O lobo gigante podia sentir o sangue correndo por trás dos pelos desgrenhados do alce. Só o cheiro era suficiente para fazer a saliva escorrer entre suas mandíbulas, e quando isso acontecia, a boca de Bran se enchia d'água por pensar na quente e deliciosa carne.

Um corvo *crocitou* em um carvalho perto dali, e Bran ouviu o som das asas de outro desses grandes pássaros batendo ao seu lado. Durante o dia, apenas meia dúzia de corvos ficava com eles, voando de árvore em árvore, ou pousando nos chifres do alce. O resto do bando voava na frente ou ficava para trás. Mas quando o sol caía, eles voltavam, descendo do céu em asas negras como a noite até que todos os ramos das árvores ficassem lotados deles por metros. Alguns gostavam de voar até o cavaleiro e murmurar para ele, e, para Bran, parecia que ele entendia os *crocs* e *uocs* das aves. *Elas são seus olhos e ouvidos. São suas batedoras e lhe sussurram os perigos que estão à frente e atrás*.

Como agora. O alce parou abruptamente, e o cavaleiro desceu de suas costas, atingindo o chão com neve até os joelhos. Verão rosnou para ele, o pelo eriçado. O lobo gigante não gostava do cheiro de Mãos Frias. *Carne morta, sangue seco, um fraco odor de podridão. E frio. Sobretudo frio*.

– O que foi? – Meera quis saber.

– Atrás de nós – Mãos Frias anunciou, a voz abafada pelo lenço negro sobre o nariz e a boca.

– Lobos? – Bran perguntou. Eles sabiam havia dias que estavam sendo seguidos. Todas as noites ouviam o uivo triste da matilha, e todas as noites os lobos pareciam um pouco mais próximos. *Caçadores, e com fome. Eles podem cheirar quão fracos estamos*. Muitas vezes, Bran acordava tremendo antes do amanhecer e ficava ouvindo o som deles chamando uns aos outros ao longe, enquanto esperava o sol nascer. *Se há lobos aqui, deve haver presas*, ele costumava pensar, até perceber que *eles* eram a presa.

O cavaleiro balançou a cabeça.

– Homens. Os lobos ainda mantêm distância. Esses homens não são tão tímidos.

Meera Reed empurrou o capuz para trás. A neve úmida que o cobria caiu no chão, com um baque surdo.

– Quantos homens? Quem são eles?

– Inimigos. Lidarei com eles.

– Vou com você.

– Você fica. O garoto deve ser protegido. Há um lago adiante, totalmente congelado. Quando chegar lá, virem para o norte e sigam a margem. Vocês chegarão a uma vila de pescadores. Se refugiem lá até que eu possa alcançá-los.

Bran achou que Meera fosse argumentar, até que o irmão dela disse:

– Faça o que ele diz. Ele conhece estas terras. – Os olhos de Jojen estavam verde-escuros, da cor do musgo, mas pesados com um cansaço que Bran nunca tinha visto neles. *O pequeno avô*. Ao sul da Muralha, o garoto cranogmano parecia ser mais sábio do que sua idade, mas ali estava tão perdido e assustado quanto o resto deles. Mesmo assim, Meera sempre o ouvia.

E ainda era assim. Mãos Frias sumiu por entre as árvores, no caminho por onde tinham vindo, com quatro corvos voando atrás dele. Meera o viu partir, as bochechas vermelhas pelo frio, a respiração soprando gelada pelas narinas. Puxou o capuz de volta, deu uma cotovelada no alce, e a jornada deles recomeçou. Antes que tivessem caminhado vinte metros, ela olhou para trás e comentou:

– Homens, ele disse. Que homens? Será que quis dizer selvagens? Por que não disse?

– Ele disse que lidaria com eles – Bran respondeu.

– Ele *disse*, sim. Também disse que nos levaria ao corvo de três olhos. O rio que cruzamos esta manhã é o mesmo que cruzamos há quatro dias, eu juro. Estamos andando em círculos.

– Rios fazem curvas – Bran disse, sem muita certeza –, e onde há lagos e colinas, você precisa dar a volta.

– Temos dado muitas *voltas* – Meera insistiu –, e há segredos demais. Não gosto disso. Não gosto dele. E não confio nele. Aquelas mãos dele não são coisa boa. Ele esconde o rosto e não diz seu nome. Quem é ele? *O que* é ele? Qualquer um pode vestir uma capa negra. Qualquer um ou qualquer coisa. Ele não come, nunca bebe, não parece sentir frio.

*É verdade*. Bran tivera medo de comentar, mas tinha notado. Toda vez que se abrigavam para a noite, enquanto ele, Hodor e os Reed se aconchegavam todos juntos, para se aquecerem, o cavaleiro permanecia afastado. Algumas vezes Mãos Frias fechava os olhos, mas Bran não achava que ele dormia. E havia algo mais...

– O lenço. – Bran olhou em volta, inquieto, mas não havia nenhum corvo à vista. Todas as grandes aves negras os tinham deixado juntamente com o cavaleiro. Ninguém estava ouvindo. Mesmo assim, manteve a voz baixa. – O lenço sobre a boca, nunca fica duro com o gelo, como a barba de Hodor. Nem mesmo quando ele fala.

Meera lhe deu um olhar penetrante.

– Você está certo. Nunca vimos sua respiração, vimos?

– Não. – Um sopro branco anunciava cada um dos *hodors* de Hodor. Quando Jojen ou sua irmã falavam, suas palavras também podiam ser vistas. Até mesmo o alce soltava uma névoa branca quando resfolegava.

– Se ele não respira...

Bran se pegou lembrando das histórias que a Velha Ama contava, quando ele ainda era uma criança. *Para lá da Muralha vivem monstros, os gigantes e os fantasmas, sombras que perseguem pessoas e mortos que andam*, ela dizia, enfiando-o embaixo do cobertor de lã áspera, *mas eles não podem passar para cá enquanto a Muralha permanecer forte e os homens da Patrulha da Noite permanecerem fiéis. Então durma, meu pequeno Brandon, meu menininho, e sonhe doces sonhos*. O cavaleiro vestia o negro da Patrulha da Noite, mas e se não fosse totalmente humano? E se ele fosse algum monstro, levando-os para que outros monstros os devorassem?

– O cavaleiro salvou Sam e a garota das criaturas – Bran disse, hesitante – e está me levando para o corvo de três olhos.

– Por que esse corvo não pode vir até nós? Por que *ele* não pode nos encontrar na Muralha? Corvos têm asas. Meu irmão fica mais fraco a cada dia. Até onde podemos ir?

Jojen tossiu.

– Até chegarmos lá.

Chegaram ao lago prometido não muito tempo depois e viraram para o Norte, como o cavaleiro lhes dissera para fazer. Essa era a parte fácil.

A água estava congelada, e a neve, que caía havia tanto tempo que Bran perdera a conta dos dias, transformara o lago em um vasto deserto branco. Onde o gelo era plano e o chão, acidentado, o percurso era fácil, mas onde o vento tinha amontoado a neve, era difícil dizer em que parte o lago terminava e a costa começava. Nem mesmo as árvores eram o guia infalível que poderiam ter imaginado, pois havia ilhas arborizadas no lago e grandes áreas de terra em que não cresciam árvores.

O alce ia para onde queria, independentemente dos desejos de Meera e Jojen em suas costas. Seguia em geral por baixo das árvores, mas onde a costa fazia uma longa curva para oeste, ele tomou o caminho mais curto através do lago congelado, passando por montes de neve mais altos do que Bran, conforme o gelo estalava sob seus cascos. Ali o vento estava mais forte, um frio norte que uivava através do lago, atravessava as camadas de lã e couro e fazia todos tremerem. Conforme batia no rosto, enchia os olhos de neve, deixando-os quase cegos.

Horas se passaram em silêncio. À frente, as sombras começaram a esconder as árvores, como longos dedos do crepúsculo. A escuridão chegava mais cedo nesse extremo norte. Bran temia isso. Cada dia parecia mais curto que o anterior e, se os dias eram frios, as noites eram amargamente cruéis.

Meera parou novamente.

– Já devíamos ter chegado à aldeia. – Sua voz soava abafada e estranha.

– Será que passamos por ela? – Bran perguntou.

– Espero que não. Precisamos encontrar abrigo antes do anoitecer.

Não estava errada. Os lábios de Jojen estavam azuis, e as bochechas de Meera, vermelho-escuras. O próprio Bran tinha o rosto dormente. A barba de Hodor era gelo sólido. A neve cobria as pernas do cavalariço até quase o joelho, e Bran o sentiu cambalear mais de uma vez. Ninguém era mais forte que Hodor, ninguém. Se até mesmo sua grande força estava falhando...

– Verão pode achar a vila – Bran disse de repente, as palavras formando brumas no ar. Não esperou para ouvir o que Meera poderia dizer, mas fechou os olhos e fluiu para fora de seu corpo quebrado.

Quando deslizou para dentro da pele de Verão, a floresta morta voltou subitamente à vida. Onde antes havia silêncio, agora ele ouvia: vento nas

árvores, a respiração de Hodor, o alce fuçando o chão em busca de forragem. Aromas familiares preencheram suas narinas: folhas molhadas, grama morta, a carcaça podre de um esquilo em decomposição, o cheiro azedo de suor humano, o odor almiscarado do alce. *Comida. Carne*. O alce sentiu seu interesse. Virou a cabeça em direção ao lobo gigante, cauteloso, e baixou os grandes chifres.

*Ele não é presa*, o menino sussurrou para o animal com quem dividia a pele. *Deixe-o. Corra.*

Verão correu. Correu através do lago, suas patas levantando nuvens de neve atrás dele. As árvores estavam ombro a ombro, como homens em uma linha de batalha, tudo envolto em branco. Sobre raízes e rochas, o lobo gigante acelerou, passando por um velho monte de neve, a crosta de gelo crepitando sob seu peso. Suas patas ficavam cada vez mais molhadas e frias. A colina seguinte estava coberta de pinheiros, e o forte cheiro de suas folhas, longas e pontudas como agulhas, encheu o ar. Quando chegou ao topo, virou em círculos, farejou o ar, então levantou a cabeça e uivou.

Os cheiros estavam lá. Cheiros humanos.

*Cinzas*, pensou Bran, *velhas e fracas, mas cinzas.* Era cheiro de madeira queimada, fuligem e carvão. Um fogo morto.

Ele sacudiu a neve do focinho. O vento vinha em rajadas, o que dificultava seguir os cheiros. O lobo virou para um lado e para o outro, farejando. Para onde virasse só havia montes de neve e altas árvores vestidas de branco. O lobo pendeu a língua entre os dentes, sentindo o gosto do ar gelado, seu hálito transformando-se em flocos de neve derretidos na língua. Quando trotou em direção ao cheiro, Hodor imediatamente os seguiu. O alce levou mais tempo para se decidir, então Bran, relutantemente, voltou para seu próprio corpo e disse:

– É por ali. Sigam Verão. Senti o cheiro.

Quando a primeira fatia de lua crescente espreitou por entre as nuvens, eles finalmente tropeçaram na vila. Quase tinham passado direto por ela. Visto do gelo, o lugar não parecia em nada diferente do que uma dúzia de outros pontos ao longo da margem do lago. Enterradas sobre montes de neve, as casas de pedra redondas poderiam facilmente ser pedras, montes, ou árvores caídas, como o tronco que Jojen havia confundido

com uma construção na noite anterior, até que cavaram e encontraram apenas galhos quebrados e toras podres.

A vila estava vazia, abandonada pelos selvagens que ali viveram um dia, como todas as outras vilas pelas quais passaram. Algumas tinham sido queimadas, como se os habitantes quisessem se assegurar de que nada sairia rastejando de lá, mas esta fora poupada. Sob a neve, encontraram uma dúzia de cabanas e um grande salão, com telhado de grama e espessas paredes de toscas toras de madeira.

– Pelo menos estaremos longe do vento – Bran disse.

– *Hodor* – respondeu Hodor.

Meera deslizou das costas do alce. Ela e o irmão ajudaram Bran a sair da cesta de vime.

– Talvez os selvagens tenham deixado um pouco de comida para trás – ela disse.

A esperança provou-se vã. Dentro do salão, encontraram cinzas de um incêndio, chão de terra batida e um frio que atravessava os ossos. Mas pelo menos tinham um teto sobre suas cabeças e paredes de madeira para manter o vento afastado. Um córrego corria nas proximidades, coberto por uma película de gelo. O alce teve que quebrá-la com o casco para beber. Assim que Bran, Jojen e Hodor foram acomodados de maneira segura, Meera trouxe alguns pedaços de gelo quebrado para que chupassem. A água derretida estava tão fria que fez Bran estremecer.

Verão não os seguiu para dentro do salão. Bran podia sentir a fome do lobo, uma sombra de seu próprio apetite.

– Vá caçar – ele disse –, mas deixe o alce em paz. – Parte dele desejava ir caçar também. Talvez fosse, mais tarde.

A ceia foi um punhado de bolotas amassadas até se transformarem em pasta, tão amarga que Bran se esforçava para engoli-la. Jojen Reed nem sequer tentou. Mais jovem e mais frágil que sua irmã, ele ficava mais fraco a cada dia.

– Jojen, você tem que comer – Meera disse a ele.

– Mais tarde. Quero só descansar. – Jojen deu um sorriso amarelo. – Este não é o dia em que morro, irmã. Prometo a você.

– Você quase caiu do alce.

– Quase. Estou com frio e com fome, é tudo.

– Então coma.

– Bolotas amassadas? Minha barriga dói, mas isso só vai piorá-la. Deixe-me quieto, irmã. Estou sonhando com uma galinha assada.

– Sonhos não vão alimentá-lo. Nem mesmo sonhos verdes.

– Sonhos são o que temos.

*Tudo o que temos*. A última comida que trouxeram do Sul acabara havia dez dias. A partir daí, a fome andou ao lado deles dia e noite. Nem mesmo Verão conseguia encontrar alguma coisa nessa floresta. Viviam de bolotas amassadas e peixe cru. Os bosques estavam cheios de riachos congelados e negros lagos frios, e Meera era tão boa pescadora com sua lança de três pontas quanto a maioria dos homens era com linha e anzol. Algumas vezes seus lábios ficavam azuis de frio, pelo tempo que passava lutando para voltar com a presa se contorcendo nos dentes da lança. Mas já fazia mais de três dias que Meera pegara um peixe. Bran sentia a barriga tão vazia que parecia ter sido três anos antes.

Depois de empurrarem goela abaixo sua escassa ceia, Meera sentou-se de costas contra a parede, afiando sua adaga com uma pedra de amolar. Hodor agachou-se ao lado da porta, balançando para a frente e para trás e resmungando, *Hodor, hodor, hodor*.

Bran fechou os olhos. Estava muito frio para conversar, e eles não ousavam acender o fogo. Mãos Frias os avisara. *Estas florestas não estão tão vazias quanto pensam*, dissera. *Vocês não sabem o que a luz pode atrair das trevas*. A lembrança o fez tremer, apesar do calor de Hodor ao seu lado.

O sono não viria, não poderia vir. Em vez disso, havia vento, o frio cortante, a luz da lua sobre a neve e fogo. Ele estava novamente dentro do Verão, a léguas de distância, e a noite estava pesada com o cheiro de sangue. O odor era forte. *Uma matança, não muito longe*. A carne ainda estaria quente. A baba escorreu pelos dentes, enquanto a fome acordou dentro dele. *Nada de alce. Nada de veados. Nada disso.*

O lobo gigante moveu-se em direção à carne, uma magra sombra cinza deslizando de árvore em árvore, através de piscinas de luar e sobre montes de neve. O vento soprava em torno dele, mudando de direção. Perdeu o rastro, encontrou e perdeu novamente. Procurou mais uma vez, e um som distante fez suas orelhas ficarem em pé.

*Lobos*, soube imediatamente. Verão seguiu em direção ao som, mais cauteloso. Logo o cheiro de sangue tinha voltado, mas havia outros

odores também; urina e peles mortas, merda de pássaros, penas e lobo, lobo, lobo. *Uma matilha*. Precisaria lutar por sua carne.

Eles também o haviam cheirado. Quando saiu da escuridão das árvores na clareira sangrenta, eles o observavam. A fêmea mastigava uma bota de couro que ainda tinha metade de uma perna dentro, mas deixou cair conforme ele se aproximou. O líder da matilha, um velho macho com o focinho grisalho e um olho cego, saiu para enfrentá-lo, rosnando, com os dentes de fora. Atrás dele, um macho mais jovem também mostrava as presas.

Os claros olhos amarelos do lobo gigante absorveram os detalhes da paisagem ao redor. Um ninho de entranhas enroscadas nos ramos de um arbusto. Vapor saindo de uma barriga aberta, suculento com o cheiro de sangue e carne. Uma cabeça olhando para o vazio até a lua crescente, as bochechas rasgadas, destruídas até se tornarem osso sangrento, covas no lugar dos olhos, o pescoço terminando em um toco irregular. Uma poça de sangue congelado, brilhando vermelho e negro.

*Homens*. O fedor deles enchia o mundo. Vivos, haviam sido tantos quantos os dedos de uma pata humana, mas ali não eram nada. *Mortos. Feito. Carne*. Haviam usado mantos e capuzes, mas os lobos haviam rasgado suas roupas em pedaços, no frenesi de chegar à carne. Os que ainda tinham rosto usavam barba espessa encrustada de gelo e ranho congelado. A neve que caía começara a enterrar o que restava deles, tão pálidos contra o negro dos mantos e das calças esfarrapadas. *Negro*.

A léguas de distância, o menino se agitava, inquieto.

*Negro. A Patrulha da Noite. Eram patrulheiros.*

O lobo gigante não se importava. Eram carne. Estava com fome.

Os olhos dos três lobos brilharam, amarelos. O lobo gigante balançou a cabeça de um lado para o outro, expandiu as narinas e arreganhou os dentes num rosnado. O macho mais jovem recuou. O lobo gigante podia sentir o cheiro do medo dele. *Seguidor*, ele sabia. Mas o lobo de um olho respondeu com um rosnado e moveu-se para bloquear seu avanço. *Macho alfa. E não tem medo de mim, embora eu tenha o dobro do seu tamanho.*

Seus olhos se encontraram.

*Warg!*

Então os dois avançaram ao mesmo tempo, lobo e lobo gigante, e não havia mais tempo para pensar. O mundo resumia-se a dentes e garras, e

neve a voar enquanto eles rolavam, giravam um ao outro e se rasgavam, os outros lobos rosnando e andando em volta deles. Sua mandíbula fechou no pelo liso emaranhado com a geada, em uma pata fina como um graveto, mas o lobo caolho acertou a garra em sua barriga, rasgando-a, e se libertou, partindo para cima dele. Presas amarelas fecharam em uma dentada em sua garganta, mas ele sacudiu o velho primo cinzento como se fosse um rato, jogando-o para longe e depois derrubando-o. Rolando, rasgando, chutando, lutaram até ficarem cobertos pelo sangue fresco espalhado na neve ao redor. Finalmente o velho lobo caolho se deitou e mostrou a barriga. O lobo gigante o agarrou mais duas vezes, cheirou seu traseiro e, em seguida, levantou a perna sobre ele.

Algumas dentadas e um rosnado de aviso, e a fêmea e o macho seguidor também se submeteram. A matilha era dele.

E a presa também. Passou de homem em homem, farejando, antes de escolher o maior, uma coisa sem rosto que segurava um ferro negro em uma das mãos. A outra mão estava faltando, cortada na altura do pulso, o coto coberto com couro. O sangue fluiu espesso e lento, a partir do corte na garganta. O lobo lambeu o sangue, lambeu o nariz e as bochechas da esfarrapada ruína sem olhos, depois enterrou o focinho no pescoço e rasgou-o, engolindo um pedaço de doce carne crua. Nenhuma outra carne fora tão boa.

Quando acabou com o primeiro, partiu para o próximo e devorou os melhores pedaços dele também. Corvos assistiam das árvores, olhos escuros e silenciosos empoleirados nos galhos, e a neve caindo ao redor deles. Os outros lobos atacaram as sobras; o velho macho se alimentou primeiro, depois a fêmea e então o seguidor. Eram seus agora. Eram sua matilha.

*Não,* o garoto sussurrou, *nós temos outra matilha. Lady está morta e talvez Vento Cinzento também, mas Cão Felpudo, Nymeria e Fantasma ainda estão em algum lugar. Lembra do Fantasma?*

A neve caindo e o banquete dos lobos começaram a ficar indistintos. O calor batia em seu rosto, reconfortante como beijos de uma mãe. *Fogo*, ele pensou, *fumaça*. Seu nariz se contraiu com o cheiro de carne assada. E então a floresta sumiu, e ele estava de volta ao salão, novamente em seu corpo quebrado, olhando para o fogo. Meera Reed virava um pedaço de carne vermelha crua sobre as chamas, deixando-a chamuscar e pingar.

– Bem na hora – ela disse. Bran esfregou os olhos com a palma da mão e se contorceu contra a parede, para sentar. – Você quase dormiu durante a ceia. O cavaleiro encontrou uma porca.

Atrás dela, Hodor rasgava ansiosamente um pedaço quente de carne queimada, enquanto sangue e gordura escorriam em sua barba. Fumaça subia pelos dedos. *Hodor*, ele murmurava entre as mordidas, *hodor, hodor*. Sua espada estava no chão, ao seu lado. Jojen Reed beliscava uma porção com pequenas mordidas, mastigando cada pedaço de carne uma dúzia de vezes antes de engolir.

*O cavaleiro matou um porco.* Mãos Frias estava ao lado da porta, com um corvo no braço, ambos olhando para o fogo. O reflexo das chamas brilhava em quatro olhos negros. *Ele não come*, Bran se lembrou, *e tem medo das chamas*.

– Sem fogo, você disse – lembrou ao cavaleiro.

– As paredes ao nosso redor escondem a luz, e o amanhecer está próximo. Partiremos em breve.

– O que aconteceu com os homens? Com os inimigos que nos seguiam?

– Eles não o incomodarão.

– Quem eram? Selvagens?

Meera virou a carne para cozinhar do outro lado. Hodor mastigava e engolia, murmurando alegremente sob sua respiração. Apenas Jojen parecia perceber o que estava acontecendo, quando Mãos Frias virou a cabeça para olhar Bran.

– Eram inimigos.

*Homens da Patrulha da Noite*. – Você os matou. Você e seus corvos. Seus rostos estavam rasgados, e os olhos tinham sumido. – Mãos Frias não negou. – Eram seus irmãos. Eu vi. Os lobos rasgaram suas roupas, mas eu ainda consegui ver. As capas eram negras. Como suas mãos. – Mão Frias não falou nada. – Quem é você? Por que suas mãos são negras?

O cavaleiro olhou as mãos, como se nunca as tivesse notado antes.

– Assim que o coração para de bater, o sangue do homem corre para as extremidades, onde engrossa e congela. – Sua voz falhava na garganta, tão fina e fraca como ele. – As mãos e os pés incham e ficam negros como chouriço. O resto dele torna-se branco como leite.

Meera Reed se levantou, com a lança na mão, um naco de carne defumada ainda espetado no tridente.

– Mostre seu rosto.

O cavaleiro não fez nenhum gesto para obedecer.

– Ele está morto. – Bran podia sentir a bile em sua garganta. – Meera, ele é alguma coisa morta. Os monstros não podem passar enquanto a Muralha estiver em pé e os homens da Patrulha da Noite permanecerem fiéis, era o que a Velha Ama costumava dizer. Ele nos encontrou na Muralha, mas não podia passar. Mandou Sam em vez disso, e aquela garota selvagem.

A mão enluvada de Meera apertou o cabo do tridente.

– Quem mandou você? Quem é o corvo de três olhos?

– Um amigo. Sonhador, feiticeiro, você pode chamá-lo do que quiser. O último vidente verde. – A porta de madeira do salão se abriu com um estrondo. Lá fora o vento da noite uivava, sombrio e negro. As árvores estavam cheias de corvos gritando. Mãos Frias não se moveu.

– Um monstro – Bran disse.

O cavaleiro olhou para Bran como se o resto deles não existisse.

– Seu monstro, Brandon Stark.

*Seu*, o corvo ecoou, em seu ombro. Do lado de fora da porta, os corvos nas árvores se uniram ao coro, e a floresta noturna parecia ecoar a canção do assassino: *Seu, seu, seu*.

– Jojen, você sonhou com isso? – Meera perguntou para o irmão. – Quem é ele? O que é ele? O que fazemos agora?

– Nós vamos com o cavaleiro – Jojen disse. – Viemos longe demais para voltar agora, Meera. Nunca chegaríamos vivos à Muralha. Vamos com o monstro de Bran, ou morreremos.

# Tyrion

Deixaram Pentos pelo Portão do Nascer do Sol, embora Tyrion Lannister não tivesse nem vislumbrado o nascer do sol.

– Será como se você nunca tivesse vindo a Pentos, meu pequeno amigo – prometeu o Magíster Illyrio, ao fechar a cortina de veludo roxo da liteira. – Nenhum homem deve vê-lo sair da cidade, assim como nenhum o viu entrar.

– Nenhum homem, com exceção dos marinheiros que me enfiaram naquele barril, do grumete que limpava minha cabine, da garota que você enviou para esquentar minha cama e daquela lavadeira sardenta e traiçoeira. Ah, e de seus guardas. A menos que remova a inteligência deles juntamente com as bolas, eles sabem que você não está sozinho aqui. – A liteira estava suspensa entre oito cavalos de lida, em pesadas tiras de couro. Quatro eunucos seguiam ao lado dos animais, dois de cada lado, e outros mais caminhavam logo atrás, para proteger o comboio de bagagens.

– Imaculados não contam histórias – Illyrio lhe assegurou. – A galé que o deixou aqui estava a caminho de Asshai. Levará uns dois anos até voltar, se os mares forem gentis. E o pessoal da minha casa me ama. Nenhum deles me trairia.

*Acalente este pensamento, meu gordo amigo. Um dia entalharemos essas palavras sobre sua cripta.*

– Devíamos estar a bordo de uma galé – disse o anão. – O caminho mais rápido para Volantis é por mar.

– O mar é perigoso – respondeu Illyrio. – O outono é uma época repleta de tempestades, e os piratas ainda fazem seus covis no Passopedra, e de lá se aventuram em rapinar homens honestos. Nunca faria algo para que meu pequeno amigo caísse em tais mãos.

– Há piratas no Roine também.

– Piratas dos rios. – O queijeiro deu um bocejo, cobrindo a boca com as costas da mão. – Baratas correndo atrás de migalhas.

– Ouve-se falar em homens de pedra também.

– São bastante reais, pobres condenados. Mas por que falar de tais coisas? O dia está muito agradável para essas conversas. Veremos o Roine em breve, e lá você se livrará de Illyrio e sua barriga grande. Até lá, vamos beber e sonhar. Temos vinho doce e petiscos para desfrutar. Por que nutrir-se de doença e morte?

*Por que, realmente?* Tyrion se perguntou e ouviu o zumbido de uma besta uma vez mais. A liteira balançava de um lado para o outro, um movimento suave que o fazia sentir-se como se fosse uma criança embalada para dormir nos braços da mãe. *Não que eu saiba como é isso*. Almofadas de seda, recheadas de penas de ganso, acomodavam suas bochechas. As paredes de veludo roxo curvavam-se para formar um telhado, tornando o lugar agradavelmente quente por dentro, apesar do frio de outono do lado de fora.

Um comboio de mulas ia atrás deles, carregando caixas, tonéis, barris e cestas de iguarias para aplacar o apetite constante do senhor do queijo. Aquela manhã, eles mordiscaram linguiça picante, regada com um vinho escuro defumado. Enguias gelatinosas e vinhos vermelhos dornenses encheram a tarde. Com a noite vieram presuntos em fatias, ovos cozidos e cotovias assadas recheadas com alho e cebola, com cervejas claras e o apimentado vinho de Myr para ajudar a digestão. A liteira era tão lenta quanto confortável, mas em pouco tempo o anão se viu com coceiras de impaciência.

– Quantos dias até chegarmos ao rio? – ele perguntara a Illyrio naquela noite. – Nesta toada, os dragões da sua rainha serão maiores que os três de Aegon quando eu conseguir colocar os olhos neles.

– Antes fossem. Um dragão grande é mais temível do que um pequeno. – O Magíster encolheu os ombros. – Por mais que fosse do meu agrado dar as boas-vindas à Rainha Daenerys em Volantis, devo confiar em você e em Griff para isso. Posso servir melhor em Pentos, abrindo caminho para o retorno dela. Por enquanto fico com você, embora... bem, um homem velho e gordo deve ter seu conforto, não é? Coma, beba um copo de vinho.

– Diga-me – Tyrion disse enquanto bebia –, por que um Magíster de Pentos daria três figos que fosse para quem usa a coroa em Westeros? Onde está seu ganho nessa aventura, senhor?

O homem gordo limpou a gordura dos lábios.

– Sou um velho, cansado deste mundo e de suas traições. É tão estranho que eu queira fazer algum bem antes do fim dos meus dias para ajudar uma doce garota a recuperar o que é dela por direito de nascimento?

*Daqui a pouco você vai me oferecer uma armadura mágica e um palácio em Valíria.*

– Se Daenerys não é mais do que uma doce jovem, o Trono de Ferro vai cortá-la em doces jovens pedaços.

– Não tema, meu pequeno amigo. O sangue de Aegon, o Dragão, corre nas veias dela.

*Juntamente com o sangue de Aegon, o Indigno; Maegor, o Cruel; e Baelor, o Abençoado.*

– Fale-me mais sobre ela.

O homem gordo ficou pensativo.

– Daenerys era meio criança quando veio até mim, ainda mais fresca que minha segunda mulher, tão adorável que fiquei tentado a reivindicá-la para mim mesmo. Mas uma coisa furtiva, assim como um temor, me dizia que eu não teria nenhuma alegria em copular com ela. Em vez disso, chamei alguém para aquecer minha cama e a fodi vigorosamente, até que a loucura passasse. Para dizer a verdade, não achei que Daenerys fosse sobreviver por tanto tempo entre os senhores dos cavalos.

– O que não o impediu de vendê-la a Khal Drogo...

– Os dothrakis nunca compram ou vendem. É melhor dizer que o irmão dela, Viserys, a deu para o Drogo para ganhar a amizade do khal. Um jovem vaidoso e ganancioso. Viserys desejava o trono de seu pai, mas também desejava Daenerys, e detestou ter que dar a moça. Na noite anterior ao casamento da princesa, ele tentou ir para a cama dela, insistindo que se não podia ter sua mão, reivindicaria sua virgindade. Se eu não tivesse tomado a precaução de colocar guardas na porta dela, Viserys teria desfeito anos de planejamento.

– Ele me parece um completo idiota.

– Viserys era filho de Aerys, o Louco, apenas isso. Daenerys... Daenerys é bem diferente. – Ele enfiou uma cotovia assada na boca e mastigou ruidosamente, com ossos e tudo. – A criança assustada que abriguei em minha mansão morreu no Mar Dothraki e renasceu no sangue e no fogo. Essa rainha dragão que usa seu nome é uma verdadeira Targaryen. Quando enviei navios para trazê-la para casa, ela se virou para a Baía dos Escravos. Num curto espaço de dias conquistou Astapor, colocou Yunkai de joelhos e saqueou Meereen. Mantarys seria a próxima, se ela marchasse para o oeste, pelas velhas estradas valirianas. Se ela chegar por mar, bem... sua frota deve se reabastecer de alimentos e água em Volantis.

– Por terra ou por mar, há muitas léguas entre Meereen e Volantis – Tyrion observou.

– Quinhentos e cinquenta, enquanto o dragão voa, por desertos, montanhas, pântanos e ruínas assombradas por demônios. Muitos e mais perecerão, mas os que sobreviverem estarão mais fortes no momento em que chegarem a Volantis... onde encontrarão você e Griff esperando por eles, com novas forças e navios suficientes para levar todos por mar, até Westeros.

Tyrion ponderou tudo o que sabia sobre Volantis, a mais antiga e mais orgulhosa das Nove Cidades Livres. Algo estava errado. Mesmo com meio nariz, ele podia sentir. – Dizem que há cinco escravos para cada homem livre em Volantis. Por que a tríade iria ajudar uma rainha que acabou com o comércio de escravos? – Apontou para Illyrio. – Falando nisso, por que você faria? A escravidão pode ser proibida pelas leis de Pentos, mas você tem um dedo nesse comércio também, se não uma mão inteira. E ainda conspira para a rainha dragão, e não contra ela. Por quê? O que espera ganhar com a Rainha Daenerys?

– Voltamos a isso novamente? Você é um homenzinho persistente. – Illyrio deu uma gargalhada e bateu na barriga. – Como quiser. O Rei Pedinte jurou que eu seria seu mestre da moeda, e seria um senhor nobre também. Uma vez que ele tivesse sua coroa de ouro, eu poderia escolher meus castelos... até mesmo Rochedo Casterly, se eu desejasse.

Tyrion espirrou vinho pelo coto que havia sido seu nariz.

– Meu pai teria adorado ouvir isso.

– O senhor seu pai não teria motivo para preocupação. Por que eu iria querer uma rocha? Minha mansão é grande o suficiente para qualquer homem, e mais confortável do que seus frios castelos westerosis. Já mestre da moeda... – O homem gordo descascou outro ovo. – Gosto muito de moedas. Existe som mais doce do que o tilintar de ouro com ouro?

*O grito de uma irmã.*

– E você tem certeza de que Daenerys vai cumprir as promessas do irmão?

– Pode ser que sim, pode ser que não – Illyrio mordeu metade do ovo. – Eu lhe disse, meu pequeno amigo, nem tudo o que um homem faz é por lucro. Acredite se quiser, mas mesmo velhos gordos tolos como eu têm amigos e dívidas de afeto para pagar.

*Mentiroso*, pensou Tyrion. *Algo nesse empreendimento vale mais para você do que moedas ou castelos*.

– É difícil encontrar quem valorize a amizade nos dias de hoje.

– Sem dúvida – disse o homem gordo, surdo à ironia.

– Como o Aranha tornou-se tão querido para você?

– Éramos jovens juntos, dois garotos inexperientes em Pentos.

– Varys veio de Myr.

– Foi de lá que ele veio. Conheci-o um pouco depois de ele chegar, um passo à frente dos escravos. Durante o dia, dormia nos esgotos. À noite vagava pelos telhados como um gato. Eu era quase tão pobre quanto ele, um espadachim em sedas sujas, vivendo pela minha lâmina. Talvez você tenha tido a chance de ver a estátua na minha piscina? Pytho Malanon a esculpiu quando eu tinha dez-e-seis. Uma coisa linda, até hoje choro ao vê-la.

– A idade arruína todos nós. Ainda lamento por meu nariz. Mas Varys...

– Em Myr, ele era o príncipe dos ladrões, até que um ladrão rival o entregou. Em Pentos, seu sotaque o marcava e, como era conhecido por ser eunuco, era desprezado e espancado. Por que ele me escolheu para protegê-lo eu nunca saberei, mas chegamos a um acordo. Varys espionava ladrões menores e pegava informações. Eu oferecia minha ajuda para as vítimas, prometendo recuperar seus objetos de valor por uma taxa. Logo, todo homem que havia sofrido uma perda vinha até

mim, enquanto salteadores e gatunos procuravam por Varys... metade para cortar sua garganta, a outra metade para vender-lhe o que haviam roubado. Nós dois enriquecemos, e ficamos ainda mais ricos quando Varys treinou seus camundongos.

– Em Porto Real, ele mantinha seus passarinhos.

– Camundongos, nós os chamávamos, então. Os ladrões mais velhos eram tolos que só pensavam em transformar a pilhagem da noite em vinho. Varys preferia garotos órfãos e jovens meninas. Escolhia os menores, os que eram mais rápidos e silenciosos, e os ensinava a escalar paredes e a escorregar pelas chaminés. Também os ensinava a ler. Deixávamos o ouro e as pedras preciosas para os ladrões comuns. Em vez disso, nossos camundongos roubavam cartas, livros-caixa, listas... mais tarde, eles passaram a ler os papéis e os deixavam onde estavam. *Segredos valem mais do que prata ou safiras,* Varys afirmava. E foi isso. Eu me tornei tão respeitável que um primo do Príncipe de Pentos me permitiu casar com sua filha donzela, enquanto sussurros sobre o talento de certo eunuco atravessaram o Mar Estreito e chegaram aos ouvidos de certo rei. Um rei muito *aflito*, que não confiava em seu filho, nem em sua esposa, nem em sua Mão, um amigo de juventude que havia se tornado arrogante e orgulhoso demais. Acredito que você conheça o resto desta história, não é verdade?

– Muito dela. – Tyrion admitiu. – Vejo que você é muito mais do que um queijeiro, afinal.

Illyrio inclinou a cabeça.

– Você é muito gentil em dizer isso, meu pequeno amigo. E, de minha parte, vejo que você é tão rápido quanto Lorde Varys disse. – Ele sorriu, mostrando todos os tortos dentes amarelos, e gritou por outra jarra de vinho apimentado de Myr.

Quando o Magíster se recostou para dormir, com a jarra nos joelhos, Tyrion arrastou-se pelos travesseiros para se libertar de sua prisão carnal e servir-se de uma taça de vinho. Esvaziou-a de uma vez, bocejou e encheu-a novamente. *Se eu beber vinho suficiente*, disse para si mesmo, *talvez sonhe com dragões.*

Quando ainda era uma criança solitária em Rochedo Casterly, ele frequentemente se imaginava montando em dragões noites afora, fingindo que era algum príncipe Targaryen perdido ou um Senhor de

Dragões Valiriano, voando alto por campos e montanhas. Uma vez, quando seus tios lhe perguntaram o que gostaria de presente para o dia de seu nome, implorou-lhes por um dragão.

– Não precisa ser um grande. Pode ser um pequeno, como eu.

O tio Gerion achou que era a coisa mais engraçada que já tinha ouvido, mas o tio Tygett disse:

– O último dragão morreu há um século, rapaz. – Aquilo lhe pareceu tão monstruosamente injusto, que naquela noite o menino chorou até dormir.

Se o senhor do queijo falava a verdade, a filha do Rei Louco havia eclodido três dragões vivos. *Dois a mais que um Targaryen poderia exigir.* Tyrion quase sentia por ter matado seu pai. Teria gostado de ver a cara de Lorde Tywin quando soubesse que havia uma rainha Targaryen a caminho de Westeros com três dragões, apoiada por um eunuco conspirador e por um queijeiro com metade do tamanho de Rochedo Casterly.

O anão estava tão estufado que teve que soltar o cinto e os cadarços superiores do seu calção. As roupas de menino que seu anfitrião o fizera vestir faziam-no sentir como se fosse uma linguiça de quatro quilos na pele de uma de dois. *Se comermos dessa maneira todos os dias, ficarei do tamanho de Illyrio antes de encontrar essa rainha dragão*. Fora da liteira, a noite caíra. Dentro estava tudo escuro. Tyrion escutava os roncos de Illyrio, o roçar das tiras de couro, o *ploc ploc* lento das ferraduras dos cavalos pela dura estrada valiriana, mas seu coração ouvia o bater de asas de couro.

Quando acordou, o amanhecer já tinha chegado. Os animais arrastavam-se, com a liteira rangendo e balançando entre eles. Tyrion puxou a cortina alguns centímetros para olhar o lado de fora, mas havia pouco para ver além de campos cor de ocre, olmos marrons sem folhas e a própria estrada, um caminho largo de pedra que seguia em linha reta como uma lança para o horizonte. Ele havia lido sobre as estradas valirianas, mas era a primeira vez que via uma delas. O alcance do Domínio Valiriano havia chegado à Pedra do Dragão, mas nunca avançara pelo continente de Westeros em si. *Estranho, isso. A Pedra do Dragão não é mais que uma rocha. A riqueza estava bem distante no oeste, mas eles tinham dragões. Certamente eles sabiam que estava lá.*

Ele bebera muito na noite anterior. Sua cabeça latejava e até o leve balanço da liteira era o suficiente para a pesada refeição subir em sua garganta. Ainda que não tenha reclamado, sua angústia deve ter ficado evidente para Illyrio Mopatis.

– Venha, beba comigo – disse o homem gordo. – Uma escama do dragão o queimou, como dizem. – Ele serviu para ambos um vinho de amora tão doce que atraía mais abelhas que o mel.

Tyrion enxotou os insetos com a mão e bebeu profundamente. O gosto da bebida era tão enjoativo que tudo o que ele podia fazer era engoli-la. A segunda taça foi mais fácil. Mesmo assim, ele estava sem fome, e quando Illyrio lhe ofereceu uma tigela de amoras no creme, ele recusou.

– Sonhei com a rainha – disse. – Estava de joelhos diante dela, jurando fidelidade, mas ela me confundiu com meu irmão Jaime e me serviu de comida para seus dragões.

– Esperemos que não seja um sonho profético. Você é um duende esperto, como Varys disse, e Daenerys vai precisar de homens espertos ao seu lado. Sor Barristan é um cavaleiro valente e verdadeiro, mas acredito que ninguém alguma vez o tenha chamado de astuto.

– Cavaleiros só conhecem uma maneira de resolver um problema. Eles empunham a lança e atacam. Já um anão tem uma maneira diferente de olhar o mundo. Mas, e você? Também é um homem esperto.

– Você me lisonjeia. – Illyrio acenou com a mão. – Ah, não sou feito para viajar, por isso envio você para Daenerys no meu lugar. Você já prestou um grande serviço para Sua Graça quando matou seu pai, e minha esperança é que ainda fará muito mais por ela. Daenerys não é a tola que o irmão era. Ela fará um bom uso de você.

*Como graveto?* Tyrion pensou, sorrindo agradavelmente.

Eles trocavam as equipes apenas três vezes por dia, mas precisavam parar duas outras vezes, pelo menos por uma hora, para que Illyrio descesse da liteira e pudesse mijar. *Nosso senhor do queijo é do tamanho de um elefante, mas tem a bexiga como um amendoim*, o anão ponderou. Em uma das paradas, ele aproveitou o tempo para dar uma olhada mais de perto na estrada. Tyrion sabia o que encontraria: nada de torrões de terra, ou tijolos ou pedras soltas, mas uma faixa de pedra fundida, quinze centímetros acima do solo, que permitia que a água da chuva e a neve derretida escorressem pelos lados. Ao contrário dos caminhos

lamacentos chamados de estradas nos Sete Reinos, as estradas valirianas eram largas o suficiente para que três carroças passassem lado a lado, sem que o tempo ou o tráfego as atrapalhasse. E ainda eram resistentes, imutáveis quatro séculos depois que a própria Valíria encontrara sua condenação. Olhou pelos sulcos e fissuras, mas encontrou apenas uma pilha de esterco quente depositada por um dos cavalos.

O esterco o fez pensar no senhor seu pai. *Você foi parar em algum inferno, pai? Um inferno frio e agradável de onde possa olhar para cima e me ver ajudar a levar a filha de Aerys, o Louco, para o Trono de Ferro?*

Quando retomaram a viagem, Illyrio pegou um saco de castanhas assadas e começou a falar novamente sobre a rainha dragão.

– Temo que a última notícia que tivemos da Rainha Daenerys seja velha e ultrapassada. Temos que imaginar que agora ela já deve ter deixado Meereen. Tem sua tropa, afinal, uma tropa bem irregular, formada por mercenários, cavaleiros dothrakis e a infantaria de Imaculados, e certamente ela os levará para oeste, para tomar o trono que era de seu pai. – Magíster Illyrio abriu um pote de *escargots* ao alho, cheirou-o e sorriu. – Em Volantis, você terá notícias frescas de Daenerys, espero – disse, enquanto chupava um caracol de sua concha. – Dragões e meninas jovens são ambos caprichosos, e pode ser que você tenha que ajustar seus planos. Griff saberá o que fazer. Quer um? O alho é do meu jardim.

*Eu poderia montar um caracol e fazer uma viagem mais rápida do que esta sua liteira.*

Tyrion afastou o prato de si. – Você deposita bastante confiança nesse homem, Griff. Outro de seus amigos de infância?

– Não. Um mercenário, você poderia chamá-lo, mas de nascimento westerosi. Daenerys precisa de homens dignos de sua causa. – Illyrio levantou a mão. – Eu sei! *Mercenários colocam o ouro antes da honra*, você está pensando. *Esse tal de Griff vai me vender para minha irmã*. Não vai. Confio em Griff como confiaria em um irmão.

*Outro erro mortal*.

– Então devo fazer o mesmo.

– A Companhia Dourada marcha para Volantis enquanto conversamos, para aguardar que nossa rainha chegue do oriente.

*Sob o ouro, o aço amargo.*

– Soube que a Companhia Dourada estava sob contrato de uma das Cidades Livres.

– Myr. – Illyrio sorriu. – Contratos podem ser rompidos.

– Queijo dá mais dinheiro do que eu imaginava – Tyrion disse. – Como conseguiu isso?

O Magíster balançou os dedos gordos.

– Alguns contratos são selados com tinta, outros com sangue. Não direi mais nada.

O anão ponderou sobre aquilo. A Companhia Dourada tinha a reputação de ser a melhor das companhias livres, fundada havia um século por Açoamargo, um filho bastardo de Aegon, o Indigno. Quando outro dos Grandes Bastardos de Aegon tentou tomar o Trono de Ferro de seu meio-irmão legítimo, Açoamargo aderiu à revolta. Daemon Blackfyre, no entanto, pereceu no Campo do Capim Vermelho, e sua rebelião com ele. Os seguidores do Dragão Negro que sobreviveram à batalha se recusaram a dobrar os joelhos e fugiram pelo Mar Estreito, entre eles os irmãos mais jovens de Daemon, Açoamargo e centenas de senhores sem terras e cavaleiros que se viram obrigados a vender suas espadas para comer. Alguns se juntaram ao Padrão Irregular, outros aos Segundos Filhos ou aos Homens da Donzela. Açoamargo viu que a força da Casa Blackfyre se espalhava aos quatro ventos, e então criou a Companhia Dourada para unir os exilados.

Daquele dia em diante, os homens da Companhia Dourada viveram e morreram nas Terras Disputadas, lutando por Myr, Lys ou Tyrosh, em suas pequenas guerras sem sentido, e sonhando com as terras que seus pais haviam perdido. Eram exilados e filhos de exilados, sem posses e sem perdão... mas ainda assim guerreiros formidáveis.

– Admiro seu poder de persuasão – Tyrion falou para Illyrio. – Como você convenceu a Companhia Dourada a aceitar a causa de sua doce rainha, quando eles passaram muito de sua história lutando contra os Targaryen?

Illyrio afastou a objeção como se fosse uma mosca.

– Negro ou vermelho, um dragão ainda é um dragão. Quando Maelys, o Monstruoso, morreu no Passopedra, foi o fim da linhagem masculina da Casa Blackfyre. – O queijeiro sorriu através da barba bifurcada. – E

Daenerys dará para eles o que Açoamargo e os Blackfyre nunca puderam dar. Ela vai levá-los para casa.

*Com fogo e espada*. Era o tipo de volta ao lar que Tyrion também desejava.

– Dez mil espadas são um presente principesco, eu garanto. Sua Graça deve estar bastante satisfeita.

O Magíster fez um modesto aceno com a cabeça, o queixo balançando.

– Não me atreveria a dizer o que satisfaz Sua Graça.

*Prudência sua.* Tyrion conhecia muito e ainda mais sobre a gratidão dos reis. Por que rainhas seriam diferentes?

Logo o Magíster dormia profundamente, deixando Tyrion cismando sozinho. Ele se perguntava o que Barristan Selmy pensaria de cavalgar para a batalha com a Companhia Dourada. Durante a Guerra dos Reis de Nove Moedas, Selmy tinha aberto um sangrento caminho entre as fileiras inimigas para matar o último dos Pretendentes Blackfyre. *Rebelião feita por estranhos aliados. E nenhum mais estranho do que este homem gordo e eu*.

O queijeiro acordou quando pararam para trocar os cavalos e pediu um cesto fresco.

– Onde estamos? – o anão perguntou enquanto se enchiam de capão frio e de uma pasta feita de cenoura, passas e pedaços de limão e laranja.

– Estamos em Ândalos, meu amigo. A terra de onde seus ândalos vieram. Eles a tomaram dos homens peludos que viviam aqui antes deles, primos dos homens peludos de Ib. O coração do antigo reino de Hugor está ao norte daqui, mas estamos passando pelas suas marcas meridionais. Em Pentos, este lugar é conhecido como Terras Planas. Mais a leste estão as Colinas de Veludo, cuja fronteira é aqui.

*Ândalos*. A Fé ensinava que uma vez os Sete haviam caminhado pelas colinas de Ândalos na forma humana.

– O Pai estendeu a mão para os céus e pegou sete estrelas – Tyrion recitou de memória –, e uma por uma ele as colocou na testa de Hugor da Colina para fazer uma coroa brilhante.

Magíster Illyrio olhou para ele com curiosidade.

– Não imaginava que meu pequeno amigo fosse tão devoto.

O anão encolheu os ombros.

– Uma relíquia da minha infância. Sabia que não seria feito cavaleiro, então decidi ser um Alto Septão. Aquela coroa de cristal adiciona uns trinta centímetros à altura de um homem. Estudei os livros sagrados e rezei até conseguir escaras em ambos os joelhos, mas minha busca teve um trágico fim. Alcancei aquela certa idade e me apaixonei.

– Uma donzela? Conheço esse caminho. – Illyrio enfiou a mão direita na manga esquerda e tirou um medalhão de prata. Dentro havia uma pintura de uma mulher com grandes olhos azuis e cabelos de pálido ouro mesclado com prata. – Serra. Encontrei-a em uma casa de travesseiros lisena e a trouxe para casa, para aquecer minha cama, mas no final me casei com ela. Eu, cuja primeira esposa havia sido prima do Príncipe de Pentos. Os portões do palácio se fecharam para mim depois disso, mas não me importei. Era um preço pequeno por Serra.

– Como ela morreu? – Tyrion sabia que ela estava morta; nenhum homem fala com tanto carinho de uma mulher que o abandonou.

– Uma galé mercantil bravosi parou em Pentos no caminho de volta do Mar de Jade. O *Tesouro* carregava cravo, açafrão, azeviche, jade, samito escarlate, seda verde... e a morte cinza. Matamos os remadores assim que pisaram em terra firme e queimamos o navio até afundá-lo, mas os ratos desceram pelos remos e seguiram para o cais. A praga levou dois mil antes de seguir seu curso. – Magíster Illyrio fechou o medalhão. – Mantenho as mãos dela no meu quarto de dormir. Eram mãos tão suaves...

Tyrion pensou em Tysha. Olhou para fora, para os campos onde outrora os deuses tinham andado.

– Que tipo de deuses fazem pragas, ratos e anões? – Outra passagem da *Estrela de Sete Pontas* veio até ele. – A Donzela lhe trouxe uma garota tão flexível quanto um salgueiro, com olhos como profundas piscinas azuis, e Hugor declarou que a teria como sua noiva. Então a Mãe a fez fértil, e a Velha predisse que ela daria à luz quarenta e quatro filhos valentes do rei. O Guerreiro deu força para os braços deles, enquanto o Ferreiro fez uma armadura de ferro para cada um.

– Seu Ferreiro deve ter sido roinar – Illyrio brincou. – Os ândalos aprenderam a arte de trabalhar o ferro com os roinares que viviam ao longo do rio. Isso é sabido.

– Não pelos nossos septões. – Tyrion apontou para os campos. – Quem vive *nessas* tais Terras Planas?

– Lavradores e trabalhadores ligados à terra. Existem pomares, fazendas, minas... Eu mesmo possuo alguns, embora raramente os visite. Por que deveria passar meus dias aqui, com as miríades de prazeres de Pentos à mão?

– Miríades de prazeres. – *E enormes muros grossos*. Tyrion rodou o vinho em sua taça. – Não vimos nenhuma cidade desde Pentos.

– Há ruínas. – Illyrio acenou pelas cortinas com uma coxa de frango na mão. – Os senhores dos cavalos vêm por estes caminhos, sempre que algum khal coloca na cabeça que quer contemplar o mar. Os dothrakis não gostam de cidades, você saberá disso mesmo em Westeros.

– Caia sobre um desses *khalasars* e o destrua, e você pode descobrir que os dothrakis não são tão rápidos para atravessar o Roine.

– É mais barato subornar o inimigo com alimentos e presentes.

*Se eu tivesse tido a ideia de levar um belo pedaço de queijo para a Batalha na Água Negra, poderia ainda ter meu nariz.* Lorde Tywin sempre vira as Cidades Livres com desprezo. *Eles lutam com moedas em vez de espadas*, costumava dizer. *O ouro tem seus usos, mas as guerras são vencidas com o ferro*.

– Dê ouro para o inimigo e ele só voltará para mais, meu pai costumava dizer.

– Este é o mesmo pai que você matou? – Illyrio jogou o osso de galinha para fora da liteira. – Mercenários não ficarão contra Dothraki. Isso ficou provado em Qohor.

– Nem mesmo seu bravo Griff? – zombou Tyrion.

– Griff é diferente. Tem um filho que adora. O garoto é conhecido como Jovem Griff. Nunca houve rapaz mais nobre.

O vinho, a comida, o sol, o balançar da liteira, o zumbido das moscas, tudo conspirou para tornar o anão sonolento. Então ele dormiu, acordou, bebeu. Illyrio o acompanhou taça após taça. E quando o céu ficou roxo-escuro, o homem gordo começou a roncar.

Naquela noite, Tyrion Lannister sonhou com uma batalha que deixou as colinas de Westeros vermelhas como sangue. Estava no meio dela, lidando com a morte com um machado tão grande como ele, lutando lado a lado com Barristan, o Ousado, e Açoamargo, enquanto dragões voavam

em círculos no céu sobre eles. No sonho, ele tinha duas cabeças, ambas sem nariz. Seu pai liderava o inimigo, então ele o matou mais uma vez. Depois matou seu irmão Jaime, esmagando seu rosto até transformá-lo em uma ruína vermelha, rindo a cada golpe desferido. Somente quando a luta acabou, percebeu que sua segunda cabeça estava chorando.

Quando acordou, suas pernas atrofiadas estavam duras como ferro. Illyrio comia azeitonas.

– Onde estamos? – Tyrion perguntou.

– Ainda não deixamos as Terras Planas, meu precipitado amigo. Logo nossa estrada deve passar pelas Colinas de Veludo. Lá começaremos nossa subida em direção a Ghoyan Drohe, sobre o Pequeno Roine.

Ghoyan Drohe havia sido uma cidade roinar, até que os dragões de Valíria reduziram-na a uma desolação fumegante. *Estou viajando não só por léguas, mas através dos anos*, Tyrion refletiu, *de volta na história até os dias em que os dragões dominavam a terra.*

Tyrion dormiu e acordou e dormiu novamente, e dia e noite pareciam não importar. As Colinas de Veludo provaram ser uma decepção.

– Metade das putas de Lannisporto tem peitos maiores do que estas colinas – ele comentou com Illyrio. – Você deveria chamá-las de Tetas de Veludo.

Viram um círculo de pedras que Illyrio alegou ter sido erguido por gigantes e, mais tarde, um lago profundo.

– Aqui era um covil de ladrões que atacavam todos que passavam por esse caminho – disse Illyrio. – Dizem que ainda vivem sob a água. Aqueles que pescam no lago são puxados para baixo e devorados.

Na noite seguinte, passaram por uma enorme esfinge valiriana agachada ao lado da estrada. Tinha corpo de dragão e rosto de mulher.

– Uma rainha dragão – disse Tyrion. – Um agradável presságio.

– O rei dela está faltando – Illyrio apontou para o pedestal de pedra lisa no qual a segunda esfinge estivera, já coberta de musgos e trepadeiras floridas. – Os senhores dos cavalos construíram rodas de madeira embaixo dele e o arrastaram para Vaes Dothrak.

*O que também é um presságio*, pensou Tyrion, *só que não tão esperançoso*.

Naquela noite, mais bêbado do que de costume, começou subitamente a cantar:

*Ele andava pelas ruas da cidade,*
*do alto da colina, para baixo.*
*Pelos becos, passos e paralelepípedos,*
*andava a suspirar por uma mulher.*
*Pois ela era seu tesouro secreto,*
*sua vergonha e sua felicidade.*
*E uma corrente e uma fortaleza não são nada,*
*comparadas ao beijo de uma mulher.*

Essa era toda a letra que ele sabia, além do refrão. *Mãos de ouro são sempre frias, mas as mãos de uma mulher são quentes*. As mãos de Shae haviam batido nele, enquanto as mãos de ouro se enterravam na garganta dela. Ele não se lembrava se estavam quentes ou não. Conforme a força a abandonava, seus golpes pareciam mariposas sobre seu rosto. A cada volta que ele dava na corrente, as mãos de ouro entravam mais fundo. *Uma corrente e uma fortaleza não são nada, comparadas aos beijos de uma mulher*. Ele a beijara uma última vez, depois que ela morreu? Não se lembrava... embora ainda se recordasse da primeira vez que a beijara, na tenda ao lado do Ramo Verde. Como sua boca era doce!

Ele também se lembrava da primeira vez com Tysha. *Ela não sabia como fazer, não mais do que eu. Ficamos batendo nossos narizes, mas quando toquei a língua dela com a minha, ela tremeu.* Tyrion fechou os olhos para trazer o rosto dela à mente, mas imediatamente viu seu pai, de cócoras na latrina, com o roupão levantado até a cintura. – Aonde quer que as putas vão –, Lorde Tyrion disse, e a besta *zuniu*.

O anão virou-se, pressionando o meio nariz nas almofadas de seda. O sono se abriu sob ele como um poço, e ele mergulhou com vontade, desejando que a escuridão o cercasse totalmente.

# O homem do Mercador

O *Aventura* fedia.

Ostentava sessenta remos, uma única vela e um casco longo e esguio que prometia velocidade. *Pequeno, mas pode servir*, Quentyn pensou quando o viu, mas isso foi antes de ir a bordo e dar uma cheirada nele. *Porcos*, foi seu primeiro pensamento, mas depois de uma segunda cheirada mudou de ideia. Porcos tinham um cheiro mais limpo. Este fedor era uma mistura de mijo, carne podre e excrementos, era o cheiro de cadáveres, feridas purulentas e infeccionadas, tão forte que oprimia o ar salgado e o cheiro de peixe do porto.

– Quero vomitar – disse a Gerris Drinkwater. Estavam esperando o capitão do navio aparecer, sufocando no calor, enquanto o fedor saía do casco abaixo deles.

– Se o capitão cheirar como o navio, ele pode confundir seu vômito com perfume – Gerris respondeu.

Quentyn estava prestes a sugerir que tentassem outro navio, quando o capitão finalmente apareceu, com dois tripulantes mal-encarados ao seu lado. Gerris o cumprimentou com um sorriso. Embora não falasse a língua de Volantis tão bem quanto Quentyn, tinha o jogo de cintura necessário para se comunicar com eles. Em Vila Tabueira, Quentyn assumira o papel de mercador de vinhos, mas a farsa o incomodou, então quando os dornenses trocaram de navio em Lys, eles também haviam trocado os papéis. A bordo do *Cotovia*, Cletus Yronwood era o mercador e Quentyn, seu servo; em Volantis, com Cletus morto, Gerris assumira o papel do mestre.

Alto e sério, com olhos azul-esverdeados, cabelo cor da areia iluminada pelo sol e um corpo magro e gracioso, Gerris Drinkwater tinha um ar de superioridade, uma confiança que beirava a arrogância. Nunca parecia pouco à vontade e, mesmo quando não falava uma língua,

encontrava maneiras de se fazer compreendido. Comparado a ele, Quentyn era uma pobre figura – de pernas curtas e atarracado, maciçamente constituído e com o cabelo castanho cor de terra remexida. Sua testa era bem alta, a mandíbula quadrada e o nariz muito largo. *Um rosto bom e honesto*, uma moça lhe dissera certa vez, *mas você devia sorrir mais*.

Sorrisos nunca vieram fáceis para Quentyn Martell, não mais do que para o senhor seu pai.

– Quão rápido é o seu *Aventura*? – Gerris perguntou, em uma fraca aproximação de Alto Valiriano.

O capitão do *Aventura* reconheceu o sotaque e respondeu na Língua Comum de Westeros.

– Não há mais rápido, honrado senhor. O *Aventura* pode atropelar até mesmo o vento. Diga-me aonde deseja ir e rapidamente estará lá.

– Procuro passagem para Meereen, para mim e dois servos.

O capitão fez uma pausa.

– Não sou um estranho em Meereen. Poderia encontrar a cidade novamente, sim... mas por quê? Não há escravos em Meereen, nenhum lucro pode ser encontrado lá. A rainha de prata pôs um fim nisso. Ela fechou até mesmo as arenas de luta, então um pobre marinheiro não pode nem se divertir enquanto espera para encher seu navio. Me diga, meu amigo westerosi, o que há em Meereen para desejar ir para lá?

*A mulher mais bonita do mundo*, pensou Quentyn. *Aquela que será minha noiva, se os deuses forem bons*. Algumas vezes, durante a noite, ficava acordado imaginando o rosto e as formas dela, e se perguntando por que tal mulher se casaria com ele, entre todos os príncipes do mundo. *Eu sou Dorne*, dizia para si mesmo. *Ela vai querer Dorne.*

Gerris respondeu com a história que tinham inventado.

– O vinho é o negócio da nossa família. Meu pai possui extensos vinhedos em Dorne, e deseja que eu encontre novos mercados. Acreditamos que o bom povo de Meereen vai receber bem o que vendo.

– Vinho? Vinho dornense? – O capitão não estava convencido. – As cidades escravocratas estão em guerra. Será que você não sabe disso?

– As lutas são entre Yunkai e Astapor, nós ouvimos. Meereen não está envolvida.

– Não ainda. Mas logo estará. Um enviado da Cidade Amarela está em Volantis agora mesmo, contratando espadas. As Longas Lanças já tomaram navios para Yunkai, e os Soprados pelo Vento e a Companhia do Gato seguirão assim que terminarem de preencher suas fileiras. A Companhia Dourada marcha também para leste. Tudo isso é sabido.

– Se você diz. Eu lido com vinho, não com guerras. O vinho ghiscari é uma coisa pobre, todos concordam. Os meereeneses pagarão um bom preço pelas minhas finas safras dornenses.

– Homens mortos não se importam com o tipo de vinho que bebem. – O capitão do *Aventura* passou os dedos pela barba. – Não sou o primeiro capitão com quem você conversa, acho. Nem o décimo.

– Não – Gerris admitiu.

– Quantos, então? Cem?

*Quase isso*, pensou Quentyn. Os volantinos gostavam de se gabar que as cem ilhas de Bravos podiam cair em seu profundo porto e se afogar. Quentyn nunca vira Bravos, mas podia acreditar nisso. Opulenta, madura e podre, Volantis cobrira a boca do Roine como um beijo quente e úmido, estendendo-se através da colina e do pântano para ambos os lados do rio. Navios estavam em toda parte, descendo o rio ou saindo para o mar, lotando cais e píeres, levando carga ou descarregando-a; navios de guerra, baleeiros e galés mercantes, naus e barcos a remo, barcos de pesca, grandes barcos de pesca, canoas, navios cisne, navios de Lys, de Tyrosh e de Pentos, embarcações qartenas grandes como palácios, navios de Tolos, de Yunkai e das Basílicas. Eram tantos que Quentyn, vendo o porto pela primeira vez do convés do *Cotovia*, dissera aos amigos que ficariam ali apenas três dias.

No entanto, vinte dias haviam se passado e ali estavam, ainda sem barco. Os capitães do *Melantine*, do *Filha do Tridente* e do *Beijo da Sereia* haviam negado passagem. Um tripulante do *Viajante Ousado* rira na cara deles. O capitão do *Golfinho* os repreendera por desperdiçar seu tempo, e o proprietário do *Sétimo Filho* os acusou de serem piratas. E isso tudo no primeiro dia.

Somente o capitão do *Gamo* deu uma razão para a recusa.

– É verdade que vou navegar para leste – ele disse, tomando vinho aguado. – Sul ao redor de Valíria, e daí para o nascer do sol. Vamos nos abastecer de água e provisões em Nova Ghis, e então viraremos todos os

remos em direção a Qarth e aos Portões de Jade. Toda viagem tem riscos, as longas mais que a maioria. Por que deveria procurar mais perigos entrando na Baía dos Escravos? O *Gamo* é meu sustento. Não o arriscarei para levar três dornenses loucos ao meio de uma guerra.

Quentyn começou a pensar que teria sido melhor se tivessem comprado o próprio navio em Vila Tabueira. O que, no entanto, teria chamado uma atenção não desejada. O Aranha tinha informantes em todos os lugares, até mesmo nos salões de Lançassolar.

– Dorne sangrará, se seu propósito for descoberto – advertira seu pai, enquanto observavam as crianças brincando nas piscinas e fontes dos Jardins das Águas. – O que estamos fazendo é traição, não se engane. Confie apenas em seus companheiros, e faça o melhor para não atrair olhares curiosos.

Então Gerris Drinkwater deu ao capitão do *Aventura* seu sorriso mais desarmante.

– Verdade seja dita, não guardei a conta de todos os covardes que nos recusaram, mas na Casa do Mercador ouvi dizer que você era um tipo mais ousado, um tipo que arriscaria qualquer coisa por ouro suficiente.

*Um contrabandista*, Quentyn pensou. Fora assim que os outros comerciantes rotularam o capitão do *Aventura* na Casa do Mercador.

– É um contrabandista e um traficante de escravos, meio pirata, meio alcoviteiro, mas pode ser sua melhor esperança – o estalajadeiro lhes dissera.

O capitão esfregou o polegar no indicador.

– E quanto ouro você considera suficiente para uma viagem dessas?

– Três vezes o preço usual de uma passagem para a Baía dos Escravos.

– Para cada um de vocês? – O capitão mostrou os dentes, em algo que deve ter sido a intenção de um sorriso, mas que dava ao seu rosto estreito um ar selvagem. – Talvez. É verdade, sou mais ousado que a maioria. Em quanto tempo desejam partir?

– Amanhã não seria cedo demais.

– Feito. Retornem uma hora antes da primeira luz com seus amigos e seus vinhos. É melhor estar em curso enquanto Volantis dorme, assim ninguém fará perguntas inconvenientes sobre nosso destino.

– Será como diz. Uma hora antes da primeira luz.

O sorriso do capitão se arregalou.

– Estou satisfeito em poder ajudar vocês. Teremos uma viagem feliz, não é?

– Estou certo disso – concordou Gerris. O capitão pediu cerveja e os dois fizeram um brinde ao empreendimento.

– Um doce homem – Gerris disse mais tarde, quando ele e Quentyn percorriam o caminho até o final do cais, onde o *hathay* alugado os esperava. O ar estava quente e pesado, e o sol tão brilhante que ambos estavam com os olhos semicerrados.

– Esta é uma doce cidade – Quentyn completou. *Doce o suficiente para apodrecer os dentes.* Beterrabas doces eram cultivadas em profusão nas redondezas e servidas em quase todas as refeições. Os volantinos faziam uma sopa fria delas, tão grossa e rica como mel roxo. Seus vinhos também eram doces. – Temo que nossa feliz viagem será curta, no entanto. Aquele doce homem não pretende nos levar para Meereen. Foi muito rápido em aceitar sua oferta. Ele vai levar três vezes o preço da passagem usual, sem dúvida, e uma vez que nos tenha a bordo e fora do alcance terrestre, cortará nossas gargantas e também levará o resto do nosso ouro.

– Ou vai nos acorrentar a um remo, ao lado daqueles desgraçados que estávamos cheirando. Precisamos encontrar contrabandistas de melhor categoria, acho.

O condutor os aguardava ao lado do *hathay*. Em Westeros, isso seria chamado de carro de boi, embora fosse algo mais ornamentado do que qualquer carroça que Quentyn já tivesse visto em Dorne e faltasse o boi. O *hathay* era puxado por um elefante anão, cuja pele tinha cor de neve suja. As ruas da Antiga Volantis estavam repletas desses veículos.

Quentyn teria preferido caminhar, mas eram quilômetros até a pousada. Além disso, o estalajadeiro havia avisado que andar a pé causaria má impressão aos olhos dos capitães estrangeiros e das pessoas nascidas em Volantis. Pessoas de bom nível viajavam de liteira ou de *hathay*... e, por coincidência, o estalajadeiro tinha um primo que possuía vários desses veículos e teria imenso prazer em atendê-los.

O condutor deles era um dos escravos do primo, um homem pequeno com uma roda tatuada em uma bochecha, nu, com exceção de uma tanga e de um par de sandálias. Sua pele era da cor da teca, seus olhos como lascas de sílex. Depois de ajudá-los a se acomodar nos bancos

almofadados entre duas enormes rodas de madeira, ele subiu nas costas do elefante.

– Para a Casa do Mercador – Quentyn disse para o homem –, mas vá acompanhando o cais. – Além da beira-mar com sua brisa, as ruas e becos de Volantis estavam sempre quentes o suficiente para afogar um homem em seu próprio suor, pelo menos desse lado do rio.

O condutor gritou algo para o elefante no idioma local. O animal começou a se mover, o tronco balançando de um lado para o outro. O carro deu uma cambaleada logo atrás, o condutor apupando para marinheiros e escravos saírem do caminho. Era fácil diferenciar um do outro. Os escravos eram todos tatuados; uma máscara de penas azuis, um relâmpago que ia do maxilar à sobrancelha, uma moeda sobre a bochecha, pintas de leopardo, um crânio, um jarro. Meistre Kedry dizia que havia cinco escravos para cada homem livre em Volantis, embora não tivesse vivido o suficiente para verificar sua estimativa. Morrera na manhã em que os corsários invadiram o *Cotovia*.

Quentyn perdera dois outros amigos no mesmo dia: Willam Wells, com suas sardas e dentes tortos, destemido com uma lança, e Cletus Yronwood, bonito apesar de seu olhar indolente, sempre barulhento, sempre rindo. Cletus tinha sido o melhor amigo de Quentyn por metade de sua vida, irmão em tudo, exceto no sangue.

– Dê um beijo em sua noiva por mim – Cletus havia sussurrado para ele pouco antes de morrer.

Os corsários subiram a bordo na escuridão que antecedia o amanhecer, enquanto o *Cotovia* estava ancorado na costa das Terras Disputadas. A tripulação os derrotara, com o custo de doze vidas. Depois, os marinheiros despojaram os corsários mortos de suas botas, cintos e armas, dividiram suas bolsas e arrancaram as pedras de suas orelhas e os anéis de seus dedos. Um dos cadáveres era tão gordo que o cozinheiro do navio teve que cortar os dedos do morto com um cutelo para conseguir os anéis. Foram necessários três homens para rolar o corpo até o mar. Os outros piratas foram atirados depois dele, sem uma palavra de oração ou cerimônia.

Seus próprios mortos receberam tratamento mais gentil. Os marinheiros costuraram os corpos em lonas, com pedras de lastro, para afundarem mais rapidamente. O capitão do *Cotovia* comandou a

tripulação em uma oração pelas almas dos marinheiros assassinados. Então, virou-se para os passageiros dornenses, os três que ainda permaneciam dos seis que subiram a bordo em Vila Tabueira. Até o grandão compareceu, pálido, enjoado e cambaleante, saindo com dificuldade da cabine do navio para prestar suas últimas homenagens.

– Um de vocês deve dizer algumas palavras para seus mortos, antes de entregá-los ao mar – disse o capitão. Gerris foi obrigado a discursar, mentindo em cada palavra, uma vez que não ousavam dizer a verdade sobre quem eram ou qual o motivo de estarem ali.

*Não era para acabar desta maneira para eles.*

– Esta será uma história para contar para nossos netos – Cletus afirmara no dia em que saíram do castelo de seu pai. Will fizera uma careta e dissera:

– Uma história para contar nos prostíbulos, você quer dizer, na esperança de que alguém levante as saias.

Cletus lhe dera um tapa nas costas.

– Para ter netos, você precisa ter filhos. Para ter filhos, é preciso levantar algumas saias.

Mais tarde, na Vila Tabueira, os dornenses brindaram à futura noiva de Quentyn, fizeram gracejos obscenos sobre a futura noite de núpcias e falaram sobre as coisas que veriam, seus feitos e a glória que os aguardava. *Tudo o que ganharam foi um saco de lona cheio de pedras de lastro.*

Por mais que lamentasse Will e Cletus, era a perda do Meistre que Quentyn sentia com mais intensidade. Kedry era fluente nas línguas de todas as Cidades Livres, até mesmo no Ghiscari mestiço que se falava ao longo das margens da Baía dos Escravos.

– Meistre Kendry irá acompanhá-lo – disse o pai, na noite em que se separaram. – Preste atenção aos conselhos dele. Ele dedicou metade da vida a estudar as Nove Cidades Livres. – Quentyn se perguntava se as coisas não teriam chegado ao acordo mais fácil se ele estivesse lá para orientá-los.

– Eu poderia vender minha mãe por um pouco de brisa – disse Gerris, enquanto passavam pela multidão no cais. – Está úmido como a boceta da Donzela, e ainda nem é meio-dia. Odeio esta cidade.

Quentyn compartilhava o sentimento. O insuportável calor molhado de Volantis minava suas forças e o fazia sentir-se sujo. A pior parte era saber que a noite não traria alívio algum. No cume dos altos prados nortes da propriedade de Lorde Yronwood, o ar era sempre puro e fresco depois que escurecia, não importava quão quente o dia havia sido. Ali não. Em Volantis, as noites eram quase tão quentes quanto os dias.

– O *Deusa* parte para Nova Ghis amanhã – Gerris o recordou. – Isso pelo menos nos deixaria mais perto.

– Nova Ghis é uma ilha, e de porte muito menor do que esta. Estaríamos mais perto, sim, mas poderíamos ficar presos lá. E Nova Ghis se aliou a Yunkai. – Essa notícia não surpreendera Quentyn. Nova Ghis e Yunkai eram ambas cidades ghiscaris. – Se Volantis se aliar a elas também...

– Precisamos encontrar um navio de Westeros – Gerris sugeriu –, algum comerciante de Lannisporto ou de Vilavelha.

– Poucos vêm tão longe, e os que o fazem enchem os porões com sedas e especiarias do Mar de Jade e já voltam os remos para casa.

– Talvez um navio bravosi? Ouve-se falar em velas roxas em lugares tão distantes quanto Asshai e as ilhas do Mar de Jade.

– Os bravosi descendem de escravos fugidos. Não fazem comércio na Baía dos Escravos.

– Temos ouro suficiente para *comprar* um navio?

– E quem vai navegá-lo? Você? Eu? – Os dornenses não eram homens do mar, não desde que Nymeria queimara seus dez mil navios. – Os mares ao redor de Valíria são perigosos e cheios de corsários.

– Já estou cheio de corsários. Não vamos comprar um navio.

*Isso ainda é só um jogo para ele*, Quentyn notou, *em nada diferente da vez em que levou seis de nós para as montanhas, para encontrar o antigo covil do Rei Vulture*. Não era da natureza de Gerris Drinkwater imaginar que pudessem falhar, e muito menos que pudessem morrer. Mesmo a morte dos três amigos não servira para corrigi-lo, ao que parecia. *Ele deixa isso para mim. Sabe que minha natureza é tão cautelosa quanto a dele é ousada*.

– Talvez o grandão esteja certo – Sor Gerris disse. – Dane-se o mar, podemos terminar a jornada por terra.

– Você sabe muito bem por que ele diz isso – Quentyn disse. – Ele prefere morrer a pôr o pé em outro navio.

O grandão havia tido enjoo todos os dias da viagem. Em Lys, levara quatro dias para recuperar as forças. Tiveram que alugar quartos em uma pousada, para que Meistre Kedry pudesse colocá-lo em uma cama macia e alimentá-lo com caldos e poções até que alguma cor rosada voltasse à sua face.

Era possível ir por terra para Meereen, isso era verdade. As antigas estradas valirianas poderiam levá-los lá. *Caminhos do dragão*, os homens chamavam as grandes estradas de pedra do Domínio, mas as que seguiam para leste, de Volantis para Meereen, tinham um nome mais sinistro: *caminho do demônio*.

– O caminho do demônio é perigoso e muito *lento*. – Quentyn disse. – Tywin Lannister enviará seus homens atrás da rainha, assim que qualquer notícia sobre ela chegar a Porto Real. – Seu pai tinha certeza disso. – Eles virão com facas. Se chegarem até ela primeiro...

– Vamos esperar que os dragões dela farejem e devorem todos – disse Gerris. – Bem, se não podemos encontrar um navio e você não vai nos deixar andar, o melhor é arranjar uma passagem de volta para Dorne.

*Rastejar de volta para Lançassolar derrotado, com o rabo entre as pernas?* A decepção de seu pai seria mais do que Quentyn poderia suportar, e o desprezo das Serpentes de Areia seria fulminante. Doran Martell colocara o destino de Dorne em suas mãos, e ele não podia falhar, não enquanto estivesse vivo para seguir adiante.

O ar quente subia pela rua conforme o *hathay* sacudia de um lado para o outro entre as rodas de aro de ferro, conferindo aos arredores um aspecto de sonho. Entre armazéns e trapiches, lojas e barracas de muitos tipos lotavam a beira-mar. Era possível comprar ostras frescas, correntes e algemas de ferro, além de *cyvasses* com peças esculpidas em marfim e jade. Por ali também estavam templos onde marinheiros faziam sacrifícios para deuses estrangeiros, lado a lado com casas de travesseiros onde mulheres debruçavam-se nas varandas para chamar os homens que passavam embaixo.

– Olha aquela lá. – Gerris provocou, quando passaram por uma dessas casas. – Acho que está apaixonada por você.

*E quanto custa o amor de uma puta?* Verdade seja dita, garotas deixavam Quentyn ansioso, especialmente as bonitas.

Assim que chegara a Yronwood, havia ficado louco por Ynys, a mais velha das filhas de Lorde Yronwood. Embora nunca tenha dito uma palavra sobre seus sentimentos, acalentou seus sonhos por anos... até o dia que a moça foi enviada para se casar com Sor Ryon Allyrion, herdeiro da Graçadivina. Da última vez que a vira, ela tinha um menino no peito e outro agarrado às suas saias.

Depois de Ynys, vieram as gêmeas Drinkwater, um par de jovens donzelas morenas que amavam falcoaria, caçadas, escalar rochas e fazer Quentyn corar. Uma delas lhe dera seu primeiro beijo, embora ele nunca soubera qual delas. Como filhas de um cavaleiro, as gêmeas tinham um nascimento muito baixo para o casamento, mas Cletus não achava que isso fosse motivo para parar de beijá-las.

– Depois que você se casar, pode pegar uma delas como amante. Ou ambas, por que não?

Mas Quentyn conseguia pensar em vários motivos porque não, então fez o melhor que pôde para evitar as gêmeas depois disso, e não houve um segundo beijo.

Mais recentemente, a filha mais nova de Lorde Yronwood passara a persegui-lo pelo castelo. Gwyneth tinha apenas doze anos, uma menina pequena e magricela de olhos escuros e cabelos castanhos que a diferenciavam naquela casa de louros de olhos azuis. Era esperta, porém tão rápida com as palavras quanto com as mãos, e gostava de dizer a Quentyn que esperasse que ela desabrochasse, para que pudessem se casar.

Isso foi antes de o Príncipe Doran convocá-lo para o Jardim das Águas. E, agora, a mulher mais bonita do mundo o aguardava em Meereen, e ele pretendia cumprir seu dever e pedir para que fosse sua noiva. *Ela não me recusará. Ela honrará o acordo*. Daenerys Targaryen precisaria de Dorne para ganhar os Sete Reinos, o que significa que precisaria dele. *O que não quer dizer que vá me amar. Pode ser que nem goste de mim.*

A rua fazia uma curva onde o rio encontrava o mar, e ao longo dela vários vendedores de animais se agrupavam, oferecendo lagartos coloridos, cobras gigantes e pequenos e ágeis macacos, com caudas listradas e espertas mãos cor-de-rosa.

– Talvez sua rainha prateada goste de um macaco – disse Gerris.

Quentyn não tinha ideia do que Daenerys Targaryen gostaria. Prometera ao pai que a levaria para Dorne, mas cada vez mais se perguntava se estaria à altura da tarefa.

*Nunca pedi isso*, pensou.

Por toda a extensão azul do Roine, ele via a Muralha Negra que havia sido levantada pelos valirianos quando Volantis não era mais do que um posto avançado do império: uma grande oval de pedra fundida com mais de sessenta metros de altura e tão larga que seis carruagens de quatro cavalos podiam correr lado a lado pelo topo, como faziam a cada ano para comemorar a fundação da cidade. Forasteiros, estrangeiros e libertos não eram permitidos dentro da Muralha Negra, a menos que fossem convidados por alguém que já vivesse lá, herdeiros de Velho Sangue cuja ascendência podia ser traçada até a própria Valíria.

O tráfego era mais intenso por ali. Estavam perto do extremo ocidental da Grande Ponte, que ligava as duas metades da cidade. Carruagens, carroças e *hathays* lotavam as ruas, todos eles indo ou vindo pela ponte. Escravos estavam em toda parte, tão numerosos quanto baratas, correndo para resolver os negócios de seus donos.

Não muito longe da Praça do Peixeiro e da Casa do Mercador, gritos irromperam de uma rua transversal, e uma dúzia de lanceiros Imaculados, em armaduras ornamentadas e capas feitas de pele de tigre, apareceram como que do nada, acenando para que se afastassem e a tríade, em cima de um elefante, pudesse passar com sua escolta. O elefante da tríade era um gigante vestido com uma elaborada armadura esmaltada que chacoalhava suavemente enquanto se movia, e o palanquim em seu dorso era tão alto que raspou no arco de pedra ornamental ao passar por baixo.

– A tríade é considerada tão elevada que seus pés não podem tocar o solo durante seu ano de serviço – Quentyn comentou com o companheiro. – Vão para todos os lugares em elefantes.

– Bloqueando as ruas e deixando montes de estercos para aqueles como nós enfrentarmos – disse Gerris. – Por que Volantis precisa de três príncipes quando Dorne funciona com um único, é algo que nunca vou entender.

– A tríade não é formada por reis ou príncipes. Volantis é um domínio, como Valíria antigamente. Todos os proprietários de terras nascidos livres partilham a mesma lei. Até as mulheres podem votar e manter terra própria. Os três membros da tríade são escolhidos entre as famílias nobres que podem provar linhagem direta da antiga Valíria, para servir até o primeiro dia do novo ano. E você saberia tudo isso se tivesse se dado ao trabalho de ler o livro que Meistre Kedry lhe deu.

– Não tinha figuras.

– Tinha mapas.

– Mapas não contam. Se ele tivesse me dito que era sobre tigres e elefantes, eu poderia ter tentado. Parecia suspeitosamente com uma história.

Quando o *hathay* chegou à Praça do Peixeiro, o elefante anão levantou a tromba e fez um barulho de buzina, como um imenso ganso branco, relutante em mergulhar no emaranhado de carruagens, liteiras e pedestres adiante. O motorista cutucou o animal com o calcanhar e o manteve em movimento.

Os peixeiros estavam em bando, gritando para oferecer a pesca da manhã. Quentyn entendia uma em cada duas palavras, na melhor das hipóteses, mas não precisava conhecer as palavras para reconhecer os peixes.

Viu bacalhaus, aguilhões e sardinhas, barris de mexilhões e mariscos. Enguias estavam penduradas na frente de uma barraca. Outra mostrava uma tartaruga gigante, com as pernas presas em correntes de ferro, pesada como um cavalo. Caranguejos mexiam-se dentro de barris de água salgada e algas marinhas. Vários vendedores fritavam pedaços de peixe com cebolas e beterrabas, ou vendiam caldeirada de peixe apimentado em pequenas chaleiras de ferro.

No centro da praça, sob uma estátua trincada e sem cabeça de uma tríade morta, a multidão se reunia para ver um show de anões. Os pequenos homens usavam armaduras de madeira, cavaleiros em miniatura se preparando para um torneio. Quentyn viu um montar em um cão, enquanto o outro pulava sobre um porco... apenas para escorregar pelo outro lado, arrancando várias gargalhadas.

– Parecem divertidos – Gerris disse. – Podemos parar e vê-los lutar. Umas risadas fariam bem para você, Quentyn. Você parece um velho

constipado há uns seis meses.

*Tenho dezoito, seis anos mais jovem que você*, Quentyn pensou. *Não sou um velho*. Em vez disso, disse:

– Não preciso de anões engraçados. A menos que eles tenham um navio.

– Um pequeno, imagino.

Com quatro andares de altura, a Casa do Mercador dominava as docas, cais e armazéns que a rodeavam. Lá, comerciantes de Vilavelha e Porto Real se misturavam com colegas de profissão de Bravos, Pentos e Myr, com ibbeneses cabeludos, com viajantes de pele clara de Qarth e homens de pele negra como carvão das Ilhas do Verão, com seus mantos de penas, e até mesmo com umbromantes mascarados de Asshai e das Terras das Sombras.

O chão de pedra parecia quente sob seus pés quando Quentyn desceu do *hathay*, mesmo através do couro de suas botas. Do lado de fora da Casa do Mercador, uma mesa feita com cavalete tinha sido colocada à sombra e decorada com flâmulas listradas de branco e azul, que tremulavam a cada lufada de ar. Quatro mercenários de olhos duros estavam sentados ao redor da mesa, chamando cada um dos homens e meninos que passavam. *Soprados pelo Vento*, Quentyn percebeu. Estavam à procura de carne fresca para preencher suas fileiras antes de embarcarem para a Baía dos Escravos. *E cada homem que assina com eles é outra espada para Yunkai, outra lâmina destinada a beber o sangue daquela que será minha noiva.*

Um dos Soprados pelo Vento gritou para eles.

– Não falo sua língua – Quentyn respondeu. Embora soubesse ler e escrever em Alto Valiriano, tinha pouca prática em falar o idioma. E a maçã volantina rolara bem distante da árvore valiriana.

– Westerosi? – o homem perguntou, na Língua Comum.

– Dornense. Meu mestre é um comerciante de vinhos.

– Mestre? Foda-se ele. Você é um escravo? Venha conosco e será seu próprio mestre. Quer morrer deitado? Ensinaremos você a lutar com a espada e a lança. Você irá para a batalha com o Príncipe Esfarrapado e ficará mais rico do que um lorde. Garotos, garotas, ouro, tudo o que quiser, se for homem o suficiente para pegar. Somos os Soprados pelo Vento, e fodemos a deusa da matança pelo cu.

Dois dos mercenários começaram a cantar, gritando a letra de alguma marcha. Quentyn entendeu o suficiente para pegar a essência. *Somos os Soprados pelo Vento*, eles cantavam. *Nos sopraram para leste até a Baía dos Escravos, para matar o rei açougueiro e foder a rainha dragão*.

– Se Cletus e Will ainda estivessem conosco, poderíamos voltar com o grandão e matar um monte deles – disse Gerris.

*Cletus e Will estavam mortos*.

– Não dê atenção para eles – disse Quentyn. Os mercenários os insultaram pelas costas quando empurraram as portas da Casa do Mercador, chamando-os de covardes com sangue de barata e de meninas assustadas.

O grandão estava esperando nos quartos do segundo andar. Embora a estalagem tivesse sido bem recomendada pelo capitão do *Cotovia*, isso não significava que Quentyn estivesse disposto a deixar seus bens e ouro sem proteção. Todo porto tinha ladrões, ratos e putas, e Volantis tinha mais do que a maioria.

– Estava quase indo procurar vocês – Sor Archibald Yronwood disse, enquanto deslizava o trinco para deixá-los entrar. Fora Cletus quem começara a chamá-lo de "grandão", mas o apelido era bem merecido. Arch tinha quase dois metros de altura, largo de ombros, imenso de barriga, com pernas que pareciam troncos de árvores, mãos do tamanho de presuntos, e nenhum pescoço que pudesse ser notado. Alguma doença de infância o fizera perder todo o cabelo. Sua cabeça careca fazia Quentyn pensar em uma suave pedra rosada. – Então – ele questionou –, o que o contrabandista disse? Temos um barco?

– Um navio – corrigiu Quentyn. – Sim, ele nos levará, mas só até o inferno mais próximo.

Gerris sentou-se na cama mole e tirou as botas.

– Dorne soa mais atraente a cada momento.

O grandão disse:

– Ainda digo que seria melhor ir pelo caminho do demônio. Talvez não seja tão arriscado quanto dizem. E, se for, isso só representará mais glória para aqueles que ousarem ir por ele. Quem terá coragem de nos molestar? Drink com sua espada, eu com meu martelo, é mais do que qualquer demônio pode digerir.

– E se Daenerys estiver morta antes de chegarmos até ela? – Quentyn disse. – Nós precisamos de um navio. Mesmo se for o *Aventura*.

Gerris riu.

– Você deve estar mais desesperado por Daenerys do que eu pensava, para aguentar o fedor meses a fio. Em três dias eu estaria implorando para que me matassem. Não, meu príncipe, eu peço, não o *Aventura*.

– Você tem um jeito melhor? – Quentyn perguntou.

– Tenho. Só pensei nisso agora. Tem seus riscos, e não é o que vocês chamariam de honrado, garanto... mas vai nos levar até sua rainha mais rápido do que o caminho do demônio.

– Conte-me – disse Quentyn Martell.

# Jon

Jon leu e releu a carta até que as palavras começaram a ficar borradas e a correr juntas. *Não posso assinar isto. Não vou assinar isto*.

Ele quase queimou o pergaminho. Em vez disso, tomou um gole de cerveja, do resto que sobrara da ceia solitária da noite anterior. *Tenho que assinar. Me escolheram Senhor Comandante. A Muralha é minha, e a Patrulha também. A Patrulha da Noite não toma partido*.

Foi um alívio quando Edd Doloroso Tollett abriu a porta para dizer que Goiva estava lá. Jon deixou a carta de Meistre Aemon de lado.

– Eu a verei agora. – Ele temia isso. – Encontre Sam para mim. Vou falar com ele em seguida.

– Ele deve estar lá embaixo, com os livros. Meu velho septão costumava dizer que livros são mortos que andam. Os mortos devem ser deixados em paz, é o que digo. Ninguém quer ouvir o blá-blá-blá de um morto – Edd Doloroso saiu resmungando cobras e lagartos.

Goiva entrou e se ajoelhou. Jon deu a volta na mesa e a ajudou a se levantar.

– Você não precisa se ajoelhar para mim. Isso é só para os reis.

Embora já fosse esposa e mãe, Goiva ainda parecia meio criança para ele, uma coisinha magra embrulhada em uma das velhas capas de Sam. A capa era tão grande que ela poderia ter escondido várias outras meninas nas dobras.

– Os bebês estão bem? – ele perguntou.

A garota selvagem sorriu timidamente sob o capuz.

– Sim, senhor. Eu tinha medo de não ter leite suficiente para os dois, mas, quanto mais eles mamam, mais leite tenho. Estão fortes.

– Tenho algo difícil para lhe falar. – Ele quase dissera *lhe pedir*, mas calou-se no último instante.

– É sobre Mance? Val implorou ao rei que o poupasse. Disse que se casará com um ajoelhador e nunca cortará a garganta dele se Mance viver. Aquele Senhor dos Ossos, ele está para ser poupado. Craster sempre jurou que o mataria se ele desse as caras na Fortaleza. Mance nunca fez metade das coisas que ele fez.

*Tudo que Mance fizera fora liderar um exército contra o reino que ele uma vez jurou proteger*.

– Mance fez seus votos, Goiva. Então virou a casaca, casou-se com Dalla e se coroou Rei-para-lá-da-Muralha. A vida dele está nas mãos do rei agora. Não é sobre ele que preciso falar com você. É sobre o filho dele. O menino de Dalla.

– O bebê? – A voz dela tremeu. – Ele nunca quebrou nenhum juramento, senhor. Ele dorme, chora e mama, e nunca fez mal a alguém. Não deixe que o queimem. Salve-o, por favor.

– Só você pode fazer isso, Goiva – e Jon lhe disse como.

Outra mulher teria gritado com ele, o teria amaldiçoado, condenado aos sete infernos. Outra mulher poderia ter partido para cima dele com raiva, estapeando-o, chutando-o, tentando arrancar seus olhos com as unhas. Outra mulher poderia ter jogado sua ira na cara dele.

Goiva abanou a cabeça.

– Não. Por favor, não.

O corvo imitou a palavra. *Não*, gritou.

– Se você se negar, o menino será queimado. Não amanhã, nem no dia seguinte... mas logo, assim que Melisandre precisar acordar um dragão, convocar o vento, ou fazer algum outro feitiço que precise de sangue real. Quando Mance for cinzas e ossos, ela reivindicará o filho dele para o fogo, e Stannis não negará. Se você não tirar o menino daqui, *ela vai queimá-lo*.

– Eu tiro – disse Goiva. – Eu levo ele. Vou tirar os dois daqui, o menino de Dalla e o meu. – Lágrimas rolaram pelo rosto dela. Se a luz das velas não as tivessem feito brilhar, Jon nunca saberia que ela estava chorando. *As esposas de Craster haviam ensinado suas filhas a derramar as lágrimas no travesseiro. Talvez elas fossem para fora para chorar, longe dos punhos de Craster.*

Jon fechou os dedos da mão na espada.

– Leve os dois meninos e os homens da rainha irão atrás de você para trazê-los de volta. O garoto ainda será queimado... e você com ele. – *Se eu a consolar, ela pode achar que algumas lágrimas podem me fazer mudar de ideia. Ela precisa perceber que não vou ceder.* – Você levará um menino, e será o de Dalla.

– Uma mãe não pode deixar seu filho, ou será amaldiçoada para sempre. Não um filho. Nós salvamos ele, Sam e eu. Por favor. Por favor, senhor. Nós salvamos ele do frio.

– Dizem que congelar até a morte é quase sereno. O fogo, no entanto... você vê a vela, Goiva?

Ela olhou para a chama.

– Sim.

– Toque-a. Coloque sua mão sobre a chama.

Os grandes olhos castanhos da moça ficaram ainda maiores. Ela não se moveu.

– Faça isso. – *Mate o menino*. – Agora.

Tremendo, a garota esticou a mão, mantendo-a bem acima da chama bruxuleante da vela.

– Para baixo. Deixe o fogo beijá-la.

Goiva abaixou sua mão. Um centímetro. Outro. Quando a chama lambeu sua carne, ela puxou a mão para trás e começou a soluçar.

– O fogo é uma maneira cruel de morrer. Dalla morreu para dar à luz o filho, mas você o alimenta e o acalenta. Você salvou seu próprio menino do gelo. Agora salve o dela do fogo.

– Aí eles vão queimar meu bebê. A mulher vermelha. Se ela não tiver o filho de Dalla, ela vai queimar o meu.

– Seu filho não tem sangue real. Melisandre não ganhará nada dando-o para o fogo. Stannis quer que o povo livre lute por ele e não queimará um inocente sem uma boa causa. Seu menino estará seguro. Encontrarei uma ama de leite para ele, e ele será criado aqui no Castelo Negro, sob minha proteção. Ele aprenderá a caçar e a cavalgar, a lutar com a espada, com o machado e com o arco. Providenciarei para que aprenda a ler e escrever. – Sam gostaria disso. – E quando ele tiver idade suficiente, saberá a verdade sobre quem é. E será livre para procurar por você, se for o que ele desejar.

– Você vai transformar ele em um corvo – ela limpou as lágrimas com o dorso da pequena e pálida mão. – Não quero. Não quero.

*Mate o menino*, pensou Jon.

– Você vai. Uma coisa eu lhe prometo: no dia em que queimarem o filho de Dalla, o seu morre também.

*Morre*, gritou o corvo do Velho Urso. *Morre, morre, morre*.

A garota se sentou, curvada e encolhida, olhando para a chama da vela, lágrimas brilhando em seus olhos. Finalmente Jon disse:

– Tem minha permissão para ir. Não fale com ninguém sobre isso, mas esteja pronta para partir uma hora antes da primeira luz. Meus homens irão com você.

Goiva levantou-se. Pálida e sem palavras, partiu sem olhar novamente para ele. Jon ouviu os passos dela enquanto atravessava o arsenal. Estava quase correndo.

Quando foi fechar a porta, Jon viu Fantasma estendido sob uma bigorna, roendo o osso de um boi. O imenso lobo gigante branco o olhou quando ele se aproximou.

– Fazia tempo que você não aparecia. – Ele voltou para sua cadeira, para ler a carta de Meistre Aemon mais uma vez.

Samwell Tarly apareceu um pouco depois, carregando uma pilha de livros. Mal ele entrou o corvo de Mormont voou até ele, exigindo *grão*. Sam fez o melhor que pôde para atendê-lo, oferecendo alguns grãos de milho do saco ao lado da porta. O corvo fez o melhor que pôde para bicar a palma de sua mão. Sam gritou, o pássaro bateu as asas e o milho se espalhou.

– O patife machucou você? – Jon perguntou.

Sam tirou as luvas com cuidado.

– Machucou. Estou *sangrando*.

– Todos derramamos nosso sangue pela Muralha. Use luvas mais grossas – Jon empurrou uma cadeira para ele, com o pé. – Sente-se e dê uma olhada nisto. – Deu o pergaminho para Sam.

– O que é isto?

– Um escudo de papel.

Sam leu devagar.

– Uma carta do Rei Tommen?

– Em Winterfell, Tommen lutou com meu irmão Bran com espadas de madeira – Jon disse, recordando-se. – Sua roupa era tão almofadada que ele parecia um ganso recheado. Bran o derrubou. – Foi até a janela e abriu as persianas. O ar lá fora era frio e estimulante, embora o céu estivesse com uma monótona cor cinza. – E agora Bran está morto, e o rechonchudo e rosado Tommen está sentado no Trono de Ferro, com uma coroa aninhada em seus cachos dourados.

Sam lhe deu um olhar estranho e, por um momento, pareceu querer dizer alguma coisa. Em vez disso, engoliu em seco e voltou ao pergaminho.

– Você não assinou a carta.

Jon balançou a cabeça.

– O Velho Urso implorou ajuda ao Trono de Ferro uma centena de vezes. Enviaram Janos Slynt para ele. Nenhuma carta fará os Lannister gostarem mais de nós. Ainda mais quando ouvirem dizer que estamos ajudando Stannis.

– Somente para defender a Muralha, não em sua rebelião. É o que *diz* aqui.

– A diferença pode escapar a Lorde Tywin. – Jon pegou a carta de volta. – Por que ele nos ajudaria agora? Nunca ajudou antes.

– Bem, ele não vai querer que falem por aí que Stannis cavalgou para defender o reino enquanto o Rei Tommen brincava com seus brinquedos. Isso faria o escárnio cair sobre a Casa Lannister.

– É morte e destruição que quero para a Casa Lannister, não escárnio. – Jon leu a carta. – *A Patrulha da Noite não toma partido nas guerras dos Sete Reinos. Nossos votos são prestados ao reino, e o reino agora está em grande perigo. Stannis Baratheon nos ajudou contra os inimigos para lá da Muralha, embora não sejamos seus homens...*

Sam se contorceu na cadeira.

– Bem, nós *não* somos. Somos?

– Dei comida, abrigo e o Fortenoite para Stannis, e autorização para que estabelecesse pessoas do povo livre na Dádiva. E foi tudo.

– Lorde Tywin dirá que foi muito.

– E Stannis diz que não é o suficiente. Quanto mais você dá a um rei, mais ele quer. Estamos caminhando sobre uma ponte de gelo com abismo

dos dois lados. Agradar um rei já é difícil. Agradar dois é praticamente impossível.

– Sim, mas... se os Lannister ganharem e Lorde Tywin decidir que nós traímos o rei ao ajudar Stannis, isso pode significar o fim da Patrulha da Noite. Ele tem os Tyrell ao seu lado, com a força de Jardim de Cima. E ele derrotou Lorde Stannis na Água Negra.

– A Água Negra foi uma batalha. Robb venceu todas as suas batalhas e mesmo assim perdeu a cabeça. Se Stannis conseguir levantar o Norte...

Sam hesitou e, então, disse:

– Os Lannister também têm nortenhos ao seu lado. Lorde Bolton e seu bastardo.

– Stannis tem os Karstarks. Se ele conseguir o apoio de Porto Branco...

– Se – Sam destacou. – Se não... meu senhor, até mesmo um escudo de papel é melhor do que nenhum.

– Acho que sim. – *Tanto Aemon quanto ele*. De alguma forma, esperara que Sam Tarly pudesse ver de modo diferente. *É somente tinta e pergaminho*. Resignado, pegou a pena e assinou. – Coloque o lacre. – *Antes que eu mude de ideia*. Sam apressou-se em obedecer. Jon colocou o selo de Senhor Comandante e lhe entregou a carta. – Leve isto para Meistre Aemon quando partir e diga para ele despachar uma ave para Porto Real.

– Pode deixar. – Sam parecia aliviado. – Senhor, se me permite perguntar... Vi Goiva saindo daqui. Ela estava quase chorando.

– Val a enviou aqui para pedir por Mance novamente – Jon mentiu, e conversaram um pouco sobre Mance, Stannis e Melisandre de Asshai, até que o corvo comeu o último grão de milho e gritou: *Sangue*.

– Vou mandar Goiva embora – Jon disse. – Ela e o menino. Precisamos encontrar outra ama para seu irmão de leite.

– Leite de cabra servirá, até que você encontre outra. É melhor para um bebê do que leite de vaca. – Falar de peitos deixava Sam claramente desconfortável, e de repente ele começou a contar uma história sobre um rapaz comandante que vivera e morrera havia centenas de anos. Jon o cortou:

– Conte-me algo útil. Fale-me sobre nossos inimigos.

– Os Outros. – Sam passou a língua pelos lábios. – Eles são mencionados nos anais, embora não com tanta frequência quanto eu

imaginava. Isso nos anais que achei e vasculhei. Sei que há outros que ainda não encontrei. Alguns dos livros antigos estão caindo aos pedaços. As páginas se desfazem quando tento virá-las. E os livros *realmente* antigos... ou já se desintegraram, ou estão enterrados em algum lugar que ainda não olhei ou... bem, pode ser que não existam tais livros, nem nunca tenham existido. As histórias mais antigas que temos foram escritas depois que os ândalos chegaram a Westeros. Os Primeiros Homens só nos deixaram runas em pedras, então tudo o que pensamos saber sobre a Era dos Heróis, a Era da Aurora e a Longa Noite vieram de cálculos feitos por septões milhares de anos mais tarde. Há arquimeistres na Cidadela que questionam tudo isso. Essas histórias antigas estão cheias de reis que governaram por centenas de anos e cavaleiros que andaram por aí milhares de anos antes de existirem cavaleiros. Você conhece as histórias, Brandon, o Construtor, Symeon Olhos-de-Estrela, os Reis da Noite... nós dizemos que você é o nonocentésimo nonagésimo oitavo Senhor Comandante da Patrulha da Noite, mas a lista mais antiga que encontrei mostra seiscentos e setenta e quatro comandantes, o que sugere que foi escrita durante...

– Há muito tempo – Jon o interrompeu. – Mas e os Outros?

– Encontrei menções sobre a obsidiana. As crianças da floresta costumavam dar para a Patrulha da Noite cem adagas de obsidiana todos os anos, durante a Era dos Heróis. Os Outros vêm quando está frio, a maior parte das histórias concorda. Ou então fica frio quando eles vêm. Algumas vezes eles aparecem durante tempestades de neve e derretem quando o céu fica limpo. Eles se escondem da luz do sol e emergem à noite... ou então a noite cai quando eles emergem. Algumas histórias falam que eles cavalgam em corpos de animais mortos. Ursos, lobos gigantes, mamutes, cavalos, não importa, desde que o animal esteja morto. Aquele que matou Paul Pequeno cavalgava um cavalo morto, então essa parte é claramente verdadeira. Alguns relatos também falam de aranhas gigantes de gelo. Não sei o que podem ser. Os homens mortos em batalha contra os Outros devem ser queimados, ou levantarão novamente como servos deles.

– Isso já sabemos. A questão é: como lutar contra eles?

– A armadura dos Outros é à prova da maioria das lâminas comuns, se podemos acreditar nas lendas, e suas próprias espadas são tão frias que

quebram o aço. O fogo os assusta, e eles são vulneráveis à obsidiana. Encontrei um relato da Longa Noite que fala do último herói que matou Outros com uma espada de aço de dragão. Aparentemente, eles não podem lutar contra isso.

– Aço de dragão? – O termo era novo para Jon. – Aço *valiriano*?

– Foi minha primeira ideia também.

– Então, se conseguirmos convencer os senhores dos Sete Reinos a nos dar suas espadas valirianas, tudo está salvo? Não será tão difícil. – *Não mais do que pedir a eles que desistam de seu dinheiro e seus castelos*. Deu uma risada amarga. – Você descobriu quem são os Outros, de onde vieram, o que querem?

– Ainda não, senhor, mas pode ser que eu esteja lendo os livros errados. Há centenas que ainda não olhei. Me dê mais tempo e eu encontrarei o que há para ser encontrado.

– Não há mais tempo. Você precisa juntar suas coisas, Sam... Você partirá com Goiva.

– Partir? – Sam olhou para ele de boca aberta, como se não entendesse o significado da palavra. – Vou partir? Para Atalaialeste, senhor? Ou... aonde eu...

– Vilavelha.

– *Vilavelha*? – Sam repetiu, em um guincho agudo.

– Aemon também.

– Aemon? *Meistre* Aemon? Mas... ele tem cento e dois anos de idade, senhor, ele não pode... está enviando ele e eu? Quem vai cuidar dos corvos? Se alguém ficar doente ou ferido, quem...

– Clydas. Ele está com Aemon há anos.

– Clydas é apenas um intendente, e seus olhos estão ficando ruins. Você precisa de um *meistre*. Meistre Aemon é tão frágil, a viagem pelo mar... ele pode... ele é velho, e...

– Sua vida estará em risco. Estou ciente disso, Sam, mas o risco é maior aqui. Stannis sabe quem Aemon é. Se a mulher vermelha precisar de sangue real para seus feitiços...

– Oh! – As bochechas gordas de Sam perderam a cor.

– Dareon se juntará a vocês em Atalaialeste. Minha esperança é que as canções dele conquistem alguns homens para nós no Sul. O *Melro* deixará vocês em Bravos. De lá vocês arranjarão passagem para

Vilavelha. Se ainda pretende alegar que o bebê de Goiva é seu bastardo, envie-a juntamente com a criança para Monte Chifre. Senão, Aemon vai encontrar um lugar para ela como serva na Cidadela.

– Meu b-b-bastardo. Sim, eu.. minha mãe e minhas irmãs ajudarão Goiva com a criança. Dareon pode ir com ela para Vilavelha tão bem quanto eu. Eu... Eu tenho treinado com o arco todas as tardes, com Ulmer, como você mandou... bem, exceto quando estou na abóbada, mas você me disse para pesquisar sobre os Outros. O arco faz meus ombros doerem e levanta bolhas nos meus dedos. – Ele mostrou a mão para Jon. – Mesmo assim, eu treino. Posso acertar o alvo com mais frequência do que antes, mas ainda sou o pior arqueiro que já usou um arco. Gosto das histórias de Ulmer, no entanto. Alguém precisa escrevê-las e colocá-las em um livro.

– Você fará isso. Eles têm pergaminhos e tinta na Cidadela, assim como arcos. Espero que continue a treinar. Sam, a Patrulha da Noite tem centenas de homens que podem atirar uma flecha, mas somente um punhado que sabe ler ou escrever. Preciso que você se torne meu novo meistre.

– Senhor, eu... meu trabalho é aqui, os livros...

– ... ainda estarão aqui quando você retornar para nós.

Sam colocou uma mão na garganta. – Senhor, a Cidadela... eles nos fazem cortar cadáveres. Não posso usar uma corrente.

– Você pode. Você usará. Meistre Aemon está velho e cego. Suas forças o estão abandonando. Quem tomará seu lugar quando ele morrer? Meistre Mullin, na Torre Sombria, é mais guerreiro do que erudito, e Meistre Harmune, em Atalaialeste, vive mais bêbado do que sóbrio.

– Se pedir mais meistres para a Cidadela...

– Pretendo fazer isso. Precisaremos de cada um deles. Mas não é tão fácil substituir Aemon Targaryen. – *Isso não está indo como eu esperava*. Ele sabia que Goiva seria difícil de convencer, mas imaginava que Sam ficaria feliz em trocar os perigos da Muralha pelo calor de Vilavelha. – Eu tinha certeza de que você gostaria disso – ele disse, confuso. – Há tantos livros na Cidadela que nenhum homem pode esperar ler todos. Você se sairá bem lá, Sam. Eu sei que sim.

– Não. Eu poderia ler os livros, mas... um m-meistre precisa ser curandeiro e s-sangue me faz desmaiar. – Sua mão tremia, para provar a

verdade do que ele dizia. – Sou Sam, o Assustado, não Sam, o Matador.

– Assustado? Com o quê? Com censuras de velhos? Sam, você viu as criaturas invadirem o Punho, uma maré de mortos-vivos com mãos negras e brilhantes olhos azuis. Você matou um Outro.

– Foi o v-v-vidro de dragão, não eu.

– Chega! – Jon desistiu de argumentar. Depois de Goiva, ele não tinha paciência para os medos do rapaz gordo. – Você mentiu, maquinou e tramou para me fazer Senhor Comandante. Agora *vai* me obedecer. Irá para a Cidadela e forjará uma corrente, e se tiver que cortar cadáveres, assim será. Pelo menos, em Vilavelha os cadáveres não vão reclamar.

– Meu senhor, meu p-p-pai, Lorde Randyl, ele, ele, ele, ele, ele... a vida de um meistre é uma vida de *servidão*. Nenhum filho da Casa Tarly jamais usará uma corrente. Nenhum homem de Monte Chifre se curva diante de um senhor insignificante. Jon, não posso desobedecer meu *pai*.

*Mate o menino*, Jon pensou. *O menino em você e o menino nele. Mate ambos, seu bastardo maldito*. – Você não tem pai. Somente irmãos. Somente nós. Sua vida pertence à Patrulha da Noite, então vá, coloque suas roupas de baixo em um saco, juntamente com qualquer outra coisa que queira levar para Vilavelha. Vocês partirão antes do nascer do sol. E aqui está outra ordem. Deste dia em diante, você não se chamará de covarde. Você encarou mais coisas no último ano do que a maioria dos homens em toda a vida. Você pode encarar a Cidadela, mas o fará como um Irmão Juramentado da Patrulha da Noite. Não posso ordenar que seja bravo, mas *posso* ordenar que esconda seus medos. Você fez os votos, Sam. Lembra?

– Eu... Eu vou tentar.

– Não vai tentar. Vai obedecer.

*Obedecer*. O corvo de Mormont repetiu e bateu suas grandes asas negras.

Sam pareceu ceder. – Como meu senhor ordena. Meistre... Meistre Aemon sabe?

– Isso foi ideia tanto dele quanto minha – Jon abriu a porta para ele. – Sem despedidas. Quanto menos pessoas souberem disso, melhor. Uma hora antes da primeira luz, junto ao cemitério.

Sam fugiu dele como Goiva havia feito.

Jon estava cansado. *Preciso dormir*. Ele passara metade da noite debruçado sobre mapas, escrevendo cartas e fazendo planos com Meistre Aemon. Mesmo quando se jogou em sua cama estreita, o descanso não veio fácil. Ele sabia o que teria que enfrentar naquele dia, e se pegou virando na cama enquanto meditava sobre as palavras finais de Meistre Aemon. – Permita-me, senhor, dar-lhe um último conselho – o velho falara –, o mesmo conselho que uma vez dei ao meu irmão quando nos separamos pela última vez. Ele tinha trinta e três quando o Grande Conselho o escolheu para assumir o Trono de Ferro. Um homem crescido, com seus próprios filhos, mas em alguns aspectos ainda um menino. Ovo tinha uma inocência, uma doçura que todos amávamos. *Mate o menino em você*, eu disse para ele no dia em que peguei o navio para a Muralha. *É preciso um homem para governar. Um Aegon, não um Ovo. Mate o menino e deixe o homem nascer*. – O velho sentiu o rosto de Jon com as mãos. – Você tem metade da idade que Ovo tinha, e temo que seu fardo seja mais cruel do que o dele. Você terá poucas alegrias com seu comando, mas penso que terá forças para fazer as coisas que precisam ser feitas. Mate o menino, Jon Snow. O inverno está quase sobre nós. Mate o menino e deixe o homem nascer.

Jon vestiu a capa e saiu. Ele fazia rondas no Castelo Negro todos os dias, visitando os homens de guarda e ouvindo seus relatos em primeira mão, observando Ulmer treinar os arqueiros a acertar o alvo, falando tanto com os homens do rei quanto com os homens da rainha, caminhando pelo topo da Muralha, para dar uma olhada na floresta. Fantasma caminhava com ele, uma sombra branca ao seu lado.

Kedge Olho-Branco estava na Muralha quando Jon subiu. Kedge já havia visto uns quarenta dias de seu nome, trinta dos quais na Muralha. Seu olho esquerdo estava cego, o direito mais ou menos. Na natureza, com um machado e um garrano, era tão bom patrulheiro quanto qualquer um da Patrulha, mas nunca se dera bem com outros homens.

– Um dia quieto – disse para Jon. – Nada para informar, exceto os cavaleiros do caminho-errado.

– Cavaleiros do caminho-errado? – Jon perguntou.

Kedge sorriu. – Um par de cavaleiros. Saíram há uma hora, sentido sul, pela estrada do rei. Quando Dywen viu os dois indo embora, disse que os tolos sulistas estavam cavalgando pelo caminho-errado.

– Entendo – disse Jon.

Descobriu mais do próprio Dywen, enquanto o velho patrulheiro tomava uma tigela de caldo de cevadinha no alojamento. – Sim, senhor, eu vi os dois. Horpe e Massey, eram eles. Falaram que Stannis mandou eles saírem, mas não falaram para onde, para quê, ou quando estariam de volta.

Sor Richard Horpe e Sor Justin Massey eram ambos homens da rainha e tinham altos postos no conselho do rei. *Um par de homens comuns seria suficiente se Stannis quisesse fazer algum reconhecimento*, Jon Snow refletiu, *mas cavaleiros são mais indicados para atuar como mensageiros ou enviados*. Cotter Pyke enviara uma carta de Atalaialeste dizendo que o Senhor das Cebolas e Salladhor Saan haviam partido para Porto Branco, para negociar com Lorde Manderly. Fazia sentido que Stannis tivesse despachado outros enviados. Sua Graça não era um homem paciente.

Se os cavaleiros do caminho-errado voltariam era outra questão. Eles podiam ser cavaleiros, mas não conheciam o Norte. *Haverá olhos ao longo da estrada do rei, e nem todos amigáveis*. Mas isso não era problema de Jon. *Deixe Stannis com seus segredos. Os deuses sabem que tenho o meu*.

Fantasma dormiu aos pés de sua cama naquela noite, e por uma vez Jon não sonhou que era um lobo. Mesmo assim, dormiu de forma intermitente, virando-se de um lado para o outro por horas antes de mergulhar em um pesadelo. Goiva estava nele, chorando, implorando que deixasse seus bebês em paz, mas ele tirava as crianças dos braços dela e arrancava suas cabeças, para depois trocá-las e falar para ela costurá-las no lugar.

Quando acordou, encontrou Edd Tollett pairando sobre ele na escuridão do quarto. – Senhor? Já está na hora. A hora do lobo. Deixou ordens para que fosse acordado.

– Traga-me algo quente. – Jon afastou os cobertores.

Edd voltou bem na hora em que ele terminou de se vestir, apertando uma xícara fumegante entre as mãos. Jon esperava vinho quente com especiarias e ficou surpreso ao encontrar sopa, um caldo ralo que cheirava a alho-poró e cenouras, mas que parecia não ter nem alho-poró nem cenouras. *Os cheiros são mais fortes nos meus sonhos de lobo*,

refletiu, *e a comida parece mais saborosa também. Fantasma está mais vivo do que eu*. Deixou a xícara vazia sobre a forja.

Barricas estava em sua porta naquela manhã.

– Quero falar com Bedwyck e com Janos Slynt – Jon lhe disse. – Traga os dois aqui na primeira hora da manhã.

Do lado de fora, o mundo estava negro e imóvel. *Frio, mas não perigosamente frio. Não ainda. Ficará mais quente quando o sol nascer. Se os deuses forem bons, a Muralha vai chorar.* Quando chegaram ao cemitério, a coluna já estava em formação. Jon dera o comando da escolta a Jack Negro Bulwer, com uma dúzia de patrulheiros montados e duas carroças. Uma estava repleta de arcas, engradados e sacos, com provisões para a viagem. A outra tinha um teto estirado de couro fervido para manter o vento do lado de fora. Meistre Aemon estava sentado no fundo desta, encolhido em uma pele de urso que o fazia parecer tão pequeno quanto uma criança. Sam e Goiva estavam por perto. Os olhos dela estavam vermelhos e inchados, mas o menino estava em seus braços, embrulhado apertado. Se era o filho dela ou o de Dalla, ele não tinha certeza. Ele vira os dois juntos apenas algumas vezes. O menino de Goiva era mais velho, o de Dalla mais robusto, mas tinham quase a mesma idade e tamanho, então ninguém sabia dizer muito bem qual era um e qual era o outro.

– Lorde Snow – Meistre Aemon chamou –, deixei um livro para você em meus aposentos. O *Compêndio Jade*. Foi escrito pelo aventureiro volantino Colloquo Votar, que viajou para o leste e visitou todas as terras do Mar de Jade. Há uma passagem que pode interessá-lo. Pedi para que Clydas a marcasse para você.

– Eu certamente lerei.

Meistre Aemon limpou o nariz.

– O conhecimento é uma arma, Jon. Arme-se bem antes de ir para a batalha.

– Farei isso. – Jon sentiu algo molhado e gelado no rosto. Quando ergueu os olhos, viu que estava chovendo. *Um mau presságio*. Virou-se para Jack Negro Bulwer. – Faça no melhor tempo que puder, mas não corra riscos tolos. Você tem um velho e um bebê de peito com você. Mantenha-os aquecidos e bem alimentados.

– Faça o mesmo, senhor. – Goiva não parecia ter nenhuma pressa em subir na carroça. – Faça o mesmo pelo outro. Encontre uma ama de leite para ele, como disse que faria. Prometeu-me isso. O menino... o menino de Dalla... o principezinho, quero dizer... encontre uma boa mulher pra ele, pra que ele cresça grande e forte.

– Você tem minha palavra.

– Não dê nome pra ele. Não até que ele tenha mais de dois anos. Dá azar dar um nome pra eles enquanto ainda estão no peito. Seus corvos não sabem disso, mas é verdade.

– Como desejar, senhora.

– Não me chame assim. Sou uma mãe, não uma senhora. Sou esposa e filha de Craster, e uma *mãe*. – Ela deu o bebê para Edd Doloroso enquanto subia na carroça e se cobria com peles. Quando Edd lhe devolveu a criança, Goiva o colocou no peito. Sam virou o rosto, corado, e subiu em sua égua. – *Vamos* – comandou Jack Black Bulwer, estalando o chicote. As carroças moveram-se adiante.

Sam permaneceu um momento.

– Bem – disse –, até à vista.

– Até à vista, Sam – disse Edd Doloroso. – Não é provável que seu navio afunde, acho. Barcos só afundam quando estou a bordo.

Jon estava recordando.

– Na primeira vez que vi Goiva, ela estava encostada na parede da Fortaleza de Craster, uma menina magrela de cabelos escuros, com a barriga grande, encolhida de medo do Fantasma. Ele tinha se metido entre os coelhos dela, e acho que ela tinha medo que ele a abrisse e devorasse seu bebê... mas não era do lobo que ela tinha que ter medo, não é mesmo?

– Ela tem mais coragem do que imagina – Sam disse.

– E você também, Sam. Faça uma viagem rápida e segura, e cuide dela, de Aemon e da criança. – O frio escorrendo por seu rosto fez Jon lembrar-se do dia em que se despediu de Robb, em Winterfell, sem imaginar que seria a última vez. – E puxe o capuz. Os flocos de neve estão derretendo em seu cabelo.

Quando a pequena coluna diminuiu com a distância, o céu oriental tinha ido de negro a cinza e a neve caía pesadamente.

– O Gigante estará esperando as ordens do Senhor Comandante – Edd Doloroso o lembrou. – E Janos Slynt também.

– Sim. – Jon Snow deu uma olhada para a Muralha, erguendo-se sobre eles como um penhasco de gelo. *Quinhentos quilômetros de ponta a ponta, e mais de duzentos metros de altura*. A força da Muralha estava em sua altura; o comprimento da Muralha era sua fraqueza. Jon se lembrou de algo que o pai lhe dissera certa vez. *Uma muralha é tão forte quanto os homens que estão atrás dela*. Os homens da Patrulha da Noite eram suficientemente corajosos, mas estavam longe de ser em número suficiente para a tarefa que tinham pela frente.

O Gigante o esperava no arsenal. Seu nome verdadeiro era Bedwyck. Com um fio de cabelo acima de um metro e meio, era o menor homem da Patrulha da Noite. Jon foi direto ao ponto.

– Precisamos de mais olhos na Muralha. As fortalezas são o lugar em que nossas patrulhas podem se abrigar do frio e encontrar comida quente. Vou colocar uma guarnição em Marcagelo e darei o comando dela para você.

O Gigante colocou a ponta do dedo mínimo no ouvido para limpá-lo da cera.

– Comando? Eu? O senhor sabe que sou só um arrendatário que veio para a Muralha por caça ilegal?

– Você é patrulheiro há uma dúzia de anos. Sobreviveu ao Punho dos Primeiros Homens e à Fortaleza de Craster, e voltou para contar a história. Os homens mais jovens se espelham em você.

O homenzinho sorriu.

– Só anões se espelham em mim. Não sei ler, senhor. Em um dia bom, posso escrever meu nome.

– Pedi mais meistres para Vilavelha. Você terá dois corvos para casos urgentes. Quando não for emergência, pode mandar patrulheiros. Até que tenhamos mais meistres e mais aves, pretendo fazer uma linha de faróis ao longo do topo da Muralha.

– E quantos pobres tolos vou comandar?

– Vinte, da Patrulha – disse Jon –, e metade disso de homens de Stannis. – *Velhos, inexperientes ou feridos*. – Eles não serão seus melhores homens e nenhum deles vestirá o negro, mas vão obedecer. Faça o uso que desejar deles. Quatro dos irmãos que vou mandar com

você serão de Porto Real, que vieram para a Muralha com Lorde Slynt. Mantenha um olho neles e vigie os escaladores com o outro.

– Podemos vigiar, senhor, mas se escaladores suficientes chegarem ao topo da Muralha, trinta homens não vão conseguir derrubá-los.

*Trezentos homens podem não ser o suficiente*. Jon manteve aquela dúvida para si mesmo. Era verdade que escaladores eram muito vulneráveis durante a subida. Pedras, lanças e barris de piche ardente podiam ser derramados de cima, e tudo o que eles podiam fazer era se agarrar desesperadamente ao gelo. Algumas vezes, a própria Muralha os repelia, como um cachorro se abana para se livrar das pulgas. Jon havia visto isso com seus próprios olhos, quando uma camada de gelo rachou sob o amante de Val, Jarl, e o mandou para a morte.

No entanto, se os escaladores chegassem ao topo da Muralha sem ser notados, tudo mudava. Com tempo, eles podiam escavar pontos de apoio para os pés, fazendo baluartes dos quais podiam atirar cordas e escadas para que milhares subissem depois deles. Fora assim que Raymun Barbarruiva fizera, Raymun que havia sido Rei-para-lá-da-Muralha nos dias do avô de seu avô. Jack Musgood era o Senhor Comandante naquela época. Jack Alegre era como o chamavam antes que Barbarruiva viesse do Norte; tornou-se Jack Sonolento para sempre, depois disso. O grupo de Raymun encontrara um fim sangrento nas margens do Lago Longo, pego entre Lorde Willam de Winterfell e o Gigante Bêbado, Harmond Umber. Barbarruiva foi morto por Artos, o Implacável, irmão mais novo de Lorde Willam. A Patrulha chegou tarde demais para combater os selvagens, mas a tempo de enterrá-los, tarefa que Artos Stark designou para eles, em sua ira, enquanto velava o cadáver sem cabeça do irmão.

Jon não pretendia ser lembrado como o Sonolento Jon Snow.

– Trinta homens são uma chance melhor do que nenhum – disse ao Gigante.

– Isso é verdade – o homenzinho respondeu. – Vai ser só Marcagelo, ou o senhor vai abrir os outros fortes também?

– Pretendo guarnecer todos eles, com o tempo – disse Jon –, mas por enquanto serão apenas Marcagelo e Guardagris.

– E o senhor já decidiu quem vai comandar Guardagris?

– Janos Slynt – falou Jon. *Que os deuses nos ajudem*. – Um homem não ganha o comando dos mantos dourados sem alguma habilidade. Slynt

nasceu filho de um açougueiro. Era capitão dos Portões de Ferro quando Manly Stokeworth morreu, e Jon Arryn o promoveu e colocou a defesa de Porto Real nas mãos dele. Lorde Janos não pode ser um tolo tão grande quanto parece. – *E eu o quero longe de Alliser Thorne*.

– Pode ser que seja assim – disse o Gigante –, mas eu ainda mandaria ele para as cozinhas, para ajudar Hobb Três-Dedos a cortar nabos.

*Se fizer isso, nunca mais ousarei comer outro nabo.*

Metade da manhã se passara antes que Lorde Janos se apresentasse, como lhe fora ordenado. Jon estava limpando Garralonga. Alguns homens davam essa tarefa para um intendente ou um escudeiro, mas Lorde Eddard ensinara os filhos a cuidar das próprias armas. Quando Barricas e Edd Doloroso chegaram com Slynt, Jon agradeceu-lhes e convidou Lorde Janos a se sentar.

Foi o que ele fez, com pouca elegância, cruzando os braços, carrancudo, e ignorando o aço nu nas mãos do Senhor Comandante. Jon deslizou o oleado pela espada bastarda, observando as luzes da manhã brincando em suas ondulações, pensando em quão fácil a lâmina atravessaria pele, gordura e tendões para separar a cabeça feia de Slynt de seu corpo. Todos os crimes de um homem eram esquecidos quando ele vestia o negro, assim como todas as alianças, ainda assim era difícil pensar em Janos Slynt como um irmão. *Há sangue entre nós. Esse homem ajudou a assassinar meu pai e fez o melhor que pôde para me matar também.*

– Lorde Janos – Jon embainhou a espada –, estou lhe dando o comando de Guardagris.

Aquilo pegou Slynt de surpresa.

– Guardagris... Guardagris foi onde você escalou a Muralha com seus amigos selvagens...

– Foi. A fortaleza está em estado lamentável, sem dúvida. Você vai restaurá-la da melhor maneira que puder. Comece limpando a floresta, afastando-a. Pegue pedras das estruturas que caíram para reparar as que ainda estão em pé. – *O trabalho será brutal*, ele podia ter dito. *Você dormirá na pedra, cansado demais para reclamar ou tramar, e logo vai esquecer o que é se sentir aquecido, mas poderá se lembrar de como é ser um homem*. – Você terá trinta homens. Dez daqui, dez da Torre Sombria e dez emprestados pelo Rei Stannis.

O rosto de Slynt ficou cor de ameixa. Sua papada começou a tremer.

– Você acha que não vejo o que está fazendo? Janos Slynt não é homem para ser enganado tão facilmente. Eu cuidava da defesa de Porto Real enquanto você ainda se sujava em seus panos. Fique com sua ruína, bastardo.

*Estou lhe dando uma chance, senhor. É mais do que deu para meu pai.*

– Engana-se comigo, senhor – Jon disse. – Isto é uma ordem, não uma oferta. São mais de duzentos quilômetros até Guardagris. Embale suas armas e armadura, faça suas despedidas e esteja pronto para partir na primeira luz da manhã.

– Não. – Lorde Janos levantou-se abruptamente, derrubando a cadeira para trás. – *Não* vou partir humildemente para congelar e morrer. Nenhum bastardo de um traidor vai dar ordens para Janos Slynt! Não estou sem amigos, fique sabendo. Aqui e em Porto Real também. Eu era Senhor de Harrenhal! Dê sua ruína para um dos tolos cegos que atiram uma pedra por você, porque eu não vou para lá. Você me ouviu, rapaz? *Não vou para lá!*

– Você vai.

Slynt não se dignou a responder, mas chutou a cadeira para o lado quando saiu.

*Ele ainda me vê como um garoto*, Jon pensou, *um garoto inexperiente que pode ser intimidado por palavras raivosas*. Ele só podia esperar que uma noite de sono trouxesse um pouco de juízo a Lorde Janos.

A manhã seguinte provou que suas esperanças eram vãs.

Jon encontrou Slynt quebrando o jejum no salão comum. Sor Alliser Thorne estava com ele, e vários de seus comparsas. Estavam rindo de algo quando Jon desceu os degraus acompanhado de Emmett de Ferro e Edd Doloroso e, atrás deles, Mully, Cavalo, Jack Caranguejo Vermelho, Rusty Flowers e Owen, o Idiota. Hobb Três-Dedos estava servindo mingau de aveia de seu caldeirão. Homens da rainha, homens do rei e irmãos negros sentavam em mesas separadas, alguns debruçados sobre suas tigelas, outros enchendo a barriga de pão frito e bacon. Jon viu Pyp e Green em uma mesa, Bowen Marsh em outra. O ar cheirava a fumaça e gordura, e o barulho de facas e colheres ecoava pelo teto abobadado.

Todas as vozes morreram ao mesmo tempo.

– Lorde Janos – Jon disse –, vou lhe dar uma última chance. Abaixe a colher e vá para os estábulos. Seu cavalo já está com sela e freio. É um longo e difícil caminho para Guardagris.

– Então é melhor se colocar a caminho, garoto. – Slynt riu, com mingau escorrendo pelo peito. – Guardagris é um bom lugar para pessoas como você, estou pensando. Bem longe de gente decente e boa. A marca da besta está em você, bastardo.

– Está se recusando a obedecer minha ordem?

– Você pode enfiar sua ordem no seu rabo bastardo – disse Slynt, com a papada tremendo.

Alliser Thorne deu um tênue sorriso, os olhos negros fixos em Jon. Em outra mesa, Godry, o Matador de Gigantes, começou a rir.

– Como desejar. – Jon acenou para Emmett de Ferro. – Por favor, leve Lorde Janos para a Muralha...

… *e confine-o em uma cela de gelo*, ele poderia ter dito. Um dia ou dez apertado dentro do gelo, e ele ficaria trêmulo e febril, implorando para ser libertado, Jon não tinha dúvidas. E no momento em que estivesse fora, ele e Thorne começariam a tramar novamente.

… *e amarre-o ao seu cavalo*, ele poderia ter dito. Se Slynt não desejava ir para Guardagris como comandante, poderia ir como cozinheiro. Mas seria apenas questão de tempo até que ele desertasse. E quantos outros levaria com ele?

… *e enforque-o*, Jon completou.

O rosto de Janos Slynt ficou branco como leite. A colher caiu de seus dedos. Edd e Emmett cruzaram o salão, seus passos ecoando no chão de pedra. Bowen Marsh abriu e fechou a boca, mas as palavras não saíram. Sor Alliser Thorne alcançou o punho da espada. *Vamos lá*, Jon pensou. Garralonga estava pendurada em suas costas. *Mostre seu aço. Me dê motivo para fazer o mesmo*.

Metade dos homens no salão estava em pé. Cavaleiros sulistas e homens em armas, leais ao Rei Stannis ou à mulher vermelha, ou a ambos, e Irmãos Juramentados da Patrulha da Noite. Alguns haviam escolhido Jon para ser Senhor Comandante deles. Outros haviam colocado suas pedras para Bowen Marsh, Sor Denys Mallister, Cotter Pyke... e alguns para Janos Slynt. *Centenas deles, se me lembro bem*. Jon

se perguntava quantos deles estariam naquele porão. Por um momento, o mundo ficou equilibrado no fio da espada.

Alliser Thorne tirou a mão da espada e deu um passo para trás, para deixar Edd Doloroso passar.

Edd Doloroso segurou Slynt por um braço, Emmett de Ferro pelo outro. Juntos, arrancaram-no do banco.

– Não! – Lorde Janos protestou, cuspindo mingau. – Não! Solte-me. Ele é só um garoto, um bastardo. O pai dele era um traidor. A marca da besta está nele, aquele lobo... Soltem-me! Vão lamentar o dia que colocaram as mãos em Janos Slynt. Tenho amigos em Porto Real. Estou avisando. – Ele ainda estava protestando, conforme eles meio andavam, meio o arrastavam pelos degraus.

Jon os seguiu para fora. Atrás dele, o porão havia se esvaziado. Na gaiola, Slynt conseguiu escapar por um momento e tentou lutar, mas Emmett de Ferro o pegou pela garganta e apertou-o contra as barras de ferro até que desistisse. Nesse momento, todo o Castelo Negro já estava do lado de fora para assistir. Até Val estava em sua janela, com a longa trança dourada em um ombro. Stannis estava em pé nos degraus da Torre do Rei, cercado por seus cavaleiros.

– Se o rapaz acha que pode me assustar, está enganado – ouviram Lorde Janos dizer. – Ele não ousará me enforcar. Janos Slynt tem amigos, amigos importantes, vocês verão... – o vento levou embora o resto de suas palavras.

*Isto está errado*, Jon pensou.

– Pare.

Emmett virou-se, franzindo a testa.

– Senhor?

– Não vou enforcá-lo – Jon disse. – Traga-o aqui.

– Oh, os Sete nos salvaram – ele ouviu Bowen Marsh gritar.

O sorriso que Lorde Janos Slynt deu tinha toda a doçura de manteiga rançosa. Até que Jon disse:

– Edd, traga-me um bloco – e desembainhou Garralonga.

Enquanto um bloco adequado para corte estava sendo procurado, Lorde Janos voltou para dentro da gaiola, mas Emmett de Ferro foi atrás dele e o arrancou de lá.

– Não! – gritou Slynt, enquanto Emmett meio o empurrava meio o puxava pelo pátio. – Solte-me... vocês não podem... quando Lorde Tywin Lannister ouvir falar disso, vocês todos estarão...

Emmett chutou suas pernas para derrubá-lo. Edd Doloroso colocou um pé em suas costas para mantê-lo de joelhos, enquanto Emmett posicionava o bloco sob sua cabeça.

– Isto será mais fácil se você ficar quieto – Jon prometeu para ele. – Mova-se para evitar o corte e você ainda morrerá, mas sua morte será mais feia. Estique o pescoço, senhor. – A luz clara do sol da manhã correu pela lâmina enquanto Jon tirou a espada bastarda da bainha com as duas mãos e a levantou. – Se tem alguma última coisa para dizer, agora é a hora de falar – disse, esperando uma última maldição.

Janos Slynt virou o pescoço para encará-lo.

– Por favor, senhor. Perdão. Eu... Eu irei, eu vou, eu...

*Não*, pensou Jon. *Você fechou esta porta*. Garralonga desceu.

– Posso ficar com as botas dele? – perguntou Owen, o Idiota, enquanto a cabeça de Janos Slynt rolava pelo chão lamacento. – Estão quase novas, essas botas. Forradas com pele.

Jon olhou para Stannis. Por um instante, seus olhos se encontraram. Então o rei assentiu com a cabeça e voltou para dentro de sua torre.

# Tyrion

Ele acordou sozinho e encontrou a liteira parada.

Uma pilha de almofadas amassadas indicava o lugar em que Illyrio estivera esparramado. A garganta do anão estava seca e raspando. Ele sonhara... o que sonhara? Não se lembrava.

Do lado de fora, vozes falavam em um idioma que não conhecia. Tyrion balançou as pernas através das cortinas, pulou no chão e encontrou Magíster Illyrio parado ao lado de dois cavaleiros montados. Ambos vestiam camisas de couro puído, sob capas de lã marrom-escura, mas suas espadas estavam embainhadas e o homem gordo não parecia estar em perigo.

– Preciso mijar – o anão anunciou. Bamboleou para fora da estrada, desatou os calções e se aliviou em um emaranhado de espinhos. Levou um longo tempo.

– Ele mija bem, pelo menos – uma voz observou.

Tyrion sacudiu as últimas gotas e ajeitou a roupa.

– Mijar é o menor dos meus talentos. Você devia me ver cagar. – Virou-se para Magíster Illyrio. – Esses dois são seus conhecidos, Magíster? Parecem fora da lei. Devo pegar meu machado?

– Seu machado? – exclamou o cavaleiro maior, um homem forte com uma barba desgrenhada e um nada discreto cabelo laranja. – Ouviu isso, Haldon? O homenzinho quer lutar com a gente!

Seu companheiro era mais velho, bem barbeado, com um rosto alinhado e ascético. Seu cabelo estava puxado para trás e preso em um nó sobre a cabeça.

– Homens pequenos frequentemente precisam provar sua coragem com ostentações inconvenientes – declarou. – Duvido que consiga matar um pato.

Tyrion encolheu os ombros.

– Traga o pato.

– Se insiste – o cavaleiro deu uma olhada para seu companheiro.

O homem forte desembainhou a espada bastarda.

– Eu sou Pato, seu pequeno saco de mijo tagarela.

*Oh, deuses, sejam bons.*

– Eu tinha um pato *menor* em mente.

O homem grande caiu na gargalhada.

– Ouviu isso, Haldon? Ele quer um pato menor!

– Eu me contentaria com um mais calado. – O homem chamado Haldon estudou Tyrion com frios olhos cinzentos antes de virar-se para Illyrio. – Você tem alguns baús para nós?

– E mulas para carregá-los.

– Mulas são muito lentas. Temos cavalos de carga, colocaremos os baús neles. Pato, cuide disso.

– Por que é sempre o Pato que cuida das coisas? – O homem grande colocou a espada de volta na bainha. – Do que *você* cuida, Haldon? Quem é o cavaleiro aqui, você ou eu? – Mesmo assim, saiu pisando duro em direção às mulas.

– Como nosso rapaz está? – perguntou Illyrio enquanto a bagagem era amarrada. Tyrion contou seis baús de carvalho com fechos de ferro. Pato deslocava-os facilmente, apoiando-os em um ombro.

– Está tão alto quanto Griff agora. Três dias atrás ele derrubou Pato em um cocho de cavalo.

– Eu não fui *derrubado*. Eu caí para fazer ele rir.

– Sua tática foi um sucesso – disse Haldon. – Eu ri.

– Tem um presente para o garoto em um dos baús. Um pouco de gengibre caramelizado. Ele sempre adorou isso. – Illyrio soou estranhamente triste. – Pensei que poderia continuar com vocês até Ghoyan Drohe. Uma festa de despedida antes de começarem a descer o rio...

– Não temos tempo para festas, senhor – falou Haldon. – Griff pretende atacar rio abaixo no instante que voltarmos. Notícias estão chegando do rio acima, e nenhuma delas é boa. Dothrakis têm sido vistos no norte do Lago Adaga, batedores do antigo *khalasar* de Motho, e Khal Zekko não está longe dele, movendo-se pela Floresta de Qohor.

O gordo fez um barulho rude.

– Zekko visita Qohor a cada três ou quatro anos. Os qohoriks dão um saco de ouro para ele, e ele volta para o leste. Quanto a Motho, seus homens são quase tão velhos quanto ele, e são menos numerosos a cada ano. A ameaça é...

– … Khal Pono – Haldon completou. – Motho e Zekko fogem dele, se os boatos são verdadeiros. Os últimos relatos dizem que Pono está perto da cabeceira do Selhoru, com um *khalasar* de trinta mil. Griff não quer correr o risco de ser pego na travessia se Pono decidir aventurar-se no Roine. – Haldon deu uma olhada para Tyrion. – Seu anão cavalga tão bem quanto mija?

– Cavalga – Tyrion interrompeu, antes que o senhor do queijo pudesse responder por ele –, embora cavalgue melhor com uma sela especial e um cavalo que conheça bem. Ah, e ele fala também.

– Que assim seja. Sou Haldon, o curandeiro do nosso pequeno grupo de irmãos. Alguns me chamam Meiomeistre. Meu companheiro é Sor Pato.

– Sor *Rolly* – disse o homem grande –, Rolly Patodocampo. Qualquer cavaleiro pode sagrar um cavaleiro, e Griff me sagrou. E você, anão?

Illyrio respondeu rapidamente:

– Yollo, é o nome dele.

*Yollo? Yollo parece um nome que alguém daria a um macaco.* Pior, era um nome pentoshi, e qualquer tolo podia ver que Tyrion não era pentoshi.

– Em Pentos, sou Yollo – disse rapidamente, para ajeitar a história da melhor maneira possível –, mas minha mãe me deu o nome de Hugor Hill.

– Você é um pequeno rei ou um pequeno bastardo? – perguntou Haldon.

Tyrion percebeu que deveria ser cuidadoso perto do Meiomeistre Haldon.

– Todo anão é um bastardo aos olhos de seu pai.

– Sem dúvida. Bem, Hugor Hill, me responda essa. Como Serwyn do Escudo Espelhado matou o dragão Urrax?

– Ele se aproximou atrás de seu escudo. Urrax viu somente seu próprio reflexo até que Serwyn espetou a lança através do olho do animal.

Haldon não estava impressionado.

– Até Pato conhece essa história. Você sabe me dizer o nome do cavaleiro que tentou o mesmo truque com Vhagar durante a Dança dos

Dragões?

Tyrion sorriu.

– Sor Byron Swann. Mas ele foi assado, para seu azar... só que o dragão era Syrax, não Vhagar.

– Sinto que esteja enganado. Em *A Dança dos Dragões – uma história verdadeira*, Meistre Munkun escreve...

– ... que era Vhagar. Grande Meistre Munkun estava errado. O escudeiro de Sor Byron viu seu mestre morrer e escreveu para a filha contando de que maneira isso aconteceu. O relato diz que foi Syrax, a dragão-fêmea de Rhaenyra, o que faz mais sentido do que a versão de Munken. Swann era filho de um senhor manifestante, e Ponta Tempestade estava por Aegon. Vhagar era cavalgada pelo Príncipe Aemond, irmão de Aegon. Por que Swann iria querer matá-la?

Haldon apertou os lábios.

– Tente não cair do cavalo. Se fizer isso, melhor bambolear de volta para Pentos. Nossa donzela tímida não espera por nenhum homem ou anão.

– Donzelas tímidas são meu tipo favorito. Juntamente com as devassas. Diga-me, para onde as putas vão?

– Eu pareço homem que frequenta putas?

Pato riu ironicamente.

– Ele não se atreve. Lemore faria ele rezar por perdão, o garoto ia querer ir junto, e Griff pode cortar o pau dele e enfiar garganta abaixo.

– Bem – disse Tyrion –, um meistre não precisa de um pau.

– Mas Haldon é só meiomeistre.

– Parece que você acha o anão divertido, Pato – disse Haldon. – Ele pode cavalgar com você. – E virou abruptamente sua montaria.

Levou mais algum tempo para que Pato terminasse de amarrar os baús de Illyrio nos três cavalos de carga. Quando terminou, Haldon tinha desaparecido. Pato pareceu despreocupado. Subiu na sela, pegou Tyrion pelo colarinho e colocou o homenzinho sentado em sua frente.

– Segure o cepilho com firmeza e se sairá bem. A égua tem uma marcha tranquila, e o caminho do dragão é suave como o traseiro de uma donzela – apanhando as rédeas com a mão direita e a guia com a esquerda, Sor Rolly partiu em trote rápido.

– Boa sorte! – Illyrio gritou atrás deles. – Diga ao garoto que sinto não estar presente no casamento dele. Vejo vocês de novo em Westeros. Juro pelas mãos da minha doce Serra.

Na última vez que Tyrion Lannister viu Illyrio Mopatis, o Magíster estava em pé ao lado da liteira, com suas vestes brocadas e os enormes ombros caídos. Conforme sua imagem diminuiu em meio à poeira, o senhor do queijo chegou a parecer quase pequeno.

Pato alcançou Meiomeistre Haldon quatrocentos metros adiante. Depois disso, os cavaleiros seguiram lado a lado. Tyrion agarrava-se ao cepilho, com as pernas curtas abertas desajeitadamente, sabendo que mais adiante poderia procurar por bolhas, câimbras e úlceras da sela.

– Eu me pergunto o que os piratas do Lago Adaga farão ao nosso anão – Haldon disse enquanto cavalgavam.

– Ensopado de anão? – sugeriu Pato.

– Urho, o Sembanho, é o pior deles – confidenciou Haldon. – Seu mau cheiro sozinho é capaz de matar um homem.

Tyrion encolheu os ombros.

– Ainda bem que não tenho nariz.

Haldon lhe deu um leve sorriso.

– Se encontrarmos a Senhora Korra no *Dentes de Hag*, você logo estará sem outras partes também. Korra, a Cruel, ela é chamada. Seu navio é tripulado por belas e jovens donzelas que castram todos os machos que capturam.

– Terrível. Eu bem que posso mijar nos calções.

– Melhor não – Pato advertiu, sombriamente.

– Como preferir. Se encontrarmos essa Senhora Korra, vou simplesmente escorregar para dentro de uma saia e dizer que sou Cersei, a famosa beleza barbada de Porto Real.

Dessa vez Pato riu, e Haldon disse:

– Que sujeitinho engraçado você é, Yollo. Dizem que o Senhor Mascarado dará uma bênção para quem puder fazê-lo rir. Talvez Sua Graça Cinza escolha você para ornamentar seu tribunal de pedra.

Pato olhou para o companheiro, inquieto:

– Não é bom fazer graça com isso, não quando estamos tão perto do Roine. Ele ouve.

– Sabedoria de um pato – disse Haldon. – Perdoe-me, Yollo. Não precisa ficar pálido, eu estava só brincando. O Príncipe dos Sofrimentos não dará seu suave beijo gris.

*Seu beijo gris*. O pensamento fez sua pele arrepiar-se. A morte perdera o terror para Tyrion Lannister, mas escamagris era outra coisa. *O Senhor Mascarado é apenas uma lenda*, disse para si mesmo, *não mais real do que o fantasma de Lann, o Esperto, que alguns acham que assombra Rochedo Casterly*. Mesmo assim, segurou a língua.

O súbito silêncio do anão passou despercebido, enquanto Pato começou a deliciá-lo com sua própria história de vida. Seu pai fora um armeiro em Ponteamarga, disse, então ele nascera com o som do aço nos ouvidos e começou a praticar esgrima em idade precoce. Um rapaz tão grande e promissor logo chamou a atenção de Lorde Caswell, que ofereceu para ele um lugar em sua guarnição, mas o garoto teria querido mais. Viu o filho fracote de Caswell ser nomeado pajem, escudeiro e, finalmente, cavaleiro.

– Um cara-furada magrelo e vagabundo, ele era, mas o velho senhor tinha apenas quatro filhas e um único filho, então ninguém podia dizer uma palavra contra ele. Os outros escudeiros dificilmente se atreviam a levantar um dedo contra ele no pátio.

– Mas você não era tão tímido quanto eles. – Tyrion podia ver facilmente para onde a história caminhava.

– Meu pai fez uma espada longa para mim, para marcar o décimo-sexto dia do meu nome – disse Pato –, mas Lorent gostou tanto dela que pegou-a para si, e meu maldito pai não se atreveu a dizer não. Quando eu reclamei, Lorent disse na minha cara que minha mão tinha sido feita para segurar um martelo, não uma espada. Então peguei um martelo e bati nele até que ficasse com as duas pernas e metade das costelas quebradas. Depois disso, tive que deixar a Campina o mais rápido possível. Atravessei o mar e me juntei à Companhia Dourada. Trabalhei na forja por uns anos, como aprendiz, então Sor Harry Strickland me tomou como escudeiro. Quando Griff mandou uma carta rio abaixo dizendo que precisava de alguém para treinar seu filho nas armas, Harry me mandou.

– E Griff sagrou você cavaleiro?

– Um ano mais tarde.

Meiomeistre Haldon deu um leve sorriso.

– Conte para seu amiguinho como você arranjou seu nome, por que não?

– Um cavaleiro precisa de mais do que apenas um nome – o homem grande insistiu – e, bem, estávamos em um campo quando ele me sagrou, e eu olhei para cima e vi esses patos, então... não ria agora.

Logo após o pôr do sol, eles deixaram a estrada para descansar em uma área coberta ao lado de um velho poço de pedra. Tyrion pulou do cavalo para esticar as pernas e se livrar das câimbras, enquanto Pato e Haldon davam água para os cavalos. Uma grama dura e marrom e plantas daninhas brotavam entre os espaços do piso, e havia paredes cobertas de musgo do que poderia ter sido uma grande mansão de pedra. Depois que os animais foram tratados, os cavaleiros repartiram uma ceia simples de carne de porco salgada e feijões brancos frios, empurrados para baixo com cerveja. Para Tyrion, a refeição singela foi uma agradável mudança depois da farta comida partilhada com Illyrio.

– Estes baús que trouxemos para vocês – disse o anão enquanto mastigavam. – Ouro para a Companhia Dourada, pensei primeiramente, até ver Sor Rolly carregando-os em um ombro. Se estivessem cheios de moedas, não poderiam ser levantados com tanta facilidade.

– São apenas armaduras – Pato disse, com um encolher de ombros.

– E roupas também – Haldon interrompeu. – Roupas da corte, para todo o nosso grupo. Finas lãs, veludos, capas de seda. Ninguém quer chegar diante da rainha parecendo um mendigo... nem de mãos vazias. O Magíster foi gentil o suficiente para nos providenciar presentes adequados.

Com o nascer da lua, eles voltaram para suas selas, trotando para leste sob um manto de estrelas. A velha estrada valiriana brilhava diante deles como uma longa fita prateada enroscando-se por bosques e pequenos vales. Por um instante, Tyrion Lannister sentiu-se quase em paz.

– Lomas Longstrider disse a verdade. A estrada é uma maravilha.

– Lomas Longstrider? – perguntou Pato.

– Um escriba, morto há muito tempo – disse Haldon. – Passou a vida viajando pelo mundo e escrevendo sobre as terras que visitou em dois livros, que chamou de *Maravilhas* e *Maravilhas Feitas pelo Homem*.

– Um tio me deu esses livros quando eu ainda era menino – disse Tyrion. – Eu os li até que caíssem aos pedaços.

– *Os deuses fizeram sete maravilhas, e o homem mortal fez nove* – citou o Meiomeistre. – Muito ímpio da parte do homem mortal fazer dois a mais que os deuses, mas aí estão. A estrada de pedra de Valíria é uma das nove de Longstrider. A quinta, eu acho.

– A quarta – disse Tyrion, que sabia todas as dezesseis de memória desde menino. Seu tio Gerion gostava de colocá-lo sobre a mesa durante as festas para que pudesse recitá-las. *Eu gostava bastante disso, não gostava? Ficar parado ali entre os convidados, todos os olhos sobre mim, provando que anãozinho esperto eu era*. Por anos depois disso, ele acalentou o sonho de um dia viajar pelo mundo e ver as maravilhas de Longstrider com seus próprios olhos.

Lorde Tywin pusera um fim nessa esperança dez dias antes do décimo-sexto dia do nome do anão, quando Tyrion pediu para viajar pelas Nove Cidades Livres, como seus tios haviam feito com a mesma idade.

– Meus irmãos jamais trariam vergonha para a Casa Lannister – seu pai replicara. – Nenhum deles se casou com uma puta.

E quando Tyrion o lembrou que em dez dias seria um homem feito, livre para viajar para onde desejasse, Lorde Tywin disse:

– Nenhum homem é livre. Somente crianças e tolos pensam o contrário. Vá pelos seus meios. Vista uma roupa quadriculada e fique de cabeça para baixo para divertir os senhores das especiarias e os reis do queijo. Só tenha certeza de poder se manter, e coloque de lado qualquer ideia de voltar para cá.

Diante disso, a rebeldia do rapaz se esfacelou.

– Se quer uma ocupação útil, terá uma ocupação útil – disse então seu pai.

Para marcar sua entrada na vida adulta, Tyrion ficou responsável por todos os drenos e cisternas de Rochedo Casterly. *Talvez ele esperasse que eu caísse em um deles*. A sorte de Tywin o desapontou daquela vez. Os drenos nunca funcionaram tão bem como na época em que o anão esteve a cargo deles.

*Preciso de uma taça de vinho, para lavar o gosto de Tywin da minha boca. Um odre de vinho seria até melhor.*

Eles cavalgaram a noite toda, com Tyrion dormindo de modo irregular, cochilando contra o cepilho e acordando repentinamente. De tempos em tempos, ele começava a escorregar para um dos lados da sela, mas Sor

Rolly o pegava e o colocava no lugar novamente. Ao amanhecer, as pernas do anão doíam e suas nádegas estavam esfoladas e em carne viva.

No dia seguinte, alcançaram Ghoyan Drohe, bem ao lado do rio.

– O lendário Roine – disse Tyrion, quando vislumbrou o lento curso d'água verde de cima de uma elevação.

– O Pequeno Roine – disse Pato.

– É isso. – *Um rio bastante agradável, suponho, mas o menor ramo do Tridente é duas vezes mais largo, e todos os três correm mais rápido*. A cidade tampouco impressionava. Ghoyan Drohe nunca fora grande, Tyrion lembrava das histórias, mas havia sido um lugar bom, verde e florido, uma cidade de canais e fontes. *Até a guerra. Até que os dragões vieram*. Mil anos depois, os canais estavam obstruídos pelo junco e pela lama, e as piscinas de água estagnada davam origem a enxames de moscas. As pedras quebradas de templos e palácios afundavam de volta para a terra, e velhos e retorcidos salgueiros cresciam grossos ao longo da margem do rio.

Algumas pessoas ainda permaneciam em meio à miséria, cuidando de pequenos jardins entre o mato. O som das ferraduras na velha estrada valiriana mandou muitos deles correndo de volta para os buracos de onde tinham rastejado, mas os mais ousados permaneceram ao sol por tempo suficiente para olhar os cavaleiros que passavam com embotados olhos indiferentes. Uma menina nua, com lama até os joelhos, não conseguia tirar os olhos de Tyrion. *Ela nunca viu um anão antes,* ele percebeu, *muito menos um anão sem nariz*. Fez uma careta e mostrou a língua, e a menina começou a chorar.

– O que você fez para ela? – Pato perguntou.

– Mandei um beijo. Todas as garotas choram quando as beijo.

Depois dos salgueiros emaranhados, a estrada terminava abruptamente, e eles viraram para o norte, por um atalho, e cavalgaram beirando a água, até que a vegetação baixa acabou e se encontraram ao lado de um velho cais de pedra, semissubmerso e rodeado por altas plantas daninhas marrons.

– *Pato!* – veio um grito. – *Haldon!*

Tyrion esticou a cabeça para um lado e viu um rapaz em pé no telhado de uma construção de madeira baixa, acenando com um chapéu de palha de abas largas. Era um jovem ágil e benfeito, magro e com um

escandaloso cabelo azul-escuro. O anão calculou sua idade entre quinze, dezesseis anos, ou algo próximo a isso.

O telhado no qual o rapaz estava mostrou-se ser a cabine do *Donzela Tímida*, um barco à vela de um mastro só, caindo aos pedaços. Tinha uma viga mestra larga e um casco raso, ideal para abrir caminho até no menor dos córregos e avançar de lado sobre bancos de areia. *Uma rústica donzela*, pensou Tyrion, *mas algumas vezes as mais feias são as mais vorazes na cama*. Os barcos à vela que enchiam os rios de Dorne eram, em geral, pintados e muito bem esculpidos, mas não essa donzela. Sua pintura era de um castanho-acinzentado lamacento, manchado e descamado, seu grande e curvado timão era simples e sem adornos. *Parece suja*, ele pensou, *mas sem dúvida esse é o objetivo*.

Pato gritava o cumprimento de volta. A égua espirrava água pelas poças, pisando sobre os juncos. O rapaz saltou do teto da cabine para o convés do barco, e o resto da tripulação do *Donzela Tímida* apareceu. Um velho casal com feições roinares permaneceu perto do timão, enquanto uma bela septã em suaves vestes brancas apareceu na porta da cabine e tirou uma mecha de cabelos castanhos dos olhos.

Mas não dava para confundir Griff.

– A gritaria já foi suficiente – disse. Um silêncio súbito caiu sobre o rio.

*Este será um problema*, Tyrion percebeu de cara.

A capa de Griff era feita com a pele e a cabeça de um lobo vermelho do Roine. Sob a pele, vestia couro marrom enrijecido com anéis de ferro. Seu rosto bem barbeado era como couro também, com rugas no canto dos olhos. Embora seu cabelo fosse tão azul quanto o do filho, tinha as raízes vermelhas e as sobrancelhas mais vermelhas ainda. Levava uma espada e uma adaga penduradas no quadril. Se estava feliz em ver Pato e Haldon de volta, escondeu bem, mas não se preocupou em disfarçar o desagrado ao ver Tyrion.

– Um anão? O que é isto?

– Eu sei, você esperava uma roda de queijo. – Tyrion virou-se para o Jovem Griff e deu ao rapaz seu sorriso mais desarmante. – O cabelo azul pode servir bem em Tyrosh, mas em Westeros as crianças jogarão pedras em você e as garotas vão rir na sua cara.

O rapaz foi pego de surpresa.

– Minha mãe era uma senhora de Tyrosh. Pinto meu cabelo em memória a ela.

– O que é essa criatura? – Griff exigiu saber.

Haldon respondeu:

– Illyrio enviou uma carta explicando.

– Quero vê-la, então. Leve o anão para minha cabine.

*Não gosto dos olhos dele*, Tyrion refletiu, quando o mercenário sentou-se em sua frente na penumbra do interior do barco, com uma mesa de tábuas riscadas e uma vela de sebo entre eles. Eram de um azul gélido, claros, frios. O anão não gostava de olhos claros. Os olhos de Lorde Tywin eram verde-claros, salpicados de ouro.

Ele assistiu ao mercenário lendo. Que fosse *capaz* de ler já dizia alguma coisa. Quantos mercenários podiam se gabar disso? *Ele praticamente não move os lábios*, Tyrion refletiu.

Finalmente, Griff levantou os olhos do pergaminho, e aqueles olhos claros se estreitaram.

– Tywin Lannister está morto? Pelas suas mãos?

– Pelo meu dedo. Este aqui. – Tyrion o levantou para que Griff o admirasse. – Lorde Tywin estava sentado em uma latrina, então eu atravessei um dardo de besta em suas entranhas, para ver se ele realmente cagava ouro. Não cagava. Uma pena, eu poderia usar algum ouro. Também assassinei minha mãe, um pouco mais cedo. Ah, e meu sobrinho Joffrey, eu o envenenei em sua festa de casamento e fiquei olhando ele sufocar até a morte. O queijeiro deixou essa parte de fora? Pretendo colocar meu irmão e minha irmã na lista antes de terminar, se for do agrado de sua rainha.

– Agradá-la? Illyrio perdeu o bom-senso? Por que ele imaginaria que Sua Graça aceitaria os serviços de um assassino de parentes e traidor confesso?

*Uma questão justa*, Tyrion pensou, mas o que disse foi:

– O rei que eu matei estava sentado no trono dela, e todos aqueles que traí eram leões, então parece que já prestei um bom serviço para a rainha. – Coçou o toco do nariz. – Não tema, não vou matá-lo, você não é meu parente. Posso ler o que o queijeiro escreveu? Adoro ler sobre mim mesmo.

Griff ignorou o pedido. Em vez disso, encostou a carta na chama da vela e ficou olhando o pergaminho escurecer, encurvar-se e pegar fogo.

– Há sangue entre os Targaryen e os Lannister. Por que você apoiaria a causa da Rainha Daenerys?

– Por ouro e glória – o anão disse, alegremente. – Ah, e ódio. Se você já tivesse encontrado minha irmã, entenderia.

– Entendo o ódio bem o suficiente.

Pelo jeito que Griff falou isso, Tyrion soube que era verdade. *Este aí tem se alimentado de ódio. É o que o aquece à noite, durante anos.*

– Então temos isso em comum, sor.

– Não sou nenhum cavaleiro.

*Não é apenas um mentiroso, mas um mau mentiroso. Isto foi indelicado e estúpido, senhor.*

– E mesmo assim Sor Pato disse que você o sagrou cavaleiro.

– Pato fala demais.

– Alguns poderiam estranhar que um pato fale qualquer coisa. Não importa, *Griff*. Você não é um cavaleiro e eu sou Hugor Hill, um pequeno monstro. Seu pequeno monstro, se quiser. Você tem minha palavra, tudo o que quero é ser um servo leal de sua rainha dragão.

– E como você pretende servi-la?

– Com minha língua. – Lambeu os dedos, um por um. – Posso contar para Sua Graça como minha doce irmã pensa, se alguém pode chamar aquilo de pensar. Posso dizer aos capitães dela qual a melhor maneira de derrotar meu irmão Jaime em batalha. Sei quais senhores são corajosos e quais são covardes, quais são leais e quais são corruptos. Posso entregar aliados para ela. E sei muito e ainda mais sobre dragões, como seu meiomeistre lhe dirá. E sou divertido também, e não como muito. Considere-me seu verdadeiro duende.

Griff pesou aquilo por um momento.

– Entenda isso, anão. Você é o último e o menos importante de nossa companhia. Segure a língua e faça o que lhe for dito, ou logo desejará ter feito.

*Sim, pai*, Tyrion quase disse.

– Será como diz, senhor.

– Não sou senhor.

*Mentiroso.*

– Foi apenas uma cortesia, meu amigo.

– Tampouco sou seu amigo.

*Não é cavaleiro, não é senhor, não é amigo.*

– Uma pena.

– Poupe-me da sua ironia. Vou levá-lo até Volantis. Se você se mostrar obediente e útil, pode permanecer conosco, para servir a rainha o melhor que puder. Prove ser mais problemático do que valioso, e seguirá seu próprio caminho.

*Sim, e meu caminho me levará para o fundo do Roine, com peixes beliscando o que sobrou do meu nariz.*

– Valar dohaeris.

– Pode dormir no convés ou no porão, como preferir. Ysilla providenciará roupas de cama para você.

– Que gentileza a dela. – Tyrion fez uma mesura, mas, na porta da cabine, voltou-se. – E se encontrarmos a rainha e descobrirmos que essa história de dragões é alguma fantasia de um marinheiro bêbado? Este mundo está cheio desses contos loucos. Gramequins e snarks, fantasmas e vampiros, sereias, gnomos, cavalos alados, porcos alados... leões alados.

Griff olhou para ele, franzindo a testa.

– Eu lhe dei um aviso, Lannister. Guarde sua língua ou vai perdê-la. Reinos estão em perigo aqui. Nossa vida, nosso nome, nossa honra. Isto não é um jogo que estamos jogando para seu divertimento.

*Claro que é*, pensou Tyrion. *O jogo dos tronos.*

– Como quiser, capitão – murmurou, curvando-se novamente.

# Davos

O relâmpago partiu o lado norte do céu, estampando a negra torre da Lamparina da Noite contra o firmamento branco e azul. Seis segundos depois veio o trovão, como um tambor distante.

Os guardas escoltaram Davos Seaworth por uma ponte de basalto negro e sob um portão de ferro corrediço com sinais de ferrugem. Além do portão havia um profundo fosso salgado e uma ponte levadiça presa por um par de grossas correntes. Águas verdes agitavam-se embaixo, com ondas que rebentavam contra as fundações do castelo. Então veio uma segunda guarita, maior do que a primeira, suas pedras barbadas com algas verdes. Davos chegou a um pátio lamacento com as mãos atadas pelos pulsos. Uma chuva gelada caía em seus olhos. Os guardas o cutucaram para subir os degraus, até o cavernoso salão de pedra de Quebra-Mar.

Uma vez lá dentro, o capitão tirou a capa e a pendurou em um gancho, de modo a não deixar poças no puído tapete de Myr. Davos fez o mesmo, tateando o fecho com as mãos amarradas. Ele não esquecera a cortesia aprendida em Pedra do Dragão durante anos de serviço.

Encontraram o senhor sozinho na escuridão da sala, fazendo uma refeição de cerveja, pão e ensopado. Vinte arandelas de ferro estavam dispostas ao longo das grossas paredes de pedra, mas somente quatro tinham tochas e nenhuma delas estava acesa. Duas gordas velas de sebo davam ao ambiente uma iluminação pobre e indefinida. Davos podia ouvir a chuva escorrendo pelas paredes e uma goteira que caía de um vazamento no telhado.

– Senhor – disse o capitão –, encontramos este homem na Barriga da Baleia, tentando comprar uma passagem para sair da ilha. Ele tinha vinte dragões e esta coisa também.

O capitão colocou-a na mesa diante do senhor: uma larga fita de veludo negro aparada com samito, com três selos – um veado coroado carimbado em cera de abelha dourada, um coração em chamas em cera vermelha e uma mão em cera branca.

Davos esperou, molhado e pingando, os pulsos esfolados onde a corda molhada entrara em sua pele. Uma palavra desse senhor, e logo estaria pendurado no Portão do Enforcamento de Vilirmã, mas pelo menos estava fora da chuva, com pedra sólida sob seus pés, em vez de um convés balançante. Estava encharcado, dolorido e exausto, desgastado pela dor e pela traição, e cansado até a morte das tempestades.

O senhor limpou a boca com as costas da mão e pegou a fita para analisá-la mais de perto. Um relâmpago brilhou lá fora, formando uma seta branca e azul que durou meio segundo. *Um, dois, três, quatro*, contou Davos, antes que o trovão viesse. Quando o barulho passou, ele ouviu o gotejamento e o rugido sincopado sob seus pés, onde as ondas quebravam contra os enormes arcos de pedra de Quebra-Mar e turbilhonavam pelas masmorras do castelo. Ele bem que poderia terminar lá, acorrentado ao chão de pedra molhado, deixado para se afogar quando a maré subisse. *Não*, tentou dizer a si mesmo, *um contrabandista pode morrer assim, mas não a Mão do Rei. Valho mais se me vender à rainha dele.*

O senhor segurou a fita entre os dedos, franzindo a testa para o selos. Era um homem feio, grande e carnudo, com ombros grossos de remador e nenhum pescoço. Uma barba cinza cobria o rosto e o queixo, com algumas partes já totalmente brancas. Em cima das grossas sobrancelhas, avistava-se uma careca. Seu nariz era irregular e vermelho, com algumas veias aparecendo, tinha lábios grossos e uma espécie de membrana entre os três dedos do meio da mão direita. Davos ouvira falar que alguns dos senhores das Três Irmãs tinham membranas entre os dedos das mãos e dos pés, mas sempre achara que eram apenas histórias de marujos.

O senhor inclinou-se para trás.

– Tire as amarras dele – disse – e também as luvas. Quero ver suas mãos.

O capitão fez o que lhe foi ordenado. Quando levantou a mão esquerda mutilada do prisioneiro, um relâmpago brilhou novamente, jogando as

sombras dos dedos encurtados de Davos Seaworth contra o rosto franco e brutal de Godric Borrell, Senhor da Doceirmã.

– Qualquer homem pode roubar uma fita – o senhor disse –, mas esses dedos não mentem. Você é o cavaleiro das cebolas.

– Tenho sido chamado assim, senhor – Davos era um senhor também, e fora sagrado cavaleiro havia muitos anos, mas no fundo ainda era o que sempre fora, um contrabandista de nascimento humilde que comprara sua nobreza com um porão de cebolas e peixe salgado. – E também contrabandista de coisas piores.

– Sim. Traidor. Rebelde. Vira-casaca.

Ele se indignou com o último xingamento.

– Nunca virei a casaca, senhor. Sou um homem do rei.

– Só se Stannis for um rei. – O senhor o mediu com duros olhos negros. – A maioria dos cavaleiros que chega às minhas terras procura-me no meu salão, não na Barriga da Baleia. Um covil de vis contrabandistas, aquele lugar. Está retomando o antigo negócio, cavaleiro das cebolas?

– Não, senhor. Estava procurando passagem para Porto Branco. O rei me enviou, com uma mensagem de lá para o senhor.

– Então você está no lugar errado, com o senhor errado. – Lorde Godric pareceu divertir-se. – Esta é Vilirmã, em Doceirmã.

– Sei disso. – Embora não houvesse nada doce em Vilirmã. Era uma cidade torpe, um chiqueiro, pequena, pobre e rançosa com os cheiros de excremento de porco e peixe podre. Davos lembrava bem de seus dias de contrabando. As Três Irmãs eram o refúgio preferido dos contrabandistas havia centenas de anos e, antes disso, um ninho de piratas. As ruas de Vilirmã eram feitas de barro e tábuas de madeira, as casas eram cabanas de pau a pique com telhados de palha, e no Portão do Enforcamento sempre tinha um homem pendurado com as entranhas de fora.

– Você tem amigos aqui, não duvido – disse o senhor. – Todo contrabandista tem amigos nas Irmãs. Alguns deles são meus amigos também. Os que não são, eu enforco. Deixo eles serem estrangulados lentamente, com as tripas batendo contra os joelhos. – O salão brilhou novamente: um relâmpago acendeu a janela. Dois segundos depois veio o trovão. – Se é Porto Branco que você quer, por que está em Vilirmã? O que o trouxe aqui?

*Uma ordem do rei e a traição de um amigo*, Davos podia ter dito. Em vez disso, respondeu:

– Tempestades.

Vinte e nove navios zarparam da Muralha. Se metade deles ainda estivesse flutuando, Davos ficaria surpreso. Céus negros, ventos amargos e chuvas pesadas os seguiram por todo o caminho pela costa. As galeras *Oledo* e *Filho da Velha Mãe* haviam sido levadas para as rochas de Skagos, a ilha dos unicórnios e canibais onde até mesmo o Bastardo Cego tinha medo de ir; o grande barco de pesca *Saathos Saan* naufragara nas Falésias Cinzentas.

– Stannis pagará por eles – Salladhor Saan esbravejara. – Pagará com bom ouro, cada um deles.

Era como se algum deus irado estivesse cobrando pela fácil viagem que haviam feito para o norte, quando partiram de Pedra do Dragão para a Muralha. Outro vendaval arrancou o cordame do *Colheita Caridosa*, obrigando Salla a rebocá-lo. Sessenta quilômetros ao norte de Atalaia da Viúva o mar se levantou novamente, empurrando o *Colheita* contra a galera que o rebocava e afundando os dois. O restante da frota lisena se espalhara pelo Mar Estreito. Alguns navios deviam andar perdidos em um ou outro porto. Outros nunca mais seriam vistos.

– Salladhor, o Mendigo, foi nisso que seu rei me transformou – Salladhor Saan reclamou para Davos, enquanto os navios que sobraram claudicavam pela Dentada. – Salladhor, o Esmagado. Onde estão meus navios? E meu ouro, onde está todo o ouro que me prometeram?

Quando Davos tentou assegurar que ele teria seu pagamento, Salla irrompeu.

– Quando? *Quando*? Amanhã, na lua nova, quando o cometa vermelho aparecer de novo? Ele me prometeu ouro e pedras preciosas, sempre prometendo, mas nunca vi esse ouro. Ele deu sua palavra, me diz, ah, sim, sua real palavra, e por escrito. Salladhor Saan pode comer as palavras do rei? Pode aplacar sua sede com pergaminhos e selos de cera? Pode derrubar promessas em um colchão de penas e fodê-las até gritarem?

Davos tentou persuadi-lo a permanecer fiel. Se Salla abandonasse Stannis e sua causa, argumentou, deixaria de lado toda a esperança de receber o ouro que lhe era devido. No final das contas, um vitorioso Rei

Tommen não pagaria as dívidas de seu tio derrotado. A única esperança de Salla era manter-se leal a Stannis Baratheon até que ele conquistasse o Trono de Ferro. De outra maneira, nunca veria uma só moeda do seu dinheiro. Tinha que ser paciente.

Talvez algum senhor com mel na língua pudesse ter influenciado o príncipe dos piratas liseno, mas Davos era um cavaleiro das cebolas e suas palavras só provocaram nova indignação em Salla.

– Em Pedra do Dragão eu fui paciente – disse – quando a mulher vermelha queimou os deuses de madeira e os homens aos gritos. Todo o caminho para a Muralha eu fui paciente. Em Atalaialeste eu tive paciência... e frio, muito frio. Bah, digo. Bah para sua paciência, e bah para seu rei. Meus homens estão com fome. Querem foder suas esposas e contar seus filhos, querem ver Passopedra e os jardins de prazer de Lys. Não querem gelo, tempestades e promessas vazias. Este norte é muito frio, e está ficando mais frio ainda.

*Eu sabia que esse dia chegaria*, Davos disse para si mesmo. *Eu gostava do velho malandro, mas nunca fui tolo de acreditar nele*.

– Tempestades. – Lorde Godric disse a palavra tão carinhosamente quanto outro homem diria o nome da amada. – Tempestades eram sagradas nas Irmãs antes da chegada dos ândalos. Nossos deuses de antigamente eram a Senhora das Ondas e o Senhor dos Céus. Faziam tempestades cada vez que acasalavam. – Inclinou-se para a frente. – Esses reis nunca se importaram com as Irmãs. Por que deveriam? Somos pequenos e pobres. E, ainda assim, você está aqui. Entregue a mim pelas tempestades.

*Entregue a você por um amigo*, Davos pensou.

Lorde Godric virou-se para seu capitão.

– Deixe este homem comigo. Ele nunca esteve aqui.

– Não, senhor. Nunca.

O capitão despediu-se, suas botas molhadas deixando pegadas úmidas pelo tapete. Embaixo do piso, o mar roncava e agitava-se batendo na fundação do castelo. A porta foi fechada como um som que parecia um trovão distante, e novamente veio um relâmpago, como que em resposta.

– Senhor – disse Davos –, se puder me mandar para Porto Branco, Sua Graça considerará isso um ato de amizade.

– Eu poderia enviar você para Porto Branco – o lorde concordou. – Ou posso mandá-lo para algum inferno frio e úmido.

*Vilirmã já é inferno suficiente*. Davos temeu o pior. As Três Irmãs eram putas inconstantes, leais apenas a si mesmas. Supostamente eram vassalas dos Arryn do Vale, mas o controle do Ninho da Águia sobre as ilhas era tênue, na melhor das hipóteses.

– Sunderland exigiria que você fosse entregue a ele, se soubesse que está aqui. – Borrell era senhor de Doceirmã, como Longthorpe era de Longairmã e Torrent de Pequenairmã; e todos eles eram vassalos de Triston Sunderland, o Senhor das Três Irmãs. – Ele venderia você à rainha, por um pote daquele ouro Lannister. Homens pobres precisam de cada dragão, ainda mais quando têm sete filhos determinados a ser cavaleiros. – O senhor pegou uma colher de madeira e atacou o ensopado novamente. – Eu costumava amaldiçoar os deuses por me darem apenas filhas mulheres, até que ouvi dizer que Triston lamenta o gasto com cavalos de batalha. Você ficaria surpreso em saber quanto peixe é necessário para comprar uma armadura decente e uma cota de malha.

*Também tive sete filhos, mas quatro deles foram queimados e morreram*.

– Lorde Sunderland é juramentado ao Ninho da Águia – Davos disse. – Por direito, deveria me entregar à Senhora Arryn. – Ele poderia ter uma chance melhor com ela do que com os Lannister, imaginava. Embora não tivesse tomado partido na Guerra dos Cinco Reis, Lysa Arryn era uma filha de Correrrio e tia do Jovem Lobo.

– Lysa Arryn está morta – disse Lorde Godric –, assassinada por algum cantor. Lorde Mindinho comanda o Vale agora. Onde estão os piratas? – Quando Davos não respondeu, ele bateu com a colher na mesa. – Os lisenos. Torrent viu os navios deles de Pequenairmã, e antes dele os Flint de Atalaia da Viúva. Velas laranja, verdes e rosa. Salladhor Saan. Onde está ele?

– No mar. – Salla devia estar contornando os Dedos para voltar ao Mar Estreito. Estava retornando para Passopedra com os poucos navios que sobraram. Talvez conseguisse mais alguns no caminho, se encontrasse alguns navios mercantes promissores. *Um pouco de pirataria ajudaria a distância a passar mais rápido*. – Sua Graça enviou-o ao Sul, para levar um pouco de problemas aos Lannister e seus amigos. – Ele ensaiara essa

mentira enquanto remava para Vilirmã embaixo de chuva. Cedo ou tarde, o mundo saberia que Salladhor Saan abandonara Stannis Baratheon, deixando-o sem uma frota, mas não ouviria isso dos lábios de Davos Seaworth.

Lorde Godric mexeu seu ensopado.

– Aquele velho pirata Saan fez você nadar até a praia?

– Cheguei em terra em um bote aberto, senhor – Salla esperara até que o farol da Lamparina da Noite se afastasse do porto *valiriano* para colocá-lo para fora. Sua amizade valera a pena por isso, no final das contas. O liseno teria ficado feliz em levá-lo consigo para o Sul, confessara, mas Davos recusara. Stannis precisava de Wyman Manderly, e confiava nele para ganhar o apoio do senhor. Ele não trairia aquela confiança.

– Bah – o príncipe pirata replicara –, ele vai matar você com essa honra, velho amigo. Ele vai matar você.

– Nunca tive uma Mão do Rei sob meu teto antes – Lorde Godric disse. – Stannis pagaria um resgate por você, me pergunto?

*Pagaria?* Stannis dera terras, títulos e um cargo para Davos, mas pagaria um bom ouro por sua vida? *Ele não tem ouro. Se tivesse, ainda teria Salla*.

– Você encontrará Sua Graça no Castelo Negro, se quiser perguntar a ele.

Borrell grunhiu:

– O Duende está no Castelo Negro também?

– O Duende? – Davos não entendeu a pergunta. – Ele está em Porto Real, condenado à morte pelo assassinato do sobrinho.

– A Muralha é a última a saber, meu pai costumava dizer. O anão escapou. Torceu as barras de sua cela e despedaçou o próprio pai com as mãos. Um guarda o viu fugir, vermelho da cabeça aos pés, como se banhado em sangue. A rainha dará títulos e terras para qualquer homem que matá-lo.

Davos lutava para acreditar no que ouvia.

– Está me dizendo que Tywin Lannister está morto?

– Pela mão do filho, sim. – O senhor tomou um gole de cerveja. – Quando havia reis nas Irmãs, não permitíamos que os anões vivessem. Jogávamos eles ao mar, como oferenda aos deuses. Os septões nos

fizeram parar. Um bando de tolos piedosos. Por que os deuses dariam tal forma a um homem, se não fosse para marcá-lo como um monstro?

*Lorde Tywin está morto. Isso muda tudo.*

– Senhor, me permitiria enviar um corvo para a Muralha? Sua Graça desejará saber que Lorde Tywin está morto.

– Ele saberá. Mas não por mim. Nem por você, enquanto estiver sob meu telhado gotejante. Não quero que digam que dei ajuda e conselho a Stannis. Os Sunderland arrastaram as Irmãs para as duas Rebeliões Blackfyre, e todos nós sofremos gravemente com isso. – Lorde Godric acenou com a colher em direção a uma cadeira. – Sente-se. Antes que caia, sor. Meu salão é frio, úmido e escuro, mas não sem alguma cortesia. Encontraremos roupas secas, mas primeiro você comerá. – Ele gritou, e uma mulher entrou no salão. – Temos um convidado para alimentar. Traga cerveja, pão e ensopado.

A cerveja era marrom, o pão, negro, e o ensopado, um branco cremoso. Foi servido em um pão velho escavado. Estava grosso, com alho-poró, cenoura, cevadinha e nabos brancos e amarelos, juntamente com amêijoas, pedaços de bacalhau e carne de caranguejo, nadando em uma porção de creme pesado e manteiga. Era o tipo de ensopado que aquecia o homem até os ossos, perfeito para uma noite úmida e fria. Davos comeu com gratidão.

– Já havia provado o ensopado das Irmãs?

– Já, senhor. – O mesmo ensopado era servido por todas as Três Irmãs, em cada estalagem e taverna.

– Este é melhor do que qualquer um que você já tenha comido. Gella preparou. A filha da minha filha. É casado, cavaleiro das cebolas?

– Sou, senhor.

– Uma pena. Gella não é. Mulheres caseiras são as melhores esposas. Há três tipos de caranguejos aí. Caranguejos vermelhos, caranguejos-aranha e conquistadores. Eu não como caranguejos-aranha, exceto no ensopado. Para me sentir meio canibal. – O nobre gesticulou para o estandarte pendurado sobre a fria lareira negra. Um caranguejo-aranha estava bordado ali, branco, em um campo verde-acinzentado. – Ouvimos histórias que Stannis queimou sua Mão.

*A Mão que viera antes de mim*. Melisandre dera Alester Florent para o deus dela em Pedra do Dragão, para conjurar o vento que os levaria para

o Norte. Lorde Florent permaneceu forte e silencioso enquanto os homens da rainha o amarravam ao poste, tão dignamente quanto um homem seminu pode permanecer, mas quando as chamas lamberam suas pernas, ele começou a gritar, e seus gritos as sopraram por todo o caminho até Atalaialeste do Mar, se fosse possível acreditar na mulher vermelha. *Podia facilmente ter sido eu.*

– Eu não queimei – assegurou a Lorde Godric –, embora Atalaialeste tenha quase me congelado.

– A Muralha fará isso. – A mulher trouxe um naco de pão fresco para eles, ainda quente do forno. Quando Davos viu a mão dela, não pôde deixar de encarar. Lorde Godric não se fez de rogado. – Sim, ela tem a marca. Como todos os Borrell, por cinco mil anos. Filha da minha filha. Não a que fez o ensopado. – Ele partiu o pão e ofereceu metade para Davos. – Coma. É bom.

E era, embora qualquer crosta velha teria parecido boa para Davos; significava que era um convidado ali, pelo menos por aquela noite. Os senhores das Três Irmãs tinham uma reputação negra, e ninguém suplantava a de Godric Borell, Senhor da Doceirmã, Escudo de Vilirmã, Mestre do Castelo Quebra-Mar e Protetor da Lamparina da Noite... mas até mesmo senhores ladrões e sabotadores estavam submetidos às antigas leis da hospitalidade. *Verei o amanhecer pelo menos,* Davos disse para si mesmo. *Comi seu pão e sal*.

Embora pudesse perceber temperos mais estranhos do que sal no ensopado.

– É açafrão que estou sentindo? – Açafrão valia mais do que ouro. Davos provara apenas uma vez, quando o Rei Robert enviara metade de um peixe para ele em uma festa em Pedra do Dragão.

– Sim. De Qarth. Tem pimenta também. – Lorde Godric pegou uma pitada entre o polegar e o indicador e espalhou sobre o ensopado. – Pimenta negra moída de Volantis, nada mais fino. Pegue o quanto quiser, se estiver se sentindo picante. Tenho quarenta baús dela. Sem mencionar cravo e noz-moscada, e um quilo de açafrão. Tirei de uma donzela de olhos amendoados – riu. Ele ainda tinha todos os dentes, Davos notou, embora estivessem amarelos e um dos de cima estivesse negro e morto. – Dirigia-se para Bravos, mas um vendaval a arrastou para a Dentada e esmagou-a contra uma das minhas pedras. Como pode ver, você não é o

único presente que as tempestades me trouxeram. O mar é uma coisa traiçoeira e cruel.

*Não tão traiçoeiro quanto os homens*, pensou Davos. Os antepassados de Lorde Godric haviam sido reis piratas, até que os Stark desceram sobre eles com fogo e espadas. A partir daí, os homens das irmãs deixaram a pirataria para Salladhor Saan e sua laia e se contentaram em provocar naufrágios. Os faróis que queimavam ao longo das margens das Três Irmãs eram supostamente para avisar de cardumes, recifes e rochas e garantir a segurança do caminho, mas em noites de tempestade e neblina, alguns homens das irmãs usavam falsas luzes para levar capitães incautos à perdição.

– As tempestades fizeram uma gentileza ao trazer você até minha porta – Lorde Godric disse. – Você teria encontrado uma recepção mais fria em Porto Branco. Chegou muito tarde, sor. Lorde Wyman pretende se ajoelhar, mas não para Stannis. – Tomou um pequeno gole de cerveja. – Os Manderly não são nortenhos, não no fundo. Não faz mais de novecentos anos que vieram para o norte, carregados com todo o seu ouro e seus deuses. Haviam sido grandes senhores no Mander, até que se excederam e os mãos verdes os expulsaram. O rei lobo tomou seu ouro, mas lhes deu terras e os deixou ficarem com seus deuses. – Ele esfregou um pedaço de pão no ensopado. – Se Stannis pensa que o gordo cavalgará o veado, está enganado. O *Leão Estrelado* parou em Vilirmã há doze dias, para abastecer os barris de água. Você o conhece? Velas carmesins e um leão de ouro na proa. E cheio de Freys, dirigindo-se para Porto Branco.

– Freys? – Esta era a última coisa que Davos poderia esperar. – Ouvimos que os Frey mataram o filho de Lorde Wyman.

– Sim – Lorde Godric disse –, e o gordo estava tão indignado que jurou viver só de pão e vinho até ter sua vingança. Mas antes que o dia acabasse, já estava enchendo a boca de amêijoas e bolos novamente. Há navios entre as Irmãs e Porto Branco todo o tempo. Nós vendemos caranguejos, peixes e queijo de cabra para eles, e eles nos vendem madeira, lãs e peles. Pelo que escutei, sua senhoria está mais gordo do que nunca. Demais para juramentos. Palavras são vento, e o vento da boca de Manderly não significa mais do que aquele que escapa pelo seu traseiro. – O senhor partiu outro pedaço de pão para raspar o fundo do ensopado. – Os Frey traziam ao gordo tolo um saco de ossos. Alguns

chamam de cortesia levar os ossos do filho morto para alguém. Se tivesse sido filho meu, teria retornado a cortesia e agradecido aos Frey antes de enforcá-los, mas o gordo é nobre demais para isso. – Enfiou o pão na boca, mastigou-o e engoliu a seco. – Recebi os Frey para jantar. Um deles ficou sentado exatamente onde você está agora. *Rhaegar*, ele disse ser seu nome. Quase ri na cara dele. Havia perdido a esposa, me disse, mas queria conseguir uma nova em Porto Branco. Corvos voaram para cá e para lá. Lorde Wyman e Lorde Walder teriam feito um pacto e pretendiam selá-lo com um casamento.

Davos sentiu como se o senhor o tivesse esmurrado na barriga. *Se ele diz a verdade, meu rei está perdido.* Stannis Baratheon precisava desesperadamente de Porto Branco. Se Winterfell era o coração do Norte, Porto Branco era a boca. Seu estuário permanecera livre de gelo mesmo em pleno inverno por séculos. Com o inverno que ali chegava, aquilo podia significar muito e ainda mais. A cidade valeria mais que prata. Os Lannister tinham todo o ouro de Rochedo Casterly e se aliaram com a opulência de Jardim de Cima. Os cofres do Rei Stannis estavam exauridos. *Preciso tentar, pelo menos. Deve haver um meio de impedir esse casamento*.

– Preciso chegar a Porto Branco – disse. – Sua senhoria, eu imploro, me ajude.

Lorde Godric começou a comer o pão onde estava o ensopado, desmanchando-o com suas grandes mãos. O ensopado amolecera o pão velho.

– Não tenho nenhum amor pelos nortenhos – anunciou. – Os meistres dizem que o Estupro das Três Irmãs aconteceu há dois mil anos, mas Vilirmã ainda não esqueceu. Éramos um povo livre antes disso, com nossos reis nos governando. Depois, tivemos que nos ajoelhar para que o Ninho da Águia expulsasse os nortenhos. O lobo e o falcão disputaram por milhares de anos em nosso nome, até que ambos tivessem roído toda a carne e a gordura dos ossos destas pobres ilhas. Já seu Rei Stannis, quando era mestre dos navios de Robert, enviou uma frota para meu porto sem minha permissão e me fez enforcar uma dúzia de bons amigos. Homens como você. Ele chegou a ameaçar que me enforcaria também se acontecesse de algum navio encalhar porque a Lamparina da Noite estava apagada. Tive que engolir a arrogância dele. – Comeu um pouco do pão

amolecido. – Agora ele vem para o Norte humilhado, com o rabo entre as pernas. Por que devo dar qualquer tipo de ajuda para ele? Responda-me isso.

*Porque ele é seu rei por direito*, Davos pensou. *Porque ele é um homem forte e justo, o único que pode restaurar o reino e nos defender contra os perigos que chegam do Norte. Porque ele tem uma espada mágica que brilha com a luz do sol*. As palavras ficaram em sua garganta. Nenhuma delas causaria algum efeito sobre o Senhor de Doceirmã. Nenhuma delas o deixaria um centímetro mais perto de Porto Branco. *Que resposta ele quer? Devo prometer ouro que não temos? Um marido de alto nascimento para a filha de sua filha? Terras, honrarias, títulos?* Lorde Alester Florent tentara jogar esse jogo e o rei o queimara por isso.

– Parece que a Mão perdeu a língua. Não aprecia o ensopado, ou a verdade. – Godric limpou a boca.

– O leão está morto – Davos disse, lentamente. – Aí está sua verdade, senhor. Tywin Lannister está morto?

– E daí?

– Quem governa agora em Porto Real? Não é Tommen, ele é apenas uma criança. É Sor Kevan?

A luz das velas brilhava nos olhos negros de Lorde Godric.

– Se fosse, você estaria acorrentado. É a rainha quem governa.

Davos entendeu. *Ele nutre dúvidas. Não quer estar do lado perdedor*.

– Stannis manteve Ponta Tempestade contra os Tyrell e os Redwyne. Tomou Pedra do Dragão dos últimos Targaryen. Esmagou a Frota de Ferro na Ilha Leal. Esse rei criança não prevalecerá contra ele.

– Este rei criança comanda a riqueza de Rochedo Casterly e o poder de Jardim de Cima. E tem os Bolton e os Frey. – Lorde Godric coçou o queixo. – Ainda assim... neste mundo apenas o inverno é certo. Ned Stark disse isso para meu pai, aqui neste mesmo salão.

– Ned Stark esteve aqui?

– No alvorecer da Rebelião de Robert. O Rei Louco exigiu que o Ninho da Águia lhe mandasse a cabeça de Stark, mas Jon Arryn respondeu, desafiando-o. Apesar disso, Vila Gaivotas permaneceu leal ao trono. Para chegar em casa e convocar seus vassalos, Stark teve que atravessar as montanhas até os Dedos e encontrar um pescador que o levasse através da Dentada. Uma tempestade os pegou no caminho. O pescador se

afogou, mas sua filha trouxe Stark para as Irmãs antes que o barco afundasse. Dizem que ele a deixou com uma sacola de prata e um bastardo na barriga. Jon Snow, ela o chamou, por causa de Arryn.

– Seja como for. Meu pai estava sentado aqui onde estou quando Lorde Eddard veio para Vilirmã. Nosso meistre nos exortou a enviar a cabeça de Stark para Aerys, para provar nossa lealdade. Isso teria significado uma rica recompensa. O Rei Louco era mão-aberta com aqueles que o agradavam. Mas então já sabíamos que Jon Arryn tomara Vila Gaivotas. Robert fora o primeiro homem a escalar a Muralha e matou Marq Grafton com suas próprias mãos. *Este Baratheon é destemido*, eu disse. *Luta como um rei deve lutar*. Nosso meistre riu de mim e nos disse que certamente o Príncipe Rhaegar derrotaria esse rebelde. Foi então que Stark disse, *Neste mundo somente o inverno é certo. Podemos perder nossas cabeças, é verdade... mas e se prevalecermos?* Meu pai o enviou para seu destino com a cabeça ainda sobre os ombros. *Se você perder*, disse para Lorde Eddard, *você nunca esteve aqui*.

– Não mais do que eu estive – disse Davos Seaworth.

# Jon

Eles trouxeram o Rei-para-lá-da-Muralha com as mãos atadas por tiras de cânhamo e uma corda em volta do pescoço.

A outra ponta da corda estava presa na sela do corcel de Sor Godry Farring. O Matador de Gigantes e sua montaria estavam vestidos com armaduras de aço prateado, incrustadas com esmalte negro. Mance Rayder vestia apenas uma fina túnica que deixava seus tornozelos expostos ao frio. *Eles poderiam tê-lo deixado com sua capa*, Jon Snow pensou, *aquela que a selvagem remendou com tiras de seda vermelha.*

A notícia boa era que a Muralha estava chorando.

– Mance conhece a Floresta Assombrada melhor do que qualquer patrulheiro – Jon dissera ao Rei Stannis, em seu esforço final para convencer Sua Graça de que o Rei-para-lá-da-Muralha seria mais útil vivo do que morto. – Ele conhece Tormund Terror dos Gigantes. Lutou com os Outros. Teve o Berrante de Joramun e não o tocou. Ele poderia ter derrubado a Muralha com isso.

Suas palavras caíram em ouvidos surdos. Stannis permanecera imutável. A lei era clara: um desertor devia ser executado.

Abaixo da Muralha chorosa, a Senhora Melisandre levantou suas pálidas mãos brancas.

– *Todos devemos escolher* – proclamou. – Homem ou mulher, jovem ou velho, senhor ou camponês, nossas escolhas são as mesmas. – A voz dela fazia Jon pensar em anis, noz-moscada e cravo. Ela permanecia ao lado do rei, em um andaime de madeira erguido sobre o fosso. – Escolhemos a luz ou escolhemos a escuridão. Escolhemos o bem ou escolhemos o mal. Escolhemos o deus verdadeiro ou o falso.

O grosso cabelo castanho-acinzentado de Mance Rayder caía em seu rosto conforme ele andava. Ele o empurrava para longe dos olhos com as mãos amarradas, sorrindo. Mas quando viu a jaula, a coragem lhe faltou.

Os homens da rainha a tinham construído com as árvores da Floresta Assombrada, a partir de mudas e ramos flexíveis, galhos de pinheiro grudentos de seiva e pedaços branco-osso de represeiros. Todo esse material fora dobrado e torcido até formar uma espécie de rede de madeira, pendurada bem acima de um fosso profundo, cheio de troncos, folhas e gravetos.

O rei selvagem recuou com a visão.

– Não! – gritou. – Piedade. Isto não é certo, não sou o rei, eles...

Sor Godry deu um puxão na corda. O Rei-para-lá-da-Muralha não teve escolha senão tropeçar atrás dele, o laço no pescoço sufocando suas palavras. Quando caiu, Godry o arrastou pelo resto do caminho. Mance estava ensanguentado quando os homens da rainha meio o empurraram, meio o carregaram para a jaula. Uma dúzia de homens em armas ergueram-no.

A Senhora Melisandre o viu ser levantado.

– *POVO LIVRE*! Aqui está seu rei das mentiras. E aqui está o berrante que ele prometeu que derrubaria a Muralha.

Dois homens da rainha trouxeram o Berrante de Joramun, negro, com listas cor de ouro envelhecido, com mais de dois metros de comprimento de ponta a ponta. Runas haviam sido entalhadas nas faixas douradas, a escrita dos Primeiros Homens. Joramun morrera havia milhares de anos, mas Mance encontrara seu túmulo sobre um glaciar, no alto dos Colmilhos de Gelo. *E Joramun tocou o Berrante do Inverno e levantou os gigantes da terra.* Ygritte dissera a Jon que Mance nunca encontrou o berrante. *Ela mentiu, ou Mance manteve esse segredo consigo.*

Mil cativos olhavam através das barras de madeira das paliçadas enquanto o berrante era levantado. Estavam todos esfarrapados e meio famintos. *Selvagens*, os Sete Reinos os chamavam; eles se autointitulavam *o povo livre*. Não pareciam nem selvagens nem livres; apenas com fome, assustados e entorpecidos.

– O Berrante de Joramun? – Melisandre disse. – Não. Chame de Berrante da Escuridão. Se a Muralha cair, a noite também cairá, uma longa noite que jamais terminará. Isso não deve acontecer, não *vai* acontecer! O Senhor da Luz viu seus filhos em perigo e enviou seu campeão, Azor Ahai renascido. – Ela levou a mão na direção de Stannis, e o grande rubi em sua garganta pulsava, iluminado.

*Ele é pedra e ela é chama*. Os olhos do rei, profundamente mergulhados em um rosto vazio, tinham um tom azul manchado. Ele vestia armadura cinza, com uma capa de pele com samito fluindo de seus ombros largos. O peitoral tinha um coração flamejante bem em cima do dele. Cingindo a testa estava uma coroa vermelho-dourada com pontas como chamas torcidas. Val estava ao lado dele, alta e séria. Eles a coroaram com um simples aro de bronze escuro, e mesmo assim ela parecia mais real em bronze do que Stannis em ouro. O olhos dela eram cinzentos e destemidos, resolutos. Sob um manto de arminho, ela vestia branco e dourado. Seu cabelo loiro-mel havia sido preso em uma trança que pendia sobre o ombro direito até a cintura. O frio no ar colocara cor em suas bochechas.

A Senhora Melisandre não usava nenhuma coroa, mas cada homem ali sabia que ela era a verdadeira rainha de Stannis Baratheon, não a mulher desajeitada que ele deixara tremendo em Atalaialeste do Mar. Dizia-se que o rei não pretendia buscar a Rainha Selyse e sua filha até que Fortenoite estivesse habitável. Jon sentia por elas. A Muralha oferecia poucos dos confortos com os quais as senhoras sulistas e as pequenas meninas de alto nascimento estavam acostumadas, e Fortenoite não oferecia nenhum. Era um lugar impiedoso, até mesmo em seus melhores dias.

– *POVO LIVRE*! – gritou Melisandre. – Veja o destino daqueles que escolhem a escuridão!

O Berrante de Joramun explodiu em chamas.

Ele subiu com um silvo, enquanto línguas rodopiantes de fogo verde e amarelo crepitavam em toda sua extensão. O garrano de Jon recuou nervosamente, e para cima e para baixo das fileiras outros também lutavam com suas montarias. Um lamento veio das paliçadas conforme o povo livre via sua esperança em brasas. Alguns começaram a gritar e amaldiçoar, mas a maioria permaneceu em silêncio. Por um instante, as runas gravadas nas faixas douradas pareceram tremular no ar. Os homens da rainha arremessaram o berrante, que caiu bem no meio da pira armada no fosso.

Dentro de sua jaula, Mance Rayder agarrou a corda em volta do pescoço com as mãos atadas e começou a berrar de modo incoerente sobre traição e bruxaria, negando seu reinado, negando seu povo,

negando seu nome, negando tudo o que fora. Gritou por perdão, amaldiçoou a mulher vermelha e começou a rir histericamente.

Jon assistia sem piscar. Não ousava parecer incomodado diante de seus irmãos. Ordenara duzentos homens, mais da metade da guarnição do Castelo Negro. Montados em solenes fileiras escuras, com compridas lanças nas mãos, eles usavam capuz para ocultar a face... e esconder o fato de que muitos eram anciãos ou rapazes inexperientes. O povo livre temia a Patrulha. Jon queria que levassem esse temor com eles quando estabelecessem seus novos lares ao sul da Muralha.

O berrante caiu entre os troncos, folhas e gravetos. Em menos de três segundos, todo o fosso estava em chamas. Segurando as barras da jaula com as mãos amarradas, Mance soluçava e implorava. Quando o fogo o alcançou, fez uma pequena dança. Seus gritos tornaram-se um longo berro de medo e dor. Dentro da jaula, ele voava como uma folha em chamas, uma mariposa capturada pelo fogo de uma vela.

Jon se pegou lembrando uma canção:

*Irmãos, oh, irmãos, meus dias se foram,*
*o dornense tirou minha vida,*
*mas o que importa, pois todos os homens devem morrer,*
*é que eu experimentei a esposa do dornense.*

Val permaneceu na plataforma como se tivesse sido esculpida em sal. *Ela não vai chorar e não desviará o olhar*. Jon se perguntava o que Ygritte teria feito no lugar dela. *As mulheres são as mais fortes*. Ele se pegou pensando em Sam, no Meistre Aemon, em Goiva e no bebê. *Ela vai me amaldiçoar até seu último suspiro, mas não tinha outro jeito*. Atalaialeste relatara tempestades selvagens no Mar Estreito. *Eu queria mantê-los a salvo. Será que em vez disso fiz deles comida para caranguejos?* Noite passada, sonhara com Sam se afogando, com Ygritte morrendo atravessado por sua flecha (não havia sido a flecha dele, mas nos seus sonhos sempre era) e com Goiva chorando lágrimas de sangue.

Jon havia visto o bastante.

– Agora – disse.

Ulmer da Mata de Rei espetou a lança no chão, pegou o arco pendurado nas costas e tirou uma flecha da aljava. Doce Donnel Hill jogou o capuz para trás para fazer o mesmo. Garth Pena-Cinza e Ben Barbudo colocaram as flechas, dobraram os arcos e dispararam.

Uma flecha atingiu Mance Rayder no peito, uma nos intestinos e uma na garganta. A quarta acertou uma das barras de madeira da jaula e balançou um instante antes de pegar fogo. O soluço de uma mulher ecoou pela Muralha enquanto o rei selvagem deslizava para o chão da gaiola, envolto em fogo.

– E agora sua Patrulha acabou – Jon murmurou baixinho. Mance Rayder fora um homem da Patrulha da Noite uma vez, antes de trocar sua capa negra por uma recortada com brilhante seda vermelha.

Sobre a plataforma, Stannis estava carrancudo. Jon recusou-se a encontrar seus olhos. O fundo da gaiola caiu e as barras estavam desmoronando. Cada vez que o fogo subia, mais e mais galhos se soltavam, vermelhos e negros.

– O Senhor da Luz fez o sol, a lua e as estrelas para iluminar nosso caminho, e nos deu o fogo para manter a noite a distância. – Melisandre disse para os selvagens. – Ninguém pode se opor às suas chamas.

– *Ninguém pode se opor às suas chamas* – os homens da rainha ecoaram.

As vestes de um profundo tom escarlate da mulher vermelha rodopiavam em volta dela, e seu cabelo acobreado formava um halo em volta do seu rosto. Altas chamas amarelas dançavam em seus dedos como garras.

– *POVO LIVRE!* Seus falsos deuses não podem ajudá-los. Seu falso berrante não salvou vocês. Seu falso rei trouxe para vocês apenas morte, desespero, derrota... mas aqui está o verdadeiro rei. *VEJAM SUA GLÓRIA!*

Stannis Baratheon desembainhou a Luminífera.

A espada brilhava vermelha, amarela e laranja, viva com a luz. Jon havia visto o espetáculo antes... mas não como *este*, nunca antes como este. A Luminífera era o sol feito aço. Quando Stannis levantou a lâmina sobre sua cabeça, os homens tiveram que virar o rosto ou cobrir os olhos. Os cavalos recuaram, e um deles derrubou seu cavaleiro. A fogueira na pira pareceu encolher diante dessa tempestade de luz, como um cão

pequeno se abaixa diante de um maior. A própria Muralha tornou-se vermelha, rosa e laranja, com ondas coloridas dançando pelo gelo. *É este o poder do sangue de um rei?*

– Westeros tem apenas um rei – disse Stannis. Sua voz soou áspera, sem nada da melodia de Melisandre. – Com esta espada defendo meus súditos e destruo aqueles que os ameaçam. Dobrem os joelhos e prometo para vocês comida, terras e justiça. Ajoelhem-se e vivam. Ou partam e morram. A escolha é de vocês. – Ele colocou a Luminífera na bainha, e o mundo escureceu novamente, como se o sol tivesse se escondido atrás de uma nuvem. – Abram os portões.

– *ABRAM OS PORTÕES!* – berrou Sor Clayton Suggs, com uma voz tão profunda quanto um berrante de guerra.

– *ABRAM OS PORTÕES!* – ecoou Sor Corliss Penny, comandando os guardas.

– *ABRAM OS PORTÕES!* – gritaram os oficiais. Os homens se esforçavam para obedecer. Estacas afiadas foram arrancadas do chão, tábuas foram retiradas das profundas valas e os portões da paliçada, abertos. Jon Snow levantou a mão e depois a baixou, e suas negras fileiras se moveram para a direita e para a esquerda, abrindo caminho até a Muralha, onde Edd Doloroso abrira os portões de ferro.

– Venham – instou Melisandre. – Venham para a luz... ou corram de volta para a escuridão. – No fosso abaixo dela, o fogo estalava. – Se escolherem a vida, venham até mim.

E eles foram. Lentamente no início, alguns mancando ou apoiados em seus companheiros, os cativos começaram a emergir de seu tosco engradado. *Se querem comer, venham até mim*, Jon pensou. *Se não querem congelar ou morrer de fome, submetam-se*. Hesitantes, com medo de alguma armadilha, alguns poucos prisioneiros cruzaram as tábuas e o anel de estacas, em direção a Melisandre e à Muralha. Mais os seguiram, quando viram que nada de mau acontecera àqueles que foram antes. Então mais, até que o fluxo tornou-se constante. Homens da rainha em casacos forrados e meio-elmos entregavam a cada homem, mulher ou criança que passava um pedaço de represeiro branco: uma vara, um galho partido pálido como osso quebrado, um ramo de folhas vermelhas como sangue. *Um pedaço dos velhos deuses para alimentar os novos*. Jon flexionou os dedos da mão da espada.

O calor da pira era palpável até mesmo a distância; para os selvagens, devia formar bolhas na pele. Ele viu homens chorando enquanto se aproximavam das chamas, ouviu crianças chorando. Alguns foram para a floresta. Viu uma jovem mulher caminhando aos tropeços com uma criança em cada mão. A cada poucos passos, ela olhava para trás para ter certeza de que ninguém a acompanhava e, quando se aproximou das árvores, começou a correr. Um ancião pegou o galho de represeiro que lhe deram e usou como arma, atacando com ele até que os homens da rainha convergiram sobre ele com lanças. Os outros ficaram rodeando seu corpo, até que Sor Corliss o atirou ao fogo. Mais do povo livre escolheu a floresta depois disso; um em cada dez, talvez.

Mas a maioria veio. Atrás deles havia somente o frio e a morte. Adiante, a esperança. Eles vieram, agarrando seus pedaços de madeira até que chegou a hora de alimentar as chamas. R'hllor era uma divindade ciumenta, sempre com fome. Então o novo deus devorou o cadáver do velho e lançou sombras gigantes de Stannis e Melisandre sobre a Muralha, negras contra o vermelho corado refletido no gelo.

Sigorn foi o primeiro a ajoelhar-se diante do rei. O novo Magnar de Thenn era uma versão mais velha e mais baixa de seu pai: magro, careca, vestindo grevas de bronze e uma camisa de couro costurada com escamas de bronze. Depois veio Camisa de Ossos, com sua ruidosa armadura feita de ossos e couro fervido, seu elmo um crânio de gigante. Sob os ossos ocultava-se uma criatura arruinada e miserável, com os rachados dentes marrons e um tom amarelado tingindo o branco de seus olhos. *Um homem pequeno, malicioso e traiçoeiro, tão estúpido quanto cruel*. Jon não acreditou nem por um momento que ele fosse manter a fé. E se perguntou o que Val estaria sentindo ao vê-lo ajoelhar-se, perdoado.

Líderes menores os seguiram. Dois chefes dos homens cornopés, cujos pés eram negros e duros. Uma velha sábia venerada pelos povos do Guadeleite. Um menino esquelético de olhos escuros e doze, filho de Alfyn Mata-Corvos. Halleck, irmão de Harma Cabeça de Cão, com os porcos dela. Cada um deles ajoelhou-se diante do rei.

*Está muito frio para este espetáculo de pantomimeiros*, pensou Jon.

– O povo livre despreza ajoelhadores – ele avisara Stannis. – Deixe-os manter seu orgulho, e eles o amarão mais.

Sua Graça não o ouvira. E dissera:

– É das espadas deles que eu preciso, não dos beijos.

Depois de se ajoelharem, os selvagens passavam pelas fileiras de irmãos negros até o portão. Jon havia destacado Cavalo, Cetim e mais meia dúzia para conduzi-los pela Muralha com tochas. Do outro lado, tigelas de sopa de cebola quente os aguardava, além de nacos de pão negro e salsichas. Roupas também: capas, calções, botas, túnicas, boas luvas de couro. Dormiriam em pilhas de palha limpa, com fogueiras para manter o frio da noite afastado. O rei não era nada senão metódico. Cedo ou tarde, no entanto, Tormund Terror dos Gigantes assaltaria a Muralha novamente, e, quando essa hora chegasse, Jon se perguntava que lado os novos súditos de Stannis escolheriam. *Você pode dar terras e perdão para eles, mas o povo livre escolhe seus próprios reis, e foi Mance quem eles escolheram, não você.*

Bowen Marsh aproximou sua montaria da de Jon.

– Este é um dia que nunca esperei ver.

O Senhor Intendente diminuíra notadamente desde que sofrera um ferimento na cabeça na Ponte das Caveiras. Parte de uma orelha havia se perdido. *Já não se parece tanto com uma romã*, Jon pensou. Marsh disse:

– Sangramos para parar os selvagens na Garganta. Bons homens morreram lá, amigos e irmãos. E para quê?

– O reino vai amaldiçoar todos nós por isso – declarou Sor Alliser Thorne, em tom venenoso. – Todo homem honesto de Westeros vai virar a cara e cuspir à qualquer menção da Patrulha da Noite.

*O que você sabe sobre homens honestos?*

– Silêncio nas fileiras.

Sor Alliser tornara-se mais circunspecto desde que Lorde Janos perdera a cabeça, mas a malícia ainda estava lá. Jon brincara com a ideia de dar a ele o comando que Slynt recusara, mas queria manter o homem por perto. Ele sempre fora o mais perigoso dos dois. Em vez disso, enviara um intendente grisalho da Torre Sombria para comandar a Guardagris.

Ele esperava que as duas novas guarnições fizessem diferença. *A Patrulha pode fazer o povo livre sangrar, mas no fim não podemos ter a esperança de pará-lo*. Entregar Mance Rayder ao fogo não mudara a verdade disso. *Ainda somos poucos e eles ainda são muitos, e sem*

*patrulheiros somos tão bons quanto cegos. Tenho que enviar homens. Mas se fizer isso, eles voltarão?*

O túnel através da Muralha era estreito e sinuoso, e muitos dos selvagens eram velhos ou estavam doentes ou feridos, então o percurso era dolorosamente lento. No momento em que o último deles dobrou o joelho, a noite havia caído. A pira queimava baixo, e a sombra do rei na Muralha encolhera a um quarto da altura original. Jon Snow podia ver sua respiração no ar. *Frio*, ele pensou, *e ficando mais frio. Este espetáculo de pantomimeiros já foi longe demais*.

Dois grupos de cativos permaneciam na paliçada. Quatro gigantes estavam entre eles, maciças criaturas peludas, com ombros inclinados, pernas tão largas quanto troncos de árvore e enormes pés espalmados. Grandes como eram, ainda podiam atravessar a Muralha, mas um deles não queria deixar seu mamute, e os outros não o deixariam. O resto dos que permaneceram tinha estatura humana. Alguns estavam mortos, outros morrendo; a maioria era parente ou amigo próximo, dispostos a não abandoná-los, mesmo que perdessem a sopa de cebola.

Alguns tremendo, outros entorpecidos demais para tremer, eles ouviram a voz do rei retumbando na Muralha:

– Vocês são livres para ir – disse Stannis. – Digam ao seu povo o que testemunharam. Digam para eles que viram o rei verdadeiro e que eles são bem-vindos ao meu reino, enquanto mantiverem minha paz. De outro modo, é melhor que fujam ou se escondam. Não admitirei mais ataques à minha Muralha.

– *Um reino, um deus, um rei!* – gritou a Senhora Melisandre.

Os homens da rainha repetiram o grito, batendo a coronha de suas lanças contra os escudos.

– Um reino, um deus, um rei! *STANNIS! STANNIS! UM REINO, UM DEUS, UM REI!*

Val não se juntou ao cântico, ele viu. Nem os irmãos da Patrulha da Noite. Durante o tumulto, os poucos selvagens que sobraram sumiram entre as árvores. Os gigantes foram os últimos a ir, dois montados em mamutes, os outros dois a pé. Apenas os mortos foram deixados para trás. Jon viu Stannis descer da plataforma, com Melisandre ao seu lado. *Sua sombra vermelha. Ela nunca o deixa por muito tempo*. A guarda de honra do rei os cercou; Sor Godry, Sor Clayton e uma dúzia de outros

cavaleiros, todos homens da rainha. A lua brilhava na armadura deles, e o vento balançava suas capas.

– Senhor Intendente – Jon disse para Marsh –, quebre a paliçada e use a madeira para queimar os corpos.

– Ao seu comando, meu senhor. – Marsh gritou as ordens, e um enxame de seus intendentes deixou as fileiras para atacar as paredes de madeira. O Senhor Intendente olhava a cena com a testa franzida. – Esses selvagens... acha que manterão a fé, senhor?

– Alguns, sim. Não todos. Temos nossos covardes e nossos velhacos, nossos fracos e nossos tolos, e eles também.

– Nossos votos... juramos proteger o reino...

– Uma vez que o povo livre se estabeleça na Dádiva, se tornará parte do reino. – Jon declarou. – Estes são dias desesperados, e ainda ficarão mais desesperados. Temos que encarar nosso real inimigo, um rosto branco morto com brilhantes olhos azuis. Temos uma causa em comum com os selvagens.

– Uma causa comum contra um inimigo comum, eu poderia concordar com isso – disse Bowen Marsh –, mas isso não significa que devemos permitir que dezenas de milhares de selvagens semimortos de fome atravessem a Muralha. Deixe eles voltarem para suas vilas e lutarem com os Outros lá, enquanto selamos os portões. Não seria difícil, Othell me disse. Precisamos apenas encher o túnel com pedaços de pedra e jogar água pelos vãos. A Muralha faria o resto. O frio, o peso... em uma volta da lua, seria como se o portão nunca tivesse existido. Qualquer inimigo teria que escavar seu caminho.

– Ou escalar.

– Improvável – disse Bowen Marsh. – Esses não são saqueadores, exceto para roubar uma esposa e fazer alguma pilhagem. Tormund deve ter mulheres idosas com ele, crianças, rebanhos de ovelhas e de cabras, e até mesmo mamutes. Ele precisa de um portão, e só restam três. E se enviar escaladores, bem, defender-se contra escaladores é tão simples quanto espetar um peixe em um caldeirão.

*Peixes nunca escalam o caldeirão e espetam uma lança na sua barriga*. Jon já havia escalado a Muralha.

Marsh continuou:

– Os arqueiros de Mance Rayder devem ter perdido dez mil flechas conosco, a julgar pelo número de hastes que recolhemos. Menos de uma centena alcançou nossos homens no topo da Muralha, a maioria desviada por alguma rajada errante de vento. Alyn Vermelho da Mata de Rosas foi o único homem que morreu lá em cima, e foi a queda que o matou, não a flecha espetada em sua perna. Donal Noye morreu para proteger o portão. Um ato nobre, sim... mas se o portão tivesse sido selado, nosso bravo armeiro ainda estaria conosco. Mesmo se encararmos uma centena de inimigos ou cem mil deles, enquanto estivermos no topo da Muralha e eles embaixo, eles não podem nos ameaçar.

*Ele não está errado*. A tropa de Mance Rayder quebrara contra a Muralha como uma onda sobre uma costa rochosa, embora os defensores não fossem mais do que um punhado de homens velhos, rapazes inexperientes e aleijados. Mesmo assim, o que Bowen sugeria ia contra todos os instintos de Jon.

– Se selarmos os portões, não poderemos enviar patrulheiros – observou. – Seremos tão bons quanto cegos.

– A última patrulha de Lorde Mormont custou um quarto dos homens da Patrulha, senhor. Precisamos conservar as forças que nos restam. Cada morte nos diminui, e já estamos tão reduzidos... Pegue o ponto alto e vença a batalha, meu tio costumava dizer. Nenhum ponto é mais alto do que a Muralha, Senhor Comandante.

– Stannis prometeu terra, comida e justiça para qualquer selvagem que dobrar os joelhos. Ele não permitirá que os portões sejam selados.

Marsh hesitou.

– Lorde Snow, não gosto de espalhar histórias, mas estão dizendo que você está se tornando muito... muito amistoso com Lorde Stannis. Alguns até sugerem que você é... um...

*Um rebelde e um vira-casaca, sim, e um bastardo e um* warg *também*. Janos Slynt pode ter partido, mas suas mentiras permaneceram.

– Eu sei o que dizem. – Jon ouvira os sussurros e vira homens se afastarem quando ele cruzava o pátio. – O que eles queriam que eu fizesse? Que pegasse em armas contra Stannis e contra os selvagens? Sua Graça tem três vezes os homens que nós temos e, além disso, é nosso hóspede. As leis da hospitalidade o protegem. E nós temos uma dívida com ele.

– Lorde Stannis nos ajudou quando precisamos de ajuda – Marsh disse obstinadamente –, mas ele ainda é um rebelde, e sua causa está condenada. Tão condenada quanto estaremos se o Trono de Ferro nos considerar traidores. Devemos ter certeza de não escolher o lado perdedor.

– Não pretendo escolher lado algum – disse Jon –, mas não estou tão certo do resultado desta guerra como você parece estar, senhor. Não com Lorde Tywin morto. – Se os relatos vindos pela estrada do rei têm algum fundo de verdade, a Mão do Rei fora assassinada por seu filho anão enquanto estava sentado na latrina. Jon tivera um breve contato com Tyrion Lannister. *Ele pegou minha mão e me chamou de amigo*. Era difícil acreditar que o homenzinho tivesse a capacidade de matar o próprio pai, mas o fato de que Lorde Tywin estava morto parecia fora de dúvida. – O leão em Porto Real é um filhote, e o Trono de Ferro é conhecido por fazer homens crescidos em pedaços.

– Ele pode ser um menino, senhor, mas... o Rei Robert era bastante amado, e a maioria dos homens ainda aceita que Tommen é seu filho. Quanto mais eles veem Lorde Stannis, menos o amam, e gostam ainda menos da Senhora Melisandre, com seus fogos e seu sombrio deus vermelho. Eles reclamam.

– Eles reclamavam do Senhor Comandante Mormont também. Homens adoram reclamar das esposas e dos senhores, ele me disse uma vez. Aqueles sem esposa reclamam duas vezes mais de seus senhores. – Jon Snow olhou na direção da paliçada. – Deixarei você terminar aqui, Bowen. Assegure-se de que todos os cadáveres sejam queimados. Obrigado pelos conselhos. Prometo que pensarei em tudo o que me disse.

Fumaça e cinzas flutuantes ainda pairavam no ar sobre o fosso enquanto Jon trotava de volta para o portão. Lá desmontou, para andar com o garrano através do gelo até o lado sul. Edd Doloroso ia na frente com uma tocha. A chama lambia o teto, e lágrimas geladas caíam sobre eles a cada passo.

– Foi um alívio ver aquele berrante queimar, senhor – Edd disse. – Noite passada sonhei que estava mijando na Muralha quando alguém decidiu tocar o berrante. Não que esteja reclamando. Este sonho é melhor do que o antigo que eu tinha, no qual Harma Cabeça de Cão me dava de comida para os porcos.

– Harma está morta – disse Jon.

– Mas não os porcos. Eles olham para mim como o Matador costumava olhar para o presunto. Não quero dizer que os selvagens pretendam nos prejudicar. Sim, fizemos seus deuses em pedaços e os queimamos, mas nós demos sopa de cebola para eles. O que é um deus comparado a uma boa tigela de sopa de cebola? Eu poderia fazer o mesmo.

Os odores de fumaça e carne queimada ainda se agarravam à roupa de Jon. Ele sabia que tinha que comer, mas era companhia que desejava, não comida. *Uma taça de vinho com Meistre Aemon, algumas palavras tranquilas com Sam, umas risadas com Pyp, Grenn e Sapo.* Aemon e Sam haviam partido, e seus outros amigos...

– Jantarei com os homens esta noite.

– Carne ensopada e beterrabas. – Edd Doloroso sempre parecia saber o que cozinhavam. – Mas Hobb disse que está sem aipo-rábano. Qual a graça de carne ensopada sem rábano?

Desde que os selvagens queimaram o velho salão comum, os homens da Patrulha da Noite faziam suas refeições no porão de pedra embaixo do arsenal, um espaço cavernoso dividido por duas fileiras de pilares de pedra quadrados, com tetos abobadados e grandes tonéis de vinho e cerveja ao longo das paredes. Quando Jon entrou, quatro construtores estavam jogando damas na mesa mais próxima das escadas. Perto do fogo estava um grupo de patrulheiros e uns poucos homens do rei, conversando calmamente.

Os homens mais jovens estavam reunidos em outra mesa, onde Pyp esfaqueava um nabo.

– A noite é escura e cheia de nabos – anunciou, em voz solene. – Vamos todos rezar pela carne de veado, meus filhos, com algumas cebolas e um pouco de molho saboroso.

Seus amigos riram; Grenn, Sapo, Cetim, todo o grupo.

Jon Snow não se juntou ao riso.

– Zombar das orações de outro homem é trabalho de tolo, Pyp. E perigoso.

– Se o deus vermelho ficou ofendido, deixe ele me derrubar.

Todos os sorrisos haviam morrido.

– Era da sacerdotisa que ríamos – disse Cetim, um jovem ágil e bonito que fora prostituto em Vilavelha. – Estávamos só brincando, senhor.

– Vocês têm seus deuses e ela tem os dela. Deixem-na.

– Ela não deixa nossos deuses – argumentou Sapo. – Ela chama os Sete de falsos deuses, senhor. Os antigos deuses também. Ela fez os selvagens queimarem galhos de represeiro. Você viu.

– A Senhora Melisandre não está sob meu comando. Vocês estão. Não terei sangue ruim entre os homens do rei e os meus.

Pyp colocou uma mão no braço de Sapo.

– Não coaxe mais, bravo Sapo, pois nosso Grande Lorde Snow falou. – Ficou em pé num pulo só e fez uma mesura zombeteira para Jon. – Peço perdão. De agora em diante não vou nem abanar minhas orelhas sem o consentimento de Sua Senhoria.

*Ele acha que tudo isso é algum tipo de jogo*. Jon quis chacoalhá-lo para ver se algum juízo entrava na cabeça dele.

– Abane as orelhas o quanto quiser. É quando abana a língua que causa problema.

– Eu cuidarei para que ele seja mais cuidadoso – Grenn prometeu – e vou esmurrá-lo se ele não for. – Hesitou – Senhor, vai jantar conosco? Owen, chega mais para lá e dá espaço para o Jon.

Jon não queria mais nada. *Não*, ele teve que dizer para si mesmo, *esses dias se foram*. A compreensão retorceu sua barriga como uma faca. Eles o escolheram para governar. A Muralha era dele, assim como a vida deles. *Um senhor deve amar os homens que comanda*, ele podia ouvir o senhor seu pai dizendo, *mas não pode ser amigo deles. Um dia ele pode ter que julgá-los ou enviá-los para a morte*.

– Outro dia – o Senhor Comandante mentiu. – Edd, é melhor que veja seu jantar. Tenho trabalho para terminar.

O ar do lado de fora parecia mais frio do que antes. Do outro lado do castelo, podiam-se ver luzes de velas brilhando nas janelas da Torre do Rei. Val estava no topo da torre, olhando para a Muralha. Stannis a mantinha por perto, em aposentos abaixo dos seus, mas permitia que ela andasse pelas ameias para se exercitar. *Ela parece solitária*, Jon pensou. *Solitária e adorável*. Ygritte fora bonita do seu jeito, com seu cabelo vermelho beijado pelo fogo, mas era seu sorriso que fazia o rosto tornar-se vivo. Val não precisava sorrir; ela teria virado a cabeça dos homens em qualquer corte do mundo.

Apesar disso, a princesa selvagem não era amada por seus carcereiros. Desprezava todos eles como "ajoelhadores" e tentara fugir três vezes. Quando um homem em armas se descuidou na presença dela, ela arrebatou a adaga da bainha dele e o apunhalou no pescoço. Um centímetro para a esquerda e ele teria morrido.

*Solitária, adorável e letal*, Jon Snow refletiu, *e eu poderia tê-la tido. Ela, Winterfell e o nome do senhor meu pai*. Em vez disso, escolhera a capa negra e a parede de gelo. Em vez disso, escolhera a honra. *Um tipo bastardo de honra*.

A Muralha assomava à direita, enquanto ele cruzava o pátio. O gelo alto brilhava pálido, mas embaixo tudo era sombra. No portão, uma tênue luz laranja indicava o lugar em que os guardas se refugiavam do vento. Jon podia ouvir o barulho das correntes, enquanto a gaiola balançava e raspava contra o gelo. No topo, os sentinelas deveriam estar encolhidos em torno do calor de um braseiro, gritando para que suas vozes fossem ouvidas com o vento. Ou, então, teriam se cansado do esforço e cada homem teria mergulhado em sua piscina de silêncio. *Eu deveria estar andando no gelo. A Muralha é minha*.

Caminhava entre os restos da Torre do Senhor Comandante, depois do lugar onde Ygritte morrera em seus braços, quando Fantasma apareceu ao lado dele, seu hálito quente fumegando no frio. Sob a luz do luar, os olhos vermelhos do lobo brilhavam como piscinas de fogo. O gosto de sangue quente encheu a boca de Jon, e ele soube que Fantasma matara aquela noite. *Não*, pensou. *Sou um homem, não um lobo*. Esfregou a boca com a mão enluvada e cuspiu.

Clydas ainda ocupava os aposentos embaixo do viveiro das aves. Quando Jon bateu, ele veio, atrapalhado com uma vela na mão, e abriu uma fresta na porta.

– Atrapalho? – Jon perguntou.

– Nem um pouco. – Clydas abriu mais a porta. – Estava preparando um vinho. Meu senhor tomaria uma taça?

– Com prazer. – Suas mãos estavam duras de frio. Tirou as luvas e flexionou os dedos.

Clydas voltou à lareira para agitar o vinho. *Ele já deve ter uns sessenta. Um homem velho. Só parecia jovem quando comparado com Aemon*. Baixo e redondo, tinha os olhos opacos rosados de uma criatura

noturna. Alguns fios brancos se agarravam ao couro cabeludo. Quando serviu a bebida, Jon segurou a taça com as duas mãos, cheirando as especiarias e tomando um gole. O calor se espalhou pelo seu peito. Bebeu novamente, um gole longo e profundo, para lavar o gosto de sangue da boca.

– Os homens da rainha estão dizendo que o Rei-para-lá-da-Muralha morreu como covarde. Que gritou por misericórdia e negou que era rei.

– Foi isso mesmo. A Luminífera estava mais brilhante do que eu já tinha visto. Tão brilhante quanto o sol. – Jon levantou sua taça. – Para Stannis Baratheon e sua espada mágica. – O vinho tinha um gosto amargo em sua boca.

– Sua Graça não é um homem fácil. Poucos são, os que usam uma coroa. Muitos homens bons foram maus reis, Meistre Aemon costumava dizer, e alguns homens maus foram bons reis.

– Ele sabia. – Aemon Targaryen vira nove reis sobre o Trono de Ferro. Fora filho de um rei, irmão de um rei, tio de um rei. – Eu olhei o livro que Meistre Aemon me deixou. O *Compêndio de Jade*. As páginas que falam de Azor Ahai. Luminífera era a espada dele. Temperada com o sangue de sua esposa, se é possível acreditar em Votar. Depois disso, Luminífera nunca foi fria ao toque, mas quente como Nissa Nissa havia sido quente. Em batalha, a lâmina queimava ardente em fogo. Uma vez Azor Ahai lutou com um monstro. Quando enfiou a espada pela barriga da criatura, o sangue do monstro começou a ferver. Fumaça e vapor saíram de sua boca, os olhos derreteram e escorreram pela sua face, e seu corpo explodiu em chamas.

Clydas piscou.

– Uma espada que faz seu próprio calor...

– ... seria uma coisa boa na Muralha. – Jon colocou a taça de vinho de lado e vestiu as luvas negras de pele de toupeira. – Uma pena que a espada que Stannis empunha é fria. Fico curioso para ver como sua Luminífera se comportaria em batalha. Obrigado pelo vinho. Fantasma, comigo. – Jon Snow levantou o capuz da capa e abriu a porta. O lobo branco o seguiu de volta à noite.

O arsenal estava escuro e silencioso. Jon acenou para os guardas antes de fazer o caminho pelas silenciosas fileiras de lanças até seus aposentos. Pendurou o cinturão em um gancho ao lado da porta e sua capa em outro.

Quando tirou as luvas, as mãos estavam duras e frias. Levou um bom tempo até conseguir acender as velas. Fantasma enrolou-se em seu tapete e se preparou para dormir, mas Jon ainda não podia descansar. A mesa de pinho riscado estava coberta de mapas da Muralha e das terras além, uma relação de patrulheiros e uma carta da Torre Sombria escrita por Sor Denys Mallister de próprio punho.

Leu a carta da Torre Sombria novamente, afiando uma pena, e destampou um pote de grossa tinta negra. Escreveu duas cartas, a primeira para Sor Denys, a segunda para Cotter Pyke. Ambos estavam atrás dele por mais homens. Despachava Halder e Sapo para oeste, até a Torre Sombria, Grenn e Pyp para Atalaialeste do Mar. A tinta não fluía adequadamente, e todas as suas palavras pareciam secas, cruas e desajeitadas, mas persistiu assim mesmo.

Quando finalmente baixou a pena, o quarto estava escuro e gelado, e ele podia sentir as paredes se fechando. Pousado sobre a janela, o corvo do Velho Urso olhava para ele com astutos olhos negros. *Meu último amigo*, Jon pensou com tristeza. *E é melhor que eu sobreviva a você, ou você vai comer meu rosto também*. Fantasma não contava. Fantasma era mais próximo do que um amigo. Fantasma era parte dele.

Jon se levantou e subiu os degraus até a cama estreita que uma vez fora de Donal Noye. *Esta é minha sina*, ele percebeu enquanto se despia, *a partir de agora e até o final dos meus dias*.

# Daenerys

—O que é? – ela exclamou, quando Irri a sacudiu gentilmente pelo ombro. A noite estava escura lá fora. *Algo está errado*, ela soube imediatamente. – É Daario? O que aconteceu? – Em seu sonho, eles eram marido e mulher, pessoas simples que viviam uma vida simples em uma casa de pedra alta com uma porta vermelha. No sonho, ele a beijava inteira; sua boca, seu pescoço, seus seios.

– Não, *Khaleesi* – Irri murmurou. – É o eunuco Verme Cinzento e os homens carecas. Pode recebê-los?

– Sim. – O cabelo dela estava desgrenhado, e a roupa de cama era um emaranhado, Dany percebeu. – Ajude-me a me vestir. Também quero uma taça de vinho. Para clarear a mente. – *E afogar meus sonhos*. Ouviu um suave som de soluços. – Quem está chorando?

– Sua escrava Missandei. – Jhiqui tinha uma vela nas mãos.

– Minha serva. Não tenho escravos. – Dany não entendeu. – Por que chora?

– Por aquele que era seu irmão – Irri contou.

O restante ela saberia por Skahaz, Reznak e Verme Cinzento, quando foram levados à presença dela. Dany percebeu que as notícias eram ruins antes que qualquer palavra fosse dita. Uma olhada na cara feia do Cabeça-Raspada foi suficiente para lhe dizer isso.

– Os Filhos da Harpia?

Skahaz assentiu. Sua boca estava sinistra.

– Quantos mortos?

Reznak torceu as mãos.

– N-nove, Magnificência. Trabalho sujo é o que foi, e perverso. Uma noite terrível, terrível.

Nove. A palavra era uma adaga no coração de Daenerys. A cada noite a guerra sombria era travada novamente sob as pirâmides de Meereen. A

cada manhã, o sol se levantava sobre cadáveres frescos, com harpias desenhadas em sangue nos ladrilhos ao lado deles. Qualquer homem liberto que se tornasse muito próspero ou muito franco era marcado para morrer. *Mas nove em uma noite*... aquilo a assustava.

– Conte-me.

Verme Cinzento respondeu:

– Seus servos foram atacados quando faziam a ronda pelas ruas de Meereen, para manter a paz de Vossa Graça. Todos estavam bem armados, com lanças, escudos e espadas curtas. Dois em dois eles andavam, e dois em dois morreram. Seus servos Punho Negro e Cetherys foram assassinados com dardos de besta no Labirinto de Mazdhan. Seus servos Mossador e Duran foram esmagados por pedras que caíram da muralha do rio. Seus servos Eladon Cabelo-Dourado e Lança Leal foram envenenados na taverna em que estavam acostumados a parar a cada noite durante suas rondas.

*Mossador*. Dany apertou o punho. Missandei e seus irmãos foram tirados de casa, em Naath, por corsários das Ilhas Basilisco, e vendidos como escravos em Astapor. Jovem como era, Missandei havia mostrado tamanho dom para línguas que os Bons Mestres a fizeram uma escriba. Mossador e Marselen não tiveram tanta sorte. Foram castrados e feitos Imaculados.

– Algum dos assassinos foi capturado?

– Seus servos prenderam o dono da taverna e suas filhas. Eles alegam inocência e imploram por misericórdia.

*Todos eles alegavam inocência e imploravam por misericórdia.*

– Deixe-os com Cabeça-Raspada. Skahaz, mantenha-os separados e interrogue-os.

– Será feito, Vossa Veneração. Devo interrogá-los suavemente ou bruscamente?

– Suavemente, no início. Ouça as histórias que contarem e os nomes que darão a você. Pode ser que não estejam envolvidos. – Ela hesitou. – Nove, o nobre Renzak disse. Quem mais?

– Três libertos, assassinados em suas casas – o Cabeça-Raspada disse. – Um agiota, um sapateiro e a harpista Rylona Rhee. Eles cortaram os dedos dela antes de a matarem.

A rainha vacilou. Rylona Rhee tocava harpa com tanta doçura quanto a Donzela. Quando era escrava em Yunkai, tocara para cada família de alto nascimento da cidade. Em Meereen, tornou-se uma líder entre os libertos yunkaítas, a voz deles no conselho de Dany.

– Não temos outros prisioneiros além deste taverneiro?

– Nenhum, este um lamenta confessar. Pedimos seu perdão.

*Misericórdia*, pensou Dany. *Eles terão a misericórdia do dragão*.

– Skahaz, mudei de ideia. Interrogue-os rudemente.

– Farei isso. Ou posso interrogar as filhas rudemente enquanto o pai assiste. Isso deve arrancar alguns nomes deles.

– Faça como achar melhor, mas me traga um nome. – A fúria era fogo em seu estômago. – Não terei mais Imaculados assassinados. Verme Cinzento, mande seus homens de volta aos quartéis. De agora em diante, eles guardarão meus muros, meus portões e minha pessoa. Daqui para a frente, os meereeneses manterão a paz em Meereen. Skahaz, crie uma nova patrulha, formada por partes iguais de cabeças-raspadas e libertos.

– Às suas ordens. Quantos homens?

– Tantos quantos precise.

Reznak mo Reznak engasgou.

– Magnificência, de onde virá o dinheiro para pagar os salários de tantos homens?

– Das pirâmides. Chame de imposto de sangue. Terei cem peças de ouro de cada pirâmide, para cada liberto que os Filhos da Harpia mataram.

Aquilo trouxe um sorriso ao rosto do Cabeça-Raspada.

– Será feito – disse –, mas Vossa Iluminada deve saber que os Grandes Mestres de Zhak e Merreq estão fazendo preparativos para deixar suas pirâmides e sair da cidade.

Daenerys estava cansada até a morte de Zhak e Merreq; estava cansada de todos os meereeneses, grandes e pequenos.

– Deixe-os ir, mas assegure-se de que não partam com mais do que as roupas do corpo. Tenha certeza de que todo o ouro deles ficará para nós. Seus estoques de comida também.

– Magnificência – murmurou Reznak mo Reznak –, não sabemos se esses grandes nobres pretendem se juntar aos seus inimigos. Mas como

eles estão simplesmente mudando-se para suas propriedades nas montanhas...

– Então não se importarão se mantivermos seu ouro a salvo. Não há nada para comprar nas montanhas.

– Eles temem por seus filhos – Reznak disse.

*Sim*, Daenerys pensou, *e eu também*.

– Podemos mantê-los a salvo, também. Manterei comigo dois filhos de cada um deles. Das outras pirâmides também. Um menino e uma menina.

– Reféns – disse Skahaz alegremente.

– Pajens e copeiros. Se os Grandes Mestres fizerem objeções, explique para eles que em Westeros é uma grande honra a uma criança ser escolhida para servir na corte. – Ficou sem dizer o resto. – Vão e façam como ordenei. Tenho meu morto para lamentar.

Quando retornou para seus aposentos no topo da pirâmide, encontrou Missandei chorando suavemente em seu catre, tentando fazer o melhor possível para abafar o som dos soluços.

– Venha dormir comigo – disse à pequena escriba. – O amanhecer ainda levará horas para chegar.

– Vossa Graça é muito gentil com esta aí. – Missandei escorregou sob os lençóis. – Ele era um bom irmão.

Dany passou os braços em volta da garota.

– Fale-me dele.

– Ele me ensinou a subir nas árvores quando éramos pequenos. Podia pegar um peixe com as mãos. Uma vez eu o encontrei dormindo no nosso jardim com uma centena de borboletas voando sobre ele. Ele parecia tão bonito esta manhã, esta aí... quero dizer, eu o amava.

– Como ele amava você – Dany acariciou o cabelo da garota. – Diga uma palavra, minha querida, e eu tiro você deste lugar horrível. De alguma forma encontrarei um navio para mandar você para casa. Para Naath.

– Eu prefiro ficar. Em Naath, teria medo. E se os traficantes de escravos viessem novamente? Sinto-me segura ao seu lado.

*Segura*. A palavra fez os olhos de Dany se encherem de lágrimas.

– Quero manter você segura. – Missandei era apenas uma criança. Com ela, Dany se sentia como se também pudesse ser uma criança. – Ninguém jamais me manteve em segurança quando eu era pequena. Bem, Sor

Willem manteve, mas então ele morreu, e Viserys... Eu quero proteger você, mas... é tão difícil. Ser forte. Eu nem sempre sei o que devo fazer. *Preciso saber*, no entanto. Sou tudo o que eles têm. Sou a rainha... a... a...

– ... mãe – sussurrou Missandei.

– Mãe de dragões. – Dany estremeceu.

– Não. Mãe de todos nós. – Missandei a abraçou mais apertado. – Vossa Graça deve dormir. A manhã chegará logo, e a audiência.

– Ambas dormiremos e sonharemos com dias melhores. Feche os olhos. – Quando ela fechou, Dany beijou suas pálpebras e a fez rir.

Os beijos vieram com mais facilidade do que o sono, contudo. Dany fechou os olhos e tentou pensar em casa, em Pedra do Dragão e Porto Real, e em todos os outros lugares sobre os quais Viserys falara para ela, em uma terra mais gentil do que aquela... mas seu pensamento continuava voltando para a Baía dos Escravos, como navios pegos por algum vento amargo. Quando Missandei pareceu adormecida, Dany escorregou dos braços dela, e caminhou para o ar que antecedia o amanhecer e se debruçou sobre o parapeito de tijolo gelado para contemplar toda a cidade. Mil telhados se estendiam sob ela, pintados em tons de marfim e prata pela lua.

Em algum lugar sob esses telhados, os Filhos da Harpia estavam reunidos, tramando meios de matá-la e a todos aqueles que a amavam e de acorrentar novamente seus filhos. Em algum lugar lá embaixo uma criança faminta estava chorando por leite. Em algum lugar uma idosa estava morrendo. Em algum lugar um homem e uma donzela se abraçavam, avançando um sobre as roupas do outro com mãos ansiosas. Mas ali em cima havia apenas o brilho do luar sobre as pirâmides e os poços, sem nenhum indício do que ocorria abaixo. Ali em cima era apenas ela, sozinha.

Ela era o sangue do dragão. Ela podia matar os Filhos da Harpia, e os filhos dos filhos, e os filhos dos filhos dos filhos. Mas um dragão não podia alimentar uma criança faminta, nem impedir a dor de uma mulher morrendo. *E quem ousaria amar um dragão?*

Ela se pegou pensando novamente em Daario Naharis, Daario com seu dente de ouro e sua barba em forma de tridente, suas fortes mãos repousando sobre o *arak* combinado com punhal, cujo punho de ouro tinha o formato de uma mulher nua. No dia em que partira, enquanto ela

se despedia, ele passava o dedo suavemente sobre o punho, para a frente e para trás. *Estou com ciúmes de um punho de espada*, ela percebeu, *de mulheres feitas de ouro*. Mandá-lo para os Homens-Ovelha havia sido sábio. Ela era uma rainha, e ele não tinha o estofo dos reis.

– Já faz tanto tempo – ela dissera para Sor Barristan, no dia anterior. – E se Daario me traiu e passou para o lado dos meus inimigos? – *Três traições você conhecerá*. – E se ele conheceu outra mulher, alguma princesa lhazarena?

O velho cavaleiro não gostava nem confiava em Daario, ela sabia. Mesmo assim, ele respondera galantemente.

– Não há mulher mais adorável do que Vossa Graça. Apenas um cego poderia pensar o contrário, e Daario Naharis não é cego.

*Não*, ela pensou. *Seus olhos são de um azul profundo, quase púrpura, e seus dentes de ouro brilham quando ele sorri para mim*.

Sor Barristan tinha certeza de que ele voltaria. Dany só podia rezar para que estivesse certo.

*Um banho vai me ajudar a relaxar*. Caminhou descalça pela grama até a piscina do terraço. A água estava fria contra sua pele, causando arrepios. Pequenos peixes mordiscavam seus braços e pernas. Ela fechou os olhos e deixou-se flutuar.

Um suave farfalhar a fez abrir os olhos novamente. Sentou-se com um leve respingo.

– Missandei? – chamou. – Irri? Jhiqui?

– Elas estão dormindo – veio a resposta.

Uma mulher estava sob o pé de caqui, vestindo uma túnica com capuz que arrastava pela grama. Sob o capuz, seu rosto parecia duro e brilhante. *Está vestindo uma máscara*, Dany percebeu, *um máscara de madeira com acabamento em laca vermelho-escura*.

– Quaithe? Estou sonhando? – ela se beliscou e fez uma careta de dor. – Sonhei com você em Balerion, na primeira vez que chegamos a Astapor.

– Você não sonhou. Nem naquela ocasião, nem agora.

– O que está fazendo aqui? Como passou pelos meus guardas?

– Vim por outro caminho. Seus guardas nunca me viram.

– Se eu os chamar, eles a matarão.

– Eles vão jurar que não estou aqui.

– Você está aqui?

– Não. Escute-me, Daenerys Targaryen. As velas nos vidros estão queimando. Logo virá a égua descorada e, depois dela, os outros. A lula gigante e a chama escura, o leão e o grifo, o filho do sol e o dragão do pantomimeiro. Não acredite em nenhum deles. Lembre-se dos Imortais. Cuidado com o senescal perfumado.

– Reznak? Por que eu deveria temê-lo? – Dany se levantou da piscina. A água escorria por suas pernas e os braços estavam arrepiados no ar frio da noite. – Se tem algum aviso para me dar, fale claramente. O que você quer de mim, Quaithe?

O luar brilhou nos olhos da mulher.

– Mostrar-lhe o caminho.

– Eu lembro o caminho. Vou para o norte para ir ao sul, leste para ir ao oeste, para trás para seguir adiante. E para tocar a luz, tenho que passar sob a sombra. – Ela espremeu a água do cabelo prateado. – Estou meio enjoada dos enigmas. Em Qarth eu era uma pedinte, mas aqui sou a rainha. Eu ordeno...

– *Daenerys*. Lembre-se dos Imortais. Lembre-se de quem você é.

– O sangue do dragão. – *Mas meus dragões estavam rugindo na escuridão*. – Eu me lembro dos Imortais. Filha de três, eles me chamaram. Prometeram-me três montarias, três fogueiras e três traições. Uma por sangue, uma por ouro e uma por...

– Vossa Graça? – Missandei estava parada na porta dos aposentos da rainha, com uma lanterna na mão. – Com quem está falando?

Dany olhou para trás, em direção ao pé de caqui. Não havia nenhuma mulher ali. Nenhuma túnica com capuz, nenhuma máscara laqueada, nada de Quaithe.

*Uma sombra. Uma memória. Ninguém*. Ela era do sangue do dragão, mas Sor Barristan a avisara de que esse sangue tinha uma mácula. *Estarei ficando louca?* Eles haviam chamado o pai dela de louco certa vez.

– Estava rezando – disse para a garota naathi. – Logo vai amanhecer. É melhor que eu coma algo antes da audiência.

– Trarei comida para quebrar seu jejum.

Sozinha novamente, Dany caminhou pela pirâmide na esperança de encontrar Quaithe, além das árvores queimadas e da terra chamuscada onde seus homens tinham tentado capturar Drogon. Mas o único som era

o do vento nas árvores frutíferas, e as únicas criaturas nos jardins eram algumas traças sem cor.

Missandei retornou com um melão e uma tigela de ovos cozidos, mas Dany descobriu que estava sem apetite. Como o céu clareava e as estrelas sumiam uma a uma, Irri e Jhiqui a ajudaram a vestir um *tokar* de seda violeta com franjas de ouro.

Quando Reznak e Skahaz apareceram, ela se pegou olhando para eles de soslaio, com as três traições em mente. *Cuidado com o senescal perfumado*. Ela cheirou Reznak mo Reznak, desconfiada. *Eu poderia ordenar que Cabeça-Raspada o prendesse e o interrogasse.* Isso evitaria a profecia? Ou algum outro traidor tomaria seu lugar? *Profecias são traiçoeiras*, ela lembrou a si mesma, *e Reznak pode não ser mais do que aparenta*.

No salão púrpura, Dany encontrou em seu banco de ébano uma pilha de almofadas de cetim. A visão lhe trouxe um leve sorriso aos lábios. *Trabalho de Sor Barristan*, ela sabia. O velho cavaleiro era um bom homem, mas algumas vezes muito literal. *Era só uma brincadeira, sor*, ela pensou, mas mesmo assim sentou-se em uma das almofadas.

Sua noite insone logo se fez sentir. Em pouco tempo estava lutando contra os bocejos, enquanto Reznak tagarelava sobre as guildas de artesãos. Os escultores estavam indignados com ela, parecia. E os pedreiros também. Certos ex-escravos estavam esculpindo pedras e assentando tijolos, roubando trabalho tanto dos artífices quanto dos mestres das guildas.

– Os libertos trabalham muito mais barato, Magnificência – disse Reznak. – Alguns se intitulam artífices ou até mestres, títulos que pertencem por direito somente aos artesãos das guildas. Os escultores e pedreiros respeitosamente pedem a Vossa Graça que garanta seus antigos direitos e costumes.

– Os libertos trabalham mais barato porque estão com fome – Dany apontou. – Se proibir que esculpam pedras ou assentem tijolos, os merceeiros, os tecelãos e os ourives logo estarão na minha porta pedindo que os libertos sejam excluídos de seus negócios também. – Ela considerou um momento. – Deixe escrito que daqui em diante apenas membros das guildas poderão intitular-se artífices ou mestres... desde

que as guildas abram suas listas para qualquer liberto que demonstre as habilidades necessárias.

– Assim será proclamado – disse Reznak. – Agradaria Vossa Senhoria ouvir o nobre Hizdahr zo Loraq?

*Ele nunca vai admitir a derrota?*

– Deixe-o dar um passo adiante.

Hizdahr não usava um *tokar* naquele dia. Em vez disso, vestira uma simples túnica cinza e azul. Estava bem despojado. *Está barbeado e cortou o cabelo*, ela percebeu. O homem não se tornara um cabeça-raspada, não ainda, mas pelo menos aquelas absurdas asas tinham desaparecido.

– Seu barbeiro o tem servido bem, Hizdahr. Espero que tenha vindo me mostrar o trabalho dele e não me atormentar novamente com as arenas de luta.

Ele fez uma profunda reverência.

– Vossa Graça, temo ser obrigado a isso.

Dany fez uma careta. Nem mesmo seu pessoal lhe dava descanso sobre o tema. Reznak mo Reznak salientava o dinheiro a ser arrecadado com impostos. A Graça Verde dizia que reabrir as arenas agradaria aos deuses. O Cabeça-Raspada achava que com isso ela ganharia apoio contra os Filhos da Harpia.

– Deixe eles lutarem! – grunhira Belwas, o Forte, que certa vez fora campeão nas arenas. Sor Barristan sugerira um torneio em vez disso; seus órfãos podiam cavalgar em justas e lutar corpo a corpo com armas cegas, dissera, uma sugestão que Dany sabia ser tão desesperada quanto bem-intencionada. Era sangue que os meereeneses ansiavam por ver, não habilidade. Caso contrário, os escravos lutadores teriam usado armaduras. Apenas a pequena escriba Missandei parecia compartilhar as dúvidas da rainha.

– Já lhe neguei seis vezes – Dany recordou a Hizdahr.

– Vossa Iluminada tem sete deuses, então talvez olhe para meu sétimo apelo com complacência. Hoje não vim sozinho. Ouvirá meus amigos? São sete também. – Ele os apresentou um a um. – Aqui está Khrazz. Aqui Barsena Cabelo Negro, sempre valente. Aqui Camarron da Conta e Goghor, o Gigante. Este é Gato Malhado, e este Ithoke Destemido. Por

último, Belaquo Quebra-Osso. Eles vieram unir suas vozes à minha e pedir que Vossa Graça reabra as arenas de luta.

Dany conhecia os sete, de nome se não de vista. Todos estavam entre os mais famosos escravos lutadores de Meereen... e haviam sido os escravos lutadores, libertos de suas amarras pelos ratos de esgoto dela, que lideraram o levante que ganhou a cidade para ela. Tinha uma dívida de sangue com eles.

– Ouvirei vocês – concordou.

Um por um, cada um deles pediu para ela reabrir as arenas.

– Por quê? – ela exigiu saber, quando Ithoke terminou. – Vocês não são mais escravos, condenados a morrer pelo capricho de seus mestres. Eu libertei vocês. Por que querem terminar a vida sobre as areias escarlate?

– Treino desde os três anos – disse Goghor, o Gigante. – Mato desde os seis. Mãe de Dragão diz, sou livre. Por que não livre para lutar?

– Se é lutar que você quer, lute por mim. Jure sua espada aos Homens da Mãe, aos Irmãos Livres ou aos Escudos Robustos. Ensine meus outros libertos a lutar.

Goghor abanou a cabeça.

– Antes, eu lutava pelo mestre. Você diz, lutar por você. Eu digo, lutar por mim. – O homem enorme bateu no peito com um punho tão grande quanto um presunto. – Por ouro. Por glória.

– Goghor fala por todos nós. – O Gato Malhado vestia uma pele de leopardo sobre um ombro. – Da última vez em que fui vendido, o preço era trezentas mil honras. Quando era escravo, dormia sobre peles e comia carne vermelha no osso. Agora que sou livre, durmo na palha e como peixe salgado, quando consigo.

– Hizdahr promete que todos os vencedores vão dividir metade das moedas coletadas nos portões – disse Khrazz. – *Metade*, ele prometeu, e Hizdahr é um homem honrado.

*Não, um homem astuto*. Daenerys se sentia presa em uma armadilha.

– E os perdedores? O que receberão?

– Seus nomes serão gravados nos Portões do Destino, entre outros valentes caídos – declarou Barsena. Dizia-se que, por oito anos, matara cada mulher enviada contra ela. – Todos os homens devem morrer, e as mulheres também... mas nem todos serão lembrados.

Dany não tinha resposta para isso. *Se é realmente o que meu povo deseja, tenho o direito de negar-lhes? Era a cidade deles antes de ser minha, e é a própria vida que desejam desperdiçar*.

– Vou considerar o que disseram. Obrigada pelo conselho de vocês. – Ela se ergueu. – Continuaremos amanhã.

– *Todos de joelhos para Daenerys Nascida da Tormenta, a Não Queimada, Rainha de Meereen, Rainha dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Khaleesi do Grande Mar de Grama, Rompedora de Algemas e Mãe de Dragões* – Missandei convocou.

Sor Barristan a escoltou de volta para seus aposentos.

– Conte-me uma história, sor – Dany disse, enquanto subiam. – Alguma história de valor com um final feliz. – Ela sentia necessidade de finais felizes. – Conte-me como escapou do Usurpador.

– Vossa Graça. Não há valor em correr pela própria vida.

Dany sentou-se sobre uma almofada, cruzou as pernas e olhou para ele.

– Por favor. Foi o Jovem Usurpador quem o afastou da Guarda Real...

– Joffrey, sim. Eles usaram minha idade como motivo, mas a verdade era outra. O garoto queria um manto branco para seu cão, Sandor Clegane, e a mãe dele queria que o Regicida fosse Senhor Comandante. Quando me disseram, eu... eu tirei meu manto como ordenado, joguei minha espada aos pés de Joffrey e falei imprudentemente.

– O que você disse?

– A verdade... mas a verdade nunca foi bem-vinda na corte. Saí da sala do trono com a cabeça erguida, embora não soubesse para onde estava indo. Não tinha outra casa que não a Torre da Espada Branca. Meus primos poderiam encontrar um lugar para mim em Solar da Colheita, eu sei, mas não queria atrair o desagrado de Joffrey sobre eles. Estava reunindo minhas coisas quando percebi que aquilo acontecera por minha culpa, por aceitar o perdão de Robert. Ele era um bom cavaleiro, mas um mau rei, por não ter nenhum direito ao trono que ocupava. Foi quando soube que, para me redimir, eu deveria encontrar o verdadeiro rei e servi-lo lealmente com todas as forças que ainda me restavam.

– Meu irmão Viserys.

– Essa era minha intenção. Quando deixei os estábulos, os mantos dourados tentaram me prender. Joffrey havia me oferecido uma torre para morrer, mas como eu recusara o presente, ele agora pretendia me

oferecer um calabouço. O comandante da Patrulha da Cidade me confrontou em pessoa, encorajado pela minha bainha vazia, mas tinha apenas três homens com ele e eu ainda tinha minha faca. Cortei o rosto de um dos homens, quando colocou as mãos sobre mim, e cavalguei por entre os outros. Enquanto me lançava em direção aos portões, ouvia Janos Slynt gritando para irem atrás de mim. Uma vez fora da Fortaleza Vermelha, as ruas estavam congestionadas, de outra forma, teria ido embora ileso. Em vez disso, me pegaram no Portão do Rio. Os mantos dourados que me perseguiam do castelo gritaram para os que estavam no portão me pararem, então eles cruzaram as lanças para barrar meu caminho.

– E você sem sua espada? Como conseguiu passar por eles?

– Um verdadeiro cavaleiro vale dez guardas. Os homens no portão foram pegos de surpresa. Desmontei um, arrancando sua lança, e já atravessei a garganta do perseguidor mais próximo com ela. O outro desistiu quando eu já estava no portão, então fiz o cavalo galopar seguindo a margem do rio, até perder a cidade de vista. Naquela noite, troquei meu cavalo por um punhado de moedas e uns trapos e, na manhã seguinte, me juntei à multidão de camponeses que ia para Porto Real. Eu havia saído pelo Portão da Lama, então retornei pelo Portão dos Deuses, com sujeira na cara, barba por fazer e nenhuma arma além de um bastão de madeira. Com aquelas roupas rústicas e as botinas com lama seca, não era mais do que um velho fugindo da guerra. Os mantos dourados me tomaram um veado de prata e me deixaram passar. Porto Real estava repleta de camponeses que buscavam refúgio dos combates. Perdi-me entre eles. Eu tinha um pouco de prata, mas precisava pagar minha passagem para atravessar o Mar Estreito, então dormia nos septos e nos becos e comia nas casas de pasto. Deixei minha barba crescer e me camuflei na idade. No dia que Lorde Stark perdeu a cabeça, eu estava lá, assistindo. Depois daquilo, fui para o Grande Septo e agradeci aos sete deuses por Joffrey ter tirado meu manto.

– Stark era um traidor que encontrou o fim de um traidor.

– Vossa Graça – disse Selmy –, Eddard Stark tomou parte na queda de seu pai, mas não fez nenhum mal a você. Quando o eunuco Varys nos contou que você esperava uma criança, Robert queria vê-la morta, mas

Lorde Stark se opôs a isso. Em vez de aprovar o infanticídio, ele disse a Robert que encontrasse outra Mão.

– Você se esqueceu da Princesa Rhaenys e do Príncipe Aegon?

– Nunca. Isso foi trabalho dos Lannister, Vossa Graça.

– Lannister ou Stark, qual a diferença? Viserys costumava chamá-los de *cães do Usurpador*. Se uma criança é atacada por uma matilha de cães, faz diferença qual deles rasgou sua garganta? Todos os cães são igualmente culpados. A culpa... – A palavra ficou presa em sua garganta. *Hazzea*, ela pensou, e subitamente se ouviu dizendo: – Preciso ver o poço – em uma voz tão baixa quanto o sussurro de uma criança. – Leve-me até lá, sor, se puder.

Um lampejo de desaprovação cruzou o rosto do velho, mas não era do feitio dele questionar sua rainha.

– Às suas ordens.

A escada dos servos era a maneira mais rápida de descer; não era comprida, mas íngreme, estreita e apertada. Sor Barristan levava uma lanterna, para que ela não caísse. Tijolos de vinte cores diferentes pesavam em volta deles, desvanecendo-se em cinza e negro além da luz da lanterna. Três vezes eles passaram por guardas Imaculados, em pé como se tivessem sido esculpidos em pedra. O único som era o suave raspar de seus pés nas pedras.

No nível do solo, a Grande Pirâmide de Meereen era um lugar abafado, cheio de poeira e sombras. As paredes externas tinham mais de nove metros de espessura. Dentro delas, os sons ecoavam em arcos de tijolos de muitas cores, e entre os estábulos, baias e depósitos. Passaram sob três arcos maciços, por uma rampa iluminada com tochas até os salões debaixo da pirâmide, após cisternas, masmorras e câmaras de tortura onde escravos haviam sido açoitados, esfolados e queimados com ferro em brasa. Finalmente chegaram diante de duas enormes portas de ferro com dobradiças enferrujadas, guardadas por um Imaculado.

Ao comando dela, o Imaculado pegou uma chave de ferro. A porta se abriu, enquanto as dobradiças gritavam. Daenerys Targaryen avançou até o âmago quente da escuridão e parou na beirada de um poço profundo. Doze metros abaixo, seus dragões levantaram as cabeças. Quatro olhos queimando contra as sombras; dois de ouro fundido e dois de bronze.

Sor Barristan a segurou pelo braço.

– Não tão perto.

– Acha que *me* machucarão?

– Não sei, Vossa Graça, mas não arriscarei sua pessoa para descobrir a resposta.

Quando Rhaegal rugiu, um clarão de chama amarela transformou a escuridão em dia por meio segundo. O fogo lambeu as paredes, e Dany sentiu o calor em seu rosto, como a explosão de um forno. Do outro lado da cova, Viserion desdobrou as asas, agitando o ar viciado. Tentou voar até ela, mas as correntes se esticaram quando ele se ergueu e fizeram-no cair de barriga. Elos tão grossos quanto punhos de um homem prendiam a pata do animal ao solo. A coleira de ferro em seu pescoço estava presa à parede atrás dele. Rhaegal usava correntes iguais. Sob a luz da lanterna de Selmy, as escamas do dragão brilhavam como jade. Fumaça saía por entre seus dentes. Ossos estavam espalhados no chão aos seus pés, rachados, queimados e fragmentados. O ar era desconfortavelmente quente e cheirava a enxofre e a carne queimada.

– Estão maiores. – A voz de Dany ecoou nas paredes de pedra queimadas. Uma gota de suor escorreu de sua testa e caiu entre os seios. – É verdade que dragões nunca param de crescer?

– Se tiverem comida suficiente e espaço para crescer. Acorrentados aqui, no entanto...

Os Grandes Mestres haviam usado o poço como prisão. Era grande o suficiente para comportar quinhentos homens... e mais do que amplo para os dois dragões. *Mas por quanto tempo? O que acontecerá quando crescerem demais para o tamanho do poço? Vão se virar um contra o outro com chamas e garras? Crescerão abatidos e fracos, com flancos murchos e asas encolhidas? O fogo deles sumirá antes do final?*

Que tipo de mãe deixa os filhos apodrecerem na escuridão?

*Se olhar para trás, estou condenada*, Dany disse para si mesma... mas como não olhar para trás? *Eu devia ter percebido. Estava tão cega, ou fechei os olhos propositadamente para não ter que ver o preço do poder?*

Viserys havia contado todas aquelas histórias quando ela era pequena. Ele adorava falar sobre dragões. Ela sabia como Harrenhal caíra. Sabia sobre o Campo de Fogo e a Dança dos Dragões. Um dos antepassados dela, o terceiro Aegon, havia visto a própria mãe ser devorada pelo dragão do tio. E havia canções além da conta sobre vilas e reinos que

eram atemorizados por esses animais até que algum bravo matador de dragões os salvasse. Em Astapor, os olhos dos traficantes de escravos haviam derretido. Na estrada para Yunkai, quando Daario jogara as cabeças de Sallor, o Calvo, e Prendahl na Ghezn aos pés dela, seus filhos se banquetearam. Dragões não temiam o homem. E dragões grandes o suficiente para devorar uma ovelha podiam facilmente fazer o mesmo com uma criança.

O nome dela havia sido Hazzea. Tinha quatro anos. *A menos que o pai tenha mentido. Ele pode ter mentido*. Ninguém vira o dragão além dele. A prova que apresentara foram ossos queimados, mas ossos queimados não provavam nada. Ele mesmo poderia ter matado a garotinha e a queimado depois. Não seria o primeiro pai a dispor de uma indesejada filha mulher, o Cabeça-Raspada afirmara. *Os Filhos da Harpia podem ter feito isso e arranjado para parecer trabalho de dragão e a cidade me odiar*. Dany queria acreditar nisso... mas, se fosse isso, por que o pai de Hazzea esperara até a audiência estar quase vazia para se apresentar? Se o propósito dele fosse inflamar os meereeneses contra ela, teria contado sua história quando o salão estava cheio de ouvidos para escutar.

O Cabeça-Raspada pedira que ela mandasse o homem para a morte.

– Ao menos arranque sua língua. A mentira deste homem pode destruir a todos nós, Magnificência.

Em vez disso, Dany escolheu pagar o preço do sangue. Ninguém soube dizer o valor de uma filha, então ela estabeleceu como cem vezes o preço de um cordeiro.

– Eu lhe daria Hazzea de volta se pudesse – disse ao pai –, mas algumas coisas estão além do poder até mesmo de uma rainha. Os ossos dela descansarão no Templo das Graças, e cem velas queimarão dia e noite por sua memória. Venha até mim a cada ano, no dia do nome dela, e seus outros filhos não passarão necessidades... mas esta história nunca deve sair de seus lábios novamente.

– As pessoas vão perguntar – o pai de luto dissera. – Vão me perguntar onde está Hazzea e como ela morreu.

– Ela morreu de uma picada de cobra – Reznak mo Reznak insistiu. – Um lobo voraz a devorou. Uma doença repentina a levou. Fale o que quiser, mas nunca fale sobre dragões.

As garras de Viserion rasparam nas pedras, e as imensas correntes sacudiram quando ele tentou ir até ela novamente. Quando não conseguiu, deu um rugido, virou a cabeça para trás o máximo que conseguiu e cuspiu uma chama dourada contra a parede atrás de si. *Quanto tempo até que seu fogo fique quente o suficiente para rachar a pedra e derreter o ferro?*

Uma vez, havia não muito tempo, ele montara sobre o ombro dela, com a cauda enrolada em seu braço. Outra vez ela o alimentara colocando pedaços de carne torrada em sua própria mão. Ele fora o primeiro a ser acorrentado. Daenerys o levara até o poço e o trancara lá dentro com vários bois. Quando ele se fartou, caiu adormecido. Foi acorrentado enquanto dormia.

Rhaegal fora mais difícil. Talvez pudesse ouvir o irmão irado no poço, apesar das paredes de tijolos e pedras entre eles. No fim, tiveram que cobri-lo com uma pesada rede de correntes de ferro, enquanto ele se aquecia no terraço, e ele lutara tão ferozmente que foram necessários três dias para arrastá-lo pela escadaria dos servos, torcendo e encaixando o dragão. Seis homens haviam sido queimados na luta.

E Drogon...

*A sombra alada*, o pai em luto o chamara. Ele era o maior dos três, o mais feroz, o mais selvagem, com escamas tão negras como a noite e olhos como poços de fogo.

Drogon caçava longe, mas, quando se saciava, gostava de se aquecer ao sol no ápice da Grande Pirâmide, onde uma vez estivera a harpia de Meereen. Três vezes tentaram tirá-lo de lá, e três vezes falharam. Dois grupos de seus homens mais corajosos haviam se arriscado tentando capturá-lo. Quase todos sofreram queimaduras e quatro morreram. A última vez que ela vira Drogon fora ao pôr do sol da noite, na terceira tentativa. O dragão negro voara para o Norte, através do Skahazadhan, em direção à grama alta do Mar Dothraki. Não retornara.

*Mãe de dragões*, Daenerys pensou. *Mãe de monstros. O que eu desencadeei sobre o mundo? Sou uma rainha, mas meu trono é feito de ossos queimados e repousa sobre areia movediça.* Sem os dragões, como poderia esperar manter Meereen e muito menos retomar Westeros? *Sou o sangue do dragão*, ela pensou. *Se eles são monstros, eu também sou*.

# Fedor

O rato gritou quando ele o mordeu, contorcendo-se descontroladamente em suas mãos, frenético para fugir. A barriga era a parte mais macia. Ele rasgou a carne fresca, o sangue morno escorrendo por seus lábios. Era tão bom que trazia lágrimas aos olhos. Seu estômago roncou e ele engoliu. Na terceira mordida, o rato parou de lutar, e ele se sentiu quase satisfeito.

Então ouviu o som de vozes do lado de fora da porta do calabouço.

Parou imediatamente, com medo até de mastigar. Sua boca estava cheia de sangue, carne e pelos, mas não ousava cuspir ou engolir. Ouvia aterrorizado, paralisado como pedra, o roçar das botas e o tilintar das chaves de ferro. *Não*, pensou, *não, por favor, deuses, não agora, não agora*. Demorara tanto tempo para pegar o rato. *Se me pegarem com esse bicho, vão tirá-lo de mim e vão contar para Lorde Ramsay e ele vai me machucar.*

Ele sabia que tinha que esconder o rato, mas estava com *tanta fome*. Já fazia dois dias desde que comera, talvez três. Ali embaixo, na escuridão, era difícil dizer. Embora os braços e as pernas estivessem finos como juncos, sua barriga estava inchada e vazia, e doía tanto que ele não conseguia dormir. Cada vez que fechava os olhos, começava a se lembrar da Senhora Hornwood. Depois do casamento, Lorde Ramsay a trancara em uma torre e a deixara morrer de fome. No final, ela comera os próprios dedos.

Agachou-se no canto da cela, apertando o prêmio contra o queixo. Sangue escorria pelos cantos da boca, enquanto mordiscava o rato com o que restara de seus dentes, tentando engolir o máximo de carne morna que conseguisse antes que a cela se abrisse. A carne estava fibrosa, mas tão suculenta que ele pensou que talvez estivesse doente. Mastigou e engoliu, pegando pequenos ossos dos buracos na gengiva de onde seus

dentes haviam sido arrancados. Doía mastigar, mas estava com tanta fome que não podia parar.

Os sons estavam ficando mais altos. *Por favor, deuses, ele não está vindo por mim*, orou, arrancando uma das pernas do rato. Fazia um longo tempo desde que alguém viera até ele. Havia outras celas, outros prisioneiros. Algumas vezes ele os ouvia gritar, mesmo pelas grossas paredes de pedra. As mulheres sempre gritavam mais alto. Chupou a carne crua e tentou cuspir o osso da perna, mas o osso só escorregou por seus lábios e se enroscou na barba. *Vá embora*, rezou, *vá embora, passe por mim, por favor, por favor*.

Mas os passos pararam justamente quando ficaram mais altos, e as chaves retiniram do lado de fora da porta. O rato caiu de seus dedos. Ele limpou os dedos ensanguentados no calção.

– Não – murmurou. – Nãããooo. – Seus calcanhares rasparam na palha, quando tentou empurrar o próprio corpo contra o canto da cela, nas frias e úmidas paredes de pedra.

O som da trava se abrindo era o mais terrível de todos. Quando a luz bateu em cheio em seu rosto, ele soltou um grito. Teve que cobrir os olhos com as mãos. Ele os arranharia se ousasse, sua cabeça latejava muito.

– Tirem ele daqui, mas façam no escuro, por favor, oh, por favor.

– Não é ele – disse uma voz de garoto. – Olhe para ele. Estamos na cela errada.

– Última cela da esquerda – outro garoto respondeu. – Esta é a última cela da esquerda, não é?

– Sim. – Uma pausa. – O que ele está dizendo?

– Acho que não gosta da luz.

– Você gostaria, se fosse parecido com *isso*? – O garoto pigarreou e cuspiu. – E o cheiro dele. Estou ficando sufocado.

– Ele esteve comendo ratos – disse o segundo garoto. – Olhe.

O primeiro garoto riu.

– É verdade. Que engraçado.

*Tive que fazer isso*. Os ratos o mordiam quando ele dormia, roendo seus dedos das mãos e dos pés e até seu rosto, então, quando colocou as mãos em um, não hesitou. Comer ou ser comido, essas eram suas únicas escolhas.

– Eu comi – ele murmurou –, eu comi, eu comi, eu comi ele, eles faziam o mesmo comigo, por favor...

Os garotos se aproximaram, a palha sendo triturada suavemente sob seus pés.

– Fale comigo – disse um deles. Era o menor dos dois, um garoto magro mas esperto. – Você se lembra de quem é?

O medo borbulhou dentro dele, e ele gemeu.

– Fale comigo. Diga-me seu nome.

*Meu nome*. Um grito ficou preso na garganta. Eles tinham lhe ensinado seu nome, eles tinham, eles *tinham*, mas fazia tanto tempo que ele esquecera. *Se eu disser algo errado, ele vai me tirar outro dedo, ou pior, ele vai, ele vai...* Ele não pensaria naquilo, ele não podia pensar naquilo. Havia agulhas em sua mandíbula, em seus olhos. Sua cabeça latejava.

– Por favor – ele guinchou, com uma voz fina e fraca. Soava como se tivesse cem anos. Talvez tivesse. *Há quanto tempo estou aqui?* – Vão – ele murmurou, os dentes quebrados e os dedos quebrados, os olhos fechados apertados contra a terrível luz brilhante. – Por favor, você pode levar o rato, não me machuque...

– *Fedor* – disse o maior dos garotos. – Seu nome é Fedor. Lembra? – Ele estava com uma tocha. O menor levava o molho de chaves de ferro.

*Fedor?* Lágrimas correram por seu rosto.

– Lembro. Eu me chamo assim. – Sua boca se abriu e se fechou. – Meu nome é Fedor. Rima com licor. – No escuro, ele não precisava de um nome, então era fácil esquecer. *Fedor, Fedor, meu nome é Fedor*. Ele não nascera com aquele nome. Em outra vida ele fora outra pessoa, mas, ali, agora, seu nome era Fedor. Ele se lembrava.

Lembrava-se dos garotos também. Estavam vestidos em gibões de lã de cordeiro iguais, cinza-prateados com acabamento azul-escuro. Ambos eram escudeiros, ambos tinham oito anos e ambos eram Walder Frey. *Grande Walder e Pequeno Walder, sim*. Só que o maior era o Pequeno e o menor era o Grande, o que divertia os meninos e confundia o resto do mundo.

– Eu conheço vocês – murmurou através dos lábios rachados. – Sei seus nomes.

– Você vem conosco – disse Pequeno Walder.

– Sua senhoria precisa de você – disse Grande Walder.

O medo o atravessou como uma faca. *São apenas crianças*, pensou. *Dois garotos de oito anos*. Podia derrotá-los, certamente. Mesmo tão fraco como estava, podia pegar a tocha, tomar as chaves, tirar a adaga pendurada no quadril de Pequeno Walder e escapar. *Não. Não, está fácil demais. É uma armadilha. Se eu fugir, ele vai me tirar outro dedo ou mais alguns dos meus dentes*.

Ele fugira antes. Anos atrás, parecia, quando ainda restava alguma força nele, quando ainda era desafiador. Daquela vez fora Kyra com as chaves. Ela lhe dissera que as roubara e que conhecia um portão traseiro que nunca era vigiado.

– Leve-me de volta a Winterfell, senhor – ela implorara, pálida e tremendo. – Não sei o caminho. Não posso fugir sozinha. Venha comigo, por favor.

E ele foi. O carcereiro estava desmaiado de bêbado em uma poça de vinho, com os calções abaixados até os tornozelos. A porta do calabouço estava aberta e o portão traseiro vazio, bem como ela dissera. Esperaram que a lua ficasse atrás de uma nuvem, então deslizaram para fora do castelo e chapinharam pelas Águas Chorosas, tropeçando nas pedras, semicongelados pelo fluxo gelado. Do outro lado, ele a beijara.

– Você nos salvou – dissera. *Tolo. Tolo.*

Fora tudo uma armadilha, um jogo, uma brincadeira. Lorde Ramsay adorava perseguições e preferia caçar presas de duas pernas. Durante toda a noite, eles correram pela floresta sombria, mas quando o sol apareceu, o som distante de um berrante chegou fraco por entre as árvores, e eles ouviram os latidos de uma matilha de cães de caça.

– Devemos nos separar – dissera para Kyra, quando os cães pareceram mais próximos. – Eles não conseguirão seguir nós dois. – A garota, enlouquecida pelo medo, recusou-se a sair do lado dele, mesmo quando ele jurou que reuniria uma tropa de homens de ferro e voltaria por ela, se ela fosse a única a ser seguida.

Dentro de uma hora, foram capturados. Um cão o derrubou no chão, e um segundo mordeu Kyra na perna quando ela se arrastou até uma encosta. Os outros os cercaram, latindo e rosnando, avançando sobre eles cada vez que se moviam, prendendo-os até que Ramsay Snow chegou com seus caçadores. Ele, então, ainda era um bastardo, e não um Bolton.

– Aí estão vocês – disse, sorrindo de cima da cela. – Vocês me magoam, vagando por aí assim. Cansaram-se da minha hospitalidade tão cedo? – Foi quando Kyra pegou uma pedra e atirou na cabeça dele. Errou por quase meio metro e Ramsay sorriu. – Você precisa ser punida.

Fedor se lembrava do olhar desesperado e assustado de Kyra. Ela nunca parecera tão jovem quanto naquele momento, ainda meio menina, mas não havia nada que ele pudesse fazer. *Ela trouxe eles até nós*, ele pensou. *Se tivéssemos nos separado como eu queria, um de nós podia ter fugido.*

A lembrança tornava difícil respirar. Fedor se afastou da tocha com lágrimas nos olhos. *O que ele quer de mim desta vez?,* pensou, desesperado. *Por que não me deixa em paz? Não fiz nada errado, não desta vez, por que ele simplesmente não me deixa na escuridão?* Ele tinha um rato, um rato gordo, quente e se contorcendo...

– Devemos lavar ele? – perguntou Pequeno Walder.

– Sua senhoria gosta dele fedendo – disse Grande Walder. – Foi por isso que o chamou de Fedor.

*Fedor. Meu nome é Fedor, rima com temor*. Ele tinha que se lembrar disso. *Sirva, obedeça e lembre-se de quem você é, e nenhum outro mal acontecerá. Ele prometeu, sua senhoria prometeu*. Mesmo se quisesse resistir, não tinha forças. As forças o abandonaram quando fora açoitado, passara fome e fora esfolado. Quando Pequeno Walder o levantou e Grande Walder levou a tocha até ele, para guiá-lo para fora da cela, seguiu tão dócil quanto um cão. Se tivesse um rabo, estaria enfiado entre as pernas.

*Se eu tivesse um rabo, o Bastardo teria cortado ele fora*. O pensamento veio espontaneamente, um pensamento vil, perigoso. Sua senhoria não era mais um bastardo. *Bolton, não Snow*. O rei menino do Trono de Ferro legitimara Lorde Ramsay, dando a ele o direito de usar o nome do pai. Chamá-lo de Snow o recordava de sua ilegitimidade e o fazia ficar com uma raiva negra. Devia se lembrar disso. E do seu nome, tinha que lembrar seu nome. Por meio segundo, esqueceu como se chamava, e isso o assustou tanto que tropeçou nos degraus da escadaria do calabouço e rasgou os calções na pedra, sangrando. Pequeno Walder teve que enfiar a tocha nele, para que ficasse em pé e andasse novamente.

No pátio, a noite caía sobre Forte do Pavor, e uma lua cheia subia pela muralha ocidental do castelo. Sua pálida luz lançava as sombras dos altos merlões triangulares através do chão congelado, uma linha de afiados dentes negros. O ar estava frio e úmido e repleto de cheiros meio esquecidos. *O mundo*, Fedor disse para si mesmo, *é assim que o mundo cheira*. Não sabia por quanto tempo estivera no calabouço, mas fora por, pelo menos, meio ano. *Esse tanto, ou ainda mais. E se foram cinco anos, ou dez, ou vinte? Como eu saberia? E se fiquei louco lá embaixo e metade da minha vida se foi?* Não, isso era tolice. Não fora tanto tempo. Os garotos ainda eram garotos. Se dez anos tivessem se passado, já seriam homens. Tinha que se lembrar disso. *Não posso deixar ele me enlouquecer. Ele pode levar meus dedos das mãos e dos pés, pode arrancar meus olhos e fatiar minhas orelhas, mas não pode tirar meu juízo, a menos que eu deixe.*

Pequeno Walder seguiu na frente com a tocha na mão. Fedor o seguiu mansamente, com Grande Walder bem atrás dele. Os cães nos canis latiram quando passaram. O vento rodopiava no pátio, atravessando o fino trapo imundo que ele vestia e causando arrepios em sua pele. O ar da noite estava frio e úmido, mas ele não via nenhum sinal de neve, embora o inverno devesse estar bem próximo. Fedor se perguntava se estaria vivo para ver a neve chegar. *Quantos dedos terei nas mãos? E quantos nos pés?* Quando levantou uma mão, ficou chocado em ver como estava branca, como estava sem carne. *Pele e ossos*, pensou. *Tenho a mão de um velho*. Poderia estar errado a respeito dos garotos? E se não fossem Pequeno Walder e Grande Walder, afinal, mas os *filhos* dos meninos que conhecera?

O grande salão estava escuro e esfumaçado. Fileiras de tochas queimavam à esquerda e à direita, presas por esqueletos de mãos humanas que pendiam das paredes. Bem no alto de suas cabeças havia vigas de madeira escurecidas pela fumaça e um teto abobadado perdido nas sombras. O ar estava pesado com os cheiros de vinho, cerveja e carne assada. O estômago de Fedor roncou ruidosamente com aqueles odores e sua boca começou a salivar.

Pequeno Walder o empurrou aos tropeções pelas longas mesas onde os homens da guarnição comiam. Podia sentir os olhares sobre ele. Os melhores lugares, perto do estrado, estavam ocupados pelos favoritos de

Ramsay, os Rapazes do Bastardo. Ben Ossos, o velho que mantinha os amados cães de caça de sua senhoria. Damon, chamado Damon-Dance-para-Mim, cabelos louros e cara de menino. Grunhido, que perdera a língua por falar sem pensar nos ouvidos de Lorde Roose. Alyn Azedo. Peleiro. Caralho Amarelo. Mais afastados, estavam outros que Fedor conhecia de vista, mas não de nome; espadas juramentadas e oficiais, soldados, carcereiros e torturadores. Mas havia estranhos também, rostos que nunca vira. Alguns franziam o nariz quando ele passava, enquanto outros riam ao vê-lo. *Convidados*, Fedor pensou*, amigos de sua senhoria, e fui trazido para a diversão deles*. Um arrepio de medo passou por ele.

Na mesa mais elevada, o Bastardo de Bolton estava sentado na cadeira do senhor seu pai, bebendo na taça paterna. Dois velhos dividiam a mesa com ele, e Fedor soube com um único olhar que ambos eram senhores. Um deles era magro, olhos impiedosos, uma comprida barba branca, e o rosto tão duro quanto uma geada de inverno. Seu gibão era uma pele de urso esfarrapada, gasta e gordurosa. Por baixo, usava uma cota de malha longa, mesmo à mesa. O segundo senhor também era magro, mas torto onde o primeiro era reto. Um de seus ombros era muito mais alto que o outro, e ele se debruçava sobre seu trincho como um abutre sobre a carniça. Seus olhos eram cinzentos e gananciosos, os dentes amarelos, a barba bifurcada um emaranhado de neve e cinza. Apenas poucos tufos de cabelo branco se penduravam em seu crânio manchado, mas o manto que usava era macio e fino, de lã cinza debruada com zibelina negra, preso ao ombro com uma estrela forjada em prata batida.

Ramsay estava vestido de preto e rosa; botas pretas, cinto e bainha pretos, um justilho de couro preto sobre um gibão de veludo rosa e cetim vermelho-escuro. Em sua orelha direita brilhava uma granada cortada na forma de uma gota de sangue. Apesar de todo o esplendor da vestimenta, ainda era um homem feio, com grandes ossos e ombros inclinados e uma corpulência que sugeria que no futuro ficaria gordo. A pele era rosada e manchada, o nariz largo, a boca pequena, o cabelo longo, escuro e seco. Os lábios eram grandes e carnudos, mas a primeira coisa que as pessoas notavam nele eram os olhos. Ele tinha os olhos do senhor seu pai: pequenos, juntos, estranhamente claros. *Cinza-fantasma*, alguns homens diziam nas sombras, mas na verdade seus olhos eram quase sem cor, como dois pedaços de gelo sujo.

Ao ver Fedor, deu um sorriso com os lábios úmidos. – Aí está ele. Meu velho amigo azedo. – Para os homens ao lado dele, disse. – Fedor está comigo desde que eu era menino. O senhor meu pai me deu ele, como símbolo de seu amor.

Os dois senhores trocaram um olhar.

– Tinha ouvido dizer que seu servo estava morto – disse o dos ombros inclinados. – Assassinado pelos Stark, disseram.

Lorde Ramsay riu. – Os homens de ferro diriam para você que o que está morto não pode morrer, mas volta a se erguer, mais duro e mais forte. Como Fedor. Embora ele cheire a túmulo, isso eu garanto.

– Ele cheira a excrementos e vômito velho. – O velho senhor do ombro caído jogou o osso que estivera roendo e limpou os dedos na toalha da mesa. – Há alguma razão para que você nos imponha a presença dele enquanto estamos comendo?

O segundo senhor, o velho de costas eretas e cota de malha longa, estudou Fedor com olhos impiedosos.

– Olhe novamente – pediu ao outro. – O cabelo está branco e ele está uns vinte quilos mais magro, sim, mas este não é nenhum servo. Você se esqueceu?

O senhor corcunda olhou novamente e deu uma fungada súbita.

– *Ele?* Será possível? O protegido de Stark. Sorrindo, sempre sorrindo.

– Ele sorri com menos frequência agora – Lorde Ramsay confessou. – Posso ter quebrado alguns de seus belos dentes brancos.

– Teria feito melhor se tivesse cortado a garganta dele – disse o senhor em cota de malha. – Um cão que se volta contra seu dono não serve para nada, só para ser esfolado.

– Ah, ele está sendo esfolado, em um lugar ou noutro – disse Ramsay.

– Sim, meu senhor. Eu fui mau, senhor, insolente e... – Ele passou a língua pelos lábios, tentando pensar o que mais havia feito. *Servir e obedecer,* disse a si mesmo, *e ele o deixará viver e manter as partes que você ainda tem. Servir, obedecer e lembrar seu nome. Fedor, fedor, rima com amor*. –... mau e...

– Há sangue em sua boca – Ramsay observou. – Você andou roendo seus dedos novamente, Fedor?

– Não. Não, senhor, eu juro. – Fedor tentara arrancar o próprio dedo com uma mordida, certa vez, para parar a dor depois que tiraram a pele.

Lorde Ramsay nunca cortava simplesmente o dedo de um homem. Preferia esfolá-lo e deixar a carne exposta secar, rachar e inflamar. Fedor havia sido chicoteado, torturado e cortado, mas nenhuma dor trazia a metade do sofrimento daquela que seguia o esfolamento. Era o tipo de dor que levava os homens à loucura, e não podia ser suportada por muito tempo. Cedo ou tarde a vítima gritava: – Por favor, não mais, não mais, pare a dor, *corte fora* – e Lorde Ramsay era obrigado a fazê-lo. Era um jogo. Fedor aprendera as regras, como suas mãos e pés podiam testemunhar, mas naquela vez ele se esquecera e tentara acabar com a dor por conta própria, com os dentes. Ramsay não ficara satisfeito, e a ofensa custara a Fedor outro dedo.

– Comi um rato – murmurou.

– Um rato? – Os olhos claros de Ramsay brilharam com a luz das tochas. – Todos os ratos em Forte do Pavor pertencem ao senhor meu pai. Como você ousa comer um deles sem minha permissão?

Fedor não sabia o que dizer, então não disse nada. Uma palavra errada podia custar outro dedo da mão, talvez um do pé. Até agora, perdera dois dedos da mão esquerda e o mindinho da direita, mas somente um dedinho do pé direito, contra três do esquerdo. Algumas vezes, Ramsay fazia piadas sobre desequilibrá-lo. *Meu senhor está apenas brincando*, tentou dizer para si mesmo. *Ele não quer me machucar, ele me disse, só faz isso quando dou motivo*. Seu senhor era misericordioso e gentil. Ele poderia ter esfolado seu rosto por algumas coisas que Fedor dissera, antes de aprender seu nome verdadeiro e seu lugar.

– Isto está ficando tedioso – disse o senhor na cota de malha. – Mate-o e acabe com isso.

Lorde Ramsay encheu o copo com cerveja.

– Isso estragaria nossa celebração, senhor. Fedor, tenho boas novas para você. Vou me casar. O senhor meu pai está me trazendo uma garota Stark. A filha de Lorde Eddard, Arya. Você se lembra da pequena Arya, não?

*Arya Debaixo dos Pés*, ele quase disse. *Arya Cara de Cavalo*. A irmã mais nova de Robb, cabelo castanho, rosto comprido, magra como uma varinha, sempre suja. *Sansa era a bonita*. Lembrava-se de uma época em que pensava que Lorde Eddard Stark pudesse casá-lo com Sansa e

assumi-lo como filho, mas isso fora apenas fantasia de criança. Arya, porém...

– Lembro-me dela. Arya.

– Ela deverá ser a Senhora de Winterfell, e eu, seu senhor.

*Ela é somente uma menina.*

– Sim, meu senhor. Congratulações.

– Você estará presente ao meu casamento, Fedor?

Ele hesitou.

– Se desejar, senhor.

– Ah, eu desejo.

Ele hesitou novamente, se perguntando se era alguma armadilha cruel.

– Sim, meu senhor. Se agradá-lo. Ficarei honrado.

– Temos que tirá-lo daquele calabouço vil, então. Esfregá-lo até você ficar rosado novamente, arranjar roupas limpas e alguma comida. Algum mingau suave, gostaria disso? Talvez uma torta de ervilhas com bacon. Tenho uma pequena tarefa para você, e para me servir você precisará recuperar as forças. Você quer me servir, eu sei.

– Sim, meu senhor. Mais do que qualquer coisa. – Um arrepio atravessou seu corpo. – Sou seu Fedor. Por favor, deixe-me servi-lo. Por favor.

– Já que você pede tão gentilmente, como posso negar? – Ramsay Bolton sorriu. – Eu cavalgo para a guerra, Fedor. E você virá comigo, para me ajudar a trazer para casa minha noiva virgem.

# Bran

Alguma coisa no jeito que o corvo gritou fez um arrepio percorrer a espinha de Bran. *Sou quase homem feito*, teve que lembrar a si mesmo. *Tenho que ser corajoso agora*.

Mas o ar estava cortante, frio e cheio de medo. Até mesmo Verão estava assustado. O pelo em seu pescoço estava eriçado. Sombras cresciam contra a encosta, negras e famintas. Todas as árvores estavam dobradas e torcidas pelo peso da neve que carregavam. Algumas nem pareciam mais árvores. Queimadas da raiz à copa pela neve congelada, amontoavam-se na colina como gigantes, criaturas monstruosas e disformes, curvadas contra o vento gelado.

– Estão aqui. – O cavaleiro desembainhou sua espada longa.

– Onde? – A voz de Meera estava abafada.

– Perto. Não sei. Em algum lugar.

O corvo gritou novamente.

– Hodor – suspirou Hodor. Ele tinha as mãos enfiadas embaixo das axilas. Pingentes de gelo tomavam conta da sarça marrom em que se transformara sua barba, e seu bigode tinha um pedaço de ranho congelado que brilhava avermelhado na luz do pôr do sol.

– Os lobos estão por perto também – Bran avisou. – Aqueles que vêm nos seguindo. Verão consegue farejá-los sempre que o vento está a favor.

– Lobos são o menor dos nossos problemas – disse Mãos Frias. – Temos que escalar. Logo estará escuro. Será bom se vocês já estiverem dentro quando a noite vier. O calor de seus corpos vai atraí-los. – Ele olhou para oeste, onde a luz do sol poente podia ser vagamente vista através das árvores, como o brilho de um fogo distante.

– É a única maneira?

– A porta de trás está quinze quilômetros ao norte, dentro de um sumidouro.

Isso era tudo o que tinha a dizer. Nem mesmo Hodor poderia descer em um sumidouro com Bran nas costas, e Jojen não conseguiria andar mais quinze quilômetros do que correria mil.

Meera olhou morro acima.

– O caminho parece livre.

– *Parece* – O cavaleiro murmurou sombriamente. – Sente o frio? Há algo aqui. *Onde estão?*

– Dentro da caverna? – sugeriu Meera.

– A caverna é protegida. Eles não podem entrar – o cavaleiro usou a espada para apontar. – Dá para ver a entrada ali. A meio caminho do topo, entre os represeiros, aquela fenda na rocha.

– Estou vendo – disse Bran. Corvos voavam para dentro e para fora.

Hodor deslocou o peso de uma perna para a outra.

– Hodor.

– Uma prega na rocha, é tudo o que vejo – disse Meera.

– Há uma passagem ali. Íngreme e sinuosa no início, um túnel através da rocha. Se conseguirem alcançá-lo, estarão seguros.

– E você?

– A caverna é protegida.

Meera estudou a fenda na encosta.

– Não pode ser mais do que mil metros daqui até lá.

*Não*, pensou Bran, *mas todos esses metros são para cima*. O morro era íngreme e densamente arborizado. A neve parara de cair havia três dias, mas ainda não derretera. Sob as árvores, o chão estava coberto de branco, ainda intocado.

– Não há ninguém aqui – Bran disse, corajosamente. – Olhe para a neve. Não há pegadas.

– Os caminhantes brancos andam suavemente na neve – o cavaleiro disse. – Você não encontrará pegadas que marquem a passagem deles – um corvo pousou em seu ombro. Apenas uma dúzia das grandes aves negras permanecia com ele. O resto perecera ao longo do caminho; a cada manhã, quando surgiam, havia menos delas. *Venha*, a ave gritou. *Venha, venha*.

*O corvo de três olhos*, pensou Bran. *O vidente verde*.

– Não está longe – disse. – Uma pequena escalada e estaremos a salvo. Talvez possamos fazer fogo – todos estavam gelados e úmidos, com

exceção do cavaleiro, e Jojen Reed estava fraco demais para caminhar sem ajuda.

– Vocês vão – Meera Reed abaixou-se ao lado do irmão. Ele estava encostado no tronco de um carvalho, com os olhos fechados, tremendo violentamente. O pouco de seu rosto que podia ser visto sob o capuz e o cachecol estava tão sem cor quanto a neve ao redor, mas a respiração ainda inflava suas narinas toda vez que ele expirava. Meera o carregara o dia todo. *Comida e fogo o farão ficar bem novamente*, Bran tentava dizer para si mesmo, embora não tivesse certeza disso.

– Não posso lutar e carregar Jojen ao mesmo tempo, a subida é muito íngreme – Meera estava dizendo. – Hodor, leve Bran até a caverna.

– Hodor – Hodor bateu palmas.

– Jojen só precisa comer – disse Bran, miseravelmente. Havia doze dias o alce caíra pela terceira e última vez, e Mãos Frias ajoelhara ao lado do animal em um monte de neve e murmurara uma bênção em algum idioma estranho enquanto cortava sua garganta. Bran chorara como uma menininha quando o sangue brilhante escorreu. Nunca se sentira tão aleijado quanto naquele momento, olhando impotente enquanto Meera Reed e Mãos Frias fatiavam o bravo animal que os levara tão longe. Dissera a si mesmo que não comeria, que era melhor ficar com fome do que se banquetear com a carne de um amigo, mas no final comera duas vezes, uma em sua própria pele, outra na de Verão. Apesar de o alce estar magro e faminto, os bifes que o cavaleiro cortou os sustentaram por sete dias, até que terminaram na última vez que se encolheram em volta de uma fogueira, nas ruínas de uma fortificação.

– Ele precisa comer – Meera concordou, alisando a testa do irmão. – Todos precisamos, mas não tem comida aqui. Vá.

Bran piscou quando sentiu uma lágrima que escorreu e congelou em seu rosto. Mãos Frias segurou Hodor pelo braço.

– A luz está acabando. Se não estão aqui agora, logo estarão. Vão.

Sem palavras dessa vez, Hodor bateu a neve das pernas e começou a subida por entre montes de neve, com Bran nas costas. Mãos Frias seguia atrás deles, com a lâmina na mão negra. Verão vinha na sequência. Em alguns lugares, a neve era muito alta, e o grande lobo gigante tinha que parar e se sacudir para livrar-se dela depois de afundar quase todo o corpo na fina crosta gelada. Enquanto subiam, Bran se virou

desajeitadamente no cesto para ver Meera deslizando um braço por trás do irmão para ajudá-lo a levantar. *Ele é muito pesado para ela. Ela está meio faminta, não é tão forte quanto antes*. Ela pegou o tridente com a outra mão, espetando os dentes na neve para conseguir um pouco mais de apoio. Meera apenas começara a subir a colina, meio arrastando e meio carregando o irmãozinho, quando Hodor passou por entre duas árvores e Bran os perdeu de vista.

O morro ficou mais íngreme. Montes de neve quebravam sob as botas de Hodor. Uma rocha moveu-se embaixo de seus pés, ele escorregou para trás e quase caiu morro abaixo. O cavaleiro o pegou pelo braço e o salvou.

– Hodor – disse Hodor.

Cada rajada de vento enchia o ar com um pó branco fino que brilhava como vidro na última luz do dia. Corvos batiam as asas em torno deles. Um deles voou adiante e desapareceu dentro da caverna. *Somente setenta metros agora*, pensou Bran, *não é tão longe, no final das contas*.

Verão parou de repente, na base de um trecho íngreme de neve branca intocada. O lobo gigante virou a cabeça, farejou o ar e rosnou. Com o pelo eriçado, começou a recuar.

– Hodor, pare – disse Bran. – Hodor. *Espere*. – Alguma coisa estava errada. Verão farejara, e ele também. *Algo mau. Algo próximo*. – Hodor, não, volte.

Mãos Frias ainda estava subindo, e Hodor queria seguir.

– Hodor, hodor, hodor – resmungou em voz alta, para abafar as reclamações de Bran. Sua respiração estava difícil. Uma névoa clara enchia o ar. Ele deu um passo e depois outro. A neve estava quase na altura da sua cintura e a encosta era muito íngreme. Hodor estava inclinado para a frente, agarrando-se a pedras e árvores com as mãos enquanto subia. Um passo. Outro. A neve que Hodor deslocou causou uma pequena avalanche.

*Cinquenta metros*. Bran esticou-se para o lado, para ver melhor a caverna. Viu algo mais.

– Uma fogueira! – Na pequena fenda entre os represeiros, havia um brilho cintilante, uma luz avermelhada chamando através da penumbra. – Olhe, alguém...

Hodor gritou. Girou, tropeçou e caiu.

Bran sentiu o mundo deslizar para o lado conforme o grande cavalariço rodopiava. Um violento impacto tirou-lhe a respiração. Sua boca estava cheia de sangue, e Hodor se debatia e rolava, esmagando o garoto aleijado embaixo dele.

*Algo segurou sua perna*. Por meio segundo, Bran pensou que talvez uma raiz tivesse se enroscado em seu tornozelo... até que a raiz se moveu. *Uma mão*, ele viu, enquanto o resto da criatura surgia por entre a neve.

Hodor chutou a coisa, batendo com o calcanhar coberto de neve bem na cara da criatura, mas o morto não pareceu sentir. Então os dois estavam lutando, chutando e arranhando um ao outro, escorregando morro abaixo. A boca e o nariz de Bran se encheram de neve conforme viravam, mas meio segundo mais tarde ele estava rolando novamente. Algo bateu contra sua cabeça, uma pedra, um pedaço de gelo ou o punho do morto, não saberia dizer, e se viu fora da cesta, esparramado na encosta, cuspindo neve, com a mão enluvada cheia de cabelo que arrancara da cabeça de Hodor.

Em volta dele, criaturas se levantavam por debaixo da neve.

*Dois, três, quatro*. Bran perdeu a conta. Eles surgiam violentamente entre nuvens repentinas de neve. Alguns usavam mantos negros, outros peles ásperas, e alguns não usavam nada. Todos tinham a pele pálida e as mãos negras. Seus olhos brilhavam como claras estrelas azuis.

Três deles atacaram o cavaleiro. Bran viu Mãos Frias cortar um no rosto. A coisa continuou avançando, conduzindo-o de costas até os braços de outra criatura. Dois outros iam atrás de Hodor, descendo desajeitadamente a encosta. Meera subia na direção deles, Bran percebeu, sentindo-se aterrorizadamente impotente. Bateu na neve e gritou um aviso.

Algo o agarrou.

Foi quando seu grito se transformou em um berro. Bran encheu a mão de neve e a atirou, mas a criatura apenas piscou. Uma mão negra tateou seu rosto, outra sua barriga. Seus dedos pareciam de ferro. *Ele vai arrancar minhas entranhas*.

De repente, Verão estava entre eles. Bran vislumbrou a pele ser rasgada como roupa barata, ouviu a fragmentação de ossos. Viu uma mão e um pulso soltos, com dedos brancos se contorcendo, uma manga desbotada

de tecido áspero e negro. *Negro*, pensou, *ele vestia negro, era da Patrulha*. Verão jogou o braço de lado, virou-se e cravou os dentes no pescoço do morto, bem abaixo do queixo. Quando levantou a cabeça, levou a maior parte da garganta da criatura, em uma explosão de carne branca e podre.

A mão decepada ainda se movia. Bran rolou para longe dela. Olhando por cima da barriga, viu as árvores, pálidas e cobertas de neve, e o brilho alaranjado entre elas.

*Quarenta metros*. Se pudesse se arrastar quarenta metros, as criaturas não conseguiriam pegá-lo. A umidade atravessou suas luvas, conforme agarrava raízes e pedras, arrastando-se em direção à luz. *Um pouco mais, só um pouco mais. Então você poderá descansar ao lado do fogo*.

A última luz do dia desaparecera entre as árvores. A noite caíra. Mãos Frias retalhava e cortava os mortos que o cercavam. Verão rasgava um que derrubara, o rosto da criatura entre seus dentes. Ninguém prestava atenção em Bran. Ele rastejou um pouco mais, arrastando as pernas inúteis atrás de si. *Se eu alcançar a caverna...*

– Hoooodor – veio um gemido, de algum lugar mais embaixo.

E, de repente, ele não era Bran, o garoto aleijado se arrastando na neve, de repente ele era Hodor, a meio caminho da encosta, com uma criatura tentando arrancar seus olhos. Rugindo, saiu cambaleando, atirando a coisa violentamente para o lado. Caiu sob um joelho e começou a se levantar novamente. Bran sacou a espada de Hodor do cinto. Bem no fundo, ouvia o pobre Hodor ainda gemendo, mas do lado de fora ele era dois metros de fúria com ferro antigo nas mãos. Levantou a espada e deixou-a cair sobre o morto, grunhindo enquanto a lâmina atravessava lã molhada, cota de malha enferrujada e couro apodrecido, causando estragos nos ossos e na carne que estavam por baixo.

– *HODOR!* – ele gritou e cortou novamente. Dessa vez, arrancou a cabeça da criatura do pescoço e, por meio segundo, exultou... até que um par de mãos mortas vieram tateando às cegas até sua garganta.

Bran recuou, sangrando, e Meera Reed estava lá, enfiando seu tridente nas costas da criatura.

– Hodor – Bran rugiu novamente, acenando para ela, encosta acima. – *Hodor, hodor*. – Jojen estava se torcendo debilmente onde a irmã o

deitara. Bran foi até ele, deixou a espada de lado, pegou o menino nos braços de Hodor e se levantou novamente. – *HODOR!* – gritou.

Meera liderou a subida da encosta, espetando quando as criaturas se aproximavam. As coisas não podiam ser feridas, mas eram lentas e desajeitadas.

– Hodor – pronunciava seu nome a cada passo. – Hodor, hodor. – Bran se perguntava o que Meera pensaria se, de repente, Hodor pudesse dizer que a amava.

Logo acima deles, figuras em chamas dançavam na neve.

*As criaturas*, Bran percebeu. *Alguém pôs fogo nas criaturas*.

Verão rosnava e mordia, enquanto dançava ao redor da mais próxima, uma grande ruína de homem envolta em um turbilhão de chamas. *Ele não devia chegar tão perto. O que está fazendo?* Então viu a si mesmo, com a cara estatelada na neve. Verão tentava levar a coisa para longe dele. *O que aconteceria se ele me matasse?,* o menino se perguntou. *Eu seria Hodor daqui pra frente? Voltaria para a pele de Verão? Ou simplesmente morreria?*

O mundo moveu-se vertiginosamente ao redor dele. Árvores brancas, céu negro, chamas vermelhas, tudo estava rodopiando, deslocando-se, girando. Sentiu-se tropeçar. Podia ouvir a voz de Hodor gritando:

– Hodor, hodor, hodor, hodor. Hodor, hodor, hodor, hodor. Hodor, hodor, hodor, hodor, hodor.

Uma nuvem de corvos saiu da caverna, e ele viu uma garotinha com uma tocha na mão, correndo para lá e para cá. Por um momento, Bran pensou que fosse sua irmã, Arya... um pensamento louco, pois sabia que sua irmãzinha estava a mil léguas de distância, ou morta. E mesmo assim lá estava ela, uma coisa esquelética, áspera, selvagem, com o cabelo emaranhado. Lágrimas encheram os olhos de Hodor e congelaram.

Tudo virou do avesso, depois de cabeça para baixo, e Bran se encontrou de volta à sua pele, meio enterrado na neve. A criatura queimando pairava sobre ele, gravado contra as árvores em sua mortalha de neve. Era uma das que estavam nuas, Bran notou, e no instante seguinte a árvore mais próxima sacudiu a neve que a cobria, e caiu tudo sobre sua cabeça.

A próxima coisa que percebeu é que estava deitado em uma cama de agulhas de pinheiro, embaixo de um teto de pedra escura. *A caverna.*

*Estou na caverna*. A boca ainda tinha gosto de sangue, onde mordera a língua, mas um fogo queimava à sua direita, o calor lambia seu rosto, e ele nunca sentira algo tão bom. Verão estava ali, farejando ao redor dele, e Hodor, encharcado. Meera embalava a cabeça de Jojen no colo. E a "coisa Arya" estava sobre eles, segurando uma tocha.

– A neve – disse Bran – caiu em mim. Enterrou-me.

– Escondeu você. Eu puxei você para fora. – Meera apontou para a garota. – Foi ela quem nos salvou, no entanto. A tocha... fogo os mata.

– O fogo os *queima*. O fogo está sempre com fome.

Aquela não era a voz de Arya, nem a voz de nenhuma criança. Era a voz de uma mulher, alta e doce, com uma estranha melodia diferente de tudo o que já ouvira e uma tristeza que ele pensou que fosse partir seu coração. Bran apertou os olhos para vê-la melhor. *Era* uma garota, mas menor do que Arya, tinha a pele manchada como uma corça e vestia um manto de folhas. Os olhos dela eram estranhos; largos e líquidos, dourados e verdes, puxados como os olhos de um gato. *Ninguém tem olhos assim*. O cabelo era um emaranhado de castanho, vermelho e dourado, as cores do outono, com videiras, galhos e flores murchas entremeados neles.

– Quem é você? – Meera Reed perguntou.

Bran sabia.

– Ela é uma filha. Uma filha da floresta. – Tremia tanto de admiração quanto de frio. Haviam caído em um dos contos da Velha Ama.

– Os Primeiros Homens nos chamavam de filhos – a pequena mulher disse. – Os gigantes nos chamavam de *woh dak nag gran*, o povo esquilo, porque éramos pequenos, rápidos e gostávamos de árvores, mas não somos nem esquilos nem filhos. Nosso nome na Língua Verdadeira significa *aqueles que cantam a canção da terra*. Antes que sua Língua Antiga fosse sequer falada, nós cantávamos nossas canções há dez mil anos.

Meera disse:

– Você fala a Língua Comum agora.

– Por ele. O menino Bran. Nasci no tempo do dragão, e por duzentos anos andei no mundo dos homens, para ver, ouvir e aprender. Poderia estar andando ainda, mas minhas pernas estavam doloridas e meu coração, cansado, então voltei meus pés para casa.

– Duzentos anos? – disse Meera.

A filha sorriu.

– Homens... eles são os filhos.

– Você tem um nome? – perguntou Bran.

– Quando preciso de um. – Ela moveu a tocha em direção à rachadura negra na parede de trás da caverna. – Nosso caminho é para baixo. Precisam vir comigo agora.

Bran estremeceu novamente.

– O cavaleiro...

– Ele não pode vir.

– Vão matá-lo.

– Não. Eles já o mataram há muito tempo. Venham agora. Está mais quente lá embaixo e ninguém vai machucá-los. Ele está esperando por você.

– O corvo de três olhos? – perguntou Meera.

– O vidente verde. – E com isso ela saiu, e não tiveram outra escolha que não segui-la. Meera ajudou a colocar Bran nas costas de Hodor, embora a cesta estivesse meio destruída e molhada pela neve derretida. Depois deslizou um braço ao redor do irmão e o ajudou a ficar em pé mais uma vez. Jojen abriu os olhos.

– O quê? – disse. – Meera? Onde estamos? – Então viu o fogo e sorriu. – Tive o sonho mais estranho de todos.

O caminho era apertado e sinuoso, e tão baixo que Hodor logo estava agachado. Bran curvava-se o máximo que podia, mas mesmo assim o topo de sua cabeça raspava e batia contra o teto. Terra solta desmoronava a cada toque e caía em seus olhos e cabelo, e uma vez ele bateu a testa em uma grossa raiz branca que crescia da parede do túnel, com gavinhas e teias de aranha penduradas.

A filha seguia na frente com a tocha na mão, seu manto de folhas sussurrando atrás dela, mas o túnel era tão sinuoso que Bran logo a perdeu de vista. Então a única luz era a refletida nas paredes. Depois de seguirem por pequenas passagens, a caverna se dividiu, mas um dos túneis era escuro como breu, então Hodor não teve problemas em seguir a tocha em movimento no outro lado.

O modo como as sombras se moviam dava a impressão de que as paredes estivessem se movendo também. Bran via grandes serpentes

brancas deslizando para dentro e para fora da terra ao redor dele, e seu coração batia de medo. Ele se perguntava se haviam tropeçado em um ninho de cobras-leite ou de vermes de túmulo gigantes. Vermes de túmulo têm dentes.

Hodor também vira.

– Hodor – choramingou, relutante em seguir. Mas quando a filha da floresta parou para que eles a alcançassem, a luz da tocha se estabilizou, e Bran percebeu que as serpentes eram apenas raízes brancas como aquela na qual batera a cabeça.

– São raízes de represeiros – disse. – Lembra da árvore-coração no bosque sagrado, Hodor? A árvore branca com as folhas vermelhas? Uma árvore não pode ferir você.

– Hodor. – Hodor avançou, correndo atrás da filha e sua tocha, cada vez mais fundo na terra. Passaram por outra ramificação, e outra, e então chegaram a uma caverna quase do mesmo tamanho do grande salão em Winterfell, com dentes de rocha pendendo do teto e outros que saíam do chão. A filha no manto de folhas tecia o caminho ziguezagueando entre eles. De tempos em tempos, ela parava e movia a tocha na direção deles, impaciente. *Por aqui,* parecia dizer, *por aqui, por aqui, mais rápido.*

Encontraram mais passagens laterais depois daquela, e mais câmaras, e Bran ouvia água pingando em algum lugar à sua direita Quando olhou para aquela direção, viu olhos sobre ele, olhos de gato que brilhavam no escuro, refletindo a luz da tocha. *Mais filhos*, disse para si mesmo, *a menina não é a única*, mas o conto da Velha Ama sobre os filhos de Gendel também voltou para ele.

As raízes estavam por todo lado, torcidas entre terra e rochas, fechando algumas passagens e segurando o teto em outras. *Todas as cores se foram*, Bran percebeu repentinamente. O mundo era terra negra e madeira branca. A árvore-coração em Winterfell tinha raízes tão grossas quanto as pernas de um gigante, mas essas ali eram ainda mais grossas. E Bran nunca vira tantas. *Deve haver um bosque inteiro de represeiros crescendo acima de nós*.

A luz diminuiu novamente. Pequena como era, a filha-que-não-era-criança movia-se rapidamente quando queria. Quando Hodor estancou atrás dela, algo foi triturado sob seus pés. Sua parada foi tão repentina que Meera e Jojen quase se chocaram contra as costas do cavalariço.

– Ossos – disse Bran. – São ossos. – O chão da passagem estava cheio de ossos de aves e animais. Mas havia outros ossos também, uns grandes que deviam ser de gigantes, e outros pequenos que deviam ser de crianças. De cada lado deles, em nichos esculpidos em pedras, crânios olhavam para eles. Bran viu um crânio de urso, meia dúzia de crânios humanos e quase essa quantidade de crânios de gigantes. Todos os demais eram pequenos e com formato estranho. *Filhos da Floresta*. As raízes haviam crescido ao redor e através de cada um deles. Alguns corvos estavam empoleirados nos crânios, observando-os passar com brilhantes olhos negros.

A última parte de sua escura jornada foi a mais íngreme. Hodor fez a descida final sobre o traseiro, batendo e escorregando caminho abaixo em meio ao ruído de ossos quebrados, terra solta e pedregulhos. A filha os aguardava, em pé na extremidade de uma ponte natural sobre um abismo. Lá embaixo, na escuridão, Bran ouviu o som de água corrente. *Um rio subterrâneo*.

– Temos que cruzar? – Bran perguntou, enquanto os Reed chegavam deslizando logo atrás deles. A perspectiva o assustava. Se Hodor escorregasse na ponte estreita, cairiam e cairiam.

– Não, garoto – disse a filha. – Atrás de você. – Ela levantou a tocha para o alto, e a luz pareceu se deslocar e mudar. Em um momento, as chamas queimavam laranja e amarelo, enchendo a caverna com um brilho avermelhado; então todas as cores desbotaram, deixando apenas o negro e o branco. Atrás deles, Meera engasgou. Hodor se virou.

Ali perto, um pálido senhor, com enfeites de ébano, estava sentado, sonhando, em um ninho de raízes emaranhadas, um trono tecido de represeiros que abraçava seus membros atrofiados como uma mãe faz com o filho.

O corpo era tão esquelético e as roupas tão apodrecidas que inicialmente Bran pensou que fosse outro cadáver, um morto apoiado por tanto tempo que as raízes cresceram sobre ele, embaixo dele e através dele. A pele cadavérica do senhor era branca, exceto por uma mancha sangrenta que subia do pescoço até o rosto. O cabelo branco era fino e longo o suficiente para tocar o chão de terra. Raízes enrolavam-se em suas pernas como serpentes de madeira. Uma delas atravessava seus calções, pela carne desidratada de sua coxa, para emergir novamente do

ombro. Um chumaço de folhas vermelho-escuras brotava do crânio, e cogumelos cinza salpicavam sua testa. Um pouco de pele permanecia esticada contra o rosto, dura e firme como couro branco, mas até isso estava se desgastando, e aqui e ali osso marrom e amarelo aparecia por baixo.

– Você é o corvo de três olhos? – Bran se ouviu dizendo. *Um corvo de três olhos deveria ter três olhos. Ele tem só um, e é vermelho*. Bran podia sentir o olho o encarando, brilhando como uma poça de sangue sob a luz da tocha. Onde o outro olho estivera, uma raiz fina crescera do buraco vazio, descendo por seu rosto, em direção ao pescoço.

– Um... corvo? – A voz do pálido senhor era seca. Os lábios moviam-se vagarosamente, como se tivessem desaprendido a formar as palavras. – Certa vez, sim. Negro de trajes e negro de sangue. – As roupas que vestia estavam apodrecidas e desbotadas, manchadas com musgo e meio comidas por vermes, mas um dia tinham sido negras. – Tenho sido muitas coisas, Bran. Agora sou como você me vê, e agora entenderá por que eu não podia ir até você... exceto em sonhos. Observei-o por um longo tempo, observei-o com mil olhos e com um. Vi você nascer, e o senhor seu pai antes de você. Vi seus primeiros passos, ouvi sua primeira palavra, fiz parte de seu primeiro sonho. Estava observando quando caiu. E agora finalmente você veio até mim, Brandon Stark, embora a hora seja tardia.

– Estou aqui – disse Bran –, só que estou quebrado. Você... você vai me consertar... minhas pernas, quero dizer?

– Não – disse o pálido senhor. – Isso está além dos meus poderes.

Os olhos de Bran se encheram de lágrimas. *Viemos de tão longe*. A câmara ecoava com o som do rio negro.

– Você nunca andará novamente, Bran – os pálidos lábios prometeram –, mas você voará.

# Tyrion

Por um longo tempo não se mexeu, imóvel sobre a pilha de sacos velhos que usava como cama, ouvindo o vento nas velas e o bater das águas do rio no casco.

Uma lua cheia flutuava sobre o mastro. *Está me seguindo rio abaixo, me olhando como se fosse algum olho gigante*. Apesar do calor das peles mofadas que o cobriam, um arrepio percorreu o homenzinho. *Preciso de uma taça de vinho. De uma dúzia de taças de vinho*. Mas a lua piscaria antes que o filho da puta do Griff o deixasse matar a sede. Em vez disso, bebia água e estava condenado a noites insones e dias de suores e tremores.

O anão se sentou, segurando a cabeça com as mãos. *Eu sonhei?* Qualquer lembrança de sonho sumira. As noites nunca haviam sido gentis com Tyrion Lannister. Dormia mal até mesmo nos macios colchões de penas. No *Donzela Tímida*, fizera sua cama sobre o teto da cabine, com um rolo de corda de cânhamo como travesseiro. Gostava mais dali do que do apertado porão do barco. O ar era mais fresco, e o som do rio, mais doce do que os roncos de Pato. Mas havia um preço a ser pago por tais desfrutes: o teto era duro, e ele acordava travado e irritado, com câimbras e dores nas pernas.

Elas estavam latejando, as panturrilhas duras como madeira. Ele as massageou com os dedos, tentando mandar a dor embora, mas, quando se levantou, a dor ainda era suficiente para que fizesse uma careta. *Preciso de um banho*. Suas roupas de menino fediam, e lá foi ele. Os outros se banhavam no rio, mas Tyrion não se juntara a eles. Algumas tartarugas que vira nas águas rasas pareciam grandes o suficiente para mordê-lo pela metade. *Tartarugas-aligatores*, Pato as chamara. Além disso, não queria que Lemore o visse nu.

Uma escada de madeira descia do teto da cabine. O anão calçou as botas e desceu para o convés, onde Griff estava sentado com um manto de pele de lobo, ao lado de um braseiro de ferro. O mercenário ficava com a vigia da noite, levantando-se quando o restante do grupo se preparava para ir para a cama e retirando-se quando o sol nascia.

Tyrion se agachou diante dele e esquentou as mãos sobre as brasas. Do outro lado da água, rouxinóis cantavam.

– Logo amanhece – disse para Griff.

– Não tão logo. Precisamos estar em curso. – Se dependesse de Griff, o *Donzela Tímida* continuaria rio abaixo noite e dia, mas Yandry e Ysilla se recusavam a arriscar o barco no escuro. O Alto Roine era cheio de percalços e obstáculos, e um deles poderia destroçar o casco do *Donzela Tímida*. Griff não queria saber. O que ele queria era Volantis.

Os olhos do mercenário estavam sempre se movendo, procurando na noite por... pelo quê? *Piratas? Homens de pedra? Caçadores de escravos?* O rio tinha riscos, o anão sabia, mas Griff parecia para Tyrion mais perigoso do que qualquer um deles. Fazia Tyrion se lembrar de Bronn, apesar de Bronn ter o humor negro dos mercenários e Griff não ter humor algum.

– Eu mataria por uma taça de vinho – murmurou Tyrion.

Griff não respondeu. *Você morrerá antes de beber*, seus olhos claros pareciam dizer. Tyrion bebera até cair em sua primeira noite no *Donzela Tímida*. No dia seguinte, acordou com dragões lutando dentro do seu crânio. Griff o viu debruçando-se para fora do barco para vomitar e disse:

– Nada mais de bebida para você.

– O vinho me ajuda a dormir – Tyrion protestara. *O vinho afoga meus sonhos*, poderia ter dito.

– Então fique acordado – Griff replicara, implacável.

No leste, a primeira luz clara da manhã inundou o céu sobre o rio. As águas do Roine lentamente passaram de negro para azul, para combinar com o cabelo e a barba do mercenário. Griff levantou-se.

– Os outros logo levantarão. O convés é seu.

Quando os rouxinóis ficaram em silêncio, as cotovias começaram seu canto. Garças chapinhavam entre os juncos e deixavam rastros ao longo dos bancos de areia. As nuvens pareciam incandescentes, variando entre

rosa e roxo, castanho-avermelhado e ouro, pérola e açafrão. Uma delas tinha forma de dragão. *Uma vez que um homem veja um dragão em voo, deixe-o ficar em casa, satisfeito, cuidando do seu jardim*, alguém escrevera, *pois neste mundo não há maravilha maior*. Tyrion coçou sua cicatriz, tentando lembrar o nome do autor. Dragões ocupavam muitos dos seus pensamentos ultimamente.

– Bom dia, Hugor. – Septã Lemore surgiu com sua túnica branca presa à cintura por um cinto tecido com sete cores. Seu cabelo caía solto sobre os ombros. – Como dormiu?

– Irregularmente, boa senhora. Sonhei com você novamente. – *Um sonho acordado*. Ele não conseguia dormir, então levara a mão entre as pernas e imaginara a septã sobre ele, os seios balançando.

– Um sonho mau, sem dúvida. Você é um homem mau. Rezará comigo e pedirá perdão por seus pecados?

*Somente se rezássemos à moda das Ilhas do Verão.*

– Não, mas dê um longo e doce beijo na Donzela por mim.

Rindo, a septã caminhou para a proa do barco. Tinha o costume de banhar-se no rio todas as manhãs.

– É fácil perceber que o nome deste barco não foi em sua homenagem – disse Tyrion quando ela se despiu.

– A Mãe e o Pai nos fizeram à imagem deles, Hugor. Devemos glorificar nosso corpo, por ser trabalho dos deuses.

*Os deuses deviam estar bêbados quando me fizeram*. O anão viu Lemore deslizar na água. A visão sempre o deixava duro. Havia algo maravilhosamente obsceno na ideia de livrar a septã de sua casta túnica branca e abrir suas pernas. *Inocência desperdiçada*, pensou... embora Lemore estivesse longe da inocência que se pressupunha. Ela tinha estrias na barriga que só podiam ter vindo de uma gravidez.

Yandry e Ysilla se levantaram com o sol e estavam cuidando de seus assuntos. Yandry dava uma espiada na Septã Lemore de vez em quando, enquanto verificava as velas. Sua pequena esposa escura, Ysilla, parecia não notar. Depois de alimentar o braseiro do convés com algumas lascas de madeira, despertou as brasas com uma lâmina enegrecida e começou a sovar a massa dos biscoitos matinais.

Quando Lemore subiu de volta ao convés, Tyrion saboreou a visão da água escorrendo entre seus seios, a pele lisa brilhando dourada na luz da

manhã. Ela já tinha mais de quarenta, era mais charmosa do que bonita, mas ainda fácil de ser olhada. *Ficar excitado é a segunda melhor coisa, depois de ficar bêbado*, o anão decidiu. Fazia-o sentir-se vivo ainda.

– Viu a tartaruga, Hugor? – a septã lhe perguntou, torcendo a água do cabelo. – A grande almiscarada?

As manhãs eram o melhor momento para ver tartarugas. Durante o dia, permaneciam no fundo do rio, ou escondidas em algum recorte das margens, mas quando o sol acabava de nascer, vinham à superfície. Algumas gostavam de nadar ao lado do barco. Tyrion vislumbrara uma dúzia de tipos; grandes e pequenas, cágados e tartarugas-do-ouvido-vermelho, tartarugas-de-casco-mole e tartarugas-aligatores, tartarugas marrons, verdes, negras, tartarugas com garras, tartarugas com chifres, tartatugas cujos cascos tinham padrões com espirais de ouro, jade e creme. Algumas eram tão imensas que podiam carregar um homem nas costas. Yandry jurava que os príncipes roinares costumavam montar nesses animais pelo rio. Ele e sua esposa eram nascidos no Sangueverde, um par de dornenses órfãos que retornara à Mãe Roine.

– Perdi a almiscarada. – *Estava olhando a mulher nua*.

– Fico triste por você. – Lemore deslizou a túnica pela cabeça. – Sei que só se levanta cedo na esperança de ver as tartarugas.

– Gosto de ver o sol nascer também. – Era como assistir a uma donzela saindo nua do banho. Algumas podiam ser mais bonitas do que outras, mas eram todas cheias de promessas. – As tartarugas têm seu charme, vou concordar. Nada me delicia tanto quanto ver um belo par bem torneado de... conchas.

Septã Lemore riu. Como todos a bordo do *Donzela Tímida*, ela tinha seus segredos. Era bem-vinda entre eles. *Não quero conhecê-la, só quero fodê-la*. Ela sabia disso também. Enquanto pendurava o cristal de septã no pescoço, para aninhá-lo entre os seios, ela o provocava com um sorriso.

Yandry levantou a âncora, deslizou um dos longos mastros do teto da cabine e o empurrou. Duas garças levantaram a cabeça para ver o *Donzela Tímida* deixando a margem, em direção à correnteza. Lentamente o barco começou a se mover rio abaixo. Yandry foi para o leme. Ysilla estava virando os biscoitos. Colocou uma panela de ferro sobre o braseiro e jogou toicinho nela. Alguns dias ela cozinhava

biscoitos e toicinho; noutros eram toicinho e biscoitos. A cada quinze dias podia ter um peixe, mas não aquele dia.

Quando Ysilla virou as costas, Tyrion apanhou um biscoito do braseiro, tirando a mão bem na hora de evitar um tapa da temível colher de madeira dela. Eram melhores quando comidos quentes, pingando mel e manteiga. O cheiro do toicinho cozinhando logo fez Pato vir para fora. Ele cheirou o braseiro, levou uma colherada de Ysilla e foi dar a mijada matinal fora da popa.

Tyrion bamboleou para se juntar a ele.

– Eis uma coisa para se ver – brincou enquanto esvaziavam as bexigas –, um anão e um pato, tornando o poderoso Roine mais poderoso ainda.

Yandry bufou contra o escárnio.

– A Mãe Roine não precisa da sua água, Yollo. É o maior rio do mundo.

Tyrion sacudiu as últimas gotas.

– Grande o suficiente para afogar um anão, garanto. O Mander é tão grande quanto. E também o Tridente, perto de sua embocadura. O Água Negra é mais profundo.

– Você não conhece o rio. Espere e verá.

O toicinho ficou crocante, os biscoitos, dourado-escuros. O Jovem Griff subiu ao convés, bocejando.

– Bom dia para todos.

O rapaz era menor do que Pato, mas sua constituição esguia sugeria que ainda cresceria mais. *Esse garoto imberbe poderia ter qualquer donzela dos Sete Reinos, com ou sem cabelo azul. Esses olhos as derreteriam*. Como o pai, o Jovem Griff tinha olhos azuis, mas enquanto os olhos paternos eram claros, os do filho eram escuros. À luz do lampião tornavam-se negros, e à luz do crepúsculo pareciam violeta. Seus cílios eram tão longos quanto os de qualquer mulher.

– Sinto cheiro de toicinho – o rapaz disse, colocando as botas.

– Bom toicinho – disse Ysilla. – Sente-se.

Ela os alimentou na popa, enfiando biscoitos com mel no Jovem Griff e batendo na mão de Pato com a colher todas as vezes que ele tentava agarrar mais toicinho. Tyrion separou dois biscoitos, colocou toicinho neles, e levou um para Yandry no leme. Depois, ajudou Pato a levantar a grande vela triangular do *Donzela Tímida*. Yandry os levou para o centro

do rio, onde a correnteza era mais forte. O *Donzela Tímida* era um bom barco. O casco era tão raso que conseguia atravessar até o menor dos afluentes do rio, passando por bancos de areia que atolariam barcos maiores, e, com a vela levantada e uma correnteza sob ela, alcançava boas velocidades. Isso podia significar vida ou morte no curso superior do Roine, afirmara Yandry.

– Não há lei acima dos Sofrimentos, não por mil anos.

– Nem *pessoas*, pelo que vejo. – Ele vislumbrara algumas ruínas ao longo das margens, pilhas de alvenaria cobertas de trepadeiras, musgos e flores, mas nenhum outro sinal de habitações humanas.

– Você não conhece o rio, Yollo. Um barco pirata pode espreitar em qualquer curso de água, e escravos fugidos frequentemente se escondem entre as ruínas. Os caçadores de escravos raramente vêm tão ao norte.

– Caçadores de escravos seriam uma mudança bem-vinda das tartarugas. – Sem ser um escravo fugitivo, Tyrion não precisava temer ser capturado. E nenhum pirata se incomodaria com um barco a vela descendo o rio. Os bens valiosos subiam o rio, vindos de Volantis.

Quando o toicinho acabou, Pato deu um soco no ombro do Jovem Griff.

– Hora de ganhar alguns hematomas. Espadas, acho.

– Espadas? – o Jovem Griff sorriu. – Será ótimo.

Tyrion o ajudou a se vestir para a peleja, com calções pesados, gibão acolchoado e uma chapa de peito de aço marcada por antigos combates. Sor Rolly deu de ombros em sua cota de malha e couro fervido. Ambos usavam elmos sobre a cabeça, e escolheram espadas longas cegas entre as disponíveis no baú de armas. Foram para a popa, enfrentando-se vigorosamente enquanto o resto do grupo assistia.

Quando lutavam com maça ou machado de cabo longo sem fio, a vantagem de tamanho e a força de Sor Rolly o faziam rapidamente dominar o inimigo; com espada, as disputas eram mais equilibradas. Nenhum dos dois usava escudo naquela manhã, então era um jogo de atacar e desviar, para a frente e para trás pelo convés. O rio fazia a trilha sonora do combate. O Jovem Griff desferia mais golpes, embora os de Pato fossem mais duros. Depois de um tempo, o homem maior começou a se cansar. Seus ataques ficaram um pouco mais lentos, sua guarda um pouco mais baixa. O Jovem Griff percebeu e começou um furioso ataque

que forçou Sor Rolly a recuar. Quando chegaram à popa, o rapaz cruzou sua lâmina com a do oponente e chocou seu ombro contra o de Pato, e o homenzarrão caiu no rio.

Emergiu cuspindo e xingando, implorando para que alguém o tirasse da água antes que uma tartaruga comesse suas partes íntimas. Tyrion jogou uma corda para ele.

– Patos deveriam nadar melhor que isso – disse, enquanto ele e Yandry puxavam o cavaleiro para bordo do *Donzela Tímida*.

Sor Rolly agarrou Tyrion pelo colarinho.

– Vamos ver como anões nadam – disse, lançando-o de cabeça no Roine.

O anão riu por último; podia nadar razoavelmente bem, e o fez... até que suas pernas começaram a ter câimbras. O Jovem Griff estendeu um mastro para ele.

– Você não é o primeiro a tentar me afogar – contou para Pato, enquanto tirava água das botas. – Meu pai me jogou em um poço no dia em que nasci, mas eu era tão feio que a bruxa da água que vivia lá me cuspiu de volta. – Tirou a outra bota e deu uma cambalhota no convés, espirrando água em todos eles.

O Jovem Griff riu.

– Onde aprendeu isso?

– Os pantomimeiros me ensinaram – mentiu. – Minha mãe me amava mais do que a seus outros filhos, porque eu era pequeno. Ela me amamentou no peito até que eu tivesse sete anos. Meus irmãos ficaram com ciúmes, então me enfiaram em um saco e me venderam a uma trupe de pantomimeiros. Quando tentei fugir, o mestre pantomimeiro cortou meu nariz, então não tive alternativa senão ficar com eles e aprender a ser divertido.

A verdade era bem diferente. Seu tio lhe ensinara um pouco de saltos acrobáticos quando ele tinha seis ou sete anos. Tyrion aprendeu aquilo com avidez. Por meio ano, fez todos os caminhos por Rochedo Casterly dando cambalhotas, trazendo sorrisos aos rostos dos septões, dos escudeiros e dos servos. Até mesmo Cersei sorrira uma ou duas vezes ao vê-lo.

Tudo isso terminou abruptamente no dia que seu pai retornou depois de um período em Porto Real. Naquela noite, no jantar, Tyrion surpreendeu-

o caminhando sobre as mãos por todo o comprimento da mesa. Lorde Tywin não ficou satisfeito.

– Os deuses o fizeram um anão. Você precisa ser um tolo também? Você nasceu um leão, não um macaco.

*E você é um cadáver, pai, então vou dar tantas cambalhotas quanto quiser.*

– Você tem o dom de fazer os homens sorrirem – Septã Lemore disse a Tyrion enquanto ele secava os dedos dos pés. – Deve agradecer ao Pai de Cima. Ele dá dons para todos os seus filhos.

– Ele dá – concordou gentilmente. *E quando eu morrer, por favor, me enterre com uma besta, então eu agradecerei ao Pai de Cima pelos seus dons da mesma maneira que agradeci ao pai de baixo*.

Sua roupa ainda estava encharcada pelo mergulho involuntário, agarrando-se aos braços e às pernas de maneira desconfortável. Enquanto o Jovem Griff seguia a Septã Lemore para ser instruído nos mistérios da Fé, Tyrion tirou as roupas molhadas e vestiu outras, secas. Pato deu uma boa gargalhada quando ele voltou para o convés. Não podia culpá-lo. Vestido como estava, fazia uma figura cômica. Seu gibão era dividido ao meio: o lado esquerdo de veludo púrpura, com tachas em bronze, o direito de lã amarela bordada em padrões florais verdes. Seus calções eram divididos de modo similar: a perna direita era verde, a esquerda listrada de vermelho e branco. Um dos baús de Illyrio trazia roupas de criança, mofadas, mas bem feitas. Septã Lemore havia separado várias partes de roupas, costurando-as depois, unindo metade disso com metade daquilo, formando um traje tosco de bufão. Griff insistira para que Tyrion a ajudasse no corte e costura. Sem dúvida, fizera aquilo como forma de humilhação, mas Tyrion gostara do trabalho com agulhas. Lemore era sempre uma companhia agradável, apesar de sua inclinação em repreendê-lo sempre que ele dizia algo grosseiro sobre os deuses. *Se Griff quer me escalar como tolo, jogarei o jogo*. Em algum lugar, ele sabia, Lorde Tywin Lannister estaria horrorizado, e isso tirava qualquer desprazer que pudesse sentir.

Seu outro dever era tudo menos tolo. *Pato tem sua espada, eu minha pena e pergaminhos*. Griff lhe ordenara que registrasse tudo o que sabia sobre dragões. Era uma tarefa formidável, mas o anão trabalhou nela dia

após dia, rabiscando o melhor que podia, sentado com as pernas cruzadas sobre o teto da cabine.

Tyrion lera muito, e ainda mais sobre dragões, ao longo dos anos. A maior parte desses relatos eram contos inúteis e não podiam ser levados a sério, e os livros que Illyrio providenciara não eram aqueles que queria. O que ele realmente desejava era o texto completo de *As Chamas do Domínio*, a história de Valíria contada por Galendro. Contudo, nenhuma cópia completa era conhecida em Westeros; mesmo do exemplar existente na Cidadela faltavam vinte e sete pergaminhos. *Certamente deve existir uma biblioteca na Antiga Volantis. Encontrarei uma cópia melhor lá, se conseguir passar pela Muralha Negra até o coração da cidade*.

Estava menos esperançoso a respeito do *Dragões, Cocatrizes e Serpes: Uma História Antinatural*, do Septão Barth. Barth fora um filho de ferreiro que chegara a Mão do Rei, durante o reinado de Jaehaerys, o Conciliador. Seus inimigos sempre alegaram que ele era mais feiticeiro do que septão. Quando chegou ao Trono de Ferro, Baelor, o Abençoado, ordenou que todos os escritos de Barth fossem destruídos. Dez anos antes, Tyrion lera um fragmento da *História Antinatural* que escapara ao Amado Baelor, mas duvidava que qualquer trabalho de Barth tivesse encontrado caminho através do mar estreito. E, é claro, havia ainda menos chances de encontrar o fragmentário, anônimo e ensanguentado tomo chamado algumas vezes de *Sangue e Fogo,* outras de *A Morte dos Dragões*. A única cópia sobrevivente estava supostamente trancada em uma catacumba sob a Cidadela.

Quando o Meiomeistre apareceu no convés, bocejando, o anão estava escrevendo o que conseguia recordar a respeito dos hábitos de acasalamento dos dragões, assunto sobre o qual Barth, Munkun e Thomax tinham pontos de vista marcadamente divergentes. Haldon caminhou até a popa para mijar na água, onde o sol brilhava, interrompendo o jato a cada sopro de vento.

– Devemos chegar ao entroncamento com o Noine à noite, Yollo – o Meiomeistre anunciou.

Tyrion levantou os olhos de seus escritos.

– Meu nome é Hugor. Yollo está escondido em meus calções. Devo soltá-lo para que brinque?

– Melhor não. Você pode assustar as tartarugas. – O sorriso de Haldon era tão afiado quanto a lâmina de uma adaga. – Qual era mesmo o nome da rua em que você nasceu em Lannisporto, Yollo?

– Era um beco. Não tinha nome. – Tyrion tinha um prazer cáustico em inventar os detalhes da pitoresca vida de Hugor Hill, também conhecido como Yollo, um bastardo de Lannisporto. *As melhores mentiras são temperadas com uma pitada de verdade*. O anão sabia que falava como um homem do oeste, e bem-nascido, então Hugor precisava ser algum tipo de fidalgote. Nascido em Lannisporto porque conhecia a cidade melhor do que Vilavelha, Porto Real ou as cidades onde a maioria dos anões ia parar, incluindo aqueles paridos pela Boa Esposa Caipira no canteiro dos nabos. O campo não tinha espetáculos grotescos ou de pantomimeiros... embora tivesse poços suficientes para engolir gatinhos indesejados, bezerros de três cabeças e bebês como ele.

– Vejo que tem estragado mais pergaminho bom, Yollo. – Haldon amarrou os calções.

– Nem todos podemos ser metade de um meistre. – A mão de Tyrion estava com câimbras. Colocou a pena de lado e flexionou os dedos atarracados. – Gostaria de outra partida de *cyvasse*? – O Meiomeistre sempre o derrotava, mas era uma maneira de passar o tempo.

– Mais tarde. Vai se juntar a nós para a aula do Jovem Griff?

– Por que não? Alguém precisa corrigir os erros de vocês.

Havia quatro cabines no *Donzela Tímida*. Yandry e Ysilla repartiam uma, Griff e o Jovem Griff, outra. Septã Lemore tinha uma cabine para si, assim como Haldon. A cabine do Meiomeistre era a maior das quatro. Uma parede era coberta com estantes e caixas empilhadas com antigos pergaminhos; outra tinha prateleiras repletas de unguentos, ervas e poções. Uma luz dourada atravessava o vidro amarelo ondulado da janela redonda. O mobiliário incluía um beliche, uma escrivaninha, uma cadeira, um banco e o tabuleiro de *cyvasse* do Meiomeistre, com peças esculpidas em madeira.

A aula começou com idiomas. O Jovem Griff falava a Língua Comum como se tivesse nascido em Westeros e era fluente em Alto Valiriano, nos dialetos baixos de Pentos, Myr e Lys, e na língua comercial dos marinheiros. O dialeto volantino era tão novo para ele quanto era para Tyrion, então todos os dias aprendiam algumas palavras novas enquanto

Haldon corrigia seus erros. Meereenese era mais difícil; tinha raiz no valiriano também, mas na árvore linguística havia sido enxertada a dura e feia língua da Velha Ghis.

– Você precisa de uma abelha sobre o nariz para falar Ghiscari corretamente – Tyrion reclamou. O Jovem Griff riu, mas o Meiomeistre só disse "De novo". O garoto obedeceu, embora virasse os olhos juntamente com os zzzzs dessa vez. *Ele tem um ouvido melhor do que o meu*, Tyrion foi abrigado a admitir, *embora eu aposte que minha língua ainda é mais ágil*.

Geometria seguiu idiomas. Aí o garoto era menos hábil, mas Haldon era um professor paciente, e Tyrion foi capaz de fazer-se útil também. Aprendera o mistério dos quadrados, círculos e triângulos dos meistres de seu pai em Rochedo Casterly, e a lembrança veio mais rápida do que poderia imaginar.

No momento em que se voltaram para História, o Jovem Griff estava ficando impaciente.

– Estávamos discutindo a história de Volantis – disse Haldon para ele. – Pode dizer a Yollo a diferença entre um tigre e um elefante?

– Volantis é a mais antiga das Nove Cidades Livres, a primeira filha de Valíria – o rapaz respondeu, em um tom de voz entediado. – Após a Condenação, os volantinos se consideraram herdeiros do Domínio e legítimos governantes do mundo, mas estavam divididos sobre como conquistar esse domínio. O Sangue Antigo era a favor da espada, enquanto os comerciantes e agiotas defendiam o comércio. Na medida em que disputavam o controle da cidade, as facções ficaram conhecidas como tigres e elefantes, respectivamente.

– Os tigres dominaram por quase um século após a Condenação de Valíria. Por um tempo tiveram sucesso. A frota volantina tomou Lys, o exército capturou Myr, e por duas gerações as três cidades foram governadas de dentro das Muralhas Negras. Isso acabou quando os tigres tentaram engolir Tyrosh. Pentos entrou na guerra ao lado dos tyroshinos, juntamente com o Rei da Tempestade westerosi. Bravos forneceu aos exilados lisenos uma centena de navios de guerra, Aegon Targaryen voou de Pedra do Dragão no Temor Negro, e Myr e Lys se levantaram em rebeliões. A guerra devastou as Terras Disputadas e libertou Lys e Myr do jugo volantino. Os tigres sofreram outras derrotas também. A frota

que enviaram para reclamar Valíria pereceu no Mar Fumegante. Qohor e Norvos quebraram o poder volantino no Roine quando as galeras de fogo lutaram no Lago Adaga. Do leste vieram os dothrakis, expulsando os camponeses de seus casebres e nobres de suas propriedades, até que sobrassem apenas grama e ruínas desde a floresta de Qohor até a cabeceira do Selhoru. Depois de um século de guerra, Volantis estava quebrada, na bancarrota e despovoada. Foi quando os elefantes se levantaram. Eles governam a cidade desde essa época. Em alguns anos, os tigres elegem um membro da tríade, noutros, não, mas nunca mais do que um, então os elefantes governam a cidade há trezentos anos.

– Muito bem – disse Haldon. – E a tríade atual?

– Malaquo é um tigre, Nyessos e Doniphos são elefantes.

– E que lição tiramos da história volantina?

– Se quer conquistar o mundo, é melhor ter dragões.

Tyrion não pôde deixar de rir.

Mais tarde, quando o Jovem Griff foi para o convés ajudar Yandry com as velas e os mastros, Haldon montou o tabuleiro de *cyvasse*. Tyrion o olhou com seus olhos tortos e disse:

– O garoto é brilhante. Fez um bom trabalho com ele. Metade dos senhores de Westeros não é tão culto, triste dizer. Idiomas, história, música, somas... um guisado inebriante para o filho de um mercenário.

– Um livro pode ser mais perigoso do que uma espada, nas mãos certas – disse Haldon. – Tente me proporcionar uma batalha melhor desta vez, Yollo. Você joga tão mal quanto corre.

– Estou tentando enganá-lo com um falso senso de confiança – disse Tyrion, enquanto arrumavam as peças em cada lado do tabuleiro entalhado na madeira. – Você acha que me ensinou a jogar, mas as coisas não são sempre como parecem. Talvez eu tenha aprendido o jogo com o queijeiro, já considerou isso?

– Illyrio não joga *cyvasse*.

*Não*, pensou o anão, *ele joga o jogo dos tronos, e você, Griff e Pato são apenas peças para serem movidas ao desejo dele, ou sacrificadas se necessário, exatamente como ele sacrificou Viserys*.

– A culpa deve cair sobre você, então. Se jogo mal, é porque você me ensinou mal.

O Meiomeistre riu.

– Yollo, sentirei sua falta quando os piratas cortarem sua garganta.

– Onde estão esses famosos piratas? Estou começando a pensar que você e Illyrio inventaram tudo.

– É mais provável que apareçam no trecho do rio entre Ar Noy e os Sofrimentos. Acima das ruínas de Ar Noy, os qohoriks governam o rio e, abaixo dos Sofrimentos, as galeras de Volantis dominam, mas nenhuma cidade reclamou as águas entre esses dois pontos, então os piratas dominaram o pedaço. O Lago Adaga é cheio de ilhas onde eles se escondem, em cavernas e fortalezas secretas. Está pronto?

– Para você? Sem dúvida. Para os piratas? Nem tanto.

Haldon removeu a tela. Cada um contemplou o movimento inicial do outro.

– Está aprendendo – disse o Meiomeistre.

Tyrion quase agarrou o dragão dele, mas pensou melhor. Da última vez que tinham jogado, pegara a peça rápido demais e a perdera para uma catapulta.

– Se encontrarmos esses lendários piratas, posso me juntar a eles. Direi que meu nome é Hugor Meiomeistre. – Ele moveu seu cavalo leve em direção às montanhas de Haldon.

Haldon respondeu com um elefante.

– Hugor Meiointeligente seria melhor para você.

– Só preciso de metade da minha inteligência para competir com você. – Tyrion moveu seu cavalo pesado para apoiar o leve. – Talvez você queira apostar o resultado?

O Meiomeistre levantou uma sobrancelha.

– Quanto?

– Não tenho dinheiro. Jogaremos por segredos.

– Griff cortaria minha língua.

– Está com medo? Eu estaria, se fosse você.

– No dia em que você me derrotar no *cyvasse* sairão tartarugas da minha bunda. – O Meiomeistre moveu sua lança. – Tem sua aposta, homenzinho.

Tyrion estendeu a mão para mover seu dragão.

Três horas mais tarde, o homenzinho finalmente subiu ao convés para esvaziar a bexiga. Pato ajudava Yandry a recolher as velas, enquanto Ysilla comandava o leme. O sol descia sobre os canaviais ao longo da

margem oriental, enquanto o vento começava a soprar em lufadas. *Preciso daquele odre de vinho*, o anão pensou. Suas pernas estavam adormecidas pela longa permanência no banco, e ele se sentia tão mareado que teve sorte de não cair no rio.

– Yollo – chamou Pato. – Onde está Haldon?

– Está indo para a cama, com algum desconforto. Havia tartarugas saindo de sua bunda. – Deixou o cavaleiro sem entender e se arrastou escada acima até o teto da cabine. Para o leste, a escuridão surgia por detrás de uma ilha rochosa.

Septã Lemore o encontrou lá.

– Pode sentir a tempestade no ar, Hugor Hill? O Lago Adaga está na nossa frente, com piratas à espreita. E, além disso, estão os Sofrimentos.

*Não os meus. Carrego meus próprios sofrimentos para onde quer que vá*. Ele pensou em Tysha e se perguntou para onde as putas vão. *Por que não para Volantis? Talvez a encontre lá. Um homem deve se agarrar à esperança.* Ele se perguntava o que diria para ela. *Sinto muito ter deixado que a estuprassem, meu amor. Pensei que você era uma puta. Pode encontrar perdão para mim em seu coração? Quero voltar para nossa casa, do jeito que foi quando éramos marido e mulher.*

Atrás deles, a ilha se afastava. Tyrion viu ruínas surgindo ao longo da margem ocidental; muralhas tortas e torres caídas, cúpulas quebradas e fileiras de pilares de madeira apodrecidos, ruas sufocadas pela lama e cobertas com musgo púrpura. *Outra cidade morta, dez vezes maior do que Ghoyan Drohe*. Tartarugas viviam lá agora, grandes tartarugas-aligatores. O anão podia vê-las tomando sol, montes marrons e negros com sulcos irregulares no centro de suas carapaças. Algumas viram o *Donzela Tímida* e mergulharam na água, deixando ondulações no caminho. Este não era um bom lugar para mergulhar.

Então, através das árvores torcidas e meio afogadas e das largas ruas molhadas, ele vislumbrou um brilho prateado da luz do sol sobre a água. *Outro rio*, percebeu imediatamente, *correndo em direção ao Roine*. As ruínas ficaram mais altas enquanto a terra ficava mais estreita, até que a cidade terminou em uma península onde estavam os restos de um colossal palácio de mármore rosa e verde, com as cúpulas caídas e pináculos quebrados ameaçadoramente grandes sobre uma coluna de arcadas cobertas. Tyrion viu mais tartarugas-aligatores dormindo nas

docas onde meia centena de navios algum dia atracara. Ele sabia onde estavam. *Aquele era o palácio de Nyméria, e isso é tudo o que sobrou de Ny Sar, a cidade dela*.

– Yollo – gritou Yandry, enquanto o *Donzela Tímida* passava pela península –, me fale novamente sobre aqueles rios westerosis tão grandes quanto a Mãe Roine.

– Eu não sabia – gritou de volta. – Nenhum rio nos Sete Reinos tem a metade da largura deste. – O novo rio que se juntara a eles era quase duas vezes maior do que o que estavam navegando, e sozinho era quase do tamanho do Mander ou do Tridente.

– Esta é Ny Sar, onde a Mãe recebe sua Filha Selvagem, Noyne – disse Yandry –, mas ela não vai alcançar seu ponto mais largo até que receba suas outras filhas. No Lago Adaga, Qhoyne chega correndo, a Filha Escura, cheia de ouro e âmbar do Machado e pinhas da Floresta de Qohor. Mais ao sul, a Mãe se encontra com Lhoruhu, a Filha Sorridente dos Campos Dourados. Onde elas se juntam, uma vez esteve Chroyane, a cidade do festival, onde as ruas eram feitas de água e as casas, de ouro. Então, ao sul e ao leste segue por muitas léguas, até que finalmente chega se arrastando Selhoru, a Filha Tímida que esconde seu curso entre os juncos. Então a Mãe Roine fica tão larga que um homem em um barco no centro do seu leito não pode ver a margem em nenhum dos dois lados. Você verá, meu amiguinho.

*Eu verei*, o anão estava pensando, quando viu uma ondulação na água, a menos de seis metros do barco. Estava a ponto de apontá-la para Lemore, quando veio à superfície com um jorro de água que jogou o *Donzela Tímida* para o lado.

Era outra tartaruga, uma tartaruga chifruda gigantesca, com o casco verde-escuro mesclado de marrom e coberto com musgo e uma crosta de moluscos negros de rio. Ela levantou a cabeça e berrou, um rugido do fundo da garganta vibrando mais alto do que qualquer berrante de guerra que Tyrion já tivesse ouvido.

– Estamos abençoados. – Ysilla chorava em voz alta, com lágrimas correndo pelo rosto. – Estamos abençoados, estamos abençoados.

Pato assobiava, e o Jovem Griff também. Haldon saiu para o convés para ver a causa da comoção... mas era tarde demais. A tartaruga gigante havia desaparecido sob a água.

– Qual foi a causa de tanta confusão? – o Meiomeistre perguntou.

– Uma tartaruga – disse Tyrion. – Uma tartaruga maior do que este barco.

– Era ele – gritou Yandry. – O Velho Homem do Rio.

*E por que não?* Tyrion sorriu. *Deuses e maravilhas sempre aparecem para marcar o nascimento dos reis.*

# Davos

O *Parteira Feliz* atracou em Porto Branco com a maré da noite, a vela remendada ondulando a cada rajada de vento.

Era um barco de pesca velho, e nem mesmo na juventude devia ter sido considerado bonito. Sua escultura de proa mostrava uma mulher sorrindo segurando um bebê pelo pé, mas o rosto da mulher e o traseiro da criança tinham buracos de vermes. Incontáveis camadas de um marrom enfadonho cobriam o casco; as velas eram cinzentas e esfarrapadas. Não era um barco para o qual alguém olhava uma segunda vez, exceto para se perguntar como flutuava ainda. O *Parteira Feliz* também era conhecido em Porto Branco. Por anos, exercia um humilde comércio entre esta cidade e Vilirmã.

Não era o tipo de desembarque que Davos Seaworth antecipara quando zarpou com Salla e sua frota. Tudo parecera mais simples então. Como os corvos não haviam levado para o Rei Stannis notícias de aliança com Porto Branco, Sua Graça mandaria um enviado tratar com Lorde Manderly em pessoa. Em uma demonstração de força, Davos chegaria a bordo da galé *Valiriana* de Salla, com o resto da frota lisena atrás dele. Todos os cascos eram listrados: negro e amarelo, rosa e azul, verde e branco, púrpura e dourado. Os lisenos amavam matizes brilhantes, e Salladhor Saan era o mais colorido de todos. *Salladhor, o Esplêndido*, pensou Davos, *mas as tempestades puseram um fim naquilo tudo*.

Em vez disso, teve que entrar disfarçado na cidade, como teria feito vinte anos antes. Até saber como andavam as coisas, era mais prudente fazer-se passar por um marinheiro comum, em vez de um lorde.

As muralhas de pedra caiada de Porto Branco erguiam-se diante deles, na costa ocidental, onde a Faca Branca mergulhava no estuário. Algumas defesas da cidade haviam sido reforçadas desde a última vez que Davos estivera ali, havia seis anos. O cais que dividia os portos interior e

exterior fora fortificado com uma longa parede de pedra, com quase dez metros de altura e um quilômetro e meio de comprimento, com torres a cada cem metros. Fumaça saía de Pedra da Foca também, onde tempos atrás havia só ruínas. *Isso pode ser bom ou mau, dependendo do lado que Lorde Wyman escolher.*

Davos sempre fora apaixonado por aquela cidade, desde a primeira vez que fora como grumete no *Gato da Calçada*. Embora pequena, se comparada a Vilavelha ou Porto Real, era limpa e bem ordenada, com ruas calçadas retas e amplas que tornavam fácil para qualquer um encontrar seu caminho. As casas eram construídas em pedra caiada, com telhados íngremes de ardósia cinza-escuro. Roro Uhoris, o velho e excêntrico capitão do *Gato da Calçada*, afirmava ser capaz de distinguir um porto do outro apenas pelo cheiro. Cidades são como mulheres, insistia, cada uma tem um cheiro único. Vilavelha era floral como uma viúva perfumada. Lannisporto era como uma mulher que trabalhava na ordenha, fresca e terrosa, com os cabelos defumados. Porto Real fedia como uma puta sem se lavar. Já o cheiro de Porto Branco era penetrante e salgado, com um leve odor a peixe.

– Cheira como uma sereia deve cheirar. – Roro dizia. – Os odores do mar.

*Ainda cheira assim*, pensou Davos, embora também pudesse sentir o odor de fumaça de trufas vindo de Pedra das Focas. As pedras marítimas dominavam a aproximação do porto exterior, uma maciça e intimidadora elevação cinza-esverdeada, quinze metros acima da água. O topo era coroado com um círculo de pedras desgastadas, um forte dos Primeiros Homens que permanecera desolado e abandonado por centenas de anos. Não estava abandonado agora. Davos podia ver balestras e lança-chamas atrás das ameias, e arqueiros espreitando entre elas. *Deve ser frio lá em cima, e úmido*. Em todas as visitas anteriores, focas podiam ser vistas se aquecendo nas pedras quebradas abaixo. O Bastardo Cego sempre o obrigava a contá-las quando o *Gato da Calçada* zarpava de Porto Branco: quanto mais focas houvesse, dizia Roro, mais sorte teriam na viagem. Não havia focas ali. A fumaça e os soldados as assustaram. *Um homem sábio veria um aviso nisso. Se eu tivesse um pingo de juízo, teria ido com Salla*. Poderia ter feito seu caminho de volta para o Sul, para Marya e seus filhos. *Perdi quatro filhos a serviço do rei, e meu quinto serve como*

*escudeiro real. Eu deveria ter o direito de cuidar dos dois garotos que me restam. Faz muito tempo desde que os vi.*

Em Atalaialeste, os irmãos negros lhe disseram que não havia amor entre os Manderly de Porto Branco e os Bolton de Forte do Pavor. O Trono de Ferro dera a Roose Bolton o título de Protetor do Norte, o que era uma razão para que Wyman Manderly se declarasse por Stannis. *Porto Branco não pode ficar só. A cidade precisa de um aliado, de um protetor. Lorde Wyman precisa do Rei Stannis tanto quanto Stannis precisa dele*. Ou assim parecera em Atalaialeste.

Vilirmã minara essas esperanças. Se Lorde Borrell dissera a verdade, se os Manderly pretendiam unir suas forças aos Bolton e aos Frey... não, ele não se alongaria nessa possibilidade. Saberia a verdade em breve. E rezava para que não tivesse chegado tarde demais.

*O quebra-mar esconde o porto interior*, percebeu, enquanto o *Parteira Feliz* baixava as velas. O porto exterior era maior, mas o porto interior oferecia ancoragem melhor, protegido pela muralha da cidade de um lado e pela imponente massa da Toca do Lobo de outro, e também pelo quebra-mar. Em Atalaialeste do Mar, Cotter Pyke dissera a Davos que Lorde Wyman estava construindo galés de guerra. Podia haver uma frota de navios escondida atrás daquelas muralhas, esperando apenas o comando para se lançar ao mar.

Atrás das grossas muralhas brancas da cidade, o Castelo Novo erguia-se orgulhoso e claro sobre a encosta. Davos também podia ver o teto abobadado do Septo Nevado, encimado por altas estátuas dos Sete. Os Manderly trouxeram a Fé para o Norte quando vieram da Campina. Porto Branco também tinha seu bosque sagrado, um emaranhado de raízes, arbustos e pedras trancado atrás das muralhas em ruínas da Toca do Lobo, uma antiga fortaleza que passou a servir como prisão. Mas, para a maioria, os septões ditavam as regras religiosas.

O tritão da Casa Manderly estava em evidência em todos os lugares, flutuando nas torres do Castelo Novo, acima do Portão das Focas e ao longo das muralhas da cidade. Em Atalaialeste, os nortenhos insistiam que Porto Branco nunca abandonaria a aliança com Winterfell, mas Davos não via sinal do lobo gigante dos Stark. *Tampouco há leões. Lorde Wyman não deve ter se declarado por Tommen ainda, ou teria colocado seu estandarte*.

As docas fervilhavam. Uma desordem de pequenos barcos estava atracada ao longo do mercado de peixes, descarregando as capturas do dia. Também viu três barcos fluviais, longos e esbeltos, construídos para enfrentar a correnteza rápida e a rebentação pedregosa da Faca Branca. Mas eram os navios marítimos que chamavam mais sua atenção; um par de caravelas tão sem graça e esfarrapadas quanto o *Parteira Feliz*, a galé mercante *Dançarino da Tempestade*, os barcos de pesca *Bravo Magíster* e *Cornucópia*, uma galé de Bravos com casco púrpura e velas...

... e, logo depois, o navio de guerra.

Essa visão foi como uma faca em suas esperanças. O casco era negro e dourado, a figura de proa, um leão com uma pata levantada. *Leão Estrelado*, diziam as letras em sua popa, e embaixo um estandarte com as armas do rei menino no Trono de Ferro. Um ano antes, Davos não teria sido capaz de ler aquilo, mas Meistre Pylos o ensinara algumas letras quando ainda estavam em Pedra do Dragão. Pela primeira vez, a leitura não lhe era agradável. Estivera rezando para que a galé tivesse se perdido nas mesmas tempestades que assolaram a frota de Salla, mas os deuses não foram tão bons. Os Frey estavam ali, e ele teria que encará-los.

O *Parteira Feliz* atracou no fim de um píer de madeira gasta no porto exterior, bem distante do *Leão Estrelado*. Enquanto a tripulação amarrava o barco e descia a prancha, o capitão foi conversar com Davos. Casso Mogat era um mestiço do mar estreito, filho de uma prostituta de Vilirmã com um baleeiro ibenês. Com pouco mais de um metro e meio de altura e muito hirsuto, tingia o cabelo e as suíças de verde musgo. Isso lhe dava a aparência de um toco de árvore com botas amarelas. Apesar de sua aparência, parecia ser um bom marinheiro, embora fosse um capitão duro com a tripulação.

– Quanto tempo pretende ficar?

– Um dia, pelo menos. Talvez mais. – Davos descobrira que lordes gostavam de se fazer esperar. Faziam isso para deixar o visitante ansioso, suspeitava, e para demonstrar poder.

– O *Parteira* ficará aqui três dias. Não mais que isso. Esperam-me de volta em Vilirmã.

– Se as coisas forem bem, poderei voltar amanhã.

– E se as coisas forem mal?

*Poderei não voltar nunca.*

– Não precisa esperar por mim.

Um par de aduaneiros subia a bordo enquanto ele descia pela prancha, mas nenhum dos dois reparou nele. Estavam ali para ver o capitão e inspecionar o porão; marinheiros comuns não lhes diziam respeito, e poucos homens pareciam tão comuns quanto Davos. De estatura mediana, tinha o rosto astuto de um camponês, endurecido pelo vento e pelo sol, barba grisalha e o cabelo castanho também salpicado de cinza. Sua vestimenta também era comum: botas velhas, calções marrons e túnica azul, um manto de lã não tingida, preso com uma fivela de madeira. Usava um par de luvas de couro gastas para esconder os dedos da mão que Stannis cortara, anos antes. Davos dificilmente pareceria um senhor, muito menos a Mão do Rei. Era uma situação favorável, pelo menos até que descobrisse como estavam as coisas.

Caminhou ao longo do cais e através do mercado de peixes. O *Bravo Magíster* descarregava hidromel. Os barris eram empilhados de quatro em quatro no píer. Atrás de uma pilha, vislumbrou três marinheiros jogando dados. Mais adiante, vendedoras de peixes gritavam a mercadoria do dia, e um garoto marcava o tempo em um tambor enquanto um velho urso ensebado dançava em círculos em um anel feito de canoas. Dois lanceiros de guarda no Portão da Foca, com o brasão da Casa Manderly no peito, estavam mais preocupados em flertar com uma puta do cais do que em prestar qualquer atenção em Davos. O portão estava aberto, a ponte levadiça baixada. Ele se juntou ao tráfego que passava.

Dentro havia uma praça calçada com uma fonte no centro. Um tritão de pedra se erguia das águas, seis metros de altura da cauda à coroa. Sua barba encaracolada era verde e branca de liquens, e um dos prolongamentos do tridente devia ter quebrado antes que Davos nascesse, mas ainda assim a imagem era impressionante. *Velho Pedepeixe*, era como os locais chamavam a escultura. A praça fora nomeada em homenagem a algum senhor já falecido, mas todos a conheciam apenas como Pátio Pedepeixe.

O Pátio estava cheio naquela tarde. Uma mulher lavava roupas íntimas na fonte Pedepeixe e as pendurava no tridente para secar. Sob os arcos da colunata do mascate, escribas e cambistas se estabeleciam para fazer negócio, juntamente com alguns feiticeiros, uma vendedora de ervas e

um malabarista muito ruim. Um homem vendia maçãs em um carrinho de mão, e uma mulher oferecia arenque com cebola picada. Galinhas e crianças estavam por toda parte. As imensas portas de carvalho e ferro do Velho Manancial sempre estavam fechadas nas outras vezes que Davos estivera no Pátio Pedepeixe, mas desta vez estavam abertas. Dentro, podia vislumbrar centenas de mulheres, crianças e velhos, amontoados no chão em pilhas de peles. Alguns tinham pequenas fogueiras para cozinhar.

Davos parou debaixo da colunata e trocou algumas moedas por uma maçã.

– As pessoas estão vivendo no Velho Manancial? – perguntou ao vendedor de maçãs.

– Não têm outro lugar pra viver. Camponeses do alto da Faca Branca, a maioria. Gente de Hornwood também. Com o Bastardo de Bolton correndo à solta, querem estar dentro da muralha. Não sei o que sua senhoria pretende fazer com todos eles. A maioria chegou só com os trapos do corpo.

Davos sentiu uma pontada de culpa. *Eles vieram aqui atrás de refúgio, para a cidade intocada pelas batalhas, e aqui estou eu para arrastá-los de volta à guerra*. Deu uma mordida na maçã, e se sentiu culpado também por isso.

– Como eles comem?

O vendedor de maçãs encolheu os ombros.

– Alguns mendigam. Outros roubam. Muitas meninas se vendem, do jeito que garotas sempre fazem quando são tudo o que têm para vender. Qualquer menino com mais de um metro e meio de altura pode encontrar um lugar no quartel de sua senhoria, desde que consiga segurar uma lança.

*Ele está arregimentando homens, então*. Isso podia ser bom... ou mau, dependendo. A maçã estava seca e farinhenta, mas Davos se obrigou a dar outra mordida.

– Lorde Wyman pretende se juntar ao Bastardo?

– Bem – disse o vendedor de maçãs –, da próxima vez que sua senhoria vier aqui embaixo implorando por uma maçã, vou me lembrar de perguntar a ele.

– Ouvi dizer que a filha dele vai se casar com um Frey.

– A neta. Também ouvi isso, mas sua senhoria se esqueceu de me convidar para o casamento. Escuta, você vai comer isso? Eu fico com o resto. As sementes são boas.

Davos jogou de volta para ele o miolo da fruta. *Uma maçã ruim, mas valeu cada moeda saber que Manderly está arregimentando homens*. Fez seu caminho em torno do Velho Pedepeixe, passando por uma jovem que vendia leite fresco de cabra. Lembrava-se mais da cidade, agora que estava ali. Um pouco abaixo do local para o qual o tridente do Velho Pedepeixe apontava, havia um beco onde vendiam bacalhau frito, crocante e dourado por fora e branco e escamoso por dentro. Logo depois havia um bordel, mais limpo do que a maioria, e onde um marinheiro podia desfrutar de uma mulher sem ter medo de ser assaltado ou morto. Um pouco para lá, em uma daquelas casas presas às paredes da Toca do Lobo como cracas em um casco velho, havia uma cervejaria que fazia uma cerveja preta tão espessa e saborosa que um barril podia custar tanto quanto um vinho dourado da Árvore em Bravos e no Porto de Ibben, isso se os frequentadores deixassem alguma coisa para o cervejeiro vender.

Era vinho, no entanto, o que ele queria; azedo, escuro e carregado. Atravessou o pátio e desceu uma escadaria, até uma adega chamada Enguia Preguiçosa, sob um armazém cheio de peles de ovelhas. Em seus dias de contrabandista, a Enguia era renomada por oferecer as putas mais velhas e o vinho mais vil de Porto Branco, junto com tortas de carne cheias de gordura e cartilagem, intragáveis nos melhores dias e tóxicas nos piores. Com um cardápio desses, a maioria dos habitantes locais evitava o lugar, deixando-o para marinheiros que não conheciam nada melhor. Um guarda da cidade ou um funcionário da alfândega nunca seria visto na Enguia Preguiçosa.

Algumas coisas nunca mudam. Dentro da Enguia, o tempo parara. O teto abobadado estava manchado com fuligem negra, o chão era de terra batida, o ar cheirava a fumaça, carne estragada e vômito antigo. As velas de sebo nas mesas faziam mais fumaça do que iluminavam, e o vinho que Davos pediu parecia mais marrom do que vermelho na penumbra. Quatro prostitutas estavam sentadas próximas à porta, bebendo. Uma lhe deu um sorriso esperançoso quando ele entrou. Quando Davos abanou a cabeça, a mulher disse algo que fez suas companheiras rirem. Depois disso, nenhuma delas prestou atenção nele.

Além das prostitutas e do proprietário, Davos tinha a Enguia para si. A adega era grande, cheia de recantos e alcovas sombrias onde um homem podia ficar sozinho. Ele levou seu vinho para um desses lugares e se sentou de costas para a parede para esperar.

Algum tempo depois, pegou-se encarando a lareira. A mulher vermelha podia ver o futuro nas chamas, mas tudo o que Davos Seaworth já vira eram sombras do passado: navios queimando, a corrente em chamas, as sombras verdes brilhando por toda a baía, até as nuvens, e a Fortaleza Vermelha pairando sobre todos eles. Davos era um homem simples, que chegara até aquele ponto graças ao acaso, à guerra e a Stannis. Ele não entendia por que os deuses levariam quatro rapazes tão jovens e fortes como seus filhos, poupando o pai cansado. Algumas noites, pensava que havia sido poupado para poder resgatar Edric Storm... mas agora o bastardo do Rei Robert já estava a salvo, em Passopedra, e Davos ainda continuava por ali. *Os deuses terão outras tarefas para mim?,* ele se perguntava. *Se for assim, talvez Porto Branco seja parte disso*. Experimentou o vinho e, em seguida, derramou meia taça no chão, ao lado do pé.

Conforme o crepúsculo caía, os bancos da Enguia começaram a se encher de marinheiros. Davos pediu outra taça para o proprietário. Quando o homem veio, trouxe consigo uma vela.

– Quer comida? – perguntou. – Temos torta de carne.

– Que tipo de carne?

– O tipo normal. É boa.

As prostitutas riram.

– É cinza, ele quer dizer – uma delas disse.

– Cale essa maldita boca. Você comeu dela.

– Eu como qualquer merda. Não quer dizer que goste.

Davos apagou a vela assim que o proprietário se afastou e recostou-se na sombra. Marinheiros eram os maiores fofoqueiros do mundo quando o vinho fluía, mesmo um vinho barato como aquele. Tudo o que precisava fazer era ouvir.

A maior parte do que ouviu, no entanto, já havia escutado em Vilirmã, de Lorde Godric ou dos habitantes da Barriga da Baleia. Tywin Lannister estava morto, assassinado por seu filho anão; seu cadáver fedia tanto que ninguém era capaz de entrar no Grande Septo de Baelor dias mais tarde;

a Senhora do Ninho da Águia fora assassinada por um cantor; Mindinho governava o Vale agora, mas Bronze Yohn Royce jurara derrubá-lo; Balon Greyjoy estava morto também, e seus irmãos lutavam pela Cadeira da Pedra do Mar; Sandor Clegane tornara-se um fora da lei e estava saqueando e matando nas terras ao longo do Tridente; Myr, Lys e Tyrosh estavam envolvidas em outra guerra; no leste, uma revolta de escravos estava no auge.

Outras novidades eram mais interessantes. Robett Glover estava na cidade e tentara arregimentar homens, com pouco sucesso. Lorde Manderly ignorara seus apelos. Porto Branco estava cansado de guerra, fora a resposta dele, segundo relatos. Isso era ruim. Os Ryswell e os Dustin haviam surpreendido homens de ferro no Rio Febril e colocado fogo em seus navios. Isso era pior. E agora o Bastardo de Bolton cavalgava para o Sul com Hother Umber para juntar-se a eles em um ataque a Fosso Cailin.

– O Terror-das-Rameiras em pessoa – exclamou um homem do rio que descera o Faca Branca com um carregamento de couro e madeiras –, com trezentos lanceiros e uma centena de arqueiros. Alguns homens de Hornwood se juntaram a eles também, assim como Cerwyn. – Isso era o pior de tudo.

– Lorde Wyman deveria mandar alguns homens para a luta, se sabe o que é bom para ele – disse um velho no outro lado da mesa. – Lorde Roose é o Protetor agora. A honra de Porto Branco obriga a cidade a responder ao seu chamado.

– O que algum Bolton já soube sobre honra? – disse o proprietário da Enguia, enquanto enchia as canecas com mais vinho.

– Lorde Wyman não vai a lugar nenhum. Está mais gordo que um porco.

– Ouvi dizer que está doente. Tudo o que faz é dormir e chorar, dizem. Na maior parte dos dias não consegue nem levantar da cama, de tão doente.

– De tão *gordo*, quer dizer.

– Gordo ou magro, não há nada que possa fazer – disse o proprietário da Enguia. – Os leões estão com o filho dele.

Ninguém falava sobre o Rei Stannis. Ninguém nem parecia saber que Sua Graça viera ao Norte defender a Muralha. Selvagens, criaturas e

gigantes eram os assuntos de Atalaialeste, mas ali ninguém parecia pensar neles.

Davos inclinou-se em direção à luz.

– Pensei que os Frey tivessem matado o filho dele. Foi o que ouvi em Vilirmã.

– Eles mataram Sor Wendel – disse o proprietário. – Seus ossos repousam no Septo Nevado com velas ao redor, se quiser dar uma olhada. Já Sor Wylis ainda é cativo.

*Isso está cada vez pior*. Ele sabia que Lorde Wyman tinha dois filhos, mas pensava que ambos estavam mortos. *Se o Trono de Ferro tem um refém...* Davos tinha sete filhos também, e perdera quatro na Água Negra. Ele sabia que faria o que os deuses e os homens exigissem dele para proteger os outros três. Steffon e Stannis estavam a milhares de quilômetros da batalha, seguros e aquecidos, mas Devan estava em Castelo Negro, um escudeiro do rei. *O rei cuja causa pode ter sucesso ou fracasso com Porto Branco*.

Seus companheiros de bebida falavam sobre dragões agora.

– Você é um louco maldito – disse um remador do *Dançarino da Tempestade*. – O Rei Pedinte está morto há anos. Algum senhor de cavalo dothraki cortou a cabeça dele.

– Foi o que nos disseram – disse o velho. – Talvez estivessem mentindo. Ele morreu há meio mundo daqui, se é que morreu. Quem é que disse? Se um rei quer me ver morto, talvez eu seja obrigado a fingir ser um cadáver. Nenhum de nós viu o corpo dele.

– Nunca vi o cadáver de Joffrey, nem o de Robert – resmungou o proprietário do Enguia. – Talvez estejam vivos também. Talvez Baelor, o Abençoado, esteja só tirando uma soneca todos esses anos.

O velho fez uma careta.

– O Príncipe Viserys não era o único dragão, era? Tem certeza de que mataram o filho do Príncipe Rhaegar? Era um bebê.

– Não tinha uma princesa também? – perguntou uma prostituta. Era a mesma que dissera que a carne era cinza.

– Duas – disse o velho. – Uma era filha de Rhaegar, outra era irmã dele.

– Daena – disse o homem do rio. – Essa era a irmã. Daena de Pedra do Dragão. Ou era Daera?

– Daena era a velha esposa do Rei Baelor – disse o remador. – Trabalhei em um navio que tinha o nome dela. O *Princesa Daena*.

– Se ela era a esposa de um rei, ela era rainha.

– Baelor nunca teve uma rainha. Ele era piedoso.

– Não quer dizer que nunca tenha se casado com sua irmã – disse a prostituta. – Ele só não dormiu com ela, foi isso. Quando eles o fizeram rei, ele a trancou em uma torre. As outras irmãs dele também. Eram três.

– Daenela – disse o proprietário espalhafatosamente. – Esse era o nome dela. Da filha do Rei Louco, quero dizer, não da maldita esposa do Baelor.

– *Daenerys* – disse Davos. – Ela recebeu o nome em homenagem a Daenerys que se casou com o Príncipe de Dorne, durante o reinado de Daeron II. Não sei o que aconteceu com ela.

– Eu sei – disse o homem que começara a falar de dragões, um remador bravosi em um casaco de lã escuro. – Quando paramos em Pentos, atracamos ao lado de um navio mercante chamado *Donzela de Olhos Negros*, e saí para beber com o intendente do capitão. Ele me contou uma bela história sobre uma garota que veio a bordo em Qarth, para tentar passagem para Westeros para ela e seus três dragões. Tinha o cabelo prateado e olhos púrpura. "Levei ela para o capitão", o intendente me jurou, "mas ele não quis nem saber. Há mais lucros em cravo e açafrão, ele me disse, e especiarias não vão incendiar suas velas".

Risos tomaram conta da adega. Davos não se juntou a eles. Ele sabia o que acontecera ao *Donzela de Olhos Negros*. Os deuses eram cruéis em deixar um homem navegar metade do mundo e então fazê-lo seguir uma falsa luz quando estava quase em casa. *Este capitão foi mais ousado do que eu*, pensou, enquanto seguia para a porta. Uma viagem para o leste, e um homem podia viver tão rico quanto um lorde o resto de seus dias. Quando era mais jovem, Davos sonhara em fazer essa viagem, mas os anos dançaram como mariposas ao redor de uma chama, e a época certa nunca chegou. *Um dia*, disse para si mesmo. *Um dia, quando a guerra acabar e o Rei Stannis sentar no Trono de Ferro e não precisar mais de cavaleiros das cebolas. Levarei Devan comigo. Steff e Stanny também, se tiverem idade suficiente. Veremos dragões e todas as maravilhas do mundo.*

Do lado de fora, o vento soprava em rajadas, fazendo tremular as chamas das lâmpadas de óleo que iluminavam o pátio. Ficara mais frio desde que o sol se pusera, mas Davos se lembrava de Atalaialeste e de como o vento vinha uivando pela Muralha, à noite, penetrando até mesmo no manto mais quente para congelar o sangue de um homem nas veias. Em comparação, Porto Branco era um banho tépido.

Havia outros lugares onde ele podia afiar os ouvidos; uma pousada famosa pela torta de lampreia, um cervejaria onde os fabricantes de lã e os aduaneiros tomavam suas bebidas, um teatro de pantomimeiros onde se podia conseguir entretenimento obsceno por algumas moedas. Mas Davos sentia que já ouvira o bastante. *Cheguei tarde demais.* Velhos hábitos o fizeram levar a mão ao peito, onde antigamente mantinha os ossos dos dedos em um pequeno saco, amarrados com uma tira de couro. Não havia nada ali. Ele perdera sua boa sorte no incêndio na Água Negra, quando perdera o navio e os filhos.

*O que devo fazer agora?* Ele apertou o manto de encontro ao corpo. *Subir a encosta e me apresentar nos portões do Castelo Novo, para fazer um apelo inútil? Retornar para Vilirmã? Voltar para Marya e os meninos? Comprar um cavalo e seguir pela estrada do rei para dizer a Stannis que ele não tem amigos em Porto Branco, nem esperanças?*

A Rainha Selyse dera um banquete para Salla e seus capitães na noite anterior à partida da frota. Cotter Pyke se juntara a eles, assim como outros quatro alto oficiais da Patrulha da Noite. A Princesa Shireen tinha sido autorizada a participar também. Enquanto o salmão era servido, Sor Axell Florent entretivera a mesa com uma história de um principezinho Targaryen que tinha um macaco de estimação. O príncipe gostava de vestir o animal com as roupas do irmão falecido e fingia que ele era uma criança – contou Sor Axell – e, de tempos em tempos, propunha casamentos para o macaco. Os senhores, honrados, sempre declinavam polidamente, mas é claro que declinavam.

– Mesmo vestido com sedas e veludos, um macaco continua sendo um macaco – disse Sor Axell. – Um príncipe mais esperto saberia que não se manda um macaco para fazer o trabalho de um homem.

A rainha rira, e vários presentes olharam para Davos. *Não sou um macaco*, ele pensara. *Sou tão senhor quanto você e um homem melhor*. Mas a lembrança ainda o incomodava.

O Portão da Foca estava fechado naquela noite. Davos não poderia voltar para o *Parteira Feliz* até o amanhecer. Teria que passar a noite ali. Olhou para o Velho Pedepeixe com seu tridente quebrado. *Atravessei chuva, ruína e tempestade para chegar aqui. Não vou embora sem fazer o que vim fazer, não importa quão desesperançado pareça*. Podia ter perdido os dedos e a sorte, mas não era um macaco vestido de veludo. Era a Mão do Rei.

Passo do Castelo era uma rua com degraus, um largo caminho de pedra branca que levava da Toca do Lobo, pela água, até Castelo Novo, em sua colina. Sereias de mármore, com vasilhames de óleo de baleia queimando aninhados nos braços, iluminavam o percurso enquanto Davos subia. Quando alcançou o topo, virou-se para olhar para trás. De onde estava, podia ver os portos. Ambos. Atrás do quebra-mar, o porto interno estava repleto de galés de guerra. Davos contou vinte e três. Lorde Wyman era gordo, mas não era negligente, ao que parecia.

Os portões do Castelo Novo estavam fechados, mas um portão lateral se abriu quando ele chamou, e um guarda apareceu para perguntar o que queria. Davos mostrou para ele a fita negra e dourada que trazia os selos reais.

– Preciso ver Lorde Manderly imediatamente – disse. – Meu assunto é com ele, e só com ele.

# Daenerys

Os dançarinos brilhavam, seus lustrosos corpos depilados cobertos com uma fina camada de óleo. Tochas acesas passavam de mão em mão, acompanhando o bater de tambores e o trinado de uma flauta. Sempre que duas tochas cruzavam o ar, uma garota nua saltava entre elas, rodopiando. A luz das tochas brilhava em seus membros, peitos e nádegas oleosos.

Três homens tinham ereções. A visão da excitação deles era excitante, embora Daenerys Targaryen também achasse um pouco cômico. Os homens eram todos altos, com longas pernas e barrigas achatadas, cada músculo perfeitamente desenhado, como se esculpido em pedra. De algum modo, seus rostos pareciam iguais... o que era estranho, já que um tinha a pele escura como ébano, o segundo era branco como leite e o terceiro brilhava como cobre polido.

*Será que querem me excitar?* Dany agitou-se contra suas almofadas de seda. De costas para os pilares, seus Imaculados permaneciam como estátuas, com seus capacetes espigados e as faces lisas sem expressão. Não estavam assim todos os homens. Reznak mo Reznak estava de boca aberta, e seus lábios brilhavam, úmidos, enquanto assistia. Hizdahr zo Loraq dizia algo para o homem ao seu lado, mas seus olhos não saíam de cima das dançarinas. A cara feia e oleosa do Cabeça-Raspada estava tão séria quanto sempre, mas não perdia nada.

Era difícil saber o que seu honorável convidado achava de tudo aquilo. O homem pálido, magro e de rosto aquilino que dividia a mesa com ela estava resplandecente na túnica de seda marrom e samito, sua careca brilhando sob a luz das tochas enquanto comia um figo com mordidas pequenas, precisas e elegantes. Opalas brilhavam ao longo do nariz de Xaro Xhoan Daxos conforme ele virava a cabeça para acompanhar os dançarinos.

Em homenagem a ele, Daenerys usava um vestido qarteno, uma confeção pura de samito violeta, cortado de modo a deixar seu seio esquerdo de fora. O cabelo ouro-prateado dela fora penteado até cair suavemente sobre os ombros, quase alcançando um mamilo. Metade dos homens no salão olhava disfarçadamente para ela, mas não Xaro. *Em Qarth era a mesma coisa*. Ela não atraía o príncipe mercador dessa forma. *De algum jeito, no entanto, eu mexo com ele*. Ele viera de Qarth na galé *Nuvem Sedosa*, seguido por outros treze navios, uma frota que era uma oração respondida. O comércio de Meereen recuara a quase nada desde que ela acabara com a escravidão, mas Xaro tinha o poder de restaurá-lo.

Com os tambores aumentando em um *crescendo*, três garotas saltaram sobre as chamas, rodopiando no ar. Dançarinos as pegaram pela cintura, e as deslizaram até seus membros. Dany viu como as mulheres arquearam as costas e enrolaram as pernas em seus parceiros, enquanto as flautas choravam e os homens se arremetiam contra elas no ritmo da música. Ela já vira o ato sexual; os dothrakis copulavam abertamente, como suas éguas e seus garanhões. Mas esta era a primeira vez que via luxúria em forma de música.

O rosto dela estava quente. *O vinho*, disse para si mesma. E, mesmo assim, se pegou pensando em Daario Naharis. O mensageiro dele chegara naquela manhã. Os Corvos Tormentosos retornavam de Lhazar. Seu capitão voltava para ela, trazendo a amizade dos Homens-Ovelha. *Comida e comércio*, ela recordou-se. *Ele não falhou comigo, nem falhará. Daario vai me ajudar a salvar a cidade*. A rainha desejava ver o rosto dele, acariciar sua barba de três pontas, contar-lhe seus problemas... mas os Corvos Tormentosos estavam a muitos dias de distância, além do Passo Khyzai, e ela tinha um reino para governar.

Fumaça pairava entre os pilares púrpura. Os dançarinos se ajoelharam, cabisbaixos.

– Estavam esplêndidos – Dany lhes disse. – Raramente vi tamanha graça, tamanha beleza. – Acenou para Reznak mo Reznak, e o senescal correu para o lado dela. Gotas de suor salpicavam sua careca brilhante. – Acompanhe nossos convidados até as salas de banho, para que possam se refrescar, e lhes dê comida e bebida.

– Será uma grande honra, Magnificência.

Daenerys estendeu sua taça para que Irri a enchesse. O vinho era doce e forte, impregnado com o cheiro de especiarias orientais, muito superior ao ralo vinho ghiscari que ela tomava ultimamente. Xaro examinou os frutos na travessa que Jhiqui ofereceu para ele e escolheu um caqui. A pele laranja do fruto era da mesma cor do coral no nariz dele. Deu uma mordida e apertou os lábios.

– Ácido.

– Talvez o senhor preferisse algo mais doce?

– A doçura enjoa. Frutas ácidas e mulheres ácidas dão sabor à vida. – Xaro deu outra mordida, mastigou e engoliu. – Daenerys, doce rainha, não consigo expressar o prazer que me dá estar mais uma vez em sua presença. Uma criança partiu de Qarth, tão perdida quando adorável. Temi que a criança navegasse para a perdição, mas, em vez disso, a encontro aqui, entronada, senhora de uma antiga cidade, cercada por um exército poderoso que tirou de seus sonhos.

*Não*, ela pensou, *tirei do sangue e do fogo*.

– Estou feliz que tenha vindo. É bom ver seu rosto novamente, meu amigo. – *Não vou confiar em você, mas preciso de você. Preciso dos seus Treze, de seus navios, preciso de seu comércio*.

Por séculos, Meereen e suas cidades-irmãs, Yunkai e Astapor, haviam sido os pontos centrais do comércio de escravos, os locais onde os *khals* dothrakis e os corsários das Ilhas Basilisco vendiam seus cativos e o resto do mundo vinha para comprá-los. Sem escravos, Meereen tinha pouco a oferecer aos mercadores. As colinas ghiscaris estavam repletas de cobre, mas o metal já não era tão valioso como quando o bronze governava o mundo. Os cedros que certa vez cresciam ao longo da costa, já não estavam mais lá, derrubados a machadadas pelo Velho Império ou consumidos pelo fogo de dragão quando Ghis entrou em guerra contra Valíria. Depois que as árvores desapareceram, o solo cozinhou sob o sol escaldante e rachou em vários pedaços vermelhos.

– Foram essas calamidades que transformaram meu povo em comerciante de escravos – Galazza Galare contara para ela, no Templo da Graça. *E eu serei a calamidade que vai transformar esses comerciantes de escravos em pessoas novamente*, Dany jurara a si mesma.

– Eu tinha que vir – Xaro disse em tom lânguido. – Mesmo na distante Qarth histórias assustadoras chegavam aos meus ouvidos. Chorei ao

ouvi-las. Dizem que seus inimigos prometeram riqueza, glória e uma centena de escravas virgens para qualquer homem que assassinar você.

– Os Filhos da Harpia. – *Como ele sabia disso?* – Eles rabiscam as paredes à noite e cortam as gargantas de libertos honestos enquanto dormem. Quando o sol nasce, escondem-se como baratas. Temem minhas Bestas de Bronze. – Skahaz mo Kandaq organizara a nova patrulha que ela pedira, feita com igual número de libertos e de cabeças-raspadas meereeneses. Eles andavam pelas ruas da cidade dia e noite, com capuzes escuros e máscaras de bronze. Os Filhos da Harpia haviam prometido uma morte terrível para qualquer traidor que ousasse servir a rainha dragão, e para seus amigos e parentes também, então os homens do Cabeça-Raspada eram chacais, corujas e outros animais, que mantinham suas identidades ocultas. – Eu teria medo dos Filhos se eles me pegassem andando sozinha pela rua, mas só se fosse noite e eu estivesse nua e desarmada. São criaturas covardes.

– A faca de um covarde pode matar uma rainha tanto quanto a de um herói. Eu dormiria mais profundamente se soubesse que o deleite do meu coração mantém seus ferozes senhores dos cavalos por perto. Em Qarth, você tinha três companheiros de sangue que nunca saíam do seu lado. Onde eles estão?

– Aggo, Jhoqo e Rakharo ainda me servem. – *Ele está jogando comigo*. Dany também podia jogar. – Sou apenas uma garota e sei pouco sobre essas coisas, mas homens mais velhos e mais sábios me disseram que para manter Meereen devo controlar o interior, toda a terra a oeste de Lhazar e ao sul até as colinas yunkaítas.

– O interior não é precioso para mim. Você é. Se algum mal lhe sucedesse, o mundo perderia o sabor.

– Meu senhor é bom em se preocupar tanto, mas estou bem protegida. – Dany fez um gesto em direção ao local em que Barristan Selmy permanecia com uma mão sobre o cabo da espada. – Ele é conhecido como Barristan, o Ousado. Por duas vezes me salvou de assassinos.

Xaro fez uma inspeção rápida em Selmy.

– Barristan, o Ousado, você diz? Seu cavaleiro urso era mais jovem e devotado a você.

– Não quero falar sobre Jorah Mormont.

– Certamente. O homem era grosseiro e peludo. – O príncipe mercador se debruçou sobre a mesa. – Falemos, em vez disso, de amor, de sonhos, de desejos e de Daenerys, a mais bela mulher deste mundo. Estou embriagado só de olhá-la.

Ela não era estranha às cortesias exageradas de Qarth.

– Se está embriagado, culpe o vinho.

– Nenhum vinho é tão embriagante quanto sua beleza. Minha mansão parece tão vazia quanto uma tumba desde que Daenerys partiu, e todos os prazeres da Rainha das Cidades têm sido como cinzas em minha boca. Por que me abandonou?

*Eu era perseguida em sua cidade e temia por minha vida.*

– Já era hora. Qarth queria que eu partisse.

– Quem? Os Puronatos? Eles têm águas nas veias. A Antiga Guilda das Especiarias? Eles têm coalhada entre as orelhas. E os Imortais estão todos mortos. Você devia ter se casado comigo. Estou quase certo de ter pedido sua mão. Implorado, inclusive.

– Somente meia centena de vezes. – Dany provocou. – Você desistiu muito facilmente, senhor. *Devo* casar, todos concordam.

– Uma *khaleesi* deve ter um *khal* – disse Irri, enquanto enchia a taça da rainha mais uma vez. – Isso é sabido.

– Devo pedir novamente? – perguntou-se Xaro. – Não, conheço esse sorriso. É uma rainha cruel que corta o coração dos homens. Mercadores humildes como eu não são mais do que pedras sob suas sandálias repletas de joias. – Uma única lágrima escorreu lentamente pelo rosto branco dele.

Dany o conhecia bem demais para se comover. Homens qartenos podiam chorar à vontade.

– Ah, pare com isso. – Ela pegou uma cereja da tigela sobre a mesa e atirou no nariz dele. – Posso ser uma garota jovem, mas não sou tão tola a ponto de casar com um homem que acha uma travessa de frutas mais atraente do que meus seios. Vi quais dançarinos você olhava.

Xaro limpou a lágrima.

– Os mesmos que Vossa Graça olhava, acredito. Você pode ver, somos iguais. Se você não me quer para seu marido, me contento em ser seu escravo.

– Não quero escravos. Liberto você. – O nariz incrustado de joias dele era um alvo tentador. Dessa vez, Dany jogou um damasco nele.

Xaro pegou a fruta no ar e deu uma dentada nela.

– De onde veio essa loucura? Devo me considerar afortunado por você não ter libertado meus escravos quando foi minha convidada em Qarth?

*Eu era uma rainha pedinte, e você era Xaro dos Treze*, pensou Dany, *e tudo o que você queria eram meus dragões*.

– Seus escravos pareciam bem tratados e contentes. Foi só em Astapor que meus olhos se abriram. Você sabe como os Imaculados são obtidos e treinados?

– Cruelmente, não tenho dúvidas. Quando um ferreiro faz uma espada, ele enfia a lâmina no fogo, bate nela com um martelo e então a mergulha em água gelada para temperar o aço. Se quer saborear o gosto doce da fruta, tem que irrigar a árvore.

– Essa árvore era irrigada com sangue.

– De que outra maneira, para fazer um soldado? Vossa Iluminada apreciou meus dançarinos. Ficaria surpresa em saber que são escravos, criados e treinados em Yunkai? Eles dançam desde que tiveram idade suficiente para andar. De que outra maneira chegariam a essa perfeição? – Ele tomou um gole de vinho. – São especialistas em todas as artes eróticas também. Eu tinha pensado em presentear Vossa Graça com eles.

– De toda maneira – Dany não estava surpresa –, vou libertá-los.

Aquilo o fez estremecer.

– E o que eles fariam com essa liberdade? É o mesmo que dar uma cota de malha a um peixe. Foram feitos para dançar.

– Feitos por quem? Pelos mestres deles? Talvez seus dançarinos teriam preferido construir, fazer pães ou plantar. Já perguntou a eles?

– Talvez seus rouxinóis teriam preferido ser elefantes. Em vez de um canto doce, as noites de Meereen estariam cheias de trombas retumbantes, e suas árvores cairiam sob o peso de suas grandes aves cinzentas. – Xaro suspirou. – Daenerys, minha querida, atrás desses seios doces e jovens bate um coração tenro... mas aceite o conselho de alguém mais velho e mais sábio. As coisas não são sempre como parecem. Muito do que parece mau pode ser bom. Considere a chuva.

– Chuva? – *Ele me considera uma tola, ou apenas uma criança?*

– Nós amaldiçoamos a chuva que cai em nossas cabeças, mas sem ela estaríamos famintos. O mundo *precisa* de chuva... e de escravos. Você faz careta, mas é verdade. Considere Qarth. Na arte, na música, no comércio, em tudo o que nos faz mais do que animais, Qarth está acima do resto da humanidade, como você no topo desta pirâmide... mas no fundo, em vez de tijolos, a magnificência da Rainha das Cidades é construída sobre as costas dos *escravos*. Pergunte a si mesma, se todos os homens tivessem que escavar a terra por comida, como alguns levantariam os olhos para contemplar as estrelas? Se cada um de nós tivesse que arrebentar as costas para construir um casebre, quem levantaria os templos para glorificar os deuses? Para alguns homens serem grandes, outros devem ser escravizados.

Ele era muito eloquente para ela. Dany não tinha resposta, só o nó em seu estômago.

– Escravidão não é o mesmo que chuva – ela insistiu. – Já tomei chuva, e já fui vendida. Não é o mesmo. Nenhum homem quer ser propriedade de alguém.

Xaro deu de ombros languidamente.

– Acontece que quando cheguei a sua doce cidade, tive a chance de ver um homem à margem do rio que, certa vez esteve como convidado em minha mansão, um mercador que lidava com especiarias raras e vinhos especiais. Estava nu da cintura para cima, vermelho e descamando, e parecia estar cavando um buraco.

– Não é um buraco. É um canal, para levar água do rio para os campos. Pretendemos plantar feijões. Os campos de feijão precisam de água.

– Que gentil da parte do meu velho amigo ajudar a cavar. E como isso se parece pouco com ele. É possível que ele não tenha tido outra escolha? Não, certamente não. Você não tem escravos em Meereen.

Dany corou.

– Seu amigo está sendo pago com comida e abrigo. Não posso devolver a riqueza dele. Meereen precisa mais de feijão do que de especiarias raras, e feijões precisam de água.

– Você colocará meus dançarinos para cavar canais também? Doce rainha, quando meu velho amigo me viu, caiu de joelhos e implorou para que eu o comprasse como escravo e o levasse de volta a Qarth.

Ela sentiu como se ele a tivesse esbofeteado.

– Compre-o, então.

– Se lhe agradar. Sei que agradaria a *ele*. – Colocou a mão sobre o braço dela. – Há verdades que apenas um amigo pode dizer. Eu a ajudei quando você chegou a Qarth como pedinte, e percorri muitos quilômetros e mares tormentosos para ajudá-la novamente. Há algum lugar onde possamos falar francamente?

Dany podia sentir o calor dos dedos dele. *Ele foi caloroso em Qarth também*, lembrava-se, *até o dia em que não teve mais uso para mim*. Ela se levantou.

– Venha – disse, e Xaro a seguiu cruzando os pilares, até a ampla escadaria de mármore que levava aos aposentos privados dela, no topo da pirâmide.

– Oh, mais bela das mulheres – disse Xaro quando começaram a subir os degraus –, há passos atrás de nós. Estamos sendo seguidos.

– Meu velho cavaleiro não assusta você, certamente. Sor Barristan é jurado para manter meus segredos.

Ela o levou para o terraço do qual era possível ver toda a cidade. Uma lua cheia nadava no céu negro sobre Meereen.

– Podemos andar? – Dany deslizou o braço no dele. O ar estava pesado com o cheiro das flores noturnas. – Você falou em ajuda. Negocie comigo, então. Meereen tem sal para vender, e vinho...

– Vinho ghiscari? – Xaro fez uma cara azeda. – O mar providencia todo o sal que Qarth precisa, mas eu ficaria feliz em levar todas as azeitonas que você pudesse me vender. Azeite de oliva também.

– Não tenho nenhum para oferecer. Os senhores de escravos queimaram as árvores. – Oliveiras cresciam ao longo da costa da Baía dos Escravos havia séculos, mas os meereeneses incendiaram as antigas plantações enquanto o exército de Dany avançava em direção à cidade, fazendo-a atravessar um deserto enegrecido. – Nós replantamos, mas uma oliveira leva sete anos até que comece a dar frutos, e trinta até que possa ser considerada realmente produtiva. Que tal cobre?

– Um metal bonito, mas inconstante como uma mulher. Já ouro... ouro é sincero. Qarth ficaria feliz em lhe dar ouro... em troca de escravos.

– Meereen é uma cidade livre de homens livres.

– Uma cidade pobre, que já foi rica. Uma cidade com fome, e que já foi farta. Uma cidade sangrenta, que já foi pacífica.

As acusações dele doeram. Havia verdade demais nelas.

– Meereen será rica, farta e pacífica novamente, e também livre. Procure os dothrakis se precisa de escravos.

– Os dothrakis fazem escravos, os ghiscaris os treinam. E, para chegar a Qarth, os senhores dos cavalos precisam levar seus cativos através do deserto vermelho. Centenas morreriam, se não milhares... e muitos cavalos também, motivo pelo qual nenhum *khal* se arriscaria. E também há outra coisa: Qarth não quer *khalasares* próximos de suas muralhas. O fedor de todos aqueles cavalos... sem ofensa, *khaleesi*.

– Um cavalo tem cheiro honesto. É mais do que pode ser dito a respeito de alguns grandes senhores e príncipes mercadores.

Xaros não tomou conhecimento do ataque.

– Daenerys, deixe-me ser honesto com você, como convém a um amigo. Você não vai tornar Meereen rica, opulenta e pacífica. Você só a levará à destruição, como fez com Astapor. Está ciente de que há uma batalha acontecendo no Chifre de Hazzat? O Rei Açougueiro fugiu para seu palácio, com seus novos Imaculados nos calcanhares.

– Isso é sabido. – Ben Mulato Plumm trouxera notícias da batalha. – Os yunkaítas contrataram novos mercenários, e duas legiões de Nova Ghis estão lutando agora com vontade ao lado deles.

– Duas que logo serão quatro, e então dez. E enviados yunkaítas foram mandados para Myr e Volantis, para conseguir mais espadas. A Companhia do Gato, as Longas Lanças e os Soprados pelo Vento. Alguns dizem que os Sábios Mestres contrataram a Companhia Dourada também.

Certa vez, seu irmão Viserys oferecera um banquete para os capitães da Companhia Dourada, na esperança de que pudessem apoiar sua causa. *Eles comeram sua comida, ouviram seus apelos e riram dele.* Dany era apenas uma garotinha, mas se lembrava.

– Tenho mercenários também.

– Duas companhias. Os yunkaítas mandarão vinte contra você, se puderem. E, quando marcharem, não marcharão sozinhos. Tolos e Mantarys fizeram uma aliança.

Essas eram más notícias, se fossem verdadeiras. Daenerys enviara missões a Tolos e Mantarys, esperando encontrar novos amigos no oeste

para equilibrar a inimizade com Yunkai ao sul. Os enviados nunca retornaram.

– Meereen fez aliança com Lhazar.

Aquilo só o fez rir.

– Os senhores dos cavalos dothrakis chamam os lhazarenos de Homens-Ovelha. Você pode tosquiá-los, e tudo o que fazem é balir. Não são um povo guerreiro.

*Um amigo pacato é melhor do que nenhum.*

– Os Sábios Mestres deviam seguir o exemplo deles. Poupei Yunkai uma vez, mas não cometerei esse erro novamente. Se eles ousarem me atacar, desta vez porei a Cidade Amarela deles no chão.

– E, enquanto estiver arrasando Yunkai, meu doce, Meereen se levantará atrás de você. Não feche os olhos aos perigos, Daenerys. Seus eunucos são excelentes soldados, mas são poucos para enfrentar os exércitos que Yunkai mandará contra você, assim que Astapor cair.

– Meus libertos... – começou Dany.

– Escravos de cama, barbeiros e oleiros não ganham batalhas.

Ele estava errado quanto a isso, ela esperava. Os libertos eram gente do povo, mas ela organizara os homens em idade de batalha em companhias e ordenara a Verme Cinzento que os transformasse em soldados. *Deixe-o pensar o que quiser*.

– Você se esqueceu? Tenho dragões.

– Tem? Em Qarth, você raramente era vista sem um dragão no ombro... e no entanto agora percebo que seu ombro bem torneado está tão nu quanto seu doce seio.

– Meus dragões cresceram, meus ombros não. Eles estão percorrendo os campos, caçando. – *Hazzea, me perdoe*. Ela se perguntava quanto Xaro sabia, que sussurros teria escutado. – Pergunte aos Bons Mestres de Astapor sobre meus dragões, se duvida deles. – *Vi os olhos de um comerciante de escravos derreter e escorrer por seu rosto.* – Diga-me a verdade, velho amigo, o que deseja de mim, se não quer negociar?

– Trazer um presente para a rainha do meu coração.

– Diga. – *Que armadilha é essa, agora?*

– O presente que me implorou em Qarth. Navios. Há treze galés na baía. Suas, se as desejar. Trouxe uma frota para você, para levá-la a Westeros.

*Uma frota*. Era mais do que ela podia esperar, então é claro que ficou desconfiada. Em Qarth, Xaro oferecera trinta navios para ela... por um dragão.

– E qual o preço por esses navios?

– Nenhum. Não desejo mais dragões. Vi o trabalho deles em Astapor, no meu caminho para cá, quando meu *Nuvem Sedosa* parou para reabastecer. Os navios são seus, doce rainha. Treze galés, e homens para puxar os remos.

*Treze. Certamente*. Xaro era um dos Treze. Sem dúvida, havia convencido cada um dos companheiros de irmandade a dar um navio.

Ela conhecia o príncipe mercador bem demais para imaginar que ele sacrificaria treze de seus próprios navios.

– Preciso pensar nisso. Posso inspecionar esses navios?

– Ficou desconfiada, Daenerys.

*Sempre*.

– Fiquei prudente, Xaro.

– Inspecione o que desejar. Quando estiver satisfeita, me jure que voltará para Westeros imediatamente, e os navios são seus. Jure por seus dragões, pelo seu deus de sete faces e pelas cinzas de seus antepassados, e vá.

– E se eu decidir esperar um ano, ou três?

Um olhar triste cruzou o rosto de Xaro.

– Isso me faria muito infeliz, meu doce deleite... por mais jovem e forte que pareça, você não viverá muito. Não aqui.

*Ele oferece favos de mel com uma mão e mostra o chicote com a outra.*

– Os yunkaítas não são tão temíveis assim.

– Nem todos os seus inimigos estão na Cidade Amarela. Tenha cuidado com homens de coração frio e lábios azuis. Você tinha saído de Qarth havia menos de quinze dias quando Pyat Pree partiu com três feiticeiros para procurá-la em Pentos.

Dany achou isso mais divertido do que assustador.

– Ainda bem que mudei de caminho, então. Pentos está a meio mundo de Meereen.

– É verdade – ele concordou –, mesmo assim, cedo ou tarde eles saberão da rainha dragão da Baía dos Escravos.

– Isso deveria me assustar? Vivi no medo por catorze anos, senhor. Acordei assustada cada manhã, e fui dormir com medo cada noite... Mas meus medos desapareceram no dia em que emergi das chamas. Apenas uma coisa me assusta agora.

– E o que a assusta, doce rainha?

– Sou apenas uma jovem tola – Dany se levantou na ponta dos pés e deu-lhe um beijo no rosto. – Mas não tão tola para lhe contar isso. Meus homens olharão esses navios. Aí você terá minha resposta.

– Como desejar. – Ele tocou o seio nu dela suavemente e sussurrou – Deixe-me ficar e ajudá-la a se persuadir.

Por um momento, ela ficou tentada. Talvez os dançarinos tivessem mexido com ela no final das contas. *Eu fecharia os olhos e fingiria estar com Daario*. Um Daario imaginado seria mais seguro do que o real. Mas ela deixou a ideia de lado.

– Não, senhor. Agradeço, mas não. – Dany deslizou dos braços dele. – Em outra noite, talvez.

– Em outra noite. – Sua boca estava triste, mas seus olhos pareciam mais aliviados do que desapontados.

*Se eu fosse um dragão, poderia voar até Westeros*, ela pensou quando ele se foi. *Não precisaria de Xaro ou de seus navios*. Dany se perguntou quantos homens treze galés podiam levar. Foram necessárias três para levá-la, juntamente com seu *khalasar*, de Qarth até Astapor, mas isso foi antes de ela ter oito mil Imaculados, mil mercenários e uma vasta horda de libertos. *E os dragões, o que farei com eles?*

– Drogon – ela sussurrou suavemente –, onde está você? – Por um momento, quase pôde vê-lo varrendo o céu, as asas negras engolindo as estrelas.

Ela virou as costas para a noite, para onde Barristan Selmy permanecia em silêncio nas sombras.

– Certa vez, meu irmão me contou um enigma westerosi. Quem ouve tudo e, mesmo assim, não escuta nada?

– Um cavaleiro da Guarda Real. – A voz de Selmy era solene.

– Ouviu a oferta de Xaro?

– Ouvi, Vossa Graça. – O velho cavaleiro se esforçava para não olhar o seio desnudo dela enquanto conversavam.

*Sor Jorah não teria tirado os olhos. Ele me amava como mulher, enquanto Sor Barristan me ama apenas como sua rainha*. Mormont fora um informante, reportando-se aos inimigos dela, em Westeros, mas mesmo assim lhe dera bons conselhos.

– O que você acha disso? Dele?

– Dele, pouco e ainda menos. Dos navios, no entanto... Vossa Graça, com esses navios poderemos estar em casa antes do final do ano.

Dany nunca conhecera uma casa. Em Bravos havia uma casa com portas vermelhas, mas isso era tudo.

– Cuidado com presentes vindos de qartenos, especialmente mercadores dos Treze. Há alguma armadilha aí. Talvez os navios estejam estragados ou...

– Se fossem incapazes de navegar, não teriam atravessado o mar de Qarth até aqui – Sor Barristan apontou –, mas Vossa Graça foi sábia em insistir em uma inspeção. Irei com o Almirante Groleo até as galés na primeira hora da manhã, com os capitães e duas equipes de marinheiros dele. Podemos varrer cada centímetro daqueles navios.

Era um bom conselho.

– Sim, faça isso. – Westeros. Lar. Mas, se ela partisse, o que aconteceria com a cidade? *Meereen nunca foi sua cidade*, a voz do irmão parecia sussurrar. *Suas cidades estão do outro lado do mar. Seus sete reinos, onde seus inimigos esperam por você. Você nasceu para servir-lhes sangue e fogo*.

Sor Barristan limpou a garganta e disse:

– Esse feiticeiro sobre o qual o mercador falou...

– Pyat Pree. – Ela tentou lembrar-se do rosto dele, mas tudo o que via eram seus lábios. O vinho dos feiticeiros tornava os lábios azuis. A bebida era chamada *sombra-da-noite*. – Se o encanto de um feiticeiro pudesse me matar, estaria morta agora. Transformei o palácio deles em cinzas. Drogon me salvou quando tentaram drenar minha vida. Drogon queimou todos eles.

– Como diz, Vossa Graça. Mesmo assim. Eu serei cuidadoso.

Ela o beijou no rosto.

– Sei que será. Venha, me acompanhe de volta ao banquete.

Na manhã seguinte, Dany acordou tão esperançosa quanto estivera ao chegar à Baía dos Escravos.

Daario logo estaria ao seu lado e, juntos, navegariam até Westeros. *Para casa*. Uma de suas jovens hóspedes lhe trouxe a refeição matinal, uma menina rechonchuda e tímida chamada Mezzara, cujo pai governava a pirâmide de Merreq. Dany lhe deu um abraço, feliz, e lhe agradeceu com um beijo.

– Xaro Xhoan Daxos me ofereceu treze galés – contou para Irri e Jhiqui enquanto a vestiam para a corte.

– Treze é um número mau, *Khaleesi* – murmurou Jhiqui, na língua dothraki. – Isso é sabido.

– É sabido – concordou Irri.

– Trinta teria sido melhor – Daenerys concordou. – Trezentas, melhor ainda. Mas treze podem ser suficientes para nos levar a Westeros.

As duas garotas Dothraki trocaram um olhar.

– A água envenenada é amaldiçoada, *Khaleesi* – disse Irri. – Cavalos não podem ingeri-la.

– Não pretendo bebê-la – Dany prometeu.

Apenas quatro peticionários aguardavam por ela naquela manhã. Como sempre, Lorde Ghael foi o primeiro a se apresentar, parecendo ainda mais miserável do que de costume.

– Vossa Iluminada – gemeu, ao cair no mármore, sob os pés dela –, os exércitos dos yunkaítas descem sobre Astapor. Eu imploro, vá ao sul com toda a sua força.

– Eu avisei ao seu rei de que essa guerra era uma insensatez – Dany recordou. – Ele não me ouviu.

– O Grande Cleon pretendia apenas destruir os vis comerciantes de escravos de Yunkai.

– O Grande Cleon é um comerciante de escravos também.

– Eu sei que a Mãe de Dragões não nos abandonará na hora em que estamos em perigo. Mande seus Imaculados defenderem nossas muralhas.

*E, se eu fizer isso, quem defenderá minhas muralhas?*

– Muitos dos meus libertos eram escravos em Astapor. Talvez alguns deles desejem ajudar a defender seu rei. É escolha deles, como homens livres. Dei liberdade para Astapor. Vocês devem defendê-la.

– Estamos todos mortos, então. Você nos deu a morte, não liberdade. – Ghael ficou em pé em um salto e cuspiu no rosto dela.

Belwas, o Forte, o agarrou pelo ombro e o atirou contra o mármore com tanta força que Dany ouviu os dentes dele quebrarem. O Cabeça-Raspada teria feito pior, mas ela o impediu.

– Basta – disse, limpando o rosto com a ponta do *tokar*. – Ninguém jamais morreu por uma cuspida. Levem-no daqui.

Eles o arrastaram pelos pés, deixando vários dentes quebrados e um rastro de sangue. Dany ficaria satisfeita em dispensar os outros peticionários... mas ainda era a rainha, então escutou cada um deles e fez o melhor para que tivessem justiça.

No final daquela tarde, o Almirante Groleo e Sor Barristan retornaram da inspeção das galés. Dany reuniu seu conselho para ouvi-los. Verme Cinzento estava lá pelos Imaculados, Skahaz mo Kandaq pelas Bestas de Bronze. Na ausência de seus companheiros de sangue, um encarquilhado *jaqqa rhan* chamado Rommo, vesgo e de pernas arqueadas, falava pelos dothrakis. Seus libertos eram representados pelos capitães das três companhias que ela formara: Mollono Yos Dob dos Escudos Robustos, Symon Costas-Listradas dos Irmãos Livres e Marselen dos Homens da Mãe. Reznak mo Reznak permanecia sentado ao lado da rainha e Belwas, o Forte, estava em pé atrás dela, com os enormes braços cruzados. Dany não teria falta de conselhos.

Groleo tornara-se o homem mais infeliz do mundo desde que seu navio fora destruído no cerco que tomara Meereen. Dany tentara consolá-lo nomeando-o Senhor Almirante, mas era uma honra vazia; a frota meereenese partira para Yunkai quando as forças de Dany se aproximaram da cidade, então o velho pentoshi era um almirante sem navios. No entanto, agora ele sorria por detrás da barba manchada de sal de uma maneira que a rainha quase não se lembrava.

– Os navios são sólidos, então? – ela perguntou, esperançosa.

– Sólidos o suficiente, Vossa Graça. São navios velhos, sim, mas a maioria bem-conservada. O casco do *Princesa Purossangue* está carcomido. Eu não gostaria de levá-lo para longe da costa. O *Narraqqa* pode precisar de novos lemes e linhadas, e o *Lagarto Listrado* tem alguns remos rachados, mas vão servir. Os remadores são escravos, mas, se oferecermos um pagamento honesto, a maioria ficará com a gente. Remar é tudo o que sabem fazer. E os que partirem podem ser substituídos pela minha tripulação. É uma longa e difícil viagem até

Westeros, mas esses navios são sólidos o bastante para nos levar até lá, acredito.

Reznak mo Reznak deu um gemido comovente.

– Então é verdade. Vossa Adoração pretende nos abandonar. – Torceu as mãos. – Os yunkaítas vão trazer os Grandes Mestres de volta no momento em que partir, e aqueles que a serviram fielmente serão passados pela espada, nossas doces esposas e filhas donzelas serão estupradas e escravizadas.

– Não as minhas – grunhiu Skahaz Cabeça-Raspada. – Eu mato elas antes, com minhas próprias mãos. – Deu um tapa no cabo da espada.

Dany sentiu como se o tapa tivesse sido em seu rosto.

– Se teme o que pode acontecer quando eu partir, venha comigo para Westeros.

– Aonde quer que a Mãe de Dragões vá, os Homens da Mãe também irão – anunciou Marselen, o irmão que restava de Missandei.

– Como? – questionou Symon Costas-Listradas, que recebeu esse nome pelo emaranhado de cicatrizes entrelaçadas em suas costas e ombros, uma lembrança das chicotadas que recebeu quando era escravo em Astapor. – Treze navios... não são suficientes. Cem navios podem não ser suficientes.

– Cavalos de madeira não são bons – objetou Rommo, o velho *jaqqa rhan*. – Os dothrakis vão cavalgando.

– Estes aqui podem marchar por terra, ao longo da costa – sugeriu Verme Cinzento. – Os navios podem manter o ritmo e reabastecer a coluna.

– Isso daria certo até alcançar as ruínas de Bhorash – disse o Cabeça-Raspada. – Depois disso, os navios teriam que voltar-se para sul, passar Tolos e a Ilha de Cedros, e contornar Valíria, enquanto as forças a pé continuariam até Mantarys pelo velho caminho do dragão.

– *Caminho do demônio*, é chamado agora – disse Mollono Yos Dob. O roliço comandante dos Escudos Robustos parecia mais um escriba do que um soldado, com as mãos manchadas de tinta e a pesada pança, mas era bem esperto. – Muitos de nós vão morrer.

– Os que forem deixados para trás, em Meereen, vão invejar essa morte fácil – gemeu Reznak. – Eles nos *escravizarão*, ou nos jogarão nas arenas. Tudo será como antes, ou pior.

– Onde está a coragem de vocês? – Sor Barristan atacou. – Vossa Graça os libertou das correntes. É para vocês afiarem as espadas e defenderem sua liberdade quando ela partir.

– Bravas palavras, de alguém que pretende navegar para o pôr do sol – Symon Costas-Listradas rosnou de volta. – Vai olhar para trás para ver nossa morte?

– Vossa Graça...

– Magnificência...

– Vossa Adoração...

– *Basta*! – Dany bateu na mesa. – Ninguém será deixado para morrer. Vocês todos são meu povo. – Seus sonhos de lar e amor a tinham cegado. – Não abandonarei Meereen ao destino de Astapor. Sinto muito dizer, mas Westeros deve esperar.

Groleo ficou horrorizado.

– *Devemos* aceitar esses navios. Se recusarmos esse presente...

Sor Barristan ajoelhou-se diante dela.

– Minha rainha, seu reino precisa de você. Você não é bem-vinda aqui, mas em Westeros os homens se juntarão aos seus estandartes aos milhares, grandes senhores e nobres cavaleiros. "Ela está de volta", gritarão uns para os outros, em vozes alegres. "A irmã do Príncipe Rhaegar voltou para casa finalmente."

– Se me amam tanto, esperarão por mim. – decidiu Dany. – Reznak, convoque Xaro Xhoan Daxos.

Ela recebeu o príncipe mercador sozinha, sentada em seu banco de ébano polido, com as almofadas que Sor Barristan trouxera para ela. Quatro marujos qartenos o acompanhavam, carregando uma tapeçaria enrolada sobre os ombros.

– Trouxe outro presente para a rainha do meu coração – Xaro anunciou. – Está nos cofres da minha família desde antes da Condenação que assolou Valíria.

Os marujos desenrolaram a tapeçaria pelo chão. Era velha, empoeirada, desbotada... e enorme. Dany teve que ir para o lado de Xaro para que o desenho ficasse claro.

– Um mapa? É lindo. – Cobria metade do chão. Os mares eram azuis, as terras, verdes, as montanhas, negras e marrons. Cidades eram

mostradas como estrelas bordadas com fios dourados ou prateados. *Não há Mar Fumegante*, ela percebeu. *Valíria não era ainda uma ilha*.

– Aqui você vê Astapor, Yunkai e Meereen. – Xaro apontou para as três estrelas prateadas ao lado do azul da Baía dos Escravos. – Westeros está... em algum lugar ali. – Sua mão acenou vagamente em direção ao final do salão. – Você virou para o norte quando devia ter continuado para sul e para oeste, através do Mar de Verão, mas com meu presente logo estará no lugar ao qual pertence. Aceite minhas galés com o coração alegre e vire seus remos para o oeste.

*Eu iria, se pudesse.*

– Senhor, eu alegremente aceitaria esses navios, mas não posso lhe fazer a promessa que pediu. – Ela pegou a mão dele. – Me dê essas galés, e eu juro que Qarth terá a amizade de Meereen até as estrelas se apagarem. Deixe-me negociar com eles, e terá boa parte dos lucros.

O belo sorriso de Xaro morreu em seus lábios.

– O que está me dizendo? Está me dizendo que não partirá?

– Não posso partir.

Lágrimas brotaram dos olhos dele, escorrendo pelo nariz, passando por esmeraldas, ametistas e diamantes negros.

– Eu disse aos Treze que você prestaria atenção à minha sabedoria. Me entristece saber que estava enganado. Pegue esses navios e navegue para longe, ou certamente morrerá gritando. Você não tem ideia de quantos inimigos fez.

*Sei que um está diante de mim agora, chorando lágrimas de crocodilo*. Perceber isso a deixou triste.

– Quando fui ao Salão dos Mil Tronos e implorei por sua vida, disse que você não era mais do que uma criança – continuou Xaro –, mas Egon Emeros, o Requintado, levantou-se e disse: “Ela é uma criança tola, louca, imprudente e muito perigosa para viver”. Quando seus dragões eram pequenos, eram uma maravilha. Crescidos, são morte e devastação, uma espada flamejante sobre o mundo. – Ele limpou as lágrimas. – Eu devia ter matado você em Qarth.

– Eu era uma convidada sob seu teto, comi de sua comida e bebi seu hidromel – ela disse. – Em memória a tudo o que você fez por mim, perdoarei essas palavras... uma vez... Mas nunca mais pense em me ameaçar novamente.

– Xaro Xhoan Daxos não ameaça. Ele promete.

A tristeza dela se transformou em fúria.

– E eu prometo que se você não partir antes que o sol nasça, saberemos quantas lágrimas de mentira são necessárias para aplacar fogo de dragão. Deixe-me, Xaro. Imediatamente.

Ele saiu, mas deixou seu mapa-múndi para trás. Dany sentou-se no banco novamente e olhou através do mar de seda azul, em direção à distante Westeros. *Um dia*, prometeu para si mesma.

Na manhã seguinte a galé de Xaro havia partido, mas o "presente" que ele trouxera ficara na Baía dos Escravos. Longas flâmulas vermelhas tremulavam nos mastros das treze galés qartenas, contorcendo-se ao vento. E, quando Daenerys desceu para as audiências do dia, um mensageiro dos navios a aguardava. Não disse palavra alguma, mas colocou sob os pés dela uma almofada de cetim negro, na qual repousava uma luva ensanguentada.

– O que é isso? – Skahaz exigiu saber. – Uma luva ensanguentada...

– ... Significa guerra – disse a rainha.

# Jon

—Cuidado com os ratos, senhor – Edd Doloroso levava Jon escada abaixo, com uma lanterna na mão. – Fazem um barulho horrível se você pisa neles. Minha mãe costumava fazer um ruído igual quando eu era menino. Devia ter algo de rato nela, agora que pensei nisso. Cabelos castanhos, pequenos olhos redondos, gostava de queijo. Ela devia ter uma cauda também, mas nunca olhei.

Todo o Castelo Negro era conectado por baixo do solo por um labirinto de túneis que os irmãos chamavam de "caminhos de minhoca". O subterrâneo era escuro e úmido, então os caminhos de minhoca eram pouco usados no verão, mas, quando os ventos do inverno começavam a soprar e a neve começava a cair, os túneis se tornavam a forma mais rápida de se mover pelo castelo. Os intendentes já vinham fazendo uso deles. Jon viu velas queimando em vários nichos nas paredes enquanto percorriam o túnel, seus passos ecoando além deles.

Bowen Marsh aguardava no ponto em que quatro túneis se cruzavam. Tinha Wick Whittlestick com ele, alto e magro como uma lança.

– Essas são as contas de três turnos atrás – Marsh disse para Jon, oferecendo-lhe um grosso maço de papéis –, para comparar com nossos estoques atuais. Podemos começar pelos celeiros?

Moveram-se na penumbra cinzenta sob a terra. Cada sala de estocagem tinha uma sólida porta de carvalho fechada com um cadeado do tamanho de um prato de sopa.

– A pilhagem é um problema? – Jon perguntou.

– Ainda não – disse Bowen Marsh. – Mas, assim que o inverno chegar, Vossa Senhoria seria sábia em colocar guardas aqui embaixo.

Wick Whittlestick levava as chaves em um aro pendurado no pescoço. Pareciam todas iguais para Jon, e ainda assim Wick encontrava a chave certa para cada porta. Uma vez lá dentro, tirou um giz do tamanho de um

punho de sua bolsa e começou a marcar cada barrica, saco e barril, conforme os contava, enquanto Marsh comparava a nova contagem com a antiga.

Nos celeiros, havia aveia, trigo e cevada, além de barris de farinha moída. Nos armazéns, réstias de cebola e alho pendiam das vigas, e sacos de cenoura, chirivia, rabanetes e nabos brancos e amarelos enchiam as prateleiras. Em uma das salas de estocagem havia queijos tão grandes que seriam necessários dois homens para movê-los. Na seguinte, barricas de carne salgada, porco salgado, cordeiro salgado e bacalhau salgado estavam empilhados até alcançar três metros de altura. Trezentos presuntos e três mil chouriços podiam ser vistos pendurados nas vigas do teto, embaixo do defumador. No armário de especiarias, encontraram grãos de pimenta, cravo, canela, sementes de mostarda, sálvia, sálvia esclareia, salsa e blocos de sal. Em outros lugares havia barris de maçãs e peras, ervilhas secas, figos secos, sacos de nozes, de castanhas, de amêndoas, filés de salmão defumados e secos, jarros de barro cheios de azeitonas em conserva e selados com cera. Um depósito guardava lebres envasadas, pernil de veado no mel, repolho em conserva, beterraba em conserva, cebola em conserva, ovos em conserva e arenque em conserva.

Enquanto iam de um depósito ao outro, os caminhos de minhoca pareciam ficar mais frios. Em pouco tempo, Jon conseguia ver sua respiração congelando na luz da lanterna.

– Estamos sob a Muralha.

– E logo estaremos dentro dela – disse Marsh. – A carne não apodrece no frio. Para estocagens longas, é melhor do que salgar.

A porta era de ferro enferrujado. Atrás dela havia um lance de degraus de madeira. Edd Doloroso seguiu na frente com sua lanterna. No alto estava um túnel tão comprido quanto o grande salão de Winterfell, embora não fosse mais largo do que os caminhos de minhoca. As paredes aqui eram de gelo, cheias de ganchos de ferro. Em cada gancho estava pendurada uma carcaça: cervos e alces sem couro, metades de bois, porcas enormes balançando do teto, ovelhas e cabras sem cabeça, até mesmo cavalos e ursos. A geada cobrira tudo.

Enquanto os intendentes faziam a contagem, Jon tirou a luva da mão esquerda e tocou o pedaço de carne mais próximo. Podia sentir os dedos grudarem; quando os puxou, perdeu um pouco de pele. As pontas de seus

dedos estavam dormentes. *O que você esperava? Há uma montanha de gelo sobre sua cabeça, mais toneladas do que Bowen Marsh seria capaz de contar.* Mesmo assim, a sala parecia mais fria do que deveria.

– É pior do que eu temia, senhor – Marsh anunciou quando terminaram. Parecia mais sombrio do que Edd Doloroso.

Jon estava justamente pensando que estavam cercados por toda a carne do mundo. *Você não sabe nada, Jon Snow.*

– Como assim? Isso me parece um bocado de comida.

– Foi um longo verão. As colheitas foram abundantes, os senhores, generosos. Temos o suficiente para passar três anos de inverno. Quatro, com um pouco de racionamento. Agora, se tivermos que alimentar todos esses homens do rei, homens da rainha e selvagens... Vila Toupeira sozinha tem mil bocas inúteis, e mais ainda virão. Mais três apareceram ontem nos portões, uma dúzia no dia anterior. Não dá para continuar. Estabelecer essas pessoas na Dádiva está bem e é bom, mas é tarde demais para plantar. Passaremos a nabos e mingau de ervilha antes de o ano acabar. E, depois disso, beberemos o sangue dos nossos cavalos.

– Hummm... – declarou Edd Doloroso. – Não há nada melhor do que uma taça quente de sangue de cavalo em uma noite fria. Gosto da minha com uma pitada de canela em cima.

O Senhor Intendente não lhe deu atenção.

– Haverá doenças também – continuou –, gengivas sangrando e perda de dentes. Meistre Aemon costumava dizer que suco de limão e carne fresca curam isso, mas nossos limões se foram há um ano e não temos forragem suficiente para manter o rebanho e ter carne fresca. Teremos que abater todos os animais, exceto alguns poucos pares férteis. O tempo está passando. Em invernos passados, a comida podia ser trazida do Sul pela estrada do rei, mas com a guerra... Ainda é outono, eu sei, mas eu aconselharia a começar o racionamento para o inverno, se for do agrado do senhor.

*Os homens vão adorar isso*.

– Se é o que devemos fazer. Vamos reduzir a porção de cada homem em um quarto.

*Se meus irmãos reclamam de mim agora, o que dirão quando estiverem comendo neve e pasta de bolotas?*

– Isso vai ajudar, senhor. – Mas o tom do Senhor Intendente indicava que ele não achava que fosse ajudar o suficiente.

Edd Doloroso disse:

– Agora entendi por que o Rei Stannis deixou os selvagens atravessarem a Muralha. Ele pretende que nós os comamos.

Jon teve que sorrir.

– Não chegaremos a tanto.

– Ah, bom... – disse Edd. – Eles parecem muito fibrosos, e meus dentes não são mais tão afiados como quando eu era jovem.

– Se tivéssemos dinheiro suficiente, poderíamos comprar comida no Sul e trazê-la de navio – o Senhor Intendente disse.

*Podíamos*, pensou Jon, *se tivéssemos dinheiro e alguém disposto a nos vender comida*. Ambos estavam em falta. *Nossa melhor esperança seria o Ninho da Águia*. O Vale de Arryn era famoso pela fertilidade e permanecera intocado durante as batalhas. Jon se perguntava como a irmã da Senhora Catelyn se sentiria em alimentar o bastardo do Ned Stark. Quando era menino, ele frequentemente sentia como se a senhora se ressentisse dele a cada mordida.

– Sempre podemos caçar, se preciso – Wick Whittlestick colocou. – Ainda há animais na floresta.

– E selvagens, e coisas mais sombrias – disse Marsh. – Eu não mandaria caçadores, senhor. Não mandaria.

*Não. Você fecharia nossos portões para sempre e os selaria com pedras e gelo*. Metade do Castelo Negro concordava com o ponto de vista do Senhor Intendente, ele sabia. A outra metade desdenhava dele.

– Sele nossos portões e plante nossos gordos traseiros negros na Muralha, sim, e o povo livre vem fervilhando da Ponte das Caveiras ou através de algum portão que você pensou estar fechado há quinhentos anos – o velho patrulheiro Dywen declarara em voz alta durante o jantar, duas noites antes. – Não temos homens para vigiar a mais de quinhentos quilômetros da Muralha. Tormund Terror dos Gigantes e o maldito Chorão sabem disso também. Já viu um pato congelado em um lago, com os pés no gelo? Funciona do mesmo jeito para os corvos.

A maioria dos patrulheiros fez eco com Dywen, enquanto os intendentes e os construtores se inclinavam para Bowen Marsh.

Mas isso foi dilema para outro dia. Aqui e agora, o problema era comida.

– Não poderemos deixar o Rei Stannis e seus homens morrerem de fome, mesmo se quisermos – disse Jon. – Se for necessário, ele simplesmente tomará tudo isso na ponta da espada. Não temos homens para detê-lo. Os selvagens também precisam ser alimentados.

– Como, senhor? – perguntou Bowen Marsh.

*Eu gostaria de saber.*

– Encontraremos um meio.

Quando retornaram para a superfície, as sombras da tarde já estavam crescendo. Nuvens riscavam o céu como estandartes esfarrapados, cinza, brancas e despedaçadas. O pátio do lado de fora do arsenal estava vazio, mas dentro Jon encontrou o escudeiro do rei esperando por ele. Devan era um rapaz magrelo de uns doze anos, de cabelos e olhos castanhos. Eles o encontraram congelando ao lado da forja, sem ousar se mover enquanto Fantasma o farejava de cima a baixo.

– Ele não machucará você – disse Jon, mas o garoto se encolheu ao som da voz dele, e aquele movimento repentino fez o lobo gigante mostrar os dentes. – Não! – gritou Jon. – Fantasma, deixe-o. Fora. – O lobo esgueirou-se para seu osso de boi, o silêncio em quatro patas.

Devan parecia tão branco quanto Fantasma, o rosto molhado de suor.

– S-senhor. Sua Graça o-ordena sua presença. – O garoto usava o dourado e negro dos Baratheon, com o coração em chamas dos homens da rainha costurado sobre o seu próprio.

– Você quer dizer *solicita* – disse Edd Doloroso. – Sua Graça *solicita* a presença do Senhor Comandante. É como você deve dizer isso.

– Deixe, Edd. – Jon não estava com disposição para disputas desse tipo.

– Sor Richard e Sor Justin retornaram – disse Devan. – Você vem, senhor?

*Os cavaleiros do caminho-errado*. Massey e Horpe haviam cavalgado para o Sul, não para o Norte. O que quer que tivessem descoberto, não era do interesse da Patrulha da Noite, mas Jon estava curioso do mesmo jeito.

– Se for do agrado de Sua Graça. – Seguiu o jovem escudeiro através do pátio. Fantasma foi atrás dele, até que Jon disse – Não. Fica! – Em vez

disso, o lobo saiu correndo.

Na Torre do Rei, Jon foi despojado de suas armas e admitido na presença real. O solar estava quente e lotado. Stannis e seus capitães estavam debruçados sobre o mapa do Norte. Os cavaleiros do caminho-errado estavam entre eles. Sigorn estava ali também, o jovem Magnar de Thenn, vestido em uma cota de malha recoberta de escamas de bronze. Camisa de Chocalho estava sentado, coçando o pulso com uma unha amarela quebrada. Uma sombra de barba marrom cobria seu rosto encovado e seu queixo retraído, e fios de cabelo sujo caíam em direção aos olhos.

– E aí está ele – disse quando viu Jon –, o bravo rapaz que assassinou Mance Rayder quando ele estava enjaulado e amarrado. – A grande gema quadrada que adornava seu punho brilhou vermelha. – Gosta do meu rubi, Snow? Um símbolo de amor da Senhora Vermelha.

Jon o ignorou e se ajoelhou.

– Vossa Graça – anunciou o escudeiro Devan –, trouxe-lhe Lorde Snow.

– Posso ver. Senhor Comandante. Você conhece meus cavaleiros e capitães, acredito.

– Tive a honra. – Ele fizera questão de aprender tudo o que podia sobre os homens ao redor do rei. Homens da rainha, todos. Parecia estranho a Jon que não houvesse homens do rei com o rei, mas esse parecia ser o caminho. Os homens do rei haviam sofrido com a ira de Stannis em Pedra do Dragão, se as conversas que ouvira eram verdadeiras.

– Temos vinho. Ou água fervida com limões.

– Obrigado, mas não.

– Como desejar. Tenho um presente para você, Lorde Snow. – O rei acenou com a mão para Camisa de Chocalho. – Ele.

A Senhora Melisandre sorriu.

– Você disse que precisava de homens, Lorde Snow. Acredito que nosso Senhor dos Ossos ainda é qualificado.

Jon estava horrorizado.

– Vossa Graça, esse homem não é de confiança. Se eu o mantiver aqui, alguém cortará a garganta dele. Se o mandar em patrulha, ele simplesmente voltará para os selvagens.

– Não eu. Estou cansado desses malditos tolos. – Camisa de Chocalho tocou no rubi em seu punho. – Pergunte para sua bruxa vermelha,

bastardo.

Melisandre falou suavemente em uma língua estranha. O rubi na garganta dela pulsava lentamente e Jon viu que a pedra menor no pulso de Camisa de Chocalho ficava mais clara e mais escura também.

– Enquanto ele usar essa joia, ele pertence a mim, de sangue e alma – a sacerdotisa vermelha disse. – Esse homem o servirá fielmente. As chamas não mentem, Lorde Snow.

*Elas talvez não*, pensou Jon, *mas você, sim*.

– Vou patrulhar para você, bastardo – Camisa de Chocalho declarou. – Darei conselhos sábios, ou cantarei canções bonitas, o que preferir. Até lutarei por você. Só não me peça para usar esse seu manto.

*Você não é digno de um*, Jon pensou, mas segurou a língua. Nada de bom viria de disputas na frente do rei.

O Rei Stannis disse:

– Lorde Snow, fale-me sobre Mors Umber.

*A Patrulha da Noite não toma partido*, Jon pensou, mas outra voz dentro dele disse, *palavras não são espadas*.

– O mais velho dos tios de Grande-Jon, Papa-Corvos, é chamado. Um corvo uma vez o tomou por morto e picou seu olho. Ele pegou a ave com uma mão e arrancou sua cabeça com uma mordida. Quando Mors era jovem, era um lutador temido. Seus filhos homens morreram no Tridente, sua esposa, no parto. Sua única filha foi sequestrada por selvagens, trinta anos atrás.

– É por isso que ele quer a cabeça – disse Harwood Fell.

– Esse Mors é de confiança? – perguntou Stannis.

*Teria Mors Umber dobrado o joelho?*

– Vossa Graça deveria fazê-lo jurar diante de sua árvore-coração.

Godry, o Matador de Gigantes, gargalhou.

– Eu tinha esquecido que vocês, nortenhos, veneram árvores.

– Que tipo de deus permite ser mijado por cães? – perguntou o companheiro de Farring, Clayton Suggs.

Jon preferiu ignorá-los.

– Vossa Graça, posso saber se os Umber se declararam por você?

– Metade deles, e só se eu pagar o preço desse Papa-Corvos – disse Stannis, em um tom irritado. – Ele quer o crânio de Mance Rayder para

servir de copo, e quer o perdão para seu irmão, que cavalgou para o Sul para se unir a Bolton. É chamado de Terror das Rameiras.

Sor Godry divertia-se com isso também.

– Que nomes esses nortenhos têm! Será que esse arrancou a cabeça de alguma puta?

Jon olhou-o friamente.

– Pode-se dizer que sim. Uma prostituta que tentou roubá-lo, cinquenta anos atrás, em Vilavelha. – Por mais estranho que parecesse, o velho Hoarfrost Umber em algum momento acreditou que seu filho mais novo tinha os ingredientes de um meistre. Mors adorava se gabar sobre o corvo que tirara seu olho, mas a história de Hother só era contada aos sussurros... em grande parte porque a prostituta que ele destripara era um homem. – Outros senhores se declararam por Bolton também?

A sacerdotisa vermelha deslizou para mais perto do rei.

– Vi uma cidade com muralhas de madeira, ruas de madeira, cheia de homens. Estandartes se agitavam sobre suas muralhas: um alce, um machado de batalha, três pinheiros, machados de cabos longos cruzados sob uma coroa, uma cabeça de cavalo com olhos flamejantes.

– Hornwood, Cerwyn, Tallhart, Ryswell e Dustin – informou Sor Clayton Suggs. – Traidores, todos. Cãezinhos de estimação dos Lannister.

– Os Ryswell e os Dustin são ligados à Casa Bolton pelo casamento – Jon informou. – Os outros perderam seus senhores em batalha. Não sei quem os lidera agora. Papa-Corvos não é um cãozinho, no entanto. Vossa Graça deveria aceitar os termos dele.

Stannis rangeu os dentes.

– Ele me informa que um Umber não lutará contra outro Umber, não importa a causa.

Jon não estava surpreso.

– Se chegarem às espadas, veja onde o estandarte de Hother está e coloque Mors na outra ponta da linha.

O Matador de Gigantes discordou.

– Você faz Sua Graça parecer fraco. Eu digo, mostre nossa força. Queime Lar Derradeiro e vá para a guerra com a cabeça do Papa-Corvos espetada em uma lança, como uma lição para o próximo senhor que pretender oferecer meia-vassalagem.

– Um ótimo plano, se você quer cada mão do Norte contra você. Metade é mais do que nada. Os Umber não têm amor pelos Bolton. Se o Terror das Rameiras se uniu ao Bastardo, só pode ser porque os Lannister mantêm Grande-Jon cativo.

– Esse é o pretexto, não a razão – afirmou Sor Godry. – Se o sobrinho morrer acorrentado, esses tios podem clamar suas terras e títulos para eles próprios.

– Grande-Jon tem tanto filhos quanto filhas. No Norte, os filhos de um homem ainda vêm antes de seus tios, sor.

– A menos que morram. Crianças morrem em todos os lugares.

– Sugira isso aos ouvidos de Mors Umber, Sor Godry, e aprenderá mais sobre morte do que teria desejado.

– Eu matei um gigante, garoto. Por que deveria temer um nortenho pulguento que pinta um gigante em seu brasão?

– O gigante estava fugindo. Mors não estará.

O grande cavaleiro corou.

– Você tem uma língua ousada no solar do rei, garoto. No pátio, cantou uma canção diferente.

– Ah, deixe pra lá, Godry – disse Sor Justin Massey, um cavaleiro carnudo e de pernas moles, com um sorriso fácil e tufos de cabelos loiros. Massey era um dos cavaleiros do caminho-errado. – Todos nós sabemos que espada grande você tem, estou certo disso. Não precisa agitá-la em nossa cara de novo.

– A única coisa agitada aqui é sua língua, Massey.

– Silêncio – Stannis exigiu. – Lorde Snow, preste atenção. Demorei-me aqui na esperança de que os selvagens fossem tolos o suficiente para tentar outro ataque sobre a Muralha. Como eles não fizeram isso, é hora de lidar com meus outros inimigos.

– Entendo. – O tom de Jon era cauteloso. *O que ele quer de mim?* – Não tenho nenhum amor por Lorde Bolton ou por seu filho, mas a Patrulha da Noite não pode pegar em armas contra eles. Nossos votos proíbem...

– Sei tudo sobre seus votos. Me poupe de sua retidão, Lorde Snow, sou forte o suficiente sem você. Tenho em mente marchar contra o Forte do Pavor. – Quando viu o choque no rosto de Jon, o rei sorriu. – Isso o surpreende? Bom. O que surpreende um Snow pode surpreender o outro.

O Bastardo de Bolton está indo para o Sul, levando Hother Umber com ele. Sobre isso Mors Umber e Arnolf Karstark estão de acordo. Isso só pode significar um ataque a Fosso Cailin, para abrir caminho para que o pai dele retorne ao Norte. O bastardo deve pensar que estou muito ocupado com os selvagens para atormentá-lo. Muito bem. O garoto me mostrou a garganta. Pretendo cortá-la. Roose Bolton pode reconquistar o Norte, mas quando o fizer descobrirá que seu castelo, seu rebanhos e suas colheitas pertencem a mim. Se eu tomar o Forte do Pavor de surpresa...

– Você não vai – Jon deixou escapar.

Foi como se cutucasse um vespeiro com uma vara. Um dos homens da rainha riu, um cuspiu, outro murmurou uma maldição, e todos os outros tentaram falar ao mesmo tempo.

– O garoto tem leite aguado nas veias – disse Sor Godric, o Matador de Gigantes. E Lorde Sweet bufou:

– O covarde vê um bandido atrás de cada folha de grama.

Stannis levantou a mão, exigindo silêncio.

– Explique-se.

*Por onde começar?* Jon foi até o mapa. Velas haviam sido colocadas nos cantos, para segurá-lo no lugar. Um dedo de cera morna escorria pela Baía das Focas, lento como um glaciar.

– Para alcançar o Forte do Pavor, Vossa Graça precisa viajar pela estrada do rei até passar o Rio Último, virar para sudeste e cruzar as Colinas Solitárias. – Ele apontou. – Essas são terras dos Umber, e eles conhecem cada árvore e cada pedra. A estrada do rei segue por suas marcas orientais por centenas de quilômetros. Mors fará suas forças em pedaços, a menos que aceite os termos dele e o conquiste para sua causa.

– Muito bem. Digamos que eu faça isso.

– Isso o levará ao Forte do Pavor – disse Jon –, mas, a menos que suas forças possam marchar mais rápido do que um corvo ou passar despercebidas pelas tochas dos faróis, o castelo saberá de sua aproximação. E será fácil para Ramsay Bolton cortar sua retaguarda e deixá-lo longe da Muralha, sem comida ou abrigo, cercado por seus inimigos.

– Só se ele abandonar o cerco ao Fosso Cailin.

– O Fosso Cailin cairá antes que você alcance o Forte do Pavor. Uma vez que Lorde Roose una suas forças às de Ramsay, eles serão superiores

na proporção de cinco para um.

– Meu irmão venceu batalhas em condições piores.

– Você presume que o Fosso Cailin cairá facilmente, Snow – objetou Justin Massey –, mas os homens de ferro são lutadores valentes, e ouvi dizer que o Fosso nunca foi tomado.

– *Do sul*. Uma pequena guarnição no Fosso Cailin pode destruir qualquer exército que venha pela passagem, mas as ruínas são vulneráveis pelo norte e pelo leste. – Jon virou-se para Stannis: – Majestade, esse é um golpe ousado, mas o risco... – *A Patrulha da Noite não toma partido. Baratheon ou Bolton devem ser o mesmo para mim.* – Se Roose Bolton pegá-lo sob suas muralhas com sua força principal, será o fim para todos vocês.

– O risco é parte da guerra – declarou Sor Richard Horpe, um cavaleiro magro, com o rosto devastado, cujo gibão acolchoado mostrava três borboletas-caveira em um campo de cinzas e ossos. – Cada batalha é uma aposta, Snow. O homem que não faz nada também se arrisca.

– Há riscos e riscos, Sor Richard. Este... é muito grande, muito precoce e muito longe. Conheço o Forte do Pavor. É um castelo fortificado, todo de pedra, com muralhas grossas e torres maciças. Com o inverno chegando, vocês o encontrarão com boas provisões. Séculos atrás, a Casa Bolton se levantou contra o Rei do Norte, e Harlon Stark comandou um cerco ao Forte do Pavor. Levou dois anos até deixá-los famintos. Para ter qualquer esperança de tomar o castelo, Vossa Graça precisaria de armas de cerco, torres, aríetes...

– Torres de cerco podem ser erguidas, se for necessário – disse Stannis. – Árvores podem ser derrubadas para servirem de aríetes, se aríetes forem necessários. Arnolf Karstark escreveu que menos de cinquenta homens permanecem no Forte do Pavor, metade deles servos. Um castelo forte, mantido fracamente, é fraco.

– Cinquenta homens dentro de um castelo equivalem a quinhentos do lado de fora.

– Isso depende dos homens – disse Richard Horpe. – Esses serão anciãos e garotos inexperientes, homens que esse bastardo não considerou aptos para a batalha. Nossos próprios homens sangraram e foram testados na Água Negra, e são liderados por cavaleiros.

– Você viu como se saíram contra os selvagens. – Sor Justin empurrou para trás uma mecha de cabelo loiro. – Os Karstark juraram se unir a nós no Forte do Pavor, e teremos nossos selvagens também. Trezentos homens em idade de lutar. Lorde Harwood fez a conta enquanto passavam pelo portão. As mulheres deles lutam bem também.

Stannis lhe deu um olhar azedo.

– Não para mim, sor. Não quero choros de viúvas quando despertar. As mulheres permanecem aqui, com os velhos, os feridos e as crianças. Servirão como reféns para garantir a lealdade de seus maridos e pais. Os homens selvagens formarão minha vanguarda. O Magnar os comandará, com seus próprios chefes como oficiais. Mas primeiro precisamos armá-los.

*Ele pretende saquear nosso arsenal*, Jon percebeu. *Comida, roupas, terras, castelos e, agora, armas. Ele me leva mais para o fundo a cada dia. Palavras podem não ser espadas, mas espadas são espadas.*

– Eu poderia encontrar trezentas lanças – disse, relutantemente. – Elmos também, se puderem ser velhos, amassados e vermelhos de ferrugem.

– Armaduras? – perguntou o Magnar. – Chapas? Cotas de malha?

– Quando Donal Noye morreu, perdemos nosso armeiro. – O resto Jon deixou sem ser dito. *Dê cota de malha aos selvagens e eles serão um perigo dobrado para o reino*.

– Couro fervido será o suficiente – disse Sor Godry. – Depois que experimentarem a batalha, os sobreviventes podem pilhar os mortos.

*Os poucos que viverem tanto*. Se Stannis colocasse o povo livre na vanguarda, a maioria pereceria rapidamente.

– Beber no crânio de Mance Rayder pode agradar a Mors Umber, mas ver selvagens em suas terras, não. O povo livre tem invadido os Umber desde a Aurora dos Dias, cruzando a Baía das Focas atrás de ouro, ovelhas e mulheres. Uma dessas capturadas foi a *filha* do Papa-Corvos. Vossa Graça, deixe os selvagens aqui. Levá-los só serviria para voltar os vassalos do meu pai contra o senhor.

– Os vassalos do seu pai parecem não se importar com minha causa, de qualquer maneira. Devo assumir que eles me veem como... como foi que me chamou, Lorde Snow? *Outro impostor condenado?* – Stannis encarou

o mapa. Por um longo tempo, o único som era o do rei rangendo os dentes. – Deixem-me. Todos vocês. Lorde Snow, fique.

A despedida brusca não agradou Justin Massey, mas ele não tinha escolha senão sorrir e se retirar. Horpe o seguiu, não sem antes medir Jon com um olhar. Clayton Suggs esvaziou seu copo e murmurou algo para Harwood Fell que fez o homem mais jovem rir. *Rapaz* foi tudo o que Jon ouviu. Suggs era um cavaleiro andante, tão rude quanto forte. O último homem a sair foi Camisa de Chocalho. Na porta, fez uma reverência irônica para Jon, sorrindo com uma boca cheia de dentes marrons e quebrados.

*Todos vocês* não parecia incluir a Senhora Melisandre. *A sombra vermelha do rei*. Stannis pediu mais água com limão para Devan. Quando o copo estava cheio, o rei bebeu e disse:

– Horpe e Massey aspiram à cadeira de seu pai. Massey quer a princesa selvagem também. Ele certa vez serviu meu irmão Robert como escudeiro e adquiriu o seu apetite por carne feminina. Horpe se casaria com Val se eu ordenasse, mas é a batalha o que ele deseja. Como escudeiro, sonhava com o manto branco, mas Cersei Lannister falou contra ele, e Robert o deixou de lado. Talvez tenha acertado. Sor Richard gosta muito de matar. Qual deles você colocaria como Senhor de Winterfell, Snow? O sorridente ou o matador?

Jon disse:

– Winterfell pertence à minha irmã Sansa.

– Já ouvi tudo o que precisava ouvir sobre a Senhora Lannister e seu direito. – O rei colocou o copo de lado. – *Você* pode trazer o Norte para mim. Os vassalos do seu pai se reuniriam pelo filho de Eddard Stark. Até mesmo o Senhor Gordo-Demais-para-Subir-em-um-Cavalo. Porto Branco me daria uma fonte de suprimentos e uma base segura para onde me retirar, se necessário. Não é tarde demais para reparar sua tolice, Snow. Ajoelhe-se, jure essa espada bastarda para mim e levante-se como Jon Stark, Senhor de Winterfell e Protetor do Norte.

*Quantas vezes ele me fará dizer isso?*

– Minha espada é juramentada à Patrulha da Noite.

Stannis o olhou desgostoso.

– Seu pai era um homem teimoso também. Honra, ele chamava. Bem, honra tem seu custo, como Lorde Eddard aprendeu para sua tristeza. Se

lhe dá qualquer consolo, Horpe e Massey estão condenados à decepção. Estou mais inclinado a dar Winterfell para Arnolf Karstark. Um bom nortenho.

– Um nortenho. – *Melhor um Karstark do que um Bolton ou um Greyjoy*, Jon disse para si mesmo, mas o pensamento lhe trouxe pouco consolo. – Os Karstark abandonaram meu irmão entre seus inimigos.

– Depois que seu irmão cortou a cabeça de Lorde Rickard. Arnolf estava a milhares de quilômetros de distância. Ele tem sangue Stark nele. Sangue de Winterfell.

– Não mais do que metade das outras casas do Norte.

– Essas outras casas não se declararam por mim.

– Arnolf Karstark é um velho com as costas tortas e, mesmo em sua juventude, nunca foi o lutador que Lorde Rickard era. Os rigores da campanha bem podem matá-lo.

– Ele tem herdeiros – Stannis rebateu. – Dois filhos, seis netos, algumas filhas. Se Robert tivesse sido pai de filhos legítimos, muitos dos que estão mortos ainda viveriam.

– Vossa Graça ficaria melhor com Mors Papa-Corvos.

– O Forte do Pavor será a prova disso.

– Quer dizer que vai seguir em frente com esse ataque?

– Apesar do conselho do grande Lorde Snow? Sim. Horpe e Massey podem ser ambiciosos, mas não estão errados. Não ouso ficar sentado enquanto a estrela de Roose Bolton cresce e a minha diminui. Devo atacar e mostrar ao Norte que ainda sou um homem para ser temido.

– O tritão de Manderly não estava entre os estandartes que a Senhora Melisandre viu em suas chamas – disse Jon. – Se tivesse Porto Branco e os cavaleiros de Lorde Wyman...

– *Se* é uma palavra para tolos. Não tive notícias de Davos. Talvez ele nunca tenha chegado a Porto Branco. Arnolf Karstark escreveu que as tempestades têm sido ferozes no mar estreito. Seja como for, não tenho tempo para me lamentar, nem para esperar os caprichos de um Senhor Gordo-Demais. Devo considerar Porto Branco perdido para mim. Sem um filho de Winterfell ao meu lado, só posso esperar ganhar o Norte pela batalha. Isso requer roubar uma folha do livro do meu irmão. Não que Robert alguma vez tenha lido um. Devo dar aos meus inimigos um golpe mortal, antes que eles saibam que estou sobre eles.

Jon percebeu que suas palavras tinham sido desperdiçadas. Stannis tomaria o Forte do Pavor. Ou morreria tentando. *A Patrulha da Noite não toma partido*, uma voz disse, mas a outra respondeu, *Stannis luta pelo reino, os homens de ferro lutam por escravos e pilhagem.*

– Vossa Graça, sei onde pode encontrar mais homens. Dê-me os selvagens, e ficarei contente em lhe dizer onde e como.

– Eu lhe dei Camisa de Chocalho. Contente-se com ele.

– Quero todos eles.

– Alguns dos seus Irmãos Juramentados me fizeram crer que você é meio selvagem. É verdade?

– Para você eles são apenas ponta de lança. Posso fazer um uso melhor deles sobre a Muralha. Se os der para mim, para que eu faça o que quiser com eles, eu lhe mostrarei onde encontrar sua vitória... e homens também.

Stannis esfregou a nuca.

– Você barganha como uma velha com um bacalhau, Lorde Snow. Por acaso seu pai fez você com alguma peixeira? Quantos homens?

– Dois mil. Talvez três.

– Três *mil*? Que tipo de homens são esses?

– Orgulhosos. Pobres. Espinhosos quando sua honra está em questão, mas combatentes ferozes.

– É melhor que isso não seja truque de um bastardo. Se eu troco trezentos lutadores por três mil? Sim, eu troco. Não sou um tolo completo. Se eu deixar a garota com você também, tenho sua palavra de que manterá nossa princesa por perto?

*Ela não é uma princesa.*

– Como desejar, Vossa Graça.

– Preciso fazê-lo jurar diante de uma árvore?

– Não. – *Isso é uma brincadeira?* Com Stannis, era difícil dizer.

– Feito, então. Agora, onde estão esses homens?

– Você os encontrará aqui. – Jon espalhou sua mão queimada por todo o mapa, na região a oeste da estrada do rei e ao sul da Dádiva.

– Nessas montanhas? – Stannis pareceu suspeitar. – Não vejo castelos marcados aí. Nem estradas, nem cidades, nem vilas.

– O mapa não é a terra, meu pai sempre dizia. Homens vivem nos altos vales e nos prados das montanhas há milhares de anos, governados pelos

chefes dos clãs. Senhores menores, vocês os chamariam, embora eles não usem esses títulos entre si. Os campeões dos clãs lutam com enormes espadas montantes, enquanto os demais usam atiradeiras e se batem com bastões de freixo da montanha. Um povo briguento, deve-se dizer. Quando não estão lutando uns contra os outros, eles criam seus rebanhos, pescam na Baía do Gelo e criam a montaria mais dura que alguém já cavalgou.

– E você acha que eles lutarão por mim?

– Se o senhor pedir a eles.

– Por que devo implorar pelo que é meu por direito?

– Pedir, eu disse, não *implorar*. – Jon tirou a mão do mapa. – Não é bom enviar mensagens. Vossa Graça precisa ir em pessoa. Coma o pão e o sal deles, beba sua cerveja, ouça seus flautistas, louve a beleza de suas filhas e a coragens de seus filhos, e terá suas espadas. Os clãs não veem um rei desde que Torrhen Stark se ajoelhou. Sua visita os honrará. *Ordene* que lutem por você, e eles olharão um para o outro e dirão: "Quem é este homem? Ele não é nenhum rei para mim".

– De quantos clãs você está falando?

– Dois grupos, pequenos e grandes. Flint, Wull, Norrey, Liddle... ganhe o Velho Flint e o Grande Balde e o resto seguirá.

– Grande *Balde*?

– O Wull. Ele tem a maior barriga das montanhas, e entre a maioria dos homens. Os Wull pescam na Baía do Gelo e ameaçam suas crianças dizendo-lhes que os homens de ferro as levarão se não se comportarem. Mas, para chegar até lá, Vossa Graça precisa atravessar as terras dos Norrey. Eles vivem mais perto da Dádiva, e sempre foram bons amigos da Patrulha. Eu poderia lhe fornecer guias.

– Poderia? – Stannis perdia pouca coisa. – Ou vai?

– Vou. Você precisará deles. E de alguns garranos de bom passo também. Os caminhos lá em cima são pouco mais do que trilhas de cabras.

– Trilhas de cabras? – Os olhos do rei se estreitaram. – Eu falo em me mover rapidamente, e você desperdiça meu tempo em *trilhas de cabras*?

– Quando o Jovem Dragão conquistou Dorne, ele usou uma trilha de cabra para contornar as guaritas dornenses no Caminho do Espinhaço.

– Conheço muito bem essa história, mas Daeron fez barulho demais com isso naquele livro ufanista dele. Navios venceram aquela guerra, não trilhas de cabras. O Punho de Carvalho quebrou Vila Tabueira e varreu meio caminho do Sangueverde, enquanto a força principal dornense estava presa no Passo do Príncipe. – Stannis tamborilou os dedos no mapa. – Esses senhores da montanha não vão dificultar minha passagem?

– Apenas com banquetes. Eles vão tentar superar um ao outro com sua hospitalidade. O senhor meu pai dizia que nunca comia tão bem como quando visitava os clãs.

– Por três mil homens, imagino que possa suportar algumas flautas e um pouco de mingau – o rei disse, embora seu tom ainda fosse de má vontade.

Jon se virou para Melisandre.

– Minha senhora, um aviso. Os velhos deuses são fortes nessas montanhas. Os homens dos clãs não aceitarão insultos contra suas árvores-coração.

Aquilo pareceu diverti-la.

– Não tema, Jon Snow, não vou causar problemas aos seus selvagens das montanhas e seus deuses obscuros. Meu lugar é aqui com você e seus bravos irmãos.

Essa era a última coisa pela qual Jon Snow podia esperar, mas antes que pudesse fazer qualquer objeção, o rei disse:

– E para onde devo liderar esses robustos homens, se não contra o Forte do Pavor?

Jon deu uma olhada no mapa.

– Bosque Profundo. – Bateu no mapa com o dedo. – Se Bolton pretende lutar contra os homens de ferro, então você também deve. Bosque Profundo é um castelo antigo, no meio de uma floresta densa, fácil de ser alcançado sem ser percebido. Um castelo de madeira, defendido por diques de terra e paliçada de toras. O percurso será mais lento pelas montanhas, admito, mas lá em cima seus homens podem se mover sem ser vistos, até emergirem quase nos portões do Bosque.

Stannis coçou o queixo.

– Quando Balon Greyjoy se levantou pela primeira vez, eu bati os homens de ferro no mar, onde eles são mais ferozes. Em terra, pegos de surpresa... sim. Eu venci os selvagens de seu Rei-para-lá-da-Muralha.

Posso esmagar os homens de ferro também, e o Norte saberá que tem um rei novamente.

*E eu terei mil selvagens*, pensou Jon, *e nenhuma maneira de alimentar metade desse pessoal*.

# Tyrion

O *Donzela Tímida* movia-se pela neblina como um homem cego tateando seu caminho em um salão desconhecido.

Septã Lemore rezava. As névoas encobriam o som de sua voz, fazendo-a parecer pequena e abafada. Griff caminhava pelo convés, a cota de malha soando suavemente por baixo da capa de pele de lobo. De tempos em tempos, ele tocava a espada, como que para certificar-se de que ainda estava ao seu lado. Rolly Patodocampo empurrava o remo a estibordo, Yandry a bombordo. Ysilla estava no leme.

– Não gosto deste lugar – murmurou Meiomeistre Haldon.

– Com medo de um pouco de neblina? – provocou Tyrion, embora na verdade fosse muita neblina. Na proa do *Donzela Tímida*, o Jovem Griff estava no terceiro remo, para afastá-los dos perigos que pudessem aparecer por entre a névoa. As lanternas foram acesas na frente e atrás do barco, mas a neblina era tão espessa que tudo o que o anão podia ver do centro do convés era uma luz flutuando à sua frente, e outra às suas costas. Sua tarefa era manter o braseiro e assegurar-se de que o fogo não apagaria.

– Esta não é uma neblina comum, Hugor Hill – insistiu Ysilla. – Fede a bruxaria, como você notaria se tivesse um nariz para cheirar. Muitos viajantes se perderam aqui, barcos de pesca, piratas e até grandes galés fluviais. Eles vagueiam desamparados pela névoa, procurando por um sol que não conseguem encontrar até que a loucura ou a fome clame por suas vidas. Aqui, há espíritos sem descanso no ar e almas atormentadas sob a água.

– Há uma agora – disse Tyrion. Do lado de fora, a estibordo, uma mão grande o bastante para esmagar o barco se erguia das profundezas escuras. Apenas as pontas de dois dedos emergiam da superfície do rio, mas enquanto o *Donzela Tímida* passava por eles, era possível ver o resto

da mão embaixo d'água e um rosto pálido olhando para cima. Apesar do tom do anão ser leve, ele estava inquieto. Esse era um lugar mau, cheio de desespero e morte. *Ysilla não está errada. Esta neblina não é natural*. Algo abominável crescia nas águas ali e inflamava o ar. *Não é à toa que os homens de pedra ficam loucos*.

– Você não devia zombar – avisou Ysilla. – Os mortos sussurrantes odeiam o que é morno e rápido, e sempre procuram mais almas condenadas para se juntar a eles.

– Duvido que tenham uma mortalha do meu tamanho. – O anão mexeu no carvão com um atiçador.

– O ódio não agita os homens de pedra tanto quanto a fome. – Meiomeistre Haldon havia enrolado um lenço amarelo em volta da boca e do nariz, abafando a voz. – Nenhum homem são comeria o que cresce nesta neblina. Três vezes por ano, a tríade de Volantis envia uma galé rio acima com provisões, mas os navios misericordiosos chegam atrasados com frequência, e algumas vezes trazem mais bocas do que comida.

O Jovem Griff disse:

– Deve haver peixe no rio.

– Eu não comeria nenhum peixe vindo destas águas – disse Ysilla. – Não, mesmo.

– Faríamos bem em não respirar a neblina também – disse Haldon. – A Maldição de Garin está toda sobre nós.

*A única maneira de não respirar a neblina é não respirar.*

– A Maldição de Garin é apenas escamagris – disse Tyrion. A maldição era vista frequentemente em crianças, especialmente em climas úmidos e frios. A carne atacada endurecia, calcificava e rachava, embora o anão tivesse lido que o progresso do escamagris podia ser interrompido com limões, cataplasmas de mostarda e banhos quentes escaldantes (os meistres diziam) ou por orações, sacrifícios e jejuns (diziam os septões). Quando a doença passava, deixava as vítimas desfiguradas mas vivas. Meistres e septões concordavam em que crianças marcadas pelo escamagris nunca seriam tocadas pela forma mais rara e mortal da doença, nem por seu primo terrível e veloz, a peste cinza. – Dizem que a umidade é a culpada. Humores putrefatos no ar. Não maldições.

– Os conquistadores também não acreditavam, Hugor Hill – disse Ysilla. – Os homens de Volantis e Valíria penduraram Garin em uma

gaiola de ouro e zombaram dele enquanto ele chamava a Mãe para destruí-los. Naquela noite as águas se levantaram e afogaram todos eles, e desse dia em diante não tiveram descanso. Ainda estão sob a água, eles que uma vez foram senhores do fogo. Seu hálito frio sobe da escuridão para formar esta neblina, e sua carne se transformou em pedra, assim como seus corações.

O toco do nariz de Tyrion coçava ferozmente. Ele coçou. *A velha pode estar certa. Este lugar não é bom. Sinto como se estivesse na latrina novamente, vendo meu pai morrer.* Ele também ficaria louco se tivesse que passar dias nesse caldo cinzento enquanto sua carne e seus ossos se transformavam em pedra.

O Jovem Griff não parecia compartilhar suas apreensões.

– Deixe-os tentar nos perturbar, e mostraremos para eles do que somos feitos.

– Somos feitos de sangue e ossos, à imagem do Pai e da Mãe – disse Septã Lemore. – Não ostente vaidade, eu imploro. Orgulho é um pecado grave. Os homens de pedra eram orgulhosos também, e o Senhor da Mortalha era o mais orgulhoso de todos.

O calor das brasas trouxe um pouco de rubor ao rosto de Tyrion.

– Existe um Senhor da Mortalha? Ou é só uma história?

– O Senhor da Mortalha governa estas névoas desde a época de Garin – disse Yandry. – Alguns dizem que ele é Garin em pessoa, que se levantou do túmulo.

– Os mortos não se levantam – insistiu Meiomeistre Haldon –, e nenhum homem vive mil anos. Sim, há um Senhor da Mortalha. Houve vários deles. Quando um morre, outro toma seu lugar. O atual é um corsário das Ilhas Basílicas que acredita que o Roine pode oferecer pilhagens mais ricas do que o Mar do Verão.

– Sim, eu ouvi isso também – disse Pato –, mas existe outra história da qual gosto mais. Aquela que diz que ele não é como os outros homens de pedra, mas que era uma estátua até que uma mulher cinza veio da neblina e o beijou com seus lábios frios como gelo.

– *Chega!* – disse Griff. – Silêncio, todos vocês.

Septã Lemore prendeu a respiração.

– *O que foi aquilo*?

– Onde? – Tyrion não via nada além da neblina.

– Algo se moveu. Vi a água ondulando.

– Uma tartaruga – o príncipe anunciou alegremente. – Uma grande tartaruga-aligator, é o que era. – Colocou o remo na frente do barco e empurrou-os para longe de um alto obelisco verde.

A neblina se agarrava a eles, úmida e fria. Um templo submerso apareceu por entre a névoa cinza, enquanto Yandry e Pato se inclinavam sobre seus remos, movendo-os lentamente da proa para a popa, empurrando. Passaram por uma escada de mármore que da lama subia em espiral e terminava no ar. Além dela, meio ocultas, havia outras formas: torres destruídas, estátuas sem cabeça, árvores com raízes maiores do que o barco deles.

– Esta era a cidade mais bonita do rio, e a mais rica – disse Yandry. – Chroyane, a cidade do festival.

*Tão rica*, pensou Tyrion, *tão bonita. Nunca foi sábio provocar dragões*. A cidade afogada estava ao redor deles. Uma forma meio oculta passou por sobre suas cabeças, pálidas asas de couro batendo no nevoeiro. Tyrion esticou a cabeça para ver melhor, mas a coisa sumira tão repentinamente quanto aparecera.

Algum tempo depois, outra luz flutuou à vista deles.

– Barco – a voz chamou através da água, fracamente. – Quem são vocês?

– *Donzela Tímida* – Yandry gritou de volta.

– *Pescador do Rei*. Rio acima ou rio abaixo?

– Abaixo. Peles e mel, cerveja e sebo.

– Acima. Facas e agulhas, rendas e linho, vinho temperado.

– O que me diz da velha Volantis? – Yandry perguntou.

– Guerra – disse a voz no outro barco.

– Onde? – Griff gritou. – Quando?

– Na passagem do ano – veio a resposta. – Nyessos e Malaquo andam de mãos dadas e os elefantes mostram listras. – A voz desapareceu conforme o outro barco se afastou. Viram a luz piscar e desaparecer.

– É sábio gritar pela neblina para barcos que não podemos ver? – perguntou Tyrion. – E se fossem piratas? – Tiveram sorte na ocasião em que eram mesmo piratas, quando deslizavam pelo Lago Adaga à noite, sem serem vistos nem molestados. Em um determinado momento, Pato vislumbrou um casco que insistiu ser de Urho, o Sembanho. Mas o

*Donzela Tímida* estava contra o vento, e Urho – se é que era Urho – não demostrou interesse neles.

– Os piratas não navegam aqui nos Sofrimentos – disse Yandry.

– Elefantes com listras? – Griff murmurou. – O que é isso? Nyessos e Malaquo? Illyrio pagou o tríade Nyessos o suficiente para tê-lo por oito vezes.

– Em ouro ou queijo? – brincou Tyrion.

Griff o rodeou.

– A menos que possa cortar esta neblina com sua próxima gracinha, mantenha-a para você.

*Sim, pai*, o anão quase disse. *Vou ficar quieto. Obrigado*. Não conhecia esses volantinos, mas parecia que elefantes e tigres tinham boas razões para fazer causa comum diante de dragões. *Pode ser que o queijeiro tenha avaliado mal a situação. Você pode comprar um homem com ouro, mas só sangue e aço o seguram de verdade.*

O homenzinho mexeu nos carvões novamente e soprou-os para fazê-los queimar. *Odeio isso. Odeio esta neblina, odeio este lugar e não gosto nem um pouco de Griff*. Tyrion ainda tinha os cogumelos venenosos que arrancara dos jardins da mansão de Illyrio, e já havia dias que estava terrivelmente tentado a colocá-los no jantar de Griff. O problema era que Griff dificilmente parecia comer.

Pato e Yandry empurraram os remos. Ysilla virou o leme. O Jovem Griff conduziu o *Donzela Tímida* para longe de uma torre quebrada cujas janelas apontavam para baixo como negros olhos cegos. Sobre suas cabeças, a vela pendia flácida e pesada. A água era profunda sob o casco, até que os remos não puderam alcançar o fundo, mas a corrente ainda os levava rio abaixo, até que...

Tudo o que Tyrion pôde ver foi algo maciço que se erguia do rio, corcunda e ameaçador. Julgou que fosse o morro de alguma ilha arborizada ou uma rocha colossal coberta de musgos e samambaias e escondida pela neblina. Conforme o *Donzela Tímida* se aproximou, no entanto, a forma ficou mais clara. Uma fortaleza de madeira podia ser vista ao lado da água, apodrecida e coberta de mato. Torres esguias se projetavam para cima, algumas delas agarradas à construção como lanças quebradas. Torres sem teto apareciam e desapareciam, apontando

cegamente para cima. Salões e galerias passavam à deriva; contrafortes graciosos, arcos delicados, colunas caneladas, terraços e caramanchões.

Tudo em ruínas, tudo desolado, tudo abandonado.

O musgo cinza crescia em grossas camadas, cobrindo as pedras caídas em grandes montes e incrustando-se em todas as torres. Cipós negros rastejavam para dentro e para fora das janelas, através das portas e sobre os arcos, subindo pelas altas paredes de pedra. A neblina ocultava três quartos do palácio, mas o que vislumbraram era mais do que suficiente para que Tyrion soubesse que essa construção um dia tivera dez vezes o tamanho da Fortaleza Vermelha e fora cem vezes mais bonita. Sabia onde estavam.

– O Palácio do Amor – disse, suavemente.

– Esse era o nome roinar – disse Meiomeistre Haldon –, mas por mil anos tem sido o Palácio dos Sofrimentos.

A ruína era triste o bastante, mas saber disso a fez parecer ainda mais triste. *Havia risos aqui antigamente*, pensou Tyrion. *Havia jardins repletos de flores e fontes que brilhavam douradas ao sol. Estes degraus alguma vez percutiram os passos de amantes, e atrás deste domo quebrado casamentos além da conta foram selados com um beijo*. Seus pensamentos se voltaram para Tysha, que havia sido sua esposa por tão pouco tempo. *Foi Jaime*, ele pensou, desesperado. *Era meu próprio sangue, meu irmão mais velho e mais forte. Quando eu era pequeno, ele me trazia brinquedos, barris de aros, blocos e um leão escavado na madeira. Ele me deu meu primeiro pônei e me ensinou a cavalgá-lo. Quando ele disse que havia comprado você para mim, nunca duvidei. Por que o faria? Era Jaime, e você era apenas uma garota fazendo seu papel. Eu tive medo desde o começo, desde o momento em que você me deu o primeiro sorriso e me deixou tocar sua mão. Meu próprio pai não me amava. Por que você me amaria, se não por ouro?*

Através dos longos dedos cinzentos da neblina, ele ouviu novamente o som da corda da besta estremecendo, o grunhido que Lorde Tywin fez quando a seta atravessou sua barriga, a batida de suas nádegas na pedra quando se sentou para morrer. “Aonde as putas forem”, ele dissera. *E onde é isso?* Tyrion queria perguntar para ele. *Para onde Tysha foi, pai?*

– Quanto tempo mais teremos que aguentar esta neblina?

– Mais uma hora e devemos nos livrar dos Sofrimentos – disse Meiomeistre Haldon. – A partir daí, devemos ter uma viagem agradável. Há vilas em todas as curvas do baixo Roine. Pomares, vinhedos e campos de cereais sob o sol, pescadores na água, banhos quentes e doces vinhos. Selhorys, Valysar e Volon Therys são vilas muradas tão grandes que poderiam ser cidades nos Sete Reinos. Acredito que...

– Luz adiante – avisou o Jovem Griff.

Tyrion também viu. Pescador do Rei *ou outro barco de pesca*, disse para si mesmo, mas de algum modo sabia que aquilo não estava certo. Seu nariz coçava. Ele o esfregou freneticamente. A luz verde ficava mais brilhante conforme o *Donzela Tímida* se aproximava. Uma estrela suave na distância, que brilhava fracamente pela neblina, acenando para eles. Logo a luz se transformou em duas, então em três; uma fileira irregular de lanternas elevando-se da água.

– A Ponte dos Sonhos – disse Griff. – Teremos homens de pedra pela frente. Alguns podem começar a lamentar quando nos aproximarmos, mas não devem nos molestar. A maioria dos homens de pedra são criaturas fracas, desajeitadas, pesadas e estúpidas. Perto do fim, tornam-se loucos, e é quando se tornam mais perigosos. Se for necessário, usem as tochas para expulsá-los. Em nenhuma hipótese os deixem tocar em vocês.

– Talvez nem nos vejam – disse Meiomeistre Haldon. – A neblina nos esconderá até que estejamos quase na ponte, e só quando passarmos por eles saberão que estamos aqui.

*Olhos de pedra são olhos cegos*, pensou Tyrion. A forma mortal do escamagris começava nas extremidades, ele sabia: o formigamento na ponta de um dedo da mão, uma unha do pé se enegrecia, perda de sensibilidade. Conforme a dormência tomava a mão, ou atravessava o pé e subia pela perna, a carne endurecia e ficava fria e a pele da vítima assumia uma tonalidade acinzentada, parecida com pedra. Ele ouvira dizer que havia três boas curas para escamagris: o machado, a espada e o facão. Cortar partes afetadas algumas vezes impedia que a doença se espalhasse, Tyrion sabia, mas nem sempre. Muitos homens sacrificavam um braço ou um pé, só para descobrir outro membro ficando cinza. Uma vez que isso acontecia, a esperança era perdida. Cegueira era comum

quando a pedra chegava ao rosto. No estágio final, a maldição se virava para dentro, atacando músculos, ossos e órgãos internos.

Diante deles, a ponte crescia. *A Ponte dos Sonhos*, Griff a chamara, mas este sonho estava esmagado e partido. Arcos de pedras claras avançavam pela neblina, saindo do Palácio dos Sofrimentos em direção à margem oriental. Metade deles havia caído, pressionados pelo peso do musgo cinza que os cobria e pelos grossos cipós negros que serpenteavam até eles da água. A ampla arcada de madeira da ponte havia apodrecido completamente, mas algumas das lâmpadas que iluminavam o caminho ainda estavam acesas. Conforme o *Donzela Tímida* se aproximava, Tyrion podia ver as silhuetas dos homens de pedra movendo-se na luz, caminhando a esmo ao redor das lâmpadas, como lentas mariposas cinzentas. Alguns estavam nus, outros vestidos com mortalhas.

Griff desembainhou sua espada longa.

– Yollo, acenda as tochas. Rapaz, leve Lemore para a cabine e fique com ela.

O Jovem Griff deu um olhar teimoso para o pai.

– Lemore sabe onde fica a cabine dela. Quero ficar.

– Juramos proteger você – Lemore disse suavemente.

– Não preciso ser protegido. Posso usar uma espada tão bem quanto Pato. Sou quase um cavaleiro.

– E quase um garoto – disse Griff. – Faça o que lhe foi dito. Agora.

O garoto amaldiçoou em voz baixa e jogou o remo no convés. O som ecoou estranhamente na neblina, e por um momento era como se remos estivessem caindo ao redor deles.

– Por que tenho que fugir e me esconder? Haldon vai ficar, e Ysilla. Até Hugor.

– Sim – disse Tyrion –, mas sou pequeno o bastante para me esconder atrás de um pato. – Ele empurrou meia dúzia de tochas nos carvões brilhantes do braseiro e assistiu aos trapos oleados pegarem fogo. *Não encare o fogo*, disse para si mesmo. *As chamas o deixariam com cegueira noturna*.

– Você é um anão – o Jovem Griff disse com desprezo.

– Meu segredo foi revelado – disse Tyrion, concordando. – Sim, e menos da metade de Haldon, e ninguém dá um peido se eu viver ou

morrer. – *Muito menos eu*. – Já você... você é tudo.

– Anão – disse Griff –, eu o avisei...

Um lamento veio tremendo pela neblina, primeiro suave e depois mais alto.

Lemore se virou, tremendo.

– Sete, salvem-nos!

A ponte quebrada aparecia por inteiro, cinco metros adiante. Ao redor do cais, a água ondulava, branca como a espuma da boca de um louco. Doze metros acima, os homens de pedra gemiam e murmuravam sob as lâmpadas bruxuleantes. A maioria não tomou mais conhecimento do *Donzela Tímida* do que de um toco de madeira. Tyrion agarrou firme sua tocha, e percebeu que estava prendendo a respiração. Então, passaram sob a ponte, pesadas paredes brancas cobertas de fungo cinza agigantando-se de ambos os lados, a água agitando-se ferozmente ao redor deles. Por um momento, pareceu que iam se chocar contra o lado direito do cais, mas Pato levantou o remo e os empurrou de volta para o centro do canal, e alguns segundos mais tarde estavam livres.

Tyrion ainda não tinha soltado o fôlego quando o Jovem Griff o agarrou pelo braço.

– O que você quer dizer? Sou *tudo*? O que você quis dizer com isso? Por que sou tudo?

– Porque – disse Tyrion –, se os homens de pedra levassem Yandry, Griff ou nossa adorável Lemore, nós sentiríamos por eles e seguiríamos. Se perdermos você, toda essa jornada acabou, todos aqueles anos de febril conspiração do queijeiro e do eunuco seriam por nada... não é verdade?

O garoto olhou para Griff.

– Ele sabe quem sou.

*Se não soubesse antes, saberia agora.* Nesse momento, o *Donzela Tímida* já havia descido o rio e passado pela Ponte dos Sonhos. Tudo o que restava era uma luz tremulando atrás deles, e que logo sumiria também.

– Você é o Jovem Griff, filho de Griff, o mercenário – disse Tyrion. – Ou talvez seja o Guerreiro encarnado. Deixe-me olhar mais de perto. – Ele levantou a tocha para iluminar o rosto do Jovem Griff.

– Deixe disso – ordenou Griff –, ou vai desejar ter deixado.

O anão o ignorou.

– Os cabelos azuis fazem seus olhos parecerem azuis, isso é bom. E a história que pinta eles em homenagem à sua falecida mãe tyroshi foi tão tocante que quase me fez chorar. Mesmo assim, um homem curioso poderia se perguntar por que o filhote de um mercenário precisaria de uma septã encardida para instruí-lo na Fé, ou de um meistre sem correntes para ensiná-lo história e idiomas. E um homem mais esperto poderia questionar por que seu pai contrataria um cavaleiro andante para treiná-lo nas armas, em vez de simplesmente enviá-lo como aprendiz em uma das companhias livres. É quase como se alguém quisesse mantê-lo escondido enquanto o prepara para... o quê? Agora há perplexidade, mas estou certo de que com o tempo a resposta virá até mim. Devo admitir, você tem nobres características para um menino morto.

O rapaz corou.

– *Não estou morto*.

– Como não? O senhor meu pai enrolou seu cadáver em um manto carmesim e colocou-o juntamente com o corpo de sua irmã aos pés do Trono de Ferro, o presente dele para o novo rei. Aqueles que tiveram estômago para levantar o manto disseram que metade de sua cabeça tinha sumido.

O rapaz deu um passo para trás, confuso.

– Seu...

– ... *pai*, sim. Tywin da Casa Lannister. Talvez já tenha ouvido falar nele.

O Jovem Griff hesitou.

– *Lannister*? Seu pai...

– ... está morto. Por minhas mãos. Se agrada Vossa Graça me chamar Yollo ou Hugor, que assim seja, mas saiba que nasci Tyrion da Casa Lannister, filho legítimo de Tywin e Joanna, ambos mortos por mim. As pessoas dirão para você que sou um regicida, um parricida e um mentiroso, e tudo isso é verdade... mas, então, somos uma companhia de mentirosos, não somos? Veja seu suposto pai. *Griff*, não é? – O anão riu. – Você deve agradecer aos deuses por Varys, a Aranha, ser parte desse seu enredo. *Griff* não teria enganado o bruxo despirocado nem por um instante, não mais do que enganou a mim. *Não, senhor*, vossa senhoria diz, *não sou um cavaleiro*. E eu não sou um anão. Não basta dizer uma

coisa para que ela se torne verdade. Quem melhor para criar o bebê do Príncipe Rhaegar do que o querido amigo do Príncipe Rhaegar, Jon Connington, certa vez Lorde de Poleiro do Grifo e Mão do Rei?

– Fique quieto. – A voz de Griff era ansiosa.

A bombordo do barco, uma imensa mão de pedra era visível sob a água. Dois dedos saíam para a superfície. *Quantos desses há por aqui?,* Tyrion se perguntou. Um filete de suor escorreu por sua espinha e o fez estremecer. Os Sofrimentos passavam por eles. Espreitando pela névoa, ele vislumbrou uma torre quebrada, um herói sem cabeça, uma antiga árvore arrancada do chão e virada, com enormes raízes se enrolando pelo telhado e pelas janelas de um domo quebrado. *Por que tudo isso parece tão familiar?*

Adiante, uma escada de mármore claro se elevava para fora da água escura em uma espiral graciosa, terminando abruptamente três metros acima da cabeça deles. *Não*, pensou Tyrion, *isso não é possível*.

– Lá na frente. – A voz de Lemore estava trêmula. – Uma luz.

Todos olharam. Todos viram.

– *Pescador do Rei* – disse Griff. – Ou algum outro barco como ele. – Mas desembainhou a espada novamente.

Ninguém disse uma palavra. O *Donzela Tímida* se movia com a correnteza. Sua vela não havia sido içada desde que entraram nos Sofrimentos. Não tinha outro jeito de mover o barco, que não fosse com o rio. Pato apertou os olhos, segurando o remo com as duas mãos. Depois de um tempo, até Yandry parou de empurrar. Todos os olhos estavam voltados para a luz distante. Conforme ela se aproximava, transformou-se em duas. Então em três.

– A Ponte dos Sonhos – disse Tyrion.

– Inconcebível – disse Meiomeistre Haldon. – Deixamos a ponte para trás. Rios só correm em um sentido.

– A Mãe Roine corre para onde ela quer – murmurou Yandry.

– Sete, salvem-nos – disse Lemore.

Sobre suas cabeças, homens de pedra nas arcadas começaram a lamentar. Alguns apontavam para eles.

– Haldon, leve o príncipe para baixo – ordenou Griff.

Era tarde demais. A correnteza segurava-os com suas garras. Foram levados inexoravelmente em direção à ponte. Yandry dava estocadas com

o remo, para impedir que se chocassem contra o cais. O impulso os empurrou para o lado, através de uma cortina de musgo cinza-claro. Tyrion sentiu ramos de gavinhas contra sua face, suaves como os dedos de uma puta. Então sentiu uma pancada atrás dele, e o convés inclinou-se tão de repente que ele quase perdeu o pé e foi lançado para o lado.

Um homem de pedra caíra dentro do barco.

Ele aterrizou no teto da cabine tão pesadamente que o *Donzela Tímida* pareceu virar, e rugiu uma palavra para eles em uma língua que Tyrion não conhecia. Um segundo homem de pedra o seguiu, caindo ao lado do leme. As placas reforçadas racharam com o impacto, e Ysilla soltou um grito.

Pato estava mais perto dela. O grande homem não perdeu tempo procurando sua espada. Em vez disso, balançou o remo, acertando no peito do homem de pedra e arremessando-o para dentro do rio, onde ele afundou sem um som.

Griff estava sobre o segundo homem no instante em que ele cambaleou para baixo do teto da cabine. Com a espada na mão direita e a tocha na esquerda, fez com que a criatura recuasse. Enquanto a correnteza levava o *Donzela Tímida* por baixo da ponte, suas sombras inconstantes dançavam sobre as paredes de musgo. Quando o homem de pedra foi para trás, Pato bloqueou seu caminho, com o remo na mão. Quando tentou ir adiante, Meiomeistre Haldon agitou uma segunda tocha em sua direção e o fez recuar. Não tinha alternativa senão seguir em direção a Griff. O capitão deslizou para o lado, a lâmina cintilando. Uma faísca voou de onde o aço acertou a cinzenta carne calcificada do homem de pedra, mas seu braço caiu no convés no mesmo instante. Griff chutou o membro de lado. Yandry e Pato vieram com os remos. Juntos, forçaram a criatura a virar de lado, caindo nas águas negras do Roine.

A essa altura, o *Donzela Tímida* já tinha atravessado a ponte quebrada.

– Pegamos todos eles? – Pato perguntou. – Quantos pularam?

– Dois – disse Tyrion, com calafrios.

– Três – disse Haldon. – Atrás de você.

O anão se virou, e lá ficou.

Ao saltar, o homem de pedra tinha quebrado uma perna, e um pedaço irregular de osso branco se projetava pelo tecido podre de seus calções e da carne cinza que estava por baixo. O osso quebrado estava manchado

de sangue marrom, mas mesmo assim ele avançou, alcançando o Jovem Griff. Sua mão era cinza e dura, mas o sangue escorria entre seus dedos enquanto tentava fechá-los. O rapaz ficou olhando, imóvel, como se também fosse feito de pedra. Sua mão estava no cabo da espada, mas parecia ter esquecido o porquê.

Tyrion chutou a perna do rapaz para desequilibrá-lo e pulou sobre ele quando caiu, empurrando a tocha no rosto do homem de pedra para fazê-lo recuar mancando com a perna quebrada e evitando as chamas com as duras mãos cinza. O anão bamboleou atrás dele, agitando a tocha, apontando-a em direção aos olhos do homem de pedra. *Um pouco mais. Para trás, mais um passo, outro*. Estavam na beira do convés quando a criatura lançou-se sobre ele, agarrou a tocha e a arrancou de suas mãos. *Estou perdido*, pensou Tyrion.

O homem de pedra jogou a tocha longe. Foi possível ouvir um silvo suave enquanto as águas negras apagavam as chamas. O homem de pedra uivou. Antes, fora um homem da Ilha do Verão; seu queixo e metade de seu rosto tinham se transformado em pedra, mas sua pele, onde não era cinza, era negra como a meia-noite. Onde agarrara a tocha, a pele rachara e se partira. Sangue escorria pelas juntas de seus dedos, embora ele parecesse não sentir. Essa era uma pequena misericórdia, supôs Tyrion. Embora fatal, o escamagris não era doloroso.

– *Afaste-se!* – alguém gritou de longe, e outra voz disse – O príncipe! Proteja o garoto! – O homem de pedra avançou com as mãos estendidas e sôfregas.

Tyrion acertou a criatura com o ombro.

Foi como bater contra a muralha de um castelo, mas esse castelo estava sobre uma perna quebrada. O homem de pedra foi para trás, agarrando Tyrion enquanto caía. Eles atingiram o rio com uma forte pancada na água, e a Mãe Roine engoliu os dois.

O súbito baque gelado atingiu Tyrion como um martelo. Enquanto afundava, sentia uma mão de pedra tateando seu rosto. Outra estava em volta de seu braço, arrastando-o para a escuridão. Cego, com o nariz cheio do rio, engasgado, afundando, ele chutou, se contorceu e lutou para abrir os dedos que cercavam seu braço, mas os dedos de pedra eram inflexíveis. Bolhas de ar saíam de seus lábios. O mundo era negro e estava ficando mais negro ainda. Ele não podia respirar.

*Há maneiras piores de se morrer do que afogado*. E, verdade seja dita, ele perecera havia muito tempo, em Porto Real. Fora apenas sua alma penada que restara, o pequeno fantasma vingativo que estrangulara Shae e atravessara uma seta de besta nos intestinos do grande Lorde Tywin. Nenhum homem lamentaria a coisa na qual ele se tornara. *Vou assombrar os Sete Reinos*, pensou, afundando cada vez mais. *Não me amaram em vida, então vão me temer na morte.*

Quando abriu a boca para amaldiçoar todos eles, a água negra encheu seus pulmões e a escuridão o cercou.

# Davos

—Sua senhoria vai recebê-lo, contrabandista.

O cavaleiro vestia armadura prateada, com as grevas e manoplas embutidas em nigelo, sugerindo harmoniosos grupos de algas marinhas. O elmo sob seu braço era a cabeça de um rei bacalhau, com uma coroa de madrepérola e uma barba protuberante de azeviche e jade. Sua própria barba era cinzenta como o mar de inverno.

Davos se ergueu.

– Posso saber seu nome, sor?

– Sor Marlon Manderly. – Ele era uma cabeça mais alto do que Davos e uns vinte quilos mais pesado, com olhos cor de ardósia cinza e um jeito arrogante de falar. – Tenho a honra de ser primo de Lorde Wyman e comandante de sua guarnição. Siga-me.

Davos fora a Porto Branco como enviado, mas haviam feito dele um cativo. Seus aposentos eram grandes, arejados e elegantemente mobiliados, mas havia guardas do lado de fora das portas. De sua janela, podia ver as ruas de Porto Branco além das muralhas do castelo, mas não tinha permissão de andar por elas. Via o porto também, e assistira ao *Parteira Feliz* sair pelo estuário. Casso Mogat esperara quatro dias, em vez de três, antes de partir. Mais duas semanas se passaram depois disso.

A guarda pessoal de Lorde Manderly vestia manto de lã azul-esverdeado, e levava tridentes de prata, em vez de lanças comuns. Um caminhava na frente dele, um atrás e mais um de cada lado. Passaram por estandartes desbotados, escudos quebrados e espadas enferrujadas de uma centena de vitórias antigas, e por um grupo de figuras de madeira, rachadas e com buracos de cupins, que só podiam ter adornado algumas proas de navio.

Dois tritões de mármore ladeavam a corte de sua senhoria, primos menores do Pedepeixe. Enquanto os guardas abriam as portas, um arauto

bateu a vara contra uma velha tábua no chão.

– *Sor Davos da Casa Seaworth* – anunciou, com voz ressonante.

Nas outras vezes que visitara Porto Branco, Davos não pusera os pés no Castelo Novo, muito menos na Corte do Tritão. As paredes, o chão e o teto eram feitos de tábuas de madeira entalhadas cuidadosamente e decoradas com todas as criaturas do mar. Enquanto se aproximava do palanque, Davos pisava em caranguejos, mariscos e estrelas-do-mar, meio ocultos entre ramos retorcidos de algas marinhas e ossos de marinheiros afogados. Nas paredes de ambos os lados, tubarões brancos rondavam as profundezas pintadas de azul-esverdeado, enquanto enguias e polvos deslizavam entre rochas e navios naufragados. Cardumes de arenques e grandes bacalhaus nadavam entre as altas janelas arqueadas. Mais para cima, perto de onde velhas redes de pesca pendiam do forro, a superfície do mar fora retratada. À direita, uma galé de guerra deslizava serena contra o sol nascente; à esquerda, um velho e surrado barco de pesca enfrentava uma tempestade com velas esfarrapadas. Atrás do palanque, uma lula gigante e um leviatã cinzento travavam uma batalha entre ondas pintadas.

Davos esperava falar com Wyman Manderly a sós, mas encontrou a corte lotada. Junto às paredes, as mulheres superavam os homens na proporção de cinco para um; os poucos homens que viu tinham longas barbas cinzentas, ou pareciam jovens demais para se barbear. Havia septões também, e irmãs santas em túnicas brancas e cinza. Perto da parte mais alta do salão, estava uma dúzia de homens no azul e cinza-prateado da Casa Frey. Seus rostos tinham uma semelhança que até um cego poderia ver; muitos vestiam o emblema das Gêmeas, duas torres conectadas por uma ponte.

Davos aprendera a ler o rosto dos homens muito antes de Meistre Pylos o ensinar a ler palavras em um papel. *Estes Frey me veriam morto de bom grado*, percebeu com um olhar.

Tampouco encontrou algum sinal de boas-vindas nos olhos azul-claros de Wyman Manderly. O trono almofadado de sua senhoria era amplo o bastante para acomodar três homens de circunferência comum e, mesmo assim, Manderly ameaçava transbordar do assento. Sua senhoria sentava-se largado, os ombros caídos, as pernas abertas, as mãos descansando nos braços da cadeira como se o peso delas fosse demais para suportar.

*Deuses, sejam bons*, pensou Davos ao ver o rosto de Lorde Wyman, *este homem parece quase um cadáver*. Sua pele estava pálida, com certa tonalidade cinza.

Reis e cadáveres sempre precisam de ajuda, dizia o velho ditado. Assim era com Manderly. À esquerda de sua cadeira estava um meistre tão gordo quanto o senhor que ele servia, um homem de rosto rosado, com lábios grossos e a cabeça cheia de cachos dourados. Sor Marlon tinha o lugar de honra do lado direito de sua senhoria. Em um banquinho almofadado aos seus pés empoleirava-se uma gorda senhora rosada. Atrás de Lorde Wyman estavam duas mulheres jovens, aparentemente irmãs. A mais velha tinha cabelos castanhos presos em uma longa trança. A mais jovem, com não mais de quinze anos, tinha uma trança ainda mais comprida, tingida de um verde gritante.

Ninguém resolveu honrar Davos com seu nome. O meistre foi o primeiro a falar.

– Você está diante de Wyman Manderly, Senhor de Porto Branco e Protetor da Faca Branca, Escudo da Fé, Defensor dos Despossuídos, Senhor Marechal do Mander e Cavaleiro da Ordem da Mão Verde – disse. – Na Corte do Tritão é costume que vassalos e peticionários se ajoelhem.

O cavaleiro das cebolas teria dobrado o joelho, mas Mão do Rei, não; fazer isso sugeria que o rei que ele servia era menos do que esse gordo senhor.

– Não vim como peticionário – Davos respondeu. – Tenho uma série de títulos também. Senhor da Matadechuva, Almirante do Mar Estreito, Mão do Rei.

A mulher gorda no banco revirou os olhos.

– Um almirante sem navios, uma mão sem dedos, a serviço de um rei sem trono. É um cavaleiro que vem diante de nós, ou a resposta para uma charada de criança?

– Ele é um mensageiro, boa filha – disse Lorde Wyman –, uma cebola de mau agouro. Stannis não gostou da resposta que os corvos levaram para ele, então enviou este... este *contrabandista*. – Olhou para Davos com os olhos semienterrados pelas bolsas de gordura. – Você visitou nossa cidade antes, imagino, pegando moedas de nossos bolsos e comida de nossas mesas. Quanto roubou de mim, me pergunto?

*Não o suficiente para que você perdesse uma refeição.*

– Paguei pelo meu contrabando em Ponta Tempestade, senhor. – Davos tirou a luva e levantou a mão esquerda, com seus quatro dedos encurtados.

– Quatro pontas de dedos por uma vida de roubo? – disse a mulher no banco. O cabelo dela era amarelo, o rosto redondo, rosado e carnudo. – Você saiu barato, cavaleiro das cebolas.

Davos não negava isso.

– Se for do agrado do senhor, eu desejaria uma audiência privada.

Não era do agrado do senhor.

– Não escondo segredos da minha família, nem de meus leais senhores e cavaleiros, todos bons amigos.

– Senhor – disse Davos –, não quero que minhas palavras sejam ouvidas pelos inimigos de Sua Graça... ou pelos de vossa senhoria.

– Talvez Stannis tenha inimigos neste salão. Eu não tenho.

– Nem mesmo os homens que assassinaram seu filho? – Davos apontou. – Estes Frey estavam entre os participantes do Casamento Vermelho.

Um dos Frey deu um passo adiante, um cavaleiro comprido e de membros magros, rosto barbeado com exceção de um bigode tão fino quanto um estilete de Myr.

– O Casamento Vermelho foi obra do Jovem Lobo. Ele se transformou em um animal diante de nossos olhos e destroçou a garganta do meu primo Guizo, um simplório inofensivo. E teria assassinado o senhor meu pai também, se Sor Wendel não tivesse se colocado no caminho.

Lorde Wyman piscou, com os olhos cheios de lágrimas.

– Wendel sempre foi um rapaz corajoso. Não me surpreende saber que morreu como herói.

A enormidade da mentira fez Davos engasgar.

– Está afirmando que *Robb Stark* matou Wendel Manderly? – perguntou para o Frey.

– E muitos outros. Meu próprio filho, Tytos, estava entre eles, e o marido de minha filha. Quando Stark se transformou em lobo, os nortenhos fizeram o mesmo. A marca da besta estava em todos eles. *Wargs* transformam outras pessoas em *wargs* com uma mordida, como é

sabido. Eram todos meus irmãos e eu os abati antes que matassem a todos nós.

O homem estava *sorrindo* enquanto contava a história. Davos queria arrancar seus lábios com uma faca.

– Sor, posso saber seu nome?

– Sor Jared, da Casa Frey.

– Jared da Casa Frey, eu o chamo de mentiroso.

Sor Jared pareceu divertir-se.

– Alguns homens choram quando descascam cebolas, mas eu nunca tive essa fraqueza. – O aço soou contra o couro enquanto ele desembainhava a espada. – Se você é realmente um cavaleiro, sor, defenda esta calúnia com seu corpo.

Os olhos de Lorde Wyman repentinamente se abriram.

– Não terei derramamento de sangue na Corte do Tritão. Guarde sua espada, Sor Jared, ou terei que pedir que deixe minha presença.

Sor Jared guardou a espada.

– Sob o telhado de vossa senhoria, a palavra de vossa senhoria é lei... mas vou querer um ajuste de contas com este senhor das cebolas antes que ele deixe a cidade.

– *Sangue!* – uivou a mulher no banco. – É isto o que esta cebola podre quer de nós, senhor. Veja como provoca brigas? Mande-o embora, eu imploro. Ele quer o sangue de seu povo, o sangue de seus bravos filhos. Mande-o embora. Se a rainha souber que recebemos este traidor em audiência, ela pode questionar nossa lealdade. Ela poderia... ela iria... ela...

– Isso não acontecerá, boa filha – disse Lorde Wyman. – O Trono de Ferro não tem qualquer motivo para duvidar de nós.

Davos não gostou de como aquilo soou, mas não tinha feito todo esse caminho para segurar a língua.

– O garoto no Trono de Ferro é um usurpador – disse –, e eu não sou um traidor, mas a Mão de Stannis Baratheon, o Primeiro de Seu Nome, o legítimo Rei de Westeros.

O gordo meistre limpou a garganta.

– Stannis Baratheon era irmão do nosso falecido Rei Robert, que o Pai o julgue com justiça. Tommen é a descendência do sangue de Robert. As

leis da sucessão são claras neste caso. Um filho deve vir antes de um irmão.

– Meistre Theomore fala a verdade – disse Lorde Wyman. – Ele é conhecedor de todos esses assuntos e sempre me deu bons conselhos.

– Um filho legítimo vem antes de um irmão – Davos concordou –, mas Tommen-dito-Baratheon é um bastardo, como foi seu irmão Joffrey antes dele. Eles foram gerados pelo Regicida, em desafio a todas as leis dos deuses e dos homens.

Outro dos Frey falou.

– Ele comete traição com os próprios lábios, senhor. Stannis tirou seus dedos ladrões. Deveríamos tirar sua língua mentirosa.

– Corte sua cabeça, em vez disso – sugeriu Sor Jared. – Ou deixe-o me encontrar no campo da honra.

– O que um Frey sabe sobre honra? – Davos retrucou.

Quatro dos Frey se adiantaram, até que Lorde Wyman os interrompeu erguendo uma das mãos.

– Para trás, meus amigos. Eu vou ouvi-lo antes de... antes de lidar com ele.

– Pode oferecer alguma prova desse incesto, sor? – Meistre Theomore perguntou, apoiando as mãos macias sobre a barriga.

*Edric Storm*, pensou Davos, *mas eu o enviei para longe, no mar estreito, para mantê-lo a salvo dos fogos de Melisandre*.

– Tem a palavra de Stannis Baratheon de que tudo o que eu disse é verdade.

– Palavras são vento – disse a jovem mulher atrás da cadeira de Lorde Wyman, a bonita com a longa trança castanha. – E homens mentem para conseguir o que querem, como qualquer mulher poderá lhe dizer.

– Provas requerem mais do que a palavra sem base de algum senhor – declarou Meistre Theomore. – Stannis Baratheon não seria o primeiro homem a mentir para conquistar um trono.

A mulher rosada apontou um dedo gorducho para Davos.

– Não queremos fazer parte desta traição. Somos boas pessoas em Porto Branco, seguimos a lei e somos leais. Não coloque mais veneno em nossos ouvidos, ou meu bom pai o enviará para a Toca do Lobo.

*Como eu ofendi esta mulher?*

– Posso ter a honra de saber o nome da senhora?

A mulher rosada deu uma fungada raivosa e deixou o meistre responder.

– A Senhora Leona é esposa do filho de Lorde Wyman, Sor Wylis, atualmente um cativo dos Lannister.

*Ela fala com medo*. Se Porto Branco se declarasse por Stannis, o marido dela responderia com a própria vida. *Como posso pedir a Lorde Wyman para condenar o próprio filho à morte? O que eu faria no lugar dele, se Devan fosse um refém?*

– Senhor – disse Davos –, rezo para que nenhum mal aconteça ao seu filho, ou a qualquer homem em Porto Branco.

– Outra mentira – disse a Senhora Leona, de seu banco.

Davos achou melhor ignorá-la.

– Quando Robb Stark tomou armas contra o bastardo Joffrey-dito-Baratheon, Porto Branco marchou com ele. Lorde Stark caiu, mas sua guerra continua.

– Robb Stark era meu senhor suserano – disse Lorde Wyman. – Quem é esse tal de Stannis? Por que nos atormenta? Ele nunca sentiu necessidade de vir ao Norte antes, se bem me lembro. E agora ele aparece, um vira-latas derrotado com o elmo na mão, implorando esmolas.

– Ele veio para salvar o reino, senhor. – Davos insistiu. – Para defender suas terras contra os homens de ferro e os selvagens.

Próximo ao trono, Sor Marlon Manderly deu um suspiro de desdém.

– Já se passaram séculos desde que Porto Branco viu algum selvagem, e os homens de ferro nunca causaram problemas nesta costa. Lorde Stannis pretende nos defender de *snarks* e dragões também?

Risadas explodiram na Corte do Tritão, mas aos pés de Lorde Wyman, a Senhora Leona começou a soluçar.

– Homens de ferro das ilhas, selvagens de Para-lá-da-muralha... e agora este senhor traidor com seus fora da lei, rebeldes e feiticeiros. – Apontou o dedo para Davos. – Sabemos sobre sua bruxa vermelha, ah, sim. Ela quer que viremos as costas aos Sete e nos curvemos a um demônio de fogo!

Davos não tinha nenhum amor pela sacerdotisa vermelha, mas não ousava deixar a Senhora Leona sem resposta.

– A Senhora Melisandre é uma sacerdotisa do deus vermelho. A Rainha Selyse adotou a fé dela, juntamente com muitos outros, mas a

maioria dos seguidores de Sua Graça ainda tem fé nos Sete. Eu entre eles. – Rezou para que ninguém pedisse explicações sobre o septo em Pedra do Dragão, ou sobre o bosque sagrado em Ponta Tempestade. *Se me perguntarem, terei que contar. Stannis não gostaria que eu mentisse.*

– Os Sete defendem Porto Branco – a Senhora Leona declarou. – Não tememos sua rainha vermelha e o deus dela. Que ela envie os feitiços que desejar. As orações dos homens piedosos nos protegerão contra o mal.

– De fato. – Lorde Wyman deu um tapinha no ombro da Senhora Leona. – Lorde Davos, se é que é um lorde, eu sei o que o seu pretenso rei quer de mim. Aço, prata e um joelho dobrado. – Jogou o peso do corpo para se apoiar em um cotovelo. – Antes de ser assassinado, Lorde Tywin ofereceu perdão total a Porto Branco pelo apoio que demos ao Jovem Lobo. Ele prometeu que meu filho voltaria para mim, depois que eu pagasse um resgate de três mil dragões e provasse minha lealdade acima de qualquer suspeita. Roose Bolton, que foi nomeado Protetor do Norte, exige que eu desista da minha pretensão sobre as terras e o castelo de Lorde Hornwood, mas jura que minhas outras posses permanecerão intactas. Walder Frey, o bom pai destes aqui, oferece uma de suas filhas para ser minha esposa, e maridos para as filhas de meu filho, aqui atrás de mim. Esses termos parecem generosos para mim, uma boa base para uma paz justa e duradoura. Você quer que eu despreze tudo isso. Então eu lhe pergunto, cavaleiro das cebolas, o que Lorde Stannis oferece em contrapartida à minha aliança?

*Guerra, miséria e os gritos dos homens queimando*, Davos poderia ter dito.

– A chance de cumprir seu dever – respondeu, em vez disso. Essa era a resposta que Stannis teria dado a Wyman Manderly. A Mão deve falar com a voz do rei.

Lorde Wyman afundou em sua cadeira.

– Dever. Sei.

– Porto Branco não é forte o suficiente para ficar sozinho. Você precisa de Sua Graça tanto quanto ele precisa de você. Juntos, podem se defender dos inimigos em comum.

– Senhor – disse Sor Marlin, em sua ornamentada armadura de prata –, me permite fazer algumas perguntas para Lorde Davos?

– Como quiser, primo. – Lorde Wyman fechou os olhos.

Sor Marlon virou-se para Davos.

– Quantos senhores nortenhos se declararam por Stannis? Nos diga isso.

– Arnolf Karstark prometeu juntar-se a Sua Graça.

– Arnolf não é um senhor de verdade, apenas um castelão. Que castelos Lorde Stannis tem neste momento?

– Sua Graça tomou Fortenoite como sua base. No sul, comanda Ponta Tempestade e Pedra do Dragão.

Meistre Theomore limpou a garganta.

– Somente por pouco tempo. Ponta Tempestade e Pedra do Dragão são fracamente protegidos e devem cair logo. E o Fortenoite é uma ruína assombrada, um lugar lúgubre e terrível.

Sor Marlon continuou.

– Quantos homens Stannis consegue pôr em campo, pode nos dizer isso? Quantos cavaleiros cavalgam por ele? Quantos arqueiros, quantos mercenários, quantos homens em armas?

*Poucos*, Davos sabia. Stannis chegara ao Norte com não mais do que mil e quinhentos homens... Mas, se ele dissesse isso, sua missão estaria condenada. Procurou as palavras, mas não encontrou nenhuma.

– Seu silêncio é toda a resposta de que preciso, sor. Seu rei só nos traz inimigos. – Sor Marlon virou-se para o senhor seu primo. – Vossa senhoria perguntou ao cavaleiro das cebolas o que Stannis nos oferece. Deixe-me responder. Ele nos oferece derrota e morte. Quer que montemos em um cavalo de ar e entremos em batalha com espadas de vento.

O gordo senhor abriu os olhos lentamente, como se o esforço fosse quase demasiado para ele.

– Meu primo corta no osso, como sempre. Você tem algo mais para me dizer, cavaleiro das cebolas, ou podemos pôr um fim a esta farsa? Estou ficando cansado da sua cara.

Davos sentiu uma pontada de desespero. *Sua Graça deveria ter enviado outro homem, um lorde, um cavaleiro ou um meistre, alguém que pudesse falar sem tropeçar nas palavras*.

– Morte – ele se ouviu dizendo –, haverá mortes, sim. Vossa senhoria perdeu um filho no Casamento Vermelho. Eu perdi quatro na Água Negra. E por quê? Porque os Lannister roubaram o trono. Vá para Porto

Real e veja Tommen com seus próprios olhos, se duvida de mim. Um cego poderia ver. O que Stannis oferece? Vingança. Vingança pelos meus filhos e pelo seus, por seus maridos, seus pais e seus irmãos. Vingança pelo seu senhor assassinado, pelo seu rei assassinado, pelos seus príncipes massacrados. *Vingança*!

– Sim – levantou-se a voz de uma garota, fina e alta. Pertencia à criança meio crescida, com sobrancelhas loiras e a longa trança verde. – Eles mataram Lorde Eddard, a Senhora Catelyn e o Rei Robb – disse. – Ele era nosso rei! Era bravo e bom, e os Frey o *mataram*. Se Lorde Stannis vai vingá-lo, devemos nos juntar a Lorde Stannis.

Manderly a puxou para perto.

– Wylla, cada vez que você abre a boca tenho vontade de mandá-la para as irmãs silenciosas.

– Eu só disse...

– Ouvimos o que você disse – falou a garota mais velha, irmã dela. – Tolices de uma criança. Não fale mal de nossos amigos Frey. Um deles será seu senhor e marido em breve.

– Não – declarou a garota, abanando a cabeça. – Não me casarei com um deles. Jamais. Eles mataram o *rei*.

Lorde Wyman corou.

– Você vai. Quando o dia marcado chegar, fará seus votos nupciais, ou então se juntará às irmãs silenciosas e nunca mais falará novamente.

A pobre garota parecia arrasada.

– Vovô, *por favor*...

– Quieta, menina – disse a Senhora Leona. – Você ouviu seu avô. *Quieta*! Você não sabe nada.

– Eu sei da promessa – insistiu a garota. – Meistre Theomore, fale para eles! Mil anos antes da Conquista, foi feita uma promessa, e votos foram jurados na Toca do Lobo, diante dos velhos deuses e dos novos. Quando estávamos feridos e sem amigos, expulsos de nossas casas e com nossas vidas em perigo, os lobos nos acolheram, nos alimentaram e nos protegeram contra nossos inimigos. Esta cidade foi construída sobre as terras que eles nos deram. Em troca, juramos que seríamos sempre homens deles. Homens dos *Stark*!

O meistre tocou a corrente em volta do pescoço.

– Votos solenes foram jurados para os Starks de Winterfell, sim. Mas Winterfell caiu e a Casa Stark está extinta.

– Porque eles *mataram todos*!

Outro Frey falou:

– Lorde Wyman, posso?

Wyman Manderly acenou com a cabeça.

– Rhaegar. Sempre ficamos satisfeitos em ouvir seus nobres conselhos.

Rhaegar Frey reconheceu o cumprimento com uma reverência. Tinha cerca de trinta anos, ou um pouco mais, redondo de ombros e de barriga, mas ricamente vestido com um gibão de suave lã de cordeiro cinza, com acabamento em samito prateado. Seu manto era de samito prateado também, com uma gola de pele presa no pescoço e um broche no formato das torres gêmeas.

– Senhora Wylla – disse para a garota de trança verde –, lealdade é uma virtude. Espero que seja leal ao Pequeno Walder quando se unirem pelos laços do matrimônio. Quanto aos Stark, a Casa se extinguiu apenas pela linhagem masculina. Os filhos de Lorde Eddard estão mortos, mas suas filhas vivem, e a garota mais jovem está vindo ao Norte para se casar com o bravo Ramsay Bolton.

– Ramsay *Snow* – Wylla Manderly devolveu.

– Que assim seja. Qualquer que seja o nome, ele logo estará casado com Arya Stark. Se você quer ser fiel à promessa, faça aliança com ele, pois ele será o Senhor de Winterfell.

– Ele jamais será *meu* senhor! Ele obrigou a Senhora Hornwood a se casar com ele, então a trancou em um calabouço e a fez comer seus *dedos*.

Um murmúrio tomou conta da Corte do Tritão.

– A donzela diz a verdade – declarou um homem atarracado, em branco e púrpura, cujo manto era preso por um par de chaves de bronze cruzadas. – Roose Bolton é frio e astuto, sim, mas um homem pode lidar com Roose. Todos conhecemos piores. Mas esse filho bastardo dele... dizem que é louco e cruel, um monstro.

– *Dizem*? – Rhaegar Frey ostentava uma barba sedosa e um sorriso sarcástico. – Seus *inimigos* dizem, sim... mas era o Jovem Lobo que era o monstro. Mais animal do que rapaz, aquele rapaz, estufado de orgulho e desejo de sangue. E era infiel, como o senhor meu avô aprendeu em sua

tristeza. – Abriu as mãos. – Não culpo Porto Branco por apoiá-lo. Meu avô cometeu o mesmo grave erro. Em todas as batalhas do Jovem Lobo, Porto Branco e as Gêmeas lutaram lado a lado, sob seus estandartes. Robb Stark traiu a todos nós. Abandonou o Norte à cruel misericórdia dos homens de ferro para esculpir um reino mais justo para si mesmo ao longo do Tridente. Então abandonou os senhores do rio, que tanto arriscaram por ele, quebrando seu pacto de casamento com meu avô e se casando com a primeira meretriz do oeste sobre a qual colocou os olhos. O Jovem Lobo? Era um cão vil, e morreu como um.

O burburinho na Corte do Tritão aumentou. Davos podia sentir o frio no ar. Lorde Wyman olhava para Rhaegar como se fosse uma barata que precisasse de uma sapatada, mas então, abruptamente, fez um aceno tão forte com a cabeça, que balançou a gordura sob seu queixo.

– Um cão, sim. Ele nos trouxe somente dor e morte. Um cão vil, de fato. Bem colocado.

Rhaegar Frey continuou.

– Dor e morte, sim... e esse senhor das cebolas lhe trará mais com essa conversa de vingança. Abra seus olhos, como o senhor meu avô fez. A Guerra dos Cinco Reis está acabada. Tommen é nosso rei, nosso *único* rei. Devemos ajudá-lo a curar as feridas desta guerra triste. Como filho legítimo de Robert, herdeiro do veado e do leão, o Trono de Ferro é seu por direito.

– Palavras sábias e verdadeiras – disse Lorde Wyman Manderly.

– *Não* são – Wylla Manderly bateu o pé.

– Fique quieta, menina miserável – repreendeu a Senhora Leona. – Jovens garotas devem ser um enfeite para os olhos, não um machado para o ouvido. – Agarrou a menina pela trança e saiu arrastando-a pelo salão. *Lá se vai minha única aliada neste salão*, pensou Davos.

– Wylla sempre foi uma criança voluntariosa – disse sua irmã, como desculpa. – Temo que será uma esposa obstinada.

Rhaegar encolheu os ombros.

– O casamento vai amolecê-la, não tenho dúvidas. Uma mão firme e uma palavra tranquilizadora.

– Caso contrário, há as irmãs silenciosas. – Lorde Wyman se mexeu na cadeira. – E quanto a você, cavaleiro das cebolas, ouvi traições suficientes por um dia. Quer que eu arrisque minha cidade por um falso

rei e um falso deus. Quer que eu sacrifique meu único filho vivo para que Stannis Baratheon possa colocar sua bunda enrugada em um trono sobre o qual não tem nenhum direito. Não farei isso. Não por você. Não pelo seu senhor. Não por homem algum. – O Senhor de Porto Branco se levantou. O esforço fez seu pescoço ficasse vermelho. – Você ainda *é* um contrabandista, sor, que veio para roubar meu ouro e meu sangue. Você tomaria a cabeça de meu filho. Acho que devo tomar a sua, em vez disso. Guardas! Levem este homem!

Antes que Davos pudesse pensar em se mexer, foi cercado por tridentes de prata.

– Senhor – disse –, sou um enviado.

– É? Você veio sorrateiramente para a minha cidade, como um contrabandista. Digo que não é um senhor, não é um cavaleiro, não é um enviado, apenas um ladrão e um espião, um mascate de mentiras e traições. Eu deveria arrancar sua língua com pinças quentes e enviá-lo para o Forte do Pavor, para que fosse esfolado. Mas a Mãe é misericordiosa, e eu também. – Acenou para Sor Marlon. – Primo, leve esta criatura para a Toca do Lobo e corte sua cabeça e suas mãos. Quero-as aqui antes do jantar. Não serei capaz de dar nem uma mordida na comida enquanto não vir a cabeça desse contrabandista em uma lança, com uma cebola enfiada entre seus dentes mentirosos.

# Fedor

Eles lhe deram um cavalo, um estandarte, um gibão de lã macia e uma capa quente de pele e o deixaram solto. E, pela primeira vez, ele não fedia.

– Volte com aquele castelo – disse Damon-Dance-para-Mim enquanto ajudava Fedor a subir trêmulo na sela –, ou vá embora e veja o quão longe consegue ir antes que apanhemos você. Ele gostaria disso, ele gostaria. – Sorrindo, Damon deu uma chicotada na traseira do cavalo, e o velho pangaré relinchou e se pôs a caminho.

Fedor não ousava olhar para trás, com medo de que Damon, Caralho Amarelo, Grunhido e o resto deles o seguissem, que tudo aquilo fosse mais uma das brincadeiras de Lorde Ramsay, algum teste cruel para ver o que faria se lhe dessem um cavalo e o libertassem. *Acham que eu fugiria?* O pangaré no qual montava era uma coisa miserável, com joelhos tortos e meio morto de fome; ele nunca esperaria ultrapassar os finos cavalos de Lorde Ramsay e de seus caçadores em uma corrida. E Ramsay adorava soltar suas garotas para que latissem nas trilhas, atrás de alguma presa fresca.

Além do mais, para onde fugiria? Atrás dele estavam os acampamentos, cheios de homens do Forte do Pavor e aqueles que Ryswell havia trazido dos Regatos, com as tropas de Vila Acidentada entre eles. Ao sul de Fosso Cailin, outro exército subia a estrada, um exército de Boltons e Freys marchando sob os estandartes do Forte do Pavor. A leste da estrada havia uma costa desolada e árida e um gelado mar salgado; a oeste, os brejos e os atoleiros do Gargalo, infestados de serpentes, lagartos-leões e demônios do pântano com suas flechas envenenadas.

Ele não fugiria. Não podia fugir.

*Entregarei o castelo para ele. Eu vou. Eu devo.*

Era um dia cinzento, molhado e enevoado. O vento vinha do sul, úmido como um beijo. As ruínas de Fosso Cailin eram visíveis ao longe, mergulhadas na névoa da manhã. Seu cavalo se moveu em direção a elas, os cascos fazendo um leve som de chapinhado enquanto saíam da lama verde-acinzentada.

*Já fiz este caminho antes*. Era um pensamento perigoso, do qual se arrependeu imediatamente.

– Não – disse –, não, esse era outro homem, foi antes de você saber seu nome. – O nome dele era Fedor. Tinha que se lembrar disso. *Fedor, Fedor, que rima com licor*.

Quando aquele outro homem fizera este caminho, um exército o seguia de perto, a grande tropa do Norte cavalgando para a guerra sob o estandarte cinza e branco da Casa Stark. Fedor cavalgava sozinho, carregando um estandarte de paz em um ramo de pinheiro. Quando aquele outro homem fizera este caminho, montava um corcel, rápido e vigoroso. Fedor cavalgava um pangaré quebrado, todo pele, ossos e costelas, e cavalgava devagar, com medo de que o animal caísse. O outro homem fora um bom cavaleiro, mas Fedor se agarrava inseguro no lombo do cavalo. Fora havia tanto tempo. Ele não era um cavaleiro. Não era nem mesmo um homem. Era uma criatura de Lorde Ramsay, menos que um cão, um verme em forma humana.

– Você vai fingir ser um príncipe – Lorde Ramsay dissera para ele na noite passada, enquanto Fedor era mergulhado em uma banheira de água escaldante –, mas sabemos a verdade. Você é Fedor. Sempre será Fedor, não importa o quão cheiroso esteja. Seu nariz pode mentir para você. Lembre-se de seu nome. Lembre-se de quem você é.

– Fedor – ele respondera. – Seu Fedor.

– Faça essa coisinha para mim, e poderá ser meu cão e comer carne todos os dias – Lorde Ramsay prometera. – Você ficará tentado a me trair. A fugir, a lutar ou a se juntar aos nossos inimigos. Não, quieto, não quero ouvir você negando isso. Minta para mim, e arranco sua língua. Um homem se voltaria contra mim no seu lugar, mas sabemos o que você é, não é? Me traia se quiser, não importa... mas conte seus dedos primeiro, você sabe o preço.

Fedor sabia o preço. *Sete*, pensou, *sete dedos. Um homem pode se contentar com sete dedos. Sete é um número sagrado.* Ele se lembrava do

quanto doera quando Lorde Ramsay ordenara que Peleiro esfolasse seu dedo anelar.

O ar estava úmido e pesado, e piscinas rasas de água pontilhavam o chão. Fedor abria caminho entre elas cuidadosamente, seguindo os restos da estrada de troncos e tábuas que a vanguarda de Robb Stark fizera no solo macio para apressar a passagem das tropas. Onde certa vez existira uma muralha coberta, sobravam apenas pedras espalhadas, blocos de basalto negro tão grandes que deviam ter sido colocados no lugar por uma centena de homens. Alguns haviam afundado tão profundamente no pântano que somente uma ponte era vista; outros permaneciam jogados como brinquedos abandonados de algum deus, rachados e se desintegrando, manchados de líquen. A chuva da noite anterior deixara as enormes pedras molhadas e reluzentes; a luz do sol da manhã fazia que parecessem revestidas de uma fina camada de óleo negro.

Um pouco além estavam as torres.

A Torre do Bêbado inclinava-se como se estivesse prestes a cair, exatamente como estivera por quinhentos anos. A Torre dos Filhos erguia-se para o céu, tão reta quanto uma lança, mas sua parte superior estava aberta para o vento e para a chuva. A Torre do Portão, atarracada e espaçosa, era a maior das três, coberta de musgo, com uma árvore retorcida crescendo nas pedras, na face norte, e fragmentos da muralha quebrada ainda no leste e no oeste. *Os Karstark tomaram a Torre do Bêbado e os Umber, a Torre dos Filhos*, ele se lembrava. *Robb exigira a Torre do Portão para si.*

Se fechasse os olhos, podia ver os estandartes em sua mente, agitando-se bravamente no vivo vento norte. *Todos se foram agora, todos caíram.* O vento em seu rosto soprava do sul, e o único estandarte sobre as ruínas de Fosso Cailin mostrava uma lula gigante dourada em um campo negro.

Estava sendo observado. Podia sentir os olhares. Quando olhou para cima, vislumbrou rostos pálidos espiando por trás das ameias da Torre do Portão e através da alvenaria quebrada que coroava a Torre dos Filhos, onde, segundo a lenda, os filhos da floresta certa vez invocaram o martelo das águas para partir as terras de Westeros em dois.

O único caminho seco através do Gargalo era a estrada, e as torres do Fosso Cailin ficavam em sua extremidade norte como uma rolha em uma garrafa. A estrada era estreita, as ruínas posicionadas de modo a obrigar

que os inimigos que viessem do sul passassem por baixo e entre elas. Para assaltar qualquer uma das três torres, um atacante teria que expor sua retaguarda às flechas das outras duas, enquanto escalava paredes de pedra úmida cobertas de pele-de-fantasma, um musgo branco e viscoso. As terras pantanosas ao redor da estrada eram intransitáveis, um atoleiro sem fim de rodamoinhos sugadores, areia movediça e reluzentes gramados verdes que pareciam sólidos para olhos incautos, mas que se transformavam em água no instante em que se pisava neles, tudo ali completamente infestado de serpentes, flores venenosas e monstruosos lagartos-leões com dentes que eram como adagas. Tão perigosos quanto as pessoas que viviam ali, raramente vistas, mas sempre à espreita, os moradores do pântano, os comedores de sapo, os homens lama. Fenn, Reed, Peat, Boggs, Cray, Quagg, Greengood e Blackmyre, era esse tipo de nome que davam a si mesmos. Os homens de ferro os chamavam de *demônios do pântano*.

Fedor passou pela carcaça podre de um cavalo, com uma flecha espetada no pescoço. Uma serpente longa e branca deslizou da órbita vazia do olho do animal quando o homem se aproximou. Atrás do cavalo, pôde ver o cavaleiro, ou o que restara dele. Os corvos haviam arrancado a carne do seu rosto, e um cão feroz havia escavado sob a cota de malha para comer suas entranhas. Mais adiante, outro corpo afundara tanto na lama que era possível ver apenas o rosto e os dedos.

Mais perto das torres, cadáveres estavam espalhados por todos os lados. Vermes brotavam das feridas abertas, como pálidas flores cujas pétalas gordas e úmidas eram como os lábios de uma mulher.

*A guarnição nunca me reconhecerá*. Alguns poderiam se lembrar do garoto que fora antes de aprender seu nome, mas Fedor seria um estranho para eles. Fazia muito tempo desde que olhara em um espelho, mas sabia como devia parecer velho. Seu cabelo se tornara branco; a maior parte caíra, mas o que restara estava duro e seco como palha. Os calabouços o haviam deixado fraco como uma mulher velha e tão magro que um vento forte podia derrubá-lo.

E as mãos dele... Ramsay lhe dera luvas, luvas finas de couro negro, macias e flexíveis, recheadas com lã para esconder os dedos que faltavam, mas se alguém olhasse de perto poderia ver que três de seus dedos não dobravam.

– *Não se aproxime*! – uma voz gritou. – O que você quer?

– Conversar. – Ele avançou com o pangaré, agitando o estandarte de paz para que ninguém deixasse de vê-lo. – Vim desarmado.

Ninguém respondeu. Dentro das muralhas, sabia, os homens de ferro discutiam se deviam deixá-lo entrar ou se enchiam seu peito de flechas. Não fazia diferença. Uma morte rápida seria cem vezes melhor do que retornar para Lorde Ramsay como um fracassado.

Então os portões foram escancarados.

– Rápido.

Fedor estava se virando em direção ao som quando a flecha o atingiu. Veio de algum lugar à sua direita onde pedaços quebrados da parede estavam meio submersos no pântano. A seta rasgou as dobras de seu estandarte e ficou pendurada, a menos de um palmo de seu rosto. Ele se assustou tanto que derrubou o estandarte de paz e caiu da sela.

– Para dentro – a voz gritou –, rápido, idiota, *rápido*!

Fedor se arrastou escada acima com as mãos e os joelhos enquanto outra flecha passava sobre sua cabeça. Alguém o agarrou e o puxou para dentro, e ele ouviu a porta se fechando. Foi colocado em pé e arremessado contra uma parede. Então havia uma faca em sua garganta e um rosto barbudo tão próximo que podia contar os pelos do nariz do homem.

– Quem é você? O que quer aqui? Rápido, ou farei o mesmo que fiz com ele. – O guarda acenou com a cabeça em direção a um corpo apodrecendo no chão ao lado da porta, a carne esverdeada e coberta de vermes.

– Sou um homem de ferro – Fedor respondeu, mentindo. O rapaz que ele fora no passado havia sido um homem de ferro, é verdade, mas Fedor viera ao mundo nos calabouços do Forte do Pavor. – Olhe para meu rosto. Sou o filho de Lorde Balon. Seu príncipe. – Ele poderia ter dito o nome, mas de alguma forma as palavras ficaram presas em sua garganta. *Fedor, sou Fedor, que rima com clamor*. Mas teria que se esquecer disso por enquanto. Nenhum homem se renderia a uma criatura como Fedor, não importa quão desesperada fosse sua situação. Devia fingir ser um príncipe novamente.

O captor olhou para seu rosto, apertando os olhos, a boca torta com a suspeita. Os dentes eram marrons e o hálito fedia a cerveja e cebola.

– Os filhos de Lorde Balon foram mortos.

– Meus irmãos. Não eu. Lorde Ramsay me fez cativo depois de Winterfell. Me mandou aqui para negociar com vocês. Você comanda aqui?

– Eu? – O homem abaixou a faca e deu um passo para trás, quase tropeçando sobre o cadáver. – Eu não, senhor. – Sua cota de malha estava enferrujada, seus couros, apodrecidos. Nas costas de uma das mãos, uma ferida aberta sangrava. – Ralf Kenning está no comando. O capitão disse. Eu estou na porta, só isso.

– E quem é este? – Fedor deu um chute no cadáver.

O guarda encarou o morto como se o visse pela primeira vez.

– Ele... ele bebeu a água. Tive que cortar a garganta dele, para que parasse de gritar. Intestino ruim. Não podemos beber água. Por isso tomamos cerveja. – O guarda esfregou o rosto, os olhos vermelhos e inflamados. – Costumávamos arrastar os mortos para as adegas. Todos os porões estão inundados aqui. Ninguém quer se dar ao trabalho agora, então os deixamos onde eles caem.

– A adega é um lugar melhor para eles. Devem ser dados para a água. Para o Deus Afogado.

O homem riu.

– Não há deuses aqui, senhor. Apenas ratos e cobras-d'água. Coisas brancas, grossas como sua perna. Algumas vezes elas deslizam escada acima e o mordem enquanto você dorme.

Fedor se lembrou dos calabouços sob o Forte do Pavor, o rato se contorcendo entre seus dentes, o gosto de sangue quente nos lábios. *Se eu falhar, Ramsay vai me mandar de volta para lá, mas primeiro vai esfolar a pele de outro dedo.*

– Quantos sobraram da guarnição?

– Alguns – disse o homem de ferro. – Não sei. Menos do que antes. Há alguns na Torre do Bêbado também. Nenhum na Torre dos Filhos. Dagon Codd esteve lá há poucos dias. Apenas dois homens estavam vivos, disse, e estavam comendo os mortos. Ele matou ambos, se é que se pode acreditar nisso.

*Fosso Cailin caiu*, Fedor percebeu, *só que ninguém se deu ao trabalho de avisá-los*. Esfregou a boca para esconder os dentes quebrados e disse:

– Preciso falar com seu comandante.

– Kenning? – O guarda pareceu confuso. – Ele não tem muito a dizer nestes dias. Está morrendo. Talvez já esteja morto. Não vejo ele desde... não lembro quando...

– Onde ele está? Leve-me até ele.

– E quem vai guardar a porta?

– Ele. – Fedor deu um chute no cadáver.

Aquilo fez o homem rir.

– Sim. Por que não? Venha comigo, então. – Tirou a tocha de um candeeiro da parede e a agitou até que a chama ficasse brilhante e quente. – Por aqui. – O guarda o levou através de uma porta e por uma escada em espiral, a luz da tocha iluminando as paredes de pedra negra enquanto subiam.

A câmara no topo dos degraus estava escura, esfumaçada e opressivamente quente. Uma pele esfarrapada havia sido pendurada na janela estreita para manter a umidade do lado de fora, e um pedaço de turfa ardia lentamente em um braseiro. O cheiro no quarto era desagradável, uma mistura de mofo, urina e excrementos, de fumaça e doença. Juncos sujos cobriam o chão, enquanto um monte de palha num canto passava por uma cama.

Ralf Kenning tremia sob uma montanha de peles. Suas armas estavam empilhadas ao lado: espada e machado, cota de malha, elmo de ferro. Seu escudo trazia a mão do rei da tempestade entre nuvens, soltando relâmpagos de seus dedos sobre um mar agitado, mas a pintura estava desbotada e descascada, e a madeira embaixo começava a apodrecer.

Ralf estava apodrecendo também. Embaixo das peles, estava nu e febril, a pele pálida e inchada coberta com feridas abertas e crostas. A cabeça estava disforme, uma bochecha grotescamente inchada, o pescoço tão cheio de sangue que ameaçava engolir seu rosto. O braço do mesmo lado estava grande como uma tora e coberto de vermes brancos. Pela sua aparência, ninguém o banhava ou o barbeava havia dias. Um olho vazava pus e a barba estava incrustada de vômito seco.

– O que aconteceu com ele? – perguntou Fedor.

– Ele estava nos parapeitos e algum demônio do pântano acertou uma flecha nele. Foi só um arranhão, mas... eles envenenam as setas, esfregam as pontas na merda ou em coisas piores. Jogamos vinho fervente na ferida, mas não fez diferença.

*Não posso tratar com esta coisa.*

– Mate-o – Fedor disse ao guarda. – Seu juízo já se foi. Ele está cheio de sangue e vermes.

O homem olhou para ele, boquiaberto.

– O capitão o colocou no comando.

– Você derrubaria um cavalo moribundo.

– Que cavalo? Nunca tive um cavalo.

*Eu já*. A lembrança veio de repente. Os gritos de Sorridente soaram quase humanos. Com a crina em chamas, ele se levantara sobre as patas traseiras, cego de dor, atacando com os cascos. *Não, não. Não era meu, ele não era meu, Fedor nunca teve um cavalo.*

– Eu o matarei para você. – Fedor pegou a espada de Ralf Kenning de onde ela se apoiava contra o escudo. Ainda tinha dedos suficientes para segurar o cabo. Quando pressionou a ponta da lâmina contra a garganta inchada da criatura sobre a palha, a pele se abriu em uma gota de sangue negro e pus amarelo. Kenning se sacudiu violentamente, depois ficou imóvel. Um cheiro horrível tomou o quarto. Fedor correu para as escadas. O ar estava úmido e frio ali, mas muito mais limpo em comparação. O homem de ferro tropeçou atrás dele, pálido e se segurando para não vomitar. Fedor o agarrou pelo braço. – Quem era o segundo em comando? Onde está o resto dos homens?

– Nas ameias ou no salão. Dormindo, bebendo. Levo você até eles, se quiser.

– Faça isso agora. – Ramsay só lhe dera um dia.

O salão era de pedra escura, o teto alto e com correntes de ar, cheio de fumaça e com enormes manchas de líquen claro nas paredes. Um fogo de turfa queimava lentamente em um forno enegrecido por chamas mais quentes de anos passados. Uma mesa maciça de pedra esculpida enchia a câmara, havia séculos. *Foi ali que sentei na última vez que estive aqui*, lembrou-se. *Robb estava na cabeceira da mesa, com Grande-Jon à sua direita e Roose Bolton à sua esquerda. Os Glover estavam sentados perto de Helman Tallhart. Karstark e seus filhos estavam na frente deles.*

Duas dúzias de homens de ferro estavam sentados à mesa, bebendo. Quando entrou, poucos olharam para ele, dirigindo-lhe um olhar entediado. Os demais o ignoraram. Todos os homens eram estranhos para ele. Muitos usavam capas presas por broches no formato de bacalhaus de

prata. Os Codd não eram bem vistos nas Ilhas de Ferro; dizia-se que os homens eram ladrões e covardes, e as mulheres, devassas que se deitavam com seus pais e irmãos. Não o surpreendia que seu tio tivesse decidido deixar esses homens para trás quando a Frota de Ferro foi para casa. *Isso tornará minha tarefa muito mais fácil*.

– Ralf Kenning está morto – disse. – Quem comanda aqui?

Os bebedores o encararam fixamente. Um riu. Outro cuspiu. Finalmente, um dos Codd disse:

– Quem quer saber?

– O filho de Lorde Balon. – *Fedor, meu nome é Fedor, e rima com sabor*. – Estou aqui sob comando de Ramsay Bolton, Lorde de Hornwood e herdeiro do Forte do Pavor, que me capturou em Winterfell. A tropa dele está ao norte daqui, a de seu pai vem do sul, mas Lorde Ramsay está disposto a ser misericordioso se vocês entregarem Fosso Cailin antes que o sol se ponha. – Pegou a carta que lhe tinham dado e jogou na mesa, diante dos bebedores.

Um deles pegou-a e ficou virando-a nas mãos, cutucando a cera rosa que a selava. Depois de um momento, disse:

– Pergaminho. Quem quer isso? É de queijo que precisamos, e carne.

– Aço, você quer dizer – falou o homem que estava atrás dele, um de barba cinzenta cujo braço esquerdo terminava em um toco. – Espadas. Machados. Sim, e arcos, mais de cem arcos, e homens para atirar flechas.

– Os homens de ferro não se rendem – disse uma terceira voz.

– Diga isso ao meu pai. Lorde Balon ajoelhou-se quando Robert arrebentou suas muralhas. De outra forma, teria morrido. Como acontecerá com vocês, se não se renderem. – Apontou para o pergaminho. – Quebre o selo. Leia as palavras. Isso é um salvo-conduto, escrito pela própria mão de Lorde Ramsay. Abaixem as espadas e venham comigo, e sua senhoria os alimentará e os deixará marchar sem serem molestados até a Costa Rochosa, onde encontrarão navios que os levem para casa. De outra forma, morrerão.

– Isso é uma ameaça? – Um dos Codd se levantou. Um homem grande, mas de olho arregalado e boca larga, com carne branca morta. Parecia que seu pai o gerara em um peixe, mas mesmo assim tinha uma espada longa. – Dagon Codd não se rende a ninguém.

*Não, por favor, vocês têm que escutar*. O pensamento do que Ramsay faria se ele se arrastasse de volta ao acampamento sem a rendição da guarnição era quase suficiente para fazê-lo mijar nos calções. *Fedor, Fedor, que rima com terror*.

– É esta a sua resposta? – As palavras soaram debilmente em seus ouvidos. – Esse bacalhau fala por todos vocês?

O guarda que o encontrara na porta parecia menos seguro.

– Victarion ordenou a todos nós que esperássemos. Ouvi com meus próprios ouvidos. *Fiquem aqui até eu retornar*, ele disse para Kenning.

– Sim – disse o homem de um braço só. – Foi o que ele disse. A assembleia de homens livres o chamou, mas ele jurou que voltaria, com uma coroa de madeira do mar na cabeça e mil homens com ele.

– Meu tio nunca voltará – Fedor contou para eles. – A assembleia de homens livres coroou seu irmão Euron, e o Olho de Corvo tem outras guerras para lutar. Vocês pensam que meu tio valoriza vocês? Não valoriza. Vocês são aqueles que ele deixou para trás, para morrer. Livrou-se de vocês do mesmo jeito que se livra da lama em suas botas quando vem para terra firme.

As palavras os atingiram em cheio. Podia ver nos olhos deles, no jeito que olhavam uns para os outros, ou franziam a testa sobre seus copos. *Todos temiam ter sido abandonados, e tive que transformar esse medo em certeza.* Esses homens não eram parentes de capitães famosos, nem tinham o sangue das grandes Casas das Ilhas de Ferro. Eram filhos de escravos e de esposas de sal.

– Se nos rendermos, poderemos ir embora? – disse o homem de um braço. – É isso que você diz que está escrito aqui? – Cutucou o rolo de pergaminho, o selo de cera ainda intacto.

– Leia você mesmo – ele respondeu, embora tivesse quase certeza de que nenhum deles sabia ler. – Lorde Ramsay trata seus cativos de maneira honrada, enquanto permanecerem fiéis a ele. – *Ele só tirou os dedos dos pés e das mãos e aquela outra coisa, quando podia ter arrancado minha língua ou esfolado minhas pernas do calcanhar até a coxa*. – Rendam suas espadas, e viverão.

– Mentiroso. – Dagon Codd desembainhou sua espada. – Você é aquele que chamam de vira-casaca. Por que deveríamos acreditar em suas promessas?

*Ele está bêbado*, Fedor percebeu. *A cerveja está falando*.

– Acredite no que quiser. Eu trouxe a mensagem de Lorde Ramsay. Agora preciso voltar para ele. Jantaremos javalis e nabos, regados com vinho tinto forte. Aqueles que vierem comigo serão bem-vindos ao banquete. O restante vai morrer em um dia. O Senhor do Forte do Pavor está trazendo cavaleiros estrada acima, enquanto seu filho lidera seus próprios homens para cá, vindos do norte. Nenhuma instalação está garantida. Aqueles que morrerem lutando serão os sortudos. Os que viverem serão entregues aos demônios dos pântanos.

– *Chega!* – rosnou Dagon Codd. – Acha que pode assustar os homens de ferro com *palavras*? Vá embora. Corra para seu mestre antes que eu abra sua barriga, puxe suas tripas para fora e faça você comê-las.

Ele poderia ter dito mais, mas de repente seus olhos se arregalaram. Um machado de arremesso atingiu o centro de sua testa com um sólido impacto. A espada de Codd caiu de seus dedos. Ele estremeceu como um peixe em um anzol e caiu de cara sobre a mesa.

Fora o homem de um braço só que arremessara o machado. E, enquanto se levantava, já tinha outro nas mãos.

– Quem mais quer morrer? – perguntou para os outros bebedores. – Fale, que providencio. – Finas correntes de sangue se espalhavam pela mesa, saindo da poça de sangue onde a cabeça de Dagon Codd caíra. – Pretendo viver, e isso não significa ficar aqui para apodrecer.

Um homem tomou um gole de cerveja. Outro virou seu copo para lavar o sangue que escorria, antes que alcançasse o lugar em que estava sentado. Ninguém falou. Quando o homem de um braço guardou o machado de arremesso no cinto, Fedor sabia que tinha vencido. Quase se sentiu um homem novamente. *Lorde Ramsay ficará satisfeito comigo*.

Arrancou o estandarte da lula gigante com as duas mãos, um pouco desajeitado por causa dos dedos que faltavam, mas graças aos dedos que Lorde Ramsay lhe permitira manter. Foi necessária grande parte da tarde para que os homens de ferro se aprontassem para partir.

Havia mais soldados do que ele imaginara: quarenta e sete na Torre do Portão e outros dezoito na Torre do Bêbado. Dois deles estavam tão próximos da morte que não havia mais esperança, e outros cinco estavam fracos demais para andar. Com isso, ainda restavam cinquenta e oito com força suficiente para lutar. Fracos como estavam, mesmo se fossem três

vezes esse número, Lorde Ramsay teria tomado as ruínas. *Ele fez bem em me mandar*, Fedor disse para si mesmo enquanto montava no pangaré para liderar a esfarrapada coluna através dos campos pantanosos, até o acampamento dos nortenhos.

– Deixem suas armas aqui – disse aos prisioneiros. – Espadas, arcos, adagas. Homens armados serão mortos imediatamente.

Levaram três vezes mais tempo para percorrer a distância que Fedor havia feito sozinho. Macas rústicas foram feitas para quatro dos homens que não conseguiam andar; o quinto foi carregado pelo filho, nas costas. Era uma caminhada lenta, e todos os homens de ferro estavam cientes do quão expostos se encontravam, bem na mira dos arcos dos demônios dos pântanos e suas flechas envenenadas. *Se morrer, morri*. Fedor só rezava para que o arqueiro soubesse o que estava fazendo, e que sua morte fosse rápida e limpa. *A morte de um homem, não o fim que Ralf Kenning sofreu*.

O homem de um braço andava na frente da procissão, mancando muito. Seu nome, disse, era Adrack Humble, e tinha uma esposa de pedra e três esposas de sal que o esperavam na Grande Wyk.

– Três das quatro estavam barrigudas quando saí de lá – se gabou –, e os Humble costumam ter gêmeos. A primeira coisa que preciso fazer quando voltar para casa é contar meus novos filhos. Talvez dê seu nome para um deles, senhor.

*Sim, chame-o de Fedor*, ele pensou, *e, quando ele for mau, você pode cortar os dedos dele e dar para os ratos comerem*. Virou a cabeça e cuspiu, e se perguntou se Ralf Kenning não teria sido o sortudo do grupo.

Uma garoa leve começara a cair do céu cinza-ardósia no momento em que o acampamento de Lorde Ramsay apareceu na frente deles. Uma sentinela os viu passar em silêncio. O ar estava cheio de fumaça das fogueiras afogadas pela chuva. Uma coluna de cavaleiros veio logo atrás, liderada por um fidalgote com uma cabeça de cavalo em seu escudo. *Um dos filhos de Lorde Ryswell*, Fedor soube. *Roger, ou talvez Rickard*. Ele não sabia quem era quem quando estavam separados.

– Estes são todos? – o cavaleiro perguntou, do alto de um garanhão castanho.

– Todos os que não estavam mortos, senhor.

– Achei que seriam mais. Nós os atacamos três vezes, e três vezes eles nos repeliram.

*Somos homens de ferro*, pensou, com um súbito clarão de orgulho, e por meio segundo era um príncipe novamente, o filho de Lorde Balon, o sangue de Pyke. Mas até mesmo pensar era perigoso. Tinha que lembrar seu nome. *Fedor, meu nome é Fedor, que rima com rancor.*

Estavam do lado de fora do acampamento quando os latidos de um bando de cães de caça indicou a aproximação de Lorde Ramsay. O Terror das Rameiras estava com ele, juntamente com meia dúzia de seus favoritos, Peleiro, Alyn Azedo, Damon-Dance-para-Mim e os Walder, o Grande e o Pequeno também. Os cães se juntaram ao redor deles, mordendo e rosnando para os estranhos. *As garotas do Bastardo*, Fedor pensou, antes de se lembrar que nunca, nunca, *nunca* deveria usar essa palavra na presença de Ramsay.

Fedor desceu da sela e se ajoelhou.

– Senhor, Fosso Cailin é seu. Aqui estão os últimos defensores.

– Tão poucos. Eu esperava mais. Estes são os tais inimigos teimosos. – Os olhos claros de Lorde Ramsay brilharam. – Vocês devem estar famintos. Damon, Alyn, cuidem deles. Vinho, cerveja e toda a comida que possam comer. Peleiro, mostre os feridos para nossos meistres.

– Sim, senhor.

Alguns dos homens de ferro murmuraram agradecimentos antes de cambalearem em direção às fogueiras no centro do acampamento. Um dos Codd até tentou beijar o anel de Lorde Ramsay, mas os cães o afastaram antes que se aproximasse, e Alison arrancou um pedaço de sua orelha. Mesmo com o sangue escorrendo pelo pescoço, o homem acenava, inclinava-se e louvava a misericórdia de sua senhoria.

Quando o último deles se foi, Ramsay Bolton voltou seu sorriso para Fedor. Agarrou-o pela nuca, puxou seu rosto para perto, beijou-o na face e sussurrou:

– Meu velho amigo, Fedor. Eles realmente o tomaram pelo príncipe deles? Que malditos tolos, esses homens de ferro. Os deuses estão rindo.

– Tudo o que querem é ir para casa, senhor.

– E o que *você* quer, meu doce Fedor? – Ramsay murmurou, tão suavemente quanto um amante. Seu hálito cheirava a vinho quente e cravo, tão doce. – Serviço tão valoroso merece uma recompensa. Não

posso devolver seus dedos das mãos e dos pés, mas certamente há algo que você deve ter de mim. Devo libertá-lo, em vez disso? Liberá-lo de meu serviço? Quer ir com eles, voltar para suas ermas ilhas no frio mar cinzento e ser um príncipe novamente? Ou prefere ficar como meu leal servidor?

Uma faca fria percorreu sua espinha. *Tenha cuidado*, disse para si mesmo, *tenha muito, muito cuidado*. Não gostava do sorriso de sua senhoria, do jeito que seus olhos brilhavam, da saliva reluzente no canto da boca. Vira esses sinais antes. *Você não é um príncipe. Você é Fedor, somente Fedor, que rima com torpor. Dê a resposta que ele quer.*

– Senhor – disse –, meu lugar é aqui, com você. Sou seu Fedor. Só quero servi-lo. Tudo o que peço... um odre de vinho, isso seria recompensa suficiente para mim... vinho tinto, o mais forte que tiver, todo o vinho que um homem possa beber...

Lorde Ramsay riu.

– Você não é um homem, Fedor. É apenas minha criatura. Mas terá seu vinho. Walder, providencie isso. E não tema, você não voltará para os calabouços, tem minha palavra como um Bolton. Faremos de você um cão, em vez disso. Carne todos os dias, e eu ainda lhe deixarei dentes suficientes para que coma. Você pode dormir entre minhas garotas. Ben, temos uma coleira para ele?

– Farei uma, senhor – disse o velho Ben Ossos.

O velho fez melhor do que isso. Naquela noite, além da coleira, havia um cobertor esfarrapado e meia galinha. Fedor teve que lutar com os cães pela carne, mas era a melhor refeição que tivera desde Winterfell.

E o vinho... o vinho era escuro e azedo, mas *forte*. De cócoras entre os cães de caça, Fedor bebeu até a cabeça girar, vomitou, limpou a boca e bebeu mais um pouco. Depois, deitou-se de costas e fechou os olhos. Quando acordou, um cão lambia o vômito de sua barba e nuvens escuras cobriam a lua em formato de foice. Em algum lugar na noite, homens gritavam. Ele afastou o cachorro, virou-se e voltou a dormir.

Na manhã seguinte, Lorde Ramsay despachou três cavaleiros pela estrada, para avisar ao senhor seu pai que o caminho estava livre. O homem esfolado da Casa Bolton estava hasteado sobre a Torre do Portão, de onde Fedor havia arrancado a lula gigante dourada de Pyke. Ao longo da estrada de placas apodrecidas, estacas de madeira haviam sido

enfiadas profundamente no solo pantanoso; lá cadáveres se decompunham, vermelhos e pingando. *Sessenta e três*, ele sabia, *são sessenta e três deles*. Um não tinha metade de um braço. Outro tinha um pergaminho enfiado entre os dentes, o selo de cera ainda intocado.

Três dias mais tarde, a vanguarda da tropa de Roose Bolton atravessou as ruínas e passou pela fileira de sentinelas macabras; quatrocentos Frey montados, vestidos de azul e cinza, as pontas de suas lanças brilhando todas as vezes que o sol saía de trás das nuvens. Dois dos filhos do velho Lorde Walder lideravam a frente.

Um deles era forte, com uma maciça mandíbula saliente e grossos braços musculosos. O outro tinha olhos famintos, muito próximos, o nariz pontudo, uma barba rala castanha que não chegava a esconder o queixo fraco, e a cabeça careca. *Hosteen* e *Aenys*. Ele se lembrou deles antes de saber seus nomes. Hosteen era um touro, difícil de se irritar, mas implacável depois que sua ira era despertada, e tinha a reputação de ser o mais feroz guerreiro de Lorde Walder. Aenys era mais velho, mais cruel e mais esperto; um comandante, não um espadachim. Ambos eram soldados experientes.

Os nortenhos seguiam atrás da vanguarda, com dificuldade, seus estandartes esfarrapados agitando-se ao vento. Fedor os viu passar. A maioria estava a pé, e havia muito poucos deles. Lembrava-se da grande tropa que marchara para o Sul com o Jovem Lobo, sob o lobo gigante de Winterfell. Vinte mil espadas e lanças haviam partido para a guerra com Robb, ou algo próximo disso, mas apenas dois em cada dez estavam voltando, e a maioria eram homens do Forte do Pavor.

Atrás, onde a força era mais concentrada, cavalgava um homem de armadura cinza-escura, por sobre uma túnica acolchoada de couro vermelho-sangue. Seus medalhões eram forjados no formato de cabeças humanas, com as bocas abertas em um grito de agonia. Dos ombros pendia uma capa de lã rosa, bordada com gotículas de sangue. Longas franjas de seda vermelha jorravam do alto do elmo fechado. *Nenhum cranogmano matará Roose Bolton com uma flecha envenenada*, Fedor pensou assim que o viu. Um carroção fechado gemia atrás dele, puxado por seis fortes cavalos de lida e defendido por arqueiros, na frente e na retaguarda. Cortinas de veludo azul-escuro escondiam os ocupantes do veículo de olhos observadores.

Mais atrás vinha o comboio de bagagem; carroças pesadas carregadas com provisões e pilhagens obtidas na guerra e carretas lotadas de feridos e aleijados. E, na traseira, mais Freys. Pelo menos mil deles, talvez mais: arqueiros, lanceiros, camponeses armados com foices e paus afiados, mercenários, arqueiros montados e mais uma centena de cavaleiros para comandá-los.

Com a coleira, acorrentado e envolto em trapos novamente, Fedor seguia com os outros cães nos calcanhares de Lorde Ramsay quando sua senhoria foi adiante para cumprimentar o pai. Mas, assim que o cavaleiro na armadura escura tirou o elmo, o rosto que surgiu não era o de ninguém que Fedor conhecesse. O sorriso de Ramsay se distorceu à visão, e a raiva assomou seu rosto.

– O que é isso? Alguma zombaria?

– Apenas precaução – murmurou Roose Bolton, enquanto saía de trás das cortinas do carroção fechado.

O Senhor de Forte do Pavor não tinha muita semelhança com seu filho bastardo. O rosto era bem barbeado, de pele lisa, comum, mas não tão simples. Embora Roose tivesse estado em batalhas, não mostrava cicatrizes. E, mesmo que tivesse passado dos quarenta, ainda não tinha rugas, com escassas linhas para mostrar a passagem do tempo. Seus lábios eram tão finos que, quando os pressionava, pareciam desaparecer. Havia algo sem idade nele, uma quietude; no rosto de Roose Bolton, raiva e alegria eram muito parecidas. Tudo o que ele e Ramsay tinham em comum eram os olhos. *Seus olhos são feitos de gelo*. Fedor se perguntava se Roose Bolton alguma vez chorara. *Se chorou, será que as lágrimas correram geladas sobre sua face?*

Certa vez, um rapaz chamado Theon Greyjoy se divertira zombando de Bolton quando ele se sentara no conselho com Robb Stark, ironizando sua voz suave e fazendo graça com suas sanguessugas. *Ele devia estar louco. Este não é um homem com quem se deva brincar.* Bastava olhar para Bolton para perceber que havia mais crueldade em seu dedinho do pé do que em todos os Frey juntos.

– Pai. – Lorde Ramsay se ajoelhou diante de seu senhor.

Lorde Roose o estudou por um momento.

– Pode se levantar. – E se virou para ajudar duas jovens mulheres a sair do carroção.

A primeira era baixa e muito gorda, com um rosto redondo e três queixos balançando sob uma capa de zibelina.

– Minha nova esposa – disse Roose Bolton. – Senhora Walda, este é meu filho natural. Beije a mão de sua madrasta, Ramsay. – Ele beijou. – E estou certo de que se lembra da Senhora Arya. Sua prometida.

A garota era mais magra e mais alta do que Fedor se lembrava, mas isso era de se esperar. *Meninas crescem rápido nessa idade*. O vestido dela era de lã cinza, debruado com cetim branco; sobre ele, usava uma capa de arminho bordada com a cabeça de um lobo em prata. O cabelo castanho-escuro caía até a metade de suas costas. E seus olhos...

*Essa não é a filha de Lorde Eddard.*

Arya tinha os olhos do pai, os olhos cinzentos dos Stark. Uma garota da idade dela podia deixar o cabelo crescer, adicionar uns centímetros à altura, ver os seios aumentarem, mas não podia mudar a cor dos olhos. *Esta é a amiguinha de Sansa, a filha do intendente. Jeyne, esse era seu nome. Jeyne Poole.*

– Lorde Ramsay. – A garota se curvou. Isso estava errado também. A verdadeira Arya teria cuspido na cara dele. – Rezo para ser uma boa esposa e lhe dar filhos fortes que possam segui-lo.

– Você vai – prometeu Ramsay –, e logo.

# Jon

A vela tinha escorrido em uma poça de cera, mas a luz da manhã brilhava pelas venezianas da janela. Jon adormecera sobre o trabalho novamente. Livros cobriam a mesa, altas pilhas deles. Ele mesmo os trouxera, depois de passar metade da noite procurando em celas empoeiradas sob a luz da lanterna. Sam estava certo, os livros precisavam desesperadamente ser classificados, listados e colocados em ordem, mas essa não era tarefa para intendentes que não sabiam ler ou escrever. Seria necessário esperar o retorno de Sam.

*Se ele retornar*. Jon temia por Sam e Meistre Aemon. Cotter Pyke escrevera de Atalaialeste para reportar que o *Corvo da Tempestade* vira destroços de uma galé ao longo da costa de Skagos. Se o navio destroçado era o *Melro*, um dos navios mercenários de Stannis Baratheon ou algum barco mercante de passagem, a tripulação do *Corvo da Tempestade* não era capaz de dizer. *Eu queria mandar Goiva e o bebê para algum lugar seguro. Será que, em vez disso, mandei-os para seus túmulos?*

O jantar da noite anterior, ao lado de seu cotovelo, estava congelado e pouco tocado. Edd Doloroso enchera sua tigela até quase transbordar, para que o infame ensopado de três carnes de Hobb Três Dedos amolecesse o pão velho. A brincadeira entre os irmãos era que as três carnes eram carneiro, carneiro e carneiro, mas cenoura, cebolas e nabo estariam mais perto da verdade. Uma camada de gordura gelada brilhava sobre os restos do ensopado.

Bowen Marsh insistira para que se mudasse para os antigos aposentos do Velho Urso, na Torre do Rei, depois que Stannis os desocupara, mas Jon declinara. Mudar-se para as câmaras do rei poderia facilmente significar que não esperava que o rei retornasse.

Uma estranha apatia tomara conta de Castelo Negro desde que Stannis marchara para o Sul, como se o povo livre e os irmãos negros estivessem segurando a respiração, esperando para ver o que viria em seguida. Os pátios e a sala de jantar estavam mais vazios do que cheios, a Torre do Senhor Comandante era uma casca vazia, o velho salão comum, uma pilha de madeira enegrecida, e a Torre de Hardin parecia prestes a cair sob a próxima rajada de vento. O único sinal de vida que Jon conseguia ouvir era o leve bater de espadas vindo do pátio do lado de fora do arsenal. Emmett de Ferro gritava com Salto de Pisco para manter o escudo erguido. *Todos nós faríamos bem em manter os escudos erguidos.*

Jon lavou-se, vestiu-se e deixou o arsenal, parando no pátio externo o tempo suficiente para dizer algumas palavras de encorajamento para Salto de Pisco e outros comandados de Emmett. Recusou a oferta de Ty de escolta, como sempre. Teria homens suficientes consigo hoje; se resultasse em sangue, dois a mais dificilmente fariam diferença. Mas levava Garralonga, e Fantasma seguia em seus calcanhares.

No momento em que chegou ao estábulo, Edd Doloroso já tinha o palafrém do senhor comandante selado e com freios, aguardando por ele. As carroças estavam sendo carregadas, sob o olhar vigilante de Bowen Marsh. O Senhor Intendente trotava pela coluna, apontando e agitando-se, o rosto vermelho de frio. Quando viu Jon, ficou mais vermelho ainda.

– Senhor comandante. Ainda pretende seguir com essa...

– ... loucura? – completou Jon. – Por favor, me diga que não estava prestes a dizer *loucura*, senhor. Sim, pretendo. Já discutimos isso. Atalaialeste precisa de mais homens. A Torre Sombria precisa de mais homens. Guardagris e Marcagelo também, não tenho dúvidas, e temos catorze outros castelos ainda vazios, muitos quilômetros da Muralha que permanecem sem vigilância e sem defesa.

Marsh apertou os lábios:

– O Senhor Comandante Mormont...

– ... está morto. E não pelas mãos dos selvagens, mas pelas mãos de seus Irmãos Juramentados, aqueles em quem confiava. Nem você nem eu sabemos o que ele teria ou não teria feito no meu lugar. – Jon deu uma volta com seu cavalo. – Chega de conversa. Vamos.

Edd Doloroso ouvira toda a conversa. Conforme Bowen Marsh trotava para fora, fez um aceno com a cabeça em direção às costas do Senhor

Intendente e disse:

– Romãs. Todas aquelas sementes. Um homem pode sufocar até a morte. Eu preferia ter um nabo. Nunca se soube de um nabo que tivesse feito mal a um homem.

Era em momentos como esse que Jon mais sentia falta de Meistre Aemon. Clydas cuidava bem dos corvos, mas não tinha um décimo do conhecimento ou da experiência de Aemon Targaryen, muito menos sua sabedoria. Bowen era um bom homem, do jeito dele, mas o ferimento que sofrera na Ponte das Caveiras endurecera sua postura, e a única canção que cantava agora era o familiar refrão sobre fechar os portões. Othell Yarwyck era tão impassível e sem imaginação quanto taciturno, e os Primeiros Patrulheiros pareciam morrer tão logo eram nomeados. *A Patrulha da Noite perdeu muitos de seus melhores homens*, Jon refletiu, quando as carroças começaram a se mover. *O Velho Urso, Qhorin Meia-Mão, Donal Noye, Jarmen Buckwell, meu tio...*

Uma neve fina começou a cair enquanto as colunas seguiam para o sul pela estrada do rei, uma comprida fileira de carroças passando por campos, córregos e encostas arborizadas, escoltadas por uma dúzia de lanceiros e uma dúzia de arqueiros. Nas últimas poucas viagens para Vila Toupeira tinham surgido alguns problemas, um pouco de empurra-empurra, algumas maldições murmuradas, muitos olhares mal-encarados. Bowen Marsh achava melhor não arriscar e, pela primeira vez, ele e Jon concordavam. Estavam a oitocentos metros do Castelo Negro, quando Edd levou seu garrano para perto de Jon e disse:

– Senhor? Olhe aquilo. O grande bêbado da colina.

O bêbado era um freixo, torcido para o lado por séculos de vento. E agora tinha um rosto. Uma boca solene, um galho quebrado no lugar do nariz, dois olhos esculpidos no tronco, olhando ao norte da estrada do rei, em direção ao castelo e à Muralha.

*Os selvagens trouxeram seus deuses com ele, no final das contas*. Jon não estava surpreso. Os homens não abrem mão de seus deuses com tanta facilidade. Todo o espetáculo que a Senhora Melisandre orquestrara além da Muralha repentinamente parecia tão vazio quanto uma apresentação de pantomimeiros.

– Parece um pouco com você – disse, tentando amenizar o fato.

– Sim, senhor. Não tenho folhas crescendo do nariz, mas o resto... a Senhora Melisandre não ficará feliz.

– Ela não gostaria de ver isso. Assegure-se de que ninguém contará para ela.

– Mas ela vê coisas naquelas chamas.

– Fumaça e cinzas.

– E pessoas queimando. Eu, por exemplo. Com folhas no nariz. Sempre tive medo de ser queimado, mas esperava morrer primeiro.

Jon olhou novamente para o rosto, perguntando-se quem o teria esculpido ali. Colocara guardas ao redor de Vila Toupeira, tanto para manter seus corvos longe das mulheres selvagens, quanto para evitar que o povo livre escapulisse para o Sul para pilhar. Quem quer que tivesse esculpido o freixo claramente havia enganado as sentinelas. E se um homem era capaz de escapar ao cerco, outros também poderiam. *Posso dobrar a guarda*, pensou, amargurado. *Desperdiçar duas vezes mais homens. Homens que estariam andando pela Muralha.*

As carroças continuaram seu lento trajeto para o Sul na lama congelada e na neve que soprava. Um quilômetro e meio adiante, encontraram um segundo rosto, esculpido em um castanheiro que crescia ao lado de um córrego gelado, e seus olhos olhavam para a velha ponte que passava por cima do fluxo de água.

– Duas vezes mais problemas – anunciou Edd Doloroso.

O castanheiro estava sem folhas e esquelético, mas os galhos nus não estavam vazios. Em um ramo baixo suspenso sobre o córrego, um corvo sentava-se encurvado, as penas eriçadas pelo frio. Quando viu Jon, abriu as asas e deu um grito. Quando Jon levantou o punho e assobiou, a grande ave negra veio voando e gritando, *Grão, grão, grão*.

– Grão para o povo livre – Jon disse a ele. – Não para você. – Perguntava-se se acabariam comendo os corvos antes que o inverno terminasse seu curso.

Os irmãos nas carroças também haviam visto esse rosto, Jon não tinha dúvidas. Ninguém falou nada, mas a mensagem era claramente lida pelos olhos de qualquer homem. Jon certa vez ouvira Mance Rayder dizer que a maioria dos ajoelhadores são ovelhas.

– Agora, um cão pode pastorear um rebanho de ovelhas – dissera o Rei-para-lá-da-Muralha –, mas o povo livre, bem, alguns são linces

negros e alguns são rochas. O primeiro tipo vai vagar por onde quiser e vai fazer seus cães em pedaços. O outro não se moverá a menos que você o chute. – Nem linces nem pedras estavam dispostos a abandonar os deuses que veneraram por toda a vida para se curvar diante de outro que mal conheciam.

Um pouco ao norte de Vila Toupeira, chegaram a um terceiro observador, esculpido em um imenso carvalho que marcava o perímetro da vila, seus olhos profundos fixos na estrada do rei. *Esse não é um rosto amigável*, Jon Snow refletiu. Os rostos que os Primeiros Homens e os filhos da floresta haviam esculpido nos represeiros em geral tinham aspectos sisudos ou selvagens, mas o grande carvalho parecia especialmente zangado, como se estivesse prestes a arrancar as raízes do chão e sair rugindo atrás deles. *Suas feridas são tão recentes quanto as feridas do homem que o esculpiu*.

Vila Toupeira sempre fora maior do que parecia; a maior parte era subterrânea, protegida do frio e da neve. Isso agora era mais verdade do que nunca. O Magnar de Thenn queimara a vila vazia em seu caminho para atacar o Castelo Negro, e apenas montes de vigas enegrecidas e velhas pedras queimadas permaneciam sobre o solo... mas, embaixo do chão congelado, as caves, os túneis e as celas profundas ainda permaneciam, e fora aí que o povo livre se refugiara, amontoados no escuro como as toupeiras que davam nome à vila.

As carroças fizeram um semicírculo em frente ao que uma vez fora a oficina do ferreiro da vila. Ali perto, um bando de crianças com os rostos vermelhos construía um forte de neve, mas se espalhou ao ver os irmãos de capa negra, desaparecendo em um buraco ou em outro. Alguns momentos depois, os adultos começaram a emergir da terra. Um odor desagradável veio com eles, o cheiro de corpos sem lavar e de roupas sujas, de excrementos e urina. Jon viu um de seus homens franzir o nariz e dizer algo para o que estava ao seu lado. *Alguma piada sobre o cheiro da liberdade*, adivinhou. Muitos de seus irmãos faziam piadas sobre o fedor dos selvagens em Vila Toupeira.

*Santa ignorância*, pensou Jon. O povo livre não era diferente dos homens da Patrulha da Noite; alguns eram limpos, outros sujos, mas a maioria era limpa em alguns momentos e suja em outros. Esse fedor era

somente o cheiro de milhares de pessoas que lotavam adegas e túneis que haviam sido feitos para comportar não mais do que uma centena.

Os selvagens já haviam feito esta dança. Sem palavras, colocaram-se em filas atrás das carroças. Havia três mulheres para cada homem, muitas delas com crianças, pálidas coisas magras se agarrando às suas saias. Jon viu poucos bebês de colo. *Os bebês de colo morreram durante a marcha*, percebeu, *e aqueles que sobreviveram à batalha morreram nas paliçadas do rei.*

Os guerreiros se saíram melhor. Trezentos homens em idade de luta, Justin Massey afirmara no conselho. Lorde Harwood Fell os contara. *Deve haver esposas de lança também. Cinquenta, sessenta, talvez cem*. A contagem de Fell incluíra homens que sofreram ferimentos, Jon sabia. Ele vira alguns desses: homens em muletas rústicas, homens com mangas vazias ou sem mãos, homens com um olho ou com metade do rosto, um homem sem pernas carregado por dois amigos. Todos magros e pálidos. *Homens quebrados*, pensou. *As criaturas não são o único tipo de mortos-vivos.*

Nem todos os guerreiros estavam quebrados, no entanto. Meia dúzia de thenns em armaduras de escamas de bronze formava um grupo perto de uma das escadas das caves, observando sombriamente e sem fazer qualquer tentativa de se juntar aos demais. Nas ruínas da velha oficina do ferreiro da cidade, Jon vira a grande careca de um homem que reconheceu como Halleck, irmão de Harma Cabeça de Cão. Os porcos de Harma haviam sumido. *Comidos, sem dúvida*. Aqueles dois vestidos de peles eram homens cornopés, tão selvagens quanto magros, descalços mesmo na neve. *Ainda há lobos entre as ovelhas.*

Val o lembrara disso, na última visita que ele lhe fizera.

– Povo livre e ajoelhadores têm mais semelhanças do que diferenças, Jon Snow. Homens são homens e mulheres são mulheres, não importa de que lado da Muralha tenham nascido. Homens bons e maus, heróis e vilões, homens honrados, mentirosos, covardes, brutos... temos vários, assim como vocês.

*Ela não estava errada*. O truque era saber qual era qual, separando ovelhas de cabras.

Os irmãos negros começaram a distribuir a comida. Haviam trazido pedaços de carne salgada dura, bacalhau seco, feijão seco, nabo, cenoura,

sacos de farinha de cevada e de trigo, ovos em conserva, barris de cebola e maçãs.

– Você pode levar uma cebola ou uma maçã – Jon ouviu Hal Peludo dizer a uma mulher –, mas não ambos. Tem que escolher.

A mulher parecia não ter entendido.

– Preciso de dois de cada. Um de cada para mim, e os outros para meu menino. Ele está doente, mas uma maçã vai deixar ele bom.

Hal abanou a cabeça.

– Ele tem que vir pegar a própria maçã. Ou a cebola. Não ambos. O mesmo para você. Agora, vai ser uma maçã ou uma cebola? Decida logo, tem mais gente esperando.

– Uma maçã – ela disse, e ele lhe deu uma, uma coisa velha e seca, pequena e enrugada.

– Vamos em frente, mulher – gritou um homem três lugares atrás. – Está frio aqui fora.

A mulher não prestou atenção ao grito.

– Outra maçã – disse para Hal Peludo. – Para meu filho. Por favor. Ele é tão pequeno.

Hal olhou para Jon. Jon sacudiu a cabeça. Logo as maçãs acabariam. Se começassem a dar duas para todos os que quisessem duas, os retardatários ficariam sem nada.

– Sai da frente – disse a garota que estava atrás da mulher. E então a empurrou pelas costas. A mulher tropeçou, derrubou a maçã e caiu. Os outros alimentos em seus braços voaram. Os feijões se espalharam, um nabo rolou para dentro de uma poça de lama, um saco de farinha se abriu e derramou o precioso conteúdo na neve.

Vozes zangadas se elevaram, na Língua Antiga e na Comum. Mais empurrões começaram em outra carroça.

– Não é o suficiente – um velho rosnou. – Vocês, corvos malditos, estão nos matando de fome.

A mulher que fora derrubada se arrastava de joelhos atrás de sua comida. Jon viu o clarão de aço nu a poucos metros de distância. Seus próprios arqueiros colocavam flechas nos arcos.

Virou-se em sua sela.

– Rory. Cale-os.

Rory levou o grande berrante aos lábios e soprou.

*AAAAhoooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo*!

O tumulto e os empurrões pararam. Cabeças se viraram. Uma criança começou a chorar. O corvo de Mormont passou do ombro esquerdo de Jon para o direito, balançando a cabeça e resmungando *Snow, snow, snow.*

Jon esperou até que os últimos ecos desaparecessem e moveu seu palafrém para a frente, para onde todos pudessem vê-lo.

– Estamos alimentando vocês da melhor maneira possível, tanto quanto temos disponível. Maçãs, cebolas, nabos, cenouras... há um longo inverno diante de todos nós, e nossos estoques não são inesgotáveis.

– Seus corvos comem o suficiente. – Halleck se adiantou.

*Por enquanto.*

– Nós guardamos a Muralha. A Muralha protege o reino... e vocês, agora. Vocês conhecem o inimigo que enfrentamos. Sabemos o que vem por aí. Alguns de vocês já os enfrentaram. Criaturas e caminhantes brancos, coisas mortas com olhos azuis e mãos negras. Eu os vi também, lutei com eles e mandei alguns para o inferno. Eles matam, e então mandam seus mortos contra vocês. Os gigantes não foram capazes de resistir a eles, nem vocês, thenns, clãs do rio gelado, cornopés, povo livre... e conforme os dias ficam mais curtos e as noites mais frias, eles ficam mais fortes. Vocês deixaram suas casas e vieram para o sul às centenas e aos milhares... por que, se não para escapar deles? Para ficar seguros. Bem, é a Muralha que os mantém a salvo. Somos nós quem os mantemos seguros, os corvos negros que vocês desprezam.

– Seguros e famintos – disse uma mulher atarracada, com o rosto queimado pelo vento, com a aparência de uma esposa de lança.

– Querem mais comida? – Jon perguntou. – A comida é para os lutadores. Ajudem-nos a guardar a Muralha e comerão tão bem quanto qualquer corvo. – *Ou tão mal quanto, quando a comida ficar escassa*.

Um silêncio caiu sobre eles. Os selvagens trocavam olhares desconfiados. *Comer*, resmungou o corvo. *Grão, grão.*

– Matar por você? – a voz tinha um sotaque acentuado. Sigorn, o jovem Magnar de Thenn, falava uma Língua Comum hesitante, na melhor das hipóteses. – Não lutar por você. Matar você melhor. Matar todos vocês.

O corvo bateu as asas. *Matar, matar*.

O pai de Sigorn, o velho Magnar, havia sido esmagado por uma escada que caíra durante o ataque ao Castelo Negro. *Eu sentiria o mesmo se alguém me pedisse para me unir aos Lannister*, Jon disse para si mesmo.

– Seu pai tentou nos matar – ele lembrou Sigorn. – O Magnar era um homem corajoso e mesmo assim falhou. E se tivesse tido êxito... quem guardaria a Muralha? – Afastou-se dos thenns. – As muralhas de Winterfell eram fortes também, mas Winterfell está em ruínas agora, queimada e destruída. Uma muralha é tão boa quanto os homens que a defendem.

Um velho com um nabo embalado contra o peito disse:

– Vocês nos mataram, nos deixam famintos e agora querem fazer de nós escravos.

Um homem com um robusto rosto vermelho gritou, concordando.

– Prefiro andar pelado a usar um desses trapos pretos nas costas.

Uma das esposas de lança riu.

– Nem sua esposa quer ver *você* pelado, Bitucas.

Uma dezena de vozes começou a falar ao mesmo tempo. Os thenns gritavam na Língua Antiga. Um menininho começou a chorar. Jon Snow esperou até que todos se calassem, virou-se para Hal Peludo e disse:

– Hal, o que você disse para esta mulher?

Hal pareceu confuso.

– Sobre a comida, quer dizer? Uma maçã ou uma cebola? Foi tudo o que disse. Eles têm que escolher.

– *Vocês têm que escolher* – Jon Snow repetiu. – Todos vocês. Ninguém está pedindo que façam nossos votos, e não me importo quais deuses vocês veneram. Meus próprios deuses são os deuses antigos, os deuses do Norte, mas vocês podem se converter ao deus vermelho, ou aos Sete, ou a qualquer outro deus que escute as preces de vocês. São de lanças que precisamos. De arcos. De olhos ao longo da Muralha. Aceitarei qualquer menino com mais de doze anos que saiba segurar uma lança ou usar um arco. Aceitarei seus velhos, seus feridos e seus aleijados, mesmo aqueles que não podem mais lutar. Há outras tarefas que podem fazer. Preparar flechas, ordenhar cabras, recolher lenha, retirar o esterco dos estábulos... o trabalho não tem fim. E sim, aceitarei suas mulheres também. Não preciso de donzelas tímidas esperando para ser protegidas, mas aceitarei todas as esposas de lança que vierem.

– E meninas? – uma garota perguntou. Parecia tão jovem quanto Arya, na última vez que Jon a vira.

– Dezesseis ou mais velhas.

– Você está aceitando meninos de doze.

Nos Sete Reinos, meninos de doze anos frequentemente eram pajens ou escudeiros; muitos haviam sido treinados nas armas havia anos. Garotas de doze eram crianças. *Mas essas são selvagens*.

– Como quiser. Meninos e meninas a partir dos doze anos. Mas apenas aqueles que saibam obedecer ordens. Isso vale para todos vocês. Nunca pedirei que se ajoelhem para mim, mas terei capitães acima de vocês, e oficiais que dirão quando devem se levantar e quando podem dormir, onde comer, quando beber, o que vestir, quando embainhar suas espadas e abaixar seus arcos. Os homens da Patrulha da Noite servem por toda a vida. Não pedirei isso a vocês, mas, enquanto estiverem na Muralha, estarão sob meu comando. Desobedeçam uma ordem, e cortarei a cabeça de vocês. Perguntem aos meus irmãos se não faço isso. Eles já me viram fazendo.

*Cortar*, gritou o corvo do Velho Urso. *Cortar, cortar, cortar.*

– A escolha é de vocês – Jon Snow lhes disse. – Aqueles que quiserem nos ajudar a guardar a Muralha, retornem para Castelo Negro comigo e lhes darei armas e comida. Os demais peguem seus nabos e suas cebolas e rastejem para dentro de seus buracos.

A garota foi a primeira a se apresentar.

– Posso lutar. Minha mãe era uma esposa de lança.

Jon concordou. *Ela não deve ter nem doze*, pensou, enquanto a menina se contorcia entre um par de velhos, mas não recusaria sua única recruta.

Dois rapazes a seguiram, meninos com não mais de catorze. Depois, um homem marcado por cicatrizes e sem um olho.

– Eu os vi também, os mortos. Até os corvos são melhores que aquilo.

Uma esposa de lança alta, um velho de muletas, um garoto de rosto redondo que tinha um braço atrofiado, um homem jovem cujo cabelo vermelho fez que Jon se lembrasse de Ygritte.

E então, Halleck.

– Não gosto de você, corvo – rosnou –, mas nunca gostei de Mance também, não mais do que minha irmã gostava. E, mesmo assim, lutamos por ele. Por que não lutar por você?

E então a barreira se rompeu. Halleck era um homem a ser seguido. *Mance não estava errado*.

– O povo livre não segue nomes, ou pequenos animais costurados em uma túnica – o Rei-para-lá-da-Muralha dissera para ele. – Não dançam por moedas, não se importam com como você se veste, com que tal corrente significa ou com quem era seu avô. Eles seguem a força. Seguem o homem.

Os primos de Halleck o seguiram, depois um dos porta-estandartes de Harma, e então homens que haviam lutado com ela, e outros que escutaram histórias das proezas deles. Anciãos e rapazes inexperientes, homens de combate no auge, homens feridos e aleijados, um bom grupo de esposas de lança e até mesmo os três cornopés.

*Mas nenhum thenn*. O Magnar se virou e desapareceu dentro dos túneis, e foi seguido de perto por seus asseclas vestidos de bronze.

Quando a última maçã foi distribuída, as carroças estavam lotadas de selvagens, e eles tinham uma força com sessenta e três a mais do que quando a coluna deixara o Castelo Negro naquela manhã.

– O que faremos com eles? – Bowen Marsh perguntou para Jon no percurso de volta pela estrada do rei.

– Treiná-los, armá-los e separá-los. Mandá-los aonde forem necessários. Atalaialeste, Torre Sombria, Marcagelo, Guardagris. Pretendo abrir três outros fortes, além desses.

O Senhor Intendente olhou para trás.

– Mulheres também? Nossos irmãos não estão acostumados a ter mulheres entre eles, senhor. Os votos deles... haverá lutas, estupros...

– Essas mulheres têm facas e sabem como usá-las.

– E na primeira vez que uma dessas esposas de lança cortar o pescoço de um de nossos irmãos, o que faremos?

– Perderemos um homem – disse Jon –, mas acabamos de ganhar sessenta e três. Você é bom em contas, senhor. Corrija-me se estiver errado, mas meus cálculos ainda nos deixam uma margem de sessenta e dois.

Marsh não estava convencido.

– Você adicionou sessenta e três bocas, senhor... Mas quantos são guerreiros, e de que lado lutarão? Se os Outros estiverem nos portões, a maioria ficará conosco, posso garantir... Mas e se Tormund Terror dos

Gigantes ou o Chorão vierem chamando com dez mil uivos assassinos, então como vai ser?

– Aí veremos. Vamos esperar que isso nunca aconteça.

# Tyrion

Ele sonhou com o senhor seu pai e com o Senhor da Mortalha. Sonhou que os dois eram a mesma pessoa e, quando seu pai envolveu os braços de pedra ao redor dele e se inclinou para lhe dar um beijo cinza, acordou com a boca seca e com gosto de sangue, e o coração martelando no peito.

– Nosso anão morto está voltando – disse Haldon.

Tyrion balançou a cabeça, para limpar as teias do sonho. *Os Sofrimentos. Eu estava perdido nos Sofrimentos.*

– Não estou morto.

– Isso pode ser visto. – O Meiomeistre estava sobre ele. – Pato, seja uma ave gentil e ferva um pouco de caldo para nosso amiguinho aqui. Ele deve estar faminto.

Estava no *Donzela Tímida*, Tyrion percebeu, embaixo de um cobertor áspero que cheirava a vinagre. Os Sofrimentos haviam ficado para trás. *Foi só um sonho que tive que estava me afogando.*

– Por que estou fedendo a vinagre?

– Lemore tem lavado você com vinagre. Alguns dizem que ajuda a prevenir escamagris. Estou inclinado a duvidar disso, mas não há mal algum em tentar. Foi Lemore quem expulsou a água de seus pulmões depois que Griff o puxou para fora. Você estava frio como gelo e seus lábios estavam azuis. Yandry disse que deveríamos jogá-lo de volta, mas o rapaz proibiu.

*O príncipe*. A lembrança voltou com tudo; o homem de pedra agarrando-o com as mãos cinza rachadas, o sangue escorrendo da junta dos dedos. *Era pesado como uma pedra, me puxando para baixo*.

– Griff me trouxe de volta? – *Ele deve me odiar, senão teria me deixado morrer*. – Quanto tempo estive dormindo? Onde estamos?

– Selhorys. – Haldon tirou uma faquinha da manga. – Aqui – disse, jogando-a sorrateiramente na direção de Tyrion.

O anão se encolheu. A faca caiu entre seus pés e ficou tremendo no convés. Ele a pegou de volta.

– O que é isto?

– Tire suas botas. Fure cada dedo do pé e da mão.

– Isso parece... doloroso.

– Espero que sim. Faça.

Tyrion arrancou uma bota, depois a outra, tirou as meias e olhou de soslaio para os dedos do pé. Não pareciam piores ou melhores do que o usual. Cutucou lentamente seu dedão com a faca.

– Mais forte – ordenou Meiomeistre Haldon.

– Quer que eu sangre?

– Se for necessário.

– Vou ficar com uma cicatriz em cada dedo do pé.

– O propósito do exercício não é contar seus dedos. Quero ver você estremecer. Enquanto as picadas causarem dor, você estará seguro. Só quando não for capaz de sentir a lâmina é que terá motivos de temor.

*Escamagris*. Tyrion estremeceu. Cutucou outro dedo, xingando enquanto uma gota de sangue brotava ao redor da ponta da faca.

– Isso dói. Está feliz?

– Dançando de alegria.

– Seu pé cheira pior que o meu, Yollo. – Pato trouxe uma caneca de caldo. – Griff avisou para não encostar nos homens de pedra.

– Sim, mas ele esqueceu de avisar o homem de pedra para não encostar em mim.

– Enquanto você se fura, procure manchas cinza de pele morta, unhas que começam a ficar negras – disse Haldon. – Se notar um desses sinais, não hesite. É melhor perder um dedo do que um pé. Melhor perder um braço do que passar o resto dos seus dias gemendo na Ponte dos Sonhos. Agora o outro pé, se for do seu agrado. E, depois, os dedos das mãos.

O anão cruzou as pernas atrofiadas e começou a furar os dedos do outro pé.

– Devo furar meu pau também?

– Não faria mal.

– Não faria mal para *você*, quer dizer. Embora eu devesse fatiá-lo por todo o uso que faço dele.

– Sinta-se à vontade. Podemos curti-lo, recheá-lo e vendê-lo por uma fortuna. Um pau de anão tem poderes mágicos.

– Tenho dito isso para todas as mulheres, há anos. – Tyrion levou a ponta da adaga para o polegar, viu o sangue gotejar e chupou o dedo. – Quanto tempo preciso continuar a me torturar? Quando terei certeza de estar limpo?

– Honestamente? – disse o Meiomeistre. – Nunca. Você engoliu metade do rio. Pode estar ficando cinza agora mesmo, transformando-se em pedra internamente, começando com seu coração e pulmões. Se for assim, furar seus dedos e banhá-lo com vinagre não o salvarão. Quando terminar, tome um pouco de caldo.

O caldo estava bom, embora Tyrion notasse que o Meiomeistre mantinha a mesa entre eles enquanto comia. O *Donzela Tímida* estava atracado em um píer na margem leste do Roine. Dois píeres mais abaixo, uma galé fluvial volantina descarregava soldados. Lojas, barracas e armazéns empilhavam-se sob uma muralha de arenito. As torres e as cúpulas da cidade eram visíveis além da muralha, avermelhadas pela luz do sol poente.

*Não, não é uma cidade*. Selhorys ainda era considerada uma simples vila, e era governada pela Antiga Volantis. Isso não era Westeros.

Lemore surgiu no convés com o príncipe atrás dela. Quando viu Tyrion, correu por todo o convés para abraçá-lo.

– A Mãe é misericordiosa. Rezamos por você, Hugor.

*Você rezou, pelo menos*.

– Não vou usar isso contra você.

A saudação do Jovem Griff foi menos efusiva. O jovem príncipe estava de mau humor, zangado por ter sido obrigado a permanecer no *Donzela Tímida*, em vez de ir para terra firme com Yandry e Ysilla.

– Só queremos mantê-lo a salvo – Lemore disse para ele. – Estes são tempos incertos.

Meiomeistre Haldon explicou:

– No caminho dos Sofrimentos para Selhorys, por três vezes vislumbramos homens a cavalo indo para o sul pela costa ocidental do rio. Dothrakis. Uma vez estiveram tão perto que pudemos ouvir os sinos tilintando em suas tranças, e em algumas noites as fogueiras deles podiam ser vistas além das colinas ocidentais. Passamos por navios de

guerra também, galés fluviais volantinas, abarrotadas de soldados escravos. A tríade claramente teme um ataque a Selhorys.

Tyrion entendeu a situação rapidamente. Sozinha entre as principais vilas dos rios, Selhorys erguia-se na costa ocidental do Roine, o que a tornava muito mais vulnerável aos senhores dos cavalos do que as cidades-irmãs do outro lado do rio. *Mesmo assim, é um prêmio pequeno. Se eu fosse um khal, simularia um ataque contra Selhorys, deixaria que os volantinos corressem para defendê-la, viraria para o sul e cavalgaria forte até a própria Volantis*.

– Sei usar uma espada – o Jovem Griff insistia.

– Até mesmo o mais corajoso dos seus antepassados manteve a Guarda Real por perto em épocas de perigo – Lemore trocara a túnica de septã por trajes mais condizentes com os da esposa ou filha de um mercador próspero. Tyrion a observou mais de perto. Havia farejado a verdade sob os cabelos tingidos de azul de Griff e do Jovem Griff facilmente, e Yandry e Ysilla pareciam ser mais do que afirmavam ser, enquanto Pato era um pouco menos. Já Lemore... *Quem é ela, na verdade? Por que está aqui? Não é por ouro, posso dizer. O que o príncipe é para ela? É uma septã verdadeira?*

Haldon também percebeu a mudança do visual.

– O que fizemos para essa súbita perda de fé? Prefiro você em sua túnica de septã, Lemore.

– Prefiro ela nua – disse Tyrion.

Lemore lhe deu um olhar de reprovação.

– Isso porque você tem uma alma perversa. A túnica de septã grita por Westeros, e não devemos chamar atenção sobre nós – ela se virou para o Príncipe Aegon. – Você não é o único que precisa se esconder.

O rapaz não parecia apaziguado. *O príncipe perfeito, mas ainda quase um menino diante de tudo isso, com quase nenhuma experiência do mundo e de seus infortúnios.*

– Príncipe Aegon – disse Tyrion –, já que estamos presos neste barco, talvez me desse a honra de uma partida de *cyvasse* para passar o tempo?

O príncipe lhe deu um olhar cauteloso.

– Estou cansado de *cyvasse*.

– Cansado de perder para um anão, quer dizer?

Aquilo cutucou o orgulho do rapaz, como Tyrion sabia que faria.

– Pegue o tabuleiro e as peças. Desta vez pretendo esmagar você.

Jogaram no convés, sentados de pernas cruzadas atrás da cabine. O Jovem Griff dispôs seu exército para o ataque, com dragão, elefantes e cavalaria pesada na frente. *A formação de um homem jovem, tão ousada quanto tola. Ele arrisca tudo por uma morte rápida*. Deixou o príncipe fazer o primeiro movimento. Haldon ficou atrás deles, observando a partida.

Quando o príncipe avançou com o dragão, Tyrion mostrou a garganta.

– Eu não faria isso se fosse você. É um erro entregar seu dragão tão cedo. – Sorriu inocentemente. – Seu pai conheceu os perigos de ser ousado demais.

– Você conheceu meu pai verdadeiro?

– Bem, eu o vi duas ou três vezes, mas eu tinha apenas onze quando Robert o matou, e meu próprio pai me escondia sob uma rocha. Não, não posso dizer que conheci o Príncipe Rhaegar. Não como seu falso pai conheceu. Lorde Connington era o amigo mais querido do príncipe, não era?

O Jovem Griff afastou uma mecha de cabelos azuis dos olhos.

– Eles foram escudeiros juntos em Porto Real.

– Um amigo verdadeiro, nosso Lorde Connington. Deve ser, para permanecer tão ferozmente leal ao neto do rei que tomou suas terras, seus títulos e o mandou para o exílio. Uma pena isso. De outro modo, o amigo do Príncipe Rhaegar poderia estar por perto quando meu pai saqueou Porto Real, para salvar o precioso filho do Príncipe de ter seu cérebro real escorrendo pela parede.

O rapaz corou.

– Não era eu. Eu disse para você. Aquele era o filho de algum curtidor da Curva do Mijaguado cuja mãe morreu no parto. O pai dele o vendeu para Lorde Varys por um jarro do vinho dourado da Árvore. Ele tinha outros filhos, mas nunca provara o dourado da Árvore. Varys deu o menino de Mijaguado para minha mãe e me levou embora.

– Sim – Tyrion moveu seus elefantes. – E quando o príncipe mijaguado estava seguramente morto, o eunuco contrabandeou você através do mar estreito até seu gordo amigo, o queijeiro, que o colocou em um barco de pesca e encontrou um lorde exilado disposto a se autodenominar seu pai. Essa é uma história magnífica, e os cantores falarão muito de sua fuga

depois que você retomar o Trono de Ferro... assumindo que nossa justa Daenerys o aceite como consorte.

– Ela vai. Ela deve.

– *Deve*? – Tyrion estalou os lábios em reprovação. – Esta não é uma palavra que rainhas gostam de ouvir. Você é o príncipe perfeito para ela, concordo; brilhante, ousado e belo como qualquer donzela poderia desejar. Mas Daenerys Targaryen não é uma donzela. Ela é viúva de um *khal* dothraki, mãe de dragões e saqueadora de cidades, Aegon, o Conquistador, de tetas. Ela pode não estar tão disposta quanto você deseja.

– Ela estará disposta. – O Príncipe Aegon parecia chocado. Estava claro que nunca considerara a possibilidade daquela esposa prometida recusá-lo. – Você não a conhece. – Ele pegou o cavalo e o derrubou com um baque.

O anão encolheu os ombros.

– Sei que ela passou a infância no exílio, empobrecida, vivendo de sonhos e planos, fugindo de uma cidade para outra, sempre com medo, nunca segura, sem outro amigo além de um irmão que, pelo que se sabe, era meio louco... Um irmão que vendeu a virgindade dela para os dothrakis pela promessa de um exército. Sei que em algum lugar do caminho os dragões dela nasceram, assim como ela própria. Sei que é orgulhosa. Como não? O que mais restou para ela, além de orgulho? Sei que é forte. Como não? Os dothrakis desprezam a fraqueza. Se Daenerys tivesse sido fraca, teria perecido com Viserys. Sei que é feroz. Astapor, Yunkai e Meereen são provas suficientes disso. Ela cruzou as pradarias e o deserto vermelho, sobreviveu a assassinos e a conspiradores, derrotou feiticeiros, chorou por um irmão, um marido e um filho, reduziu as cidades dos escravos a pó sob seus delicados pés calçados em sandálias. Agora, como acha que esta rainha reagirá quando você chegar com uma tigela de pedinte na mão e disse, *Bom-dia, tia. Sou seu sobrinho Aegon e retornei da morte. Estive escondido em um barco de pesca durante toda a minha vida, mas agora tirei a tinta azul do cabelo e gostaria de um dragão, por favor... ah, e eu mencionei que minha pretensão ao Trono de Ferro é mais forte que a sua?*

A boca de Aegon se contorceu em fúria.

– Não irei até minha tia como pedinte. Irei até ela como um parente, com um exército.

– Um pequeno exército. – *Aí, isso o deixa bem irritado*. O anão não pôde deixar de pensar em Joffrey. *Tenho um presente para príncipes irritados*. – A Rainha Daenerys já tem um exército grande, e não graças a você. – Tyrion moveu seus besteiros.

– Diga o que quiser. Ela será minha noiva, Lorde Connington providenciará isso. Acredito nele como se fosse de meu próprio sangue.

– Talvez você devesse ser o bobo no meu lugar. *Não acredite em ninguém*, meu príncipe. Nem no seu meistre sem correntes, nem em seu falso pai, nem no galante Pato, nem na adorável Lemore, nem nesses outros amigos que o viram crescer. E, acima de tudo, não acredite no queijeiro, nem na Aranha, nem nessa pequena rainha dragão com quem quer casar. Toda essa desconfiança vai azedar seu estômago e deixá-lo acordado durante a noite, é verdade, mas é melhor do que o longo sono que não tem fim. – O anão empurrou seu dragão negro através de uma cadeia de montanhas. – Mas o que eu sei? Seu falso pai é um grande senhor, e eu sou apenas um pequeno homem-macaco torto. Mesmo assim, eu faria as coisas de um jeito diferente.

Aquilo atraiu a atenção do garoto.

– Diferente como?

– Se eu fosse você? Iria para oeste em vez de leste. Chegaria em Dorne e levantaria meus estandartes. Os Sete Reinos nunca estiveram mais propensos a ser conquistados do que agora. Um rei garoto ocupa o Trono de Ferro. O Norte está o caos, o Tridente é uma devastação, rebeldes mantêm Ponta Tempestade e Pedra do Dragão. Quando o inverno chegar, o reino estará faminto. E quem restará para lidar com tudo isso, quem governa o pequeno rei que governa os Sete Reinos? Minha querida irmã. Não há mais ninguém. Meu irmão Jaime foi feito para batalhas, não para o poder. Ele fugiu de toda chance que teve de governar. Meu tio Kevan teria sido um regente razoavelmente bom, se alguém lhe impusesse o dever, mas ele nunca irá atrás disso. Os deuses o moldaram para ser um seguidor, não um líder. – *Bem, os deuses e o senhor meu pai*. – Mace Tyrell agarraria o cetro de bom grado, mas minha família não vai se afastar e dá-lo para ele. E todo mundo odeia Stannis. Quem sobra? Apenas Cersei. Westeros está dilacerado e sangrando, e não duvido que

até agora minha doce irmã esteja colocando ataduras nas feridas... com sal. Cersei é tão gentil quanto o Rei Maegor, tão abnegada quanto Aegon, o Indigno, e tão sábia quanto o Louco Aerys. Ela nunca esquece uma desfeita, real ou imaginada. Confunde cuidado com covardia, divergência com desafio. E é gananciosa. Gananciosa por poder, por honrarias e por amor. O governo de Tommen é reforçado por todas as alianças que o senhor meu pai construiu tão cuidadosamente, mas logo ela as destruirá, cada uma delas. Desembarque lá e levante seus estandartes, e os homens se juntarão à sua causa. Grandes senhores e pequenos, e o povo simples também. Mas não espere muito, meu príncipe. O momento não durará. A maré que sobe agora logo retrocederá. Assegure-se de chegar a Westeros antes que minha irmã caia e alguém mais competente tome o lugar dela.

– Mas – disse o Príncipe Aegon –, sem Daenerys e seus dragões, como posso esperar vencer?

– Você não *precisa* vencer – Tyrion falou para ele. – Tudo o que precisa é levantar seus estandartes, reunir seus apoiadores e esperar até que Daenerys chegue para unir as forças dela às suas.

– Você disse que ela pode não me querer.

– Talvez eu tenha exagerado. Ela pode ter pena de você quando você chegar pedindo a mão dela. – O anão encolheu os ombros. – Você quer apostar seu trono nos caprichos de uma mulher? Já se for para Westeros... ah, então você será um rebelde, não um pedinte. Ousado, temerário, um verdadeiro herdeiro da Casa Targaryen, refazendo os passos de Aegon, o Conquistador. Um *dragão*. Eu disse para você, conheço nossa pequena rainha. Deixe-a escutar que o filho morto de seu irmão Rhaegar ainda está vivo e que esse corajoso rapaz ergueu o estandarte do dragão dos antepassados dela em Westeros mais uma vez, que está lutando uma guerra desesperada para vingar seu pai e reclamar o Trono de Ferro para a Casa Targaryen, duramente pressionado por todos os lados... e ela correrá para seu lado tão rápido quanto o vento e a água puderem levá-la. Você é o último da linhagem dela, e essa Mãe de Dragões, essa Rompedora de Correntes é, acima de tudo, uma salvadora. A garota que afogou as cidades dos traficantes de escravos em sangue em vez de deixar estranhos em suas correntes dificilmente abandonaria o filho de seu próprio irmão na hora do perigo. E quando ela chegar a Westeros e estiver com você pela primeira vez, vocês se encontrarão como iguais,

homem e mulher, não rainha e suplicante. Como ela poderá ajudá-lo sem amá-lo, eu lhe pergunto?

Sorrindo, pegou seu dragão e voou com ele através do tabuleiro.

– Espero que Vossa Graça me perdoe. Seu rei está preso. Morte em quatro.

O príncipe encarou o tabuleiro.

– Meu dragão...

– ... está longe demais para salvá-lo. Você deveria tê-lo movido para o centro da batalha.

– Mas você disse...

– Eu menti. *Não acredite em ninguém*. E mantenha seu dragão por perto.

O Jovem Griff sacudiu os pés e chutou o tabuleiro. Peças de *cyvasse* voaram em todas as direções, saltando e rolando por todo o convés do *Donzela Tímida*.

– Pegue essas peças – o garoto ordenou.

*Ele bem pode ser um Targaryen, no final das contas.*

– Se for do agrado de Vossa Graça. – Tyrion se apoiou nas mãos e nos joelhos e começou a rastejar pelo convés, recolhendo as peças.

Estava perto do entardecer quando Yandry e Ysilla retornaram ao *Donzela Tímida*. Um carregador os seguia, empurrando um carrinho de mão com altas pilhas de provisões: sal e farinha, manteiga recém-batida, pedaços de toicinho embrulhados em linho, sacos de laranja, maçã e pera. Yandry levava um barril de vinho em um dos ombros, enquanto Ysilla carregava um lúcio pendurado nos seus. O peixe era tão grande quanto Tyrion.

Quando viu o anão em pé no final da prancha, Ysilla parou tão repentinamente que Yandry tropeçou nela, e o lúcio quase escorregou para o rio. Pato ajudou a resgatar o peixe. Ysilla encarou Tyrion e fez um gesto peculiar de apunhalá-lo com três dedos. *Um sinal para afastar o mal*.

– Deixe-me ajudar com o peixe – o anão disse para Pato.

– Não – retrucou Ysilla. – Fique longe. Não toque na comida, além daquela que você for comer.

Tyrion levantou as duas mãos.

– Como quiser.

Yandry colocou o barril de vinho no convés.

– Onde está Griff? – perguntou para Haldon.

– Dormindo.

– Então o acorde. Temos notícias que ele deve escutar. O nome da rainha está em cada boca de Selhorys. Dizem que ainda está em Meereen, tomada de aflição. Se o que dizem nos mercados é verdade, a Antiga Volantis logo se juntará à guerra contra ela.

Haldon apertou os lábios.

– Fofocas de peixeiros não devem ser levadas a sério. Ainda assim, imagino que Griff queira ouvi-las. Sabe como ele é. – O Meiomeistre desceu.

*A garota nunca partiu para o oeste*. Sem dúvidas, tinha bons motivos. Entre Meereen e Volantis havia três mil quilômetros de desertos, montanhas, pântanos e ruínas, além de Mantarys com sua reputação sinistra. *Uma cidade de monstros, dizem, mas, se ela marchar por terra, onde mais conseguirá comida e água? O mar poderia ser mais rápido, mas se ela não tem navios...*

Quando Griff apareceu no convés, o lúcio estava pingando e crepitando sobre o braseiro, enquanto Ysilla espremia um limão sobre ele. O mercenário vestia cota de malha e a capa de pele de lobo, suaves luvas de couro, calções de lã escura. Se ficou surpreso ao ver Tyrion acordado, não deu nenhum sinal além de sua costumeira carranca. Levou Yandry para o leme, onde falaram em voz baixa, baixa demais para que o anão pudesse ouvir.

Finalmente Griff acenou para Haldon.

– Precisamos saber a verdade sobre esses rumores. Vá para terra firme e descubra o que puder. Qavo saberá, se puder encontrá-lo. Tente o Homem do Rio e a Tartaruga Pintada. Você conhece os outros lugares que ele costuma frequentar.

– Sim. Levarei o anão comigo. Quatro ouvidos escutam mais do que dois. E você sabe como Qavo é a respeito de seu *cyvasse*.

– Como quiser. Volte antes do nascer do sol. Se, por algum motivo, se atrasar, faça seu caminho até a Companhia Dourada.

*Ele fala como um senhor*. Tyrion manteve o pensamento para si.

Haldon vestiu uma capa com capuz, e Tyrion trocou sua roupa caseira colorida por algo monótono e cinza. Griff deu a cada um deles uma bolsa

com prata dos baús de Illyrio.

– Para soltar línguas.

O crepúsculo dava lugar à escuridão, enquanto faziam seu caminho ao longo da beira-rio. Alguns dos navios pelos quais passaram pareciam desertos, com as pranchas erguidas. Outros estavam cheios de homens armados que olharam para eles com suspeita. Sob as muralhas da vila, lanternas de pergaminho haviam sido acesas sobre os estábulos, derramando poças de luzes coloridas no caminho de paralelepípedos. Tyrion viu o rosto de Haldon ficar verde, depois vermelho e então púrpura. Além da cacofonia de línguas estrangeiras, ouvia estranhas músicas tocando em algum lugar adiante e uma suave flauta aguda acompanhada por tambores. Um cão latia também, por trás deles.

E as putas estavam do lado de fora. Rio ou mar, um porto é um porto; onde quer que os marinheiros estejam, as putas também estarão. *É isso que meu pai queria dizer? É para aí que as putas vão, para o mar?*

As putas de Lannisporto e de Porto Real eram mulheres livres. Suas irmãs de Selhorys eram escravas, cuja servidão era indicada pelas lágrimas tatuadas embaixo do olho direito. *Velhas como o pecado e duas vezes mais feias, a maioria delas*. Era quase suficiente para que um homem desistisse da putaria. Tyrion sentia os olhos delas sobre si enquanto caminhava bamboleando, e as ouvia sussurrando umas para as outras e rindo por trás das mãos. *Dá para pensar que elas nunca viram um anão antes.*

Um esquadrão de lanceiros volantinos permanecia de guarda na ponte do rio. A luz das tochas brilhava sobre as garras de aço que saíam de suas manoplas. Seus elmos eram máscaras de tigre, e os rostos eram marcados por listras verdes tatuadas em ambas as bochechas. Os soldados escravos de Volantis eram ferozmente orgulhosos de suas listras de tigre, Tyrion sabia. *Será que anseiam por liberdade?,* ele se perguntou. *O que fariam se essa rainha criança os libertasse? O que eles são, se não tigres? E o que eu sou, se não um leão?*

Um dos tigres espiou o anão e disse algo que fez os demais rirem. Quando Tyrion e Haldon alcançaram o portão, o guarda tirou a manopla com garras e a luva suada que usava por baixo, trancou um braço ao redor do pescoço do anão e esfregou sua cabeça rudemente. Tyrion estava muito assustado para reagir. Estava tudo acabado em um piscar de olhos.

– Há alguma razão para isso? – perguntou ao Meiomeistre.

– Ele diz que dá sorte esfregar a cabeça de um anão – Haldon disse, depois de conversar com o guarda na língua dele.

Tyrion se obrigou a sorrir para o homem.

– Diga para ele que dá mais sorte ainda chupar o pau de um anão.

– Melhor não. Tigres são conhecidos por terem dentes afiados.

Outro guarda fez sinal para eles do outro lado do portão, acenando impaciente com a tocha. Meiomeistre Haldon seguiu adiante, entrando em Selhorys, com Tyrion bamboleando cautelosamente em seus calcanhares.

Uma grande praça se abriu diante deles. Mesmo a essa hora, estava lotada, barulhenta e iluminada. Havia lanternas penduradas em correntes de ferro sobre as portas das estalagens e das casas de prazer, mas dentro dos portões eram feitas de vidro colorido, não de pergaminho. À direita deles, uma fogueira noturna queimava do lado de fora de um templo de pedra vermelha. Um sacerdote de túnica escarlate estava no balcão do templo, discursando para a pequena multidão que se juntara ao redor das chamas. Mais além, viajantes sentados jogavam *cyvasse* diante de uma estalagem, soldados bêbados entravam e saíam do que, obviamente, era um bordel, e uma mulher levava uma mula para fora de um estábulo. Um carrinho de duas rodas passou estrondosamente por eles, puxado por um elefante anão branco. *Este é outro mundo,* pensou Tyrion, *mas não tão diferente do mundo que conheço.*

A praça era dominada por uma estátua de mármore branco de um homem sem cabeça em uma armadura exageradamente ornada, montado em um cavalo de batalha arreado da mesma maneira.

– Quem poderia ser? – perguntou-se Tyrion.

– Tríade Horonno. Um herói volantino do Século do Sangue. Foi reconduzido como tríade todos os anos por quarenta anos, até que se cansou das eleições e se declarou tríade por toda a vida. Os volantinos não ficaram contentes. Ele foi condenado à morte logo depois. Amarrado entre dois elefantes e rasgado ao meio.

– A estátua parece ter perdido a cabeça.

– Ele era um tigre. Quando os elefantes chegaram ao poder, seus seguidores vieram em alvoroço, arrancando as cabeças das estátuas daqueles a quem culpavam por todas as guerras e mortes. – Deu de

ombros. – Isso foi em outra era. Venha, é melhor ouvirmos o que o sacerdote está dizendo. Juro que ouvi o nome de Daenerys.

Do outro lado da praça, juntaram-se à multidão crescente do lado de fora do templo vermelho. Cercado de habitantes locais, todos muito mais altos do que ele, o homenzinho achou difícil ver muito além de um monte de traseiros. Podia ouvir a maioria das palavras que o sacerdote dizia, mas isso não queria dizer que entendesse alguma coisa.

– Você entende o que ele está falando? – perguntou para Haldon na Língua Comum.

– Entenderia, se não tivesse um anão buzinando no meu ouvido.

– Eu não buzino. – Tyrion cruzou os braços e olhou para trás, estudando os rostos dos homens e das mulheres que haviam parado para ouvir. Em todos os lados via tatuagens. *Escravos. Quatro em cada cinco deles são escravos.*

– O sacerdote está chamando os volantinos para a guerra – disse o Meiomeistre –, mas do lado certo, como soldados do Senhor da Luz, R'hllor, que fez o sol e as estrelas e que luta eternamente contra a escuridão. Nyessos e Malaquo se afastaram da luz, ele diz, e os corações deles foram escurecidos pelas harpias amarelas do leste. Ele diz...

– *Dragões*. Entendi essa palavra. Ele diz dragões.

– Sim. Os dragões vieram para levá-la para a glória.

– Ela. Daenerys?

Haldon assentiu.

– Benerro enviou a palavra de Volantis. A vinda dela é o cumprimento de uma antiga profecia. Da fumaça e do sal ela nascerá, para fazer um mundo novo. Ela é Azor Ahai retornado... e o triunfo dela sobre a escuridão trará um verão sem fim... a morte dobrará os joelhos, e aqueles que morrerem lutando pela causa dela renascerão.

– Tenho que renascer neste mesmo corpo? – perguntou Tyrion. A multidão aumentava. Ele se sentia pressionado por todos os lados. – Quem é Benerro?

Haldon levantou uma sobrancelha.

– Alto sacerdote do templo vermelho de Volantis. Chama da Verdade, Luz da Sabedoria, Primeiro Servo do Senhor da Luz, Escravo de R'hllor.

O único sacerdote vermelho que Tyrion conhecera era Thoros de Myr, o corpulento e simpático fanfarrão manchado de vinho, que passava o

tempo na corte de Robert bebendo os melhores vinhos do rei e participando de torneios com uma espada em chamas.

– Me dê sacerdotes que são gordos, corruptos e cínicos – disse para Haldon –, o tipo que gosta de se sentar em almofadas de cetim macias, mordiscando frutas cristalizadas e enganando garotinhos. São os únicos que acreditam que deus causa o problema.

– Talvez possamos usar esse problema a nosso favor. Sei onde podemos encontrar respostas. – Haldon o levou passando pelo herói sem cabeça, até uma grande pousada de pedra de frente para a praça. A carapaça rígida de uma tartaruga imensa estava pendurada sobre a porta, pintada de cores berrantes. Dentro, uma centena de sombrias velas vermelhas brilhava como estrelas distantes. O cheiro de carne assada e especiarias enchia o ar. Uma escrava com uma tartaruga tatuada no rosto servia um vinho verde-claro.

Haldon parou na porta.

– Lá. Aqueles dois.

Na alcova, dois homens sentavam-se diante de um tabuleiro de *cyvasse* esculpido em pedra, olhando as peças iluminadas por uma vela vermelha. Um era magro e pálido, com cabelo preto e nariz afilado. O outro tinha ombros largos e a barriga redonda, com cachos de cabelo que caíam abaixo do colarinho. Nenhum dos dois se dignou a olhar para eles, até que Haldon colocou uma cadeira entre os jogadores e disse:

– Meu anão joga *cyvasse* melhor do que vocês dois juntos.

O homem maior levantou os olhos para olhar os intrusos com desagrado, e disse alguma coisa na língua da Antiga Volantis, rápido demais para que Tyrion tivesse a esperança de entender. O mais magro se recostou na cadeira.

– Ele está à venda? – perguntou, na Língua Comum de Westeros. – O espetáculo grotesco da tríade precisa de um anão jogador de *cyvasse*.

– Yollo não é escravo.

– Que pena. – O homem magro moveu um elefante ônix.

Do outro lado do tabuleiro, o homem atrás de um exército de alabastro apertou os lábios em desaprovação. Moveu seu cavalo pesado.

– Um erro – disse Tyrion. Ele também tinha um papel a desempenhar.

– Exatamente – disse o homem magro. Respondeu com seu próprio cavalo pesado. Um turbilhão de rápidos movimentos se seguiu, até que

finalmente ele sorriu e disse: – Morto, meu amigo.

O homem grande olhou com raiva para o tabuleiro, levantou-se e resmungou alguma coisa em seu próprio idioma. Seu oponente riu.

– Qual é. O anão não cheira tão mal quanto isso. – Mostrou a cadeira vazia para Tyrion. – Agora é com você, homenzinho. Coloque sua prata na mesa, e veremos quão bem você joga.

*Qual jogo?,* Tyrion poderia ter perguntado. Pulou em cima da cadeira.

– Jogo melhor com a barriga cheia e uma taça de vinho na mão. – O homem magro virou amavelmente e pediu para a escrava que trouxesse comida e bebida.

Haldon disse:

– O nobre Qavo Nogarys é funcionário da alfândega aqui em Selhorys. Eu nunca o derrotei no *cyvasse*.

Tyrion entendeu.

– Talvez eu tenha mais sorte. – Abriu sua bolsa e empilhou moedas de prata sobre o tabuleiro, uma sobre a outra, até que finalmente Qavo sorriu.

Enquanto os dois jogadores arrumavam suas peças atrás da tela do *cyvasse*, Haldon disse:

– Quais são as notícias do baixo rio? Teremos guerra?

Qavo deu de ombros.

– Os yunkaítas querem. Eles se autodenominam Sábios Mestres. Não posso falar da sabedoria deles, mas não lhes falta astúcia. Seus enviados vieram até nós com baús repletos de ouro e pedras preciosas e duzentos escravos, garotas núbeis e meninos de pele lisa treinados à maneira dos sete suspiros. Disseram-me que suas festas são memoráveis e suas propinas, generosas.

– Os yunkaítas compraram seus tríades?

– Apenas Nyessos – Qavo removeu a tela e estudou a posição do exército de Tyrion. – Malaquo pode ser velho e sem dentes, mas ainda é um tigre, e Doniphos não será reconduzido tríade. A cidade tem sede de guerra.

– Por quê? – perguntou Tyrion. – Meereen está há muitos quilômetros por mar. Como esta doce rainha criança ofendeu a Antiga Volantis?

– Doce? – Qavo riu. – Se metade das histórias que vem da Baía dos Escravos é verdadeira, esta *criança* é um monstro. Dizem que tem sede

de sangue, que aqueles que falam contra ela são empalados em estacas para ter uma morte lenta. Dizem que é uma feiticeira que alimenta seus dragões com a carne de bebês recém-nascidos, uma quebradora de promessas que zomba dos deuses, ignora tréguas, ameaça enviados e vira-se contra aqueles que a serviram lealmente. Dizem que a luxúria dela não pode ser saciada, que acasala com homens, mulheres, eunucos e até com cães e crianças, e pobre do amante que falhar em satisfazê-la. Ela dá seu corpo para os homens e toma as almas deles para servi-la.

*Ah, bem*, pensou Tyrion. *Se ela der seu corpo para mim, será bem-vinda à minha alma, mesmo que pequena e atrofiada*.

– Eles dizem – falou Haldon. – Por *eles*, você quer dizer os mercadores de escravos, os exilados que ela expulsou de Astapor e Meereen. Meras calúnias.

– As melhores calúnias são temperadas com a verdade – sugeriu Qavo –, mas o verdadeiro pecado da garota não pode ser negado. Essa criança arrogante tomou para si a tarefa de esmagar o tráfico de escravos, mas o tráfico nunca esteve confinado à Baía dos Escravos. Era parte do mar do comércio que se espalhou pelo mundo, e a rainha dragão tem turvado as águas. Atrás das Muralhas Negras, senhores de sangue antigo dormem mal, ouvindo seus escravos de cozinha afiarem longas facas. Escravos plantam nossa comida, limpam nossas ruas, ensinam nossos jovens. Eles guardam nossas muralhas, remam nossas galés, lutam nossas batalhas. E agora, quando olham para o leste, veem essa jovem rainha brilhando de longe, essa *rompedora de correntes*. O Sangue Antigo não pode sofrer isso. Homens pobres a odeiam também. Mesmo o pedinte mais vil está acima de um escravo. Essa rainha dragão quer tirar esse consolo dele.

Tyrion avançou seu lanceiro. Qavo respondeu com seu cavalo leve. Tyrion moveu seus besteiros um quadro para cima e disse:

– O sacerdote vermelho lá fora parece pensar que Volantis deveria lutar por essa rainha prateada, não contra ela.

– Os sacerdotes vermelhos seriam sábios em segurar suas línguas – disse Qavo Nogarys. – Já estão ocorrendo lutas entre os seguidores deles e aqueles que veneram outros deuses. As bobagens de Benerro só servirão para trazer ira selvagem sobre sua cabeça.

– Que bobagens? – o anão perguntou, brincando com suas peças.

O volantino acenou com a mão.

– Em Volantis, milhares de escravos e libertos lotam a praça do templo todas as noites para ouvir Benerro gritar a respeito de estrelas sangrando e uma espada de fogo que irá purificar o mundo. Ele vem pregando que Volantis certamente queimará se a tríade pegar em armas contra a rainha prateada.

– Esta é uma profecia que até eu poderia ter feito. Ah, a ceia.

A ceia consistia em um prato de cabrito assado servido sobre uma cama de cebolas fatiadas. A carne estava temperada e cheirosa, bem passada por fora e vermelha e suculenta por dentro. Tyrion arrancou um pedaço. Estava tão quente que queimou seus dedos, mas estava tão boa que não pôde deixar de pegar outro pedaço. Empurrou para baixo com um licor volantino verde-claro, a coisa mais próxima que tomava de um vinho em séculos.

– Muito bom – disse, arrancando com seu dragão. – A peça mais poderosa do jogo – anunciou, enquanto removia um dos elefantes de Qavo. – E dizem que Daenerys Targaryen tem três.

– Três – Qavo concordou – contra três vezes três mil inimigos. Grazdan no Eraz não foi o único enviado da Cidade Amarela. Quando os Sábios Meistres seguirem contra Meereen, as legiões de Nova Ghis lutarão ao lado deles. Tosolinos. Ellyrianos. Até mesmo os dothrakis.

– Vocês têm dothrakis do lado de fora de seus portões – Haldon disse.

– Khal Pono. – Qavo moveu a mão pálida em sinal de rejeição. – Os senhores dos cavalos vêm, damos presentes para eles, os senhores dos cavalos vão. – Moveu sua catapulta novamente, aproximando a mão do dragão de alabastro de Tyrion e o removendo do tabuleiro.

O resto foi abate, embora o anão tenha conseguido fazer mais uma dúzia de movimentos.

– Chegou o tempo de lágrimas amargas – Qavo disse por fim, recolhendo a pilha de prata. – Outra partida?

– Não há necessidade – disse Haldon. – Meu anão teve sua lição de humildade. Acho que devemos voltar para nosso barco.

Do lado de fora, na praça, a fogueira noturna ainda queimava, mas o sacerdote havia ido e a multidão se dispersara. O brilho de velas resplandecia das janelas do bordel. De dentro, vinha o som de risos de mulheres.

– A noite ainda é uma criança – disse Tyrion. – Qavo pode não ter nos contado tudo. E putas escutam muito e ainda mais dos homens aos quais servem.

– Está tão necessitado de uma mulher, Yollo?

– Um homem se cansa de não ter outras amantes além de seus dedos. – *Selhorys pode ser o lugar para onde as putas vão. Tysha pode estar lá dentro agora, com lágrimas tatuadas no rosto.* – Eu quase me afoguei. Um homem precisa de uma mulher depois de algo assim. Além disso, preciso ter certeza de que meu pau não virou pedra.

O Meiomeistre riu.

– Esperarei por você na taverna perto do portão. Não demore muito.

– Ah, não se preocupe com isso. A maioria das mulheres prefere acabar comigo o mais rápido possível.

O bordel era modesto, se comparado com aqueles que o anão frequentara em Lannisporto ou em Porto Real. O proprietário parecia não falar nenhum idioma que não volantino, mas entendia bem o retinir da prata e levou Tyrion através de uma arcada até um comprido salão com cheiro de incenso, onde quatro escravas entediadas recostavam-se em variados estados de nudez. Duas deviam ter ao menos quarenta dias de seu nome ou mais, ele imaginava; a mais jovem tinha talvez quinze ou dezesseis. Nenhuma delas era tão horrenda quanto as putas que vira trabalhando no cais, embora nenhuma fosse muito bonita. Uma delas estava claramente grávida. Outra era apenas gorda e ostentava aros de ferro pendurados nos dois mamilos. Todas as quatro tinham lágrimas tatuadas sob um olho.

– Você tem uma garota que fale a língua de Westeros? – perguntou Tyrion. O proprietário olhou sem entender, então repetiu a pergunta em Alto Valiriano. Dessa vez ele pareceu entender uma ou duas palavras e respondeu em Volantino.

– Garota do pôr do sol – foi tudo o que o anão entendeu da resposta. Considerou que isso significava uma garota dos Reinos do Pôr do Sol.

Havia apenas uma dessas na casa, e não era Tysha. Ela tinha o rosto sardento e cachos vermelhos sobre a cabeça, o que significava a promessa de seios sardentos e cabelos vermelhos entre as pernas.

– Ela serve – disse Tyrion –, e quero uma jarra também. Vinho tinto e carne vermelha. – A puta olhava para seu rosto sem nariz com repulsa

nos olhos. – Eu ofendo você, querida? Sou uma criatura ofensiva, como meu pai ficaria feliz em lhe dizer se não estivesse morto e apodrecendo.

Embora parecesse westerosi, a garota não falava uma palavra da Língua Comum. *Talvez tenha sido capturada por algum traficante de escravos quando criança*. Seu quarto era pequeno, mas havia um tapete de Myr no chão e um colchão recheado de penas, em vez de palha. *Já vi piores*.

– Vai me dizer seu nome? – ele perguntou, enquanto pegava uma taça de vinho com ela. – Não? – O vinho era forte, azedo e não precisava de tradução. – Suponho que terei que me contentar com sua boceta. – Limpou a boca com as costas da mão. – Já se deitou com um monstro antes? Agora é um momento tão bom quanto qualquer outro. Tire as roupas e deite-se de costas, se for de seu agrado. Ou não.

Ela olhou para ele sem compreender, até que ele tirou o jarro da mão dela e arrancou sua saia por sobre a cabeça. Depois disso, ela entendeu o que ele queria, embora não fosse a mais animada das parceiras. Tyrion passara tanto tempo sem mulher que jorrou dentro dela na terceira arremetida.

Rolou de lado e se sentiu mais envergonhado do que satisfeito. *Isso foi um erro. Que criatura miserável me tornei.*

– Você conhece uma mulher chamada Tysha? – perguntou, enquanto olhava a semente dele escorrendo para fora dela até a cama. A puta não respondeu. – Você sabe para onde as putas vão? – Ela não respondeu novamente. As costas dela eram cobertas de cicatrizes. *Esta garota é como morta. Acabo de foder um cadáver*. Até os olhos dela pareciam mortos. *Ela não tem forças nem para me odiar*.

Ele precisava de vinho. Muito vinho. Pegou o jarro com as duas mãos e levou-o até os lábios. O vinho escorreu, vermelho. Pela sua garganta, pelo seu queixo. Pingou até o colchão, embebendo as penas. Sob a luz das velas, parecia tão escuro quanto o vinho que envenenara Joffrey. Quando terminou, jogou o jarro de lado, e meio rolou, meio cambaleou para o chão, procurando um penico. Não havia nenhum. Seu estômago revirou, e ele se pegou ajoelhado, vomitando no tapete, naquele maravilhoso tapete de Myr, tão reconfortante quanto mentiras.

A puta gritou, angustiada. *Eles a culparão por isso*, ele percebeu, envergonhado.

– Corte minha cabeça e leve para Porto Real – Tyrion pediu para ela. – Minha irmã fará de você uma senhora, e ninguém vai chicoteá-la novamente. – Ela não entendeu isso também, então ele abriu as suas pernas, rastejou entre elas e a tomou mais uma vez. Pelo menos isso ela compreendia.

Depois que o vinho acabou e ele também, o anão bamboleou até as roupas da garota e as jogou para a porta. Ela entendeu o recado e foi embora, deixando-o sozinho na escuridão, afundado profundamente na cama de penas. *Estou fedendo a bêbado*. Não ousava fechar os olhos, com medo de adormecer. Além do véu dos sonhos, os Sofrimentos esperavam por ele. Degraus de pedra ascendentes e sem fim, íngremes, escorregadios e traiçoeiros, e em algum lugar lá em cima estava o Senhor da Mortalha. *Não quero encontrar o Senhor da Mortalha*. Tyrion se arrastou de volta até suas roupas e tateou o caminho até a escada. *Griff vai me esfolar. Bem, por que não? Se algum anão já mereceu ser esfolado, esse sou eu.*

Na metade dos degraus, perdeu o equilíbrio. De alguma maneira conseguiu evitar a queda com as mãos e dar uma cambalhota desajeitada. As putas na sala embaixo olharam atonitamente quando ele aterrizou no pé da escada. Tyrion rolou para ficar em pé e fez uma mesura.

– Sou mais ágil quando estou bêbado. – Virou-se para o proprietário. – Sinto ter arruinado seu tapete. A garota não tem culpa. Deixe-me pagar. – Pegou um punhado de moedas e jogou para o homem.

– *Duende* – disse uma voz profunda, atrás dele.

No canto da sala, um homem sentava-se nas sombras, com uma puta se contorcendo em seu colo. *Não vi essa garota. Se tivesse visto, teria subido com ela, em vez da sardenta*. Era mais jovem do que as outras, magra e bonita, com longos cabelos prateados. Lisena, provavelmente... mas o homem no colo de quem ela se sentava era dos Sete Reinos. Corpulento e de ombros largos, quarenta, se tivesse um dia de seu nome, ou talvez mais velho. Metade da cabeça era careca, mas restolho grosso cobria seu rosto e queixo, e pelos grossos cresciam nos braços, brotando até mesmo dos nós dos dedos.

Tyrion não gostou do olhar dele. Gostou menos ainda do grande urso negro em sua armadura. *Lã. Está vestindo lã, neste calor. Quem mais, além de um cavaleiro, seria tão louco?*

– Que agradável ouvir a Língua Comum tão longe de casa – obrigou-se a dizer –, mas temo que tenha me confundido com alguém. Meu nome é Hugor Hill. Posso pagar-lhe uma taça de vinho, meu amigo?

– Estou bêbado o suficiente. – O cavaleiro colocou a puta de lado e se levantou. O cinturão com a bainha estava pendurado em um gancho ao lado dele. Ele o pegou e desembainhou a lâmina. O aço murmurou contra o couro. As putas assistiam avidamente, a luz das velas brilhando nos olhos delas. O proprietário desaparecera. – Você é meu, *Hugor*.

Tyrion não podia fugir dele mais do que poderia lutar com ele. Bêbado como estava, não podia nem tentar ser mais esperto do que o cavaleiro. Estendeu as mãos.

– E o que você pretende fazer comigo?

– Entregar você – disse o cavaleiro – para a rainha.

# Daenerys

Galazza Galare chegou à Grande Pirâmide assistida por uma dúzia de Graças Brancas, garotas de nascimento nobre que ainda eram jovens demais para ter servido um ano nos jardins do prazer do templo. Formavam um bonito retrato, a orgulhosa mulher mais velha, toda de verde, cercada por garotinhas com túnicas e véus brancos, blindadas em sua inocência.

A rainha as recebeu calorosamente e depois chamou Missandei para que providenciasse comida e diversão para as meninas, enquanto ela compartilhava uma ceia privada com a Graça Verde.

As cozinheiras haviam preparado uma refeição magnífica de cordeiro no mel, aromatizado com hortelã esmagada e servido com os pequenos figos verdes que Dany tanto gostava. Dois de seus reféns favoritos serviam a comida e mantinham as taças cheias: uma pequena garota de olhos de corça chamada Qeza e um menino magrelo chamado Grazhar. Os dois eram irmãos e primos da Graça Verde, que os cumprimentou com beijos quando entrou e perguntou-lhes se estavam se comportando bem.

– São muito doces, os dois – Dany assegurou a ela. – Qezza canta para mim de vez em quando. Tem uma voz adorável. E Sor Barristan está instruindo Grazhar e os outros garotos nos caminhos da cavalaria ocidental.

– Eles são meu sangue – disse a Graça Verde, enquanto Qezza enchia a taça dela com um vinho tinto escuro. – É bom saber que agradam Vossa Iluminada. Espero poder fazer o mesmo. – O cabelo da velha mulher era branco e a pele era fina como pergaminho, mas os anos não haviam esmaecido seus olhos. Eram tão verdes quanto suas vestes; olhos tristes, cheios de sabedoria. – Se me perdoa dizer isso, Vossa Iluminada parece... cansada. Tem dormido?

Dany fez tudo o que podia para não rir.

– Não muito bem. Na noite passada três galés qartenas subiram o Skahazadhan sob o manto da escuridão. Os Homens da Mãe lançaram flechas incendiárias nas velas deles e arremessaram barris de piche fervente nos conveses, mas as galés deslizaram rapidamente e não sofreram danos permanentes. Os qartenos pretendem fechar o rio para nós, assim como fecharam a baía. E não estão mais sozinhos. Três galés de Nova Ghis se uniram a eles, e um galeão de Tolos. – Os tolosinos haviam respondido ao pedido de aliança declarando-a uma prostituta e exigindo que devolvesse Meereen para os Grandes Mestres. Mesmo isso era preferível à resposta de Mantarys, que chegou em uma caravana, dentro de uma arca de cedro. Lá, ela encontrou a cabeça de seus três enviados em conserva. – Talvez seus deuses possam nos ajudar. Peça para mandarem uma tempestade capaz de varrer as galés da baía.

– Vou orar e fazer sacrifícios. Talvez os deuses de Ghis me escutem. – Galazza Galare tomou um gole de vinho, mas seus olhos não deixaram Dany. – Tormentas arrebentam dentro das muralhas, tanto quanto fora. Mais libertos morreram noite passada, pelo que soube.

– Três. – Dizer isso deixava um gosto amargo em sua boca. – Os covardes atacaram algumas tecelãs, libertas que nunca fizeram mal a ninguém. Tudo o que faziam era criar coisas bonitas. Tenho uma tapeçaria que me deram, pendurada sobre minha cama. Os Filhos da Harpia quebraram seus teares e as estupraram antes de cortar suas gargantas.

– Foi isso o que ouvimos. E mesmo assim Vossa Iluminada encontrou a coragem de responder ao massacre com misericórdia. Não feriu nenhuma das crianças nobres que tomou como refém.

– Não até agora. – Dany havia se afeiçoado aos seus jovens encargos. Alguns eram tímidos e outros ousados, alguns eram doces e outros mal-humorados, mas eram todos inocentes. – Se eu matar meus copeiros, quem servirá meu vinho e minha ceia? – disse, tentando amenizar a situação.

A sacerdotisa não sorriu.

– O Cabeça-Raspada teria alimentado seus dragões com eles, é o que se diz. Uma vida por uma vida. Para cada Besta de Bronze abatida, ele teria uma criança morta.

Dany empurrou a comida no prato. Não ousava olhar para onde Grazhar e Qezza estavam, com medo de chorar. *O Cabeça-Raspada tem um coração mais duro que o meu*. Eles haviam discutido por causa dos reféns meia dúzia de vezes.

– Os Filhos da Harpia estão rindo em suas pirâmides – Skahaz dissera, justamente naquela manhã. – Para que servem os reféns se não quer arrancar suas cabeças? – Aos olhos dele, ela era apenas uma mulher fraca. *Hazzea já foi o bastante. O que há de bom em uma paz que precisa ser paga como o sangue de criancinhas?*

– Esses assassinatos não são obra deles – disse Dany para a Graça Verde, debilmente. – Não sou uma rainha carniceira.

– E Meereen agradece por isso – disse Galazza Galare. – Ouvimos dizer que o Rei Açougueiro de Astapor está morto.

– Morto por seus próprios soldados, quando lhes ordenou marchar e atacar os yunkaítas. – As palavras eram amargas em sua boca. – O cadáver nem esfriou antes que outro tomasse seu lugar, chamando a si mesmo de Cleon, o Segundo. Esse durou oito dias antes que sua garganta fosse aberta. Então o assassino reivindicou a coroa. Assim como a concubina do primeiro Cleon. Rei Cortagarganta e Rainha Puta, os astapori os chamam. Seus seguidores estão travando batalhas nas ruas, enquanto os yunkaítas e seus mercenários aguardam do lado de fora das muralhas.

– Estes são tempos difíceis. Vossa Iluminada, posso ter a presunção de lhe oferecer meu conselho?

– Você sabe que valorizo muito sua sabedoria.

– Então preste atenção em mim agora, e se case.

– Ah! – Dany já esperava por isso.

– Frequentemente ouço você dizer que é apenas uma jovem garota. Olhando para você, ainda parece meio criança, muito jovem e frágil para enfrentar tais provações sozinha. Precisa de um rei ao seu lado, para ajudar a arcar com esses encargos.

Dany cortou um pedaço de cordeiro, deu uma mordida e mastigou lentamente.

– Diga-me, pode esse rei encher as bochechas de ar e soprar as galés de Xaro de volta para Qarth? Pode bater palmas e quebrar o cerco a

Astapor? Pode colocar comida nas barrigas dos meus filhos e trazer a paz de volta às minhas ruas?

– Você pode? – perguntou a Graça Verde. – Um rei não é um deus, mas ainda há muito que um homem forte pode fazer. Quando meu povo olha para você, eles veem uma conquistadora de além-mar, que veio para nos matar e escravizar nossos filhos. Um rei pode mudar isso. Um rei de alto nascimento, um puro-sangue ghiscari, poderia reconciliar a cidade às suas leis. De outro modo, temo que seu reino termine como começou, em sangue e fogo.

Dany empurrou a comida no prato.

– E quem os deuses de Ghis gostariam que eu tomasse como meu rei e consorte?

– Hizdahr zo Loraq – Galazza Galare disse com firmeza.

Dany não se preocupou em fingir surpresa.

– Por que Hizdahr? Skahaz também é de nascimento nobre.

– Skahaz é Kandaq, Hizdahr, Loraq. Vossa Iluminada vai me perdoar, mas apenas quem não é ghiscari não entende a diferença. Frequentemente ouço dizer que você é do sangue de Aegon, o Conquistador, de Jaehaerys, o Sábio, e de Daeron, o Dragão. O nobre Hizdahr é do sangue de Mazdhan, o Magnífico, de Hazrak, o Belo, e de Zharaq, o Libertador.

– Os antepassados dele estão tão mortos quanto os meus. Hizdahr levantará suas sombras para defender Meereen contra seus inimigos? Preciso de um homem com navios e espadas. Você me oferece ancestrais.

– Somos um povo antigo. Ancestrais são importantes para nós. Case-se com Hizdahr zo Loraq e tenha um filho dele, um filho cujo pai é a harpia e cuja mãe é o dragão. Nele, as profecias serão cumpridas, e seus inimigos derreterão como neve.

*Ele será o garanhão que vai montar o mundo*. Dany conhecia profecias. São feitas de palavras, e palavras são vento. Não haveria um filho para Loraq, nenhum herdeiro para unir dragão e harpia. *Quando o sol nascer no oeste e se puser no leste, quando os mares secarem e as montanhas forem levadas pelo vento como folhas*. Somente então o ventre dela despertaria uma vez mais...

... mas Daenerys Targaryen tinha outros filhos, dezenas de milhares que a saudaram como sua mãe quando ela quebrou as correntes deles.

Pensou em Escudo Robusto, no irmão de Missandei, na mulher Rylona Rhee, que tocava a harpa tão belamente. Nenhum casamento os traria de volta à vida, mas um marido poderia ajudar a colocar um fim na matança, então ela devia isso para seus mortos. Devia se casar.

*Se me casar com Hizdahr, isso fará que Skahaz se volte contra mim?* Ela confiava em Skahaz mais do que em Hizdahr, mas o Cabeça-Raspada seria um desastre como rei. Era muito rápido para a ira, muito lento para o perdão. Ela não via nenhum ganho em se casar com um homem tão odiado quanto ela. Hizdahr era bem respeitado, até onde ela podia ver.

– O que meu futuro marido pensa disso? – perguntou para a Graça Verde. – *O que ele acha de mim?*

– Vossa Graça só precisa perguntar para ele. O nobre Hizdahr aguarda lá embaixo. Envie alguém até lá, se lhe agradar.

*Você presume demais, sacerdotisa*, a rainha pensou, mas engoliu a raiva e se obrigou a sorrir.

– Por que não? – Virou-se para Sor Barristan e pediu ao velho cavaleiro que trouxesse Hizdahr até ela. – É uma longa subida. Leve um Imaculado para ajudá-lo.

Quando o nobre chegou, a Graça Verde havia terminado de comer.

– Se for do agrado de Vossa Magnificência, me despedirei. Você e o nobre Hizdahr terão muito para conversar, sem dúvida. – A velha mulher limpou um pouco de mel dos lábios, deu um beijo de despedida nas testas de Qezza e Grazhar e prendeu o véu de seda no rosto. – Retornarei para o Templo das Graças e rezarei para que os deuses mostrem para minha rainha o curso da sabedoria.

Quando ela saiu, Dany deixou que Qezza enchesse sua taça novamente, dispensou as crianças e ordenou que Hizdahr zo Loraq fosse trazido à sua presença. *E, se ele ousar falar uma palavra sobre suas preciosas arenas de luta, posso arremessá-lo do terraço.*

Hizdahr vestia uma túnica verde simples, por baixo de um colete acolchoado. Curvou-se ao entrar, o rosto solene.

– Nenhum sorriso para mim? – Dany lhe perguntou. – Sou assim tão terrível?

– Sempre serei solene na presença de tal beleza.

Era um bom começo.

– Beba comigo. – Dany encheu a taça dele. – Você sabe por que está aqui. A Graça Verde parece achar que se eu tomá-lo como meu marido, todos os meus inimigos desaparecerão.

– Eu nunca faria afirmação tão ousada. Homens são feitos para lutar e sofrer. Nossos inimigos só desaparecem quando morremos. Posso ser de alguma ajuda, no entanto. Tenho ouro, amigos e influência, e o sangue da Velha Ghis flui em minhas veias. Embora nunca tenha me casado, tenho dois filhos naturais, um menino e uma menina, então posso dar-lhe herdeiros. Posso reconciliar a cidade à sua lei e colocar um fim nos massacres noturnos nas ruas.

– Pode? – Dany estudou os olhos deles. – Por que os Filhos da Harpia abaixariam suas facas por você? Você é um deles?

– Não.

– Me contaria se fosse?

Ele riu.

– Não.

– O Cabeça-Raspada tem meios de descobrir a verdade.

– Não tenho dúvida de que Skahaz logo me faria confessar. Um dia com ele, e eu serei um dos Filhos da Harpia. Dois dias, e eu serei a Harpia. Três, e me tornarei o assassino de seu pai também, de volta aos Reinos do Pôr do Sol quando eu ainda era um menino. Então, ele me empalará em uma estaca e você me verá morrer... mas depois disso, as mortes vão continuar. – Hizdahr inclinou-se para mais perto. – Ou você pode se casar comigo e deixar que eu tente pará-las.

– Por que você quer me ajudar? Pela coroa?

– Uma coroa cairia bem em mim, não negarei isso. É mais que isso, contudo. É tão estranho que queira proteger minha própria gente, como você protege seus libertos? Meereen não durará outra guerra, Vossa Iluminada.

Esta era uma boa resposta, uma resposta honesta.

– Nunca quis guerra. Derrotei os yunkaítas uma vez, e poupei a cidade quando a poderia ter saqueado. Recusei me unir ao Rei Cleon quando ele marchou contra Yunkai. Mesmo agora, com Astapor sitiada, não me envolvi. E Qarth... nunca causei dano aos qartenos.

– Não intencionalmente, mas Qarth é uma cidade de mercadores, e eles amam o tinido das moedas de prata, o brilho amarelo do ouro. Quando

você quebrou o comércio de escravos, o golpe foi sentido de Westeros a Asshai. Qarth depende de seus escravos. Assim como Tolos, Nova Ghis, Lyz, Tyrosh, Volantis... A lista é longa, minha rainha.

– Deixe que venham. Encontrarão em mim um adversário mais duro que Cleon. Prefiro morrer lutando a ver meus filhos voltarem à servidão.

– Pode haver uma alternativa. Os yunkaítas podem ser persuadidos a permitir que todos os seus libertos permaneçam livres, creio, se Vossa Veneração concordar que a Cidade Amarela negocie e treine escravos sem ser molestada desse dia em diante. Nenhum sangue precisa correr.

– Exceto o sangue desses escravos que os yunkaítas vão negociar e treinar – disse Dany, mas, mesmo assim, reconheceu a verdade nas palavras dele. *Este pode ser um final melhor do que poderíamos esperar*. – Você não disse que me amava.

– Direi, se for do agrado de Vossa Iluminada.

– Essa não é a resposta de um homem apaixonado.

– O que é o amor? Desejo? Nenhum homem com todas as suas partes poderia olhar para você e não desejá-la, Daenerys. Contudo, não é por isso que quero me casar com você. Antes de você chegar, Meereen estava morrendo. Nossos governantes eram velhos com paus murchos e anciãs cujas bocetas enrugadas estavam secas como pó. Eles se sentavam no alto de suas pirâmides, tomando vinho de damasco e falando das glórias do Antigo Império, enquanto os séculos passavam e os tijolos da cidade desmoronavam ao redor deles. Os costumes e a cautela eram como mãos de aço sobre nós, até que você nos despertou com fogo e sangue. Um novo tempo chegou, e novas coisas são possíveis. Case-se comigo.

*Ele não é tão duro quanto parece*, Dany disse para si mesma, *e tem o linguajar de um rei*.

– Beije-me – ela ordenou.

Ele pegou a mão dela novamente e beijou seus dedos.

– Não desse jeito. Beije-me como se fosse sua esposa.

Hizdahr a tomou pelos ombros tão ternamente como se ela fosse um filhote de pássaro. Inclinando-se para a frente, pressionou seus lábios nos dela. O beijo dele era leve, seco e rápido. Dany não sentiu nenhuma agitação.

– Devo... beijá-la novamente? – ele perguntou, quando acabou.

– Não. – No terraço, na piscina de banho, peixinhos beliscavam as pernas dela quando ela se molhava. Até os beijos deles eram mais fervorosos do que os de Hizdahr zo Loraq. – Não amo você.

Hizdahr encolheu os ombros.

– Isso pode vir com o tempo. Sabe-se que isso acontece.

*Não conosco*, ela pensou. *Não enquanto Daario está tão perto. É ele quem eu desejo, não você*.

– Um dia retornarei para Westeros, para exigir os Sete Reinos que eram do meu pai.

– Um dia todos os homens devem morrer, mas não há nada de bom em se debruçar sobre a morte. Prefiro viver cada dia como ele vem.

Dany cruzou as mãos.

– Palavras são vento, mesmo palavras como *amor* e *paz*. Confio mais em ações. Nos meus Sete Reinos, cavaleiros saem em missões para provar a si mesmos que são dignos da donzela que amam. Procuram espadas mágicas, baús de ouro e coroas roubadas de hordas de dragões.

Hizdahr levantou uma sobrancelha.

– Os únicos dragões que conheço são seus, e espadas mágicas são ainda mais escassas. Eu alegremente a presentearei com anéis, coroas e baús de ouro, se esse for seu desejo.

– Paz é meu desejo. Você diz que pode me ajudar a acabar com a matança noturna em minhas ruas. Eu digo: *faça*. Coloque um fim nesta guerra sombria, senhor. Esta é sua missão. Me dê noventa dias e noventa noites sem uma morte, e saberei que é digno do trono. Pode fazer isso?

Hizdahr olhou pensativo.

– Noventa dias e noventa noites sem um cadáver, e no nonagésimo-primeiro dia nos casamos?

– Talvez – disse Dany, com um olhar tímido. – Embora jovens garotas sejam conhecidas por serem inconstantes. Ainda quero uma espada mágica.

Hizdahr riu.

– Então você deverá ter isso também, Iluminada. Seu desejo é uma ordem. Melhor dizer para seu senescal começar os preparativos para nosso casamento.

– Nada agradará mais ao nobre Reznak. – Se Meereen soubesse que um casamento estava a caminho, esse fato sozinho podia lhe garantir

algumas noites de trégua, mesmo que os esforços de Hizdahr não dessem em nada. *O Cabeça-Raspada não ficará feliz comigo, mas Reznak mo Reznak dançará de alegria.* Dany não sabia qual das duas reações a preocupava mais. Precisava de Skahaz e das Bestas de Bronze, e desconfiava de todos os conselhos de Reznak. *Cuidado com o senescal perfumado. Teria Reznak se unido a Hizdahr e à Graça Verde para preparar uma armadilha contra mim?*

Mal Hizdahr zo Loraq havia deixado sua presença, Sor Barristan apareceu atrás dela com sua longa capa branca. Anos de serviço na Guarda Real haviam ensinado o cavaleiro branco a permanecer discreto enquanto ela estava entretida, mas ele nunca ficava longe. *Ele sabe*, ela viu imediatamente, *e desaprova*. As linhas ao redor de sua boca estavam mais fundas.

– Então – disse para ele –, parece que me casarei novamente. Está feliz por mim, sor?

– Se esta for sua ordem, Vossa Graça.

– Hizdahr não é o marido que você teria escolhido para mim.

– Não estou em posição de lhe escolher um marido.

– Não está – ela concordou –, mas é importante para mim que você entenda. Meu povo está sangrando. Morrendo. Uma rainha não pertence a si mesma, mas ao reino. Casamento ou carnificina, essas são minhas opções. Um casamento ou uma guerra.

– Vossa Graça, posso falar com franqueza?

– Sempre.

– Há uma terceira opção.

– Westeros?

Ele concordou com a cabeça.

– Jurei servir Vossa Graça e mantê-la em segurança onde quer que vá. Meu lugar é ao seu lado, seja aqui, seja em Porto Real... mas seu lugar é de volta a Westeros, no Trono de Ferro que era do seu pai. Os Sete Reinos nunca aceitarão Hizdahr zo Loraq como rei.

– Não mais do que Meereen aceitará Daenerys Targaryen como rainha. A Graça Verde está certa nisso. Preciso de um rei ao meu lado, um rei do antigo sangue ghiscari. De outro modo, sempre me verão como uma bárbara inculta que arrebentou os portões da cidade deles, empalou seus parentes em estacas e roubou sua riqueza.

– Em Westeros você será a filha perdida que retorna para alegrar o coração de seu pai. Seu povo dará vivas quando você chegar, e todos os homens de boa vontade a amarão.

– Westeros está muito longe.

– Permanecer aqui não vai fazê-lo ficar mais perto. Quanto antes deixarmos este lugar...

– Eu sei. Sei *mesmo*. – Dany não sabia como fazê-lo enxergar. Ela queria Westeros tanto quanto ele, mas primeiro precisava curar Meereen. – Noventa dias é um tempo longo. Hizdahr falhará. E, quando isso acontecer, ele tentará conseguir mais tempo. Tempo para fazer alianças, para fortalecer minhas defesas, para...

– E se ele não falhar? O que Vossa Graça fará então?

– O dever dela. – As palavras pareceram geladas sobre sua língua. – Você viu o casamento do meu irmão Rhaegar. Me diga, ele se casou por amor ou por dever?

O velho cavaleiro hesitou.

– A Princesa Elia era uma boa mulher, Vossa Graça. Era gentil e inteligente, com um coração manso e uma sagacidade doce. Sei que o príncipe tinha muita afeição por ela.

*Afeição*, pensou Dany. A palavra significava muito. *Posso me afeiçoar por Hizdahr zo Loraq com o tempo. Talvez.*

Sor Barristan continuou.

– Vi o casamento de seu pai e sua mãe também. Me perdoe, mas não havia carinho ali, e o reino pagou caro por isso, minha rainha.

– Por que se casaram se não amavam um ao outro?

– Seu avô ordenou. Uma bruxa do bosque dissera para ele que o príncipe prometido nasceria da linhagem deles.

– Uma bruxa do bosque? – Dany estava atônita.

– Ela chegou à corte com Jenny de Pedrantiga. Uma coisa atrofiada, grotesca de se ver. Uma anã, a maioria das pessoas diria, apesar de cara à Senhora Jenny, que sempre afirmou que a mulher era uma das filhas da floresta.

– O que aconteceu com ela?

– Solar de Verão. – As palavras estavam cheias de condenação.

Dany suspirou.

– Deixe-me agora. Estou muito cansada.

– Como desejar. – Sor Barristan se curvou e virou-se para ir. Mas parou na porta. – Perdoe-me. Vossa Graça tem um visitante. Devo dizer para retornar pela manhã?

– Quem é?

– Naharis. Os Corvos Tormentosos voltaram à cidade.

*Daario*. O coração dela deu um pulo no peito.

– Há quanto tempo...? Quando ele...? – Ela não conseguia colocar as palavras para fora.

Sor Barristan pareceu entender.

– Vossa Graça estava com a sacerdotisa quando ele chegou. Eu sabia que não queria ser incomodada. As notícias do capitão podem esperar até amanhã.

– Não. – *Como posso esperar dormir, sabendo que meu capitão está tão perto?* – Traga-o aqui imediatamente. E... não precisarei mais de seus serviços esta noite. Estarei segura com Daario. Ah, e mande Irri e Jhiqui, por gentileza. E Missandei. – *Preciso me trocar, para ficar bonita*.

Disse isso para as servas, quando elas chegaram.

– O que Vossa Graça deseja vestir? – perguntou Missandei.

*Luz das estrelas e espuma do mar*, Dany pensou, *um punhado de seda que deixe meu seio esquerdo desnudo para deleite de Daario. Ah, e flores para meus cabelos*. Desde a primeira vez que se encontraram, o capitão levou flores para ela todos os dias, por todo o caminho de Yunkai até Meereen.

– Traga o vestido de linho cinza, com pérolas no corpete. Oh, e minha pele de leão branco. – Ela sempre se sentia mais segura com a pele de leão de Drogo.

Daenerys recebeu o capitão no terraço, sentada em um banco esculpido em pedra sob uma pereira. Uma meia-lua flutuava no céu da cidade, cercada por milhares de estrelas. Daario Naharis entrou caminhando emproado. *Ele é presunçoso mesmo quando está parado*. O capitão vestia calças listradas enfiadas em botas de couro púrpura, uma camisa de seda branca e um colete de anéis dourados. Sua barba em forma de tridente estava púrpura, seu extravagante bigode, dourado, e os longos cachos tingidos em partes iguais de ambas as cores. Em um lado do quadril, portava um punhal; no outro, um *arakh* dothraki.

– Brilhante rainha – disse –, ficou ainda mais bela em minha ausência. Como isto é possível?

A rainha estava acostumada a tais elogios, mas de alguma forma o cumprimento significava mais vindo de Daario do que aqueles de Reznak, Xaro ou Hizdahr.

– Capitão. Nos disseram que você fez um bom trabalho em Lhazar. – *Senti tanto a sua falta.*

– Seu capitão vive para servir sua cruel rainha.

– Cruel?

A luz da lua reluziu nos olhos dele.

– Ele correu à frente de todos os seus homens, para ver o rosto dela mais cedo, só para ser deixado definhando, enquanto ela comia cordeiro e figos com alguma velha ressequida.

*Nunca me disseram que você estava aqui*, Dany pensou, *senão eu teria feito papel de boba e recebido você imediatamente.*

– Estava ceando com a Graça Verde. – Parecia melhor não mencionar Hizdahr. – Precisava urgentemente de um sábio conselho dela.

– Eu tenho apenas uma necessidade urgente: Daenerys.

– Devo pedir comida? Deve estar faminto.

– Não como há dois dias, mas, agora que estou aqui, é suficiente para mim me banquetear em sua beleza.

– Minha beleza não vai encher sua barriga. – Arrancou uma pera e jogou-a para ele. – Coma isso.

– Se minha rainha ordena. – Deu uma mordida na pera, seu dente de ouro brilhando. O caldo escorreu pela barba púrpura.

A garota nela queria tanto beijá-lo que até doía. *Os beijos dele devem ser duros e cruéis*, disse para si mesma, *e ele não se importaria se eu gritasse ou se lhe ordenasse parar*. Mas a rainha nela sabia que aquilo seria tolice.

– Conte-me de sua viagem.

Ele deu de ombros descuidado.

– Os yunkaítas mandaram algumas espadas contratadas para fechar o Passo Khyzai. Os Longas Lanças, eles se autodenominam. Descemos sobre eles à noite e mandamos alguns para o inferno. Em Lhazar, matei dois dos meus próprios oficiais por conspirar para roubar as pedras preciosas e o ouro que minha rainha havia confiado a mim como

presentes para os Homens-Ovelha. Fora isso, tudo correu como eu havia prometido.

– Quantos homens perdeu em combate?

– Nove – disse Daario –, mas uma dúzia de Longas Lanças decidiu que era melhor ser um Corvo Tormentoso do que um cadáver, então estamos com três na frente. Eu disse para eles que viveriam mais lutando com seus dragões do que contra eles, e eles viram sabedoria em minhas palavras.

Aquilo a fez cautelosa.

– Eles podem espionar para Yunkai.

– São estúpidos demais para serem espiões. Você não os conhece.

– Nem você. Acredita neles?

– Acredito em todos os meus homens. Tão longe quanto possa cuspir. – Ele cuspiu uma semente e sorriu para ela com suspeita. – Devo trazer as cabeças deles para você? Trarei, se ordenar. Um é careca, dois têm tranças e um tinge a barba de quatro cores diferentes. Que espião usaria uma barba dessas, lhe pergunto? O lançador consegue acertar uma pedra entre os olhos de um mosquito a quarenta passos, e o feio tem muito jeito com cavalos, mas se minha rainha diz que devem morrer...

– Não disse isso. Eu apenas... Assegure-se de manter os olhos neles, é tudo. – Ela se sentia tola dizendo isso. Sempre se sentia um pouco tola quando estava com Daario. *Desajeitada, infantil e de raciocínio lento*. *O que ele deve pensar de mim?* Mudou de assunto. – Os Homens-Ovelha nos mandarão comida?

– Os grãos descerão o Skahazadhan de barcaça, minha rainha, e outros bens virão de caravana, pelo Khyzai.

– Não o Skahazadhan. O rio está fechado para nós. Os mares também. Você deve ter visto os navios na baía. Os qartenos expulsaram um terço da nossa frota pesqueira e apreenderam outro terço. Os outros estão assustados demais para deixar o porto. Todo o pequeno comércio que ainda tínhamos foi cortado.

Daario jogou fora o cabo da pera.

– Os qartenos têm leite nas veias. Deixe-os ver seus dragões, e eles fugirão.

Dany não queria falar sobre dragões. Fazendeiros ainda vinham às audiências com ossos queimados, reclamando de ovelhas perdidas,

embora Drogon não tivesse retornado à cidade. Alguns afirmaram tê-lo visto ao norte do rio, sobre a grama do Mar Dothraki. Lá embaixo, nos poços, Viserion arrebentara uma de suas correntes; ele e Rhaegal cresciam mais selvagens a cada dia. Uma vez, as portas de ferro haviam brilhado vermelhas de tão quentes, os Imaculados lhe contaram, e ninguém ousou tocar nelas por um dia.

– Astapor está sob cerco também.

– Isso eu sabia. Um dos Longas Lanças viveu o suficiente para nos contar que os homens estavam comendo uns aos outros na Cidade Vermelha. Disse que a vez de Meereen chegaria logo, então cortei a língua dele e dei para um cachorro amarelo. Nenhum cão come a língua de um mentiroso. Quando o cão amarelo comeu a dele, soube que o homem falava a verdade.

– Tenho guerra dentro da cidade também. – Contou para ele sobre os Filhos da Harpia e as Bestas de Bronze, e sobre o sangue nos ladrilhos. – Meus inimigos estão ao meu redor, dentro e fora da cidade.

– Ataque – ele disse de uma vez. – Um homem cercado por inimigos não pode se defender. Tente, e o machado o acertará pelas costas enquanto estiver rebatendo a espada. Não. Quando confrontado por muitos inimigos, escolha o mais fraco, mate-o, passe por cima dele e escape.

– E para onde posso escapar?

– Para minha cama. Para meus braços. Para meu coração. – Os punhos do *arakh* e do punhal de Daario tinham a forma de mulheres douradas, nuas e lascivas. Ele passou os dedos sobre elas de um jeito extremamente obsceno e deu um sorriso perverso.

Dany sentiu o sangue subir à sua face. Era quase como se a estivesse acariciando. *Ele me achará muito devassa se eu puxá-lo para minha cama?* Ele a fazia querer ser sua devassa. *Eu nunca deveria tê-lo visto sozinha. É muito perigoso tê-lo perto de mim.*

– A Graça Verde diz que eu devo ter um rei ghiscari – ela disse, nervosa. – Ela me pede para casar com o nobre Hizdahr zo Loraq.

– Aquele um? – Daario riu. – Por que não Verme Cinzento, se quer um eunuco em sua cama? Você quer um rei?

*Quero você.*

– Quero paz. Dei noventa dias para Hizdahr acabar com as mortes. Se ele conseguir, o tomarei como meu marido.

– Tome a mim como seu marido. Faço em nove dias.

*Você sabe que não posso fazer isso*, ela quase disse.

– Está lutando contra sombras, quando deveria lutar contra os homens que as projetam. – Daario continuou. – Mate-os e pegue todos os tesouros deles, eu digo. Sussurre a ordem, e seu Daario fará uma pilha com as cabeças deles mais alta do que esta pirâmide.

– Se eu soubesse quem são...

– Zhak, Pahl e Merreq. Eles, e todos os demais. Os Grandes Mestres. Quem mais seria?

*Ele é tão ousado quanto sanguinário*.

– Não temos provas de que isso seja trabalho deles. Você quer que eu massacre meus próprios súditos?

– Seus próprios súditos a massacrariam alegremente.

Ele havia ficado tanto tempo longe, que Dany quase esquecera o que ele era. *Mercenários são traiçoeiros por natureza*, lembrou a si mesma. *Volúveis, infiéis, brutais. Ele nunca será mais do que é. Ele nunca terá a matéria-prima dos reis*.

– As pirâmides são fortes – explicou para ele. – Poderíamos tomá-las apenas a um grande custo. No momento em que atacarmos uma, as outras se levantarão contra nós.

– Então os atraia para fora das pirâmides com algum pretexto. Um casamento poderia servir. Por que não? Prometa sua mão para Hizdahr e todos os Grandes Mestres virão ver você se casar. Quando se reunirem no Templo das Graças, solte-nos sobre eles.

Dany estava estarrecida. *Ele é um monstro. Um monstro galante, mas ainda um monstro.*

– Você acha que sou o Rei Açougueiro?

– Melhor ser açougueiro do que a carne. Todos os reis são açougueiros. As rainhas são diferentes?

– Esta rainha é.

Daario encolheu os ombros.

– A maior parte das rainhas não tem outro propósito além de aquecer a cama de algum rei e enchê-lo de filhos. Se é esse tipo de rainha que você pretende ser, melhor se casar com Hizdahr.

A raiva dela flamejou.

– Você esqueceu quem eu sou?

– Não. Você esqueceu?

*Viserys teria cortado a cabeça dele por essa insolência.*

– Sou o sangue do dragão. Não tenha a presunção de me ensinar lições. – Quando Dany ficou em pé, a pele de leão escorregou de seus ombros e caiu no chão. – Deixe-me.

Daario fez uma mesura completa.

– Vivo para obedecer.

Quando ele se foi, Daenerys chamou Sor Barristan de volta.

– Quero os Corvos Tormentosos de volta ao campo.

– Vossa Graça? Eles acabaram de voltar...

– Quero que *partam*. Deixe-os patrulhar o interior yunkaíta e dar proteção a qualquer caravana que venha pelo Passo Khyzai. Doravante, Daario fará os relatórios dele para você. Dê a ele todas as honras que lhe são devidas e assegure-se de que seus homens sejam bem pagos, mas em hipótese alguma ele deve ser admitido em minha presença.

– Como quiser, Vossa Graça.

Naquela noite ela não pôde dormir, mas se virou e revirou na cama, sem descanso. Chegou até mesmo a convocar Irri, na esperança de que suas carícias pudessem ajudá-la a repousar, mas depois de um momento empurrou a garota dothraki para longe. Irri era doce, macia e bem disposta, mas não era Daario.

*O que eu fiz?,* ela pensou, encolhida na cama vazia. *Esperei tanto tempo para que ele voltasse e agora o mando embora.*

– Ele teria feito de mim um monstro – sussurrou –, uma rainha açougueira. – Mas então pensou em Drogon, longe, e nos dragões no poço. *Há sangue em minhas mãos também, e no meu coração. Não somos tão diferentes, Daario e eu. Somos ambos monstros.*

# O Senhor Perdido

*Não deveria demorar tanto*, Griff disse para si mesmo enquanto caminhava pelo convés do *Donzela Tímida*. Teriam perdido Haldon como perderam Tyrion Lannister? Os volantinos o teriam levado? *Devia ter mandado Patodocampo com ele*. Haldon sozinho não era de confiança, havia provado isso em Selhorys, quando deixara o anão escapar.

O *Donzela Tímida* estava amarrado em uma das seções mais fracas da beira-rio longa e caótica, entre uma fila de barcos de pesca que não deixavam o píer havia anos e a barca alegremente pintada dos pantomimeiros. Os pantomimeiros eram barulhentos e animados, sempre fazendo discursos uns para os outros e frequentemente bêbados.

O dia estava quente e pegajoso, como todos os dias desde que deixaram os Sofrimentos. Um feroz sol meridional batia sobre a beira-rio lotada de Volon Therys, mas o calor era a última e a menor das preocupações de Griff. A Companhia Dourada estava acampada a cinco quilômetros ao sul da cidade, bem ao norte de onde esperava que estivessem, e o Tríade Malaquo viera ao norte com cinco mil homens a pé e mil a cavalo, para cortá-los no delta da estrada. Daenerys Targaryen permanecia a um mundo de distância, e Tyrion Lannister... bem, podia estar em qualquer lugar. Se os deuses fossem bons, a cabeça decepada de Lannister estaria a meio caminho de Porto Real agora mesmo, mas era mais provável que o anão estivesse saudável e inteiro em algum lugar ali perto, cheirando a bêbado e tramando alguma nova infâmia.

– Onde, pelos sete infernos, está Haldon? – Griff reclamou para a Senhora Lemore. – Quanto tempo demora para comprar três cavalos?

Ela encolheu os ombros.

– Senhor, não seria mais seguro deixar o garoto aqui no barco?

– Mais seguro, sim. Mais sábio, não. Ele é um homem crescido agora, e este é o caminho que ele nasceu para trilhar. – Griff não estava com

paciência para essa discussão. Estava cansado de se esconder, cansado de esperar, cansado de cautela. *Não tenho tempo suficiente para cautela.*

– Fizemos grandes esforços para manter o Príncipe Aegon escondido todos esses anos – Lemore o recordou. – Chegará o momento de ele lavar o cabelo e se declarar, eu sei, mas o momento não é agora. Não em um acampamento de mercenários.

– Se Harry Strickland quiser prejudicá-lo, escondê-lo no *Donzela Tímida* não vai protegê-lo. Strickland tem dez mil espadas sob seu comando. Temos Pato. Aegon é tudo o que se poderia esperar de um príncipe. Eles precisam ver isso, Strickland e os demais. Esses são seus próprios homens.

– São dele porque foram comprados e pagos. Dez mil estranhos armados, mais parasitas e seguidores de acampamentos. Só precisamos de um para nos arruinar a todos. Se a cabeça de Hugor valia as honras de um senhor, quanto Cersei Lannister pagará pelo legítimo herdeiro do Trono de Ferro? Você não conhece esses homens, senhor. Já faz uma dúzia de anos desde que cavalgou com a Companhia Dourada, e seu velho amigo está morto.

*Coração Negro*. Myles Toyne estava tão cheio de vida na última vez que Griff o deixara, que era difícil aceitar que se fora. *Um crânio dourado sobre um mastro, e Harry Sem-Teto Strickland está em seu lugar*. Lemore não estava errada, ele sabia. O que quer que seus pais e avós tivessem sido em Westeros antes do exílio, os homens da Companhia Dourada eram mercenários agora, e nenhum mercenário era de confiança. Mesmo assim...

Na noite passada, sonhara novamente com o Septo de Pedra. Sozinho, com uma espada na mão, corria de casa em casa, derrubando portas, pulando de telhado em telhado, enquanto seus ouvidos captavam o som distante de sinos. Profundas badaladas de bronze e carrilhões de prata soavam dentro de seu crânio, em uma cacofonia enlouquecedora que ficava cada vez mais alta, até que sua cabeça parecia explodir.

Dezessete anos haviam se passado desde a Batalha dos Sinos, e até hoje o som do badalar ainda causava um nó em seu estômago. Outros poderiam dizer que o reino foi perdido quando o Príncipe Rhaegar caiu sob o martelo de guerra de Robert, no Tridente, mas a Batalha do Tridente nunca teria sido travada se o grifo tivesse matado o veado no

Septo de Pedra. *Os sinos dobraram por todos nós naquele dia. Por Aerys e sua rainha, por Elia de Dorne e sua filhinha, por todo homem verdadeiro e mulher honesta dos Sete Reinos. E por meu príncipe de prata.*

– O plano era revelar o Príncipe Aegon apenas quando estivéssemos com a Rainha Daenerys – Lemore estava dizendo.

– Isso era quando acreditávamos que a garota vinha para oeste. A rainha dragão queimou nossos planos até virarem cinzas, e graças àquele gordo tolo em Pentos, agarramos a mulher dragão pela cauda e queimamos nossos dedos até os ossos.

– Illyrio não podia imaginar que a garota escolheria ficar na Baía dos Escravos.

– Não mais do que sabia que o Rei Pedinte morreria jovem, ou que Khal Drogo o seguiria para a sepultura. Muito pouco do que o gordo antecipou realmente aconteceu. – Griff bateu no cabo de sua espada longa com a mão enluvada. – Dancei pela música do gordo por anos, Lemore. O que ganhamos com isso? O príncipe é um homem crescido. É tempo dele...

– *Griff* – Yandry chamou em voz alta, acima do tinir dos sinos dos pantomimeiros. – É Haldon.

E assim era. O Meiomeistre parecia encalorado e sujo por ter feito todo o caminho da beira-mar até o pé do píer. O suor deixara anéis escuros embaixo dos braços na túnica de linho leve, e ele tinha o mesmo olhar azedo que carregava em Selhorys ao voltar para o *Donzela Tímida* para confessar que o anão havia desaparecido. Apesar disso, levava três cavalos, e isso era tudo o que importava.

– Traga o rapaz – Griff disse para Lemore. – Veja se ele está pronto.

– Como quiser – ela respondeu, infeliz.

*Então que seja*. Tinha muita afeição por Lemore, mas isso não queria dizer que precisasse da sua aprovação. A tarefa dela era instruir o príncipe nas doutrinas da Fé, e ela havia feito isso. Mas nem toda a oração do mundo o colocaria sobre o Trono de Ferro. Esta era a tarefa de Griff. Falhara com o Príncipe Rhaegar uma vez. Não falharia com seu filho, não enquanto tivesse vida em seu corpo.

Os cavalos de Haldon não o agradaram.

– Estes foram os melhores que conseguiu encontrar? – reclamou para o Meiomeistre.

– Foram – disse Haldon, em tom irritado –, e é melhor não perguntar quanto nos custaram. Com os dothrakis do outro lado do rio, metade da população de Volon Therys decidiu que em breve estarão em outro lugar, então a carne de cavalo fica mais cara a cada dia.

*Eu mesmo devia ter ido*. Depois de Selhorys, havia encontrado dificuldade em confiar em Haldon como antes. *Ele deixou o anão seduzi-lo com aquela lábia toda. Deixou-o entrar sozinho em um prostíbulo enquanto permanecia como um idiota na praça.* O dono do bordel insistira que o homenzinho havia sido levado na ponta da espada, mas Griff não sabia se podia acreditar. O Duende era esperto o suficiente para ter conspirado a própria fuga. O captor bêbado do qual as prostitutas falaram poderia ser algum homem de confiança contratado por ele. *Eu divido a culpa. Depois que o anão se colocou entre Aegon e o homem de pedra, baixei a guarda. Devia ter cortado a sua garganta na primeira vez que deitei meus olhos sobre ele.*

– Servirão bem o bastante, suponho – disse para Haldon. – O acampamento está só a cinco quilômetros para o sul. – O *Donzela Tímida* faria o percurso mais rapidamente, mas preferia manter Harry Strickland ignorante de onde ele e o príncipe tinham estado. Tampouco se entusiasmava com a possibilidade dos respingos nos baixios para atravessar algum banco de rio lamacento. Esse tipo de entrada podia servir para um mercenário e seu filho, mas não para um grande senhor e seu príncipe.

Quando o rapaz saiu da cabine com Lemore ao seu lado, Griff o examinou cuidadosamente da cabeça aos pés. O príncipe usava espada e adaga, botas negras polidas até resplandecerem e uma capa negra forrada com seda vermelho-sangue. Com o cabelo lavado, cortado e recém-pintado de um azul profundo e escuro, seus olhos também pareciam azuis. Na garganta, usava três imensos rubis quadrados em uma corrente de ferro negra, um presente do Magíster Illyrio. *Vermelho e negro. As cores do Dragão*. Isso era bom.

– Você parece um príncipe bastante adequado – disse para o garoto. – Seu pai ficaria orgulhoso se pudesse vê-lo.

O Jovem Griff passou os dedos pelos cabelos.

– Estou cansado deste azul. Deveríamos lavá-lo.

– Em breve. – Griff ficaria feliz em voltar à sua cor verdadeira também, embora seus cabelos antes vermelhos houvessem se tornado grisalhos. Bateu no ombro do rapaz. – Vamos? Seu exército aguarda sua chegada.

– Gosto de como isso soa. Meu exército. – Um sorriso iluminou seu rosto e então desapareceu. – São meus homens, afinal? São mercenários. Yollo me avisou para não confiar em ninguém.

– Há sabedoria nisso – Griff admitiu. Seria outra coisa se Coração Negro ainda comandasse, mas Myles Toyne morrera havia quatro anos, e Harry Sem-Teto Strickland era um tipo distinto de homem. Mas não podia dizer isso ao rapaz. O anão já havia plantado dúvidas suficientes em sua jovem cabeça. – Nem todo homem é o que parece, e um príncipe, especialmente, tem bons motivos para ser cauteloso... Mas vá muito longe por esse caminho e a desconfiança vai envenenar você, torná-lo amargo e com medo. – *O Rei Aerys foi assim. No fim, até Rhaegar viu isso claramente*. – Você faria melhor em conseguir um meio-termo. Deixe os homens conquistarem sua confiança com serviço leal... mas, quando o fizerem, seja generoso e tenha o coração aberto.

O garoto balançou a cabeça.

– Eu me lembrarei.

Deram ao príncipe o melhor dos três cavalos, um grande castrado cinza, tão claro que era quase branco. Griff e Haldon cavalgavam ao lado dele, em montarias menores. A estrada seguia para o sul, sob as muralhas brancas de Volon Therys por uns oitocentos metros. Então deixaram a cidade para trás, seguindo o curso sinuoso do Roine através de bosques de salgueiros e campos de papoulas, passando por um moinho de madeira cujas pás rangiam como ossos velhos quando giravam.

Encontraram a Companhia Dourada ao lado do rio, quando o sol estava se pondo no oeste. Era um acampamento que talvez até Arthur Dayne tivesse aprovado: compacto, ordenado, defensível. Uma vala profunda fora cavada ao redor, com estacas afiadas dentro. As tendas estavam em filas com amplas avenidas entre elas. As latrinas haviam sido colocadas ao lado do rio, então a corrente levava os dejetos. As linhas dos cavalos estavam ao norte, e atrás delas duas dúzias de elefantes pastavam ao lado da água, erguendo juncos com suas trombas. Griff olhou para os grandes

animais cinzentos com aprovação. *Não há um cavalo de guerra em toda Westeros que possa enfrentá-los.*

Altos estandartes de batalha de samito dourado agitavam-se em cima de elevados postes ao longo do perímetro do acampamento. Sob eles, sentinelas de armadura faziam suas rondas com lanças e bestas, observando qualquer aproximação. Griff tivera receio que a companhia tivesse relaxado sob o comando de Harry Strickland, que sempre parecera mais preocupado em fazer amigos do que em garantir a disciplina, mas parecia que suas preocupações eram infundadas.

No portão, Haldon disse alguma coisa para o oficial dos guardas, e um mensageiro foi enviado para encontrar um capitão. Quando ele apareceu, estava tão feio quanto na última vez que Griff deitara os olhos nele. Um homem barrigudo e brutamontes, o mercenário tinha o rosto atravessado por antigas cicatrizes. Sua orelha direita parecia ter sido mastigada por um cachorro e a esquerda sumira.

– Eles o fizeram capitão, Flowers? – disse Griff. – Eu achava que a Companhia Dourada tinha padrões.

– É pior que isso, seu tipinho – disse Franklyn Flowers. – Me sagraram cavaleiro também. – Agarrou Griff pelo antebraço e puxou-o para um abraço esmagador. – Você parece horrível, mesmo para um homem que esteve morto por uma dúzia de anos. Cabelo azul, é isso mesmo? Quando Harry me disse que você estava voltando, quase me caguei. E Haldon, seu pau no cu, é bom ver você também. Ainda tem aquela bengala na bunda? – Virou-se para o Jovem Griff. – E este seria...

– Meu escudeiro. Rapaz, este é Franklyn Flowers.

O príncipe o cumprimentou com um aceno de cabeça.

– Flowers é um nome bastardo. Você vem da Campina.

– Sim. Minha mãe era uma lavadeira no Solar da Sidra, até que um dos filhos do senhor a estuprou. Isso me torna um tipo de maçã marrom de Fossoway, é como me vejo. – Flowers os levou pelo portão. – Venham comigo. Strickland chamou todos os oficiais para a tenda dele. Conselho de guerra. Os malditos volantinos estão agitando suas lanças e exigindo conhecer nossas intenções.

Os homens da Companhia Dourada estavam fora de suas tendas, jogando dados, bebendo e espantando moscas. Griff se perguntava quantos deles sabiam quem ele era. *Poucos demais. Doze anos é um*

*longo tempo*. Até mesmo os homens que cavalgaram com ele podiam não reconhecer o exilado Lorde Jon Connington de flamejante barba vermelha no rosto alinhado e barbeado e nos cabelos azuis do mercenário Griff. No que dizia respeito a eles, Connington tinha se acabado de tanto beber em Lys, depois de ter sido expulso da companhia em desgraça, por ter roubado o baú de guerra. A vergonha da mentira ainda estava atravessada em sua garganta, mas Varys insistira em que era necessário.

– Não queremos canções sobre o exílio galante – o eunuco dissera, rindo suavemente, naquela voz amaneirada. – Aqueles que morrem mortes heroicas são lembrados por muito tempo; ladrões, bêbados e covardes são logo esquecidos.

*O que um eunuco sabe sobre a honra de um homem?* Griff havia levado o plano da Aranha adiante para a segurança do menino, mas isso não significava que gostasse da ideia. *Deixe-me viver tempo suficiente para ver o garoto sentado no Trono de Ferro e Varys pagará por essa desfeita, e muito mais. Então veremos quem é logo esquecido.*

A tenda do capitão-general era feita de samito dourado e cercada por um anel de estacas cobertas com crânios dourados. Um crânio era maior que os demais, grotescamente malformado. Embaixo havia um segundo, não maior do que o punho de uma criança. *Maelys, o Monstruoso, e seu irmão sem nome*. Os outros crânios eram parecidos com aqueles, embora muitos estivessem quebrados e estilhaçados pelos golpes que os mataram, e um deles tivesse uma fileira de dentes pontiagudos.

– Qual deles é Myles?– Griff se pegou perguntando.

– Aqui. No fim. – Flowers apontou. – Espere. Vou anunciar você. – Ele andou para dentro da tenda, deixando Griff a contemplar o crânio dourado de seu velho amigo. Em vida, Sor Myles Toyne era tão feio quanto o pecado. Seu famoso antepassado, o cruel e impetuoso Torrence Toyne, sobre quem os bardos cantavam, havia sido tão bonito de rosto que nem mesmo a amante do rei pôde resistir a ele, mas Myles tinha orelhas de abano, a mandíbula torta e o maior nariz que Jon Connington já vira. Mas, quando sorria, nada disso importava. Coração Negro, seus homens o apelidaram, pelo símbolo em seu escudo. Myles amara o nome e tudo o que estava implícito nele.

– Um capitão-general precisa ser temido, tanto pelos amigos quanto pelos inimigos – confessara uma vez. – Se os homens acharem que sou

cruel, melhor. – A verdade era outra. Soldado até os ossos, Toyne era feroz mas sempre justo, um pai para seus homens e sempre generoso com o exilado Lorde Jon Connington.

A morte lhe roubara as orelhas, o nariz e todo o seu calor. O sorriso permanecera, transformado em um sorriso largo, dourado e brilhante. Todos os crânios sorriam, mesmo o de Açoamargo, na alta estaca no centro. *Do que ele sorri? Morreu derrotado e sozinho, um homem quebrado em uma terra estrangeira.* Em seu leito de morte, Sor Aegor Rivers ordenara a seus homens que fervessem seu crânio para retirar a carne, mergulhassem-no em ouro e o carregassem diante deles quando cruzassem o mar para retomar Westeros. Seus sucessores haviam seguido o exemplo.

Jon Connington podia ter sido um desses sucessores, se seu exílio tivesse sido diferente. Passara cinco anos na companhia, ascendendo das fileiras para um lugar de honra do lado direito de Toyne. Se tivesse ficado, bem que poderia ter sido ele a assumir o lugar de Myles, após sua morte, em vez de Harry Strickland. Mas Griff não se arrependia do caminho que escolhera. *Quando eu voltar para Westeros, não será como um crânio sobre uma estaca.*

Flowers saiu da tenda.

– Entrem.

Os oficiais de alto escalão da Companhia Dourada se levantaram dos bancos e cadeiras de campanha quando eles entraram. Velhos amigos cumprimentaram Griff com sorrisos e abraços, os homens novos mais formalmente. *Nem todos estão tão felizes em me ver como queriam que eu acreditasse.* Sentia facas atrás de alguns sorrisos. Até bem recentemente, a maioria deles acreditava que Lorde Jon Connington estava seguramente em seu túmulo, e sem dúvida muitos achavam que aquele era um bom lugar para ele, um homem que rouba seus irmãos em armas. Griff se sentiria do mesmo jeito se estivesse na posição deles.

Sor Franklin fez as apresentações. Alguns dos capitães mercenários carregavam nomes bastardos, assim como Flowers: Rivers, Hill, Stone. Outros se arrogavam nomes que certa vez tiveram grande importância na história dos Sete Reinos; Griff contou dois Strong, três Peake, um Mudd, um Mandrake, um Lothston, um par de Cole. Nem todos eram verdadeiros, ele sabia. Nas companhias livres, um homem podia chamar

a si mesmo do jeito que quisesse. Independente do nome, os mercenários mostravam um esplendor rude. Como muitos outros nesse ramo, mantinham as riquezas mundanas sobre suas pessoas: espadas com joias, armaduras incrustadas, pesadas *torcs* e seda fina em muita evidência, e cada homem usava o resgate de um senhor em braceletes de ouro. Cada bracelete significava um ano a serviço da Companhia Dourada. Marq Mandrake, cujo rosto marcado de varíola tinha um buraco em uma bochecha que havia sido queimada para eliminar uma marca de escravo, usava uma corrente de crânios dourados também.

Nem todos os capitães tinham sangue westerosi. Balaq Negro, um ilhéu de Verão com a pele escura como fuligem, comandava os arqueiros da companhia desde a época de Coração Negro. Vestia uma capa com penas verdes e laranja, magníficas de serem vistas. O cadavérico volantino Gorys Edoryen substituíra Strickland como mestre da moeda. Uma pele de leopardo pendia pregueada de um ombro, e seu cabelo vermelho-sangue caía pelos ombros em cachos oleosos, embora a barba pontuda fosse negra. O mestre dos espiões era novo para Griff; um liseno chamado Lysono Maar, com olhos lilases, cabelo branco-dourado e lábios que fariam inveja a uma prostituta. Em um primeiro passar de olhos, Griff quase o tomara por mulher. As unhas da mão eram pintadas de púrpura e os lóbulos das orelhas carregavam pérolas e ametistas.

*Fantasmas e mentirosos*, Griff pensou, enquanto examinava seus rostos. *Espectros de guerras esquecidas e rebeliões fracassadas, uma irmandade de fracassados e caídos, os desgraçados e deserdados. Este é meu exército. É nossa melhor esperança*.

Virou-se para Harry Strickland.

Harry Sem-Teto parecia pouco com um guerreiro. Corpulento, com uma grande cabeça redonda, suaves olhos cinza e um cabelo rarefeito que escovava para o lado para esconder a careca, Strickland estava sentado em uma cadeira de acampamento, com os pés mergulhados em uma bacia de água salgada.

– Vai me perdoar por não levantar – disse, à guisa de cumprimento. – Nossa marcha foi cansativa e meus dedos são propensos a bolhas. Uma maldição.

*É um sinal de fraqueza. Você parece uma velha*. Os Strickland faziam parte da Companhia Dourada desde sua fundação, quando o bisavô de

Harry perdera suas terras e se unira ao Dragão Negro durante a primeira Rebelião Blackfyre.

– Dourados por quatro gerações – Harry costumava se vangloriar, como se quatro gerações de exílio e derrota fossem motivo de orgulho para alguém.

– Posso fazer um unguento para isso – disse Haldon –, há certos sais minerais que endurecem a pele.

– É muita gentileza sua. – Strickland acenou para seu escudeiro. – Watkyn, vinho para nossos amigos.

– Obrigado, mas não – disse Griff. – Beberemos água.

– Como preferir. – O capitão-general sorriu para o príncipe. – E este deve ser seu filho.

*Ele sabe?* Griff se perguntou. *Quanto Myles contou para ele?* Varys tinha sido inflexível sobre a necessidade de sigilo. Os planos que ele e Illyrio haviam feito com Coração Negro eram conhecidos só por eles. O restante da companhia fora mantido na ignorância. O que não sabiam não deixariam escapar.

Esse tempo se fora, no entanto.

– Nenhum homem podia pedir por filho mais digno – disse Griff –, mas este rapaz não é meu sangue, e o nome dele não é Griff. Senhores, apresento-lhes Aegon Targaryen, filho primogênito de Rhaegar, Príncipe de Pedra do Dragão e da Princesa Elia de Dorne... Logo, com a ajuda de vocês, ele será Aegon, o Sexto de Seu Nome, Rei dos Ândalos, dos Reinares e dos Primeiros Homens, e Senhor dos Sete Reinos.

Silêncio se seguiu ao seu anúncio. Alguém limpou a garganta. Um dos Cole tornou a encher sua taça de vinho do garrafão. Gorys Edoryen brincava com o saca-rolhas e murmurou algo em uma língua que Griff não entendeu. Laswell Peake tossiu, Mandrake e Lothston trocaram um rápido olhar. *Eles sabem*, Griff percebeu. *Sempre souberam*. Voltou seu olhar para Harry Strickland.

– Quando contou para eles?

O capitão-general torcia os dedos dos pés com bolhas na bacia.

– Quando alcançamos o rio. A companhia estava inquieta, e com boas razões. Saímos de uma campanha fácil nas Terras Disputadas, e para quê? Então podíamos sufocar nesse calor dos infernos, vendo nossas

moedas derreterem e nossas lâminas enferrujarem, enquanto eu recusava ricos contratos?

Aquelas notícias fizeram a pele de Griff se arrepiar.

– Quem?

– Os homens de Yunkai. O enviado que mandaram para cortejar Volantis já despachou três companhias livres para a Baía dos Escravos. Queria que fôssemos a quarta, e nos ofereceu duas vezes o que Myr estava nos pagando, mais um escravo para cada homem na companhia, dez para cada oficial e cem donzelas escolhidas, todas para mim.

*Maldito.*

– Isso exigiria milhares de escravos. Onde os yunkaítas esperam conseguir tantos?

– Em Meereen. – Strickland acenou para seu escudeiro. – Watkyn, uma toalha. Esta água está ficando gelada, e meus dedos estão enrugados como passas. Não, não aquela toalha... a macia.

– Você recusou – disse Griff.

– Disse que iria pensar na proposta dele. – Harry estremeceu quando o escudeiro começou a secar seus pés. – Seja gentil com os dedos. Pense neles como uvas de casca fina, rapaz. Você quer secá-los sem esmagá-los. *Afague-os*, não esfregue. Sim, desse jeito. – Virou-se para Griff. – Uma recusa brusca teria sido imprudente. Os homens poderiam, com razão, perguntar se eu havia perdido o juízo.

– Vocês terão trabalho para suas lâminas em breve.

– Teremos? – perguntou Lysono Maar. – Acredito que saiba que a garota Targaryen não começou seu caminho para o oeste?

– Ouvimos esse boato em Selhorys.

– Não é boato. É a simples verdade. O porquê disso é mais difícil de entender. Saquear Meereen, sim, por que não? Eu teria feito o mesmo no lugar dela. As cidades dos escravos exalam a ouro, e a conquista exige dinheiro. Mas por que permanecer? Medo? Loucura? Preguiça?

– O porquê não importa. – Harry Strickland desenrolou um par de meias de lã listradas. – Ela está em Meereen e nós estamos aqui, onde os volantinos ficam a cada dia mais descontentes com nossa presença. Viemos levantar um rei e uma rainha que nos liderariam para casa, em Westeros, mas essa garota Targaryen parece mais preocupada em plantar oliveiras do que em reclamar o trono de seu pai. Enquanto isso, seus

inimigos se reúnem. Yunkai, Nova Ghis, Tolos. Barbassangrenta e o Príncipe Esfarrapado estão ambos indo a campo contra ela... e logo as frotas da Antiga Volantis descerão sobre ela também. E o que ela tem? Escravos de cama com bastões?

– Imaculados – disse Griff. – E dragões.

– Dragões, sim – disse o capitão-general –, mas ainda jovens, dificilmente mais do que filhotes. – Strickland passou as meias pelas bolhas até os tornozelos. – Qual será a utilidade deles quando todos esses exércitos inimigos se fecharem sobre a cidade dela como um punho?

Tristan Rivers tamborilou os dedos no joelho.

– Tudo isso são motivos para irmos até ela rapidamente, eu digo. Se Daenerys não vem até nós, devemos ir até Daenerys.

– Podemos andar pelas ondas, sor? – perguntou Lysono Maar. – Eu lhe digo novamente, não podemos chegar até a rainha prateada por mar. Me meti em Volantis, vestido de comerciante, para saber quantos navios teríamos disponíveis. O porto fervilha de galés, barcos pesqueiros e naus de todos os tipos e tamanhos, e mesmo assim me peguei andando com contrabandistas e piratas. Temos dez mil homens na companhia, como estou certo de que Lorde Connington se lembra de seus anos de serviço para nós. Cinco mil cavaleiros, cada um com três cavalos. Cinco mil escudeiros, com uma montaria cada. E elefantes, não podemos esquecer os elefantes. Um navio pirata não será suficiente. Precisamos de uma *frota* pirata... e, mesmo se encontrarmos uma, as notícias que vêm da Baía dos Escravos dão conta de que Meereen está fechada por um bloqueio.

– Podíamos fingir aceitar a oferta de Yunkai – exortou Gorys Edoryen. – Permitir que os yunkaítas nos transportem até o leste, e então devolver o ouro deles sob as muralhas de Meereen.

– Um contrato quebrado é suficiente para manchar a honra da companhia – Harry Sem-Teto Strickland interrompeu, segurando na mão o pé cheio de bolhas. – Deixe-me lembrar vocês, foi Myles Toyne quem colocou seu selo neste pacto secreto, não eu. Eu honraria seu acordo se pudesse, mas como? Parece claro para mim que a garota Targaryen nunca virá para oeste. Westeros era o reino do pai dela. Meereen é o dela. Se ela conseguir derrotar os yunkaítas, será a Rainha da Baía dos Escravos. Se não, morrerá muito antes de termos a esperança de alcançá-la.

As palavras dele não eram nenhuma surpresa para Griff. Harry Strickland sempre fora um homem afável, melhor martelando contratos do que martelando inimigos. Tinha faro para ouro, mas se tinha estômago para batalha era outra questão.

– Há a rota terrestre – sugeriu Franklyn Flowers.

– O caminho do demônio é a morte. Perderemos metade da companhia por deserção se tentarmos essa marcha e enterraremos a metade que sobrar ao lado da estrada. Me entristece dizer isso, mas o Magíster Illyrio e seus amigos podem ter sido imprudentes em colocar tanta esperança nessa rainha criança.

*Não*, pensou Griff, *foram muito imprudentes em colocar as esperanças deles em você.*

O Príncipe Aegon falou.

– Então coloquem suas esperanças em mim – disse. – Daenerys é irmã do Príncipe Rhaegar, mas eu sou filho dele. Sou o único dragão do qual vocês precisam.

Griff colocou a mão enluvada sobre o ombro do Príncipe Aegon.

– Palavras corajosas – disse –, mas pense no que você está dizendo.

– Eu pensei – o rapaz insistiu. – Por que devo correr até minha tia como se fosse um pedinte? Minha pretensão é melhor do que a dela. Deixe-a vir até mim... em Westeros.

Franklyn Flowers riu.

– Gosto disso. Navegar para oeste, não para leste. Deixar a pequena rainha com suas oliveiras e colocar o Príncipe Aegon sobre o Trono de Ferro. O garoto tem bolas, isso tem.

O capitão-general olhou como se alguém o tivesse estapeado no rosto.

– O sol coalhou seu cérebro, Flowers? Precisamos da garota. Precisamos do casamento. Se Daenerys aceitar nosso príncipe e tomá-lo como seu consorte, os Sete Reinos farão o mesmo. Sem ela, os senhores zombarão da pretensão dele e o estigmatizarão como uma fraude e um fingidor. E como pretende ir até Westeros? Você ouviu Lysono. Não há navios.

*Este homem está com medo de lutar*, Griff percebeu. *Como eles o escolheram para o lugar de Coração Negro?*

– Não há navios para a Baía dos Escravos. Westeros é outra coisa. O leste está fechado para nós, não o mar. Os tríades ficarão felizes em ver

nossa partida, não tenho dúvidas. Podem até nos ajudar a conseguir passagem de volta para os Sete Reinos. Nenhuma cidade quer um exército em seus portões.

– Ele não está errado – disse Lysono Maar.

– Neste momento, o leão certamente já sentiu o cheiro do dragão – disse um dos Cole –, mas a atenção de Cersei deve estar voltada para Meereen e essa outra rainha. Ela não sabe nada sobre nosso príncipe. E, uma vez que cheguemos a terra firme e levantemos nossos estandartes, muitos e muitos mais se unirão a nós.

– Alguns – concordou Harry Sem-Teto –, não *muitos*. A irmã de Rhaegar tem *dragões*. O filho de Rhaegar não tem. Não temos força para tomar o reino sem Daenerys e o exército dela. Seus Imaculados.

– O primeiro Aegon tomou Westeros sem eunucos – disse Lysono Maar. – Por que o sexto Aegon não faria o mesmo?

– O plano...

– Que plano? – disse Tristan Rivers. – O plano do gordo? Aquele que muda com as fases da lua? Primeiro Viserys Targaryen se juntaria a nós com cinquenta mil gritadores dothrakis atrás dele. Então o Rei Pedinte foi morto, e era a irmã dele, uma jovem e maleável criança que estaria a caminho de Pentos com três dragões recém-eclodidos. Em vez disso, a garota se virou para a Baía dos Escravos e deixou uma trilha de cidades queimadas em seu caminho, e o gordo decidiu que deveríamos encontrá-la em Volantis. Agora esse plano está arruinado também. Já tive planos suficientes de Illyrio. Robert Baratheon conquistou o Trono de Ferro sem a ajuda de dragões. Podemos fazer o mesmo. E se eu estiver errado e o reino não se levantar conosco, sempre poderemos recuar através do mar estreito, como Açoamargo fez uma vez, e outros depois dele.

Strickland sacudiu a cabeça, obstinadamente.

– O risco...

– ... não é o que era, agora que Tywin Lannister está morto. Os Sete Reinos nunca estiveram tão maduros para a conquista. Outro rei garoto senta no Trono de Ferro, ainda mais jovem que o último, e rebeldes aumentam no solo como folhas de outono.

– Mesmo assim – disse Strickland –, sozinhos, não podemos esperar...

Griff ouvira o bastante da covardia do capitão-general.

– Não estaremos sozinhos. Dorne se unirá a nós, *deve* se unir a nós. O Príncipe Aegon é filho de Elia tanto quanto de Rhaegar.

– É isso – disse o garoto –, e quem está em Westeros para se opor a nós? Uma mulher.

– Uma mulher *Lannister* – insistiu o capitão-general. – A puta terá o Regicida ao seu lado, contem com isso, e terão toda a riqueza de Rochedo Casterly atrás deles. E Illyrio diz que o rei menino é prometido à garota Tyrell, o que significa que enfrentaremos o poder de Jardim de Cima também.

Laswell Peake bateu os nós dos dedos na mesa.

– Mesmo depois de um século, alguns de nós ainda têm amigos na Campina. O poder de Jardim de Cima pode não ser o que Mace Tyrell imagina.

– Príncipe Aegon – disse Tristan Rivers –, somos seus homens. É seu desejo que naveguemos para oeste em vez de para leste?

– É, sim! – Aegon respondeu apaixonadamente. – Se minha tia quer Meereen, que faça bom proveito. Clamarei o Trono de Ferro eu mesmo, com suas espadas e sua fidelidade. Se nos movermos rápido e atacarmos forte, poderemos ter algumas vitórias fáceis antes que os Lannister sequer saibam da nossa presença no continente. Isso trará outros para nossa causa.

Rivers estava sorrindo de aprovação. Outros trocavam olhares pensativos. Então Peake disse:

– Prefiro morrer em Westeros a morrer no caminho do demônio.

Marq Mandrake riu e respondeu:

– Eu prefiro viver, conquistar terras e algum grande castelo.

Franklyn Flowers bateu no cabo da sua espada e disse:

– Enquanto eu puder matar alguns Fossoway, estou nessa.

Quando todos começaram a falar ao mesmo tempo, Griff soube que a maré tinha virado. *Este é um lado de Aegon que nunca vi antes*. Não era um caminho prudente, mas ele estava cansado de prudência, enfermo de segredos, exausto de esperar. Ganhando ou perdendo, veria Poleiro do Grifo novamente antes de morrer, e seria enterrado na tumba ao lado de seu pai.

Um por um, os homens da Companhia Dourada se levantaram, ajoelharam-se e colocaram as espadas aos pés de seu jovem príncipe. O

último a fazer isso foi Harry Sem-Teto Strickland, com os pés cheios de bolhas e tudo.

O sol avermelhado no céu ocidental pintava sombras escarlate nos crânios dourados no topo das lanças quando deixaram a tenda do capitão-general. Franklyn Flowers se ofereceu para dar uma volta com o príncipe pelo acampamento e apresentá-lo a alguns que chamava de *os rapazes*. Griff deu seu consentimento.

– Mas lembre-se, por mais que a companhia esteja envolvida, ele deve continuar a ser o Jovem Griff até que atravessemos o mar estreito. Em Westeros lavaremos seu cabelo e o deixaremos usar sua armadura.

– Sim, entendido. – Flowers deu um tapinha nas costas do Jovem Griff. – Venha comigo. Começaremos com os cozinheiros. Bons homens para se conhecer.

Quando os dois saíram, Griff se virou para o Meiomeistre.

– Cavalgue de volta ao *Donzela Tímida* e retorne para cá com a Senhora Lemore e Sor Rolly. Precisaremos dos baús de Illyrio também. Todas as moedas, todas as armaduras. Dê nossos agradecimentos a Yandry e Ysilla. A parte deles nisso está acabada. Eles não serão esquecidos quando Sua Graça chegar ao seu reino.

– Como desejar, senhor.

Griff o deixou ali e entrou na tenda que Harry Sem-Teto havia destinado para ele.

A estrada diante deles era cheia de perigos, ele sabia, mas e daí? Todos os homens têm que morrer. Tudo o que ele pedia era tempo. Esperara tanto, certamente os deuses lhe garantiriam mais alguns anos, tempo suficiente para ver o garoto que chamava de filho sentado no Trono de Ferro. Para reclamar suas terras, seu nome, sua honra. Para acalmar os sinos que ainda tocavam tão alto em seus sonhos todas as vezes que fechava os olhos para dormir.

Sozinho na tenda, enquanto os raios dourados e escarlate do sol poente brilhavam pela abas abertas, Jon Connington tirou a capa de pele de lobo, escorregou a camisa de cota de malha por sobre a cabeça, sentou-se em um banco de acampamento e tirou a luva da mão direita. A unha de seu dedo médio tinha se tornado tão negra quanto azeviche, ele via, e o cinza subira até quase a primeira articulação. A ponta do dedo anelar também

começava a escurecer e, quando ele a tocava com a ponta da adaga, não sentia nada.

*Morte*, sabia, *mas lenta. Ainda tenho tempo. Um ano. Dois anos. Cinco. Alguns homens de pedra vivem dez. Tempo suficiente para cruzar o mar, para ver Poleiro do Grifo novamente. Para acabar com a linhagem do Usurpador de uma vez por todas e colocar o filho de Rhaegar no Trono de Ferro.*

Então Lorde Jon Connington poderia morrer feliz.

# O SOPRADO PELO VENTO

A notícia atravessou o acampamento como vento quente. *Ela está vindo. Suas tropas estão em marcha. Está seguindo para o sul, para Yunkai, a fim de passar a cidade na tocha e as pessoas pela espada, e estamos indo para o norte encontrá-la.*

Sapo ouvira de Pau Fino, que ouvira do Velho Osso Bill, que ouvira de um pentoshi chamado Myrio Myrakis, que tinha um primo que servia como copeiro do Príncipe Esfarrapado.

– O primo ouviu isso na tenda do comandante, dos lábios do próprio Caggo – Pau Fino insistiu. – Marcharemos antes do dia nascer, vejam se não.

Aquilo provou ser verdade. O comando saiu do Príncipe Esfarrapado, passou pelos capitães e chegou até os oficiais: desarmem as tendas, carreguem as mulas, selem os cavalos, marcharemos para Yunkai ao amanhecer.

– Não que os bastardos yunkaítas nos queiram dentro da Cidade Amarela, farejando ao redor das filhas deles – previu Baqq, o besteiro de olhos estreitos de Myr, cujo nome significava Feijões. – Pegaremos provisões em Yunkai, talvez cavalos descansados, e então seguiremos para Meereen para dançar com a rainha dragão. Então salte rápido, Sapo, e dê uma boa afiada na espada de seu mestre. Ele precisará dela em breve.

Em Dorne, Quentyn Martell tinha sido um príncipe, em Volantis, um homem do mercador, mas nas margens da Baía dos Escravos era apenas Sapo, escudeiro do grande cavaleiro careca dornense, o mercenário chamado Tripaverde. Os homens dos Soprados pelo Vento usavam os nomes que queriam, e os trocavam por capricho. Eles o apelidaram de *Sapo*, porque saltava rápido quando o grandão gritava uma ordem.

Até mesmo o comandante dos Soprados pelo Vento mantinha seu nome verdadeiro para si. Algumas companhias livres haviam surgido durante o século de sangue e caos que se seguiu à Condenação de Valíria. Outras se formaram no dia anterior e desapareceriam no dia seguinte. Os Soprados pelo Vento já tinham completado trinta anos, e durante todo esse tempo conheceram apenas um único comandante, um nobre pentoshi de olhos tristes e fala mansa conhecido como Príncipe Esfarrapado. Seu cabelo e sua cota de malha eram cinza-prateado, mas sua capa esfarrapada era feita de tiras de tecido de muitas cores: azul, cinza, púrpura, vermelho, dourado, verde, magenta, vinho e azul-celeste, todas desbotadas pelo sol. Quando o Príncipe Esfarrapado tinha vinte e três, Pau Fino contara a história, os magísteres de Pentos o escolheram para ser o novo príncipe, horas depois de cortar a cabeça do antigo príncipe. Em vez disso, ele prendeu a espada ao cinturão, montou em seu cavalo favorito e partiu para as Terras Disputadas, para nunca mais voltar. Cavalgou com os Segundos Filhos, com os Escudos de Ferro, com os Homens da Donzela, até juntar cinco irmãos em armas e formar os Soprados pelo Vento. Desses seis fundadores, apenas ele sobreviveu.

Sapo não tinha ideia do quanto disso era verdade. Depois de assinar com os Soprados pelo Vento em Volantis, vira o Príncipe Esfarrapado apenas a distância. Os dornenses eram mãos novas, recrutas inexperientes, ponta de flecha, três entre dois mil. Seu comandante tinha companhias de nível mais alto.

– Não sou escudeiro – Quentyn protestara quando Gerris Drinkwater sugeriu o plano. Gerris era conhecido agora como Gerrold Dornense, para distingui-lo de Gerrold Costas Vermelhas e de Negro Gerrold, e algumas vezes como Drink, desde que o grandão escorregara e o chamara dessa maneira. – Ganhei minhas esporas em Dorne. Sou tão cavaleiro quanto vocês.

Mas Gerris estava certo nisso; ele e Arch estavam ali para proteger Quentyn, e isso significava mantê-lo ao lado do grandão.

– Arch é o melhor lutador de nós três – Drinkwater comentara –, mas apenas você pode esperar se casar com a rainha dragão.

*Casar com ela ou lutar contra ela, de qualquer modo, logo estaremos cara a cara.* Quanto mais Quentyn ouvia sobre Daenerys Targaryen, mais temia tal encontro. Os yunkaítas afirmavam que ela alimentava seus

dragões com carne humana e que se banhava no sangue de virgens para manter a pele suave e flexível. Feijões ria disso, mas gostava das histórias sobre a promiscuidade dela.

– Um de seus capitães vem de uma linhagem na qual os homens têm membros com um metro de comprimento – contou para eles –, mas nem isso é grande o suficiente para ela. Ela cavalgou com os dothrakis e cresceu acostumada a ser fodida por garanhões, então agora nenhum homem pode preenchê-la.

E Livros, o esperto espadachim volantino que sempre parecia estar com o nariz enfiado em algum pergaminho farelento, achava que a rainha dragão era assassina e louca.

– O khal matou o irmão dela para que ela fosse rainha. Então ela matou o khal para se tornar *khaleesi*. Ela pratica sacrifício de sangue, mente com tanta facilidade quanto respira, se volta contra ela mesma por um capricho. Rompe tréguas, tortura enviados... o pai dela era louco também. Isso corre no sangue.

*Isso corre no sangue.* O Rei Aerys II *era* louco, toda Westeros sabia disso. Havia exilado duas de suas Mãos e queimado uma terceira. *Se Daenerys é tão assassina quanto seu pai, ainda devo me casar com ela?* O Príncipe Doran nunca falara sobre essa possibilidade.

Sapo ficaria feliz em deixar Astapor para trás. A Cidade Vermelha era a coisa mais próxima do inferno que já esperara conhecer. Os yunkaítas haviam fechado os portões arrebentados para manter os mortos e os que estavam morrendo dentro da cidade, mas as visões que tivera cavalgando por aquelas ruas de tijolos vermelhos assombrariam Quentyn Martell para sempre. Um rio entupido de cadáveres. A sacerdotisa em sua túnica rasgada, empalada em uma estaca e cercada por uma nuvem de brilhantes moscas verdes. Homens à beira da morte cambaleando pelas ruas, sangrentos e deteriorados. Crianças brigando por filhotes meio cozidos. O último rei livre de Astapor, gritando nu na arena onde foi colocado com um bando de cães famintos. E fogo, fogo por toda parte. Fechava os olhos e ainda podia ver; chamas se contorcendo nas pirâmides de tijolos, maiores do que qualquer castelo que já vira, nuvens de fumaça gordurosa subindo em espiral como grandes serpentes negras.

Quando o vento soprava do sul, o ar cheirava a fumaça mesmo aqui, a cinco quilômetros da cidade. Atrás das muralhas vermelhas se

desintegrando, Astapor ainda ardia, embora a maior parte dos grandes incêndios já estivesse extinta. Cinzas voavam preguiçosas na brisa, como grandes flocos de neve cinzentos. Seria bom partir.

O grandão concordava.

– Tempos passados – disse, quando Sapo o encontrou jogando dados com Feijões, Livros e Velho Osso Bill, e perdendo novamente. Os mercenários amavam Tripaverde, que apostava tão ferozmente quanto lutava, mas com muito menos sucesso. – Vou querer minha armadura, Sapo. Você esfregou aquele sangue da minha cota de malha?

– Sim, Sor. – A cota de malha de Tripaverde era velha e pesada, remendada e remendada novamente, muito usada. O mesmo era verdade no que tocava ao seu elmo, ao gorjal, às grevas e às manoplas e ao resto da placa de aço desemparelhada que ele tinha. O conjunto do Sapo era só ligeiramente melhor, e o de Sor Gerris era notavelmente pior. *Aço da companhia*, dissera o armeiro. Quentyn não perguntara quantos homens a vestiram antes, ou quantos morreram com ela. Haviam deixado suas armaduras refinadas em Volantis, junto com seu ouro e seus nomes verdadeiros. Cavaleiros ricos de antigas casas honradas não cruzavam o mar estreito para vender suas espadas, a menos que tivessem sido exilados por alguma infâmia. – Prefiro passar por pobre a passar por vil – Quentyn declarara, quando Gerris explicara o plano a eles.

Levou menos de uma hora para os Soprados pelo Vento desmontarem o acampamento.

– Agora, cavalgamos – o Príncipe Esfarrapado proclamou de seu imenso cavalo de batalha cinzento, em Alto Valiriano clássico que era a coisa mais próxima que tinham de um idioma da companhia. Os quartos traseiros malhados de seu garanhão estavam cobertos com faixas rasgadas de tecido retirado das capas dos homens que seu mestre matara. A capa do príncipe era feita do mesmo material. Era um homem velho, com mais de sessenta, mas ainda se sentava alto e ereto na sela, e sua voz era forte o suficiente para chegar a todos os cantos do acampamento. – Astapor foi só um aperitivo – disse –, Meereen será o banquete – e os mercenários comemoraram com alegria selvagem. Flâmulas de seda azul voavam em suas lanças, enquanto estandartes de duas pontas, azuis e brancos, agitavam-se sobre a cabeça deles, os estandartes dos Soprados pelo Vento.

Os três dornenses comemoraram com todos os outros. O silêncio teria chamado a atenção. Mas conforme os Soprados pelo Vento seguiam para o norte pela estrada da costa, um pouco atrás de Barbassangrenta e a Companhia do Gato, Sapo se aproximou de Gerrold Dornense.

– Logo – disse na Língua Comum de Westeros. Havia outros westerosis na companhia, mas não muitos e nenhum por perto. – Temos que fazer logo.

– Não aqui – avisou Gerris, com o sorriso vazio de um mímico. – Falaremos sobre isso à noite, quando acamparmos.

Eram mais de quinhentos quilômetros de Astapor até Yunkai pela antiga estrada costeira ghiscari, e mais duzentos e cinquenta de Yunkai até Meereen. As companhias livres, bem montadas, podiam alcançar Yunkai em seis dias de cavalgada dura, ou oito, em ritmo mais lento. As legiões da Antiga Ghis levariam metade desse tempo, a pé, e os yunkaítas e seus soldados-escravos...

– Com os generais deles, é de espantar que não marchem para dentro do mar – dizia Feijões.

Os yunkaítas não tinham falta de comandantes. Um velho herói chamado Yurkhaz zo Yunzak tinha o supremo comando, embora os homens dos Soprados pelo Vento só o tivessem vislumbrado de longe, indo e vindo em uma liteira tão grande que eram necessários quarenta escravos para carregá-la.

Mas não podiam deixar de ver seus subordinados. Os senhores yunkaítas corriam para todos os lados, como baratas. Metade deles parecia chamar Ghazdan, Grazdan, Mazdhan ou Ghaznak; diferenciar um nome ghiscari do outro era uma arte que poucos Soprados pelo Vento dominavam, então davam aos yunkaítas apelidos zombeteiros.

O principal deles era Baleia Amarela, um homem obscenamente gordo que sempre usava *tokar* de seda amarela com franjas douradas. Muito pesado para ficar em pé sem ajuda, não conseguia segurar a bexiga, então sempre cheirava a mijo, um odor tão acentuado que nem mesmo os fortes perfumes que usava conseguiam esconder. Mas dizia-se que era o homem mais rico de Yunkai e que tinha paixão pelo grotesco; seus escravos incluíam um menino com patas de cabra, uma mulher barbada, um monstro de duas cabeças de Mantarys e uma hermafrodita que aquecia sua cama à noite.

– Tem tanto pau quanto boceta – Pau Fino contou para eles. –Baleia costumava ter um gigante também, e gostava de ver ele fodendo suas meninas escravas. Então ele morreu. Ouvi dizer que Baleia daria um saco de ouro por um novo.

Havia também a General Menina, que cavalgava um cavalo branco com a crista vermelha e comandava uma centena de soldados-escravos robustos que ela mesma havia criado e treinado, todos jovens, magros, com músculos bem definidos e vestidos apenas com tanga, capa amarela e longo escudo de bronze com incrustações eróticas. Seus amantes não tinham mais de dezesseis anos, e ela se imaginava a própria Daenerys Targaryen de Yunkai.

A Pombinha não era um anão, mas poderia passar por um sob luz fraca. Apesar disso, andava por aí como se fosse um gigante, dando amplos passos com suas perninhas gordas e estufando o peito rechonchudo. Seus soldados eram os mais altos que qualquer um dos Soprados pelo Vento já havia visto; os menores tinham mais de dois metros de altura, os maiores quase dois metros e meio. Todos tinham rosto comprido e longas pernas, e as pernas de pau incorporadas às ornamentadas armaduras que usavam os faziam parecer maiores. Escamas esmaltadas rosa cobriam o torso deles; na cabeça, traziam elmo alongado que terminava em bicos pontiagudos de aço, com uma crista de penas rosa balançando. Cada homem usava uma espada longa curva sobre o quadril e levava uma lança tão alta quanto ele, com lâmina em forma de folha no final.

– A Pombinha os cria – Pau Fino os informou. – Compra escravos altos de todas as partes do mundo, acasala os homens com as mulheres e fica com as proles mais altas para as Garças. Um dia ele espera ser capaz de dispensar as pernas de pau.

– Algumas sessões de tortura no cavalete poderiam apressar o processo – sugeriu o grandão.

Gerris Drinkwater riu.

– Um grupo terrível. Nada me assusta mais do que alguém numa perna de pau com escamas rosa e penas. Se um deles estivesse atrás de mim, eu riria tanto que minha bexiga não aguentaria.

– Alguns dizem que garças são majestosas – disse Velho Osso Bill.

– Só se reis comem rãs enquanto ficam parados em uma perna.

– Garças são covardes – o grandão comentou. – Uma vez, eu, Drink e Cletus estávamos caçando e vimos essas garças pernaltas na água rasa, banqueteando-se com girinos e pequenos peixes. Eram bonitas de se ver, sim, mas quando um falcão passou por cima delas, todas saíram voando como se tivessem visto um dragão. Agitaram tanto vento que caí do cavalo, mas Cletus colocou uma flecha no arco e derrubou uma. Tem gosto de pato, mas não tão gorduroso.

Até mesmo a Pombinha e suas Garças esmaeciam ao lado da loucura dos irmãos que os mercenários chamavam de Senhores Tinidores. Da última vez que os soldados-escravos de Yunkai deram de cara com os Imaculados da rainha dragão, eles se separaram e fugiram. Os Senhores Tinidores desenvolveram um estratagema para prevenir isso: acorrentaram suas tropas em grupos de dez, pulso com pulso, tornozelo com tornozelo.

– Nenhum dos pobres bastardos pode correr, a menos que todos corram – Pau Fino explicou, rindo. – E se todos correrem, não correrão muito rápido.

– Eles não marcham muito rápido também – observou Feijões. – Dá para ouvir as correntes tinindo a cinquenta quilômetros de distância.

Havia outros, quase tão loucos ou piores; Lorde Balançabochecha, o Conquistador Bêbado, o Bestamestre, o Cara-de-Pudim, o Coelho, o Cocheiro, o Herói Perfumado. Alguns tinham vinte soldados, outros duzentos ou dois mil, todos escravos que eles mesmos haviam treinado e equipado. Todos eram ricos, todos eram arrogantes e todos eram capitães e comandantes, que não respondiam a ninguém que não Yurkhaz zo Yunkai, desdenhavam os mercenários simples, e eram propensos a disputas sobre prioridades que eram tão sem fim quanto incompreensíveis.

No tempo em que os Soprados pelo Vento percorreram cinco quilômetros, os yunkaítas haviam ficado quatro quilômetros para trás.

– Um bando de tolos amarelos fedidos – Feijões reclamou. – Ainda estão tentando descobrir por que os Corvos Tormentosos e os Segundos Filhos passaram para o lado da rainha dragão.

– Por ouro, acreditam – disse Livros. – Por que você acha que estão nos pagando tão bem?

– Ouro é doce, mas a vida é mais doce – falou Feijões. – Dançamos com aleijados em Astapor. Quer encarar Imaculados de verdade com esse bando ao seu lado?

– Lutamos com Imaculados em Astapor – disse o grandão.

– Eu falei Imaculados *de verdade*. Cortar fora as bolas de alguns meninos com o cutelo de açougueiro e entregar para ele um chapéu pontudo não faz dele um Imaculado. A rainha dragão tem o artigo verdadeiro, o tipo que não desiste e corre quando você peida na direção de seus generais.

– Tem eles, e dragões também. – Pau Fino olhou de relance para o céu, como se a simples menção de dragões pudesse ser o suficiente para atraí-los sobre a companhia. – Mantenham suas espadas afiadas, rapazes, teremos nossa verdadeira luta em breve.

*Uma verdadeira luta*, pensou Sapo. As palavras ficaram presas em sua garganta. A luta junto às muralhas de Astapor pareceu bastante verdadeira para ele, embora soubesse que os mercenários pensavam diferente.

– Aquilo foi um massacre, não uma batalha – dissera o guerreiro bardo Denzo D'han depois que acabou. Denzo era capitão e veterano de uma centena de batalhas. A experiência de Sapo estava limitada à prática no pátio e aos campos de torneio, então não achava que estava em posição de discutir o veredicto de um guerreiro tão experiente.

*Parecia uma batalha quando começou, no entanto.* Lembrava-se de como suas tripas se fecharam quando acordou aos chutes, no amanhecer, com o grandão ameaçador sobre ele.

– Para a armadura, dorminhoco – trovejou. – O Açougueiro está vindo nos dar batalha. Levante-se, a menos que pretenda ser a carne dele.

– O Rei Açougueiro está morto – Sapo protestou, com sono. Essa era a história que todos ouviram enquanto estavam sendo chacoalhados nos navios que os levavam da Antiga Volantis. Um segundo Rei Cleon tomara a coroa e morrera na sequência, supostamente, e agora os astaporis eram governados por uma prostituta e um barbeiro louco cujos seguidores lutavam uns contra os outros para controlar a cidade.

– Talvez tenham mentido – o grandão respondera. – Ou então esse é outro açougueiro. Pode ser o primeiro que voltou gritando de seu túmulo para matar alguns yunkaítas. Não importa, Sapo. *Coloque sua armadura.*

– Dormiam dez na tenda, e todos estavam em pé agora, contorcendo-se para dentro do calção e das botas, escorregando longas cotas de malha pelos ombros, prendendo placas de peito, afivelando as tiras das grevas ou das brúnias, agarrando elmos, escudos e cinturões de espada. Gerris, rápido como sempre, foi o primeiro a ficar totalmente vestido, Arch um pouco depois. Juntos, ajudaram Quentyn a colocar sua armadura.

A trezentos metros dali, os novos Imaculados de Astapor fluíam pelos portões da cidade e formavam filas sob as muralhas de tijolos vermelhos em ruínas, com a luz do amanhecer refletindo nos elmos de bronze espigados e na ponta de suas longas lanças.

Os três dornenses saíram juntos da tenda para se unir aos combatentes que corriam para os cavalos. *Batalha.* Quentyn treinava com lança, espada e escudo desde que tinha idade suficiente para andar, mas isso não significava nada agora. *Guerreiro, me faça corajoso*, Sapo rezou, enquanto os tambores soavam ao longe, *BOOM boom BOOM boom BOOM boom*. O grandão mostrou o Rei Açougueiro para Sapo, sentado reto e alto sobre um cavalo blindado, vestido com uma armadura de escamas de cobre que reluziam sob o sol da manhã. Lembrou-se de Gerris esgueirando-se pouco antes da luta começar.

– Fique perto de Arch, aconteça o que acontecer. Lembre-se, você é o único de nós que pode conseguir a garota.

Nesse momento, os astaporis avançaram.

Vivo ou morto, o Rei Açougueiro ainda pegou os Sábios Mestres desprevenidos. Os yunkaítas ainda estavam correndo em seus *tokars* esvoaçantes, tentando colocar seus soldados-escravos meio treinados em alguma formação ordenada, quando as lanças dos Imaculados romperam sobre suas linhas de cerco. Não fosse pelos aliados e pelos mercenários que tanto desprezavam, teriam sido esmagados, mas os Soprados pelo Vento e a Companhia do Gato chegaram a cavalo em minutos, e vieram trovejando nos flancos astaporis, enquanto uma legião de Nova Ghis atravessava o campo yunkaíta pelo outro lado para lutar contra os Imaculados lança com lança e escudo com escudo.

O resto foi carnificina, mas dessa vez com o Rei Açougueiro do lado errado do facão. Foi Caggo quem finalmente o acertou, passando pelos protetores do rei no seu monstruoso cavalo de batalha e abrindo Cleon, o Grande, do ombro até o quadril com um golpe de seu *arakh* valiriano

curvo. Sapo não viu, mas aqueles que estavam por perto afirmaram que a armadura de cobre de Cleon rasgou como seda, e de dentro veio um cheiro horrível e centenas de vermes de túmulo se contorcendo. Cleon estava morto, no final das contas. Os desesperados astaporis tiraram o cadáver do rei de sua tumba, o colocaram na armadura e o amarraram sobre um cavalo para dar ânimo aos Imaculados.

A queda do falecido Cleon colocou um fim a tudo isso. Os novos Imaculados jogaram suas lanças e escudos e correram, apenas para encontrar os portões de Astapor fechados atrás deles. Sapo fez sua parte na matança que se seguiu, cavalgando para cima dos assustados eunucos com os outros Soprados pelo Vento. Sem sair do lado do grandão, avançou, cortando para a direita e para a esquerda enquanto a linha de frente atravessava os Imaculados como uma ponta de lança. Quando romperam para o outro lado, o Príncipe Esfarrapado levou seus homens ao redor deles e os atacou novamente. Só quando retrocederam que Sapo pôde dar uma boa olhada nos rostos sob os capacetes espigados de bronze e percebeu que a maioria não era mais velha do que ele. *Garotos inexperientes gritando por suas mães*, pensou, mas os matou do mesmo jeito. Quando deixou a batalha, sua espada estava vermelha de sangue e seu braço tão cansado que mal podia erguê-lo.

*Ainda assim não foi uma batalha de verdade*, pensou. *A batalha de verdade estará sobre nós em breve e temos que ir embora antes que ela chegue, ou nos veremos lutando do lado errado.*

Naquela noite, os Soprados pelo Vento acamparam perto da costa da Baía dos Escravos. Sapo ficou com o primeiro turno e foi enviado para guardar os cavalos. Gerris foi ao seu encontro assim que o sol se pôs, enquanto uma meia-lua brilhava sobre as águas.

– O grandão devia estar aqui também – disse Quentyn.

– Ele foi procurar Velho Osso Bill e perder o resto de sua prata – disse Gerris. – Deixe-o fora disso. Ele fará o que dissermos, mesmo que não goste muito.

– Não. – Havia muita coisa nisso tudo de que o próprio Quentyn não gostava. Viajar em um navio superlotado, jogado pelo vento e pelo mar, comer pão duro infestado de carunchos, beber um rum negro como breu até o doce esquecimento, dormir em pilhas de palha mofada com o cheiro de estranhos em suas narinas... tudo isso ele esperara quando

assinou aquele pedaço de pergaminho em Volantis, comprometendo sua espada e seu serviço por um ano ao Príncipe Esfarrapado. Essas eram dificuldades para ser suportadas, a matéria-prima de qualquer aventura.

Mas o que viria em seguida era clara traição. Os yunkaítas os trouxeram da Antiga Volantis para lutar pela Cidade Amarela, mas agora os dornenses pretendiam virar casaca e ir para o outro lado. Aquilo significava abandonar seus novos irmãos em armas também. Os Soprados pelo Vento não eram o tipo de companhia que Quentyn teria escolhido, mas havia cruzado o mar com eles, dividido comida e bebida com eles, lutado ao seu lado, contado histórias para os poucos com os quais conseguia se comunicar. E se todas as suas histórias eram mentiras, bem, esse era o preço da passagem para Meereen.

Não é algo que possa ser chamado de honrado, Gerris os avisara quando ainda estavam na Casa do Mercador.

– Daenerys pode estar a meio caminho de Yunkai agora mesmo, com um exército atrás dela – disse Quentyn, enquanto andavam entre os cavalos.

– Pode ser – disse Gerris –, mas não está. Ouvimos essa conversa antes. Os astaporis estavam convencidos de que Daenerys estava vindo para o sul com os dragões, para quebrar o cerco. Ela não veio daquela vez e não está vindo agora.

– Não sabemos isso, não com certeza. Precisamos partir em segredo antes que terminemos lutando contra a mulher que eu deveria pedir em casamento.

– Espere até Yunkai. – Gerris gesticulou em direção às colinas. – Essas terras pertencem aos yunkaítas. Ninguém vai querer alimentar ou abrigar três desertores. Já o norte de Yunkai é terra de ninguém.

Ele não estava errado. Ainda assim, Quentyn se sentia desconfortável.

– O grandão fez muitos amigos. Ele sabe que o plano sempre foi escapar e fazer nosso caminho até Daenerys, mas não vai se sentir bem em abandonar os homens com os quais lutou. Se esperarmos muito, ele vai sentir como se os desertasse na véspera da batalha. Nunca fará isso. Você o conhece tão bem quanto eu.

– É deserção, não importa quando – argumentou Gerris –, e o Príncipe Esfarrapado tem uma péssima opinião sobre desertores. Ele mandará caçadores atrás de nós, e os Sete nos salvem se nos capturarem. Com

sorte, apenas cortam nossos pés para se assegurarem de que nunca mais fugiremos novamente. Se tivermos azar, nos darão para Bela Meris.

Aquilo fez Quentyn parar. Bela Meris o assustava. Uma mulher westerosi, bem mais alta do que ele, com mais de um metro e oitenta. Depois de vinte anos entre as companhias livres, não havia nada belo nela, por dentro ou por fora.

Gerris o pegou pelo braço.

– Espere. Mais alguns dias, é tudo. Cruzamos metade do mundo, seja paciente por mais alguns quilômetros. Em algum lugar ao norte de Yunkai nossa oportunidade virá.

– Se você diz – falou Sapo, em dúvida...

... mas dessa vez os deuses estavam ouvindo, e a chance deles veio muito mais cedo do que isso.

Aconteceu dois dias depois. Hugh Vaudefome parou junto do fogo em que estavam cozinhando e disse:

– Dornenses. Você são esperados na tenda do comandante.

– Qual de nós? – perguntou Gerris. – Somos todos dornenses.

– Todos vocês, então. – Azedo e sombrio, com uma das mãos mutilada, Vaudefome havia sido mestre da moeda por um tempo, até que o Príncipe Esfarrapado o pegou roubando seus cofres e removeu três de seus dedos. Agora, era apenas um oficial.

*O que poderia ser?* Até esse momento, Sapo não tinha ideia de que seu comandante sabia de sua existência. Mas Vaudefome já tinha se afastado, então não havia tempo para perguntas. Tudo o que podiam fazer era pegar o grandão e se apresentar como havia sido ordenado.

– Não admitir nada e estar preparado para lutar – disse Quentyn para seus amigos.

– Sempre estou preparado para lutar – respondeu o grandão.

O grande pavilhão cinza que o Príncipe Esfarrapado gostava de chamar de seu "castelo de lona" estava lotado quando os dornenses chegaram. Levou apenas um momento para Quentyn perceber que a maioria dos reunidos ali era dos Sete Reinos, ou se gabava de ter sangue westerosi. *Exilados ou filhos de exilados.* Pau Fino afirmava que havia três grupos westerosis na companhia; um bom terço deles estava aqui, incluindo o próprio Pau, Hugh Vaudefome, Bela Meris e o loiro Lewis Lanster, o melhor arqueiro da companhia.

Denzo D'han estava ali também, com o imenso Caggo ao lado dele. *Caggo Matacadáver*, os homens o chamavam agora, embora não na frente dele; era um homem fácil de se irritar, e aquela espada negra curvada era tão desagradável quanto seu dono. Havia centenas de espadas longas valirianas no mundo, mas apenas um punhado de *arakhs* valirianos. Nem Caggo nem D'han eram westerosis, mas eram capitães, e o Príncipe Esfarrapado tinha ambos em alta conta. *Seu braço direito e seu braço esquerdo. Algo grande está acontecendo.*

Foi o próprio Príncipe Esfarrapado que fez o discurso.

– Ordens vieram de Yurkhaz – disse. – Os astaporis que sobreviveram vieram rastejando de seus esconderijos, parece. Nada foi deixado em Astapor além de cadáveres, então eles estão saindo para o campo, centenas deles, talvez milhares, todos famintos e doentes. Os yunkaítas não os querem perto da Cidade Amarela. Recebemos ordens de caçá-los e mandá-los embora, de volta a Astapor ou para o norte até Meereen. Se a rainha dragão quiser aceitá-los, que faça bom proveito. Metade deles está com fluxo sangrento, e mesmo os saudáveis são bocas para alimentar.

– Yunkai está mais perto do que Meereen – objetou Hugh Vaudefome. – E se eles não quiserem voltar, senhor?

– É por isso que vocês têm espadas e lanças, Hugh. Embora arcos possam servir melhor. Fiquem longe dos que mostrarem sinais do fluxo. Estou mandando metade de nossa força para as colinas. Cinquenta patrulhas, vinte cavaleiros em cada. Barbassangrenta recebeu a mesma ordem, então os Gatos estarão em campo também.

Os homens trocaram olhares, e alguns murmuravam palavras ininteligíveis. Embora os Soprados pelo Vento e a Companhia do Gato tivessem sido ambos contratados por Yunkai, as duas companhias estiveram em lados opostos da linha de batalha no ano anterior, nas Terras Disputadas, e o ódio ainda permanecia. Barbassangrenta, o selvagem comandante dos Gatos, era um gigante vociferador com um feroz apetite por matar e que não fazia segredo de seu desdém pelos "velhos anciãos em farrapos".

Pau Fino limpou a garganta.

– Me perdoe, mas aqui somos todos nascidos nos Sete Reinos. Meu senhor nunca separou a companhia por sangue ou idioma antes. Por que nos mandar todos juntos?

– Uma questão razoável. Vocês vão cavalgar para leste, por entre as colinas, e então virarão em Yunkai, em direção a Meereen. Se encontrarem algum astapori, levem para o norte ou matem... mas esse não é o propósito da missão de vocês. Além da Cidade Amarela, vocês devem encontrar alguma patrulha da rainha dragão. Segundos Filhos ou Corvos Tormentosos. Qualquer um deles serve. Vão até eles.

– Ir até eles? – disse o cavaleiro bastardo, Sor Orson Stone. – Está nos dizendo para virarmos nossas casacas?

– Estou – disse o Príncipe Esfarrapado.

Quentyn Martell quase soltou uma gargalhada. *Os deuses estão loucos.*

Os westerosis se mexeram, inquietos. Alguns encaravam suas taças de vinho, como se esperassem encontrar alguma sabedoria ali. Hugh Vaudefome franziu o cenho.

– Acha que a Rainha Daenerys vai nos receber em...

– Acho.

– ... mas, se ela fizer isso, e daí? Somos espiões? Assassinos? Enviados? Está pensando em mudar de lado?

Caggo fez uma careta.

– Isso é para o príncipe decidir, Vaudefome. Sua parte é fazer o que lhe é dito.

– Sempre. – Vaudefome levantou sua mão com dois dedos.

– Vamos ser francos – disse Denzo D'ha, o guerreiro bardo. – Os yunkaítas não inspiram confiança. Qualquer que seja o resultado desta guerra, os Soprados pelo Vento devem repartir os espólios da vitória. Nosso príncipe é sábio em manter todos os caminhos abertos.

– Meris comandará vocês – disse o Príncipe Esfarrapado. – Ela sabe o que penso disso... e Daenerys Targaryen será mais receptiva à outra mulher.

Quentyn olhou de relance para Bela Meris. Quando os olhos frios dela encontraram os dele, sentiu um calafrio. *Não gosto disso.*

Pau Fino também tinha dúvidas.

– A garota será uma tola se acreditar em nós. Mesmo com Meris. *Especialmente* com Meris. Caramba, eu não confio em Meris, e fodi ela algumas vezes – sorriu ironicamente, mas ninguém riu. Muito menos Bela Meris.

– Acho que está enganado, Pau – falou o Príncipe Esfarrapado. – Vocês são todos westerosis. Amigos de casa. Falam a mesma língua, louvam os mesmos deuses. Com motivo, todos vocês sofreram horrores em minhas mãos. Pau, açoitei você mais do que qualquer outro homem da companhia, e você tem suas costas para provar isso. Hugh perdeu três dedos com a minha disciplina. Meris foi estuprada por metade da companhia. Não por *esta* companhia, é verdade, mas não precisamos mencionar isso. Will da Mata, bem, você é apenas lixo. Sor Orson me culpa por despachar seu irmão para os Sofrimentos, e Sor Lúcifer ainda está fervendo de ódio por causa da escrava que Caggo tirou dele.

– Ele podia ter me devolvido ela depois – Longo Lúcifer reclamou. – Não tinha motivo para matá-la.

– Ela era feia – disse Caggo. – Isso é motivo suficiente.

O Príncipe Esfarrapado continuou como se ninguém tivesse falado.

– Webber, você sonha reivindicar as terras perdidas em Westeros. Lanster, eu matei aquele menino pelo qual você era tão afeiçoado. Vocês três, dornenses, acham que menti para vocês. A pilhagem em Astapor foi muito menor do que prometeram para vocês em Volantis, e eu fiquei com a parte do leão.

– A última parte é verdade – disse Sor Orson.

– Os melhores engodos sempre têm alguma semente de verdade – disse o Príncipe Esfarrapado. – Cada um de vocês tem várias razões para querer me abandonar. E Daenerys Targaryen sabe que mercenários são inconstantes. Seus próprios Segundos Filhos e Corvos Tormentosos pegaram ouro yunkaíta, mas não hesitaram em se unir a ela quando os rumos da batalha mudaram.

– Quando devemos partir? – perguntou Lewis Lanster.

– Imediatamente. Desconfiem dos Gatos e de qualquer Longa Lança que encontrarem. Ninguém, além das pessoas que estão nesta tenda, saberá que a deserção de vocês é falsa. Entrem no jogo muito cedo e serão mutilados como desertores ou destripados como vira-casacas.

Os três dornenses permaneceram em silêncio enquanto deixavam a tenda do comandante. *Vinte batedores, todos falando a Língua Comum*, pensou Quentyn. *Segredar acaba de ficar um negócio mais perigoso.*

O grandão bateu nas costas dele com força.

– Então. Isso é encantador, Sapo. Uma caça ao dragão.

# A noiva rebelde

Asha Greyjoy estava sentada no grande salão de Galbart Glover, bebendo o vinho de Galbart Glover, quando o meistre de Galbart Glover trouxe uma carta para ela.

– Senhora. – A voz do meistre estava ansiosa, como em todas as vezes que falava com ela. – Uma ave de Vila Acidentada. – Empurrou o pergaminho, como se não pudesse esperar para se ver livre dele. Estava firmemente enrolado e selado com um botão de cera dura rosa.

*Vila Acidentada*. Asha tentava se lembrar quem governava Vila Acidentada. *Algum senhor nortenho, que não é meu amigo*. E o selo... os Bolton do Forte do Pavor iam para a batalha sob estandartes rosa salpicados com pequenas gotas de sangue. Só havia uma razão para que usassem selos de cera rosa também.

*É veneno isso que seguro*, ela pensou. *Deveria queimá-lo*. Em vez disso, rompeu o lacre. Um pedaço de pele voou até seu colo. Quando leu as secas palavras marrons, seu estado de espírito sombrio ficou ainda mais sombrio. *Asas escuras, palavras escuras*. Os corvos nunca traziam notícias boas. A última mensagem enviada de Bosque Profundo fora de Stannis Baratheon, exigindo obediência. Esta era pior.

– Os nortenhos tomaram Fosso Cailin.

– O Bastardo de Bolton? – perguntou Qarl, ao lado dela.

– *Ramsay Bolton, Senhor de Winterfell,* ele assina. Mas há outros nomes também. – Senhora Dustin, Senhora Cerwyn e quatro Ryswells haviam anexado suas assinaturas embaixo da dele. Ao lado estava o desenho grosseiro de um gigante, a marca de algum Umber.

As assinaturas haviam sido feitas com tinta de meistre, fabricada com fuligem e alcatrão de carvão, mas a mensagem acima fora rabiscada em marrom, com uma caligrafia imensa e pontiaguda. Falava da queda de Fosso Cailin, do retorno triunfante do Protetor do Norte aos seus

domínios, de um casamento que se realizaria em breve. As primeiras palavras eram *Escrevo esta carta com o sangue dos homens de ferro*, e as últimas: *Envio para cada um de vocês um pedaço do príncipe. Demorem em minhas terras e partilharão o destino dele*.

Asha acreditara que seu irmãozinho estava morto. *Melhor morto do que isso*. O pedaço de pele caíra em seu colo. Ela o levou até a vela e viu a fumaça subir em espirais, até que a última parte foi consumida e as chamas lamberam seus dedos.

O meistre de Galbart Glover estava ao seu lado, aguardando.

– Não haverá resposta – ela informou.

– Posso compartilhar essas notícias com a Senhora Sybelle?

– Como quiser. – Se Sybelle Glover encontraria alguma alegria na queda de Fosso Cailin, Asha não sabia dizer. A Senhora Sybelle vivia em seu bosque sagrado, rezando pelos filhos e pelo retorno a salvo de seu marido. *Outra oração que ficará sem resposta. Sua árvore-coração é tão surda e cega quanto nosso Deus Afogado*. Robert Glover e seu irmão Galbart haviam seguido para o sul com o Jovem Lobo. Se as histórias que ouviram sobre o Casamento Vermelho eram ao menos meio verdadeiras, eles não retornariam ao Norte. *Os filhos dela estão vivos, pelo menos, e isso graças a mim*. Asha os deixara nas Dez Torres aos cuidados de suas tias. A filha mais nova da Senhora Sybelle ainda era amamentada, e ela julgara a menina muito delicada para ser exposta aos rigores de outra travessia tempestuosa. Asha empurrou a carta para as mãos do meistre. – Aqui. Deixe-a encontrar algum consolo, se puder. Tem minha permissão para ir.

O meistre inclinou a cabeça e partiu. Depois que ele se foi, Tris Botley virou-se para Asha.

– Se Fosso Cailin caiu, Praça Torrhen logo cairá. E então será nossa vez.

– Não por enquanto. O Boca Fendida os fará sangrar. – Praça Torrhen não era uma ruína como Fosso Cailin, e Dagmer era de ferro até os ossos. Morreria antes de ceder.

*Se meu pai ainda vivesse, Fosso Cailin nunca teria caído*. Balon Greyjoy sabia que o Fosso era a chave para controlar o Norte. Euron sabia disso também; mas simplesmente não se importava. Não mais do

que se importava com o que pudesse acontecer com Bosque Profundo ou Praça Torrhen.

– Euron não tem interesse nas conquistas de Balon. Meu tio está fora, perseguindo dragões. – O Olho de Corvo convocara todas as forças das Ilhas de Ferro para Velha Wyk e navegara para as profundezas do mar do Pôr do Sol, com o irmão Victarion seguindo atrás como um vira-lata açoitado. Não sobrara ninguém em Pyke para quem apelar, exceto o senhor seu marido. – Estamos sozinhos.

– Dagmer vai esmagá-los – insistiu Cromm, que nunca conhecera uma mulher que ele amasse tanto quanto amava a batalha. – São apenas lobos.

– Os lobos foram todos assassinados. – Asha cutucou a cera rosa com a unha. – Esses são os esfoladores que os mataram.

– Devemos ir para Praça Torrhen e nos juntar à luta – exortou Quenton Greyjoy, um primo distante e capitão do *Rapariga Salgada*.

– Sim – disse Dagon Greyjoy, um primo ainda mais distante. Dagon, o Bêbado, os homens o chamavam, mas, bêbado ou sóbrio, ele amava lutar. – Por que o Boca Fendida deve ficar com todas as glórias?

Dois servos de Galbart Glover trouxeram o assado, mas aquele pedaço de pele tirara o apetite de Asha. *Meus homens desistiram de toda esperança de vitória*, percebeu melancolicamente. *Tudo o que procuram agora é uma boa morte*. E os lobos lhes dariam isso, ela não tinha dúvida. *Cedo ou tarde, virão retomar este castelo*.

O sol mergulhava atrás dos altos pinheiros da Matadelobos enquanto ela subia os degraus de madeira para o quarto de dormir que certa vez fora de Galbart Glover. Bebera vinho demais e sua cabeça martelava. Asha Greyjoy amava seus homens, tanto os capitães quanto os tripulantes, mas metade deles era tola. *Tolos corajosos, mas tolos mesmo assim. Ir até Boca Fendida, sim, como se pudéssemos...*

Entre Bosque Profundo e Dagmer estendiam-se muitos quilômetros, montanhas escarpadas, matas espessas, rios selvagens e mais nortenhos do que gostaria de contemplar. Asha tinha quatro dracares e não exatamente duzentos homens... incluindo Tristifer Botley, com quem não podia contar. Com toda a conversa de amor de Tris ela não conseguia imaginá-lo correndo até Praça Torrhen para morrer com Dagmer Boca Fendida.

Qarl a seguiu até o quarto de dormir de Galbart Glover.

– Saia daqui – disse para ele. – Quero ficar sozinha.

– O que você quer sou eu. – Ele tentou beijá-la.

Asha o empurrou.

– Encoste em mim novamente e irei...

– O quê? – Ele puxou a adaga. – Tire a roupa, garota.

– Vá se foder, seu garoto imberbe.

– Prefiro foder você. – Um corte rápido e desatou o justilho dela. Asha apanhou o machado, mas Qarl soltou a faca e agarrou seu punho, torcendo o braço da moça para trás até que a arma caiu de seus dedos. Empurrou-a para a cama de Glover, beijando-a com violência e rasgando sua túnica para deixar seus seios à mostra. Quando ela tentou dar uma joelhada na virilha dele, Qarl se desvencilhou e usou os joelhos para forçar suas pernas a se abrirem. – Vou ter você agora.

– Faça isso – ela cuspiu –, e mato você enquanto estiver dormindo.

Asha estava molhada quando ele a penetrou.

– Maldito – ela disse. – Maldito, maldito, maldito.

Ele sugou seus mamilos até que ela gritou, meio de dor, meio de prazer. Sua boceta tornou-se o centro do mundo. Asha se esqueceu de Fosso Cailin, de Ramsay Bolton e do pequeno pedaço de pele, esqueceu-se da assembleia de homens livres, esqueceu seu fracasso, esqueceu seu exílio, seus inimigos e seu marido. Apenas as mãos dele importavam, apenas sua boca, os braços dele em volta dela, seu pau dentro dela. Qarl a fodeu até que ela gritou, e então novamente, até que ela chorou, antes de finalmente derramar sua semente no ventre dela.

– Sou uma mulher casada – ela o recordou, depois de tudo. – Você me despojou, seu garoto imberbe. O senhor meu marido cortará suas bolas e o colocará em um vestido.

Qarl rolou de cima dela.

– Se ele puder se levantar da cadeira.

O quarto estava frio. Asha levantou-se da cama de Galbart Glover e pegou suas roupas rasgadas. O justilho precisava apenas de laços novos, mas a túnica estava destruída. *Não gostava dela mesmo*. Atirou a peça de roupa nas chamas. O restante ficou em um monte ao lado da cama. Seus seios estavam doloridos e a semente de Qarl escorria por sua coxa. Precisaria fazer um pouco de chá da lua, ou corria o risco de trazer outra lula gigante ao mundo. *O que importa? Meu pai está morto, minha mãe*

*está morrendo, meu irmão está sendo esfolado e não há nada que eu possa fazer a respeito. E estou casada. Casada e deflorada... embora não pelo mesmo homem.*

Quando se meteu novamente sob as peles, Qarl estava adormecido.

– Agora sua vida é minha. Onde coloquei minha adaga? – Ela pressionou o corpo contra as costas dele e deslizou os braços sobre ele. Nas ilhas, ele era conhecido como Qarl, o Donzel, em parte para distingui-lo de Qarl Pastor, de Estranho Qarl Kenning, de Qarl Machadoveloz e de Qarl, o Escravo, mas principalmente por seu rosto suave. Quando Asha o conheceu, Qarl estava tentando deixar a barba crescer. – Penugem de pêssego – ela chamara os pelos do rosto dele, rindo. Qarl confessara que nunca vira um pêssego, então Asha lhe disse que ele deveria juntar-se a ela na próxima viagem para o sul.

Isso acontecera ainda no verão; Robert sentava-se no Trono de Ferro, Balon fazia planos na Cadeira de Pedra do Mar e os Sete Reinos estavam em paz. Asha seguiu com o *Vento Negro* pela costa, fazendo comércio. Passaram por Ilha Leal e Lannisporto e por vários portos menores antes de chegar à Árvore, onde os pêssegos eram sempre imensos e doces.

– Veja – ela dissera na primeira vez que segurou um pêssego contra o rosto de Qarl. Asha o fez dar uma mordida na fruta, o suco escorreu pelo queixo dele, e ela teve que beijá-lo para limpar.

Passaram aquela noite devorando pêssegos e um ao outro; quando a luz do dia retornou Asha estava saciada e pegajosa, tão feliz quanto jamais estivera. *Isso fora seis anos atrás, ou sete?* O verão era uma lembrança que se desvanecia, e já fazia três anos desde que apreciara um pêssego pela última vez. Mas ainda apreciava Qarl. Os capitães e os reis podiam não querê-la, mas ele a queria.

Asha conhecera outros amantes; alguns dividiram sua cama por meio ano, alguns por meia noite. Qarl a satisfazia mais do que todos os demais juntos. Ele podia se barbear apenas uma vez a cada quinze dias, mas uma barba desgrenhada não faz um homem. Ela gostava de sentir a pele macia e suave dele sob seus dedos. Gostava do jeito que os longos cabelos lisos dele roçavam em seus ombros. Gostava do jeito que ele a beijava. Gostava do jeito que sorria quando ela passava os polegares pelos mamilos dele. O cabelo entre as pernas de Qarl era um tom de areia mais escuro do que o cabelo em sua cabeça, mas agradável se comparado com

a moita grossa e preta ao redor de seu próprio sexo. Ela gostava daquilo também. Ele tinha um corpo de nadador, longo e magro, sem nenhuma cicatriz.

*Um sorriso tímido, braços fortes, dedos espertos e duas espadas garantidas. O que mais uma mulher pode querer?* Ela teria se casado com Qarl alegremente, mas era a filha de Lorde Balon e ele era alguém do povo, o neto de um escravo. *Um nascimento muito baixo para se casar comigo, mas não baixo demais para que eu chupe seu pau*. Bêbada, sorrindo, ela se arrastou por baixo das peles e o colocou na boca. Qarl agitou-se em seu sono, e depois de um momento ele começou a enrijecer. Em pouco tempo, ela o tinha duro novamente, Qarl estava acordado e ela, molhada. Asha envolveu as peles ao redor dos ombros nus e montou nele, afundando-o tão profundamente dentro dela que não podia dizer quem tinha o pau e quem tinha a boceta. Dessa vez os dois chegaram ao clímax juntos.

– Minha doce senhora – ele murmurou depois, em uma voz ainda fraca de sono. – Minha doce rainha.

*Não*, Asha pensou, *não sou rainha, nem jamais serei*.

– Volte a dormir. – Beijou o rosto dele, atravessou o quarto de Galbart Glover e abriu as persianas. A lua estava quase cheia, a noite tão clara que era possível ver as montanhas e seus picos coroados de neve. *Frio, desolado e inóspito, mas belo ao luar*. Os cumes brilhavam claros e irregulares, como uma fileira de dentes afiados. O sopé e os montes menores estavam perdidos nas sombras.

O mar estava mais perto, apenas trinta quilômetros ao norte, mas Asha não podia vê-lo. Muitas montanhas estavam no caminho. *E árvores, tantas árvores*. A Matadelobos era como os nortenhos chamavam a floresta. Na maior parte das noites, era possível ouvir os lobos chamando uns aos outros na escuridão. *Um oceano de folhas. Podia ser um oceano de água*.

Bosque Profundo estava mais perto do mar do que Winterfell, mas ainda estava longe demais para o gosto dela. O ar cheirava a pinheiro, em vez de sal. A nordeste daquelas montanhas cinzentas e sombrias erguia-se a Muralha, onde Stannis Baratheon levantara seus estandartes. *O inimigo do meu inimigo é meu amigo*, diziam, mas o outro lado da moeda era *o inimigo do meu amigo é meu inimigo*. Os homens de ferro eram

inimigos dos senhores nortenhos, dos quais este pretendente Baratheon precisava desesperadamente. *Eu poderia oferecer meu corpo jovem para ele*, ela pensou, afastando uma mecha de cabelo dos olhos, mas Stannis era casado e ela também, e ele e os homens de ferro eram inimigos antigos. Durante a primeira rebelião de seu pai, ele esmagara a Frota de Ferro na Ilha Leal e subjugara Grande Wyk em nome do irmão.

As muralhas cheias de musgo de Bosque Profundo encerravam um monte amplo e arredondado, com o topo achatado, coroado por um longo salão cavernoso com uma torre de vigia na ponta, que se elevava quinze metros acima da colina. Abaixo estava o pátio – com os estábulos, cercados para cavalos, poço e currais –, defendido por um fosso profundo, um dique de terra inclinado e uma paliçada de toras. As defesas externas formavam uma figura oval, seguindo o contorno da terra. Havia dois portões, cada um deles protegido por um par de torres quadradas de madeira, e adarves por todo o perímetro. No lado sul do castelo, o musgo crescia espesso sobre a paliçada e rastejava até metade das torres. Para leste e oeste havia campos vazios. Aveia e cevada cresciam lá quando Asha tomara o castelo, apenas para ser pisoteadas durante o ataque. Uma série de fortes geadas haviam matado as sementes que plantaram depois disso, deixando apenas lama e cinzas, além de talos murchos em decomposição.

Era um castelo antigo, mas não um castelo forte. Ela o tomara dos Glover e o Bastardo de Bolton o tomaria dela. Mas não a esfolaria. Asha Greyjoy não pretendia ser pega com vida. Morreria como viveu, com um machado nas mãos e um sorriso nos lábios.

O senhor seu pai lhe dera trinta dracares para capturar Bosque Profundo. Restavam quatro, contando seu próprio *Vento Negro*, e um dos que pertencia a Tris Botley, que se juntara a ela quando todos os seus outros homens tinham fugido. *Não. Isso não é justo. Eles navegaram para casa para prestar homenagem ao rei. Se alguém fugiu, fui eu*. A lembrança ainda a envergonhava.

– Vá – o Leitor a instara, enquanto os capitães carregavam seu tio Euron para o sopé do monte de Nagga para colocar nele a coroa feita de madeira trazida pelo mar.

– Disse o corvo para a gralha. Venha comigo. Preciso de você para levantar os homens de Harlaw. – Naquela época, ela pretendia lutar.

– Os homens de Harlaw estão aqui. Aqueles que contam. Alguns gritavam o nome de Euron. Não colocarei Harlaw contra Harlaw.

– Euron é louco. E perigoso. Aquele berrante do inferno...

– Eu escutei. *Vá*, Asha. Assim que Euron estiver coroado, ele a procurará. Não ouse deixá-lo colocar os olhos sobre você.

– Se eu ficar com meus outros tios...

– ... você morrerá como pária, com todas as mãos contra você. Quando colocou seu nome diante dos capitães, você se submeteu ao julgamento deles. Não pode ir contra esse julgamento agora. Apenas uma vez a escolha da assembleia de homens livres foi revogada. Leia Haereg.

Apenas Rodrik, o Leitor, falaria de um livro velho enquanto suas vidas estavam sob o fio da espada.

– Se você vai permanecer, também vou – ela respondeu, teimosamente.

– Não seja tola. Euron mostrou para o mundo seu olho sorridente esta noite, mas vem o amanhã... Asha, você é filha de Balon, e sua reivindicação é mais forte do que a dele. Enquanto você respirar, será um perigo para ele. Se ficar, será morta ou vai se casar com o Remador Vermelho. Não sei o que poderia ser pior. Vá. Você não terá outra chance.

Asha deixara o *Vento Negro* no outro lado da ilha para esse tipo de eventualidade. Velha Wyk não era grande. Poderia estar a bordo de seu navio antes do nascer do sol, a caminho de Harlaw antes que Euron percebesse que desaparecera. Mesmo assim, hesitava, até que o tio disse:

– Faça isso pelo amor que tem por mim, filha. Não me faça ver você morrer.

Então ela se foi. Primeiro para Dez Torres, para despedir-se de sua mãe.

– Pode demorar um longo tempo até que eu volte – Asha a avisou. A Senhora Alannys não entendeu.

– Onde está Theon? – ela perguntou. – Onde está meu menino?

A Senhora Gwynesse só queria saber quando Lorde Rodrik voltaria.

– Sou sete anos mais velha do que ele. Dez Torres deveria ser minha.

Asha ainda estava em Dez Torres, pegando provisões, quando as notícias de seu casamento chegaram.

– Minha sobrinha rebelde precisa ser domada – disseram que Olho de Corvo afirmara –, e conheço um homem para domá-la.

Casou-a com Erik Ironmaker e nomeou o Quebra-Bigorna para governar as Ilhas de Ferro enquanto ele perseguia dragões. Erik fora um grande homem em sua época, um corsário destemido que podia se vangloriar de ter navegado com o trisavô dela, o mesmo Dagon Greyjoy que dera o nome a Dagon, o Bêbado. As velhas mulheres da Ilha Leal ainda assustavam seus netos com as histórias de Lorde Dagon e seus homens. *Feri o orgulho de Erik na assembleia de homens livres*, Asha refletiu. *Ele não vai esquecer isso*.

Ela devia dar o justo valor ao tio. Com um único golpe, Euron transformara um rival em um aliado, assegurara as ilhas em sua ausência e removera Asha como uma ameaça. *E dera uma boa gargalhada com isso tudo também*. Tris Botley disse que o Olho de Corvo usara uma foca no lugar dela, no casamento.

– Espero que Erik não tenha insistido na consumação – ela comentara.

*Não posso ir para casa*, pensou, *mas não ouso ficar aqui muito mais*. O silêncio da floresta a enervava. Asha passara sua vida nas ilhas ou em navios. O mar nunca estava em silêncio. O som das ondas batendo contra uma costa rochosa estava em seu sangue, mas não havia ondas em Bosque Profundo... apenas árvores, árvores sem fim, pinheiros marciais e árvores sentinelas, faias, freixos e antigos carvalhos, castanheiros, acácias e abetos. O som que faziam era mais suave do que o do mar, e Asha o escutava apenas quando o vento soprava; então o suspiro parecia vir de todos os lados, como se as árvores estivessem sussurrando umas para as outras em algum idioma que não entendia.

Esta noite o sussurro parecia mais alto do que antes. *A agitação de folhas mortas marrom*, Asha disse para si mesma, *galhos nus estalando ao vento*. Afastou-se da janela, para longe da floresta. *Preciso de um convés sob meus pés novamente. Ou, na falta disso, de alguma comida em meu estômago*. Tomara muito vinho esta noite, mas comera pouco pão e nada daquele grande assado sangrento.

O luar estava brilhante o suficiente para que encontrasse suas roupas. Vestiu grossas calças pretas, uma túnica forrada e um justilho de couro verde coberto com placas de aço. Deixando Qarl com seus sonhos, desceu a escada exterior da fortaleza, os degraus rangendo sob os pés descalços. Um dos homens de sentinela nas muralhas espiou sua descida e levantou a lança para ela. Ela assobiou de volta. Enquanto cruzava o

pátio interno em direção às cozinhas, os cães de Galbart Glover começaram a latir. *Bom*, pensou. *Eles abafarão o som das árvores*.

Estava cortando uma fatia de queijo amarelo de uma esfera tão grande quanto a roda de uma carroça quando Tris Botley entrou na cozinha, enrolado em uma grossa capa de pele.

– Minha rainha.

– Não zombe de mim.

– Você sempre governará meu coração. Nenhum bando de tolos gritando em uma assembleia de homens livres pode mudar isso.

*O que devo fazer com este rapaz?* Asha não podia duvidar da devoção dele. Ele não só fora seu campeão no monte de Nagga e gritara o nome dela, mas cruzara o mar para se juntar a ela depois de tudo, abandonando seu rei, seus parentes e sua casa. *Não que tenha ousado desafiar Euron na cara*. Quando o Olho de Corvo levou a frota para o mar, Tris simplesmente ficou para trás, mudando de curso apenas quando perdeu os outros navios de vista. Mas mesmo isso requeria certa coragem; ele nunca poderia voltar para as ilhas.

– Queijo? – ela perguntou. – Temos presunto também, e mostarda.

– Não é comida que quero, senhora. Você sabe disso – Tris deixara crescer uma espessa barba marrom no Bosque Profundo. Dizia que ajudava a manter seu rosto aquecido. – Vi você da torre de vigia.

– Se está de vigia, o que faz aqui?

– Cromm está lá em cima, e Hagen, o Corno. Quantos olhos precisamos para vigiar folhas sussurrando ao luar? Precisamos conversar.

– De novo? – ela suspirou. – Você conhece a filha de Hagen, aquela de cabelo vermelho. Conduz um navio tão bem quanto qualquer homem, e tem um rosto bonito. Dezessete, e eu a vi olhando para você.

– Não quero a filha de Hagen. – Ele quase a tocou, mas pensou melhor. – Asha, é hora de partir. Fosso Cailin era a única coisa segurando a maré. Se ficarmos aqui, os nortenhos nos matarão a todos, você sabe disso.

– Quer que eu fuja?

– Quero que viva. Amo você.

*Não*, ela pensou, *você ama alguma donzela inocente que vive apenas em sua cabeça, uma criança assustada que precisa da sua proteção.*

– Não amo você – ela disse sem rodeios – e não fujo.

– O que há aqui para agarrar com tanta força, além de pinheiros, lama e inimigos? Temos nossos navios. Navegue comigo, e faremos nossa vida no mar.

– Como piratas? – Era quase tentador. *Deixar os bosques sombrios para os lobos e retomar o mar aberto.*

– Como comerciantes – ele insistiu. – Viajaremos para leste, como Olho de Corvo fez, mas traremos sedas e especiarias, em vez de um chifre de dragão. Uma viagem para o Mar de Jade e seremos tão ricos quanto os deuses. Podemos ter uma mansão em Vilavelha ou em uma das Cidades Livres.

– Você, eu e Qarl? – Ela o viu recuar à menção do nome de Qarl. – A garota de Hagen gostaria de navegar para o Mar de Jade com você. Eu ainda sou a filha da lula gigante. Meu lugar é...

– ... *onde?* Você não pode retornar às ilhas. A menos que pretenda se submeter ao senhor seu marido.

Asha tentou se imaginar na cama com Erik Ironmaker, esmagada sob seu corpo pesado, sofrendo com seus abraços. *Melhor ele do que o Remador Vermelho ou Lucas Mão-Esquerda Codd*. O Quebra-Bigornas fora um gigante vociferador, assustadoramente forte, ferozmente leal, absolutamente sem medo. *Pode não ser tão ruim. Ele pode morrer na primeira vez que tentar cumprir seu dever de marido*. Isso a tornaria viúva de Erik, em vez de esposa de Erik, o que poderia ser um negócio melhor ou pior, dependendo dos netos dele. *E do meu tio. No final, todos os ventos me levam de volta a Euron*.

– Tenho reféns em Harlaw – ela recordou. – E ainda há Ponta do Mar do Dragão... se não posso ter o reino do meu pai, por que não fazer o meu próprio? – Nem sempre Ponta do Mar do Dragão fora tão pouco povoada quanto agora. Antigas ruínas ainda podiam ser encontradas entre as colinas e os pântanos, remanescentes dos antigos fortes dos Primeiros Homens. Nos locais mais altos havia círculos de represeiros deixados pelos Filhos da Floresta.

– Está se agarrando à Ponta do Mar do Dragão da mesma maneira que um afogado se apega a um pedaço de destroço. O que o Mar do Dragão tem que alguém possa querer? Não há minas, nenhum ouro ou prata, nem mesmo trigo ou milho.

*Não planejo plantar trigo ou milho.*

– O que há lá? Direi para você. Duas grandes linhas costeiras, com uma centena de enseadas escondidas, lontras nos lagos, salmões nos rios, mariscos ao longo da costa, colônias de focas em alto-mar e altos pinheiros para a construção de embarcações.

– E quem construirá esses navios, minha rainha? Onde Vossa Graça encontrará súditos para seu reino, se os nortenhos a deixarem tomar o lugar? Ou você pretende governar um reino de focas e lontras?

Ela deu uma risada triste.

– Lontras podem ser mais fáceis de governar do que homens, garanto para você. E focas são mais espertas. Não, você está certo. Minha melhor opção ainda pode ser retornar a Pyke. Há pessoas em Harlaw que gostariam do meu retorno. Em Pyke também. E Euron não conquistou amigos em Pretamare quando matou Lorde Baelor. Posso encontrar meu tio Aeron e levantar as ilhas. – Ninguém vira Cabelo-Molhado desde a assembleia de homens livres, mas seus Homens Afogados afirmavam que estava escondido em Grande Wyk e que logo voltaria para invocar a indignação do Deus Afogado contra Olho de Corvo e seus asseclas.

– O Quebra-Bigorna está procurando por Cabelo-Molhado também. Está perseguindo os Homens Afogados. O Cego Beron Blacktyde foi preso e interrogado. Até mesmo o Velho Gaivota Cinza foi algemado. Como você encontrará o sacerdote quando nenhum dos homens de Euron conseguiu?

– Ele é do meu sangue. Irmão do meu pai. – Era uma resposta fraca, e Asha sabia.

– Sabe o que eu acho?

– Estou prestes a saber, imagino.

– Acho que Cabelo-Molhado está morto. Acho que o Olho de Corvo cortou a garganta dele. A busca dos homens de ferro é só para nos fazer acreditar que o sacerdote escapou. Euron tem medo de ser visto como um assassino de parentes.

– Nunca deixe meu tio escutar isso que você falou. Se disser que Olho de Corvo tem medo de assassinar um parente, ele matará um de seus próprios filhos só para provar que você está errado. – Asha se sentia quase sóbria com ele. Tristifer Botley tinha esse efeito sobre ela.

– Mesmo se encontrasse seu tio Cabelo-Molhado, vocês dois fracassariam. Ambos *participaram* da assembleia de homens livres,

então não podem dizer que o chamado foi ilegal, como Torgon fez. Vocês estão submetidos à decisão da assembleia por todas as leis dos deuses e dos homens. Você...

Asha franziu a testa.

– Espere. Torgon? Que Torgon?

– Torgon, o Atrasado.

– Ele foi rei durante a Era dos Herois. – Ela lembrava pouco além disso. – O que tem ele?

– Torgon Greyjoy era o filho mais velho do rei. O rei era velho, mas Torgon era inquieto, então aconteceu que quando o pai morreu ele estava atacando sozinho o Mander de sua fortaleza no Escudocinza. Os irmãos não o avisaram, e em vez disso convocaram rapidamente uma assembleia de homens livres, imaginando que um deles seria escolhido para usar a coroa feita de madeira trazida do mar. Mas os capitães e os reis escolheram Urragon Goodbrother. A primeira coisa que o novo rei fez foi ordenar que todos os filhos do antigo rei fossem condenados à morte, e assim aconteceu. Depois disso, os homens o chamaram de *Irmão Mau*, embora na verdade não fosse parente de nenhum dos mortos. Ele governou por quase dois anos.

Asha se lembrava agora.

– Torgon voltou para casa...

– ... e disse que a assembleia de homens livres era ilegal, já que ele não estivera presente para fazer sua reivindicação. Irmão Mau já provara ser tão mesquinho quanto cruel e tinha poucos amigos nas ilhas. Os sacerdotes o denunciaram, os senhores se levantaram contra ele e seus próprios capitães o fizeram em pedaços. Torgon, o Atrasado, tornou-se rei e governou por quarenta anos.

Asha pegou Tris Botley pelas orelhas e o beijou na boca. Ele estava vermelho e sem fôlego quando ela o soltou.

– O que foi isso? – ele perguntou.

– Um beijo, assim é chamado. Me afogue por ser uma tola, Tris, eu devia ter lembrado... – Ela parou repentinamente. Quando Tris tentou falar, ela o calou, escutando. – É um berrante de guerra. Hagen. – Seu primeiro pensamento foi seu marido. Teria Erik Ironmaker vindo tão longe para reclamar sua noiva rebelde? – O Deus Afogado me ama afinal de contas. Eu estava aqui me perguntando o que fazer, e ele me manda

inimigos com os quais lutar. – Asha levantou-se e colocou a faca de volta na bainha. – A batalha está vindo até nós.

Ela foi correndo até a muralha exterior do castelo, com Tris logo atrás dela, mas mesmo assim chegou tarde demais. A luta tinha acabado. Asha encontrou dois nortenhos sangrando na muralha leste, não muito longe do portão de trás, com Lorren Machadolongo, Harl Seis-Dedos e Linguacruel parados ao lado deles.

– Cromm e Hagen viram eles subindo pela muralha – Linguacruel explicou.

– Apenas estes dois? – perguntou Asha.

– Cinco. Matamos dois antes que conseguissem atravessar, e Harl matou outro no adarve. Esses dois conseguiram chegar ao pátio.

Um homem estava morto, sangue e cérebro incrustados no machado de cabo longo de Lorren, mas o segundo ainda respirava com dificuldade, embora a lança de Linguacruel o tivesse prendido ao solo em uma poça de sangue. Ambos usavam couro cozido e capas furta-cor em marrom, verde e negro, com galhos, folhas e arbustos costurados em suas cabeças e ombros.

– Quem é você? – perguntou Asha para o homem ferido.

– Um Flint. Quem é você?

– Asha da Casa Greyjoy. Este é meu castelo.

– Bosque Profundo pertence a Galbart Glover. Não é casa para lulas.

– Há mais de vocês? – Asha exigiu saber. Quando ele não respondeu, ela pegou a lança de Linguacruel e a girou, e o nortenho gritou de angústia, com mais sangue jorrando de sua ferida. – Qual é seu propósito aqui?

– A senhora – ele disse, estremecendo. – Deuses, pare. Viemos pela senhora. Para resgatá-la. Somos só cinco.

Asha olhou nos olhos dele. Quando viu falsidade ali, pegou novamente a lança e a virou.

– *Quantos mais?* – disse. – Diga, senão farei sua morte durar até o amanhecer.

– Muitos – ele finalmente soluçou, entre gritos. – *Milhares*. Três mil, quatro... *aieeeee*... por favor...

Ela arrancou a lança dele e a enterrou com as duas mãos em sua garganta mentirosa. O meistre de Galbart Glover sempre afirmara que os

clãs das montanhas eram muito briguentos para lutarem juntos sem um Stark a liderá-los. *Talvez não estivesse mentindo. Talvez só estivesse enganado*. Asha aprendera o gosto *daquilo* na assembleia de homens livres de seu tio.

– Esses cinco foram enviados para abrir nossos portões antes do ataque principal – ela disse. – Lorren, Harl, busquem a Senhora Glover e seu meistre.

– Inteiros ou sangrando? – perguntou Lorren Machadolongo.

– Inteiros e sem ferimentos. Linguacruel, suba nesta torre três vezes maldita e diga para Cromm e Hagen manterem o olho afiado. Se virem uma lebre, eu quero saber.

Em pouco tempo, o pátio interno de Bosque Profundo estava cheio de pessoas assustadas. Seus próprios homens lutavam para entrar nas armaduras, ou subiam até o adarve. O pessoal de Galbart Glover olhava com rostos assustados, sussurrando uns para os outros. O intendente de Glover teve que ser carregado dos porões, pois perdera uma perna quando Asha tomou o castelo. O meistre protestou ruidosamente, até que Lorren o acertou no rosto com o punho fechado. A Senhora Glover saiu do bosque sagrado nos braços de sua aia.

– Eu a avisei de que este dia chegaria, senhora – ela disse, quando viu os cadáveres no chão.

O meistre adiantou-se, com sangue pingando do nariz quebrado.

– Senhora Asha, eu imploro, recolha seus estandartes e me deixe barganhar por sua vida. Você serviu-se de nós com justiça e com honra. Direi isso para eles.

– Trocaremos você pelas crianças. – Os olhos de Sybelle Glover estavam vermelhos, de lágrimas e de noites sem dormir. – Gawen tem quatro agora. Perdi o dia de seu nome. E minha doce menina... devolva meus filhos, e nenhum dano lhe acontecerá. Nem aos seus homens.

A última parte era uma mentira, Asha sabia. *Ela* podia ser trocada, talvez, embarcada de volta para as Ilhas de Ferro, para os adoráveis braços de seu marido. Seus primos podiam ser resgatados também, assim como Tris Botley e alguns dos companheiros dela, aqueles cujos parentes tivessem dinheiro suficiente para pagar por eles. Para os demais seria o machado, a forca ou a Muralha. *Ainda assim, eles têm o direito de escolher*.

Asha subiu em um barril, para que todos pudessem vê-la.

– Os lobos estão chegando sobre nós com seus dentes arreganhados. Estarão em nossos portões antes que o sol nasça. Devemos baixar nossas lanças e machados e implorar para que nos poupem?

– Não – Qarl, o Donzel, desembainhou sua espada.

– Não – ecoou Lorren Machadolongo.

– Não – trovejou Rolfe, o Anão, um homem que mais parecia um urso e era quase uma cabeça mais alto do que qualquer outro de sua tripulação. – Nunca.

E o berrante de Hagen ecoou novamente do alto, ressoando pelo pátio.

*Ahoooooooooooooooooooooo*, gritou o berrante de guerra, longo e baixo, um som de coagular o sangue. Asha começara a odiar o som dos berrantes. Em Velha Wyk, o berrante do inferno de seu tio soprara uma sentença de morte nos sonhos dela, e agora Hagen soava o que podia ser sua última hora na terra. *Se devo morrer, morrerei com um machado na mão e uma maldição nos lábios*.

– Para as muralhas – disse Asha Greyjoy para seus homens. Dirigiu-se para a torre de vigia, com Tris Botley bem atrás dela.

A torre de vigia de madeira era a coisa mais alta desse lado das montanhas, erguendo-se seis metros acima das maiores árvores sentinelas e pinheiros marciais da floresta ao redor.

– Ali, capitã – disse Cromm, quando ela alcançou a plataforma. Asha viu apenas árvores e sombras, as colinas iluminadas pela lua e os picos nevados além delas. Então percebeu que as árvores arrastavam-se para mais perto.

– O-ho – riu –, essas cabras da montanha se camuflaram com galhos de pinheiro. – A floresta estava em movimento, rastejando em direção ao castelo como uma lenta maré verde. Lembrou-se de um conto que ouvira quando criança, sobre os Filhos da Floresta e suas batalhas contra os Primeiros Homens, quando os videntes verdes transformaram as árvores em guerreiros.

– Não podemos lutar contra tantos – disse Tris Botley.

– Podemos lutar com tantos quantos vierem, filhote – insistiu Cromm. – Quantos mais forem, maior a glória. Homens cantarão sobre nós.

*Sim, mas cantarão sobre a coragem de vocês ou sobre minha tolice?* O mar estava a quase trinta quilômetros de distância. Fariam melhor em

permanecer e lutar atrás dos fossos e das muralhas de madeira de Bosque Profundo? *As muralhas de madeira de Bosque Profundo não foram muito úteis para os Glover quando tomei o castelo*, lembrou a si mesma. *Por que serviriam mais para mim?*

– Amanhã banquetearemos sob o mar. – Cromm acariciou seu machado, como se não pudesse esperar.

Hagen abaixou seu berrante.

– Se morrermos com os pés secos, como encontraremos o caminho para os salões molhados do Deus Afogado?

– Essas florestas estão cheias de pequenos riachos – Cromm assegurou. – Todos levam aos rios, e todos os rios, para o mar.

Asha não estava pronta para morrer. Não aqui, não ainda.

– Um homem vivo pode encontrar o mar com mais facilidade do que um morto. Deixem os lobos ficarem com suas florestas sombrias. Fomos feitos para os navios.

Ela se perguntava quem comandava seus inimigos. *Se fosse eu, tomaria a costa e passaria nossos dracares pela tocha antes de atacar Bosque Profundo*. Mas os lobos não pensariam nisso com tanta facilidade, não sem seus próprios dracares. Asha nunca atracava mais do que a metade de seus navios. A outra metade permanecia a salvo em alto-mar, com ordens de levantar velas e seguir para Ponta do Mar do Dragão se os nortenhos tomassem a costa.

– Hagen, toque seu berrante e faça a floresta chocalhar. Tris, vista uma cota de malha, é hora de testar essa sua doce espada. – Quando viu como ele estava pálido, beliscou sua bochecha. – Espalhe algum sangue sobre a lua comigo, e prometo um beijo por cada morto.

– Minha rainha – disse Tristifer –, aqui temos as muralhas, mas se alcançarmos o mar e descobrirmos que os lobos pegaram nossos navios ou os afundaram...

– ... nós morremos – ela completou alegremente –, mas pelo menos morreremos com os pés molhados. Homens de ferro lutam melhor com sal entrando em suas narinas e com o som das ondas às suas costas.

Hagen deu três sopros em sequência rápida, o sinal que enviaria os homens de ferro de volta para seus navios. De baixo vieram gritos, o tinir de lanças e espadas, o relinchar dos cavalos. *Poucos cavalos e poucos cavaleiros*. Asha se dirigiu para as escadas. No pátio, encontrou Qarl, o

Donzel, esperando por ela com sua égua castanha, seu elmo de guerra e seus machados de arremesso. Homens de ferro conduziam cavalos dos estábulos de Galbart Glover.

– Um aríete! – uma voz gritou das muralhas. – *Eles têm um aríete!*

– Em qual portão? – perguntou Asha, montando.

– O norte! – De trás das muralhas de madeira com musgo de Bosque Profundo veio um repentino som de trombetas.

*Trombetas? Lobos com trombetas?* Aquilo estava errado, mas Asha não tinha tempo para pensar no assunto.

– Abram o portão sul – ordenou, enquanto o portão norte recebia o impacto do aríete. Ela sacou um machado de arremesso de cabo curto do cinturão em volta dos ombros. – A hora da coruja se foi, meus irmãos. Agora vem a hora da lança, da espada e do machado. Em formação. Estamos indo para casa.

De uma centena de gargantas vieram rugidos de *Casa!* e *Asha!* Tris Botley galopava ao lado dela em um alto garanhão castanho. No pátio, seus homens, juntos uns dos outros, fechavam-se, erguendo escudos e lanças. Qarl, o Donzel, não cavalgava, e tomou seu lugar entre Linguacruel e Lorren Machadolongo. Quando Hagen veio correndo pelos degraus da torre de vigia, uma flecha dos lobos o acertou na barriga, mandando-o de cabeça para o chão. Sua filha correu até ele, gemendo.

– Tragam-na – Asha comandou. Este não era momento para lamentar. Rolfe, o Anão, puxou a garota para seu cavalo, o cabelo vermelho dela esvoaçando. Asha pôde ouvir o portão norte ranger quando o aríete o acertou novamente. *Precisamos cortar nosso caminho através deles*, pensou, enquanto o portão sul foi aberto. O caminho estava limpo. *Por quanto tempo?*

– Mexam-se! – Asha apertou os calcanhares nos flancos do cavalo.

Tanto homens quanto montarias estavam trotando quando alcançaram as árvores, do outro lado do campo encharcado onde mudas mortas de trigo de inverno apodreciam sob a lua. Asha comandava seus cavaleiros por último, como uma retaguarda, para manter os retardatários em movimento e assegurar-se de que ninguém seria deixado para trás. Altos pinheiros marciais e antigos carvalhos retorcidos se fechavam em torno deles. Bosque Profundo era um nome apropriado. As árvores eram imensas e escuras, de algum modo ameaçadoras. Galhos agitavam-se uns

contra os outros e estalavam com cada sopro de vento, e os ramos maiores arranhavam a face da lua. *Quanto antes sairmos daqui, melhor*, Asha pensou. *As árvores nos odeiam, do fundo de seus corações de madeira*.

Apressaram-se para sul e sudoeste, até que as torres de madeira de Bosque Profundo sumiram de vista e os sons das trombetas foram engolidos pela floresta. *Os lobos têm seu castelo de volta*, ela pensou, *talvez se contentem e nos deixem ir*.

Tris Botley trotava ao lado dela.

– Estamos indo para o lado errado – ele disse, apontando para a lua que parecia olhar para baixo através do dossel de ramos. – Precisamos virar para o norte, para os navios.

– Oeste primeiro – Asha insistiu. – Oeste até que o sol se levante. Então norte. – Virou-se para Rolfe, o Anão, e Roggon Barbaferrugem, seus melhores cavaleiros. – Patrulhem a frente e assegurem-se de que nosso caminho está limpo. Não quero surpresas quando alcançar a costa. Se encontrarem lobos, voltem para mim com notícias.

– Faremos isso – prometeu Roggon através de sua imensa barba vermelha.

Depois que os batedores desapareceram entre as árvores, os outros homens de ferro retomaram sua marcha, mas a movimentação era lenta. As árvores escondiam a lua e as estrelas, e o chão da floresta, sob as árvores, era escuro e traiçoeiro. Antes de percorrerem meio quilômetro, a égua de seu primo Quenton tropeçou em um buraco e arrebentou a pata dianteira. Quenton teve que cortar a garganta do animal, para que parasse de berrar.

– Devíamos acender tochas – sugeriu Tris.

– Fogo trará os nortenhos até nós – Asha xingou em voz baixa, perguntando-se se fora um erro deixar o castelo. *Não. Se tivéssemos ficado e lutado, estaríamos todos mortos agora*. Mas tampouco era bom andar às cegas na escuridão. *Essas árvores nos matariam se pudessem*. Ela tirou o elmo e empurrou o cabelo encharcado para trás. – O sol se levantará em algumas horas. Vamos parar aqui e descansar até o raiar do dia.

Parar foi simples; descansar era difícil. Ninguém dormiu, nem mesmo Dale Olhoprostrado, um remador que era conhecido por cochilar entre as

batidas. Alguns homens repartiram um odre da sidra de Galbart Glover, passando o recipiente de mão em mão. Aqueles que trouxeram comida repartiram com os que não trouxeram. Os cavaleiros alimentaram os cavalos e lhes deram água. O primo de Asha, Quenton Greyjoy, mandou três homens para o alto das árvores, para observar qualquer sinal de tochas na floresta. Cromm afiou seu machado e Qarl, o Donzel, sua espada. Os cavalos pastaram grama morta e marrom e ervas daninhas. A filha de cabelo vermelho de Hagen pegou Tris Botley pela mão para levá-lo para o meio das árvores. Quando ele a recusou, ela foi com Harl Seis-Dedos.

*Gostaria de poder fazer o mesmo*. Seria doce se perder nos braços de Qarl uma última vez. Asha tinha um mau pressentimento no estômago. Sentiria o convés de *Vento Negro* sob seus pés novamente? E, se sentisse, para onde navegaria? *As ilhas estão fechadas para mim, a menos que eu pretenda dobrar o joelho, abrir as pernas e sofrer com os abraços de Erik Ironmaker, e nenhum porto em Westeros vai saudar a filha da lula gigante*. Podia tornar-se comerciante, como Tris parecia querer, ou ir para Passopedra e se juntar aos piratas de lá. Ou...

– Envio para cada um de vocês um pedaço do príncipe – ela murmurou.

Qarl sorriu.

– Eu prefiro ter um pedaço de você – sussurrou, – o doce pedaço que...

Algo voou dos arbustos e caiu com um *baque* surdo no meio deles, batendo e saltando. Era redondo, escuro e molhado, com longos cabelos que chicoteavam enquanto rolava. Quando parou entre as raízes de um carvalho, Linguacruel disse:

– Rolfe, o Anão, já não é tão alto quanto antes.

Metade dos homens dela estava em pé nesse momento, pegando escudos, lanças e machados. *Eles também não acenderam tochas*, Asha teve tempo de pensar, *e conhecem estas florestas melhor do que jamais poderíamos*. Então as árvores explodiram ao redor deles, e os nortenhos fluíram aos gritos. *Lobos*, ela pensou, *eles uivam como malditos lobos. O grito de guerra do norte*. Seus homens de ferro gritaram em resposta, e a batalha começou.

Nenhum cantor jamais faria uma canção sobre aquela batalha. Nenhum meistre jamais escreveria um relato para um dos amados livros do Leitor. Nenhum estandarte voando, nenhum berrante de guerra gemendo,

nenhum grande senhor reunindo os homens para falar vibrantes palavras finais. Lutaram na escuridão que antecedia a manhã, sombra contra sombra, tropeçando em raízes e pedras, com lama e folhas podres sob os pés. Os homens de ferro estavam vestidos com cotas de malha e couro curtido, os nortenhos em peles, couro cru e galhos de pinheiros. A lua e as estrelas assistiam à batalha, a luz clara atravessando o emaranhado de galhos nus torcidos sobre as cabeças dos guerreiros.

O primeiro homem que chegou até Asha Greyjoy morreu aos pés da moça com o machado de arremesso dela entre os olhos. Aquilo lhe deu tempo suficiente para deslizar o escudo para o braço.

– *Até mim!* – chamava, mas se clamava por seus próprios homens ou pelos inimigos nem mesmo Asha podia dizer com certeza. Um nortenho com um machado assomou diante dela, balançando-o com as duas mãos, enquanto gritava em fúria sem palavras. Asha levantou o escudo para bloquear o golpe, e então se aproximou para apunhalar sua barriga com uma adaga. O grito dele mudou de tom conforme sentiu a lâmina. Ela girou e encontrou outro lobo atrás dela, e cortou seu rosto sob o elmo. O golpe dele acertou-a embaixo do seio, mas a cota de malha a protegeu, e Asha levou a ponta de sua adaga até a garganta dele e o deixou afogar-se no próprio sangue. Uma mão agarrou seus cabelos, mas não o suficiente para que conseguisse puxar a cabeça dela para trás. Asha acertou o salto de sua bota no peito do pé dele e libertou-se enquanto ele gritava de dor. Mas assim que se virou, o homem estava caído e morrendo, ainda segurando um punhado do cabelo dela. Qarl estava sobre ele, com a espada longa pingando e a luz da lua brilhando em seus olhos.

Linguacruel contava os nortenhos, enquanto os matava, gritando "Quatro" quando um caiu e "Cinco" um segundo depois. Os cavalos relinchavam, davam coices e viravam os olhos de terror, enlouquecidos pelo massacre e pelo sangue... todos exceto o grande garanhão castanho de Tris Botley. Tris permanecia em sua sela, e sua montaria se erguia e girava enquanto ele atacava com a espada. *Posso dever um beijo ou três para ele antes que a noite acabe*, pensou Asha.

– Sete! – gritou Linguacruel, mas ao seu lado Lorren Machadolongo se estatelou, com uma perna torcida debaixo dele, e as sombras continuavam vindo, gritando e farfalhando. *Estamos lutando contra arbustos*, Asha pensou enquanto matava um homem que tinha mais

folhas sobre si do que a maioria das árvores ao redor. Aquilo a fez rir. Sua risada atraiu mais lobos sobre ela, e ela os matou também, perguntando-se se deveria começar a própria contagem. *Sou uma mulher casada, e aqui está meu bebê de peito*. Empurrou sua adaga contra o peito de um nortenho, através de peles, lã e couro fervido. O rosto dele estava tão perto do dela que podia sentir o cheiro azedo de sua respiração, a mão dele estava em sua garganta. Asha sentiu ferro raspando contra osso enquanto sua lâmina deslizava sobre uma costela. Então o homem estremeceu e morreu. Quando ela o deixou, estava tão fraca que quase caiu sobre ele.

Mais tarde, ficou costas contra costas com Qark, ouvindo os grunhidos e maldições ao redor deles, de homens corajosos se arrastando pelas sombras, chorando por suas mães. Um arbusto foi em direção a ela, com uma lança longa o suficiente para atravessar sua barriga e as costas de Qarl também, prendendo-os juntos enquanto morriam. *Melhor do que morrer sozinha*, pensou, mas seu primo Quenton matou o lanceiro antes que ele chegasse até ela. Um segundo mais tarde outro arbusto matou Quenton, acertando um machado na base de seu crânio, por trás.

Atrás dela, Linguacruel gritou:

– Nove, e malditos sejam todos vocês.

A filha de Hagen surgiu nua por entre as árvores, com dois lobos em seus calcanhares. Asha agarrou um machado de arremesso, jogou-o na direção deles e acertou um pelas costas. Quando ele caiu, a filha de Hagen tropeçou, caindo de joelhos, pegou a espada do morto, acertou o segundo homem, levantou-se novamente, manchada de lama e sangue, com o longo cabelo vermelho desalinhado, e atirou-se na luta.

Em algum lugar no fluxo e refluxo da batalha, Asha perdeu Qarl, perdeu Tris, perdeu todos eles. Sua adaga sumira, assim como todos os seus machados de arremesso; em vez disso, tinha uma espada nas mãos, uma espada curta com uma lâmina grossa, quase como um cutelo de açougueiro. Por sua vida, ela não saberia dizer onde conseguira aquilo. Seu braço doía, a boca tinha gosto de sangue, as pernas tremiam, e feixes de luz clara do amanhecer atravessavam as árvores. *Já se passou tanto assim? Há quanto tempo estamos lutando?*

Seu último inimigo foi um nortenho com um machado, um homem grande, careca e barbudo, vestido em uma armadura de cota de malha

enferrujada e remendada, que só podia significar que era um chefe ou um campeão. Ele não estava feliz em se encontrar lutando com uma mulher.

– Boceta! – rugia cada vez que a atingia, o cuspe acertando o rosto dela. – Boceta! Boceta!

Asha queria gritar de volta para ele, mas sua garganta estava tão seca que tudo o que podia fazer era grunhir. O machado dele fazia o escudo dela tremer, quebrando madeira a cada golpe, arrancando lascas cada vez que puxava a arma de volta. Logo ela teria apenas um emaranhado de gravetos nos braços. Recuou e se livrou do escudo destruído, então recuou mais um pouco e dançou para a esquerda e para a direita, e depois para a esquerda novamente, para evitar o machado que descia com tudo.

Então acertou as costas com força contra uma árvore e não pode mais dançar. O lobo ergueu o machado, pronto para partir a cabeça dela ao meio. Asha tentou deslizar para a direita, mas seu pé se enroscou em algumas raízes, prendendo-a. Ela se contorceu, perdeu o equilíbrio, e a face do machado triturou sua têmpora com um grito de aço sobre aço. O mundo ficou vermelho e negro, e vermelho novamente. A dor crepitava até sua perna, como um relâmpago distante, e ao longe ela ouviu o nortenho dizer:

– Boceta maldita – enquanto levantava o machado para o golpe que acabaria com ela.

Uma trombeta tocou.

*Isso está errado*, ela pensou. *Não há trombetas nos salões molhados do Deus Afogado. Sob as ondas, os badejos saúdam seu senhor soprando conchas*.

Ela sonhou com corações vermelhos queimando e um veado negro em um campo dourado, com uma chama saindo de seus chifres.

# Tyrion

Quando chegaram a Volantis, o céu estava púrpura no oeste e negro no leste, e as estrelas começavam a aparecer. *As mesmas estrelas de Westeros*, Tyrion Lannister pensou.

Poderia ter tirado algum conforto disso, se não estivesse amarrado como um ganso e preso em uma sela. Desistira de se contorcer. Os nós que o prendiam estavam muito apertados. Em vez disso, soltara-se como um saco de farinha. *Para poupar minhas forças*, disse a si mesmo, embora não soubesse dizer para quê.

Volantis fechava os portões quando escurecia, e os guardas do portão norte resmungavam impacientemente para os retardatários. Juntaram-se à fila, atrás de uma carroça repleta de limões e laranjas. Os guardas sinalizaram para a carroça com as tochas, mas lançaram um olhar duro para o grande ândalo em seu cavalo de guerra, com espada longa e cota de malha. Um capitão foi convocado. Enquanto ele e o cavaleiro trocavam algumas palavras em volantino, um dos guardas tirou a manopla com garras e esfregou a cabeça de Tyrion.

– Estou cheio de boa fortuna – o anão disse para ele. – Solte-me, meu amigo, e me assegurarei de que seja bem recompensado.

Seu captor ouviu.

– Guarde suas mentiras para aqueles que falam sua língua, Duende – disse, quando os volantinos acenaram para que passassem.

Então estavam novamente em movimento, passando o portão e sob as maciças muralhas da cidade.

– Você fala minha língua. Posso influenciá-lo com promessas, ou está determinado a comprar sua senhoria com minha cabeça?

– Eu *era* um lorde, por direito de nascença. Não quero títulos vazios.

– Isso é tudo o que vai conseguir da minha doce irmã.

– E aqui ouvi que um Lannister sempre paga suas dívidas.

– Ah, cada moeda... Mas nunca uma moeda a mais, senhor. Você terá a refeição pela qual barganhar, mas não será temperada com gratidão e, no fim, não vai nutri-lo.

– Pode ser que tudo o que eu queira é que você pague por seus crimes. Os assassinos de parentes são amaldiçoados perante os olhos dos deuses e dos homens.

– Os deuses são cegos. E os homens só veem o que desejam.

– Vejo você bastante claro, Duende. – Algo sombrio tomou conta do tom do cavaleiro. – Fiz coisas das quais não me orgulho, coisas que trouxeram vergonha à minha casa e ao nome do meu pai... mas matar o próprio pai? Como um homem pode fazer isso?

– Dê-me uma besta e abaixe os calções que mostro para você. – *Alegremente*.

– Acha que isso é uma brincadeira?

– Acho que a vida é uma brincadeira. A sua, a minha, a de todo mundo.

Dentro das muralhas da cidade, passaram por guildas, mercados e casas de banho. Fontes jorravam e cantavam no centro de amplas praças onde homens se sentavam em tabuleiros de pedra, movendo peças de *cyvasse* e bebendo vinho em taças de vidro enquanto escravos acendiam lanternas ornamentadas para manter a escuridão na baía. Palmeiras e cedros cresciam ao longo das ruas pavimentadas, e monumentos eram encontrados em cada cruzamento. Muitas das estátuas não tinham cabeça, o anão notou, mas mesmo assim pareciam majestosas sob o crepúsculo púrpura.

Conforme o cavalo de guerra seguia lentamente para sul junto ao rio, as lojas ficavam menores e mais pobres, as árvores ao longo das ruas tornavam-se uma fileira de tocos. Os paralelepípedos deram lugar à erva-do-diabo sob os cascos do cavalo, e depois a uma lama úmida e mole, da cor de excrementos de bebê. As pequenas pontes que atravessavam os riachos que alimentavam o Roine rangiam sob o peso deles de forma alarmante. Onde uma vez existira um forte na margem do rio, agora havia um portão quebrado, escancarado como a boca sem dentes de um homem velho. Era possível vislumbrar cabras espiando sobre os parapeitos.

*Antiga Volantis, primeira filha de Valíria*, o anão devaneou. *Orgulhosa Volantis, rainha do Roine e amante do Mar de Verão, lar de nobres*

*senhores e adoráveis senhoras do mais antigo sangue*. Não importavam os grupos de crianças nuas que percorriam os becos gritando em vozes estridentes, ou os espadachins parados nas portas das adegas, manejando o cabo de suas espadas, ou os escravos com as costas encurvadas e o rosto tatuado que corriam de um lado para outro como baratas. *Poderosa Volantis, a mais grandiosa e mais populosa das Nove Cidades Livres*. Contudo, grande parte da cidade havia sido despovoada por antigas guerras, e grandes áreas de Volantis começavam a afundar sob a lama em que estavam. *Bela Volantis, cidade de fontes e flores*. Mas metade das fontes estava seca, metade das piscinas, rachada e inativa. Trepadeiras floridas saíam de cada rachadura nas paredes ou no chão pavimentado, e jovens árvores lançavam raízes em paredes de lojas abandonadas e de templos sem telhado.

E havia o cheiro. Estava no ar úmido e quente, rico, rançoso, penetrante. *Tem cheiro de peixe e flores, assim como de excrementos de elefante. Algo doce, algo terroso, algo morto e podre.*

– Esta cidade cheira como puta velha – Tyrion anunciou. – Algo como uma mulher desleixada e flácida que encharcou suas partes íntimas para disfarçar o fedor entre as pernas. Não que eu esteja reclamando. Com putas, as mais jovens cheiram melhor, mas as mais velhas conhecem mais truques.

– Você deve ter mais experiência nisso do que eu.

– Ah, é claro. Aquele bordel onde nos encontramos, você pensou que era um septo? Era sua virginal irmã que se contorcia no seu colo?

Aquilo fez o cavaleiro fechar a cara.

– Dê um descanso à sua língua, a menos que prefira que eu dê um nó nela.

Tyrion engoliu sua resposta. Seus lábios ainda estavam inchados da última vez que fora longe demais. *Mãos duras e nenhum senso de humor fazem um péssimo casamento*. Aprendera isso na estrada de Selhorys. Seus pensamentos foram para sua bota, para os cogumelos entre seus dedos. O captor não o havia revistado com tanto cuidado quanto deveria. *Sempre há essa fuga. Cersei não me terá vivo, pelo menos*.

Mais ao sul, os sinais de prosperidade começaram a reaparecer. Os prédios abandonados eram vistos com menos frequência, as crianças nuas desapareceram e os espadachins diante das portas pareciam mais

suntuosamente vestidos. Algumas estalagens pelas quais passaram realmente pareciam lugares nos quais um homem podia dormir sem medo de ter a garganta cortada. Lanternas penduradas em postes de ferro ao longo da estrada do rio agitavam-se quando o vento soprava. As ruas ficaram mais largas, as construções mais imponentes. Algumas eram encimadas por grandes domos de vidro colorido. Na penumbra que se adensava, com as fogueiras acesas, os domos brilhavam em tons de azul, vermelho, verde e púrpura.

Mesmo assim, havia algo no ar que deixava Tyrion desconfortável. A oeste do Roine, ele sabia, o cais de Volantis fervilhava com marinheiros, escravos e comerciantes, além de adegas, estalagens e bordéis todos feitos para eles. A leste do rio, estranhos do outro lado do mar eram raramente vistos. *Não somos bem-vindos aqui*, Tyrion percebeu.

Da primeira vez que passaram por um elefante, Tyrion não pôde deixar de encarar. Havia um elefante no zoológico de Lannisporto quando era menino, mas o animal morrera quando ele tinha sete anos... Este grande gigante cinza parecia ter o dobro do tamanho.

Mais adiante, ficaram atrás de um pequeno elefante, branco como osso antigo, que puxava um carrinho enfeitado.

– É um carro de boi sem o boi? – perguntou Tyrion para seu captor. Quando o gracejo não teve resposta, voltou a ficar em silêncio, contemplando a traseira bamboleante do elefante branco diante deles.

Volantis era inundada de elefantes anões brancos. Quando se aproximaram da Muralha Negra e dos bairros lotados próximos à Grande Ponte, viram uma dúzia deles. Grandes elefantes cinzentos tampouco eram incomuns; animais imensos, com castelos nas costas. E, na meia-luz da noite, as carroças de esterco haviam surgido, levadas por escravos seminus cuja tarefa era recolher as pilhas fumegantes deixadas tanto por elefantes grandes quanto pelos pequenos. Enxames de moscas seguiam as carroças, por isso os escravos de esterco tinham moscas tatuadas no rosto, para marcar sua função. *Eis um ramo para minha doce irmã*, Tyrion ponderou. *Ela ficaria linda com uma pazinha e moscas tatuadas naquelas doces faces rosadas.*

Até então iam tão devagar que quase se arrastavam. A estrada do rio tinha tráfego pesado, quase todo indo para o sul. O cavaleiro foi com a

multidão, uma tora presa na correnteza. Tyrion olhava a multidão que passava. Nove homens em cada dez levavam marcas de escravo no rosto.

– Tantos escravos... para onde estão indo todos?

– Os sacerdotes vermelhos acendem suas fogueiras noturnas ao pôr do sol. O Alto Sacerdote vai falar. Eu evitaria isso se pudesse, mas para alcançar a Grande Ponte temos que passar pelo templo vermelho.

Três quarteirões depois, a rua se abriu diante deles em uma imensa praça iluminada com tochas, e lá terminou. *Que os Sete me salvem, isso é três vezes maior que o Grande Septo de Baelor*. Com uma enormidade de pilares, degraus, contrafortes, pontes, domos e torres que fluíam para dentro umas das outras, como se tivessem sido esculpidas em uma única rocha colossal, o Templo do Senhor da Luz assomava como a Colina de Aegon. Uma centena de tons de vermelho, amarelo, dourado e laranja se encontravam e se fundiam nas paredes do templo, dissolvendo-se uns nos outros como nuvens ao entardecer. Suas torres delgadas retorciam-se para cima, como chamas congeladas que alcançavam o céu. *Fogo transformado em pedra*. Imensas fogueiras queimavam ao lado das escadas do templo e, entre elas, o Alto Sacerdote começara a falar.

*Benerro*. O sacerdote estava em um pilar de pedra vermelha, unido por uma estreita ponte de pedra a um terraço onde permaneciam os sacerdotes menores e os acólitos. Os acólitos trajavam túnicas amarelo-claras e laranja brilhante; os sacerdotes e as sacerdotisas usavam vermelho.

A grande praça diante deles estava tão lotada que a multidão parecia um único bloco sólido. Muitos adoradores usavam algum pedaço de tecido vermelho pendurado nas mangas ou amarrado ao redor da testa. Cada olhar estava direcionado ao Alto Sacerdote, exceto os deles.

– Abram caminho. – Os volantinos davam licença ressentidos, com murmúrios e olhares zangados.

A voz alta de Benerro se fazia ouvir bem. Alto e magro, tinha o rosto deformado e a pele branca como leite. Chamas haviam sido tatuadas nas bochechas, no queixo e na cabeça raspada, para formar uma brilhante máscara vermelha que crepitava sob seus olhos e circundava sua boca de lábios muito finos.

– Isso é uma tatuagem de escravo? – Tyrion perguntou.

O cavaleiro concordou.

– O Templo Vermelho os compra quando são crianças e faz deles sacerdotes, prostitutas ou guerreiros do templo. Olhe ali. – Apontou para os degraus, onde uma fila de homens em armaduras ornamentadas e mantos laranja permanecia diante das portas do templo, segurando lanças cujas pontas pareciam chamas se contorcendo. – A Mão Ardente. Os soldados sagrados do Senhor da Luz, defensores do templo.

*Cavaleiros de fogo.*

– E quantos dedos tem essa mão, posso saber?

– Mil. Nunca mais, nunca menos. Uma nova chama é acesa para cada uma que se apaga.

Benerro apontou um dedo para a lua, fechou a mão e depois a espalmou. Quando sua voz aumentou em um crescendo, chamas saíram de seus dedos com um clarão repentino que fez a multidão se sobressaltar. O sacerdote podia traçar letras ardentes no ar também. *Glifos valirianos*. Tyrion reconheceu talvez dois de dez; um era *Perdição* e o outro, *Escuridão*.

Gritos irromperam da multidão. Mulheres choravam e homens agitavam os punhos. *Tenho um mau pressentimento sobre isso*. O anão se lembrou do dia em que Myrcella partira para Dorne e a revolta que estourou enquanto voltavam para a Fortaleza Vermelha.

Meiomeistre Haldon falara em usar o sacerdote vermelho em benefício do Jovem Griff, Tyrion recordou. Agora que havia visto e ouvido o homem por si mesmo, aquilo parecia uma péssima ideia. Esperava que Griff tivesse mais bom-senso. *Alguns aliados são mais perigosos do que inimigos. Mas Lorde Connington terá que juntar essas peças por conta própria. Serei uma cabeça em uma lança.*

O sacerdote apontava a Muralha Negra atrás do templo, gesticulando na direção dos parapeitos, onde um punhado de guardas em armaduras olhava para baixo.

– O que ele está dizendo? – Tyrion perguntou ao cavaleiro.

– Que Daenerys está em perigo. O olho sombrio caiu sobre ela, e os asseclas da noite estão tramando sua destruição, rezando para falsos deuses em templos do engano... conspirando uma traição com forasteiros sem deuses...

Os cabelos na nuca de Tyrion se arrepiaram. *O Príncipe Aegon não encontrará amigos aqui*. O sacerdote vermelho falou sobre a antiga

profecia, a profecia que predisse a chegada de um herói para livrar o mundo da escuridão. *Um herói. Não dois. Daenerys tem dragões, Aegon, não*. O anão não precisava ser um profeta para prever como Benerro e seus seguidores podiam reagir a um segundo Targaryen. *Griff verá isso também, certamente*, pensou, surpreso em descobrir o quanto se importava.

O cavaleiro forçou caminho pela maioria da multidão compacta no fundo da praça, ignorando os xingamentos que eram lançados enquanto passavam. Um homem parou diante deles, mas o captor de Tyrion agarrou o cabo da espada longa e desembainhou o suficiente para mostrar alguns centímetros de aço nu. O homem se afastou e, de repente, um beco se abriu diante deles. O cavaleiro instou a montaria ao trote, e deixaram a aglomeração para trás. Por um tempo, Tyrion ainda pôde ouvir a voz de Benerro, cada vez mais baixa, e os rugidos que suas palavras provocavam, repentinos como trovões.

Chegaram a um estábulo. O cavaleiro desmontou e esmurrou a porta até que um escravo encovado, com uma cabeça de cavalo na bochecha, chegou correndo. O anão foi arrancado bruscamente da sela e amarrado em um poste, enquanto seu captor acordava o dono do estábulo e discutia com ele sobre o preço do cavalo e da sela. *É mais barato vender um cavalo do que embarcar um para atravessar meio mundo*. Tyrion sentia um navio em seu futuro imediato. Talvez fosse um profeta, no final das contas.

Quando a barganha foi concluída, o cavaleiro pendurou suas armas, o escudo e a sacola por cima do ombro e pediu indicações de como chegar ao ferreiro mais próximo. A oficina estava fechada também, mas abriu rapidamente com o grito do cavaleiro. O ferreiro deu um olhar de soslaio para Tyrion, então acenou com a cabeça e aceitou um punhado de moedas.

– Venha aqui. – O cavaleiro disse para seu prisioneiro. Desembainhou sua adaga e cortou os nós que o prendiam.

– Meus agradecimentos – disse Tyrion, enquanto esfregava os pulsos, mas o cavaleiro apenas riu e disse:

– Guarde sua gratidão para quem a mereça, Duende. Você não gostará do próximo bocado.

Ele não estava errado.

As algemas eram de ferro negro, grossas e pesadas, cada uma com pelo menos um quilo, de acordo com a avaliação do anão. As correntes adicionavam ainda mais peso.

– Devo ser mais temível do que imaginava – Tyrion confessou, enquanto os últimos elos eram fechados a marteladas. Cada batida enviava uma onda de choque pelo braço, até quase o ombro. – Ou você tem medo que eu escape com essas minhas perninhas atrofiadas?

O ferreiro não fez mais do que olhar para seu trabalho, mas o cavaleiro riu sombriamente.

– É sua boca que me preocupa, não suas pernas. Em grilhões, você é um escravo. Ninguém escutará uma palavra do que diz, nem mesmo aqueles que falam a língua de Westeros.

– Não há necessidade disso – Tyrion protestou. – Serei um bom pequeno prisioneiro, serei, serei.

– Então prove e cale a boca.

Então ele baixou a cabeça e mordeu a língua, enquanto as correntes eram fixadas: pulso com pulso, pulso com tornozelo, tornozelo com tornozelo. *Essas coisas malditas pesam mais do que eu*. Pelo menos ainda respirava. Seu captor poderia facilmente ter cortado sua cabeça. Isso era tudo o que Cersei pedia, afinal. Não fazer isso imediatamente fora o primeiro erro de seu captor. *Há meio mundo entre Volantis e Porto Real, e muito mais pode acontecer ao longo do caminho, sor.*

O resto do caminho, fizeram a pé, com Tyrion tilintando e retinindo enquanto lutava para acompanhar os passos largos e impacientes de seu captor. Cada vez que ameaçava ficar para trás, o cavaleiro aproveitava os grilhões e o puxava rudemente, trazendo o anão tropeçando e saltando para seu lado. *Podia ser pior. Ele podia estar me apressando com um chicote.*

Volantis esparramava-se pela foz do Roine, onde o rio beijava o mar, suas duas metades unidas pela Grande Ponte. A parte mais velha e mais rica da cidade era o lado leste do rio, mas mercenários, bárbaros e outros forasteiros incultos não eram bem-vindos, então precisavam cruzar para oeste.

O portão da Grande Ponte era um arco de pedra negra esculpido com esfinges, manticoras, dragões e outras criaturas ainda mais estranhas. Além do arco, estendia-se a grande passagem que os valirianos

construíram no auge de sua glória, o piso de pedra fundida suportado por pilares maciços. A estrada era larga o suficiente para duas carretas atravessarem lado a lado, mas toda vez que um carroção vindo do oeste se encontrava com um do leste, ambos tinham que reduzir a velocidade drasticamente.

Ainda bem que estavam a pé. A um terço do caminho, um carroção carregado com melões enroscou a roda em outro que levava altas pilhas de tapetes de seda e levou todo o tráfego em rodas a um impasse. Muito do tráfego a pé também parou para assistir aos motoristas xingarem e gritarem um para o outro, mas o cavaleiro agarrou as correntes de Tyrion e abriu caminho pelas pessoas aglomeradas. No meio da multidão, um garoto tentou alcançar sua bolsa, mas uma cotovelada forte colocou fim a isso e espalhou o sangue do nariz do ladrão por metade do seu rosto.

Construções erguiam-se nos dois lados; lojas e templos, tavernas e estalagens, salões de *cyvasse* e bordéis. A maioria tinha três ou quatro andares, cada andar pendendo sobre o de baixo. Os andares de cima de cada lado quase se beijavam. Cruzar a ponte era como atravessar um túnel de tochas acesas. Ao longo da passagem havia lojas e bancas de todos os tipos; tecelões e rendeiras mostravam seus produtos lado a lado com sopradores de vidro, fabricantes de velas e peixeiras que vendiam enguias e ostras. Cada ourives tinha um guarda em sua porta; cada vendedor de especiarias tinha dois, uma vez que suas mercadorias eram duas vezes mais preciosas. Aqui e acolá, entre as lojas, um viajante podia ter um vislumbre do rio que atravessavam. Para o norte, o Roine era uma ampla fita negra, resplandecendo com as estrelas, cinco vezes mais largo do que a Torrente do Água Negra, em Porto Real. Ao sul da ponte, o rio se abria para abraçar o mar salgado.

Na arcada central da ponte, várias mãos decepadas de ladrões e batedores de carteiras estavam penduradas como réstias de cebolas em ganchos de ferro ao longo do caminho. Três cabeças estavam em exposição também: dois homens e uma mulher, com seus crimes rabiscados em tábuas abaixo deles. Um par de lanceiros fazia a guarda, vestidos com elmos polidos e camisas de cota de malha de prata. Em suas bochechas estavam tatuadas listras de tigres, tão verdes quanto jade. De tempos em tempos, agitavam as lanças para espantar falcões, gaivotas

e corvos carniceiros que cortejavam os falecidos. Momentos mais tarde, as aves estavam de volta.

– O que fizeram? – Tyrion inquiriu inocentemente.

O cavaleiro olhou as inscrições.

– A mulher era uma escrava que levantou a mão para sua patroa. O homem mais velho foi acusado de fomentar rebelião e de espionar para a rainha dragão.

– E o jovem?

– Matou o próprio pai.

Tyrion olhou novamente para a cabeça apodrecida. *Ora, é quase como se seus lábios estivessem sorrindo.*

Mais adiante, o cavaleiro fez uma breve pausa para considerar uma tiara cravejada de pedras exibida em uma almofada de veludo púrpura. Seguiu em frente, mas poucos passos adiante parou novamente para regatear um par de luvas na tenda de um coureiro. Tyrion estava grato por essas pausas. O ritmo impetuoso o deixara sem fôlego, e seus pulsos estavam em carne viva por causa das algemas.

Da extremidade da Grande Ponte, era apenas uma caminhada curta pelos apinhados bairros da margem ocidental do rio, por ruas iluminadas com tochas, repletas de marinheiros, escravos e foliões embriagados. Um elefante passou vagarosamente por eles, com uma dúzia de escravas seminuas que acenavam do castelo nas costas do animal, provocavam os transeuntes com vislumbres de seus seios e gritavam:

– Malaquo, Malaquo.

Eram uma visão tão fascinante que Tyrion quase bamboleou direto para uma pilha fumegante de estrume que o elefante deixara para marcar passagem. Foi salvo no último instante, quando o cavaleiro o arrebatou para o lado, puxando sua corrente com tanta força que o fez cambalear e pisar em falso.

– Quanto ainda falta? – o anão perguntou.

– É bem ali. Na Praça do Peixeiro.

O destino deles era a Casa do Mercador, uma monstruosidade de quatro andares, acocorada entre armazéns, bordéis e tavernas de beira de rio, como um enorme homem gordo cercado por crianças. O salão comum era maior do que os grandes salões de metade dos castelos de Westeros, um labirinto fracamente iluminado, com centenas de alcovas

privadas e recantos escondidos, cujas vigas e teto enegrecidos ecoavam a balbúrdia feita por marinheiros, comerciantes, capitães, cambistas, carregadores e traficantes de escravos, mentindo, praguejando e enganando uns aos outros em meia centena de idiomas.

Tyrion aprovou a escolha da hospedagem. Cedo ou tarde, o *Donzela Tímida* chegaria a Volantis. Essa era a maior estalagem da cidade, a primeira escolha para carregadores, capitães e mercadores. Muitos negócios eram fechados nas tocas cavernosas do salão comum. Conhecia Volantis o suficiente para saber disso. Griff apareceria por aqui com Pato e Haldon, e ele estaria livre em pouco tempo.

Enquanto isso, devia ser paciente. Sua oportunidade chegaria.

Os quartos nos andares de cima se mostravam um pouco menos grandiosos, particularmente os mais baratos no quarto andar. Encravado em um dos cantos do edifício, sob um telhado inclinado, o quarto de dormir que seu captor alugara tinha o teto baixo, um colchão mole de penas com um cheiro desagradável e um piso de tábuas de madeira inclinado que fez Tyrion se lembrar de sua estadia no Ninho da Águia. *Pelo menos este quarto tem paredes*. Tinha janelas, também; esta era a principal comodidade do aposento, juntamente com um aro de ferro na parede, muito útil para acorrentar o escravo de alguém. Seu captor parou apenas o tempo suficiente para acender uma vela de sebo, antes de prender as correntes de Tyrion no aro.

– Isso é necessário? – o anão protestou, sacudindo a corrente debilmente. – Para onde acha que eu vou? Pular a janela?

– Você poderia.

– Estamos no quarto andar, e não sei voar.

– Você pode cair. Quero você vivo.

*Sim, mas por quê? Cersei não vai se importar*. Tyrion sacudiu as correntes.

– Eu sei quem você é, sor. – Não havia sido difícil juntar as peças. O urso em sua armadura, as armas no escudo, os títulos perdidos que ele mencionara. – Sei *o que* você é. E se você sabe quem sou, também sabe que fui Mão do Rei e sentei no conselho com a Aranha. Interessaria saber que foi o eunuco quem me despachou nesta jornada? – *Ele e Jaime, mas deixarei meu irmão fora disso.* – Sou criatura dele tanto quanto você. Não devemos estar em desacordo.

Aquilo não agradou ao cavaleiro.

– Recebi dinheiro da Aranha, não negarei isso, mas nunca fui criatura dele. E minha lealdade está em outro lugar agora.

– Com Cersei? Mais tolo você é. Tudo o que minha irmã exige é minha cabeça, e você tem uma boa espada afiada. Por que não acaba com esta farsa e poupa nós dois?

O cavaleiro riu.

– Isso é algum truque de anão? Implorar pela morte, na esperança de que o deixe viver? – Caminhou até a porta. – Trarei algo das cozinhas.

– Que gentileza a sua. Esperarei aqui.

– Sei que esperará. – Mesmo assim, quando saiu, o cavaleiro trancou a porta atrás de si com uma pesada chave de ferro. A Casa do Mercador era famosa por suas fechaduras. *Tão segura quanto uma prisão*, o anão pensou amargamente, *mas pelo menos tem janelas*.

Tyrion sabia que as chances de escapar das correntes eram muito pequenas, mas mesmo assim era obrigado a tentar. Seus esforços para escorregar a mão pela algema serviram somente para esfolar mais a pele e deixar seu pulso manchado de sangue, e nem todos os seus puxões e torções puderam arrancar o aro de ferro da parede. *Foda-se isso*, pensou, jogando-se para trás tão longe quanto suas correntes permitiam. Começou a sentir câimbras nas pernas. *Esta será uma noite desconfortável dos infernos. A primeira de muitas, não duvido.*

O quarto estava abafado, então o cavaleiro abrira as janelas para deixar entrar alguma brisa. Encravado no canto do prédio, sob os beirais, o quarto tinha a sorte de ter duas janelas. Uma dava para a Grande Ponte e para o coração de muralhas negras da Antiga Volantis do outro lado do rio. A outra se abria para a praça abaixo. A Praça do Peixeiro, Mormont a chamara. Ainda que suas correntes estivessem apertadas, Tyrion descobriu que podia olhar pela janela, inclinando-se para o lado e deixando que o aro de ferro suportasse seu peso. *Não é uma queda tão alta quanto a das celas do céu de Lysa Arryn, mas me mataria do mesmo jeito. Talvez, se eu estivesse bêbado...*

Mesmo àquela hora, a praça estava lotada, com marinheiros barulhentos, prostitutas à procura de clientes e mercadores fazendo negócios. Uma sacerdotisa vermelha passou correndo, cercada por uma dúzia de acólitos com tochas, suas túnicas se enroscando nos tornozelos.

Em outro lugar, uma dupla de jogadores de *cyvasse* travava uma guerra do lado de fora de uma taverna. Um escravo permanecia ao lado da mesa, segurando uma lanterna sobre o tabuleiro. Tyrion podia ouvir uma mulher cantando. As palavras eram estranhas, a melodia, suave e triste. *Se eu soubesse o que ela está cantando, poderia chorar*. Mais perto, uma multidão se juntara ao redor de dois malabaristas que jogavam tochas acesas um para o outro.

Seu captor voltou logo, trazendo duas canecas de cerveja e um pato assado. Fechou a porta com um chute, rasgou o pato em dois e jogou metade para Tyrion. Ele teria apanhado a comida no ar, mas suas correntes impediram que esticasse os braços. Em vez disso, a ave acertou sua testa e escorregou quente e gordurosa por seu rosto. Ele teve que se agachar e se esticar para pegá-la, com os grilhões tilintando. Conseguiu na terceira tentativa, e rasgou a carne alegremente com os dentes.

– Alguma cerveja para empurrar para baixo?

Mormont passou-lhe uma caneca.

– A maioria de Volantis está se embebedando, por que não você?

A cerveja estava doce também. Tinha gosto de fruta. Tyrion tomou um bom gole e arrotou, feliz. A caneca era de estanho, muito pesada. *Posso esvaziar e jogar na cabeça dele*, pensou. *Se tiver sorte, posso rachar seu crânio. Se tiver mais sorte ainda, posso errar, e ele me socará até a morte*. Tomou outro gole.

– É algum dia sagrado?

– É o terceiro dia das eleições deles. Duram dez. Dez dias de loucura. Passeatas sob a luz de tochas, discursos, pantomimeiros, menestréis e dançarinos, espadachins em duelos até a morte, pela honra de seus candidatos, elefantes com os nomes dos candidatos à tríade pintados do lado. Esses malabaristas estão se apresentando por Methyso.

– Lembre-me de votar em outra pessoa. – Tyrion lambeu a gordura dos dedos. Embaixo, a multidão jogava moedas para os malabaristas. – Todos esses pretensos triarcas oferecem espetáculos de pantomimeiros?

– Fazem qualquer coisa que lhes tragam votos – disse Mormont. – Comida, bebida, espetáculos... Alios enviou uma centena de escravas jovens e bonitas para as ruas, para angariar votos.

– Voto nele – Tyrion decidiu. – Traga-me uma escrava!

– Elas são para os volantinos nascidos livres com propriedades suficientes para votar. Há poucos mas preciosos votos a oeste do rio.

– E isso dura dez dias? – Tyrion riu. – Vou gostar disso, embora três reis tenham dois sobrando. Estou tentando me imaginar governando os Sete Reinos com minha doce irmã e meu bravo irmão ao meu lado. Um de nós mataria os outros dois dentro de um ano. Estou surpreso que esses triarcas não façam o mesmo.

– Poucos tentaram. Talvez eles sejam os espertos, e nós os tolos. Volantis é conhecida por sua cota de tolices, mas nunca sofreu com um triarca menino. Sempre que um louco é eleito, seus colegas o restringem até que seu ano cumpra o curso. Pense nos mortos que ainda viveriam se o Louco Aerys tivesse dois reis companheiros para repartir o governo.

*Em vez disso, ele teve meu pai*, Tyrion pensou.

– Algumas das Cidades Livres pensam que somos todos selvagens no nosso lado do mar estreito – o cavaleiro prosseguiu. – Ou então acham que somos crianças, chorando pela mão forte de um pai.

– Ou de uma mãe? – *Cersei amará isso. Especialmente quando ele a presentear com minha cabeça.* – Você parece conhecer bem a cidade.

– Passei grande parte de um ano aqui. – O cavaleiro agitou a borra do fundo de sua caneca de cerveja. – Quando Stark me mandou para o exílio, parti para Lys com minha segunda esposa. Teria me adaptado melhor em Bravos, mas Lynesse queria algum lugar quente. Em vez de servir aos bravosis, lutei contra eles no Roine, mas, para cada moeda de prata que eu ganhava, minha esposa gastava dez. Quando voltei para Lys, ela tinha arranjado um amante, que me disse alegremente que eu seria escravizado por causa das dívidas, a menos que a deixasse e partisse da cidade. Foi assim que vim para Volantis... um degrau acima da escravidão, sem nenhuma posse que não minha espada e as roupas que cobriam meu corpo.

– E agora você quer ir para casa.

O cavaleiro tomou o último gole de cerveja.

– Pela manhã, encontrarei um navio para nós. A cama é minha. Você pode deitar em qualquer lugar do chão que suas correntes permitirem. Durma, se puder. Se não, conte seus crimes. Isso deve entretê-lo até de manhã.

*Você tem crimes pelos quais responder, Jorah Mormont*, o anão pensou, mas pareceu mais inteligente manter o pensamento para si.

Sor Jorah pendurou o cinturão da espada na viga da cama, arrancou as botas, puxou a cota de malha por sobre a cabeça e tirou a túnica de lã e couro manchada de suor, revelando um torso musculoso coberto de pelo escuro e marcado de cicatrizes. *Se pudesse esfolá-lo, poderia vender sua pele como casaco de pelos*, Tyrion pensou enquanto Mormont deitou no conforto ligeiramente malcheiroso da macia cama de penas.

Em pouco tempo o cavaleiro estava roncando, deixando seu prêmio sozinho com suas correntes. Com as duas janelas completamente abertas, a luz da lua minguante se esparramava pelo quarto de dormir. Barulhos vinham da praça abaixo; trechos de uma canção de bêbado, o miado de uma gata no cio, o ruído de metal contra metal. *Alguém está prestes a morrer*, pensou Tyrion.

Seu punho latejava onde a pele estava ferida, e os grilhões tornavam impossível para ele se sentar e muito menos se esticar. O melhor que podia fazer era se contorcer de lado para se apoiar contra a parede, e não muito depois começou a perder a sensação nas mãos. Quando as moveu para aliviar a tensão, a sensação voltou em forma de dor. Teve que trincar os dentes para não gritar. Perguntava-se quanto seu pai teria sofrido quando o dardo atravessara sua barriga, o que Shae sentira quando ele torcera a corrente ao redor de sua garganta mentirosa, o que Tysha sentira quando a estupraram. O sofrimento dele não era nada comparado aos deles, mas isso não fazia doer menos. *Apenas faça parar*.

Sor Jorah virou de lado, e tudo o que Tyrion podia ver dele eram as costas largas, peludas e musculosas. *Se eu pudesse escapar dessas correntes, teria que escalar sobre ele para alcançar o cinturão. Talvez se eu pudesse soltar a adaga...* Ou então podia pegar a chave, destrancar a porta, arrastar-se escada abaixo e através do salão comum... *e ir aonde? Não tenho amigos, não tenho dinheiro, nem sequer falo a língua local.*

A exaustão finalmente suplantou suas dores, e Tyrion mergulhou em um sono profundo. Mas cada vez que outra câimbra se enraizava em sua panturrilha e torcia o músculo, o anão gritava no sono, agitando as correntes. Acordou com cada músculo dolorido, e encontrou a manhã atravessando as janelas, brilhante e dourada como o leão dos Lannister.

Lá embaixo, podia ouvir o grito dos peixeiros e o barulho das rodas de ferro nas ruas de paralelepípedo.

Jorah Mormont estava em pé acima dele.

– Se eu o soltar do aro, fará o que lhe for pedido?

– Envolverá dança? Posso ter dificuldade para dançar. Não sinto minhas pernas. Devem ter caído. De outro modo, sou sua criatura. Por minha honra como Lannister.

– Os Lannister não têm honra. – Sor Jorah soltou as correntes assim mesmo. Tyrion deu dois passos vacilantes e caiu. O sangue voltando para suas mãos trouxe lágrimas aos seus olhos. Mordeu o lábio e disse:

– Onde quer que estejamos indo, você terá que me rolar até lá.

Em vez disso, o grande cavaleiro o carregou, levantando-o pelas correntes entre seus pulsos.

O salão comum da Casa do Mercador era um labirinto sombrio de alcovas e grutas, construído ao redor de um pátio central onde uma treliça de trepadeiras floridas criava padrões intrincados por todo o chão de laje, e musgo verde e púrpura crescia entre as pedras. Escravas corriam pela luz e sombra, carregando galões de cerveja, vinho e uma bebida gelada e verde com cheiro de hortelã. Uma mesa a cada vinte estava ocupada àquela hora da manhã.

Uma delas estava ocupada por um anão. Barbeado e com as bochechas rosadas, de cabelo castanho arrepiado, testa carregada e nariz achatado, estava empoleirado em um banco alto com uma colher de madeira na mão, contemplando uma tigela de sopa de aveia arroxeada com os olhos vermelhos. *Pequeno bastardo feio*, Tyrion pensou.

O outro anão sentiu que estava sendo encarado. Quando levantou a cabeça e viu Tyrion, a colher escorregou de sua mão.

– Ele me viu – Tyrion avisou Mormont.

– E daí?

– Ele me *conhece*. Sabe quem sou.

– Eu deveria tê-lo colocado em um saco, para que ninguém o visse? – O cavaleiro tocou o cabo de sua espada longa. – Se ele pretende levá-lo, é bem-vindo para tentar.

*Bem-vindo para morrer, quer dizer*, pensou Tyrion. *Que ameaça ele poderia representar para um homem grande como você? É apenas um anão.*

Sor Jorah exigiu uma mesa em um canto tranquilo e pediu comida e bebida. Quebraram o jejum com pita macia e morna, ovas de peixe rosa, linguiças no mel e gafanhotos fritos, empurrados para baixo com uma cerveja preta agridoce. Tyrion comia como um homem à beira da morte de fome.

– Está com um apetite saudável esta manhã – o cavaleiro observou.

– Ouvi dizer que a comida no inferno é miserável – Tyrion olhou para a porta, onde um homem acabara de entrar. Alto e encurvado, tinha a barba pontuda tingida de um roxo manchado. *Algum mercador tyroshi*. Uma rajada de som veio com ele do lado de fora; os gritos das gaivotas, o riso de uma mulher, as vozes dos peixeiros. Por meio segundo, pensou ter vislumbrado Illyrio Mopatis, mas era apenas um daqueles elefantes anões brancos passando pela porta da frente.

Mormont espalhou um pouco de ovas de peixe em uma pita e deu uma mordida.

– Esperando alguém?

O anão encolheu os ombros.

– Nunca se sabe quem o vento pode trazer. Meu verdadeiro amor, o fantasma do meu pai, um pato. – Estourou um gafanhoto na boca e mastigou ruidosamente. – Nada mal. Para um inseto.

– Na noite passada a conversa aqui era toda sobre Westeros. Algum lorde exilado contratou a Companhia Dourada para reconquistar suas terras. Metade dos capitães de Volantis estão correndo rio acima até Volon Therys para oferecer seus navios a ele.

Tyrion acabara de engolir outro gafanhoto. Quase engasgou com ele. *Ele está zombando de mim? Quanto sabe sobre Griff e Aegon?*

– Merda – disse. – Eu pretendia contratar a Companhia Dourada para conquistar Rochedo Casterly. – *Seria algum truque de Griff, notícias falsas espalhadas deliberadamente? A menos que...* Teria o belo príncipe engolido a isca? Voltar-se para oeste em vez de leste, abandonar suas esperanças de casamento com a Rainha Daenerys? *Abandonar os dragões... Griff permitiria isso?* – Eu alegremente o contrataria também, sor. A cadeira de meu pai é minha por direito. Jure-me sua espada e, assim que eu conquistá-la, afogarei você em ouro.

– Vi um homem afogado certa vez. Não é uma visão bonita. Se você algum dia conseguir minha espada, será através de suas entranhas.

– Uma cura certa para a constipação – disse Tyrion. – Basta perguntar ao meu pai. – Alcançou sua caneca de cerveja e tomou um gole lento, para ajudar a esconder qualquer coisa que seu rosto estivesse mostrando. Devia ser um estratagema, planejado para acalmar as suspeitas dos volantinos. *Colocar os homens a bordo com esse falso pretexto e tomar os navios quando estiverem em alto-mar. É esse o plano de Griff?* Poderia funcionar. A Companhia Dourada tinha uma força de dez mil homens, experientes e disciplinados. *Entretanto, nenhum deles é marinheiro. Griff terá que manter uma espada em cada garganta, e devem entrar na Baía dos Escravos, e terão que lutar...*

A servente retornou.

– A viúva o verá em seguida, nobre sor. Trouxe um presente para ela?

– Sim. Obrigado. – Sor Jorah escorregou uma moeda na palma da mão da moça e a dispensou.

Tyrion franziu o cenho.

– Que viúva é essa?

– A viúva do cais. A leste de Roine, ainda a chamam de prostituta de Vogarro, mesmo que nunca diante dela.

O anão ainda não estava esclarecido.

– E Vogarro é...?

– Um elefante, sete vezes triarca, muito rico, um poder nas docas. Enquanto outros homens construíam navios e navegavam neles, ele construiu píeres, armazéns, intermediou cargas, fez câmbio de moedas e seguros para donos de navios contra os perigos do mar. Lidava com escravos também. E, quando ficou obcecado por uma escrava de cama treinada em Yunkai no caminho dos sete suspiros, foi um grande escândalo... e um escândalo maior ainda quando ele a libertou e a tomou por esposa. Depois que ele morreu, ela continuou os empreendimentos do marido. Nenhum liberto pode viver dentro da Muralha Negra, então ela foi obrigada a vender a mansão de Vogarro. Passou a morar na Casa do Mercador. Isso foi há trinta e dois anos, e ela permanece aqui até hoje. É ela atrás de você, de costas para o pátio, dando audiência em sua mesa habitual. Não, não olhe. Há alguém com ela agora. Quando ele terminar, será nossa vez.

– E como essa velha megera o ajudará?

Sor Jorah se levantou.

– Espere e verá. Ele está partindo.

Tyrion pulou da cadeira com uma chocalhada de ferro. *Isso será esclarecedor.*

Havia algo astuto na maneira como a mulher se sentava no canto do pátio, algo reptiliano em seus olhos. Seu cabelo branco era tão fino que era possível ver o crânio rosado por baixo. Sob um olho, ela ainda tinha cicatrizes leves onde a faca removera suas lágrimas. Os restos de sua refeição matinal permaneciam na mesa; cabeças de sardinha, caroços de azeitona, pedaços de pita. Tyrion não pôde deixar de notar quão bem escolhida era sua "mesa habitual"; pedra sólida às suas costas, uma alcova de folhas em um lado, para entradas e saídas, uma visão perfeita da porta da frente da estalagem e, ainda assim, tão mergulhada nas sombras que ela mesma era quase invisível.

A visão dele fez a velha mulher sorrir.

– Um anão – ronronou, com uma voz tão sinistra quanto suave. Ela falava a Língua Comum com apenas um traço de sotaque. – Volantis foi invadida por anões ultimamente, parece. Esse aí faz truques?

*Sim*, Tyrion quis dizer. *Dê-me uma besta e lhe mostrarei meu favorito.*

– Não – respondeu Sor Jorah.

– Uma pena. Certa vez tive um macaco que fazia todo tipo de truques espertos. Seu anão me lembra ele. É um presente?

– Não. Eu lhe trouxe isto – Sor Jorah apresentou seu par de luvas e o colocou na mesa, ao lado dos outros presentes que a viúva havia recebido naquela manhã; uma taça de prata, um leque incrustado com folhas de jade translúcidas de tão finas e uma antiga adaga de bronze marcada com runas. Ao lado de tais tesouros, as luvas pareciam baratas e de mau gosto.

– Luvas para minhas pobres mãos enrugadas. Que gentil. – A viúva não fez nenhum movimento para tocá-las.

– Eu as comprei na Grande Ponte.

– Um homem pode comprar qualquer coisa na Grande Ponte. Luvas, escravos, macacos. – Os anos haviam dobrado sua coluna e colocado uma corcunda de anciã em suas costas, mas os olhos da viúva eram brilhantes e negros. – Agora diga para esta velha viúva como ela pode ser útil para você.

– Precisamos de passagem rápida para leste, para Meereen.

Uma palavra. O mundo de Tyrion Lannister virou de cabeça para baixo.

Uma palavra. *Meereen*. Ou ele teria ouvido mal?

Uma palavra. *Meereen, ele disse Meereen, está me levando para Meereen*. Meereen significava vida. Ou esperança de vida, pelo menos.

– Por que veio até mim? – disse a viúva. – Não tenho navios.

– Você tem muitos capitães em dívida.

*Entregar-me para a rainha, ele disse. Sim, mas qual rainha? Ele não está me vendendo para Cersei. Está me dando para Daenerys Targaryen. É por isso que não cortou minha cabeça. Estamos indo para leste, e Griff e seu príncipe estão indo para oeste, malditos tolos.*

Ah, aquilo era demais. *Trama dentro de trama, mas todas as estradas levam para dentro da goela do dragão.* Uma gargalhada explodiu de seus lábios e, de repente, Tyrion não podia parar de rir.

– Seu anão está tendo um ataque – a viúva observou.

– Meu anão ficará quieto, senão terei que amordaçá-lo.

Tyrion cobriu a boca com as mãos. *Meereen!*

A viúva do cais decidiu ignorá-lo.

– Podemos tomar algo? – ela perguntou. Poeira flutuava no ar enquanto a servente enchia duas taças de vidro verde para Sor Jorah e a viúva. A garganta de Tyrion estava seca, mas nenhuma taça foi servida para ele. A viúva tomou um gole, rodou o vinho pela boca e engoliu. – Todos os outros exilados estão navegando para oeste, ou assim esses velhos ouvidos escutaram. E todos os capitães em dívida comigo estão tombando uns sobre os outros para levá-los e sugar um pouco do ouro da Companhia Dourada. Nossos nobres triarcas prometeram uma dúzia de navios de guerra para a causa, para assegurar-se de que a frota chegará em segurança a Passopedra. Até o velho Doniphos deu seu consentimento. Que gloriosa aventura. E mesmo assim você quer ir para o outro lado, sor.

– Meus negócios estão no leste.

– E que negócios são esses, me pergunto? Não são escravos. A rainha de prata colocou um fim nisso. Ela também fechou as arenas de luta, então não pode ser pelo gosto do sangue. O que mais Meereen poderia oferecer a um cavaleiro westerosi? Tijolos? Oliveiras? *Dragões*? Ah, aí está. – O sorriso da velha mulher ficou selvagem. – Ouvi dizer que a rainha de prata os alimenta com a carne de crianças, enquanto ela mesma

se banha no sangue de moças virgens e toma um amante diferente a cada noite.

A boca de Sor Jorah endureceu.

– Os yunkaítas estão despejando veneno em seus ouvidos. Minha senhora não deveria acreditar em tais sujeiras.

– Não sou senhora, mas até a prostituta de Vogarro conhece o gosto da falsidade. Uma coisa é verdade, porém... a rainha dragão tem inimigos... Yunkai, Nova Ghis, Tolos, Qarth... sim, e Volantis, muito em breve. Quer viajar para Meereen? Apenas espere um pouco, sor. Espadas logo serão necessárias, quando os navios de guerra virarem seus remos para leste, para derrubar a rainha dragão. Tigres amam mostrar suas garras, e até elefantes matarão se forem ameaçados. Malaquo tem fome pelo gosto de glória e Nyessos deve muito de sua riqueza ao comércio de escravos. Deixe Alios, Parquello ou Belicho ser eleito triarca, e as frotas navegarão.

Sor Jorah fez uma careta.

– Se Doniphos voltar...

– Vogarro voltará primeiro, e meu doce senhor tem estado morto nesses trinta anos.

Atrás deles, algum marinheiro reclamava em voz alta.

– Chamam isso de cerveja? *Que se fodam*. Um macaco mijaria cerveja melhor.

– E você beberia – outra voz respondeu.

Tyrion se virou para olhar, na esperança de estar ouvindo Pato e Haldon. Em vez disso, viu dois estranhos... e o anão, parado alguns metros para trás, encarando-o intensamente. De algum modo, parecia familiar.

A viúva tomou delicadamente um gole de seu vinho.

– Alguns dos primeiros elefantes eram mulheres – disse –, as que derrubaram os tigres e acabaram com as antigas guerras. Trianna foi reeleita quatro vezes. Isso foi há trezentos anos, infelizmente. Volantis não teve uma triarca mulher desde aquela época, embora algumas mulheres fossem votadas. Mulheres de bom nascimento, que vivem nos antigos palácios atrás da Muralha Negra, não criaturas como eu. O Sangue Antigo permitirá que os cães e as crianças votem antes dos

libertos. Não, será Belicho, ou talvez Alios, mas de qualquer maneira haverá guerra. Ou assim eles pensam.

– E o que você acha? – Sor Jorah perguntou.

*Bom*, pensou Tyrion. *A pergunta certa*.

– Ah, também acho que teremos guerra, mas não a guerra que eles querem. – A velha mulher se inclinou para a frente, seus olhos negros brilhando. – Acho que aquele R'hllor vermelho tem mais seguidores nesta cidade do que todos os outros deuses juntos. Já ouviu o discurso de Benerro?

– Noite passada.

– Benerro pode ver o amanhã em suas chamas – a viúva disse. – Triarca Malaquo tentou contratar a Companhia Dourada, sabia? Pretendia despejar o templo vermelho e passar Benerro pela espada. Não ousou usar os capas de tigre. Metade deles é adoradora do Senhor da Luz também. Ah, estes são dias terríveis na Antiga Volantis, até mesmo para velhas viúvas enrugadas. Mas nem metade tão terrível quanto em Meereen, acho. Então me diga, sor... por que procura a rainha prateada?

– Isso é problema meu. Posso pagar por nossa passagem, e pagar bem. Tenho prata.

*Tolo*, pensou Tyrion. *Não é dinheiro que ela quer, é respeito. Você não ouviu uma palavra do que ela disse?* Olhou por cima do ombro novamente. O anão havia se aproximado da mesa deles. E parecia ter uma faca na mão. Os pelos de sua nuca começaram a se arrepiar.

– Fique com sua prata. Tenho ouro. E me poupe dos seus olhares sombrios, sor. Sou velha demais para ter medo de carrancas. Você é um homem duro, vejo, e não tenho dúvidas de que seja habilidoso com essa espada longa ao seu lado, mas este é meu reino. Basta eu dobrar um dedo e você se encontrará viajando para Meereen acorrentado ao remo no porão de uma galé. – Ela levantou o leque de jade e o abriu. Houve um farfalhar de folhas, e um homem deslizou do arco coberto à esquerda dela. O rosto dele era uma massa de cicatrizes, e uma mão segurava uma espada tão pequena e pesada quanto um cutelo.

– *Procure pela viúva do cais*, alguém lhe disse, mas também deveriam ter lhe avisado, *cuidado com os filhos da viúva*. Mas esta é uma manhã agradável, e eu perguntarei novamente. Por que procura Daenerys Targaryen, aquela que metade do mundo quer morta?

O rosto de Jorah Mormont estava sombrio de raiva, mas respondeu.

– Para servi-la. Defendê-la. Morrer por ela, se preciso.

Aquilo fez a viúva rir.

– Você quer resgatá-la, esse é o propósito de tudo isso? De mais inimigos do que posso nomear, com espadas além da conta... É nisso que você quer que essa pobre viúva acredite? Que você é um verdadeiro e nobre cavaleiro westerosi cruzando metade do mundo para ajudar essa... bem, ela não é uma donzela, embora ainda possa ser bonita. – Ela riu novamente. – Você acha que seu anão a agradará? Acha que ela se banhará no sangue dele ou se contentará em arrancar sua cabeça?

Sor Jorah hesitou.

– O anão é...

– Eu sei quem o anão é, e o que ele é. – Seus olhos negros se viraram para Tyrion, duros como pedra. – Assassino de parentes, regicida, assassino, vira-casacas. *Lannister*. – Falou a última palavra como se fosse uma maldição. – O que planeja oferecer para a rainha dragão, homenzinho?

*Meu ódio*, Tyrion quis dizer. Em vez disso, abriu as mãos tanto quanto os grilhões permitiram.

– O que quer que ela queira de mim. Conselhos sábios, sagacidade selvagem, um pouco de cambalhotas. Meu pau, se ela quiser. Minha língua, se não. Liderarei seus exércitos ou esfregarei seus pés, se ela desejar. E a única recompensa que peço é ter a permissão de estuprar e matar minha irmã.

Aquilo trouxe o sorriso de volta ao rosto da velha mulher.

– Este um ao menos é honesto – anunciou –, mas você, sor... Conheci uma dúzia de cavaleiros westerosis e mil aventureiros da mesma laia, mas nenhum tão puro quanto você pinta a si mesmo. Homens são animais, egoístas e brutais. Mesmo gentis com as palavras, eles têm sempre motivos obscuros por baixo. Não acredito em você, sor. – Ela abanou o leque na direção deles, como se não fossem mais do que moscas zumbindo ao redor de sua cabeça. – Se quer ir para Meereen, nade. Não tenho ajuda para lhe dar.

E então os sete infernos eclodiram de uma vez.

Sor Jorah começou a se levantar, a viúva fechou o leque, o homem marcado de cicatrizes deslizou para fora das sombras... e atrás deles uma

garota gritou. Tyrion se virou justamente a tempo de ver o anão correndo na direção dele. *É uma garota*, percebeu de súbito, *uma garota vestida em roupas de homem. E pretende me estripar com aquela faca.*

Por meio segundo, Sor Jorah, a viúva e o homem marcado ficaram parados como pedra. Desocupados observavam das mesas próximas, tomando cerveja e vinho, mas ninguém se mexeu para interferir. Tyrion tentou mover as duas mãos de uma vez, mas suas correntes permitiram apenas que alcançasse o jarro sobre a mesa. Fechou o punho em torno dele, virou-se e jogou o conteúdo no rosto da anã que o atacava, enquanto se atirava de lado para evitar a faca dela. O jarro quebrou-se debaixo dele, enquanto o chão subia para esmagar sua cabeça. E então a garota estava sobre ele novamente. Tyrion rolou para o lado enquanto ela enfiou a faca nas tábuas do chão, puxou a arma de volta, levantou-se novamente...

... e repentinamente ela foi levantada acima do chão, pernas chutando descontroladamente, enquanto se debatia para escapar de Sor Jorah.

– Não – gemeu, na Língua Comum de Westeros. – Deixe-me! – Tyrion ouviu a túnica da anã se rasgar enquanto ela lutava para se libertar.

Mormont a segurava pelo pescoço com uma mão. Com a outra, arrancou a adaga de sua mão.

– Basta.

E então o proprietário apareceu, com um porrete na mão. Quando viu o jarro quebrado, proferiu uma maldição mal-humorada e exigiu saber o que acontecera.

– Briga de anões – respondeu o tyroshi com a barba roxa, rindo.

Tyrion olhou para cima, para a garota que se contorcia no ar.

– Por quê? – perguntou. – O que eu fiz para você?

– Eles o mataram. – Toda aquela luta fora demais para ela. Soltou-se mole, pendurada na mão de Mormont, enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas. – Meu irmão. Eles o pegaram e mataram.

– Quem o matou? – perguntou Mormont.

– Marinheiros. Marinheiros dos Sete Reinos. Eram cinco deles, bêbados. Eles nos viram disputando justas na praça e nos seguiram. Quando perceberam que eu era uma garota me deixaram ir, mas levaram meu irmão e o mataram. *Cortaram a cabeça dele.*

Tyrion sentiu um choque súbito de reconhecimento. *Eles nos viram disputando justas na praça*. Ele sabia quem era a garota.

– Você cavalgava o porco? – perguntou para ela. – Ou o cachorro?

– O cachorro – ela soluçou. – Oppo sempre cavalgava o porco.

*Os anões do casamento de Joffrey*. Fora o espetáculo deles que começara toda a confusão daquela noite. *Que estranho, encontrá-la novamente a meio mundo de distância.* Embora talvez não fosse tão estranho assim. *Se tivessem metade da esperteza do porco, teriam fugido de Porto Real na noite em que Joff morreu, antes que Cersei pudesse lhes atribuir alguma culpa na morte do filho*.

– Deixe-a descer, sor – pediu para Sor Jorah Mormont. – Ela não nos causará nenhum dano.

Sor Jorah colocou a anã no chão.

– Sinto muito por seu irmão... mas não tivemos participação na morte dele.

– Ele teve. – A garota se ajoelhou, segurando a túnica rasgada e manchada de sangue sobre os seios claros. – Era ele quem eles queriam. Pensaram que Oppo era *ele*. – A garota estava chorando agora, implorando ajuda de qualquer um que pudesse ouvir. – Ele deve morrer, do jeito que meu pobre irmão morreu. Por favor. Alguém me ajude. Alguém o mate. – O proprietário a agarrou rudemente por um braço e a colocou novamente em pé, gritando em volantino, exigindo saber quem pagaria por seus prejuízos.

A viúva do cais deu um olhar gelado para Mormont.

– Cavaleiros defendem os fracos e protegem os inocentes, dizem. E eu sou a donzela mais bonita em toda Volantis. – Sua risada estava cheia de desprezo. – Como a chamam, filha?

– Merreca.

A velha mulher chamou o proprietário na língua da Antiga Volantis. Tyrion sabia o suficiente para entender que estava dizendo para ele levar a anã até seus aposentos, servir-lhe vinho e encontrar algumas roupas para ela vestir.

Quando foram embora, a viúva estudou Tyrion; seus olhos negros brilhavam.

– Monstros deveriam ser maiores, me parece. Você vale títulos e propriedades em Westeros, homenzinho. Aqui, temo, seu valor é um

pouco menor. Mas acho que faço melhor em ajudar você, apesar de tudo. Parece que Volantis não é um lugar seguro para anões.

– Você é muito gentil. – Tyrion lhe deu seu sorriso mais doce. – Talvez possa ser mais gentil ainda e remover esses charmosos braceletes também? Este monstro tem apenas metade do nariz, e ele coça de modo abominável. As correntes são curtas demais para que eu possa coçá-lo. Posso presenteá-la com elas, alegremente.

– Que gentil. Mas já usei ferro no meu tempo e agora prefiro ouro e prata. É triste dizer, mas esta é Volantis, onde grilhões e correntes são mais baratos do que pão amanhecido e é proibido ajudar um escravo a escapar.

– Não sou escravo.

– Todo homem capturado por traficantes de escravos canta a mesma triste canção. Não ouso ajudá-lo... aqui. – Inclinou-se para a frente novamente. – Dois dias a partir de agora, o navio de pesca *Selaesori Qhoran* vai navegar para Qarth, passando por Nova Ghis, carregado de estanho e ferro, fardos de lã e rendas, cinquenta tapetes de Myr, um cadáver conservado em salmoura, vinte jarros de pimenta-dragão e um sacerdote vermelho. Estejam a bordo quando zarpar.

– Estaremos – disse Tyrion. E obrigado.

Sor Jorah franziu a testa.

– Qarth não é nosso destino.

– O navio nunca chegará a Qarth. Benerro viu nas chamas. – A anciã sorriu de maneira astuta.

– Como queira. – Tyrion sorriu. – Se eu fosse volantino, livre e tivesse o sangue, você teria meu voto para triarca, minha senhora.

– Não sou senhora – a viúva replicou –, apenas a prostituta de Vogarro. Vão querer ter partido antes que os tigres venham. Se alcançarem sua rainha, transmitam a ela uma mensagem dos escravos da Antiga Volantis. – Ela tocou a cicatriz desbotada no rosto enrugado, onde as lágrimas haviam sido removidas. – Diga que estamos esperando. Diga para ela vir logo.

# Jon

Quando escutou a ordem, a boca de Sor Alliser torceu-se em algo que lembrava um sorriso, mas os olhos permaneceram frios e duros como sílex.

– Então o garoto bastardo vai me mandar para a morte.

*Morte*, gritou o corvo de Mormont. *Morte, morte, morte*.

*Você não está ajudando*. Jon espantou a ave.

– O garoto bastardo está mandando você para fora de alcance. Para encontrar nossos inimigos e matá-los, se necessário. Você é hábil com uma lâmina. Foi mestre de armas aqui e em Atalaialeste.

Thorne tocou o cabo de sua espada longa.

– Sim. Desperdicei um terço da minha vida tentando ensinar os rudimentos da esgrima para xucros, estúpidos e patifes. Pouco benefício aquelas florestas podem me trazer.

– Dywen irá com você, e outro patrulheiro experiente.

– Ensinaremos o que você precisa aprender, sor – Dywen disse para Thorne, gargalhando. – Ensinar você a limpar sua bunda bem-nascida com folhas, como um legítimo patrulheiro.

Kedge Olho-Branco riu daquilo, e Jack Negro Bulwer cuspiu. Sor Alliser apenas falou:

– Você gostaria que eu me recusasse. Então poderia cortar minha cabeça, do mesmo jeito que fez com Slynt. Não lhe darei esse prazer, bastardo. No entanto, você deveria rezar para que uma lâmina selvagem me mate. Aqueles que os Outros matam não permanecem mortos... e eles se lembram. Eu voltarei, Lorde Snow.

– Rezarei para que volte. – Jon nunca considerara Sor Alliser Thorne um de seus amigos, mas ainda era seu irmão. *Ninguém nunca disse que você tem que gostar de seus irmãos.*

Não era uma coisa fácil enviar os homens para campo, sabendo que as chances de nunca mais voltarem eram grandes. *São homens experientes*, Jon disse para si mesmo... mas seu tio Benjen e seus patrulheiros também eram homens experientes, e a floresta assombrada os engolira sem deixar vestígio. Quando dois deles finalmente vagaram de volta para a Muralha, haviam sido transformados em criaturas. Não pela primeira vez, nem pela última, Jon Snow se pegou imaginando o que teria acontecido com Benjen Stark. *Talvez os patrulheiros encontrem algum sinal dele*, disse para si mesmo, sem realmente acreditar.

Dywen lideraria uma patrulha, Jack Negro Bulwer e Kedge Olho-Branco as outras duas. Pelo menos, estavam ansiosos pelo dever.

– É bom ter um cavalo embaixo de mim novamente – disse Dywen no portão, sugando seus dentes de madeira. – Com seu perdão, senhor, mas estávamos com farpas na bunda de tanto ficar sentados. – Nenhum homem no Castelo Negro conhecia a floresta como ele, as árvores e os riachos, as plantas que podiam ser comidas, as trilhas dos predadores e das presas. *Thorne está em mãos melhores do que merece*.

Jon assistiu à partida dos patrulheiros do alto da Muralha; três pequenos destacamentos, cada um com três homens, cada um levando um par de corvos. Do alto de seus garranos, não pareciam maiores que formigas, e Jon não conseguia distinguir um patrulheiro do outro. Mas ele os conhecia. Cada nome estava gravado em seu coração. *Oito homens de bem*, pensou, *e um... bem, veremos*.

Quando o último patrulheiro desapareceu entre as árvores, Jon Snow entrou na gaiola de ferro com Edd Doloroso. Alguns flocos de neve esparsos caíam enquanto faziam sua lenta descida, dançando com o vento tempestuoso. Um deles seguiu a gaiola para baixo, mergulhando por entre as grades. Caía mais rápido do que eles desciam e, de tempos em tempos, desaparecia. Então uma rajada de vento o capturava e o empurrava para cima novamente. Jon poderia tê-lo alcançado pelas barras e o pegado, se quisesse.

– Tive um sonho assustador noite passada, senhor – Edd Doloroso confessou. – Você era meu intendente, buscando minha comida e limpando minhas sobras. Eu era o senhor comandante, sem nunca ter um momento de paz.

Jon não sorriu.

– Seu pesadelo, minha vida.

As galeras de Cotter Pyke relatavam um número cada vez maior de povo livre ao longo das costas arborizadas a nordeste da Muralha. Acampamentos haviam sido vistos, canoas meio construídas, e até mesmo um casco de um barco pesqueiro quebrado que alguém começara a consertar. Os selvagens sempre sumiam na floresta quando eram vistos, sem dúvida para reaparecer assim que os navios de Pyke passassem. Enquanto isso, Sor Denys Mallister ainda via fogueiras na noite ao norte da Garganta. Os dois comandantes pediam mais homens.

*E onde vou conseguir mais homens?* Jon enviara dez dos selvagens de Vila Toupeira para cada um deles; garotos inexperientes, velhos, alguns feridos e enfermos, mas todos capazes de realizar tarefas de um tipo ou de outro. Longe de ficarem gratos, tanto Pyke quanto Mallister escreveram para reclamar.

– Quando pedi homens, tinha em mente homens da Patrulha da Noite, treinados e disciplinados, cuja lealdade jamais teria motivo de duvidar – escrevera Sor Denys. Cotter Pyke fora mais direto: – Posso enforcá-los na Muralha como um aviso para que os outros selvagens fiquem afastados, mas não vejo outro uso para eles. – Meistre Harmune escrevera para ele: – Não confiaria neles para limpar meu penico, e *dez não são suficientes*.

A gaiola de ferro moveu-se para baixo, até o final de sua longa corrente, rangendo e batendo, até finalmente parar com um solavanco a trinta centímetros do chão na base da Muralha. Edd Doloroso abriu a porta e saltou para fora, suas botas quebrando a crosta de neve. Jon o seguiu.

Do lado de fora do arsenal, Emmett de Ferro ainda instava suas ordens no pátio. O som de aço contra aço despertou uma fome em Jon. Aquilo o fez se recordar de dias mais quentes e mais simples, quando era apenas um garoto em Winterfell, experimentando as lâminas com Robb, sob o olhar atento de Sor Rodrik Cassel. Sor Rodrik caíra também, assassinado por Theon Vira-Casaca e seus homens de ferro quando tentara retomar Winterfell. A grande fortaleza da Casa Stark era uma desolação queimada. *Todas as minhas memórias estão envenenadas*.

Quando Emmett de Ferro o viu, levantou a mão e o combate cessou.

– Senhor Comandante. Como posso servi-lo?

– Com seus três melhores.

Emmett sorriu.

– Arron. Emrick. Jace.

Cavalo e Salto de Pisco buscaram acolchoamento para o Senhor Comandante, juntamente com cota de malha para colocar por cima, grevas, armadura de pescoço e meio-elmo. Um escudo negro com acabamento de ferro para seu braço esquerdo, uma espada longa cega para sua mão direita. A espada brilhava cinza-prateado na luz do amanhecer, quase nova. *Uma das últimas vindas da forja de Donal. Uma pena que ele não tenha vivido o suficiente para colocar gume nela*. A lâmina era mais curta do que Garralonga, mas feita de aço comum, o que a tornava mais pesada. Seus golpes seriam um pouco mais lentos.

– Isso servirá. – Jon virou o rosto para seus inimigos. – Venham.

– Qual quer primeiro? – perguntou Arron.

– Os três. De uma única vez.

– Três de uma vez? – Jace estava incrédulo. – Isso não será leal. – Ele era um dos integrantes do último grupo de Conwy, filho de um sapateiro da Ilha Leal. Talvez isso explicasse.

– Verdade. Venha aqui.

Quando ele foi, a lâmina de Jon acertou o lado de sua cabeça, derrubando-o no chão. Em um piscar de olhos, o garoto tinha uma bota no peito e uma ponta de espada na garganta.

– A guerra nunca é leal – Jon lhe disse. – São dois contra um agora, e você está morto.

Quando ouviu o barulho de cascalho, soube que os gêmeos estavam vindo. *Esses dois ainda serão patrulheiros*. Ele girou, bloqueando o ataque de Arron com a ponta de seu escudo e encontrando a lâmina de Emrick com sua espada.

– Essas não são lanças – gritou. – Cheguem mais perto. – Foi para o ataque para mostrar a eles como deveria ser. Emrick primeiro. Golpeou sua cabeça e seus ombros, direita e esquerda, e direita novamente. O garoto levantou o escudo e tentou um contra-ataque desajeitado. Jon bateu seu próprio escudo no de Emrick e o derrubou com uma pancada na parte inferior da perna... não por muito tempo, porque Arron estava sobre ele, com um golpe esmagador na parte de trás de sua coxa que o fez cair de joelhos. *Isso vai deixar um hematoma*. Segurou o golpe seguinte com

o escudo, então saltou para trás e ficou em pé, conduzindo Arron pelo pátio. *Ele é rápido*, pensou, enquanto as espadas longas se beijavam uma, duas, três vezes, *mas precisa ficar mais forte*. Quando viu alívio nos olhos de Arron, soube que Emrick estava atrás dele. Virou-se e o acertou com um golpe atrás dos ombros que o mandou de encontro ao irmão. Nesse momento, Jace se levantou, então Jon o derrubou novamente. – Odeio quando homens mortos se levantam. Você sentirá o mesmo no dia em que encontrar uma criatura. – Andando para trás, abaixou sua espada.

– O grande corvo pode bicar os corvinhos – resmungou uma voz atrás dele –, mas tem estômago suficiente para lutar com um homem?

Camisa de Chocalho estava encostado em uma parede. Uma grosseira barba por fazer cobria seu rosto sulcado, e fino cabelo castanho agitava-se sobre seus pequenos olhos amarelos.

– Você se lisonjeia – disse Jon.

– Sim, mas vou achatar você.

– Stannis queimou o homem errado.

– Não. – O selvagem sorriu para ele com a boca cheia de dentes marrons e quebrados. – Ele queimou o homem que tinha que queimar, para todo mundo ver. Fazemos o que temos que fazer, Snow. Até mesmo reis.

– Emmett, ache uma armadura para ele. Quero-o em aço, não em ossos velhos.

Uma vez vestido em cota de malha e placas, o Senhor dos Ossos parecia ter ficado um pouco mais ereto. Parecia mais alto também, seus ombros mais grossos e mais poderosos do que Jon teria imaginado. *É a armadura, não o homem*, disse para si mesmo. *Até mesmo Sam poderia parecer quase formidável, vestido da cabeça aos pés no aço de Donal Noye*. O selvagem afastou o escudo que Cavalo ofereceu para ele. Em vez disso, pediu uma espada de duas mãos.

– Ela tem um som doce – disse, golpeando o ar. – Bata as asas mais perto, Snow. Pretendo fazer suas penas voarem.

Jon o atacou com força.

Camisa de Chocalho deu um passo para trás e voltou à carga com um golpe com as duas mãos. Se Jon não tivesse interposto seu escudo, sua placa de peito seria destruída e metade de suas costelas, quebradas. A força do golpe o atordoou por um momento, e enviou um solavanco

sólido por seu braço. *Ele bate mais forte do que eu imaginava*. Sua rapidez era outra surpresa desagradável. Eles circularam ao redor um do outro, trocando golpe por golpe. O Senhor dos Ossos dava tanto quanto recebia. Pela lógica, a grande espada de duas mãos teria sido algo mais incômodo do que a espada longa de Jon, mas o selvagem a empunhava com velocidade estonteante.

Os alunos de Emmett de Ferro aplaudiram o senhor comandante no início, mas o ataque implacável de Camisa de Chocalho logo os levou ao silêncio. *Ele não pode manter isso por muito tempo*, Jon disse para si mesmo enquanto aparava outro golpe. O impacto o fez gemer. Mesmo cega, a grande espada rachou o escudo de pinho e entortou o aro de ferro. *Ele se cansará logo. Tem que se cansar.* Jon golpeou na direção do rosto do selvagem, e Camisa de Chocalho afastou a cabeça para trás. Golpeou na direção da panturrilha de Camisa de Chocalho, apenas para que ele saltasse habilmente sobre a lâmina. A grande espada atingiu o ombro de Jon, com força suficiente para fazer sua espaldeira tinir e entorpecer o braço embaixo. Jon se afastou. O Senhor dos Ossos foi atrás, rindo. *Ele não tem escudo*, Jon lembrou a si mesmo, *e aquela espada monstruosa é muito desajeitada para defesas. Eu deveria estar dando dois golpes para cada um dele.*

Mas, de alguma maneira, não estava, e os golpes que dava não causavam efeito. O selvagem parecia estar sempre escapando ou escorregando para os lados, então a espada longa de Jon resvalava fora de um ombro ou de um braço. Em pouco tempo, ele se pegou dando mais área, tentando evitar os ataques do outro e falhando na metade das vezes. Seu escudo estava reduzido a gravetos. Jogou-o fora. O suor escorria pelo seu rosto e ardia seus olhos embaixo do elmo. *Ele é muito forte e muito rápido*, percebeu, *e com aquela espada grande tem peso e alcance*. Teria sido uma luta diferente se estivesse armado com Garralonga, mas...

Sua chance veio quando Camisa de Chocalho balançou a espada para trás. Jon atirou-se em sua direção, atracando-se ao outro homem, e eles caíram juntos, pernas entrelaçadas. Aço bateu contra aço. Os dois homens perderam suas espadas enquanto rolavam no chão. O selvagem levou um joelho entre as pernas do inimigo. Jon atacou com o punho cerrado. De alguma maneira, Camisa de Chocalho terminou por cima,

com a cabeça de Jon entre as mãos. Ele a esmagou contra o chão, e abriu seu visor com violência.

– Se eu tivesse uma adaga, você estaria sem um olho agora – rosnou, antes que Cavalo e Emmett de Ferro o arrancassem de cima do peito do Senhor Comandante. – Me soltem, seus malditos corvos – rugiu.

Jon se esforçou para ficar sobre um joelho. Sua cabeça latejava e sua boca estava cheia de sangue. Cuspiu e disse:

– Boa luta.

– Você se lisonjeia, corvo. Eu nem suei.

– Na próxima vez, suará – disse Jon. Edd Doloroso o ajudou a ficar em pé e a tirar o elmo. Este havia adquirido várias marcas profundas que não estavam lá quando Jon o vestira. – Soltem-no. – Jon jogou o elmo para Salto de Pisco, que o deixou cair.

– Senhor – disse Emmett de Ferro –, ele ameaçou sua vida, todos ouvimos. Ele disse que se tivesse uma adaga...

– Ele tem uma adaga. Bem ali, no cinturão. – *Há sempre alguém mais rápido e mais forte*, Sor Rodrik dissera certa vez a Jon e Robb. *Esse é o homem que vocês querem enfrentar no pátio, antes que precisem encará-lo em um campo de batalha*.

– Lorde Snow? – disse uma voz suave.

Ele se virou para encontrar Clydas parado ao lado da arcada quebrada, com um pergaminho nas mãos.

– De Stannis? – Jon estivera esperando notícias do rei. A Patrulha da Noite não tomava partido, ele sabia, e ele não deveria se importar com qual rei triunfaria. Mas de alguma maneira, ele se importava. – É do Forte do Pavor?

– Não, senhor. – Clydas estendeu o pergaminho adiante. Estava firmemente enrolado e selado, com um botão de cera rosa dura. *Apenas o Forte do Pavor usa selo de cera rosa*. Jon tirou a manopla, pegou a carta e rompeu o selo. Quando viu a assinatura, esqueceu a surra que Camisa de Chocalho lhe dera.

*Ramsay Bolton, Lorde de Hornwood*, lia-se, em uma caligrafia imensa e pontiaguda. A tinta marrom se desfez em pedaços quando Jon passou o polegar sobre ela. Embaixo da assinatura de Bolton, Lorde Dustin, a Senhora Cerwyn e quatro Ryswell haviam adicionado suas próprias assinaturas. Uma mão grosseira desenhara o gigante da Casa Umber.

– Podemos saber o que diz, senhor? – perguntou Emmett de Ferro.

Jon não viu motivo para não contar.

– Fosso Cailin caiu. Os cadáveres esfolados dos homens de ferro foram pregados em postes ao longo da estrada do rei. Roose Bolton convoca todos os senhores leais para Vila Acidentada, para confirmar a lealdade ao Trono de Ferro e celebrar o casamento de seu filho com... – seu coração pareceu parar por um momento. *Não, isso não é possível. Ela morreu em Porto Real, com o pai.*

– Lorde Snow? – Clydas o observava de perto, com seus opacos olhos rosados. – Está... indisposto? Parece...

– Ele vai se casar com Arya Stark. Minha irmãzinha. – Jon quase podia vê-la naquele momento, rosto comprido, desajeitada, toda joelhadas e cotoveladas, com a cara suja e o cabelo emaranhado. Eles lavariam um e escovariam o outro, não duvidava, mas não podia imaginar Arya em um vestido de noiva, nem na cama de Ramsay Bolton. *Não importa o quão assustada esteja, ela não demonstrará. E se ele tentar colocar uma mão nela, ela lutará.*

– Sua irmã – disse Emmett de Ferro –, que idade ela...

*Agora deve estar com onze*, Jon pensou. *Ainda uma criança*.

– Não tenho irmã. Apenas irmãos. Apenas vocês. – A Senhora Catelyn se regozijaria em ouvir aquelas palavras, ele sabia. Aquilo não as tornava mais fáceis de serem ditas. Seus dedos se fecharam ao redor do pergaminho. *Gostaria de poder esmagar a garganta de Ramsay Bolton com a mesma facilidade.*

Clydas limpou a garganta.

– Haverá resposta?

Jon abanou a cabeça e saiu andando.

Ao cair da noite, as contusões que Camisa de Chocalho lhe dera estavam roxas.

– Ficarão amarelas antes de sumir – ele disse para o corvo de Mormont. – Parecerei tão doentio quanto o Senhor dos Ossos.

*Ossos*, a ave concordou. *Ossos, ossos.*

Ele podia ouvir um leve murmúrio de vozes vindo do lado de fora, embora o som fosse fraco demais para formar palavras. *Eles soam com se estivessem a centenas de quilômetros de distância*. Era a Senhora Melisandre e seus seguidores, nas fogueiras noturnas. Toda noite, a

mulher vermelha comandava seus seguidores em suas orações do crepúsculo, pedindo ao deus vermelho que os guiasse pela escuridão. *Pois a noite é escura e cheia de terrores*. Com a partida de Stannis e da maioria dos homens da rainha, seu rebanho estava bem reduzido; meia centena do povo livre de Vila Toupeira, um punhado de guardas que o rei deixara para ela, talvez uma dúzia de irmãos negros que haviam tomado o deus vermelho para si.

Jon se sentia tão endurecido quanto um homem de sessenta anos. *Sonhos escuros*, pensou, *e culpa*. Seus pensamentos retornavam para Arya. *Não há maneira de ajudá-la. Coloquei todos os meus parentes de lado quando fiz meus votos. Se um de meus homens me dissesse que sua irmã estava em perigo, eu responderia que isso não lhe diz respeito*. Uma vez que um homem fazia seus votos, seu sangue era negro. *Negro como o coração de um bastardo*. Certa vez ele pedira a Mikken para fazer uma espada para Arya, uma lâmina de espadachim, feita num tamanho menor para caber na mão dela. *Agulha*. Ele se perguntava se ela ainda a possuía. *Espete neles a ponta aguçada*, dissera a ela, mas se ela tentasse espetar o Bastardo, isso poderia custar sua vida.

*Snow*, murmurou o corvo de Lorde Mormont. *Snow, snow.*

De repente, não podia sofrer por nem mais um momento.

Encontrou Fantasma do lado de fora da porta, roendo um osso de boi para alcançar o tutano.

– Quando você voltou? – O lobo gigante ficou em pé, abandonando o osso para seguir Jon.

Mully e Barricas permaneciam do lado de dentro das portas do arsenal, inclinados em suas lanças.

– Um frio cruel lá fora, senhor – avisou Mully, através de sua emaranhada barba laranja. – Vai demorar muito?

– Não. Só preciso de um pouco de ar. – Jon saiu para a noite. O céu estava cheio de estrelas, e o vento vinha em rajadas ao longo da Muralha. Até mesmo a lua parecia fria; a pele do seu rosto estava toda arrepiada. Então a primeira rajada de vento o atingiu, passando por camadas de lã e couro para deixá-lo batendo os dentes. Ele atravessou o pátio, no sentido contrário daquele vento forte. Sua capa agitava-se ruidosamente em seus ombros. Fantasma veio atrás. *Onde estou indo? O que estou fazendo?* Castelo Negro estava quieto e silencioso, seus salões e torres, escuras.

*Meu assento*, Jon Snow refletiu. *Meu salão, minha casa, meu comando. Uma ruína.*

À sombra da Muralha, o lobo gigante roçou o corpo contra seus dedos. Por meio segundo, a noite ganhou vida com um milhão de odores, e Jon Snow ouviu o craquelar de uma crosta se quebrando em um trecho de neve antiga. Alguém estava atrás dele, percebeu repentinamente. Alguém que tinha um cheiro quente como um dia de verão.

Quando se virou, viu Ygritte.

Ela estava ao lado das pedras queimadas da Torre do Senhor Comandante, oculta na escuridão e na memória. A luz da lua estava em seus cabelos, seus cabelos vermelhos beijados pelo fogo. Quando viu aquilo, o coração de Jon foi parar em sua boca.

– Ygritte – disse.

– Lorde Snow. – A voz era de Melisandre.

A surpresa o fez afastar-se dela.

– Senhora Melisandre. – Deu um passo para trás. – Confundi você com outra pessoa. – *À noite, todas as vestes são cinza*. E subitamente a dela era vermelha. Ele não entendia como podia tê-la tomado por Ygritte. Era mais alta, mais magra, mais velha, embora o luar tirasse anos de seu rosto. Bruma saía das narinas dela e de suas pálidas mãos nuas na noite. – Você congelará com os dedos de fora – Jon avisou.

– Se esse for o desejo de R'hllor. Os poderes da noite não podem tocar aqueles cujo coração está banhado no fogo sagrado do deus.

– Seu coração não me diz respeito. Apenas suas mãos.

– O coração é tudo o que importa. Não se desespere, Lorde Snow. O desespero é a arma do inimigo, aquele cujo nome não pode ser dito. Sua irmã não está perdida para você.

– Não tenho irmã. – As palavras eram como facas. *O que você sabe sobre meu coração, sacerdotisa? O que sabe sobre minha irmã?*

Melisandre pareceu divertir-se.

– Qual o nome dela, dessa irmãzinha que você não tem?

– Arya. – A voz dele estava rouca. – Minha meio-irmã, na verdade...

– ... pois você é um bastardo. Não me esqueci disso. Eu vi sua irmã em minhas chamas, fugindo desse casamento que arranjaram para ela. Vindo para cá, para você. Uma garota de cinza, em um cavalo moribundo, vi

isso tão claro quanto o dia. Não aconteceu ainda, mas acontecerá. – Ela olhou para Fantasma. – Posso tocar seu... lobo?

A ideia deixou Jon inquieto.

– Melhor não.

– Ele não me fará mal. Você o chama de Fantasma, certo?

– Sim, mas...

– Fantasma. – Melisandre transformou a palavra em música.

O lobo gigante caminhou na direção dela. Cauteloso, espreitava-a, andando ao redor dela, farejando. Quando ela esticou a mão para que a cheirasse também, ele esfregou o focinho contra seus dedos.

Jon soltou um suspiro branco.

– Ele nem sempre é tão...

– ... caloroso? Calor chama calor, Jon Snow. – Os olhos dela eram duas estrelas vermelhas, brilhando na escuridão. Em sua garganta, o rubi resplandecia, um terceiro olho ainda mais brilhante do que os outros. Jon viu os olhos do Fantasma ardendo, vermelhos do mesmo jeito, quando a luz caiu sobre eles.

– Fantasma – chamou. – Aqui.

O lobo gigante o olhou como se ele fosse um estranho.

Jon franziu a testa, em descrença.

– Isso é... estranho.

– Você acha? – Ela se ajoelhou e coçou Fantasma atrás da orelha. – Sua Muralha é um lugar estranho, mas há poder aqui, se você usá-lo. Poder em você e neste animal. Você resiste a isso, e esse é seu erro. Abrace-o. Use-o.

*Não sou um lobo*, ele pensou.

– E como eu faria isso?

– Posso mostrar a você. – Melisandre passou o braço fino ao redor de Fantasma, e o lobo gigante lambeu seu rosto. – O Senhor da Luz, em sua sabedoria, nos fez macho e fêmea, duas partes de um todo maior. Na nossa união há poder. Poder para criar vida. Poder para criar luz. Poder para projetar sombras.

– Sombras. – A palavra pareceu mais escura quando ele a falou.

– Todo homem que caminha sobre a terra projeta uma sombra no mundo. Algumas são finas e frágeis, outras são longas e escuras. Deve

olhar atrás de você, Lorde Snow. A lua o beijou e projetou sua sombra com seis metros de altura sobre o gelo.

Jon olhou sobre seu ombro. A sombra estava ali, exatamente como ela dissera, projetada no luar contra a Muralha. *Uma garota de cinza em um cavalo moribundo*, pensou. *Vindo para cá, para você. Arya*. Voltou as costas para a sacerdotisa vermelha. Jon podia sentir o calor dela. *Ela tem poder*. O pensamento veio espontaneamente, agarrando-o com dentes de ferro, mas esta não era uma mulher com a qual ele se importava em ser grato, nem mesmo por sua irmãzinha.

– Certa vez, Dalla me disse uma coisa. A irmã de Val, esposa de Mance Rayder. Ela disse que a feitiçaria era uma espada sem cabo. Não há jeito seguro de pegá-la.

– Uma mulher sábia. – Melisandre se levantou, sua túnica vermelha movendo-se ao vento. – Mas uma espada sem cabo ainda é uma espada, e uma espada é uma coisa boa quando os inimigos estão por aí. Ouça-me, Jon Snow. Nove corvos voaram pela floresta branca para encontrar seus inimigos para você. Três deles estão mortos. Não estão mortos ainda, mas a morte está lá, esperando por eles, e eles cavalgarão ao encontro dela. Você os mandou adiante para serem seus olhos na escuridão, mas estarão sem olhos quando voltarem para você. Eu vi seus pálidos rostos mortos nas minhas chamas. Buracos vazios, chorando sangue. – Ela jogou o cabelo vermelho para trás, e seus olhos vermelhos brilharam. – Você não acredita em mim. Você acreditará. O custo desta crença será três vidas. Um preço pequeno para pagar pela sabedoria, alguns poderiam dizer... mas não o que você terá que pagar. Lembre-se disso quando encarar os rostos cegos e devastados de seus mortos. E quando esse dia chegar, pegue minha mão. – A névoa levantou-se de sua carne pálida e, por um momento, parecia que chamas suaves e mágicas brincavam em seus dedos. – Pegue minha mão – ela disse novamente –, e deixe-me salvar sua irmã.

# Davos

Mesmo na escuridão da Toca do Lobo, Davos Seaworth podia sentir que algo estava errado naquela manhã.

Acordou com o som de vozes e arrastou-se até a porta de sua cela, mas a madeira era grossa demais para que pudesse distinguir as palavras. O amanhecer chegara, mas não o mingau que Garth lhe trazia todas as manhãs para quebrar seu jejum. Aquilo o deixou ansioso. Todos os dias eram parecidos na Toca do Lobo, e qualquer mudança era normalmente para pior. *Este pode ser o dia da minha morte. Garth pode estar sentado com uma pedra de amolar, preparando a Senhora Lu*.

O Cavaleiro das Cebolas não esquecera as últimas palavras de Wyman Manderly. *Leve essa criatura para a Toca do Lobo e corte sua cabeça e suas mãos*, o gordo senhor ordenara. *Não serei capaz de comer nem um bocado até ver a cabeça desse contrabandista em uma estaca, com uma cebola enfiada entre seus dentes mentirosos*. Todas as noites, Davos dormia com essas palavras na cabeça, e todas as manhãs acordava com elas. E se esquecesse, Garth sempre tinha prazer em lembrá-lo. *Homem morto* era o apelido que dera a Davos. Quando vinha pela manhã, era sempre "Aqui o mingau para o homem morto". E à noite era "Apague a vela, homem morto".

Certa vez, Garth trouxera suas senhoras para apresentá-las ao homem morto.

– A Puta não parece grande coisa – dissera, acariciando uma haste de frio ferro negro –, mas quando eu esquentar ela até ficar vermelha e encostar no seu pau, você chorará por sua mãe. E esta aqui é minha Senhora Lu. É com ela que cortarei sua cabeça e suas mãos, quando Lorde Wyman enviar a ordem.

Davos nunca vira um machado maior do que a Senhora Lu, nem nenhum com a lâmina tão afiada. Garth passava os dias amolando-a, o

outro carcereiro lhe dissera. *Não implorarei por misericórdia*, Davos decidiu. Iria para a morte como um cavaleiro, pedindo apenas que cortassem sua cabeça antes das mãos. Nem mesmo Garth seria tão cruel para lhe negar isso, esperava.

Os sons que entravam pela porta eram fracos e abafados. Davos se levantou e caminhou pela cela. Ainda que fosse uma cela, o cômodo era grande e estranhamente confortável. Ele suspeitava que fora, em algum momento, o quarto de dormir de algum fidalgote. Era três vezes o tamanho de sua cabine de capitão no *Betha Negra*, e até mesmo maior do que a cabine que Salladhor Saan desfrutava em sua *Valiriana*. Ainda que a janela tivesse sido fechada com tijolos havia anos, uma parede ainda tinha uma lareira grande o suficiente para manter uma chaleira, e havia até mesmo uma latrina de verdade construída em um dos cantos. O chão era feito de tábuas deformadas, cheias de farpas, e seu catre de dormir tinha cheiro de mofo, mas os desconfortos eram leves, se comparados ao que Davos esperara.

A comida fora uma surpresa também. Em vez de sopa de aveia, pão amanhecido e carne podre, o cardápio usual dos calabouços, seus carcereiros lhe traziam peixe fresco, pão quente recém-saído do forno, carne de cordeiro temperada, nabos, cenouras e até caranguejos. Garth não gostava nem um pouco disso.

– Os mortos não deviam comer melhor do que os vivos – reclamou, mais de uma vez.

Davos tinha peles para mantê-lo aquecido à noite, madeira para alimentar o fogo, roupas limpas e uma vela de sebo gordurosa. Quando pediu papel, pena e tinta, Therry lhe trouxe no dia seguinte. Quando pediu um livro, para manter sua leitura, Therry retornou com a *Estrela de Sete Pontas*.

Apesar de todos esses confortos, a cela continuava sendo uma cela. As paredes eram de pedra sólida, tão espessas que não conseguia ouvir nada do mundo exterior. A porta era de carvalho e ferro, e seus carcereiros a mantinham trancada. Quatro conjuntos de pesados grilhões de ferro pendiam do teto, esperando pelo dia que Lorde Manderly decidisse acorrentá-lo e entregá-lo à Puta. *Hoje pode ser o dia. Da próxima vez que Garth abrir a porta, pode não ser para me trazer mingau*.

Sua barriga roncava, sinal certo de que a manhã se arrastava e ainda nenhum sinal de comida. A pior parte não era a morte, mas não saber quando ou como. Estivera dentro de algumas poucas prisões e calabouços em seus dias de contrabandista, mas todas as vezes dividira o espaço com outros prisioneiros, então sempre havia alguém com quem conversar, partilhar medos e esperanças. Não aqui. Além de seus carcereiros, Davos Seaworth tinha a Toca do Lobo para si.

Ele sabia que havia três calabouços nos porões do castelo; masmorras, câmaras de tortura e poços úmidos onde ratos imensos arranhavam na escuridão. Seus carcereiros afirmaram que estavam todos desocupados no momento.

– Apenas nós aqui, Cebolas. – Sor Bartimus lhe dissera. Era o carcereiro-chefe, um cavaleiro cadavérico de uma perna só, com o rosto marcado por cicatrizes e um olho cego. Quando Sor Bartimus abusava nos copos (e Sor Bartimus abusava mais nos copos a cada dia), gostava de se gabar sobre como salvara a vida de Lorde Wyman na Batalha do Tridente. A Toca do Lobo fora sua recompensa.

O restante do "nós" consistia em um cozinheiro que Davos nunca vira, seis guardas na caserna do primeiro piso, duas lavadeiras e os dois carcereiros que cuidavam do prisioneiro. Therry era o mais jovem, filho de uma das lavadeiras, um garoto de dez-e-quatro. O mais velho era Garth, imenso, careca e taciturno, que vestia o mesmo justilho de couro engordurado todos os dias e sempre parecia ter um olhar ameaçador no rosto.

Os anos como contrabandista deram a Davos Seaworth a sensibilidade para saber quando um homem era falso, e Garth era falso. O Cavaleiro das Cebolas tomava o cuidado de segurar a língua em sua presença. Com Therry e Sor Bartimus era menos reticente. Agradecia-os pela comida, encorajava-os a falar sobre suas esperanças e histórias, respondia às perguntas deles com polidez e nunca pressionava demais com suas próprias questões. Quando fazia pedidos, eram sempre pequenos; uma bacia com água e um pedaço de sabão, um livro para ler, mais velas. A maioria desses favores foi concedida e Davos ficou devidamente grato.

Nenhum dos homens falava sobre Lorde Manderly, sobre o Rei Stannis ou sobre os Frey, mas conversavam a respeito de outras coisas. Therry queria partir para a guerra quando tivesse idade suficiente, para lutar em

batalhas e tornar-se cavaleiro. Gostava de reclamar de sua mãe também. Ela estava indo para a cama com dois guardas, confidenciou. Os homens eram de turnos diferentes, e nenhum sabia sobre o outro, mas um homem ou o outro podia juntar as peças e haveria sangue. Algumas vezes, o rapaz levava um odre de vinho para a cela e perguntava a Davos sobre a vida de contrabandista enquanto bebiam.

Sor Bartimus não tinha interesse pelo mundo externo nem por nada que acontecera desde que perdera a perna para um cavalo sem cavaleiro e para o serrote de um meistre. Mas amava a Toca do Lobo e não havia nada que gostasse mais do que falar sobre a história sangrenta do lugar. A Toca era muito mais antiga do que Porto Branco, o cavaleiro contou a Davos. Fora erguida pelo Rei Jon Stark para defender a foz do Faca Branca contra corsários vindos do mar. Muitos dos filhos mais jovens do Rei do Norte fizeram do lugar sua morada, muitos irmãos, muitos tios, muitos primos. Alguns passaram o castelo para seus próprios filhos e herdeiros, e ramificações de ramificações da Casa Stark surgiram; os Greystark tinham durado mais tempo, mantendo a Toca do Lobo por cinco séculos, até ousarem se juntar a Forte do Pavor em uma rebelião contra os Stark de Winterfell.

Após a queda deles, o castelo passara por várias outras mãos. A Casa Flint o mantivera por um século, a Casa Locke por quase dois. Slate, Long, Holt e Ashwood também dominaram o lugar, encarregados por Winterfell de manter o rio seguro. Saqueadores das Três Irmãs tomaram o castelo uma vez, transformando-o em base de apoio no Norte. Durante as guerras entre Winterfell e o Vale, a Toca foi cercada por Osgood Arry, o Velho Falcão, e queimada por seu filho, aquele que era lembrado como a Garra. Quando o velho Rei Edrick Stark estava enfraquecido demais para defender o reino, a Toca do Lobo foi capturada por traficantes de escravos de Passopedra. Marcavam seus cativos com ferro quente e os quebravam com o chicote antes de embarcá-los para o outro lado do mar, e tiveram essas mesmas pedras negras como testemunhas.

– Então, um longo e cruel inverno chegou – contou Sor Bartimus. – O Faca Branca endureceu, e até o estuário estava congelando. Os ventos vieram uivando do norte, e levaram os traficantes de escravo para dentro do castelo, amontoados em suas fogueiras, e enquanto se aqueciam o novo rei caiu sobre eles. *Brandon* Stark, era ele, o bisneto de Edrick

Barba de Neve, aquele que os homens chamavam de Olhos de Gelo. Ele retomou Toca do Lobo, deixou os traficantes sem roupas e os entregou aos escravos que encontrou acorrentados nos calabouços. Dizem que os escravos libertos penduraram as entranhas dos traficantes nos galhos das árvore-coração, como uma oferenda aos deuses. Os *antigos* deuses, não esses novos do Sul. Seus Sete não conhecem o inverno, e o inverno não os conhece.

Davos não podia argumentar com a verdade daquilo. E, pelo que vira em Atalaialeste do Mar, ele também não fazia questão de conhecer o inverno.

– Que deuses você mantém? – perguntou ao cavaleiro de uma perna.

– Os antigos. – Quando Sor Bartimus sorria, parecia um caveira. – Eu e os meus que estiveram aqui antes dos Manderly. Provavelmente, meus próprios antepassados penduraram aquelas entranhas nas árvores.

– Nunca ouvi dizer que os nortenhos faziam sacrifício de sangue para suas árvores-coração.

– Há muito e ainda mais que vocês, sulistas, não sabem sobre o Norte. – Sor Bartimus respondeu.

Ele não estava errado. Davos sentou-se ao lado de sua vela e olhou as cartas que rabiscara palavra após palavra durante os dias de seu confinamento. *Eu fui um contrabandita melhor do que um cavaleiro*, escrevera para sua esposa, *um cavaleiro melhor do que Mão do Rei, uma Mão do Rei melhor do que um marido. Sinto muito. Maria, eu amei você. Por favor, perdoe os erros que cometi. Se Stannis perder a guerra, nossas terras estarão perdidas também. Leve os meninos através do mar estreito até Bravos e os ensine a pensar gentilmente em mim, se você puder. Se Stannis conquistar o Trono de Ferro, a Casa Seaworth sobreviverá e Devan permanecerá na corte. Ele a ajudará a encontrar um lugar para os outros meninos com nobres senhores, onde poderão servir como pajens e escudeiros, e até conquistar o direito de serem sagrados cavaleiros*. Era o melhor conselho que tinha para ela, embora quisesse que soasse mais sábio.

Também escrevera para cada um de seus três filhos sobreviventes, para ajudá-los a se lembrar do pai que comprara um nome para eles com as pontas dos dedos. Os bilhetes para Steffon e para o jovem Stannis eram curtos, duros e estranhos; verdade seja dita, ele não os conhecia nem

metade tão bem quanto conhecera os filhos mais velhos, aqueles que queimaram ou se afogaram na Água Negra. Para Devan, escreveu mais, dizendo quão orgulhoso estava em ver seu próprio filho como escudeiro do rei e recordando-o que, como mais velho, era seu dever proteger a senhora sua mãe e seus irmãos mais novos. *Diga a Sua Graça que fiz meu melhor*, terminou. *Sinto ter falhado com ele. Perdi minha sorte quando perdi meus ossos dos dedos, no dia em que o rio queimou em Porto Real*.

Davos mexeu e remexeu nas cartas lentamente, lendo cada uma delas várias vezes, perguntando-se se deveria mudar uma palavra aqui ou adicionar outra ali. *Um homem deveria ter mais a dizer quando encara o fim de sua vida*, pensou, mas as palavras vinham com dificuldade. *Não me saí mal*, tentou dizer a si mesmo. *Comecei na Baixada das Pulgas e consegui ser Mão do Rei, e aprendi a ler e a escrever*.

Ainda estava debruçado sobre as cartas quando ouviu o som das chaves de ferro batendo no aro. Meio segundo depois, a porta da cela se abriu.

O homem que atravessou a porta não era um de seus carcereiros. Era alto e magro, com o rosto profundamente vincado e um grosso cabelo castanho-acizentado. Uma espada longa pendia de seu quadril, e seu manto tingido de escarlate estava preso no ombro com um pesado broche de prata com a forma de um punho fechado.

– Lorde Seaworth – disse –, não temos muito tempo. Por favor, venha comigo.

Davos olhou o estranho cautelosamente. O "por favor" o confundira. Tais cortesias não são oferecidas a homens prestes a perder a cabeça e as mãos.

– Quem é você?

– Robett Glover, ao seu dispor.

– Glover. Seu assento era Bosque Profundo.

– O assento de meu irmão Galbart. Era e é, graças ao seu Rei Stannis. Ele tomou Bosque Profundo da puta de ferro que o roubou e ofereceu devolvê-lo aos donos de direito. Muito e ainda mais aconteceu enquanto você estava confinado entre essas paredes, Lorde Davos. Fosso Cailin caiu e Roose Bolton retornou para o Norte com a filha mais nova de Ned Stark. Uma tropa dos Frey veio com ele. Bolton enviou sete corvos, convocando todos os senhores do Norte para Vila Acidentada. Exige

homenagens e reféns... e testemunhas para o casamento de Arya Stark com seu bastardo Ramsay Snow, união que os Bolton pretendem usar para exigir Winterfell. Agora, virá comigo ou não?

– Que escolha tenho, senhor? Ir com você ou permanecer com Garth e a Senhora Lu.

– Quem é a Senhora Lu? Uma das lavadeiras? – Glover estava ficando impaciente. – Tudo será explicado se vier comigo.

Davos ficou em pé.

– Se eu morrer, imploro ao senhor que se assegure de que minhas cartas sejam entregues.

– Tem minha palavra quanto a isso... embora, se você morrer, não será pelas mãos dos Glover nem de Lorde Wyman. Rápido, agora, siga-me.

Glover o levou através de um longo salão escuro e desceu um lance de degraus desgastados. Cruzaram o bosque sagrado do castelo, onde a árvore-coração crescera tão imensa e emaranhada que estrangulara todos os carvalhos, olmos e bétulas, e enviara seus grossos galhos pálidos de encontro às paredes e janelas que olhavam para ela. Suas raízes tinham a grossura da cintura de um homem, o tronco tão largo que o rosto esculpido nele parecia gordo e zangado. Para lá do represeiro, Glover abriu um rústico portão de ferro e parou para acender uma tocha. Quando estava queimando vermelha e quente, fez Davos descer mais degraus até um porão abobadado, onde paredes chorosas estavam brancas com crostas de sal e a água do mar espirrava em poças sob seus pés a cada passo. Passaram por vários porões e filas de celas pequenas, úmidas e malcheirosas, muito diferentes do aposento em que Davos estivera confinado. Então encontraram uma parede de pedra branca que se moveu quando Glover a empurrou. Atrás dela havia um túnel longo e estreito e mais degraus. Estes levavam para cima.

– Onde estamos? – Davos perguntou enquanto subiam. Suas palavras ecoaram suavemente pela escuridão.

– Degraus sob degraus. A passagem passa por baixo do Castelo da Escada até o Castelo Novo. Um caminho secreto. Você não deve ser visto, meu senhor. Supostamente, está morto.

*Mingau para um homem morto*. Davos subiu.

Emergiram passando por outra parede, mas esta era forrada com ripas e gesso do lado de fora. A sala do outro lado era aconchegante, quente e

confortavelmente mobiliada, com um tapete de Myr no chão e velas de cera de abelha queimando em uma mesa. Davos podia ouvir flautas e violinos tocando não muito distantes. Na parede estava pendurada uma pele de ovelha com o mapa no Norte pintado em cores desbotadas. Embaixo do mapa, sentava-se Wyman Manderly, o colossal Senhor de Porto Branco.

– Por favor, sente-se. – Lorde Manderly estava ricamente vestido. Seu gibão de veludo era de um suave azul-esverdeado, bordado com fios de ouro na bainha, nas mangas e na gola. Seu manto era de arminho, preso no ombro com um tridente dourado. – Está com fome?

– Não, meu senhor. Seus carcereiros me alimentaram bem.

– Temos vinho, se tiver sede.

– Tratarei com você, meu senhor. Meu rei me ordenou que fizesse isso. Não tenho que beber com você.

Lorde Wyman suspirou.

– Tratei você de maneira vergonhosa, eu sei. Tive minhas razões, mas... por favor, sente-se e beba, eu imploro. Beba ao retorno a salvo do meu menino. Wylis, meu filho mais velho e herdeiro. Ele está em casa. É o banquete de boas-vindas que você ouve. Na Corte do Tritão, eles comem torta de lampreia e veado com castanhas assadas. Wynafryd está dançando com o Frey com quem se casará. Os outros Frey estão erguendo suas taças de vinho para brindar nossa amizade.

Sob a música, Davos podia ouvir o murmúrio de muitas vozes, o barulho de copos e pratos. Não disse nada.

– Acabo de vir da grande mesa – Lorde Wyman continuou. – Comi muito, como sempre, e toda Porto Branco sabe como meus intestinos são ruins. Meus amigos Frey não questionarão uma demorada visita às latrinas, esperamos. – Virou sua taça de cabeça para baixo. – Pronto. Você beberá e eu não. Sente-se. O tempo é curto e há muito sobre o que conversar. Robett, vinho para a Mão, se puder fazer a gentileza. Lorde Davos, você não sabe, mas está morto.

Robett Glover encheu uma taça de vinho e ofereceu a Davos. Ele pegou, cheirou e bebeu.

– Como morri, posso perguntar?

– Pelo machado. Sua cabeça e mãos foram colocadas sobre o Portão das Focas, com o rosto virado, para que seus olhos olhassem o porto.

Agora você está bem apodrecido, embora tenhamos mergulhado sua cabeça em alcatrão antes de colocá-la na ponta de ferro. Dizem que corvos carniceiros e aves marítimas disputaram seus olhos.

Davos se mexeu, desconfortavelmente. Era uma sensação estranha estar morto.

– Se meu senhor não se importa, quem morreu em meu lugar?

– Faz diferença? Você tem um rosto comum, Lorde Davos. Espero que dizer isso não o ofenda. O homem tinha a sua cor de pele, um nariz com o mesmo formato, duas orelhas que não eram muito diferentes, uma longa barba que podia ser cortada e aparada como a sua. Pode estar certo de que colocamos bastante alcatrão nele, e a cebola entre os dentes serviu para distorcer as feições. Sor Bartimus assegurou-se de que os dedos da mão esquerda dele estivessem mais curtos, assim como os seus. O homem era um criminoso, se lhe dá algum consolo. Sua morte pode realizar um bem maior do que jamais fez enquanto vivo. Meu senhor, peço que não me deseje nenhum mal. O rancor que mostrei contra você na Corte do Tritão foi uma farsa, feita para agradar nossos amigos Frey.

– Meu senhor poderia ganhar a vida como ator – disse Davos. – Você e os seus foram muito convincentes. Sua boa filha parecia seriamente querer me ver morto, e a menininha...

– Wylla. – Lorde Wyman sorriu. – Viu como foi corajosa? Mesmo quando ameacei arrancar sua língua, ela me lembrou da dívida de Porto Branco com os Stark de Winterfell, uma dívida que nunca poderá ser paga. Wylla falou com o coração, assim como a Senhora Leona. Perdoe-a se puder, meu senhor. É uma mulher tola e assustada, e Wylis é a vida dela. Nem todos os homens podem ser Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, ou Symeon Olhos-de-Estrela, e nem toda mulher pode ser corajosa como minha Wylla e sua irmã Wynafryd... que realmente sabiam, mas desempenharam seu papel sem medo. Ao tratar com mentirosos, até um homem honesto deve mentir. Eu não ousava desafiar Porto Real enquanto meu último filho vivo permanecia cativo. Lorde Tywin Lannister me escrevera pessoalmente para dizer que estava com Wylis. Se eu quisesse libertá-lo sem ferimentos, ele me disse, deveria me arrepender de minha traição, render minha cidade, declarar minha lealdade ao rei menino no Trono de Ferro... e dobrar meu joelho a Roose Bolton, seu Protetor do Norte. Se eu recusasse, Wylis morreria como

traidor, Porto Branco seria invadida e saqueada, e meu povo sofreria o mesmo destino dos Reyne de Castamere. Sou gordo, e por isso muitos pensam que sou fraco e tolo. Talvez Tywin Lannister fosse um desses. Enviei um corvo para ele dizendo que dobraria meu joelho e abriria meus portões *depois* que meu filho voltasse, não antes. Então o assunto parou quando Tywin morreu. Depois os Frey chegaram com os ossos de Wendel... para fazer a paz e selá-la com um pacto de casamento, alegaram, mas eu não estava disposto a dar o que queriam até que tivesse Wylis, salvo e inteiro, e eles não queriam me dar Wylis até que eu provasse minha lealdade. Sua chegada me deu os meios de fazer isso. Essa foi a razão para a descortesia que demonstrei com você na Corte do Tritão, e para a cabeça e as mãos apodrecendo no Portão das Focas.

– Assumiu um grande risco, meu senhor – disse Davos. – Se os Frey tivessem percebido o engano...

– Não assumi risco nenhum. Se algum dos Frey tivesse resolvido subir no meu portão para uma olhada de perto no homem com a cebola na boca, eu teria culpado meus carcereiros pelo erro e exposto você para apaziguá-los.

Davos sentiu um arrepio na espinha.

– Entendo.

– Espero que sim. Você também tem filhos, foi o que disse.

*Três*, pensou Davos, *embora tenha sido pai de sete*.

– Logo terei que retornar ao banquete para brindar com meus amigos Frey – Manderly continuou. – Eles me observam, sor. Dia e noite seus olhos estão sobre mim, narizes farejando algum sopro de traição. Você os viu, o arrogante Sor Jared e seu irmão Rhaegar, aquele verme sorridente que usa nome de dragão. Atrás dos dois está Symond, tilintando moedas. Aquele um comprou e pagou por vários de meus servos e dois dos meus cavaleiros. Uma das servas da esposa dele conseguiu se meter na cama do meu próprio bobo. Se Stannis se perguntava por que minhas cartas diziam tão pouco, é porque eu não ousava confiar nem mesmo em meu meistre. Theomore é todo cabeça e nada coração. Você o ouviu no meu salão. Espera-se que os meistres coloquem de lado velhas lealdades quando forjam suas correntes, mas não posso esquecer que Theomore é um Lannister de Lannisporto de nascimento, e alega algum parentesco distante com os Lannister de Rochedo Casterly. Inimigos e falsos amigos

estão ao meu redor, Lorde Davos. Infestaram minha cidade como baratas, e à noite posso senti-los rastejando sobre mim. – Os dedos do homem gordo se dobraram fechando o punho, e todos os seus queixos tremiam. – Meu filho Wendel foi para as Gêmeas como convidado. Comeu o pão e o sal de Lorde Walder e pendurou sua espada na parede para banquetear com amigos. E eles o assassinaram. *Assassinaram*, eu digo, e que os Frey se engasguem com suas fábulas. Bebi com Jared, brinquei com Symond, prometi para Rhaegar a mão da minha amada neta... mas nunca pense que isso significa que me esqueci. O Norte se lembra, Lorde Davos. O Norte se lembra, e a farsa está quase no fim. Meu filho está em casa.

Alguma coisa na maneira que Lorde Wyman falou aquilo gelou Davos até os ossos.

– Se é justiça que procura, meu senhor, olhe para o Rei Stannis. Nenhum homem é mais justo.

Robett Glover interrompeu para acrescentar:

– Sua lealdade faz sua honra, meu senhor, mas Stannis Baratheon permanece sendo seu rei, não o nosso.

– O rei de vocês está morto – Davos recordou –, assassinado no Casamento Vermelho, ao lado do filho de Lorde Wyman.

– O Jovem Lobo está morto – Manderly concordou –, mas aquele corajoso garoto não era o único filho de Lorde Eddard. Robett, traga o rapaz.

– Imediatamente, meu senhor. – Glover deslizou pela porta.

*O rapaz?* Seria possível que um dos irmãos de Robb Stark tivesse sobrevivido à ruína de Winterfell? Manderly teria um herdeiro Stark escondido em seu castelo? Um menino encontrado ou um falso menino? O Norte se levantaria em ambos os casos, suspeitava... mas Stannis Baratheon nunca faria causa comum com um impostor.

O rapaz que seguiu Robett Glover pela porta não era um Stark, nem poderia esperar passar por um. Era mais velho do que os irmãos assassinados do Jovem Lobo, quatorze ou quinze anos se olhasse para ele, e seus olhos eram ainda mais velhos. Sob um emaranhado cabelo castanho-escuro, seu rosto era quase selvagem, com uma boca larga, o nariz afilado e o queixo pontudo.

– Quem é você? – Davos perguntou.

O garoto olhou para Robett Glover.

– Ele é mudo, mas temos lhe ensinado as letras. Ele aprende rápido. – Glover tirou a adaga de seu cinturão e a deu para o garoto. – Escreva seu nome para Lorde Seaworth.

Não havia pergaminho no aposento. O rapaz escavou as letras na viga de madeira da parede. *W*... *E*... *X*. Teve dificuldade com o *X*. Quando terminou, jogou a adaga no ar, pegou-a e ficou admirando seu trabalho.

– Wex é um homem de ferro. Era escudeiro de Theon Greyjoy. Wex estava em Winterfell. – Glover se sentou. – Quanto Lorde Stannis sabe a respeito do que aconteceu em Winterfell?

Davos tentou se lembrar das histórias que ouvira.

– Winterfell foi capturado por Theon Greyjoy, que fora protegido de Lorde Stark. Ele condenou os dois filhos mais jovens de Stark à morte e colocou suas cabeças sobre as muralhas do castelo. Quando os nortenhos vieram derrubá-lo, passou o castelo inteiro pela espada, até a última criança, antes de ser morto pelo bastardo de Lorde Bolton.

– Não morto – disse Glover. – Capturado e levado para Forte do Pavor. O Bastardo vem esfolando-o.

Lorde Wyman assentiu.

– A história que você ouviu é a que todos nós escutamos, tão cheia de mentiras quanto um pudim de passas. Foi o Bastardo de Bolton quem passou Winterfell pela espada... Ramsay Snow, ele se chamava então, antes do rei menino torná-lo um Bolton. Snow não matou todos. Poupou as mulheres, amarrou-as juntas e marchou com elas para o Forte do Pavor, para praticar seu esporte.

– Seu esporte?

– Ele é um grande caçador – disse Wyman Manderly –, e as mulheres são suas presas favoritas. Ele as deixa nuas e as solta na floresta. Elas têm meio dia de vantagem antes que ele vá atrás delas com cães de caça e berrantes. De tempos em tempos, alguma moça escapa e vive para contar a história. A maioria tem menos sorte. Quando Ramsay as apanha, ele as estupra, as esfola, dá seus cadáveres para os cães e leva suas peles para Forte do Pavor, como troféu. Se elas lhe proporcionaram uma boa caçada, ele corta suas gargantas antes de tirar suas peles. Caso contrário, ele as esfola vivas.

Davos empalideceu.

– Deuses, sejam bons. Como um homem pode...

– A maldade está no sangue – disse Robett Glover. – Ele é um bastardo nascido de um estupro. Um *Snow*, não importa o que o rei menino diga.

– Alguma neve já foi tão negra? – perguntou Lorde Wyman. – Ramsay tomou as terras de Lorde Hornwood forçando o casamento com a viúva, e então a trancou em uma torre e a esqueceu lá. Dizem que ela comeu a extremidade dos próprios dedos... e a noção de justiça real dos Lannister é recompensar esse assassino com a garotinha de Ned Stark.

– Os Bolton sempre foram tão cruéis quanto espertos, mas esse aí parece um animal em pele humana – disse Glover.

O Senhor de Porto Branco se inclinou para a frente.

– Os Frey não são melhores. Falam em *wargs* e troca-peles e asseguram que foi Robb Stark quem matou meu Wendel. Que arrogância! Eles não esperam que o Norte acredite em suas mentiras, não verdadeiramente, mas pensam que precisamos fingir acreditar, ou morreremos. Roose Bolton mente sobre sua participação no Casamento Vermelho, e seu bastardo mente sobre a queda de Winterfell. E enquanto mantiveram Wylis, não tive escolha senão comer toda essa merda e elogiar o sabor.

– E agora, meu senhor? – perguntou Davos.

Ele esperava ouvir Lorde Wyman falar, *E agora eu me declaro pelo Rei Stannis*, mas, em vez disso, o homem gordo sorriu um estranho sorriso cintilante e disse:

– Agora tenho um casamento para assistir. Sou gordo demais para subir em um cavalo, como qualquer homem com olhos pode ver claramente. Quando menino, eu amava montar, e, quando jovem, lidava com a montaria bem o suficiente para conseguir alguns pequenos elogios, mas esses dias se foram. Meu corpo tornou-se uma prisão mais lúgubre do que a Toca do Lobo. Mesmo assim, preciso ir para Winterfell. Roose Bolton me quer de joelhos, e sob o veludo da cortesia mostra a cota de malha de ferro. Preciso ir de barcaça e de liteira, cercado por uma centena de cavaleiros e por meus bons amigos das Gêmeas. Os Frey vieram pelo mar. Não têm cavalos com eles, então devo presentear cada um deles com um palafrém como presente de convidado. Os anfitriões ainda dão presentes de convidados no Sul?

– Alguns dão, meu senhor. No dia da partida dos convidados.

– Talvez você entenda, então. – Wyman Manderly balançou pesadamente os pés. – Venho construindo navios de guerra há mais de um ano. Alguns você viu, mas há muitos mais escondidos no Faca Branca. Mesmo com as perdas que sofri, ainda comando mais cavalos pesados do que qualquer outro senhor ao norte do Gargalo. Minhas muralhas são fortes e meus cofres estão cheios de prata. Castelovelho e Atalaia da Viúva seguirão minha liderança. Meus vassalos incluem uma dúzia de pequenos senhores e uma centena de cavaleiros com terras. Posso entregar ao Rei Stannis a fidelidade de todas as terras a leste do Faca Branca, de Atalaia da Viúva a Ariete, passando pela Serra do Sargo até a cabeceira do Ramo Partido. Tudo isso me comprometo a fazer, se você encontrar meu prêmio.

– Posso levar seus termos para o rei, mas...

Lorde Wyman o interrompeu.

– Se *você* encontrar meu prêmio, eu disse. Não Stannis. Não é de um rei que preciso, mas de um contrabandista.

Robett Glover assumiu o relato.

– Pode ser que nunca saibamos tudo o que aconteceu em Winterfell quando Sor Rodrick Cassel tentou retomar o castelo dos homens de ferro de Theon Greyjoy. O Bastardo de Bolton afirma que Greyjoy assassinou Sor Rodrick durante uma negociação. Wex diz que não. Até que aprenda mais letras, nunca saberemos metade da verdade... mas ele veio até nós sabendo *sim* e *não*, e é possível percorrer um longo caminho com isso, desde que você encontre as questões certas.

– Foi o Bastardo quem assassinou Sor Rodrick e os homens de Winterfell – disse Lorde Wyman. – Ele matou os homens de ferro de Greyjoy também. Wex viu homens derrotados tentando se render. Quando perguntamos como escapou, ele pegou um pedaço de giz e desenhou uma árvore com um rosto.

Davos pensou naquilo.

– Os velhos deuses o salvaram?

– De certo modo. Ele escalou a árvore-coração e se escondeu entre as folhas. Os homens de Bolton vasculharam o bosque sagrado duas vezes e mataram todos que encontraram por ali, mas ninguém pensou em subir nas árvores. Foi assim que aconteceu, Wex?

O garoto jogou a adaga de Glover no ar, pegou-a e assentiu.

Glover disse:

– Ficou em cima da árvore por muito tempo. Dormiu entre os galhos, sem ousar descer. Finalmente ouviu vozes embaixo dele.

– As vozes dos mortos – disse Wyman Manderly.

Wex levantou cinco dedos, tocou cada um deles com a adaga, então abaixou quatro e tocou no último dedo novamente.

– Seis deles – disse Davos. – Eram seis.

– Dois eram os filhos mortos de Ned Stark.

– Como um mudo pôde lhe contar isso?

– Com giz. Ele desenhou dois meninos... e dois lobos.

– O rapaz é um homem de ferro, então achou melhor não se mostrar – disse Glover. – Ficou ouvindo. Os seis não se demoraram muito entre as ruínas de Winterfell. Quatro foram por um caminho, dois por outro. Wex seguiu os dois, uma mulher e um garoto. Deve ter ficado contra o vento, então o lobo não pegou seu cheiro.

– Ele sabe para onde foram – Lorde Wyman disse.

Davos entendeu.

– Você quer o menino.

– Roose Bolton tem a filha de Lorde Eddard. Para impedi-lo, Porto Branco precisa ter o filho de Ned... e o lobo gigante. O lobo provará que o menino é quem dizemos que é, se Forte do Pavor tentar negar. Este é meu prêmio, Lorde Davos. Contrabandeie-me meu senhor suserano, e eu tomarei Stannis Baratheon como meu rei.

Os velhos instintos fizeram Davos Seaworth levar a mão à garganta. Os ossos dos dedos haviam sido sua sorte, e de alguma forma sentia que precisaria de sorte para fazer o que Wyman Manderly lhe pedia. Mas os ossos se foram, então ele disse:

– Você tem homens melhores ao seu serviço. Cavaleiros, senhores e meistres. Por que precisa de um contrabandista? Você tem navios.

– Navios – Lorde Wyman concordou –, mas minhas tripulações são de homens do rio, ou de pescadores que nunca navegaram além da Dentada. Para isso, preciso de um homem que tenha navegado em águas mais escuras e saiba como escapar dos perigos sem ser visto ou molestado.

– Onde está o menino? – De alguma forma, Davos sabia que não gostaria da resposta. – Para onde quer que eu vá, meu senhor?

Robett Glover disse:

– Wex. Mostre para ele.

O mudo jogou a adaga no ar, pegou-a e arremessou-a na extremidade do mapa de pele de carneiro que adornava a parede de Lorde Wyman. A adaga parou, balançando. Então o rapaz sorriu.

Por meio segundo, Davos considerou pedir que Wyman Manderly o mandasse de volta para a Toca do Lobo, para Sor Bartimus com suas histórias e Garth com suas senhoras letais. Na Toca, até os prisioneiros comiam mingau pela manhã. Mas havia outros lugares nesse mundo onde os homens eram conhecidos por quebrar o jejum com carne humana.

# Daenerys

Todas as manhãs, dos parapeitos ocidentais, a rainha podia contar as velas na Baía dos Escravos.

Hoje contou vinte e cinco, embora algumas ainda estivessem distantes e em movimento, então era difícil ter certeza. Algumas vezes ela perdia um, ou contava duas vezes o mesmo. *O que importa? Um estrangulador só precisa de dez dedos*. Todo o comércio parara, e seus pescadores não tinham coragem de sair para a baía. Os mais ousados ainda atiravam algumas linhadas no rio; ainda que mesmo isso fosse perigoso; os demais permaneciam atracados sob as muralhas multicoloridas de Meereen.

Havia navios de Meereen na baía também, navios de guerra e galés comerciais cujos capitães os haviam levado para o mar quando as tropas de Dany fizeram o primeiro cerco à cidade e agora retornavam para aumentar as frotas de Qarth, Tolos e Nova Ghis.

O conselho do seu almirante se provara pior do que inútil.

– Deixe-os verem seus dragões – disse Groleo. – Deixe os yunkaítas provarem o gosto do fogo, e o comércio fluirá novamente.

– Esses navios estão nos estrangulando, e tudo o que meu almirante pode fazer é falar em dragões – falou Dany. – Você *é* meu almirante, não é?

– Um almirante sem navios.

– *Construa* navios.

– Navios de guerra não podem ser construídos de tijolos. Os traficantes de escravos queimaram cada carrinho de madeira num raio de cem quilômetros daqui.

– Então cavalgue cento e dez quilômetros. Eu lhe darei carroções, trabalhadores, mulas, tudo o que precisar.

– Sou um marinheiro, não um carpinteiro naval. Fui enviado para levar Vossa Graça de volta a Pentos. Em vez disso, você nos trouxe aqui e fez

meu *Saduleon* em pedaços por alguns pregos e pedaços de madeira. Nunca verei novamente meu navio. Nunca verei minha casa novamente, nem minha velha esposa. Não fui eu quem recusou os navios que Daxos ofereceu. Não posso lutar contra os qartenos com barcos de pesca.

A amargura dele a consternou tanto, que Dany pegou-se perguntando a si mesma se o grisalho pentoshi podia ser um dos três traidores. *Não, ele é apenas um homem velho, longe de casa e doente de saudade*.

– Deve haver *algo* que possamos fazer.

– Sim, e eu lhe disse o quê. Aqueles navios são feitos de corda, piche e tela, pinus qohorik, teca de Sothoros, carvalho antigo de Grande Norvos, teixo, freixo e abeto. Madeira, Vossa Graça. Madeira queima. Os dragões...

– Não ouvirei mais nada sobre meus dragões. Deixe-me. Reze para seus deuses pentoshis por uma tempestade que afunde nossos inimigos.

– Nenhum marinheiro reza por tempestades, Vossa Graça.

– Estou cansada de ouvir o que você não fará. Vá.

Sor Barristan permaneceu.

– Nossos estoques estão lotados no momento – ele a recordou –, e Vossa Graça plantou feijões, uvas e trigo. Seus dothrakis têm atormentado os traficantes de escravos das colinas e golpeado os grilhões de seus escravos. Esses libertos estão plantando também e trarão suas colheitas para Meereen para vender. E você terá a amizade de Lhazar.

*Daario conseguiu isso para mim, com todo o mérito.*

– Os Homens-Ovelha. Essas ovelhas poderiam ter dentes.

– Isso deixaria os lobos mais cuidadosos, sem dúvida.

Aquilo a fez rir.

– Como vão seus órfãos, sor?

O velho cavaleiro sorriu.

– Bem, Vossa Graça. É bom que tenha perguntado. – Os meninos eram o orgulho dele. – Quatro ou cinco têm os ingredientes dos cavaleiros. Talvez até uma dúzia deles.

– Um seria o suficiente, se fosse tão verdadeiro quanto você. – Em breve poderia chegar o dia em que precisaria de cada cavaleiro.

– Eles disputarão justas para mim? Eu gostaria disso. – Viserys lhe contara histórias dos torneios que assistira nos Sete Reinos, mas Dany nunca vira uma justa com seus próprios olhos.

– Eles não estão prontos, Vossa Graça. Quando estiverem, terão prazer em demonstrar seu valor.

– Espero que esse dia chegue rápido. – Ela teria beijado o bom cavaleiro no rosto, mas Missandei apareceu sob a porta arqueada. – Missandei?

– Vossa Graça. Skahaz aguarda sua vontade.

– Mande-o subir.

O Cabeça-Raspada estava acompanhado de duas das suas Bestas de Bronze. Um usava máscara de falcão e o outro algo parecido com um chacal. Apenas seus olhos podiam ser vistos atrás do bronze.

– Vossa Iluminada, Hizdahr foi visto entrando na pirâmide de Zhak tarde passada. Não saiu de lá até bem depois do anoitecer.

– Quantas pirâmides ele já visitou? – perguntou Dany.

– Onze.

– E quanto tempo faz desde a última morte?

– Vinte e seis dias. – Os olhos do Cabeça-Raspada transbordavam de fúria. Fora sua a ideia de ter as Bestas de Bronze seguindo seu prometido e anotando todas as suas ações.

– Até agora Hizdahr está mantendo bem sua promessa.

– *Como*? Os Filhos da Harpia baixaram suas facas, mas por quê? Porque o nobre Hizdahr pediu gentilmente? Ele é um deles, eu lhe digo. É por isso que eles o obedecem. Ele bem pode ser a Harpia.

– Se é que há uma Harpia. – Skahaz estava convencido de que em algum lugar de Meereen os Filhos da Harpia tinham um senhor bem-nascido, um general secreto comandando um exército de sombras. Dany não compartilhava sua crença. As Bestas de Bronze haviam capturado dezenas de Filhos da Harpia, e aqueles que sobreviveram à prisão forneceram nomes quando duramente interrogados... nomes demais, lhe parecia. Teria sido agradável pensar que todas as mortes eram trabalho de um único inimigo, que poderia ser pego e morto, mas Dany suspeitava que a verdade era outra. *Meus inimigos são uma legião*. – Hizdahr zo Loraq é um homem persuasivo, com muitos amigos. E é rico. Talvez tenha comprado esta paz para nós com seu ouro, ou convencido os outros bem-nascidos de que nosso casamento será bom para os interesses deles.

– Se ele não é a Harpia, ele a conhece. Posso descobrir a verdade disso facilmente. Permita-me interrogar Hizdahr e lhe trarei uma confissão.

– Não – ela disse. – Não acredito nessas confissões. Você já me trouxe várias, todas elas sem valia.

– Vossa Iluminada...

– Não, eu disse.

A carranca do Cabeça-Raspada fez seu rosto ficar ainda mais feio.

– Um engano. O Grande Mestre Hizdahr trata Vossa Adoração como tola. Quer uma serpente em sua cama?

*Quero Daario em minha cama, mas o mandei embora para o seu bem e o dos seus.*

– Você pode continuar a observar Hizdahr zo Loraq, mas não deve lhe causar nenhum mal. Está entendido?

– Não sou surdo, Magnificência. Obedecerei. – Skahaz tirou um rolo de pergaminho da manga. – Vossa Veneração devia dar uma olhada nisso. Uma lista de todos os navios meereeneses no bloqueio, com seus capitães. Grandes Mestres, todos.

Dany estudou o inventário. Todas as famílias governantes de Meereen estavam na relação: Hazkar, Merreq, Quazzar, Zhak, Rhazdar, Ghazeen, Pahl e até Reznak e Loraq.

– O que eu farei com uma lista de nomes?

– Cada homem desta lista tem um parente na cidade. Filhos e irmãos, esposas e filhas, mães e pais. Deixe minhas Bestas de Bronze capturá-los. As vidas deles trarão aqueles navios de volta.

– Se eu mandar as Bestas de Bronze para dentro das pirâmides, isso significa declarar guerra dentro da cidade. Tenho que acreditar em Hizdahr. Tenho que esperar por paz. – Dany segurou o pergaminho sobre uma vela e assistiu aos nomes desaparecendo nas chamas, enquanto Skahaz a olhava com raiva.

Mais tarde, Sor Barristan lhe disse que seu irmão Rhaegar teria ficado orgulhoso dela. Dany recordou-se das palavras que Sor Jorah dissera em Astapor: *Rhaegar lutou valentemente, Rhaegar lutou com nobreza, Rhaegar lutou com honra. E Rhaegar* morreu.

Quando desceu para o salão de mármore púrpura, o encontrou quase vazio.

– Não há peticionários hoje? – Dany perguntou para Reznak mo Reznak. – Ninguém que implore por justiça ou prata por uma ovelha?

– Não, Vossa Veneração. A cidade está com medo.

– Não há nada a temer.

Mas havia muito e ainda mais a temer, como ela descobriu naquela noite. Enquanto seus jovens reféns Miklaz e Kezmya lhe serviam uma ceia simples de verduras de outono e sopa de gengibre, Irri veio dizer que Galazza Galare retornara com três Graças Azuis do templo.

– Verme Cinzento também veio, *khaleesi*. Eles imploram por umas palavras, o mais urgente possível.

– Traga-os ao meu salão. E convoque Reznak e Skahaz. A Graça Verde adiantou o assunto?

– Astapor – disse Irri.

Verme Cinzento começou a contar.

– Ele veio na névoa da manhã, um cavaleiro e um cavalo descorado, morrendo. Sua égua cambaleava conforme se aproximava dos portões da cidade, seu lado rosa com sangue e espuma, seus olhos virados de terror. O cavaleiro gritou: *Ela está queimando, ela está queimando*, e caiu da sela. Este um foi até lá e deu ordens para o cavaleiro ser levado para as Graças Azuis. Quando os servos o carregaram para dentro dos portões, ele gritou novamente: *Ela está queimando*. Embaixo do *tokar*, era um esqueleto, todo ossos e carne febril.

Uma das Graças Azuis continuou a história.

– Os Imaculados trouxeram esse homem para o templo, onde o despimos e o banhamos com água fria. Suas roupas estavam sujas, e minhas irmãs encontraram metade de uma flecha em sua coxa. Embora ele tivesse quebrado a haste, a ponta permanecia dentro dele, e a ferida tinha necrosado, enchendo-o de venenos. Ele morreu em uma hora, ainda gritando que ela estava queimando.

– Ela está queimando – Daenerys repetiu. – Quem é ela?

– Astapor, Vossa Iluminada – disse outra das Graças Azuis. – Ele disse, uma vez. Disse *"Astapor* está queimando".

– Pode ter sido a febre falando.

– Vossa Iluminada fala com sabedoria – falou Galazza Galare –, mas Ezzara viu algo mais.

A Graça Azul chamada Ezzara juntou as mãos.

– Minha rainha – murmurou –, a febre não foi causada pela flecha. Ele havia se sujado, não uma, mas muitas vezes. As manchas chegavam até os joelhos, e havia sangue em seus excrementos.

– O cavalo dele estava sangrando, Verme Cinzento disse.

– Isso é verdade, Vossa Graça – o eunuco confirmou. – A égua descorada estava sangrando por sua espora.

– Pode ser, Vossa Iluminada – disse Ezzara –, mas este sangue estava misturado com seu assento. Manchou suas roupas íntimas.

– Ele estava sangrando das entranhas – disse Galazza Galare.

– Não podemos ter certeza – respondeu Ezzara –, mas pode ser que Meereen tenha mais a temer do que as lanças dos yunkaítas.

– Devemos orar – disse a Graça Verde. – Os deuses enviaram esse homem para nós. Ele vem como um prenúncio. Ele vem como um sinal.

– Sinal de quê? – perguntou Dany.

– Um sinal de ira e ruína.

Ela não queria acreditar naquilo.

– Ele era um homem. Um homem doente com uma flecha na perna. Um cavalo o trouxe aqui, não um deus. – *Uma égua descorada*. Dany se levantou abruptamente. – Agradeço pelo conselho de vocês e por tudo o que fizeram por esse pobre homem.

A Graça Verde beijou os dedos de Dany antes de sair.

– Rezaremos por Astapor.

*E por mim. Oh, reze por mim, minha senhora*. Se Astapor caiu, nada restou para impedir que Yunkai se vire para o Norte.

Ela se dirigiu a Sor Barristan.

– Envie mensageiros para as colinas para encontrar meus companheiros de sangue. Chame Ben Mulato e os Segundos Filhos de volta também.

– E os Corvos Tormentosos, Vossa Graça?

*Daario.*

– Sim. Sim. – Há apenas três noites, ela sonhara com Daario morto ao lado da estrada, olhando para o vazio enquanto corvos brigavam sobre seu cadáver. Em outras noites, ela se agitava na cama, imaginando que ele a traíra, como uma vez traíra seus companheiros capitães dos Corvos Tormentosos. *Ele me trouxe as cabeças deles*. E se levou sua companhia de volta para Yunkai para vendê-la por um pote de ouro? *Ele não faria isso. Faria?* – Os Corvos Tormentosos também. Mande mensageiros atrás deles imediatamente.

Os Segundos Filhos foram os primeiros a retornar, oito dias depois que a rainha enviou sua convocação. Quando Sor Barristan lhe disse que seu capitão desejava ter algumas palavras com ela, Dany pensou por um momento que fosse Daario e seu coração disparou. Mas o capitão a quem ele se referia era Ben Mulato Plumm.

Ben Mulato tinha o rosto marcado e envelhecido, a pele da cor de teca antiga, cabelos brancos e rugas ao redor dos olhos. Dany estava tão contente em ver aquele rosto de couro marrom, que o abraçou. Seus olhos se apertaram, divertidos:

– Ouvi dizer que Vossa Graça estava tomando um marido – disse –, mas ninguém me disse que era eu. – Riram juntos enquanto Reznak engasgava, mas a risada cessou quando Ben Mulato disse: – Capturamos três astaporis. Vossa Veneração devia ouvir o que dizem.

– Traga-os.

Daenerys os recebeu na grandeza de seu salão, com altas velas queimando entre os pilares de mármore. Quando viu que os astaporis estavam meio famintos, providenciou comida imediatamente para eles. Esses três eram tudo o que restara de uma dúzia que partira da Cidade Vermelha; um oleiro, uma tecelã e um sapateiro.

– O que aconteceu com o resto do seu grupo? – a rainha perguntou.

– Assassinados – disse o sapateiro. – Mercenários de Yunkai percorrem as colinas ao norte de Astapor caçando aqueles que fugiram das chamas.

– A cidade caiu, então? Suas muralhas eram grossas.

– Isso elas eram – disse o oleiro, um homem curvado, com olhos remelentos –, mas eram velhas e estavam se desintegrando também.

A tecelã levantou a mão.

– Todos os dias dizíamos uns para os outros que a rainha dragão estava voltando. – A mulher tinha lábios finos e olhos mortos e sem brilho, em um rosto pequeno e comprido. – Cleon mandou chamá-la, dizia-se, e você estava vindo.

*Ele mandou me chamar*, pensou Dany. *Esse tanto é verdade, pelo menos*.

– Do lado de fora das nossas muralhas, os yunkaítas devoraram nossas plantações e abateram nossos rebanhos – o sapateiro continuou. – Do lado de dentro, estávamos famintos. Comemos gatos, ratos e couro. Uma pele de cavalo era um banquete. O Rei Cortagarganta e a Rainha Puta

acusavam um ao outro de se banquetear na carne dos mortos. Homens e mulheres se reuniam em segredo para tirar a sorte e devorar a carne daquele que pegasse a pedra negra. A pirâmide de Nakloz foi pilhada e incendiada por aqueles que afirmavam que Kraznys mo Nakloz era o culpado por todas as nossas desgraças.

– Outros culpavam Daenerys – disse a tecelã –, mas muitos de nós ainda a amavam. "Ela está a caminho", dizíamos uns para os outros. "Ela está vindo à frente de uma grande tropa, com comida para todos nós."

*Mal posso alimentar meu próprio povo. Se tivesse marchado para Astapor, teria perdido Meereen.*

O sapateiro contou para eles como o corpo do Rei Açougueiro havia sido exumado e vestido em uma armadura de cobre, depois que a Graça Verde de Astapor teve uma visão na qual ele iria livrá-los dos yunkaítas. Armado e fedendo, o cadáver de Cleon, o Grande, foi preso nas costas de um cavalo faminto para liderar os novos Imaculados remanescentes em uma sortida, mas eles cavalgaram diretamente para os dentes de ferro de uma legião de Nova Ghis e foram abatidos.

– Depois, a Graça Verde foi empalada em uma estaca na Praça da Punição e deixada lá até a morte. Na pirâmide de Ulhor, os sobreviventes fizeram um grande banquete que durou metade da noite, e empurraram o resto da comida para baixo com vinho envenenado para que ninguém precisasse acordar novamente na manhã seguinte. Logo depois vieram as doenças, um fluxo sangrento que matou três homens em cada quatro, até que uma multidão de homens moribundos enlouqueceu e assassinou os guardas no portão principal.

O velho oleiro interrompeu para dizer:

– Não. Isso foi trabalho de homens saudáveis, fugindo para escapar do fluxo.

– Isso importa? – perguntou o sapateiro. – Os guardas foram abatidos e os portões foram escancarados. As legiões de Nova Ghis se derramaram para dentro de Astapor, seguidas pelos yunkaítas e pelos mercenários em seus cavalos. A Rainha Puta morreu lutando com uma maldição nos lábios. O Rei Cortagarganta se rendeu e foi jogado em uma arena de luta para ser abatido por uma matilha de cães famintos.

– E mesmo então alguns diziam que você estava vindo – disse a tecelã. – Eles juravam que a haviam visto montada em um dragão, voando alto

sobre os acampamentos dos yunkaítas. Todos os dias procurávamos você.

*Eu não podia ir*, a rainha pensou. *Eu não ousei*.

– E quando a cidade caiu? – exigiu saber Skahaz. – O que aconteceu então?

– O massacre começou. O Templo das Graças estava cheio de doentes que foram lá para pedir aos deuses que os curassem. As legiões selaram as portas e incendiaram o templo com tochas. Em uma hora o fogo queimava em todos os cantos da cidade. Conforme se espalhava, um incêndio se unia a outro. Multidões enchiam as ruas, correndo de um lado para o outro para escapar das chamas, mas não havia para onde fugir. Os yunkaítas fecharam os portões.

– E mesmo assim *vocês* escaparam – disse o Cabeça-Raspada. – Como isso foi possível?

O velho respondeu.

– Sou oleiro por ofício, como meu pai e o pai dele antes de mim. Meu avô construiu nossa casa apoiada nas muralhas da cidade. Foi fácil soltar alguns tijolos a cada noite. Quando contei para meus amigos, eles me ajudaram a fortalecer o túnel, para que não desabasse. Todos concordamos que podia ser bom ter nossa própria rota de fuga.

*Eu os deixei com um conselho para governá-los*, Dany pensou, *um curandeiro, um sábio e um sacerdote*. Ainda podia se lembrar da Cidade Vermelha como a vira pela primeira vez, seca e poeirenta atrás das muralhas de tijolos vermelhos, sonhando sonhos cruéis, ainda cheia de vida. *Havia ilhas no Verme onde amantes se beijavam, mas na Praça da Punição eles tiravam tiras de pele dos homens e deixavam-nas penduradas para as moscas*.

– É bom que tenham vindo – ela disse para os astaporis. – Estarão a salvo em Meereen.

O sapateiro a agradeceu por aquilo, e o velho oleiro beijou seus pés, mas a tecelã olhou para ela com olhos tão duros quanto ardósia. *Ela sabe que eu minto*, a rainha pensou. *Sabe que não posso mantê-los a salvo. Astapor está queimando e Meereen será a próxima*.

– Há mais vindo – Ben Mulato anunciou depois que os astaporis saíram. – Esses três tinham cavalos. A maioria está a pé.

– Quantos são? – perguntou Reznak.

Ben Mulato encolheu os ombros.

– Centenas. Milhares. Alguns doentes, alguns queimados, alguns feridos. Os Gatos e os Soprados pelo Vento cruzam as colinas com lanças e chicotes, mandando-os para o Norte e abatendo os retardatários.

– Bocas a pé. E *doentes*, você diz? – Reznak torceu as mãos. – Vossa Veneração não deve permiti-los entrar na cidade.

– Eu não permitiria – disse Ben Mulato Plumm. – Não sou meistre, notem, mas sei que temos que separar as maçãs podres das boas.

– Não são maçãs, Ben – falou Dany. – São homens e mulheres, doentes, famintos e assustados. – *Meus filhos*. – Eu deveria ter ido para Astapor.

– Vossa Graça não poderia tê-los salvo – disse Sor Barristan. – Você avisou o Rei Cleon sobre essa guerra contra Yunkai. O homem era um tolo, e as mãos dele estavam vermelhas de sangue.

*E minhas mãos estão mais limpas?* Ela se lembrou do que Daario dissera; que todos os reis devem ser açougueiros, ou carne.

– Cleon era o inimigo do nosso inimigo. Se eu tivesse me juntado a ele no Chifre de Hazzat, poderíamos ter esmagado os yunkaítas entre nós.

O Cabeça-Raspada discordou.

– Se você tivesse levado os Imaculados para o sul, até Hazzat, os Filhos da Harpia...

– Eu sei. Eu *sei*. É Eroeh tudo de novo.

Ben Mulato Plumm estava intrigado.

– Quem é Eroeh?

– Uma garota que pensei estar salvando do estupro e do tormento. Tudo o que fiz foi tornar seu fim ainda pior. E tudo o que fiz em Astapor foi criar dez mil Eroehs.

– Vossa Graça não poderia saber...

– Sou a rainha. É meu dever saber.

– O que está feito está feito – disse Reznak mo Reznak. – Vossa Veneração, eu imploro, tome o nobre Hizdahr como seu rei de uma vez por todas. Ele pode falar com os Sábios Mestres, negociar uma paz para nós.

– Em quais termos? – *Cuidado com o senescal perfumado*, Quaithe dissera. A mulher mascarada havia previsto a chegada da égua descorada, estaria certa sobre o nobre Reznak também? – Posso ser uma jovem garota inocente da guerra, mas não sou uma ovelha para balir na toca da

Harpia. Ainda tenho meus Imaculados. Tenho os Corvos Tormentosos e os Segundos Filhos. E tenho três companhias de libertos.

– Eles... e dragões – disse Ben Mulato Plumm, com um sorriso.

– Nos poços, em correntes – lamentou Reznak mo Reznak. – Para que servem dragões que não podem ser controlados? Até mesmo os Imaculados têm cada vez mais medo quando precisam abrir as portas para alimentá-los.

– O quê? Os bichinhos de estimação da rainha? – Os olhos de Ben Mulato se apertaram, divertidos. O capitão dos Segundos Filhos era uma criatura das companhias livres, um mestiço com o sangue de uma dúzia de povos correndo em suas veias, mas sempre fora apaixonado pelos dragões, e eles por ele.

– Bichos de estimação? – gritou Reznak. – Monstros, melhor. Monstros que se alimentam de crianças. Não podemos...

– *Silêncio* – disse Daenerys. – Não falaremos sobre isso.

Reznak se encolheu, vacilando diante da fúria no tom de voz da rainha.

– Perdoe-me, Magnificência, eu não...

Ben Mulato Brown o interrompeu.

– Vossa Graça, os yunkaítas têm três companhias livres contra nossas duas, e dizem que um enviado foi a Volantis para trazer a Companhia Dourada. Esses bastardos chegam a dez mil. Os yunkaítas também têm três legiões ghiscaris, talvez mais, e ouvi dizer que mandaram cavaleiros pelo mar dothraki para talvez trazer algum grande *khalasar* sobre nós. Precisamos dos dragões, pelo que vejo.

Dany suspirou.

– Sinto muito, Ben. Não ouso soltar os dragões. – Ela podia ver que aquela não era a resposta que ele queria.

Plumm coçou o bigode manchado.

– Se não há dragões na balança, bem... devemos partir antes que os bastardos yunkaítas fechem a armadilha... só que, primeiro, temos que fazer os mercadores de escravos pagarem para nos verem pelas costas. Eles pagam os *khals* para deixarem suas cidades, por que não nós? Venda Meereen de volta para eles, e vamos para o oeste com as carroças cheias de ouro, pedras preciosas e coisas assim.

– Você quer que eu saqueie Meereen e fuja? Não, não farei isso. Verme Cinzento, meus libertos estão prontos para a batalha?

O eunuco cruzou os braços contra o peito.

– Não são Imaculados, mas não a envergonharão. Este um jurará isso pela lança e pela espada, Vossa Veneração.

– Bom. Isso é bom. – Daenerys olhou para os rostos dos homens ao seu redor. O Cabeça-Raspada, carrancudo. Sor Barristan, com seu rosto enrugado e tristes olhos azuis. Reznak mo Reznak, pálido, suando. Ben Mulato, cabelo brancos, pele dura como couro velho. Verme Cinzento, rosto liso, impassível, sem expressão. *Daario devia estar aqui, e meus companheiros de sangue*, pensou. *Se tiver uma batalha, o sangue do meu sangue deve estar comigo.* Sentia falta de Sor Jorah Mormont também. *Ele mentiu para mim, informou sobre mim, mas também me amava e sempre deu bons conselhos*. – Derrotei os yunkaítas antes. Eu os derrotarei novamente. Mas onde? Como?

– Pretende ir a campo? – A voz do Cabeça-Raspada estava rouca de descrença. – Isso seria tolice. Nossas muralhas são mais altas e mais grossas do que as muralhas de Astapor e nossos defensores são mais valentes. Os yunkaítas não tomarão esta cidade tão facilmente.

Sor Barristan discordou.

– Não acho que devemos permitir que invistam contra nós. As tropas deles são uma colcha de retalhos, na melhor das hipóteses. Esses mercadores de escravos não são soldados. Se os pegarmos desprevenidos...

– Pequena chance disso – falou o Cabeça-Raspada. – Os yunkaítas têm muitos amigos dentro da cidade. Eles saberão.

– Quão grande é o exército que podemos reunir? – Dany perguntou.

– Não grande o suficiente, com seu perdão real – disse Ben Mulato Plumm. – O que Naharis tem a dizer? Se estamos indo para uma batalha, precisamos de seus Corvos Tormentosos.

– Daario ainda está em campo. – *Oh, deuses, o que eu fiz? Será que o mandei para a morte?* – Ben, precisarei dos seus Segundos Filhos para observar nossos inimigos. Onde estão, quão rápido avançam, quantos homens têm e como estão dispostos.

– Precisaremos de provisões. Cavalos descansados também.

– Claro. Sor Barristan verá isso.

Ben Mulato coçou o queixo.

– Talvez pudéssemos fazer alguns deles mudarem de lado. Se Vossa Graça puder dispor de alguns sacos de ouro e pedras preciosas... só para dar uma amostra aos capitães deles, como se fosse... bem, quem sabe?

– Comprá-los, por que não? – disse Dany. Aquele tipo de coisa acontecia o tempo todo entre as companhias livres das Terras Disputadas, ela sabia. – Sim, muito bom. Reznak, veja isso. Assim que os Segundos Filhos partirem, feche os portões e dobre a vigilância sobre as muralhas.

– Será feito, Magnificência – disse Reznak mo Reznak. – E esses astaporis?

*Meus filhos*.

– Estão vindo por ajuda. Por socorro e proteção. Não podemos virar as costas para eles.

Sor Barristan franziu a testa.

– Vossa Graça, fiquei sabendo que o fluxo sangrento pode destruir exércitos inteiros quando se espalha sem controle. O senescal está certo. Não podemos receber os astaporis em Meereen.

Dany olhou para ele, impotente. Ainda bem que dragões não choravam.

– Será como diz, então. Nós os manteremos do lado de fora das muralhas até que essa... essa maldição siga seu curso. Faremos um acampamento para eles ao lado do rio, a oeste da cidade. Enviaremos a comida que pudermos. Talvez possamos separar os saudáveis dos doentes. – Todos estavam olhando para ela. – Terei que falar duas vezes? Vão e façam como ordenei. – Dany se levantou, passou por Ben Mulato e subiu os degraus até a doce solidão do seu terraço.

Mais de mil quilômetros separavam Meereen de Astapor, e ainda assim parecia para ela que o céu estava mais escuro a sudoeste, borrado e nebuloso com a fumaça saída da Cidade Vermelha. *Tijolos e sangue construíram Astapor, e tijolos e sangue fizeram seu povo*. O velho dito soava em sua cabeça. *Cinza e ossos são Astapor, e cinza e ossos são seu povo*. Ela tentou se lembrar do rosto de Eroeh, mas as feições da garota morta mantinham-se esfumaçadas.

Quando Daenerys finalmente se virou, Sor Barristan estava perto dela, enrolado em sua capa branca contra o frio da noite.

– Podemos encarar essa luta? – perguntou para ele.

– Homens sempre podem lutar, Vossa Graça. Em vez disso, pergunte se podemos vencer. Morrer é fácil, mas a vitória é difícil. Seus libertos são

meio treinados e inexperientes. Seus mercenários já serviram aos seus inimigos, e uma vez que um homem vira sua casaca, não terá escrúpulos para virá-la novamente. Você tem dois dragões que não podem ser controlados e um terceiro que pode estar perdido. Além dessas muralhas, seus únicos amigos são os lhazarenos, que não têm gosto pela guerra.

– Mas minhas muralhas são fortes.

– Não mais fortes do que quando estávamos fora delas. E os Filhos da Harpia estão dentro das muralhas, conosco. Assim como os Grandes Mestres, tanto aqueles que você não matou quanto os filhos daqueles que você matou.

– Eu sei. – A rainha suspirou. – O que me aconselha, sor?

– Batalha – disse Sor Barristan. – Meereen está superpovoada e cheia de bocas famintas e você tem muitos inimigos aqui dentro. Não podemos suportar um cerco longo, eu temo. Deixe-me encontrar os inimigos enquanto eles vêm para o norte, em um campo de minha própria escolha.

– Encontrar o inimigo – ela repetiu –, com os libertos que você diz que são meio treinados e inexperientes.

– Todos nós fomos inexperientes alguma vez, Vossa Graça. Os Imaculados ajudarão a endurecê-los. Se eu tivesse quinhentos cavaleiros...

– Ou cinco. E se eu lhe der os Imaculados, não terei ninguém além das Bestas de Bronze para defender Meereen. – Quando Sor Barristan não contestou, Dany fechou os olhos. *Deuses,* rezou, *vocês tomaram Khal Drogo, que era meu sol-e-estrelas. Tomaram nosso valente filho antes que ele respirasse. Vocês já tiveram seu sangue de mim. Ajudem-me agora, eu oro para vocês. Me deem sabedoria para ver o caminho adiante e a força para fazer o que tiver que fazer para manter meus filhos a salvo.*

Os deuses não responderam.

Quando abriu os olhos novamente, Daenerys disse:

– Não posso lutar contra dois inimigos, um do lado de dentro e outro do lado de fora. Se vou manter Meereen, devo ter a cidade ao meu lado. A cidade inteira. Preciso... preciso... – Ela não conseguia dizer aquilo.

– Vossa Graça? – Sor Barristan induziu, gentilmente.

*Uma rainha não pertence a si mesma, mas ao seu povo.*

– Preciso de Hizdahr zo Loraq.

# Melisandre

Nunca estava verdadeiramente escuro nos aposentos de Melisandre.

Três velas de sebo queimavam sobre o peitoril da janela para manter os terrores da noite acuados. Mais quatro tremulavam ao redor de sua cama, duas de cada lado. Na lareira, o fogo queimava dia e noite. A primeira lição daqueles que a serviam era aprender que aquele fogo jamais devia se extinguir.

A sacerdotisa vermelha fechou os olhos e disse uma oração, abriu-os então novamente para encarar o fogo da lareira. *Uma vez mais*. Tinha que ter certeza. Muitos sacerdotes e sacerdotisas antes dela haviam sido derrubados por visões falsas, por ver o que desejavam ver, em vez daquilo que o Senhor da Luz enviava. Stannis estava marchando para o Sul, direto para o perigo, o rei que carregava o destino do mundo sobre os ombros, Azor Ahai renascido. Certamente R'hllor outorgaria a ela um relance do que aguardava por ele. *Mostre-me Stannis, Senhor*, rezou. *Mostre-me seu rei, seu instrumento*.

Visões dançaram diante dela, douradas e escarlate, cintilando, criando formas, mesclando-se e dissolvendo-se umas nas outras, formas estranhas, aterrorizantes e sedutoras. Viu os rostos sem olhos novamente, encarando-a com os buracos que choravam sangue. Então viu torres à beira-mar, desintegrando-se quando a maré negra veio varrendo sobre elas, levantando-se das profundezas. Sombras com o formato de caveiras, caveiras que se tornavam névoa, corpos agarrados em luxúria, contorcendo-se, rolando e arranhando-se. Através de cortinas de fogo, grandes sombras aladas revoluteavam contra o firme céu azul.

*A garota. Preciso encontrar a garota novamente, a garota de cinza no cavalo moribundo*. Jon Snow esperaria isso dela, e logo. Não seria suficiente dizer que a garota estava fugindo. Ele iria querer mais, iria querer o quando e o onde, e ela não tinha isso para ele. Vira a garota

apenas uma vez. *Uma garota tão cinzenta quanto as cinzas, e assim que olhei para ela, ela se desfez em pedaços e desapareceu.*

Um rosto se formou na lareira. *Stannis?,* ela pensou, só por um momento... mas não, essas não eram as feições dele. *Um rosto endurecido como madeira, um cadáver branco*. Era este o inimigo? Milhares de olhos vermelhos flutuavam nas chamas que subiam. *Ele me vê*. Ao lado dele, um menino com rosto de lobo jogou a cabeça para trás e uivou.

A sacerdotisa vermelha estremeceu. Sangue escorreu de sua coxa, negro e defumado. O fogo estava dentro dela, uma agonia, um êxtase, enchendo-a, queimando-a, transformando-a. Ondas de calor traçavam padrões em sua pele, insistentes como as mãos de um amante. Estranhas vozes a chamavam do passado.

– Melony – ela ouviu uma mulher gritar.

Uma voz de homem chamou:

– Lote Sete.

Estava chorando, e suas lágrimas eram chamas. E, mesmo assim, ela as bebia.

Flocos de neve rodopiavam do céu escuro, e cinzas subiam para encontrá-los, o cinza e o branco girando um ao redor do outro como flechas flamejantes arqueadas acima de uma muralha de madeira e coisas mortas cambaleando silenciosamente pelo frio, sob um grande penhasco cinza onde fogos queimavam dentro de centenas de cavernas. Então o vento se ergueu e a névoa branca veio tomando tudo, incrivelmente fria, e, um a um, os fogos se apagaram. Depois, apenas as caveiras permaneceram.

*Morte*, pensou Melisandre. *As caveiras são a morte*.

As chamas crepitavam suavemente, e em seu crepitar ela ouviu uma voz sussurrando o nome de Jon Snow. Seu rosto comprido flutuou diante dela, delineado em chamas vermelhas e laranja, aparecendo e desaparecendo novamente, meio escondido atrás de uma cortina esvoaçante. Primeiro ele era um homem, depois um lobo, no fim um homem novamente. Mas as caveiras estavam ali também, as caveiras estavam todas ao redor dele. Melisandre vira o perigo que ele corria antes e tentara avisar o rapaz. *Inimigos ao redor dele, adagas na escuridão*. Ele não ouviria.

Descrentes nunca ouviam, até que fosse tarde demais.

– O que você vê, minha senhora? – o garoto perguntou, suavemente.

*Caveiras. Milhares de caveiras, e o garoto bastardo novamente. Jon Snow.* Sempre que lhe perguntavam o que vira nas chamas, Melisandre respondia:

– Muito e ainda mais – mas ver nunca era tão simples quanto essas palavras sugeriam. Era uma arte e, como todas as artes, exigia maestria, disciplina, estudo. *Dor. Isso também*. R'hllor falava com seus escolhidos através do fogo sagrado, em uma linguagem de cinzas, brasas e chamas retorcidas que apenas um deus poderia realmente compreender. Melisandre praticara sua arte por anos além da conta e pagara o preço. Não havia ninguém, nem mesmo na sua ordem, que tivesse sua habilidade em ver os segredos meio revelados e meio ocultos nas chamas sagradas.

Até agora, ela não tinha tido uma visão sequer de seu rei. *Rezo por um vislumbre de Azor Ahai, e R'hllor me mostra apenas Snow.*

– Devan – chamou –, uma bebida. – Sua garganta estava em carne viva e seca.

– Sim, minha senhora. – O garoto serviu um copo de água do jarro de pedra sob a janela e trouxe para ela.

– Obrigada. – Melisandre tomou um gole, engoliu e deu um sorriso ao garoto. Aquilo o fez corar. O garoto estava meio apaixonado por ela, ela sabia. *Ele me teme, ele me quer e ele me venera*.

Por outro lado, Devan não estava feliz em estar ali. O garoto tinha um grande orgulho de servir como escudeiro do rei e ficara magoado quando Stannis ordenara que permanecesse em Castelo Negro. Como qualquer garoto de sua idade, tinha a cabeça cheia de sonhos de glória; sem dúvida, havia imaginado as proezas que exibiria em Bosque Profundo. Outros garotos de sua idade foram para o sul, para servir como escudeiros dos cavaleiros do rei e cavalgar nas batalhas ao lado deles. A exclusão de Devan deve ter parecido uma reprimenda, uma punição por alguma falha de sua parte, ou talvez por alguma falha de seu pai.

Na verdade, ele estava ali porque Melisandre pedira. Os quatro filhos mais velhos de Davos Seaworth haviam perecido na Batalha da Água Negra, quando a frota do rei fora consumida pelo fogo verde. Devan era o quinto, e estava mais seguro ali, com ela, do que ao lado do rei. Lorde

Davos não a agradeceria por aquilo, não mais do que o próprio garoto, mas parecia a ela que Seaworth já sofrera perdas demais. Equivocado como ele era, sua lealdade para com Stannis não podia ser questionada. Ela vira em suas chamas.

Devan era rápido, esperto e capaz também, o que era mais do que podia ser dito sobre a maioria dos que a atendiam. Stannis deixara uma dúzia de homens para trás, para servi-la, quando marchara para o sul, mas a maioria deles era inútil. Sua Graça tinha necessidade de todas as espadas, então os que podia dispensar eram anciãos ou aleijados. Um homem ficara cego com uma pancada na cabeça na batalha pela Muralha, outro não podia andar desde que seu cavalo caiu e esmagou suas pernas. Seu oficial perdera um braço para o porrete de um gigante. Três de seus outros guardas eram eunucos que Stannis castrara por estuprarem mulheres selvagens. Ela tinha dois bêbados e um covarde também. O último deveria ter sido enforcado, como o próprio rei admitira, mas vinha de uma família nobre, e seu pai e irmãos eram apoiadores da causa desde o início.

Ter guardas ao seu redor sem dúvida mantinha os irmãos negros devidamente respeitosos, a sacerdotisa vermelha sabia, mas nenhum dos homens que Stannis lhe dera seria de muita ajuda se ela se encontrasse em perigo. Mas não importava. Melisandre de Asshai não temia por si mesma. R'hllor a protegeria.

Tomou outro gole de água, colocou o copo de lado, pestanejou, espreguiçou-se e se levantou da cadeira, seus músculos duros e doloridos. Depois de observar as chamas por tanto tempo, levou alguns momentos para se acostumar com a penumbra. Seus olhos estavam secos e cansados, mas, se os esfregasse, só piorariam.

O fogo estava baixo, percebeu.

– Devan, mais lenha. Que horas são?

– Já é quase amanhecer, minha senhora.

*Amanhecer. Outro dia nos é dado, com a graça de R'hllor. Os terrores da noite retrocedem*. Melisandre passara a noite na cadeira ao lado do fogo, como frequentemente fazia. Com a partida de Stannis, sua cama tinha pouco uso. Não tinha tempo para dormir, com o peso do mundo sobre seus ombros. E tinha medo de sonhar. *Dormir é uma pequena morte, sonhos são sussurros do Outro que quer nos arrastar para a noite*

*eterna*. Preferia sentar-se banhada pelo brilho avermelhado das chamas do seu senhor vermelho, seu rosto enrubescendo pelas ondas de calor como se fossem beijos de um amante. Algumas noites, ela dormitava, mas nunca mais do que uma hora. Um dia, Melisandre esperava, não dormiria mais. Um dia estaria livre dos sonhos. *Melony*, pensou. *Lote Sete.*

Devan colocou novas toras no fogo, até que as chamas se levantaram novamente, ferozes e furiosas, empurrando as sombras para os cantos do quarto, devorando todos os sonhos indesejados dela. *A escuridão retrocede novamente... por algum tempo. Mas, além da Muralha, o inimigo fica cada vez mais forte, e se ele vencer, o amanhecer nunca chegará novamente*. Ela se perguntava se teria sido o rosto dele que havia visto, olhando para as chamas. *Não. Certamente, não. A visão dele teria sido mais assustadora do que aquilo, fria, negra e terrível demais para qualquer homem contemplar e viver.* Mas o homem endurecido como madeira que ela vislumbrara e o garoto com o rosto de lobo... eram servos dele, certamente... campeões dele, como Stannis era o dela.

Melisandre foi até a janela e empurrou as persianas, para abri-las. Lá fora, o leste apenas começava clarear, e as estrelas da manhã ainda estavam penduradas no céu escuro. Castelo Negro iniciava sua agitação, enquanto homens de manto negro faziam seu caminho pelo pátio para quebrar o jejum com uma tigela de mingau antes de renderem seus irmãos no alto da Muralha. Alguns flocos de neve entraram pela janela aberta, flutuando com o vento.

– Minha senhora deseja quebrar seu jejum? – perguntou Devan.

*Comida. Sim, eu deveria comer*. Alguns dias ela se esquecia. R'hllor a provia com todos os nutrientes que seu corpo precisava, mas isso era algo que era melhor manter oculto dos homens mortais.

Era de Jon Snow que ela precisava, não de pão frito e torresmo, mas não adiantaria nada enviar Devan ao Senhor Comandante. Ele não atenderia aos chamados dela. Snow decidira continuar vivendo atrás do arsenal, em um par de cômodos modestos previamente ocupados pelo último ferreiro da Patrulha. Talvez não se achasse digno da Torre do Rei, ou talvez não se importasse. Isso era um erro, a falsa humildade da juventude que, em si, era um tipo de orgulho. Nunca foi sábio para um

governante evitar as armadilhas do poder, pois o poder flui em quantidades não pequenas de tais armadilhas.

O garoto não era inteiramente ingênuo, contudo. Ele sabia que melhor do que ir aos aposentos de Melisandre como um suplicante, era insistir que viesse procurá-lo quando ela quisesse falar com ele. E, frequentemente, quando ela ia, ele a deixava esperando, ou se recusava a vê-la. Nisso, pelo menos, era astuto.

– Quero chá de urtiga, um ovo cozido e pão com manteiga. Pão fresco, por favor, não frito. Encontre o selvagem também. Diga que preciso falar com ele.

– Camisa de Chocalho, minha senhora?

– E rápido.

Quando o garoto partiu, Melisandre se lavou e trocou suas vestes. Suas mangas eram cheias de bolsos ocultos, e ela os examinou cuidadosamente, como fazia todas as manhãs, para ter certeza de que todos os seus pós estavam no lugar. Pós para fazer o fogo ficar verde, azul ou prateado, pós para fazer a chama rugir, assobiar e subir mais alto do que um homem, pós para fazer fumaça. Uma fumaça para a verdade, uma fumaça para a luxúria, uma fumaça para o medo, e uma grossa fumaça negra que podia matar um homem instantaneamente. A sacerdotisa vermelha se armava com uma pitada de cada um deles.

A arca esculpida que trouxera do outro lado do mar estreito agora estava mais de três quartos vazia. E, embora Melisandre tivesse o conhecimento para fazer mais, faltavam-lhe ingredientes raros. *Meus feitiços devem ser suficientes*. Estava mais forte na Muralha, mais forte até mesmo do que em Asshai. Cada palavra e cada gesto eram mais potentes, e ela conseguia fazer coisas que nunca fizera antes. *As sombras que trarei para cá serão terríveis, e nenhuma criatura da escuridão permanecerá diante delas*. Com tais feitiçarias sob seu comando, logo não deveria mais precisar daqueles fracos truques de alquimistas e piromantes.

Fechou a arca, trancou-a e escondeu a chave nas saias, em algum bolso secreto. Então veio uma batida na porta. Seu oficial sem um braço apareceu com o som trêmulo da batida.

– Senhora Melisandre, o Senhor dos Ossos chegou.

– Mande-o entrar. – Melisandre sentou-se novamente na cadeira ao lado da lareira.

O selvagem usava um justilho sem mangas de couro fervido pontilhado com rebites de bronze, embaixo de um manto que misturava tons de verde e marrom. *Nenhum osso*. Estava envolto em sombras, também, em tufos de névoa cinzenta que se desfaziam, meio ocultos, e que deslizavam por seu rosto a cada passo que dava. *Coisas feias. Tão feias quanto seus ossos*. Um bico de viúva, olhos escuros muito próximos, bochechas vermelhas, um bigode que se contorcia como um verme sobre uma boca cheia de dentes marrons quebrados.

Melisandre sentiu o calor na cavidade da garganta quando seu rubi se mexeu com a proximidade de seu servo.

– Você deixou de lado a camisa de ossos – ela observou.

– O barulho me deixa louco.

– Os ossos o protegem – ela o recordou. – Os irmãos negros não têm amor por você. Devan me disse que apenas ontem você trocou palavras com alguns deles durante a ceia.

– Algumas poucas. Eu estava comendo feijão e sopa de torresmo enquanto Bowen Marsh falava sobre o campo alto. A Velha Romã pensou que eu estava espionando ele e anunciou que não suportaria assassinos ouvindo seus conselhos. Eu disse que, se isso era verdade, talvez não devesse falar ao lado do fogo. Bowen ficou vermelho e fez alguns sons abafados, mas isso foi tudo. – O selvagem sentou-se na beirada da janela, deslizando sua adaga da bainha. – Se algum corvo quiser deslizar uma faca entre minhas costelas enquanto eu estiver tomando alguma sopa, sua tentativa será bem-vinda. A gororoba de Hobb teria um gosto melhor com uma gota de sangue para temperá-la.

Melisandre não prestou atenção no aço nu. Se o selvagem pretendesse feri-la, ela teria visto nas chamas. Perigo contra sua própria pessoa fora a primeira coisa que aprendera a ver, ainda quando era meio criança, uma garota escrava comprometida por toda a vida com o grande templo vermelho. Ainda era a primeira coisa pela qual procurava todas as vezes que olhava para dentro do fogo.

– É com os olhos deles que deve se preocupar, não com suas facas – ela o avisou.

– A sedução, sim. – No grilhão de ferro negro em seu pulso, o rubi parecia pulsar. Ele bateu na pedra com a ponta de sua lâmina. O metal fez um suave *estalido* contra a pedra. – Sinto isso quando estou dormindo. Quente contra minha pele, mesmo através do ferro. Suave como um beijo de mulher. *Seu* beijo. Mas algumas vezes, em meus sonhos, ele começa a queimar, e seus lábios se transformam em dentes. Todo dia eu penso em como seria fácil arrancá-lo, e todo dia eu não o arranco. Devo vestir os malditos ossos também?

– O feitiço é feito de sombras e sugestões. Homens veem o que esperam ver. E os ossos são parte disso. – *Eu estava errada em poupar este?* – Se a sedução falhar, eles o matarão.

O selvagem começou a tirar sujeira debaixo da unha com a ponta da adaga.

– Cantei minhas canções, lutei minhas batalhas, bebi vinho do verão, experimentei a esposa de um dornense. Um homem deve morrer do jeito que viveu. No meu caso, isso significa aço na mão.

*Ele sonhou com a morte? Pode o inimigo tê-lo tocado? A morte é seu domínio, e mortos são seus soldados*.

– Você deve ter seu aço de volta muito em breve. O inimigo está se movendo, o inimigo verdadeiro. E os patrulheiros de Lorde Snow retornarão antes que o dia termine, com seus olhos cegos e sangrentos.

Os olhos do selvagem se estreitaram. Olhos cinzentos, olhos castanhos; Melisandre podia ver a cor mudar com cada pulsação do rubi.

– Arrancar os olhos, isso é trabalho do Chorão. O melhor corvo é o corvo cego, ele gostava de dizer. Algumas vezes penso que ele gostaria de arrancar os próprios olhos, que estão sempre lacrimejantes e coçando. Snow imaginou que o povo livre iria até Tormund, para que ele os liderasse, porque é o que ele faria. Ele gostava de Tormund, e a velha fraude gostava dele também. Mas se for o Chorão... isso não seria bom. Nem para ele, nem para nós.

Melisandre assentiu solenemente, como se tivesse guardado as palavras dele no coração, mas esse Chorão não importava. Ninguém do povo livre importava. Eram um povo perdido, um povo condenado, destinado a desaparecer da terra, como os filhos da floresta tinham desaparecido. Mas essas não eram palavras que ele gostaria de ouvir, e ela não se arriscaria em perdê-lo, não agora.

– Quão bem você conhece o Norte?

Ele guardou a lâmina.

– Tão bem quanto qualquer patrulheiro. Algumas partes mais do que outras. O Norte é muito grande. Por quê?

– A garota – ela disse. – A garota de cinza em um cavalo moribundo. A irmã de Jon Snow. – Quem mais poderia ser? Ela estava correndo para ele em busca de proteção, isso Melisandre vira claramente. – Eu a vi em minhas chamas, mas apenas uma vez. Temos que ganhar a confiança do Senhor Comandante, e a única maneira de fazer isso é salvando a garota.

– Eu salvando ela, você quer dizer? O Senhor dos Ossos? – ele riu. – Ninguém jamais confiou em Camisa de Chocalho, exceto tolos. Snow não é tolo. Se sua irmã precisa ser salva, ele mandará seus corvos. Eu mandaria.

– Ele não é você. Ele fez seus votos, e isso significa viver por eles. A Patrulha da Noite não toma partido. Mas você não é da Patrulha da Noite. Você pode fazer o que ele não pode.

– Se o seu senhor comandante de pescoço duro permitir. Seu fogo mostrou onde encontrar a garota?

– Vi água. Profunda, azul e calma, com uma fina crosta de gelo se formando sobre ela. Parecia continuar e continuar para sempre.

– Lago Longo. O que mais você viu ao redor dessa garota?

– Montanhas. Campos. Árvores. Um cervo, uma vez. Pedras. Ela fica bem longe das aldeias. Quando pode, cavalga no leito dos pequenos riachos, para afastar os caçadores do seu rastro.

Ele franziu o cenho.

– Isso torna difícil. Ela estava vindo em direção norte, você diz. O lago estava a leste ou a oeste dela?

Melisandre fechou os olhos, recordando-se.

– Oeste.

– Ela não está vindo pela estrada do rei, então. Garota esperta. Há menos testemunhas do outro lado, e mais cobertura. E alguns esconderijos que eu mesmo usei nos tempos... – Ele se calou ao som do berrante de guerra e ficou em pé rapidamente. Em todo Castelo Negro, Melisandre sabia, o mesmo silêncio repentino caíra, e cada homem e garoto se virara para a Muralha, ouvindo, esperando. Um sopro longo no berrante significava patrulheiros retornando, mas dois...

*O dia chegou*, pensou a sacerdotisa vermelha. *Lorde Snow terá que me ouvir agora.*

Depois que o longo grito lúgubre do berrante sumiu, o silêncio pareceu estender-se por uma hora. O selvagem finalmente quebrou o feitiço.

– Apenas um, então. Patrulheiros.

– Patrulheiros mortos. – Melisandre ficou em pé também. – Vá colocar seus ossos e espere. Eu voltarei.

– Eu deveria ir com você.

– Não seja tolo. Assim que encontrarem o que vão encontrar, a visão de qualquer selvagem vai inflamá-los. Fique aqui até que o sangue deles tenha tempo de esfriar.

Devan estava subindo os degraus da Torre do Rei, enquanto Melisandre descia, flanqueada por dois dos guardas que Stannis lhe deixara. O garoto levava seu desjejum meio esquecido em uma bandeja.

– Esperei que Hobb tirasse pães frescos do forno, minha senhora. Ainda estão quentes.

– Deixe isso em meus aposentos. – O selvagem comeria, provavelmente. – Lorde Snow precisa de mim, para lá da Muralha. – *Ele ainda não sabe, mas logo...*

Lá fora, a neve começara a cair. Uma multidão de corvos havia se reunido ao redor do portão quando Melisandre e sua escolta chegaram, mas abriram caminho para a sacerdotisa vermelha. O Senhor Comandante a precedera através do gelo, acompanhado por Bowen Marsh e vinte lanceiros. Snow também enviara uma dúzia de arqueiros para o alto da Muralha, para o caso de algum inimigo estar escondido na floresta próxima. Os guardas no portão não eram homens da rainha, mas lhe deram passagem do mesmo jeito.

Era frio e escuro sob o gelo, no estreito túnel que se retorcia e deslizava através da Muralha. Morgan seguiu à frente dela com uma tocha e Merrel veio atrás, com um machado. Os dois homens eram bêbados sem esperança, mas estavam sóbrios a essa hora da manhã. Homens da rainha, ao menos no nome, ambos tinham um temor saudável dela, e Merrel podia ser formidável quando não estava bêbado. Não precisaria deles hoje, mas Melisandre fazia questão de manter um par de guardas com ela aonde quer que fosse. Isso transmitia uma certa mensagem. *As armadilhas do poder.*

Quando saíram ao norte da Muralha, a neve caía de forma constante. Um esfarrapado cobertor branco cobria a terra rasgada e torturada que se estendia da Muralha até o início da floresta assombrada. Jon Snow e seus irmãos negros estavam reunidos ao redor de três lanças, a uns vinte metros de distância.

As lanças tinham dois metros e meio de comprimento e eram feitas de freixo. A da esquerda tinha uma suave curvatura, mas as outras duas eram lisas e retas. No topo de cada uma estava empalada uma cabeça decepada. Suas barbas estavam cheias de gelo, e a neve que caía lhes dera capuzes brancos. Seus olhos tinham sumido, apenas buracos vazios restavam, buracos negros e sangrentos que encaravam em silenciosa acusação.

– Quem eram? – Melisandre perguntou para os corvos.

– Jack Negro Bulwer, Hal Peludo e Garth Pena-Cinza – Bowen Marsh disse solenemente. – O chão está meio congelado. Os selvagens devem ter levado metade da noite para fincar as lanças tão fundo. Ainda podem estar por perto. Nos observando. – O Senhor Intendente olhou para a fileira de árvores.

– Pode haver centenas deles lá – disse um irmão negro com um rosto sisudo. – Podem ser milhares.

– Não – disse Jon Snow. – Eles deixaram seus presentes na escuridão da noite e fugiram. – Seu imenso lobo gigante branco rondava as hastes, farejando, então levantou a perna e mijou na lança que segurava a cabeça de Jack Negro Bulwer. – Fantasma teria sentido o cheiro deles se estivessem por aqui.

– Espero que o Chorão tenha queimado os corpos deles – disse o homem sisudo, aqueles a quem chamavam de Edd Doloroso. – De outra forma, podem vir procurar suas cabeças.

Jon Snow agarrou a lança que segurava Garth Pena-Cinza e a arrancou violentamente do solo.

– Tirem os outros dois – ordenou, e quatro de seus corvos correram para obedecer.

As bochechas de Bowen Marsh estavam vermelhas de frio.

– Nunca deveríamos ter enviado patrulheiros.

– Este não é o momento nem lugar para cutucar essa ferida. Não aqui, meu senhor. Não agora. – Para os homens lutando com as lanças, Snow

disse: – Levem as cabeças e queimem-nas. Não deixem nada além de ossos. – Somente então pareceu notar Melisandre. – Minha senhora. Caminhe comigo, se quiser.

*Finalmente*.

– Se for do agrado do Senhor Comandante.

Enquanto caminhavam sob a Muralha, ela deslizou o braço pelo dele. Morgan e Merrel iam à frente, Fantasma rondando em seus calcanhares. A sacerdotisa não falou, mas diminuiu o passo deliberadamente e, onde pisava, o gelo começava a gotejar. *Ele não deixará de notar isso.*

Sob a grade de ferro de um mata-cão, Snow quebrou o silêncio, como ela sabia que faria.

– E os outros seis?

– Não os vi – Melisandre disse.

– Você olhou?

– É claro, meu senhor.

– Recebemos um corvo de Sor Denys Mallister da Torre Sombria – Jon Snow contou para ela. – Seus homens têm visto fogueiras nas montanhas do outro lado da Garganta. Selvagens se juntando, Sor Denys acredita. Ele acha que tentarão pressionar a Ponte das Caveiras novamente.

– Alguns podem. – Poderiam as caveiras de sua visão significar essa ponte? De alguma maneira, Melisandre achava que não. – Se vierem, esse ataque não será mais do que uma diversão. Vi torres à beira-mar, submersas em uma maré negra e sangrenta. É aí onde o ataque mais pesado cairá.

– Atalaialeste?

*Será?* Melisandre vira Atalaialeste do Mar com o Rei Stannis. Era onde Sua Graça deixara a Rainha Selyse e a filha deles, Shireen, quando reunira os cavaleiros para marchar para o Castelo Negro. As torres em suas chamas eram bem diferentes, mas isso era frequente em suas visões.

– Sim. Atalaialeste, meu senhor.

– Quando?

Ela estendeu as mãos.

– Amanhã. Na próxima lua. Em um ano. E pode ser que, se agir, você possa evitar completamente o que vi. – *De outro modo, para que serviriam as visões?*

– Bom – disse Snow.

A multidão de corvos tinha dobrado de tamanho no momento em que emergiram de baixo da Muralha. Os homens se espremiam em torno deles. Melisandre conhecia uns poucos pelo nome; o cozinheiro Hobb Três-Dedos, Mully, com seu cabelo laranja oleoso, o garoto estúpido chamado Owen, o Idiota, o bêbado Septão Celladar.

– É verdade, senhor? – perguntou Hobb Três-Dedos.

– Quem é? – perguntou Owen, o Idiota. – Não é Dywen, é?

– Nem Garth – disse um homem da rainha que ela conhecia como Alf de Runnymudd, um dos primeiros a trocar seus sete deuses falsos pela verdade de R'hllor. – Garth é esperto demais para aqueles selvagens.

– Quantos? – quis saber Mully.

– Três – Jon contou para eles. – Jack Negro, Hal Peludo e Garth.

Alf de Runnymudd deu um grito alto o suficiente para acordar quem estivesse dormindo na Torre Sombria.

– Coloque-o na cama e dê um vinho quente para ele – Jon disse para Hobb Três-Dedos.

– Lorde Snow – Melisandre disse calmamente. – Viria comigo até a Torre do Rei? Tenho mais para compartilhar com você.

Ele olhou para o rosto dela por um longo momento, com aqueles frios olhos cinzentos. Sua mão direita fechou, abriu, fechou novamente.

– Como quiser. Edd, leve Fantasma de volta aos meus aposentos.

Melisandre tomou isso como um sinal e dispensou sua própria guarda também. Cruzaram o pátio juntos, apenas os dois. A neve caía ao redor deles. Ela andava o mais perto de Jon Snow que se atrevia, perto o suficiente para sentir a desconfiança transbordando dele, como uma névoa negra. *Ele não me ama, nunca me amará, mas fará uso de mim. Muito bem*. Melisandre dançara a mesma dança com Stannis Baratheon, bem no começo. Na verdade, o jovem senhor comandante e seu rei tinham mais em comum do que qualquer um dos dois jamais estaria disposto a admitir. Stannis fora um filho mais novo vivendo à sombra do irmão mais velho, assim como Jon Snow, bastardo, sempre eclipsado por seu irmão legítimo, o herói caído que os homens chamavam de Jovem Lobo. Ambos eram descrentes por natureza, desconfiados, suspeitosos. Os únicos deuses que veneravam verdadeiramente eram a honra e o dever.

– Você não tem me perguntado sobre sua irmã – Melisandre disse, enquanto subiam os degraus em espiral da Torre do Rei.

– Eu disse para você. Não tenho irmã. Colocamos nossos parentes de lado quando pronunciamos nossas palavras. Não posso ajudar Arya, por mais que eu...

Ele se calou quando entraram nos aposentos dela. O selvagem estava ali, sentado na mesa dela, passando manteiga em um pedaço irregular de pão preto quente com sua adaga. Ele vestira a armadura de ossos, Melisandre ficou satisfeita em ver. O crânio quebrado de gigante que usava como elmo descansava no assento da janela atrás dele.

Jon Snow ficou tenso.

– Você.

– Lorde Snow. – O selvagem sorriu para eles através daquela boca de dentes marrons e quebrados. O rubi em seu pulso brilhava na luz da manhã como uma opaca estrela vermelha.

– O que está fazendo aqui?

– Quebrando meu jejum. Você é bem-vindo para partilhar.

– Não partirei pão com você.

– Você perde. O pão ainda está quente. Hobb faz isso muito bem, pelo menos. – O selvagem deu uma mordida. – Eu poderia visitar você tão facilmente, meu senhor. Aqueles guardas em sua porta são uma piada de mau gosto. Um homem que escalou a Muralha meia centena de vezes pode subir em uma janela com bastante facilidade. Mas o que de bom viria de sua morte? Os corvos apenas escolheriam alguém pior. – Mastigou, engoliu. – Fiquei sabendo dos seus patrulheiros. Você devia ter me mandado com eles.

– Para que pudesse traí-los com o Chorão?

– Estamos falando sobre traições? Qual era o nome daquela sua esposa selvagem, Snow? Ygritte, não era? – O selvagem se virou para Melisandre. – Precisarei de cavalos. Meia dúzia dos bons. E isso não é algo que eu possa fazer sozinho. Algumas das esposas de lança encurraladas na Vila Toupeira devem servir. Mulheres podem ser melhores para isso. A garota vai confiar mais nelas, e elas me ajudarão com certo estratagema que tenho em mente.

– Do que ele está falando? – Lorde Snow perguntou para ela.

– De sua irmã. – Melisandre colocou a mão no braço dele. – Você não pode ajudá-la, mas ele pode.

Snow puxou o braço.

– Acho que não. Você não conhece essa criatura. Camisa de Chocalho poderia lavar a mão uma centena de vezes ao dia e ainda teria sangue sob as unhas. Ele gostaria mais de estuprar e matar Arya do que de salvá-la. Não. Se foi isso que viu em suas chamas, minha senhora, você deve ter cinzas nos olhos. Se ele tentar deixar Castelo Negro sem minha permissão, eu mesmo cortarei a cabeça dele.

*Ele não me deixa escolha. Que assim seja.*

– Devan, deixe-nos – ela disse, e o escudeiro saiu e fechou a porta atrás de si.

Melisandre tocou o rubi em seu pescoço e falou uma palavra.

O som ecoou estranhamente pelos cantos do quarto e se torceu como um verme dentro dos ouvidos deles. O selvagem ouviu uma palavra, o corvo, outra. Nenhuma delas era a palavra que saíra dos lábios dela. O rubi no pulso do selvagem escureceu, e feixes de luz e sombra ao redor dele se contorciam e se esvaíam.

Os ossos permaneceram; o chocalho de costelas, as garras e os dentes ao longo dos braços e ombros, a grande clavícula amarelada através de seus ombros. O crânio quebrado de gigante permanecia um crânio quebrado de gigante, amarelado e rachado, com um sorriso selvagem e manchado.

Mas o bico de viúva sumiu. O bigode castanho, o queixo protuberante, a lívida carne amarelada e os pequenos olhos escuros, tudo derreteu. Dedos cinzentos rastejaram por longos cabelos castanhos. Linhas de riso apareceram no canto da boca. De uma só vez, ele ficara maior do que antes, mais largo de peito e ombros, com pernas longas e magras, o rosto sem barba e queimado pelo vento.

Os olhos cinza de Jon Snow ficaram maiores.

– Mance?

– Lorde Snow. – Mance Rayder não sorriu.

– *Ela queimou você*.

– Ela queimou o Senhor dos Ossos.

Jon Snow se virou para Melisandre.

– Que feitiçaria é essa?

– Chame como quiser. Sedução, aparição, ilusão. R'hllor é o Senhor da Luz, Jon Snow, e é dado para seus servos tecer com isso, como outros tecem com fios.

Mance Rayder riu.

– Eu também tinha minhas dúvidas, Snow, mas por que não deixá-la tentar? Era isso, ou Stannis me assando.

– Os ossos ajudam – disse Melisandre. – Os ossos se lembram. As seduções mais fortes são construídas com tais coisas. Uma bota de um homem morto, um tufo de cabelo, um saco de dedos da mão. Com palavras suspiradas e orações, a sombra de um homem pode ser tirada de um e vestida em outro como um manto. A essência de quem veste não muda, apenas sua aparência.

Ela fazia isso soar uma coisa simples e fácil. Eles não precisavam saber quão difícil tinha sido ou quanto custara para ela. Essa era uma lição que Melisandre aprendera havia muito tempo, em Asshai; quanto mais fácil o feitiço parecia, mais os homens temiam o feiticeiro. Quando as chamas lamberam Camisa de Chocalho, o rubi na garganta dela ficara tão quente que ela temera que sua própria carne começasse a soltar fumaça e ficar negra. Por sorte, Lorde Snow a livrara daquela agonia com suas flechas. Enquanto Stannis se agitara com o desafio, ela estremecera de alívio.

– Nosso falso rei tem modos espinhosos – Melisandre contou para Jon Snow –, mas não trairá você. Ainda temos o filho dele, lembre-se. E ele deve a própria vida a você.

– A mim? – Snow pareceu assustado.

– A quem mais, meu senhor? Apenas o sangue da vida dele poderia pagar por seus crimes, suas leis dizem, e Stannis Baratheon não é homem de ir contra as leis... mas, como você mesmo falou tão sabiamente, as leis dos homens acabam na Muralha. Eu lhe afirmei que o Senhor da Luz ouviria suas preces. Você queria um meio de salvar sua irmãzinha e ainda agarrar-se à honra que significa tanto para você, aos votos que jurou diante de seu deus de madeira. – Ela apontou para Mance com um dedo pálido. – Ali está, Lorde Snow. A libertação de Arya. Um presente do Senhor da Luz... e meu.

# Fedor

Primeiro ele ouviu as garotas, latindo enquanto corriam para casa. A batida dos cascos ecoando no chão pavimentado com pedra o fez ficar em pé imediatamente, as correntes chocalhando. A que estava entre seus tornozelos não tinha mais do que trinta centímetros, encurtando muito seus passos. Era difícil se mover rapidamente daquele jeito, mas fez o melhor que podia, saltando e tilintando de seu estrado. Ramsay Bolton estava de volta e iria querer seu Fedor disponível para servi-lo.

Lá fora, sob um frio céu outonal, os caçadores entravam pelos portões. Ben Ossos vinha na frente, com as garotas uivando e latindo ao seu redor. Atrás vinham Peleiro, Alyn Azedo e Damon Dance-para-Mim, com seu longo chicote engordurado, e logo depois os Walder cavalgando os potros cinzentos que a Senhora Dustin dera para eles. Sua senhoria cavalgava Sangue, um garanhão vermelho com um temperamento que combinava com o de Ramsay Bolton. Ele estava rindo. Aquilo podia ser muito bom ou muito ruim, Fedor sabia.

As cadelas estavam em cima dele antes que pudesse se dar conta, atraídas pelo seu cheiro. As cadelas gostavam de Fedor; ele frequentemente dormia com elas, e algumas vezes Ben Ossos deixava que ele dividisse o jantar dos animais. A matilha correu pelo chão de pedras latindo, correndo ao redor dele, pulando para lamber seu rosto sujo, beliscando-lhe a perna. Helicent pegou sua mão esquerda entre os dentes e a apertou tão ferozmente que ele ficou com medo de perder mais dois dedos. Jeyne Vermelha saltou em seu peito e o fez cair. Ela era magra e musculosa, enquanto Fedor era pele cinzenta solta e ossos quebradiços, um faminto de cabelos brancos.

Os homens estavam desmontando quando Fedor empurrou Jeyne Vermelha e lutara para ficar de joelhos. Duas dúzias de homens a cavalo haviam partido e duas dúzias retornavam, o que significava que a busca

fora um fracasso. Isso era mau. Ramsay não gostava do gosto do fracasso. *Ele vai querer machucar alguém*.

Ultimamente, seu senhor estava sendo forçado a se conter, pois Vila Acidentada estava cheia de homens cujo apoio a Casa Bolton precisava, e Ramsay sabia ser cuidadoso perto dos Dustin, dos Ryswell e de seus companheiros fidalgotes. Com eles, era sempre cortês e sorridente. Atrás de portas fechadas, era outra coisa.

Ramsay Bolton estava vestido como condizia ao senhor de Hornwood e herdeiro de Forte do Pavor. Seu manto era feito de peles de lobo costuradas e preso contra o frio do outono por um dente amarelado da cabeça do lobo em seu ombro direito. Em um quadril, usava uma cimitarra, com a lâmina tão grossa e pesada quanto um cutelo; no outro, uma adaga comprida e uma pequena faca curva de esfolar, com uma ponta em forma de gancho e as bordas afiadas. Todas as três lâminas tinham punhos de osso amarelo combinando.

– Fedor – sua senhoria chamou do alto da sela de Sangue –, você fede. Posso senti-lo do outro lado do pátio.

– Eu sei, meu senhor – Fedor teve que dizer. – Peço perdão.

– Eu lhe trouxe um presente. – Ramsay se virou, procurou atrás de si, puxou algo da sela e arremessou. – Pegue.

Entre a corrente, os grilhões e seus dedos perdidos, Fedor era mais desajeitado do que fora antes de aprender seu nome. A cabeça bateu em suas mãos mutiladas, escapou dos tocos dos dedos e aterrissou em seus pés, cheia de vermes. Achava-se tão incrustada de sangue seco que estava irreconhecível.

– Falei para pegar – disse Ramsay. – Apanhe isso.

Fedor tentou levantar a cabeça pela orelha. Isso não foi bom. A carne estava verde e apodrecida, e a orelha se soltou entre seus dedos. Pequeno Walder riu, e um momento depois todos os outros homens estavam rindo também.

– Oh, deixe isso aí – disse Ramsay. – Apenas cuide do Sangue. Cavalguei duro no bastardo.

– Sim, meu senhor. Cuidarei. – Fedor correu para o cavalo, deixando a cabeça decepada para as cadelas.

– Você cheira a merda de porco hoje, Fedor – disse Ramsay.

– Nele, isso é uma melhoria – disse Damon Dance-para-Mim, sorrindo enquanto enrolava o chicote.

Pequeno Walder pulou da sela.

– Você pode cuidar do meu cavalo também, Fedor. E o do meu priminho.

– Posso cuidar do meu próprio cavalo – disse Grande Walder. Pequeno Walder se tornara o favorito de Lorde Ramsay, e cada dia parecia mais com seu senhor, mas o menor dos Frey era feito de material diferente, e raramente tomava parte nos jogos e nas crueldades do primo.

Fedor não prestou atenção aos escudeiros. Levou Sangue em direção aos estábulos, saltando para o lado quando o garanhão tentou dar-lhe um coice. Os caçadores entraram no salão, todos menos Ben Ossos, que estava xingando as cadelas para que parassem de brigar pela cabeça decepada.

Grande Walder o seguiu até os estábulos, levando sua própria montaria. Fedor deu uma olhada para ele enquanto removia o freio de Sangue.

– Quem era ele? – perguntou suavemente, para que os outros cavalariços não pudessem escutar.

– Ninguém. – Grande Walder puxou a sela de seu cinzento. – Um velho que encontramos na estrada, só isso. Estava pastoreando uma velha cabra e quatro filhotes.

– Sua senhoria o matou pelas cabras?

– Sua senhoria o matou porque o homem o chamou de Lorde Snow. Mas as cabras estavam boas. Nós ordenhamos a mãe e assamos os filhotes.

*Lorde Snow*. Fedor assentiu, suas correntes tilintando enquanto lutava com as tiras da sela de Sangue. *Independente do nome, Ramsay não é um homem para se estar perto quando está irado. Ou quando não está*.

– Encontraram seus primos, meu senhor?

– Não. Nunca achei que os encontraríamos. Estão mortos. Lorde Wyman os matou. Isso é o que eu teria feito se fosse ele.

Fedor não disse nada. Algumas coisas não eram seguras de serem ditas, nem mesmo nos estábulos, com sua senhoria no salão. Uma palavra errada poderia custar a ele outro dedo do pé, ou mesmo da mão. *Mas não minha língua. Ele nunca arrancará minha língua. Ele gosta de me ouvir suplicar que me poupe da dor. Ele gosta de me fazer dizer isso.*

Os homens haviam estado dezesseis dias na caçada, com apenas pão duro e carne salgada para comer, além dos ocasionais filhotes roubados, então naquela noite Lorde Ramsay ordenou que um banquete deveria ser organizado para celebrar seu retorno a Vila Acidentada. Seu anfitrião, um grisalho senhor menor de um braço só, chamado Harwood Stout, sabia que era melhor não negar seu pedido, embora suas despensas devessem estar bem perto de se esvaziar. Fedor ouvira os servos de Stout murmurando sobre como o Bastardo e seus homens estavam comendo todo o estoque de inverno.

– Ele vai se casar com a filhinha de Lorde Eddard, dizem – a cozinheira de Stout reclamou, sem perceber que Fedor estava ouvindo –, mas é a gente que ele vai foder quando a neve começar, escrevam minhas palavras.

Mas Lorde Ramsay decretara um banquete, então haveria um banquete. Tábuas e cavaletes foram montados no salão de Stout, um boi foi abatido, e naquela noite, quando o sol se pôs, os caçadores de mãos vazias comeram assados e costelas, pão de cevada e purê de cenouras e ervilhas, e empurraram tudo para baixo com prodigiosas quantidades de cerveja.

Coube ao Pequeno Walder manter a caneca de Lorde Ramsay cheia, enquanto Grande Walder servia os demais na grande mesa. Fedor fora acorrentado ao lado das portas, para que seu cheiro não tirasse o apetite dos convidados. Ele comeria mais tarde, quaisquer que fossem os restos que Lorde Ramsay lhe enviasse. As cadelas desfrutavam os corredores do salão e proporcionavam o melhor entretenimento da noite, até Maude e Jeyne Cinza se atracarem com um dos cães de caça de Lorde Stout por causa de um osso especialmente suculento que Curto Will atirara para eles. Fedor foi o único homem no salão que não assistiu à luta dos três cães. Manteve os olhos em Ramsay Bolton.

A luta não terminou até que o cão do anfitrião estivesse morto. O velho cão de caça de Stout nunca tivera a mínima chance. Eram dois contra um, e as cadelas de Ramsay eram jovens, fortes e selvagens. Ben Ossos, que gostava mais das cadelas do que do seu mestre, contara a Fedor que todas recebiam seus nomes de garotas camponesas que Ramsay havia caçado, estuprado e matado quando ainda era um bastardo, andando com o primeiro Fedor.

– Mas só aquelas que lhe proporcionaram um bom esporte. As que choraram e imploraram e não correram não conseguiram voltar como cadelas. – A próxima ninhada a chegar aos canis de Forte do Pavor incluiria uma Kyra, ele não duvidava. – Ele as treina para matar até lobos – Ben Ossos confidenciara. Fedor não disse nada. Sabia quais lobos as garotas foram feitas para matar, mas não queria assistir às garotas lutando por um dedo seu cortado fora.

Dois servos estavam levando a carcaça do cão morto e uma velha mulher buscara esfregão, rodo e balde para lidar com o junco ensopado de sangue, quando as portas do salão se abriram com uma rajada de vento e uma dúzia de homens em cota de malha cinza e meios-elmos de ferro marcharam para dentro, passando pelos jovens guardas de rosto pálido de Stout, em corseletes de couro e mantos dourados e castanho-avermelhados. Um súbito silêncio tomou conta dos convidados... todos menos Lorde Ramsay, que jogou fora o osso que estava roendo, limpou a boca na manga, sorriu um sorriso engordurado e úmido e disse:

– Pai.

O Senhor de Forte do Pavor olhou indolentemente para os restos do banquete, para o cão morto, para as cortinas nas paredes, para Fedor em suas correntes e grilhões.

– Fora – disse para os convidados, em uma voz tão suave quanto um murmúrio. – Agora. Todos vocês.

Os homens de Lorde Ramsay se levantaram das mesas, abandonando taças e pratos. Ben Ossos deu um grito para as garotas, e elas o seguiram, com alguns ossos ainda nas mandíbulas. Harwood Stout inclinou-se rigidamente e deixou o salão sem uma palavra.

– Solte as correntes de Fedor e leve-o com você – Ramsay rosnou para Alyn Azedo, mas seu pai acenou com a mão pálida e disse:

– Não, deixe-o.

Até os próprios guardas de Lorde Roose se retiraram, puxando as portas para fechá-las atrás deles. Quando o eco desapareceu, Fedor encontrou-se sozinho no salão com os dois Bolton, pai e filho.

– Você não encontrou nossos Frey perdidos. – O jeito que Roose Bolton disse aquilo era mais uma afirmação do que uma pergunta.

– Cavalgamos até onde Lorde Lampreia afirma que tomaram caminhos separados, mas as garotas não encontraram rastro.

– Você perguntou por eles nas aldeias e estalagens.

– Um desperdício de palavras. Os camponeses devem ser cegos para tudo o que veem. – Ramsay encolheu os ombros. – Isso importa? O mundo não perderá alguns Frey. Há muitos mais lá nas Gêmeas, se tivéssemos necessidade de algum.

Lorde Roose partiu um pequeno pedaço de pão e comeu.

– Hosteen e Aenys estão angustiados.

– Deixe-os procurar se quiserem.

– Lorde Wyman culpa a si mesmo. Para ouvi-lo dizer isso, ele deve ter se apegado especialmente por Rhaegar.

Lorde Ramsay estava ficando indignado. Fedor podia ver em sua boca, na curva daqueles lábios grossos, na maneira como as veias saltavam em seu pescoço.

– Aqueles tolos deveriam ter ficado com Manderly.

Roose Bolton deu de ombros.

– A liteira de Lorde Wyman se mexe a passo de caracol... e é claro que a circunferência e a saúde de sua senhoria não o permitem viajar mais do que umas poucas horas por dia, com frequentes paradas para refeições. Os Frey estavam ansiosos para chegar a Vila Acidentada e se reunir com seus parentes. Pode culpá-los por cavalgarem na frente?

– Se é que fizeram isso. Acredita em Manderly?

Os olhos claros de seu pai brilharam.

– Eu lhe dei essa impressão? Calma. Sua senhoria está muito perturbado.

– Não tão perturbado que não possa comer. Lorde Porco deve ter trazido a metade da comida de Porto Branco com ele.

– Quarenta carroções cheios de coisas de comer. Tonéis de vinho e barris de lampreias frescas, um rebanho de cabras, uma centena de porcos, caixas de caranguejos e ostras, um bacalhau monstruoso... Lorde Wyman gosta de comer. Você deve ter notado.

– O que notei é que ele não nos trouxe reféns.

– Notei isso também.

– O que pretende fazer sobre isso?

– É um dilema. – Lorde Roose encontrou uma taça vazia, limpou-a na toalha da mesa e encheu-a de um jarro. – Manderly não está sozinho em organizar banquetes, nota-se.

– Deveria ter sido você a organizar o banquete, para celebrar meu retorno – Ramsay reclamou –, e deveria ter sido no Solar Acidentado, não nessa latrina de castelo.

– Solar Acidentado e suas cozinhas não estão a minha disposição – seu pai disse suavemente. – Sou apenas um convidado lá. O castelo e a cidade pertencem à Senhora Dustin, e ela não pode sustentá-lo lá.

O rosto de Ramsay ficou sombrio.

– Se eu cortar as tetas dela e der de comer para minhas garotas, ela me sustentará então? Ela me sustentará se eu arrancar a pele dela para fazer um par de botas para mim?

– Improvável. E essas botas sairiam caras. Elas nos custariam Vila Acidentada, a Casa Dustin e os Ryswell. – Roose Bolton sentou-se do outro lado da mesa, de frente para o filho. – Barbrey Dustin é a irmã mais nova da minha segunda esposa, filha de Rodrik Ryswell, irmã de Roger, Rickard e do meu homônimo Roose, prima dos outros Ryswell. Ela gostava do meu falecido filho e suspeita que você tenha alguma coisa a ver com a morte dele. A Senhora Barbrey é uma mulher que sabe nutrir uma mágoa. Seja grato por isso. Vila Acidentada é leal aos Bolton em grande parte porque ela ainda culpa Ned Stark pela morte do marido.

– *Leal?* – Ramsay fervilhava. – Tudo o que ela faz é cuspir em mim. Chegará o dia em que colocarei fogo em sua preciosa cidade de madeira. Deixe ela cuspir nisso, para ver se apaga as chamas.

Roose fez uma careta, como se a cerveja que estava tomando repentinamente ficasse azeda.

– Tem horas que me pergunto se você é realmente minha semente. Meus antepassados foram muitas coisas, mas nunca tolos. Não, fique quieto agora, já ouvi o suficiente. Parecemos fortes neste momento, sim. Temos amigos poderosos nos Lannister e nos Frey e o apoio relutante de grande parte do Norte... mas imagine o que vai acontecer quando um dos filhos de Ned Stark aparecer?

*Os filhos de Ned Stark estão todos mortos*, Fedor pensou. *Robb foi morto nas Gêmeas, e Bran e Rickon... nós mergulhamos as cabeças deles em alcatrão...* Sua cabeça latejava. Não queria se lembrar de nada que acontecera antes de saber seu nome. Havia coisas que magoavam demais para lembrar, pensamentos quase tão dolorosos quanto as facas de esfolar de Ramsay...

– Os lobinhos do Stark estão mortos – disse Ramsay, despejando mais cerveja em sua caneca – e permanecerão mortos. Deixe que eles mostrem suas caras feias, e minhas garotas rasgarão os lobos deles em pedaços. Quanto mais cedo aparecerem, mais cedo os matarei de novo.

O Bolton mais velho suspirou.

– *De novo?* Certamente você se expressou mal. Você nunca assassinou os filhos de Lorde Eddard, aqueles dois doces garotos que amávamos tanto. Foi trabalho de Theon Vira-Casaca, lembra? Quantos dos nossos relutantes amigos você acha que reteríamos se a verdade fosse conhecida? Apenas a Senhora Barbrey, que você transformaria em um par de botas... botas de *má qualidade*. A pele humana não é tão resistente quanto couro de vaca e não veste tão bem. Por decreto do rei você é agora um Bolton. Tente agir como um. Histórias são contadas sobre você, Ramsay. Ouço por todos os lados. O povo tem medo de você.

– Isso é bom.

– Você está enganado. Não é bom. Nenhuma história jamais foi contada sobre mim. Acha que eu estaria sentado aqui agora se tivesse sido diferente? Seus divertimentos são seus, não vou censurá-lo por isso, mas você precisa ser mais discreto. Uma terra pacífica, um povo quieto. Essa foi sempre minha regra. Torne-a sua.

– Então foi para isso que você deixou a Senhora Dustin e sua esposa gorda como uma porca? Então veio até aqui para me dizer para ficar quieto?

– Nem um pouco. Há notícias que você precisa ouvir. Lorde Stannis finalmente deixou a Muralha.

Aquilo fez com que Ramsay desse um pulo na cadeira, um sorriso brilhando em seus lábios largos e úmidos.

– Está marchando para Forte do Pavor?

– Não, infelizmente. Alnolf não entende isso. Ele jura que fez tudo o que podia para colocar a isca na armadilha.

– Imagino. Arranhe um Karstark e você encontrará um Stark.

– Depois do arranhão que o Jovem Lobo deu em Lorde Rickard, isso pode ser menos verdade do que antes. Seja como for. Lorde Stannis tomou Bosque Profundo dos homens de ferro e devolveu-o à Casa Glover. Pior, os clãs da montanha se juntaram a ele, Wull, Norrey, Liddle e os demais. Sua força está aumentando.

– A nossa é maior.

– Agora é.

– Agora é a hora de esmagá-lo. Deixe-me marchar para Bosque Profundo.

– Depois que se casar.

Ramsay bateu sua caneca, e restos de cerveja voaram por toda a toalha da mesa.

– Estou cansado de esperar. Temos uma garota, temos uma árvore e temos senhores suficientes como testemunha. Casarei com ela amanhã, plantarei um filho entre suas pernas e marcharei antes que seu sangue de donzela seque.

*Ela rezará para você marchar*, Fedor pensou, *e rezará para que você nunca volte para a cama dela.*

– Você plantará um filho nela – Lorde Bolton disse –, mas não aqui. Decidi que você deve se casar com a garota em Winterfell.

Aquela perspectiva não pareceu agradar Lorde Ramsay.

– Eu devastei Winterfell, ou se esqueceu disso?

– Não, mas parece que você sim... os *homens de ferro* devastaram Winterfell e massacraram o povo. Theon Vira-casaca.

Ramsay deu um olhar desconfiado para Fedor.

– Sim, então foi ele, mas mesmo assim... um casamento naquela ruína?

– Mesmo arruinado e destruído, Winterfell ainda é a casa da Senhora Arya. Que lugar melhor para casar com ela, levá-la para a cama e fazer valer seus direitos? Mas isso é só metade de tudo. Seríamos tolos em marchar contra Stannis. Vamos deixar Stannis marchar contra nós. Ele é cauteloso demais para vir a Vila Acidentada... mas *deve* ir a Winterfell. Os homens dos clãs não abandonarão a filha do seu precioso Ned para alguém como você. Stannis deve marchar ou os perderá... e sendo o comandante cuidadoso que é, convocará todos os seus amigos e aliados quando marchar. Ele convocará Arnolf Karstark.

Ramsay passou a língua sobre os lábios rachados.

– E nós o teremos.

– Se os deuses permitirem. – Roose se levantou. – Você se casará em Winterfell. Devo informar aos senhores que marcharemos em três dias e os convidarei para que nos acompanhem.

– Você é o Protetor do Norte. Ordene.

– Um convite terá o mesmo efeito. O poder tem um gosto melhor quando adoçado com cortesia. É melhor que aprenda isso, se pretende governar um dia. – O Senhor do Forte do Pavor olhou Fedor de relance. – Oh, e solte seu bichinho de estimação. Vou levá-lo.

– Levá-lo? Para onde? Ele é meu. Não pode pegá-lo.

Roose pareceu divertir-se com aquilo.

– Tudo o que você tem fui eu quem deu para você. Faria bem em se lembrar disso, bastardo. Quanto a esse... Fedor... se você não o destruiu além da redenção, pode ser de alguma utilidade para nós. Pegue as chaves e tire essas correntes dele, antes que você faça com que me arrependa do dia em que estuprei sua mãe.

Fedor viu a maneira como a boca de Ramsay se contorceu, a saliva brilhando entre seus lábios. Ficou com medo que pudesse saltar a mesa com a adaga na mão. Em vez disso, enrubesceu, desviou os olhos claros dos olhos claros do pai e foi pegar as chaves. Mas, quando se ajoelhou para soltar os grilhões ao redor dos pulsos e dos tornozelos de Fedor, aproximou-se e sussurrou:

– Não diga nada para ele e se lembre de todas as palavras que ele disser. Terei você de volta, não importa o que aquela puta da Dustin lhe diga. Quem é você?

– Fedor, meu senhor. Seu homem. Sou Fedor, que rima com rancor.

– Rima. Quando meu pai o trouxer de volta, pegarei outro dedo seu. Deixarei que você escolha qual.

Espontaneamente, lágrimas começaram a escorrer por seu rosto.

– Por quê? – gritou, com a voz falhando. – Nunca pedi que ele me levasse de você. Farei o que quiser, vou servir, obedecer, eu... por favor, não...

Ramsay lhe deu um tapa no rosto.

– Leve-o – disse para o pai. – Ele nem é mais um homem. O jeito que cheira me enoja.

A lua erguia-se sobre as muralhas de madeira de Vila Acidentada quando foram para fora. Fedor podia ouvir o vento varrendo as planícies onduladas além da cidade. Era menos de dois quilômetros do Solar Acidentado até a modesta fortaleza de Harwood Stout ao lado dos portões orientais. Lorde Bolton lhe ofereceu um cavalo.

– Consegue cavalgar?

– Eu... meu senhor, eu... acho que sim.

– Walton, ajude-o a montar.

Mesmo sem os grilhões, Fedor se movia como um velho. Sua carne se pendurava solta em seus ossos, e Alyn Azedo e Ben Ossos haviam dito que ele encolhera. E seu cheiro... até a égua que trouxeram se afastou quando tentou montá-la.

Mas ela era um cavalo gentil e sabia o caminho para Solar Acidentado. Lorde Bolton andou ao seu lado quando cavalgavam para fora do portão. Os guardas ficaram mais para trás, a uma distância discreta.

– Como quer que o chame? – o senhor perguntou, enquanto trotavam pelas ruas amplas e retas de Vila Acidentada.

*Fedor, sou Fedor, rima com terror.*

– Fedor – disse –, se for do agrado do meu senhor.

– ‘nhor. – Os lábios de Bolton se abriram o suficiente para mostrar meio centímetro de seus dentes. Poderia ter sido um sorriso.

Ele não entendeu.

– Meu senhor? Eu disse...

– ... meu senhor, quando deveria ter dito ‘nhor. Sua língua trai seu nascimento a cada palavra dita. Se quer soar adequadamente como um camponês, fale como se tivesse lama na boca, ou como se fosse estúpido demais para perceber que são duas palavras, não apenas uma.

– Se agradar meu... ‘nhor.

– Melhor. Seu mau cheiro é muito chocante.

– Sim, ‘nhor. Peço perdão, ‘nhor.

– Por quê? Seu cheiro é culpa do meu filho, não sua. Estou bem ciente disso. – Passaram por um estábulo e por uma pousada fechada, com um feixe de trigo pintado na placa. Fedor ouviu música através das janelas. – Conheci o primeiro Fedor. Ele fedia, mas não por falta de banho. Nunca conheci criatura mais limpa, verdade seja dita. Ele se banhava três vezes por dia e usava flores nos cabelos como se fosse uma donzela. Uma vez, quando minha segunda esposa ainda era viva, ele foi pego roubando perfume de seu quarto de dormir. Eu o chicoteei por isso, uma dúzia de chibatadas. Até seu sangue cheirava mal. No ano seguinte, ele tentou novamente. Dessa vez, bebeu o perfume e quase morreu por causa disso. Não fez diferença. O cheiro era algo que nasceu com ele. Uma maldição, o povo dizia. Os deuses fizeram com que fedesse para que os homens

soubessem que sua alma estava apodrecendo. Meu velho meistre insistia que era sinal de doença, mas o garoto era forte como um jovem touro. Ninguém podia ficar perto dele, então ele dormia com os porcos... até o dia em que a mãe de Ramsay apareceu em meus portões para exigir que eu providenciasse um servo para meu bastardo, que estava crescendo selvagem e desregrado. Era para ser engraçado, mas ele e Ramsay se tornaram inseparáveis. Mas eu realmente me pergunto... foi Ramsay quem corrompeu Fedor, ou Fedor corrompeu Ramsay? – Sua senhoria olhou para o novo Fedor com olhos tão claros e estranhos quanto duas luas brancas. – O que ele estava sussurrando enquanto soltava suas correntes?

– Ele... ele disse... – *Ele disse para não lhe falar nada.* As palavras ficaram presas em sua garganta, e ele começou a tossir e a engasgar.

– Respire fundo. Eu sei o que ele disse. Para você me espionar e guardar os segredos dele. – Bolton deu uma risadinha. – Como se ele tivesse segredos. Alyn Azedo, Luton, Peleiro e o resto, de onde ele acha que vieram? Ele realmente acredita que são seus homens?

– Seus homens – Fedor repetiu. Algum comentário era esperado dele, mas ele não sabia o que dizer.

– Meu bastardo já lhe contou como o consegui?

Aquilo ele *já* sabia, para seu alívio.

– Sim, meu... *'nhor*. Você encontrou a mãe dele enquanto cavalgava e ficou desbaratado por sua beleza.

– Desbaratado? – Bolton riu. – Ele usou essa palavra? Veja, o garoto tem uma alma de cantor... mas se acreditou nessa canção, você pode muito bem ser mais obtuso que o primeiro Fedor. Até a parte da cavalgada está errada. Eu estava caçando uma raposa pelas Águas Chorosas quando acidentalmente cheguei a um moinho e vi uma jovem mulher lavando roupas no riacho. O velho moleiro pegara para si uma nova e jovem esposa, uma garota que não tinha nem metade da idade dele. Ela era alta, uma criatura esguia, de aparência muito *saudável*. Pernas compridas e pequenos seios firmes, como duas ameixas maduras. Bonita, com um tipo comum de beleza. No momento em que coloquei os olhos nela, eu a quis. Esse foi meu tributo. Os meistres dirão a você que o Rei Jaehaerys aboliu o direito dos senhores da primeira noite para apaziguar sua perversa rainha, mas onde os velhos deuses governam o

costume permanece. Os Umber também mantêm a primeira noite, por mais que possam negar. Certos clãs das montanhas também, e em Skagos... bem, apenas as árvores-coração já viram metade do que fazem em Skagos. O casamento do moleiro acontecera sem minha permissão ou conhecimento. O homem me enganara. Então eu o enforquei e reclamei meus direitos embaixo da árvore onde ele se balançava. Verdade seja dita, a camponesa mal valeu a corda. A raposa também escapou, e no caminho de volta para Forte do Pavor, meu corcel favorito começou a mancar, então, no frigir dos ovos, foi um dia funesto. Um ano mais tarde, a mesma camponesa teve o descaramento de aparecer em Forte do Pavor com um monstro de rosto vermelho, aos berros, que afirmava ser meu. Eu teria chicoteado a mãe e jogado o menino em um poço... mas o bebê *tinha* meus olhos. Ela me contou que quando o irmão de seu falecido marido vira aqueles olhos, a espancara até sangrar e a expulsara do moinho. Aquilo me incomodou, então eu lhe dei o moinho e arranquei a língua do cunhado, para ter certeza de que ele não iria correndo para Winterfell com histórias que poderiam perturbar Lorde Rickard. A cada ano eu mandava para a mulher alguns leitões, galinhas e um saco de dinheiro, no entendimento de que ela nunca diria ao garoto quem era seu pai. Uma terra pacífica, um povo quieto, essa sempre foi minha regra.

– Uma boa regra, ‘nhor.

– Mas a mulher me desobedeceu. Você vê o que Ramsay é. Ela o fez, ela e Fedor, sempre sussurrando no ouvido dele sobre seus direitos. Ele deveria ter se contentado em moer milho. Ele realmente acredita que pode governar o Norte algum dia?

– Ele luta por você – Fedor deixou escapar. – Ele é forte.

– Touros são fortes. Ursos. Vi meu bastardo lutar. Ele não é inteiramente culpado. Fedor foi seu tutor, o primeiro Fedor, e Fedor nunca foi treinado em armas. Ramsay é feroz, eu reconheço, mas balança aquela espada como um açougueiro destroçando carne.

– Ele não teme ninguém, ‘nhor.

– Deveria. Temor é o que mantém um homem vivo neste mundo de traições e enganos. Mesmo aqui, em Vila Acidentada, os corvos estão circulando, esperando para se banquetear sobre nossos corpos. Os Cerwyn e os Tallhart não são de confiança, meu gordo amigo Lorde Wyman conspira traições, e o Terror-das-Rameiras... os Umber parecem

simples, mas têm uma certa astúcia. Ramsay deveria temer todos eles, assim como eu faço. Da próxima vez que encontrá-lo, lhe diga isso.

– Dizer para ele... dizer para ele temer? – Fedor se sentia doente só de pensar nisso. – ‘Nhor, eu... se eu fizer isso, ele vai...

– Eu sei. – Lorde Bolton suspirou. – Seu sangue é mau. Ele precisa de sanguessugas. As sanguessugas sugam o sangue ruim, toda a ira e toda a dor. Nenhum homem pode pensar tão cheio de raiva. Ramsay, contudo... seu sangue contaminado poderia envenenar até as sanguessugas, temo.

– Ele é seu único filho.

– No momento. Tive outro, uma vez. Domeric. Um garoto quieto, mas mais realizado. Serviu quatro anos como pajem da Senhora Dustin, e três no Vale como escudeiro de Lorde Redfort. Tocava harpa, lia histórias e cavalgava como o vento. Cavalos... o garoto era louco por cavalos, a Senhora Dustin lhe contará. Nem mesmo a filha de Lorde Rickard conseguia derrotá-lo, e aquela uma é meio cavalo. Redfort dizia que ele era uma grande promessa. Um grande combatente em justas deve ser um grande cavaleiro primeiro.

– Sim, ‘nhor. Domeric. Eu... eu já ouvi esse nome...

– Ramsay o matou. Uma doença das entranhas, disse Meistre Uthor, mas eu digo veneno. No Vale, Domeric apreciava a companhia dos filhos de Redfort. Queria um irmão ao seu lado, então cavalgou até as Águas Chorosas para buscar meu bastardo. Eu proibi isso, mas Domeric era um homem crescido e achava que sabia mais do que seu pai. Agora seus ossos descansam sob o Forte do Pavor com os ossos de seus irmãos que morreram ainda no berço, e eu fiquei com Ramsay. Diga-me, meu senhor... se o assassino de parentes é amaldiçoado, o que um pai faz quando um filho assassina o outro?

A questão o assustou. Uma vez ouvira Peleiro dizer que o Bastardo matara seu irmão legítimo, mas nunca ousara acreditar nisso. *Ele pode estar errado. Irmãos morrem algumas vezes, e não significa que foram mortos. Meus irmãos morreram, e eu nunca os matei*.

– Meu senhor tem uma nova esposa para lhe dar filhos.

– E meu bastardo não vai amar isso? A Senhora Walda *é* uma Frey e tem um sentimento fértil nela. Eu me tornei estranhamente apaixonado por minha pequena esposa gorda. As duas anteriores nunca fizeram um som na cama, mas essa guincha e estremece. Acho isso bastante

cativante. Se ela colocar para fora filhos do mesmo jeito que coloca empadões para dentro, o Forte do Pavor logo estará lotado de Bolton. Ramsay matará todos eles, é claro. O que é até bom. Não viverei o suficiente para ver meus novos filhos chegarem à idade adulta, e senhores meninos são a perdição para qualquer Casa. Walda sofrerá ao vê-los morrer, contudo.

A garganta de Fedor estava seca. Ele podia ouvir o vento batendo nos galhos nus dos olmos que ladeavam a rua.

– Meu senhor, eu...

– *'Nhor*, lembra?

– 'Nhor. Se posso perguntar... por que você me trouxe? Não tenho utilidade para ninguém, nem mesmo sou um homem, estou quebrado e... o cheiro...

– Um banho e uma muda de roupas farão seu cheiro mais doce.

– Um banho? – Fedor sentiu um nó no estômago. – Eu... eu prefiro não, 'nhor. Por favor. Eu tenho... feridas, eu... e essas roupas, Lorde Ramsay as deu para mim, ele... ele disse que eu nunca devia tirá-las, a menos que ordenasse.

– Você está vestindo trapos – disse Lorde Bolton, pacientemente. – Coisas imundas, rasgadas, manchadas e fedendo a sangue e urina. E finas. Deve estar com frio. Colocaremos você em lã de cordeiro, macia e quente. Talvez um manto forrado. Gostaria disso?

– Não. – Ele não podia deixar que tomassem as roupas que Lorde Ramsay lhe dera. Não podia deixar que eles as tivessem.

– Prefere se vestir em seda e veludo? Houve um tempo em que você adorava isso, eu me lembro.

– Não – ele insistiu, estridente. – Não, eu só quero essas roupas. As roupas do Fedor. Sou Fedor, que rima com pudor. – Seu coração batia como um tambor, e sua voz tornou-se um guincho assustado. – Não quero um banho. Por favor, 'nhor, não tire minhas roupas.

– Vai nos deixar lavá-las pelo menos?

– Não. Não, 'nhor. *Por favor*. – Ele agarrou sua túnica no peito, com as duas mãos, e se curvou sobre a sela, meio com medo que Roose Bolton ordenasse aos guardas que arrancassem as roupas dele ali mesmo, na rua.

– Como quiser. – Os olhos claros de Bolton pareciam vazios ao luar, como se não houvesse ninguém atrás deles. – Não pretendo machucar

você, você sabe. Eu lhe devo muito e ainda mais.

– Deve? – Uma parte dele estava gritando, *isso é uma armadilha, ele está jogando com você, o filho é apenas a sombra do pai*. Lorde Ramsay brincava com suas esperanças o tempo todo. – O que... o que me deve, ‘nhor?

– O Norte. Os Stark estavam acabados e condenados na noite em que você tomou Winterfell. – Acenou com a mão pálida, com desprezo. – Tudo isso são somente disputas pelo espólio.

A curta jornada deles teve fim nas muralhas de madeira de Solar Acidentado. Estandartes estavam pendurados nas torres quadradas, batendo com o vento; o homem esfolado de Forte do Pavor, o machado de batalha dos Cerwyn, os pinheiros dos Tallhart, o tritão dos Manderly, as chaves cruzadas do velho Lorde Locke, o gigante dos Umber, a mão de pedra dos Flint e o alce dos Hornwood. Dos Stout, listras bifurcadas castanho-avermelhadas e douradas; dos Slate, um campo cinza com duas bordas estreitas brancas. Quatro cabeças de cavalo proclamavam os quatro Ryswell dos Regatos; uma cinza, uma negra, uma dourada e uma marrom. A brincadeira era que os Ryswell não conseguiam concordar nem sobre as cores de suas armas. Acima deles, pairava o veado-e-leão do garoto que se sentava no Trono de Ferro, a milhares de quilômetros de distância.

Fedor ouviu as pás de um velho moinho girando enquanto cavalgavam pelo portão principal até um pátio gramado onde cavalariços correram para pegar seus cavalos.

– Por aqui, por favor. – Lorde Bolton o levou até a fortaleza, onde os estandartes eram os do falecido Lorde Dustin e de sua esposa viúva. Os dele mostravam uma coroa espigada sobre machados de cabo longo cruzados; os dela dividiam essas mesmas armas com a cabeça de cavalo dourada de Rodrik Ryswell.

Enquanto subiam a larga fileira de degraus de madeira até o salão, as pernas de Fedor começaram a tremer. Teve que parar para firmá-las e olhou as encostas gramadas do Grande Acidentado. Alguns afirmavam que era o túmulo do Primeiro Rei, que liderara os Primeiros Homens a Westeros. Outros argumentavam que devia ser algum Rei dos Gigantes enterrado ali, por conta de seu tamanho. Alguns poucos diziam que não era nenhum túmulo, apenas uma colina, mas então era uma colina

solitária, pois a maior parte das Terras Acidentadas era plana e varrida pelo vento.

Dentro do salão, uma mulher estava ao lado da lareira, aquecendo as mãos finas sobre as brasas de um fogo que se extinguia. Estava vestida toda de negro, da cabeça ao tornozelo, e não usava ouro ou pedras preciosas, mas era bem-nascida, era fácil perceber. Tinha rugas nos cantos da boca e ainda mais ao redor dos olhos, mas ainda era alta, ereta e bonita. Seu cabelo era castanho e cinza em partes iguais, embora o usasse preso atrás da cabeça, em um coque.

– Quem é esse? – ela perguntou. – Onde está o garoto? Seu bastardo se negou a entregá-lo? Esse velho é seu... oh, deuses sejam bons, o que é esse *cheiro*? Essa criatura defecou nas calças?

– Ele tem estado com Ramsay. Senhora Barbrey, permita-me apresentar-lhe o legítimo Senhor das Ilhas de Ferro, Theon da Casa Greyjoy.

*Não*, ele pensou, *não, não diga esse nome, Ramsay escutará você, ele saberá, ele saberá, e ele vai me machucar.*

A mulher franziu a boca.

– Não é o que eu esperava.

– É o que temos.

– O que seu bastardo fez com ele?

– Removeu alguma pele, imagino. Algumas partes pequenas. Nada muito essencial.

– Ele está louco?

– Pode ser que sim. Isso importa?

Fedor não podia ouvir mais.

– Por favor, ‘nhor, ‘nhora, há algum engano. – Ele caiu de joelhos, tremendo como uma folha em uma tempestade de inverno, lágrimas escorrendo por seu rosto devastado. – Não sou ele, não sou o vira-casaca, ele morreu em Winterfell. Meu nome é Fedor – ele tinha que lembrar seu *nome*. – Rima com horror.

# Tyrion

O *Selaesori Qhoran* estava a sete dias de Volantis quando Merreca finalmente saiu da cabine, subindo ao convés como se fosse uma tímida criatura da floresta emergindo de um longo sono de inverno.

Era crepúsculo, e o sacerdote vermelho acendera sua fogueira noturna no grande braseiro de ferro na meia-nau, enquanto a tripulação se reunia ao redor para rezar. A voz de Moqorro parecia um tambor que soava de algum lugar das profundezas de seu torso maciço.

– *Nós agradecemos pelo seu sol que nos mantém aquecidos* – orou. – *Agradecemos pelas suas estrelas que nos vigiam enquanto navegamos por esse frio mar negro*. – Um homem imenso, maior do que Sor Jorah, e largo o suficiente para fazer dois dele, o sacerdote vestia uma túnica escarlate bordada na manga, gola e bainha com chamas laranja de cetim. Sua pele era negra como breu, o cabelo branco como neve, e tinha chamas amarelas e laranja tatuadas nas bochechas e na testa. Seu bastão de ferro era tão alto quanto ele e coroado com uma cabeça de dragão; quando batia a ponta no convés, a boca do dragão cuspia crepitantes chamas verdes.

Seus guardas, cinco guerreiros escravos da Mão Ardente, davam as respostas. Cantavam na língua da Antiga Volantis, mas Tyrion já ouvira as orações o suficiente para pegar a essência. *Ilumine nosso fogo e nos proteja da escuridão, blá, blá, ilumine nosso caminho e nos mantenha quentinhos, a noite é escura e cheia de terrores, salve-nos das coisas assustadoras, blá, blá, blá alguma coisa mais*.

Ele sabia que era melhor não falar esses pensamentos em voz alta. Tyrion Lannister não tinha uso para nenhum deus, mas nesse navio era sábio demonstrar certo respeito pelo vermelho R'hllor. Jorah Mormont tirara suas correntes e grilhões assim que se puseram a caminho, e o anão não desejava dar nenhum motivo para ser acorrentado novamente.

O *Selaesori Qhoran* era uma banheira flutuante de quinhentas toneladas, com um casco profundo, altos castelos na proa e na popa, e um único mastro entre eles. A figura de proa era grotesca, um pouco carcomida, com um jeito constipado e um pergaminho embaixo do braço. Tyrion nunca vira navio tão feio. Sua tripulação não era mais bonita. O capitão, um homem de boca avarenta, impiedoso e barrigudo, com olhos juntos e gananciosos, era um mau jogador de *cyvasse* e um perdedor ainda pior. Sob suas ordens serviam quatro imediatos, todos libertos, e cinquenta escravos presos ao navio, cada um deles com uma versão imperfeita da figura de proa tatuada em um lado do rosto. *Sem-Nariz*, era como os marinheiros gostavam de chamar Tyrion, não importando quantas vezes tivesse dito que seu nome era Hugor Hill.

Três dos imediatos e mais de três quartos da tripulação eram adoradores fervorosos do Senhor da Luz. Tyrion tinha menos certeza a respeito do capitão, que sempre saía para as orações do fim de tarde, mas nunca tomava parte nelas. Mas Moqorro era o verdadeiro mestre do *Selaesori Qhoran*, pelo menos nessa viagem.

– *Senhor da Luz, abençoe seu escravo Moqorro, e ilumine seu caminho nos locais escuros do mundo* – o sacerdote vermelho trovejava. – *E defenda seu honrado escravo Benerro. Conceda-lhe coragem. Conceda-lhe sabedoria. Encha seu coração com fogo*.

Foi quando Tyrion percebeu Merreca, observando o espetáculo dos degraus da íngreme escada de madeira que descia para o castelo de popa. Ela estava em um dos degraus mais baixos, então apenas o topo de sua cabeça era visível. Sob seu capuz, seus olhos brilhavam grandes e brancos na luz da fogueira noturna. Tinha consigo, seu grande cão de caça cinzento, que cavalgava em imitação de justas.

– Minha senhora – Tyrion chamou suavemente. Na verdade ela não era nenhuma senhora, mas ele não podia pronunciar aquele nome bobo dela, e não iria chamá-la de *garota* ou *anã*.

Ela se encolheu.

– Eu... eu não vi você.

– Bem, eu sou pequeno.

– Eu... eu estava indisposta... – O cachorro dela latiu.

*Doente de tristeza, quer dizer.*

– Se eu puder ser de alguma ajuda...

– Não. – E rápido assim, ela se foi novamente, retirando-se para a cabine que dividia com o cão e a porca. Tyrion não podia culpá-la. A tripulação do *Selaesori Qhoran* ficara bastante satisfeita quando ele subiu a bordo; afinal, um anão era sinal de boa sorte. Sua cabeça fora esfregada tão frequentemente e tão vigorosamente que era incrível que não estivesse careca. Mas Merreca enfrentara reações mais variadas. Ela podia ser uma anã, mas também era uma mulher, e mulheres eram má sorte a bordo de um navio. Para cada homem que tentava esfregar sua cabeça, três outros murmuravam maldições quando ela passava.

*E dar de cara comigo pode apenas colocar sal na ferida dela. Deceparam a cabeça de seu irmão na esperança que fosse a minha, e aqui estou eu como um maldito gárgula, oferecendo consolos vazios. Se eu fosse ela, tudo o que iria querer seria me atirar no mar.*

Não sentia nada pela garota além de pena. Ela não merecia o horror sofrido em Volantis, não mais do que seu irmão. Na última vez que a vira, antes de deixarem o porto, seus olhos estavam feridos de tanto chorar, dois buracos vermelhos e medonhos em um rosto claro e pálido. Quando o navio levantou velas, ela se trancou na cabine com o cão e a porca, mas à noite era possível ouvi-la chorando. No dia anterior, ele escutara um dos imediatos dizer que deveriam jogá-la ao mar, antes que suas lágrimas inundassem o navio. Tyrion não estava completamente seguro de que aquilo fora uma brincadeira.

Quando as orações noturnas terminaram e a tripulação do navio mais uma vez se dispersou, alguns para suas rondas, outros para comer, beber rum ou deitar nas redes, Moqorro permaneceu ao lado da fogueira, como fazia todas as noites. O sacerdote vermelho descansava de dia, mas mantinha vigília durante as horas de escuridão, para manter suas chamas sagradas para que o sol pudesse retornar para eles ao amanhecer.

Tyrion se agachou diante dele e aqueceu as mãos do frio da noite. Moqorro não percebeu sua presença por vários momentos. Estava encarando as chamas cintilantes, perdido em alguma visão. *Será que ele vê os dias que ainda virão, como afirma?* Se fosse isso mesmo, era um dom assustador. Depois de algum tempo, o sacerdote ergueu os olhos para encontrar os do anão.

– Hugor Hill – disse, inclinando a cabeça em um aceno solene. – Veio rezar comigo?

– Alguém me disse que a noite é escura e cheia de terrores. O que você vê nessas chamas?

– Dragões – Moqorro respondeu, na Língua Comum de Westeros. Ele falava o idioma muito bem, com raros sinais de sotaque. Sem dúvida que essa era uma das razões pela qual o alto sacerdote Benerro o escolhera para levar a fé de R'hllor para Daenerys Targaryen. – Dragões velhos e novos, verdadeiros e falsos, brilhantes e sombrios. E você. Um homenzinho com uma grande sombra, rosnando no meio de todos.

– Rosnando? Um sujeito amável como eu? – Tyrion estava quase lisonjeado. *E sem dúvida é isso que ele pretende. Todo tolo gosta de ouvir que é importante*. – Talvez você tenha visto Merreca. Somos quase do mesmo tamanho.

– Não, meu amigo.

*Meu amigo? Quando isso aconteceu, me pergunto?*

– Por acaso você viu quanto tempo levará para chegarmos a Meereen?

– Está tão ansioso para encarar a libertadora do mundo?

*Sim e não. A libertadora do mundo pode cortar minha cabeça, ou me dar para seus dragões como petisco*.

– Não – disse Tyrion. – Por mim, tudo o que importa são as azeitonas. Embora tema que ficarei velho e morrerei antes de experimentar uma. Eu poderia gatinhar mais rápido do que estamos navegando. Diga-me, *Selaesori Qhoran* foi um triarca ou uma tartaruga?

O sacerdote vermelho riu.

– Nenhum dos dois. Qhoran é... não um governante, mas aquele que o serve e o aconselha e ajuda a conduzir seus assuntos. Vocês, em Westeros, poderiam dizer intendente ou magíster.

*Mão do Rei?* Aquilo o divertiu.

– E *selaesori*?

Moqorro tocou seu nariz.

– Imbuído de um aroma agradável. Perfumado, você diria? Floral?

– Então, *Selaesori Qhoran* significa *Intendente Fedorento*, mais ou menos?

– *Intendente Perfumado*, melhor.

Tyrion deu um sorriso torto.

– Acho que ficarei com *Fedorento*. Mas agradeço pela lição.

– Estou satisfeito por ter esclarecido você. Talvez algum dia me deixe ensiná-lo a verdade de R'hllor também.

– Algum dia. – *Quando eu for uma cabeça em uma estaca.*

Os alojamentos que dividia com Sor Jorah eram uma cabine apenas por cortesia; o úmido, escuro e malcheiroso cubículo mal tinha espaço suficiente para pendurar um par de redes de dormir, uma sobre a outra. Encontrou Mormont esticado na mais baixa, balançando lentamente com o movimento do navio.

– A garota finalmente colocou o nariz no convés – Tyrion lhe contou. – Um olhar para mim e correu para baixo de novo.

– Você não é uma visão bonita.

– Nem todos podemos ser tão graciosos como você. A garota está perdida. Não me surpreenderia se a pobre criatura não pulasse secretamente pela amurada para se afogar.

– O nome da pobre criatura é Merreca.

– Eu sei o nome dela. – Ele odiava o nome dela. O irmão da garota usava o nome de Tostão, embora na verdade se chamasse Oppo. *Tostão e Merreca. Palavras que transmitem a ideia de valores ínfimos e, o que é pior, eles mesmos escolheram esses nomes*. Isso deixou um gosto ruim na boca de Tyrion. – Independente do nome, ela precisa de um amigo.

Sor Jorah sentou-se em sua rede.

– Fique amigo dela, então. Case-se com ela, não me importo.

Aquilo deixou um gosto ruim em sua boca também.

– Igual com igual, é essa sua noção? Pretende encontrar uma ursa para si mesmo, sor?

– Foi você quem insistiu em trazê-la.

– Eu disse que não podíamos abandoná-la em Volantis. Isso não significa que queira fodê-la. Ela me quer morto, se esqueceu? Sou a última pessoa que ela quer como amigo.

– Vocês dois são anões.

– Sim, e o irmão dela também era, aquele que foi morto porque alguns estúpidos bêbados o tomaram por mim.

– Está se sentindo culpado, não está?

– Não. – Tyrion se arrepiou. – Tenho pecados suficientes pelos quais responder, não terei parte neste também. Posso ter nutrido alguma má

vontade em relação a ela e ao irmão no que diz respeito à apresentação deles na noite do casamento de Joffrey, mas nunca lhes desejei mal.

– Você é uma criatura inofensiva, tenho certeza. Inocente como um cordeiro. – Sor Jorah se levantou. – A anã é seu fardo. Beije-a, mate-a ou evite-a, como quiser. Não é nada para mim. – Ele passou por Tyrion e saiu da cabine.

*Duas vezes exilado, e não é de se admirar*, Tyrion pensou. *Eu o exilaria também, se pudesse. O homem é frio, ensimesmado, taciturno e surdo ao humor. E esses são seus pontos positivos*. Sor Jorah passava a maior parte do tempo de sua vigília caminhando pela proa, ou inclinado no parapeito para olhar o mar. *Procurando por sua rainha prateada. Procurando por Daenerys, esperando que o navio vá mais rápido. Bem, eu iria querer o mesmo se Tysha estivesse à espera em Meereen.*

A Baía dos Escravos poderia ser para onde as putas vão? Parecia improvável. Pelo que ouvira, as cidades-escravos eram o lugar onde as putas eram feitas. *Mormont deveria ter comprado uma para si*. Uma escrava bonita poderia fazer maravilhas para melhorar seu temperamento... particularmente uma com o cabelo prateado, como aquela puta que estava sentada sobre seu pau em Selhorys.

No rio, Tyrion teve que suportar Griff, mas ao menos havia o mistério da verdadeira identidade do capitão para distraí-lo, e a companhia mais agradável do resto da pequena tripulação do barco. Nesse navio, infelizmente, todos eram exatamente o que pareciam ser, e ninguém era particularmente agradável, e apenas o sacerdote vermelho era interessante. *Ele e, talvez, Merreca. Mas a garota me odeia, e deveria*.

A vida a bordo do *Selaesori Qhoran* não era nada além de tediosa, Tyrion descobrira. A parte mais excitante do seu dia era cutucar os dedos dos pés e das mãos com uma faca. No rio, havia maravilhas para contemplar; tartarugas gigantes, cidades em ruínas, homens de pedra, septãs nuas. Nunca se sabia o que poderia estar à espreita na próxima curva. Os dias e noites no mar eram sempre os mesmos. Deixando Volantis, o barco navegara inicialmente com terra à vista, então Tyrion podia observar os costões que passavam, ver revoadas de aves marítimas se levantando de penhascos pedregosos e torres de vigia em ruínas, contar ilhas marrons e nuas na medida em que deslizavam por elas. Viu muitos outros navios também; barcos de pesca, pesados navios

mercantes, galés orgulhosas com seus remos açoitando as ondas até formar espuma branca. Mas, assim que alcançaram águas mais profundas, havia apenas mar e céu, ar e água. A água parecia com água. O céu parecia com céu. Algumas vezes havia uma nuvem. *É azul demais*.

E as noites eram piores. Tyrion dormia mal no melhor dos tempos, e isto estava longe de ser assim. Dormir significava sonhar, provavelmente, e em seus sonhos os Sofrimentos esperavam, e um rei de pedra com a face de seu pai. Aquilo o deixava entre a cruz e a espada: ou subia em sua rede e escutava Jorah Mormont roncando embaixo dele, ou ficava no convés contemplando o mar. Em noites sem lua, a água era tão negra quanto tinta de meistre, de horizonte a horizonte. Escura, profunda e proibida, bonita, de um modo frio, mas quando a olhava por muito tempo, Tyrion se pegava refletindo sobre como deveria ser fácil deslizar sobre a amurada e se jogar na escuridão. Um respingo muito pequeno, e o patético e pequeno conto que era sua vida teria fim. *Mas e se houver um inferno e meu pai estiver esperando por mim?*

A melhor parte de cada noite era a ceia. A comida não era especialmente boa, mas era abundante, então foi para onde o anão foi em seguida. A cozinha em que tomava suas refeições era um espaço apertado e desconfortável, com um teto tão baixo que os passageiros mais altos sempre corriam o risco de quebrar a cabeça, um perigo ao qual os robustos soldados escravos da Mão Ardente pareciam particularmente propensos. Por mais que Tyrion gostasse de rir disso, teria preferido fazer suas refeições sozinho. Sentar em uma mesa lotada, com homens com os quais não tinha uma língua em comum, ouvi-los conversar e fazer piadas sem entender nada, em pouco tempo ficara cansativo demais. Especialmente depois que ele começou a se perguntar se as piadas e as risadas eram direcionadas a ele.

A cozinha também era o lugar onde os livros do navio eram guardados. Com o capitão sendo um homem especialmente dado à leitura, havia três livros a bordo: uma coleção de poesia naval que ia de ruim a pior, um tomo bem manuseado com as aventuras eróticas de uma jovem escrava em uma casa de travesseiros lisena e o quarto e último volume de *A vida do Triarca Belicho*, um famoso patriota volantino cuja sucessão ininterrupta de conquistas e triunfos terminou abruptamente quando ele foi devorado por gigantes. Tyrion terminara de ler todos em seu terceiro

dia no mar. Então, na falta de outros livros, começou a lê-los novamente. A história da garota escrava era a mais mal escrita, mas a mais cativante, e era aquele livro que escolhera, naquela noite, para ler durante uma ceia de beterrabas na manteiga, ensopado frio de peixe e biscoitos que poderiam ter sido usados para bater pregos.

Estava lendo o relato da garota, do dia em que ela e sua irmã foram capturadas por traficantes de escravos, quando Merreca entrou na cozinha.

– Oh – ela disse –, eu pensei... não pretendi atrapalhar, ‘nhor, eu...

– Você não está me atrapalhando. Não está tentando me matar de novo, espero.

– Não. – Ela desviou o olhar, enrubescendo.

– Neste caso, eu apreciaria alguma companhia. Há pouco a se fazer a bordo deste navio. – Tyrion fechou o livro. – Venha. Sente-se. Coma. – A garota deixara a maior parte das refeições intocada do lado de fora da porta da cabine. Agora devia estar faminta. – O ensopado é quase comestível. O peixe é fresco, ao menos.

– Não, eu... eu engasguei com uma espinha de peixe uma vez, não posso comer peixe.

– Então tome um pouco de vinho. – Encheu uma taça e deslizou na direção dela. – Com os cumprimentos do nosso capitão. Está mais perto de mijo do que de um dourado da Árvore, mas até mijo tem um gosto melhor do que aquele rum com alcatrão negro que os marinheiros bebem. Deve ajudá-la a dormir.

A garota não fez nenhum movimento para tocar na taça.

– Obrigada, ‘nhor, mas não. – Ela se afastou. – Eu não deveria estar incomodando você.

– Pretende passar sua vida inteira fugindo? – perguntou Tyrion, antes que ela escapasse pela porta.

Aquilo a fez parar. Suas bochechas ficaram rosa brilhante, e ele teve medo de que ela começasse a chorar novamente. Em vez disso, encarou-o desafiadoramente e disse:

– Você está fugindo também.

– Estou – ele confessou –, mas estou fugindo *para* e você está fugindo *de*, e há um mundo de diferença aí.

– Não teríamos tido que fugir desde o início, se não fosse por você.

*Exige alguma coragem dizer isso na minha cara*.

– Você está falando de Porto Real ou de Volantis?

– Dos dois. – Lágrimas brilharam em seus olhos. – De tudo. Por que você simplesmente não veio disputar a justa conosco, do jeito que o rei queria? Você não teria se machucado. O que teria custado, ‘nhor, subir no nosso cão e cavalgá-lo numa disputa, para agradar o menino? Era só um pouco de diversão. Teriam rido de você, é tudo.

– Teriam rido de mim – disse Tyrion. – Eu os fiz rir de Joff em vez disso. Não foi um truque esperto?

– Meu irmão diz que isso é uma coisa boa, fazer as pessoas rirem. Uma coisa nobre e honrada. Meu irmão diz... ele... – As lágrimas rolaram por seu rosto.

– Sinto por seu irmão – Tyrion lhe dissera as mesmas palavras antes, ainda em Volantis, mas ela estava tão longe pela dor que duvidava que tivesse ouvido.

Ela as escutou agora.

– Sente. Você sente. – Seus lábios estavam trêmulos, suas bochechas, molhadas, seus olhos eram buracos com aros vermelhos. – Deixamos Porto Real naquela mesma noite. Meu irmão disse que era melhor, antes que alguém se perguntasse se tínhamos participado da morte do rei e decidisse nos torturar para descobrir. Fomos para Tyrosh primeiro. Meu irmão pensou que isso seria longe o suficiente, mas não era. Conhecemos um malabarista lá. Por anos e anos ele fizera malabarismos todos os dias na Fonte do Deus Bêbado. Era velho, então suas mãos não eram tão hábeis quanto haviam sido, e algumas vezes ele derrubava as bolas e tinha que caçá-las pela praça, mas os tyroshinos riam e atiravam moedas do mesmo jeito. Mas, uma manhã, escutamos que seu corpo havia sido encontrado no Templo de Trios. Trios tinha três cabeças, e há uma grande estátua dele ao lado das portas do templo. O velho havia sido cortado em três partes e empurrado para dentro das três bocas de Trios. Só que quando as partes foram juntadas, sua cabeça havia desaparecido.

– Um presente para minha doce irmã. Era outro anão.

– Um homem pequeno, sim. Como você e Oppo. Tostão. Você sente pelo malabarista também?

– Nunca soube da existência do seu malabarista até este momento... mas, sim, sinto que tenha morrido.

– Ele morreu por você. O sangue dele está em suas mãos.

A acusação doeu, vindo tão dura nos calcanhares das palavras de Jorah Mormont.

– O sangue dele está nas mãos da minha irmã e nas mãos dos bárbaros que o mataram. Minhas mãos estão incrustadas com sangue antigo, sim. Chame-me de assassino de parentes, e você não estará errada. Regicida, eu responderei por isso também. Matei mães, pais, sobrinhos, amantes, homens e mulheres, reis e putas. Um cantor certa vez me incomodou, e eu o fiz ensopado. Mas nunca matei um malabarista, nem um anão, e não tenho culpa pelo que aconteceu ao seu maldito irmão.

Merreca apanhou a taça de vinho que ele lhe servira e jogou-a em seu rosto. *Exatamente como minha doce irmã*. Ele ouviu a porta da cozinha bater, mas nunca a viu partir. Seus olhos estavam ardendo e o mundo era um borrão. *Tudo isso por ser amigável com ela*.

Tyrion Lannister tinha pouca experiência com outros anões. O senhor seu pai nunca acolhera bem qualquer lembrança das deformidades do filho, e as companhias de pantomimeiros que traziam pessoas pequenas em suas trupes logo aprenderam a ficar longe de Lannisporto e Rochedo Casterly, para não correr o risco de enfrentar seu descontentamento. Quando cresceu, Tyrion ouviu relatos de um anão bobo da corte na propriedade do dornense Lorde Fowler, de um anão meistre a serviço nos Dedos, e uma anã entre as irmãs silenciosas, mas nunca sentira necessidade de procurá-los. Histórias menos plausíveis chegaram aos seus ouvidos, como uma anã bruxa que assombrava uma colina no Tridente e uma anã puta em Porto Real, renomada por acasalar com cães. Sua doce irmã lhe fizera esse último relato, chegando a se oferecer para encontrar uma cadela no cio se ele quisesse experimentar. Quando lhe perguntou, polidamente, se ela se referia a si mesma, Cersei jogara uma taça de vinho em seu rosto. *Aquele era vermelho, eu me lembro, e este é dourado*. Tyrion secou o rosto com a manga. Seus olhos ainda ardiam.

Não viu Merreca novamente até o dia da tempestade.

O ar salgado estava parado e pesado naquela manhã, mas o céu ocidental era de um vermelho ardente, riscado com nuvens ameaçadoras que cintilavam tão brilhantes quanto o carmesim dos Lannister. Marinheiros saltavam sobre alçapões de tábuas, correndo linhas,

limpando o convés, amarrando qualquer coisa que ainda não estivesse presa.

– Vento ruim vindo – um deles o avisou. – Sem-Nariz melhor descer.

Tyrion se lembrava da tempestade que enfrentara cruzando o mar estreito, o modo como o convés pulava sob seus pés, os rangidos medonhos que o navio fazia, o gosto de vinho e vômito.

– Sem-Nariz fica aqui em cima. – Se os deuses o quisessem, preferia morrer afogado do que asfixiado em seu próprio vômito. E, sobre sua cabeça, a vela do navio balançava lentamente, como o pelo de algum grande animal se agitando em um longo sono, então foi abalada por um súbito estalido que fez virar todas as cabeças do navio.

Os ventos levavam o navio bem longe do curso escolhido. Atrás deles, nuvens negras se empilhavam umas sobre as outras contra um céu vermelho-sangue. No meio da manhã, puderam ver um raio brilhando no oeste, seguido pelo distante rugido de um trovão. O mar ficou mais agitado, e ondas escuras se erguiam e batiam contra o casco do *Intendente Fedorento*. Em seguida, a tripulação começou a baixar a vela. Tyrion estava em pé a meia-nau, então foi até a proa e se agachou, saboreando as rajadas de chuva fria em seu rosto. O navio subia e descia, resistindo mais selvagemente que qualquer cavalo que já cavalgara, levantando com cada onda antes de deslizar para baixo, rangendo os ossos. Mesmo assim, era melhor aqui, onde ele podia ver, do que lá embaixo, trancado em alguma cabine sem ar.

Quando a tempestade se foi, a noite estava sobre eles e Tyrion Lannister estava ensopado até as roupas íntimas, e mesmo assim se sentia exultante... ainda mais quando, mais tarde, encontrou um Jorah Mormont bêbado em uma poça de vômito na cabine.

O anão permaneceu na cozinha após a ceia, celebrando sua sobrevivência compartilhando algumas doses de rum de alcatrão negro com o cozinheiro do navio, um volantino grande, gordurento e grosseiro que falava uma única palavra na Língua Comum (foda), mas jogava *cyvasse* de maneira feroz, especialmente quando bêbado. Disputaram três partidas naquela noite. Tyrion ganhou a primeira e perdeu as outras duas. Depois disso, decidiu que já era o suficiente e tropeçou de volta ao convés para limpar a cabeça do rum e dos elefantes.

Encontrou Merreca na proa do navio, onde frequentemente encontrava Sor Jorah, parada no parapeito ao lado da medonha figura de proa meio carcomida e olhando para fora, através do mar escuro. De costas, parecia tão vulnerável e pequena quanto uma criança.

Tyrion pensou que era melhor deixá-la tranquila, mas era tarde demais. Ela o escutara.

– Hugor Hill.

– Se preferir – *Nós dois sabemos a verdade*. – Sinto atrapalhá-la. Vou me retirar.

– Não. – O rosto dela estava pálido e triste, mas não parecia ter chorado. – Eu sinto também. Sobre o vinho. Não foi você quem matou meu irmão, ou aquele pobre velho em Tyrosh.

– Fiz parte disso, embora não por escolha.

– Sinto muita falta dele. Meu irmão. Eu...

– Eu entendo. – Ele se pegou pensando em Jaime. *Considere-se sortuda. Seu irmão morreu antes que pudesse trair você.*

– Eu achava que queria morrer – ela disse. – Mas hoje, quando a tempestade veio e eu pensei que o navio poderia afundar, eu... eu...

– Você percebeu que quer viver apesar de tudo. – *Já passei por isso também. Algo mais que temos em comum.*

Os dentes dela eram tortos, o que a deixava tímida com seus sorrisos, mas sorriu agora.

– Você realmente cozinhou um cantor em um ensopado?

– Quem? Eu? Não. Eu não cozinho.

Quando Merreca riu, soou como a doce garota que era... dezessete, dezoito, não mais do que dezenove.

– O que ele fez, esse cantor?

– Escreveu uma canção sobre mim. – *Porque ela era seu tesouro secreto, sua vergonha e seu prazer. E a corrente e o forte nada são, comparados com beijos de mulher.* Era estranho como as palavras voltaram rápidas. Talvez nunca o tivessem deixado. *Mãos de ouro são sempre frias, mas há calor em mãos de mulher.*

– Deve ter sido uma canção muito ruim.

– Não exatamente. Não era nenhuma *Chuvas de Castamere*, veja bem, mas algumas partes eram... bem...

– Como era?

Ele riu.

– Não. Você *não* vai querer me ouvir cantar.

– Minha mãe costumava cantar para nós, quando éramos crianças. Meu irmão e eu. Ela sempre dizia que não importava como era sua voz, desde que amasse a canção.

– Ela era...?

– ... uma pessoa pequena? Não, mas nosso pai era. Seu próprio pai o vendeu para um traficante de escravos quando ele tinha três anos, mas ele se tornou um pantomimeiro tão famoso que comprou sua liberdade. Viajou por todas as Cidades Livres e também por Westeros. Em Vilavelha costumavam chamá-lo de Fava Saltitante.

*É claro que sim*. Tyrion tentou não se crispar.

– Ele está morto agora – Merreca continuou. – Minha mãe também. Oppo... era o último da minha família, e agora ele também se foi. – Ela virou a cabeça e olhou para o mar. – O que eu farei? Para onde vou? Não tenho ofício, só o espetáculo da justa, e para isso são necessários dois.

*Não*, pensou Tyrion. *Esse não é um lugar para onde você quer ir, garota. Não me peça isso. Nem pense nisso*.

– Encontre algum menino órfão disponível – ele sugeriu.

Merreca pareceu não ouvir.

– Foi ideia do pai fazer a disputa. Ele mesmo treinou o primeiro porco, mas então ficou doente demais para cavalgá-lo e Oppo tomou seu lugar. Eu sempre cavalguei o cão. Nós nos apresentamos para o Senhor do Mar de Bravos uma vez, e ele riu tanto que depois deu a cada um de nós um... um grande presente.

– Foi onde minha irmã encontrou vocês? Em Bravos?

– Sua irmã? – A garota pareceu perdida.

– A Rainha Cersei.

Merreca balançou a cabeça.

– Ela nunca... foi um homem que veio até nós, em Pentos. Osmund. Não, Oswald. Algo assim. Oppo se encontrou com ele, não eu. Oppo fez todos os arranjos. Meu irmão sempre sabia o que fazer, ou aonde iríamos em seguida.

– Meereen é para onde vamos em seguida.

Ela lhe deu um olhar intrigado.

– Qarth, você quer dizer. Vamos para Qarth, passando por Nova Ghis.

– Meereen. Você cavalgará seu cão para a rainha dragão e voltará com seu peso em ouro. Melhor começar a comer mais, para estar bonita e gorda quando disputar a justa diante de Sua Graça.

Merreca não sorriu de volta.

– Sozinha, tudo o que posso fazer é cavalgar em círculos. E mesmo se a rainha risse, aonde eu iria depois disso? Nunca ficamos muito tempo em um lugar. Da primeira vez que nos veem, eles riem e riem, mas na quarta ou quinta vez, já sabem o que vamos fazer antes que façamos. Então param de rir, e nós temos que ir para algum lugar novo. Fazemos a maior parte do dinheiro nas grandes cidades, mas eu sempre preferi as aldeias pequenas. Em lugares assim, as pessoas não têm prata, mas nos alimentam em suas próprias mesas, e as crianças nos seguem para todos os lugares.

*Isso é porque nunca viram um anão antes, em suas aldeias de merda*, Tyrion pensou. *Os malditos pirralhos seguiriam um bode de duas cabeças se um aparecesse. Até que o bode os aborrecesse com seus berros e fosse abatido para a ceia.* Mas não tinha vontade de fazê-la chorar novamente, então, em vez disso, disse:

– Daenerys tem um coração gentil e uma natureza generosa. – Era o que ela precisava ouvir. – Ela encontrará um lugar para você na corte, não tenho dúvida. Um lugar seguro, longe do alcance da minha irmã.

Merreca se virou para ele.

– E você estará lá também.

*A menos que Daenerys decida que precisa de algum sangue Lannister para pagar pelo sangue Targaryen que meu irmão derramou*.

– Estarei.

Depois disso, a anã era vista com mais frequência sobre o convés. No dia seguinte, Tyrion a encontrou na meia-nau com sua porca malhada, no meio da tarde, quando o ar estava morno e o mar, calmo.

– O nome dela é Bonita – a garota lhe disse, timidamente.

*Bonita, a porca, e Merreca, a garota,* ele pensou. *Alguém tem que responder por isso*. Merreca deu algumas bolotas a Tyrion, e ele deixou que Bonita as comesse em sua mão. *Não pense que não sei o que você está fazendo, garota*, pensou, enquanto a grande porca cheirava e guinchava.

Logo começaram a tomar suas refeições juntos. Algumas noites eram apenas os dois; as outras refeições eram lotadas com os guardas de Moqorro. *Os dedos*, Tyrion os chamava; afinal, eram homens da Mão Ardente e eram cinco. Merreca ria disso, um som doce, embora não fosse ouvido com frequência. Sua ferida era muito fresca, sua dor, muito profunda.

Ele logo a pegou chamando o navio de *Intendente Fedorento*, embora ela ficasse um tanto indignada cada vez que ele chamava bonita de "Toicinho". Para reparar isso, Tyrion fez uma tentativa de lhe ensinar *cyvasse*, mas logo percebeu que era uma causa perdida.

– Não – disse uma dúzia de vezes –, o dragão voa, não os elefantes.

Naquela mesma noite, ela perguntou se ele gostaria de uma disputa.

– Não – respondeu. Só mais tarde lhe ocorreu que talvez *disputa* não significasse disputa. Sua resposta ainda teria sido não, mas ele poderia não ter sido tão brusco.

De volta à cabine que dividia com Jorah Mormont, Tyrion se virou na rede de dormir por horas, entrando e saindo do sono. Seus sonhos eram cheios de mãos de pedra cinzenta buscando por ele pela neblina e uma escada que levava direto para seu pai.

Finalmente, ele se levantou e subiu em busca de um pouco de ar da noite. O *Selaesori Qhoran* içara suas grandes velas listradas para a noite, e o convés estava tudo menos deserto. Um dos imediatos estava no castelo de proa, e na meia-nau Moqorro estava sentado em seu braseiro, onde algumas chamas pequenas ainda dançavam entre as brasas.

Apenas as estrelas mais brilhantes eram visíveis, todas a oeste. Um brilho vermelho embotado iluminava o céu a nordeste, a cor de uma ferida sangrenta. Tyrion nunca havia visto uma lua tão grande. Gigantesca, inchada, parecia que tinha engolido o sol e acordado com febre.

– Que horas são? – perguntou para Moqorro. – Aquilo não pode ser o amanhecer, a menos que o leste tenha se movido. Por que o céu está vermelho?

– O céu está sempre vermelho sobre Valíria, Hugor Hill.

Um calafrio desceu por suas costas.

– Estamos próximos?

– Mais próximos do que a tripulação gostaria – Moqorro disse, com sua voz profunda. – Vocês conhecem a história lá no Reino do Pôr do Sol?

– Sei que alguns marinheiros dizem que qualquer homem que coloca os olhos naquela costa é condenado. – Ele não acreditava naquelas histórias, não mais do que seu tio acreditara. Gerion Lannister navegara para Valíria quando Tyrion tinha dezoito, com a pretensão de recuperar a ancestral lâmina perdida da Casa Lannister, e algum outro tesouro que pudesse ter sobrevivido à Condenação. Tyrion quis desesperadamente ir com ele, mas o senhor seu pai tinha apelidado a viagem de "busca de tolo" e o proibira de fazer parte.

*E talvez ele não estivesse tão errado*. Quase uma década se passara desde que o *Leão Sorridente* partira de Lannisporto, e Gerion nunca retornara. Os homens que Lorde Tywin enviara atrás dele conseguiram traçar seu percurso até Volantis, onde metade de sua tripulação desertou e ele comprou escravos para substituí-los. Nenhum homem livre iria de bom grado até um navio cujo capitão falava abertamente de suas intenções de navegar no Mar Fumegante.

– São os fogos das Catorze Chamas refletidos nas nuvens que estamos vendo?

– Catorze ou catorze mil. Que homem ousaria contá-las? Não é sensato para os mortais olharem tão profundamente para essas fogueiras, meu amigo. Aquelas são as fogueiras da ira de deus, e nenhum fogo humano pode se comparar a elas. Nós, homens, somos criaturas pequenas.

– Alguns são menores do que outros. – *Valíria.* Estava escrito que, no dia da Condenação, cada colina em um raio de oitocentos quilômetros tinha se partido, enchendo o ar com cinzas, fumaça e fogo, chamas tão quentes e famintas que até os dragões no céu foram engolidos e consumidos. Grandes fendas se abriram na terra, engolindo palácios, templos, cidades inteiras. Lagos ferveram e se tornaram ácidos, montanhas explodiram, fontes ardentes expeliram rocha derretida a trezentos metros de altura, nuvens vermelhas fizeram chover vidro de dragão e o sangue negro dos demônios, e, no norte, o solo se fragmentou e desabou, e o mar feroz invadiu tudo. A cidade mais orgulhosa do mundo se foi em um instante, seu fabuloso império desapareceu em um dia, e as Terras do Longo Verão queimaram, afogaram e ruíram.

*Um império construído com sangue e fogo. Os valirianos colheram a semente que plantaram.*

– Nosso capitão pretende testar a maldição?

– Nosso capitão preferia estar a trezentos quilômetros mais para o mar, bem longe desta costa amaldiçoada, mais eu ordenei que fizesse o menor percurso. Outros procuram Daenerys também.

*Griff, com seu jovem príncipe*. As notícias de que a Companhia Dourada navegava para oeste seriam uma farsa? Tyrion considerou dizer alguma coisa, mas então pensou melhor. Parecia, para ele, que a profecia que movia o sacerdote vermelho tinha lugar apenas para um herói. Um segundo Targaryen só serviria para confundi-lo.

– Viu esses outros em suas chamas? – perguntou, cautelosamente.

– Apenas as sombras deles – disse Moqorro. – Um mais do que todos. Uma coisa alta e retorcida, com um olho negro e dez longos braços, navegando em um mar de sangue.

# Bran

A lua era um crescente, fina e afiada como a lâmina de uma faca. Um sol pálido se ergueu, se pôs e se ergueu novamente. Folhas vermelhas sussurraram ao vento. Nuvens escuras encheram os céus e se transformaram em tempestades. Um relâmpago caiu e um trovão ribombou, enquanto homens mortos com mãos negras e brilhantes olhos azuis caminhavam a esmo perto de uma fenda na montanha, sem poder entrar. Sob a montanha, o garoto quebrado se sentou em um trono de represeiro, ouvindo o murmúrio no escuro dos corvos voando e pousando em seus braços.

– Você nunca andará novamente – o corvo de três olhos prometera –, mas você voará. De vez em quando, o som de uma canção vinha de algum lugar lá embaixo. *Os filhos da floresta*, a Velha Ama teria chamado os cantores, mas *aqueles que cantam a canção da terra* era o nome que eles mesmos se davam, na Língua Verdadeira que nenhum humano podia falar. Mas os corvos podiam. Seus pequenos olhos negros eram cheios de segredos, e as aves crocitavam para Bran e bicavam sua pele quando ouviam as canções.

A lua estava gorda e cheia. As estrelas giravam em um céu negro. A chuva caiu e congelou, e quebrou os ramos das árvores com o peso do gelo. Bran e Meera deram nomes àqueles que cantam a canção da terra: Cinza, Folha e Escamas, Faca Negra, Travaneve e Brasas. Seus nomes verdadeiros eram longos demais para línguas humanas, disse Folha. Apenas ela falava a Língua Comum, então o que os outros pensaram de seus novos nomes, Bran nunca soube.

Após o frio de rachar os ossos das terras para lá da Muralha, as cavernas eram abençoadamente quentes e, quando o frio se arrastava para fora das rochas, os cantores acendiam fogueiras para afastá-lo novamente. Lá embaixo não havia vento, nem neve, nem gelo, nem

coisas mortas tentando agarrá-los, apenas sonhos, velas e beijos dos corvos. E os sussurros na escuridão.

*O último vidente verde*, os cantores o chamavam, mas nos sonhos de Bran ele ainda era um corvo de três olhos. Quando Meera Reed lhe perguntara seu nome verdadeiro, ele fizera um som sinistro que poderia ter sido uma risada.

– Usei muitos nomes quando eu era rápido, mas uma vez tive uma mãe, e o nome que ela me deu em seu seio foi Brynden.

– Eu tenho um tio Brynden – disse Bran. – É tio da minha mãe, na verdade. Brynden Peixe Negro, ele é chamado.

– Seu tio pode ter recebido esse nome por minha causa. Alguns recebem, ainda. Não tantos quanto antigamente. Os homens esquecem. Apenas as árvores se lembram. – Sua voz era tão suave que Bran tinha que se esforçar para ouvi-lo.

– Muito dele se transformou em árvore – explicou a cantora que Meera chamava de Folha. – Ele viveu além de seu tempo mortal e, ainda assim, permanece aqui. Por nós, por você, pelos reinos dos homens. Apenas uma pequena força permanece em sua carne. Ele tem mil olhos e um, mas há muito para ver. Um dia, você saberá.

– O que eu saberei? – Bran perguntou para os Reed depois, quando os irmãos vieram com tochas acesas nas mãos, para levá-lo de volta à pequena câmara afastada da grande caverna onde os cantores haviam preparado camas para que dormissem. – O que as árvores lembram?

– Os segredos dos deuses antigos – disse Jojen Reed. Comida, fogo e descanso haviam ajudado a recuperá-lo das provações da jornada, mas ele parecia mais triste agora, taciturno, com um olhar cansado e assombrado. – Verdades que os Primeiros Homens sabiam, esquecidas agora em Winterfell... mas não na natureza úmida. Nós vivemos mais perto do verde em nossos pântanos e palafitas e nós lembramos. Terra e água, solo e pedra, carvalhos, olmos e salgueiros, estavam aqui antes de nós, e ainda permanecerão quando tivermos ido.

– Assim como você – disse Meera. Aquilo entristeceu Bran. *E se eu não quiser permanecer quando vocês se forem?*, quase perguntou, mas engoliu as palavras não ditas. Era quase homem feito e não queria que Meera pensasse que era algum bebê chorão. Em vez disso, falou:

– Talvez vocês também possam ser videntes verdes.

– Não, Bran. – Agora Meera soou triste.

– É dado apenas para poucos beber da fonte verde, embora ainda em carne mortal, para ouvir os sussurros das folhas e ver o que as árvores veem, como os deuses veem – disse Jojen. – A maioria de nós não é tão abençoada. Os deuses só me deram sonhos verdes. Minha tarefa era trazê-lo aqui. Minha participação nisso acabou.

A lua era um buraco negro no céu. Lobos uivavam na floresta, farejando os montes de neve atrás de coisas mortas. Um bando de corvos surgiu da encosta, dando gritos agudos e batendo as asas negras sobre um mundo branco. Um sol vermelho se ergueu, se pôs e se ergueu novamente, pintando a neve em tons de rosa e magenta. Sob a montanha, Jojen meditava, Meera se agitava e Hodor vagava por túneis escuros com uma espada na mão direita e uma tocha na esquerda. Ou era Bran vagando?

*Ninguém jamais deve saber*.

A grande caverna que se abria sobre o abismo era tão negra quanto piche, negra como alcatrão, mais negra do que as penas de um corvo. A luz entrava ali como uma invasora, indesejada e mal recebida, e logo partia; fogueiras e velas queimavam por um breve instante, então se apagavam novamente, suas breves vidas encerradas.

Os cantores fizeram para Bran seu próprio trono, como o que Lorde Brynden se sentava, represeiro branco e galhos vermelhos mortos tecidos através de raízes vivas. Colocaram-no na grande caverna, ao lado do abismo, onde o ar negro ecoava o som da água correndo abaixo. Seu assento era feito de suave musgo cinzento. Uma vez Bran sentado em seu lugar, eles o cobriam com peles quentes.

Ali ele ficava, ouvindo os sussurros roucos de seu professor.

– Nunca tema a escuridão, Bran. – As palavras do senhor eram acompanhadas por um suave farfalhar de madeira e folhas, a cada leve torção de sua cabeça. – As árvores mais fortes estão enraizadas nos lugares escuros da terra. A escuridão será seu manto, seu escudo, seu leite materno. A escuridão o tornará forte.

A lua era um crescente, fina e afiada como a lâmina de uma faca. Flocos de neve caíam silenciosamente para cobrir de branco os pinheiros marciais e as sentinelas. Os montes cresciam tanto que cobriam a entrada da caverna, deixando uma muralha branca que Verão tinha que escavar

toda vez que ia lá fora se unir à sua matilha e caçar. Bran não ia com ele naqueles dias, mas, algumas noites, o observava de cima.

Voar era até melhor do que escalar.

Deslizar para dentro da pele de Verão tinha se tornado tão fácil quanto era vestir um par de calções, antes de quebrar as costas. Trocar sua própria pele pelas penas negras e noturnas de um corvo tinha sido mais difícil, mas não tão difícil quanto temera, não com *aqueles* corvos.

– Um garanhão selvagem vai saltar e chutar quando um homem tentar montá-lo, e tentará morder a mão que colocar o freio entre seus dentes – Lorde Brynden dissera –, mas um cavalo que já conheceu um cavaleiro, aceitará outro. Jovens ou velhas, todas essas aves foram cavalgadas. Escolha uma, agora, e voe.

Bran escolheu uma ave, e depois outra, sem sucesso, mas o terceiro corvo olhou para ele com olhos astutos, inclinou a cabeça, *crocitou* e, rápido assim, ele não era um garoto olhando um corvo, mas um corvo olhando um garoto. O som do rio soou repentinamente mais alto, as tochas queimaram mais brilhantes do que antes e o ar estava repleto de odores estranhos. Quando tentou falar, saiu um grito, e seu primeiro voo terminou quando se chocou contra uma parede e voltou para dentro de seu próprio corpo quebrado. O corvo estava ileso. Voou até ele e pousou em seu braço. Bran acariciou suas penas e deslizou para dentro da ave novamente. Em pouco tempo estava voando pela caverna, desviando dos longos dentes de pedra que pendiam do teto, até mesmo batendo as asas sobre o abismo e mergulhando em suas frias profundezas escuras.

Então percebeu que não estava sozinho.

– Alguém mais estava no corvo – contou para Lorde Brynden, depois que retornou para sua própria pele. – Uma garota. Eu a senti.

– Uma mulher, uma dessas que canta a canção da terra – o professor disse. – Morta há muito tempo, ainda parte dela permanece, exatamente como uma parte de você permaneceria em Verão se sua carne de menino morresse amanhã. Uma sombra da alma. Ela não lhe causará mal.

– Todas as aves têm cantores nelas?

– Todas – disse Lorde Brynden. – Foram os cantores quem ensinaram aos Primeiros Homens a enviar mensagens por corvos... mas, naqueles dias, as aves podiam dizer as palavras. As árvores se lembram, mas os homens esquecem, então agora escrevem a mensagem em pergaminho e

amarram em volta da perna da ave com quem nunca compartilharam a pele.

A Velha Ama lhe contara a mesma história certa vez, Bran se lembrava, mas quando perguntara para Robb se era verdade, seu irmão riu e perguntou se ele também acreditava em gramequins. Queria que Robb estivesse ali agora. *Diria para ele que posso voar, mas ele não acreditaria, então eu teria que mostrar. Aposto que ele poderia aprender a voar também, ele, Arya e Sansa, até mesmo o pequeno Rickon e Jon Snow. Nós todos podíamos ser corvos e viver nos viveiros de aves de Meistre Luwin.*

Mas aquele era apenas outro sonho tolo. Certos dias, Bran se perguntava se tudo aquilo não seria algum sonho. Talvez tivesse adormecido na neve e sonhado que estava em um lugar seguro e quente. *Você tem que acordar*, dizia para si mesmo, *você tem que acordar agora mesmo, ou dormirá até a morte*. Uma ou duas vezes, beliscou seu braço com força, mas a única coisa que conseguiu foi se machucar. No começo, tentara contar os dias anotando quando acordavam e dormiam, mas, ali embaixo, sono e vigília tinham uma maneira de se fundir um no outro. Sonhos tornavam-se lições, lições tornavam-se sonhos, coisas aconteciam de uma vez ou não aconteciam. Ele fizera aquilo, ou apenas sonhara?

– Apenas um homem em mil nasce troca-peles – Lorde Brynden dissera um dia, depois que Bran aprendeu a voar –, e apenas um troca-peles em mil pode ser um vidente verde.

– Eu pensava que os videntes verdes eram os feiticeiros dos filhos – Bran dissera. – Dos cantores, quero dizer.

– Em certo sentido. Esses que você chama de filhos da floresta têm olhos tão dourados quanto o sol, mas uma vez a cada muito tempo um deles nasce com olhos vermelhos como sangue ou verdes como o musgo em uma árvore no coração da floresta. Com esses sinais, os deuses marcam aqueles que escolheram para receber o dom. Os escolhidos não são robustos, ou seus rápidos anos sobre a terra são poucos, cada canção precisa ter seu equilíbrio. Mas, uma vez dentro da floresta, vivem mais, de fato. Mil olhos, uma centena de peles, sabedoria tão profunda quanto as raízes das árvores antigas. *Videntes verdes*.

Bran não entendeu, então perguntou para os Reed.

– Você gosta de ler livros, Bran? – Jojen lhe perguntou.

– Alguns livros. Gosto de histórias de combates. Minha irmã Sansa gosta de histórias de beijos, mas essas são estúpidas.

– Um leitor vive mil vidas antes de morrer – disse Jojen. – O homem que nunca lê vive apenas uma. Os cantores das florestas não tinham livros. Nem tinta, nem pergaminhos, nem linguagem escrita. Em vez disso, tinham as árvores, e os represeiros acima de tudo. Quando morriam, entravam na floresta, em uma folha, um galho ou uma raiz, e as árvores se lembravam. Todas as suas canções e feitiços, suas histórias e orações, tudo o que sabiam sobre esse mundo. Os meistres lhe dirão que os represeiros são sagrados para os antigos deuses. Os cantores acreditam que os represeiros *são* os antigos deuses. Quando os cantores morrem, tornam-se parte desta divindade.

Os olhos de Bran se arregalaram.

– Eles vão me *matar*?

– Não – disse Meera. – Jojen, você está assustando ele.

– Não é ele quem precisa ter medo.

A lua estava gorda e cheia. Verão rondava pela floresta silenciosa, uma grande sombra que ficava mais magra a cada caçada, em busca de alguma presa viva que não podia ser encontrada. A proteção da caverna ainda funcionava; os mortos não podiam entrar. A neve enterrara a maioria deles novamente, mas ainda estavam lá, escondidos, congelados, esperando. Outras coisas mortas vieram se juntar a eles, coisas que certa vez haviam sido homens e mulheres, e mesmo crianças. Corvos mortos sentavam-se nos galhos marrons e nus, as asas incrustadas de gelo. Um urso da neve chocou-se contra os arbustos, imenso e esquelético, metade de sua cabeça descarnada, revelando a caveira embaixo. Verão e sua matilha caíram sobre ele e o rasgaram em pedaços. Depois se fartaram, ainda que a carne estivesse apodrecida e meio congelada, e se movesse mesmo enquanto a comiam.

Sob a montanha, ainda tinham o que comer. Uma centena de tipos de cogumelos crescia ali embaixo. Peixes cegos brancos nadavam no rio negro e, uma vez que os cozinharam, o gosto era tão bom quanto o de qualquer outro peixe. Tinham queijo e leite das cabras que dividiam as cavernas com os cantores, e até mesmo alguma aveia, cevada e frutas secas colhidas durante o longo verão. E quase todos os dias comiam

ensopado de sangue, engrossado com cevada, cebolas e pedaços de carne. Jojen achava que podia ser carne de esquilo, e Meera dizia que era de rato. Bran não se importava. Era carne e era boa. O ensopado a tornava tenra.

As cavernas eram atemporais, vastas, silenciosas. Eram lar para mais de três grupos de cantores vivos e para ossos de centenas de mortos, e se estendiam muito abaixo da montanha oca.

– Homens não devem vagar por este lugar – Folha os avisara. – O rio que vocês ouvem é rápido, negro e segue para baixo e para baixo até um mar sem sol. E há passagens que vão ainda mais fundo, poços sem fundo e estacas repentinas, caminhos esquecidos que levam ao centro da terra. Nem mesmo meu povo explorou todos eles, e vivemos aqui há milhares de milhares de seus anos humanos.

Embora os homens dos Sete Reinos os chamassem de *filhos da floresta*, Folha e seu povo estavam muito longe da infância. *Pequenos sábios da floresta* teria sido um nome mais apropriado. Eram pequenos, se comparados aos homens, como um lobo é menor do que um lobo gigante. Isso não significa que seja um filhote. Tinham a pele da cor de nozes com manchas claras como a de um cervo e grandes orelhas que podiam ouvir coisas que nenhum homem escutaria. Tinham olhos grandes também, imensos olhos dourados de gato que viam passagens onde os olhos de um garoto enxergavam apenas escuridão. Suas mãos tinham apenas três dedos e um polegar, com negras garras afiadas no lugar de unhas.

E eles cantavam. Cantavam na Língua Verdadeira, então Bran não podia entender as palavras, mas suas vozes eram tão puras quanto o ar de inverno.

– Onde está o resto de vocês? – Bran perguntara, certa vez.

– Foram para baixo da terra – Folha respondeu. – Nas pedras, dentro das árvores. Antes dos Primeiros Homens chegarem, toda esta terra que você chama de Westeros era nosso lar, e mesmo naqueles dias éramos poucos. Os deuses nos deram longas vidas, mas não grandes números, para não saturar o mundo, como os cervos saturariam a floresta se não existissem lobos para caçá-los. Aquela era a aurora dos dias, quando nosso sol estava nascendo. Agora ele se põe, e este é nosso longo minguar. Os gigantes estão quase desaparecidos também, eles que eram

nossa perdição e nossos irmãos. Os grandes leões das montanhas do oeste foram mortos, os unicórnios se foram, os mamutes são apenas algumas centenas. Os lobos gigantes sobreviverão a todos nós, mas sua hora também chegará. No mundo que os homens fizeram, não há espaço para eles, ou para nós.

Ela pareceu triste quando disse isso, e fez Bran ficar triste também. Apenas mais tarde ele pensou: *Homens não ficariam tristes. Homens ficariam indignados. Homens odiariam e jurariam uma vingança sangrenta. Os cantores cantam canções tristes, quando os homens lutariam e matariam.*

Um dia, Meera e Jojen decidiram ver o rio, apesar dos avisos de Folha.

– Quero ir também – disse Bran.

Meera lhe deu um olhar triste. O rio estava a duzentos metros de profundidade, descendo encostas íngremes e passagens sinuosas, ela explicou, e a última parte requeria descer em uma corda.

– Hodor nunca faria a subida com você nas costas. Sinto muito, Bran.

Bran se lembrou de uma época quando ninguém podia escalar tão bem quanto ele, nem mesmo Robb ou Jon. Parte dele queria gritar para que o deixassem, e outra parte queria chorar. Era quase um homem feito, pensou, então não disse nada. Mas, depois que saíram, deslizou para dentro da pele de Hodor e os seguiu.

O grande cavalariço já não lutava com ele como fizera da primeira vez, na torre do lago, durante a tempestade. Como um cão que tivera toda a agressividade arrancada a chicotadas, Hodor se encolhia e se escondia todas as vezes que Bran o alcançava. Seu lugar secreto era em algum lugar profundo dentro dele, um poço onde nem Bran podia tocá-lo. *Ninguém quer machucá-lo, Hodor*, ele dizia, silenciosamente, para o homem-criança cuja carne tomara. *Quero só ser forte novamente por um tempo. Vou devolver para você, como sempre faço*.

Ninguém nunca sabia quando ele estava vestindo a pele de Hodor. Bran tinha apenas que sorrir, fazer o que lhe diziam e murmurar "Hodor" de tempos em tempos, e podia seguir Meera e Jojen, alegremente, sem que ninguém suspeitasse que era ele na realidade. Frequentemente estava junto dos irmãos, quisessem ou não. No fim da aventura daquele dia, os Reed ficaram felizes com sua presença. Jojen desceu pela corda com bastante facilidade, mas depois que Meera pescou um peixe branco cego

com seu tridente e chegou a hora de subir, os braços dele começaram a tremer e não conseguiu chegar ao topo, então tiveram que amarrar a corda ao redor de seu corpo e deixar Hodor içá-lo.

– Hodor – Bran grunhia cada vez que puxava. – Hodor, hodor, hodor.

A lua estava um crescente, fina e afiada como a lâmina de uma faca. Verão desenterrou um braço decepado, negro e coberto com geada, os dedos abrindo e fechando com se quisesse se puxar pela neve congelada. Ainda havia carne suficiente para encher sua barriga vazia e, depois que acabou, o lobo gigante quebrou os ossos para alcançar o tutano. Só então o braço se lembrou que estava morto.

Bran comeu com Verão e sua matilha, como lobo. Como corvo, voava com o bando, circulando as montanhas ao pôr do sol, procurando por inimigos, sentindo o toque gelado do ar. Como Hodor, explorava as cavernas. Encontrou câmaras cheias de ossos, hastes que mergulhavam profundamente na terra, um lugar onde esqueletos de morcegos gigantes penduravam-se de cabeça para baixo do teto. Até mesmo cruzou a fina ponte de pedra que se arqueava sobre o abismo e descobriu mais passagens e câmaras do outro lado. Uma delas estava cheia de cantores, entronados como Brynden em ninhos de raízes de represeiros que ondulavam sobre, através e ao redor de seus corpos. A maioria parecia morta, mas, quando passou na frente deles, seus olhos se abriram e seguiram a luz da tocha, e um deles abriu e fechou a boca enrugada como se estivesse tentando falar.

– Hodor – Bran disse para ele, e sentiu o Hodor real se agitar em seu poço.

Sentado em seu trono de raízes na grande caverna, meio cadáver e meio árvore, Lorde Brynden parecia menos um homem do que uma sinistra estátua feita de madeira retorcida, ossos velhos e lã apodrecida. A única coisa que parecia viva naquela ruína pálida que era seu rosto era seu único olho vermelho, brilhando como a última brasa em uma fogueira se apagando, cercado por raízes retorcidas e farrapos de pele branca penduradas em um crânio amarelo.

A visão dele ainda assustava Bran; as raízes de represeiro serpenteando para dentro e para fora de sua carne seca, os cogumelos crescendo em seu rosto, os brancos vermes de madeira que saíam do buraco onde seu olho estivera. O garoto preferia quando as tochas estavam apagadas. Na

escuridão, podia fingir que era o corvo de três olhos que sussurrava para ele, e não algum horrível cadáver falante.

*Um dia, serei como ele*. O pensamento enchia Bran de terror. Já era ruim o suficiente estar quebrado, com aquelas pernas inúteis. Estaria ele condenado a perder o restante também, para passar o resto de seus anos com um represeiro crescendo nele e através dele? Lorde Brynden tirava sua vida da árvore, Folha lhe contara. Não comia, não bebia. Ele dormia, sonhava e observava. *Eu ia ser um cavaleiro*, Bran se lembrou. *Eu costumava correr, escalar e lutar*. Parecia que mil anos tinham se passado.

O que ele era agora? Apenas Bran, o menino quebrado, Brandon da Casa Stark, príncipe de um reino perdido, senhor de um castelo queimado, herdeiro de ruínas. Ele pensara que o corvo de três olhos seria um feiticeiro, um mago velho e sábio que poderia consertar suas pernas, mas percebia agora que aquilo era apenas um estúpido sonho de criança. *Estou velho demais para essas fantasias*, disse para si mesmo. *Mil olhos, uma centena de peles, sabedoria profunda como as raízes das árvores antigas*. Isso seria tão bom quanto ser um cavaleiro. *Quase tão bom, de toda forma.*

A lua era um buraco negro no céu. Do lado de fora da caverna, o mundo continuava. Do lado de fora da caverna o sol se levantava e se punha, a lua fazia seu ciclo, o vento frio uivava. Sob a montanha, Jojen Reed ficava cada vez mais taciturno e solitário, para angústia de sua irmã. Ela frequentemente sentava com Bran, ao lado da pequena fogueira, falando sobre tudo e sobre nada, acariciando Verão quando ele dormia entre eles, enquanto seu irmão vagava sozinho pelas cavernas. Jojen até mesmo subira na boca da caverna em um dia brilhante. Ficara lá por horas, olhando para a floresta, enrolado em peles, mas tremendo do mesmo jeito.

– Ele quer ir para casa – Meera disse a Bran. – Ele nem vai tentar lutar contra seu destino. Diz que os sonhos verdes não mentem.

– Ele está sendo corajoso – respondeu Bran. *O único momento em que um homem pode ser corajoso é quando está com medo*, seu pai lhe dissera uma vez, havia muito tempo, no dia que encontraram os filhotes de lobo gigantes nas neves de verão. Ele ainda se lembrava.

– Ele está sendo estúpido – Meera disse. – Eu esperava que quando encontrássemos o corvo de três olhos... agora me pergunto por que viemos.

*Por mim*, Bran pensou.

– Seus sonhos verdes – falou.

– Seus sonhos verdes. – A voz de Meera estava amarga.

– Hodor – disse Hodor.

Meera começou a chorar.

– Não chore – falou. Queria colocar seus braços ao redor dela, abraçá-la apertado como sua mãe costumava fazer em Winterfell, quando ele se machucava. Ela estava logo ali, apenas a alguns metros dele, mas tão distante como se estivesse a quilômetros. Para tocá-la, precisaria arrastar-se pelo chão com as mãos, levando as pernas atrás de si. O solo era duro e irregular, e seria um lento percurso, cheio de arranhões e solavancos. *Poderia ir para a pele de Hodor*, pensou. *Hodor poderia abraçá-la e acariciar suas costas.* A ideia fez Bran se sentir estranho, mas ainda estava pensando nisso quando Meera se afastou do fogo, de volta para a escuridão dos túneis. Ele ouviu seus passos se afastarem, até que não havia nada além das vozes dos cantores.

A lua era um crescente, fina e afiada como a lâmina de uma faca. Os dias passavam, um após o outro, cada um mais curto do que o anterior. As noites ficavam mais longas. A luz do sol nunca alcançava as cavernas sob a montanha. Nenhum luar jamais tocava aquelas paredes de pedra. Até mesmo as estrelas eram estranhas ali. Aquelas coisas pertenciam ao mundo de cima, onde o tempo percorria seus ciclos de ferro, dia, noite, dia, noite, dia.

– É tempo – disse Lorde Brynden.

Alguma coisa em sua voz fez Bran sentir um arrepio nas costas.

– Tempo para quê?

– Para o próximo passo. Para ir além de trocar a pele e aprender o que significa ser um vidente verde.

– As árvores o ensinarão – disse Folha. Ela acenou, e outra das cantoras se aproximou, a de cabelos brancos que Meera chamara de Travaneve. Ela tinha uma tigela de represeiro nas mãos, esculpida com uma dúzia de rostos, como os das árvores-coração. Dentro havia uma pasta branca, grossa e pesada, com veios vermelho-escuros passando por

ela. – Você precisa comer isto – Folha explicou. Deu para Bran uma colher de madeira.

O garoto olhou para a tigela com incerteza.

– O que é isso?

– Uma pasta de sementes de represeiro.

Algo na aparência daquilo fez Bran se sentir mal. Os veios vermelhos eram apenas seiva de represeiro, supunha, mas à luz das tochas tinham uma incrível semelhança com sangue. Ele mergulhou a colher na pasta e hesitou:

– Isso vai me tornar um vidente verde?

– Seu sangue o fará um vidente verde – disse Lorde Brynden. – Isso apenas despertará seu dom e o casará com as árvores.

Bran queria estar casado com uma árvore... mas quem se casaria com um garoto quebrado como ele? *Mil olhos, uma centena de peles, sabedoria tão profunda quanto as raízes das árvores antigas. Um vidente verde.*

Ele comeu.

Tinha um gosto um pouco amargo, embora não tão amargo quanto pasta de bolotas. A primeira colherada foi a mais difícil de descer. Ele quase a vomitou. A segunda teve um gosto melhor. A terceira estava quase doce. O restante, ele comeu ansiosamente. Por que havia pensado que era amargo? Tinha gosto de mel, de neve recém-caída, de pimenta e canela, e do último beijo que sua mãe nunca lhe dera. A tigela vazia escorregou de seus dedos e retiniu no chão da caverna.

– Não me sinto diferente. O que acontece em seguida?

Folha tocou sua mão.

– As árvores o ensinarão. As árvores se lembram. – Levantou a mão e os outros cantores começaram a se mover pela caverna, extinguindo as tochas uma por uma. A escuridão ficou mais densa e rastejou na direção deles.

– Feche os olhos – disse o corvo de três olhos. – Deslize de sua pele, como você faz quando se une a Verão. Mas, desta vez, vá para as raízes. Siga-as pela terra, até as árvores sobre a montanha, e me diga o que vê.

Bran fechou os olhos e deslizou, livre de sua pele. *Dentro das raízes*, pensou. *Dentro do represeiro. Tornar-se a árvore*. Por um instante, podia

ver a caverna em seu manto negro, podia ouvir o rio correndo embaixo deles.

Então, de repente, estava em casa novamente.

Lorde Eddard Stark estava sentado sobre uma pedra ao lado da profunda lagoa negra no bosque sagrado, as raízes claras da árvore-coração se enroscando ao redor dele como os braços retorcidos de um homem velho. A espada Gelo estava no colo de Lorde Eddard, e ele limpava a lâmina com um oleado.

– *Winterfell* – Bran sussurrou.

Seu pai olhou para cima.

– Quem está aí? – perguntou, virando-se...

... e Bran, assustado, se afastou. Seu pai, a lagoa negra e o bosque sagrado desbotaram e sumiram, e estava de volta à caverna, as raízes pálidas e grossas de seu trono de represeiro embalando suas pernas como uma mãe faz com um filho. Uma tocha queimava diante dele.

– Conte-nos o que viu. – De longe, Folha parecia quase uma garota, não mais velha do que Bran ou uma de suas irmãs, mas de perto parecia bem mais velha. Ela afirmava ter duzentos anos.

A garganta de Bran estava muito seca. Ele engoliu.

– Winterfell. Estava de volta a Winterfell. Vi meu pai. Ele não está morto, não está, eu o vi, ele voltou a Winterfell, ainda está vivo.

– Não – disse Folha. – Ele se foi, garoto. Não procure chamá-lo de volta da morte.

– Eu o *vi*. – Bran podia sentir a madeira áspera pressionando contra uma bochecha. – Ele estava limpando Gelo.

– Você viu o que desejava ver. Seu coração anseia por seu pai e sua casa, então foi isso que você viu.

– Um homem precisa saber como olhar, antes que possa esperar ver – disse Lorde Brynden. – Eram sombras de dias passados que você viu, Bran. Você estava olhando através dos olhos da árvore-coração em seu bosque sagrado. O tempo de uma árvore é diferente do tempo do homem. Sol, solo e água, essas são as coisas que um represeiro entende, não dias, anos e séculos. Para o homem, o tempo é um rio. Está preso em seu fluxo, seguindo do passado para o presente, sempre na mesma direção. As vidas das árvores são diferentes. Elas enraízam, crescem e morrem em um único lugar, e então aquele rio não se move. O carvalho é a

bolota, e a bolota é o carvalho. E o represeiro... mil anos humanos são um momento para um represeiro e, através de tais portões, você e eu podemos olhar o passado.

– Mas – insistiu Bran –, ele me *ouviu*.

– Ele ouviu um sussurro do vento, um farfalhar de folhas. Você não pode falar com ele, tente se quiser. Eu sei. Tenho meus próprios fantasmas, Bran. Um irmão que amava, um irmão que odiava, uma mulher que desejava. Através das árvores, ainda os vejo, mas nenhuma de minhas palavras jamais os alcançou. O passado permanece no passado. Podemos aprender com ele, mas não podemos mudá-lo.

– Verei meu pai novamente?

– Uma vez que domine seu dom, você poderá olhar para onde quiser e ver o que as árvores viram, seja ontem, no ano passado ou há milhares de anos. Os homens vivem suas vidas presos a um eterno presente, entre as brumas da memória e o mar de sombras que é tudo o que sabemos dos dias vindouros. Certas mariposas vivem suas vidas inteiras em um dia e, mesmo assim, para elas esse pequeno espaço de tempo deve ser tão longo quanto anos e décadas para nós. Um carvalho vive trezentos anos, uma sequoia, três mil. Um represeiro viverá para sempre, se não for perturbado. Para eles, as estações passam nas vibrações das asas de uma mariposa, e passado, presente e futuro são um só. Nem sua visão será limitada ao seu bosque sagrado. Os cantores esculpiram olhos em suas árvores-coração para despertá-las, e esses são os primeiros olhos que um novo vidente verde aprende a usar... mas, com o tempo, você verá muito além das próprias árvores.

– Quando? – Bran quis saber.

– Em um ano, ou três, ou dez. Isso eu não vislumbrei. Virá com o tempo, prometo a você. Mas estou cansado agora, e as árvores estão me chamando. Prosseguiremos amanhã.

Hodor carregou Bran de volta à sua câmara, murmurando “Hodor” em voz baixa, enquanto Folha seguia na frente com uma tocha. Ele esperava que Meera e Jojen estivessem ali, mas sua aconchegante alcova na rocha estava fria e vazia. Hodor colocou Bran na cama, cobriu-o com peles e acendeu uma fogueira para eles. *Mil olhos, uma centena de peles, sabedoria tão profunda quanto as raízes das árvores antigas*.

Observando as chamas, Bran resolveu que ficaria acordado até Meera voltar. Jojen estaria infeliz, ele sabia, mas Meera ficaria feliz por ele. Não se lembrava de ter fechado os olhos.

... mas então, de algum modo, estava em Winterfell novamente, no represeiro, olhando para seu pai. Lorde Eddard parecia muito mais jovem dessa vez. Seu cabelo era castanho, sem nenhum traço de cinza, sua cabeça curvada.

– ... deixe-os crescerem juntos, como irmãos, com apenas amor entre eles – rezou –, e deixe minha senhora esposa encontrar perdão em seu coração...

– Pai – a voz de Bran era um sussurro no vento, um farfalhar de folhas. – Pai, sou eu. Bran. Brandon.

Eddard Stark levantou a cabeça e olhou longamente para o represeiro, franzindo o cenho, mas não falou nada. *Ele não pode me ver*, Bran percebeu, desesperado. Queria alcançá-lo e tocá-lo, mas tudo o que podia fazer era observar e ouvir. *Estou na árvore. Estou dentro da árvore-coração, olhando por seus olhos vermelhos, mas o represeiro não pode falar, então eu também não posso.*

Eddard Stark retomou sua oração. Bran sentiu seus olhos se encherem de lágrimas. Mas eram suas próprias lágrimas ou do represeiro? *Se eu chorar, o represeiro começará a derramar lágrimas?*

O restante das palavras do pai foi abafado por um súbito barulho de madeira batendo em madeira. Eddard Stark se dissolveu, como a bruma ao sol da manhã. Agora, duas crianças brincavam pelo bosque sagrado, gritando uma para a outra enquanto duelavam com galhos quebrados. A garota era a mais velha e mais alta dos dois. *Arya!*, Bran pensou, ansiosamente, enquanto a observava saltar de uma pedra e acertar o garoto. Mas isso não estava certo. Se a garota era Arya, o menino seria Bran, e ele nunca usara o cabelo tão comprido. *E Arya nunca me bateu brincando de espadas, do jeito que a garota está batendo nele.* Ela o acertou na coxa com tanta força, que ele perdeu o equilíbrio e caiu na lagoa, começando a se debater e a gritar.

– Fique quieto, estúpido – disse a garota, jogando seu próprio galho de lado. – É só água. Quer que a Velha Ama escute e vá correndo contar ao pai? – Ela se ajoelhou e puxou o irmão da lagoa, mas antes que ele tivesse saído completamente, os dois desapareceram.

Depois disso, os vislumbres vieram cada vez mais rápidos, até Bran se sentir perdido e enjoado. Não viu mais seu pai, nem a menina que se parecia com Arya, mas uma mulher em gravidez adiantada emergiu nua e pingando da lagoa negra, ajoelhou-se diante da árvore e implorou aos deuses por um filho que a vingasse. Então veio uma garota de cabelos castanhos, esguia como uma lança, que ficou na ponta dos pés para beijar os lábios de um jovem cavaleiro tão alto quanto Hodor. Um jovem de olhos escuros, pálido e feroz, cortou três galhos do represeiro e deu-lhes forma de flecha. A árvore estava encolhendo, ficando menor a cada visão, enquanto árvores ainda menores se convertiam em mudas e desapareciam, apenas para serem substituídas por outras árvores que encolhiam e também sumiam. E agora os senhores que Bran vislumbrava eram altos e vigorosos, homens austeros vestidos em peles e cotas de malha. Alguns tinham rostos que lembravam as estátuas da cripta, mas desapareceram antes que Bran pudesse recordar seus nomes.

Então, enquanto ele observava, um homem barbado forçou um prisioneiro a ficar de joelhos diante da árvore-coração. Uma mulher de cabelos brancos caminhou na direção deles, por um monte de folhas vermelho-escuras, com uma foice de bronze na mão.

– Não – disse Bran –, não, *não faça isso* – mas não podiam ouvi-lo, não mais do que seu pai. A mulher agarrou o prisioneiro pelo cabelo, enganchou a foice em sua garganta e cortou. Através das brumas dos séculos, o garoto quebrado só podia observar, enquanto os pés do homem se debatiam contra a terra... mas, conforme sua vida fluía para fora em uma maré vermelha, Brandon Stark pôde sentir o gosto de sangue.

# Jon

O sol apareceu perto do meio-dia, depois de sete dias de céu escuro e rajadas de neve. Alguns montes eram mais altos do que um homem, mas os intendentes haviam trabalhado com as pás, e os caminhos estavam tão limpos quanto possível. Reflexos brilhavam na Muralha, cada rachadura e fenda cintilando em tons de azul-claro.

A duzentos metros de altura, Jon Snow olhava para baixo, observando a floresta assombrada. Um vento norte rodopiava entre as árvores lá embaixo, fazendo voar finas faixas brancas de cristais de neve dos galhos mais altos, como bandeiras congeladas. Fora isso, nada se movia. *Nem um sinal de vida*. Aquilo não era inteiramente reconfortante. Não eram os vivos que ele temia. Mesmo assim...

*O sol saiu. A neve parou. Pode ser que a lua dê uma volta antes que tenhamos outra chance tão boa. Pode ser a ocasião.*

– Peça para Emmett reunir seus recrutas – disse para Edd Doloroso. – Precisaremos de uma escolta. Dez patrulheiros, armados com vidro de dragão. Quero-os prontos para partir em uma hora.

– Sim, senhor. E para comandar?

– Eu vou.

A boca de Edd se curvou mais para baixo do que o usual.

– Alguns podem pensar que seria melhor que o senhor comandante ficasse seguro e aquecido ao sul da Muralha. Não que eu esteja falando isso, mas alguém pode dizer.

Jon sorriu.

– Alguns fariam bem em não dizer isso na minha presença.

Uma súbita rajada de vento fez o manto de Edd se agitar ruidosamente.

– Melhor descer, senhor. Este vento parece querer nos jogar da Muralha, e nunca aprendi o truque de voar.

Entraram na gaiola de manivela para voltar ao chão. O vento vinha em rajadas, frio como o hálito do dragão de gelo das histórias que a Velha Ama contava quando Jon era um garoto. A pesada gaiola balançava. De tempos em tempos, raspava contra a Muralha, iniciando pequenas cachoeiras de gelo cristalino que cintilavam à luz do sol, enquanto caíam como cacos de vidro.

*Vidro*, Jon pensou, *teria uso aqui. Castelo Negro precisa de sua própria estufa, como as de Winterfell. Poderíamos cultivar vegetais mesmo no auge do inverno. O melhor vidro vem de Myr, mas um bom painel translúcido vale seu peso em especiarias, e vidro verde e amarelo não funciona tão bem. O que precisamos é de ouro. Com dinheiro suficiente, poderíamos comprar aprendizes e vidraceiros em Myr, trazê-los para o Norte, oferecer-lhes liberdade em troca de ensinar sua arte para alguns de nossos recrutas. Seria um bom meio de resolver isso. Se tivéssemos ouro. O que não temos.*

Na base da Muralha, encontrou Fantasma rolando em um banco de neve. O grande lobo gigante branco parecia amar neve fresca. Quando viu Jon, ficou novamente em pé e se sacudiu. Edd Doloroso disse:

– Ele vai com você?

– Vai.

– Um lobo esperto, ele. E eu?

– Você não vai.

– Um senhor esperto, você. Fantasma é a melhor opção. Não tenho mais dentes para morder selvagens.

– Se os deuses forem bons, não encontraremos nenhum selvagem. Quero o castrado cinza.

A notícia correu rapidamente pelo Castelo Negro. Edd ainda estava selando o cinza quando Bowen Marsh irrompeu pelo pátio para confrontar Jon nos estábulos.

– Senhor, gostaria que reconsiderasse. Os homens podem fazer seus votos no septo facilmente.

– O septo é o lar dos novos deuses. Os antigos deuses vivem na floresta, e aqueles que os veneram dizem suas palavras entre os represeiros. Você sabe disso tanto quanto eu.

– Cetim vem de Vilavelha, e Arron e Emrick das terras do oeste. Os antigos deuses não são deuses deles.

– Não direi aos homens quais deuses venerar. Eles são livres para escolher os Sete, ou o Senhor da Luz da mulher vermelha. Em vez disso, escolheram as árvores, com todo o perigo que isso implica.

– O Chorão pode estar lá, observando.

– O bosque está a não mais do que duas horas de cavalgada, mesmo com neve. Devemos estar de volta à meia-noite.

– Muito tempo. Isso não é prudente.

– Imprudente – disse Jon –, mas necessário. Esses homens estão prestes a prometer a vida para a Patrulha da Noite, juntando-se a uma irmandade que se estende para trás em uma linha ininterrupta de mil anos. As palavras importam, e também essas tradições. Elas nos mantêm juntos, bem-nascidos e malnascidos, jovens e velhos, camponeses e nobres. Elas nos fazem irmãos. – Deu um tapinha no ombro de Marsh. – Prometo a você que retornaremos.

– Sim, senhor – disse o Senhor Intendente –, mas como homens vivos ou como cabeças em lanças, com os olhos arrancados? Retornarão na escuridão da noite. Os montes de neve chegam à cintura em alguns locais. Vejo que está levando homens experientes com você, isso é bom, mas Jack Negro Bulwer conhecia esta floresta também. Mesmo Benjen Stark, seu próprio tio, ele...

– Tenho algo que eles não tinham. – Jon virou a cabeça e assobiou. – *Fantasma*. Aqui. – O lobo gigante sacudiu a neve das costas e trotou até o lado de Jon. Os patrulheiros se afastaram para ele passar, embora uma égua relinchasse e só se afastasse até que Rory desse um puxão nas rédeas. – A Muralha é sua, Lorde Bowen. – Pegou seu cavalo pelas rédeas, seguiu para o portão e entrou no túnel gelado que serpenteava sob a Muralha.

Além do gelo, as árvores eram altas e silenciosas, amontoadas com grossos mantos brancos. Fantasma seguia atrás do cavalo de Jon, enquanto os patrulheiros e os recrutas entraram em formação, até que parou e farejou, sua respiração congelando no ar.

– O que foi? – Jon perguntou. – Há algo aqui? – A floresta estava vazia, tanto quanto era possível ver, mas isso não era muito longe.

Fantasma correu em direção às árvores, deslizou entre dois pinheiros cobertos de branco e desapareceu em uma nuvem de neve. *Ele quer caçar, mas o quê?* Jon não temia pelo lobo gigante tanto quanto por

qualquer selvagem que ele pudesse encontrar. *Um lobo branco em uma floresta branca, silencioso como uma sombra. Nunca saberão que ele está chegando.* Sabia que não adiantava ir atrás do lobo. Fantasma voltaria quando quisesse, não antes. Jon apertou os calcanhares no cavalo. Seus homens o acompanharam, os cascos dos garranos atravessando a crosta congelada até a camada mais macia de neve embaixo. Foram para a floresta, cavalgando em ritmo constante, enquanto a Muralha diminuía atrás deles.

Os pinheiros marciais e as árvores sentinelas usavam mantos mais grossos, e pingentes de gelo podiam ser vistos nos galhos marrons das árvores de folhas largas. Jon enviou Tom Grão-de-Cevada na frente, como batedor, embora o caminho para o bosque branco fosse frequentemente trilhado e familiar. Grande Liddle e Luke de Vilalonga entraram na mata, para leste e oeste. Os dois flanqueariam a coluna, para avisar em caso de qualquer aproximação. Eram todos patrulheiros experientes, armados com obsidiana, assim como com aço e berrante de guerra pendurado na sela, se precisassem pedir ajuda.

Os outros eram bons homens também. *Bons homens em batalha, pelo menos, e leais aos seus irmãos*. Jon não podia falar pelo que pudessem ter sido antes de chegarem à Muralha, mas não duvidava que o passado da maioria deles fosse tão negro quanto o manto que usavam. Nesse momento, eram o tipo de homem que queria em sua retaguarda. Seus capuzes estavam levantados contra o vento cortante, e alguns tinham lenços em volta do rosto, ocultando as feições. Mas Jon os conhecia. Cada nome estava gravado em seu coração. Eram seus homens, seus irmãos.

Seis mais cavalgavam com eles; uma mistura de jovens e velhos, grandes e pequenos, experientes e inexperientes. *Seis para dizer as palavras*. Cavalo nascera e crescera em Vila Toupeira, Arron e Emrick vieram da Ilha Justa, Cetim, dos bordéis de Vilavelha, na outra extremidade de Westeros. Eram todos garotos. Couros e Jax eram homens mais velhos, bem passados dos quarenta, filhos da floresta assombrada, com seus próprios filhos e netos. Eram dois dos sessenta e três selvagens que seguiram Jon Snow de volta à Muralha no dia em que o senhor comandante fez seu apelo; até agora, os únicos dois que tinham decidido tomar o manto negro. Emmett de Ferro dizia que estavam

prontos, ou tão prontos quanto podiam estar. Ele, Jon e Bowen Marsh haviam analisado cada homem, a fim de designá-los para uma ordem: Couros, Jax e Emrick para os patrulheiros, Cavalo para os construtores, Arron e Cetim para os intendentes. Chegara a hora de fazerem seus votos.

Emmett de Ferro cavalgava na cabeça da coluna, montado no cavalo mais feio que Jon já vira, um animal desgrenhado que parecia todo pelos e cascos.

– Dizem que noite passada aconteceram alguns problemas na Torre da Meretriz – disse o mestre de armas.

– Torre de Hardin. – Entre os sessenta e três que haviam voltado com ele da Vila Toupeira, dezenove eram mulheres e garotas. Jon as abrigara na torre abandonada em que ele mesmo dormira quando era novo na Muralha. Doze eram esposas de lança, mais do que capazes de defender a si mesmas e as mais novas das atenções indesejadas dos irmãos negros. Alguns dos homens que haviam sido repelidos deram à Torre de Hardin esse novo nome incendiário. Jon não estava disposto a tolerar zombarias. – Três bêbados tolos confundiram Hardin com um bordel, isso foi tudo. Estão nas celas de gelo, agora, refletindo sobre seu erro.

Emmett de Ferro fez uma careta.

– Homens são homens, votos são palavras, e palavras são vento. Você deveria colocar guardas perto das mulheres.

– E quem vigiará os guardas? – *Você não sabe nada, Jon Snow*. Ele aprendera, no entanto, e Ygritte fora sua melhor professora. Se ele não tinha conseguido manter os próprios votos, como podia esperar mais de seus irmãos? Mas havia perigos em se brincar com mulheres selvagens. *Um homem pode ter uma mulher, e um homem pode ter uma faca*, Ygritte lhe dissera certa vez, *mas nenhum homem pode ter ambos*. Bowen Marsh não estava totalmente errado. A Torre de Hardin era uma mecha a espera de uma faísca. – Pretendo abrir mais três castelos – disse Jon. – Lago Profundo, Solar das Trevas e Monte Longo. Todos guarnecidos com povo livre, sob comando de nossos próprios oficiais. Monte Longo será todo de mulheres, com exceção do comandante e do intendente chefe. – Haveria alguma confusão, ele não duvidava, mas, ao menos, as distâncias eram grandes o suficiente para dificultar.

– E que pobre tolo será escolhido para esse comando?

– Estou cavalgando ao lado dele.

O olhar de horror misturado a deleite que passou pelo rosto de Emmett de Ferro valia mais do que um saco de ouro.

– O que fiz para que me odiasse tanto, senhor?

Jon riu.

– Não tema, você não estará sozinho. Pretendo enviar Edd Doloroso como seu segundo e seu intendente.

– As esposas de lança ficarão tão felizes. Você poderia conceder um castelo ao Magnar.

O sorriso de Jon morreu.

– Poderia, se confiasse nele. Temo que Sigorn me culpe pela morte do pai. E, pior, ele foi criado e treinado para dar ordens, não para obedecê-las. Não confunda os thenns com o povo livre. "Magnar" significa "senhor" na Língua Antiga, me disseram, mas Styr estava mais perto de ser um deus para seu povo, e seu filho é feito da mesma matéria. Não preciso de homens que se ajoelhem, mas eles precisam obedecer.

– Sim, senhor, mas é melhor fazer alguma coisa com o Magnar. Você terá problemas com os thenns, se os ignorar.

*Problema é o fardo do senhor comandante*, Jon poderia ter dito. A visita a Vila Toupeira lhe trouxera problemas em abundância, e as mulheres eram o menor deles. Halleck estava provando ser tão truculento quanto ele temia, e havia alguns entre os irmãos negros que tinham o ódio pelo povo livre entranhado nos ossos. Um dos seguidores de Halleck já tinha cortado a orelha de um construtor no pátio, e provavelmente apenas como uma amostra do sangue que estava por vir. Tinha que reabrir os velhos fortes logo, então o irmão de Harma poderia ser mandado para guarnecer Lago Profundo ou Solar das Trevas. Mas, nesse momento, nenhum deles servia para habitação humana, e Othell Yarwyck e seus construtores ainda estavam tentando restaurar Fortenoite. Havia noites em que Jon Snow se perguntava se não teria sido um erro impedir que Stannis marchasse com todos os selvagens para serem abatidos. *Não sei nada, Ygritte*, pensou, *e talvez nunca saiba.*

A oitocentos metros do bosque, longos feixes de luz avermelhada do sol de outono atravessavam os galhos desfolhados das árvores, tingindo os montes de neve de rosa. Os patrulheiros cruzaram um riacho congelado, entre duas pedras irregulares cobertas de gelo, e então

seguiram por uma trilha sinuosa para nordeste. Sempre que o vento soprava, punhados de neve solta enchiam o ar e faziam seus olhos arderem. Jon puxou o lenço sobre a boca e o nariz e ergueu o capuz do manto.

– Não falta muito – disse aos homens. Ninguém respondeu.

Jon farejou Tom Grão-de-Cevada antes de vê-lo. Ou teria sido Fantasma quem o farejou? Nos últimos tempos, Jon Snow algumas vezes sentia como se ele e o lobo gigante fossem um só, mesmo acordado. O grande lobo branco apareceu primeiro, sacudindo a neve. Alguns momentos depois, Tom estava lá.

– Selvagens – disse, em voz baixa, para Jon. – No bosque.

Jon fez os patrulheiros pararem.

– Quantos?

– Contei nove. Nenhum guarda. Alguns mortos, ou talvez estejam dormindo. A maioria parece ser mulher. Uma criança, mas há um gigante também. Apenas um, pelo que vi. Eles têm uma fogueira, a fumaça sobe pelas árvores. Tolos.

*Nove, e eu tenho dezessete.* Mas quatro dos seus eram garotos inexperientes, e nenhum era gigante.

Jon não pretendia voltar para a Muralha, contudo. *Se os selvagens ainda estiverem vivos, podem ser trazidos conosco. E se estiverem mortos, bem... um cadáver ou dois podem ser úteis*.

– Continuaremos a pé – disse, descendo suavemente no chão congelado. A neve cobria seus tornozelos. – Rory, Pate, fiquem com os cavalos. – Podia ter dado essa tarefa aos recrutas, mas eles precisavam sangrar em breve. Esta era uma ocasião tão boa quanto qualquer outra. – Espalhem-se, formando um quarto crescente. Quero fechar o bosque por três lados. Mantenham o homem que estiver à sua direita e aquele à sua esquerda sempre à vista, para não deixar lacunas. A neve deve abafar nossos passos. Teremos menos chance de sangue se os pegarmos desprevenidos.

A noite caía rapidamente. Os feixes de luz desapareceram quando a última fatia fina do sol foi engolida atrás da floresta ocidental. Os montes de neve rosados ficavam brancos novamente, a cor saindo deles conforme o mundo escurecia. O céu do final do dia exibia o cinza

desbotado de uma velha capa que havia sido lavada muitas vezes, e as primeiras estrelas começavam a aparecer.

Adiante, ele vislumbrou um pálido tronco branco que só poderia ser um represeiro, coroado com folhas vermelho-escuras. Jon Snow se virou e puxou Garralonga da bainha. Olhou para a direita e para a esquerda, acenou para Cetim e Cavalo e viu enquanto passavam o sinal para os homens ao lado. Correram para o bosque juntos, chutando montes de neve velha sem nenhum outro som que não o de suas respirações. Fantasma correu com eles, uma sombra branca ao lado de Jon.

Os represeiros erguiam-se em círculo, em torno das bordas da clareira. Eram nove, todos aproximadamente da mesma idade e do mesmo tamanho. Cada um tinha um rosto esculpido, e nenhuma face era como a outra. Algumas estavam sorrindo, outras estavam gritando, algumas berravam para ele. O profundo brilho de seus olhos parecia negro, mas à luz do dia seria vermelho, Jon sabia. *Como os olhos de Fantasma.*

A fogueira no centro do bosque era uma coisa pequena e triste, cinzas, brasas e alguns ramos quebrados, queimando de maneira lenta e esfumaçada. Mesmo assim, tinha mais vida do que os selvagens que se amontoavam em seu entorno. Apenas um deles reagiu quando Jon saiu de trás de um arbusto. Era uma criança, que começou a chorar, agarrando o manto esfarrapado da mãe. A mulher levantou os olhos e suspirou. Nesse momento, o bosque já estava cercado por patrulheiros deslizando pelas árvores de ossos brancos, com aço brilhando nas mãos enluvadas de negro, prontos para o abate.

O gigante foi o último a notá-los. Estava adormecido, curvado ao lado do fogo, mas algo o acordou; o choro da criança, o som da neve rachando sob as botas negras, um ronco súbito. Quando despertou, foi como se um seixo ganhasse vida. Sentou-se com um ronco, esfregando os olhos com mãos tão grandes quanto presunto para afastar o sono... até que viu Emmett de Ferro, a espada brilhando em sua mão. Rugindo, o gigante se levantou, e uma das imensas mãos se fechou em torno de uma marreta, agitando-a.

Fantasma mostrou os dentes em resposta. Jon segurou o lobo pela nuca.

– Não queremos batalha aqui. – Seus homens poderiam abater o gigante, ele sabia, mas não sem um custo. Uma vez que sangue fosse

derramado, os selvagens se juntariam à briga. A maioria ou todos eles morreriam, e alguns de seus irmãos negros também. – Este é um local sagrado. Renda-se e nós...

O gigante gritou novamente, um som que agitou as folhas das árvores, e bateu sua marreta contra o chão. O cabo era feito de quase dois metros de carvalho retorcido e a cabeça, uma pedra tão grande quanto um pão. O impacto fez o chão estremecer. Alguns dos outros selvagens foram atrás de suas armas.

Jon Snow estava prestes a pegar Garralonga quando Couros falou, do outro lado do bosque. Suas palavras soaram roucas e guturais, mas Jon ouviu a música nela e reconheceu o Idioma Antigo. Couros falou por longo tempo. Quando terminou, o gigante respondeu. Soava como rosnado, intercalado com grunhidos, e Jon não conseguiu entender uma palavra daquilo. Mas Couros apontou para as árvores e disse mais alguma coisa, então o gigante apontou para as árvores, rangeu os dentes e abaixou a marreta.

– Está feito – disse Couros. – Eles não querem lutar.

– Bem feito. O que disse para ele?

– Que são nossos deuses, também. Que viemos para rezar.

– Viemos. Guardem o aço, todos vocês. Não teremos sangue derramado esta noite.

Nove, Tom Grão-de-Cevada dissera, e eram nove, mas dois estavam mortos e um estava tão fraco que poderia estar morto pela manhã. Os seis que restavam incluíam a mãe com a criança, dois velhos, um thenn ferido em bronze amassado e um homem cornopé, seus pés descalços tão congelados que Jon soube só de olhar que ele nunca mais andaria. Muitos deles eram estranhos uns aos outros quando chegaram ao bosque, soube em seguida; quando Stannis quebrou a tropa de Mance Rayder, fugiram para a floresta para escapar à carnificina, vagaram por um tempo, perderam amigos e parentes para o frio e para a fome, e finalmente pararam aqui, muito fracos e cansados para continuar.

– Os deuses estão aqui – um dos velhos disse. – É um lugar tão bom para morrer quanto qualquer outro.

– A Muralha está apenas a algumas horas ao sul – disse Jon. – Por que não buscaram abrigo lá? Outros se renderam. Até mesmo Mance.

Os selvagens trocaram olhares. Finalmente um deles disse:

– Ouvimos histórias. Os corvos queimaram todos aqueles que se renderam.

– Até o próprio Mance – a mulher completou.

*Melisandre*, Jon pensou, *e seu deus vermelho terão muito e ainda mais pelo que responder*.

– Todos aqueles que desejarem serão bem-vindos para voltar conosco. Há comida e abrigo no Castelo Negro, e a Muralha os manterá a salvo das coisas que assombram esta floresta. Vocês têm minha palavra, ninguém será queimado.

– A palavra de um corvo – disse a mulher, abraçando a criança –, mas quem diz que você a manterá? Quem é você?

– Senhor Comandante da Patrulha da Noite e filho de Eddard Stark de Winterfell. – Jon se virou para Tom Grão-de-Cevada. – Peça para Rory e Pate trazerem os cavalos. Não pretendo ficar aqui um momento a mais do que devemos.

– Como desejar, senhor.

Uma última coisa tinha que ser feita antes que pudessem partir: a coisa pela qual vieram. Emmett de Ferro convocou seus comandados e, enquanto o resto da companhia assistia de uma distância respeitosa, eles se ajoelharam diante dos represeiros. A última luz do dia já se fora então; a única luz vinha das estrelas acima e do fraco brilho vermelho do fogo no centro do bosque.

Com capuz negro e grossa capa negra, os seis poderiam ter sido escavados na sombra. Suas vozes se levantaram juntas, pequenas contra a vastidão da noite.

– A noite chega, e agora começa minha vigília – disseram, como milhares antes deles. A voz de Cetim era doce como uma canção, a de Cavalo, rouca e hesitante, e a de Arron um guincho nervoso. – Não terminará até minha morte.

*Faça essas mortes demorarem a chegar.* Jon Snow afundou um joelho na neve. *Deuses de meus pais, protejam esses homens. E Arya também, minha irmãzinha, onde quer que ela esteja. Rezo a vocês, deixem Mance encontrá-la e trazê-la a salvo para mim.*

– Não tomarei esposa, não possuirei terras, não gerarei filhos – os recrutas prometeram, em vozes que ecoavam por anos e séculos ao

passado. – Não usarei coroas e não conquistarei glórias. Viverei e morrerei no meu posto.

*Deuses da floresta, deem-me forças para fazer o mesmo*, Jon Snow rezou silenciosamente. *Deem-me sabedoria para saber o que precisa ser feito e coragem para fazê-lo.*

– Sou a espada na escuridão – disseram os seis, e pareceu a Jon que suas vozes tinham mudado, ficado mais fortes, mais seguras. – Sou o vigilante nas muralhas. Sou o fogo que arde contra o frio, a luz que traz consigo a alvorada, a trombeta que acorda os que dormem, o escudo que defende os reinos dos homens.

*O escudo que defende os reinos dos homens*. Fantasma encostou o focinho em seu ombro e Jon passou um braço em volta dele. Podia sentir o cheiro do calção sujo de Cavalo, do doce perfume que Cetim passava em sua barba, o pesado e fino cheiro do medo, o almíscar avassalador do gigante. Podia ouvir as batidas do próprio coração. Quando olhou pelo bosque para a mulher com a criança, os dois anciãos, o cornopé com os pés mutilados, tudo o que viu foram homens.

– Dou a minha vida e a minha honra para a Patrulha da Noite, por esta noite e por todas as noites que estão por vir.

Jon Snow foi o primeiro a se levantar.

– Ergam-se agora como homens da Patrulha da Noite. – Estendeu a mão a Cavalo para ajudá-lo a se levantar.

O vento estava aumentando. Era hora de partir.

A jornada de volta levou muito mais tempo do que a ida até o bosque. O ritmo do gigante era o mais lento, apesar do comprimento e do alcance de suas pernas, e estava sempre parando para bater a neve que se acumulava em seus membros com a marreta. A mulher cavalgava com Rory, seu filho com Tom Grão-de-Cevada, os velhos, com Cavalo e Cetim. Os thenns tinham medo dos cavalos e preferiram mancar juntos, apesar dos ferimentos. O homem cornopé não podia sentar na sela e teve que ser preso sobre o lombo de um garrano como um saco de grão; assim também ia a anciã pálida com membros finos como galhos, que não foram capazes de despertar.

Fizeram o mesmo com os dois cadáveres, para espanto de Emmett de Ferro.

– Eles só nos atrasarão, senhor – disse para Jon. – Devemos cortá-los em pedaços e queimá-los.

– Não – disse Jon. – Tragam-nos. Tenho um uso para eles.

Não havia lua para guiá-los para casa, e só de vez em quando conseguiam ver um grupo de estrelas. O mundo era negro, branco e quieto. Era uma longa, lenta, interminável caminhada. A neve se agarrava às suas botas e calção, e o vento sacudia os pinheiros e agitava os mantos. Jon olhou o viajante vermelho acima deles, observando-o através dos galhos desfolhados das grandes árvores enquanto faziam seu caminho. *O Ladrão*, o povo livre o chamava. A melhor época para roubar uma mulher era quando o Ladrão se encontrava na Donzela da Lua, Ygritte sempre afirmara. Ela nunca mencionara a melhor época para roubar um gigante. *Ou dois homens mortos*.

Estava quase amanhecendo quando viram a Muralha novamente.

O berrante de uma sentinela cumprimentou-os quando se aproximaram, soando do alto como o grito de algum pássaro imenso e de garganta profunda, uma única e longa explosão que significava *patrulheiros retornando*. Grande Liddle pegou seu próprio berrante de guerra e respondeu. No portão, tiveram que esperar alguns momentos antes que Edd Doloroso aparecesse para deslizar os ferrolhos e abrir as barras de ferro. Quando Edd viu o bando esfarrapado de selvagens, apertou os lábios e olhou longamente para o gigante.

– Precisaremos de um pouco de manteiga para deslizar esse aí pelo túnel, senhor. Devo mandar alguém até a despensa?

– Oh, acho que ele caberá. Sem manteiga.

E coube... apoiado nas mãos e nos joelhos, engatinhando. *Um garotão, esse aí. Quatro metros, pelo menos. Talvez maior do que Mag, o Poderoso*. Mag morrera embaixo daquele mesmo gelo, preso em combate mortal com Donal Noye. *Um bom homem. A Patrulha perdeu muitos bons homens*. Jon puxou Couros de lado.

– Tome conta desse aí. Você fala a língua dele. Veja que seja alimentado e encontre um lugar quente para ele perto do fogo. Fique com ele. Assegure-se de que ninguém o provoque.

– Sim. – Couros hesitou. – Senhor.

Os selvagens vivos foram enviados por Jon para terem seus ferimentos e as queimaduras causadas pelo frio cuidados. Um pouco de comida e

roupas quentes restaurariam a maioria deles, esperava, embora o cornopé estivesse prestes a perder ambos os pés. Os cadáveres, ele enviou para as celas de gelo.

Clydas viera e partira, Jon percebeu enquanto pendurava seu manto no gancho ao lado da porta. Uma carta fora deixada sobre a mesa em seus aposentos. *Atalaialeste ou Torre Sombria*, imaginou, ao primeiro olhar. Mas a cera era dourada, não negra. O selo mostrava uma cabeça de veado dentro de um coração flamejante. *Stannis*. Jon quebrou a cera endurecida, desenrolou o pergaminho, leu. *Uma mão de meistre, mas as palavras do rei*.

Stannis tomara Bosque Profundo, e os clãs das montanhas se juntaram a ele. Flint, Norrey, Wull, Liddle, todos.

*E tivemos outra ajuda, inesperada mas muito bem-vinda, da filha da Ilha dos Ursos. Alysane Mormont, a quem os homens chamam Mulher-Ursa, escondeu combatentes em uma flotilha de barcos de pesca e pegou os homens de ferro desprevenidos quando chegaram à costa. Os dracares Greyjoy foram queimados ou tomados, suas tripulações mortas ou rendidas. Pelos capitães, por cavaleiros, pelos guerreiros notáveis e pelos outros de alto nascimento pediremos resgates ou faremos outro uso deles, os demais pretendo enforcar...*

A Patrulha da Noite jurara não tomar partido em brigas e conflitos do reino. Apesar disso, Jon Snow não pôde deixar de sentir certa satisfação. Continuou a ler.

*... mais nortenhos chegam enquanto as notícias da nossa vitória se espalham. Pescadores, mercenários, homens das colinas, arrendatários das profundezas da Matadelobos e aldeões que abandonaram seus lares ao longo da costa rochosa para escapar dos homens de ferro, sobreviventes da batalha do lado de fora dos portões de Winterfell, homens que já foram juramentados aos Hornwood, aos Cerwyn e aos Tallhart. Estamos cinco mil mais fortes enquanto escrevo para você, e nosso número incha a cada dia. E notícias chegaram a nós de que Roose Bolton se move em direção a Winterfell com toda sua força, onde casará o bastardo dele com sua meia-irmã. Não devemos permitir que ele*

*restaure o castelo à sua antiga força. Marcharemos contra ele. Arnolf Karstark e Mors Umber se juntarão a nós. Salvarei sua irmã, se puder, e encontrarei um casamento melhor para ela do que Ramsay Snow. Você e seus irmãos devem manter a Muralha até que eu possa retornar.*

Estava assinado, em uma letra diferente.

*Feito na Luz do Senhor, sob a assinatura e o selo de Stannis da Casa Baratheon, o Primeiro de Seu Nome, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Senhor dos Sete Reinos e Protetor do Reino.*

No momento em que Jon colocou a carta de lado, o pergaminho se enrolou novamente, como se ansioso para proteger seus segredos. Não estava seguro sobre como se sentia a respeito do que acabara de ler. Batalhas haviam sido travadas em Winterfell antes, mas nunca sem um Stark de um ou de outro lado.

– O castelo é uma casca – disse –, não é Winterfell, mas o fantasma de Winterfell. – Era doloroso só pensar nisso, muito mais dizer as palavras em voz alta. E mesmo assim...

Ele se perguntava quantos homens o velho Papacorvos traria para a briga, e quantas espadas Arnolf Karstark seria capaz de conjurar. Metade dos Umber estaria no outro lado do campo com o Terror-das-Rameiras, lutando sob o homem esfolado do Forte do Pavor, e a maior parte das forças de ambas as casas fora para o Sul com Robb e nunca retornara. Mesmo em ruínas, Winterfell conferia uma vantagem considerável para quem o mantivesse. Robert Baratheon teria visto isso logo e se movido rapidamente para assegurar o castelo, com marchas forçadas e cavalgadas à meia-noite pelas quais se tornara famoso. Seu irmão seria tão ousado?

*Não é provável*. Stannis era um comandante cauteloso, e sua tropa era um guisado meio digerido de homens dos clãs, cavaleiros sulistas, homens do rei e homens da rainha, salpicados com alguns senhores nortenhos. *Ele deveria se mover para Winterfell rapidamente, ou não se mover*, Jon pensou. Não era de sua alçada aconselhar o rei, mas...

Olhou a carta novamente. *Salvarei sua irmã se puder*. Um sentimento surpreendentemente terno vindo de Stannis, embora cortado por um brutal *se puder* e o adendo de *encontrar um casamento melhor para ela do que Ramsay Snow*. Mas e se Arya não estivesse lá para ser salva? E se as chamas da Senhora Melisandre falaram a verdade? Poderia sua irmã realmente ter escapado de seus captores? *Como faria isso? Arya sempre foi rápida e esperta, mas, no fim, era apenas uma garotinha, e Roose Bolton não é do tipo que se descuidaria de um prêmio de tão grande valor.*

E se Bolton nunca teve sua irmã? Esse casamento poderia muito bem ser apenas uma artimanha para atrair Stannis para uma armadilha. Eddard Stark nunca tivera nenhum motivo de reclamação do Senhor de Forte do Pavor, pelo que Jon se lembrava, mas mesmo assim nunca confiara nele, com sua voz sussurrante e seus olhos muito, muito claros.

*Uma garota de cinza em um cavalo moribundo, fugindo de seu casamento*. Pela força dessas palavras, ele soltara Mance Rayder e seis esposas de lança pelo Norte.

– Jovens e bonitas – Mance dissera. O rei não queimado fornecera alguns nomes, e Edd Doloroso fizera o resto, contrabandeando as mulheres de Vila Toupeira. Parecia loucura agora. Teria feito melhor em derrubar Mance no momento em que ele se revelou. Jon tinha certa admiração relutante pelo último Rei-para-lá-da-Muralha, mas o homem era um quebrador de promessas e um vira-casaca. Tinha menos confiança ainda em Melisandre. E, de alguma forma, aqui estava, colocando suas esperanças neles. *Tudo para salvar minha irmã. Mas os homens da Patrulha da Noite não têm irmãs.*

Quando Jon era menino em Winterfell, seu herói havia sido o Jovem Dragão, o rei garoto que conquistara Dorne com a idade de catorze. Apesar de seu nascimento bastardo, ou talvez por causa disso, Jon Snow sonhara em liderar os homens para a glória como o Rei Daeron fizera, quisera crescer para ser um conquistador. Agora era um homem feito e a Muralha era dele, ainda que tudo o que tivesse fossem dúvidas. Nem sequer parecia ter conquistado aquilo.

# Daenerys

O mau cheiro do acampamento era tão terrível que tudo o que Dany podia fazer era não vomitar.

Sor Barristan franziu o nariz e disse:

– Vossa Graça não deveria estar aqui, respirando estes humores negros.

– Sou o sangue do dragão – Dany lhe recordou. – Alguma vez já viu um dragão com o fluxo? – Viserys sempre afirmara que os Targaryen eram imunes às pestilências que afligiam as pessoas comuns e, tanto quanto ela podia dizer, era verdade. Conseguia se lembrar de estar com frio, com fome e com medo, mas nunca doente.

– Mesmo assim – disse o velho cavaleiro –, eu me sentiria melhor se Vossa Graça voltasse para a cidade. – As muralhas de tijolos multicoloridos de Meereen estavam a pouco mais de meio quilômetro dali. – O fluxo sangrento tem sido a ruína de todos os exércitos desde a Era da Aurora. Deixe-nos distribuir a comida, Vossa Graça.

– Amanhã. Estou aqui agora. Quero ver. – Apertou os calcanhares em sua montaria prateada. Os outros trotaram com ela. Jhogo cavalgava na sua frente, Aggo e Rakharo logo atrás, com longos chicotes dothrakis nas mãos para afastar os doentes e os moribundos. Sor Barristan estava à sua direita, montado em um cinza malhado. À esquerda dela estava Symon Costas-Listradas, dos Irmãos Livres, e Marselen, dos Homens da Mãe. Três grupos de soldados seguiam atrás dos capitães, para proteger os carroções de comida. Todos homens montados, dothrakis, Bestas de Bronze e libertos, estavam unidos apenas pela aversão a esse dever.

Os astaporis tropeçavam atrás deles, em uma procissão horrenda que aumentava a cada metro cruzado. Alguns falavam idiomas que ela não entendia. Outros já não podiam mais falar. Muitos levantavam as mãos para Dany, ou se ajoelhavam quando sua montaria passava.

– Mãe – chamavam-na nos dialetos de Astapor, Lys e da Antiga Volantis, em gutural dothraki, nas líquidas sílabas de Qarth e até mesmo na Língua Comum de Westeros. – Mãe, por favor... mãe, ajude minha irmã, ela está doente... dê comida para meus pequeninos... por favor, meu velho pai... ajude ele... ajude ela... me ajude...

*Não tenho mais ajuda para dar*, Dany pensou, em desespero. Os astaporis não tinham lugar para ir. Milhares permaneciam fora das grossas muralhas de Meereen; homens, mulheres e crianças, velhos, meninas e recém-nascidos. Muitos estavam doentes, a maioria, faminta, e todos estavam condenados a morrer. Daenerys não ousava abrir os portões para deixá-los entrar. Tentara fazer o possível por eles. Enviara curandeiros, Graças Azuis, cantores-feiticeiros e cirurgiões-barbeiros, mas alguns deles adoeceram também, e nenhuma de suas artes abrandara a progressão do fluxo que viera com a égua descorada. Separar os saudáveis dos doentes também se provara impraticável. Seus Escudos Robustos tentaram, tirando maridos de esposas e crianças de suas mães, enquanto os astaporis choravam, chutavam e os afastavam com pedras. Alguns dias mais tarde, os doentes estavam mortos e os saudáveis estavam doentes. Separar uns dos outros não ajudara em nada.

Até mesmo alimentá-los estava ficando mais difícil. Todos os dias, enviava o que podia, mas todos os dias havia mais deles, e menos comida para dar-lhes. Estava ficando mais difícil encontrar condutores dispostos a entregar comida também. Muitos dos homens que enviara para o acampamento foram atingidos pelo fluxo. Outros foram atacados no caminho de volta à cidade. No dia anterior, um carroção fora virado e dois de seus soldados, mortos, então hoje a rainha determinara que ela mesma levaria a comida. Todos os seus conselheiros argumentaram fervorosamente contra, de Reznak e Cabeça-Raspada a Sor Barristan, mas Daenerys não mudou de ideia.

– Não virarei as costas para eles – disse, teimosamente. – Uma rainha deve conhecer os sofrimentos de seu povo.

Sofrimento era a única coisa que não lhes faltava.

– Poucos cavalos ou mulas sobraram, embora muitos andassem por Astapor – Marselen contara para ela. – Comeram cada um deles, Vossa Graça, juntamente com cada rato e cada cachorro vira-lata que puderam pegar. Agora, alguns começaram a comer seus próprios mortos.

– Homem não deve comer carne de homem – disse Aggo.

– É sabido – concordou Rakharo. – Eles serão amaldiçoados.

– Já passaram pela maldição – disse Symon Costas-Listradas.

Criancinhas com estômago inchado se arrastavam atrás deles, muito fracas ou muito assustadas para implorar. Homens cadavéricos, com olhos profundos, agachavam-se entre areia e pedras, defecando sua vida em correntes marrons e vermelhas. Muitos defecavam onde dormiam, fracos demais para se arrastar até as valas que ela mandara cavar. Duas mulheres lutavam sobre um osso carbonizado. Ali perto, um garoto de dez anos comia um rato. Comia com uma mão, enquanto segurava uma vara afiada com a outra, para que ninguém tentasse arrancar seu prêmio. Mortos insepultos estavam por toda parte. Dany viu um homem deitado no chão, com um manto negro sobre ele, mas, quando passou cavalgando, o manto se dissolveu em milhares de moscas. Mulheres esqueléticas sentavam-se no chão segurando bebês moribundos. Seus olhos a seguiam. Aqueles que tinham força a chamavam.

– Mãe... por favor, Mãe... abençoada seja, Mãe...

*Abençoe-me*, Dany pensou, amargamente. *Sua cidade se foi, em cinzas e ossos, seu povo está morrendo ao seu redor, não tenho abrigo para você, nem remédios, nem esperança. Apenas pão amanhecido, carne bichada, queijo duro, um pouco de leite. Abençoe-me, abençoe-me.*

Que tipo de mãe não tem leite para alimentar seus filhos?

– Muitos mortos – disse Aggo. – Devem ser queimados.

– Quem os queimará? – perguntou Sor Barristan. – O fluxo sangrento está em toda parte. Uma centena morre a cada noite.

– Não é bom tocar os mortos – disse Jhogo.

– É sabido – Aggo e Rakharo falaram ao mesmo tempo.

– Isso pode ser verdade – disse Dany –, mas precisa ser feito mesmo assim. – Pensou por um momento. – Os Imaculados não temem cadáveres. Devo falar com Verme Cinzento.

– Vossa Graça – disse Sor Barristan –, os Imaculados são seus melhores guerreiros. Não devemos ousar soltar essa praga entre eles. Deixe os astaporis queimarem seus próprios mortos.

– Estão muito fracos – comentou Symon Costas-Listradas.

Dany disse:

– Mais comida os deixaria mais fortes.

Symon balançou a cabeça.

– A comida seria desperdiçada nos moribundos, Vossa Veneração. Não temos o suficiente nem para alimentar os vivos.

Ele não estava errado, ela sabia, mas isso não tornava as palavras mais fáceis de serem ouvidas.

– Aqui é longe o suficiente – a rainha decidiu. – Vamos alimentá-los aqui. – Ergueu a mão. Atrás dela, os carroções pararam imediatamente, e seus cavaleiros se espalharam ao redor dos veículos, para impedir os astaporis de correr para a comida. Nem bem estacionaram e a pressão começou a aumentar por todos os lados, conforme mais e mais aflitos chegavam mancando e tropeçando em direção aos carroções. Os cavaleiros os afastavam.

– Esperem sua vez – gritavam. – Não empurrem. Para trás. Fiquem atrás. Tem pão para todos. Esperem sua vez.

Dany só pôde sentar e observar.

– Sor – disse para Barristan Selmy –, não há mais nada que possamos fazer? Você tem provisões.

– Provisões para os soldados de Vossa Graça. Podemos precisar aguentar um longo cerco. Os Corvos Tormentosos e os Segundos Filhos podem atormentar os yunkaítas, mas não podem esperar mandá-los embora. Se Vossa Graça me permitir reunir um exército...

– Se deve haver uma batalha, prefiro combatê-la de dentro das muralhas de Meereen. Deixe os yunkaítas tentarem atacar minhas ameias. – A rainha observava a cena ao seu redor. – Se dividíssemos nossa comida igualmente...

– ... os astaporis comeriam sua parte em dias, e teríamos muito menos para o cerco.

Dany olhou através do acampamento, para as muralhas de tijolos multicoloridos de Meereen. O ar estava pesado com moscas e choros.

– Os deuses mandaram esta pestilência para me tornar humilde. Tantos mortos... Não deixarei que comam cadáveres. – Acenou para que Aggo se aproximasse. – Cavalgue até os portões e me traga Verme Cinzento e cinquenta de seus Imaculados.

– *Khaleesi*. O sangue do seu sangue obedece. – Aggo tocou seu cavalo com os calcanhares e saiu galopando.

Sor Barristan a observou com mal disfarçada apreensão.

– Não deveria permanecer aqui por muito tempo, Vossa Graça. Os astaporis estão sendo alimentados, como ordenou. Não há mais que possa fazer por esses pobres miseráveis. Devemos retornar à cidade.

– Vá, se desejar, sor. Não o deterei. Não deterei nenhum de vocês. – Dany desceu do cavalo. – Não posso curá-los, mas posso mostrar que a Mãe deles se importa.

Jhogo segurou a respiração.

– *Khaleesi*, não. – O sino em sua trança soou suavemente quando ele desmontou. – Não deve chegar mais perto. Não deixe que eles toquem você! Não deixe!

Dany passou direto por ele. Havia um velho no chão, poucos metros adiante, gemendo e olhando as nuvens cinzentas. Ajoelhou-se ao lado dele, torcendo o nariz pelo cheiro, e tirou o cabelo cinzento e sujo do homem do rosto, para sentir sua testa.

– Sua carne está em chamas. Preciso de água para banhá-lo. Água do mar deve servir. Marselen, pode pegar um pouco para mim? Preciso de óleo também, para a pira. Quem vai me ajudar a queimar os mortos?

Quando Aggo retornou com Verme Cinzento e cinquenta de seus Imaculados a galope atrás de seu cavalo, Dany fizera todos se sentirem envergonhados e começarem a ajudá-la. Symon Costas-Listradas e seus homens separavam os vivos dos mortos e empilhavam os cadáveres, enquanto Jhogo, Rakharo e seus dothrakis ajudavam aqueles que ainda podiam caminhar para tomar banho e lavar suas roupas. Aggo encarou-os como se estivessem todos loucos, mas Verme Cinzento se ajoelhou diante da rainha e disse:

– Este um pode ser de ajuda.

Antes do meio-dia, uma dúzia de fogueiras queimava. Colunas de fumaça negra e gordurosa subiam para manchar impiedosamente o céu azul. As roupas de cavalgar de Dany estavam sujas e cheias de fuligem quando se afastou das piras.

– Veneração – disse Verme Cinzento –, este um e seus irmãos imploram que nos deixe banhar na água do mar quando o trabalho aqui estiver terminado, para que sejamos purificados de acordo com as leis da nossa grande deusa.

A rainha não sabia que os eunucos tinham uma deusa.

– Quem é essa deusa? Um dos deuses de Ghis?

Verme Cinzento pareceu incomodado.

– A deusa é chamada por muitos nomes. É a Senhora das Lanças, a Noiva das Batalhas, a Mãe das Tropas, mas seu nome verdadeiro pertence apenas àqueles pobres coitados que tiveram a masculinidade queimada sobre o altar. Não devemos falar sobre ela com outros. Este um implora seu perdão.

– Como quiser. Sim, podem se banhar, se este é o desejo de vocês. Obrigada por sua ajuda.

– Este um vive para servi-la.

Quando Daenerys retornou para sua pirâmide, com os membros doloridos e o coração ferido, encontrou Missandei lendo algum antigo rolo enquanto Irri e Jhiqui discutiam sobre Rakharo.

– Você é muito magra para ele – Jhiqui estava dizendo. – Você é quase um menino. Rakharo não se deita com meninos. Isso é sabido.

Irri devolvia a provocação.

– É sabido que você é quase uma vaca. Rakharo não se deita com vacas.

– Rakharo é sangue do meu sangue. A vida dele pertence a mim, não a vocês. – Dany falou para as duas. Rakharo crescera quase quinze centímetros durante seu tempo fora de Meereen, e retornou com braços e pernas musculosos, e quatro sinos nos cabelos. Era mais alto do que Aggo e Jhogo agora, e as duas servas haviam notado. – Agora, fiquem quietas. Preciso de um banho. – Nunca se sentira tão suja. – Jhiqui, ajude-me com estas roupas, depois leve-as embora e queime-as. Irri, peça para Qezza me encontrar algo leve e fresco para vestir. O dia está muito quente.

Um vento fresco soprava no terraço. Dany suspirou de prazer, enquanto deslizava para dentro das águas da piscina. Ao seu comando, Missandei tirou as roupas e entrou com ela.

– Esta uma ouviu os astaporis arranharem as muralhas noite passada – a pequena escriba disse, enquanto lavava as costas de Dany.

Irri e Jhiqui trocaram um olhar.

– Ninguém estava arranhando – disse Jhiqui. – Arranhando... como poderiam arranhar?

– Com as mãos – disse Missandei. – Os tijolos estão velhos e em ruínas. Estão tentando cavar seu caminho para dentro da cidade.

– Isso levaria muitos anos – disse Irri. – As muralhas são muito grossas. Isso é sabido.

– Isso é sabido – concordou Jhiqui.

– Eu também sonho com eles. – Dany pegou a mão de Missandei. – O acampamento está a quase meio quilômetro da cidade, minha querida. Ninguém estava arranhando as muralhas.

– Vossa Graça sabe mais – disse Missandei. – Devo lavar seu cabelo? Já está quase na hora. Reznak mo Reznak e a Graça Verde estão vindo discutir...

– ... os preparativos do casamento. – Dany sentou-se na água. – Quase me esqueci. – *Talvez quisesse esquecer*. – E, depois deles, tenho um jantar com Hizdahr. – Suspirou. – Irri, traga o *tokar* verde, aquele de seda com franjas de renda de Myr.

– Esse está sendo reparado, *Khaleesi*. A renda está rasgada. O *tokar* azul está limpo.

– O azul, então. Eles ficarão satisfeitos.

Estava apenas meio errada. A sacerdotisa e o senescal ficaram felizes em vê-la vestindo um *tokar*, uma senhora meereenesa apropriada, finalmente, mas o que realmente queriam era deixá-la nua. Daenerys os escutou, incrédula. Quando terminaram, disse:

– Não tenho nenhuma vontade de ofendê-los, mas não me apresentarei nua para a mãe e as irmãs de Hizdahr.

– Mas – disse Reznak mo Reznk, pestanejando –, deve, Vossa Veneração. Antes de um casamento, é tradicional que as mulheres da casa do homem examinem o ventre da noiva e, ah... suas partes íntimas. Para assegurar-se de que está tudo bem formado e, ah...

– ... fértil – completou Galazza Galare. – Um ritual antigo, Vossa Iluminada. Três Graças estarão presentes para testemunhar o exame e dizer as preces apropriadas.

– Sim – disse Reznak –, e depois tem um bolo especial. Um bolo de mulheres, feito apenas para noivados. Homens não podem prová-lo. Ouvi dizer que é delicioso. Mágico.

*E se meu útero estiver murcho e minhas partes femininas amaldiçoadas, haverá um bolo especial também?*

– Hizdahr zo Loraq pode inspecionar minhas partes de mulher depois que estivermos casados. – *Khal Drogo não encontrou nenhuma falha*

*nelas, por que ele encontraria?* – Deixe a mãe e as irmãs dele examinarem umas às outras e compartilhar o bolo especial. Não irei comê-lo. Nem lavarei os nobres pés do nobre Hizdahr.

– Magnificência, você não entende – protestou Reznak. – A lavagem dos pés é santificada pela tradição. Significa que será a serva de seu marido. A roupa do casamento é carregada de significados, também. A noiva é vestida em véus vermelho-escuros, sobre um *tokar* de seda branca, com franjas de pérolas.

*A rainha dos coelhos não pode se casar sem suas orelhas de abano.*

– Todas essas pérolas me farão chocalhar quando andar.

– As pérolas simbolizam fertilidade. Quanto mais pérolas Vossa Veneração usar, mais crianças saudáveis nutrirá.

– Por que vou querer uma centena de crianças? – Dany se virou para a Graça Verde. – Se nos casássemos pelos ritos westerosis...

– Os deuses de Ghis não considerariam a união verdadeira. – O rosto de Galazza Galare estava oculto atrás de um véu de seda verde. Apenas seus olhos podiam ser vistos, verdes, sábios e tristes. – Aos olhos da cidade, você seria a concubina do nobre Hizdahr, não sua legítima esposa. Seus filhos seriam bastardos. Vossa Veneração deve se casar com Hizdahr no Templo das Graças, com toda a nobreza e Meereen presente para testemunhar sua união.

*Tire as cabeças de todas as casas nobres para fora de suas pirâmides com algum pretexto*, Daario dissera. *As palavras do dragão são fogo e sangue*. Dany deixou esse pensamento de lado. Não era digno dela.

– Como quiser – suspirou. – Eu me casarei com Hizdahr no Templo das Graças, embrulhada em um *tokar* branco com franjas de pérolas. Há algo mais?

– Mais uma coisinha, Vossa Veneração – disse Reznak. – Para celebrar suas núpcias, seria apropriado se permitisse que as arenas de luta fossem reabertas. Seria seu presente de casamento para Hizdahr e para seu amado povo, um sinal de que abraçou os antigos modos e costumes de Meereen.

– E mais agradável para os deuses, também – a Graça Verde completou, em sua voz suave e gentil.

*Um dote de noiva pago em sangue*. Daenerys estava cansada de lutar essa batalha. Nem mesmo Sor Barristan achava que venceria.

– Nenhum governante pode fazer um povo bom. – Selmy lhe dissera. – Baelor, o Abençoado, rezava, jejuava e construía para os Sete templos tão esplêndidos que qualquer deus poderia desejar, e mesmo assim não conseguiu colocar um fim à guerra e à miséria.

*Uma rainha deve ouvir seu povo*, Dany lembrou a si mesma.

– Depois do casamento, Hizdahr será rei. Deixe-o reabrir as arenas de luta ele mesmo. Não tomarei parte nisso. – *Deixe o sangue ficar nas mãos dele, não nas minhas*. Ela se levantou. – Se meu marido deseja que eu lave seus pés, ele precisa lavar os meus primeiro. Direi isso a ele esta noite. – Perguntava-se como seu noivo encararia isso.

Não precisava ter se preocupado. Hizdahr zo Loraq chegou uma hora depois que o sol se pôs. Seu *tokar* era borgonha, com uma faixa dourada e franjas de contas da mesma cor. Dany contou para ele seu encontro com Reznak e a Graça Verde enquanto servia o vinho.

– Esses rituais são vazios – Hizdahr declarou –, exatamente o tipo de coisa que devemos varrer daqui. Meereen esteve adormecida nessas tolas tradições antigas por tempo demais. – Beijou sua mão e disse: – Daenerys, minha rainha, ficarei feliz em lavá-la da cabeça aos pés, se for isso que tiver que fazer para ser seu rei e consorte.

– Para ser meu rei e consorte, você só precisa me trazer paz. Skahaz me disse que você tem mensagens de última hora.

– Tenho. – Hizdahr cruzou suas longas pernas. Parecia satisfeito consigo mesmo. – Yunkai nos dará a paz, mas por um preço. A interrupção do tráfico de escravos causou grandes danos ao mundo civilizado. Yunkai e seus aliados requerem uma indenização nossa, paga em ouro e pedras preciosas.

*Ouro e pedras preciosas são fáceis.*

– O que mais?

– Os yunkaítas retomarão a escravidão, como antes. Astapor será reconstruída, como uma cidade escravagista. Você não interferirá.

– Os yunkaítas retomaram a escravidão antes que eu estivesse a dez quilômetros da cidade. Eu voltei para lá? O Rei Cleon implorou que me unisse a ele contra Yunkai, e me fiz de surda aos seus apelos. Não quero guerra com Yunkai. Quantas vezes preciso dizer isso? Que promessas eles exigem?

– Ah, há espinhos nesse caramanchão, minha rainha – disse Hizdahr zo Loraq. – É triste dizer, mas os yunkaítas não acreditam em suas promessas. Ficam tocando a mesma corda da harpa, sobre algum enviado que seus dragões queimaram.

– Apenas o *tokar* dele foi queimado – Dany replicou, com desdém.

– Seja como for, não acreditam em você. Os homens de Nova Ghis sentem o mesmo. Palavras são vento, como você mesma diz frequentemente. Nenhuma palavra sua vai assegurar a paz para Meereen. Seus inimigos exigem ações. Querem nos ver casados e querem me ver coroado rei, para governar ao seu lado.

Dany encheu sua taça de vinho novamente, desejando nada mais do que despejar a jarra sobre a cabeça dele e afogar seu sorriso complacente.

– Casamento ou carnificina. Um casamento ou uma guerra. Quais são minhas opções?

– Vejo uma única opção, Vossa Iluminada. Vamos dizer nossos votos diante dos deuses de Ghis e construir uma nova Meereen juntos.

A rainha estava elaborando sua resposta quando ouviu passos atrás de si. *A comida*, pensou. Suas cozinheiras haviam prometido servir o prato favorito do nobre Hizdahr, cachorro no mel, recheado com ameixas secas e pimentas. Mas quando se virou para olhar, era Sor Barristan quem estava ali, recém-banhado e vestido de branco, de espada longa ao lado.

– Vossa Graça – disse, fazendo uma reverência. – Sinto incomodá-la, mas achei que gostaria de saber imediatamente. Os Corvos Tormentosos retornaram à cidade, com notícias do inimigo. Os yunkaítas estão em marcha, bem como temíamos.

Um lampejo de contrariedade atravessou o nobre rosto de Hizdahr zo Loraq.

– A rainha está ceando. Esses mercenários podem esperar.

Sor Barristan o ignorou.

– Pedi a Lorde Daario para me fazer seu relatório, como Vossa Graça ordenou. Ele riu e disse que poderia escrever com o próprio sangue, se Vossa Graça pudesse enviar sua pequena escriba para mostrar-lhe como fazer as letras.

– Sangue? – Dany respondeu, horrorizada. – Isso é uma piada? Não. Não, não me diga, preciso vê-lo com meus próprios olhos. – Ela era uma

jovem garota, e sozinha, e jovens garotas podiam mudar de ideia. – Convoque meus capitães e comandantes. Hizdahr, sei que me perdoará.

– Meereen vem primeiro. – Hizdahr sorriu jovialmente. – Teremos outras noites. Mil noites.

– Sor Barristan lhe mostrará a saída. – Dany correu, chamando suas servas. Não daria as boas-vindas ao seu capitão em um *tokar*. No fim, experimentou uma dúzia de vestidos antes de encontrar um que gostasse, mas recusou a coroa que Jhiqui lhe oferecia.

Quando Daario Naharis ajoelhou-se diante dela, o coração de Dany deu um salto. O cabelo dele estava empapado com sangue seco, e, em sua têmpora, havia um profundo corte brilhante, vermelho e em carne viva. Sua manga direita estava ensanguentada quase até o cotovelo.

– Está ferido – ela engasgou.

– Isto? – Daario tocou a têmpora. – Um besteiro tentou colocar uma desavença pelos meus olhos, mas desviei. Estava correndo para casa, para minha rainha, para aproveitar o calor de seu sorriso. – Balançou a manga, espalhando respingos vermelhos. – Este sangue não é meu. Um dos meus oficiais disse que deveríamos nos aliar a Yunkai, então pulei sobre sua garganta e arranquei seu coração. Pretendia trazê-lo como presente para minha rainha prateada, mas quatro dos Gatos me atacaram e vieram rosnando e cuspindo em mim. Um quase me alcançou, então joguei o coração no rosto dele.

– Muito galante – disse Sor Barristan, em um tom que sugeria exatamente o contrário –, mas você tem notícias para Vossa Graça?

– Notícias difíceis, Sor Vovô. Astapor se foi, e os mercadores de escravos estão vindo para o norte com força total.

– Essas são notícias velhas e mofadas – resmungou o Cabeça-Raspada.

– Sua mãe dizia o mesmo dos beijos de seu pai – Daario replicou. – Doce rainha, eu teria vindo mais cedo, mas as montanhas estão abarrotadas de mercenários a serviço dos yunkaítas. Quatro companhias livres. Seus Corvos Tormentosos tiveram que abrir caminho por todos eles. E ainda há mais, e pior. Os yunkaítas marcham com suas tropas pela estrada da costa, unidos a quatro legiões de Nova Ghis. Têm elefantes, uma centena, armados e com torres. Fundeiros tolosinos, também, e um grupo de cavalaria de camelos qarteno. Duas outras legiões ghiscaris tomaram um navio em Astapor. Se nossos cativos falaram a verdade, vão

desembarcar do outro lado do Skahazadhan e nos cortar a partir do mar dothraki.

Enquanto contava sua história, de tempos em tempos uma gota de sangue vermelho pingava no chão de mármore, e Dany estremecia.

– Quantos foram mortos? – perguntou, quando ele terminou.

– Nossos? Não parei para contar. Mas ganhamos mais do que perdemos.

– Mais vira-casacas?

– Mais bravos homens que se unem à sua nobre causa. Minha rainha gostará deles. Um deles é um lenhador das Ilhas Basilisco, um brutamontes, maior do que Belwas. Você deveria vê-lo. Alguns westerosis também, um grupo ou mais. Desertores dos Soprados pelo Vento, descontentes com os yunkaítas. Serão bons Corvos Tormentosos.

– Se é o que diz. – Dany não questionou. Meereen logo precisaria de cada espada.

Sor Barristan franziu o cenho para Daario.

– Capitão, você mencionou *quatro* companhias livres. Conhecemos apenas três. Os Soprados pelo Vento, as Longas Lanças e a Companhia do Gato.

– Sor Vovô sabe contar. Os Segundos Filhos foram para o lado dos yunkaítas. – Daario virou a cabeça e cuspiu. – Isto é para Ben Mulato Plumm. Da próxima vez que ver aquela cara feia, vou abri-lo da garganta à virilha e arrancar aquele coração negro.

Dany tentou falar, mas não encontrou palavras. Lembrava-se do rosto de Ben na última vez em que o vira. *Era um rosto caloroso, um rosto no qual eu confiava.* Pele escura e cabelo branco, um nariz quebrado, as rugas no canto dos olhos. Até mesmo os dragões adoravam o velho Ben Mulato, que gostava de se gabar de ter, ele mesmo, uma gota de sangue de dragão. *Três traições você conhecerá. Uma por ouro, uma por sangue e uma por amor*. Seria Plumm a terceira traição ou a segunda? E a que cometeu Sor Jorah, seu velho urso rude? Ela nunca teria um amigo em quem pudesse confiar? *Qual a vantagem das profecias, se você não pode entender o sentido delas? Se eu me casar antes do nascer do sol, todos esses inimigos se derreterão como o orvalho da manhã e me deixarão governar em paz?*

O anúncio de Daario provocou um alvoroço. Reznak chorava, o Cabeça-Raspada resmungava, sombrio, seus companheiros de sangue juravam vingança. Belwas, o Forte, bateu na barriga marcada por cicatrizes com o punho e jurou comer o coração de Ben Mulato com ameixas e cebolas.

– Por favor – disse Dany, mas apenas Missandei pareceu escutar. A rainha se levantou. – Quietos! Já ouvi o bastante.

– Vossa Graça. – Sor Barristan se ajoelhou. – Estamos sob suas ordens. O que quer que façamos?

– Continuem como planejamos. Reúnam comida, tanto quanto puderem. – *Se olhar para trás, estou perdida.* – Devemos fechar os portões e colocar cada guerreiro sobre as muralhas. Ninguém entra, ninguém sai.

O salão ficou silencioso por um momento. Os homens olharam uns para os outros. Então Reznak falou:

– E os astaporis?

Ela queria gritar, ranger os dentes, rasgar as roupas e bater com ímpeto no chão. Em vez disso, falou:

– *Fechem os portões*. Vai me fazer dizer isso pela terceira vez? – *Eles eram seus filhos, mas não podia ajudá-los agora.* – Deixem-me. Daario, fique. Esse corte precisa ser lavado, e tenho mais perguntas para você.

Os outros fizeram reverências e se retiraram. Dany levou Daario Naharis pelas escadas até seu quarto de dormir, onde Irri lavou seu corte com vinagre e Jhiqui fez um curativo com linho branco. Quando terminaram, ela mandou as servas embora também.

– Suas roupas estão manchadas de sangue – disse para Daario. –Tire-as.

– Apenas se você fizer o mesmo. – Ele a beijou.

O cabelo dele cheirava a sangue, fumaça e cavalo, e sua boca era dura e quente sobre a dela. Dany tremeu em seus braços. Quando se separaram, ela disse:

– Pensei que seria você a me trair. Uma vez por sangue, uma vez por ouro e uma vez por amor, os feiticeiros disseram. Pensei... nunca pensei em Ben Mulato. Mesmo meus dragões pareciam acreditar nele. – Agarrou seu capitão pelos ombros. – Prometa-me que nunca vai se virar contra mim. Não poderia suportar isso. Prometa-me.

– Nunca, meu amor.

Acreditou nele.

– Jurei que me casaria com Hizdahr zo Loraq, se ele me desse noventa dias de paz, mas agora... quero você desde a primeira vez em que o vi, mas você é um mercenário, inconstante, traiçoeiro. Você se gabou de já ter tido uma centena de mulheres.

– Uma centena? – Daario riu, através de sua barba púrpura. – Eu menti, doce rainha. Foram mil. Mas nem uma vez um dragão.

Ela ergueu os lábios para ele.

– O que está esperando?

# O Príncipe de Winterfell

A lareira estava congelada com cinza negra fria, o aposento, sem outro aquecimento que não o de velas. Cada vez que uma porta se abria, as chamas balançavam e tremiam. A noiva tremia também. Havia sido vestida com lã de carneiro branca, com acabamento em renda. As mangas e o corpete eram bordados com pérolas de água doce, e seus pés tinham sandálias de pele de corça branca; bonito, mas não quente. O rosto dela estava pálido, sem sangue.

*Um rosto esculpido em gelo*, Theon Greyjoy pensou, enquanto colocava o manto forrado com peles nos ombros dela. *Um cadáver enterrado na neve.*

– Minha senhora. É hora. – Além da porta, a música os chamava, alaúdes, flautas e tambores.

A noiva ergueu os olhos. Olhos castanhos, brilhando sob a luz das velas.

– Serei uma boa esposa para ele, e s-sincera. Eu... eu o agradarei, e lhe darei filhos. Serei uma esposa melhor do que a Arya verdadeira seria, ele verá.

*Falar assim fará com que ele a mate, ou pior*. Essa lição ele aprendera como Fedor.

– Você é a Arya verdadeira, minha senhora. Arya da Casa Stark, filha de Lorde Eddard, herdeira de Winterfell. – Seu nome, ela tinha que saber *seu nome*. – Arya Debaixo dos Pés. Sua irmã costumava chamá-la de Arya Cara de Cavalo.

– Fui eu quem deu esse nome para ela. O rosto dela era comprido e de cavalo. O meu não é assim. Eu era bonita. – Lágrimas saltaram de seus olhos, enfim. – Nunca fui linda como Sansa, mas diziam que eu era bonita. Lorde Ramsay acha que sou bonita?

– Sim – ele mentiu. – Ele me disse.

– Mas ele sabe quem eu sou. Quem eu realmente sou. Vejo isso quando ele me olha. Ele parece tão zangado, mesmo quando sorri, mas não é minha culpa. Dizem que ele gosta de machucar as pessoas.

– Minha senhora não deve ouvir tais... mentiras.

– Dizem que ele machucou você. Suas mãos e...

A boca de Theon estava seca.

– Eu... eu mereci. Eu o deixei zangado. Você não deve deixá-lo zangado. Lorde Ramsay é... um homem doce e gentil. Agrade-o, e ele será bom para você. Seja uma boa esposa.

– Ajude-me. – Ela o agarrou. – Por favor. Eu costumava ver você no pátio, brincando com as espadas. Você era tão bonito. – Ela apertou seu braço. – Se nós fugíssemos, eu poderia ser sua esposa, ou sua... ou sua puta... o que quer que você quisesse. Você poderia ser meu homem.

Theon arrancou o braço da mão dela.

– Eu não sou... não sou homem de ninguém. – *Um homem a ajudaria*. – Apenas... apenas seja Arya, seja esposa dele. Agrade-o, ou... apenas agrade-o, e pare de falar sobre ser outra pessoa. – *Jeyne, o nome dela é Jeyne, e rima com reine.* A música ficava cada vez mais insistente. – É hora. Seque essas lágrimas. – *Olhos castanhos. Deveriam ser cinza. Alguém verá. Alguém vai se lembrar.* – Bom. Agora, sorria.

A garota tentou. Seus lábios, tremendo, contraíram-se e se congelaram, e ele pôde ver os dentes dela. *Belos dentes brancos*, pensou, *mas, se ela o irritar, não serão belos por muito tempo*. Quando ele abriu a porta, três das quatro velas tremulavam. Conduziu a noiva através da bruma, até onde os convidados do casamento esperavam.

– Por que eu? – perguntara, quando a Senhora Dustin lhe dissera que ele deveria entregar a noiva.

– O pai dela está morto, e todos os irmãos também. A mãe pereceu nas Gêmeas. Os tios estão perdidos, ou mortos, ou cativos.

– Ela ainda tem um irmão. – *Ela ainda tem três irmãos*, ele poderia ter dito. – Jon Snow está com a Patrulha da Noite.

– Um meio-irmão, de nascimento bastardo e jurado à Muralha. Você era o protegido do pai dela, a coisa mais próxima que ela tem de um parente vivo. É justo que você dê a mão dela em casamento.

*A coisa mais próxima que ela tem de um parente vivo*. Theon Greyjoy crescera com Arya Stark. Theon teria notado uma impostora. Se ele fosse

visto aceitando a garota falsa de Bolton como Arya, os senhores nortenhos que foram reunidos para testemunhar a cerimônia não teriam motivos para questionar a legitimidade dela. Stout e Slate, o Terror-das-Rameiras Umber, os briguentos Ryswell, os homens Hornwood e os primos Cerwyn, o gordo Lorde Wyman Manderly... nenhum deles conhecera as filhas de Ned Stark tão bem quanto ele conhecera. E, se alguns cogitassem dúvidas individuais, certamente seriam sábios o suficiente para manter essas desconfianças para si mesmos.

*Estão me usando para encobrir sua fraude, colocando meu rosto na mentira deles.* Era por isso que Roose Bolton o vestira como lorde novamente; para representar seu papel nesta farsa de pantomimeiro. Uma vez que estivesse feito, uma vez que a falsa Arya estivesse casada e deflorada, Bolton não teria mais uso para Theon Vira-Casaca.

– Sirva-nos nisso, e quando Stannis for derrotado, discutiremos qual a melhor maneira de restaurar o assento de seu pai para você – sua senhoria dissera naquela voz suave, uma voz feita para mentiras e sussurros. Theon não acreditara em uma palavra. Dançaria aquela dança para eles, porque não tinha escolha, mas depois... *Ele me devolverá para Ramsay,* pensou, *e Ramsay vai me tirar alguns dedos mais e me transformar em Fedor novamente.* A menos que os deuses fossem bons e Stannis Baratheon descesse sobre Winterfell e passasse todos eles pela espada, ele incluso. Isso era o melhor pelo qual ele esperava.

Estava mais quente no bosque sagrado, por mais estranho que pudesse parecer. Fora dali, no entanto, uma dura geada branca tomara conta de Winterfell. Os caminhos estavam traiçoeiros com gelo negro, e o gelo brilhava sob a luz da lua nas vidraças quebradas dos Jardins de Vidro. Montes de neve suja se empilhavam contra as paredes, enchendo cada canto e esquina. Alguns eram tão altos que escondiam as portas atrás deles. Sob a neve havia cinzas e brasas congeladas, e aqui e ali, uma viga enegrecida ou uma pilha de ossos adornada com pedaços de pele e cabelo. Pingentes de gelo tão longos quanto lanças se penduravam das ameias e cobriam as torres como a barba branca endurecida de um velho. Mas, dentro do bosque sagrado, o chão permanecia descongelado, o vapor se levantava das lagoas quentes, tão morno quanto a respiração de um bebê.

A noiva estava vestida de branco e cinza, as cores que a verdadeira Arya teria usado se tivesse vivido o suficiente para se casar. Theon usava negro e dourado, a capa presa ao ombro por uma grosseira lula gigante de ferro que o ferreiro em Vila Acidentada fizera para ele. Mas, sob o capuz, seu cabelo estava branco e fino, e sua pele tinha a tonalidade acinzentada de um homem velho. *Um Stark, finalmente*, pensou. De braços dados, a noiva e ele atravessaram uma porta arqueada, enquanto uma fina névoa se agitava por entre suas pernas. O tambor tremulava como o coração de uma donzela, as flautas altas, doces e convidativas. Sobre as árvores, uma lua crescente flutuava no céu escuro, meio obscurecida pela neblina, como um olho espiando através de um véu de seda.

Theon Greyjoy não era nenhum estranho nesse bosque sagrado. Brincara aqui quando garoto, saltando nas pedras da fria lagoa negra sob o represeiro, escondendo seus tesouros em um buraco no tronco de um velho carvalho, perseguindo esquilos com um arco que ele mesmo fizera. Já mais velho, várias vezes banhara suas contusões nas águas termais, depois de treinar no pátio com Robb, Jory e Jon Snow. Entre esses castanheiros, olmos e pinheiros marciais, encontrara locais secretos onde podia se esconder quando quisesse ficar sozinho. A primeira vez que beijara uma garota, fora aqui. Mais tarde, outra garota havia feito dele um homem, sobre uma colcha esfarrapada, à sombra desse alto pinheiro marcial verde-acinzentado.

Mas nunca vira o bosque sagrado assim antes: cinza e fantasmagórico, coberto com névoas mornas, luzes esparsas e vozes sussurradas que pareciam vir de todos os lugares e de nenhum. Sob as árvores, as águas termais fumegavam. Vapores quentes erguiam-se da terra, cercando as árvores com seu hálito úmido, subindo pelas paredes para desenhar cortinas cinzentas pelas janelas.

Havia uma espécie de caminho, um sinuoso percurso de pedras quebradas cobertas com musgo, meio enterradas entre terra soprada e folhas caídas, traiçoeiro por conta das grossas raízes que saíam do solo. Ele levou a noiva por ali. *Jeyne, seu nome é Jeyne, que rima com reine*. Não deveria pensar isso. Se aquele nome saísse de seus lábios, poderia custar-lhe um dedo, ou uma orelha. Andou lentamente, atento a cada passo. Os dedos dos pés que faltavam o faziam mancar quando se apressava, e não queria tropeçar. Se estragasse o casamento de Lorde

Ramsay com um passo em falso, Lorde Ramsay poderia reparar a falta de jeito esfolando o pé ofensor.

A névoa era tão pesada que apenas as árvores mais próximas estavam visíveis; além delas, havia apenas altas sombras e luzes fracas. Velas tremeluziam pelo caminho e entre as árvores, pálidos vaga-lumes vacilando em uma morna sopa cinzenta. Parecia algum estranho submundo, algum lugar atemporal entre os mundos, onde os condenados vagavam em luto por um tempo, antes de encontrar seu caminho para qualquer que fosse o inferno para onde seus pecados os enviaram. *Estamos todos mortos, então? Será que Stannis veio e nos matou enquanto dormíamos? A batalha ainda está por vir, ou já foi lutada e perdida?*

Aqui e ali, uma tocha queimava faminta, jogando seu brilho avermelhado sobre o rosto dos convidados do casamento. O jeito que a névoa dispersava a luz fazia suas feições parecerem bestiais, semi-humanas, torcidas. Lorde Stout tornou-se um mastim, o velho Lorde Locke, um abutre, Terror-das-Rameiras Umber, uma gárgula, Grande Walder Frey, uma raposa, Pequeno Walder, um touro, faltando apenas um anel em seu nariz. O rosto do próprio Roose Bolton era uma pálida máscara cinzenta, com dois pedaços de gelo sujo onde seus olhos deveriam estar. Sobre as cabeças de todos eles, as árvores estavam lotadas de corvos, suas penas afofadas enquanto se debruçavam nos galhos nus para olhar a ostentação abaixo. *As aves de Meistre Luwin*. Luwin estava morto, e sua torre de meistre fora queimada, e ainda assim os corvos permaneciam. *Esta é a casa deles.* Theon se perguntava como seria ter uma casa.

Então a névoa se abriu, como a cortina de um espetáculo de pantomimeiros se abre para revelar um novo quadro. A árvore-coração apareceu diante deles, os galhos brancos abrindo-se amplos. Folhas caídas permaneciam em montes vermelhos e marrons ao lado do largo tronco branco. Os corvos estavam mais aglomerados aqui, resmungando uns para os outros na língua secreta dos assassinos. Ramsay Bolton estava parado na frente deles, vestido com botas de cano alto de macio couro cinza e um gibão de veludo negro com acabamento em seda rosa e brilhando com granadas em formato de lágrimas. Um sorriso dançou em seu rosto.

– Quem vem? – Seus lábios estavam úmidos, seu pescoço vermelho sob o colarinho. – Quem vem diante de deus?

Theon respondeu.

– Arya da Casa Stark vem aqui para se casar. Uma mulher crescida e florescida, legítima e nobre, vem pedir a bênção dos deuses. Quem vem reivindicá-la?

– Eu – disse Ramsay. – Ramsay da Casa Bolton, Lorde de Hornwood, herdeiro do Forte do Pavor. Eu a reivindico. Quem a entrega?

– Theon da Casa Greyjoy, que era protegido do pai dela. – Virou-se para a noiva. – Senhora Arya, aceita este homem?

Ela ergueu os olhos para ele. *Olhos castanhos, não cinza. Serão todos cegos?* Por um longo momento, ela não falou, mas aqueles olhos imploravam. *Esta é sua chance*, pensou. *Diga para eles. Diga para eles agora. Grite seu nome diante de todos eles, diga que você não é Arya Stark, deixe todo o Norte saber como você foi obrigada a desempenhar este papel*. Isso significaria a morte dela, é claro, assim como a dele, mas Ramsay, em sua ira, poderia matá-los rapidamente. Os velhos deuses do Norte poderiam garantir esse pequeno benefício para eles.

– Eu aceito este homem – disse a noiva, em um sussurro.

Ao redor deles, luzes brilhavam através da névoa; uma centena de velas, pálidas como estrelas encobertas. Theon se afastou, e Ramsay e sua noiva juntaram as mãos e se ajoelharam diante da árvore-coração, abaixando a cabeça em sinal de submissão. Os olhos vermelhos esculpidos do represeiro olharam para eles, sua grande boca vermelha aberta como se estivesse rindo. Nos galhos sobre suas cabeças, um corvo crocitou.

Depois de um momento de oração silenciosa, o homem e a mulher se ergueram novamente. Ramsay tirou o manto que Theon colocara sobre os ombros da noiva alguns momentos antes, o pesado manto de lã branca com bordas de pele cinza, com o brasão do lobo gigante da Casa Stark. No lugar, prendeu um manto rosa, salpicado com granadas vermelhas como as que usava em seu gibão. Nas costas, estava o homem esfolado do Forte do Pavor feito em couro vermelho, cruel e terrível.

Rápido assim, estava feito. Casamentos eram mais rápidos no Norte. Talvez por não ter sacerdotes, Theon supôs, mas, qualquer que fosse a razão, parecia, para ele, uma clemência. Ramsay Bolton levantou a

esposa nos braços e caminhou através da névoa com ela. Lorde Bolton e sua Senhora Walda os seguiram e, então, os demais. Os músicos começaram a tocar novamente, e o bardo Abel começou a cantar *Dois corações que batem como um*. Duas de suas mulheres uniram as vozes às dele, para fazer uma doce harmonia.

Theon se pegou perguntando a si mesmo se deveria dizer uma prece. *Os deuses me ouvirão, se eu rezar?* Esses não eram seus deuses, nunca foram seus deuses. Ele era um homem de ferro, um filho de Pyke, seu deus era o Deus Afogado das ilhas... mas Winterfell estava a muitos quilômetros do mar. Levaria uma vida até que qualquer deus pudesse ouvi-lo. Ele não sabia quem era ou o quê era, por que ainda estava vivo, nem mesmo por que nascera.

– Theon – uma voz pareceu sussurrar.

Sua cabeça se ergueu.

– Quem disse isso? – Tudo o que podia ver eram as árvores e a névoa que as cobria. A voz era fraca como o farfalhar de folhas, tão fria quanto o ódio. *A voz de um deus, ou de um fantasma*. Quantos morreram no dia em que tomara Winterfell? Quantos mais morreram no dia em que perdera o castelo? *Naquele dia, Theon Greyjoy morreu, para renascer como Fedor. Fedor, Fedor, que rima com temor.*

De repente, não queria estar ali.

Uma vez fora do bosque sagrado, o frio desceu sobre ele como se um lobo feroz o agarrasse com os dentes. Abaixou a cabeça no vento e seguiu para o Grande Salão, acelerando o passo depois da longa fila de velas e tochas. Gelo era triturado sob suas botas, e uma rajada repentina empurrou seu capuz para trás, como se um fantasma o tivesse arrancado com dedos gelados, desejoso de encarar seu rosto.

Winterfell estava cheio de fantasmas para Theon Greyjoy.

Esse não era o castelo que ele lembrava do verão de sua juventude. Esse lugar estava marcado por cicatrizes e quebrado, mais ruína do que reduto, um refúgio para corvos e cadáveres. A grande muralha dupla ainda permanecia em pé, pois granito não se rende facilmente ao fogo, mas a maioria das torres e fortalezas estava destelhada. Algumas tinham desmoronado. A palha e a madeira haviam sido consumidas pelo fogo, completamente ou em partes, e, sob os painéis quebrados dos Jardins de Vidro, frutas e vegetais que teriam alimentado o castelo durante o

inverno estavam mortos, negros e congelados. Tendas enfileiravam-se no pátio, meio enterradas pela neve. Roose Bolton trouxera sua tropa para dentro das muralhas, juntamente com seus amigos Frey, milhares amontoados entre as ruínas, lotando cada sala, dormindo nos porões e sobre as torres sem topo, e em construções abandonadas havia séculos.

Fumaça cinza serpenteava das cozinhas reconstruídas e dos quartéis que haviam recebido novo telhado. As ameias estavam coroadas com neve e pingentes de gelo. Toda a cor sangrara de Winterfell, apenas o cinza e o branco permaneceram. *As cores Stark*. Theon não sabia se achava isso ameaçador ou reconfortante. Até o céu estava cinza. *Cinza, cinza e mais cinza. O mundo inteiro é cinza, para onde quer que você olhe, tudo cinza, exceto os olhos da noiva.* Os olhos da noiva eram castanhos. *Grandes, castanhos e cheios de medo.* Não era certo que ela olhasse para ele em busca de resgate. O que ela pensara? Que ele assobiaria para chamar um cavalo alado e voaria com ela para longe dali, como algum herói das histórias que ela e Sansa costumavam adorar? Ele não podia ajudar nem a si mesmo. *Fedor, Fedor, rima com temor*.

Por todo o pátio, homens mortos penduravam-se, semicongelados, na ponta de cordas de cânhamo, brancos rostos inchados com a geada. Winterfell estava cheia de invasores quando a vanguarda dos Bolton alcançou o castelo. Mais de duas dúzias foram tiradas na ponta da espada dos abrigos que haviam feito entre as fortalezas semidestruídas do castelo e das torres. Os mais ousados e mais truculentos haviam sido enforcados, os demais, colocados para trabalhar. Se servissem bem, Lorde Bolton lhes dissera, ele seria misericordioso. Pedras e madeiras eram abundantes com a Matadelobos tão perto dali. Robustos portões novos vieram primeiro, para substituir os que haviam sido queimados. Então o telhado desabado do Grande Hall fora retirado, e um novo fora levantado às pressas em seu lugar. Quando o trabalho ficou pronto, Lorde Bolton enforcou os trabalhadores. Fiel à sua palavra, demonstrou misericórdia e não esfolou ninguém.

Por esse tempo, o restante do exército Bolton havia chegado. Ergueram o estandarte do veado-e-leão do Rei Tommen sobre as muralhas de Winterfell, enquanto o vento uivava do norte, e, embaixo, o homem esfolado de Forte do Pavor. Theon ficara com a comitiva de Barbrey Dustin, com sua senhoria em pessoa, seus soldados de Vila Acidentada e

com a futura noiva. A Senhora Dustin insistira que ela devia ter a custódia da Senhora Arya até o momento em que estivesse casada, mas agora essa época se fora. *Ela pertence a Ramsay, agora. Ela disse as palavras*. Por esse casamento, Ramsay seria o Senhor de Winterfell. Enquanto Jeyne tomasse cuidado de não irritá-lo, ele não deveria ter motivos para feri-la. *Arya. O nome dela é Arya.*

Mesmo dentro das luvas forradas com pele, as mãos de Theon começaram a latejar de dor. Era frequente que suas mãos doessem horrivelmente, especialmente os dedos que perdera. Houve realmente um tempo em que as mulheres ansiavam por seu toque? *Eu me fiz Príncipe de Winterfell*, pensou, *e daí veio tudo isto*. Ele pensara que homens cantariam sobre ele por centenas de anos e contariam histórias de sua ousadia. Mas, se alguém falasse sobre ele, agora, seria como Theon Vira-Casaca, e as histórias contadas seriam sobre sua traição. *Esta nunca foi minha casa. Eu era um refém aqui.* Lorde Stark nunca o tratara com crueldade, mas a longa sombra de aço de sua grande espada sempre estivera entre eles. *Ele era gentil comigo, mas nunca caloroso. Sabia que, um dia, poderia ser obrigado a me condenar à morte.*

Theon manteve os olhos baixos enquanto cruzava o pátio, serpenteando entre as tendas. *Aprendi a lutar neste pátio*, pensou, recordando-se dos dias quentes de verão passados em treinos com Robb e Jon Snow, sob o olhar atento do velho Sor Rodrik. Isso foi quando ele era inteiro e podia segurar o cabo de uma espada tão bem quanto qualquer homem. Mas o pátio trazia memórias mais sombrias, também. Fora aqui que reunira o povo dos Stark na noite em que Bran e Rickon deixaram o castelo. Ramsay era Fedor, então, parado ao seu lado, sussurrando que ele deveria esfolar alguns cativos para fazê-los contar para onde os meninos haviam ido. *Não haverá esfola aqui, enquanto eu for Príncipe de Winterfell*, Theon respondera, sem imaginar quão curto seu reinado seria. *Nenhum deles me ajudou. Conheci todos eles metade da minha vida, e nenhum me ajudou*. Mesmo assim, fizera o melhor possível para protegê-los, mas uma vez que Ramsay colocou a máscara de Fedor de lado, matou todos os homens, assim como os homens de ferro de Theon. *Ele colocou fogo no meu cavalo.* Esta era a última visão que tinha do dia em que o castelo caíra: Sorridente queimando, as chamas saltando de sua crina enquanto

se erguia sobre duas patas, escoiceando, gritando, seus olhos brancos de terror. *Aqui, neste mesmo pátio.*

As portas do Grande Salão assomaram diante dele; recém-construídas para substituir as portas que queimaram, pareciam rudes e feias para ele, tábuas não preparadas apressadamente unidas. Um par de lanceiros as guardava, curvados e tremendo sob suas grossas capas de pele, a barba com crostas de gelo. Olharam Theon com ressentimento enquanto ele mancava pelos degraus, empurrava a porta do lado direito e deslizava para dentro.

O salão estava abençoadamente quente e iluminado com as luzes de tochas, tão lotado quanto jamais estivera. Theon deixou o calor banhá-lo, e então seguiu para a frente do salão. Homens se sentavam amontoados, joelho contra joelho ao longo dos bancos, tão apertados que os servos tinham que se contorcer entre eles. Mesmo os cavaleiros e os senhores de alta estirpe usufruíam de menos espaço do que o normal.

Perto do palanque, Abel arranhava seu alaúde e cantava *Belas donzelas do verão*. *Ele se chama de bardo. Na verdade, é mais um cafetão*. Lorde Manderly trouxera músicos de Porto Branco, mas nenhum era cantor, então, quando Abel apareceu nos portões com um alaúde e seis mulheres, fora mais do que bem-vindo.

– Duas irmãs, duas filhas, uma esposa e minha velha mãe – o cantor alegara, embora nenhuma se parecesse com ele. – Algumas dançam, algumas cantam, uma toca a flauta e outras, os tambores. Boas lavadeiras também.

Bardo ou cafetão, a voz de Abel era passável, e até que tocava honestamente. Aqui, entre as ruínas, aquilo era muito mais do que qualquer um poderia esperar.

Ao longo das paredes, os estandartes estavam erguidos: as cabeças de cavalo dos Ryswell, em dourado, marrom, cinza e negro, o gigante rugindo da Casa Umber, a mão de pedra da Casa Flint de Dedos de Sílex, o alce dos Hornwood e o tritão dos Manderly, o machado de batalha negro dos Cerwyn e os pinheiros dos Tallhart. Nem mesmo suas cores vivas podiam cobrir inteiramente as paredes enegrecidas, nem as tábuas que cobriam buracos onde certa vez estiveram as janelas. Mesmo o telhado estava errado, com suas novas madeiras não tratadas, claras e

brilhantes onde as velhas vigas eram manchadas quase de negro por séculos de fumaça.

Os maiores estandartes estavam atrás do palanque, onde o lobo gigante de Winterfell e o homem esfolado do Forte do Pavor se erguiam atrás da noiva e do noivo. A visão do estandarte dos Stark atingiu Theon com mais força do que podia imaginar. *Errado, está errado, tão errado quanto seus olhos*. As armas da Casa Poole eram uma placa azul sobre fundo branco, emoldurado por uma margem cinza. Eram essas as armas que deviam ter pendurado.

– Theon Vira-Casaca – alguém disse quando ele passou. Outro homem se virou ao vê-lo. Um cuspiu. *E por que não?* Era o traidor que tomara Winterfell na deslealdade, matara seus irmãos de criação, entregara seu próprio povo para ser esfolado em Fosso Cailin e enviara sua irmã de criação para a cama de Lorde Ramsay. Roose Bolton podia fazer uso dele, mas os verdadeiros nortenhos deviam desprezá-lo.

Os dedos que faltavam em seu pé esquerdo o deixavam com um caminhar estranho, cômico de se olhar. Ouviu uma mulher rindo atrás de si. Mesmo aqui neste sepulcro semicongelado de castelo, cercado de neve, gelo e morte, havia mulheres. *Lavadeiras*. Essa era a maneira polida de dizer *seguidoras de acampamento*, que era a maneira polida de dizer *putas*.

De onde elas vinham, Theon não poderia dizer. Elas simplesmente surgiam, como vermes em um cadáver ou corvos após a batalha. Todo exército as atraía. Algumas eram putas endurecidas, que podiam foder com vinte homens em uma noite e beber com eles todos sem problema. Outras pareciam tão inocentes quanto donzelas, mas era apenas um artifício de sua mercadoria. Algumas eram noivas de acampamento, ligadas a soldados que seguiam, com palavras sussurradas para um deus ou outro, mas condenadas a serem esquecidas assim que a guerra acabasse. Podiam aquecer a cama de um homem uma noite, remendar os buracos em suas botas pela manhã, cozinhar a ceia ao anoitecer e saquear seu cadáver após a batalha. Algumas até lavavam um pouco de roupa. Com elas, em geral, vinham os filhos bastardos, miseráveis criaturas imundas nascidas em um acampamento ou em outro. E mesmo eles zombavam de Theon Vira-Casaca. *Deixe-os rirem*. Seu orgulho perecera aqui em Winterfell; não havia lugar para essas coisas nos calabouços do

Forte do Pavor. Quando se conhece o beijo de uma faca de esfolar, o riso perde todo o poder de ferir.

Nascimento e sangue lhe garantiram um lugar no palanque no final da mesa principal, ao lado da parede. À sua esquerda estava a Senhora Dustin, vestida como sempre em lã negra, em um corte austero e sem adornos. À sua direita não havia ninguém. *Todos temem que a desonra possa encostar neles*. Se ousasse, teria gargalhado.

A noiva tinha o lugar de mais alta honra, entre Ramsay e seu pai. Sentava-se com os olhos baixos, enquanto Roose Bolton propunha um brinde à Senhora Arya.

– Em seus filhos, nossas duas antigas casas se tornarão uma – disse –, e a longa inimizade entre os Stark e os Bolton terminará. – Sua voz era tão suave que o salão ficou silencioso, enquanto os homens se esforçavam para ouvir. – Sinto que nosso bom amigo Stannis não esteja apto para se juntar a nós ainda – prosseguiu, provocando uma onda de risadas –, assim como sei que Ramsay esperava dar sua cabeça para a Senhora Arya, como presente de casamento. – As risadas aumentaram. – Devemos dar uma esplêndida recepção a ele quando chegar, uma recepção digna dos verdadeiros nortenhos. Até esse dia, vamos comer, beber e nos divertir... pois o inverno está quase sobre nós, meus amigos, e muitos de nós não viverão para ver a primavera.

O Senhor de Porto Branco fornecera a comida e a bebida, cerveja preta e amarela e vinhos tintos, dourados e púrpura, trazidos do quente Sul em gordos navios e envelhecidos em adegas profundas. Os convidados do casamento se fartaram em bolos de bacalhau e abobrinhas de inverno, montanhas de rabanetes e grandes rodas de queijo, em chapas defumadas de cordeiro e costelas de boi tostadas até ficarem quase negras e, finalmente, em três grandes tortas de casamento, tão largas quanto rodas de carroça, com a massa folhada recheada até quase arrebentar com cenouras, cebolas, nabos, cherivias, cogumelos e pedaços de porco temperados, mergulhados em saboroso molho castanho. Ramsay cortou as fatias com sua cimitarra, e Wyman Manderly serviu pessoalmente, oferecendo as primeiras porções fumegantes para Roose Bolton e sua gorda esposa Frey, as seguintes para Sor Hosteen e Sor Aenys, filhos de Walder Frey.

– A melhor torta que já provaram, meus senhores – o gordo senhor declarou. – Empurrem tudo para baixo com um dourado da Árvore e apreciem cada pedaço. Eu sei que vou.

Fiel à sua palavra, Manderly devorou seis porções, duas de cada uma das três tortas, estalando os lábios, batendo na barriga e se enchendo até a frente de sua túnica ficar meio marrom com manchas de molho e sua barba salpicada de farelos da massa. Nem mesmo Walda Gorda Frey conseguiu igualar sua gula, embora tivesse se servido de três pedaços. Ramsay também comeu bem, embora sua pálida noiva não fizesse mais do que encarar a porção colocada diante dela. Quando levantava a cabeça e olhava para Theon, ele podia ver o medo atrás de seus grandes olhos castanhos.

Nenhuma espada longa fora permitida no salão, mas cada homem tinha uma adaga, até mesmo Theon Greyjoy. De que outra maneira cortaria sua carne? Cada vez que olhava para a garota que havia sido Jeyne Poole, sentia a presença do aço ao seu lado. *Não tenho como salvá-la*, pensou, *mas poderia matá-la com bastante facilidade. Ninguém esperaria isso. Posso pedir pela honra de uma dança e cortar a garganta dela. Seria uma gentileza, não seria? E se os antigos deuses ouviram minha prece, Ramsay, em sua indignação, poderia me matar também*. Theon não tinha medo de morrer. Embaixo do Forte do Pavor, aprendera que havia coisas muito piores do que a morte. Ramsay lhe ensinara essa lição, dedo por dedo, da mão e do pé, e não era algo que ele esqueceria.

– Você não come – observou a Senhora Dustin.

– Não. – Comer era difícil para ele. Ramsay o deixara com tantos dentes quebrados que mastigar era uma agonia. Beber era mais fácil, embora tivesse que agarrar a taça de vinho com as duas mãos para evitar derrubá-la.

– Não aprecia torta de porco, meu senhor? A melhor torta de porco que já provamos, nosso gordo amigo nos fez acreditar. – Fez um gesto em direção a Lorde Manderly com a taça de vinho. – Já viu um gordo tão feliz? Está quase dançando. Serviu com as próprias mãos.

Era verdade. O Senhor de Porto Branco era a imagem perfeita do gordo feliz, gargalhando, sorrindo, brincando com os outros senhores e batendo em suas costas, pedindo aos músicos esta ou aquela canção.

– Nos dê *A noite que terminou*, cantor – gritou. – A noiva gostará desta, eu sei. Ou cante para nós os feitos do bravo jovem Danny Flint, e nos faça chorar. – Ao olhá-lo, era possível pensar que era ele o recém-casado.

– Está bêbado – disse Theon.

– Afogando seus medos. É covarde até os ossos, esse um.

Era? Theon não tinha certeza. Seus filhos eram gordos também, mas não envergonhavam em batalha.

– Os homens de ferro festejam também antes de uma batalha. Um último gosto de vida, enquanto a morte espera. Se Stannis vier...

– Ele virá. Ele deve. – A Senhora Dustin riu. – E quando vier, o gordo vai se mijar. Seu filho morreu no Casamento Vermelho, e mesmo assim ele divide seu pão e sal com os Frey, recebe-os sob seu teto, promete sua neta para um deles. Até mesmo lhes serve torta. Os Manderly fugiram do Sul uma vez, escorraçados de suas terras e protegidos por inimigos. O sangue escorre verdade. O gordo gostaria de matar a todos nós, não duvido, mas não tem estômago para isso, apesar de toda a sua circunferência. Sob sua pele suada bate um coração tão covarde e servil como... bem... o seu.

Sua última palavra foi como um chicote, mas Theon não se atreveu a responder à altura. Qualquer insolência lhe custaria pele.

– Se minha senhora acredita que Lorde Manderly quer nos trair, Lorde Bolton é quem deve ser avisado.

– Você acha que Roose não sabe? Garoto tolo. Observe-o. Veja como ele olha Manderly. Nenhum prato é tocado pelos lábios de Roose até que ele veja que Lorde Wyman comeu primeiro. Nenhuma taça de vinho é bebida até que ele veja que Manderly tomou do mesmo jarro. Acredito que ficaria satisfeito se o gordo tentasse alguma traição. Isso o divertiria. Roose não tem sentimentos, você sabe. Aquelas sanguessugas que ele tanto ama sugaram todas as suas paixões há anos. Ele não ama, ele não odeia, ele não lamenta. Isso é um jogo para ele, levemente divertido. Alguns homens caçam, outros fazem falcoaria, alguns jogam dados. Roose joga com homens. Você e eu, esses Frey, Lorde Manderly, sua nova esposa gorda, até seu bastardo, somos seus brinquedos. – Um servo estava passando. A Senhora Dustin segurou sua taça e deixou que ele a enchesse, então gesticulou para fazer o mesmo com a taça de Theon. – Verdade seja dita – ela falou –, Lorde Bolton aspira a mais do que uma

mera senhoria. Por que não Rei do Norte? Tywin Lannister está morto, o Regicida está mutilado, o Duende fugiu. Os Lannister são uma força gasta, e você foi gentil o suficiente para livrá-lo dos Stark. O velho Walder Frey não fará objeção a que sua pequena Walda Gorda se torne rainha. Porto Branco pode ser um pouco incômodo se Lorde Wyman sobreviver à batalha que se aproxima... mas estou quase certa de que não sobreviverá. Não mais que Stannis. Roose removerá ambos do seu caminho, como removeu o Jovem Lobo. Quem mais há?

– Você – disse Theon. – Há você. A Senhora de Vila Acidentada, uma Dustin por casamento, uma Ryswell por nascimento.

Aquilo a agradou. Ela tomou um gole de vinho, seus olhos escuros brilhando, e disse:

– A *viúva* de Vila Acidentada... e sim, se eu quisesse, poderia ser um inconveniente. Claro que Roose vê isso também, e toma cuidado de me manter doce.

Ela poderia ter dito mais, mas então viu os meistres. Três deles entraram juntos pela porta do senhor, atrás do palanque; um alto, um gordo e um muito jovem, mas, em suas túnicas e correntes, eram três ervilhas cinza de uma vagem negra. Antes da guerra, Medrick servira Lorde Hornwood, Rhodry, Lorde Cerwyn, e o jovem Henly, Lorde Slate. Roose Bolton trouxera todos eles para Winterfell para se encarregarem dos corvos de Luwin, então mensagens podiam ser enviadas e recebidas dali novamente.

Enquanto Meistre Medrick se ajoelhava para sussurrar no ouvido de Bolton, a boca da Senhora Dustin se contorceu em desagrado.

– Se eu fosse rainha, a primeira coisa que faria seria matar todos esses ratos cinzentos. Eles correm por todos os lados, vivendo dos restos de seus senhores, tagarelando uns com os outros, sussurrando no ouvido de seus mestres. Mas quem são os mestres e quem são os servos, realmente? Todo grande senhor tem seu meistre, todo senhor menor deseja ter um. Se você não tem um meistre, dizem que você é de pouca importância. Esses ratos cinzentos leem e escrevem nossas cartas, principalmente para aqueles senhores que não conseguem ler eles mesmos, e quem diz com certeza que eles não estão torcendo as palavras para seus próprios fins? Que bem eles fazem, eu lhe pergunto.

– Eles curam – disse Theon. Isso parecia ser esperado dele.

– Eles curam, sim. Nunca disse que não eram delicados. Eles nos atendem quando estamos doentes e feridos, ou entristecidos com a doença de um pai ou um filho. Sempre que estamos mais fracos e vulneráveis, eles estão ali. Algumas vezes nos curam, e ficamos devidamente agradecidos. Quando falham, nos consolam em nosso lamento, e ficamos gratos por isso também. Além de nossa gratidão, damos a eles um lugar sob nossos tetos e permitimos que compartilhem nossas vergonhas e segredos, uma parte de todo conselho. E, antes de muito tempo, o governante se torna governado. Foi o que aconteceu com Lorde Rickard Stark. Meistre Walys era o nome de seu rato cinzento. E não é esperto como os meistres mantêm só um nome, mesmo quando tinham dois quando chegaram à Cidadela? Dessa maneira, não sabemos quem eles realmente são ou de onde vieram... mas, se você for teimoso o suficiente, poderá descobrir. Antes de forjar sua corrente, Meistre Walys era conhecido como Walys Flowers. Flowers, Hill, Rivers, Snow... damos esses nomes para as crianças ilegítimas para marcá-las pelo que elas são, mas elas sempre são rápidas em se livrar da marca. Walys Flowers tinha uma garota Hightower como mãe... e um arquimeistre da Cidadela como pai, eram os rumores. Os ratos cinzentos não são tão castos quanto querem que acreditemos. Os meistres de Vilavelha são os piores de todos. Uma vez que Walys forjou sua corrente, seu pai secreto e seus amigos não perderam tempo em despachá-lo para Winterfell, para encher os ouvidos de Lorde Rickard com palavras envenenadas tão doces quanto mel. O casamento Tully foi ideia dele, não duvide, ele...

Ela parou de falar quando Roose Bolton se levantou, seus olhos claros brilhando sob a luz das tochas.

– Meus amigos – começou, e um silêncio varreu a sala, tão profundo que Theon podia ouvir o vento sacudindo as tábuas sobre as janelas. – Stannis e seus cavaleiros deixaram Bosque Profundo, sob o estandarte de seu novo deus vermelho. Os clãs das montanhas nortenhas vêm com ele em seus hirsutos cavalos raquíticos. Se o tempo permitir, podem estar aqui em uma quinzena. E Papa-Corvos Umber marcha pela estrada do rei, enquanto os Karstark se aproximam pelo leste. Eles pretendem se unir a Lorde Stannis aqui e tomar-nos o castelo.

Sor Hosteen Frey ficou em pé de um salto.

– Devíamos cavalgar para encontrá-los. Por que permitir que combinem suas forças?

*Porque Arnolf Karstark espera apenas um sinal de Lorde Bolton antes de virar sua casaca*, pensou Theon, enquanto outros senhores gritavam conselhos. Lorde Bolton ergueu a mão, pedindo silêncio.

– O salão não é o lugar para tais discussões, meus senhores. Vamos adiar para o solar, enquanto meu filho consuma seu casamento. O restante de vocês permaneça aqui e aproveite a comida e a bebida.

Enquanto o Senhor de Forte do Pavor saía, seguido pelos três meistres, outros senhores e capitães se levantaram para acompanhá-lo. Hother Umber, o velho magro chamado Terror-das-Rameiras, seguiu-o sombrio e carrancudo. Lorde Manderly estava tão bêbado que pediu quatro homens fortes para ajudá-lo a sair do salão.

– Devíamos ouvir uma canção sobre o Rato Cozinheiro – ele murmurou, enquanto passava cambaleando por Theon, apoiado em seus cavaleiros. – Cantor, dê-nos uma canção sobre o Rato Cozinheiro.

A Senhora Dustin estava entre as últimas a se mover. Quando ela se foi, de repente o salão parecia sufocante. Apenas quando tentou se levantar, Theon percebeu o quanto havia bebido. Quando tropeçou na mesa, bateu em uma jarra nas mãos de uma serva. Vinho se espalhou em suas botas e calções, uma escura maré vermelha.

Uma mão agarrou seu ombro, cinco dedos duros como ferro entrando profundamente em sua carne.

– Você é aguardado, Fedor – disse Alyn Azedo, seu hálito carregado com o cheiro de seus dentes podres. Caralho Amarelo e Damon Dance-para-Mim estavam com ele. – Ramsay diz que você deve levar a noiva dele para a cama.

Um arrepio de medo passou por ele. *Fiz minha parte*, pensou. *Por que eu?* Mas ele sabia que era melhor não se opor.

Lorde Ramsay já deixara o salão. Sua noiva, abandonada e, aparentemente, esquecida, sentava-se curvada e silenciosa sob o estandarte da Casa Stark, segurando um cálice de prata com as duas mãos. A julgar pelo modo como o olhou quando ele se aproximou, ela já esvaziara o cálice mais de uma vez. Talvez esperasse que, se bebesse o suficiente, sua provação passaria por ela. Theon sabia que isso não aconteceria.

– Senhora Arya – disse. – Venha. É tempo de cumprir seu dever.

Seis dos Rapazes do Bastardo os acompanharam quando Theon levou a garota para fora, pelo fundo do salão e pelo gélido pátio, até a Grande Fortaleza. Eram três lances de degraus de pedra até o quarto de dormir de Lorde Ramsay, um dos quartos que o fogo tocara de leve. Enquanto subiam, Damon Dance-para-Mim assobiava, e Peleiro se gabava que Lorde Ramsay lhe prometera um pedaço do lençol ensanguentado, como sinal de apreço especial.

O quarto de dormir estava bem preparado para a consumação. Todos os móveis eram novos, trazidos de Vila Acidentada no comboio de bagagem. A cama de dossel tinha um colchão de penas e cortinas de veludo vermelho-sangue. O chão de pedra estava coberto com peles de lobos. Um fogo queimava na lareira, uma vela, na mesa ao lado da cama. No aparador havia um jarro de vinho, duas taças e meia-roda de queijo branco com veios.

Também havia uma cadeira, esculpida em carvalho negro, com assento de couro vermelho. Lorde Ramsay estava sentado nela quando entraram. Saliva brilhava em seus lábios.

– Aí está minha doce donzela. Bons rapazes. Podem nos deixar, agora. Não você, Fedor. Você fica.

*Fedor, Fedor, que rima com pavor*. Ele podia sentir câimbras em seus dedos perdidos; dois na mão esquerda, um na direita. E, em seu quadril, a adaga descansava, dormindo em sua bainha de couro, mas pesada, oh, tão pesada. *Apenas meu mindinho se foi na mão direita,* Theon lembrou a si mesmo. *Ainda posso segurar uma faca*.

– Meu senhor. Como posso servi-lo?

– Você deu a moça para mim. Quem melhor para desempacotar o presente? Vamos dar uma olhada na pequena filha de Ned Stark.

*Ela não é parente de Lorde Eddard*, Theon quase disse. *Ramsay sabe, ele tem que saber, que novo jogo cruel é este?* A garota estava em pé ao lado de uma das colunas da cama, tremendo como uma corça.

– Senhora Arya, se você se virar, posso soltar os laços de seu vestido.

– Não. – Lorde Ramsay serviu-se uma taça de vinho. – Laços demoram muito. Corte fora.

Theon desembainhou a adaga. *Tudo o que tenho que fazer é me virar e apunhalá-lo. A faca está na minha mão*. Ele conhecia o jogo. *Outra*

*armadilha*, disse para si mesmo, lembrando-se de Kyra com as chaves. *Ele quer que eu tente matá-lo. E, quando eu falhar, ele esfolará a pele da mão que usei para segurar a lâmina*. Agarrou um punhado da saia da noiva.

– Fique parada, minha senhora. – O vestido era solto abaixo da cintura, então foi a partir dali que ele deslizou a lâmina, escorregando para cima lentamente, para não cortá-la. Aço sussurrou através de lã e seda com um som suave e fraco. A garota tremia. Theon teve que segurar seu braço para que ela ficasse parada. *Jeyne, Jeyne, rima com reine*. Ele a apertou ainda mais, tanto quanto sua mão esquerda mutilada permitia. – Fique parada.

Finalmente o vestido caiu, um emaranhado pálido ao redor dos pés dela.

– As roupas íntimas também – Ramsay ordenou. Fedor obedeceu.

Quando acabou, a noiva estava nua, e sua elegância nupcial era um monte de trapos brancos e cinza sobre seus pés. Seus seios eram pequenos e pontudos, os quadris estreitos e femininos, as pernas finas como as de um pássaro. *Uma criança*. Theon se esquecera do quanto ela era jovem. *A idade de Sansa. Arya seria ainda mais jovem*. Apesar do fogo na lareira, o quarto estava gelado. A pálida pele de Jeyne estava toda arrepiada. Houve um momento em que ergueu as mãos, como se estivesse prestes a cobrir os seios, mas Theon advertiu-a com um silencioso não e ela parou imediatamente.

– O que acha dela, Fedor? – perguntou Lorde Ramsay.

– Ela... – *Que resposta ele quer?* O que a garota dissera, antes do bosque sagrado? *Todos dizem que sou bonita*. Ela não estava bonita agora. Ele podia ver uma teia de finas linhas pelas costas dela, onde alguém a chicoteara. – ... ela é bonita, tão... tão bonita.

Ramsay sorriu seu sorriso molhado.

– Ela faz seu pau ficar duro, Fedor? Está lutando contra seus cadarços? Gostaria de fodê-la primeiro? – Ele riu. – O Príncipe de Winterfell deveria ter esse direito, como todos os senhores faziam nos tempos antigos. A primeira noite. Mas você não é um senhor, é? É apenas Fedor. Não é nem mesmo um homem, verdade seja dita. – Tomou outro gole de vinho e, em seguida, arremessou a taça pelo quarto para estilhaçá-la contra a parede. Rios vermelhos correram pela pedra. – Senhora Arya. Vá

para cama. Sim, contra os travesseiros, esta é uma boa esposa. Agora, abra suas pernas. Deixe-nos ver sua boceta.

A garota obedeceu, sem palavras. Theon deu um passo para trás, em direção à porta. Lorde Ramsay sentou-se ao lado da noiva, deslizou a mão pela parte interna de sua coxa e então enfiou dois dedos dentro dela. A garota soltou um suspiro de dor.

– Você está seca como um osso velho. – Ramsay puxou a mão e deu um tapa em seu rosto. – Me disseram que saberia agradar um homem. Isso era mentira?

– N-não, meu senhor. Fui treinada.

Ramsay se levantou, a luz do fogo brilhando em seu rosto.

– Fedor, venha aqui. Deixe-a pronta para mim.

Por um momento, ele não entendeu.

– Eu... quer dizer... senhor, eu não tenho... eu...

– Com sua boca – disse Lorde Ramsay. – E seja rápido. Se ela não estiver molhada quando eu terminar de tirar a roupa, cortarei fora sua língua e a pregarei na parede.

Em algum lugar, no bosque sagrado, um corvo gritou. A adaga ainda estava em sua mão.

Ele a embainhou.

*Fedor, meu nome é Fedor, e rima com dor.*

Fedor inclinou-se para cumprir sua tarefa.

# O Sentinela

—Vamos dar uma olhada nessa cabeça – o príncipe ordenou.

Areo Hotah passava a mão pelo cabo suave de seu machado longo, sua esposa de freixo e ferro, enquanto observava. Observou o cavaleiro branco, Sor Balon Swann, e os outros que vieram com ele. Observou as Serpentes de Areia, cada uma em uma mesa diferente. Observou os senhores e senhoras, os servos, o velho senescal cego e o jovem Meistre Myles, com sua barba sedosa e seu sorriso servil. Parado, meio na luz, meio na sombra, via todos eles. *Servir. Proteger. Obedecer*. Essa era sua tarefa.

Todos os demais tinham olhos apenas para a arca. Fora esculpida em ébano, com fechos e dobradiças em prata. Uma caixa muito bonita, sem dúvida, mas muitos dos que se reuniam aqui no Palácio Antigo de Lançassolar poderiam logo estar mortos, dependendo do que estivesse na arca.

Com as sandálias sussurrando contra o chão, Meistre Caleotte cruzou o salão na direção de Sor Balon Swann. O homenzinho redondo parecia esplêndido em sua túnica nova, com faixas largas nas cores castanho-escuro e creme e estreitas listras vermelhas. Fazendo uma reverência, pegou a arca das mãos do cavaleiro branco e levou-a até o palanque, onde Doran Martell estava sentado em sua cadeira com rodas entre sua filha Arianne e a querida amante de seu irmão, Ellaria. Uma centena de velas perfumava o ar. Pedras preciosas brilhavam nos dedos dos senhores, e nos cinturões e nas redes de cabelo das senhoras. Areo Hotah polira sua camisa de escamas de bronze até deixá-la com o reflexo de espelhos, então ele brilhava sob as luzes das velas também.

O silêncio caiu sobre a sala. *Dorne segura a respiração*. Meistre Caleotte colocou a caixa no chão, ao lado da cadeira do Príncipe Doran. Os dedos do meistre, normalmente tão seguros e ágeis, tornaram-se

desajeitados enquanto ele lutava para destravar e abrir a tampa e revelar o crânio lá dentro. Hotah ouviu alguém limpar a garganta. Um dos gêmeos Fowler sussurrou alguma coisa para o outro. Ellaria Sand tinha fechado os olhos e murmurava uma prece.

Sor Balon Swann estava tenso como a corda de um arco, o capitão dos guardas observou. Esse novo cavaleiro não era tão alto ou tão agradável quanto o antigo, mas tinha o peito maior, era mais corpulento, seus braços grossos de músculos. Sua capa nevada estava presa ao pescoço por dois cisnes em um broche de prata. Um era de marfim, o outro de ônix, e parecia, para Areo Hotah, que os dois estavam lutando. O homem que os usava parecia um lutador, também. *Este não morrerá com a mesma facilidade do outro. Não vai avançar para o meu machado, como Sor Arys fez. Este ficará atrás do escudo e me fará ir até ele.* Se chegasse a isso, Hotah estaria pronto. Seu machado longo era afiado o suficiente para se fazer a barba com ele.

Ele se permitiu um rápido olhar para a arca. O crânio repousava em uma cama de feltro negro, sorrindo. Todos os crânios sorriam, mas este parecia mais feliz do que a maioria. *E maior*. O capitão dos guardas nunca vira um crânio tão grande. A testa era grossa e pesada, a mandíbula, maciça. O osso brilhava sob a luz das velas, branco como a capa de Sor Balon.

– Coloque-o no pedestal – o príncipe ordenou. Tinha lágrimas brilhando nos olhos.

O pedestal era uma coluna de mármore negro, noventa centímetros mais alta do que Meistre Caleotte. O pequeno e gordo meistre ficou na ponta dos pés, mas mesmo assim não alcançou. Areo Hotah estava prestes a ajudá-lo, mas Obara Sand se moveu antes. Mesmo sem seu chicote e escudo, ela tinha um visual zangado e masculinizado. Em vez de vestido, usava calções de homem e uma túnica de linho abaixo dos joelhos, presa à cintura por um cinto com sóis de cobre. Seu cabelo castanho estava preso atrás em um coque. Arrebatando o crânio das suaves mãos rosadas do meistre, ela o colocou no alto da coluna de mármore.

– A Montanha não cavalga mais – o príncipe disse, gravemente.

– Sua morte foi longa e sofrida, Sor Balon? – perguntou Tyene Sand, em um tom que uma donzela poderia usar para perguntar se seu vestido

era bonito.

– Gritou por dias, minha senhora – o cavaleiro branco respondeu, embora fosse claro que não o agradava nem um pouco dizer isso. – Podíamos ouvi-lo por toda a Fortaleza Vermelha.

– Isso o incomoda, sor? – perguntou a Senhora Nym. Ela usava um vestido de seda amarela tão pura e fina que as velas brilhavam através do tecido, para revelar os fios de ouro e as joias embaixo. Tão indecente era sua roupa que o cavaleiro branco parecia desconfortável olhando para ela, mas Hotah aprovou. Nymeria era menos perigosa quando estava quase nua. De outro modo, certamente teria uma dúzia de lâminas ocultas em seu traje. – Sor Gregor era um bruto sanguinário, todos concordavam. Se alguma vez um homem mereceu sofrer, foi ele.

– Isso pode ser assim, minha senhora – disse Balon Swann –, mas Sor Gregor era um cavaleiro, e um cavaleiro deve morrer com a espada na mão. Veneno é uma maneira criminosa e suja de matar.

A Senhora Tyene sorriu daquilo. Seu vestido era creme e verde, com longas mangas de renda, tão modesta e tão inocente que qualquer homem que olhasse para ela poderia pensar que era a mais casta das donzelas. Areo Hotah sabia a verdade. Suas mãos suaves e claras eram tão mortais quanto as mãos calosas de Obara, se não mais. Ele a observava cuidadosamente, alerta a qualquer pequeno movimento de seus dedos.

O Príncipe Doran franziu a testa.

– Isso é verdade, Sor Balon, mas a Senhora Nym está certa. Se alguma vez um homem mereceu morrer gritando, esse foi Gregor Clegane. Ele massacrou minha boa irmã, esmagou a cabeça de seu bebê contra a parede. Eu apenas oro para que agora esteja queimando em algum inferno, e que Elia e seus filhos estejam em paz. Essa era a justiça pela qual Dorne estava faminta. Estou feliz de ter vivido o suficiente para saboreá-la. Finalmente, os Lannister provaram a verdade de suas intenções e pagaram seu débito de sangue.

O príncipe deixou que Ricasso, seu senescal cego, se erguesse e propusesse um brinde.

– Senhores e senhoras, vamos agora beber a Tommen, o Primeiro de Seu Nome, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, e Senhor dos Sete Reinos.

Servos começaram a se mover entre os convidados enquanto o senescal falava, enchendo as taças com os jarros que carregavam. O vinho era um forte dornense, escuro como sangue e doce como a vingança. O capitão não bebeu. Nunca bebia em festas. Nem o próprio príncipe tomou parte. Ele tinha seu próprio vinho, preparado por Meistre Myles e bem misturado com leite de papoula para aliviar a agonia de suas articulações inchadas.

O cavaleiro branco bebeu, embora apenas por cortesia. Seus companheiros, da mesma maneira. O mesmo fez a Princesa Arianne, a Senhora Jordayne, o Senhor da Graçadivina, o Cavaleiro de Limoeiros, a Senhora de Colina Fantasma... até mesmo Ellaria Sand, querida amante do Príncipe Oberyn, que estava com ele em Porto Real quando foi morto. Hotah prestou mais atenção naqueles que não beberam: Sor Daemon Sand, Lord Tremond Gargalen, os gêmeos Fowler, Dagos Manwoody, os Uller da Toca do Inferno, os Wyl do Caminho do Espinhaço. *Se houver algum problema, pode começar com um deles*. Dorne era uma terra zangada e dividida, e a mão do Príncipe Doran não estava tão firme quanto deveria. Muitos de seus próprios senhores o achavam fraco e teriam apoiado uma guerra aberta contra os Lannister e o rei menino no Trono de Ferro.

As líderes entre esses descontentes eram as Serpentes de Areia, filhas bastardas de Oberyn, a Serpente Vermelha, irmão falecido do príncipe. Doran Martell era o mais sábio dos príncipes, e não era função de seu capitão da guarda questionar suas decisões, mas Areo Hotah se perguntava por que decidira soltar as senhoras Obara, Nymeria e Tyene de suas celas solitárias na Torre da Lança.

Tyene declinou o brinde de Ricasso com um murmúrio, e a Senhora Nym com um aceno da mão. Obara deixou que enchessem sua taça até a borda, então despejou o vinho tinto no chão. Quando a serva se ajoelhou para limpar a sujeira, Obara deixou o salão. Depois de um momento, a Princesa Arianne se desculpou e foi atrás dela. *Obara nunca descontaria a raiva na princesinha*, Hotah sabia. *São primas e se amam também.*

A celebração continuou até tarde da noite, presidida pelo crânio sorridente no pilar de mármore negro. Sete pratos foram servidos, em honra aos sete deuses e aos sete irmãos da Guarda Real. A sopa era feita com ovos e limões, as grandes pimentas-verdes, recheadas com queijo e

cebola. Havia tortas de lampreia, capões mergulhados no mel, um peixe-gato do fundo do Sangueverde tão grande que foram necessários quatro homens para levá-lo até a mesa. Depois disso, veio um ensopado picante de cobra, com pedaços de sete tipos de cobras cozidos lentamente com pimenta-dragão, laranjas sanguíneas e uma pitada da peçonha para dar uma boa ardência. O ensopado estava pegando fogo, Hotah sabia, embora não tivesse provado. Limonada veio na sequência, para esfriar a língua. Para a sobremesa, cada convidado foi servido com um crânio confeitado em açúcar. Quando a crosta era quebrada, havia um creme doce dentro com pedaços de ameixa e cereja.

A Princesa Arianne retornou no momento das pimentas recheadas. *Minha princesinha,* Hotah pensou, embora Arianne fosse uma mulher agora. As sedas escarlate que usava não deixavam dúvidas sobre isso. Ultimamente, ela mudara de outras maneiras também. Seu plano de coroar Myrcella fora traído e esmagado, seu cavaleiro branco perecera de modo sangrento nas mãos de Hotah, e ela fora confinada à Torre da Lança, condenada à solidão e ao silêncio. Tudo aquilo a castigara. Mas havia algo mais, algum segredo que seu pai lhe confiara antes de libertá-la do confinamento. O que era, o capitão não sabia.

O príncipe colocara a filha entre ele e o cavaleiro branco, um lugar de alta honra. Arianne sorriu, sentou-se novamente e murmurou algo no ouvido de Sor Balon. O cavaleiro optou por não responder. Ele comia pouco, Hotah observou; uma colherada de sopa, uma mordida na pimenta, um pedaço do capão, um pouco de peixe. Afastou a torta de lampreia e experimentou apenas uma pequena colherada do ensopado. Mesmo assim, aquilo fez o suor brotar em sua testa. Hotah simpatizava com essa reação. Quando chegara a Dorne, a comida apimentada amarrava suas entranhas e queimava sua língua. Mas isso fora anos atrás; agora seu cabelo estava branco e era capaz de comer qualquer coisa que os dornenses comessem.

Quando o crânio confeitado foi servido, Sor Balon apertou os lábios e deu ao príncipe um olhar demorado, para ver se estava sendo ridicularizado. Doran Martell não percebeu, mas a filha, sim.

– É uma pequena brincadeira da cozinheira, Sor Balon – disse Arianne. – Nem mesmo a morte é sagrada para os dornenses. Não ficará zangado

conosco, espero. – Passou os dedos nas costas da mão do cavaleiro branco. – Espero que tenha apreciado seu tempo em Dorne.

– Todos têm sido muito hospitaleiros, minha senhora.

Arianne tocou no broche que prendia a capa dele, com os cisnes lutando.

– Sempre fui apaixonada por cisnes. Nenhuma outra ave chega à metade da beleza deles neste lado das Ilhas do Verão.

– Seus pavões poderiam questionar isso – disse Sor Balon.

– Poderiam – respondeu Arianne –, mas pavões são criaturas vãs e orgulhosas, exibindo-se em todas aquelas cores berrantes. Dê-me um cisne, sereno em branco, ou lindo em negro.

Sor Balon fez um aceno com a cabeça e tomou um gole de vinho. *Este aí não será seduzido tão facilmente quanto seu Irmão Juramentado*, Hotah pensou. *Sor Arys era um garoto, apesar de seus anos. Este aí é um homem, e cuidadoso.* O capitão tinha apenas que olhar para ele para perceber que o cavaleiro branco estava pouco à vontade. *Este lugar é estranho para ele, e pouco do seu gosto*. Hotah entendia isso. Dorne parecera um lugar esquisito para ele também, assim que chegou aqui com sua própria princesa, havia muitos anos. Os sacerdotes barbados o haviam ensinado a Língua Comum de Westeros antes de enviá-lo para cá, mas todos os dornenses falavam rápido demais para que entendesse. As mulheres dornenses eram muito lascivas, o vinho dornense, muito azedo, e a comida dornense, cheia de estranhas especiarias picantes. E o sol dornense era mais quente do que o pálido sol de Norvos, brilhante em um céu azul dia após dia.

A jornada de Sor Balon fora mais curta, mas perturbadora em sua própria maneira, o capitão sabia. Três cavaleiros, oito escudeiros, vinte homens em armas e diversos cavalariços e servos o acompanhavam de Porto Real, mas uma vez que cruzaram as montanhas para dentro de Dorne, seu progresso fora atrasado por uma rodada de banquetes, caçadas e celebrações em cada castelo que tiveram a chance de passar. E agora que chegava a Lançassolar, nem a Princesa Myrcella nem Sor Arys Oakheart estavam por perto para cumprimentá-lo. *O cavaleiro branco sabe que algo está errado*, Hotah podia afirmar, mas havia algo mais. Talvez a presença das Serpentes de Areia o irritasse. Se fosse isso, o retorno de Obara ao salão só seria vinagre na ferida. Ela voltou ao seu

lugar sem uma palavra, e sentou-se carrancuda e mal-humorada, sem sorrir ou conversar.

Já era quase meia-noite quando o Príncipe Doran se virou para o cavaleiro branco e disse:

– Sor Balon, li a carta que trouxe para mim de sua graciosa rainha. Posso presumir que é familiar ao seu conteúdo, sor?

Hotah viu o cavaleiro ficar tenso.

– Sou, meu senhor. Sua Graça me informou que eu poderia ser chamado para escoltar a filha dela de volta a Porto Real. O Rei Tommen está com saudades da irmã e gostaria que a Princesa Myrcella retornasse à corte para uma rápida visita.

A Princesa Arianne fez uma cara triste.

– Oh, mas todos estamos tão apaixonados por Myrcella, sor. Ela e meu irmão Trystane se tornaram inseparáveis.

– O Príncipe Trystane seria bem-vindo em Porto Real também – disse Balon Swann. – O Rei Tommen desejaria conhecê-lo, estou certo disso. Sua Graça tem muito poucas companhias da sua idade.

– Os laços formados na infância podem durar a vida toda – falou o Príncipe Doran. – Quando Trystane e Myrcella se casarem, ele e Tommen serão como irmãos. A Rainha Cersei está certa nisso. Os garotos devem se encontrar, ficar amigos. Dorne sentirá falta dele, estou certo, mas já passou a hora de Trystane ver algo do mundo além das muralhas de Lançassolar.

– Sei que Porto Real o receberá calorosamente.

*Por que ele está suando agora?*, o capitão se perguntou, observando. *O salão está frio o suficiente, e ele nem tocou no ensopado*.

– Quanto à outra questão que a Rainha Cersei levanta – o Príncipe Doran estava dizendo –, é verdade, o assento de Dorne no pequeno conselho está vazio desde a morte do meu irmão, e já passou o tempo de preenchê-lo novamente. Estou lisonjeado que Sua Graça sinta que meus conselhos lhe possam ser úteis, embora me pergunte se tenho forças suficientes para essa jornada. E se fôssemos por mar?

– De navio? – Sor Balon parecia surpreso. – Isso... seria seguro, meu príncipe? Outono é uma péssima estação para tempestades, pelo que escutei, e... os piratas de Passopedra, eles...

– Os piratas. Certamente. Você pode ter razão, sor. É mais seguro retornar pelo caminho que você veio. – O Príncipe Doran sorriu agradavelmente. – Falaremos sobre isso novamente amanhã. Quando chegarmos aos Jardins das Águas, podemos falar com Myrcella. Sei que ela ficará entusiasmada. Ela sente falta do irmão também, não tenho dúvidas.

– Estou ansioso para vê-la novamente – disse Sor Balon. – E visitar seus Jardins das Águas. Ouvi dizer que são muito bonitos.

– Bonitos e tranquilos – o príncipe respondeu. – Brisas frescas, águas gasosas e o sorriso das crianças. Os Jardins das Águas são meu lugar favorito neste mundo, sor. Um dos meus antepassados o construiu para agradar à sua noiva Targaryen e libertá-la da poeira e do calor de Lançassolar. *Daenerys* era o nome dela. Era irmã do Rei Daeron, o Bom, e foi o casamento dela que garantiu que Dorne fizesse parte dos Sete Reinos. O reino todo sabia que a garota amava o irmão bastardo de Daeron, Daemon Blackfyre, e era amada por ele também, mas o rei foi sábio o bastante para ver que o bem de milhares deveria vir antes do desejo de dois, mesmo que esses dois fossem caros a ele. Foi Daenerys quem encheu os jardins com os risos das crianças. No começo, seus dois filhos, mas depois os filhos e as filhas dos senhores e dos cavaleiros com terras foram trazidos para fazer companhia aos garotos e garotas de sangue principesco. Em um dia de verão, quando estava um calor terrível, ela ficou com pena dos filhos dos criados e dos servos, e os convidou a usar as piscinas e as fontes também, uma tradição que permanece até hoje. – O príncipe segurou as rodas de sua cadeira e afastou-se da mesa. – Mas, agora, deve me dar licença, sor. Toda essa conversa me cansou, e temos que partir ao raiar do dia. Obara, você faria a gentileza de me acompanhar para a cama? Nymeria, Tyene, venham também, e ofereçam ao seu velho tio um amável boa-noite.

Coube a Obara Sand empurrar a cadeira do príncipe do salão de festas de Lançassolar e por uma longa galeria até seu solar. Areo Hotah seguiu com as irmãs dela, juntamente com a Princesa Arianne e Ellaria Sand. Meistre Caleotte corria logo atrás, com suas sandálias, embalando o crânio da Montanha como se fosse um bebê.

– Você não pretende, de verdade, enviar Trystane e Myrcella para Porto Real – Obara disse, enquanto empurrava. Seus passos eram compridos e

furiosos, muito rápidos, e as grandes rodas de madeira da cadeira batiam ruidosamente pelo chão de pedra áspera. – Faça isso, e nunca mais veremos a garota, e seu filho passará a vida como refém do Trono de Ferro.

– Você acha que sou tolo, Obara? – O príncipe suspirou. – Há muito que você não sabe. Coisas que não devem ser discutidas aqui, onde qualquer um pode escutar. Se você segurar a língua, posso esclarecê-la. – Fez uma careta. – *Devagar*, pelo amor que tem por mim. Essa última sacudida foi uma facada direto no meu joelho.

Obara diminuiu o ritmo pela metade.

– O que fará, então?

Sua irmã Tyene respondeu.

– O que ele sempre faz – ronronou. – Adiar, confundir, tergiversar. Ah, ninguém faz isso metade tão bem como nosso corajoso tio.

– Estão erradas sobre ele – disse a Princesa Arianne.

– Quietas, todas vocês – o príncipe ordenou.

Somente depois que as portas de seu solar estavam seguramente fechadas, ele virou a cadeira para encarar as mulheres. Mesmo esse esforço o deixou sem ar, e o cobertor de Myr que cobria suas pernas ficou preso entre dois aros da roda, então ele teve que parar para impedir que caísse. Sob o cobertor, suas pernas estavam pálidas, moles, assustadoras. Os dois joelhos estavam vermelhos e inchados, e os dedos dos pés estavam quase roxos, duas vezes o tamanho que deviam ter. Areo Hotah vira-os milhares de vezes e ainda achava difícil olhar para eles.

A Princesa Arianne se adiantou.

– Deixe-me ajudá-lo, pai.

O príncipe puxou o cobertor, para soltá-lo.

– Ainda posso controlar meu próprio cobertor. Pelo menos isso. – Era muito pouco. Suas pernas estavam inutilizadas havia três anos, mas ainda tinha alguma força nas mãos e nos ombros.

– Devo buscar para meu príncipe um dedal de leite de papoula? – Meistre Caleotte perguntou.

– Eu precisaria de um balde, com esta dor. Obrigado, mas não. Quero manter o juízo. Não precisarei mais de você esta noite.

– Muito bem, meu príncipe. – Meistre Caleotte fez uma reverência, com a cabeça de Sor Gregor ainda entre suas suaves mãos rosadas.

– Ficarei com isto. – Obara Sand arrancou o crânio dele e segurou-o com os braços estendidos. – Como a Montanha se parecia? Como sabemos que este é ele? Eles podiam tê-lo mergulhado no alcatrão. Por que limpar até o osso?

– Alcatrão teria estragado a caixa – sugeriu a Senhora Nym, enquanto Meistre Caleotte saía do quarto. – Ninguém viu Montanha morrer, e ninguém viu sua cabeça ser removida. Isso me incomoda, confesso, mas o que aquela rainha vadia esperaria conseguir nos enganando? Se Gregor Clegane está vivo, cedo ou tarde a verdade virá. O homem tem dois metros e meio de altura, não há outro como ele em toda Westeros. Se algo assim aparecesse novamente, Cersei Lannister seria exposta como mentirosa diante de todos os Sete Reinos. Ela seria uma completa idiota em se arriscar assim. O que poderia esperar ganhar?

– O crânio é grande o bastante, sem dúvida – disse o príncipe. – E nós sabemos que Oberyn feriu Gregor seriamente. Cada notícia que tivemos a partir daí afirma que Clegane morreu lentamente, em grande dor.

– Assim como o pai pretendia – falou Tyene. – Irmãs, na verdade, conheço o veneno que o pai usou. Se a lança dele apenas raspou na pele da Montanha, Clegane está morto, não importa o quão grande fosse. Duvidem de sua irmãzinha, se quiserem, mas nunca duvidem do nosso pai.

Obara se eriçou.

– Nunca duvidei e nunca duvidarei. – Ela deu um beijo zombeteiro no crânio. – Isto é um começo, admito.

– Um *começo*? – perguntou Ellaria Sand, incrédula. – Que os deuses impeçam isso. Deveria ser um fim. Tywin Lannister está morto. Assim como Robert Baratheon, Amory Lorch e, agora, Gregor Clegane, todos aqueles que tinham uma mão no assassinato de Elia e seus filhos. Até mesmo Joffrey, que nem tinha nascido quando Elia morreu. Vi o garoto perecer com meus próprios olhos, arranhando a garganta enquanto tentava respirar. Quem mais há para matar? Myrcella e Tommen precisam morrer para que as sombras de Rhaenys e Aegon possam descansar? Onde isso termina?

– Termina em sangue, como começou – falou a Senhora Nym. – Termina quando Rochedo Casterly estiver rachado e aberto, para que o

sol possa brilhar nos vermes e nas larvas dentro dele. Termina com a completa ruína de Tywin Lannister e todas as suas obras.

– O homem morreu pelas mãos do próprio filho – Ellaria retrucou. – O que mais você poderia desejar?

– Poderia desejar que tivesse morrido pelas *minhas* mãos. – A Senhora Nym sentou-se em uma cadeira, a longa trança negra caindo por sobre um ombro até o colo. Tinha o bico de viúva de seu pai. Embaixo, os olhos eram grandes e brilhantes. Os lábios vermelho-vinho se curvaram em um sorriso sedoso. – Se tivesse, sua morte não teria sido tão fácil.

– Sor Gregor parece solitário – disse Tyene, em sua doce voz de septã. – Ele gostaria de alguma companhia, estou certa.

O rosto de Ellaria estava coberto de lágrimas, os olhos escuros brilhavam. *Mesmo chorando, há força nela*, o capitão pensou.

– Oberyn queria vingança por Elia. Agora vocês três querem vingança por ele. Tenho quatro filhas, recordo vocês. Suas irmãs. Minha Elia tem catorze, quase uma mulher. Obella tem doze, à beira de florescer. Elas veneram vocês, como Dorea e Loreza veneram elas. Se vocês morrerem, Ela e Obella devem buscar vingança por vocês, e então Dorea e Loreza por elas? E isso seguirá assim, para sempre? Pergunto novamente, *onde isso termina?* – Ellaria Sand colocou a mão na cabeça da Montanha. – Vi o pai de vocês morrer. Aqui está seu assassino. Posso levar um crânio para a cama, comigo, para me dar conforto à noite? Ele me fará rir, me escreverá canções, cuidará de mim quando eu estiver velha e doente?

– E o que devemos fazer, minha senhora? – perguntou a Senhora Nym. – Devemos baixar nossas lanças, sorrir e esquecer todo o mal que nos foi feito?

– A guerra virá, quer queiramos, quer não – disse Obara. – Um rei garoto se senta no Trono de Ferro. Lorde Stannis mantém a Muralha e reúne os nortenhos à sua causa. As duas rainhas disputam Tommen como cadelas brigam por um osso suculento. Os homens de ferro tomaram os Escudos e avançam pelo Vago, para dentro do coração da Campina, o que significa que Jardim de Cima estará preocupado também. O tempo é maduro.

– Maduro para quê? Para conseguir mais crânios? – Ellaria Sand se virou para o príncipe. – Elas não enxergam. Não posso mais ouvir isso.

– Volte para suas garotas, Ellaria – o príncipe lhe respondeu. – Juro a você que nenhum mal virá sobre elas.

– Meu príncipe. – Ellaria o beijou na testa e saiu. Areo Hotah ficou triste em vê-la partir. *É uma boa mulher*.

Quando ela se foi, a Senhora Nym disse:

– Sei que ela amava nosso pai também, mas é claro que nunca o compreendeu.

O príncipe lhe deu um olhar curioso.

– Ela o compreendeu mais do que você jamais compreenderia, Nymeria. E fez seu pai feliz. No fim, um coração gentil pode ter mais valor do que orgulho ou valentia. Seja como for. Há coisas que Ellaria não sabe e não deve saber. Esta guerra já começou.

Obara riu.

– Sim, nossa doce Arianne providenciou isso.

A princesa corou, e Hotah viu um espasmo de raiva atravessar o rosto do pai dela.

– O que ela fez, fez tanto por você quanto por si mesma. Eu não seria tão rápido em zombar.

– Isso foi um elogio – Obara Sand insistiu. – Procrastinar, confundir, tergiversar, dissimular e atrasar como você gosta, tio, e Sor Balon ainda vai se encontrar cara a cara com Myrcella nos Jardins das Águas e, quando isso acontecer, ele verá que ela perdeu uma orelha. E quando a garota contar para ele como seu capitão cortou Arys Oakheart do pescoço à virilha com aquela sua esposa de aço, bem...

– Não. – A Princesa Arianne se ergueu da almofada em que estava sentada e colocou uma mão no braço de Hotah. – Não foi assim que aconteceu, prima. Sor Arys foi morto por Gerold Dayne.

As Serpentes de Areia olharam umas para as outras.

– A Estrela Negra?

– Estrela Negra fez isso – sua princesinha disse. – Tentou matar a Princesa Myrcella também. Como ela contará a Sor Balon.

Nym sorriu

– Essa parte, pelo menos, é verdade.

– É tudo verdade – disse o príncipe, com uma careta de dor. *É a gota que o machuca, ou a mentira?* – E agora Sor Gerold voltou para o Alto Ermitério, além do nosso alcance.

– Estrela Negra – Tyene murmurou, com uma risadinha. – Por que não? Foi tudo coisa dele. Mas Sor Balon acreditará nisso?

– Acreditará se ouvir de Myrcella – Arianne insistiu.

Obara bufou em descrença.

– Ela pode mentir hoje e mentir amanhã, mas cedo ou tarde contará a verdade. Se Sor Balon tiver permissão de levar essa fábula de volta a Porto Real, tambores soarão e sangue correrá. Ele não deve ter permissão de partir.

– Poderíamos matá-lo, certamente – falou Tyene –, mas então precisaríamos matar o restante de sua comitiva, incluindo aqueles jovens e doces escudeiros. Isso seria... oh, tão bagunçado.

O Príncipe Doran fechou os olhos e abriu-os novamente. Hotah podia ver a perna dele tremendo sob o cobertor.

– Se vocês não fossem filhas do meu irmão, eu enviaria as três de volta para as celas e as deixaria lá até seus ossos ficarem cinza. Em vez disso, pretendo levá-las conosco para os Jardins das Águas. Há lições a serem aprendidas lá, se forem perspicazes para notá-las.

– Lições? – disse Obara. – Tudo o que vejo são crianças nuas.

– Sim – o príncipe respondeu. – Eu contei a história para Sor Balon, mas não toda ela. Enquanto as crianças espalhavam água nas piscinas, Daenerys observava por entre as laranjeiras, e uma percepção veio até ela. Ela não era capaz de dizer quem era de alto nascimento e quem era de baixo. Nus, eram apenas crianças. Todos inocentes, todos vulneráveis, todos merecedores de uma vida longa, de amor e proteção. *Aqui está seu reino*, disse para seu filho e herdeiro, *lembre-se dessas crianças, em tudo o que fizer*. Minha própria mãe disse essas mesmas palavras para mim quando eu fiquei velho o bastante para deixar as piscinas. É uma coisa fácil para um príncipe reunir as lanças, mas, no final, as crianças pagam o preço. Pela segurança delas, o príncipe sábio não promoverá nenhuma guerra sem uma boa causa, nem uma guerra que não possa esperar vencer. Não sou cego, nem surdo. Sei que vocês acreditam que sou fraco, assustado, débil. O pai de vocês me conhecia melhor. Oberyn sempre foi a víbora. Mortal, perigoso, imprevisível. Nenhum homem ousava pisar nele. Eu era a grama. Agradável, complacente, de doce odor, balançando a cada brisa. Quem teme pisar na grama? Mas é a grama que esconde a víbora de seus inimigos e a protege até que ela ataque. O pai de vocês e

eu trabalhamos muito juntos, vocês sabem... mas agora ele se foi. A questão é: posso confiar nas filhas dele para que me sirvam em seu lugar?

Hotah estudou uma delas de cada vez. Obara, tachas enferrujadas e couro cozido, com sua raiva, seus olhos próximos e o cabelo marrom-rato. Nymeria, lânguida, elegante, pele clara, o longo cabelo em uma trança atada com um fio de ouro vermelho. Tyene, olhos azuis e loira, uma menina-mulher com suas mãos suaves e seus sorrisinhos.

Tyene respondeu pelas três.

– Isso não é nada difícil, tio. Dê-nos uma tarefa, qualquer tarefa, e descobrirá que somos tão leais e obedientes quanto qualquer príncipe poderia esperar.

– Isso é bom de ouvir – o príncipe disse –, mas palavras são vento. Vocês são filhas do meu irmão e eu as amo, mas aprendi a não confiar em vocês. Quero seus juramentos. Juram me servir, fazer o que eu ordenar?

– Se devemos – disse a Senhora Nym.

– Então jurem agora, sobre o túmulo do pai de vocês.

O rosto de Obara ficou sombrio.

– Se você não fosse meu tio...

– Sou seu tio. E seu príncipe. Jure, ou vá embora.

– Juro – disse Tyene. – Sobre o túmulo do meu pai.

– Juro – falou a Senhora Nym. – Por Oberyn Martell, a Víbora Vermelha de Dorne e um homem melhor do que você.

– Sim – disse Obara. – Eu também. Pelo pai. Juro.

Alguma da tensão deixou o príncipe. Hotah o viu recostar-se na cadeira. Estendeu a mão e a Princesa Arianne foi até o lado dele, segurá-la.

– Conte para elas, pai.

O Príncipe Doran respirou de modo irregular.

– Dorne ainda tem amigos na corte. Amigos que nos contam coisas que não deveríamos saber. Este convite que Cersei nos enviou é um ardil. Trystane nunca chegará a Porto Real. No caminho de volta, em algum lugar da estrada do rei, a comitiva de Sor Balon será atacada por fora da lei, e meu filho morrerá. Fui chamado à corte apenas para que possa testemunhar o ataque com meus próprios olhos e, desse modo, inocentar

a rainha de qualquer culpa. Oh, e esses fora da lei? Eles estarão gritando "Meio-Homem, Meio-Homem", enquanto atacam. Sor Balon pode até mesmo ter um vislumbre rápido do Duende, embora ninguém mais possa.

Areo Hotah não acreditava ser possível chocar as Serpentes de Areia. Ele estivera errado.

– Que os Sete nos salvem – sussurrou Tyene. – *Trystane*? Por quê?

– A mulher deve estar louca – disse Obara. – Ele é apenas um garoto.

– Isso é monstruoso – falou a Senhora Nym. – Eu não teria acreditado nisso, não de um cavaleiro da Guarda Real.

– Eles são jurados a obedecer, assim como meu capitão – o príncipe disse. – Tinha minhas dúvidas, também, mas todas vocês viram como Sor Balon empacou quando sugeri que fôssemos por mar. Um navio atrapalharia todos os arranjos da rainha.

O rosto de Obara estava corado.

– Devolva-me minha lança, tio. Cersei nos mandou uma cabeça. Devemos devolver um saco cheio para ela.

O Príncipe Doran ergueu a mão. Suas juntas estavam tão escuras quanto cerejas e quase tão grandes quanto.

– Sor Balon é um convidado sob meu teto. Comeu do meu pão e sal. Não vou machucá-lo. Não. Ele viajará até os Jardins das Águas, onde escutará a história de Myrcella e mandará um corvo para sua rainha. A garota pedirá para ele machucar o homem que a machucou. Se é o homem que julgo, Swann não será capaz de negar. Obara, você o levará até o Alto Ermitério para enfrentar a Estrela Negra em sua toca. O tempo ainda não chegou para Dorne desafiar abertamente o Trono de Ferro, então devemos devolver Myrcella para a mãe, mas eu não a acompanharei. Essa tarefa será sua, Nymeria. Os Lannister não gostarão disso, não mais do que gostaram quando enviei Oberyn, mas não ousarão recusar. Precisamos de uma voz no conselho, um ouvido na corte. Seja cuidadosa, no entanto. Porto Real é um poço de cobras.

A Senhora Nym sorriu.

– Por que, tio, eu amo cobras.

– E quanto a mim? – perguntou Tyene.

– Sua mãe era uma septã. Oberyn uma vez me disse que ela lia a *Estrela de Sete Pontas* para você, no berço. Quero você em Porto Real,

também, mas em outra colina. As Espadas e as Estrelas foram reformadas, e este novo Alto Septão não é uma marionete como os outros. Tente se aproximar dele.

– Por que não? O branco é a minha cor. Pareço tão... pura.

– Bom – disse o príncipe –, bom. – Hesitou. – Se... se certas coisas vierem a acontecer, enviarei notícias para cada uma de vocês. As coisas podem mudar rapidamente no jogo dos tronos.

– E sei que não falharão conosco, primas. – Arianne foi até cada uma delas, pegou suas mãos, beijou-as delicadamente nos lábios. – Obara, tão feroz. Nymeria, minha irmã. Tyene, querida. Amo todas vocês. Que o sol de Dorne as acompanhe.

– *Insubmissos, não curvados, não quebrados* – as Serpentes de Areia disseram, juntas.

A Princesa Arianne ficou quando suas primas partiram. Areo Hotah permaneceu também, como era seu lugar.

– Elas são filhas de seu pai – o príncipe disse.

A princesinha sorriu.

– Três Oberyns, com tetas.

O Príncipe Doran riu. Fazia tanto tempo desde a última vez que Hotah o ouvira rir, que quase esquecera como soava.

– Ainda acho que deveria ser eu a ir para Porto Real, não a Senhora Nym – Arianne falou.

– É muito perigoso. Você é minha herdeira, o futuro de Dorne. Seu lugar é ao meu lado. Logo você terá outra tarefa.

– Aquela última parte, sobre a mensagem. Você teve notícias?

O Príncipe Doran compartilhou seu sorriso secreto com ela.

– De Lys. Uma grande frota foi para o mar. Navios volantinos, principalmente, carregando um exército. Nenhuma palavra sobre quem são eles, ou onde devem chegar. Falaram sobre elefantes.

– Não dragões?

– Elefantes. É bastante fácil esconder um jovem dragão no porão de um navio, contudo. Daenerys é mais vulnerável no mar. Se eu fosse ela, manteria a mim e às minhas intenções ocultas o máximo possível, então poderia tomar Porto Real de surpresa.

– Acha que Quentyn pode estar com eles?

– Pode estar. Ou não. Só saberemos quando chegarem a terra firme, se Westeros for realmente seu destino. Quentyn a trará pelo Sangueverde, se puder. Mas não é bom falar disso. Beije-me. Partiremos para os Jardins das Águas com a primeira luz.

*Devemos partir ao meio-dia, então,* Hotah pensou.

Mais tarde, quando Arianne havia ido, ele deixou seu machado longo de lado e carregou o Príncipe Doran para a cama.

– Até a Montanha esmagar o crânio do meu irmão, nenhum dornense havia morrido nesta Guerra dos Cinco Reis – o príncipe sussurrou suavemente, enquanto Hotah puxava um cobertor sobre ele. – Diga-me, capitão, isto é minha vergonha ou minha glória?

– Isso não é para eu dizer, meu príncipe. – *Servir. Proteger. Obedecer. Votos simples para homens simples.* Isso era tudo o que ele sabia.

# Jon

Val esperava no portão, no frio da madrugada, enrolada em uma capa de pele de urso tão grande que poderia servir para Sam. Ao seu lado estava um garrano, selado e com freios, um cinza hirsuto com apenas um olho. Mully e Edd Doloroso estavam parados com ela, um par improvável de guardas. Suas respirações congelavam no ar frio e negro.

– Deu a ela um cavalo cego? – perguntou Jon, incrédulo.

– É apenas meio cego, senhor – respondeu Mully. – E, além disso, é sólido o suficiente. – Deu um tapinha no pescoço do garrano.

– O cavalo pode ser meio cego, mas eu não sou – disse Val. – Sei aonde devo ir.

– Minha senhora, você não tem que fazer isso. O risco...

– ... é meu, Lorde Snow. E não sou uma senhora sulista, mas uma mulher do povo livre. Conheço a floresta melhor do que todos os seus patrulheiros de manto negro. Ela não tem fantasmas para mim.

*Espero que não*. Jon contava com isso, acreditando que Val poderia ter êxito onde Jack Negro Bulwer e seus companheiros falharam. Ela não precisava ter medo de ser ferida pelo povo livre, ele esperava... mas ambos sabiam muito bem que os selvagens não eram os únicos esperando na mata.

– Tem comida suficiente?

– Pão duro, queijo duro, bolos de aveia, bacalhau salgado, carne seca, cordeiro salgado, e um odre de vinho doce para lavar todo o sal da minha boca. Não morrerei de fome.

– Então é hora de partir.

– Tem minha palavra, Lorde Snow. Retornarei com Tormund ou sem ele. – Val olhou o céu. A lua estava meio cheia. – Procure por mim no primeiro dia da lua cheia.

– Procurarei. – *Não falhe comigo*, pensou, *ou Stannis terá minha cabeça.* “Tenho sua palavra de que manterá nossa princesa por perto?”, o rei dissera, e Jon prometera que sim. *Mas Val não é nenhuma princesa. Disse isso a ele meia centena de vezes.* Era uma desculpa fraca, um triste farrapo enrolado em sua palavra quebrada. Seu pai nunca teria aprovado aquilo. *Sou a espada que guarda os reinos dos homens*, Jon recordou-se, *no fim, isso deve valer mais do que a honra de um homem.*

O caminho por baixo da Muralha era escuro e frio como as entranhas de um dragão de gelo, e sinuoso como uma serpente. Edd Doloroso os guiou com uma tocha na mão. Mully tinha as chaves dos três portões, onde barras de ferro negro, tão grossas quanto o braço de um homem, fechavam a passagem. Lanceiros em cada um dos portões inclinaram as cabeças para Jon Snow, mas encararam abertamente Val em seu garrano.

Quando saíram ao norte da Muralha, passando por um grosso portão feito de madeira verde recém-cortada, a princesa selvagem parou por um momento para olhar pelo campo coberto de neve onde o Rei Stannis vencera sua batalha. Logo além, a floresta assombrada aguardava, escura e silenciosa. A luz da meia-lua transformou o cabelo loiro-mel de Val em prata-claro e deixou seu rosto tão branco quanto neve. Ela respirou profundamente.

– O ar tem gosto doce.

– Minha língua é insensível demais para dizer. Tudo o que sinto é frio.

– Frio. – Val deu uma risada leve. – Não. Quando está frio, dói para respirar. Quando os Outros vêm...

O pensamento era inquietante. Seis dos patrulheiros que Jon enviara ainda estavam perdidos. *É muito cedo*. *Eles podem estar voltando*. Mas outra parte dele insistia, *Estão mortos, todos eles. Você os mandou para a morte, e está fazendo o mesmo com Val.*

– Diga para Tormund o que eu lhe disse.

– Ele pode não prestar atenção às suas palavras, mas as ouvirá. – Val o beijou suavemente no rosto. – Tem minha gratidão, Lorde Snow. Pelo cavalo meio cego, pelo peixe salgado, pelo ar fresco. Pela esperança.

Suas respirações se misturaram, uma névoa branca no ar. Jon Snow se afastou e disse:

– O único agradecimento que quero é...

– Tormund Terror dos Gigantes. Sim. – Val puxou o capuz de sua pele de urso. A pelagem marrom estava salpicada de cinza. – Antes que eu vá, uma pergunta. Você matou Jarl, meu senhor?

– A Muralha matou Jarl.

– Foi o que ouvi dizer. Mas precisava ter certeza.

– Tem minha palavra. Não o matei. – *Embora pudesse ter matado, se as coisas tivessem sido diferentes.*

– Esta é a despedida, então – ela disse, quase brincando.

Jon não estava no clima para isso. *Está muito frio e muito escuro para brincar, e já está muito tarde*.

– Apenas por algum tempo. Você voltará. Pelo menino, se não por outra razão.

– O filho de Craster? – Val deu de ombros. – Ele não é meu parente.

– Eu ouvi você cantando para ele.

– Estava cantando para mim mesma. Tenho culpa se ele ouve? – Um leve sorriso roçou seus lábios. – Isso o faz rir. Oh, está bem. Ele é um monstrinho querido.

– Monstro?

– Seu nome de leite. Tenho que chamá-lo de alguma coisa. Assegure-se de que esteja protegido e aquecido. Pelo bem da mãe dele, e pelo meu. E o mantenha longe da mulher vermelha. Ela sabe quem ele é. Ela vê coisas nas chamas.

*Arya*, ele pensou, esperando que fosse assim.

– Cinzas e brasas.

– Reis e dragões.

*Dragões novamente*. Por um momento, Jon quase os viu também, serpenteando na noite, suas sombras escuras delineadas contra um mar de chamas.

– Se ela soubesse, teria tirado o bebê de nós. O garoto de Goiva, não seu monstro. Uma palavra no ouvido do rei teria sido o fim disso. – *E o meu. Stannis teria considerado isso traição*. – Por que deixar acontecer, se ela sabia?

– Porque convinha a ela. O fogo é uma coisa inconstante. Ninguém sabe o caminho que uma chama vai percorrer. – Val colocou um pé no estribo, balançou a perna sobre o dorso do cavalo e, já na sela, olhou para baixo. – Você se lembra do que minha irmã disse?

– Sim. – *Uma espada sem um cabo, sem uma maneira segura de segurá-la.* Mas Melisandre estava certa. Mesmo uma espada sem cabo era melhor do que uma mão vazia quando os inimigos estão ao seu redor.

– Bom. – Val virou o garrano na direção norte. – A primeira noite de lua cheia, então.

Jon a observou se afastar, sem saber se veria o rosto dela novamente. *Não sou uma senhora do Sul*, podia ouvi-la dizer, *mas uma mulher do povo livre.*

– Não me importa o que ela diz – resmungou Edd Doloroso, enquanto Val desaparecia atrás de uma fileira de pinheiros marciais. – O ar está tão frio que dói respirar. Eu pararia, mas doeria mais. – Esfregou as mãos. – Isso vai terminar mal.

– Você diz isso de tudo.

– Sim, meu senhor. Normalmente estou certo.

Mully limpou a garganta.

– Senhor? A princesa selvagem, deixar ela ir, os homens podem falar...

– ... que eu sou meio-selvagem também, um vira-casaca que pretende vender o reino para nossos corsários, canibais ou gigantes. – Jon não precisava ficar parado na frente de uma fogueira para saber o que começavam a falar sobre ele. A pior parte era que não estavam errados, não completamente. – Palavras são vento, e o vento está sempre soprando na Muralha. Vamos.

Ainda estava escuro quando Jon voltou para seus aposentos atrás do arsenal. Reparou que Fantasma ainda não retornara. *Ainda caçando.* O grande lobo gigante branco estava mais ausente do que presente ultimamente, indo cada vez mais longe em busca de presas. Entre os homens da Patrulha e os selvagens em Vila Toupeira, as colinas e os campos próximos a Castelo Negro já não tinham mais caça e havia pouco passatempo por ali. *O inverno está chegando*, refletiu Jon. *E logo, tão logo*. Ele se perguntava se chegariam a ver uma primavera.

Edd Doloroso fez uma visita às cozinhas, e logo estava de volta com uma caneca de cerveja marrom e um prato coberto. Sob a tampa, Jon descobriu três ovos de pata fritos, uma fatia de toicinho, duas salsichas, um chouriço e metade de um pão ainda quente do forno. Comeu o pão e metade de um ovo. Teria comido o toicinho, também, mas o corvo fugiu com ele antes que tivesse chance.

– Ladrão – reclamou Jon, enquanto a ave voava até o lintel sobre a porta para devorar seu prêmio.

*Ladrão*, a ave concordou.

Jon experimentou um pedaço de salsicha. Estava lavando o gosto da boca com um gole de cerveja, quando Edd voltou para dizer que Bowen Marsh estava do lado de fora.

– Othell está com ele, e o Septão Cellador.

*Isso foi rápido*. Perguntava-se quem estaria contando histórias, e se havia mais de um.

– Mande-os entrar.

– Sim, meu senhor. Mas é bom ter cuidado com suas salsichas com esse pessoal. Eles têm um olhar faminto.

"Faminto" não era a palavra que Jon teria usado. Septão Cellador parecia confuso, cambaleante e na extrema necessidade de algumas escamas de dragão que o inflamasse, enquanto o Primeiro Construtor Othell Yarwyck parecia que tinha engolido algo que não conseguia digerir. Bowen Marsh estava zangado. Jon podia ver em seus olhos, na boca apertada, no rubor das bochechas. *Esse vermelho não é do frio*.

– Por favor, sentem-se – disse. – Posso oferecer-lhes comida ou bebida?

– Quebramos nosso jejum no salão comum – disse Marsh.

– Posso comer mais. – Yarwyck soltou-se em uma cadeira. – Bom que tenha oferecido.

– Talvez um pouco de vinho? – disse o Septão Cellador.

*Grão*, gritou a ave de cima do lintel. *Grão, grão*.

– Vinho para o septão e um prato para nosso Primeiro Construtor – Jon pediu para Edd Doloroso. – Nada para a ave. – Virou-se para seus visitantes. – Estão aqui por causa de Val.

– E outros assuntos – disse Bowen Marsh. – Os homens estão preocupados, meu senhor.

*E quem o escolheu para falar por eles?*

– Assim como eu. Othell, como vai o trabalho em Fortenoite? Recebi uma carta de Sor Axell Florent, que se autodenomina Mão da Rainha. Ele diz que a Rainha Selyse não está satisfeita com seus alojamentos em Atalaialeste do Mar e deseja mudar-se para a nova propriedade de seu marido de uma vez. Isso será possível?

Yarwyck deu de ombros.

– Temos a maior parte da fortaleza restaurada e colocamos telhado nas cozinhas. Ela precisará de comida, mobílias e lenha, note bem, mas deve servir. Não há tanto conforto quanto em Atalaialeste, certamente. E um longo caminho desde os navios, se Sua Graça desejar deixar-nos, mas... sim, ela poderia viver lá, embora possa levar anos até que o lugar pareça realmente um castelo. Seria mais rápido se tivéssemos mais construtores.

– Posso lhe oferecer um gigante.

Aquilo deu um susto em Othell.

– O monstro no pátio?

– O nome dele é Wun Weg Wun Dar Wun, Couros me contou. O suficiente para dar um nó na língua, eu sei. Couros o chama de Wun Wun, e parece funcionar. – Wun Wun era muito pouco parecido com os gigantes dos contos da Velha Ama, aquelas imensas criaturas selvagens que misturavam sangue ao mingau matutino e devoravam touros inteiros, com pelos, couro e chifres. Este gigante não comia nenhum tipo de carne, embora fosse um verdadeiro terror quando lhe serviam uma cesta de raízes, triturando cebolas e nabos, e até mesmo duros rabanetes crus entre seus grandes dentes quadrados. – Ele é um trabalhador disposto, ainda que fazê-lo entender o que se quer nem sempre seja fácil. Ele fala a Língua Antiga, depois de uma adaptação, mas nada da Língua Comum. Mas é incansável, e sua força é prodigiosa. Ele poderia fazer o trabalho de uma dúzia de homens.

– Eu... meu senhor, os homens nunca... gigantes comem carne humana, acho... não, meu senhor, agradeço, mas não teria homens para vigiar tal criatura, ele...

Jon não estava surpreso.

– Como desejar. Manteremos o gigante aqui. – Verdade seja dita, teria detestado se separar de Wun Wun. *Você não sabe nada, Jon Snow*, Ygritte poderia dizer, mas Jon conversava com o gigante sempre que podia, através de Couros ou de alguém do povo livre que trouxera do bosque, e estava aprendendo muito e ainda mais sobre seu povo e sua história. Ele só queria que Sam estivesse aqui para escrever tudo aquilo.

Isso não queria dizer que estivesse cego para o perigo que Wun Wun representava. O gigante atacaria violentamente se ameaçado, e aquelas mãos imensas podiam rasgar um homem em pedaços. Ele fazia Jon se

lembrar de Hodor. *Hodor era duas vezes maior, duas vezes mais forte e metade esperto. Eis um pensamento que deixaria sóbrio até Septão Cellador. Mas se Tormund tiver gigantes, Wun Weg Wun Dar Wun pode nos ajudar a lidar com eles.*

O corvo de Mormont resmungou sua impaciência quando a porta se abriu sob ele, anunciando o retorno de Edd Doloroso com um jarro de vinho e um prato de ovos e salsichas. Bowen Marsh aguardava com impaciência óbvia enquanto Edd servia, retomando o assunto apenas quando ele partiu novamente.

– Tollet é um bom homem, e muito querido, e Emmett de Ferro tem sido um bom mestre em armas – disse, então. – Mesmo assim, dizem que você pretende mandá-los embora.

– Precisaremos de bons homens em Monte Longo.

– O Buraco da Puta, os homens começaram a chamar a fortaleza – disse Marsh –, mas que seja. É verdade que pretende substituir Emmett por esse feroz Couros como nosso mestre em armas? Este é um posto mais reservado para cavaleiros, ou patrulheiros, ao menos.

– Couros *é* feroz – Jon concordou suavemente. – Posso atestar isso. Eu o testei no treino do pátio. É tão perigoso com um machado de pedra quanto a maioria dos cavaleiros são com o aço forjado nos castelos. Garanto para você, ele não é tão paciente quanto eu gostaria, e alguns dos rapazes se sentem aterrorizados por ele... mas isso não é de todo mau. Um dia, eles se encontrarão em uma luta real, e uma certa familiaridade com o terror lhes servirá bem.

– Ele é um *selvagem*.

– Era, até dizer as palavras. Agora, é nosso irmão. Um que pode ensinar aos rapazes mais do que esgrima. Ninguém vai se machucar em aprender com ele algumas palavras na Língua Antiga, ou alguma coisa dos costumes do povo livre.

*Livre*, o corvo resmungou. *Grão. Rei.*

– Os homens não confiam nele.

*Quais homens?* Jon poderia ter perguntado. *Quantos?* Mas isso o levaria por um caminho que não queria trilhar.

– Sinto ouvir isso. Há mais algo?

Septão Cellador falou.

– Esse rapaz, Cetim. Dizem que você pretende torná-lo seu intendente e escudeiro, no lugar de Tollett. Meu senhor, o garoto é um prostituto... um... ouso dizer... um sodomita pintado dos bordéis de Vilavelha.

*E você é um bêbado.*

– O que ele era em Vilavelha não nos diz respeito. Ele aprende rápido e é muito esperto. Os outros recrutas começaram desprezando-o, mas ele os conquistou e fez amizade com todos. É destemido em uma luta, e consegue até ler e escrever após algum treino. Deverá ser capaz de buscar minhas refeições e selar meu cavalo, não acha?

– Como a maioria – disse Bowen Marsh, rosto endurecido –, mas os homens não gostam disso. Tradicionalmente, os escudeiros do senhor comandante são rapazes de bom nascimento que são treinados para o comando. Meu senhor acredita que os homens da Patrulha da Noite seguirão um puto para a batalha?

O temperamento de Jon se inflamou.

– Já seguiram piores. O Velho Urso deixou para seu sucessor algumas notas de advertência sobre certos homens. Temos um cozinheiro na Torre Sombria que apreciava estuprar septãs. Queimava uma estrela de sete pontas em sua própria carne para cada uma que reivindicava. Seu braço esquerdo é coberto de estrelas do pulso ao cotovelo, e estrelas marcam suas panturrilhas também. Em Atalaialeste temos um homem que colocou fogo na casa do pai e trancou a porta. A família inteira morreu queimada, todos os nove. O que quer que Cetim tenha feito em Vilavelha, ele é nosso irmão agora, e *será* meu escudeiro.

Septão Cellador tomou um pouco de vinho. Othell Yarwyck espetou uma salsicha com sua adaga. Bowen Marsh ficou sentado, com o rosto vermelho. O corvo bateu as asas e disse: *Grão, grão, morte*. Finalmente, o Senhor Intendente limpou a garganta.

– Sua senhoria sabe o que faz, tenho certeza. Posso perguntar sobre esses cadáveres nas celas de gelo? Eles deixam os homens inquietos. E mantê-los *sob guarda*? Certamente é um desperdício de dois bons homens, a menos que tema que eles...

– ... se levantem? Rezo para que sim.

Septão Cellador empalideceu.

– Sete, salvem-nos. – O vinho escorreu em seu queixo, em uma linha vermelha. – Senhor comandante, criaturas são seres monstruosos, não

naturais. Abominações diante dos olhos dos deuses. Você... você não pode pretender tentar *falar* com eles?

– Eles podem falar? – perguntou Jon Snow. – Acho que não, mas não posso afirmar saber. Podem ser monstros, mas foram homens antes de morrer. Quanto restou? Aquele que matei tinha a intenção de assassinar o Senhor Comandante Mormont. Claramente se lembrava quem ele era e onde encontrá-lo. – Meistre Aemon teria apoiado seu propósito, Jon não duvidava; Sam Tarly teria ficado horrorizado, mas teria entendido, também. – O senhor meu pai costumava dizer que um homem deve conhecer seus inimigos. Entendemos pouco sobre as criaturas, e menos ainda sobre os Outros. Precisamos aprender.

Aquela resposta não agradou a nenhum deles. Septão Cellador segurou o cristal que pendia em seu pescoço e disse:

– Acho isso muito insensato, Lorde Snow. Rezarei para que a Velha levante sua lanterna e leve-o pelo caminho da sabedoria.

A paciência de Jon Snow estava esgotada.

– Todos poderíamos aproveitar um pouco mais de sabedoria, tenho certeza. – *Você não sabe nada, Jon Snow*. – Agora, vamos falar sobre Val?

– É verdade, então? – disse Marsh. – Você a libertou.

– Para lá da Muralha.

Septão Cellador puxou a respiração.

– O prêmio do rei. Sua Graça ficará muito indignado quando descobrir que ela se foi.

– Val retornará. – *Antes de Stannis, se os deuses forem bons*.

– Como sabe? – perguntou Bowen Marsh.

– Ela disse que voltaria.

– E se ela mentiu? E se ela se encontrar com alguma desventura?

– Bem, então você terá a chance de escolher um senhor comandante mais do seu agrado. Até lá, temo que terá que sofrer comigo. – Jon tomou um gole de cerveja. – Eu a mandei em busca de Tormund Terror dos Gigantes, para levar a ele minha oferta.

– Se podemos saber, que oferta é essa?

– A mesma oferta que fiz em Vila Toupeira. Comida, abrigo e paz, se ele unir suas forças às nossas, lutar contra nosso inimigo comum e nos ajudar a manter a Muralha.

Bowen Marsh não pareceu surpreso.

– Quer dizer, deixá-lo passar. – Sua voz sugeria que sabia disso o tempo todo. – Abrir os portões para ele e seus seguidores. Centenas, milhares.

– Se ainda sobraram tantos.

Septão Cellador fez o sinal da estrela. Othell Yarwyck grunhiu. Bowen Marsh disse:

– Alguns poderiam chamar isso de traição. Esses são selvagens. Brutos, corsários, estupradores, mais animais do que homens.

– Tormund não é nenhuma dessas coisas – disse Jon –, não mais do que Mance Rayder. Mas mesmo se cada palavra que você disse for verdade, ainda são homens, Bowen. Homens vivos, humanos como você e eu. O inverno está chegando, meus senhores, e quando chegar, nós, homens vivos, precisamos nos unir contra os mortos.

*Snow*, gritou o corvo de Lorde Mormont. *Snow, Snow*.

Jon o ignorou.

– Estivemos interrogando os selvagens que trouxemos do bosque. Muitos deles nos contaram uma história interessante sobre uma feiticeira da floresta a quem chamam de Mãe Toupeira.

– Mãe *Toupeira*? – disse Bowen Marsh. – Um nome improvável.

– Supostamente, ela fez sua casa em uma toca sob um buraco de árvore. Qualquer que seja a verdade nisso, ela teve uma visão de uma frota de navios que chegaria para levar o povo livre para a segurança, para o outro lado do mar estreito. Milhares dos que fugiram da batalha estavam desesperados o bastante para acreditar nela. Mãe Toupeira os levou até Durolar, para rezar e esperar a salvação do outro lado do mar.

Othell Yarwyck fez uma careta.

– Não sou patrulheiro, mas... Durolar é um lugar profano, dizem. Amaldiçoado. Até seu tio costumava dizer isso, Lorde Snow. Por que iriam *para lá*?

Jon tinha um mapa diante de si, sobre a mesa. Virou-o para que pudessem ver.

– Durolar está em uma baía protegida e tem um porto natural profundo o suficiente para que os maiores navios flutuem. Madeira e pedra são abundantes por ali. As águas são repletas de peixes, e há colônias de focas e peixes-bois nas proximidades.

– Tudo isso é verdade, não duvido – disse Yarwyck –, mas não é um lugar onde gostaria de passar uma noite. Você conhece a história.

Ele conhecia. Durolar estivera a meio-caminho de se tornar uma cidade, a única cidade verdadeira ao norte da Muralha, até a noite, seis séculos atrás, em que foi engolida pelo inferno. Seu povo fora arrastado para a escravidão ou abatido para carne, dependendo de qual versão da história se acreditava, suas casas e solares consumidos em um incêndio que queimou tão quente que patrulheiros na Muralha, bem longe ao sul, pensaram que o sol estava nascendo no norte. Depois disso, cinzas choveram na floresta assombrada e no Mar Tremente por quase meio ano. Comerciantes relataram encontrar apenas uma devastação digna de pesadelo onde Durolar estivera, uma paisagem de árvores carbonizadas e ossos queimados, águas repletas de cadáveres inchados, gritos de gelar o sangue ecoando das bocas das cavernas que crivavam o grande penhasco que assomava sobre a colônia destruída.

Seis séculos vieram e se foram desde aquela noite, mas Durolar ainda era evitado. Os selvagens haviam retomado o lugar, Jon soubera, mas patrulheiros afirmavam que as ruínas recobertas eram assombradas por espíritos que atacam cadáveres, demônios e fantasmas ardentes com um gosto doentio por sangue.

– Não é o tipo de refúgio que eu escolheria também – disse Jon –, mas ouviram Mãe Toupeira pregar que o povo livre encontraria salvação onde certa vez encontrou danação.

Septão Cellador apertou os lábios.

– A salvação só pode ser encontrada por meio dos Sete. Essa feiticeira condenou todos eles.

– E salvou a Muralha, talvez – disse Bowen Marsh. – Esses são os inimigos dos quais falamos. Deixe-os rezar entre ruínas, e se os deuses deles mandarem navios para levá-los para um mundo melhor, muito bem. Neste mundo, não tenho comida para alimentá-los.

Jon flexionou os dedos da mão da espada.

– As galés de Cotter Pyke navegam por Durolar de tempos em tempos. Ele me diz que não há abrigo lá além das cavernas. *As cavernas que gritam*, seus homens as chamam. Mãe Toupeira e aqueles que a seguiram perecerão ali, de frio e de fome. Centenas deles. Milhares.

– Milhares de inimigos. Milhares de *selvagens*.

*Milhares de pessoas*, Jon pensou. *Homens, mulheres, crianças.* A raiva cresceu dentro dele, mas, quando falou, sua voz estava calma e fria.

– São tão cegos assim, ou isso é algo que não desejam enxergar? O que acham que vai acontecer quando todos esses inimigos estiverem mortos?

Sobre a porta, o corvo resmungou, *Mortos, mortos, mortos.*

– Deixe-me falar o que acontecerá – disse Jon. – Os mortos se levantarão novamente, em centenas e aos milhares. Eles se levantarão como criaturas, com mãos negras e claros olhos azuis, e virão atrás de nós. – Levantou-se, os dedos da mão da espada abrindo e fechando. – Têm minha permissão para ir.

Septão Cellador levantou-se com o rosto cinza e suando, Othell Yarwyck, rigidamente, Bowen Marsh com os lábios apertados e pálido.

– Obrigado pelo seu tempo, Lorde Snow.

Saíram sem nenhuma outra palavra.

# Tyrion

A porca tinha um temperamento mais doce do que alguns cavalos que cavalgara.

Paciente e com os pés firmes, ela aceitou Tyrion sem quase nenhum guincho quando ele subiu em suas costas, e ficou imóvel enquanto ele pegava o escudo e a lança. Apenas quando ele agarrou as rédeas e pressionou os pés nas laterais do seu corpo, a porca se moveu. Seu nome era Bonita, uma diminuição para Porca Bonita, e fora treinada com rédeas e freios desde que era uma leitoa.

A armadura de madeira pintada fazia barulho enquanto Bonita trotava pelo convés. As axilas de Tyrion estavam irritadas pela transpiração, e uma gota de suor escorreu por sua cicatriz, sob o elmo superdimensionado que não lhe servia direito. Mesmo assim, por um absurdo momento, sentiu-se quase como Jaime, cavalgando em uma pista de torneio, com uma lança na mão e a armadura dourada reluzindo ao sol.

Quando as risadas começaram, o sonho de dissipou. Ele não era um campeão, apenas um anão em um porco, segurando uma vara, saltando para a diversão de alguns marinheiros insones encharcados de rum, na esperança de melhorar o humor deles. Em algum lugar do inferno, seu pai fervia de ódio e Joffrey estava rindo. Tyrion podia sentir os frios olhos mortos deles observando seu rosto de pantomimeiro, tão ávidos quanto a tripulação do *Selaesori Qhoran*.

E lá vinha o inimigo. Merreca cavalgava o grande cão cinzento, sua lança listrada balançando tropegamente enquanto o animal avançava pelo convés. O escudo e a armadura dela eram pintados de vermelho, embora a tinta estivesse lascada e desbotada; a armadura dele era azul. *Não minha. Do Tostão*. *Nunca será minha, espero*.

Tyrion apertou as ancas de Bonita para aumentar a velocidade, enquanto os marinheiros o instigavam com vaias e assobios. Se gritavam encorajamentos ou zombavam dele, não poderia dizer com certeza, embora tivesse alguma noção. *Por que me permiti ser convencido a entrar nesta farsa?*

Mas sabia a resposta. Por doze dias, o navio flutuara na calmaria do Golfo da Mágoa. O humor da tripulação estava péssimo, e ficaria ainda pior quando a ração diária de rum secasse. Só o que havia eram tantas horas que um homem podia dedicar a remendar velas, calafetar vazamentos e pescar. Jorah Mormont ouvira reclamações sobre como a sorte do anão falhara. Enquanto o cozinheiro do navio ainda dava uns esfregões na cabeça de Tyrion de tempos em tempos, na esperança de que aquilo poderia trazer algum vento, os outros lhes davam olhares venenosos todas as vezes que cruzavam seus caminhos. A situação de Merreca era ainda pior, desde que o cozinheiro espalhara a ideia de que espremer o seio de uma anã poderia trazer a sorte de volta. Ele também começara a se referir à Porca Bonita como *Toicinho*, uma piada que parecera muito mais engraçada quando Tyrion a fizera.

– Temos que fazê-los rir – disse Merreca, suplicando. – Temos que fazê-los gostar de nós. Se dermos um espetáculo para eles, isso os ajudará a esquecer. *Por favor*, meu senhor. – E de algum modo, de alguma maneira e em algum grau, ele consentiu. *Deve ter sido o rum*. O vinho do capitão fora a primeira coisa a acabar. E era possível ficar bêbado muito mais facilmente com rum do que com vinho, Tyrion Lannister descobrira.

E, então, ele se encontrara vestido na armadura de madeira pintada de Tostão, montado na porca de Tostão, enquanto a irmã de Tostão o instruía sobre os aspectos mais delicados da justa de mentirinha que havia sido seu pão e sal. Havia certa ironia nisso, considerando que Tyrion quase perdera a cabeça uma vez por se recusar a montar no cão para o divertimento distorcido de seu sobrinho. Mesmo assim, de alguma maneira, achava difícil apreciar o humor de tudo aquilo montado nas costas da porca.

A lança de Merreca desceu bem a tempo da ponta cega raspar no ombro dele; a lança de Tyrion balançou enquanto ele a abaixava e

acertava ruidosamente o canto do escudo dela. Ela continuou sobre a sela. Ele caiu. Mas era o que devia fazer.

*Fácil como cair de um porco...* embora cair desse porco em particular fosse mais difícil do que parecia. Tyrion enrolou-se enquanto tombava, recordando suas aulas, mas, mesmo assim, acertou o convés com um baque sólido e mordeu a língua com tanta força que experimentou o gosto de sangue. Sentia-se como se tivesse doze anos novamente, dando cambalhotas sobre a mesa principal do grande salão de Rochedo Casterly. Naquela ocasião, seu tio Gerion estivera por perto para elogiar seus esforços, no lugar de marinheiros mal-humorados. As risadas deles pareciam esparsas e tensas, em comparação à grande excitação que recebera o espetáculo bizarro de Tostão e Merreca na festa de casamento de Joffrey, e alguns assobiavam para ele com raiva.

– Sem-Nariz, você cavalga do mesmo jeito que sua aparência, horrível – um homem gritou do castelo de popa. – Não deve ter bolas, para deixar uma garota bater em você. – *Ele deve ter apostado uma moeda em mim*, Tyrion imaginou. Deixou o insulto passar direto. Ouvira coisas piores em outra época.

A armadura de madeira tornava incômodo se levantar. Ficou se debatendo como uma tartaruga de costas. Isso, pelo menos, levou alguns marinheiros às gargalhadas. *Uma pena que não tenha quebrado a perna, isso os deixaria uivando. E, se estivessem naquela latrina quando acertei meu pai nas entranhas, teriam rido até cagar nos calções, junto com ele. Mas qualquer coisa para manter os malditos bastardos amáveis*.

Jorah Mormont finalmente ficou com pena dos esforços de Tyrion e o colocou em pé.

– Você parecia um tolo.

*Essa era a intenção.*

– É difícil parecer um herói quando se está montado em um porco.

– Deve ser por isso que fico longe de porcos.

Tyrion soltou o elmo, tirou-o da cabeça e cuspiu um bocado de catarro ensanguentado de lado.

– Sinto como se tivesse atravessado metade da língua com minha mordida.

– Da próxima vez, morda mais forte. – Sor Jorah deu de ombros. – Verdade seja dita, já vi justas piores.

*Isso era um elogio?*

– Caí do maldito porco e mordi a língua. O que poderia ser pior do que isso?

– Conseguir um estilhaço enfiado no olho e morrer.

Merreca saltara do cão, um cinzento grande e estúpido chamado Triturador.

– O negócio não é disputar a justa bem, Hugor. – Ela sempre tinha o cuidado de chamá-lo de Hugor onde alguém pudesse estar ouvindo. – O negócio é fazê-los rir e jogar moedas.

*Um pagamento pobre para o sangue e os hematomas*, Tyrion pensou, mas guardou o pensamento para si.

– Falhamos nisso também. Ninguém jogou moedas. – *Nenhuma merreca, por mais ínfima que fosse*.

– Jogarão, quando ficarmos melhores. – Merreca tirou o elmo. Seu cabelo castanho-rato se espalhou até as orelhas. Os olhos dela eram castanhos também, sob grossas sobrancelhas, e as bochechas eram suaves e coradas. Ela pegou algumas bolotas de um saco de couro para Porca Bonita. A porca comeu-as em sua mão, guinchando de alegria. – Quando nos apresentarmos para a Rainha Daenerys, a prata vai chover, você verá.

Alguns marinheiros gritavam para eles, e batiam os calcanhares no convés, exigindo outra disputa. O cozinheiro do navio era o mais barulhento, como sempre. Tyrion aprendera a desprezar aquele homem, ainda que fosse o único jogador meio decente de *cyvasse* do navio.

– Vê, eles gostam de nós – disse Merreca, com um pequeno sorriso esperançoso. – Vamos novamente, Hugor?

Ele estava a ponto de recusar, quando o grito de um dos imediatos o poupou. Era meio da manhã, e o capitão queria os botes fora novamente. A imensa vela listrada do navio pendia frouxamente do mastro, como estivera por dias, mas ele tinha esperança de encontrar um vento em algum lugar ao norte. Aquilo significava remar. Mas os botes eram pequenos e o navio era grande; rebocá-lo era um trabalho quente, suado e exaustivo, que deixava as mãos cobertas de bolhas e as costas doendo, e não resolvia nada. A tripulação odiava isso. Tyrion não podia culpá-los.

– A viúva deveria ter nos colocado em uma galé – murmurou amargamente. – Se alguém puder me ajudar com estas malditas placas, eu ficaria grato. Acho que posso ter uma farpa na virilha.

Mormont cumpriu a função, ainda que com pouca elegância. Merreca pegou o cão e o porco e levou ambos para baixo.

– Você deveria dizer para sua senhora manter a porta fechada e trancada quando está lá dentro – disse Sor Jorah, enquanto desatava as fivelas das faixas que juntavam as placas de madeira do peito e das costas. – Tenho ouvido conversas demais sobre costelas, presuntos e toicinhos.

– Aquele porco é metade do sustento dela.

– Uma tripulação ghiscari comeria o cão também. – Mormont separou as placas do peito e das costas. – Apenas diga para ela.

– Como quiser. – Sua túnica estava encharcada de suor e grudada ao peito. Tyrion a arrancou, desejoso por um pouco de brisa. A armadura de madeira era tão quente e pesada quanto desconfortável. Metade dela parecia ter tinta velha, camada sobre camada sobre camada de uma centena de repinturas passadas. Na festa de casamento de Joffrey, ele se lembrava, um cavaleiro trazia o lobo gigante de Robb Stark, o outro as armas e as cores de Stannis Baratheon. – Precisaremos dos dois animais, se vamos fazer uma disputa para a Rainha Daenerys. – disse. Se os marinheiros colocassem na cabeça matar Porca Bonita, nem ele nem Merreca podiam ter esperança de detê-los... mas a espada longa de Sor Jorah os faria dar uma parada, pelo menos.

– É assim que pretende manter sua cabeça, Duende?

– Sor Duende, se me permite. E sim. Uma vez que Sua Graça conheça meu real valor, ela me amará. Sou um sujeitinho adorável, afinal de contas, e sei muitas coisas úteis sobre meus parentes. Mas, até chegar esse momento, é melhor que eu a mantenha entretida.

– Dê cambalhotas, como você gosta, isso não lavará seus crimes. Daenerys Targaryen não é uma criança tola para ser divertida com gracejos e tombos. Ela lidará com você com justiça.

*Ah, espero que não.* Tyrion estudou Mormont com seus olhos de cores distintas.

– E como ela irá recebê-lo, esta rainha tão justa? – Ele sorriu do óbvio desconcerto do cavaleiro. – Realmente espera que eu acredite que você estava tratando de assuntos da rainha naquele puteiro? Defendendo-a, a meio mundo de distância? Ou pode ser que estivesse fugindo, que sua rainha o expulsou de seu convívio? Mas por que ela... oh, espere, você a

estava *espionando*. – Tyrion fez um *tsc* com a boca. – Você espera me usar para comprar um lugar ao lado dela novamente. Um plano irrefletido, eu diria. Alguém até poderia pensar que é um ato de desespero de um bêbado. Talvez, se eu fosse Jaime... mas Jaime matou o pai dela, eu só matei o meu. Você acha que Daenerys vai me executar e perdoá-lo, mas o inverso é mais provável. Talvez você *deva* subir naquele porco, Sor Jorah. Colocar uma roupa de pedaços de ferro, como Florian, o...

O soco que o grande cavaleiro lhe deu estalou por toda a sua cabeça e o derrubou de lado com tanta força, que a cabeça ricocheteou no convés. Sangue escorria de sua boca, enquanto ele cambaleava para ficar de joelhos. Cuspiu um dente quebrado. *Ficando mais bonito a cada dia, mas acho que cutuquei uma ferida.*

– O anão disse algo que o ofendeu, sor? – Tyrion perguntou inocentemente, limpando bolhas de sangue do lábio ferido com as costas da mão.

– Estou cansado da sua boca, anão – disse Mormont. – Ainda tem alguns dentes que lhe restaram. Se quiser mantê-los, fique longe de mim o restante desta viagem.

– Isso pode ser difícil. Nós compartilhamos uma cabine.

– Você pode encontrar outro lugar para dormir. Lá embaixo, no porão, aqui no convés, não importa. Apenas fique longe da minha vista.

Tyrion ficou em pé.

– Como desejar – respondeu, com a boca cheia de sangue, mas o grande cavaleiro já havia ido embora, as botas batendo com força contra as tábuas do chão do convés.

Tyrion estava na cozinha, enxaguando a boca com rum e água e se contraindo de dor, quando Merreca o encontrou.

– Soube o que aconteceu. Oh, está machucado?

Ele deu de ombros.

– Um pouco de sangue e um dente quebrado. – *Mas acredito que o feri mais*. – E ele se diz um cavaleiro. Sinto dizer, eu não contaria com Sor Jorah se precisarmos de proteção.

– O que você fez? Oh, seus lábios estão sangrando. – Ela arrancou um pedaço de sua manga e o limpou. – O que você disse?

– Algumas verdades que Sor Bezoar não gostou de ouvir.

– Você não devia zombar dele. Você não sabe *nada*? Não pode falar desse jeito com uma pessoa grande. Ela pode *ferir* você. Sor Jorah podia ter jogado você no mar. Os marinheiros teriam rido vendo você se afogar. Precisa ser cuidadoso perto de pessoas grandes. Seja alegre e brincalhão com eles, mantenha-os sorrindo, faça-os rir, era o que meu pai sempre dizia. Seu pai nunca falou para você como agir com pessoas grandes?

– Meu pai os chamava de camponeses – disse Tyrion –, e ele não era o que você chamaria de um homem alegre. – Tomou outro gole de rum aguado, bochechou e cuspiu. – Mesmo assim, entendi seu ponto de vista. Tenho que aprender a ser um anão. Talvez você possa ser boa o suficiente para me ensinar, entre as justas e a corrida de porco.

– Ensinarei, meu senhor. Alegremente. Mas... que verdades foram essas? Por que Sor Jorah bateu em você com tanta força?

– Ora, por amor. A mesma razão pela qual cozinhei aquele cantor. – Pensou em Shae e no olhar que ela lhe deu enquanto apertava a corrente em volta do seu pescoço, torcendo-a com o punho. Uma corrente de mãos douradas. *Por que mãos de ouro são sempre frias, mas há calor em mãos de mulher.* – Você é donzela, Merreca?

Ela corou.

– Sim. É claro. Quem iria...

– Continue assim. Amor é loucura, e luxúria é veneno. Mantenha sua virgindade. Ficará feliz com isso, e é menos provável que você se encontre em algum bordel sujo no Roine, com uma puta que se parece um pouco com seu amor perdido. – *Ou que percorra meio mundo, esperando descobrir para onde as putas vão.* – Sor Jorah sonha em resgatar sua rainha dragão e gozar da gratidão dela, mas sei uma coisa ou duas a respeito da gratidão dos reis, e eu prefiro ter um palácio em Valíria. – Parou repentinamente o que estava falando. – Sentiu isso? O navio se moveu.

– Senti. – A face de Merreca se iluminou de alegria. – Estamos nos movendo novamente. O vento... – Correu em direção à porta. – Quero ver. Venha, vamos ver quem chega lá em cima primeiro. – E lá se foi ela.

*Ela é jovem,* Tyrion teve que lembrar a si mesmo, enquanto Merreca corria da cozinha, em direção aos degraus de madeira, subindo o mais rápido que suas perninhas permitiam. *Quase uma criança.* Mesmo assim, divertia-o ver a excitação dela. Seguiu-a para cima.

A vela ganhara vida novamente, erguendo-se, abaixando-se, erguendo-se novamente, as listras vermelhas no tecido serpenteando como cobras. Marinheiros corriam por todo o convés, puxando as cordas com força, enquanto os imediatos gritavam ordens na língua da Antiga Volantis. Os remadores nos botes soltavam as cordas de reboque e as arremessavam de volta para dentro do navio, com duras pancadas. O vento soprava do oeste, rodopiando e em rajadas, agarrando-se às cordas e aos mantos como uma criança travessa. O *Selaesori Qhoran* estava a caminho.

*Pode ser que cheguemos a Meereen, depois de tudo*, Tyrion pensou.

Mas quando subiu pela escada de mão até o castelo de popa e olhou para fora, seu sorriso vacilou. *Céu azul e mar azul aqui, mas para oeste... Nunca vi um céu desta cor.* Uma faixa grossa de nuvens percorria o horizonte.

– Uma barra sinistra – disse para Merreca, apontando.

– O que aquilo significa? – ela perguntou.

– Significa que algum grande bastardo está avançando furtivamente por trás de nós.

Ficou surpreso em descobrir que Moqorro e dois de seus dedos ardentes haviam se juntado a eles no castelo de popa. Era apenas meio-dia e, normalmente, o sacerdote vermelho e seus homens não apareciam antes do crepúsculo. O sacerdote lhe deu um aceno solene com a cabeça.

– Lá você vê, Hugor Hill. A ira de deus. O Senhor da Luz não será zombado.

Tyrion não tinha uma boa intuição sobre isso.

– A viúva disse que este navio nunca alcançaria seu destino. Imaginei que isso significava que, uma vez que estivéssemos em alto-mar, fora do alcance da tríade, o capitão mudaria o curso para Meereen. Ou que talvez você pudesse tomar o navio com sua Mão Ardente e nos levar para Daenerys. Mas não foi nada disso que seu alto sacerdote viu, não é?

– Não. – A voz profunda de Moqorro soou tão solene quanto um sino de funeral. – Foi isso o que ele viu. – O sacerdote vermelho ergueu seu bastão e inclinou a cabeça para oeste.

Merreca estava perdida.

– Não entendo. O que isso significa?

– Significa que é melhor irmos para baixo. Sor Jorah me exilou da nossa cabine. Posso me esconder na sua, quando a hora chegar?

– Sim – ela disse. – Você pode... oh...

Durante a maior parte das três horas seguintes, correram à frente do vento, enquanto a tempestade se aproximava. O céu ocidental ficou verde, depois cinza e, então, negro. Uma parede de nuvens escuras assomava atrás deles, transbordando como uma chaleira de leite deixada muito tempo no fogo. Tyrion e Merreca observavam debruçados sobre a figura de popa, de mãos dadas, tomando cuidado para ficar fora do caminho do capitão e da tripulação.

A última tempestade fora estimulante, inebriante, uma tormenta repentina que o deixara se sentindo limpo e refrescado. Esta parecia diferente desde o início. O capitão percebera também. Mudou o curso de norte para nordeste, tentando escapar do caminho do temporal.

Era um esforço inútil. A tempestade era grande demais. A água ao redor deles ficava mais agitada. O vento começava a uivar. O *Intendente Fedorento* subia e descia, enquanto as ondas arrebentavam contra seu casco. Atrás deles, relâmpagos cruzavam o céu, cegando com faíscas púrpura que dançavam pelo mar em teias de luz. O trovão veio na sequência.

– É hora de nos escondermos. – Tyrion pegou Merreca pelo braço e a levou para a cabine.

Bonita e Triturador estavam meio loucos de medo. O cão latia, latia, latia. Pulou sobre Tyrion assim que entraram. A porca havia defecado por todo lado. Tyrion limpou o melhor que pôde, enquanto Merreca tentava acalmar os animais. Então prenderam ou jogaram fora qualquer coisa que estivesse solta.

– Estou assustada – Merreca confessou. A cabine começara a se inclinar e a pular, indo para esse lado ou para o outro, conforme as ondas martelavam o casco do navio.

*Há maneiras piores de se morrer do que afogado. O irmão dela aprendeu isso, e também o senhor meu pai. E Shae, aquela boceta mentirosa. Mãos de ouro são sempre frias, mas mãos de mulher são quentes.*

– Devíamos jogar alguma coisa – Tyrion sugeriu. – Pode ajudar a tirar nossos pensamentos da tempestade.

– Não *cyvasse* – ela disse, de cara.

– Não *cyvasse* – Tyrion concordou, enquanto o convés se erguia. Isso apenas faria as peças voarem violentamente pela cabine, caindo sobre a porca e o cão. – Quando você era uma garotinha, alguma vez jogou venha-para-meu-castelo?

– Não. Pode me ensinar?

Ele poderia? Tyrion hesitou. *Anão idiota. É claro que ela nunca jogou venha-para-meu-castelo. Ela nunca teve um castelo*. Venha-para-meu-castelo era um jogo para crianças bem-nascidas, com a intenção de ensinar-lhes cortesia, heráldica e uma ou duas coisas sobre os amigos e inimigos dos senhores seus pais.

– Esse não... – ele começou. O convés deu outro solavanco violento, jogando um contra o outro. Merreca deu um grito de medo. – Esse jogo não dá – Tyrion falou, rangendo os dentes. – Desculpe. Não conheço um jogo...

– Eu conheço. – Merreca o beijou.

Foi um beijo estranho, apressado, desajeitado. Mas o pegou completamente desprevenido. Ele ergueu as mãos e a segurou pelos ombros, pronto para empurrá-la. Em vez disso, hesitou, e então a puxou mais para perto, dando-lhe um abraço. Os lábios dela eram secos, duros e estavam tão fechados quanto a bolsa de um avarento. *Uma pequena misericórdia*, pensou Tyrion. Isso não era nada do que queria. Gostava de Merreca, tinha pena de Merreca, até admirava Merreca de certo modo, mas não a desejava. Mas não queria magoá-la; os deuses e sua doce irmã já haviam lhe garantido dor suficiente. Então deixou o beijo continuar, segurando-a gentilmente pelos ombros. Seus próprios lábios permaneceram firmemente fechados. O *Selaesori Qhoran* girava e estremecia ao redor deles.

Finalmente ela se afastou um centímetro ou dois. Tyrion podia ver seu próprio reflexo nos olhos dela. *Olhos bonitos*, pensou, mas viu outras coisas, também. *Muito medo, uma pequena esperança... mas nada de luxúria. Ela não me quer, não mais do que eu a quero*.

Quando Merreca abaixou a cabeça, ele segurou seu queixo e ergueu o rosto dela novamente.

– Não podemos jogar esse jogo, minha senhora. – Acima deles, um trovão explodiu, dessa vez bem próximo.

– Nunca quis... nunca beijei um rapaz antes, mas... só pensei que, se nos afogarmos, e eu... eu...

– Foi doce – mentiu Tyrion –, mas sou casado. Ela estava comigo no banquete, você deve se lembrar. A Senhora Sansa.

– Era sua esposa? Ela... ela era muito bonita...

*E falsa. Sansa, Shae, todas as minhas mulheres... Tysha foi a única que realmente me amou. Para onde as putas vão?*

– Uma garota adorável – disse Tyrion –, e estamos unidos diante dos olhos dos deuses e dos homens. Pode ser que esteja perdida para mim, mas, até ter certeza, devo ser fiel a ela.

– Entendo. – Merreca afastou seu rosto do dele.

*Minha mulher perfeita*, Tyrion pensou, amargamente. *Uma ainda jovem o suficiente para acreditar nessas mentiras descaradas.*

O casco rangia, o convés se movia, e Bonita gritava de aflição. Merreca rastejou pelo chão da cabine, de gatinhas, e enrolou os braços na cabeça da porca, murmurando palavras de confiança. Olhando as duas, era difícil saber quem confortava quem. A visão era tão grotesca que poderia ter sido hilária, mas Tyrion não conseguiu encontrar nem mesmo um sorriso. *A garota merece mais do que um porco*, pensou. *Um beijo sincero, um pouco de gentileza, todo mundo merece isso, seja grande ou pequeno.* Procurou por sua taça, mas, quando a encontrou, todo o rum havia sido derramado. *Afogar-se já é ruim o suficiente*, refletiu amargamente, *mas se afogar triste e sóbrio é cruel demais.*

No fim, eles não se afogaram... embora, em alguns momentos, a perspectiva de um belo e pacífico afogamento tivesse um certo apelo. A tempestade durou o resto daquele dia e seguiu noite adentro. Ventos molhados uivavam ao redor deles, e ondas erguiam-se como punhos de gigantes adormecidos para esmagar o convés. Em cima, souberam mais tarde, um imediato e dois marinheiros tinham sido arrastados ao mar, o cozinheiro do navio ficara cego quando uma chaleira de gordura quente voou em seu rosto, e o capitão fora arremessado do castelo de popa para o convés principal tão violentamente que quebrara as duas pernas. Lá embaixo, Triturador uivara, latira e mordera Merreca, e Porca Bonita começara a defecar novamente, transformando a cabine apertada e úmida em um chiqueiro. Tyrion conseguira não vomitar diante de tudo isso, principalmente graças à falta de vinho. Merreca não tivera tanta sorte,

mas ele a segurara assim mesmo, enquanto o casco no navio rangia e gemia de forma alarmante em torno deles, como um barril prestes a explodir.

Perto de meia-noite, os ventos finalmente cederam e o mar ficou calmo o suficiente para que Tyrion subisse ao convés. O que viu ali não o tranquilizou. O navio estava à deriva em um mar de vidro de dragão sob uma tigela de estrelas, porém, por todos os lados, a tempestade se alastrava. Leste, oeste, norte, sul, para onde quer que olhasse, as nuvens se erguiam como montanhas negras, com encostas íngremes e penhascos colossais, repletas de relâmpagos azuis e púrpura. Nenhuma chuva caía, mas, sob seus pés, o convés estava escorregadio e molhado.

Tyrion podia ouvir alguém gritando lá embaixo, uma voz fina e alta, histérica de medo. Pôde ouvir Moqorro também. O sacerdote vermelho estava no castelo de popa, encarando a tempestade, o bastão erguido sobre a cabeça enquanto trovejava uma oração. No meio do navio, uma dúzia de marinheiros e dois dedos ardentes lutavam com linhas emaranhadas e lona encharcada, mas se estavam tentando erguer a vela ou baixá-la, Tyrion não sabia dizer. O que quer que estivessem fazendo, parecia uma má ideia. E realmente era.

O vento retornou com um sussurro de aviso, frio e úmido, passando por seu rosto, batendo a vela molhada, torcendo e enrolando a túnica escarlate de Moqorro. Algum tipo de instinto fez Tyrion agarrar o parapeito mais próximo, bem a tempo. No espaço de três segundos, a pequena brisa se transformou em um vendaval ululante. Moqorro gritou alguma coisa, e chamas verdes se ergueram da boca do dragão na ponta de seu bastão para desaparecer na noite. Então a chuva veio, negra e cegante, e os castelos de popa e de proa sumiram atrás de paredes de água. Algo imenso voou sobre as cabeças, Tyrion olhou para cima e ainda conseguiu ver a vela voando com o vento, com dois homens ainda balançando nas linhas. Então ouviu um estalido. *Oh, maldito inferno*, teve tempo de pensar, *deve ter sido o mastro.*

Encontrou uma corda e a puxou, lutando em direção à escotilha para tentar sair da tempestade, mas uma rajada de vento o fez perder o equilíbrio, e uma segunda o fez se chocar contra o parapeito, onde se agarrou. A chuva açoitava seu rosto, cegando-o. Sua boca estava cheia de

sangue novamente. O navio resmungava e gemia sob ele, como um gordo constipado fazendo força para evacuar.

Então o mastro se partiu.

Tyrion não chegou a ver, mas ouviu. O estalido novamente e, então, um grito de madeira torturada, e repentinamente o ar estava cheio de pedaços e lascas. Um errou seu olho por um centímetro, o segundo acertou sua bochecha, um terceiro atingiu a virilha, botas, calção e tudo mais. Ele gritou. Mas continuou segurando a corda, mantendo-a com uma força desesperada que não sabia possuir. *A viúva disse que este navio jamais chegaria a seu destino*, lembrou-se. Então gargalhou e gargalhou, selvagem e histérico, enquanto trovões estouravam, madeira gemia e ondas arrebentavam ao seu redor.

Quando a tempestade finalmente amainou e os passageiros e a tripulação sobreviventes rastejaram de volta ao convés, como pálidos vermes rosados que vêm a superfície depois da chuva, o *Selaesori Qhoran* era uma coisa destruída, flutuando suavemente na água, inclinado dez graus para a esquerda, o casco rachado em meia centena de lugares, o compartimento de carga inundado de água do mar, o mastro uma ruína estilhaçada da altura de um anão. Nem mesmo a figura de proa escapara; um de seus braços se quebrara, o que segurava o pergaminho. Nove homens tinham desaparecido, incluindo um imediato, dois dedos ardentes e o próprio Moqorro.

*Será que Benerro viu isso em suas chamas?,* Tyrion se perguntou, quando percebeu que o enorme sacerdote vermelho se fora. *Será que Moqorro viu?*

– Uma profecia é como uma mula semitreinada – reclamou para Jorah Mormont. – Parece que será útil, mas no momento em que você confia nela, ela o chuta na cabeça. A maldita viúva sabia que o navio nunca chegaria ao seu destino, ela nos avisou sobre isso, disse que Benerro viu em suas chamas, só que achei que isso significava... bem, o que importa? – Sua boca se contorceu. – O que realmente significava era que alguma maldita tempestade gigante transformaria nosso mastro em gravetos e nos deixaria à deriva no Golfo da Mágoa até nossa comida acabar e começarmos a comer uns aos outros. Quem você acha que eles vão trinchar primeiro... o porco, o cão, ou eu?

– O mais barulhento, eu diria.

O capitão morreu no dia seguinte, o cozinheiro do navio, três noites mais tarde. Tudo o que a tripulação restante podia fazer era manter os destroços flutuando. O imediato que assumiu o comando avaliou que estavam em algum lugar no extremo sul da Ilha de Cedros. Quando baixou os botes do navio para rebocá-los até a terra mais próxima, um deles afundou, e os homens no outro cortaram a corda e remaram para o norte, abandonando o barco e seus companheiros.

– Escravos – disse Jorah Mormont, desdenhoso.

O grande cavaleiro dormira durante a tempestade, conforme ele mesmo contara. Tyrion tinha suas dúvidas, mas as manteve para si. Um dia poderia querer morder a perna de alguém, e precisaria de dentes para isso. Mormont parecia satisfeito em ignorar o desentendimento deles, então Tyrion decidiu fingir que nada acontecera.

Por dezenove dias estiveram à deriva, enquanto a comida e a água diminuíam. O sol batia neles, implacável. Merreca aconchegava-se na cabine, com o cão e o porco, e Tyrion levava comida para ela, mancando com sua coxa enfaixada e cheirando a ferida à noite. Quando não tinha nada mais para fazer, cutucava os dedos das mãos e dos pés. Sor Jorah fazia questão de afiar sua espada todos os dias, amolando a ponta até deixá-la brilhante. Os três dedos ardentes que sobraram acendiam as tochas noturnas quando o sol se punha, mas vestiam suas armaduras ornamentadas enquanto deixavam a tripulação rezando, e deixavam as lanças sempre à mão. E nem um único marinheiro tentou esfregar a cabeça de qualquer anão.

– Devemos disputar uma justa para eles, novamente? – Merreca perguntou certa noite.

– Melhor não – respondeu Tyrion. – Isso só serviria para que lembrassem que temos um belo porco redondo. – Embora Bonita estivesse ficando menos redonda a cada dia, e Triturador estivesse pele e ossos.

Naquela noite, ele sonhou que estava novamente em Porto Real, uma besta em sua mão.

– Para onde quer que as putas vão – Lorde Tywin disse, mas quando o dedo de Tyrion se fechou e a corda da arma disparou, era Merreca com um dardo atravessado na barriga.

Ele acordou ao som de gritos.

O convés se movia embaixo dele, e, por meio segundo, ficou tão confuso que pensou estar de volta ao *Donzela Tímida*. Uma lufada de merda de porco trouxe seus sentidos de volta. Os Sofrimentos estavam para trás agora, a meio mundo de distância, assim como as alegrias daquela época. Ele se lembrava quão doce Lemore parecia depois de seus banhos matinais, com contas de água brilhando em sua pele nua, mas a única donzela aqui era sua pobre Merreca, a pequena anã atrofiada.

Alguma coisa estava acontecendo. Tyrion escorregou da rede de dormir, bocejando, e procurou as botas. E, por mais louco que fosse, procurou pela besta também, mas é claro que não havia nenhuma para ser encontrada. *Uma pena*, devaneou, *ela poderia ser de alguma utilidade quando as pessoas grandes vierem me comer.* Colocou as botas e subiu ao convés, para ver por que estavam gritando. Merreca chegara antes dele, seus olhos arregalados de espanto.

– Uma vela – ela gritou –, ali, ali, vê? Uma vela, e já nos viram. Uma *vela*.

Dessa vez, ele a beijou... uma vez em cada bochecha, uma vez na testa, e uma última vez na boca. Ela estava corada e rindo pelo último beijo, repentinamente tímida novamente, mas não importava. Outro navio se aproximava. Uma grande galé, ele podia ver. Seus remos deixavam um longo rastro branco para trás.

– Que navio é? – Tyrion perguntou para Sor Jorah Mormont. – Você consegue ler o nome?

– Não preciso ler o nome. Estamos a favor do vento. Posso cheirá-lo. – Mormont desembainhou sua espada. – São traficantes de escravos.

# O vira-casaca

Os primeiros flocos começaram a cair enquanto o sol se punha no oeste. Quando a noite chegou, a neve caía tão pesada que a lua se ergueu, sem ser vista, atrás de uma cortina branca.

– Os deuses do Norte desencadearam sua ira em Lorde Stannis – Roose Bolton anunciou quando a manhã chegou, enquanto os homens se reuniam no Grande Salão de Winterfell para quebrar o jejum. – Ele é um estranho aqui, e os antigos deuses não o deixarão viver.

Os homens bramiram sua aprovação, batendo os punhos nas longas mesas de madeira. Winterfell podia estar em ruínas, mas suas paredes de granito ainda evitavam o pior do vento e do clima. Tinham um bom estoque de comida e bebida; fogueiras para aquecê-los quando estavam fora de serviço; um lugar para secar as roupas, cantos confortáveis para recostar e dormir. Lorde Bolton tinha guardado lenha suficiente para manter as fogueiras alimentadas por meio ano, então o Grande Salão estava sempre quente e aconchegante. Stannis não tinha nada daquilo.

Theon Greyjoy não se juntou à gritaria. Nem os homens da Casa Frey, não pôde deixar de notar. *Eles também são estranhos aqui*, pensou, observando Sor Aenys Frey e seu meio-irmão, Sor Hosteen. Nascidos e criados no Tridente, os Frey nunca tinham visto uma neve como aquela. *O Norte já reivindicou três de seu sangue*, Theon pensou, recordando os homens que Ramsay procurara inutilmente, perdidos entre Porto Branco e Vila Acidentada.

No palanque, Lorde Wyman Manderly sentava-se entre dois de seus cavaleiros de Porto Branco, levando mingau com uma colher até seu rosto gordo. Não parecia estar apreciando nem um décimo do que saboreara comendo as tortas de porco no casamento. Em outro canto, Harwood Stout, de um braço só, conversava calmamente com o cadavérico Terror-das-Rameiras Umber.

Theon entrou na fila com outros homens para pegar mingau, servido em tigelas de madeira de uma fila de caldeirões de cobre. Os senhores e os cavaleiros tinham leite e mel, e até mesmo um pouco de manteiga para adoçar suas porções, notou, mas nada disso foi oferecido a ele. Seu reinado como príncipe de Winterfell fora curto. Desempenhara seu papel no espetáculo, oferecendo a falsa Arya em casamento, e agora não tinha mais uso para Roose Bolton.

– No primeiro inverno do qual me lembro, a neve chegou à minha cabeça – disse um homem Hornwood diante dele na fila.

– Sim, mas você tinha só um metro de altura naquela época – um homem dos Regatos respondeu.

Noite passada, incapaz de dormir, Theon se pegou meditando sobre como fugir, em escapar sem ser visto enquanto Ramsay e o senhor seu pai prestavam atenção em outra coisa. Mas todos os portões estavam fechados e barrados e eram fortemente vigiados; e ninguém tinha permissão de entrar ou sair do castelo sem o consentimento de Lorde Bolton. Mesmo se encontrasse alguma maneira secreta de sair, Theon não teria acreditado nisso. Não se esquecera de Kyra e suas chaves. E, se fugisse, para onde iria? Seu pai estava morto, os tios não tinham uso para ele. Pyke estava perdida para ele. A coisa mais próxima de uma casa que lhe restara era aqui, entre os ossos de Winterfell.

*Um homem arruinado, um castelo em ruínas. Este é meu lugar.*

Estava esperando por seu mingau quando Ramsay entrou no salão com os Rapazes do Bastardo, gritando por música. Abel esfregou o sono dos olhos, pegou o alaúde e atacou de *A esposa do dornense*, enquanto uma de suas lavadeiras tocava o tambor. O cantor mudara a letra, no entanto. Em vez de provar uma esposa de um dornense, ele cantava sobre experimentar a filha de um nortenho.

*Ele pode perder a língua por isso*, Theon pensou, enquanto sua tigela era enchida. *Ele é apenas um cantor. Lorde Ramsay pode esfolar a pele de suas duas mãos, e ninguém falará nada.* Mas Lorde Bolton sorriu com a letra e Ramsay gargalhou ruidosamente. Os outros sabiam que era seguro rir também. Caralho Amarelo achou a música tão engraçada que espirrou vinho pelo nariz.

A Senhora Arya não estava ali para compartilhar a alegria. Ela não havia sido vista fora de seus aposentos desde a noite do casamento. Alyn

Azedo dissera que Ramsay mantinha sua noiva nua e acorrentada a um dos pilares da cama, mas Theon sabia que era só conversa. Não havia correntes, pelo menos nenhuma que homens pudessem ver. Apenas um par de guardas do lado de fora do quarto de dormir, para manter a garota longe de curiosos. *E ela só fica nua quando se banha*.

Mas isso ela fazia todas as noites. Lorde Ramsay queria a esposa limpa.

– Ela não tem aias, pobrezinha – dissera a Theon. – Só sobra você, Fedor. Devo colocá-lo em um vestido? – Ramsay riu. – Talvez, se você me implorar por isso. Mas agora será suficiente se você for criada de banho dela. Não quero que ela cheire como você. – Então, toda vez que Ramsay tinha vontade de ir para a cama com a esposa, cabia a Theon emprestar uma serva da Senhora Walda ou da Senhora Dustin, e pegar um pouco de água quente nas cozinhas. Embora Arya nunca tivesse comentado, não podiam deixar de notar seus hematomas. *É culpa dela mesma. Ela não o satisfez.*

– Apenas seja *Arya* – ele dissera à garota uma vez, enquanto a ajudava a entrar na água. – Lorde Ramsay não quer nos machucar. Ele só nos machuca quando nós... quando esquecemos. Ele nunca me cortou sem motivo.

– Theon... – ela sussurrou, chorando.

– *Fedor*. – Ele agarrou um braço dela e a sacudiu. – Aqui sou Fedor. Você tem que se *lembrar*, Arya. – Mas a garota não era uma verdadeira Stark, apenas o filhote do intendente. *Jeyne, o nome dela é Jeyne. Ela não devia me pedir para ajudá-la*. Theon Greyjoy poderia ter tentado ajudá-la. Mas Theon fora um homem de ferro, e um homem mais corajoso do que Fedor. *Fedor, Fedor, rima com pavor.*

Ramsay tinha um novo brinquedo para entretê-lo, um com tetas e uma boceta... mas logo as lágrimas de Jeyne perderiam seu sabor, e Ramsay iria querer seu Fedor novamente. *Ele vai me esfolar centímetro por centímetro. Quando meus dedos se forem, ele pegará minhas mãos. Depois dos meus dedos dos pés, os próprios pés. Mas apenas quando eu implorar por isso, quando a dor ficar tão insuportável e eu pedir para ele me dar algum alívio.* Não haveria banhos quentes para Fedor. Ele rolaria na merda novamente, proibido de se banhar. As roupas que usava se transformariam em trapos, emporcalhados e fedidos, e teria que usá-

las até apodrecerem. A melhor coisa que poderia esperar seria voltar para os canis, para a companhia das garotas de Ramsay. *Kyra*, ele se lembrou. *Ele chamou a nova cadela de Kyra*.

Levou sua tigela para o fundo do salão e encontrou um lugar com um banco vazio, a metros de distância da tocha mais próxima. Dia ou noite, as mesas comuns nunca estavam menos do que meio lotadas, com homens bebendo, comendo, conversando ou dormindo vestidos em cantos tranquilos. Seus oficiais os chutariam para acordá-los quando chegasse a hora de vestir o manto e caminhar pelas muralhas. Mas nenhum desses homens apreciaria a companhia de Theon Vira-Casaca, nem ele tinha muita vontade de estar com eles.

O mingau estava sem graça e aguado, e ele o empurrou depois da terceira colherada, largando-o para que congelasse na tigela. Na mesa ao lado, homens conversavam sobre a tempestade e se perguntavam em voz alta por quanto tempo a neve ainda cairia.

– Todo o dia e toda a noite, talvez até mais tempo – insistia um grande arqueiro de barba negra, com um machado dos Cerwyn costurado no peito. Alguns homens mais velhos falavam sobre outras tempestades de neve e insistiam que essa não era mais do que poeira leve, se comparada com as que viram nos invernos de sua juventude. Os homens do Tridente estavam horrorizados. *Elas não têm nenhum apreço por neve e frio, essas espadas sulistas*. Homens entravam no salão para se amontoar em torno das fogueiras ou para esquentar as mãos em braseiros ardentes, enquanto seus mantos ficavam pendurados em ganchos do lado de dentro da porta.

O ar estava denso e fumacento, e uma crosta se formara sobre seu mingau quando uma voz de mulher ao lado dele disse:

– Theon Greyjoy.

*Meu nome é Fedor*, ele quase disse.

– O que você quer?

Ela se sentou ao lado dele, escarranchando-se no banco, e tirou uma mecha rebelde de cabelo castanho-avermelhado dos olhos.

– Por que come sozinho, ‘nhor? Vamos, levante-se, junte-se à dança.

Ele voltou para seu mingau.

– Não danço. – O príncipe de Winterfell fora um dançarino gracioso, mas Fedor, com seus dedos dos pés perdidos, teria sido grotesco. – Deixe-me. Não tenho dinheiro.

A mulher deu um sorriso torto.

– Você me toma por puta? – Era uma das lavadeiras do cantor, uma alta e magra, muito esguia e com a pele curtida demais para ser considerada bonita... mas houve um tempo em que Theon teria caído sobre ela do mesmo jeito, para ver como seria ter aquelas longas pernas em volta dele. – O que eu faria com dinheiro aqui? O que poderia comprar? Um pouco de neve? – Ela riu. – Você pode me pagar com um sorriso. Nunca o vi sorrir, nem durante o banquete de casamento de sua irmã.

– A Senhora Arya não é minha irmã. – *Também não sorrio*, ele poderia ter dito. *Ramsay odiava meus sorrisos, então pegou um martelo e deu um jeito nos meus dentes. Mal posso comer*. – Ela nunca foi minha irmã.

– Uma bonita donzela, no entanto.

*Nunca fui linda como Sansa, mas todos diziam que eu era bonita*. As palavras de Jeyne pareciam ecoar na cabeça dele, junto com os tambores que duas das garotas de Abel estavam tocando. Outra puxara Pequeno Walder Frey para cima de uma mesa e o ensinava a dançar. Todos os homens riam. – Deixe-me – disse Theon.

– Não sou do seu agrado, ‘nhor? Posso mandar Myrtle para você, se quiser. Ou Holly, se é dela que gosta mais. Todos os homens gostam de Holly. Elas não são minhas irmãs tampouco, mas são doces. – A mulher se aproximou. Seu hálito cheirava a vinho. – Se não tem um sorriso para mim, conte-me como tomou Winterfell. Abel colocará a história em uma canção, e você viverá para sempre.

– Como um traidor. Como Theon Vira-Casaca.

– Por que não Theon, o Esperto? Foi uma façanha ousada, pelo que ouvimos. Quantos homens você tinha? Uma centena? Cinquenta?

*Menos*.

– Foi uma loucura.

– Uma gloriosa loucura. Stannis tem cinco mil, dizem, mas Abel afirma que dez vezes esse tanto não conseguem violar estas muralhas. Então como *você* conseguiu entrar, ‘nhor? Tinha alguma passagem secreta?

*Eu tinha cordas*, Theon pensou. *E ganchos. Tinha a escuridão ao meu lado, e a surpresa. O castelo era mantido com poucos guardas, e eu os peguei desprevenidos*. Mas não disse nada daquilo. Se Abel fizesse uma

canção sobre ele, provavelmente Ramsay retalharia seus tímpanos, para ter certeza de que nunca a escutaria.

– Pode confiar em mim, ‘nhor. Abel confia. – A lavadeira colocou a mão sobre a dele. As mãos dele estavam enluvadas em lã e couro. As dela estavam nuas, dedos longos e ásperos, com as unhas roídas até o toco. – Não perguntou meu nome. É Rowan.

Theon puxou a mão com força. Era uma armadilha, ele sabia. *Ramsay a enviou. É outra de suas brincadeiras, como Kyra com as chaves. Uma brincadeira divertida, é tudo. Ele quer que eu fuja, então poderá me punir.*

Queria bater nela, esmagar aquele sorriso zombeteiro do rosto dela. Queria beijá-la, fodê-la bem ali na mesa e fazê-la gritar o nome dele. Mas sabia que não ousaria tocá-la, nem por raiva, nem com luxúria. *Fedor, Fedor, meu nome é Fedor. Não devo esquecer meu nome*. Levantou-se e encaminhou-se para a porta, sem dizer uma palavra, mancando com os pés mutilados.

Do lado de fora, a neve ainda caía. Molhada, pesada, silenciosa, já começara a cobrir as pegadas deixadas pelos homens nas idas e vindas do salão. Os montes chegavam quase ao topo de suas botas. *Devem estar mais profundas na Matadelobos... e na estrada do rei, onde o vento está soprando, não há como escapar disso*. Uma batalha estava sendo travada no pátio; rapazes Ryswell bombardeavam rapazes de Vila Acidentada com bolas de neve. Acima, podia ver alguns homens construindo bonecos de neve ao longo das ameias. Eles os armavam com lança e escudo, colocando um elmo de ferro na cabeça dos bonecos, arrumando-os ao longo da muralha interior, uma linha de sentinelas de neve.

– O Senhor Inverno se juntou a nós com suas tropas – uma das sentinelas do lado de fora do Grande Salão brincou... até ver o rosto de Theon e perceber com quem estava falando. Então virou a cara e cuspiu.

Além das tendas, os grandes corcéis de batalha dos cavaleiros de Porto Branco e das Gêmeas tremiam em suas baias. Ramsay queimara os estábulos quando saqueou Winterfell, então seu pai mandou fazer novos, duas vezes maiores que os antigos, para acomodar os cavalos de batalha e os palafréns dos senhores seus vassalos e de seus cavaleiros. Os cavalos restantes estavam amarrados ao ar livre. Cavalariços encapuzados se

moviam entre eles, cobrindo-os com cobertores para mantê-los aquecidos.

Theon seguiu absorto para as partes em ruínas do castelo. Enquanto pegava uma pedra quebrada que uma vez fizera parte da torre de Meistre Luwin, corvos, nos cortes das paredes acima, olhavam para baixo, murmurando um para o outro. De tempos em tempos, um deles soltava um grito estridente. Parou na porta do quarto de dormir que fora seu (com neve na altura dos tornozelos, soprada de uma janela quebrada), visitou as ruínas da forja de Mikken e o septo da Senhora Catelyn. Sob a Torre Queimada, passou por Rickard Ryswell com o nariz enfiado no pescoço de outra das lavadeiras de Abel, a gordinha com bochechas de maçã e nariz achatado. A garota estava descalça na neve, embrulhada em um manto de pele. Ele imaginou que estivesse nua por baixo. Quando ela o viu, disse algo para Ryswell que o fez gargalhar.

Theon se afastou deles. Havia uma escada além das cavalariças, raramente usada; foi para lá que os pés dele o levaram. Os degraus eram íngremes e traiçoeiros. Subiu cuidadosamente e se encontrou sozinho nas ameias da muralha interna, bem longe dos escudeiros e seus bonecos de neve. Ninguém lhe dera liberdade no castelo, mas ninguém tampouco lhe negara isso. Podia ir aonde quisesse, dentro das muralhas.

A muralha interna de Winterfell era a mais velha e a mais alta das duas, suas antigas ameias cinzentas erguendo-se a trinta metros de altura, com torres quadradas em cada canto. A muralha externa, construída muitos séculos mais tarde, era seis metros mais baixa, mas mais grossa e mais bem mantida, ostentando torres octogonais em vez das quadradas. Entre as duas muralhas estava o fosso, profundo e amplo... e congelado. Montes de neve tinham começado a rastejar por toda a superfície gelada. A neve também se acumulava ao longo das ameias, preenchendo as lacunas entre os merlões e colocando capacetes suaves e claros no topo de cada torre.

Além das muralhas, e tão longe quanto podia ver, o mundo se tornara branco. A floresta, os campos, a estrada do rei – a neve cobrira todos eles com um macio manto branco, enterrando os remanescentes da cidade de inverno, escondendo as paredes enegrecidas que os homens de Ramsay deixaram para trás quando passaram as casas pela tocha. *As feridas que*

*Snow fez, a neve escondeu*, mas isso estava errado. Ramsay era um Bolton agora, não um Snow, nunca um Snow.

Mais adiante, a esburacada estrada do rei desaparecera, perdida entre os campos e as colinas, tudo uma vasta extensão de branco. E a neve continuava caindo, descendo em silêncio de um céu sem ventos. *Stannis Baratheon está lá fora em algum lugar, congelando*. Será que Lorde Stannis tentaria tomar Winterfell pela força? *Se fizer isso, sua causa está condenada*. O castelo estava muito fortificado. Mesmo com o fosso congelado, as defesas de Winterfell permaneciam formidáveis. Theon capturara o castelo pela discrição, mandando seus melhores homens escalar as muralhas e nadar pelo fosso sob a cobertura da escuridão. Os guardas não souberam que estavam sob ataque até que fosse tarde demais. Tal subterfúgio não seria possível para Stannis.

Ele podia preferir cortar o contato do castelo com o mundo exterior e matar os guardas de fome. Os armazéns e os depósitos de Winterfell estavam vazios. Um grande carregamento de suprimentos veio com Bolton e seus amigos Frey pelo Gargalo, a Senhora Dustin trouxera comida e forragens de Vila Acidentada, e Lorde Manderly chegara com boas provisões de Porto Branco... mas o número de pessoas era grande. Com tantas bocas para alimentar, seus estoques não durariam muito. *Mas Lorde Stannis e seus homens estarão famintos do mesmo jeito. E com frio e frieiras também, em nenhuma condição de luta... mas a tormenta os deixará desesperados para entrar no castelo.*

A neve caía no bosque sagrado também, derretendo quando chegava ao solo. Sob as árvores cobertas de branco, a terra se transformara em lama. Gavinhas de névoa pendiam no ar como fitas fantasmagóricas. *Por que vim até aqui? Esses não são meus deuses. Este não é meu lugar.* A árvore-coração estava diante dele, um gigante pálido com uma face esculpida e folhas como mãos ensanguentadas.

Uma fina camada de gelo cobria a lagoa ao lado do represeiro. Theon se afundou sobre os joelhos diante da árvore.

– Por favor – murmurou, através dos dentes quebrados –, eu nunca pretendi... – As palavras ficaram presas em sua garganta. – Salve-me – ele finalmente falou. – Dê-me... – *O quê? Força? Coragem? Misericórdia?* A neve caía ao redor dele, pálida e silenciosa, mantendo seu próprio conselho. O único som era o de um soluço suave e longínquo.

*Jeyne*, ele pensou. *É ela, soluçando em seu leito nupcial. O que mais poderia ser?* Os deuses não choram. *Ou choram?*

O som era doloroso demais para suportar. Theon segurou um galho e apoiou-se nele para se levantar, limpou a neve das pernas e mancou de volta para as luzes. *Há fantasmas em Winterfell*, pensou, *e sou um deles.*

Mais homens de neve haviam sido erguidos no pátio quando Theon Greyjoy voltou. Para comandar as sentinelas de neve nas muralhas, os escudeiros haviam erigido uma dúzia de senhores de neve. Um claramente pretendia ser Lorde Manderly; era o homem de neve mais gordo que Theon já vira. O senhor de um braço só podia ser Harwood Stout, a boneca de neve, Barbrey Dustin. E um que estava mais perto da porta com a barba feita de pingentes de gelo devia ser o velho Terror-das-Rameiras Umber.

Do lado de dentro, os cozinheiros remexiam um ensopado de carne e cevada, engrossado com cenouras e cebolas e servido dentro de pães do dia anterior escavados para formarem cuias. Pedaços eram jogados no chão para serem devorados pelas garotas de Ramsay e pelos outros cães.

As garotas ficaram felizes em vê-lo. Elas o conheciam pelo cheiro. Jeyne Vermelha veio correndo para lamber sua mão e Helicent deslizou por baixo da mesa e se enrolou em seus pés, roendo um osso. Eram bons cães. Era fácil esquecer que cada uma tinha o nome de uma garota que Ramsay caçara e matara.

Cansado como estava, Theon tinha apetite suficiente para comer um pouco de ensopado, empurrado para baixo com cerveja. O salão havia ficado mais barulhento. Dois dos batedores de Roose Bolton retornaram do Portão do Caçador para reportar que o avanço de Lorde Stannis tinha se tornado tão lento quanto um rastejar. Seus cavaleiros cavalgavam corcéis de batalha, e os grandes cavalos estavam afundando na neve. Os garranos pequenos e firmes dos clãs das montanhas estavam se saindo melhor, os batedores disseram, mas os homens dos clãs não ousavam pressionar muito ou toda a tropa se separaria. Lorde Ramsay ordenou a Abel que cantasse uma marcha em honra a Stannis afundando na neve, então o bardo pegou seu alaúde novamente, enquanto uma de suas lavadeiras pegava uma espada de Alyn Azedo e imitava Stannis cortando flocos de neve.

Theon estava olhando para as últimas borras de sua terceira caneca de cerveja quando a Senhora Barbrey Dustin entrou no salão e enviou duas de suas espadas juramentadas para levá-lo até ela. Quando ele parou embaixo do palanque, ela o olhou de cima a baixo e cheirou.

– Essas são as mesmas roupas que você usou no casamento.

– Sim, minha senhora. Estas foram as roupas que me foram dadas. – Essa era uma das lições que aprendera no Forte do Pavor: pegar o que lhe era dado e nunca pedir mais.

A Senhora Dustin vestia negro, como sempre, embora suas mangas tivessem acabamento de peles de esquilo. O vestido tinha uma alta gola dura que emoldurava seu rosto.

– Você conhece este castelo.

– Já conheci.

– Em algum lugar sob nós estão as criptas onde os antigos reis Stark sentavam-se na escuridão. Meus homens não foram capazes de descobrir como chegar até lá. Percorreram todas as galerias subterrâneas, os porões, até mesmo os calabouços, mas...

– As criptas não podem ser acessadas pelos calabouços, minha senhora.

– Pode me mostrar o caminho até lá?

– Não há nada lá, além de...

– ... Stark mortos? Sim. E, na verdade, todos os meus Stark favoritos estão mortos. Você sabe o caminho ou não?

– Sei. – Ele não gostava das criptas, nunca gostara das criptas, mas não era estranho a elas.

– Mostre-me. Oficial, pegue uma lanterna.

– Minha senhora precisará de um manto mais quente – avisou Theon. – Teremos que ir lá fora.

A neve caía mais pesada quando deixaram o salão, com a Senhora Dustin enrolada em zibelina. Encolhidos em suas capas com capuzes, os guardas do lado de fora quase não podiam ser distinguidos dos homens de neve. Apenas suas respirações formando vapor no ar provavam que ainda viviam. Fogueiras queimavam ao longo das ameias, uma vã tentativa de mandar a melancolia embora. O pequeno grupo se encontrou caminhando pesadamente através da suave e ininterrupta vastidão branca que chegava a meio caminho de suas virilhas. As tendas no pátio estavam semienterradas, cedendo sob o peso da neve acumulada.

A entrada das criptas ficava na parte mais antiga do castelo, próximo à base da Primeira Torre, que ficara sem uso por centenas de anos. Ramsay a passara pela tocha quando saqueou Winterfell, e muito do que não queimara desmoronara. Apenas uma casca permanecera, um lado aberto para as intempéries e cheio de neve. Escombros estavam espalhados por todos os lados; grandes pedaços quebrados de alvenaria, vigas queimadas, gárgulas quebradas. A neve que caía havia coberto quase tudo, mas parte de uma gárgula ainda aparecia sobre os montes, sua face grotesca rosnando cega para o céu.

*Foi aqui que encontraram Bran quando ele caiu*. Theon estivera fora naquele dia, caçando, cavalgando com Lorde Eddard e o Rei Robert, sem qualquer indício das notícias que os aguardavam de volta ao castelo. Lembrava-se do rosto de Robb quando contaram para ele. Ninguém esperava que o garoto quebrado vivesse. *Os deuses não puderam matar Bran, não mais do que eu pude*. Era um pensamento estranho, e mais estranho ainda se recordar que Bran podia estar vivo ainda.

– Ali. – Theon apontou para onde um banco de neve se amontoava sobre a parede da fortaleza. – Ali embaixo. Cuidado com as pedras quebradas.

Levou mais de meia hora para os homens da Senhora Dustin descobrirem a entrada, cavando na neve e afastando escombros. Quando conseguiram, a porta estava congelada. O oficial teve que encontrar um machado antes de abri-la, dobradiças gritando, para revelar uma escada de degraus em espiral descendo pela escuridão.

– É uma longa descida, minha senhora – Theon avisou.

A Senhora Dustin não se intimidou.

– Beron, a luz.

O caminho era estreito e íngreme, os degraus desgastados no meio por séculos de pisadas. Entraram em fila simples; o oficial com a lanterna, então Theon e a Senhora Dustin, e os outros homens dela atrás. Ele sempre pensara nas criptas como frias, e pareciam assim no verão, mas, agora, enquanto desciam, o ar ficava mais quente. Não *quente*, nunca quente, mas mais quente que em cima. Aqui embaixo da terra, ao que parece, o frio era constante, imutável.

– A noiva chora – a Senhora Dustin disse, enquanto desciam, passo a passo, cuidadosamente. – Nossa pequena Senhora Arya.

*Tenha cuidado, agora. Tenha cuidado, tenha cuidado*. Ele colocou a mão na parede. A luz da tocha, tremeluzindo, fazia com que os degraus parecessem se mover sob seus pés.

– É... é como diz, minha senhora.

– Roose não está satisfeito. Diga isso para seu bastardo.

*Ele não é meu bastardo*, queria dizer, mas outra voz dentro dele dizia, *Ele é, ele é. Fedor pertence a Ramsay, e Ramsay pertence a Fedor. Você não deve esquecer seu nome.*

– Vesti-la em cinza e branco não fará nenhum bem se a garota é deixada a soluçar. Os Frey podem não se importar, mas os nortenhos... eles temem Forte do Pavor, mas amam os Stark.

– Não você – disse Theon.

– Não eu – a Senhora de Vila Acidentada confessou –, mas os demais, sim. O velho Terror-das-Rameiras só está aqui porque os Frey mantêm Grande-Jon cativo. E você acha que os homens Hornwood esqueceram o último casamento do Bastardo, e como sua senhora esposa foi deixada para morrer de fome, roendo os próprios dedos? O que você acha que passa pela cabeça deles quando escutam a nova noiva chorando? A preciosa garotinha do valente Ned.

*Não*, ele pensou. *Ela não tem o sangue de Lorde Eddard, o nome dela é Jeyne, ela é apenas a filha do intendente.* Não duvidava que a Senhora Dustin suspeitasse, mesmo assim...

– Os soluços da Senhora Arya podem nos causar mais danos do que todas as espadas e lanças de Lorde Stannis. Se o Bastardo pretende continuar sendo Senhor de Winterfell, é melhor que ensine sua esposa a sorrir.

– Minha senhora – Theon interrompeu. – Aqui estamos.

– Os degraus continuam para baixo – observou a Senhora Dustin.

– Há níveis inferiores. Mais antigos. O nível mais antigo está parcialmente desmoronado, ouvi dizer. Nunca desci além daqui. – Abriu a porta e levou-os por um longo túnel abaulado, onde poderosos pilares de granito bordejavam, dois a dois, na escuridão.

O oficial da Senhora Dustin levantou a lanterna. Sombras deslizavam e mudavam de lugar. *Uma pequena luz em uma grande escuridão*. Theon nunca se sentira confortável nas criptas. Podia sentir os reis de pedra olhando-o de cima com seus olhos de pedra, dedos de pedra enrolados

nos punhos de espadas longas enferrujadas. Nenhum deles tivera algum amor por homens de ferro. Uma sensação familiar de pavor tomou conta dele.

– São tantos – a Senhora Dustin disse. – Sabe os nomes deles?

– Uma vez... mas foi há muito tempo. – Theon apontou. – Os que estão deste lado foram reis no Norte. Torrhen foi o último.

– O Rei que Ajoelhou.

– Sim, minha senhora. Depois dele, todos foram apenas senhores.

– Até o Jovem Lobo. Onde está a tumba de Ned Stark?

– No final. Por aqui, minha senhora.

Seus passos ecoavam pela abóbada enquanto caminhavam entre as fileiras de pilares. Os olhos de pedra dos mortos pareciam segui-los, assim como os olhos de seus lobos gigantes. Os rostos agitavam memórias esmaecidas. Alguns nomes voltaram espontaneamente, sussurrados pela voz fantasmagórica de Meistre Luwin. Rei Edrick Barba de Neve, que governara o Norte por uma centena de anos. Brandon, o Armador, que navegara para além do pôr do sol. Theon Stark, o Lobo Faminto. *Meu homônimo*. Lorde Beron Stark, que fez causa comum com Rochedo Casterly na guerra contra Dagon Greyjoy, Senhor de Pyke, nos dias em que os Sete Reinos eram governados em nome de todos pelo feiticeiro bastardo chamado Sangue de Corvo.

– Aquele rei perdeu sua espada – a Senhora Dustin observou.

Era verdade. Theon não se lembrava que rei era aquele, mas a espada longa que devia segurar se fora. Marcas de ferrugem permaneciam para mostrar o lugar em que a lâmina estivera. A visão o inquietou. Sempre ouvira que o ferro da espada mantinha os espíritos dos mortos trancados em suas tumbas. Se uma espada estava faltando...

*Há fantasmas em Winterfell. E sou um deles.*

Seguiram adiante. O rosto de Barbrey Dustin parecia mais duro a cada passo. *Ela não gosta deste lugar tanto quanto eu.* Theon se ouviu falando:

– Minha senhora, por que odeia os Stark?

Ela o estudou.

– Pela mesma razão que você os ama.

Theon tropeçou.

– Amá-los? Eu nunca... eu tomei este castelo deles, minha senhora. Eu tive... condenei Bran e Rickon à morte, coloquei suas cabeças em estacas, eu...

– ... cavalgou para o sul com Robb Stark, lutou ao lado dele no Bosque dos Murmúrios e em Correrrio, voltou para as Ilhas de Ferro como seu enviado para tratar com seu próprio pai. Vila Acidentada enviou homens com o Jovem Lobo também. Mandei o mínimo que me atrevi, mas sabia que devia dar-lhes alguns, ou me arriscaria a enfrentar a ira de Winterfell. Então eu tinha meus próprios olhos e ouvidos naquela tropa. Eles me mantiveram bem informada. Sei quem é você. Sei o que você é. Agora, responda à minha pergunta. Por que você ama os Stark?

– Eu... – Theon colocou uma mão enluvada contra um pilar. – ... eu queria ser um deles...

– E nunca pôde. Temos mais em comum do que imagina, meu senhor. Mas venha.

Apenas um pouco adiante, três tumbas estavam agrupadas juntas. Foi lá que pararam.

– Lorde Rickard – a Senhora Dustin observou, estudando a figura central. A estátua pairava sobre eles; rosto comprido, barbado, solene. Tinha os mesmos olhos de pedra dos demais, mas os seus pareciam tristes. – Ele tampouco possui uma espada.

Era verdade.

– Alguém esteve aqui embaixo roubando espadas. A de Brandon se foi também.

– Ele teria odiado isso. – Ela puxou a luva e tocou o joelho dele, carne pálida contra pedra escura. – Brandon amava sua espada. Adorava amolá-la. *Quero-a afiada o suficiente para raspar os pelos da boceta de uma mulher*, ele costumava dizer. E como amava usá-la. *Uma espada ensanguentada é uma coisa linda*, me disse, certa vez.

– Você o conhecia – Theon disse.

A luz da lanterna fazia seus olhos parecerem em chamas.

– Brandon foi criado em Vila Acidentada com o velho Lorde Dustin, o pai daquele com quem me casei mais tarde, mas passava a maior parte de seu tempo cavalgando nos Regatos. Adorava cavalgar. Sua irmãzinha vinha logo atrás dele nisso. Um par de centauros, aqueles dois. E o senhor meu pai sempre estava satisfeito em bancar o anfitrião para o

herdeiro de Winterfell. Meu pai tinha grandes ambições para a Casa Ryswell. Teria oferecido minha virgindade para qualquer Stark que estivesse por perto, mas não foi necessário. Brandon nunca foi tímido a respeito das coisas que queria. Sou velha, agora, uma coisa seca, viúva há muito tempo, mas ainda me lembro de olhar meu sangue de donzela no pau dele, na noite em que me reivindicou. Acho que Brandon também gostou da visão. Uma espada ensanguentada é uma coisa linda, sim. Dói, mas é sempre uma dor doce. Mas, no dia em que soube que Brandon ia se casar com Catelyn Tully... não foi nada doce *aquela* dor. Ele nunca a quis, eu lhe garanto. Ele me disse isso, na nossa última noite juntos... mas Rickard Stark também tinha grandes ambições. Ambições *sulistas* que não seriam alcançadas com seu herdeiro casado com a filha de um de seus próprios vassalos. Depois, meu pai acalentou alguma esperança de me casar com o irmão de Brandon, Eddard, mas Catelyn Tully pegou este também. Eu fiquei com o jovem Lorde Dustin, até que Ned Stark o tirou de mim.

– A Rebelião de Robert...

– Lorde Dustin e eu não estávamos casados nem meio ano quando Robert se levantou e Ned convocou os vassalos. Implorei para que meu marido não fosse. Ele tinha parentes que poderia ter enviado em seu lugar. Um tio famoso por suas proezas com um machado, um tio-avô que lutara na Guerra dos Reis de Nove Moedas. Mas era um homem cheio de orgulho, e nada serviria se ele mesmo não liderasse as forças de Vila Acidentada. Dei-lhe um cavalo no dia em que partiu, um garanhão vermelho com uma crina de fogo, o orgulho dos rebanhos do senhor meu pai. Meu senhor jurou que cavalgaria nele para casa quando a guerra acabasse. Ned Stark me devolveu o cavalo quando voltou para Winterfell. Disse-me que meu senhor morrera uma morte honrosa e que seu corpo havia sido colocado para descansar sob as montanhas vermelhas de Dorne. Mas trouxe os ossos de sua irmã de volta para o Norte, e aqui ela descansa... mas, eu lhe prometo, os ossos de Lorde Eddard nunca descansarão ao lado dos dela. Pretendo alimentar meus cães com eles.

Theon não entendeu.

– Os... os ossos dele...?

Os lábios dela se contorceram. Era um sorriso feio, um sorriso que lembrava Ramsay.

– Catelyn Tully despachou os ossos de Lorde Eddard para o Norte antes do Casamento Vermelho, mas o seu tio de ferro tomou Fosso Cailin e fechou a passagem. Tenho observado desde essa época. Se esses ossos já emergiram dos pântanos, não estarão muito longe de Vila Acidentada. – Deu uma última olhada para a estátua que se parecia com Eddard Stark. – Terminamos aqui.

A tempestade de neve ainda estava furiosa quando emergiram das criptas. A Senhora Dustin ficou em silêncio durante a subida, mas, quando parou novamente sob as ruínas da Primeira Torre, estremeceu e disse:

– Você faria bem em não repetir nada do que disse aí embaixo. Isto está entendido?

Estava.

– Seguro minha língua, ou a perco.

– Roose o treinou bem. – Ela o deixou ali.

# O prêmio do Rei

A tropa do rei partiu de Bosque Profundo com a luz de uma aurora dourada, desenrolando-se detrás das paliçadas de toras como uma longa serpente de aço emergindo de seu ninho.

Os cavaleiros sulistas cavalgavam com armaduras e cotas de malha amassadas e marcadas pelas batalhas que lutaram, mas ainda brilhantes o suficiente para reluzirem sob a luz do sol. Desbotados, manchados, rasgados e remendados, os estandartes e as capas ainda formavam uma profusão de cores entre a floresta de inverno – índigo e laranja, vermelho e verde, púrpura, azul e dourado, refletindo entre troncos marrons sem folhas, pinheiros e árvores sentinelas cinza-esverdeados, montes de neve suja.

Cada cavaleiro tinha seus escudeiros, servos e mestres em armas. Atrás deles vinham armeiros, cozinheiros, cavalariços; fileiras de lanceiros, homens com machado, arqueiros; veteranos grisalhos de centenas de batalhas e garotos inexperientes esperando a primeira vez. Antes deles, marchavam os homens dos clãs das montanhas; chefes e campeões montados em garranos peludos, seus hirsutos combatentes trotando ao lado, vestidos em peles, couro cozido e velhas cotas de malha. Alguns pintavam o rosto de marrom e verde e amarravam feixes de arbustos sobre o corpo, para se camuflar entre as árvores.

Atrás da coluna principal seguia o comboio de bagagem; mulas, cavalos, bois, um quilômetro e meio de carroções e carroças repletos de comida, forragem, tendas e outras provisões. Por último, a retaguarda; mais cavaleiros em armaduras e cotas de malha, com um anteparo de batedores seguindo semiocultos, para ter certeza de que o inimigo não os pegaria desprevenidos.

Asha Greyjoy seguia no comboio da bagagem, em um carroção coberto, com duas imensas rodas de aros de ferro, acorrentada pelo pulso

e pelos tornozelos e vigiada dia e noite por uma Mulher-Ursa que roncava mais do que qualquer homem. Sua Graça, o Rei Stannis, não queria correr nenhum risco de seu prêmio escapar do cativeiro. Ele pretendia levá-la para Winterfell, para mostrá-la em correntes para os senhores do Norte, a filha da lula gigante amarrada e quebrada, a prova de seu poder.

Trombetas colocaram a coluna a caminho. Pontas de lanças brilhavam na luz do sol nascente e, por toda a margem, a grama reluzia com a geada matinal. Entre Bosque Profundo e Winterfell estendiam-se quinhentos e cinquenta quilômetros de floresta. Menos de quinhentos quilômetros no voo de um corvo.

– Quinze dias – os cavaleiros diziam uns para os outros.

– Robert teria feito em dez – Asha escutou Lorde Fell alardeando. Seu avô fora morto por Robert em Solar de Verão; de algum modo, isso elevara o assassino à coragem divina aos olhos do neto. – Robert já teria entrado em Winterfell há uma quinzena, caçoando de Bolton das ameias do castelo.

– Melhor não mencionar isso para Stannis – sugeriu Justin Massey –, ou ele nos fará marchar dia e noite.

*Este rei vive à sombra de seu irmão*, Asha pensou.

Seu tornozelo ainda acusava uma pontada de dor sempre que ela tentava apoiar o peso do corpo nele. Alguma coisa estava quebrada lá dentro, Asha não duvidava. O inchaço desaparecera em Bosque Profundo, mas a dor permanecia. Uma entorse certamente estaria curada a essa altura. Seus ferros rangiam todas as vezes que ela se mexia. Os grilhões feriam seus pulsos e seu orgulho. Mas esse era o custo da submissão.

– Nenhum homem morreu por dobrar os joelhos – seu pai lhe dissera uma vez. – Aquele que se ajoelha pode se erguer novamente, espada na mão. O que não se ajoelha permanece morto, pernas rígidas e tudo. – Balon Greyjoy provara a verdade de suas palavras quando sua primeira rebelião falhou; a lula gigante ajoelhou-se diante do veado e do lobo gigante, apenas para se levantar novamente quando Robert Baratheon e Eddard Stark estavam mortos.

E então, em Bosque Profundo, a filha da lula gigante fez o mesmo quando foi jogada diante do rei, amarrada e mancando (embora abençoadamente não estuprada), o tornozelo uma explosão de dor.

– Eu me rendo, Vossa Graça. Faça o que quiser comigo. Peço apenas que poupe meus homens. – Qarl, Tris e o restante dos sobreviventes da Matadelobos eram tudo com o que se importava. Apenas nove restaram. *Os nove esfarrapados*, Cromm os chamara. Ele era o mais seriamente ferido.

Stannis lhe dera as vidas deles. Mesmo assim, ela não sentiu uma misericórdia verdadeira nele. Era determinado, não havia dúvidas. Tampouco lhe faltava coragem. Os homens diziam que era justo... e se sua justiça era do tipo severo, linha-dura, bem, a vida nas Ilhas de Ferro fizera Asha Greyjoy se acostumar com isso. Mesmo assim, não gostava desse rei. Os profundos olhos azuis dele pareciam sempre semicerrados em desconfiança, fúria gelada em ebulição logo abaixo da superfície. A vida dela significava pouco e ainda menos para ele. Era apenas uma refém, um prêmio para mostrar ao Norte que ele podia derrotar os homens de ferro.

*Tolice dele*. Derrubar uma mulher não traria nenhuma admiração dos nortenhos, se ela conhecia a raça, e seu valor como refém era menos que nada. Seu tio governava as Ilhas de Ferro agora, e ao Olho de Corvo não importava se ela viveria ou morreria. Poderia significar alguma coisa para a miserável ruína de marido que Euron infligira a ela, mas Eric Ironmaker não teria dinheiro suficiente para seu resgate. Mas não era possível explicar essas coisas para Stannis Baratheon. Até sua feminilidade parecia ofendê-lo. Homens das terras verdes gostavam de suas mulheres suaves e doces em seda, ela sabia, não vestidas em cota de malha e couro, com um machado de arremesso em cada mão. Mas o curto tempo em que esteve com o rei em Bosque Profundo a convenceu de que ele não teria sido mais agradável se ela estivesse de vestido. Mesmo com a esposa de Galbart Glover, a piedosa Senhora Sybelle, ele fora correto e cortês, mas estava claramente desconfortável. Esse rei sulista parecia ser um daqueles homens para os quais as mulheres são outra raça, tão estranhas e insondáveis quanto gigantes, gramequins e os filhos da floresta. A Mulher-Ursa o fazia ranger os dentes também.

Havia apenas uma mulher que Stannis ouvia, e ele a deixara na Muralha.

– Eu pensava que ela estaria logo conosco – confessou Sor Justin Massey, o cavaleiro loiro que comandava o comboio de bagagem. – A

última vez que fomos para uma batalha sem a Senhora Melisandre foi na Água Negra, quando a sombra de Lorde Renly veio sobre nós e levou metade da nossa tropa para dentro da baía.

– A última vez? – disse Asha. – Essa feiticeira estava em Bosque Profundo? Não a vi.

– Dificilmente aquilo foi uma batalha – Sor Justin disse, sorrindo. – Seus homens de ferro lutaram bravamente, minha senhora, mas tínhamos muitas vezes seu número e os pegamos desprevenidos. Winterfell saberá que estamos chegando. E Roose Bolton tem tantos homens quanto nós.

*Ou mais*, pensou Asha.

Mesmo prisioneiros tinham ouvidos, e ela ouvira toda a conversa em Bosque Profundo, quando o Rei Stannis e seus capitães discutiam a marcha. Sor Justin se opusera desde o início, juntamente com muitos dos cavaleiros e senhores que vieram com Stannis do Sul. Mas os lobos insistiam; era intolerável que Roose Bolton ficasse com Winterfell, e a garota de Ned deveria ser resgatada das garras do bastardo. Assim disseram Morgan Liddle, Brandon Norrey, Grande Balde Wull, os Flint e até mesmo a Mulher-Ursa.

– São mais de quinhentos quilômetros de Bosque Profundo até Winterfell – disse Artos Flint, na noite em que a discussão esquentou no grande salão de Galbart Glover.

– Uma longa marcha – um cavaleiro chamado Corliss Penny disse.

– Não tão longa assim – insistiu Sor Godry, o grande cavaleiro que os outros chamavam de Matador de Gigante. – Já fomos tão longe quanto. O Senhor da Luz iluminará um caminho para nós.

– E quando chegarmos diante de Winterfell? – perguntou Justin Massey. – Duas muralhas com um fosso entre elas, e a muralha interior tem trinta metros de altura. Bolton nunca sairá para nos enfrentar em campo, e não temos provisões para armar um cerco.

– Arnolf Karstark juntará suas forças às nossas, não se esqueça – disse Harwood Fell. – Mors Umber também. Teremos tantos nortenhos quanto Lorde Bolton. E a floresta é espessa ao norte do castelo. Ergueremos torres de cerco, construiremos aríetes...

*E morrerão aos milhares*, pensou Asha.

– Faríamos melhor em passar o inverno aqui – sugeriu Lorde Peasebury.

– *Passar o inverno* aqui? – Grande Balde rugiu. – Quanta comida e forragem você acha que Galbart Glover tem estocado?

Então Sor Richard Horpe, o cavaleiro com o rosto devastado e com borboletas-caveira em sua túnica, virou-se para Stannis e disse:

– Vossa Graça, seu irmão...

O rei o interrompeu.

– Todos nós sabemos o que meu irmão faria. Robert teria galopado sozinho até Winterfell, arrebentado os portões com seu martelo de guerra e cavalgado sobre os escombros para matar Roose Bolton com a mão esquerda e o Bastardo com a direita. – Stannis se levantou. – Não sou Robert. Mas marcharemos e libertaremos Winterfell... ou morreremos na tentativa.

Quaisquer que fossem as dúvidas que os senhores pudessem nutrir, os homens comuns pareciam ter fé em seu rei. Stannis esmagara os selvagens de Mance Rayder na Muralha e despejara Asha e seus homens de ferro de Bosque Profundo, era irmão de Robert, vitorioso em uma famosa batalha no mar da Ilha Leal, o homem que mantivera Ponta Tempestade durante toda a Rebelião de Robert. E tinha uma espada de herói, a lâmina encantada Luminífera, que resplandecia à noite.

– Nossos inimigos não são tão formidáveis quanto parecem – Sor Justin assegurou a Asha, no primeiro dia de marcha. – Roose Bolton é temido, mas pouco amado. E seus amigos, os Frey... o Norte não esqueceu o Casamento Vermelho. Todo senhor em Winterfell perdeu parentes lá. Stannis precisa apenas sangrar Bolton, e os nortenhos o abandonarão.

*Assim você espera*, pensou Asha, *mas primeiro o rei precisa sangrá-lo. Apenas um tolo deserta o lado que está vencendo.*

Sor Justin foi até a carroça dela meia dúzia de vezes naquele primeiro dia, para levar comida, bebida e notícias da marcha. Um homem de sorrisos fáceis e piadas sem fim, largo e carnudo, com bochechas rosadas, olhos azuis e cabelo loiro-claro, tão claro quanto linho, emaranhado pelo vento, Massey era um carcereiro atencioso, sempre solícito com o conforto de sua cativa.

– Ele quer você – disse a Mulher-Ursa, depois da terceira visita.

O nome real dela era Alysane da Casa Mormont, mas ela usava o outro nome tão facilmente quanto usava sua cota de malha. Baixa, robusta,

musculosa, a herdeira da Ilha dos Ursos tinha grandes coxas, grandes seios e grandes mãos endurecidas com calos. Mesmo dormindo, usava cota de malha sob as peles, couro cozido sob a cota de malha, e uma velha pele de ovelha sob o couro, virada do avesso para aquecer. Todas essas camadas faziam-na parecer ser tão larga quanto alta. *E feroz*. Algumas vezes era difícil para Asha Greyjoy se lembrar que ela e a Mulher-Ursa tinham quase a mesma idade.

– Ele quer minhas terras – Asha respondeu. – Quer as Ilhas de Ferro. – Ela conhecia os sinais. Já vira isso em outros pretendentes. As posses dos ancestrais de Massey, bem distantes ao Sul, estavam perdidas para ele, então ele precisava fazer um casamento vantajoso ou se resignar em ser não mais do que um cavaleiro a serviço do rei. Stannis frustrara as esperanças de Sor Justin de se casar com a princesa selvagem de quem Asha ouvira tanto, então agora ele voltava suas atenções para ela. Sem dúvida, sonhava em colocá-la sobre a Cadeira da Pedra do Mar, em Pyke, e governar através dela, como seu senhor e mestre. Isso requeria tirá-la de seu atual senhor e mestre, certamente... sem mencionar o tio que a casara com ele. *Nada provável*, Asha julgou. *O Olho de Corvo comeria Sor Justin para quebrar o jejum e não daria nem um arroto.*

Não fazia diferença. As terras de seu pai nunca seriam dela, não importava com quem estivesse casada. Os homens de ferro não eram um povo inclinado ao perdão, e Asha fora derrotada duas vezes. Uma na assembleia de homens livres, por seu tio Euron, e novamente em Bosque Profundo, por Stannis. Mais do que suficiente para marcá-la como incapaz de governar. Casar com Justin Massey ou outro dos fidalgotes de Stannis Baratheon atrapalharia mais do que poderia ajudar. *A filha da lula gigante, afinal*, *se tornou apenas uma mulher,* os capitães e os reis poderiam dizer. *Veja como ela abre as pernas para seu suave senhor das terras verdes*.

Mesmo assim, se Sor Justin queria cortejar seu favor com comida, vinho e notícias, Asha não o desencorajaria. Era uma companhia melhor do que a taciturna Mulher-Ursa, e, de qualquer modo, ela estava sozinha entre cinco mil inimigos. Tris Botley, Qarl, o Donzel, Cromm, Roggon e o resto de seu bando ensanguentado foram deixados para trás, em Bosque Profundo, nos calabouços de Galbart Glover.

O exército cobriu trinta e cinco quilômetros no primeiro dia, pela contagem dos guias que a Senhora Sybelle dera para eles, rastreadores e caçadores com as espadas juramentadas a Bosque Profundo, com nomes de clãs como Forrester, Woods, Branch e Bole. No segundo dia, as tropas fizeram trinta e oito, enquanto a vanguarda passava além das terras de Glover para dentro da espessa Matadelobos.

– *R'hllor, envie-nos sua luz para nos guiar por esta escuridão* – os crentes rezaram naquela noite, enquanto se reuniam em torno de uma fogueira que ardia do lado de fora do pavilhão do rei. Cavaleiros sulistas e homens em armas, muitos deles. Asha os teria chamado de homens do rei, mas os outros homens de Ponta Tempestade e das terras da coroa os chamavam de homens da rainha... embora a rainha que seguissem fosse a vermelha que estava no Castelo Negro, não a esposa que Stannis Baratheon deixara em Atalaialeste do Mar. – *Oh, Senhor da Luz, nós vos suplicamos, lance seu olho ardente sobre nós e nos mantenha a salvo e aquecidos* – cantavam para as chamas –, *pois a noite é escura e cheia de terrores*.

Um grande cavaleiro chamado Sor Godry Farring os liderava. *Godry, o Matador de Gigante*. *Um grande nome para um homem pequeno*. Farring tinha o peito largo e musculoso sob a placa peitoral e a cota de malha. Também era arrogante e vaidoso, pareceu à Asha; faminto por glória, surdo à cautela, um glutão por louvor e depreciativo com camponeses, lobos e mulheres. No fim, não era diferente de seu rei.

– Deixe-me ter um cavalo – Asha pediu a Sor Justin, quando ele foi até o carroção com meio presunto. – Estou enlouquecendo nestas correntes. Não tentarei fugir. Tem minha palavra nisso.

– Eu deixaria se pudesse, minha senhora. Mas você é cativa do rei, não minha.

– Seu rei não aceitará a palavra de uma mulher.

A Mulher-Ursa rosnou:

– Por que ele acreditaria na palavra de qualquer homem de ferro depois do que seu irmão fez em Winterfell?

– Não sou Theon – Asha insistiu... mas as correntes permaneceram.

Enquanto Sor Justin galopava ao longo da coluna, ela se pegou lembrando da última vez que vira sua mãe. Fora em Harlaw, nas Dez Torres. Uma vela tremeluzia nos aposentos maternos, mas a grande cama

esculpida estava vazia sob o dossel empoeirado. A Senhora Alannys sentava-se ao lado de uma janela, encarando o oceano.

– Você trouxe meu menino? – ela perguntara, com a boca trêmula.

– Theon não pôde vir – Asha lhe dissera, olhando para a ruína de mulher que lhe havia dado à luz, uma mãe que perdera dois de seus filhos. E o terceiro...

*Enviarei para você cada pedaço do príncipe.*

Qualquer que fosse o resultado da batalha em Winterfell, Asha Greyjoy não achava que seu irmão sobreviveria a ela. *Theon Vira-Casaca. Até mesmo a Mulher-Ursa quer sua cabeça em um espeto.*

– Você tem irmãos? – Asha perguntou para sua carcereira.

– Irmãs – Alysane Mormont respondeu, ríspida como sempre. – Éramos cinco. Todas garotas. Lyanna está de volta à Ilha dos Ursos. Lyra e Jory estão com nossa mãe. Dacey foi assassinada.

– O Casamento Vermelho.

– Sim. – Alysane encarou Asha por um momento. – Tenho um filho. Ele tem dois anos. Minha filha tem nove.

– Você começou cedo.

– Bem cedo. Mas melhor assim do que esperar demais.

*Uma cutucada para mim*, Asha pensou, *mas deixe estar*.

– Você é casada.

– Não. Minhas crianças foram geradas por um urso. – Alysane sorriu. Seus dentes eram tortos, mas havia algo insinuante naquele sorriso. – As mulheres Mormont são troca-peles. Nos transformamos em ursas e encontramos parceiros na floresta. Todo mundo sabe.

Asha sorriu de volta.

– As mulheres Mormont são todas lutadoras também.

O sorriso da outra mulher desapareceu.

– Somos o que vocês fizeram de nós. Na Ilha dos Ursos, toda criança aprende a temer as lulas gigantes levantando-se do mar.

*O Antigo Costume*. Asha se afastou, com as correntes tilintando suavemente.

No terceiro dia, a floresta se comprimia em volta deles, e as estradas esburacadas diminuíram para trilhas de caça que logo se mostraram ser estreitas demais para seus largos carroções. Aqui e ali, o caminho os levava por marcos familiares: uma colina pedregosa que parecia uma

cabeça de lobo quando vista de certo ângulo, uma queda d'água semicongelada, um arco de pedra natural barbado com musgo cinza-esverdeado. Asha conhecia todos eles. Fizera esse caminho antes, cavalgando até Winterfell para persuadir seu irmão Theon a abandonar sua conquista e retornar com ela em segurança para Bosque Profundo. *Falhei nisso também.*

Naquele dia, fizeram vinte e dois quilômetros, e ficaram felizes com isso.

Quando o anoitecer caiu, o carroceiro empurrou o carroção para baixo das árvores. Enquanto ele soltava os cavalos, Sor Justin foi até lá e tirou os grilhões dos tornozelos de Asha. Ele e a Mulher-Ursa a escoltaram pelo acampamento, até a tenda do rei. Ela podia ser uma cativa, mas ainda era uma Greyjoy de Pyke, e Stannis Baratheon ficava satisfeito em alimentá-la com restos de sua própria mesa, onde ceava com seus capitães e comandantes.

O pavilhão do rei era quase tão grande quanto o grande salão de Bosque Profundo, mas havia pouco de grandioso nele, além do tamanho. Suas rígidas paredes de lona amarela estavam muito desbotadas, manchadas com lama e água, e mostravam pontos de mofo. No topo do mastro central estava o estandarte real, dourado, com a cabeça do veado em um coração incandescente. Os senhores sulistas que vieram ao Norte com Stannis circundavam três lados do pavilhão. No quarto, uma fogueira noturna ardia, atacando o céu que escurecia com redemoinhos de fogo.

Uma dúzia de homens partia toras para alimentar as chamas quando Asha chegou mancando com seus carcereiros. *Homens da rainha*. O deus deles era R'hllor, e que deus ciumento ele era. Seu próprio deus, o Deus Afogado das Ilhas de Ferro, era um demônio aos olhos deles, e, se não abraçasse esse Senhor da Luz, ela estaria amaldiçoada e condenada. *Eles me queimariam alegremente entre essas toras e galhos quebrados*. Alguns chegaram a pedir isso durante a audiência dela, depois da batalha na floresta. Stannis recusara.

O rei estava do lado de fora da tenda, encarando a fogueira noturna. *O que ele vê ali? Vitória? Condenação? O rosto de seu deus vermelho e faminto?* Os olhos dele estavam enfiados em covas profundas, sua barba cortada rente não mais do que uma sombra nas bochechas côncavas e no

maxilar ossudo. No entanto, havia poder em seu olhar, uma ferocidade de ferro que dizia a Asha que esse homem nunca, jamais voltaria atrás em seu curso.

Ela se ajoelhou diante dele.

– Majestade. – *Sou humilde o suficiente para você, Vossa Graça? Estou batida, curvada e quebrada o suficiente para seu gosto?* – Tire estas correntes dos meus pulsos, eu lhe imploro. Deixe-me cavalgar. Não tentarei nenhuma fuga.

Stannis olhou para ela como se estivesse olhando um cão que tentava montar em sua perna.

– Você mereceu esses ferros.

– Mereci. Agora ofereço a você meus homens, meus navios, meu juízo.

– Seus navios são meus, ou serão queimados. Seus homens... quantos sobraram? Dez? Doze?

*Nove. Seis, se considerar apenas aqueles com força suficiente para lutar*.

– Dagmer Boca Fendida mantém Praça Torrhen. Um combatente feroz e um servo leal da Casa Greyjoy. Posso entregar aquele castelo para você, e sua guarnição também. – *Talvez*, ela poderia ter completado, mas não serviria à sua causa mostrar dúvidas diante desse rei.

– Praça Torrhen não vale a lama sob meus calcanhares. É Winterfell que importa.

– Tire-me destes ferros e deixe-me ajudá-lo a pegá-lo, Majestade. O irmão real de Vossa Graça era famoso por transformar inimigos caídos em amigos. Faça-me seu homem.

– Os deuses não a fizeram um homem. Como eu o farei? – Stannis se virou para a fogueira noturna e para o que quer que visse dançando entre as chamas alaranjadas.

Sor Justin Massey agarrou Asha pelo braço e a empurrou para dentro da tenda real.

– Isso foi um erro, minha senhora – disse para ela. – Nunca fale de Robert para ele.

*Eu deveria saber*. Asha sabia como era com irmãos mais jovens. Lembrava-se de Theon quando menino, uma criança tímida que vivia com temor e medo de Rodrik e Maron. *Eles nunca escapam disso*, ela percebeu. *Um irmão mais jovem pode viver cem anos, mas sempre será*

*um irmão mais jovem.* Sacudiu as joias de ferro e imaginou como seria agradável ficar atrás de Stannis e esganá-lo com as correntes que prendiam seus pulsos.

Naquela noite, jantaram um ensopado de carne de caça, feito com um cervo magricela que um batedor chamado Benjicot Branch trouxera. Mas apenas na tenda real. Além daquelas paredes de lona, cada homem ganhou um naco de pão e um pedaço de linguiça preta não maior do que um dedo da mão, empurrado para baixo com a última cerveja de Galbart Glover.

Quinhentos e cinquenta quilômetros de Bosque Profundo até Winterfell. Menos de quinhentos quilômetros no voo de um corvo.

– Queria que fôssemos corvos – disse Justin Massey no quarto dia de marcha, o dia em que começou a cair neve. Apenas algumas pequenas rajadas, no começo. Frias e molhadas, mas nada que os impedisse de avançar facilmente.

Mas nevou novamente no dia seguinte, e no próximo, e no dia depois desse. As grossas barbas dos lobos logo estavam cobertas de gelo onde suas respirações congelavam, e cada garoto barbeado sulista começou a deixar o bigode crescer para manter o rosto aquecido. Em pouco tempo, o campo à frente da coluna ficou coberto de branco, escondendo pedras, raízes retorcidas e quedas mortais, transformando cada passo em uma aventura. O vento os apanhava também, trazendo a neve consigo. A tropa do rei tornou-se uma coluna de homens de neve, cambaleando através de montes de neve na altura dos joelhos.

No terceiro dia de neve, a tropa do rei começou a se desfazer. Enquanto os cavaleiros e fidalgotes sulistas lutavam, os homens das montanhas do Norte saíam-se melhor. Os garranos eram animais de patas firmes, que comiam menos que os palafréns e muito menos do que os grandes corcéis de guerra, e os homens que os cavalgavam estavam em casa na neve. Muitos dos lobos usavam calçados curiosos. Patas de urso, eles os chamavam, estranhas coisas alongadas, feitas com madeiras dobradas e tiras de couro. Amarradas na base de suas botas, as coisas, de algum modo, permitiam que andassem sobre a neve sem quebrar a crosta e afundar até as coxas.

Alguns tinham patas de urso para os cavalos, também, e os pequenos garranos peludos as usavam com a mesma facilidade que outras

montarias usavam ferraduras... mas os palafréns e os corcéis não queriam fazer parte disso. Quando alguns dos cavaleiros do rei tentaram amarrar as tais patas de urso em seus animais, os grandes cavalos sulistas empacaram e se recusaram a andar, ou tentaram arrancar as coisas das patas. Um corcel quebrou um tornozelo tentando caminhar com aquilo.

Os nortenhos com suas patas de urso logo começaram a se distanciar do restante da tropa. Ultrapassaram os cavaleiros na coluna principal, e então Sor Godry Farring e sua vanguarda. Enquanto isso, os carroções e carroças do comboio de bagagem ficavam mais e mais para trás, tanto que os homens da retaguarda estavam constantemente instando-os a irem mais rápido.

No quinto dia da tempestade, o comboio de bagagem cruzou uma extensão ondulante de montes de neve que chegavam à altura da cintura e escondiam um lago congelado. Quando o gelo oculto rachou sob o peso dos carroções, três carroceiros e quatro cavalos foram engolidos pela água congelante, juntamente com dois dos homens que tentaram resgatá-los. Um era Harwood Fell. Os cavaleiros o puxaram antes que se afogasse, mas não antes que seus lábios estivessem azuis e sua pele, pálida como leite. Nada que fizeram parecia aquecê-lo depois disso. Ele tremeu violentamente por horas, mesmo quando arrancaram suas roupas encharcadas, enrolaram-no em peles quentes e o sentaram ao lado do fogo. Naquela mesma noite, ele deslizou para um sono febril. Nunca acordou.

Foi nessa noite que Asha ouviu pela primeira vez os homens da rainha sussurrarem sobre um sacrifício; uma oferenda para seu deus vermelho, então ele poderia parar a tempestade.

– Os deuses do Norte desencadearam esta tempestade sobre nós – disse Sor Corliss Penny.

– Falsos deuses – insistiu Sor Godry, o Matador de Gigante.

– R'hllor está conosco – disse Sor Clayton Suggs.

– Mas Melisandre não está – disse Justin Massey.

O rei não disse nada. Mas ouviu. Asha tinha certeza disso. Estava sentado na mesa principal com um prato de sopa de cebola esfriando diante dele, quase intacto, encarando a chama da vela mais próxima com aqueles olhos encobertos, ignorando a conversa ao seu redor. O segundo

em comando, o cavaleiro alto e magro chamado Richard Horpe falou por ele:

– A tempestade deve parar logo – declarou.

Mas a tempestade só piorou. O vento tornou-se um açoite tão cruel quanto o chicote de qualquer senhor de escravos. Asha achava que conhecia frio em Pyke, quando o vento chegava uivando do mar, mas aquilo não era nada comparado a isso. *Este é um frio que enlouquece os homens*.

Mesmo quando paravam para acampar à noite, não era fácil se aquecer. As tendas estavam úmidas e pesadas, difíceis de ser erguidas, mais difíceis ainda de ser presas ao chão, e propensas ao súbito colapso pelo tanto de neve acumulado sobre elas. A tropa do rei se arrastava pela maior floresta dos Sete Reinos e, mesmo assim, era difícil encontrar madeira seca. Cada acampamento tinha menos fogueiras queimando, e aquelas que eram acesas produziam mais fumaça do que calor. Frequentemente se comia a comida fria, ou mesmo crua.

Até a fogueira noturna ficava menor e mais fraca, para desespero dos homens da rainha.

– *Senhor da Luz, preserve-nos deste mal* – rezavam, liderados pela voz profunda de Sor Godry, o Matador de Gigante. – *Mostre-nos seu brilhante sol novamente, detenha estes ventos e derreta esta neve, para que possamos alcançar nossos inimigos e feri-los. A noite é escura, fria e cheia de terrores, mas são seus o poder, a glória e a luz. R'hllor, encha-nos com seu fogo.*

Mais tarde, quando Sor Corliss Penny se perguntou em voz alta se alguma vez um exército inteiro já congelara até a morte em uma tempestade de inverno, os lobos riram.

– Isso não é inverno – declarou Grande Balde Wull. – Lá nas montanhas, dizemos que o outono beija você, mas o inverno o fode vigorosamente. Isto é apenas um beijo de outono.

*Deus, garanta que eu nunca conheça o verdadeiro inverno, então*. A própria Asha fora poupada do pior; era o prêmio do rei, no fim das contas. Enquanto outros ficavam com fome, era alimentada. Enquanto outros tremiam, estava aquecida. Enquanto outros lutavam para atravessar a neve em cavalos cansados, viajava em uma cama de peles

dentro de um carroção, com um teto de lona esticada para manter a neve afastada, confortável em suas correntes.

Os cavalos e os homens comuns tinham mais dificuldades. Dois escudeiros de Ponta Tempestade esfaquearam um homem em armas até a morte em uma disputa sobre quem se sentaria mais perto do fogo. Na noite seguinte, alguns arqueiros, desesperados para se aquecer de alguma maneira, acabaram colocando fogo na própria tenda, o que, ao menos, teve a vantagem de aquecer as tendas ao lado. Corcéis começaram a perecer de exaustão e exposição ao mau tempo.

– O que é um cavaleiro sem um cavalo? – os homens faziam adivinhas. – Um homem de neve com uma espada. – Qualquer cavalo que viesse abaixo era destroçado no mesmo lugar, pela carne. Suas provisões começavam a diminuir também.

Peasebury, Cobb, Foxglove e outros senhores sulistas pediram ao rei para acampar até que a tempestade passasse. Stannis não queria nada daquilo. Nem atenderia aos homens da rainha quando esses vieram pedir para fazer uma oferenda ao seu faminto deus vermelho.

Ela ouvira aquela história de Justin Massey, que era menos devoto do que a maioria.

– Um sacrifício provará que nossa fé ainda arde verdadeira, Majestade – Clayton Suggs disse para o rei. E Godry, o Matador de Gigante, completou:

– Os velhos deuses do Norte mandaram esta tempestade sobre nós. Apenas R'hllor pode pará-la. Devemos dar um descrente para ele.

– Metade do meu exército é feito de descrentes – Stannis respondeu. – Não queimaremos ninguém. Rezem mais.

*Ninguém queimado hoje, nem amanhã... mas, se a neve continuar, quanto tempo até que a resolução do rei comece a enfraquecer?* Asha nunca partilhara a fé de seu tio Aeron no Deus Afogado, mas, naquela noite, orou mais fervorosamente Àquele que Habita Sob as Ondas do que Cabelo-Molhado jamais o fizera. A tempestade não parou. A marcha continuou, reduzindo seu ritmo para um cambaleio, então para um rastejo. Oito quilômetros era um bom dia. Então cinco. Então três.

No nono dia da tempestade, todo acampamento viu os capitães e comandantes entrando na tenda do rei, molhados e cansados, para afundar sobre um joelho e reportar suas perdas do dia.

– Um homem morto, três perdidos.

– Seis cavalos perdidos, um deles o meu.

– Dois homens mortos, um deles um cavaleiro. Quatro cavalos caídos. Levantamos um novamente. Os outros estavam perdidos. Corcéis e um palafrém.

*A contagem do frio*, Asha ouvira-os falar. O comboio de bagagem sofrera ainda mais, cavalos mortos, homens perdidos, carroções virados e quebrados.

– Os cavalos afundam na neve – Justin Massey contou ao rei. – Homens vagueiam por aí, ou simplesmente se sentam para morrer.

– Deixe-os – o Rei Stannis estourou. – Vamos em frente.

Os nortenhos se saíam muito melhor, com seus garranos e suas patas de urso. Donnel Negro Flint e seu meio-irmão Artos haviam perdido apenas um de seus homens. Os Liddle, os Wull e os Norrey não perderam nenhum. Uma das mulas de Morgan Liddle havia se extraviado, mas ele parecia pensar que os Flint a roubaram.

Quinhentos e cinquenta quilômetros de Bosque Profundo a Winterfell. Menos de quinhentos quilômetros em um voo de corvo. Quinze dias. O décimo quinto dia de marcha veio e se foi, e haviam cruzado menos da metade do caminho. Um rastro de carroções quebrados e cadáveres congelados, enterrados sob a neve que soprava, se estendia atrás deles. O sol, a lua e as estrelas tinham ficado tão distantes que Asha começava a se perguntar se havia sonhado com eles.

Era o vigésimo dia de avanço quando ela finalmente conseguiu se ver livre das correntes de seu tornozelo. Naquela tarde, um dos cavalos que puxava seu carroção morreu. Não foi possível encontrar substituto; os cavalos de lida que sobravam eram necessários para puxar as carroças com comida e forragem. Quando Sor Justin Massey cavalgou até eles, ordenou que destroçassem o cavalo pela carne, e quebrassem o carroção para fazer lenha. Então removeu os grilhões dos tornozelos de Asha, esfregando a rigidez das panturrilhas.

– Não tenho montaria para lhe dar, minha senhora – ele disse –, e se tentássemos cavalgar em dupla, seria o fim do meu cavalo também. Você deve caminhar.

O tornozelo de Asha latejava sob seu peso a cada passo. *O frio vai entorpecê-lo em breve*, disse para si mesma. *Em uma hora, não sentirei*

*meus pés*. Estava apenas parcialmente errada; levou menos tempo que isso. Quando a escuridão caiu sobre a coluna, ela estava cambaleando e ansiava pelo conforto de sua prisão móvel. *Os ferros me deixaram fraca*. Estava tão exausta na ceia, que adormeceu na mesa.

No vigésimo sexto dia da marcha de quinze dias, os últimos vegetais foram consumidos. No trigésimo segundo dia, os últimos grãos e o restante da forragem. Asha se perguntava quanto tempo um homem poderia viver de carne crua e semicongelada de cavalo.

– Branch jura que estamos apenas a três dias de Winterfell – Sor Richard Horpe contou para o rei naquela noite, após a contagem do frio.

– *Se* deixarmos os homens mais fracos para trás – disse Corliss Penny.

– Os homens mais fracos estão além da salvação – insistiu Horpe. – Aqueles que ainda têm força suficiente devem alcançar Winterfell, ou morrer também.

– O Senhor da Luz nos entregará o castelo – disse Sor Godry Farring. – Se a Senhora Melisandre estivesse conosco...

Finalmente, após um dia de pesadelo, quando a coluna avançou um quilômetro e meio e perdeu uma dúzia de cavalos e quatro homens, Lorde Peasebury se virou contra os nortenhos.

– Esta marcha é uma loucura. Mais homens morrem a cada dia, e para quê? Por uma garota?

– A garota de Ned – disse Morgan Liddle. Ele era o segundo de três filhos, então os lobos o chamavam de Liddle do Meio, embora muitas vezes não em sua presença. Fora Morgan quem quase matara Asha na batalha em Bosque Profundo. Viera até ela mais tarde, já durante a marcha, para pedir-lhe perdão... por tê-la chamado de *boceta* no ímpeto da batalha, não por tentar arrancar sua cabeça com um machado.

– A garota de Ned – repetiu Grande Balde Wull. – E já a teríamos, e o castelo, se vocês, sulistas empinados e arrogantes, não mijassem em seus calções de cetim por causa de um pouco de neve.

– Um *pouco* de neve? – a suave boca feminina de Peasebury se torceu em fúria. – Seu péssimo conselho nos forçou a esta marcha, Wull. Começo a suspeitar que você tem sido uma criatura de Bolton todo o tempo. Essa é a razão disso? Ele enviou você para sussurrar venenos no ouvido do rei?

Grande Balde riu na cara dele.

– Lorde Vagem de Ervilha. Se você fosse homem, eu o mataria por isso, mas minha espada é feita de um aço muito bom para manchar no sangue de um covarde. – Tomou um gole de cerveja e limpou a boca. – Sim, homens estão morrendo. Mais ainda morrerão antes que cheguemos a Winterfell. E daí? Isto é guerra. Homens morrem na guerra. É assim que deve ser. É assim que sempre foi.

Sor Corliss Penny deu um olhar incrédulo para o chefe do clã.

– Você quer morrer, Wull?

Aquilo pareceu divertir o nortenho.

– Quero viver para sempre em uma terra onde o verão dure mil anos. Quero um castelo nas nuvens de onde possa ver o mundo todo. Quero ter vinte e seis de novo. Quando eu tinha vinte e seis, podia lutar o dia todo e foder a noite inteira. O que os homens querem não importa. O inverno está quase sobre nós, rapaz. E o inverno é a morte. Eu prefiro que meus homens morram lutando pela garotinha de Ned do que sozinhos e famintos na neve, chorando lágrimas que vão congelar em suas bochechas. Ninguém canta canções sobre homens que morrem assim. Quanto a mim, estou velho. Este será meu último inverno. Deixe que me banhe em sangue Bolton antes de morrer. Quero senti-lo espirrar em meu rosto quando enterrar meu machado em um crânio Bolton. Quero lamber o sangue dele de meus lábios e morrer com o gosto na boca.

– *Sim!* – gritou Morgan Liddle. – *Sangue e luta!* – Então todos os homens das montanhas estavam gritando, batendo suas taças e bebendo em chifres na mesa, enchendo a tenda do rei com o repique.

Asha Greyjoy também teria apreciado uma luta. *Uma batalha, para pôr fim a esta miséria. Aço contra aço, neve rosada, escudos quebrados e membros decepados, e tudo estaria acabado.*

No dia seguinte, os batedores do rei chegaram a uma vila de arrendatários abandonada, entre dois lagos; um lugar insignificante e pobre, não mais do que algumas choupanas, um salão e uma torre de vigia. Richard Horpe ordenou uma parada, embora o exército não tivesse avançado nem um quilômetro naquele dia, e ainda restassem horas até escurecer. A lua já havia nascido quando o comboio de bagagem e a retaguarda chegaram. Asha estava entre eles.

– Há peixes nestes lagos – Horpe disse para o rei. – Cortaremos buracos no gelo. Os nortenhos nos ensinarão como fazer.

Mesmo em sua volumosa capa de peles e pesada armadura, Stannis parecia um homem com um pé na cova. A pouca carne que levava sobre seu esqueleto alto e magro em Bosque Profundo derretera durante a marcha. O formato de seu crânio podia ser visto sob a pele, e sua mandíbula estava tão travada que Asha temia que seus dentes quebrassem.

– Peixe, então – disse, marcando cada palavra com um piscar de olhos. – Mas marcharemos na primeira luz.

No entanto, quando a luz chegou, o acampamento acordou com neve e silêncio.

O céu mudou de negro para branco, e não parecia mais brilhante. Asha Greyjoy acordou com câimbras e com frio sob a pilha de peles para dormir, ouvindo a Mulher-Ursa roncar. Nunca conhecera uma mulher que roncasse tão alto, mas acostumara-se durante a marcha e até sentia algum conforto nisso agora. Era o silêncio que a incomodava. Nenhuma trombeta para erguer os homens para montar, formar coluna, preparar-se para a marcha. Nenhum berrante de guerra para convocar os nortenhos. *Alguma coisa está errada*.

Asha se arrastou para fora de suas peles de dormir e abriu caminho para fora, jogando de lado a parede de neve que selara a tenda durante a noite. Seus ferros chocalhavam enquanto ficava em pé e respirava o ar gelado da manhã. A neve caía, ainda mais pesadamente do que quando se arrastara para dentro da tenda. Os lagos haviam desaparecido, a floresta também. Ela podia ver as formas das outras tendas e barracas e o difuso brilho alaranjado do farol no topo da torre de observação, mas não a torre em si. A tempestade engolira o resto.

Em algum lugar adiante, Roose Bolton esperava por eles atrás das muralhas de Winterfell, mas as tropas de Stannis Baratheon imobilizavam-se, presas pela neve, cercadas por gelo e neve e morrendo de fome.

# Daenerys

A vela estava quase no fim. Restavam menos de dois centímetros, projetando-se de uma piscina de cera morna derretida para lançar sua luz sobre a cama da rainha. A chama começou a tremular.

*Não durará muito tempo*, Dany percebeu, *e, quando se apagar, outra noite terá terminado*.

O amanhecer sempre chegava rápido demais.

Ela não dormira, não podia dormir, não devia dormir. Nem ousava fechar os olhos, com medo de que fosse manhã quando os abrisse novamente. Se tivesse poder para tanto, teria feito as noites durarem para sempre, mas o melhor que podia fazer era ficar acordada e tentar saborear cada último doce momento, antes que o nascer do dia transformasse tudo em não mais do que memórias se desvanecendo.

Ao seu lado, Daario Naharis dormia tão tranquilamente quanto um bebê recém-nascido. Ele tinha dom para dormir, gabava-se, sorrindo daquela sua maneira presunçosa. No campo, podia dormir sobre a sela, afirmava, dessa forma estava bem descansado se tivesse de enfrentar uma batalha. Sol ou tempestade, não importava.

– Um guerreiro que não pode dormir logo, não tem força para lutar – dizia. Nunca era angustiado por pesadelos, tampouco. Quando Dany contou para ele como Serwyn do Escudo Espelhado era assombrado pelos fantasmas de todos os cavaleiros que matara, Daario apenas riu. – Se os que matei vierem me amolar, mato todos eles novamente. – *Ele tem a consciência de um mercenário*, ela percebeu. *O que é o mesmo que dizer nenhuma.*

Daario estava deitado de bruços, as leves cobertas de linho emaranhadas em suas longas pernas, o rosto semienterrado nos travesseiros.

Dany correu a mão pelas costas dele, traçando a linha de sua coluna. Sua pele era suave ao toque, quase sem pelos. *A pele dele é seda e cetim*. Ela amava senti-la sob os dedos. Amava correr os dedos entre os cabelos dele, massagear a dor de suas panturrilhas após um longo dia na sela, segurar seu pau entre as mãos e senti-lo endurecer contra suas palmas.

Se tivesse sido uma mulher comum, teria alegremente passado a vida inteira tocando Daario, traçando o caminho de suas cicatrizes e fazendo-o contar como conseguira cada uma delas. *Desistiria da minha coroa se ele me pedisse*, Dany pensou... mas ele não pedira, nem pediria. Daario podia sussurrar palavras de amor quando os dois eram apenas um, mas ela sabia que era a rainha dragão que ele amava. *Se eu desistir da minha coroa, ele não vai me querer.* Além disso, reis que perdiam a coroa frequentemente perdiam a cabeça também, e ela não via razão para ser diferente com rainha.

A vela tremulou uma última vez e morreu, afogada em sua própria cera. A escuridão engoliu o colchão de penas e seus dois ocupantes e encheu cada canto do quarto. Dany enrolou os braços em volta de seu capitão e pressionou seu corpo contra as costas dele. Bebeu o cheiro dele, saboreando o calor de sua carne, a sensação de sua pele contra a dela. *Lembre-se*, disse para si mesma. *Lembre-se como é*. Beijou-o no ombro.

Daario rolou na direção dela, de olhos abertos.

– Daenerys – sorriu um sorriso preguiçoso. Esse era outro de seus talentos; ele despertava de uma vez, como um gato. – Já amanheceu?

– Ainda não. Temos alguns momentos ainda.

– Mentirosa. Posso ver seus olhos. Eu conseguiria fazer isso se fosse a escuridão da noite? – Daario chutou as cobertas e sentou. – A meia-luz. O dia chega logo.

– Não quero que esta noite termine.

– Não? E por que isso, minha rainha?

– Você sabe.

– O casamento? – Ele riu. – Case-se comigo, em vez disso.

– Você sabe que não posso fazer isso.

– Você é a rainha. Pode fazer o que quiser. – Ele deslizou a mão pela perna dela. – Quantas noites ainda nos restam?

*Duas. Somente duas.*

– Você sabe tão bem quanto eu. Esta noite e a próxima, e temos que acabar com isto.

– Case-se comigo, e teremos todas as noites para sempre.

*Se pudesse, casaria*. Khal Drogo fora seu sol-e-estrelas, mas estava morto havia tanto tempo que Daenerys quase se esquecera como era amar e se sentir amada. Daario a ajudara a se lembrar. *Eu estava morta, e ele me trouxe de volta à vida. Estava adormecida e ele me acordou. Meu bravo capitão.* Mesmo assim, ultimamente ele ficara mais ousado. No dia em que voltara de sua última incursão, jogara a cabeça de um senhor yunkaíta aos pés dela e a beijara no salão, para que todo o mundo pudesse ver, até que Barristan Selmy puxou-os para separá-los. Sor Vovô ficara tão irado que Dany temeu que sangue fosse derramado.

– Não podemos nos casar, meu amor. Você sabe por quê.

Ele saiu da cama.

– Case-se com Hizdahr, então. Darei a ele um belo par de chifres como presente de casamento. Homens ghiscaris gostam de se pavonear com chifres. Fazem seus próprios cornos com o cabelo, com pentes, ceras e ferros. – Daario encontrou seus calções e vestiu-os. Não se incomodava com roupas íntimas.

– Uma vez que eu esteja casada, será alta traição me desejar. – Dany puxou a coberta sobre os seios.

– Então devo ser um traidor. – Ele deslizou uma túnica de seda azul sobre a cabeça e ajeitou as pontas da barba com os dedos. Ele as tingira novamente para ela, passando do púrpura para o azul, que era a cor que usava quando se conheceram. – Estou com seu cheiro – ele disse, cheirando os dedos e sorrindo.

Dany amava o jeito que seu dente de ouro brilhava quando ele sorria. Amava os pelos finos de seu peito. Amava a força de seus braços, o som de sua risada, o jeito que ele sempre olhava em seus olhos e dizia seu nome quando deslizava o pau para dentro dela.

– Você é lindo – ela desabafou, enquanto o observava colocar as botas de montaria e amarrá-las. Alguns dias, ele a deixava fazer isso para ele, mas não hoje, ao que parecia. *Isto está acabado também.*

– Não lindo o suficiente para casar. – Daario pegou o cinturão da espada do gancho em que o pendurara.

– Aonde está indo?

– Dar uma volta em sua cidade – disse –, tomar um barril ou dois e arrumar uma briga. Faz muito tempo desde que matei um homem. Talvez eu deva procurar seu noivo.

Dany jogou um travesseiro nele.

– Deixe Hizdahr em paz!

– Como minha rainha ordenar. Dará audiências hoje?

– Não. Amanhã serei uma mulher casada, e Hizdahr será rei. Deixe *ele* comandar as audiências. Este é o povo dele.

– Alguns são dele, alguns são seus. Os que você libertou.

– Você está me repreendendo?

– Aqueles que você chama de filhos. Eles querem a mãe deles.

– Você está... está me *repreendendo*.

– Só um pouco, coração resplandecente. Você concederá audiências?

– Após meu casamento, talvez. Depois da paz.

– Esse *depois* que você fala nunca vem. Você deveria conceder audiências. Meus novos homens não acreditam que você é real. Aqueles que vieram dos Soprados pelo Vento. Nascidos e criados em Westeros, a maioria deles, cheios de histórias sobre os Targaryen. Querem ver uma com os próprios olhos. O Sapo tem um presente para você.

– O Sapo? – ela disse, rindo. – E quem é ele?

Ele deu de ombros.

– Um rapaz dornense. É escudeiro de um grande cavaleiro que chamam de Tripaverde. Eu disse que ele podia me dar o presente, que eu o entregaria, mas ele não quis.

– Oh, um sapo esperto. *Dê o presente para mim.* – Ela jogou outro travesseiro nele. – Alguma vez eu o teria visto?

Daario acariciou seu bigode dourado.

– E eu roubaria da minha doce rainha? Se fosse um presente digno de você, eu mesmo o teria colocado em suas mãos macias.

– Como uma prova do seu amor?

– Como, não vou dizer, mas eu lhe disse que ele poderia entregar a você. Você não vai fazer de Daario Naharis um mentiroso, não é?

Dany foi incapaz de recusar.

– Como quiser. Traga seu sapo à corte amanhã. Os outros também. Os westerosis. – Seria bom ouvir a Língua Comum de alguém além de Sor Barristan.

– Como minha rainha ordenar. – Daario curvou-se profundamente, sorriu e saiu, a capa rodopiando atrás dele.

Dany sentou-se entre as roupas de cama amarrotadas, com os braços em torno do joelho, tão desamparada que não ouviu quando Missandei chegou com seu pão, leite e figos.

– Vossa Graça? Está doente? Na escuridão da noite, esta uma a escutou gritar.

Dany pegou um figo. Estava negro, gordo e ainda úmido de orvalho. *Alguma vez Hizdahr me fará gritar?*

– Foi o vento que você ouviu gritar. – Ela deu uma mordida, mas a fruta perdera o sabor, agora que Daario se fora. Suspirando, levantou-se, pediu um roupão para Irri e foi perambular no terraço.

Seus inimigos estavam prestes a vir sobre ela. Nunca havia menos de uma dúzia de navios se preparando na costa. Alguns dias eram mais de cem, com soldados desembarcando. Os yunkaítas ainda estavam trazendo madeira do mar. Atrás de suas trincheiras, construíam catapultas, escorpiões, trabucos altos. Até mesmo à noite ela podia ouvir os martelos soando pelo ar seco e quente. *Nenhuma torre de cerco, no entanto. Nenhum aríete*. Eles não tentariam tomar Meereen pela força. Esperariam atrás das linhas do cerco, atirando pedras nela até que a fome e a doença deixassem seu povo de joelhos.

Hizdahr me trará paz. Ele deve.

Naquela noite, seus cozinheiros assaram um cabrito com tâmaras e cenouras, mas Dany apenas provou-o. A perspectiva de mais um enfrentamento com Meereen a deixou se sentindo cansada. O sono veio com dificuldade, mesmo quando Daario veio, tão bêbado que mal conseguia parar em pé. Sob as cobertas, ela se jogava e se virava, sonhando que Hizdahr a estava beijando... mas seus lábios estavam azuis e feridos, e quando ele se enfiou dentro dela, sua masculinidade era fria como gelo. Ela se sentou, os cabelos desgrenhados e as roupas de cama emaranhadas. Seu capitão dormia ao seu lado e, mesmo assim, ela estava sozinha. Queria sacudi-lo, acordá-lo, fazê-lo abraçá-la, fodê-la, ajudá-la a esquecer, mas sabia que, se fizesse isso, ele apenas sorriria, daria um bocejo e diria:

– Foi apenas um sonho, minha rainha. Volte a dormir.

Em vez disso, ela se enfiou em um roupão com capuz e caminhou até o terraço. Foi até o parapeito e ficou olhando a cidade como fizera uma centena de vezes antes. *Nunca será minha cidade. Nunca será minha casa*.

A luz clara e rosada da manhã a encontrou ainda no terraço, adormecida sobre a relva, embaixo de um cobertor fino de orvalho.

– Prometi a Daario que concederia audiência hoje – Daenerys disse para suas aias, quando elas a acordaram. – Ajudem-me a encontrar minha coroa. Oh, e algumas roupas para vestir, algo leve e fresco.

Ela desceu uma hora mais tarde.

– *Todos de joelhos para Daenerys Nascida da Tormenta, a Não Queimada, Rainha de Meereen, Rainha dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens,* Khaleesi *do Grande Mar de Grama, Rompedora de Correntes e Mãe de Dragões* – Missandei aclamou.

Reznak mo Reznak curvou-se e sorriu.

– Magnificência, a cada dia fica mais bonita. Acho que a perspectiva do casamento lhe trouxe um brilho. Oh, minha reluzente rainha!

Dany suspirou.

– Convoque o primeiro requerente.

Fazia tanto tempo que concedera a última audiência que a quantidade de casos era quase esmagadora. O fundo do salão estava lotado de gente, e os conflitos estouravam sem precedentes. Inevitavelmente, foi Galazza Galare quem se adiantou, a cabeça erguida, o rosto escondido por um brilhante véu verde.

– Vossa Iluminada, seria melhor se falássemos em particular.

– Se eu tivesse tempo – Dany falou docemente. – Vou me casar amanhã. – Seu último encontro com a Graça Verde não acabara bem. – O que tem para mim?

– Gostaria de falar sobre a presunção de certo capitão mercenário.

*Ela ousa dizer isso no meio da corte?* Dany sentiu uma explosão de raiva. *Ela tem coragem, garanto, mas se acha que levarei outra repreensão, não pode estar mais enganada.*

– A traição de Ben Mulato Plumm chocou a todos nós – disse –, mas seus avisos chegaram tarde demais. E, agora, sei que você quer retornar ao seu templo para orar pela paz.

A Graça Verde se curvou.

– Rezarei por você também.

*Outro tapa*, pensou Dany, a cor subindo ao seu rosto.

O resto foi o tédio que a rainha conhecia bem. Sentou-se sobre as almofadas, ouvindo, um pé balançando com impaciência. Jhiqui trouxe um prato com figos e presunto ao meio-dia. Os requerentes pareciam não ter fim. A cada dois que ela mandava embora sorrindo, um partia com os olhos vermelhos ou resmungando.

Era quase pôr do sol quando Daario Naharis apareceu com seus novos Corvos Tormentosos, os westerosis que vieram dos Soprados pelo Vento. Dany se pegou olhando para eles enquanto outro requerente falava e falava. *Esses são meu povo. Sou a legítima rainha deles*. Parecia um bando desalinhado, mas era o que se podia esperar de mercenários. O mais jovem não devia ser nem um ano mais velho do que ela; o mais velho devia ter visto sessenta dias de seu nome. Alguns mostravam sinais de riqueza: pulseiras de ouro, túnicas de seda, cinturões de espada cravejados com prata. *Pilhagem*. Para a maior parte, suas roupas eram claramente feitas por eles mesmos e mostravam sinais de terem sido muito usadas.

Quando Daario os trouxe adiante, ela viu que entre eles havia uma mulher, grande, loira e toda em cota de malha.

– Bela Meris – seu capitão a chamou, embora bela fosse a última coisa da qual Dany a chamaria. Ela tinha quase um metro e oitenta e não tinha orelhas, com um nariz rachado, profundas cicatrizes nas bochechas e os olhos mais frios que a rainha já vira. Quanto aos demais...

Hugh Vaudefome era magro e sombrio, pernas longas, rosto comprido, vestido com elegância desbotada. Webber era baixo e musculoso, com aranhas tatuadas na cabeça, peito e braços. Orson Stone, de rosto vermelho, afirmava ser um cavaleiro, assim como o esguio Lúcifer Long. Will da Mata sorriu para ela, mesmo enquanto se ajoelhava. Pau Fino tinha olhos azuis, cabelo branco como linho e um sorriso perturbador. O rosto de Jack Ruivo estava escondido atrás de uma eriçada barba laranja, e seu discurso era quase ininteligível.

– Ele mordeu metade da língua em sua primeira batalha – Vaudefome explicou para ela.

Os dornenses pareciam diferentes.

– Se agradar Vossa Graça – disse Daario –, estes três são Tripaverde, Gerrold e Sapo.

Tripaverde era imenso e careca como uma rocha, com braços grossos o suficiente para rivalizar com Belwas, o Forte. Gerrold era um jovem alto e magro, com riscos de sol em seu cabelo e sorridentes olhos azul-esverdeados. *Este sorriso já ganhou o coração de muitas donzelas, aposto*. Sua capa era feita de uma suave lã marrom forrada de crepe de seda, uma roupa agradável.

Sapo, o escudeiro, era o mais jovem dos três e o menos impressionante, um rapaz solene e atarracado, com cabelo e olhos castanhos. Seu rosto era quadrado, com uma testa alta, mandíbula pesada e um nariz largo. Os pelos crescendo em suas bochechas e no queixo o faziam parecer um garoto tentando cultivar a primeira barba. Dany não tinha ideia porque alguém o chamaria de Sapo. *Talvez ele salte mais longe que os outros*.

– Vocês podem se levantar – ela disse. – Daario me falou que vocês vêm de Dorne. Os dornenses são sempre bem-vindos à minha corte. Lançassolar permaneceu fiel ao meu pai quando o Usurpador roubou seu trono. Vocês devem ter enfrentado muitos perigos para chegar até aqui.

– Muitos – disse Gerrold, o bonito com o cabelo ensolarado. – Éramos seis quando deixamos Dorne, Vossa Graça.

– Sinto por suas perdas. – A rainha se virou para o companheiro maior. – Tripaverde é um tipo estranho de nome.

– Uma brincadeira, Vossa Graça. Dos navios. Fiquei enjoado todo o caminho de Volantis. Vomitando e... bem, não deveria dizer.

Dany riu.

– Acho que posso adivinhar, sor. É *sor*, não? Daario me disse que você é um cavaleiro.

– Se for do agrado de Vossa Graça, somos todos os três cavaleiros.

Dany olhou para Daario e viu um lampejo de raiva passando por seu rosto. *Ele não sabia*.

– Preciso de cavaleiros – ela disse.

As suspeitas de Sor Barristan despertaram.

– A cavalaria é facilmente afirmada tão longe de Westeros. Estão preparados para defender o que se vangloriam com a espada ou a lança?

– Se for necessário – disse Gerrold –, embora não possa afirmar que algum de nós se compare a Barristan, o Ousado. Vossa Graça, peço seu perdão, mas viemos à sua presença sob nomes falsos.

– Conheço alguém que fez isso uma vez – disse Dany –, um homem chamado Arstan Barba-Branca. Digam-me seus nomes verdadeiros, então.

– Alegremente... mas, se podemos implorar a indulgência da rainha, há algum lugar com menos olhos e ouvidos?

*Jogos dentro de jogos*.

– Como quiser. Skahaz, esvazie minha corte.

O Cabeça-Raspada rugiu ordens. Suas Bestas de Bronze fizeram o resto, levando os outros westerosis e os demais requerentes do dia para fora do salão. Seus conselheiros permaneceram.

– Agora – disse Dany –, seus nomes.

O belo jovem Gerrold se curvou.

– Sor Gerris Drinkwater, Vossa Graça. Minha espada é sua.

Tripaverde cruzou os braços contra o peito.

– E meu martelo de guerra. Sou Sor Archibald Yronwood.

– E você, sor? – a rainha perguntou ao garoto chamado Sapo.

– Se for do agrado de Vossa Graça, posso oferecer meu presente primeiro?

– Como desejar – Daenerys disse, curiosa, mas, quando Sapo se adiantou, Daario Naharis parou na frente dele e estendeu a mão enluvada:

– Dê este presente para mim.

Impassível, o atarracado rapaz se ajoelhou, desamarrou a bota e tirou um pergaminho amarelado de um compartimento oculto.

– Este é seu presente? Um pedaço de escrita? – Daario arrebatou o pergaminho das mãos do dornense e o desenrolou, olhando os selos e as assinaturas. – Muito bonito, todo o ouro e as fitas, mas não leio seus rabiscos westerosis.

– Entregue para a rainha – Sor Barristan ordenou. – Agora.

Dany podia sentir a raiva no salão.

– Sou apenas uma jovem garota, e jovens garotas devem ter seus presentes – disse, suavemente. – Daario, por favor, não me provoque. Me dê aqui.

O pergaminho estava escrito na Língua Comum. A rainha desenrolou-o lentamente, estudando os selos e as assinaturas. Quando viu o nome de Sor Willem Darry, seu coração bateu um pouco mais rápido. Ela leu uma vez, e então novamente.

– Podemos saber o que diz, Vossa Graça? – perguntou Sor Barristan.

– É um pacto secreto – disse Dany –, feito em Bravos quando eu era apenas uma garotinha. Sor Willem Darry assinou por nós, o homem que tirou meu irmão e a mim de Pedra do Dragão antes que os homens do Usurpador pudessem nos pegar. O Príncipe Oberyn Martell assinou por Dorne, e o Senhor do Mar de Bravos como testemunha. – Ela estendeu o pergaminho para Sor Barristan, para que ele mesmo pudesse ler. – A aliança será selada por um casamento, aí diz. Em troca da ajuda de Dorne para derrubar o Usurpador, meu irmão Viserys tomaria a filha do Príncipe Doran, Arianne, como sua rainha.

O velho cavaleiro leu o pacto lentamente.

– Se Robert soubesse disso, teria esmagado Lançassolar como esmagou Pyke, e exigido as cabeças do Príncipe Doran e da Víbora Vermelha... e, provavelmente, a cabeça dessa princesa dornense também.

– Sem dúvida foi por isso que o Príncipe Doran escolheu manter o pacto secreto – sugeriu Daenerys. – Se meu irmão Viserys tivesse sabido que tinha uma princesa dornense esperando por ele, teria atravessado para Lançassolar assim que tivesse idade para casar.

– E assim traria o martelo de guerra de Robert sobre ele e sobre Dorne – disse Sapo. – Meu pai se contentou em esperar pelo dia em que o Príncipe Viserys formasse seu exército.

– Seu pai?

– O Príncipe Doran. – Ele se apoiou sobre um joelho. – Vossa Graça, tenho a honra de ser Quentyn Martell, um príncipe de Dorne e seu mais leal súdito.

Dany riu.

O príncipe dornense corou, enquanto sua própria corte e conselheiros lhe davam olhares intrigados.

– Iluminada? – disse Skahaz Cabeça-Raspada, na língua ghiscari. – Por que está rindo?

– Eles o chamam *sapo* – ela disse –, e agora descobrimos o porquê. Nos Sete Reinos há contos infantis sobre sapos que se transformam em

príncipe encantado quando beijados por seu amor verdadeiro. – Sorrindo para os cavaleiros dornenses, ela voltou para o Idioma Comum. – Diga-me, Príncipe Quentyn, você é encantado?

– Não, Vossa Graça.

– Eu temia isso. – *Nem encantado, nem encantador, infelizmente. Uma pena que ele é o príncipe, não o de ombros largos e cabelos de areia.* – Você veio por um beijo, no entanto. Pretende se casar comigo. É isso, não? O presente que você me trouxe foi seu doce ser. Em vez de Viserys e sua irmã, eu e você devemos selar este pacto, se eu quiser Dorne.

– Meu pai esperava que você me achasse aceitável.

Daario Naharis deu um sorriso desdenhoso.

– Digo que você é um filhote. A rainha precisa de um homem ao lado dela, não um garoto choramingando. Você não é um marido adequado para uma mulher como ela. Quando passa a língua pelos lábios, ainda sente o gosto do leite de sua mãe?

Sor Gerris Drinkwater ficou sombrio com as palavras dele.

– Meça sua língua, mercenário. Está falando com um príncipe de Dorne.

– E com sua babá, pelo que vejo. – Daario passou o polegar pelo cabo da espada e sorriu perigosamente.

Skahaz fez uma careta, como se só pudesse ficar carrancudo.

– Este garoto pode servir para Dorne, mas Meereen precisa de um rei de sangue ghiscari.

– Conheço essa tal de Dorne – disse Reznak mo Reznak. – Dorne é areia, escorpiões e sombrias montanhas vermelhas assando ao sol.

O Príncipe Quentyn respondeu.

– Dorne são cinquenta mil espadas e lanças, juradas a servir nossa rainha.

– Cinquenta mil? – zombou Daario. – Eu contei três.

– *Basta* – disse Daenerys. – O Príncipe Quentyn atravessou meio mundo para me oferecer seu presente, e não será tratado com descortesia. – Ela se virou para os dornenses. – Gostaria que tivessem chegado há um ano. Estou prometida em casamento ao nobre Hizdahr zo Loraq.

Sor Gerris disse.

– Não é tarde demais...

– Eu julgarei isso – Daenerys falou. – Reznak, assegure-se de que o príncipe e seus companheiros tenham quartos adequados ao seu alto nascimento, e que suas necessidades sejam atendidas.

– Como desejar, Vossa Iluminada.

A rainha se levantou.

– Então terminamos por agora.

Daario e Sor Barristan a seguiram escada acima até seus aposentos.

– Isso muda tudo – disse o velho cavaleiro.

– Isso não muda nada – Dany falou, enquanto Irri tirava sua coroa. – O que há de bom em três homens?

– Três cavaleiros – disse Selmy.

– Três mentirosos – Daario disse, sombrio. – Eles me enganaram.

– E o compraram, também, não duvido. – Ele não se incomodou em negar. Dany desenrolou o pergaminho e o examinou novamente. *Bravos. Isso foi feito em Bravos, quando vivíamos na casa com a porta vermelha*. Por que aquilo a fazia sentir-se tão estranha?

Ela se pegou lembrando de seu pesadelo. *Algumas vezes há verdade nos sonhos*. Poderia Hizdahr zo Loraq estar trabalhando para os magos, era o que o sonho queria dizer? Poderia o sonho ser uma mensagem? Os deuses estavam dizendo para colocar Hizdahr de lado e, em vez disso, casar-se com o príncipe dornense? Algo fez cócegas em sua memória.

– Sor Barristan, quais são as armas da Casa Martell?

– Um sol em seu esplendor, transpassado por uma lança.

*O filho do sol*. Um arrepio a atravessou.

– Sombras e sussurros. – O que mais Quaithe dissera? *A égua descorada e o filho do sol. Havia um leão também, e um dragão. Ou eu sou o dragão?* – Cuidado com o senescal perfumado. – Isso ela se lembrava. – Sonhos e profecias. Por que estão sempre em enigmas? Odeio isso. Oh, deixe-me, sor. Amanhã é o dia do meu casamento.

Naquela noite, Daario a teve de todas as maneiras que um homem pode ter uma mulher, e ela se deu de bom grado. Da última vez, o sol estava se levantando, e ela usou a boca para deixá-lo duro novamente, como Doreah lhe ensinara havia muito tempo, então montou nele tão selvagemente que a ferida dele começou a sangrar de novo e, por um segundo, ela não sabia dizer se ele estava dentro dela ou ela dentro dele.

Mas, quando o sol se ergueu sobre o dia de seu casamento, Daario Naharis também se levantou, vestindo suas roupas e afivelando o cinturão da espada, com sua brilhantes figuras femininas de ouro.

– Aonde está indo? – Dany lhe perguntou. – Eu o proíbo de fazer investidas hoje.

– Minha rainha é cruel – seu capitão disse. – Se não posso matar seus inimigos, como devo me divertir enquanto está se casando?

– Ao cair da noite não terei mais inimigos.

– É somente a aurora, doce rainha. O dia é longo. Tempo suficiente para uma última investida. Trarei a cabeça de Ben Mulato Plumm de presente de casamento.

– Sem cabeças – Dany insistiu. – Uma vez, você me trouxe flores.

– Deixe Hizdahr trazer-lhe flores. Ele não é do tipo que vai se abaixar para colher um dente-de-leão, mas tem servos que ficarão satisfeitos em fazer isso para ele. Tenho sua permissão para ir?

– Não. – Ela queria que ele ficasse e a abraçasse. *Um dia ele partirá e não voltará,* pensou. *Um dia, algum arqueiro enfiará uma flecha em seu peito, ou dez homens cairão sobre ele com lanças, espadas e machados, dez futuros heróis.* Cinco deles morreriam, mas isso não faria sua dor mais fácil de suportar. *Um dia, eu o perderei, como perdi meu sol-e-estrelas. Mas, por favor, deuses, hoje não*. – Volte para a cama e me beije. – Ninguém a beijara como Daario Naharis. – Sou sua rainha e ordeno que me foda.

Ela pretendia fazer uma brincadeira, mas os olhos de Daario se endureceram com suas palavras.

– Foder rainhas é trabalho de rei. Seu nobre Hizdahr pode atendê-la nisso, uma vez que estejam casados. E se ele se mostrar bem-nascido demais para esse trabalho suado, tem servos que ficarão satisfeitos em fazer isso por ele, também. Ou talvez você possa chamar seu garoto dornense para a cama, e seu belo amigo também, por que não? – Ele caminhou para fora do quarto de dormir.

*Ele está indo fazer uma investida*, Dany percebeu, *e se conseguir a cabeça de Ben Plumm, entrará no banquete de casamento e a jogará aos meus pés. Sete, me salvem. Por que ele não podia ser mais bem-nascido?*

Quando ele se foi, Missandei trouxe para a rainha uma refeição simples de queijo de cabra e azeitonas, com passas como doce.

– Vossa Graça precisa de mais do que vinho para quebrar seu jejum. É tão delicada, e certamente precisará de forças hoje.

Aquilo fez Daenerys rir, vindo de uma garota tão pequena. Ela se apoiava tanto na pequena escriba que frequentemente se esquecia de que Missandei completara apenas onze anos. Partilharam a refeição juntas no terraço. Enquanto Dany mordiscava uma azeitona, a garota naathi a olhou com seus olhos como ouro derretido e disse:

– Não é tarde demais para dizer a eles que decidiu não se casar.

*É tarde demais*, a rainha pensou, triste.

– O sangue de Hizdahr é antigo e nobre. Nossa união vai unir meus libertos ao povo dele. Quando nos tornarmos um só, o mesmo acontecerá com nossa cidade.

– Vossa Graça não ama o nobre Hizdahr. Esta uma acha que você logo terá outro como marido.

*Não devo pensar em Daario hoje*.

– Uma rainha ama quem ela deve amar, não quem ela quer. – Seu apetite se fora. – Leve esta comida embora – disse a Missandei. – É hora de tomar banho.

Depois, enquanto Jhiqui secava Daenerys, Irri se aproximou com seu *tokar*. Dany invejava as aias dothrakis, com suas calças largas de seda e coletes pintados. Estariam muito mais frescas do que ela no *tokar*, com a pesada franja de pérolas.

– Ajudem-me a enrolar isto, por favor. Não posso lidar com todas estas pérolas sozinha.

Deveria estar ansiosa por antecipação por seu casamento e pela noite que se seguiria, ela sabia. Lembrava-se da noite de seu primeiro casamento, quando Khal Drogo reivindicara sua virgindade sob as estrelas estrangeiras. Lembrava-se de como estava assustada e excitada. Seria o mesmo com Hizdahr? *Não. Não sou a garota que era, e ele não é meu sol-e-estrelas*.

Missandei ressurgiu de dentro da pirâmide.

– Reznak e Skaraz imploram a honra de acompanhar Vossa Graça até o Templo das Graças. Reznak ordenou que seu palanquim estivesse pronto.

Os meereeneses raramente cavalgavam dentro das muralhas da cidade. Preferiam liteiras, palanquins e cadeirinhas carregadas sobre o ombro de seus escravos.

– Cavalos sujam as ruas – um homem de Zakh lhe dissera –, escravos, não. – Dany libertara os escravos, mas mesmo assim os palanquins, as liteiras e as cadeirinhas ainda lotavam as ruas como antes, e nenhum deles flutuava magicamente no ar.

– O dia está quente demais para ser trancada dentro de um palanquim – disse Dany. – Sele minha prata. Não irei para o senhor meu marido sobre as costas de carregadores.

– Vossa Graça – disse Missandei –, esta uma sente muito, mas não pode cavalgar em um *tokar*.

A pequena escriba estava certa, como frequentemente acontecia. O *tokar* não era uma roupa feita para o lombo de um cavalo.

Dany fez uma careta.

– Como queira. Mas não um palanquim. Sufocarei atrás daquelas cortinas. Faça-os aprontarem uma cadeirinha. – Se ela devia usar suas orelhas peludas, que todos os coelhos a vissem.

Quando Dany desceu, Reznak e Skahaz caíram de joelhos.

– Vossa Venerada brilha tanto que cegará cada homem que ousar olhar para você – disse Reznak. O senescal vestia um *tokar* de samito marrom, com uma franja dourada. – Hizdahr zo Loraq é o mais afortunado em tê-la... e você em tê-lo, se posso ousar dizer. Este casamento salvará nossa cidade, você verá.

– Rezemos para isso. Quero plantar minhas oliveiras e vê-las dar frutos – *O que importa se os beijos de Hizdahr não me satisfazem? A paz me satisfará. Sou uma rainha, ou apenas uma mulher?*

– A multidão será numerosa como moscas hoje. – O Cabeça-Raspada usava uma saia negra plissada e uma placa peitoral musculosa, com um elmo de bronze no formato da cabeça de uma serpente sobre um braço.

– Devo ter medo de moscas? Suas Bestas de Bronze me manterão a salvo de qualquer perigo.

Era sempre sombrio dentro da base da Grande Pirâmide. Paredes de nove metros de espessura abafavam o tumulto das ruas e mantinham o calor do lado de fora, então era sempre frio e escuro lá dentro. Sua escolta estava se formando por detrás dos portões. Cavalos, mulas e burros eram colocados em estábulos na parede ocidental, elefantes na oriental. Dany adquirira três desses imensos e estranhos animais com sua

pirâmide. Eles a recordavam mamutes cinzentos sem pelos, embora suas presas tivessem sido cortadas e douradas, e seus olhos fossem tristes.

Ela encontrou Belwas, o Forte, comendo uvas, enquanto Barristan Selmy observava um cavalariço afivelando a sela de sua malhada cinzenta. Os três dornenses estavam com ele, conversando, mas interromperam o que falavam quando a rainha apareceu. O príncipe apoiou-se em um joelho.

– Vossa Graça, devo suplicar-lhe. As forças de meu pai estão falhando, mas sua devoção à sua causa é tão forte quanto sempre. Se minhas maneiras ou minha pessoa a desagradaram, essa é minha tristeza, mas...

– Se puder me agradar, sor, fique feliz por mim – Daenerys disse. – Este é o dia do meu casamento. Estarão dançando na Cidade Amarela, não tenho dúvida. – Ela suspirou. – Levante-se, meu príncipe, e sorria. Um dia retornarei para Westeros para reivindicar o trono do meu pai e procurarei por Dorne, por ajuda. Mas, neste dia, os yunkaítas têm minha cidade cercada de aço. Posso morrer antes de ver os Sete Reinos. Hizdahr pode morrer. Westeros pode ser engolida pelas ondas. – Dany beijou-o no rosto. – Venha. É tempo de me casar.

Sor Barristan a ajudou a subir na cadeirinha. Quentyn reuniu-se aos companheiros dornenses. Belwas, o Forte, gritou para que os portões fossem abertos, e Daenerys Targaryen foi levada para o sol. Selmy seguia ao lado dela, em sua malhada cinzenta.

– Diga-me – Dany falou, enquanto a procissão seguia para o Templo das Graças –, se meu pai e minha mãe tivessem seguido seu coração, eles teriam se casado?

– Isso foi há muito tempo. Vossa Graça não os conhecia.

– Mas você conhecia. Conte-me.

O velho cavaleiro inclinou a cabeça.

– A rainha sua mãe sempre foi consciente de seus deveres. – Ele estava bonito em sua armadura de ouro e prata, o manto branco caindo a partir dos ombros, mas soava como um homem em sofrimento, como se cada palavra fosse uma pedra que tivesse que atravessar. – Quando garota, no entanto... uma vez foi apaixonada por um jovem cavaleiro de Ponta Tempestade que usou sua prenda em um torneio e a nomeou rainha do amor e da beleza. Uma coisa breve.

– O que aconteceu com esse cavaleiro?

– Ele colocou sua lança de lado no dia que a senhora sua mãe se casou com seu pai. Depois, ele se tornou mais piedoso, e dizia que apenas a Donzela poderia substituir a Rainha Rhaella em seu coração. Sua paixão era impossível, é claro. Um cavaleiro com terras não é um consorte adequado para uma princesa de sangue real.

*E Daario Naharis é apenas um mercenário, inadequado até mesmo para usar as esporas de ouro de um cavaleiro com terras*.

– E meu pai? Havia alguma mulher que ele amasse mais do que sua rainha?

Sor Barristan se mexeu na sela.

– Não... não que amasse. Talvez *desejar* fosse uma palavra melhor, mas... era apenas fofoca de cozinha, os sussurros das lavadeiras e dos cavalariços...

– Quero saber. Nunca conheci meu pai. Quero saber tudo sobre ele. O bom e... o resto.

– Será como ordena. – O cavaleiro branco escolheu as palavras com cuidado. – O Príncipe Aerys... quando jovem, ficou encantado com uma certa senhora de Rochedo Casterly, uma prima de Tywin Lannister. Quando ela e Tywin se casaram, seu pai tomou muito vinho no banquete de casamento, e o escutaram dizer que era uma grande pena que o direito do senhor à primeira noite fora abolido. Uma brincadeira de bêbado, nada mais que isso, mas Tywin Lannister não era homem de esquecer tais palavras, ou as... as liberdades que seu pai tomou quando chegou a hora de levar os noivos para a cama. – Seu rosto corou. – Falei demais, Vossa Graça. Eu...

– *Graciosa rainha, belo encontro!* – Outra procissão se aproximava da dela, e Hizdahr zo Loraq sorria de sua cadeirinha. *Meu rei*. Dany se perguntava onde estaria Daario Naharis e o que estaria fazendo. *Se isto fosse um conto, ele apareceria galopando quando alcançássemos o templo, para desafiar Hizdahr pela minha mão.*

Lado a lado, as procissões da rainha e de Hizdahr zo Loraq fizeram seu lento caminho através de Meereen, até que finalmente o Templo das Graças assomou diante deles, seus domos dourados reluzindo ao sol. *Que bonito*, a rainha tentou dizer para si mesma, mas por dentro era apenas uma garota tola que não podia evitar de procurar por Daario. *Se ele amasse você, ele viria e a levaria na ponta da espada, como Rhaegar*

*levou consigo a garota nortenha*, a garota nela insistia, mas a rainha sabia que era tolice. Mesmo se seu capitão fosse louco o suficiente para tentar, as Bestas de Bronze o abateriam antes que chegasse a cem metros dela.

Galazza Galare os aguardava do lado de fora das portas do templo, cercada por suas irmãs em branco, rosa, vermelho, azul e dourado e púrpura. *Há menos do que havia*. Dany procurou por Ezzara e não a encontrou. *Será que o fluxo sangrento a levou?* Embora a rainha tivesse deixado os astaporis famintos do lado de fora das muralhas para evitar que o fluxo sangrento se espalhasse, a doença se espalhava do mesmo jeito. Muitos foram atingidos; libertos, mercenários, Bestas de Bronze, até mesmo dothrakis, embora nenhum Imaculado tivesse sido tocado. Ela rezava para que o pior já tivesse passado.

As Graças trouxeram uma cadeira de marfim e uma tigela dourada. Segurando seu *tokar* delicadamente para não pisar em suas franjas, Daenerys Targaryen sentou-se no assento de veludo da cadeira, e Hizdahr zo Loraq se ajoelhou, desamarrou suas sandálias e lavou os pés dela, enquanto cinquenta eunucos cantavam e dez mil olhos os olhavam. *Ele tem mãos gentis*, ela pensou, conforme os quentes óleos perfumados escorriam entre seus dedos dos pés. *Se tiver um coração gentil também, posso gostar dele com o tempo.*

Quando os pés ficaram limpos, Hizdahr secou-os com uma toalha macia, amarrou suas sandálias novamente e a ajudou a ficar em pé. De mãos dadas, seguiram a Graça Verde para dentro do templo, onde o ar estava pesado de incensos e os deuses de Ghis estavam envoltos em sombras em suas alcovas.

Quatro horas mais tarde, saíram novamente como marido e esposa, unidos pelos punhos e pelos tornozelos com correntes de ouro amarelo.

# Jon

A Rainha Selyse chegou ao Castelo Negro com a filha e o bobo da filha, suas aias e damas de companhia e uma comitiva de cinquenta cavaleiros, espadas juramentadas e homens em armas. *Todos homens da rainha*, Jon Snow sabia. *Eles podem atender Selyse, mas é Melisandre a quem servem*. A sacerdotisa vermelha o avisara da vinda deles quase um dia antes que o corvo chegasse de Atalaialeste com a mesma mensagem.

Encontrou o pequeno destacamento da rainha nos estábulos, acompanhado de Cetim, Bowen Marsh e meia dúzia de guardas em longos mantos negros. Jamais se apresentaria diante dessa rainha sem uma comitiva sua, se metade do que disseram sobre ela fosse verdade. Ela poderia confundi-lo com um cavalariço e entregar-lhe as rédeas de seu cavalo.

As nevascas finalmente foram para o sul e deram a eles um pouco de respiro. Havia até uma insinuação de calor no ar quando Jon Snow se joelhou diante da rainha sulista.

– Vossa Graça. Castelo Negro lhe dá as boas-vindas e aos seus.

A Rainha Selyse olhou para ele.

– Meus agradecimentos. Por favor, me leve ao seu senhor comandante.

– Meus irmãos me escolheram para esta honra. Sou Jon Snow.

– Você? Disseram que era jovem, mas… – O rosto da Rainha Selyse era descarnado e pálido. Usava uma coroa de ouro vermelho com pontas no formato de chamas, irmã gêmea da usada por Stannis. – … pode se levantar, Lorde Snow. Esta é minha filha, Shireen.

– Princesa. – Jon inclinou a cabeça. Shireen era uma criança desajeitada, tornada ainda mais feia pelo escamagris que deixara seu pescoço e parte de sua bochecha duros, cinzentos e rachados. – Meus irmãos e eu estamos ao seu serviço – disse para a garota.

Shireen enrubesceu.

– Obrigada, meu senhor.

– Acredito que está familiarizado com meu parente, Sor Axell Florent? – a rainha perguntou.

– Apenas por corvo. – *E relatos*. As cartas que recebia de Atalaialeste do Mar tinham um tanto a dizer sobre Axell Florent, muito pouco de bom. – Sor Axell.

– Lorde Snow. – Um homem corpulento, Florent tinha pernas curtas e peito compacto. Pelos grossos cobriam seu rosto e papada e saíam das orelhas e do nariz.

– Meus leais cavaleiros – a Rainha Selyse continuou. – Sor Narbert, Sor Benethon, Sor Brus, Sor Patrek, Sor Dorden, Sor Malegorn, Sor Lambert, Sor Perkin. – Cada citado abaixou a cabeça. Ela não se preocupou em dizer o nome do bobo, mas os guizos no chapéu de pontas e os quadrados vermelhos e verdes tatuados nas bochechas gordas o tornavam difícil de ignorar. *Cara-Malhada*. As cartas de Cotter Pyke faziam menção a ele também. Pyke afirmava que era um simplório.

Então a rainha fez sinal para outro curioso membro de sua comitiva: uma vareta alta e magra de homem, sua altura acentuada por um chapéu estrangeiro de três camadas de feltro púrpura.

– E aqui temos o honorável Tycho Nestoris, um emissário do Banco de Ferro de Bravos, que vem tratar com Sua Graça, o Rei Stannis.

O banqueiro tirou o chapéu e fez uma profunda reverência.

– Senhor Comandante. Agradeço a você e aos seus irmãos pela hospitalidade. – Ele falava a Língua Comum fluentemente, com um traço mínimo de sotaque. Cerca de quinze centímetros mais alto do que Jon, o bravosi ostentava uma barba tão fina como um cordão, que brotava do queixo e ia quase até a cintura. Sua túnica era roxo-escura, com acabamento de arminho. Uma gola alta e dura emoldurava o rosto fino. – Espero que não estejamos trazendo nenhum inconveniente.

– De modo algum, meu senhor. Você é muito bem-vindo. – *Mais bem-vindo do que esta rainha, verdade seja dita*. Cotter Pyke enviara um corvo na frente para avisar da vinda do banqueiro. Jon Snow já tivera tempo para pensar um pouco sobre isso.

Jon se virou para a rainha.

– Os aposentos reais na Torre do Rei foram preparados para Vossa Graça, pelo tempo que desejar permanecer conosco. Este é nosso Senhor

Intendente, Bowen Marsh. Ele encontrará alojamentos para seus homens.

– Que gentileza abrir espaço para nós. – As palavras da rainha eram corteses o suficiente, mas seu tom de voz dizia: *Não é mais do que sua obrigação, e é bom esperar que essas acomodações me agradem*. – Não ficaremos muito tempo. Alguns dias, no máximo. É nossa intenção seguir para nossa nova sede, em Fortenoite, assim que estejamos descansados. A jornada desde Atalaialeste foi cansativa.

– Como desejar, Vossa Graça – disse Jon. – Devem estar com frio e com fome, tenho certeza. Uma refeição quente aguarda por vocês no nosso salão comum.

– Muito bem. – A rainha olhou pelo pátio. – Mas, antes, desejamos nos consultar com a Senhora Melisandre.

– É claro, Vossa Graça. Os aposentos dela também ficam na Torre do Rei. Por aqui, se me permite. – A Rainha Selyse acenou com a cabeça, pegou a filha pela mão e permitiu que ele as levasse dos estábulos. Sor Axell, o banqueiro bravosi e o resto da comitiva os seguiram, como vários patinhos feitos de lã e peles.

– Vossa Graça – Jon Snow falou –, meus construtores fizeram o melhor que puderam para tornar Fortenoite pronto para recebê-la… mesmo assim, muito ainda permanece em ruínas. É um castelo grande, o maior da Muralha, e fomos capazes de restaurar apenas uma parte dele. Estaria mais confortável em Atalaialeste do Mar.

A Rainha Selyse fungou.

– Cansamos de Atalaialeste. Não gostamos de lá. Uma rainha deve ser senhora de seu próprio teto. Achamos seu Cotter Pyke um homem rude e desagradável, briguento e mesquinho.

Devia ouvir o que Cotter diz de você.

– Sinto por isso, mas temo que Vossa Graça vá encontrar condições em Fortenoite ainda menos ao seu gosto. Falamos de uma fortaleza, não de um palácio. Um lugar sombrio e frio. Considerando Atalaialeste…

– Atalaialeste não é seguro. – A rainha colocou a mão no ombro da filha. – Esta é a herdeira legítima do rei. Shireen um dia sentará no Trono de Ferro e governará os Sete Reinos. Ela deve ser mantida a salvo, e Atalaialeste é onde o ataque ocorrerá. Este Fortenoite é o lugar que meu marido escolheu para nossa sede, e respeitaremos isso. Nós… *oh!*

Uma enorme sombra emergiu de trás da casca da Torre do Senhor Comandante. A Princesa Shireen deu um grito, e três dos cavaleiros da rainha engasgaram ao mesmo tempo. Outro conjurou.

– *Sete, nos salvem* – disse, quase se esquecendo de seu novo deus vermelho com o choque.

– Não temam – Jon falou para eles. – Não há perigo nele, Vossa Graça. Este é Wun Wun.

– Wun Weg Wun Dar Wun. – A voz do gigante retumbou como uma rocha despencando de uma montanha. Ele se ajoelhou diante deles. Mesmo assim, era mais alto do que qualquer um. – Rainha ajoelhada. Pequena rainha. – Palavras que Couros ensinara a ele, sem dúvida.

Os olhos da Princesa Shireen estavam arregalados como pratos.

– É um *gigante!* Um gigante de verdade, como os das histórias. Mas por que ele fala tão engraçado?

– Ele só conhece algumas poucas palavras da Língua Comum – explicou Jon. – Em suas próprias terras, os gigantes falam a Língua Antiga.

– Posso tocá-lo?

– Melhor não – sua mãe avisou. – Olhe para ele. Uma criatura imunda. – A rainha virou um olhar severo para Jon. – Lorde Snow, o que esta criatura bestial está fazendo do nosso lado da Muralha?

– Wun Wun é um convidado da Patrulha da Noite, assim como vocês.

A rainha não gostou daquela resposta. Nem seus cavaleiros. Sor Axell fez uma careta de desgosto, Sor Brus deu um risinho nervoso, Sor Narbert disse:

– Achei que todos os gigantes estavam mortos.

– Quase todos. – *Ygritte chorava por eles.*

– Na escuridão, a morte está dançando. – Cara-Malhada arrastou os pés em um passo de dança grotesco. – Eu sei, eu sei, oh, oh, oh. – Em Atalaialeste, alguém costurara para ele um manto de retalhos de peles de castor, de ovelha e de coelho. Seu chapéu ostentava chifres com guizos pendurados, e longas tiras de pele de esquilo que pendiam sobre suas orelhas. A cada passo que dava, os guizos tocavam.

Wun Wun estava boquiaberto com ele, fascinado, mas quando o gigante tentou alcançá-lo o bobo pulou para trás, tilintando.

– Oh, não, oh, não, oh, não. – Aquilo fez Wun Wun cambalear para ficar em pé. A rainha agarrou a Princesa Shirren e a puxou para trás, seus cavaleiros alcançaram as espadas e Cara-Malhada pisou em falso com o susto, caindo de bunda em um monte de neve.

Wun Wun começou a rir. A risada do gigante podia envergonhar o rugido de um dragão. Cara-Malhada cobriu as orelhas, a Princesa Shireen apertou o rosto nas peles da roupa da mãe, e o mais ousado dos cavaleiros da rainha se adiantou, aço na mão. Jon ergueu um braço para bloquear seu caminho.

– Você *não* vai querer irritá-lo. Guarde seu aço, sor. Couros, leve Wun Wun de volta para Hardin.

– Comer agora, Wun Wun? – perguntou o gigante.

– Comer agora – Jon concordou. Para Couros, disse – Mandarei uns trinta quilos de vegetais para ele e carne para você. Faça uma fogueira.

Couros sorriu.

– Farei, ‘nhor, mas Hardin é de gelar os ossos. Talvez, ‘nhor possa mandar algum vinho para nos aquecer?

– Para você. Não para ele. – Wun Wun nunca provara vinho até chegar a Castelo Negro, mas uma vez que o fizera, tomara um gosto gigantesco pela coisa. *Um gosto grande demais*. Jon tinha o suficiente com o que lidar nesse momento, sem ter que adicionar um gigante bêbado à mistura. Virou-se para o cavaleiro da rainha. – O senhor meu pai costumava dizer que um homem nunca deve desembainhar a espada, a menos que pretenda usá-la.

– Usá-la era minha intenção. – O cavaleiro tinha o rosto barbeado e queimado pelo vento; sob uma capa de pele branca, vestia uma túnica de samito de prata estampada com uma estrela azul de cinco pontas. – Eu tinha entendido que a Patrulha da Noite defendia o reino contra tais monstros. Ninguém falou sobre mantê-los como animais de estimação.

*Outro maldito tolo sulista.*

– Você é?

– Sor Patrek da Montanha do Rei, se for do agrado do meu senhor.

– Não sei como observa as leis de hospitalidade em sua montanha, sor. No Norte, ainda são sagradas. Wun Wun é um hóspede aqui.

Sor Patrek sorriu.

– Diga-me, Senhor Comandante, se os Outros aparecerem, você planeja oferecer sua hospitalidade para eles também? – O cavaleiro se voltou para sua rainha. – Vossa Graça, ali está a Torre do Rei, se não estou enganado. Posso ter a honra?

– Como desejar. – A rainha pegou seu braço e passou pelos homens da Patrulha da Noite sem dar um segundo olhar.

*Aquelas chamas na coroa são a coisa mais calorosa nela.*

– Lorde Tycho – Jon chamou. – Um momento, por favor.

O bravosi o interrompeu.

– Não sou nenhum lorde. Apenas um simples servo do Banco de Ferro de Bravos.

– Cotter Pyke me informou que você chegou a Atalaialeste com três navios. Uma galé, uma galera e uma coca.

– Exatamente, meu senhor. A travessia pode ser perigosa nesta estação. Um barco sozinho pode afundar, já três juntos podem ajudar um ao outro. O Banco de Ferro é sempre prudente em tais assuntos.

– Talvez, antes da sua partida, possamos ter uma conversa tranquila?

– Estou ao seu serviço, senhor comandante. E, em Bravos, dizemos que não há tempo como o presente. Isso será adequado?

– Tão bom quanto qualquer outro. Devemos nos dirigir ao meu solar, ou gostaria de ver o topo da Muralha?

O banqueiro olhou para cima, onde o gelo pairava vasto e pálido contra o céu.

– Temo que será muito frio lá em cima.

– Sim, e venta muito. Aprende-se a andar bem longe da beirada. Homens foram soprados de lá. Ainda hoje em dia. Não há nada como a Muralha na terra. Pode não ter outra chance de vê-la.

– Sem dúvida, posso me arrepender da minha prudência em meu leito de morte, mas depois de um longo dia na sela, uma sala aquecida soa preferível para mim.

– Meu solar, então. Cetim, um pouco de vinho quente com especiarias, se puder.

Os aposentos de Jon atrás do arsenal eram tranquilos o suficiente, embora não especialmente quentes. Sua fogueira se apagara havia algum tempo; Cetim não era tão cuidadoso em alimentá-la como Edd Doloroso.

O corvo de Mormont os recebeu com um grito de *Grão!* Jon pendurou seu manto.

– Você vem procurando Stannis, está correto?

– Está, sim, meu senhor. A Rainha Selyse sugeriu que pudéssemos enviar notícias para Bosque Profundo por corvo, para informar Sua Graça que estarei à disposição em Fortenoite. O assunto que pretendo tratar com ele é muito delicado para confiar em cartas.

– Uma dívida. – *O que mais poderia ser?* – Dívida dele? Ou de seu irmão?

O banqueiro apertou os dedos uns contra os outros.

– Não seria adequado para mim discutir o endividamento de Lorde Stannis, ou a falta dele. Quanto ao Rei Robert... foi realmente um prazer atender Sua Graça em suas necessidades. Enquanto Robert viveu, tudo estava bem. Agora, contudo, o Trono de Ferro cessou todos os pagamentos.

*Podiam os Lannister ser realmente tão tolos?*

– Você não pretende considerar Stannis responsável pelas dívidas do irmão.

– As dívidas pertencem ao Trono de Ferro – Tycho declarou –, e quem quer que se sente naquela cadeira deve pagá-las. Uma vez que o jovem Rei Tommen e seus conselheiros se tornaram tão inflexíveis, pretendemos abordar o assunto com o Rei Stannis. Se ele se provar mais digno da nossa confiança, é claro que teremos grande prazer em lhe emprestar toda a ajuda de que ele necessitar.

*Ajuda*, o corvo gritou. *Ajuda, ajuda, ajuda.*

Muito disso Jon tinha imaginado no momento em que soube que o Banco de Ferro havia mandado um enviado para a Muralha.

– O último que soubemos é que Sua Graça estava marchando para Winterfell para confrontar Lorde Bolton e seus aliados. Pode procurá-lo lá, se desejar, embora isso represente um risco. Você pode se encontrar preso no meio da guerra dele.

Tycho inclinou sua cabeça.

– Nós, que servimos ao Banco de Ferro, nos deparamos com a morte com a mesma frequência que vocês que servem ao Trono de Ferro.

*É a isso que sirvo?* Jon Snow não tinha tanta certeza.

– Posso provê-lo com cavalos, guias, o que for necessário para que chegue até Bosque Profundo. De lá, precisará fazer seu próprio caminho até Stannis. – *E poderá encontrar a cabeça dele sobre um espigão.* – Haverá um preço.

*Preço*, gritou o corvo de Mormont. *Preço, preço.*

– Sempre há um preço, não é mesmo? – O bravosi sorriu. – O que a Patrulha requer?

– Seus navios, para começar. Com as respectivas tripulações.

– Todos os três? E como retornarei para Bravos?

– Preciso deles apenas para uma única viagem.

– Uma viagem perigosa, imagino. Para começar, você disse?

– Precisamos de um empréstimo, também. Ouro suficiente para nos manter alimentados até a primavera. Para comprar comida e contratar navios para trazê-la até nós.

– Primavera? – Tycho suspirou. – Isso é impossível, meu senhor.

O que Stannis dissera dele? *Você barganha como uma velha com um bacalhau, Lorde Snow. Lorde Eddard concebeu você com uma peixeira?* Talvez tivesse.

Levou boa parte de uma hora antes que o impossível se tornasse possível, e outra hora antes que pudessem concordar com os termos. A jarra de vinho quente com especiarias que Cetim trouxera ajudou a resolver os pontos mais incômodos. No momento em que Jon Snow assinou o pergaminho que o bravosi elaborou, ambos estavam meio bêbados e totalmente infelizes. Jon achou aquilo um bom sinal.

Os três navios bravosis elevariam a frota de Atalaialeste a onze, incluindo o baleeiro ibenês que Cotter Pyke confiscara por ordem de Jon, uma galé mercantil de Pentos, igualmente impressionante, e três maltratados navios de guerra lisenos, remanescentes da extinta frota de Salladhor Saan que as tempestades de outono trouxeram de volta ao Norte. Todos os três navios de Saan precisavam de reparos extremos, mas agora o trabalho já devia estar terminado.

Onze navios não eram o suficiente, mas se esperasse demais o povo livre em Durolar estaria morto quando a frota de resgate chegasse. *Navegue agora, ou não navegue*. Se Mãe Toupeira e seu povo iriam estar desesperados o suficiente para confiar suas vidas à Patrulha da Noite, no entanto...

O dia havia escurecido quando ele e Tycho Nestoris deixaram o solar. A neve começara a cair.

– Nosso respiro foi breve, ao que parece. – Jon apertou a capa em torno do corpo.

– O inverno estará logo sobre nós. No dia em que deixei Bravos, havia gelo nos canais.

– Três de meus homens passaram por Bravos há não muito tempo – Jon contou para ele. – Um velho meistre, um cantor e um jovem intendente. Escoltavam uma garota selvagem e uma criança para Vilavelha. Imagino que não teve chance de cruzar com eles...

– Temo que não, meu senhor. Westerosis passam por Bravos todos os dias, mas a maioria vem e vai do Porto do Trapeiro. Os navios do Banco de Ferro atracam no Porto Púrpura. Se desejar, posso perguntar por eles quando voltar para casa.

– Não é necessário. Até lá, já devem estar a salvo em Vilavelha.

– Esperemos que sim. O mar estreito é perigoso nesta época do ano, e ultimamente tem havido relatos preocupantes de estranhos navios em Passopedra.

– Salladhor Saan?

– O pirata liseno? Alguns dizem que retornou para seu antigo covil, isso é verdade. E a frota de guerra de Lorde Redwyne se arrasta pelo Braço Partido também. Em seu caminho para casa, sem dúvida. Mas esses homens e esses navios são bem conhecidos para nós. Não, essas outras velas... do extremo oriente, talvez... ouvem-se estranhas histórias sobre dragões.

– Poderíamos ter um aqui. Um dragão poderia aquecer um pouco as coisas.

– Meu senhor brinca. Vai me perdoar se não rio. Nós, bravosis, somos descendentes daqueles que fugiram de Valíria e da ira dos senhores dos dragões. Não brincamos com dragões.

*Não, suponho que não.*

– Minhas desculpas, Lorde Tycho.

– Não é necessário, senhor comandante. Agora descobri que estou com fome. Emprestar grandes somas de dinheiro abre o apetite de um homem. Seria gentil em me indicar seu salão de banquetes?

– Eu mesmo o levarei até lá. – Jon indicou o caminho com um gesto. – Por aqui.

Uma vez lá, teria sido descortês não partilhar o pão com o banqueiro, então Jon pediu para Cetim buscar comida para eles. A recém-chegada comitiva havia atraído quase todos os homens que não estavam de serviço ou dormindo, então o salão estava lotado e quente.

A rainha não estava presente, nem sua filha. Provavelmente estavam se estabelecendo na Torre do Rei. Mas Sor Brus e Sor Malegorn estavam por ali, entretendo os irmãos presentes com as últimas novidades de Atalaialeste e de além-mar. Três das damas da rainha sentavam-se com eles, cercadas por suas aias e por uma dúzia de admiradores da Patrulha da Noite.

Perto da porta, a Mão da Rainha atacava um pedaço de capão, sugando a carne dos ossos e empurrando cada pedaço para baixo com cerveja. Quando viu Jon Snow, Axell Florent jogou o osso de lado, limpou a boca com as costas da mão e dirigiu-se tranquilamente em sua direção. Com suas pernas arqueadas, peito estufado e orelhas proeminentes, tinha uma aparência cômica, mas Jon sabia que não era um homem de quem se devia rir. Era tio da Rainha Selyse, e esteve entre os primeiros a seguir sua aceitação ao deus vermelho de Melisandre. *Se ele não é um assassino de parentes, é a coisa mais próxima que existe disso*. O irmão de Axell Florent fora queimado por Melisandre, Meistre Aemon contara a Jon, e Sor Axell fizera pouco e ainda menos para deter a sacerdotisa. *Que tipo de homem fica de braços cruzados e assiste ao seu próprio irmão ser queimado vivo?*

– Nestoris – disse Sor Axell – e o senhor comandante. Posso me juntar a vocês? – Sentou-se no banco antes que pudessem responder. – Lorde Snow, se posso perguntar... esta princesa selvagem sobre quem o Rei Stannis escreveu... onde ela está, meu senhor?

*Muito longe daqui*, Jon pensou. *Se os deuses forem bons, a esta altura já encontrou Tormund Terror dos Gigantes*.

– Val é a irmã mais nova de Dalla, que era esposa de Mance Rayder e mãe do filho dele. O Rei Stannis pegou Val e a criança como prisioneiros, depois que Dalla morreu no parto, mas ela não é uma princesa, não como você imagina.

Sor Axell deu de ombros.

– O que quer que ela seja, em Atalaialeste os homens afirmavam que a meretriz era bonita. Gostaria de vê-la com meus próprios olhos. Com algumas dessas mulheres selvagens, bem, um homem precisa virá-las de costas para cumprir seu dever de marido. Se for do agrado do senhor comandante, traga-a até aqui, deixe-nos dar uma olhada.

– Ela não é um cavalo para ser exibida para inspeção, sor.

– Prometo não contar os dentes dela. – Florent riu. – Oh, não tema, eu a tratarei com a cortesia que lhe é devida.

*Ele sabe que não a tenho*. Uma aldeia não tinha segredos, e menos ainda Castelo Negro. A ausência de Val não era falada abertamente, mas alguns homens sabiam, e no salão comum, à noite, os irmãos conversavam. *O que ele ouviu?,* Jon se perguntou. *Em quanto do que ouviu acredita?*

– Perdoe-me, sor, mas Val não se juntará a nós.

– Irei até ela. Onde você mantém a meretriz?

*Longe de você.*

– Em um lugar seguro. Basta, sor.

O rosto do cavaleiro enrubesceu.

– Meu senhor, se esqueceu de quem eu sou? – Seu hálito cheirava a cerveja e cebolas. – Devo falar com a rainha? Uma palavra de Sua Graça e posso ter essa garota selvagem entregue nua no salão para nossa inspeção.

*Isso seria um belo truque, mesmo para uma rainha.*

– A rainha nunca abusaria da nossa hospitalidade – Jon respondeu, esperando que fosse verdade. – Agora, sinto que devo deixá-los, antes que esqueça meus deveres de anfitrião. Lorde Tycho, deve me perdoar.

– Sim, é claro – o banqueiro disse. – Foi um prazer.

Do lado de fora, a neve começava a cair com mais força. Do outro lado do pátio, a Torre do Rei se transformara em uma pesada sombra, as luzes nas janelas obscurecidas pela neve que caía.

De volta ao solar, Jon encontrou o corvo do Velho Urso empoleirado no encosto da cadeira de carvalho e couro atrás da mesa de cavalete. A ave começou a gritar por comida no momento em que ele entrou. Jon pegou um punhado de grãos secos de um saco ao lado da porta e espalhou-os no chão, e então reivindicou a cadeira.

Tycho Nestoris deixara uma cópia do acordo deles. Jon leu o pergaminho pela terceira vez. *Aquilo foi fácil*, refletiu. *Mais fácil do que eu esperava. Mais fácil do que deveria ter sido.*

Aquilo o fez ficar inquieto. O dinheiro bravosi permitiria à Patrulha da Noite comprar comida no Sul quando seus estoques estivessem baixos, comida suficiente para passar o inverno, por mais longo que pudesse ser. *Um longo e duro inverno deixará a Muralha com uma dívida tão grande que nunca sairemos dela*, Jon recordou a si mesmo, *mas quando a escolha é dívida ou morte, melhor pedir emprestado.*

Ele não tinha que gostar, no entanto. E quando a primavera chegasse, quando chegasse o momento de devolver todo aquele ouro, gostaria menos ainda. Tycho Nestoris o impressionara com sua cultura e cortesia, mas o Banco de Ferro de Bravos tinha uma reputação temível quando cobrava dívidas. Cada uma das Nove Cidades Livres tinha seu banco, e algumas tinham mais do que um, lutando por cada moeda como cães em cima de um osso, mas o Banco de Ferro era mais rico e mais poderoso do que todos os demais juntos. Quando príncipes faltavam com suas dívidas para com bancos menores, banqueiros arruinados vendiam esposa e filhos para traficantes de escravos e abriam as próprias veias. Quando príncipes deixavam de pagar o Banco de Ferro, novos príncipes surgiam do nada e tomavam seus tronos.

*Como o pobre e gordinho Tommen pode estar prestes a aprender*. Sem dúvida, os Lannister tinham boas razões para recusar-se a honrar as dívidas do Rei Stannis, mas era tolice do mesmo jeito. Se Stannis não fosse cabeça-dura demais para aceitar os termos deles, os bravosis lhe dariam todo o ouro e prata de que precisava, dinheiro suficiente para comprar uma dúzia de companhias de mercenários, para subornar uma centena de senhores, para manter seus homens pagos, alimentados, vestidos e armados. *A menos que Stannis esteja morto sob as muralhas de Winterfell, ele pode ter ganho o Trono de Ferro.* Jon se perguntava se Melisandre tinha visto isso em suas chamas.

Recostou-se no encosto da cadeira, bocejou e se espreguiçou. Pela manhã, escreveria ordens para Cotter Pyke. *Onze navios para Durolar. Traga quantos puder, mulheres e crianças primeiro.* Era tempo de levantar velas. *Devo ir eu mesmo, ou deixar isso com Cotter? O Velho Urso liderou uma expedição. Sim. E nunca retornou.*

Jon fechou os olhos. Apenas por um momento...

... e acordou, duro como uma tábua, com o corvo do Velho Urso resmungando, *Snow, Snow*, e Mully sacudindo-o.

– ‘Nhor, você é chamado. Mil perdões, ‘nhor. Uma garota foi encontrada.

– Uma garota? – Jon se sentou, esfregando o sono dos olhos com as costas das mãos. – Val? Val retornou?

– Não é Val, ‘nhor. Foi deste lado da Muralha.

*Arya*. Jon se endireitou. Tinha que ser ela.

*Garota*, gritou o corvo. *Garota, garota.*

– Ty e Dannel encontraram ela a uns dez quilômetros ao sul de Vila Toupeira. Estavam caçando alguns selvagens que resolveram descer a estrada do rei. Trouxeram eles de volta também, mas então encontraram a garota. Ela é bem-nascida, ‘nhor, e está perguntando por você.

– Quantos estavam com ela? – Ele foi até a bacia e jogou água no rosto. Deuses, como estava cansado.

– Nenhum, ‘nhor. Ela veio sozinha. Seu cavalo estava morrendo. Todo pele e ossos, coxo e espumando. Eles o soltaram e trouxeram a garota para interrogatório.

*Uma garota cinzenta em um cavalo moribundo*. Parecia que as chamas de Melisandre não mentiram. Mas o que acontecera com Mance Rayder e suas esposas de lança?

– Onde está a garota agora?

– Nos aposentos de Meistre Aemon, ‘nhor. – Os homens de Castelo Negro ainda os chamavam assim, embora agora o velho meistre devesse estar aquecido e seguro em Vilavelha. – A garota estava azul de frio, tremendo toda, então Ty pediu que Clydas desse uma olhada nela.

– Isso é bom. – Jon se sentiu com quinze anos novamente. *Irmãzinha*. Levantou-se e vestiu seu manto.

A neve ainda estava caindo quando cruzou o pátio com Mully. Um amanhecer dourado nascia no leste, mas, atrás da janela da Senhora Melisandre na Torre do Rei, uma luz avermelhada ainda tremeluzia. *Ela nunca dorme? Que jogo está jogando, sacerdotisa? Você tem alguma outra tarefa para Mance?*

Queria acreditar que fosse Arya. Queria ver o rosto dela novamente, sorrir para ela e bagunçar seu cabelo, dizer que estava a salvo. *Mas ela*

*não estará a salvo. Winterfell está queimado e quebrado e não há mais lugares seguros.*

Não poderia mantê-la com ele, não importava o quanto quisesse. A Muralha não era lugar para uma mulher, muito menos uma garota de nascimento nobre. Nem podia entregá-la para Stannis ou Melisandre. O rei só iria querer casá-la com um de seus próprios homens, Horpe, Massey ou Godry, o Matador de Gigantes, e só os deuses podiam saber o que a mulher vermelha faria com ela.

A melhor solução que podia ver seria enviá-la para Atalaialeste e pedir para Cotter Pyke colocá-la em um navio para algum lugar do outro lado do mar, fora do alcance de todos aqueles reis briguentos. Seria necessário esperar até que os navios voltassem de Durolar, certamente. *Ela poderia ir para Bravos com Tycho Nestoris. Talvez o Banco de Ferro possa encontrar alguma família nobre para hospedá-la*. Bravos era a mais próxima das Cidades Livres, no entanto... o que fazia dela tanto a melhor quanto a pior opção. *Lorath ou o Porto de Ibben devem ser mais seguros*. Para onde quer que a mandasse, contudo, Arya precisaria de prata para se manter, de um teto sobre sua cabeça, de alguém para protegê-la. Era apenas uma criança.

Os velhos aposentos de Meistre Aemon estavam tão quentes que a súbita nuvem de vapor quando Mully abriu a porta foi o suficiente para cegar os dois. Lá dentro, um fogo recente brilhava na lareira, as toras crepitando e cuspindo. Jon passou por cima de um monte de roupas molhadas. *Snow, Snow, Snow*, o corvo gritou de cima da lareira. A garota estava encolhida perto do fogo, enrolada em um manto de lã negra três vezes maior do que ela, e adormecida.

Ela parecia o suficiente com Arya para fazê-lo titubear, mas apenas por um momento. Uma garota alta, magra, viva, toda pernas e cotovelos, seu cabelo castanho estava preso em uma grossa trança, atada com tiras de couro. Tinha um rosto comprido, um queixo pontudo, orelhas pequenas.

Mas era muito velha, demasiado velha. *Essa garota tem quase a minha idade*.

– Ela comeu? – Jon perguntou para Mully.

– Apenas pão e caldo, meu senhor. – Clydas se levantou de uma cadeira. – É melhor ir devagar, Meistre Aemon sempre dizia. Algo mais e ela pode não ser capaz de digerir.

Mully concordou.

– Dannel tinha uma das linguiças do Hobb e ofereceu um pedaço para ela, mas ela não quis nem tocar.

Jon não podia culpá-la por aquilo. As linguiças de Hobb eram feitas de gordura, sal e coisas que era melhor nem pensar.

– Talvez devêssemos deixá-la descansar.

Foi quando a garota se sentou, apertando o manto em seus pequenos e pálidos seios. Parecia confusa.

– Onde...

– Castelo Negro, minha senhora.

– A Muralha. – Os olhos dela se encheram de lágrimas. – Estou aqui.

Clydas se aproximou.

– Pobre criança. Quantos anos tem?

– Dezesseis no próximo dia do meu nome. Não sou nenhuma criança, mas uma mulher crescida e florescida. – Ela bocejou, cobrindo a boca com o manto. Um joelho desnudo apontou através das pregas. – Você não usa uma corrente. É um meistre?

– Não – disse Clydas –, mas servi um.

*Ela se parece um pouco com Arya*, Jon pensou. Faminta e magra, mas tinha os olhos e os cabelos da mesma cor.

– Me falaram que procurava por mim. Sou...

– ... Jon Snow. – A garota jogou a trança para trás. – Minha casa e a sua estão unidas por sangue e honra. Ouça-me, parente. Meu tio Cregan está seguindo meu rastro. Você não pode deixá-lo me levar de volta para Karhold.

Jon a olhava. *Conheço essa garota.* Havia algo em seus olhos, na sua postura, na maneira que falava. Por um momento, a memória lhe escapou. Então veio.

– Alys Karstark.

Aquilo trouxe um vago sorriso aos lábios dela.

– Não estava segura de que se lembraria. Faz seis anos desde a última vez que me viu.

– Você foi para Winterfell com seu pai. – *O pai que Robb decapitou*. – Não me lembro para quê.

Ela corou.

– Para que pudesse conhecer seu irmão. Oh, havia algum outro pretexto, mas essa era a razão verdadeira. Eu era quase da mesma idade de Robb e meu pai achava que podíamos formar um casal. Teve um banquete. Dancei com você e com seu irmão. Ele foi muito cortês e disse que dancei belamente. Você estava mal-humorado. Meu pai disse que isso era de se esperar de um bastardo.

– Eu me lembro. – Era apenas meia mentira.

– Você ainda é um pouco mal-humorado – a garota disse –, mas eu o perdoarei se você me salvar do meu tio.

– Seu tio... seria Lorde Arnolf?

– Ele não é nenhum lorde – Alys disse com desdém. – Meu irmão Harry é o legítimo senhor, e, por lei, sou sua herdeira. Uma filha vem antes de um tio. Tio Arnolf é apenas o castelão. Ele é meu tio-avô, na verdade, o tio do meu pai. Cregan é filho dele. Imagino que isso faça dele um primo, mas nós sempre o chamamos de tio. Agora, eles pretendem que eu o chame de marido. – Ela fechou o punho. – Antes da guerra, eu estava prometida a Daryn Hornwood. Estávamos apenas esperando que eu florescesse para nos casarmos, mas o Regicida matou Daryn no Bosque dos Murmúrios. Meu pai escreveu dizendo que encontraria algum lorde sulista para se casar comigo, mas nunca o fez. Seu irmão Robb cortou a cabeça dele por matar uns Lannister. – Sua boca se contorceu. – Eu pensava que todo o motivo pelo qual marcharam para o Sul era para matar alguns Lannister.

– Isso não... não é tão simples assim. Lorde Karstark assassinou dois prisioneiros, minha senhora. Garotos desarmados, escudeiros em uma cela.

A garota não parecia surpresa.

– Meu pai nunca gritou como Grande-Jon, mas não era menos perigoso em sua ira. Mas está morto, agora. Assim como seu irmão. Mas você e eu estamos aqui, ainda vivos. Há contenda de sangue entre nós, Lorde Snow?

– Quando um homem toma o negro, ele coloca as contendas de lado. A Patrulha da Noite não tem disputas com Karhold, nem com você.

– Bom. Eu tinha medo... Implorei ao meu pai que deixasse um dos meus irmãos como castelão, mas nenhum deles queria perder a glória e os resgates a serem conquistados no Sul. Agora, Torr e Edd estão mortos.

Harry é prisioneiro em Lagoa da Donzela, foi o último que soubemos, mas isso foi há quase um ano. Ele pode estar morto também. Não sabia a quem mais recorrer, se não ao último filho de Eddard Stark.

– Por que não ao rei? Karhold se declarou por Stannis.

– Meu tio se declarou por Stannis na esperança de fazer os Lannister cortarem a cabeça do pobre Harry. Se meu irmão morrer, Karhold passará para mim, mas meus tios querem meu direito de nascença para eles. Uma vez que Cregan tenha um filho comigo, não precisará mais de mim. Já enterrou duas esposas. – Ela secou uma lágrima com raiva, da mesma maneira que Arya teria feito. – Vai me ajudar?

– Casamentos e heranças são assuntos para o rei, minha senhora. Escreverei a Stannis em seu nome, mas...

Alys Karstark riu, mas era um riso de desespero.

– Escreva, mas não espere resposta. Stannis estará morto antes de receber sua mensagem. Meu tio garantirá isso.

– O que quer dizer?

– Arnolf está correndo para Winterfell, é verdade, mas apenas para enfiar uma adaga nas costas do seu rei. Ele se aliou a Roose Bolton há muito tempo... por ouro, pela promessa de perdão e pela cabeça do pobre Harry. Lorde Stannis está marchando para um abate. Ele não poderá me ajudar, mesmo se quisesse. – Alys se ajoelhou diante dele, segurando o manto negro. – Você é minha única esperança, Lorde Snow. Em nome de seu pai, eu lhe imploro. Proteja-me.

# A garota cega

Suas noites eram iluminadas por estrelas distantes e pelo brilho da lua na neve, mas todas as manhãs ela acordava na escuridão.

Abriu os olhos e encarou, cega, a escuridão que a cercava, o sonho já desaparecendo. *Tão bonito*. Lambeu os lábios, lembrando. O balido da ovelha, o terror nos olhos do pastor, o som que os cães fizeram quando ela os matou um a um, o rosnado da sua matilha. A diversão ficara mais escassa desde que a neve começara a cair, mas na noite passada haviam se banqueteado. Ovelha, cães, carneiros e carne humana. Alguns de seus pequenos primos cinzentos tinham medo dos homens, mesmo de homens mortos, mas não ela. Carne era carne, e homens eram presa. Ela era a loba da noite. Mas apenas quando sonhava.

A garota cega virou de lado, sentou, ficou em pé e esticou-se. Sua cama era um colchão com recheio de trapos sobre uma pedra fria, e ela sempre acordava endurecida e encolhida. Caminhou até a bacia, com pés pequenos, descalços e calosos, silenciosa como uma sombra, jogou água fria no rosto e se secou. *Sor Gregor*, pensou. *Dunsen, Raff, o Querido. Sor Ilyn, Sor Meryn, Rainha Cersei*. Sua oração matinal. Era? *Não*, ela pensou, *não é minha. Não sou ninguém. Esta é a oração da loba da noite. Um dia, ela os encontrará, os caçará, sentirá o medo deles, provará seu sangue. Um dia.*

Encontrou suas roupas íntimas em uma pilha, cheirou-as para ter certeza de que estavam limpas o suficiente para vestir, colocou-as na escuridão. Sua roupa de serva estava onde a pendurara; uma longa túnica de lã não tingida, áspera e pinicante. Pegou-a e puxou para baixo pela cabeça, com um suave movimento já conhecido. As meias vieram por último. Uma negra, uma branca. A negra tinha uma costura na parte de cima, a branca, não; ela podia sentir qual era qual e ter certeza de colocar cada meia na perna correta. Apesar de magras, suas pernas eram fortes e

flexíveis, e ficavam mais longas a cada dia. Ela ficava feliz com isso. Uma dançarina de água precisa de boas pernas. A Cega Beth não era uma dançarina de água, mas não seria Beth para sempre.

Conhecia o caminho para as cozinhas, mas seu nariz a teria levado até lá mesmo se não soubesse. Pimentas ardidas e peixe frito, percebeu, farejando pelo salão, e pão fresco do forno de Umma. Os odores fizeram sua barriga roncar. A loba da noite tinha se banqueteado, mas isso não enchia a barriga da garota. Carne de sonho não podia nutri-la, aprendera logo no início.

Quebrou o jejum com sardinhas fritas crocantes em óleo de pimenta e servidas tão quentes que queimaram seus dedos. Raspou o restante do óleo com um pedaço de pão do final da fornada matinal de Umma e empurrou tudo para baixo com uma taça de vinho aguado, saboreando os gostos e os cheiros, a sensação áspera da casca do pão entre os dedos, a suavidade do óleo, a picada da pimenta ardida quando entrou em contato com um arranhão semicurado nas costas da mão. *Audição, olfato, paladar, tato*, lembrou a si mesma. *Há muitas maneiras de conhecer o mundo para aqueles que não podem ver.*

Alguém entrou no salão atrás dela, movendo-se com macios chinelos acolchoados, quieto como um rato. Suas narinas se abriram. *O homem gentil*. Homens tinham um odor diferente do das mulheres, e havia um toque de laranja no ar também. O sacerdote gostava de mascar cascas de laranja para adoçar o hálito, sempre que as conseguia.

– Quem é você nesta manhã? – ela o ouviu perguntar, enquanto ele se sentava na cabeceira da mesa. *Tap, tap*, escutou, então um som curto de algo se rachando. *Quebrando seu primeiro ovo.*

– Ninguém – respondeu.

– Mentira. Conheço você. Você é aquela mendiga cega.

– Beth. – Ela conhecera uma Beth certa vez, ainda em Winterfell, quando era Arya Stark. Talvez fosse por isso que escolhera aquele nome. Ou talvez porque combinava com *cega*.

– Pobre criança – disse o homem gentil. – Gostaria de ter seus olhos de volta? Peça, e poderá ver.

Ele fazia a mesma pergunta todas as manhãs.

– Posso querê-los amanhã. Hoje, não. – Seu rosto ainda era água parada, ocultando tudo, não revelando nada.

– Como quiser. – Ela podia ouvi-lo descascando o ovo e, então, um suave ruído metálico quando pegou a colher de sal. Ele gostava de ovos bem salgados. – Onde minha pobre garota cega mendigou noite passada?

– Na Estalagem da Enguia Verde.

– Quais são as três coisas novas que você sabe que não sabia quando nos deixou?

– O Senhor do Mar ainda está doente.

– Essa não é uma coisa nova. O Senhor do Mar estava doente ontem e ainda estará doente amanhã.

– Ou morto.

– Quando estiver morto, esta será uma coisa nova.

*Quando ele estiver morto, haverá uma escolha, e as facas surgirão*. Esse era o jeito de Bravos. Em Westeros, um rei morto era substituído pelo filho mais velho, mas os bravosis não tinham rei.

– Tormo Fregar será o novo Senhor do Mar.

– É o que estão dizendo na Estalagem da Enguia Verde?

– Sim.

O homem gentil deu uma mordida em seu ovo. A garota o ouviu mastigar. Ele nunca falava com a boca cheia. Engoliu, e disse:

– Alguns homens dizem que há sabedoria no vinho. Tais homens são tolos. Em outras estalagens, correm boatos com outros nomes, não duvide. – Deu outra mordida no ovo, mastigou, engoliu. – Quais são as três coisas novas que você sabe que não sabia antes?

– Sei que alguns homens dizem que Tormo Fregar certamente será o novo Senhor do Mar – respondeu. – Alguns homens bêbados.

– Melhor. O que mais você sabe?

*Está nevando no Tridente, em Westeros*, ela quase disse. Mas ele teria perguntado como sabia aquilo, e não achava que ele gostaria da resposta. Mordeu o lábio, pensando na noite anterior.

– A prostituta S'vrone está grávida. Ela não tem certeza de quem é o pai, mas acha que pode ser aquele mercenário tyroshino que matou.

– Isso é bom saber. O que mais?

– A Rainha Badejo escolheu uma nova Sereia para substituir a que se afogou. É filha de uma aia de Prestayn, treze anos e sem dinheiro, mas adorável.

– Todas são, no início – disse o sacerdote –, mas você não pode saber se ela é adorável a menos que a tenha visto com seus próprios olhos, e você não tem nenhum. Quem é você, criança?

– Ninguém.

– A Cega Beth, a mendiga, é quem eu vejo. É uma mentirosa desgraçada, essa uma. Cumpra seus deveres. *Valar morghulis.*

– *Valar dohaeris*. – Ela recolheu a tigela e a taça, faca e colher, e se levantou. Por último, pegou seu bastão. Tinha um metro e meio, delgado e flexível, da grossura do seu polegar, com couro enrolado no cabo por trinta centímetros a partir do topo. *Melhor do que olhos, uma vez que aprenda a usá-lo*, dissera a criança abandonada.

Aquilo era uma mentira. Eles frequentemente mentiam para ela, para testá-la. Nenhum bastão era melhor do que um par de olhos. Era bom tê-lo, no entanto, então ela sempre o mantinha por perto. Umma passara a chamá-la de Bastão, mas nomes não importavam. Ela era ela. *Ninguém. Não sou ninguém. Apenas uma garota cega, apenas uma serva Daquele que Tem Muitas Caras.*

Todas as noites, na ceia, a criança abandonada trazia para ela uma taça de leite e dizia para bebê-lo. A bebida tinha um gosto estranho e amargo, que a garota cega logo aprendeu a odiar. Mesmo o fraco cheiro, que indicava o que estava ali antes que sua língua a tocasse, a fazia sentir náuseas, mas ela esvaziava a taça do mesmo jeito.

– Quanto tempo preciso ficar cega? – ela perguntara.

– Até que a escuridão seja tão doce para você quanto a luz – a criança abandonada dissera –, ou até que você peça por seus olhos. Peça, e você verá.

*E então vocês me mandarão embora.* Melhor cega que isso. Eles não a fariam desistir.

No dia em que acordara cega, a criança abandonada a tomou pela mão e a levou através das galerias e túneis de pedra sobre os quais a Casa do Preto e Branco fora construída, subindo os íngremes degraus até o templo propriamente.

– Conte os degraus enquanto sobe – dissera. – Deixe seus dedos passarem pela parede. Há marcas aqui, invisíveis aos olhos, mas claras ao toque.

Aquela fora sua primeira lição. Houve muitas mais.

Venenos e poções eram para as tardes. Ela tinha o olfato, o tato e o paladar para ajudá-la, mas tocar e provar podia ser perigoso quando se triturava venenos e, com algumas das tóxicas cocções da criança abandonada, até mesmo cheirar podia ser bem pouco seguro. Pontas dos dedos queimadas e lábios com bolhas se tornaram familiares para ela e, uma vez, ficou tão doente que não pôde manter nada no estômago por dias.

A ceia era para aulas de idiomas. A garota cega entendia bravosi e podia falar, mesmo que sofrivelmente, já tendo perdido a maior parte de seu sotaque bárbaro, mas o homem gentil não estava satisfeito. Ele também insistia para que melhorasse seu Alto Valiriano e aprendesse as línguas de Lys e Pentos.

À noite, ela jogava o jogo da mentira com a criança abandonada, mas, sem seus olhos para ver, o jogo era muito diferente. Algumas vezes, tudo o que tinha era o tom de voz e a escolha das palavras; em outras vezes, a criança abandonada permitia que ela colocasse as mãos sobre seu rosto. No começo, o jogo era muito, muito difícil, a coisa mais próxima de impossível... mas justamente quando ela estava perto do ponto de gritar de frustração, tudo se tornou muito mais fácil. Ela aprendeu a *escutar* as mentiras, a senti-las no movimento dos músculos ao redor da boca e dos olhos.

Muitas de suas outras obrigações permaneciam as mesmas, mas, enquanto as cumpria, tropeçava nos móveis, batia nas paredes, derrubava bandejas, perdia-se irremediavelmente dentro do templo. Uma vez, quase caiu escada abaixo, mas Syrio Forel a ensinara a equilibrar-se, em outra vida, quando era uma garota chamada Arya, e de algum modo ela se recordou e segurou-se a tempo.

Algumas noites, teria chorado até dormir, se ainda fosse Arry, ou Doninha, ou Gata, ou mesmo Arya da Casa Stark... mas ninguém não tinha lágrimas. Sem olhos, mesmo a mais simples das tarefas era perigosa. Ela se queimara uma dúzia de vezes enquanto trabalhava com Umma nas cozinhas. Uma vez, descascando cebolas, cortou o dedo até o osso. Por duas vezes não conseguiu encontrar o caminho até os porões e teve que dormir no chão, na base dos degraus. Todos os cantos e recantos tornavam o templo traiçoeiro, mesmo depois que a garota cega aprendeu a usar seus ouvidos; o jeito que o som de seus passos ricocheteava no

teto e ecoava em torno das pernas dos trinta imensos deuses de pedra fazia as paredes parecerem se mover, e a piscina de água negra parada fazia as coisas soarem estranhas também.

– Você tem cinco sentidos – o homem gentil dissera. – Aprenda a usar os outros quatro, e terá menos cortes, arranhões e cascas de ferida.

Ela podia sentir correntes de ar em sua pele, agora. Podia encontrar as cozinhas pelo cheiro, reconhecer homens e mulheres por seus odores. Conhecia Umma, as servas e os acólitos por suas passadas, podia distinguir um do outro antes de estarem perto o suficiente para cheirá-los (exceto a criança abandonada e o homem gentil, que raramente faziam som algum, a menos que quisessem). As velas queimando no templo também tinham cheiros; mesmo as que não tinham perfume soltavam filetes de fumaça de seus pavios. Tudo isso começara a falar, assim que ela aprendera a usar o nariz.

Até os mortos tinham seu próprio odor. Um de seus deveres era encontrá-los no templo todas as manhãs, onde quer que tivessem resolvido se deitar e fechar os olhos depois de beber da piscina.

Naquela manhã, encontrou dois.

Um homem morrera aos pés do Estranho, uma única vela tremeluzindo sobre ele. Podia sentir seu calor, e o cheiro que ele exalava fazia seu nariz coçar. A vela queimava com uma chama vermelha, ela sabia; para aqueles com olhos, o cadáver teria parecido inundado de um brilho avermelhado. Antes de convocar os servos para levá-lo, ajoelhou-se e sentiu o rosto dele, traçando a linha da sua mandíbula, passando os dedos pelas bochechas e nariz, tocando seu cabelo. *Cabelo crespo e grosso. Um rosto bonito, sem rugas. Era jovem.* Ela se perguntava o que o trouxera ali, em busca do dom da morte. Espadachins à beira da morte frequentemente vinham até a Casa do Preto e Branco, para acelerar seu fim, mas este homem não tinha ferimentos que ela pudesse encontrar.

O segundo corpo era o de uma velha. Dormira sobre um sofá dos sonhos, em uma das alcovas escondidas onde velas especiais conjuravam visões de coisas amadas e perdidas. Uma morte doce e suave, o homem gentil gostava de dizer. Os dedos da garota cega lhe disseram que a velha morrera com um sorriso no rosto. Não havia muito tempo que estava morta. Seu corpo ainda estava quente ao toque. *Sua pele é tão macia, como um couro antigo que foi dobrado e amassado mil vezes.*

Quando os servos chegaram para levar os cadáveres embora, a garota cega os seguiu. Deixou que os passos deles a guiassem, mas quando começaram a descer, ela contou. Sabia quantos eram todos os degraus de cor. Sob o templo, havia um labirinto de galerias e túneis onde mesmo homens com dois olhos bons frequentemente se perdiam, mas a garota cega aprendera cada centímetro daquele espaço, e tinha seu bastão para ajudá-la a encontrar o caminho se a memória falhasse.

Os cadáveres foram colocados em uma cripta. A garota cega começou a trabalhar no escuro, tirando as botas, as roupas e outras posses dos mortos, esvaziando seus bolsos e contando suas moedas. Distinguir uma moeda de outra apenas pelo tato fora uma das primeiras coisas que a criança abandonada a ensinara depois que tomaram sua visão. As moedas bravosis eram velhas amigas; ela precisava apenas passar a ponta dos dedos sobre suas faces para reconhecê-las. Moedas de outras terras e cidades eram mais difíceis, especialmente aquelas de muito longe. Honras volantinas eram as mais comuns, pequenas moedas não maiores do que as de um dinheiro, com uma coroa de um lado e um crânio do outro. Moedas lisenas eram ovais e exibiam uma mulher nua. Outras moedas estampavam navios, ou elefantes, ou cabras. As moedas westerosis mostravam uma cabeça de rei na frente e um dragão atrás.

A velha não tinha bolsa, nenhuma riqueza além de um anel em um de seus magros dedos. No homem bonito, ela encontrou quatro dragões de ouro de Westeros. Estava passando a ponta do polegar na mais gasta delas, tentando descobrir qual rei era mostrado, quando ouviu a porta se abrir suavemente.

– Quem está aí? – ela perguntou.

– Ninguém. – A voz era profunda, dura, fria.

E estava se movendo. Ela deu um passo para o lado, pegou seu bastão e ergueu-o para proteger o rosto. Madeira estalou contra madeira. A força do golpe quase arrancou o bastão de suas mãos. Ela o segurou e devolveu o golpe... e encontrou apenas ar onde ele deveria estar.

– Aí, não – a voz disse. – Você é cega?

Ela não respondeu. Falar só confundiria qualquer som que ele pudesse estar fazendo. Ele devia estar se movendo, ela sabia. *Esquerda ou direita?* Pulou para a esquerda, batendo à direita, acertando nada. A dor aguda de um golpe atingiu a parte de trás das pernas dela.

– É surda? – Ela girou, o bastão na mão esquerda, contorcendo-se, errando. Ouviu um som de risada à esquerda. Bateu do lado direito.

Dessa vez, acertou. Seu bastão bateu no dele. O impacto enviou uma onda de choque por seu braço.

– Bom – a voz disse.

A garota cega não sabia a quem a voz pertencia. Um dos acólitos, supôs. Não se lembrava de ter ouvido essa voz antes, mas não diziam que os servos do Deus de Muitas Caras podiam mudar de voz tão facilmente quanto de rosto? Além dela, a Casa do Preto e Branco era lar de dois servos, três acólitos, Umma, a cozinheira, e dos dois sacerdotes que ela chamava de criança abandonada e homem gentil. Outros vinham e iam, algumas vezes por caminhos secretos, mas aqueles eram os únicos que viviam ali. Seu inimigo podia ser qualquer um deles.

A garota se lançou de lado, o bastão girando, então ouviu um som atrás de si, virou-se naquela direção e acertou o ar. E, de repente, o bastão dele estava entre as pernas dela, enroscando-se nelas quando tentou virar novamente, raspando suas canelas. Ela tropeçou e saiu sob um joelho com tanta força que mordeu a língua.

Então, ela parou. *Imóvel como uma pedra. Onde está ele?*

Atrás dela, ele riu. Acertou-a em um ouvido, então bateu nos nós de seus dedos enquanto ela lutava para se pôr em pé. O bastão dela caiu ruidosamente na pedra. Ela silvou em fúria.

– Vá. Pegue. Cansei de bater em você hoje.

– Ninguém bate em mim. – A garota engatinhou até encontrar o bastão, então se levantou, machucada e suja. A cripta estava parada e silenciosa. Ele se fora. Ou estava lá? Ele podia estar parado bem atrás dela, e ela nunca saberia. *Ouça a respiração dele*, disse a si mesma, mas não havia nada. Esperou mais um momento, então colocou o bastão de lado e voltou ao seu trabalho. *Se eu tivesse meus olhos, poderia espancá-lo cruelmente.* Um dia o homem gentil os devolveria, e ela poderia mostrar a todos eles.

O cadáver da velha estava frio agora, o corpo do espadachim endurecendo. A garota estava acostumada a isso. Na maior parte dos dias, passava mais tempo com os mortos do que com os vivos. Sentia falta dos amigos que tivera quando era a Gata dos Canais; o Velho Brusco, com suas costas ruins, suas filhas Talea e Brea, os

pantomimeiros do Navio, Merry e suas putas no Porto Feliz, e todos os trapaceiros e a escória da região do cais. E, principalmente, sentia falta da própria Gata, mais até do que sentia falta dos seus olhos. Tinha gostado de ser a Gata, mais do que gostara de ser Salgada, ou Pombinha, ou Doninha, ou Arry. *Matei Gata quando matei aquele cantor*. O homem gentil dissera que teria tomado sua visão de qualquer maneira, para ajudá-la a aprender a usar seus outros sentidos, mas não por seis meses. Acólitos cegos eram comuns na Casa do Preto e Branco, mas poucos tão jovens quanto ela. A garota não se arrependia, no entanto. Dareon era um desertor da Patrulha da Noite; merecia morrer.

Dissera aquilo para o homem gentil.

– E você é um deus, para decidir quem deve viver e quem deve morrer? – ele perguntou. – Damos o presente para os que são marcados por Aquele de Muitas Caras, depois de orações e sacrifícios. Sempre foi assim, desde o início. Contei para você sobre a fundação da nossa ordem, sobre como o primeiro de nós respondeu às preces dos escravos que desejavam a morte. O presente era dado apenas para aqueles que ansiavam por ele, no início... até que, um dia, o primeiro de nós ouviu um escravo rezando não por sua própria morte, mas pela de seu mestre. Desejava isso com tanto fervor que ofereceu tudo o que tinha para que sua prece fosse atendida. E pareceu, ao nosso primeiro irmão, que esse sacrifício agradaria Àquele com Muitas Caras, e, naquela noite, ele atendeu a oração. Então foi até o escravo e disse: "Você ofereceu tudo o que tinha pela morte deste homem, mas escravos não têm nada além de suas vidas. É isso o que o deus deseja de você. Pelo resto de seus dias na terra, você o servirá". E, daquele momento em diante, éramos dois. – A mão dele se fechou em torno do braço da garota, gentil mas com firmeza. – Todos os homens têm que morrer. Não somos mais que instrumentos da morte, não a morte em si. Quando assassinou o cantor, você tomou os poderes do deus para si. Matamos homens, mas não pretendemos julgá-los. Entendeu?

*Não*, ela pensou.

– Sim – respondeu.

– Você mente. E é por isso que agora deve andar na escuridão, até ver o caminho. A menos que deseje deixar-nos. Só precisa pedir, e pode ter seus olhos de volta.

*Não*, ela pensou.

– Não – respondeu.

Naquela noite, depois da ceia e de uma curta sessão do jogo da mentira, a garota cega amarrou uma tira de tecido em volta da cabeça para esconder seus olhos inúteis, encontrou sua tigela de esmolas e pediu à criança abandonada que a ajudasse a montar o rosto de Beth. A criança abandonada raspara a cabeça dela, quando tiraram sua visão; um corte pantomimeiro, ela o chamara, uma vez que muitos pantomimeiros faziam o mesmo para que suas perucas servissem melhor. Mas funcionava para mendigos, também, e ajudava a manter a cabeça livre de pulgas e piolhos. Mais do que uma peruca era necessária, no entanto.

– Eu poderia cobri-la de feridas purulentas – a criança abandonada dissera –, mas os estalajadeiros e taverneiros iam expulsar você das portas deles. – Em vez disso, ela lhe dera cicatrizes de varíola e uma pinta negra na bochecha, com um pelo negro saindo dela.

– É feio? – a garota cega perguntou.

– Não é bonito.

– Bom. – Ela nunca se incomodara em ser bonita, mesmo quando era a estúpida Arya Stark. Apenas seu pai já lhe chamara daquilo. *Ele, e Jon Snow, algumas vezes*. Sua mãe costumava dizer que ela *poderia* ser bonita se lavasse e escovasse o cabelo e tomasse mais cuidado com suas roupas, do jeito que a irmã fazia. Para a irmã, as amigas dela e todo o resto, ela fora apenas Arya Cara de Cavalo. Mas estavam todos mortos agora, até mesmo Arya, todos menos seu meio-irmão Jon. Algumas noites, ela ouvia falarem dele nas tavernas e bordéis do Porto do Trapeiro. O Bastardo Negro da Muralha, os homens o chamavam. *Nem mesmo Jon teria reconhecido a Cega Beth, aposto*. Aquilo a deixava triste.

As roupas que usava eram trapos desbotados e gastos, mas, pelo menos, limpos e quentes. Embaixo deles, escondia três facas; uma na bota, uma na manga e uma embainhada nas costas. Os bravosis, em sua maioria, eram um povo gentil, mais dispostos a ajudar a pobre mendiga cega do que a machucá-la, mas sempre havia alguns poucos maus que poderiam vê-la como alvo fácil de roubo ou de estupro. As lâminas eram para esses, embora até agora a garota cega não tivesse sido obrigada a

usá-las. Uma tigela de esmola de madeira rachada e um cinto de corda de cânhamo completavam seu traje.

Saiu quando o Titã rugiu o pôr do sol, contando os passos até a porta do templo e, então, batendo no chão com o bastão até a ponte que a levava pelo canal até a Ilha dos Deuses. Ela podia dizer que a neblina estava espessa pelo jeito pegajoso com que suas roupas grudavam nela e pela sensação de umidade do ar nas mãos desnudas. As névoas de Bravos faziam coisas estranhas aos sons também, ela descobriu. *Metade da cidade estará semicega esta noite*.

Enquanto passava pelos templos, podia ouvir os acólitos do Culto da Sabedoria Estelar no topo de sua torre de vidência, cantando para as estrelas da noite. Uma nuvem de fumaça perfumada pairava no ar, mostrando-lhe o sinuoso caminho onde os sacerdotes vermelhos acendiam os grandes braseiros de ferro do lado de fora da casa do Senhor da Luz. Logo ela sentiria o calor no ar, enquanto os seguidores de R'hllor elevavam suas vozes em oração.

– *Porque a noite é escura e cheia de terrores* – rezavam.

*Não para mim*. Suas noites eram banhadas pelo luar e repletas com as canções de sua matilha, com o sabor de carne vermelha arrancada dos ossos, com os odores acolhedores e familiares de seus primos cinzentos. Apenas durante o dia estava sozinha e cega.

Ela não era estranha à beira-mar. Gata costumava espreitar os cais e os becos do Porto do Trapeiro vendendo mexilhões, mariscos e ostras para Brusco. Com seus trapos, sua cabeça raspada e sua pinta falsa, não parecia a mesma daquela época, mas, apenas por segurança, ficava longe do Navio, do Porto Feliz e dos outros lugares onde Gata era mais conhecida.

Ela reconhecia cada estalagem e taverna pelo cheiro. O Barqueiro Negro tinha um cheiro de salmoura. O Do Pynto fedia a vinho azedo, queijo fedido e ao próprio Pynto, que nunca trocava de roupa ou lavava o cabelo. No Cerzidor de Velas, o ar fumacento era sempre temperado com o cheiro de carne assada. A Casa das Sete Lamparinas era perfumada com incenso, o Palácio de Cetim com perfumes das bonitas garotas que sonhavam em ser cortesãs.

Cada lugar tinha seu próprio som também. O Moroggo e a Estalagem da Enguia Verde tinham cantores se apresentando na maioria das noites.

Na Estalagem do Exilado, os próprios fregueses cantavam, em vozes bêbadas e em meia centena de idiomas. A Casa da Neblina estava sempre lotada com marujos fora de seus barcos, discutindo sobre deuses e cortesãs e se o Senhor do Mar era ou não um tolo. O Palácio de Cetim era muito mais silencioso, um lugar de palavras carinhosas sussurradas, do suave roçar dos vestidos de seda e dos risinhos de garotas.

Beth mendigava em um lugar diferente a cada noite. Ela logo aprendera que as estalagens e tavernas eram mais tolerantes à sua presença se suas aparições não fossem frequentes. Noite passada ficara do lado de fora da Estalagem da Enguia Verde, então esta noite ela virou à direita em vez de à esquerda depois da Ponte Sangrenta e foi até o Do Pynto na outra ponta do Porto do Trapeiro, bem na beira da Torre Afogada. Ele podia ser barulhento e fedido, mas Pynto tinha um coração mole sob todas aquelas roupas sem lavar e arrogância. Com frequência ele a deixava entrar, onde era quente, se o lugar não estivesse muito lotado, e de vez em quando até mesmo lhe dava uma caneca de cerveja e um pouco de comida, enquanto a regalava com suas histórias. Em sua juventude, Pynto fora o mais notório pirata de Passopedra, pelo que contava; não havia nada que amasse mais do que falar longamente sobre suas façanhas.

Estava com sorte naquela noite. A taverna estava quase vazia, e ela foi capaz de conseguir um canto tranquilo não muito longe do fogo. Mal sentou e cruzou as pernas quando algo se esfregou contra sua coxa.

– Você de novo? – disse a garota cega. Coçou a cabeça dele atrás da orelha, e o gato pulou em seu colo e começou a ronronar. Bravos era cheia de gatos, e nenhum lugar era mais cheio do que o Do Pynto. O velho pirata acreditava que os felinos traziam boa sorte e mantinham sua taverna livre de pragas. – Você me conhece, não? – ela sussurrou. Gatos não eram enganados com pintas falsas. Eles se lembravam da Gata dos Canais.

Foi uma boa noite para a garota cega. Pynto estava de excelente humor e deu a ela uma taça de vinho aguado, um pedaço de queijo fedido e meia torta de enguia.

– Pynto é um homem muito bom – ele anunciou e, em seguida, sentou-se ao seu lado para contar da vez que apreendeu um navio de especiarias, uma história que ela já ouvira uma dúzia de vezes.

Conforme as horas passavam, a taverna enchia. Logo Pynto estava ocupado demais para prestar qualquer atenção nela, mas vários de seus clientes regulares jogaram moedas em sua tigela de pedinte. Outras mesas estavam ocupadas por estranhos; baleeiros ibeneses que cheiravam a sangue e gordura de baleia, uma dupla de espadachins com cheiro de óleo no cabelo, um gordo de Lorath que reclamava que as cadeiras de Pynto eram muito pequenas para sua barriga. E, mais tarde, três lisenos, marinheiros do *Coração Bom*, uma galera arruinada pela tempestade que se arrastara até Bravos noite passada e fora apreendida naquela manhã pelos guardas do Senhor do Mar.

Os lisenos ficaram na mesa mais próxima do fogo e falavam tranquilamente por cima de canecas de rum com alcatrão negro, mantendo as vozes baixas para que ninguém os ouvisse. Mas ela não era ninguém e ouviu a maior parte do que disseram. E, por um momento, parecia que podia vê-los também, através dos olhos amarelos semicerrados do gato ronronando em seu colo. Um era velho, um era jovem e um perdera uma orelha, mas todos os três tinham o cabelo branco-aloirado e a pele macia de Lys, onde o sangue do antigo Domínio ainda corria forte.

Na manhã seguinte, quando o homem gentil lhe perguntou quais eram as três coisas que sabia agora que não sabia antes, ela estava pronta.

– Sei por que o Senhor do Mar apreendeu o *Coração Bom*. O navio levava escravos. Centenas de escravos, mulheres e crianças, todos amarrados no porão. – Bravos fora fundada por escravos fugidos, e o comércio de escravos era proibido na cidade. – Sei de onde os escravos vieram. Eram selvagens de Westeros, de um lugar chamado Durolar. Um antigo lugar em ruínas, amaldiçoado. – A Velha Ama contara para ela histórias de Durolar, quando estava em Winterfell e ainda era Arya Stark. – Depois da grande batalha na qual o Rei-para-lá-da-Muralha foi morto, os selvagens fugiram, e sua feiticeira da floresta disse que, se fossem para Durolar, navios viriam e os levariam embora, para algum lugar quente. Mas nenhum navio apareceu, exceto esses dois lisenos piratas, *Coração Bom* e *Elefante*, que tinham sido levados para o norte por uma tempestade. Ancoraram em Durolar para fazer reparos e viram os selvagens, mas eram milhares e não havia espaço para todos, então disseram que levariam apenas as mulheres e as crianças. Os selvagens

não tinham nada para comer, então os homens enviaram as esposas e filhas, mas, assim que os navios chegaram ao alto-mar, os lisenos as mandaram para baixo e as amarraram. Pretendiam vender todas elas em Lys. Só que foram pegos por outra tempestade e os navios se separaram. O *Coração Bom* estava tão danificado que seu capitão não teve outra escolha senão parar aqui, mas o *Elefante* conseguiu voltar para Lys. Os lisenos que estavam no Do Pynto achavam que o *Elefante* retornaria com mais navios. O preço dos escravos está aumentando, disseram, e há milhares de mulheres e crianças em Durolar.

– Isso é bom de saber. Já são duas coisas. Há uma terceira?

– Sim. Sei que era você quem estava me batendo. – O bastão dela agiu rápido e bateu contra os dedos dele, mandando o bastão do sacerdote para o chão.

Ele estremeceu e puxou a mão.

– E como uma garota cega poderia saber isso?

*Eu vi você.*

– Eu lhe dei três coisas. Não preciso dar uma quarta. – Talvez, pela manhã, contasse para ele sobre o gato que a seguira para casa na noite anterior, do Do Pynto, o gato que estava escondido nas vigas, olhando para eles. *Ou talvez não*. Se ele podia ter segredos, ela também podia.

Naquela noite, Umma serviu caranguejos com crosta de sal para a ceia. Quando sua taça lhe foi apresentada, a garota cega torceu o nariz e bebeu em três longos goles. Então engasgou e derrubou a taça. Sua língua estava pegando fogo, e quando tomou outra taça de vinho, as chamas se espalharam por sua garganta e pelo seu nariz.

– Vinho não ajudará, e água vai só atiçar as chamas – a criança abandonada falou para ela. – Coma isto. – Um pedaço de pão foi pressionado em sua mão. A garota o enfiou na boca, mastigou, engoliu. Ajudou. Um segundo pedaço ajudou ainda mais.

E veio a manhã, quando a loba da noite a deixou e ela abriu os olhos, viu uma vela de sebo brilhando onde nenhuma vela estivera na noite anterior, sua chama incerta balançando para a frente e para trás, como uma prostituta no Porto Feliz. Nunca vira algo tão lindo.

# Um fantasma em Winterfell

O morto foi encontrado na base da muralha interior, com o pescoço quebrado e apenas a perna esquerda aparecendo através da neve que o enterrara durante a noite.

Se as cadelas de Ramsay não o tivessem desenterrado, ele poderia ter ficado lá até a primavera. Quando Ben Ossos o puxou, Jeyne Cinza havia comido tanto do rosto do morto que meio dia se passou antes que soubessem com certeza quem era: um homem em armas de quatro e quarenta anos que marchara para o Norte com Roger Ryswell.

– Um bêbado – Ryswell declarou. – Mijando da muralha, aposto. Escorregou e caiu. – Ninguém discordou. Mas Theon Greyjoy se perguntou por que um homem subiria por degraus escorregadios de neve até as ameias, na escuridão da noite, apenas para mijar.

Enquanto a guarnição quebrava o jejum naquela manhã com pão velho frito na gordura de toicinho (os senhores e cavaleiros comiam o toicinho), as conversas pelas mesas giravam em torno do cadáver.

– Stannis tem amigos dentro do castelo – Theon ouviu um oficial resmungar. Era um velho Tallhart, três árvores costuradas em sua túnica esfarrapada. O turno acabara de mudar. Homens vinham do frio, batendo os pés para tirar a neve das botas e dos calções, enquanto a refeição do meio-dia era servida; chouriço, alho-poró e pão preto ainda quente do forno.

– Stannis? – riu um dos homens de Roose Ryswell. – Stannis está com neve até as orelhas agora. Ou então fugiu de volta para a Muralha, com o rabo congelado entre as pernas.

– Ele pode estar acampado a um metro e meio das nossas muralhas, com cem mil homens – disse um arqueiro vestindo as cores Cerwyn. – Não veríamos nenhum deles através desta tempestade.

Interminável, incessante, impiedosa, a neve caía dia e noite. Montes se acumulavam nas muralhas e enchiam as ameias, cobertores brancos cobriam todos os telhados, tendas desabavam sob o peso da neve. Cordas foram amarradas entre um salão e outro para ajudar os homens a não se perder enquanto cruzavam o pátio. Sentinelas lotavam as torres de guarda para aquecer mãos semicongeladas em braseiros incandescentes, deixando as rondas na muralha para as sentinelas de neve que os escudeiros haviam feito, e que ficavam maiores e mais estranhas a cada noite, conforme o vento e o clima agiam sobre elas. Barbas irregulares de gelo cresciam sob as lanças enfiadas nos punhos dos bonecos. Pelo menos um homem de Hosteen Frey, que fora ouvido rosnando que não temia um pouco de neve, perdeu uma orelha por causa do congelamento.

Os cavalos no pátio eram os que mais sofriam. Os cobertores colocados sobre eles para mantê-los aquecidos ficavam ensopados e congelavam se não fossem trocados regularmente. Quando fogueiras eram acesas para manter o frio afastado, causavam mais danos do que benefícios. Os cavalos de guerra tinham medo das chamas e lutavam para fugir, machucando a si mesmos e aos outros cavalos enquanto se retorciam em suas rédeas amarradas. Apenas os cavalos nos estábulos estavam seguros e aquecidos, mas os estábulos já estavam superlotados.

– Os deuses se viraram contra nós – ouviram o velho Lorde Locke dizer no Grande Salão. – Esta é a ira deles. Um vento tão frio quanto o próprio inferno e neve que nunca acaba. Estamos amaldiçoados.

– Stannis está amaldiçoado – insistiu um homem do Forte do Pavor. – É ele quem está lá fora, na tempestade.

– Lorde Stannis pode estar mais aquecido do que pensamos – argumentou um tolo mercenário. – A feiticeira dele pode convocar o fogo. O deus vermelho dela poderia derreter estas neves.

*Aquilo fora imprudente*, Theon soube na hora. O homem falara muito alto, e ao alcance da audição de Caralho Amarelo, Alyn Azedo e Ben Ossos. Quando a história chegou a Lorde Ramsay, ele enviou os Rapazes do Bastardo para prender o homem e arrastá-lo pela neve.

– Como você parece gostar tanto de Stannis, vou mandá-lo para ele – disse Ramsay. Damon Dance-para-Mim deu algumas chibatadas no mercenário com seu longo chicote besuntado. Então, enquanto Peleiro e

Caralho Amarelo faziam apostas sobre quão rápido seu sangue congelaria, Ramsay fez o homem ser arrastado até o Portão das Ameias.

Os grandes portões principais de Winterfell estavam fechados e lacrados, e tão travados com gelo e neve que as pontes levadiças tinham que ser escavadas para serem soltas, antes de serem movidas. Quase a mesma coisa acontecia no Portão do Caçador, embora ao menos o gelo não fosse um problema, uma vez que o portão fora usado recentemente. O Portão da Estrada do Rei estava sem uso havia um tempo, e o gelo congelara as correntes da ponte, endurecendo-as como pedras. Com isso, sobrava o Portão das Ameias, uma pequena passagem arqueada na muralha interior. Era apenas metade de um portão, na verdade, com uma ponte que atravessava o fosso congelado, mas sem portão correspondente na muralha exterior, oferecendo acesso à muralha externa, mas não ao mundo exterior.

O mercenário ferido foi carregado pela ponte e pelos degraus, ainda protestando. Então Peleiro e Alyn Azedo seguraram seus braços e pernas e o atiraram da muralha, em uma queda de mais de vinte metros até o chão. Os montes de neve estavam tão altos que engoliram o corpo do homem... mas arqueiros nas ameias afirmaram que o viram algum tempo depois, arrastando uma perna quebrada pela neve. Um deles acertou seu traseiro com uma flecha enquanto ele se contorcia.

– Estará morto em uma hora – prometeu Lorde Ramsay.

– Ou estará chupando o pau de Lorde Stannis antes que o sol se ponha – Terror-das-Rameiras Umber retrucou.

– É melhor tomar cuidado para não quebrá-lo – riu Rickard Ryswell. – Qualquer homem lá fora, neste tempo, estará com o pau congelado.

– Lorde Stannis está perdido na tempestade – disse a Senhora Dustin. – Está a quilômetros de distância, morto ou moribundo. Deixe o inverno fazer o pior. Alguns poucos dias e as neves enterrarão ele e seu exército.

*E nós também*, pensou Theon, impressionado com a tolice da mulher. A Senhora Barbrey era do Norte e deveria saber mais. Os velhos deuses estariam ouvindo.

A ceia foi mingau de ervilha e pão amanhecido, o que causou resmungos entre os homens comuns; nas mesas principais, os senhores e os cavaleiros foram vistos comendo presunto.

Theon estava encurvado sobre uma tigela de madeira, terminando sua porção de mingau de ervilha, quando um leve toque em seu ombro o fez derrubar a colher.

– Nunca me toque – disse, contorcendo-se para apanhar o utensílio caído no chão antes que uma das garotas de Ramsay o pegasse. – *Nunca* me toque.

Ela se sentou perto dele, perto demais; outra das lavadeiras de Abel. Esta era jovem, quinze ou dezesseis anos, com um cabelo desgrenhado precisando de uma boa lavada e um par de lábios carnudos precisando de um bom beijo.

– Algumas garotas gostam de tocar – ela disse com um sorrisinho. – Se for do agrado do meu senhor, sou Holly.

*Holly, a puta*, ele pensou, mas era bem bonita. No passado, ele teria rido e puxado a moça para seu colo, mas esses dias acabaram.

– O que você quer?

– Ver aquelas criptas. Onde estão elas, ‘nhor? Poderia me mostrar? – Holly brincou com uma mecha de seus cabelos, enrolando-a no mindinho. – Profundas e escuras, dizem. Um bom lugar para se tocar. Todos os reis mortos assistindo.

– Abel mandou você até mim?

– Talvez. Talvez tenha vindo por conta própria. Mas se é Abel que está esperando, posso trazer ele. Ele cantará uma bela canção para o ‘nhor.

Cada palavra que ela dizia convencia Theon de que aquilo tudo era uma jogada. Mas de quem e para quê? O que Abel poderia querer com ele? O homem era só um cantor, um alcoviteiro com um alaúde e um sorriso falso. *Ele quer saber como tomei o castelo, mas não é para fazer uma canção sobre isso.* E a resposta lhe ocorreu. *Ele quer saber como entrei, para que possa sair.* Lorde Bolton tinha Winterfell apertado como os cueiros de um bebê. Ninguém entrava ou saía sem sua permissão. *Ele quer fugir, ele e sua lavadeira*. Theon não podia culpá-lo. Mesmo assim, disse:

– Não quero conversa com Abel, com você ou com nenhuma das suas irmãs. Apenas me deixem em paz.

Do lado de fora, a neve girava, dançando. Theon tateou seu caminho até a muralha, então seguiu até o Portão das Ameias. Poderia ter tomado

os guardas por dois bonecos de neve do Pequeno Walder, se não tivesse visto o vapor branco de suas respirações.

– Quero caminhar nas muralhas – disse para eles, sua própria respiração congelando no ar.

– Está um frio maldito lá – um deles avisou.

– Está um frio maldito aqui – falou o outro –, mas faça como quiser, Vira-Casaca. – Acenou para Theon através do portão.

Os degraus estavam cobertos de neve e escorregadios, traiçoeiros no escuro. Assim que chegou à passarela da muralha, não demorou muito para encontrar o lugar de onde atiraram o mercenário. Derrubou a neve recém-caída que enchia as ameias e debruçou-se entre os merlões. *Eu poderia pular*, pensou. *Ele sobreviveu, por que eu não poderia?* Poderia pular e... *E o quê? Quebrar uma perna e morrer sob a neve? Arrastar-me por aí até morrer congelado?*

Era loucura. Ramsay o caçaria com as garotas. Jeyne Vermelha, Jez e Helicent o fariam em pedaços, se os deuses fossem bons. Ou, pior, ele podia ser trazido com vida.

– Tenho que lembrar meu nome – sussurrou.

Na manhã seguinte, o escudeiro grisalho de Sor Aenys Frey foi encontrado nu e morto pela exposição ao tempo no velho cemitério do castelo, seu rosto tão obscurecido pela geada que parecia usar uma máscara. Sor Aenys afirmou que o homem havia bebido demais, também, e se perdera na tempestade, embora ninguém pudesse explicar por que estaria sem roupas na intempérie. *Outra bebedeira*, Theon pensou. O vinho podia afogar uma série de suspeitas.

Então, antes que o dia acabasse, um besteiro juramentado dos Flint apareceu nos estábulos com o crânio quebrado. Escoiceado por um cavalo, Lorde Ramsay declarou. *Parece mais um clube*, Theon decidiu.

Tudo parecia tão familiar, como um espetáculo de pantomimeiros que ele já vira antes. Só que os pantomimeiros haviam mudado. Roose Bolton desempenhava o papel que antes fora de Theon, e os mortos faziam os papéis de Aggar, Gynir Rednose e Gelmarr, o Cruel. Fedor estava ali também, ele se lembrava, mas era um Fedor diferente, um Fedor com mãos ensanguentadas e mentiras escorrendo de seus lábios, doces como mel. *Fedor, Fedor, rima com traidor*.

As mortes fizeram os senhores de Roose Bolton brigarem abertamente no Grande Salão. Alguns estavam ficando sem paciência.

– Quanto tempo ficaremos sentados esperando por este rei que nunca vem? – Sor Hosteen Frey exigiu saber. – Podemos levar a luta até Stannis e dar um fim nele.

– Deixar o castelo? – resmungou Harwood Stout. Seu tom sugeria que preferia ter o restante de seu braço decepado. – Quer nos levar cegamente pela neve?

– Para lutar com Lorde Stannis, temos que encontrá-lo primeiro – Roose Ryswell observou. – Nossos batedores saíram pelo Portão do Caçador, mas até agora nenhum deles retornou.

Lorde Wyman Manderly bateu em sua enorme barriga.

– Porto Branco não tem medo de cavalgar com você, Sor Hosteen. Lidere-nos, e meus cavaleiros estarão atrás de você.

Sor Hosteen virou-se para o homem gordo.

– Perto o suficiente para enfiar uma lança pelas minhas costas, sim. Onde estão meus irmãos, Manderly? Diga-me. Seus convidados, aqueles que trouxeram seu filho de volta para você.

– Os ossos dele, você quer dizer. – Manderly espetou um pedaço de presunto com sua adaga. – Lembro-me bem deles. Rhaegar, o de ombros redondos e língua fluente. O ousado Sor Jared, tão rápido para desembainhar seu aço. Symond, o mestre da espionagem, sempre tilintando moedas. Trouxeram os ossos de Wendel para casa. Foi Tywin Lannister quem me devolveu Wylis, são e salvo, como prometera. Um homem de palavra, Lorde Tywin, que os Sete salvem sua alma. – Lorde Wyman enfiou a carne na boca, mastigou ruidosamente, estalou os lábios e disse: – A estrada tem muitos perigos, sor. Dei a seus irmãos presentes de convidados quando deixaram Porto Branco. Prometemos que nos encontraríamos novamente no casamento. Muitos, e ainda mais, foram testemunhas da nossa despedida.

– Muitos e ainda mais? – zombou Aenys Frey. – Ou você e os seus?

– O que está sugerindo, Frey? – O Senhor de Porto Branco secou a boca com a manga. – Não gosto do seu tom, sor. Não, nem um maldito bocado.

– Vá para o pátio, seu saco de sebo, e eu servirei todos os malditos bocados que seu estômago aguentar – disse Sor Hosteen.

Wyman Manderly riu, mas meia dúzia de seus cavaleiros ficou em pé ao mesmo tempo. Coube a Roger Ryswell e Barbrey Dustin acalmá-los com palavras apaziguadoras. Roose Bolton não disse nada. Mas Theon Greyjoy viu um olhar em seus olhos claros que nunca vira antes – uma inquietação e, até mesmo, uma pitada de temor.

Naquela noite, o novo estábulo ruiu sob o peso da neve que o enterrava. Vinte e seis cavalos e dois cavalariços morreram esmagados pelo telhado que caíra ou sufocados pela neve. Levaram a maior parte da manhã para desenterrar seus corpos. Lorde Bolton apareceu rapidamente na ala externa para inspecionar a cena e ordenou que os cavalos restantes fossem levados para dentro, juntamente com os animais que ainda estavam amarrados do lado de fora. Nem bem os homens haviam desenterrado os mortos e destroçado os cavalos, e outro cadáver foi encontrado.

Essa morte não podia ser explicada pelo tombo de um bêbado ou pelo coice de um cavalo. O morto era um dos favoritos de Ramsay, o atarracado, o escrofuloso, o feio homem em armas chamado Caralho Amarelo. Se seu caralho tinha realmente sido amarelo, era difícil de determinar, já que alguém o cortara e o enfiara na boca da vítima com tanta força que quebrara três de seus dentes. Quando os cozinheiros o encontraram do lado de fora da cozinha, tanto o caralho quanto o homem estavam azuis de frio.

– Queimem o corpo – Roose Bolton ordenou – e assegurem-se de não falar sobre isso. Não quero essa história espalhada.

A história se espalhou do mesmo jeito. Lá pela metade do dia, a maior parte de Winterfell já a ouvira, muitos dos lábios de Ramsay Bolton, de quem Caralho Amarelo fora um dos "Rapazes".

– Quando encontrarmos o homem que fez isso – Lorde Ramsay prometeu –, vou esfolar a pele dele, fritá-la até ficar crocante e fazer que ele a coma, pedaço por pedaço. – E correu a notícia de que o nome do assassino valeria um dragão de ouro.

O fedor dentro do Grande Salão era palpável à tardinha. Com centenas de cavalos, cães e homens se espremendo sob o mesmo telhado, o piso escorregadio com lama e neve derretida, merda de cavalo, cocô de cachorro e até fezes humanas, o ar impregnado com os cheiros de cachorro molhado, de lã molhada e dos cobertores encharcados dos

cavalos, não havia como achar conforto entre os bancos lotados. Mas havia comida. Os cozinheiros serviram grandes travessas de carne de cavalo fresca, bem passadas por fora, sangrentas por dentro, com cebolas assadas e rabanetes... e, pelo menos desta vez, os soldados comuns comeram tão bem quanto os senhores e os cavaleiros.

A carne de cavalo era dura demais para os dentes arruinados de Theon. Suas tentativas de mastigá-la lhe causaram uma dor excruciante. Então esmagou os rabanetes e as cebolas com a lâmina da adaga e fez um purê, depois cortou a carne em pedaços muito pequenos, chupou cada pedaço e cuspiu. Pelo menos tinha um pouco do gosto e algum nutriente da gordura e do sangue. O osso estava além de suas capacidades, então atirou-o para os cães e assistiu Jeyne Cinza fugir com ele enquanto Sara e Willow seguiam em seus calcanhares.

Lorde Bolton ordenou que Abel tocasse para eles enquanto comiam. O bardo cantou *Lanças de Ferro*, e então *A Donzela do Inverno*. Quando Barbrey Dustin pediu por algo mais alegre, deu-lhes *A Rainha Tirou a Sandália, o Rei Tirou a Coroa* e *O Urso e a Bela Donzela*. Os Frey se juntaram à canção e até mesmo alguns nortenhos batiam os punhos na mesa com o refrão, gritando *Um urso! Um urso!* Mas o barulho assustou os cavalos, então os cantores logo pararam e a música morreu.

Os Rapazes do Bastardo estavam reunidos debaixo de um candeeiro na parede, onde uma tocha queimava produzindo muita fumaça. Luton e Peleiro jogavam dados. Grunhido tinha uma mulher no colo, um peito dela na mão. Damon Dance-para-Mim estava sentado, passando óleo em seu chicote.

– Fedor – chamou. Bateu o chicote contra a panturrilha, como um homem faria para chamar seu cão. – Está começando a feder novamente, Fedor.

Theon não tinha resposta para aquilo, além de um suave “Sim”.

– Lorde Ramsay pretende cortar seus lábios quando tudo isto acabar – disse Damon, esfregando seu chicote com um trapo gorduroso.

*Meus lábios estiveram entre as pernas da senhora dele. Essa insolência não pode ficar sem punição.*

– Se é o que diz.

Luton gargalhou.

– Acho que ele quer isso.

– Vá embora, Fedor – falou Peleiro. – Seu cheiro me embrulha o estômago. – Os demais riram.

Ele fugiu rapidamente, antes que mudassem de ideia. Seus algozes não o seguiriam do lado de fora. Não enquanto houvesse comida e bebida lá dentro, mulheres dispostas e fogueiras para aquecê-los. Quando deixou o salão, Abel estava cantando *As Donzelas que Florescem na Primavera.*

Lá fora, a neve caía tão pesada que Theon não conseguia ver mais do que um metro adiante. Encontrou-se sozinho em um deserto branco, paredes de neve se erguendo de todos os lados até quase a altura de seu peito. Quando ergueu a cabeça, os flocos de neve roçaram em sua face como suaves beijos gelados. Podia ouvir o som da música no salão atrás de si. Uma canção suave, agora, e triste. Por um momento, sentiu-se quase em paz.

Mais adiante, cruzou com um homem que vinha na direção oposta, uma capa com capuz agitando-se atrás dele. Quando se encontraram frente a frente, seus olhos se encontraram brevemente. O homem colocou a mão na adaga.

– Theon Vira-Casaca. Theon assassino de parentes.

– Não sou. Eu nunca... eu era um homem de ferro.

– Falso é tudo o que você era. Como é que ainda está respirando?

– Os deuses não terminaram comigo – Theon respondeu, perguntando-se se aquele poderia ser o assassino, o caminhante noturno que enfiara o pau de Caralho Amarelo em sua boca e empurrara o homem de Roger Ryswell das ameias. Estranhamente, não estava com medo. Puxou a luva da mão esquerda. – Lorde Ramsay não terminou comigo.

O homem olhou e riu.

– Deixo-o para ele, então.

Theon marchou pela tempestade até que os braços e as pernas ficassem endurecidos pela neve, e as mãos e os pés dormentes pelo frio, então subiu até as ameias da muralha interior de novo. Lá em cima, a trinta metros de altura, um vento leve soprava, espalhando a neve. Todas as ameias estavam cheias de neve. Theon teve que bater em uma parede de neve para fazer um buraco... apenas para descobrir que não podia ver depois do fosso. Além da muralha exterior, nada permanecera, exceto uma sombra vaga e algumas luzes opacas flutuando na escuridão.

*O mundo se foi*. Porto Real, Correrrio, Pyke e as Ilhas de Ferro, todos os Sete Reinos, cada lugar que havia conhecido, cada lugar sobre o qual já lera ou com o qual sonhara, tudo se fora. Apenas Winterfell permanecia.

Estava preso ali, com os fantasmas. Os velhos fantasmas das criptas e os mais novos, que ele mesmo fizera, Mikken e Farlen, Gynir Rednose, Aggar, Gelmarr, o Cruel, a esposa do moleiro em Água de Bolotas e seus dois jovens filhos, e todos os demais. *Minha obra. Meus fantasmas. Estão todos aqui, e estão zangados*. Pensou na cripta e nas espadas desaparecidas.

Theon voltou para seu próprio aposento. Estava tirando as roupas molhadas quando Walton Pernas de Aço o encontrou.

– Venha comigo, Vira-Casaca. Sua senhoria quer falar com você.

Ele não tinha roupas secas limpas, então se contorceu de volta para os mesmos trapos úmidos e o seguiu. Pernas de Aço o levou pelo Grande Salão, até o solar que certa vez fora de Eddard Stark. Lorde Bolton não estava sozinho. A Senhora Dustin estava sentada com ele, o rosto pálido e severo; um broche de ferro com o formato de uma cabeça de cavalo prendia a capa de Roger Ryswell; Aenys Frey estava em pé perto do fogo, as bochechas vermelhas com o frio.

– Me contaram que você anda vagando pelo castelo – Lorde Bolton começou. – Homens reportaram terem visto você nos estábulos, nas cozinhas, nos barracões, nas ameias. Foi observado perto das ruínas das torres caídas, do lado de fora do velho septo da Senhora Catelyn, indo e vindo do bosque sagrado. Nega isso?

– Não, ‘nhor. – Theon fez questão de falar mal a palavra. Sabia que aquilo agradava Lorde Bolton. – Não consigo dormir, ‘nhor. Eu caminho. – Manteve a cabeça baixa, olhos fixos nas velhas tábuas corridas no chão. Não seria sábio olhar sua senhoria no rosto. – Eu era um garoto aqui antes da guerra. Um protegido de Eddard Stark.

– Você era um refém – Bolton o corrigiu.

– Sim, ‘nhor. Um refém. – *Mas esta era minha casa. Não uma casa de verdade, mas a melhor que já conheci*.

– Alguém está matando meus homens.

– Sim, ‘nhor.

– Não é você, imagino? – A voz de Bolton ficou ainda mais suave. – Você não pagaria minha gentileza com tal traição.

– Não, ‘nhor, eu não. Eu não faria. E... apenas caminho, é tudo.

A Senhora Dustin falou.

– Tire as luvas.

Theon levantou os olhos bruscamente.

– Por favor, não. Eu... eu...

– Faça como ela diz – disse Sor Aenys. – Mostre-nos suas mãos.

Theon tirou as luvas e estendeu as mãos para que eles as vissem. *Não é como se eu estivesse nu diante deles. Não é tão ruim quanto isso*. Sua mão esquerda tinha três dedos, a direita, quatro. Ramsay tirara o mindinho de uma, o anelar e o indicador da outra.

– O Bastardo fez isso com você – a Senhora Dustin falou.

– Se me permite, ‘nhora, eu... eu pedi para ele. – Ramsay sempre o fazia pedir. *Ramsay sempre me faz implorar.*

– Por que você faria isso?

– Eu... eu não precisava de tantos dedos.

– Quatro é o suficiente. – Sor Aenys passou os dedos pela barba rala que brotava de seu queixo, fina como a cauda de um rato. – Quatro na mão direita. Ele ainda poderia segurar uma espada. Uma adaga.

A Senhora Dustin riu.

– Todos os Frey são tão tolos assim? Olhe para ele! Segurar uma adaga? Ele dificilmente tem forças para segurar uma colher. Você realmente acredita que ele atacou a desagradável criatura do Bastardo e enfiou a masculinidade dele pela garganta?

– Esses mortos eram todos homens fortes – disse Roger Ryswell –, e nenhum deles foi apunhalado. O Vira-Casaca não é nosso assassino.

Os olhos claros de Roose Bolton estavam fixos em Theon, tão afiados quanto a faca de esfola do Peleiro.

– Estou inclinado a concordar. Além da questão da força, ele não tem capacidade de trair meu filho.

Roger Ryswell grunhiu.

– Se não é ele, quem é? Stannis tem algum homem dentro do castelo, isso está claro.

*Fedor não é homem. Não Fedor. Não eu.* Ele se perguntava se a Senhora Dustin contara sobre as criptas e as espadas desaparecidas.

– Temos que olhar para Manderly – murmurou Sor Aenys Frey. – Lorde Wyman não tem amor por nenhum de nós.

Ryswell não estava convencido.

– Ele, no entanto, ama seus bifes, costelas e tortas de carne. Rondar o castelo na escuridão exigiria que deixasse a mesa. O único momento em que faz isso é quando procura a latrina para uma de suas longas horas agachado.

– Não afirmo que Lorde Wyman agiu por conta própria. Trouxe trezentos homens com ele. Uma centena de cavaleiros. Um deles poderia...

– Trabalho noturno não é trabalho de cavaleiro – a Senhora Dustin disse. – E Lorde Wyman não é o único homem que perdeu um parente em seu Casamento Vermelho, Frey. Acha que o Terror-das-Rameiras tem algum bom sentimento por você? Se vocês não tivessem prendido Grande-Jon, ele teria arrancado suas entranhas e feito vocês comê-las, como a Senhora Hornwood comeu seus dedos. Flint, Cerwyn, Tallhart, Slate... todos tinham homens com o Jovem Lobo.

– A Casa Ryswell também – disse Roger Ryswell.

– Até os Dustin fora de Vila Acidentada – a Senhora Dustin separou seus lábios em um sorriso fino e selvagem. – O Norte se lembra, Frey.

A boca de Aenys Frey tremia de indignação.

– O Stark nos desonrou. É disso que vocês, nortenhos, deviam se lembrar.

Roose Bolton esfregou os lábios rachados.

– Estas brigas não vão resolver. – Balançou os dedos para Theon. – É livre para ir. Tome cuidado por onde caminha. Pode ser que encontremos você pela manhã, sorrindo um sorriso vermelho.

– Como quiser, ‘nhor. – Theon vestiu as luvas sobre as mãos mutiladas e saiu, mancando com seu pé mutilado.

A hora do lobo o encontrou ainda acordado, enrolado em camadas de pesada lã e pele engordurada, dando outra volta nas muralhas interiores, com a esperança de ficar cansado o suficiente para dormir. Suas pernas estavam cobertas de neve até os joelhos, a cabeça e os ombros envoltos em branco. Nesse trecho da muralha, o vento soprava em seu rosto e derretia a neve que caía em suas bochechas como lágrimas geladas.

Então ouviu o berrante.

O lamento baixo e longo parecia subir pelas ameias, pairando no ar negro, entrando fundo nos ossos de cada homem que o ouviu. Ao longo das muralhas do castelo, sentinelas se viravam para o som, as mãos apertando as lanças com força. Nos salões e torres arruinados de Winterfell, senhores calavam outros senhores, cavalos relinchavam e dorminhocos se agitavam em seus cantos escuros. Nem bem o som do berrante de guerra tinha morrido e um tambor começou a bater: *BUM bum BUM bum BUM bum*. E um nome passava dos lábios de cada homem para o seguinte, escrito em pequenas baforadas brancas de respiração. *Stannis*, sussurravam, *Stannis está aqui, Stannis chegou, Stannis, Stannis, Stannis*.

Theon estremeceu. Baratheon ou Bolton, não fazia diferença para ele. Stannis fizera causa comum com Jon Snow na Muralha, e Jon arrancaria sua cabeça em um segundo. *Arrancado das garras de um bastardo para morrer nas mãos de outro, que piada*. Theon teria gargalhado, se lembrasse como fazer isso.

O rufar parecia estar vindo da Matadelobos, além do Portão do Caçador. *Estão do lado de fora das muralhas*. Theon fez seu caminho ao longo das passarelas da muralha, um homem a mais entre um bando que fazia o mesmo. Mas, mesmo quando alcançaram as torres que flanqueavam o próprio portão, não havia nada para ser visto além do véu branco.

– Será que pretendem derrubar nossas muralhas no sopro? – brincou um Flint, quando o berrante de guerra soou mais uma vez. – Talvez ele ache que encontrou o Berrante de Joramun.

– Será que Stannis é tolo o suficiente para invadir o castelo? – uma sentinela perguntou.

– Ele não é Robert – declarou um homem de Vila Acidentada. – Ele sentará e esperará, veja se não. Vai tentar nos matar de fome.

– As bolas dele vão congelar antes – outra sentinela disse.

– Devíamos levar a luta até ele – declarou um Frey.

*Faça isso*, pensou Theon. *Cavalgue para a neve e morra. Deixe Winterfell para mim e para os fantasmas*. Roose Bolton receberia bem uma luta dessas, ele sentia. *Ele precisa de um fim para isso.* O castelo estava lotado demais para suportar um cerco longo, e muitos senhores eram de lealdade duvidosa. O gordo Wyman Manderly, o Terror-das-

Rameiras Umber, os homens da Casa Hornwood e da Casa Tallhart, os Locke, os Flint e os Ryswell, todos eram nortenhos, juramentados à Casa Stark por gerações além da conta. Era a garota quem os mantinha ali, o sangue de Lorde Eddard, mas a garota era apenas um truque de pantomimeiro, uma ovelha na pele de um lobo gigante. Então por que não enviar os nortenhos adiante, para a batalha contra Stannis, antes que a farsa fosse revelada? *Abate na neve. E cada homem caído é um inimigo a menos para o Forte do Pavor.*

Theon se perguntava se teria permissão para lutar. Então, ao menos, poderia ter uma morte de homem, com a espada na mão. Era um presente que Ramsay nunca lhe daria, mas Lorde Roose talvez. *Se eu implorar para ele. Fiz tudo o que me pediu, desempenhei meu papel, conduzi a garota.*

A morte era a mais doce libertação que poderia esperar.

No bosque sagrado, a neve ainda se dissolvia quando tocava a terra. Vapor subia das piscinas quentes, perfumadas com o cheiro de musgo, lama e decadência. Uma neblina quente pairava no ar, transformando as árvores em sentinelas, altos soldados envoltos em mantos de trevas. Durante as horas de luz do dia, o bosque fumegante estava frequentemente cheio de nortenhos que vinham rezar para os velhos deuses, mas nesse horário Theon Greyjoy encontrou o lugar todo para si.

E, no coração do bosque, o represeiro esperava com seus conhecidos olhos vermelhos. Theon parou na beira da lagoa e abaixou a cabeça diante da face vermelha esculpida. Mesmo ali era possível ouvir o rufar dos tambores, *bum BUM bum BUM bum BUM bum BUM*. Como um trovão distante, o som parecia vir de todas as direções ao mesmo tempo.

A noite estava sem vento, a neve caía direto de um frio céu negro e, mesmo assim, as folhas da árvore-coração farfalhavam seu nome. *Theon*, elas pareciam sussurrar, *Theon*.

*Os velhos deuses*, ele pensou. *Eles me conhecem. Sabem meu nome. Eu era Theon da Casa Greyjoy. Era um protegido de Eddard Stark, um amigo e irmão de seus filhos.*

– Por favor – caiu de joelhos. – Uma espada, é tudo o que peço. Deixem-me morrer como Theon, não como Fedor. – Lágrimas escorriam por seu rosto, impossivelmente quentes. – Eu era um homem de ferro. Um filho... um filho de Pyke, das ilhas.

Uma folha caiu, roçando em sua testa e pousando na lagoa. Flutuou na água, vermelha, cinco dedos, como uma mão ensanguentada. ... *Bran*, a árvore murmurou.

*Eles sabem. Os deuses sabem. Eles viram o que eu fiz*. E por um estranho momento parecia que era o rosto de Bran escavado no tronco pálido do represeiro, encarando-o com olhos vermelhos, sábios e tristes. *O fantasma de Bran*, ele pensou, mas aquilo era loucura. Por que Bran iria querer assombrá-lo? Ele sempre gostara do menino e nunca lhe fizera nenhum mal. *Não foi Bran quem nós matamos. Não foi Rickon. Eram apenas filhos do moleiro, do moinho em Água de Bolotas.*

– Eu tinha que ter duas cabeças, senão teriam zombado de mim... teriam rido de mim... eles...

Uma voz disse:

– Com quem você está falando?

Theon virou, aterrorizado que Ramsay o tivesse encontrado, mas eram apenas as lavadeiras; Holly, Rowan e uma cujo nome ele não sabia.

– Os fantasmas – desabafou. – Eles sussurram para mim. Eles... eles sabem meu nome.

– Theon Vira-Casaca. – Rowan agarrou a orelha dele, torcendo-a. – Você tinha que ter duas cabeças, não é?

– Senão os homens teriam *rido* dele – disse Holly.

*Elas não entendem*. Theon se libertou da mulher.

– O que vocês querem? – perguntou.

– Você – disse a terceira lavadeira, uma mulher mais velha, com voz profunda e listras cinzentas no cabelo.

– Eu lhe disse. Quero tocar você, Vira-Casaca. – Holly sorriu. Em sua mão, uma lâmina apareceu.

*Eu posso gritar*, Theon pensou. *Alguém ouvirá. O castelo está cheio de homens armados*. Certamente estaria morto antes que o alcançassem, seu sangue encharcando o solo para alimentar a árvore-coração. *E o que haveria de errado nisso?*

– Toquem-me – ele disse. – Matem-me. – Havia mais desespero do que desafio em sua voz. – Vão em frente. Façam comigo o mesmo que fizeram com os outros. Caralho Amarelo e os demais. Foram vocês.

Holly gargalhou.

– Como poderíamos ser nós? Somos mulheres. Tetas e bocetas. Estamos aqui para sermos fodidas, não temidas.

– O Bastardo machucou você? – Rowan perguntou. – Picou seus dedos, foi? Tirou a pele do seu negocinho de fazer pipi? Arrancou seus dentes? Pobre rapaz. – Deu um tapinha na bochecha dele. – Não haverá mais disso, eu prometo. Você rezou, e os deuses nos mandaram. Quer morrer como Theon? Daremos isso para você. Uma morte rápida e agradável, na qual mal seja ferido. – Ela sorriu. – Mas não até que tenha cantado para Abel. Ele está esperando por você.

# Tyrion

— Lote noventa e sete. – O leiloeiro estalou o chicote. – Um par de anões, bem treinados para sua diversão.

O leilão fora organizado no ponto em que o largo e marrom Skahazadhan fluía para a Baía dos Escravos. Tyrion Lannister podia sentir o cheiro de sal no ar, misturado com o fedor das valas que serviam como latrinas atrás dos cercados dos escravos. Não se incomodava com o calor tanto quanto com a umidade. O próprio ar parecia pesar sobre ele, como um cobertor quente e úmido sobre a cabeça e os ombros.

– O cachorro e o porco estão incluídos no lote – o leiloeiro anunciou. – Os anões os cavalgam. Delicie seus convidados no próximo banquete, ou use-os para uma loucura.

Os compradores sentavam-se em bancos de madeira, bebericando sucos de frutas. Alguns eram abanados por escravos. Muitos usavam *tokar,* aquela peculiar vestimenta amada pelo sangue antigo da Baía dos Escravos, tão elegante quanto pouco prática. Outros se vestiam de maneira mais simples; homens com túnicas e mantos com capuzes, mulheres com sedas coloridas. Prostitutas ou sacerdotisas, a maioria delas; neste extremo oriente era difícil distinguir umas das outras.

Atrás dos bancos, trocando piadas e zombando do modo das pessoas presentes, estava um grupo de ocidentais. *Mercenários*, Tyrion sabia. Viu espadas longas, punhais e adagas, um suporte de machado de arremesso, cotas de malha sob os mantos. Os cabelos e as barbas deles indicavam que a maioria era de homens das Cidades Livres, mas aqui e ali havia um que poderia ser westerosi. *Estão comprando? Ou vêm aqui só para ver o espetáculo?*

– Quem dará o primeiro lance por este par?

– Trezentos – falou uma matrona em um palanquim antigo.

– Quatrocentos – disse um yunkaíta monstruosamente gordo, de uma liteira na qual se espalhava como um leviatã. Todo coberto de seda amarela com franjas de ouro, parecia mais largo do que quatro Illyrios. Tyrion ficou com pena dos escravos que o carregavam. *Ao menos, seremos poupados deste dever. Que alegria ser um anão.*

– E um – disse uma velha com um *tokar* violeta. O leiloeiro lhe deu um olhar azedo, mas não desautorizou o lance.

Os marinheiros-escravos do *Selaesori Qhoran*, vendidos individualmente, alcançaram preços que variavam de quinhentas a novecentas peças de prata. Homens do mar experientes eram uma mercadoria valiosa. Nenhum deles esboçara alguma reação de luta quando os traficantes de escravos abordaram o navio destruído. Para eles, era apenas uma mudança de dono. Os imediatos do navio eram homens livres, mas a viúva do cais assinara um compromisso, prometendo pagar o resgate deles em um caso como este. Os três dedos ardentes sobreviventes ainda não tinham sido vendidos, mas eram propriedade do Senhor da Luz e tinham certeza que seriam comprados por algum templo vermelho. As chamas tatuadas no rosto eram seus compromissos.

Tyrion e Merreca não tinham essa garantia.

– Quatrocentos e cinquenta – veio o lance.

– Quatrocentos e oitenta.

– Quinhentos.

Alguns lances eram dados em Alto Valiriano, alguns na língua mestiça de Ghis. Alguns compradores assinalavam com o dedo, com a torção do pulso ou com o abano de um leque pintado.

– Estou feliz de nos manterem juntos – Merreca sussurrou.

O mercador de escravos olhou para eles.

– Sem conversas.

Tyrion estreitou os ombros de Merreca. Fios de cabelo, loiro-claro e negro, grudavam na testa dele, e os trapos de sua túnica estavam colados nas costas. Um pouco era suor, um pouco era sangue seco. Ele não fora tão tolo de lutar contra os traficantes de escravos como Jorah Mormont fizera, mas isso não significava que tivesse escapado impune. Em seu caso, fora a boca que lhe garantira algumas chibatadas.

– Oitocentos.

– E cinquenta.

– E um.

*Valemos tanto quanto um marinheiro*, Tyrion ponderou. Embora talvez fosse a Porca Bonita que os compradores desejassem. *Uma porca bem treinada é difícil de achar*. Eles certamente não estavam pagando por peso.

Em novecentas peças de prata, os lances começaram a escassear. Em novecentos e cinquenta e um (da velha) parou. O leiloeiro tinha um pressentimento, no entanto, e não faria nada antes que os anões dessem à multidão um gostinho de seu espetáculo. Triturador e Porca Bonita foram colocados na plataforma. Sem selas ou freios, montá-los provou-se complicado. No momento em que a porca começou a se mover, Tyrion escorregou de cima dela e caiu de costas, provocando tempestades de risos entre os compradores.

– Mil – disse o homem grotesco de gordo.

– E um. – A velha, novamente.

A boca de Merreca estava congelada em um esgar de sorriso. *Bem treinada para seu divertimento.* O pai dela tinha algo pelo que responder, em qualquer que fosse o pequeno inferno reservado aos anões.

– Mil e duzentos. – O leviatã em amarelo. Um escravo ao lado dele entregou-lhe uma bebida. *Limão, sem dúvida.* O jeito como aqueles olhos amarelos estavam fixos sobre eles fizeram Tyrion se sentir desconfortável.

– Mil e trezentos.

– E um. – A velha.

*Meu pai sempre dizia que um Lannister valia dez vezes mais do que qualquer homem comum.*

Em mil e seiscentos, o ritmo começou a diminuir, então o comerciante de escravos convidou alguns dos compradores para dar uma olhada mais de perto nos anões.

– A fêmea é jovem – prometeu. – Vocês podem cruzar os dois e conseguir um bom dinheiro pelos filhotes.

– Metade do nariz dele se foi – reclamou a velha, depois que olhou mais de perto. Seu rosto enrugado se contorceu de desprazer. A carne dela parecia um verme branco; enrolada no *tokar* violeta, parecia uma ameixa bichada. – Os olhos dele não combinam. Uma coisa desfavorável.

– Minha senhora ainda não viu minha melhor parte. – Tyrion agarrou sua própria virilha, para o caso dela não ter entendido.

A bruxa sibilou em indignação, e Tyrion ganhou uma lambida do chicote nas costas, um golpe que o fez cair de joelhos. O gosto de sangue encheu sua boca. Ele sorriu e cuspiu.

– Dois mil – gritou uma voz diferente, de trás dos bancos.

*E o que um mercenário pode querer com um anão?* Tyrion se levantou para olhar melhor. O novo comprador era um homem mais velho, já de cabelos brancos, alto e em forma, com a pele marrom curtida e uma barba escura cortada rente e salpicada de branco. Semiocultas sob um manto púrpura desbotado estavam uma espada longa e um par de adagas.

– Dois mil e quinhentos. – Uma voz feminina dessa vez; uma garota, baixa, com a cintura grossa e peitos pesados, vestida com uma armadura ornamentada. Sua placa peitoral em aço negro esculpido era incrustada de ouro e mostrava uma harpia levantando-se com correntes penduradas em suas patas. Um par de soldados escravos a erguia em um escudo, na altura dos ombros.

– Três mil. – O homem de pele marrom avançou pela multidão, seus companheiros mercenários empurrando os compradores de lado para abrir caminho. *Sim. Chegue mais perto*. Tyrion sabia como lidar com mercenários. Não imaginava nem por um momento que este homem o queria para divertir suas festas. *Ele me conhece*. *Pretende me levar de volta para Westeros e me vender para minha irmã.* O anão esfregou a boca para esconder o sorriso. Cersei e os Sete Reinos estavam a meio mundo de distância. Muito e ainda mais podia acontecer antes de chegarem lá. *Fiz Bronn mudar de lado. Me dê meia chance e talvez possa fazer esse aí virar também.*

A velha e a garota no escudo desistiram da disputa nos três mil, mas não o gordo de amarelo. Ele mediu os mercenários com seus olhos amarelos, passou a língua pelos dentes amarelos e disse:

– Cinco mil peças de prata pelo lote.

O mercenário franziu o cenho, deu de ombros e foi embora.

*Sete infernos*. Tyrion tinha quase certeza de que não queria se tornar propriedade do imenso Lorde Pançamarela. Apenas a visão daquela flacidez esparramada na liteira, uma montanha de carne lívida com olhos amarelos de leitão e peitos maiores do que Porca Bonita pressionando a

seda do *tokar*, era suficiente para fazer a pele do anão se arrepiar. E o cheiro que vinha dele era palpável até onde estavam.

– Se não há mais lances...

– Sete mil – gritou Tyrion.

Risos ecoaram por todos os bancos.

– O anão quer comprar a si mesmo – a garota no escudo observou.

Tyrion deu um sorriso lascivo para ela.

– Um anão esperto merece um mestre esperto, e vocês todos parecem tolos.

Aquilo provocou mais risos dos compradores, e uma carranca do leiloeiro, que manuseava seu chicote, indeciso, tentando descobrir se aquilo podia ser usado a seu favor.

– Cinco mil é um insulto! – Tyrion exclamou. – Eu disputo justas, canto, digo coisas divertidas. Foderei sua esposa e a farei gritar. Ou a esposa do seu inimigo, se preferir, que melhor maneira de envergonhá-lo? Sou mortal com uma besta, e homens com três vezes o meu tamanho se intimidam e tremem quando nos encontramos em um tabuleiro de *cyvasse*. Até sou conhecido por cozinhar de tempos em tempos. Ofereço dez mil peças de prata por mim mesmo! Sou bom nisso, sou, sou. Meu pai me dizia que sempre tenho que pagar minhas dívidas.

O mercenário de manto púrpura se virou. Seu olhar encontrou o de Tyrion atravessando as fileiras de compradores, e ele sorriu. *Um sorriso caloroso, aquele*, o anão refletiu. *Amigável. Por outro lado, aqueles olhos são frios. Pode ser que eu não queira que ele nos compre, no final das contas.*

A enormidade amarela se contorcia em sua liteira, um olhar de aborrecimento na enorme cara de torta. Murmurou algo azedo em ghiscari, que Tyrion não entendeu, mas o tom era bastante claro.

– Isso foi outro lance? – O anão inclinou a cabeça. – Ofereço todo o ouro de Rochedo Casterly.

Ouviu o chicote antes de senti-lo, um assobio no ar, fino e agudo. Tyrion grunhiu com o golpe, mas dessa vez conseguiu permanecer em pé. Seus pensamentos voltaram para o início da jornada, quando seu problema mais urgente era decidir qual vinho tomar com os caracóis do meio da manhã. *Veja o que acontece por perseguir dragões.* Uma risada

explodiu de seus lábios, borrifando a primeira fila de compradores com sangue e saliva.

– Estão vendidos – anunciou o leiloeiro. Então o acertou com o chicote novamente, simplesmente porque podia. Dessa vez, Tyrion caiu.

Um dos guardas o ergueu com um puxão. Outro cutucou Merreca para fora da plataforma com o punho de sua lança. A próxima peça do leilão já estava sendo levada para seu lugar. Uma garota, quinze ou dezesseis anos, ninguém do *Selaesori Qhoran* dessa vez. Tyrion não a conhecia. *A mesma idade de Daenerys Targaryen, ou quase isso.* O comerciante de escravos a deixara nua. *Pelo menos, fomos poupados dessa humilhação.*

Tyrion olhou pelo acampamento yunkaíta, até as muralhas de Meereen. Aqueles portões pareciam tão próximos... e, se a conversa no cercado dos escravos era verdadeira, Meereen permanecia uma cidade livre. Dentro daquelas muralhas que se desintegravam, a escravidão e o comércio de escravos ainda eram proibidos. Tudo o que tinha que fazer era alcançar aqueles portões e atravessá-los, e seria um homem livre novamente.

Mas isso era quase impossível, a menos que abandonasse Merreca. Ela iria querer levar o cão e o porco com eles.

– Não será tão terrível, não é? – Merreca sussurrou. – Ele pagou tanto por nós. Ele será gentil, não será?

*Enquanto nós o divertirmos*.

– Somos muito valiosos para sermos maltratados – assegurou-lhe, com sangue ainda escorrendo pelas costas, das duas últimas chibatadas. *Quando nosso espetáculo ficar velho, no entanto... e vai, vai ficar velho...*

O capataz de seu novo mestre estava esperando por eles, com uma charrete puxada por uma mula e dois soldados. Tinha um rosto comprido e estreito e um cavanhaque atado com fio de ouro, e seu cabelo vermelho e negro era esculpido a partir das têmporas, no formato de um par de mãos com garras.

– Que queridas criaturinhas são vocês – ele disse. – Me lembram meus próprios filhos... ou lembraria, se meus pequeninos não estivessem mortos. Tomarei conta de vocês. Digam-me seus nomes.

– Merreca. – A voz dela era um sussurro, pequena e assustada.

*Tyrion da Casa Lannister, legítimo senhor de Rochedo Casterly, seu verme rastejante*.

– Yollo.

– Ousado Yollo. Resplandecente Merreca. Vocês são propriedade do nobre e valoroso Yezzan zo Qaggaz, erudito e guerreiro, reverenciado entre os Sábios Mestres de Yunkai. Considerem-se afortunados, pois Yezzan é um mestre gentil e benevolente. Pensem nele como se fosse o pai de vocês.

*Alegremente*, pensou Tyrion, mas dessa vez segurou a língua. Teriam que se apresentar em breve para seu novo mestre, não duvidava, e não poderia levar outra chibatada.

– Seu pai ama seus tesouros especiais mais do que tudo e vai cuidar de vocês – o capataz estava dizendo. – Quanto a mim, podem pensar em mim como a babá que cuidou de vocês na infância. Babá é como todos os meus filhos me chamam.

– Lote noventa e nove – o leiloeiro chamou. – Um guerreiro.

A garota fora vendida rapidamente, e estava sendo empacotada para seu novo dono, segurando as roupas contra os pequenos seios de pontas rosadas. Dois traficantes de escravos arrastaram Jorah Mormont para cima da plataforma, no lugar da moça. O cavaleiro estava nu, com exceção de uma tanga, as costas riscadas pelo chicote, o rosto tão inchado que estava quase irreconhecível. Correntes prendiam seus pulsos e tornozelos. *Uma pequena amostra da refeição que cozinhou para mim*, Tyrion pensou, embora descobrisse que não tinha prazer com a miséria do grande cavaleiro.

Mesmo acorrentado, Mormont parecia perigoso, um brutamontes com grandes braços grossos e ombros curvados. O pelo negro e áspero que cobria seu peito o fazia parecer mais animalesco do que humano. Seus olhos estavam escurecidos, dois fossos na face grotescamente inchada. Sobre uma bochecha, levava uma marca: uma máscara de demônio.

Quando os traficantes de escravos chegaram a bordo do *Selaesori Qhoran*, Sor Jorah os encontrara com a espada longa na mão, matando três antes que fosse desarmado. Os marujos do navio de escravos o teriam matado de bom grado, mas o capitão proibiu: um lutador sempre valia uma boa prata. Então Mormont fora acorrentado a um remo, espancado em cada centímetro de seu corpo, passara fome e fora marcado.

– Grande e forte, este aqui – o leiloeiro declarou. – Muita fúria nele. Dará um bom espetáculo nas arenas de luta. Quem dá trezentos?

Ninguém deu.

Mormont não prestava atenção à multidão mestiça; seus olhos estavam fixos além das linhas do cerco, na distante cidade com suas antigas muralhas de tijolos multicoloridos. Tyrion podia ler aquele olhar tão facilmente quanto um livro: *tão perto e, ao mesmo tempo, tão distante*. O pobre desgraçado voltara tarde demais. Daenerys Targaryen estava casada, os guardas dos cercados haviam contado para eles, rindo. Ela tomara um comerciante de escravos meereenês como seu rei, tão rico quanto nobre, e então a paz fora assinada e selada, e as arenas de luta de Meereen seriam reabertas. Outros escravos insistiam que os guardas estavam mentindo, que Daenerys Targaryen nunca faria a paz com os traficantes de escravos. *Mhysa*, eles a chamavam. Alguém lhe dissera que aquilo significava *Mãe*. Logo a rainha prateada viria de sua cidade, esmagaria os yunkaítas e romperia suas correntes, sussurravam uns para os outros.

*E então ela vai nos fazer torta de limão e beijar nossos dodóis e fazê-los sarar*, o anão pensou. Não acreditava em salvamentos reais. Se necessário, iria atrás de sua própria libertação. Os cogumelos enfiados entre seus dedos, dentro da bota, seriam o suficiente para ele e Merreca. Triturador e Porca Bonita teriam que se arranjar por conta própria.

Babá ainda estava dando instruções para os novos prêmios de seu mestre.

– Façam tudo o que lhes for pedido, e nada mais, e poderão viver como pequenos senhores, mimados e adorados – prometeu. – Desobedeçam... mas não farão isso, não é mesmo? Não os meus queridos. – Ele se abaixou e apertou Merreca na bochecha.

– Duzentos, então – o leiloeiro disse. – Um brutamontes como este vale três vezes mais. Que guarda-costas dará! Nenhum inimigo ousará molestá-los.

– Venham, meus amiguinhos – o Babá disse –, vou lhes mostrar sua nova casa. Em Yunkai, vocês viverão na pirâmide dourada de Qaggaz e jantarão em pratos de prata, mas aqui vivemos com simplicidade, em humildes tendas de soldados.

– Quem dá cem? – gritou o leiloeiro.

Conseguiu um lance finalmente, embora fossem apenas cinquenta peças de prata. O comprador era um homem magro com um avental de

couro.

– E um – disse a velha no *tokar* violeta.

Um dos soldados ergueu Merreca para colocá-la na charrete.

– Quem é a velha? – o anão perguntou para ele.

– Zahrina – o homem disse. – Lutadores baratos, os dela. Carne para os heróis. Seu amigo estará morto logo.

*Ele não era meu amigo*. Mesmo assim, Tyrion Lannister pegou-se virando para Babá e dizendo:

– Não pode deixá-la ficar com ele.

O Babá olhou para ele.

– Que barulho foi esse que você fez?

Tyrion apontou.

– Aquele ali é parte do nosso espetáculo. O urso e a donzela. Jorah é o urso, Merreca é a donzela e eu sou o bravo cavaleiro que a salva. Chego dançando e acerto ele nas bolas. É muito engraçado.

O capataz olhou para o bloco de pedra do leilão.

– Ele? – O lance por Jorah Mormont alcançara duzentas peças de prata.

– E um – disse a velha no *tokar* violeta.

– Seu urso. Entendo. – O Babá atravessou a multidão com passos curtos, curvou-se sobre o imenso yunkaíta amarelo na liteira, sussurrou algo em seu ouvido. Seu mestre acenou com a cabeça, o queixo balançando, e ergueu o leque.

– Trezentos – disse com a voz ofegante.

A velha fungou e foi embora.

– Por que fez isso? – Merreca perguntou, na Língua Comum.

*Uma boa pergunta*, pensou Tyrion. *Por que fiz isso?*

– Seu espetáculo estava ficando sem graça. Toda trupe precisa de um urso dançarino.

Ela lhe deu um olhar de reprovação, foi para o fundo da charrete e se sentou com os braços em volta do Triturador, como se o cão fosse seu último amigo verdadeiro no mundo. *Talvez seja*.

O Babá retornou com Jorah Mormont. Dois dos soldados-escravos de seu mestre o jogaram na traseira da charrete puxada pela mula, entre os anões. O cavaleiro não lutou. *Toda a vontade de lutar o abandonou quando soube que sua rainha tinha se casado*, Tyrion percebeu. Uma palavra sussurrada fizera o que punhos e chicotes não haviam

conseguido; quebrara-o. *Eu devia ter deixado a velha levá-lo. Ele será tão útil quanto mamilos em uma placa peitoral.*

O Babá subiu na frente da charrete, pegou as rédeas, e começaram a atravessar o acampamento do cerco em direção ao complexo de seu novo mestre, o nobre Yezzan zo Qaggaz. Quatro soldados-escravos marchavam ao lado deles, dois de cada lado da charrete.

Merreca não chorava, mas seus olhos estavam vermelhos e infelizes, e ela não os tirava do Triturador. *Será que ela acha que tudo isso vai sumir se não olhar?* Sor Jorah Mormont não olhava para ninguém nem para nada. Sentava-se encolhido, remoendo com suas correntes.

Tyrion olhava para tudo e para todos.

O acampamento yunkaíta não era exatamente um acampamento, mas centenas de barracas erguidas lado a lado em um semicírculo ao redor das muralhas de Meereen; uma cidade de sedas e lonas, com suas próprias avenidas e becos, tavernas e prostíbulos, distritos bons e maus. Entre as linhas do cerco e a baía, as tendas brotavam como cogumelos amarelos. Algumas eram pequenas e pobres, não mais do que um pedaço de lona velha manchada para manter afastados chuva e sol, mas, ao lado dessas, estavam tendas grandes o suficiente para abrigar uma centena de homens, e pavilhões de seda tão grandes quanto palácios com harpias brilhando no topo dos mastros centrais. Alguns acampamentos eram ordenados, com tendas dispostas ao redor de uma fogueira em círculos concêntricos, armas e armaduras empilhadas ao redor do anel interno, os cavalos amarrados do lado de fora. Nos outros lugares, o caos puro parecia reinar.

As planícies secas e queimadas em torno de Meereen eram planas, nuas e sem vegetação por vários quilômetros, mas os navios yunkaítas haviam trazido madeira e couro cru do sul, suficientes para erguer seis imensos trabucos. Estavam reunidos em três lados da cidade, com exceção do lado do rio, cercados por pilhas de pedras quebradas e barris de piche e resina apenas aguardando uma tocha. Um dos soldados que andava ao lado da charrete viu para onde Tyrion olhava e, orgulhosamente, contou para ele que cada um dos trabucos recebera um nome: Matadragões, Prostituta, Filha da Harpia, Irmã Vingativa, Fantasma de Astapor e Punho de Mazdhan. Elevando-se mais de doze

metros acima das tendas, os trabucos eram os marcos principais do acampamento do cerco.

– Só a visão deles fez a rainha dragão se ajoelhar – ele se gabou. – E assim ficará ela, chupando o pau do nobre Hizdahr, ou então transformaremos suas muralhas em escombros.

Tyrion viu um escravo sendo açoitado, golpe após golpe, até que suas costas fossem apenas sangue e carne rasgada. Uma fila de homens passou marchando em ferros, tilintando a cada passo; carregavam lanças e espadas curtas, mas correntes os prendiam pulso com pulso e tornozelo com tornozelo. O ar cheirava a carne assada, e ele viu um homem esfolando um cão para seu cozido.

Viu os mortos, também, e ouviu os moribundos. Sob a fumaça que pairava no ar, o cheiro de cavalos e o acentuado odor de sal da baía, havia um fedor de sangue e merda. *Algum fluxo*, percebeu, enquanto olhava dois mercenários carregarem o cadáver de um terceiro de uma das tendas. Aquilo fez seus dedos se contraírem. Uma doença podia dizimar um exército mais rápido do que qualquer batalha, ouvira seu pai dizer certa vez.

*Mais uma razão para escapar, e logo.*

Meio quilômetro adiante, encontrou uma boa razão para reconsiderar. Uma multidão se formara ao redor de três escravos que haviam sido presos enquanto tentavam escapar.

– Sei que meus pequenos tesouros serão doces e obedientes – disse o Babá. – Vejam o que acontece com aqueles que tentam fugir.

Os cativos haviam sido amarrados em uma fileira de vigas cruzadas, e dois fundeiros os usavam para testar suas habilidades.

– Tolosinos – um dos guardas explicou para eles. – Os melhores fundeiros do mundo. Atiram bolas de chumbo macio em vez de pedras.

Tyrion nunca vira vantagem nas fundas, quando arcos tinham um alcance tão melhor... mas nunca vira tolosinos com essas armas antes. Suas bolas de chumbo causavam danos muito maiores do que as pedras lisas que outros fundeiros usavam, e muito mais do que qualquer arco. Um deles acertou o joelho de um dos cativos, que explodiu em uma mancha de sangue e ossos que deixou a parte de baixo da perna do homem pendurada por uma corda de tendão vermelho-escuro. *Bem, ele não fugirá novamente*, Tyrion concluiu, enquanto o homem começava a

gritar. Seus berros se misturavam no ar da manhã com os risos dos seguidores de acampamento e com as maldições dos que apostaram um bom dinheiro no erro dos fundeiros. Merreca virou o rosto, mas o Babá agarrou seu queixo e virou sua cabeça de volta.

– Assista – ordenou. – Você também, urso.

Jorah Mormont ergueu a cabeça e encarou o Babá. Tyrion podia ver seus braços contraídos. *Ele vai esganá-lo, e será o fim de todos nós*. Mas ele apenas fez uma careta e virou-se para assistir ao sangrento espetáculo.

A leste, as maciças muralhas de tijolos de Meereen brilhavam no calor da manhã. Aquele era o refúgio que os pobres tolos esperavam alcançar. *Mas por quanto tempo ainda será um refúgio?*

Todos os três candidatos a fugitivos estavam mortos antes que o Babá pegasse as rédeas novamente. A charrete seguiu adiante.

O acampamento do novo mestre deles ficava a sudeste da Prostituta, quase à sombra do trabuco, e espalhava-se por vários hectares. A humilde tenda de Yezzan zo Qaggaz provou ser um palácio de seda cor de limão. Harpias douradas ficavam no topo de cada mastro do telhado de nove pontas, brilhando ao sol. Tendas menores a cercavam por todos os lados.

– Estas são as habitações dos cozinheiros, concubinas e guerreiros do nosso nobre mestre, e de alguns de seus parentes menos favorecidos – Babá contou para eles –, mas vocês, queridinhos, terão o raro privilégio de dormir dentro do pavilhão do próprio Yezzan. Ele gosta de manter seus tesouros por perto. – Franziu o cenho para Mormont. – Você não, urso. Você é grande e feio e ficará acorrentado aqui fora. – O cavaleiro não respondeu. – Primeiro, precisam colocar as coleiras.

As coleiras eram feitas de ferro, levemente douradas para brilhar na luz. O nome de Yezzan estava gravado em grifos valirianos, e um par de pequenos sinos estava afixado embaixo das orelhas, então cada passo que davam produzia um alegre tilintar. Jorah Mormont aceitou sua coleira com um silêncio sombrio, mas Merreca começou a chorar enquanto o armeiro colocava a dela no lugar.

– É tão pesada – reclamou.

Tyrion apertou a mão dela.

– É de ouro maciço – mentiu. – Em Westeros, damas de alto nascimento sonham com um colar destes. – *Melhor uma coleira do que uma marca. Uma coleira pode ser removida*. Lembrou-se de Shae, e de como a corrente dourada brilhava enquanto ele a torcia mais e mais apertada ao redor do pescoço dela.

Depois, o Babá deixou Sor Jorah acorrentado em um poste perto da fogueira do cozinheiro e escoltou os dois anões para dentro do pavilhão do mestre. Mostrou onde dormiriam, em uma alcova acarpetada separada da tenda principal por paredes de seda amarela. Dividiriam este espaço com os outros tesouros de Yezzan: um garoto com retorcidas e peludas "pernas de bode", uma garota de duas cabeças de Mantarys, uma mulher barbada e uma graciosa criatura chamada Doces, que estava vestida com pedras preciosas e rendas de Myr.

– Vocês estão tentando decidir se sou homem ou mulher – Doces disse, quando foi trazida diante dos anões. Então levantou as saias e mostrou para eles o que tinha por baixo. – Sou ambos, e o mestre me ama mais.

*Uma coleção de seres grotescos*, Tyrion percebeu. *Em algum lugar um deus está rindo*.

– Adorável – falou para Doces, que tinha o cabelo púrpura e os olhos violeta –, mas esperávamos ser os mais bonitos desta vez.

Doces riu, mas o Babá não estava se divertindo.

– Guarde suas piadas para esta noite, quando se apresentará para nosso nobre mestre. Se vocês o agradarem, serão bem recompensados. Senão... – Deu um tapa na cara de Tyrion.

– Você precisa ser cuidadoso com o Babá – falou Doces, quando o capataz partiu. – Ele é o único monstro verdadeiro aqui. – A mulher barbada falava uma variedade incompreensível de ghiscari, o menino-bode um tipo gutural de gíria de marinheiro chamado língua mercantil. A menina de duas cabeças tinha retardo mental: uma cabeça não era maior do que uma laranja e não falava nada, a outra tinha uma fileira de dentes e rosnava para qualquer um que chegasse perto demais de sua gaiola. Mas Doces era fluente em quatro idiomas, um deles Alto Valiriano.

– Como é o mestre? – Merreca perguntou, ansiosa.

– Seus olhos são amarelos e ele fede – disse Doces. – Há dez anos, fomos para Sothoros, e ele está apodrecendo por dentro desde essa época.

Faça-o esquecer que está morrendo, mesmo que por um instante, e ele pode ser bastante generoso. Não negue nada a ele.

Tiveram apenas a tarde para aprender a ser propriedade de alguém. Os escravos de Yezzan encheram uma banheira com água quente, e os anões puderam se banhar; primeiro Merreca, depois Tyrion. Depois, outro escravo passou um unguento nos cortes nas costas do anão, para evitar que doessem, e cobriu-os com um cataplasma gelado. O cabelo de Merreca foi cortado, e a barba de Tyrion, aparada. Por fim, ambos receberam chinelos macios e roupas frescas, simples, mas limpas.

Quando a noite caiu, o Babá retornou para dizer que era hora de vestirem suas roupas de espetáculo. Yezzan era anfitrião do supremo comandante yunkaíta, o nobre Yurkhaz zo Yunkaz, e a apresentação deles era aguardada.

– Devemos desacorrentar seu urso?

– Não esta noite – Tyrion respondeu. – Deixe-nos disputar uma justa para nosso mestre primeiro, e guardamos o urso para outra hora.

– Que seja. Depois que a apresentação estiver terminada, vocês ajudarão a servir e a recolher os pratos. Cuidado para não sujarem os convidados, ou isso acabará mal para vocês.

Um malabarista começou os folguedos da noite. Então veio um trio de vigorosos acrobatas. Depois, o menino-bode apareceu e fez uma dança grotesca, enquanto um dos escravos de Yurkhaz tocava uma flauta de osso. Tyrion quase lhe perguntou se sabia *As Chuvas de Castamere*. Enquanto esperava por sua vez, o anão observava Yezzan e seus convidados. A ameixa seca humana no lugar de honra era, evidentemente, o supremo comandante yunkaíta, que parecia tão formidável quanto fezes moles. Uma dúzia de senhores yunkaítas o cercava. Dois capitães mercenários estavam por perto também, cada um acompanhado por uma dúzia de homens de sua companhia. Um deles era um elegante pentoshi, grisalho e todo vestido em seda, com exceção do manto, que era uma coisa esfarrapada, feita de várias faixas costuradas de tecido rasgado e manchado de sangue. O outro capitão era o homem que tentara comprá-los naquela manhã, o de pele marrom e barba salpicada de branco.

– Ben Mulato Plumm – Doces lhe disse seu nome. – Capitão dos Segundos Filhos.

*Um westerosi e um Plumm. Cada vez melhor.*

– Vocês são os próximos – o Babá os informou. – Sejam divertidos, meus queridinhos, ou vão desejar tê-lo sido.

Tyrion não dominava metade dos velhos truques de Tostão, mas podia cavalgar no porco, cair quando devia, rolar e se levantar novamente. Tudo aquilo foi bem recebido. A visão de pequenas pessoas correndo como bêbados e batendo um no outro com armas de madeira parecia ser tão hilariante em um acampamento de cerco na Baía dos Escravos quanto fora no banquete de casamento de Joffrey, em Porto Real. *Desdém*, pensou Tyrion*, a língua universal*.

Seu mestre, Yezzan, ria mais alto e por mais tempo sempre que um dos anões caía ou sofria um golpe, todo seu vasto corpo balançando como sebo em um terremoto; os convidados esperavam para ver como Yurkhaz zo Yunzak reagiria antes de se juntarem ao riso. O supremo comandante parecia tão frágil que Tyrion ficou com medo de que o riso pudesse matá-lo. Quando o elmo de Merreca foi arrancado e voou até o colo de um yunkaíta de cara azeda e *tokar* de listras verdes e douradas, Yurkhaz cacarejou como uma galinha. Quando o tal senhor colocou a mão dentro do elmo e tirou uma grande polpa babosa de melão roxo, o supremo comandante riu tanto que seu rosto ficou da mesma cor da fruta. Virou-se para seu anfitrião e sussurrou algo que fez o mestre deles gargalhar e lamber os lábios... embora, para Tyrion, parecesse ter uma ponta de raiva naqueles olhos amarelos.

Depois do espetáculo, os anões tiraram a armadura de madeira e a roupa que traziam por baixo, encharcada de suor, e colocaram frescas túnicas amarelas que foram providenciadas para que pudessem servir. Tyrion recebeu um jarro de vinho tinto e Merreca um jarro de água. Moviam-se pela tenda enchendo taças, seus pés com chinelos sussurrando sobre carpetes grossos. Era um trabalho mais duro do que parecia. Em pouco tempo, Tyrion estava com terríveis câimbras nas pernas, e um dos cortes em suas costas voltara a sangrar, o vermelho atravessando o linho amarelo de sua túnica. O anão mordeu a língua e continuou a servir.

A maioria dos convidados não prestava mais atenção neles do que nos outros escravos... mas um dos yunkaítas, bêbado, declarou que Yezzan deveria fazer os dois anões foderem, e outro exigiu saber como Tyrion

perdera o nariz. *Eu o enfiei na boceta da sua esposa e ela o mordeu*, ele quase respondeu... mas a tempestade o convencera de que não queria morrer ainda, por isso, em vez disso, respondeu:

– Foi cortado como punição por insolência, senhor.

Então, um senhor com um *tokar* azul com franjas de pedras olho-de-tigre lembrou que Tyrion se vangloriara de suas habilidades no *cyvasse* durante o leilão.

– Vamos colocá-lo em teste – disse. Um tabuleiro e um conjunto de peças foram providenciados. Alguns momentos depois, o senhor, com o rosto vermelho, empurrou a mesa em fúria, espalhando peças pelo carpete ao som dos risos dos yunkaítas.

– Você deveria ter deixado ele ganhar – Merreca sussurrou.

Ben Mulato Plumm levantou a mesa caída, sorrindo.

– Tente comigo agora, anão. Quando era jovem, os Segundos Filhos fizeram um contrato com Volantis. Aprendi a jogar lá.

– Sou apenas um escravo. Meu nobre mestre decide quando e com quem jogo. – Tyrion se virou para Yezzan. – Mestre?

O senhor amarelo pareceu se divertir com a ideia.

– Que apostas propõe, capitão?

– Se eu ganhar, dê este escravo para mim – disse Plumm.

– Não – Yezzan zo Qaggaz respondeu. – Mas se você conseguir derrotar o anão, pode ter o preço que paguei nele, em ouro.

– Feito – o mercenário falou. As peças espalhadas foram apanhadas do carpete e eles se sentaram para jogar.

Tyrion ganhou a primeira partida. Plumm ficou com a segunda, pelo dobro das apostas. Enquanto se preparavam para a terceira rodada, o anão estudou seu oponente. Com a pele marrom, queixo e bochechas cobertos por uma barba eriçada cortada rente, cinzenta e branca, rosto amassado por mil rugas e algumas cicatrizes antigas, Plumm tinha um olhar amigável, especialmente quando sorria. *Um partidário fiel*, Tyrion decidiu. *O tio favorito de qualquer homem, cheio de risadas, ditos antigos e sabedoria popular*. Era tudo uma farsa. Aqueles sorrisos nunca tocavam os olhos de Plumm, onde a ganância se escondia atrás de um véu de cautela. *Guloso, mas cuidadoso, esse aí.*

O mercenário era um jogador quase tão ruim quanto o senhor yunkaíta fora, mas suas jogadas eram apáticas e obstinadas, em vez de ousadas.

Seus arranjos iniciais foram diferentes a cada vez, mas sempre do mesmo jeito: conservadores, defensivos, passivos. *Ele não joga para ganhar*, Tyrion percebeu. *Joga de forma a não perder*. Funcionou na segunda partida, quando o homenzinho excedeu-se com um ataque insano. Não funcionou na terceira, nem na quarta, nem na quinta vez, que se provou ser a última.

Perto do fim da quarta competição, com sua fortaleza em ruínas, seu dragão morto, elefantes diante dele e um cavalo pesado circulando em seu traseiro, Plumm olhou, sorrindo, e disse:

– Yollo vence novamente. Morte em quatro.

– Três. – Tyrion bateu seu dragão. – Eu estava com sorte. Talvez devesse dar uma boa esfregada na minha cabeça antes da nossa próxima partida, capitão. Um pouco desta sorte pode passar-lhe pelos seus dedos. – *Você ainda perderá, mas talvez me dê um melhor embate*. Sorrindo, empurrou o tabuleiro de *cyvasse*, pegou sua jarra de vinho, e voltou a servir, com Yezzan zo Qaggaz consideravelmente mais rico e Ben Mulato Plumm consideravelmente empobrecido. Seu gigantesco mestre caíra no sono, bêbado, durante a terceira partida, sua taça escorregando dos dedos amarelados para derrubar o conteúdo no carpete, mas talvez ele ficasse satisfeito quando acordasse.

Quando o supremo comandante Yurkhaz zo Yunzak partiu, ajudado por um par de escravos corpulentos, aquilo pareceu um sinal geral para os outros convidados tomarem seus rumos também. Depois que a tenda esvaziou, o Babá reapareceu para dizer aos serventes que podiam fazer seu próprio banquete com os restos.

– Comam rapidamente. Tudo isto precisa estar limpo antes que vocês durmam.

Tyrion estava de joelhos, suas pernas doloridas e suas costas ensanguentadas gritando de dor, tentando esfregar a mancha que o vinho derramado pelo nobre Yezzan deixara sobre seu próprio carpete, quando o capataz deu um tapinha gentil em sua bochecha com a ponta do chicote.

– Yollo. Vocês se saíram muito bem. Você e sua esposa.

– Ela não é minha esposa.

– Sua puta, então. Em pé, vocês dois.

Tyrion ergueu-se cambaleando, uma perna tremendo sob ele. Suas coxas estavam com tantas câimbras que Merreca teve que dar uma mão para ajudá-lo a ficar em pé.

– O que fizemos?

– Muito e ainda mais – disse o capataz. – O Babá disse que seriam recompensados se agradassem ao nosso pai, não disse? Embora o nobre Yezzan deteste perder seus pequenos tesouros, como vocês viram, Yurkhaz zo Yunzak o convenceu que seria egoísmo manter tal gracejo incomum apenas para ele. Alegrem-se! Para celebrar a assinatura da paz, vocês terão a honra de disputar uma justa na Grande Arena de Daznak. Milhares verão vocês! Dezenas de milhares! E, oh, como vamos rir!

# Jaime

O Solar de Corvarbor era velho. Um musgo grosso crescia entre as pedras antigas, subindo como teia de aranha pelas paredes, parecendo veias nas pernas de uma mulher idosa. Duas imensas torres flanqueavam o portão principal do castelo, e outras menores defendiam cada ângulo das muralhas. Todas eram quadradas. Torres circulares ou em meia-lua eram melhores contra catapultas, uma vez que pedras arremessadas podiam ser mais facilmente desviadas em paredes curvas, mas Corvarbor era anterior a esse detalhe particular da sabedoria construtiva.

O castelo dominava o amplo vale fértil que mapas e homens costumavam chamar de Vale do Bosquenegro. Era um vale, sem dúvida, mas nenhum bosque crescia ali havia milhares de anos, fosse ele negro, marrom ou verde. No passado, sim, mas havia muito tempo machados tinham derrubado as árvores. Casas, moinhos e fortes se erguiam onde antes existiam altos carvalhos. O solo era despido e lamacento, pontilhado aqui e ali com montes de neve que derretiam.

Mas dentro das muralhas do castelo, um pouco de floresta ainda permanecia. A Casa Blackwood mantinha os antigos deuses e os venerava como os Primeiros Homens faziam nos dias anteriores à chegada dos ândalos a Westeros. Dizia-se que algumas das árvores do bosque sagrado eram tão velhas quanto as torres quadradas de Corvarbor, especialmente a árvore-coração, um represeiro de tamanho colossal cujos galhos superiores podiam ser vistos a quilômetros de distância, como dedos ossudos arranhando o céu.

Quando Jaime Lannister e sua escolta seguiram pelos montes ondulantes no vale, pouco restava dos campos, fazendas e pomares que outrora circundaram Corvarbor; apenas lama e cinzas, e aqui e ali as cascas enegrecidas de casas e moinhos. Ervas daninhas, espinhos e urtigas cresciam nas terras devastadas, mas nada que pudesse ser

chamado de plantação. Para todos os lados que olhasse, Jaime via a mão de seu pai, até mesmo nos ossos que algumas vezes vislumbrava ao lado da estrada. A maioria era de ossos de ovelhas, mas havia de cavalos e de gado, e, de vez em quando, um crânio humano ou um esqueleto sem cabeça com mato brotando pela caixa torácica.

Nenhuma grande tropa cercara Corvarbor como acontecera com Correrrio. Este cerco era uma coisa mais íntima, o último passo em uma dança que ocorria havia séculos. Na melhor das hipóteses, Jonos Bracken tinha quinhentos homens ao redor do castelo. Jaime não viu torres de cerco, nem aríetes ou catapultas. Bracken não pretendia quebrar os portões de Corvarbor, nem atacar suas muralhas altas e grossas. Sem nenhuma perspectiva de rendição à vista, ele se contentava em matar o rival de fome. Sem dúvida, houve incursões e escaramuças no início do cerco, com flechas voando de um lado para o outro; mas meio ano mais tarde, todos estavam cansados demais para tal absurdo. O tédio e a rotina tomaram conta, os inimigos da disciplina.

*Já passou o tempo disso acabar*, pensou Jaime Lannister. Com Correrrio agora a salvo em mãos Lannister, Corvarbor era o remanescente do curto reinado do Jovem Lobo. Uma vez que se rendesse, seu trabalho no Tridente estaria acabado e ele estaria livre para retornar a Porto Real. *Para o rei*, disse para si mesmo, mas outra parte dele sussurrou, *para Cersei.*

Teria que encará-la, supunha. Isso imaginando que o Alto Septão já não a teria condenado à morte quando retornasse à cidade. *Venha imediatamente*, ela escrevera, na carta que dera para Peck queimar em Correrrio. *Ajude-me. Salve-me. Preciso de você agora, como nunca precisei antes. Amo você. Amo você. Amo você. Venha imediatamente*. A necessidade dela era bem real, Jaime não duvidava. Quanto ao resto... *ela andou fodendo com Lancel, com Osmund Kettleblack e com o Rapaz Lua, pelo que sei...* Mesmo se tivesse retornado, não tinha esperança de salvá-la. Ela era culpada de cada traição pela qual era acusada, e ele perdera a mão da espada.

Quando a coluna veio trotando pelos campos, as sentinelas os encararam com mais curiosidade do que medo. Nenhum deles soou o alarme, o que serviu bem aos propósitos de Jaime. O pavilhão de Lorde Bracken não foi difícil de encontrar. Era o maior do acampamento e o

mais bem situado; montado em uma baixa elevação ao lado de um riacho, permitia uma visão clara dos dois portões de Corvarbor.

A tenda era marrom, como o estandarte que se agitava no mastro central, onde o garanhão vermelho da Casa Bracken erguia-se sobre um brasão dourado. Jaime deu ordem de desmontar e disse aos seus homens que poderiam se misturar se quisessem.

– Não vocês dois – falou para seus porta-estandartes. – Fiquem por perto. Isso não vai demorar muito. – Desceu de Honra e seguiu para a tenda de Bracken, a espada retinindo na bainha.

Os guardas do lado de fora trocaram um olhar ansioso com sua aproximação.

– Meu senhor – disse um deles. – Devemos anunciá-lo?

– Eu mesmo me anunciarei. – Jaime afastou a cortina da tenda com sua mão dourada e curvou-se para entrar.

Eles estavam completamente absortos quando Jaime entrou, tão concentrados no sexo que nenhum dos dois notou sua chegada. A mulher tinha os olhos fechados. Sua mãos agarravam os grossos pelos marrons das costas de Bracken. Engasgava cada vez que ele entrava nela. A cabeça de sua senhoria estava enterrada nos seios dela, suas mãos fechadas em torno de seus quadris. Jaime limpou a garganta.

– Lorde Jonos.

Os olhos da mulher se abriram e ela deu um grito assustado. Jonos Bracken rolou de cima dela, agarrou sua bainha e veio com aço nu na mão, amaldiçoando.

– *Pelos sete malditos infernos* – começou –, *quem ousa...* – Então viu o manto branco e a placa peitoral dourada de Jaime. A ponta de sua espada se abaixou. – Lannister?

– Sinto muito incomodá-lo em seu prazer, meu senhor – disse Jaime, com um meio-sorriso –, mas tenho alguma pressa. Podemos conversar?

– Conversar. Sim. – Lorde Jonos embainhou a espada. Não era tão alto quanto Jaime, mas era mais pesado, com ombros largos e braços que teriam feito inveja a um ferreiro. Uma barba castanha por fazer cobria-lhe as bochechas e o queixo. Os olhos eram castanhos também, a raiva neles mal escondida. – Pegou-me desprevenido, meu senhor. Não fui informado de sua vinda.

– E parece que atrapalhei vocês. – Jaime sorriu para a mulher na cama. Ela tinha uma mão sobre o seio esquerdo e outra entre as pernas, o que deixava seu seio direito exposto. Seus mamilos eram mais escuros do que os de Cersei e três vezes maiores. Quando sentiu o olhar de Jaime, ela cobriu o mamilo direito, o que revelou seu monte. – Todas as seguidoras de acampamento são tão modestas? – ele quis saber. – Se um homem quer vender seus nabos, precisa deixá-los à mostra.

– Você está olhando meus nabos desde que entrou aqui, sor. – A mulher encontrou o lençol e o puxou o suficiente para cobrir-se da cintura para cima, então ergueu uma mão para empurrar o cabelo dos olhos. – E eles não estão à venda.

Jaime deu de ombros.

– Minhas desculpas se a confundi com algo que não é. Meu pequeno irmão conheceu centenas de prostitutas, mas eu só me deitei com uma.

– Ela é um prêmio de guerra. – Bracken pegou seu calção do chão e o sacudiu. – Pertencia a uma das espadas juramentadas de Blackwood até que cortei a cabeça dele ao meio. Abaixe as mãos, mulher. Meu senhor de Lannister quer dar uma boa olhada nessas suas tetas.

Jaime ignorou aquilo.

– Está colocando esse calção do avesso, meu senhor – disse para Bracken. Enquanto Jonos xingava, a mulher saiu da cama para pegar suas roupas, os dedos passeando nervosamente entre os seios e o meio das pernas enquanto se abaixava, se virava e alcançava as peças. Seus esforços para se esconder eram estranhamente provocantes, muito mais do que se simplesmente tivesse assumido sua nudez. – Você tem um nome, mulher? – perguntou para ela.

– Minha mãe me chamou de Hildy, sor. – Ela puxou um vestido sujo sobre a cabeça e agitou os cabelos. Seu rosto estava quase tão sujo quanto seus pés e ela tinha cabelo suficiente entre as pernas para passar por irmã de Bracken, mas ainda assim havia algo de atraente nela. Aquele nariz achatado, a cabeleira desgrenhada... ou o jeito como fez uma pequena reverência depois de tropeçar na saia. – Viu meu outro sapato, ‘nhor?

A pergunta pareceu aborrecer Lorde Bracken.

– Por acaso sou uma maldita aia para buscar seus sapatos? Vá descalça se precisar. Apenas vá.

– Isso significa que meu senhor não vai me levar para casa com ele, para rezar com sua esposinha? – Rindo, Hildy deu um olhar desavergonhado para Jaime. – Você tem uma esposinha, sor?

*Não, tenho uma irmã.*

– De que cor é meu manto?

– Branco – ela respondeu –, mas sua mão é de ouro maciço. Gosto disso em um homem. E o que você gosta em uma mulher, ‘nhor?

– Inocência.

– Em uma mulher, eu perguntei. Não em uma filha.

Ele pensou em Myrcella. *Terei que contar para ela também.* Os dornenses poderiam não gostar disso. Doran Martell aceitara o noivado dela com seu filho acreditando que a menina era sangue de Robert. *Nós e emaranhados*, Jaime pensou, desejando poder cortar todos eles com um golpe de sua espada.

– Fiz um voto – disse para Hildy, cansado.

– Nenhum nabo para você, então – a garota falou descaradamente.

– *Vá!* – Lorde Jonos rugiu para ela.

Ela se foi. Mas quando passou por Jaime, carregando um sapato e a pilha de roupas, abaixou a mão e deu um apertão em seu pau, pelo calção.

– *Hildy* – ela o recordou, antes de disparar semivestida da tenda.

*Hildy*, Jaime ponderou.

– E como vai a senhora sua esposa? – perguntou para Lorde Jonos quando a garota se foi.

– Como vou saber? Pergunte ao septão dela. Quando Lorde Tywin queimou nosso castelo, ela decidiu que os deuses estavam nos punindo. Agora, tudo o que faz é rezar. – Jonos havia finalmente conseguido vestir os calções corretamente e estava amarrando-os na frente. – O que o traz aqui, meu senhor? O Peixe Negro? Soubemos como ele escapou.

– Soube? – Jaime sentou-se em um banco de acampamento. – Pelo próprio homem, por acaso?

– Sor Brynden é esperto demais para vir correndo até mim. Gosto do homem, não vou negar isso. Mas isso não me impediria de colocá-lo em correntes se ele mostrasse seu rosto perto de mim ou dos meus. Ele sabe que me ajoelhei. Devia ter feito o mesmo, mas sempre foi um obstinado. O irmão dele poderia ter lhe contado isso.

– Tytos Blackwood não se ajoelhou – Jaime observou. – O Peixe Negro pode buscar refúgio em Corvarbor?

– Pode buscar, mas para encontrar precisaria passar por minhas linhas de cerco, e, pelo que ouvi, ele ainda não tem asas. Tytos precisará de refúgio para si mesmo em pouco tempo. Estão perdendo para ratos e raízes lá. Ele vai se render antes da próxima lua cheia.

– Ele vai se render antes do pôr do sol. Pretendo oferecer-lhe um acordo e aceitá-lo de volta para a paz do rei.

– Sei. – Lorde Jonos se encolheu em uma túnica de lã marrom com o garanhão vermelho dos Bracken bordado na frente. – Meu senhor gostaria de um corno de cerveja?

– Não, mas não passe vontade por minha causa.

Bracken encheu um corno para si mesmo, bebeu metade e enxugou a boca.

– Você falou em acordo. Que tipo de acordo?

– O tipo usual. Lorde Blackwood terá que confessar sua traição e abjurar sua aliança com os Stark e os Tully. Jurará solenemente diante dos deuses e dos homens que, a partir de agora, será um vassalo leal de Harrenhal e do Trono de Ferro, e eu o perdoarei em nome do rei. Tomaremos um pote ou dois de ouro, é claro. O preço da rebelião. Exigirei um refém também, para garantir que Corvarbor não se levantará novamente.

– A filha dele – sugeriu Bracken. – Blackwood tem seis filhos, mas somente uma filha. Ele a adora. Uma criaturinha remelenta, com não mais do que sete anos.

– Jovem, mas deve servir.

Lorde Jonos tomou o último gole de cerveja e jogou o corno de lado.

– E as terras e os castelos que nos prometeram?

– Que terras eram essas?

– O banco ocidental do Charco da Viúva, da Serra da Besta até a Campina Sulcada, e todas as ilhas no riacho. O Moinho Moimilho e o Moinho do Senhor, as ruínas do Solar Lamacento, o Encanto, o Vale da Batalha, Forjavelha, as vilas de Fivela, Fivelanegra, Marcos, Lagoa de Barro, e a cidade mercantil de Cova de Lama. Matadevespa, Bosque de Lorgen e as Tetas de Barba. Tetas de Missy, os Blackwood as chamam, mas eram de Barba antes. Melarbor e todas as colmeias. Aqui, eu

marquei tudo, se meu senhor quiser dar uma olhada. – Foi até a mesa e lhe apresentou um mapa em um pergaminho.

Jaime o pegou com a mão boa, mas teve que usar a de ouro para desenrolá-lo e segurá-lo aberto.

– Isso é um bocado de terras – observou. – Você aumentará seus domínios em um quarto.

A boca de Bracken se contorceu teimosamente.

– Todas essas terras pertenciam à Barreira de Pedra no passado. Os Blackwood as roubaram de nós.

– E esta vila aqui, entre as Tetas? – Jaime bateu no mapa com uma junta do dedo dourado.

– Centarbor. Era nossa também, mas tem sido um feudo real por centenas de anos. Deixe assim. Pedimos apenas as terras roubadas pelos Blackwood. O senhor seu pai prometeu nos devolvê-las se subjugássemos Lorde Tytos para ele.

– Mesmo assim, quando eu estava cavalgando para cá, vi estandartes dos Tully desfraldados nas muralhas do castelo, assim como o lobo gigante dos Stark. Isso pode sugerir que Lorde Tytos não foi subjugado.

– Expulsamos ele e os seus do campo de batalha e os fizemos ficar dentro de Corvarbor. Dê-me homens suficientes para atacar suas muralhas, meu senhor, e eu os enviarei para os túmulos.

– Se eu lhe desse homens suficientes, eles o subjugariam, não você. Neste caso, deveria eu mesmo ficar com a recompensa. – Jaime deixou o mapa se enrolar novamente. – Ficarei com isto, se puder.

– O mapa é seu. As terras são nossas. Dizem que um Lannister sempre paga suas dívidas. Lutamos por vocês.

– Nem a metade do que lutaram contra nós.

– O rei nos perdoou por isso. Perdi meu sobrinho para suas espadas, e meu filho natural. Sua Montanha roubou minha colheita e queimou tudo o que não pôde carregar. Queimou meu castelo e estuprou uma das minhas filhas. Eu serei recompensado.

– Montanha morreu, assim como meu pai – Jaime contou para ele –, e alguns podiam dizer que sua cabeça era recompensa suficiente. Você se *declarou* pelo Stark, e manteve a fé nele até que Lorde Walder o matasse.

– Assassinou-o, e uma dúzia de bons homens do meu próprio sangue. – Lorde Jonos virou a cabeça e cuspiu. – Sim, eu tive fé no Jovem Lobo.

Assim como terei fé em você enquanto me tratar com justiça. Eu dobrei o joelho porque não vi razão em morrer por morrer, nem em derramar sangue Bracken por uma causa perdida.

– Um homem prudente. – *Embora alguns possam dizer que Lorde Blackwood tem sido mais honrado*. – Você terá suas terras. Ou parte delas, ao menos. Já que você subjugou os Blackwood apenas em parte.

Aquilo pareceu satisfazer Lorde Jonos.

– Ficaremos contentes com qualquer parte que meu senhor julgar justa. Mas, se posso lhe dar um conselho, não é uma boa coisa ser muito gentil com esses Blackwood. A traição corre no sangue deles. Antes que os ândalos chegassem a Westeros, a Casa Bracken governava este rio. Éramos reis, e os Blackwood eram nossos vassalos, mas eles nos traíram e usurparam a coroa. Todo Blackwood nasce um vira-casaca. Seria bom que se lembrasse disso quando fosse fazer o acordo.

– Oh, eu me lembrarei – Jaime prometeu.

Quando cavalgou do acampamento de cerco de Bracken até os portões de Corvarbor, Peck foi na frente com um estandarte da paz. Antes que chegassem ao castelo, vinte pares de olhos os observavam do parapeito da guarita. Jaime levou Honra até uma paragem na beira do fosso, uma vala profunda cheia de pedras, suas águas verdes cheias de espuma. Estava prestes a ordenar que Sor Kennos tocasse o Berrante de Herrock quando a ponte levadiça começou a descer.

Lorde Tytos Blackwood o encontrou na ala externa, montado em um corcel de batalha tão magro quanto ele. Muito alto e muito esguio, o Senhor de Corvarbor tinha nariz adunco, cabelos longos e uma barba irregular negra e branca que exibia mais branco do que negro. Incrustada em prata na placa peitoral de sua reluzente armadura escarlate estava uma árvore branca, nua e morta, cercada por um bando de corvos em ônix levantando voo. Um manto de penas de corvos pendia de seus ombros.

– Lorde Tytos – falou Jaime.

– Sor.

– Obrigado por me permitir entrar.

– Não direi que é bem-vindo. Nem negarei que esperava que viesse. Você está aqui por minha espada.

– Estou aqui para colocar um fim nisso. Seus homens lutaram bravamente, mas sua guerra é perdida. Está preparado para se render?

– Para o rei. Não para Jonos Bracken.

– Entendo.

Blackwood hesitou por um momento.

– Deseja que eu desmonte e me ajoelhe diante de você aqui e agora?

Uma centena de olhos estava sobre eles.

– O vento está frio e o pátio enlameado – disse Jaime. – Você pode se ajoelhar no carpete de seu aposento particular, uma vez que concordemos com os termos da rendição.

– Muito cavalheiresco da sua parte – respondeu Lorde Tytos. – Venha, sor. Meu salão pode ter falta de comida, mas nunca de cortesia.

O aposento particular de Blackwood era no segundo andar de uma cavernosa torre de madeira. Havia uma fogueira queimando na lareira quando entraram. A sala era grande e arejada, com grandes vigas de carvalho escuro sustentando o teto alto. Tapeçarias de lã cobriam as paredes, e um par de amplas portas de treliça davam para o bosque sagrado. Apesar dos grossos painéis de vidro em forma de diamante, Jaime vislumbrou os membros retorcidos da árvore da qual o castelo tirava seu nome. Era um represeiro antigo e colossal, dez vezes o tamanho do que havia no Jardim de Pedra em Rochedo Casterly. Mas aquela árvore estava nua e morta.

– Os Bracken a envenenaram – contou seu anfitrião. – Por mil anos não mostrou nem uma folha. Quando se passarem mais mil anos, ela se transformará em pedra, os meistres dizem. Represeiros não apodrecem.

– E os corvos? – perguntou Jaime. – Onde estão?

– Eles vêm ao entardecer e ficam empoleirados a noite toda. Centenas deles. Cobrem a árvore como folhas negras, cada galho e cada ramo. Eles têm vindo por milhares de anos. Como ou por que ninguém sabe dizer, mesmo assim a árvore os chama todas as noites. – Blackwood sentou-se em uma cadeira de encosto alto. – Por uma questão de honra, devo perguntar sobre meu senhor suserano.

– Sor Edmure está a caminho de Rochedo Casterly, como meu cativo. Sua esposa ficará nas Gêmeas até que o filho deles nasça. Então, ela e o bebê se juntarão a ele. Enquanto não tentar fugir ou planejar rebeliões, Edmure terá uma longa vida.

– Longa e amarga. Uma vida sem honra. Até o dia de sua morte, os homens dirão que ele ficou com medo de lutar.

*Injustamente*, Jaime pensou. *Era por seu filho que temia. Ele sabia de quem eu sou filho, melhor do que minha própria tia.*

– A escolha foi dele. Seu tio nos teria feito sangrar.

– Concordamos nisso. – A voz de Blackwood não demonstrava nada. – O que você fez com Sor Brynden, se posso perguntar?

– Ofereci que tomasse o negro. Em vez disso, ele fugiu. – Jaime sorriu. – Você estaria com ele aqui, por acaso?

– Não.

– Me contaria se estivesse?

Foi a vez de Tytos Blackwood sorrir.

Jaime juntou as mãos, os dedos dourados dentro dos de carne.

– Talvez seja hora de conversarmos sobre os termos.

– É agora que eu fico de joelhos.

– Se for do seu agrado. Ou podemos dizer que você ficou.

Lorde Blackwood permaneceu sentado. Em pouco tempo chegaram a um acordo sobre a maior parte dos pontos: confissão, fidelidade, perdão, uma certa quantia de ouro e prata a ser paga.

– Que terras você exige? – Lorde Tytos perguntou. Quando Jaime lhe deu o mapa, ele deu uma olhada e riu. – Claro. O vira-casaca precisa ter sua recompensa.

– Sim, mas uma menor do que ele imagina, por um serviço menor. Quais dessas terras você concorda em dar?

Lorde Tytos considerou por um momento.

– Cercaviva, Serra da Besta e Fivelas.

– Uma ruína, uma serra e uns poucos casebres? Vamos, meu senhor. Você deve sofrer por sua traição. Ele vai querer pelo menos um dos moinhos. – Moinhos eram uma fonte valiosa de impostos. O senhor recebia um décimo de todo o grão que plantavam.

– Moinho do Senhor, então. Moimilho é nosso.

– E outra vila. Marcos?

– Tenho ancestrais enterrados sob as pedras de Marcos. – Ele olhou o mapa novamente. – Dê-lhe Melarbor e suas colmeias. Todo aquele doce o deixará gordo e fará seus dentes apodrecerem.

– Feito, então. Mas ainda tem uma última coisa.

– Um refém.

– Sim, meu senhor. Você tem uma filha, creio.

– Bethany. – Lorde Tytos parecia chocado. – Também tenho dois irmãos e uma irmã. Duas tias viúvas. Sobrinhas, sobrinhos, primos. Pensei que poderia concordar em...

– Precisa ser um filho do seu sangue.

– Bethany tem apenas oito anos. Uma garota gentil, cheia de risos. Nunca esteve a mais de um dia de cavalgada do meu salão.

– Por que não deixá-la ver Porto Real? Sua Graça é quase da idade dela. Ele ficaria satisfeito em ter outra amiga.

– Uma amiga que possa enforcar se o pai dela o desagradar? – perguntou Lorde Tytos. – Tenho quatro filhos. Consideraria levar um deles no lugar dela? Ben tem doze e está sedento por aventuras. Ele poderia ser seu escudeiro, se for do seu agrado.

– Tenho tantos escudeiros que não sei o que fazer com eles. Cada vez que mijo, eles disputam pelo direito de segurar meu pau. E você tem seis filhos, meu senhor, não quatro.

– Já tive. Robert era meu mais jovem e nunca foi forte. Morreu há nove dias, de uma frouxidão nos intestinos. Lucas foi assassinado no Casamento Vermelho. A quarta esposa de Walder Frey era uma Blackwood, mas parentesco não importa mais do que direitos de hóspedes nas Gêmeas. Eu gostaria de enterrar Lucas sob a árvore, mas os Frey ainda não acharam por bem devolver os ossos dele para mim.

– Farei com que devolvam. Lucas era seu filho mais velho?

– Meu segundo. Brynden é meu mais velho e meu herdeiro. Depois vem Hoster. Um menino dado à leitura, temo.

– Temos livros em Porto Real também. Recordo-me de meu irmãozinho lendo-os de tempos em tempos. Talvez seu filho goste de dar uma olhada neles. Aceitarei Hoster como nosso refém.

O alívio de Blackwood era palpável.

– Obrigado, meu senhor. – Hesitou por um momento. – Se posso ousar, você faria bem em exigir um refém de Lorde Jonos também. Uma de suas filhas. Apesar de toda a sua fornicação, ele não se mostrou homem suficiente para gerar filhos homens.

– Ele tinha um filho bastardo, morto na guerra.

– Tinha? Harry era um bastardo, é verdade, mas se Jonos o gerou é uma questão mais espinhosa. Era um rapaz de cabelos louros e formoso. Jonos não é nenhum dos dois. – Lorde Tytos se levantou. – Você me dará a honra de cear comigo?

– Em algum outro momento, meu senhor. – O castelo estava faminto; não traria nenhum benefício se Jaime roubasse comida de suas bocas. – Não posso me demorar. Correrrio me espera.

– Correrrio? Ou Porto Real?

– Ambos.

Lorde Tytos não tentou dissuadi-lo.

– Hoster pode estar pronto para partir em uma hora.

E estava. O garoto encontrou-se com Jaime nos estábulos, com um saco de dormir jogado sobre um ombro e um maço de pergaminhos embaixo do braço. Não tinha mais do que dezesseis anos, mas já era mais alto que seu pai, quase dois metros de pernas, canelas e cotovelos, um rapaz desengonçado e desajeitado, com um topete.

– Senhor Comandante. Sou seu refém, Hoster. Hos, eles me chamam. – O rapaz sorriu.

*Será que ele pensa que isto é uma brincadeira?*

– Por favor, quem são *eles*?

– Meus amigos. Meus irmãos.

– Não sou seu amigo, nem seu irmão. – Aquilo tirou o sorriso do rosto do garoto. Jaime se virou para Lorde Tytos. – Meu senhor, não vamos ter mal-entendidos aqui. Lorde Beric Dondarrion, Thoros de Myr, Sandor Clegane, Brynden Tully, esta mulher, Coração de Pedra... todos esses são fora da lei e rebeldes, inimigos do rei e de todos os seus leais súditos. Se eu ouvir que você ou os seus os estão escondendo, protegendo ou ajudando de alguma maneira, não hesitarei em enviar a cabeça do seu filho para você. Espero que entenda isso. Entenda isso também: não sou Ryman Frey.

– Não. – Todo traço de calor deixara a boca de Lorde Blackwood. – Sei com quem estou lidando. Regicida.

– Bom. – Jaime montou e virou Honra na direção do portão. – Espero que tenha uma boa colheita e alegrias com a paz do rei.

Não cavalgou até muito longe. Lorde Jonos Bracken esperava por ele do lado de fora de Corvarbor, logo atrás do alcance de um bom besteiro.

Estava montado em um corcel de guerra blindado e vestia armadura e cota de malha, e um grande elmo de aço cinza com uma cauda de crina de cavalo.

– Vi que tiraram o estandarte do lobo gigante – disse, quando Jaime o alcançou. – Está feito?

– Feito e acabado. Vá para casa e plante seus campos.

Lorde Bracken ergueu sua viseira.

– Acredito que tenho mais campos para plantar do que quando você entrou no castelo. – Fivela, Cercaviva, Melarbor e todas as suas colmeias. – Estava esquecendo um.

– Oh, e Serra da Besta.

– Um moinho – disse Bracken. – Tenho que ter um moinho.

– Moinho do Senhor.

Lorde Jonos bufou.

– Sim, isso vai servir. Por enquanto. – Apontou para Hoster Blackwood, que vinha logo atrás, com Peck. – Foi esse aí que ele lhe deu como refém? Você foi enganado, sor. Um fracote, esse aí. Água no lugar de sangue. Não importa quão alto seja, qualquer uma das minhas meninas pode quebrá-lo como um galho podre.

– Quantas filhas você tem, meu senhor? – Jaime lhe perguntou.

– Cinco. Duas da minha primeira esposa e três da minha terceira. – Tarde demais, ele pareceu perceber que falara além da conta.

– Envie uma delas para a corte. Ela terá o privilégio de servir a Rainha Regente.

O rosto de Bracken escureceu quando percebeu a importância daquelas palavras.

– É assim que paga a amizade de Barreira de Pedra?

– É uma grande honra servir à rainha – Jaime recordou à sua senhoria. – Você pode impressioná-la com isso. Esperaremos a garota antes que o ano acabe. – Sem aguardar uma resposta de Lorde Bracken, tocou Honra levemente com as esporas douradas e saiu trotando. Seus homens entraram em formação atrás dele e o seguiram, estandartes tremulando. Logo castelo e acampamento haviam sumido, em meio à poeira dos cascos.

Nem os fora da lei nem os lobos os tinham incomodado durante a ida para Corvarbor, então Jaime decidiu voltar por uma rota distinta. Se os

deuses fossem bons, podia topar com o Peixe Negro, ou atrair Beric Dondarrion para um ataque imprudente.

Seguiam pelo Charco da Viúva quando o dia chegou ao fim. Jaime chamou seu refém para a frente e perguntou-lhe onde podiam encontrar o vau mais próximo, e o garoto os levou até lá. Enquanto a coluna atravessava as águas rasas, o sol se punha atrás de um par de colinas verdejantes.

– As Tetas – disse Hoster Blackwood.

Jaime se lembrou do mapa de Lorde Bracken.

– Há uma vila entre essas colinas.

– Centarbor – o rapaz confirmou.

– Acamparemos ali esta noite. – Se tivessem moradores por lá, eles podiam saber alguma coisa sobre Sor Brynden ou sobre os fora da lei. – Lorde Jonos fez algum comentário sobre de quem eram essas tetas – disse para o garoto Blackwood, enquanto cavalgavam em direção às colinas que escureciam e à última luz do dia. – Os Bracken a chamam por um nome e os Blackwood por outro.

– Sim, meu senhor. Por um século, ou quase isso. Antes, eram conhecidas como as Tetas da Mãe, ou apenas as Tetas. São duas colinas, e elas lembram...

– Posso ver o que elas lembram. – Jaime se pegou pensando na mulher na tenda e na maneira como ela tentou esconder seus grandes e escuros mamilos. – O que mudou há um século?

– Aegon, o Indigno, tomou Barba Bracken como amante – o garoto estudioso respondeu. – Ela era uma moça de seios grandes, dizem, e um dia, quando estava visitando Barreira de Pedra, o rei saiu para caçar, viu as Tetas e...

– ... deu o nome de sua amante para elas. – Aegon, o Quarto, morrera muito antes de Jaime nascer, mas ele se lembrava o suficiente da história de seu reinado para adivinhar o que aconteceu na sequência. – Só que mais tarde ele deixou a garota Bracken de lado e pegou uma Blackwood, foi isso?

– A Senhora Melissa – Hoster confirmou. – Missy, era chamada. Há uma estátua dela no nosso bosque sagrado. Ela era *muito mais* bonita do que Barba Bracken, mas delgada, e Barba começou a dizer que Missy era reta como um rapaz. Quando o Rei Aegon ouviu isso, ele...

– ... deu para ela as tetas de Barba. – Jaime riu. – Como tudo isso começou, entre Blackwood e Bracken? Há algo escrito?

– Há, sim, meu senhor – o rapaz disse –, mas algumas das histórias foram escritas pelos meistres deles e algumas pelos nossos, séculos depois dos eventos que se propõem a contar. A história remonta à Era dos Heróis. Os Blackwood eram reis naqueles dias. Os Bracken eram senhores menores, renomados por criarem cavalos. Em vez de pagar ao seu rei o que lhe era devido, usaram o ouro que seus cavalos traziam para contratar espadas e derrubar o monarca.

– Quando tudo isso aconteceu?

– Quinhentos anos antes dos ândalos. Mil, se acreditarmos na *História Verdadeira*. Só que ninguém sabe quando os ândalos cruzaram o mar estreito. A *História Verdadeira* diz que quatro mil anos se passaram desde este fato, mas alguns meistres afirmam que foram apenas dois mil. Depois de certo ponto, todas as datas ficam obscuras e confusas, e a claridade da história se transforma na névoa da lenda.

*Tyrion gostaria deste aí. Poderiam conversar do anoitecer ao amanhecer, discutindo sobre livros*. Por um momento, sua amargura em relação ao irmão foi esquecida, até que ele se lembrou do que o Duende fizera.

– Então vocês estão lutando sobre uma coroa que um tomou do outro quando os Casterly ainda tinham Rochedo Casterly, essa é a raiz de tudo isso? A coroa de um reino que não existe há milhares de anos? – Ele riu. – Tantos anos, tantas guerras, tantos reis... é de se imaginar que alguém tivesse feito a paz.

– Alguém fez, meu senhor. Muitos alguéns. Tivemos centenas de pazes com os Bracken, muitas seladas com matrimônios. Há sangue Blackwood em todo Bracken, e sangue Bracken em todo Blackwood. A Paz do Velho Rei durou meio século. Mas quando alguma nova disputa começa, as velhas feridas se abrem e começam a sangrar novamente. É como sempre acontece, meu pai diz. Enquanto os homens se lembrarem dos danos feitos por seus antepassados, nenhuma paz vai durar. Então seguimos, século após século, odiando os Bracken e eles nos odiando. Meu pai diz que isso nunca terá um fim.

– Poderia ter.

– Como, meu senhor? Velhas feridas nunca se curam, meu pai diz.

– Meu pai tinha um ditado também. Nunca fira um inimigo quando você pode matá-lo. Mortos não clamam por vingança.

– Os filhos deles sim – disse Hoster, desculpando-se.

– Não se matar os filhos deles também. Pergunte aos Casterly sobre isso, se duvida de mim. Pergunte ao Senhor e à Senhora Tarbeck, ou aos Reynes de Castamere. Pergunte ao Príncipe de Pedra do Dragão. – Por um instante, as profundas nuvens vermelhas que coroavam as montanhas ocidentais o fizeram se lembrar dos filhos de Rhaegar enrolados em mantos carmesins.

– Foi por isso que vocês mataram todos os Stark?

– Nem todos – disse Jaime. – As filhas de Lorde Eddard vivem. Uma acabou de se casar. A outra... – *Brienne, onde está você? Você a encontrou?* – ... se os deuses são bons, se esquecerá de que era uma Stark. Ela se casará com algum ferreiro corpulento ou um estalajadeiro de rosto gordo, encherá a casa dele de filhos e nunca precisará ter medo de que algum cavaleiro possa chegar e esmagar a cabeça das crianças contra uma parede.

– Os deuses são bons – seu refém disse, inseguro.

*Continue acreditando nisso*. Jaime deixou Honra sentir suas esporas.

Centarbor provou ser uma vila muito maior do que havia imaginado. A guerra estivera por lá também; pomares enegrecidos e as paredes quebradas de casas queimadas testemunhavam isso. Mas para cada casa em ruínas havia três sendo reconstruídas. Através do crepúsculo azul, Jaime vislumbrou palha fresca sobre um grupo de telhados e portas feitas de madeira recém-cortada. Entre um lago com patos e uma forja de ferreiro, ele se deparou com a árvore que dava nome ao lugar, um carvalho antigo e alto. Suas raízes nodosas se torciam por dentro e por fora da terra como um ninho de lentas serpentes marrons, e centenas de antigas moedas de dinheiros de cobre estavam pregadas no imenso tronco.

Peck encarou a árvore, e então as casas vazias.

– Onde estão as pessoas?

– Escondidas – Jaime falou para ele.

Dentro das casas todas as fogueiras haviam sido apagadas, mas algumas ainda soltavam fumaça, e nenhuma delas estava fria. A cabra que Harry Quente Merrell encontrou pastando em uma horta era a única

criatura viva que podia ser avistada... mas a vila tinha uma fortaleza tão robusta quanto qualquer outra no Tridente, e grossas muralhas de pedra de quase quatro metros de altura, e Jaime sabia que era ali que encontraria os moradores da vila. *Eles se escondem atrás destas muralhas quando salteadores aparecem, e é por isso que ainda há uma vila aqui. E estão se escondendo ali novamente, de mim.*

Cavalgou até os portões da fortaleza.

– Vocês aí dentro. Não queremos causar mal. Somos homens do rei.

Rostos apareceram na muralha sobre o portão.

– Homens do rei queimaram nossa vila – um homem gritou. – Antes disso, outros homens do rei levaram nossas ovelhas. Eram de um rei diferente, mas isso não importou para nossas ovelhas. Homens do rei mataram Harsley e Sor Ormond, e estupraram Lacey até que ela morreu.

– Não os meus homens – Jaime retrucou. – Vão abrir os portões?

– Quando vocês partirem, sim.

Sor Kennos cavalgou para perto dele.

– Podemos colocar esse portão abaixo facilmente, ou incendiá-lo.

– Enquanto jogam pedras em nós e nos cobrem com flechas. – Jaime abanou a cabeça. – Seria um negócio sangrento, e para quê? Essas pessoas não nos fizeram nenhum mal. Vamos nos abrigar nas casas, mas não roubaremos. Temos nossas próprias provisões.

Enquanto uma meia-lua subia no céu, eles amarraram os cavalos nos estábulos da vila e cearam cordeiro salgado, maçãs secas e queijo duro. Jaime comeu frugalmente e dividiu um odre de vinho com Peck e Hos, o refém. Tentou contar as moedas pregadas no velho carvalho, mas eram muitas e perdeu a conta. *Para que isso?* O rapaz Blackwood teria lhe dito quantas eram, se perguntasse, mas aquilo teria estragado o mistério.

Ele havia postado sentinelas, para garantir que ninguém deixasse o confinamento da vila. Enviara batedores também, a fim de se assegurar que nenhum inimigo os pegaria desprevenidos. Era quase meia-noite quando dois voltaram cavalgando com uma mulher que haviam capturado.

– Ela cavalgava com pressa, senhor, exigindo falar com você.

Jaime ficou em pé.

– Minha senhora. Não imaginava vê-la novamente tão logo. – *Deuses, sejam bons, ela parece dez anos mais velha do que da última vez que a vi.*

*E o que aconteceu com seu rosto?* – Essa bandagem... você foi ferida...

– Um pouco. – Ela tocou o cabo da espada, a espada que ele lhe dera. *Cumpridora de Promessas*. – Meu senhor, você me deu uma missão.

– A garota. Você a encontrou?

– Encontrei – disse Brienne, a Donzela de Tarth.

– Onde ela está?

– A um dia daqui. Posso levá-lo até ela, sor... mas você precisa vir sozinho. Caso contrário, o Cão de Caça a matará.

# Jon

—R'hllor – entoou Melisandre, braços estendidos contra a neve que caía –, você é a luz em nossos olhos, o fogo em nossos corações, o calor em nossas costas. Seu é o sol que aquece nossos dias, suas são as estrelas que nos guardam na escuridão da noite.

– *Todos louvam R'hllor, o Senhor da Luz* – os convidados do casamento responderam em um coro irregular, antes que uma rajada de vento frio levasse suas palavras embora. Jon Snow levantou o capuz do manto.

A neve estava leve, uma dispersão fina de flocos dançando no ar, mas o vento soprava do leste pela Muralha, frio como a respiração do dragão de gelo das histórias que a Velha Ama costumava contar. Até a fogueira de Melisandre tremia; as chamas se amontoavam na vala, crepitando suavemente enquanto a sacerdotisa vermelha entoava seus cânticos. Apenas Fantasma parecia não sentir frio.

Alys Karstark se inclinou para perto de Jon.

– Neve durante um casamento significa um casamento frio. A senhora minha mãe sempre dizia isso.

Ele olhou para a Rainha Selyse. *Deve ter acontecido uma nevasca no dia em que ela e Stannis se casaram*. Encolhida sob seu manto de arminho e cercada por suas damas, aias e cavaleiros, a rainha sulista parecia uma coisa frágil, pálida e contraída. Um sorriso tenso estava congelado no lugar de seus lábios, mas seus olhos estavam repletos de reverência. *Ela odeia o frio, mas ama as chamas*. Era só olhá-la para saber isso. *Uma palavra de Melisandre, e ela caminharia para o fogo de boa vontade, abraçando-o como a um amante.*

Nem todos os homens da rainha pareciam partilhar seu fervor. Sor Brus parecia semiembriagado, a mão enluvada de Sor Malegorn descansava na bunda da senhora ao lado dele, Sor Narbert estava bocejando e Sor Patrek

da Montanha do Rei parecia zangado. Jon Snow começava a entender por que Stannis deixara-os com a rainha.

– A noite é escura e cheia de terrores – Melisandre entoou. – Sozinhos nascemos e sozinhos morremos, mas enquanto andarmos por este vale negro obteremos força uns nos outros e em você, nosso senhor. – Suas sedas e cetins escarlate rodopiavam com cada rajada de vento. – Dois surgem hoje para unir suas vidas, para que possam encarar a escuridão deste mundo juntos. Encha o coração deles com fogo, meu senhor, para que possam trilhar seu caminho brilhante de mãos dadas, para sempre.

– *Senhor da Luz, nos proteja* – gritou a Rainha Selyse. Outras vozes ecoaram a resposta. Os fiéis de Melisandre; senhoras pálidas, aias trêmulas, Sor Axell, Sor Narbert e Sor Lambert, homens em armas em cotas de malha de ferro e thenns em bronze, até mesmo alguns dos irmãos negros de Jon. – *Senhor da Luz, abençoe seus filhos.*

Melisandre estava de costas para a Muralha, em um lado da profunda vala onde o fogo queimava. O casal que se unia a encarava do outro lado do fosso. Atrás deles estava a rainha, com sua filha e o bobo tatuado. A Princesa Shireen estava enrolada em tantas peles que parecia redonda, respirando em nuvens brancas que atravessavam o cachecol que cobria a maior parte do seu rosto. Sor Axell Florent e os homens da rainha cercavam o pequeno grupo real.

Embora apenas alguns poucos homens da Patrulha da Noite estivessem reunidos perto da fogueira, muitos olhavam dos telhados, das janelas e dos degraus da grande escada em zigue-zague. Jon observou cuidadosamente quem estava ali e quem não estava. Alguns homens estavam em serviço; muitos, fora de seus turnos, dormiam. Mas outros resolveram se ausentar para mostrar desaprovação. Othell Yarwyck e Bowen Marsh estavam entre esses últimos. Septão Chayle saíra rapidamente do septo, segurando o cristal de sete lados pendurado no pescoço, apenas para entrar novamente quando as orações começaram.

Melisandre ergueu as mãos, e as chamas da fogueira se ergueram em direção aos seus dedos, como um grande cão pulando de alegria. Um redemoinho de faíscas se levantou para encontrar os flocos de neve que caíam.

– Oh, Senhor da Luz, nós o agradecemos – ela entoou para as chamas zangadas. – Agradecemos pelo bravo Stannis, por Sua Graça, nosso rei.

Guie-o e defenda-o, R'hllor. Proteja-o das traições dos homens maus e garanta-lhe forças para ferir os servos da escuridão.

– *Garanta-lhe forças* – responderam a Rainha Selyse, seus cavaleiros e damas. – *Garanta-lhe coragem. Garanta-lhe sabedoria.*

Alys Karstark escorregou o braço pelo de Jon.

– Ainda falta muito, Lorde Snow? Se vou ser enterrada sob a neve, preferia morrer como uma mulher casada.

– Em breve, minha senhora – Jon lhe assegurou. – Em breve.

– *Agradecemos pelo sol que nos aquece* – cantou a rainha. – *Agradecemos pelas estrelas que velam por nós na escuridão da noite. Agradecemos por nossas lareiras e por nossas tochas, que mantêm a escuridão selvagem afastada. Agradecemos por nossos espíritos brilhantes, pelo fogo em nossas costas e em nosso coração.*

E Melisandre disse:

– Que se aproximem, os que vão se unir. – As chamas lançaram sua sombra na Muralha que estava atrás dela, e seu rubi brilhou contra a palidez de sua garganta.

Jon se virou para Alys Karstark.

– Minha senhora. Está pronta?

– Sim. Oh, sim.

– Não está com medo?

A garota sorriu de um jeito que lembrou tanto Jon de sua irmãzinha, que quase partiu seu coração.

– Deixe-o ficar com medo de mim. – Os flocos de neve derretiam em seu rosto, mas seu cabelo estava enrolado em uma espiral de rendas que Cetim encontrara em algum lugar, e a neve começara a se acumular ali, dando a ela uma coroa gelada. Suas bochechas estavam coradas e vermelhas, e seus olhos brilhavam.

– Senhora do inverno. – Jon apertou sua mão.

O Magnar de Thenn estava esperando ao lado do fogo, vestido como se fosse para batalha, em peles, couro e escamas de bronze, e com uma espada de bronze no quadril. As entradas no cabelo o faziam parecer mais velho do que realmente era, mas quando ele se virou para ver sua noiva se aproximando, Jon pôde ver o garoto nele. Seus olhos estavam arregalados como nozes, mas se era o fogo, a sacerdotisa ou a mulher que

o amedrontava, Jon não saberia dizer. *Alys estava mais certa do que imaginava.*

– Quem traz esta mulher para se casar? – perguntou Melisandre.

– Eu trago – disse Jon. – Aqui está Alys da Casa Karstark, uma mulher crescida e florescida, nobre de sangue e nascimento. – Apertou a mão dela pela última vez, e subiram os degraus para se unirem aos demais.

– Quem vem adiante reivindicar esta mulher? – perguntou Melisandre.

– Eu. – Sigorn bateu no peito. – Magnar de Thenn.

– Sigorn – perguntou Melisandre –, você partilhará seu fogo com Alys e a aquecerá quando a noite for escura e cheia de terrores?

– Juro. – A promessa do Magnar era uma nuvem branca no ar. A neve manchava seus ombros. As orelhas dele estavam vermelhas. – Pelas chamas do deus vermelho, vou aquecê-la todos os dias.

– Alys, você jura partilhar seu fogo com Sigorn e aquecê-lo quando a noite for escura e cheia de terrores?

– Até que seu sangue esteja fervendo. – Seu manto de donzela era de lã negra da Patrulha da Noite. O sol irradiante dos Karstark costurado nele era feito da mesma pele branca que o forrava.

Os olhos de Melisandre brilhavam tanto quanto o rubi em sua garganta.

– Então, venham até mim e sejam um só. – Quando acenou, uma parede de chamas se ergueu, rugindo, lambendo os flocos de neve com quentes línguas alaranjadas. Alys Karstark segurou a mão de seu Magnar.

Juntos, saltaram o fosso.

– Dois entram nas chamas. – Uma rajada de vento ergueu a saia escarlate da mulher, até que ela a baixou novamente. – Um sai. – Seu cabelo acobreado dançava em sua cabeça. – O que o fogo une, ninguém pode separar.

– *O que o fogo une, ninguém pode separar* – veio o eco dos homens da rainha, dos thenns e até de alguns irmãos negros.

*Exceto reis e tios*, pensou Jon Snow.

Cregan Karstark aparecera um dia depois de sua sobrinha. Com ele vieram quatro homens em armas montados, um caçador e uma matilha de cães, farejando a Senhora Alys como se fosse um veado. Jon Snow foi ao encontro deles na estrada do rei a menos de três quilômetros ao sul de Vila Toupeira, antes que chegassem a Castelo Negro, exigindo direitos de hóspedes ou pedindo uma conferência. Um dos homens de Karstark

perdeu uma disputa de besta com Ty e morreu. Com isso, sobraram quatro e o próprio Cregan.

Felizmente, tinham uma dúzia de celas de gelo. *Acomodações para todos*.

Como muitas outras coisas, a heráldica terminava na Muralha. Os Thenn não tinham brasão de família como era comum entre os nobres dos Sete Reinos, então Jon pediu aos intendentes que improvisassem. Achou que fizeram bem. O manto de noiva que Sigorn prendeu nos ombros da Senhora Alys mostrava um disco de bronze em um campo de lã branca, cercado de chamas feitas com tiras de seda carmesim. O eco do sol irradiante dos Karstark estava ali para quem se incomodasse em olhar, mas diferenciado para formar armas apropriadas para a Casa Thenn.

O Magnar praticamente arrancou o manto de donzela dos ombros de Alys, mas quando prendeu o manto de noiva sobre ela estava quase afetuoso. Ao se inclinar para beijá-la no rosto, suas respirações se misturaram. As chamas rugiram mais uma vez. Os homens da rainha começaram a cantar uma música de louvor.

– Está feito? – Jon ouviu Cetim murmurar.

– Feito e acabado – resmungou Mully –, e ainda bem. Eles estão casados e eu estou semicongelado. – Estava agasalhado com suas melhores roupas negras, lãs tão novas que dificilmente tiveram a chance de desbotar, mas o vento tornara suas bochechas tão vermelhas quanto seus cabelos. – Hobb esquentou um vinho com canela e cravo. Isso vai nos aquecer um pouco.

– O que é cravo? – perguntou Owen Idiota.

A neve começara a cair mais pesada, e o fogo no fosso tremeluzia. As pessoas começaram a se dispersar e a deixar o pátio, tanto homens da rainha quanto homens do rei e povo livre, todos ansiosos para sair do vento e do frio.

– Meu senhor vai se banquetear conosco? – Mully perguntou para Jon Snow.

– Em breve. – Sigorn poderia tomar como uma desfeita se ele não aparecesse. *E este casamento é trabalho meu, no final das contas*. – Tenho outros assuntos para resolver antes, no entanto.

Jon foi até a Rainha Selyse, com Fantasma ao seu lado. Suas botas trituravam pilhas de neve antiga. Estava tomando mais e mais tempo limpar os caminhos de um prédio para o outro com pás; cada vez mais, os homens recorriam às passagens subterrâneas chamadas caminhos de minhocas.

– ... que belo ritual – a rainha estava dizendo. – Eu podia sentir o olhar ardente de nosso Senhor sobre nós. Oh, você não sabe quantas vezes implorei para Stannis que nos casássemos novamente, uma união verdadeira de corpo e espírito, abençoada pelo Senhor da Luz. Sei que eu daria mais filhos à Sua Graça se estivéssemos unidos pelo fogo.

*Para dar mais filhos para ele, primeiro você precisaria consegui-lo em sua cama*. Mesmo na Muralha, era de conhecimento geral que Stannis Baratheon evitava sua mulher havia anos. Era possível imaginar como Sua Graça teria respondido à ideia de um segundo casamento, em meio à guerra.

Jon fez uma reverência.

– Se for do agrado de Vossa Graça, o banquete a espera.

A rainha olhou para Fantasma com suspeita, então ergueu a cabeça para Jon.

– É claro. A Senhora Melisandre conhece o caminho.

A sacerdotisa vermelha respondeu:

– Preciso cuidar do meu fogo, Vossa Graça. Talvez R'hllor me conceda um vislumbre de Sua Graça. Quem sabe um vislumbre de alguma grande vitória.

– Oh. – A Rainha Selyse parecia chocada. – É claro... vamos rezar por uma visão de nosso Senhor...

– Cetim, mostre o caminho para Sua Graça – falou Jon.

Sor Malegorn se adiantou.

– Eu escoltarei Sua Graça até o banquete. Não precisaremos de seu... intendente. – O jeito com que o homem pronunciou a última palavra indicou para Jon que ele considerou dizer outra coisa. *Garoto? Animal de estimação? Puta?*

Jon fez outra reverência.

– Como quiser. Eu me juntarei a vocês em breve.

Sor Malegorn ofereceu seu braço e a Rainha Selyse o tomou, empertigada. Sua outra mão estava sobre o ombro da filha. Os patinhos

reais seguiram atrás deles enquanto cruzaram o pátio, marchando ao som da música dos guizos do chapéu do bobo.

– Embaixo do mar o tritão se banqueteia com uma sopa de estrelas-do-mar, e todos os serventes são caranguejos – Cara-Malhada proclamou enquanto seguiam. – Eu sei, eu sei, oh, oh, oh.

O rosto de Melisandre ficou sombrio.

– Essa criatura é perigosa. Muitas vezes o vislumbrei em minhas chamas. Algumas vezes há crânios em torno dele, e os lábios estão vermelhos de sangue.

*Incrível que você ainda não tenha queimado o pobre homem.* Uma palavra nos ouvidos da rainha e Cara-Malhada alimentaria o fogo da sacerdotisa.

– Você vê bobos em suas chamas, mas nenhum indício de Stannis?

– Quando procuro por ele, tudo o que vejo é neve.

*A mesma resposta inútil*. Clydas enviara um corvo para Bosque Profundo, para avisar o rei da traição de Arnolf Karstark, mas se a ave alcançara o Rei Stannis a tempo, Jon não sabia. O banqueiro bravosi havia partido em busca de Stannis também, acompanhado pelos guias que Jon lhe dera, mas entre a guerra e o clima, seria um milagre se o encontrasse.

– Sabe se o rei está morto? – Jon perguntou para a sacerdotisa vermelha.

– Ele não está morto. Stannis é o escolhido do Senhor, destinado a liderar a luta contra a escuridão. Vi isso em minhas chamas, li nas antigas profecias. Quando a estrela vermelha sangrar e as trevas aumentarem, Azor Ahai renascerá entre fumaça e sal para despertar os dragões da pedra. Pedra do Dragão é o lugar de fumaça e sal.

Jon já ouvira tudo isso antes.

– Stannis Baratheon era o Senhor de Pedra do Dragão, mas não nasceu ali. Nasceu em Ponta Tempestade, como seus irmãos. – Franziu o cenho. – E Mance? Está perdido também? O que suas chamas mostram?

– A mesma coisa, temo. Apenas neve.

*Neve*. Estava nevando muito para o sul, Jon sabia. A dois dias de cavalgada dali, dizia-se que a estrada do rei era intransitável. *Melisandre sabe disso também*. E, a leste, uma tempestade selvagem grassava na Baía das Focas. Segundo o último relato, a frota maltrapilha que

reuniram para resgatar o povo livre em Durolar ainda estava amontoada em Atalaialeste do Mar, confinada no porto pelo mar agitado.

– Você está vendo cinzas dançando ao vento.

– Estou vendo crânios. E você. Vejo seu rosto todas as vezes que olho para as chamas. O perigo sobre o qual lhe avisei está muito perto agora.

– Adagas na escuridão. Sei. Vai perdoar minhas dúvidas, minha senhora. Uma garota cinzenta em um cavalo moribundo, fugindo de um casamento, foi isso o que me disse.

– Eu não estava errada.

– Não estava certa. Alys não é Arya.

– A visão era verdadeira. Minha leitura foi equivocada. Sou tão mortal quanto você, Jon Snow. Todos os mortais erram.

– Até mesmo senhores comandantes. – Mance Rayder e suas esposas de lança não haviam retornado, e Jon não podia deixar de se perguntar se a mulher vermelha mentira com algum propósito. *Ela está jogando seu próprio jogo?*

– Você faria bem em manter seu lobo por perto, meu senhor.

– Fantasma raramente está longe. – O lobo gigante levantou a cabeça ao som de seu nome. Jon coçou-o atrás das orelhas. – Mas agora deve me dar licença. Fantasma, comigo.

Escavadas na base da Muralha e fechadas com pesadas portas de madeira, as celas de gelo variavam de pequenas a ainda menores. Algumas eram grandes o bastante para permitir que um homem andasse, outras tão pequenas que os prisioneiros eram obrigados a ficar sentados; as menores eram apertadas demais para permitir até mesmo isso.

Jon dera ao seu prisioneiro principal a cela maior, um balde para suas necessidades fisiológicas, peles suficientes para impedi-lo de congelar e um odre de vinho. Os guardas levaram algum tempo para abrir a cela, uma vez que o gelo se formara dentro da fechadura. As dobradiças enferrujadas gritaram como almas penadas quando Wick Whittlestick abriu a porta o suficiente para que Jon passasse por ela. Um leve odor fecal o saudou, embora menos avassalador do que esperara. *Até a merda congela neste frio implacável*. Jon Snow podia ver vagamente seu próprio reflexo nas paredes congeladas.

Em um dos cantos da cela, um monte de peles estava empilhado até quase a altura de um homem.

– Karstark – disse Jon Snow. – Levante-se.

As peles se moveram. Algumas estavam congeladas juntas, e a geada que as cobria brilhou quando se mexeram. Um braço apareceu, depois um rosto; cabelo castanho, encaracolado, emaranhados e rajados de cinza, dois olhos ferozes, um nariz, uma boca, uma barba. O gelo endurecera o bigode do prisioneiro; o ranho se congelara em pedaços.

– Snow. – Sua respiração soltava vapor no ar, formando névoas no gelo atrás de sua cabeça. – Você não tem o direito de me prender. As leis da hospitalidade...

– Você não é meu convidado. Veio para a Muralha sem minha permissão, armado, para levar sua sobrinha contra a vontade dela. À Senhora Alys foram dados pão e sal. Ela é uma hóspede. Você é um prisioneiro. – Jon deixou aquilo no ar por um momento, então disse – Sua sobrinha está casada.

Os lábios de Cregan Karstark se estiraram sobre os dentes.

– Alys estava prometida para mim. – Embora passasse dos cinquenta anos, era um homem forte quando entrou na cela. O frio roubara aquela força e o deixara enrijecido e fraco. – O senhor meu pai...

– Seu pai é um castelão, não um senhor. E um castelão não tem direito de fazer pactos matrimoniais.

– Meu pai Arnolf é Senhor de Karhold.

– Um filho vem antes de um tio, segundo todas as leis que conheço.

Cregan ficou em pé e chutou para o lado as peles que se agarravam aos seus tornozelos.

– Harrion está morto.

*Ou estará em breve*.

– Uma filha vem antes de um tio, também. Se o irmão dela está morto, Karhold pertence à Senhora Alys. E ela deu sua mão em casamento a Sigorn, Magnar de Thenn.

– Um selvagem. Um selvagem imundo e assassino. – As mãos de Cregan se fecharam. As luvas que as cobriam eram de couro, forradas com peles para combinar com o manto que pendia emaranhado e enrijecido de seus ombros. Sua túnica de lã negra estava estampada com o sol branco irradiante de sua casa. – Sei o que você é Snow. Meio lobo e meio selvagem, filho ilegítimo de um traidor e uma puta. Você entregaria uma donzela de alto nascimento para ser deflorada por um selvagem

fedorento. Você a experimentou primeiro? – Ele riu. – Se pretende me matar, faça isso e será amaldiçoado como assassino de parentes. Stark e Karstark são um só sangue.

– Meu nome é Snow.

– *Bastardo.*

– Culpado. Disso, pelo menos.

– Deixe esse Magnar ir até Karhold. Cortaremos sua cabeça e a transformaremos em latrina, para que possamos mijar em sua boca.

– Sigorn comanda duzentos thenns – Jon assinalou –, e a Senhora Alys acredita que Karhold abrirá os portões para ela. Dois de seus homens já lhe juraram serviço e confirmaram tudo o que ela disse a respeito dos planos que seu pai fez com Ramsay Snow. Você tem parentes próximos em Karhold, me falaram. Uma palavra sua pode salvar a vida deles. Renda o castelo. A Senhora Alys perdoará as mulheres que a traíram e permitirá que os homens vistam o negro.

Cregan balançou a cabeça. Pedaços de gelo haviam se formado em seus cabelos emaranhados e tilintaram suavemente quando ele se moveu.

– Nunca – disse. – Nunca, nunca, nunca.

*Eu deveria fazer da cabeça dele um presente de casamento para a Senhora Alys e seu Magnar*, Jon pensou, mas não correria o risco. A Patrulha da Noite não tomava parte nas disputas do reino; alguns poderiam dizer que ele já dera muita ajuda a Stannis. *Corto a cabeça deste tolo, e vão afirmar que matei um nortenho para dar suas terras a selvagens. Liberto-o, e ele fará o melhor possível para destruir tudo o que fiz com a Senhora Alys e o Magnar*. Jon se perguntou o que seu pai faria, ou como seu tio lidaria com isto. Mas Eddard Stark estava morto, e Benjen Stark perdido nos confins gelados para lá da Muralha. *Você não sabe nada, Jon Snow*.

– Nunca é um longo tempo – disse Jon. – Você pode pensar diferente amanhã, ou daqui a um ano. Além disso, cedo ou tarde, o Rei Stannis retornará para a Muralha. Quando isso acontecer, ele vai condená-lo à morte... a menos que você esteja usando um manto negro. Quando um homem veste o negro, seus crimes são varridos. – *Mesmo os de homens como você*. – Agora, deve me desculpar. Tenho um banquete para participar.

Depois do frio cortante das celas de gelo, a adega lotada estava tão quente que Jon se sentiu sufocar desde o momento em que desceu os degraus. O ar cheirava a fumaça, carne assada e vinho quente com especiarias. Axell Florent estava fazendo um brinde quando Jon tomou seu lugar no estrado.

– Ao Rei Stannis e sua esposa, a Rainha Selyse, Luz do Norte! – Sor Axell retumbou. – A R'hllor, o Senhor da Luz, que ele nos defenda! Uma terra, um deus, um rei!

– *Uma terra, um deus, um rei!* – os homens da rainha ecoaram.

Jon bebeu com os outros. Se Alys Karstark encontraria alguma alegria em seu casamento, ele não sabia dizer, mas esta noite, ao menos, seria de celebração.

Os intendentes começaram a trazer o primeiro prato, um caldo de cebola aromatizado com pedaços de cabra e de cenoura. Não era exatamente uma comida real, mas era nutritiva; tinha um gosto bom e aquecia a barriga. Owen Idiota pegou seu violino, e muitos do povo livre se juntaram a ele com flautas e tambores. *As mesmas flautas e tambores que soavam durante o ataque de Mance Rayder à Muralha*. Jon pensou que pareciam mais doces agora. Com o caldo vieram travessas de grossos pães pretos, ainda quentes do forno. Sal e manteiga estavam sobre as mesas. A visão daquilo fez Jon ficar sombrio. Estavam bem providos de sal, Bowen Marsh lhe dissera, mas o pouco de manteiga que tinham acabaria antes da próxima lua.

O Velho Flint e O Norrey tinham lugares de grande honra logo abaixo do estrado. Ambos eram velhos demais para marchar com Stannis; haviam mandado filhos e netos em seus lugares. Mas ambos haviam sido rápidos o suficiente para descer até o Castelo Negro para o casamento. Cada um trouxera uma ama de leite para a Muralha, também. A mulher Norrey estava na casa dos quarenta, e tinha os maiores peitos que Jon já vira. A garota Flint tinha catorze anos e o peito achatado como um rapaz, mas não tinha falta de leite. Entre as duas, a criança que Val chamara de Monstro parecia estar prosperando.

Por isso Jon estava grato... mas não acreditara nem por um momento que esses dois veneráveis velhos guerreiros desceriam correndo das montanhas sozinhos. Cada um viera com uma cauda de guerreiros – cinco para o Velho Flint, doze para O Norrey, todos vestidos em peles

esfarrapadas e couro cravejado, temíveis como a face do inverno. Alguns tinham longas barbas, alguns tinham cicatrizes, alguns tinham ambos; todos veneravam os antigos deuses do Norte, os mesmos deuses venerados pelo povo livre para lá da Muralha. No entanto, eles se sentaram, bebendo por um casamento santificado por algum estranho deus vermelho de além-mar.

*Melhor isso do que se recusar a beber*. Nem os Flint nem os Norrey haviam virado suas taças para derramar o vinho no chão. Isso poderia indicar certa aceitação. *Ou talvez simplesmente odeiem desperdiçar um bom vinho sulista. Não dá para provar muito disso naquelas montanhas rochosas deles.*

Entre os pratos, Sor Axell Florent levou a Rainha Selyse para a pista de dança. Outros os seguiram; primeiro os cavaleiros da rainha, acompanhado de suas damas de companhia. Sor Brus dançou primeiro com a Princesa Shireen, depois dirigiu-se à mãe dela. Sor Narbert, por sua vez, dançou com cada uma das damas de companhia de Selyse.

Os homens da rainha superavam as damas da rainha em número na proporção de três para um, então até a mais humilde das servas era pressionada a dançar. Depois de poucas músicas, alguns irmãos negros se lembraram de habilidades aprendidas nas cortes e nos castelos de suas juventudes, antes que seus pecados os enviassem para a Muralha, e foram para a pista também. O velho ladino Ulmer da Mata de Rei provou-se tão competente na dança quanto era no arco e flecha, sem dúvida regalando suas parceiras com suas histórias da Irmandade da Mata de Rei, quando cavalgou com Simon Toyne e Ben Barrigudo e ajudou Wenda, a Cerva Branca, a queimar sua marca nos traseiros dos cativos bem-nascidos. Cetim era todo gracioso, dançando com três servas, mas sem tentar se aproximar de uma senhora nobre. Jon julgou aquilo sábio. Não gostava do jeito que alguns dos homens da rainha estavam olhando para o intendente, particularmente Sor Patrek da Montanha do Rei. *Aquele ali quer espalhar um pouco de sangue*, pensou. *Está procurando alguma provocação.*

Quando Owen Idiota começou a dançar com Cara-Malhada, o bobo, as risadas ecoaram pelo teto abobadado. A visão fez a Senhora Alys sorrir.

– Vocês dançam com frequência no Castelo Negro?

– Todas as vezes que temos um casamento, minha senhora.

– Você podia dançar comigo agora, sabe disso. Seria apenas cortês. Você dançou comigo brevemente.

– Brevemente? – provocou Jon.

– Quando éramos crianças. – Ela arrancou um pedaço do pão e jogou nele. – Você sabe muito bem.

– Minha senhora devia dançar com seu marido.

– Meu Magnar não é muito de dançar, temo. Se não vai dançar comigo, pelo menos me sirva um pouco de vinho quente.

– Às suas ordens. – Fez um sinal pedindo um jarro.

– Então – disse Alys, enquanto Jon a servia –, agora sou uma mulher casada. Um marido selvagem com seu pequeno exército selvagem.

– Povo livre é como eles se chamam. A maioria, pelo menos. Os thenns são um povo à parte, no entanto. Muito antigo. – Ygritte lhe contara aquilo. *Você não sabe nada, Jon Snow*. – Vieram de um vale escondido no extremo norte dos Colmilhos de Gelo, cercados por altos picos, e por milhares de anos tiveram mais comércio com os gigantes do que com outros homens. Isso os faz diferentes.

– Diferentes – ela disse –, mas mais como nós.

– Sim, minha senhora. Os thenns têm senhores e leis. – *Eles sabem como se ajoelhar*. – Têm minas de estanho e cobre para fazer bronze e forjam suas próprias armas e armaduras em vez de roubá-las. Um povo orgulhoso e corajoso. Mance Rayder teve que derrotar o antigo Magnar três vezes antes que Styr o aceitasse como Rei-para-lá-da-Muralha.

– E agora estão aqui, do nosso lado da Muralha. Expulsos de sua residência na montanha e dentro do meu quarto de dormir. – Ela deu um sorriso irônico. – É tudo minha culpa. O senhor meu pai me disse para jogar charme sobre seu irmão Robb, mas eu só tinha seis anos e não sabia como fazer isso.

*Sim, mas agora você tem quase dez-e-seis, e temos que rezar para que saiba como jogar charme sobre seu novo marido.*

– Minha senhora, como está a situação dos estoques de comida em Karhold?

– Não muito bem. – Alys suspirou. – Meu pai levou tantos dos nossos homens para o Sul que apenas as mulheres e os meninos foram deixados para fazer a colheita. Eles e os homens muito velhos ou aleijados que não podiam ir para a guerra. As plantações murcharam nos campos ou foram

transformadas em lama pelas chuvas de outono. E, agora, as neves chegaram. Este inverno será difícil. Poucos dos nossos velhos sobreviverão, e muitas crianças vão perecer também.

Era uma história que qualquer nortenho conhecia bem.

– A avó do meu pai era uma Flint das montanhas, pelo lado materno – Jon contou para ela. – Os Primeiros Flint, eles se chamavam. Diziam que os outros Flint eram o sangue dos filhos mais jovens, que tiveram que deixar as montanhas para encontrar comida, terras e esposas. A vida sempre foi dura lá em cima. Quando as neves caem e a comida fica escassa, os jovens devem viajar para as cidades de inverno ou ficar a serviço em um castelo ou outro. Os velhos reúnem as forças que lhes restam e anunciam que vão caçar. Alguns são encontrados quando a primavera chega. Muitos nunca mais são vistos.

– É a mesma coisa em Karhold.

Aquilo não o surpreendia.

– Quando seus estoques começarem a minguar, minha senhora, lembre-se de nós. Envie seus velhos para a Muralha, deixe-os dizerem nossas palavras. Aqui, pelo menos, não morrerão sozinhos na neve, apenas com memórias para aquecê-los. Envie-nos os meninos também, se tem meninos de sobra.

– Como quiser. – Ela tocou a mão dele. – Karhold se lembra.

O alce estava sendo cortado. Cheirava melhor do que Jon jamais poderia esperar. Enviou uma porção para Couros, na Torre de Hardin, juntamente com três grandes travessas de vegetais assados para Wun Wun, e então comeu ele próprio uma fatia generosa. *Hobb Três-Dedos se saiu bem*. Aquilo havia sido uma preocupação. Hobb viera até ele, duas noites atrás, para reclamar que se juntara à Patrulha da Noite para matar selvagens, não para cozinhar para eles.

– Além disso, nunca fiz um banquete de casamento, ‘nhor. Irmãos negros nunca tomam esposas. Está nos malditos votos, eu jurei eles.

Jon estava empurrando o assado para baixo com um gole de vinho quente, quando Clydas surgiu ao lado do seu cotovelo.

– Uma ave – anunciou, e deslizou um pergaminho para a mão de Jon. O bilhete estava selado com um ponto de cera negra endurecida. *Atalaialeste*, Jon soube, antes mesmo de quebrar o selo. A carta fora escrita por Meistre Harmune; Cotter Pyke não sabia ler nem escrever.

Mas as palavras eram de Pyke, colocadas como ele as dissera, francas e direto ao ponto.

*Mar calmo hoje. Onze navios partiram para Durolar na maré da manhã. Três bravosis, quatro lisenos, quatro dos nossos. Dois dos lisenos navegam mal. Podemos afogar mais selvagens do que salvá-los. Você ordena. Vinte corvos a bordo, e Meistre Harmune. Mandaremos notícias. Eu comando o* Garra, *o Farrapo Salgado auxilia no* Melro*, e Sor Glendon comanda Atalaialeste.*

– Asas escuras, palavras escuras? – perguntou Alys Karstark.

– Não, minha senhora. Essas notícias eram há muito esperadas. – *Embora a última parte me preocupe*. Glendon Hewett era um homem experiente e forte, uma escolha sensata para comandar na ausência de Cotter Pyke. Mas era também tão amigo quanto Alliser Thorne podia se gabar, e tivera certo compadrio com Janos Slynt, embora breve. Jon ainda podia se lembrar de como Hewett o arrastara de sua cama, e sentir sua bota acertando suas costelas. *Não é o homem que eu teria escolhido*. Enrolou o pergaminho e o colocou no cinto.

O prato de peixe era o seguinte, mas enquanto o lúcio era desossado, a Senhora Alys arrastou o Magnar para a pista. Do jeito que se movia, era claro que Sigorn nunca dançara antes, mas bebera vinho quente suficiente, então isso não parecia incomodá-lo.

– Uma donzela nortenha e um guerreiro selvagem, unidos pelo Senhor da Luz. – Sor Axell Florent deslizou para o assento vazio da Senhora Alys. – Sua Graça aprova. Estou próximo dela, meu senhor, então sei o que pensa. O Rei Stannis aprovará também.

*A menos que Roose Bolton tenha enfiado a cabeça dele em um espeto*.

– Nem todos concordam, infelizmente. – A barba de Sor Axell era uma moita irregular sob o queixo flácido; pelos brotavam das orelhas e do nariz. – Sor Patrek acha que ele teria sido um partido melhor para a Senhora Alys. Perdeu suas terras quando veio para o Norte.

– Há muitos neste salão que perderam muito mais do que isso – falou Jon –, e muitos mais que deram suas vidas a serviço do reino. Sor Patrek pode se considerar afortunado.

Axell Florent sorriu.

– O rei teria dito o mesmo se estivesse aqui. Mesmo assim, alguma provisão deve ser feita para os leais cavaleiros de Sua Graça, não é verdade? Eles o seguiram tão longe e a um alto custo. E temos que unir esses selvagens ao rei e ao reino. Este casamento é um bom primeiro passo, mas sei que agradaria à rainha ver a princesa selvagem casada também.

Jon suspirou. Estava cansado de explicar que Val não era uma princesa verdadeira. Não importava quantas vezes falasse, nunca pareciam ouvir.

– Você é persistente, Sor Axell, posso garantir isso.

– Você me culpa, meu senhor? Tal prêmio não é facilmente conquistado. Uma menina em idade de casar, ouvi dizer, e não difícil de ser olhada. Bons quadris, bons seios, bem feita para parir crianças.

– E quem vai gerar essas crianças? Sor Patrek? Você?

– Quem melhor? Nós, Florent, temos o sangue dos antigos reis Gardener em nossas veias. A Senhora Melisandre pode executar os rituais, como fez para a Senhora Alys e o Magnar.

– Tudo o que você precisa é de uma noiva.

– Facilmente remediado. – O sorriso de Florent era tão falso que parecia pintado. – Onde está ela, Lorde Snow? Você a mandou para um de seus outros castelos? Guardagris ou Torre Sombria? Para a Toca das Putas, com as outras meretrizes? – Ele se inclinou para mais perto. – Alguns dizem que você a escondeu para seu próprio prazer. Não me importa, desde que ela não esteja grávida. Farei meus próprios filhos nela. Se você a montou... bem, somos ambos homens do mundo, não somos?

Jon já ouvira o suficiente.

– Sor Axell, se você é realmente a Mão da Rainha, tenho pena de Sua Graça.

O rosto de Florent ficou vermelho de raiva.

– Então é verdade. Você pretende mantê-la para si, vejo isso agora. O bastardo quer o assento de seu pai.

*O bastardo recusou o assento de seu pai. Se o bastardo quisesse Val, tudo o que tinha que fazer era pedir por ela*.

– Deve me desculpar, sor – disse. – Preciso de um pouco de ar fresco. – *Aqui fede*. Virou a cabeça. – Isso foi um berrante.

Outros haviam ouvido também. A música e as risadas pararam imediatamente. Os dançarinos congelaram em seus lugares, ouvindo. Até Fantasma levantou as orelhas.

– Ouviram isso? – a Rainha Selyse perguntou para seus cavaleiros.

– Um corno de guerra, Vossa Graça – disse Sor Narbert.

A rainha levou a mão à garganta.

– Estamos sob ataque?

– Não, Vossa Graça – disse Ulmer da Mata de Rei. – São os vigias na Muralha, é tudo.

*Um sopro*, pensou Jon Snow. *Patrulheiros retornando.*

Então veio novamente. O som pareceu encher a adega.

– Dois sopros – disse Mully.

Irmãos negros, nortenhos, povo livre, thenns, homens da rainha, todos ficaram em silêncio, ouvindo. Cinco segundos se passaram. Dez. Vinte. Então Owen Idiota deu um risinho, e Jon Snow pôde respirar novamente.

– Dois sopros – anunciou. – Selvagens. – *Val*.

Tormund Terror dos Gigantes chegara finalmente.

# Daenerys

O salão ressoava com risos yunkaítas, canções yunkaítas, orações yunkaítas. Dançarinos bailavam; músicos tocavam estranhas melodias com sinos, apitos e gaitas de fole; cantores entoavam antigas canções de amor na língua incompreensível da Antiga Ghis. O vinho fluía; não aquela coisa pálida da Baía dos Escravos, mas as deliciosas safras doces da Árvore e o vinho dos sonhos de Qarth, aromatizado com estranhas especiarias. Os yunkaítas haviam vindo a convite do Rei Hizdahr, para assinar a paz e testemunhar o renascimento das famosas arenas de luta de Meereen. O nobre marido de Dany abrira a Grande Pirâmide para festejá-los.

*Odeio isso*, pensou Daenerys Targaryen. *Como isso aconteceu, eu aqui bebendo e sorrindo com homens que antes esfolaria?*

Uma dúzia de tipos de carnes e peixes era servida; camelo, crocodilo, lulas, patos laqueados e lagartas espinhosas, além de cabra, presunto e cavalo para aqueles cujo paladar era menos exótico. E também cachorro. Nenhum banquete ghiscari estava completo sem um prato de carne de cachorro.

– Os ghiscaris comerão qualquer coisa que nade, voe ou rasteje, exceto homens e dragões – Daario a avisara –, e eu aposto que comeriam dragão também, se tivessem meia chance.

Mas carne sozinha não fazia uma refeição, então também eram servidos frutas, grãos e vegetais. O ar estava impregnado com o cheiro de açafrão, canela, cravo, pimenta e outras especiarias caras.

Dany mal tocara na comida. *Isso é paz*, disse para si mesma. *Era o que eu queria, pelo que trabalhei, o motivo pelo qual me casei com Hizdahr. Então por que tem gosto de derrota?*

– É só por mais um tempo, meu amor – Hizdahr lhe assegurara. – Os yunkaítas logo terão partido, e seus aliados e mercenários irão com eles.

Teremos tudo o que desejamos. Paz, comida, comércio. Nosso porto está aberto novamente, e os navios têm permissão para ir e vir.

– Estão *permitindo*, sim – ela respondera –, mas os navios de guerra permanecem. Podem fechar os dedos ao redor de nossa garganta quando desejarem. *Abriram um mercado de escravos à vista das minhas muralhas!*

– Do lado de fora de nossas muralhas, doce rainha. Essa era a condição da paz, que Yunkai podia negociar livremente os escravos como antes, sem serem molestados.

– Em sua própria cidade. Não onde eu tenha que ver isso. – Os Sábios Mestres haviam montado os cercados de escravos e os lotes de leilão ao sul do Skahazadhan, onde o largo rio marrom fluía para a Baía dos Escravos. – Estão zombando da minha cara, fazendo um espetáculo para mostrar o quão impotente sou para detê-los.

– Caras e bocas – disse seu nobre marido. – Um espetáculo, como você mesma disse. Deixe-os ter sua pantomima. Quando partirem, faremos um mercado de frutas com o que deixarem para trás.

– Quando partirem – Dany repetiu. – E quando partirão? Cavaleiros foram vistos além do Skahazadhan. Batedores dothrakis, Rakharo diz, com um *khalasar* atrás deles. Eles terão cativos. Homens, mulheres e crianças, presentes para os mercadores de escravos. – Os dothrakis não compravam ou vendiam, mas davam e recebiam presentes. – É por isso que os yunkaítas fizeram esse mercado. Partirão com milhares de novos escravos.

Hizdahr zo Loraq deu de ombros.

– Mas partirão. Essa é a parte importante, meu amor. Yunkai vai negociar escravos, Meereen não, foi o que concordamos. Aguente isso um pouco mais, e passará.

Então Daenerys ficou em silêncio durante a refeição, envolta em um *tokar* escarlate e em pensamentos sombrios, falando apenas quando se dirigiam a ela, meditando sobre os homens e mulheres que estavam sendo comprados e vendidos do lado de fora de suas muralhas, enquanto eles se banqueteavam do lado de dentro da cidade. Deixou seu nobre marido fazer os discursos e rir das fracas piadas yunkaítas. Esse era um direito de rei e um dever de rei.

Muito da conversa na mesa girava em torno das lutas que seriam disputadas no dia seguinte. Barsena Cabelo Negro iria encarar um javali, as presas do animal contra as adagas da mulher. Khrazz lutaria, assim como Gato Malhado. E, no combate final do dia, Goghor, o Gigante, enfrentaria Belaquo Quebra-Osso. Um deles estaria morto antes do pôr do sol. *Nenhuma rainha tem as mãos limpas*, Dany disse para si mesma. Pensou em Doreah, em Quaro, em Eroeh... e na garotinha que nunca conhecera, cujo nome era Hazzea. *Melhor alguns morrendo na arena do que milhares nos portões. Este é o preço da paz, e pago de bom grado. Se olhar para trás, estou perdida.*

O Supremo Comandante yunkaíta, Yurkhaz zo Yunzak, já devia ter nascido quando da Conquista de Aegon, a julgar por sua aparência. Encurvado, enrugado e sem dentes, foi levado para a mesa por dois escravos robustos. Os outros senhores yunkaítas dificilmente eram mais impressionantes. Um era pequeno e atrofiado, embora os soldados-escravos que o cercassem fossem grotescamente altos e magros. O terceiro era jovem, em boa forma e impetuoso, mas tão bêbado que Dany mal podia entender uma palavra do que dizia. *Como pude ter sido trazida até aqui por criaturas como essas?*

Os mercenários eram diferentes. Cada uma das quatro companhias livres servindo os yunkaítas enviara seu comandante. Os Soprados pelo Vento eram representados pelo pentoshi conhecido como Príncipe Esfarrapado, as Longas Lanças por Gylo Rhegan, que parecia mais um sapateiro do que um soldado e que falava sussurrando. Barbassangrenta, da Companhia do Gato, fazia barulho suficiente por ele e mais uma dúzia. Um homem imenso, com uma grande barba e um apetite prodigioso por vinhos e mulheres, gritava, arrotava, peidava como um trovão e beliscava cada serva que estava ao seu alcance. De tempos em tempos, puxava uma para seu colo, para apertar seus seios e acariciá-la entre as pernas.

Os Segundos Filhos estavam representados também. *Se Daario estivesse aqui, esta refeição terminaria em sangue*. Nenhuma paz prometida teria persuadido seu capitão a permitir que Ben Mulato Plumm entrasse novamente em Meereen e saísse vivo. Dany jurara que nenhum mal seria feito aos sete enviados e comandantes, mas isso não fora o suficiente para os yunkaítas. Eles haviam exigido reféns dela

também. Para equilibrar os três yunkaítas nobres e os quatro capitães mercenários, Meereen enviara sete dos seus para o acampamento do cerco; a irmã de Hizdahr, dois de seus primos, o companheiro de sangue de Dany, Jhogo, seu almirante Groleo, o capitão dos Imaculados, Hero, e Daario Naharis.

– Deixarei minhas garotas com você – o capitão dela dissera, entregando-lhe seu cinturão da espada e suas mulheres douradas. – Mantenha-as a salvo para mim, amada. Não as queremos fazendo travessuras sangrentas entre os yunkaítas.

O Cabeça-Raspada estava ausente também. A primeira coisa que Hizdahr fizera ao ser coroado fora tirar o Cabeça-Raspada do comando das Bestas de Bronze, substituindo-o por seu próprio primo, o gordo e pálido Marghaz zo Loraq. *Foi melhor assim. A Graça Verde disse que havia sangue entre Loraq e Kandaq, e o Cabeça-Raspada nunca fez segredo de seu desdém pelo senhor meu marido. E Daario...*

Daario ficara mais selvagem desde o casamento dela. A paz não o agradava, o casamento o agradava menos ainda, e ficara furioso por ter sido enganado pelos dornenses. Quando o Príncipe Quentyn contara que os outros westerosis haviam se juntado aos Corvos Tormentosos sob o comando do Príncipe Esfarrapado, apenas a intervenção de Verme Cinzento e seus Imaculados impediram Daario de matar todos eles. Os falsos desertores haviam sido presos em segurança nas entranhas da pirâmide... mas a fúria de Daario continuava a ulcerar.

*Ele estará mais seguro como refém. Meu capitão não foi feito para a paz*. Dany não podia correr o risco de ele cortar Ben Mulato Plumm, zombando de Hizdahr diante da corte, provocando os yunkaítas ou perturbando o acordo pelo qual ela abrira mão de tanta coisa para conseguir. Daario era guerra e angústia. Daí em diante, devia mantê-lo fora de sua cama, fora de seu coração e fora dela. Se ele não a traísse, podia dominá-la. Ela não sabia qual das opções temia mais.

Quando a comilança acabou e todos os restos de comida foram recolhidos – e dados aos pobres que se reuniam do lado de fora, por insistência da rainha –, altas taças de vidro foram cheias com um licor temperado de Qarth tão escuro quanto âmbar. Então começou a diversão.

Uma trupe de *castrati* yunkaíta, de propriedade de Yurkhaz zo Yunzak cantou canções na língua do Antigo Império, suas vozes altas, doces e

incrivelmente puras.

– Já ouviu tal cantar, meu amor? – Hizdahr perguntou para ela. – Eles têm as vozes dos deuses, não têm?

– Sim – ela respondeu –, mas me pergunto se não teriam preferido possuir as frutas dos homens.

Todos os artistas eram escravos. Aquilo era parte da paz, que os donos de escravos teriam o direito de levar seus bens para Meereen sem medo de que fossem libertados. Em troca, os yunkaítas haviam prometido respeitar os direitos e liberdades dos ex-escravos que Dany libertara. Uma barganha justa, Hizdahr dissera, mas o gosto deixado na boca da rainha era desagradável. Ela bebeu outra taça de vinho para lavá-lo.

– Se for do seu agrado, Yurkhaz ficará feliz em nos dar os cantores, não tenho dúvidas – seu nobre marido dissera. – Um presente para selar nossa paz, um enfeite para nossa corte.

*Ele nos dará estes* castrati, Dany pensou*, então irá para casa e fará outros. O mundo está cheio de meninos.*

Os acrobatas que vieram em seguida tampouco conseguiram diverti-la, nem quando formaram uma pirâmide humana de nove níveis, com uma garota nua no topo. *Isso pretende representar minha pirâmide?* A rainha se perguntou. *A garota no topo pretende ser eu?*

Depois, o senhor seu marido levou os convidados até o terraço inferior, para que os visitantes da Cidade Amarela pudessem contemplar Meereen à noite. Taças de vinho na mão, os yunkaítas andavam pelo jardim em pequenos grupos, entre limoeiros e flores noturnas, e Dany se viu face a face com Ben Mulato Plumm.

Ele se curvou.

– Venerada. Está adorável. Bem, sempre esteve. Nenhum dos yunkaítas tem metade da sua beleza. Pensei em trazer um presente de casamento para você, mas o lance foi alto demais para o velho Ben Mulato.

– Não quero presentes de você.

– Este você iria querer. A cabeça de um antigo inimigo.

– A sua? – ela disse, docemente. – Você me traiu.

– É uma maneira dura de colocar a questão, se me permite dizer. – Ben Mulato coçou o bigode salpicado de cinza e branco. – Passamos para o lado vencedor, é tudo. Da mesma maneira que fizemos antes. E não foi minha decisão. Fiz o que meus homens queriam.

– Então *eles* me traíram, é o que está dizendo? Por quê? Eu maltratei os Segundos Filhos? Enganei vocês quando os paguei?

– Jamais – disse Ben Mulato –, mas nem tudo é dinheiro, Vossa Toda-Poderosa. Aprendi isso há muito tempo, em minha primeira batalha. Na manhã seguinte à luta, eu estava andando entre os mortos, procurando por um pouco de estanho, por assim dizer. Cheguei a um cadáver, algum guerreiro que tivera o braço cortado na altura do ombro. Estava coberto de moscas, com uma crosta de sangue seco, que deveria ser o motivo pelo qual ninguém tocara nele, mas embaixo daquilo, vestia um justilho que parecia ser de couro bom. Imaginei que poderia cair bem em mim, então afastei as moscas e o tirei dele. Mas a maldita coisa pesava muito mais do que deveria. Sob o forro, ele costurara uma fortuna em moedas. *Ouro*, Vossa Veneração, um belo ouro amarelo. O suficiente para qualquer homem viver como um senhor pelo resto de seus dias. Mas que bem aquilo fez? Ali estava ele, com todo o seu dinheiro, morto entre sangue e lama, com o maldito braço cortado. E essa foi a lição, percebe? A prata é doce e o ouro é nossa mãe, mas depois que estiver morto, valem menos que a última cagada que deu enquanto estava vivo. Eu lhe disse uma vez, há velhos mercenários e há mercenários ousados, mas não há velhos mercenários ousados. Meus meninos não se interessam em morrer, isso é tudo, e quando eu disse para eles que você não podia soltar os dragões sobre os yunkaítas, bem...

*Você me viu como derrotada*, Dany pensou, *e quem sou eu para dizer que estava errado?*

– Entendo. – Ela podia ter encerrado ali, mas estava curiosa. – Ouro suficiente para viver a vida como um senhor, você disse. O que fez com toda essa riqueza?

Ben Mulato riu.

– Eu era um garoto tolo e contei para um homem que julgava ser meu amigo. Ele contou para nosso oficial, e meus irmãos em armas vieram me livrar daquele fardo. O oficial disse que eu era jovem demais e que iria desperdiçar tudo com putas e coisas assim. Mas me deixou ficar com o justilho. – Cuspiu. – Você nunca vai querer confiar em um mercenário, minha senhora.

– Aprendi isso. Um dia preciso me certificar de agradecê-lo pela lição.

Os olhos de Ben Mulato encresparam-se.

– Não é necessário. Sei o tipo de agradecimento que tem em mente. – Ele se curvou novamente e se afastou.

Dany virou-se para olhar a cidade. Além de suas muralhas, as tendas amarelas dos yunkaítas estavam em fileiras ordenadas ao lado do mar, protegidas por valas cavadas pelos escravos. Duas legiões de ferro de Nova Ghis, treinadas e armadas da mesma maneira que os Imaculados, estavam acampadas do outro lado do rio, ao norte. Outras duas legiões ghiscaris estavam a leste, fechando a estrada do Passo Khyzai. Os cavalos e as fogueiras de cozinhar das companhias livres ficavam ao sul. Durante o dia, finas nuvens de fumaça pairavam no céu como fitas cinzentas rasgadas. À noite, chamas distantes podiam ser vistas. Perto da baía estava a abominação, o mercado de escravos nas portas dela. Não podia vê-lo agora, com o sol se pondo, mas sabia que estava lá. Isso só a deixava mais zangada.

– Sor Barristan? – disse, suavemente.

O cavaleiro branco apareceu imediatamente.

– Vossa Graça.

– Quanto escutou?

– O suficiente. Ele não estava errado. Nunca confie em um mercenário.

*Ou em uma rainha*, pensou Dany.

– Há algum homem nos Segundos Filhos que possa ser persuadido a... remover... Ben Mulato?

– Como certa vez Daario Naharis removeu os outros capitães dos Corvos Tormentosos? – O velho cavaleiro pareceu desconfortável. – Talvez. Eu não saberia dizer, Vossa Graça.

*Não*, ela pensou, *você é muito honesto e muito honrado.*

– Se não, os yunkaítas empregam três outras companhias.

– Trapaceiros e assassinos, a escória de uma centena de batalhas – Sor Barristan advertiu –, com capitães tão traiçoeiros quanto Plumm.

– Sou apenas uma jovem garota e sei pouco sobre essas coisas, mas me parece que *queremos* que sejam traiçoeiros. Certa vez, você se lembrará, convenci os Segundos Filhos e os Corvos Tormentosos a se juntarem a nós.

– Se Vossa Graça deseja uma conversa privada com Gylo Rhegan ou com o Príncipe Esfarrapado, posso levá-los aos seus aposentos.

– Este não é o momento. Olhos demais, ouvidos demais. A ausência deles seria notada, mesmo se você pudesse separá-los discretamente dos yunkaítas. Temos que encontrar uma maneira mais silenciosa de chegar até eles... não esta noite, mas logo.

– Como ordenar. Embora tema que esta não seja uma tarefa na qual me saia bem. Em Porto Real, esse tipo de trabalho era deixado para o Senhor Mindinho ou para o Aranha. Nós, velhos cavaleiros, somos homens simples, bons apenas para a batalha. – Ele deu um tapinha no cabo da espada.

– Nossos prisioneiros – sugeriu Dany. – Os westerosis que vieram dos Soprados pelo Vento com os três dornenses. Ainda estão em nossas celas, não estão? Use-os.

– Libertá-los, quer dizer? Isso é sábio? Foram enviados aqui para rastejar por sua confiança, para que pudessem trair Vossa Graça na primeira oportunidade.

– Então falharam. Não confio neles. Nunca confiei neles. – Verdade seja dita, Dany estava se esquecendo de como confiar. – Ainda podemos usá-los. Uma era mulher. Meris. Mande-a de volta, como um... gesto de minha estima. Se o capitão deles for um homem esperto, ele entenderá.

– A mulher é a pior de todos.

– Melhor ainda. – Dany considerou por um momento. – Devemos sondar as Longas Lanças também. E a Companhia do Gato.

– Barbassangrenta. – O olhar severo de Sor Barristan se aprofundou. – Se me permite, Vossa Graça, não queremos nada com ele. Vossa Graça é jovem demais para lembrar dos Reis de Nove Moedas, mas este Barbassangrenta é cortado do mesmo tecido selvagem. Não há honra nele, apenas fome... por ouro, por glória, por sangue.

– Você conhece melhor esse tipo de homem do que eu, sor. – Se Barbassangrenta era realmente o mais desonrado e ganancioso dos mercenários, poderia ser o mais fácil de influenciar, mas ela odiaria ir contra o conselho de Sor Barristan nesses assuntos. – Faça como achar melhor. Mas faça logo. Se a paz de Hizdahr for quebrada, quero estar pronta. Não acredito nos mercadores de escravos. – *Não acredito em meu marido.* – Eles se virarão contra nós ao primeiro sinal de fraqueza.

– Os yunkaítas estão ficando mais fracos também. O fluxo sangrento tomou conta dos tolosinos, dizem, e se espalha pelo rio até a terceira

legião ghiscari.

*A égua descorada*. Daenerys suspirou. *Quaithe me avisou que a égua descorada estava vindo. Me falou do príncipe dornense também, o filho do sol. Disse-me muito e ainda mais, mas tudo em enigmas.*

– Não posso confiar em uma praga para me salvar dos meus inimigos. Liberte Bela Meris. Imediatamente.

– Como desejar. Mas... Vossa Graça, se posso ser ousado, há outro caminho...

– O caminho dornense? – Dany suspirou. Os três dornenses haviam estado no banquete, como convinha à posição do Príncipe Quentyn, mas Reznak tomara o cuidado de sentá-lo o mais distante possível de seu marido. Hizdahr não parecia ter uma natureza ciumenta, mas nenhum homem gostaria de encontrar um rival próximo de sua noiva. – O garoto parece agradável e tem boa conversa, mas...

– A Casa Martell é antiga e nobre, e tem sido uma amiga leal da Casa Targaryen há mais de um século, Vossa Graça. Tive a honra de servir com o tio-avô do Príncipe Quentyn, entre os sete do seu pai. O Príncipe Lewyn era um irmão em armas tão valente quanto um homem poderia desejar. Quentyn Martell tem o mesmo sangue, se agradar Vossa Graça.

– Me agradaria se tivesse aparecido com essas cinquenta mil espadas das quais fala. Em vez disso, me trouxe dois cavaleiros e um pergaminho. Um pergaminho vai proteger meu povo dos yunkaítas? Se tivesse vindo com uma frota...

– Lançassolar nunca teve poderio marítimo, Vossa Graça.

– Não. – Dany conhecia o suficiente da história westerosi para saber aquilo. Nymeria havia atracado com dez mil navios nas costas arenosas de Dorne, mas quando se casou com o príncipe dornense, queimou todos eles e virou as costas para o mar para sempre. – Dorne está muito longe. Para agradar esse príncipe, eu teria que abandonar meu povo. Você deveria mandá-lo para casa.

– Dornenses são notoriamente teimosos, Vossa Graça. Os antepassados do Príncipe Quentyn lutaram contra os seus durante quase duzentos anos. Ele não partirá sem você.

*Então morrerá aqui*, Daenerys pensou, *a menos que haja mais nele do que eu posso ver*.

– Ele ainda está aqui?

– Bebendo com seus cavaleiros.

– Traga-o até mim. Já é tempo dele conhecer meus filhos.

Uma sombra de dúvida passou pelo rosto comprido e solene de Barristan Selmy.

– Como ordenar.

Seu rei estava rindo com Yurkhaz zo Yunzak e os outros senhores yunkaítas. Dany não achava que ele sentiria falta dela, mas de qualquer maneira instruiu suas aias para dizer que estava respondendo ao chamado da natureza, se ele perguntasse por ela.

Sor Barristan aguardava nos degraus com o príncipe dornense. O rosto quadrado de Martell estava corado e vermelho. *Muito vinho*, a rainha concluiu, embora ele estivesse fazendo o melhor para dissimular. Além da fileira de sóis de cobre que enfeitavam seu cinto, o dornense estava vestido de maneira simples. *Eles o chamam de Sapo*, Dany lembrou. Ela podia ver o porquê. Não era um homem bonito.

Ela sorriu.

– Meu príncipe. É um longo caminho para baixo. Está seguro de que deseja fazer isso?

– Se for do agrado de Vossa Graça.

– Então venha.

Um par de Imaculados descia os degraus na frente deles, levando tochas; atrás vinham duas Bestas de Bronze, uma mascarada como peixe e a outra como falcão. Mesmo aqui, na pirâmide dela, nesta noite feliz de paz e celebração, Sor Barristan insistia em manter guardas ao redor dela aonde quer que fosse. O pequeno grupo fez a longa descida em silêncio, parando três vezes para se refrescar ao longo do caminho.

– O dragão tem três cabeças – Dany falou, quando estavam no trajeto final. – Meu casamento não precisa ser o final de suas esperanças. Sei por que está aqui.

– Por você – disse Quentyn, numa desajeitada galanteria.

– Não – respondeu Dany. – Por fogo e sangue.

Um dos elefantes barriu de sua estrebaria. Um rugido respondeu vindo de baixo, fazendo-a corar com o calor repentino. O Príncipe Quentyn olhou alarmado.

– Os dragões sabem quando ela está perto – Sor Barristan contou para ele.

*Todo filho conhece sua mãe*, Dany pensou. *Quando os mares secarem e as montanhas forem sopradas pelo vento como folhas...*

– Estão me chamando. Venha. – Tomou o Príncipe Quentyn pela mão e o levou para o fosso onde dois de seus dragões estavam confinados. – Permaneçam do lado de fora – Dany falou para Sor Barristan, enquanto os Imaculados abriam as imensas portas de ferro. – O Príncipe Quentyn me protegerá. – Levou o príncipe dornense para dentro, para observar de cima do fosso.

Os dragões esticavam o pescoço de um lado para o outro, olhando para eles com olhos queimando. Viserion havia quebrado uma corrente e derretido as outras. Pendurava-se do teto do fosso como um imenso morcego branco, suas garras penetrando profundamente nos tijolos queimados e em ruínas. Rhaegal, ainda acorrentado, estava roendo a carcaça de um touro. A pilha de ossos no chão do fosso estava mais profunda do que da última vez em que ela estivera ali, e as paredes e o chão estavam negros e acinzentados, mais cinzas do que tijolos. Não aguentariam muito tempo... mas atrás deles havia apenas terra e pedras. *Dragões podem fazer túneis na rocha, como os* wyrms *de fogo da antiga Valíria?* Esperava que não.

O príncipe dornense estava branco como leite.

– Eu... eu ouvi dizer que eram três.

– Drogon está caçando. – Ele não precisava ouvir o resto. – O branco é Viserion, o verde é Rhaegal. Dei o nome de meus irmãos para eles. – A voz dela ecoava nas paredes de pedra queimadas. Soava pequena; a voz de uma garota, não a voz de uma rainha e conquistadora, não a voz feliz de uma noiva recém-casada.

Rhaegal rugiu em resposta, e o fogo encheu o fosso, uma lança vermelha e amarela. Viserion respondeu, suas próprias chamas douradas e alaranjadas. Quando bateu as asas, uma nuvem de cinzas encheu o ar. Correntes partidas retiniam ruidosamente em suas patas. Quentyn Martell pulou trinta centímetros para trás.

Uma mulher mais cruel teria rido dele, mas Dany apertou sua mão e disse:

– Eles me assustam também. Não há vergonha nisso. Na escuridão, meus filhos cresceram selvagens e zangados.

– Você... você pretende cavalgar neles?

– Em um deles. Tudo o que sei sobre dragões foi o que meu irmão me contou quando eu era garota, e alguma coisa que li nos livros, mas dizem que até mesmo Aegon, o Conquistador, nunca ousou montar em Vhagar ou em Meraxes, nem suas irmãs cavalgavam Balerion, o Terror Negro. Dragões vivem mais do que homens, alguns por centenas de anos, então Balerion teve outros cavaleiros depois que Aegon morreu... mas nenhum cavaleiro jamais voou em dois dragões.

Viserion sibilou novamente. Fumaça saiu por entre seus dentes, e no fundo de sua garganta podiam ver fogo dourado se agitando.

– São... são criaturas temíveis.

– São dragões, Quentyn. – Dany ficou na ponta dos pés e o beijou levemente, uma vez em cada bochecha. – Assim como eu.

O jovem príncipe engoliu em seco.

– Eu... eu tenho sangue de dragão em mim também, Vossa Graça. Posso traçar minha linhagem até a primeira Daenerys, a princesa Targaryen que era irmã do Rei Daeron, o Bom, e esposa do Príncipe de Dorne. Ele construiu os Jardins das Águas para ela.

– Os Jardins das Águas? – Ela conhecia pouco e ainda menos de Dorne e sua história, verdade seja dita.

– O palácio favorito do meu pai. Eu gostaria de mostrá-lo para você um dia. É todo feito em mármore rosado, com piscinas e fontes e vista para o mar.

– Parece adorável. – Ela o afastou do fosso. *Ele não pertence a este lugar. Nunca deveria ter vindo.* – Você deveria voltar para lá. Minha corte não é um lugar seguro para você, temo. Tem mais inimigos do que imagina. Você fez Daario parecer um tolo, e ele não é homem de esquecer uma desfeita dessas.

– Tenho meus cavaleiros. Meus escudos juramentados.

– Dois cavaleiros. Daario tem quinhentos Corvos Tormentosos. E você faria bem em ter cuidado com o senhor meu marido, também. Ele parece um homem ameno e agradável, eu sei, mas não se engane. A coroa de Hizdahr deriva da minha, e ele comanda a fidelidade de alguns dos mais temíveis guerreiros do mundo. Um deles poderia querer ganhar seu favor eliminando um rival...

– Sou um príncipe de Dorne, Vossa Graça. Não fugirei de escravos e mercenários.

*Então é realmente um tolo, Príncipe Sapo*. Dany deu um último e demorado olhar nos seus filhos selvagens. Podia ouvir os dragões gritando enquanto levava o garoto de volta pela porta e ver o jogo de luzes contra os tijolos, reflexos de suas chamas. *Se olhar para trás, estou perdida*.

– Sor Barristan trouxe um par de liteiras para nos levar de volta ao banquete, mesmo assim a subida pode ser cansativa. – Atrás deles, as grandes portas de ferro se fecharam com um estrondo retumbante. – Fale-me sobre essa outra Daenerys. Sei menos do que deveria da história do reino de meu pai. Nunca tive um meistre para me ensinar. – *Apenas um irmão.*

– Será um prazer, Vossa Graça – respondeu Quentyn.

Já passara muito da meia-noite antes que o último dos convidados partisse, e Dany se retirasse para seus próprios aposentos para se reunir a seu senhor e rei. Hizdahr ao menos estava feliz, embora um pouco bêbado.

– Cumpro minhas promessas – disse para ela, enquanto Irri e Jhiqui os vestiam para a cama. – Você queria paz, e é sua.

*E você desejava sangue, e logo terei de dá-lo a você*, Dany pensou, mas o que disse foi:

– Estou grata.

A excitação do dia havia inflamado as paixões de seu marido. Tão logo as aias se retiraram, ele rasgou a roupa dela e a derrubou de costas na cama. Dany deslizou os braços em torno dele e deixou-o encontrar seu caminho. Bêbado como estava, sabia que ele não ficaria muito tempo dentro dela.

E não ficou. Quando terminou, aninhou-se próximo ao ouvido dela e sussurrou:

– Que os deuses nos concedam um filho esta noite.

As palavras de Mirri Maz Duur ressoaram em sua cabeça. *Quando o sol nascer no ocidente e se puser no oriente. Quando os mares secarem e as montanhas forem sopradas pelo vento como folhas. Quando seu ventre voltar a ganhar vida para dar à luz um filho vivo. Então, e não antes, ele regressará.* O significado era claro o suficiente; Khal Drogo voltaria dos mortos quando ela desse à luz um filho vivo. Mas havia alguns segredos

que não tinha coragem de compartilhar, nem mesmo com seu marido, então deixou Hizdahr zo Loraq manter suas esperanças.

Seu nobre marido logo estava profundamente adormecido. Daenerys apenas podia se revirar ao lado dele. Queria sacudi-lo, acordá-lo, fazê-lo abraçá-la, beijá-la, fodê-la novamente, mas mesmo se ele fizesse isso, dormiria logo em seguida, deixando-a sozinha na escuridão. Perguntava-se o que Daario estaria fazendo. Estaria insone também? Estaria pensando nela? Ele a amava verdadeiramente? Ele a odiava, por ter se casado com Hizdahr? *Nunca devia tê-lo levado para minha cama*. Ele era apenas um mercenário, não um consorte adequado para uma rainha, mesmo assim...

*Eu sabia disso o tempo todo, e fiz do mesmo jeito.*

– Minha rainha? – disse uma voz suave na escuridão.

Dany se encolheu.

– Quem está aí?

– Apenas Missandei. – A escriba naathi se aproximou da cama. – Esta uma ouviu você chorando.

– Chorando? Eu não estava chorando. Por que choraria? Tenho minha paz, tenho meu rei, tenho tudo o que uma rainha pode desejar. Você teve um pesadelo, foi tudo.

– Como quiser, Vossa Graça. – Ela se curvou e começou a se afastar.

– Fique – disse Dany. – Não desejo ficar sozinha.

– Sua Graça está com você – Missandei apontou.

– Sua Graça está sonhando, mas eu não posso dormir. Amanhã devo me banhar em sangue. O preço da paz. – Deu um sorriso amarelo e um tapinha na cama. – Venha. Sente-se. Converse comigo.

– Se a agrada. – Missandei sentou-se ao lado dela. – Sobre o que devemos falar?

– Casa – falou Dany. – Naath. Borboletas e irmãos. Conte-me as coisas que a deixam feliz, as coisas que a fazem dar risadas, todas as suas mais doces lembranças. Recorde-me que ainda há bondade no mundo.

Missandei fez o melhor possível. Ainda estava falando quando Dany finalmente adormeceu, um sono agitado com estranhos sonhos incompletos de fumaça e fogo.

A manhã veio rápido demais.

# Theon

O dia chegou sobre eles exatamente como Stannis fizera: sem ser notado.

Winterfell estava acordado havia horas, ameias e torres abarrotadas com homens em lã, cota de malha e couro, esperando um ataque que nunca veio. Quando o céu começou a clarear, o som dos tambores já sumira, embora os berrantes de guerra tivessem sido ouvidos mais três vezes, cada vez um pouco mais perto. E a neve ainda caía.

– A tempestade vai parar hoje – um dos cavalariços sobreviventes insistia em voz alta. – Afinal, não é nem inverno.

Theon teria rido se ousasse. Recordava-se das histórias que a Velha Ama contava, de tempestades que assolavam por quarenta dias e quarenta noites, por um ano, por dez anos... tempestades que enterravam castelos, cidades e reinos inteiros sob trinta metros de neve.

Estava sentado no fundo do Grande Salão, não muito longe dos cavalos, observando Abel, Rowan e uma lavadeira de cabelos castanhos cor de rato chamada Esquilo atacando bandejas de pão preto frito em gordura de toicinho. Theon quebrou seu jejum com uma caneca de cerveja escura, carregada com levedura e grossa o suficiente para mastigar. Mais algumas canecas, e talvez o plano de Abel não parecesse tão louco.

Roose Bolton entrou, olhos claros e bocejando, acompanhado por sua rechonchuda e grávida esposa Walda Gorda. Vários senhores e capitães o haviam precedido, entre eles Terror-das-Rameiras Umber, Aenys Frey e Roger Ryswell. Mais no canto da mesa, Wyman Manderly estava sentado devorando linguiças e ovos cozidos, enquanto Lorde Locke, ao seu lado, tomava mingau com sua boca sem dentes.

Lorde Ramsay logo apareceu também, afivelando o cinturão da espada enquanto caminhava para a frente do salão. *Seu humor está negro esta*

*manhã*, Theon podia afirmar. *Os tambores o mantiveram acordado a noite toda*, adivinhou, *ou alguma coisa o desagradou*. Uma palavra errada, um olhar irrefletido ou uma risada fora de hora, qualquer coisa poderia provocar a ira de sua senhoria e custar um pedaço de pele a um homem. *Por favor, 'nhor, não olhe para cá*. Um olhar seria o suficiente para que Ramsay soubesse de tudo. *Ele verá escrito em meu rosto. Ele saberá. Sempre sabe.*

Theon virou-se para Abel.

– Isso não vai funcionar. – Sua voz era tão baixa que nem os cavalos podiam ouvir. – Seremos capturados antes de deixar o castelo. Mesmo se escaparmos, Lorde Ramsay nos caçará, ele, Ben Ossos e as garotas.

– Lorde Stannis está do lado de fora das muralhas, e não muito longe, pelo que parece. Tudo o que precisamos fazer é chegar até ele. – Os dedos de Abel dançavam pelas cordas de seu alaúde. A barba do cantor era castanha, embora seu longo cabelo já estivesse em grande parte cinza. – Se o Bastardo vier atrás de nós, ele pode viver o suficiente para lamentar isso.

*Pense isso*, Theon pensou. *Acredite nisso. Diga para si mesmo que é verdade*.

– Ramsay usará suas mulheres como presas – falou para o cantor. – Ele as caçará, as estuprará e dará seus cadáveres para alimentar os cães. Se lhe proporcionarem uma boa caçada, ele dará os nomes delas para a próxima ninhada de cadelas. Você, ele vai esfolar. Ele, Peleiro e Damon Dance-para-Mim farão um jogo com isso. Você implorará para que o matem. – Segurou o braço do cantor com a mão mutilada. – Jurou que não me deixará cair nas mãos dele novamente. Você me deu sua palavra. – Precisava ouvir novamente.

– A palavra de Abel – disse Esquilo. – Forte como carvalho. – O próprio Abel apenas deu de ombros. – Não importa o quê, meu príncipe.

Sobre o estrado, Ramsay estava discutindo com o pai. Estavam longe demais para que Theon pudesse entender alguma palavra, mas o medo no redondo rosto rosado de Walda Gorda dizia o bastante. Ouviu Wyman Manderly pedindo mais linguiças e a risada de Roger Ryswell por conta de alguma piada do maneta Harwood Stout.

Theon se perguntava se veria os salões molhados do Deus Afogado, ou se seu fantasma permaneceria em Winterfell. *Morto é morto*. *Melhor*

*morto do que Fedor*. Se o plano de Abel desse errado, Ramsay faria sua morte ser lenta e dolorosa. *Ele vai me esfolar da cabeça ao calcanhar desta vez, e nada do que eu implorar vai acabar com a dor.* Nenhuma dor que Theon já conhecera chegava perto da agonia que Peleiro podia evocar com uma pequena faca de esfola. Abel aprenderia aquela lição em breve. E para quê? *Jeyne, o nome dela é Jeyne, e seus olhos são da cor errada.* Uma pantomimeira desempenhando seu papel. *Lorde Bolton sabe, e Ramsay, mas os demais são cegos, mesmo este maldito bardo com seus sorrisos astutos. A piada será você, Abel, você e suas putas assassinas. Morrerão pela garota errada.*

Chegara bem perto de contar a verdade para eles, quando Rowan o entregara a Abel nas ruínas da Torre Queimada, mas no último instante segurara a língua. O cantor parecia ter a intenção de fugir com a filha de Eddard Stark. Se soubesse que a noiva de Lorde Ramsay era apenas a cria do intendente, bem...

As portas do Grande Salão se abriram com estrondo.

Um vento frio entrou rodopiando, e uma nuvem de cristais de gelo brilhou azul e branca no ar. Através dela veio Sor Hosteen Frey, endurecido até a cintura pela neve, um corpo nos braços. Em todos os bancos, homens baixaram seus copos e colheres para ver boquiabertos o macabro espetáculo. O salão ficou em silêncio.

*Outro assassinato.*

A neve escorregava do manto de Sor Hosteen, enquanto ele caminhava em direção à mesa principal, seus passos ressoando contra o chão. Uma dúzia de cavaleiros Frey e homens em armas entraram atrás dele. Um era um garoto que Theon conhecia; Grande Walder, o pequeno, cara de raposa e magro como um palito. Seu peito, braços e manto estavam salpicados de sangue.

O cheiro daquilo agitou os cavalos. Os cães saíram debaixo das mesas, farejando. Homens se ergueram dos bancos. O corpo nos braços de Sor Hosteen brilhava sob a luz das tochas, blindado em gelo rosado. O frio que fazia lá fora congelara seu sangue.

– O filho de meu irmão Merrett. – Hosteen Frey colocou o corpo no chão, diante do estrado. – Massacrado como um porco e enfiado embaixo de um monte de neve. Um garoto.

*Pequeno Walder*, pensou Theon. *O grande*. Olhou para Rowan. *Há seis delas*, lembrou. *Qualquer uma pode ter feito isso*. Mas a lavadeira sentiu seu olhar.

– Isso não é trabalho nosso – disse.

– Quieta – Abel a advertiu.

Lorde Ramsay desceu do estrado até o garoto morto. Seu pai se ergueu mais lentamente, olhos claros, encarando solene.

– Isso foi trabalho sujo. – Pela primeira vez, a voz de Roose Bolton estava alta o suficiente para ser ouvida. – Onde o corpo foi encontrado?

– Embaixo daquela fortaleza destruída, meu senhor – respondeu Grande Walder. – Aquela com as velhas gárgulas. – As luvas do menino estavam empastadas com o sangue do primo. – Eu disse para não sair sozinho, mas ele falou que tinha que encontrar um homem que lhe devia prata.

– Que homem? – Ramsay exigiu saber. – Dê-me seu nome. Aponte-o para mim, garoto, e eu lhe farei um manto com a pele dele.

– Ele nunca disse, meu senhor. Apenas que ganhou o dinheiro nos dados. – O garoto Frey hesitou. – Foram uns homens de Porto Branco que o ensinaram a jogar. Não sei dizer quais, mas foram eles.

– Meu senhor – trovejou Hosteen Frey. – Conhecemos o homem que fez isso. Matou este garoto e todos os demais. Não com suas mãos, não. É muito gordo e muito covarde para matar por conta própria. Mas por sua ordem. – Virou-se para Wyman Manderly. – Nega isso?

O Senhor de Porto Branco mordeu uma linguiça no meio.

– Confesso... – Limpou a gordura dos lábios com a manga. – ... confesso que conhecia pouco este pobre garoto. Era escudeiro de Lorde Ramsay, não era? Quantos anos tinha o rapaz?

– Nove, no último dia de seu nome.

– Tão jovem – disse Wyman Manderly. – Embora talvez isso tenha sido uma bênção. Se vivesse, teria crescido para ser um Frey.

Sor Hosteen bateu com o pé na mesa, chutando os cavaletes, empurrando o tampo em direção à barriga inchada de Lorde Wyman. Copos e pratos voaram, linguiças espalhadas por toda parte, e uma dúzia de homens de Manderly levantaram-se xingando. Alguns agarraram facas, pratos, jarras, qualquer coisa que pudesse servir como arma.

Sor Hosteen Frey arrancou sua espada longa da bainha e pulou na direção de Wyman Manderly. O Senhor de Porto Branco tentou ir para trás, mas a mesa o prendera na cadeira. A lâmina rasgou três de seus quatro queixos, em um jato brilhante e vermelho de sangue. A Senhora Walda deu um grito e agarrou o braço do senhor seu marido.

– Parem – Roose Bolton gritou. – Parem com essa loucura. Seus próprios homens avançaram enquanto os Manderly se debruçavam sobre os bancos para alcançar os Frey. Um deles avançou para Sor Hosteen com uma adaga, mas o grande cavaleiro girou seu braço e deslocou-o do ombro. Lorde Wyman ficou em pé, apenas para desfalecer. O velho Lorde Locke gritava por um meistre, enquanto Manderly caía pesadamente no chão como uma morsa abatida em uma piscina de sangue que se espalhava. Ao redor dele, os cães lutavam pelas linguiças.

Foram necessários dois grupos de lanceiros de Forte do Pavor para separar os combatentes e pôr fim à carnificina, quando seis homens de Porto Branco e dois Frey já estavam mortos no chão. Uma dúzia estava ferida e um dos Rapazes do Bastardo, Luton, morria ruidosamente, gritando por sua mãe enquanto tentava enfiar um punhado de entranhas viscosas para dentro da barriga ferida. Lorde Ramsay o silenciou, puxando uma lança de um dos homens de Pernas de Aço e enfiando-a no peito de Luton. Mesmo assim, as vigas ainda ressoavam com gritos, orações e maldições, com o ruído dos cavalos aterrorizados e com os rosnados das cadelas de Ramsay. Walton Pernas de Aço teve que bater com a coronha de sua lança contra o chão uma dúzia de vezes antes que o salão ficasse quieto o suficiente para que Roose Bolton fosse ouvido.

– Vejo que todos querem sangue – o Senhor de Forte do Pavor disse. Meistre Rhodry estava ao lado dele, com um corvo no braço. A plumagem negra da ave brilhava como petróleo na luz das tochas. *Está molhado*, Theon percebeu. *E, na mão de sua senhoria, um pergaminho. Estará molhado também. Asas escuras, palavras escuras.* – Melhor do que usar nossas espadas uns contra os outros, vocês deveriam testá-las em Lorde Stannis. – Lorde Bolton desenrolou o pergaminho. – As tropas dele estão a menos de três dias de cavalgada daqui, enterradas na neve e famintas, e estou cansado de esperar por sua vontade. Sor Hosteen, reúna seus cavaleiros e homens em armas no portão principal. Como você está tão ansioso pela batalha, deve comandar nosso primeiro golpe. Lorde

Wyman, reúna seus homens de Porto Branco no portão oriental. Eles avançarão também.

A espada de Hosteen Frey estava vermelha quase até o punho. O sangue respingara, salpicando suas bochechas como sardas. Abaixou a espada e disse:

– Às ordens do meu senhor. Mas depois de lhe entregar a cabeça de Stannis Baratheon, pretendo terminar de cortar Lorde Banha.

Quatro cavaleiros de Porto Branco formavam um círculo em torno de Lorde Wyman, enquanto Meistre Medrick trabalhava sobre ele para estancar o sangramento.

– Primeiro precisa passar por nós, sor – disse o mais velho deles, um cavaleiro de barba grisalha e rosto duro, cuja túnica manchada de sangue mostrava três sereias prateadas sobre um campo violeta.

– Com prazer. Um de cada vez ou todos juntos, não faz diferença,

– *Basta* – rugiu Lorde Ramsay, brandindo sua lança ensanguentada. – Outra ameaça e eu mesmo o destriparei. O senhor meu pai já falou! Salve sua ira para o aspirante Stannis.

Roose Bolton fez um aceno de aprovação.

– É como ele diz. Haverá tempo suficiente para lutar um contra o outro uma vez que tenhamos acabado com Stannis. – Virou a cabeça, seus frios olhos claros procurando pelo salão, até que encontrou o bardo Abel ao lado de Theon. – Cantor – chamou –, venha nos cantar algo reconfortante.

Abel se curvou.

– Se é do agrado de sua senhoria. – Alaúde na mão, caminhou até o estrado, saltando agilmente sobre um ou dois cadáveres, e sentou-se de pernas cruzadas na mesa principal. Quando começou a cantar – uma canção triste e suave que Theon Greyjoy não reconheceu –, Sor Hosteen, Sor Aenys e seus companheiros Frey se viraram para levar seus cavalos do salão.

Rowan agarrou o braço de Theon.

– O banho. Precisa ser agora.

Ele afastou-se do toque dela.

– De dia? Seremos vistos.

– A neve nos esconderá. Você é surdo? Bolton está enviando suas espadas. Temos que alcançar Stannis antes que eles o façam.

– Mas... Abel...

– Abel pode se defender por conta própria – murmurou Esquilo.

*Isso é loucura. Desespero, tolice, condenação*. Theon tomou o último gole de sua cerveja e ficou em pé, relutante.

– Encontre suas irmãs. Precisamos de muita água para encher a banheira de minha senhora.

Esquilo sumiu, passos suaves como sempre. Rowan caminhou com Theon para fora do salão. Desde que ela e suas irmãs o encontraram no bosque sagrado, uma delas seguia insistentemente cada um de seus passos, sem nunca o perder de vista. Não confiavam nele. *Por que deveriam? Eu era Fedor antes, e posso ser Fedor novamente. Fedor, Fedor, que rima com traidor.*

Do lado de fora, a neve ainda caía. Os homens de neve que os escudeiros construíram haviam crescido até se transformarem em gigantes monstruosos, com três metros de altura e horrivelmente deformados. Paredes brancas se erguiam dos dois lados, enquanto ele e Rowan iam até o bosque sagrado; os caminhos entre a fortaleza, a torre e o salão haviam se tornado uma confusão de trincheiras geladas, cavadas com pás a cada hora para se manterem limpas. Era fácil se perder naquele labirinto congelado, mas Theon Greyjoy conhecia cada curva e volta.

Até o bosque sagrado estava ficando branco. Uma camada de gelo se formara sobre a lagoa ao lado da árvore-coração, e o rosto escavado no tronco claro tinha um bigode de pequenos pingentes de gelo. Nesse horário, não podiam esperar ter os antigos deuses para si. Rowan afastou Theon do nortenho que rezava diante da árvore, até um lugar isolado atrás da parede dos alojamentos, ao lado de uma piscina de lama quente que fedia a ovos podres. Mesmo a lama estava congelando nas bordas, Theon viu.

– O inverno está chegando...

Rowan lhe deu um olhar duro.

– Você não tem o direito de pronunciar as palavras de Lorde Eddard. Não você. Nunca. Depois do que fez...

– Vocês mataram um menino também.

– Não fomos nós. Eu lhe disse isso.

– Palavras são vento. – *Elas não são melhores do que eu. Somos iguais.* – Vocês mataram os outros, por que não ele? Caralho Amarelo...

– ... fedia tanto quanto você. Um porco de homem.

– E o Pequeno Walder era um leitão. Matá-lo levou os Frey e os Manderly à ponta das adagas, o que foi esperto, vocês...

– *Não fomos nós*. – Rowan o agarrou pela garganta e o empurrou contra a parede dos alojamentos, seu rosto a alguns centímetros do dele. – Diga isso novamente e arrancarei sua língua mentirosa, assassino de parentes.

Ele sorriu com seus dentes quebrados.

– Você não vai fazer isso. Precisa da minha língua para passar pelos guardas. Precisa das minhas mentiras.

Rowan cuspiu no rosto dele. Então o soltou, esfregando as mãos enluvadas nas pernas, como se apenas tocá-lo a tivesse sujado.

Theon sabia que não devia provocá-la. De seu jeito, aquela uma era tão perigosa quanto Peleiro ou Damon Dance-para-Mim. Mas estava com frio e cansado, sua cabeça latejava e ele não dormia havia dias.

– Fiz coisas terríveis... traí os meus, virei casaca, ordenei a morte de homens que confiavam em mim... mas não sou um assassino de parentes.

– Os garotos Stark nunca foram seus irmãos, sim. Sabemos disso.

Aquilo era verdade, mas não era o que Theon queria dizer. *Eles não eram meu sangue, mas, mesmo assim, nunca fiz mal a eles. Os dois que matamos eram apenas filhos do moleiro.* Theon não queria pensar na mãe deles. Conhecera a esposa do moleiro por anos, até fora para a cama com ela. *Grandes seios pesados, com mamilos amplos e escuros, uma boca doce, uma risada feliz. Alegrias que nunca provarei novamente.*

Mas não adiantava nada dizer isso para Rowan. Ela nunca acreditaria nas negações dele, não mais do que ele acreditava nas dela.

– Há sangue em minhas mãos, mas não o sangue de irmãos – disse, cansado. – E fui punido.

– Não o suficiente. – Rowan virou as costas para ele.

*Mulher tola*. Theon podia ser uma coisa quebrada, mas ainda usava uma adaga. Teria sido simples desembainhá-la e enfiá-la entre as omoplatas dela. Ainda era capaz disso, apesar dos dentes arrancados, dos dentes quebrados e de todo o resto. Teria sido uma gentileza; um final mais rápido e mais limpo do que aquele que ela e suas irmãs encarariam quando Ramsay as capturasse.

Fedor poderia fazer aquilo. *Teria* feito aquilo, na esperança de agradar Lorde Ramsay. Essas putas pretendiam roubar a noiva dele, Fedor não podia permitir aquilo. Mas os antigos deuses o tinham reconhecido e o chamaram de Theon. *Homem de ferro, eu era um homem de ferro, filho de Balon Greyjoy, e legítimo herdeiro de Pyke.* Os tocos de seus dedos coçaram e se contraíram, mas manteve a adaga na bainha.

Quando Esquilo voltou, as outras quatro estavam com ela: a magra e grisalha Myrtle, Willow Olho-de-Bruxa, com sua longa trança negra, Frenya, da cintura grossa e peitos enormes, Holly com sua faca. Vestidas como servas, em camadas de tecido áspero cinzento, usavam mantos de lã marrom forrados com pele de coelho branco. *Sem espadas*, Theon viu. *Sem machados, sem martelos, sem armas a não ser facas*. O manto de Holly estava preso com um broche de prata, e Frenya tinha uma corda de cânhamo amarrada entre os seios e os quadris. Isso a fazia parecer ainda mais roliça do que era.

Myrthe tinha roupas de serva para Rowan.

– Os pátios estão lotados de tolos – avisou para eles. – Pretendem partir.

– Ajoelhadores – disse Willow, com um ronco de desprezo. – Seu orgulhoso senhor falou, eles devem obedecer.

– Estão indo para a morte – gorjeou Holly, feliz.

– Eles e nós – falou Theon. – Mesmo se passarmos pelos guardas, como pretendem tirar a Senhora Arya de lá?

Holly sorriu.

– Seis mulheres entram, seis mulheres saem. Quem olha para servas? Vestiremos a garota Stark como Esquilo.

Theon olhou para Esquilo. *Elas têm quase o mesmo tamanho. Pode funcionar*.

– E como Esquilo vai sair?

Esquilo respondeu por si mesma.

– Pela janela, e direto para o bosque sagrado. Eu tinha doze anos na primeira vez que meu irmão me levou para invadir o sul da sua Muralha. É daí que vem meu nome. Meu irmão dizia que eu parecia um esquilo correndo em uma árvore. Escalei aquela Muralha seis vezes, atravessando e voltando novamente. Acho que posso descer de uma torre de pedra.

– Feliz, Vira-Casaca? – Rowan perguntou. – Vamos com isso.

As cavernosas cozinhas de Winterfell ocupavam uma construção própria, mantida separada dos salões principais e das fortalezas do castelo, para caso de incêndio. Dentro, os cheiros mudavam a cada hora; um perfume mutante de carnes assadas, alhos-porós, cebolas e pães recém-assados. Roose Bolton colocara guardas na porta da cozinha. Com tantas bocas para alimentar, cada pedaço de comida era precioso. Mesmo as cozinheiras e os ajudantes eram vigiados constantemente. Mas os guardas conheciam Fedor. Gostavam de ameaçá-lo quando ele ia buscar água quente para o banho da Senhora Arya. Mas nenhum deles ousava ir além disso. Fedor era conhecido por ser o animal de estimação de Lorde Ramsay.

– O Príncipe do Mau-cheiro veio buscar água quente – um guarda anunciou quando Theon e as servas apareceram diante dele. Empurrou a porta para abrir para eles. – Rápido, antes que todo o doce ar quente escape.

Lá dentro, Theon agarrou pelo braço um ajudante que passava.

– Água quente para a ‘nhora, garoto – ordenou. – Seis baldes cheios, e assegure-se de que a água esteja boa e quente. Lorde Ramsay quer sua noiva rosada e limpa.

– Sim, ‘nhor – o garoto respondeu. – Imediatamente, ‘nhor.

“Imediatamente” levou mais tempo do que Theon teria gostado. Nenhuma das grandes chaleiras estava limpa, então o ajudante teve que lavar uma antes de enchê-la com água. Então pareceu uma eternidade até que fervesse, e duas vezes mais demorado até encher seis baldes de madeira. Enquanto isso, as mulheres de Abel esperavam, o rosto delas oculto pelo capuz. *Elas estão fazendo tudo errado*. Servas de verdade estavam sempre provocando os ajudantes, flertando com os cozinheiros, adulando para provar isso aqui, dar uma mordida naquilo ali. Rowan e suas irmãs de conspiração não queriam chamar a atenção, mas seu silêncio sombrio logo fez com que os guardas lhes dessem olhares estranhos.

– Onde estão Maisie, Jez e as outras garotas? – um deles perguntou para Theon. – As de sempre.

– A Senhora Arya se desagradou com elas – ele mentiu. – Da última vez, a água já estava fria antes que ela entrasse na banheira.

A água quente enchia o ar com nuvens de vapor, derretendo os flocos de neve assim que caíam. A procissão seguiu pelo emaranhado de trincheiras de parede de gelo. A cada passo, a água congelava. As passagens estavam entupidas com tropas: cavaleiros com armaduras, túnicas de lã e mantos de pele, homens em armas com lanças nos ombros, arqueiros carregando arcos desamarrados e feixes de flechas, mercenários, cavalariços levando cavalos de batalha. Os Frey usavam o emblema das duas torres, aqueles que eram de Porto Branco ostentavam o tritão e o tridente. Caminhavam lado a lado pela tempestade, em direções opostas, e se encaravam com cautela, mas as espadas estavam embainhadas. *Não aqui*. *Pode ser diferente lá fora, na mata*.

Meia dúzia de homens experientes de Forte do Pavor guardavam as portas da Grande Fortaleza.

– Outro maldito banho? – disse o oficial, quando viu os baldes com vapor de água. Tinha as mãos enfiadas sob as axilas, para espantar o frio. – Ela tomou banho noite passada. Quão suja uma mulher pode ficar em sua própria cama?

*Mais suja do que você imagina, quando se divide a cama com Ramsay*, Theon pensou, lembrando da noite do casamento e das coisas que ele e Jeyne tiveram que fazer.

– Lorde Ramsay ordenou.

– Entre lá, então, antes que a água congele – o oficial falou. Dois dos guardas empurraram as portas duplas.

A entrada estava quase tão fria quanto o ar do lado de fora. Holly chutou a neve de suas botas e abaixou o capuz do manto.

– Pensei que seria mais difícil. – Sua respiração congelava no ar.

– Há mais guardas lá em cima, nos aposentos de meu senhor – Theon a avisou. – Homens de Ramsay. – Ele não ousava chamá-los de Rapazes do Bastardo, não ali. Nunca se sabia quem podia estar escutando. – Mantenha a cabeça baixa e o capuz erguido.

– Faça como ele diz, Holly – falou Rowan. – Alguns deles podem reconhecer seu rosto. Não precisamos de problemas.

Theon liderou o caminho pelas escadas. *Subi estes degraus milhares de vezes antes*. Quando era garoto, subia correndo; descendo, pulava os degraus de três em três. Uma vez, saltou em cima da Velha Ama e a derrubou no chão. Aquilo lhe garantira a maior surra que já levara em

Winterfell, embora fosse quase afetuosa se comparada com os espancamentos que seus irmãos costumavam lhe proporcionar em Pyke. Ele e Robb haviam lutado várias batalhas heroicas naqueles degraus, batendo um no outro com espadas de madeira. Um bom treino, aquele; fazia perceber quão difícil era lutar em uma escada em espiral contra um opositor determinado. Sor Rodrik costumava dizer que um bom homem podia enfrentar uma centena, lutando escada abaixo.

Mas isso fora havia muito tempo. Estavam todos mortos, agora. Jory, o velho Sor Rodrik, Lorde Eddard, Harwin, Hullen, Cayn, Desmond, o Gordo Tom, Alyn, com seus sonhos de se tornar cavaleiro, Mikken, que lhe dera a primeira espada de verdade. Até a Velha Ama, provavelmente.

E Robb. Robb, que fora mais um irmão para Theon do que qualquer filho nascido dos quadris de Balon Greyjoy. *Assassinado no Casamento Vermelho, massacrado pelos Frey. Eu deveria ter estado com ele. Onde eu estava? Eu deveria ter morrido com ele.*

Theon parou tão repentinamente que Willow quase se chocou contra suas costas. A porta dos aposentos de dormir de Ramsay estava diante dele. E, de guarda, estavam dois dos Rapazes do Bastardo, Alyn Azedo e Grunhido.

*Os antigos deuses devem nos querer bem*. Grunhido não tinha língua e Alyn Azedo não tinha juízo, Lorde Ramsay costumava dizer. Um era brutal, o outro pretendia ser, mas ambos passaram a maior parte de suas vidas a serviço de Forte do Pavor. Faziam o que lhes era dito.

– Tenho água quente para a Senhora Arya – Theon falou para eles.

– Tente lavar a si mesmo, Fedor – disse Alyn Azedo. – Você tem cheiro de mijo de cavalo. – Grunhido grunhiu, concordando. Ou talvez aquele barulho pretendesse ser uma risada. Mas Alyn destrancou a porta do quarto de dormir, e Theon levou as mulheres para dentro.

Nenhum dia amanhecera dentro daquele quarto. As sombras cobriam tudo. Uma última tora crepitava fracamente entre as brasas da lareira, e uma vela tremeluzia na mesa ao lado da cama amassada e vazia. *A garota se foi*, Theon pensou. *Ela se atirou da janela, em desespero*. Mas as janelas estavam fechadas por causa da tempestade, seladas por uma crosta de neve congelada.

– Onde ela está? – perguntou Holly. Suas irmãs esvaziaram os baldes em uma grande banheira redonda de madeira. Frenya fechou a porta do

quarto e apoiou as costas contra ela. – *Onde ela está?* – Holly perguntou novamente. Do lado de fora, um berrante tocava. *Uma trombeta. Os Frey se reunindo para a batalha*. Theon podia sentir uma coceira nos dedos que faltavam.

Então ele a viu. Estava encolhida no canto mais escuro do quarto, no chão, enrolada como uma bola, embaixo de uma pilha de peles de lobo. Theon poderia nunca ter notado sua presença, se ela não tivesse se movido. Jeyne puxara as peles sobre si para se esconder. *De nós? Ou estava esperando o senhor seu marido?* A ideia de que Ramsay poderia estar vindo quase o fez gritar.

– Minha senhora. – Theon não podia chamá-la de Arya e não ousava chamá-la de Jeyne. – Não precisa se esconder. Elas são amigas.

As peles se mexeram. Um olho espiou, brilhando com lágrimas. *Escuro, escuro demais. Um olho castanho*.

– Theon?

– Senhora Arya. – Rowan se aproximou. – Precisa vir conosco, e rapidamente. Viemos levá-la para seu irmão.

– Irmão? – O rosto da garota emergiu de baixo das peles de lobos. – Eu... eu não tenho irmãos.

*Ela esqueceu quem é. Ela esqueceu seu nome.*

– É verdade – disse Theon –, mas você teve irmãos um dia. Três deles. Robb, Bran e Rickon.

– Estão mortos. Não tenho irmãos agora.

– Você tem um meio-irmão – Rowan falou. – Lorde Corvo, é ele.

– Jon Snow?

– Vamos levá-lo até ele, mas precisa vir imediatamente.

Jeyne puxou as peles de lobos até o queixo.

– Não. Isso é algum truque. Foi ele, foi meu... meu senhor, meu doce senhor quem mandou vocês, só para fazer algum teste e se assegurar de que o amo. Eu o amo, eu o amo, amo mais do que qualquer coisa. – Uma lágrima rolou por seu rosto. – Diga para ele, você, diga para ele. Farei o que ele quiser... o que quer que seja... com ele ou... ou com o cão ou... por favor... ele não precisa cortar meu pé fora, não tentarei fugir, nunca, eu lhe darei filhos, eu juro, eu juro...

Rowan assobiou suavemente.

– Que os deuses amaldiçoem esse homem.

– Sou uma *boa* garota – Jeyne choramingou. – Eles me *treinaram*.

Willow fez uma careta.

– Alguém faça-a parar de chorar. O guarda é mudo, não surdo. Vão escutar.

– *Levante*-a, Vira-Casaca. – Holly tinha a faca na mão. – Levante-a, ou eu farei isso. *Temos que ir*. Coloque a bucetinha em pé e chacoalhe um pouco de coragem nela.

– E se ela gritar? – perguntou Rowan.

*Estamos todos mortos*, Theon pensou. *Eu disse para elas que era uma tolice, mas ninguém me escutou.* Abel as havia condenado. Todos os cantores eram meio loucos. Nas canções, o herói salvava a donzela do castelo do monstro, mas a vida não era uma canção, não mais do que Jeyne era Arya Stark. *Os olhos dela são da cor errada. E não há heróis aqui, apenas putas*. Mesmo assim, ajoelhou-se ao lado dela, puxou as peles, tocou seu rosto.

– Você me conhece. Sou Theon, você lembra. Conheço você também. Sei seu nome.

– Meu nome? – Ela abanou a cabeça. – Meu nome... é...

Ele colocou um dedo nos lábios dela.

– Falaremos sobre isso mais tarde. Precisa ficar quieta agora. Venha conosco. Comigo. Vamos tirá-la daqui. Para longe dele.

Ela arregalou os olhos.

– Por favor – murmurou. – Oh, por favor.

Theon deu a mão para ela. Os tocos de seus dedos perdidos formigavam enquanto a ajudava a ficar em pé. As peles de lobo deslizaram para o chão. Sob elas, a garota estava nua, seus pequenos seios claros cobertos com marcas de dentes. Ele ouviu uma das mulheres puxar a respiração. Rowan empurrou um monte de roupas nas mãos dele.

– Vista-a. Está frio lá fora.

Esquilo estava só de roupas íntimas e revirava um baú de cedro esculpido em busca de algo mais quente. No fim, vestiu um dos gibões acolchoados de Lorde Ramsay e um par de calções bem-cortados que batiam em suas pernas como as velas de um navio na tempestade.

Com a ajuda de Rowan, Theon vestiu Jeyne Poole com as roupas de Esquilo. *Se os deuses forem bons e os guardas forem cegos, ela pode passar*.

– Agora vamos sair e descer a escada – Theon explicou para a garota. – Mantenha a cabeça baixa e o capuz erguido. Siga Holly. Não corra, não chore, não fale, não olhe ninguém nos olhos.

– Fique perto de mim – Jeyne pediu. – Não me deixe.

– Estarei bem ao seu lado – Theon prometeu, enquanto Esquilo entrava na cama da Senhora Arya e se cobria com os lençóis.

Frenya abriu a porta do quarto.

– Deu uma boa lavada nela, Fedor? – perguntou Alyn Azedo quando saíram. Grunhido apertou o seio de Willow quando ela saiu. Tiveram sorte com a escolha dele. Se o homem tivesse tocado em Jeyne, ela poderia ter gritado. Então Holly teria que abrir a garganta dele com a faca escondida em sua manga. Willow simplesmente contorceu o corpo e seguiu adiante.

Por um momento, Theon quase sentiu vertigens. *Eles não olharam. Eles não viram. Passamos com a garota por eles!*

Mas, nos degraus, o medo voltou. E se encontrassem Peleiro ou Damon Dance-para-Mim, ou então Walton Pernas de Aço? Ou o próprio Ramsay? *Deuses, me salvem. Não Ramsay, qualquer um menos ele*. Qual a vantagem de contrabandear a garota para fora do quarto? Ainda estavam dentro do castelo, com cada portão fechado e selado, e as ameias lotadas de sentinelas. Provavelmente, os guardas do lado de fora da fortaleza os parariam. Holly e sua faca teriam pouca utilidade contra seis homens em cotas de malha, com espada e lança.

Mas os guardas do lado de fora estavam amontoados ao lado das portas, de costas para o vento gelado e para a neve que soprava. Mesmo o oficial não deu mais do que uma rápida olhada neles. Theon sentiu uma pontada de pena dele e de seus homens. Ramsay esfolaria todos eles quando soubesse que sua noiva se fora, e o que faria com Grunhido e Alyn Azedo era melhor nem pensar.

A menos de dez metros da porta, Rowan jogou o balde vazio, e suas irmãs fizeram o mesmo. A Grande Fortaleza estava fora de vista. O pátio era um deserto branco, cheio de sons indistintos que ecoavam de modo estranho no meio da tempestade. As trincheiras geladas se erguiam em volta deles, na altura do joelho, então na cintura, e então mais altas que suas cabeças. Estavam no coração de Winterfell, com o castelo ao seu redor, mas não conseguiam ver nada disso. Podiam facilmente estar

perdidos na Terra de Sempre Inverno, mais de cinco mil quilômetros para lá da Muralha.

– Está frio – Jeyne Poole choramingou enquanto caminhava com dificuldade ao lado de Theon.

*E logo estará mais frio*. Além das muralhas do castelo, o inverno aguardava com seus dentes gelados. *Se chegarmos tão longe*.

– Por aqui – disse, quando chegaram a um cruzamento no qual três valas se encontravam.

– Frenya, Holly, vão com eles – disse Rowan. – Vamos ficar com Abel. Não esperem por nós. – E, com isso, virou-se e partiu na neve, em direção ao Grande Salão. Willow e Myrtle correram atrás dela, mantos se agitando ao vento.

*Plano louco e ainda mais louco*, pensou Theon Greyjoy. A fuga parecia improvável com todas as seis mulheres de Abel; com duas apenas, parecia impossível. Mas haviam ido longe demais para devolver a garota ao seu quarto e fingir que nada havia acontecido. Em vez disso, ele pegou Jeyne pelo braço e a levou até o Portão das Ameias. *Apenas meio portão*, lembrou a si mesmo. *Mesmo se os guardas nos deixarem passar, não tem como atravessar a muralha exterior.* Em outras noites, os guardas haviam permitido que Theon passasse, mas todas as vezes estivera sozinho. Não passaria tão facilmente com três servas a reboque, e se os guardas olhassem sob o capuz de Jeyne e reconhecessem a noiva de Lorde Ramsay...

A passagem virava para a esquerda. Então, diante deles, atrás de um véu de neve que caía, estava o Portão das Ameias, flanqueado por um par de guardas. Em lãs, peles e couros, pareciam tão grandes quanto ursos. As lanças que seguravam tinham dois metros e meio de altura.

– Quem vem aí? – um deles gritou. Theon não reconheceu a voz. A maior parte das feições do homem estava coberta com um cachecol. Apenas os olhos podiam ser vistos. – Fedor, é você?

*Sim*, pretendia dizer. Em vez disso, ouviu-se responder:

– Theon Greyjoy. Eu... eu trouxe algumas mulheres para vocês.

– Vocês, pobres rapazes, devem estar congelando – disse Holly. – Aqui, deixe-me aquecer você. – Deslizou pela ponta da lança do guarda e chegou até seu rosto, abaixando o cachecol semicongelado para plantar um beijo em sua boca. E, quando seus lábios se tocaram, a lâmina dela

deslizou pela carne do pescoço dele, bem abaixo da orelha. Theon viu os olhos do homem se arregalarem. Havia sangue nos lábios de Holly quando deu um passo para trás, e sangue escorrendo da boca dele quando o homem caiu.

O segundo guarda ainda olhava sem entender o que acontecia, quando Frenya agarrou a haste de sua lança. Lutaram por um momento, puxando e empurrando, até que a mulher arrancou a arma da mão dele e o acertou na têmpora com o cabo. Quando ele caiu de costas, ela girou a lança e a enfiou em sua barriga com um grunhido.

Jeyne Poole deu um grito alto e estridente.

– Oh, merda – falou Holly. – Isso vai trazer os ajoelhadores até nós, não tenham dúvida. *Corram!*

Theon colocou uma mão sobre a boca de Jeyne, agarrando-a pela cintura com a outra, puxou-a pelo guarda morto e pelo moribundo, passando pelo portão e sobre o fosso congelado. E talvez os antigos deuses estivessem olhando por eles; a ponte levadiça fora deixada abaixada, para permitir que os guardas de Winterfell cruzassem para as ameias externas mais rapidamente. Atrás deles era possível ouvir alarmes e o som de passos correndo, e então o sopro de uma trombeta partindo do parapeito da muralha interna.

Na ponte levadiça, Frenya parou e se virou.

– Vão em frente. Eu manterei os ajoelhadores aqui. – A lança ensanguentada ainda estava em suas grandes mãos.

Theon cambaleava quando chegaram ao pé da escada. Jogou a garota sobre seu ombro e começou a subir. Jeyne parara de se debater e, além disso, era uma coisinha... mas os degraus estavam escorregadios com o gelo sob a neve macia, e na metade do caminho ele perdeu o passo e caiu duramente sobre um joelho. A dor foi tanta que quase largou a garota e, por meio segundo, temeu que aquilo fosse o máximo que conseguiria seguir. Mas Holly o ajudou a ficar em pé e, entre os dois, finalmente levaram Jeyne até as ameias.

Quando se inclinou contra um merlão, respirando com dificuldade, Theon pôde ouvir os gritos vindos de baixo, onde Frenya lutava com meia dúzia de guardas na neve.

– Qual o caminho? – gritou para Holly. – Aonde vamos agora? *Como vamos sair?*

A fúria no rosto de Holly se transformou em terror.

– Oh, puta que o pariu. A corda. – Deu uma risada histérica. – *Frenya está com a corda*. – Então grunhiu e agarrou o estômago. Uma flecha brotava de sua barriga. Quando enrolou uma mão em torno da ponta, o sangue escorreu por seus dedos. – Ajoelhadores na muralha interna... – suspirou, antes que uma segunda flecha aparecesse entre seus seios. Holly se agarrou ao merlão mais próximo e caiu. A neve que se soltou com o impacto do seu corpo a enterrou com um *baque* suave.

Gritos vinham pela esquerda. Jeyne Poole olhava fixamente para Holly enquanto o cobertor de neve sobre ela passava de branco para vermelho. Na muralha interna, os besteiros estavam recarregando, Theon sabia. Virou-se para a direita, mas havia homens vindo daquele lado também, correndo na direção deles com espadas na mão. Bem distante, ao norte, ouviu o som de um berrante de guerra. *Stannis*, pensou, descontroladamente. *Stannis é nossa única esperança, se pudermos chegar até ele.* O vento uivava, e ele e a garota estavam presos.

A besta disparou. A flecha passou a menos de trinta centímetros dele, estilhaçando a crosta de neve congelada que se acumulava no parapeito mais próximo. Não havia sinal de Abel, Rowan, Esquilo e as outras. Ele e a garota estavam sozinhos. *Se nos pegarem com vida, vão nos entregar a Ramsay.*

Theon agarrou Jeyne pela cintura e pulou.

# Daenerys

O céu era de um azul sem piedade, sem um fiapo de nuvem à vista. *Os tijolos logo estarão assando ao sol*, Dany pensou. *Lá embaixo, nas areias, os lutadores sentirão o calor pelas solas de suas sandálias.*

Jhiqui deslizou a túnica de seda pelos ombros da rainha, e Irri a ajudou a entrar na piscina de banho. A luz do sol que nascia brilhava na água, interrompida pelas sombras do caquizeiro.

– Mesmo que a arena deva abrir, Vossa Graça precisa ir até lá? – perguntou Missandei, enquanto lavava o cabelo de Dany.

– Metade de Meereen estará lá para me ver, coração gentil.

– Vossa Graça – falou Missandei –, esta uma pede licença para dizer que metade de Meereen estará lá para ver homens sangrarem e morrerem.

*Ela não está errada*, a rainha sabia, *mas não faz diferença.*

Logo Dany estava tão limpa como sempre. Ficou em pé, espalhando a água suavemente. Gotas corriam por suas pernas e cobriam seus seios como pequenas pérolas. O sol se erguia no céu, e logo seu povo se reuniria. Ela preferia passar o dia na perfumada piscina, comendo frutas geladas de bandejas de prata e sonhando com uma casa com portas vermelhas, mas uma rainha pertence ao seu povo, não a si mesma.

Jhiqui trouxe uma toalha macia para secá-la.

– *Khaleesi*, que *tokar* quer vestir hoje? – perguntou Irri.

– O de seda amarela. – A rainha dos coelhos não podia ser vista sem suas orelhas de abano. A seda amarela era leve e fresca, e estaria fervendo lá embaixo, na arena. *As areias vermelhas queimarão os pés daqueles prestes a morrer.* – E, em cima dele, os longos véus vermelhos. – Os véus impediriam que o vento soprasse areia em sua boca. *E o vermelho esconderá qualquer respingo de sangue.*

Enquanto Jhiqui escovava os cabelos de Dany e Irri pintava as unhas da rainha, as aias conversavam alegremente sobre as disputas do dia. Missandei voltou.

– Vossa Graça. O rei a convida a se juntar a ele quando estiver vestida. E o Príncipe Quentyn veio com seus Homens Dornenses. Imploram por uma palavra, se for de seu agrado.

*Pouca coisa neste dia pode ser do meu agrado.*

– Outro dia.

Na base da Grande Pirâmide, Sor Barristan aguardava por eles ao lado de um palanquim aberto ornamentado, cercado por Bestas de Bronze. *Sor Vovô*, Dany pensou. Apesar de sua idade, ele parecia alto e bonito na armadura que ela lhe dera.

– Ficarei mais feliz se tiver guardas Imaculados por perto hoje, Vossa Graça – o velho cavaleiro disse enquanto Hizdahr cumprimentava o primo. – Metade destas Bestas de Bronze são libertos inexperientes. – *E a outra metade são meereeneses de lealdade duvidosa*, deixou sem dizer. Selmy desconfiava de todos os meereeneses, mesmo os cabeças-raspadas.

– E permanecerão inexperientes, a menos que os usemos.

– Uma máscara pode esconder muitas coisas, Vossa Graça. O homem por trás da máscara de coruja é o mesmo que foi seu guarda ontem e no dia anterior? Como podemos saber?

– Como Meereen vai confiar nas Bestas de Bronze se eu não confio? Há homens bons e corajosos atrás dessas máscaras. Ponho minha vida nas mãos deles. – Dany sorriu para o cavaleiro. – Você se preocupa demais, sor. Terei você ao meu lado, que outra proteção preciso?

– Sou um homem velho, Vossa Graça.

– Belwas, o Forte, estará comigo também.

– Como queira. – Sor Barristan baixou a voz. – Vossa Graça, libertamos a mulher Meris, como ordenou. Antes de partir, ela pediu para falar com você. Encontrei-me com ela em seu lugar. Ela afirma que o Príncipe Esfarrapado pretendia trazer os Soprados pelo Vento para a sua causa desde o início. Que ele a enviou para tratar com você secretamente, mas os dornenses os desmascararam e os traíram antes que ela pudesse fazer sua própria abordagem.

*Traição da traição*, a rainha pensou, cansada. *Não há fim para isso?*

– Em quanto disso acredita, sor?

– Pouco e ainda menos, Vossa Graça, mas essas foram as palavras dela.

– Eles virão para nosso lado, se for preciso?

– Ela diz que sim. Mas por um preço.

– Pague-o. – Meereen precisava de aço, não de ouro.

– O Príncipe Esfarrapado quer mais do que dinheiro, Vossa Graça. Meris diz que ele quer Pentos.

– Pentos? – Os olhos dela se estreitaram. – Como vou lhe dar Pentos? Está a meio mundo de distância.

– Ele poderia estar disposto a esperar, a mulher Meris sugeriu. Até que marchemos para Westeros.

*E se eu nunca marchar para Westeros?*

– Pentos pertence aos pentoshis. E o Magíster Illyrio está em Pentos. Foi ele quem arranjou meu casamento com Khal Drogo e me deu os ovos de dragão. Quem me enviou você, Belwas e Groleo. Devo muito e ainda mais a ele. Não pagarei essa dívida dando a cidade dele para algum mercenário. Não.

Sor Barristan inclinou a cabeça.

– Vossa Graça é sábia.

– Já viu algum dia mais auspicioso, meu amor? – Hizdahr zo Loraq comentou, quando ela se reuniu a ele. Ajudou Dany a subir no palanquim, onde dois tronos altos estavam lado a lado.

– Auspicioso para você, talvez. Menos para aqueles que devem morrer antes que o sol se ponha.

– Todos os homens devem morrer – disse Hizdahr –, mas nem todos conseguem morrer em glória, com os aplausos da cidade soando em seus ouvidos. – Ergueu a mão para os soldados nas portas. – Abram.

A praça em frente à pirâmide era pavimentada com tijolos de muitas cores, e o calor subia deles em ondas cintilantes. As pessoas vinham de todos os lados. Alguns estavam em liteiras ou cadeirinhas, outros eram levados por burros, muitos estavam a pé. Nove em cada dez seguiam para oeste, pela ampla via pública pavimentada que levava à Arena Daznak. Quando viram sinal do palanquim saindo da pirâmide, aplausos vieram dos que estavam mais próximos e se espalharam pela praça. *Que estranho*, a rainha pensou. *Estão me aplaudindo na mesma praça em que empalei cento e sessenta e três Grandes Mestres.*

Um grande tambor liderava a procissão real, para abrir caminho pelas ruas. Entre cada batida, um arauto cabeça-raspada em uma camisa de discos de cobre polido gritava para a multidão se afastar. *BUM*.

– Estão vindo! – *BUM*. – Abram caminho! – *BUM*. – A rainha! – *BUM*. – O rei! – *BUM*.

Atrás do tambor marchavam Bestas de Bronze, em fileiras de quatro. Alguns levavam bastões, outros, clavas; todos vestiam saias plissadas, sandálias de couro e mantos de retalhos quadrados costurados de muitas cores, para combinar com os tijolos multicoloridos de Meereen. Suas máscaras brilhavam ao sol: javalis e touros, falcões e garças, leões, tigres e ursos, serpentes de línguas bifurcadas e hediondos basiliscos.

Belwas, o Forte, que não tinha nenhum amor por cavalos, andava na frente deles, com seu colete cravejado e sua barriga marrom, marcada por cicatrizes, balançando a cada passo. Irri e Jhiqui seguiam a cavalo, com Aggo e Rakharo, e depois Reznak em uma cadeirinha ornamentada com um toldo, para manter o sol afastado de sua cabeça. Sor Barristan Selmy cavalgava ao lado de Dany, sua armadura resplandecendo ao sol. Um longo manto saía de seus ombros, branco como osso. Em seu braço esquerdo estava um grande escudo branco. Um pouco atrás estava Quentyn Martell, o príncipe dornense, com seus dois companheiros.

A coluna arrastava-se lentamente pela comprida rua de tijolos. *BUM*.

– Estão vindo! – *BUM*. – Nossa rainha. Nosso rei. – *BUM* – Abram caminho!

Dany podia ouvir as aias discutindo atrás dela, debatendo sobre quem ganharia a disputa final do dia. Jhiqui preferia o gigantesco Goghor, que parecia mais um touro do que um homem, até com um anel de bronze no nariz. Irri insistia que o mangual de Belaquo Quebra-Ossos destruiria o gigante. *Minhas aias são dothrakis*, disse para si mesma. *A morte cavalga com cada* khalasar. No dia em que se casara com Khal Drogo, os *arakhs* brilhavam em seu banquete nupcial, e homens morriam enquanto outros bebiam e acasalavam. Vida e morte andavam de mãos dadas entre os senhores dos cavalos, e um respingo de sangue servia para abençoar um casamento. Seu novo casamento logo seria banhado em sangue. Que abençoado seria.

*BUM, BUM, BUM, BUM, BUM, BUM*, vieram as batidas de tambor, mais rápidas do que antes, repentinamente irritadas e impacientes. Sor

Barristan desembainhou a espada quando a coluna fez uma parada repentina entre a pirâmide rosa e branca de Pahl e a verde e negra de Naqqan.

Dany se virou.

– Por que paramos?

Hizdahr se levantou.

– O caminho está bloqueado.

Um palanquim havia tombado no meio da rua. Um de seus carregadores havia caído nos tijolos, vencido pelo calor.

– Ajudem aquele homem. – Dany ordenou. – Tirem-no da rua antes que seja pisoteado, e deem água e comida para ele. Tem a aparência de quem não come há uma quinzena.

Sor Barristan olhava inquieto para a esquerda e para a direita. Rostos ghiscaris eram visíveis nos terraços, olhando para baixo com olhos frios e insensíveis.

– Vossa Graça, não gosto desta parada. Pode ser algum tipo de armadilha. Os Filhos da Harpia...

– ... foram domados – declarou Hizdahr zo Loraq. – Por que iriam querer ferir minha rainha, quando ela me tomou para seu rei e consorte? Agora, ajudem aquele homem, como minha doce rainha ordenou. – Ele pegou a mão de Dany e sorriu.

As Bestas de Bronze fizeram como lhes foi dito. Dany observou-os trabalhar.

– Esses carregadores eram escravos antes da minha chegada. Eu os libertei. Mesmo assim, o palanquim não ficou mais leve.

– Verdade – disse Hizdahr –, mas esses homens são pagos para carregar este peso, agora. Antes da sua vinda, o homem que caísse teria um capataz ao lado dele, tirando-lhe a pele das costas com um chicote. Em vez disso, está sendo ajudado.

Era verdade. Uma Besta de Bronze com máscara de javali oferecera um odre de água para o carregador.

– Suponho que devo ser grata pelas pequenas vitórias – a rainha falou.

– Um passo e depois o seguinte, e logo estaremos correndo. Juntos, faremos uma nova Meereen. – A rua finalmente estava liberada. – Vamos seguir?

O que podia fazer além de concordar? *Um passo e depois o seguinte, mas para onde estou indo?*

Nos portões da Arena de Daznak, dois guerreiros de bronze permaneciam em pose de combate mortal. Um empunhava uma espada, o outro, um machado; o escultor tinha representado os homens no ato de matar um ao outro, com a lâmina e o corpo deles formando um arco sobre a cabeça das pessoas que entravam na arena.

*A arte mortal*, pensou Dany.

Ela havia visto as arenas de luta muitas vezes de seu terraço. As pequenas salpicavam a face de Meereen como marcas de varíola; as maiores eram feridas purulentas, vermelhas e cruas. Mas nenhuma se comparava a esta. Belwas, o Forte, e Sor Barristan ficaram um de cada lado enquanto ela e o senhor seu marido passavam por baixo da arcada de bronze, para emergir no topo de uma grande bacia de tijolos cercada por fileiras descendentes de bancos, cada fila de uma cor.

Hizdahr zo Loraq levou-a para baixo, através do negro, púrpura, azul, verde, branco, amarelo e laranja, até o vermelho, onde os tijolos escarlate tinham a cor das areias abaixo. Ao redor deles, ambulantes vendiam linguiças de cachorro, cebolas assadas e filhotes não nascidos em um espeto, mas Dany não precisava daquilo. Hizdahr trouxera caixas com jarros de vinho gelado e água doce, além de figos, tâmaras, melões, romãs, nozes, pimentas e uma grande travessa de gafanhotos no mel. Belwas, o Forte, exclamou *Gafanhotos!*, pegou a travessa e começou a comê-los aos punhados.

– Estão muito saborosos – avisou Hizdahr. – Devia experimentar um pouco, meu amor. São passados em especiarias antes do mel, então são doces e picantes ao mesmo tempo.

– Isso explica o jeito que Belwas está suando – Dany falou. – Acho que vou me contentar com figos e tâmaras.

Do outro lado da arena, as Graças estavam sentadas com suas túnicas de muitas cores, ao redor da austera figura de Galazza Galare, a única entre elas a vestir o verde. Os Grandes Mestres de Meereen ocupavam os bancos vermelhos e laranja. As mulheres usavam véus, e os homens haviam penteado e laqueado seus cabelos em formatos de chifres, mãos e espigões. Todos os parentes de Hizdahr, da ancestral linhagem de Loraq, pareciam usar *tokars* de cor púrpura, índigo e lilás, enquanto os de Pahl

vestiam listras rosa e brancas. Os enviados de Yunkai estavam todos de amarelo, e enchiam o camarote ao lado do rei, cada um deles com seus escravos e servos. Meereeneses de nascimento mais baixo lotavam as filas mais acima, mais distantes da carnificina. Os bancos de cor negra e púrpura, mais altos e mais afastados da areia, estavam cheios com libertos e outras pessoas do povo. Os mercenários haviam sido colocados ali também, Daenerys notou, com os capitães sentados entre os soldados comuns. Ela espiou o rosto marcado pelas intempéries de Ben Mulato, e o feroz e vermelho bigode e as longas tranças de Barbassangrenta.

O senhor seu marido se levantou e ergueu as mãos.

– *Grandes Mestres!* Minha rainha veio até aqui hoje para demonstrar o amor dela por vocês, seu povo. Por sua graça e com seu consentimento, darei para vocês, agora, sua arte mortal. Meereen! Deixem a Rainha Daenerys ouvir o amor de vocês!

Dez mil gargantas rugiram seus agradecimentos; então vinte mil; então todas. Não diziam seu nome, que poucos conseguiam pronunciar. *Mãe!*, gritavam, em vez disso; na velha língua morta de Ghis, a palavra era *Mhysa!* Batiam os pés, davam tapas na barriga e gritavam *Mhysa, Mhysa, Mhysa*, até que a arena inteira pareceu tremer. Dany deixou o som encobri-la. *Não sou a mãe de vocês*, poderia ter gritado de volta, *sou a mãe de seus escravos, de cada garoto que morreu sobre estas areias enquanto vocês se empanturravam de gafanhotos no mel*. Atrás dela, Reznak se inclinou para sussurrar em seu ouvido:

– Magnificência, ouça como eles a amam!

*Não*, ela sabia, *eles amam sua arte mortal*. Quando os aplausos começaram a diminuir, Dany se permitiu sentar. O camarote deles estava na sombra, mas sua cabeça latejava.

– Jhiqui – chamou –, água doce, se puder. Minha garganta está muito seca.

– Khrazz terá a honra da primeira morte do dia – Hizdahr contou para ela. – Nunca houve lutador melhor.

– Belwas, o Forte, era melhor – insistiu Belwas, o Forte.

Khrazz era meereenês, de nascimento humilde; um homem alto com um tufo de cabelo duro vermelho e negro saindo do meio da cabeça. Seu inimigo era um lanceiro de pele de ébano das Ilhas do Verão, cujas estocadas mantiveram Khrazz afastado por um tempo, mas assim que ele

deslizou para dentro da lança com sua espada curta só sobrou massacre. Depois que acabou, Khrazz cortou o coração do homem negro, ergueu-o sobre sua cabeça, vermelho e gotejante, e deu-lhe uma mordida.

– Khrazz acredita que o coração dos corajosos o deixará mais forte – comentou Hizdahr. Jhiqui murmurou em aprovação. Certa vez, Dany comera o coração de um garanhão para dar força ao seu filho não nascido... mas aquilo não salvara Rhaego quando a *maegi* o assassinou em seu útero. *Três traições você conhecerá. Ela foi a primeira, Jorah a segunda, Ben Mulato Plumm a terceira.* As traições teriam acabado?

– Ah – falou Hizdahr, satisfeito. – Agora vem Gato Malhado. Veja como ele se move, minha rainha. Um poema em dois pés.

O inimigo que Hizdahr encontrara para o poema andante era tão alto quanto Goghor e tão largo quanto Belwas, mas lento. Estavam lutando a dois metros do camarote de Dany quando o Gato Malhado cortou os tendões do outro homem. Quando o lutador caiu de joelhos, o Gato colocou um pé em suas costas e uma mão em cima de sua cabeça e abriu sua garganta de orelha a orelha. As areias vermelhas beberam seu sangue, o vento levou suas últimas palavras. A multidão gritou em aprovação.

– Mau lutando, bom morrendo – disse Belwas, o Forte. – Belwas, o Forte, odeia quando gritam. – Acabara com todos os gafanhotos no mel. Deu um arroto e tomou um gole de vinho.

Qartenos pálidos, negros das Ilhas do Verão, dothrakis com a pele acobreada, tyroshinos com barbas azuis, homens ovelhas, jogos nhai, bravosis rabugentos, meios-homens de pele tigrada das florestas de Sothoros – dos confins do mundo, vieram morrer na Arena de Daznak.

– Este aí é muito promissor, meu doce – Hizdahr comentou, sobre um jovem liseno de longo cabelo loiro que se agitava com o vento... mas seu inimigo agarrou um punhado desse cabelo, desequilibrou o rapaz e tirou suas vísceras. Na morte, ele parecia ainda mais jovem do que com uma espada na mão.

– Um garoto – disse Dany. – Era apenas um garoto.

– Dezesseis – Hizdahr insistiu. – Um homem feito, que livremente escolheu arriscar sua vida por ouro e glória. Nenhuma criança morre hoje em Daznak, como minha gentil rainha, em sua sabedoria, decretou.

*Outra pequena vitória. Talvez eu não possa tornar meu povo bom*, disse para si mesma, *mas posso tentar fazê-lo um pouco menos mau*. Daenerys teria proibido lutas entre mulheres, também, mas Barsena Cabelo Negro protestara que tinha tanto direito de arriscar a vida quanto qualquer homem. A rainha também desejara proibir as folias, combates cômicos nos quais aleijados, anões e anciãs lutavam uns contra os outros com clavas, tochas e martelos (quanto mais ineptos os lutadores, mais engraçada a folia), mas Hizdahr dissera que seu povo a amaria mais se risse com eles, e argumentou que, sem tais folias, os aleijados, anões e anciãs morreriam de fome. Então Dany cedera.

Havia sido costume sentenciar criminosos para as arenas; ela concordara em retomar aquela prática, mas apenas para determinados crimes.

– Assassinos e estupradores devem ser forçados a lutar, e todos aqueles que persistirem com a escravidão, mas não ladrões ou devedores.

Animais ainda eram permitidos, contudo. Dany viu um elefante dar cabo de uma matilha de seis lobos vermelhos. A seguir, um touro foi colocado para enfrentar um urso, em uma batalha sangrenta que deixou os dois animais dilacerados e moribundos.

– A carne não é desperdiçada – contou Hizdahr. – Os açougueiros usam as carcaças para fazer um saudável ensopado para os famintos. Qualquer homem que se apresentar no Portão do Destino ganha uma tigela.

– Uma boa lei – Dany dissera. *Vocês têm tão poucas assim*. – Temos que nos assegurar que essa tradição continue.

Depois das lutas dos animais, veio uma batalha simulada, entre seis homens a pé contra seis a cavalo, os primeiros armados com escudos e espadas longas, e os últimos com *arakhs* dothrakis. Os cavaleiros de mentira estavam vestidos com cotas de malha, enquanto os falsos dothrakis não usavam armaduras. Inicialmente, os homens a cavalo pareciam levar vantagem, cavalgando sobre dois de seus inimigos e cortando a orelha de um terceiro, mas então os cavaleiros sobreviventes começaram a atacar os cavalos e, um por um, os homens foram desmontados e mortos, para grande desgosto de Jhiqui.

– Isso não é um verdadeiro *khalasar* – comentou.

– Essas carcaças não são destinadas para seu saudável ensopado, espero – Dany falou, enquanto os mortos eram removidos.

– Os cavalos, sim – respondeu Hizdahr. – Os homens, não.

– Carne de cavalo e cebolas fazem você forte – falou Belwas.

A batalha foi seguida pela primeira folia do dia, dois anões que disputavam justas, apresentados por um dos senhores yunkaítas que Hizdahr convidara para os jogos. Um cavalgava um cão, outro uma porca. Suas armaduras de madeira estavam recém-pintadas, e um usava o veado do usurpador Robert Baratheon, o outro, o leão dourado da Casa Lannister. Aquilo era claramente por causa dela. Suas palhaçadas logo fizeram Belwas gargalhar, embora o sorriso de Dany fosse fraco e forçado. Quando o anão de vermelho caiu da sela e começou a perseguir sua porca pelas areias, enquanto o anão no cachorro galopava atrás dele cutucando seu traseiro com uma espada de madeira, ela disse:

– Isso é doce e tolo, mas...

– Seja paciente, meu doce – falou Hizdahr. – Estão prestes a soltar os leões.

Daenerys lhe deu um olhar zombeteiro.

– Leões?

– Três deles. Os anões não esperam por isso.

Ela franziu o cenho.

– Os anões têm espada de madeira. Armadura de madeira. Como espera que lutem contra leões?

– Mal – falou Hizdahr –, mas talvez nos surpreendam. É mais provável que gritem, corram e tentem sair escalando da arena. É o que faz disso uma folia.

Dany não estava satisfeita.

– Proíbo esse tipo de coisa.

– Gentil rainha. Você não quer desapontar seu povo.

– Você me jurou que os lutadores seriam homens feitos que haviam concordado livremente em arriscar a vida por ouro e honra. Estes anões não concordaram em lutar contra leões com espada de madeira. Pare isso. Agora.

O rei apertou os lábios. Por um segundo, Dany pensou ter visto um clarão de raiva naqueles olhos plácidos.

– Será como ordena. – Hizdahr acenou para o mestre da arena. – Nada de leões – disse, quando o homem trotou até ele, chicote na mão.

– Nenhum, Magnificência? Onde está a graça disso?

– Minha rainha falou. Os anões não serão feridos.

– A multidão não gostará disso.

– Então traga Barsena. Isso deve apaziguá-los.

– Vossa Veneração é quem sabe. – O mestre da arena agitou o chicote e gritou as ordens. Os anões foram retirados, porca, cão e tudo mais, enquanto os espectadores assobiavam sua desaprovação e atiravam pedras e frutas podres neles.

Um urro se ergueu quando Barsena Cabelo Negro caminhou pelas areias, nua, exceto por uma tanga e sandálias. Uma mulher alta e escura, com cerca de trinta anos, movia-se com a graça selvagem de uma pantera.

– Barsena é muito amada – Hizdarh falou, quando o som aumentou até encher a arena. – A mulher mais corajosa que já conheci.

Belwas, o Forte, disse:

– Lutar com garotas não é tão corajoso. Lutar contra Belwas, o Forte, seria corajoso.

– Hoje ela lutará contra um javali.

*Sim*, pensou Dany*, porque você não encontrou uma mulher para enfrentá-la, não importa quão cheia fosse a bolsa de dinheiro*.

– E não com uma espada de madeira, pelo que parece.

O javali era um animal imenso, com presas tão longas quanto o antebraço de um homem e olhos pequenos imersos em raiva. Dany se perguntava se o javali que matara Robert Baratheon teria parecido tão feroz. Uma criatura terrível, e uma morte terrível. Por um segundo, quase sentiu pena do Usurpador.

– Barsena é muito rápida – Reznak comentou. – Ela dançará com o javali, Magnificência, e o fatiará quando passar perto dela. Ele estará inundado de sangue antes de cair, você verá.

Começou do jeito que ele disse. O javali atacou, Barsena girou de lado, sua lâmina brilhando prateada no sol.

– Ela precisa de uma lança – Sor Barristan falou, quando Barsena desviou do segundo ataque do animal. – Isso não é jeito de enfrentar um javali. – Ele soava como o exigente e velho avô de alguém, como Daario sempre dizia.

A lâmina de Barsena já estava vermelha, mas o javali logo parou. *Ele é mais esperto que um touro*, Dany percebeu. *Ele não atacará novamente*.

Barsena chegou à mesma conclusão. Gritando, ela se aproximou do javali, jogando a faca de uma mão para a outra. Quando o animal se afastou, ela xingou e cortou seu focinho, tentando provocá-lo... e conseguiu. Desta vez a mulher saltou um instante atrasado, e a presa rasgou sua perna direita, do joelho até a virilha.

Um gemido saiu de trinta mil gargantas. Agarrando a perna rasgada, Barsena derrubou a faca e tentou fugir mancando, mas antes que andasse meio metro o javali estava sobre ela novamente. Dany virou o rosto.

– Isso foi corajoso o suficiente? – perguntou para Belwas, o Forte, quando um grito ecoou pela areia.

– Enfrentar porcos é corajoso, mas não é corajoso gritar tão alto. Machuca os ouvidos de Belwas, o Forte. – O eunuco esfregou sua barriga inchada, atravessada por velhas cicatrizes brancas. – Faz Belwas, o Forte, ficar doente da barriga, também.

O javali enterrou o focinho na barriga de Barsena e começou a arrancar suas entranhas. O cheiro era mais do que a rainha podia suportar. O calor, as moscas, os gritos da multidão... *Não posso respirar*. Levantou o véu e deixou-o voar longe. Tirou o *tokar* também. As pérolas soaram levemente, umas contra as outras, enquanto ela desenrolava a seda.

– *Khaleesi?* – Irri perguntou. – O que está fazendo?

– Tirando minhas orelhas de abano. – Uma dúzia de homens com lanças de javali veio trotando pela areia, para afastar o animal do cadáver e levá-lo de volta ao cercado. O mestre da arena estava entre eles, um longo chicote farpado na mão. Enquanto retiravam o javali, a rainha se levantou. – Sor Barristan, pode me levar em segurança de volta ao meu jardim?

Hizdahr parecia confuso.

– Ainda há mais por vir. Uma folia com seis mulheres idosas, e três lutas. Belaquo e Goghor!

– Belaquo vencerá – Irri declarou. – Isso é sabido.

– Isso *não* é sabido – Jhiqui falou. – Belaquo morrerá.

– Um morrerá, ou o outro – disse Dany. – E o que viver vai morrer outro dia. Isto foi um erro.

– Belwas, o Forte, comeu gafanhotos demais. – Havia uma expressão enjoada no rosto amplo e marrom de Belwas. – Belwas, o Forte, precisa de leite.

Hizdahr ignorou o eunuco.

– Magnificência, o povo de Meereen veio celebrar nossa união. Ouviu-os aplaudindo você. Não jogue fora o amor deles.

– Eram minhas orelhas de abano que aplaudiam, não eu. Tire-me deste abatedouro, esposo. – Ela podia ouvir o ronco do javali, os gritos dos lanceiros, o *estalar* do chicote do mestre da arena.

– Doce senhora, não. Fique um pouco mais. Para a folia e uma última luta. Feche seus olhos, ninguém verá. Estarão assistindo Belaquo e Ghogor. Não é hora para...

Uma sombra cruzou o rosto dele.

O tumulto e a gritaria morreram. Dez mil vozes silenciaram. Todos os olhos se voltaram para o céu. Um vento morno corou as bochechas de Dany, e sobre a batida de seu coração ela ouviu o som de asas. Os lanceiros trombavam uns nos outros, em busca de abrigo. O mestre da arena congelou onde estava. O javali foi fungando de volta para Barsena. Belwas, o Forte, deu um gemido, tropeçou em seu assento e caiu de joelhos.

Acima de todos eles, o dragão se virou, negro contra o sol. Suas escamas eram negras, seus olhos, chifres e chapas da coluna espinhal eram vermelho-sangue. Ainda que sempre tivesse sido o maior dos três, na natureza Drogon ficara ainda maior. Suas asas abertas tinham seis metros de ponta a ponta, negras como azeviche. Ele as bateu uma vez quando mergulhou sobre a areia, e o som era como o estalar de um trovão. O javali ergueu a cabeça, fungando... e a chama o engoliu, fogo negro e vermelho. Dany sentiu a onda de calor a dez metros de distância. Os gritos do animal moribundo soavam quase humanos. Drogon aterrissou sobre a carcaça e enfiou as garras na carne defumada. Quando começou a comer, não fazia distinção entre Barsena e o javali.

– Oh, deuses – gemeu Reznak –, ele a está comendo! – O senescal cobriu a boca. Belwas, o Forte, estava vomitando ruidosamente. Um estranho olhar passou pelo rosto comprido e pálido de Hizdahr zo Loraq; parte medo, parte luxúria, parte arrebatamento. Ele lambeu os lábios. Dany podia ver os Pahl subindo os degraus, agarrando seus *tokars* e tropeçando nas franjas na pressa de se afastar. Outros os seguiam. Alguns corriam, empurrando um ao outro. A maioria ficou nas arquibancadas.

Um homem tomou para si a tarefa de bancar o herói.

Era um dos lanceiros enviados para levar o javali de volta ao cercado. Talvez estivesse bêbado, ou louco. Talvez amasse Barsena Cabelo Negro havia muito tempo, ou tivesse ouvido algum sussurro sobre a menina Hazzea. Talvez fosse apenas um homem comum que quisesse que bardos cantassem sobre ele. Avançou com a lança de javali nas mãos. A areia vermelha erguia-se embaixo de seus calcanhares, e gritos elevavam-se das arquibancadas. Drogon levantou a cabeça, sangue pingando dos dentes. O herói pulou nas costas do dragão e desceu a ponta de ferro da lança na base de seu longo pescoço escamado.

Dany e Drogon gritaram em uníssono.

O herói inclinou-se sobre a lança, usando seu peso para enterrar a ponta mais profundamente. Drogon arqueou-se para cima, com um silvo de dor. Sua cauda ia de um lado para o outro. Dany viu a cabeça do animal se erguer na extremidade do longo pescoço de serpente, viu as asas negras se abrirem. O matador de dragão se desequilibrou e caiu na areia. Estava tentando se levantar quando os dentes do dragão se fecharam com força ao redor de seu antebraço.

– Não – foi tudo o que o homem teve tempo de gritar. Drogon arrancou o braço do ombro e o atirou de lado como um cão arrancaria um rato de sua toca.

– Matem-no – Hizdahr zo Loraq gritou para os outros lanceiros. – *Matem a besta!*

Sor Barristan segurou-a com firmeza.

– Olhe para o outro lado, Vossa Graça.

– Deixe-me! – Dany escapou dele. O mundo parecia se mover lentamente quando ela pulou o parapeito. Quando aterrissou na arena, perdeu uma sandália. Correndo, podia sentir a areia entre seus dedos, quente e áspera. Sor Barristan gritava atrás dela. Belwas, o Forte, ainda estava vomitando. Ela correu mais rápido.

Os lanceiros estavam correndo também. Alguns avançavam em direção ao dragão, lança na mão. Outros fugiam, jogando suas armas enquanto escapavam. O herói estava tendo espasmos na areia, o sangue brilhante se derramando do pedaço arrancado em seu ombro. Sua lança continuava nas costas de Drogon, balançando quando o dragão batia as asas. Fumaça erguia-se da ferida. Quando as outras lanças se aproximaram, o dragão cuspiu fogo, banhando dois homens em chama negra. Sua cauda

chicoteava de lado, e pegou o mestre da arena que se arrastava atrás dele, quebrando o homem em dois. Outro atacante tentava apunhalar seus olhos, até que o dragão o pegou entre suas mandíbulas e arrancou sua barriga. O meereeneses gritavam, xingavam, uivavam. Dany podia ouvir passos atrás dela.

– Drogon – gritou. – *Drogon.*

Ele virou a cabeça. Fumaça saía por entre seus dentes. Onde pingava no chão, seu sangue soltava fumaça também. Bateu as asas novamente, levantando uma asfixiante tempestade de areia escarlate. Dany tropeçou na quente nuvem vermelha, tossindo. Ele avançou.

– Não – foi tudo o que ela teve tempo de dizer. *Não, não eu, você não me reconhece?* Os dentes negros se fecharam a centímetros do rosto dela. *Ele queria arrancar minha cabeça*. Os olhos dela estavam cheios de areia. Tropeçou sobre o cadáver do mestre da arena e caiu de costas.

Drogon rugiu. O som encheu a arena. Um vento quente a engoliu. O longo pescoço escamado do dragão se esticou na direção dela. Quando sua boca se abriu, ela pôde ver pedaços de ossos quebrados e carne queimada entre seus dentes. Os olhos dele pareciam ferver. *Estou olhando dentro do inferno, mas não ouso afastar o olhar.* Nunca tivera tanta certeza de alguma coisa. *Se eu correr dele, ele vai me queimar e me devorar.* Em Westeros, os septões falavam sobre os sete infernos e os sete paraísos, mas os Sete Reinos e seus deuses estavam muito longe. Se morresse aqui, Dany se perguntava, o deus-cavalo dos dothrakis viria pela grama para reivindicá-la para seu *khalasar* estrelado e então ela poderia cavalgar pelas terras da noite ao lado de seu sol-e-estrelas? Ou os deuses zangados de Ghis enviariam suas harpias para apanhar sua alma e arrastá-la para o tormento? Drogon rugiu em seu rosto, seu hálito quente o suficiente para fazer bolhas na pele. À sua direita, Dany ouviu Barristan Selmy gritando:

– *Aqui*! Me ataque! Aqui! *Eu*!

Nos fossos vermelhos fumegantes dos olhos de Drogon, Dany viu seu próprio reflexo. Como ela parecia pequena, fraca, frágil e assustada. *Não posso deixá-lo ver meu medo*. Tateou pela areia, empurrando o cadáver do mestre da arena, e seus dedos roçaram no cabo do chicote. Tocá-lo a fez se sentir mais corajosa. O couro estava morno, vivo. Drogon rugiu

novamente, o som tão alto que ela quase derrubou o chicote. Os dentes dele estalaram junto dela.

Dany bateu nele.

– Não – gritou, agitando o chicote com toda a força que tinha. O dragão lançou a cabeça para trás. – Não – ela gritou novamente. – *NÃO*! – As farpas arranharam o focinho do animal. Drogon se ergueu, suas asas cobrindo-a com sombras. Dany bateu com o chicote na barriga dele, uma vez após outra, até que seu braço começou a doer. O longo pescoço de serpente do dragão parecia um arco. Com um *shiiiiiiiisssssss*, cuspiu fogo negro sobre ela. Dany correu embaixo das chamas, agitando o chicote e gritando. – *Não, não, não. Para BAIXO*! – Seu rugido de resposta estava cheio de medo e fúria, cheio de dor. Suas asas bateram uma vez, duas...

... e se fecharam. O dragão deu um último silvo e deitou-se sobre a barriga. Sangue negro fluía da ferida feita pela lança, soltando fumaça onde pingava nas areias queimadas. *Ele é fogo feito carne*, ela pensou, *e eu também.*

Daenerys Targaryen curvou-se sobre as costas do dragão, pegou a lança e a arrancou. A ponta estava semiderretida, o ferro em brasa, incandescente. Jogou-a de lado. Drogon torceu-se embaixo dela, os músculos ondulando conforme reunia forças. O ar estava cheio de areia. Dany não podia ver, não podia respirar, não podia pensar. As asas negras estalaram como um trovão e, repentinamente, as areias escarlate estavam caindo sob ela.

Tonta, Dany fechou os olhos. Quando os abriu novamente, vislumbrou os meereeneses lá embaixo, através de uma névoa de lágrimas e poeira, espalhando-se pelos degraus e para fora, nas ruas.

O chicote ainda estava em sua mão. Ela o agitou contra o pescoço de Drogon e gritou:

– *Mais alto!* – Sua outra mão agarrava as escamas do animal, seus dedos lutando para se manter presos. As largas asas de Drogon batiam no ar. Dany podia sentir o calor dele entre suas coxas. Seu coração parecia estar prestes a explodir. *Sim*, pensou*, sim, agora, agora, faça isso, faça isso, leve-me, leve-me, VOE!*

# Jon

Tormund Terror dos Gigantes não era um homem alto, mas o deuses haviam lhe dado um peito largo e uma barriga maciça. Mance Rayder o chamava de Tormund Soprador de Chifres, por causa do poder de seus pulmões, e costumava dizer que a risada de Tormund podia tirar a neve do topo das montanhas. Em sua ira, seus gritos faziam Jon se lembrar do trombetear de um mamute.

Naquele dia, Tormund gritou muitas vezes e bem alto. Rosnou, berrou, bateu o punho contra a mesa com tanta força que virou um jarro de água. Um corno de hidromel nunca estava longe de sua mão, então a saliva que espalhava enquanto fazia ameaças era doce como mel. Chamou Jon de covarde, mentiroso e vira-casaca, xingou-o de ajoelhador sodomizado de coração negro, ladrão e corvo carniceiro, acusou-o de querer enrabar o povo livre. Por duas vezes arremessou o corno que bebia na cabeça de Jon, mas apenas depois de esvaziá-lo. Tormund não era o tipo de homem que desperdiçava um bom hidromel. Jon deixou tudo atingi-lo. Em nenhum momento ergueu a própria voz ou respondeu ameaça com ameaça, mas tampouco lhe deu mais terras do que estava preparado para dar.

Finalmente, quando as sombras da tarde cresciam do lado de fora da tenda, Tormund Terror dos Gigantes – Alto-Falante, Soprador de Chifres e Quebrador de Gelo, Tormund Punho de Trovão, Esposo de Ursas, Rei-Hidromel de Solar Ruivo, Falador com os Deuses e Pai de Tropas – estendeu a mão.

– Feito, então, e que os deuses me perdoem. Há uma centena de mães que nunca me perdoará, sei disso.

Jon apertou a mão que lhe era oferecida. As palavras de seu juramento soavam em sua cabeça. *Sou a espada na escuridão. Sou o vigilante nas muralhas. Sou o fogo que queima contra o frio, a luz que traz consigo a*

*alvorada, a trombeta que acorda os que dormem, o escudo que guarda o reino dos homens.* E, para ele, um novo refrão: *Sou o guarda que abriu o portão e deixou o inimigo passar por ele.* Teria dado muito e ainda mais para saber se estava fazendo a coisa certa. Mas havia ido longe demais para voltar atrás.

– Feito e refeito – disse.

O aperto de mão de Tormund era de partir ossos. Isso não mudara nele. A barba era a mesma também, embora o rosto embaixo daquele cabelo branco emaranhado tivesse emagrecido consideravelmente, e profundas linhas marcassem suas bochechas rosadas.

– Mance devia ter matado você quando teve chance – disse, enquanto fazia o melhor possível para transformar a mão de Jon em uma papa de ossos. – Ouro por mingau de aveia, e meninos... um preço cruel. O que aconteceu com o doce rapaz que conheci?

*Fizeram dele o senhor comandante.*

– Uma barganha justa deixa os dois lados infelizes, ouvi dizer. Três dias?

– Se eu viver tanto. Alguns dos meus vão cuspir em mim quando ouvirem esses termos. – Tormund soltou a mão de Jon. – Seus corvos vão reclamar também, se os conheço. E devo conhecê-los. Matei mais dos seus pederastas negros do que posso contar.

– Seria melhor se não mencionasse isso tão alto quando vier para o sul da Muralha.

– Har! – Tormund riu. Aquilo tampouco mudara; ele ainda ria tão facilmente quanto antes. – Sábias palavras. Não quero seus corvos me bicando até a morte. – Bateu nas costas de Jon. – Quando todo meu povo estiver seguro atrás da sua Muralha, vamos dividir um pouco de carne e hidromel. Até lá... – O selvagem tirou a braçadeira que usava no braço esquerdo e jogou-a para Jon, então fez o mesmo com a idêntica que estava no direito. – Seu primeiro pagamento. Ganhei isso de meu pai, e ele, do dele. Agora são suas, seu ladrão bastardo negro.

As braçadeiras eram de ouro antigo, sólidas e pesadas, gravadas com antigas runas dos Primeiros Homens. Tormund Terror dos Gigantes usava-as desde que Jon o conhecera; pareciam mais parte dele do que sua barba.

– Os bravosis vão derreter isso pelo ouro. É uma pena. Talvez você devesse ficar com elas.

– Não. Não quero que digam que Tormund Punhos de Trovão fez o povo livre dar seus tesouros enquanto manteve os dele. – Ele riu. – Mas vou ficar com o anel que uso no meu membro. Muito maior do que essas coisinhas. Em você serviria como colar.

Jon teve que rir.

– Você não muda.

– Oh, eu mudo. – O riso derreteu como neve no verão. – Não sou mais o homem que era em Solar Ruivo. Vi muitas mortes e coisas piores também. Meus filhos... – O pesar torceu o rosto de Tormund. – Dormund foi abatido na batalha da Muralha, e ainda era meio garoto. Um dos cavaleiros do seu rei o matou, algum bastardo todo em aço cinza com mariposas no escudo. Vi o ataque, mas meu menino estava morto antes que o alcançasse. E Torwynd... foi o frio que o reivindicou. Sempre adoentado, aquele ali. Uma noite, apenas se deitou e morreu. O pior foi que antes que soubéssemos que estava morto, ele se levantou pálido com aqueles olhos azuis. Eu mesmo tive que cuidar dele. Foi difícil, Jon. – Lágrimas brilharam em seus olhos. – Ele não era muito homem, verdade seja dita, mas tinha sido meu garotinho antes, e eu o amava.

Jon colocou a mão no ombro dele.

– Sinto muito.

– Por quê? Não foi sua culpa. Há sangue em suas mãos, sim, assim como nas minhas. Mas não o sangue dele. – Tormund sacudiu a cabeça. – Ainda tenho dois filhos fortes.

– Sua filha...?

– Munda. – Aquilo trouxe o sorriso de Tormund de volta. – Tomou aquele Ryk Lança Longa como marido, acredita? O garoto tem mais pau do que juízo, se você me perguntar, mas ele a trata bem o suficiente. Eu disse que, se alguma vez a machucasse, eu arrancaria seu membro fora e bateria nele com a coisa sangrando. – Deu outro tapa vigoroso em Jon. – É hora de você voltar. Se o mantivermos por mais tempo, vão pensar que devoramos você.

– Ao amanhecer, então. Três dias a partir de agora. Os garotos primeiro.

– Ouvi você nas primeiras dez vezes, corvo. Um homem poderia pensar que não há confiança entre nós. – Ele cuspiu. – Os garotos primeiro, sim. Os mamutes vão pelo caminho mais longo. Assegure-se que Atalaialeste espere por eles. Eu vou me assegurar de que não haja luta nem correria em seus malditos portões. Entrarão ordenados e bonitinhos, como patinhos em fila. E eu serei a pata mãe. Har! – Tormund levou Jon para fora da tenda.

Do lado de fora, o dia estava claro e sem nuvens. O sol voltara ao céu depois de uma quinzena de ausência e, ao sul, a Muralha erguia-se branco-azulada e brilhante. Havia um dito que Jon ouvira dos homens mais velhos no Castelo Negro: *a Muralha é mais temperamental que o Louco Rei Aerys*, diziam, ou algumas vezes, *a Muralha é mais temperamental que uma mulher*. Em dias nublados, parecia de pedra branca. Em noites sem lua, era negra como carvão. Durante tempestades de neve, parecia escavada na neve. Mas, em dias como esse, não podia ser confundida com nada mais do que gelo. Em dias como esse, a Muralha brilhava como o cristal de um septão, cada rachadura e fenda delineada pela luz do sol, enquanto arco-íris congelados dançavam e morriam em ondulações translúcidas. Em dias como esse, a Muralha era bela.

O filho mais velho de Tormund estava perto dos cavalos, conversando com Couros. Toregg, o Alto, era chamado entre o povo livre. Embora dificilmente tivesse mais do que alguns centímetros a mais que Couros, era quase trinta centímetros mais alto que seu pai. Hareth, o robusto garoto de Vila Toupeira chamado Cavalo, estava agachado perto do fogo, de costas para os outros dois. Ele e Couros eram os únicos homens que Jon trouxera consigo para a conferência; mais do que isso teria sido um sinal de medo, e vinte homens não teriam mais utilidade do que dois se Tormund tivesse sede de sangue. Fantasma era a única proteção que Jon precisava; o lobo gigante podia farejar seus inimigos, mesmo aqueles que escondiam sua inimizade atrás de sorrisos.

Mas Fantasma tinha partido. Jon tirou uma das luvas negras, colocou dois dedos na boca e deu um assobio.

– *Fantasma*! Comigo.

De cima veio o súbito som de asas. O corvo de Mormont voou do galho de um velho carvalho para pousar na sela de Jon. *Grão*, gritou. *Grão,*

*grão, grão.*

– Você me seguiu também? – Jon tentou espantar a ave, mas acabou acariciando suas penas. O corvo levantou os olhos para ele. *Snow*, murmurou, balançando a cabeça intencionalmente. Então Fantasma apareceu entre duas árvores, com Val ao seu lado.

*Parecem pertencer um ao outro*. Val estava toda vestida de branco, também; calção de lã branca enfiado em botas altas de couro branco, um manto branco de pele de urso, preso ao ombro por um rosto esculpido em represeiro, túnica branca com fechos de ossos. Sua respiração era branca também... mas os olhos eram azuis, a longa trança, da cor de mel escuro, as bochechas rosadas pelo frio. Fazia tempo desde que Jon Snow tivera uma visão tão adorável.

– Está tentando roubar meu lobo? – perguntou para ela.

– Por que não? Se cada mulher tivesse um lobo gigante, os homens seriam muito mais gentis. Mesmo os corvos.

– Har! – riu Tormund Terror dos Gigantes. – Não troque palavras com esta uma, Lorde Snow, ela é esperta demais para tipos como você e eu. Melhor roubá-la rapidamente, antes que Toregg acorde e pegue-a primeiro.

O que aquele idiota do Axell Florent dissera de Val? *Uma garota em idade de se casar, não difícil de ser olhada. Bons quadris, bons seios, bem feita para parir crianças.* Tudo verdade, mas a mulher selvagem era muito mais. Provara isso encontrando Tormund quando patrulheiros experientes da Muralha haviam falhado. *Ela pode não ser uma princesa, mas daria uma esposa digna de qualquer senhor.*

Mas aquela ponte havia sido queimada havia muito tempo, e o próprio Jon atirara a tocha.

– Toregg está disponível para ela – anunciou. – Eu fiz um voto.

– Ela não se importará. Se importará, garota?

Val acariciou a faca de osso comprida em seus quadris.

– Lorde Corvo pode me roubar em minha cama na noite que quiser. Uma vez castrado, manter os votos será muito mais fácil para ele.

– *Har!* – Tormund bufou de novo. – Ouviu isso, Toregg? Fique longe desta aí. Já tenho uma filha, não preciso de outra. – Sacudindo a cabeça, o chefe selvagem inclinou-se e entrou em sua tenda.

Enquanto Jon coçava Fantasma atrás da orelha, Toregg trouxe o cavalo de Val. Ela ainda cavalgava o garrano cinzento que Mully lhe dera no dia em que deixara a Muralha, uma coisa raquítica e desgrenhada, cega de um olho. Quando se virou em direção à Muralha, perguntou:

– Como vai o pequeno monstro?

– Duas vezes maior do que quando você o deixou, e três vezes mais barulhento. Quando quer teta, é possível ouvi-lo em Atalaialeste. – Jon montou seu próprio cavalo.

Val se inclinou para o lado dele.

– Então... eu trouxe Tormund para você, como disse que faria. E agora? Volto para minha antiga cela?

– Sua antiga cela está ocupada. A Rainha Selyse reivindicou a Torre do Rei para si. Você se lembra da Torre de Hardin?

– Aquela que parece prestes a desabar?

– Ela tem essa aparência há centenas de anos. Mandei preparar o piso superior para você, minha senhora. Terá mais espaço do que na Torre do Rei, embora não seja tão confortável. Ninguém chama aquele lugar de Palácio de Hardin.

– Eu sempre escolheria liberdade no lugar de conforto.

– Liberdade no castelo você pode ter, mas sinto dizer que deve permanecer cativa. Posso prometer que não será incomodada por visitantes indesejados, no entanto. Meus próprios homens guardam a Torre de Hardin, não os da rainha. E Wun Wun dorme no salão de entrada.

– Um gigante como protetor? Nem Dalla podia se gabar disso.

Os selvagens de Tormund os observaram passar, espiando das tendas e barracas construídas sob as árvores sem folhas. Para cada homem em idade de lutar, Jon viu três mulheres e muitas crianças, coisas magras, com bochechas chupadas e olhos famintos. Quando Mance Rayder liderou o povo livre até a Muralha, seus seguidores levavam grandes rebanhos de ovinos, caprinos e suínos com eles, mas agora os únicos animais que podiam ser vistos eram os mamutes. Se não fosse pela ferocidade dos gigantes, teriam sido mortos também, não duvidava. Havia muita carne nos ossos dos mamutes.

Jon viu sinais de doenças também. Aquilo o inquietou mais do que poderia dizer. Se o bando de Tormund estava faminto e doente, como

estariam os milhares que seguiram Mãe Toupeira até Durolar? *Logo Cotter Pyke deve alcançá-los. Se os ventos forem gentis, sua frota pode estar no caminho de volta a Atalaialeste agora, com a maior quantidade de povo livre que conseguiu enfiar a bordo.*

– Como se saiu com Tormund? – perguntou Val.

– Pergunte-me daqui a um ano. A parte difícil ainda espera por mim. A parte em que convenço os meus a engolir esta refeição que preparei para eles. Nenhum deles gostará do sabor, temo.

– Deixe-me ajudar.

– Você ajudou. Trouxe-me Tormund.

– Posso fazer mais.

*Por que não?,* pensou Jon. *Estão todos convencidos de que ela é uma princesa.* Val olhava os arredores e cavalgava como se tivesse nascido no lombo de um cavalo. *Uma princesa guerreira*, ele decidiu, *não uma criatura graciosa que se senta em uma torre, escovando os cabelos e esperando que algum cavaleiro a resgate.*

– Preciso informar a rainha sobre este acordo – falou. – Você será bem-vinda se quiser vir comigo encontrá-la e achar que é capaz de se ajoelhar. – Não queria ofender Sua Graça antes dele mesmo abrir a boca.

– Posso rir quando me ajoelhar?

– Não. Isto não é um jogo. Um rio de sangue corre entre nossos povos, antigo, profundo e vermelho. Stannis Baratheon é um dos poucos a admitir selvagens no reino. Preciso do apoio da rainha dele para o que fiz.

O sorriso brincalhão de Val morreu.

– Tem minha palavra, Lorde Snow. Serei uma princesa selvagem adequada para sua rainha.

*Ela não é minha rainha*, Jon poderia ter dito. *Verdade seja dita, o dia da partida dela parece levar uma eternidade para chegar. E, se os deuses forem bons, ela levará Melisandre consigo.*

Cavalgaram o resto do percurso em silêncio, com Fantasma galopando em seus calcanhares. O corvo de Mormont os seguiu até o portão, então voou para cima, enquanto o restante deles desmontava. Cavalo foi na frente com um ferro em brasa para iluminar o caminho pelo túnel congelado.

Uma pequena multidão de irmãos negros esperava no portão quando Jon e seus companheiros emergiram ao sul da Muralha. Ulmer da Mata de Rei estava entre eles, e foi o velho arqueiro que veio adiante para falar pelos demais.

– Se for do agrado do meu senhor, os rapazes querem saber. Será paz, ‘nhor? Ou sangue e ferro?

– Paz – Jon Snow respondeu. – Daqui a três dias, Tormund Terror dos Gigantes levará seu povo pela Muralha. Como amigos, não inimigos. Alguns podem até mesmo engrossar nossas fileiras, como irmãos. Vai depender de nós fazê-los sentir-se bem-vindos. Agora, de volta aos seus deveres. – Jon entregou as rédeas de seu cavalo para Cetim. – Preciso ver a Rainha Selyse. – Sua Graça tomaria como desfeita se não fosse vê-la imediatamente. – Depois, tenho cartas para escrever. Leve pergaminho, penas e um frasco de tinta de meistre para meus aposentos. E então reúna Marsh, Yarwyck, Septão Cellador e Clydas. – Cellador estaria meio bêbado, e Clydas era um substituto pobre para um meistre de verdade, mas era o que ele tinha. Até que Sam voltasse. – Os nortenhos também. Flint e Norrey. Couros, você deve estar presente também.

– Hobb está assando tortas de cebola – disse Cetim. – Devo pedir que todos eles se juntem a você para a ceia?

Jon considerou.

– Não. Peça que me encontrem no topo da Muralha ao pôr do sol. – Virou-se para Val. – Minha senhora. Venha comigo, se for de seu agrado.

– O corvo ordena, a cativa deve obedecer. – Seu tom era brincalhão. – Essa rainha de vocês deve ser feroz, se as pernas de homens crescidos tremem quando a encontram. Devo usar cota de malha em vez de lã e peles? Estas roupas foram dadas para mim por Dalla, e não gostaria de manchas de sangue sobre elas.

– Se palavras derramassem sangue, você teria motivo de temor. Creio que suas roupas estão salvas, minha senhora.

Foram em direção à Torre do Rei, por caminhos recém-escavados entre montes de neve suja.

– Ouvi dizer que sua rainha tem uma grande barba escura.

Jon sabia que não devia sorrir, mas sorriu.

– Apenas um bigode. Muito ralo. Dá para contar os fios.

– Que decepção.

Apesar de toda a conversa de querer ser a dona de seu castelo, Selyse Baratheon não parecia ter muita pressa de abandonar os confortos de Castelo Negro pelas sombras de Fortenoite. Mantinha guardas, é claro; quatro homens postados na porta, dois do lado de fora, nos degraus, dois do lado de dentro, perto do braseiro. Comandando todos eles estava Sor Patrek da Montanha do Rei, vestido com sua roupa de cavaleiro branca, azul e prata, seu manto coberto de estrelas de cinco pontas. Quando foi apresentado a Val, o cavaleiro apoiou-se em um joelho para beijar a luva da moça.

– É mais encantadora do que disseram, princesa – declarou. – A rainha me falou muito e ainda mais sobre sua beleza.

– Que estranho, ela nunca me viu. – Deu um tapinha na cabeça de Sor Patrek. – Em pé agora, sor ajoelhador. Em pé, em pé. – Parecia estar falando com um cão.

Jon fez o que pôde para não rir. Com o rosto impassível, disse ao cavaleiro que requeriam uma audiência com a rainha. Sor Patrek enviou um dos homens em armas degraus acima, para perguntar se Sua Graça poderia recebê-los.

– Mas o lobo fica aqui – Sor Patrek insistiu.

Jon esperava aquilo. O lobo gigante deixava a Rainha Selyse ansiosa, quase tanto quanto Wun Weg Wun Dar Wun.

– Fantasma, fique.

Encontraram Sua Graça bordando ao lado do fogo, enquanto o bobo dançava uma música que só ele podia ouvir, os guizos chocalhando no chapéu de pontas.

– O corvo, o corvo – Cara-Malhada gritou quando viu Jon. – Sob o mar, os corvos são brancos como a neve, eu sei, eu sei, oh, oh, oh. – A Princesa Shireen estava enroscada em um banco sob a janela, com o capuz erguido para cobrir o escamagris que desfigurara seu rosto.

Não havia sinal da Senhora Melisandre. Jon estava grato por aquilo. Cedo ou tarde teria que encarar a sacerdotisa vermelha, mas preferia que não fosse na presença da rainha.

– Vossa Graça. – Ajoelhou-se. Val fez o mesmo.

A Rainha Selyse deixou o bordado de lado.

– Podem se levantar.

– Se for do agrado de Vossa Graça, posso lhe apresentar a Senhora Val? Sua irmã, Dalla, era...

–... mãe daquele bebê chorão que nos mantém acordados à noite. Sei quem ela é, Lorde Snow. – A rainha fungou. – Tem sorte que ela voltou antes do rei, meu marido, ou isso teria acabado muito mal para você. Muito mal mesmo.

– Você é a princesa selvagem? – Shireen perguntou para Val.

– Alguns me chamam assim – disse Val. – Minha irmã era esposa de Mance Rayder, o Rei-para-lá-da-Muralha. Ela morreu dando à luz o filho dele.

– Também sou uma princesa – Shireen anunciou –, mas nunca tive uma irmã. Tive um primo, certa vez, mas ele foi embora. Era só um bastardo, mas eu gostava dele.

– Honestamente, Shireen – sua mãe falou. – Tenho certeza de que o senhor comandante não veio até aqui para ouvir sobre os filhos ilegítimos de Robert. Cara-Malhada, seja um bom bobo e acompanhe a princesa até seu quarto.

Os guizos no chapéu dele tocaram.

– Vamos, vamos – o bobo cantou. – Venha comigo para o fundo do mar, vamos, vamos, vamos. – Pegou a princesa pela mão e a levou para fora da sala, pulando.

Jon falou.

– Vossa Graça, o líder do povo livre concordou com meus termos.

A Rainha Selyse deu o mais ínfimo dos acenos.

– Sempre foi desejo do senhor meu marido conceder refúgio a esses povos selvagens. Desde que mantenham a paz do rei e as leis do rei, são bem-vindos ao nosso reino. – Apertou os lábios. – Ouvi dizer que há mais gigantes com eles.

Val respondeu.

– Quase duzentos, Vossa Graça. E mais de oitenta mamutes.

A rainha estremeceu.

– Criaturas terríveis. – Jon não sabia dizer se ela falava dos mamutes ou dos gigantes. – Embora tais bestas possam ser úteis ao senhor meu marido em suas batalhas.

– Podem ser, Vossa Graça – Jon falou –, mas os mamutes são grandes demais para passar pelos nossos portões.

– O portão não pode ser alargado?

– Isso... isso seria imprudente, acredito.

Selyse fungou.

– Se é o que diz. Sem dúvida você conhece essas coisas. Onde pretende colocar esses selvagens? Certamente Vila Toupeira não é grande o suficiente para conter... quantos são?

– Quatro mil, Vossa Graça. Eles ajudarão a guarnecer nossos castelos abandonados, a fim de defender a Muralha.

– Eu tinha entendido que esses castelos estavam em ruínas. Lugares lúgubres, sombrios e frios, pouco mais do que montes de escombros. Em Atalaialeste, ouvimos falar de ratos e aranhas.

*O frio já deve ter matado as aranhas*, Jon pensou, *e os ratos podem ser uma fonte importante de carne no inverno.*

– É tudo verdade, Vossa Graça... mas mesmo ruínas oferecem algum abrigo. E a Muralha ficará entre eles e os Outros.

– Vejo que considerou tudo isso cuidadosamente, Lorde Snow. Estou certa de que o Rei Stannis ficará satisfeito quando retornar triunfante de sua batalha.

*Partindo do princípio de que voltará.*

– É claro – a rainha continuou –, os selvagens primeiro devem reconhecer Stannis como seu rei e R'hllor como seu deus.

*E aqui estamos nós, cara a cara com a passagem estreita.*

– Vossa Graça, me perdoe. Esses não foram os termos com os quais concordamos.

O rosto da rainha endureceu.

– Um descuido grave. – Todo traço de calor desapareceu imediatamente da voz dela.

– O povo livre não se ajoelha – Val falou para ela.

– Então devem ser ajoelhados – a rainha declarou.

– Faça isso, Vossa Graça, e eles se erguerão novamente na primeira oportunidade – Val prometeu. – E se erguerão com lâminas nas mãos.

Os lábios da rainha se apertaram, e seu queixo tremeu ligeiramente.

– Você é insolente. Imagino que é isso que se deva esperar de uma selvagem. Devemos encontrar um marido que possa lhe ensinar cortesia. – A rainha voltou seu olhar penetrante para Jon. – Não aprovo isso, senhor comandante. Nem meu marido aprovará. Não posso impedi-lo de

abrir seus portões, como ambos sabemos bem, mas prometo que responderá por isso quando o rei retornar da batalha. Talvez queira reconsiderar.

– Vossa Graça – Jon se ajoelhou novamente. Dessa vez, Val não se juntou a ele. – Sinto se minhas atitudes a desagradaram. Fiz como achei melhor. Temos sua permissão para sair?

– Têm. Imediatamente.

Uma vez do lado de fora e bem distante dos homens da rainha, Val deu vazão à sua ira.

– Você mentiu sobre a barba dela. Aquela uma tem mais pelos na cara do que eu tenho entre as pernas. E a filha... o rosto dela...

– Escamagris.

– A morte cinza é como chamamos isso.

– Nem sempre é mortal em crianças.

– Ao norte da Muralha é. Cicuta é uma cura certa, mas um travesseiro ou uma lâmina também servem. Se eu tivesse dado à luz aquela pobre criança, teria lhe dado o presente da misericórdia há muito tempo.

Aquela era uma Val que Jon nunca vira antes.

– A Princesa Shireen é a única filha da rainha.

– Uma pena para ambas. A criança não está limpa.

– Se Stannis vencer sua guerra, Shireen será a herdeira do Trono de Ferro.

– Então, uma pena para seus Sete Reinos.

– Os meistres dizem que o escamagris não é...

– Os meistres podem acreditar no que quiserem. Pergunte para uma feiticeira da floresta se quer saber a verdade. A morte cinza dorme, apenas para despertar novamente. *A criança não está limpa!*

– Ela parece uma garota doce. Você não pode saber...

– Posso. Você não sabe nada, Jon Snow. – Val segurou o braço dele. – Quero o monstro fora de lá. Ele e suas amas de leite. Você não pode deixá-lo na mesma torre que a menina morta.

Jon tirou a mão dela.

– *Ela não está morta.*

– Está. A mãe dela não consegue ver. Nem você, pelo que parece. Mesmo assim a morte está ali. – Afastou-se dele, parou e virou-se

novamente. – Trouxe Tormund Terror dos Gigantes para você. Traga-me meu monstro.

– Se eu puder, trarei.

– Você trará. Tem uma dívida comigo, Jon Snow.

Jon observou-a ir embora. *Ela está errada. Tem que estar errada. Escamagris não é tão mortal quanto afirma, não em crianças.*

Fantasma se fora novamente. O sol estava baixo no oeste. *Uma taça de vinho quente com especiarias me cairia bem agora. Duas taças cairiam melhor ainda.* Mas aquilo teria que esperar. Tinha inimigos para enfrentar. Inimigos da pior espécie: irmãos.

Encontrou Couros esperando por ele na gaiola de manivela. Os dois subiram juntos. Quanto mais alto subiam, mais forte era o vento. A quinze metros de altura, a pesada gaiola começou a balançar com cada rajada. De tempos em tempos, raspava contra a Muralha, criando pequenas chuvas cristalinas de gelo que brilhavam na luz do sol enquanto caíam. Erguiam-se acima da torre mais alta do castelo. A cento e vinte metros, o vento tinha dentes e rasgava seu manto negro, que batia ruidosamente nas barras de ferro. A duzentos metros, o vento o atravessava. *A Muralha é minha*, Jon lembrou para si mesmo enquanto os homens prendiam a gaiola, *pelo menos por mais dois dias.*

Jon pulou no gelo, agradeceu aos homens na manivela e acenou com a cabeça para os lanceiros de sentinela. Ambos usavam capuzes de lã sobre a cabeça, então não dava para ver seus rostos, mas ele reconheceu Ty pela corda emaranhada de cabelos negros oleosos que caía em suas costas, e Owen pelas linguiças que recheavam a bainha em sua cintura. Seria capaz de reconhecê-los de qualquer maneira, apenas pelo jeito que ficavam parados. *Um bom senhor deve conhecer seus homens*, seu pai dissera uma vez para ele e Robb, em Winterfell.

Jon foi até a beirada da Muralha e olhou para o campo desolado onde as tropas de Mance Rayder haviam morrido. Perguntava-se onde Mance estaria agora. *Ele a encontrou, irmãzinha? Ou você foi apenas um truque que ele usou para que eu o libertasse?*

Fazia muito tempo desde a última vez que vira Arya. Qual seria a aparência dela agora? Ele a reconheceria? *Arya Sob os Pés*. *Seu rosto estava sempre sujo*. Ainda teria a pequena espada que ele pedira para Mikken forjar para ela? *Espete neles a ponta aguçada*, dissera para ela.

Prudente para a noite de seu casamento, se metade do que ouvira sobre Ramsay Snow fosse verdade. *Traga-a para casa, Mance. Salvei seu filho de Melisandre e agora estou prestes a salvar quatro mil de seu povo livre. Você me deve esta única garotinha.*

Na floresta assombrada, ao norte, as sombras da tarde penetravam nas árvores. O céu ocidental era uma explosão de vermelho, mas, a leste, as primeiras estrelas já espreitavam. Jon Snow flexionou os dedos da mão da espada, lembrando-se de tudo o que perdera. *Sam, seu doce e tolo gordo, você me pregou uma peça cruel quando me fez senhor comandante. Um senhor comandante não tem amigos.*

– Lorde Snow? – falou Couros. – A gaiola está subindo.

– Eu escutei. – Jon se afastou da beirada.

Os primeiros a chegar foram os chefes dos clãs Flint e Norrey, vestidos em peles e ferro. O Norrey parecia uma raposa velha; enrugado e de constituição leve, mas com olhos astutos e ágeis. Torghen Flint era meia cabeça mais baixo, mas pesava duas vezes mais; um homem rude e corpulento, com mãos nodosas tão grandes quanto presuntos, apoiado em uma bengala de espinheiro-negro enquanto mancava através do gelo. Bowen Marsh veio em seguida, empacotado em uma pele de urso. Depois dele, Othell Yarwyck. E, finalmente, o Septão Cellador, meio embriagado.

– Caminhem comigo – Jon falou para eles. Andaram para oeste pela Muralha, por caminhos cobertos de cascalho, em direção ao pôr do sol. Quando estavam a cinquenta metros da área mais aquecida, disse: – Sabem por que os convoquei. Daqui a três dias, nossos portões serão abertos para que Tormund e seu povo atravessem a Muralha. Há muito o que fazer para nos prepararmos para isso.

O silêncio saudou seu pronunciamento. Então, Othell Yarwyck falou:

– Senhor Comandante, há *milhares* de...

– ... selvagens esqueléticos, exaustos, famintos e longe de casa. – Jon apontou para as luzes das fogueiras no acampamento deles. – Ali estão eles. Quatro mil, Tormund afirma.

– Três mil, eu diria, pelas fogueiras. – Bowen Marsh vivia para contas e medidas. – Mais do que duas vezes este número em Durolar, com a feiticeira da floresta, pelo que sabemos. E Sor Denys escreve sobre um grande acampamento nas montanhas além da Torre Sombria.

Jon não podia negar aquilo.

– Tormund diz que o Chorão pretende atacar a Ponte das Caveiras novamente.

A Velha Romã tocou sua cicatriz. Ele a conseguira defendendo a Ponte das Caveiras na última vez que o Chorão tentara abrir caminho pela Garganta.

– Certamente o senhor comandante não pretende permitir isso... que aquele demônio atravesse também?

– Não fico contente com isso. – Jon não esquecera as cabeças que o Chorão deixara para ele, com buracos sangrentos no lugar dos olhos. *Jack Negro Bulwer, Hal Peludo, Garth Pena-Cinza. Não posso vingá-los, mas não esquecerei seus nomes.* – Mas, sim, meu senhor, ele também. Não podemos escolher entre o povo livre, dizendo que este pode passar e aquele, não. Paz significa paz para todos.

O Norrey pigarreou e cuspiu.

– Melhor fazer paz com lobos e corvos carniceiros.

– É pacífico no meu calabouço – resmungou o Velho Flint. – Dê o Chorão para mim.

– Quantos patrulheiros o Chorão matou? – perguntou Othell Yarwyck. – Quantas mulheres ele estuprou, matou ou roubou?

– Três da minha própria estirpe – falou o Velho Flint. – E cegou as garotas que não levou.

– Quando um homem toma o negro, seus crimes são perdoados – Jon recordou-lhes. – Se queremos o povo livre lutando ao nosso lado, devemos perdoar os crimes passados como fazemos com nossos próprios erros.

– O Chorão não dirá as palavras – insistiu Yarwyck. – Ele não usará o manto. Nem os outros saqueadores confiam nele.

– Você não precisa confiar em um homem para usá-lo. – *De outro modo, como eu faria uso de todos vocês?* – Precisamos do Chorão e de outros como ele. Quem conhece a floresta melhor do que um selvagem? Quem conhece nossos inimigos melhor do que um homem que lutou contra eles?

– Tudo o que o Chorão sabe é estuprar e matar – falou Yarwyck.

– Assim que passarem a Muralha, os selvagens terão três vezes nosso número – comentou Bowen Marsh. – E isso é só o grupo de Tormund.

Some a isso os homens do Chorão e os que estão em Durolar e eles terão força suficiente para acabar com a Patrulha em uma única noite.

– Números sozinhos não vencem uma guerra. Você não os viu. Metade deles está morrendo em pé.

– Preferia que estivessem mortos no chão – disse Yarwyck. – Se for do agrado de meu senhor.

– *Não* é do meu agrado. – A voz de Jon era fria como o vento que agitava seus mantos. – Há crianças naquele acampamento. Centenas delas, milhares. Mulheres também.

– Esposas de lança.

– Algumas. Juntamente com mães, avós, viúvas e donzelas... você condenaria todas elas à morte, meu senhor?

– Irmãos não devem brigar – falou o Septão Cellador. – Vamos nos ajoelhar e orar para que a Velha ilumine nosso caminho para a sabedoria.

– Lorde Snow – disse O Norrey –, onde você pretende colocar esses seus selvagens? Não nas *minhas* terras, espero.

– Sim – declarou o Velho Flint – Se quer deixá-los na Dádiva, é problema seu, mas assegure-se de que não vão ficar vagando por aí, ou mandarei a cabeça deles para você. O inverno está próximo e não quero mais bocas para alimentar.

– Os selvagens ficarão na Muralha – Jon lhes assegurou. – A maioria será alojada em um dos nossos castelos abandonados. – A Patrulha tinha agora guarnições em Marcagelo, Monte Longo, Solar das Trevas, Guardagris e Lago Profundo, todos com menos homens do que o necessário, e dez castelos ainda permaneciam vazios e abandonados. – Homens com esposas e crianças, todas as meninas órfãs e qualquer menino órfão com menos de dez anos, mulheres velhas, mães viúvas, qualquer mulher que não se importe de lutar. As esposas de lança serão enviadas para Solar das Trevas, para se juntar às suas irmãs, homens sozinhos para os outros fortes que reabriremos. Os que tomarem o negro ficarão aqui, ou serão enviados para Atalaialeste ou Torre Sombria. Tormund tomará Escudo de Carvalho como sua sede, para que possamos tê-lo por perto.

Bowen Marsh suspirou.

– Se não nos matarem com suas espadas, farão isso com suas bocas. Como o senhor comandante pretende alimentar Tormund e seus

milhares?

Jon havia antecipado essa questão.

– Por Atalaialeste. Traremos comida de navio, tanta quanto for necessário. Da região do Tridente e de Ponta Tempestade, do Vale de Arryn, de Dorne e da Campina, do outro lado do mar estreito, das Cidades Livres.

– E essa comida será paga com... como, se posso perguntar?

*Com ouro, do Banco de Ferro de Bravos*, Jon poderia ter respondido. Em vez disso, falou:

– Concordei que o povo livre ficasse com suas peles e couros. Vão precisar deles para aquecê-los quando o inverno chegar. Todas as demais riquezas devem ser entregues. Ouro e prata, âmbar, pedras preciosas, gravuras, qualquer coisa de valor. Levaremos tudo de navio pelo mar estreito para ser vendido nas Cidades Livres.

– Toda a riqueza dos selvagens – disse O Norrey. – Isso deve dar para comprar um alqueire de milho. Dois alqueires, talvez.

– Senhor Comandante, por que não exigir que os selvagens entreguem suas armas também? – perguntou Clydas.

Couros riu daquilo.

– Querem que o povo livre lute ao lado de vocês contra o inimigo comum. Como farão isso sem armas? Devemos jogar bolas de neve nas criaturas? Ou vocês nos darão bastões para cutucá-los?

*As armas que a maioria dos selvagens carrega são pouco mais que bastões*, pensou Jon. Clavas de madeira, machados de pedra, marretas, lanças com ponta endurecida no fogo, facas de ossos, pedra e vidro de dragão, escudos de vime, armaduras de ossos, couro fervido. Os thenns trabalhavam com bronze, e saqueadores como o Chorão levavam aço e espadas de ferro roubados de cadáveres... mas mesmo essas eram antigas, amassadas pelo uso contínuo e manchadas de ferrugem.

– Tormund Terror dos Gigantes nunca desarmará seu povo voluntariamente – Jon respondeu. – Ele não é o Chorão, mas tampouco é covarde. Se eu tivesse pedido isso para ele, teríamos terminado em sangue.

O Norrey passou os dedos pela barba.

– Você pode colocar os selvagens nesses castelos em ruínas, Lorde Snow, mas como fará que fiquem lá? O que os impedirá de ir para o sul,

para terras mais quentes e mais agradáveis?

– *Nossas* terras – falou o Velho Flint.

– Tormund me deu sua palavra. Ele servirá conosco até a primavera. O Chorão e os outros capitães terão que prometer a mesma coisa, ou não os deixaremos passar.

O Velho Flint abanou a cabeça.

– Eles nos trairão.

– A palavra do Chorão não vale nada – afirmou Othel Yarwyck.

– São bárbaros sem deuses – falou o Septão Cellador. – Mesmo no Sul, a perfídia dos selvagens é renomada.

Couros cruzou os braços sobre o peito.

– Aquela batalha lá embaixo? Eu estava do outro lado, vocês se lembram? Agora uso o negro de vocês e treino seus rapazes para matar. Alguns podem me chamar de vira-casaca. Pode ser... mas não sou mais bárbaro do que vocês, corvos. Temos deuses também. Os mesmos deuses que veneram em Winterfell.

– Os deuses do Norte, desde antes que esta Muralha fosse erguida – falou Jon. – Foi por esses deuses que Tormund jurou. Ele manterá sua palavra. Eu o conheço, como conhecia Mance Rayder. Marchei com eles por um tempo, como devem se lembrar.

– Eu não esqueci – disse o Senhor Intendente.

*Não,* pensou Jon, *não achei que tivesse.*

– Mance Rayder fez um voto também – Marsh continuou. – Jurou não usar coroa, não tomar esposa, não gerar filhos. Depois virou a casaca, fez todas essas coisas e liderou uma tropa assustadora contra o reino. São os remanescentes dessa tropa que esperam para lá da Muralha.

– Remanescentes quebrados.

– Uma espada quebrada pode ser forjada novamente. Uma espada quebrada ainda pode matar.

– O povo livre não tem leis nem senhores – Jon falou –, mas amam suas crianças. Você admitiria isso ao menos?

– Não são suas crianças que nos preocupam. Tememos os pais, não os filhos.

– E eu também temo. Por isso insisti em mantermos reféns. – *Não sou o tolo crente pelo qual me toma... nem sou meio-selvagem, não importa no que você acredite.* – Cem garotos com idade entre oito e dezesseis.

Um filho de cada um de seus chefes e capitães, o restante escolhido por grupo. Esses rapazes servirão como pajens e escudeiros, livrando nossos próprios homens desses deveres. Alguns deles podem escolher tomar o negro algum dia. Coisas estranhas acontecem. Os demais ficarão como garantia da lealdade dos pais.

Os nortenhos olharam um para o outro.

– Reféns – ponderou O Norrey. – Tormund concordou com isso?

*Era isso, ou ver seu povo morrer.*

– Meu preço de sangue, ele chamou – falou Jon Snow –, mas pagará.

– Sim, e por que não? – O Velho Flint bateu sua bengala contra o gelo. – Protegidos, nós sempre os chamávamos, quando Winterfell exigia rapazes de nós, mas eram reféns, e nada pior que isso.

– Nada, exceto para aqueles cujos pais desagradavam os Reis do Inverno – falou O Norrey. – Esses voltavam para casa uma cabeça mais curtos. Então me diga, rapaz... se esses seus amigos selvagens se mostrarem falsos, você terá estômago para fazer o que precisa ser feito?

*Pergunte a Janos Slynt*.

– Tormund Terror dos Gigantes me conhece o suficiente para não me testar. Posso ser um rapaz inexperiente aos seus olhos, Lorde Norrey, mas ainda sou um filho de Eddard Stark.

Mas nem mesmo aquilo agradou seu Senhor Intendente.

– Você diz que esses rapazes servirão como escudeiros. Certamente o senhor comandante não pretende que sejam treinados *em armas*?

A raiva de Jon chamejou.

– Não, meu senhor, pretendo que eles nos costurem roupas íntimas de rendas. É claro que serão treinados em armas. Também deverão bater manteiga, cortar lenha, limpar os estábulos, esvaziar as latrinas, levar mensagens... e nos intervalos serão ensinados a usar lanças, espadas e arcos.

O rosto de Marsh foi tomado por um rubor intenso.

– O senhor comandante deve perdoar minha franqueza, mas não há modo suave de dizer isso. O que está propondo não é nada menos do que traição. Por oito mil anos, os homens da Patrulha da Noite permaneceram sobre a Muralha e lutaram contra esses selvagens. Agora você pretende deixá-los passar, quer abrigá-los em nossos castelos, alimentá-los, vesti-

los e ensiná-los a lutar. Lorde Snow, tenho que recordá-lo? *Você fez um juramento*.

– Sei o que jurei. – Jon falou as palavras. – *Sou a espada na escuridão. Sou o vigilante nas muralhas. Sou o fogo que queima contra o frio, a luz que traz consigo a alvorada, a trombeta que acorda os que dormem, o escudo que guarda o reino dos homens*. Essas foram as mesmas palavras que você disse quando fez seus votos?

– Foram. Como o senhor comandante sabe.

– Está seguro de que não me esqueci de nenhuma? Aquelas sobre o rei e suas leis, e como devemos defender cada metro de suas terras e nos prender a cada castelo em ruínas? Como é essa parte? – Jon esperou uma resposta. Não veio nenhuma. – *Sou o escudo que guarda o reino dos homens*. Essas são as palavras. Então diga-me, meu senhor: o que esses selvagens são, se não homens?

Bowen Marsh abriu a boca. Nenhuma palavra saiu. Um rubor subiu por seu pescoço.

Jon se afastou. A última luz do sol começava a desvanecer. Viu as rachaduras ao longo da Muralha indo do vermelho ao cinza, até o preto, de riscos de fogo para rios de gelo negro. Lá embaixo, a Senhora Melisandre estaria acendendo sua fogueira noturna e cantando, *Senhor da Luz, defenda-nos, pois a noite é escura e cheia de terrores*.

– O inverno está chegando – Jon falou finalmente, quebrando o silêncio constrangedor. – E, com ele, os caminhantes brancos. A Muralha é onde os deteremos. A Muralha foi *feita* para detê-los... mas a Muralha precisa estar ocupada. Esta discussão termina aqui. Temos muito o que fazer antes que os portões sejam abertos. Tormund e seu povo precisarão ser alimentados, vestidos e abrigados. Alguns estão doentes e precisarão de cuidados. Esses serão enviados para você, Clydas. Salve quantos homens puder.

Clydas piscou com seus opacos olhos rosados.

– Farei o melhor possível, Jon. Meu senhor, quero dizer.

– Precisaremos de cada charrete e carroça disponível para transportar o povo livre até seus novos lares. Othell, você fica encarregado disso.

Yarwyck fez uma careta.

– Sim, Senhor Comandante.

– Lorde Bowen, você deve coletar o pedágio. Ouro, prata, âmbar, torques, braceletes e colares. Classifique todos eles, conte-os, assegure-se de que cheguem em segurança em Atalaialeste.

– Sim, Lorde Snow – respondeu Bowen Marsh.

E Jon pensou, *Gelo, ela disse, e adagas na escuridão. Sangue congelado vermelho e duro, e aço nu.* Sua mão da espada flexionou. O vento estava aumentando.

# Cersei

Cada noite parecia mais fria do que a anterior.

A cela não tinha lareira nem braseiro. A única janela era alta demais para permitir uma vista e pequena demais para se espremer por ela, mas mais do que suficiente para deixar entrar o frio. Cersei rasgara a primeira troca de roupa que lhe deram, exigindo que devolvessem a dela, mas aquilo apenas a deixara nua e tremendo. Quando lhe trouxeram outra muda, vestiu-a pela cabeça e agradeceu, sufocando com as palavras.

A janela também deixava entrar sons. Era a única maneira de a rainha saber o que estava acontecendo na cidade. As septãs que lhe traziam comida não diziam nada.

Ela odiava aquilo. Jaime devia estar voltando para ajudá-la, mas como ela saberia quando ele chegaria? Cersei só esperava que ele não fosse tão tolo a ponto de vir correndo antes de seu exército. Precisaria de todas as espadas disponíveis para lidar com a horda esfarrapada dos Pobres Companheiros que cercava o Grande Septo. Perguntava sobre seu irmão gêmeo com frequência, mas suas carcereiras não lhe davam respostas. Perguntava sobre Sor Loras também. A última notícia era que o Cavaleiro das Flores estava morrendo em Pedra do Dragão por causa dos ferimentos sofridos enquanto tentava tomar o castelo. *Que morra*, Cersei pensou, *e que seja rápido*. A morte do rapaz significaria um lugar vago na Guarda Real, e aquilo podia ser sua salvação. Mas as septãs mantinham a boca fechada sobre Loras Tyrell, tanto quanto sobre Jaime.

Lorde Qyburn fora seu último e único visitante. Seu mundo tinha uma população de quatro pessoas: ela e suas três carcereiras, piedosas e inflexíveis. Septã Unella tinha ossos largos e aspecto masculino, com mãos calosas e feições grosseiras e carrancudas. Septã Moelle tinha duros cabelos brancos e olhos pequenos sempre franzidos de desconfiança, em um rosto também enrugado, tão afiado quanto a lâmina

de um machado. Septã Scolera tinha cintura grossa e baixa estatura, com peitos grandes, pele cor de oliva e um cheiro azedo como o de leite prestes a estragar. Elas lhe traziam água e comida, esvaziavam a latrina e levavam sua muda de roupa para lavar em intervalos de poucos dias, deixando-a nua sobre o cobertor até que voltassem. Algumas vezes, Scolera lia para ela o *Estrela de Sete Pontas* ou *O Livro das Orações Sagradas*, mas, de outro modo, nenhuma delas falava com ela ou respondia às suas perguntas.

Ela odiava e desprezava as três, quase tanto quanto odiava e desprezava os homens que a haviam traído.

Falsos amigos, servos traiçoeiros, homens que professavam amor eterno, até mesmo seu próprio sangue... todos eles a abandonaram na hora da necessidade. Osney Kettleblack, aquele fraco, fora quebrado sob o chicote e enchera os ouvidos do Alto Pardal com segredos que deveria ter levado para o túmulo. Os irmãos dele, escórias das ruas que ela havia alçado até a posição que ocupavam, fizeram de conta que não tinham nada com o assunto. Aurane Waters, seu almirante, havia fugido com a frota de navios que ela construíra para ele. Orton Merryweather partira para Mesalonga levando sua esposa Taena, que havia sido a única amiga verdadeira da rainha nesses tempos terríveis. Harys Swyft e o Grande Meistre Pycelle a abandonaram ao cativeiro e ofereceram o reino aos mesmos homens que conspiraram contra ela. Meryn Trant e Boros Blount, protetores juramentados do rei, não haviam sido encontrados. Mesmo seu primo, Lancel, que certa vez afirmara amá-la, era um de seus acusadores. Seu tio se recusara a ajudá-la a governar quando quisera torná-lo Mão do Rei.

E Jaime...

Não, ela não podia acreditar naquilo, não acreditaria naquilo. Jaime estaria ali assim que soubesse de sua situação. *Venha imediatamente*, escrevera para ele. *Ajude-me. Salve-me. Preciso de você agora como nunca precisei antes. Amo você. Amo você. Amo você. Venha imediatamente.* Qyburn havia jurado que se asseguraria de que a carta chegasse ao seu irmão gêmeo, que estava no Tridente com seu exército. Qyburn nunca retornara, no entanto. Pelo que ela sabia, podia estar morto, com a cabeça empalada em uma estaca sobre os portões da Fortaleza. Ou talvez estivesse definhando em uma das celas negras sob a

Fortaleza Vermelha, sem ter enviado a carta dela. A rainha perguntara por ele uma centena de vezes, mas suas captoras não falavam nada. Tudo o que sabia com certeza era que Jaime não viera.

*Ainda não*, disse para si mesma. *Mas em breve. E, assim que ele chegar, o Alto Pardal e suas cadelas cantarão uma música diferente.*

Odiava se sentir desamparada.

Ela havia ameaçado, mas suas ameaças foram recebidas com rostos de pedra e ouvidos surdos. Ordenara, mas suas ordens haviam sido ignoradas. Invocara a misericórdia da Mãe, apelando para a simpatia natural de uma mulher por outra, mas as três septãs enrugadas pareciam ter posto sua feminilidade de lado quando fizeram os votos. Tentara usar seu charme, falando com elas gentilmente, aceitando cada novo ultraje com humildade. Elas não se deixaram influenciar. Oferecera recompensas, prometera clemência, honras, ouro, posições na corte. Elas trataram suas promessas como haviam feito com as ameaças.

E ela rezara. Oh, como rezara. Se eram orações que eles queriam, ela deu isso para eles, dera de joelhos, como se fosse uma prostituta qualquer das ruas e não uma filha do Rochedo. Rezara por alívio, por libertação, por Jaime. Em voz alta, pedira que os deuses defendessem sua inocência; silenciosamente rezara para que seus acusadores sofressem mortes súbitas e dolorosas. Rezara até os joelhos ficarem em carne viva e ensanguentados, até que a língua ficasse tão grossa e pesada que quase a sufocasse. Todas as orações que aprendera na infância voltaram para Cersei em sua cela, e ela inventava novas conforme precisava, chamando pela Mãe e pela Donzela, pelo Pai e pelo Guerreiro, pela Velha e pelo Ferreiro. Rezara até mesmo para o Estranho. *Qualquer deus serve em uma tempestade*. Os Sete se provaram tão surdos quanto suas servas terrenas. Cersei deu para eles todas as palavras que tinha dentro de si, deu tudo exceto lágrimas. *Isso nunca terão*, disse para si mesma.

Odiava sentir-se fraca.

Se os deuses tivessem lhe dado a força que deram a Jaime e àquele imbecil fanfarrão de Robert, ela poderia fugir. *Oh, por uma espada e pela habilidade para empunhá-la*. Ela tinha o coração de um guerreiro, mas os deuses, em sua malícia cega, haviam lhe dado o corpo fraco de uma mulher. A rainha tentara lutar contra elas, no início, mas as septãs a dominaram. Eram muitas, e eram mais fortes do que pareciam. Velhas

feias, cada uma delas, mas toda uma vida dedicada a orar, esfregar o chão e bater em noviças com paus as haviam deixado duras como raízes.

E não a deixavam descansar. Noite ou dia, sempre que a rainha fechava os olhos para dormir, uma de suas captoras aparecia para despertá-la e exigir que confessasse seus pecados. Era acusada de adultério, fornicação, alta traição e até mesmo assassinato, uma vez que Osney Kettleblack confessara ter sufocado o último Alto Septão por ordem dela.

– Vim ouvir você falar sobre os assassinatos e as fornicações – a Septã Unella rosnava, enquanto sacudia a rainha para acordá-la.

A Septã Moelle dizia que eram seus pecados que a mantinham sem dormir.

– Apenas os inocentes conhecem a paz de um sono descansado. Confesse seus pecados, e dormirá como um bebê recém-nascido.

Acordar, dormir e acordar novamente, toda noite era quebrada em pedaços pelas mãos ásperas de suas torturadoras, e cada noite era mais fria e mais cruel do que a noite anterior. A hora da coruja, a hora do lobo, a hora do rouxinol, o nascer da lua e quando a lua se punha, anoitecer e amanhecer, passavam cambaleando como bêbados. Que horas eram? Que dia era? Quem era ela? Isso era um sonho, ou estava acordada? Os pequenos cacos de sono que lhe permitiam se transformavam em lâminas afiadas, fatiando seu juízo. Perdera todo o senso de quanto tempo estava presa naquela cela, no alto de uma das sete torres do Grande Septo de Baelor. *Envelhecerei e morrerei aqui*, pensou, desesperada.

Cersei não podia permitir que aquilo acontecesse. Seu filho precisava dela. O reino precisava dela. Tinha que se libertar, não importava o risco. Seu mundo reduzira-se a uma cela de dois metros por dois metros, uma latrina, um estrado irregular e um cobertor de lã marrom fino como a esperança e que lhe fazia a pele coçar, mas ainda era a herdeira de Lorde Tywin, uma filha do Rochedo.

Exausta pela falta de sono, tremendo com o frio que invadia a cela da torre a cada noite, febril e faminta por turnos, Cersei soube finalmente que deveria confessar.

Naquela noite, quando a Septã Unella veio arrancá-la de seu sono, encontrou a rainha esperando de joelhos.

– Eu pequei – disse Cersei. Sua língua estava grossa na boca, os lábios em carne viva e rachados. – Pequei gravemente. Vejo isso agora. Como

pude ser tão cega por tanto tempo? A Velha veio até mim com sua lanterna erguida, e graças à sua sagrada luz vi a estrada que devo percorrer. Quero ser limpa novamente. Quero apenas absolvição. Por favor, boa septã, imploro, me leve até o Alto Septão para que eu possa confessar meus crimes e fornicações.

– Direi para ele, Vossa Graça – falou a Septã Unella. – Sua Alta Santidade ficará muito satisfeito. Apenas pela confissão e pela real penitência nossas almas imortais podem ser salvas.

E, pelo resto daquela noite, elas a deixaram dormir. Horas e horas de sono abençoado. A coruja, o lobo e o rouxinol passaram invisíveis e despercebidos, enquanto Cersei tinha um longo e doce sonho no qual Jaime era seu marido e o primogênito deles ainda vivia.

Quando a manhã chegou, a rainha quase se sentia ela mesma novamente. Quando suas captoras vieram, fez ruídos piedosos para elas novamente e disse o quão determinada estava em confessar seus pecados e ser perdoada por tudo o que havia feito.

– Regozijamo-nos em ouvir isso – disse Septã Moelle.

– Isso vai tirar um grande peso de sua alma – disse Septã Scolera. – Vai se sentir muito melhor depois, Vossa Graça.

*Vossa Graça*. Essas duas simples palavras a emocionaram. Durante seu longo cativeiro, suas carcereiras não haviam se incomodado nem mesmo com cortesias simples.

– Sua Alta Santidade está esperando – disse a Septã Unella.

Cersei abaixou a cabeça, humilde e obediente.

– Posso ter a permissão de tomar um banho antes? Não estou em estado adequado para ir até ele.

– Você pode se lavar mais tarde, se Sua Alta Santidade permitir – respondeu a Septã Unella. – É com a limpeza de sua alma imortal que deve se preocupar agora, não com tais vaidades da carne.

As três septãs a levaram pela escadaria da torre, com a Septã Unella indo na frente, e Septã Moelle e Septã Scolera em seus calcanhares, como se tivessem medo que pudesse tentar fugir.

– Faz muito tempo desde que tive uma visita – Cersei murmurou em uma voz tranquila, enquanto desciam. – O rei está bem? Pergunto apenas como uma mãe temerosa por seu filho.

– Sua Graça está bem de saúde – respondeu a Septã Scolera – e bem protegido, dia e noite. A rainha está com ele, sempre.

*Eu sou a rainha!* Ela engoliu, sorriu e disse:

– É bom saber isso. Tommen a ama tanto. Nunca acreditei nessas coisas terríveis que foram ditas sobre ela. – Teria Margaery Tyrell de algum modo se livrado das acusações de fornicação, adultério e alta traição? – Houve um julgamento?

– Em breve – falou a Septã Scolera –, mas o irmão dela...

– *Quieta*. – A Septã Unella virou-se sobre o ombro para olhar para Scolera. – Você tagarela demais, velha tola. Não devemos falar sobre essas coisas.

Scolera abaixou a cabeça.

– Por favor, me perdoe.

Fizeram o restante da descida em silêncio.

O Alto Pardal a recebeu em seu santuário, uma austera câmara de sete lados, onde rostos dos Sete rudemente esculpidos nas paredes de pedra encaravam com expressões quase tão azedas e desaprovadoras quanto a de Sua Alta Santidade. Quando Cersei entrou, ele estava sentado atrás de uma escrivaninha rústica. O Alto Septão não mudara desde a última vez que estivera em sua presença, o dia em que ele a dominara e a aprisionara. Ainda era um homem esquelético de cabelos grisalhos, com aparência magra, dura, meio faminta, o rosto alinhado e de feição mordaz, olhos desconfiados. No lugar das ricas vestes de seus predecessores, usava uma túnica disforme de lã sem tingir que caía até os tornozelos.

– Vossa Graça – disse, à guisa de saudação. – Entendo que deseja fazer sua confissão.

Cersei caiu de joelhos.

– Desejo, Alta Santidade. A Velha veio até mim enquanto eu dormia, com sua lamparina elevada...

– Certamente. Unella, você ficará e fará um registro das palavras de Sua Graça. Scolera, Moelle, têm minha permissão para sair. – Ele juntou as pontas dos dedos das mãos umas nas outras, o mesmo gesto que ela vira seu pai fazer milhares de vezes.

Septã Unella sentou-se atrás dela, abriu um pergaminho, molhou uma pena em tinta de meistre. Cersei sentiu uma pontada de medo.

– Uma vez que tenha confessado, poderei...

– Vossa Graça deve ser tratada de acordo com seus pecados.

*Este homem é implacável*, percebeu mais uma vez. Compenetrou-se por um momento.

– Que a Mãe tenha misericórdia de mim, então. Tenho me deitado com homens fora dos laços do casamento. Confesso.

– Com quem? – Os olhos do Alto Septão estavam fixos nos dela.

Cersei podia ouvir Unella escrevendo atrás de si. Sua pena fazia um som de raspar fraco e suave.

– Lancel Lannister, meu primo. E Osney Kettleblack. – Os dois homens confessaram ter se deitado com ela, não seria bom negar. – Com os irmãos dele também. Com os dois. – Ela não tinha como saber o que Osfryd e Osmund tinham dito. Era melhor confessar demais do que de menos. – Isso não perdoa meu pecado, Alta Santidade, mas eu estava sozinha e com medo. Os deuses tiraram o Rei Robert de mim, meu amor e meu protetor. Eu estava sozinha, cercada por conspirações, falsos amigos e traidores que planejavam a morte de meus filhos. Não sabia em quem confiar, então eu... eu usei os únicos métodos que tinha para vincular os Kettleblack a mim.

– Com métodos você quer dizer suas partes femininas?

– Minha carne. – Apertou as mãos contra o rosto, estremecendo. Quando as abaixou novamente, seus olhos estavam úmidos de lágrimas. – Sim. Que a Donzela me perdoe. Mas foi por meus filhos, pelo reino. Não tive prazer nisso. Os Kettleblack... são homens duros e cruéis, e me usaram rudemente, mas o que mais eu podia fazer? Tommen precisava de homens ao redor dele nos quais eu pudesse confiar.

– Sua Graça era protegido pela Guarda Real.

– A Guarda Real se provou inútil quando seu irmão Joffrey morreu, assassinado em seu próprio banquete de casamento. Vi um de meus filhos morrer e não podia suportar perder outro. Cometi fornicação devassa, mas fiz isso por Tommen. Perdoe-me, Alta Santidade, mas eu abriria minhas pernas para cada homem em Porto Real se fosse necessário para manter meus filhos em segurança.

– O perdão vem apenas dos deuses. E com Sor Lancel, que era seu primo e escudeiro do senhor seu marido? Você o levou para a cama para conquistar a lealdade dele também?

– Lancel. – Cersei hesitou. *Cuidado*, disse para si mesma, *Lancel deve ter contado tudo para ele*. – Lancel me amava. Era meio menino, mas nunca duvidei de sua devoção por mim ou por meu filho.

– E, mesmo assim, você o corrompeu.

– Eu estava sozinha. – Engasgou com um soluço. – Tinha perdido meu marido, meu filho, o senhor meu pai. Era regente, mas uma rainha ainda é uma mulher, e mulheres são recipientes fracos, facilmente tentados... Vossa Alta Santidade sabe a verdade disso. Mesmo santas septãs têm conhecido o pecado. Eu tive conforto com Lancel. Ele era gentil e meigo, e eu precisava de alguém. Foi errado, eu sei, mas não tinha mais ninguém... uma mulher precisa ser amada, precisa de um homem ao lado dela, ela... ela... – Começou a soluçar incontrolavelmente.

O Alto Septão não fez nenhum movimento para confortá-la. Ficou sentado com os olhos duros fixos nela, vendo-a chorar, tão imóvel quanto uma das estátuas dos Sete no septo abaixo. Um longo momento se passou, mas finalmente as lágrimas dela secaram. Seus olhos estavam vermelhos e inchados de chorar, e ela se sentia como se fosse desmaiar.

O Alto Pardal não terminara com ela, no entanto.

– Esses são pecados comuns – disse. – A iniquidade das viúvas é bem conhecida, e todas as mulheres são lascivas em seu coração, dadas a usar artimanhas e sua beleza para fazer valer suas vontades sobre os homens. Não há traição aqui, contanto que você não tenha se desviado de sua cama enquanto Sua Graça, o Rei Robert, ainda estava vivo.

– Nunca – ela sussurrou, estremecendo. – Nunca, eu juro.

Ele não prestou atenção.

– Há outras acusações que pesam contra Vossa Graça, crimes muito mais sérios do que meras fornicações. Você admite que Sor Osney Kettleblack era seu amante, e Sor Osney insiste que sufocou meu predecessor a seu mando. Ele também insiste que deu falso testemunho contra a Rainha Margaery e as primas dela, contando histórias de fornicação, adultério e alta traição, novamente sob suas ordens.

– Não – falou Cersei. – Isso não é verdade. Amo Margaery como se fosse uma filha. E o outro... reclamei do Alto Septão, admito. Era criatura de Tyrion, fraco e corrupto, uma mancha em nossa Santa Fé, Vossa Alta Santidade sabe tão bem quanto eu. Pode ser por isso que Osney pensou que a morte dele me agradaria. Se foi isso, levo uma parte

da culpa... mas assassinato? Não. Sou inocente. Leve-me para o septo e eu ficarei diante do assento de julgamento do Pai e jurarei a verdade disso.

– Em seu tempo – falou o Alto Septão. – Você também é acusada de conspirar para o assassinato do seu próprio senhor esposo, nosso saudoso e amado Rei Robert, Primeiro de Seu Nome.

*Lancel*, Cersei pensou.

– Robert foi morto por um javali. Dizem que sou uma troca-peles, agora? Uma *warg*? Sou acusada de matar Joffrey também, meu próprio doce filho, meu primogênito?

– Não. Apenas seu marido. Nega isso?

– Nego isso. Nego. Diante dos deuses e dos homens, nego.

Ele balançou a cabeça.

– E, por último, o pior de todos, alguns dizem que seus filhos não foram gerados pelo Rei Robert, que são bastardos nascidos do incesto e do adultério.

– Stannis diz isso – Cersei falou imediatamente. – Uma mentira, uma mentira, uma mentira palpável. Stannis quer o Trono de Ferro para si, mas os filhos de seu irmão estão em seu caminho, então ele precisa afirmar que não são do irmão. Aquela carta imunda... não há um fragmento de verdade naquilo. Eu nego.

O Alto Septão colocou as duas mãos abertas sobre a mesa e empurrou a cadeira para se levantar.

– Bom. Lorde Stannis deixou a verdade dos Sete para venerar um demônio vermelho, e sua falsa fé não tem lugar nestes Sete Reinos.

Aquilo era quase reconfortante. Cersei assentiu.

– Mesmo assim – Sua Alta Santidade continuou –, essas são acusações terríveis, e o reino precisa saber a verdade sobre elas. Se Vossa Graça disse a verdade, sem dúvida um julgamento provará sua inocência.

*Um julgamento, ainda*.

– Já confessei...

– ... alguns pecados, sim. Outros, você negou. Seu julgamento separará as verdades das falsidades. Pedirei aos Sete que perdoem os pecados que confessou e rezarei para que a encontrem inocente das outras acusações.

Cersei ergueu-se lentamente de seus joelhos.

– Eu me curvo à sabedoria de Vossa Alta Santidade – disse –, mas, se posso implorar por uma gota da misericórdia da Mãe, eu... faz tanto tempo desde que vi meu filho, por favor...

Os olhos do velho eram pedaços de sílex.

– Não seria apropriado permitir que se aproxime do rei até que tenha sido limpa de todas as suas iniquidades. Contudo, você deu o primeiro passo em seu caminho de volta à honradez e, à luz disso, eu permitirei que tenha outros visitantes. Um por dia.

A rainha começou a chorar novamente. Desta vez, suas lágrimas eram verdadeiras.

– O senhor é tão gentil. Obrigada.

– A Mãe é misericordiosa. É a ela que deve agradecer.

Moelle e Scolera estavam esperando para levá-la de volta à cela da torre. Unella seguia logo atrás delas.

– Todas temos rezado por Vossa Graça – Septã Moelle disse enquanto subiam.

– Sim – Septã Scolera ecoou –, e você deve se sentir tão mais leve, agora, limpa e inocente como uma donzela na manhã de seu casamento.

*Trepei com Jaime na manhã do meu casamento*, a rainha se lembrou.

– Eu me sinto – disse. – Sinto-me renascida, como se um furúnculo inflamado tivesse sido lancetado, e agora, ao menos, posso começar a me curar. Eu poderia quase voar. – Imaginava como seria agradável dar uma cotovelada no rosto da Septã Scolera e fazê-la rolar pela escada em espiral. Se os deuses fossem bons, a velha boceta enrugada podia trombar na Septã Unella e levá-la para baixo consigo.

– É bom vê-la sorrir novamente – Scolera falou.

– Sua Alta Santidade disse que eu posso receber visitas?

– Disse – falou a Septã Unella. – Se Vossa Graça disser quem deseja ver, enviaremos convites para eles.

*Jaime, preciso de Jaime.* Mas se seu irmão gêmeo estava na cidade, por que não tinha vindo até ela? Talvez fosse mais prudente esperar Jaime até que tivesse uma noção melhor do que estava acontecendo além das paredes do Grande Septo de Baelor.

– Meu tio – falou. – Sor Kevan Lannister, o irmão de meu pai. Ele está na cidade?

– Está – respondeu Septã Unella. – O Senhor Regente passou a residir na Fortaleza Vermelha. Enviaremos uma mensagem para ele imediatamente.

– Obrigada – disse Cersei, pensando, *Senhor Regente, é?* Ela não podia fingir estar surpresa.

Um coração humilde e contrito provou ter benefícios muito além da limpeza dos pecados da alma. Naquela noite, a rainha foi levada para uma cela maior, dois andares abaixo, com uma janela pela qual podia olhar para fora e cobertores quentes e macios para sua cama. E, quando chegou a hora da ceia, em vez de pão amanhecido e mingau de aveia, serviram capão assado, uma tigela de verduras crocantes polvilhadas com nozes picadas e uma porção de purê de nabo nadando em manteiga. Naquela noite, ela foi para a cama com o estômago cheio pela primeira vez desde que fora presa, e dormiu durante as negras horas da noite sem ser perturbada.

Na manhã seguinte, com a aurora, veio seu tio.

Cersei ainda estava quebrando seu jejum quando a porta se abriu e Sor Kevan Lannister entrou.

– Deixem-nos – ele disse às carcereiras. Septã Unella levou Scolera e Moelle para fora e fechou a porta atrás delas. A rainha ficou em pé.

Sor Kevan parecia mais velho do que quando o vira pela última vez. Era um homem grande, de ombros largos e cintura grossa, com uma barba loira cortada rente que seguia a linha de sua mandíbula pesada, e cabelos loiros curtos em franco recuo de sua testa. Um manto de lã pesado, tingido de carmesim, estava preso a um ombro por um broche de ouro com o formato de cabeça de leão.

– Obrigada por vir – a rainha falou.

Seu tio franziu o cenho.

– É melhor se sentar. Há coisas que preciso contar para você.

Ela não queria sentar.

– Ainda está bravo comigo. Posso ouvir isso em sua voz. Perdoe-me, tio. Eu estava errada em jogar meu vinho em você, mas...

– Acha que me importo com uma taça de vinho? Lancel é meu filho, Cersei. Seu próprio primo. Se estou bravo com você, este é o motivo. Você deveria ter cuidado dele, guiado o rapaz, encontrado uma moça gentil de boa família para ele. Em vez disso, você...

– Eu sei. Eu sei. – *Lancel me desejava mais do que eu jamais o desejei. Ainda deseja, eu apostaria*. – Eu estava sozinha, fraca. Por favor. Tio. Oh, tio. É tão bom ver seu rosto, seu doce, doce rosto. Tenho feito coisas ruins, eu sei, mas não posso suportar que me odeie. – Ela jogou os braços ao redor dele e beijou-o na bochecha. – Perdoe-me. Perdoe-me.

Sor Kevan suportou o abraço por alguns segundos antes de finalmente levantar seus próprios braços para retribuir. Seu abraço foi curto e desajeitado.

– Basta – disse, sua voz ainda insípida e fria. – Está perdoada. Agora, sente-se. Trago algumas notícias difíceis, Cersei.

As palavras dele a assustaram.

– Alguma coisa aconteceu a Tommen? Por favor, não. Tenho tanto medo por meu filho. Ninguém me diz nada. Por favor, diga-me que Tommen está bem.

– Sua Graça está bem. Pergunta por você com frequência. – Sor Kevan colocou as mãos nos ombros dela e a manteve a distância.

– Jaime, então? É sobre Jaime?

– Não. Jaime ainda está no Tridente, em algum lugar.

– Em algum lugar? – Ela não gostou de como aquilo soou.

– Ele tomou Corvarbor e aceitou a rendição de Lorde Blackwood – seu tio contou –, mas, no caminho de volta a Correrrio, ele deixou sua tropa e partiu com uma mulher.

– Uma mulher? – Cersei o encarou, sem compreender. – Que mulher? Por quê? Para onde foram?

– Ninguém sabe. Não tivemos mais notícias dele. A mulher pode ter sido a filha do Estrela da Tarde, a Senhora Brienne.

*Ela*. A rainha de lembrava da Donzela de Tarth, uma coisa imensa, feia e desajeitada que se vestia em cota de malha. *Jaime nunca me abandonaria por tal criatura*. *Meu corvo nunca chegou até ele, de outra forma ele teria vindo.*

– Temos tido relatos de mercenários desembarcando por todo o Sul – Sor Kevan estava dizendo. – Tarth, Passopedra, Cabo da Fúria... onde Stannis conseguiu dinheiro para contratar uma companhia livre é algo que eu adoraria saber. Não tenho forças para lidar com eles, não aqui. Mace Tyrell tem, mas recusa-se a mover suas tropas até que a questão com sua filha esteja solucionada.

*Um carrasco solucionaria a questão de Margaery bem rapidamente*. Cersei não dava a mínima para Stannis e seus mercenários. *Os Outros que o levem e aos Tyrell junto. Deixe-os matar uns aos outros, o reino ficará melhor assim*.

– Por favor, tio, me tire daqui.

– Como? Pela força das armas? – Sor Kevan andou até a janela e olhou para fora, franzindo o cenho. – Eu teria que transformar este lugar sagrado em um abatedouro. E não tenho homens para isso. A maior parte de nossas forças estava em Correrrio, com seu irmão. Não tenho tempo de reunir uma nova tropa. – Virou-se para encará-la. – Falei com Sua Alta Santidade. Ele não a soltará até que tenha expiado seus pecados.

– Já confessei.

– *Expiado*, eu disse. Diante da cidade. Uma caminhada...

– Não. – Ela sabia o que o tio estava prestes a dizer e não queria ouvir aquilo. – Nunca. Diga isso para ele, se conversarem novamente. Sou uma rainha, não uma prostituta do cais.

– Nada de mau aconteceria com você. Ninguém tocará...

– Não – ela falou, mais rispidamente. – Eu prefiro morrer.

Sor Kevan não se abalou.

– Se for seu desejo, você pode tê-lo concedido em breve. Sua Alta Santidade está convencido de que você será julgada por regicídio, deicídio, incesto e alta traição.

– Deicídio? – Ela quase riu. – Quando eu matei um deus?

– O Alto Septão fala pelos Sete na terra. Atinja-o e você estará atingindo os próprios deuses. – Seu tio ergueu uma mão antes que ela pudesse protestar. – Não é bom falar dessas coisas. Não aqui. O momento para tudo isso é no julgamento. – Ele contemplou a cela. O olhar em seu rosto falava muito.

*Alguém está ouvindo.* Mesmo aqui, mesmo agora, ela não se atrevia a falar livremente. Respirou fundo.

– Quem vai me julgar?

– A Fé – seu tio respondeu –, a menos que você insista em um julgamento por combate. Neste caso, terá que ser defendida por um cavaleiro da Guarda Real. Qualquer que seja o resultado, seu governo acabou. Eu serei regente de Tommen até que ele tenha idade. Mace Tyrell foi nomeado Mão do Rei. Grande Meistre Pycelle e Sor Harys Swyft

continuarão como antes, mas Paxter Redwyne é agora senhor almirante e Randyll Tarly assumiu os deveres da justiça.

*Vassalos dos Tyrell, ambos*. A completa governança do reino estava sendo entregue aos inimigos dela, amigos e parentes da Rainha Margaery.

– Margaery continua acusada também. Ela e aquelas primas dela. Como é que os pardais a libertaram e não a mim?

– Randyll Tarly insistiu. Ele foi o primeiro a chegar a Porto Real quando a tempestade começou e trouxe seu exército consigo. As garotas Tyrell ainda serão julgadas, mas o caso contra elas é fraco, Sua Alta Santidade admite. Todos os homens acusados de serem amantes da rainha negaram as acusações ou abjuraram, exceto aquele cantor mutilado que parece estar meio louco. Então o Alto Septão entregou as garotas sob a custódia de Tarly, e Lorde Randyll fez um juramento sagrado de que as entregaria a julgamento quando fosse a hora.

– E os acusadores delas? – A rainha exigiu saber. – Quem está com eles?

– Osney Kettleblack e o Bardo Azul estão aqui, embaixo do septo. Os gêmeos Redwyne foram declarados inocentes, e Hamish, o Harpista, morreu. Os demais estão nos calabouços sob a Fortaleza Vermelha, a cargo de seu homem, Qyburn.

*Qyburn*, pensou Cersei. Aquilo era bom, uma palha ao menos na qual podia se agarrar. Lorde Qyburn estava com eles, e Lorde Qyburn podia fazer maravilhas. *E horrores. Ele pode fazer horrores, também.*

– Ainda há mais, pior. Quer se sentar?

– Sentar? – Cersei abanou a cabeça. O que poderia ser pior? Ela seria julgada por alta traição, enquanto a pequena rainha e suas primas voavam livres como pássaros. – Diga-me. O que é?

– Myrcella. Temos graves notícias de Dorne.

– *Tyrion* – ela disse, imediatamente. Tyrion enviara sua garotinha para Dorne, e Cersei despachara Sor Balon Swann para trazê-la para casa. Todos os dornenses eram serpentes, e os Martell eram os piores deles. A Víbora Vermelha tentara defender o Duende, e por um triz não conseguira a vitória que teria permitido que o anão escapasse da culpa pelo assassinato de Joffrey. – É ele, ele esteve em Dorne todo esse tempo e agora pegou minha filha.

Sor Kevan fez outra cara feia para ela.

– Myrcella foi atacada por um cavaleiro dornense chamado Gerold Dayne. Está viva, mas ferida. Ele cortou o rosto dela, ela... sinto muito... ela perdeu uma orelha.

– Uma orelha – Cersei o encarou, espantada. *Ela era apenas uma criança, minha preciosa princesa. Era tão bonita também.* – Ele cortou uma orelha dela. E o Príncipe Doran e seus cavaleiros dornenses, onde estavam? Não podiam defender uma garotinha? Onde estava Arys Oakheart?

– Assassinado, defendendo-a. Dayne o cortou também, pelo que dizem.

A Espada da Manhã havia sido um Dayne, a rainha se lembrou, mas estava morto havia muito tempo. Quem era esse Sor Gerold e por que desejava ferir a filha dela? Ela não conseguia ver sentido nisso, a menos...

– Tyrion perdeu metade do nariz na Batalha da Água Negra. Cortando o rosto dela, arrancando uma orelha... os dedinhos imundos do Duende estão nisso.

– O Príncipe Doran não diz nada sobre seu irmão. E Balon Swann escreve que Myrcella coloca toda a culpa neste tal de Gerold Dayne. Estrela Negra, eles o chamam.

Ela deu uma risada amarga.

– Como quer que o chamem, ele é pau mandado do meu irmão. Tyrion tem amigos entre os dornenses. O Duende planejou tudo isso. Foi Tyrion quem prometeu Myrcella ao Príncipe Trystane. Agora vejo o porquê.

– Você vê Tyrion em cada sombra.

– Ele é uma criatura das sombras. Matou Joffrey. Matou nosso pai. Você acha que ele parou aí? Eu temia que o Duende ainda estivesse em Porto Real planejando ferir Tommen, mas, em vez disso, ele foi para Dorne, para matar Myrcella primeiro. – Cersei andou pela cela. – Preciso estar com Tommen. Esses cavaleiros da Guarda Real são tão inúteis quanto mamilos em uma placa peitoral. – Ela se aproximou do tio. – Sor Arys está morto, você disse.

– Pelas mãos desse homem, Estrela Negra, sim.

– Morto, está *morto*, tem certeza disso?

– Foi o que nos disseram.

– Então há um lugar vago na Guarda Real. Preciso preenchê-lo imediatamente. Tommen deve ser protegido.

– Lorde Tarly está elaborando uma lista de cavaleiros dignos para que seu irmão possa considerar, mas até que Jaime reapareça...

– O rei pode dar o manto branco a um homem. Tommen é um bom menino. Diga para ele quem nomear e ele o nomeará.

– E quem você diria para ele nomear?

Ela não tinha uma resposta pronta. *Meu campeão precisará de um novo nome, assim como de um novo rosto*.

– Qyburn saberá. Confie nele para isso. Você e eu tivemos nossas diferenças, tio, mas pelo sangue que dividimos e pelo amor que você tinha por meu pai, pela segurança de Tommen e pela segurança de sua pobre irmã mutilada, faça o que lhe peço. Vá até Lorde Qyburn em meu nome, leve um manto branco para ele e diga-lhe que a hora chegou.

# O guarda da Rainha

—Você era homem da rainha – disse Reznak mo Reznak. – O rei deseja seus próprios homens com ele quando estiver em audiência.

*Ainda sou homem da rainha. Hoje, amanhã, sempre, até meu último suspiro, ou o dela*. Barristan Selmy se recusava a acreditar que Daenerys Targaryen estivesse morta.

Talvez fosse por isso que estivesse sendo colocado de lado. *Um a um, Hizdahr removerá todos nós*. Belwas, o Forte, permanecia às portas da morte no templo, sob os cuidados das Graças Azuis... mas Selmy suspeitava que elas estavam terminando o trabalho que os gafanhotos no mel tinham começado. Skahaz Cabeça-Raspada fora despojado de seu comando. Os Imaculados se retiraram para os quartéis. Jhogo, Daario Naharis, o Almirante Groleo e Herói, dos Imaculados, permaneciam reféns dos yunkaítas. Aggo, Rakharo e o restante do *khalasar* de Daenerys haviam sido despachados pelo rio para procurar sua rainha desaparecida. Mesmo Missandei fora substituída; o rei não achava apropriado usar uma criança como arauto, muito menos uma ex-escrava naathi. *E, agora, eu.*

Houve um tempo em que teria considerado essa destituição como uma mancha em sua honra. Mas aquilo era em Westeros. No poço de serpentes que era Meereen, a honra parecia tão tola quanto a roupa colorida de um bobo. E esta desconfiança era mútua. Hizdahr zo Loraq podia ser o consorte da rainha, mas nunca seria o rei de Barristan Selmy.

– Se Sua Graça deseja que eu me afaste da corte...

– Seu Iluminado – o senescal corrigiu. – Não, não, não, você me entendeu mal. Sua Veneração está recebendo uma delegação de yunkaítas para discutir a retirada de seus exércitos. Eles podem pedir... ah... recompensas por aqueles que perderam suas vidas na ira do dragão. Uma situação delicada. O rei acha que será melhor se virem um rei meereenês

sobre o trono, protegido por guerreiros meereeneses. Certamente você compreende isso, sor.

*Compreendo mais do que você imagina*.

– Posso saber que homens Sua Graça escolheu para protegê-lo?

Reznak mo Reznak sorriu seu sorriso gosmento.

– Guerreiros terríveis, que amam Sua Veneração também. Goghor, o Gigante. Khrazz. O Gato Malhado. Belaquo Quebra-Ossos. Todos heróis.

*Todos lutadores de arenas*. Sor Barristan não estava surpreso. Hizdahr zo Loraq sentava-se desconfortavelmente em seu novo trono. Já fazia mil anos desde que Meereen tivera seu último rei, e havia alguns entre o sangue antigo que se julgavam uma escolha melhor do que ele. Do lado de fora da cidade estavam os yunkaítas e seus mercenários e aliados; do lado de dentro estavam os Filhos da Harpia.

E os protetores do rei diminuíam a cada dia. O erro estúpido que Hizdahr cometera com Verme Cinzento lhe custara os Imaculados. Quando Sua Graça tentou colocar a tropa sob comando de um primo, como fizera com as Bestas de Bronze, Verme Cinzento informou ao rei que eles eram homens livres, comandados apenas por sua mãe. E, quanto às Bestas de Bronze, metade era de libertos e o restante era de cabeças-raspadas, cuja lealdade verdadeira ainda estava com Skahaz mo Kandaq. Os lutadores de arenas eram o único apoio confiável do Rei Hizdahr contra um oceano de inimigos.

– Eles podem defender Sua Graça contra todas as ameaças. – O tom grave de Sor Barristan não dava pista de seus sentimentos reais; aprendera a escondê-los em Porto Real, anos atrás.

– Sua *Magnificência* – Reznak mo Reznak sublinhou. – Seus outros deveres permanecem os mesmos, sor. Se esta paz falhar, Seu Iluminado ainda deseja que você comande suas forças contra os inimigos de nossa cidade.

*Ele tem consciência disso, ao menos*. Belaquo Quebra-Ossos e Goghor, o Gigante, podiam servir como escudos de Hizdahr, mas a ideia de um deles liderando um exército em batalha era tão ridícula que o velho cavaleiro quase sorriu.

– Estou às ordens de Sua Graça.

– Não é *Graça* – o senescal reclamou. – Esse tipo de tratamento é westerosi. Sua Magnificência, Seu Iluminado, Sua Veneração.

*Sua Vaidade cairia melhor*.

– Como queira.

Reznak passou a língua pelos lábios.

– Então terminamos. – Dessa vez, seu sorriso gorduroso denotava despedida. Sor Barristan partiu, grato por deixar o cheiro pestilento do perfume do senescal para trás. *Um homem deve cheirar suor, não flores*.

A Grande Pirâmide de Meereen tinha mais de duzentos metros de altura da base até o topo. Os aposentos do senescal ficavam no segundo nível. Os quartos da rainha, e os seus próprios, ocupavam o andar mais alto. *Uma longa subida para um homem da minha idade,* Sor Barristan pensou, quando começou a escalada. Ficara conhecido por subir cinco ou seis vezes por dia para resolver assuntos da rainha, como as dores cortantes em seus joelhos e o encurtamento das costas podiam atestar. *Virá o dia em que não poderei mais encarar estes degraus*, pensou, *e esse dia está mais próximo do que eu gostaria*. Antes que isso acontecesse, tinha que se assegurar de que pelo menos alguns de seus rapazes estivessem prontos para tomar seu lugar ao lado da rainha. *Eu mesmo os sagrarei cavaleiros quando forem dignos, e darei a cada um deles um cavalo e esporas de ouro.*

Os aposentos reais estavam tranquilos e silenciosos. Hizdahr não viera morar ali, preferindo estabelecer sua própria suíte em quartos bem no coração da Grande Pirâmide, onde tijolos maciços o cercavam por todos os lados. Mezzara, Miklaz, Qezza, e o resto dos jovens copeiros da rainha – reféns, na verdade, mas tanto Selmy quanto a rainha haviam se afeiçoado tanto a eles que era difícil pensar nos garotos e garotas daquela maneira – foram com o rei, enquanto Irri e Jhiqui partiram com os outros dothrakis. Apenas Missandei permanecera, um pequeno fantasma desamparado, assombrando as câmaras da rainha no alto da pirâmide.

Sor Barristan caminhou até o terraço. O céu sobre Meereen tinha a cor da carne de cadáveres, embotada, branca e pesada, uma massa de nuvens ininterrupta de horizonte a horizonte. O sol estava escondido atrás de uma muralha de nuvens. Iria se pôr sem ser visto, como havia se erguido naquela manhã. A noite seria quente; o tipo de noite suada, sufocante, pegajosa, sem um pingo de ar. Por três dias a chuva ameaçara, mas nem uma gota caíra. *A chuva seria um alívio. Poderia ajudar a lavar a cidade.*

Dali, podia ver quatro pirâmides menores, as muralhas ocidentais da cidade e os acampamentos dos yunkaítas nas margens da Baía dos Escravos, onde uma grossa coluna de fumaça engordurada retorcia-se para cima como uma serpente monstruosa. *Os yunkaítas queimando seus mortos*, percebeu. *A égua descorada está galopando pelo acampamento do cerco*. Apesar de tudo o que a rainha fizera, a doença se espalhara, tanto no interior das muralhas quanto fora delas. Os mercados de Meereen estavam fechados, as ruas vazias. O Rei Hizdahr permitira que as arenas de luta permanecessem abertas, mas as multidões eram escassas. O meereeneses tinham começado a evitar até mesmo o Templo das Graças, segundo relatos.

*Os mercadores de escravos encontrarão alguma maneira de culpar Daenerys por isso também*, Sor Barristan pensou, amargamente. Quase podia ouvi-los quando sussurravam; Grandes Mestres, Filhos da Harpia, yunkaítas, todos dizendo uns aos outros que a rainha dele estava morta. Metade da cidade acreditava naquilo, embora ainda não tivesse coragem de dizer as palavras em voz alta. *Mas logo terão, acredito.*

Sor Barristan sentia-se muito cansado, muito velho. *Para onde foram todos os anos?* Ultimamente, sempre que se ajoelhava para beber de um espelho d'água, via um rosto estranho encarando-o das profundezas da água. Quando esses pés de galinha apareceram ao redor de seus claros olhos azuis? Havia quanto tempo seu cabelo deixara a luz do sol para tornar-se neve? *Anos atrás, velho. Décadas.*

Mesmo assim, parecia ontem que fora sagrado cavaleiro, depois do torneio em Porto Real. Ainda se lembrava do toque da espada do Rei Aegon sobre seu ombro, leve como o beijo de uma donzela. As palavras ficaram presas na garganta quando disse seus votos. No banquete daquela noite, comera costelas de javali selvagem, preparadas à moda de Dorne, com pimentas-dragão, tão quentes que queimaram sua língua. Quarenta e sete anos, e o gosto ainda estava em sua memória, mas não saberia dizer o que ceara dez dias atrás, mesmo se os sete reinos dependessem disso. *Cão cozido, provavelmente. Ou algum outro prato desagradável tão ruim quanto.*

Não pela primeira vez, Selmy admirou o estranho destino que o levara até ali. Era um cavaleiro de Westeros, um homem das terras da tempestade e das marcas dornenses; seu lugar era nos Sete Reinos, não

nas praias sufocantes da Baía dos Escravos. *Vim para levar Daenerys para casa*. E, mesmo assim, ele a perdera, exatamente como perdera seu pai e seu irmão. *Até mesmo Robert. Falhei com ele, também.*

Talvez Hizdahr fosse mais sábio do que ele pensava. *Dez anos atrás, eu teria percebido o que Daenerys pretendia fazer. Dez anos atrás, eu teria sido rápido o suficiente para detê-la.* Em vez disso, ficara perplexo e gritando seu nome quando ela pulara na arena, correndo depois inutilmente atrás dela pelas areias escarlate. *Eu me tornei velho e lento.* Não admirava que Naharis zombasse dele chamando-o de Sor Vovô. *Será que Daario teria se mexido com mais rapidez, se estivesse ao lado da rainha naquele dia?* Selmy acreditava saber a resposta daquele pergunta, embora não fosse algo que o agradasse.

Sonhara com aquilo novamente noite passada. Belwas de joelhos, vomitando bile e sangue, Hizdahr instando os matadores de dragão, homens e mulheres fugindo aterrorizados, lutando nos degraus, subindo uns sobre os outros, berrando e gritando. E Daenerys...

*O cabelo dela estava em chamas. Ela tinha o chicote nas mãos e estava gritando e, então, estava nas costas do dragão, voando.* A areia que Drogon espalhou quando bateu as asas entrou em seus olhos, mas, mesmo atrás de um véu de lágrimas, Sor Barristan vira a besta voar da arena, elevando-se com suas grandes asas negras até os ombros dos guerreiros de bronze nos portões.

O resto, soube mais tarde. Além dos portões, a multidão se comprimia. Enlouquecidos pelo cheiro do dragão, os cavalos empinavam, aterrorizados, dando coices com as ferraduras. Tanto barracas de comida quanto palanquins foram virados, homens derrubados e pisoteados. Lanças foram arremessadas, bestas foram disparadas. Algumas acertaram o alvo. O dragão virou-se violentamente no ar, com os ferimentos soltando fumaça, a garota pendurada em suas costas. Então, soltou fogo.

Levara o resto do dia e quase a noite toda para as Bestas de Bronze reunirem os cadáveres. A contagem final era de duzentos e catorze mortos, e três vezes essa quantidade de queimados ou feridos. Drogon partira da cidade depois disso, sendo visto pela última vez sobre o Skahazadhan, voando para o norte. Nenhum sinal de Daenerys Targaryen

foi encontrado. Alguns juravam tê-la visto cair. Outros insistiam que o dragão a levara e a devorara. *Estão errados*.

Sor Barristan não sabia mais de dragões do que as histórias que toda criança escutava, mas conhecia os Targaryen. Daenerys estava *cavalgando* aquele dragão, como Aegon antes cavalgara Balerion.

– Ela pode estar voando para casa – disse para si mesmo, em voz alta.

– Não – murmurou uma voz suave atrás dele. – Ela não faria isso, sor. Ela não iria para casa sem nós.

Sor Barristan se virou.

– Missandei. Filha. Há quanto tempo está aí?

– Não muito. Esta uma sente se o incomodou. – Ela hesitou. – Skahaz mo Kandaq deseja falar com você.

– O Cabeça-Raspada? Você falou com ele? – Aquilo era imprudente, imprudente. A inimizade era profunda entre Skahaz e o rei, e a garota era esperta o suficiente para saber aquilo. Skahaz fora franco em sua oposição ao casamento da rainha, um fato que Hizdahr não esquecera. – Ele está aqui? Na pirâmide?

– Quando ele quer. Ele vem e vai, sor.

*Sim. Ele pode fazer isso.*

– Quem disse para você que ele quer falar comigo?

– Uma Besta de Bronze. Usava uma máscara de coruja.

*Usava uma máscara de coruja quando falou com você. Agora pode ser um chacal, um tigre, um bicho-preguiça.* Sor Barristan odiara as máscaras desde o início, e nunca mais do que agora. Homens honestos não precisam esconder seu rosto. E o Cabeça-Raspada...

*O que ele estaria pensando?* Depois que Hizdahr dera o comando das Bestas de Bronze para seu primo Marghaz zo Loraq, Skahaz fora nomeado Protetor do Rio, ficando a cargo das balsas, dragas e diques de irrigação ao longo do Skahazadhan por trezentos quilômetros, mas o Cabeça-Raspada recusara o "antigo e honorável cargo", como Hizdahr chamara, preferindo se retirar para a modesta pirâmide de Kandaq. *Sem a rainha para protegê-lo, ele assume um grande risco vindo aqui.* E se Sor Barristan fosse visto falando com ele, as suspeitas cairiam sobre si, também.

Não gostava daquilo. Cheirava a engano, sussurros e mentiras, e tramas eclodidas na escuridão, todas as coisas que esperava ter deixado para trás

com o Aranha, Lorde Mindinho e sua laia. Barristan Selmy não era um homem dado à leitura, mas várias vezes folheara as páginas do *Livro Branco*, onde os feitos de seus predecessores haviam sido gravados. Alguns foram heróis, outros fracos, patifes ou covardes. A maioria era apenas homens; mais rápidos e mais fortes que os demais, mais habilidosos com a espada e o escudo, mas ainda presas do orgulho, da ambição, da luxúria, do amor, da raiva, do ciúme, ávidos por ouro, famintos por poder, e todas as outras falhas que afligiam meros mortais. Os melhores deles superaram seus erros, cumpriram seu dever e morreram com as espadas nas mãos. Os piores...

*Os piores foram aqueles que jogaram o jogo dos tronos.*

– Pode encontrar essa coruja novamente? – perguntou para Missandei.

– Esta uma pode tentar, sor.

– Diga para ele que falarei com... com nosso amigo... depois que escurecer, nos estábulos. – As portas principais da pirâmide eram fechadas e lacradas ao pôr do sol. Os estábulos estariam tranquilos nesse horário. – Assegure-se de que seja a mesma coruja. – Não serviria de nada se a Besta de Bronze errada ouvisse isso.

– Esta uma entende. – Missandei virou-se para ir embora, então parou por um momento e disse: – Dizem que os yunkaítas cercaram a cidade com catapultas, para lançar dardos de ferro no céu se Drogon retornar.

Sor Barristan ouvira aquilo também.

– Não é uma coisa simples matar um dragão no céu. Em Westeros, muitos tentaram derrubar Aegon e suas irmãs. Ninguém conseguiu.

Missandei assentiu. Era difícil dizer se aquilo a tranquilizara.

– Acha que a encontrarão, sor? As terras de grama são tão vastas, e dragões não deixam rastros no céu.

– Aggo e Rakharo são sangue do seu sangue... e quem conhece o mar dothraki melhor do que os dothrakis? – Ele apertou o ombro dela. – Eles a encontrarão, se ela puder ser encontrada. – *Se ainda estiver viva.* Outros khals rondavam a região, senhores dos cavalos com *khalasars* cujos membros chegavam a dezenas de milhares. Mas a garota não precisava escutar aquilo. – Você a ama também, eu sei. Juro, manterei a rainha a salvo.

As palavras pareceram trazer algum conforto para a garota. *Mas palavras são vento*, pensou Sor Barristan. *Como posso proteger a rainha*

*se não estou com ela?*

Barristan Selmy conhecera muitos reis. Nascera durante o reinado conturbado de Aegon, o Improvável, amado pelos camponeses, e tinha sido sagrado cavaleiro por suas mãos. O filho de Aegon, Jaehaerys, lhe dera o manto branco quando ele tinha vinte e três, depois de matar Maelys, o Monstruoso, durante a Guerra dos Reis de Nove Moedas. Com aquele mesmo manto, ele ficara ao lado do Trono de Ferro enquanto a loucura consumia o filho de Jaehaerys, Aerys. *Fiquei lá, vi e escutei, e mesmo assim não fiz nada.*

Mas, não. Aquilo não era justo. Cumprira seu dever. Algumas noites, Sor Barristan se perguntava se não tinha cumprido aquele dever bem demais. Jurara seus votos diante dos olhos dos deuses e dos homens e não podia ir contra eles com honra... mas manter esses votos ficara mais difícil nos últimos anos do reinado do Rei Aerys. Vira coisas que eram doloridas de lembrar, e mais de uma vez se perguntou quanto do sangue estava em suas próprias mãos. Se não tivesse ido para Valdocaso resgatar Aerys do calabouço de Lorde Darklyn, o rei bem que poderia ter morrido quando Tywin Lannister saqueou a cidade. Então, o Príncipe Rhaegar teria assumido o Trono de Ferro, talvez para curar o reino. Valdocaso havia sido o melhor momento de Barristan Selmy e, mesmo assim, a memória deixava um gosto amargo em sua língua.

Eram seus fracassos que o assombravam à noite, no entanto. *Jaehaerys, Aerys, Robert. Três reis mortos. Rhaegar, que teria sido um rei melhor do que qualquer um deles. A Princesa Elia e seus filhos. Aegon, apenas um bebê, Rhaenys com seu gatinho*. Mortos, cada um deles, e mesmo assim ele ainda vivia, aquele que havia jurado protegê-los. E, agora, Daenerys, sua brilhante rainha criança. *Ela não está morta. Não acreditarei nisso.*

A tarde trouxe para Sor Barristan uma pausa em suas dúvidas. Ele a passou na sala de treino do terceiro nível da pirâmide, trabalhando com seus garotos, ensinando para eles a arte da espada e do escudo, cavalo e lança... e cavalheirismo, o código que fazia de um cavaleiro mais do que qualquer lutador de arena. Daenerys precisaria de protetores de sua idade quando ele se fosse, e Sor Barristan estava determinado a lhe dar tais homens.

Os rapazes que estava instruindo tinham idade que ia de oito a vinte anos. Começara com mais de sessenta deles, mas o treinamento se provara rigoroso demais para muitos. Menos de metade daquele número permanecia agora, mas alguns mostravam grande promessa. *Sem nenhum rei para guardar, agora tenho mais tempo para treiná-los,* percebeu, enquanto andava de par em par, observando-os irem um até o outro com espadas cegas e lanças com pontas arredondadas. *Bravos garotos. De baixo nascimento, sim, mas alguns serão bons cavaleiros, e amam a rainha. Se não fosse por ela, todos teriam terminado nas arenas. O Rei Hizdahr tem seus lutadores de arena, mas Daenerys terá cavaleiros.*

– Mantenham os escudos levantados – gritou. – Mostrem-me seus ataques. Juntos, agora. Embaixo, em cima, embaixo, embaixo, em cima, embaixo...

Selmy teve sua ceia simples no terraço da rainha naquela noite, e comeu enquanto o sol se punha. Através do crepúsculo púrpura, via fogueiras despertando uma a uma nas grandes pirâmides de degraus, enquanto os tijolos multicoloridos de Meereen desbotavam em tons de cinza e, depois, negro. Sombras se reuniam nas ruas e becos lá embaixo, formando piscinas e rios. Na escuridão, a cidade parecia um lugar tranquilo, até mesmo bonito. *Isso é a peste, não paz*, o velho cavaleiro disse para si mesmo, com o último gole de vinho.

Ele não desejava ser notado, então, quando terminou a ceia, tirou as roupas da corte, trocando o manto branco da Guarda da Rainha por um marrom com capuz que qualquer homem do povo poderia usar. Manteve sua espada e sua adaga. *Isso pode ser uma armadilha*. Tinha pouca confiança em Hizdahr, e menos ainda em Reznak mo Reznak. O senescal perfumado poderia muito bem ser parte daquilo, tentando atraí-lo para um encontro secreto para que pudesse capturar tanto ele quanto Skahaz e acusá-los de conspiração contra o rei. *Se o Cabeça-Raspada falar em traição, não me deixará outra alternativa que não prendê-lo. Hizdahr é o consorte da minha rainha, por menos que eu goste dele. Meu dever é com ele, não com Skahaz.*

Ou era?

O primeiro dever da Guarda Real era defender o rei de danos ou ameaças. Os cavaleiros brancos juravam obedecer as ordens do rei também, manter seus segredos, aconselhá-lo quando conselhos eram

pedidos e manter silêncio caso contrário, servir ao seu prazer e defender seu nome e honra. Estritamente falando, era escolha apenas do rei se a proteção da Guarda Real devia ou não ser estendida a outros, mesmo àqueles de sangue real. Alguns reis achavam correto e adequado despachar a Guarda Real para servir e defender suas esposas e filhos, irmãos, tias, tios e primos em maior ou menor grau, e, ocasionalmente, até suas namoradas, amantes e bastardos. Mas outros preferiam usar cavaleiros de suas casas e homens em armas para esses propósitos, enquanto mantinham seus sete bem próximos para sua guarda pessoal.

*Se a rainha tivesse me ordenado proteger Hizdahr, eu não teria outra escolha senão obedecer.* Mas Daenerys Targaryen nunca estabelecera uma Guarda da Rainha de fato, nem para si mesma, ou emitira qualquer ordem a respeito de seu consorte. *O mundo era mais simples quando eu tinha um senhor comandante para decidir essas questões*, Selmy refletiu. *Agora sou o senhor comandante, e é difícil saber qual o caminho correto.*

Quando finalmente chegou à base do último lance de escadas, encontrou-se sozinho entre os corredores iluminados por tochas dentro das maciças paredes de tijolos da pirâmide. Os grandes portões estavam fechados e lacrados, como antecipara. Quatro Bestas de Bronze estavam de guarda do lado de fora, mais quatro do lado de dentro. Foram esses últimos que o velho cavaleiro encontrou – homens grandes, mascarados como javali, urso, ratazana e manticora.

– Tudo tranquilo, sor – o urso falou para ele.

– Mantenha assim. – Não era incomum que Sor Barristan desse uma volta, à noite, para ter certeza de que a pirâmide estava segura.

Nas profundezas da pirâmide, outras quatro Bestas de Bronze haviam sido escolhidas para guardar as portas de ferro do lado de fora do fosso onde Viserion e Rhaegal estavam presos. A luz das tochas brilhava em suas máscaras – macaco, carneiro, lobo e crocodilo.

– Eles têm sido alimentados? – Sor Barristan perguntou.

– Sim, sor – respondeu o macaco. – Uma ovelha para cada.

*E por quanto tempo isso será suficiente, me pergunto?* Os dragões cresciam, assim como seus apetites.

Era hora de encontrar o Cabeça-Raspada. Sor Barristan fez o caminho de volta, passando pelos elefantes e pela égua prateada da rainha, até os estábulos. Um burro relinchou quando ele passou, e alguns cavalos se

agitaram sob a luz de sua lanterna. Além disso, tudo era escuridão e silêncio.

Então uma sombra se destacou de dentro de um estábulo vazio e transformou-se em outra Besta de Bronze, vestido com saia pregueada, grevas e uma musculosa placa peitoral.

– Um gato? – perguntou Barristan Selmy, quando viu o bronze sob o capuz. Quando o Cabeça-Raspada comandava as Bestas de Bronze, protegia-se com uma máscara de cabeça de serpente, imperiosa e assustadora.

– Gatos vão a qualquer lugar – respondeu a voz familiar de Skahaz mo Kandaq. – Ninguém nem olha para eles.

– Se Hizdahr souber que você está aqui...

– E quem vai dizer para ele? Marghaz? Marghaz sabe o que eu quero que ele saiba. As Bestas ainda são minhas. Não se esqueça disso. – A voz do Cabeça-Raspada estava abafada pela máscara, mas Selmy podia sentir a raiva nela. – Tenho o envenenador.

– Quem?

– O pasteleiro de Hizdahr. O nome dele não significaria nada para você. O homem era apenas um pau mandado. Os Filhos da Harpia pegaram a filha dele e juraram que ela retornaria intacta assim que a rainha estivesse morta. Belwas e o dragão salvaram Daenerys. Ninguém salvou a garota. Ela retornou para seu pai na escuridão da noite, em nove pedaços. Um para cada ano que viveu.

– Por quê? – Dúvidas o torturavam. – Os Filhos haviam parado sua matança. A paz de Hizdahr...

– ... é uma farsa. No início, não. Os yunkaítas estavam com medo de nossa rainha, de seus Imaculados e de seus dragões. Esta terra conhecera dragões antes. Yurkhaz zo Yunzak lera suas histórias, ele sabia. Hizdahr também. Por que não uma paz? Daenerys queria isso, eles podiam ver. Queria demais. Ela deveria ter marchado para Astapor. – Skahaz se aproximou. – Isso foi antes. A arena mudou tudo. Daenerys se foi, Yurkhaz morreu. No lugar de um velho leão, uma matilha de chacais. Barbassangrenta... aquele um não tem gosto pela paz. E há mais. Pior. Volantis lançou sua frota contra nós.

– Volantis. – A mão da espada de Selmy formigava. *Fizemos a paz com Yunkai. Não com Volantis.* – Tem certeza?

– Certeza. Os Sábios Mestres sabem. Assim como os amigos deles. A Harpia, Reznak, Hizdahr. O rei abrirá os portões da cidade para os volantinos quando eles chegarem. Todos aqueles que Daenerys libertou serão escravizados novamente. Até alguns que nunca foram escravos serão colocados em correntes. Você pode terminar seus dias em uma arena de luta, velho. Khrazz comerá seu coração.

A cabeça dele latejava.

– Daenerys precisa ser informada.

– Encontre-a primeiro. – Skahaz agarrou seu antebraço. Seus dedos eram como ferro. – Não podemos esperar por ela. Falei com os Irmãos Livres, com os Homens da Mãe, com os Escudos Robustos. Eles não confiam em Loraq. Devemos quebrar os yunkaítas. Mas precisamos dos Imaculados. Verme Cinzento escutará você. Fale com ele.

– Com que finalidade? – *Ele está falando em traição. Conspiração.*

– Vida. – Os olhos do Cabeça-Raspada eram piscinas negras atrás da máscara de bronze de gato. – Devemos atacar antes que os volantinos cheguem. Quebrar o cerco, matar os senhores mercadores de escravos, trazer os mercenários para nosso lado. Os yunkaítas não esperam um ataque. Tenho espiões no acampamento deles. Há doença, dizem, pior a cada dia. A disciplina está apodrecendo. Os senhores ficam bêbados com frequência, empanturrando-se em banquetes, falando uns para os outros sobre as riquezas que dividirão quando Meereen cair, disputando a primazia. Barbassangrenta e o Príncipe Esfarrapado desprezam um ao outro. Ninguém espera uma luta. Não agora. A paz de Hizdahr nos embalou no sono, eles acreditam.

– Daenerys assinou aquela paz – Sor Barristan falou. – Não podemos quebrá-la sem seu consentimento.

– E se ela estiver morta? – quis saber o Cabeça-Raspada. – E então, sor? Eu digo que ela iria querer que protegêssemos sua cidade. Seus filhos.

Seus filhos eram os libertos. *Mhysa, eles a chamavam, todos aqueles cujas correntes ela quebrara. "Mãe".* O Cabeça-Raspada não estava errado. Daenerys iria querer seus filhos protegidos.

– E quanto a Hizdahr? Ele ainda é o consorte dela. Seu rei. Seu marido.

– Seu envenenador.

*Ele é?*

– Onde está sua prova?

– A coroa que ele usa é prova suficiente. O trono onde ele senta. Abra seus olhos, velho. Isso é tudo o que ele precisava de Daenerys, tudo o que ele sempre quis. Uma vez que conseguiu, por que compartilhar o governo?

*Por que, realmente?* Estivera tão quente lá na arena. Ele ainda podia ver o ar cintilando sobre as areias escarlate, sentir o cheiro do sangue derramado de homens que morreram para o divertimento da multidão. E ainda podia ouvir Hizdahr incentivando a rainha a provar os gafanhotos com mel. *Estes são muito saborosos... doces e quentes... e, mesmo assim, ele mesmo não tocou em nenhum...* Selmy esfregou as têmporas. *Não fiz nenhum juramento a Hizdahr zo Loraq. E, se tivesse feito, ele me colocou de lado, exatamente como Joffrey fez.*

– Este... este pasteleiro, quero interrogá-lo eu mesmo. Sozinho.

– É desse jeito? – O Cabeça-Raspada cruzou os braços contra o peito. – Feito, então. Interrogue-o como quiser.

– Se... se o que ele disser me convencer... se eu me juntar a você neste, neste... exijo sua palavra de que nenhum mal acontecerá a Hizdahr zo Loraq até... a menos que... possa ser provado que ele teve alguma participação nisso.

– Por que se importa tanto com Hizdahr, velho? Se ele não é a Harpia, é o primogênito da Harpia.

– Tudo o que sei com certeza é que ele é o consorte da rainha. Quero sua palavra nisso, ou, eu juro, me oporei a você.

O sorriso de Skahaz era selvagem.

– Minha palavra, então. Nenhum mal a Hizdahr até que sua culpa seja provada. Mas quando tivermos a prova, pretendo matá-lo com minhas próprias mãos. Quero arrancar suas entranhas e mostrá-las para ele antes de fazê-lo morrer.

*Não*, o velho cavaleiro pensou. *Se Hizdahr conspirou pela morte da minha rainha, eu terei com ele pessoalmente, mas sua morte será rápida e limpa.* Os deuses de Westeros estavam longe, mas mesmo assim Sor Barristan Selmy parou por um momento para dizer uma prece silenciosa, pedindo à Velha que iluminasse seu caminho até a sabedoria. *Pelos filhos*, disse para si mesmo. *Pela cidade. Por minha rainha*.

– Falarei com Verme Cinzento – disse.

# O pretendente de ferro

O *Luto* apareceu sozinho no raiar do dia, suas velas negras contra o rosa-claro do céu da manhã.

*Cinquenta e quatro*, Victarion pensou amargamente quando o acordaram, *e navega sozinho*. Silenciosamente, amaldiçoou o Deus da Tempestade por sua maldade, sua raiva uma pedra negra em sua barriga. *Onde estão meus navios?*

Zarpara dos Escudos com noventa e três, dos cem que outrora compunham a Frota de Ferro, uma frota que não pertencia a um único senhor, mas à própria Cadeira de Pedra do Mar, capitaneada e tripulada por homens de todas as ilhas. Navios menores do que os grandes dromons de guerra das terras verdes, sim, mas três vezes o tamanho de qualquer dracar comum, com cascos profundos e quilhas ferozes, aptos para enfrentar as frotas reais em batalha.

Em Passopedra, haviam parado para se reabastecer de cereais, diversão e água fresca, depois de uma longa viagem pela costa desolada e estéril de Dorne, com seus bancos de areia e redemoinhos. Ali, o *Vitória de Ferro* capturara um gordo navio mercante, o grande *Senhora Nobre*, a caminho de Vilavelha, passando por Vila Gaivotas, Valdocaso e Porto Real com um carregamento de bacalhau salgado, óleo de baleia e arenque em conserva. A comida era um reforço bem-vindo aos seus estoques. Outros cinco prêmios tomados no Estreito Redwyne e ao longo da costa dornense – três cocas, uma galé e uma galera – haviam elevado o número deles para noventa e nove.

Noventa e nove navios deixaram Passopedra em três orgulhosas frotas, com ordens para se juntar novamente na ponta sul da Ilha de Cedros. Quarenta e cinco tinham chegado, até agora, ao outro lado do mundo. Vinte e dois do próprio Victarion haviam se extraviado, em grupos de três ou quatro, algumas vezes sozinhos; catorze de Ralf, o Coxo; apenas nove

dos que haviam zarpado com Ralf Vermelho Stonehouse. O próprio Ralf Vermelho estava entre os desaparecidos. A esse número, a frota havia somado nove novos prêmios tomados nos oceanos, então o resultado dava cinquenta e quatro... mas os navios capturados eram cocas e barcos de pesca, navios mercantis e de traficantes de escravos, não embarcações de guerra. Em batalha, seriam substitutos pobres para os dracares perdidos da Frota de Ferro.

O último navio a aparecer fora o *Desgraça da Donzela*, três dias antes. No dia anterior, três navios haviam vindo juntos do sul – seu cativo *Senhora Nobre*, arrastando-se entre o *Alimentador de Corvos* e o *Beijo de Ferro*. Mas no dia antes desse e no anterior ainda, não havia aparecido nenhum, e apenas *Jeyne Semcabeça* e *Medo*, antes disso, então dois dias mais de mares vazios e céus sem nuvens depois que Ralf, o Coxo, apareceu com os remanescentes de sua esquadra. *Lorde Quellon*, *Viúva Branca*, *Lamentação, Aflição, Leviatã, Senhora de Ferro, Vento do Ceifeiro* e *Martelo de Guerra*, com mais seis navios atrás deles, dois dos quais devastados pela tempestade e rebocados.

– Tempestades – Ralf, o Coxo, resmungara quando veio rastejando até Victarion. – Três grandes tempestades, e ventos abomináveis entre elas. Ventos vermelhos vindos de Valíria, que cheiravam a cinzas e enxofre, e ventos negros que nos levavam em direção àquela costa em ruínas. Esta viagem está amaldiçoada desde o início. O Olho de Corvo teme você, meu senhor, caso contrário, por que o mandaria tão longe? Ele não tem intenção de que retornemos.

Victarion pensara a mesma coisa quando encontrou a primeira tempestade, a um dia da Antiga Volantis. *Os deuses odeiam os assassinos de parentes*, meditou, *caso contrário Euron Olho de Corvo teria morrido uma dúzia de mortes em minhas mãos*. Enquanto o mar colidia em torno dele e o convés se erguia e caía sob seus pés, vira *Banquete de Dagon* e *Maré Vermelha* colidirem tão violentamente que ambos explodiram em pedaços. *Obra do meu irmão*, pensou. Aqueles foram os primeiros navios de um terço perdido de sua frota. Mas não foram os últimos.

Então esbofeteou o Coxo duas vezes no rosto e disse:

– O primeiro é pelos navios que você perdeu, o segundo por falar em maldições. Diga isso novamente e eu pregarei sua língua no mastro. Se Euron pode fazer mudos, eu também posso. – O latejar de dor em sua

mão tornou as palavras mais ríspidas do que teriam sido de outro modo, mas ele pretendia dizer o que disse. – Mais navios virão. As tempestades pararam por enquanto. Terei minha frota.

Um macaco no mastro acima berrou de escárnio, quase como se sentisse o gosto de sua frustração. *Imundo, besta barulhenta*. Podia mandar um homem atrás dele, mas os macacos pareciam gostar daquele jogo, e haviam se provado mais ágeis do que sua tripulação. Os berros ficaram em seus ouvidos, contudo, e fizeram o latejar de sua mão parecer ainda pior.

– Cinquenta e quatro – resmungou. Teria sido demais esperar a força completa da Frota de Ferro depois de uma viagem tão longa... mas setenta navios, mesmo oitenta, o Deus Afogado podia ter garantido aquele tanto para ele. *Seria bom se tivéssemos Cabelo Molhado conosco, ou algum outro sacerdote*. Victarion fizera um sacrifício antes de levantar velas, e novamente em Passopedra, quando dividiu a frota em três, mas talvez tenha dito as orações erradas. *Isso, ou o Deus Afogado não tem poder aqui*. Cada vez mais, temia que tivessem navegado longe demais, em mares desconhecidos onde até mesmo os deuses eram estranhos... mas, essas dúvidas, ele confidenciava apenas para sua mulher morena, que não tinha língua para repeti-las.

Quando o *Luto* apareceu, Victarion convocou Wulfe Uma-Orelha.

– Quero conversar com A Ratazana. Mande chamar Ralf, o Coxo, Tom Sem-Sangue e o Negro Shepherd. Todos os grupos de caça devem retornar, e os acampamentos da costa devem ser desmontados à primeira luz. Carreguem o máximo de frutas que possam reunir e levem os porcos a bordo dos navios. Podemos matá-los quando necessário. O *Tubarão* ficará aqui para dizer a qualquer retardatário para onde fomos. – O navio precisaria daquele tempo para fazer reparos; as tempestades haviam deixado pouco mais do que o casco. Aquilo os reduziria a cinquenta e três, mas não tinha outro jeito. – A frota parte amanhã, na maré matutina.

– Ao seu comando – disse Wulfe –, mas outro dia pode significar outro navio, senhor Capitão.

– Sim. E dez dias podem significar dez navios, ou nenhum. Já desperdiçamos tempo demais esperando a visão de velas. Nossa vitória será ainda mais doce se a conquistarmos com uma frota menor. – *E eu preciso alcançar a rainha dragão antes dos volantinos*.

Em Volantis, vira galeras sendo abastecidas com provisões. A cidade inteira parecia embriagada. Marinheiros, soldados e latoeiros eram vistos dançando nas ruas com nobres e gordos mercadores, e em cada estalagem e taberna brindes eram feitos para os novos triarcas. Toda a conversa girava em torno do ouro, das pedras preciosas e dos escravos que inundariam Volantis quando a rainha dragão estivesse morta. Um dia daqueles relatos foi tudo o que Victarion Greyjoy pôde suportar; pagou o preço em ouro por comida e água, embora isso o envergonhasse, e levou seus navios de volta ao mar.

As tempestades deviam ter espalhado e atrasado os volantinos, da mesma forma que acontecera com seus navios. Se a sorte sorrisse, muitos dos navios de guerra de Volantis podiam ter afundado ou encalhado. Mas não todos. Nenhum deus era tão bom, e aquelas galeras novas que tivessem sobrevivido podiam estar navegando perto de Valíria. *Estarão correndo para o norte, em direção a Meereen e Yunkai, grandes dromons de guerra repletos de soldados-escravos. Se o Deus da Tempestade os poupou, eles já podem estar no Golfo da Mágoa. Trezentos navios, talvez até quinhentos.* Os aliados deles já estavam todos em Meereen; yunkaítas e astaporis, homens de Nova Ghis, de Qarth e Tolos, e só o Deus da Tempestade podia saber quem mais, mesmo os navios de guerra de Meereen, aqueles que haviam zarpado antes da queda da cidade. Contra tudo isso, Victarion tinha cinquenta e quatro. Cinquenta e três, menos o *Tubarão*.

O Olho de Corvo havia navegado até o outro lado do mundo, saqueando e pilhando de Qarth até a Vila das Árvores Altas, alcançando portos profanos além dos quais apenas os loucos iam. Euron até mesmo enfrentara o Mar Fumegante e vivera para contar. *E isso com um único navio. Se ele pode zombar dos deuses, eu também posso.*

– Sim, Capitão – disse Wulfe Uma-Orelha. Ele não era nem metade do homem que Nute, o Barbeiro, era, mas o Olho de Corvo lhe havia roubado Nute. Ao torná-lo Senhor de Escudorroble, seu irmão pegara o melhor homem de Victarion para si. – Ainda será para Meereen?

– Para onde mais? A rainha dragão espera por mim em Meereen. – *A mulher mais bonita da terra, se é possível acreditar no meu irmão. Seu cabelo é de ouro-prateado, seus olhos são ametistas.*

Era demais esperar que pelo menos uma vez Euron tivesse dito a verdade? Talvez. Provavelmente, a garota provaria ser uma desmazelada bexiguenta, com tetas batendo contra os joelhos, seus "dragões" não mais do que tatuagens de lagartos dos pântanos de Sothoryos. *Mas, se ela é tudo o que Euron afirma...* Ouviram conversas sobre a beleza de Daenerys Targaryen dos lábios de piratas em Passopedra e de gordos mercadores da Antiga Volantis. Podia ser verdade. E Euron não pretendia dar a moça de presente para Victarion; o Olho de Corvo pretendia tomá-la para si mesmo. *Ele me envia como um servo para buscá-la. Como ele uivará quando eu a reivindicar para mim mesmo.* Que os homens resmungassem. Haviam navegado muito longe e perdido muito para que Victarion voltasse para o oeste sem seu prêmio.

O capitão de ferro fechou sua mão boa.

– Assegure-se de que minhas ordens sejam cumpridas. E encontre o meistre onde quer que ele esteja escondido e envie-o à minha cabine.

– Sim. – Wulfe saiu mancando.

Victarion Greyjoy virou-se em direção à proa, seu olhar varrendo sua frota. Dracares enchiam o mar, velas arriadas e remos levantados, ancorados ou presos na praia de areias claras. *A Ilha de Cedros*. Onde estavam os tais cedros? Afogados há quatrocentos anos, pelo que parecia. Victarion havia desembarcado uma dúzia de vezes para caçar carne fresca, e ainda tinha que ver um cedro.

O meistre afeminado que Euron lhe impusera ainda em Westeros afirmava que este lugar uma vez fora chamado de "Ilha de Uma Centena de Batalhas", mas os homens que lutaram tais batalhas haviam se transformado em pó séculos atrás. *A Ilha dos Macacos, é assim que devia ser chamada*. Havia porcos também; os maiores e mais negros javalis que qualquer homem de ferro já vira e uma abundância de leitões gritando no mato, criaturas ousadas que não tinham medo do homem. *Mas estão aprendendo*. As despensas da Frota de Ferro estavam se enchendo de presuntos defumados, porco salgado e toicinho.

Já os macacos... os macacos eram uma praga. Victarion proibira seus homens de levar qualquer uma dessas criaturas demoníacas para bordo dos navios, mas de algum modo metade de sua frota estava infestada com eles, mesmo seu próprio *Vitória de Ferro*. Podia ver alguns nesse

momento, balançando de um mastro para outro, de navio em navio. *Gostaria de ter uma besta*.

Victarion não gostava deste mar, nem desse infinito céu sem nuvens, nem do sol escaldante que batia em suas cabeças e cozinhava o convés até que as tábuas estivessem quentes o suficiente para queimar pés descalços. Não gostava dessas tempestades, que pareciam vir de lugar nenhum. Os mares ao redor de Pyke eram muitas vezes tempestuosos, mas ao menos um homem podia sentir o cheiro quando as tormentas estavam chegando. As tempestades do sul eram tão traiçoeiras quanto as mulheres. Até mesmo a água tinha a cor errada; um turquesa resplandecente perto da costa e, mais distante, um azul tão profundo que era quase negro. Victarion sentia falta das águas cinza-esverdeado de casa, com suas espumas brancas e suas ondas.

Tampouco gostava da Ilha de Cedros. A caça podia ser boa, mas as florestas eram muito verdes e quietas, cheias de árvores retorcidas e estranhas flores brilhantes como nenhuma que seus homens tivessem visto antes, e havia horrores à espreita entre os palácios destruídos e as estátuas quebradas da afogada Velos, a três quilômetros ao norte do ponto em que a frota ancorara. Da última vez em que Victarion passara uma noite em terra firme, seus sonhos foram sombrios e perturbadores e, quando acordou, sua boca estava cheia de sangue. O meistre disse que havia mordido a língua enquanto dormia, mas ele considerou isso um sinal do Deus Afogado, um aviso de que, se permanecesse por muito tempo naquele lugar, poderia se engasgar com seu próprio sangue.

No dia em que a Perdição chegara a Valíria, dizia-se, uma parede de água de quase cem metros de altura descera sobre a ilha, afogando centenas de milhares de homens, mulheres e crianças, não deixando ninguém para contar a história além de alguns pescadores que estavam no mar e um punhado de lanceiros velosinos postados em uma robusta torre de pedra na montanha mais alta da ilha, que haviam visto as colinas e os vales embaixo deles se transformarem em um mar agitado. A bela Velos com seus palácios de cedro e mármore rosa desaparecera em um piscar de olhos. No extremo norte da ilha, as antigas muralhas de tijolos e as pirâmides de degraus do porto escravista de Ghozai sofreram o mesmo destino.

*Com tantos homens afogados, o Deus Afogado deve ser poderoso lá*, Victarion pensara, ao escolher a ilha para que as três partes de sua frota se reunissem novamente. Mas ele não era nenhum sacerdote. E se tivesse entendido ao contrário? Talvez o Deus Afogado tivesse destruído a ilha em sua ira. Seu irmão Aeron teria sabido, mas o Cabelo Molhado ficara nas Ilhas de Ferro, pregando contra o Olho de Corvo e seu reinado. *Nenhum homem sem deus pode se sentar na Cadeira de Pedra do Mar*. Mesmo assim, os capitães e reis haviam gritado por Euron na assembleia de homens livres, escolhendo-o em detrimento de Victarion e de outros homens tementes ao deus.

O sol da manhã brilhava na água em ondas de luz resplandecentes demais para se olhar. A cabeça de Victarion começara a latejar, embora não pudesse dizer se era pelo sol, por sua mão ou pelas dúvidas que o atormentavam. Desceu para a cabine, onde o ar estava mais fresco e escuro. A mulher morena sabia o que ele queria sem que tivesse que pedir. Quando ele relaxou em sua cadeira, ela pegou um pano úmido e macio da bacia e o colocou em sua testa.

– Bom – ele disse. – Bom. E, agora, a mão.

A mulher morena não respondeu. Euron havia cortado sua língua antes de dá-la para ele. Victarion não duvidada que o Olho de Corvo tivesse dormido com ela também. Era o jeito do seu irmão. *Os presentes de Euron são envenenados*, o capitão lembrara a si mesmo no dia em que a mulher morena veio a bordo. *Não quero nenhum de seus restos*. Decidira, então, que cortaria a garganta dela e a atiraria ao mar, um sacrifício de sangue para o Deus Afogado. De alguma forma, contudo, jamais chegara nem perto de fazer isso.

Haviam percorrido um longo caminho a partir daí. Victarion podia falar com a mulher morena. Ela nunca tentava responder.

– O *Luto* é o último – disse, enquanto ela tirava sua luva. – Os outros estão perdidos ou afogados. – Fez uma careta quando a mulher deslizou a ponta da faca sob o linho sujo que cobria a ferida da sua mão do escudo. – Alguns dirão que eu não devia ter dividido a frota. Tolos. Noventa e nove navios, nós tínhamos... um animal complicado de se guiar pelos mares até o final do mundo. Se eu tivesse mantido todos juntos, os navios mais rápidos teriam ficado reféns dos mais lentos. E onde encontrar provisões para tantas bocas? Nenhum porto quer tantos navios

de guerra em suas águas. As tempestades teriam nos separado de qualquer jeito. Como folhas espalhadas no Mar do Verão.

Em vez disso, havia separado a grande frota em esquadras, e enviara cada uma delas por uma rota distinta para a Baía dos Escravos. Os navios mais rápidos foram entregues a Ralf Vermelho Stonehouse, para navegar pelo caminho dos corsários ao longo da costa norte de Sothoryos. Era melhor evitar as cidades mortas que apodreciam naquelas praias ardentes e sufocantes, todo marinheiro sabia, mas nas cidades de lama e sangue das Ilhas Basilisco, repletas de escravos fugidos, traficantes de escravos, traficantes de peles, caçadores, homens tigrados e coisas piores, havia sempre provisões a ser pegas por homens que não tinham medo de pagar o preço de ferro.

Os navios maiores, mais pesados e mais lentos, foram por Lys, para vender os cativos feitos nos Escudos, as mulheres e as crianças da Vila de Lorde Hewett e das outras ilhas, juntamente com os homens que decidiram que preferiam se render a morrer. Victarion tinha apenas desprezo por tais fracos. Mesmo assim, a venda deixava um gosto desagradável em sua boca. Tomar um homem como escravo, ou uma mulher como esposa de sal, era correto e adequado, mas homens não eram cabras ou galinhas para ser comprados e vendidos por ouro. Ficara feliz em deixar essa tarefa para Ralf, o Coxo, que poderia usar o dinheiro para carregar seus grandes navios com provisões para a longa e lenta travessia do meio leste.

Seus próprios navios rastejaram ao longo da costa das Terras Disputadas, para pegar comida, vinho e água fresca em Volantis antes de navegar para o sul, ao redor de Valíria. Esse era o caminho mais comum para o leste, e uma das rotas mais movimentadas, com prêmios para ser tomados e pequenas ilhas onde podiam se abrigar durante tempestades, fazer reparos e renovar seus estoques se fosse necessário.

– Cinquenta e quatro navios é muito pouco – disse para a mulher morena –, mas não posso esperar mais. O único jeito... – Resmungou quando ela puxou o curativo, arrancando um pedaço da pele também. A carne embaixo estava verde e negra onde a espada havia cortado. – ... o único jeito de fazer isso é pegar os traficantes de escravos desprevenidos, como fiz uma vez em Lannisporto. Aparecer do nada e esmagá-los, então pegar a garota e correr para casa antes que os volantinos caiam sobre nós.

– Victarion não era covarde, mas tampouco era tolo; não podia enfrentar trezentos navios com cinquenta e quatro. – Ela será minha esposa, e você será minha camareira. – Uma camareira sem língua nunca deixaria escapar nenhum segredo.

Ele poderia ter dito mais, mas foi então que o meistre chegou, batendo na porta da cabine, tímido como um rato.

– Entre – Victarion gritou – e tranque a porta. Você sabe por que está aqui.

– Senhor Capitão. – O meistre parecia um rato também, com sua túnica cinza e seu pequeno bigode castanho. *Será que ele acha que isso o torna mais viril?* Kerwin era seu nome. Era muito jovem, vinte e dois, talvez. – Posso ver sua mão? – perguntou.

*Uma pergunta estúpida*. Meistres tinham sua utilidade, mas Victarion não tinha nada além de desprezo por esse Kerwin. Com suas suaves bochechas rosadas, mãos macias e cachos castanhos, ele parecia mais feminino que a maioria das garotas. Na primeira vez que subira a bordo do *Vitória de Ferro*, tinha um sorrisinho estúpido também, mas, em uma noite em Passopedra, sorrira para o homem errado, e Quellon Humble arrebentara quatro de seus dentes. Não muito tempo depois daquilo, Kerwin fora se arrastando até o capitão para reclamar que quatro membros de sua tripulação o haviam arrastado para dentro do navio e o usado como mulher.

– É assim que você coloca um fim nisso – Victarion disse para ele, espetando uma adaga na mesa entre eles. Kerwin pegou a lâmina – assustado demais para recusá-la, o capitão julgou –, mas nunca a usou.

– Minha mão está aqui – Victarion falou. – Olhe tudo o que quiser.

Meistre Kerwin se apoiou em um joelho, para inspecionar melhor a ferida. Até mesmo a farejou, como um cão.

– Terei que tirar o pus novamente. A cor... senhor capitão, o corte não está curando. Talvez eu precise amputar sua mão.

Haviam falado sobre isso antes.

– Se amputar minha mão, mato você. Mas, primeiro, eu o amarrarei no parapeito e darei sua bunda de presente para a tripulação. Vamos com isso.

– Haverá dor.

– Sempre há. – *Vida é dor, seu tolo. Não há alegria, exceto nos salões molhados do Deus Afogado*. – Faça.

O rapaz – era difícil pensar em alguém tão suave e rosado como um homem – colocou a ponta do punhal na palma da mão do capitão e cortou. O pus que irrompeu era grosso e amarelo como leite azedo. A mulher morena torceu o nariz para o cheiro, o meistre segurou a ânsia de vômito e até Victarion sentiu seu estômago revirar.

– Corte mais fundo. Tire tudo. Mostre-me sangue.

Meistre Kerwin apertou a adaga mais fundo. Dessa vez doeu, mas o sangue brotou, assim como o pus, um sangue tão escuro que parecia negro à luz da lanterna.

Sangue era bom. Victarion grunhiu em aprovação. Sentou-se firme enquanto o meistre secava, apertava e limpava o pus, com quadrados de tecido macio fervidos em vinagre. Quando terminou, a água limpa na bacia tinha se tornado uma sopa espumante. A visão por si só podia fazer qualquer homem enjoar.

– Pegue esta sujeira e vá. – Victarion acenou para a mulher morena. – Ela pode fazer o curativo.

Mesmo depois que o rapaz partiu, o fedor permaneceu. Ultimamente, não havia como escapar disso. O meistre sugerira que o ferimento seria mais bem drenado no convés, no ar fresco e à luz do sol, mas Victarion proibira. Aquilo não era algo que sua tripulação pudesse ver. Estavam a meio mundo de casa, longe demais para deixá-los ver seu capitão de ferro começar a enferrujar.

Sua mão esquerda ainda latejava – uma dor incômoda, mas persistente. Quando fechava a mão, sentia pontadas, como se uma faca estivesse sendo enfiada em seu braço. *Não uma faca, uma espada longa. Uma espada longa na mão de um fantasma.* Serry, aquele tinha sido o nome dele. Um cavaleiro, e herdeiro de Escudossul. *Eu o matei, mas ele ainda me esfaqueia do além-túmulo. Do coração quente de seja lá qual inferno eu o mandei, ele empurra seu aço na minha mão e torce.*

Victarion se lembrava da luta como se tivesse sido ontem. Seu escudo estava em pedaços, pendendo inútil em seu braço, então, quando a espada longa de Serry veio para baixo, ele estendeu a mão e a agarrou. O rapaz era mais forte do que parecia; sua lâmina atravessou o aço articulado da manopla do capitão e a luva forrada embaixo até atingir a carne da palma

de sua mão. *Um arranhão de um gatinho*, Victarion disse para si mesmo, depois. Lavara o corte, despejara um pouco de vinagre fervido sobre ele, enfaixara-o e deixou de pensar naquilo, acreditando que a dor diminuiria e a mão se curaria com o tempo.

Em vez disso, a ferida tinha infeccionado, até que Victarion começou a se perguntar se a lâmina de Serry estava envenenada. Por que mais a ferida se recusaria a sarar? O pensamento o deixou com raiva. Nenhum homem de verdade matava com veneno. No Fosso Cailin, os demônios do pântano haviam arremessado flechas envenenadas em seus homens, mas era o que se podia esperar de tais criaturas degradadas. Serry tinha sido um cavaleiro, bem-nascido. Veneno era para covardes, mulheres e dornenses.

– Se não foi Serry, então quem? – perguntou para a mulher morena. – Poderia aquele rato daquele meistre estar causando isso? Meistres conhecem feitiços e outros truques. Ele pode estar usando um para me envenenar, esperando que eu o deixe cortar minha mão fora. – Quanto mais pensava nisso, mais provável lhe parecia. – O Olho de Corvo o deu para mim, criatura miserável que é. – Euron tirara Kerwin de Escudoverde, onde estava a serviço de Lorde Chester, cuidando de seus corvos e ensinando seus filhos, ou talvez de outros nas redondezas. E como o rato guinchava quando um dos mudos de Euron o entregara a bordo do *Vitória de Ferro*, arrastando-o pela corrente em seu pescoço. – Se isso é por vingança, ele se engana comigo. Foi Euron quem insistiu que ele fosse levado, para evitar que causasse danos com suas aves. – Seu irmão lhe dera três gaiolas de corvos também, para que Kerwin pudesse mandar notícias de sua viagem, mas Victarion proibira que fossem soltas. *Que fique de molho, se perguntando o que está acontecendo.*

A mulher morena estava enfaixando sua mão com linho limpo, enrolando a faixa seis vezes ao redor da palma, quando Aguado Pyke apareceu, batendo na porta da cabine, para dizer que o capitão do *Luto* viera a bordo com um prisioneiro.

– Dizem que nos traz um feiticeiro, Capitão. Dizem que o pescou no mar.

– Um feiticeiro? – Poderia o Deus Afogado ter lhe mandado um presente, aqui, do outro lado do mundo? Seu irmão Aeron saberia, mas Aeron vira a majestade dos salões molhados do Deus Afogado sob o mar,

antes de ser trazido de volta à vida. Victarion tinha um temor saudável por seu deus, como todos os homens deveriam ter, mas colocava sua fé no aço. Flexionou a mão ferida, fazendo uma careta, então colocou a luva e se levantou. – Mostre-me esse feiticeiro.

O capitão do *Luto* esperava por ele no convés. Um homem pequeno, tão peludo quanto rústico, era um Sparr por nascimento. Seus homens o chamavam A Ratazana.

– Senhor Capitão – disse, quando Victarion apareceu –, este é Moqorro. Um presente para nós, do Deus Afogado.

O feiticeiro era um monstro de homem, tão alto quanto o próprio Victarion e duas vezes mais largo, com uma barriga como uma rocha e um emaranhado de cabelos branco-osso que cresciam em seu rosto como a juba de um leão. Sua pele era negra. Não o marrom-castanho dos ilhéus do Verão com seus navios cisne, nem o marrom-avermelhado dos senhores dos cavalos dothrakis, nem a cor de carvão-e-terra da pele da mulher morena, mas negra. Mais negra que carvão, mais negra do que o azeviche, mais negra do que as asas de um corvo. *Queimado*, Victarion pensou, *como um homem que foi tostado nas chamas até que sua carne carbonizou e caiu soltando fumaça de seus ossos.* As chamas que o carbonizaram ainda dançavam em suas bochechas e testa, onde os olhos espiavam entre uma máscara de chamas congeladas. *Tatuagens de escravo*, o capitão sabia. *Marcas do mal.*

– Nós o encontramos agarrado a um mastro quebrado – disse A Ratazana. – Estava há dez dias na água, depois que seu navio afundou.

– Se estivesse há dez dias no mar, estaria morto ou louco de beber água salgada. – A água salgada era sagrada; Aeron Cabelo-Molhado e outros sacerdotes podiam abençoar homens com ela e engolir um bocado ou dois de tempos em tempos, para fortalecer sua fé, mas nenhum homem mortal podia beber do mar profundo por dias a fio e esperar viver. – Você afirma ser feiticeiro? – Victarion perguntou ao prisioneiro.

– Não, Capitão – o homem negro respondeu na Língua Comum. Sua voz era tão profunda que parecia ter saído do fundo do mar. – Sou um humilde escravo de R'hllor, o Senhor da Luz.

*R'hllor. Um sacerdote vermelho, então.* Victarion havia visto tais homens nas cidades estrangeiras, cuidando de suas fogueiras sagradas. Aqueles vestiam ricas túnicas vermelhas de seda, veludo e lã de cordeiro.

Esse aqui usava trapos desbotados e manchados pelo sal que se agarravam às suas pernas grossas e penduravam-se em seu torso em frangalhos... mas, quando o capitão espiou os trapos mais de perto, lhe pareceram que alguma vez tinham sido vermelhos.

– Um sacerdote cor-de-rosa – Victarion anunciou.

– Um sacerdote do demônio – falou Wulfe Uma-Orelha. Cuspiu.

– Talvez suas vestes tenham pegado fogo, então ele pulou do barco para apagá-las – sugeriu Aguado Pyke, para riso geral. Até mesmo os macacos estavam se divertindo. Tagarelavam lá em cima, e um deles arremessou um punhado de sua própria merda no piso do convés.

Victarion desconfiava de risos. O som daquilo sempre o deixava com a desagradável sensação de que era alvo de alguma piada que não podia entender. Euron Olho de Corvo frequentemente zombava dele quando eram crianças. Aeron também, antes que se tornasse o Cabelo Molhado. A zombaria deles quase sempre vinha disfarçada de elogios, e algumas vezes Victarion não chegava a perceber que estava sendo zombado. Não até ouvir as risadas. Então vinha a raiva, fervendo no fundo de sua garganta até que ficasse prestes a engasgar com o gosto. Era como ele se sentia com zombarias. As brincadeiras da tripulação nunca traziam mais do que um sorriso ao rosto do capitão, embora os demais estivessem rugindo, vaiando e assobiando.

– Mande-o para o Deus Afogado antes que traga alguma maldição sobre nós – exigiu Burton Humble.

– Um navio afundou e só ele ficou agarrado aos destroços – falou Wulfe Uma-Orelha. – Onde está a tripulação? Será que ele convocou demônios para devorar todos eles? O que aconteceu com esse navio?

– Uma tempestade. – Moqorro cruzou os braços contra o peito. Não parecia assustado, embora todos ao redor dele pedissem sua morte. Nem mesmo os macacos pareciam gostar desse feiticeiro. Saltavam de corda em corda, sobre a cabeça deles, gritando.

Victarion tinha dúvidas. *Ele saiu do mar. Por que o Deus Afogado o manteria na superfície, a menos que pretendesse que o encontrássemos?* Seu irmão Euron tinha seu feiticeiro de estimação. Talvez o Deus Afogado quisesse que Victarion tivesse um também.

– Por que diz que este homem é um feiticeiro? – perguntou para A Ratazana. – Vejo apenas um sacerdote vermelho esfarrapado.

– Pensei o mesmo, Senhor Capitão... mas ele *sabe* coisas. Sabia que íamos para a Baía dos Escravos antes que qualquer homem lhe contasse isso, e sabia que você estaria aqui, ancorado nesta ilha. – O homenzinho hesitou. – Senhor Capitão, ele me disse... ele me disse que você certamente morreria, a menos que eu o trouxesse até você.

– Que *eu* morreria? – Victarion bufou. *Cortem a garganta dele e o atirem ao mar*, estava prestes a dizer, quando uma pontada de dor em sua mão ferida esfaqueou seu braço até quase o cotovelo, a agonia tão intensa que suas palavras se tornaram bile em sua garganta. Ele tropeçou e agarrou o parapeito para não cair.

– O feiticeiro amaldiçoou o capitão – uma voz falou.

Outros homens começaram a gritar.

– *Cortem a garganta dele! Matem-no antes que ele chame seus demônios sobre nós!*

Aguado Pyke foi o primeiro a desembainhar a adaga.

– *NÃO!* – Victarion gritou. – Para trás! Todos vocês. Pyke, guarde seu aço. Ratazana, de volta para seu navio. Humble, leve o feiticeiro à minha cabine. O resto de vocês, de volta aos seus deveres. – Por meio segundo, não estava seguro de que o obedeceriam. Ficaram murmurando, metade com as lâminas nas mãos, cada um olhando para os outros para se decidirem. Merda de macaco chovia em volta deles todos, *splash, splash, splash*. Ninguém se moveu, até que Victarion agarrou o feiticeiro pelo braço e o empurrou pelo alçapão.

Quando abriu a porta da cabine do capitão, a mulher morena se virou em sua direção, silenciosa e sorridente... mas, quando viu o sacerdote vermelho ao lado dele, seus lábios se afastaram de seus dentes, e ela sibilou em súbita fúria, como uma serpente. Victarion a acertou com as costas da mão boa e a derrubou no chão.

– Quieta, mulher. Vinho para nós dois. – Virou-se para o homem negro. – A Ratazana falou a verdade? Você viu minha morte?

– Isso, e mais.

– Onde? Quando? Eu morrerei em batalha? – Sua mão boa se abria e se fechava. – Se mentir para mim, abrirei sua cabeça como um melão e deixarei os macacos comerem seu cérebro.

– Sua morte está conosco agora, meu senhor. Dê-me sua mão.

– Minha mão. O que sabe sobre minha mão?

– Vi você em minhas chamas noturnas, Victarion Greyjoy. Você veio caminhando pelas chamas, severo e feroz, seu grande machado pingando sangue, cego para os tentáculos que o agarram pelos pulsos, pescoço e tornozelos, as cordas negras que o fazem dançar.

– *Dançar?* – Victarion se eriçou. – Suas chamas noturnas mentem. Não fui feito para dança, e não sou marionete de homem algum. – Arrancou a luva e enfiou a mão ruim no rosto do sacerdote. – Aqui. Era isso que você queria? – O linho novo já estava tingido de sangue e pus. – Ele tinha uma rosa em seu escudo, o homem que me deu isso. Arranhei minha mão em um espinho.

– Mesmo os menores arranhões podem se provar mortais, senhor Capitão, mas, se me permitir, posso curar isso. Precisarei de uma lâmina. Prata seria melhor, mas ferro servirá. Um braseiro, também. Preciso acender uma fogueira. Haverá dor. Uma dor terrível, como você nunca conheceu. Mas, quando terminarmos, sua mão retornará para você.

*São todos iguais, esses homens mágicos. O rato me avisou da dor também.*

– Sou um homem de ferro, sacerdote. Rio da dor. Você terá o que pede... mas, se falhar, e minha mão não ficar curada, eu mesmo cortarei sua garganta e o darei ao mar.

Moqorro curvou-se, seus olhos escuros brilhando.

– Que assim seja.

O capitão de ferro não foi visto novamente naquele dia, mas, enquanto as horas passavam, a tripulação do seu *Vitória de Ferro* relatou ter ouvido o som de risos selvagens vindos da cabine do capitão, risadas profundas, escuras e loucas, e, quando Aguado Pyke e Wulfe Uma-Orelha tentaram abrir a porta da cabine, encontraram-na trancada. Mais tarde, cantos foram ouvidos, uma estranha e chorosa canção em uma língua que o meistre disse ser Alto Valiriano. Foi quando os macacos deixaram o navio, gritando à medida que pulavam na água.

Veio o pôr do sol, enquanto o mar se tornava negro como tinta e o sol inchado tingia o céu de um vermelho profundo e sangrento, e Victarion voltou para o convés. Estava nu da cintura para cima, seu braço esquerdo ensanguentado até o cotovelo. Quando sua tripulação se reuniu, sussurrando e trocando olhares, ergueu uma mão queimada e enegrecida.

Filetes de fumaça escura saíam de seus dedos enquanto apontava para o meistre.

– Este aí. Cortem a garganta dele e joguem-no ao mar, e os ventos serão favoráveis por todo o caminho até Meereen. – Moqorro vira aquilo em suas chamas. Vira o casamento da moça também, mas e daí? Ela não seria a primeira mulher que Victarion Greyjoy deixaria viúva.

# Tyrion

O curandeiro entrou na tenda murmurando amabilidades, mas uma cheirada no ar putrefato e uma olhada em Yezzan zo Qaggaz puseram um fim naquilo.

– A égua descorada – o homem falou para Doces.

*Que surpresa*, Tyrion pensou. *Quem poderia imaginar? Além de qualquer homem com um nariz, e eu com metade dele.* Yezzan estava queimando em febre, contorcendo-se intermitentemente, em uma piscina do próprio excremento. Sua merda se tornara uma lama marrom, banhada em sangue... e cabia a Yollo e Merreca deixar sua bunda amarela limpa. Mesmo com ajuda, o mestre não conseguia levantar o próprio peso; usava toda sua força restante apenas para virar de lado.

– Minhas artes não terão serventia aqui – o curandeiro anunciou. – A vida do nobre Yezzan está nas mãos dos deuses. Mantenham-no fresco se puderem. Alguns dizem que isso ajuda. Tragam água para ele. – Aqueles afligidos pela égua descorada sempre estavam com sede, bebendo galões de água entre suas caganeiras. – Água fresca e limpa, tanta quanta ele puder beber.

– Não água do rio – disse Doces.

– De jeito nenhum. – E, com isso, o curandeiro fugiu.

*Precisamos fugir também*, pensou Tyrion. Ele era um escravo com uma coleira dourada, com pequenos guizos que tilintavam alegremente a cada passo que dava. *Um dos tesouros especiais de Yezzan. Uma honra indistinguível de uma sentença de morte*. Yezzan zo Qaggaz gostava de manter seus queridinhos por perto, por isso restara para Yollo, Merreca, Doces e seus outros tesouros cuidar dele quando adoeceu.

*Pobre velho Yezzan*. O senhor da banha não era tão mau quanto os mestres eram. Doces estava certa nisso. Servindo em seus banquetes noturnos, Tyrion logo descobrira que Yezzan se destacava entre os

senhores yunkaítas que defendiam honrar a paz com Meereen. A maioria dos demais estava apenas ganhando tempo, esperando que o exército de Volantis chegasse. Uns poucos queriam assaltar a cidade imediatamente, para que os volantinos não pudessem roubar sua glória e a melhor parte da pilhagem. Yezzan não tomou parte naquilo. Nem consentiu devolver os reféns de Meereen com o trabuco, como o mercenário Barbassangrenta havia proposto.

Mas muito e ainda mais podia mudar em dois dias. Dois dias atrás, o Babá estava robusto e saudável. Dois dias atrás, Yezzan não ouvira os cascos fantasmagóricos da égua descorada. Dois dias atrás, as frotas da Antiga Volantis estavam dois dias mais distante. E agora...

– Yezzan vai morrer? – Merreca perguntou, naquela sua voz de por-favor-diga-que-não.

– Todos nós vamos morrer.

– Do fluxo, quero dizer.

Doces deu um olhar desesperado para ambos.

– Yezzan *não pode* morrer. – A hermafrodita acariciou a testa de seu mestre gigantesco, afastando o cabelo molhado de suor. O yunkaíta gemeu, e outra enxurrada de água marrom jorrou por suas pernas. Sua roupa de cama estava manchada e fedida, mas não havia como movê-lo de lá.

– Alguns mestres libertam seus escravos quando morrem – disse Merreca.

Doces deu uma risada nervosa. Era um som medonho.

– Apenas os favoritos. Eles os libertam das desgraças do mundo, para acompanhar seus amados mestres para o túmulo e servi-los no após-morte.

*Doces devia saber. A dela seria a primeira garganta a ser cortada.*

O menino-bode falou:

– A rainha de prata...

– ... está morta – insistiu Doces. – Esqueça ela! O dragão a levou para o outro lado do rio. Ela se afogou no mar dothraki.

– Você não pode se afogar na *grama* – o menino-bode respondeu.

– Se fôssemos livres – disse Merreca –, poderíamos encontrar a rainha. Ou sair em busca dela, pelo menos.

*Você no seu cão e eu na minha porca, perseguindo um dragão pelo mar dothraki*. Tyrion coçou sua cicatriz para não rir.

– Esse dragão em particular já evidenciou seu gosto por porco assado. E anão assado é duas vezes mais saboroso.

– Era só um desejo – Merreca falou, melancolicamente. – Podíamos navegar para longe. Há navios novamente, agora que a guerra acabou.

*Acabou mesmo?* Tyrion estava inclinado a duvidar daquilo. Pergaminhos foram assinados, mas guerras não eram lutadas em pergaminhos.

– Podíamos navegar até Qarth – Merreca continuou. – As ruas lá são pavimentadas com jade, meu irmão sempre dizia. Quando nos apresentarmos em Qarth, ouro e prata choverão sobre nós, você verá.

– Alguns daqueles navios lá na baía são qartenos. – Tyrion a recordou. – Lomas Longstrider viu as muralhas de Qarth. Seus livros são suficientes para mim. Vim tão longe para leste quanto pretendia.

Doces enxugou o rosto febril de Yezzan com um pano úmido.

– Yezzan tem que viver. Ou todos nós morreremos com ele. A égua descorada não leva todos que cavalgam nela. O mestre se recuperará.

Aquilo era uma mentira deslavada. Seria uma maravilha se Yezzan vivesse outro dia. O senhor da banha já estava morrendo de alguma doença terrível que trouxera de Sothoryos, parecia a Tyrion. Isso apenas aceleraria seu fim. *Uma misericórdia, realmente*. Mas não o tipo de sorte que o anão desejava para si.

– O curandeiro disse que ele precisa de água fresca. Vamos ver isso.

– Isso é gentil de sua parte. – Doces parecia entorpecida. Era mais do que apenas medo de ter a garganta cortada; sozinha entre os tesouros de Yezzan, ela realmente parecia gostar de seu imenso mestre.

– Merreca, venha comigo. – Tyrion abriu a cortina da tenda e conduziu-a para o calor da manhã meereenesa. O ar era abafado e opressivo e, mesmo assim, um alívio bem-vindo da mistura de suor, merda e doença que enchia o interior do pavilhão suntuoso de Yezzan.

– Água ajudará o mestre – Merreca falou. – Foi o que o curandeiro disse, deve ser assim. Água doce fresca.

–Água doce fresca não ajudou o Babá. – *Pobre velho Babá*. Os soldados de Yezzan haviam atirado seu corpo na carroça de cadáveres, noite passada, ao anoitecer, outra vítima da égua descorada. Quando

homens morriam a cada hora, ninguém olhava por muito tempo para mais um morto, especialmente um tão desprezível quanto o Babá. Os outros escravos de Yezzan tinham se recusado a se aproximar do capataz quando as cólicas começaram, então sobrou para Tyrion mantê-lo aquecido e levar bebidas para ele. *Vinho aguado e limonada doce, e um pouco de boa sopa quente de rabo de cachorro, com lascas de cogumelo no caldo. Beba tudo, Babá, a água de merda que esguicha da sua bunda precisa ser reposta.* A última palavra que o Babá dissera foi "Não". As últimas palavras que escutou foram: "Um Lannister sempre paga suas dívidas".

Tyrion não contara aquilo a Merreca, mas ela precisava entender como era a situação do mestre deles.

– Se Yezzan viver para ver o sol nascer, ficarei atônito.

Ela segurou o braço dele.

– O que acontecerá conosco?

– Ele tem herdeiros. Sobrinhos. – Quatro deles haviam vindo com Yezzan de Yunkai para comandar seus soldados-escravos. Um estava morto, assassinado por mercenários dos Targaryen durante um combate. Os outros três dividiriam os escravos da enormidade amarela entre eles, provavelmente. Se algum dos sobrinhos compartilhava o carinho de Yezzan por aleijados, aberrações e seres grotescos era mais difícil dizer. – Um deles pode nos herdar. Ou podemos terminar indo novamente a leilão.

– Não. – Seus olhos ficaram grandes. – Não aquilo. Por favor.

– Não é uma perspectiva que me agrade também.

A alguns metros de distância, seis dos soldados-escravos de Yezzan estavam de cócoras na terra, jogando ossos e passando um odre de vinho de mão em mão. Um era o oficial chamado Cicatriz, um mulato brutamontes com uma cabeça tão lisa quanto uma pedra e ombros como os de um boi. *Esperto como um boi também*, Tyrion lembrou.

Bamboleou na direção deles.

– Cicatriz – gritou –, o nobre Yezzan precisa de água, água limpa. Pegue dois homens e traga quantos baldes puderem carregar. E seja rápido com isso.

Os soldados interromperam seu jogo. Cicatriz se levantou, carrancudo.

– O que disse, anão? Quem você pensa que é?

– Sei quem sou. Yollo. Um dos tesouros do nosso senhor. Agora, faça o que eu lhe disse.

Os soldados riram.

– Vá, Cicatriz – um deles zombou –, e seja rápido com isso. O macaco de Yezzan lhe deu uma ordem. – Você *não* diz para soldados o que fazer – falou Cicatriz.

– Soldados? – Tyrion fingiu perplexidade. – Escravos, é tudo o que vejo. Você usa uma coleira em volta do pescoço igual à minha.

O golpe violento que Cicatriz lhe deu com as costas da mão o derrubou no chão e arrebentou seus lábios.

– Coleira de Yezzan. Não sua.

Tyrion limpou o sangue do lábio partido com o dorso da mão. Quando tentou se levantar, uma perna se enroscou na outra e ele caiu de joelhos. Precisaria de Merreca para se levantar novamente.

– Doces disse que mestre precisa ter água – disse, em seu melhor choramingo.

– Doces pode foder a si mesma. Foi feita para isso. Não recebemos ordens daquela aberração também.

*Não*, pensou Tyrion. Mesmo entre escravos, havia os senhores e os camponeses, como rapidamente aprendera. A hermafrodita era, havia muito tempo, o animal de estimação especial do mestre, mimada e favorecida, e os outros escravos do nobre Yezzan a odiavam por isso.

Os soldados estavam acostumados a receber ordens dos mestres e de seus capatazes. Mas Babá estava morto, e Yezzan, doente demais para nomear um sucessor. Quanto aos três sobrinhos, aqueles bravos homens haviam se recordado de negócios urgentes em outros lugares ao primeiro som dos cascos da égua descorada.

– A á-água – falou Tyrion, encolhendo-se. – Não água do rio, o curandeiro disse. Limpa, água bem fresca.

Cicatriz grunhiu.

– Vá pegar *você*. E seja rápido com isso.

– Nós? – Tyrion trocou um olhar desesperado com Merreca. – A água é pesada. Não somos tão fortes como você. Podemos... podemos pegar a charrete com a mula?

– Use suas pernas.

– Precisaremos fazer uma dúzia de viagens.

– Faça uma centena de viagens. Não dou a mínima para isso.

– Apenas nós dois... não seremos capazes de carregar toda a água que o mestre precisa.

– Leve seu urso – sugeriu Cicatriz. – Buscar água é tudo para o que aquele ali serve.

Tyrion se virou.

– Como queira, mestre.

Cicatriz sorriu. *Mestre. Oh, ele gostou disso*.

– Morgo, traga as chaves. Vocês, encham os baldes e voltem imediatamente, anões. Sabem o que acontece com escravos que tentam fugir.

– Pegue os baldes – Tyrion falou para Merreca. Seguiu com Morgo para buscar Sor Jorah Mormont em sua jaula.

O cavaleiro não se adaptara bem ao cativeiro. Quando convocado para interpretar o urso e levar consigo a bela donzela, fora mal-humorado e teimoso, arrastando-se apaticamente quando afinal se dignou a participar do espetáculo deles. Embora não tivesse tentado escapar, nem oferecera violência aos seus captores, ignorava suas ordens com frequência, ou respondia resmungando xingamentos. Nada disso divertira o Babá, que deixava seu descontentamento claro confinando Mormont em uma jaula de ferro e espancando-o todas as tardes, quando o sol mergulhava na Baía dos Escravos. O cavaleiro absorvia as pancadas em silêncio; os únicos sons eram os xingamentos resmungados para os escravos que batiam nele, e os golpes surdos de seus porretes contra a carne machucada e surrada de Sor Jorah.

*O homem está um caco*, Tyrion pensou, na primeira vez que viu o grande cavaleiro espancado. *Eu devia ter segurado minha língua e deixado Zahrina comprá-lo. Teria sido um destino mais gentil do que esse.*

Mormont saiu do confinamento restrito da jaula encurvado e apertando os olhos, ambos com manchas escuras, e as costas cobertas de sangue seco. Seu rosto estava tão machucado e inchado que dificilmente parecia humano. Estava nu, exceto por uma tanga, um pedaço sujo de pano amarelo.

– Vai ajudar eles a carregar água – Morgo lhe disse.

A única resposta de Sor Jorah foi um olhar carrancudo. *Alguns homens devem preferir morrer livres do que viver como escravos, suponho.* Tyrion não era atingido por tais aflições, felizmente, mas se Mormont assassinasse Morgo, os outros escravos podiam não fazer essa distinção.

– Venha – disse, antes que o cavaleiro fizesse algo corajoso e estúpido. Saiu bamboleando, esperando que Mormont o seguisse.

Os deuses foram bons dessa vez. Mormont o seguiu.

Dois baldes para Merreca, dois para Tyrion e quatro para Sor Jorah, dois em cada mão. O poço mais próximo ficava a sudoeste da Prostituta, então partiram nessa direção, os sinos em suas coleiras tocando alegremente a cada passo. Ninguém prestava atenção neles. Eram apenas escravos buscando água para seu mestre. Usar uma coleira conferia certas vantagens, especialmente uma coleira dourada com o nome de Yezzan zo Qaggaz inscrito nela. O soar daqueles pequenos guizos proclamavam seu valor para qualquer um que escutasse. Um escravo carregava a importância de seu mestre; Yezzan era o homem mais rico da Cidade Amarela e trouxera seiscentos soldados-escravos para a guerra, mesmo se parecesse uma monstruosa lesma amarela e cheirasse a mijo. As coleiras deles lhes davam o direito de ir para qualquer lugar que desejassem dentro do acampamento.

*Até que Yezzan morra.*

Os Senhores Tinidores tinham seus soldados-escravos se exercitando no campo mais próximo. O barulho das correntes que os prendiam formava uma dura música metálica, enquanto marchavam pela areia em sintonia e entravam em formação com suas longas lanças. Em outros lugares, grupos de escravos erguiam rampas de pedra e areia sob manganelas e balistas, elevando-as no ângulo correto para melhor defender o acampamento se o dragão negro retornasse. O anão sorriu ao vê-los suando a amaldiçoando enquanto lutavam para inclinar as pesadas máquinas. Bestas estavam muito em evidência também. Qualquer homem parecia estar carregando uma, com a aljava cheia de dardos pendurada no quadril.

Se alguém tivesse pensado em lhe perguntar, Tyrion poderia ter dito para eles não se incomodarem. A menos que um dos longos projéteis de ferro das balistas conseguisse acertar um olho, o monstro de estimação

da rainha não seria derrubado por tais brinquedos. *Dragões não são tão fáceis de matar. Façam cócegas nele com isso, e só o deixarão irritado.*

Os olhos eram a parte mais vulnerável de um dragão. Os olhos, e o cérebro atrás deles. Não a barriga, como certos contos antigos diziam. As escamas ali eram tão resistentes quanto as que cobriam as costas e os flancos do dragão. E não embaixo da goela também. Aquilo era loucura. Esses pretensos matadores de dragão podiam muito bem tentar apagar um incêndio com um golpe de lança. "A morte sai da boca do dragão", o Septão Barth escrevera em sua *História Antinatural*, "mas a morte não entra por esse caminho."

Mais adiante, duas legiões de Nova Ghis estavam se enfrentando, parede de escudo contra parede de escudo, enquanto oficiais em meios-elmos de ferro com crinas de cavalos de guerra gritavam ordens em seu próprio dialeto incompreensível. A olho nu, os ghiscaris pareciam mais formidáveis do que os soldados-escravos yunkaítas, mas Tyrion nutria dúvidas. Os legionários podiam ser armados e organizados da mesma maneira que os Imaculados... mas os eunucos não conheciam outra vida, enquanto os ghiscaris eram cidadãos livres que serviam por três anos.

A fila para o poço estendia-se por uns quatrocentos metros.

Havia apenas um punhado de poços a menos de um dia de marcha de Meereen, então a espera era sempre longa. A maioria das tropas yunkaítas tirava sua água de beber do Skahazadhan, o que Tyrion sabia que era uma má ideia, mesmo antes do aviso do curandeiro. Os mais espertos tomavam o cuidado de ficar rio acima das latrinas, mas ainda estavam rio abaixo em relação à cidade.

O fato de haver algum poço bom a menos de um dia de marcha da cidade apenas provava que Daenerys Targaryen ainda era inocente quando o assunto eram cercos. *Ela devia ter envenenado cada poço. Então todos os yunkaítas estariam bebendo do rio. Veja quanto tempo o cerco duraria, então.* Era isso o que o senhor seu pai teria feito, Tyrion não tinha dúvidas.

Cada vez que seguiam em direção a outro lugar, os guizos em suas coleiras tocavam alegremente. *Que som feliz, me faz querer arrancar os olhos de alguém com uma colher*. Agora, Griff, Pato e Meiomeistre Haldon podiam estar em Westeros com seu jovem príncipe. *Eu deveria estar com eles... mas, não, eu tinha que ter uma puta. Assassinar*

*parentes não é o suficiente, eu precisava de uma boceta e de vinho para selar minha ruína, e aqui estou eu, do lado errado do mundo, usando uma coleira de escravo com sininhos dourados para anunciar minha chegada. Se eu dançar direito, talvez possa tocar "As Chuvas de Castamere".*

Não havia lugar melhor para ouvir as últimas notícias e rumores do que ao redor do poço.

– Eu sei o que vi – um velho escravo com uma coleira enferrujada estava dizendo, enquanto Tyrion e Merreca se arrastavam na fila –, e vi aquele dragão arrancando braços e pernas, e rasgando homens ao meio, queimando todos eles até cinzas e ossos. As pessoas começaram a correr, tentando sair da arena, mas eu fui ver um espetáculo e, por todos os deuses de Ghis, vi um. Eu estava na fileira púrpura, então não achei que o dragão fosse me incomodar.

– A rainha subiu nas costas do dragão e foi embora – insistiu uma alta mulher marrom.

– Ela tentou – disse o velho –, mas não conseguiu se segurar. As bestas feriram o dragão, e a rainha foi atingida bem entre suas doces tetas rosadas, ouvi dizer. Foi quando caiu. Morreu na sarjeta, esmagada embaixo das rodas de um carroção. Conheço uma garota que conhece um homem que viu ela morrer.

Em tal companhia, o silêncio era a melhor parte da sabedoria, mas Tyrion não conseguiu se conter.

– Nenhum cadáver foi encontrado – disse.

O velho franziu o cenho.

– O que você sabe sobre isso?

– Eles estavam lá – disse a mulher marrom. – São eles, os anões que disputaram a justa, os que lutaram para a rainha.

O homem olhou para baixo, como se estivesse vendo ele e Merreca pela primeira vez.

– Vocês são aqueles que cavalgam porcos.

*Nossa notoriedade nos precede.* Tyrion fez uma mesura cortês e absteve-se de apontar que um dos porcos era, na verdade, um cão.

– A porca que eu cavalgo é, na verdade, minha irmã. Temos o mesmo nariz, vocês perceberam? Um bruxo lançou um feitiço nela, mas, se você lhe der um grande beijo molhado, ela se transformará em uma bela

mulher. O triste é que, uma vez que você a conheça, vai querer beijá-la novamente para transformá-la de volta.

Risos irromperam ao redor deles. Até o velho se juntou a eles.

– Você viu ela, então – disse o rapaz de cabeça vermelha atrás deles. – Você viu a rainha. É tão bonita quanto dizem?

*Vi uma garota esguia de cabelo prateado enrolada em um* tokar*,* ele podia ter dito a eles. *Seu rosto estava coberto por um véu, e nunca me aproximei o suficiente para dar uma boa olhada. Eu estava cavalgando um porco.* Daenerys Targaryen estava sentada no camarote principal, ao lado de seu rei ghiscari, mas os olhos de Tyrion foram atraídos para o cavaleiro na armadura branca e dourada atrás dela. Embora suas feições estivessem escondidas, o anão reconheceria Barristan Selmy em qualquer lugar. *Illyrio estava certo sobre isso, ao menos*, pensou, recordando-se. *Mas Selmy me reconheceu? E o que fará nesse caso?*

Ele quase se revelara então e ali, mas algo o impedira – cautela, covardia, instinto, podia chamar como quisesse. Ele não imaginava que Barristan, o Ousado, o recebesse com nada além de hostilidade. Selmy nunca aprovara a presença de Jaime em sua preciosa Guarda Real. Antes da rebelião, o velho cavaleiro o julgava muito jovem e inexperiente; depois ficara conhecido por dizer que o Regicida devia trocar o manto branco por um negro. E seus próprios crimes eram piores. Jaime matara um louco. Tyrion enfiara um dardo através da virilha do próprio pai, um homem que Sor Barristan conhecera e servira por anos. Podia ter arriscado tudo, mesmo assim, mas então Merreca acertara um golpe em seu escudo e o momento se foi, para não mais voltar.

– A rainha nos viu disputar um torneio – Merreca estava contando para os outros escravos na fila –, mas essa foi a única vez em que a vimos.

– Vocês devem ter visto o dragão – falou o velho.

*Quem dera tivéssemos.* Os deuses não haviam lhe concedido tanto. Enquanto Daenerys Targaryen levantava voo, o Babá estava fechando ferros ao redor de seus tornozelos, para ter certeza de que não tentariam fugir no caminho de volta para seu mestre. Se o capataz tivesse partido depois de entregá-los ao matadouro, ou fugido com o restante dos senhores de escravos quando o dragão desceu do céu, os dois anões podiam ter caminhado para a liberdade. *Ou corrido, mais provavelmente, com nosso sininho tocando*.

– Tinha um dragão? – Tyrion disse, com um dar de ombros. – Tudo o que sei é que nenhuma rainha morta foi encontrada.

O velho não estava convencido.

– Ah, encontraram corpos às centenas. Arrastaram eles para a arena e queimaram todos, embora metade já estivesse torrada. Talvez não a tenham reconhecido, queimada, ensanguentada e esmagada. Talvez a reconheceram, mas decidiram falar o contrário, para manter vocês, escravos, tranquilos.

– Nós, escravos? – disse a mulher marrom. – Você também usa uma coleira.

– Uma coleira de *Ghazdor* – o homem se gabou. – Conheço ele desde que nascemos. Sou quase um irmão para ele. Escravos como vocês, detritos de Astapor e Yunkai, se lamentam sobre ser livres, mas eu não daria minha coleira para a rainha dragão nem se ela se oferecesse para chupar meu pau em troca. O homem tem o mestre certo, isso é melhor.

Tyrion não discutiu com ele. A coisa mais insidiosa sobre o cativeiro era quão fácil era se acostumar a ele. A vida da maioria dos escravos não era totalmente diferente da vida dos servos em Rochedo Casterly, parecia para ele. Era verdade que alguns proprietários de escravos e seus capatazes eram brutais e cruéis, mas o mesmo podia ser dito de alguns senhores westerosis, seus intendentes e meirinhos. A maioria dos yunkaítas tratava suas propriedades com decência suficiente, enquanto fizessem seus trabalhos e não causassem problemas... e esse velho com a coleira enferrujada e sua lealdade feroz ao Lorde Balançabochecha, seu dono, não era um caso atípico.

– Ghazdor, o Coração-Grande? – Tyrion falou, docemente. – Nosso mestre Yezzan tem falado com frequência de sua inteligência. – O que Yezzan tinha realmente dito era algo como *Eu tenho mais inteligência do lado esquerdo da bunda do que Ghazdor e os irmãos têm entre eles*. Mas achou prudente omitir as palavras reais.

O meio-dia veio e se foi antes que ele e Merreca chegassem ao poço, onde um escravo magrela e perneta puxava a água. Olhou para eles com desconfiança.

– Babá sempre vem buscar a água de Yezzan, com quatro homens e uma charrete de mula. – Jogou o balde no poço mais uma vez. Ouviu-se uma suave pancada na água. O homem perneta deixou o balde encher e

começou a puxá-lo. Seus braços eram queimados pelo sol e descamados, ele era magro de se olhar, mas todo músculos.

– A mula morreu – falou Tyrion. – E também o Babá, pobre homem. E agora o próprio Yezzan está montado na égua descorada, e seis de seus soldados estão com diarreia. Posso levar dois baldes cheios?

– Como quiser. – Aquele foi o fim da conversa fiada. *São batidas de casco que você ouve?* A mentira sobre os soldados fizera o velho perneta se mexer muito mais rápido.

Começaram a voltar, cada anão carregando dois baldes cheios até a borda de água doce, e Sor Jorah com dois baldes em cada mão. O dia estava ficando mais quente, o ar tão espesso e úmido quanto lã molhada, e os baldes pareciam ficar mais pesados a cada passo. *Um longo caminho em pernas curtas*. A água espirrava dos baldes a cada passo, respingando ao redor de suas pernas, enquanto seus guizos tocavam uma música de marcha. *Se soubesse que chegaria a isto, pai, eu o teria deixado viver*. Meio quilômetro para leste, uma escura coluna de fumaça se erguia onde uma tenda tinha sido incendiada. *Queimando os mortos da noite passada*.

– Por aqui – Tyrion disse, fazendo um sinal com a cabeça para a direita.

Merreca lhe deu um olhar intrigado.

– Não foi por aí que viemos.

– Não queremos respirar aquela fumaça. Está cheia de humores malignos. – Não era mentira. *Não completamente*.

Merreca logo estava bufando, lutando com o peso de seus baldes.

– Preciso descansar.

– Como quiser. – Tyrion colocou os baldes de água no chão, grato pela parada. Suas pernas estavam com sérias câimbras, então encontrou uma pedra para se sentar e esfregar as coxas.

– Eu podia fazer isso para você – ofereceu Merreca.

– Sei onde estão os nós. – Ainda que gostasse cada vez mais da garota, ainda ficava desconfortável quando ela o tocava. Virou-se para Sor Jorah. – Umas porradas a mais e você ficará tão feio quanto eu, Mormont. Diga-me, ainda sobrou algum espírito combativo em você?

O grande cavaleiro ergueu dois olhos enegrecidos e olhou para ele como se estivesse encarando um inseto.

– O suficiente para quebrar seu pescoço, Duende.

– Bom. – Tyrion pegou seus baldes. – Por aqui, então.

Merreca franziu o cenho.

– Não. É para a esquerda. – Ela apontou. – Ali está a Prostituta.

– E ali está a Irmã Vingativa. – Tyrion acenou com a cabeça na outra direção. – Confie em mim – disse. – Meu caminho é mais rápido. – Partiu com os guizos tilintando. Merreca o seguiria, ele sabia.

Algumas vezes, invejava os pequenos sonhos bonitos da garota. Ela o fazia se lembrar de Sansa Stark, a noiva criança que tivera e perdera. Apesar de todos os horrores que sofrera, de alguma forma ela permanecera confiante. *Ela devia saber mais. É mais velha do que Sansa. E é uma anã. Age como se tivesse se esquecido disso, como se fosse bem-nascida e bonita de se olhar, em vez de escrava e grotesca*. À noite, Tyrion frequentemente a ouvia rezar. *Um desperdício de palavras. Se houvesse deuses para escutar, seriam deuses monstruosos, que nos atormentam por esporte. Quem mais faria um mundo como este, cheio de escravidão, sangue e dor? Quem mais nos daria a forma que nos deram?* Algumas vezes, queria bater nela, sacudi-la, gritar com ela, qualquer coisa para fazê-la despertar de seus sonhos. *Ninguém vai nos salvar*, queria gritar para ela. *O pior ainda está por vir*. Mesmo assim, de algum jeito, nunca disse isso. Em vez de dar um bom safanão naquela cara feia dela, para arrancar a viseira de seus olhos, ele se pegava apertando seu ombro ou dando-lhe um abraço. *Cada toque é uma mentira. Eu a paguei com tanta moeda falsa que ela se acha meio rica*.

Ele até mantivera a verdade sobre a Arena de Daznak para si.

*Leões. Iam soltar leões sobre nós*. Teria sido primorosamente irônico, aquilo. Talvez tivesse tempo para uma curta e amarga gargalhada antes de ser dilacerado.

Ninguém jamais disse o fim que havia sido planejado para eles, não com todas as palavras, mas não havia sido muito difícil juntar as peças, ali embaixo dos tijolos da Arena de Daznak, no mundo oculto sob as arquibancadas, o domínio sombrio dos lutadores de arena e dos servos que cuidavam deles, dos vivos e dos mortos; os cozinheiros que os alimentavam, os ferrageiros que os armavam, os cirurgiões-barbeiros que os sangravam, os barbeavam e atavam suas feridas, as putas que os serviam antes e depois das lutas, os manipuladores de cadáveres que arrastavam os perdedores para fora das areias com ganchos de ferro.

O rosto do Babá dera a Tyrion a primeira pista. Depois da apresentação, ele e Merreca haviam retornado para a abóbada iluminada por tochas onde os lutadores se reuniam antes e depois de suas disputas. Alguns estavam sentados, afiando as armas; outros fazendo sacrifícios para deuses estranhos, ou entorpecendo os nervos com leite de papoula antes de sair para morrer. Aqueles que já tinham lutado e vencido jogavam dados em um canto, rindo como apenas homens que encararam a morte e viveram podem rir.

O Babá estava pagando prata para um homem da arena, por uma aposta perdida, quando viu Merreca levando Triturador. A confusão em seus olhos sumiu em meio segundo, mas não antes que Tyrion percebesse o que significava. *Babá não esperava que voltássemos*. Olhou em volta, para os outros rostos. *Ninguém esperava que voltássemos. Era para termos morrido lá*. A peça final se encaixou quando ouviu um treinador de animais reclamando em voz alta para o mestre da arena:

– Os leões estão famintos. Dois dias sem comer. Me disseram para não alimentar eles, e não alimentei. A rainha vai pagar pela carne.

– Leve isso até ela na próxima vez que der audiências – o mestre da arena respondeu.

Mesmo agora, Merreca não suspeitava. Quando falou sobre a arena, sua preocupação principal era que mais pessoas não tinham rido. *Teriam se mijado de rir se os leões tivessem sido soltos*, Tyrion quase falou para ela. Em vez disso, ele apertou seu ombro.

Merreca fez uma parada repentina.

– Estamos indo para o lado errado.

– Não estamos. – Tyrion colocou seus baldes no chão. As alças haviam deixado sulcos profundos em seus dedos. – Aquelas são as tendas que queremos, ali.

– Os Segundos Filhos? – Um sorriso estranho apareceu no rosto de Sor Jorah. – Se acha que vai encontrar ajuda ali, você não conhece Ben Mulato Plumm.

– Oh, eu o conheço. Plumm e eu jogamos cinco partidas de *cyvasse*. Ben Mulato é astuto, tenaz, não sem inteligência... mas cauteloso. Gosta de deixar seu oponente assumir riscos, enquanto ele se senta e mantém suas opções em aberto, reagindo à batalha conforme ela ganha forma.

– Batalha? Que batalha? – Merreca se afastou dele. – Temos que *voltar*. O mestre precisa de água limpa. Se demorarmos muito, seremos chicoteados. E Porca Bonita e Triturador estão lá.

– Doces se assegurará de que sejam cuidados – Tyrion mentiu. Era mais provável que Cicatriz e seus amigos logo estivessem se banqueteando com presunto, toicinho e um saboroso ensopado de cachorro, mas Merreca não precisava ouvir aquilo. – O Babá está morto e Yezzan está morrendo. Pode estar escuro antes que qualquer um se lembre de sentir nossa falta. Nunca teremos uma oportunidade melhor do que agora.

– *Não*. Você sabe o que fazem quando pegam escravos tentando fugir. Você *sabe*. Por favor. Nunca nos permitirão deixar o acampamento.

– Nós não deixamos o acampamento. – Tyrion pegou seus baldes. Partiu em um bamboleado rápido, sem olhar para trás. Mormont seguiu ao seu lado. Depois de um momento, ouviu o som de Merreca correndo atrás dele, descendo uma ladeira de areia até um círculo de tendas esfarrapadas.

A primeira sentinela apareceu quando se aproximaram dos cavalos amarrados; um lanceiro magro cuja barba castanho-avermelhada indicava que era um tyroshino.

– O que temos aqui? E o que vocês levam nesses baldes?

– Água – respondeu Tyrion –, se for do seu agrado.

– Cerveja me agradaria mais. – Uma ponta de lança cutucou o anão nas costas; um segundo sentinela veio por trás deles. Tyrion pôde ouvir Porto Real em sua voz. *Escória da Baixada da Pulga*.

– Está perdido, anão? – a sentinela exigiu saber.

– Estamos aqui para nos juntar à sua companhia.

Um balde escorregou do braço de Merreca e virou. Metade da água foi derramada antes que ela conseguisse erguê-lo novamente.

– Temos tolos suficientes nesta companhia. Por que iríamos querer mais três? – O tyroshino cutucou a coleira de Tyrion com a ponta de sua lança, tocando os pequenos guizos dourados. – Um escravo fugitivo, é o que eu vejo. Três escravos fugitivos. De quem é esta coleira?

– Da Baleia Amarela. – Aquilo veio de um terceiro homem, atraído pelas vozes deles; uma figura com barba por fazer e dentes manchados de vermelho pela folhamarga. *Um oficial*, Tyrion percebeu, pelo jeito que

os outros se dirigiram a ele. Tinha um gancho onde sua mão direita estivera um dia. *A fraca sombra bastarda de Bronn, ou sou Baelor, o Abençoado*. – Estes são os anões que Ben tentou comprar – o oficial disse para os lanceiros, apertando os olhos –, mas o grande... melhor levá-lo também. Todos os três.

O tyroshino apontou com a lança. Tyrion foi naquela direção. O outro mercenário – um rapaz, pouco mais que um menino, com penugem na bochecha e cabelo da cor de palha suja – escorregou a mão sob a túnica de Merreca.

– Oh, o meu tem tetas – disse, rindo. Deslizou uma mão sob a túnica de Merreca, só para ter certeza.

– Basta trazer ela – retrucou o oficial.

O rapaz jogou Merreca sobre um ombro. Tyrion foi em frente, tão rápido quanto suas pernas atrofiadas permitiam. Sabia para onde estavam indo: a grande tenda ao lado da fogueira, com paredes de tela pintada rachadas e desgastadas por anos de sol e chuva. Alguns mercenários se viraram para vê-lo passar, e uma seguidora de acampamento abafou o riso, mas ninguém se moveu para interferir.

Dentro da tenda, encontraram bancos de acampamento e uma mesa de cavalete, prateleiras de lanças e alabardas, o chão coberto com tapetes puídos em meia dúzia de cores conflitantes, e três oficiais. Um era esbelto e elegante, com uma barba pontuda, uma lâmina de espadachim e gibão rosa recortado. Um era gordo e calvo, com manchas de tinta nos dedos, e segurava uma pena em uma mão.

O terceiro era o homem que procurava. Tyrion se inclinou.

– Capitão.

– Pegamos eles se infiltrando no acampamento. – O rapaz jogou Merreca no tapete.

– Fugitivos – o tyroshino declarou. – Com baldes.

– Baldes? – perguntou Ben Mulato Plumm. Quando ninguém se atreveu a explicar, disse: – De volta aos seus postos, rapazes. E nenhuma palavra sobre isto, para ninguém. – Quando partiram, sorriu para Tyrion. – Veio para outra partida de *cyvasse*, Yollo?

– Se desejar. Gosto de derrotar você. Ouvi dizer que é duas vezes vira-casaca, Plumm. Minha alma gêmea.

O sorriso de Ben nunca chegou aos seus olhos. Estudou Tyrion como um homem faria com uma cobra falante.

– Por que está aqui?

– Para tornar seus sonhos realidade. Você tentou nos comprar no leilão. Depois, tentou nos ganhar no *cyvasse*. Mesmo quando eu tinha meu nariz, nunca fui tão bonito para despertar tais paixões... salvo quando reconhecem meu verdadeiro valor. Bem, aqui estou eu, livre para conversar. Agora, seja amigo, traga seu ferreiro e tire estas coleiras de nós. Estou enlouquecendo de tilintar o tempo todo.

– Não quero problemas com seu nobre mestre.

– Yezzan tem assuntos mais urgentes com os quais se preocupar do que três escravos desaparecidos. Está cavalgando a égua descorada. E por que pensariam em nos procurar aqui? Você tem espadas suficientes para desencorajar qualquer um que venha bisbilhotar. Um risco pequeno para um ganho grande.

O indivíduo arrogante no gibão rosa recortado assobiou.

– Trouxeram a doença entre nós. Para dentro das nossas próprias tendas. – Virou-se para Ben Plumm. – Devo cortar a cabeça dele, capitão? Podemos jogar o resto no fosso da latrina. – Desembainhou uma espada, uma delgada lâmina de espadachim com o punho incrustado de pedras preciosas.

– Seja cuidadoso com minha cabeça – falou Tyrion. – Não vai querer meu sangue sobre você. O sangue carrega a doença. E você vai querer ferver nossas roupas ou queimá-las.

– Penso em queimá-las com vocês ainda nelas, Yollo.

– Esse não é meu nome. Mas você sabe isso. Você soube desde a primeira vez que colocou os olhos em mim.

– Pode ser.

– Eu o conheço também, meu senhor – falou Tyrion. – Você é menos púrpura e mais marrom do que os Plumm em casa, mas a menos que seu nome seja uma mentira, você é um homem do oeste, por sangue se não por nascimento. A Casa Plumm é juramentada a Rochedo Casterly, e acontece que eu sei um pouco da sua história. Seu ramo brotou de um pedaço de pedra do outro lado do mar estreito, sem dúvida. Um filho mais jovem de Viserys Plumm, eu apostaria. Os dragões da rainha gostavam de você, não gostavam?

Aquilo pareceu divertir o mercenário.

– Quem contou isso para você?

– Ninguém. A maioria das histórias que se ouve sobre dragões são lorotas para tolos. Dragões falantes, dragões que cospem ouro e pedras preciosas, dragões com quatro pernas e barrigas tão grandes quanto elefantes, dragões adivinhando com esfinges... absurdo, tudo isso. Mas há verdade nos velhos livros também. Não só sei que os dragões da rainha iam até você, mas sei o motivo.

– Minha mãe dizia que meu pai tinha uma gota de sangue de dragão.

– Duas gotas. Isso, ou um pau com dois metros de comprimento. Você conhece esse conto? Eu conheço. Agora, você é um Plumm esperto, então sabe que esta minha cabeça vale uma senhoria... lá em Westeros, a meio mundo de distância. Até chegar lá, apenas ossos e larvas restarão. Minha doce irmã negará que a cabeça é minha e trapaceará você com a recompensa prometida. Sabe como são as rainhas. Bocetas inconstantes, a maioria delas, e Cersei é a pior.

Ben Mulato coçou a barba.

– Posso entregar você vivo e se contorcendo, então. Ou enfiar sua cabeça numa jarra e deixá-la em conserva.

– Ou pode jogar comigo. Esse é o movimento mais sábio. – Sorriu. – Nasci um segundo filho. Esta companhia é meu destino.

– Os Segundos Filhos não têm lugar para pantomimeiros – o espadachim de rosa disse, com desdém. – É de lutadores que precisamos.

– Trouxe um para vocês. – Tyrion apontou o polegar para Mormont.

– Aquela criatura? – riu o espadachim. – Um brutamontes feio, mas cicatrizes sozinhas não fazem um Segundo Filho.

Tyrion revirou seus olhos de cores diferentes.

– Lorde Plumm, quem são esses seus dois amigos? O de rosa é irritante.

O espadachim curvou um lábio, enquanto seu companheiro com a pena gargalhava da insolência. Mas foi Jorah Mormont quem forneceu seus nomes.

– Tinteiros é o tesoureiro da companhia. O pavão chama a si mesmo de Kasporio, o Astuto, embora Kasporio, o Idiota, seja mais adequado. Um sujeitinho desagradável.

O rosto de Mormont podia estar irreconhecível pelo espancamento, mas sua voz não tinha mudado. Kasporio lhe deu um olhar assustado, enquanto as rugas ao redor dos olhos de Plumm se apertaram de divertimento.

– Jorah *Mormont*? É você? Menos orgulhoso do que quando fugiu em disparada, no entanto. Ainda devemos chamá-lo de *sor*?

Os lábios inchados de Mormont se torceram em um sorriso grotesco.

– Dê-me uma espada e pode me chamar do que quiser, Ben.

Kasporio se moveu para trás.

– Você... ela mandou você embora...

– Eu voltei. Pode me chamar de tolo.

*Um tolo apaixonado*. Tyrion limpou a garganta.

– Vocês podem falar dos velhos tempos mais tarde... depois que eu terminar de explicar por que minha cabeça pode ter mais uso sobre meus ombros. Você descobrirá, Lorde Plumm, que posso ser muito generoso com meus amigos. Se duvida de mim, pergunte para Bronn. Pergunte para Shagga, filho de Dolf. Pergunte para Timett, filho de Timett.

– E quem são eles? – perguntou o homem chamado Tinteiros.

– Bons homens que me juraram suas espadas e prosperaram bastante por esse serviço. – Deu de ombros. – Oh, muito bem, menti sobre o "bons". Eram bastardos sanguinários, como todos vocês.

– Pode ser – disse Ben Mulato. – Ou pode ser que você tenha inventado alguns nomes. Shagga, você diz? Isso é um nome de mulher?

– As tetas dele eram grandes o suficiente. Da próxima vez que nos encontrarmos, eu o apertarei entre os calções, para ter certeza. É um tabuleiro de *cyvasse* ali? Traga-o, e teremos aquela partida. Mas, primeiro, acho, gostaria de uma taça de vinho. Minha garganta está seca como um osso velho, e vejo que tenho muito o que falar.

# Jon

Naquela noite, sonhou com selvagens berrando da floresta, avançando com o choro dos berrantes de guerra e o rufar de tambores. Bum BUM bum BUM bum BUM, veio o som, como mil corações em uma única batida. Alguns tinham lanças, alguns tinham arcos e alguns carregavam machados. Outros andavam em carruagens feitas de ossos, puxadas por grupos de cães tão grandes quanto pôneis. Gigantes arrastavam-se pesadamente entre eles, doze metros de altura, com marretas do tamanho de carvalhos.

– Permaneçam firmes – Jon Snow exortou. – Vamos mandá-los embora. – Estava no topo da Muralha, sozinho. – Fogo – gritou –, joguem fogo neles –, mas não havia ninguém para prestar atenção.

*Todos se foram. Eles me abandonaram.*

Flechas incendiárias assobiaram para cima, arrastando línguas de fogo. Irmãos espantalhos caíram, seus mantos negros em chamas. *Snow*, uma águia gritou, enquanto inimigos escalavam o gelo como aranhas. Jon estava com uma armadura de gelo negro, mas sua lâmina queimava vermelha em seu punho. Conforme os mortos chegavam ao topo da Muralha, ele os enviava para baixo, para morrer novamente. Matou um ancião e um garoto imberbe, um gigante, um homem magro com dentes afiados, uma garota com grossos cabelos vermelhos. Tarde demais, reconheceu Ygritte. Ela se foi tão rápido quanto aparecera.

O mundo se dissolveu em uma névoa vermelha. Jon esfaqueava, fatiava e cortava. Atingiu Donal Noye e tirou as vísceras de Dick Surdo Follard. Qhorin Meia-Mão caiu de joelhos, tentando, em vão, estancar o fluxo de sangue do pescoço.

– *Sou* o Senhor de Winterfell – Jon gritou. Robb estava diante dele agora, o cabelo molhado com neve derretida. Garralonga cortou sua

cabeça fora. Então, uma mão enrugada segurou Jon pelo ombro. Ele se contorceu...

... e acordou com um corvo bicando-o no peito. *Snow*, a ave gritou. Jon bateu nela. O corvo gritou de descontentamento e voou até uma das colunas da cama, olhando para baixo malignamente através da escuridão da madrugada.

O dia chegara. Era a hora do lobo. Logo o sol se levantaria, e quatro mil selvagens seriam despejados pela Muralha. *Loucura*. Jon Snow passou a mão queimada pelo cabelo e se perguntou mais uma vez o que estava fazendo. Uma vez que o portão fosse aberto, não seria possível voltar atrás. *Deveria ter sido o Velho Urso a negociar com Tormund. Deveria ter sido Jaremy Rykker, ou Qhorin Meia-Mão, ou Denys Mallister, ou outro homem experiente. Deveria ter sido meu tio.* Mas era tarde demais para tais receios. Cada escolha tinha seus riscos, cada risco, suas consequências. Jogaria o jogo até o final.

Levantou-se e vestiu-se na escuridão, enquanto o corvo de Mormont reclamava pelo quarto. *Grão*, a ave dizia, e *Rei* e *Snow, Jon Snow, Jon Snow*. Aquilo era estranho. A ave nunca dissera seu nome completo antes, pelo que Jon se lembrava.

Quebrou o jejum na adega, com seus oficiais. Pão frito, ovos fritos, chouriços e mingau de cevada formavam a refeição, empurrados para baixo com uma rala cerveja amarela. Enquanto comiam, repassavam os preparativos mais uma vez.

– Está tudo pronto – Bowen Marsh assegurou. – Se os selvagens mantiverem os termos do acordo, tudo vai correr como você ordenou.

*E, se não, pode acabar em sangue e carnificina.*

– Lembrem-se – Jon falou –, o povo de Tormund está faminto, com frio e com medo. Alguns deles nos odeiam tanto quanto alguns de vocês os odeiam. Estamos dançando em gelo fino aqui, eles e nós. Uma rachadura e todos nos afogaremos. Se sangue for derramado hoje, é melhor que não seja um dos nossos quem deu o primeiro golpe, ou eu juro pelos deuses antigos e pelos novos que terei a cabeça do homem que começar isso.

Todos responderam com *sim*, com acenos de cabeças e murmurando palavras como *Ao seu comando*, *Será feito* e *Sim, meu senhor*. E, um por um, eles se levantaram, afivelaram os cinturões das espadas, vestiram seus quentes mantos negros e saíram para o frio.

O último a deixar a mesa foi Edd Doloroso Tollett, que chegara durante a noite com seis carroções de Monte Longo. Monte das Putas, os irmãos negros chamavam o forte agora. Edd fora enviado para reunir tantas esposas de lança quantas coubessem nos carroções e levá-las de volta para se unir a suas irmãs.

Jon observava-o enxugar uma gema mole com um pedaço de pão. Era estranhamente reconfortante ver o rosto melancólico de Edd novamente.

– Como está indo a restauração? – perguntou para seu velho intendente.

– Mais dez anos devem resolver – Tollett respondeu, em seu usual tom sombrio. – O lugar estava infestado de ratos quando chegamos. As esposas de lança mataram os malditinhos nojentos. Agora, o lugar está infestado de esposas de lança. Há dias em que sinto falta dos ratos.

– Como está sendo servir sob o comando de Emmett de Ferro? – Jon perguntou.

– Em geral, Maris Negra está servindo sob ele, meu senhor. Eu, eu tenho as mulas. Urtigas afirma que somos parentes. É verdade que temos a mesma cara comprida, mas não sou nem de perto tão teimoso. De qualquer modo, nunca conheci as mães delas, pela minha honra. – Terminou o último ovo e suspirou. – Eu realmente gosto de um bom ovo mole. Se for do agrado de meu senhor, não deixe os selvagens comerem todas as nossas galinhas.

No pátio, o céu oriental começava a clarear. Não havia um fiapo de nuvem à vista.

– Teremos um bom dia para isso, parece – Jon falou. – Um dia brilhante, quente e ensolarado.

– A Muralha vai chorar. E o inverno está quase sobre nós. Isso não é normal, ‘nhor. Um mau sinal, se me perguntar.

Jon sorriu.

– E se estivesse nevando?

– Um sinal pior ainda.

– Que tipo de clima você prefere?

– O tipo que nos mantém dentro de casa – disse Edd Doloroso. – Se for do agrado de meu senhor, devo voltar para minhas mulas. Elas sentem minha falta quando saio. É mais do que posso dizer das esposas de lança.

Separaram-se ali, Tollett para o caminho oriental, onde seus carroções esperavam, Jon Snow para os estábulos. Cetim tinha seu cavalo selado e com freios, esperando por ele; um corcel cinza impetuoso, com uma crina tão negra e brilhante quanto tinta de meistre. Não era o tipo de montaria que Jon teria escolhido, mas, nessa manhã, o mais importante era impressionar e, para isso, o garanhão era a escolha perfeita.

Sua escolta estava esperando também. Jon nunca gostara de estar cercado por guardas, mas hoje parecia prudente manter alguns bons homens ao seu lado. Eles passavam uma imagem severa, com suas cotas de malha, seus meios-elmos de ferro e mantos negros, com lanças compridas nas mãos e espadas e adagas na cintura. Para isso, Jon havia deixado de lado todos os garotos inexperientes e os anciãos a seu comando, escolhendo oito homens em seu apogeu: Ty, Mully, Lew Mão Esquerda, Grande Liddle, Rory, Fulk, a Pulga, Garrett Lançaverde. E Couros, o novo mestre em armas de Castelo Negro, para mostrar ao povo livre que mesmo um homem que lutou por Mance na batalha da Muralha podia encontrar um lugar de honra na Patrulha da Noite.

Um rubor vermelho-escuro aparecera no oriente quando todos se reuniram no portão. *As estrelas estão partindo*, Jon viu. Da próxima vez que reaparecessem, podiam estar iluminando um mundo mudado para sempre. Alguns homens da rainha estavam observando do lado das brasas da fogueira noturna da Senhora Melisandre. Quando Jon olhou para a Torre do Rei, vislumbrou um clarão vermelho atrás de uma janela. Da Rainha Selyse, nenhum sinal.

Era hora.

– Abram os portões – Jon Snow falou suavemente.

– *ABRAM OS PORTÕES!* – o Grande Liddle rugiu. Sua voz era um trovão.

Duzentos metros acima, as sentinelas ouviram e levaram os berrantes de guerra aos lábios. O som ecoou, saindo da Muralha e seguindo pelo mundo. *Ahoooooooooooooooooooooooooooooo*. Um sopro longo. Por mil anos, ou mais, aquele som significara patrulheiros voltando para casa. Hoje, significava algo mais. Hoje, chamava o povo livre para suas novas casas.

Em cada extremidade do comprido túnel, os portões se abriram e as barras de ferro foram destrancadas. A luz brilhava no gelo, rosa, dourada

e púrpura. Edd Doloroso não estava errado. A Muralha logo estaria chorando. *Que os deuses permitam que chore sozinha.*

Cetim liderou-os pelo gelo, iluminando o caminho através da escuridão do túnel com uma lanterna de ferro. Jon o seguiu, levando seu cavalo. Atrás dele, seus guardas. Depois vieram Bowen Marsh e seus intendentes, um bando deles, cada homem com uma tarefa designada. Em cima, Ulmer da Mata de Rei tinha a Muralha. Dois grupos dos melhores besteiros de Castelo Negro estavam com ele, prontos para responder a qualquer problema lá embaixo com uma chuva de flechas.

Ao norte da Muralha, Tormund Terror dos Gigantes estava esperando, montado em um pequeno garrano que parecia pouco robusto para suportar seu peso. Os dois filhos que lhe sobravam estavam com ele, o alto Toregg e o jovem Dryn, juntamente com três grupos de guerreiros.

– *Har!* – Tormund falou. – Guardas, é isso? Agora, onde está a confiança, corvo?

– Você trouxe mais homens do que eu.

– Então trouxe. Venha comigo, rapaz. Quero que meu povo veja você. Tenho milhares que nunca viram um senhor comandante, homens crescidos que aprenderam, quando meninos, que seus patrulheiros os comeriam se não se comportassem. Eles precisam ver sua cara limpa e comprida de rapaz em um velho manto negro. Precisam aprender que a Patrulha da Noite não é nada a ser temida.

*Esta é uma lição que eu preferia que não aprendessem*. Jon tirou a luva da mão queimada, colocou dois dedos na boca e assobiou. Fantasma veio correndo do portão. O cavalo de Tormund se assustou tanto que o selvagem quase caiu da sela.

– Nada a ser temido? – Jon perguntou. – Fantasma, fique.

– Você é um bastardo de coração negro, Lorde Corvo. – Tormund Soprador de Chifres levou o próprio berrante de guerra aos lábios. O som ecoou pelo gelo como um trovão, e o povo livre começou a andar em direção ao portão.

Do amanhecer até o anoitecer, Jon viu a passagem dos selvagens.

Os reféns foram primeiro; cem meninos com idade entre oito e dezesseis.

– Seu preço de sangue, Lorde Corvo – Tormund declarou. – Espero que o pranto das pobres mães não assombre seus sonhos à noite. – Alguns dos

garotos foram levados ao portão pela mãe ou pelo pai, outros por irmãos mais velhos. A maioria foi sozinha. Meninos de catorze e quinze anos eram quase homens e não queriam ser vistos pendurados na saia de uma mulher.

Dois intendentes contavam os meninos enquanto eles entravam, anotando cada nome em longos rolos de pele de cordeiro. Um terceiro coletava os objetos de valor para o pedágio e os anotava também. Os meninos estavam indo para um lugar onde nenhum deles havia estado antes, para servir uma ordem que fora inimiga de seus parentes e amigos por milhares de anos, e, mesmo assim, Jon não viu lágrimas nem ouviu pranto das mães. *Este é um povo do inverno*, lembrou a si mesmo. *Lágrimas congelam em seu rosto, lá de onde vieram.* Nenhum dos reféns empacou ou tentou fugir quando chegou sua vez de entrar naquele túnel sombrio.

Quase todos os meninos eram franzinos, alguns passados do ponto da magreza, com canelas finas e braços como galhos. Não era mais do que Jon esperava. Fora isso, eram de todos os formatos, tamanhos e cores. Viu garotos altos e garotos baixos, meninos de cabelos castanhos, negros, loiro-mel e loiro-avermelhados e cabeças vermelhas beijadas pelo fogo, como Ygritte. Viu garotos com cicatrizes, meninos que mancavam, meninos marcados pela varíola. Muitos dos garotos mais velhos tinham penugens nas bochechas e bigodes ralos, mas um deles tinha uma barba tão grossa quanto a de Tormund. Alguns estavam vestidos com finas peles macias, alguns em couro fervido e partes avulsas de armaduras, muitos em lãs e peles de foca, alguns em trapos. Um estava nu. Muitos tinham armas; lanças afiadas, marretas de pedra, facas feitas de ossos, pedras ou vidro de dragão, clavas pontudas, redes de arrasto, e até mesmo uma ou outra velha espada enferrujada. Os meninos cornopés andavam joviais e descalços pelos montes de neve. Outros rapazes usavam patas de urso nas botas e andavam em cima dos mesmos montes, sem jamais afundar. Seis garotos chegaram montados em cavalos, dois em mulas. Um par de irmãos veio com uma cabra. O maior refém tinha um metro e noventa de altura, mas o rosto de bebê; o menor era um menino mirrado que afirmava ter nove anos, mas que não parecia ter mais do que seis.

Uma atenção especial foi dada para os filhos dos homens de renome. Tormund tomou o cuidado de apontá-los conforme eles passavam.

– O menino ali é filho de Soren Quebrescudo – disse de um rapaz alto. – Aquele de cabelo vermelho com ele é cria de Gerrick Sanguederrei. Vem da linhagem de Raymun Barbarruiva, pelo que ele afirma. Da linhagem do irmão caçula de Barbarruiva, se quer saber a verdade. – Dois garotos eram parecidos o suficiente para ser gêmeos, mas Tormund insistiu que eram primos, nascidos com um ano de diferença. – Um é filho de Harle, o Caçador, o outro de Harle, o Bonito, ambos com a mesma mulher. Os pais odeiam um ao outro. Se eu fosse você, mandava um para Atalaialeste e outro para Torre Sombria.

Outros reféns foram apontados como filhos de Howd Andarilho, de Brogg, de Devyn Peledefoca, de Kyleg dos Orelha de Madeira, de Morna Máscara Branca, de Grande Morsa...

– Grande Morsa? De verdade?

– Eles têm nomes estranhos na Costa Gelada.

Três reféns eram filhos de Alfyn Mata-Corvos, um saqueador infame morto por Qhorin Meia-Mão. Ou assim Tormund insistiu.

– Eles não parecem irmãos – Jon observou.

– Meio-irmãos, nascidos de mães diferentes. O membro de Alfyn era uma coisa pequenina, ainda menor do que o seu, mas ele nunca teve vergonha quanto a onde enfiá-lo. Teve um filho em cada vila, aquele lá.

Sobre certo menino mirrado com cara de rato, Tormund disse:

– Aquele ali é filhote de Varamyr Seis-Peles. Você se lembra de Varamyr, Lorde Corvo?

Ele se lembrava.

– O troca-peles.

– Sim, ele era isso. Um tampinha cruel, aquele lá. Morto, provavelmente. Ninguém o viu desde a batalha.

Dois dos meninos eram meninas disfarçadas. Quando Jon as viu, mandou Rory e Grande Liddle trazê-las até ele. Uma veio humildemente, a outra, chutando e mordendo. *Isso pode acabar mal*.

– Esses dois têm pais famosos?

– *Har*! Essas coisas magrelas? Provavelmente, não. Escolhidos em sorteio.

– São meninas.

– São? – Tormund olhou de soslaio para as duas, de cima de sua sela. – Eu e Lorde Corvo fizemos uma aposta sobre qual de vocês tem o membro maior. Abaixem as calças para que possamos dar uma olhada.

Uma das garotas ficou vermelha. A outra encarou desafiadoramente.

– Nos deixe em paz, Tormund Fedor dos Gigantes. Nos deixe ir.

– *Har!* Você ganhou, corvo. Não tem um pau entre elas. A pequena tem colhões, no entanto. Uma esposa de lança em formação, essa. – Chamou seus próprios homens. – Encontrem algo feminino para elas, antes que Lorde Snow molhe o calção.

– Preciso de dois meninos para o lugar delas.

– Como é isso? – Tormund coçou a barba. – Um refém é um refém, me parece. Essa sua grande espada afiada pode arrancar a cabeça de uma menina tão fácil quanto a de um menino. Um pai ama suas filhas também. Bem, a maioria dos pais.

*Não são os pais delas que me preocupam.*

– Mance alguma vez cantou *Bravo Danny Flint*?

– Não que eu me lembre. Quem era ele?

– Uma garota que se vestiu de menino para tomar o negro. Sua canção é triste e bonita. O que aconteceu com ela não foi. – Em algumas versões da canção, seu fantasma ainda caminhava pelo Fortenoite. – Enviarei as garotas para Monte Longo. – Os únicos homens lá eram Emmett de Ferro e Edd Doloroso, ambos de sua confiança. Isso não era algo que poderia dizer de todos os seus irmãos.

O selvagem entendeu.

– Aves nojentas, seus corvos. – Cuspiu. – Mais dois meninos, então. Você os terá.

Quando noventa e nove reféns haviam passado por eles para atravessar por baixo da Muralha, Tormund Terror dos Gigantes apresentou o último.

– Meu filho, Dryn. Garanta que ele seja bem cuidado, corvo, ou cozinharei seu fígado negro e o comerei.

Jon fez uma inspeção rigorosa no menino. *A idade de Bran, ou a idade que teria se Theon não o tivesse matado.* Dryn não tinha nada da doçura de Bran, no entanto. Era um rapaz robusto, com pernas curtas, braços grossos e um largo rosto vermelho; uma versão em miniatura do pai, com um tufo de cabelo castanho-escuro.

– Ele servirá como meu próprio pajem – Jon prometeu a Tormund.

– Ouviu isso, Dryn? Não vai ficar se achando o tal. – Para Jon, disse: – Ele precisará de uma boa sova de tempos em tempos. Mas tome cuidado com os dentes. Ele morde. – Pegou seu berrante novamente, ergueu-o e deu outro sopro.

Dessa vez, foram os guerreiros que se adiantaram. E não era apenas uma centena deles. *Quinhentos*, Jon julgou, enquanto saíam debaixo das árvores, *talvez mais de mil*. Um em cada dez vinha montado, mas todos vinham com armas. Carregavam nas costas escudos de vime redondos cobertos com peles e couro cozido, mostrando imagens pintadas de cobras e aranhas, cabeças decepadas, martelos ensanguentados, crânios quebrados e demônios. Alguns poucos vestiam aço roubado, partes de armaduras amassadas saqueadas de cadáveres de patrulheiros caídos. Outros usavam armaduras de ossos, como Camisa de Chocalho. Todos vestiam peles e couros.

Havia esposas de lança com eles, com longos cabelos. Jon não podia olhar para elas sem se lembrar de Ygritte; o brilho do fogo nos cabelos, o olhar em seu rosto quando se despiu para ele na gruta, o som de sua voz.

– Você não sabe nada, Jon Snow – ela lhe dissera, uma centena de vezes.

*É tão verdade agora quanto era então.*

– Você devia mandar as mulheres primeiro – disse para Tormund. – As mães e as donzelas.

O selvagem lhe deu um olhar astuto.

– Sim, eu devia. E seus corvos podiam decidir fechar o portão. Com alguns guerreiros do outro lado, bem, desse jeito o portão fica aberto, não é? – Sorriu. – Comprei seu maldito cavalo, Jon Snow. Não quer dizer que não podemos contar os dentes dele. Agora não fique pensando que eu e os meus não confiamos em você. Confiamos em você tanto quanto confia em nós. – Bufou. – Você queria guerreiros, não é? Bem, aí estão eles. Cada um vale seis dos seus corvos negros.

Jon teve que sorrir.

– Desde que guardem essas armas para nosso inimigo comum, estou satisfeito.

– Dei minha palavra nisso, não dei? A palavra de Tormund Terror dos Gigantes. Forte como ferro. – Ele se virou e cuspiu.

Entre os guerreiros estavam os pais de muitos reféns de Jon. Alguns o encaravam com frios olhos mortos conforme passavam, alisando o punho da espada. Outros sorriam para ele como para um parente havia muito perdido, embora alguns desses sorrisos desconcertassem Jon Snow mais do que qualquer olhar penetrante. Nenhum se ajoelhou, mas muitos fizeram juramentos.

– O que Tormund jurou, eu juro – declarou Brogg, um homem de cabelo negro e poucas palavras.

Soren Quebrescudo inclinou a cabeça alguns centímetros e rosnou:

– O machado de Soren é seu, Jon Snow, se alguma vez precisar dele.

O barba-ruiva Gerrick Sanguederrei trouxe três filhas:

– Serão belas esposas, e darão a seus maridos filhos fortes de sangue real – gabou-se. – Como seu pai, elas descendem de Raymun Barbarruiva, que foi Rei-para-Lá-da-Muralha.

Sangue significava pouco e ainda menos entre o povo livre, Jon sabia. Ygritte lhe ensinara aquilo. As filhas de Gerrick partilhavam o mesmo cabelo vermelho-fogo dela, embora o de Ygritte fosse cheio de cachos e os das meninas fossem longos e lisos. *Beijadas pelo fogo*.

– Três princesas, cada uma mais adorável que a outra – disse ao pai delas. – Farei com que sejam apresentadas à rainha. – Selyse Baratheon se daria melhor com essas três do que com Val, ele suspeitava; elas eram jovens, e consideravelmente mais amedrontadas. *Doces o suficiente para se olhar para elas, embora o pai pareça um tolo.*

Howd Andarilho fez o juramento sobre sua espada, o pedaço de ferro mais cortado e picotado que Jon já vira. Devyn Peledefoca o presenteou com um chapéu de pele de foca, Harle, o Caçador, com um colar de garras de urso. A feiticeira guerreira Morna tirou sua máscara de represeiro o tempo suficiente para beijar a mão enluvada de Jon e jurar ser seu homem ou sua mulher, o que ele preferisse. E assim foi, um e mais outro e outro.

Conforme passava, cada guerreiro tirava seus tesouros e os jogava em uma das carroças que os intendentes haviam colocado antes dos portões. Pingentes de âmbar, *torcs* de ouro, adagas incrustadas de pedras, broches de prata com pedras preciosas, braceletes, anéis, taças de nielo, cálices de ouro, berrantes de guerra e cornos de beber, um pente de jade verde, um colar de pérolas de água doce... todos entregues e anotados por

Bowen Marsh. Um homem entregou uma camisa de escamas de prata que certamente fora feita para algum grande senhor. Outro apresentou uma espada quebrada com três safiras no cabo.

E havia coisas mais estranhas: um mamute de brinquedo feito de pelo de mamute verdadeiro, um falo de marfim, um elmo feito com a cabeça de um unicórnio, incluindo o chifre. Quanta comida essas coisas comprariam nas Cidades Livres, Jon Snow não era capaz de dizer.

Depois dos saqueadores vieram os homens da Costa Gelada. Jon assistiu a uma dúzia de suas grandes carruagens de ossos passar por ele, uma a uma, rangendo como Camisa de Chocalho. Metade ainda rolava como antes; outras haviam trocado suas rodas por esquis. Essas deslizavam pelos montes de neve suavemente, enquanto as com rodas encalhavam e afundavam.

Os cães que puxavam as carroças eram bestas assustadoras, tão grandes quanto lobos gigantes. As mulheres vestiam peles de foca, algumas com bebês nos peitos. Crianças mais velhas se arrastavam atrás da mãe e olhavam para Jon com olhos tão escuros e duros quanto as pedras que seguravam. Alguns dos homens usavam galhadas no chapéu, e outros, presas de morsas. Os dois tipos não amavam um ao outro, ele logo percebeu. Algumas renas magras vieram atrás, com os grandes cães agarrando os calcanhares dos retardatários.

– Tenha cuidado com este grupo, Jon Snow – Tormund o avisou. – Um povo primitivo. Os homens são maus, as mulheres, piores. – Pegou um odre de sua sela e o ofereceu para Jon. – Aqui. Isso os fará parecer menos temíveis, talvez. E aquecerá você durante a noite. Não, aceite, é seu agora. Tome um bom gole.

Dentro havia um hidromel tão forte que fez os olhos de Jon se encherem de lágrimas e enviou ondas de fogo serpenteando por seu peito. Tomou um bom gole.

– Você é um bom homem, Tormund Bebê dos Gigantes. Para um selvagem.

– Melhor do que a maioria, talvez. Não tão bom quanto alguns.

Um após o outro, os selvagens vieram, enquanto o sol rastejava pelo brilhante céu azul. Logo depois do meio-dia, o movimento parou quando um carro de boi ficou entalado em uma curva dentro do túnel. Jon Snow entrou para dar uma olhada. O carro estava bem preso. Os homens que

vinham atrás ameaçavam desmontar o carro e matar o boi onde ele estava, enquanto o condutor e seus parentes juravam matar quem tentasse. Com a ajuda de Tormund e seu filho Toregg, Jon conseguiu evitar que os selvagens chegassem às vias de fato, mas levou quase uma hora até que o caminho fosse aberto novamente.

– Você precisa de um portão maior – Tormund reclamou para Jon, com um olhar azedo para o céu, onde algumas nuvens haviam aparecido. – Este maldito caminho é muito lento. É como chupar o Guadeleite com um junco. *Har*. Queria ter o Berrante de Joramun. Daria uma boa soprada nele e nós escalaríamos os escombros.

– Melisandre queimou o Berrante de Joramun.

– Queimou? – Tormund deu um tapa na coxa e assobiou. – Ela queimou aquele belo berrante, sim. Um maldito pecado, eu digo. Tinha mais de mil anos. Nós o encontramos no túmulo de um gigante, e nenhum de nós tinha visto um berrante tão grande. Deve ter sido por isso que Mance teve a ideia de falar para você que era de Joramun. Ele queria que os corvos pensassem que ele tinha o poder de soprar sua maldita Muralha para baixo. Mas nunca encontramos o verdadeiro berrante, nem com tudo o que cavamos. Se tivéssemos, cada ajoelhador nos seus Sete Reinos teria pedras de gelo para esfriar seu vinho por todo o verão.

Jon se virou em sua sela, franzindo o cenho. *E Joramun soprou o Berrante do Inverno e acordou gigantes da terra.* Aquele berrante enorme com suas faixas de ouro velho e inscrições de runas antigas... teria Mance Rayder mentido para ele, ou era Tormund quem estava mentindo agora? *Se o berrante de Mance era uma farsa, onde está o verdadeiro?*

Durante a tarde, o sol se foi e o dia se tornou cinza e tempestuoso.

– Um céu de neve – Tormund anunciou gravemente.

Outros pareciam ter visto o mesmo presságio naquelas nuvens brancas monótonas. Aparentemente aquilo os apressava. Os ânimos acirrados deram início a uma briga. Um homem estava esfaqueando outro que tentou passar na frente dos que estavam na fila havia horas. Toregg arrancou a faca do atacante, arrastou os dois homens à força e os levou de volta para o acampamento dos selvagens, para começarem novamente.

– Tormund – Jon falou, enquanto observavam quatro velhas puxarem uma carroça cheia de crianças pelo portão –, fale-me sobre nosso

inimigo. Eu gostaria de saber tudo o que há para se saber sobre os Outros.

O selvagem esfregou a boca.

– Não aqui – murmurou –, não neste lado da sua Muralha. – O velho olhou de relance, inquieto, em direção às árvores em seus mantos brancos. – Eles nunca estão longe, você sabe. Não virão durante o dia, não enquanto este velho sol estiver brilhando, mas não pense que isso significa que se foram. Sombras nunca vão embora. Pode ser que você não as veja, mas elas sempre estão agarradas aos seus calcanhares.

– Eles o incomodaram no seu caminho para o sul?

– Nunca atacaram em bloco, se é o que quer dizer, mas estavam conosco do mesmo jeito, comendo pelas beiradas. Perdemos mais batedores do que gosto de pensar, e valia sua vida ficar para trás ou seguir adiante. A cada noite cercávamos nossos acampamentos com fogo. Eles não gostam muito de fogo, sem dúvida alguma. Quando a neve vinha, no entanto... neve, granizo e geada, é muito difícil encontrar lã seca ou manter seus gravetos acesos, e o *frio*... algumas noites nossos fogos pareciam apenas tremeluzir e morrer. Em noites como essa, você sempre encontra algum morto quando vem a manhã. A menos que eles encontrem você antes. Na noite em que Torwynd... meu menino, ele... – Tormund virou o rosto.

– Eu sei – disse Jon Snow.

Tormund virou-se de volta.

– Você não sabe nada. Você matou um homem morto, sim, eu ouvi dizer. Mance matou uma centena. Um homem pode lutar contra os mortos, mas quando os mestres deles vêm, quando a névoa branca se levanta... como se luta contra uma *névoa*, corvo? Sombras com dentes... o ar tão frio que dói respirar, como uma faca dentro do seu peito... você não sabe, você não pode saber... sua espada pode cortar o *frio*?

*Veremos*, Jon pensou, lembrando-se das coisas que Sam lhe contara, as coisas que encontrara nos velhos livros. Garralonga havia sido forjada nos fogos da antiga Valíria, forjada em chama de dragão e feita com feitiços. *Aço de dragão, Sam chamou. Mais forte do que qualquer aço comum, mais leve, mais resistente, mais afiado...* Mas palavras em um livro eram uma coisa. O teste verdadeiro viria em batalha.

– Você não está errado – Jon falou. – Eu não sei. E, se os deuses forem bons, nunca saberei.

– Os deuses raramente são bons, Jon Snow. – Tormund acenou com a cabeça em direção ao céu. – As nuvens estão aumentando. Já está ficando mais escuro, mais frio. Sua Muralha não chora mais. Olhe. – Ele se virou e chamou seu filho, Toregg. – Cavalgue até o acampamento e faça-os se mexerem. Os doentes, os fracos, os preguiçosos e os covardes, coloquem todos os malditos em pé. Coloque fogo nas malditas tendas, se for necessário. O portão deve se fechar quando a noite cair. Qualquer homem que não tenha atravessado a Muralha até então deve rezar para que os Outros o alcancem antes de mim. Ouviu?

– Ouvi. – Toregg apertou os calcanhares no cavalo e galopou para o fim da fila.

Um após o outro, os selvagens vieram. O dia estava ficando mais escuro, bem como Tormund dissera. Nuvens cobriam o céu de horizonte a horizonte, e o calor fugia. Havia mais empurra-empurra no portão, com homens, cabras e bois se acotovelando para se manter no caminho. *É mais do que impaciência*, Jon percebeu. *Estão com medo. Guerreiros, esposas de lança, saqueadores, estão com medo destas florestas, das sombras se movendo pelas árvores. Querem colocar a Muralha entre eles antes que a noite caia.*

Um floco de neve dançou no ar. Então outro. *Dance comigo, Jon Snow*, ele pensou. *Você dançará comigo em breve.*

Um após o outro, os selvagens vieram. Alguns se moviam mais rápido agora, acelerando enquanto atravessavam o campo de batalha. Outros – os velhos, os jovens, os fracos – mal podiam se mover. Essa manhã, o campo estivera coberto com um grosso cobertor de neve velha, sua crosta branca brilhando no sol. Agora, o campo estava marrom, negro e viscoso. A passagem do povo livre transformara o solo em lama e sujeira: rodas de madeira, cascos de cavalo, esquis de ossos, de chifres e de ferro, patas de porcos, botas pesadas, pegadas de vacas e novilhos, os pés pretos descalços dos cornopés, tudo isso deixara marcas. O chão mole atrasava ainda mais a fila.

– Você precisa de um portão maior – Tormund reclamou novamente.

No final da tarde, a neve caía constante, mas o rio de selvagens havia se reduzido a um córrego. Colunas de fumaça subiam das árvores onde

estava o acampamento deles.

– Toregg – Tormund explicou. – Queimando os mortos. Sempre tem quem vai dormir e não acorda. Você os encontra em suas tendas, quando eles têm tendas, enrolados e congelados. Toregg sabe o que fazer.

O córrego não era mais que um fio de água quando Toregg emergiu da floresta. Com ele vinha uma dúzia de cavaleiros montados e armados com lanças e espadas.

– Minha retaguarda – Tormund disse, com um sorriso meio banguela. – Seus corvos têm patrulheiros. Eu também. Deixei eles no acampamento, caso fôssemos atacados antes de todos partirem.

– Seus melhores homens.

– Ou meus piores. Cada um deles matou um corvo.

Entre os cavaleiros, vinha um homem a pé, com um grande animal trotando em seus calcanhares. *Um javali*, Jon viu. *Um javali monstruoso*. Com duas vezes o tamanho de Fantasma, a criatura era coberta com um grosso pelo negro, com presas tão compridas quanto o braço de um homem. Jon nunca vira um javali tão imenso ou tão feio. O homem ao seu lado não era bonito tampouco; corpulento e com sobrancelhas negras, tinha nariz achatado, pesadas papadas escuras pela barba por fazer e olhos pequenos e juntos.

– Borroq. – Tormund virou a cabeça e cuspiu.

– Um troca-peles. – Isso não era uma pergunta. De algum modo, ele sabia.

Fantasma virou a cabeça. A neve que caía havia mascarado o cheiro do javali, mas agora o lobo branco o farejara. Foi para a frente de Jon, os dentes arreganhados em um rosnado silencioso.

– *Não*! – Jon vociferou. – Fantasma, quieto. Fique. *Fique!*

– Javalis e lobos – disse Tormund. – Melhor manter esta sua besta trancada esta noite. Vou me assegurar que Borroq faça o mesmo com seu porco. – Olhou de relance para o céu escurecendo. – São os últimos, e já não é sem tempo. Vai nevar toda a noite, sinto isso. Já é hora de eu dar uma olhada do outro lado de todo esse gelo.

– Vá em frente – Jon falou para ele. – Pretendo ser o último a atravessar o gelo. Me juntarei a você no banquete.

– Banquete? *Har!* Agora, essa é uma palavra que gosto de ouvir. – O selvagem virou seu garrano em direção à Muralha e deu um tapa no

traseiro do animal. Toregg e os cavaleiros seguiram, desmontando no portão para atravessar com os cavalos. Bowen Marsh ficara tempo o suficiente para supervisionar enquanto seus intendentes empurravam as últimas carroças pelo túnel. Apenas Jon Snow e seus guardas ficaram.

O troca-peles parou a dez metros. Seu monstro dava patadas na lama, fungando. Uma leve camada de neve cobria as costas negras e curvadas do javali. Ele deu uma fungada e baixou a cabeça, e, por meio segundo, Jon pensou que estivesse prestes a atacar. Os homens que o ladeavam baixaram as lanças.

– Irmão – disse Borroq.

– É melhor você ir. Estamos prestes a fechar o portão.

– Faça isso – Borroq falou. – Feche bem e apertado. Eles estão vindo, corvo. – Sorriu o sorriso mais feio que Jon já vira e seguiu para o portão. O javali seguiu atrás dele. A neve que caía cobriu seus rastros.

– Está feito, então – Rory comentou, quando partiram.

*Não*, pensou Jon Snow, *isso apenas começou.*

Bowen Marsh estava esperando por ele ao sul da Muralha, com uma tabela cheia de números.

– Três mil, cento e dezenove selvagens passaram pelo portão hoje – o Senhor Intendente comunicou. – Sessenta dos nossos reféns foram enviados para Atalaialeste e para Torre Sombria depois que foram alimentados. Edd Tollett levou seis carroções de mulheres para Monte Longo. O restante permanece conosco.

– Não por muito tempo – Jon prometeu a ele. – Tormund pretende liderar seu próprio povo para Escudo de Carvalho em um dia ou dois. Os demais seguirão, assim que resolvermos onde vamos colocá-los.

– Como queira, Lorde Snow. – As palavras eram duras. O tom sugeria que Bowen Marsh sabia onde *ele* os colocaria.

O castelo para o qual Jon retornou era muito diferente daquele que tinha deixado naquela manhã. Durante todo o tempo que o conhecera, Castelo Negro fora um lugar de silêncios e sombras, onde homens de negro de uma pequena companhia se moviam como fantasmas entre as ruínas de uma fortaleza que uma vez hospedara dez vezes seu número. Tudo aquilo mudara. Luzes agora brilhavam através de janelas nas quais Jon Snow nunca vira luzes brilhando antes. Estranhas vozes ecoavam pelos pátios, e o povo livre ia e vinha pelos caminhos congelados que por

anos conhecera apenas as botas negras dos corvos. Do lado de fora das barracas do Velho Flint, cruzou com uma dúzia de homens jogando neve uns nos outros. *Brincando*, Jon pensou, atônito, *homens feitos brincando como crianças, atirando bolas de neve do jeito que Bran e Arya fizeram um dia, e Robb e eu antes deles.*

O velho arsenal de Donal Noye, no entanto, ainda estava escuro e silencioso, e os aposentos de Jon atrás da velha forja ainda estavam mais escuros. Mas nem bem tinha tirado o manto quando Dannel colocou a cabeça pela porta para anunciar que Clydas havia trazido uma mensagem.

– Mande-o entrar. – Jon acendeu uma vela fina com a brasa de seu braseiro, e três outras velas com ela.

Clydas entrou, rosado e piscando, o pergaminho agarrado em uma mão macia.

– Perdoe-me, Senhor Comandante. Sei que deve estar cansado, mas imaginei que iria querer ver isso imediatamente.

– Fez bem. – Jon leu:

*Em Durolar, com seis navios. Mares selvagens.* Melro *perdido com toda a tripulação, dois navios lisenos encalhados em Skane,* Garra *fazendo água. Muito ruim aqui. Selvagens comendo seus próprios mortos. Coisas mortas nos bosques. Capitães bravosis levarão apenas mulheres e crianças em seus navios. A feiticeira nos chama de traficantes de escravos. Tentativa de tomar* Corvo da Tormenta *derrotada, seis da tripulação mortos, muitos selvagens. Oito corvos partiram. Coisas mortas na água. Enviar ajuda por terra, mares devastados por tempestades. Do* Garra*, pela mão de Meistre Harmune.*

Cotter Pyke fizera sua marca com raiva embaixo.

– É grave, meu senhor? – perguntou Clydas.

– Grave o suficiente. – *Coisas mortas nos bosques. Coisas mortas na água. Seis navios sobraram, dos onze que zarparam.* Jon Snow enrolou o pergaminho, franzindo o cenho. *A noite cai*, pensou, *e, agora, minha guerra começa.*

# O cavaleiro descartado

—*Todos de joelhos por Sua Magnificência Hizdahr zo Loraq, Décimo Quarto de seu Nobre Nome, Rei de Meereen, Filho de Ghis, Octarca do Antigo Império, Mestre do Skahazadhan, Consorte de Dragões e Sangue da Harpia* – bradou o arauto. Sua voz ecoou pelo chão de mármore e circundou os pilares.

Sor Barristan Selmy escorregou a mão por baixo da dobra de seu manto e soltou a espada da bainha. Nenhuma lâmina era permitida na presença do rei, salvo aquelas de seus protetores. Parecia que ainda era considerado entre esse grupo, a despeito de sua demissão. Pelo menos, ninguém tentara tirar sua espada.

Daenerys Targaryen preferia conceder audiências em um banco de ébano polido, liso e simples, coberto com as almofadas que Sor Barristan encontrara para torná-lo mais confortável. O Rei Hizdahr substituíra o banco por dois imponentes tronos de madeira dourada, os altos encostos esculpidos com o formato de dragões. O rei sentava-se no trono da direita, com uma coroa de ouro na cabeça e um cetro incrustado com pedras preciosas em uma de suas mãos pálidas. O segundo trono permanecia vazio.

*O trono importante*, pensou Sor Barristan. *Nenhuma cadeira de dragão pode substituir um dragão, não importa quão elaboradamente ela seja esculpida.*

À direita dos tronos gêmeos estava Goghor, o Gigante, um brutamontes imenso de rosto selvagem, marcado por cicatrizes. À esquerda estava o Gato Malhado, com uma pele de leopardo pendurada no ombro. Atrás deles, estava Belaquo Quebra-Ossos e Khrazz, com seus olhos frios. *Todos matadores experientes*, pensou Selmy, *mas uma coisa é encarar um inimigo em uma arena, com sua chegada anunciada com cornetas e*

*tambores, e outra é encontrar um assassino escondido antes que ele ataque.*

O dia estava fresco e apenas começando, mas, mesmo assim, ele sentia os ossos cansados, como se tivesse lutado a noite inteira. Quanto mais velho ficava, menos sono Sor Barristan parecia precisar. Quando era escudeiro, podia dormir dez horas por noite e ainda estar bocejando quando tropeçava para dentro do pátio de treinamento. Com sessenta e três, achava que cinco horas por noite eram mais do que suficientes. Na noite passada, mal conseguira dormir. Seu quarto era uma pequena cela do lado de fora dos aposentos da rainha, originalmente alojamentos de escravos; seus móveis consistiam em uma cama, um penico, um armário para as roupas e uma cadeira se quisesse se sentar. Em uma mesa ao lado da cama, mantinha uma vela de cera de abelha e uma pequena escultura do Guerreiro. Embora não fosse um homem piedoso, a escultura o fazia sentir-se menos sozinho nessa estranha cidade estrangeira, e era para ela que se voltava nas vigílias negras da noite. *Proteja-me destas dúvidas que me corroem*, rezara, *e me dê forças para fazer o que é certo.* Mas nem a oração nem a alvorada lhe trouxeram certezas.

O salão estava lotado como o velho cavaleiro jamais vira, mas foram os rostos ausentes que Barristan Selmy mais notou: Missandei, Belwas, Verme Cinzento, Aggo, Jhogo e Rakharo, Irri e Jhiqui, Daario Naharis. No lugar do Cabeça-Raspada estava um homem gordo com uma placa peitoral musculosa e uma máscara de leão, as pernas pesadas saindo debaixo de uma saia de tiras de couro: Marghaz zo Loraq, o primo do rei, novo comandante das Bestas de Bronze. Selmy já desenvolvera um saudável desprezo pelo homem. Conhecera esse tipo em Porto Real – bajulador com seus superiores, duro com os inferiores, tão cego quanto arrogante, e orgulhoso demais para o pouco que tinha a oferecer.

*Skahaz pode estar no salão também*, Selmy percebeu, *com aquela cara feia escondida atrás de uma máscara*. Dois grupos de Bestas de Bronze estavam entre os pilares, as luzes das tochas brilhando no bronze polido das máscaras. O Cabeça-Raspada podia ser qualquer um deles.

O salão zumbia com o som de uma centena de vozes baixas, ecoando nos pilares e no chão de mármore. Era um som sinistro, raivoso. Fazia Selmy se lembrar do som que um ninho de vespas fazia um instante antes

dos insetos saírem agitados. E, nos rostos na multidão, via raiva, tristeza, desconfiança, medo.

Nem bem o arauto do rei pediu à corte que declarasse e o horror teve início. Uma mulher começou a chorar por um irmão que morrera na Arena de Daznak, outro pelos danos causados ao seu palanquim. Um homem gordo arrancou seus curativos para mostrar à corte seu braço queimado, ainda em carne viva e supurando. E quando um homem em um *tokar* azul e dourado começou a falar de Harghaz, o Herói, um liberto atrás dele o empurrou no chão. Foram necessárias seis Bestas de Bronze para separá-los e arrastá-los para fora do salão. *Raposa, falcão, foca, gafanhoto, leão, sapo*. Selmy se perguntava se as máscaras tinham significado para os homens que as usavam. O mesmo homem usava a mesma máscara todos os dias, ou escolhiam novas faces a cada manhã?

– Silêncio! – Reznak mo Reznak suplicava. – Por favor! Eu responderei se vocês...

– É verdade? – uma liberta gritou. – Nossa mãe está morta?

– Não, não, não – Reznak guinchou. – A Rainha Daenerys retornará a Meereen em seu próprio tempo, em todo o seu poder e majestade. Até esse momento, Sua Veneração o Rei Hizdar deve...

– Ele não é nenhum rei para mim – um liberto gritou.

Os homens começaram a empurrar uns aos outros.

– A rainha não está morta – o senescal proclamou. – Seus companheiros de sangue foram enviados pelo Skahazadhan para encontrar Sua Graça e trazê-la de volta para seu amado senhor e seus leais súditos. Cada um tem dez cavaleiros escolhidos, e cada homem tem três cavalos velozes, então viajarão rápido e para longe. A Rainha Daenerys será encontrada.

Um ghiscari alto em uma veste brocada falou em seguida, em uma voz tão sonora quanto fria. O Rei Hizdahr se mexeu em seu trono de dragão, seu rosto impenetrável, enquanto fazia o melhor possível para parecer atento mas imperturbável. Mais uma vez, o senescal respondeu.

Sor Barristan deixou as palavras oleosas de Reznak passarem por ele. Seus anos na Guarda Real o haviam ensinado o truque de ouvir sem escutar, especialmente útil quando quem falava tinha a intenção de provar que as palavras eram realmente vento. De volta ao fundo do salão, espiou o príncipe dornense e seus dois companheiros. *Eles não deveriam*

*ter vindo. Martell não percebe o perigo. Daenerys era sua única amiga nesta corte, e ela se foi.* Ele se perguntava o quanto eles entendiam do que estava sendo dito. Nem mesmo ele conseguia compreender sempre a língua mestiça ghiscari que os traficantes de escravo falavam, especialmente quando falavam rápido.

O Príncipe Quentyn estava ouvindo atentamente, pelo menos. *Este um é filho de seu pai*. Baixo e atarracado, rosto liso, parecia ser um rapaz decente, sóbrio, sensível, obediente... mas não o tipo que fazia o coração de uma jovem garota bater mais rápido. E Daenerys Targaryen, o que mais ela pudesse ser, ainda era uma jovem garota, como ela mesma afirmava quando pretendia bancar a inocente. Como todas as boas rainhas, colocava seu povo antes de qualquer coisa – caso contrário, jamais teria se casado com Hizdahr zo Loraz –, mas a garota nela ainda ansiava por poesia, paixão e risos. *Ela quer fogo, e Dorne lhe manda lama*.

Era possível fazer um cataplasma de lama para baixar a febre. Era possível plantar sementes na lama e conseguir uma colheita para alimentar os filhos. Lama podia nutrir, enquanto fogo apenas consumia, mas tolos, crianças e jovens garotas sempre escolheriam o fogo.

Atrás do príncipe, Sor Gerris Drinkwater sussurrava alguma coisa para Yronwood. Sor Gerris era o que seu príncipe não era; alto, esbelto e agradável, com a graça de um espadachim e a sagacidade de um cortesão. Selmy não duvidava que muitas donzelas dornenses haviam corrido os dedos por aqueles cabelos riscados pelo sol e beijado aquele sorriso provocante que ele tinha nos lábios. *Se esse aí fosse o príncipe, as coisas poderiam ter sido diferentes*, não podia deixar de pensar... mas havia algo agradável demais em Drinkwater para o gosto dele. *Moeda falsa*, o velho cavaleiro pensou. Havia conhecido muitos homens assim antes.

O que quer que ele estivesse sussurrando devia ser engraçado, pois seu grande amigo careca deu um repentino ronco, segurando o riso, alto o suficiente para que o rei virasse a cabeça na direção dos dornenses. Quando viu o príncipe, Hizdahr zo Loraq franziu o cenho.

Sor Barristan não gostou daquela expressão. E quando o rei chamou seu primo Marghaz mais perto, inclinou-se e sussurrou em seu ouvido, gostou menos ainda.

*Não tenho nenhum juramento com Dorne*, Sor Barristan disse a si mesmo. Mas Lewyn Martell havia sido seu Irmão Juramentado, nos dias do passado em que os laços entre os membros da Guarda Real ainda eram profundos. *Não pude ajudar o Príncipe Lewyn no Tridente, mas posso ajudar seu sobrinho agora.* Martell estava dançando em um ninho de víboras e nem mesmo via as cobras. Sua presença constante, depois que Daenerys dera a si mesma para outro diante dos olhos dos deuses e dos homens, seria uma provocação para qualquer marido, e Quentyn não tinha mais a proteção da rainha para livrá-lo da ira de Hizdahr. *Embora...*

O pensamento o atingiu como um tapa em seu rosto. Quentyn crescera na corte de Dorne. Conspirações e venenos não eram estranhos para ele. Nem o Príncipe Lewyn era seu único tio. *Ele é parente da Víbora Vermelha*. Daenerys tomara outro como seu consorte, mas, se Hizdahr morresse, ela estaria livre para se casar novamente. *O Cabeça-Raspada poderia estar errado? Quem disse que os gafanhotos eram destinados a Daenerys? Estavam no camarote do próprio rei. E se era para ser ele a vítima o tempo todo?* A morte de Hizdahr teria esmagado a frágil paz. Os Filhos da Harpia teriam retomado seus assassinatos; os yunkaítas, sua guerra. Daenerys não teria alternativa melhor do que Quentyn e seu pacto nupcial.

Sor Barristan ainda estava lutando com a suspeita quando ouviu o som de pesadas botas subindo os degraus da escada íngreme no fundo do salão. Os yunkaítas haviam chegado. Três Sábios Mestres lideravam a procissão da Cidade Amarela, cada um com sua própria comitiva armada. Um mercador de escravos vestia um *tokar* de seda castanho-avermelhada com franjas de ouro, o outro um *tokar* listrado de verde-escuro e laranja, e o terceiro uma placa peitoral ornamentada com cenas eróticas feitas em âmbar-preto, jade e madrepérola. O capitão mercenário Barbassangrenta os acompanhava carregando um saco de couro pendurado em um ombro maciço e exibindo um olhar de júbilo e morte no rosto.

*Nada do Príncipe Esfarrapado*, Selmy reparou. *Nada de Ben Mulato Plumm*. Sor Barristan olhou Barbassangrenta friamente. *Me dê qualquer motivo para dançar com você, e veremos quem vai rir no final.*

Reznak mo Reznak rastejou para a frente.

– Sábios Mestres, vocês nos honram. Seu Iluminado, o Rei Hizdahr oferece suas boas vindas para seus amigos de Yunkai. Entendemos...

– Entendam isso. – Barbassangrenta puxou uma cabeça decepada do saco e jogou-a no senescal.

Reznak deu um grito de susto e saltou de lado. A cabeça saltou por ele, deixando manchas de sangue no chão de mármore púrpura conforme rolava, até bater contra o pé do trono de dragão do Rei Hizdahr. Por todo o comprimento do salão, Bestas de Bronze abaixaram suas lanças. Goghor, o Gigante, moveu-se pesadamente para a frente, colocando-se na frente do trono do rei, e o Gato Malhado e Khrazz foram um para cada lado do Rei Hizdahr para formar uma parede.

Barbassangrenta riu.

– Ele está morto. Não morderá.

Cuidadosamente, bem cuidadosamente, o senescal se aproximou da cabeça, erguendo-a com delicadeza pelo cabelo.

– Almirante Groleo.

Sor Barristan olhou para o trono. Tinha servido tantos reis que não podia deixar de imaginar como cada um deles teria reagido a esta provocação. Aerys teria se encolhido de horror, provavelmente machucando-se nas farpas do Trono de Ferro, então gritaria para seus espadachins cortarem os yunkaítas em pedaços. Robert teria gritado por seu martelo para pagar a Barbassangrenta em espécie. Mesmo Jaehaerys, considerado fraco por muitos, teria ordenado a prisão de Barbassangrenta e dos mercadores de escravos yunkaítas.

Hizdahr sentava-se congelado, um homem paralisado. Reznak colocou a cabeça em uma almofada de cetim, aos pés do rei, e afastou-se rapidamente, a boca torcida em uma careta de desgosto. Sor Barristan podia sentir o pesado perfume floral do senescal a muitos metros de distância.

O morto olhava com reprovação. Sua barba estava marrom com sangue seco, mas um fio vermelho ainda escorria do pescoço. Só de olhar para ele, era fácil dizer que fora necessário mais de um golpe para separar a cabeça do corpo. No fundo do salão, peticionários começavam a sair. Uma das Bestas de Bronze arrancou a máscara de bronze de falcão e começou a vomitar o desjejum.

Barristan Selmy não era estranho a cabeças decepadas. Esta uma, no entanto... ele tinha cruzado metade do mundo com o velho marinheiro, de Pentos para Qarth e de volta para Astapor. *Groleo era um bom homem. Não merecia este fim. Tudo o que queria era voltar para casa*. O cavaleiro ficou tenso, esperando.

– Isso – o Rei Hizdahr disse, finalmente –, isso não é... não estamos satisfeitos, isso... qual o significado dessa... dessa...

O mercador de escravos no *tokar* castanho-avermelhado pegou um pergaminho.

– Tenho a honra de trazer esta mensagem do conselho de mestres. – Desenrolou o rolo. – Está aqui escrito, *Sete entraram em Meereen para assinar os acordos de paz e testemunhar os jogos comemorativos na Arena de Daznak. Como garantia por sua segurança, sete reféns foram ofertados a nós. A Cidade Amarela lamenta por seu nobre filho Yurkhaz zo Yunzak, que pereceu cruelmente enquanto era convidado de Meereen. Sangue deve pagar por sangue.*

Groleo tinha uma esposa em Pentos. Filhos, netos. *Por que ele, entre todos os reféns?* Jhogo, Herói e Daario Naharis, todos comandavam guerreiros, mas Groleo era um almirante sem frota. *Será que tiraram no palitinho, ou pensaram que Groleo era o menos valioso para nós, o menos propenso a provocar represálias?*, o cavaleiro se perguntava... mas era mais fácil levantar essas questões do que respondê-las. *Não tenho nenhuma habilidade em desfazer tais nós*.

– Vossa Graça – Sor Barristan chamou. – Se for do seu agrado se recordar, o nobre Yurkhaz morreu por acaso. Ele tropeçou nos degraus enquanto tentava fugir do dragão e foi esmagado pelos pés de seus próprios escravos e companheiros. Isso, ou seu coração estourou de terror. Ele era velho.

– Quem é esse que fala sem a permissão do rei? – perguntou o senhor yunkaíta no *tokar* listrado, um homem pequeno com um queixo retraído e dentes grandes demais para sua boca. Fazia Selmy se lembrar de um coelho. – Os senhores de Yunkai devem prestar atenção às conversas fiadas de guardas? – Balançou as pérolas da franja de seu *tokar*.

Hizdahr zo Loraq não conseguia desviar os olhos da cabeça. Apenas quando Reznak sussurrou algo em seu ouvido, ele finalmente se mexeu.

– Yurkhaz zo Yunkaz era seu supremo comandante – disse. – Qual de vocês fala por Yunkai agora?

– Todos nós – disse o coelho. – O conselho dos mestres.

O Rei Hizdahr encontrou alguma firmeza.

– Então todos vocês são responsáveis por esta violação da nossa paz.

O yunkaíta com a placa peitoral respondeu:

– Nossa paz não foi quebrada. Sangue paga sangue, uma vida por uma vida. Para mostrar nossa boa-fé, devolvemos três de seus reféns. – As fileiras de ferro atrás dele se abriram. Três meereeneses foram levados adiante, agarrando seus *tokars* – duas mulheres e um homem.

– Irmã – disse Hizdahr zo Loraq, rigidamente. – Primos. – Fez um gesto para a cabeça sangrando. – Tirem isso da nossa visão.

– O almirante era um homem do mar – Sor Barristan o recordou. – Talvez Vossa Magnificência possa pedir aos yunkaítas que devolvam seu corpo para nós, para que possamos sepultá-lo sob as ondas.

O senhor dente-de-coelho acenou com a mão.

– Se for do agrado de Vosso Iluminado, isso será feito. Um sinal do nosso respeito.

Reznak mo Reznak limpou a garganta ruidosamente.

– Sua Magnificência, a Rainha Daenerys deu para vocês... ah... sete reféns. Os outros três...

– Os outros permanecerão como nossos convidados – anunciou o senhor yunkaíta com a placa peitoral –, até que os dragões sejam destruídos.

Um silêncio caiu no salão. Então vieram os murmúrios e os resmungos, xingamentos sussurrados, orações sussurradas, as vespas se movendo no vespeiro.

– Os dragões... – disse o Rei Hizdahr.

– ... são monstros, como todos os homens viram na Arena de Daznak. Nenhuma paz verdadeira é possível enquanto eles viverem.

Reznak replicou:

– Sua Magnificência, a Rainha Daenerys, é Mãe de Dragões. Apenas ela pode...

O desprezo de Barbassangrenta o interrompeu.

– Ela se foi. Queimada e devorada. Ervas daninhas crescem em seu crânio quebrado.

Um rugido recebeu aquelas palavras. Alguns começaram a gritar e amaldiçoar. Outros batiam os pés e assobiavam em aprovação. Foi necessário que as Bestas de Bronze batessem com os cabos de suas lanças contra o chão para que o salão se acalmasse novamente.

Sor Barristan não tirou os olhos de Barbassangrenta nem por um instante. *Ele veio saquear a cidade, e a paz de Hizdahr burlou sua pilhagem. Ele fará o que for necessário para iniciar o derramamento de sangue.*

Hizdahr zo Loraq levantou-se lentamente de seu trono de dragão.

– Devo consultar meu conselho. Esta audiência está encerrada.

– *Todos de joelhos por Sua Magnificência Hizdahr zo Loraq, Décimo Quarto de seu Nobre Nome, Rei de Meereen, Filho de Ghis, Octarca do Antigo Império, Mestre do Skahazadhan, Consorte de Dragões e Sangue da Harpia* – o arauto bradou. As Bestas de Bronze saíram de entre os pilares para formar uma linha, então começaram um lento avanço conjunto, conduzindo os peticionários para fora do salão.

Os dornenses não tinham que ir tão longe quanto a maioria. Como convinha à sua posição social e título, o Príncipe Martell havia recebido alojamentos dentro da Grande Pirâmide, dois níveis abaixo; um belo conjunto de quartos com sua própria latrina e terraço murado. Talvez fosse por isso que ele e seus companheiros permaneceram, esperando até que a multidão tivesse diminuído antes de começar a seguir em direção às escadas.

Sor Barristan os observou, pensativo. *O que Daenerys iria querer?,* perguntou a si mesmo. Achava que sabia. O velho cavaleiro atravessou o salão, seu longo manto branco ondulando atrás dele. Alcançou os dornenses no topo dos degraus.

– A corte de seu pai nunca foi nem metade tão animada – ouviu Drinkwater brincar.

– Príncipe Quentyn – Selmy chamou. – Posso pedir uma palavra?

Quentyn Martell se virou.

– Sor Barristan. É claro. Meus aposentos estão um nível abaixo.

*Não.*

– Não é minha função aconselhá-lo, Príncipe Quentyn... mas, se eu fosse você, não retornaria para meus aposentos. Você e seus amigos devem descer esses degraus e partir.

O Príncipe Quentyn o encarou.

– Partir da pirâmide?

– Partir da cidade. Voltar para Dorne.

Os dornenses trocaram um olhar.

– Nossas armas e armaduras estão em nossos aposentos – disse Gerris Drinkwater. – Sem mencionar a maior parte do dinheiro que nos resta.

– Espadas podem ser substituídas – disse Sor Barristan. – E posso providenciar para vocês dinheiro suficiente para a passagem de volta para Dorne. Príncipe Quentyn, o rei reparou em você hoje. Ele franziu o cenho.

Gerris Drinkwater riu.

– Devemos ter medo de Hizdahr zo Loraq? Você acaba de vê-lo. Ele se intimidou diante dos yunkaítas. Mandaram uma *cabeça* para ele, e ele não fez nada.

Quentyn Martell acenou com a cabeça, em concordância.

– Um príncipe faz bem em pensar antes de agir. Este rei... não sei o que pensar dele. A rainha me avisou sobre ele, é verdade, mas...

– Ela o avisou? – Selmy franziu a testa. – Por que ainda está aqui?

O Príncipe Quentyn corou.

– O pacto nupcial...

– ... foi feito por dois homens mortos, e não tem nem uma palavra sobre a rainha ou você. A mão de sua irmã foi prometida ao irmão da rainha, outro homem morto. Não tem validade. Até que você aparecesse aqui, Sua Graça era ignorante da existência disso. Seu pai mantém bem seus segredos, Príncipe Quentyn. Bem demais, temo. Se a rainha tivesse sabido deste pacto em Qarth, talvez ela jamais tivesse vindo para a Baía dos Escravos, mas você veio tarde demais. Não tenho nenhum desejo de colocar sal em suas feridas, mas Sua Graça tem um novo marido e um antigo amante, e parece preferir ambos a você.

A raiva brilhou nos olhos escuros do príncipe.

– Este fidalgote ghiscari não é um consorte adequado para a rainha dos Sete Reinos.

– Isso não cabe a você julgar. – Sor Barristan parou, perguntando-se se já havia falado demais. *Não. Diga-lhe o restante*. – Naquele dia, na Arena de Daznak, uma parte da comida do camarote real foi envenenada. Foi um acaso que Belwas, o Forte, tenha comido tudo. As Graças Azuis

dizem que apenas seu tamanho e sua força descomunal o salvaram, mas chegou perto. Ele ainda pode morrer.

O choque era claro no rosto do Príncipe Quentyn.

– Veneno... para Daenerys?

– Para ela ou para Hizdahr. Talvez para ambos. O camarote era dele, no entanto. Sua Graça fez todos os arranjos. Se o veneno foi coisa dele... bem, ele precisaria de um bode expiatório. Quem melhor do que um rival de uma terra distante, sem amigos nesta corte? Quem melhor que um pretendente que a rainha rejeitou?

Quentyn Martell ficou pálido.

– *Eu*? Eu nunca... você não pode pensar que tomei parte em qualquer...

*Essa é a verdade, ou ele é um mestre da encenação*.

– Outros poderiam – disse Sor Barristan. – A Víbora Vermelha era seu tio. E você tem boas razões para querer o Rei Hizdahr morto.

– Assim como outros – sugeriu Gerris Drinkwater. – Naharis é um deles. O...

– ... amante da rainha – Sor Barristan completou, antes que o cavaleiro dornense dissesse qualquer coisa que pudesse manchar a honra da rainha. – É assim que vocês chamam em Dorne, não é? – Não esperou uma resposta. – O Príncipe Lewyn era meu Irmão Juramentado. Naqueles dias havia poucos segredos entre os homens da Guarda Real. Sei que ele tinha uma amante. Ele não achava que havia qualquer vergonha nisso.

– Não – disse Quentyn, com o rosto vermelho –, mas...

– Daario mataria Hizdahr em um piscar de olhos, se pudesse. – Sor Barristan continuou. – Mas não com veneno. Nunca. E, de todo modo, Daario não estava lá. Hizdahr ficaria satisfeito em culpá-lo pelos gafanhotos, do mesmo jeito... mas o rei ainda precisa dos Corvos Tormentosos, e os perderia se aparentasse cumplicidade na morte de seu capitão. Não, meu príncipe. Se Sua Graça precisar de um envenenador, olhará para você. – Disse tudo o que podia dizer em segurança. Em mais alguns dias, se os deuses sorrissem para eles, Hizdahr zo Loraq não governaria mais Meereen... mas nada de bom haveria em ter o Príncipe Quentyn preso no banho de sangue que estava vindo. – Se deve permanecer em Meereen, deveria ficar bem distante da corte e esperar que Hizdahr o esqueça. – Sor Barristan completou: – Mas um navio para

Volantis seria mais sábio, meu príncipe. Qualquer que seja sua escolha, desejo-lhe o melhor.

Antes que tivesse descido três degraus, Quentyn Martell o chamou.

– Barristan, o Ousado, eles o chamam.

– Alguns, sim. – Selmy ganhara aquele nome quando tinha dez anos, recém-feito escudeiro, ainda tão vaidoso, orgulhoso e tolo que colocou na cabeça que podia disputar justas contra cavaleiros provados e comprovados. Então, pegou emprestado um cavalo de guerra e umas partes de armadura do arsenal de Lorde Dondarrion e integrou as listas em Portonegro como um cavaleiro misterioso. *Até o arauto riu. Meus braços eram tão finos que quando abaixei a lança, tudo o que podia fazer era evitar que a ponta arrastasse no chão.* Lorde Dondarrion estaria no direito de arrancá-lo do cavalo e espancá-lo, mas o Príncipe das Libélulas ficara com pena do garoto desorientado na armadura mal ajustada e concedeu-lhe o direito de seguir adiante com o desafio. Uma corrida bastou. Depois, o Príncipe Duncan o ajudara a ficar em pé e a tirar o elmo. "Um garoto", proclamou para a multidão. "Um garoto ousado." *Cinquenta e três anos atrás. Quantos dos homens que estavam em Portonegro ainda estão vivos?*

– Que nome você acha que me darão, se eu voltar para Dorne sem Daenerys? – o Príncipe Quentyn perguntou. – Quentyn, o Cauteloso? Quentyn, o Covarde? Quentyn, a Codorna?

*O Príncipe que Chegou Tarde Demais*, o velho cavaleiro pensou... mas, se um cavaleiro da Guarda Real não sabe mais nada, aprende a segurar a língua.

– Quentyn, o Sábio – sugeriu. E desejou que fosse verdade.

# O pretendente rejeitado

A hora dos fantasmas estava quase sobre eles quando Sor Gerris Drinkwater voltou para a pirâmide, para relatar que havia encontrado Feijões, Livros e Velho Osso Bill em uma das adegas menos agradáveis de Meereen, bebendo vinho amarelo e observando escravos nus matarem-se uns aos outros com as mãos limpas e os dentes afiados.

– Feijões puxou uma lâmina e propôs uma aposta para determinar se desertores tinham barrigas cheias de lodo amarelo. – Sor Gerris contou. – Então joguei para ele um dragão e perguntei se ouro amarelo serviria. Ele mordeu a moeda e perguntou o que eu pretendia comprar. Quando contei, ele colocou a faca de lado e perguntou se eu estava bêbado ou louco.

– Que ele pense o que quiser, desde que entregue a mensagem – disse Quentyn.

– Ele fará isso. Aposto que você conseguirá seu encontro também, a menos que Esfarrapado e Bela Meris arranquem seu fígado e o fritem com cebolas. Devíamos prestar atenção em Selmy. Quando Barristan, o Ousado, diz para fugir, um homem sábio calça as botas. Devemos encontrar um navio para Volantis enquanto o porto ainda está aberto.

Só a menção daquilo fez Sor Archibald ficar verde.

– Sem navios. Prefiro saltar de volta para Volantis em um pé.

*Volantis*, Quentyn pensou. *E então Lys e, depois, casa. De volta pelo caminho que vim, de mãos vazias. Três bravos homens mortos, para quê?*

Seria encantador ver o Sangueverde novamente, visitar Lançassolar e os Jardins das Águas, respirar o doce ar fresco da montanha em Yronwood, em vez dos humores quentes, úmidos e infectos da Baía dos Escravos. Seu pai não diria uma palavra de reprovação, Quentyn sabia, mas o desapontamento estaria em seus olhos. Sua irmã o desprezaria, as Serpentes de Areia zombariam dele com sorrisos tão afiados quanto

espadas, e Lorde Yronwood, seu segundo pai, que enviara seu próprio filho para mantê-lo a salvo...

– Não manterei vocês aqui – Quentyn disse para seus amigos. – Meu pai designou esta tarefa para mim, não para vocês. Vão para casa, se é o que desejam. Por qualquer meio que quiserem. Eu vou ficar.

O grandão deu de ombros.

– Então Drink e eu ficamos também.

Na noite seguinte, Denzo D'han apareceu na porta do Príncipe Quentyn para falar sobre os termos.

– Ele se encontrará com você amanhã, no mercado de especiarias. Procure por uma porta com uma flor de lótus púrpura. Bata duas vezes e chame por liberdade.

– De acordo – respondeu Quentyn. – Arch e Gerris estarão comigo. Ele pode levar dois homens também. Não mais do que isso.

– Se for do agrado do meu príncipe. – As palavras eram polidas o suficiente, mas o tom de Denzo estava afiado com malícia, e os olhos do poeta guerreiro brilhavam de zombaria. – Venha ao pôr do sol. E assegure-se de não ser seguido.

Os dornenses deixaram a Grande Pirâmide uma hora antes do pôr do sol, caso tomassem o caminho errado ou tivessem dificuldade em achar a flor de lótus púrpura. Quentyn e Gerris usavam os cinturões de espada. O grandão tinha seu martelo de guerra pendurado nas costas amplas.

– Ainda não é tarde demais para desistirmos desta tolice – Gerris falou, enquanto seguiam por um beco fétido em direção ao velho mercado de especiarias. O cheiro de mijo estava no ar, e podiam ouvir o barulho das rodas de ferro de uma charrete de cadáveres adiante. – O Velho Osso Bill costumava dizer que Bela Meris podia estender a morte de um homem por uma lua. Mentimos para eles, Quent. Usamos eles para chegar aqui, então fomos até os Corvos Tormentosos.

– Como nos foi ordenado fazer.

– O Esfarrapado nunca pretendeu que fizéssemos isso de verdade, no entanto – lembrou o grandão. – Seus outros meninos, Sor Orson e Pau Fino, Vaudefome, Will da Mata, aquele grupo, eles ainda estão em algum calabouço graças a nós. O velho Esfarrapado não pode ter gostado disso.

– Não – o Príncipe Quentyn concordou –, mas ele gosta de ouro.

Gerris riu.

– Uma pena que não tenhamos nenhum. Você acredita nesta paz, Quent? Eu, não. Metade da cidade está chamando o matador de dragões de herói, e a outra metade cospe sangue à menção de seu nome.

– Harzoo – o grandão disse.

Quentyn franziu o cenho.

– Seu nome era Harghaz.

– Hizdahr, Humzum, Hagnag, o que importa? Chamo todos eles de Harzoo. Ele não era nenhum matador de dragões. Tudo o que conseguiu foi o traseiro torrado e crocante.

– Ele foi bravo. – *Será que eu teria a coragem de encarar aquele monstro com nada além de uma lança?*

– Ele morreu bravamente, é o que você quer dizer.

– Ele morreu gritando – disse Arch.

Gerris colocou a mão sobre o ombro de Quentyn.

– Mesmo se a rainha voltar, ela ainda será casada.

– Não se eu der ao Rei Harzoo uma beijoca do meu martelo – sugeriu o grandão.

– Hizdahr – falou Quentyn. – O nome dele é Hizdahr.

– Um beijo do meu martelo e ninguém vai se importar como era o nome dele – respondeu Arch.

*Eles não percebem*. Seus amigos haviam perdido de vista seu verdadeiro propósito aqui. *As estradas passam por ela, não até ela. Daenerys era o meio para alcançar o prêmio, não o prêmio em si*.

– "O dragão tem três cabeças", ela disse para mim. "Meu casamento não precisa ser o fim das suas esperanças", ela falou. "Sei por que você está aqui. Por fogo e sangue." Tenho sangue Targaryen em mim, vocês sabem disso. Posso traçar minha linhagem até...

– Foda-se sua linhagem – falou Gerris. – Os dragões não se importam com seu sangue, exceto, talvez, com o gosto dele. Você não pode domar um dragão com uma lição de história. Eles são monstros, não meistres. Quent, é isso realmente o que você quer fazer?

– Isso é o que tenho que fazer. Por Dorne. Por meu pai. Por Cletus, Will e Meistre Kendry.

– Eles estão mortos – disse Gerris. – Não se importam.

– Todos mortos – Quentyn concordou. – E para quê? Para me trazer até aqui, para que eu pudesse me casar com a rainha dragão. Uma grande

aventura, Cletus chamou. Estradas do demônio, mares tormentosos e, no fim, a mais bela mulher do mundo. Uma história para contar para nossos netos. Mas Cletus nunca gerará uma criança, a menos que tenha deixado um bastardo na barriga daquela puta da taverna que ele gostava. Will nunca se casará. Essas mortes precisam ter algum significado.

Gerris apontou para onde um cadáver caíra encostado em uma parede de tijolos, cercado por uma nuvem de brilhantes moscas verdes.

– A morte dele tem significado?

Quentyn olhou para o corpo com desgosto.

– Ele morreu de fluxo. Fique bem longe dele. – A égua descorada estava dentro das muralhas da cidade. Não é de admirar que as ruas parecessem tão vazias. – Os Imaculados enviarão uma charrete de cadáveres para pegá-lo.

– Sem dúvida. Mas não foi essa a minha questão. A vida dos homens tem significado, não sua morte. Eu amava Will e Cletus também, mas isso não os trará de volta. Isso é um engano, Quent. Você não pode confiar em mercenários.

– Eles são homens como quaisquer outros. Querem ouro, glória, poder. É nisso que estou acreditando. – *Nisso e no meu próprio destino. Sou um príncipe de Dorne, e o sangue dos dragões está em minhas veias.*

O sol estava mergulhando atrás das muralhas da cidade quando encontraram a flor de lótus púrpura pintada na porta de madeira desgastada de um casebre baixo de tijolos, em meio a uma fileira de casebres iguais, à sombra da grande pirâmide amarela e verde de Rhazdar. Quentyn bateu duas vezes, como fora instruído. Uma voz gutural grunhiu algo ininteligível na língua mestiça da Baía dos Escravos, uma feia mistura de Ghiscari Antigo e Alto Valiriano. O príncipe respondeu na mesma língua:

– Liberdade.

A porta se abriu. Gerris entrou primeiro, por precaução, com Quentyn logo atrás dele e o grandão na retaguarda. Lá dentro, o ar estava nebuloso com uma fumaça azulada, cujo cheiro doce não conseguia encobrir o profundo fedor de mijo, vinho azedo e carne podre. O espaço era muito maior do que parecia de fora, estendendo-se para a direita e para a esquerda pelos casebres vizinhos. O que visto da rua parecia ser uma

dúzia de estruturas transformava-se em um longo salão do lado de dentro.

Nessa hora, a casa estava com menos de metade da sua capacidade. Uns poucos fregueses obsequiaram os dornenses com olhares entediados, hostis ou curiosos. Os demais estavam amontoados ao redor de uma arena, no fundo do salão, onde dois homens nus cortavam um ao outro com facas enquanto os observadores torciam.

Quentyn não viu sinal do homem que viera encontrar. Então uma porta que não havia notado antes se abriu, e uma velha saiu dela, uma coisa encolhida em um *tokar* vermelho-escuro com franjas e pequenas caveiras de ouro. Sua pele era branca como leite de égua, o cabelo tão fino que era possível ver o couro cabeludo por baixo.

– Dorne – ela disse –, sou Zahrina. A flor de lótus púrpura. Desça por aqui, você o encontrará. – Segurou a porta e fez um gesto para que passassem.

Depois da porta havia uma escadaria de madeira, íngreme e sinuosa. Dessa vez, o grandão foi na frente e Gerris na retaguarda, com o príncipe entre eles. *Uma adega subterrânea*. Era um longo caminho para baixo, e tão escuro que Quentyn teve que se segurar na parede para evitar escorregar. Perto do fim, Sor Archibald puxou sua adaga.

Chegaram a um salão de tijolos abobadado, três vezes o tamanho da adega acima. Imensos tonéis de madeira cobriam as paredes, tanto quanto o príncipe podia ver. Uma lanterna vermelha estava pendurada em um gancho atrás da porta e uma vela preta gordurosa tremeluzia em um barril virado que servia de mesa. Essa era a única luz.

Caggo Matacadáver andava pelos tonéis de vinho, seu *arakh* negro pendurado na cintura. Bela Meris segurava uma besta, seus olhos tão frios e mortos quanto duas pedras preciosas cinzentas. Denzo D'han trancou a porta assim que os dornenses entraram, então tomou posição diante dela, braços cruzados contra o peito.

*Um a mais*, Quentyn pensou.

O Príncipe Esfarrapado estava sentado na mesa, acariciando um copo de vinho. Sob a luz amarela da vela, seu cabelo cinza-prateado parecia quase dourado, embora as bolsas sob os olhos estivessem tão grandes quanto alforjes. Ele usava um casaco de viajante de lã marrom, com uma cota de malha prateada reluzente por baixo. Aquilo indicava traição, ou

simples prudência? *Um mercenário velho é um mercenário cauteloso*. Quentyn se aproximou da mesa.

– Meu senhor. Parece diferente sem seu manto.

– Minha roupa esfarrapada? – O pentoshi deu de ombros. – Uma coisa simples... e, mesmo assim, aqueles farrapos enchem meus inimigos de medo e, no campo de batalha, a simples visão dos meus trapos soprando ao vento encoraja meus homens mais do que qualquer estandarte. E se quero passar despercebido, só preciso tirá-los para me tornar comum e banal. – Ele fez um gesto em direção ao banco em sua frente. – Sente-se. Soube que é um príncipe. Queria ter sabido antes. Quer beber? Zahrina serve comida, também. Seu pão é velho e o ensopado é indizível. Gordura e sal, com um pedaço ou dois de carne. Cão, ela diz, mas acho que rato é mais provável. Não o matará, no entanto. Descobri que é preciso tomar cuidado apenas quando a comida é tentadora. Envenenadores invariavelmente escolhem os pratos mais seletos.

– Você trouxe três homens – Sor Gerris apontou, com farpas na voz. – Tínhamos concordado com dois para cada.

– Meris não é homem. Meris, querida, levante a blusa, mostre para ele.

– Isso não será necessário – falou Quentyn. Se a conversa que ouvira era verdadeira, embaixo daquela blusa Bela Meris tinha apenas as cicatrizes deixadas pelos homens que cortaram seus seios fora. – Meris é uma mulher, concordo. Ainda assim, você distorceu os termos.

– Esfarrapado e sinuoso, que ladino eu sou. Três para dois não é muita vantagem, deve-se admitir, mas conta para alguma coisa. Neste mundo, um homem deve aprender a aproveitar qualquer que seja o presente que os deuses enviaram para ele. Essa foi uma lição que aprendi com algum custo. Ofereço para você como sinal da minha boa-fé. – Gesticulou para a cadeira novamente. – Sente-se e diga o que veio dizer. Prometo não matá-lo até ouvir tudo. É o mínimo que posso fazer para um companheiro príncipe. Quentyn, não é isso?

– Quentyn da Casa Martell.

– Sapo cai melhor em você. Não tenho costume de beber com mentirosos e desertores, mas você me deixou curioso.

Quentyn se sentou. *Uma palavra errada, e isto pode se transformar em sangue em um piscar de olhos*.

– Peço perdão pelo nosso truque. Os únicos navios zarpando da Baía dos Escravos eram os que haviam sido contratados para trazê-los até a guerra.

O Príncipe Esfarrapado deu de ombros.

– Todo vira-casaca tem sua história. Você não é o primeiro a me jurar sua espada, pegar meu dinheiro e fugir. Todos têm *motivos*. "Meu filhinho está doente" ou "Minha esposa está colocando chifres em mim" ou "Todos os outros homens me fazem chupar seu pau". Um menino encantador, este último, mas não perdoei sua deserção. Outro companheiro me disse que nossa comida era tão miserável, que teve que fugir antes de ficar doente, então cortei o pé dele, assei-o e o obriguei a comê-lo. Depois, eu o fiz cozinheiro do acampamento. Nossas refeições melhoraram significativamente, e quando seu contrato terminou, ele assinou outro. Você, no entanto... vários dos meus melhores estão trancados nos calabouços da rainha, graças a essa sua língua mentirosa, e duvido que você consiga cozinhar.

– Sou um príncipe de Dorne – disse Quentyn. – Tenho um dever com meu pai e com meu povo. Havia um pacto nupcial secreto.

– Ouvi dizer. E quando a rainha prateada viu seu pedaço de pergaminho, ela caiu em seus braços, certo?

– Não – disse Bela Meris.

– Não? Oh, eu me lembro. Sua noiva fugiu em um dragão. Bem, quando ela voltar, assegure-se de nos convidar para suas bodas. Os homens da companhia vão amar beber à sua felicidade, e eu realmente adoro um casamento westerosi. A parte da noite de núpcias, especialmente, só... oh, espere... – Ele se virou para Denzo D'han. – Denzo, achei que você tivesse me dito que a rainha dragão se casou com um ghiscari.

– Um nobre meereenês. Rico.

O Príncipe Esfarrapado se virou novamente para Quentyn.

– Isso pode ser verdade? Certamente não. E seu pacto nupcial?

– Ela riu dele – disse Bela Meris.

*Daenerys nunca riu*. O resto de Meereen podia olhar para ele como uma curiosidade divertida, como o exilado da Ilha do Verão que o Rei Robert costumava manter em Porto Real, mas a rainha sempre falara com ele gentilmente.

– Chegamos tarde demais – respondeu Quentyn.

– Uma pena que não tenha desertado mais cedo. – O Príncipe Esfarrapado tomou seu vinho. – Então... nenhum casamento para o Príncipe Sapo. É por isso que voltou pulando para mim? Meus três corajosos dornenses resolveram honrar seus contratos?

– Não.

– Que incômodo.

– Yurkhaz zo Yunzak está morto.

– Notícias antigas. Eu o vi morrer. O pobre homem viu um dragão e tropeçou quando tentou fugir. Então milhares de seus amigos mais próximos o pisotearam. Sem dúvida, a Cidade Amarela está inundada em lágrimas. Veio aqui para brindar pela memória dele?

– Não. Os yunkaítas já escolheram um novo comandante?

– O conselho de mestres tem sido incapaz de chegar a um acordo. Yezzan zo Qaggaz tinha mais apoio, mas ele morreu também. Os Sábios Mestres estão revezando o supremo comando entre eles. Hoje nosso líder é aquele que seus amigos das fileiras apelidaram de Conquistador Bêbado. Amanhã será o Lorde Balançabochecha.

– O Coelho – disse Meris. – O Balançabochecha foi ontem.

– Me sinto corrigido, minha querida. Nossos amigos yunkaítas foram gentis o suficiente para nos dar uma tabela. Preciso me esforçar para ser mais assíduo em consultá-la.

– Yurkhaz zo Yunzak foi o homem que contratou você.

– Ele assinou nosso contrato em nome da cidade. Só isso.

– Meereen e Yunkai fizeram as pazes. O cerco está para ser erguido, os exércitos dissolvidos. Não haverá batalha nem matança, nenhuma cidade para saquear ou pilhar.

– A vida é cheia de desapontamentos.

– Por quanto tempo você acha que os yunkaítas vão querer continuar pagando salários de quatro companhias livres?

O Príncipe Esfarrapado tomou um gole de vinho e disse:

– Uma questão incômoda. Mas este é o estilo de vida para nós, homens das companhias livres. Uma guerra termina, outra começa. Felizmente, sempre há alguém lutando em algum lugar. Talvez aqui. Mesmo enquanto estamos sentados bebendo, Barbassangrenta está instando nossos amigos yunkaítas a presentear o Rei Hizdahr com outra cabeça. Libertos e

senhores de escravos olham uns para o pescoço dos outros e afiam suas facas, os Filhos da Harpia conspiram em suas pirâmides, a égua descorada cavalga tanto com escravos quanto com senhores, nossos amigos da Cidade Amarela olham para o mar e, em algum lugar nas terras de grama, um dragão mordisca a carne fresca de Daenerys Targaryen. Quem governa Meereen esta noite? Quem governará amanhã? – O pentoshi deu de ombros. – De uma coisa estou certo. Alguém precisará das nossas espadas.

– Eu preciso dessas espadas. Dorne contratará vocês.

O Príncipe Esfarrapado olhou para Bela Meris.

– Ele não tem lugar para rancor, este Sapo. Devo lembrá-lo? Meu caro príncipe, você usou o último contrato que assinamos para limpar seu lindo traseiro rosado.

– Eu dobro o que quer que os yunkaítas estejam pagando.

– E vai pagar em ouro no momento da assinatura do nosso contrato, certo?

– Pagarei parte quando chegarmos a Volantis, o resto quando estiver de volta a Lançassolar. Trouxemos ouro conosco quando zarpamos, mas teria sido difícil escondê-lo uma vez que nos juntássemos à sua companhia, então colocamos nos bancos. Posso mostrar os papéis.

– Ah. Papéis. Mas seremos pagos em *dobro*.

– Duas vezes, com muitos papéis – disse Bela Meris.

– O resto você receberá em Dorne – Quentyn insistiu. – Meu pai é um homem de honra. Se eu colocar meu selo em nosso acordo, ele cumprirá com os termos. Você tem minha palavra nisso.

O Príncipe Esfarrapado terminou seu vinho, virou a taça e colocou-a entre eles.

– Então. Deixe-me ver se entendi. Um comprovado mentiroso e perjuro deseja nos contratar e pagar com promessas. E por quais serviços, me pergunto? Meus Soprados pelo Vento devem esmagar os yunkaítas e saquear a Cidade Amarela? Derrotar um *khalasar* dothraki em campo aberto? Escoltá-lo para casa, até seu pai? Ou você ficaria satisfeito se entregássemos a Rainha Daenerys em sua cama, molhada e disposta? Diga-me a verdade, Príncipe Sapo. O que tem para mim e para os meus?

– Preciso que me ajude a roubar um dragão.

Caggo Matacadáver riu. Bela Meris curvou os lábios em um meio sorriso. Denzo D'han assobiou.

O Príncipe Esfarrapado apenas se recostou em seu assento e disse:

– O dobro não paga por dragões, pequeno príncipe. Mesmo um sapo deveria saber isso. Dragões são caros. E homens que pagam com promessas deveriam ao menos ter o senso de prometer mais.

– Se você quer que eu triplique...

– O que eu quero – disse o Príncipe Esfarrapado – é Pentos.

# O grifo renascido

Ele enviou os arqueiros primeiro.

Balaq Negro comandava mil arcos. Em sua juventude, Jon Connington havia partilhado o desdém da maioria dos cavaleiros pelos arqueiros, mas ficara mais esperto no exílio. À sua maneira, a flecha era tão mortal quanto a espada, então havia insistido, para a longa viagem, que Harry Sem-Teto Strickland dividisse o comando de Balaq entre dez companhias de cem homens e colocasse cada uma delas em um navio diferente.

Seis desses navios haviam permanecido juntos o suficiente para desembarcar seus passageiros nas costas do Cabo da Fúria (os outros quatro se atrasaram mas chegariam em algum momento, os volantinos asseguraram para eles, mas Griff achava que era mais provável que estivessem perdidos, ou encalhados em algum lugar), o que deixou a companhia com seiscentos arqueiros. Para isso, duzentos se mostraram suficientes.

– Eles enviarão corvos – Connington dissera para Balaq Negro. – Observe a torre do meistre. Aqui. – Apontou no mapa que havia desenhado no chão do acampamento. – Derrube cada ave que deixar o castelo.

– Faremos isso – respondeu o ilhéu do Verão.

Um terço dos homens de Balaq usava besta, outro terço o arco curvado do leste. Melhor do que este era o grande arco longo de teixo usado pelos arqueiros de sangue westerosi, e melhores do que todos juntos era o excelente arco de amagodouro preferido pelo próprio Balaq Negro e seus cinquenta ilhéus do Verão. Apenas um arco feito de osso de dragão podia superar um de amagodouro. Qualquer que fosse o arco que carregavam, todos os homens de Balaq eram experientes veteranos de olhos afiados, que haviam provado seu valor em uma centena de batalhas, ataques e escaramuças. Provaram novamente em Poleiro do Grifo.

O castelo erguia-se na costa do Cabo da Fúria, sobre um rochedo elevado de pedra vermelho-escura cercada em três lados pelas águas agitadas da Baía dos Náufragos. Sua única entrada era defendida por uma guarita, atrás da qual ficava a longa serra nua que os Connington chamavam de Garganta do Grifo. Entrar à força pela Garganta podia ser um negócio sangrento, uma vez que a serra expunha os atacantes às lanças, pedras e flechas dos defensores posicionados em duas torres redondas que flanqueavam os portões principais do castelo. Uma vez que alcançassem esses portões, os homens dentro deles podiam despejar óleo fervente nos invasores. Griff esperava perder uma centena de homens, talvez mais.

Perderam quatro.

A floresta havia invadido o campo além da guarita, então Franklyn Flowers fora capaz de usar as folhagens para se esconder e liderar seus homens até quase vinte metros dos portões antes de emergir das árvores com o aríete que haviam fabricado no acampamento. A colisão de madeira contra madeira trouxe dois homens para as ameias; os arqueiros de Balaq Negro os abateram antes que pudessem esfregar o sono de seus olhos. O portão continuava fechado, mas não trancado; houve um segundo golpe, e os homens de Sor Franklyn estavam na metade da Garganta antes que o alarme de uma trombeta de guerra soasse do castelo.

O primeiro corvo levantou voo enquanto ganchos com cordas ainda voavam por sobre a muralha, o segundo, alguns momentos depois. Nenhum dos dois pássaros voou cem metros antes que uma flecha o derrubasse. Uma sentinela do lado de dentro virou um balde de óleo no primeiro homem a alcançar os portões, mas como não teve tempo de aquecer o líquido, o balde causou mais danos do que seu conteúdo. Espadas logo soavam em meia dúzia de lugares ao longo das ameias. Os homens da Companhia Dourada escalavam os merlões e corriam pelos adarves gritando “Um grifo! Um grifo!”, o antigo grito de guerra da Casa Connington, o que devia deixar os defensores ainda mais confusos.

Acabou em minutos. Griff seguiu pela Garganta em um corcel branco, ao lado de Harry Sem-Teto Strickland. Conforme se aproximavam do castelo, viu um terceiro corvo bater as asas da torre do meistre, apenas para ser abatido pelo próprio Balaq Negro.

– Nada mais de mensagens – Connington disse para Sor Franklyn Flowers no pátio. A próxima coisa a sair voando da torre do meistre foi o próprio meistre. Do jeito que abanava os braços, podia ter sido confundido com outra ave.

Foi o fim de toda a resistência. As sentinelas que sobraram renderam suas armas. Tão rápido assim, Poleiro do Grifo era seu novamente, e Jon Connington era mais uma vez um senhor.

– Sor Franklin – disse –, percorra a fortaleza e as cozinhas e reúna todos que conseguir encontrar. Malo, faça o mesmo na torre do meistre e no arsenal. Sor Brendel, os estábulos, septo e quartéis. Tragam todos para o pátio e tentem não matar ninguém que não insista em morrer. Queremos conquistar as Terras da Tempestade, e não faremos isso com um abate. Assegure-se de olhar sob o altar da Mãe, há uma escada escondida que leva a uma câmara secreta. E outra sob a torre noroeste que vai direto para o mar. Ninguém deve escapar.

– Não irão, meu senhor – prometeu Franklyn Flowers.

Connington os observou saírem correndo, então acenou para o Meiomeistre.

– Haldon, encarregue-se do viveiro. Terei mensagens para enviar esta noite.

– Esperemos que tenham deixado alguns corvos para nós.

Mesmo Harry Sem-Teto ficou impressionado com a rapidez da vitória.

– Nunca pensei que seria tão fácil – o capitão-general falou, enquanto entravam no grande salão para olhar a entalhada e dourada Cadeira do Grifo, onde cinquenta gerações de Connington haviam sentado e governado.

– Ficará mais difícil. Até agora, nós os pegamos desprevenidos. Isso não durará para sempre, mesmo se Balaq Negro derrubar cada corvo do reino.

Strickland estudou as tapeçarias desbotadas nas paredes, as janelas em arco com painéis de vidro vermelho e branco em forma de uma miríade de diamantes, as prateleiras de lanças, espadas e martelos de guerra.

– Deixe-os vir. Este lugar pode se manter contra vinte vezes o nosso número, assim que estivermos com provisões suficientes. E você disse que há um caminho para entrar e sair direto no mar?

– Lá embaixo. Uma enseada escondida embaixo do rochedo, que aparece apenas quando a maré está baixa. – Mas Connington não tinha nenhuma intenção de "deixá-los vir". Poleiro do Grifo era fortificado mas pequeno, e, enquanto estivessem sentados ali, poderiam ser vistos como pequenos também. Mas havia outro castelo por perto, muito maior e inexpugnável. *Tome-o, e o reino se abalará*. – Deve me desculpar, capitão-general. O senhor meu pai está enterrado sob o septo, e já faz muito tempo desde a última vez que rezei para ele.

– É claro, meu senhor.

Mesmo depois que eles partiram, Jon Connington não foi para o septo. Em vez disso, seus passos o levaram ao topo da torre oriental, a mais alta de Poleiro do Grifo. Enquanto subia, lembrava-se de ascensões passadas – uma centena com o senhor seu pai, que gostava de ficar parado ali, olhando os bosques, o rochedo e o mar, e saber que tudo aquilo pertencia à Casa Connington, e uma (apenas uma!) com Rhaegar Targaryen. O Príncipe Rhaegar estava voltando de Dorne, e ele e sua comitiva haviam permanecido ali por uma quinzena. *Ele era tão jovem, então, e eu era mais jovem ainda. Meninos, nós dois*. No banquete de boas-vindas, o príncipe pegara sua harpa de cordas prateadas e tocara para eles. *Uma canção de amor e perdição*, Jon Connington se lembrou, *e toda mulher no salão chorava quando ele abaixou a harpa.* Não os homens, é claro. Particularmente não seu pai, cujo único amor era a terra. Lorde Armond Connington passou a noite toda tentando conquistar o príncipe para seu lado na disputa com Lorde Morrigen.

A porta do telhado da torre estava tão emperrada que era claro que ninguém a abria havia anos. Ele teve que colocar o ombro para forçá-la. Mas, quando Jon Connington andou até as altas ameias, a visão era tão inebriante quanto se lembrava: o rochedo, com suas pedras escavadas pelo vento e picos irregulares, o mar, embaixo, rugindo e se agitando aos pés do castelo como um animal sem descanso, quilômetros sem fim de céu e nuvens, o bosque com suas cores outonais.

– As terras de seu pai são bonitas – o Príncipe Rhaegar dissera, parado bem ali onde Jon estava agora. E o garoto que ele fora respondera:

– Um dia serão minhas. – *Como se isso pudesse impressionar um príncipe que era herdeiro do reino inteiro, da Árvore até a Muralha.*

Poleiro do Grifo havia sido dele, finalmente, mesmo que por alguns poucos anos. Desse lugar, Jon Connington havia governado amplas terras que se estendiam por muitos quilômetros a oeste, norte e sul, do mesmo jeito que seu pai e o pai de seu pai antes dele. Mas seu pai e o pai de seu pai não haviam perdido suas terras. Ele, sim. *Eu me levantei alto demais, amei demais, fui ousado demais. Tentei agarrar uma estrela, exagerei e caí.*

Depois da Batalha dos Sinos, quando Aerys Targaryen tirara seus títulos e o mandara para o exílio em um ataque louco de ingratidão e suspeita, as terras e o senhorio haviam permanecido com a Casa Connington, passando para seu primo, Sor Ronald, o homem que Jon tornara seu castelão quando partiu para Porto Real para servir ao Príncipe Rhaegar. Robert Baratheon completara a destruição dos grifos depois da guerra. O primo Ronald tivera permissão para manter seu castelo e seu assento, mas perdeu a senhoria, tornando-se meramente o Cavaleiro do Poleiro do Grifo, e nove décimos de suas terras foram tiradas dele e divididas entre senhores vizinhos que haviam apoiado a reivindicação de Robert.

Ronald Connington morrera havia alguns anos. O atual Cavaleiro do Poleiro do Grifo era seu filho Ronnet, que estava fora, na guerra no Tridente. Fora melhor assim. Na experiência de Jon Connington, homens podiam lutar por coisas que sentiam serem deles, mesmo coisas que ganharam por roubo. Não apreciava a ideia de celebrar seu retorno matando um de seus próprios parentes. O pai de Ronnet Vermelho fora rápido em levar vantagem na queda do senhor seu primo, era verdade, mas o filho ainda era uma criança nessa época. Jon Connington nem mesmo odiava o falecido Sor Ronald tanto quanto deveria. A culpa fora dele.

Ele perdera tudo no Septo de Pedra, com sua arrogância.

Robert Baratheon se escondera em algum lugar da vila, ferido e sozinho. Jon Connington soubera disso, e também sabia que a cabeça de Robert na ponta de uma lança colocaria um fim à rebelião de uma vez por todas. Ele era jovem e cheio de orgulho. Por que não? O Rei Aerys o nomeara Mão e lhe dera um exército, e ele pretendia se provar digno daquela confiança, do amor de Rhaegar. Mataria o lorde rebelde com suas mãos e conquistaria um lugar em todas as histórias dos Sete Reinos.

Então seguira para o Septo de Pedra, fechara a vila e começara a busca. Seus cavaleiros foram de casa em casa, derrubando cada porta, entrando em cada adega. Até enviara homens para rastejar nos esgotos, mas, de algum modo, Robert ainda lhe escapava. Os moradores da cidade o estavam *escondendo*. Eles o mudavam de um local secreto para outro, sempre um passo adiante dos homens do rei. A vila inteira era um ninho de traidores. No final, esconderam o usurpador em um bordel. Que tipo de rei era esse que se escondia atrás da saia das mulheres? No entanto, enquanto a procura se arrastava, Eddard Stark e Hoster Tully caíram sobre a vila com um exército rebelde. Sinos e batalha se seguiram, e Robert saíra do bordel com uma lâmina na mão e quase matara Jon nos degraus do velho septo que dava nome ao local.

Durante os anos seguintes, Jon Connington dissera a si mesmo que não era culpado, que havia feito tudo o que um homem podia fazer. Seus soldados procuraram em cada buraco e casebre, ele oferecera perdão e recompensas, pegara reféns, pendurara-os em gaiolas de corvos e jurara que nenhum deles teria comida ou bebida até que Robert fosse entregue a ele. Tudo em vão.

– Nem o próprio Tywin Lannister teria feito mais – insistira, uma noite, para Coração Negro, durante seu primeiro ano no exílio.

– É aí que você se engana – Myles Toyne respondera. – Lorde Tywin não teria se incomodado com uma busca. Teria queimado a vila e toda criatura viva nela. Homens e meninos, bebês de peito, cavaleiros nobres e septões santos, porcos e putas, ratos e rebeldes, teria queimado todos. Quando o fogo se apagasse e restassem apenas cinzas, ele teria enviado seus homens para encontrar os ossos de Robert Baratheon. Mais tarde, quando Stark e Tully aparecessem com suas tropas, teria oferecido perdão para os dois, e eles teriam aceitado e voltado para casa com o rabo entre as pernas.

*Ele não estava errado*, Jon Connington refletiu, inclinando-se sobre as ameias de seus antepassados. *Eu queria a glória de matar Robert em um combate singular, e não ser chamado de açougueiro. Então Robert escapou de mim e matou Rhaegar no Tridente*.

– Falhei com o pai – disse –, mas não falharei com o filho.

Quando Connington desceu, seus homens haviam reunido a guarnição do castelo e os camponeses no pátio. Embora Sor Ronnet estivesse, de

fato, em algum lugar ao norte com Jaime Lannister, o Poleiro do Grifo não estava completamente desprovido de grifos. Entre os prisioneiros estavam o irmão mais novo de Ronnet, Raymund, sua irmã Alynne e seu filho natural, um menino feroz de cabelos vermelhos chamado Ronald Storm. Todos dariam reféns úteis, se e quando Ronnet Vermelho voltasse para tentar retomar o castelo que seu pai roubara. Connington ordenou que fossem confinados na torre oeste, sob guarda. A garota começou a chorar, e o menino bastardo tentou morder o lanceiro mais próximo.

– Parem com isso, vocês dois! – Connington ralhou com eles. – Nada de mau acontecerá com nenhum de vocês, a menos que Ronnet Vermelho prove ser um completo idiota.

Apenas alguns cativos tinham estado em serviço ali quando Jon Connington deixara de ser senhor: um oficial grisalho, cego de um olho; duas lavadeiras; um cavalariço que apenas se iniciava no ofício durante a Rebelião de Robert; o cozinheiro, que ficara enormemente gordo; o armeiro do castelo. Griff deixara a barba crescer durante a viagem, pela primeira vez em muitos anos, e, para sua surpresa, ainda estava em grande parte vermelha, embora aqui e ali o cinza se mostrasse entre o fogo. Vestido com uma longa túnica vermelha e branca bordada com os grifos gêmeos de sua Casa, de cores invertidas e combatentes, ele parecia uma versão mais velha e mais severa do jovem senhor que havia sido amigo e companheiro do Príncipe Rhaegar... mas os homens e mulheres de Poleiro do Grifo ainda olhavam para ele como para um estranho.

– Alguns de vocês me reconhecerão – disse para eles. – O restante aprenderá. Sou seu senhor legítimo, retornado do exílio. Meus inimigos disseram para vocês que eu estava morto. Essas histórias são falsas, como podem ver. Sirvam-me fielmente como serviram meu primo, e nenhum mal precisará cair sobre vocês.

Trouxe-os para a frente, um a um, perguntou a cada homem seu nome, então ofereceu-lhes que se ajoelhassem e jurassem fidelidade. Tudo correu rapidamente. Os soldados da guarnição – apenas quatro haviam sobrevivido ao ataque, o velho oficial e três garotos – depositaram as espadas aos seus pés. Ninguém hesitou. Ninguém morreu.

Naquela noite, no grande salão, os vitoriosos se banquetearam com carnes assadas e peixes recém-pescados, tudo empurrado para baixo com ricos vinhos vermelhos das adegas do castelo. Jon Connington presidiu

da Cadeira do Grifo, partilhando a mesa principal com Harry Sem-Teto Strickland, Balaq Negro e Franklyn Flowers, e os três jovens grifos que capturara. As crianças eram do seu sangue, e ele sentia que devia conhecê-las, mas, quando o menino bastardo anunciou "Meu pai vai matar você", decidiu que já os conhecera o suficiente, ordenou que voltassem para suas celas e pediu licença.

Meiomeistre Haldon esteve ausente do banquete. Lorde Jon o encontrou na torre do meistre, inclinado sobre uma pilha de pergaminhos, com mapas espalhados ao redor.

– Esperando determinar onde o resto da companhia pode estar? – Connington perguntou para ele.

– Faria se pudesse, meu senhor.

Dez mil homens haviam zarpado de Volon Therys, com todas as suas armas, cavalos e elefantes. Nem metade daquele número havia aparecido em Westeros, no lugar combinado de chegada, ou perto dele, um trecho deserto da costa na extremidade de Matabruma... terras que Jon Connington conhecia bem, já que uma vez haviam sido dele.

Apenas alguns anos antes, não ousaria tentar uma atracagem em Cabo da Fúria; os senhores da tempestade eram ferozmente leais à Casa Baratheon e ao Rei Robert. Mas com Robert e seu irmão Renly mortos, tudo estava mudado. Stannis era um homem muito duro e frio para inspirar esse tipo de lealdade, mesmo se não estivesse a meio mundo de distância, e as terras da tempestade tinham poucas razões para amar a Casa Lannister. E Jon Connington não estava sem seus próprios amigos ali. *Alguns dos velhos senhores ainda se lembrarão de mim, e seus filhos terão ouvido as histórias. E todos conhecerão Rhaegar e seu jovem filho, cuja cabeça foi esmagada contra uma fria parede de pedra.*

Felizmente, seu próprio navio fora um dos primeiros a alcançar seu destino. Então fora apenas uma questão de estabelecer o local do acampamento, reunir os homens conforme chegavam a terra firme, e mover-se rapidamente, antes que os fidalgotes locais tivessem alguma noção do perigo. E então a Companhia Dourada provou seu caráter. O caos que inevitavelmente teria atrasado a marcha com uma tropa apressadamente reunida de cavaleiros de companhias e recrutas locais simplesmente não existiu. Esses homens eram os herdeiros de Açoamargo, e a disciplina era como leite materno para eles.

– Amanhã, neste horário, devemos ter tomado três castelos – disse Connington. A força que tomara Poleiro do Grifo representava um quarto das forças disponíveis; Sor Tristan Rivers partira simultaneamente para a sede da Casa Morrigen, no Ninho de Corvo, e Laswell Peake para Casais de Chuva, a fortaleza dos Wylde, cada um com uma força de tamanho equivalente. O restante dos homens havia permanecido no acampamento para guardar o local de chegada e o príncipe, sob o comando do tesoureiro volantino da companhia, Gorys Edoryen. O número deles ainda continuaria a aumentar, esperavam; mais navios apareciam a cada dia. – Ainda temos poucos cavalos.

– E nenhum elefante – o Meiomeistre o recordou. Nenhuma das grandes cocas carregando os elefantes havia chegado ainda. Haviam sido vistas pela última vez em Lyz, antes da tempestade que dispersara metade da frota. – Cavalos podem ser encontrados em Westeros. Elefantes...

– ... não importam. – As grandes bestas seriam úteis em uma batalha campal, sem dúvida, mas levaria algum tempo antes de terem força para enfrentar o inimigo em campo. – Esses pergaminhos disseram algo de útil?

– Oh, muito e ainda mais, meu senhor. – Haldon lhe deu um sorriso. – Os Lannister fazem inimigos facilmente, mas não parecem perder tempo mantendo amizades. Sua aliança com os Tyrell está desgastada, a julgar pelo que li aqui. A Rainha Cersei e a Rainha Margaery lutam pelo pequeno rei como duas cadelas por um osso de galinha, e ambas foram acusadas de traição e devassidão. Mace Tyrell abandonou o cerco em Ponta Tempestade para marchar de volta a Porto Real e salvar sua filha, deixando apenas uma força simbólica para trás para manter os homens de Stannis encurralados dentro do castelo.

Connington se sentou.

– Conte-me mais.

– No Norte, os Lannister estão na dependência dos Bolton e, no Tridente, dos Frey, as duas casas há muito conhecidas por sua traição e crueldade. Lorde Stannis continua em rebelião aberta, e os homens de ferro das ilhas também declararam um rei. Ninguém nem menciona o Vale, o que me sugere que os Arryn não tomaram partido em nada disso.

– E Dorne? – O Vale estava muito longe; Dorne estava perto.

– O filho mais novo do Príncipe Doran foi prometido em casamento a Myrcella Baratheon, o que poderia sugerir que os dornenses se uniram à Casa Lannister, mas eles têm um exército no Caminho do Espinhaço e outro no Passo do Príncipe, apenas esperando...

– Esperando. – Ele franziu o cenho. – Pelo quê? – Sem Daenerys e seus dragões, Dorne era central para suas esperanças. – Escreva para Lançassolar. Doran Martell precisa saber que o filho de sua irmã ainda está vivo e veio para casa clamar o trono de seu pai.

– Como queira, meu senhor. – O Meiomeistre olhou para outro pergaminho. – Dificilmente teríamos cronometrado melhor nossa chegada. Temos amigos e aliados em potencial em cada mão.

– Mas não temos dragões – disse Jon Connington –, então, para ganhar esses aliados para a nossa causa, precisamos ter alguma coisa para oferecer a eles.

– Ouro e terra são os incentivos tradicionais.

– Quem dera tivéssemos ambos. Promessas de terras e promessas de ouro podem satisfazer alguns, mas Strickland e seus homens esperam reivindicar primeiro os melhores campos e castelos, aqueles que foram tirados de seus antepassados, quando fugiram para o exílio. Não.

– Meu senhor tem um prêmio para oferecer – Meiomeistre Haldon salientou. – A mão do Príncipe Aegon. Uma aliança nupcial, para trazer algumas grandes casas para nossos estandartes.

*Uma noiva para nosso príncipe brilhante*. Jon Connington se lembrava muito bem do casamento do Príncipe Rhaegar. *Elia nunca foi digna dele. Era muito frágil e doentia desde o início, e dar à luz só a deixou mais fraca.* Depois do nascimento da Princesa Rhaenys, a mãe dela ficara de cama por seis meses, e o nascimento do Príncipe Aegon quase fora sua morte. Ela não poderia ter mais filhos, os meistres disseram ao Príncipe Rhaegar, depois disso.

– Daenerys Targaryen ainda pode vir para casa um dia – Connington disse para o Meiomeistre. – Aegon deve estar livre para se casar com ela.

– Meu senhor sabe o que faz – disse Haldon. – Neste caso, poderíamos considerar oferecer aos nossos potenciais amigos um prêmio menor.

– O que sugere?

– Você. Você não é casado. Um grande senhor, ainda viril, sem nenhum herdeiro que não esses sobrinhos que acabamos de despojar, descendente

de uma antiga casa com um bom castelo robusto e amplo, ricas terras que, sem dúvida, serão restauradas e talvez expandidas por um rei grato, uma vez que triunfemos. Você tem um nome como guerreiro, e como Mão do Rei Aegon falará com sua voz e governará o reino em seu nome. Penso que muitos senhores ambiciosos ficariam ansiosos em casar sua filha com tal homem. Mesmo, talvez, o príncipe de Dorne.

A resposta de Jon Connington foi um olhar longo e frio. Havia momentos em que o Meiomeistre o aborrecia quase tanto quanto o anão.

– Acho que não. – *A morte está subindo pelo meu braço. Nenhum homem deve saber, nem uma esposa*. Levantou-se. – Prepare a carta para o Príncipe Doran.

– Como meu senhor ordena.

Jon Connington dormiu naquela noite nos aposentos do senhor, na cama que certa vez havia sido de seu pai, sob um dossel empoeirado de veludo vermelho e branco. Despertou ao amanhecer, com o som da chuva que caía e a batida tímida de um servo na porta, ansioso para descobrir como seu novo senhor quebraria seu jejum.

– Ovos cozidos, pão frito e feijões. E um jarro de vinho. O pior vinho da adega.

– O... o *pior*, ‘nhor?

– Você me ouviu.

Quando a comida e o vinho foram trazidos, ele trancou a porta, esvaziou o jarro em uma tigela e enfiou a mão dentro. Cataplasmas e banhos de vinagre eram o tratamento que a Senhora Lemore havia prescrito para o anão, quando ficou com medo que ele tivesse escamagris, mas pedir por um jarro de vinagre toda manhã entregaria o jogo. Vinho teria que servir, embora não visse sentido em desperdiçar uma boa safra. As unhas dos quatro dedos de sua mão estavam negras agora, mas o polegar ainda não. No dedo médio, o cinza havia subido até a segunda articulação. *Eu deveria cortá-lo fora*, pensou, *mas como explicar o dedo perdido?* Não se atrevia a deixar que o escamagris fosse conhecido. Por mais estranho que parecesse, homens que encaravam alegremente a batalha e o risco de morte para resgatar um companheiro abandonariam esse mesmo companheiro em um piscar de olhos se soubessem que ele tinha escamagris. *Eu deveria ter deixado o maldito anão se afogar*.

Mais tarde naquele dia, vestido e enluvado mais uma vez, Connington fez uma inspeção no castelo e enviou um recado para que Harry Sem-Teto Strickland e seis capitães se juntassem a ele para um conselho de guerra. Nove deles se reuniram no solar: Connington, Strickland, Meiomeistre Haldon, Balaq Negro, Sor Franklyn Flowers, Malo Jayn, Sor Brendel Byrne, Dick Cole e Lymond Pease. O Meiomeistre tinha boas novas.

– Notícias de Marq Mandrake chegaram ao acampamento. Os volantinos os deixaram em terra firme, no que acabou sendo Estermonte, com cerca de quinhentos homens. Tomaram Pedraverde.

Estermonte era uma ilha ao largo do Cabo da Fúria, e nunca fora um de seus objetivos.

– Os malditos volantinos estão tão ansiosos para se livrar de nós, que estão nos despejando em qualquer pedaço de terra que encontram – disse Franklyn Flowers. – Aposto que temos rapazes espalhados em metade de Passopedra também.

– Com meus elefantes – Harry Strickland disse, em um tom triste. Ele sentia falta de seus elefantes.

– Mandrake não tinha arqueiros com ele – disse Lymond Pease. – Sabemos se Pedraverde enviou algum corvo antes de cair?

– Imagino que sim – falou Jon Connington –, mas que mensagens levavam? Na melhor das hipóteses, relatos truncados de saqueadores do mar. – Ainda antes de zarparem de Volon Therys, havia instruído seus capitães a não mostrar nenhum estandarte durante os primeiros ataques: nem o dragão de três cabeças do Príncipe Aegon, nem seus próprios grifos, nem crânios e estandartes de batalha dourados da companhia. Que os Lannister suspeitassem de Stannis Baratheon, de piratas de Passopedra, de fora da lei das florestas, ou de quem quer que levasse a culpa. Se os relatos que chegassem a Porto Real fossem confusos e contraditórios, muito melhor. Quanto mais demorada fosse a reação do Trono de Ferro, mais tempo teriam para reunir forças e trazer aliados à sua causa. – Deve haver navios em Estermonte. *É* uma ilha. Haldon, mande instruções para Mandrake deixar uma guarnição para trás e trazer o resto dos homens para o Cabo da Fúria, juntamente com qualquer nobre cativo.

– Ao seu comando, meu senhor. A Casa Estermont tem laços de sangue com ambos os reis, na realidade. Bons reféns.

– Bons resgates – falou Harry Sem-Teto alegremente.

– Já é tempo de trazermos o Príncipe Aegon também – Lorde Jon anunciou. – Ele ficará mais seguro atrás das muralhas de Poleiro do Grifo do que no acampamento.

– Mandarei alguém buscá-lo – disse Franklyn Flowers –, mas o rapaz não vai gostar muito da ideia de ficar a salvo, digo desde já. Ele quer estar no meio da coisa.

*Como todos nós na idade dele*, Lorde Jon pensou, recordando-se.

– Chegou a hora de levantar seu estandarte? – perguntou Pease.

– Ainda não. Deixem Porto Real pensar que isto não é mais do que um lorde exilado voltando para casa com algumas espadas contratadas para reclamar seus direitos de nascimento. Uma velha história conhecida, essa. Eu até escreverei para o Rei Tommen, afirmando isso e pedindo perdão e a restauração das minhas terras e títulos. Isso dará algo para eles mastigarem por enquanto. E, enquanto vacilam, mandaremos cartas secretas para prováveis amigos nas Terras da Tempestade e na Campina. E para Dorne. – Esse era o passo crucial. Senhores menores poderiam se juntar à causa deles por medo de algum prejuízo ou por esperanças de ganhos, mas apenas o Príncipe de Dorne tinha poder para desafiar a Casa Lannister e seus aliados. – Acima de todos eles, devemos ter Doran Martell.

– Uma pequena chance disso acontecer – disse Strickland. – O dornense tem medo da própria sombra. Nada que se possa chamar de ousadia.

*Não mais do que você.*

– O Príncipe Doran é um homem cauteloso, isso é verdade. Nunca se juntará a nós, a menos que esteja convencido de que venceremos. Então, para persuadi-lo, temos que mostrar nossa força.

– Se Peake e Rivers tiverem êxito, controlaremos a maior parte do Cabo da Fúria – argumentou Strickland. – Quatro castelos em tão pouco tempo, isso é um começo esplêndido, mas ainda estamos apenas com metade da nossa força. Precisamos esperar o resto dos meus homens. Estamos sentindo falta dos cavalos, também, e dos elefantes. Esperar, eu digo. Reunir nosso poder, ganhar alguns senhores menores para nossa

causa, deixar Lysono Maar enviar seus espiões para aprenderem tudo o que puderem aprender sobre nossos inimigos.

Connington deu ao gordo capitão-general um olhar frio. *Este homem não é Coração Negro, não é Açoamargo, não é Maelys. Ele esperaria até que os sete infernos congelassem, se pudesse, em vez de arriscar outro surto de bolhas.*

– Não atravessamos metade do mundo para esperar. Nossa melhor chance é atacar forte e rápido, antes que Porto Real saiba que estamos aqui. Pretendo tomar Ponta Tempestade. Uma fortaleza quase inexpugnável e o último ponto de apoio de Stannis Baratheon no Sul. Uma vez tomado, nos dará uma resistência segura para onde poderemos nos retirar em caso de necessidade, e conquistá-lo provará nossa força.

Os capitães da Companhia Dourada trocaram olhares.

– Se Ponta Tempestade ainda está na mão de homens leais a Stannis, estaremos tomando dele, não dos Lannister – objetou Brendel Byrne. – Por que não fazer causa comum com ele contra os Lannister?

– Stannis é irmão de Robert, da mesma laia que derrubou a Casa Targaryen – Jon Connington recordou-lhe. – Além disso, está a milhares de quilômetros de distância, com qualquer que seja a escassa força que comanda. O reino inteiro está entre nós. Levaria meio ano só para chegar até lá, e ele tem pouco e ainda menos para nos oferecer.

– Se Ponta Tempestade é tão inexpugnável, como pretende tomá-la? – perguntou Malo.

– Pela astúcia.

Harry Sem-Teto Strickland discordou.

– Devemos esperar.

– Esperaremos. – Jon Connington se levantou. – Dez dias. Não mais do que isso. Levará esse tempo para nos prepararmos. Na manhã do décimo primeiro dia, cavalgaremos para Ponta Tempestade.

O príncipe chegou para se juntar a eles quatro dias depois, cavalgando na frente de uma coluna de uma centena de cavalos, com três elefantes pesados na retaguarda. A Senhora Lemore estava com ele, vestida novamente com a túnica branca de septã. Adiante deles ia Sor Rolly Patodocampo, com um manto branco neve fluindo de seus ombros.

*Um homem sólido e verdadeiro*, Connington pensou enquanto via Pato desmontar, *mas não é digno da Guarda Real*. Fizera o possível para

dissuadir o príncipe de dar aquele manto a Patodocampo, salientando que seria melhor reservar aquela honra para guerreiros de maior renome cuja fidelidade acrescentaria brilho à sua causa e para os filhos mais jovens de grandes senhores cujo apoio seria necessário na luta que se aproximava, mas o garoto não mudara de ideia.

– Pato morrerá por mim se for preciso – dissera –, e é tudo o que exijo da minha Guarda Real. O Regicida era um guerreiro de grande renome e filho de um grande senhor também.

*Pelo menos consegui convencê-lo a deixar os outros seis postos em aberto, ou Pato poderia ter seis patinhos correndo atrás dele, cada um mais gritantemente adequado que o último.*

– Escolte Sua Graça até meu solar – ordenou. – Imediatamente.

Mas o Príncipe Aegon Targaryen não era nem de perto tão dócil quanto o Jovem Griff havia sido. Boa parte de uma hora havia se passado antes que ele finalmente aparecesse no solar, com Pato ao seu lado.

– Lorde Connington – disse –, gostei do seu castelo.

*"As terras do seu pai são bonitas", ele disse. Seu cabelo prateado agitava-se ao vento e seus olhos eram um púrpura profundo, mais escuros do que os desse garoto*.

– Eu também, Vossa Graça. Por favor, sente-se. Sor Rolly, não precisaremos de você por enquanto.

– Não, eu quero que Pato fique. – O príncipe se sentou. – Estivemos conversando com Strickland e Flowers. Eles nos falaram sobre esse ataque a Ponta Tempestade que você está planejando.

Jon Connington não deixou transparecer sua ira.

– E Harry Sem-Teto tentou persuadi-lo a atrasar o plano?

– Tentou, na verdade – o príncipe disse –, mas não vou. Harry é uma solteirona, não é? Você tem razão nisso, meu senhor. Quero que o ataque vá em frente... com uma mudança. Pretendo liderá-lo.

# O sacrifício

Na praça da vila, os homens da rainha construíam sua pira.

*Ou seriam jardins de inverno*? A neve estava na altura dos joelhos por todos os lados, exceto onde os homens a haviam tirado com pás, para abrir buracos no chão congelado com machados, espadas e picaretas. O vento soprava do oeste, levando ainda mais neve pela superfície congelada dos lagos.

– Você não quer ver isto – Aly Mormont disse.

– Não, mas verei. – Asha Greyjoy era a filha da lula gigante, não uma donzela mimada que não aguentava olhar a feiura.

Tinha sido um dia escuro, frio e pouco produtivo, como o dia anterior e o dia antes desse. Passaram a maior parte dele no gelo, tremendo ao lado de um par de buracos que haviam cortado no menor dos lagos congelados, com linhas de pesca enroladas em desajeitadas mãos enluvadas. Não muito tempo atrás, podiam contar um ou dois peixes pegos por pessoa, e os homens da Matadelobos, mais acostumados com a pesca no gelo, pegavam quatro ou cinco. Hoje, tudo o que Asha conseguira fora um frio de penetrar nos ossos. Aly não se saíra melhor. Fazia três dias que nenhuma das duas pegava um peixe.

A Mulher-Ursa tentou de novo.

– *Eu* não preciso ver isso.

*Não é você a quem os homens da rainha querem queimar.*

– Então, vá. Você tem minha palavra, não tentarei fugir. Para onde iria? Para Winterfell? – Asha riu. – São apenas três dias de cavalgada, me disseram.

Seis homens da rainha lutavam para colocar dois enormes postes de pinheiro em buracos que outros seis homens da rainha haviam cavado. Asha não teve que perguntar para que serviam. Ela sabia. *Estacas*. O anoitecer estaria sobre eles em breve, e o deus vermelho precisava ser

alimentado. *Uma oferenda de sangue e fogo*, os homens da rainha chamavam, *para que o Senhor da Luz possa voltar seus olhos de fogo sobre nós e derreter estas neves três vezes amaldiçoadas.*

– Mesmo neste lugar de medo e escuridão, o Senhor da Luz nos protege – Sor Godry Farring disse para os homens que haviam se reunido para ver as estacas sendo marteladas dentro dos buracos.

– O que esse seu deus sulista tem a ver com a neve? – exigiu saber Artos Flint. Sua barba negra tinha uma crosta de gelo. – Isso é a ira dos antigos deuses sobre nós. É a eles que devemos agradar.

– Sim – disse Grande Balde Wull. – O Rahloo vermelho não significa nada aqui. Vocês apenas deixarão os antigos deuses mais zangados. Eles estão nos observando de sua ilha.

A vila de arrendatários estava entre dois lagos, o maior deles salpicado com pequenas ilhas arborizadas que saíam pelo gelo como punhos congelados de algum gigante afogado. Em uma dessas ilhas erguia-se um represeiro retorcido e antigo, seu tronco e galhos brancos como a neve ao redor. Oito dias atrás, Asha havia caminhado até lá com Aly Mormont e dera uma olhada de perto nos olhos vermelhos semicerrados e na boca sangrenta. *É apenas seiva*, dissera para si mesma, *a seiva vermelha que escorre de dentro desses represeiros*. Mas seus olhos não estavam convencidos; ver era acreditar, e o que via era sangue congelado.

– Vocês, nortenhos, trouxeram estas neves sobre nós – insistiu Corliss Penny. – Vocês e seus deuses demoníacos. R'hllor nos salvará.

– R'hllor nos condenará – disse Artos Flint.

*Para o inferno com os deuses de todos vocês*, pensou Asha Greyjoy.

Sor Godry, o Matador de Gigantes, supervisionava as estacas, empurrando uma para ter certeza de que estava colocada com firmeza.

– Bom. Bom. Servirão. Sor Clayton, traga o sacrifício.

Sor Clayton Suggs era o braço direito de Godry. *Ou seria seu braço atrofiado?* Asha não gostava de Sor Clayton. Onde Farring parecia feroz em sua devoção ao deus vermelho, Suggs era simplesmente cruel. Ela o vira nas fogueiras noturnas, olhando, os lábios entreabertos e os olhos ávidos. *Não é o deus que ele ama, são as chamas*, ela concluíra. Quando perguntou a Sor Justin se Suggs sempre fora assim, ele fez uma careta.

– Em Pedra do Dragão, ele apostava com os torturadores e os ajudava a interrogar os prisioneiros, especialmente se o prisioneiro fosse uma

mulher jovem.

Asha não ficara surpresa. Suggs teria um prazer especial em queimá-la, não duvidava. *A menos que as tempestades parem.*

Estavam a três dias de Winterfell havia dezenove dias. *Quinhentos e cinquenta quilômetros de Bosque Profundo até Winterfell. Menos de quinhentos quilômetros no voo de um corvo.* Mas nenhum deles era corvo, e a tempestade era implacável. A cada manhã Asha acordava esperando poder ver o sol, apenas para encarar outro dia de neve. A tempestade havia enterrado cada cabana e casebre sob pilhas de neve suja, e os montes logo estariam profundos o suficiente para engolir o salão da vila.

E não havia comida, além dos cavalos que morriam, dos peixes pegos nos lagos (menos a cada dia) e qualquer outro escasso sustento que os forrageadores conseguissem encontrar nessas florestas frias e mortas. Com os cavaleiros do rei e os senhores exigindo para si a "parte do leão" da carne de cavalo, pouco e ainda menos restava para os homens comuns. Não era de se admirar, portanto, que tivessem começado a comer seus próprios mortos.

Asha ficara tão horrorizada quanto os demais quando a Mulher-Ursa lhe contou que quatro homens Peasebury haviam sido encontrados retalhando um dos homens do falecido Lorde Fell, pegando pedaços de carne de suas coxas e nádegas enquanto um de seus antebraços se transformara em espeto, mas não pudera fingir estar surpresa. Os quatro não eram os primeiros a provar carne humana durante essa marcha sinistra, podia apostar – apenas os primeiros a ser descobertos.

Os quatro Peasebury pagariam pelo banquete com suas vidas, por decisão do rei... e ao ser queimados acabariam com a tempestade, os homens da rainha afirmavam. Asha Greyjoy não colocava fé no deus vermelho, mas rezou para que tivessem razão. Senão haveria outras piras, e Sor Clayton Suggs poderia conseguir o que seu coração desejava.

Os quatro comedores de carne humana estavam nus quando Sor Clayton os trouxe, os punhos amarrados atrás das costas com tiras de couro. O mais jovem deles chorava enquanto tropeçava pela neve. Outros dois andavam como homens que já estavam mortos, olhos fixos no chão. Asha estava surpresa em ver como pareciam comuns. *Não são monstros*, percebeu, *apenas homens.*

O mais velho dos quatro era o oficial deles. Era o único que permanecia desafiador, cuspindo maldade nos homens da rainha enquanto o incitavam a seguir adiante com suas lanças.

– Fodam-se todos vocês, e foda-se seu deus vermelho também – disse. – Você me ouviu, Farring? *Matador de Gigantes?* Ri quando seu maldito primo morreu, Godry. Devíamos ter comido ele também, cheirava tão bem quando o assaram. Aposto que o garoto era saboroso de tenro. Suculento. – Uma pancada do cabo de uma lança fez o homem cair de joelhos, mas não o calou. Quando se ergueu, cuspiu um punhado de sangue e dentes quebrados e continuou. – O pau é a melhor parte, todo crocante no espeto. Uma gorda e pequena linguiça. – Mesmo quando colocaram as correntes em volta dele, ele seguiu vociferando. – Corliss Penny, venha aqui. Que tipo de nome é Penny? Uma moeda de valor baixo? É quanto sua mãe cobrava? E você, Suggs, seu maldito bastardo, você...

Sor Clayton não disse uma palavra. Um corte rápido abriu a garganta do oficial, mandando um jato de sangue para seu peito.

O rapaz que estava chorando chorou ainda mais, seu corpo sacudindo a cada soluço. Era tão magro que Asha podia contar cada costela.

– Não – ele implorou –, por favor, ele estava morto, estava morto e estávamos famintos, por favor...

– O oficial foi o mais inteligente – Asha disse para Aly Mormont. – Incitou Suggs a matá-lo. – Ela se perguntava se o mesmo truque funcionaria duas vezes, se sua vez chegasse.

Os quatro foram acorrentados de costas uns para os outros, dois em cada estaca. Ali foram suspensos, três homens vivos e um morto, enquanto os devotos do Senhor da Luz empilhavam lenha partida e galhos quebrados sob os pés deles, e então encharcaram as pilhas com óleo de lamparina. Tinham que ser rápidos com isso. A neve estava caindo mais pesada, como sempre, e a madeira logo estaria encharcada.

– Onde está o rei? – perguntou Sor Corliss Penny.

Havia quatro dias, um dos escudeiros do próprio rei sucumbira ao frio e à fome, um menino chamado Byren Farring, que fora parente de Sor Godry. Stannis Baratheon permanecera com o rosto triste ao lado da pira funerária, enquanto o corpo do rapaz era consumido pelas chamas. Depois, o rei se retirara para sua torre de vigia. Não saíra de lá desde esse

dia... embora de tempos em tempos Sua Graça fosse visto sobre o telhado da torre, delineado contra o fogo do farol que queimava ali noite e dia. *Falando com o deus vermelho*, alguns diziam. *Chamando pela Senhora Melisandre*, insistiam outros. De qualquer modo, parecia para Asha Greyjoy que o rei estava perdido e gritando por ajuda.

– Canty, encontre o rei e diga-lhe que está tudo pronto – Sor Godry falou para o homem em armas mais próximo.

– O rei está aqui. – A voz era de Richard Horpe.

Sobre sua armadura de placas e cota de malha, Sor Richard vestia um gibão acolchoado, com o brasão de três borboletas-caveira em um campo de cinzas e ossos. O Rei Stannis caminhava ao seu lado. Atrás deles, lutando para manter o ritmo, Arnolf Karstark vinha mancando, apoiado em sua bengala de abrunheiro. Lorde Arnolf os encontrara havia oito noites. O nortenho trouxera um filho, três netos, quatrocentas lanças, dois grupos de arqueiros, uma dúzia de lanças montadas, um meistre e uma gaiola de corvos... mas provisões suficientes para sustentar apenas os seus.

Karstark não era um senhor verdadeiro, Asha tinha sido dada a entender, apenas o castelão de Karhold enquanto o verdadeiro senhor permanecesse cativo dos Lannister. Magro, curvado e torto, com o ombro esquerdo trinta centímetros mais alto do que o direito, ele tinha o pescoço descarnado, olhos cinzentos estrábicos e dentes amarelos. Alguns cabelos brancos eram tudo o que o separava da calvície total; sua barba bifurcada tinha partes iguais branca e cinza, mas sempre misturadas. Asha achava que havia algo azedo em seus sorrisos. No entanto, se as conversas fossem verdadeiras, seria Karstark quem ficaria com Winterfell se tomassem o castelo. Em algum lugar no passado distante, a Casa Karstark brotara da Casa Stark, e Lorde Arnolf fora o primeiro dos vassalos de Eddard Stark a se declarar por Stannis.

Tanto quanto Asha sabia, os deuses dos Karstark eram os antigos deuses do Norte, deuses que partilhavam com os Wull, os Norrey, os Flint e com todos os outros clãs das montanhas. Ela se perguntava se Lorde Arnolf viera ver a queima por ordem do rei, para que pudesse testemunhar o poder do deus vermelho.

À visão de Stannis, dois dos homens atados às estacas começaram a implorar por misericórdia. O rei ouviu em silêncio, sua mandíbula

cerrada. Então disse para Godry Farring:

– Pode começar.

O Matador de Gigantes ergueu os braços.

– *Senhor da Luz, escute-nos*.

– *Senhor da Luz, defenda-nos* – os homens da rainha entoaram –, *pois a noite é escura e cheia de terrores*.

Sor Godry ergueu a cabeça em direção ao céu que escurecia.

– *Agradecemos pelo sol que nos aquece e oramos para que o devolva para nós, oh, senhor, que isso possa iluminar nosso caminho até nossos inimigos*. – Flocos de neve derretiam em seu rosto. – *Agradecemos pelas estrelas que nos vigiam à noite, e oramos para que rasgue este véu que as esconde, para que possamos nos regozijar à visão delas mais uma vez.*

– *Senhor da Luz, proteja-nos* – os homens da rainha rezaram – *e mantenha esta escuridão selvagem afastada.*

Sor Corliss Penny foi para a frente, segurando a tocha com as duas mãos. Balançou-a sobre a cabeça, em um círculo, atiçando as chamas. Um dos cativos começou a choramingar.

– *R'hllor* – Sor Godry entoou –, *nós lhe damos quatro homens maus. Com corações felizes e verdadeiros, nós os entregamos para suas chamas purificadoras, para que a escuridão de suas almas possam ser queimadas. Deixe sua carne vil ser cauterizada e enegrecida, para que os espíritos deles possam se erguer livres e puros para ascender até a luz. Aceite seu sangue, oh, senhor, e derreta as correntes geladas que prendem seus servos. Ouça a dor deles, e conceda força às nossas espadas, para que possamos derramar o sangue de nossos inimigos. Aceite este sacrifício e nos mostre o caminho para Winterfell, para que possamos vencer os infiéis*.

– *Senhor da Luz, aceite este sacrifício* – uma centena de vozes ecoou. Sor Corliss acendeu a primeira pira com a tocha, então a levou para a madeira na base da segunda. Alguns tufos de fumaça começaram a subir. Os cativos começaram a tossir. As primeiras chamas apareceram, tímidas como donzelas, correndo e dançando da lenha para as pernas. Em alguns momentos, as duas estacas ficavam mergulhadas no fogo.

– *Ele estava morto* – o garoto chorão gritava, enquanto as chamas lambiam suas pernas. – Nós o encontramos morto... por favor... estávamos com fome... – As chamas alcançaram suas bolas. Quando os

pelos em volta de seu pau começaram a queimar, sua súplica se dissolveu em um longo grito sem palavras.

Asha Greyjoy podia sentir a bile no fundo da garganta. Nas Ilhas de Ferro, vira sacerdotes de seu próprio povo cortar as gargantas de escravos e dar seus corpos para o mar em honra ao Deus Afogado. Brutal, mas isso era pior.

*Feche os olhos*, disse para si mesma. *Feche os olhos. Vire-se. Você não precisa ver isso*. Os homens da rainha cantavam algum hino de louvor ao vermelho R'hllor, mas ela não conseguia ouvir as palavras, abafadas pelos gritos. O calor das chamas batia contra seu rosto, mas mesmo assim ela estremeceu. O ar ficava mais pesado com a fumaça e o fedor de carne queimada, e um dos corpos ainda se contorcia contra as correntes incandescentes que o prendiam à estaca.

Depois de um tempo, os gritos pararam.

Sem uma palavra, o Rei Stannis foi embora, de volta à solidão da sua torre de vigia. *De volta ao fogo do farol*, Asha sabia, *para buscar respostas nas chamas.* Arnolf Karstark começou a mancar atrás dele, mas Sor Richard Horpe o pegou pelo braço e o levou em direção ao salão da vila. Os observadores começaram a se afastar, cada um para sua própria fogueira e para qualquer ceia escassa que conseguissem encontrar.

Clayton Suggs esgueirou-se ao lado dela.

– A boceta de ferro gostou do espetáculo? – Seu hálito fedia a cerveja e cebolas. *Ele tem olhos de porco*, Asha pensou. Isso era apropriado: seu escudo e túnica mostravam um porco com asas. Suggs aproximou o rosto tão perto do dela, que ela pôde contar os pontos negros em seu nariz, e disse: – A multidão será ainda maior quando for você se contorcendo na estaca.

Ele não estava errado. Os lobos não a amavam; ela era uma mulher de ferro e devia responder pelos crimes de seu povo, por Fosso Cailin, Bosque Profundo e Praça Torrhen, por séculos de saques na Costa Rochosa, por tudo o que Theon fizera em Winterfell.

– Solte-me, sor. – Todas as vezes que Suggs falava com ela, deixava-a ansiosa por seus machados. Asha era uma dançarina de dedos tão boa quanto qualquer homem das ilhas, e tinha dez dedos para provar. *Se eu pudesse dançar com esse aí*. Alguns homens tinham rostos que gritavam por uma barba. O rosto de Sor Clayton gritava por um machado entre os

olhos. Mas ela estava sem machados aqui, então o melhor que podia fazer era tentar se contorcer para escapar. Isso só fez Sor Clayton agarrá-la com mais força, os dedos enluvados entrando em seu braço como garras de ferro.

– Minha senhora pediu que a soltasse – disse Aly Mormont. – Seria bom escutar, sor. A Senhora Asha não será queimada.

– Ela será – insistiu Suggs. – Já abrigamos essa adoradora do demônio entre nós por muito tempo. – Mesmo assim, soltou o aperto no braço de Asha. Ninguém provocaria a Mulher-Urso sem necessidade.

Esse foi o momento que Justin Massey escolheu para aparecer.

– O rei tem outros planos para seu prêmio cativo – disse, com seu sorriso fácil. Suas bochechas estavam vermelhas de frio.

– O rei? Ou você? – Suggs bufou de desprezo. – Planeje o que quiser, Massey. Ela ainda irá para o fogo, ela e seu sangue real. Há poder no sangue de um rei, a mulher vermelha costumava dizer. Poder para agradar nosso senhor.

– Deixe R'hllor se contentar com os quatro que acabamos de mandar para ele.

– Quatro rústicos de baixo nascimento. Uma oferta de pedinte. Escória como essa nunca parará a neve. Ela pode.

A Mulher-Ursa falou.

– E se você a queimar e a neve continuar a cair, e então? Quem queimará em seguida? Eu?

Asha não pôde segurar a língua.

– Por que não Sor Clayton? Talvez R'hllor goste de um dos seus. Um homem de fé que entoe suas orações enquanto as chamas lambem seu pau.

Sor Justin riu. Suggs achou menos graça.

– Aproveite suas risadinhas, Massey. Se a neve continuar a cair, veremos quem vai rir por último. – Olhou para os homens mortos nas estacas, sorriu e foi se juntar a Sor Godry e os outros homens da rainha.

– Meu campeão – Asha disse para Justin Massey. Ele merecia aquilo, quaisquer que fossem seus motivos. – Obrigada pelo salvamento, sor.

– Isso não lhe trará amigos entre os homens da rainha – falou a Mulher-Ursa. – Perdeu sua fé no vermelho R'hllor?

– Perdi a fé em mais do que isso – Massey falou, sua respiração uma névoa clara no ar –, mas ainda acredito na ceia. Se juntarão a mim, minhas senhoras?

Aly Mormont sacudiu a cabeça.

– Não tenho fome.

– Nem eu. Mas faria bem em engolir um pouco de carne de cavalo mesmo assim, ou em breve poderá desejar ter feito isso. Tínhamos oitocentos cavalos quando marchamos de Bosque Profundo. Na noite passada, a contagem foi de sessenta e quatro.

Aquilo não a chocou. Quase todos os grandes corcéis de batalha haviam caído, incluindo o do próprio Massey. A maioria dos palafréns se fora também. Até mesmo os garranos dos nortenhos vacilavam pela falta de forragem. Mas para que precisavam de cavalos? Stannis já não marchava para lugar algum. O sol, a lua e as estrelas haviam partido havia tanto tempo que Asha começava a se perguntar se sonhara com eles.

– Eu comerei.

Aly sacudiu a cabeça.

– Eu não.

– Deixe-me cuidar da Senhora Asha, então – Sor Justin falou para ela. – Tem minha palavra, não permitirei que fuja.

A Mulher-Ursa deu um consentimento relutante, surda à galhofa no tom de voz dele. Separaram-se ali, Aly para sua tenda, ela e Justin Massey para o salão da vila. Não era longe, mas os montes eram profundos, o vento estava forte e os pés de Asha eram blocos de gelo. Seu tornozelo a esfaqueava a cada passo.

Apesar de pequeno e pobre, o salão era a maior construção da vila, então os senhores e capitães o tomaram para si, enquanto Stannis se estabelecera na torre de vigia de pedra às margens do lago. Duas sentinelas flanqueavam a porta, inclinadas em altas lanças. Uma delas levantou a aba da porta engordurada para Massey, e Sor Justin escoltou Asha para o abençoado calor de dentro.

Bancos e mesas de cavaletes corriam por todos os lados do salão, com espaço para cinquenta homens... embora duas vezes aquele número estivesse se espremendo lá dentro. Uma trincheira de fogo havia sido cavada no meio do chão de terra, com uma fileira de buracos para a

fumaça no teto acima. Os lobos sentavam-se em um lado da trincheira, os cavaleiros e senhores sulistas do outro.

Os sulistas pareciam tristes, Asha pensou – magros, com os rostos encovados, alguns pálidos e doentes, outros com as faces vermelhas e polidas pelo vento. Em contraste, os nortenhos pareciam robustos e saudáveis, grandes homens corados com barbas grossas como arbustos, vestidos com pele e ferro. Podiam estar com frio e famintos também, mas a marcha fora muito mais fácil para eles, com seus garranos e suas patas de urso.

Asha tirou as luvas de pele, estremecendo quando flexionou os dedos. Dores subiram por suas pernas quando os pés semicongelados começaram a derreter. Os arrendatários deixaram um bom suprimento de turfa quando fugiram, então o ar estava nebuloso com a fumaça e com cheiro rico e terroso de relva queimando. Ela pendurou o manto em um gancho do lado de dentro da porta, depois de sacudi-lo para tirar a neve.

Sor Justin encontrou lugares no banco e buscou a ceia para ambos – cerveja e pedaços tostados de carne de cavalo, negros por fora e vermelhos por dentro. Asha tomou um gole de cerveja e caiu sobre a carne de cavalo. A porção era menor do que a última que comera, mas sua barriga roncava só com o cheiro.

– Meus agradecimentos, sor – disse, enquanto sangue e gordura escorriam pelo queixo.

– Justin. Insisto. – Massey cortou sua própria carne em pedaços menores, e apanhou um com a ponta da adaga.

Na outra ponta da mesa, Will Foxglove estava dizendo aos homens ao seu redor que Stannis retomaria a marcha para Winterfell em três dias. Ouvira isso da boca de um dos cavalariços que cuidavam dos cavalos do rei.

– Sua Graça vê a vitória em suas chamas – Foxglove falou –, uma vitória que será cantada por mil anos, tanto nos castelos dos senhores quanto nos casebres dos camponeses.

Justin Massey ergueu os olhos de sua carne de cavalo.

– A contagem do frio da noite passada chegou a oitenta. – Puxou um pedaço de cartilagem dos dentes e jogou para o cachorro mais próximo. – Se marcharmos, morreremos às centenas.

– Morreremos aos milhares se ficarmos aqui – replicou Sor Humfrey Clifton. – Vá em frente ou morra, digo.

– Vá em frente *e* morra, eu respondo. E se chegarmos a Winterfell, e então? Como vamos tomar o castelo? Metade de nossos homens está tão fraca que mal consegue colocar um pé na frente do outro. Vai mandá-los escalar as muralhas? Construir torres de cerco?

– Devemos ficar aqui até que o tempo melhore – disse Sor Ormund Wylde, um velho cavaleiro cadavérico. Asha ouvira rumores de que alguns homens em armas estavam apostando em qual dos grandes cavaleiros e senhores seria o próximo a morrer. Sor Ormund aparecia como um claro favorito. *E quanto dinheiro foi colocado em mim, me pergunto?* Asha pensou. *Talvez ainda dê tempo de apostar alguma coisa*. – Aqui, ao menos, temos algum abrigo – Wylde estava insistindo –, e há peixes nos lagos.

– Peixe de menos para pescadores demais – Lorde Peasebury disse, melancolicamente. Ele tinha boas razões para a tristeza; foram seus homens que Sor Godry acabara de queimar, e alguns naquele salão haviam dito que o próprio Peasebury certamente sabia o que estavam fazendo, e talvez até tivesse participado de seus banquetes.

– Ele não está errado – resmungou Ned da Mata, um dos batedores de Bosque Profundo. Ned Sem-Nariz, era chamado; o congelamento reivindicara a ponta de seu nariz havia dois invernos. Da Mata conhecia a Matadelobos melhor do que qualquer homem vivo. Mesmo o mais orgulhoso senhor do rei aprendera a ouvir quando ele falava. – Conheço os lagos. Vocês estiveram neles como vermes em um cadáver, centenas de vocês. Cortaram tantos buracos no gelo que é inacreditável que não tenham caído dentro deles. Saindo da ilha, há lugares que parecem queijo por onde passaram ratos. – Abanou a cabeça. – Os lagos já eram. Vocês pescaram tudo.

– Mais motivos para marcharmos – insistiu Humfrey Clifton. – Se a morte é nosso destino, vamos morrer com a espada nas mãos.

Era o mesmo argumento da noite passada e da noite antes dessa. *Ir em frente e morrer, ficar aqui e morrer, cair e morrer.*

– Sinta-se livre para morrer como quiser, Humfrey – disse Justin Massey. – Eu, pessoalmente, prefiro viver para ver outra primavera.

– Alguns poderiam chamar isso de covardia – Lorde Peasebury replicou.

– Melhor um covarde do que um canibal.

O rosto de Peasebury se contorceu em repentina fúria.

– Seu...

– A morte é parte da guerra, Justin. – Sor Richard Horpe estava em pé ao lado da porta, seu cabelo escuro molhado com neve derretida. – Aqueles que marcharem conosco terão uma parte em toda a pilhagem que conseguirmos de Bolton e seu bastardo, e uma fatia ainda maior de glória imortal. Aqueles fracos demais para marchar devem cuidar de si mesmos. Mas, têm minha palavra, enviaremos comida assim que tomarmos Winterfell.

– *Vocês não tomarão Winterfell!*

– Sim, tomaremos – veio uma gargalhada da mesa principal, onde Arnolf Karstark sentava-se com seu filho Arthor e três netos. Lorde Arnolf levantou-se, um abutre erguendo-se sobre a presa. Uma mão manchada agarrava o ombro do filho como apoio. – Tomaremos por Ned e por sua filha. Sim, e pelo Jovem Lobo também, que foi tão cruelmente assassinado. Eu e os meus mostraremos o caminho, se for necessário. Já disse isso para Sua Boa Graça, o rei. *Marchemos*, eu disse, e antes da próxima lua estaremos todos nos banhando no sangue dos Frey e dos Bolton.

Homens começaram a bater os pés no chão e a martelar os punhos contra o tampo da mesa. Quase todos nortenhos, Asha notou. Do outro lado da trincheira de fogo, os senhores sulistas sentavam-se silenciosos em seus bancos.

Justin Massey esperou que o tumulto parasse. Então falou:

– Sua coragem é admirável, Lorde Karstark, mas coragem não vai abrir brechas nas muralhas de Winterfell. Como pretende tomar o castelo, se pode dizer? Com bolas de neve?

Um dos netos de Lorde Arnolf deu a resposta.

– Derrubaremos árvores para fazer aríetes e arrebentar os portões.

– E morreremos.

Outro neto se fez ouvir.

– Faremos escadas e escalaremos as muralhas.

– E morreremos.

Até Arthor Karstark, o filho mais novo de Lorde Arnolf, falou:

– Ergueremos torres de cerco.

– E morreremos, e morreremos, e morreremos. – Sor Justin revirou os olhos. – Que os deuses sejam bons, todos vocês Karstark são loucos?

– *Deuses*? – disse Richard Horpe. – Você se esquece, Justin. Temos apenas um deus aqui. Não fale de demônios nesta companhia. Apenas o Senhor da Luz pode nos salvar agora. Não concorda? – Colocou a mão no punho da espada, como se enfatizasse, mas seus olhos não deixaram o rosto de Justin Massey.

Sob esse olhar, Sor Justin se encolheu.

– O Senhor da Luz, sim. Minha fé é tão profunda quanto a sua, Richard, você sabe disso.

– É sua coragem que questiono, Justin, não sua fé. Você pregou a derrota a cada passo do caminho desde que cavalgamos de Bosque Profundo. Isso me faz questionar de que lado você está.

Um rubor subiu pelo pescoço de Massey.

– Não ficarei aqui para ser insultado. – Agarrou seu manto úmido da parede com tanta força que Asha ouviu-o rasgar, então passou por Horpe e saiu pela porta. Uma rajada de ar frio soprou pelo salão, levantando cinzas da trincheira de fogo e atiçando um pouco mais suas chamas.

*Quebrado rápido assim*, pensou Asha. *Meu campeão é feito de sebo*. Mesmo assim, Sor Justin era um dos poucos que podia fazer alguma objeção se os homens da rainha tentassem queimá-la. Então ela se levantou, vestiu o próprio manto e o seguiu pela nevasca.

Estava perdida antes de percorrer dez metros. Asha podia ver o fogo do farol queimando no topo da torre de vigia, um tênue brilho laranja flutuando no ar. Todo o resto da vila se fora. Estava sozinha em um mundo branco de neve e silêncio, passando por montes de neve tão altos quanto suas coxas.

– *Justin?* – chamou. Não houve resposta. Em algum lugar à sua esquerda, ouviu um cavalo relinchando. *O pobrezinho parece assustado. Talvez saiba que será a ceia de amanhã*. Asha apertou o manto contra o corpo.

Tropeçou de volta para a praça da vila sem perceber. As estacas de pinheiro ainda estavam lá, queimadas e carbonizadas, mas não destruídas pelo fogo. As correntes dos mortos haviam esfriado, ela viu, mas ainda

prendiam os cadáveres em seu abraço de ferro. Um corvo estava empoleirado sobre um deles, arrancando nacos de carne queimada que se agarravam ao crânio enegrecido. A neve cobrira as cinzas na base da pira e subira pela perna do morto até a altura do tornozelo. *Os antigos deuses pretendem enterrá-lo*, Asha pensou. *Isso não é trabalho deles.*

– Dê uma boa olhada, boceta – a voz profunda de Clayton Suggs disse, atrás dela. – Você parecerá tão bonita quanto eles, quando estiver assada. Diga-me, as lulas são capazes de gritar?

*Deus dos meus pais, se pode me ouvir em seus salões molhados sob as ondas, dê-me apenas um machado de arremesso pequeno*. O Deus Afogado não respondeu. Ele raramente respondia. Esse era o problema dos deuses.

– Viu Sor Justin?

– Aquele tolo empinado? O que quer com ele, boceta? Se precisa de uma foda, sou mais homem do que Massey.

*Boceta de novo?* Era estranho como homens como Suggs usavam aquela palavra para humilhar as mulheres, quando era a única parte de uma mulher que valorizavam. E Suggs era pior do que Liddle do Meio. *Quando ele falou essa palavra, queria dizer isso*.

– Seu rei castra homens por estupro – ela o recordou.

Sor Clayton gargalhou.

– O rei está meio cego de encarar as chamas. Mas não tenha medo, boceta, não estuprarei você. Eu teria que matar você depois, e prefiro ver você queimar.

*Aquele cavalo novamente.*

– Ouviu isso?

– Ouvi o quê?

– Um cavalo. Não, cavalos. Mais do que um. – Ela virou a cabeça, ouvindo. A neve fazia coisas estranhas ao som. Era difícil saber de que direção vinha.

– Isso é algum jogo de lula? Não escuto... – Suggs fez uma careta. – Maldito inferno. Cavaleiros. – Ele se atrapalhou com seu cinturão, as mãos desajeitadas em suas luvas de pele e couro, até que finalmente conseguiu desembainhar sua espada longa.

Então os cavaleiros já estavam sobre eles.

Emergiram da tempestade como um bando de criaturas, grandes homens em pequenos cavalos, ainda maiores por causa das peles volumosas que usavam. Levavam espadas nos quadris, que cantavam sua suave canção de aço enquanto balançavam nas bainhas. Asha viu um machado de batalha amarrado à sela de um homem e um martelo de guerra nas costas de outro. Usavam escudos também, mas tão escondidos pela neve e pelo gelo que os braços sobre eles não podiam ser decifrados. Com todas as camadas de lã, pele e couro fervido que usava, Asha se sentia nua parada ali. *Um berrante*, pensou, *preciso de um berrante para despertar o acampamento.*

– Corra, sua boceta estúpida – Sor Clayton gritou. – Corra para avisar o rei. Lorde Bolton está sobre nós. – Ele podia ser grosseiro, mas não faltava coragem a Suggs. Espada na mão, caminhou pela neve, colocando-se entre os cavaleiros e a torre do rei, o farol brilhando atrás dele como o olho laranja de algum deus estranho. – Quem vem lá? Alto! *Alto*!

O cavaleiro que vinha na frente parou diante dele. Atrás vinham outros, talvez um grupo inteiro. Asha não teve tempo de contá-los. Centenas mais podiam estar lá fora, na tempestade, vindo logo em seus calcanhares. A tropa inteira de Roose Bolton podia estar descendo sobre eles, escondidos pela escuridão e pela neve. Esses, no entanto...

*São muitos para ser batedores e poucos para ser uma vanguarda.* E dois estavam completamente de negro. *A Patrulha da Noite*, percebeu, repentinamente.

– Quem são vocês? – ela perguntou.

– Amigos – uma voz meio familiar respondeu. – Procuramos por vocês em Winterfell, mas encontramos apenas o Papa Corvos Umber batendo tambores e soprando berrantes. Levou algum tempo para acharmos vocês. – O cavaleiro saltou de sua sela, abaixou o capuz e inclinou-se. Sua barba estava tão grossa e tão incrustada de gelo que, por um momento, Asha não o reconheceu. Então soube.

–*Tris*? – ela disse.

– Minha senhora. – Tristifer Botley ajoelhou-se. – O Donzel está aqui também. Roggon, Linguacruel, Dedos, Rook... seis de nós, todos os que tinham condições de cavalgar. Cromm morreu de seus ferimentos.

– O que é isso? – Sor Clayton Suggs exigiu saber. – Você é um dos dela? Como conseguiu escapar dos calabouços de Bosque Profundo?

Tris se levantou e limpou a neve dos joelhos.

– Sybelle Glover recebeu uma bela oferta de resgate pela nossa liberdade, e resolveu aceitá-la em nome do rei.

– Que resgate? Quem pagaria por essa escória do mar?

– Eu paguei, sor. – O homem que respondeu veio adiante com seu garrano. Era muito alto, muito magro, com pernas tão longas que era de se admirar que seus pés não arrastassem no chão. – Eu precisava de uma forte escolta para me trazer em segurança até o rei, e a Senhora Sybelle precisava de menos bocas para alimentar. – Um lenço cobria as feições do homem alto, mas sobre sua cabeça estava empoleirado o chapéu mais estranho que Asha já vira desde a última vez que navegara até Tyrosh, uma torre sem bordas de algum tecido macio, como três cilindros enfiados uns sobre os outros. – Fui dado a entender que poderia encontrar o Rei Stannis aqui. É muito urgente que eu fale com ele imediatamente.

– E quem, pelos sete malditos infernos, é você?

O homem alto deslizou graciosamente de seu garrano, tirou seu peculiar chapéu e fez uma mesura.

– Tenho a honra de ser Tycho Nestoris, um humilde servo do Banco de Ferro de Bravos.

De todas as coisas estranhas que podiam sair cavalgando pela noite, a última que Asha Greyjoy jamais esperara era um banqueiro bravosi. Era absurdo demais. Ela teve que rir.

– O Rei Stannis pegou a torre do vigia para si. Sor Clayton terá prazer em mostrá-la para você, tenho certeza.

– Isso seria muito gentil. Tempo é a essência. – O banqueiro a estudou com seus astutos olhos escuros. – Você é a Senhora Asha da Casa Greyjoy, a menos que eu esteja enganado.

– Sou Asha da Casa Greyjoy, sim. As opiniões diferem a respeito de eu ser uma senhora.

O bravosi sorriu.

– Trouxemos um presente para você. – Acenou para os homens atrás dele. – Esperávamos encontrar o rei em Winterfell. Essa mesma nevasca tomou conta do castelo, infelizmente. Sob suas muralhas, encontramos

Mors Umber com uma tropa de meninos inexperientes, esperando pela chegada do rei. Ele nos deu isso.

*Uma garota e um velho*, Asha pensou, quando os dois foram rudemente jogados na neve diante dela. A garota tremia violentamente, mesmo em suas peles. Se não estivesse tão assustada, poderia até mesmo ser bonita, embora a ponta de seu nariz estivesse negra pelo congelamento. O velho... ninguém jamais pensaria em considerá-lo atraente. Ela vira espantalhos com mais carne. Seu rosto era uma caveira com pele, seu cabelo era branco e sujo. E *fedia*. Apenas a visão dele enchia Asha de repulsa.

Ele levantou os olhos.

– Irmã. Veja. Desta vez eu a reconheci.

O coração de Asha pulou no peito.

– *Theon?*

Os lábios dele se afastaram no que poderia ter sido um sorriso. Metade de seus dentes se foram, e metade daqueles que ainda tinha estavam quebrados ou lascados.

– Theon – ele repetiu. – Meu nome é Theon. Você tem que saber seu *nome*.

# Victarion

O mar estava negro e a lua, prateada, quando a Frota de Ferro caiu sobre a presa.

Eles a viram no estreito entre a Ilha de Cedros e as colinas escarpadas do interior astapori, exatamente como o sacerdote negro Moqorro dissera que encontrariam.

– Ghiscari – Aguado Pyke gritou do cesto do alto do mastro. Victarion Greyjoy viu a vela ficar cada vez maior do castelo de proa. Logo veria os remos levantando e baixando, e o longo rastro branco atrás do barco, brilhando na lua como uma cicatriz no mar.

*Não é um navio de guerra de verdade*, Victarion percebeu. *Uma galé mercante, e das grandes*. Daria um bom prêmio. Fez sinal para os capitães atacarem. Tinham que invadir o navio e tomá-lo.

O capitão da galé já percebera o perigo. Mudou o curso para oeste, em direção à Ilha de Cedros, talvez na esperança de se abrigar em alguma enseada escondida, ou de levar seus perseguidores até as pedras irregulares ao longo da costa nordeste da ilha. A galé, no entanto, estava sobrecarregada, e os homens de ferro estavam a favor do vento. O *Luto* e o *Vitória de Ferro* bloquearam o caminho da galé até as pedras, enquanto o rápido *Gavião* e o ágil *Dança dos Dedos* aproximavam-se por trás. Mesmo assim, o capitão ghiscari não abaixou sua bandeira. A essa altura, o *Lamentação* chegou ao lado da presa, encostando a bombordo e estilhaçando seus remos, os dois navios tão próximos das ruínas assombradas de Ghozai que podiam ouvir os macacos tagarelando enquanto as primeiras luzes da madrugada cobriam as pirâmides quebradas da cidade.

O prêmio chamava-se *Aurora Ghiscari*, disse o capitão da galé, quando foi levado acorrentado até Victarion. Tinha saído de Nova Ghis e retornava para lá por Yunkai, após negociar em Meereen. O homem não

falava nenhuma língua decente, apenas um ghiscari gutural, cheio de rosnados e assobios, o idioma mais feio que Victarion Greyjoy já havia ouvido. Moqorro traduziu as palavras do capitão para a Língua Comum de Westeros. A guerra por Meereen estava ganha, o capitão afirmava; a rainha dragão estava morta e um ghiscari chamado Hizdahr governava a cidade.

Victarion mandou arrancar a língua do homem por mentir. Daenerys Targaryen *não* estava morta, Moqorro lhe assegurara; seu deus vermelho R'hllor havia lhe mostrado o rosto da rainha em suas chamas sagradas. Victarion não podia tolerar mentiras, então o capitão ghiscari teve as mãos e os pés amarrados e foi atirado ao mar, como sacrifício para o Deus Afogado.

– Seu deus vermelho terá o que lhe é devido – prometeu para Moqorro –, mas os mares são governados pelo Deus Afogado.

– Não há outros deuses além de R'hllor e do Outro, cujo nome não deve ser dito. – O sacerdote feiticeiro estava vestido todo de negro, com exceção de um fio dourado na gola, punhos e bainhas. Não havia tecido vermelho a bordo do *Vitória de Ferro*, mas não era justo que Moqorro ficasse com os trapos manchados de sal que usava quando a Ratazana o pescou do mar. Então Victarion ordenou que Tom Tidewood costurasse novas túnicas para ele com o que tivesse à mão, e até mesmo doara algumas de suas próprias roupas para esse fim. Eram negras e douradas, por causa das armas da Casa Greyjoy que traziam uma lula gigante dourada em um campo negro, e os estandartes e as velas de seus navios mostravam a mesma imagem. As túnicas carmesins e escarlate dos sacerdotes vermelhos eram estranhas aos homens de ferro, mas Victarion esperava que seus homens pudessem aceitar Moqorro mais facilmente uma vez que estivesse vestido nas cores Greyjoy.

Sua esperança foi vã. Vestido de negro da cabeça aos pés, com uma máscara vermelha e laranja de chamas tatuadas no rosto, o sacerdote parecia mais sinistro do que nunca. A tripulação o evitava quando ele caminhava pelo convés, e os homens cuspiam se a sombra do sacerdote caísse sobre eles. Mesmo a Ratazana, que havia pescado Moqorro no mar, incitara Victarion a dá-lo ao Deus Afogado.

Mas Moqorro conhecia esses estranhos litorais de modos que os homens de ferro não conheciam, e segredos dos dragões também. *Se o*

*Olho de Corvo pode ter bruxos, por que eu não posso?* Seu feiticeiro negro era mais poderoso do que todos os três de Euron, mesmo se jogasse todos eles numa panela e os transformasse em apenas um. O Cabelo Molhado desaprovaria, mas Aeron e suas devoções estavam muito distantes.

Então Victarion fechou a mão queimada em um punho poderoso e disse:

– *Aurora Ghiscari* não é um bom nome para um navio da Frota de Ferro. Por você, feiticeiro, eu o renomearei *Ira do Deus Vermelho*.

Seu feiticeiro inclinou a cabeça.

– Como meu capitão queira. – E os navios da Frota de Ferro somavam cinquenta e quatro novamente.

No dia seguinte, uma tempestade repentina caiu sobre eles. Moqorro previra aquilo também. Quando as chuvas passaram, três navios haviam desaparecido. Victarion não tinha como saber se tinham afundado, encalhado ou saído do curso.

– Eles sabem para onde estamos indo – disse para a tripulação. – Se ainda estão flutuando, nós os encontraremos novamente.

O capitão de ferro não tinha tempo para esperar por retardatários. Não com sua noiva cercada por inimigos. *A mulher mais bonita do mundo precisa urgentemente do meu machado*.

Além disso, Moqorro lhe assegurara que os três navios não estavam perdidos. A cada noite, o sacerdote feiticeiro acendia uma fogueira no castelo de proa do *Vitória de Ferro* e caminhava ao redor das chamas, entoando orações. A luz do fogo fazia sua pele negra brilhar como ônix polido, e, algumas vezes, Victarion podia jurar que as chamas tatuadas no rosto dele também dançavam, contorcendo-se e dobrando-se, fundindo-se umas nas outras, as cores mudando cada vez que o sacerdote virava a cabeça.

– O sacerdote negro está chamando demônios sobre nós – ouviram um remador dizer. Quando aquilo foi relatado para Victarion, ele mandou que o homem fosse açoitado até que suas costas estivessem ensanguentadas dos ombros às nádegas. Então, quando Moqorro disse:

– Suas ovelhas perdidas retornarão ao rebanho depois da ilha chamada Yaros.

O capitão respondeu:

– Reze para que sim, sacerdote. Ou você pode ser o próximo a sentir o gosto do chicote.

O mar estava azul e verde, e o sol resplandecia em um limpo céu azul quando a Frota de Ferro conseguiu seu segundo prêmio, nas águas a noroeste de Astapor.

Dessa vez era uma coca de Myr chamada *Pomba*, que estava a caminho de Yunkai, passando por Nova Ghis, com um carregamento de tapetes, vinhos verdes doces e renda myrish. Seu capitão tinha um olho de Myr que fazia coisas distantes parecerem próximas – duas lentes de vidro em uma série de tubos de cobre, ardilosamente forjados para que cada seção deslizasse dentro da seguinte, até que o olho não fosse maior do que um punhal. Victarion reivindicou aquele tesouro para si. A coca foi renomeada *Picanço*. A tripulação seria mantida para resgate, o capitão decretou. Não eram nem escravos nem mercadores de escravos, mas homens livres de Myr e marinheiros experientes. Tais homens valiam um bom dinheiro. Zarpando de Myr, o *Pomba* não trouxe nenhuma notícia fresca de Meereen ou Daenerys, apenas relatos obsoletos de cavaleiros dothrakis ao longo do Roine, da Companhia Dourada em marcha, e outras coisas que Victarion já sabia.

– O que você vê? – o capitão perguntou para seu sacerdote negro naquela noite, quando Moqorro ficou diante de sua fogueira noturna. – O que nos espera amanhã? Mais chuva? – Para ele, o ar estava com cheiro de chuva.

– Céus cinzentos e ventos fortes – disse Moqorro. – Nenhuma chuva. Atrás vêm os tigres. Adiante, seu dragão aguarda.

*Seu dragão*. Victarion gostou de como aquilo soou.

– Diga-me algo que eu não saiba, sacerdote.

– O capitão ordena, e eu obedeço – falou Moqorro. A tripulação começara a chamá-lo de Chama Negra, nome dado pelo Gago Steffar, que não conseguia dizer "Moqorro". Qualquer que fosse o nome, o sacerdote tinha poderes. – A linha costeira aqui vai de oeste para leste – ele disse para Victarion. – Onde ela vira para o norte, você conseguirá mais duas lebres. Rápidas, com muitas pernas.

E assim aconteceu. Dessa vez, a presa provou ser um par de galeras, longas, elegantes e velozes. Ralf, o Coxo, foi o primeiro a vê-las, mas elas logo se distanciaram do *Aflição* e do *Esperança Perdida*, então

Victarion enviou *Vento de Ferro*, *Gavião* e *Beijo da Lula Gigante* para persegui-los. Ele não tinha navios mais rápidos do que aqueles três. A perseguição durou grande parte do dia, mas no final as duas galeras foram abordadas e tomadas, depois de lutas breves e brutais. Estavam navegando vazias, Victarion descobriu, indo para Nova Ghis para carregar suprimentos e armas para as legiões ghiscaris acampadas do lado de fora de Meereen... e para levar novos legionários à guerra, para substituir os homens que haviam morrido.

– Homens mortos em batalha? – perguntou Victarion. As tripulações das galeras negaram; as mortes eram do fluxo sangrento. A égua descorada, eles chamavam. E, como o capitão do *Aurora Ghiscari*, os capitães das galeras repetiram a mentira que Daenerys Targaryen estava morta.

– Deem a ela um beijo por mim em qualquer que seja o inferno que a encontrem – Victarion disse. Pediu seu machado e cortou as cabeças deles ali mesmo. Depois, condenou as tripulações à morte também, salvando apenas os escravos acorrentados aos remos. Quebrou as correntes deles e lhes disse que agora eram homens livres e que teriam o privilégio de remar para a Frota de Ferro, uma honra que todo garoto das Ilhas de Ferro sonhava ter quando crescesse. – A rainha dragão liberta escravos, e eu faço o mesmo – proclamou.

Renomeou as galeras como *Fantasma* e *Sombra*.

– Elas voltarão e assombrarão esses yunkaítas – disse para a mulher morena naquela noite, depois que teve seu prazer com ela. Estavam perto, agora, e ficando mais perto a cada dia. – Cairemos sobre eles como um raio – falou, enquanto apertava o seio da mulher. Ele se perguntava se era assim que seu irmão Aeron se sentia quando o Deus Afogado falava com ele. Quase podia ouvir a voz do deus brotando das profundezas do mar. *Você deve me servir bem, meu capitão*, as ondas pareciam dizer. *Foi para isso que fiz você.*

Mas ele alimentaria o deus vermelho também, o deus das chamas de Moqorro. O braço que o sacerdote curara estava horrível de se ver, um torresmo de porco do cotovelo à ponta dos dedos. Algumas vezes, quando Victarion fechava a mão, a pele se abria e soltava fumaça, e mesmo assim o braço estava mais forte do que jamais estivera.

– Dois deuses estão comigo agora – disse para a mulher morena. – Nenhum inimigo consegue se sustentar diante de dois deuses. – Então a virou de costas e a tomou mais uma vez.

Quando as falésias de Yaros apareceram a bombordo, Victarion encontrou os três navios perdidos esperando por ele, exatamente como Moqorro prometera. O capitão deu ao sacerdote um torc de ouro como recompensa.

Agora, tinha que fazer uma escolha: arriscaria ir pelo estreito, ou faria a Frota de Ferro circundar a ilha? A lembrança da Ilha Leal ainda incomodava o capitão de ferro. Stannis Baratheon descera sobre a Frota de Ferro pelo norte e pelo sul, simultaneamente, enquanto ficavam presos no canal entre a ilha e o continente, levando Victarion à sua mais esmagadora derrota. Mas navegar ao redor de Yaros custaria dias preciosos. Com Yunkai tão perto, a navegação pelo estreito devia ser lenta, mas ele não esperava encontrar navios de guerra yunkaítas até estarem mais perto de Meereen.

*O que o Olho de Corvo faria?* Meditou sobre aquilo por um tempo, então fez sinal para seus capitães.

– Navegaremos pelo estreito.

Mais três prêmios foram tomados antes que Yaros sumisse em sua popa. Uma gorda galé foi capturada pelo Ratazana e o *Luto*, e uma galera mercante por Marfryd Merlyn, no *Pipa*. Seus porões estavam cheios de mercadorias, vinhos, sedas e especiarias, madeiras raras e perfumes mais raros ainda, mas os próprios navios eram o prêmio verdadeiro. Mais tarde, naquele dia, um veleiro de pesca foi tomado pelo *Sete Crânios* e pelo *Ruína da Servidão*. Era uma coisa pequena, lenta e suja, que dificilmente valeria o esforço da abordagem. Victarion não gostou de saber que foram necessários dois de seus navios para capturar os pescadores. Mesmo assim, foi dos lábios deles que escutou a história do retorno do dragão.

– Ela voou no dragão, para além do mar dothraki.

– Onde é o mar dothraki? – ele exigiu saber. – Navegarei com a Frota de Ferro por ele e encontrarei a rainha onde quer que ela esteja.

O pescador riu em voz alta.

– Isso é uma coisa que valeria a pena ver. O mar dothraki é feito de grama, seu tolo.

Ele não devia ter dito aquilo. Victarion o agarrou pela garganta com sua mão queimada e o levantou no ar. Batendo suas costas contra o mastro, apertou até que o rosto do yunkaíta ficasse negro como os dedos que penetravam em sua carne. O homem chutou e se contorceu por um momento, tentando inutilmente se soltar do aperto do capitão.

– Nenhum homem chama Victarion Greyjoy de tolo e vive para se gabar disso. – Quando abriu a mão, o corpo mole do homem caiu no convés. Aguado Pyke e Tom Tidewood o atiraram pela amurada, outra oferta ao Deus Afogado.

– Seu Deus Afogado é um demônio – o sacerdote negro Moqorro disse, mais tarde. – Ele não é mais do que um servo do Outro, o deus sombrio cujo nome não deve ser dito.

– Tome cuidado, sacerdote – Victarion o avisou. – Há homens piedosos a bordo deste navio que arrancariam sua língua por falar tais blasfêmias. Seu deus vermelho terá seu tributo, eu prometo. Minha palavra é de ferro. Pergunte para qualquer um.

O sacerdote negro inclinou a cabeça.

– Não há necessidade. O Senhor da Luz me mostrou seu valor, senhor capitão. A cada noite, em minhas chamas, vislumbro a glória que aguarda por você.

Aquelas palavras agradaram Victarion Greyjoy imensamente, como disse à mulher morena naquela noite.

– Meu irmão Balon foi um grande homem – comentou –, mas eu farei o que ele não pôde fazer. As Ilhas de Ferro serão livres novamente, e o Costume Antigo voltará. Nem mesmo Dagon pôde fazer isso. – Quase uma centena de anos se passara desde que Dagon Greyjoy sentou-se na Cadeira de Pedra do Mar, mas os homens de ferro ainda contavam histórias de suas pilhagens e batalhas. Na época de Dagon, um rei fraco sentava-se no Trono de Ferro, seus olhos remelentos fixos no outro lado do mar estreito, onde bastardos e exilados tramavam rebeliões. Então, Lorde Dagon saiu de Pyke para tornar seu o Mar do Pôr do Sol. – Ele enfrentou o leão em seu covil e deu nós no rabo do lobo gigante, mas nem mesmo Dagon pôde derrotar os dragões. Mas eu tornarei a rainha dragão minha. Ela partilhará minha cama e me dará muitos filhos poderosos.

Naquela noite, os navios da Frota de Ferro somavam sessenta.

Velas estranhas se tornavam mais comuns ao norte de Yaros. Estavam muito perto de Yunkai agora, e a costa entre a Cidade Amarela e Meereen estaria repleta de navios mercantes e de abastecimento indo e vindo, então Victarion levou a Frota de Ferro para águas mais profundas, além do alcance da vista de terra. Mesmo lá encontrariam outras embarcações.

– Não deixem ninguém escapar para avisar nossos inimigos – o capitão de ferro ordenou. Ninguém escapou.

O mar estava verde e o céu, cinza, na manhã em que *Luto*, *Guerreira Meretriz* e *Vitória de Ferro* do próprio Victarion capturaram a galé de traficantes de escravos de Yunkai nas águas exatamente ao norte da Cidade Amarela. Em seus porões estavam vinte garotos perfumados e quatro grupos de garotas destinados às casas de prazer de Lys. A tripulação jamais imaginara encontrar perigo em águas tão próximas de casa, e os homens de ferro tiveram pouco trabalho para tomar o navio. Chamava-se *Donzela Disposta.*

Victarion passou os traficantes de escravos pela espada, então enviou seus homens para baixo para desacorrentar os remadores.

– Vocês remam para mim, agora. Remem forte, e prosperarão. – Dividiu as garotas entre seus capitães. – Os lisenos transformariam vocês em prostitutas – disse para elas –, mas nós salvamos vocês. Agora, terão que servir a apenas um homem, em vez de vários. Aquelas que agradarem seus capitães podem ser tomadas como esposas de sal, uma posição honrosa. – Os meninos perfumados foram enrolados em correntes e atirados ao mar. Eram criaturas não naturais, e o navio cheirou melhor depois que foi limpo da presença deles.

Para si, Victarion reivindicou as sete garotas mais seletas. Uma tinha cabelo vermelho-dourado e sardas nas tetas. Outra se depilava completamente. Outra tinha cabelos e olhos castanhos, e era tímida como um camundongo. Outra, ainda, tinha os maiores seios que ele já vira. A quinta era uma coisinha, com cabelos pretos lisos e pele dourada. Seus olhos eram da cor do âmbar. A sexta era branca como leite, com anéis dourados nos mamilos e nos lábios inferiores, a sétima era negra como tinta de lula. Os senhores de escravos de Yunkai as haviam treinado no caminho dos sete suspiros, mas não era para isso que Victarion precisava delas. Sua mulher morena era suficiente para satisfazer seus apetites até

que pudesse chegar a Meereen e reivindicar sua rainha. Nenhum homem precisava de velas quando o sol aguardava por ele.

A galé foi renomeada como *Grito dos Traficantes de Escravos*. Com mais esse, os navios da Frota de Ferro chegaram a sessenta e um.

– Cada navio que capturamos nos deixa mais fortes – Victarion disse para seus homens de ferro –, mas, a partir daqui, ficará mais difícil. Amanhã ou no dia seguinte, encontraremos navios de guerra. Estamos entrando nas águas de Meereen, onde as frotas de nossos inimigos aguardam por nós. Encontraremos navios de todas as Cidades-Escravos, navios de Tolos, de Elyria e Nova Ghis, até mesmo navios de Qarth. – Tomou cuidado de não mencionar as galés novas da Antiga Volantis que certamente estavam navegando pelo Golfo da Aflição enquanto falavam. – Esses senhores de escravos são coisas frágeis. Vocês viram como eles correm diante de nós, ouviram como guincham quando os passamos pela espada. Cada um de vocês vale vinte deles, pois somente nós somos feitos de ferro. Lembrem-se disso quando avistarmos a próxima vela de traficantes de escravos. Não deem trégua e não esperem por ela. Que necessidade temos de trégua? Somos homens de ferro, e dois deuses olham por nós. Vamos capturar seus navios, esmagar suas esperanças e transformar a baía deles em sangue.

Um grande clamor seguiu-se às suas palavras. O capitão respondeu com um aceno de cabeça, o rosto sério, e então pediu que as sete garotas que havia reivindicado fossem trazidas ao convés, as mais adoráveis de todas encontradas a bordo do *Donzela Disposta*. Beijou cada uma nas bochechas e falou-lhes da honra que as aguardava, embora elas não entendessem o que ele dizia. Então, colocou-as a bordo do veleiro de pesca que haviam capturado, desamarrou-o e colocou fogo nele.

– Com esse presente de inocência e beleza, honramos os dois deuses – proclamou, enquanto os barcos de guerra da Frota de Ferro passavam remando pelo veleiro em chamas. – Que essas garotas renasçam na luz, sem máculas pelas luxúrias mortais, ou que desçam até os salões molhados do Deus Afogado, para se banquetear, dançar e rir até que os mares sequem.

Perto do fim, antes que o veleiro queimado fosse engolido pelo mar, pareceu a Victarion Greyjoy que os gritos das sete doçuras tinham se transformado em um canto alegre. Um grande vento veio, então, um

vento que inflou suas velas e os varreu para o norte e leste, e para o norte novamente, em direção a Meereen e suas pirâmides de tijolos multicoloridos. *Nas asas da canção, voo até você, Daenerys*, o capitão de ferro pensou.

Naquela noite, pela primeira vez, ele pegou o berrante do dragão que o Olho de Corvo encontrara entre as ruínas fumegantes da grande Valíria. Era uma coisa retorcida, com um metro e oitenta de ponta a ponta, negro cintilante, e unido com faixas de ouro vermelho e escuro aço valiriano. *O berrante do inferno de Euron*. Victarion correu a mão por ele. O berrante era morno e suave como as coxas da mulher morena, e tão brilhante que podia ver a imagem distorcida de seu rosto em suas profundezas. Estranhos escritos mágicos haviam sido entalhados nas faixas que o cingiam.

– Hieróglifos valirianos – Moqorro reconheceu.

Isso Victarion já sabia.

– O que dizem?

– Muito e ainda mais. – O sacerdote negro apontou para uma faixa dourada. – Aqui está o nome do berrante. *Sou o Atador de Dragões*, diz. Você já ouviu o som que ele faz?

– Uma vez. – Um dos mestiços de seu irmão havia soado o berrante do inferno na assembleia de homens livres, na Velha Wyk. Era um monstro de homem, imenso e de cabeça raspada, com anéis de ouro, âmbar negro e jade ao redor dos braços musculosos, e um grande falcão tatuado no peito. – O som que ele faz... queima, de alguma maneira. Como se meus ossos estivessem pegando fogo, queimando minha carne por dentro. Esses escritos brilhavam vermelho-incandescente, depois branco-quente, doloroso de se olhar. Parecia que o som não acabaria nunca. Era como um longo grito. Mil gritos, todos fundidos em um só.

– E o homem que soprou o berrante, o que aconteceu com ele?

– Morreu. Apareceram bolhas em seus lábios, depois disso. Sua ave sangrava, também. – O capitão bateu no peito. – O falcão, bem aqui. Cada pena pingava sangue. Ouvi dizer que o homem estava todo queimado por dentro, mas pode ter sido só história.

– Uma história verdadeira – Moqorro virou o berrante do inferno, examinando as estranhas letras entalhadas em uma segunda faixa dourada. – Aqui diz: *Nenhum homem mortal deve me fazer soar e viver*.

Victarion meditou amargamente sobre a traição de irmãos. *Os presentes de Euron são sempre envenenados*.

– O Olho de Corvo jurou que este berrante prenderia os dragões à minha vontade. Mas como isso vai me servir se o preço é a morte?

– Seu irmão não tocou o berrante ele mesmo. Nem você deve fazer isso. – Moqorro apontou para a faixa de aço. – *Sangue por fogo, fogo por sangue*. Quem sopra o berrante, não importa. Os dragões virão para o mestre do berrante. Você deve *reivindicar* o berrante. Com sangue.

# A garotinha feia

Onze servos do Deus de Muitas Caras se reuniram naquela noite embaixo do templo, mais do que ela jamais vira juntos de uma única vez. Apenas o fidalgote e o sujeito gordo chegaram pela porta da frente; o restante veio por caminhos secretos, através de túneis e passagens ocultas. Vestiam túnicas pretas e brancas, mas, conforme tomava seu assento, cada homem puxava o capuz para baixo, para mostrar o rosto que havia escolhido usar naquele dia. As altas cadeiras eram esculpidas em ébano e represeiro, como as portas do templo acima. As cadeiras de ébano tinham rostos de represeiros na parte de trás, e as cadeiras de represeiro tinham rostos esculpidos em ébano.

Outro acólito estava do lado oposto do salão com um garrafão de vinho tinto escuro. Ela segurava a água. Sempre que um dos servos desejava beber, erguia os olhos ou curvava um dedo, e um deles – ou ambos – ia até lá encher seu copo. Mas, na maior parte do tempo, ficaram esperando olhares que nunca vieram. *Sou esculpida em pedra*, ela recordou a si mesma. *Sou uma estátua, como os Senhores do Mar que ficam ao longo do Canal dos Heróis*. A água estava pesada, mas seus braços eram fortes.

Os sacerdotes usavam a língua de Bravos, embora, uma vez, três falaram acaloradamente em Alto Valiriano por alguns minutos. Em geral, a garota entendia as palavras, mas eles falavam com voz suave, e nem sempre ela conseguia ouvir.

– Conheço este homem – ela ouviu um sacerdote com o rosto de uma vítima da praga dizer.

– Conheço este homem – o sujeito gordo ecoou, enquanto ela o servia.

Mas o homem bonito disse:

– Darei a este homem o presente, não o conheço. – Mais tarde, o vesgo disse a mesma coisa de mais alguém.

Depois de três horas de vinho e conversas, os sacerdotes partiram... todos menos o homem gentil, a criança abandonada e aquele cujo rosto mostrava marcas da praga. Suas bochechas estavam cobertas com feridas purulentas e o cabelo tinha caído. Sangue pingava de uma narina, e havia crostas nos cantos dos dois olhos.

– Nosso irmão quer ter algumas palavras com você, filha – o homem gentil disse para ela. – Sente-se, se desejar. – Ela se sentou em uma cadeira de represeiro com rosto de ébano. Feridas ensanguentadas não a aterrorizavam. Havia muito tempo que estava na Casa do Preto e Branco para se assustar com um rosto enganoso.

– Quem é você? – o rosto com a praga perguntou, quando ficaram sozinhos.

– Ninguém.

– Não é assim. Você é Arya da Casa Stark, que morde o lábio e não pode contar uma mentira.

– Eu era. Não sou agora.

– Por que está aqui, mentirosa?

– Para servir. Para aprender. Para mudar meu rosto.

– Primeiro, mude seu coração. O presente do Deus de Muitas Caras não é um brinquedo de criança. Você mataria para seus próprios propósitos, para sua própria satisfação. Nega isso?

Ela mordeu o lábio.

– Eu...

Ele a esbofeteou.

O golpe deixou seu rosto ardendo, mas ela sabia que tinha merecido.

– Obrigada. – Com tapas suficientes, poderia parar de morder o lábio. *Arya* fazia aquilo, não o lobo da noite. – Eu nego.

– Você mente. Posso ver a verdade nos seus olhos. Você tem olhos de lobo e gosto por sangue.

*Sor Gregor*, ela não podia deixar de pensar. *Dunsen, Raff, o Querido*. *Sor Ilyn, Sor Meryn, Rainha Cersei*. Se falasse, teria que mentir, e ele saberia. Manteve silêncio.

– Você era uma gata, me disseram. Rondando pelos becos que cheiram a peixe, vendendo vôngoles e mexilhões por dinheiro. Uma vida pequena, bem adequada a uma criatura pequena como você. Peça e isso lhe será

devolvido. Empurre seu carrinho de mão, grite para vender seus produtos, seja feliz. Seu coração é muito brando para ser uma de nós.

*Ele pretende me mandar embora*.

– Não tenho coração. Tenho apenas um buraco. Matei muitas pessoas. Posso matar você se eu quiser.

– Isso teria um gosto doce para você?

Ela não sabia a resposta correta.

– Talvez.

– Então você não pertence a este lugar. A morte não traz doçura nesta casa. Não somos guerreiros, nem soldados, nem fanfarrões bravosis com o peito estufado de orgulho. Não matamos para servir a algum senhor, para engordar nossas bolsas, para afagar nosso orgulho. Nunca damos o presente para agradar a nós mesmos. Nem escolhemos quem matar. Somos apenas servos do Deus de Muitas Caras.

– *Valar dohaeris*. – *Todos os homens devem servir*.

– Você conhece as palavras, mas é orgulhosa demais para servir. Uma serva deve ser humilde e obediente.

– Eu obedeço. E posso ser mais humilde do que qualquer um.

Aquilo o fez rir.

– Você será a própria deusa da humildade, tenho certeza. Mas consegue pagar o preço?

– Que preço?

– O preço é você. O preço é tudo o que você tem e tudo o que já esperou ter. Tomamos seus olhos e os devolvemos a você. Da próxima vez, pegaremos seus ouvidos, e você andará no silêncio. Você nos dará suas pernas, e rastejará. Você não será filha de ninguém, esposa de ninguém, mãe de ninguém. Seu nome será uma mentira, e até mesmo o rosto que você usar não será o seu.

Ela quase mordeu o lábio novamente, mas dessa vez parou a tempo. *Meu rosto é uma piscina escura, escondendo tudo, não mostrando nada.* Pensou em todos os nomes que já usara: Arry, Doninha, Nymeria, Gata dos Canais. Pensou naquela garota estúpida de Winterfell, chamada Arya Cara de Cavalo. Nomes não importavam.

– Posso pagar o preço. Me dê um rosto.

– Rostos devem ser ganhos.

– Diga-me como.

– Dando um certo presente para um certo homem. Pode fazer isso?

– Que homem?

– Ninguém que você conheça.

– Não conheço um monte de gente.

– Ele é um deles. Um estranho. Ninguém que você ame, ninguém que você odeie, ninguém que jamais tenha visto. Você o matará?

– Sim.

– Então, amanhã, você será a Gata dos Canais novamente. Use aquele rosto, observe, obedeça. E veremos se é realmente digna de servir Aquele de Muitas Caras.

Então, no dia seguinte, ela voltou para Brusco e suas filhas na casa do canal. Os olhos de Brusco se arregalaram quando ele a viu, e Brea teve um pequeno sobressalto.

– *Valar morghulis* – a Gata disse, a modo de cumprimento.

– *Valar dohaeris* – Brusco respondeu.

Depois disso, foi como se ela nunca tivesse partido.

Deu a primeira olhada no homem que deveria matar mais tarde, naquela manhã, enquanto empurrava seu carrinho de mão pelas ruas pavimentadas que passavam pela frente do Porto Púrpura. Era um velho, já passado dos cinquenta anos. *Ele já viveu muito tempo*, tentou dizer a si mesma. *Por que ele teve tantos anos e meu pai teve tão poucos?* Mas a Gata dos Canais não tinha pai, então manteve aquele pensamento consigo.

– *Vôngoles, mariscos e moluscos* – a Gata gritou, enquanto ele passava –, *ostras, camarões e gordos mexilhões verdes*. – Até sorriu para ele. Algumas vezes, um sorriso era tudo o que era preciso para fazê-los parar e comprar. O velho não sorriu de volta. Fez uma careta para ela e seguiu adiante, espirrando água ao passar em uma poça. O respingo molhou os pés dela.

*Ele não tem cortesia*, ela pensou, observando-o partir. *Seu rosto é duro e mesquinho*. O nariz do velho era pontudo e afiado, os lábios eram finos, os olhos pequenos e juntos. O cabelo estava ficando cinza, mas a barbicha pontuda em seu queixo ainda era negra. A Gata achou que podia ser tingida, e se perguntou por que ele não pintava o cabelo também. Um dos ombros era mais alto do que o outro, dando-lhe um aspecto torto.

– É um homem mau – anunciou naquela noite, quando voltou para a Casa do Preto e Branco. – Seus lábios são cruéis, os olhos são mesquinhos, e ele tem uma barba de canalha.

O homem gentil riu.

– Ele é um homem como qualquer outro, com luz e escuridão. Não cabe a você julgá-lo.

Aquilo a fez parar.

– Os deuses o julgaram?

– Alguns deuses, talvez. Para que servem os deuses se não para julgar os homens? O Deus de Muitas Caras, contudo, não pesa as almas dos homens. Ele dá seu presente para os melhores homens tanto quanto dá para os piores. De outra forma, os bons viveriam para sempre.

As mãos do velho eram a pior coisa nele, a Gata concluiu no dia seguinte, enquanto o observava por detrás de seu carrinho de mão. Os dedos eram compridos e ossudos, sempre se movendo, coçando a barba, cutucando uma orelha, tamborilando em uma mesa, se mexendo, se mexendo, se mexendo. *Suas mãos parecem duas aranhas brancas*. Quanto mais olhava aquelas mãos, mais as odiava.

– Ele mexe demais as mãos – contou para eles, no templo. – Ele deve estar cheio de medo. O presente lhe trará paz.

– O presente traz paz para todos os homens.

– Quando eu o matar, ele olhará nos meus olhos e me agradecerá.

– Se ele fizer isso, você terá falhado. Seria melhor se ele não notasse você de jeito nenhum.

O velho era algum tipo de comerciante, a Gata concluiu após observá-lo por alguns dias. Seu comércio estava relacionado com o mar, embora ela nunca o tivesse visto colocar o pé em um navio. Ele passava os dias sentado em uma loja de sopa perto do Porto Púrpura, uma taça de caldo de cebola esfriando junto ao cotovelo enquanto remexia papéis, lacrava-os com cera e falava em tom cortante com um desfile de capitães, armadores e outros comerciantes, nenhum dos quais parecia gostar muito dele.

Mesmo assim, eles lhe traziam dinheiro: bolsas de couro cheias de ouro, de prata e das moedas de ferro quadradas de Bravos. O velho contava-as cuidadosamente, classificando-as e empilhando-as ordenadamente, umas com as outras. Ele nunca olhava para as moedas.

Em vez disso, ele as mordia, sempre no lado esquerdo de sua boca, onde ainda tinha todos os dentes. De tempos em tempos, girava uma na mesa e ouvia o som que fazia quando parava.

E, quando todas as moedas estavam contadas e provadas, o velho rabiscava algo em um pergaminho, carimbava-o com seu selo e dava ao capitão. Ou, então, balançava a cabeça e empurrava as moedas de volta. Sempre que fazia isso, o outro homem ficava com o rosto vermelho de raiva, ou pálido e com o olhar assustado.

A Gata não entendia.

– Eles pagam ouro e prata para ele, mas ele só lhes dá escritos. São estúpidos?

– Alguns, talvez. A maioria é simplesmente cautelosa. Alguns acham que podem enganá-lo. Mas ele não é um homem que se possa enganar facilmente.

– Mas o que ele está *vendendo*?

– Ele está escrevendo a cada um deles um compromisso. Se seus navios se perderem em uma tempestade ou forem tomados por piratas, ele promete pagar o valor da embarcação e de todo o seu conteúdo.

– É algum tipo de aposta.

– Uma espécie. Uma aposta que todo capitão espera perder.

– Sim, mas se ganharem...

– ... eles perdem seus navios, algumas vezes perdem muitas vidas. Os mares são perigosos, ainda mais no outono. Sem dúvida, muitos capitães que afundaram em uma tempestade tiveram um pouco de consolo com o compromisso que tinham em Bravos, sabendo que suas viúvas e filhos não ficariam desamparados. – Um sorriso triste tomou seus lábios. – Mas uma coisa é escrever tal compromisso, e outra é cumpri-lo.

A Gata entendeu. *Um deles deve odiá-lo. Um deles veio até a Casa do Preto e Branco e rezou para que o deus o levasse.* Ela se perguntava quem teria sido, mas o homem gentil não lhe contaria.

– Não cabe a você bisbilhotar esses assuntos – ele disse. – Quem é você?

– Ninguém.

– Ninguém não faz perguntas. – Ele pegou as mãos dela. – Se não pode fazer isso, só precisa falar. Não há vergonha nisso. Alguns são feitos para

servir ao Deus de Muitas Caras e outros não. Diga as palavras, e tirarei essa tarefa de você.

– Eu farei isso. Disse que faria. Vou fazer.

*Como*, no entanto? Aquilo era mais difícil.

Ele tinha guardas. Dois, um alto e magro e um baixo e robusto. Estavam com ele em todos os lugares, desde quando saía de casa pela manhã até voltar à noite. Não deixavam ninguém se aproximar do velho sem sua permissão. Uma vez, um bêbado quase deu um encontrão nele quando saiu da loja de sopa para ir para casa, mas o magro se colocou entre os dois e deu um empurrão tão forte no homem, que ele caiu no chão. Na loja de sopa, o baixo sempre provava o caldo de cebola primeiro. O velho esperava até que o caldo tivesse esfriado antes de tomar um gole, tempo suficiente para ter certeza de que seu guarda não adoecera.

– Ele está assustado – ela percebeu –, ou então sabe que alguém quer matá-lo.

– Ele não sabe – falou o homem gentil –, mas suspeita.

– Os guardas vão com ele até quando ele vai colocar água para esquentar – ela disse –, mas ele não vai quando eles vão. O alto é o mais rápido. Esperarei até que esteja preparando a água, vou até a loja de sopa e esfaqueio o velho no meio dos olhos.

– E o outro guarda?

– Ele é lento e estúpido. Posso matá-lo também.

– E você é algum carniceiro de campo de batalha, derrubando qualquer homem que atravessa seu caminho?

– Não.

– Espero que não. Você é uma serva do Deus de Muitas Caras, e nós servimos Àquele com Muitas Caras dando seu presente apenas para os que foram marcados e escolhidos.

Ela entendeu. *Matá-lo. Matar apenas ele.*

Ficou mais três dias observando, antes de descobrir uma maneira, e outro dia praticando com sua lâmina de dedo. Roggo Vermelho lhe ensinara a usá-la, mas ela não batia uma carteira desde antes de tirarem sua visão. Queria ter certeza de que ainda sabia como fazer. *Suave e rápido, esse é o jeito*, *sem se atrapalhar*, disse para si mesma, e deslizou a pequena lâmina para fora da manga, uma vez, e mais outra, e outra.

Quando ficou satisfeita em ver que ainda se lembrava, afiou o aço em uma pedra de amolar até que o fio reluziu azul-prateado à luz da vela. A outra parte era mais complicada, mas a criança abandonada estava ali para ajudá-la.

– Darei o presente ao homem amanhã – anunciou, quando estava quebrando o jejum.

– Aquele com Muitas Caras ficará satisfeito. – O homem gentil se levantou. – A Gata dos Canais é muito conhecida. Se for vista fazendo isso, pode trazer problemas para Brusco e suas filhas. É hora de você ter outro rosto.

A garota não sorriu, mas por dentro estava satisfeita. Perdera a Gata uma vez, e lamentara por isso. Não queria perdê-la novamente.

– Que aparência vou ter?

– Feia. As mulheres olharão para o outro lado quando a virem. As crianças a encararão e apontarão. Homens fortes terão pena de você, alguns podem até derramar uma lágrima. Ninguém que olhar para você vai esquecê-la tão cedo. Venha.

O homem gentil tirou uma lanterna de ferro do gancho e a levou pela piscina negra e pelas filas de deuses escuros e silenciosos, até os degraus nos fundos do templo. A criança abandonada seguia atrás deles enquanto desciam. Ninguém falava. O raspar suave de pés calçados nos degraus era o único som. Dezoito degraus os levaram até as galerias, onde cinco passagens arqueadas se espalhavam como os dedos da mão de um homem. Lá embaixo, os degraus ficavam mais estreitos e mais íngremes, mas a garota os subira e descera mil vezes e eles não a assustavam. Mais vinte e dois degraus e estavam no porão inferior. Os túneis ali eram estreitos e tortos, negros buracos de minhocas contorcendo-se até o coração da grande rocha. Uma passagem estava fechada por uma pesada porta de ferro. O sacerdote pendurou a lanterna em um gancho, deslizou a mão para dentro da túnica e exibiu uma chave ornamentada.

Arrepios subiam pelos braços dela. *O santuário*. Estavam indo ainda mais para baixo, até o terceiro nível, para as câmaras secretas onde apenas os sacerdotes eram permitidos.

A chave soou três vezes, muito suavemente, quando o homem gentil a girou na fechadura. A porta girou sobre dobradiças de ferro lubrificadas, sem fazer nenhum som. Atrás havia mais degraus, escavados na rocha

sólida. O sacerdote pegou a lanterna mais uma vez e mostrou o caminho. A garota seguiu a luz, contando os degraus enquanto desciam. *Quatro, cinco, seis, sete*. Pegou-se desejando ter trazido seu bastão. *Dez, onze, doze*. Sabia quantos degraus havia entre o templo e o porão, entre o porão e o porão inferior, contara até mesmo os degraus da estreita escada em espiral que subia para o sótão, e os degraus na íngreme escada de madeira que subia para o telhado e o poleiro assolado pelo vento do lado de fora.

Mas esta escada era desconhecida para ela, e isso a tornava perigosa. *Vinte e um, vinte e dois, vinte e três*. A cada degrau o ar parecia ficar um pouco mais frio. Quando a contagem chegou a trinta, ela sabia que estavam embaixo até mesmo dos canais. *Trinta e três, trinta e quatro*. Quão fundo estavam indo?

Chegara a cinquenta e quatro quando os degraus finalmente terminaram em outra porta de ferro. O homem gentil abriu-a e entrou. Ela o seguiu, com a criança abandonada em seus calcanhares. Seus passos ecoavam na escuridão. O homem gentil ergueu a lanterna e descerrou os anteparos. A luz lavou todas as paredes ao redor deles.

Mil faces estavam olhando para ela.

Estavam penduradas nas paredes, atrás dela e diante dela, de cima até embaixo, por todos os lados que olhava, para onde quer que se virasse. Viu rostos velhos e rostos jovens, rostos pálidos e escuros, rostos suaves e rostos enrugados, rostos sardentos, rostos marcados por cicatrizes, rostos bonitos e rostos rústicos, homens e mulheres, meninos e meninas, até mesmo bebês, rostos sorridentes, rostos carrancudos, rostos cheios de ganância, raiva e luxúria, rostos carecas e rostos com cabelos eriçados. *Máscaras*, disse para si mesma, *são apenas máscaras*, mas, mesmo enquanto o pensamento passava por sua cabeça, sabia que não eram. Eram peles.

– Elas assustam você, filha? – perguntou o homem gentil. – Não é tarde demais para você nos deixar. Isso é realmente o que você quer?

Arya mordeu o lábio. Não sabia o que queria. *Se eu partir, para onde vou?* Ela havia lavado e despido uma centena de cadáveres, coisas mortas não a assustavam. *Eles os trazem aqui para baixo e tiram seus rostos, e daí?* Ela era a loba da noite, nenhum pedaço de pele podia assustá-la. *Capuzes de couro, é isso o que são, não podem me ferir*.

– Faça isso – ela disse, abruptamente.

Ele a levou pela câmara, por uma fileira de túneis que conduziam a passagens laterais. A luz da lanterna dele iluminou um de cada vez. Um túnel fora murado com ossos humanos, seu teto suportado por colunas de crânios. Outro se abria para degraus sinuosos que desciam ainda mais. *Quantos porões há?,* ela se perguntava. *Seria possível descer para sempre?*

– Sente-se – o sacerdote ordenou. Ela se sentou. – Agora, feche os olhos, filha. – Ela fechou os olhos. – Isso vai doer – ele a avisou –, mas a dor é o preço do poder. Não se mova.

*Parada como uma pedra*, ela pensou. Ficou sentada imóvel. O corte foi rápido, a lâmina afiada. Normalmente, o metal seria frio contra sua carne, mas pareceu morno em vez disso. Ela podia sentir o sangue escorrendo por sua face, uma ondulante cortina vermelha caindo por sua sobrancelha, bochechas e queixo, e entendeu porque o sacerdote a fizera fechar os olhos. Quando alcançou seus lábios, o gosto era de sal e cobre. Ela o lambeu e estremeceu.

– Traga-me o rosto – disse o homem gentil. A criança abandonada não respondeu, mas ela ouviu seus chinelos sussurrando pelo chão de pedra. Para a garota, ele disse: – Beba isso – e pressionou uma taça em sua mão. Ela bebeu tudo de uma vez. Era muito azedo, como dar uma dentada em um limão. Mil anos atrás, conhecera uma garota que amava bolos de limão. *Não, essa não era eu, era apenas Arya.*

– Pantomimeiros mudam seu rosto com truques – o homem gentil dizia –, e feiticeiros usam sedução, tecem luz, sombra e desejo para fazer ilusões que enganam o olho. Essas artes você deve aprender, mas o que fazemos aqui vai mais profundo. Homens sábios podem ver através dos truques, e a sedução se dissolve diante de olhos afiados, mas o rosto que você está prestes a vestir será tão verdadeiro e sólido quanto o rosto com o qual nasceu. Mantenha os olhos fechados. – Ela sentiu os dedos dele afastando seus cabelos. – Fique parada. Isso vai parecer estranho. Você pode ficar atordoada, mas não deve se mover.

Então veio um puxão e um ruído suave enquanto o novo rosto era colocado sobre o antigo. O couro raspou em sua testa, seco e duro, mas conforme seu sangue o ensopava, tornava-se macio e flexível. Suas bochechas ficavam mornas, coradas. Ela podia sentir seu coração

palpitando sob o peito e, por um longo momento, não conseguiu respirar. Mãos se fecharam ao redor de sua garganta, duras como pedra, sufocando-a. Suas próprias mãos se ergueram para agarrar os braços de seu agressor, mas não havia ninguém ali. Uma terrível sensação de medo tomou conta dela, e ela ouviu uma voz, um barulho horrível de algo sendo esmagado, acompanhado por uma dor cegante. Um rosto flutuou diante dela, gordo, barbudo, brutal, sua boca torcida pela raiva. Ouviu o sacerdote dizer:

– Respire, filha. Expire o medo. Afaste as sombras. Ele está morto. Ela está morta. A dor dela se foi. Respire.

A garota respirou profundamente, estremecendo, e percebeu que era verdade. Ninguém a estava sufocando, ninguém estava batendo nela. Mesmo assim, sua mão estava tremendo quando a levantou para tocar seu rosto. Pedaços de sangue seco se desintegraram ao toque de seus dedos, negros sob a luz da lanterna. Sentiu as bochechas, tocou os olhos, traçou a linha do queixo.

– Meu rosto ainda é o mesmo.

– É? Tem certeza?

Ela *tinha* certeza? Não sentia nenhuma mudança, mas talvez fosse algo que não pudesse sentir. Passou a mão pelo rosto, de cima até embaixo, como vira Jaqen H'ghar fazer certa vez, ainda em Harrenhal. Quando ele fez isso, seu rosto inteiro tinha ondulado e mudado. Quando ela fez, nada aconteceu.

– Sinto como se fosse o mesmo.

– Para você – disse o sacerdote. – Não parece o mesmo.

– Para os olhos dos outros, seu nariz e queixo estão quebrados – disse a criança abandonada. – Um lado de seu rosto cedeu, onde o osso da bochecha foi quebrado, e metade de seus dentes está faltando.

Ela sondou por dentro da boca com a língua, mas não encontrou buracos ou dentes quebrados. *Feitiçaria*, pensou. *Tenho um novo rosto. Um rosto feio e quebrado.*

– Você pode ter pesadelos por um tempo – avisou o homem gentil. – O pai dela a espancava com tanta frequência e brutalidade que ela nunca esteve realmente livre da dor ou do medo, até vir a nós.

– Vocês o mataram?

– Ela pediu o presente para si mesma, não para seu pai.

*Vocês deviam ter matado ele.*

Ele devia ter lido seus pensamentos.

– A morte veio para ele no fim, como vem para todos os homens. Como deve vir para um certo homem pela manhã. – Ele ergueu a lâmpada. – Terminamos aqui.

*Por agora*. Enquanto faziam o caminho de volta para os degraus, os buracos vazios dos olhos das peles nas paredes pareciam segui-la. Por um momento, ela quase pôde ver seus lábios se movendo, sussurrando sombrios e doces segredos uns para os outros, em palavras muito fracas para escutar.

O sono não veio com facilidade naquela noite. Enrolada nos cobertores, ela se virava de um lado para o outro no frio quarto escuro, mas, para onde se virasse, via os rostos. *Eles não têm olhos, mas podem me ver*. Via o rosto de seu pai pendurado na parede. Ao lado dele estava o da senhora sua mãe e, embaixo deles, seus três irmãos em uma fileira. *Não. Isso era alguma outra garota. Não sou ninguém, e meus únicos irmãos vestem túnicas pretas e brancas*. No entanto, lá estava o cantor negro, estava o cavalariço que ela matara com a Agulha, estava o escudeiro cheio de espinhas da pousada do Tridente e, acima de todos eles, a sentinela cuja garganta ela cortara para fugir de Harrenhal. Cócegas estava pendurado na parede também, com buracos negros onde ficavam seus olhos cheios de malícia. A visão dele trouxe de volta a sensação da adaga em suas mãos enquanto ela a enfiava em suas costas, uma vez e outra e mais outra.

Quando finalmente o dia chegou a Bravos, veio cinza, escuro e nublado. A garota esperava por neblina, mas os deuses ignoraram suas preces, como os deuses faziam tão frequentemente. O ar estava limpo e frio, e o vento era uma pontada desagradável. *Um bom dia para uma morte*, ela pensou. Espontaneamente, sua oração veio até seus lábios. *Sor Gregor, Dunsen, Raff, o Querido. Sor Ilyn, Sor Meryn, Rainha Cersei*. Murmurou os nomes em silêncio. Na Casa do Preto e Branco, nunca se sabia quem podia estar escutando.

As galerias estavam cheias de roupas velhas, trajes reivindicados daqueles que vieram para a Casa do Preto e Branco para beber a paz da piscina do templo. Tudo, desde trapos de mendigos até ricas sedas e veludos, podia ser encontrado ali. Uma garota feia devia vestir roupas

feias, ela decidiu, então escolheu um manto marrom manchado, desfiando na bainha, uma túnica verde-musgo que cheirava a peixe e um par de botas pesadas. Por último, colocou sua lâmina de dedo.

Não havia pressa, então decidiu tomar o caminho mais longo ao redor do Porto Púrpura. Foi para o outro lado da ponte, para a Ilha dos Deuses. A Gata dos Canais vendera vôngoles e mexilhões entre esses templos, sempre que a filha de Brusco, Talea, tinha seu sangue da lua fluindo e tinha que ir para a cama. Ela meio que esperava ver Talea vendendo por ali, talvez do lado de fora do Warren, onde todos os deuses menores esquecidos tinham seus pequenos santuários abandonados, mas aquilo era tolice. O dia estava muito frio, e Talea não gostava de levantar tão cedo. A estátua ao lado do santuário da Senhora Chorona de Lys estava chorando lágrimas de prata quando a garota feia passou por ela. Nos Jardins de Gelenei havia uma árvore dourada de trinta metros de altura com folhas de prata batida. Luzes de tochas brilhavam atrás das janelas de vidro chumbado no salão de madeira do Senhor da Harmonia, mostrando meia centena de tipos de borboletas em todas as suas cores vivas.

Uma vez, a garota lembrou, a Esposa do Marinheiro dera uma volta com ela e lhe contara as histórias dos estranhos deuses da cidade.

– Esta é a casa do Grande Pastor. Trios, de três cabeças, tem este campanário com três torres. A primeira cabeça devora os moribundos, e os ressuscitados emergem da terceira. Não sei o que a cabeça do meio deveria fazer. Estas são as Pedras do Deus Silencioso, e aqui está a entrada para o Labirinto do Criador de Padrões. Apenas aqueles que aprendem a andar nele com propriedade serão capazes de encontrar seu caminho para a sabedoria, dizem os sacerdotes do Padrão. Ali atrás, junto do canal, está o templo de Aquan, o Touro Vermelho. Todo décimo terceiro dia, seus sacerdotes cortam a garganta de um bezerro puro e branco e oferecem tigelas de sangue para os mendigos.

Hoje não era o décimo terceiro dia, pelo que parecia; os degraus do Touro Vermelho estavam vazios. Os deuses irmãos Semosh e Selloso sonhavam em templos gêmeos em lados opostos do Canal Negro, ligados por uma ponte esculpida em pedra. A garota cruzou por ali e fez seu caminho para as docas, depois pelo Porto do Trapeiro e passando pelas torres semiafundadas e pelas cúpulas da Cidade Afogada.

Um grupo de marinheiros lisenos vinha cambaleando do Porto Feliz quando ela passou, mas a garota não viu nenhuma das putas. O Navio estava fechado e abandonado; sua trupe de pantomimeiros sem dúvida ainda dormia. Mas, mais adiante, no cais, ao lado de um baleeiro ibenês, ela espiou o velho amigo da Gata, Tagganaro, jogando uma bola para a frente e para trás com Casso, Rei das Focas, enquanto seu último batedor de carteiras trabalhava entre a multidão de curiosos. Quando parou para ver e ouvir por um momento, Tagganaro olhou para ela sem reconhecê-la, mas Casso latiu e bateu as nadadeiras. *Ele me reconhece*, a garota pensou, *ou então sente o cheiro de peixe*. Apressou-se a sair dali.

Quando chegou ao Porto Púrpura, o velho estava escondido dentro da loja de sopa, em sua mesa costumeira, contando uma bolsa de moedas enquanto discutia com o capitão de um navio. O guarda alto pairava sobre ele. O baixo estava sentado perto da porta, onde podia dar uma boa olhada em qualquer um que entrasse. Aquilo não importava. Ela não pretendia entrar. Em vez disso, empoleirou-se no topo de uma pilha de madeiras a menos de vinte metros dali, enquanto o vento tempestuoso puxava seu manto com dedos fantasmagóricos.

Mesmo em um dia frio e cinzento como aquele, o porto era um lugar movimentado. Viu marinheiros à espreita de prostitutas, e prostitutas à espreita de marinheiros. Dois bravosis passaram em roupas amarrotadas, apoiados um no outro enquanto cambaleavam bêbados pelas docas, e suas lâminas chocalhavam de lado. Um sacerdote vermelho veio correndo, com sua túnica escarlate e carmesim sacudindo ao vento.

Era quase meio-dia antes que visse o homem que queria, um próspero armador que ela já vira fazendo negócios com o velho por três vezes. Grande, careca e corpulento, ele vestia um pesado manto de veludo marrom debruado com pele e um cinto de couro marrom ornamentado com luas e estrelas de prata. Algum contratempo deixara sua perna rígida. Ele caminhava lentamente, apoiado em uma bengala.

Ele serviria tão bem quanto qualquer um e melhor do que a maioria, a garota feia decidiu. Pulou da pilha e o seguiu. Uma dúzia de passos a colocou bem atrás dele, sua lâmina de dedo pronta. A bolsa do homem estava do lado direito, no cinto, mas seu manto estava no caminho. A lâmina dela brilhou para fora, suave e rápida, um corte profundo através do veludo e ele não sentiu nada. Roggo Vermelho teria sorrido ao ver

aquilo. Ela deslizou a mão pelo vão, abriu a bolsa com sua lâmina de dedo, encheu o punho de ouro...

O grande homem se virou.

– O que...

O movimento enroscou o braço da garota nas dobras do manto dele quando ela puxou a mão. Moedas se espalharam pelos seus pés.

– *Ladrão!* – O grande homem ergueu o bastão para acertá-la. Ela chutou sua perna ruim, desviou e disparou quando ele caiu, empurrando uma mãe com uma criança. Mais moedas caíram de seus dedos e saltaram pela terra. Gritos de *ladrão, ladrão* soavam atrás dela. Um estalajadeiro barrigudo que passava por ali fez um gesto para agarrar seu braço, mas ela girou ao redor dele, passou voando por uma prostituta que gargalhava e correu apressadamente para o beco mais próximo.

A Gata dos Canais conhecia esses becos, e a menina feia se lembrava. Disparou para a esquerda, pulou um muro baixo, saltou sobre um pequeno canal e escapou por uma porta destrancada em algum armazém empoeirado. Todos os sons de perseguição haviam sumido, mas era melhor ter certeza. Esperou quase uma hora, então decidiu que era seguro partir, escalando o lado de um edifício e fazendo seu caminho pelos telhados quase até chegar ao Canal dos Heróis. A essa altura, o armador já devia ter juntado as moedas e a bengala e mancado até a loja de sopa. Devia estar bebendo uma caneca de caldo quente agora mesmo e reclamando para o velho sobre a garota feia que tentara roubar sua bolsa.

O homem gentil esperava por ela na Casa do Preto e Branco, sentado na beirada da piscina do templo. A garota feia sentou-se ao lado dele e colocou uma moeda na borda da piscina, entre eles. Era de ouro, com um dragão em uma face e um rei na outra.

– O dragão de ouro de Westeros – disse o homem gentil. – E como você conseguiu isso? Não somos ladrões.

– Não foi roubo. Tomei uma das dele, mas deixei com ele uma das nossas.

O homem gentil entendeu.

– E com esta moeda e as outras em sua bolsa, ele pagou um certo homem. Logo depois o coração daquele homem parou. É isso o que aconteceu? Muito triste. – O sacerdote pegou a moeda e a jogou na

piscina. – Você tem muito e ainda mais para aprender, mas não é um caso perdido.

Naquela noite lhe deram de volta o rosto de Arya Stark.

Trouxeram uma túnica para ela também, a túnica grossa e macia de um acólito, preta de um lado e branca do outro.

– Vista isso quando estiver aqui – o sacerdote disse –, mas saiba que terá pouca necessidade dela no momento. Amanhã você irá para Izembaro, para começar sua primeira aprendizagem. Pegue as roupas que quiser nas galerias lá embaixo. A patrulha da cidade está procurando por certa menina feia, conhecida por frequentar o Porto Púrpura, então é melhor que você tenha um novo rosto também. – Segurou-a pelo queixo, virou sua cabeça para um lado e para o outro, e assentiu. – Um rosto bonito, desta vez, eu acho. Tão bonito quanto seu próprio rosto. Quem é você, filha?

– Ninguém – ela respondeu.

# Cersei

Na última noite em que esteve presa, a rainha não pôde dormir. Cada vez que fechava os olhos, sua cabeça se enchia com pressentimentos e fantasias a respeito do dia seguinte. *Terei guardas*, disse para si mesma. *Eles manterão a multidão longe. Ninguém poderá tocar em mim.* O Alto Pardal lhe prometera aquilo.

Mesmo assim, estava com medo. No dia em que Myrcella zarpara para Dorne, o dia do motim dos pães, os mantos dourados estavam posicionados ao longo da rota da procissão, mas a multidão invadira para fazer o velho e gordo Alto Septão em pedaços e estuprar Lollys Stokeworth meia centena de vezes. Se aquela criatura pálida e estúpida podia incitar os animais estando completamente vestida, quanta luxúria uma rainha não inspiraria?

Cersei caminhou pela cela, inquieta como os leões encarcerados que viviam nas entranhas de Rochedo Casterly quando ainda era uma garota, um legado dos tempos de seu avô. Ela e Jaime costumavam desafiar um ao outro para subir na jaula, e uma vez ela conseguira reunir coragem suficiente para deslizar a mão entre duas barras e tocar um dos grandes animais amarelados. Sempre fora mais ousada que o irmão. O leão havia virado a cabeça para encará-la com imensos olhos dourados. Então, lambera seus dedos. Sua língua era áspera como uma lima, mas, mesmo assim, ela não tirou a mão, não até que Jaime a pegara pelos ombros e a puxara para longe da jaula.

– Sua vez – dissera para ele, depois. – Puxe a juba dele, desafio você. – *Ele nunca puxou. Eu devia ter a espada, não ele.*

Descalça e tremendo, ela andava de um lado para o outro com um fino cobertor sobre os ombros. Estava ansiosa pelo dia que viria. Até o anoitecer, tudo estaria acabado. *Uma pequena caminhada e estarei em casa, estarei novamente com Tommen, em meus próprios aposentos*

*dentro da Fortaleza de Maegor*. Seu tio dissera que era a única maneira de se salvar. Seria, realmente? Não confiava no tio, não mais do que confiava nesse Alto Septão. *Ainda posso me recusar. Ainda posso insistir na minha inocência e arriscar tudo em um julgamento.*

Mas não ousava deixar a Fé a cargo de seu julgamento, como aquela Margaery Tyrell pretendia fazer. Aquilo podia servir bem o suficiente para a pequena rosa, mas Cersei tinha poucos amigos entre as septãs e os pardais ao redor do novo Alto Septão. Sua única esperança seria um julgamento por batalha e, para isso, precisava ter um campeão.

*Se Jaime não tivesse perdido a mão...*

Aquele caminho não levaria a lugar nenhum, no entanto. A mão da espada de Jaime se fora, assim como ele, desaparecido com a mulher Brienne em algum lugar no Tridente. A rainha teria que encontrar outro defensor, ou a provação de hoje seria o menor de seus problemas. Seus inimigos a acusavam de alta traição. Ela tinha que chegar até Tommen, não importava quanto custasse. *Ele me ama. Ele não rejeitará a própria mãe. Joff era teimoso e imprevisível, mas Tommen é um bom menino, um bom reizinho. Ele fará o que lhe for dito.* Se permanecesse ali, estaria condenada, e o único jeito de voltar para a Fortaleza Vermelha era caminhando. O Alto Septão fora duro, e Sor Kevan se recusara a erguer um dedo contra ele.

– Nada de mal vai me acontecer hoje – Cersei disse, quando as primeiras luzes do dia roçaram sua janela. – Apenas meu orgulho sofrerá. – As palavras soaram vazias em seus ouvidos. *Jaime ainda pode vir*. Ela o imaginou cavalgando pela neblina da manhã, a armadura dourada brilhando na luz do sol que se erguia. *Jaime, se você já me amou...*

Quando suas carcereiras vieram, Septã Unella, Septã Moelle e Septã Scolera lideravam a procissão. Com elas estavam quatro noviças e duas irmãs silenciosas. A visão das irmãs silenciosas em suas túnicas cinzentas encheu a rainha de um terror súbito. *Por que estão aqui? Vou morrer?* As irmãs silenciosas auxiliam os mortos.

– O Alto Septão prometeu que nada de mau me aconteceria.

– E nada acontecerá. – Septã Unella acenou para as noviças. Elas trouxeram sabão de lixívia, uma bacia com água morna, uma tesoura e uma longa navalha reta. A visão do aço fez um arrepio percorrer seu corpo. *Elas pretendem cortar meu cabelo. Um pouco mais de*

*humilhação, uma passa para meu mingau.* Não lhes daria a satisfação de ouvi-la implorar. *Sou Cersei da Casa Lannister, um leão do Rochedo, a verdadeira rainha dos Sete Reinos, filha legítima de Tywin Lannister. E cabelos crescem novamente*.

– Vamos com isso – disse.

A mais velha das duas irmãs silenciosas pegou a tesoura. Uma barbeira experiente, sem dúvida; sua ordem frequentemente limpava os cadáveres dos nobres mortos antes de devolvê-los para os parentes, e aparar barbas e cortar cabelos era parte disso. Primeiro, a mulher descobriu a cabeça da rainha. Cersei sentou-se tão rígida quanto uma estátua de pedra, enquanto a tesoura trabalhava. Tufos de cabelo dourado caíam no chão. Ela não tivera permissão de mantê-lo devidamente penteado em sua cela, mas mesmo sem lavar e emaranhado, brilhava como se tivesse sido tocado pelo sol. *Minha coroa*, a rainha pensou. *Eles tiraram a outra coroa de mim, e agora estão roubando esta também*. Quando os cabelos e cachos empilharam-se ao redor de seus pés, uma das noviças ensaboou sua cabeça e a irmã silenciosa raspou o que restava com a navalha.

Cersei esperava que fosse o final daquilo, mas não.

– Tire a roupa, Vossa Graça – a Septã Unella ordenou.

– Aqui? – a rainha perguntou. – Por quê?

– Você deve ser tosquiada.

*Tosquiada*, ela pensou, *como uma ovelha*. Arrancou a túnica pela cabeça e a jogou ao chão.

– Façam o que têm que fazer.

Então, lá estava o sabão novamente, a água morna e a navalha. O cabelo embaixo dos braços veio em seguida, então as pernas, e por último o ouro fino que cobria seu monte. Quando a irmã silenciosa se arrastou entre suas pernas com a navalha, Cersei se pegou lembrando todas as vezes em que Jaime se ajoelhara onde ela estava ajoelhada agora, plantando beijos na parte de dentro das suas cochas, fazendo-a ficar molhada. Os beijos dele eram sempre quentes. A navalha era gelada.

Quando a ação estava acabada, ela estava tão nua e vulnerável quanto uma mulher poderia estar. *Nem mesmo um fio de cabelo para me esconder atrás*. Uma pequena risada explodiu de seus lábios, sombria e amarga.

– Vossa Graça acha isso divertido? – disse a Septã Scolera.

– Não, septã – falou Cersei. *Mas um dia terei sua língua arrancada por uma pinça quente, e isso será hilário.*

Uma das noviças trouxera uma túnica para ela, uma túnica de septã branca e macia para cobri-la enquanto fizesse o caminho pelos degraus da torre e através do septo, portanto, qualquer adorador com quem se encontrasse no meio do caminho seria poupado da visão de sua carne nua. *Sete, salvem-nos a todos, que hipócritas eles são*.

– Terei permissão para um par de sandálias? – ela perguntou. – As ruas estão imundas.

– Não tão imundas quanto seus pecados – disse a Septã Moelle. – Sua Alta Santidade ordenou que você se apresentasse como os deuses a fizeram. Você tinha sandálias nos pés quando saiu do útero da senhora sua mãe?

– Não, septã – a rainha foi obrigada a dizer.

– Então já tem sua resposta.

Um sino começou a soar. O longo aprisionamento da rainha estava no fim. Cersei puxou a túnica de encontro ao corpo, grata por seu calor, e disse:

– Vamos. – Seu filho a aguardava do outro lado da cidade. Quanto mais cedo saísse, mais cedo o veria.

A pedra áspera raspava as solas de seus pés, enquanto Cersei Lannister fazia sua descida. Viera ao Septo de Baelor como uma rainha, em uma liteira. Estava saindo careca e descalça. *Mas estou saindo. Isso é tudo o que importa.*

Os sinos da torre estavam tocando, convocando a cidade para testemunhar sua vergonha. O Grande Septo de Baelor estava lotado de fiéis vindos para os serviços do amanhecer, o som das orações ecoando pela cúpula sobre as cabeças, mas, quando a procissão da rainha apareceu, um súbito silêncio tomou conta do lugar e mil olhos se viraram para segui-la enquanto ela seguia pelo corredor, passando pelo lugar em que o senhor seu pai fora velado após ter sido assassinado. Cersei passou rapidamente por eles, não olhando nem para a direita nem para a esquerda. Seus pés descalços batiam contra o frio chão de mármore. Ela podia sentir os olhares. Atrás dos altares, os Sete pareciam observá-la também.

No Salão das Lamparinas, uma dúzia de Filhos do Guerreiro esperava sua chegada. Mantos arco-íris pendiam de suas costas, e os cristais que ornamentavam os grandes elmos brilhavam sob as luzes das lamparinas. As armaduras eram de placas de prata polidas até parecerem espelhos, mas por baixo, ela sabia, cada um deles usava um cilício. Seus escudos triangulares tinham o mesmo padrão: uma espada de cristal brilhando na escuridão, o antigo emblema daqueles que o povo chamava de Espadas.

O capitão deles se ajoelhou diante dela.

– Talvez Vossa Graça se recorde de mim. Sou Sor Theodan, o Fiel, e Sua Alta Santidade ordenou que eu a escoltasse. Meus irmãos e eu garantiremos sua segurança pela cidade.

O olhar de Cersei passou pelo rosto dos homens atrás dele. E lá estava ele: Lancel, seu primo, filho de Sor Kevan, que certa vez declarara amá-la, antes de decidir que amava mais os deuses. *Meu sangue e meu traidor*. Ela não o perdoaria.

– Pode se levantar, Sor Theodan. Estou pronta.

O cavaleiro levantou-se, virou-se e ergueu a mão. Dois de seus homens aproximaram-se das altas portas e as abriram, e Cersei atravessou-as até o ar livre, piscando sob a luz do sol como uma toupeira despertada de sua toca.

Um vento forte soprava e fazia a ponta da túnica se agarrar e ondular em suas pernas. O ar da manhã estava denso com os velhos e conhecidos fedores de Porto Real. Ela respirou o cheiro de vinho azedo, pão sendo assado, peixe podre e excrementos, fumaça, suor e mijo de cavalo. Nenhuma flor jamais cheirara tão bem. Encolhida em sua túnica, Cersei parou no topo dos degraus de mármore enquanto os Filhos do Guerreiro entravam em formação ao redor dela.

De repente, percebeu que já tinha estado naquele mesmo lugar, no dia em que Lorde Eddard Stark perdera a cabeça. *Aquilo não era para ter acontecido. Joff devia ter poupado sua vida e o enviado para a Muralha*. O filho mais velho de Stark o teria substituído como Senhor de Winterfell, mas Sansa teria ficado na corte, como refém. Varys e Mindinho tinham acertado os termos, e Ned Stark tinha engolido sua preciosa honra e confessado sua traição para salvar a cabecinha vazia da filha. *Eu teria conseguido um bom casamento para Sansa. Um casamento Lannister. Não Joff, é claro, mas Lancel poderia servir, ou um de seus*

*irmãos mais jovens*. Petyr Baelish se oferecera para casar com a garota, ela se lembrou, mas é claro que era impossível, ele era de nascimento muito baixo. *Se Joff simplesmente tivesse feito o que lhe foi dito, Winterfell jamais teria ido à guerra, e o pai teria lidado com os irmãos de Robert*.

Em vez disso, Joff ordenara que a cabeça de Stark fosse cortada, e Lorde Slynt e Sor Ilyn Payne se apressaram em obedecer. *Foi bem ali*, a rainha se lembrou, olhando para o local. Janos Slynt erguera a cabeça de Ned Stark pelos cabelos, enquanto o sangue de sua vida escorria pelos degraus, e depois não havia como voltar atrás.

As lembranças pareciam tão distantes agora. Joffrey estava morto, e todos os filhos de Stark também. Até mesmo seu pai perecera. E, agora, ela estava nos degraus do Grande Septo novamente, só que dessa vez era ela quem a multidão estava olhando, não Eddard Stark.

A ampla praça de mármore embaixo estava tão lotada quanto no dia que Stark morrera. Por todos os lados, a rainha via olhos. A multidão parecia ter partes iguais de homens e mulheres. Alguns tinham crianças nos ombros. Mendigos e ladrões, taverneiros e comerciantes, curtidores, cavalariços e pantomimeiros, as prostitutas mais rampeiras, toda a escória saíra para ver a rainha humilhada. E, misturados a eles, estavam os Pobres Irmãos; criaturas sujas e barbudas, armadas com lanças e machados e vestidos com pedaços de placas amassadas, cotas de malha enferrujadas e couro rachado, sobre túnicas ásperas branqueadas e adornadas com a estrela de sete pontas da Fé. O exército esfarrapado do Alto Pardal.

Parte dela ainda esperava que Jaime aparecesse e a resgatasse dessa humilhação, mas seu irmão gêmeo estava em algum lugar desconhecido. Nem seu tio estava presente. Aquilo não a surpreendia. Sor Kevan tinha deixado seu ponto de vista claro durante a última visita; a vergonha dela não devia manchar a honra de Rochedo Casterly. Nenhum leão caminharia com ela hoje. Essa provação era dela, e apenas dela.

Septã Unella ficou à sua direita, Septã Moelle à sua esquerda, Septã Scolera atrás dela. Se a rainha fugisse ou se recusasse a continuar, as três bruxas a arrastariam para dentro e, dessa vez, se assegurariam de que nunca deixasse sua cela.

Cersei ergueu a cabeça. Além da praça, e do mar de olhos famintos, bocas escancaradas e rostos sujos, do outro lado da cidade, a Grande Colina de Aegon erguia-se a distância, as torres e as ameias da Fortaleza Vermelha parecendo rosadas sob a luz do sol que nascia. *Não é tão longe*. Uma vez que alcançasse os portões, o pior do seu sofrimento estaria terminado. Teria seu filho novamente. Teria seu campeão. Seu tio lhe prometera isso. *Tommen está esperando por mim em casa. Meu reizinho. Eu posso fazer isso. Eu devo.*

Septã Unella deu um passo à frente.

– Uma pecadora vem diante de vocês – declarou. – Ela é Cersei da Casa Lannister, rainha pelo casamento, mãe de Sua Graça o Rei Tommen, viúva de Sua Graça o Rei Robert, e cometeu graves falsidades e fornicações.

Septã Moelle moveu-se na direita da rainha.

– A pecadora confessou seus pecados e implorou por absolvição e perdão. Sua Alta Santidade ordenou que ela demonstrasse seu arrependimento colocando de lado todo o orgulho e os artifícios, apresentando-se como os deuses a fizeram diante do bom povo da cidade.

Septã Scolera completou.

– Então, agora, esta pecadora vem diante de vocês com o coração humilde, despojada de segredos e ocultações, nua diante dos olhos dos deuses e dos homens, para fazer sua caminhada de expiação.

Cersei tinha um ano de idade quando o avô morrera. A primeira coisa que o pai fizera em sua ascensão fora expulsar de Rochedo Casterly a amante gananciosa e de baixo nascimento de seu próprio pai. As sedas e os veludos que Lorde Tytos derramara sobre ela e as joias que ela tomara para si lhe foram tirados, e fora enviada nua para caminhar pelas ruas de Lannisporto, para que o oeste pudesse ver o que ela era.

Embora fosse jovem demais para testemunhar o espetáculo, Cersei ouvira a história se espalhando nas bocas das lavadeiras e dos guardas que estiveram ali. Falaram sobre como a mulher chorara e implorara, da forma desesperada que agarrara suas roupas quando lhe ordenaram que se despisse, dos esforços fúteis para cobrir os seios e o sexo com as mãos enquanto seguira mancando descalça e nua pelas ruas para o exílio.

– Antes ela era vaidosa e altaneira – ela lembrava um guarda falando –, tão arrogante que poderia se pensar que esquecera que viera da sujeira.

Uma vez que tiraram suas roupas, no entanto, ela era apenas outra prostituta.

Se Sor Kevan e o Alto Pardal pensavam que aconteceria o mesmo com ela, estavam muito enganados. O sangue de Lorde Tywin estava nela. *Sou uma leoa. Não vou me assustar diante deles.*

A rainha deslizou a túnica pelos ombros.

Ela se desnudou em um movimento suave e sem pressa, como se estivesse em seus próprios aposentos, tirando a roupa para o banho com ninguém além das aias observando. Quando o frio tocou sua pele, tremeu violentamente. Reuniu todas as suas forças para não tentar se cobrir com as mãos, como a puta de seu avô fizera. Os dedos se fecharam em punhos, as unhas penetrando na palma da mão. Estavam olhado para ela, todos os olhos famintos. Mas o que estavam vendo? *Sou bonita*, lembrou a si mesma. Quantas vezes Jaime lhe dissera aquilo? Mesmo Robert lhe dizia isso quando vinha bêbado para sua cama a fim de lhe prestar uma embriagada homenagem com seu pau.

*Eles, no entanto, olharam para Ned Stark do mesmo jeito.*

Tinha que se mexer. Nua, tosquiada, pés descalços, Cersei começou a descer lentamente pelos amplos degraus de mármore. Arrepios subiam pelos seus braços e pernas. Manteve o queixo erguido, como uma rainha deve fazer, e sua escolta se espalhou diante dela. Os Pobres Irmãos empurravam as pessoas para abrir caminho na multidão, enquanto as Espadas se posicionaram em cada lado dela. Septã Unella, Septã Scolera e Septã Moelle a seguiam. Atrás delas vinham as noviças vestidas de branco.

– *Puta!* – alguém gritou. Uma voz de mulher. Mulheres eram sempre as mais cruéis quando outra mulher estava em questão.

Cersei a ignorou. *Haverá mais, e pior. Essas criaturas não têm alegria mais doce na vida do que zombar de seus superiores*. Não podia silenciá-los, então devia fingir que não estava ouvindo. Não deveria olhar para eles também. Manteria os olhos na Grande Colina de Aegon, do outro lado da cidade, nas torres da Fortaleza Vermelha que resplandeciam sob a luz. Era onde encontraria a salvação, se o tio mantivesse sua parte na barganha.

*Ele quis isso. Ele e o Alto Pardal. E a pequena rosa também, não duvido. Eu pequei e devo expiar, devo desfilar minha vergonha diante*

*dos olhos de cada mendigo da cidade. Eles acham que isso quebrará meu orgulho, que acabará comigo, mas estão enganados.*

Septã Unella e Septã Moelle caminhavam ao lado dela, enquanto Septã Scolera seguia atrás, tocando um sino.

– *Vergonha* – a velha bruxa dizia –, *vergonha sobre a pecadora, vergonha, vergonha.*

De algum lugar à direita, outra voz cantava em contraponto à dela, algum menino vendedor de tortas gritando:

– Tortas de carne, três dinheiros, tortas quentinhas de carne, aqui.

O chão de mármore era frio e liso, e Cersei tinha que andar cuidadosamente, com medo de escorregar. O caminho os levou até a estátua de Baelor, o Abençoado, alto e sereno sobre seu pedestal, seu rosto um esboço cuidadoso de benevolência. Olhando para ele, não era possível imaginar o tolo que fora. A dinastia Targaryen produzira tanto reis ruins quanto bons, mas nenhum tão amado quanto Baelor, aquele piedoso e gentil rei-septão que amara o povo e os deuses em partes iguais e, mesmo assim, aprisionara as próprias irmãs. Era incrível que a estátua não desmoronasse à visão dos seios nus da rainha. Tyrion costumava dizer que o Rei Baelor ficava apavorado com o próprio pau. Certa vez, ela se lembrou, ele expulsara todas as putas de Porto Real. Rezava por elas enquanto eram levadas para fora dos muros da cidade, as histórias contavam, mas não olhara para elas.

– Prostituta – uma voz gritou. Outra mulher. Algo voou da multidão. Algum vegetal podre. Marrom e soltando líquido, passou por cima de sua cabeça para se espatifar nos pés de um dos Pobres Irmãos. *Não estou com medo. Sou uma leoa*. Continuou andando.

– Tortas quentes – o menino das tortas gritava. – Pegue sua torta quente aqui.

Septã Scolera tocava o sino, entoando:

– *Vergonha, vergonha, vergonha sobre a pecadora, vergonha, vergonha.*

Os Pobres Irmãos seguiam na frente, empurrando os homens com seus escudos, abrindo um caminho estreito. Cersei seguiu-os, a cabeça ereta, os olhos fixos e distantes. Cada passo deixava a Fortaleza Vermelha mais próxima. Cada passo a deixava mais perto do filho e da salvação.

Pareceu levar cem anos para cruzar a praça, mas finalmente o mármore deu lugar aos paralelepípedos sob seus pés, lojas, estábulos e casas fechadas ao redor deles, e começaram a descer a Colina de Visenya.

O percurso era mais lento ali. A rua era íngreme e estreita, a multidão se comprimia firmemente. Os Pobres Irmãos empurravam aqueles que bloqueavam o caminho, tentando movê-los para o lado, mas não havia para onde ir, e os que estavam na parte de trás da multidão eram levados para trás. Cersei tentava manter a cabeça erguida, mas pisou em algo liso e molhado que a fez escorregar. Teria caído, mas a Septã Unella a pegou pelo braço e a manteve em pé.

– Vossa Graça deve prestar atenção onde coloca os pés.

Cersei puxou o braço para se libertar.

– Sim, septã – disse, com uma voz mansa, embora estivesse com raiva suficiente para cuspir na mulher. A rainha continuou, vestida apenas com arrepios e orgulho. Olhou para a Fortaleza Vermelha, mas estava escondida agora, coberta ao seu olhar por altos prédios de madeira que se erguiam por todos os lados.

– *Vergonha, vergonha* – entoava Septã Scolera, seu sino tocando.

Cersei tentou andar mais rápido, mas logo se deparou com as costas das Estrelas, que seguiam diante dela, e teve que reduzir os passos novamente. Um homem diante deles estava vendendo carne assada no espeto em um carrinho, e a procissão parou enquanto os Pobres Irmãos o tiravam do caminho. A carne parecia suspeitosamente de rato aos olhos de Cersei, mas o cheiro enchia o ar, e metade dos homens ao redor deles traziam espetos na mão quando a rua ficou livre o suficiente para que ela pudesse retomar seu trajeto.

– Vossa Graça quer um pouco? – um dos homens gritou. Era um brutamontes forte, com olhos de porco, uma barriga enorme e uma barba negra desgrenhada que a fez se lembrar de Robert. Quando ela desviou o olhar com nojo, ele jogou o espeto nela. Acertou-a na perna e caiu na rua, e a carne meio cozida deixou uma mancha de gordura e sangue em sua coxa.

A gritaria parecia mais alta ali do que na praça, talvez porque a multidão estivesse muito mais próxima. “Puta” e “pecadora” eram os gritos mais comuns, mas “fode-irmão”, “boceta” e “traidora” eram atirados para ela também, e uma ou outra vez ouvia alguém gritar por

Stannis ou Margaery. Os paralelepípedos sob seus pés estavam sujos, e havia tão pouco espaço que a rainha não podia nem desviar das poças. *Ninguém jamais morreu de um pé molhado*, disse para si mesma. Queria acreditar que as poças eram apenas água da chuva, embora mijo de cavalo fosse o mais provável.

Mais lixo era jogado das janelas e dos balcões: frutas apodrecidas, baldes de cerveja, ovos que explodiam em um fedor sulfuroso quando estouravam no chão. Então alguém atirou um gato morto sobre os Pobres Irmãos e os Filhos do Guerreiro. A carcaça acertou os paralelepípedos com tanta força que se abriu, respingando as pernas dela com entranhas e larvas.

Cersei continuou. *Sou cega e surda, e eles são vermes*, disse para si mesma.

– *Vergonha, vergonha* – a septã entoava.

– Castanhas, castanhas assadas quentinhas – um vendedor ambulante gritava.

– Rainha Boceta – um bêbado pronunciou solenemente de um balcão acima deles, erguendo a caneca para ela em um brinde zombeteiro. – Salve as tetas reais!

*Palavras são vento*, Cersei pensou. *Palavras não podem me ferir.*

Na metade da descida da Colina de Visenya, a rainha caiu pela primeira vez, quando seu pé escorregou em algo que devia ser excremento. Quando a Septã Unella a levantou, seu joelho estava ralado e sangrando. Uma risada áspera veio do meio da multidão, e um homem se ofereceu para beijá-la para que se sentisse melhor. Cersei olhou para trás. Podia ver a grande cúpula e as sete torres de cristal do Grande Septo de Baelor, no alto da colina. *Eu realmente caminhei tão pouco?* Pior, cem vezes pior, perdera de vista a Fortaleza Vermelha.

– Onde... onde...?

– Vossa Graça. – O capitão da escolta foi até ela. Cersei havia esquecido o nome dele. – Você deve continuar. A multidão está ficando mais rebelde.

*Sim*, ela pensou. *Rebelde*.

– Não tenho medo...

– Deveria ter. – Ele puxou-a pelo braço, colocando-a ao seu lado.

Ela cambaleou colina abaixo – para baixo, sempre para baixo –, estremecendo a cada passo, deixando que ele a apoiasse. *Devia ser Jaime ao meu lado*. Ele desembainharia sua espada dourada e abriria caminho pela multidão, arrancando os olhos das cabeças de todo homem que ousasse olhar para ela.

As pedras do pavimento eram rachadas e irregulares, escorregadias e ásperas contra seus pés suaves. Seu calcanhar tocou em alguma coisa afiada, uma pedra ou um pedaço de louça quebrada. Cersei gritou de dor.

– Eu pedi sandálias – cuspiu para Septã Unella. – Vocês podiam ter me dado sandálias, podiam ter feito isso.

O cavaleiro agarrou seu braço novamente, como se ela fosse uma serviçal qualquer. *Ele se esqueceu de quem eu sou?* Era a rainha de Westeros; ele não tinha o direito de colocar as mãos rudes sobre ela.

Na parte de baixo da colina, a encosta ficou mais suave e a rua começou a alargar. Cersei pôde ver a Fortaleza Vermelha novamente, brilhando carmesim ao sol da manhã no topo da grande colina de Aegon. *Preciso continuar andando*. Libertou-se das mãos de Sor Theodan.

– Não precisa me arrastar, Sor. – Ela mancava, deixando um rastro de pegadas sangrentas nas pedras atrás de si.

Caminhou pela lama e pelo esterco, sangrando, sentindo arrepios, cambaleando. Ao redor dela, um tagarelar sem fim.

– Minha esposa tem tetas melhores do que essas – um homem gritou.

Um cocheiro amaldiçoava enquanto os Pobres Irmãos ordenavam que sua carroça saísse do caminho.

– *Vergonha, vergonha, vergonha da pecadora* – entoavam as septãs.

– Olhem para esta aqui – uma puta falou da janela de um bordel, levantando a saia para os homens lá embaixo –, não teve metade dos paus que essa aí.

Sinos tocavam, tocavam, tocavam.

– Essa não pode ser a rainha – um menino disse –, ela é flácida como minha mãe.

*Essa é minha penitência,* Cersei disse para si mesma. *Pequei muito gravemente, essa é minha expiação. Acabará logo, ficará para trás, então poderei esquecer.*

A rainha começou a ver rostos familiares. Um homem careca com costeletas grossas franziu o cenho em uma janela como seu pai faria e,

por um instante, ele se pareceu tanto com Lorde Tywin que ela tropeçou. Uma jovem estava sentada ao lado de uma fonte, molhando-se com a água que espirrava, e a encarou com os olhos acusadores de Melara Hetherspoon. Viu Ned Stark e, ao lado dele, a pequena Sansa com seu cabelo ruivo e um cão cinza felpudo que devia ser sua loba. Cada criança se contorcendo no meio da multidão se tornou seu irmão Tyrion, escarnecendo dela como ele fizera quando Joffrey morreu. E ali estava Joffrey também, seu filho, seu primogênito, seu belo menino com cachos dourados e sorriso doce, ele tinha lábios tão adoráveis, ele...

Foi quando ela caiu pela segunda vez.

Estava tremendo como uma folha quando a colocaram em pé.

– Por favor – disse. – Mãe, tenha misericórdia. Eu confessei.

– Você confessou – disse Septã Moelle. – Esta é sua expiação.

– Não falta muito – falou Septã Unella. – Vê? – apontou. – Até o alto da colina, e é tudo.

*Até o alto da colina. E é tudo.* Era verdade. Estavam aos pés da Grande Colina de Aegon, o castelo acima deles.

– Puta – alguém gritou.

– Fode-irmão – outra voz completou. – Abominação.

– Quer dar uma chupada aqui, Vossa Graça? – um homem com um avental de açougueiro agarrou o pau pelo calção, rindo. Não importava. Ela estava quase em casa.

Cersei começou a subida.

De algum modo, as vaias e os gritos eram mais grosseiros ali. Sua caminhada não a havia levado até a Baixada das Pulgas, então seus habitantes tinham se reunido nas encostas mais baixas da Grande Colina de Aegon para ver o espetáculo. Seus rostos maliciosos, vistos por detrás dos escudos e das lanças dos Pobres Irmãos, pareciam distorcidos, monstruosos, medonhos. Porcos e crianças nuas estavam em todos os lugares, mendigos aleijados e batedores de carteiras fervilhavam como baratas entre a aglomeração de pessoas. Ela viu homens cujos dentes haviam sido afiados em pontas, velhas com bócio tão grande quanto a cabeça, uma puta com uma imensa cobra listrada sobre os seios e os ombros, um homem com o queixo e as bochechas cobertos com feridas abertas que vazavam pus cinza. Sorriam, lambiam os lábios e vaiavam enquanto ela passava mancando por eles, os seios arfando com o esforço

da subida. Alguns gritavam propostas obscenas, outros, insultos. *Palavras são vento*, ela pensou, *palavras não podem me ferir. Sou bonita, a mais bela mulher de toda Westeros, Jaime diz isso, Jaime nunca mentiria para mim. Mesmo Robert, Robert nunca me amou, mas ele via que eu era bonita, ele me queria.*

Mas não se sentia bonita. Ela se sentia velha, usada, suja, feia. Havia estrias em sua barriga das crianças que parira, e os seios não eram mais tão firmes quanto eram quando era mais jovem. Sem um vestido para mantê-los, cediam contra seu peito. *Eu não devia ter feito isso. Eu era a rainha deles, mas agora eles viram, eles viram, eles viram. Eu nunca deveria tê-los deixado ver*. Vestida e coroada, ela era uma rainha. Nua, sangrando, mancando, era apenas uma mulher, não muito diferente das esposas deles, mais parecidas com suas mães do que com suas belas filhinhas donzelas. *O que eu fiz?*

Havia algo em seus olhos, ardendo, borrando a visão. Não podia chorar, não podia chorar, os vermes não deviam vê-la chorando. Cersei esfregou os olhos com as palmas das mãos. Uma rajada de vento frio a fez tremer violentamente.

E repentinamente a bruxa estava ali, parada na multidão, suas tetas penduradas e a pele cheia de verrugas esverdeadas, maldosa como os demais, com a malícia brilhando nos duros olhos amarelos.

– *Rainha você será* – ela sibilou –, *até que venha outra, mais jovem e mais bonita, para derrubar você e tomar tudo o que lhe é mais caro.*

E então não foi mais possível segurar as lágrimas. Elas queimavam pelas bochechas da rainha como ácido. Cersei deu um grito agudo, cobriu os mamilos com um braço, deslizou a outra mão para esconder sua fenda e começou a correr, forçando o caminho pela fileira de Pobres Irmãos, abaixando-se enquanto se arrastava colina acima. No meio do caminho, tropeçou e caiu, ergueu-se, então caiu novamente dez metros adiante. A próxima coisa que soube é que estava rastejando, correndo para cima de quatro, como um cão, enquanto a boa gente de Porto Real abria caminho para ela, rindo, zombando e aplaudindo.

Então a multidão ficou para trás e pareceu se dissolver, e lá estavam os portões do castelo diante dela, e uma fileira de lanceiros em brilhantes meios-elmos e mantos carmesins. Cersei ouviu o som rude e familiar de seu tio rosnando ordens, e viu um clarão branco de ambos os lados

enquanto Sor Boros Blount e Sor Meryn Trant caminhavam na direção dela com armaduras claras e mantos nevados.

– Meu filho – ela gritou. – Onde está meu filho? Onde está Tommen?

– Não está aqui. Nenhum filho deve testemunhar a vergonha da mãe. – A voz de Sor Kevan era dura. – Cubram-na.

Então Jocelyn estava debruçada sobre ela, enrolando-a em um cobertor de lã verde, macio e limpo, que cobria sua nudez. Uma sombra caiu sobre ambas, cobrindo o sol. A rainha sentiu o aço frio deslizar sob seu corpo, um par de grandes braços blindados erguendo-a do chão, levantando-a no ar tão facilmente quanto ela erguia Joffrey quando ele ainda era um bebê. *Um gigante*, Cersei pensou, tonta, enquanto ele a levava com passos largos em direção à entrada da Fortaleza. Ouvira que gigantes ainda podiam ser encontrados na natureza sem deuses além da Muralha. *Isso é só uma história. Estou sonhando?*

Não. Seu salvador era real. Dois metros e meio de altura, talvez mais, com pernas tão grossas quanto árvores, tinha um peito digno de um cavalo de arado e ombros que não desonrariam um boi. Sua armadura era de chapa de aço, esmaltada branca e brilhante como as esperanças de uma donzela e, sobre ela, uma cota de malha dourada. Um grande elmo cobria seu rosto. Do alto de sua cabeça saíam sete plumas sedosas nas cores do arco-íris da Fé. Um par de estrelas de sete pontas douradas prendiam seu manto esvoaçante nos ombros.

*Um manto branco.*

Sor Kevan mantivera sua parte na barganha. Tommen, seu precioso menininho, nomeara seu campeão para a Guarda Real.

Cersei nunca soube de onde Qyburn veio, mas de repente ele estava ao lado deles, lutando para acompanhar os largos passos de seu campeão.

– Vossa Graça – disse –, é bom tê-la de volta. Posso ter a honra de lhe apresentar nosso mais novo membro da Guarda Real? Este é Sor Robert Forte.

– Sor Robert – Cersei murmurou, enquanto entravam pelos portões.

– Para o agrado de Vossa Graça, Sor Robert fez o sagrado voto do silêncio – Qyburn falou. – Jurou que não falará até que todos os inimigos de Sua Graça estejam mortos e o mal seja expulso do reino.

*Sim*, pensou Cersei Lannister. *Oh, sim.*

# Tyrion

A pilha de pergaminhos estava formidavelmente alta. Tyrion olhou para ela e suspirou.

– Eu tinha entendido que vocês eram um bando de irmãos. Esse é o amor que um irmão nutre pelo outro? Onde está a confiança? A amizade, o respeito carinhoso, a profunda afeição que apenas homens que lutam e sangram juntos são capazes de conhecer?

– Tudo a seu tempo – disse Ben Mulato Plumm.

– Depois que você assinar – disse Tinteiros, afinando uma pena.

Kasporio, o Astuto, tocou no cabo da espada.

– Se quiser começar a sangrar agora, ficarei feliz em lhe proporcionar isso.

– É muita gentileza sua oferecer isso – disse Tyrion. – Mas acho que não.

Tinteiros colocou os pergaminhos diante dele e lhe estendeu a pena.

– Aqui está sua tinta. Esta é da Antiga Volantis. Dura tanto quanto as tintas negras dos meistres. Tudo o que precisa fazer é assinar e passar as notas para mim. Eu farei o resto.

Tyrion deu um sorriso torto.

– Posso ler primeiro?

– Se quiser. São todas iguais, de modo geral. Exceto as que estão no fundo, mas chegaremos nelas no devido tempo.

*Oh, estou certo que sim.* Para a maioria dos homens, não havia custo para se juntar a uma companhia, mas ele não era a maioria dos homens. Mergulhou a pena no pote de tinta, inclinou-se sobre o primeiro pergaminho, parou e olhou para cima.

– Vocês preferem que eu assine *Yollo* ou *Hugor Hill*?

Ben Mulato apertou os olhos.

– Você prefere voltar para os herdeiros de Yezzan ou apenas ser decapitado?

O anão riu e assinou o pergaminho, *Tyrion da Casa Lannister*. Passou o documento para Tinteiros e folheou a pilha que restava.

– Aqui há... o quê? Cinquenta? Sessenta? Pensei que eram quinhentos Segundos Filhos.

– Quinhentos e treze no presente – Tinteiros disse. – Quando você assinar nosso livro, seremos quinhentos e quatorze.

– Apenas um em cada dez recebe uma nota? Isso dificilmente parece justo. Pensei que vocês das companhias livres eram do tipo que divide tudo igualmente. – Assinou outra folha.

Ben Mulato riu.

– Oh, tudo dividido. Mas não igualmente. Os Segundos Filhos não são diferentes de uma família...

– ... e toda família tem primos babões. – Tyrion assinou outra nota. O pergaminho enrugado crepitou quando o passou para o tesoureiro. – Há celas dentro das entranhas de Rochedo Casterly onde o senhor meu pai mantinha os piores dos nossos. – Mergulhou a pena no pote de tinta. *Tyrion da Casa Lannister*, rabiscou, prometendo pagar ao portador da nota cem dragões de ouro. *Cada movimento da pena me deixa um pouco mais pobre... ou deixaria, se eu não fosse um pedinte, para começar.* Um dia, poderia se arrepender dessas assinaturas. *Mas não hoje*. Soprou a tinta molhada, passou o pergaminho para o tesoureiro e assinou outro que estava embaixo. E novamente. E novamente. E novamente. – Isso me fere profundamente, devo dizer – disse, entre uma assinatura e outra. – Em Westeros, a palavra de um Lannister é considerada tão boa quanto ouro.

Tinteiros deu de ombros.

– Não estamos em Westeros. Neste lado do mar estreito, colocamos nossas promessas no papel. – Em cada folha que lhe era passada, ele jogava uma fina camada de areia na assinatura para absorver o excesso de tinta, sacudia e colocava de lado. – Dívidas escritas no vento tendem a ser... esquecidas, podemos dizer?

– Não por nós. – Tyrion assinou outra folha. E outra. Encontrara um ritmo, agora. – Um Lannister sempre paga suas dívidas.

Plumm riu.

– Sim, mas a palavra de um mercenário é sem valor.

*Bem, a sua é*, pensou Tyrion, *e graças aos deuses por isso.*

– É verdade, mas não serei um mercenário até assinar seu livro.

– Em breve – disse Ben Mulato. – Depois das notas.

– Estou dançando o mais rápido que posso. – Queria rir, mas isso teria arruinado o jogo. Plumm estava gostando daquilo, e Tyrion não tinha nenhuma intenção de tirar sua diversão. *Deixe-o pensar que está se deitando sobre mim e comendo meu cu, e comprarei espadas de aço com dragões de pergaminho*. Se alguma vez voltasse para Westeros para reivindicar seu direito de nascimento, teria todo o ouro de Rochedo Casterly para cumprir suas promessas. Se não, bem, estaria morto, e seus novos irmãos podiam limpar a bunda com os pergaminhos. Talvez alguns deles fossem para Porto Real carregando seus rabiscos, na esperança de convencer sua doce irmã a pagá-los. *E eu gostaria de ser uma barata para testemunhar isso.*

O texto nos pergaminhos mudou da metade da pilha para baixo. As notas de cem dragões eram todas para oficiais. De repente, as quantias ficavam maiores. Agora Tyrion prometia pagar ao portador mil dragões de ouro. Abanou a cabeça, riu, assinou. E novamente. E novamente.

– Então – disse, enquanto rabiscava –, quais serão meus deveres com a companhia?

– Você é feio demais para ser michê de Bokkoko – disse Kasperio –, mas pode ser aparador de seta.

– Sou melhor do que você imagina – disse Tyrion, recusando-se a morder a isca. – Um homem pequeno com um grande escudo deixará os arqueiros loucos. Um homem mais sábio do que você me disse isso certa vez.

– Você trabalhará com Tinteiros – disse Ben Mulato Plumm.

– Você trabalhará *para* Tinteiros – corrigiu Tinteiros. – Manter os livros, contar moedas, escrever contratos e cartas.

– Com prazer – falou Tyrion. – Amo livros.

– O que mais você faria? – escarneceu Kasporio. – Olhe para você. Não é feito para a batalha.

– Certa vez fiquei encarregado de todos os drenos de Rochedo Casterly – Tyrion disse suavemente. – Alguns deles estavam parados havia anos, mas logo os fiz drenarem alegremente. – Mergulhou a pena na tinta

novamente. Outra dúzia de notas, e estava acabado. – Talvez eu possa supervisionar suas seguidoras de acampamento. Não podemos ter os homens parados sobre elas, podemos?

Aquela brincadeira não agradou Ben Mulato.

– Fique longe das putas – avisou. – A maioria delas tem sífilis, e elas falam. Você não é o primeiro escravo fugido a se juntar à companhia, mas isso não significa que precisamos alardear sua presença. Não quero você desfilando por onde possa ser visto. Fique aqui dentro o máximo que puder, e cague em seu balde. Há muitos olhos nas latrinas. E nunca vá além do nosso acampamento sem a minha permissão. Podemos vestir você com aço de escudeiro e fingir que é o michê de Jorah, mas alguns verão a verdade. Uma vez que tomemos Meereen e estejamos longe, em Westeros, você pode se empinar todo em ouro e carmesim. Até lá, no entanto...

– ... devo viver sob uma rocha e nunca fazer um som. Tem minha palavra nisso. – *Tyrion da Casa Lannister*, assinou mais uma vez, com um floreio. Era o último pergaminho. Restavam três notas, diferentes das demais. Duas estavam escritas em pergaminho fino e eram nominais. Para Kasporio, o Astuto, dez mil dragões. O mesmo para Tinteiros, cujo nome verdadeiro parecia ser Tybero Istarion. – *Tybero?* – disse Tyrion. – Soa quase como Lannister. Você é algum tipo de primo há muito perdido?

– Talvez. Sempre pago minhas dívidas também. É o que se espera de um tesoureiro. Assine.

Ele assinou.

A nota de Ben Mulato era a última. Aquela fora inscrita sobre um rolo de pele de cordeiro. *Cem mil dragões de ouro, seis mil acres de terra fértil, um castelo e uma senhoria. Muito bem. Esse Plumm não vem barato.* Tyrion mexeu em sua cicatriz e se perguntou se devia fazer um espetáculo de indignação. Quando alguém fode um homem, espera um grito ou dois. Podia amaldiçoar, jurar e exaltar o roubo, recusar-se a assinar por um momento, então ceder relutantemente, protestando todo o tempo. Mas estava cansado da encenação, então, em vez disso, riu, assinou e deu o rolo para Ben Mulato.

– Seu pau é tão grande quanto reza a lenda – disse. – Considere-me bem e realmente fodido, Lorde Plumm.

Ben Mulato assoprou a assinatura.

– O prazer é meu, Duende. E agora, faremos você um dos nossos. Tinteiros, pegue o livro.

O livro era encadernado em couro, com dobradiças de ferro, e grande o suficiente para que se pudesse cear sobre ele. Dentro das pesadas placas de madeira estavam nomes e datas que remontavam mais de um século.

– Os Segundos Filhos estão entre as mais antigas companhias livres – Tinteiros disse, enquanto virava as páginas. – Este é o quarto livro. O nome de cada homem que serviu conosco está escrito aqui. Quando se juntaram a nós, onde lutaram, quanto tempo serviram, como foram suas mortes – tudo no livro. Você encontrará nomes famosos aqui, alguns dos seus Sete Reinos. Aegor Rivers serviu um ano conosco, antes de nos deixar para fundar a Companhia Dourada. Açoamargo, vocês o chamam. O Príncipe Brilhante, Aerion Targaryen, foi um Segundo Filho. E Rodrik Stark, o Lobo Andarilho, também. Não, não com essa tinta. Aqui, use essa. – Destampou um novo pote e o deu ao anão.

Tyrion inclinou a cabeça.

– Tinta vermelha?

– Uma tradição da companhia – Tinteiros explicou. – Houve um tempo em que cada novo homem escrevia seu nome com o próprio sangue, mas acontece que sangue dá uma tinta muito pobre.

– Os Lannister amam tradições. Empreste-me sua faca.

Tinteiros ergueu uma sobrancelha, deu de ombros, tirou a adaga da bainha e a deu pelo cabo. *Ainda dói, Meiomeistre, muito obrigado*, pensou Tyrion enquanto furava a ponta do polegar. Apertou uma gorda gota de sangue no pote de tinta, trocou a adaga por uma pena nova e rabiscou, *Tyrion da Casa Lannister, Senhor de Rochedo Casterly*, em uma grande letra de mão, bem abaixo da assinatura bem mais modesta de Jorah Mormont.

*E está feito*. O anão balançou para trás no banco de acampamento.

– É tudo o que exigem de mim? Não preciso fazer um juramento? Matar um bebê? Chupar o pau do capitão?

– Chupe o que quiser. – Tinteiros virou o livro e salpicou a página com um pouco de areia fina. – Para a maioria de nós, a assinatura é suficiente, mas eu odiaria desapontar um novo irmão em armas. Bem-vindo aos Segundos Filhos, Lorde Tyrion.

*Lorde Tyrion*. O anão gostou do som daquilo. Os Segundos Filhos podiam não desfrutar da reputação brilhante da Companhia Dourada, mas haviam conquistado algumas vitórias famosas através dos séculos.

– Outros senhores já serviram com a companhia?

– Senhores sem terras – disse Ben Mulato. – Como você, Duende.

Tyrion saltou do banco.

– Meus irmãos anteriores foram completamente insatisfatórios. Espero mais dos novos. Agora, como faço para conseguir armas e uma armadura?

– Quer um porco para cavalgar também? – perguntou Kasporio.

– Ora, não sabia que sua esposa estava na companhia – disse Tyrion. – É muita gentileza sua oferecê-la, mas prefiro um cavalo.

O espadachim corou, mas Tinteiros gargalhou alto e Ben Mulato chegou a rir.

– Tinteiros, mostre-lhe os carroções. Ele pode escolher entre o aço da companhia. A garota também. Coloque um elmo nela, um pouco de cota de malha, e talvez alguns a tomem por um garoto.

– Lorde Tyrion, comigo. – Tinteiros segurou a porta de lona para deixá-lo bambolear para fora. – Pedirei para Bocados levar vocês até os carroções. Pegue sua mulher e encontre com ele na tenda da cozinha.

– Ela não é minha mulher. Talvez queira ficar com ela. Tudo o que faz ultimamente é dormir e me olhar fixamente.

– Você precisa bater nela com mais força e fodê-la com mais frequência – o tesoureiro sugeriu amavelmente. – Leve-a, deixe-a, como queira. Bocados não vai se importar. Venha me encontrar quando estiver com sua armadura, e iniciarei você nos livros.

– Como quiser.

Tyrion encontrou Merreca dormindo no canto de sua tenda, em um fino colchão de palha, sob uma pilha de roupas de cama sujas. Quando a tocou com a ponta da bota, ela virou, piscou para ele e bocejou.

– Hugor? O que é?

– Estamos falando de novo? – Era melhor do que seu silêncio mal-humorado. *Tudo por causa de um cão e um porco abandonados. Salvei nós dois da escravidão, imagina-se que um pouco de gratidão seja adequado*. – Se dormir mais tempo, vai perder a guerra.

– Estou triste. – Ela bocejou novamente. – Estou cansada. Tão cansada.

*Cansada ou doente?* Tyrion se ajoelhou diante do colchão dela.

– Você parece pálida. – Ele sentiu sua testa. *Está quente aqui, ou ela está com um pouco de febre?* Não ousava fazer a pergunta em voz alta. Mesmo homens duros como os Segundos Filhos morriam de medo de montar a égua descorada. Se pensassem que Merreca estava doente, eles a expulsariam sem um momento de hesitação. *Podem até nos devolver para os herdeiros de Yezzan, com notas ou sem notas*. – Eu assinei o livro deles. Do jeito antigo, com sangue. Sou agora um Segundo Filho.

Merreca sentou-se, esfregando o sono dos olhos.

– E eu? Posso assinar também?

– Acho que não. Algumas companhias livres são conhecidas por aceitar mulheres, mas... bem, eles não são as Segundas Filhas, afinal de contas.

– Nós – ela o corrigiu. – Se você é um deles, deve dizer nós, não *eles*. Alguém viu Porca Bonita? Tinteiros disse que perguntaria por ela. Ou Triturador, tem alguma notícia do Triturador?

*Apenas se acreditar em Kasporio*. O não-tão-astuto-segundo-em-comando de Plumm afirmava que três apanhadores de escravos estavam rondando pelo acampamento, perguntando por um par de anãos fugitivos. Um deles levava uma lança alta com uma cabeça de cachorro empalada na ponta, pelo que Kaspo dissera. Tais notícias não tirariam Merreca da cama, no entanto.

– Nada, ainda – mentiu. – Venha. Precisamos encontrar uma armadura para você.

Ela lhe deu um olhar cauteloso.

– Armadura? Por quê?

– Por algo que meu velho mestre em armas me falava. “Nunca vá para a batalha despido, rapaz”, ele dizia. Sigo suas palavras. Além disso, agora que sou um mercenário, eu realmente devo ter uma espada para vender. – Ela ainda não mostrava sinais de que ia se mexer. Tyrion a pegou pelo pulso, a colocou em pé e jogou um punhado de roupas em seu rosto. – Vista-se. Use o manto com o capuz e mantenha a cabeça baixa. Supostamente somos um par de rapazes, para o caso dos apanhadores de escravos estarem observando.

Bocados estava esperando na tenda da cozinha, mastigando folhamarga quando os dois anões chegaram, cobertos com os mantos e encapuzados.

– Ouvi dizer que vocês dois vão lutar conosco – o oficial disse. – Eles devem estar mijando nas calças em Meereen. Algum de vocês já matou um homem?

– Eu já – disse Tyrion. – Eu os golpeei como moscas.

– Com o quê?

– Um machado, uma adaga, de preferência. Embora seja mais mortal com minha besta.

Bocados coçou a barba por fazer com a ponta de seu gancho.

– Coisa desagradável, uma besta. Quantos homens você matou com isso?

– Nove. – Seu pai valia pelo menos por esse tanto, certamente. Senhor de Rochedo Casterly, Protetor do Oeste, Escudo de Lannisporto, Mão do Rei, marido, irmão, pai, pai, pai.

– Nove. – Bocados bufou e cuspiu um bocado de gosma vermelha. Talvez tivesse apontado para os pés de Tyrion, mas acertou seu joelho. Claramente era o que pensava sobre "nove". Os dedos do oficial estavam manchados de vermelho do suco da folhamarga que mastigava. Levou dois até a boca e assobiou. – *Kem!* Venha aqui, seu pote de mijo da porra. – Kem veio correndo. – Leve o Senhor e a Senhora Duende até os carroções e peça para Martelo arrumar-lhes algum aço da companhia.

– Martelo deve estar desmaiado de bêbado – Kem avisou.

– Mije na cara dele. Isso o acordará. – Bocados se virou para Tyrion e Merreca. – Nunca tivemos nenhum maldito anão antes, mas garotos nunca nos faltaram. Filhos dessa puta ou daquela, pequenos tolos fugidos de casa em busca de aventuras, michês, escudeiros e tipos assim. Algumas das merdas deles podem ser pequenas o bastante para caber em duendes. É a porra que usavam quando morreram, provavelmente, mas sei que isso não vai incomodar fodidos ferozes como vocês dois. Nove, é isso? – Balançou a cabeça e se afastou.

Os Segundos Filhos mantinham as armaduras da companhia em seis grandes carroções colocados perto do meio do acampamento. Kem mostrou o caminho, balançando a lança como se fosse um bastão.

– Como um rapaz de Porto Real termina em uma companhia livre? – Tyrion perguntou para ele.

O rapaz lhe deu um olhar de soslaio desconfiado.

– Quem disse para você que sou de Porto Real?

– Ninguém. – *Cada palavra que sai da sua boca fede à Baixada das Pulgas*. – Sua inteligência o denuncia. Não há ninguém mais esperto do que alguém de Porto Real, dizem.

Aquilo pareceu sobressaltá-lo.

– Quem diz isso?

– Todo mundo. – *Eu.*

– Desde quando?

*Desde que eu inventei*.

– Há muito tempo – mentiu. – Meu pai costumava dizer isso. Você conhece Lorde Tywin, Kem?

– A Mão. Uma vez eu o vi cavalgando pela colina. Seus homens tinham mantos vermelhos e pequenos leões nos elmos. Gostei daqueles elmos. – Sua boca se apertou. – Nunca gostei da Mão, no entanto. Ele saqueou a cidade. E então nos esmagou no Água Negra.

– Você estava lá?

– Com Stannis. Lorde Tywin chegou com o fantasma de Renly e nos acertou pelo flanco. Larguei minha lança e corri, mas aquele maldito cavaleiro nos navios disse: "Onde está sua lança, garoto? Não temos espaço para covardes", e me deixaram lá, e milhares além de mim. Mais tarde ouvi dizer que seu pai estava mandando eles para lutar contra Stannis na Muralha, então atravessei o mar estreito e me juntei aos Segundos Filhos.

– Sente falta de Porto Real?

– Um pouco. Sinto falta de um garoto, ele... ele era meu amigo. E do meu irmão, Kennet, mas ele morreu na ponte dos navios.

– Muitos homens bons morreram naquele dia. – A cicatriz de Tyrion coçava ferozmente. Ele a cutucou com a unha.

– Sinto falta da comida, também – Kem falou, melancolicamente.

– Da comida da sua mãe?

– Os ratos não comeriam a comida da minha mãe. Mas tinha uma loja de ensopados. Ninguém fazia uma tigela de sopa marrom como eles. Tão grossa que você podia colocar a colher de pé na tigela, com pedaços disso e daquilo. Já provou uma tigela de sopa marrom, Meio-Homem?

– Uma vez ou duas. Ensopado de cantor, eu a chamava.

– Por quê?

– Era tão boa que me fazia querer cantar.

Kem gostou daquilo.

– Ensopado de cantor. Pedirei assim, da próxima vez que voltar para a Baixada das Pulgas. Do que você sente falta, Meio-Homem?

*De Jaime*, pensou Tyrion. *De Shae. De Tysha. Da minha esposa, sinto falta da minha esposa, da esposa que mal conheci*.

– Vinho, putas e riqueza – respondeu. – Especialmente da riqueza. A riqueza compra vinho e putas. – *E também compra espadas, e os Kems para manejá-las*.

– É verdade que as latrinas de Rochedo Casterly são feitas de ouro maciço? – Kem perguntou para ele.

– Você não devia acreditar em tudo o que ouve. Especialmente quando a Casa Lannister está em questão.

– Dizem que todos os Lannister são serpentes sinuosas.

– Serpentes? – Tyrion riu. – Este som que você ouviu é o senhor meu pai se revirando no túmulo. Somos leões, como alguns de nós gostam de dizer. Mas não faz diferença, Kem. Tropece em uma serpente ou no rabo de um leão, e você acaba morto do mesmo jeito.

Chegaram ao assim chamado arsenal, tal como era. O ferreiro, o lendário Martelo, mostrou ser um estranho brutamontes, com o braço esquerdo duas vezes mais grosso do que o direito.

– Ele fica bêbado com frequência – Kem falou. – Ben Mulato deixa quieto, mas um dia teremos um armeiro de verdade.

O aprendiz de Martelo era um jovem magro de cabelos vermelhos, chamado Prego. *É claro. O que mais?,* divertiu-se Tyrion. Martelo estava dormindo de bêbado quando alcançaram a forja, exatamente como Kem profetizara, mas Prego não tinha objeção de que os dois anões subissem nos carroções.

– Ferro porcaria, a maior parte – o rapaz avisou –, mas podem pegar o que quiserem.

Sob teto de madeira inclinada e couro esticado, a base dos carroções tinha armas e armaduras antigas amontoadas. Tyrion deu uma olhada e suspirou, lembrando as reluzentes prateleiras de espadas, lanças e alabardas no arsenal dos Lannister, sob Rochedo Casterly.

– Isso vai levar um tempo – declarou.

– Há som de aço aqui, se puder encontrá-lo – uma voz profunda resmungou. – Nenhum deles é bonito, mas parará uma espada.

Um grande cavaleiro veio do fundo de um carroção, vestido da cabeça aos pés em aço da companhia. Sua greva esquerda não combinava com a direita, o gorjal estava salpicado de ferrugem, seus braços ricos e ornamentados, incrustados com flores de nielo. A mão direita tinha uma luva de placas de ferro, na esquerda uma luva sem dedos de cota de malha enferrujada. Os mamilos de sua musculosa placa peitoral tinham um par de anéis de ferro. O grande elmo ostentava chifres de carneiro, um dos quais estava quebrado.

Quando o tirou, revelou o rosto espancado de Jorah Mormont.

*Ele parece um mercenário dos pés a cabeça, e não a coisa meio quebrada que pegamos da jaula de Yezzan,* Tyrion refletiu. A maioria dos hematomas estava sumindo, e o inchaço em seu rosto tinha abrandado em grande parte, então Mormont parecia quase humano mais uma vez... embora apenas vagamente parecesse consigo mesmo. A máscara de demônio que os traficantes de escravos haviam queimado em sua bochecha direita para marcá-lo como perigoso e desobediente nunca o deixaria. Sor Jorah nunca fora o que alguém poderia chamar de um homem gracioso. A marca havia transformado seu rosto em algo assustador.

Tyrion riu.

– Enquanto eu parecer mais bonito do que você, estarei feliz. – Virou-se para Merreca. – Você fica com aquele carroção. Começarei com este aqui.

– Será mais rápido se olharmos juntos. – Ela pegou um meio-elmo de ferro enferrujado, deu uma risadinha e enfiou-o na cabeça. – Pareço temível?

*Você parece uma pantomimeira com um penico na cabeça*.

– Isso é um meio-elmo. Você quer um grande elmo. – Encontrou um e trocou o meio-elmo por ele.

– É muito grande. – A voz de Merreca ecoou cavernosa dentro do aço. – Não posso olhar para fora. – Ela tirou o elmo e o jogou de lado. – O que tem de errado com o meio-elmo?

– Tem o rosto aberto. – Tyrion apertou o nariz dela. – Gosto de olhar seu nariz. É melhor que você o deixe guardado.

Os olhos dela se arregalaram.

– Você gosta do meu nariz?

*Ó, Sete, salvem-me*. Tyrion virou-se e começou a fuçar entre algumas pilhas de armaduras velhas em direção ao fundo do carroção.

– Há outras partes minhas de que você gosta? – Merreca perguntou.

Talvez ela pretendesse que aquilo soasse brincalhão. Em vez disso, soou triste.

– Gosto de todas as suas partes – Tyrion respondeu, na esperança de encerrar qualquer outra discussão sobre o assunto –, e gosto até mesmo das minhas.

– Por que precisamos de armaduras? Somos apenas pantomimeiros. Apenas *fingimos* lutar.

– Você finge muito bem – disse Tyrion, examinando uma pesada camisa de cota de malha de ferro tão cheia de buracos que quase parecia comida por traças. *Que tipo de traça come correntes de ferro?* – Fingir-se de morta é uma maneira de sobreviver à batalha. Uma boa armadura é outra. – *Embora haja bem pouco disso aqui, temo*. No Ramo Verde, ele lutara com pedaços desencontrados de placas dos carroções de Lorde Lefford, com um elmo cilíndrico pontudo que o fazia parecer como se alguém tivesse virado um balde de água suja em sua cabeça. Esse aço da companhia era pior. Não apenas velho e inadequado, mas amassado, rachado e quebradiço. *Isso é sangue seco ou apenas ferrugem?* Deu uma cheirada, mas ainda assim não podia ter certeza.

– Aqui está uma besta. – Merreca mostrou para ele.

Tyrion olhou para a arma.

– Não posso usar um guincho de estribo. Minhas pernas não são compridas o suficiente. Uma manivela seria melhor. – Embora, verdade fosse dita, ele não quisesse uma besta. Levavam muito tempo para recarregar. Mesmo se ficasse escondido na vala das latrinas esperando que algum inimigo viesse se agachar, as chances de perder mais de uma flecha podiam não ser poucas.

Em vez disso, pegou uma clava, deu uma balançada e colocou-a no lugar. *Muito pesada*. Passou por um martelo de guerra (muito longo), uma maça (também muito pesada), e meia dúzia de espadas longas antes de encontrar um punhal do qual gostou, um desagradável pedaço de aço com uma lâmina triangular.

– Isto pode servir – disse. A lâmina tinha um pouco de ferrugem, mas isso apenas a deixava mais asquerosa. Encontrou uma bainha de madeira

e couro que se adaptava e colocou o punhal dentro.

– Uma espada pequena para um homem pequeno? – brincou Merreca.

– É um punhal, e feito para um grande homem. – Tyrion mostrou para ela uma antiga espada longa. – Isso é uma espada. Experimente.

Merreca pegou a arma, balançou-a, franziu o cenho.

– É muito pesada.

– Aço pesa mais do que madeira. Golpeie o pescoço de um homem com essa coisa, no entanto, e é como se a cabeça dele se transformasse em um melão. – Pegou a espada dela e a inspecionou mais de perto. – Aço barato. E chanfrado. Aqui, vê? Retiro o que eu disse. Você precisa de uma lâmina melhor para arrancar cabeças.

– Não quero arrancar cabeças.

– Nem devia. Mantenha os golpes abaixo do joelho. Panturrilha, tendão, tornozelo... até gigantes caem se você cortar os pés deles fora. Uma vez que estejam caídos, não são maiores do que você.

Merreca olhou como se estivesse prestes a chorar.

– Noite passada, sonhei que meu irmão estava vivo novamente. Estávamos disputando justas para um grande senhor, cavalgando Triturador e Porca Bonita, e os homens jogavam rosas em nós. Estávamos tão felizes...

Tyrion deu um tapa nela.

Foi um golpe suave, apesar de tudo, um pequeno movimento do pulso, com pouca força atrás dele. Nem deixou marca na bochecha. Mas os olhos dela se encheram de lágrimas do mesmo jeito.

– Se quer sonhar, volte a dormir – ele lhe disse. – Quando acordar, ainda seremos escravos fugitivos no meio de um cerco. Triturador está morto. A porca também, provavelmente. Agora encontre alguma armadura e a coloque, não importa onde ela incomode. O espetáculo de pantomimeiros acabou. Lute, esconda-se ou se cague, como quiser, mas o que quer que decida fazer, fará vestida em aço.

Merreca tocou a bochecha que ele batera.

– Nunca devíamos ter fugido. Não somos mercenários. Não somos nenhum tipo de guerreiros. Não era tão ruim com Yezzan. Não era. O Babá era cruel algumas vezes, mas Yezzan não. Nós éramos seus favoritos, seus... seus...

– *Escravos*. A palavra que você está procurando é *escravos*.

– Escravos – ela disse, enrubescendo. – Mas éramos seus escravos especiais. Como Doces. Seus tesouros.

*Seus animais de estimação*, pensou Tyrion. *E ele nos amava tanto que nos mandou para a arena, para sermos devorados por leões.*

Ela não estava completamente errada. Os escravos de Yezzan comiam melhor do que muitos camponeses nos Sete Reinos, e era menos provável que morressem de fome no inverno. Escravos eram bens, sim. Podiam ser comprados e vendidos, chicoteados e marcados, usados para o prazer carnal de seus proprietários, acasalados para gerarem mais escravos. Nesse sentido, não eram mais do que cães ou cavalos. Mas a maioria dos senhores tratava seus cães e cavalos muito bem. Homens orgulhosos podiam gritar que preferiam morrer do que viver como escravos, mas o orgulho era barato. Quando o aço soltava faísca, tais homens eram raros como dente de dragão; de outro modo, o mundo não estaria tão cheio de escravos. *Nunca houve um escravo que não escolheu ser escravo*, o anão refletiu. *Sua escolha pode ser entre a escravidão e a morte, mas a escolha sempre está ali.*

Tyrion Lannister não era exceção. Sua língua lhe garantira algumas listras nas costas no início, mas logo aprendera os truques para agradar o Babá e o nobre Yezzan. Jorah Mormont lutara mais tempo e mais duramente, mas chegara ao mesmo lugar no final.

*E Merreca, bem...*

Merreca estivera procurando um novo mestre desde o dia em que seu irmão Tostão perdera a cabeça. *Ela quer alguém que tome conta dela, alguém que lhe diga o que fazer.*

Teria sido muito cruel dizer uma coisa dessas, no entanto. Em vez disso, Tyrion falou:

– Os escravos especiais de Yezzan não escaparam da égua descorada. Estão mortos, todos eles. Doces foi a primeira a ir. – O mestre mamute deles morrera no dia em que fugiram, Ben Mulato Plumm lhe contara. Nem ele, nem Kasporio, nem nenhum dos outros mercenários sabia o destino dos habitantes do circo grotesco de Yezzan... mas, se a Bela Merreca precisava de mentiras para parar com seu lamento, ele mentiria para ela. – Se quer ser uma escrava novamente, eu encontrarei um mestre gentil para você quando a guerra acabar e venderei você por ouro suficiente para me levar para casa – Tyrion prometeu. – Encontrarei um

bom yunkaíta que lhe dê outra bela coleira dourada, com guizos que toquem aonde quer que você vá. Primeiro, no entanto, você precisa sobreviver ao que está chegando. Ninguém compra pantomimeiros mortos.

– Ou anãos mortos – disse Jorah Mormont. – Estaremos todos alimentando vermes quando esta batalha acabar. Os yunkaítas já perderam esta guerra, embora levem algum tempo para descobrir isso. Meereen tem um exército de Imaculados, os melhores do mundo. E Meereen tem dragões. Três deles, uma vez que a rainha retorne. Ela retornará. Ela tem que retornar. Nosso lado consiste em dois grupos de fidalgotes yunkaítas, cada um com seus próprios homens-macacos semitreinados. Escravos em pernas de pau, escravos em correntes... pode ser que tenham tropas de cegos e de crianças paralíticas também, não me estranharia.

– Oh, eu sei – disse Tyrion. – Os Segundos Filhos estão no lado perdedor. Precisam virar suas casacas novamente, e virar agora. – Ele riu. – Deixe isso comigo.

# O derrubador de reis

Uma sombra clara e uma escura, os dois conspiradores chegaram juntos à quietude do arsenal no segundo nível da Grande Pirâmide, entre estantes de lanças, feixes de setas e paredes onde estavam pendurados troféus de batalhas esquecidas.

– Esta noite – disse Skahaz mo Kandaq. O rosto de bronze de um morcego vampiro surgiu por baixo do capuz do manto de retalhos. – Todos os meus homens estão a postos. A senha é Groleo.

– Groleo. – *Isso é justo, suponho*. – Sim. O que foi feito com ele... você estava na corte?

– Um guarda entre quarenta. Todos esperando que aquela túnica vazia no trono desse a ordem para que pudéssemos cortar Barbassangrenta e os outros. Você acha que os yunkaítas ousariam presentear *Daenerys* com a cabeça de seu refém?

*Não*, pensou Selmy.

– Hizdahr parecia perturbado.

– Fingimento. Os parentes de Loraq foram devolvidos sem danos. Você viu. Os yunkaítas encenaram uma farsa de pantomimeiros, com o nobre Hizdahr como o pantomimeiro-chefe. A questão nunca foi Yurkhaz zo Yunzak. Os outros senhores de escravos alegremente pisoteariam aquele velho tolo eles mesmos. Isso era para dar a Hizdahr um pretexto para matar os dragões.

Sor Barristan remoeu aquilo.

– Ele ousaria?

– Ele ousaria matar a rainha. Por que não os animais de estimação dela? Se não agirmos, Hizdahr vai hesitar por um tempo, para provar sua relutância e permitir que os Sábios Mestres tenham a chance de livrá-lo do Corvo Tormentoso e do companheiro de sangue. Então agirá. Eles querem os dragões mortos antes que a frota volantina chegue.

*Sim, eles iriam querer isso. Tudo se encaixa*. Isso não significava que Barristan Selmy gostasse daquela história.

– Isso não vai acontecer. – Sua rainha era a Mãe de Dragões; ele não permitiria que os filhos dela fossem machucados. – Na hora do lobo. A parte mais escura da noite, quando o mundo todo está dormindo. – Ouvira essas palavras pela primeira vez de Tywin Lannister, do lado de fora das muralhas de Valdocaso. *Ele me deu um dia para tirar Aerys de lá. Se eu não retornasse com o rei ao amanhecer do dia seguinte, ele tomaria a cidade com aço e fogo, me disse. Era a hora do lobo quando entrei e era a hora do lobo quando saí.* – Verme Cinzento e os Imaculados fecharão e trancarão os portões à primeira luz.

– Melhor atacar à primeira luz – Skahaz disse. – Irrompemos dos portões e invadimos as linhas do cerco, esmagamos os yunkaítas enquanto estiverem tropeçando para fora de suas camas.

– Não. – Os dois já tinham discutido isso antes. – Há uma paz, assinada e selada por Sua Graça, a rainha. Não seremos os primeiros a rompê-la. Uma vez que tivermos capturado Hizdahr, formaremos um conselho para governar no lugar dele e exigir que os yunkaítas devolvam nossos reféns e retirem seus exércitos. Se eles se recusarem, então, e somente então, vamos informá-los de que a paz está rompida, e sairemos para lhes dar batalha. Seu jeito é desonroso.

– Seu jeito é estúpido – o Cabeça-Raspada disse. – A hora é agora. Nossos libertos estão prontos. Famintos.

Isso era verdade, Selmy sabia. Symon Costas-Listradas, dos Irmãos Livres, e Mollono Yos Dob, dos Escudos Robustos, estavam ansiosos por batalha, com a intenção de testar a si mesmos e lavar todos os males que tinham sofrido em uma maré de sangue yunkaíta. Apenas Marselen, dos Homens da Mãe, partilhava as dúvidas de Sor Barristan.

– Já discutimos isso. Você concordou que seria do meu jeito.

– Concordei – o Cabeça-Raspada resmungou –, mas isso foi antes de Groleo. A cabeça. Os senhores de escravos não têm honra.

– Nós temos – disse Sor Barristan.

O Cabeça-Raspada murmurou alguma coisa em ghiscari e então disse:

– Como quiser. Embora creia que vamos lastimar sua honra de velho antes que este jogo acabe, eu acho. E os guardas de Hizdahr?– Sua Graça mantém dois homens com ele quando dorme. Um na porta do quarto de

dormir, um segundo do lado de dentro, em uma alcova adjacente. Esta noite serão Khrazz e Pele de Aço.

– Khrazz – o Cabeça-Raspada resmungou. – Não gosto deste aí.

– Isso não precisa chegar a sangue – Sor Barristan disse para ele. – Pretendo conversar com Hizdahr. Se ele entender que não pretendemos matá-lo, pode ordenar que os guardas se rendam.

– E se não? Hizdahr pode escapar de nós.

– Ele não escapará. – Selmy não temia Khrazz, muito menos Pele de Aço. Eram apenas lutadores de arena. A temível coleção de ex-escravos lutadores de Hizdahr formava guardas indiferentes, na melhor das hipóteses. Tinham velocidade, força e ferocidade, e alguma habilidade nas armas também, mas jogos de sangue eram um treinamento pobre para proteger reis. Nas arenas, os inimigos eram anunciados com trombetas e tambores, e, depois que a batalha acabava, os vencedores podiam ter suas feridas tratadas e tomar grandes goles de leite de papoula para a dor, sabendo que a ameaça havia passado e estavam livres para beber, festejar e fornicar até a próxima luta. Mas a batalha nunca acabava de verdade para um cavaleiro da Guarda Real. Ameaças vinham de todos os lugares e de lugar algum, e a qualquer hora do dia ou da noite. Nenhuma trombeta anunciava o inimigo; vassalos, servos, amigos, irmãos, filhos, até mesmo esposas, qualquer um podia ter uma faca sob o manto e o assassinato escondido no coração. Para cada hora de luta, o cavaleiro da Guarda Real gastava dez mil horas observando, esperando, parado em silêncio nas sombras. Os lutadores de arena do Rei Hizdahr já estavam ficando entediados e impacientes com seus novos deveres, e homens entediados ficavam negligentes e lentos na reação.

– Eu lidarei com Khrazz – disse Sor Barristan. – Apenas assegure-se de que não precisarei lidar com nenhuma Besta de Bronze também.

– Não tema. Teremos Marghaz acorrentado antes que possa fazer mal. Eu disse para você, as Bestas de Bronze são minhas.

– Você disse que tem homens entre os yunkaítas?

– Delatores e espiões. Reznak tem mais.

*Reznak não é de confiança. Ele cheira muito doce e parece muito desleal*.

– Alguém precisa libertar nossos reféns. A menos que tenhamos nosso pessoal de volta, os yunkaítas os usarão contra nós.

Skahaz bufou pelos buracos do nariz da sua máscara.

– Fácil falar em resgate. Difícil fazer. Deixe os senhores de escravos ameaçarem.

– E se fizerem mais do que ameaçar?

– Sentiria muita falta deles, velho? Um eunuco, um selvagem e um mercenário?

*Herói, Jhogo e Daario.*

– Jhogo é companheiro de sangue da rainha, sangue de seu sangue. Atravessaram o deserto vermelho juntos. Herói é o segundo em comando de Verme Cinzento. E Daario... – *Ela ama Daario*. Via isso em seus olhos, quando ela olhava para o mercenário, ouvia em sua voz quando falava dele. – ... Daario é vaidoso e imprudente, mas é caro à Sua Graça. Ele deve ser resgatado, antes que seus Corvos Tormentosos decidam resolver a questão por si. Isso pode ser feito. Uma vez eu tirei o pai da rainha em segurança de Valdocaso, onde estava sendo mantido cativo por um senhor rebelde, mas...

– ... você nunca poderia esperar passar despercebido entre os yunkaítas. Todos os homens deles conhecem seu rosto agora.

*Eu poderia esconder meu rosto, como você*, pensou Selmy, mas sabia que o Cabeça-Raspada estava certo. Valdocaso acontecera havia muito tempo. Era velho demais para tais atos heroicos.

– Então precisamos encontrar outro meio. Algum outro salvador. Alguém conhecido dos yunkaítas, cuja presença no acampamento não seja notada.

– Daario chama você de Sor Vovô – Skahaz o recordou. – Não vou dizer do que ele me chama. Se você e eu fôssemos os reféns, ele arriscaria a pele por nós?

*Provavelmente não*, pensou, mas respondeu:

– Ele poderia....

– Daario mijaria em nós se estivéssemos queimando. Caso contrário, não espere ajuda dele. Deixe os Corvos Tormentosos escolherem outro capitão, um que conheça seu lugar. Se a rainha não voltar, o mundo terá um mercenário a menos. Quem vai lamentar?

– E quando ela retornar?

– Ela vai chorar, arrancar os cabelos e amaldiçoar os yunkaítas. Não nós. Nenhum sangue estará em nossas mãos. Você pode confortá-la.

Conte-lhe alguma história dos velhos tempos, ela gosta disso. Pobre Daario, seu bravo capitão... ela nunca o esquecerá, não... mas será melhor para todos nós se ele estiver morto, não? Melhor para Daenerys também.

*Melhor para Daenerys e para Westeros*. Daenerys Targaryen amava seu capitão, mas essa era a garota nela, não a rainha. *O Príncipe Rhaegar amou sua Senhora Lyanna, e milhares morreram por isso. Daemon Blackfyre amou a primeira Daenerys, e levantou-se em rebelião quando ela lhe foi negada. Açoamargo e Corvo de Sangue amaram Shiera Seastar, e os Sete Reinos sangraram. O Príncipe das Libélulas amou tanto Jenny de Pedravelhas que deixou de lado uma coroa, e Westeros pagou o dote da noiva em cadáveres.* Todos os três filhos do quinto Aegon se casaram por amor, em desafio aos desejos do pai. E porque aquele monarca fora do comum tinha, ele mesmo, seguido seu coração quando escolheu sua rainha, permitiu que os filhos trilhassem seu caminho, fazendo amargos inimigos onde poderia ter tido bons amigos. Traição e tumulto se sucederam, como a noite segue o dia, terminando no Solar de Verão, em feitiçaria, fogo e lamento.

*O amor dela por Daario é veneno. Um veneno mais lento do que os gafanhotos, mas no fim tão mortal quanto.*

– Ainda há Jhogo – Sor Barristan disse. – Ele e Herói. Ambos preciosos para Sua Graça.

– Temos reféns também – Skahaz Cabeça-Raspada o recordou. – Se os senhores de escravos matarem um dos nossos, matamos um dos deles.

Por um momento, Sor Barristan não soube o que ele quis dizer. Então entendeu.

– Os copeiros da rainha?

– *Reféns* – insistiu Skahaz mo Kandaq. – Grazhar e Qezza são do sangue da Graça Verde. Mezzara é de Merreq, Kezmya é Pahl, Azzak, Ghazeen. Bhakaz é Loraq, parente do próprio Hizdahr. Todos são filhos e filhas das pirâmides. Zhak, Quazzar, Uhlez, Hazkar, Dhazak, Yherizan, todos filhos dos Grandes Mestres.

– Garotas inocentes e meninos imberbes. – Sor Barristan viera a conhecer todos eles durante o tempo em que serviram a rainha, Grazhar com seus sonhos de glória, a tímida Mezzara, o preguiçoso Miklaz, a vaidosa e bonita Kezmya, Qezza com seus grandes olhos suaves e voz de anjo, Dhazzar, o dançarino, e os demais. – Crianças.

– Crianças da Harpia. Apenas sangue pode pagar sangue.

– O mesmo disse o yunkaíta que trouxe a cabeça de Groleo.

– Ele não estava errado.

– Não permitirei isso.

– Para que servem reféns, se não podem ser tocados?

– Talvez possamos oferecer três das crianças por Daario, Herói e Jhogo – Sor Barristan consentiu. – Sua Graça...

– ... não está aqui. Somos você e eu que temos que fazer o que deve ser feito. Você sabe que estou certo.

– O Príncipe Rhaegar tinha dois filhos – Sor Barristan contou. – Rhaenys era uma menininha, Aegon um bebê de colo. Quando Tywin Lannister tomou Porto Real, seus homens mataram os dois. Ele apresentou os corpos ensanguentados em mantos carmesins, um presente para o novo rei. – *E o que Robert disse quando os viu? Será que ele sorriu?* Barristan Selmy fora gravemente ferido no Tridente, então fora poupado da visão do presente de Lorde Tywin, mas frequentemente se perguntava isso. *Se eu o tivesse visto sorrir sobre os restos tingidos de vermelho dos filhos de Rhaegar, nenhum exército nesta terra teria me impedido de matá-lo.* – Não suportarei o assassinato de crianças. Aceite, ou não tomarei parte nisso.

Skahaz riu.

– Você é um velho teimoso. Seus meninos imberbes crescerão apenas para se tornar Filhos da Harpia. Mate-os agora, ou mate-os então.

– Você mata homens pelos erros que cometeram, não pelos erros que podem cometer um dia.

O Cabeça-Raspada pegou um machado da parede, inspecionou-o e grunhiu.

– Que seja. Nenhum dano para Hizdahr ou seus reféns. Isso o contentará, Sor Vovô?

*Nada a respeito disso me contentará.*

– Servirá. A hora do lobo. Lembre-se.

– Não pretendo esquecer, sor. – Embora a boca do morcego de bronze não se mexesse, Sor Barristan pôde sentir o largo sorriso sob a máscara. – Por muito tempo, Kandaq esperou por esta noite.

*É isso que temo*. Se o Rei Hizdahr fosse inocente, o que fariam era traição. Mas como poderia ser inocente? Selmy ouvira-o insistir para que

Daenerys provasse os gafanhotos envenenados, gritar aos seus homens que matassem o dragão. *Se não agirmos, Hizdahr matará os dragões e abrirá os portões para os inimigos da rainha. Não temos escolha*. Mesmo assim, não importava o quanto virasse ou revirasse, o velho cavaleiro não encontrava honra em nada daquilo.

O restante daquele longo dia passou com a rapidez de um caracol.

Em algum lugar, ele sabia, o Rei Hizdahr estava se consultando com Reznak mo Reznak, Marghaz zo Loraq, Galazza Galare e seus outros conselheiros meereeneses, decidindo qual a melhor resposta para as exigências de Yunkai... mas Barristan Selmy não fazia mais parte desses conselhos. Nem tinha um rei para proteger. Em vez disso, fez rondas na pirâmide, do topo à base, para assegurar-se de que as sentinelas estavam todas em seus postos. Aquilo tomou a maior parte da manhã. Passou a tarde com seus órfãos, e até pegou uma espada e um escudo para fazer, ele mesmo, um teste mais vigoroso com alguns dos rapazes mais velhos.

Alguns já haviam sido treinados para as arenas de lutas quando Daenerys Targaryen tomou Meereen e os libertou de suas correntes. Tinham um bom conhecimento da espada, da lança e do machado de batalha antes mesmo que Sor Barristan tomasse conta deles. Alguns poderiam muito bem estar prontos. *O garoto das Ilhas Basilisco, para começar. Tumco Lho.* Era negro como tinta de meistre, mas rápido e forte, o melhor espadachim natural que Selmy conhecera desde Jaime Lannister. *Larraq também. O Chicote*. Sor Barristan não aprovava seu estilo de luta, mas não tinha dúvida de suas habilidades. Larraq tinha anos de trabalho pela frente antes de dominar apropriadamente as armas dos cavaleiros, espada, lança e clava, mas era mortal com o chicote e o tridente. O velho cavaleiro o avisara de que o chicote seria inútil contra um inimigo em armadura... até ver como Larraq o usava, enrolando-o na perna de seus oponentes para derrubá-los. *Não é um cavaleiro ainda, mas um guerreiro feroz.*

Larraq e Tumco eram seus melhores. Depois deles, o lhazareno, aquele que os outros meninos chamavam de Ovelha Vermelha, embora fosse todo ferocidade e nenhuma técnica. Talvez os irmãos também, três ghiscaris de baixo nascimento escravizados para pagar as dívidas do pai.

Aquilo totalizava seis. *Seis de vinte e sete*. Selmy poderia ter esperado mais, mas seis era um bom começo. Os outros meninos eram mais

jovens, na maior parte, e mais familiares com teares, arados e penicos do que com espadas e escudos, mas trabalhavam duro e aprendiam rápido. Alguns anos como escudeiros, e poderia ter mais seis cavaleiros para dar à sua rainha. E para aqueles que nunca estariam prontos, bem, nem todo menino está destinado a ser um cavaleiro. *O reino precisa de fabricantes de velas, de estalajadeiros e de armeiros também. Isso é tão verdade em Meereen quanto era em Westeros.*

Enquanto os observava em seus exercícios, Sor Barristan considerou elevar Tumco e Larraq à cavalaria ali mesmo e naquele momento, e talvez a Ovelha Vermelha também. Era necessário um cavaleiro para treinar um cavaleiro, e, se algo desse errado naquela noite, o amanhecer podia encontrá-lo morto ou em um calabouço. Quem se responsabilizaria por seus escudeiros, então? Por outro lado, a reputação de um jovem cavaleiro derivava em parte da honra do homem que conferia o título a ele. Não faria aos seus rapazes bem algum ficarem conhecidos por ter recebido as esporas de um traidor, e isso ainda poderia colocá-los em um calabouço ao seu lado. *Eles merecem algo melhor*, Sor Barristan decidiu. *É melhor uma vida longa como escudeiro do que uma curta como cavaleiro sujo.*

Quando a tarde começou a se misturar com a noite, ele propôs que os pupilos baixassem espadas e escudos e se reunissem ao seu redor. Falou o que significava ser um cavaleiro.

– É o cavalheirismo que faz um verdadeiro cavaleiro, não a espada – disse. – Sem honra, um cavaleiro não é mais do que um simples matador. É melhor morrer com honra do que viver sem ela. – Os garotos olharam para ele com estranheza, pensou, mas um dia entenderiam.

Depois disso, de volta ao ápice da pirâmide, Sor Barristan encontrou Missandei entre pilhas de rolos de pergaminhos e livros, lendo.

– Fique aqui esta noite, filha – disse para ela. – O que quer que aconteça, o que quer que veja ou escute, não saia dos aposentos da rainha.

– Esta uma escuta – a garota disse. – Se pode perguntar...

– Melhor não. – Sor Barristan caminhou sozinho até os jardins do terraço. *Não sou feito para isso*, refletiu, enquanto olhava para a grande cidade. As pirâmides despertavam, uma a uma, lanternas e tochas ganhando vida, enquanto as sombras se reuniam nas ruas abaixo.

*Conluios, estratagemas, sussurros, mentiras, segredos dentro de segredos, e de alguma maneira me tornei parte disso.*

Talvez já devesse ter se acostumado a isso. A Fortaleza Vermelha tinha seus segredos também. *Até mesmo Rhaegar*. O Príncipe de Pedra do Dragão nunca confiara nele como confiara em Arthur Dayne. Harrenhal era a prova disso. *O ano da falsa primavera*.

A lembrança ainda era amarga. O velho Lorde Whent havia anunciado o torneio logo depois de uma visita de seu irmão, Sor Oswell Whent da Guarda Real. Com Varys sussurrando em seu ouvido, o Rei Aerys se convenceu de que seu filho estava conspirando para depô-lo, e que o torneio de Whent era apenas um estratagema para dar a Rhaegar o pretexto de se encontrar com muitos grandes senhores que estariam reunidos. Aerys não havia colocado o pé para fora da Fortaleza Vermelha desde Valdocaso, mesmo assim, repentinamente, anunciou que acompanharia o Príncipe Rhaegar a Harrenhal, e tudo dera errado a partir dali.

*Se eu tivesse sido um cavaleiro melhor... se eu tivesse derrubado o príncipe do cavalo na última volta, como derrubei tantos outros, teria sido eu a escolher a rainha do amor e da beleza...*

Rhaegar escolhera Lyanna Stark de Winterfell. Barristan Selmy teria feito uma escolha diferente. Não a rainha, que não estava presente. Nem Elia de Dorne, embora fosse boa e gentil; se ela tivesse sido escolhida, muita guerra e desgraça teriam sido evitadas. Sua escolha recairia em uma jovem donzela que estava não havia muito tempo na corte, uma das acompanhantes de Elia... embora, se comparada com Ashara Dayne, a princesa dornense fosse uma desleixada qualquer.

Mesmo depois de todos esses anos, Sor Barristan ainda se lembrava do sorriso de Ashara, do som de sua risada. Tinha apenas que fechar os olhos para vê-la, com seu longo cabelo escuro descendo pelos ombros e aqueles assombrosos olhos púrpura. *Daenerys tem os mesmos olhos*. Algumas vezes, quando a rainha o olhava, ele sentia como se estivesse vendo a filha de Ashara.

Mas a filha de Ashara nascera morta, e sua bela mãe se jogara de uma torre pouco tempo depois, louca de dor pela criança que perdera e, talvez, pelo homem que a desonrara em Harrenhal também. Morreu sem saber que Sor Barristan a amava. *Como poderia saber?* Ele era um cavaleiro da

Guarda Real, juramentado ao celibato. Nada de bom viria ao contar seus sentimentos para ela. *Nada de bom veio do silêncio tampouco. Se eu tivesse derrubado Rhaegar do cavalo e coroado Ashara rainha do amor e da beleza, ela teria olhado para mim em vez de Stark?*

Nunca saberia. Mas, de todos os seus fracassos, nenhum assombrava Barristan Selmy tanto quanto esse.

O céu estava nublado, o ar quente, abafado, opressivo, mas havia algo nele que fazia sua espinha formigar. *Chuva*, pensou. *Uma tempestade está chegando. Se não esta noite, amanhã.* Sor Barristan se perguntava se estaria vivo para ver. *Se Hizdahr tem seu próprio Aranha, estou praticamente morto.* Se chegasse a isso, pretendia morrer como vivera, com sua espada longa na mão.

Quando a última luz desapareceu no oeste, atrás das velas dos navios que rondavam a Baía dos Escravos, Sor Barristan entrou, convocou um par de servos e disse-lhes que esquentassem um pouco de água para o banho. Treinar com seus escudeiros no calor da tarde o deixara sentindo-se sujo e suado.

A água, quando chegou, estava apenas morna, mas Selmy se demorou no banho até que esfriasse, e esfregou a pele até que estivesse em carne viva. Limpo como nunca estivera, levantou-se, secou-se e vestiu-se de branco. Meias, roupas íntimas, túnica de seda, justilho acolchoado, tudo recém-lavado e branqueado. Por cima, vestiu a armadura que a rainha lhe dera como símbolo de sua estima. A cota de malha era dourada, finamente trabalhada, os elos tão flexíveis quanto couro bom, as placas esmaltadas, duras como gelo e brilhantes como neve recém-caída. A adaga estava em um lado do quadril, a espada longa do outro, pendurada em um cinto de couro branco com fivelas douradas. Por último, colocou o longo manto branco e o prendeu nos ombros.

Deixou o elmo pendurado em um gancho. A fenda estreita do olho limitava a visão, e precisava ser capaz de ver o que estava por vir. As salas da pirâmide ficavam escuras à noite, e inimigos podiam chegar de todos os lados. Além disso, embora as asas de dragão ornamentadas que adornavam o elmo fossem esplêndidas de se ver, também podiam facilmente prender uma espada ou um machado. Deixaria o elmo para o próximo torneio, se os Sete lhe garantissem um.

Armado e blindado, o velho cavaleiro esperou, sentado na escuridão de sua pequena câmara adjacente aos aposentos da rainha. O rosto de todos os reis que servira e com os quais falhara flutuava diante dele na escuridão, e o rosto dos irmãos que serviram ao seu lado na Guarda Real também. Perguntava-se quantos deles teriam feito o que ele estava prestes a fazer. *Alguns, certamente. Mas não todos. Alguns não teriam hesitado em prender o Cabeça-Raspada como traidor*. Do lado de fora da pirâmide, começou a chover. Sor Barristan continuou sentado na escuridão, ouvindo. *Soam como lágrimas*, pensou. *Soam como reis mortos chorando*.

Então chegou a hora de ir.

A Grande Pirâmide de Meereen fora construída como uma cópia da Grande Pirâmide de Ghis, cujas colossais ruínas Lomas Longstrider visitara certa vez. Como a antiga predecessora, com seus salões de mármore vermelho agora assombrados por morcegos e aranhas, a pirâmide meereenesa ostentava trinta e três níveis, número que era de alguma forma sagrado aos deuses de Ghis. Sor Barristan começou a longa descida sozinho, o manto branco ondulando atrás dele. Foi pela escada de serviço, não pela grande escadaria de mármore raiado, mas pelos degraus estreitos, íngremes e retos escondidos entre as grossas paredes de tijolos.

Doze níveis abaixo, encontrou o Cabeça-Raspada esperando, as feições grosseiras ainda escondidas pela máscara que usara naquela manhã, do morcego vampiro. Seis Bestas de Bronze estavam com ele. Todos mascarados como insetos, idênticos uns aos outros.

*Gafanhotos*, Selmy percebeu.

– Groleo – disse.

– Groleo – um dos gafanhotos respondeu.

– Tenho mais gafanhotos, se precisar – disse Skahaz.

– Seis servirão. E os homens nas portas?

– Meus. Vocês não terão problemas.

Sor Barristan agarrou o Cabeça-Raspada pelo braço.

– Não derrame sangue, a menos que precise. Quando a manhã chegar, convocaremos um conselho e diremos à cidade o que fizemos e por quê.

– Como quiser. Boa sorte para você, velho.

Foram por caminhos diferentes. As Bestas de Bronze seguiram Sor Barristan enquanto ele continuava sua descida.

Os aposentos do rei estavam enterrados bem no coração da pirâmide, no décimo sexto e décimo sétimo níveis. Quando Selmy chegou a esses andares, encontrou as portas para o interior da pirâmide fechadas com correntes, com um par de Bestas de Bronze postadas como sentinelas. Sob o capuz de seus mantos de retalhos, um era um rato e o outro, um touro.

– Groleo – Sor Barristan disse.

– Groleo – o touro respondeu. – Terceiro salão à direita. – O rato destrancou a corrente. Sor Barristan e sua escolta entraram por um corredor de serviço estreito e iluminado por tochas, de tijolos vermelhos e negros. Seus passos ecoavam no chão enquanto passavam por dois salões e pegaram o terceiro à direita.

Do lado de fora das portas de madeira entalhadas dos aposentos do rei, estava Pele de Aço, um lutador de arena mais jovem, ainda não considerado de primeira categoria. Suas bochechas e testa eram marcadas por tatuagens intrincadas verdes e negras, antigos sinais de feitiçaria valirianos que, supostamente, tornavam a carne e a pele tão duras quanto aço. Marcas similares cobriam o peito e os braços, embora se realmente paravam uma espada ou um machado era algo que faltava ser visto.

Mesmo sem elas, Pele de Aço parecia formidável; um jovem magro e rijo, quase quinze centímetros mais alto do que Sor Barristan.

– Quem vem aí? – perguntou, balançando seu machado longo de um lado para o outro para barrar o caminho deles. Quando viu Sor Barristan com os gafanhotos de bronze atrás dele, abaixou a arma. – Velho Sor.

– Se for do agrado do rei, preciso ter algumas palavras com ele.

– A hora é tardia.

– A hora é tardia, mas a necessidade é urgente.

– Posso perguntar. – Pele de Aço bateu a coronha de seu machado longo contra a porta dos aposentos do rei. Um buraco deslizante se abriu. Um olho de criança apareceu. Uma voz de criança falou pela porta. Pele de Aço respondeu. Sor Barristan ouviu o som de uma pesada barra sendo puxada. A porta se abriu.

– Apenas você – disse Pele de Aço. – As bestas esperam aqui.

– Como quiser. – Sor Barristan acenou com a cabeça para os gafanhotos. Um deles acenou de volta. Sozinho, Selmy atravessou a porta.

Escuros e sem janelas, cercados por todos os lados por paredes de tijolos de dois metros e meio de espessura, os aposentos que o rei tomara para si eram grandes e luxuosos por dentro. Grandes vigas de carvalho negro apoiavam o alto pé direito. O chão era coberto com tapetes de seda de Qarth. Nas paredes estavam tapeçarias de valor inestimável, antigas e muito desbotadas, representando a glória do Antigo Império de Ghis. A maior delas mostrava os últimos sobreviventes de um derrotado exército valiriano sendo subjugados e acorrentados. A arcada que conduzia ao quarto de dormir real era guardada por um par de amantes de sândalo, moldados, polidos e envernizados. Sor Barristan achou de mau gosto, embora, sem dúvida, pretendessem ser excitantes. *Quanto antes sairmos deste lugar, melhor.*

Um braseiro de ferro fornecia a única luz. Ao lado dele estavam dois dos copeiros da rainha, Draqaz e Qezza.

– Miklaz foi acordar o rei – disse Qezza. – Posso trazer-lhe vinho, sor?

– Não. Obrigado.

– Pode se sentar – disse Draqaz, indicando um banco.

– Prefiro ficar em pé. – Podia ouvir vozes através da arcada, vindas do quarto de dormir. Uma delas era a do rei.

Passaram ainda uns bons momentos antes que o Rei Hizdahr zo Loraq, Décimo Quarto de Seu Nobre Nome, emergisse bocejando, amarrando o cinto que prendia seu roupão. O roupão era de cetim verde, ricamente trabalhado com pérolas e fios prateados. Por baixo, o rei estava totalmente nu. Isso era bom. Homens nus sentiam-se vulneráveis e eram menos inclinados a atos de heroísmo suicida.

A mulher que Sor Barristan vislumbrou espiando pelas arcadas, atrás de uma cortina transparente, estava nua também, os seios e quadris apenas parcialmente escondidos pela seda ondulante.

– Sor Barristan. – Hizdahr bocejou novamente. – Que horas são? Há alguma notícia da minha doce rainha?

– Nenhuma, Vossa Graça.

Hizdahr suspirou.

– Vossa *Magnificência*, por favor. Embora, a esta hora, "Vossa Sonolência" fosse mais adequado. – O rei foi até o aparador servir-se de um pouco de vinho, mas apenas uma gota restava no fundo do jarro. Um lampejo de contrariedade cruzou seu rosto. – Miklaz, vinho. Imediatamente.

– Sim, Vossa Veneração.

– Leve Draqaz com você. Um jarro de dourado da Árvore, e um daquele tinto doce. Nada do nosso mijo amarelo, por favor. E, da próxima vez que eu encontrar meu jarro vazio, posso ter que fazer uma mudança nas suas belas bochechas rosadas. – O garoto saiu correndo, e o rei virou-se para Selmy. – Sonhei que tinha encontrado Daenerys.

– Sonhos podem mentir, Vossa Graça.

– "Vosso Iluminado" serve. O que o traz aqui a esta hora, sor? Algum problema na cidade?

– A cidade está tranquila.

– É mesmo? – Hizdahr pareceu confuso. – Por que você veio?

– Para fazer uma pergunta. Magnificência, você é a Harpia?

A taça de vinho de Hizdahr escorregou de seus dedos, caiu no tapete, rolou.

– Você vem aos meus aposentos na escuridão da noite para me perguntar isso? Está louco? – Foi só então que o rei pareceu notar que Sor Barristan estava vestindo armadura e cota de malha. – O que... por que... como ousa...

– O veneno foi obra sua, Magnificência?

O Rei Hizdahr deu uns passos para trás.

– Os gafanhotos? Aquilo... aquilo foi trabalho do dornense. Quentyn, o tal príncipe. Pergunte a Reznak, se duvida de mim.

– Você tem provas disso? Reznak tem?

– Não, ou então eu os teria presos. Talvez deva fazer isso de qualquer jeito. Marghaz arrancará uma confissão deles, não duvido. São todos envenenadores, esses dornenses. Reznak diz que são adoradores de serpentes.

– Eles comem serpentes – disse Sor Barristan. – Era sua arena, seu camarote, seus assentos. Vinho doce e almofadas macias, figos, melões e gafanhotos no mel. Você providenciou tudo. Você insistiu para que Sua

Graça experimentasse os gafanhotos, mas você mesmo não provou nenhum.

– Eu... temperos quentes não combinam comigo. Ela era minha esposa. Minha rainha. Por que eu iria querer envenená-la?

*Era, ele diz. Ele acredita que ela está morta*.

– Apenas você pode responder isso, Magnificência. Talvez desejasse colocar outra mulher no lugar dela. – Sor Barristan acenou com a cabeça para a garota espiando timidamente do quarto de dormir. – Aquela ali, talvez?

O rei olhou ao redor freneticamente.

– *Ela?* Ela não é nada. Uma escrava de cama. – Ergueu as mãos. – Me expressei mal. Não uma escrava. Uma mulher livre. Treinada no prazer. Mesmo um rei tem necessidades, ela... ela não é da sua conta, sor. Eu nunca machucaria Daenerys. Nunca.

– Você insistiu para que a rainha provasse os gafanhotos. Eu escutei.

– Achei que ela gostaria deles. – Hizdahr recuou mais um passo. – Quentes e doces ao mesmo tempo.

– Quentes, doces e envenenados. Com meus próprios ouvidos escutei você ordenar aos homens da arena que matassem Drogon. Você gritou para eles.

Hizdahr passou a língua pelos lábios.

– A besta devorou a carne de Barsena. Dragões caçam homens. Ele estava matando, queimando...

– ... queimando homens que pretendiam ferir sua rainha. Filhos da Harpia, provavelmente. Seus amigos.

– Não meus amigos.

– Você diz isso e, mesmo assim, quando pediu que parassem a matança, eles obedeceram. Por que fariam isso se não é um deles?

Hizdahr balançou a cabeça. Dessa vez não tinha resposta.

– Diga-me a verdade – Sor Barristan disse –, você alguma vez a amou, mesmo que um pouco? Ou era apenas a coroa que você desejava?

– Desejo? Você ousa me falar em desejo? – A boca do rei contorceu-se de raiva. – Eu desejei a coroa, sim... mas nem metade do que ela desejou seu mercenário. Talvez tenha sido seu precioso capitão quem tentou envenená-la, por colocá-lo de lado. E se eu comesse os gafanhotos também, bem, seria muito melhor.

– Daario é um matador, não um envenenador. – Sor Barristan aproximou-se do rei. – Você é a Harpia? – Dessa vez, colocou a mão no cabo de sua espada longa. – Diga-me a verdade, e eu prometo que terá uma morte rápida e limpa.

– Você presume demais, sor – disse Hizdahr. – Cansei dessas perguntas e de você. Está dispensado dos meus serviços. Deixe Meereen imediatamente e eu o deixarei viver.

– Se você não é a Harpia, dê-me o nome dele. – Sor Barristan puxou a espada da bainha. A borda afiada refletia a luz do braseiro, tornando-a uma linha de fogo laranja.

Hizdahr desmantelou.

– Khrazz! – gritou, tropeçando para trás, na direção de seu quarto de dormir. – Khrazz! *Khrazz!*

Sor Barristan ouviu uma porta se abrir em algum lugar à sua esquerda. Virou-se a tempo de ver Khazz sair de trás de uma tapeçaria. Ele movia-se lentamente, ainda grogue de sono, mas estava com a arma em mãos: um *arakh* dothraki, comprido e curvo. Uma espada de golpeador, feita para permitir cortes profundos do lombo de um cavalo. Uma lâmina assassina contra inimigos seminus, na arena ou no campo de batalha. Mas, aqui, em um ambiente fechado, o comprimento do *arakh* era um fator contra, e Barristan Semly estava vestido com placas e cota de malha.

– Estou aqui por Hizdahr – o cavaleiro disse. – Abaixe seu aço e permaneça de lado, e nada de mau acontecerá a você.

Khrazz riu.

– Velho. Comerei seu coração. – Os dois homens tinham quase a mesma altura, mas Khrazz era uns doze quilos mais pesado e quarenta anos mais jovem, com pele clara, olhos mortos e uma crista de cabelo vermelho e negro eriçado que corria da testa até a base do pescoço.

– Então venha – disse Barristan, o Ousado.

Khrazz foi.

Pela primeira vez naquele dia, Selmy tinha certeza. *Foi para isso que fui feito*, pensou. *A dança, a doce canção do aço, uma espada na mão e um inimigo na minha frente*.

O lutador de arena era veloz, muito veloz, tão rápido quanto qualquer homem com o qual Sor Barristan já lutara. Naquelas grandes mãos, o

*arakh* tornava-se um borrão assobiante, uma tempestade de aço que parecia chegar até o velho cavaleiro de três direções ao mesmo tempo. A maioria dos golpes era direcionada à sua cabeça. Khrazz não era tolo. Sem um elmo, Selmy era mais vulnerável do pescoço para cima.

Bloqueou os golpes com calma, sua espada longa encontrando cada ataque e desviando-o. As lâminas se tocaram e se tocaram novamente. Sor Barristan recuou. Pelo canto do olho, viu os copeiros observando com olhos tão grandes e brancos quanto ovos de galinha. Khrazz xingou e transformou um golpe alto em um baixo, passando pela lâmina do velho cavaleiro pela primeira vez, apenas para raspar inutilmente em uma greva branca de aço. O contragolpe de Selmy encontrou o ombro esquerdo do lutador de arena, partindo o linho fino para morder a carne embaixo. Sua túnica amarela começou a ficar rosada, depois vermelha.

– Apenas covardes se vestem de ferro – Khrazz declarou, circulando. Ninguém usava armadura nas arenas de luta. Era por sangue que a multidão vinha: morte, desmembramentos e gritos de agonia, a música das areias escarlate.

Sor Barristan virou-se para ele.

– Este covarde está prestes a matá-lo, sor. – O homem não era nenhum cavaleiro, mas sua coragem o fizera merecedor de tal cortesia. Khrazz não sabia lutar com um homem em armadura. Sor Barristan podia ver em seus olhos: dúvida, confusão, um princípio de medo. O lutador de arena surgiu novamente, gritando dessa vez como se o som pudesse matar seu inimigo onde o aço não pudera. O *arakh* golpeou embaixo, em cima, embaixo novamente.

Selmy bloqueou os ataques à sua cabeça e deixou a armadura parar o resto, enquanto sua própria lâmina abria a bochecha do lutador da orelha à boca, depois traçou uma linha em carne viva pelo seu peito. Sangue jorrava dos ferimentos de Khrazz. Aquilo parecia apenas torná-lo mais selvagem. Ele agarrou o braseiro com as mãos e atirou-o, espalhando brasas quentes pelos pés de Selmy. Sor Barristan saltou sobre elas. Khrazz golpeou seu braço e o acertou, mas o *arakh* conseguiu apenas lascar o esmalte duro antes de encontrar o aço embaixo.

– Na arena, isso teria arrancado seu braço, velho.

– Não estamos na arena.

– *Tire essa armadura!*

– Não é tarde demais para baixar seu aço. Renda-se.

– Morra – cuspiu Khrazz... mas quando ergueu o *arakh*, a ponta da lâmina ficou presa em uma das tapeçarias da parede. Aquela era a oportunidade que Sor Barristan precisava. Cortou a barriga do lutador de arena, defendeu-se do *arakh* que se libertou, então acabou com Khrazz com um rápido golpe no coração enquanto as entranhas do lutador começaram a escorregar para fora como um ninho de enguias gordurosas.

Sangue e vísceras manchavam os tapetes de seda do rei. Selmy deu um passo para trás. A espada longa em sua mão estava vermelha até a metade de seu comprimento. Aqui e ali, os tapetes começavam a arder, onde brasas dispersas haviam caído. Podia ouvir a pobre Qezza soluçando.

– Não tenha medo – o velho cavaleiro disse. – Não pretendo feri-la, filha. Quero apenas o rei. – Limpou a espada em uma cortina e foi para o quarto de dormir, onde encontrou Hizdahr zo Loraq, Décimo Quarto de Seu Nobre Nome, escondido atrás de uma tapeçaria e choramingando.

– Poupe-me – implorou. – Não quero morrer.

– Poucos querem. Mesmo assim, todos os homens morrem. – Sor Barristan embainhou a espada e colocou Hizdahr em pé. – Venha. Vou escoltá-lo até sua cela. – As Bestas de Bronze já deviam ter desarmado Pele de Aço. – Será mantido prisioneiro até que a rainha volte. Se nada for provado contra você, nenhum mal lhe acontecerá. Tem minha palavra como cavaleiro. – Pegou o braço do rei e o levou para fora do quarto de dormir, sentindo-se estranhamente tonto, quase bêbado. *Eu era um Guarda Real. O que sou agora?*

Miklaz e Draqaz haviam retornado com o vinho de Hizdahr. Estavam parados na porta aberta, apertando os jarros contra o peito e encarando o cadáver de Khrazz com olhos arregalados. Qezza ainda estava chorando, mas Jezhene aparecera para confortá-la. Abraçou a menina mais nova, acariciando seus cabelos. Alguns dos outros copeiros estavam atrás delas, olhando.

– Vossa Veneração – Miklaz disse –, o nobre Reznak mo Reznak pede para lhe d-dizer que venha imediatamente.

O garoto se dirigiu ao rei como se Sor Barristan não estivesse ali, como se não houvesse um homem morto deitado sobre o tapete, seu sangue lentamente tingindo a seda de vermelho. *Skahaz devia ter levado*

*Reznak sob custódia até que tivéssemos certeza de sua lealdade. Alguma coisa deu errado?*

– Ir aonde? – Sor Barristan perguntou para o garoto. – Aonde o senescal quer que Sua Graça vá?

– Lá fora. – Miklaz pareceu vê-lo pela primeira vez. – Lá fora, sor. No t-terraço. Para ver.

– Ver o quê?

– D-d-dragões. Os dragões foram soltos, sor.

*Que os Sete salvem todos nós*, o velho cavaleiro pensou.

# O domador de dragões

A noite passou arrastando-se em lentos passos negros. A hora do morcego deu vez à hora da enguia, a hora da enguia à hora dos fantasmas. O príncipe permaneceu na cama, encarando o teto, sonhando sem dormir, lembrando-se, imaginando, virando-se em seus lençóis de linho, sua mente febril com pensamentos de fogo e sangue.

Finalmente, aflito pelo descanso, Quentyn Martell foi para seu solar, onde se serviu de uma taça de vinho e bebeu na escuridão. O gosto era um doce consolo em sua língua, então acendeu uma vela e serviu-se novamente. *O vinho me ajudará a dormir*, disse para si mesmo, mas sabia que era mentira.

Encarou a vela por um longo tempo, então colocou a taça de lado e levou a palma da mão por sobre a chama. Foi necessário cada bocado de vontade para abaixá-la até que o fogo tocasse sua carne, e, quando isso aconteceu, puxou a mão com um grito de dor.

– Quentyn, está louco?

*Não, apenas assustado. Não quero me queimar.*

– Gerris?

– Ouvi você se mexendo.

– Não podia dormir.

– Queimaduras são uma cura para isso? Um pouco de leite quente e uma canção de ninar serviriam melhor. Ou, melhor ainda, posso levá-lo ao Templo das Graças e encontrar uma garota para você.

– Uma prostituta, você quer dizer.

– Eles as chamam de Graças. Elas vêm em cores diferentes. As vermelhas são as únicas que fodem. – Gerris sentou-se do outro lado da mesa. – As septãs da nossa terra deviam adotar esses costumes, se me perguntar. Já reparou que as velhas septãs sempre parecem ameixas secas? É isso o que uma vida de castidade fará com você.

Quentyn olhou o terraço lá fora, onde as sombras da noite ficavam mais espessas entre as árvores. Podia ouvir o som suave de água caindo.

– Isso é chuva? Suas prostitutas terão ido embora.

– Nem todas elas. Há esses pequenos recantos nos jardins de prazer, onde elas esperam todas as noites até que um homem as escolha. Aquelas que não são escolhidas devem permanecer ali até que o sol venha, sentindo-se sozinhas e negligenciadas. Podemos consolá-las.

– Elas podiam me consolar, é isso o que você quer dizer.

– Isso também.

– Não é o tipo de consolo que preciso.

– Discordo. Daenerys Targaryen não é a única mulher no mundo. Quer morrer donzelo?

Quentyn não queria morrer de jeito nenhum. *Quero voltar para Paloferro e beijar suas duas irmãs, casar com Gwyneth Yronwood, vê-la florescer na beleza, ter um filho com ela. Quero cavalgar em torneios, fazer falcoaria e caçar, visitar minha mãe em Norvos, ler alguns dos livros que meu pai me manda. Quero ver Cletus, Will e Meistre Kedry vivos novamente.*

– Você acha que Daenerys ficaria satisfeita de saber que me deitei com uma prostituta?

– Pode ser que sim. Homens podem gostar de donzelas, mas mulheres gostam de homens que sabem o que fazer na cama. É outro tipo de esgrima. Exige treinamento para se ficar bom nisso.

A zombaria doeu. Quentyn nunca se sentira tão menino como quando estivera diante de Daenerys Targaryen, pedindo sua mão. A ideia de ir para a cama com ela o aterrorizava quase tanto quanto seus dragões. E se não pudesse agradá-la?

– Daenerys tem um amante – disse, defensivamente. – Meu pai não me mandou aqui para entreter a rainha na cama. Você sabe por que viemos.

– Você não pode se casar com ela. Ela tem um marido.

– Ela não ama Hizdahr zo Loraq.

– O que amor tem a ver com casamento? Um príncipe devia saber essas coisas. Seu pai se casou por amor, dizem. Quanta alegria teve com isso?

*Pouca e ainda menos*. Doran Martell e sua esposa norvoshi passaram metade do casamento separados e a outra metade discutindo. Fora a

única coisa impensada que seu pai já fizera, pelo que ouvira, a única vez que seguira o coração em vez da cabeça, e vivera para lastimar isso.

– Nem todos os riscos levam à ruína – insistiu. – Este é meu dever. Meu destino. – *Suponho que você seja meu amigo, Gerris. Por que zomba das minhas esperanças? Tenho dúvidas suficientes sem que jogue óleo na fogueira do meu medo*. – Esta será minha grande aventura.

– Homens morrem em grandes aventuras.

Ele não estava errado. Estava nas histórias, também. O herói sai com os amigos e companheiros, enfrenta perigos, volta para casa triunfante. Apenas alguns de seus companheiros não retornam. *O herói nunca morre, no entanto. Eu devo ser o herói*.

– Tudo o que preciso é coragem. Quer que Dorne se lembre de mim como um fracassado?

– Dorne não se lembra de nós há muito tempo.

Quentyn chupou o ponto queimado na palma da mão.

– Dorne se lembra de Aegon e suas irmãs. Dragões não são esquecidos tão facilmente. Eles se lembrarão de Daenerys também.

– Não se ela estiver morta.

– Ela vive. – *Ela tem que estar viva*. – Está perdida, mas posso encontrá-la. – *E, quando eu fizer isso, ela olhará para mim do jeito que olha para seu mercenário. Uma vez que eu tenha provado meu valor para ela.*

– Nas costas de um dragão?

– Ando a cavalo desde que tinha seis anos de idade.

– E já foi jogado uma ou duas vezes.

– Isso nunca me impediu de voltar à sela.

– Você nunca foi jogado a trezentos metros do chão – Gerris apontou. – E cavalos raramente transformam seus cavaleiros em ossos torrados e cinzas.

*Conheço os perigos*.

– Não ouvirei mais isso. Você tem minha permissão para ir. Encontre um navio e corra para casa, Gerris. – O príncipe se levantou, soprou a vela e se arrastou de volta para a cama e para os lençóis de linho molhados de suor. *Eu devia ter beijado uma das gêmeas Drinkwater, ou talvez as duas. Devia tê-las beijado enquanto podia. Eu devia ter ido para Norvos ver minha mãe e o lugar em que ela nasceu, então ela*

*saberia que não a esqueci*. Ele podia ouvir a chuva caindo do lado de fora, batendo contra os tijolos.

Quando a hora do lobo rastejou sobre eles, a chuva ainda caía de forma constante, correndo para baixo em uma torrente fria que logo transformaria as ruas de tijolos de Meereen em rios. Os três dornenses quebraram o jejum no frio da madrugada – uma refeição simples de fruta, pão e queijo, empurrada para baixo com leite de cabra. Quando Gerris foi se servir de uma taça de vinho, Quentyn o interrompeu.

– Sem vinho. Haverá tempo suficiente para beber depois.

– Esperemos que sim – disse Gerris.

O grandão olhou pelo terraço.

– Eu sabia que ia chover – disse, em um tom sombrio. – Meus ossos doíam noite passada. Eles sempre doem antes da chuva. Os dragões não gostarão disso. Fogo e água não combinam, e isso é um fato. Você pega uma boa fogueira acesa, brilhando bonita, começa a chover e logo depois a madeira está ensopada e as chamas estão mortas.

Gerris riu.

– Dragões não são feitos de madeira, Arch.

– Alguns são. Aquele velho Rei Aegon, o tarado, construiu dragões de madeira para nos conquistar. Terminou mal, no entanto.

*Assim como isso pode acabar*, o príncipe pensou. As loucuras e fracassos de Aegon, o Indigno, não diziam respeito a ele, mas estava cheio de dúvidas e receios. As brincadeiras de seus amigos apenas faziam sua cabeça doer. *Eles não entendem. Eles podem ser dornenses, mas eu sou Dorne. Daqui a anos, quando eu estiver morto, esta será a canção que vão cantar de mim.* Ergueu-se abruptamente.

– Chegou a hora.

Seus amigos ficaram em pé. Sor Archibald secou a última gota de seu leite de cabra e limpou o bigode branco do lábio superior com as costas da grande mão.

– Vou pegar nosso traje de pantomimeiros.

Voltou com o pacote que tinham recebido do Príncipe Esfarrapado em seu segundo encontro. Dentro estavam três longos mantos com capuz feito de uma miríade de pequenos quadrados de tecido costurados, três porretes, três espadas curtas, três máscaras de bronze polido. Um touro, um leão e um macaco.

Tudo o que era necessário para ser uma Besta de Bronze.

– Eles podem perguntar por uma senha – o Príncipe Esfarrapado os avisara, quando entregou o pacote. – É *cão*.

– Tem certeza disso? – Gerris lhe perguntou.

– Certeza suficiente para apostar uma vida.

O príncipe entendeu o que ele quis dizer.

– Minha vida.

– Essa seria a primeira.

– Como aprendeu essa senha?

– Nós nos encontramos casualmente com algumas Bestas de Bronze e Meris lhes perguntou com gentileza. Mas um príncipe deveria saber que não se fazem tais perguntas, dornense. Em Pentos, temos um ditado. Nunca pergunte ao padeiro o que vai na torta. Apenas coma.

*Apenas coma*. Havia sabedoria nisso, Quentyn supôs.

– Eu serei o touro – Arch anunciou.

Quentyn lhe passou a máscara de touro.

– O leão para mim.

– O que me torna um macaco. – Gerris pressionou a máscara de macaco no rosto. – Como eles respiram com essas coisas?

– Apenas coloque. – O príncipe não estava no clima para brincadeiras.

O pacote continha um chicote também; um pedaço desagradável de couro velho com um punho de cobre e osso, robusto o suficiente para arrancar a pele de um boi.

– Para que é isso? – Arch perguntou.

– Daenerys usou um chicote para intimidar a besta negra. – Quentyn enrolou o chicote e o pendurou no cinto. – Arch, traga seu martelo também. Podemos precisar dele.

Não era uma coisa fácil entrar na Grande Pirâmide de Meereen à noite. As portas eram fechadas e lacradas todos os dias ao pôr do sol e permaneciam fechadas até a primeira luz. Sentinelas eram colocadas em cada entrada, e mais sentinelas patrulhavam o terraço inferior, de onde podiam olhar para a rua. Antigamente, essas sentinelas eram Imaculados. Agora eram Bestas de Bronze. E isso faria toda a diferença, Quentyn esperava.

O turno mudaria quando o sol se levantasse, mas ainda faltava meia hora para o amanhecer quando os três dornenses fizeram o caminho pelas

escadas de serviço. As paredes ao redor deles eram feitas de tijolos de meia centena de cores, mas as sombras transformavam todos em cinza, até serem tocados pela luz da tocha que Gerris carregava. Não encontraram ninguém na longa descida. O único som era o roçar das botas nos tijolos gastos sob seus pés.

Os portões principais da pirâmide davam de frente para a praça central de Meereen, mas os dornenses foram para uma entrada lateral, aberta em um beco. Esses eram os portões que os escravos usavam antigamente enquanto tratavam dos assuntos de seus mestres, onde o povo e os comerciantes iam e vinham fazer suas entregas.

As portas eram de bronze sólido, fechadas com uma pesada barra de ferro. Diante delas estavam duas Bestas de Bronze, armadas com porretes, lanças e espadas curtas. Luzes de tochas brilhavam no bronze polido de suas máscaras – um rato e uma raposa. Quentyn gesticulou para o grandão permanecer nas sombras. Ele e Gerris seguiram juntos.

– Vieram cedo – a raposa disse.

Quentyn deu de ombros.

– Podemos ir embora, se quiser. Agradecemos por ficarem com nosso turno. – Ele não soava nem um pouco ghiscari, sabia disso; mas metade das Bestas de Bronze eram escravos libertos, com toda a sorte de línguas nativas, então seu sotaque passou despercebido.

– Foda-se isso – comentou o rato.

– Nos dê a senha do dia – disse a raposa.

– Cão – disse o dornense.

As duas Bestas de Bronze trocaram um olhar. Por três longos segundos, Quentyn teve medo de que algo desse errado, que de alguma forma Bela Meris e o Príncipe Esfarrapado tivessem conseguido a senha errada. Então a raposa grunhiu.

– Cão, então – disse. – Os portões são seus. – Quando partiram, o príncipe começou a respirar novamente.

Não tinham muito tempo. O alívio real viria, sem dúvida, em breve.

– Arch – o príncipe chamou, e o grandão apareceu, com a luz da tocha brilhando em sua máscara de touro. – A barra. Rápido.

A barra de ferro era grossa e pesada, mas bem lubrificada. Sor Archibald não teve problemas para erguê-la. Como estava parado na

outra extremidade, Quentyn empurrou os portões e Gerris passou por eles, acenando com a tocha.

– Traga-o agora. Seja rápido com isso.

O carroção de açougueiro estava do lado de fora, esperando no beco. O condutor deu uma pancada na mula e começou a se deslocar com barulho, as rodas de ferro soando alto nos tijolos. A carcaça de um boi esquartejado enchia o carroção, juntamente com duas ovelhas mortas. Meia dúzia de homens entrou a pé. Cinco vestiam os mantos e as máscaras das Bestas de Bronze, mas Bela Meris não se preocupou em se disfarçar.

– Onde está seu senhor? – Quentyn perguntou para Meris.

– Não tenho *senhor* – ela respondeu. – Se você está falando do seu companheiro príncipe, está por perto, com cinquenta homens. Tragam o dragão para fora, e ele o levará em segurança, como prometido. Caggo comanda aqui.

Sor Archibald deu um olhar azedo para o carroção do açougueiro.

– Essa carroça será grande o suficiente para caber um dragão? – perguntou.

– Deve ser. Nele cabem dois bois. – O Matacadáver estava vestido como uma Besta de Bronze, o rosto costurado e marcado por cicatrizes escondido atrás de uma máscara de naja, mas o familiar *arakh* negro pendurado em seu quadril o denunciava. – Ouvimos dizer que essas bestas são menores do que o monstro da rainha.

– O fosso retardou o crescimento deles. – As leituras de Quentyn sugeriam que o mesmo ocorrera nos Sete Reinos. Nenhum dos dragões gerados e criados no Fosso de Dragões em Porto Real sequer se aproximara do tamanho de Vhagar ou Meraxes, muito menos do Terror Negro, o monstro do Rei Aegon. – Trouxe correntes suficientes?

– Quantos dragões você tem? – disse Bela Meris. – Temos correntes suficientes para dez, escondidas sob a carne.

– Muito bem. – Quentyn sentia vertigens. Nada daquilo parecia muito real. Num momento, parecia um jogo, no seguinte, algum pesadelo, como um sonho ruim onde ele se encontrava abrindo uma porta escura, sabendo que o horror e a morte esperavam do outro lado, e, mesmo assim, era incapaz de parar. As palmas das mãos estavam lisas de suor.

Ele as secou nas pernas e disse: – Haverá mais sentinelas do lado de fora do fosso.

– Sabemos disso – disse Gerris.

– Precisamos estar prontos para eles.

– Nós estamos – disse Arch.

A barriga de Quentyn se retorceu. Ele sentiu a súbita necessidade de suas entranhas se moverem, mas sabia que não ousaria pedir para sair agora.

– Por aqui, então. – Nunca se sentira tanto como um menino como naquele momento. Mesmo assim, eles o seguiram; Gerris e o grandão, Meris, Caggo e os outros Soprados pelo Vento. Dois dos mercenários haviam pegado bestas de algum lugar escondido dentro do carroção.

Além dos estábulos, o nível do solo da Grande Pirâmide tornava-se um labirinto, mas Quentyn Martell estivera ali com a rainha e se lembrava do caminho. Passaram sob três imensos arcos de tijolos, então desceram uma rampa íngreme de pedra para dentro das profundezas, através de calabouços e câmaras de tortura, e passaram por um par de fundas cisternas de pedra. Seus passos ecoavam cavernosos pelas paredes, a carroça de açougueiro avançando ruidosamente atrás deles. O grandão arrancou uma tocha de um candeeiro para liderar o caminho.

Por fim, um par de pesadas portas de ferro erguia-se diante deles, comidas pela ferrugem e trancadas, fechadas com uma corrente comprida cujos elos eram grossos como os braços de um homem. O tamanho e a grossura daquelas portas eram suficientes para fazer Quentyn Martell questionar a sensatez de sua conduta. E, ainda pior, ambas estavam claramente prejudicadas por algo de dentro tentando sair. O ferro espesso estava rachado e partido em três lugares, e o canto superior da porta esquerda parecia parcialmente derretido.

Quatro Bestas de Bronze permaneciam guardando as portas. Três tinham lanças longas; o quarto, o oficial, estava armado com uma espada curta e uma adaga. Sua máscara havia sido feita na forma da cabeça de um basilisco. Os outros três estavam mascarados como insetos.

*Gafanhotos*, Quentyn percebeu.

– Cão – disse.

O oficial enrijeceu.

Isso foi o suficiente para que Quentyn Martell percebesse que algo dera errado.

– Peguem-nos – resmungou, enquanto a mão do basilisco seguia para a espada curta.

Era rápido, aquele oficial. O grandão era mais rápido. Avançou a tocha na direção do gafanhoto mais próximo, trouxe-a de volta e apanhou seu martelo de guerra. A lâmina do basilisco mal saíra da bainha de couro quando a ponta do martelo atingiu sua têmpora, triturando o bronze fino de sua máscara, a carne e os ossos embaixo. O oficial cambaleou meio passo para o lado antes dos joelhos se dobrarem e ele cair no chão, o corpo todo tremendo grotescamente.

Quentyn olhava paralisado, com a barriga roncando. Sua própria lâmina ainda estava na bainha. Não queria que tivesse chegado a isso. Seus olhos estavam fixos no oficial morrendo diante dele, sacudindo-se. A tocha estava caída no chão, gotejando, fazendo com que cada sombra saltasse e se contorcesse em um arremedo monstruoso do tremor do homem morto. O príncipe não viu a lança do gafanhoto vindo em sua direção até que Gerris trombou nele, empurrando-o para o lado. A ponta da lança roçou a bochecha da cabeça de leão que ele usava. Mesmo assim, o golpe foi tão violento que quase arrancou a máscara. *Teria ido direto na minha garganta*, o príncipe pensou, atordoado.

Gerris xingava enquanto os gafanhotos os cercavam. Quentyn ouviu o som de pés correndo. Então os mercenários irromperam das sombras. Uma das sentinelas olhou de relance para eles o tempo suficiente para que Gerris passasse por sua lança. Enfiou a ponta da espada sob a máscara de bronze e através da garganta do homem que a usava, enquanto o segundo gafanhoto via uma flecha de besta brotar em seu peito.

O último gafanhoto largou a lança.

– Eu me rendo. Eu me rendo.

– Não. Você morre. – Caggo arrancou a cabeça do homem com um golpe de *arakh*, o aço valiriano cortando através da carne, ossos e cartilagem como se fossem feitos de sebo. – Muito barulho – reclamou. – Qualquer homem com ouvidos vai escutar.

– Cão – Quentyn disse. – A senha do dia devia ser cão. Por que não nos deixaram passar? Dissemos...

– Nós dissemos que seu esquema era loucura, se esqueceu? – falou Bela Merris. – Faça o que veio fazer.

*Os dragões*, o Príncipe Quentyn pensou. *Sim. Viemos pelos dragões.* Sentia-se como se estivesse doente. *O que estou fazendo aqui? Pai, por quê? Quatro homens mortos em um piscar de olhos, e pelo quê?*

– Fogo e sangue – murmurou –, sangue e fogo. – O sangue estava empoçado em seus pés, embebendo o chão de tijolos. O fogo estava além daquelas portas. – As correntes... não temos chave...

Arch disse:

– Eu tenho a chave. – Balançou o martelo de guerra com força e rapidez. Faíscas brilharam quando a cabeça do martelo acertou a porta. E então novamente, novamente, novamente. Na quinta balançada, o cadeado quebrou e as correntes caíram com um chocalhar tão alto que Quentyn teve certeza de que metade da pirâmide os escutara.

– Tragam o carroção. – Os dragões ficariam mais dóceis depois de alimentados. *Deixem que se empanturrem de carne de carneiro torrada.*

Archibald Yronwood agarrou as portas de ferro e puxou para abri-las. As dobradiças enferrujadas soltaram um par de gritos, para todos aqueles que podiam ter dormido durante o arrombamento do cadeado. Um banho de súbito calor os assaltou, pesado com odores de cinzas, enxofre e carne queimada.

Estava escuro além das portas, uma escuridão sombria que parecia viva e ameaçadora, faminta. Quentyn podia sentir que havia algo naquela escuridão, enrolado e esperando. *Guerreiro, dê-me coragem*, rezou. Não queria fazer aquilo, mas não via outro jeito. *Por que mais Daenerys teria me mostrado os dragões? Ela queria que eu me provasse para ela.* Gerris lhe deu uma tocha. O príncipe caminhou através das portas.

*O verde é Rhaegal, o branco Viserion*, ele se lembrou. *Use seus nomes, comande-os, fale com eles calmamente mas com firmeza. Domine-os, como Daenerys dominou Drogon na arena*. A garota estava sozinha, vestida em fiapos de seda, mas sem medo. *Não devo ter medo. Ela fez isso, então eu também posso.* A coisa principal era não demonstrar medo. *Animais podem sentir o medo, e dragões...* O que ele sabia sobre dragões? *O que qualquer homem sabe sobre dragões? Eles tinham estado ausentes do mundo por mais de um século*.

A borda do fosso estava bem na frente dele. Quentyn avançou lentamente, movendo a tocha de um lado para o outro. Paredes, chão e teto bebiam a luz. *Queimados*, percebeu. *Tijolos queimados negros, desintegrando-se em cinzas.* O ar ficava mais quente a cada passo que dava. Começou a suar.

Dois olhos ergueram-se diante dele.

Bronze, eles eram, brilhantes como escudos polidos, incandescendo com o próprio calor, queimando atrás de um véu de fumaça que se levantava das narinas do dragão. A luz da tocha de Quentyn banhava as escamas verde-escuras, o verde do musgo nas profundezas da floresta ao entardecer, bem antes das últimas luzes desaparecerem. Então o dragão abriu a boca, e luz e calor o banharam. Atrás de uma fileira de dentes negros afiados, ele vislumbrou o ardor de uma fornalha, a cintilação de uma lareira, cem vezes mais brilhante que sua tocha. A cabeça do dragão era maior do que a de um cavalo, e o pescoço se esticava mais e mais, desenrolando-se como uma grande serpente verde enquanto a cabeça se erguia, até que aqueles dois brilhantes olhos de bronze o encararam de cima.

*Verde*, o príncipe pensou, *suas escamas são verdes*.

– Rhaegal – disse. Sua voz estava presa na garganta, e saiu como um coaxar quebrado. *Sapo*, pensou, *estou me tornando o Sapo novamente*. – A comida – resmungou, lembrando-se. – Tragam a comida.

O grandão o ouviu. Arch arrancou uma das ovelhas do carroção, segurando-a em duas patas, então girou-a e lançou-a no fosso.

Rhaegal pegou o animal no ar. Sua cabeça rodopiou, e de entre suas mandíbulas um jato de chama irrompeu, uma tempestade rodopiante de fogo laranja e amarelo com veios verdes. A ovelha estava queimando antes que começasse a cair. Antes que a carcaça defumada pudesse atingir os tijolos, os dentes do dragão se fecharam ao redor dela. Um halo de chamas ainda tremulava sobre o corpo. O ar fedia a lã queimada e enxofre. *Fedor de dragão.*

– Achei que eram dois – o grandão disse.

*Viserion. Sim. Onde está Viserion?* O príncipe abaixou sua tocha, para jogar um pouco de luz na escuridão abaixo. Podia ver o dragão verde que rasgava a carcaça defumada da ovelha, a longa cauda batendo de um lado para o outro enquanto comia. Uma grossa coleira de ferro era visível em

seu pescoço, com um metro de corrente quebrada pendurada nela. Elos quebrados estavam espalhados pelo chão do fosso entre ossos enegrecidos; metal retorcido, parcialmente derretido. *Rhaegal estava acorrentado à parede e ao chão da última vez que estive aqui*, o príncipe se lembrou, *mas Viserion estava pendurado no teto*. Quentyn recuou, ergueu a tocha e esticou a cabeça para trás.

Por um momento, viu apenas os arcos enegrecidos dos tijolos acima, queimados por chama de dragão. Um filete de cinzas chamou sua atenção, traindo movimento. Algo claro, meio escondido, movendo-se. *Ele fez uma caverna para si*, o príncipe percebeu. *Uma toca nos tijolos*. As fundações da Grande Pirâmide de Meereen eram maciças e grossas para suportar o peso da imensa estrutura sobre suas cabeças; mesmo o interior das paredes era três vezes mais grosso do que qualquer muralha de castelo. Mas Viserion havia cavado para si um buraco nelas, com chama e garras, um buraco grande o suficiente para dormir dentro dele.

*E nós acabamos de despertá-lo*. Ele podia ver o que se parecia com uma imensa serpente branca desenrolando-se dentro da parede, bem onde a estrutura se curvava para começar o teto. Mais cinzas caíram, assim como um bocado de tijolos despedaçados. A serpente se transformou em um pescoço e uma cauda, e então a longa cabeça chifruda do dragão apareceu, seus olhos brilhando na escuridão como carvões dourados. Sacudiu as asas, esticando-as.

Todos os planos de Quentyn haviam abandonado sua cabeça. Podia ouvir Caggo Matacadáver gritando para seus mercenários. *As correntes, está mandando que peguem as correntes*, o príncipe dornense pensou. O plano era alimentar as bestas e acorrentá-las durante seu torpor, exatamente como a rainha fizera. Um dragão ou, preferivelmente, ambos.

– Mais carne – Quentyn disse. *Assim que as bestas estiverem alimentadas, ficarão mais lentos*. Ele havia visto o trabalho com serpentes em Dorne, mas aqui, com aqueles monstros... – Tragam... tragam...

Viserion lançou-se do teto, as claras asas de couro se desdobrando em toda a largura. A corrente quebrada pendurada em seu pescoço balançava freneticamente. Sua chama acendeu o fosso, ouro claro permeado de vermelho e laranja, e o ar viciado explodiu em uma nuvem de cinzas quentes e enxofre, enquanto as asas brancas batiam e batiam novamente.

Uma mão agarrou Quentyn pelo ombro. A tocha caiu de sua mão, para rodar pelo chão e então cair dentro do fosso, ainda queimando. Ele se encontrou cara a cara com um macaco de bronze. *Gerris*.

– Quent, isso não vai funcionar. Eles são muito selvagens, eles...

O dragão veio para baixo, entre os dornenses e a porta, com um rugido que teria feito cem leões fugirem. Sua cabeça movia-se de um lado para o outro enquanto inspecionava os intrusos – os dornenses, os Soprados pelo Vento, Caggo. Por último e mais longamente, a besta encarou Bela Meris, farejando. *A mulher*, Quentyn percebeu. *Ele sabe que ela é fêmea. Está procurando por Daenerys. Ele quer sua mãe e não entende por que ela não está aqui*.

Quentyn se libertou de Gerris.

– Viserion – chamou. *O branco é Viserion*. Por meio segundo, teve medo de ter se enganado. – Viserion – chamou novamente, hesitando para encontrar o chicote pendurado em seu cinto. *Ela intimidou o negro com um chicote. Preciso fazer o mesmo*.

O dragão sabia seu nome. Virou a cabeça e seu olhar se encontrou com o do príncipe dornense por três longos segundos. Chamas claras queimavam por trás das brilhantes adagas negras que eram seus dentes. Os olhos eram lagos de ouro derretido, e fumaça saía das narinas.

– Para baixo – Quentyn disse. Então tossiu, e tossiu novamente.

O ar estava grosso com a fumaça, e o cheiro de enxofre era asfixiante.

Viserion perdera o interesse. O dragão se virou na direção dos Soprados pelo Vento e deu uma guinada para a porta. Talvez pudesse sentir o sangue das sentinelas mortas, ou a carne no carroção do açougueiro. Ou talvez apenas tivesse visto que o caminho estava livre.

Quentyn ouviu os mercenários gritarem. Caggo pedia as correntes, e Bela Meris gritava para alguém se afastar. O dragão se moveu de modo desajeitado no chão, como um homem rastejando sobre os joelhos e cotovelos, mas mais rapidamente do que o príncipe dornense teria acreditado. Quando os Soprados pelo Vento demoraram demais para sair de seu caminho, Viserion soltou outro rugido. Quentyn ouviu o barulho de correntes e o arranhar profundo de uma besta.

– Não – gritou –, não, não, *não* – mas era tarde demais. *O tolo* foi tudo o que teve tempo de pensar enquanto a seta raspava o pescoço de

Viserion para sumir na escuridão. Uma linha de fogo cintilou em seu rastro; sangue de dragão, brilhando dourado e vermelho.

O besteiro procurava desajeitadamente outra flecha quando os dentes do dragão se fecharam ao redor de seu pescoço. O homem usava a máscara de uma Besta de Bronze, à semelhança de um temível tigre. Quando derrubou a arma para tentar abrir as mandíbulas de Viserion, uma chama saiu da boca do tigre. Seus olhos queimaram com um suave estalo, e o bronze ao redor deles começou a escorrer. O dragão arrancou um pedaço de carne, a maior parte do pescoço do mercenário, então o engoliu enquanto o cadáver em chamas caía no chão.

Os outros Soprados pelo Vento estavam recuando. Aquilo era mais do que Bela Meris tinha estômago para suportar. A cabeça chifruda de Viserion moveu-se para a frente e para trás, entre eles e sua presa, mas depois de um momento esqueceu-se dos mercenários e dobrou o pescoço para arrancar outro bocado do morto. Uma perna, desta vez.

Quentyn deixou o chicote desenrolado.

– Viserion – chamou, mais alto, agora. Podia fazer isso, faria isso, seu pai o enviara aos confins da terra para isso, ele não falharia. – *VISERION!* – Agitou o chicote no ar com um estalido que ecoou pelas paredes enegrecidas.

A cabeça clara se ergueu. Os grandes olhos dourados se estreitaram. Tufos espiralados de fumaça subiam das narinas do dragão.

– Para baixo – o príncipe ordenou. *Não deve deixá-lo sentir seu medo*. – Para baixo, para baixo, *para baixo*. – Trouxe o chicote rodando e estalou um golpe na cara do dragão. Viserion assobiou.

E então um vento quente o acertou e ele ouviu o som de asas de couro, e o ar estava cheio de cinzas e um monstruoso rugido veio ecoando pelos tijolos queimados e enegrecidos, e pôde escutar seus amigos gritando freneticamente. Gerris chamava seu nome, uma vez e outra, e o grandão berrava:

– Atrás de você, atrás de você, *atrás de você!*

Quentyn virou-se e jogou o braço esquerdo no rosto para proteger os olhos do vento da fornalha. *Rhaegal*, ele se lembrou, *o verde é Rhaegal*.

Quando ergueu seu chicote, viu que o açoite estava queimando. Sua mão também. Todo ele, todo ele estava queimando.

*Oh*, pensou. Então começou a gritar.

# Jon

—Deixe-os morrer – disse a Rainha Selyse.

Era a resposta que Jon Snow esperava. *Esta rainha nunca deixa de decepcionar*. De alguma forma, isso não suavizava o golpe.

– Vossa Graça – insistiu, teimosamente –, estão famintos em Durolar, milhares deles. Muitos são mulheres...

– ... e crianças, sim. Muito triste. – A rainha puxou a filha para mais perto e lhe deu um beijo na bochecha. *A bochecha intocada pelo escamagris*, Jon não deixou de notar. – Sentimos pelos pequeninos, é claro, mas devemos ser sensatos. Não temos comida para eles, e são jovens demais para ajudar o rei meu marido nas guerras. Melhor que renasçam na luz.

Isso era apenas um jeito mais suave de dizer *deixe-os morrer*.

O aposento estava lotado. A Princesa Shireen estava ao lado do assento da mãe, com Cara-Malhada de pernas cruzadas aos seus pés. Atrás da rainha assomava-se Sor Axell Florent. Melisandre de Asshai estava parada perto do fogo, o rubi na garganta pulsando a cada respiração. A mulher vermelha tinha seus assistentes também; o escudeiro Devan Seaworth e dois dos guardas que o rei deixara para ela.

Os protetores da Rainha Selyse estavam ao longo das paredes, brilhantes cavaleiros em uma fila: Sor Malegorn, Sor Benethon, Sor Narbert, Sor Patrek, Sor Dorden, Sor Brus. Com tantos selvagens sanguinários infestando Castelo Negro, Selyse mantinha seus próprios escudos juramentados consigo noite e dia. Tormund Terror de Gigantes rugira ao ouvir isso.

– Ela está com medo de ser levada? Espero que nunca tenha dito quão grande é meu membro, Jon Snow, isso assusta qualquer mulher. Sempre quis para mim uma com bigodes. – Então riu e riu.

*Ele não estaria rindo agora.*

Jon perdera tempo suficiente ali.

– Sinto ter incomodado Vossa Graça. A Patrulha da Noite cuidará deste assunto.

As narinas da rainha se dilataram.

– Você ainda pretende ir a Durolar. Vejo em seu rosto. *Deixe-os morrer*, eu digo, e mesmo assim você persiste nessa loucura. Não negue.

– Preciso fazer o que acho melhor. Com todo o respeito, Vossa Graça, a Muralha é minha, assim como esta decisão.

– É – Selyse concordou –, e você responderá por isso quando o rei retornar. E por outras decisões que tem tomado, temo. Mas vejo que é surdo ao bom-senso. Faça o que deve fazer.

Sor Malegorn falou:

– Lorde Snow, quem liderará essa patrulha?

– Está se oferecendo, sor?

– Eu pareço tolo?

Cara-Malhada pulou.

– Eu lidero! – Seus guizos soaram alegremente. – Marcharemos para o mar e para fora novamente. Sob as ondas, montaremos em cavalos-marinhos, e sereias soprarão conchas para anunciar nossa chegada, oh, oh, oh.

Todos riram. Até a Rainha Selyse se permitiu um pequeno sorriso. Jon estava menos divertido.

– Não pedirei aos meus homens que façam o que eu mesmo não faria. Pretendo liderar a patrulha.

– Como você é ousado – disse a rainha. – Nós aprovamos. Depois, algum bardo fará uma comovente canção sobre você, sem dúvida, e teremos um senhor comandante mais prudente. – Tomou um gole de vinho. – Falemos de outros assuntos. Axell, seja bom e traga o rei selvagem.

– Imediatamente, Vossa Graça. – Sor Axell saiu por uma porta e retornou um momento mais tarde com Gerrick Sanguederrei. – Gerrick da Casa Barbarruiva – anunciou –, Rei dos Selvagens.

Gerrick Sanguederrei era um homem alto, de pernas longas e ombros largos. A rainha o vestira com algumas das antigas roupas do rei, pelo que parecia. Limpo e arrumado, vestido com veludo verde e uma meia-capa de arminho, com os longos cabelos ruivos recentemente lavados e a

barba vermelha aparada, o selvagem parecia, em cada detalhe, um senhor sulista. *Poderia andar na sala do trono em Porto Real e ninguém piscaria*, Jon pensou.

– Gerrick é o verdadeiro e legítimo rei dos selvagens – a rainha disse –, descendente em linha direta masculina do grande rei Raymun Barbarruiva, enquanto o usurpador Mance Rayder era nascido de alguma mulher do povo, gerado por um de seus irmãos negros.

*Não*, Jon poderia ter dito, *Gerrick é descendente de um irmão mais jovem de Raymun Barbarruiva.* Para o povo livre, aquilo contava tanto quanto ser descendente do cavalo de Raymun Barbarruiva.

– Gerrick graciosamente concordou em dar a mão da filha mais velha para meu amado Axell, para serem unidos pelo Senhor da Luz em sagrado matrimônio – a Rainha Selyse falou. – Suas outras garotas se casarão ao mesmo tempo: a segunda filha com Sor Brus Buckler e a mais jovem com Sor Malegorn de Lagoa Vermelha.

– Sors. – Jon inclinou a cabeça para os cavaleiros em questão. – Que possam encontrar a felicidade com suas noivas.

– No fundo do mar, homens casam com peixes. – Cara-Malhada fez uns passinhos de dança, tilintando seus guizos. – Casam, casam, casam.

A Rainha Selyse fungou novamente.

– Quatro casamentos podem ser feitos tão simplesmente quanto três. Já passou da hora de assentar essa mulher Val, Lorde Snow. Decidi que ela se casará com meu bom e leal cavaleiro, Sor Patrek da Montanha do Rei.

– Val foi comunicada, Vossa Graça? – perguntou Jon. – Entre o povo livre, quando um homem deseja uma mulher, ele a rouba, e assim prova sua força, astúcia e coragem. O pretendente corre o risco de uma surra feroz se for pego por um dos parentes da mulher, e, pior, se a própria mulher o achar indigno.

– Um costume bárbaro – Axell Florent disse.

Sor Patrek apenas riu.

– Nenhum homem jamais teve motivo para questionar minha coragem. E nenhuma mulher jamais o fará.

A Rainha Selyse apertou os lábios.

– Lorde Snow, como a Senhora Val é estranha aos nossos costumes, por favor, envie-a para mim, para que eu possa instruí-la sobre os deveres de uma nobre senhora em relação ao senhor seu marido.

*Isso será esplêndido, posso imaginar*. Jon se perguntava se a rainha ficaria tão ansiosa em ver Val casada com um de seus próprios cavaleiros, se soubesse dos sentimentos da moça em relação à Princesa Shireen.

– Como quiser – disse –, no entanto, se posso falar francamente...

– Não, acho que não. Pode se retirar.

Jon Snow dobrou um joelho, abaixou a cabeça e se retirou.

Desceu os degraus, dois de cada vez, acenando com a cabeça para os guardas da rainha no caminho. Sua Graça colocara homens em cada andar, para mantê-la a salvo dos selvagens assassinos. A meio caminho, uma voz o chamou de trás.

– Jon Snow.

Jon se virou.

– Senhora Melisandre.

– Devemos falar.

– Devemos? – *Acho que não*. – Minha senhora, tenho deveres.

– É sobre esses deveres que falarei. – Ela desceu, a bainha da saia vermelha farfalhando sobre os degraus. Era quase como se flutuasse. – Onde está seu lobo gigante?

– Dormindo em meus aposentos. Sua Graça não permite Fantasma em sua presença. Ela afirma que assusta a princesa. E enquanto Borroq e seu javali estiverem por aqui, não ouso deixá-lo solto. – O troca-peles iria acompanhar Soren Quebrescudo para Portapedra, assim que as carroças que tinham levado o clã Peledefoca para Guardaverde voltassem. Até então, Borroq passara a morar em uma das antigas tumbas ao lado do cemitério do castelo. A companhia de homens mortos havia muito tempo parecia agradá-lo mais do que a dos vivos, e seu javali parecia feliz em fuçar entre os túmulos, bem longe de outros animais. – Essa coisa é do tamanho de um touro, com presas tão longas quanto espadas. Fantasma iria atrás dele se estivesse solto, e um dos dois, ou ambos, não sobreviveria ao encontro.

– Borroq é a última das minhas preocupações. Essa patrulha...

– Uma palavra sua poderia ter influenciado a rainha.

– Selyse está certa nisso, Lorde Snow. *Deixe-os morrer*. Não pode salvá-los. Seus navios estão perdidos...

– Seis restam. Mais da metade da frota.

– Seus navios estão perdidos. *Todos* eles. Nenhum homem retornará. Vi isso em minhas chamas.

– Suas chamas têm sido conhecidas por mentir.

– Cometi enganos, admito, mas...

– Uma garota cinzenta em um cavalo moribundo. Adagas na escuridão. Um príncipe prometido, nascido da fumaça e do sal. Parece que não tem feito outra coisa além de enganos, minha senhora. Onde está Stannis? E Camisa de Chocalho e suas esposas de lança? *Onde está minha irmã?*

– Todas as suas perguntas serão respondidas. Olhe para os céus, Lorde Snow. E, quando tiver suas respostas, envie para mim. O inverno está quase sobre nós. Sou sua única esperança.

– A esperança de um tolo. – Jon virou-se e a deixou.

Couros estava rondando o pátio externo.

– Toregg voltou – contou, quando Jon apareceu. – O pai dele assentou seu povo em Escudo de Carvalho e voltará esta tarde com oitenta guerreiros. O que a rainha barbuda disse?

– Sua Graça não pode nos fornecer nenhuma ajuda.

– Muito ocupada arrancando pelos do queixo? – Couros cuspiu. – Não importa. Os homens de Tormund e os nossos serão suficientes.

*Suficientes para nos levar até lá, talvez.* Era a viagem de volta que preocupava Jon Snow. Voltando para casa, seriam retardados por milhares do povo livre, muitos doentes e famintos. *Um rio de humanos movendo-se mais lentamente do que um rio de gelo*. Isso os deixaria vulneráveis. *Coisas mortas na floresta. Coisas mortas na água*.

– Quantos homens são suficientes? – perguntou para Couros. – Uma centena? Duas centenas? Quinhentos? Mil? – *Devo levar mais homens, ou menos?* Uma patrulha menor chegaria a Durolar mais rápido... mas de que serviriam espadas sem comida? Mãe Toupeira e seu povo já estavam no ponto de comer seus mortos. Para alimentá-los, precisaria levar carroças e charretes, e animais de tração para transportá-los – cavalos, bois, cães. Em vez de voar pela floresta, seriam condenados a rastejar. – Ainda há muito o que decidir. Espalhe a notícia. Quero todos os homens de liderança no Salão de Escudos quando o turno da noite começar. Até então, Tormund deve estar de volta. Onde posso encontrar Toregg?

– Com o monstrinho, provavelmente. Ele está gostando de uma das amas de leite, ouvi dizer.

*Ele está gostando de Val. A irmã dela era uma rainha, por que não ela?* Tormund havia pensado certa vez em se fazer Rei-para-lá-da-Muralha, antes que Mance o derrotasse. Toregg, o Alto, podia muito bem ter o mesmo sonho. *Melhor ele do que Gerrick Sanguederrei.*

– Deixe-o lá – disse Jon. – Posso falar com Toregg mais tarde. – Deu uma olhada para a Torre do Rei. A Muralha estava de um branco opaco, o céu sobre ela mais branco ainda. *Um céu de neve*. – Apenas reze para que não tenhamos outra tempestade.

Do lado de fora do arsenal, Mully e a Pulga, de guarda, tremiam.

– Vocês não deviam estar lá dentro, fora deste vento? – Jon perguntou.

– Seria ótimo, 'nhor – disse Fulk, a Pulga –, mas seu lobo não está a fim de companhia hoje.

Mully concordou.

– Ele tentou me dar uma mordida, tentou, sim.

– *Fantasma?* – Jon estava chocado.

– A menos que sua senhoria tenha outro lobo branco, sim. Nunca vi ele assim, 'nhor. Todo selvagem, quero dizer.

Ele não estava errado, como Jon descobriu por conta própria quando passou pelas portas. O grande lobo gigante branco não parava quieto. Andava de um lado para o outro do arsenal, passava pela forja fria e voltava.

– Calma, Fantasma. – Jon chamou. – Quieto. Senta, Fantasma. *Quieto*. – No entanto, quando tentou tocá-lo, o lobo se eriçou e mostrou os dentes. *É aquele maldito javali. Mesmo aqui, Fantasma pode sentir seu fedor.*

O corvo de Mormont parecia agitado também. *Snow*, a ave gritava. *Snow, Snow, Snow*. Jon o espantou, pediu para Cetim acender o fogo e depois ir atrás de Bowen Marsh e Othell Yarwyck.

– Traga um jarro de vinho quente com especiarias também.

– Três taças, 'nhor?

– Seis. Mully e a Pulga parecem precisar de algo quente. E você também.

Quando Cetim partiu, Jon se sentou e deu outra olhada nos mapas das terras ao norte da Muralha. O caminho mais rápido para Durolar era ao longo da costa... de Atalaialeste. Os bosques eram mais estreitos perto do mar, e o terreno era, em grande parte, formado por planícies, colinas e

pântanos de água salgada. E quando as tempestades de outono chegavam uivando, a costa tinha granizo e chuva gelada em vez de neve. *Os gigantes estão em Atalaialeste, e Couros diz que alguns podem ajudar*. De Castelo Negro, o caminho era mais difícil, direto pelo coração da floresta assombrada. *Se a neve está com esta profundidade na Muralha, quão pior estará além?*

Marsh entrou fungando, Yarwyck sisudo.

– Outra tempestade – o Primeiro Construtor anunciou. – Como vamos trabalhar assim? Preciso de mais construtores.

– Use o povo livre – Jon respondeu.

Yarwyck abanou a cabeça.

– Mais problema do que valor, nesse grupo. Desleixados, descuidados, preguiçosos... alguns bons marceneiros aqui e ali, não vou negar, mas dificilmente um pedreiro entre eles e nunca um ferreiro. Costas fortes, pode ser, mas não fazem o que lhes é dito. E nós com estas três ruínas para transformar novamente em fortes. Não pode ser feito, meu senhor. Falo a verdade. Não pode ser feito.

– Será feito – disse Jon –, ou eles viverão em ruínas.

Um senhor precisava de homens ao seu lado nos quais pudesse confiar para um conselho honesto. Marsh e Yarwyck não tinham papas na língua, e isso era bom... mas também raramente eram de alguma *ajuda*. Cada vez mais era capaz de saber o que eles responderiam, antes mesmo de lhes perguntar.

Especialmente quando se tratava do povo livre, em relação ao qual a desaprovação deles vinha de dentro dos ossos. Quando Jon dera Portapedra para Soren Quebrescudo, Yarwyck reclamara que era muito isolado. Como poderiam saber que danos Soren causaria lá naquelas montanhas? Quando conferira Escudo de Carvalho para Tormund Terror de Gigantes e Portão da Rainha para Morna Máscara Branca, Marsh chamara a atenção para o fato de que Castelo Negro agora teria inimigos em ambos os lados que facilmente poderiam isolá-los do resto da Muralha. Quanto a Borroq, Othell Yarwyck afirmara que as matas ao norte de Portapedra eram cheias de javalis selvagens. Quem garantia que o troca-peles não faria o próprio exército de porcos?

Colina da Geadalva e Portão da Geada ainda precisavam de guarnições, então Jon perguntara a opinião deles sobre quais dos chefes selvagens e

senhores de guerra que ainda restavam podiam ser enviados para esses locais.

– Temos Brogg, Gavin, o Negociante, o Grande Walrus... Howd Andarilho anda sozinho, diz Tormund, mas ainda há Harle, o Caçador, Harle, o Bonito, Cego Doss... Ygon Velhopai comanda seguidores, mas a maioria são seus próprios filhos e netos. Ele tem dezoito esposas, metade delas roubadas em assaltos. Quais desses...

– Nenhum – Bowen Marsh dissera. – Conheço todos esses homens por seus atos. Devíamos prepará-los para a forca, não lhes dar nossos castelos.

– Sim – Othell Yarwyck concordara. – Mau, ruim e pior fazem uma escolha de pedinte. Meu senhor quer nos presentear com uma matilha de lobos e pergunta se gostaríamos que eles nos arrancassem as gargantas.

Era o mesmo novamente com Durolar. Cetim servia enquanto Jon lhes contava a audiência com a rainha. Marsh ouvia atentamente, ignorando o vinho com especiarias, enquanto Yarwyck bebia uma taça e então outra. Mas nem bem Jon terminou, o Senhor Intendente disse:

– Sua Graça é sábia. Deixe-os morrer.

Jon sentou-se.

– Esse é o único conselho que pode me oferecer, meu senhor? Tormund está trazendo oitenta homens. Quanto devemos mandar? Devemos chamar os gigantes? As esposas de lança em Monte Longo? Se tivermos mulheres conosco, deixaremos o povo de Mãe Toupeira mais à vontade.

– Mande mulheres, então. Mande gigantes. Mande bebês de peito. É isso que meu senhor deseja ouvir? – Bowen Marsh esfregou a cicatriz que ganhara na Ponte das Caveiras. – Mande todos eles. Quantos mais perdermos, menos bocas teremos que alimentar.

Yarwyck não foi mais prestativo.

– Se os selvagens em Durolar precisam de resgate, deixe os selvagens irem até lá para salvá-los. Tormund conhece o caminho para Durolar. Pelo que ele diz, pode salvá-los todos com seu membro imenso.

*Isso é inútil*, Jon pensou. *Inútil, infrutífero, sem esperança*.

– Obrigado pelos conselhos, meus senhores.

Cetim os ajudou a colocar novamente os mantos. Enquanto andavam pelo arsenal, Fantasma os cheirou, seu rabo em pé e eriçado. *Meus irmãos*. A Patrulha da Noite precisava de líderes com a sabedoria de

Meistre Aemon, o conhecimento de Samwell Tarly, a coragem de Qhorin Meia-Mão, a força obstinada do Velho Urso, a compaixão de Donal Noye. O que tinha, em vez disso, eram eles.

A neve estava caindo com força do lado de fora.

– Ventos do sul – Yarwyck observou. – Está soprando a neve bem contra a Muralha. Vê?

Ele estava certo. A escada em zigue-zague estava enterrada quase até o primeiro lance, Jon viu, e as portas de madeira das celas de gelo e dos armazéns tinham desaparecido atrás de uma parede branca.

– Quantos homens temos nas celas de gelo? – perguntou para Bowen Marsh.

– Quatro vivos. Dois mortos.

*Os cadáveres*. Jon quase se esquecera deles. Esperara aprender algo dos corpos que trouxera do bosque de represeiros, mas os mortos haviam teimosamente permanecido mortos. – Precisamos desencavar essas celas.

– Dez intendentes e dez pás farão isso – disse Marsh.

– Use Wun Wun também.

– Como quiser.

Dez intendentes e um gigante trabalharam rapidamente nos montes de neve, mas, mesmo quando as portas ficaram livres novamente, Jon não pareceu satisfeito.

– Essas celas estarão enterradas novamente pela manhã. Melhor tirarmos os prisioneiros antes que sufoquem.

– Karstark também, ‘nhor? – perguntou Fulk, a Pulga. – Não podemos simplesmente deixar esse um tremendo até a primavera?

– Deixaria, se pudesse. – Cregan Karstark pegara de uivar tarde da noite e a jogar fezes congeladas em quem quer que fosse alimentá-lo. Isso não o fizera ser amado pelos guardas. – Leve-o para a Torre do Senhor Comandante. As celas no subsolo devem segurá-lo. – Embora desmoronada em parte, a antiga sede do Velho Urso seria mais quente que as celas de gelo. Os porões estavam intactos em sua maioria.

Cregan chutou os guardas quando passaram pela porta, contorcendo-se e empurrando quando o agarraram, chegando até mesmo a tentar mordê-los. Mas o frio o enfraquecera, e os homens de Jon eram maiores, mais jovens e mais fortes. Eles o puxaram com força para fora, ainda se debatendo, e o arrastaram pela neve na altura da coxa até sua nova casa.

– O que o senhor comandante gostaria que fizéssemos com os cadáveres? – perguntou Marsh, quando os vivos foram retirados.

– Deixe-os aí. – Se a tempestade os sepultasse, muito bem. Sem dúvida, algum dia precisaria queimá-los, mas por enquanto estavam presos com correntes de ferro dentro das celas. Isso, e estarem mortos, devia ser o suficiente para mantê-los inofensivos.

Tormund Terror de Gigantes marcou sua chegada com perfeição, trovejando com seus guerreiros quando todo o serviço de pá havia sido feito. Apenas cinquenta pareciam ter retornado, não os oitenta que Toregg prometera a Couros, mas Tormund não era chamado Alto-Falador por nada. O selvagem chegou com o rosto vermelho, gritando por um corno de cerveja e algo quente para comer. Tinha gelo em sua barba e mais crostas no bigode.

Alguém já havia contado para o Punho de Trovão sobre Gerrick Sanguederrei e seu novo estilo.

– Rei dos Selvagens? – Tormund rugiu. – Har! Rei do Racho da minha Bunda Peluda é mais provável.

– Ele tem um ar régio – disse Jon.

– Ele tem um pauzinho vermelho para combinar com todo aquele cabelo vermelho, é isso o que ele tem. Raymun Barbarruiva e seus filhos morreram no Lago Longo, graças aos seus malditos Stark e ao Bêbado Gigante. Não o irmãozinho. Já se perguntou por que o chamam de Corvo Que Arde? – A boca de Tormund se abriu em um sorriso semibanguela. – Primeiro por voar da batalha. Há uma canção sobre isso, além do mais. O cantor tinha que encontrar uma rima para *covarde*, então... – Limpou o nariz. – Se os cavaleiros da sua rainha querem aquelas garotas dele, que façam bom proveito.

*Garotas*, gritou o corvo de Mormont. *Garotas, garotas.*

Aquilo fez Tormund gargalhar novamente.

– Agora, eis um pássaro com juízo. Quanto quer por ele, Snow? Eu lhe dei um filho, o mínimo que podia fazer era me dar o maldito pássaro.

– Eu daria – disse Jon –, mas provavelmente você o comeria.

Tormund rugiu daquilo também.

*Comer*, o corvo disse, sombriamente, batendo as asas negras. *Grão? Grão? Grão?*

– Precisamos conversar sobre a patrulha – disse Jon. – Quero que sejamos uma só mente no Salão de Escudos, devemos... – Parou de falar quando Mully enfiou o nariz pela porta, com expressão séria, para anunciar que Clydas trouxera uma carta.

– Diga-lhe para deixá-la com você. Eu a lerei mais tarde.

– Como queira, ‘nhor, só que... Clydas não parece propriamente consigo mesmo... está mais branco do que rosado, se entende o que quero dizer... e está tremendo.

– Asas escuras, palavras escuras – murmurou Tormund. – Não é assim que vocês ajoelhadores dizem?

– Dizemos *Sangre um frio, mas festeje uma febre* também – Jon contou para ele. – Dizemos *Nunca beba com um dornense quando a lua está cheia*. Dizemos um monte de coisas.

Mully deu seu pitaco.

– Minha velha avó sempre costumava dizer, *Amigos de verão derretem como neves de verão, mas amigos de inverno são amigos para sempre*.

– Acho que é sabedoria suficiente para o momento – disse Jon Snow. – Seja gentil e faça Clydas entrar.

Mully não estava errado; o velho intendente *estava* tremendo, o rosto tão pálido quanto a neve lá fora.

– Estou sendo tolo, Senhor Comandante, mas... esta carta me assustou. Vê aqui?

*Bastardo*, era a única palavra escrita do lado de fora do pergaminho. Nada de *Lorde Snow* ou *Jon Snow* ou *Senhor Comandante*. Simplesmente *Bastardo*. E a carta estava selada com um pelote duro de cera rosa.

– Estava certo em vir imediatamente – Jon falou. *Está certo em ter medo*. Ele rompeu o selo, desenrolou o pergaminho e leu.

*Seu falso rei está morto, bastardo. Ele e toda sua tropa foram esmagados em sete dias de batalha. Estou com a espada mágica dele. Conte isso para a puta vermelha.*

*Os amigos de seu falso rei estão mortos. Suas cabeças estão sobre as muralhas de Winterfell. Venha vê-las, bastardo. Seu falso rei morreu, e o mesmo acontecerá com você. Você disse ao mundo que queimou o Rei-*

*para-lá-da-Muralha. Em vez disso, você o enviou para Winterfell, para roubar minha noiva.*

*Terei minha noiva de volta. Se quer Mance Rayder de volta, venha buscá-lo. Eu o tenho em uma jaula, para que todo o Norte possa ver, a prova de suas mentiras. A jaula é fria, mas fiz um manto quente para ele, com as peles das seis putas que o seguiram até Winterfell.*

*Quero minha noiva de volta. Quero a rainha do falso rei. Quero a filha deles e a bruxa vermelha. Quero sua princesa selvagem. Quero seu pequeno príncipe, o bebê selvagem. Quero meu Fedor. Mande-os para mim, bastardo, e não incomodarei você e seus corvos negros. Fique com eles, e eu arrancarei seu coração bastardo e o comerei.*

Estava assinado:

*Ramsay Bolton*
*Legítimo Senhor de Winterfell.*

– Snow? – disse Tormund Terror de Gigantes. – Você está como se a cabeça do seu pai tivesse rolado para fora desse papel.

Jon Snow não respondeu imediatamente.

– Mully, ajude Clydas a voltar para seus aposentos. A noite é escura, e os caminhos estarão escorregadios com a neve. Cetim, vá com ele. – Passou a carta para Tormund. – Aqui, veja você mesmo.

O selvagem deu um olhar dúbio para a carta e a devolveu.

– Parece indecente... mas Tormund Punhos de Trovão tinha coisas melhores para fazer do que aprender a fazer papéis falarem com ele. Eles nunca têm nada de bom para dizer, não é mesmo?

– Em geral, não – Jon Snow admitiu. *Asas escuras, palavras escuras*. Talvez houvesse mais verdade nesse velho e sábio ditado do que ele imaginava. – Foi enviada por Ramsay Snow. Lerei para você o que ele escreveu.

Quando terminou, Tormund assobiou.

– Har. Isso é foda, sem nenhum engano. E isso sobre Mance? Tem ele em uma jaula, é isso? Como, quando centenas viram sua bruxa vermelha queimar o homem?

*Aquele era Camisa de Chocalho*, Jon quase disse. *Aquilo era feitiçaria. Uma sedução, ela chamou*.

– Melisandre... *olhe para os céus*, ela disse. – Baixou a carta. – Um corvo na tempestade. Ela viu isso chegando. – *Quando tiver suas respostas, envie para mim.*

– Pode ser tudo um monte de mentiras. – Tormund coçou sob sua barba. – Se eu tivesse uma bela pena de ganso e um pote de tinta de meistre, poderia escrever que meu membro é mais comprido e grosso que meu braço, o que não o tornaria assim.

– Ele tem Luminífera. Fala de cabeças sobre as muralhas de Winterfell. Sabe sobre as esposas de lança e a quantidade delas. – *Ele sabe sobre Mance Rayder*. – Não. Há verdade aqui.

– Não direi que está errado. O que pretende fazer, corvo?

Jon flexionou os dedos da mão da espada. *A Patrulha da Noite não toma partido*. Fechou a mão e a abriu novamente. *O que você propõe não é nada menos do que traição*. Pensou em Robb, com flocos de neve derretendo no cabelo. *Mate o menino e deixe o homem nascer*. Pensou em Bran, escalando a parede da torre, ágil como um macaco. Na risada sem fôlego de Rickon. Em Sansa, escovando o pelo de Lady e cantando para si mesma. *Você não sabe nada, Jon Snow*. Pensou em Arya, seu cabelo tão emaranhado quanto um ninho de ave. *Fiz para ele um manto quente das peles das seis putas que o seguiram até Winterfell... quero minha noiva de volta... quero minha noiva de volta... quero minha noiva de volta...*

– Acho que é melhor alterarmos o plano – Jon Snow disse.

Conversaram por quase duas horas.

Cavalo e Rory haviam substituído Fulk e Mully na porta do arsenal com a mudança de turno.

– Venham comigo – Jon lhes disse, quando a hora chegou. Fantasma o teria seguido também, mas quando o lobo começou a caminhar atrás dele, Jon o agarrou pelo cangote e o arrastou para dentro. Borroq poderia estar entre os reunidos no Salão de Escudos. A última coisa que precisava agora era seu lobo atacando o javali do troca-peles.

O Salão de Escudos era uma das partes mais antigas de Castelo Negro, um longo e frio salão de banquetes de pedra escura, vigas de carvalho negras com a fumaça dos séculos. No passado, quando a Patrulha da

Noite era muito maior, as paredes eram decoradas com fileiras de coloridos e brilhantes escudos de madeira. Mesmo agora, quando um cavaleiro tomava o negro, a tradição decretava que deixasse de lado suas antigas armas e passasse a usar um escudo negro liso da irmandade. Os escudos descartados eram pendurados no Salão de Escudos.

Centenas de cavaleiros significavam centenas de escudos. Falcões e águias, dragões e grifos, sóis e veados, lobos e *wyverns*, manticoras, touros, árvores e flores, harpas, lanças, caranguejos e lulas gigantes, leões vermelhos, leões dourados e leões de várias cores, corujas, ovelhas, donzelas e tritões, garanhões, estrelas, baldes e fivelas, homens esfolados, homens enforcados e homens queimados, machados, espadas longas, tartarugas, unicórnios, ursos, penas, aranhas, cobras e escorpiões, e uma centena de outros símbolos heráldicos tinham adornado as paredes do Salão de Escudos, exibindo mais cores do que qualquer arco-íris poderia sonhar.

Mas, quando um cavaleiro morria, seu escudo era tirado para que pudesse ir com ele para a pira ou para a tumba, e, ao longo dos anos e séculos, menos e menos cavaleiros tomaram o negro. Chegou o dia em que não fazia mais sentido os cavaleiros do Castelo Negro cearem separados dos demais. O Salão de Escudos foi abandonado. Nos últimos cem anos, fora usado apenas de vez em quando. Como salão de jantar, deixava muito a desejar – era escuro, sujo, frio e difícil de aquecer no inverno, seus porões infestados de ratos, suas maciças vigas de madeira carcomidas e enfeitadas com teias de aranhas.

Mas era largo e comprido o suficiente para duzentas pessoas sentadas, e mais quase metade disso ainda se ficassem coladas umas das outras. Quando Jon e Tormund entraram, um som atravessava o salão, como vespas se mexendo em seu ninho. Os selvagens suplantavam os corvos em cinco para um, pelo pouco negro que via. Restava menos do que uma dúzia de escudos, tristes coisas cinzentas com tinta desbotada e longas rachaduras na madeira. Mas tochas recém-acesas queimavam nas arandelas de ferro ao longo das paredes, e Jon havia ordenado que trouxessem mesas e bancos. Homens sentados confortavelmente eram mais inclinados a ouvir, Meistre Aemon lhe dissera uma vez; homens em pé eram mais inclinados a gritar.

Na ponta do salão havia uma plataforma encurvada. Jon subiu nela, com Tormund Terror de Gigantes ao seu lado, e ergueu as mãos pedindo silêncio. As vespas apenas zumbiram mais alto. Então Tormund colocou seu corno de guerra nos lábios e deu um sopro. O som encheu o salão, ecoando nas vigas sobre suas cabeças. Fez-se silêncio.

– Eu os chamei para fazermos planos para o socorro a Durolar – Jon Snow começou. – Milhares do povo livre estão reunidos ali, presos e famintos, e temos relatos de coisas mortas na floresta. – À sua esquerda, viu Marsh e Yarwyck. Othell estava cercado por seus construtores, enquanto Bowen tinha Wick Whittlestick, Lew Mão Esquerda e Alf de Runnymudd ao seu lado. À sua esquerda, Soren Quebrescudo sentava-se com os braços cruzados contra o peito. Mais atrás, Jon viu Gavin, o Negociante, e Harle, o Bonito, sussurrando um para o outro. Ygon Velhopai estava sentado entre suas esposas, e Howd Andarilho, sozinho. Borroq estava recostado contra uma parede em um canto escuro. Felizmente, seu javali não estava em evidência em lugar algum. – Os navios que enviei para buscar Mãe Toupeira e seu povo foram devastados por tempestades. Precisamos enviar a ajuda que pudermos por terra, ou deixá-los morrer. – Dois dos cavaleiros da Rainha Selyse estavam ali também, Jon viu. Sor Narbert e Sor Benethon estavam parados perto da porta, no fundo do salão. Mas a ausência do restante dos homens da rainha era evidente. – Eu esperava liderar a patrulha eu mesmo e trazer tantos do povo livre quantos pudessem sobreviver à jornada. – Um clarão vermelho no fundo do salão capturou o olhar de Jon. A Senhora Melisandre chegara. – Mas agora descobri que não poderei ir a Durolar. A patrulha será liderada por Tormund Terror de Gigantes, conhecido por todos vocês. Prometi a ele tantos homens quantos ele exigir.

– *E onde você estará, corvo?* – Borroq trovejou. – Escondido aqui em Castelo Negro com seu cachorro branco?

– Não. Eu cavalgarei para o sul. – Então Jon leu para eles a carta que Ramsay Snow escrevera.

O Salão de Escudos foi à loucura.

Todos os homens começaram a gritar ao mesmo tempo. Ficaram em pé, sacudindo os punhos. *Foi demais para o efeito calmante dos bancos confortáveis*. Espadas foram brandidas, machados batidos contra escudos. Jon Snow olhou para Tormund. O Terror de Gigantes tocou seu

corno novamente, duas vezes mais longo e duas vezes mais alto do que da primeira vez.

– A Patrulha da Noite não toma partido nas guerras dos Sete Reinos – Jon recordou a eles quando alguma calma aparente retornou. – Não é para vocês se oporem ao Bastardo de Bolton, vingarem Stannis Baratheon, defenderem sua viúva ou sua filha. Essa *criatura* que faz mantos com peles de mulheres jurou arrancar meu coração, e pretendo fazê-lo responder por essas palavras... mas não pedirei aos meus irmãos que renunciem aos seus votos. A Patrulha da Noite irá para Durolar. Eu cavalgarei para Winterfell sozinho, a menos... – Jon fez uma pausa. – ... há algum homem aqui que queira ir comigo?

O rugido era tudo o que podia ter esperado, o tumulto tão alto que dois dos antigos escudos caíram das paredes. Soren Quebrescudo estava em pé, o Andarilho também. Toregg, o Alto, Brogg, tanto Harle, o Caçador, quanto Harle, o Bonito, Ygon Velhopai, Cego Doss, até mesmo o Grande Walrus. *Tenho minhas espadas*, pensou Jon Snow, *e vamos até você, Bastardo.*

Yarwyck e Marsh estavam saindo, ele viu, e todos os seus homens atrás deles. Não importava. Não precisava deles agora. Não os *queria*. *Ninguém poderá dizer que fiz meus irmãos quebrarem seus votos. Se isso é perjuro, este crime é meu e meu apenas.* Então Tormund estava batendo nas costas dele, aquele sorriso semibanguela de orelha a orelha.

– Bem falado, corvo. Agora, traga o hidromel! Faça-os seus e embebede-os, assim que é feito. Faremos de você um selvagem, garoto. Har!

– Pedirei cerveja – Jon falou, distraído. Melisandre se fora, ele percebeu, e também os cavaleiros da rainha. *Eu devia ter ido a Selyse primeiro. Ela tem o direito de saber que seu senhor está morto.* – Precisa me dar licença. Deixarei você para embebedá-los.

– Har! Uma tarefa para a qual estou bem adaptado, corvo. Vá em frente!

Cavalo e Rory seguiram ao lado de Jon quando ele deixou o Salão de Escudos. *Eu devia falar com Melisandre depois de ver a rainha*, pensou. *Se ela pôde ver o corvo na tempestade, pode encontrar Ramsay Snow para mim.* Então ouviu o grito... e um rugido tão alto que pareceu sacudir a Muralha.

– Veio da Torre de Hardin, ‘nhor – Cavalo relatou. Teria dito mais, mas outro grito o interrompeu.

*Val*, foi o primeiro pensamento de Jon. Mas aquele não era o grito de uma mulher. *Isso é um homem em agonia mortal*. Saiu correndo. Cavalo e Rory correram atrás dele.

– Serão criaturas? – perguntou Rory. Jon se perguntava o mesmo. Poderiam os cadáveres ter escapado das correntes?

Os gritos pararam no momento em que chegaram à Torre de Hardin, mas Wun Weg Wun Dar Wun ainda estava rugindo. O gigante segurava um cadáver ensanguentado por uma perna, da mesma forma que Arya costumava segurar suas bonecas quando era pequena, balançando-as de um lado para o outro quando era ameaçada com vegetais. *Arya nunca fez suas bonecas em pedaços, no entanto*. O braço da espada do morto estava a metros de distância, a neve sob ele tornando-se vermelha.

– Solte ele – Jon gritou. – Wun Wun, *solte ele*.

Wun Wun não ouviu ou não entendeu. O gigante também estava sangrando, com cortes de espada na barriga e no braço. Bateu o cavaleiro morto contra a pedra cinza da torre, uma vez, outra e mais outra, até que a cabeça do homem se tornasse uma polpa vermelha como um melão de verão. O manto do cavaleiro agitava-se no ar frio. De lã branca tinha sido, com acabamento de samito de prata e estampado com estrelas azuis. Sangue e ossos voavam por todos os lados.

Homens saíam aos montes das fortalezas e torres ao redor. Nortenhos, povo livre, homens da rainha.

– Formem uma linha – Jon Snow ordenou para eles. – Mantenha-os afastados. Todos eles, especialmente os homens da rainha. – O morto era Sor Patrek da Montanha do Rei; sua cabeça em grande parte desaparecera, mas sua heráldica o distinguia tanto quanto seu rosto. Jon não queria arriscar que Sor Malegorn ou Sor Brus ou qualquer um dos outros cavaleiros da rainha tentasse vingá-lo.

Wun Weg Wun Dar Wun rugiu novamente e deu uma torcida e um puxão no outro braço de Sor Patrek. Arrancou-o do ombro com um jato de brilhante sangue vermelho. *Como uma criança puxando as pétalas de uma margarida*, pensou Jon.

– Couros, fale com ele, acalme-o. O Idioma Antigo, ele entende o Idioma Antigo. *Para trás*, o restante de vocês. Abaixem seu aço, nós o

estamos assustando. – Não podiam ver que o gigante fora cortado? Jon tinha que pôr um fim naquilo, ou mais homens podiam morrer. Não tinham ideia da força de Wun Wun. *Um berrante, preciso de um berrante*. Viu o brilho do aço, virou-se em direção a ele. – *Sem lâminas!* – gritou. – Wick, coloque essa faca...

*... de lado*, ele pretendia dizer. Quando Wick Whittlestick cortou sua garganta, a palavra se tornou um grunhido. Jon desviou-se no exato momento em que a faca veio, apenas o suficiente para que passasse por sua pele. *Ele me cortou*. Quando colocou a mão do lado do pescoço, o sangue jorrou entre seus dedos.

– Por quê?

– Pela Patrulha. – Wick atacou-o novamente. Dessa vez, Jon agarrou seu pulso e curvou seu braço para trás, até que ele soltou a adaga. O desengonçado intendente se afastou, as mãos erguidas como se dissesse *Não fui eu, não fui eu*. Homens estavam gritando. Jon alcançou Garralonga, mas seus dedos haviam ficado duros e desajeitados. De alguma maneira, não conseguia tirar a espada da bainha.

Então Bowen Marsh parou diante dele, lágrimas correndo pelo rosto.

– Pela Patrulha. – Acertou Jon na barriga. Quando tirou a mão, a adaga ficou onde ele a havia enterrado.

Jon caiu de joelhos. Pegou a adaga pelo cabo e a arrancou. No ar frio da noite, a ferida soltava fumaças.

– Fantasma – sussurrou. A dor tomou conta dele. *Espete neles a ponta aguçada*. Quando a terceira adaga o atingiu entre as omoplatas, ele deu um grunhido e caiu com o rosto na neve. Nunca sentiu a quarta faca. Apenas o frio...

# A mão da Rainha

O príncipe dornense levou três dias morrendo.

Deu o último suspiro trêmulo no momento mais escuro da madrugada, enquanto a chuva fria sibilava de um céu escuro para transformar as ruas de tijolos da antiga cidade em rios. A chuva apagara a maior parte dos incêndios, mas nuvens de fumaça ainda se erguiam da ruína fumegante que havia sido a pirâmide de Hazkar, e da grande pirâmide negra de Yherizan, onde Rhaegal fizera seu imenso covil na escuridão como uma mulher gorda adornada com brilhantes joias cor de laranja.

*Talvez os deuses não sejam surdos, no final das contas*, Sor Barristan Selmy refletiu, enquanto observava as brasas distantes. *Se não fosse a chuva, o fogo podia ter consumido toda Meereen agora.*

Não via sinal dos dragões, mas não esperava por isso. Os dragões não gostavam da chuva. Uma fina linha vermelha marcava o horizonte oriental, onde o sol logo apareceria. Fazia com que Selmy se lembrasse do primeiro sangue escorrendo de um ferimento. Frequentemente, mesmo em cortes profundos, o sangue vinha antes da dor.

Estava parado ao lado dos parapeitos do andar mais alto da Grande Pirâmide, vasculhando o céu como fazia a cada manhã, sabendo que o amanhecer teria que vir, e esperando que sua rainha viesse com ele. *Ela não nos abandonaria, ela nunca deixaria seu povo*, estava dizendo para si mesmo, quando ouviu a agitação da morte do príncipe vindo dos aposentos da rainha.

Sor Barristan entrou. Água da chuva escorria pelas costas de seu manto branco, e suas botas deixaram pegadas no chão e nos tapetes. Por ordem sua, Quentyn Martell fora colocado na cama da rainha. Ele havia sido um cavaleiro e um príncipe de Dorne, além disso. Parecia a única gentileza possível deixá-lo morrer na cama que cruzara metade do mundo para alcançar. A cama estava arruinada – lençóis, colchas, travesseiros,

colchões, tudo fedendo a sangue e fumaça, mas Sor Barristan achava que Daenerys o perdoaria.

Missandei estava sentada ao lado da cama. Estivera com o príncipe noite e dia, atendendo a qualquer necessidade que ele pudesse expressar, dando-lhe água e leite de papoula enquanto estava forte o suficiente para beber, ouvindo as poucas palavras torturadas que ofegava de tempos em tempos, lendo para ele quando estava tranquilo, dormindo sentada em uma cadeira ao lado dele. Sor Barristan pedira a alguns dos copeiros da rainha que a ajudassem, mas a visão do homem queimado era demais mesmo para o mais forte deles. E as Graças Azuis nunca vieram, embora as tivesse chamado quatro vezes. Talvez a última delas já tivesse sido levada pela égua descorada.

A pequena escriba naathi olhou para cima ao sentir sua aproximação.

– Honrado sor. O príncipe está além da dor agora. Seus deuses dornenses o levaram para casa. Vê? Ele sorri.

*Como você sabe? Ele não tem lábios*. Teria sido mais gentil se os dragões o tivessem devorado. Teria sido rápido, ao menos. Isso... *Fogo é uma maneira horrível de morrer. Não é de se admirar que os infernos sejam feitos de chamas*.

– Cubra-o.

Missandei puxou a coberta sobre o rosto do príncipe.

– O que será feito dele, sor? Está tão longe de casa.

– Providenciarei que seja devolvido a Dorne. – *Mas como? Como cinzas?* Aquilo exigiria mais fogo, e Sor Barristan não suportaria tal coisa. *Teremos que arrancar a carne dos ossos. Com besouros, não fervendo.* As irmãs silenciosas teriam cuidado disso em casa, mas aqui era a Baía dos Escravos. A irmã silenciosa mais próxima estava a milhares de quilômetros de distância. – Você devia dormir agora, filha. Em sua cama.

– Esta uma pode estar sendo ousada, sor, mas você devia fazer o mesmo. Você não dorme uma noite inteira.

*Não, há muitos anos, filha. Não, desde o Tridente*. Grande Meistre Pycelle lhe dissera uma vez que homens velhos não precisavam de tanto sono quanto os jovens, mas era mais do que isso. Ele chegara àquela idade em que detestava fechar os olhos, com medo de nunca mais abri-

los. Outros homens podiam desejar morrer na cama, dormindo, mas essa não era uma morte para um cavaleiro da Guarda Real.

– As noites são muito compridas – disse para Missandei –, e há muito e ainda mais para se fazer, sempre. Aqui, como nos Sete Reinos. Mas você já fez o suficiente por enquanto, filha. Vá e descanse. – *E, se os deuses forem bons, você não sonhará com dragões.*

Depois que a garota se foi, o velho cavaleiro levantou a coberta para dar uma última olhada no rosto de Quentyn Martell, ou no que restava dele. A maior parte da carne do príncipe tinha se soltado, e era possível ver o crânio embaixo. Seus olhos eram piscinas de pus. *Ele devia ter ficado em Dorne. Devia ter permanecido um sapo. Nem todos os homens são feitos para dançar com dragões.* Quando cobriu o rapaz novamente, pegou-se perguntando a si mesmo se haveria alguém para cobrir sua rainha, ou se o cadáver dela permaneceria insepulto entre as altas gramas do mar dothraki, encarando cegamente o céu até que sua carne se soltasse dos ossos.

– Não – disse em voz alta. – Daenerys não está morta. Está cavalgando naquele dragão. Vi com meus próprios olhos. – Havia dito isso uma centena de vezes antes... mas a cada dia que passava ficava mais difícil acreditar. *Seu cabelo estava pegando fogo. Vi isso também. Ela estava queimando... e se não a vi cair, centenas juram que viram.*

O dia havia penetrado na cidade. Embora a chuva ainda caísse, uma vaga luz impregnava o céu oriental. E, com o sol, chegou o Cabeça-Raspada. Skahaz estava vestido com seu familiar traje de saia preta plissada, grevas e placa peitoral musculosa. A máscara de bronze sob seu braço era nova – uma cabeça de lobo com a língua pendurada.

– Então – disse, à guisa de cumprimento –, o tolo está morto, não está?

– O Príncipe Quentyn morreu exatamente antes da primeira luz. – Selmy não estava surpreso que Skahaz soubesse. As notícias corriam rapidamente dentro da pirâmide. – O conselho está reunido?

– Esperam a vontade da Mão lá embaixo.

*Não sou nenhuma Mão,* uma parte dele queria gritar. *Sou apenas um simples cavaleiro, o protetor da rainha. Nunca quis isso.* Mas com a rainha fora e o rei acorrentado, alguém tinha que governar, e Sor Barristan não confiava no Cabeça-Raspada.

– Alguma notícia da Graça Verde?

– Ainda não retornou à cidade. – Skahaz se opusera a enviar a sacerdotisa. Nem a própria Galazza Galare abraçara a tarefa. Ela podia ir, concordou, pelo bem da paz, mas Hizdahr zo Loraq era mais adequado para tratar com os Sábios Mestres. Mas Sor Barristan não se rendia facilmente, e finalmente a Graça Verde abaixara a cabeça e jurara fazer o melhor possível.

– Como está a cidade? – Selmy perguntou para o Cabeça-Raspada.

– Todos os portões estão fechados e barrados, como você ordenou. Estamos caçando qualquer mercenário ou yunkaíta que tenha permanecido dentro da cidade, e expulsando ou prendendo aqueles que pegamos. A maioria parece ter se escondido. Dentro das pirâmides, sem dúvida. Os Imaculados estão nas muralhas e torres, prontos para qualquer ataque. Há duzentos bem-nascidos reunidos na praça, parados na chuva com seus *tokars* e uivando por audiência. Querem Hizdahr livre e eu morto, e querem que você mate esses dragões. Alguém contou para eles que cavaleiros são bons nisso. Os Grandes Mestres de Yherizan e Uhlez abandonaram suas próprias pirâmides para os dragões.

Sor Barristan sabia daquilo tudo.

– E o cálculo da matança? – perguntou, temendo a resposta.

– Vinte e nove.

– Vinte e nove*?* – Isso era muito pior do que podia ter imaginado. Os Filhos da Harpia haviam retomado sua guerra de sombras havia dois dias. Três mortos na primeira noite, nove na segunda. Mas chegar a vinte e nove em uma única noite...

– A contagem passará dos trinta antes do meio-dia. Por que parece tão cinza, velho? O que esperava? A Harpia quer Hizdahr livre, então ele envia seus filhos de volta às ruas com facas nas mãos. Os mortos são todos libertos e cabeças-raspadas, como antes. Um deles era meu, uma Besta de Bronze. O sinal da Harpia foi deixado ao lado do corpo deles, riscado no chão ou rabiscado em uma parede. Há mensagens também. *Os dragões devem morrer*, escreveram, e *Harghaz, o Herói*. *Morte a Daenerys* foi visto também, antes que a chuva apagasse as palavras.

– O imposto de sangue...

– Duas mil e novecentas peças de ouro de cada pirâmide, sim – Skahaz resmungou. – Será coletado... mas as perdas de algumas moedas nunca pararam a mão da Harpia. Apenas sangue pode fazer isso.

– Assim você diz. – *Os reféns novamente. Ele mataria todos eles, se eu concordasse com isso.* – Ouvi você das primeiras cem vezes. Não.

– Mão da Rainha – Skahaz resmungou com desgosto. – Uma velha mão da rainha, estou achando, enrugada e fraca. Rezo para que Daenerys retorne logo para nós. – Colocou a máscara sobre o rosto. – Seu conselho deve estar ficando inquieto.

– Eles são o conselho da rainha, não meu. – Selmy trocou o manto molhado por um seco, afivelou o cinto da espada, e então acompanhou o Cabeça-Raspada escada abaixo.

O salão dos pilares estava vazio de peticionários naquela manhã. Embora tivesse assumido o título de Mão, Sor Barristan não pretendia dar audiências na ausência da rainha, nem permitiria que Skahaz mo Kandaq fizesse isso. Os grotescos tronos de dragão de Hizdahr haviam sido removidos por ordem de Sor Barristan, mas ele não trouxera de volta o banco almofadado simples que a rainha gostava. Em vez disso, uma larga mesa redonda fora colocada no centro do salão, com altas cadeiras ao redor onde homens podiam se sentar e conversar como pares.

Eles se ergueram quando Sor Barristan chegou pelos degraus de mármore, com Skahaz Cabeça-Raspada ao lado. Marselen, dos Homens da Mãe, estava presente, assim como Symon Costas-Listradas, comandante dos Irmãos Livres. Os Escudos Robustos haviam escolhido um novo comandante, um ilhéu do Verão de pele negra chamado Tal Toraq, já que seu antigo capitão, Mollono Yos Dob, havia sido levado pela égua descorada. Verme Cinzento estava ali pelos Imaculados, auxiliado por três oficiais eunucos em pontudos capacetes de bronze. Os Corvos Tormentosos eram representados por dois mercenários experientes, um arqueiro chamado Jokin e o guerreiro amargo e marcado por cicatrizes conhecido simplesmente como Viúvo. Os dois haviam assumido o comando conjunto da companhia na ausência de Daario Naharis. A maioria do *khalasar* da rainha havia ido com Aggo e Rakharo para procurá-la no mar dothraki, mas o estrábico e coxo *jaqqa rhan* Rommo estava ali para falar pelos senhores dos cavalos que restavam.

E, do outro lado da mesa de onde se sentava Sor Barristan, estavam quatro guardas do outrora Rei Hizdahr, os lutadores de arena Goghor, o Gigante, Belaquo Quebra-Osso, Camarron do Conde e o Gato Malhado. Selmy insistira na presença deles, apesar das objeções de Skahaz Cabeça-

Raspada. Eles haviam ajudado Daenerys Targaryen a tomar a cidade uma vez, e aquilo não podia ser esquecido. Podiam ser brutamontes encharcados de sangue e matadores, mas à sua maneira haviam sido leais... ao Rei Hizdahr, sim, mas à rainha também.

Último a chegar, Belwas, o Forte, veio caminhando devagar pelo salão.

O eunuco olhara a morte no rosto, tão de perto que podia tê-la beijado nos lábios. Aquilo o marcara. Parecia ter perdido uns doze quilos, e a escura pele marrom, que antes estivera esticada contra o peito e a barriga maciços, cruzada por centenas de cicatrizes desbotadas, agora se pendurava em pregas soltas, flácidas e balançando, como uma túnica cortada três vezes maior. Seus passos estavam mais lentos também, e pareciam um pouco inseguros.

Mesmo assim, a visão dele alegrou o coração do velho cavaleiro. Havia cruzado o mundo com Belwas, o Forte, certa vez, e sabia que podia confiar nele, se tudo isso acabasse em espadas.

– Belwas. Estamos felizes que tenha podido se juntar a nós.

– Barba-Branca. – Belwas sorriu. – Onde está o fígado acebolado? Belwas, o Forte, não está tão forte quanto antes, precisa comer, ficar grande novamente. Fizeram Belwas, o Forte, ficar doente. Alguém deve morrer.

*Alguém morrerá. Muitos alguéns, provavelmente.*

– Sente-se, meu amigo. – Quando Belwas se sentou e cruzou os braços, Sor Barristan prosseguiu. – Quentyn Martell morreu esta manhã, logo antes do amanhecer.

O Viúvo riu.

– O cavaleiro de dragões.

– Tolo, eu o chamo – disse Symon Costas-Listradas.

*Não, apenas um garoto*. Sor Barristan não esquecera as loucuras de sua própria juventude.

– Não falemos mal dos mortos. O príncipe pagou um preço terrível pelo que fez.

– E os outros dornenses? – perguntou Tal Taraq.

– Prisioneiros, por enquanto. – Nenhum dos dornenses oferecera qualquer resistência. Archibald Yronwood embalava o corpo queimado e esfumaçado de seu príncipe quando as Bestas de Bronze o encontraram, como suas mãos queimadas podiam testemunhar. Usara-as para abafar as

chamas que haviam engolido Quentyn Martell. Gerris Drinkwater estava parado ao lado deles, com a espada na mão, mas soltou a lâmina no momento em que os gafanhotos apareceram. – Eles dividem uma cela.

– Deixe-os partilhar uma forca – disse Symon Costas-Listradas. – Eles soltaram dois dragões na cidade.

– Abram as arenas e deem-lhes espadas – exortou o Gato Malhado. – Matarei ambos enquanto toda Meereen grita meu nome.

– As arenas de luta permanecerão fechadas – disse Selmy. – Sangue e barulho só servem para chamar os dragões.

– Todos os três, talvez – sugeriu Marselen. – A besta negra veio uma vez, por que não novamente? Desta vez, com nossa rainha.

*Ou sem ela*. Se Drogon retornasse a Meereen sem Daenerys montada nas costas, a cidade explodiria em sangue e chamas, disso Sor Barristan não tinha dúvidas. Os mesmos homens sentados nessa mesa logo teriam adagas apontadas uns para os outros. Uma jovem garota ela podia ser, mas Daenerys Targaryen era a única coisa que mantinha todos juntos.

– Sua Graça retornará quando retornar – disse Sor Barristan. – Arrebanhamos mil ovelhas na Arena de Daznak, enchemos a Arena de Ghrazz com bois, e a Arena Dourada com animais que Hizdahr zo Loraq reunira para seus jogos. – Até agora, os dois dragões pareciam apreciar cordeiro, retornando para Daznak sempre que ficavam com fome. Se um deles estivesse caçando homens, dentro ou fora da cidade, Sor Barristan teria ouvido. Os únicos meereeneses que os dragões haviam matado, desde Harghaz, o Herói, haviam sido os senhores de escravos tolos o bastante para objetar quando Rhaegal tentara fazer seu covil no topo da pirâmide de Hazkar. – Temos assuntos mais urgentes para discutir. Enviei a Graça Verde para os yunkaítas para tomar as providências para a soltura dos nossos reféns. Espero o retorno dela ao meio-dia, com a resposta deles.

– Com palavras – disse o Viúvo. – Os Corvos Tormentosos conhecem os yunkaítas. Suas línguas são vermes que se contorcem para este lado ou para aquele. A Graça Verde voltará com palavras de vermes, não com o capitão.

– Se for do agrado da Mão da Rainha se lembrar, os Sábios Mestres mantêm nosso Herói também – disse Verme Cinzento. – E também o senhor dos cavalos Jhogo, companheiro de sangue da própria rainha.

– Sangue de seu sangue – concordou o dothraki Rommo. – Ele deve ser libertado. A honra do *khalasar* exige isso.

– Ele será libertado – disse Sor Barristan –, mas primeiro precisamos esperar e ver se a Graça Verde consegue concluir...

Skahaz Cabeça-Raspada bateu o punho sobre a mesa.

– A Graça Verde não concluirá *nada*. Ela pode estar conspirando com os yunkaítas enquanto estamos sentados aqui. *Negociações*, você disse? *Fazer negociações?* Que tipo de *negociação*?

– Resgate – falou Sor Barristan. – O peso de cada homem em ouro.

– Os Sábios Mestres não precisam do nosso ouro, sor – disse Marselen. – Eles são mais ricos do que seus senhores westerosis, cada um deles.

– Os mercenários, no entanto, vão querer o ouro. O que são os reféns para eles? Se os yunkaítas recusarem, isso será como uma lâmina entre eles e seus contratados. – *Ou pelo menos espero*. Fora Missandei quem sugerira o estratagema. Ele nunca teria pensado nisso por conta própria. Em Porto Real, subornos eram o domínio de Mindinho, enquanto Lorde Varys tinha a tarefa de promover a divisão entre os inimigos da coroa. Seus próprios deveres haviam sido mais simples. *Onze anos de idade, mesmo assim Missandei é mais esperta do que metade dos homens nesta mesa, e mais sábia do que todos eles*. – Eu instruí a Graça Verde a apresentar a oferta apenas quando todos os comandantes yunkaítas estivessem reunidos para ouvi-la.

– Eles recusarão, mesmo assim – insistiu Symon Costas-Listradas. – Dirão que querem os dragões mortos e o rei restaurado.

– Rezo para que esteja errado. – *E temo que esteja certo*.

– Seus deuses estão muito distantes, Sor Vovô – disse o Viúvo. – Não acho que escutem suas orações. E quando os yunkaítas mandarem de volta a velha para cuspir em seu olho, então o quê?

– *Fogo e sangue* – disse Barristan Selmy, mansamente, mansamente.

Por um longo momento, ninguém falou. Então Belwas, o Forte, bateu na barriga e disse:

– Melhor do que fígado acebolado.

E Skahaz Cabeça-Raspada encarou através dos olhos da sua máscara de cabeça de lobo e disse:

– Você quebraria a paz do Rei Hizdahr, velho?

– Eu a quebraria. – Uma vez, havia muito tempo, um príncipe o chamara de Barristan, o Ousado. Uma parte daquele garoto ainda estava nele. – Construímos um farol no topo da pirâmide, onde antes estava a Harpia. Lenha seca embebida em óleo, coberta para manter a chuva afastada. Se a hora chegar, e rezo para que não chegue, acenderemos este farol. As chamas serão o sinal para sair pelos portões e atacar. Cada um dos seus homens terá um papel a desempenhar, então cada homem deve estar em prontidão o tempo todo, dia e noite. Destruiremos nossos inimigos ou seremos nós mesmos destruídos. – Fez um sinal com a mão para seus escudeiros. – Tenho alguns mapas preparados para mostrar a disposição dos nossos inimigos, seus acampamentos, linhas de cerco e catapultas. Se pudermos quebrar os senhores de escravos, seus mercenários os abandonarão. Sei que vocês terão preocupações e perguntas. Digam-nas agora. Quando deixarmos esta mesa, todos nós devemos ser uma única mente, com um único propósito.

– Melhor pedir alguma comida e bebida, então – sugeriu Symon Costas-Listradas. – Isso levará um tempo.

Levou o restante da manhã e a maior parte da tarde. Os capitães e comandantes discutiram debruçados sobre os mapas como peixeiras sobre um balde de caranguejos. Pontos fracos e pontos fortes, qual a melhor forma de empregar sua pequena companhia de arqueiros, se os elefantes deviam ser usados para romper as linhas yunkaítas ou mantidos na reserva, quem deveria ter a honra de liderar o primeiro avanço, se a cavalaria seria mais bem empregada nos flancos ou na vanguarda.

Sor Barristan deixou cada homem falar o que tinha em mente. Tal Toraq achava que deviam marchar sobre Yunkai uma vez que tivessem atravessado as linhas; a Cidade Amarela estaria quase indefesa, então os yunkaítas não teriam alternativa senão erguer o cerco e seguir para lá. O Gato Malhado propôs desafiar o inimigo a enviar um campeão para encará-lo em um combate singular. Belwas, o Forte, gostava daquela ideia, mas insistia que ele devia lutar, não o Gato. Camarron do Conde propôs um esquema para aproveitar os navios amarrados ao longo do rio e usar o Skahazadhan para levar trezentos lutadores de arena pela retaguarda yunkaíta. Cada homem ali concordou que os Imaculados eram sua melhor tropa, mas nenhum deles concordou em como podiam ser posicionados. O Viúvo queria usar os eunucos como um punho de ferro

para esmagar o coração das defesas dos yunkaítas. Marselen achava que podiam ser colocados em cada extremidade da linha de batalha principal, onde podiam derrotar qualquer tentativa do inimigo atacar seu flanco. Symon Costas-Listradas queria dividi-los em três, um grupo para cada uma das três companhias de libertos. Seus Irmãos Livres eram corajosos e estavam ansiosos por lutar, afirmou, mas, sem os Imaculados para fortalecê-los, temia que suas tropas inexperientes pudessem não ter a disciplina para encarar mercenários experientes na batalha. Verme Cinzento disse apenas que os Imaculados obedeceriam o que quer que lhes fosse solicitado.

E quando tudo havia sido discutido, debatido e decidido, Symon Costas-Listradas levantou um ponto final.

– Enquanto era escravo em Yunkai, ajudei meu mestre a barganhar com as companhias livres e vi o pagamento de seus salários. Conheço os mercenários, e sei que os yunkaítas não podem pagar o suficiente para fazê-los encarar chamas de dragão. Então, eu lhe pergunto... se a paz falhar e esta batalha acontecer, os dragões virão? Eles se juntarão à luta?

*Eles virão*, Sor Barristan podia ter dito. *O barulho os trará, os berros e gritos, o cheiro do sangue. Isso os atrairá ao campo de batalha, exatamente como o javali da Arena de Daznak atraiu Drogon para as areias escarlate. Mas, quando vierem, distinguirão um lado do outro?* De alguma forma, achava que não. Então, disse apenas:

– Os dragões farão o que dragões fazem. Se vierem, apenas a sombra de suas asas será o suficiente para desanimar os senhores de escravos e despachá-los em fuga. – Então agradeceu a todos eles e os dispensou.

Verme Cinzento permaneceu depois que todos os outros saíram.

– Esses uns estarão prontos quando o fogo do farol se acender. Mas a Mão precisa certamente saber que, quando atacarmos, os yunkaítas matarão os reféns.

– Farei todo o possível para evitar isso, meu amigo. Tenho uma... ideia. Mas você deve me dar licença. Já passou da hora dos dornenses ouvirem que seu príncipe está morto.

Verme Cinzento inclinou a cabeça.

– Este um obedece.

Sor Barristan levou dois de seus recém-sagrados cavaleiros consigo para os calabouços. Pesar e culpa são conhecidos por levar bons homens

à loucura, e Archibald Yronwood e Gerris Drinkwater tinham ambos tomado parte na morte do amigo. Mas, quando chegaram à cela, disse para Tum e Cordeiro Vermelho que esperassem do lado de fora, enquanto entrou para contar aos dornenses que a agonia do príncipe terminara.

Sor Archibald, o grande careca, não tinha nada a dizer. Sentou-se na beira de seu catre, olhando as mãos enfaixadas com tiras de linho. Sor Gerris socou uma parede.

– Eu disse para ele que era tolice. Implorei para ele ir para casa. Sua rainha cadela não tinha utilidade para ele, qualquer um podia ver isso. Ele cruzou o mundo para oferecer-lhe amor e lealdade, e ela riu na cara dele.

– Ela nunca riu – disse Selmy. – Se a conhecesse, saberia disso.

– Ela o rejeitou. Ele lhe ofereceu o coração dele, e ela o jogou de volta e foi foder com o mercenário.

– É melhor segurar a língua, sor. – Sor Barristan não gostava de Gerris Drinkwater e não permitiria que ele caluniasse Daenerys. – A morte do Príncipe Quentyn foi seu próprio feito, e o de vocês.

– *Nosso?* Como estamos em falta, sor? Quentyn era nosso amigo, sim. Um pouco tolo, você poderia dizer, mas todos os sonhadores são tolos. Mas, antes de mais nada, ele era nosso príncipe. Nós lhe devíamos obediência.

Barristan Selmy não podia discutir a verdade daquilo. Passara a maior parte da vida obedecendo ordens de bêbados e loucos.

– Ele chegou tarde demais.

– Ele ofereceu a ela seu coração – Sor Gerris disse novamente.

– Ela precisava de espadas, não de corações.

– Ele lhe teria dado as lanças de Dorne também.

– Isso ele teria. – Ninguém queria que Daenerys tivesse olhado com favorecimento para o príncipe dornense mais do que Barristan Selmy. – Ele chegou tarde demais, no entanto, e essa loucura... contratar mercenários, soltar dois dragões na cidade... isso foi loucura e pior do que loucura. Isso foi traição.

– O que ele fez, fez por amor à Rainha Daenerys – Gerris Drinkwater insistiu. – Para provar-se digno da mão dela.

O velho cavaleiro já ouvira o bastante.

– O que o Príncipe Quentyn fez, ele fez por Dorne. Você me toma por algum avô apaixonado? Passei minha vida ao lado de reis, rainhas e príncipes. Lançassolar pretende levantar armas contra o Trono de Ferro. Não, não se incomode em negar isso. Doran Martell não é homem que convoque suas lanças sem esperança de vitória. O dever trouxe o Príncipe Quentyn aqui. Dever, honra, sede de glória... nunca amor. Quentyn estava aqui pelos dragões, não por Daenerys.

– Você não o conhecia, sor. Ele...

– Ele está morto, Drink. – Yronwood ficou em pé. – Palavras não o trarão de volta. Cletus e Will estão mortos também. Então cale sua maldita boca antes que eu enfie meu punho nela. – O grande cavaleiro se voltou para Selmy. – O que pretende fazer conosco?

– Skahaz Cabeça-Raspada quer vocês enforcados. Vocês mataram quatro de seus homens. Quatro dos homens da *rainha*. Dois eram libertos que haviam seguido Sua Graça desde Astapor.

Yronwood não parecia surpreso.

– Os homens bestas, sim. Eu matei apenas um, o da cabeça de basilisco. Os mercenários fizeram o resto. Mas isso não importa, eu sei.

– Estávamos protegendo Quentyn – disse Drinkwater. – Nós...

– Fique *quieto*, Drink. Ele sabe. – Para Sor Barristan, o grande cavaleiro disse: – Não seria necessário vir e conversar conosco se pretendesse nos enforcar. Então, não é isso, é?

– Não. – *Esse aí pode não ter o espírito tão obtuso quanto parece.* – Tenho mais utilidade para vocês vivos do que mortos. Sirvam-me, e depois de tudo acabado arranjarei um navio para levá-los de volta a Dorne e devolver os ossos do seu Príncipe Quentyn para o senhor seu pai.

Sor Archibald fez uma careta.

– Por que são sempre navios? Alguém precisa levar Quent para casa, no entanto. O que quer de nós, sor?

– Suas espadas.

– Você tem milhares de espadas.

– Os libertos da rainha ainda são inexperientes. Nos mercenários, eu não confio. Os Imaculados são bravos soldados... mas não são guerreiros. Não são *cavaleiros*. – Fez uma pausa. – O que aconteceu quando vocês tentaram pegar os dragões? Contem-me.

Os dornenses trocaram um olhar. Então Drinkwater disse:

– Quentyn disse ao Príncipe Esfarrapado que poderia controlá-los. Estava em seu sangue, disse. Ele tinha sangue Targaryen.

– Sangue do dragão.

– Sim. Os mercenários deveriam nos ajudar a acorrentar os dragões, para que pudéssemos levá-los para as docas.

– O Esfarrapado arranjou um navio – disse Yronwood. – Um grande, para o caso de conseguirmos os dois dragões. E Quent ia montar em um deles. – Olhou para suas mãos enfaixadas. – No momento em que entramos, no entanto, dava para ver que nada daquilo ia funcionar. Os dragões eram muito selvagens. As correntes... havia pedaços de correntes quebradas em todos os lugares, *grandes* correntes, elos do tamanho da sua cabeça, misturados com todos aqueles ossos partidos e estilhaçados. E Quent, que os Sete o salvem, parecia que ia cagar nas calças. Caggo e Meris não estavam cegos, viram isso também. Então um dos besteiros disparou. Talvez eles pretendessem matar os dragões todo o tempo e estivessem apenas nos usando para chegar até eles. Nunca se sabe com Farrapos. De qualquer maneira que você o rasga, nunca é a forma mais inteligente. A confusão apenas deixou os dragões zangados, e eles não estavam de muito bom humor desde o começo. Então... então as coisas ficaram feias.

– E os Soprados pelo Vento fugiram – disse Sor Gerris. – Quent estava gritando, coberto em chamas, e eles se foram. Caggo, Bela Meris, todos, exceto o morto.

– E o que você esperava, Drink? Um gato matará um rato, um porco fuçará na lama, e um mercenário fugirá quando mais precisarmos dele. Não podem ser culpados. É apenas a natureza da besta.

– Ele não está errado – Sor Barristan disse. – O que o Príncipe Quentyn prometeu ao Príncipe Esfarrapado em troca de sua ajuda?

Não teve resposta. Sor Gerris olhou para Sor Archibald. Sor Archibald olhou para as mãos, para o chão, para a porta.

– Pentos – disse Sor Barristan. – Ele lhe prometeu Pentos. Digam. Nenhuma de suas palavras podem ajudar ou ferir o Príncipe Quentyn agora.

– Sim – disse Sor Archibald, infeliz. – Foi Pentos. Fizeram marcas no papel, os dois.

*Há uma oportunidade aí*.

– Ainda temos os Soprados pelo Vento nos calabouços. Aqueles desertores fingidos.

– Eu me lembro – disse Yronwood. – Vaudefome, Pau Fino, aquele grupo. Alguns deles não eram tão maus para mercenários. Outros, bem, poderiam ficar um pouco perto da morte. O que tem eles?

– Pretendo enviá-los de volta ao Príncipe Esfarrapado. E vocês com eles. Vocês serão dois entre milhares. Sua presença no acampamento yunkaíta deve passar despercebida. Quero que entreguem uma mensagem ao Príncipe Esfarrapado. Digam a ele que eu os enviei, e que eu falo com a voz da rainha. Digam a ele que pagarei seu preço, se ele nos entregar nossos reféns, ilesos e inteiros.

Sor Archibald fez uma careta.

– É mais provável que Farrapos dê nós dois para Bela Meris. Ele não fará isso.

– Por que não? A tarefa é bem simples. – *Comparada a roubar dragões*. – Uma vez tirei o pai da rainha de Valdocaso.

– Aquilo era Westeros – disse Gerris Drinkwater.

– Isto é Meereen.

– Arch não pode segurar uma espada com essas mãos.

– Ele não deve precisar. Vocês terão os mercenários com vocês, a menos que eu tenha errado os homens.

Gerris Drinkwater empurrou para trás um punhado de seus cabelos riscados pelo sol.

– Podemos ter algum tempo para discutir isso entre nós?

– Não – disse Selmy.

– Eu farei isso – ofereceu-se Sor Archibald –, desde que não haja nenhum maldito barco envolvido. Drink fará também. – Sorriu. – Ele ainda não sabe, mas fará.

E aquilo estava feito.

*A parte simples, pelo menos*, pensou Barristan Selmy, enquanto fazia a longa escalada de volta ao topo da pirâmide. A parte difícil ele deixara nas mãos dos dornenses. Seu avô teria ficado chocado. Os dornenses eram cavaleiros, pelo menos no nome, embora apenas Yronwood o tivesse impressionado por ter aço verdadeiro. Drinkwater tinha o rostinho bonito, uma língua loquaz e um belo cabelo.

Quando o cavaleiro retornou aos aposentos da rainha no topo da pirâmide, o cadáver do Príncipe Quentyn havia sido removido. Seis dos jovens copeiros estavam brincando com algum jogo infantil, sentados em um círculo no chão enquanto giravam uma adaga. Quando o giro parava, eles cortavam um pouco do cabelo de quem quer que a adaga apontasse. Sor Barristan participara de um jogo similar com os primos quando era apenas um garoto em Solar da Colheita... embora em Westeros, pelo que se lembrava, beijar estava envolvido também.

– Bhakaz – chamou. – Uma taça de vinho, por gentileza. Grazhar, Azzak, a porta é de vocês. Estou esperando a Graça Verde. Tragam-na imediatamente quando ela chegar. De outro modo, não quero ser perturbado.

Azzak ficou em pé.

– Como ordenar, Senhor Mão.

Sor Barristan saiu para o terraço. A chuva parara, embora uma parede cinza de nuvens cor de ardósia escondesse o sol poente que fazia sua descida na Baía dos Escravos. Alguns tufos de fumaça ainda se erguiam das montanhas escurecidas de Hazdar, como fitas torcidas pelo vento. Ao longe, no leste, além das muralhas da cidade, viu asas claras movendo-se acima da linha distante de montanhas. *Viserion*. Caçando, talvez, ou voando apenas por voar. Perguntava-se onde estaria Rhaegal. Até agora, o dragão verde tinha se mostrado mais perigoso do que o branco.

Quando Bhakaz trouxe o vinho, o velho cavaleiro tomou um longo gole e enviou o garoto para buscar água. Algumas taças de vinho podiam ser exatamente a coisa de que precisava para ajudá-lo a dormir, mas precisaria de seu juízo quando Galazza Galare retornasse das negociações com o inimigo. Então bebeu o vinho bem aguado, enquanto o mundo ficava mais escuro ao redor dele. Estava muito cansado e cheio de dúvidas. Os dornenses, Hizdahr, Reznak, o ataque... estava fazendo as escolhas certas? Estava fazendo o que Daenerys teria querido? *Não fui feito para isso*. Outros guardas reais haviam servido como Mão antes dele. Não muitos, mas alguns. Leu sobre eles no Livro Branco. Agora se encontrava perguntando a si mesmo se eles haviam se sentido tão perdidos e confusos quanto ele estava.

– Senhor Mão – Grazhar estava parado na porta, uma vela na mão. – A Graça Verde chegou. Você pediu para ser avisado.

– Traga-a aqui. E acenda algumas velas.

Galazza Galare estava acompanhada por quatro Graças Rosa. Uma aura de sabedoria e dignidade parecia envolvê-la, e Sor Barristan não podia deixar de admirar. *Essa é uma mulher forte, e tem sido uma amiga fiel de Daenerys*.

– Senhor Mão – ela disse, o rosto escondido atrás de brilhantes véus verdes. – Posso sentar? Estes ossos estão velhos e cansados.

– Grazhar, uma cadeira para a Graça Verde. – As Graças Rosa se arrumaram atrás dela, com olhos baixos e mãos entrelaçadas na frente do corpo. – Posso lhe oferecer um refresco? – perguntou Sor Barristan.

– Isso seria muito bem-vindo, Sor Barristan. Minha garganta está seca de tanto falar. Um suco, talvez?

– Como quiser. – Fez um sinal para Kezmya e pediu que buscasse para a sacerdotisa uma taça de suco de limão, adoçado com mel. Para beber, a sacerdotisa teve que tirar o véu, e Selmy se lembrou de quão velha ela era. *Vinte anos mais velha do que eu, ou mais*. – Se a rainha estivesse aqui, ela se juntaria ao meu agradecimento por tudo que tem feito por nós.

– Sua Magnificência sempre foi muito graciosa. – Galazza Galare terminou a bebida e prendeu o véu novamente. – Teve alguma outra notícia da nossa doce rainha?

– Nenhuma ainda.

– Rezarei por ela. E quanto ao Rei Hizdahr, se posso ser ousada? Posso ter a permissão de ver Seu Iluminado?

– Em breve, espero. Ele está ileso, tem minha palavra.

– Me agrada ouvir isso. Os Sábios Mestres de Yunkai perguntaram por ele. Não o surpreenderia saber que eles desejam que o nobre Hizdahr seja restaurado imediatamente ao seu lugar de direito.

– Ele será, se puder ser provado que não tentou matar nossa rainha. Até então, Meereen será governado por um conselho de leais e justos. Há um lugar para você neste conselho. Sei que tem muito a nos ensinar, Vossa Benevolência. Precisamos de sua sabedoria.

– Temo que me lisonjeie com cortesias vazias, Senhor Mão – a Graça Verde disse. – Se realmente me achasse sábia, me atenderia agora. Solte o nobre Hizdahr e restaure-o no trono.

– Apenas a rainha pode fazer isso.

Sob seus véus, a Graça Verde suspirou.

– A paz que trabalhamos tão duramente para forjar tremula como uma folha ao vento de outono. Estes são dias terríveis. A morte espreita em nossas ruas, cavalgando a égua descorada da três vezes amaldiçoada Astapor. Dragões são vistos com frequência nos céus, banqueteando-se de carne de crianças. Centenas estão pegando navios, navegando para Yunkai, para Tolos, para Qarth, para qualquer refúgio que possam ter. A pirâmide de Hazkar desmoronou em uma ruína esfumaçada, e muitos da antiga linhagem morreram sob as pedras enegrecidas. As pirâmides de Uhlez e Yherizan se tornaram covis de monstros, seus mestres são pedintes sem teto. Meu povo perdeu toda a esperança e se virou contra os próprios deuses, passando as noites na embriaguez e na fornicação.

– E assassinato. Os Filhos da Harpia mataram trinta esta noite.

– Lamento ouvir isso. Mais uma razão para libertar o nobre Hizdahr zo Loraq, que parou tais mortes uma vez.

*E como ele conseguiu isso, a menos que ele mesmo seja a Harpia?*

– Sua Graça deu sua mão para Hizdahr zo Loraq, o fez seu rei e consorte, restaurou a arte mortal, como ele lhe havia implorado. Em troca, ele deu a ela gafanhotos envenenados.

– Em troca, ele lhe deu paz. Não jogue isso fora, sor, eu lhe imploro. A paz é uma pérola sem preço. Hizdahr é de Loraq. Nunca sujaria as mãos com veneno. Ele é inocente.

– Como pode ter certeza? – *A menos que conheça o envenenador.*

– Os deuses de Ghis me disseram.

– Meus deuses são os Sete, e os Sete ficaram em silêncio sobre esse assunto. Vossa Sabedoria apresentou minha oferta?

– Para todos os senhores e capitães de Yunkai, como você me ordenou... mesmo assim, temo que não gostará da resposta.

– Eles recusaram?

– Recusaram. Nem todo o ouro comprará seu pessoal de volta, me disseram. Apenas o sangue dos dragões pode libertá-los.

Era a resposta que Sor Barristan esperava, não a que desejava. Sua boca se apertou.

– Sei que essas não eram as palavras que desejava ouvir – disse Galazza Galare. – No entanto, de minha parte, eu entendo. Esses dragões são bestas terríveis. Yunkai as teme... e com boas razões, não pode negar.

Nossas histórias falam de senhores dos dragões da horrível Valíria, e da devastação que causaram sobre o povo da Antiga Ghis. Mesmo sua jovem rainha, a bela Daenerys, que chamava a si mesma de Mãe de Dragões... nós a vimos queimando, naquele dia na arena... nem mesmo ela estava a salvo da ira do dragão.

– Sua Graça não está... ela...

– ... está morta. Que os deuses lhe garantam um doce sono. – Lágrimas brilharam atrás dos véus. – Deixe os dragões morrerem também.

Selmy estava tateando em busca de uma resposta quando ouviu o som de passos pesados. A porta se abriu com força para dentro, e Skahaz mo Kandaq irrompeu com quatro Bestas de Bronze atrás de si. Quando Grazhar tentou bloquear seu caminho, ele empurrou o garoto de lado.

Sor Barristan levantou-se imediatamente.

– O que é isso?

– As catapultas – o Cabeça-Raspada rosnou. – Todas as seis.

Galazza Galare se ergueu.

– Eis Yunkai respondendo sua oferta, sor. Eu avisei que não gostaria da resposta deles.

*Escolheram a guerra, então. Que assim seja.* Sor Barristan sentiu-se estranhamente aliviado. De guerra ele entendia.

– Se acham que vão quebrar Meereen atirando pedras...

– Não pedras. – A voz da velha mulher estava cheia de lamento, de medo. – Cadáveres.

# Daenerys

O morro era uma ilha de pedra em um mar verde.

Dany levou metade da manhã para descê-lo. Quando chegou ao fim, estava sem fôlego. Seus músculos doíam, e sentia-se como se estivesse com um início de febre. As rochas haviam deixado suas mãos em carne viva. *Estão melhores do que estavam*, pensou, enquanto cutucava uma bolha estourada. Sua pele estava rosada e macia, e um claro líquido leitoso vazava das rachaduras nas palmas, mas as queimaduras estavam sarando.

O morro era maior dali. Dany começara a chamá-lo de Pedra do Dragão, por causa da antiga citadela onde nascera. Não tinha lembranças daquela Pedra do Dragão, mas não esqueceria dessa tão cedo. Um matagal de gramíneas e arbustos espinhosos cobria as encostas inferiores; mais acima, um emaranhado irregular de rochas nuas se erguia íngreme e repentinamente para o céu. Lá no alto, entre pedregulhos quebrados, cumes afiados e pináculos finos, Drogon fizera seu covil em uma caverna rasa. Ele morava lá havia algum tempo, Dany percebeu na primeira vez em que viu o morro. O ar cheirava a cinzas, cada pedra e árvore à vista estava queimada e enegrecida, o chão repleto de ossos queimados e partidos, mesmo assim, era um lar para ele.

Dany conhecia a atração de um lar.

Dois dias atrás, subindo em um pináculo de pedra, vislumbrara água ao sul, uma linha tênue que brilhara brevemente enquanto o sol se punha. *Um córrego*, Dany reconheceu. Pequeno, mas poderia levar a um riacho maior, e esse riacho poderia desaguar em algum rio pequeno, e todos os rios nessa parte do mundo eram vassalos do Skahazadhan. Uma vez que encontrasse o Skahazadhan, precisaria apenas seguir a jusante até a Baía dos Escravos.

Preferia ter retornado para Meereen nas asas do dragão, é claro. Mas aquele era um desejo que Drogon não parecia partilhar.

Os senhores de dragões da antiga Valíria controlavam suas montarias com feitiços de ligação e cornos mágicos. Daenerys fizera com uma palavra e um chicote. Montada nas costas do dragão, frequentemente se sentia como se estivesse aprendendo a montar novamente. Quando chicoteava sua égua prateada no flanco direito, a égua ia para a esquerda, por causa do instinto primitivo dos cavalos de fugir do perigo. Quando acertava o chicote do lado direito de Drogon, ele desviava para a direita, pois o primeiro instinto do dragão é sempre atacar. Mas, algumas vezes, parecia não fazer diferença onde ela o acertava; algumas vezes ele ia para onde queria e a levava consigo. Nem chicote nem palavras podiam virar Drogon, se ele não quisesse ser virado. O chicote mais irritava o animal do que o feria, ela viera a perceber; suas escamas haviam ficado mais duras do que um chifre.

E não importava o quão longe o dragão voasse cada dia, chegando o anoitecer algum instinto levava-o para casa em Pedra do Dragão. *A casa dele, não a minha*. Sua casa estava em Meereen, com seu marido e seu amante. Era o local ao qual pertencia, certamente.

*Continuar andando. Se olhar para trás, estarei perdida*.

As lembranças caminhavam com ela. Nuvens vistas de cima. Cavalos tão pequenos quanto formigas andando pela grama. Uma lua prateada, quase perto o suficiente para ser tocada. Rios correndo brilhantes e azuis embaixo, resplandecendo ao sol. *Verei essas coisas novamente?* Nas costas de Drogon, ela se sentira *inteira*. Lá em cima, no céu, os infortúnios do mundo não podiam tocá-la. Como poderia abandonar aquilo?

Já era tempo, no entanto. Uma garota passaria a vida nessa brincadeira, mas ela era uma mulher crescida, uma rainha, uma esposa, mãe de milhares. Seus filhos precisavam dela. Drogon se dobrara diante do chicote, e ela também devia. Tinha que vestir sua coroa novamente e retornar para seu banco de ébano e para os braços de seu nobre marido.

*Hizdahr, dos beijos tépidos*.

O sol estava quente naquela manhã, e o céu, azul e sem nuvens. Aquilo era bom. As roupas de Dany eram dificilmente mais do que trapos e forneciam muito pouco calor. Uma de suas sandálias escorregara durante

a luta selvagem em Meereen, e deixara a outra na caverna de Drogon, preferindo andar descalça do que meio calçada. O *tokar* e os véus, ela abandonara na arena, sua roupa de baixo de linho não fora feita para enfrentar os dias quentes e as noites frias do mar dothraki. Suor, grama e sujeira a mancharam, e Dany havia rasgado uma faixa da bainha para fazer uma bandagem para sua canela. *Devo parecer uma coisa esfarrapada e faminta*, pensou, *mas se os dias permanecerem quentes, não congelarei.*

A jornada dela fora solitária, e na maior parte do tempo estivera machucada e com fome... mesmo assim, apesar de tudo sentira-se estranhamente feliz ali. *Algumas dores, uma barriga vazia, frio à noite... o que isso importa quando você pode voar? Eu faria tudo novamente.*

Jhiqui e Irri deviam estar esperando no topo da pirâmide em Meereen, disse para si mesma. Sua doce escriba, Missandei, também, e seus pequenos pajens. Eles lhe trariam comida, e ela poderia se banhar na piscina sob o caquizeiro. Seria bom sentir-se limpa novamente. Dany não precisava de um espelho para saber que estava imunda.

Estava faminta também. Em uma manhã, encontrara algumas cebolas selvagens crescendo a meio caminho da encosta sul e, mais tarde, naquele mesmo dia, um frondoso vegetal avermelhado que podia ser algum tipo estranho de repolho. O que quer que fosse não a deixara doente. Além daquilo, e de um peixe que pegara na lagoa temporária do lado de fora da caverna de Drogon, tivera que sobreviver da melhor maneira possível dos restos do dragão, ossos queimados e pedaços de carne esfumaçada, meio torradas e meio cruas. Precisava de mais, sabia. Um dia, chutou o crânio partido de uma ovelha com a lateral do pé descalço e a mandou saltando pela beira do morro. Enquanto observava o crânio rolar pela encosta íngreme até o mar de grama, percebeu que poderia seguir por ali.

Dany partiu pela grama alta em um ritmo acelerado. A terra estava quente entre os dedos de seus pés. A grama era tão alta quanto ela. *Não parecia tão alta quando eu estava montada na minha prata, cavalgando ao lado do meu sol-e-estrelas na frente de seu khalasar*. Conforme andava, batia em suas coxas com o chicote do mestre da arena. Aquilo e os trapos em suas costas era tudo o que trouxera de Meereen.

Embora caminhasse entre um reino verde, não era o profundo e rico verde do verão. Mesmo aqui o outono marcava sua presença, e o inverno não estava muito longe. A grama era mais clara do que ela se lembrava, um verde abatido e doentio, em vias de se tornar amarelo. Depois disso, viria o marrom. A grama estava morrendo.

Daenerys Targaryen não era estranha ao mar dothraki, o grande oceano de grama que se estendia da floresta de Qohor até a Mãe das Montanhas e o Ventre do Mundo. Vira-o pela primeira vez quando ainda era uma garota, recém-casada com Khal Drogo e a caminho de Vaes Dothraki para ser apresentada às anciãs do *dosh khaleen*. A visão de toda aquela grama se espalhando diante dela lhe tirara o fôlego. *O céu era azul, a grama era verde, e eu estava cheia de esperanças.* Sor Jorah estava com ela, seu velho urso rude. Tinha Irri, Jhiqui e Doreah para cuidar dela, seu sol-e-estrelas para abraçá-la à noite, seu filho crescendo dentro de si. *Rhaego. Eu ia chamá-lo de Rhaego, e o* dosh khaleen *disse que ele seria o Garanhão que Monta o Mundo.* Nunca, desde aqueles dias de poucas lembranças em Bravos, quando vivera na casa com a porta vermelha, havia sido tão feliz.

Mas, no deserto vermelho, toda sua alegria se transformara em cinzas. Seu sol-e-estrelas caíra do cavalo, a *maegi* Mirri Maz Duur matara Rhaego em seu útero, e Dany asfixiara a casca vazia de Khal Drogo com as próprias mãos. Depois, o grande *khalasar* de Drogo fora aniquilado. Ko Pono nomeara-se Khal Pono e levara muitos cavaleiros consigo, e muitos escravos também. Ko Jhaqo nomeara-se Khal Jhaqo e cavalgara com muitos mais. Mago, companheiro de sangue de Khal Jhaqo, estuprara e matara Eroeh, uma garota que Daenerys salvara dele. Apenas o nascimento dos dragões entre o fogo e a fumaça da pira funerária de Khal Drogo poupara Dany de ser arrastada de volta a Vaes Dothrak para viver o restante de seus dias entre as anciãs do *dosh khaleen*.

*O fogo queimou meu cabelo, mas, fora isso, não tocou em mim.* Acontecera o mesmo na Arena de Daznak. Disso ela se lembrava, embora muito do que se seguiu estivesse obscuro. *Tantas pessoas, gritando e empurrando*. Lembrava-se de cavalos empinando, de uma carroça de comida espalhando melões quando tombou. Por baixo, uma lança veio voando, seguida por flechas de bestas. Uma passou tão perto que Dany sentiu raspar em sua bochecha. Outras escorregaram pelas escamas de

Drogon, alojaram-se entre elas ou atravessaram a membrana de suas asas. Lembrava-se do dragão torcendo-se embaixo dela, estremecendo aos impactos, enquanto ela tentava desesperadamente se agarrar às costas do animal. Os ferimentos soltavam fumaça. Dany viu uma das flechas queimando em chamas súbitas. Outra caiu, soltando-se com a batida das asas. Embaixo, via homens girando, envoltos em chamas, mãos para cima, como se apanhados em alguma dança louca. Uma mulher em um *tokar* verde alcançou uma criança que chorava, puxando-a para seus braços para protegê-la das chamas. Dany viu a cor vividamente, mas não o rosto da mulher. Pessoas a pisotearam enquanto se enroscavam nos tijolos. Alguns estavam em chamas.

Então tudo aquilo desaparecera, os sons ficando mais baixos, as pessoas encolhendo, as lanças e flechas caindo embaixo deles, conforme Drogon arranhava seu caminho para o céu. Para cima, para cima, e para cima ele a levara, bem acima das pirâmides e das arenas, as asas estendidas para pegar o ar quente que se erguia dos tijolos da cidade cozidos pelo sol. *Se eu cair e morrer, mesmo assim terá valido a pena*, ela pensara.

Voaram para o norte, além do rio, Drogon deslizando com asas rasgadas e esfarrapadas, através de nuvens que se moviam como os estandartes de algum exército fantasmagórico. Dany vislumbrara a costa da Baía dos Escravos e a antiga estrada valiriana que corria ao lado por areia e desolação até desaparecer no oeste. *O caminho para casa*. Então não havia nada sob eles além de grama ondulando ao vento.

*Esse primeiro voo foi há mil anos?* Algumas vezes, parecia que sim.

O sol ficava mais quente conforme se levantava no céu, e, em pouco tempo, a cabeça dela latejava. O cabelo de Dany estava crescendo de novo, mas lentamente.

– Preciso de um chapéu – disse em voz alta. No alto da Pedra do Dragão, tentara fazer um, tecendo hastes de grama como vira as mulheres dothraki fazendo durante seu tempo com Drogo, mas estava usando o tipo errado de grama, ou simplesmente não tinha a habilidade necessária. Seus chapéus desfaziam-se aos pedaços em suas mãos. *Tente novamente*, dizia para si mesma. *Você fará melhor da próxima vez. Você é o sangue do dragão, você pode fazer um chapéu*. Tentou e tentou, mas sua última tentativa não fora mais bem sucedida do que a primeira.

Só à tarde Dany encontrou o córrego que vislumbrara do alto do morro. Era um ribeirinho, um regato, um fio d'água, não mais largo que seu braço... e seu braço emagrecera cada dia que passara em Pedra do Dragão. Dany pegou um punhado de água e jogou no rosto. Quando colocou as mãos em concha na água, os nós de seus dedos se afundaram na lama no meio do regato. Ela desejara água mais fria e mais limpa... mas, não, se tivesse que se prender a esperanças e desejos, desejaria um resgate.

Ainda se agarrava à esperança de que alguém viria atrás dela. Sor Barristan poderia vir procurá-la; ele era o primeiro de sua Guarda da Rainha, jurado a defendê-la com a própria vida. Seus companheiros de sangue não eram estranhos ao mar dothraki, e as vidas deles estavam ligadas à dela. Seu marido, o nobre Hizdahr zo Loraq, devia enviar pessoas para buscá-la. E Daario... Dany o imaginava cavalgando na direção dela através da grama alta, sorrindo, seu dente de ouro brilhando com a última luz do sol poente.

Só que Daario fora enviado para os yunkaítas, um refém para garantir que nenhum mal acontecesse aos capitães de Yunkai. *Daario, Herói, Jhogo e Groleo, e três dos parentes de Hizdahr*. Agora, certamente, todos os reféns deviam ter sido libertados. Mas...

Ela se perguntava se as lâminas de seu capitão ainda estavam penduradas na parede ao lado de sua cama, esperando que Daario voltasse para reivindicá-las.

– *Deixarei minhas garotas com você* – ele dissera. – *Mantenha-as a salvo para mim, amada*.

E ela se perguntara o quanto os yunkaítas sabiam sobre o tanto que seu capitão significava para ela. Fizera aquela pergunta a Sor Barristan na tarde em que os reféns foram enviados.

– Eles devem ter ouvido boatos – ele respondera. – Naharis pode até mesmo ter se gabado da grande... estima... de Vossa Graça por ele. Se me perdoa dizer isso, a modéstia não é uma das virtudes do capitão. Ele tem muito orgulho de sua... de sua habilidade na espada.

*Ele se gaba de dormir comigo, você quer dizer*. Mas Daario não seria tão tolo de vangloriar-se disso entre seus inimigos. *Não importa*. *Neste momento, os yunkaítas devem estar marchando para casa*. Fora por isso que ela fizera tudo o que fizera. Pela paz.

Virou-se para o caminho de onde tinha vindo, para onde Pedra do Dragão se erguia sobre as terras de grama como um punho cerrado. *Parece tão perto. Estive andando por horas e, mesmo assim, parece que eu poderia alcançá-la e tocá-la.* Não era muito tarde para voltar. Havia peixes no lago temporário na caverna de Drogon. Pegara um no primeiro dia ali, podia pegar mais. E haveria ossos despedaçados e carbonizados, com pedaços de carne ainda neles, os restos das matanças de Drogon.

*Não*, Dany disse para si mesma. *Se olhar para trás, estou perdida*. Podia viver anos entre as rochas cozidas pelo sol de Pedra do Dragão, montando nas costas de Drogon durante o dia e roendo suas sobras todo entardecer, enquanto o grande mar de grama passava de dourado para laranja, mas essa não era a vida para a qual nascera. Então, mais uma vez, virou as costas para o morro distante e fechou os ouvidos para a canção de voos e liberdade que o vento cantava enquanto brincava entre os cumes de pedra do morro. O córrego corria para sul e sudeste, tanto quanto podia dizer. Ela seguiu o curso. *Leve-me para o rio, é tudo o que peço. Leve-me para o rio, e farei o resto.*

As horas passavam lentamente. O córrego dobrava por aqui e por ali, e Dany seguia, marcando o tempo em sua perna com o chicote, tentando não pensar sobre quão longe tinha que ir, ou no latejar em sua cabeça, ou em sua barriga vazia. *Dê um passo. Dê o seguinte. Outro passo. Outro.* O que mais poderia fazer?

Estava quieto em seu mar. Quando o vento soprava, a grama suspirava, como se os caules roçassem uns nos outros, sussurrando em uma língua que apenas os deuses podiam entender. Agora e novamente o pequeno córrego borbulhava onde fluía ao redor de uma pedra. A lama saía em jatos entre seus dedos dos pés. Insetos zumbiam em volta dela, preguiçosas libélulas, brilhantes vespas verdes e mosquitos quase pequenos demais para se ver. Ela os golpeava distraidamente, quando pousavam em seus braços. Uma vez, foi para cima de um rato que bebia do córrego, mas ele fugiu quando ela apareceu, correndo entre os caules e desaparecendo na grama alta. Algumas vezes ouvia pássaros cantando. O som fazia sua barriga roncar, mas não tinha redes para fazer uma armadilha e, até agora, não vira nenhum ninho. *Uma vez sonhei que estava voando*, ela pensou*, e agora já voei, e sonho em roubar ovos*. Aquilo a fez gargalhar.

– Homens são loucos e deuses são mais loucos – disse para a grama, e a grama murmurou concordando.

Por três vezes naquele dia, ela avistou Drogon. Da primeira vez, ele estava tão longe que poderia ter sido uma águia, deslizando para dentro e para fora das nuvens distantes, mas Dany o reconhecia agora, mesmo quando não era mais do que um pontinho. Da segunda vez, ele passou diante do sol, as asas negras estendidas, e o mundo escureceu. Da última vez, ele voou bem sobre ela, tão perto que pôde ouvir o som de suas asas. Por meio segundo, Dany pensou que ele a estivesse caçando, mas ele voou sem tomar qualquer conhecimento dela e desapareceu em algum lugar no leste. *Ainda bem*, ela pensou.

A noite a pegou quase desprevenida. Enquanto o sol dourava os pináculos distantes de Pedra do Dragão, Dany tropeçou em um muro de pedra baixo, quebrado e coberto de mato. Talvez tivesse sido parte de um templo, ou o salão do senhor do vilarejo. Mais ruínas estavam além; um velho poço e alguns círculos na grama que marcavam os locais onde os casebres estiveram. Haviam sido construídos de lama e palha, ela julgou, mas longos anos de vento e chuva os desgastaram completamente. Dany encontrou oito antes que o sol desaparecesse, mas poderia haver mais por ali, escondidos na grama.

O muro de pedra durara mais que o resto. Embora não tivesse mais do que noventa centímetros de altura, o ângulo onde ele se encontrava com outra parede mais baixa ainda oferecia algum abrigo dos elementos, e a noite chegava rapidamente. Dany encolheu-se em um canto, fazendo um ninho com vários tipos de grama que cresciam ao redor das ruínas, arrancados aos punhados. Estava muito cansada, e novas bolhas haviam aparecido em seus pés, incluindo um conjunto combinado em cima dos seus dedos rosados. *Deve ser do jeito que ando*, pensou, dando uma risadinha.

Quando o mundo escureceu, Dany se instalou e fechou os olhos, mas o sono se recusava a vir. A noite estava fria, o chão duro, sua barriga vazia. Pegou-se pensando em Meereen, em Daario, seu amante, e Hizdahr, seu marido, em Irri e Jhiqui e na doce Missandei, em Sor Barristan, em Reznak e em Skahaz Cabeça-Raspada. *Será que temem que eu esteja morta? Eu voei nas costas de um dragão. Eles pensarão que ele me comeu?* Ela se perguntava se Hizdahr ainda era rei. A coroa dele vinha

dela, ele poderia mantê-la em sua ausência? *Ele queria Drogon morto. Eu o ouvi. "Matem ele", ele gritava, "matem a besta", e o olhar em seu rosto era lascivo.* E Belwas, o Forte, estava de joelhos, arfando e estremecendo. *Veneno. Tinha que ser veneno. Os gafanhotos no mel. Hizdahr insistiu que eu os provasse, mas Belwas comeu todos eles.* Ela fizera de Hizdahr seu rei, levou-o para sua cama, abriu as arenas por ele, ele não tinha razão para querê-la morta. No entanto, quem mais poderia ter sido? Reznak, seu senescal perfumado? Os yunkaítas? Os Filhos da Harpia?

Ao longe, um lobo uivou. O som a fez se sentir triste e sozinha, mas não menos faminta. Quando a lua se ergueu sobre as terras da grama, Dany mergulhou finalmente em um sono agitado.

Ela sonhou. Todas as preocupações a deixaram, assim como todas as dores, e parecia flutuar em direção ao céu. Estava voando mais uma vez, rodopiando, rindo, dançando, enquanto as estrelas giravam em torno dela e lhe sussurravam segredos ao ouvido.

– Para ir para o norte, você deve viajar para o sul. Para alcançar o oeste, você deve ir para leste. Para ir adiante, você precisa ir para trás. Para tocar a luz, você precisa passar sob a sombra.

– Quaithe? – Dany chamou. – Onde você está, Quaithe?

Então ela viu. *Sua máscara é feita da luz das estrelas.*

– Lembre-se de quem você é, Daenerys – as estrelas sussurraram, em uma voz de mulher. – Os dragões sabem. Você sabe?

Na manhã seguinte, despertou dura, ferida e com dores, com formigas rastejando em seus braços, pernas e rosto. Quando percebeu que estavam ali, chutou de lado os gravetos e a grama marrom seca que haviam lhe servido de cama e lençol e fez um grande esforço para ficar de pé. Tinha mordidas por todo o corpo, pequenos inchaços vermelhos, inflamados e coçando. *De onde vieram todas estas formigas?* Dany se esfregou para tirá-las dos braços, das pernas e da barriga. Passou a mão pelo couro cabeludo, onde seu cabelo havia se queimado, e sentiu mais formigas na cabeça, e uma delas rastejando para baixo, pelo seu pescoço. Jogou-as no chão e as esmagou com seus pés descalços. Havia tantas...

Descobriu que o formigueiro estava do outro lado da sua parede. Perguntava-se como as formigas conseguiram escalar tudo aquilo para encontrá-la. Para elas, essas pedras em ruínas deviam parecer tão grandes

quanto a Muralha de Westeros. *A maior muralha em todo o mundo*, seu irmão Viserys costumava dizer, tão orgulhoso como se ele mesmo a tivesse construído.

Viserys contava para ela histórias de cavaleiros tão pobres que tinham que dormir sob as antigas sebes que cresciam ao longo dos caminhos secundários dos Sete Reinos. Dany teria dado muito e ainda mais por uma bela e grossa sebe. *De preferência, uma sem um formigueiro.*

O sol estava apenas nascendo. Algumas estrelas brilhantes permaneciam no céu cobalto. *Talvez uma delas seja Khal Drogo, sentado em seu garanhão de fogo nas terras da noite e sorrindo para mim.* Pedra do Dragão ainda estava visível sobre as terras da grama. *Parece tão perto. Devo estar a quilômetros de distância agora, mas é como se eu pudesse estar de volta em uma hora.* Ela queria se deitar, fechar os olhos e entregar-se ao sono. *Não. Preciso continuar. O córrego. Apenas siga o córrego.*

Dany levou um momento para se assegurar da direção. Não podia ir pelo caminho errado e perder seu córrego.

– Meu amigo – disse em voz alta. – Se permanecer perto do meu amigo, não me perderei.

Teria dormido ao lado da água, se ousasse, mas alguns animais iam ao córrego para beber durante a noite. Vira os rastros deles. Dany daria uma refeição minguada para um lobo ou um leão, mas mesmo uma refeição minguada era melhor do que nenhuma.

Assim que teve certeza de qual lado era o sul, contou os passos de volta. O córrego apareceu no oito. Dany colocou as mãos em concha para beber. A água fez sua barriga se contrair, mas cólicas eram mais fáceis de suportar do que a sede. Ela não tinha outra bebida que não o orvalho da manhã que brilhava na grama alta, e absolutamente nenhuma comida, a menos que gostasse de comer grama. *Eu podia tentar comer formigas*. As amarelinhas eram pequenas demais para garantir qualquer tipo de sustento, mas havia formigas vermelhas na grama, e aquelas eram maiores.

– Estou perdida no mar – disse, enquanto mancava ao lado do regato sinuoso –, então, talvez, encontre alguns caranguejos, ou um belo e gordo peixe.

O chicote batia suavemente contra sua coxa, *tap, tap, tap*. Um passo por vez, e o riacho a levaria para casa.

Um pouco depois do meio-dia, chegou a um arbusto que crescia ao lado do córrego, seus galhos retorcidos cobertos com duras bagas verdes. Dany olhou para elas com desconfiança, então pegou uma e a mordiscou. Sua polpa era azeda e mastigável, com um gosto residual amargo que lhe pareceu familiar.

– No *khalasar*, eles usavam estas bagas para temperar os assados – lembrou-se.

Dizer isso em voz alta a fez ter mais certeza daquilo. Sua barriga roncava, e Dany pegou a si mesma arrancando as bagas com as duas mãos e enfiando-as na boca.

Uma hora mais tarde, seu estômago começou a se contrair tão violentamente que não pôde continuar. Passou o resto do dia vomitando gosma verde. *Se ficar aqui, morrerei. Posso estar morrendo agora*. Será que o deus cavalo dos dothrakis partira a grama e a reivindicara para seu *khalasar* estrelado, para que pudesse cavalgar nas terras da noite com Khal Drogo? Em Westeros, os mortos da Casa Targaryen eram dados às chamas, mas quem acenderia uma pira para ela ali? *Minha carne alimentará os lobos e os corvos carniceiros*, pensou, tristemente, *e vermes cavarão meu ventre*. Seus olhos se voltaram para Pedra do Dragão. Parecia menor. Podia ver fumaça se erguendo do cume esculpido pelo vento, a quilômetros de distância. *Drogon retornou de sua caçada.*

O pôr do sol a encontrou de cócoras na grama, gemendo. Cada uma de suas fezes era mais solta do que a anterior, e cheirava pior. Quando a lua chegou, estava evacuando água marrom. Quanto mais bebia, mais evacuava, mas, quanto mais evacuava, sua sede aumentava, e a sede a fez rastejar até o córrego para sugar um pouco de água. Quando finalmente fechou os olhos, Dany não sabia se teria forças suficientes para abri-los novamente.

Sonhou com seu irmão morto.

Viserys parecia exatamente como era da última vez que o vira. Sua boca estava retorcida de angústia, o cabelo estava queimado e o rosto estava negro e esfumaçado onde o ouro derretido escorrera por sua testa, bochechas e pelos olhos.

– Você está morto – Dany falou.

*Assassinado*. Embora os lábios dele não se movessem, de alguma forma podia ouvir sua voz, sussurrando no ouvido dela. *Você nunca me velou, irmã. É duro morrer sem ser velado.*

– Eu o amei uma vez.

*Uma vez*, ele disse, tão amargamente que a fez estremecer. *Você devia ter sido minha esposa, me dar filhos com cabelos prateados e olhos cor de púrpura, manter o sangue do dragão puro. Tomei conta de você. Ensinei quem você era. Eu a alimentei. Vendi a coroa da nossa mãe para mantê-la alimentada.*

– Você me machucava. Você me assustava.

*Apenas quando você acordava o dragão. Eu amava você.*

– Você me vendeu. Você me traiu.

*Não. Você é a traidora. Você se virou contra mim, contra seu próprio sangue. Eles me trapacearam. Seu marido cavalo e seus bárbaros fedorentos. Eram trapaceiros e mentirosos. Me prometeram uma coroa de ouro e me deram isso*. Ele tocou o ouro derretido que se espalhara por seu rosto, e a fumaça se levantou de seu dedo.

– Você podia ter tido sua coroa – Dany lhe disse. – Meu sol-e-estrelas a teria conquistado para você, se você tivesse esperado.

*Eu esperei tempo demais. Esperei minha vida inteira. Eu era rei deles, o legítimo rei. Eles riram de mim.*

– Você devia ter ficado em Pentos com o Magíster Illyrio. Khal Drogo teria me apresentado para o *dosh khaleen*, mas você não tinha que ir conosco. Essa foi sua escolha. Seu erro.

*Quer acordar o dragão, sua putinha estúpida? O* khalasar *de Drogo era meu. Eu o comprei dele, mil gritadores. Paguei por eles com sua virgindade.*

– Você nunca entendeu. Dothrakis não compram e vendem. Eles dão presentes e os recebem. Se você tivesse esperado...

*Eu esperei. Por minha coroa, por meu trono, por você. Todos estes anos, e tudo o que consegui foi um pote de ouro derretido. Por que deram os ovos de dragão para você? Eles deviam ter sido meus. Se eu tivesse um dragão, teria ensinado ao mundo o significado do nosso lema*. Viserys começou a rir, até que sua mandíbula caiu de seu rosto, soltando fumaça, e sangue e ouro derretido escorreram de sua boca.

Quando ela acordou, ofegante, suas coxas estavam escorregadias de sangue.

Por um momento, não percebeu o que era aquilo. O mundo apenas começava a clarear, e a grama alta farfalhava suavemente ao vento. *Não, por favor, deixe-me dormir mais*. *Estou tão cansada*. Tentou se enterrar sob a pilha de grama que havia feito quando foi dormir. Alguns dos talos estavam molhados. Estava chovendo novamente? Sentou-se, com medo de ter se sujado enquanto dormia. Quando levou os dedos da mão ao rosto, pôde sentir o cheiro de sangue neles. *Estou morrendo?* Então viu a pálida lua crescente flutuando alta sobre a grama e percebeu que aquilo não era nada mais do que sangue da lua.

Se não estivesse tão doente e assustada, poderia ter sido um alívio. Em vez disso, começou a tremer violentamente. Esfregou os dedos na terra e agarrou um punhado de grama para secar entre as pernas. *O dragão não chora*. Estava sangrando, mas era apenas sangue de mulher. *A lua ainda está crescente, no entanto. Como pode ser?* Tentou se lembrar da última vez que havia sangrado. Na última lua cheia? Na anterior? Na anterior ainda? *Não, não pode ter sido há tanto tempo assim.*

– Sou o sangue do dragão – disse para a grama, em voz alta.

*Antes,* a grama sussurrou de volta*, até que você acorrentou os dragões na escuridão*.

– Drogon matou uma garotinha. O nome dela era... seu nome... – Dany não conseguia se lembrar do nome da criança. Aquilo a deixou tão triste que teria chorado se todas as suas lágrimas não tivessem sido queimadas. – Nunca terei uma garotinha. Eu era a Mãe dos Dragões.

*Sim*, a grama disse, *mas você se virou contra seus filhos.*

Sua barriga estava vazia, os pés doloridos e com bolhas, e parecia que suas cólicas estavam ficando piores. Suas entranhas estavam cheias de cobras que se contorciam e mordiam seus intestinos. Pegou um punhado de lama e água com as mãos trêmulas. Ao meio-dia, a água estaria tépida, mas no frio do amanhecer era quase gelada e a ajudaria a manter os olhos abertos. Quando molhou o rosto, viu sangue fresco nas coxas. A bainha esfarrapada de sua túnica de baixo estava manchada com ele. A visão de tanto vermelho a assustou. *Sangue da lua, é apenas meu sangue da lua*, mas não se lembrava de ter um fluxo tão intenso. *Poderia ser a*

*água?* Se fosse a água, estava condenada. Tinha que beber, ou morrer de sede.

– Ande – Dany ordenou a si mesma. – Siga o riacho e ele o levará ao Skahazadhan. É onde Daario encontrará você. – Usou toda a força que tinha para ficar em pé, e quando conseguiu, tudo o que pôde fazer foi ficar parada ali, febril e sangrando. Ergueu os olhos para o céu azul vazio, olhando o sol. *Metade da manhã já se foi*, percebeu, consternada. Obrigou-se a dar um passo, depois outro, e então estava caminhando novamente, seguindo o pequeno riacho.

O dia ficava mais quente, e o sol batia sobre sua cabeça e queimava o que restava de seus cabelos. A água espirrava contra a sola de seus pés. Estava caminhando no riacho. Por quanto tempo estava fazendo aquilo? A suave lama marrom era agradável entre os dedos e ajudava a aliviar as bolhas. *No riacho ou fora dele, tenho que continuar andando. A água segue a jusante. O riacho me levará para o rio, e o rio me levará para casa.*

Só que não, não realmente.

Meereen não era a casa dela, e nunca seria. Era uma cidade de homens estranhos, com deuses estranhos e cabelos estranhos, de senhores de escravos enrolados em *tokars*, onde a graça era obtida pela prostituição, a matança era uma arte, e cachorro era uma iguaria. Meereen sempre seria a cidade da harpia, e Daenerys não podia ser uma harpia.

*Nunca*, disse a grama, no tom rude de Jorah Mormont. *Você foi advertida, Vossa Graça. Deixe a cidade, eu disse. Sua guerra é em Westeros, eu lhe falei.*

A voz não era mais do que um murmúrio, mesmo assim, de algum modo, Daenerys sentia que ele estava andando bem atrás dela. *Meu urso*, ela pensou, *meu doce e velho urso, que me amou e me traiu.* Sentia tanta falta dele. Queria ver seu rosto feio, enrolar os braços em torno dele e se apertar contra seu peito, mas sabia que se virasse para trás, Sor Jorah teria partido.

– Estou sonhando – disse. – Um sonho acordada, um sonho acordada. Estou só e perdida.

*Perdida, porque permaneceu em um lugar que não era para ser*, murmurou Jorah Mormont, tão suavemente quanto o vento. *Sozinha, porque me expulsou do seu lado*.

– Você me traiu. Você dava informações sobre mim, por ouro.

*Pelo lar. Lar era tudo o que sempre quis.*

– E a mim. Você me queria. – Dany vira isso em seus olhos.

*Queria*, a grama sussurrou, com tristeza.

– Você me beijou. Eu nunca disse que podia, mas você fez. Você me vendeu aos meus inimigos, mas foi a sério que me beijou.

*Eu lhe dei bons conselhos. Consegui suas lanças e espadas para os Sete Reinos, eu lhe disse. Deixe Meereen para os meereeneses e vá para oeste, eu falei. Você não ouviu.*

– Eu tinha que tomar Meereen ou ver meus filhos morrerem de fome ao longo da marcha. – Dany ainda podia ver a trilha de cadáveres que deixara para trás quando cruzara o deserto vermelho. Não era uma visão que desejava ter novamente. – Tive que tomar Meereen para alimentar meu povo.

*Você tomou Meereen*, ele retrucou, *e, mesmo assim, permaneceu*.

– Para ser uma rainha.

*Você é uma rainha*, seu urso disse. *Em Westeros.*

– É um caminho muito longo – ela reclamou. – Eu estava cansada, Jorah. Estava farta da guerra. Queria descansar, rir, plantar árvores e vê-las crescer. Sou apenas uma garota jovem.

*Não. Você é o sangue do dragão*. O sussurro estava ficando mais baixo, como se Sor Jorah estivesse ficando para trás. *Dragões não plantam árvores. Lembre-se disso. Lembre-se de quem você é, para o que você foi feita. Lembre-se do seu lema*.

– Fogo e Sangue – Daenerys disse para a grama que balançava.

Uma pedra virou embaixo de seu pé. Tropeçou, caiu sobre um joelho e gritou de dor, na esperança de que seu urso viesse até ela e a ajudasse a ficar em pé. Quando virou a cabeça para olhá-lo, tudo o que viu foi a água corrente marrom... e a grama, ainda se movendo um pouco. *O vento*, disse para si mesma, *o vento agita os caules e os fazem balançar*. Só que nenhum vento estava soprando. O sol estava a pino, o mundo imóvel e quente. Mosquitos invadiam o ar, e uma libélula voava sobre o riacho, pousando aqui e ali. E a grama se movia quando não havia motivo para se mover.

Tateou na água, encontrou uma pedra do tamanho de seu punho, tirou-a da lama. Era uma arma frágil, mas melhor do que uma mão vazia. Do

canto do olho, Dany viu a grama se mover novamente, bem à sua direita. A grama balançava e se inclinava, como se estivesse diante de um rei, mas nenhum rei apareceu para ela. O mundo estava verde e vazio. O mundo estava verde e silencioso. O mundo estava amarelo, morrendo. *Eu devia me levantar*, disse a si mesma. *Tenho que andar. Tenho que seguir o riacho*.

Através da grama veio um suave tilintar de prata.

*Sinos*, Dany pensou, sorrindo, lembrando-se de Khal Drogo, seu sol-e-estrelas, e os sinos trançados em seus cabelos. *Quando o sol nascer no ocidente e se puser no oriente, quando os mares secarem e as montanhas forem sopradas pelo vento como folhas, quando meu ventre voltar a ganhar vida para dar à luz um filho vivo, Khal Drogo retornará para mim.*

Mas nenhuma daquelas coisas acontecera. *Sinos*, Dany pensou novamente. Seus companheiros de sangue a haviam encontrado.

– Aggo – murmurou. – Jhogo. Rakharo. – Daario teria vindo com eles?

O mar de grama se abriu. Um cavaleiro apareceu. Sua trança era negra e brilhante, a pele tão escura quanto cobre polido, os olhos no formato de amêndoas amargas. Sinos tocavam em seu cabelo. Ele vestia um cinto de medalhões e um colete pintado, tinha um *arakh* em um quadril e um chicote no outro. Um arco de caça e uma aljava de flechas estavam pendurados em sua sela.

*Um cavaleiro, e sozinho. Um batedor.* Era quem cavalgava diante do *khalasar* para encontrar a caça e a grama bem verde, e farejar inimigos onde quer que pudessem estar escondidos. Se a encontrasse ali, ele a mataria, a estupraria, ou a escravizaria. Na melhor das hipóteses, ele a mandaria de volta para as anciãs do *dosh khaleen*, aonde supunha-se que as boas *khaleesi* deveriam ir depois que seus khals morriam.

Ele não a vira, no entanto. A grama a escondeu, e ele estava olhando para outro lado. Dany seguiu seu olhar, e a sombra voou, com suas asas estendidas. O dragão estava a quilômetros de distância, e mesmo assim o batedor congelou até que seu garanhão começou a relinchar de medo. Então despertou, como se estivesse sonhando, virou sua montaria e correu pela grama alta a galope.

Dany o observou partir. Quando o som dos cascos tinham sumido no silêncio, começou a gritar. Gritou até que sua voz ficou rouca... e Drogon

veio, bufando nuvens de fumaça. A grama se prostrou diante dele. Dany saltou em suas costas. Ela fedia a sangue, fedor e medo, mas nada disso importava.

– Para seguir em frente, tenho que voltar para trás – disse. Suas pernas nuas se apertaram no pescoço do dragão. Ela o chutou, e Drogon atirou-se no céu. Seu chicote se perdera, então usou as mãos e os pés para virá-lo para noroeste, o caminho que o batedor tomara. Drogon foi com suficiente boa vontade; talvez tivesse sentido o medo do cavaleiro.

Em uma dúzia de segundos, ultrapassaram o dothraki, que galopava bem abaixo. Para a direita e para a esquerda, Dany vislumbrava lugares em que a grama havia sido queimada e transformada em cinzas. *Drogon já veio por este caminho*, percebeu. Como uma corrente de ilhas cinzentas, as marcas de suas caçadas pontilhavam o mar de grama verde.

Um vasto rebanho de cavalos apareceu embaixo deles. Havia cavaleiros também, um grupo ou mais, mas eles se viraram e fugiram ao primeiro sinal do dragão. Os cavalos pararam e fugiram quando a sombra passou sobre eles, galopando através da grama até que suas laterais ficassem brancas de espuma, rasgando o chão com seus cascos... mas por mais velozes que fossem, não podiam voar. Logo um cavalo começou a ficar para trás. O dragão desceu sobre ele, rugindo, e imediatamente a pobre besta estava em chamas, mas, de alguma forma, continuou correndo, gritando a cada passo, até que Drogon pousou sobre ele e quebrou seu pescoço. Dany agarrou o pescoço do dragão com todas as suas forças, para não escorregar.

A carcaça era muito pesada para que pudesse levar para sua toca, então Drogon consumiu sua caça ali, rasgando a carne carbonizada enquanto a grama queimava ao redor deles, o ar grosso com a fumaça que subia e com o cheiro de pelo de cavalo queimado. Dany, faminta, desceu de suas costas e comeu com o dragão, arrancando pedaços de carne defumada do cavalo morto com as mãos queimadas e nuas. *Em Meereen eu era uma rainha, em sedas, mordiscando tâmaras e cordeiro no mel*, lembrou-se. *O que meu nobre marido pensaria se pudesse me ver agora?* Hizdahr ficaria horrorizado, sem dúvida. Mas Daario...

Daario daria risada, tiraria um pedaço de carne de cavalo com seu *arakh* e se agacharia para comer ao lado dela.

Quando o céu no ocidente ficou com a cor de um hematoma sangrento, ouviu o som de cavalos se aproximando. Dany se levantou, limpou as mãos na túnica esfarrapada e foi para o lado do dragão.

Foi como Khal Jhaqo a encontrou, quando meia centena de guerreiros montados emergiram das nuvens de fumaça.

# Epílogo

—Não sou um traidor – o Cavaleiro de Poleiro do Grifo declarou. – Sou homem do Rei Tommen, e seu.

Um constante pinga-pinga pontuava suas palavras, enquanto a neve derretida escorria de seu manto para empoçar no chão. A neve caíra em Porto Real a maior parte da noite; do lado de fora, os montes estavam na altura do tornozelo. Sor Kevan Lannister puxou o manto contra o corpo.

– Assim você diz, sor. Palavras são vento.

– Deixe-me provar a verdade delas com minha espada. – A luz das tochas transformava em chama a barba e os cabelos compridos vermelhos de Ronnet Connington. – Envie-me contra meu tio e eu lhe trarei a cabeça dele, e a cabeça desse falso dragão também.

Lanceiros Lannister, com mantos carmesins e meios-elmos com leões em cima estavam parados ao longo da parede ocidental da sala do trono. Guardas Tyrell, em mantos verdes, estavam de frente para eles, na parede oposta. O frio da sala do trono era palpável. Embora nem a Rainha Cersei nem a Rainha Margaery estivessem entre eles, a presença de ambas podia ser sentida envenenando o ar, como fantasmas em um banquete.

Atrás da mesa onde os cinco membros do pequeno conselho do rei estavam sentados, o Trono de Ferro se acocorava como uma grande besta negra, suas farpas, garras e lâminas semiocultas na sombra. Kevan Lannister podia senti-lo em suas costas, uma coceira entre as omoplatas. Era fácil imaginar o velho Rei Aerys empoleirado lá, sangrando por algum corte recente, olhando furiosamente para baixo. Mas, hoje, o trono estava vazio. Não via razão para Tommen se juntar a eles. Era mais gentil deixar o menino ficar com a mãe. Apenas os Sete sabiam quanto tempo filho e mãe teriam juntos antes do julgamento de Cersei... e possivelmente sua execução.

Mace Tyrell estava falando.

– Vamos lidar com seu tio e esse garoto forjado em seu devido tempo. – A nova Mão do Rei estava sentada em um trono de carvalho esculpido no formato de uma mão, uma vaidade absurda que sua senhoria apresentara no dia em que Sor Kevan concordara em lhe conceder o cargo tão cobiçado. – Você esperará aqui, até que estejamos prontos para marchar. Então terá a oportunidade de provar sua lealdade.

Sor Kevan não tinha nenhum problema com isso.

– Escoltem Sor Ronnet de volta aos seus aposentos – disse. *E garantam que permaneça lá* ficou sem ser dito. Apesar de seus altos protestos, o Cavaleiro do Poleiro do Grifo continuava sendo suspeito. Supostamente, os mercenários que haviam desembarcado no sul eram comandados por um de seu próprio sangue.

Quando os ecos dos passos de Connington desapareceram, Grande Meistre Pycelle sacudiu pesadamente a cabeça.

– Certa vez, o tio dele ficou parado bem ali onde o garoto estava agora e disse ao Rei Aerys que lhe entregaria a cabeça de Robert Baratheon.

*É isso que acontece quando um homem fica tão velho quanto Pycelle. Tudo o que vê ou escuta o recorda de algo que viu ou escutou quando era jovem.*

– Quantos homens em armas acompanharam Sor Ronnet à cidade? – Sor Kevan perguntou.

– Vinte – disse Lorde Randyll Tarly –, a maioria deles do antigo grupo de Gregor Clegane. Seu sobrinho, Jaime, os deu a Connington. Para livrar-se deles, aposto. Eles não tinham estado em Lagoa da Donzela um dia antes de um matar um homem e outro ser acusado de estupro. Tive que enforcar o primeiro e castrar o segundo. Se fosse por mim, enviaria todos eles para a Patrulha da Noite, e Connington com eles. A Muralha é o lugar ao qual essa escória pertence.

– Um cão faz o que seu mestre manda – declarou Mace Tyrell. – Mantos negros cairiam bem neles, concordo. Não suportaria tais homens na patrulha da cidade. – Uma centena de homens do Jardim de Cima havia sido somada aos mantos dourados, mesmo assim, claramente, sua senhoria pretendia resistir a qualquer tipo de equilíbrio com os homens do oeste.

*Quanto mais dou, mais ele quer*. Kevan Lannister começara a entender por que Cersei ficara tão ressentida com os Tyrell. Mas esse não era o

momento de provocar uma disputa aberta. Randyll Tarly e Mace Tyrell tinham ambos trazido exércitos a Porto Real, enquanto a melhor parte da força da Casa Lannister permanecera nas terras fluviais, desaparecendo rapidamente.

– Os homens da Montanha sempre foram lutadores – disse, em tom conciliatório –, e podemos precisar de cada espada contra esses mercenários. Se esta realmente é a Companhia Dourada, como os murmuradores de Qyburn insistem...

– Chame-os como quiser – disse Randyll Tarly. – Ainda não são mais do que aventureiros.

– Talvez – Sor Kevan falou. – Mas quanto mais ignoramos esses aventureiros, mais fortes eles ficam. Temos um mapa preparado, um mapa de incursões. Grande Meistre?

O mapa era bonito, pintado pelas mãos de um meistre em uma folha do mais fino papel vegetal, tão grande que cobria a mesa.

– Aqui. – Pycelle apontou com a mão manchada. Onde a manga de sua túnica se ergueu, uma aba de carne pálida pôde ser vista dançando sob seu antebraço. – Aqui e aqui. Ao longo de toda a costa e nas ilhas. Tarth, Passopedra, até mesmo Estermonte. E agora temos relatos de que Connington se dirige para Ponta Tempestade.

– Se for mesmo Jon Connington – comentou Randyll Tarly.

– Ponta Tempestade. – Lorde Mace grunhiu as palavras. – Ele não pode tomar Ponta Tempestade. Nem se fosse Aegon, o Conquistador. E se tomar, e daí? Stannis mantém o lugar agora. Deixe o castelo passar de um pretendente para outro, por que isso deveria nos incomodar? Eu o recapturarei depois que a inocência de minha filha for provada.

*Como você pode recapturá-lo se, para começar, não o capturou?*

– Eu entendo, meu senhor, mas...

Tyrell não o deixou terminar.

– Essas acusações contra minha filha são mentiras imundas. Pergunto novamente, *por que* devemos encenar essa farsa de pantomimeiros? Que o Rei Tommen declare a inocência da minha filha, sor, e colocaremos um fim a essa loucura aqui e agora.

*Faça isso, e os murmúrios acompanharão Margaery o resto de sua vida*.

– Nenhum homem duvida da inocência de sua filha, meu senhor – Sor Kevan mentiu –, mas Sua Alta Santidade insiste em um julgamento.

Lorde Randyll bufou.

– O que nos tornamos, quando reis e grandes senhores precisam dançar conforme o piado de pardais?

– Temos inimigos por todos os lados, Lorde Tarly – Sor Kevan o recordou. – Stannis no norte, homens de ferro no oeste, mercenários no sul. Desafie o Alto Septão, e teremos sangue correndo nas sarjetas de Porto Real também. Se formos vistos indo contra os deuses, isso apenas levará os piedosos para os braços de um ou de outro desses aspirantes a usurpador.

Mace Tyrell permaneceu impassível.

– Assim que Paxter Redwyne varrer os homens de ferro para os mares, meus filhos retomarão os Escudos. As neves cuidarão de Stannis, ou Bolton o fará. E quanto a Connington...

– Se for ele – Lorde Randyll disse.

– ... quanto a Connington – Tyrell repetiu –, que vitórias ele já conquistou para que o temamos? Ele podia ter acabado com a Rebelião de Robert no Septo de Pedra. Falhou. Exatamente como a Companhia Dourada tem sempre falhado. Alguns podem correr para se juntar a eles, sim. É bom para o reino se livrar de tais tolos.

Sor Kevan desejava poder partilhar dessas certezas. Conhecera Jon Connington ligeiramente – um jovem orgulhoso, o mais teimoso do bando de jovens fidalgotes que se reunira em torno do Príncipe Rhaegar Targaryen, competindo pelo favor real. *Arrogante, mas capaz e enérgico*. Aquilo e sua habilidade com as armas fizeram com que o Rei Louco Aerys o nomeasse Mão. A inércia do velho Lorde Merryweather havia permitido que a rebelião se enraizasse e se espalhasse, e Aerys queria alguém jovem e vigoroso para enfrentar a juventude e o vigor do próprio Robert.

– Muito cedo – Lorde Tywin Lannister declarara quando a notícia da escolha do rei chegara a Rochedo Casterly. – Connington é muito jovem, muito ousado, muito sedento de glória.

A Batalha dos Sinos provara a verdade daquilo. Sor Kevan esperara que, depois disso, Aerys não tivesse outra escolha que não convocar Tywin mais uma vez... mas o Rei Louco se voltara para os Lordes

Chelsted e Rossard, e pagou com sua vida e sua coroa. *Mas isso foi há muito tempo. Se este é realmente Jon Connington, ele será um homem diferente. Mais velho, mais duro, mais experiente... mais perigoso*.

– Connington pode ter mais do que a Companhia Dourada. Dizem que tem um pretendente Targaryen.

– Um menino forjado é o que ele é – disse Randyll Tarly.

– Pode ser que sim. Ou não. – Kevan Lannister tinha estado ali, naquele mesmo salão, quando Tywin colocara o corpo dos filhos do Príncipe Rhaegar aos pés do Trono de Ferro e enrolara-os em mantos carmesins. A garota era reconhecidamente a Princesa Rhaenys, mas o menino... *um horror de ossos, cérebro e sangue coagulado, sem rosto, poucas meadas do belo cabelo. Nenhum de nós olhou por muito tempo. Tywin disse que era o Príncipe Aegon, e confiamos em sua palavra*. – Temos essas histórias vindas do leste também. Uma segunda Targaryen, e uma cujo sangue nenhum homem pode questionar. Daenerys Nascida da Tormenta.

– Tão louca quanto o pai – declarou Lorde Mace Tyrell.

*Que seria o mesmo pai que Jardim de Cima e a Casa Tyrell apoiaram até o amargo fim e muito além*.

– Ela pode ser louca – Sor Kevan disse –, mas com tanta fumaça à deriva no oeste, certamente há algum fogo queimando no leste.

Grande Meistre Pycelle balançou a cabeça.

– Dragões. Essas mesmas histórias alcançaram Vilavelha. Demasiadas para não serem levadas em conta. Uma rainha de cabelos prateados com três dragões.

– Do outro lado do mundo – falou Mace Tyrell. – Rainha na Baía dos Escravos, sim. Seremos gratos se ficar por lá.

– Nisso concordamos – disse Sor Kevan –, mas a garota é do sangue de Aegon, o Conquistador, e não acho que ficará satisfeita em permanecer em Meereen para sempre. Se ela alcançar esta costa e unir forças a Lorde Connington e esse príncipe dele, falso ou não... devemos destruir Connington e seu pretendente *agora*, antes que Daenerys Nascida da Tormenta venha para o oeste.

Mace Tyrell cruzou os braços.

– Pretendo fazer exatamente isso, sor. Depois dos julgamentos.

– Mercenários lutam por dinheiro – declarou o Grande Meistre Pycelle. – Com ouro suficiente, podemos persuadir a Companhia Dourada a entregar Lorde Connington e o pretendente.

– Sim, se tivéssemos ouro – Sor Harys Swyft disse. – Ai de mim, meus senhores, nossos cofres têm apenas ratos e baratas. Escrevi novamente para os banqueiros de Myr. Se eles concordarem em assumir a dívida da coroa com os bravosis e nos estender um novo empréstimo, talvez não tenhamos que aumentar os impostos. Caso contrário...

– Os magísteres de Pentos são conhecidos por emprestar dinheiro também – lembrou Sor Kevan. – Tente com eles. – Os pentoshis gostariam ainda menos de prestar ajuda, mas o esforço devia ser feito. A menos que um novo recurso de dinheiro fosse encontrado, ou o Banco de Ferro persuadido a ceder, ele seria obrigado a pagar a dívida da coroa com ouro Lannister. Não se atreveria a recorrer a novos impostos, não com os Sete Reinos se arrastando em rebelião. Metade dos senhores do reino podia não distinguir tributação de tirania e se agarraria ao usurpador mais próximo em um piscar de olhos se isso lhe salvasse uns cobres cortados. – Se isso falhar, você deve ir a Bravos, negociar pessoalmente com o Banco de Ferro.

Sor Harys fraquejou.

– Devo?

– Você *é* o mestre da moeda – Lorde Randyll disse rispidamente.

– Sou. – O tufo de cabelo branco na ponta do queixo de Swyft tremeu de indignação. – Devo lembrar ao meu senhor que este problema não é feito meu? E nem todos nós tivemos a oportunidade de reabastecer nossos cofres com os saques de Lagoa da Donzela e Pedra do Dragão.

– Eu me ressinto de sua insinuação, Swyft – Mace Tyrell disse, enfurecido. – Nenhuma riqueza foi encontrada em Pedra do Dragão, eu lhe garanto. Os homens do meu filho procuraram em cada centímetro daquela ilha úmida e triste e voltaram com não mais do que uma simples pedra preciosa ou uma pitada de ouro. Nenhum sinal daquele fabuloso tesouro escondido de ovos de dragão.

Kevan Lannister vira Pedra do Dragão com os próprios olhos. Duvidava muito que Loras Tyrell tivesse procurado em cada centímetro da antiga fortaleza. Os valirianos a tinham erguido, afinal de contas, e todas as suas obras cheiravam a feitiçaria. E Sor Loras era jovem,

propenso a todos os juízos temerários da juventude e, além disso, fora gravemente ferido no assalto ao castelo. Mas isso não faria Tyrell recordar que seu filho era falível.

– Se houvesse alguma riqueza em Pedra do Dragão, Stannis a teria encontrado – declarou Sor Kevan. – Vamos em frente, meus senhores. Temos duas rainhas para julgar por alta traição, como devem se lembrar. Minha sobrinha escolheu julgamento por combate, segundo me informou. Sor Robert Forte será seu campeão.

– O gigante silencioso. – Lorde Randyll fez uma careta.

– Diga-me, sor, de onde veio esse homem? – exigiu saber Mace Tyrell. – Por que nunca ouvimos seu nome antes? Ele não fala, não mostra seu rosto, nunca é visto sem sua armadura. Sabemos com certeza que é mesmo um cavaleiro?

*Não sabemos nem se está vivo*. Meryn Trant afirmava que Forte nunca comia ou bebia, e Boros Blount ia além, dizendo que nunca vira o homem usar a latrina. *Por que deveria? Mortos não cagam.* Kevan Lannister tinha uma forte suspeita de quem este Sor Robert realmente era embaixo daquela reluzente armadura branca. Uma suspeita que Mace Tyrell e Randyll Tarly sem dúvida partilhavam. Qualquer que fosse o rosto escondido atrás do elmo do Forte, devia permanecer oculto por enquanto. O gigante silencioso era a única esperança de sua sobrinha. *E rezemos para que seja tão formidável quanto parece.*

Mas Mace Tyrell não conseguia ver além da ameaça à sua própria filha.

– Sua Graça nomeou Sor Robert para a Guarda Real – Sor Kevan o recordou –, e Qyburn atesta pelo homem também. Seja como for. Precisamos que Sor Robert prevaleça, meus senhores. Se minha sobrinha for considerada culpada por essas traições, a legitimidade de seus filhos será colocada em questão. Se Tommen deixar de ser rei, Margaery deixará de ser rainha. – Deixou Tyrell remoer aquilo por um momento. – O que quer que Cersei tenha feito, ainda é uma filha do Rochedo e do meu próprio sangue. Não deixarei que morra como traidora, mas me assegurei de remover suas presas. Todos os guardas dela foram dispensados e substituídos pelo meus homens. No lugar de suas antigas damas de companhia, ela passará a ser atendida por uma septã e três noviças escolhidas pelo Alto Septão. Não tem mais voz no governo do

reino, nem na educação de Tommen. Pretendo que ela retorne a Rochedo Casterly depois do julgamento e vou garantir para que permaneça lá. É o suficiente.

O resto, deixou sem ser dito. Cersei era mercadoria suja agora, seu poder se acabara. Todo padeiro e pedinte na cidade havia visto sua vergonha, e cada vendedor de tortas e curtidor da Baixada da Pulga à Curva do Mijaguado vira sua nudez, seus olhos ansiosos se arrastando por seus seios, barriga e partes femininas. Nenhuma rainha esperava governar novamente depois daquilo. Em ouro, seda e esmeraldas, Cersei fora uma rainha, a coisa mais próxima de uma deusa; nua, era apenas uma mulher, uma mulher de idade com estrias na barriga e tetas que começavam a ceder... como as megeras na multidão haviam ficado felizes em apontar para seus maridos e amantes. *Melhor viver na vergonha do que morrer orgulhosa*, Sor Kevan disse a si mesmo.

– Minha sobrinha não causará mais nenhum mal – prometeu para Mace Tyrell. – Tem minha palavra nisso, meu senhor.

Tyrell deu um aceno relutante.

– Como quiser. Minha Margaery prefere ser julgada pela Fé, então o reino inteiro poderá testemunhar sua inocência.

*Se sua filha é tão inocente quanto você quer que acreditemos, por que precisa ter seu exército presente quando ela encarar seus acusadores?,* Sor Kevan podia ter perguntado.

– Em breve, espero – disse, em vez disso, antes de se virar para o Grande Meistre Pycelle. – Há mais alguma coisa?

O Grande Meistre consultou seus papéis.

– Devíamos endereçar a herança de Rosby. Seis petições foram colocadas...

– Podemos tratar de Rosby em alguma data futura. O que mais?

– Preparativos devem ser feitos para a Princesa Myrcella.

– É isso que dá em se tratar com os dornenses – Mace Tyrell disse. – Certamente, um partido melhor pode ser encontrado para a garota.

*Como seu próprio filho Willas, talvez? Ela, desfigurada por um dornense, ele, aleijado por outro?*

– Sem dúvida – Sor Kevan disse –, mas temos inimigos suficientes sem ofender Dorne. Se Doran Martell unir suas forças às de Connington e apoiar esse falso dragão, as coisas ficarão feias para todos nós.

– Talvez possamos persuadir nossos amigos dornenses a lidar com Lorde Connington – Sor Harys Swyft sugeriu com um irritante riso manso. – Isso pouparia um tanto de sangue e problemas.

– Pode ser – Sor Kevan disse, cansado. Era hora de colocar um fim naquilo. – Obrigado, meus senhores. Nos reuniremos novamente daqui a seis dias. Após o julgamento de Cersei.

– Como quiser. Que o Guerreiro dê forças aos braços de Sor Robert. – As palavras eram de má vontade, a inclinação de queixo que Mace Tyrell deu ao Senhor Regente a mais superficial das mesuras. Mas era algo, e, por esse tanto, Sor Kevan Lannister estava grato.

Randyll Tarly deixou o salão com seu senhor suserano, os lanceiros de mantos verdes atrás deles. *Tarly é o perigo real*, Sor Kevan refletiu enquanto via a partida dos dois. *Um homem estrito, mas de vontade férrea e astuto, e tão bom soldado quanto a Campina pode se gabar. Mas como posso ganhá-lo para nosso lado?*

– Lorde Tyrell não gosta de mim – o Grande Meistre Pycelle disse em tom sombrio quando a Mão partiu. – Essa questão do chá da lua... eu nunca devia ter falado sobre isso, mas a Rainha Viúva me ordenou! Se for do agrado do Senhor Regente, eu dormiria mais profundamente se pudesse me emprestar alguns de seus guardas.

– Lorde Tyrell pode levar a mal.

Sor Harys Swyft puxou a barba do queixo.

– Também preciso de guardas para mim. Esses são tempos perigosos.

*Sim*, pensou Kevan Lannister, *e Pycelle não é o único membro do conselho que nossa Mão gostaria de substituir.* Mace Tyrell tinha seu próprio candidato para mestre do tesouro: seu tio, Senhor Senescal de Jardim de Cima, aquele a quem os homens chamavam de Garth, o Grosso. *A última coisa que preciso é de outro Tyrell no pequeno conselho*. Ele já estava em desvantagem. Sor Harys era pai de sua esposa, e Pycelle podia ser contado ao seu favor, também. Mas Tarly era juramentado ao Jardim de Cima, assim como Paxter Redwyne, senhor almirante e mestre dos navios, atualmente navegando com sua frota ao redor de Dorne para lidar com os homens de Euron Greyjoy. Uma vez que Redwyne retornasse a Porto Real, o conselho ficaria três a três, Lannister e Tyrell.

A sétima voz seria a da mulher dornense que agora escoltava Myrcella para casa. *A Senhora Nym. Que não é nenhuma senhora, se metade do que Qyburn relatou for verdade*. Uma filha bastarda da Víbora Vermelha, quase tão famosa quanto o pai e com a intenção de reivindicar o assento no conselho que o próprio Víbora Vermelha ocupara tão brevemente. Sor Kevan ainda não julgara adequado informar Mace Tyrell da chegada dela. A Mão, ele sabia, não ficaria satisfeita. *O homem que precisamos é Mindinho. Petyr Baelish tem o dom de conjurar dragões do ar.*

– Contrate os homens da Montanha – Sor Kevan sugeriu. – Ronnet Vermelho não terá mais utilidade para eles. – Não achava que Mace Tyrell seria tão tosco para tentar matar Pycelle ou Swyft, mas se guardas os fariam se sentir melhor, que tivessem guardas.

Os três homens saíram juntos da sala do trono. Do lado de fora, a neve estava rodopiando na ala externa, uma besta enjaulada uivando para ser libertada.

– Já sentiram tal frio? – perguntou Sor Harys.

– A hora para falar do frio – disse o Grande Meistre Pycelle – não é quando estamos parados nele. – Cruzou lentamente a ala externa, de volta a seus aposentos.

Os outros permaneceram um momento nos degraus da sala do trono.

– Não coloco fé nesses banqueiros de Myr – Sor Kevan disse para o sogro. – É melhor você se preparar para ir a Bravos.

Sor Harys não pareceu feliz com a perspectiva.

– Se eu devo... Mas, digo novamente, esse problema não é feito meu.

– Não. Foi Cersei quem decidiu que o Banco de Ferro esperaria pelo que lhes é devido. Devo mandá-la para Bravos?

Sor Harys piscou.

– Sua Graça... isso... isso...

Sor Kevan o salvou.

– Era uma brincadeira. Uma péssima brincadeira. Vá e encontre uma fogueira quente. Pretendo fazer o mesmo. – Puxou as luvas e começou a cruzar o pátio, inclinando-se com dificuldade contra o vento, enquanto seu manto batia e rodopiava atrás dele.

O fosso seco que cercava a Fortaleza de Maegor tinha quase um metro de neve, e as pontas de ferro que se alinhavam nele brilhavam com a geada. O único meio de entrar ou sair de Maegor era cruzando a ponte

levadiça que passava por cima do fosso. Um cavaleiro da Guarda Real estava sempre postado na outra extremidade. Esta noite, o dever havia ficado com Sor Meryn Trant. Com Balon Swann caçando o desonesto cavaleiro Estrela Negra em Dorne, Loras Tyrell gravemente ferido em Pedra do Dragão, e Jaime desaparecido nas terras fluviais, apenas quatro das Espadas Brancas permaneciam em Porto Real, e Sor Kevan jogara Osmund Kettleblack (e seu irmão Osfryd) nos calabouços na mesma hora em que Cersei confessara que tomara os dois homens como amantes. Aquilo deixava apenas Trant, o fraco Boros Blount e o monstro mudo de Qyburn, Robert Forte, para proteger o jovem rei e a família real.

*Preciso encontrar algumas espadas novas para a Guarda Real*. Tommen devia ter sete bons cavaleiros com ele. No passado, a Guarda Real servia a vida toda, mas aquilo não impedira Joffrey de dispensar Sor Barristan Selmy para conseguir um lugar para seu cão, Sandor Clegane. Kevan podia se utilizar desse precedente. *Poderia colocar Lancel em um manto branco*, ele refletiu. *Há mais honra nisso do que ele jamais encontrará nos Filhos do Guerreiro.*

Kevan Lannister pendurou a capa encharcada pela neve dentro de seu solar, tirou as botas e ordenou ao seu servo que buscasse um pouco de lenha fresca para o fogo.

– Uma taça de vinho quente com especiarias também cairia bem– disse, enquanto se acomodava ao lado da lareira. – Providencie isso.

O fogo logo o descongelou, e o vinho aqueceu suas entranhas agradavelmente. Também o deixou com sono, então não ousou tomar outra taça. Seu dia estava longe de acabar. Tinha relatos para ler, cartas para escrever. *E cear com Cersei e o rei*. Sua sobrinha tinha estado subjugada e submissa desde a caminhada de expiação, graças aos deuses. As noviças que a atendiam relatavam que ela passava um terço de suas horas desperta com o filho, outro terço em oração e o resto na banheira. Estava se banhando quatro ou cinco vezes ao dia, esfregando-se com escovas de crina de cavalo e um sabão forte de lixívia, como se pretendesse arrancar a pele.

*Ela nunca mais tirará a mancha, não importa o quão forte se esfregue.* Sor Kevan se lembrava da garota que fora, tão cheia de vida e travessuras. E quando florescera, ahhh... teria havido donzela mais doce de se olhar? *Se Aerys tivesse concordado em casá-la com Rhaegar,*

*quantas mortes poderiam ter sido evitadas?* Cersei poderia ter dado ao príncipe os filhos que ele queria, leões com olhos púrpura e jubas prateadas... e, com tal esposa, Rhaegar nunca teria olhado duas vezes para Lyanna Stark. A garota nortenha tinha uma beleza selvagem, ele se lembrava, mas por mais brilhante que uma tocha queimasse, nunca corresponderia ao sol nascente.

Mas de nada adiantava cismar com batalhas perdidas e trilhas não percorridas. Isso era um vício de velhos homens feitos. Rhaegar havia se casado com Elia de Dorne, Lyanna Stark morrera, Robert Baratheon tomara Cersei como noiva, e aqui estavam eles. E esta noite, seu próprio caminho o levaria para os aposentos da sobrinha, e cara a cara com Cersei.

*Não tenho motivos para me sentir culpado*, Sor Kevan disse para si mesmo. *Tywin entenderia isso, certamente. Foi sua filha quem trouxe a vergonha para nosso nome, não eu. O que eu fiz foi para o bem da Casa Lannister.*

Não era como se seu irmão nunca tivesse feito isso. Nos últimos anos de vida do pai deles, depois que a mãe morrera, o velho Lorde Tytos tomara a formosa filha de um fabricante de velas como amante. Não era incomum que um senhor viúvo mantivesse uma garota do povo para aquecer sua cama... mas Lorde Tytos logo começara a sentar a mulher ao lado dele no salão, a cobri-la com presentes e honras, e até mesmo perguntava sua opinião em assuntos de estado. Em um ano, ela estava dispensando servos, dando ordens nos cavaleiros da casa, chegando a falar por sua senhoria quando ele estava indisposto. Ela ficara tão influente que se dizia, em Lannisporto, que qualquer homem que desejasse que sua petição fosse ouvida deveria se ajoelhar diante dela e falar em voz alta para seu colo... pois as orelhas de Tytos Lannister estavam entre as pernas de sua senhora. Ela até passara a usar as joias da mãe deles.

Isso fora até o dia em que o coração do senhor seu pai estourara no peito enquanto ele subia um lance íngreme de degraus para a cama dela. Todos aqueles que haviam se autointitulado amigos dela e cultivado seus favores a abandonaram rapidamente quando Tywin a deixou despida e a fez desfilar através de Lannisporto até as docas, como uma puta comum. Embora nenhum homem tivesse colocado a mão nela, aquela caminhada

significava o fim de seu poder. Certamente Tywin jamais sonhara que o mesmo destino aguardava sua filha dourada.

– Teve que ser – Sor Kevan murmurou diante do último gole de vinho. Sua Alta Santidade ficara satisfeito. Tommen precisava da Fé ao seu lado nas batalhas que viriam. E Cersei... a menina dourada se transformara em uma mulher vaidosa, tola, gananciosa. Se deixada no governo, teria arruinado Tommen como fizera com Joffrey.

Do lado de fora, o vento aumentava, arranhando as janelas de seus aposentos. Sor Kevan ficou em pé. Hora de encarar a leoa em sua toca. *Arrancamos suas garras. Jaime, no entanto...* Mas, não, não ficaria remoendo isso.

Vestiu um gibão velho e bem cortado, caso sua sobrinha tivesse em mente jogar outra taça de vinho em seu rosto, mas deixou o cinturão da espada pendurado na parte de trás da cadeira. Apenas os cavaleiros da Guarda Real tinham permissão de manter espadas na presença de Tommen.

Sor Boros Blount atendia ao rei menino e sua mãe quando Sor Kevan entrou nos aposentos reais. Blount usava escamas esmaltadas, manto branco e meio-elmo. Não parecia bem. Ultimamente, Boros ficara notavelmente mais pesado no rosto e na barriga, e sua cor não era boa. Estava apoiado contra a parede atrás dele, como se ficar em pé tivesse se tornado um grande esforço.

A refeição foi servida pelas três noviças, garotas bem limpas, de bom nascimento, com idade entre doze e dezesseis anos. Em suas suaves lãs brancas, cada uma parecia mais inocente e irreal do que a anterior, mesmo assim, o Alto Septão insistira que cada garota não passasse mais do que sete dias a serviço da rainha, para que Cersei não as corrompesse. Elas cuidavam do guarda-roupa da rainha, preparavam seu banho, serviam-lhe vinho, mudavam as roupas de cama pela manhã. Uma dividia a cama com a rainha todas as noites, para assegurar-se de que ela não teria outra companhia; as outras duas dormiam no quarto ao lado com a septã que as vigiava.

Uma garota alta como uma cegonha e com o rosto coberto de marcas o escoltou até a presença real. Cersei se levantou quando ele entrou e o beijou suavemente no rosto.

– Querido tio. É tão bom que tenha vindo cear conosco. – A rainha estava vestida tão modestamente quanto qualquer matrona, em um vestido marrom-escuro abotoado até o pescoço e um manto com capuz verde que cobria sua cabeça raspada. *Antes da caminhada, ela teria ostentado a calvície embaixo de uma coroa.* – Venha se sentar – ela disse. – Gostaria de vinho?

– Uma taça. – Ele se sentou, ainda cauteloso.

Uma noviça sardenta encheu as taças com vinho quente com especiarias.

– Tommen me disse que Lorde Tyrell pretende reconstruir a Torre da Mão – comentou Cersei.

Sor Kevan assentiu.

– A nova torre será duas vezes mais alta que aquela que você queimou, ele diz.

Cersei deu uma risada gutural.

– Longas lanças, altas torres... Lorde Tyrell está insinuando alguma coisa?

Aquilo o fez sorrir. *É bom que ela ainda se lembre de como rir*. Quando perguntou se ela tinha tudo o que precisava, a rainha respondeu:

– Estou bem servida. As garotas são doces, e a boa septã se assegura de que eu diga minhas orações. Mas, uma vez que minha inocência seja provada, me deixaria satisfeita se Taena Merryweather pudesse me atender novamente. Ela traria o filho à corte. Tommen precisa de outro garoto com ele, amigos de nascimento nobre.

Era um pedido modesto. Sor Kevan não via nenhuma razão pela qual não pudesse ser concedido. Ele mesmo podia adotar o menino Merryweather, enquanto a Senhora Taena acompanhava Cersei de volta a Rochedo Casterly.

– Eu a buscarei após o julgamento – prometeu.

A ceia começou com carne e sopa de aveia, seguidas por um par de codornas e um assado no espeto de quase noventa centímetros de comprimento, com nabos, cogumelos, e diversos pães quentes e manteiga. Sor Boros provava cada prato que era enviado antes do rei. Um dever humilhante para um cavaleiro da Guarda Real, mas talvez tudo o que Blount fosse capaz de fazer naqueles dias... e sábio, depois da maneira como o irmão de Tommen morrera.

O rei parecia mais feliz do que Kevan Lannister vira durante muito tempo. Da sopa ao doce, Tommen balbuciou sobre as façanhas de seus filhotes, enquanto os alimentava com pedaços do espeto tirados de seu prato real.

– O gato mau estava do lado de fora da minha janela noite passada – contou para Kevan a determinada altura –, mas Sor Salto sibilou para ele e ele fugiu pelo telhado.

– O gato mau? – Sor Kevan disse, divertido. *Ele é um menino doce.*

– Um velho gato preto com uma orelha rasgada – Cersei contou para ele. – Uma coisa imunda e mal-humorada. Arranhou a mão de Joff uma vez. – Ela fez uma careta. – Os gatos mantêm os ratos afastados, eu sei, mas esse aí... ele é conhecido por atacar os corvos no viveiro.

– Pedirei para os caçadores de ratos colocarem uma armadilha para ele. – Sor Kevan não se lembrava de ter visto a sobrinha tão tranquila, tão submissa, tão reservada. Tudo para o bem, ele supôs. Mas aquilo também o deixava triste. *Seu fogo está apagado, ela que costumava queimar tão radiante*. – Você não me perguntou sobre seu irmão – disse, enquanto esperavam pelos bolos de creme. Bolos de creme eram os favoritos do rei.

Cersei ergueu o queixo, os olhos verdes brilhando sob a luz das velas.

– Jaime? Você teve notícias?

– Nenhuma. Cersei, você precisa se preparar para...

– Se ele estivesse morto, eu saberia. Viemos para este mundo juntos, Tio. Ele não partiria sem mim. – Ela tomou um gole de vinho. – Tyrion pode partir quando desejar. Tampouco teve notícias dele, suponho.

– Ninguém tentou nos vender a cabeça de um anão ultimamente, não.

Ela assentiu.

– Tio, posso lhe fazer uma pergunta?

– O que quiser.

– Sua esposa... pretende trazê-la à corte?

– Não. – Dorna era uma alma gentil, nunca à vontade, exceto em casa, com amigos e parentes ao redor dela. Cuidara bem de seus filhos, sonhava em ter netos, rezava sete vezes ao dia, amava bordados e flores. Em Porto Real, seria tão feliz quanto um dos gatinhos de Tommen em um poço de víboras. – A senhora minha esposa não gosta de viagens. O lugar dela é em Lannisporto.

– É sábia a mulher que conhece seu lugar.

Ele não gostou de como aquilo soou.

– Explique o que quer dizer.

– Eu pensei que soubesse. – Cersei pegou sua taça. A garota sardenta a encheu novamente. Os bolos de creme apareceram, então, e a conversa tomou um rumo mais leve. Apenas depois que Tommen e seus gatinhos foram escoltados até o quarto de dormir real por Sor Boros, a conversa deles se voltou para o julgamento da rainha.

– Os irmãos de Osney não ficarão de braços cruzados vendo-o morrer – Cersei o advertiu.

– Nem esperava que ficassem. Tenho os dois presos.

Aquilo pareceu surpreendê-la.

– Por qual crime?

– Fornicação com a rainha. Sua Alta Santidade diz que você confessou ter dormido com ambos. Você se esqueceu?

O rosto dela corou.

– Não. O que fará com eles?

– A Muralha, se admitirem sua culpa. Se a negarem, podem encarar Sor Robert. Tais homens nunca deviam ter sido erguidos tão alto.

Cersei abaixou a cabeça.

– Eu... eu os julguei mal.

– Você julgou mal bons homens também, pelo que parece.

Ele teria mais a comentar, mas a noviça de cabelos escuros e rosto redondo voltou para dizer:

– Meu senhor, minha senhora, sinto interromper, mas há um rapaz lá embaixo. O Grande Meistre Pycelle implora o favor da presença do Senhor Regente imediatamente.

*Asas escuras, palavras escuras*, Sor Kevan pensou. *Será que Ponta Tempestade caiu? Ou será que as notícias são de Bolton, no Norte?*

– Podem ser notícias de Jaime – a rainha falou.

Só havia um jeito de saber. Sor Kevan se levantou.

– Por favor, me dê licença. – Antes de sair, apoiou-se em um joelho e beijou a sobrinha na mão. Se seu gigante silencioso falhasse, aquele poderia ser o último beijo que ela receberia.

O mensageiro era um garoto de oito ou nove anos, tão empacotado em pele que parecia um filhote de urso. Trant o deixara esperando na ponte

levadiça em vez de admiti-lo no Maegor.

– Vá procurar uma fogueira, rapaz – Sor Kevan disse para ele, colocando uma moeda de um dinheiro em sua mão. – Conheço o caminho para o viveiro bem o bastante.

A neve finalmente parara de cair. Atrás de um véu de nuvens esfarrapadas, uma lua cheia flutuava gorda como uma bola de neve. As estrelas brilhavam frias e distantes. Enquanto Sor Kevan seguia pela ala interna, o castelo parecia um lugar estranho, onde em cada fortaleza e torre haviam crescido dentes congelados, e todos os caminhos familiares haviam desaparecido sob um lençol branco. Um pingente longo como uma lança caiu para se espatifar a seus pés. *Outono em Porto Real*, ele meditou. *Como deve ser na Muralha?*

A porta foi aberta por uma serva, uma coisa magrela em uma túnica forrada de pele grande demais para ela. Sor Kevan sacudiu a neve de suas botas, tirou o manto e entregou-o à garota.

– O grande meistre está me esperando – anunciou. A menina acenou com a cabeça, solene e silenciosa, e apontou para os degraus.

Os aposentos de Pycelle ficavam embaixo do viveiro, um espaçoso conjunto de quartos cheios de prateleiras de ervas e pomadas, e estantes repletas de livros e pergaminhos. Sor Kevan sempre achara o local desconfortavelmente quente. Não nessa noite. Uma vez atravessada a porta do aposento, o frio era palpável. Cinza negra e brasas morrendo era tudo o que restava de uma fogueira. Algumas velas tremeluzindo lançavam luzes fracas aqui e ali.

O resto estava envolto em sombras... exceto sob a janela aberta, onde nuvens de cristais de gelo brilhavam à luz da lua, rodopiando ao vento. No banco sob a janela, um corvo perambulava, claro, imenso, com as penas eriçadas. Era o maior corvo que Kevan Lannister já vira. Maior do que qualquer falcão de caça em Rochedo Casterly, maior do que a maior coruja. Neve soprada pelo vento dançava ao redor dele, e a lua o pintava de prateado.

*Não prateado. Branco. O pássaro é branco.*

Os corvos brancos da Cidadela não carregavam mensagens, como seus primos escuros faziam. Quando deixavam Vilavelha, era apenas com um propósito: anunciar a mudança da estação.

– Inverno – disse Sor Kevan. A palavra formou uma névoa branca no ar. Deu as costas para a janela.

Então algo o acertou no peito entre as costelas, duro como o punho de um gigante. Aquilo o fez perder o ar e o fez cambalear para trás. O corvo branco saiu voando, as asas claras batendo sobre sua cabeça. Sor Kevan meio sentou e meio caiu no banco sob a janela. *O que... quem...* Uma seta estava afundada quase até a altura das penas em seu peito. *Não. Não, foi assim que meu irmão morreu*. Sangue escorria em volta da haste.

– Pycelle – murmurou, confuso. – Ajude-me... eu...

Então ele viu. O Grande Meistre Pycelle estava sentado em sua mesa, a cabeça apoiada em um grande tomo encadernado de couro diante dele. *Dormindo*, Kevan pensou... até que piscou e viu o profundo corte vermelho no crânio sarapintado do velho, e o sangue empoçado sob sua cabeça, manchando as páginas do livro. Ao redor de sua vela havia pedaços de ossos e cérebro, ilhas em um lago de cera derretida.

*Ele queria guardas*, Sor Kevan pensou. *Eu devia ter enviado guardas para ele.* Poderia Cersei estar certa o tempo todo? Isso seria trabalho de seu sobrinho?

– Tyrion – chamou. – Onde...?

– Muito longe – uma voz meio familiar respondeu.

Ele estava parado na sombra de uma estante de livros, gordo, rosto pálido, ombros redondos, segurando uma besta nas suaves mãos empoadas. Chinelos de seda envolviam seus pés.

– Varys?

O eunuco abaixou a besta.

– Sor Kevan. Perdoe-me, se puder. Não lhe tenho nenhum ressentimento. Isso não foi feito com malícia. Foi pelo reino. Pelas crianças.

*Eu tenho crianças. Tenho uma esposa. Oh, Dorna*. A dor o encobriu. Fechou os olhos e os abriu novamente.

– Há... Há centenas de guardas Lannister neste castelo.

– Mas nenhum neste quarto, felizmente. Isso me dói, meu senhor. Você não merece morrer sozinho em uma noite escura e fria como esta. Há muitos como você, bons homens a serviço de causas más... mas você estava tramando para desfazer todo o bom trabalho da rainha, queria

reconciliar Jardim de Cima e Rochedo Casterly, ligar a Fé ao seu pequeno rei, unir os Sete Reinos sob o governo de Tommen. Então...

Uma rajada de vento soprou. Sor Kevan tremeu violentamente.

– Está com frio, meu senhor? – perguntou Varys. – Perdoe-me. O Grande Meistre se sujou enquanto morria, e o fedor estava tão abominável que pensei que fosse asfixiar.

Sor Kevan tentou se levantar, mas sua força o deixara. Não conseguia sentir as pernas.

– Achei a besta adequada. Você partilhou tanto com Lorde Tywin, por que não isso? Sua sobrinha pensará que os Tyrell o assassinaram, talvez com a conivência do Duende. Os Tyrell suspeitarão dela. Alguém, de alguma forma, encontrará uma maneira de culpar os dornenses. Dúvida, divisão e desconfiança vão roer o chão por baixo do seu rei Tommen, enquanto Aegon levanta seu estandarte sobre Ponta Tempestade e os senhores do reino se reúnem em torno dele.

– Aegon? – Por um momento, ele não entendeu. Então se lembrou. Um bebê envolto em um manto carmesim, o tecido manchado com o sangue e o cérebro dele. – Morto. Ele está morto.

– Não. – A voz do eunuco pareceu mais profunda. – Ele está aqui. Aegon tem sido moldado para governar desde antes que pudesse andar. Foi treinado em armas, como convém a um cavaleiro, mas esse não foi o fim de sua educação. Ele lê e escreve, fala diversas línguas, estudou história, leis e poesia. Uma septã o instruiu nos mistérios da Fé desde que teve idade suficiente para entendê-los. Viveu com pescadores, trabalhou com as próprias mãos, nadou em rios, remendou redes e aprendeu a lavar as próprias roupas na necessidade. Ele consegue pescar, cozinhar e curar uma ferida, sabe como é sentir fome, ser caçado, sentir medo. Tommen tem sido ensinado que a realeza é o direito dele. Aegon sabe que a realeza é seu dever, que um rei deve colocar seu povo em primeiro lugar, e viver e governar para eles.

Kevan Lannister tentou gritar... para seus guardas, a esposa, o irmão... mas as palavras não saíram. Sangue escorreu de sua boca. Estremeceu violentamente.

– Sinto muito. – Varys torceu as mãos. – Você está sofrendo, eu sei, e eu aqui continuando a falar como uma velha tola. É tempo de pôr um fim nisso. – O eunuco franziu os lábios e deu um pequeno assobio.

Sor Kevan estava frio como gelo, e cada respiração ofegante enviava uma nova pontada de dor por seu corpo. Ele vislumbrou um movimento, ouviu o som suave de passos de um chinelo se arrastando na pedra. Uma criança saiu de uma poça de escuridão, um garoto pálido em uma túnica esfarrapada, com não mais do que nove ou dez anos. Outro se ergueu de trás da cadeira do grande meistre. A garota que abrira a porta para ele estava ali também. Estavam todos ao redor dele, meia dúzia deles, crianças de rosto branco e olhos escuros, meninos e meninas juntos.

E, em suas mãos, as adagas.

# Westeros

# O Rei Menino

TOMMEN BARATHEON, o Primeiro de seu Nome, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Senhor dos Sete Reinos, um menino de oito anos,

– sua esposa, RAINHA MARGAERY da Casa Tyrell, três vezes casada, duas vezes viúva, acusada de alta traição, mantida cativa no Grande Septo de Baelor,
  – suas damas de companhia e primas, MEGGA, ALLA e ELINOR TYRELL, acusadas de fornicação,
    – o prometido de Elinor, ALYN AMBROSE, escudeiro,
– sua mãe, CERSEI da Casa Lannister, Rainha Viúva, Senhora de Rochedo Casterly, acusada de alta traição, cativa no Grande Septo de Baelor,
– seus irmãos:
  – seu irmão mais velho {REI JOFFREY I BARATHEON}, envenenado durante o banquete de seu casamento,
  – sua irmã mais velha, PRINCESA MYRCELLA BARATHEON, uma garota de nove, protegida do Príncipe Doran Martell em Lançassolar, prometida ao seu filho Trystane,
– seus gatinhos, SOR SALTOS, SENHORA BIGODES e BOTAS,

– seus tios:
  – SOR JAIME LANNISTER, chamado REGICIDA, gêmeo da Rainha Cersei, Senhor Comandante da Guarda Real,
  – TYRION LANNISTER, chamado DUENDE, um anão, acusado e condenado por regicídio e assassinato de familiares,
– seus outros parentes:
  – seu avô {TYWIN LANNISTER}, Senhor de Rochedo Casterly, Protetor do Oeste e Mão do Rei, assassinado na latrina pelo filho Tyrion,
  – seu tio-avô, SOR KEVAN LANNISTER, Senhor Regente e Protetor do Reino, c. Dorna Swyft,
    – seus filhos:
    – SOR LANCEL LANNISTER, cavaleiro da Sagrada Ordem dos Filhos do Guerreiro,
    – {WILLEM}, gêmeo de Martyn, assassinado em Correrrio,
    – Martyn, gêmeo de Willem, um escudeiro,
    – JANEI, uma garota de três anos,
  – sua tia-avó, GENNA LANNISTER, c. Sor Emmon Frey,
    – seus filhos:
    – {SOR CLEOS FREY}, morto por foras da lei,
      – seu filho, SOR TYWIN FREY, chamado TY,
      – seu filho, WILLEM FREY, escudeiro,
    – SOR LYONEL FREY, segundo filho da Senhora Genna,
    – {TION FREY}, escudeiro, assassinado em Correrrio,
    – WALDER FREY, chamado WALDER VERMELHO, pajem em Rochedo Casterly,
  – seu tio-avô, {SOR TYGETT LANNISTER}, c. Darlessa Marbrand,
    – seu filho:
    – TYREK LANNISTER, escudeiro, desaparecido durante os tumultos da comida em Porto Real,
      – SENHORA ERMESANDE HAYFORD, a esposa infanta de Tyrek,
  – seu tio-avô, GERION LANNISTER, perdido no mar,
    – JOY HILL, sua filha bastarda,

– o pequeno conselho do Rei Tommen:
  – SOR KEVAN LANNISTER, Senhor Regente,

– LORDE MACE TYRELL, Mão do Rei,
– GRANDE MEISTRE PYCELLE, conselheiro e curandeiro,
– SOR JAIME LANNISTER, Senhor Comandante da Guarda Real,
– LORDE PAXTER REDWYNE, grande almirante e mestre dos navios,
– QYBURN, meistre que caiu em desgraça e renomado necromante, mestre dos sussurros,

– o antigo pequeno conselho da Rainha Cersei,
– {LORDE GYLES ROSBY}, senhor tesoureiro e mestre da moeda, morto de tosse,
– LORDE ORTON MERRYWEATHER, chefe de justiça e mestre das leis, fugiu para Mesalonga após a prisão da Rainha Cersei,
– AURANE WATERS, o Bastardo de Derivamarca, grande almirante e mestre dos navios, fugiu para o mar com a frota real após a prisão de Cersei,

– a Guarda Real do Rei Tommen:
– SOR JAIME LANNISTER, Senhor Comandante,
– SOR MERYN TRANT,
– SOR BOROS BLOUNT, afastado e depois readmitido,
– SOR BALON SWANN, em Dorne, com a Princesa Myrcella,
– SOR OSMUND KETTLEBLACK,
– SOR LORAS TYRELL, o Cavaleiro das Flores,
– {SOR ARYS OAKHEART}, morto em Dorne,

– a corte de Tommen em Porto Real:
– RAPAZ LUA, bobo real,
– PATE, um garoto de oito anos, castigado no lugar do Rei Tommen,
– ORMOND DE VILAVELHA, harpista real e bardo,
– SOR OSFRYD KETTLEBLACK, irmão de Sor Osmund e Sor Osney, capitão na Patrulha da Cidade,
– NOHO DIMITTIS, enviado do Banco de Ferro de Bravos,
– {SOR GREGOR CLEGANE}, chamado A MONTANHA QUE CAVALGA, morto de um ferimento envenenado,

– RENNIFER LONGWATERS, chefe dos carcereiros de segunda das masmorras da Fortaleza Vermelha,

– os alegados amantes da Rainha Margaery:
  – WAT, cantor apresentando-se como BARDO AZUL, um cativo levado à loucura pela tortura,
  – {HAMISH, O HARPISTA}, cantor idoso, morto no cativeiro,
  – SOR MARK MULLENDORE, que perdeu um macaco e metade do braço na Batalha da Água Negra,
  – SOR TALLAD, chamado O ALTO, SOR LAMBERT TURNBERRY, SOR BAYARD NORCROSS, SOR HUGH CLIFTON,
  – JALABHAR XHO, Príncipe do Vale da Flor Vermelha, exilado das Ilhas do Verão,
  – SOR HORAS REDWYNE, considerado inocente e libertado,
  – SOR HOBBER REDWYNE, considerado inocente e libertado,

– o principal acusador da Rainha Cersei:
  – SOR OSNEY KETTLEBLACK, irmão de Sor Osmund e Sor Osfryd, mantido cativo pela Fé,

– as pessoas da Fé:
  – O ALTO SEPTÃO, Pai dos Fiéis, Voz dos Sete na Terra, um homem velho e frágil,
    – SEPTÃ UNELLA, SEPTÃ MOELLE, SEPTÃ SCOLERA, as carcereiras da rainha,
    – SEPTÃO TORBERT, SEPTÃO RAYNARD, SEPTÃO LUCEON, SEPTÃO OLLIDOR, os Mais Devotos,
    – SEPTÃ AGLANTINE, SEPTÃ HELICENT, servas dos Sete no Grande Septo de Baelor,
    – SOR THEODAN WELLS, chamado THEODAN, O FIEL, comandante piedoso dos Filhos do Guerreiro,
    – os “pardais”, os mais humildes dos homens, ferozes em sua piedade,

– as pessoas de Porto Real:

– CHATAYA, proprietária de um bordel de luxo,
  – ALAYAYA, sua filha,
  – DANCY, MAREI, duas das garotas de Chataya,
– TOBHO MOTT, mestre armeiro,

– senhores das terras da coroa, juramentados ao Trono de Ferro:
  – RENFRED RYKKER, Senhor de Valdocaso,
    – SOR RUFUS LEEK, um cavaleiro de uma perna a seu serviço, castelão no Forte Pardo, em Valdocaso,
  – {TANDA STOKEWORTH}, Senhora de Stokeworth, morreu de uma costela quebrada,
    – sua filha mais velha, {FALYSE}, morta aos gritos nas celas negras,
      – {SOR BALMAN BYRCH}, marido da Senhora Falyse, morto em uma justa,
    – sua filha mais nova, LOLLYS, fraca do juízo, Senhora de Stokeworth,
      – seu filho recém-nascido, TYRION TANNER, de uma centena de pais,
      – seu marido, SOR BRONN DA ÁGUA NEGRA, mercenário transformado em cavaleiro,
    – MEISTRE FRENKEN, a serviço de Stokeworth,

O estandarte do Rei Tommen ostenta o veado coroado dos Baratheon, negro sobre dourado, e o leão dos Lannister, dourado sobre carmesim.

# O Rei na Muralha

STANNIS BARATHEON, o Primeiro de Seu Nome, segundo filho de Lorde Steffon Baratheon e da Senhora Cassana da Casa Estermont, Senhor de Pedra do Dragão, autointitulado Rei de Westeros,

- com o Rei Stannis em Castelo Negro:
  - SENHORA MELISANDRE DE ASSHAI, chamada MULHER VERMELHA, sacerdotisa de R'hllor, o Senhor da Luz,
  - seus cavaleiros e espadas juramentadas:
    - SOR RICHARD HORPE, seu segundo em comando,
    - SOR GODRY FARRING, chamado MATADOR DE GIGANTES,
    - SOR JUSTIN MASSEY,
    - LORDE ROBIN PEASEBURY,
    - LORDE HARWOOD FELL,
    - SOR CLAYTON SUGGS, SOR CORLISS PENNY, homens da rainha e seguidores fervorosos do Senhor da Luz,
    - SOR WILLAM FOXGLOVE, SOR HUMFREY CLIFTON, SOR ORMUND WYLDE, SOR HARYS COBB, cavaleiros,
- seus escudeiros, DEVAN SEAWORTH e BRYEN FARRING,
- seus cativos, MANCE RAYDER, Rei-para-Lá-da-Muralha,

– o filho recém-nascido de Rayder, “o príncipe selvagem”,
  – a ama de leite do menino, GOIVA, uma garota selvagem,
  – o filho recém-nascido de Goiva, “a abominação”, gerado pelo pai dela, {CRASTER},
– em Atalaialeste do Mar:
  – RAINHA SELYSE da Casa Florent, sua esposa,
    – PRINCESA SHIREEN, filha deles, uma garota de onze anos,
      – CARA-MALHADA, o bobo tatuado de Shireen,
    – seu tio, SOR AXELL FLORENT, principal homem da rainha, autointitulado Mão da Rainha,
    – seus cavaleiros e espadas juramentadas, SOR NARBERT GRANDISON, SOR BENETHON SCALES, SOR PATREK DA MONTANHA DO REI, SOR DORDEN, O OBSTINADO, SOR MALEGORN DA LAGOA VERMELHA, SOR LAMBERT WHITEWATER, SOR PERKIN FOLLARD, SOR BRUS BUCKLER,
– SOR DAVOS SEAWORTH, Senhor da Mata de Chuva, Almirante do Mar Estreito e Mão do Rei, chamado CAVALEIRO DAS CEBOLAS,
– SALLADHAR SAAN, de Lys, pirata e mercenário, dono do *Valiriana* e de uma frota de galés,
– TYCHO NESTORIS, emissário do Banco de Ferro de Bravos.

Stannis escolheu para estandarte o coração incandescente do Senhor da Luz – um coração vermelho cercado por chamas laranja sobre fundo amarelo. No interior do coração está o veado coroado da Casa Baratheon, em negro.

# Rei das Ilhas e do Norte

Os Greyjoy de Pyke afirmam descenderem do Rei Cinzento da Era dos Heróis. As lendas dizem que o Rei Cinzento governava o próprio mar e que tinha uma sereia como esposa. Aegon, o Conquistador, encerrou a linhagem do último Rei das Ilhas de Ferro, mas permitiu que os homens de ferro retomassem o antigo costume e escolhessem quem teria a primazia entre eles. O escolhido foi Lorde Vickon Greyjoy de Pyke. O símbolo dos Greyjoy é uma lula gigante dourada sobre fundo negro. Seu lema é *Nós não semeamos*.

EURON GREYJOY, o Terceiro de Seu Nome desde o Rei Cinzento, Rei das Ilhas de Ferro e do Norte, Rei do Sal e da Rocha, Filho do Vento Marinho e Senhor Ceifeiro de Pyke, capitão do *Silêncio*, chamado OLHO DE CORVO,

– seu irmão mais velho, {BALON}, Rei das Ilhas de Ferro e do Norte, o Nono de Seu Nome desde o Rei Cinzento, morto em uma queda,

– SENHORA ALANNYS da Casa Harlaw, viúva de Balon,

– seus filhos:

– {RODRIK}, assassinado durante a primeira rebelião de Balon,

– {MARON}, assassinado durante a primeira rebelião de Balon,
– ASHA, capitã do *Vento Negro* e conquistadora do Bosque Profundo, c. Erik Ironmaker,
– THEON, chamado pelos nortenhos de THEON VIRA-CASACA, cativo no Forte do Pavor,

– seu irmão mais novo, VICTARION, Senhor Capitão da Frota de Ferro, mestre do *Vitória de Ferro*,
– seu irmão caçula, AERON, chamado CABELO-MOLHADO, sacerdote do Deus Afogado,
– seus capitães e espadas juramentadas:
  – TORWOLD DENTE-CASTANHO, JON CARA-SUMIDA MYRE, RODRIK FREEBORN, O REMADOR VERMELHO, LUCAS MÃO-ESQUERDA CODD, QUELLON HUMBLE, HARREN MEIO-HOARE, KEMMETT PYKE, O BASTARDO, QARL, O SERVO, MÃO DE PEDRA, RALF, O PASTOR, RALF DE FIDALPORTO,

– sua tripulação:
  – {CRAGORN}, que soprou o berrante do inferno e morreu,

– seus senhores vassalos:
  – ERIK IRONMAKER, chamado ERIK QUEBRA-BIGORNA e ERIK, O JUSTO, Senhor Intendente nas Ilhas de Ferro, castelão de Pyke, um velho, outrora famoso, c. Asha Greyjoy,
  – senhores de Pyke:
    – GERMUND BOTLEY, Senhor de Fidalporto,
    – WALDON WYNCH, Senhor de Bosque de Ferro,
  – senhores da Velha Wyk:
    – DUNSTAN DRUMM, o Drumm, Senhor da Velha Wyk,
    – NORNE GOODBROTHER, de Pedrasmagada,
    – STONEHOUSE,
  – senhores da Grande Wyk:
    – GOROLD GOODBROTHER, Senhor de Cornartelo,
    – TRISTON FARWYND, Senhor de Ponta de Pelefoca,
    – SPARR,
    – MELDRED MERLYN, Senhor de Seixeira,
  – senhores de Montrasgo:

– ALYN ORKWOOD, chamado ORKWOOD DE MONTRASGO,
– LORDE BALON TAWNEY,
– senhores de Salésia:
– LORDE DONNOR SALTCLIFFE,
– LORDE SUNDERLY,
– senhores de Harlaw:
– RODRIK HARLAW, chamado O LEITOR, Senhor de Harlaw, Senhor das Dez Torres, Harlaw de Harlaw,
– SIGFRYD HARLAW, chamado SIGFRYD CABELO DE PRATA, seu tio-avô, mestre de Solar de Harlaw,
– HOTHO HARLAW, chamado HOTHO CORCUNDA, da Torre Bruxuleante, um primo,
– BOREMUND HARLAW, chamado BOREMUND, O AZUL, mestre em Monte da Bruxa, um primo,
– senhores das ilhas e rochedos menores:
– GYLBERT FARWYND, Senhor da Luz Solitária,

– os conquistadores nascidos no ferro:
– nas Ilhas Escudos:
– ANDRIK, O SISUDO, Senhor de Escudossul,
– NUTE, O BARBEIRO, Senhor de Escudo de Carvalho,
– MARON VOLMARK, Senhor de Escudoverde,
– SOR HARRAS HARLAW, Senhor de Escudocinza, o Cavaleiro dos Jardins Cinzentos,
– em Fosso Cailin:
– RALF KENNING, castelão e comandante,
– ADRACK HUMBLE, sem metade de um braço,
– DAGON CODD, que não se rende a ninguém,
– em Praça Torrhen:
– DAGMER, chamado BOCA-FENDIDA, capitão do *Bebedor de Espuma*,
– em Bosque Profundo:
– ASHA GREYJOY, a filha da lula gigante, capitã do *Vento Negro*,
– seu amante, QARL, O DONZEL, um espadachim,
– seu antigo amante, TRISTIFER BOTLEY, herdeiro de Fidalporto, despojado de suas terras,

– sua tripulação, ROGGON BARBA-ENFERRUJADA, LINGUACRUEL, ROLFE, O ANÃO, LORREN MACHADOLONGO, DEDOS, HARL SEIS DEDOS, DALE OLHO-TORTO, EARL HARLAW, CROMM, HAGEN, O CORNO, e sua bela filha de cabelos vermelhos,
– seu primo, QUENTON GREYJOY,
– seu primo, DAGON GREYJOY, chamado DAGON, O BÊBADO.

# Outras Casas
# Grandes e Pequenas

# Casa Arryn

Os Arryn descendem dos Reis da Montanha e do Vale. Seu símbolo é a lua e o falcão, em branco sobre um campo azul-celeste. A Casa Arryn não tomou parte na Guerra dos Cinco Reis.

ROBERT ARRYN, Senhor do Ninho da Águia, Defensor do Vale, um garoto doentio de oito anos, chamado PASSARINHO,
– sua mãe, {SENHORA LYSA da Casa Tully}, viúva de Jon Arryn, empurrada pela Porta da Lua para a morte,
– seu guardião, PETYR BAELISH, chamado MINDINHO, Senhor de Harrenhal, Senhor Supremo do Tridente e Senhor Protetor do Vale,
  – ALAYNE STONE, filha natural de Lorde Petyr, uma donzela de treze anos, na realidade Sansa Stark,
  – SOR LOTHOR BRUNE, mercenário a serviço de Lorde Petyr, capitão da guarda do Ninho da Águia,
  – OSWELL, homem em armas grisalho a serviço de Lorde Petyr, algumas vezes chamado KETTLEBLACK,
  – SOR SHADRICK DO VALE OBSCURO, chamado O RATO LOUCO, cavaleiro andante a serviço de Lorde Petyr,

– SOR BYRON, O BELO, SOR MORGARTH, O FELIZ, cavaleiros andantes a serviço de Lorde Petyr,
– o pessoal de sua casa:
  – MEISTRE COLEMON, conselheiro, curandeiro e tutor,
  – MORD, carcereiro brutal com dentes de ouro,
  – GRETCHEL, MADDY e MELA, criadas,
  – seus vassalos, os Senhores da Montanha e do Vale:
    – YOHN ROYCE, chamado BRONZE YOHN, Senhor de Pedrarruna,
      – seu filho, SOR ANDAR, herdeiro de Pedrarruna,
    – LORDE NESTOR ROYCE, Supremo Intendente do Vale e castelão dos Portões da Lua,
      – seu filho e herdeiro, SOR ALBAR,
      – sua filha, MYRANDA, chamada RANDA, viúva, mas pouco usada,
      – MIA STONE, filha bastarda do Rei Robert,
    – LYONEL CORBRAY, Senhor de Lar do Coração,
      – SOR LYN CORBRAY, seu irmão, que brande a famosa espada Senhora Desespero,
      – SOR LUCAS CORBRAY, seu irmão caçula,
    – TRISTON SUNDERLAND, Senhor das Três Irmãs,
      – GODRIC BORRELL, Senhor de Doceirmã,
      – ROLLAND LONGTHORPE, Senhor de Longairmã,
      – ALESANDOR TORRENT, Senhor de Pequenairmã,
    – ANYA WAYNWOOD, Senhora de Castelo de Ferrobles,
      – SOR MORTON, seu filho mais velho e herdeiro,
      – SOR DONNEL, o Cavaleiro do Portão Sangrento,
      – WALLACE, seu filho mais novo,
      – HARROLD HARDYNG, seu protegido, um escudeiro frequentemente chamado HARRY, O HERDEIRO,
    – SOR SYMOND TEMPLETON, o Cavaleiro das Nove Estrelas,
    – SOR LYNDERLY, Senhor da Mata de Cobras,
    – EDMUND WAXLEY, o Cavaleiro de Tocalar,
    – GEROLD GRAFTON, Senhor de Vila Gaivota,
    – {EON HUNTER}, Senhor de Solar de Longarco, recentemente falecido,
      – SOR GILWOOD, filho mais velho e herdeiro de Lorde Eon, agora chamado JOVEM LORDE HUNTER,

– SOR EUSTACE, segundo filho de Lorde Eon,
– SOR HARLAN, filho caçula de Lorde Eon,
– o pessoal da casa do Jovem Lorde Hunter:
– MEISTRE WILLAMEN, conselheiro, curandeiro, tutor,
– HORTON REDFORT, Senhor de Fortencarnado, três vezes casado,
– SOR JASPER, SOR CREIGHTON, SOR JON, seus filhos,
– SOR MYCHEL, seu filho caçula, recém-sagrado cavaleiro, c. Ysilla Royce de Pedrarruna,
– BENEDAR BELMORE, Senhor de Cantoforte,
– chefes de clãs das Montanhas da Lua:
– SHAGGA, FILHO DE DOLF, DOS CORVOS DE PEDRA, atualmente liderando um bando na mata de rei,
– TIMETT, FILHO DE TIMETT, DOS HOMENS QUEIMADOS,
– CHELLA, FILHA DE CHEYK, DOS ORELHAS NEGRAS,
– CRAWN, FILHO DE CALOR, DOS IRMÃOS DA LUA.

O lema dos Arryn é *Tão Alto Como a Honra.*

# Casa Baratheon

A mais nova das Grandes Casas, a Casa Baratheon surgiu durante a Guerra da Conquista quando Orys Baratheon, que rumores diziam ser irmão bastardo de Aegon, o Conquistador, derrotou e matou Argilac, o Arrogante, o último Rei da Tempestade. Aegon o recompensou com os castelos, as terras e a filha de Argilac. Orys tomou a garota como noiva e adotou o estandarte, as honras e o lema da linhagem dela.
Em 283 depois da Conquista de Aegon, Robert da Casa Baratheon, Senhor de Ponta Tempestade, derrubou o Rei Louco, Aerys II Targaryen, e assumiu o Trono de Ferro. Sua reivindicação à coroa derivava de sua avó, filha do Rei Aegon V Targaryen, embora Robert preferisse dizer que seu martelo de guerra era sua reivindicação.

{ROBERT BARATHEON}, o Primeiro de Seu Nome, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Senhor dos Sete Reinos e Protetor do Reino, morto por um javali,
– sua esposa, RAINHA CERSEI da Casa Lannister,
– seus filhos:

– {REI JOFFREY BARATHEON}, o Primeiro de Seu Nome, assassinado em seu banquete de casamento,
– PRINCESA MYRCELLA, protegida em Lançassolar, prometida ao Príncipe Trystane Martell,
– REI TOMMEN BARATHEON, o Primeiro de Seu Nome,
– seus irmãos:
– STANNIS BARATHEON, rebelde, Senhor de Pedra do Dragão e pretendente ao Trono de Ferro,
– sua filha SHIREEN, uma garota de onze anos,
– {RENLY BARATHEON}, rebelde, Senhor de Ponta Tempestade e pretendente ao Trono de Ferro, assassinado em Ponta Tempestade, no meio de seu exército,
– seus filhos bastardos:
– MYA STONE, donzela de dezenove anos, a serviço de Lorde Nestor Royce, nos Portões da Lua,
– GENDRY, fora da lei nas terras fluviais, ignorante de sua ascendência,
– EDRIC STORM, seu filho bastardo reconhecido com a Senhora Delena da Casa Florent, escondido em Lys,
– SOR ANDREW ESTERMONT, seu primo e guardião,
– seus guardas e protetores:
– SOR GERALD GOWER, LEWYS, chamado PEIXEIRA, SOR TRISTON DE MONTE DA TALHA, OMER BLACKBERRY,
– {BARRA}, sua filha bastarda com uma prostituta em Porto Real, morta por ordem de sua viúva,

– seus outros parentes:
– seu tio-avô, SOR ELDON ESTERMONT, Senhor de Pedraverde,
– seu primo, SOR AEMON ESTERMONT, filho de Eldon,
– seu primo, SOR ALYN ESTERMONT, filho de Aemon,
– seu primo, SOR LOMAS ESTERMONT, filho de Eldon,
– seu primo, SOR ANDREW ESTERMONT, filho de Lomas,

– vassalos juramentados a Ponta Tempestade, os senhores da tempestade:

– DAVOS SEAWORTH, Senhor de Mata da Chuva, Almirante do Mar Estreito e Mão do Rei,
  – sua esposa, MARYA, a filha de um carpinteiro,
    – seus filhos, {DALE, ALLARD, MATTHOS, MARIC}, mortos na Batalha da Água Negra,
    – o filho deles, DEVAN, escudeiro do Rei Stannis,
    – seus filhos, STANNIS e STEFFON,
– SOR GILBERT FARRING, castelão em Ponta Tempestade,
  – seu filho, BRYEN, escudeiro do Rei Stannis,
  – seu primo, SOR GODRY FARRING, chamado MATADOR DE GIGANTES,
– ELWOOD MEADOWS, Senhor da Fortaleza da Campina, senescal em Ponta Tempestade,
– SELWYN TARTH, chamado ESTRELA DA TARDE, Senhor de Tarth,
  – sua filha, BRIENNE, A DONZELA DE TARTH, também chamada BRIENNE, A BELA,
    – seu escudeiro, PODRICK PAYNE, um garoto de dez anos,
– SOR RONNET CONNINGTON, chamado RONNET VERMELHO, o Cavaleiro de Poleiro do Grifo,
  – seus irmãos mais novos, RAYMUND e ALYNNE,
  – seu filho bastardo, RONALD STORM,
  – seu primo, JON CONNINGTON, antigamente Senhor de Ponta Tempestade e Mão do Rei, exilado por Aerys II Targaryen, provavelmente morto pela bebida,
– LESTER MORRIGEN, Senhor do Ninho dos Corvos,
  – seu irmão e herdeiro, SOR RICHARD MORRIGEN,
  – seu irmão, {SOR GUYARD MORRIGEN, chamado GUYARD, O VERDE}, assassinado na Batalha da Água Negra,
– ARSTAN SELMY, Senhor de Solar da Colheita,
  – seu tio-avô, SOR BARRISTAN SELMY,
– CASPER WYLDE, Senhor de Casais de Chuva,
  – seu tio, SOR ORMUND WYLDE, um cavaleiro idoso,
– HARWOOD FELL, Senhor de Matacaída,
– HUGH GRANDISON, chamado BARBACINZENTA, Senhor de Vistagrande,
– SEBASTION ERROL, Senhor de Solar de Montefeno,
– CLIFFORD SWANN, Senhor de Pedrelmo,

– BERIC DONDARRION, Senhor de Portonegro, chamado O SENHOR DO RELÂMPAGO, um fora da lei nas terras fluviais, frequentemente assassinado e agora dado como morto,
– {BRYCE CARON}, Senhor de Nocticanga, assassinado por Sor Philip Foote na Água Negra,
  – seu assassino, SOR PHILIP FOOTE, um cavaleiro de um olho só, Senhor de Nocticanga,
  – seu meio-irmão de baixo nascimento, SOR ROLLAND STORM, chamado O BASTARDO DE NOCTICANGA, pretendente a Senhor de Nocticanga,
– ROBIN PEASEBURY, Senhor de Campovagem,
– MARY MERTYNS, Senhora de Matabruma,
– RALPH BUCKER, Senhor de Portabronze,
  – seu primo, SOR BRUS BUCKER.

O símbolo dos Baratheon é um veado coroado, negro, em fundo dourado. Seu lema é *Nossa É a Fúria*.

# Casa Frey

Os Frey são vassalos da Casa Tully, mas nem sempre foram diligentes em desempenhar seu dever. Ao rebentar a Guerra dos Cinco Reis, Robb Stark conquistou a aliança de Lorde Walder com a promessa de desposar uma de suas filhas ou netas. Quando, em vez disso, se casou com a Senhora Jeyne Westerling, os Frey conspiraram com Roose Bolton e assassinaram o Jovem Lobo e seus seguidores no que ficou conhecido como Casamento Vermelho.

WALDER FREY, Senhor da Travessia,
– de sua primeira esposa, {SENHORA PERRA, da Casa Royce}:
  – {SOR STEVRON FREY}, morto após a Batalha de Cruzaboi,
  – SOR EMMON FREY, seu segundo filho,
  – SOR AENYS FREY, liderando as forças Frey no Norte,
    – o filho de Aenys, AEGON NASCIDO EM SANGUE, um fora da lei,
    – o filho de Aenys, RHAEGAR, um enviado a Porto Branco,
  – PERRIANE, sua filha mais velha, c. Sor Leslyn Haigh,

– de sua segunda esposa, {SENHORA CYRENA, da Casa Swann}:
– SOR JARED FREY, um enviado a Porto Branco,
– SEPTÃO LUCEON, seu quinto filho,

– de sua terceira esposa, {SENHORA AMAREI da Casa Crakehall}:
– SOR HOSTEEN FREY, cavaleiro de grande reputação,
– LYENTHE, sua segunda filha, c. Lorde Lucias Vypren,
– SYMOND FREY, seu sétimo filho, contador de moedas, um enviado a Porto Branco,
– SOR DANWELL FREY, seu oitavo filho,
– {MERRETT FREY}, seu nono filho, enforcado em Pedravelhas,
– a filha de Merrett, WALDA, chamada WALDA GORDA, c. Roose Bolton, Senhor de Forte do Pavor,
– o filho de Merrett, WALDER, chamado PEQUENO WALDER, oito anos, escudeiro a serviço de Ramsay Bolton,
– {SOR GEREMY FREY}, seu décimo filho, afogado,
– SOR RAYMUND FREY, seu décimo primeiro filho,
– de sua quarta esposa, {SENHORA ALYSSA, da Casa Blackwood}:
– LOTHAR FREY, seu décimo segundo filho, chamado LOTHAR COXO,
– SOR JAMMOS FREY, seu décimo terceiro filho,
– o filho de Jammos, WALDER, chamado GRANDE WALDER, oito anos, escudeiro a serviço de Ramsay Bolton,
– SOR WHALEN FREY, seu décimo quarto filho,
– MORYA, sua terceira filha, c. Sor Flement Brax,
– TYTA, sua quarta filha, chamada TYTA, A DONZELA,
– de sua quinta esposa, {SENHORA SARYA, da Casa Whent}:
– nenhuma prole,
– de sua sexta esposa, {SENHORA BETHANY, da Casa Rosby}:
– SOR PERWYN FREY, seu décimo quinto filho,
– {SOR BENFREY FREY}, seu décimo sexto filho, morto de um ferimento recebido no Casamento Vermelho,
– MEISTRE WILLAMEN, seu décimo sétimo filho, a serviço em Solar de Longarcom
– OLYVAR FREY, seu décimo oitavo filho, antigo escudeiro de Robb Stark,

– ROSLIN, sua quinta filha, c. Lorde Edmure Tully no Casamento Vermelho, grávida do filho dele,

– de sua sétima esposa, {SENHORA ANNARA, da Casa Farring}:
– ARWYN, sua sexta filha, uma donzela de catorze anos,
– WENDEL, seu décimo nono filho, um pajem em Guardamar,
– COLMAR, seu vigésimo filho, onze anos e prometido à Fé,
– WALTYR, chamado TYR, seu vigésimo primeiro filho, dez anos,
– ELMAR, seu vigésimo segundo filho e último filho varão nascido, um garoto de nove anos, por um breve período prometido a Arya Stark,
– SHIREI, sua sétima e mais nova filha, uma garota de sete anos,
– sua oitava esposa, SENHORA JOYEUSE da Casa Erenford,
  – atualmente grávida,
– filhos ilegítimos de Lorde Walder, de mães diversas:
  – WALDER RIVERS, chamado WALDER BASTARDO,
  – MEISTRE MELWYS, a serviço em Rosby,
  – JEYNE RIVERS, MARTYN RIVERS, RYGER RIVERS, RONEL RIVERS, MELLARA RIVERS e outros.

# Casa Lannister

Os Lannister de Rochedo Casterly permanecem o principal apoio da pretensão do Rei Tommen ao Trono de Ferro. Orgulham-se de descender de Lann, o Esperto, o lendário trapaceiro da Era dos Heróis. O ouro de Rochedo Casterly e de Dente Dourado fez dela a mais rica das Grandes Casas. O símbolo dos Lannister é um leão dourado sobre campo carmesim. Seu lema é *Ouçam-me Rugir!*

{TYWIN LANNISTER}, Senhor de Rochedo Casterly, Escudo de Lannisporto, Protetor do Oeste e Mão do Rei, assassinado pelo filho anão em sua latrina,

– os filhos de Lorde Tywin:

  – CERSEI, gêmea de Jaime, viúva do Rei Robert I Baratheon, prisioneira no Grande Septo de Baelor,

  – SOR JAIME, gêmeo de Cersei, chamado REGICIDA, Senhor Comandante da Guarda Real,

    – seus escudeiros, JOSMYN PECKLEDON, GARRETT PAEGE, LEW PIPER,

    – SOR ILYN PAYNE, um cavaleiro sem língua, ultimamente Justiça do Rei e carrasco,

– SOR RONNET CONNINGTON, chamado RONNET VERMELHO, o Cavaleiro de Poleiro do Grifo, enviado para Lagoa da Donzela com um prisioneiro,
– SOR ADDAM MARBRAND, SOR FLEMENT BRAX, SOR ALYN STACKSPEAR, SOR STEFFON SWYFT, SOR HUMFREY SWYFT, SOR LYLE CRAKEHALL, chamado VARRÃO FORTE, SOR JON BETTLEY, chamado JON SEMBARBA, cavaleiros servindo com as tropas de Sor Jaime em Correrrio,
– TYRION, chamado DUENDE, anão e assassino de parentes, fugitivo no exílio do outro lado do mar estreito,

– o pessoal de sua casa em Rochedo Casterly:
– MEISTRE CREYLEN, curandeiro, tutor e conselheiro,
– VYLLAR, capitão dos guardas,
– SOR BENEDICT BROOM, mestre em armas,
– WAT RISO-BRANCO, um cantor,

– os irmãos de Lorde Tywin e seus respectivos descendentes:
– SOR KEVAN LANNISTER, c. Dorna da Casa Swyft,
– SENHORA GENNA, c. Sor Emmon Frey, atual Senhor de Correrrio,
– o filho mais velho de Genna, {SOR CLEOS FREY}, c. Jeyne da Casa Darry, morto por foras da lei,
– o filho mais velho de Cleos, SOR TYWIN FREY, chamado TY, atual herdeiro de Correrrio,
– segundo filho de Cleos, WILLEM FREY, um escudeiro,
– os filhos mais novos de Genna, SOR LYONEL FREY, {TION FREY}, WALDER FREY, chamado WALDER VERMELHO,
– {SOR TYGETT LANNISTER}, morto de varíola,
– TYREK, filho de Tygett, desaparecido e julgado morto,
– SENHORA ERMESANDE HAYFORD, esposa infanta de Tyrek,
– {GERION LANNISTER}, perdido no mar,
– JOY HILL, filha bastarda de Gerion, onze anos de idade,

– outros parentes próximos de Lorde Tywin:
– {SOR STAFFORD LANNISTER}, primo e irmão da esposa de Lorde Tywin, assassinado na Batalha de Cruzaboi,

– CERENNA e MYRIELLE, filhas de Stafford,
– SOR DAVEN LANNISTER, filho de Stafford,
– SOR DAMION LANNISTER, um primo, c. Senhora Shiera Crakehall,
– o filho deles, SOR LUCION,
– a filha deles, LANNA, c. Lorde Antario Jast,
– SENHORA MARGOT, uma prima, c. Lorde Titus Peake,

– vassalos e espadas juramentadas, Senhores do Oeste:
– DAMON MARBRAND, Senhor de Cinzamarca,
– ROLAND CRAKEHALL, Senhor de Paço de Codorniz,
– SEBASTON FARMAN, Senhor da Ilha Leal,
– TYTOS BRAX, Senhor de Valcorno,
– QUENTEN BANEFORT, Senhor de Forte Ruína,
– SOR HARYS SWYFT, sogro de Sor Kevan Lannister,
– REGENARD ESTREN, Senhor de Vieleira,
– GAWEN WESTERLING, Senhor do Despenhadeiro,
– LORDE SELMOND STACKSPEAR,
– TERRENCE KENNING, Senhor de Kayce,
– LORDE ANTARIO JAST,
– LORDE ROBIN MORELAND,
– SENHORA ALYSANNE LEFFORD,
– LEWYS LYDDEN, Senhor de Toca Funda,
– LORDE PHILIP PLUMM,
– LORDE GARRISON PRESTER,
– SOR LORENT LORCH, cavaleiro com terras,
– SOR GARTH GREENFIELD, cavaleiro com terras,
– SOR LYMOND VIKARY, cavaleiro com terras,
– SOR RAYNARD RUTTIGER, cavaleiro com terras,
– SOR MANFRYD YEW, cavaleiro com terras,
– SOR TYBOLT HETHERSPOON, cavaleiro com terras.

# Casa Martell

Dorne foi o último dos Sete Reinos a jurar lealdade ao Trono de Ferro. Sangue, costumes, geografia e história, tudo ajuda a manter os dornenses à parte dos outros reinos. Quando rebentou a Guerra dos Cinco Reis, Dorne não tomou partido, mas quando Myrcella Baratheon foi prometida ao Príncipe Trystane, Lançassolar declarou seu apoio ao Rei Tommen. O estandarte dos Martell é um sol vermelho trespassado por uma lança dourada. Seu lema é: *Insubmissos, Não Curvados, Não Quebrados*.

DORAN NYMEROS MARTELL, Senhor de Lançassolar, Príncipe de Dorne,
– sua esposa, MELLARIO, da Cidade Livre de Norvos,
– seus filhos:
  – PRINCESA ARIANNE, herdeira de Lançassolar,
  – PRÍNCIPE QUENTYN, cavaleiro recém-sagrado, educado em Paloferro,
  – PRÍNCIPE TRYSTANE, prometido a Myrcella Baratheon,
    – SOR GASCOYNE DO SANGUEVERDE, seu escudo juramentado,
– seus irmãos:
  – {PRINCESA ELIA}, estuprada e assassinada durante o Saque de Porto Real,

– sua filha, {RHAENYS TARGARYEN}, assassinada durante o Saque de Porto Real,
– seu filho, {AEGON TARGARYEN}, um bebê de peito, assassinado durante o saque de Porto Real,
– {PRÍNCIPE OBERYN, chamado VÍBORA VERMELHA}, assassinado por Sor Gregor Clegane durante um julgamento por combate,
– sua amante, ELLARIA SAND, filha ilegítima de Lorde Harmen Uller,
– suas filhas bastardas, as SERPENTES DE AREIA:
– OBARA, sua filha com uma prostituta de Vilavelha,
– NYMERIA, chamada SENHORA NYM, sua filha com uma nobre da Antiga Volantis,
– TYENE, sua filha com uma septã,
– SARELLA, sua filha com uma capitã mercante das Ilhas do Verão,
– ELIA, sua filha com Ellaria Sand,
– OBELLA, sua filha com Ellaria Sand,
– DOREA, sua filha com Ellaria Sand,
– LOREZA, sua filha com Ellaria Sand,

– a corte do Príncipe Doran:
– em Jardim de Águas:
– AREO HOTAH, de Norvos, capitão dos guardas,
– MEISTRE CALEOTTE, conselheiro, curandeiro e tutor,
– em Lançassolar:
– MEISTRE MYLES, conselheiro, curandeiro e tutor,
– RICASSO, senescal, velho e cego,
– SOR MANFREY MARTELL, castelão em Lançassolar,
– SENHORA ALYSE LADYBRIGHRT, senhora tesoureira,

– sua protegida, PRINCESA MYRCELLA BARATHEON, prometida ao Príncipe Trystane,
– seu escudo juramentado, {SOR ARYS OAKHEART}, assassinado por Areo Hotah,
– sua aia e companheira, ROSAMUND LANNISTER, uma prima distante,

– seus vassalos, os Senhores de Dorne:

– ANDERS YRONWOOD, Senhor de Paloferro, Protetor do Caminho de Pedra, o Sangue-Real,
  – YNYS, sua filha mais velha, c. Ryon Allyrion,
  – SOR CLETUS, seu filho e herdeiro,
  – GWYNETH, sua filha mais nova, uma garota de doze anos,
– HARMEN ULLER, Senhor de Toca do Inferno,
– DELONNE ALLYRION, Senhora de Graçadivina,
  – RYON ALLYRION, seu filho e herdeiro,
– DAGOS MANWOODY, Senhor de Tumbarreal,
– LARRA BLACKMONT, Senhora de Monpreto,
– NYMELLA TOLAND, Senhora de Monte Espírito,
– QUENTYN QORGYLE, Senhor de Arenito,
– SOR DEZIEL DALT, o Cavaleiro de Limoeiros,
– FRANKLYN FOWLER, Senhor de Alcanceleste, chamado O VELHO FALCÃO, Protetor do Passo do Príncipe,
– SOR SYMON SANTAGAR, o Cavaleiro de Matamalhada,
– EDRIC DAYNE, Lorde de Tombastela, um escudeiro,
– TREBOR JORDAYNE, Senhor da Penha,
– TREMOND GARGALEN, Senhor da Costa do Sal,
– DAERON VAITH, Senhor das Dunas Rubras.

# Casa Stark

Os Stark traçam sua ascendência até Brandon, o Construtor, e os Reis do Norte. Por milhares de anos, governaram de Winterfell como Reis do Norte, até que Torrhen Stark, o Rei que Ajoelhou, decidiu jurar fidelidade a Aegon, o Dragão, em vez de lhe dar batalha. Quando Lorde Eddard Stark de Winterfell foi executado pelo Rei Joffrey, os nortenhos renunciaram sua lealdade ao Trono de Ferro e proclamaram o filho de Lorde Eddard, Robb, como Rei do Norte. Durante a Guerra dos Cinco Reis, ele venceu todas as batalhas, mas foi traído e assassinado pelos Frey e pelos Bolton nas Gêmeas, durante o casamento do tio.

{ROBB STARK}, Rei do Norte, Rei do Tridente, Senhor de Winterfell, chamado JOVEM LOBO, assassinado no Casamento Vermelho,
– {LOBO CINZENTO}, seu lobo gigante, morto no Casamento Vermelho,
– seus irmãos legítimos:
  – SANSA, sua irmã, c. Tyrion da Casa Lannister,
    – {LADY}, sua loba gigante, morta no Castelo de Darry,
  – ARYA, uma garota de onze anos, desaparecida e julgada morta,
    – NYMERIA, sua loba gigante, que vagueia pelas terras fluviais,

– BRANDON, chamado BRAN, um menino aleijado de nove anos, herdeiro de Winterfell, julgado morto,
  – VERÃO, seu lobo gigante,
– RICKON, um menino de quatro anos, julgado morto,
  – CÃO-FELPUDO, seu lobo gigante, negro e selvagem,
  – OSHA, uma mulher selvagem, outrora cativa em Winterfell,
– seu meio-irmão bastardo, JON SNOW, da Patrulha da Noite,
  – FANTASMA, o lobo gigante de Jon, branco e silencioso,
– seus outros parentes:
  – seu tio, BENJEN STARK, Primeiro Patrulheiro da Patrulha da Noite, perdido para lá da Muralha, julgado morto,
  – sua tia, {LYSA ARRYN}, Senhora do Ninho da Águia,
    – seu filho, ROBERT ARRYN, Senhor do Ninho da Águia e Defensor do Vale, um menino doentio,
  – seu tio, EDMURE TULLY, Senhor de Correrrio, tomado como cativo no Casamento Vermelho,
    – SENHORA ROSLIN, da Casa Frey, noiva de Edmure, grávida,
  – seu tio-avô, SOR BRYNDEN TULLY, chamado PEIXE NEGRO, antes castelão em Correrrio, agora um homem caçado,

– vassalos de Winterfell, os Senhores do Norte:
  – JON UMBER, chamado GRANDE-JON, Senhor da Última Lareira, cativo nas Gêmeas,
    – {JON, chamado PEQUENO-JON}, filho mais velho e herdeiro de Grande-Jon, assassinado no Casamento Vermelho,
    – MORS, chamado PAPA CORVOS, tio de Grande-Jon, castelão na Última Lareira,
    – HOTHER, chamado TERROR DAS RAMEIRAS, tio de Grande-Jon, também castelão na Última Lareira,
  – {CLEY CERWYN}, Senhor de Cerwyn, morto em Winterfell,
    – JONELLE, sua irmã, uma donzela de trinta e dois anos,
  – ROOSE BOLTON, Senhor de Forte do Pavor,
    – {DOMERIC}, seu herdeiro, morto por problemas na barriga,
    – WALTON, chamado PERNAS DE AÇO, seu capitão,

– RAMSAY BOLTON, seu filho ilegítimo, chamado BASTARDO DE BOLTON, Senhor de Hornwood,
– WALDER FREY e WALDER FREY, chamados GRANDE WALDER e PEQUENO WALDER, escudeiros de Ramsay,
– BEN OSSOS, mestre dos canis no Forte do Pavor,
– {FEDOR}, um homem em armas famoso por seu mau cheiro, morto ao passar por Ramsay,
– os Rapazes do Bastardo, homens em armas de Ramsay:
– CARALHO AMARELO, DAMON DANCE-PARA-MIM, LUTON, ALYN AZEDO, PELEIRO, GRUNHIDO,

– {RICKARD KARSTARK}, Senhor de Karhold, decapitado pelo Jovem Lobo por assassinar prisioneiros,
– {EDDARD}, seu filho, morto no Bosque dos Murmúrios,
– {TORRHEN}, seu filho, morto no Bosque dos Murmúrios,
– HARRION, seu filho, cativo em Lagoa da Donzela,
– ALYS, sua filha, uma donzela de quinze anos,
– seu tio, ARNOLF, castelão em Karhold,
– CREGAN, filho mais velho de Arnolf,
– ARTHOR, filho mais novo de Arnolf,

– WYMAN MANDERLY, Senhor de Porto Branco, muitíssimo gordo,
– SOR WYLIS MANDERLY, seu filho mais velho e herdeiro, muito gordo, cativo em Harrenhal,
– a esposa de Wylis, LEONA, da Casa Woolfield,
– WYNAFRYD, filha mais velha deles,
– WYLLA, filha mais nova deles,
– {SOR WENDEL MANDERLY}, seu segundo filho, assassinado no Casamento Vermelho,
– SOR MARLON MANDERLY, seu primo, comandante da guarnição em Porto Branco,
– MEISTRE THEOMORE, conselheiro, tutor, curandeiro,
– WEX, um garoto de doze anos, antigamente escudeiro de Theon Greyjoy, mudo,
– SOR BARTIMUS, um velho cavaleiro com uma perna, um olho e frequentemente bêbado, castelão na Toca do Lobo,
– GARTH, carcereiro e carrasco,
– seu machado, SENHORA LU,

– THERRY, um jovem carcereiro,
– MAEGE MORMONT, Senhora da Ilha dos Ursos, a Mulher-Ursa,
– {DACEY}, sua filha mais velha, assassinada no Casamento Vermelho,
– ALYSANE, sua filha, a jovem Mulher-Ursa,
– LYRA, JORELLE, LYANNA, suas filhas mais jovens,
– {JEOR MORMONT}, seu irmão, Senhor Comandante da Patrulha da Noite, assassinado por seus próprios homens,
– SOR JORAH MORMONT, seu filho, exilado,
– HOWLAND REED, Senhor de Atalaia da Água Cinzenta, um cranogmano,
– sua esposa, JYANA, dos cranogmanos,
– seus filhos:
– MEERA, uma jovem caçadora,
– JOJEN, garoto abençoado com a visão verde,
– GARBART GLOVER, Mestre em Bosque Profundo, solteiro,
– ROBETT GLOVER, seu irmão e herdeiro,
– a esposa de Robett, SYBELLE, da Casa Locke,
– BENJICOT BRANCH, NED SEM-NARIZ WOODS, homens da Matadelobos juramentados a Bosque Profundo,
– {SOR HELMAN TALLHART}, Mestre de Praça Torrhen, assassinado em Valdocaso,
– {BENFRED}, seu filho e herdeiro, assassinado pelos homens de ferro na Costa Rochosa,
– EDDARA, sua filha, cativa em Praça Torrhen,
– {LEOBALD}, seu irmão, morto em Winterfell,
– a esposa de Leobald, BERENA da Casa Hornwood, cativa em Praça Torrhen,
– seus filhos, BRANDON e BEREN, também cativos em Praça Torrhen,
– RODRIK RYSWELL, Senhor dos Regatos,
– BARBREY DUSTIN, sua filha, Senhora de Vila Acidentada, viúva de Lorde Willam Dustin,
– HARWOOD STOUT, seu vassalo, um pequeno senhor em Vila Acidentada,

– {BETHANY BOLTON}, sua filha, segunda esposa de Lorde Roose Bolton, morreu de uma febre,
  – ROGER RYSWELL, RICKARD RYSWELL, ROOSE RYSWELL, seus irascíveis primos e vassalos,
– LYESSA FLINT, Senhora de Atalaia da Viúva,
– ONDREW LOCKE, Senhor de Castelovelho, um velho,

– os chefes dos clãs das montanhas:
  – HUGO WULL, chamado GRANDE BALDE, ou O WULL,
  – BRANDON NORREY, chamado O NORREY,
    – BRANDON NORREY, o Jovem, seu filho,
– TORREN LIDDLE, chamado O LIDDLE,
  – DUNCAN LIDDLE, seu filho mais velho, chamado GRANDE LIDDLE, um homem da Patrulha da Noite,
  – MORGAN LIDDLE, seu segundo filho, chamado MEIO LIDDLE,
  – RICKARD LIDDLE, seu terceiro filho, chamado PEQUENO LIDDLE,
– TORGHEN FLINT, dos Primeiros Flints, chamado O FLINT ou VELHO FLINT,
  – DONNEL NEGRO FLINT, seu filho e herdeiro,
  – ARTOS FLINT, seu segundo filho, meio-irmão de Donnel Negro.

As armas dos Stark mostram um lobo gigante cinzento correndo por um campo branco-gelo. O lema dos Stark é: *O Inverno Está Chegando*.

# Casa Tully

Lorde Edmyn Tully de Correrrio foi um dos primeiros senhores dos rios a jurar lealdade a Aegon, o Conquistador. O Rei Aegon o recompensou atribuindo à Casa Tully o domínio sobre todas as terras do Tridente. O símbolo dos Tully é uma truta saltante, prateada, em um fundo ondulado de azul e vermelho. O lema dos Tully é: *Família, Dever, Honra.*

EDMURE TULLY, Senhor de Correrrio, tomado como cativo em seu casamento e mantido prisioneiro pelos Frey,
– sua noiva, SENHORA ROSLIN da Casa Frey, agora grávida,
– sua irmã, {SENHORA CATELYN STARK}, viúva de Lorde Eddard Stark de Winterfell, assassinada no Casamento Vermelho,
– sua irmã, {SENHORA LYSA ARRYN}, viúva de Lorde Jon Arryn do Vale, empurrada para a morte no Ninho da Águia,
– seu tio, SOR BRYNDEN TULLY, chamado PEIXE NEGRO, antes castelão em Correrrio, agora um fora da lei,
– o pessoal de sua casa em Correrrio:
  – MEISTRE VYMAN, conselheiro, curandeiro e tutor,
  – SOR DESMOND GRELL, mestre em armas,

– SOR ROBIN RYGER, capitão da guarda,
  – LEW COMPRIDO, ELWOOD, DELP, guardas,
– UTHERYDES WAYN, intendente de Correrrio,

– seus vassalos, os Senhores do Tridente:
  – TYTOS BLACKWOOD, Senhor de Solar de Corvarbor,
    – BRYNDEN, seu filho mais velho e herdeiro,
    – {LUCAS}, seu segundo filho, assassinado no Casamento Vermelho,
    – HOSTER, seu terceiro filho, um garoto dado aos livros,
    – EDMUND e ALYN, seus filhos mais novos,
    – BETHANY, sua filha, uma menina de oito anos,
    – {ROBERT}, seu filho caçula, morto de intestinos soltos,
  – JONOS BRACKEN, Senhor de Barreira de Pedra,
    – BARBARA, JAYNE, CATELYN, BESS, ALYSSANE, suas cinco filhas,
    – HILDY, uma seguidora de acampamentos,
  – JASON MALLISTER, Senhor de Guardamar, prisioneiro em seu próprio castelo,
    – PATREK, seu filho, aprisionado com o pai,
    – SOR DENYS MALLISTER, tio de Lorde Jason, um homem da Patrulha da Noite,
  – CLEMENT PIPER, Senhor de Castelo de Donzelarrosa,
    – seu filho e herdeiro, SOR MARQ PIPER, feito cativo no Casamento Vermelho,
  – KARYL VANCE, Senhor de Pouso do Viajante,
  – NORBERT VANCE, o cego Senhor de Atranta,
  – THEOMAR SMALLWOOD, Senhor de Solar de Bolotas,
  – WILLIAM MOOTON, Senhor de Lagoa da Donzela,
    – ELEANOR, sua filha e herdeira, treze anos, c. Dickon Tarly de Monte Chifre,
    – SHELLA WHENT, a desalojada Senhora de Harrenhal,
    – SOR HALMON PAEGE,
    – LORDE LYMOND GOODBROOK.

# Casa Tyrell

Os Tyrell ascenderam ao poder como intendentes dos Reis da Campina, embora afirmem descender de Garth Greenhand, rei jardineiro dos Primeiros Homens. Quando o último rei da Casa Gardener foi morto no Campo de Fogo, seu intendente, Harlen Tyrell, entregou Jardim de Cima a Aegon, o Conquistador. Aegon lhe concedeu o castelo e o domínio sobre a Campina. Mace Tyrell declarou seu apoio a Renly Baratheon no início da Guerra dos Cinco Reis e deu a ele a mão de sua filha Margaery. Após a morte de Renly, Jardim de Cima fez aliança com a Casa Lannister, e Margaery foi prometida ao Rei Joffrey.

MACE TYRELL, Senhor de Jardim de Cima, Protetor do Sul, Defensor das Marcas, Supremo Marechal da Campina,
– sua esposa, SENHORA ALERIE, da Casa Hightower de Vilavelha,
– seus filhos:
  – WILLAS, o filho mais velho, herdeiro de Jardim de Cima,
  – SOR GALAN, chamado GALANTE, o segundo filho, recentemente nomeado Senhor das Águas Claras,
    – a esposa de Garlan, SENHORA LEONETTE da Casa Fossoway,

– SOR LORAS, o Cavaleiro das Flores, o filho mais jovem, Irmão Juramentado da Guarda Real, ferido em Pedra do Dragão,
– MARGAERY, sua filha, três vezes casada e duas vezes viúva,
– acompanhantes e damas de companhia de Margaery:
– suas primas, MEGGA, ALLA e ELINOR TYRELL,
– o prometido de Elinor, ALYN AMBROSE, escudeiro,
– SENHORA ALYSANNE BULWER, SENHORA ALYCE GRACEFORD, SENHORA TAENA MERRYWEATHER, MEREDYTH CRANE, chamada MERRY, SEPTÃ NYSTERICA, suas acompanhantes,
– sua mãe viúva, SENHORA OLENNA, da Casa Redwyne, chamada RAINHA DOS ESPINHOS,
– suas irmãs:
– SENHORA MINA, c. Paxter Redwyne, Senhor da Árvore,
– seu filho, SOR HORAS REDWYNE, chamado HORROR,
– seu filho, SOR HOBBER REDWYNE, chamado BARBEIRO,
– sua filha, DESMERA REDWYNE, de dezesseis anos,
– SENHORA JANNA, casada com Sor Jon Fossoway,
– seus tios:
– seu tio, GARTH TYRELL, chamado o GROSSO, Senhor Senescal de Jardim de Cima,
– os filhos bastardos de Garth, GARSE e GARRETT FLOWERS,
– seu tio, SOR MORYN TYRELL, Senhor Comandante da Patrulha da Cidade de Vilavelha,
– seu tio, MEISTRE GORMON, servindo na Cidadela,

– o pessoal da casa de Mace em Jardim de Cima:
– MEISTRE LOMYS, conselheiro, curandeiro e tutor,
– IGON VYRWEL, capitão da guarda,
– SOR VORTIMER CRANE, mestre em armas,
– BOSSAS DE MANTEIGA, bobo, enormemente gordo,

– seus vassalos, os Senhores da Campina:
– RANDYLL TARLY, Senhor de Monte Chifre, comandando o exército do Rei Tommen no Tridente,
– PAXTER REDWYNE, Senhor da Árvore,

– SOR HORAS e SOR HOBBER, seus filhos gêmeos,
– o curandeiro de Lorde Paxter, MEISTRE BALLABAR,
– ARWYN OAKHEART, Senhora de Carvalho Velho,
– MATHIS ROWAN, Senhor de Bosquedouro,
– LEYTON HIGHTOWER, Voz de Vilhavelha, Senhor do Porto,
– HUMFREY HEWETT, Senhor de Escurorroble,
– FALIA FLOWERS, sua filha bastarda,
– OSBERT SERRY, Senhor em Escudossul,
– GUTHOR GRIMM, Senhor de Escudogris,
– MORIBALD CHESTER, Senhor de Escudoverde,
– ORTON MERRYWEATHER, Senhor de Mesalonga,
– SENHORA TAENA, sua esposa, uma mulher de Myr,
– RUSSELL, seu filho, um garoto de oito anos,
– LORDE ARTHUR AMBROSE,
– LORENT CASWELL, Senhor de Ponteamarga,

– seus cavaleiros e espadas juramentadas:
– SOR JON FOSSOWAY, dos Fossoway da maçã verde,
– SOR TANTON FOSSOWAY, dos Fossoway da maçã vermelha.

O símbolo dos Tyrell é uma rosa dourada em campo verde-relva. Seu lema é *Crescendo Fortes*.

# Os irmãos juramentados da Patrulha da Noite

JON SNOW, o Bastardo de Winterfell, nonocentésimo nonagésimo oitavo Senhor Comandante da Patrulha da Noite,
– FANTASMA, seu lobo gigante branco,
– seu intendente, EDDISON TOLLETT, chamado EDD DOLOROSO,

– em Castelo Negro:
  – MEISTRE AEMON (TARGARYEN), curandeiro e conselheiro, um cego de cento e dois anos,
    – o intendente de Aemon, CLYDAS,
    – o intendente de Aemon, SAMWELL TARLY, gordo e dado aos livros,
  – BOWEN MARSH, Senhor Intendente,
    – HOBB TRÊS-DEDOS, intendente e cozinheiro-chefe,
    – {DONAL NOYE}, armeiro e ferreiro de um braço, morto no portão por Mag, o Poderoso,
    – OWEN, chamado IDIOTA, TIM LÍNGUA-ENREDADA, MULLY, CUGEN, DONNEL HILL, chamado DOCE DONNEL, LEW MÃO-ESQUERDA, JEREN, TY, DANNEL, WICK WHITTLESTICK, intendentes,
  – OTHELL YARWYCK, Primeiro Construtor,
    – BOTA EXTRA, HALDER, ALBETT, BARRICAS, ALF DE RUNNYMUDD, construtores,
  – SEPTÃO CELLADOR, um devoto bêbado,
  – JACK NEGRO BULWER, Primeiro Patrulheiro,
    – DYWEN, KEDGE OLHO-BRANCO, BEDWYCK, chamado GIGANTE, MATTHAR, GARTH PENA-CINZA, ULMER DA MATA DE REI, ELRON, GARRETT LANÇA-VERDE, FULK, A PULGA, PYPAR, chamado PYP,

GRENN, chamado AUROQUE, BERNARR, chamado BERNARR PRETO, TIM STONE, RORY, BEN BARBUDO, TOM GRÃO-DE-CEVADA, GOADY GRANDE LIDDLE, LUKE DE VILALONGA, HAL PELUDO, patrulheiros,

– COUROS, um selvagem que se tornou corvo,

– SOR ALLISER THORNE, antigo mestre em armas,

– LORD JANOS SLYNT, antigo comandante da Patrulha da Cidade de Porto Real, por pouco tempo Senhor de Harrenhal,

– EMMETT DE FERRO, antigamente de Atalaialeste, mestre em armas,

– HARETH, chamado CAVALO, os gêmeos ARRON e EMRICK, CETIM, SALTO DE PISCO, recrutas em treinamento,

– na Torre Sombria:

– SOR DENYS MALLISTER, comandante,

– seu intendente e escudeiro, WALLACE MASSEY,

– MEISTRE MULLIN, curandeiro e conselheiro,

{QHORIN MEIA-MÃO, ESCUDEIRO DALBRIDGE, EGGEN}, patrulheiros, assassinados para lá da Muralha,

– COBRA DAS PEDRAS, patrulheiro, desaparecido no Passo dos Guinchos,

– em Atalaialeste do Mar:

– COTTER PYKE, um bastardo das Ilhas de Ferro, comandante,

– MEISTRE HARMUNE, curandeiro e conselheiro,

– VELHO FARRAPO SALGADO, capitão do *Melro,*

– SOR MAYNARD HOLT, capitão do *Garra*,

– RUSS BARLEYCORN, capitão do *Corvo da Tormenta*.

# Os selvagens, ou o povo livre

MANCE RAYDER, Rei-Para-Lá-da-Muralha, cativo em Castelo Negro,
– sua esposa, {DALLA}, morta no parto,
– seu filho, nascido durante a batalha, ainda sem nome,
  – VAL, irmã mais nova de Dalla, "a princesa selvagem", cativa em Castelo Negro,
    – {JARL}, amante de Val, morto em uma queda,
– seus capitães, chefes e saqueadores:
  – O SENHOR DOS OSSOS, escarnecido como CAMISA DE CHOCALHO, saqueador e chefe de um bando de guerra, cativo em Castelo Negro,
    – {YGRITTE}, uma jovem esposa de lança, amante de Jon Snow, morta durante o ataque ao Castelo Negro,
    – RYK, chamado LANÇA-LONGA, membro de seu bando,
    – RAGWYLE, LENYL, membros de seu bando,
  – TORMUND, Rei-Hidromel de Solar Ruivo, chamado TERROR DOS GIGANTES, ALTO-FALANTE e QUEBRADOR DE GELO, e ainda PUNHO DE TROVÃO, ESPOSO DE URSAS, FALADOR COM OS DEUSES e PAI DE HOSTES,
    – os filhos de Tormund, TOREGG, O ALTO, TORWYRD, O MANSO, DORMUND e DRYN, sua filha MUNDA,
  – O CHORÃO, famoso saqueador e chefe de um bando de guerra,
  – {HARMA, chamada CABEÇA DE CÃO}, morta junto à Muralha,
    – HALLECK, seu irmão,
  – {STYR}, Magnar de Thenn, morto durante o ataque ao Castelo Negro,
    – SIGORN, filho de Styr, novo Magnar de Thenn,
  – VARAMYR, chamado SEIS-PELES, um troca-peles e *warg* chamado LUMP quando menino,
    – UM-OLHO, MANHOSA, PERSEGUIDOR, seus lobos,
    – seu irmão, {BUMP}, morto por um cão,

– seu pai adotivo, {HAGGON}, um *warg* e caçador,
– THISTLE, uma esposa de lança, rígida e acolhedora,
– {BRIAR, GRISELA}, troca-peles, mortas há muito tempo,
– BORROQ, chamado O JAVALI, troca-peles muito temido,
– GERRICK SANGUERREAL, do sangue de Raymun Barbarruiva,
– suas três filhas,
– SOREN QUEBRESCUDO, um famoso guerreiro,
– MORNA MÁSCARA BRANCA, a bruxa-guerreira, uma saqueadora,
– YGON VELHOPAI, chefe de clã com dezoito esposas,
– O GRANDE WALRUS, líder da Costa Gelada,
– MÃE TOUPEIRA, bruxa da floresta dada a profecias,
– BROGG, GAVIN, O NEGOCIANTE, HARLE, O CAÇADOR, HARLE, O BONITO, HOWD ANDARILHO, CEGO DOSS, KYLEG DOS ORELHA DE MADEIRA, DEVYN PELEDEFOCA, chefes e líderes entre o povo livre,
– {ORELL, chamado ORELL, A ÁGUIA}, troca-peles morto por Jon Snow no Passo Guincho,
– {MAG MAR TUN DOH WEG, chamado MAG, O PODEROSO}, um gigante, morto por Donal Noye no portão do Castelo Negro,
– WUN WEG WUN DAR WUN, chamado WUN WUN, um gigante,
– ROWAN, HOLLY, ESQUILO, WILLOW OLHO-DE-BRUXA, FRENYA, MYRTLE, esposas de lança, cativas na Muralha.

# Para lá da muralha

– na Floresta Assombrada:
  – BRANDON STARK, chamado BRAN, príncipe de Winterfell e herdeiro do Norte, um garoto aleijado de nove anos,
  – seus companheiros e protetores:
    – MEERA REED, uma donzela de dezesseis anos, filha de Lorde Howland Reed de Atalaia da Água Cinzenta,
    – JOJAN REED, seu irmão, treze anos, abençoado com a visão verde,
    – HODOR, um rapaz simplório, de mais de dois metros de altura,
  – o guia deles, MÃOS FRIAS, vestido de negro, talvez tenha sido, antigamente, um homem da Patrulha da Noite, agora um mistério,

– na Fortaleza de Craster:
  – os traidores, antigamente homens da Patrulha da Noite:
    – ADAGA, que assassinou Craster,
    – OLLO MÃO-CORTADA, que assassinou o Velho Urso, Jeor Mormont,
    – GARTH DE VIAVERDE, MAWNEY, GRUBBS, ALAN DE ROSBY, ex-patrulheiros,
    – KARL PÉ-TORTO, ÓRFÃO OSS, BILL RESMUNGÃO, antigos intendentes,

– nas cavernas sob a colina:
  – O CORVO DE TRÊS OLHOS, também chamado O ÚLTIMO VIDENTE VERDE, feiticeiro, antigamente um homem da Patrulha da Noite chamado BRYNDEN, agora mais árvore do que homem,
  – os filhos da floresta, aqueles que cantam a canção da terra, últimos de sua raça em extinção,
    – FOLHA, CINZA, ESCAMAS, FACA NEGRA, TRAVANEVE, BRASAS.

# Essos
# Para lá do mar Estreito

# Em Bravos

FERREGO ANTARYON, Senhor do Mar de Bravos, doentio e piorando,
– QARRO VOLENTIN, Primeira Espada de Bravos, seu protetor,
– BELLEGERE OTHERYS, chamada PÉROLA NEGRA, cortesã descendente da rainha pirata de mesmo nome,
– A SENHORA VELADA, A RAINHA BADEJO, A SOMBRA DE LUA, A FILHA DO CRESPÚSCULO, O ROUXINOL, A POETISA, famosas cortesãs,
– O HOMEM GENTIL e A CRIANÇA ABANDONADA, servos do Deus de Muitas-Caras na Casa do Preto e Branco,
  – UMMA, a cozinheira do templo,
  – O HOMEM BONITO, O GORDO, O FIDALGOTE, O ROSTO SEVERO, O VESGO e O ESFOMEADO, servos secretos d' Aquele de Muitas Caras,
– ARYA da Casa Stark, uma noviça a serviço da Casa do Preto e Branco, também conhecida como ARRY, NAN, DONINHA, POMBINHA, SALGADA e GATA DOS CANAIS,
– BRUSCO, um peixeiro,
  – suas filhas, TALEA e BREA,
– MERALYN, chamada MERRY, proprietária do Porto Feliz, um bordel próximo ao Porto do Trapeiro,
  – A ESPOSA DO MARINHEIRO, prostituta do Porto Feliz,
    – LANNA, sua filha, uma jovem prostituta,
  – ROGGO VERMELHO, GYLORO DOTHARE, GYLENO DOTHARE, um escriba chamado PENA, COSSOMO, O PRESTIDIGITADOR, fregueses do Porto Feliz,
  – TAGGANARO, batedor de carteira e ladrão das docas,
  – CASSO, O REI DAS FOCAS, sua foca treinada,
  – S'VRONE, prostituta das docas com inclinações assassinas,
  – A FILHA BÊBADA, prostituta de temperamento instável.

# Na antiga Volantis

– os triarcas reinantes:
– MALAQUO MAEGYR, Triarca de Volantis, um tigre,
– DONIPHOS PAENYMION, Triarca de Volantis, um elefante,
– NYESSOS VHASSAR, Triarca de Volantis, um elefante,

– povo de Volantis:
– BENERRO, Alto Sacerdote de R'hllor, Senhor da Luz,
  – seu braço direito, MOQORRO, sacerdote de R'hllor,
– A VIÚVA DO CAIS, rica liberta da cidade, também chamada PROSTITUTA DE VOGARRO,
  – seus ferozes protetores, OS FILHOS DA VIÚVA,
– MERRECA, uma garota anã e pantomimeira,
  – sua porca, PORCA BONITA,
  – seu cachorro, TRITURADOR,
– {TOSTÃO}, irmão de Merreca, um anão pantomimeiro, assassinado e decapitado,
– ALIOS QHAEDAR, um candidato a triarca,
– PARQUELLO VAELAROS, um candidato a triarca,
– BELICHO STAEGONE, um candidato a triarca,
– GRAZAN MO ERAZ, um enviado de Yunkai.

# Na Baía dos Escravos

– em Yunkai, a Cidade Amarela:
  – YURKHAZ ZO YUNZAK, Supremo Comandante dos Exércitos e Aliados de Yunkai, senhor de escravos e nobre de idade, de nascimento impecável,
  – YEZZAN ZO QAGGAZ, zombado como BALEIA AMARELA, monstruosamente obeso, doentio e imensamente rico,
    – BABÁ, capataz dos escravos,
    – DOCES, escrava hermafrodita, seu tesouro,
    – CICATRIZ, oficial e soldado-escravo,
    – MORGO, soldado-escravo,
  – MORGHAZ ZO ZHERZYN, nobre frequentemente embriagado, zombado como O CONQUISTADOR BÊBADO,
  – GORZHAK ZO ERAZ, nobre e senhor de escravos, zombado como CARA-DE-PUDIM,
  – FAEZHAR ZO FAEZ, nobre e senhor de escravos, conhecido como O COELHO,
  – GHAZDOR ZO AHLAQ, nobre e senhor de escravos, conhecido como LORDE BALANÇABOCHECHA,
  – PAEZHAR ZO MYRAQ, nobre de baixa estatura, zombado como O POMBINHO,
  – CHEZDHAZ ZO RHAEZN, MAEZON ZO RHAEZN, GRAZDHAN ZO RHAEZN, nobres e irmãos, zombados como SENHORES TINIDORES,
  – O COCHEIRO, O MESTRE DOS ANIMAIS, O HERÓI PERFUMADO, nobres e senhores de escravos,

– em Astapor, a Cidade Vermelha:
  – CLEON, O GRANDE, chamado O REI AÇOUGUEIRO,

– CLEON II, seu sucessor, rei por oito dias,
– REI CORTAGARGANTA, um barbeiro, cortou a garganta de Cleon II para roubar sua coroa,
– RAINHA PUTA, a concubina do Rei Cleon II, reivindicou o trono após sua morte.

# A Rainha do outro lado do mar

DAENERYS TARGARYEN, a Primeira de Seu Nome, Rainha de Meereen, Rainha dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Senhora dos Sete Reinos, Protetora do Reino, *Khaleesi* do Grande Mar de Grama, chamada DAENERYS NASCIDA DA TORMENTA, a NÃO QUEIMADA, MÃE DE DRAGÕES,

– seus dragões, DROGON, VISERION, RHAEGAL,

– seu irmão, {RHAEGAR}, Príncipe de Pedra do Dragão, morto por Robert Baratheon no Tridente,

  – a filha de Rhaegar, {RHAENYS}, assassinada durante o Saque de Porto Real,

  – o filho de Rhaegar, {AEGON}, um bebê de colo, assassinado durante o Saque de Porto Real,

– seu irmão {VISERYS}, o Terceiro de Seu Nome, chamado O REI PEDINTE, coroado com ouro derretido,

– o senhor seu marido, {DROGO}, um *khal* dos dothrakis, morreu de um ferimento gangrenado,

  – o filho natimorto de Daenerys e Khal Drogo, {RHAEGO}, assassinado no ventre pela *maegi* Mirri Maz Duur,

– seus protetores:

– SOR BARRISTAN SELMY, chamado BARRISTAN, O OUSADO, Senhor Comandante da Guarda da Rainha,

  – seus rapazes, escudeiros em treinamento para a cavalaria:

    – TUMCO LHO, das Ilhas Basilisco,

    – LARRAQ, chamado O CHICOTE, de Meereen,

    – OVELHA VERMELHA, lhazareno liberto,

    – os GAROTOS, três irmãos ghiscaris,

– BELWAS, O FORTE, eunuco e antigo escravo lutador,
– seus companheiros de sangue dothrakis:
  – JHOGO, o chicote, sangue de seu sangue,
  – AGGO, o arco, sangue de seu sangue,
  – RAKHARO, o *arakh*, sangue de seu sangue,

– seus capitães e comandantes:
  – DAARIO NAHARIS, excêntrico mercenário tyroshino, capitão dos Corvos Tormentosos, uma companhia livre,
  – BEN PLUMM, chamado BEN MULATO, mercenário mestiço, capitão dos Segundos Filhos, uma companhia livre,
  – VERME CINZENTO, eunuco, comandante dos Imaculados, uma companhia de infantaria eunuca,
    – HERÓI, um capitão Imaculado, segundo em comando,
    – ESCUDO ROBUSTO, um lanceiro Imaculado,
  – MOLLONO YOS DOB, comandante dos ESCUDOS ROBUSTOS, uma companhia de libertos,
  – SYMON COSTAS-LISTRADAS, comandante dos IRMÃOS LIVRES, uma companhia de libertos,
  – MARSELEN, comandante dos HOMENS DA MÃE, uma companhia de libertos, um eunuco, irmão de Missandei,
  – GROLEO de Pentos, antigo capitão da grande coca *Saduleon*, agora almirante sem frota,
  – ROMMO, *jaqqa rhan* dos dothrakis,

– sua corte meereenesa:
  – REZNAK MO REZNAK, seu senescal, careca e adulador,
  – SKAHAZ MO KANDAQ, chamado CABEÇA-RASPADA, comandante de cabeça raspada das Bestas de Bronze, a patrulha da cidade,

– suas aias e serventes:
  – IRRI e JHIQUI, jovens mulheres dos dothrakis,
  – MISSANDEI, escriba naathi e tradutora,
  – GRAZDAR, QEZZA, MEZZARA, KEZMYA, AZZAK, BHAKAZ, MIKLAZ, DHAZZAR, DRAQAZ, JHEZANE, filhos das pirâmides de Meereen, seus

copeiros e pajens,

– povo de Meereen, bem-nascidos e pessoas comuns:
– GALAZZA GALARE, a Graça Verde, alta sacerdotisa no Templo das Graças,
  – GRAZDAM ZO GALARE, seu primo, um nobre,
  – HIZDAHR ZO LORAQ, rico e nobre meereenês, de linhagem antiga,
    – MARGHAZ ZO LORAQ, seu primo,
  – RYLONA RHEE, mulher liberta e harpista,
  – {HAZZEA}, a filha de um fazendeiro, quatro anos de idade,
  – GOGHOR, O GIGANTE, KHRAZZ, BELAQUO QUEBRA-OSSO, ITHOKE DESTEMIDO, GATO MALHADO, BARSENA CABELO NEGRO, PELE DE AÇO, lutadores de arena e escravos libertados,

– seus aliados incertos, falsos amigos e inimigos declarados:
  – SOR JORAH MORMONT, antigo Senhor da Ilha dos Ursos,
  – {MIRRI MAZ DUUR}, esposa do deus e *maegi*, uma serva do Grande Pastor de Lhazar,
  – XARO XHOAN DAXOS, príncipe mercador de Qarth,
  – QUAITHE, necromante de Asshai,
  – ILLYRIO MOPATIS, um Magíster da Cidade Livre de Pentos, que intermediou seu casamento com Khal Drogo,
  – CLEON, O GRANDE, rei açougueiro de Astapor,

– os pretendentes da rainha:
  – na Baía dos Escravos:
    – DAARIO NAHARIS, antigamente de Tyrosh, mercenário e capitão dos Corvos Tormentosos,
    – HIZDAHR ZO LORAQ, rico e nobre meereenês,
    – SKAHAZ MO KANDAQ, chamado CABEÇA-RASPADA, nobre menor de Meereen,
    – CLEON, O GRANDE, Rei Açougueiro de Astapor,

  – em Volantis:

– PRÍNCIPE QUENTYN MARTELL, filho mais velho de Doran Martell, Senhor de Lançassolar e Príncipe de Dorne,
  – seus escudos juramentados e companheiros:
    – {SOR CLETUS YRONWOOD}, herdeiro de Paloferro, morto por saqueadores,
    – SOR ARCHIBALD YRONWOOD, primo de Cletus, chamado GRANDÃO,
    – SOR GERRIS DRINKWATER,
    – {SOR WILLAN WELLS}, morto por saqueadores,
    – {MEISTRE KEDRY}, morto por saqueadores,

– no Roine:
  – O JOVEM GRIFF, um rapaz de cabelos azuis e dezoito anos,
    – seu pai adotivo, GRIFF, um antigo mercenário da Companhia Dourada,
    – seus companheiros, professores e protetores:
      – SOR ROLLY PATODOCAMPO, chamado PATO, um cavaleiro,
      – SEPTÃ LEMORE, uma mulher da Fé,
      – HALDON, chamado, MEIOMEISTRE, seu tutor,
      – YANDRY, mestre e capitão do *Donzela Tímida,*
        – YSILLA, esposa de Yandry,

– no mar:
  – VICTARION GREYJOY, Senhor Capitão da Frota de Ferro, chamado CAPITÃO DE FERRO,
    – sua companheira de cama, uma mulher morena sem língua, presente de Euron Olho de Corvo,
    – seu curandeiro, MEISTRE KERWIN, antigamente de Escudoverde, um presente de Euron Olho de Corvo,
    – sua tripulação no *Vitória de Ferro:*
      – WULFE UMA-ORELHA, RAGNOR PYKE, AGUADO PYKE, TOM TIDEWOOD, BURTON HUMBLE, QUELLON HUMBLE, STEFFAR STAMMERER,
    – seus capitães:
      – RODRIK SPARR, chamado RATAZANA, capitão do *Luto*,

– RALF VERMELHO STONEHOUSE, capitão do *Gracejador Vermelho*,
– MANFRYD MERLYN, capitão do *Pipa*,
– RALF, O COXO, capitão do *Lorde Quellon,*
– TOM CODD, chamado TOM SEM-SANGUE, capitão do *Lamento,*
– DAEGON SHEPHERD, chamado O NEGRO SHEPHERD, capitão do *Adaga*.

Os Targaryen são o sangue do dragão, descendentes dos grandes senhores do antigo Domínio de Valíria, sua descendência marcada por olhos lilases, índigos ou violeta e cabelos loiro-prateados. Para preservar seu sangue e mantê-lo puro, a Casa Targaryen frequentemente casou irmão com irmã, primo com prima e tio com sobrinha. O fundador da dinastia, Aegon, o Conquistador, tomou ambas as irmãs como esposas e gerou filhos homens em cada uma delas. O estandarte Targaryen é um dragão de três cabeças, vermelho no negro, as três cabeças representando Aegon e suas irmãs. O lema Targaryen é: *Fogo e Sangue.*

# Os mercenários
# homens e mulheres das Companhias Livres

A COMPANHIA DOURADA, com uma força de dez mil soldados e lealdade incerta:

– HARRY SEM-TETO STRICKLAND, capitão-general,
  – WATKYN, seu escudeiro e copeiro,
– {SOR MYLES TOYNE, chamado CORAÇÃO NEGRO}, morto há quatro anos, o capitão-general anterior,
– BALAQ NEGRO, ilhéu do Verão de cabelos brancos, comandante da companhia de arqueiros,
– LYSONO MAAR, mercenário que era da Cidade Livre de Lys, mestre da espionagem da companhia,
– GORYS EDORYEN, mercenário que era da Cidade Livre de Volantis, tesoureiro da companhia,
– SOR FRANKLYN FLOWERS, o Bastardo de Solar da Sidra, um mercenário da Campina,
– SOR MARQ MANDRAKE, um exilado fugido da escravidão, marcado pela varíola,
– SOR LASWELL PEAKE, um senhor exilado,
  – seus irmãos, TORMAN e PYKEWOOD,
– SOR TRISTAN RIVERS, bastardo, fora da lei, exilado,
– CASPOR HILL, HUMFREY STONE, MALO JAYN, DICK COLE, WILL COLE, LORIMAS MUDD, JON LOTHSTON, LYMOND PEASE, SOR BRENDEL BYRNE, DUNCAN STRONG, DENYS STRONG, CORRENTES, JOVEM JOHN MUDD, oficiais da companhia,
– {SOR AEGON RIVERS, chamado AÇOAMARGO}, filho bastardo do Rei Aegon IV Targaryen, fundador da companhia,

– {MAELYS I BLACKFYRE, chamado MAELYS, O MONSTRUOSO}, capitão-general da companhia, pretendente ao Trono de Ferro de Westeros, membro do Bando dos Nove, assassinado durante a Guerra dos Rei de Nove Moedas,

OS SOPRADOS PELO VENTO, dois mil cavalos e soldados, juramentados a Yunkai:
– O PRÍNCIPE ESFARRAPADO, ex-nobre da Cidade Livre de Pentos, capitão e fundador,
  – CAGGO, chamado MATACADÁVER, seu braço direito,
  – HUGH VAUDEFOME, oficial, ex-tesoureiro da companhia, multado em três dedos por roubar,
  – SOR ORSON STONE, SOR LUCIFER LONG, WILL DA MATA, PAU FINO, GINJER JACK, mercenários westerosi,
  – BELA MERIS, torturadora da companhia,
  – LIVROS, mercenário volantino e notório leitor,
  – FEIJÕES, um besteiro, antigamente de Myr,
  – VELHO OSSO BILL, experiente ilhéu do Verão,
  – MYRIO MYRAKIS, um mercenário, antigamente de Pentos,

A COMPANHIA DO GATO, com uma força de três mil homens, juramentados a Yunkai,
– BARBASSANGRENTA, capitão e comandante,

AS LONGAS LANÇAS, oitocentos homens a cavalo, juramentados a Yunkai,
– GYLO RHEGAN, capitão e comandante,

OS SEGUNDOS FILHOS, quinhentos homens a cavalo, juramentados à Rainha Daenerys,
– BEN MULATO PLUMM, capitão e comandante,
– KASPORIO, chamado KASPORIO, O ASTUTO, um espadachim, segundo em comando,
– TYBERO ISTARION, chamado TINTEIROS, tesoureiro da companhia,
– MARTELO, um ferreiro bêbado e armeiro,

– seu aprendiz chamado PREGO,
– BOCADOS, um oficial maneta,
– KEM, jovem mercenário da Baixada da Pulga,
– UHLAN, oficial da companhia,

OS CORVOS TORMENTOSOS, quinhentos homens a cavalo, juramentados à Rainha Daenerys,
– DAARIO NAHARIS, capitão e comandante,
– O VIÚVO, seu segundo em comando,
– JOKIN, comandante da companhia de arqueiros.

# Agradecimentos

O último foi dos diabos. Este aqui foi três vezes do inferno e um pouco mais. Novamente, meus agradecimentos aos meus editores, que sofrem há tanto tempo: para Jane Johnson, Joy Chamberlain, Scott Shannon, Nita Taublib e Anne Groell. Sua compreensão, bom humor e sábios conselhos ajudaram nos momentos mais difíceis, e nunca deixarei de ser grato por sua paciência.

Agradeço, também, aos meus agentes igualmente pacientes e infinitamente apoiadores, Chris Lotts, Vince Gerardis, a fabulosa Kay McCauley e o falecido Ralph Vicinanza. Ralph, eu gostaria que estivesse aqui para partilhar este momento.

E obrigado a Stephen Boucher, o errante Aussie, que ajuda a manter meu computador lubrificado e tinindo, sempre que se deixa abalar de Santa Fé para um café da manhã com burritos, jalapeños e bacon.

Aqui, no *front* do lar, agradecimentos também são devidos aos meus queridos amigos Melinda Snodgrass e Daniel Abraham, por seu encorajamento e apoio, ao meu webmaster Pati Nagle, por manter meu canto na internet, e à incrível Raya Golden, pelas refeições, pela arte, pela alegria inabalável que ajuda a abrilhantar todos os dias sombrios em Terrapin Station. Mesmo quando tenta roubar meu gato.

O tempo que levei para dançar esta dança teria sido certamente duas vezes mais longo sem a ajuda do meu fiel (e mordaz) assistente e algumas vezes companheiro de viagem Ty Franck, que cuida do meu computador quando Stephen não está por perto, mantém as arrebatadoras multidões virtuais do lado de fora das minhas portas virtuais, atende meus recados, faz meus depósitos, faz o café, anda a pé e troca dez mil dólares para mudar uma lâmpada – tudo isso enquanto escreve seus próprios livros às quartas-feiras.

Finalmente, mas não por último, todo meu amor e gratidão à minha esposa Parris, que dançou cada passo ao meu lado. Amo você, Phipps.

George R. R. Martin
13 de maio de 2011

# Sobre o autor

GEORGE R. R. MARTIN vendeu sua primeira história em 1971 e vem escrevendo profissionalmente desde essa época. Já escreveu fantasia, terror e ficção científica, e, para seus pecados, passou dez anos em Hollywood como escritor/produtor, trabalhando em *The Twilight Zone, Beauty and the Beast*, e vários longas-metragens e pilotos para a TV. Em meados dos anos 1990, retornou à prosa, seu primeiro amor, e começou a trabalhar em sua série épica fantástica, *As crônicas de gelo e fogo*. Desde então, tem estado nos Sete Reinos. Sempre que pode, retorna a Santa Fé, Novo México, onde vive com a esposa, Parris, e seus quatro gatos.

As Cidades Livres
LEGENDA
Cidades
Vilas
Ruínas
Os Dedos
Bravos
Lorath
Mar Tremente
Baía Lorath
O Machado
Costa Bravosiana
Baía dos Caranguejos
Colinas de Norvos
Andalos
Norvos
Roine de Cima
Aguanegra
Noine
Pequeno Roine
Floresta de Qohor
Colinas de Veludo
Pentos
Ghoyan Drobe
Roine
Qohor
Terras Planas
Ny Sar
Qhoyne
Ar Noy
Estado de Tarth
Tarth
Campos Dourados
Lago Adaga
Baía dos Naufrágios
Lhorulu
Mar de Myrth
Os Sofrimentos (Chroyane)
Tyrosh
Myr
Selhoru
Pedrossangrenta
Mar de Dorne
Pascopedra
Terras Disputadas
Selhorys
Forca Cinzenta
Roine
Valysar
Sar Mell
Volcano
Dorne
Costa Laranja
Lys
Volon Therys
Volantis
© 2011 Jeffrey L. Ward

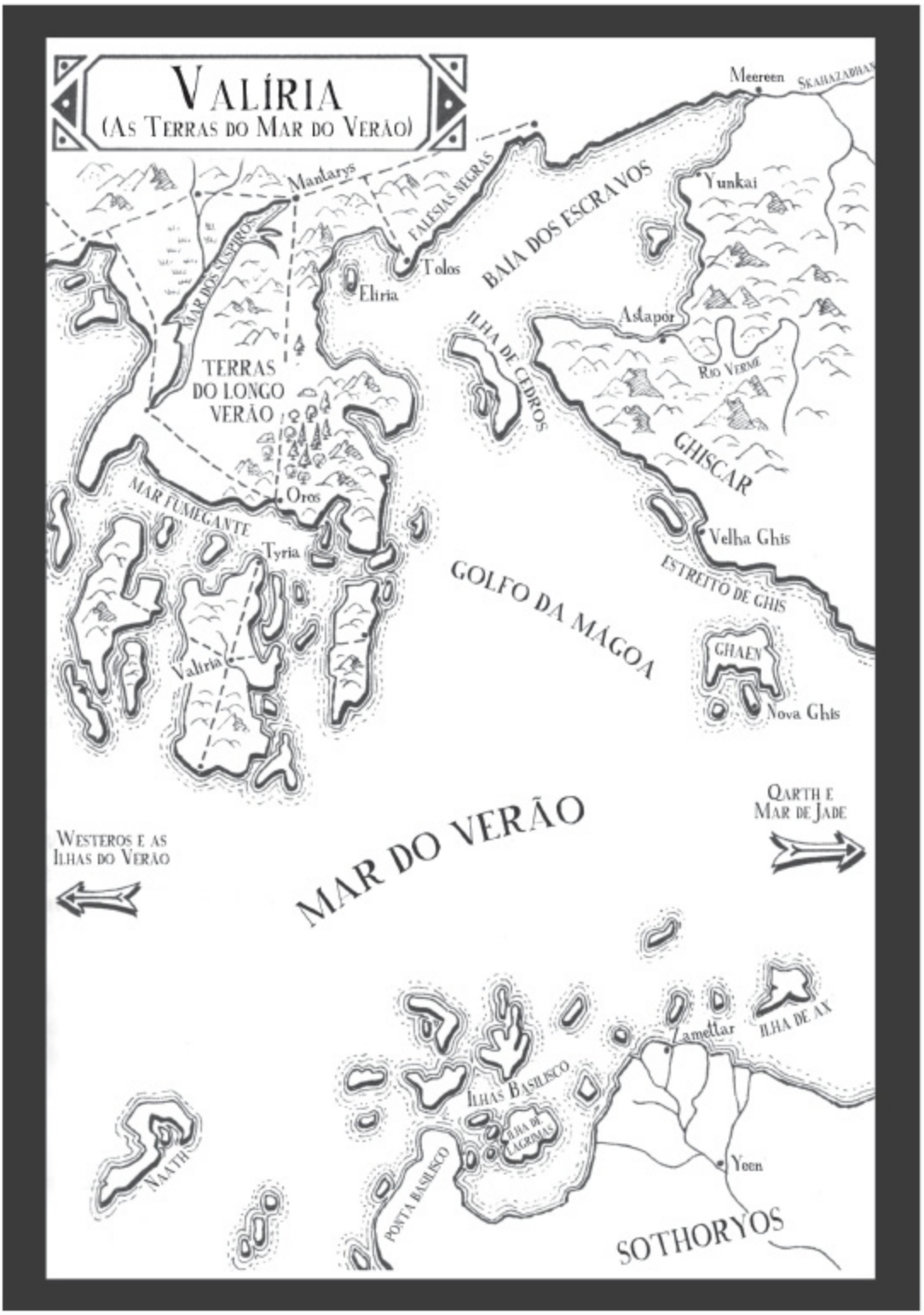
# Para lá da Muralha

## A Terra de Sempre Inverno

(não mapeada)

### Fortalezas do Norte

1 Atalaioeste da Ponta
2 Torre Sombria
3 Bosque de Sentinelas
4 Guardagris
5 Portapedra
6 Colina de Geadalva
7 Marcagelo
8 Fortenoite
9 Lago Profundo
10 Portão da Rainha
11 Castelo Negro
12 Escudo de Carvalho
13 Atalaiabosque da Lagoa
14 Solar das Trevas
15 Portão da Geada
16 Monte Longo
17 Archotes
18 Guardaverde
19 Atalaialeste do Mar


Valíria
(As Terras do Mar do Verão)
Meereen
Skahazadhan
Mantarys
Falésias Negras
Baía dos Escravos
Yunkai
Mar dos Suspiros
Tolos
Eliria
Astapor
Ilha de Cedros
Rio Verde
Terras do Longo Verão
Ghiscar
Mar Fumegante
Oros
Tyria
Velha Ghis
Estreito de Ghis
Golfo da Mágoa
Ghaen
Valíria
Nova Ghis
Qarth e Mar de Jade
Westeros e as Ilhas do Verão
Mar do Verão
Ilha de Ax
Zamettar
Ilhas Basilisco
Ilha de Lagrimas
Naath
Ponta Basilisco
Yeen
Sothoryos

O SUL
N
Três Irmãs
Os Dedos
Aguafria
Bosque Afundado
As Gêmeas
Guardamar
Ramo Verde
Ilhas de Ferro
Pretamare
Montrasgo
Sifar Wyk
Grande Wyk
Harlaw
Pyke
Salesia
Cantoforte
VALE DE ARRYN
Ninho da Águia
Ancora Velha
Passo Sangrento
Ferrobles
Vila Gaivotas
Pedrarruma
Tridente
Ramo Azul
Feirajusta
Ramo Vermelho
Forte Vermelho
Forte Desgraça
Pedregosa
Correrrio
Salinas
Baía dos Caranguejos
Ilha Leal
Harrenhal
Ilha Silenciosa
Lagoa da Donzela
Pouso de Gralhas
Estrada do Rei
Dente Dourado
Donzelarrosa
Olho de Deus
Hastes
Estrada do Rei
Valdocaso
Pedra do Dragão
Valecorno
Campoescorpio
Rochedo Casterly
Toca Funda
Lannisporto
Estrada de Ouro
Porto Real
Ponta Afiada
Bailepedra
Solardeprata
Paço de Codorniz
Campodemilho
CAMPINA
Lago Vermelho
Estrada do Mar
Bosquedouro
Mataderrei
Solar de Montefeno
Tarth
Carvalho Velho
Estrada da Rosa
Vale d'Erva
Arroiazul
Vale
Mesalonga
Solar de Verão
Ponta Tempestade
Solar da Cidra
Vaufreixo
Poleiro do Grifo
BAÍA DOS NAUFRÁGIOS
ILHAS DO ESCUDO
Jardim de Cima
Casais de Chuva
Ninho de Corvo
MARCA DE DORNE
Pedrelmo
Matabruma
Monte Chifre
Poleiro do Abutre
Cantão do Espinhaço
Cabo da Fúria
Estermonte
Bandallon
MAR DE DORNE
Tumbarreal
Vilavelha
Terraltas
Monprelo
Ghaston Grey
Coroanegra
Alto Ermitério
Colina Fantasma
Tor
Três Torres
Tombastella
DORNE
Braço Partido
Graça-dos-Deuses
Casasolar
Arenito
Vaith
Lançassolar
Vaith
Costa do Sal
Limoeiros
Árvore
Mapa por James Sinclair